

"UMA OBRA MONUMENTAL..." RICK WARREN

# COMENTÁRIO BÍBLICO AFRICANO



UM COMENTÁRIO EM UM VOLUME  
ESCRITO POR 70 ERUDITOS AFRICANOS

TOKUNBOH ADEYEMO | EDITOR GERAL  
PREFÁCIO DE JOHN R. STOTT E ROBERT K. ABOAGYE-MENSAH



# COMENTÁRIO BÍBLICO AFRICANO

Editor geral  
**Tokunboh Adeyemo**

Editores teológicos  
**Solomon Andria, Issiaka Coulibaly,  
Tewoldemedhin Habtu, Samuel Ngewa**

Consultores teológicos  
**Kwame Bediako, Isabel Apawo Phiri, Yusufu Turaki**



**mundocristão**  
São Paulo



Copyright © 2006 por ABC Editorial Board, Association of Evangelicals of Africa (AEA)  
A edição em português do Comentário bíblico africano contou com o suporte financeiro das organizações Langham Partnership International e SIM International.

*Editora responsável:* Silvia Justino  
*Supervisão editorial:* Ester Tarrone  
*Assistente editorial:* Miriam de Assis  
*Tradução:* Heloisa Martins, Jair Rechia, Judson Canto, Susana Klassen, Vanderlei Ortigoza  
*Preparação:* Andrea Filatro, Marcos Granconato  
*Revisão:* Josemar de Souza, Norma Braga, Tereza Gouveia, Valtair Miranda  
*Diagramação:* Triall Composição Editorial Ltda.  
*Coordenação de produção:* Lilian Melo  
*Colaboração:* Pamela Moura

Este comentário baseia-se na tradução de João Ferreira de Almeida, edição *Revista e Atualizada* (RA), 2ª edição, copyright © 1993 por Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*  
*(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)*

---

Comentário bíblico africano / editor geral Tokunboh Adeyemo. — São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

Título original: Africa Bible Commentary  
Vários tradutores  
Bibliografia  
ISBN 978-85-7325-554-6

1. Bíblia - Comentários 2. Teologia africana I. Adeyemo, Tokunboh.

09-05001

CDD-220.7096

---

*Índice para catálogo sistemático:*

1. Comentário bíblico africano 220.7096

*Categoria:* Referência

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:  
Editora Mundo Cristão  
Rua Antonio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

1ª edição: fevereiro de 2010

*Printed in China*

# SUMÁRIO

<i>Prefácio do dr. John Stott</i>	vii	Daniel	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	1016
<i>Prefácio do dr. Aboagye-Mensah</i>	vii	Oseias	<i>Douglas Carew</i>	1041
<i>Introdução geral</i>	viii	Joel	<i>Yoilah Yilpet</i>	1055
<i>Diretrizes para uso do CBA</i>	xi	Amós	<i>Daniel Bitrus</i>	1061
<i>Abreviações</i>	xii	Obadias	<i>Augustine Musopole</i>	1069
<i>Colaboradores</i>	xiii	Jonas	<i>Cossi Augustin Ahoga</i>	1073
		Miqueias	<i>Yoilah Yilpet</i>	1078
		Naum	<i>Cossi Augustin Ahoga</i>	1088
		Habacuque	<i>Youssouf Dembele</i>	1092
	3	Sofonias	<i>Yoilah Yilpet</i>	1096
		Ageu	<i>Yoilah Yilpet</i>	1102
		Zacarias	<i>Yoilah Yilpet</i>	1106
		Malaquias	<i>Yoilah Yilpet</i>	1122
	7	O período intertestamentário	<i>Samuel Ngewa</i>	1128
	9			
<b>COMENTÁRIOS</b>		<b>Novo Testamento</b>		
As Escrituras como intérpretes da cultura e da tradição	<i>Kwame Bediako</i>	Princípios de interpretação	<i>Samuel Ngewa</i>	1131
<b>Antigo Testamento</b>		Mateus	<i>Joe Kapolyo</i>	1133
Introdução ao Pentateuco	<i>Abel Ndjerareou</i>	Marcos	<i>Victor Babajide Cole</i>	1197
Gênesis	<i>Barnabe Assohoto</i>	Lucas	<i>Paul John Isaak</i>	1231
	<i>Samuel Ngewa</i>	João	<i>Samuel Ngewa</i>	1282
Êxodo	<i>Abel Ndjerareou</i>	Atos dos Apóstolos	<i>Paul Mumo Kisau</i>	1330
Levítico	<i>Felix Chingota</i>	Romanos	<i>David M. Kasali</i>	1383
Números	<i>Anastasia Boniface-Malle</i>	1Coríntios	<i>Dachollom Datiri</i>	1412
Deuteronômio	<i>Luciano C. Chianeque,</i>	2Coríntios	<i>Issiaka Coulibaly</i>	1435
	<i>Samuel Ngewa,</i>	Gálatas	<i>Samuel Ngewa</i>	1449
Josué	<i>David Oginde</i>	Eféios	<i>Yusufu Turaki</i>	1461
Juizes	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	Filipenses	<i>Eshetu Abate</i>	1475
Rute	<i>Isabel Apawo Phiri</i>	Colossenses	<i>Solomon Andria</i>	1485
1 e 2Samuel	<i>Gbile Akanni,</i>	1Tessalonicenses	<i>Rosalie Koudougouret</i>	1495
	<i>Nupanga Weanzana</i>	2Tessalonicenses	<i>Rosalie Koudougouret</i>	1501
1 e 2Reis	<i>Musa Gotom</i>	1Timóteo	<i>Solomon Andria</i>	1506
1 e 2Crônicas	<i>Nupanga Weanzana</i>	2Timóteo	<i>Solomon Andria</i>	1515
Esdras	<i>Nupanga Weanzana</i>	Tito	<i>Solomon Andria</i>	1522
Neemias	<i>Nupanga Weanzana</i>	Filemom	<i>Soro Sounqalo</i>	1526
Ester	<i>Lois Semenye</i>	Hebreus	<i>Tesfaye Kassa</i>	1528
Introdução à literatura sapiencial	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>	Tiago	<i>Solomon Andria</i>	1548
Jó	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>	1Pedro	<i>Sicily Mbura Muriithi</i>	1556
Salmos	<i>Nupanga Weanzana,</i>	2Pedro	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	1564
	<i>Samuel Ngewa,</i>	1João	<i>Samuel Ngewa</i>	1569
	<i>Tewoldemedhin Habtu,</i>	2João	<i>Samuel Ngewa</i>	1577
	<i>Zamani Kafang</i>	3João	<i>Samuel Ngewa</i>	1578
Provérbios	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>	Judas	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	1579
Eclesiastes	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>	Apocalipse	<i>Onesimus Ngundu</i>	1583
Cântico dos Cânticos	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>			
Introdução aos profetas	<i>Yoilah Yilpet</i>			
Isaías	<i>Edouard Kitoko Nsiku</i>			
Jeremias	<i>Issiaka Coulibaly</i>			
Lamentações	<i>Issiaka Coulibaly</i>			
Ezequiel	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>			



## ÍNDICE DE ARTIGOS

A autoridade e a Bíblia	<i>Patrick M. Musibi</i>	80	Javé e outros deuses	<i>Abel Ndjerareou</i>	890
A Bíblia	<i>Yusufu Turaki</i>	747	Judeus e gentios	<i>David Oginde</i>	83
A Bíblia e a poligamia	<i>Isabel Apawo Phiri</i>	431	Legalismo	<i>Samuel Ngewa</i>	1457
A educação cristã na África	<i>Lois Semenyé</i>	1517	Liderança	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	548
A fé e a busca de sinais	<i>Adama Ouedraogo</i>	305	Missões nativas	<i>Bayo Famonure</i>	1382
A herança da viúva	<i>Mae Alice Reggy-Mamo</i>	325	Mutilação genital feminina	<i>Sicily Mbura Muriithi</i>	37
A história de Israel	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>	209	Novos relacionamentos familiares	<i>Soro Soungalo</i>	12
A hospitalidade na África	<i>Emily J. Choge</i>	392	O antigo Oriente Médio	<i>M. Douglas Carew</i>	219
A igreja e o Estado	<i>Yusufu Turaki</i>	1406	O conceito de terra	<i>D. S. M. Mutonono e M. L. Mautsa</i>	293
A natureza da igreja	<i>Samuel Ngewa</i>	1467	O cristão e o meio ambiente	<i>George Kinoti</i>	622
A tradução da Bíblia na África	<i>Aloo Osotsi Mojola</i>	1348	O lugar dos sacrifícios tradicionais	<i>Samuel Ngewa</i>	1541
A unidade dos crentes	<i>Kuzuli Kossé</i>	1320	O papel das mulheres na igreja	<i>Nyambura J. Njoroge</i>	1508
Administração de conflitos	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	553	O papel dos ancestrais	<i>Yusufu Turaki</i>	482
Adoração e louvor	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	253	O período intertestamentário	<i>Samuel Ngewa</i>	1128
Anjos, demônios e autoridades	<i>James Nkansah-Obrempong</i>	1490	O sacerdócio na Bíblia	<i>Felix Chingota</i>	193
As Escrituras como intérpretes da cultura e da tradição	<i>Kwame Bediako</i>	3	Oração	<i>Bonifes Adoyo</i>	1213
Casamento, divórcio e novo casamento	<i>Samuel Ngewa</i>	1175	Os cristãos e a política	<i>James B. Kantiok</i>	1028
Casamento e lobolo	<i>Isabel Apawo Phiri</i>	828	Perseguição	<i>Elias M. Githuka</i>	1604
Crianças de rua	<i>Solomon Gacece</i>	1270	Pluralismo religioso	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	1572
Culto nos lares	<i>Uzodinma Obed</i>	1370	Poder e responsabilidade	<i>Remi Lawanson</i>	1075
Cura	<i>Kingsley Larbi</i>	449	Princípios de interpretação	<i>Samuel Ngewa</i>	1131
Democracia	<i>Yusufu Turaki</i>	814	Profetas e apóstolos	<i>Adama Ouedraogo</i>	1471
Discipulado	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	1252	Questões culturais e mensagem bíblica	<i>Eunice Okorocho</i>	1503
Dívidas	<i>Stephen Adei</i>	807	Recompensa e punição	<i>Luciano C. Chianeque</i>	880
Escravidão	<i>Rubin Pohor</i>	91	Refugiados	<i>Celestin Musekura</i>	323
Estupro	<i>Isabel Apawo Phiri</i>	394	Riqueza e pobreza	<i>Stephen Adei</i>	790
Família e comunidade	<i>Soro Soungalo</i>	1205	Ritos de iniciação	<i>Judith A. Milasi</i>	103
Favoritismo	<i>Soro Soungalo</i>	1550	Sangue	<i>Victor Babajide Cole</i>	141
Feitiçaria	<i>Samuel Waje Kunhiyop</i>	376	Secularismo e materialismo	<i>Yusufu Turaki</i>	821
Funerais e ritos de enterro	<i>Joe Simfukwe</i>	1497	Sincretismo	<i>Lawrence Lasisi</i>	928
Generosidade e solidariedade	<i>Solomon Andria</i>	233	Sofrimento	<i>Issiaka Coulibaly</i>	589
Guerra	<i>Robert Aboagye-Mensah</i>	994	Sonhos	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	1020
Heresia teológica	<i>James Nkansah-Obrempong</i>	1593	Tabus	<i>Ernestina Afriyie</i>	161
HIV/aids	<i>Peter Okaalet</i>	681	Tribalismo, etnicidade e raça	<i>Rubin Pohor</i>	318
Homossexualidade	<i>Yusufu Turaki</i>	1389	Verdade, justiça, reconciliação e paz	<i>Yusufu Turaki</i>	903
Ideias sobre salvação em outras religiões	<i>Tokunboh Adeyemo</i>	1387	Vida e doutrina	<i>Samuel Ngewa</i>	1480
Idolatria	<i>Emeka Nwankpa</i>	869	Violência	<i>Yusufu Turaki</i>	1071
Introdução à literatura sapiencial	<i>Tewoldemedhin Habtu</i>	573	Viúvas e órfãos	<i>Mae Alice Reggy-Mamo</i>	846
Introdução ao pentateuco	<i>Abel Ndjerareou</i>	7			
Introdução aos profetas	<i>Yoilah Yilpet</i>	834			

## RECURSOS ADICIONAIS

Glossário	1621
Reis de Israel e Judá	414
Profetas de Israel e Judá	836
Recursos da web	1627

# PREFÁCIO DO DR. JOHN STOTT

A Bíblia é indispensável no discipulado pessoal de cada membro da igreja e no ministério de pregação do pastor. A fim de exercerem seu papel, contudo, as Escrituras precisam ser compreendidas, daí a importância do *Comentário bíblico africano*. Nos últimos tempos, a igreja na África tem testemunhado o avanço de estudos bíblicos sérios no âmbito acadêmico. Trata-se de um ressurgimento auspicioso no continente que no passado nos deu intérpretes como Agostinho e Atanásio. O *Comentário bíblico africano* é um marco editorial e desejo parabenizar os colaboradores e editores

pela elaboração de um comentário fundamentado nas Escrituras, que as interpreta do ponto de vista africano e aborda as questões controversas de modo equilibrado. Tenho a intenção de usá-lo para obter maior entendimento da Palavra de Deus sob a ótica africana. Aliás, espero que conquiste leitores do mundo inteiro para que possamos compreender melhor as dimensões plenas do amor de Cristo (Ef 3:18).

John Stott  
Dezembro de 2005

# PREFÁCIO DO DR. ABOAGYE-MENSAH

O crescimento fenomenal da igreja africana traz consigo inúmeros desafios. Um deles diz respeito a como manter o crescimento numérico e, ao mesmo tempo, assegurar que a fé dos cristãos se encontre firmemente fundamentada na palavra revelada e escrita de Deus, as Sagradas Escrituras. Para isso, é preciso intensificar o ministério de ensino na igreja, o que, por sua vez, cria a necessidade de instrumentos adequados para atender a pastores, seminaristas, teólogos, pregadores leigos e professores de educação cristã a fim de exercerem suas funções de modo eficaz. O *Comentário bíblico africano*, escrito por teólogos africanos, chegou na hora certa!

A singularidade e a relevância desta obra se devem ao fato de seus autores, teólogos africanos comprometidos com o Senhor e com a vida da igreja, terem escrito com base em sua ampla experiência prática de ensino da Bíblia na comunidade cristã. Podemos dizer, portanto, que temos em mãos um material testado e aprovado que, quando usado com seriedade, ajudará outros a crescerem em maturidade cristã.

Em sua interpretação das Escrituras, os autores conseguiram, ainda, reunir a espiritualidade cristã e uma compreensão aprofundada da cultura e religião africana. Não obstante, o *Comentário bíblico africano* também será útil para cristãos fora do continente africano que desejam enriquecer seu entendimento da Bíblia a partir do enfoque de culturas e experiências diversas. Com isso, também obterão uma compreensão mais profunda de sua própria cultura, pois os estudiosos africanos que colaboraram neste comentário também possuem vivências pessoais e eclesiais ricas e variadas fora da África.

Desejo expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para elaborar este comentário e recomendo-o a cristãos de toda parte que desejam entender a Bíblia a fim de colocá-la em prática e compartilhar sua fé.

Reverendíssimo dr. Robert K. Aboagye-Mensah  
Bispo presidente  
Igreja Metodista de Gana  
Fevereiro de 2006



# INTRODUÇÃO GERAL

Tudo começou com uma ideia, um pensamento, um conceito. À medida que a ideia crescia, começaram a surgir possibilidades, e o pensamento criativo ganhou asas. Como na parábola do semeador, a semente que cai em solo fértil produz colheita farta (Mt 13:8). No caso do *Comentário bíblico africano* (CBA), a colheita foi produzida por uma ideia que começou a crescer entre vários líderes de igrejas africanas e alguns colegas de missões estrangeiras trabalhando em nosso continente.

## A história do CBA

Em setembro de 1994, representantes de igrejas protestantes ecumênicas e evangélicas se reuniram em Nairóbi, Quênia, para a segunda Pan Africa Christian Leadership Assembly (Assembleia Pan-Africana de Liderança Cristã; PACLA II). Nessa reunião histórica, líderes cristãos identificaram a falta de conhecimento bíblico e a aplicação equivocada das Escrituras como os principais pontos fracos da igreja africana. Reconheceram que a igreja na África tem um quilômetro de extensão no que diz respeito à quantidade, mas apenas um centímetro de profundidade no que diz respeito à qualidade. A Bíblia precisava ser interpretada e explicada para o povo em linguagem inteligível, com metáforas coloquiais, formas de raciocínio e nuances africanas, bem como aplicações práticas adequadas ao nosso contexto. Afinal, como disse Agostinho de Hipona, Deus se aproxima do povo quando fala sua linguagem.

Inspirados pela conferência, estudiosos arregaçaram as mangas e começaram a produzir diversos livros. Esses volumes, porém, acabaram nas bibliotecas de instituições acadêmicas e nas mãos de estudantes e professores de teologia. Não supriram as necessidades de milhões de cristãos e seus pastores que não têm o privilégio de estudar em seminários. Dessa realidade, nasceu o sonho dos líderes da Association of Evangelicals in Africa (Associação de Evangélicos na África; AEA): um comentário bíblico africano a ser elaborado por setenta estudiosos e teólogos africanos de ambos os sexos. Francófonos e anglófonos explicariam o texto de todos os sessenta e seis livros da Bíblia e aplicariam seus ensinamentos ao contexto africano contemporâneo. Nas palavras do prof. Bediako, o livro seria “um recurso fundamental para a igreja na África, para o pensamento, a ação e os estudos acadêmicos cristãos”.

Muitos imaginaram que o projeto nunca sairia do papel. Além do desafio de obter a cooperação de estudiosos de diferentes tradições eclesiais e pontos de vista teológicos, havia uma série de problemas logísticos desanimadores resultantes das dificuldades de comunicação num continente tão vasto. Seria possível setenta estudiosos e

teólogos africanos trabalharem juntos, cumprirem prazos e elaborarem uma obra gigantesca como o CBA a um custo razoável?

Uma das poucas organizações que acreditaram na viabilidade do projeto e ofereceram apoio logístico e financeiro foi a Serving in Mission (Servindo em Missão; SIM), que fez jus ao seu nome. Há mais de um século, a SIM exerce o ministério de implantação de igrejas na África. Não é de hoje que seu departamento editorial, sob a direção de Jim Mason, organiza congressos para pastores e distribui livros para ajudá-los no ministério. A ideia de oferecer aos pastores um comentário bíblico escrito inteiramente por estudiosos africanos não foi novidade para eles.

O Comitê Executivo da AEA, os líderes da SIM e outros que expressaram interesse no projeto se reuniram no campus da Nairobi Evangelical Graduate School of Theology (Escola de Ensino Superior de Teologia de Nairóbi; NEGST), outro projeto da AEA. Quatro dos participantes das reuniões realizadas entre 29 e 31 de janeiro de 2001 se tornaram os editores do CBA. Tokunboh Adeyemo (nigeriano), secretário geral da AEA, foi nomeado editor geral. Samuel Ngewa (queniano), professor da NEGST, assumiu a responsabilidade de editar todos os comentários do Novo Testamento redigidos em inglês. Tewoldemedhin Habtu (eritreu), também professor da NEGST, ficou encarregado de editar os manuscritos referentes ao Antigo Testamento redigidos em inglês. Os manuscritos em francês ficaram sob responsabilidade de Issiaka Coulibaly (costa-marfinense), professor da Faculté de Théologie Évangélique de l'Alliance Chrétienne (Faculdade Evangélica de Teologia da Aliança Cristã; FATEAC) na Costa do Marfim. Em 2002, Solomon Andria (malgaxe), outro professor da FATEAC, ingressou na equipe e ficou responsável pelos comentários do Novo Testamento redigidos em francês.

Dois dos presentes na reunião inicial aceitaram a função de consultores editoriais: dra. Isabel Phiri (malauiana), professora de teologia na University of KwaZulu-Natal (Universidade de KwaZulu-Natal), e dr. Yusufu Turaki (nigeriano), da International Bible Society, Enugu (Sociedade Bíblica Internacional em Enugu, Nigéria), e professor do Jos ECWA Theological Seminary (Seminário Teológico da Igreja Evangélica da África Ocidental em Jos, Nigéria; JETS).

Os representantes da SIM, dr. Jim Plueddemann (estadunidense), diretor internacional da SIM nos EUA, e Jim Mason (canadense), consultor de literatura internacional da SIM, Canadá, foram convidados a atuar como associados técnicos. Outro associado técnico foi Pieter Kwant, diretor da Piquant Agency (Agência Piquant) em Carlisle, Reino Unido (holandês), e diretor do programa internacional da

Langham Partnership International (Organização Internacional Langham).

Outros três líderes que haviam expressado interesse no projeto enviaram pedidos de desculpa por não poderem comparecer à reunião: dr. Dirinda Marini-Bodho, primeiro editor dos manuscritos em francês do Antigo Testamento, dr. Kwame Bediako e dr. Tite Tienou.

A primeira reunião serviu para traçar diretrizes, descrever funções e termos de referência e aprovar orçamentos. Uma vez decidido que o CBA incluiria artigos sobre questões relevantes para o continente, os presentes fizeram uma relação dessas questões e dos autores que poderiam ser convidados para tratar delas.

Dentre as decisões mais importantes tomadas nessa reunião, cinco serviram de diretrizes editoriais para o projeto:

- O CBA deveria ser de leitura fácil para que pastores, estudantes e leigos pudessem usá-lo sem dificuldade.
- O CBA deveria ser de autoria e conteúdo africano e retratar o contexto de nosso continente. Deveria permanecer fiel às Escrituras e, ao mesmo tempo, aplicar os ensinamentos e as verdades bíblicas às realidades africanas.
- Os colaboradores do CBA deveriam ser escolhidos de modo a refletir a diversidade de denominações e línguas na África e incluir homens e mulheres. Eles respeitariam essa diversidade, dentro dos limites estabelecidos pela Declaração de Fé da AEA.
- Como parte de seu contrato, seria esperado dos colaboradores do CBA que aceitassem a Declaração de Fé da AEA como diretriz para seu trabalho.
- O projeto do CBA seria de propriedade dos africanos e administrado de forma independente ainda que, em última análise, sob a supervisão da AEA.

Depois dessa reunião, possíveis colaboradores foram contatados, convidados a realizar pesquisas individuais e trabalhar com os textos originais gregos e hebraicos e também com traduções da Bíblia em sua língua nativa. Foram organizados encontros com esses colaboradores em diferentes partes do continente. Vários autores receberam ajuda para obter um período sabático a fim de terem tempo para escrever. Autores da mesma região foram incentivados a interagir para se encorajarem mutuamente e comentarem o trabalho uns dos outros.

### O conteúdo do CBA

O CBA não é um comentário crítico e acadêmico, versículo por versículo. Antes, traz a exegese de cada seção e explicações acerca da Bíblia como um todo sob a ótica de estudiosos africanos que respeitaram a integridade do texto e empregaram provérbios, metáforas e histórias de nossas culturas para se comunicarem com cristãos africa-

nos de vilas e cidades de todo o continente. Suas aplicações são ousadas e, ao mesmo tempo, fiéis às Escrituras. O CBA não fala, portanto, de um Jesus Negro. Isso seria uma distorção ignorante do relato bíblico. O CBA é fiel ao texto e ao contexto tanto dos tempos da Bíblia quanto de nossos dias.

O CBA é, de fato, uma minibiblioteca que fornece ferramentas para pastores e professores ensinarem nas igrejas e incentivarem alunos e membros a estudarem a palavra de Deus por sua própria conta. Os artigos escritos por especialistas sobre temas atuais controversos e problemáticos como pobreza, favoritismo, HIV/aids, refugiados, guerra, política e assim por diante são particularmente proveitosos.

### Aplicações do CBA

Como o CBA pode ser usado? Um dos primeiros itens de minha lista é o estudo devocional particular. Como editor geral, tive de analisar e corrigir todos os manuscritos. Depois de concluir essa tarefa, porém, comecei a usá-los em minhas devocionais. No caso dos livros mais curtos, primeiro lia o livro da Bíblia inteiro e, depois, o respectivo comentário. No caso dos livros mais longos, lia de cinco a dez capítulos por dia e, em seguida, o comentário correspondente. Recomendo incisivamente essa abordagem que tanto enriqueceu minha vida espiritual.

Também usei trechos do CBA no preparo de sermões e no ministério de ensino. Ao fazê-lo, aprendi uma série de coisas novas a respeito de povos africanos sobre os quais nada sabia. Antes de ler o comentário sobre Levítico, por exemplo, não sabia da existência da tribo iraqw, do norte da Tanzânia, um povo de origem semita que possui vários elementos em comum com os hebreus.

Todos os editores do CBA são professores de seminário e todos eles usaram partes do CBA em suas aulas. Na verdade, alguns alunos da NEGST que interagiram com meu manuscrito sobre 2Pedro enviaram-me comentários concordando ou discordando de minhas colocações. As discussões foram extremamente proveitosas para o processo de compreensão e aplicação da Palavra de Deus. Essa experiência confirma que o CBA será um livro de consulta de grande utilidade para grupos de estudo e até mesmo para classes de escola dominical nas igrejas. Espero encontrar o CBA em todas as bibliotecas de todos os institutos bíblicos, seminários e universidades, bem como em outras instituições de ensino superior nas diversas regiões da África e em outros continentes.

### Agradecimentos

Louvamos a Deus por tudo o que ele tem realizado. Consideramos importante, também, reconhecer as contribuições significativas de indivíduos e organizações sem os quais o CBA não poderia ter sido elaborado. Agradecemos, portanto, a(s), ao(s):



- AEA, pelo patrocínio oficial do CBA e por dar ao conselho editorial liberdade administrativa e acadêmica para trabalhar.
- SIM, pelo auxílio logístico e financeiro necessário para completar todos os passos do processo de produção.
- NEGST, por servir de centro acadêmico para o CBA, por providenciar um local para nos reunirmos e por colocar sua biblioteca e outras instalações à disposição de estudiosos visitantes.
- Langham Partnership International, por providenciar fundos para que vários de nossos estudiosos tirassem períodos sabáticos a fim de escreverem.
- Instituições de ensino superior (inclusive UNISA, GIMPA e Biola University) e centros de retiro, que hospedaram estudiosos durante seus períodos sabáticos.
- Equipes técnicas na Europa e Canadá, que ajudaram nas questões administrativas, revisão, tradução, edição, composição, localização dos autores que faltavam e outras tarefas similares.
- Consultores, por seus conselhos sábios, observações acadêmicas e teológicas penetrantes e contribuições inestimáveis.
- Editores, por seu conhecimento sólido e erudito, com um toque de unção espiritual, bem como por seu serviço abnegado e sacrificial.
- Sessenta e nove colaboradores que fizeram história em nossa geração ao produzirem o primeiro comentário bíblico em volume único para a igreja da África.
- Zondervan, WordAlive e Oasis, por concordarem em publicar, distribuir e divulgar o CBA.
- Jim Mason, Pieter Kwant, Isobel Stevenson, Krysia Lear, Maybeth Henderson, Sue Prior e Judy Milasi, por sua competência para lidar com várias tarefas do CBA simultaneamente.
- Todos os indivíduos e grupos na África e ao redor do mundo que apoiaram este projeto com suas orações.
- Todos aqueles que contribuíram generosamente com recursos para cobrir os inúmeros custos decorrentes da produção do CBA.

Por fim, gostaria de agradecer ao dr. John Stott, por escrever o prefácio do CBA, e ao dr. Robert Aboagye-Mensah, bispo presidente da Igreja Metodista de Gana, e a muitos outros que honraram o CBA ao recomendá-lo publicamente.

Pedimos a Deus que, assim como usou sua Palavra para acender as chamas da Reforma na Europa do século XVI, empregue o CBA para fazer o mesmo na África de hoje. Amém!

Tokunboh Adeyemo,  
editor geral,  
Comentário Bíblico Africano  
Fevereiro de 2006

## A VISÃO

### *Declaração da visão do CBA redigida em janeiro de 2001*

O *Comentário bíblico africano* constitui-se de um único volume sobre todos os livros da Bíblia, escrito e editado por estudiosos africanos. Seu objetivo geral consiste em aplicar a Palavra de Deus de forma relevante às realidades africanas de hoje. É voltado, mais especificamente, para líderes cristãos de comunidades: pastores, estudantes e líderes leigos que, sob a direção do Espírito Santo, podem colaborar para estabelecer e alimentar uma igreja vigorosa no continente africano. Um comentário de volume único

sobre toda a Bíblia é, por natureza, um grande exercício de condensação e exige disciplina rigorosa para definir os elementos a serem incluídos ou omitidos. Este volume não se detém, portanto, em detalhes críticos e exegéticos. Com base na convicção firme e crença na inspiração divina e autoridade das Escrituras Sagradas, procura oferecer ao leitor um guia contextual e de leitura acessível.

*Você tem nas mãos o fruto dessa visão!*

# DIRETRIZES PARA USO DO CBA

Para leitores que estão dando os primeiros passos no uso de comentários bíblicos, oferecemos a seguir algumas sugestões sobre como encontrar as informações que procuram no *Comentário bíblico africano*.

## **Preciso de informações sobre o autor de um livro da Bíblia, bem como onde, quando e por que foi escrito.**

Cada livro começa com uma introdução geral que procura responder a algumas dessas perguntas. É possível encontrar informações adicionais em artigos introdutórios gerais como a “Introdução ao Pentateuco” e a “Introdução aos profetas”.

## **Desejo ter uma visão geral de um livro da Bíblia.**

Leia o comentário sobre esse livro. Cada comentário do CBA foi escrito para ser lido como um todo, e não como uma série de observações sobre versículos individuais.

## **Preciso de ajuda para preparar um sermão ou estudo bíblico.**

1. Leia o artigo “Princípios de interpretação”, que mostra como abordar passagens das Escrituras.
2. Veja o comentário sobre o livro no qual se encontra a passagem que servirá de base para seu sermão ou estudo.
3. Veja o esboço do conteúdo para ter uma ideia de como a passagem em questão se encaixa no contexto mais amplo do livro.
4. Localize no esboço o subtítulo da seção onde se encontra a passagem que você deseja estudar.
5. Leia a seção correspondente. Pode ser interessante, ainda, ler as seções antes e depois para entender o contexto da passagem.
6. Leia as referências cruzadas (indicadas por “cf.” ou “cf. tb.”) para ver de que maneira outras partes da Bíblia esclarecem a passagem em questão.

A abordagem usada no comentário pode sugerir a estrutura para seu sermão ou uma possível aplicação. Se a passagem tem um tópico central (p. ex., casamento), pode ser proveitoso ler os artigos do CBA relacionados ao casamento. Todos os artigos estão listados no sumário.

## **Tenho dúvidas sobre um versículo específico.**

Por exemplo: por que 1Coríntios 11:10 diz que as mulheres devem cobrir a cabeça “por causa dos anjos”?

1. Localize no CBA o comentário sobre o livro em que o versículo se encontra. (Usando o sumário, encontre

1Coríntios, ou localize-o diretamente, lembrando que o comentário segue a mesma sequência dos livros na Bíblia.)

2. Veja a indicação dos capítulos no cabeçalho de cada página, exceto na página de título dos comentários. Procure a página que inclui o capítulo (1Coríntios 11) e a referência que lhe interessa, indicada em negrito (11:10) no local onde o versículo é comentado.
3. As palavras do versículo discutidas no comentário aparecem em itálico (“por causa dos anjos” está em itálico, junto a 11:10).

## **Preciso saber o que um livro da Bíblia diz a respeito de determinado assunto.**

Consulte a lista de artigos no sumário para verificar se algum deles trata do tema em questão. (Se, p. ex., você deseja mais informações sobre cura, pode ver o artigo com esse título e também artigos relacionados, como HIV/aids, Sofrimento, Feitiçaria, O papel dos ancestrais e Oração, pois todos podem ser relevantes para as questões de cura e enfermidade.

## **O comentário usa uma palavra que eu não conheço.**

Procuramos evitar o uso de vocabulário técnico-teológico, mas não há como evitar algumas palavras, como, por exemplo, “apocalíptico”. Você encontrará esclarecimentos no glossário, no final do CBA.

## **Li o comentário, mas desejo saber mais sobre determinado livro da Bíblia.**

No final de cada comentário, o autor indica livros para leitura adicional. Você também pode consultar livros da série de comentários relacionados na página de Abreviações. Esses comentários são citados ocasionalmente no CBA e o título aparece na forma abreviada. Se você tem acesso à internet, pode obter mais informações nos sites relacionados no final do CBA.

## **Não entendi a diferença entre referências como 5:2-4, usadas com frequência, e apenas 2—4, que aparece somente algumas vezes.**

Todas as referências a versículos são fornecidas com capítulo e versículos. Os números separados por travessão (traço mais longo) indicam números de capítulos, e não de versículos. Logo, 2—4 indica os capítulos dois a quatro do livro em questão.



# ABREVIÇÕES

## Livros da Bíblia

### Antigo Testamento

Gn	Gênesis	Ec	Eclesiastes
Êx	Êxodo	Ct	Cântico dos Cânticos
Lv	Levítico	Is	Isaías
Nm	Números	Jr	Jeremias
Dt	Deuteronômio	Lm	Lamentações
Js	Josué	Ez	Ezequiel
Jz	Juízes	Dn	Daniel
Rt	Rute	Os	Oseias
1Sm	1Samuel	Jl	Joel
2Sm	2Samuel	Am	Amós
1Rs	1Reis	Ob	Obadias
2Rs	2Reis	Jn	Jonas
1Cr	1Crônicas	Mq	Miqueias
2Cr	2Crônicas	Na	Naum
Ed	Esdras	Hc	Habacuque
Ne	Neemias	Sf	Sofonias
Et	Ester	Ag	Ageu
Jó	Jó	Zc	Zacarias
Sl	Salmos	Ml	Malaquias
Pv	Provérbios		

### Novo Testamento

Mt	Mateus	1Tm	1Timóteo
Mc	Marcos	2Tm	2Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemom
At	Atos dos Apóstolos	Hb	Hebreus
Rm	Romanos	Tg	Tiago
1Co	1Coríntios	1Pe	1Pedro
2Co	2Coríntios	2Pe	2Pedro
Gl	Gálatas	1Jo	1João
Ef	Efésios	2Jo	2João
Fp	Filipenses	3Jo	3João
Cl	Colossenses	Jd	Judas
1Ts	1Tessalonicenses	Ap	Apocalipse
2Ts	2Tessalonicenses		

### Versões e paráfrases da Bíblia

BJ	Bíblia de Jerusalém
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI	Nova Versão Internacional
RA	Revista e Atualizada (João Ferreira de Almeida)
RC	Revista e Corrigida (João Ferreira de Almeida)

### Comentários

AB	Anchor Bible Commentary Series
BNTC	Black's New Testament Commentary
BST	The Bible Speaks Today

CBC	Cambridge Bible Commentary
CBSC	Cambridge Bible for Schools and Colleges
CCC	Crossway Classic Commentaries
CC	Communicator's Commentary
DSB	Daily Study Bible
EBC	Expositor's Bible Commentary
EC	Expositional Commentary
EvBC	Everyman's Bible Commentary
FOB	Focus on the Bible
HC	Hermeneia Commentaries
IBC	Interpretation Bible Commentary for Teaching and Preaching
ICC	International Critical Commentary
ITC	International Theological Commentary
NAC	New American Commentary
NBC	New Bible Commentary
NIBC	New International Bible Commentary
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NIVAC	NIV Application Commentary
PC	Preacher's Commentary
PNTC	Pillar New Testament Commentary
SPCK	Society for Promoting Christian Knowledge
TBC	Torch Bible Commentary
TNT	Tyndale New Testament Commentary
TOT	Tyndale Old Testament Commentary
WBC	Word Bible Commentary

### Outras abreviações

a.C.	antes de Cristo
AT	Antigo Testamento
c.	cerca (cerca de)
cap.	capítulo
caps.	capítulos
cf.	conferir, conforme
cp.	comparar
ct.	contraste com
d.C.	depois de Cristo
ed.	edição, editor
i. e.	isto é
lit.	literal, literalmente
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
p. ex.	por exemplo
tb.	também
trad.	tradução
v.	versículo, versículos
vol.	volume
vols.	volumes

# COLABORADORES

**Abate, Eshetu Koyra.** Etíope. Bacharel em divindade (Association of Theological Institutions in Eastern Africa) e bacharel em teologia (Mekane Yesus Seminary, Addis Ababa, Etiópia). Mestre e doutor em teologia (Concordia Seminary, St. Louis, EUA). Foi diretor do Mekane Yesus Seminary. Atualmente, consultor de tradução da Bible Society of Ethiopia.

*Filipenses*

**Aboagye-Mensah, Robert K.** Ganês. Metodista. Licenciado em teologia (Trinity College, Legon, Gana) e bacharel em teologia (St John's College, University of Nottingham, Inglaterra). Mestre em educação cristã (Virginia Theological Seminary, EUA). Doutor em filosofia (University of Aberdeen, Escócia). Foi professor no Trinity College, Legon, Gana, e secretário geral do Christian Council em Gana. Atualmente, é bispo presidente da Igreja Metodista de Gana.

*Guerra*

**Adei, Stephen.** Ganês. Bacharel em ciências (University of Ghana). Mestre em ciências (University of Strathclyde, Escócia) e mestre em teologia (University of South Africa). Doutor em economia (University of Sidney, Austrália). Foi representante residente do United Nations Development Program (UNDP) na Namíbia, economista e chefe do Directorate of UNDP, Africa Bureau, Nova York, e secretário geral da Ghana Missionary Society. Atualmente, reitor do Ghana Institute of Management and Public Administration (GIMPA).

*Riqueza e pobreza; Dívidas*

**Adeyemo, Tokunboh.** Nigeriano. Bacharel em teologia (Evangelical Church of West Africa [ECWA] Theological Seminary, Nigéria). Mestre em divindade e teologia (Talbot School of Theology, Biola University, Califórnia, EUA). Doutor em teologia (Dallas Theological Seminary, Texas, EUA). Foi secretário geral da Association of Evangelicals in Africa (por 22 anos). Atualmente, é diretor executivo do Centre for Biblical Transformation.

*Juizes; Daniel; 2Pedro; Judas; Adoração e louvor; Liderança; Administração de conflitos; Sonhos; Discipulado; Ideias sobre salvação em outras religiões; Pluralismo religioso*

**Adoyo, Bonifes E.** Queniano. Formado em Design (Nairobi University, Quênia). Mestre em divindade (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). Foi gerente de vendas e marketing da Rank Xerox International. Atualmente, é bispo da Nairobi Pentecostal Church, ministério da organização Christ Is the Answer Ministries, Nairóbi, Quênia.

*Oração*

**Afriyie, Ernestina.** Ganesa. Presbiteriana. Bacharel em teologia (Gana). Mestre em teologia (Natal). PhD (Natal). Pesquisadora do Akrofi-Christaller Memorial Centre, Akropong-Akuapem, Gana.

*Tabus*

**Ahoga, Augustin Cossi.** Beninense. Mestre em economia (Benin National University), teologia (Faculté Libre de Théologie Evangélique, Vaux-sur-Seine, França) e estudos bíblicos (University of Gloucestershire, Inglaterra). Secretário do IFES na África francófona. Professor da Baptist School of Theology em Lomé, Togo e no Benin Bible Institute em Cotonou, onde também é presidente do conselho administrativo.

*Jonas; Naum*

**Akanni, Gbile.** Nigeriano. Formado em física e pedagogia (University of Ibadan, Nigéria). Foi professor do College of Education, Katsina-Ala, Nigéria. Atualmente é presidente e coordenador da Living Seed House, Gboko, Nigéria.

*1Samuel*

**Andria (Andriatsimalomananarivo), Solomon.** Malgaxe. Formado em engenharia e eletromecânica (Université d'Antananarivo, Madagascar). Mestre em teologia (Faculté Libre de Théologie Evangélique, Vaux-sur-Seine, França). Doutor em missiologia (University of South Africa). Atualmente, é coordenador de história e teologia na Faculté de Théologie Evangélique de l'Alliance Chrétienne (FATEAC), Abidjã, Costa do Marfim.

*Colossenses; 1 e 2Timóteo; Tito; Tiago; Generosidade e solidariedade*

**Assohoto, Barnabé.** Beninense. Batista. Formado em eletrônica (University Polytechnic, Benin). Mestre em teologia (Faculté Libre de Théologie Evangélique, Vaux-sur-Seine, França). PhD (Strasbourg University, França). Atualmente é diretor do African Research Centre, Cotonou, Benin e coordenador da organização Faith in Action International.

*Gênesis*

**Bediako, Kwame.** Ganês. Presbiteriano. Formado (com honras) em francês (University of Ghana, Legon, Gana) e bacharel em teologia (London School of Theology [antigo London Bible College], Inglaterra). Doutor em literatura francesa (University of Bordeaux, França). Doutor em divindade (University of Aberdeen, Escócia). Foi pastor da Ridge Church, Accra, e professor visitante da University of Edinburgh, Escócia. Atualmente é diretor do Akrofi-Christaller Memorial Centre for Mission Research and Applied Theology. Akropong-Akuapem, Gana.

*As Escrituras como intérpretes da cultura e da tradição*

**Bitrus, Daniel.** Nigeriano. Church of Christ. Bacharel em teologia (United Missionary Theological College [UMTC], Ilorin, Nigéria). Mestre em educação cristã (Trinity Evangelical Divinity School, Chicago, EUA). Trabalhou com a United Bible Societies e foi secretário geral da Association of Evangelicals in Africa. Atualmente, é pastor da Bukuru Church of Christ na Nigéria.

*Amós*

**Boniface-Malle, Anastasia.** Tanzaniana. Ministra luterana ordenada. Bacharel em divindade (Makumira Theological College, Tanzânia). Mestre em teologia (Wartburg Theological Seminary, Iowa, EUA). Doutora em estudos do AT (Luther Theological Seminary, Minnesota, EUA). Foi professora no Makumira Theological College. Atualmente é consultora de tradução da United Bible Societies.

*Números*

**Carew, M. Douglas.** Serra-leonês. Bacharel em ciências (Fou-rah Bay College, Serra Leoa). Mestre em divindade (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). PhD (Trinity International University, Illinois, EUA). Foi professor do Sierra Leone Bible College. Atualmente é vice-chanceler da NEGST.

*Oseias; O antigo Oriente Médio*

**Chianeque, Luciano C.** Angolano. Formado em Bíblia e teologia (University of Durban-Westville, África do Sul). Mestre em religião e transformação social (University of Cape Town, África do Sul). PhD (University of KwaZulu-Natal, África do Sul). Foi secretário geral da Evangelical Congregational Church em Angola. Atualmente, é diretor nacional do Alfalit, um projeto de alfabetização de adultos na Angola.

*Deuteronômio; Recompensa e punição*

**Chingota, Felix Lack.** Malauiiano. Formado em francês, história e filosofia (University of Malawi), bacharel em divindade (St. Paul's United College, Limuru, Quênia). Doutor em estudos bíblicos (University of Aberdeen, Escócia). Foi pastor da Presbyterian Church of Malawi. Atualmente é professor do departamento de teologia e ciências da religião e deão interino da faculdade de ciências humanas do Chancellor College, University of Malawi.

*Levítico; O sacerdote na Bíblia*

**Choge, Emily J.** Queniana. Licenciada em artes (Kenyatta University, Nairóbi, Quênia). Mestre em divindade e teologia (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). PhD (Fuller Theological Seminary, Califórnia, EUA). Foi vice-diretora do St. Joseph's Girls High School, Chepterit, Quênia. Atualmente, é professora na Moi University, Eldoret, Quênia e professora em meio período da NEGST.

*A hospitalidade na África*

**Cole, Victor Babajide.** Nigeriano. Bacharel em teologia (Igba-ja Theological Seminary, Nigéria). Mestre em teologia (Dallas

Theological Seminary, Texas, EUA). PhD (Michigan State University, EUA). Foi consultor curricular da African Leadership and Management Academy, Harare, Zimbábue. Atualmente é vice-chanceler interino de assuntos acadêmicos da Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia.

*Marcos; Sangue*

**Coulibaly, Issiaka.** Costa-marfinense. Mestre em teologia e candidato a PhD em exegese bíblica (Faculté Libre de Théologie Evangélique, Vaux-sur-Seine, França). Atualmente é gerente de publicações em francês da United Bible Societies e professor de estudos do AT na Faculté de Théologie Evangélique de l'Alliance Chrétienne [FATEAC], Abidjã, Costa do Marfim.

*Jeremias; Lamentações; 2Coríntios*

**Datiri, Dachollom C.** Nigeriano. Bacharel, mestre e doutor em estudos bíblicos (University of Sheffield, Inglaterra). Atualmente é pastor da Church of Christ, na Nigéria (COCIN), Nassarawa Gwong, Jos, Nigéria. Também é professor em meio período no Theological College of Northern Nigeria (TCNN), Bukuru, Jos, Nigéria.

*1Coríntios*

**Dembele, Youssouf.** Malinês. Formado em ciências aplicadas (Instituto Superior de Ciências Agropecuárias de la Habana, Cuba). Mestre em teologia (Faculté Libre de Théologie Evangélique, Vaux-sur-Seine, França). Doutor em teologia bíblica e sistemática (Trinity International University, Illinois, EUA). Foi professor no Reed Bible Institute, Bougouni, Mali. Atualmente é consultor de tradução da United Bible Societies e pastor da Evangelical Protestant Church of Mali.

*Habacuque*

**Famonure, Bayo.** Nigeriano. Formado (com honras) em jornalismo (London School of Journalism, Frilsham Hermitage, Berks) e inglês (University of Nigeria). Doutor em divindade (World Link University, Portland, Oregon, EUA). Membro fundador e presidente da organização Calvary Ministries (CAPRO); foi secretário executivo da comissão de missões da Association of Evangelicals in Africa. Atualmente é presidente da Agape Missions na Nigéria.

*Missões nativas*

**Gacece, Solomon.** Queniano. Presbiteriano. Formado em pedagogia (Kenyatta University, Quênia) e bacharel em teologia (Presbyterian College, Kikuyu, Quênia). Atualmente é coordenador de um programa pra crianças de rua mantido pela St. Andrew's Church, Nairóbi, e secretário executivo da comissão de jovens e esportes da Association of Evangelicals in Africa.

*Crianças de rua*

**Githuka, Elias M.** Queniano. Formado em Bíblia e teologia (Pan African Christian College, Quênia / ICI University) e está concluindo o mestrado em liderança cristã (Global University). Foi administrador regional do ministério Missões Portas Abertas

com o Irmão André, região leste da África. Atualmente é pastor da Nairóbi Pentecostal Church, Valley Road.

*Perseguição*

**Gotom, Musa.** PhD (Claremont). Presidente da organização TEKAN (Fellowship of Christian Churches in Nigeria). Leciona aconselhamento pastoral no Theological College of Northern Nigeria.

*1 e 2 Reis*

**Habtu, Tewoldemedhin.** Eritreu. Metodista wesleyano. Formado em administração de empresas (Addis Ababa University, Etiópia). Mestre em divindade (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). PhD (Trinity International University, Illinois, EUA). Foi pastor da Church of Christ durante mais de dez anos. Atualmente é professor de estudos do AT na NEGST.

*Introdução à literatura sapiencial; Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cântico dos Cânticos; Ezequiel; A história de Israel*

**Isaak, Paul John.** Namibiano. Evangelical Lutheran Church. Mestre em ciências da religião (Pacific Lutheran Theological Seminary, Califórnia, EUA), mestre em teologia e PhD (Lutheran School of Theology, Chicago, EUA). Coordenador do departamento de religião e teologia, University of Namibia.

*Lucas*

**Kantiok, James B.** Nigeriano. Licenciado em estudos sociais (Ahmadu Bello University, Zaria, Nigéria). Mestre em psicologia educacional e em treinamento de professores e programas de avaliação (University of Jos, Nigéria), mestre em missiologia e doutor em estudos interculturais (Fuller Theological Seminary, Califórnia, EUA). Foi professor adjunto na California Lutheran University. Atualmente é professor da Azusa Pacific University, Califórnia, EUA.

*Os cristãos e a política*

**Kapolyo, Joe M.** Zambiano. Batista. Formado em teologia (London Bible College, Inglaterra). Mestre em antropologia social (University of London, Inglaterra) e em teologia — exegese do NT (Aberdeen University, Escócia). Candidato a PhD (University of London). Foi diretor do Theological College of Central Africa, Zâmbia, e diretor do All Nations Christian College, Inglaterra. Atualmente é pastor da Edmonton Baptist Church na região norte de Londres, Inglaterra.

*Mateus*

**Kasali, David M.** Congolês (RDC). Mestre em geografia e pedagogia (Institut Supérieur Pédagogique de Bukavu). Mestre em divindade e doutor em Novo Testamento (Trinity Evangelical Divinity School, Chicago, EUA). Foi vice-chanceler na Nairobi Evangelical Graduate School of Theology (NEGST), Quênia. Atualmente é presidente da Christian Bilingual University of Congo.

*Romanos*

**Kassa, Tesfaye D.** Etíope. Formado em medicina (Addis Ababa University, Etiópia). Bacharel em teologia (East Africa School of Theology, Nairóbi, Quênia). Mestre em divindade (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). Foi médico na Etiópia e pastor da Nairobi Pentecostal Church. Fundou e atualmente dirige a organização Discipleship Pathway Community International.

*Hebreus*

**Kinoti, George.** Queniano. Formado em zoologia e química. Pós-graduado em parasitologia aplicada e entomologia. Doutor em parasitologia (University of London, Inglaterra). Foi professor na Makerere University, Uganda, e Nairobi University, Quênia. Fundador e, atualmente, diretor do African Institute of Scientific Research and Development (AISRED), Nairóbi, Quênia.

*O cristão e o meio ambiente*

**Kisau, Paul Mumo.** Queniano. Bacharel em teologia (Scott Theological College, Machakos, Quênia). Mestre em divindade (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). PhD (University of Aberdeen, Escócia). Foi diretor interino de assuntos acadêmicos do Scott Theological College. Atualmente é professor assistente na International School of Theology, Quênia.

*Atos dos Apóstolos*

**Kossé, Kuzuli.** Congolês. Mestre em teologia (Faculté de Théologie Evangélique de Bangui [FATEB], República Central da África). Doutor em missões (Trinity International University, Illinois, EUA). Atualmente é professor de missiologia na FATEB.

*A unidade dos crentes*

**Koudougouret, Rosalie.** República Central da África (RCA). Bacharel em Bíblia e teologia e mestre em teologia (Faculté de Théologie Evangélique de Bangui [FATEB], República Central da África). Foi coordenadora do programa de treinamento de mulheres, FATEB. Atualmente é professora na FATEB.

*1 e 2 Tessalonicenses*

**Kunhiyop, Samuel Waje.** Nigeriano. Bacharel em teologia (Evangelical Church of West Africa [ECWA] Theological Seminary, Nigéria). Mestre em teologia exegética (Western Baptist Seminary, Portland, Oregon, EUA). PhD (Trinity International University, Illinois, EUA). Foi deão de alunos e atualmente é reitor e professor de teologia e ética no ECWA Theological Seminary.

*Feitiçaria*

**Larbi, E. Kingsley.** Ganês. Bacharel em Bíblia e teologia (Pan African Christian College, Quênia). Mestre em divindade e teologia (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST]), Quênia). PhD (University of Edinburgh, Escócia). Foi vice-chanceler do Central University College, Accra, Gana. Atualmente é presidente da Regent University, Acra, Gana.

*Cura*



**Lasisi, Lawrence Adeniyi.** Nigeriano. Bacharel em teologia (Christ International Divinity College, Erinmo, Nigéria). Mestre em divindade (Acadia University, Wolfville, Nova Scotia, Canadá) e em estudos islâmicos (Hartford Seminary, Connecticut, EUA). Doutor em estudos interculturais (Fuller Theological Seminary, Califórnia, EUA). Atualmente é pastor do Springs of Hope Christian Ministries, Califórnia, EUA, e professor adjunto da School of Professional Studies, Hope International University, Fullerton, Califórnia.

*Sincretismo*

**Lawanson, Aderemi (Remi) Tesilimi.** Nigeriano. Formado em ciências estatísticas (University of Lagos). Mestre em estudos interculturais e candidato a PhD (Fuller Theological Seminary, Califórnia, EUA). Foi diretor executivo da comissão de intenção e prestação de contas da Association of Evangelicals in Africa. Atualmente encontra-se no Fuller Theological Seminary.

*Poder e responsabilidade*

**Mautsa, Makoto Lloyd.** Zimbabuano. Formado em engenharia mecânica (University of Applied Science, Colônia, Alemanha). Mestre em engenharia agrícola (University of Zimbabwe). Foi engenheiro pesquisador no Instituto de Engenharia Agrícola, Ministério da Agricultura, Zimbábue. Atualmente é gerente de pesquisa, desenvolvimento e manutenção em Hastt, Zimbábue.

*O conceito de terra*

**Milasi, Judith A.** Queniana. Formada em ministério pastoral (Grace College of East Africa, Nairóbi), bacharel em Bíblia e teologia (East African School of Theology, Quênia). Foi arquivista do Grace College of East Africa; assistente pessoal do dr. Tokunboh Adeyemo, editor geral do *Comentário bíblico africano*. Atualmente é assistente pessoal do coordenador do projeto SIM Pastors Book Set, Quênia.

*Ritos de iniciação*

**Mojola, Aloo Osotsi.** Queniano. Anglicano. Bacharel e mestre em ciências humanas (University of Nairobi). Doutor em filosofia (University of Nairobi) e em linguística e filosofia (University of Frankfurt, Alemanha). Estudou hebraico e geografia bíblica em Jerusalém (Jerusalem Bible College, Israel). Foi professor da University of Nairobi, Quênia, e consultor de tradução da United Bible Societies. Atualmente é coordenador regional de tradução da África para a United Bible Societies.

*A tradução da Bíblia na África*

**Muriithi, Sicily Mbura.** Queniana. Bacharel em teologia e divindade (St Paul's United Theological College, Limuru, Quênia). Mestre em religião e transformação social e PhD (University of KwaZulu-Natal, África do Sul). Foi pastora da Presbyterian Church of East Africa, Quênia, e capelã em escolas de ensino médio no Quênia. Atualmente é professora da Presbyterian University, Quênia.

*1 Pedro; Mutulação genital feminina*

**Musekura, Celestin.** Ruandês. Batista. Bacharel em teologia (Kenya Highlands Bible College). Mestre em divindade (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). Mestre em teologia e candidato a PhD (Dallas Theological Seminary, Texas, EUA). Foi diretor do ministério de reconciliação, MAP International. Fundador e, atualmente, presidente da organização African Leadership Reconciliation Ministries, Nairóbi.

*Refugiados*

**Musibi, Patrick Moses.** Queniano. Armed Forces Training College (Lanet, Quênia). Curso para oficiais de logística (Royal Air Force College, Cranwell, Inglaterra). Atualmente está concluindo o curso superior em economia de desenvolvimento (Pacific Western University, Los Angeles, EUA). Foi major da Força Aérea do Quênia. Atua hoje como consultor para o programa Putting Children on the Military Agenda, Nairóbi.

*A autoridade e a Bíblia*

**Musopole, Augustine.** Malauiiano. Formado em ciências sociais (Chancellor College, University of Malawi) e bacharel em divindade (University of London, Inglaterra). Mestre em teologia e filosofia e PhD (Union Theological Seminary, Nova York, EUA). Foi secretário geral do Malawi Council of Churches. Atualmente é professor assistente na Chang Jung Christian University, Taiwan.

*Obadias*

**Mutonono, Dwight S. M.** Zimbabuano. Bacharel em Bíblia e teologia (University of South Africa). Mestre em liderança e administração (African Leadership and Management Academy, Zimbábue). Foi controlador de tráfego aéreo nos aeroportos de Prince e Harare e pastor administrativo do Faith Ministries. Atualmente é diretor administrativo da African Leadership and Management Academy (ALMA) e pastor do Faith Ministries.

*O conceito de terra*

**Ndjerareon, Abel Laoundoye.** Chadiano. Bacharel em teologia (Faculté Libre de Théologie Evangélique, Vaux-sur-Seine, França). Mestre em teologia do NT (Trinity Evangelical Divinity School, Chicago, EUA). Doutor em exegese do AT (Dallas Theological Seminary, Texas, EUA). Foi diretor da Shalom Evangelical School of Theology no Chade. Atualmente é diretor da Faculté de Théologie Evangélique de Bangui (FATEB) na República Central da África.

*Introdução ao Pentateuco; Êxodo; Javé e outros deuses*

**Ngewa, Samuel M.** Queniano. Bacharel em teologia (Ontario Bible College, Canadá). Mestre em divindade (Trinity International University, Deerfield, Illinois, EUA). Mestre em Novo Testamento e doutor em interpretação bíblica (Westminster Theological Seminary, Filadélfia, EUA). Foi professor do Scott Theological College. Atualmente é professor de estudos do NT

na Nairobi Evangelical Graduate School of Theology (NEGST), Quênia.

*Gênesis; Deuteronômio; Salmos; O período intertestamentário; Princípios de interpretação; João; Gálatas; 1, 2 e 3 João; Casamento, divórcio e novo casamento; Legalismo; A natureza da igreja; Vida e doutrina; O lugar dos sacrifícios tradicionais*

**Ngundu, Onesimus.** Zimbabuano. Bacharel em teologia (Philadelphia Biblical University, Pensilvânia, EUA). Mestre em teologia bíblica e línguas bíblicas e doutor em teologia do Novo Testamento (Dallas Theological Seminary, Texas, EUA). Mestre em história do cristianismo (University of Edinburgh, Escócia). Candidato a doutor em história da igreja (University of Cambridge, Inglaterra). Atualmente é diretor do Harare Theological College, Zimbábue.

*Apocalipse*

**Njoroge, Nyambura J.** Queniano. Bacharel em divindade (St Paul's United Theological College, Limuru, Quênia). Mestre em ciências humanas (Louisville Theological Seminary, Kentucky, EUA). Doutor em teologia africana e ética social cristã (Princeton Theological Seminary, Nova Jersey, EUA). Foi pastor da Igreja Presbiteriana do Quênia. Atualmente é secretário executivo do programa ecumênico de educação teológica do Conselho Mundial de Igrejas, Genebra, Suíça.

*O papel das mulheres na igreja*

**Nkansah-Obrempong, James.** Ganês. Bacharel em ciências humanas (Pan Africa Christian College, Quênia). Mestre em divindade e teologia (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). Doutor em teologia (Fuller Theological Seminary, Califórnia, EUA). Foi diretor regional (África) da organização Missões Portas Abertas. Atualmente é professor de teologia da NEGST.

*Anjos, demônios e autoridades; Heresia teológica*

**Nsiku, Edouard Kitoko.** Congolês (RDC). Batista. Formado em psicologia pastoral e mestre em Antigo Testamento (Faculdade Teológica Batista de Brasília, Brasil). PhD (University of KwaZulu-Natal, África do Sul). Membro da Baptist Community Church of Congo River. Lecionou em vários seminários teológicos no Brasil e atuou na organização International Fellowship of Evangelical Students em Moçambique. Atualmente é consultor de tradução para a United Bible Societies, em Maputo.

*Isaías*

**Nwankpa, Emeka.** Nigeriano. Formado em direito (Ahmadu Bello University, Zaria, Nigéria). Exerceu advocacia em Lagos, Nigéria. Fundador e presidente da Africa House of Prayer/Intercessors for Africa, em Accra, Gana.

*Idolatria*

**Obed, Uzodinma.** Nigeriano. Doutor em educação física (University of Ibadan, Nigéria). Foi professor da University of Ibadan.

Atualmente é coordenador internacional do Apostolic Discipleship Movement (ADM) e pastor do Glory Tabernacle Ministry, Ibadan, Nigéria.

*Culto nos lares*

**Oginde, David.** Queniano. Formado em arquitetura (University of Nairobi, Quênia). Certificado em estudos bíblicos (Trinity Evangelical Divinity School, Chicago, EUA). Cursando mestrado em liderança (Trinity Western University, British Columbia, Canadá). Foi secretário geral da organização Fellowship of Christian University Students (FOCUS). Atualmente é pastor da Nairobi Pentecostal Church, Valley Road.

*Josué; Judeus e gentios*

**Okaalet, Peter.** Ugandense. Anglicano. Médico cirurgião (Makerere University, Uganda). Mestre em divindade e teologia (Nairobi Evangelical Graduate School of Theology [NEGST], Quênia). Foi ministro da Igreja Anglicana em Uganda e no Quênia. Atualmente é professor honorário no African Leadership Development Institute, Pietermaritzburg, África do Sul, e diretor africano da MAP International.

*HIV/aids*

**Okorocha, Eunice Iheoma.** Nigeriana. Formada em pedagogia (University of Ibadan, Nigéria). Mestre em aconselhamento e orientação pedagógica (Ahmadu Bello University, Zaria, Nigéria). Doutora em educação internacional e aconselhamento intercultural (University of Surrey, Inglaterra). Atualmente, ministra com seu marido na Igreja Anglicana da Nigéria e trabalha como *freelance* em programas de conscientização cultural cristã.

*Questões culturais e mensagem bíblica*

**Ouedraogo, Adama.** Burquinense. Formado em teologia (l'Institut Théologique de Katadji, Costa do Marfim). Foi presidente da organização Action Missionnaire des Assemblées de Dieu de Côte d'Ivoire e pastor da Igreja Assembleia de Deus de Adjame, Abidjã, Costa do Marfim. Atualmente é pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Riviera II, Costa do Marfim, e professor do Institut Théologique de Katadji et Daloa, Costa do Marfim.

*A fé e a busca de sinais; Profetas e apóstolos*

**Phiri, Isabel Apawo.** Malauiense. Formada em pedagogia (Chancellor College, University of Malawi). Mestre em ensino religioso (Lancaster University, Inglaterra). PhD (University of Cape Town, África do Sul). Foi professora das universidades do Maláui e Namíbia. Atualmente é diretora da Faculdade de Religião e Teologia da University of KwaZulu-Natal, África do Sul, e coordenadora do Circle of Concerned African Women Theologians.

*Rute; Estupro; A Bíblia e a poligamia; Casamento e lobolo*

**Pohor, Rubin.** Costa-marfinense. Formado em história. Pós-graduado em antropologia da religião. Doutor em ciências da religião (École Pratique des Hautes Études, Sorbonne, Paris, França).

Foi coordenador interino do departamento de antropologia e sociologia da l'Université de Bouaké, Costa do Marfim. Atualmente é diretor do l'Institut Pastoral Hébron, Costa do Marfim.

*Escravidão; Tribalismo, etnicidade e raça*

**Reggy-Mamo, Mae Alice.** Afro-americana. Formada em inglês (Douglass College, Rutgers University, Nova Jersey, EUA). Mestre em pedagogia (Harvard University, Massachusetts, EUA). Doutora em pedagogia (University of Maryland, EUA). Foi consultora de alfabetização para a África junto à United Bible Societies. Atualmente é diretora do programa de educação de adultos do Total Grace Christian Centre e professora adjunta no Beulah Heights Bible College, Atlanta, Georgia, EUA.

*A herança da viúva; Viúvas e órfãos*

**Semenye, Lois Mvuli.** Queniana. Presbiteriana. Formada em história e Bíblia (Covenant College, Tennessee, EUA). Mestre em educação (Reformed Theological Seminary, Mississippi, EUA). PhD e doutora em educação (Biola University, Califórnia, EUA). Foi professora da Daystar University, Nairóbi, Quênia e diretora administrativa do Christian Learning Materials Center. Atualmente é deã de ensino e coordenadora de educação cristã da Nairobi International School of Theology.

*Ester; A educação cristã na África*

**Simfukwe, Joe M.** Zambiano. Batista. Bacharel em teologia (Spurgeon's College, Londres, Inglaterra). Pós-graduado em teologia (Australian College of Theology, Sidney) e candidato a mestre em teologia. Atualmente é diretor do Theological College of Central Africa, Ndola, Zâmbia.

*Funerais e ritos de enterro*

**Soungalo, Soro.** Costa-marfinense. Bacharel em teologia (Faculté Libre de Théologie Evangélique, Vaux-sur-Seine, França). PhD (Paris). Atualmente é pastor da Igreja Batista Evangélica

da Costa do Marfim, professor de teologia pastoral da Faculté de Théologie Evangélique de l'Alliance Chrétienne (FATEAC, Abidjã) e presidente do Evangelical Training Center for Communication in Africa (CEFCA) em Abidjã, Costa do Marfim.

*Filemom; Novos relacionamentos familiares; Família e comunidade; Favoritismo*

**Turaki, Yusufu.** Nigeriano. Evangelical Church of West Africa (ECWA). Bacharel em teologia (Igbaja Theological Seminary, Nigéria). Mestre em teologia e ética (Gordon-Conwell Theological Seminary, Massachusetts, EUA). Doutor em ética social (Boston University, Massachusetts, EUA). Foi reitor do ECWA Theological Seminary, Jos, Nigéria, secretário geral da ECWA e secretário executivo da comissão de ética, paz e justiça da Association of Evangelicals in Africa. Atualmente é consultor de tradução da International Bible Society.

*Eféios; O papel dos ancestrais; A Bíblia; Democracia; Secularismo e materialismo; Verdade, justiça, reconciliação e paz; Violência; Homossexualidade; A igreja e o Estado*

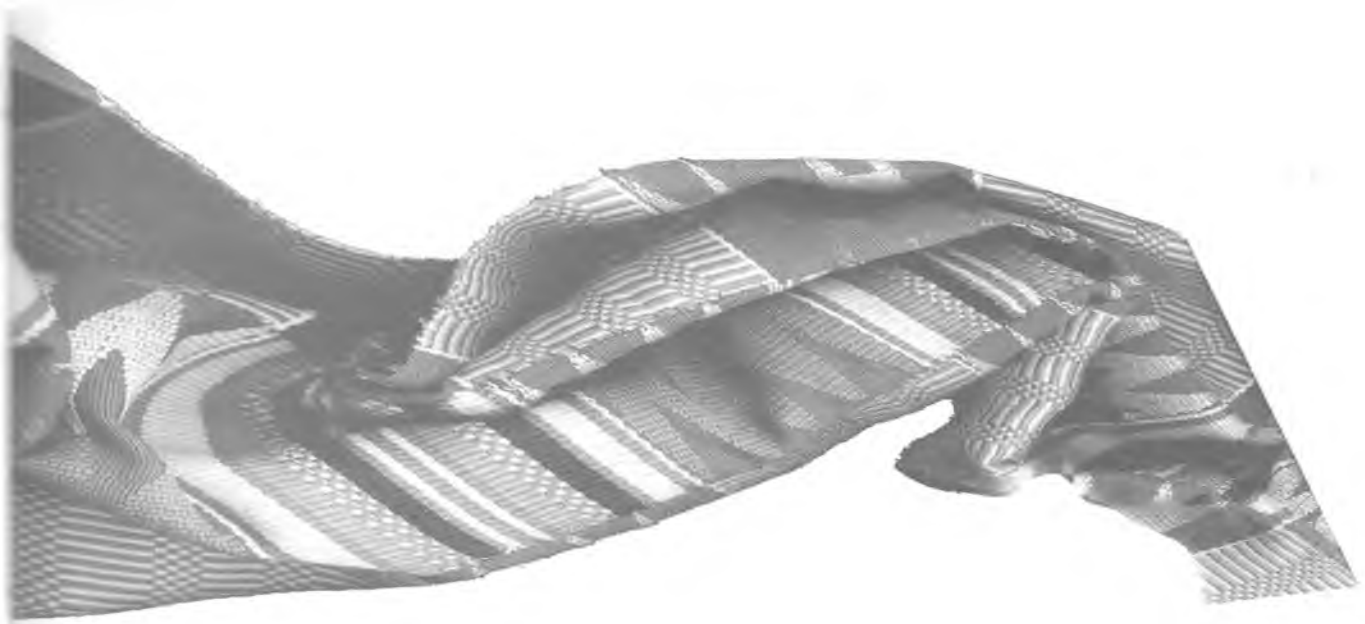
**Weanzana, Nupanga.** Congolês (RDC). Evangelical Community Church. Mestre em teologia (Faculté de Théologie Evangélique de Bangui [FATEB], República Central da África). Doutor em estudos do AT (University of Pretoria, África do Sul). Foi vice-presidente da FATEB. Atualmente é deão acadêmico da FATEB.

*2Samuel; 1 e 2Crônicas; Esdras; Neemias; Salmos*

**Yilpet, Yoilah.** Nigeriano. Anglicano. Formado (com honras) em química (Ahmadu Bello University, Zaria, Nigéria). Mestre em divindade e doutor em teologia do AT (Trinity International University, Illinois). Foi pastor assistente da Christ Episcopal Church, Waukegan, Illinois, EUA. Atualmente trabalha no departamento de ciências da religião da Jos University, Nigéria.

*Introdução aos profetas; Joel; Miqueias; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias.*

# **COMENTÁRIO BÍBLICO AFRICANO**







## AS ESCRITURAS COMO INTÉRPRETES DA CULTURA E DA TRADIÇÃO

O *Comentário bíblico africano* busca relacionar as Escrituras às culturas africanas e, com isso, encontrar maneiras pelas quais o evangelho pode ser considerado relevante para essas culturas. É importante que, nesse processo, tanto leitores quanto escritores evitem a simplificação excessiva da natureza dessa relação.

### O que é cultura?

A cultura não consiste apenas em música, dança, artefatos e outros elementos do gênero. Nossa cultura é nossa cosmovisão, ou seja, é fundamental para nossa compreensão de quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo. Dentro de nós e ao nosso redor, é o que nos define e molda. Quando aceitamos a Cristo como Senhor, entregamos a ele tudo o que há em nós, que se relaciona conosco e está ao nosso redor, aquilo que nos definiu e moldou. Assim, a salvação abrange não apenas a nossa “alma”, mas também a nossa cultura em seu nível mais profundo. Precisamos permitir que as Escrituras tornem-se intérpretes de quem somos no sentido concreto e específico de nossa identidade dentro de nossas culturas e tradições.

### O que são as Escrituras?

Porém, reconhecer a centralidade das Escrituras para nossa identidade não significa demonizar nossa cultura tradicional nem aprender a citar determinados versículos e capítulos para apoiar certas posições que assumimos devido a nossas origens denominacionais ou tradicionais. A centralidade das Escrituras é mais fundamental e sua relevância ultrapassa em muito esses comportamentos.

### As Escrituras são um prisma

Quando a luz passa por um prisma, revela-se do outro lado como um arco-íris. Semelhantemente, quando nossas culturas passam pelo prisma das Escrituras, nós as vemos de uma nova maneira, pois elas revelam a luz e a sombra intrínsecas dessas culturas. Não somos mais definidos por nossas tradições; antes, permitimos que essas tradições sejam interpretadas pelas Escrituras.

### As Escrituras são um registro do envolvimento de Deus com a cultura

As Escrituras não são apenas um relato da história e religião de Israel e da igreja primitiva. Também registram a relação de Deus com seu povo e com sua cultura, sendo, elas mesmas, fruto desse envolvimento. Assim, as Escrituras servem de parâmetro ou modelo para incentivar, identificar e controlar todos os envolvimento subsequentes do evangelho com a cultura na relação divina-humana contínua que caracteriza a nossa fé.

### As Escrituras como mapa

As Escrituras são o mapa oficial da nossa jornada de fé, uma jornada que começou antes de crermos em Cristo. Esse mapa nos lembra de que nossa jornada não se iniciou no momento em que o recebemos. Ao olharmos para o mapa das Escrituras, podemos ver de onde viemos e como

chegamos onde estamos. Ele também aponta para o rumo que devemos tomar a fim de alcançar nosso destino. Os primeiros pregadores do evangelho enfatizaram esse discernimento ao usarem com frequência a expressão “segundo as Escrituras”. Paulo lembra Timóteo do papel norteador da Palavra (2Tm 3:16), demonstra seu uso ao relatar parte da história dos israelitas e conclui: “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa” (1Co 10:1-11).

Muitas vezes, os pastores escolhem determinado texto e o usam como ponto de partida para apresentar as próprias ideias; mas não era assim que os apóstolos pregavam. Na Bíblia, o significado das Escrituras é apresentado como um todo e aplicado à situação cultural e social concreta dos ouvintes. Precisamos fazer o mesmo para que as Escrituras sejam o mapa que nos conduzirá ao nosso destino.

### As Escrituras são a nossa história

Todas as referências às Escrituras no Novo Testamento remetem ao Antigo Testamento, apesar de serem dirigidas, em sua maior parte, a gentios de origem cultural distinta daquela dos judeus. No entanto, ao falar aos gentios de Corinto, Paulo se refere aos “nossos pais” (1Co 10:1). A história de Israel havia se transformado na história “adotiva” dos gentios, pois todos aqueles que creem em Cristo se tornam filhos de Abraão (Gl 3:26-29) e são enxertados na oliveira original (Rm 11:7-20). Assim também, todos os cristãos são escravos que foram libertos (Gl 4:7). Todos nós, com nossas tradições, fomos adotados em Cristo e, portanto, somos transformados com nossas tradições. O Deus de Israel não é um Deus tribal, mas sim o Deus que criou toda a humanidade.

### As Escrituras são a base da nossa identidade

A igreja primitiva foi tentada a considerar os cristãos gentios como judeus de segunda categoria, retardatários. No entanto, no Concílio de Jerusalém (At 15), os apóstolos reconheceram que Deus estava fazendo algo novo. Paulo argumenta no mesmo sentido quando escreve como se houvesse, então, três categorias de pessoas: judeus, gentios e algo novo, chamado igreja de Deus (1Co 10:32; 2Co 5:17; Ef 2:14-18).

Nas primeiras décadas da igreja, alguns escritores cristãos se referiram ao cristianismo como uma terceira raça. A primeira raça era a dos judeus; a segunda, a dos gentios, e a terceira, a dos cristãos. A base para essa nova identidade era religiosa, e não ética, nacional, social ou cultural no sentido mais estrito. Tornamo-nos um “reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai” (Ap 1:5-6; 1Pe 2:9-10).

### As Escrituras são nossa narrativa

As Escrituras não são apenas um livro sagrado do qual extraímos ensinamentos e princípios bíblicos. Também são uma narrativa da qual participamos. Quando David Livingstone pregou na África no século dezenove, diz-se que ele sempre se referia à Bíblia como a “mensagem do Deus que vocês conhecem”. Em outras palavras, as Escrituras falam a

nós porque falam sobre nós. E falam sobre nós porque fazemos parte do evangelho que pregamos. Paulo possuía uma percepção clara desse fato, enfatizando que Deus havia tido misericórdia dele e que, agora, ele era chamado para pregar a outros (1Co 15:8-11).

Os africanos têm uma forte consciência de sua jornada religiosa pré-cristã e devem ficar atentos para essa participação nas Escrituras. Sem dúvida, foi o que fez o profeta liberiano William Wadé Harris (1865-1929), o primeiro profeta cristão africano a se distinguir nos tempos modernos e contribuir de forma expressiva para o crescimento da igreja. Harris se separou de sua etnia grebo e de sua família numa conversão radical, mas não ficou desprovido de ancestrais nem de uma comunidade. Ele simplesmente trocou seus laços familiares por vínculos baseados na fé no Cristo revelado nas Escrituras. Sua espiritualidade era caracterizada por sua participação vital na vida em comunidade, algo inerente à cultura africana. Harris não pensava em termos daquilo que Moisés fez ou Jesus disse na Bíblia, mas em como seus novos ancestrais, Moisés, Elias e, de forma suprema, Jesus Cristo, interagiam com ele. Foi assim que alcançou tantas pessoas para Cristo.

Na cultura africana, as comunidades e os grupos étnicos são constituídos e definidos pela participação numa vida comum. Quando uma libação é derramada, a comunidade recita o nome de todos aqueles que estão ausentes, tratando-os como se estivessem presentes. Fiéis tradicionais invocam seus antepassados e acreditam que estes se encontram presentes na cerimônia subsequente. (Será que temos convicção semelhante da presença de Jesus quando oramos?)

Em termos cristãos, participamos de Cristo e, portanto, dos recursos e poderes de toda a comunidade, constituída daqueles que estão unidos a Cristo por meio do Espírito. Essa comunidade inclui tanto os vivos quanto os mortos (Lc 20:33-38). É uma comunidade transcendente na qual seus membros humanos experimentam e participam da vida e natureza de Deus (2Pe 1:14).

### Reunindo as Escrituras e a cultura

Não devemos nos concentrar em extrair princípios da Bíblia e aplicá-los à cultura. As Escrituras não são um livro que existe independentemente de nós. São o testemunho vivo daquilo que Deus fez e continua a fazer, e nós somos parte desse testemunho. Os personagens das Escrituras são, ao mesmo tempo, nossos contemporâneos e antepassados. Suas vitórias e seus fracassos nos ajudam a entender a nossa jornada de fé (Rm 11:18). As Escrituras não são apenas algo em que cremos, são algo de que participamos. É por isso que as pessoas da Bíblia não serão aperfeiçoadas sem nós (Hb 11:40), nem nós sem elas.

A aplicação das Escrituras à nossa cultura é um processo gradativo de união de vida. Nossa cultura em particular é tocada pela ação de Deus, que constrói ao longo da história comunidades constituídas do seu povo, nas quais somos incluídos, assim como nossas tradições, nossa história e cultura específicas. Aos poucos, participaremos de uma semelhança familiar que não é medida segundo particularidades étnicas, mas segundo o próprio Cristo (Ef 4:13).

As Escrituras e a cultura são como círculos que vão se aproximando gradativamente até se fundirem e terem o mesmo centro, à medida que nos reconhecemos nas Escrituras e que as Escrituras se tornam cada vez mais reconhecíveis em nossa narrativa.

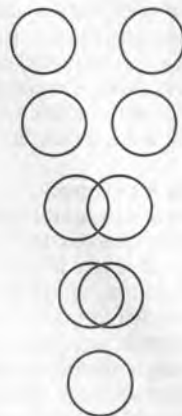
O processo de reunir o evangelho e a cultura se estende por várias gerações. Buscar uma "resposta" definitiva para determinado problema cultural é entender equivocadamente o processo pelo qual uma comunidade e um povo passam a se considerar chamados para ingressar no povo de Deus e participar dessa comunidade.

Esse processo, tanto no passado como agora, sempre requer o envolvimento de várias gerações. Todos os esforços dos cristãos de origens diversas no sentido de reunir o evangelho e a cultura são parte essencial da nossa narrativa. Para compreendermos plenamente o impacto do evangelho em seu envolvimento com qualquer ambiente cultural específico, precisamos conhecer a luta da antiga Israel para aceitar a singularidade e majestade de Javé e os lapsos, as apostasias, calamidades, tragédias e os triunfos desse povo. Também precisamos saber de que maneira os santuários terrenos africanos de hoje são relacionados aos caminhos de Deus. Precisamos saber como o evangelho foi levado de Alexandria para Axum, da Irlanda para a Inglaterra, do sudeste de Gana para seu extremo nordeste. Nenhuma parte da narrativa do povo de Deus é independente ou mais importante do que outra. O evangelho não tem uma cultura de residência permanente. À medida que nos apropriamos das experiências e lutas de um contexto, afunilando-as por nossa leitura e experiência das Escrituras em nossa língua mãe, descobrimos que outras narrativas cristãs esclarecem nossa própria história.

### As Escrituras, a língua e a cultura

A língua materna das Escrituras tem um lugar fundamental no envolvimento do evangelho com a cultura. Se as pessoas consideram Onyankopon (como Deus é chamado pelo povo akan em Gana) — o Deus conhecido desde tempos imemoriais — seu Salvador, e entendem a vinda do evangelho como aquilo pelo que estavam esperando, é porque Deus continua a garantir que todos os povos o ouvirão, cada um em sua própria língua, para que se maravilhem com sua majestade e seu amor. Nossa língua materna é a língua na qual Deus fala com cada um de nós. Ele não fala numa língua sagrada, mas numa língua comum, para que possamos ouvi-lo e entender que seu evangelho se refere a nós e que fomos convidados a ingressar numa comunidade constituída de membros de todas as nações, tribos, povos e línguas (Ap 7:9).

### Natural Adaptável



Kwame Bediako

# **O ANTIGO TESTAMENTO**



## INTRODUÇÃO AO PENTATEUCO

A palavra “Pentateuco” é um termo grego usado pela primeira vez na Septuaginta, a tradução grega antiga da Bíblia. Significa, literalmente, “cinco rolos”, ou seja, os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Na Bíblia hebraica, esses livros são conhecidos como a Torá, uma palavra que abrange a ideia de ensinamento e lei. Contam a história do povo de Israel desde seus primórdios até o momento em que estavam prestes a entrar na terra que Deus lhes prometera. Durante o período que esse relato histórico abrange, o povo recebeu a lei no Sinai.

### Autor

Os cinco livros são agrupados sob um único nome, pois apresentam evidências claras de terem sido redigidos como um conjunto e, possivelmente, por um único autor humano. As tradições judaicas e cristãs afirmam de longa data que esse autor foi Moisés. Várias passagens do Pentateuco afirmam que Moisés escreveu a lei e a história do povo de Israel (Êx 17:14; 24:4; 34:27; Nm 33:1-2; Dt 31:9). Ao que parece, escritores bíblicos posteriores também consideraram Moisés o autor da Torá (Js 1:7-8; 2Cr 25:4; 35:12; Ed 6:18; Ne 13:1). Até mesmo Jesus se referiu ao Pentateuco como “Livro de Moisés” (Mc 12:26) e “Lei de Moisés” (Lc 24:44) e afirmou que “Moisés [...] escreveu a meu respeito” (Jo 5:46-47).

Porém, apesar de aceitarmos Moisés como o autor, devemos reconhecer que algumas partes do texto foram reescritas posteriormente de modo a atualizar palavras, nomes de lugares e genealogias. Vemos um exemplo disso na referência aos reis israelitas em Gênesis 36:21. É possível que essas mudanças tenham sido feitas com fins didáticos, para tornar o texto mais compreensível às gerações seguintes.

Alguns comentaristas preferem considerar essas mudanças como evidências de que os livros da Torá foram escritos depois do tempo de Moisés com base em tradições orais, mas a discussão dessa questão não é produtiva. Afinal, como acontece com as histórias africanas, o mais importante não é o autor. O que importa é a existência de uma mensagem relevante para a comunidade. Não obstante o seu autor, o Pentateuco apresenta grande coerência textual e teológica. Sua teologia é extremamente relevante para a África nos dias de hoje.

### Coerência

A coerência da redação fica evidente nos fortes elos observados entre os cinco livros. Nenhum deles pode ser entendido sem os outros e todos apontam para o Deus único. O mesmo Deus é o Criador (Gn 1:1), o Deus dos patriarcas (Gn 17:1-8; 31:42), o Deus que liberta o povo

hebreu do Egito (Êx 2:24; 3:6,15) e o Deus que estabelece a sua lei (Lv 1:1; 26:42; Nm 1:1; 32:11; Dt 1:8; 4:32). O livro de Gênesis, em particular, lança os alicerces para a compreensão dos quatro livros seguintes, pois o interesse de Deus por Israel só pode ser explicado em função de sua promessa a Abraão.

A lei em si também pode ser compreendida como derivação dos princípios iniciais estabelecidos na criação. Por exemplo, os seres humanos foram incumbidos de exercer domínio sobre a criação de Deus (Gn 1:26-28). Assim, não é de surpreender a proibição de se colocarem na posição ridícula de adorar ídolos representando as coisas sobre as quais deveriam exercer domínio (Êx 20:4). Semelhantemente, a lista extensa de regras em Levítico não pode ser entendida sem o conceito de pecado e a seriedade de suas consequências (Gn 3:1—4:15). As regras podem ser consideradas uma lição prática ou uma disciplina a ser seguida a fim de evitar o pecado.

A terra de Canaã, a terra prometida, faz eco ao jardim do Éden. Uma vez eliminados os antigos habitantes que a contaminaram com sua imoralidade desde os primórdios, a terra se torna símbolo de um novo lugar de harmonia entre o povo, seu Criador e a própria criação (Gn 2:8; 9:24-25; 17:8; Lv 18:3; Nm 33:55; Dt 6:1-3).

Essa coerência temática do Pentateuco é acompanhada da coerência em seu conteúdo teológico. Os livros visam a instrução. Como todo bom mestre, seu autor emprega vários estilos literários para comunicar sua mensagem: narrativas, cânticos, poesias, tratados e alianças, um código legal e genealogias. Todos comunicam a mesma mensagem sobre a natureza de Deus — ele é soberano, fiel e santo. Na história do povo hebreu, é descrito o aprendizado desse povo sobre a vida em comunhão com um Deus soberano e santo, sobre como se beneficiar plenamente das bênçãos associadas a essa comunhão e como ser exemplo para outras nações (Gn 18:18; Dt 7:6,12-13).

### A soberania de Deus

A Torá lança um dos alicerces do monoteísmo ao afirmar a supremacia de Deus. Essa supremacia se expressa em seu próprio nome, *Iavé* (“EU SOU O QUE SOU”), que expressa sua natureza eterna (Êx 3:14-15). Uma vez que os judeus se mostravam relutantes em pronunciar o nome de Deus, ele é traduzido com frequência como SENHOR no Antigo Testamento de várias versões da Bíblia.

Aquele que não é limitado pelo tempo também é o Criador de todas as coisas e exerce poder supremo sobre sua criação. Esse fato é demonstrado na soberania que exerce sobre Faraó e os elementos naturais deificados pelos egípcios (Êx 7:14—10:29).

Cabia ao povo hebreu experimentar a natureza eterna de Deus passando de geração em geração o conhecimento de Deus e seus mandamentos. As comemorações e o ensino são temas constantes no Pentateuco (Êx 13:8-9; 20:12; Lv 23; Dt 6:1-9). Devemos observar tais elementos em nossa sociedade cuja tradição é, na maior parte, oral, de modo que “quando uma pessoa idosa morre, é como se perdêssemos uma biblioteca”. Precisamos transmitir as virtudes de nossa cultura que se mostram concordantes com a natureza de Deus. O comentário que você tem em mãos é um exemplo de como isso pode ser feito.

O povo hebreu também devia colocar em prática a autoridade de Deus sobre sua criação. Além de recusarem subordinar-se às coisas criadas, também não deviam sujeitar-se a outros povos. Como ex-escravos que eram, deviam sujeitar-se somente ao Senhor (Êx 20:3; Dt 15:12-14). Essa ideia também se aplica a nós nos dias de hoje. Muitas vezes, o progresso em nosso continente é paralisado pelas forças da natureza, que suportamos em vez de administrar, e por uma reverência cega a qualquer forma de autoridade humana.

#### **A fidelidade de Deus**

A segunda maior característica de Deus apresentada nestes livros é sua fidelidade, refletida na promessa feita a Abraão (Gn 24:27). Os relatos dos incontáveis fracassos dos israelitas no deserto, que constituem grande parte destes livros, dão ensejo a que Deus demonstre sua paciência (Êx 32:9-14; 34:6). O povo hebreu é chamado a desenvolver um relacionamento de fidelidade semelhante

àquele que Moisés desfrutava com o Senhor (Nm 12:7; Dt 6:5; 7:7-11).

#### **A santidade de Deus**

A santidade de Deus é mostrada ao longo de todo o Pentateuco. O termo se refere à diferença ou distância entre Deus e a humanidade pecaminosa (Êx 15:11; 26:34; 28:36). O povo hebreu foi chamado para ser semelhante ao Senhor quanto à santidade (Lv 11:44-45; Dt 7:6), demonstrando um comportamento adequado e obediente às leis de Deus e realizando rituais como símbolo de seu arrependimento. Era a santidade, e não os vínculos com a terra ou a família, que distinguia Israel das outras nações (Dt 26:19; 33:8-10). Esse convite a uma reunião fiel em torno de valores que transcendem os laços familiares e étnicos é importante para os cristãos africanos que desejam viver em comunidades estáveis e pacíficas.

Os primeiros leitores do Pentateuco foram os judeus do AT, mas a mensagem destes cinco livros é universal. Ainda hoje fala tanto a judeus quanto a gentios. Para os cristãos, seus ensinamentos sobre a inimizade entre a serpente e a mulher (Gn 3:15), a fidelidade dos patriarcas, a dádiva do primogênito (Gn 22:1-19; Êx 13:12), a oferta pelo pecado (Lv 5:14-15) e a santidade são prefigurações da pessoa de Cristo, de seu ministério e da vida que oferece aos seguidores fiéis (Mt 26:28; Jo 1:29; Rm 15:4; 1Co 10:1-4; Cl 1:15; Hb 11:29; 1Pe 2:9-10). Que possamos ser grandemente beneficiados pelas lições aprendidas pelo povo de Israel.

Abel Ndjerareou



# GÊNESIS

Gênesis é um livro de “começos”, que trata dos primórdios da criação, das línguas e de uma nação escolhida. Também apresenta um relato das gerações antes do dilúvio, acompanhado de detalhes específicos sobre as linhagens (5:1-32; 10:1-32). A expressão “esta é a história de” ocorre em pontos importantes do livro e é traduzida de várias maneiras, mas significa literalmente “estas são as gerações de” (2:4; 5:1; 6:9; 10:1; 11:10; 11:27; 25:12,19; 36:1; 37:2).

Gênesis também pode ser descrito como um livro sobre relacionamentos: Adão e Eva, Caim e Abel, os descendentes de Sete, Abraão e Ló, Sara e Agar, Jacó e Esaú, José e seus irmãos.

Acima de tudo, porém, Gênesis é um livro sobre Deus: ele cria (todas as coisas), salva (Noé, sua família e alguns animais), destrói (com água no tempo de Noé, com fogo em Sodoma e Gomorra), escolhe (Abraão), faz alianças (com Noé e com Abraão), perdoa (Jacó) e protege (José).

Gênesis e os quatro livros subsequentes (Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) são considerados pela tradição uma unidade chamada Pentateuco. Acredita-se que todos eles foram escritos por Moisés. Nascido provavelmente por volta de 1500 a.C., Moisés viveu 120 anos (Dt 34:7). Durante os primeiros quarenta anos de sua vida, ele desfrutou a posição de neto adotivo de Faraó (Êx 2:11; At 7:23). Tudo indica que o Pentateuco foi escrito durante seus últimos oitenta anos de vida, dos quais ele passou quarenta cuidando das ovelhas de Jetro em Midiã e, pela providência de Deus, familiarizando-se com aquela região (At 7:30), e os outros quarenta liderando o povo de Israel.

De acordo com alguns estudiosos, vários escritores redigiram os cinco livros durante um longo período, especialmente entre cerca de 850 e 550 a.C., e os textos só foram reunidos mais tarde, talvez até no século V a.C. No entanto, nenhum dos argumentos em favor desse ponto de vista (p. ex., o uso de nomes diferentes de Deus em seções diferentes) mostrou-se forte o bastante para derrubar a posição tradicional de que Moisés escreveu o Pentateuco. Assim, este comentário pressupõe que o autor é Moisés.

O livro é dividido em duas seções principais: O relacionamento de Deus com a humanidade em geral (1:1-11:9) e seu relacionamento com aqueles que ele escolheu para ser seu povo especial (11:10-26).

## Esboço

### 1:1—11:9 Deus e a humanidade

- 1:1-31 A criação de todas as coisas
- 2:1-3 O descanso de Deus
- 2:4-25 A criação da comunidade humana
- 3:1-24 A desobediência do primeiro casal
  - 3:1-6 Uma falha na comunidade
  - 3:7-19 Uma nova realidade
  - 3:20-24 Consequências imediatas da queda
- 4:1-16 O mal entre irmãos: Caim e Abel
- 4:17—5:32 As primeiras genealogias
  - 4:17-24 A linhagem de Caim: a multiplicação do mal
  - 4:25-26 A linhagem de Sete: o substituto de Abel
  - 5:1-32 A árvore genealógica de Adão a Noé
- 6:1—8:22 O dilúvio
  - 6:1-7, 11-13 A causa do dilúvio
  - 6:8-10, 14-18 Uma exceção
  - 6:19—7:5 O objetivo do dilúvio
  - 7:6-24 Natureza e efeito do dilúvio
  - 8:1-19 Deus finaliza a operação
  - 8:20-22 A adoração de Noé e o compromisso de Deus
- 9:1-17 A aliança de Deus com Noé
- 9:18-29 O erro de Noé
- 10:1-32 O repovoamento da terra
  - 10:1 Introdução
  - 10:2-5 Os descendentes de Jafé
  - 10:6-20 Os descendentes de Cam
  - 10:21-32 Os descendentes de Sem
- 11:1-9 A torre de Babel

### 11:10—25:18 Abraão e seus descendentes

- 11:10-26 Os antepassados de Abrão
- 11:27-32 A mudança de Ur para Harã
- 12:1-9 Abrão obedece ao chamado do Senhor
- 12:10-20 O Senhor castiga Faraó
- 13:1-4 Abrão volta do Egito
- 13:5-18 Abrão e Ló se separam
  - 13:5-13 Abrão protege os laços de família
  - 13:14-18 O Senhor renova a confiança de Abrão
- 14:1-16 Abrão intervém em favor de Ló
- 14:17-24 Abrão e os reis
- 15:1-21 Deus tranquiliza Abrão
- 16:1-16 A solução de Sarai para a falta de filhos
- 17:1-27 As promessas do Senhor
- 18:1-15 Abraão recebe três visitantes
- 18:16-33 Abraão roga por Ló

19:1-29 A destruição de Sodoma e Gomorra  
 19:30-38 Ló e suas filhas  
 20:1-18 Abraão e Abimeleque  
 21:1-7 Isaque, o filho prometido  
 21:8-21 Agar e Ismael  
 21:22-34 O tratado com Abimeleque  
 22:1-19 Outra prova de fé  
 22:20-24 Os descendentes de Naor  
 23:1-20 A morte e o sepultamento de Sara  
 24:1-67 O casamento de Isaque  
 25:1-11 A morte de Abraão  
 25:12-18 Os descendentes de Ismael

### 25:19—28:9 Isaque

25:19-34 Dois filhos: Jacó e Esaú  
 26:1-33 Isaque e os filisteus  
 26:34-35 O casamento de Esaú  
 27:1-29 A bênção de Esaú é concedida a Jacó  
 27:30-40 O desespero de Esaú  
 27:41—28:5 Jacó foge para Harã  
 28:6-9 Esaú aprende uma lição

### 28:10—36:43 Jacó

28:10-22 O Senhor se encontra com Jacó  
 29:1-14a Jacó chega a Padã-Arã  
 29:14b-30 Jacó se casa com suas primas  
 29:31—30:24 O convívio na família de Jacó  
 29:31-35 Os filhos de Jacó com Lia  
 30:1-8 Os filhos de Jacó com Bila  
 30:9-13 Os filhos de Jacó com Zilpa  
 30:14-21 Mais filhos com Lia  
 30:22-24 Os filhos de Jacó com Raquel  
 30:25-43 Jacó é abençoado com rebanhos  
 31:1-21 Jacó parte sem avisar Labão  
 31:22—32:2 O Senhor protege Jacó de Labão  
 32:3-21 O Senhor protege Jacó de Esaú  
 32:22-32 O Senhor muda o nome de Jacó  
 33:1-17 O encontro com Esaú  
 33:18—34:31 Diná é desonrada  
 35:1-15 Jacó volta a Betel  
 35:16-29 A morte de Raquel e Isaque  
 36:1-43 Os descendentes de Esaú

### 37:1—50:26 José

37:1-11 José e seus sonhos  
 37:12-36 José é vendido por seus irmãos  
 38:1-30 O pecado de Judá  
 39:1-23 A vitória de José sobre a tentação  
 40:1-23 Os dois oficiais de Faraó  
 41:1-40 Os sonhos de Faraó  
 41:41-57 José administra o Egito  
 42:1-38 José se encontra com seus irmãos  
 43:1-15 Os irmãos de José voltam para o Egito

43:16—45:15 José se revela  
 43:16-34 Uma refeição juntos  
 44:1-34 Benjamim e o copo de prata  
 45:1-15 A revelação de José  
 45:16-28 O apoio de Faraó  
 46:1—47:12 Jacó se muda para o Egito  
 46:1-4 O encontro de Jacó com Deus  
 46:5-27 As pessoas que acompanharam Jacó  
 46:28-30 O reencontro de Jacó e José  
 46:31—47:12 Faraó dá boas-vindas  
 47:13-26 A estratégia de José para o futuro  
 47:27—49:28 Os últimos anos de Jacó  
 47:27-28 A situação de Jacó  
 47:29-31 Jacó planeja seu sepultamento  
 48:1-22 Jacó abençoa Manassés e Efraim  
 49:1-28 Jacó abençoa seus filhos  
 49:29—50:14 A morte de Jacó  
 50:15-26 A vida de José depois da morte de Jacó  
 50:15-21 José tranquiliza seus irmãos  
 50:22-26 A morte de José

## COMENTÁRIO

### 1:1—11:9 Deus e a humanidade

#### 1:1-31 A criação de todas as coisas

O relato da criação do mundo por Deus define dois pontos fundamentais que se aplicam ao restante do livro de Gênesis e também da Bíblia. Em primeiro lugar, o papel de Deus na origem da terra e do céu é singular. Eles não existiam antes e não são resultantes de forças impessoais ou de outros seres espirituais. Em segundo lugar, como criação de Deus, o mundo revela seu Criador e está sujeito à sua vontade.

O primeiro versículo de Gênesis pode ser lido como uma declaração resumida de que Deus criou todas as coisas — *os céus e a terra* e tudo o que neles há (1:1). O restante do capítulo expande a síntese inicial. No entanto, também é possível que essas palavras descrevam o primeiro passo da criação, de modo que *no princípio* pode equivaler à expressão “em primeiro lugar”. Nesse caso, a primeira coisa que Deus fez foi criar a casca oca (céu e terra) e, no período de seis dias, criou o conteúdo para enchê-la. Em vez de formar o universo todo como um produto acabado com um único gesto grandioso, Deus trabalhou na criação. Este segundo conceito se encaixa com a descrição da terra como *sem forma e vazia* (1:2). O Espírito de Deus pairava sobre as águas para mantê-las sob controle até que fossem colocadas em seu devido lugar. Deus estava controlando o projeto da criação e, como resultado, tudo aconteceu sob os olhos atentos do Criador e em decorrência de seu poder.

Este relato da criação em seis dias (quer estes sejam considerados literalmente como dias de vinte e quatro horas quer figurativamente como representações de longos períodos) revela um Deus metódico que criou uma sucessão de coisas diferentes com um propósito definido. Um a um, o Senhor colocou no lugar todos os elementos necessários para sustentar os seres humanos para os quais ele criou este mundo.

Ao lermos este relato, devemos observar que cada estágio novo da obra de Deus começa com uma forma da expressão criadora *haja* (1:3,6,9,14,20,24,26). E cada uma dessas declarações termina com as palavras *e assim se fez* (1:7,9,11,15,24,30). Todas as ordens de Deus para que algo viesse a existir, como também ordens de reunião e separação, foram cumpridas. Ele tem o poder de criar e o poder de organizar sua criação. Podemos confiar nesse mesmo poder em nossas circunstâncias de vida. O Deus da criação ainda é o Deus da história. Se ouvirmos sua palavra e sujeitarmos nossos planos à sua vontade, ele pode ordenar que o continente africano seja grandemente exaltado!

A primeira coisa que Deus criou da matéria-prima do universo foi a luz (1:3-5). Ela foi criada antes de todas as outras coisas pois seria essencial para a sobrevivência das plantas, animais e seres humanos que estavam por vir. Os corpos celestes ainda não haviam sido criados, mas a luz permitiu que o Criador formasse a estrutura temporal inicial de sua criação: *dia e noite; tarde e manhã*.

Na segunda fase de sua criação, que se estendeu do segundo ao quarto dia, Deus providenciou a estrutura material para sustentar os seres vivos. Criou o céu (1:6-8), seguido do mar e da terra seca (1:9). A terra seca seria o âmbito central da vida humana e forneceria os ingredientes para essa vida (cf. 2:7). Foi só depois de formar a terra seca que Deus declarou *bom* aquilo que criou (1:10).

Em seguida, essa terra foi abençoada com plantas que forneceriam alimentos para os seres humanos uma vez que estes tivessem sido criados (1:11-13; 29-30). Por fim, os corpos celestes e seus movimentos foram criados especialmente para ajudar os futuros habitantes da terra a organizar o tempo em *estações, dias e anos* (1:14-19). Antes de nos formar, o Criador reuniu tudo o que seria necessário para nossa sobrevivência, lembrando-nos de que estava operando para nosso bem, e não nos destinando ao sofrimento (Lm 3:33; Ez 33:11).

A criação dos seres vivos segue a mesma sequência da criação material. No quinto dia, Deus criou os seres que vivem no mar e no céu (1:20-23) e, no sexto dia, os animais que vivem na terra (1:24-25), culminando o processo, por fim, com os seres humanos.

A posição privilegiada dos seres humanos é demonstrada pelo fato de nossa criação exigir uma decisão especial, tomada numa grande assembleia, conforme o texto deixa entrever. O plural *façamos o homem* indica a solenidade da decisão e enfatiza que algo novo e importante estava para acontecer (1:26a). Também sugere a comunidade do Ser

divino que envolve três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo.

De acordo com as Escrituras, os seres humanos de ambos os sexos foram feitos *à imagem* de Deus (1:26b-27). Assim, as pessoas são diferentes de outros seres criados como os animais, um fato que tem consequências importantes para a maneira como vivemos. Em primeiro lugar significa que cada ser humano é, de alguma forma, semelhante a seu Criador. Assim, cada ser humano é especial e importante. Devemos ser capazes de reconhecer o Criador nos homens e nas mulheres que vemos a nosso redor. Em segundo lugar, significa que não devemos adorar nenhum animal (Êx 20:4; Rm 1:21-22). Ai da pessoa que se rebaixa ao nível dos seres irracionais, colocando um animal ou a imagem de um animal no lugar que pertence somente ao Criador! Em terceiro lugar, uma vez que Deus criou tanto nosso corpo quanto nosso espírito, não devemos considerá-los separadamente e pensar que podemos ignorar o corpo enquanto vivemos para Deus no espírito. As Escrituras deixam claro que não devemos maltratar nosso próprio corpo nem o de outros (1Co 6:19-20).

Deus abençoou o homem e a mulher e lhes deu uma incumbência dupla: multiplicar-se e encher a terra (1:28a), exercer domínio sobre a criação e sujeitar a terra (1:26c,28b). Essa missão não era um fardo pesado, mas sim uma dádiva de Deus. Os seres humanos deviam ocupar e desfrutar — e não temer — a criação. Essa missão indica que todos podemos glorificar a Deus, primeiramente, cuidando de sua criação.

É importante observar que os homens e as mulheres receberam permissão de exercer domínio sobre as criaturas vivas, mas não sobre outros seres humanos. Da mesma forma, os homens não receberam autoridade para dominar as mulheres (nem vice-versa).

Nossos semelhantes também são portadores da imagem do Criador e, portanto, não devem ser dominados, mas sim servidos (Jo 13:13-14; Gl 5:13; Ef 5:21). Como alimento, Deus proveu *todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente* (1:29-30). Assim, ao que parece, os primeiros seres humanos e animais eram vegetarianos. Somente em 9:3 Deus permite o consumo de outras criaturas como alimento.

O capítulo termina com mais um resumo dos atos criadores de Deus: *viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom* (1:31; cf. 1:4,10,18,21,25). Não há nada proveniente das mãos de Deus que não seja intrinsecamente bom. Ele é o Deus bom que faz todas as coisas para o bem (Mc 10:18; Rm 8:28).

É possível que Deus tenha considerado sua criação boa porque ela era perfeitamente ordenada. Cada elemento foi criado no tempo apropriado, ocupando um lugar que visava à harmonia do todo. A criação também era repleta de uma diversidade riquíssima. Deus criou variedades diferentes

## NOVOS RELACIONAMENTOS FAMILIARES

Tornar-se cristão envolve uma transformação profunda, como fica evidente na vida do apóstolo Paulo. Ele expressou a diferença, usando as palavras “outro... agora”: “Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor”. Consequentemente, devemos andar “como filhos da luz” (Ef 5:8).

A transformação de nossa vida por Jesus Cristo afeta todos os aspectos de nossa existência, inclusive os relacionamentos familiares. Enquanto, outrora, aceitávamos os relacionamentos familiares africanos tradicionais, hoje, devemos procurar vivenciá-los de maneira agradável a Deus. Essas duas formas de nos relacionarmos em família não são, obrigatoriamente, contraditórias, pois, como os africanos, Deus preza o espírito de comunidade. No entanto, nossa caminhada com Cristo pode exigir mudanças que provocarão conflitos, um dos quais pode se manifestar ao aceitarmos a declaração de Jesus de que a obediência a Deus deve ter precedência sobre os laços de sangue (Mt 12:46-50).

No cerne de todos os relacionamentos familiares, encontramos a união entre marido e mulher. O texto fundamental para toda a filosofia cristã de casamento e família é Gênesis 2:24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. Como este versículo evidencia, é necessário deixar os pais para formar uma nova família. Um homem pode morar com seus pais enquanto é solteiro. Mas, quando chegar a hora, deve se separar deles e entrar num novo relacionamento com sua esposa. Isso requer autonomia, dedicação ao relacionamento, responsabilidade plena e maturidade.

Os recém-casados devem se tornar uma só carne. Não são mais dois indivíduos, coexistindo lado a lado; devem se transformar em uma única entidade, cada um compartilhando a vida do outro. Esse novo tipo de união é diferente e muito mais forte dos que os vínculos entre pais e filhos e requer a operação do próprio Deus. Assim, ao comentar o texto em Gênesis, Jesus declara: “Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem” (Mt 19:6).

As palavras do apóstolo Paulo sobre a relação entre marido e mulher (Ef 5:22-32) devem ser interpretadas sob a perspectiva da formação de uma única entidade. O mesmo se aplica ao relacionamento entre pais e filhos. Como fruto dessa nova união, os filhos pertencem à mulher tanto quanto ao homem. Ambos devem ser igualmente responsáveis pela educação dos filhos (Pv 6:20). Uma vez que Deus está no centro da união, os pais devem educar seus filhos não apenas acerca da vida na terra, mas também acerca do caminho para o céu (Dt 6:6-7).

Os conceitos tradicionais africanos nem sempre concordam com esse conceito bíblico de relacionamento entre um homem, sua esposa e seus filhos. Na verdade, em

algumas ocasiões esses conceitos tornam a verdadeira união quase impossível. Por exemplo, em várias culturas africanas, o homem não deixa pai e mãe. Não os deixa espiritualmente e, por vezes, nem fisicamente. O marido e sua mulher são considerados membros de duas famílias distintas, cada uma com todos os direitos sobre o filho ou a filha. Os pais da mulher podem tomá-la de volta a qualquer momento se o genro não se comportar corretamente. Numa situação dessas, a mulher se sente obrigada a ouvir seus pais, em vez de ficar ao lado do marido.

Numa cultura desse tipo também é impossível haver unidade espiritual, pois, sempre que são realizados sacrifícios pedindo proteção para a família, a mulher casada deve sacrificar para os espíritos considerados parte de sua família de origem, e o marido deve sacrificar para os espíritos da família dele. No tocante ao mundo dos espíritos, cada um continua sendo membro de sua própria família. De acordo com essa forma de pensar, a mulher sempre será uma estranha na casa de seu marido. Entre o povo senufo na Costa do Marfim, por exemplo, a mulher é chamada de “a estrangeira” pelos pais de seu marido e deve evitar pronunciar o nome dele em sinal de respeito e vergonha. Quando a esposa morre num local distante de seu lugar de origem, por mais longa que seja a viagem, seu corpo deve ser transportado de volta para sua vila, para seu povo.

É compreensível, portanto, que tais atitudes gerem conflito dentro da família. Muitas vezes a mulher se sente uma estrangeira e tem dificuldade em se integrar, pois sabe que não está em sua casa, mas na casa do marido. Quando um parente do marido vai visitá-los, sente-se mais à vontade do que a esposa. Assim, o irmão do marido não hesita em lembrar a cunhada de sua origem estrangeira caso o comportamento dela não o agrade. E, se a hóspede for a mãe do marido, a situação fica ainda pior, pois a mãe acredita ter pleno controle sobre a casa do filho e pode tentar administrá-la à sua maneira. É evidente que tais atitudes em relação ao casamento podem causar uma série de problemas no lar.

Esse conceito tradicional de casamento também pode ter consequências quanto à educação dos filhos. Em algumas tradições, os filhos são considerados descendentes do pai, e não da mãe. Ela é simplesmente a mulher que lhes deu à luz. Nas tradições matriarcais, por outro lado, são tidos como descendentes apenas da mãe. Nenhum desses sistemas considera a participação igual de ambos os pais. Assim, o homem ou a mulher podem se sentir injustiçados ou desprezados no tocante à educação dos filhos.

Uma última consequência dessas tradições é associada ao fato de a herança do homem pertencer inteiramente aos membros da família dele. Uma vez que a mulher não é considerada parte da família do marido, não herda nada e, quando o marido falece, fica sem nenhum recurso. Não há nenhum conceito de propriedade conjunta, pertencente tanto ao homem quanto à sua esposa.

A legislação moderna pode dar direitos à esposa, mas ainda surgem conflitos decorrentes de uma visão distorcida dos relacionamentos.

Um aspecto positivo do conceito africano tradicional de casamento é sua ênfase na família mais ampla e o espírito de comunidade que ele estimula. Uma família elementar (pai, mãe e filhos) isolada é fraca. No entan-

to, a Bíblia deixa claro que a família elementar deve ter uma força essencial que os conceitos tradicionais costumam negar. Como cristãos, devemos nos esforçar para enriquecer nossa cultura africana com a integração dos novos conceitos definidos pelo ideal de Deus para o casamento cristão.

Soro Soungalo

dentro de cada família de vegetais e animais, cada um *segundo a sua espécie* (1:11,12,21,24). Cada espécie recebeu a ordem de se multiplicar (1:11,20,22,28). Por fim, sua criação era repleta de significado, pois cumpria o propósito de deleitar a Deus e aos seres que ele criou à sua imagem.

Nós que somos feitos à imagem de Deus devemos imitar sua criação naquilo que nós criamos. Devemos, por exemplo, construir na África uma igreja que seja um lugar de ordem, de diversidade, de compartilhamento, de redescoberta de significado e de celebração (Mt 28:19; 1Co 12:4-27).

### 2:1-3 O descanso de Deus

No dia sétimo, uma vez que tudo havia sido criado e estava em seu devido lugar, Deus descansou depois de *toda a sua obra* nos seis dias anteriores (2:1-3). Ele não descansou porque estava exausto, mas porque havia completado o trabalho e o havia feito com perfeição. Assim, o descanso de Deus é muito diferente do ócio de um preguiçoso que nada produziu nos últimos seis dias. Se desejamos que nosso continente tenha progresso econômico, precisamos acabar com o ócio preguiçoso que, infelizmente, é tão comum na África. Precisamos de uma ética de trabalho semelhante à de Deus: esforço e realização de nossas tarefas com excelência para que possamos descansar com a consciência tranquila, sabendo que não deixamos nada por fazer.

Além disso, quando Deus descansou, cessou apenas o trabalho criador, e não todo o trabalho. Sua providência nunca cessa, pois ele continua cuidando de sua criação. Nisso também, devemos seguir seu exemplo. Podemos descansar de projetos que foram concluídos e, ainda assim, continuar trabalhando de outras maneiras — sonhando com nosso próximo projeto ou estabelecendo metas para o futuro. Quando nos mantemos ativos desse modo, não cogitamos, por exemplo, beber em excesso em nosso “descanso”, uma prática que nos impediria de dar continuidade às nossas ideias ou ações. No descanso semelhante ao de Deus, repousamos de uma atividade enquanto continuamos em outra. É preciso pensar em descanso nesses termos a fim de testemunhar mudanças pessoais, institucionais e nacionais na África.

### 2:4-25 A criação da comunidade humana

Depois de contar como os céus e a terra foram criados, o escritor de Gênesis repete a narrativa, desta vez, concen-

trando-se na criação dos seres humanos e no início de sua história. Também define o segundo elemento essencial da identidade humana: além de sermos feitos à imagem de Deus, fomos criados para viver em comunidade. É na comunidade que manifestamos a imagem de Deus. Por isso, Deus criou o primeiro relacionamento humano, estabelecendo uma comunidade como exemplo para seguirmos.

Nos estágios iniciais, a terra não era adequada para a ocupação humana, pois não havia nenhum tipo de planta (2:4-5). Depois de torná-la habitável, provendo umidade para regar *toda a superfície do solo* (2:6), Deus pôs-se, então, a criar os seres humanos. Nessa passagem, a narrativa nos fornece mais detalhes sobre a criação do homem e da mulher, mencionada rapidamente em 1:27.

Primeiro, Deus formou *Adão*, um termo hebraico que significa “homem” e que, mais adiante, é usado como nome próprio (2:7a,20; 3:21). A afirmação de 1:27 deixa claro que o Criador tinha toda intenção de criar um casal, mas que não formou a mulher de imediato. Talvez esse intervalo tivesse o propósito de permitir ao homem perceber sua necessidade de companhia (cf. comentários sobre 2:20-23). Se Deus tivesse simplesmente criado dois indivíduos sem nenhum vínculo entre si, poderiam ter sentido dificuldade em estabelecer um relacionamento e a vida não seria nada agradável para eles.

Como o restante da criação, o homem foi formado *do pó da terra*; mas, diferente de todo o resto, depois de tê-lo formado, Deus *lhe soprou nas narinas o fôlego da vida*. Esse fôlego transformou o pó num ser humano criado à imagem de Deus (2:7b). A palavra “fôlego” também pode ser traduzida como “espírito”. O espírito de Deus permite aos seres humanos se relacionar de forma dinâmica com o Criador e faz toda a diferença. Por isso, o Espírito é concedido novamente para aqueles que aceitam a Cristo e recebem o perdão dos pecados (At 2:38).

Deus não se limitou a tornar a terra habitável para os seres humanos, mas plantou um jardim no qual colocou *o homem que havia formado* (2:8). Essa dádiva do jardim é um sinal do amor de Deus, pois forneceu uma estrutura dentro da qual ele poderia ensinar os seres humanos e lhes dar os pontos de referência necessários para encarar o universo imenso a seu redor. O jardim não era um lugar de ignorância, criado para manter os seres humanos afastados da ciência e do aprendizado. Antes, era um lugar de iniciação

à vida. Os seres humanos precisavam de um modelo para entender o que significava sujeitar a terra (1:28). O jardim continha todos os elementos necessários para esse aprendizado inicial.

Esse jardim ficava *no Éden, na direção do Oriente*, e lá Deus fez brotar *toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento*. O texto chama a atenção para duas árvores específicas (2:9). A primeira é a *árvore da vida*, uma indicação concreta da presença de Deus e, portanto, situada *no meio do jardim*. A relação com o Criador deve ser o centro da existência humana. A segunda é a *árvore do conhecimento do bem e do mal*, um sinal da existência do mal e da presença do Maligno antes da criação do homem (cf. comentários sobre 3:1,13). O Maligno foi, sem dúvida, o primeiro a desobedecer ao Criador, e a presença dessa árvore era uma advertência para os seres humanos não seguirem seu exemplo. É interessante observar que, no final dos tempos, quando o Maligno é acorrentado e lançado no lago de fogo, cessam as menções a essa árvore. A nova Jerusalém só terá a árvore da vida (Ap 22:2).

Deus não apenas tornou a terra habitável para o homem e plantou um jardim para ele, como também proveu água. Que situação privilegiada! O rio que regava o jardim *saía do Éden e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços* (2:10): *Pisom, Gíom, Tigre e Eufrates* (2:11-14). Esses nomes sugerem que o Éden ficava nos arredores do atual Iraque.

Deus colocou o homem nesse jardim bem regado do Éden *para o cultivar e o guardar* (2:15). O trabalho não foi decorrente da queda; fazia parte do plano original de Deus para a humanidade. Deus provê, mas ele nos dá a responsabilidade de manter aquilo que nos confiou, um princípio tão válido hoje quanto o era no tempo de Adão. Não basta ser abençoado com um pedaço de terra: é preciso mantê-la e controlar tudo o que poderia destruí-la. Precisamos, portanto, deter processos destrutivos como a erosão e o desmatamento e não devemos usar produtos químicos que prejudicam o solo.

Assim, Deus instruiu Adão: *de toda a árvore do jardim comerás livremente* (2:16). No entanto, havia uma restrição: *mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás*, e uma pena caso essa a ordem não fosse obedecida: *porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás* (2:17; cf. tb. comentário sobre 5:1-32). A forma como Deus ensina serve de modelo para nós. Ele começou mostrando ao homem os aspectos positivos, o grande número de coisas à sua disposição, inclusive aquilo que ele podia comer (2:16). Somente depois de apresentar os aspectos positivos, ele apresenta a única restrição. Essa restrição era justificada, uma vez que visava preservar a vida.

Não é apropriado pensar no fruto proibido como um símbolo do relacionamento sexual consumado sem a permissão divina, pois a árvore do conhecimento do bem e do mal já estava no jardim e a restrição foi apresentada a Adão antes de a mulher ser criada. Ademais, tratava-se de uma

proibição permanente, e não temporária, e a transgressão seria fatal. Por fim, o fruto não pode simbolizar um relacionamento sexual porque o homem e a mulher foram convidados a desfrutar desse relacionamento antes da queda (1:27-28; 2:22-25). A sexualidade não foi criada para ser uma armadilha para homens e mulheres, mas sim uma dádiva (1Co 7:4-5). Deus é amor e não tenta ninguém (Tg 1:13; 1Jo 4:8).

Adão possuía todo o necessário em termos de alimentação e trabalho. No entanto, ainda lhe faltava algo — companhia (2:18a). Ele estava só. Deus desejava algo melhor para sua criatura. Sem dúvida, Deus era um grande amigo de Adão, mas era Deus, seu Criador. Também havia os *animais do campo e todas as aves dos céus* que o Senhor permitiu que Adão nomeasse, mas não se achava entre eles *uma auxiliadora que lhe fosse idônea* (2:19-20). O termo “auxiliadora” não significa que a mulher devia desempenhar o papel de serva, mãe ou guardiã do homem. Antes, devia complementá-lo e trabalhar lado a lado com ele.

Assim, Deus fez conforme havia planejado (2:18b): criou uma companheira adequada para Adão e *lha trouxe*, no que parece ser uma cerimônia de casamento. Para formar a mulher, Deus *fez cair pesado sono sobre Adão* e usou uma de suas costelas (2:21-22). Observe que a mulher não nasceu do homem. Se fosse filha do homem, estaria sujeita à sua autoridade moral. Antes, Deus a formou de uma costela do homem, próxima do coração, para estabelecer uma ligação íntima entre eles desde a criação dos dois. Assim, a mulher consideraria o homem uma parte de seu próprio ser, e o homem veria a mulher como a auxiliadora de que precisa, sem a qual não está completo. Com essa mentalidade, o homem ajudaria sua esposa a realizar seu potencial, grato pela dádiva divina de companhia. Tendo em vista a unidade que Deus estabeleceu, não foi repetida para a mulher a ordem feita ao homem. Coube ao homem a responsabilidade de comunicar a ordem à sua companheira.

Essa união ideal estabelecida pelo Criador não pode existir num relacionamento entre um homem e várias mulheres (poligamia) ou entre uma mulher e vários homens (poliandria). Também não pode haver uma complementaridade perfeita no relacionamento entre dois homens ou duas mulheres. Deus condena todos os relacionamentos sexuais que fogem do padrão de um homem unido a uma mulher (Rm 1:27; 1Tm 1:8-10).

Admirado com o que Deus havia feito, só restou a Adão exclamar *Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne* (2:23a). Adão reconheceu sua relação íntima com a mulher. No entanto, não a viu simplesmente como outro ser exatamente igual a ele, mas como uma pessoa distinta. Assim, disse, *chamar-se-á varoa*. Uma vez que *do varão foi tomada*, ela é uma extensão do homem, mas tem um papel diferente (2:23b).

Com base nessas palavras de Adão, o escritor de Gênesis comenta: *Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua*



*mulher (2:24)*. O tipo de intimidade que Deus determina aqui não pode sofrer a competição do segundo relacionamento mais íntimo, aquele entre pais e filhos. Assim, o casamento implica deixar os pais para unir-se ao cônjuge.

O casamento envolve não apenas o reconhecimento de que o companheiro é um ser semelhante, mas também uma volta à unidade do primeiro casal, expressa na declaração *tornando-se os dois uma só carne*. Trata-se de um compartilhamento completo e ilimitado entre os dois. Como uma só carne, constituem um novo ser que existirá enquanto viverem, como Jesus confirmou em Mateus 19:6.

Quando um casamento corre o risco de fracassar porque um casal não conseguiu alcançar esse nível de união, os dois cônjuges precisam analisar cuidadosamente se estão deixando de reconhecer aquilo que têm em comum e a relação de parceria — e não de competição — que caracteriza o casamento. Também precisam considerar se, de fato, deixaram todas as outras pessoas, um pré-requisito para se unirem em matrimônio.

A honestidade total com o outro também é um dos segredos de um casamento bem-sucedido. Foi por esse motivo que o Criador deixou o primeiro casal completamente nu no princípio (2:25). Nada indica que ele pretendia, necessariamente, mantê-los assim a vida toda.

A ênfase sobre o casamento de duas pessoas e sobre deixar os pais não significa que Deus não tem um lugar reservado para a família mais ampla. Esse fato fica claro na condenação da rejeição ou negligência aos pais (Êx 20:12; Lv 19:3; Dt 27:16; 1Tm 5:4). É evidente que o casal também terá um relacionamento próximo com os filhos que Deus os incentivou a gerar (1:28). No entanto, o casamento provê a base estável para o desenvolvimento de todas as outras relações.

### 3:1-24 A desobediência do primeiro casal

#### 3:1-6 Uma falha na comunidade

Nesse estágio, um quarto personagem, a serpente, é introduzido no relato. Diz-se que era *mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito (3:1a)*, mas, no final, é amaldiçoada “entre todos os animais domésticos [...] entre todos os animais selváticos” (3:14a). O que importa não é a inteligência ou o charme de uma pessoa, mas como ela os emprega. A serpente usou suas habilidades para afastar de Deus a mulher e, por meio dela, o homem. Esse padrão tem se repetido ao longo dos séculos, como vemos no uso perverso de truques de toda espécie para desencaminhar os ingênuos. Homens perversos seduzem moças a praticar atos imorais e pessoas inescrupulosas compram objetos valiosos de indivíduos necessitados ou ignorantes por uma ninharia.

A forma de serpente, assumida pelo diabo, não deve ser interpretada como uma indicação de que todas as serpentes são malignas. Uma vez que possui natureza espiritual (Mc

1:23; Lc 7:21), o diabo simplesmente precisava assumir uma forma conhecida por suas presas para alcançar seu objetivo. Assim, escolheu a forma de uma das criaturas do jardim e, em vista dessa escolha, ele é chamado na Bíblia de “antiga serpente” (Ap 12:9; 20:2). No entanto, 1Pedro 5:8 também se refere a ele como um leão que rugir. Devemos nos lembrar que Satanás sempre se aproxima de nós sob algum tipo de disfarce (2Co 11:14). Não confiar nas aparências é uma virtude bíblica (1Sm 16:7).

O primeiro passo de Satanás foi interferir na comunhão entre o homem e a mulher. Ele escolheu não falar com os dois juntos, mas apenas com um deles, incentivando-o a agir de forma independente do outro. Não sabemos por que ele escolheu a mulher como alvo do ataque, mas é possível que tenha sido com a intenção de se aproveitar de sua maior sensibilidade e receptividade, virtudes que podem ser exploradas com fins malignos.

A pergunta da serpente foi simples e diplomática e, ao que parece, feita em tom respeitoso: *É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? (3:1b)*. Mas o propósito por trás dessas palavras era fazer a mulher duvidar da bondade de Deus. Estava sugerindo a possibilidade de que Deus não havia sido justo ao impor essa restrição. Satanás costuma usar essa tática para impedir o crescimento espiritual. Quando Deus não responde a nossas orações da maneira como gostaríamos, ou quando algo desagradável acontece conosco, Satanás usa a situação para colocar dúvidas em nossa mente, levando-nos a questionar se o Deus ao qual servimos é verdadeiramente bom e, portanto, se a palavra do Senhor é confiável.

A mulher corrigiu a serpente quanto à questão de não poder comer de “toda árvore” ao responder: *Do fruto das árvores do jardim podemos comer (3:2)*. No entanto, caiu em sua armadilha ao acrescentar as palavras *nem tocareis nele* àquilo que Deus havia dito sobre a árvore no meio do jardim (3:3; 2:17). Não devemos acrescentar nada àquilo que Deus diz, pois isso equivale a tentar ser mais sábio do que Deus. Antes, devemos relatar com exatidão tudo aquilo que Deus disse.

O diabo percebeu a disposição da mulher de acrescentar àquilo que Deus havia dito e supôs que ela também poderia estar preparada para aceitar que Deus talvez houvesse mentido. Assim, aumentou a pressão e contradisse Deus, afirmando: *É certo que não morrereis (3:4)*. Então, sugeriu maliciosamente que Deus havia decretado a proibição por saber que *no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal (3:5)*. Satanás descreve um quadro idílico e sugere que Deus estava privando a mulher e o homem de uma bênção maior do que aquelas de que já estavam desfrutando. Essa abordagem é característica dos falsos mestres na igreja (2Pe 2:18-19).

O ataque do serpente foi bem-sucedido e, em 3:6a a mulher cede ao que 1João 2:16 chama de “concupiscência da carne” (desejo de experimentar da árvore que parecia boa

para se comer), “concupiscência dos olhos” (sem dúvida, era agradável aos olhos) e “soberba da vida” (o desejo de adquirir *entendimento* e ser “como Deus”). Ao aceitar a sugestão de Satanás, ela agiu de forma contrária à palavra do Criador sem buscar a ajuda ou o conselho do marido. A iniciativa de tomar uma decisão importante sozinha a levou a se envolver com o diabo (uma nova comunidade) e, desse modo, abandonar o relacionamento com Deus (sua comunidade primária) e se distanciar do relacionamento com o marido (sua comunidade secundária). Ela não estava mais agindo de acordo com a unidade que devia caracterizar seu relacionamento. Essa perspectiva individualista a levou a abusar de sua liberdade e redundou em pecado. Somente depois de ter comido o fruto, quando a situação já era irreversível, ela procurou o marido e o convidou a fazer o mesmo (3:6b).

No entanto, o comportamento de Adão não foi muito melhor. Ao que parece, ele estava com ela, mas permaneceu calado e passivo durante todo o diálogo, pronto para ser simplesmente um seguidor. Não fez nenhuma tentativa de deter a mulher, mas apenas ouviu-a e juntou-se a ela no pecado. Colocou o relacionamento com a mulher antes do relacionamento com Deus. Assim, o primeiro casal se uniu no pecado e criou uma comunidade pecaminosa separada de Deus.

### 3:7-19 Uma nova realidade

O homem e a mulher haviam caído na armadilha da serpente e um não podia ajudar o outro. Quando *abriram-se, então, os olhos de ambos*, viram-se impotentes (3:7a). Deus tinha legado aos seres humanos a capacidade de adquirir conhecimento para obter sabedoria e aprender mais sobre como manter e cultivar a terra. Infelizmente, sua desobediência apenas lhes abriu os olhos para a possibilidade do mal.

Quando os dois perceberam que *estavam nus*, o máximo que conseguiram fazer foi *coser folhas de figueira* para se cobrirem (3:7b). Quando tentamos ser mais sábios do que Deus, fazendo aquilo que sabemos ser contrário à sua vontade, acabamos nos mostrando tolos e impotentes. Sua tentativa de se cobrir também indica o surgimento da vergonha, da qual se originou o embaraço pelo corpo que Deus havia criado para eles. No relacionamento um com o outro, a sinceridade foi substituída por vergonha, desconfiança, instabilidade e superficialidade.

Apesar de ter sido a parte ofendida pela desobediência do casal, o Deus bondoso e gracioso não os deixou desamparados. Enquanto *andava no jardim pela viração do dia*, o homem e sua esposa não buscaram sua companhia; em vez disso, *esconderam-se da presença do Senhor Deus [...] por entre as árvores do jardim* (3:8). Aquele que lhes havia conferido paz e harmonia se tornou alguém de quem desejavam fugir.

Foi de Deus o primeiro passo para a salvação dos pecadores: procurou o homem confundido pela vergonha e chamou: *Onde estás?* (3:9). Essa pergunta não significa

que Adão e Eva conseguiram se esconder num lugar onde Deus não podia vê-los. Antes, mostra o desejo de Deus de que eles sássem de seu esconderijo. Deus faz o mesmo conosco o tempo todo. Ele não tem prazer em nos expor e envergonhar; em vez disso, ele nos dá a oportunidade de o encontrar para buscar sua misericórdia.

Adão reconheceu que estava se escondendo e apresentou a razão: *Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo* (3:10). Antes de desobedecerem a Deus, Adão e Eva estavam cobertos pela justiça de Deus. Tendo perdido essa justiça, estavam expostos demais para encarar a santidade de Deus.

A segunda pergunta de Deus fornece ao casal a ocasião de refletir sobre aquilo que haviam feito: *Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore que te ordenei que não comesses?* (3:11). A pergunta tem o objetivo de levá-los a reconhecer o pecado.

Em vez de castigá-los brutalmente no momento em que admitiram haver desobedecido, Deus demonstrou sua justiça ao interrogar o homem e a mulher individualmente, com o objetivo de determinar a responsabilidade de cada um e dar-lhes oportunidade de arrependimento (Ez 18:23,25-30). Não teve o trabalho de interrogar a serpente, pois, ao que parece, não esperava nada diferente de Satanás, cuja desobediência já existia antes da criação.

No entanto, as perguntas de Deus revelaram apenas que nenhuma das partes estava disposta a aceitar que havia errado. Cada um procurou jogar sua culpa no outro. Em vez de se referir à sua esposa como “carne da minha carne” (2:23), Adão culpou-a na presença de Deus. Ela se tornou a mulher que me deste por esposa (3:12). A mulher, por sua vez, culpou a serpente (3:13). Ambos disseram a verdade (Eva deu o fruto a Adão e a serpente enganou Eva), mas não encararam a situação com honestidade. Fazemos o mesmo quando procuramos outras pessoas a quem atribuir nossos erros. Os jovens culpam os pais por não terem proporcionado um lar mais acolhedor, os pais culpam a sociedade em geral pela decadência dos valores, e assim por diante. No entanto, para viabilizar transformações verdadeiras, cada um de nós deve admitir onde falhou.

Deus responsabiliza cada indivíduo por seus próprios erros e, portanto, julgou o homem e a mulher separadamente. Visava, com isso, ajudá-los a entender a gravidade do pecado e ensiná-los a fugir do mal, aproximando-se do Criador e praticando o bem. No entanto, o castigo não deixou de considerar a misericórdia, pois Deus permitiu um vislumbre da solução vindoura para a maldição decorrente do pecado.

O castigo de cada participante do pecado é apresentado na mesma sequência em que a tentação ocorreu.

- **A serpente** recebe a maior maldição: *maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos* (3:14a). Essa maldição é dirigida, em parte, ao animal que o diabo usou, como mostra a ordem para

que, a partir de então, a serpente rasteje *sobre o* [seu] *ventre* e coma *pó todos os dias da* [sua] *vida* (3:14b). Não podemos permitir ser usados por Satanás e permanecer impunes. Se lhe dermos ouvidos, teremos parte no castigo reservado para ele (2Co 11:14-15; Ap 12:7-9). A promessa de *inimizade entre a serpente e a mulher* e sua *descendência* se aplica, em parte, de forma literal às serpentes, pois são criaturas quase universalmente temidas e detestadas (3:15). No entanto, a declaração de que a descendência da mulher *ferirá a cabeça* da serpente, enquanto esta *ferirá o calcanhar* de seu descendente, aplica-se de modo muito mais específico a Satanás. Ele será esmagado por Jesus Cristo, Salvador da humanidade e descendente de mulher (cf. tb. Lc 10:19; Rm 16:20; Ap 12). Ao fazer essa promessa, Deus anuncia o advento de sua nova comunidade e a libertação dos seres humanos e do mundo do poder de Satanás.

- **A mulher** é castigada com dificuldades no parto e sujeição ao marido (3:16). É importante fazer distinção entre “sujeição” e “submissão”. O primeiro caso indica que ela é obrigada a se sujeitar à liderança do marido como consequência da queda, revelando que essa sujeição não fazia parte do plano original de Deus. O segundo caso, pelo contrário, envolve uma disposição voluntária de ser liderada pelo marido. É possível que a submissão seja baseada na criação (o homem foi criado primeiro — 1Tm 2:13), mas Cristo eliminou a sujeição forçosa das mulheres, e os cristãos não devem impô-la novamente.
- **O homem** foi castigado com dificuldades no trabalho. Plantas indesejadas brotariam nos campos e ele teria que trabalhar arduamente a vida inteira para obter o alimento necessário para seu sustento. Todos os esforços terminariam apenas em morte, quando seu corpo voltaria ao pó do qual havia sido formado (3:17-19).

### 3:20-24 Consequências imediatas da queda

Na descrição da queda, percebemos que a união perfeita entre homem e mulher começa a se desintegrar à medida que agem de forma independente, deixam de ser sinceros um com o outro e culpam um ao outro. Em seguida, quando Deus enuncia sua sentença, lemos que Adão deve exercer sua liderança sobre a esposa. Ao declarar a culpa de Adão, Deus havia lhe dito “atendeste à voz de tua mulher e comeste” (3:17). O verbo traduzido como “atender” significa, basicamente, “obedecer”. Adão afirmou sua autoridade sobre a esposa exatamente como o Senhor havia determinado que aconteceria (3:16). Encarregou-se de lhe dar um nome, algo que normalmente é feito a um subordinado por uma pessoa de hierarquia superior (3:20a).

Chamou-a *Eva* [...] *por ser a mãe de todos os seres humanos* (3:20b). Esse nome pode sugerir que, daquele momento em diante, a esposa seria vista pelo marido sobretudo como a mãe de seus filhos, em vez de sua companheira

num relacionamento conjugal. A união do casal sofreu mais um golpe que deixou sua marca em todas as culturas do mundo: a valorização das mulheres como mães, mais que como esposas.

No entanto, a ênfase sobre o papel de Eva como mãe não foi inteiramente negativa, mas sinalizou esperança. Seus filhos trariam a vitória sobre o Maligno, origem do mal que lhes sobreviera. Ademais, esse nome denota dignidade. É um privilégio ser mãe de qualquer pessoa, quanto mais de “todos os seres humanos”. Devemos observar que Adão se dirige a ela com respeito. O princípio da submissão das esposas (Ef 5:22; Cl 3:18; 1Pe 3:1) deve ser acompanhado da asserção de sua dignidade. O NT deixa isso claro ao ordenar o marido a amar sua esposa e ter consideração por ela (Ef 5:25; Cl 3:19; 1Pe 3:7). Em outras palavras a esposa deve ser tratada da mesma forma como o marido gostaria de ser tratado. Essa é uma lição extremamente importante para muitos homens africanos, mesmo no século XXI. Não podemos deixar de insistir nesse ponto até que todas as mulheres sejam tratadas com a dignidade que merecem como mães de todos.

Na consequência seguinte da queda, Deus reconheceu a vergonha que Adão e Eva sentiam devido à sua nudez e lhes providenciou *vestimenta de peles* (3:21). Esse gesto mostra que o castigo de Deus não exclui sua misericórdia, e que sua misericórdia não exclui o julgamento. É significativo que, para confeccionar essa vestimenta, tenha sido necessário derramar sangue. Trata-se de uma prefiguração do modo escolhido por Deus para remover o pecado, que se cumpriu definitivamente em Cristo cujo sangue foi derramado.

Por fim, Deus expulsou Adão e Eva do jardim do Éden. O Deus Criador é um Deus amoroso e gracioso, mas também é um Deus santo e justo. Eles cometeram uma transgressão grave e, até que fossem tratados pela transformação interior realizada pela renovação do Espírito Santo, eles continuariam a se envolver em mais e mais dificuldades por causa da persistência em desobedecer a Deus.

A criação dos seres humanos envolveu uma deliberação conjunta do Ser divino (“façamos o homem” — 1:26) e o mesmo acontece em sua expulsão do jardim, pois *disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente* (3:22). Deus havia criado tudo com perfeição e atribuído a cada coisa seu devido lugar dentro da ordem criada. Anímais e homens receberam seu lugar, e o próprio Deus era o Criador acima de tudo e todos. Os seres humanos haviam tentado subverter os desígnios divinos, e o resultado havia sido o início de um processo de destruição.

A seriedade na expulsão do jardim fica evidente nas providências que Deus tomou depois de retirar o casal de lá: *colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolia, para guardar o caminho da árvore da*

*vida* (3:24). A partir de então, o casal foi mantido afastado da árvore da vida, perdendo também o acesso ao modelo que deveria tê-los ajudado a cuidar da terra. Deixaram o jardim cedo demais, sem os plenos benefícios do treinamento que os teria preparado para a vida no universo (3:22).

#### 4:1-16 O mal entre irmãos: Caim e Abel

Adão e Eva começaram a obedecer à ordem de Deus para serem fecundos, multiplicar-se, encher a terra e sujeitá-la (1:28). Eva engravidou e deu à luz primeiro Caim, depois Abel (4:1-2a). Cada um desses rapazes possuía suas próprias aptidões, de modo que *Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador* (4:2b). Seus interesses distintos são demonstrados naquilo que ofereceram ao Senhor. *Trouxe Caim do fruto da terra, uma oferta* (4:3), enquanto *Abel trouxe das primícias do seu rebanho* (4:4a). Nesse momento crítico, o texto nos revela um dos detalhes mais cruciais da história humana: *agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou* (4:4b-5a).

Não há indicação do motivo pelo qual a oferta de Caim não foi aceita, mas é provável que Deus tenha lhes dito diretamente ou por intermédio de seu pai, Adão, que tipo de oferta ele desejava receber. A oferta de Abel é bastante parecida com as prescrições de passagens como Levítico 3:16, sugerindo que não foi baseada em mera adivinhação sobre o que seria aceitável a Deus. O Senhor exigia que o sacrifício envolvesse a oferta de uma vida em troca de outra, pois esta seria a única maneira pela qual ele poderia perdoar o pecado (cf. Jo 10:11; Rm 5:8; Ef 5:2). Ao que parece, Caim escolheu deliberadamente oferecer algo agradável a ele próprio, e não a Deus. Seus pais haviam sido expulsos do jardim do Éden por desobedecerem à ordem explícita de Deus, e é plausível que Caim tenha feito o mesmo. Não se pode negociar com Deus aquilo que lhe oferecemos. Ele é o Criador que possui e concede todas as coisas, e sua palavra sobre as ofertas é final.

Se toda rejeição é difícil, mais difícil ainda é deixar de encontrar favor da parte de Deus. Caim deve ter se sentido muito mal. Quando deparamos com esse tipo de sentimento, podemos reagir de duas maneiras: na primeira, voltamos à estaca zero, descobrimos por que não encontramos favor e corrigimos a situação. Na segunda, nós nos iramos contra Deus e permitimos que a inveja nos faça odiar aqueles a quem Deus concede seu favor. Caim escolheu a segunda alternativa. *Irou-se, pois, sobremaneira, Caim, e descaiu-lhe o rosto* (4:5b).

Deus não abandona os seres humanos porque pecaram. Tudo indica que, mesmo depois de expulsar Adão do jardim, Deus continuou a falar com ele e conceder sua graça. Da mesma forma como buscou Adão e Eva e os interrogou em 3:9-13, Deus também procurou Caim e lhe perguntou: *Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante?* (4:6). Deus sabia a resposta para essas perguntas, mas queria dar a Caim uma oportunidade de refletir sobre sua atitude.

A terceira pergunta foi: *Se procederes bem, não é certo que serás aceito?* (4:7a). Se Caim tivesse tratado do motivo pelo qual sua oferta não havia sido aceita e confessado o pecado, teria desfrutado a paz interior do perdão.

No entanto, Caim não estava disposto a confessar. Também não atentou para a advertência de Deus de que a transgressão deliberada e não confessada conduz a uma transgressão ainda mais grave: *se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti* (4:7b). E não estava interessado na exortação final de Deus: *cumpre a ti dominá-lo* (4:7c).

A essa altura, o pecado tinha fácil acesso aos seres humanos, pois seu coração havia se tornado pecaminoso. Assim, o tentador não precisava mais se envolver em discussões complicadas como a que teve com Eva. Havia persuadido Caim a fazer as coisas a seu modo, e não ao modo de Deus e, portanto, podia explorar as tendências malignas de Caim e levá-lo a cometer o pecado da ira. Assim, a ira de Caim contra Deus gerou inveja do irmão, um sentimento que se transformou rapidamente em ódio e o levou a planejar a morte de Abel. O pecado havia prejudicado o relacionamento entre o homem e sua esposa e, aqui, entra no relacionamento entre os irmãos e afeta a comunidade familiar.

O pecado de Caim não é incomum. Quando vemos o Senhor abençoar outra pessoa, nossa tendência é sentir inveja, em vez de nos perguntarmos se existe algum motivo para não termos sido abençoados. Uma resposta honesta a essa pergunta nos colocaria diante do Senhor com toda humildade e disposição de corrigir aquilo que está nos impedindo de receber sua bênção. Porém, quando acrescentamos outros pecados à inveja, tomamos o caminho que conduz a mais homicídios. As guerras civis travadas na África não são outra coisa senão africanos assassinando seus semelhantes africanos!

Quando não é tratada, a inveja conduz ao ódio e, quando o ódio é alimentado, inspira o mal contra o objeto odiado. Quando o mal pretendido é o homicídio, sempre envolve intriga. Caim fingiu querer a companhia do irmão no campo e, então, *estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou* (4:8). A perversidade de Caim está tão viva hoje em nosso meio quanto naqueles tempos remotos. Em nossas cidades e vilas na África, muitas pessoas ardilosas preparam armadilhas fingindo ser prestativas e depois assaltando os incautos. Outros são convidados a ir a algum lugar que parece seguro, só para descobrir que caíram numa armadilha mortal. Aqueles que participam de intrigas desse tipo serão tratados como Caim.

Mais uma vez, Deus toma a iniciativa e oferece a Caim a oportunidade de confessar. Pergunta: *Onde está Abel?* Caim responde com uma mentira, *Não sei*, e recorre à grosseria: *acaso, sou eu tutor do meu irmão?* (4:9). Em sua amargura, ele rejeitou o relacionamento fraternal que é uma dádiva

especial de Deus e escolheu o individualismo, tal como Eva. No entanto, Deus nos deu a responsabilidade de cuidar uns dos outros (1Ts 5:11; Hb 3:13; 10:24-25).

Diante dessa negação, o Senhor revelou saber exatamente o que havia acontecido: *A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim* (4:10). Era preciso fazer justiça depois de um crime tão hediondo contra um semelhante, de modo que o Senhor castigou Caim com uma versão ainda mais severa da maldição proferida em 3:17-24. Caim continuou sendo “lavrador” (4:2), mas, a partir de então, todo o trabalho seria improdutivo (4:11-12a). O Deus Criador da terra pode ordenar que ela seja produtiva ou estéril. Nós, africanos, conhecemos muito bem a frustração de lavar a terra ano após ano sem obter uma boa colheita. Será que existe um motivo semelhante para a falta de chuva na África?

Quando alguém pergunta se a África é amaldiçoada, há quem se apresse em responder que não e profetizar que, um dia, a África será um luminar. Mas não devemos simplesmente aceitar essa visão esperançosa pela qual todos ansiamos; precisamos refletir com cuidado. O solo africano está embebido de sangue de conflitos e crimes, tanto civis quanto tribais. Precisamos tratar desses problemas que trazem consigo elementos de maldição sobre a África de nossos dias.

Enquanto seus pais haviam sido expulsos do Éden, Caim é sentenciado a uma vida de perambulação irrequieta (4:12b). Caim não possuiria nada em caráter permanente. Ficaria infeliz com sua situação, mas não saberia como corrigi-la. É assim que uma maldição funciona: não pode ser removida por simples ações sobre seus efeitos. A única maneira de lidar com uma maldição é tratar da situação que a provocou. Só então haverá paz interior e outras bênçãos. Apenas os ignorantes zombam dos efeitos que uma maldição pode ter sobre indivíduos, famílias, clãs, tribos e até mesmo nações.

Depois de ouvir o castigo pronunciado por Deus, ainda impenitente, Caim pediu misericórdia: *é tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo* (4:13). Repetiu os termos de sua punição corretamente, mas acrescentou um item: *quem comigo se encontrar me matará* (4:14). O Senhor prometeu que isso não aconteceria, e pronunciou um castigo contra qualquer um que o matasse: *qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. E pôs o Senhor um sinal em Caim para protegê-lo, de modo que não o ferisse de morte quem quer que o encontrasse* (4:15). Existem várias opiniões acerca da natureza desse sinal. É possível que fosse um sinal físico visível a outros ou que fosse um sinal que Caim pudesse ver e se certificar da proteção de Deus. No entanto, a mensagem do sinal não era consoladora, pois significava: “Este homem foi separado para que eu — e mais ninguém — o castigue!”. Não é de admirar que Paulo tenha advertido: “de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7). Cuidemos para semear aquilo que é agradável a Deus, pois é algo terrível ser adversário de Deus numa batalha!

Uma vez colocado o sinal, *retirou-se Caim da presença do Senhor e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden*. Ele havia perdido a coisa mais importante da vida: *a presença do Senhor* (4:16).

#### 4:17—5:32 As primeiras genealogias

##### 4:17-24 A linhagem de Caim: a multiplicação do mal

Na terra de Node, longe da presença do Senhor, Caim formou uma família. O leitor sem dúvida se pergunta onde Caim encontrou *sua mulher* (4:17a). A única pista se encontra em 5:4, onde vemos que, depois do nascimento de Sete, Adão “teve filhos e filhas”. A conclusão lógica é que Caim se casou com uma de suas irmãs. Casamentos entre irmão e irmã não foram proibidos nos primeiros anos da humanidade, pois Deus aceitou-os como algo necessário por determinado período, ainda que, posteriormente, os tenha condenado (Lv 18:6-18).

Também ficamos sabendo que Caim construiu uma cidade e *lhe chamou Enoque, o nome de seu filho*. Seis gerações da família de Caim são apresentadas em 4:17b-18: *Caim, Enoque, Irade, Meujael, Metusael e Lameque*. São mencionadas primeiro não por uma possível proeminência, mas para tratar logo de seus descendentes e não precisar mais falar deles adiante. A árvore genealógica do capítulo 5 segue a linhagem de Sete, e não a de Caim. O pecado prejudica indivíduos e famílias, colocando-os numa situação em que não estariam se tivessem seguido o caminho da retidão (Sl 1:1-4). Os chefes de família devem se lembrar sempre dessa advertência. Nossos atos afetarão nossos filhos e os filhos deles. Não obstante, não precisamos supor que todos os descendentes de Caim viveram fora da vontade do Senhor, pois a graça de Deus excede a perversidade humana.

É significativo que o ideal de Deus para o casamento tenha sofrido outro golpe na linhagem de Caim, como vemos pela primeira menção à poligamia. *Lameque tomou para si duas esposas: o nome de uma era Ada, a outra se chamava Zilá* (4:19). Deus poderia ter criado várias auxiliaadoras para Adão, uma vez que o homem possuía mais costelas. No entanto, criou apenas uma mulher. Lameque agiu de forma contrária ao plano de Deus. Sua esposa Ada deu à luz *Jabal e Jubal*. Os descendentes de Jabal são os *que habitam em tendas e possuem gado* (4:20), enquanto *Jubal foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta* (4:21). O texto indica que esses homens foram os primeiros a adquirir tais aptidões. Zilá, a outra esposa de Lameque, teve um filho e uma filha. O filho foi *Tubalcain, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro* (4:22).

Ao que parece, Lameque se orgulhava de seguir o mau exemplo de seu antepassado Caim, pois se vangloriava de suas realizações perversas. Gabava-se de sua reação violenta a ofensas insignificantes (4:23) e considerava-se um vingador mais competente do que Deus: *sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes* (4:24;

cf. 4:15). Com essa declaração, também estava alegando ter a proteção prometida a seu antepassado, considerando-a, porém, uma justificativa para pecar com impunidade. Esse comportamento mostra que, quando o pecado não é confessado claramente e abandonado, transforma-se em armadilha e veneno para toda a comunidade, especialmente para as crianças de gerações futuras (Sl 32:3,6; Pv 28:13; At 19:18; Tg 5:16).

#### 4:25-26 A linhagem de Sete: o substituto de Abel

A descrição dos dois primeiros filhos de Adão mostra que Abel temia a Deus, mas Caim não. Caim matou Abel como quem elimina um concorrente. No entanto, o poder de Deus não é limitado nem seus planos são frustrados pelas circunstâncias. Quando Sete nasceu, Eva disse: *Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel* (4:25). Logo em seguida, o autor afirma que *a Sete nasceu-lhe também um filho, ao qual pôs o nome de Enos* (4:26a), mostrando que Sete formou uma família por meio da qual sua linhagem teve continuidade.

Também lemos que *daí se começou a invocar o nome do Senhor* (4:26b). Essa declaração faz um contraste entre as atitudes que Sete e Caim transmitiram a seus descendentes. Sete e sua linhagem temiam a Deus e invocavam seu nome. Lameque, o descendente de Caim, chamava suas esposas para ouvirem-no vangloriar-se (4:23). Pela primeira vez desde os acontecimentos trágicos no jardim do Éden, a narrativa adquire um tom positivo ao falar de Sete e seus descendentes. A atitude demonstrada no sacrifício oferecido por Abel começa a se arraigar na linhagem de seu irmão.

#### 5:1-32 A árvore genealógica de Adão a Noé

O capítulo 5 começa com as palavras: *este é o livro da genealogia de Adão* (5:1a). Apresenta a linhagem de Adão que se inicia, de forma surpreendente, com uma referência a Deus como o primeiro pai de toda a linhagem (5:1b-2; cf. tb. Lc 3:37). O genealogista ressalta que Deus criou tanto o homem quanto a mulher à sua semelhança e os abençoou.

O restante da genealogia segue um padrão rígido. Traz o nome do homem que representa cada geração, seguido de sua idade na ocasião do nascimento de seu herdeiro. Em seguida, informa quanto tempo o pai viveu depois do nascimento do primeiro filho, diz que ele *teve filhos e filhas* e informa a idade com que morreu. A repetição das palavras *e morreu* deixa claro que a morte sobre a qual Deus havia advertido Adão em 2:17 se tornou parte da experiência de todos os seres humanos.

É evidente que a “morte” em 2:17 não se refere apenas à morte física, mas também à espiritual, ou seja, à falta de comunhão com Deus. A boa notícia é que podemos ser ressuscitados de nossa morte espiritual se aceitarmos a condição de Deus para restaurar a comunhão com ele. Essa condição é a fé no Deus de Abraão, Isaque e Jacó e em

Jesus Cristo. Apesar de ainda morreremos fisicamente, sabemos que também podemos esperar uma ressurreição física como a de Cristo, o Primogênito dos mortos (Rm 8:29; Cl 1:15; Hb 1:6; Ap 1:5).

Adão gerou Sete quando estava com 130 anos e morreu com 930 anos. A relação entre Adão e Sete é descrita com palavras que trazem à lembrança a relação entre Deus e Adão. Sete é um filho *à sua semelhança, conforme a sua imagem* (5:3). Essa descrição de Sete contrasta com a de Caim que, mesmo depois de ter pecado, se fez de valente diante de Deus (4:9) e não deu nenhum sinal de arrependimento. Apesar da confissão imperfeita de Adão, em seu coração ele ainda honrava a Deus como o Criador. Nesse aspecto, Sete seguiu o exemplo do pai.

Sete viveu 912 anos e gerou um filho chamado *Enos* (5:6-8; cf. 4:26). Enos foi sucedido por *Cainã* (5:9-14), *Maalalel* (5:15-17), *Jaredé* (5:18-20) e *Enoque* (5:21-24), descrito como um homem piedoso que *andou [...] com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si*. Ao que parece, Enoque e Elias (2Rs 2:1-12) são os únicos que escaparam da morte. Assim, ele é colocado no rol de heróis da fé (Hb 11:5).

O filho de Enoque, *Matusalém* (5:25-27), viveu 969 anos. Não podemos sequer imaginar como é viver até essa idade, mas temos a impressão de que, naquele tempo, não era algo extraordinário. Todas as pessoas mencionadas nesta genealogia viveram muito mais do que qualquer um nos dias de hoje. No entanto, essa longevidade excepcional não persistiu, pois vemos na genealogia em 11:10-26 que, apesar de viverem muito mais do que nós, as pessoas não eram mais tão longevas quanto esses primeiros indivíduos. Não sabemos como explicar esses números. Alguns estudiosos sugerem que o dilúvio afetou a ecologia e reduziu o tempo de vida, ou que Deus mudou as características do corpo humano, especialmente tendo em vista suas palavras em 6:3 (“os seus dias serão cento e vinte anos”). Mesmo que vivamos até os oitenta, noventa ou mesmo cem anos de idade, não temos do que nos gabar em comparação com Matusalém! Cabe a nós apenas agradecer a Deus pelos anos que ele vai acrescentado à nossa idade.

Matusalém gerou *Lameque* (5:28-31), e Lameque gerou *Noé* (5:32). É importante observar que este Lameque não é a mesma pessoa mencionada em 4:19-24. Lameque não havia se esquecido dos acontecimentos no Éden, pois afirmou ao escolher o nome do filho: *este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o Senhor amaldiçoou* (5:29). Noé teve três filhos: *Sem, Cam e Jafé*. De acordo com 9:28, ele viveu 950 anos.

Os comentários mencionados na genealogia deste capítulo nos lembram de que Deus mantém uma espécie de diário de nossa vida, com anotações sobre homens como Enoque. Também revelam que nosso caráter molda a história de nosso tempo. Podemos ver o nome de três homens piedosos e influentes nesta lista: Enos, em cuja época “se começou a invocar o nome do Senhor” (4:26); Enoque, o

homem que andou com Deus (5:22,24); e Noé, que recebeu o mesmo louvor (5:29; cf. 6:9).

Deus não nos força a segui-lo, mas deixa à nossa escolha viver de acordo com seus ensinamentos. Somos lembrados, pela história de Enoque, a seguir o caminho do bem.

## 6:1—8:22 O dilúvio

### 6:1-7,11-13 A causa do dilúvio

A genealogia do capítulo 5 deixa claro que, além dos descendentes de Adão e Eva citados por nome, cada um desses homens “teve filhos e filhas”. Caim também teve filhos e filhas que, por sua vez, tiveram suas próprias famílias. Assim, no tempo de Noé, a décima geração depois de Adão, a população havia crescido consideravelmente, como indica o início do capítulo 6: *como se foram multiplicando os homens na terra* (6:1).

O ideal de Deus para a família já havia sofrido dois golpes, pois o relacionamento entre marido e mulher não era mais inteiramente aberto, como se percebe na necessidade de esconderem um do outro algumas partes do corpo (3:7), nem monógamo (4:19). Aqui, essa relação sofreu um terceiro golpe que a distorceu ainda mais, pois os *filhos de Deus* se casaram com as *filhas dos homens* (6:2). Num casamento desse tipo, o marido e a mulher não estão mais vivendo no temor do Senhor. Entraram numa aliança entre a luz e as trevas, entre o sagrado e o profano (2Co 6:14). Deus havia advertido que a consequência do pecado era a morte (2:17) e, diante dessa perversidade crescente, ele determina que essa morte ocorrerá ainda mais cedo, reduzindo o limite da vida humana a *cento e vinte anos* (6:3). No entanto, é possível que essa determinação tenha sido um ato de misericórdia, pois é difícil viver anos a fio sem a paz de Deus no coração.

Fica claro que esses casamentos mistos desagradaram ao Senhor. No entanto, não há um consenso entre os estudiosos quanto à identidade das partes envolvidas. Alguns argumentam que os “filhos de Deus” eram anjos caídos, possivelmente os mesmos que, segundo Judas, “abandonaram o seu próprio domicílio”, ou seja, seu estado (Jd 6). Nesse caso, as mulheres foram consideradas tão perversas que se dispõem a casar com qualquer um, até mesmo com um anjo caído. Os anjos *tomaram para si [...] as que mais lhes agradaram*. Aqueles que defendem esse ponto de vista argumentam que os *gigantes* (cf. Nm 13:33) de 6:4 nasceram dessas uniões mistas. No entanto, a linguagem usada não parece exigir essa interpretação, pois o texto parece dizer apenas que os gigantes existiam no tempo em que estavam ocorrendo essas uniões mistas. A referência a eles pode ser simplesmente uma indicação de que, além de abençoar a humanidade com uma vida longa e crescimento numérico, Deus também havia lhes concedido uma grande estatura.

Uma possibilidade mais provável é que o texto esteja se referindo a casamentos mistos entre homens da linha-

gem de Sete (chamados de “filhos de Deus” pelo fato de Sete, seu antepassado, ser temente a Deus) e mulheres da linhagem de Caim (chamadas de “filhas dos homens” pelo fato de Caim ter sido expulso da presença do Senhor e seguido sua própria vontade, como fizeram descendentes como Lameque). Nesse caso, a linhagem de Sete, que devia promover a vontade de Deus, havia perdido o foco a tal ponto que tudo o que importava era a beleza das mulheres da linhagem de Caim. Embora apresente algumas imperfeições, essa hipótese tem o mérito de enfatizar a diferença entre as linhagens de Caim e Sete: ao que parece, a tradição de Enos de invocar o nome do Senhor (4:26) começa a desaparecer. Deus se desagrada quando todos se tornam perversos e não é mais possível fazer distinção entre as pessoas com base em seus valores.

As palavras *era continuamente mau todo o desígnio do seu coração* (6:5) mostram os crescentes avanços do mal entre os seres humanos. O autor também diz que a humanidade *estava corrompida e cheia de violência* (6:11-12). Infelizmente, essas palavras se aplicam muito bem às nossas sociedades do século XXI. Assim, devemos atentar para a atitude do Senhor diante dessas condições: *resolvi dar cabo de toda carne [...] eis que os farei perecer juntamente com a terra* (6:13).

Deus não fez isso com alegria ou ira insensível. Pelo contrário, este é um dos versículos mais comoventes das Escrituras, pois nos diz que Deus tomou essa atitude com tristeza: *e isso lhe pesou no coração* (6:6). Os filhos que causam esse tipo de dissabor ao pai são amaldiçoados, quer a maldição seja pronunciada, quer não. O Deus entristecido aborrece o mal e age de modo a tratar dele. É por isso que nós, africanos, não podemos considerar nossa situação levemente. Será que o coração de Deus está entristecido e pesado por causa de nossa corrupção e perversidade? Nesse caso, estamos sob a maldição do Deus que concede e sustenta a vida!

Isso não significa que é impossível escapar dessa maldição. Deus é um Pai amoroso que deu seu Filho Jesus Cristo para nos resgatar (Gl 3:13). No entanto, também é um Deus de justiça e retidão (Mq 6:8), e é nossa responsabilidade corrigir aquilo que está errado. Como qualquer outro lugar do mundo, na África não faltam erros aguardando correção.

O restante da criação não participou do pecado humano, mas, ainda assim, foi contaminado pelo contato com os seres humanos e destruído junto com eles (6:7). O pecado é como o fermento que permeia todo o pão. O homem que, em tempos idos, era a coroa da criação com sua beleza e vida em comunidade (1:31), arruinou tudo o que Deus havia criado. De acordo com o princípio aplicado a esse caso, o comportamento do chefe da família afeta não apenas ele próprio, mas toda a sua casa. Vimos a aplicação desse princípio em relação a pais e filhos (Caim e Lameque — 3:19-24), e vemos como continua válido tanto para chefes de



estados e instituições como para a relação entre os seres humanos e a natureza.

### 6:8-10,14-18 Uma exceção

Apesar de o mundo ter se afundado em pecado, houve alguém que *achou graça diante do Senhor* (6:8). Esse indivíduo é descrito como um *homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos*, um homem que *andava com Deus* (6:9). Muitos cristãos africanos se perguntam se é possível prosperar sendo honesto nos negócios, se podemos nadar contra a maré e, ainda assim, ser bem-sucedidos. Noé nos dá a resposta. Ele encontrou favor diante de Deus. O mesmo acontecerá com qualquer um que glorificar a Deus em sua geração, por mais que o mal tenha se tornado parte de nossa sociedade.

Deus revelou seus planos a esse homem extraordinário (6:13) e lhe deu instruções específicas. A princípio, Noé recebeu uma ordem geral, *Faze uma arca* (6:14a), e só depois recebeu os detalhes sobre a construção (6:15-16). Noé precisava, primeiro, decidir obedecer à instrução geral de Deus; só então os detalhes seriam relevantes. Deus opera da mesma forma hoje ao nos dar a instrução geral “Crê no Senhor Jesus” (At 16:31; Jo 3:16,36), que deve ser obedecida antes de qualquer fato específico. É inútil discutir questões acadêmico-teológicas sobre Jesus antes de obedecer à instrução inicial de crer nele. De nada serve, no plano divino da redenção, o conhecimento de minúcias bíblicas ou teológicas sem disposição para a obediência.

A arca seria construída de *tábuas de cipreste*, teria *compartimentos* e seria revestida por dentro e por fora com *betume* para impermeabilização (6:14b). Teria *trezentos côvados* (140 m) de *comprimento*, *cinquenta côvados* (23 m) de *largura* e *trinta côvados* (13,5 m) de *altura* (6:15). A arca teria uma *porta* na lateral e seria coberta, mas Noé deveria deixar uma *abertura de um côvado de altura* entre as paredes e a cobertura para permitir a circulação do ar (6:16). Por dentro, a embarcação teria três pavimentos. As instruções de Deus foram específicas porque só ele estava a par de detalhes como a intensidade e a duração do dilúvio, quem seriam os ocupantes da arca e assim por diante. É fato comprovado que uma arca com essas medidas poderia boiar.

Em 6:13, o Senhor revelou a Noé que destruiria toda a humanidade e em 6:17 explicou de que maneira isso ocorreria. Essa explicação deve ter ajudado Noé a entender por que era necessário construir a arca. A declaração do Senhor *tudo o que há na terra perecerá* deve ter sido profundamente perturbadora, mas, assim como Noé não a questionou, não nos cabe questioná-la. Como Criador, Deus tem o direito de destruir sua criação.

No entanto, também há esperança, pois Deus prometeu a Noé: *Contigo, porém, estaberecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos* (6:18). Deus não se compraz na destruição injustificada. Ele destruiu a terra porque ela não estava mais cumprindo

o propósito para o qual ele a havia criado. O propósito da humanidade e da criação era declarar o “eterno poder [de Deus], como também a sua própria divindade” (Rm 1:20), e sua santidade (Sl 19:1; 29:2; Is 43:7; 51:7). Quando os seres humanos frustram essa intenção em vez de promovê-la, o Criador — como os inventores de nosso tempo — tem todo o direito moral de começar da estaca zero. Aqueles que preservam a justiça de Deus, como fez Noé, encontram segurança. O Senhor firma uma aliança com aqueles que procedem desse modo, mas destrói o restante. Assim, ao pregarmos, jamais devemos enfatizar a graça de Deus à custa de sua justiça. É preciso manter o equilíbrio entre seu amor e sua santidade, pois ele preserva ambos.

Junto com Noé foram salvos sua esposa, os três filhos e respectivas esposas (6:18; 7:13). Podemos argumentar que eles foram salvos porque as bênçãos de Noé se estenderam a toda a sua casa. Também é possível que o relacionamento de Noé com Deus tenha influenciado seus familiares a ponto de qualificar todos os membros de sua casa para entrar na arca. Considerando-se o contexto geral da passagem, a primeira explicação parece mais provável. Esse princípio de comunidade sem dúvida é aplicado em situações semelhantes, como quando Ló recebeu a ordem de reunir seus familiares e sair de Sodoma (19:12). Mais uma vez, somos lembrados da importância do relacionamento entre o chefe da família e Deus, pois a conduta desse homem ou mulher pode resultar num transbordamento de bênçãos ou maldições para o restante da família.

### 6:19—7:5 O objetivo do dilúvio

Apesar da destruição de tudo o que não estava na arca (7:21-23), o objetivo maior do dilúvio não era eliminar toda a vida, mas sim acabar com o baluarte do pecado. Pode-se dizer que o dilúvio não visava aniquilar a criação, mas preservá-la por intermédio de tudo o que Deus havia ordenado a Noé colocar na arca para permanecer seguro. A destruição de toda a criação teria representado um fracasso do Criador, mas o Senhor não falha em nenhum de seus propósitos. Nem mesmo o pecado inicial de Adão e Eva frustrou seus planos, pois ele anunciou na mesma ocasião a vinda futura do Salvador que esmagaria o diabo e daria início a uma nova comunidade que celebraria a glória de Deus (3:15).

Assim, ao anunciar que destruiria “toda carne em que há fôlego de vida” (6:17), Deus não estava fazendo uma declaração literal. Além de não destruir Noé e sua família, ele também poupou representantes de todas as espécies de animais para que a vida pudesse ter continuidade. Ele havia descansado da obra da criação (2:2), e nem mesmo a destruição do mundo o faria retomá-la. Assim, Deus instruiu Noé a colocar dentro da arca um macho e uma fêmea de cada espécie de ave e animal (6:19-20a), provendo com isso tanto o extermínio quanto a continuidade. Uma geração é eliminada, mas um remanescente sobrevive para iniciar uma nova geração.



Deus não disse a Noé para ir à caça dessas criaturas e capturá-las com vida. Antes, avisou que elas viriam até ele (6:20b; 7:9;15). Seria natural os animais terem medo uns dos outros e dos seres humanos, como acontece nos dias de hoje, pois a queda em pecado já havia ocorrido, mas Deus ordenou aos animais que se apresentassem a Noé e eles obedeceram. Isso não significa, porém, que Noé não teve nenhum trabalho e deixou tudo ao encargo de Deus. Além de construir a arca, ele teve de abastecê-la com suprimentos para garantir a sobrevivência de sua família e dos animais (6:21).

Como era de esperar de um homem descrito como “íntegro” (6:9), *assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara* (6:22). A obediência de Noé também é enfatizada em 7:5 e 7:16.

Por fim, Deus avisou a Noé que havia chegado a hora de entrar na arca (7:1), ressaltando mais uma vez o motivo pelo qual Noé e sua família seriam poupados: *reconheço que tens sido justo diante de mim no meio desta geração*. O propósito do dilúvio era destruir o pecado e foi a presença ou ausência de justiça na vida das pessoas que determinou se elas viveriam ou morreriam. Essa ênfase sobre a justiça também fica evidente na instrução para que fossem colocados na arca sete pares de todos os tipos de aves e animais limpos, ou seja, animais que poderiam ser sacrificados a Deus. Além dos pares reservados para a procriação, no mínimo um desses animais serviria de imediato como sacrifício (7:2-3; cf. tb. 8:20).

O fato de um par de cada espécie de ave e animal criado por Deus ter sido poupado é salientado repetidamente. Em 6:19-20 Noé recebe instruções específicas para separar um macho e uma fêmea de cada espécie; em 7:2-3, recebe a ordem de entrar na arca com todas elas e o texto informa que todos os pares entraram na arca (7:7-9,14-16). A repetição serve para mostrar claramente que todos os animais conhecidos nos dias de hoje são provenientes — quer de forma direta ou indireta, por intermédio de cruzamentos — da mão criadora de Deus.

### 7:6-24 *Natureza e efeito do dilúvio*

Deus havia dito a Noé: *daqui a sete dias, farei chover sobre a terra* (7:4). Ele cumpriu sua palavra, pois *aconteceu que, depois de sete dias vieram sobre a terra as águas do dilúvio* (7:10). A essa altura, Noé e sua família, bem como os animais, já estavam seguros dentro da arca (7:13-16a). Deus não permitiu que Noé ficasse encarregado da porta da arca; antes, *o Senhor fechou a porta após ele* (7:16b). É possível que ele tenha feito isso para se certificar de que a porta seria inteiramente vedada. O mais provável, porém, é que Deus tenha fechado a porta para poupar Noé de ver o sofrimento fora da arca uma vez que a destruição começasse. Somente Deus poderia suportar essa visão, pois ele aborrece o pecado perfeitamente e sabia que o castigo era justo.

De acordo com 7:6, Noé estava com *seiscentos anos de idade* quando vieram as águas do dilúvio, e a data em que começou a chover é registrada com precisão: *aos dezesseis dias do segundo mês* (7:11a). Um narrador só apresenta datas tão precisas quando tem certeza da ocorrência dos fatos, a menos que sejam invenção sua e ele esteja mentido descaradamente, o que, segundo nossa convicção, não acontece em nenhuma parte da Bíblia. O dilúvio aconteceu de fato!

As águas do dilúvio vieram do mar e do céu (7:11b). A chuva caiu durante *quarenta dias e quarenta noites* (7:12,17a) e produziu um volume tão grande de água que foram necessários *cento e cinquenta dias* para que ela baixasse (7:24b). No auge do dilúvio, a água ficou mais de sete metros acima das montanhas (7:20).

Noé e todos que estavam com ele permaneceram em segurança, pois a arca *vagava sobre as águas* (7:17b-18). Mas *todos os seres que havia sobre a face da terra* — homens, animais e aves — *foram extintos* (7:21-23). O retrato de Noé sendo salvo por causa da arca ilustra muito bem a expressão “em Cristo” (1Pe 3:18-22). Estar “em Cristo” é muito mais místico do que literal, mas o resultado é o mesmo. Aqueles que estão em Cristo estão seguros, enquanto todos os outros fora dele estão condenados à destruição (Mt 10:28; 2Ts 1:8-9).

O texto registra que as águas *cobriram todos os altos montes que havia debaixo do céu* (7:19) e *predominaram sobre a terra* (7:24a). Essas descrições sugerem um dilúvio universal que cobriu o mundo inteiro como o conhecemos hoje. No entanto, a linguagem empregada aqui também pode indicar um dilúvio local que cobriu todo o mundo habitado naquela época, e não todos os continentes que conhecemos no presente. Até mesmo a expressão “dabaixo do céu” pode ser uma referência ao céu que era visível nas regiões habitadas da terra.

### 8:1-19 *Deus finaliza a operação*

O dilúvio cumpriu seu propósito, mas Deus ainda precisava resgatar Noé e aqueles que estavam com ele na arca. Assim, ele voltou sua atenção para as necessidades cotidianas dos que havia salvo: *Lembrou-se Deus de Noé e de todos os animais selváticos e de todos os animais domésticos que com ele estavam na arca* (8:1a). Assim como havia aberto as fontes e as comportas dos céus quarenta dias antes (7:11), agora Deus as fecha (8:2). Uma vez que todos os aspectos da natureza lhe obedecem, ele *fez soprar um vento sobre a terra, e baixaram as águas* (8:1b).

Usando os dados fornecidos nesta passagem e tomando por base um ano de doze meses e um mês de trinta dias, é possível esboçar de forma aproximada a seguinte cronologia do dilúvio: a chuva começou a cair no décimo sétimo dia do segundo mês do sexcentésimo ano da vida de Noé (7:11) e cessou quarenta dias depois (7:17). Exatamente cinco meses depois do início da chuva, a arca repousou sobre

as montanhas de Ararate (8:3-4; cf. tb. 7:24). Passados 75 dias, os cumes das montanhas apareceram (8:5). Quarenta dias depois, Noé soltou um corvo que, *tendo saído, ia e voltava, até que se secaram as águas de sobre a terra* (8:6-7). Considerando-se que o texto não especifica o intervalo entre o voo do corvo e o da pomba, podemos supor que as duas aves foram soltas praticamente ao mesmo tempo. A pomba, *não achando onde pousar o pé*, voltou para a arca (8:8-9). Sete dias depois, Noé soltou a pomba novamente. Dessa vez, ela voltou com *uma folha nova de oliveira* no bico, indicando que a vegetação estava começando a se recuperar (8:10-11). Noé esperou mais uma semana e soltou a pomba pela terceira vez. Desta feita, a pomba encontrou um lugar adequado para pousar e *já não tornou* (8:12). Noé não deixou a arca de imediato. Esperou cerca de 35 dias para que a terra secasse e, só então, removeu a cobertura da arca que, provavelmente, era uma parte do teto (8:13). Ainda assim, não deixou a arca. O solo estava tão encharcado que ele esperou mais 57 dias até a terra secar completamente. Por fim, *aos vinte e sete dias do segundo mês* no sexcentésimo primeiro ano da vida de Noé, Deus lhe deu permissão para deixar a arca acompanhado de sua família (8:14-16). Do começo ao fim, foi Deus quem controlou todos os acontecimentos.

As informações bastante específicas desta cronologia refletem claramente a intenção do autor de fornecer dados precisos. Não há motivo para duvidar que esses acontecimentos tenham ocorrido, a menos que os consideremos parte de um simples relato humano, o que seria uma negação da autoridade das Escrituras.

Outra prova extraordinária da ação de Deus é a ênfase do autor sobre o fato de que todas as criaturas que entraram na arca também saíram *segundo as suas famílias* (8:19). Apesar de não haver nenhum veterinário a bordo, todos os animais sobreviveram. Por certo, podemos confiar que um Deus tão maravilhoso também cuidará de nossa vida.

Deus preservou todos os ocupantes da arca para que povuassem a terra, fossem fecundos e nela se multiplicassem (8:17; cf. tb. 1:22). A vida deve continuar. Mas, se essa vida não for usada para glorificar a Deus, certamente será destruída.

### 8:20-22 A adoração de Noé e o compromisso de Deus

Temos a tendência de imaginar que o futuro nos reserva apenas coisas boas, e quando alguma calamidade ocorre, perguntamos a Deus como ele pôde permitir que isso acontecesse conosco. Noé demonstrou a atitude que devemos ter. Assim que saiu da arca, adorou ao Deus que o havia preservado e à sua família. Como ele, devemos ser gratos porque sobrevivemos pelo menos mais um dia no qual podemos adorar Aquele que nos preservou tão graciosamente.

Noé construiu *um altar ao Senhor e, tomando de animais limpos e de aves limpas, ofereceu holocaustos sobre o altar* (8:20). Graças ao plano sábio de Deus, Noé pôde dispor de

animais e aves limpos em número suficiente para realizar este sacrifício (cf. 7:2-3). No entanto, o holocausto não foi ordenado por Deus. Noé o ofereceu voluntariamente em resposta à misericórdia do Senhor.

O sacrifício não foi em vão, pois *o Senhor aspirou o suave cheiro* (8:21a). O que agradou a Deus não foi o sacrifício em si, mas a atitude de Noé. O Senhor não se agrada de sacrifícios oferecidos por aqueles que não são retos e justos (Am 5:21-23). Da mesma forma, sempre atenta para aqueles que o fazem em resposta a seu amor, e a parte mais importante desses sacrifícios agradáveis é amar a Deus e a nossos semelhantes (Mt 22:37-39).

O Senhor não apenas atenta para nosso amor por ele, como também o recompensa. Ninguém pode esquadrihar o coração de Deus, mas a promessa divina em 9:11 permite ao narrador relatar o que se passa no coração de Deus quando ele decide: *não tornarei a amaldiçoar a terra e nem tornarei a ferir todo vivente* (8:21b). Ele declara que sua criação continuará a operar enquanto a terra existir. Em seguida, fornece quatro padrões que permanecerão exatamente como eles os determinou: *sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite* (8:22). Podemos estar certos de que os ciclos naturais da terra continuarão. Deus não está decidido a destruir aquilo que criou em Gênesis 1, pois tudo o que ele fez é “muito bom”. Ele reafirmou esse propósito a Noé, que pareceu estar apreensivo com a possibilidade de Deus aniquilar toda a sua criação.

### 9:1-17 A aliança de Deus com Noé

O Deus que deve ser temido por seu julgamento devastador do mal também é o Deus que *abençoou [...] a Noé e seus filhos*. Essa bênção foi concedida na forma imperativa: *sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra* (9:1,7) — a mesma ordem que Deus dera a Adão e Eva em 1:28. Uma vez que o dilúvio havia desfeito as ações de Adão, Noé recebeu a mesma incumbência.

No plano de Deus, a procriação não era uma opção, mas sim um dever. Isso nos ajuda a entender por que Deus foi tão severo com Onã. Além de privar Er, o seu irmão falecido, de uma descendência e ser injusto com Tamar, ele desobedeceu a Deus deliberadamente (38:9). No entanto, essa ordem não significa que todos devem se casar e ter filhos, pois as Escrituras apresentam outras opções (1Co 7:7-9). Ainda assim, deixam claro que geração e educação dos filhos é um nobre dever aos olhos de Deus (1Tm 2:15; 5:10).

Deus também falou do domínio dos seres humanos sobre o restante da criação, mas, enquanto em 1:28 essa injunção não envolvia nenhum medo, agora ele diz: *pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra [...] nas vossas mãos serão entregues* (9:2). Deus também permitiu explicitamente o consumo de carne, ao contrário da alimentação vegetariana que havia definido anteriormente (9:3; cf. 1:29). No entanto, colocou uma proibição: *carne [...] com seu sangue, não comereis* (9:4). Deus considera o sangue o símbolo da

vida e, portanto, proíbe sua ingestão a fim de lembrar as pessoas que a vida é sagrada. O mesmo fica claro na declaração seguinte: *certamente requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida (9:5)*. A vida humana é inestimável e somente outra vida pode pagar por ela, de modo que Deus estipula: *se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu*. A vida é valorizada de tal maneira *porque Deus fez o homem segundo a sua imagem (9:6)*.

Em seguida, Deus fez uma aliança com a criação. Não foi um acordo mútuo entre semelhantes, mas sim um ato unilateral no qual Deus tomou a iniciativa. Essa era a única opção, uma vez que ele é Criador de tudo. Em sua soberania e amor gracioso, ele não sugere uma aliança, mas sim a estabelece: *eis que estabeleço minha aliança convosco (9:9)*. Além de a iniciativa ter partido exclusivamente de Deus, ele também foi o único participante. Nessa aliança, ele revelou sua vontade, usando-a como base para suas promessas.

O cerne da aliança é a promessa graciosa de Deus a Noé e seus descendentes, e a todas as criaturas *que saíram da arca (9:8-10, 16b, 17)*, a saber, *não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra (9:11b, 15b)*. A repetição das palavras *estabeleço minha aliança* dá a ideia de uma garantia inabalável (9:11a; cf. 9:9).

Deus proveu o arco-íris como sinal de que guardaria sua aliança *para perpétuas gerações (9:12-13)*. Por isso, diz-se que sua aliança é *eterna (9:16b)*. Deus faz uma declaração e a repete: sempre que o sinal, isto é, o arco-íris, aparecer nas nuvens, ele se lembrará de sua aliança (9:14-15a, 16a). Esse sinal é necessário não porque Deus poderia se esquecer desse compromisso — algo que não faz parte de sua natureza (Sl 105:8; 111:5; Lc 1:72) — mas como garantia aos seres humanos de que Deus não se esquecerá.

Há quem argumente que Deus quebrou sua promessa, pois muitas pessoas já perderam a vida em inundações. Porém, essa aliança não promete proteção de toda e qualquer inundação, mas sim de um dilúvio catastrófico *para destruir toda carne (9:15b)*.

### 9:18-29 O erro de Noé

Uma das grandes virtudes das Escrituras é o registro honesto tanto das vitórias quanto dos fracassos do povo de Deus. Os leitores são constantemente lembrados da necessidade da graça de Deus. Nenhum de nós — nem mesmo o justo Noé — pode se dizer merecedor da aceitação de Deus. Noé também falhou e um de seus erros é registrado para nós neste relato.

Em obediência à instrução do Senhor de serem fecundos e encherem a terra (9:1), a partir dos três filhos de Noé *se povoou toda a terra (9:19)*. Porém, antes que o povo se espalhasse pela terra, ocorreu um episódio que levou Noé a amaldiçoar Canaã, filho de Cam.

Noé plantou uma videira e bebeu de seu vinho (9:20-21a). Embriagou-se e, como resultado, *se pôs nu dentro de*

*sua tenda (9:21b)*. Em vez de exercer domínio sobre a terra e controlá-la como o Senhor havia ordenado (1:28), Noé se deixou controlar por um produto da terra. De algum modo, Cam viu de relance *a nudez do pai (9:22)*. Em vez de cobri-lo discretamente e sair, Cam resolveu contar aos irmãos o que havia presenciado. O pecado não foi ter visto o pai nu, mas não ter tomado uma providência para proteger o pai da vergonha e, de fato, tê-lo exposto ao ridículo.

Seus irmãos, *Sem e Jafé*, não se divertiram com o relato de Cam. Antes, demonstraram o devido respeito pelo pai: *tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem (9:23)*.

Deus ordena que honremos nossos pais (Êx 20:12) e isso significa encobrir sua nudez. Essa nudez pode ser resultante de fraqueza moral, pobreza material, fragilidade física, enfermidade ou velhice. Qualquer que seja sua forma, devemos agir de modo a manter a dignidade de nossos pais. Não devemos entregá-los à miséria em nossos vilarejos nem isolá-los em belas mansões repletas de angústia. Também não devemos simplesmente ver suas necessidades e falar a respeito delas. Devemos tomar providências para supri-las (Mt 15:1-5). Muitas vezes, eles anseiam mais por nosso amor e presença do que pelas coisas que podemos lhes oferecer.

Algumas pessoas são como Cam no âmbito espiritual e na vida da igreja. Falam o tempo todo sobre problemas morais, econômicos e sociais e até pregam sobre esses assuntos, mas não tomam nenhuma medida prática e visível de amor para melhorar a situação. Precisamos aprender a combinar nossas palavras com ações (Tg 2:14-18; 1Jo 3:18).

Quando Noé recobrou a consciência e descobriu *o que lhe fizera o filho mais moço (9:24)*, amaldiçoou, não a Cam que o havia humilhado, mas a Canaã, o filho mais novo de Cam (9:18; 10:6). Por que ele não amaldiçoou o culpado? Alguns estudiosos argumentam que Noé desejava amaldiçoar alguém que fosse querido a Cam. Mas, se fosse o caso, certamente Noé teria amaldiçoado não apenas Canaã, mas todos os filhos de Cam. Outros argumentam que Canaã deve ter feito alguma coisa para atrair essa maldição sobre si. Talvez tenha reagido de forma inapropriada, rindo ao ouvir o pai descrever o estado do avô, ou talvez estivesse com o pai quando ele viu Noé e o tivesse incentivado a contar o ocorrido a outros. Esses comportamentos demonstrariam falta de respeito pelo avô. No entanto, o texto não fornece nenhuma evidência que corrobore esse argumento. Outra explicação possível para a maldição pode ser encontrada no capítulo 2 do livro do dr. Tokunboh Adeyemo, *Is Africa Cursed? [A África é amaldiçoada?]* (Nairóbi, Quênia: Christian Learning Materials Center, 1997).

Uma solução mais plausível pode estar relacionada aos efeitos do álcool que Noé havia consumido. Ao despertar do sono provocado pela bebida, ainda não estava inteiramente sóbrio e talvez tenha se enganado e pensando que

o neto, e não o filho, o havia traído. É bem provável que essa maldição tenha sido pronunciada apressadamente e sob a influência da vergonha e da raiva quando ele despertou e descobriu, provavelmente através de Jafé e Sem, o que havia acontecido (9:24). Se foi esse o caso, então Noé amaldiçoou Canaã sem antes ouvi-lo para saber se era, de fato, culpado. O homem reto e justo havia, repentinamente, abandonado a justiça do Senhor que interroga os acusados antes de pronunciar sua sentença (cf. 3:9-13).

Ao amaldiçoar e abençoar no calor do momento, em vez de esperar e considerar os fatos, Noé dividiu sua casa. Amaldiçoou Canaã e, indiretamente, excluiu Cam da comunhão com os irmãos. Infelizmente, esses lapsos de sabedoria da parte de uma pessoa em geral reta e justa não são raros mesmo no meio do povo de Deus. Essa maldição representou mais um golpe atroz contra os laços de família e a comunhão que o Criador desejava que houvesse entre os seres humanos.

Noé amaldiçoou Canaã, declarando que ele seria *servo dos servos a seus irmãos* (9:25). Abençoou Sem afirmando: *Canaã lhe seja servo* (9:26) e Jafé dizendo: *Engrandeça Deus a Jafé, habite ele nas tendas de Sem; e Canaã lhe seja servo* (9:27). Essa passagem já foi chamada de “maldição sobre Cam” e usada tanto para justificar a escravização de negros quanto para explicar a pobreza material do continente africano como resultado de castigos divinos. Trata-se, porém, de uma interpretação claramente equivocada. Em primeiro lugar, a maldição não foi pronunciada sobre Cam, mas sobre seu filho, Canaã. A genealogia em 10:6-20 mostra que os outros filhos de Cam que não foram amaldiçoados eram *Cuxe* (o antepassado dos etíopes e pai de Ninrode que é elogiado em 10:8), *Mizraim* (o antepassado dos egípcios) e *Pute* (o antepassado dos líbios).

Os negros não são desprezados por Deus, e sim por outras pessoas (cf. Ct 1:5-6). As Escrituras Sagradas não devem ser usadas para justificar todos os acontecimentos históricos. Antes, devemos usar a Palavra de Deus com fé e respeito para analisar, avaliar e julgar os acontecimentos de nossa história.

Qual foi, afinal, o efeito dessa maldição sobre Canaã? Não temos conhecimento de todas as implicações, mas sabemos que, posteriormente, Deus entregou o território dos cananeus a Abraão e seus descendentes, o que, sem dúvida, faz parte da maldição. No entanto, ao transferir a posse da terra, Deus não se refere a essa maldição, mas sim às práticas imorais e idólatras dos cananeus (Gn 15:16; Dt 18:14). Também não diz aos israelitas para escravizarem os cananeus (conforme a maldição teria exigido), mas para destruí-los (Dt 7:1-3). É possível, porém, que as palavras de rejeição e exclusão pronunciadas por seu avô tenham provocado desprezo e rebelião em Canaã, levando-o e a seus descendentes a se distanciarem de Deus. Uma degeneração moral profunda e intensa seria, então, compreensível e resultaria no julgamento divino.

Diante dessa hipótese, o episódio em questão serve para nos lembrar da necessidade de sermos pacientes e sábios ao julgarmos. Precisamos ter certeza de nossos julgamentos e estar conscientes de suas possíveis consequências (Mt 7:1-2). Não devemos permitir que a ira nos leve a proferir maldições sobre nossos pais ou filhos. Nem sempre temos consciência dos efeitos devastadores dessas palavras.

Noé viveu mais 350 anos depois do dilúvio, até os 950 anos de idade (9:28-29). Não obstante a embriaguez e suas consequências, ele se destaca na história como um modelo de integridade que seguiu as instruções de Deus meticulosamente e, desse modo, salvou a si mesmo e toda sua casa. Também foi um exemplo de paciência e confiança perseverante em Deus nos longos anos de construção da arca e no ano que passou fechado dentro dela. Esperou que o Senhor o livrasse no tempo certo. Por fim, foi um modelo de gratidão, pois seu primeiro ato ao sair da arca foi construir um altar e oferecer um sacrifício a Deus. O sacrifício mostrou que Noé entendeu as causas do dilúvio e a graça que Deus havia demonstrado para com ele.

## 10:1-32 O repovoamento da terra

### 10:1 Introdução

O autor menciona o repovoamento da terra em 9:19, mas agora mostra como a comunidade humana, constituída dos descendentes de Jafé, Cam e Sem, organizou-se de modo a “encher a terra” conforme ordenado por Deus (1:28; 9:1). A genealogia relaciona primeiramente os jafetitas, seguidos dos camitas e, por fim, dos semitas. Essa disposição não reflete sua ordem quanto à idade, pois vemos em 9:24 que Cam era o irmão mais novo e, ao que parece, Jafé era o mais velho (10:21). A ordem esperada seria, então, Jafé, Sem e Cam. Mas o texto se refere aos irmãos como *Sem, Cam e Jafé* (10:1; cf. tb. 5:32; 6:10; 9:18). Por que essa ordem incomum? É provável que Sem seja mencionado primeiro porque foi dele que descendeu o povo escolhido. Mas por que Jafé aparece por último? Talvez porque em qualquer lista os elementos destacados sejam aqueles que aparecem no início ou no fim, dependendo da intenção do autor. Ser a linhagem escolhida ou ser o mais velho são qualificações apropriadas para a posição inicial ou final. Se o enfoque é sobre a idade, Jafé deveria aparecer primeiro. Num enfoque sobre a linhagem escolhida, o primeiro seria Sem. Uma vez que Cam não é nem o mais velho nem a linhagem escolhida, aparece sempre em segundo lugar.

Ao tratar de cada grupo, o autor se refere às suas “famílias” (10:5,20,31). A família, neste caso, tem um sentido amplo de clã, abrangendo unidades familiares ligadas por laços de sangue e apoio mútuo. O objetivo do clã é oferecer conforto e estabilidade para os filhos, educá-los e instruí-los no temor do Senhor. No entanto, o clã pode ter uma influência negativa e prejudicar seus membros em vez de instruí-los nos caminhos de Deus ao isolá-los da comuni-

dade mais ampla (a nação) e incentivá-los a considerar-se superiores a todo o resto, em vez de promover a disposição de servir outros. O clã pode se tornar um instrumento de perversidade e domínio ditatorial.

Nesses versículos, as famílias ou clãs são associados a “nações”, ou seja, à reunião de clãs de determinado país. A qualidade das nações depende do valor de seus clãs e dos homens e das mulheres que os constituem.

Os clãs também são associados a “territórios”, ou seja, um pedaço de terra ou região geográfica específica. A Bíblia reconhece que as pessoas precisam sentir-se ligadas a determinado local, tornar-se proprietárias de um pedaço de terra da qual elas possam cuidar respeitando, ao mesmo tempo, seus semelhantes.

Por fim, depois dos acontecimentos em Babel, os clãs também são associados a “línguas” (11:1-9).

Nessa genealogia, cada grupo é apresentado como uma unidade independente e não há nenhuma evidência de que um grupo seja superior ao outro (exceto pelo fato de que Deus usaria a linhagem de Sem para trazer a salvação). No entanto, o Senhor não concedeu inteligência ou conhecimento científico para um grupo em detrimento dos outros. Cada grupo é responsável diante do Criador pela forma como usa as dádivas recebidas dele e como se relaciona com as mulheres e homens criados à sua imagem. Cada um prestará contas a ele das aptidões e atividades que escolheu ou deixou de escolher para desenvolver, pois Deus julgará todos os nossos atos aqui na terra (Lc 12:41-48).

#### 10:2-5 Os descendentes de Jafé

A linhagem de Jafé é relacionada até a terceira geração (seus netos). O autor faz, então, uma declaração geral de que *estes repartiram entre si as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua* (10:5; cf. tb. 1Cr 1:3-7). Estudos que procuram relacionar os nomes dos filhos e netos de Jafé com dados históricos posteriores sugerem que talvez ele seja o antepassado dos povos indo-europeus.

#### 10:6-20 Os descendentes de Cam

A linhagem de Cam é relacionada até a quarta geração (seus bisnetos). De acordo com a declaração geral desta passagem, *são estes os filhos de Cam, segundo suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, e em suas nações* (10:20; cf. tb. 1Cr 1:8-16). Costuma-se associar os filhos de Cam — Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã — aos etíopes, egípcios, líbios e cananeus, respectivamente.

Três descendentes de Cam recebem atenção especial:

- De acordo com o texto, *Ninrode* é filho de Cuxe, filho de Cam (10:8). No entanto, seu nome não aparece na lista dos filhos de Cuxe em 10:7. Ao que parece, neste caso o verbo “gerar” não define Cuxe como seu pai, mas sim como seu antepassado. Ninrode é descrito como um *valente caçador diante do Senhor*, uma expressão que se

tornou um ditado conhecido (10:9). O autor também observa que Ninrode (e, supostamente, seus descendentes) construiu um *reino* poderoso que começou em *Babel* (10:10; posteriormente, o reino da Babilônia) e estendeu-se, mais tarde, até a *Assíria* (10:11). Ninrode é destacado pois foi em Babel que se iniciou a construção da torre (cf. 11:1-9). Vários séculos depois, a Assíria e a Babilônia desempenharam papéis importantes na história de Israel.

- *Mizraim* é mencionado porque *gerou [...] a Casluim (donde saíram os filisteus)* (10:13-14), um povo que também foi importante na história de Israel (cf. 1Sm 4:1-11; 5:7; 14).
- *Canaã* tornou-se o antepassado das tribos relacionadas em 10:15-18. O território ocupado por elas é a mesma terra prometida posteriormente a Abraão e seus descendentes (10:19; cf. Êx 3:8,17; 13:5; Dt 7:1). É possível que, com este detalhe e a referência anterior à maldição (9:25), o autor esteja preparando seus leitores para o que virá depois, a saber, a destruição dos cananeus e a apropriação de sua terra.

#### 10:21-32 Os descendentes de Sem

Os descendentes de Sem são relacionados até a sexta geração (seus pentanetos). Aqui, a declaração geral é de que *são estes entre os filhos de Sem, segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações* (10:31; cf. tb. 1Cr 1:17-27). O número maior de gerações abrangidas reflete o interesse do autor. Para ele, a linhagem de Sem é a mais importante e será acompanhada até o relato da torre de Babel (11:10-32).

No início da genealogia, diz-se que Sem *foi pai de todos os filhos de Héber* (10:21), apesar de Héber só ser mencionado na genealogia em 10:24. É possível que tenha sido destacado pelo fato de algumas pessoas costumarem explicar a designação “hebreu” como sendo proveniente de “Héber”.

Como outras genealogias bíblicas, esta relação dos descendentes de Sem não é abrangente e não menciona cada um dos antepassados. Assim, em Lucas 3:35-36, vemos um antepassado chamado Cainã entre Arfaxade e Salá, enquanto aqui se diz que *Arfaxade gerou a Salá* (10:24). Ao interpretar essas diferenças, precisamos ter em mente que, no hebraico, o verbo “gerar” não é usado apenas para o pai, mas também para o avô e outros antepassados.

*Pelegue*, o filho de Héber, também é destacado, *porquanto em seus dias se repartiu a terra* (10:25), provavelmente uma referência à divisão ocorrida depois da torre de Babel (cf. 11:8).

#### 11:1-9 A torre de Babel

Depois do dilúvio, a população da terra era constituída de oito pessoas. Durante algum tempo, como é de supor, *em toda a terra* (ou seja, em toda a comunidade humana)

*havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar (11:1).* Usada de forma apropriada, essa é uma situação ideal. A linguagem é uma dádiva das mãos de Deus. As palavras têm um papel importante em nosso relacionamento com Deus e são um instrumento maravilhoso para a formação de vínculos com outras pessoas. Assim, devemos aprender a usar a linguagem com sabedoria (Ec 5:1-2).

A medida que a população se multiplicou, as pessoas sentiram a necessidade de ter mais terras e, portanto, partindo do Oriente, deram com uma planície na terra de Sinar; e habitaram ali (11:2). Uma vez assentados nessa região, em vez de usarem pedras em suas construções, aprenderam a fazer tijolos (11:3) e, inspirados por essa tecnologia, instigaram uns aos outros dizendo: *vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre o nosso nome (11:4).* A ênfase sobre a primeira pessoa do plural e sobre o “nome” mostra que essas pessoas haviam colocado a si mesmas no centro da vida. Além disso, esses indivíduos não desejavam *ser espalhados por toda a terra*, opondo-se à ordem de Deus para encherem a terra (1:27-28; 9:1). Em vez de se expandirem horizontalmente de modo a ocupar e cuidar progressivamente da terra que o Senhor lhes confiou, queriam se manter juntos e crescer verticalmente (em direção aos céus). Seu pecado foi o mesmo orgulho e desejo de ser semelhante a Deus que causou a queda e a propagação acelerada do mal (3:5).

A torre de Babel é um exemplo de como um projeto não deve ser realizado. Ao construirmos a igreja na África e reconstruirmos nossos países, devemos cuidar para que nossa unidade seja fundamentada não em grandes ideias e no desejo de tornar nosso nome célebre, mas sim nos ideais de comunidade que Deus nos dá nos primeiros capítulos de Gênesis.

A declaração *desceu o Senhor para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam (11:5)* é uma tentativa de expressar os atos de Deus numa linguagem humana compreensível (cf. tb. 3:8; 8:1). As pessoas estavam se empenhando em construir uma torre alta o suficiente para chegar aonde se diz, em linguagem humana, que “Deus habita” (11:4); porém, Deus “desceu” até a cidade dos seres humanos para deter seus planos. Sua proibição foi para o bem da humanidade, para que ele não tivesse de enviar outra calamidade como o dilúvio. Os seres humanos jamais podem esquecer que são mortais (6:3) e que Deus é o Criador cujo lugar os homens não devem tentar usurpar. As palavras de Deus em 11:6 são extremamente relevantes para a questão da clonagem. Apesar de Deus nos incentivar a progredir no conhecimento de sua criação, não devemos transgredir as prerrogativas divinas. O Criador é um Deus zeloso e sem igual.

Mais uma vez, ouvimos uma comunicação interna no Ser divino: *vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem do outro (11:6-7; cf. 1:26).* Aquilo que o povo havia temido lhes sobreveio devi-

do a seus atos quando Deus *os dispersou dali pela superfície da terra (11:8)*. Impossibilitados de se comunicar de forma apropriada, os trabalhadores tiveram de interromper a construção da cidade.

O relato termina com as palavras: *Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra, e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície dela (11:9).* Como no dilúvio em 6:1 a 8:22, a expressão “toda a terra” deixa espaço para mais de uma interpretação. Assim, o episódio pode ter envolvido todas as pessoas do mundo, ou apenas os habitantes dessa região específica.

Os recursos de Deus são inesgotáveis! Ele expulsou Adão e Eva do jardim, abriu as comportas do céu e confundiu a linguagem do povo. Quem sabe o que mais ele pode fazer a seus opositores! Por isso, é importante termos com Deus a relação de amizade possível somente por meio da fé em nosso Senhor Jesus Cristo (Jo 1:12).

### 11:10—25:18 Abraão e seus descendentes

Daqui até o final do AT, a Bíblia se concentra na história dos descendentes de Sem. Abrão, um desses descendentes, deu origem ao povo que Deus escolheu como o instrumento de sua salvação.

#### 11:10-26 Os antepassados de Abrão

Deus já havia mencionado a vinda do Salvador, o descendente da mulher que seria vitorioso sobre Satanás ferindo a cabeça da serpente (cf. comentário em 3:15). Mas, antes que esse benefício se estendesse a todo o mundo, seria necessário fazer preparativos para a vinda do Salvador e ter pessoas para recebê-lo. Portanto, o mesmo Deus que usou Noé para preservar a raça humana e toda a criação começou a preparar a instruir um povo para que essa criação recebesse a salvação. Escolheu começar com um homem dentre os descendentes de Sem. Assim, o autor nos fornece mais detalhes sobre a continuidade da linhagem de Sem (11:10). A genealogia termina em Tera, na oitava geração depois de Sem, cujos filhos foram *Abrão, Naor e Harã (11:26)*, dos quais o Senhor chamou *Abrão*.

De acordo com o capítulo 5, as pessoas do período entre Adão e Noé viveram de 365 anos (Enoque) a 969 anos (Matusalém). No entanto, nesta lista do período entre Sem e Abrão, os indivíduos viveram de 148 anos (Tera) a 600 anos (Sem), menos da metade do tempo de vida médio das gerações anteriores. Ou seja, nas dez primeiras gerações, as pessoas viveram em média 858 anos, enquanto nas dez gerações seguintes, o tempo médio de vida caiu para 307 anos. Essa diferença pode ser atribuída aos efeitos do dilúvio sobre o ambiente em que os seres humanos estavam habitando, mas também é possível que Deus tenha interferido diretamente de modo a encurtar o tempo de vida das pessoas.

Noé e Abrão são personagens cruciais na história de redenção divina e cada um encerra uma árvore genealógica

de dez gerações (5:28; 11:26). Como observamos anteriormente, as listas não incluem, necessariamente, todos os indivíduos de pai para filho; antes, foi feita uma seleção dos nomes relacionados. É possível que o autor tenha escolhido deliberadamente apresentar apenas dez gerações em cada lista. Talvez sua intenção fosse mostrar que uma geração inteira (usando o número dez para simbolizar inteireza) foi exterminada, enquanto outra geração inteira deu origem a Abrão, o pai da raça eleita.

### 11:27-32 A mudança de Ur para Harã

Tera, o pai de Abrão, teve pelo menos três filhos: *Abrão, Naor e Harã* (11:27). Harã faleceu, deixando órfão *Ló* (11:28). Sobre Naor o texto informa apenas seu casamento com *Milca* e, então, volta o foco para Abrão, cuja esposa *Sarai* também é apresentada e descrita: *era estéril, não tinha filhos* (11:29-30).

Tera tomou Abrão, Sarai e o neto *Ló*, deixando *Ur dos caldeus, para ir à terra de Canaã* (11:31a). O autor não informa se essa mudança foi realizada por ordem específica do Senhor. Não obstante, a declaração posterior de Deus “Eu [...] te tirei de Ur dos caldeus” (15:7; cf. tb. Ne 9:7; At 7:2-4) deixa claro que o Senhor estava por trás dessa decisão de partir.

O grupo de viajantes provavelmente incluía outros além dos nomes citados, pois o autor ressalta somente os indivíduos relevantes para o resto do livro. Convém observar, porém, um valor apresentado neste versículo que os africanos devem se esforçar para não perder — o lugar dedicado à família mais ampla. *Ló* era órfão e Tera levou isso em consideração, fazendo-o acompanhá-lo como se fosse seu próprio filho. Também é bastante significativo o versículo mostrar Tera levando consigo *Sarai, sua nora*, e não apenas Abrão e sua esposa Sarai. Os sogros devem cuidar das noras e tratá-las como se fossem suas filhas, algo particularmente importante quando o marido de uma delas vem a falecer. Muitas vezes, as viúvas são obrigadas a viver com medo, pois seus cunhados cobiçam as propriedades do irmão falecido. Nessas circunstâncias, cabe ao sogro intervir para proteger os interesses da nora, inclusive as propriedades que pertenciam a seu marido — quer tenham sido herdadas, quer adquiridas de algum outro modo.

Tera partiu tendo como destino final *Canaã*, mas o grupo parou antes de chegar lá e se assentou em *Harã*, onde Tera morreu com 205 anos de idade (11:31b). Ao continuar com a leitura e ver que a “terra que te mostrarei” (12:1) é, na verdade, *Canaã* (12:5,7), podemos refletir sobre o que acontece quando nos contentamos com algo aquém do destino final. Talvez o pai de Abrão tenha concluído que seria mais confortável, quer econômica, quer socialmente, permanecer em *Harã* do que prosseguir com a longa viagem. No entanto, ele não havia partido de Ur para chegar apenas a *Harã*. Semelhantemente, quando começamos a andar com Jesus, precisamos tomar cuidado para não nos contentarmos com

algo aquém de nosso destino original. O chamado feito a Abrão em 12:1 é uma instrução para completar a viagem iniciada pelo grupo.

### 12:1-9 Abrão obedece ao chamado do Senhor

Há uma controvérsia quanto à melhor forma de traduzir o texto hebraico de 12:1a. As duas possibilidades são “o Senhor havia dito” ou *disse o Senhor*. Na visão dos que preferem “havia dito”, Abrão foi chamado quando ainda estava em Ur dos caldeus, fato comprovado pelo discurso de Estêvão em Atos 7:2-4. No entanto, as palavras de Estêvão em Atos também podem indicar apenas a providência de Deus operando de modo a conduzir Abrão para fora de Ur, e não uma palavra específica de Deus a Abrão enquanto este ainda se encontrava em sua terra natal. Assim, para aqueles que preferem a tradução “disse o Senhor”, a ordem divina “saí da tua terra” em 12:1b foi dada enquanto Abrão estava em *Harã* e obedecida quando ele partiu desse local, conforme indicam as palavras “Partiu, pois, Abrão” em 12:4.

Não obstante o lugar onde ocorreu o chamado, sua essência é a mesma: *saí e vai*. Abrão devia deixar três coisas — sua *terra*, sua *parentela* e a *casa de* [seu] *pai* (12:1b) — justamente os elementos mais fundamentais que proporcionam segurança. Deus não especifica para onde ele deve ir, mas lhe diz que seu destino será a herança reservada pelo Senhor para ele. Abrão não precisava temer nem ficar ansioso quanto a seu destino, pois a presença do Senhor o acompanharia.

Ao aceitarem o Senhor Jesus Cristo como Salvador, por vezes pessoas de famílias islâmicas ou profundamente devotadas às religiões tradicionais africanas também perdem todos os elementos naturais de conforto aqui na terra. Tais indivíduos precisam reconhecer que, apesar de terem sido rejeitados pela família humana, ainda fazem parte da família de Deus e, como seus filhos, não têm nada a temer (Jo 1:12). A presença de Deus está com eles. Cabe a nós da igreja oferecer todo o apoio necessário a esses recém-convertidos que perderam tudo para ganhar a Cristo. A igreja deve se tornar sua nova família.

O chamado de Abrão para deixar sua família não foi uma ordem para se isolar num monastério. Ele levou consigo seus familiares mais próximos, a saber, *a Sarai, sua mulher a Ló, filho do seu irmão* que, depois de ficar órfão ainda jovem, havia sido criado na família de Abrão (12:5a). Assim, Abrão mantinha sua comunidade, sua cultura e sua família, que originariam paulatinamente a nação que seria o povo de Deus. Seu exemplo também mostra que o chamado de Deus para o serviço não é dirigido somente ao marido, mas também à sua esposa. Os dois são um perante o Senhor (Gn 2:24). Sarai também herdaria a promessa.

Deus não suplicou para Abrão partir e não fez ameaças no caso de ele não obedecer. Também não deixou Abrão sem saber o que deveria fazer. Apenas comunicou sua



vontade a um homem temente ao Senhor. Não foi preciso mais nada, pois Abrão ouviu com um coração obediente. Nisso, Abrão nos mostra como devemos viver e servir a Deus.

Embora não tenha ameaçado Abrão, Deus lhe prometeu grandes bênçãos se ele fosse obediente. Em 12:2-3, Deus profere cinco declarações sobre o que ele faria (promessas), uma sobre o que Abrão faria (predição) e uma sobre o que as famílias da terra fariam (predição). As predições são baseadas na promessa de Deus e, portanto, seu cumprimento é certo. As cinco promessas são:

- *de ti farei uma grande nação (12:2a)*. Essa promessa deve ter parecido muito boa e, ao mesmo tempo, muito estranha para Abrão, tendo em vista que o Senhor ainda não tinha lhe concedido nenhum filho. Segundo essa afirmação de Deus, Abrão foi chamado para ser o pai de uma nação inteira, um povo maior do que podia imaginar. Ele seria não apenas o progenitor humano de grande parte dos judeus, mas também o progenitor espiritual de todos os cristãos, judeus e muçulmanos e, portanto, o pai na fé de uma grande parte da humanidade.
- *te abençoarei (12:2b)*. Essa bênção consistiria em descendentes fortes e numerosos (tb. 15:5; 17:5; 22:17) e na posse da terra de Canaã (17:8).
- *te engrandecerei o nome (12:2c)*. Abrão seria reconhecidamente poderoso (21:22-31). Como pai físico dos judeus e pai espiritual de todos os cristãos, seu nome seria proferido por muitos (cf. Jo 8:53; At 7:2; Gl 3:6-9).
- *abençoarei os que te abençoarem (12:3a)*. Deus permaneceria com Abrão e, consequentemente, seria amigo dos amigos de Abrão.
- *amaldiçoarei os que amaldiçoarem (12:3b)*. Aqueles que desejassem prejudicar Abrão também teriam de enfrentar seu Deus e sofrer a ira divina.

As duas predições, *sê tu uma bênção (12:2d)* (ou “tu serás uma bênção”) e *em ti serão benditas todas as famílias da terra (12:3c)* deixam claro que Abrão não devia guardar as bênçãos de Deus para si, mas usá-las para abençoar outros. Tal fato se concretizaria de forma suprema no nascimento do Salvador, seu descendente (Gl 4:4-5). A salvação oferecida por ele não pertence exclusivamente a nenhuma nação, como os judeus cristãos da igreja primitiva tiveram de aprender; antes, é passada adiante por uma nação e através dela (At 2:1-11; 10:28-29, 44-48; 11:1-3).

Confiando no Senhor, aos 75 anos de idade Abrão deixou Harã e partiu para a terra de Canaã (12:5c). Além de levar consigo sua esposa e sobrinho, Abrão também levou todos os bens que haviam adquirido (12:5a). Deus não nos chama a viver em pobreza, mas não devemos colocar nossos bens antes dele. Se Abrão houvesse hesitado em partir por causa de suas posses (incluindo a terra que precisaria deixar para trás), não teria passado no teste e teria desagrado a Deus. Como sua obediência — não obstante

aquilo que levou consigo — ele demonstrou ter colocado o Senhor em primeiro lugar.

No entanto, essa passagem tem um tom sombrio, pois revela que Abrão também levou consigo *as pessoas que lhe cresceram em Harã (12:5b)*. Esses indivíduos não eram seus empregados — o que seria perfeitamente legítimo — mas sim seus escravos. Talvez essa prática perversa tenha se iniciado na família de Sem quando Noé amaldiçoou Canaã, seu neto, com a escravidão (Gn 9:25). O fato de Abrão seguir essa prática tão comum em sua cultura e época mostra que ele não havia sido ensinado sobre o princípio estabelecido por Deus no início da criação. Deus havia ressaltado que todos os seres humanos são feitos à imagem de Deus e chamados para exercer domínio sobre animais e coisas, mas não sobre outros seres humanos (Gn 1:29-30).

A nação à qual Abrão deu origem continuaria a praticar a escravidão por vários séculos. Mas, em seu amor, o Senhor enfraqueceria esse costume gradualmente ao longo dos anos e estabeleceria em sua lei prescrições acerca do tratamento dos escravos e servos de modo a garantir que seriam tratados com benevolência. No entanto, foi só depois da vinda de Cristo e do livramento do círculo vicioso pelo qual o pecado rebaixa nossas sociedades e culturas que a igreja se pôs a erradicar esse mal.

Abrão se mudou para *Siquém, até ao carvalho de Moré (12:6a)*. Ali o Senhor lhe forneceu mais informações sobre a terra para a qual o havia conduzido em 12:1. Disse a Abrão: *darei à tua descendência esta terra (12:7a)*. Essa informação específica foi fornecida apenas depois de Abrão obedecer. Deus concedeu essa dádiva a Abrão porque sabia que era necessário ter uma terra para constituir e preparar um povo. As pessoas precisam de um lugar onde possam se reunir para adorar e com o qual possam se identificar.

Deus prometeu dar a Abrão a terra de Canaã que, na época, era habitada pelos descendentes de Canaã (12:6b; cf. tb. 10:15-19). No devido tempo, o Senhor entregaria essa região a Abrão e seus descendentes em vista da decadência moral crescente dos cananeus (Gn 15:16; Dt 18:12-14). É possível que essa decadência tenha sido resultante, em parte, da maldição pronunciada sobre Canaã (cf. comentário sobre Gn 9:18-28).

Convém observar que Abrão não usou de violência para remover os cananeus da terra prometida por Deus a ele e seus descendentes. Antes, deixou o Senhor determinar o momento e os métodos para cumprir essa promessa. Ateve-se apenas a responder pela fé edificando *um altar ao Senhor, que lhe aparecera (12:7b)*. Então prosseguiu e armou sua tenda entre Betel e Ai, onde também *edificou um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor (12:8)*. Esse ato de edificar altares corroborava a declaração de que a terra pertencia ao Senhor, e não a algum outro deus e, portanto, podia lhe ser concedida. Em seguida, Abrão seguiu *para o Neguebe (12:9)*. Crendo nas palavras de Deus, Abrão não olhou para os obstáculos, mas enxergou além deles e, com base na



promessa divina, apropriou-se da terra. Também podemos aprender uma lição com isso. Quaisquer que sejam as dificuldades, enquanto o Senhor fornecer indicações claras de sua vontade, não devemos hesitar. As dádivas reservadas pelo Senhor para nós certamente serão nossas. Ainda que leve muito anos, sua promessa se cumprirá.

O comportamento de Abrão nos mostra, ainda, que não devemos usar promessas bíblicas para justificar nossa violência e injustiça contra nações, tribos, famílias ou indivíduos. Não devemos tomar suas terras, intimidá-los, privá-los de sua liberdade ou odiá-los por não honrarem ao Senhor ou por praticarem coisas abomináveis. Deus é o Juiz soberano e somente ele tem o direito de julgar.

### 12:10-20 O Senhor castiga Faraó

Não obstante os ensinamentos da teologia da prosperidade, o fato de estarmos no lugar reservado por Deus para nós não significa, necessariamente, que desfrutaremos de prosperidade material. Abrão estava na terra para a qual Deus o havia enviado, mas *havia fome naquela terra* (12:10). No entanto, o Senhor garante prover todo o necessário. Apesar de haver fome em Canaã, havia alimento suficiente no *Egito*, de modo que Abrão se mudou temporariamente para lá até passar a escassez em Canaã (12:11).

Quando elogiamos Abrão como um homem de fé (como em Hb 11:8-19), devemos nos lembrar de que essa fé se desenvolveu ao longo do tempo. Especialmente na primeira parte de sua vida, quando ainda era uma criança na fé, em várias ocasiões ele parece ter recorrido a planos humanos. Assim, quando se mudou para o Egito, elaborou um plano para evitar problemas por causa da beleza de sua esposa, Sarai. Aconselhou Sarai a dizer uma meia-verdade (ou meia-mentira) afirmando ser sua irmã (12:13). De fato, ela era meia-irmã de Abrão (20:12), mas ao omitir a informação de que ela também era sua esposa o casal criou uma falsa impressão e, portanto, mentiu. Abrão precisava aprender a dizer a verdade e confiar na proteção de Deus, uma lição que muitos de nós ainda estamos aprendendo!

A estratégia de Abrão funcionou — sua esposa foi poupada e ele adquiriu riquezas (12:16) —, mas o fez à custa da pureza moral de Sarai, pois Faraó a tomou para ser sua mulher, o que pode significar que ele a conheceu fisicamente (12:15,19). Essa imoralidade não agradou a Deus e, portanto, ele castigou Faraó e sua casa com enfermidades graves (12:17). Porém, Faraó não foi apenas uma vítima inocente da dissimulação de Abrão, pois também era um homem que abusava de sua posição de autoridade. O medo de Abrão de que sua mulher lhe seria tomada não era infundado e mostra como Faraó estava disposto a explorar estrangeiros que, muitas vezes, são alguns dos membros mais fracos da sociedade. Deus condena esse tipo de comportamento (Dt 24:17-20; 27:19).

O Senhor pôs Abrão à prova e ele falhou, mas Deus continuava no controle da situação. Ele não permitira a Faraó

frustrar seus planos de usar esse casal para gerar um povo escolhido e, no devido tempo, o Messias. É animador saber que a graça do Senhor vem a nosso encontro onde estamos, não exigindo de nós algo além de nosso alcance. Precisamos cultivar essa mesma atitude em relação a outras pessoas. É errado esperar que recém-convertidos se tornem cristãos maduros do dia para a noite. O amadurecimento na fé é um processo por meio do qual Deus nos guia em sua graça.

Faraó percebeu que as enfermidades em sua casa eram um castigo e, depois de confrontar Abrão por não lhe dizer a verdade, mandou-o embora com sua mulher e suas riquezas (12:18-19). Faraó não acreditava no Deus de Abrão, mas sabia interpretar os acontecimentos. Se ao menos alguns de nossos líderes africanos fossem igualmente sensíveis a Deus! Se tivessem essa percepção, talvez não agissem como insensatos, persistindo em governar mesmo quando o Senhor está dizendo de forma bastante clara que não aprova alguns aspectos de sua vida e liderança.

### 13:1-4 Abrão volta do Egito

Ao ser expulso do Egito por Faraó, Abrão foi para o *Neguebe*, *ele e sua mulher e tudo o que tinha, e Ló com ele* (13:1). Acrescentando detalhes sobre esses bens e como preparação para a seção seguinte, o texto informa que *era Abrão muito rico; possuía gado, prata e ouro* (13:2). Do Neguebe, ele partiu para Betel, onde havia edificado anteriormente um altar e adorado ao Senhor (12:8). Agora, nesse mesmo lugar, *Abrão invocou o nome do Senhor* (13:4).

### 13:5-18 Abrão e Ló se separam

#### 13:5-13 Abrão protege os laços de família

A escassez de bens é um problema, como vimos quando Abrão foi obrigado a se mudar para o Egito (12:10). No entanto, a abundância de bens também pode ser problemática. Abrão havia se tornado um homem extremamente rico, com grandes rebanhos (13:2). Seu sobrinho Ló havia compartilhado da prosperidade do tio e possuía seus próprios *rebanhos, gado e tendas* (13:5). Uma vez que os cananeus e ferezeus ocupavam grande parte da terra, a região disponível para Abrão era pequena demais para prover a água e o alimento necessários para todos os seus rebanhos (13:6). Consequentemente, surgiram conflitos entre os pastores dos rebanhos de Abrão e os pastores dos rebanhos de Ló (13:7a). Esses desentendimentos poderiam ser prejudiciais para o relacionamento entre Abrão e Ló e também poderiam afetar o testemunho de Abrão entre os *cananeus e ferezeus* da região (13:7b).

Numa situação desse tipo é essencial ter a coragem e a sabedoria de analisar o problema a fim de chegar a uma solução apropriada. Abrão não havia feito isso no Egito, mas, desta vez, agiu acertadamente ao tomar a decisão com base em seu relacionamento com Deus e com sua família. Decidiu

que, embora o convívio próximo com Ló fosse agradável e proporcionasse conforto e proteção, seria melhor que ele e Ló se separassem e resguardassem a paz, em vez de viver juntos, mas sempre se desentendendo (13:8a). Abrão estava preocupado em preservar os laços de família, mas sugeriu que a separação física seria o meio mais adequado para manter a união emocional (cf. 14:8-16). Assim, sua sugestão foi a decisão correta, e não uma rejeição de Ló, o qual ele considerava um parente chegado (13:8b).

A sensibilidade de Abrão em relação às necessidades emocionais daqueles que estavam sob sua responsabilidade serve de exemplo para nós nos dias de hoje. É comum esposas se sentirem sufocadas por parentes — especialmente pelos parentes do marido. Se uma esposa expressa sua queixa, a resposta típica do marido é: “Ele é meu irmão (ou ela é minha irmã); tenho a obrigação de ajudar”. Há ocasiões em que é necessário abrigar outras pessoas em nossa casa (especialmente quando há tantos órfãos em famílias com HIV/aids). Mas por vezes pode ser melhor ajudar os parentes de longe em vez de criar dentro de casa uma situação na qual todos ficam infelizes e não conseguem se entender.

Podemos verificar o espírito generoso e abnegado de Abrão em sua disposição de abrir mão de seus direitos como parte mais velha e deixar Ló escolher a terra à esquerda ou à direita (13:9). Ló não era um homem da mesma estatura que Abrão e, portanto, fez uma escolha egoísta, tomando para si *toda a campina do Jordão, que era bem regada* (13:10-11).

Em se tratando de questões de terra, muitas das histórias que ouvimos mostram atitudes mais semelhantes à de Ló do que à de Abrão. Até mesmo cristãos demonstram ganância e egoísmo ao brigar pela parte melhor ou maior. Desentendimentos relacionados a terras chegam a ser causa de homicídio! No entanto, existem casos de pessoas que seguiram o exemplo de Abrão. Conheço um homem que deixou o irmão escolher primeiro, apesar de saber que o irmão certamente tomaria para si a parte melhor da terra. Esse homem piedoso pediu a Deus para lhe dar forças a fim lavrar a terra menos fértil que lhe coube e pôs-se a trabalhar. Em poucos anos, sua terra estava verde *como o jardim do Senhor, como a terra do Egito, como quem vai para Zoar* (13:10). Com o Espírito de Deus e trabalho árduo, um deserto pode ser transformado num lindo jardim! Deus está à procura de outros africanos que tratem das questões de terra como Abrão fez.

Ló escolheu a planície sem hesitar e, ao que parece, sem pedir o conselho de Abrão. Ao usar a beleza e fertilidade da planície, e não seu relacionamento com o Senhor, como critério para escolher onde construiria seu lar, Ló deixou a terra de Canaã e foi viver na cidade perversa de Sodoma (13:12-13). Ló escolheu a planície em vista do potencial de multiplicação de suas riquezas, sem levar em consideração a moralidade do povo no meio do qual ele viveria. A longo prazo, sua escolha se revelou infeliz (18:16—19:29).

A atitude de Ló é comum em nosso continente. Muitos cristãos fecham os olhos para considerações éticas ao fazerem negócio, buscarem promoções ou tomarem outras atitudes visando à prosperidade. Ao buscarmos riquezas, não devemos deixar de considerar o certo e o errado. Ter pouco e viver com o Senhor é melhor do que ter muito e viver sem sua bênção (cf. Pv 15:16; 16:8).

### 13:14-18 O Senhor renova a confiança de Abrão

O Senhor respondeu à escolha de Abrão garantindo-lhe que ele não havia entregue a melhor parte da terra, mas que ele e seus descendentes seriam donos da terra em todas as direções até onde sua vista alcançasse, não apenas por um tempo, mas para sempre (13:14-15). Além disso, o Senhor o abençoaria com uma descendência tão numerosa quanto *o pó da terra* (13:16). O Senhor é o consolador e demonstra cuidado especial por aqueles que o honram.

O Senhor disse a Abrão para percorrer *essa terra no seu comprimento e na sua largura*, como seu proprietário, pois ela era uma dádiva divina (13:17). Essa dádiva não é como a concessão de terras do governo por alguns chefes de Estado africanos a pessoas ou instituições de sua preferência. Os chefes de Estado são apenas administradores das terras públicas e não têm direito de distribuí-las. Mas o Senhor é o dono de cada centímetro de terra, de modo que Abrão recebeu sua terra das mãos do verdadeiro proprietário.

Com essa certeza, Abrão levantou acampamento e foi morar perto das grandes árvores de Manre em Hebrom (13:18). *E levantou ali um altar ao Senhor.*

### 14:1-16 Abrão intervém em favor de Ló

Ló havia se mudado para perto de Sodoma (13:12) e logo se viu em apuros quando irrompeu em Canaã uma guerra envolvendo o rei de Sodoma. A guerra foi decorrente da subjugação dos reis de Sodoma, Gomorra, Adamá, Zeboim e Bela (14:2,8a) por Quedorlaomer durante *doze anos*. No *décimo terceiro ano*, esses reis formaram uma aliança e se rebelaram (14:3-4). No *décimo quarto ano* Quedorlaomer, juntamente com três aliados, demonstrou sua força derrotando seis grupos — os *refains*, os *zuzins*, os *emins*, os *horeus*, os *amalequitas* e os *amorreus* (14:5-7). Os cinco reis se aprontaram para a batalha no *vale de Sitim* (14:8b). No entanto, não foram páreo para Quedorlaomer e seus três aliados. Quando os reis de Sodoma e Gomorra e seus exércitos fugiram, algumas pessoas caíram em *poços de betume* que eram abundantes no vale de Sitim (14:10a). Vendo as duas cidades completamente desprotegidas, Quedorlaomer e seus aliados *tomaram, pois, todos os bens de Sodoma e Gomorra e todo o seu mantimento [...] Apossaram-se também de Ló, filho do irmão de Abrão, que morava em Sodoma, e dos seus bens e partiram* (14:11-12).

Um dos sobreviventes da derrota que fugiu para as montanhas informou o ocorrido a Abrão, descrito aqui pela primeira vez como *o hebreu* (14:10b,13a). Ele *habitava*

junto dos carvalhais de Manre, o amorreu, irmão de Escol e de Aner (14:13b). Abrão aliou-se a esses três irmãos amorreus, e se mobilizou de imediato para resgatar seu sobrinho Ló (14:14). Sua reação rápida mostra claramente que ele continuou a amar Ló depois de terem se separado. Um parente deve sempre se apressar em ajudar outro parente necessitado.

Abrão organizou *trezentos e dezoito homens* e foi ao encontro de Quedorlaomer e seus aliados. Todos os homens de Abrão eram *nascidos em sua casa* e, portanto, leais a ele. Eles perseguiram os captores de Ló até Dã, onde Abrão os atacou de noite (14:15a). Então, perseguiram os inimigos que conseguiram fugir até Hobá, ao norte de Damasco (14:15b). Abrão recuperou *todos os bens, e também a Ló seu sobrinho, os bens dele, e ainda as mulheres, e o povo* (14:16).

Com apenas 318 homens, Abrão conseguiu afugentar um exército que havia derrotado cinco reis e seus exércitos! Sua vitória reflete a escolha sábia de pessoas para executar a tarefa, bom planejamento e, é claro, a mão do Senhor que os capacitou. Lembra-nos que um líder não precisa estar cercado por multidões para ser bem-sucedido. Uma boa equipe e uma estratégia criteriosa são as chaves para o sucesso. Esse princípio se aplica a todas as instituições, inclusive aos governos. Não é o número de assessores ou ministros que importa, mas sim quem eles são e quão sabiamente planejam. Se as nações africanas pudessem aplicar esse princípio, seriam capazes de resolver vários problemas que persistem há anos.

#### 14:17-24 Abrão e os reis

A coragem de Abrão deve ter impressionado muitos e, sem dúvida, seu ato heroico foi recebido com gratidão pelos habitantes de Sodoma e Gomorra. O gesto do rei de Sodoma descrito nesta passagem provavelmente reflete também o gesto do rei de Gomorra. *Saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma no vale de Savé, que é o vale do Rei* (14:17). O monarca ofereceu a Abrão *os bens* que ele havia recuperado, dizendo a Abrão para lhe dar apenas *as pessoas* (14:21). Sua atitude é admirável, pois ele admitiu a necessidade de reconhecer e recompensar os atos de bondade. Não é raro vermos pessoas ingratas, que parecem nem sequer conhecer a palavra “obrigado”.

Abrão recusou a oferta generosa afirmando ter jurado diante de Deus que não aceitaria *nem um fio, nem uma corria de sandália* (14:22b-23) e justificou-a: não desejava que o rei de Sodoma pudesse dizer *eu enriqueci a Abrão*. Talvez ele temesse obscurecer seu testemunho e dar a impressão de que sua determinação e coragem haviam sido motivadas apenas pelo desejo de obter mais riquezas para si.

A única dádiva que Abrão aceitou foi o alimento consumido por seus homens ao voltarem da batalha contra Quedorlaomer. No entanto, não levantou objeções quando seus aliados — os três irmãos amorreus, Aner, Escol e Manre — aceitaram a parte que lhes era devida. Eles a mereciam,

e Abrão não tinha nenhuma intenção de impor-lhes seus princípios.

A atitude de Abrão para com as coisas materiais é admirável. Enquanto muitos africanos procuram se apropriar daquilo que não lhes pertence, Abrão recusou tomar para si até o que lhe era de direito. Desejava ser devedor de sua prosperidade somente ao Senhor, o Deus Altíssimo, o que possui os céus e a terra (14:22a). Como Abrão sabia bem, o Senhor era diferente de todas as pessoas ou imagens que outras nações, incluindo o rei de Sodoma, talvez chamassem de Deus. Essa verdade vale para a África dos dias de hoje. Qualquer outro ser que requer nossa adoração é um ídolo, e não Deus.

O segundo rei a sair ao encontro de Abrão depois de derrotar Quedorlaomer foi Melquisedeque, rei de Salém. Ele saudou Abrão como um herói ou guerreiro voltando em triunfo da batalha e, seguindo as convenções da época, o recebeu com *pão e vinho* (14:18a). É possível que Melquisedeque fosse apenas um líder local de Salém (chamada posteriormente de Jerusalém) e um jebuseu (pois, mais tarde, Jerusalém ficou sob o controle dos jebuseus — 2Sm 5:6-7).

Porém, Melquisedeque possuía outros atributos notáveis. Ele é a primeira pessoa mencionada na Bíblia com o título de “sacerdote”, e é descrito como *sacerdote do Deus Altíssimo* (14:18b). Além disso, Melquisedeque *abençoou* Abrão, numa oração em que primeiro pediu bênçãos sobre Abrão e depois louvou a Deus por entregar os inimigos de Abrão em suas mãos (14:19-20a). Suas palavras nos lembram que todas as nossas vitórias são concedidas por Deus. Não devemos assumir o crédito e considerar o sucesso uma realização nossa.

Ao que parece, Melquisedeque possuía certa compreensão acerca da natureza de Deus, pois se refere a ele como *Deus Altíssimo* e o descreve como aquele *que possui os céus e a terra* (14:20b). Teoricamente, todos os bens pertenciam a Abrão, pois ele os havia recuperado. No entanto, o mais impressionante nesse ato é que, ao aceitar a bênção de Melquisedeque e lhe dar a décima parte de tudo, Abrão o reconheceu implicitamente como seu superior (cf. Hb 7:4-7).

Tendo em vista a aparição repentina de um sacerdote misterioso do Deus verdadeiro chamado por um nome que significa “rei da retidão”, não é de surpreender a fascinação que exerceu sobre gerações posteriores. Davi se refere a ele como representante de uma ordem especial de sacerdotes “segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110:4). Os autores do NT, especialmente o autor de Hebreus, apresentam-no como símbolo da identidade de Cristo em seu papel de sacerdote (Hb 5:6,10; 6:20; 7:11). O fato de ele simplesmente aparecer e desaparecer sem nenhum detalhe histórico a seu respeito levou o autor de Hebreus a descrevê-lo como “sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus [...], permanece sacerdote perpetuamente” (Hb 7:3).

Essas referências levaram algumas pessoas a imaginar se é suficiente considerar Melquisedeque apenas rei de Salém, um líder local. Assim, há quem acredite que, como “rei de Salém” significa “rei da paz” (Hb 7:2a), e Melquisedeque pode ser traduzido como “rei da justiça” (Hb 7:2b), trata-se, então, do próprio Cristo numa aparição pré-encarnada. Conforme outro ponto de vista, Melquisedeque é um título usado para Sem, que talvez ainda estivesse vivo na época, caso tivesse chegado aos 600 anos, quando saiu ao encontro de seu descendente Abrão. De acordo com essa linha de raciocínio, a “ordem” sacerdotal à qual Melquisedeque pertence se estendeu de Sem, passando por Judá, até Cristo.

### 15:1-21 Deus tranquiliza Abrão

Talvez Abrão tenha voltado de sua vitória sobre Quedorlamer e seus aliados com a impressão de ter mexido num vespeiro e talvez esperasse que voltariam para atacá-lo. Assim, deve ter sido um grande consolo para ele quando o Senhor lhe apareceu numa visão e disse: *não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande* (15:1). Como escudo de Abrão, Deus trataria daqueles que poderiam tramar o mal contra ele.

É encorajador ter o Altíssimo como defesa. Eu, dr. Assohoto, posso dar testemunho de uma época em minha própria vida em que, segundo meus entes queridos, havia indivíduos buscando poderes malignos para me destruir. Nessa ocasião, recebi de duas pessoas placas gravadas com as palavras de Isaías 54:17: “Toda arma forjada contra ti não prosperará”. Sempre que olhava para essas palavras, sentia-me certo de estar bem guardado.

O que mais chamou a atenção de Abrão foi a segunda parte dessa promessa do Senhor, “*teu galardão será sobremodo grande*”. Que maior recompensa o Senhor poderia lhe dar além de todas as dádivas já concedidas? Mas talvez Abrão ainda tivesse dúvidas e medos sobre o rumo que sua vida estava tomando. O Senhor cumpriria a promessa de lhe dar descendentes? Assim, Abrão perguntou, *Senhor Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos?* Como na cultura africana, para Abrão a maior necessidade era ter um filho. Se ele continuasse sem filhos, a única opção na cultura daquela época seria adotar um herdeiro, e a pessoa que ele tinha em mente era *o damasceno Eliézer* (15:2).

O Senhor garantiu a Abrão que Eliézer não seria seu herdeiro, mas sim *aquele que será gerado de ti* (15:4). Um filho adotivo é uma bênção, mas há uma sensação de maior intimidade com um filho gerado de seu próprio corpo. Era isso que o Senhor daria a Abrão. Ele atenderia ao maior desejo de Abrão e a bênção não terminaria ali. Os descendentes de Abrão seriam “como o pó da terra” (13:16) e como as *estrelas* (15:5). Abrão, um homem sem filhos, teria não apenas um herdeiro para seus bens, mas também uma descendência tão numerosa que não poderia ser contada. Quando não temos aquilo que desejamos, podemos desanimar se perdermos de vista o poder divino de provimento.

Abrão renovou sua confiança em Deus: *ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça* (15:6). Essas palavras — a declaração mais conhecida acerca da fé de Abrão — são citadas em Romanos 4:3,9,22; Gálatas 3:6 e Tiago 2:23. Mostram que, para ter fé, é preciso aceitar e apegar-se à palavra do Senhor. O fato de essa fé lhe ter sido imputada como justiça exclui qualquer ideia de mérito. Ele poderia duvidar de Deus, o que seria uma resposta ímpia, ou poderia crer em Deus, o que seria a resposta justa à promessa.

Mas a lista de bênçãos ainda não havia chegado ao fim. O Senhor também daria a Abrão *esta terra* (15:7). Antes da promessa, porém, o Senhor lembra quem ele é: *eu sou o Senhor que te tirei de Ur dos caldeus*. Deus parece estar dizendo a Abrão: “Eu te tirei de Ur dos caldeus com o propósito específico de lhe dar esta terra e certamente lhe darei descendentes para ocupá-la”.

Apesar de Abrão crer em Deus, ele buscou mais garantias do Senhor sobre essa questão perguntando: *Senhor Deus, como saberei que hei de possuí-la?* (15:8). Então, como sinal, o Senhor realizou com Abrão uma cerimônia de aliança conforme o costume de sua cultura. Abrão recebeu a ordem de abater três animais (*uma novilha, uma cabra e um cordeiro*), cada um com três anos, e duas aves (*uma rola e um pombinho*). Em seguida devia cortar os animais maiores no meio e dispor as metades *umas defronte das outras* (15:9-10). As aves não deviam ser cortadas ao meio, mas cada uma devia ser colocada em uma das fileiras. Então, Abrão esperou e, enquanto isso, vigiou as partes dos animais para que aves de rapina não as comessem (15:11). Como Abrão sabia bem, o Senhor não pode ser apressado; antes, ao esperarmos por ele, devemos guardar aquilo que ele nos confiou.

Quando o sol se pôs, Abrão estava tão cansado que *caiu profundo sono* sobre ele (15:12). O Senhor proveu um cobertor na forma de *grande pavor e cerradas trevas*. E, nesse momento, o Senhor fez três declarações de suma importância a Abrão:

- Sua descendência seria *peregrina* numa terra estrangeira, seria *reduzida à escravidão e afligida* (15:13; cf. At 7:6). “Quatrocentos anos” é um número aproximado, pois na verdade os israelitas passaram 430 anos no Egito (Êx 12:40; Gl 3:17).
- Passados os quatrocentos anos, o Senhor castigaria seus opressores, e os descendentes de Abrão sairiam com *grandes riquezas* (15:14; cf. Êx 12:35,38).
- Abrão iria para seus pais (morreria) *em paz* e seria sepultado *em ditosa velhice* (15:15; cf. 25:8).

O Senhor também lhe deu uma garantia explícita: *na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus* (15:16). Uma vez que a posse de Canaã não seria um ato de colonização, mas sim de julgamento, somente Deus poderia decidir a hora de executá-lo. Como essa promessa de julgamento sobre

Canaã nos lembra, só ocuparemos a terra pela obediência ao Senhor. Se vivermos em pecado, não estaremos cumprindo o propósito para o qual ele nos deu a terra, e seremos julgados conformemente.

Enquanto o julgamento de Deus não sobreviesse aos cananeus, os descendentes de Abrão subiriam ao Egito para aprender a dura lição da escravidão. Depois dessa experiência, estariam mais preparados para a nova comunidade, a nova irmandade que Deus estabeleceria. Deus não dá falsas esperanças sugerindo que o processo será fácil. Deixa claro aquilo que será necessário e instrui, visando produzir uma fé sólida.

A parte mais importante do ritual de aliança ocorreu quando, *posto o sol, houve densas trevas (15:17a)*. Normalmente, quando uma aliança era realizada naquela época, as duas partes andavam entre os pedaços dos animais sacrificados. Esse ato era um juramento, como se cada um estivesse dizendo: “Se não cumprir minha parte da aliança, que eu seja despedaçado como estes animais”. Porém, tendo em vista Deus ser uma das partes dessa aliança, não havia ninguém à altura para andar entre os pedaços com ele. Assim, *um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo passaram entre aqueles pedaços (15:17b)*, mostrando que Deus estava entrando em aliança com Abrão, enquanto este apenas ficou observando (15:18a).

Os detalhes da aliança são descritos:

- Uma reafirmação do compromisso do Senhor: *à tua descendência dei esta terra (15:18b; cf. 13:14-17)*.
- Uma declaração acerca dos limites da terra: *desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates (15:18c)*. A nação de Israel chegou a ocupar quase todo esse território durante os reinados de Salomão (1Rs 4:21; 8:65) e Jeroboão II (2Rs 14:25).
- Uma declaração acerca dos ocupantes da terra no tempo de Abrão: *o queneu, o quenezeu, o cadmoneu, o heteu, o ferezeu, os refains, o amorreu, o cananeu, o girgaseu e o jebuseu (15:19-21)*.

### 16:1-16 A solução de Sarai para a falta de filhos

Apesar de saber que lhe cabia prover um herdeiro a Abrão, Sarai *não lhe dava filhos (16:1)*. Era dez anos mais jovem que Abrão (17:17), mas já estava com 75 anos e “já lhe havia cessado o costume das mulheres” (18:11), ou seja, havia passado da idade de ter filhos. Sarai atribuía sua esterilidade ao Senhor que *me tem impedido de dar à luz filhos (16:2a)*. Como qualquer outra mulher (com algumas possíveis exceções em tempos modernos), Sarai desejava ter uma família e, portanto, elaborou um plano para obtê-la. Disse a Abrão: *toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela (16:2b)*. Naquela época, essa prática era socialmente aceitável, como ainda é em algumas partes da África até hoje. Os filhos nascidos da serva eram considerados filhos de sua senhora.

Abrão, por sua vez, provavelmente estava ficando desesperado. Havia obedecido a Deus e se mudado para Canaã, onde já habitava havia *dez anos (16:3a)*. Mas Sarai continuava estéril e o cumprimento da promessa do Senhor — “de ti farei uma grande nação” (12:2a) — parecia impossível. Abrão havia considerado adotar seu servo Eliézer, mas o Senhor não aprovou esse expediente (15:2-4) e insistiu em que o herdeiro viria do corpo de Abrão. No entanto, naquela ocasião Deus não mencionou o nome de Sarai, de modo que Abrão decidiu tentar outro caminho e concordou com a proposta da esposa (16:2). Abrão cometeu o mesmo erro que Adão ao seguir o conselho da esposa em vez de ouvir a Deus. Deveria ter buscado, antes de tudo, a aprovação de Deus. Ao deixar de sujeitar seu plano ao Senhor, ele falhou em cumprir o papel de protetor que Deus atribuiu aos maridos. Quando as responsabilidades instituídas pelo Senhor para o casal desde o princípio não são respeitadas, a confusão pode tomar conta do lar e, com ele, de toda sociedade.

Sarai tomou a Agar e *deu-a por mulher a Abrão, seu marido (16:3b)*. Abrão coabitou com Agar e ela engravidou (16:4). Para Agar, sua fertilidade a havia colocado em posição de vantagem sobre sua senhora e *foi sua senhora por ela desprezada*. Então Sarai, que tinha oferecido Agar a Abrão, voltou-se contra ele e o responsabilizou pela atitude da serva (16:5)! O texto não fornece nenhuma indicação de que Abrão incentivou, de algum modo, o comportamento errado de Agar. Assim, talvez Sarai estivesse dizendo que Abrão não deveria ter lhe dado ouvidos quando ela sugeriu que ele coabitasse com Agar. Também é possível que, ao ver Agar grávida de seu filho, Abrão tivesse elevado seu *status*, fazendo Sarai sentir-se ameaçada.

Se Sarai imaginou que Abrão estava favorecendo Agar, Abrão afirma indiretamente que ela está enganada: *a tua serva está nas tuas mãos, procede segundo melhor te parecer (16:6)*. Então Sarai começou a maltratar Agar até que essa pobre mulher *fugiu de sua presença*. O autor não diz para onde ela se dirigiu, mas, pelo fato de ser egípcia (16:1), talvez estivesse tentando voltar para sua terra natal. Como o autor deixa claro, a fonte junto à qual o anjo do Senhor a encontrou ficava *no caminho de Sur (16:7)*, de modo que ela estava indo naquela direção.

O anjo (que muitos consideram ser Cristo em seu estado pré-encarnado) se dirigiu a ela como *Agar, serva de Sarai (16:8a)*, uma lembrança imediata de quem ela era. Ela possuía seu próprio nome, mas precisava de Sarai para ter uma identidade completa. Havia concebido a fim de dar à luz para Sarai, mas estava agindo como se estivesse carregando o bebê para si mesma. Precisava, portanto, ser lembrada de sua verdadeira identidade.

O anjo lhe pergunta: *donde vens e para onde vais? (16:8b)*. O anjo sabe a resposta, mas deseja levar a própria Agar a refletir sobre a questão. A resposta dela, *fui da presença de Sarai, minha senhora*, é correta, mas o enfoque do anjo é sobre o motivo da fuga. A raiz do problema

estava na incapacidade de Agar de se sujeitar a Sarai depois de descobrir que estava grávida. O anjo do Senhor não condenou Agar, mas lhe disse para voltar para Sarai e se sujeitar a ela (16:9). Em seguida, lhe deu uma promessa: ela teria uma descendência [...] *que, por numerosa, não será contada* (16:10). Também lhe disse que seu filho seria um menino, cujo nome deveria ser *Ismael*, que significa “Deus ouve”, lembrando a Agar que Deus havia ouvido seu clamor (16:11).

O anjo lhe informou ainda sobre o caráter de seu filho na idade adulta (16:12): ele seria *como um jumento selvagem*, cuja *mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele*. Ele não aceitaria uma posição subserviente; antes, viveria *fronteiro* [ou “em hostilidade”] *a todos os seus irmãos*. Essa profecia se cumpriu, pois Ismael é o pai de todos os árabes, enquanto os judeus são descendentes de seu meio-irmão, Isaque. O conflito entre esses irmãos se estendeu ao longo dos séculos e continua até os dias de hoje.

Em resposta a esse encontro pessoal com Deus, Agar se dirigiu ao Senhor como *Deus que vê*, dizendo: *não olhei eu neste lugar para aquele que me vê?* (16:13). Quando o livro de Gênesis foi escrito, esse nome ainda era usado para a fonte situada entre *Cades e Berede* (16:14).

Conforme predito, Agar deu à luz um filho e, seguindo as instruções do anjo do Senhor, Abrão o chamou de Ismael (16:15).

Os acontecimentos deste capítulo mostram claramente que escolhas erradas geram problemas persistentes. O erro de Abrão criou conflitos entre ele e Sarai (16:5; cf. 21:8-21; 25:6), entre Sarai e Agar (16:5-6) e entre os filhos, Isaque e Ismael, e seus descendentes (21:8-10).

### 17:1-27 As promessas do Senhor

Os acontecimentos desta seção se passaram treze anos depois do nascimento de Ismael (17:25). Abrão estava com 99 anos de idade (17:1) e Sarai com 89 (era dez anos mais jovem que Abrão; 17:17b). O Senhor apareceu a Abrão referindo-se a si mesmo, pela primeira vez, como *Deus todo-poderoso*, dizendo-lhe: *anda na minha presença e sê perfeito* (17:1). O Senhor havia escolhido Abrão e, portanto, Abrão devia viver de forma agradável a ele. A ordem não é uma condição para aceitação, mas uma expressão da necessidade de conformar-se ao caráter de Deus. De sua parte, o Senhor diz, *farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente* (17:2).

Enquanto Abrão se encontrava prostrado diante dele com o rosto em terra, o Senhor descreveu em detalhes as obrigações da aliança que se aplicam a ele, apresentando-as com as palavras *quanto a mim* (17:3-4a).

- Deus prometeu que Abrão seria *pai de numerosas nações* (17:4b). Como lembrança do compromisso de cumprir essa promessa, Deus mudou o nome de Abrão para *Abraão*, que significa “pai de muitos” (17:5).

- Deus prometeu tornar Abraão *fecundo extraordinariamente*. Os descendentes de Abraão seriam *nações inteiras*, lideradas por *reis* (17:6).
- Deus prometeu que sua aliança seria eterna: *estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser teu Deus e da tua descendência* (17:7). Em certo sentido, essa promessa se aplicava a Abraão e seus descendentes biológicos, mas, num sentido mais profundo, aplicase a seus filhos espirituais (Rm 4:16).
- Deus prometeu dar a Abraão *toda a terra de Canaã, em possessão perpétua*, e ser seu Deus (17:8).

Tudo o que foi dito até aqui se refere à responsabilidade do Senhor na aliança. Agora, porém, ele trata da parte de Abraão (17:9).

- Todo descendente do sexo masculino deveria ser circuncidado oito dias depois do nascimento (17:10-12a). A circuncisão era o sinal visível da intimidade invisível entre Deus e seu povo. Era uma lembrança constante da aliança com Deus e, portanto, uma forma de ajudar seus descendentes a se manter firmes na fé.
- A regra com respeito à circuncisão se aplicava não apenas aos descendentes diretos de Abraão, mas também a todos os servos e escravos nascidos em sua casa ou comprados de estrangeiros (17:12b-13a).
- A circuncisão devia continuar a ser realizada pelas gerações subsequentes como *aliança perpétua* (17:13b). O Senhor jamais deixaria de ser o Deus dos descendentes de Abraão (Êx 6:7), e eles não deveriam jamais deixar de usar o “uniforme” que Deus havia lhes concedido.
- Aquele que não fosse circuncidado violaria a aliança e, consequentemente, seria *eliminado do seu povo* (17:14). Essa pessoa deixaria de pertencer a Deus mesmo que tivesse nascido de pais judeus. O NT fala da circuncisão do coração como sendo correspondente à submissão à graça salvadora de Deus no Senhor Jesus Cristo (cf. Rm 2:28-29; Fp 3:3). Depois da encarnação de Jesus Cristo, esta se tornou a condição única para pertencer a Deus.

Depois de declarar seu próprio compromisso e descrever as obrigações de Abraão, o Senhor revelou, então, qual seria a participação de Sarai. Convém observar primeiramente aquilo que o Senhor não diz. Ele não faz nenhuma exigência de que Sarai ou suas filhas sejam circuncidadas. O rito era reservado apenas para os homens. A Bíblia não pode ser usada para justificar a circuncisão feminina.

O Senhor mudou o nome de Sarai para *Sara*, dizendo: *abençoa-la-ei e dela te darei um filho; sim, eu a abençoarei, e ela se tornará nações; reis de povos procederão dela* (17:15-16). Seu novo nome, que significa “princesa”, tornou-a adequada para sua responsabilidade de gerar reis. Ela própria

teria apenas um filho, Isaque, mas os filhos dele seriam os pais dos judeus (de Israel e de Judá) e dos edomitas.

Supõe-se que Abraão se levantou ao ouvir as ordens de Deus, mas, ao ouvir a notícia de que Sara teria um filho, *prostrou-se* novamente — desta vez, não como sinal de re-

verência, mas para esconder sua surpresa. Abraão *se riu*, e *disse consigo*: *A um homem de cem anos há de nascer um filho? Dará à luz Sara com seus noventa anos?* (17:17). E, na resposta que verbalizou ao Senhor, concentrou-se em Ismael: *tomara que viva Ismael diante de ti* (17:18).

## MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA

A mutilação genital feminina (MGF) é uma prática comum a todos os continentes há vários séculos, porém mais predominante em alguns países da África e do Oriente Médio. Acredita-se que ainda seja realizada em mais de 26 países africanos.

Grupos étnicos distintos praticam formas diversas de MGF. Dentre elas, a excisão, ou seja, a remoção do prepúcio e da ponta do clitóris; a clitoridectomia, isto é, a remoção de todo o clitóris e dos pequenos e grandes lábios; e a infibulação que consiste na remoção do clitóris e dos pequenos e grandes lábios e na ligação dos lados da vulva sobre a vagina, prendendo-os com espinhos, categoite ou linha. Uma pequena abertura é deixada para permitir as relações sexuais na noite de núpcias e fechada novamente para garantir a fidelidade ao marido. Outras formas de MGF incluem perfuração, traspassamento ou cortes no clitóris ou lábios, extensão do clitóris ou sua cauterização, assim como dos tecidos adjacentes.

A mutilação genital feminina é realizada em meninas de três a dezesseis anos, geralmente em ambientes sem higiene, com instrumentos rudimentares e não esterilizados como facas de cozinha, lâminas de barbear, pedaços de vidro ou pregos. Não se utiliza nenhum tipo de anestésico e três ou quatro mulheres seguram a menina com força durante os dez a trinta minutos necessários para realizar a operação. Se a menina se debater, existe a probabilidade de outras partes do corpo serem feridas. Os efeitos colaterais físicos da operação incluem infecção, hemorragia interna e doenças infecciosas como hepatite B e HIV. A operação pode, portanto, ser fatal. Existe ainda a possibilidade de perda da função sexual.

Os efeitos psicológicos da MGF dependem, pelo menos em parte, do contexto social. Em algumas comunidades, a MGF faz parte da iniciação na vida adulta e é considerada uma prática que fortalece a ligação social e política. Nessas comunidades, as próprias mulheres supõem tratar-se de uma prática normal e aquelas que são submetidas a ela consideram-se mulheres “de verdade”. Uma mulher não circuncidada é vista como uma menina imatura, não obstante sua idade ou condição socioeconômica. A educação que acompanha essa iniciação ritual enfatiza o papel das meninas no casamento e especialmente a forma como devem se relacionar com o marido e a família dele.

Alguns efeitos psicológicos negativos da MGF são ansiedade, humilhação e traição, bem como traumas duradouros resultantes da experiência terrível da operação. Por ironia, com o crescimento da condenação dessa prática, mais mulheres estão se tornando vulneráveis a esses efeitos.

Os defensores da MGF dizem apoiar essa prática devido a questões de identidade cultural e sexual. Acredita-se, ainda, que a redução do desejo sexual da mulher também reduz os casos de relações extraconjugais. Além disso, a prática é associada ao asseio e à higiene. Em algumas comunidades, mulheres não circuncidadas são proibidas de manusear alimentos e água.

Várias convenções internacionais condenaram a MGF como uma violação da saúde sexual, física e mental da mulher e, portanto, uma violação de seus direitos humanos. Os teólogos africanos também precisam se unir contra esse suplício que desumaniza as mulheres procurando controlar seu corpo. Precisam enfatizar que Deus criou o corpo humano e a sexualidade feminina e declarou-os bons. Portanto, abusar do corpo de um modo que destrói a capacidade de desfrutar de uma das dádivas de Deus é um insulto à sua criação. A circuncisão masculina, por outro lado, é um rito religioso que não interfere no prazer sexual. Como a Bíblia também deixa claro, ao instituir a circuncisão como sinal da aliança, Deus restringiu-a aos homens (Gn 17:10-14). Deus não deu instruções acerca de Sara no versículo seguinte e as instruções dessa passagem não fazem nenhuma menção à circuncisão feminina.

Há uma necessidade premente de romper o silêncio que rodeia a MGF e reconhecer que essa prática também é uma forma de opressão. Vários membros da Associação de Evangélicos da África (AEA) têm se mobilizado contra a MGF.

A igreja deve começar a se envolver de modo mais específico nessa questão, oferecendo instrução sobre o assunto a todos os seus líderes. Eles próprios precisam reconhecer o problema antes de conduzir a outros pelo caminho certo. A mensagem de que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e conferiu a ambos autoridade sobre a terra deve ser pregada em defesa da igualdade para todos. A igreja deve desenvolver abordagens que promovam a complementaridade em vez da competitividade entre os sexos. É hora de ouvirmos os pastores condenarem explicitamente as práticas culturais nocivas.

Sicily Mburu Muriithi



De acordo com a resposta do Senhor, Ismael tinha seu lugar, mas a aliança seria firmada com o filho de Sara. O menino deveria se chamar Isaque, um nome que significa “riso” (17:19a). Ao dizer o nome do filho, Sara sempre se lembraria da alegria que lhe trouxe (21:6) e do fato de ter rido diante da ideia de que teria um filho em sua velhice (18:12). Tendo um filho como lembrança viva de que Deus pode fazer qualquer coisa, Sara nunca mais riria quando Deus fizesse uma promessa aparentemente impossível. Deus promete estabelecer com Isaque *a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência* (17:19b,21).

O Senhor também atende ao pedido de Abraão com respeito a Ismael, prometendo: *abençoa-lo-ei, fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei extraordinariamente*. Ismael gerará *doze príncipes* (cf. 25:12-16) e também ser tornará *uma grande nação* (17:20).

Ao terminar de falar com Abraão, *Deus se retirou dele, elevando-se* (17:22), e Abraão se pôs imediatamente a obedecer, circuncidando todos os indivíduos de sexo masculino de sua casa, inclusive ele próprio (aos 99 anos de idade) e Ismael (17:23-27). Ele sabia que, apesar do privilégio de ter conversado com o Altíssimo, o Senhor ainda era Deus. Sua reverência por Deus fica evidente em seu gesto de prostrar-se com o rosto em terra (17:3,17). Ciente da importância de levar as palavras do Senhor a sério e agir sem demora, Abraão colocou o sinal da aliança do Senhor nele e em todos os indivíduos de sexo masculino de sua casa.

### 18:1-15 Abraão recebe três visitantes

Certo dia Abraão estava assentado *à entrada da tenda, no maior calor do dia* (18:1b). Ao ver *três homens de pé em frente dele*, sua primeira reação demonstrou hospitalidade aos viajantes que deviam estar com calor, cansados e sedentos, tendo em vista a hora. *Correu da porta da tenda ao seu encontro e prostrou-se em terra* (18:2). Em seguida, lhes ofereceu *água para lavar os pés, repouso debaixo de uma árvore e um bocado de pão* (18:3-5a). O autor de Hebreus cita este episódio ao exortar seus leitores a ser hospitaleiros (Hb 13:2).

Em 18:3 Abraão se dirige àquele que parece ser o líder do grupo, tratando-o como *Senhor meu*, um título convencional de respeito. No entanto, não estava a par daquilo que o narrador nos revela, a saber, que um dos três visitantes era o Senhor (18:1a). É provável que se trate de uma aparição de Cristo em seu estado pré-encarnado na companhia de dois anjos (19:15). Os três haviam assumido forma humana a fim de realizar uma tarefa. No entanto, quando os homens partiram, Abraão provavelmente já havia se dado conta de que estava falando, no mínimo, com um mensageiro do Senhor. Ele continua a usar o tratamento *Senhor* (18:27,30,32), agora com um respeito ainda mais profundo. Nesse contexto, porém, não se trata necessariamente de um título de adoração.

Os três visitantes aceitaram a oferta de hospitalidade de Abraão (18:5b). Embora os anjos não precisem se ali-

mentar, isso não significa que não podem comer quando estão numa missão para a qual assumiram forma humana. Enquanto os visitantes comiam, Abraão *permaneceu de pé junto a eles debaixo da árvore* (18:8), uma postura indicativa de acolhimento e respeito por seus visitantes.

Sara preparou o pão para a refeição (18:6), enquanto um servo preparou a carne de um *novilho, tenro e bom* (18:7). Ao que parece, Sara não saiu para receber os visitantes, daí a pergunta, *Sara, tua mulher, onde está?* E a resposta de Abraão, *está aí na tenda* (18:9). Então, no contexto dessa refeição amigável, Deus faz uma declaração espantosa: *certamente voltarei a ti daqui a um ano; e Sara, tua mulher, dará à luz um filho* (18:10a). Sara, que estava escutando, *à porta da tenda* (18:10b), achou a declaração engraçada. Tendo em vista que *já lhe havia cessado o costume das mulheres* [ou “tinha passado da idade de ter filhos”] (18:11) e considerando a idade avançada de Abraão, *riu-se, pois, Sara no seu íntimo, dizendo consigo mesma: Depois de velha, e velho também o meu senhor, terei ainda prazer?* (18:12).

Apesar de Sara ter rido “no seu íntimo”, o Senhor que vê em segredo viu seu riso (cf. Mt 6:6). E perguntou: *Por que se riu Sara [...] Acaso, para o Senhor há coisa demasiadamente difícil?* (18:13-14). Cheia de temor, Sara negou ter rido, mas o Senhor a repreendeu tranquilamente: *não é assim, é certo que riste*. Como esse diálogo nos lembra, o filho que estava para nascer devia receber um nome cujo significado é “riso”.

Com o passar do tempo, Sara descobriria que para Deus tudo é possível (Mt 19:26). Na verdade, o Senhor, que nunca se deixa apressar, planejou para que tanto Abraão quanto Sara tivessem passado muito da idade de ter filhos para, com isso, fortalecer a fé de ambos e também a nossa. Pode haver prova mais clara de que nada é difícil demais para o Senhor?

### 18:16-33 Abraão roga por Ló

Depois da refeição e da revelação de que Sara daria à luz um filho, era hora de realizar outra missão. Assim, os homens se levantaram e foram *para Sodoma; e Abraão ia com eles, para os encaminhar* (18:16). Devido ao relacionamento entre ele e Abraão, o Senhor resolveu lhe contar o que estava prestes a fazer (18:17-19). Afinal, a destruição de Sodoma e Gomorra seria uma lição da qual os descendentes de Abraão não deveriam se esquecer. Assim, Deus disse a Abraão: *o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito. Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei* (18:20-21). Não se tratava de uma falta de conhecimento da parte do Senhor acerca da situação de Sodoma e Gomorra, mas sim de sua justiça exigir que a prova do pecado fosse mostrada claramente ao pecador.

Enquanto os homens (anjos) se dirigiam a Sodoma, Abraão *permaneceu ainda na presença do Senhor* (18:22).



Ele deve ter imaginado como poderia tratar de seu sobrinho, Ló, que estava vivendo em Sodoma. Assim, levantou a questão dos justos e perversos, perguntando ao Senhor, *destruirás o justo com o ímpio? (18:23)* e fazendo uma asserção, *longe de ti o fazeres tal coisa, matares o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. Não fará justiça o Juiz de toda a terra? (18:25)*.

Abraão nos dá um excelente exemplo de oração intercessora. Essa oração aborda Deus com base em seu caráter e é feita sem medo, mas com o respeito apropriado pelo Senhor. Abraão estava plenamente ciente de seu privilégio singular de conversar com o Senhor e do fato de não ter nenhum direito de fazê-lo, pois não passava de *pó e cinza* comparado a Deus (18:27). Sua oração também foi audaciosa, como se vê na modificação e reapresentação de seu pedido inicial. Ele começou pedindo que a cidade fosse poupada caso houvesse *cinquenta justos ali (18:24)* e, em seguida, reduziu esse número progressivamente para *quarenta e cinco (18:28)*, *quarenta (18:29)*, *trinta (18:30)*, *vinte (18:31)* e, por fim, *dez (18:32)*. O Senhor respondeu a cada uma das petições de Abraão, garantindo poupar a cidade toda ainda que houvesse apenas dez justos entre seus habitantes.

Depois de dar a Abraão todo tempo de que precisava e responder pacientemente às suas perguntas, *retirou-se o Senhor; e Abraão voltou para o seu lugar (18:33)*. Abraão havia apresentado sua súplica. Cabia agora ao Senhor fazer o que era certo.

### 19:1-29 A destruição de Sodoma e Gomorra

Ló certamente se afligia com a imoralidade do povo de Sodoma, mas havia se acomodado no lugar onde estava. Havia começado como um estrangeiro, armando sua tenda perto da cidade (13:12) e só depois mudou-se para ali (14:12). A essa altura, porém, estava *assentado* na entrada de Sodoma (19:1), uma indicação de que era uma pessoa respeitada na cidade, ou mesmo um líder de algum tipo, pois a porta da cidade era o local onde se realizavam as transações comerciais e legais. Mas, embora os acontecimentos desse capítulo mostrem que ele havia sucumbido à perversidade em Sodoma, ele ainda podia ser contado entre justos pelos quais Abraão havia rogado (2Pe 2:8).

Como seu tio Abraão, Ló acolheu imediatamente os visitantes que chegaram em Sodoma à noite, oferecendo-lhes sua casa para lavarem os pés e pernoitarem (19:2). Os visitantes recusaram e informaram que passariam a noite na praça da cidade, provavelmente um lugar na rua onde não perturbariam ninguém (cp. Jz 19:15). Mas Ló insistiu, e eles concordaram em se hospedar na casa dele, onde *deu-lhes um banquete, fez assar uns pães asmos, e eles comeram (19:3)*. Seus atos contrastam nitidamente com o comportamento dos homens de Sodoma. Temos motivos suficientes para supor que ele havia aprendido os valores da bondade e hospitalidade enquanto viveu com seu tio Abraão.

Antes de Ló e seus visitantes se deitarem, *cercaram a casa, os homens de Sodoma, tanto os moços como os velhos (19:4)*. Não tinham nenhuma intenção de proteger os estrangeiros, mas sim de se aproveitar deles. Cansados de fazer sexo uns com os outros, exigiram que Ló trouxesse os visitantes para fora para abusarem deles (19:5). Ló ficou horrorizado com essa violação das leis de hospitalidade que ele estava tão determinado a cumprir e chegou até a oferecer à multidão suas *duas filhas, virgens (19:8)*. Mas os homens de Sodoma se tornaram mais violentos e tentaram dominar Ló e arrombar sua porta. Insultaram-no, chamando-o de *estrangeiro*, recusando seu parecer sobre a questão e ameaçando tratá-lo com mais perversidade *do que a eles (19:9)*. Em outras palavras, ameaçaram violentar Ló também, garantindo-lhe que o fariam com violência. A homossexualidade é um pecado detestável diante do Senhor (Rm 1:26-27; 1Tm 1:10) e combiná-la com estupro é atrair sobre si a ira de Deus. Embora o estupro não tenha ocorrido, a intenção foi tão perversa quanto o ato em si (Mt 5:28).

Os homens de Sodoma não sabiam que tipo de visitante Ló estava hospedando em sua casa. Provavelmente já haviam abusado de outros visitantes, fato que pode ter levado Ló a insistir para que os homens não dormissem na praça (19:3); porém, dessa vez, esses homens se veriam em maus lençóis. Os anjos visitantes perceberam que Ló estava tentando protegê-los e *o fizeram entrar [...] e fecharam a porta (19:10)*. Então, *feriram de cegueira aos que estavam fora, desde o menor até ao maior, de modo que se cansaram à procura da porta (19:11; cf. 2Rs 6:18)*. Os homens devem ter ficado aturdidos, mas o pior ainda estava por vir.

Os anjos não precisavam ver mais nada em Sodoma para entender por que *o clamor havia aumentado, chegado até à presença do Senhor (19:13)* e para convencê-los de que a cidade devia ser destruída. No entanto, Ló havia agido de forma honrosa e, diante disso e da súplica de Abraão (19:29), recebeu a oportunidade de escapar do julgamento. Os visitantes lhe disseram para sair da cidade com seus familiares — *genro, e teus filhos, e tuas filhas, todos quantos tens na cidade (19:12)*. Os *genros* de Ló *que estavam para casar com suas filhas* pensaram que seu futuro sogro não estava falando sério e se recusaram a acompanhá-lo (19:14). Como não havia mais tempo a perder, pela manhã, os visitantes ordenaram que Ló partisse apenas com sua esposa e suas duas filhas (19:15). Ainda assim, como Ló *se demorasse, pegaram-no os homens pela mão, a ele, a sua mulher e as duas filhas [...] e o puseram fora da cidade (19:16)*. Conforme o texto deixa claro, isso sucedeu pela misericórdia do Senhor.

Depois de terem sido retirados da cidade, Ló, sua esposa e suas filhas receberam quatro instruções: fugir para salvar a vida; não olhar para trás; não parar em nenhuma parte da campina; fugir para os montes, pois, do contrário, pereceriam (19:17).

A essa altura, Ló começou a perceber a seriedade da situação. Sabia de sua própria fraqueza física e imaginou não ser capaz de chegar aos montes antes que sobreviesse a destruição. Assim, com base no favor e na bondade demonstrados pelos homens (19:18-19), Ló pediu a um deles permissão para fugir para uma pequena cidade onde conseguiria chegar (19:20) e foi atendido, com a ordem para apressar-se e refugiar-se ali (19:21-22a). O homem encerra sua resposta explicando a urgência: *nada posso fazer, enquanto não tiveres chegado lá*.

Ló havia pedido permissão para se refugiar na cidade pequena e sua descrição levou essa cidade a ser chamada de *Zoar*, que significa “pequena” (19:22b). Naquele lugar, ele e sua família encontrariam segurança.

Sodoma e Gomorra, a cidade vizinha, foram tragadas por uma chuva de *enxofre e fogo* que o Senhor derramou do céu (19:24), destruindo *aquelas cidades, e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia da terra* (19:25). Como Criador e justo Juiz, somente Deus tem o direito de dar cabo da vida de suas criaturas.

A esposa de Ló não obedeceu à instrução para não olhar para trás e, em decorrência disso, *converteu-se numa estátua de sal* (19:26). Não existe favoritismo. O julgamento sobrevém a todos que não obedecem às instruções do Senhor. Essa mulher recebeu a oportunidade de escapar, mas não obedeceu. A graça do livramento deve ser levada a sério, sem olhar para trás.

Abraão deve ter ficado extremamente preocupado com aquilo que o Senhor lhe revelou acerca da destruição iminente das cidades. Levantou-se de madrugada, olhou na direção de Sodoma e viu *que da terra subia fumaça, como a fumarada de uma fornalha* (19:27-28). Ele não sabia o que havia acontecido com seu sobrinho e a família dele, mas estava certo de que o “Juiz de toda a terra” havia feito a coisa certa (18:25).

### 19:30-38 Ló e suas filhas

Ló e suas filhas fugiram para Zoar, mas não ficaram lá, *porque receavam permanecer* ali, talvez por imaginarem que o povo os culparia pela calamidade em Sodoma e Gomorra, ou por algum outro motivo. Assim, Ló pegou suas duas filhas e *habitou no monte [...] numa caverna* (19:30).

Suas filhas sabiam que os futuros maridos haviam perecido em Sodoma (19:14), enquanto sua mãe foi transformada numa estátua de sal quando se virou para trás e olhou para Sodoma (19:26). Viram-se, portanto, sozinhas, sem ninguém para aconselhá-las. Uma de suas grandes preocupações era conservar sua *descendência* (19:32,34), um assunto que não podiam discutir abertamente com o pai. Concluíram que precisavam ter filhos e o único homem disponível para isso era Ló. Ele jamais teria concordado com a ideia, mas elas enfraqueceram suas defesas embriagando-o a ponto de ele não saber mais o que estava fazendo. A filha mais velha se deitou com o pai na primeira noite (19:33a)

e, na noite seguinte, foi a vez da mais jovem (19:35a). Cada uma se deitou com ele *sem que ele notasse, nem quando ela se deitou, nem quando se levantou* (19:33b,35b). As duas filhas engravidaram. A primeira deu à luz um filho e *lhe chamou Moabe*, que se tornou o *pai dos moabitas*, e a segunda deu à luz um filho e *lhe chamou Ben-Ami*, que se tornou o *pai dos filhos de Amom* (19:36-38).

Esse relato levanta várias questões morais: Por que Ló se deixou embriagar a ponto de não saber o que se passava a seu redor? Diante da ausência de qualquer outro homem, as filhas tinham o direito de se deitar com o pai? Ló fez bem em ir morar com as filhas numa caverna? Não teria sido mais sábio correr o risco de viver em Zoar, em vez de se isolar com as filhas? Nos dias de hoje, especialmente em áreas urbanas, não são raros os casos de moças que vão morar com o pai na cidade enquanto a mãe fica na vila. Será que esse episódio bíblico não pode ser considerado um aviso?

A vida de Ló mostra claramente como uma criação piedosa e mesmo uma vida reta não são suficientes quando não se tem contato com o povo de Deus. Ló escolheu viver em Sodoma, um lugar conhecido por sua perversidade e, supostamente, casou-se com uma mulher dessa cidade e fez planos para suas filhas se casarem com homens de Sodoma, pessoas que não conheciam o Senhor. Teve a oportunidade de deixar Sodoma depois de ter sido resgatado por Abraão (14:12), mas escolheu permanecer lá. Também não procurou Abraão quando perdeu tudo depois da destruição de Sodoma. Consequentemente, suas filhas — moças criadas numa cidade perversa — agiram de acordo com a moralidade adquirida com seus conterrâneos. Ló perdeu tudo: casa, riqueza, esposa e o respeito das filhas, cujo comportamento deve tê-lo envergonhado ao extremo. Quando permitimos que nossa liberdade tenha precedência sobre nossas responsabilidades fraternas, o resultado final não glorifica a Deus. Devemos atentar para a graça que nos foi concedida pelo Senhor por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, e vivê-la profundamente de modo que o temor de Deus em nós sobrepuje o medo das pessoas e dos acontecimentos.

### 20:1-18 Abraão e Abimeleque

Abraão saiu do lugar onde havia habitado vários anos, “nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom” (cf. 18:1), mudou-se *para a terra do Neguebe, habitou entre Cades e Sur e morou em Gerar* (20:1), onde Abimeleque era rei. Ao que parece, a designação “Abimeleque” era o título atribuído habitualmente aos governantes dos filisteus (equivalente a “presidente”). Mais uma vez, Abraão descreveu sua esposa como se fosse sua irmã e *Abimeleque [...] mandou buscá-la* (20:2).

Qual é a relação entre este incidente e o outro semelhante descrito em Gênesis 12:10-20? De acordo com alguns comentaristas, os dois relatos se referem ao mesmo episódio, e a história foi transmitida de duas formas diferentes na tradição oral antes de ser escrita. No entanto, essa interpreta-

ção ignora o papel do Espírito Santo, que guardou a Palavra de Deus de qualquer erro. Também ignora a diferença clara entre os dois incidentes. Um se deu no Egito, o outro em Gerar; um envolveu Faraó, o outro Abimeleque; em um Abraão estava fugindo da fome, no outro se mudou sem nenhuma pressão externa. Os dois episódios têm em comum apenas o envolvimento com governantes e a afirmação de Abraão de que Sara era sua irmã. O único elemento constante é o comportamento de Abraão. Ele havia mentido no passado para escapar do perigo de um governante poderoso que se encantou por sua esposa, e não viu motivos para mudar de tática.

O Senhor transmite suas mensagens de várias formas diferentes. Neste caso, usou um sonho de Abimeleque para adverti-lo do perigo: *vais ser punido de morte por causa da mulher que tomaste, porque ela tem marido (20:3)*. Ao que parece, Abimeleque possuía algum conhecimento do Deus a quem Abraão adorava e ficou extremamente atemorizado. Fez questão de explicar que não teve a intenção de pecar, mas agiu com inocência e *sinceridade de coração (20:5)*. O Senhor concordou com Abimeleque e afirmou ter intervindo para evitar que Abimeleque se deitasse com Sara e pecasse contra Deus (20:4,6). O texto não diz como Deus fez isso, mas talvez tenha tornado Abimeleque impotente (20:17).

Então, o Senhor diz a Abimeleque: *restitui a mulher a seu marido, pois ele é profeta e intercederá por ti, e viverás (20:7)*. A transgressão cometida por ignorância pode ser perdoada diante do Senhor, mas, ao descobrir que está em pecado, o indivíduo deve mudar de comportamento. O Senhor declara as consequências no caso de desobediência: *se, porém, não lhe restituíres, sabe que certamente morrerás, tu e tudo o que é teu*. Essa mensagem deve ser ouvida por qualquer pessoa que, por qualquer motivo, se relaciona com a mulher de outrem como se fosse sua própria mulher. Isso inclui os empregadores que ameaçam demitir funcionárias que se recusam a dormir com eles. Tais práticas são uma abominação ao Senhor e muitos homens certamente serão “punidos de morte”. Não podem esperar nenhum bem do Senhor. Talvez Deus não castigue todas as pessoas com a morte, como fazia no AT, mas a morte de um pai ou de uma mãe como castigo do Senhor afeta toda a família.

Deus chamou Abraão de “profeta”, pois ele se comunicava com o Senhor em nome de outros. O fato de Abraão ter sido escolhido por Deus para ser uma bênção às nações (12:3) o qualificava, nesse sentido, como profeta. Na condição de profeta, Abraão oraria para Abimeleque receber o perdão do Senhor no lugar da morte.

Abimeleque levou a mensagem a sério e tomou uma atitude de *madrugada (20:8)*. Seus oficiais se atemorizaram grandemente quando Abimeleque lhes falou de seu encontro com o Senhor, pois sabiam que seriam afetados pelo castigo. Quando o Senhor abençoa um líder, abençoa a nação toda. Quando ele amaldiçoa um líder, essa maldição também afeta a nação toda. Na África, temos muitos líderes cujos caminhos não agradam em nada ao Senhor. Uma vez

que Deus não pode abençoá-los, também perdemos essas bênçãos divinas. Precisamos de líderes que temam ao Senhor e honrem sua palavra (quer revelada nas Escrituras, quer em sonhos).

Abimeleque *chamou [...] a Abraão* e lhe perguntou por que havia trazido *tamanho pecado* sobre ele e sobre seu reino (20:9-10). Abraão explicou seu medo de ser morto por causa de Sara (20:11) e acrescentou, *por outro lado, ela, de fato, é também minha irmã, filha de meu pai e não de minha mãe, e veio a ser minha mulher (20:12)*. Só aqui ficamos sabendo que Sara era meia-irmã de Abraão. Em partes anteriores do relato, ela é chamada de “nora” de Tera e “mulher de seu filho Abrão” (11:31). Naquela época, o casamento entre parentes era uma prática comum (cf. tb. 11:29). Uma vez casados, sua condição de marido e mulher tinha precedência sobre seu relacionamento de sangue.

Em teoria, Abraão pode não ter mentido, mas a desculpa não justificou seus atos. Ele simplesmente teve medo! No entanto, sua reação não foi singular. Todos nós agimos de forma parecida quando nos vemos em situações difíceis. Em vez de reconhecermos que erramos, tentamos encontrar desculpas relevantes para a situação.

Arrepentido de tudo o que havia ocorrido, Abimeleque deu a Abraão *ovelhas e bois, e servos e servas [...] e lhe restituiu a Sara, sua mulher (20:14)*. Também disse a Abraão: *a minha terra está diante de ti; habita onde melhor te parecer (20:15)*. Uma oferta e tanto! Apesar de Abraão ter pecado, Abimeleque demonstrou respeito por ele como profeta de Deus. Como as coisas são diferentes em nosso tempo! Hoje, ladrões armados arrombam a casa de pastores e escarnecem do evangelho que eles representam. Encontramos criminosos com nomes bíblicos — uma indicação de que tiveram algum contato com a igreja e deveriam agir de outro modo.

Mesmo tendo pecado por ignorância, Abimeleque foi castigado. O Senhor havia *tornado estéreis todas as mulheres da casa de Abimeleque por causa de Sara, mulher de Abraão (20:18)* e só as sarou depois de Abimeleque restaurar Sara ao seu marido e Abraão orar pedindo perdão.

Talvez nunca fiquemos sabemos como homens e mulheres de Deus em nosso meio nos livraram do mal. Mas lhes devemos o respeito apropriado, do tipo de Abimeleque demonstrou para com Abraão. Por outro lado, cabe a nós pedir a Deus para conduzir os pecadores ao arrependimento e restaurar os penitentes.

### 21:1-7 Isaque, o filho prometido

Quando Abraão recebeu os três visitantes, o Senhor lhe disse: “Certamente voltarei a ti, daqui a um ano; e Sara, tua mulher, dará à luz um filho” (18:10) e, de fato, Sara engravidou (21:1-2). Quando Abraão estava com *cem anos (21:5)*, ela lhe deu um filho o qual chamaram de *Isaque (21:3)*. Isaque nasceu 25 anos depois que o Senhor prometeu pela primeira vez abençoar Abraão (12:4). Não importa quão longa é a espera, as promessas de Deus nunca

falham. O Senhor é fiel e sua fidelidade permite que confiemos nele e creiamos em seu poder absoluto em todas as circunstâncias.

Obedecendo à ordem do Senhor, Abraão circuncidou Isa-que no oitavo dia (21:4; 17:12).

Quando Sara diz que o Senhor lhe deu motivo de riso (21:6), está se referindo ao fato de ele haver transformado numa grande alegria a dor de esperar por um filho. Enquanto antes havia lamentado sua esterilidade, agora ela se regozija. Sara não tinha dúvidas: todos que ouvissem seu relato se regozijariam com ela.

### 21:8-21 Agar e Ismael

Bênçãos também podem trazer desafios. Apesar da alegria de ter dois filhos, Abraão depara com conflitos familiares típicos de casamentos poligâmicos.

Talvez fosse um problema já existente que veio à tona quando se comemorou o desmame de Isaque, provavelmente aos três anos de idade. *Deu Abraão um grande banquete (21:8)* e, nessa ocasião, Sara viu *que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçava de Isaque (21:9)*. Se Isaque estava com três anos, Ismael estava com cerca de dezessete (cf. 16:16; 21:5). Não conseguia aceitar toda a atenção que Isaque estava recebendo, talvez porque antes ele fosse o centro das atenções e gostasse disso, ou porque uma comemoração desse tipo não tivesse sido realizada para ele.

Ismael e Agar tinham nomes, mas Sara evitava usá-los, preferindo se referir a eles como *essa escrava e seu filho*. Muitas vezes, nós também colocamos rótulos nas pessoas para mostrar o quanto não gostamos delas. Essa falta de respeito não é correta, pois devemos tratar a todos com honra (1Pe 2:17). Sara falhou nesse sentido quando disse a Abraão para rejeitar Ismael e Agar, *porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho (21:10)*. Observe a mudança na atitude de Sara. Quando deu Agar a Abraão, disse, “assim me edificarei com filhos por meio dela” (16:2). Quando Ismael nasceu, o texto nos informa, “Agar deu um filho a Abraão” (16:15). Mas agora, Sara afirma categoricamente que Ismael não terá parte nos bens de seu pai, Abraão. Não é de admirar que *pareceu isso muito penoso aos olhos de Abraão, por causa de seu filho (21:11)*!

O Senhor, que conhece todas as coisas e se interessa pelas preocupações mais profundas de seu povo, instruiu Abraão a atender ao pedido de Sara, *porque por Isaque será chamada a tua descendência (21:12)*. Não porque deixasse de amar Ismael e sua mãe ou porque aprovasse a atitude de Sara. Antes, Deus estava operando de modo a restabelecer a ordem onde o pecado da impaciência havia provocado desordem e proteger seu plano para nossa salvação. Deus sabia que não seria possível instruir adequadamente na fé uma família repleta desse tipo de conflito.

Deus não ignorou as necessidades de Ismael. Tinha planos para ele. Ismael também seria abençoado, pois o Senhor disse, *também do filho da serva farei uma grande nação (21:13)*.

Na promessa divina Abraão encontrou forças para fazer o que precisava ser feito. *De madrugada, tomou pão e um odre de água, pô-los às costas de Agar, deu-lhe o menino e a despediu (21:14)*. Quer por sua confusão, quer por falta de conhecimento, a pobre Agar não fazia ideia para onde ir, de modo que *andou errante pelo deserto de Berseba*. Quando a água que Abraão havia lhe fornecido acabou, ela imaginou que certamente seu filho morreria e se angustiou grandemente (21:15-16). No entanto, Alguém sabia onde ela estava o tempo todo. *Deus, porém, ouviu a voz do menino; e o Anjo de Deus chamou do céu a Agar e disse: levanta o rapaz [...] porque eu farei dele um grande povo (21:17-18)*. Talvez Agar não soubesse da promessa do Senhor a Abraão (21:13), ou talvez tivesse pensado que, ao falar dela, Abraão estivesse tentando lhe dar falsas esperanças. Agora, porém, ela ouve a promessa do próprio Deus. Ele faria de Ismael uma grande nação. Uma vez que o Senhor falou, não deve haver nenhum temor das dificuldades que surgirão adiante, pois sua promessa se cumprirá.

O Senhor proveu água no deserto para Agar e para o menino (21:19). Ele também *estava com o rapaz, que cresceu [...] e se tornou flecheiro (21:20)*. Ele e sua mãe viveram no *deserto de Pará* (atual península do Sinai) e sua mãe *casou com uma mulher da terra do Egito, sua terra natal (21:21; 16:1)*.

No devido tempo, Ismael se tornou o pai dos povos árabes. Mas será que as coisas mudaram tanto a ponto de, hoje, Deus não estar mais com os descendentes de Ismael? De maneira nenhuma. Deus é o Deus dos árabes tanto quanto é o Deus dos judeus. O problema não é a atitude de Deus, mas sim a falta de reconhecimento da parte de seu povo tanto das bênçãos quanto dos limites que ele determinou. As bênção do Senhor para Ismael seria torná-lo uma grande nação, enquanto Isaque herdaria a aliança abraâmica.

Hoje em dia, existe uma grande tensão entre árabes e judeus em relação à terra de Israel. Não se pode negar que Israel foi a herança de Isaque, mas também é errado esperar que Ismael viva no deserto para sempre. Esses dois povos irmãos precisam aprender a negociar para que todos possam compartilhar da abundância que Deus provê.

Em termos espirituais, Paulo usa as tensões entre Agar e Sara e entre Ismael e Isaque para ilustrar a tensão entre a lei da letra e a lei do Espírito (Gl 4:22-31). Os cristãos são “filhos não da escrava, e sim da livre”. Obedecem a Deus não por obrigação, mas por amor.

### 21:22-34 O tratado com Abimeleque

Depois do incidente envolvendo Abimeleque e Sara, Abimeleque permitiu que Abraão vivesse onde desejasse em seu reino (20:15). Com o passar do tempo, Abraão tornou-se extremamente poderoso. Abimeleque e *Ficol, comandante do seu exército*, atribuíram essa abundância ao fato de Deus estar com Abraão *em tudo* o que ele fazia (21:22). Que testemunho extraordinário! Assim, Abimeleque pediu a Abraão para jurar diante de Deus: *não me mentirás,*

*nem a meu filho, nem a meu neto (21:23)*. Abraão não tinha nenhum direito de tratar mal a seu anfitrião Abimeleque e seus descendentes, mas Abimeleque desejava garantias de que isso não aconteceria, e Abraão atendeu a seu pedido prontamente (21:24).

Abraão aproveitou esse encontro para se queixar de um *poço de água que os servos de Abimeleque lhe haviam tomado à força (21:25)*. Abimeleque afirmou não ter conhecimento desse problema (21:26). Abraão não desejava apenas palavras tranquilizadoras, de modo que tomou *ovelhas e bois e deu-os a Abimeleque; e fizeram ambos uma aliança (21:27)*. Talvez esses animais tenham sido cortados em duas partes e Abraão e Abimeleque tenham passado entre as metades (cf. 15:9-10, 17-18). Abraão não desejava deixar absolutamente nenhuma suspeita de que ele havia roubado os poços e, portanto, separou *sete cordeiras do rebanho (21:28)*. Quando Abimeleque lhe perguntou o significado do presente, Abraão pediu que ele as aceitasse como *testemunho de que eu cavei este poço (21:29-30)*, pois desejava selar o acordo e demonstrar uma conduta irrepreensível. Aquele lugar foi chamado de *Berseba* ["poço do juramento"], *porque ali juraram eles ambos (21:31)*.

Depois de receber a garantia de Abraão de que seus descendentes estariam seguros e depois de fazer um acordo acerca do poço, Abimeleque voltou *para as terras dos filisteus (21:32)*. Em Berseba *plantou Abraão tamarqueiras*, talvez para comemorar o juramento que havia sido feito, e *invocou ali o nome do Senhor, Deus eterno (21:33)*. *E foi Abraão, por muito tempo, morador da terra dos filisteus (21:34)*.

A maneira como Abraão lidou com esse conflito acerca do poço mostra que os cristãos podem ser bons negociantes. Também mostra que as boas práticas comerciais não são incompatíveis com a adoração a Deus. Muitos homens e mulheres de negócios da África e em de outros lugares podem aprender com o exemplo de Abraão.

## 22:1-19 Outra prova de fé

O Senhor havia dito a Abraão para mandar embora Ismael e Agar e se concentrar em Isaque, "porque por Isaque será chamada a tua descendência" (21:12). Vemos agora a prova mais dramática da fé de Abraão na palavra de Deus.

*Depois dessas coisas*, o Senhor disse a Abraão, *toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei (22:1-2)*. Abraão provavelmente ficou um tanto confuso ao receber essa ordem, mas ele havia aprendido a crer que Deus sabe sempre o que está fazendo. Essa mesma certeza nos ajuda a confiar no Senhor em todas as circunstâncias.

Na manhã seguinte, Abraão partiu para o monte Moriá levando consigo seu filho Isaque, dois servos e um jumento para carregar lenha suficiente para o holocausto (22:3). Eles viajaram dois dias inteiros e *ao terceiro dia, erguendo Abraão os olhos, viu o lugar de longe (22:4)*. Abraão sabia que, se levasse os servos consigo para o alto do monte, eles

tentariam impedi-lo de cumprir a vontade de Deus. Assim, instruiu-os: *esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá (22:5a)*. Muitas vezes, a vontade de Deus incluirá a necessidade de nos desembaraçarmos de todo peso que nos impede de correr para o prêmio (Hb 12:1), e isso pode incluir pessoas que, a nosso ver, talvez representem um empecilho à obediência.

Abraão tranquilizou os servos dizendo: *havendo adorado, voltaremos para junto de vós (22:5b)*. O que levou Abraão a dizer "voltaremos"? Estava antevendo o milagre que sucederia?

Deixando seus servos para trás, Abraão pediu a Isaque para carregar a lenha enquanto ele *levava nas mãos o fogo e o cutelo (22:6)*. Ao observar que estavam carregando todos os elementos necessários para realizar um holocausto, exceto o animal a ser sacrificado, Isaque perguntou: *onde está o cordeiro para o holocausto? (22:7)*. Ainda não era hora de Abraão revelar o plano ao filho, de modo que respondeu: *Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto (22:8a)*. Para Abraão, essa era a única resposta possível: Deus sabia o que estava fazendo. E ele próprio não fez outra coisa senão obedecer às instruções do Deus em quem ele confiava.

Terminado esse diálogo curto, *seguiam ambos juntos (22:8b)*. Apesar de essa declaração indicar que subiram a montanha juntos, com o desenrolar da narrativa, podemos observar como eles também estavam de acordo quanto a obedecer à vontade de Deus. Isaque não resistiu nem fugiu de seu pai idoso ao perceber que ele próprio seria o cordeiro sacrificial. Muitos anos depois, o profeta Amós indagaria: "Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?" (Am 3:3). A resposta esperada é "não". É uma grande bênção quando pai, mãe, filho e filha concordam em servir a Deus.

Quando chegaram ao lugar da oferta, *edificou Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha e, então, amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar, em cima da lenha (22:9)*. Que fé extraordinária! Com esse ato de obediência, Abraão estava confessando o Senhor como seu Deus, mesmo que, em decorrência disso, tivesse de ser privado do filho pelo qual havia esperado tanto tempo. Apesar de Isaque ser descrito como "seu filho" ao longo de todo o relato, Abraão sabia que isso não era tudo. Isaque era seu filho concedido por Deus. Se não fosse por Deus, ele não poderia tê-lo. Deus deseja ver em nós essa mesma perspectiva em relação a tudo o que possuímos. Todas essas coisas são nossas, mas nos foram emprestadas por Deus. Quando lhe negamos algo que ele pede, estamos agindo como se fosse tudo nosso e como se tivéssemos conquistado por nossos próprios esforços.

Abraão estava prestes a *imolar o filho* quando *bradou o Anjo do Senhor*, chamando-o pelo nome, *Abraão! Abraão!*, transmitindo-lhe uma mensagem de grande consolo: *não estendas a mão sobre o rapaz (22:10-12a)*. O mistério dessa prova é explicado: *agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho (22:12b)*. Por meio de

nossa resposta à vontade de Deus, mostramos claramente se tememos ao Senhor ou não. Nossa vida é constantemente testada nesse sentido.

Abraão havia dito ao filho que o Senhor proveria o cordeiro e assim o Senhor fez. Ao erguer os olhos, Abraão viu entre os arbustos um *carneiro preso pelos chifres*. Ele *o ofereceu em holocausto em lugar de seu filho (22:13)*. Abraão se mostrou disposto a oferecer Isaque, mas o Senhor poupou Isaque através da provisão maravilhosa de um carneiro. Talvez não saibamos quais provas o Senhor tem preparadas para nós, mas, se confiarmos nele até o fim, podemos estar certos de que seus planos visam sempre ao bem, e não ao mal. Por vezes, os caminhos pelos quais ele nos conduz podem parecer bastante estranhos, mas o Senhor vê todas as coisas do começo ao fim, enquanto nós vemos apenas nosso próprio presente e passado.

Abraão chamou aquele lugar de *O Senhor Proverá*, um nome que serve de lembrança da verdade maravilhosa de que *no monte do Senhor se proverá (22:14)*. Não precisamos ir ao monte Moriá para receber sua provisão. Podemos recebê-la em nosso quarto, debaixo de uma árvore ou num lugar deserto — onde quer que escolhamos nos encontrar com ele em oração. Coloquemos diante de Deus pela fé nossos pedidos, creiamos em sua promessa e esperemos para ver como ele proverá.

O Anjo do Senhor chamou Abraão novamente, dessa vez para reafirmar a aliança de Deus com ele (22:16). Não havendo ninguém acima dele em nome de quem jurar, o Senhor jurou por seu próprio nome. Também explicou por que abençoaria a Abraão: *porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho (22:16; cf. tb. 22:18b)*. Não devemos jamais nos esquecer de como o favor do Senhor é precioso. Em amor, o Senhor reafirma seu compromisso com os obedientes e, em amor, o mesmo Deus retém sua promessa dos desobedientes até que aprendem a viver em obediência a ele.

Três aspectos do compromisso de Deus com Abraão são repetidos nesta passagem:

- Abraão recebe a promessa de muitos descendentes: *deveras te abençoarei e certamente te multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia (22:17a; cf. 13:16; 15:5)*.
- Também recebe a promessa de vitória: *a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos (22:17b; cf. 13:15,17; 17:8)*.
- E, por fim, a promessa de que ele será uma bênção: *nela [na tua descendência] serão benditas todas as nações da terra (22:18a; cf. 12:2-3)*.

Uma vez que sua missão havia sido cumprida e a comunhão com o Senhor havia sido renovada, *voltou Abraão aos seus servos (22:19)*. Apesar de não ter permitido que o acompanhassem para que pudesse fazer a vontade de Deus, eles ainda eram importantes para ele. Abraão, Isaque, os dois servos e o jumento foram para Berseba, onde Abraão *fixou residência*.

## 22:20-24 Os descendentes de Naor

Depois de Abraão e Sara serem abençoados com Isaque, Abraão quis saber o que havia acontecido na vida de seu irmão *Naor*. Harã, um de seus irmãos, havia falecido (11:28) e Naor, seu outro irmão, havia se casado com *Milca*, sua sobrinha (11:29). Naor e Milca haviam ficado em Ur dos Caldeus (11:27-31), mas, ao que parece, haviam se mudado posteriormente para a cidade de Naor (24:10). Abraão descobriu que Milca havia proporcionado a Naor oito filhos (22:21-22). O mais importante deles para a história dos patriarcas é *Betuel*, pois ele *gerou a Rebeca*, a futura esposa de Isaque (22:23; 24:24). Além desses oito filhos, Naor teve mais quatro filhos com sua concubina *Reumá (22:24)*.

Rebeca era, portanto, prima em segundo grau de Isaque, pois seu pai, Betuel, era primo em primeiro grau de Isaque. Rebeca e Isaque eram parentes mais distantes que Abraão e Sara, que eram nascidos do mesmo pai, mas de mães diferentes (20:12).

## 23:1-20 A morte e o sepultamento de Sara

De acordo com 22:19, Abraão “fixou residência” em Berseba e, como vemos em 23:2, *Sara morreu em Quiriate-Arba, que é Hebrom e veio Abraão lamentar Sara e chorar por ela*. Ela faleceu aos 127 anos de idade (23:1). O texto não diz por que Abraão não estava com Sara quando ela morreu, mas talvez ele possuísse várias residências, pois precisava se deslocar de um lugar para o outro por causa de seus rebanhos. Provavelmente mantinha moradias em Berseba e Hebrom.

Abraão não possuía propriedades em Hebrom e não podia sepultar Sara numa terra que não lhe pertencia. Assim, ele procurou os hititas (“filhos de Hete”), que eram donos daquelas terras, e lhes pediu: *sou estrangeiro e morador entre vós; dai-me a posse de sepultura convosco, para que eu sepulte a minha morta (23:3-4)*. Os hititas o trataram com reverência, chamando-o de *príncipe de Deus entre nós* e lhe deram permissão de sepultar Sara onde desejasse (23:5-6). Abraão pediu um pedaço de terra específico — uma terra pertencente a *Efrom, filho de Zoar*, mais precisamente, a *caverna de Macpela* na extremidade do campo de Efrom. Pediu aos hititas para interceder por ele junto a Efrom a fim de que este lhe vendesse a sepultura *pelo devido preço (23:8-9)*.

Efrom dirigiu-se a Abraão como *meu senhor (23:11a,15a)*, dando outra indicação da grande honra que Abraão desfrutava no meio desse povo. Ofereceu a Abraão tanto o campo quanto a caverna sem nenhum custo (23:11b), mas Abraão insistiu em pagar pela propriedade (23:13). Ao que parece, de um modo geral Abraão tinha por filosofia não aceitar nada que, posteriormente, pudesse servir como prova para que alguém afirmasse tê-lo enriquecido (14:23). Efrom pediu quatrocentos siclos (cerca de 4,5 quilos) de prata pela terra (23:15b), e Abraão pagou essa quantia (23:16). A negociação foi realizada *na presença dos filhos de Hete (23:10,18)*. Eles testemunharam essa transação. Abraão era o dono da terra — *campo de Macpela, fronteiro a Manre, que é Hebrom, na terra de Canaã (23:19)* — e nela enterrou Sara. Nessa

passagem vê-se o respeito de Hete por Abraão, e o respeito deste por Hete. Sabemos que *se levantou Abraão e se inclinou diante do povo da terra, diante dos filhos de Hete (23:7,12)*. Abraão sabia que Deus lhe daria aquela terra, mas não viu motivo para pressa. Esperou o tempo de Deus. Enquanto isso, respeitou o direito dos hititas como seus proprietários. Abraão sabia como usar uma coroa sem orgulho.

#### 24:1-67 O casamento de Isaque

Abraão era idoso, *bem avançado em anos; e o Senhor em tudo o havia abençoado (24:1)*. No entanto, ainda lhe restava a tarefa de providenciar uma esposa para Isaque. Ele delegou essa tarefa *ao seu mais antigo servo da casa (24:2a)*. Era importante para Abraão que seu servo considerasse sua incumbência com grande seriedade, como deixa claro em sua ordem: *põe a mão por baixo da minha coxa, para que eu te faça jurar pelo Senhor, Deus do céu e da terra (24:2b-3a,9)*. O conteúdo do juramento era: *não tomarás esposa para meu filho das filhas dos cananeus [...] mas irás à minha parentela e daí tomarás esposa para Isaque (24:3b-4)*. Abraão não enviou seu servo a um lugar qualquer; antes, especificou que ele devia ir à terra onde Abraão havia nascido e procurar uma noiva entre os parentes dele.

Abraão estabeleceu esse requisito apenas por desejar alguém de sua própria cultura para seu filho? Essa prática antiga de um homem se casar com uma meia-irmã (Abraão e Sara), sobrinha (Naor e Milca) ou prima (Isaque e Rebeca) pode ser usada para justificar o casamento entre parentes próximos hoje em dia? Por certo, algumas culturas africanas não tolerariam esse tipo de casamento, pois até mesmo a união entre membros do mesmo clã é proibida. Ao procurarmos responder a essas perguntas, precisamos levar em consideração o motivo pelo qual Abraão estava tão determinado a encontrar uma noiva para seu filho no meio de sua própria parentela. A resposta parece estar associada ao mesmo princípio que seria expresso posteriormente como não se colocar “em jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6:14). Abraão considerava essencial que a esposa de seu filho fosse uma mulher que possuía ou pudesse ser conduzida a possuir algum temor de Deus, em contraste com as mulheres cananeias (24:3). A decadência moral crescente em Canaã estava tornando aquela região merecedora do julgamento de Deus. Pode-se supor que as moças cananeias não conheciam o Senhor. Mas a promessa de Deus exigia uma comunidade fiel ao Senhor, e a esposa desempenhava um papel importante na transmissão dessa crença. Assim, Abraão procurou arranjar para seu filho um casamento no qual todas as partes permaneceriam fiéis à promessa a fim de passá-la adiante.

O servo pergunta como deve proceder caso a mulher se recuse a vir a Canaã — deve levar Isaque ao encontro dela (24:5)? Abraão responde com um “não” veemente (24:6,8b). Ele está certo de que Deus *enviará o seu anjo, que há de te preceder* e proverá uma noiva disposta a vir até Isaque (24:7). Se, porventura, nenhuma mulher se dispu-

sesse a vir a Canaã, o servo ficaria *desobrigado* do seu juramento (24:8a).

Feito esse acordo, o servo *levantou-se e partiu, rumo da Mesopotâmia, para a cidade de Naor*. Levou consigo *dez camelos do seu senhor e [...] todos os bens dele (24:10)*. Como a narrativa enfatiza, todos os bens que ele levou consigo pertenciam a seu senhor e ele estava cumprindo uma missão da qual seu senhor o havia incumbido. Se relacionarmos isso ao fato de que fomos enviados numa missão por nosso Senhor celestial, veremos que o enfoque deve ser sempre sobre nosso Senhor, e não sobre nós mesmos. Não possuímos nada e fazemos tudo para ele.

O servo chegou à cidade de Naor à tarde, uma parte importante do dia, pois nessa hora as *moças saem a tirar água (24:11)*. O servo de Abraão *fez ajoelhar os camelos junto a um poço de água* que ficava fora da cidade. Então, orou pedindo a Deus para ajudá-lo a encontrar a esposa certa para Isaque. Os solteiros que anseiam por um cônjuge devem seguir o exemplo desse servo. Em vez de tomarmos decisões apressadas, devemos clamar ao Senhor, pedindo que ele nos conduza à pessoa certa.

A oração do servo é um exemplo para nós por sua objetividade, urgência e abnegação. Ele roga a Deus: *uses de bondade para com o meu Senhor Abraão (24:12)*. Sua oração também é proferida com a certeza de que o Senhor controla todos os acontecimentos e os ordenará de modo aabençoar seu servo Abraão. Diante dessa certeza, ele pede um sinal do Senhor: *dá-me, pois, que a moça a quem eu disser: inclina o cântaro para que eu beba; e ela me responder: Bebe, e darei ainda de beber aos teus camelos, seja a que designaste para o teu servo Isaque (24:14)*. Quando temos intimidade com o Senhor, podemos lhe pedir orientação. Essa confiança no Senhor não permitirá que interpretemos seus sinais equivocadamente.

O tipo de sinal que o servo pediu também é significativo. Não foi uma indicação qualquer, como “uma moça carregando um cântaro” ou “a moça que me cumprimentar primeiro”. Antes, o sinal solicitado identificaria qualidades importantes para a vida conjugal. O servo estava procurando uma pessoa hospitaleira e prestativa. Essa moça estaria ansiosa para servir e tomaria a iniciativa, mostrando-se pronta a fazer mais do que o mínimo necessário. Dar de beber a dez camelos seria uma tarefa árdua, e ao oferecer-se para realizá-la, a moça mostraria ser trabalhadora, e não preguiçosa. Todas essas qualidades correspondiam àquilo que o servo desejava para a esposa de Isaque.

Deus prometeu: “Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes” (Jr 33:3). Disse também: “E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Is 65:24). Ele cumpriu essas promessas nesta situação, pois, antes que o servo terminasse de orar, *saiu Rebeca [...] trazendo um cântaro ao ombro (24:15a)*. Ela preenchia todos os requisitos de Abraão (24:4). Era *filha de Betuel, filho de Milca, mulher de Naor, irmão de Abraão (24:15b; 22:22-23)*. Também



era *moça mui formosa de aparência e virgem (24:16)*. Acima de tudo, ela cumpriu em todos os detalhes o teste que o servo de Abraão havia estipulado em sua oração. Ele pediu para que ela lhe desse de beber (24:17) e ela *prontamente, baixando o cântaro para a mão, lhe deu de beber*, chamando-o de *meu senhor (24:18)*. Então, sem que o servo dissesse qualquer coisa, ela também deu água para os camelos (24:19-20). De acordo com o texto, o servo de Abraão *a observava [...] atentamente, para saber se o Senhor teria levado a bom termo a sua jornada ou não (24:21b)*. Trata-se de um elemento extremamente importante quanto estamos buscando um sinal para nos orientar. Todos os detalhes devem se encaixar perfeitamente, de modo a não confundirmos algo parecido com aquilo que procuramos de fato. O servo também fez isso *em silêncio (24:21a)*, provavelmente devido à sua admiração diante da rapidez com que sua oração havia sido atendida e também para não influenciar o transcurso dos acontecimentos.

Depois de tudo isso, o servo de Abraão estava tão certo da resposta do Senhor que tomou *um pendente de ouro de meio siclo [6 g] de peso e duas pulseiras para as mãos [...] do peso de dez siclos [115 g] de ouro (24:22)*, e os colocou em Rebeca (24:47b) ao descobrir quem ela era (24:23-24,47a). Esses presentes poderiam ser interpretados como símbolos de sua gratidão pelo serviço atencioso, mas não era apenas isso que o servo tinha em mente.

Sua pergunta quanto à disponibilidade de lugar na casa de Rebeca (24:23) foi respondida com grande hospitalidade: *temos palha, e muito pasto, e lugar para passar a noite (24:25)*. Havia lugar não apenas para o servo de Abraão e os homens que estavam com ele (24:32b,54,59c), mas também para os camelos. Era tudo tão espantoso que o servo de Abraão *se inclinou [...] e adorou ao Senhor* por sua *benignidade e verdade* (ou fidelidade) para com Abraão e por guiar seu servo (24:26-27). Eis um desafio para todos nós. Quando o Senhor responde a nossas orações, nossa tendência é ficar tão empolados que, em nossa alegria, nos esquecemos de adorar e louvar Aquele que nos atendeu.

Enquanto o servo de Abraão adorava ao Senhor, Rebeca já estava correndo para casa a fim de dar a notícia *aos da casa de sua mãe (24:28)*. Ao ouvir a história e ver o pendente e as pulseiras em Rebeca, seu irmão Labão *correu ao encontro do homem* que se encontrava *em pé junto aos camelos, junto à fonte (24:29-30)*. Ao esperar junto à fonte, o servo demonstrou sua sensatez, pois precisava do convite de alguém mais velho do que a moça hospitaleira. Labão fez o convite esperado: *entra, bendito do Senhor, por que estás aí fora? Pois já preparei a casa e lugar para os camelos (24:31)*.

Assim, tiraram a carga dos camelos e lhe deram forragem, enquanto o servo e os homens de Abraão receberam água para lavar os pés e, em seguida, uma refeição (24:32-33). No entanto, o servo de Abraão manteve suas prioridades no devido lugar, e se recusou a comer enquanto não tivesse explicado sua missão. Começou se apresentando como *servo de Abraão* e contou como Deus havia abençoado

Abraão e como este desejava encontrar uma esposa para Isaque. Também falou de seu encontro com Rebeca, narrando em detalhes os acontecimentos próximo ao poço (24:34-48), encerrando seu relato com as palavras: *agora, pois, se haveis de usar de benevolência e de verdade para com meu Senhor, fazei-mo saber; se não, declarai-mo, para que eu vá, ou para a direita, ou para a esquerda (24:49)*.

O servo de Abraão não poderia ter esperado uma resposta melhor do que as palavras de Labão e Betuel: *isto procede do Senhor, nada temos a dizer fora da sua verdade. Eis Rebeca na tua presença; toma-a e vai-te; seja ela a mulher do filho do teu senhor, segundo a palavra do Senhor (24:50-51)*. Labão e Betuel sabiam que, quando o Senhor está realizando sua obra, não devemos dar nossa opinião. Cabe a nós apenas aceitar a vontade dele.

Depois de receber essa resposta afirmativa, o servo de Abraão *prostrou-se em terra diante do Senhor (24:52)* e distribuiu os presentes que seu senhor havia enviado. Para Rebeca, deu *joias de ouro e de prata e vestidos e*, para seu irmão e sua mãe, *ricos presentes (24:53)*. Só então o servo de Abraão e seus homens comeram e beberam (24:54a). Quanta dedicação ao dever! Colocaram de lado suas necessidades pessoais até terem realizado a missão, conforme seu senhor havia ordenado. Então *passaram a noite ali*.

Ao se levantar na manhã seguinte, o servo de Abraão estava pronto para voltar para seu senhor, não apenas com as boas notícias, mas também com a noiva que havia sido incumbido de encontrar (24:54b). Naturalmente, a partida de Rebeca teria um impacto emocional sobre sua família, de modo que o *irmão e a mãe da moça* pediram que ela ficasse com eles *alguns dias, pelo menos dez (24:55)*. Mas, como o servo de Abraão estava ansioso para partir (24:56), Labão e a mãe de Rebeca sugeriram: *chamemos a moça e ouçamo-la pessoalmente (24:57)*. Ao lhe perguntarem *queres ir com este homem?*, Rebeca respondeu: *irei (24:58)*. O que prevaleceu, portanto, não foi o desejo do irmão ou da mãe de Rebeca, nem o do servo de Abraão, mas sim o da própria Rebeca, cujo papel em todo o processo foi muito importante. Eis algo que pais e responsáveis precisam se lembrar em se tratando de questões de casamento: os desejos da futura esposa ou do futuro marido são de suma importância.

No entanto, esse matrimônio não envolveu apenas o casal. A proposta foi apresentada para a aprovação da família. A comunidade toda participou, e os pais deram a filha em casamento — da mesma forma como o Criador deu Eva para seu marido, Adão (Gn 2:22). Mas Rebeca teve voz e voto. Ela, e não seus pais, assumiu o compromisso de se casar. Ao arranjar o casamento dos filhos, os pais devem ouvi-los com atenção, permitir que digam “sim” ou “não” e que assumam todas as consequências. O casamento forçado é pecado diante de Deus.

O servo de Abraão se pôs a caminho de casa, acompanhado de Rebeca, sua ama, suas servas, e com uma oração de bênção pedindo muitos descendentes e vitória sobre seus inimigos (24:59-61).



Isaque, agora com quarenta anos de idade (25:20) e vivendo no Neguebe, *vinha de caminho de Beer-Lai-Roi*, o lugar onde, em outros tempos, Deus tinha ido ao encontro de Agar (24:62; 16:14). Estava no campo meditando quando viu que *vinham camelos* (24:63). Rebeca avistou Isaque correndo em sua direção e perguntou: *quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?* (24:64). Ao ser informada de que era seu futuro marido, *tomou ela o véu e se cobriu* (24:65). O véu cobria não apenas o rosto, mas todo o corpo e era a vestimenta culturalmente adequada para uma noiva usar no primeiro encontro com seu marido. Ela viveria com esse homem para o resto da vida e desejava que a primeira impressão fosse apropriada.

Isaque ouviu o relato de tudo o que havia acontecido e, então, *conduziu sua noiva à tenda de Sara, mãe dele, e tomou a Rebeca* (24:66-67a). Eis um casal unido por Deus e, no entanto, seu casamento não é celebrado com uma cerimônia sofisticada. Precisamos cuidar com nossos costumes de casamento elaborados para que estes não se transformem em pesos financeiros desnecessários quando, na verdade, não são a parte essencial. O mais importante é que *Rebeca lhe foi por mulher* e Isaque *a amou* (24:67b).

Também devemos observar que esse casamento se realizou com pureza sexual. Isaque só teve relações com Rebeca depois de seu casamento: a expressão *a amou* é usada aqui para se referir à relação sexual (24:67b). Esse era o costume nas sociedades africanas tradicionais, onde a primeira relação sexual ocorria na casa dos pais da moça na noite depois da cerimônia de casamento. Se ela era virgem, todos ficavam felizes. Se não era, havia vergonha e tristeza.

Tornar-se esposa significava concordar em viver em submissão ao marido. Rebeca aceitou esse fato e, combinada com o amor de Isaque por ela, essa atitude resultou num casamento feliz (cf. Ef 5:22-33). Em decorrência disso, *foi Isaque consolado depois da morte de sua mãe* (24:67c). Isaque era um homem realizado e, por implicação, Rebeca era uma esposa feliz. Muitos casamentos de hoje não são assim. A menos que cada cônjuge faça sua parte conforme o Senhor determinou, a harmonia intencionada pelo Senhor para o casamento não pode ser alcançada. Em vez de consolo, há tensão e infelicidade.

Essa história da escolha de uma companheira e de uma cerimônia de casamento é apresentada numa linguagem de atos simbólicos que possuíam significado na cultura da época. Deve ter ficado claro que tudo foi feito para a glória de Deus. Esse princípio fundamental deve ter permanecido na memória de todas as partes envolvidas de modo a incentivá-las a crescer no conhecimento do Senhor. Que possamos dizer o mesmo ao contarmos histórias de namoro e casamento a nossos descendentes!

### 25:1-11 A morte de Abraão

Supostamente depois da morte de Sara (23:2), e não antes (apesar de não ser possível afirmar com certeza), *desposou*

*Abraão outra mulher; chamava-se Quetura* (25:1). Ela lhe deu à luz seis filhos e, talvez, algumas filhas (25:3). Assim, contando com Ismael e Isaque, Abraão teve oito filhos. Ele *deu tudo o que possuía a Isaque* (25:5), mas *aos filhos das concubinas*, presumivelmente os filhos de Agar e Quetura (apesar de Quetura ser chamada de esposa em 25:1), *deu ele presentes* (25:6a). A concubina tinha *status* inferior e seu único direito legal era viver com o marido. A esposa e seus filhos, por outro lado, tinham direito a herdar as propriedades dele.

Abraão se mostrou sábio ao resolver a questão de suas propriedades *ainda em vida* e ao separar os filhos das concubinas de seu filho Isaque, *enviando-os para a terra oriental* (25:6b). Assim, quando Abraão morreu, *em ditosa velhice, avançado em anos* (25:8), deixou sua casa em ordem, evitando contendas. É isso que um bom pai deve fazer. Ao entregar tudo que possuía a Isaque, Abraão não estava demonstrando favoritismo, mas sim cumprindo a vontade de Deus. O Senhor havia especificado que Isaque deveria herdar os bens de Abraão (17:19b; 21:13b).

Abraão foi sepultado por *Isaque e Ismael, seus filhos* (25:9a). Apesar de Ismael ser mais velho (17:25; 18:10), Isaque é mencionado primeiro por ser o filho escolhido por Deus para dar continuidade à linhagem abençoada. Eles o sepultaram *na caverna de Macpela, no campo de Efrom, filho de Zoar, o heteu, fronteiro a Manre* (25:9b), junto de Sara, sua mulher (25:10), falecida 38 anos antes. Abraão havia comprado esse campo dos filhos de Hete (25:10a; 23:3-20) e, portanto, foi sepultado em sua própria terra. Com a morte de Abraão, o foco se volta agora para Isaque, a quem Deus abençoou e que *habitava junto a Beer-Lai-Roi* (25:11; 24:62).

### 25:12-18 Os descendentes de Ismael

Apesar de Ismael não ter sido escolhido como linhagem da aliança, o Senhor havia garantido tanto a Abraão quanto a Agar que abençoaria Ismael e faria dele uma nação (21:13,18). Ele viveu 137 anos e teve doze filhos (25:13-15). Os doze filhos também eram, *pelos seus vilas e pelos seus acampamentos, os doze príncipes de seus povos* (25:16). Assentaram-se na região *desde Havilá até Sur, que olha para o Egito, como quem vai para a Assíria* e ali seu povo viveu *fronteiro a* (ou “em hostilidade com”) *todos os seus irmãos* (25:18). A hostilidade que vemos entre Israel e o mundo árabe não é, portanto, um fenômeno recente.

### 25:19—28:9 Isaque

#### 25:19-34 Dois filhos: Jacó e Esaú

A história de uma nova geração começa declarando: *são estas as gerações de Isaque, filho de Abraão* (25:19a; cf. 11:27). Os detalhes sobre o pai de Isaque, sua esposa e o pai e o irmão desta são repetidos (25:19b-20; cf. 21:3; 22:23; 24:29,67) de modo a identificar Isaque e seus descendentes

de forma completa — tanto por parte de pai quanto por parte de mãe. Isaque era do clã de Abraão e Rebeca do clã de Betuel. O parentesco era extremamente importante nos tempos bíblicos, como ainda o é na África. Entre o povo kamba do Quênia, por exemplo, tão logo um visitante se assenta, a primeira pergunta feita a ele é *Wi mwau?* (“O que você é?”), referindo-se ao clã. A segunda pergunta é *Wi mwivwa kwaau?* (“Qual é o clã de sua mãe?”). Se existe a mais tênue ligação entre o visitante e seu anfitrião, o ambiente logo se torna mais cordial. Se, por um acaso, os dois são do mesmo clã, cada um passa a considerar o outro quase como um irmão ou uma irmã.

Como a mãe de Isaque, sua esposa também era estéril. Ele se casou com quarenta anos de idade (25:20) e foi abençoado com seus primogênitos gêmeos aos sessenta anos de idade (25:26b). A chegada desses bebês foi resposta de oração, pois o texto diz que *Isaque orou ao Senhor por sua mulher, porque ela era estéril; e o Senhor lhe ouviu as orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu* (25:21). Isaque havia aprendido com seu pai a crer no Deus da aliança. No entanto, não teve de esperar tanto tempo quanto Abraão para ter um filho. O Senhor não permite que passemos por provocações além de nossas forças. E suas provas têm propósitos diferentes para cada um de nós.

Rebeca teve uma gravidez difícil e perguntou ao Senhor o que estava acontecendo e por que os filhos *lutavam no ventre dela* (25:22). De acordo com a resposta do Senhor, cada um dos bebês em seu ventre se tornaria o pai de uma nação diferente. Um desses grupos seria *mais forte que o outro*. Na cultura de Rebeca, como na maioria das culturas africanas, esperava-se que o filho mais velho liderasse sobre o mais novo, mas, no caso dos filhos dela, o *mais velho serviria o mais moço* (25:23). Como sempre acontece na África quando o mais novo se impõe sobre o mais velho, há conflito e esse conflito já estava em andamento no ventre de Rebeca. Ficamos imaginando se Rebeca contou a Isaque o que Senhor havia lhe dito. Se ela contou, nos perguntamos por que, posteriormente, Isaque decidiu abençoar Esaú, e não Jacó.

Quando os *gêmeos* nasceram (25:24), receberam nomes derivados das circunstâncias de seu nascimento, como acontece com muitas crianças africanas. O primeiro foi chamado “Esaú”, que significa “peludo”, pois ele era *ruivo e todo revestido de pelo* (25:25). O segundo *segurava com a mão o calcanhar de Esaú* e recebeu o nome de *Jacó* (25:26a). O gesto de segurar o calcanhar do irmão foi considerado um sinal de que ele perseguiria seu irmão. Figurativamente, porém, esse nome também significa “enganador”.

Os meninos cresceram e desenvolveram personalidades diferentes. *Esaú saiu perito caçador, homem do campo*. Essa característica agradava seu pai, *porque se saboreava de sua caça*. Jacó era oposto: um *homem pacato que habitava em tendas*. Rebeca provavelmente amava Jacó porque o menino mais caseiro estava sempre por perto para ajudá-

la (25:27). As diferenças entre os dois filhos tiveram um efeito negativo sobre o casamento de Isaque e Rebeca. Eles se tornaram um casal dividido, pois Isaque amava Esaú e Rebeca amava Jacó (25:28). Deus havia respondido às orações de Isaque e Rebeca, mas a dádiva do Senhor não foi administrada com sabedoria e semeou divisão em seu lar.

As famílias de hoje podem sofrer divisões desse tipo. É importante os pais não protegerem o filho que supre suas próprias necessidades. Pelo contrário, os “Isaques” devem amar seus “Jacós” por serem prestativos em casa, e as “Rebecas” devem amar seus “Esaús” por alegrarem seu “pai”. Por certo, Jacó havia sido escolhido por Deus, mas Isaque e Rebeca não deveriam ter aumentado a distância entre seus filhos.

O autor apresenta um episódio da vida dessa família visando preparar os leitores para os acontecimentos posteriores referentes à bênção de Jacó por Isaque (27:1-29). Um dia, *tinha Jacó feito um cozinhado quando, esmorecido, veio do campo Esaú* (25:29). Morrendo de fome, Esaú pediu a Jacó para lhe dar uma porção de seu *cozinhado vermelho* (25:30). Percebendo sua posição de vantagem, Jacó ameaçou não lhe dar o cozinhado se Esaú não lhe vendesse seu direito de primogenitura (25:31). Esse direito era, provavelmente, uma porção dobrada de tudo o que seria herdado de seu pai (Dt 21:17) e o direito de assumir a liderança da família (27:29). Esaú respondeu sem pensar: *estou a ponto de morrer; de que me aproveitará o direito de primogenitura?* (25:32). Jacó obrigou seu irmão a fazer um juramento e, só então, lhe deu uma refeição substanciosa de *pão e cozinhado de lentilhas* (25:33-34a). Havia acabado de obter o direito de primogenitura por um preço irrisório.

Essa interação entre os irmãos ilustra o modo como as divisões entre os pais afetam os relacionamentos entre os filhos. Esses dois irmãos regatearam por favores, considerando-se rivais em vez de demonstrarem o amor fraternal que o Senhor deseja ver nas famílias.

No entanto, esse episódio também mostra como faltava a Esaú a responsabilidade necessária para herdar a promessa feita a Abraão e transmiti-la fielmente a seus filhos. Ele permitiu que as necessidades de seu estômago tivessem precedência sobre as coisas mais importantes de sua vida. Essa escolha foi imortalizada no outro nome pelo qual Esaú e seus descendentes ficaram conhecidos: Edom. Esse nome significa “vermelho”, e Esaú vendeu seu direito de primogenitura por um pouco de “cozinhado vermelho” (25:30; 36:1).

Embora o NT enfatize que Deus escolheu Jacó em vez de Esaú (cf. Rm 9:10-13), o episódio ressalta o outro lado da história — a responsabilidade humana. Sem dúvida, *desprezou Esaú o seu direito de primogenitura* (25:34b; Hb 12:16-17). Existe uma tensão entre a escolha de Jacó por Deus e a responsabilidade de Esaú por ter vendido espontaneamente seu direito de primogenitura. Do mesmo modo, a graça de Deus nos atrai para Jesus a fim de recebermos

salvação (Jo 6:44), mas, ao mesmo tempo, ainda cabe a nós crer em Cristo (Jo 3:16).

Não devemos imaginar que Deus precisava do tipo de conflito que estava ocorrendo no lar de Isaque e Rebeca para realizar seus planos (25:23). Deus não nos conduz ao pecado para cumprir seus propósitos. Qualquer que fosse a situação no lar de Isaque, Deus teria realizado seu plano. Não fazia diferença para ele se a família estava unida ou dividida, pois ele é todo-poderoso e soberano.

### 26:1-33 Isaque e os filisteus

A história de Isaque e Abimeleque apresenta várias semelhanças com os relatos dos problemas de seu pai com Faraó (12:10-20) e Abimeleque (20:1-8). No entanto, como o autor de Gênesis se apressa em informar, trata-se de um incidente distinto, pois a fome que levou Isaque a se mudar não foi a mesma *havida nos dias de Abraão* (26:1a; 12:10). Israel é um país árido, especialmente na região ao redor de Beer-Laai-Roi, no Neguebe, onde Isaque morava (24:62; 25:11b) e, portanto, não é de surpreender que tenha havido uma nova escassez de alimentos.

Ao que parece, Isaque considerou descer até o Egito, como seu pai havia feito. Na Antiguidade, o Egito era um país próspero e, devido à abundância de água do rio Nilo, era poupado das piores fomes. No entanto, o Senhor disse explicitamente a Isaque *não desças ao Egito* (26:2) e o instruiu a ficar na terra de Canaã (26:3). Talvez Deus tenha dado a ordem para evitar que Isaque passasse pelas mesmas dificuldades enfrentadas por seu pai no Egito. Ou, talvez, Deus desejasse que Isaque permanecesse em Canaã, a terra que ele daria à descendência de Abraão. O Senhor também lembrou Isaque da importância da obediência: a promessa havia sido feita inicialmente a Abraão porque ele *obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis* (26:4-5). A obediência é uma parte essencial da aliança de Deus com a humanidade. Deus assume o compromisso de cumprir suas promessas, mas também espera que seu povo viva em obediência a ele. Abraão havia obedecido e, com isso, beneficiado Isaque e seus descendentes (26:24c). Nós também não devemos ser descuidados em nosso relacionamento com Deus, não apenas para nosso próprio bem, mas para o bem de nossos filhos. Por certo, eles não serão salvos simplesmente porque nós somos salvos, mas ainda assim desfrutarão das bênçãos que Deus conceder.

Então, em vez de ir para o Egito, *foi Isaque a Gerar, avistar-se com Abimeleque, rei dos filisteus* (26:1b,6). Como vemos em 20:1, Abraão havia ido para essa mesma terra, onde também se encontrou com um Abimeleque (o título dado aos reis daquela região).

Como Sara, mãe de Isaque, Rebeca também era *formosa de aparência* (26:7; cf. 12:11,14; 24:16). E, como seu pai antes dele, Isaque ficou temeroso de se mudar com uma esposa tão bela (12:12; 20:11). Seguindo o exemplo de Abraão,

imaginou que o modo mais seguro de evitar problemas seria apresentar Rebeca como sua parenta de sangue. Assim, a pior coisa que poderia acontecer seria alguém se casar com ela, mas não seria necessário matar o marido antes (como aconteceu posteriormente com Urias, o heteu — 2Sm 11). Portanto, quando os homens de Gerar perguntaram a Isaque sobre Rebeca, ele respondeu: *é minha irmã* (cf. 12:12; 20:11). Enquanto Sara era, de fato, meia-irmã de Abraão (20:12), Rebeca era apenas prima de segundo grau de Isaque.

No entanto, essa mentira foi desnecessária, pois ninguém tentou desposar Rebeca, como havia acontecido com Sara no Egito (12:15b) e em Gerar (20:2b). Isaque viveu em segurança em Gerar por um longo tempo, até que, um dia, olhando por uma janela, Abimeleque *viu que Isaque acariciava a Rebeca, sua mulher* (26:8). Naquela cultura, essas carícias significavam apenas uma coisa: Rebeca era esposa de Isaque, e não sua irmã.

Abimeleque chamou Isaque, confrontou-o, ouviu suas justificativas e expressou seu desprazer, pois um ato como esse poderia ter atraído *grave delito* sobre seu povo (26:9-10). No entanto, em vez de castigar Isaque, ele *deu esta ordem a todo o povo: Qualquer que tocar a este homem ou à sua mulher certamente morrerá* (26:11). Uma vez que o coração dos reis está nas mãos do Senhor, essa ordem deve ter sido decorrente de uma intervenção divina. Devemos agradecer a Deus pela graça com a qual ele cobre nossos erros e cuida de nós. Se o Senhor não nos tratasse segundo sua bondade, ninguém sobreviveria!

Essa revelação sobre Rebeca e as ordens favoráveis de Abimeleque deram a Isaque a liberdade de fazer o que desejasse sem medo. Assim, *semeou Isaque naquela terra e, no mesmo ano, recolheu cento por um, porque o Senhor o abençoava* (26:12). Não importam as condições do tempo ou outros elementos que afetam as plantações, onde a mão do Senhor estiver presente, haverá uma boa colheita. A declaração “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33) expressa um princípio eterno. O Senhor abençoa aqueles que confiam nele.

Isaque estava em Gerar porque o Senhor havia ordenado que permanecesse lá por algum tempo, dizendo *serei contigo e te abençoarei* (26:3a). Assim, ele estava no lugar determinado pelo Senhor, no tempo determinado pelo Senhor e para cumprir o propósito do Senhor, de modo que o Senhor cuidou de Isaque e ele *prosperou, ficou riquíssimo* (26:13). Isaque talvez tivesse imaginado que prosperaria se distanciando de Canaã e indo para o Egito, um país rico. Porém, Deus lhe deu muito mais do que ele teria encontrado no Egito, pois ele confiou no Senhor e atentou para sua instrução — um passo de fé importante numa prova tão difícil quanto uma fome! Sejamos pacientes quando vierem as provações (cf. Rm 12:12) e procuremos discernir os caminhos de Deus a fim de agirmos com sabedoria em vez de nos apressarmos em buscar soluções fáceis.

Isaque adquiriu tantas *ovelhas e bois e grande número de servos* que os *filisteus lhe tinham inveja* (26:14). Podemos imaginar como algumas pessoas reagiriam se alguém chegasse em nossa terra como refugiado e depois se tornasse o homem mais rico de todo o país. Os filisteus expressaram sua inveja tentando privar Isaque de água para seus animais. Eles *entulharam todos os poços que os servos de Abraão haviam cavado, enchendo-os de terra* (26:15). Além de o deixarem sem água, esses atos também devem ter afetado a popularidade de Isaque, destruindo os poços que lembravam o povo do pai de Isaque, Abraão, e de sua grandeza. A riqueza de Isaque se tornou uma ameaça tão grande que Abimeleque lhe disse: *aparta-te de nós, porque já és muito mais poderoso do que nós* (26:16). O homem que havia chegado em Gerar com medo de ser morto se tornou “mais poderoso” do que o povo daquele lugar todo. Os pequenos começos nunca devem ser desprezados quando a mão do Senhor está sobre eles.

Quaisquer que fossem as circunstâncias, Isaque não desanimava facilmente. Assim, ele se mudou para longe da cidade e se assentou *no vale de Gerar* (26:17). Ali, *tornou Isaque a abrir os poços que cavaram nos dias de Abraão, seu pai (porque os filisteus os haviam entulhado depois da morte de Abraão), e lhes deu os mesmos nomes que já seu pai lhes havia posto* (26:18). Em outras palavras, Isaque manteve viva a memória de Abraão. Respeitou suas origens e as incorporou em sua própria identidade.

Ao que parece, os poços do vale de Gerar não forneciam água boa. Assim, depois de cavar em outras partes do vale, os servos de Isaque *acharam um poço de água nascente* (26:19). Como seria de esperar de vizinhos invejosos, *os pastores de Gerar contenderam com os pastores de Isaque*, afirmando que a água lhes pertencia. Isaque *chamou o poço de Esequê* (26:20), uma lembrança de que aquele era um “poço de contenda”, e saiu à procura de outro poço. Quando o encontrou, os pastores de Gerar afirmaram ser os donos daquela água. Por isso, Isaque o chamou de *Sitna* (26:21), isto é, “poço de oposição”, e saiu à procura de ainda outro poço. Por fim, cavou um poço que não gerou contendas. A este chamou de *Reobote*, que significa “lugar” e, portanto, “o poço de lugar amplo”, afirmando: *agora nos deu lugar o Senhor, e prosperaremos na terra* (26:22).

Vemos aqui um movimento passando de contenda e oposição à dádiva, por Deus, de espaço amplo. As contendas são ocorrências comuns, pois as pessoas são diferentes e veem as coisas de forma diferente. Como diz o povo kamaba (Quênia): *Mathoka me kyondoni kimwe mailela ukalany'a* (“machados dentro de um mesmo cesto certamente se chocarão uns com os outros”). A oposição, por sua vez, é uma tentativa organizada de frustrar alguém. No entanto, Paulo nos lembra que vemos o poder de Deus agir verdadeiramente quando somos fracos (2Co 12:7-10). Isaque evitou contendas despropositadas, concentrou-se em seu trabalho e perseverou ao enfrentar as dificuldades criadas para ele.

E, apesar da oposição, o Senhor proveu um poço que os pastores de Isaque pudessem usar. Por vezes, é inútil brigar. É mais honroso prosseguir e explorar lugares novos. O Senhor sempre reserva um lugar para aqueles que trabalham para sua glória.

Do vale de Gerar, Isaque foi para *Berseba*, onde Abraão também viveu (26:23; 22:19b). Ali o Senhor apareceu a Isaque e lhe garantiu sua presença e bênção. Pelo menos três declarações se destacam nas palavras do Senhor a Isaque:

- *Eu sou o Deus de Abraão, teu pai* (26:24a). Deus não está apenas se identificando, mas também reafirmando seu compromisso. Assim como o Senhor esteve com Abraão, também estará com Isaque. Assim como seu poder foi visto na vida de Abraão, também será visto na vida de Isaque.
- *Não temas, porque eu sou contigo* (26:24b). Considerando-se a oposição dos pastores de Gerar que Isaque havia acabado de enfrentar, não lhe faltavam motivos para temer. No entanto, com o Senhor a seu lado, não havia razão para ter medo. Deus havia proferido as mesmas palavras (15:1) depois que Abraão perseguiu e derrotou Quedorlaomer e seus aliados (14:13-16). Esses momentos de tensão costumam ser caracterizados por certo medo daquilo que poderá acontecer em seguida. O Senhor visita aqueles dos quais ele cuida e lhes dá garantia de sua presença.
- *Abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência por amor de Abraão, meu servo* (26:24c). O Senhor reafirma a promessa que havia feito a Abraão (12:2; 15:5; 17:5-6) e também a Isaque (26:4). Ele conhece nossas fraquezas e nos encoraja nos momentos em que poderíamos desanimar com facilidade. Não nos diz, necessariamente, algo novo, mas nos lembra de promessas conhecidas.

Em resposta a essas palavras, Isaque *levantou ali um altar e invocou o nome do Senhor* (26:25). Era o momento de adorar a Deus que está sempre presente e tranquiliza os seus. Como é maravilhoso “andar com Deus”. Então, naquele lugar, Isaque *armou a sua tenda* e seus servos abriram mais um poço.

Entrementes, Abimeleque, escoltado por seu amigo *Ausate e Ficol, comandante do seu exército* (26:26) foi procurar Isaque e pediu que fizessem uma aliança para garantir a proteção dos filisteus. Abimeleque começou com as palavras: *vimos claramente que o Senhor é contigo* (26:28a). Ao verem não apenas a prosperidade crescente de Isaque, mas também a operação de Deus na vida dele, eles temeram Isaque, de modo que lhe rogaram: *haja agora juramento entre nós e ti [...] jura que nos não fará mal* (26:28b-29a). Um tratado feito sob juramento acarretava consequências desagradáveis para qualquer um que o rompesse. Na visão de Abimeleque, esse acordo o protegeria de ser atacado por Isaque. Abime-

leque lembra Isaque daquilo que havia feito pessoalmente por ele: *não te havemos tocado, e como te fizemos somente o bem, e te deixamos ir em paz (26:29b; 29:11)*. As palavras finais de Abimeleque, *tu és agora o abençoado do Senhor*, mostram que ele considerava a bondade que havia usado para com Isaque como o alicerce sobre o qual o Senhor havia edificado suas bênçãos sobre ele.

A saudação inicial de Isaque a Abimeleque, *por que viestes a mim, pois me odiais e me expulsaste do vosso meio? (26:27)*, refere-se aos conflitos com os pastores em Gerar. Abimeleque não era inocente, pois havia pedido para Isaque se retirar do meio deles (26:16). No entanto, era verdade que Isaque não havia apenas sido tratado com hostilidade, mas também com bondade. Havia recebido um tratamento bondoso quando não era ninguém, e um tratamento hostil quando se tornou uma ameaça. No balanço geral, porém, Abimeleque havia sido bom para com Isaque.

Isaque atendeu a seu pedido. Ele *lhes deu um banquete, e comeram e beberam (26:30)*. Então, na manhã seguinte, *juraram de parte a parte (26:31)*. Uma vez feito o acordo, *Isaque os despediu, e eles se foram em paz*.

Apesar de Abimeleque ter procurado Isaque porque estava com medo dele, o Senhor havia planejado tudo de tal modo a também dar paz de espírito a Isaque. Pouco antes de Abimeleque e sua comitiva chegarem, o Senhor havia assegurado Isaque de sua presença, encorajando-o a não temer. Por vezes, o Senhor usa não a derrota de nossos inimigos, mas sim a paz com eles para nos proteger. Quando vivemos em paz com todos, somos abençoados de várias maneiras (Rm 12:18).

O Senhor estava cuidando de Isaque não apenas em seus relacionamentos externos, mas também em suas necessidades diárias. No mesmo dia em que ele fez a aliança com Abimeleque, seus servos lhe trouxeram boas notícias sobre o *poço que tinham cavado*. Anunciaram: *Achamos água (26:32)*. Sua empolgação mostra quão urgente era sua necessidade de água. Como diz o povo kamba (Quênia), *vala yikaw'a tivo ivalukaa* ("uma coisa [ou pessoa] não cai no mesmo lugar de onde foi jogada"). Talvez os pastores de Gerar pensassem haver empurrado Isaque para uma região árida, mas até mesmo lá havia bênçãos à sua espera. Isaque chamou esse lugar de *Seba*, que provavelmente significa "juramento", e a cidade fundada em suas redondezas recebeu o nome de *Berseba* — "poço do juramento" (26:33).

### 26:34-35 O casamento de Esaú

Esaú se casou com duas mulheres: *Judite, filha de Beeri e Basemate, filha de Elom*, ambos heteus. Isaque recebeu a orientação de Abraão, seu pai fiel, na escolha de uma esposa, mas Esaú não seguiu seu exemplo. Não sabemos se Isaque não procurou uma boa esposa para Esaú como Abraão fez para ele (24:1-66), se Esaú desejava ser independente e fazer suas próprias escolhas, ou se escolheu

essas mulheres em sua raiva depois de não receber a bênção. Aos *quarenta anos de idade (26:34)*, um homem só pode ser ajudado por seu pai se estiver disposto a aceitar essa ajuda (Isaque também estava com quarenta anos quando se casou — 25:20).

Esaú fez uma péssima escolha, não necessariamente porque suas esposas eram hititas, mas porque *se tornaram amargura de espírito para Isaque e para Rebeca (26:35)*. O fato de serem filhas de heteus pode ter contribuído para isso, mas é possível que o desgosto dos pais também se devesse à personalidade das noras. Uma vez que o texto bíblico não entra em detalhes, é difícil sanar todas as dúvidas levantadas por esse fato. No entanto, a passagem nos lembra de algo importante para um bom convívio com nossos sogros. Devemos nos esforçar para ser uma fonte de alegria, e não de amargura para eles.

### 27:1-29 A bênção de Esaú é concedida a Jacó

A farsa registrada nesse capítulo só foi possível porque Isaque estava velho e já não podia ver *porque os olhos se lhe enfraqueciam (27:1)*. Ele sabia que a morte estava próxima e desejava dar sua bênção a Esaú antes de falecer. No entanto, antes de abençoar o filho, queria provar mais uma vez sua refeição predileta (27:2). Assim, pediu a Esaú: *sai ao campo, e apanha para mim alguma caça [...] e traze-ma, para que eu coma e te abençoe antes que eu morra (27:3-4)*. Esaú obedeceu e partiu para o campo em busca da caça (27:5b).

Enquanto Isaque falava a Esaú, Rebeca ouvia-os em segredo (27:5a). Estava decidida a providenciar para que seu filho predileto recebesse a bênção (25:28). Talvez sua determinação tenha sido fortalecida pela lembrança da profecia dada por ocasião do nascimento dos gêmeos (25:23) e pelo fato de saber que Esaú havia vendido seu direito de primogenitura (25:29-34). Mesmo levando esses fatores em consideração, foi um erro de sua parte pressupor que Deus aprovaria o uso de táticas antiéticas para realizar sua vontade.

Rebeca colocou Jacó a par dos acontecimentos e o instruiu: *traze-me dois bons cabritos; deles farei uma saborosa comida para teu pai, como ele aprecia; levá-la-ás a teu pai, para que a coma e te abençoe antes que morra (27:6-10)*.

Jacó que, anteriormente, havia instigado Esaú a lhe vender o direito de primogenitura, não fez nenhuma objeção à ideia de enganar seu pai e defraudar seu irmão. No entanto, levantou uma questão de ordem prática: *Esaú, meu irmão, é homem cabeludo, e eu, homem liso. Dar-se-á o caso de meu pai me apalpar, e passarei a seus olhos por zombador; assim, trarei sobre mim maldição e não bênção (27:11-12)*. Rebeca não fez caso do problema e retrucou, *caia sobre mim essa maldição, meu filho, insistindo, atende somente o que eu te digo, vai e traze-mos (27:13)*.

Jacó obedeceu, e Rebeca preparou rapidamente *uma saborosa comida, como o pai dele apreciava (27:14)*. Para

completar a farsa, vestiu Jacó com a *melhor roupa de Esaú* e cobriu com a pele dos cabritos as partes expostas do corpo do rapaz (27:15-16). Como diz o provérbio, seu pior inimigo é aquele que conhece você melhor. Sem dúvida, Rebeca sabia quais detalhes Isaque notaria e tomou todas as providências para criar uma ilusão perfeita. O único problema fora de seu alcance era a diferença entre a voz de Esaú e a de Jacó (27:22).

Este episódio revela vários aspectos do caráter de Rebeca. Ela demonstra aqui a mesma determinação, coragem e capacidade de agir rapidamente vistas em seu encontro com o servo de Abraão (24:54-58). Estava decidida a conseguir a bênção para Jacó e tomou uma atitude rápida e astuciosa ao perceber que Esaú estava prestes a ser abençoado. Sabia que a refeição e a cerimônia teriam de ser concluídas antes de Esaú voltar. Também demonstrou uma coragem temerária ao executar um plano que poderia ter consequências trágicas se alguma de suas partes falhasse (27:13).

Depois de preparar a refeição, Rebeca entregou-a a Jacó para este servi-la a seu pai se fazendo passar por Esaú (27:14,17,19). No entanto, várias coisas deixaram Isaque intrigado. Ele pergunta, *como é isso que a pudesste achar tão depressa?* (27:20a). Jacó, que já estava pecando ao se fazer passar por outra pessoa (27:19,24; Êx 20:16), não hesita em mentir: *o Senhor, teu Deus, a mandou ao meu encontro* (27:20b). Além de falsa, sua declaração fez uso indevido do nome de Deus (Êx 20:7). Incapaz de enxergar, Isaque estranhou a voz do rapaz, mas confirmou pelo toque (27:21-23) e pelo olfato (27:27) que aquele devia ser Esaú. Provavelmente, Isaque não podia sequer imaginar que sua esposa o enganaria de tal modo. Ao lermos esta história, podemos nos perguntar “Existe alguém em quem eu possa confiar?”. No entanto, talvez a pergunta mais apropriada seja: “Será que os outros podem confiar em mim?”.

Isaque usou a audição, o tato, o paladar e o olfato da melhor maneira possível, mas ainda assim foi enganado. Ele ouviu direito — a voz era, de fato, de Jacó — mas isso não bastou; ele tocou mãos peludas como as de Esaú; provou a refeição e viu que estava como ele gostava; e sentiu o cheiro de Esaú. No entanto, ele não tocou a mão de Esaú, mas sim a pele dos cabritos; ele não comeu carne de caça, mas de cabritos de seus próprios rebanhos; e não sentiu o cheiro de Esaú, mas sim das roupas dele. Qualquer um de nós pode ser enganado como Isaque foi. Que desafio aprendermos a não nos apoiar em nosso próprio entendimento (cf. Pv 3:5)! Quando confiamos no Deus que vê muito além das farsas humanas, não precisamos temer. No entanto, também devemos nos esforçar para criar uma cultura de honestidade em nosso âmbito de relacionamentos. Quanto menos enganadores houver no mundo, menor a probabilidade de qualquer um de nós ser vítima de uma farsa.

Completamente iludido, Isaque comeu, bebeu (27:25) e, então, pediu: *chega-te e dá-me um beijo, meu filho* (27:26). Jacó o beijou e Isaque *aspirou o cheiro da roupa dele, e o*

*abençoou* (27:27a). A bênção foi concedida na forma de uma oração, pois Isaque sabia que somente o Senhor poderia tornar qualquer bênção eficaz. Assim, ele abençoa seu filho com:

- Satisfação: *o cheiro de seu filho é como o cheiro do campo, que o Senhor abençoou* (27:27b).
- Provisão — riqueza material: *orvalho do céu [...] exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto* (27:28).
- Exaltação — grandeza: *sirvam-te povos [...] e os filhos de tua mãe se encurvem a ti* (27:29a).
- Proteção: *maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar* (27:29b).

Qualquer pai satisfeito e feliz abençoaria seu filho desse modo, e o Senhor concederá estas mesmas bênçãos àqueles que honrarem pai e mãe (Êx 20:12; Ef 6:2-3).

### 27:30-40 O desespero de Esaú

Depois da bênção, quando Jacó havia acabado de sair da presença de seu pai, Esaú voltou da caça (27:30). Preparou a comida saborosa, conforme seu pai havia pedido, e foi servi-la: *levanta-te, meu pai, e come da caça de teu filho, para que me abençoes* (27:31). Pobre Esaú! Outra pessoa já havia dito essas mesmas palavras (27:19), recebido a bênção e ido embora. Quanto a Isaque, ao descobrir a farsa, *estremeceu [...] de violenta comoção e disse: Quem é, pois, aquele que apanhou a caça e me trouxe? Eu comi de tudo, antes que viesse, e o abençoei, e ele será abençoado* (27:33). As palavras de bênção não podiam ser retiradas. Podiam apenas ser anuladas por um ato futuro de perversidade contra aquele que proferiu a bênção. Assim, Jacó, o enganador, permaneceu abençoado.

Esaú não podia suportar tanta tristeza. Se tivesse suspeitado do rumo que as coisas tomariam, jamais teria vendido seu direito de primogenitura (25:29-34). Ao ouvir as palavras de seu pai, *bradou com profundo amargor* e implorou a Isaque para, pelo menos, lhe dar alguma bênção (27:34). No entanto, a Isaque só restou explicar: *veio o teu irmão astuciosamente e tomou a tua bênção* (27:35).

Então, Esaú voltou sua ira contra Jacó: *não é com razão que se chama ele Jacó? Pois já duas vezes me enganou: tirou-me o direito de primogenitura e agora usurpa a bênção que era minha* (27:36a). Se tivéssemos de julgar Jacó e Esaú neste momento, seríamos obrigados a argumentar: “Por certo, seu irmão o enganou quanto à bênção. Mas, quanto ao direito de primogenitura, ele foi astuto e você foi um tolo!”. É evidente que Esaú não dava mais valor algum à negociação feita vários anos antes. Ao que parece, ele não costumava levar seus compromissos muito a sério. Muitas vezes, fazemos como ele e tentamos culpar outros pelas consequências de nossos atos.

Então Esaú perguntou ao pai: *não reservaste, pois, bênção nenhuma para mim?* (27:36b). A situação era tão desesperadora que, *levantando Esaú a voz, chorou* (27:38). Somente

uma questão extremamente séria poderia levar um homem adulto a chorar dessa maneira. A única bênção que Isaque pôde conceder foi uma descrição das consequências para Esaú da bênção concedida a Jacó. Esaú sofreria:

- Privação: *longe dos lugares férteis da terra será a tua habitação, e sem orvalho que cai do alto (27:39).*
- Perigo: *viverás da tua espada (27:40a).*
- Escravidão: *servirás a teu irmão (27:40b).*

Essas declarações são o oposto daquilo que foi pronunciado a Jacó e, portanto, refletem a realidade, pois dois indivíduos não podem ser senhores ao mesmo tempo. No entanto, Isaque acrescenta, *quando, porém, te libertares, sacudirás o seu jugo da tua cerviz (27:40c).* Nem tudo estava perdido para Esaú. Seus descendentes não seriam escravos para sempre, mas teriam de lutar por liberdade.

Como podemos entender essa história triste?

Em primeiro lugar, apesar do comportamento de Jacó e Rebeca ter sido moralmente incorreto, devemos reconhecer sua astúcia, o que nos traz à memória a parábola de Jesus sobre o administrador astuto (Lc 16:1-8). A dissimulação não é uma característica admirável, mas a capacidade de planejar e ser bem-sucedido é uma virtude. As pessoas sinceras podem aprender sobre a necessidade de planejar cuidadosamente, fazendo-o, porém, para o bem de outros e do mundo em geral. Os cristãos não podem dar-se ao luxo de ser desleixados em seu planejamento, pois sem sua influência, o mundo fica desprovido da luz necessária para conduzi-lo pelo caminho moralmente correto (Mt 5:16).

Ademais, no contexto da promessa do Senhor em 25:13, as bênçãos foram concedidas ao irmão certo. É evidente, porém, que Deus não aprovou os métodos que Rebeca e Jacó empregaram para obter esse resultado, pois quebraram vários de seus Dez Mandamentos: Jacó usou o nome de Deus em vão, não honrou seu pai, mentiu e cobiçou a bênção de seu irmão. Não sabemos como Deus teria operado para realizar seu plano se Jacó não tivesse escolhido esse caminho. Na verdade, essa questão é semelhante à pergunta: “O que teria acontecido se Judas não tivesse traído Jesus, uma vez que a morte de Jesus na cruz era um elemento essencial de seu ministério?”. Não temos as respostas para perguntas desse tipo. No entanto, sabemos que, da mesma forma como Judas foi responsável por trair Jesus, Jacó e Rebeca também foram responsáveis por suas mentiras. Os caminhos de Deus são infinitos e todos eles são justos. Mesmo que Isaque houvesse abençoado Esaú os planos de Deus não teriam sido frustrados.

## 27:41—28:5 Jacó foge para Harã

Como era de esperar, Esaú odiou Jacó por haver lhe tomado a bênção e planejou matar o irmão assim que Isaque morresse (27:41), mas Rebeca descobriu seu plano (27:42). Depois de tramar para Jacó receber a bênção, agora planeja

uma estratégia para salvar a vida do filho. Suas palavras sobre *perder os meus dois filhos num só dia* se referem ao fato de que a morte de Isaque seria seguida imediatamente da morte de Jacó (27:45b).

Rebeca sabia onde Jacó poderia permanecer em segurança. Ele teria de ir para a casa de Labão, tio de Jacó, em Harã (27:43; cf. 24:29,50; 25:20). Rebeca manteria Esaú sob observação na esperança de que o tempo o faria esquecer a farsa do irmão. Quando fosse seguro voltar, ela chamaria Jacó (27:45a).

Uma vez que Jacó precisaria da permissão de Isaque para partir, Rebeca tramou uma forma de obtê-la. Para esse fim, usou a tristeza causada pelo casamento de Esaú com mulheres hititas (26:34-35). *Aborrecida estou da minha vida, por causa das filhas de Hete; se Jacó tomar esposa dentre as filhas de Hete, tais como estas, as filhas desta terra, de que me servirá a vida? (27:46).* Isaque não sabia que por trás dessa preocupação verdadeira em encontrar uma boa esposa para Jacó havia um motivo mais profundo para seu filho partir. Na verdade, ao que parece, Isaque continuava alheio à participação de Rebeca para que Jacó tomasse a bênção de Esaú. Talvez tenha atribuído o episódio à astúcia e ao planejamento de Jacó.

Rebeca continuou a colocar seu plano em prática com habilidade, encobrindo sua participação nos problemas da família. Desejava enviar Jacó a Labão para mantê-lo afastado de Esaú, mas convenceu o marido de que o motivo era outro: encontrar uma esposa para Jacó. Rebeca provavelmente não havia se arrependido de seus atos e não tinha a intenção de abrir mão do plano para obter aquilo que desejava.

Isaque chamou Jacó e lhe deu a seguinte instrução: *não tomarás esposa dentre as filhas de Canaã (28:1).* Antes, devia ir a Padã-Arã, à casa de Betuel, pai de tua mãe. Padã-Arã é um nome descritivo que significa “planície de Arã” (aproximadamente na atual Síria). Harã (11:31; 27:43) era uma cidade nessa planície. Lá, Jacó devia tomar por esposa uma das filhas de Labão, irmão de tua mãe (28:2).

Em seguida, Isaque despediu Jacó com suas bênçãos, pedindo a Deus para lhe dar filhos (28:3) e a posse da terra de Canaã que o Senhor havia prometido aos descendentes de Abraão (28:4).

Jacó partiu para Padã-Arã, à casa de Labão, filho de Betuel, o arameu, irmão de Rebeca, mãe de Jacó e Esaú (28:5). Os leitores de hoje podem se perguntar por que o autor fornece esses detalhes óbvios, tendo em vista o relato anterior. Para os israelitas, porém, o parentesco era uma questão extremamente importante e o autor deseja se certificar de que o leitor se lembrará de todos os relacionamentos envolvendo Jacó.

## 28:6-9 Esaú aprende uma lição

As esposas hititas de Esaú “se tornaram amargura de espírito para Isaque e para Rebeca” (26:35). Rebeca usou



esse fato para convencer Isaque de que Jacó precisava ser enviado a Padã-Arã (27:46) e Isaque ordenou a Jacó especificamente para não se casar com mulheres cananeias. Embora as esposas de Esaú fossem do povo heteu, um grupo distinto dos cananeus, o termo parece ser usado de modo mais amplo para se referir a qualquer pessoa da região de Canaã sem laços de parentesco com Abraão.

Quando Esaú descobriu que Jacó estava sendo enviado para longe a fim de encontrar uma esposa, percebeu como *Isaque, seu Pai, não via com bons olhos as filhas de Canaã* (28:6-8). Numa tentativa de ter pelo menos uma esposa que agradasse a Isaque, casou-se com sua prima *Maalate, filha de Ismael* (28:9). Esaú não desejava que Isaque morresse ainda descontente com seu casamento. Foi uma tentativa tardia de lidar com uma situação conturbada, mas, como diz o provérbio, “Antes tarde do que nunca”. Podemos não aprovar sua poligamia, mas a sensibilidade de Esaú para com seu pai é louvável.

Isaque e Rebeca tiveram vários problemas familiares. Aparentemente, um dos fatores que contribui para isso foi a falta de instrução clara acerca da obediência aos mandamentos de Deus. Devemos fazer todo o possível para que nossos filhos não apenas ouçam a palavra de Deus na igreja, mas também possam aprendê-la e vê-la sendo praticada em casa.

## 28:10—36:43 Jacó

### 28:10-22 O Senhor se encontra com Jacó

Isaque havia se assentado em Berseba, no sul de Canaã (26:23) e, ao que tudo indica, ainda estava vivendo lá. Assim, quando Jacó *seguiu para Harã* (28:10), tinha diante de si uma jornada de cerca de 800 quilômetros. Dependendo da velocidade com que caminhasse, levaria entre um e dois meses para percorrer essa distância. Em algum ponto dessa jornada, possivelmente na primeira noite, Jacó parou para descansar e teve uma experiência extraordinária. Enquanto dormia com sua cabeça sobre uma pedra, teve um sonho no qual viu *uma escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela* (28:11-12). No alto da escada *estava o Senhor* (28:13a). Muitos anos depois, Jesus fez referência a esse sonho ao falar sobre a ligação entre os seres humanos e Deus (Jo 1:51).

O Senhor se identifica claramente a Jacó como *Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque*. Ao dizer isso, traz à memória de Jacó aquilo que Deus havia feito por seus antepassados e convida Jacó a seguir os passos deles. Depois de se identificar, Deus repete a promessa da terra que havia feito a Abraão e Isaque: *a terra em que agora estás deitado, eu te darei* (28:13b; 17:8; 26:3). Também repete a promessa de uma descendência numerosa: *a tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul*. Por fim, repete também a promessa misteriosa de que a família de Abraão abençoará

muitas outras: *em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra* (28:14; 22:18).

Até aqui, as palavras de Deus são as mesmas proferidas a Abraão e Isaque, mas agora Deus fala especificamente a Jacó, dando-lhe garantia de sua presença e proteção (28:15). Ele terá o consolo de saber que Deus diz: *eis que estou contigo*. Ao partir numa longa jornada rumo ao desconhecido, Deus promete: *te guardarei por onde quer que fores*. Além disso, Jacó recebe a garantia de que voltará à terra de onde está partindo, pois ali se encontra sua herança. Rebeca havia prometido mandar chamá-lo (27:45), mas ele não podia ter certeza de que isso aconteceria — até o Senhor da história lhe afirmar que estava no controle de seus movimentos e havia assumido o compromisso de levá-lo de volta. O Senhor não promete poupar Jacó de dificuldades; antes, assegura-o de que nenhuma aflição ou frustração poderia impedir o Senhor de cumprir suas promessas e realizar seus planos.

A aparição do Senhor foi tão real e dramática que Jacó não teve dúvidas: não havia sido um sonho qualquer; ele havia, de fato, visto o Senhor (28:16). Tomado de medo, Jacó exclamou: *quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus* (28:17).

Em resposta a essa experiência, Jacó tomou a pedra que havia usado como travesseiro e *erigiu em coluna, sobre cujo topo entornou azeite* (28:18). O ato de derramar azeite sobre a pedra constituiu uma unção de modo a separá-la para Deus. Jacó provavelmente teria oferecido um sacrifício nessa ocasião, se houvesse algum animal para sacrificar. Mas, uma vez que estava viajando, não tinha nenhum animal consigo. No entanto, o Senhor aceita nossas ofertas, por mais simples que sejam, quando vêm do coração.

Jacó chama o lugar onde dormiu de *Betel*, a “casa de Deus”, para comemorar o que aconteceu ali (28:19). Também faz um voto expresso na forma condicional. Se o Senhor o proteger e prover para ele no futuro e se a promessa em 28:15 se cumprir, *então o Senhor será o meu Deus; e a pedra, que erigi por coluna, será a Casa de Deus; e, de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo* (28:20-22).

Jacó deixou seu lar com muitos problemas e estava vivendo fora da vontade de Deus. Assim, Deus agiu de forma dramática para chamar sua atenção. Ele sabia que Jacó precisava assumir um compromisso firme de segui-lo. Do mesmo modo, Deus não fala conosco de maneira incerta. Ele nos dá mensagens claras para podermos tomar decisões refletidas acerca de como segui-lo e servi-lo melhor. Uma decisão desse tipo deve ser pessoal, tomada sem a interferência de outras pessoas. Começa com um compromisso sério de vida com Cristo. Considerar-se um cristão e levar uma contribuição à igreja ou mesmo ter o desejo de se consagrar ao ministério como pastor ou mestre da Palavra de Deus antes de conhecer a Cristo pessoalmente não traz nenhuma bênção para a igreja e nem mesmo para a huma-

nidade em geral. Somente pelo nosso relacionamento com Cristo podemos dar frutos duradouros.

### 29:1-14a **Jacó chega a Padã-Arã**

Jacó prosseguiu em sua jornada e *se foi à terra do povo do Oriente (29:1)*. Lá, ele viu *um poço no campo e três rebanhos de ovelhas deitados junto dele (29:2)*. Os rebanhos bebiam a água desse poço e, quando não estava em uso, permanecia coberto por uma grande pedra. De tão pesada, a pedra só podia ser removida com um esforço em equipe (em suaíli, *harambee*). Assim, os rebanhos da região eram reunidos no local, e então, *os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas*. Uma vez que as ovelhas haviam terminado de beber, o poço era coberto novamente (29:3).

Jacó saudou os pastores junto ao poço chamando-os de *Meus irmãos (29:4a)*, apesar de nunca tê-los visto antes. No entanto, sua abordagem mostraria que sua presença era amistosa e causaria uma boa impressão inicial. Quando Jacó quis saber de onde eram, os pastores lhe disseram que vinham de *Harã (29:4b)*. Finalmente ele havia chegado a seu destino! Mais que depressa, ele perguntou, *conheceis a Labão, filho de Naor? (29:5)*. Eles responderam afirmativamente e informaram: *Raquel, sua filha, vem vindo aí com as ovelhas (29:6)*.

Ao que parece, Raquel não estava muito perto do poço, pois Jacó continuou a conversar com os pastores até ela chegar, sugerindo a eles: *é ainda pleno dia, não é tempo de se recolherem os rebanhos; dai de beber às ovelhas e ide apascentá-las (29:7)*. Os pastores explicaram que não podiam fazer isso: *não o podemos, responderam eles, enquanto não se ajuntarem todos os rebanhos, e seja removida a pedra da boca do poço (29:8)*. Precisavam esperar e trabalhar em equipe para que ninguém fosse deixado para trás e ficasse impossibilitado de usar o poço depois da partida dos demais.

*Falava-lhes ainda, quando chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porque era pastora (29:9)*. Esse encontro marca o início de algo que duraria até o fim da vida de Jacó. Sua mãe, Rebeca, havia sido encontrada junto a um poço, talvez aquele mesmo. Mais uma vez, Deus conduziu o homem em busca de uma esposa ao lugar certo. O Deus de Abraão e Isaque é um Deus de milagres. Tudo está sob seu controle e os resultados de sua operação são sempre perfeitos.

*Tendo visto Jacó a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, fez o que para outros era praticamente impossível: chegou-se, removeu a pedra da boca do poço e deu de beber ao rebanho de Labão, irmão de sua mãe (29:10)*. Apesar de não ser sempre recomendável, o amor à primeira vista pode ser extremamente motivador!

Depois de dar de beber às ovelhas, *Jacó beijou a Raquel e, erguendo a voz, chorou (29:11)*. Por que ele chorou? Foi a emoção de encontrar uma parenta? Amor? Algum outro motivo? Não sabemos; porém, quando Raquel ficou sabendo que ele era *parente de seu pai, pois era filho de Rebeca*, ela não guardou o fato para si, mas *correu e o comunicou*

*a seu pai (29:12)*. Sua empolgação nos traz à memória a empolgação de uma mulher samaritana muitos anos depois (Jo 4:28).

Labão também ficou encantado em saber que o filho de sua irmã tinha ido visitá-los e *correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou para casa (29:13a)*. Talvez essa recepção calorosa fosse típica de um parente, mas somos lembrados mais uma vez da reação dos samaritanos quando a mulher lhes contou que havia encontrado o Messias. “Saíram, pois, da cidade e vieram ter com ele” (Jo 4:30). Eis um desafio para todos nós: ao recebermos boas novas, não devemos esperar. O que estamos fazendo com as boas-novas sobre Jesus que recebemos de tantas maneiras e em tantos lugares? Estamos passando essa notícia adiante?

Na casa de Labão, Jacó lhe contou *os acontecimentos de sua viagem (29:13b)*, incluindo notícias sobre Rebeca e o restante da família. O comentário de Labão diante do relato — *de fato, és meu osso e minha carne (29:14a)* — é um bom exemplo de como a afinidade familiar era importante no AT. Como em muitas sociedades africanas o filho de uma irmã é considerado “filho” ou “filha” de seu tio. Na verdade, entre o povo kamba no Quênia, quando um filho ou uma filha fogem de casa, a “casa do tio” é, quase sempre, sua “cidade de refúgio”. Assim também, um vínculo se formou entre Jacó e Labão.

### 29:14b-30 **Jacó se casa com suas primas**

O povo kamba do Quênia tem um ditado: *Vaii nzau yanasya utumo umwe mbua ili* (“Nenhum touro governa o mesmo vale por duas estações”), indicando que ninguém pode pressupor estar sempre na posição de vantagem. Até um trapaceiro como Jacó pode ser trapaceado, especialmente por um mestre das intrigas como seu tio Labão.

Jacó trabalhou de graça para Labão *pelo espaço de um mês (29:14b)*. Ciente disso, Labão perguntou a Jacó: *acaso, por seres meu parente, irás servir-me de graça? Dize-me, qual será o teu salário? (29:15)*. Labão mostrou-se mais justo do que muitos de nós na África, cujos parentes se hospedam conosco enquanto procuram emprego. Por vezes, alguns desses parentes trabalham anos a fio em nossa casa sem receberem salário formal algum. Geralmente, justificamos essa prática dizendo que pagamos o suficiente: sua alimentação, moradia, água e eletricidade. Mas será mesmo o suficiente ou será que estamos nos aproveitando deles porque estariam desamparados sem nossa ajuda? Labão considerou incorreto usar o trabalho de Jacó sem lhe pagar e, portanto, ofereceu a Jacó a oportunidade de dizer o que desejava receber.

Jacó respondeu: *sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel (29:18b)*. Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha e de *olhos baços*, e Raquel, a mais nova e *formosa de porte e semblante (29:16-17)*. *Jacó amava a Raquel (29:18a)* e, portanto, estava disposto a oferecer sete anos de trabalho em troca de sua amada. O amor não calcula os custos.

Há casos na África de parentes da noiva que estipulam um preço tão alto por ela a ponto de fazer seu pretendente desanimar. Ainda assim, onde há amor, o rapaz sempre recobra o ânimo e se esforça para pagar o preço requerido para obter a noiva.

Por vezes, é bom o que o amor seja cego. Em seu estado de enlevo, Jacó mal percebeu o tempo passar e os sete anos *lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava* (29:20).

No fim dos sete anos, Labão, que havia concordado com a proposta de Jacó dizendo *Melhor é que ta dê, em vez de dá-la a outro homem* (29:19), preparou para Jacó a maior surpresa de sua vida. Depois de Jacó lembrá-lo de que o prazo havia vencido, *reuniu, pois, Labão, todos os homens do lugar e deu um banquete* (29:22). Em se tratando da comunidade, ele procedeu como devia. No entanto, *conduziu a Lia, sua filha, e a entregou a Jacó* (29:23). Isso aconteceu à noite. Na escuridão, Jacó pensou que fosse Raquel e *coabitaram*. O casamento foi consumado e, portanto, não podia ser anulado.

Labão estava ansioso para casar Lia e conseguir um bom preço por ela. É provável que, devido às suas vistas fracas, outros homens não tenham se interessado por ela. Assim, ele usou a aparência de honestidade para enganar Jacó. Realizou todos os procedimentos externos corretamente oferecendo uma grande festa e dando a impressão de que tudo estava correndo conforme o planejado, mas o fez com um coração desonesto. Havia feito um acordo com Jacó, mas manipulou as coisas de modo a levar vantagem sobre o futuro genro incauto. Esse tipo de prática não é um “bom negócio”, mas sim desonestidade. Precisamos nos lembrar sempre: o mais importante não são nossas conquistas, mas a forma como são realizadas. A desonestidade estraga tudo o que toca.

Quando amanheceu, Jacó percebeu que havia recebido Lia no lugar de Raquel. Irado, confrontou Labão, perguntando: *que é isso que me fizeste? Não te servi eu por amor a Raquel? Por que, pois, me enganaste?* (29:25). Esaú poderia ter feito a mesma pergunta a Jacó sete anos antes! Muitas vezes, nos queixamos de algo quando nossos interesses são afetados de forma negativa, mas nos justificamos quando somos a parte beneficiada. Por isso, a Bíblia fala com frequência da necessidade de amarmos uns aos outros (Jo 13:34; 15:12; Rm 12:10; 13:8; 1Ts 3:12; 1Pe 4:8; 1Jo 3:23; 4:11; 2Jo 5) e fazer aos outros como desejamos que façam a nós (Mt 7:12).

Deus conhece nosso egocentrismo e trata dele claramente. Jacó poderia ter justificado o fato de haver enganado Esaú argumentando: “Mas ele vendeu para mim o direito de primogenitura”. Labão também justificou seu ato: *não se faz assim em nossa terra, dar-se a mais nova antes da primogênita* (29:26). Apesar de ambas as afirmações serem verdadeiras, não são justificativas autênticas para a conduta subsequente. Jacó deveria ter sido avisado desse costume sete anos antes. Mesmo que tivesse esperança de casar Lia com outro homem antes de vencer o prazo, Labão deveria ter

especificado seu acordo com Jacó, explicando: “Sim, desde que Lia tenha encontrado um marido até então”. Não obstante o costume de sua terra, Labão procedeu mal por não declarar inequivocamente os termos do acordo. Há quem se pergunte se práticas como o suborno são erradas para os cristãos, pois também fazem parte do costume de algumas culturas. No entanto, os costumes não mudam a essência da honestidade e da desonestidade.

Em seguida, Labão fez outra oferta a Jacó: *decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás* (29:27). Jacó estava apaixonado por Raquel, e Labão se aproveitou da situação, mas para Jacó não havia como voltar atrás. Depois da semana designada para Lia, *Labão lhe deu por mulher Raquel* (29:28) e Jacó *continuou servindo a Labão por outros sete anos* (29:30). O autor nos informa que *Jacó amava mais a Raquel do que a Lia*. Essa situação, comum em casamentos polígamos, sempre dá origem a problemas familiares. Toda esposa deve receber amor suficiente para satisfazê-la. É possível que a situação fosse difícil para Jacó, pois ele não escolheu se casar com Lia. No entanto, como ela havia se tornado sua esposa, também merecia seu amor.

Jacó tem agora duas esposas, e cada uma delas tem uma serva. *Para serva de Lia, sua filha, deu Labão Zilpa, sua serva* (29:24) e *para serva de Raquel, sua filha, deu Labão a sua serva Bila* (29:29). A facilidade com que Jacó se tornou polígamo mostra como essa prática era comum no mundo antigo.

O amor dedicado de um genro como Jacó deveria ter sido motivo de graças e louvor ao Senhor, mas Labão considerou essa afeição algo a ser explorado e profanou o casamento usando-o para se enriquecer. Não se trata de um problema incomum na África. Talvez os pais africanos não troquem “Raquel” por “Lia”, mas, ainda assim, tentam extrair o máximo possível de seu futuro genro, demonstrando uma atitude egocêntrica e condenável.

### 29:31—30:24 O convívio na família de Jacó

A família de Jacó não podia ser considerada feliz, pois Lia era injustamente desprezada e privada de amor conjugal. O relato concentra-se na competição entre as duas irmãs, cujo ciúme e inveja levaram Jacó a ter filhos com várias mulheres, uma vez que as irmãs usavam suas servas para lhes gerar descendentes. Como no caso de Sara e Abraão, o filho gerado pela serva era considerado um filho legítimo de sua senhora.

### 29:31-35 Os filhos de Jacó com Lia

Pelo fato de Jacó amar Raquel, mas não Lia, Deus supriu as carências de Lia. Ele *fê-la fecunda* (29:31), enquanto Raquel sofria do mesmo mal que Sara (11:30) e Rebeca (25:21), pois era estéril. Talvez, até certo ponto, Raquel fosse vítima das circunstâncias, pois Jacó a amava, enquanto *Lia era desprezada*; mas, ao que parece, ela não incentivou Jacó a mudar sua atitude fria em relação à irmã mais

velha (30:14-16). A fertilidade de Lia e a esterilidade de Raquel nos lembram de que, em meio a qualquer injustiça, Deus toma partido dos desvalidos. Enquanto Raquel não teve nenhuma criança, Lia deu à luz quatro filhos:

- *Rúben*, cujo nome significa *o Senhor atendeu à minha aflição* ou “vejam, um filho” (29:32).
- *Simeão*, cujo nome significa “Aquele que ouve” (29:33), porque Deus ouviu suas orações.
- *Levi*, cujo nome quer dizer “unido”, pois sua esperança era que seu marido se unisse mais a ela (29:34).
- *Judá*, cujo nome significa “louvor”, pois ela disse: *esta vez louvarei o Senhor* (29:35).

O raciocínio de Lia é um produto de sua cultura. Ela estava certa de que, ao gerar filhos para Jacó, ele a amaria. Por isso declarou no nascimento de Rúben: *agora me amará meu marido* (29:32). Não foi o que aconteceu, e ouvimos seus anseios não satisfeitos nas palavras proferidas no nascimento de Simeão e Levi. No entanto, quando Judá nasceu, ela mudou o foco de sua atenção. Em vez de pensar em si mesma e na tristeza de não ser amada, voltou-se para Deus e o louvou. Suas circunstâncias nos fazem lembrar a futilidade de contarmos com outra pessoa para nos fazer felizes (Lia ansiava pelo amor de Jacó, uma afeição que nunca recebeu), a insensatez de nos concentrarmos em nós mesmos (enquanto Lia só pensava em si mesma, continuou infeliz) e a alegria de nos voltarmos para Deus. Um coração aflito foi transformado num coração repleto de louvor.

### 30:1-8 Os filhos de Jacó com Bila

Ao ver Lia dando à luz um filho após o outro, Raquel *teve ciúmes de sua irmã*. Também colocou a culpa em Jacó, rogando-lhe: *dá-me filhos, senão morrerei* (30:1). Para Raquel, havia algo errado em Jacó como homem, o que a impedia de conceber. No entanto, Jacó estava fazendo todo o possível, como suas palavras iradas deixam claro: *acaso, estou eu em lugar de Deus que ao teu ventre impediu frutificar?* (30:2). É Deus quem controla a fertilidade de uma mulher. Aquelas que são estéreis devem expressar a ele seu desejo; aquelas que têm filhos devem louvá-lo. Na África, a infertilidade é considerada uma desgraça pela qual o marido culpa a mulher. No entanto, a coisa certa a fazer é buscar ao Senhor, aquele que concede ou deixa de conceder filhos, e continuar a confiar nele como casal.

Raquel estava desesperada para dar filhos a Jacó. Como sua irmã, acreditava que Jacó amaria a esposa que gerasse mais filhos. Assim, disse a Jacó para se deitar com sua serva Bila [...] *para que dê à luz, e eu traga filhos ao meu colo, por meio dela* (30:3-4). Essas palavras conhecidas haviam criado problemas anteriormente para Abraão e Sara (16:2b). No entanto, mostram como o desejo mais intenso de uma mulher tradicional é formar uma família, enquanto o homem tradicional também considera a função de sua

mulher incompleta a menos que esta lhe dê um filho. Bila deu à luz dois filhos:

- *Dã*, cujo nome significa “um veredicto favorável” ou “ele me vindicou” (30:6).
- *Naftali*, cujo nome quer dizer, “minha luta”, refletindo a competição de Raquel com sua irmã (30:8).

A competição é um fenômeno comum dentro dos casamentos polígamos. Raquel descreve a situação corretamente como “grandes lutas”. Esse tipo de rivalidade pode causar divisão não apenas entre as esposas, mas também entre seus filhos, e é melhor ser evitada. Nenhum marido pode se considerar inteligente quando suas esposas competem entre si.

### 30:9-13 Os filhos de Jacó com Zilpa

Depois que Judá nasceu, Lia “cessou de dar à luz” (29:35). Talvez Deus a tenha tornado infértil por algum tempo, ou Jacó tenha deixado de se deitar com ela. No entanto, Lia também era competitiva. Ao ver que Raquel estava gerando filhos por meio de sua serva, decidiu usar a mesma tática. *Tomou também a Zilpa, sua serva, e deu-a a Jacó, por mulher* (30:9). Como Bila, Zilpa deu à luz dois filhos:

- *Gade*, cujo nome quer dizer “boa fortuna” (30:10-11).
- *Aser*, cujo nome significa “feliz” (30:12-13).

### 30:14-21 Mais filhos com Lia

Lia gerou quatro filhos seus e dois por meio de sua serva, Zilpa. Certo dia, seu filho mais velho, Rúben, *achou mandrágoras no campo* (30:14). Acreditava-se que as mandrágoras induziam a fertilidade, de modo que Rúben as levou para Lia. Raquel ficou sabendo e pediu um pouco para si, mas Lia retrucou: *achas pouco o me teres levado o marido? Tomarás também as mandrágoras do meu filho?* (30:15a). Em outras palavras, para Lia, Raquel monopolizava a atenção de Jacó e o mantinha junto de si sempre que possível. Jacó, por sua vez, não tinha nenhuma afeição por Lia que o fizesse resistir à atenção de Raquel.

Desesperada para conseguir qualquer coisa que pudesse ajudá-la a engravidar, Raquel ofereceu Jacó a Lia por uma noite em troca das mandrágoras (30:15b) e Lia concordou. Quando Jacó estava voltando do campo, Lia foi a seu encontro e lhe disse: *esta noite me possuirás, pois eu te aluguei pelas mandrágoras do meu filho* (30:16). Jacó deitou-se com Lia e Deus a abençoou com mais uma gravidez. Uma vez que Jacó demonstrava pelo menos algum interesse por Lia quando ela era fértil, o Senhor a abençoou com mais dois filhos e uma filha:

- *Issacar*, cujo nome significa “recompensa”, mais especificamente, uma recompensa por ter dado sua serva a seu marido (30:17-18).

- *Zebulom*, cujo nome quer dizer, “honra”, pois ela estava certa de que Jacó ficaria impressionado com o fato de ela ter lhe dado *seis filhos* (30:20).
- *Diná*, cujo nome significa “julgamento”, nasceu algum tempo depois de seus irmãos (30:21). Ela é a única filha de Jacó mencionada pelo nome. É possível que isso se deva ao julgamento do povo de Siquém executado por seus irmãos (34:25-26).

### 30:22-24 Os filhos de Jacó com Raquel

Até então, Raquel havia permanecido estéril. Mas, por fim, *lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a e a fez fecunda* (30:22). Ela deu à luz um filho:

- *José*, cujo nome significa “que ele acrescente”, expressando sua esperança de ter *ainda outro filho* (30:23-24).
- E, como veremos mais adiante, o Senhor ouviu sua oração e lhe deu outro filho, ao qual ela chamou Benoni (filho de minha aflição), nome que Jacó mudou para Benjamim (35:18) — “filho de minha destra”.

### 30:25-43 Jacó é abençoado com rebanhos

Com onze filhos e uma filha, Jacó se viu cercado de uma família grande e resolveu que era chegado o momento de voltar para sua casa em Canaã. A essa altura, havia trabalhado para Labão durante quatorze anos (29:30; 30) e, portanto, pediu ao sogro: *dá-me meus filhos e mulheres, pelas quais eu te servi, e partirei* (30:26). Mas Labão se mostrou relutante em deixar Jacó partir, respondendo: *tenho experimentado que o Senhor me abençoou por amor de ti* (30:27). E acrescentou: *fixa o teu salário, que te pagarei* (30:28). Alguns empregados são preguiçosos e só trabalham o suficiente para receber seu salário, enquanto outros são diligentes e trabalham visando ao sucesso. Jacó fazia parte do segundo grupo. Sua ética de trabalho havia chamado a atenção de outras pessoas, inclusive de Labão, que se mostrou disposto a pagar o que Jacó lhe pedisse. Todos os cristãos devem ter a mesma atitude e trabalhar “como para o Senhor e não para homens” (Cl 3:23). Infelizmente, porém, não são muitos os trabalhadores africanos dispostos a agir desse modo. Se houvesse uma mudança em nossa atitude em relação ao trabalho, a África passaria por uma transformação visível.

De acordo com algumas versões, Labão descobriu “por meio de adivinhação” que o Senhor o estava abençoando por amor a Jacó. Labão não conhecia o Senhor intimamente e a lei proibindo tal adivinhação ainda não havia sido anunciada, não sendo correto dizer, portanto, que esse versículo apoia tal prática. Mais adiante no AT, a adivinhação é condenada de forma explícita (Dt 18:10) e diz-se que seus praticantes “desprezaram todos os mandamentos do Senhor” (2Rs 17:16-17). Os falsos profetas usavam desse expediente para fazer suas predições (Jr 14:14; cf. também Ez 12:24; 13:6-7). A adivinhação é uma tentativa de prever o futuro

confiando não no Espírito Santo, mas em outros poderes supostamente sobre-humanos. Uma vez que exclui Deus, é pecado os cristãos se envolverem com essa prática.

Jacó lembra Labão de como as coisas eram antes e de como são agora. Antes de Jacó chegar, Labão tinha *pouco*, mas *aumentado grandemente* como resultado do trabalho árduo e fidelidade de Jacó e da bênção do Senhor (30:29-30a). A África precisa encarecidamente destas três coisas: trabalho árduo, fidelidade e a bênção do Senhor. É sempre um equívoco atribuir os infortúnios de nosso continente àquilo que Deus fez ou deixou de fazer. As bênçãos de Deus ficam mais evidentes quando o povo trabalha com afinco e se mostra digno de confiança, cuidando bem das dádivas recebidas de Deus. É preciso haver um Paulo para plantar, e um Apolo para regar antes de esperarmos que Deus dê o crescimento (cf. 1Co 3:6). A glória final pertence a Deus, mas ele recompensa o trabalho árduo e a fidelidade.

A pergunta seguinte de Jacó a Labão, *agora, pois, quando hei eu de trabalhar também por minha casa?* (30:30b), chama a atenção para um fato importante: não apenas o patrão deve prosperar quando seus trabalhadores são dedicados e responsáveis. Muitos trabalhadores na África sofreram injustamente com a opressão de patrões egoístas que citam passagens bíblicas sobre a necessidade de trabalhar com diligência e seriedade (p. ex., Ef 6:5-8; Cl 3:22-25; 1Tm 6:1-2), mas ignoram declarações igualmente enérgicas sobre a necessidade de tratar bem seus empregados (p. ex., Ef 6:9; Cl 4:1). Esse uso seletivo das Escrituras é pecaminoso.

Labão não havia tratado bem o genro, Jacó. Na verdade, Jacó afirma posteriormente que Labão o enganou, mudando seu salário dez vezes (31:7,41). Consciente de seu tratamento injusto, Labão perguntou ao genro o que poderia lhe dar. Jacó respondeu: *nada me darás* (30:31a). A essa altura, Jacó sabia muito bem que Labão costumava tomar de volta aquilo que tinha oferecido. Esse é outro mal comum na África. Os ricos, poderosos e influentes prosperam à custa dos pobres. Existem muitos “Labões”. Não podemos esperar as bênçãos de Deus enquanto esse quadro não mudar.

No entanto, Jacó fez uma proposta. Estava disposto a continuar cuidando dos rebanhos de seu sogro (30:31b), em troca de todos os *salpicados e malhados, e todos os negros entre os cordeiros, e o que é malhado e salpicado entre as cabras* (30:32-33).

Labão concordou (30:34), mas não mudou de atitude. Para não dar os animais a Jacó, *naquele mesmo dia, separou Labão os bodes listados e malhados e todas as cabras salpicadas e malhadas, todos os que tinham alguma brancura e todos os negros dentre os cordeiros; e os passou às mãos de seus filhos* (30:35). Além disso, *pôs a distância de três dias de jornada entre si e Jacó; e Jacó apascentava o restante dos rebanhos de Labão* (30:36). Labão imaginou que ao remover e afastar do restante do rebanho todos os animais cujas crias poderiam ser do tipo separado para seu genro, Jacó não teria como aumentar seus rebanhos.

Mais uma vez, porém, *vala yikaw'a tivo ivalukaa* (kam-ba, Quênia — “uma coisa não cai no mesmo lugar de onde foi jogada”). A intriga de Labão não funcionou, pois Deus prevaleceu sobre essa injustiça. Ao descobrir o que Labão havia feito, Jacó não comprou uma briga com o sogro. Jacó sabia planejar, e não lutar. Decidiu cruzar os animais de modo a aumentar a probabilidade de produzirem crias malhadas e listradas. Cortou varas verdes e as riscou para criar um efeito listrado e, então, as colocou *nos bebedouros*, na esperança de que, quando os animais se acasalassem perto da água, seriam influenciados pelas marcas nas varas e dariam *crias listradas, salpicadas e malhadas* (30:37-39). Também tentou fazer o rebanho olhar os animais listrados e pretos (30:40a) e cuidou para que os mais fortes ficassem mais expostos às varas quando estivessem no cio (30:41). Por certo, Jacó acreditava que as crias eram influenciadas por aquilo que os animais viam quando estavam acasalando. Apesar de essa crença não ser cientificamente válida, o Senhor a honrou e fez Jacó prosperar. As crias dos mais fortes eram listradas e, pelo acordo feito com Labão, pertenciam a Jacó (30:42).

Assim, aos poucos, Jacó pôs o seu rebanho à parte e não o juntou com o rebanho de Labão (30:40b). Como resultado, apesar de Labão querer mantê-lo pobre e dependente, Jacó se tornou mais e mais rico; teve muitos rebanhos, e servos, e servos, e camelos, e jumentos (30:43). Sem dúvida, o Deus cujas opções são muito mais numerosas do que imaginamos estava operando de modo aabençoar seu servo.

Nós, africanos, precisamos começar a pensar mais como Jacó. Em vez de nos entregarmos ao desespero e dizermos “Labão levou embora todos os bodes listrados ou malhados”, precisamos considerar quais são nossas opções. Quando não há chuva, temos outras opções além de nos mudar para algum lugar onde há mais alimento? Devemos buscar alternativas moralmente corretas e confiar em Deus.

Alguém pode perguntar se Jacó usou de uma alternativa moralmente correta ao procurar manipular os resultados. Ele não roubou nada de Labão, mas apenas adotou um plano que foi eficaz para seu caso. Ao mesmo tempo, em momento nenhum Jacó afirmou ter sido instruído pelo Senhor para usar esse método, de modo que a questão da ética de seu procedimento fica em aberto.

### 31:1-21 Jacó parte sem avisar Labão

Primeiro, Jacó teve de lidar com Labão e sua má-fé. Agora, se vê obrigado a lidar com os filhos de Labão e sua inveja. Chegou aos ouvidos de Jacó que os filhos de Labão andavam dizendo: *Jacó se apossou de tudo o que era de nosso pai; e do que era de nosso pai juntou ele toda esta riqueza* (31:1). Apesar de Jacó ser cunhado deles, os filhos de Labão ainda o consideravam um forasteiro. Não enxergavam, porém, como Jacó havia trabalhado arduamente para Labão. É comum isso acontecer quando há inveja. A pessoa invejosa

não consegue fazer uma avaliação justa, pois tende a ver apenas um lado da situação.

Além de tudo, Jacó, *por sua vez, reparou que o rosto de Labão não lhe era favorável, como anteriormente* (31:2), algo mais do que esperado. A atitude positiva de Labão em relação a Jacó no passado se devia a sua posição de vantagem, o que lhe permitia explorar Jacó para enriquecer cada vez mais. No entanto, quando Jacó usou de astúcia na questão dos animais, Labão deixou de ver a presença do genro como algo vantajoso para seus interesses.

Não sabemos o contexto exato em que o Senhor falou a Jacó — se foi enquanto Jacó expressava sua angústia em oração, ou se o Senhor simplesmente atendeu às suas necessidades antes de ele orar (Is 65:24). Numa ocasião anterior, porém, o Senhor havia se comprometido a levar Jacó de volta à terra prometida (28:15). Havia chegado a hora. Assim, o Senhor disse a Jacó: *torna à terra de teus pais e à tua parentela*. Como antes, o Senhor garantiu sua presença a Jacó: *e eu serei contigo* (31:3).

Sabendo que o Senhor estava a seu lado, Jacó fez como todo bom marido faz antes de dar um passo importante. Ele mandou vir Raquel e Lia ao campo, para junto do seu rebanho (31:4), a fim de conversar com elas sobre sua situação. Ele precisava ser diplomático, pois teria de comentar sobre o modo como o pai delas o estava tratando.

Ao falar às suas esposas, contrastou suas circunstâncias com a intervenção de Deus:

- Labão o estava rejeitando, *porém o Deus de meu pai tem estado comigo* (31:5).
- Labão o estava enganando, tendo mudando o salário de Jacó dez vezes apesar de todo o trabalho dedicado de seu genro. *Porém*, argumentou ele, *Deus não lhe permitiu que me fizesse mal nenhum* (31:7). Lembrou-lhes que Deus estava no controle das crias geradas em seus rebanhos (31:8). Para refutar os cunhados (31:1), que talvez tivessem influenciado Raquel e Lia, Jacó ressaltou: *Deus tomou o gado de vosso pai e mo deu a mim* (31:9), uma afirmação verdadeira, tenha sido certa ou errada a estratégia de Jacó para influenciar a coloração dos animais.
- Labão estava tentando furtivamente mudar a situação em seu favor, mas Deus havia enviado um sonho a Jacó no qual lhe mostrava como todos os bodes machos que estavam acasalando no rebanho eram *listrados e malhados* (30:35). Talvez Labão tivesse escondido esses rebanhos, mas o Senhor disse: *veja tudo o que Labão te está fazendo* (31:10-12).

Eis uma verdade profunda. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó transcende as circunstâncias. Aqueles que confiam nele descobrem que todas as armas forjadas contra eles não prosperarão (Is 54:17). O Senhor atenta para os interesses de seus filhos, guardando-os das intrigas perversas.

Jacó termina seu relato do sonho com a ordem que o Senhor lhe deu: *sai desta terra e volta para a terra da tua parentela (31:13)*. Raquel e Lia ouviram as palavras do marido e lhe deram todo apoio. A seu ver, o pai estava tratando não apenas Jacó como estrangeiro, mas também a elas. Além disso, Labão estava sendo injusto com elas: *nos vendeu e consumiu tudo o que nos era devido (31:14-15)*. Assim, as duas concordaram com Jacó que *toda riqueza que Deus tirou de nosso pai é nossa e de nossos filhos* e lhe pediram: *faze tudo o que Deus te disse (31:16)*.

Certo da presença do Senhor e do apoio das esposas, Jacó planeja sua partida. Nesse caso, ele age de acordo com um princípio extremamente importante. Todo marido que deseja ser bem-sucedido deve buscar o apoio de Deus e da esposa. Na África, muitos homens cuidam de seus negócios como se a opinião da esposa não importasse. No entanto, seu sucesso pode refletir o grau de apoio que recebem da esposa.

Jacó esperou até Labão sair para tosquiá as ovelhas num campo distante (31:19a), encontrando provavelmente alguma desculpa para não acompanhá-lo nesse trabalho. Então, mais que depressa, colocou suas quatro esposas e onze filhos em camelos e partiu com seus rebanhos e toda *propriedade que acumulara em Padã-Arã, para ir à Isaque, seu pai, à terra de Canaã (31:18)*.

Ao voltar e descobrir que Jacó e as filhas não estavam mais com ele, Labão deve ter ficado profundamente perturbado, pois Jacó o enganara e partira sem se despedir. Deve ter se angustiado mais ainda ao descobrir que seus *ídolos do lar* (tb. chamados de “terafim”; 31:19b) haviam sido levados. A posse desses ídolos era estreitamente relacionada à posse da casa que eles representavam. Por certo, o coração de Raquel, que tomara os ídolos, ainda estava dividido entre eles e o Deus de Jacó. Somos lembrados mais uma vez do motivo pelo qual o Senhor julgou necessário que Abraão deixasse o meio onde vivia a fim de lançar alicerces sólidos para seu plano da salvação.

Jacó e sua família atravessaram o rio Eufrates e *tomaram o rumo da montanha de Gileade (31:21)*. Jacó obedeceu à ordem de Deus. Não há sinal dessa obediência em ocasiões anteriores, apesar de Deus ter lhe falado em Betel (28:13-15). Nesse caso, porém, ainda que a situação na casa de Labão tivesse servido como um incentivo para sua partida, pela primeira vez Jacó age explicitamente em conformidade com uma instrução de Deus.

### 31:22—32:2 O Senhor protege Jacó de Labão

Labão demorou três dias para descobrir que Jacó havia partido (31:22). Quando soube do ocorrido, reagiu como se Jacó fosse um ladrão, reuniu todos os seus parentes e *saiu-lhe no encalço, por sete dias de jornada, até que o alcançou na montanha de Gileade (31:23)*.

A obediência à vontade de Deus não nos torna imunes a problemas e provações. Antes, significa que, em sua

soberania, Deus cuidará de nós e nos protegerá (31:3). Foi o que o Senhor fez por Jacó ao aparecer a Labão em um sonho e lhe dizer: *guarda-te, não fales a Jacó nem bem nem mal (31:24)*. O Senhor sabia da fúria de Labão e da possibilidade de ele fazer mal a Jacó e, portanto, interveio para que nada acontecesse. Pelo visto, a proibição de falar com Jacó era referente ao dia em que ele alcançasse o genro. Labão precisava de um tempo para acalmar sua ira. É sempre sábio não tratar de problemas quando se está irado.

Quando Labão alcançou Jacó, ele e seus parentes apenas acamparam no mesmo lugar onde Jacó *havia armado sua tenda (31:25)*. Então, no momento certo, Labão falou a Jacó. Acusou-o de tê-lo negado a oportunidade de se despedir devidamente de seus netos e filhas, com um banquete, *com tamboril, e com harpa* e de abraçá-los enquanto diziam adeus (31:27-28). Comparou o comportamento de Jacó ao de um invasor que raptou suas filhas *como cativas pela espada (31:26)*. Labão lembrou Jacó que ele e seus parentes poderiam castigá-lo e feri-lo gravemente se assim o desejassem (31:29), mas que não o fariam devido ao aviso que o Senhor lhe dera na noite anterior.

Jacó respondeu a essas acusações afirmando temer que Labão não consentisse com a partida de suas filhas e as tomasse do marido *à força (31:31)*, provavelmente uma preocupação justificada. Um homem dado a intrigas como Labão poderia usar táticas de todo tipo para impedir Jacó de partir.

Labão também levantou a questão do desaparecimento dos ídolos do lar (31:30). Jacó não sabia do furto e jurou executar o responsável, sem sequer suspeitar de Raquel. Provavelmente, supôs que um dos servos tivesse pegado os ídolos, pois usa o gênero masculino: *não viva aquele com quem achares os ídolos (31:32)*.

Labão conduziu uma busca minuciosa. Examinou a tenda de Jacó, de Lia, de Raquel e das duas servas. Não encontrou os ídolos porque Raquel *os pusera na sela de um camelo e estava assentada sobre eles (31:33-34)*. Raquel disse ao pai: *não te agastes, meu senhor, por não poder eu levantar-me na tua presença; pois me acho com as regras das mulheres (31:35)*. Enganado por sua filha Raquel, depois de procurar os ídolos por toda parte, Labão *não os achou*.

Uma das características negativas de Jacó e daqueles a seu redor era o uso de mentiras para obter o fim desejado. Jacó e sua mãe usaram de mentiras para obter a bênção de Isaque sobre Jacó (27:1-40). Então, Rebeca mentiu para Isaque quanto à razão para Jacó ir à Padã-Arã, a fim de que Isaque abençoasse a viagem do filho (27:41—28:5) e agora, Raquel mente para Labão sobre o motivo pelo qual não pode se levantar. Isaque, o pai de Jacó e Abraão, seu avô, também mentiram para evitar serem mortos por causa de suas esposas formosas (26:7; 20:2; 12:11-12). No entanto, eram pessoas por meio das quais Deus escolheu operar. Devemos inferir, então, que os fins justificam os meios? De maneira nenhuma! Antes, somos lembrados da graça co-



piosa de Deus. Ele nos recebe como somos e deseja mudar nosso caráter para nos tornar semelhantes a ele.

Ao avaliar o comportamento de Jacó e seus familiares, é preciso ter duas coisas em mente. Em primeiro lugar, a Bíblia relata esses acontecimentos como fatos históricos, e não como atitudes aprovadas por Deus. Sem dúvida, eram homens e mulheres de Deus — mas somente pela graça dele, e não por mérito próprio. Em segundo lugar, essas pessoas possuíam apenas um conhecimento limitado da vontade de Deus, pois o Senhor estava apenas começando a se revelar a elas. Ainda se passariam muitos anos até ele dar a lei a Moisés, detalhando sua vontade para quase todos os aspectos da vida. Não podemos tomar esses indivíduos como exemplo em todas as áreas, pois ainda eram crianças em seu conhecimento de Deus. Não haviam recebido os Dez Mandamentos (Êx 20) nem ouvido o sermão do monte (Mt 5—7). Assim, pelo fato de possuímos uma revelação mais plena da vontade de Deus por meio de Jesus Cristo, precisamos considerar o comportamento de pessoas como Abraão, Isaque, Jacó e Raquel da mesma forma como consideraríamos o comportamento de crianças pequenas quando estas fazem algo que nós, adultos, sabemos ser errado. Não responsabilizamos uma criança pequena como se fosse um adulto, nem consideramos seu comportamento um exemplo a ser imitado. Antes, reconhecemos que a criança fez algo errado e, então, usamos da graça para com ela enquanto continuamos a instruí-la acerca do certo e do errado. Os fins nunca justificaram os meios, mas a graça de Deus opera em pessoas imperfeitas.

Não obstante, devemos lembrar do modo como alguns desses patriarcas obedeceram a Deus sem questionar o pouco que sabiam de sua vontade. Abraão, por exemplo, é caracterizado como o pai daqueles que creem (Gl 3:7-9). Ele se mostrou pronto até a oferecer seu filho único em obediência à ordem de Deus (cap. 22). Podemos ter a vantagem de conhecer mais sobre a vontade ética de Deus, mas, em se tratando de obediência, talvez saibamos menos do que os patriarcas.

Uma vez que não encontrou os ídolos do lar, Labão não pôde continuar com seu papel de vítima. Assim, Jacó aproveitou a oportunidade para pôr as cartas na mesa.

Em primeiro lugar, desafiou Labão a dar provas de algum crime. Perguntou ao sogro se havia encontrado algo em sua busca, inclusive os ídolos do lar. Todos os seus parentes estavam presentes e poderiam servir de juízes no caso de controvérsia quanto a alguma propriedade (31:36-37). Labão não teve como apresentar nenhuma prova contra Raquel.

Em seguida, Jacó lembrou o sogro do serviço dedicado que havia lhe prestado ao longo dos últimos vinte anos — quatorze anos para obter suas duas esposas (29:18,27,30) e seis anos para juntar seu próprio rebanho (31:38a,41a). Havia cuidado tão bem das ovelhas de Labão que nenhuma delas havia perdido a cria. Além disso, não havia tomado

para seu consumo nenhum dos animais sob seus cuidados e os havia protegido dos ataques de feras. Se acontecia de um animal ser atacado, Jacó assumia toda a responsabilidade e arcava com o prejuízo (31:38b-39a). Esse serviço fiel não havia sido fácil: *eu andava, de dia consumido pelo calor, de noite, pela geada; e o meu sono me fugia dos olhos* (31:40).

No entanto, Labão havia sido um empregador injusto, sem nenhuma consideração por seu empregado fiel. Havia sempre tratado o genro com má-fé. Se, apesar da vigilância de Jacó, um animal era roubado do rebanho enorme do qual ele cuidava, Labão não mostrava misericórdia, mas culpava Jacó e o fazia pagar (31:39b). Estava sempre tentando renegociar o salário de Jacó, de modo a lhe pagar menos e ele próprio ficar com mais (31:41b). Jacó estava certo de que, se coubesse a Labão controlar os acontecimentos de sua vida, ele certamente teria sido explorado pelo sogro e não teria recebido nada em troca por todos os anos de trabalho árduo: *por certo me despediria agora de mãos vazias* (31:42b).

Felizmente, Deus estava no controle, e não Labão, e Deus fez justiça. Ele atendeu *ao trabalho das minhas mãos e te repreendeu ontem à noite* (31:42c). Jacó se refere ao Deus presente com ele como *o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o Temor de Isaque* (31:42a). Ele chama Deus de Temor de Isaque, pois Isaque o servia com reverência.

Sem ter como se desculpar de sua injustiça para com Jacó, Labão mudou de assunto. Na verdade, insistiu o sogro, todos os bens de Jacó lhe pertenciam: as esposas de Jacó são suas filhas, os filhos delas são seus netos e os rebanhos de Jacó são crias de seus rebanhos (31:43). Até certo ponto, sua asserção corresponde à realidade. Jacó chegou em Padã-Arã de mãos vazias e estava partindo com quase tudo o que poderia desejar. Porém, Labão ignorou convenientemente como Jacó trabalhou anos a fio para obter todas essas coisas. Ao mesmo tempo, reconheceu sua impotência diante da situação. Talvez Jacó não passasse de um pastor competente para Labão, mas as mulheres eram suas esposas e os filhos eram seus descendentes e, portanto, parte do clã de Jacó. Assim, Labão propôs ao genro uma aliança (31:44).

Jacó aceitou a proposta e tomou a iniciativa. Como havia feito em Betel (28:18), *tomou uma pedra e a erigiu por coluna* (31:45). Pediu a seus parentes para ajuntar pedras e fazer um montão e, então, comeram juntos uma refeição ao lado das pedras como parte da aliança (31:46).

A coluna e o montão de pedras eram testemunhas físicas dos termos da aliança (31:48,52). No entanto, conforme Labão reconheceu, a testemunha suprema era Deus (31:49b).

Labão ditou os termos desse pacto, de acordo com os quais Jacó não devia maltratar Lia e Raquel nem tomar para si mais esposas (31:50). As servas não são mencionadas, pois, apesar de, em certo sentido, também serem

mulheres de Jacó, não desfrutavam do *status* de esposas independentes de suas senhoras. Em segundo lugar, nem ele nem Jacó ultrapassariam o limite demarcado pela coluna e pelo montão de pedras na tentativa de fazer mal à outra parte (31:52).

Labão conclui: *o Deus de Abraão, o Deus de Naor, o Deus do pai deles, julgue entre nós (31:53a)*. Como filho de Betuel que era filho de Naor, irmão de Abraão, Labão estava orando ao Deus de seus antepassados.

A identidade de Deus é sempre a mesma. Apenas nosso entendimento dele é parcial, imperfeito e, por vezes, equivocado. Muitos povos africanos usam títulos descritivos para falar da pessoa ou atividade do Ser Supremo, e esse Ser é o mesmo Deus da Bíblia. Sua identidade é constante, quer o chamemos de “Deus de Abraão” quer “Deus de Abraão e Naor”, quer como no tempo do NT, “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 1:3).

Então, *jurou Jacó pelo Temor de Isaque, seu pai (31:53b)*, concordando com as exigências de Labão. Da mesma forma como tomou a iniciativa no início da cerimônia, Jacó também conduziu sua conclusão. Depois de fazer o juramento para garantir sua aceitação das condições da aliança, ele *ofereceu um sacrifício na montanha e convidou seus irmãos para comerem pão (31:54)*.

Tendo em vista a importância desses acontecimentos para ambas as partes, cada um deu um nome ao lugar. Labão o chamou de *Jegar-Saaduta* e Jacó, de *Galeede (31:47)*. Os dois nomes significam “montão de testemunho”, mas o primeiro é em aramaico e o segundo em hebraico. O lugar também era chamado de *Mispa (31:49a)*, isto é, “torre de vigia”.

Concluída a cerimônia, eles *passaram a noite na montanha (31:54)*, e levantando-se Labão de madrugada, *beijou seus filhos e suas filhas e os abençoou; e, partindo, voltou para sua casa (31:55)*. Também Jacó seguiu o seu caminho (32:1). De acordo com o texto, *anjos de Deus lhe saíram a encontrá-lo*, levando-o a considerar o local um *acampamento de Deus*, daí chamá-lo *Maanaim (32:2)*.

O que poderia ter sido um confronto terrível, tendo em vista a fúria de Labão, terminou de forma agradável, devido à intervenção do Senhor (31:24) e ao temor de Deus demonstrado por Labão (31:29). Devido a experiências anteriores em nosso continente, quando vemos a possibilidade de conflito, muitos de nós esperamos que a situação termine em guerra. Nessas ocasiões, devemos pedir a Deus para falar à parte mais forte num sonho e adverti-la para não recorrer à violência. Mas, apesar de sabermos que Deus fala e se opõe à violência, as pessoas às quais ele fala muitas vezes se recusam a ouvir sua voz e obedecer-lhe.

A devastação resultante de conflitos em vários países da África faz parte da mensagem de Deus para evitarmos contendas, para fazermos acordos e construirmos uma África unida e forte. Por certo, se Labão tivesse desobedecido a Deus e atacado Jacó, teria ferido sua própria família — pois

Jacó era marido de suas filhas e pai de seus netos. Ainda assim, muitos africanos atacam seus conterrâneos e os destroem. Não há nada que justifique esse tipo de atitude. Precisamos nos esforçar para não esquecer nossa responsabilidade de cuidar uns dos outros.

### 32:3-21 O Senhor protege Jacó de Esaú

Depois de resolver a situação entre ele e Labão, Jacó teve que se preparar para outro problema — desta vez, com seu irmão Esaú, que estava vivendo na *terra de Seir, território de Edom (32:3b)*. No caso de Labão, Jacó havia sido a parte ofendida, mas com relação a Esaú, ele havia sido o ofensor. Havia tomado para si a bênção de Esaú e fugido. Imaginando que Esaú provavelmente ainda guardava rancor dele, Jacó tomou algumas precauções. Não usou a presença dos “anjos de Deus” como desculpa para não fazer nada (32:1). Em vez disso, desenvolveu um plano estratégico.

Jacó tomou a iniciativa de buscar a reconciliação com o irmão que ele havia ofendido. Não sugeriu que tinha o direito de voltar, mas se apresentou como alguém numa posição de fraqueza, buscando o favor de Esaú. Ele *enviou mensageiros adiante de si a Esaú (32:3a)*, referindo-se a ele como *senhor (32:4a,5b)* e a si mesmo como *teu servo Jacó (32:4b)*. Informou Esaú de sua estadia com Labão (32:4c) e de como não estava voltando na condição de mendigo, mas com muitas posses: *bois, jumentos, rebanhos, servos e servas (32:5a)*. A única coisa que pedia de Esaú era *mercê à sua presença (32:5c)*.

Quando os mensageiros voltaram para dizer que, em resposta, Esaú estava a caminho com *quatrocentos homens (32:6)*, Jacó se encheu de *medo e se perturbou (32:7a)*, apressando-se para elaborar outro plano. Dividiu seus acompanhantes, bem como os rebanhos e camelos, em dois grupos, raciocinando que, se Esaú atacasse um grupo, o outro poderia fugir (32:7b).

Também preparou um presente generoso para o irmão: duzentas cabras e vinte bodes, duzentas ovelhas e vinte carneiros, trinta camelas de leite com suas crias, quarenta vacas e dez touros, vinte jumentas e dez jumentinhos (32:13-15). Separou os animais em rebanhos e os enviou adiante de si. Seus servos foram instruídos a manter um espaço considerável entre cada rebanho e o seguinte (32:16). Quando Esaú deparasse com um rebanho, os servos deviam saudá-lo e dizer-lhe que aqueles animais estavam sendo enviados a ele como um presente de Jacó (32:18). Com esses presentes, Jacó esperava apaziguar Esaú antes de se encontrarem (32:20).

Jacó não se fiou apenas em presentes e palavras para resolver o problema; também orou ao Senhor (32:9). Em sua oração, reconheceu humildemente seu pecado e seus erros: *sou indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que tens usado para com teu servo (32:10a)*. Também reconheceu a operação de Deus em seu favor: *com apenas o meu cajado atravessei este Jordão; já agora sou dois bandos (32:10b)*. E,

por fim, pediu proteção: *livra-me das mãos de meu irmão, Esaú, porque o temo, para que não venha matar-me e as mães com os filhos (32:11)*. Sua súplica é baseada nas promessas anteriores de Deus: *disseste: Certamente eu te farei bem e dar-te-ei a descendência como a areia do mar, que, pela multidão, não se pode contar (32:12)*.

Sua oração serve de exemplo para nós. Contém adoração, confissão, ação de graças e súplica e também se apropria da promessa de Deus.

Depois de dar andamento a uma boa estratégia e expressar em oração sua dependência do Deus que não pode mentir, Jacó ficou sozinho *no acampamento* em Maanaim (32:21; 32:2) onde passou a noite que transformaria sua vida.

### 32:22-32 O Senhor muda o nome de Jacó

Por uma questão de segurança, Jacó mandou todos os membros de sua família e tudo o que lhe pertencia para o outro lado do rio *Jaboque (32:22-23)*. Somente ele ficou no acampamento. No entanto, um homem apareceu de algum lugar e lutava com ele [...] até ao romper do dia. Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó (32:24-25), um ferimento que lhe serviria de lembrança constante dessa noite estranha.

O homem disse a Jacó para deixá-lo ir, pois já rompeu o dia, mas Jacó pediu que, primeiro, ele o abençoasse (32:26). O homem perguntou: *como te chamas? (32:27)* e, quando Jacó respondeu, o homem disse: *já não te chamarás Jacó, e sim Israel (32:28)*. Jacó significa “ele engana”, mas Israel significa “ele luta com Deus”. O próprio homem explicou essa mudança de nome: *pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste*. Quando Jacó perguntou ao homem como ele se chamava, em vez de responder, o homem o abençoou (32:29).

Com quem Jacó lutou? Sem dúvida, era alguém superior a ele, pois controlou todo o episódio e não seguiu as ordens de Jacó. Isso fica claro pelo momento escolhido para dar a bênção (e pela recusa em responder diretamente à pergunta sobre seu nome — 32:26,29). O lutador também tinha poder sobre os acontecimentos. O nome normalmente indicava as características do indivíduo designado por ele, quer demonstradas no presente, quer preditas para o futuro. Somente alguém que conhecia o futuro poderia dar a Jacó um nome tão apropriado para seu caráter vindouro. O nome “Israel” predissem uma mudança interior. O próprio Jacó concluiu que o homem com o qual ele havia lutado era Deus. *Aquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva (32:30)*.

Mas, se o lutador era Deus, por que é chamado de *um homem* ao longo de todo o relato, e por que “não podia” com Jacó (32:25)? Provavelmente se tratava de Deus em forma humana. Deus se adaptou ao contexto de Jacó a fim de ministrar-lhe de modo transformador. Lutou com ele, mas não o esmagou com um golpe só. Em vez disso, avaliou o verdadeiro valor dele. O mais velho, mais forte e mais poderoso

reconheceu a força do mais jovem, mesmo sendo esta muito menor do que a sua. Jacó precisava de encorajamento.

Com um novo nome e mancando por causa de seu quadril ferido, Israel prosseguiu viagem (32:31). O ferimento serviria para lembrá-lo de permanecer afastado do pecado e para manter em sua memória seu novo nome. Ele não seria mais Jacó, o enganador, mas Israel, aquele que lutou com Deus. Isso nos faz lembrar nosso livramento no presente. Deus remove nosso pecado de forma instantânea quando aceitamos a Cristo. Seu golpe severo nos dá vida.

A experiência de Jacó também deu origem a uma prática permanente entre seus descendentes. Os israelitas *não comem [...] o nervo do quadril, na articulação da coxa, porque o homem tocou a articulação da coxa de Jacó no nervo do quadril (32:32)*. Não há nenhum problema em adotar uma prática para honrar um antepassado, como os judeus fizeram com Jacó. Ela se torna problemática apenas quando se torna parte de nossa adoração. Assim, não há nada de errado em ter um totem e não comer a carne de um determinado animal. Mas, quando o animal é elevado ao nível de algo digno de adoração, essa prática passa a ser um problema.

### 33:1-17 O encontro com Esaú

Quando Jacó finalmente viu Esaú e seus homens se aproximando, organizou sua família para recebê-lo. Dividiu os filhos, passando-os a Lia, a Raquel e às duas servas (33:1). Se Esaú se mostrasse hostil, cada mãe poderia suplicar-lhe por seus próprios filhos. Talvez Esaú desse ouvidos a pelo menos uma delas. Então, arranhou esses grupos de mães e filhos, colocando as servas e seus filhos à frente, Lia e seus filhos atrás deles e Raquel e José por últimos (33:2). Jacó estava tentando garantir que sua esposa predileta e filho predileto ficariam menos expostos ao ataque de Esaú. Esperava que, ao chegar em Raquel e José, Esaú já houvesse se compadecido com os apelos de Jacó e das mães.

Jacó não tentou se proteger ficando com as mães, mas colocou-se à frente para ser o primeiro a encarar a fúria de Esaú. Ao se aproximar de seu irmão, *prostrou-se à terra sete vezes (33:3)*. Essa era a saudação tradicional para os reis. Jacó estava reconhecendo Esaú como seu senhor.

Enquanto Jacó se prostrava, *Esaú correu-lhe ao encontro e o abraçou; arrojou-se-lhe ao pescoço e o beijou*. Então, os dois choraram (33:4). Talvez Jacó tenha chorado de alegria diante da cordialidade inesperada de seu irmão e Esaú tenha chorado de alegria por rever seu irmão depois de mais de vinte anos (cf. 31:38a,41a).

Como seria de esperar, Esaú fez muitas perguntas a Jacó sobre sua família, e as esposas e os filhos foram apresentados a ele (33:5-7). Então, perguntou sobre os rebanhos que Jacó havia mandado adiante (32:13-20). Podemos supor que Esaú já sabia a resposta a essa pergunta, mas desejava ouvi-la do próprio Jacó, e não apenas de seus servos. Assim, Jacó respondeu que havia mandado os presentes *para lograr mercê na presença de meu senhor (33:8)*.

Esau recusou os rebanhos: *eu tenho muitos bens, meu irmão; guarda o que tens (33:9)*. Porém, Jacó insistiu para que Esau os aceitasse, como prova da bondade do irmão e de Deus: *logrei mercê diante de ti (33:10)* e *Deus tem sido generoso para comigo, e tenho fartura (33:11)*. Nenhum dos irmãos demonstrou o desejo, comum na África, de acumular cada vez mais riquezas, muito além do necessário. Determinado a dar os presentes, Jacó *instou com ele* e, por isso, *Esau aceitou*.

Além de receber Jacó de braços abertos, Esau também estava disposto a lhe oferecer proteção. Disse ao irmão: *partamos e caminhemos; eu seguirei junto de ti (33:12)*. Mas Jacó explicou que seu grupo não podia se deslocar rapidamente. Rúben, o filho mais velho, não tinha mais do que doze ou treze anos de idade, pois seu pai havia trabalhado sete anos para Labão antes de se casar com Lia (29:20-25), e havia pelo menos mais onze crianças. Além do mais, como pastor experimentado, Jacó sabia que se as crias mais jovens fossem forçadas a caminhar demais um só dia [...] *todos os rebanhos morreriam (33:13)*. Assim, disse a Esau para ir adiante até Seir, propondo-lhe: *eu seguirei guiando-as pouco a pouco, no passo do gado que me vai à frente e no passo dos meninos (33:14)*. Esau ofereceu deixar alguns homens com o grupo para protegê-lo, mas Jacó lhe garantiu que não era necessário: *para quê? Basta que eu alcance mercê aos olhos do meu senhor (33:15)*.

Depois de tentarem superar um ao outro com gentilezas, os irmãos se separaram. Esau voltou a Seir (33:16), enquanto Jacó *partiu para Sucote*, onde *edificou para si uma casa, e fez palhoças para o gado*. “Sucote” significa “abrigos” (33:17).

A disposição de Esau de se reconciliar com Jacó é impressionante. Quando Jacó partiu, Esau estava planejando matá-lo (27:41). Agora, deseja fazer todo o possível para ajudar seu irmão. A atitude de Jacó pode ter contribuído, mas não teria feito nenhuma diferença se Esau não estivesse disposto a perdoar.

A atitude de Esau é um desafio para muitos africanos que guardam rancor durante anos. Devemos lembrar sempre que somos todos irmãos e irmãs. Cristo nos deu um exemplo perfeito ao promover a unidade de todos os povos do mundo, tornando-nos todos filhos de Deus por intermédio da fé pessoal no Salvador (Gl 3:26-29). Devemos ver uns aos outros como irmãos ou irmãs, perdoar as mágoas do passado e tentar superar uns aos outros em bondade. Essa mesma atitude é necessária em se tratando de questões raciais na América, onde os negros não se esquecem como foram tratados pelos brancos e onde os brancos não demonstram espírito de humildade ao tratar do passado. Também é necessária para aqueles que conviveram com o apartheid na África do Sul, com o conflito entre hutus e tutsis em Ruanda, e com a relação entre nativos e colonialistas em vários países africanos. Não devemos agir como se nada de errado tivesse acontecido; mas devemos estar

dispostos a perdoar. E, uma vez resolvidos os conflitos, devemos prosseguir com a vida — quer de volta a “Seir”, quer em “Sucote”. A vida precisa continuar. Não podemos viver no passado para sempre.

### 33:18—34:31 Diná é desonrada

A jornada de Jacó de Padã-Arã terminou com sua chegada em segurança na cidade de Siquém, em Canaã (33:18). Jacó adquiriu uma propriedade dos filhos de Hamor, pai de Siquém, e armou sua tenda nesse local (33:19). Também erigiu ali um altar que chamou de El Elohe Israel (33:20), isto é, “Deus é o Deus de Israel”. Jacó teve seu nome mudado para Israel e usou seu novo nome para declarar que seu Deus é o Deus Todo-Poderoso. Esse Deus o guardou, alimentou e protegeu de todos os perigos, inclusive do mal que poderia ter sido feito contra ele por Labão e Esau.

No entanto, surgiram problemas quando Diná (a filha de Jacó com Lia) *saiu para ver as filhas da terra (34:1)*. Diná foi violentada por Siquém, filho do heveu Hamor, que era príncipe daquela terra (34:2). Depois de violentá-la, Siquém se apaixonou por ela e pediu a Hamor: *consegue-me esta jovem para esposa (34:3-4)*.

Não houve nada de errado em ele se apaixonar por Diná. Seu erro foi tê-la possuído antes de ela se tornar sua esposa. Essa consumação da aliança matrimonial antes do casamento desonrou a Diná e à sua família. As relações sexuais antes do casamento representam um empecilho para a celebração do matrimônio que deve ser o ápice de um período de espera fiel.

Infelizmente, Siquém não é uma exceção. Não são poucos os que amam verdadeiramente alguém e desejam se casar com essa pessoa, mas não conseguem esperar até depois do casamento para dormir com ela. Mesmo quando as duas partes consentem, o sexo antes do casamento é errado. A abstinência sexual, por outro lado, é um sinal de respeito por si mesmo, pelo outro e pelo casamento, uma dádiva preciosa de Deus. Por isso, o escritor de Hebreus ensina: “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13:4).

A diferença de sistema de valores entre a casa de Jacó e o povo de Siquém é revelada. Siquém *era o mais honrado de toda a casa de seu pai (34:19)*. Embora a honra não se baseie exclusivamente na moralidade, é fonte de conflitos o fato de alguém tido como honrado possuir um sistema de valores totalmente diferente do nosso. Essa tensão entre sistema de valores pode ser percebida claramente na África, onde as influências são tão variadas.

Jacó se entristeceu quando soube o que havia acontecido, mas não disse nada até seus filhos voltarem, pois estavam *no campo com o gado (34:5)*. Mas, quando receberam a notícia, *indignaram-se e muito se iraram, pois Siquém praticara um desatino em Israel, violentando a filha de Jacó, o que se não devia fazer (34:7)*. Não importava, para eles, que o

ofensor fosse filho do rei. Seu ato não poderia ser tolerado. Esse padrão moral firme é uma virtude que nem sempre se manifesta nas sociedades africanas de hoje, nas quais mulheres e meninas indefesas são violentadas e a sociedade em que vivem comete o erro imperdoável: deixar de se opor energeticamente a esses atos abomináveis.

Ao que parece, Hamor concordou com o pedido de seu filho para se casar com Diná e foi *falar com Jacó (34:6)*. Como nas sociedades africanas, cabia ao pai do rapaz pedir uma esposa para seu filho (34:8). Esse é um aspecto saudável de nossa cultura que precisamos manter, pois promove certos ideais de comunidade e responsabiliza um grupo maior de pessoas (e não apenas um indivíduo) pela forma como a moça será tratada ao ser dada em casamento.

Hamor propôs que esse casamento fosse o primeiro de muitos entre seu povo e o povo de Jacó (34:9) e ofereceu terras como presente a Jacó: *habitareis conosco, a terra estará ao vosso dispor; habitai e negociai nela e nela tende possessões (34:10)*. Uma oferta como essa atrairia muitos africanos, pois temos uma tradição de apego à terra. No entanto, Jacó precisava levar em consideração o que estaria cedendo caso aceitasse a oferta. Seu pai e seu avô haviam instruído seus filhos a não se casarem com mulheres cananeias. Será que ele deveria assumir a mesma posição? Precisamos incentivar todo o nosso povo a ter uma visão ética ao considerar as ofertas que recebem. Qual oferta edificará o reino de Deus?

Siquém também apresentou seus argumentos. Dirigiu-se ao pai e aos irmãos de Diná, oferecendo-se para pagar qualquer valor que pedissem por ela (34:11). Nossa reação a ele é ambivalente. Por um lado, ele estava extremamente apaixonado (34:12), por outro, porém, estava falando como o típico filho de um homem rico, certo de poder comparar o que deseja. Devemos ensinar que o mais importante não é quantidade de bens que uma família possui, mas sim os valores segundo os quais ela vive.

Os filhos de Jacó *responderam com dolo*, escondendo suas verdadeiras intenções (34:13). Levantaram uma questão: *não podemos fazer isso, dar nossa irmã a um homem incircunciso; porque isso nos seria ignomínia (34:14)*. Declararam, então, sua condição para a realização de casamentos entre os dois grupos: *que vos torneis como nós, circuncidando-se todo macho entre vós (34:15)*. Do contrário, *tomaremos a nossa filha e nos retiraremos embora (34:17)*.

Hamor e Siquém caíram na conversa dos filhos de Jacó (34:18-19). No entanto, os irmãos não estavam dizendo toda a verdade: por certo, os israelitas praticavam a circuncisão, mas eles não tinham nenhuma intenção de aceitar o casamento. No entanto, Siquém estava tão enlevado que não refletiu sobre a proposta. Vemos esse mesmo tipo de atitude em muitos de nossos rapazes e moças. Quando se apaixonam, esquecem de parar e pensar. O coração assume o controle e não permite à mente trabalhar como deveria. Em decorrência disso, certos percalços que poderiam ter

sido evitados geram problemas sérios mais adiante no casamento.

Hamor e Siquém conseguiram convencer todos os homens da cidade de que seria vantajoso para toda a comunidade se unir à família de Jacó e todos concordaram em ser circuncidados (34:20-24), sem suspeitar que haviam caído em uma armadilha.

No terceiro dia, quando o corte da circuncisão geralmente se encontra em seu estágio mais doloroso, Simeão e Levi, os irmãos de Diná, atacaram. Com todos os homens de Siquém impossibilitados de lutar devido à dor, Simeão e Levi *entraram inesperadamente na cidade e mataram todos, inclusive Hamor e Siquém (34:25-26)*. Levaram Diná *da casa de Siquém e saíram*. Então, eles e os outros irmãos voltaram e *saquearam a cidade, porque sua irmã foi violada (34:27)*. Levaram tudo o que havia de valor, inclusive os animais, as mulheres e as crianças (34:28-29).

Enquanto Simeão e Levi agiram com a precipitação da juventude, Jacó falou com a cautela da experiência. Estava preocupado que os atos de Simeão e Levi exporiam a família toda ao perigo: *os moradores desta terra, entre os cananeus e ferezeus poderiam unir forças contra Jacó (34:30)*. Se isso acontecesse, os israelitas, que eram em menor número, seriam aniquilados.

Simeão e Levi não levaram a preocupação do pai a sério porque haviam agido com base num princípio: *abusaria ele de nossa irmã, como se fosse prostituta? (34:31)*. Mas, ainda que estivessem defendendo um princípio admirável, fizeram mal ao tomar uma atitude sem informar o pai de seus planos. Reagiram como se fossem os únicos afetados pelo problema, quando, na realidade, sua decisão afetaria o grupo como um todo.

Esse relato levanta uma série de questões morais e teológicas. Até que ponto o casamento misto entre o povo de Deus e os incrédulos é permitido? Simeão e Levi tinham justificativas legítimas para enganar os siquemitas? É aceitável diante de Deus matar a fim de proteger a moralidade? Como contrabalançar os riscos assumidos pelos jovens com a cautela usada pelas pessoas mais velhas ao tratar de questões delicadas? Quais são alguns valores dos quais não tratamos na África porque envolvem muitos riscos? Devemos refletir e discutir estas e outras questões importantes.

### 35:1-15 Jacó volta a Betel

Deus apareceu a Jacó e ordenou: *levanta-te, sobe a Betel e habita ali; faze ali um altar (35:1)*. Betel era o lugar onde Deus havia aparecido para o jovem Jacó mais de vinte anos antes e lhe garantido sua proteção (28:10-19). Jacó preparou sua família para a jornada dando ordem para se livrarem de todos os seus deuses estrangeiros (35:2). As pessoas chamavam certos objetos de deuses, mas existe somente um Deus vivo. Também deviam se purificar, pois o Deus vivo é santo e todos devem se aproximar dele com

reverência. Como sinal dessa purificação, deviam, ainda trocar de roupa. A confirmação externa de um ato interno de confissão era extremamente importante para as pessoas do AT. Também no tempo do NT, o arrependimento autêntico deve se manifestar nos frutos da vida diária. Tiago se refere a esse fato quando argumenta que a fé sem obras é morta (Tg 2:14-26).

O povo obedeceu: *deram a Jacó todos os deuses estrangeiros que tinham em mãos e as argolas que lhes pendiam das orelhas; e Jacó os escondeu debaixo do carvalho que está junto a Siquém (35:4)*. É possível que as argolas tenham sido removidas porque poderiam servir para confeccionar ídolos ou porque eram usadas como um tipo de amuleto.

Hoje em dia, muitas pessoas têm a tendência de se aproximar de Deus como se ele fosse um colega qualquer. No entanto, devemos nos preparar para nos aproximar dele, como os africanos tradicionais sabiam bem, pois acreditavam que, antes de fazer algum pedido a Deus, havia um processo no qual era preciso, primeiramente, sujeitar-se.

Mais uma vez, Jacó viajou sob a proteção de Deus, pois *o terror de Deus invadiu as cidades que lhe eram circunvizinhas, e não perseguiram aos filhos de Jacó (35:5)*. Quando chegou Jacó à Luz, chamada Betel, que está na terra de Canaã, seguiu as instruções de Deus, *ele e todo o povo que com ele estava (35:6-7; 35:1)*. Chamou o lugar de *El-Betel*, que significa “Deus de Bete El”, *porque ali Deus se lhe revelou quando fugia da presença de seu irmão*.

Ao que parece, depois de voltar de Padã-Arã, Jacó descobriu que sua mãe, Rebeca, já havia falecido, pois o texto não diz nada sobre sua morte e sepultamento. No entanto, aqui o autor informa que Jacó cuidou de Débora, a ama de Rebeca. Quando Débora morreu, *foi sepultada ao pé de Betel, debaixo do carvalho (35:8)* e o lugar recebeu o nome de *chama Alom-Bacute*, isto é, “carvalho de pranto”.

Então, o Senhor apareceu a Jacó outra vez *e o abençoou (35:9)*. Essa é a segunda bênção que ele recebe depois de voltar de Padã-Arã (cf. 32:29). Ele é abençoado com a mudança de seu nome de Jacó para *Israel*, um epíteto recebido na noite antes de seu encontro com Esaú (35:10; cf. 32:28) e com a promessa de muitos descendentes: *uma nação e multidão de nações sairão de ti (35:11a)*. Essa promessa havia sido feita inicialmente a Abraão (12:2; 17:2,6) e depois a Isaque (26:4), mas agora Jacó está prestes a se tornar o pai de Israel como nação. Seu dever quanto à geração desse povo é simples: *sê fecundo e multiplica-te*. O primeiro casal (1:28) e Noé (9:7) haviam recebido a mesma ordem, mas esta só poderia ser cumprida com a ajuda de Deus (30:2).

Jacó também recebe outras duas promessas feitas a seus antepassados. Deus lhe diz: *reis procederão de ti (35:11b; cp. 17:6)* e *a terra que dei a Abraão e a Isaque dar-te-ei a ti, e depois de ti, à tua descendência (35:12; cp. 13:14-15; 26:3)*.

Então, *Deus se retirou dele (35:13)*. Esse é o mistério de Deus. Ele se coloca em nosso nível para se comunicar conosco, mas seu *status* é diferente do nosso. Ele que é

Deus por natureza (Jo 1:1) se tornou homem (Jo 1:14) num ato de grande humildade (Fp 2:6-8), pelo qual nos trouxe a salvação.

*Jacó erigiu uma coluna de pedra no lugar onde Deus falara com ele (35:14)*. Em seguida, *derramou sobre a pedra uma libação e lhe deitou óleo*, consagrando-a como um lugar santo, ao qual chamou de Betel (35:15; cf. 28:19).

### 35:16-29 A morte de Raquel e Isaque

Saindo de Betel, Jacó e sua família se dirigiram a *Efrata, que é Belém (35:19)*. Pouco antes de chegar em Efrata, *Raquel deu à luz um filho, cujo nascimento lhe foi a ela penoso (35:16)*. Pouco antes de morrer, chamou o menino de *Benoni*, “filho da minha aflição”. Porém *Jacó lhe chamou Benjamim*, “filho da minha destra” (35:18). Raquel foi sepultada no caminho de Efrata, e Jacó erigiu uma coluna sobre seu túmulo (35:20).

Jacó mudou-se para *além da torre de Éder*. Enquanto estava nessa região, algo vergonhoso aconteceu. Seu filho mais velho, Rúben, que deveria dar o exemplo para seus irmãos, não honrou Jacó, pois *se deitou com Bila, concubina de seu pai (35:22)*. Esse ato realizado pouco tempo depois da purificação descrita em 35:2-4 mostra que os compromissos cerimoniais não têm valor se não vierem do coração.

Jacó ficou sabendo desse ato de Rúben, mas, ao que parece, esperou até estar à beira da morte para tomar uma atitude (49:4). Como um típico ancião, não sentiu necessidade de agir imediatamente, mas sabia que, no devido tempo, seria preciso tomar providências. É possível que também tenha se lembrado como ele próprio não honrou seu pai, para o qual voltaria em breve (35:27).

Aqui, o autor interrompe o relato para fornecer uma lista dos filhos de Jacó nascidos em Padã-Arã (apesar de um deles, Benjamim, ter nascido no caminho entre Padã-Arã e a casa do pai de Jacó próximo a Hebrom). Nesta passagem e em 35:23-26 encontramos uma relação dos doze filhos que seriam os chefes das doze tribos de Israel. Seis desses filhos nasceram de Lia, dois de Raquel, dois de Bila (serva de Raquel) e dois de Zilpa (serva de Lia).

Por fim, Jacó mudou-se para *Manre*, próximo a *Quiriate-Arba (que é Hebrom) (35:27)* para ficar com seu pai, Isaque. Abraão também havia morado nesse local. Com Jacó de volta ao lar, Isaque faleceu *velho e farto de dias, aos cento e oitenta anos (35:28-29)*. Foi sepultado por seus filhos, Esaú e Jacó, que haviam se reconciliado e se uniram para cumprir este dever para com seu pai.

### 36:1-43 Os descendentes de Esaú

A relação das esposas de Esaú fornecida em 36:1-5 não coincide com as anteriores (26:34; 28:9). A explicação mais provável é o uso de nomes diferentes para a mesma pessoa. Assim, uma mulher pode, por vezes, ser chamada por seu nome de solteira e, em outras ocasiões, por seu nome de casada. Além disso, como vimos nas genealogias, “pai”

pode significar “avô” ou mesmo “antepassado” (cf. 10:1-32). Também é possível que nomes diferentes tenham sido usados por algum outro motivo.

O fato de Esaú ter se casado com mulheres cananeias sugere que ele não levava muito a sério seu relacionamento com o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Suas esposas, que não conheciam a Deus, provavelmente criaram filhos sem o conhecimento do Senhor. É difícil, senão impossível, encontrar uma família piedosa sem uma esposa temente ao Senhor, pois a mãe exerce forte influência sobre seus filhos.

Esaú afastou-se de Deus, mas Deus não se esqueceu dele. Deu-lhe tanta riqueza que era impossível ele e Jacó viverem no mesmo território (36:6-8). Também lhe deu muitos descendentes, alguns dos quais foram, de fato, reis (35:31-40).

A referência aos reis e outros detalhes, como o registro da morte de Moisés em Deuteronômio 34, indicam que Moisés não escreveu cada uma das linhas do Pentateuco. No entanto, esses pequenos acréscimos não lançam dúvida sobre o conceito tradicional da autoria mosaica dos cinco livros.

## 37:1—50:26 José

### 37:1-11 José e seus sonhos

Jacó habitou em Canaã, a *terra das peregrinações de seu pai* (37:1), a terra prometida (cf. 17:8; 26:3). *Ora, Israel amava mais a José do que a todos os seus filhos*, pois o menino havia nascido quando o pai já era idoso (37:3a). Ele demonstrou seu amor por José dando-lhe uma *túnica talar de mangas compridas* (37:3b). A partir de então, as coisas começaram a desandar. Talvez fosse natural Jacó ter uma relação próxima com o jovem José, cujos irmãos mais velhos eram adultos e independentes, mas ele demonstrou abertamente seu favoritismo e, com isso, criou um ambiente propício para a inveja. Na verdade, os outros irmãos odiavam tanto José que não conseguiam lhe dizer uma palavra gentil (37:4).

José, que estava com apenas *dezessete anos*, não contribuiu para sua situação, pois levou a seu pai más notícias sobre seus irmãos, *os filhos de Bila e os filhos de Zilpa*, com os quais ele apascentava os rebanhos (37:2). Além disso, não usou de nenhuma diplomacia ao relatar seus sonhos (37:5-6).

José teve dois sonhos. No primeiro ele e seus irmãos estavam atando *feixes no campo*, quando seu feixe repentinamente se levantou, enquanto os de seus irmãos *o rodeavam e se inclinavam* diante do feixe dele (37:7). Seus irmãos entenderam o sonho como uma indicação de que José desejava reinar sobre eles e *com isso tanto mais o odiavam* (37:8).

No segundo sonho, além dos irmãos, estavam representados também seus pais. José viu *o sol, a lua e onze estrelas* que se inclinavam diante dele (37:9). Ao relatar o sonho, não apenas despertou a inveja dos irmãos, mas também foi repreendido pelo pai que, no entanto, *considerava o caso consigo mesmo* (37:10-11). Tendo em vista a experiência

de Jacó com seus sonhos (28:12), provavelmente o motivo dessa repreensão foi a maneira insensível como José relatou o sonho, considerando-se seu significado óbvio. Como Jacó sabia bem, os sonhos ocorriam sem ser solicitados e podiam indicar acontecimentos futuros, fortalecendo a pessoa para suportar as dificuldades até se cumprir a revelação dada por Deus.

Em seu transcurso, a narrativa deixa claro que esses sonhos foram, de fato, uma revelação do que viria. Os irmãos de José estavam certos ao interpretarem o sonho dos feixes como uma indicação de que José reinaria sobre eles. A interpretação de Jacó para o sonho com o sol, a lua e as estrelas como um sinal de que Jacó e Raquel (apesar de ela ter falecido e não ter testemunhado o cumprimento) e todos os irmãos de Jacó se inclinariam perante ele (37:10) também se mostraria correta.

### 37:12-36 José é vendido por seus irmãos

Ao que parece, Jacó não estava a par da intensidade do ódio de seus outros filhos por José. É possível que os irmãos tenham escondido seus sentimentos do pai. Se ele soubesse, talvez não tivesse enviado José de Hebrom, onde moravam, com a recomendação: *vai agora, e vê se vão bem teus irmãos e o rebanho; e traze-me notícias* (37:14). Primeiro, José os procurou em *Siquém* (37:12,15-16). Ao descobrir que não estavam mais lá, seguiu-os até outro lugar perto de Dotã (37:17).

Quando os dez irmãos perceberam que ele se aproximava, viram sua oportunidade de se livrar do irmão odiado, ao qual se referem com desprezo como *o tal sonhador* (37:18). O texto não diz quem elaborou o plano, mas é bem possível que tenha sido um dos irmãos sobre os quais José levou más notícias ao pai (37:2), ou seja, Dã, Naftali, Gade e Aser. José não teria como resisti-los, pois era apenas um contra dez — ou melhor, um contra nove, pois Rúben, o mais velho, o defendeu.

Rúben propôs uma pequena mudança nos planos. A ideia inicial era matar o rapaz e jogar seu corpo num buraco fundo usado para recolher água da chuva (37:20). Rúben sugeriu que, em vez de matá-lo, deviam jogá-lo vivo na cisterna (37:21-22). Enquanto os outros irmãos provavelmente desejavam deixar José na cisterna até ele morrer de fome, o plano de Rúben era *o livrar deles, a fim de o restituir ao pai*.

Quando surgem guerras e o ar fica saturado de hostilidade e intenções homicidas, os cristãos precisam ser como Rúben: ter um raciocínio rápido e elaborar estratégias para salvar a vida de seus irmãos. Tais estratégias podem, por vezes, custar a própria vida, mas vale a pena correr esse risco.

Uma vez que Rúben era o irmão mais velho, os outros lhe deram ouvidos. Assim, quando José chegou ao lugar onde os irmãos estavam, eles agarraram-no, *despiram-no da túnica e o lançaram na cisterna* (37:23-24a). Graças à providência de Deus, a cisterna estava seca (37:24b).



Judá os chamou à razão lembrando-lhes que, além de não ganharem nada matando José, seria errado matá-lo, pois era sangue de seu sangue (37:26-27). O ódio os havia cegado a tal ponto que tiveram de ser lembrados que José era, de fato, seu irmão. Por que, em algumas ocasiões o ódio se torna tão intenso a ponto de nos cegar para nossa ligação física ou espiritual com outras pessoas? Leva um grupo a desumanizar outro, seja ele mais forte ou mais fraco. O ódio também levou os irmãos a considerarem a venda de José como escravo um ato de amor — tendo em vista o plano inicial de matá-lo. A Bíblia traz esses relatos para nos advertir. Precisamos ser vigilantes e não permitir que qualquer semente de ódio comece a crescer em nosso coração.

A ideia de não matar José surgiu quando os irmãos *viram que uma caravana de ismaelitas vinha de Gileade com destino ao Egito e seus camelos traziam arômatas, bálsamo e mirra* (37:25). Judá deu a sugestão de venderem José aos ismaelitas e os irmãos concordaram. Quando os midianitas (como os ismaelitas também eram conhecidos) se aproximaram, *os irmãos de José o alçaram, e o tiraram da cisterna, e o venderam por vinte siclos de prata aos ismaelitas; estes levaram José ao Egito* (37:28).

Talvez José tenha se sentido abandonado por Deus, mas podemos ver a providência divina operando por meio da oposição de Rúben a matar o irmão, da chegada oportuna dos ismaelitas e da sugestão de Judá que vendessem o irmão em vez de matá-lo, pois, pelo menos teriam algum lucro.

Pelo visto, Rúben não testemunhou a venda, pois voltou a cisterna, provavelmente para ver se José estava bem. Quando não o encontrou, *rasgou as suas vestes* (37:29). Tanto esse gesto quanto sua expressão de desespero, *para onde irei?*, mostram o quanto ele se importava com o irmão (37:30). É evidente que nem todos os irmãos de José o odiavam a ponto de desejar lhe fazer mal. Esse fato deve servir de consolo para pastores e outras pessoas quando, por vezes, têm a impressão de que todos estão contra eles. Até mesmo Elias experimentou os mesmos sentimentos (1Rs 19:10,14). No entanto, a hostilidade geral não foi o caso de José nem de Elias. Sempre há pessoas que se importam conosco.

Um pecado levou a outro. Depois de vender José, os irmãos tiveram de mentir sobre os acontecimentos. Assim, *tomaram a túnica de José, mataram um bode e a molharam no sangue* para dar a impressão de que José havia sido despedaçado por um animal feroz (37:31). Então, levaram a túnica ensanguentada a seu pai (37:32). Numa época em que não existiam exames de DNA, não restava a Jacó nenhuma opção senão crer que o sangue na túnica era de José (37:33). Em sua tristeza profunda pela perda do filho, *Jacó rasgou as suas vestes, e se cingiu de pano de saco, e lamentou o filho por muitos dias* (37:34). Recusou o consolo oferecido por seus outros filhos e filhas, dizendo, *chorando descerei a meu filho até a sepultura* (37:35).

Mas, enquanto Jacó, um simples homem, chorava por José, o Deus que conhece e pode todas as coisas estava preparando José para o capítulo seguinte de sua vida. Os midianitas venderam José no Egito a Potifar, oficial de Faraó, comandante da guarda (37:36). Deus está sempre um passo adiante daqueles que procuram fazer mal às pessoas das quais ele cuida.

### 38:1-30 O pecado de Judá

Apesar de José ser o foco principal desta seção, não devemos nos esquecer do tema central da Bíblia como um todo, a saber, Deus e seu plano de salvação. Assim, a história de José é interrompida por um relato de acontecimentos na linhagem de Judá, a linhagem da qual nasceria o Messias.

*Aconteceu, por esse tempo, que Judá se apartou de seus irmãos e se hospedou na casa de um adulamita, chamado Hira* (38:1). A expressão “por esse tempo” liga a mudança de Judá à venda de José e à mentira contada a Jacó. Talvez ele tenha partido por causa do que havia acontecido a José (cf 37:26) — a venda do irmão como escravo e o luto do pai devem ter perturbado a consciência de Rúben e Judá.

Porém, ao se aproximar demais dos cananeus, Judá tal vez tenha se afastado da fé de seus pais, o que pode explicar as calamidades ocorridas em sua família.

Enquanto estava com Hira, Judá se casou com uma mulher cananeia (38:2) e esta lhe deu à luz três filhos, *Er Onã e Selá* (38:3-5). Quando os meninos cresceram, como todo bom pai, Judá arranhou o casamento de Er, escolhendo como esposa para ele uma mulher chamada *Tamar* (38:6). Porém, Er não viveu tempo suficiente para ter filhos, pois *era perverso perante o Senhor, pelo que o Senhor o fez morrer* (38:7). Não sabemos a natureza de sua perversidade, mas é possível que estivesse relacionada a seu modo de tratar a esposa.

Naquela época, quando um homem morria sem deixar filhos, era costume seu irmão se casar com a cunhada viúva. O primogênito desse casamento era considerado filho do irmão falecido e herdava todos os bens de seu pai (Dt 25:5-6). Assim, coube a Onã, o segundo filho de Judá depois de Er, gerar um descendente para Er (38:8). No entanto como Onã queria a herança do irmão para si, decidiu evitar que Tamar concebesse: *deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão* (38:9). Esse egoísmo em relação a seu irmão e Tamar não ficou impune, e o Senhor também a este fez morrer (38:10).

Encontramos aqui um princípio extremamente importante para as famílias africanas. O crescimento da monogamia e a devastação causada pela aids têm levado muitos africanos a desconsiderar o costume da herança da viúva nos países africanos. Mas isso não nos isenta da obrigação de cuidar da esposa de um irmão falecido. Maltratar uma viúva é como lutar contra o próprio Deus — algo extremamente perigoso.

Com a morte de Onã, cabia a Selá, o filho mais novo de Judá, ter filhos com Tamar. No entanto, ele ainda era jovem

e Judá temeu que ele morresse como havia acontecido com Er e Onã. Assim, instruiu Tamar: *permaneça viúva em casa de teu pai, até que Selá, meu filho, venha a ser homem (38:11)*.

Selá cresceu e Tamar esperou, mas Judá não deu nenhum sinal de que cumpriria sua palavra (38:14b).

Então, a esposa de Judá faleceu e, depois do período de luto, Judá e seu amigo Hira subiram *aos toquiadores de suas ovelhas, em Timna (38:12)*. O caminho para Timna passava por Enaim, perto de onde o pai de Tamar morava. Tanto Enaim quanto Timna eram cidades pequenas, não muito distantes de Adulão. Quando Tamar descobriu que Judá passaria por sua cidade, *despiu as vestes de sua viuvez, e, cobrindo-se com um véu, se disfarçou, e se assentou à entrada de Enaim (38:14a)*. Quando Judá a viu, *teve-a por meretriz, pois ela havia coberto o rosto (38:15)*. O plano de Tamar funcionou perfeitamente, pois Judá se dirigiu a ela sem hesitar (38:16).

Esse registro bíblico de que Judá se deitou com uma prostituta não significa que as Escrituras aprovam essa prática. A Bíblia registra tanto o bem quanto o mal praticado por homens e mulheres. E alguns males ficaram impunes, pois, de outro modo, ninguém teria sobrevivido. Em sua graça, Deus não castiga cada transgressão. Judá falhou nessa questão, mas Deus o tratou segundo sua graça.

Tamar negociou um preço por seus serviços. Judá prometeu lhe pagar com *um cabrito do rebanho (38:17)*. Como ele não pôde pagar na hora, Tamar pediu algo como garantia, mais especificamente, seu *selo, seu cordão e o cajado* que carregava consigo, e ele concordou (38:18a). O selo era usado num cordão ao redor do pescoço e servia como assinatura pessoal em qualquer documento. Não sabendo que se tratava de sua nora, Judá deitou-se com Tamar *e ela concebeu dele (38:18b)*.

Quando Judá mandou seu amigo Hira entregar o cabrito como pagamento à *prostituta cultural*, ninguém conseguiu encontrá-la. O povo da região informou que nunca havia estado ali nenhuma prostituta cultural (38:19-21). Quando Hira lhe relatou o ocorrido, Judá exclamou: *que ela o guarde para si, para que não nos tornemos opróbrio (38:23)*. Essa declaração sugere que dormir com uma prostituta cultural podia ser aceitável, mas não era algo que Hira e Judá desejavam tornar público. Porém, a retidão de Judá é demonstrada no fato de ele ter se esforçado para cumprir sua promessa. Apesar do contexto não ser moralmente puro, ainda vemos aqui o princípio correto de honrar os compromissos.

Passados cerca de três meses, Judá recebeu a notícia de que *Tamar, sua nora, estava grávida e, portanto, devia estar trabalhando como prostituta*. Judá ficou horrorizado com tamanha imoralidade que ele próprio, claro, jamais cometera e ordenou que a nora fosse *queimada (38:24)*. Sua reação é incomodamente parecida com uma atitude comum em igrejas. Presbíteros julgam com severidade membros que cometeram pecados dos quais eles próprios são culpados em secreto. Quanta hipocrisia!

Deus conhece perfeitamente o coração de homens e mulheres, mas Judá poderia ter escapado impune em termos humanos se não fosse pela astúcia e precaução de Tamar ao guardar o selo e o cajado de seu sogro. Quando estava sendo arrastada para a execução, Tamar enviou uma mensagem para seu sogro “piedoso”: *do homem de quem são estas coisas eu concebi [...] Reconhece de quem é este selo, e este cordão, e este cajado (38:25)*. Judá era tão culpado de imoralidade sexual quanto Tamar, pois esse objetos pertenciam a ele.

Judá não podia negar as evidências de sua culpa. Mas, como muitos líderes que fazem todo o possível para não assumir a responsabilidade por seus pecados, ele poderia ter tentado se desculpar dizendo que a mulher com a qual ele havia se deitado estava vestida como prostituta e o havia seduzido. Mas, apesar de seus defeitos, Judá era um homem de honra e, portanto, reconheceu prontamente: *mais justa é ela do que eu (38:26a)*. Absolveu Tamar afirmando que era culpado, pois não tinha dado a ela seu filho Selá.

A declaração de que Judá *nunca mais a possuiu (38:26b)* também é bastante instrutiva. Depois do arrependimento e da confissão, o erro não deve ser repetido. São pecados como esses que Deus cobre com sua graça, pois ele conhece nosso coração perfeitamente.

Tamar deu à luz gêmeos, *Perez e Zera*. Zera pôs a mão para fora e a parteira amarrou um fio vermelho no pulso do bebê para marcar qual havia nascido primeiro. Mas, no final, o primeiro a nascer foi Perez, cujo nome significa “irromper”, pois ele irrompeu adiante de seu irmão (38:27-30).

No entanto, esse relato triste e sórdido não termina em tragédia. Deus toma a desordem semeada pelo diabo e a emprega para seus propósitos. Perez, o filho de Judá e Tamar, veio a ser um dos antepassados de Jesus (Mt 1:3).

### 39:1-23 A vitória de José sobre a tentação

A história de José continua, agora na casa de Potifar, que o comprou dos ismaelitas ou midianitas. Potifar era egípcio e *oficial de Faraó, comandante da guarda (39:1)*. *O Senhor era com José, que veio a ser homem próspero (39:2)*. A presença do Senhor sempre traz bênçãos, ainda que não necessariamente bens materiais, pois a alegria de ter comunhão com Deus é, em si mesma, uma bênção. No caso de José, porém, Deus lhe concedeu benefícios materiais. Devido à bênção do Senhor, Potifar reconheceu a competência de José e o pôs como administrador de todos em sua casa (39:3-4). Ao contrário de muitos empregados que são mais um peso do que uma bênção, José abençoou todos os aspectos da vida de Potifar — *tanto em casa como no campo (39:5)*. José conquistou tanta confiança que, por fim, a única coisa com a qual Potifar precisava se preocupar era o cardápio de seu jantar (39:6a)!

Nos dias de hoje, a África precisa de muito mais homens como José: indivíduos dignos de confiança, trabalhadores

honestos e canais de bênçãos para seus empregadores e outras pessoas a seu redor.

No entanto, José teve de enfrentar uma tentação extremamente difícil para um rapaz: a tentação da imoralidade sexual, uma área na qual seu irmão Judá fracassou, como nos mostra o capítulo anterior. Deus também abençoou José fisicamente, de modo que era *formoso de porte e de aparência* (39:6b). Como todas as coisas boas, uma aparência agradável pode ser um problema se não for considerada uma dádiva de Deus para sua glória. Muitas mulheres e muitos homens se entregaram à imoralidade porque sua aparência os tornou desejáveis a outros ou lhes deu a capacidade de manipular outros.

A esposa de Potifar se sentiu atraída por José e procurou seduzi-lo (39:7). Muitos jovens teriam dificuldade em resistir a essa tentação, mas José se recusou a dormir com ela, insistindo que, se o fizesse, estaria traindo seu senhor, o qual lhe havia confiado todas as suas posses, *senão a ti, porque és sua mulher* (39:8-9). Ademais, se dormisse com ela, José *pecaria contra Deus*. Tendo em vista as histórias frequentes de assédio sexual e casos entre patrões ou supervisores e seus empregados, muitas pessoas na África parecem não se dar conta de que a Bíblia condena energeticamente essa imoralidade. Além de ser uma traição da confiança do cônjuge, esse tipo de comportamento também é pecado diante de Deus.

José conseguiu resistir às investidas da esposa de Potifar. Não apenas se recusou a ir para a cama com ela, como também tentou evitar ficar sozinho com ela em qualquer circunstância (39:10). Será que José deveria ter tomado alguma outra providência como, por exemplo, contar a seu senhor? Se o tivesse feito, é quase certo que criaria grandes problemas para a esposa, supondo que Potifar quisesse acreditar nele. José deve ter esperado que ela perdesse o interesse por ele.

Mas, um dia, enquanto José estava fazendo seu trabalho, a esposa de Potifar conseguiu ficar a sós com o rapaz, sem nenhum servo por perto. *Ela o pegou pelas vestes* (39:12a) e, mais uma vez, tentou seduzi-lo. Em seu desespero de fugir, José tirou a túnica e *saiu, fugindo para fora* (39:12b).

Ultrapassada a recusa, a mulher decidiu destruir a vida de um rapaz decente e honesto. Assim é a luxúria. Não é amor pela outra pessoa, mas por si mesmo e, quando a luxúria não é satisfeita, ela se transforma em ódio.

A esposa de Potifar reuniu testemunhas chamando os servos da casa para verem com seus próprios olhos como José havia deixado sua túnica com ela. Então, distorceu a verdade de modo a indicar que ela não o havia atacado, mas sim sido a vítima inocente de uma tentativa de estupro. De acordo com seu depoimento, José deixou a túnica para trás quando ela gritou por socorro (39:14-15, 17-18). Por fim, ela usou de racismo para dar ainda mais credibilidade às suas alegações, referindo-se a *este hebreu* e ao *servo hebreu* que havia insultado seu povo, os honrados egípcios.

Quando Potifar chegou em casa, ela lhe mostrou a túnica como prova e repetiu sua história (39:16). Potifar não teve outra opção senão acreditar nela. Afinal, de que outro modo ela teria ficado com a túnica de José? Que outras circunstâncias além daquelas descritas por sua esposa teriam levado José a remover sua túnica? Como todo cônjuge humilhado, quando Potifar terminou de ouvir o relato, *se lhe acendeu a ira* (39:19). Ele ordenou que José fosse lançado na prisão, *onde os presos do rei estavam encarcerados* (39:20). Ali, José teria a oportunidade de conhecer outros presos que haviam ocupado cargos elevados.

O Senhor conhece todas as coisas e nada frustra seus propósitos. Ele não abençoou José porque estava na casa de Potifar; antes, abençoou a casa de Potifar porque José estava lá. As bênçãos acompanhavam José onde quer que ele estivesse. Convém observar, porém, que o Senhor não fez o socorro cair do céu como o maná no deserto. Antes, providenciou para que José fosse valorizado por seu trabalho e, assim, *lhe deu mercê perante o carcereiro* (39:21), o qual *confiou às mãos de José todos os presos que estavam no cárcere* (39:22).

José alcançou na prisão a mesma posição que havia ocupado na casa de Potifar e *nenhum cuidado tinha o carcereiro de todas as coisas que estavam nas mãos de José* (39:23; cf. 39:6). A prisão era bem administrada não apenas devido à inteligência de José, mas porque *o Senhor era com ele, e tudo o que ele fazia o Senhor prosperava*. Aprendemos com este relato a lição de que podemos servir a Deus em qualquer lugar que estivermos, seja em uma posição privilegiada ou não, pois Deus sempre nos abençoa.

#### 40:1-23 Os dois oficiais de Faraó

*Passadas estas coisas*, dois oficiais de Faraó, o *copeiro-chefe* e o *padeiro-chefe*, ofenderam Faraó e ele *mandou detê-los na casa do comandante da guarda*, onde José estava (40:1-3; 39:20). Sob a providência de Deus, José recebeu a ordem de servir esses dois prisioneiros (40:4). A julgar pela forma como José interage com os dois, ele cumpriu sua tarefa de bom grado e prestativamente.

Certa noite, esses dois oficiais tiveram sonhos que os deixaram perturbados (40:5). Pela manhã, José notou algo de errado e, em resposta à sua pergunta, os oficiais lhe informaram que cada um havia tido um sonho extremamente significativo, lamentando: *mas não há quem o possa interpretar* (40:6-8). José afirmou que as interpretações poderiam ser dadas por Deus e, em seguida, pediu-lhes que contassem os sonhos.

No sonho do copeiro-chefe havia uma videira de três ramos que brotou, floresceu e produziu uvas maduras. O copeiro espremeu essas uvas no copo de Faraó e, então, entregou o copo a seu senhor (40:9-11). José ofereceu uma interpretação favorável para esse sonho. Passados três dias, representados pelos três ramos da videira (40:12), Faraó restauraria o copeiro a seu antigo cargo (40:13).

José pediu ao copeiro para não se esquecer dele quando fosse libertado: *faças menção de mim a Faraó, e me faças sair desta casa* (40:14). Afinal, encontrava-se preso injustamente e nem sequer estaria no Egito se não tivesse sido *roubado da terra dos hebreus* e vendido como escravo (40:15). Apesar de não mencionar quem mandou prendê-lo, sua mente devia estar repleta de memórias do mal que seus irmãos e a esposa de Potifar lhe haviam feito.

Animado com a interpretação favorável do sonho do copeiro, o padeiro também contou seu sonho. Nele, carregava na cabeça três cestos, sendo que o último do alto estava cheio de pães para Faraó (40:16-17). Entristecido, José lhe deu a interpretação. Passados três dias, representados pelos três cestos (40:18), Faraó mandaria tirar fora a cabeça do padeiro e pendurá-lo em uma árvore, onde os pássaros comeriam sua carne (40:19).

Três dias depois, durante a comemoração do aniversário de Faraó, o padeiro foi, de fato, enforcado (40:22) e o copeiro foi restaurado a seu cargo, conforme José havia predito (40:21). No entanto, ele *não se lembrou de José, porém dele se esqueceu* (40:23). Será que podemos considerar errado José tentar sair da prisão fazendo um favor para o copeiro? Foi esse o motivo de o Senhor ter feito o copeiro a se esquecer dele? Ou será que o Senhor tinha um tempo mais apropriado para libertar José? Essas perguntas dão margem para discussão, mas, por certo, o Senhor planejava para José algo muito mais grandioso do que torná-lo um escravo liberto. Esse fato nos traz à memória as palavras de Paulo quando ele também pediu que o Senhor removesse algo que o estava fazendo sofrer: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12:9).

#### 41:1-40 Os sonhos de Faraó

Apesar da esperança de José de que o copeiro recomendaria sua soltura (40:14), os planos de Deus eram outros. Durante dois anos, o copeiro não se lembrou de José (41:1; 40:23). Só quando Faraó teve sonhos o copeiro recordou ter conhecido um homem chamado José que os interpretava.

No primeiro sonho, o Faraó viu vacas. Sonhou que estava em pé junto ao Nilo e viu sete *vacas formosas à vista e gordas* saírem do rio, seguidas de *sete vacas, feias à vista e magras* que comeram as sete vacas formosas e gordas (41:2-4).

Na mesma noite, sonhou também com *sete espigas* de cereal *cheias e boas* que saíam de uma só haste. Viu, então, *sete espigas mirradas, crestadas do vento oriental* que engoliram as espigas grandes e cheias (41:5-7).

Pela manhã o espírito de Faraó estava *perturbado*, pois não sabia o significado desses sonhos. Mandou chamar *todos os magos do Egito e todos os seus sábios* (41:8) para interpretá-los, mas ninguém conseguiu. Nesse momento o copeiro se lembrou de José. Começou reconhecendo seu erro por não ter se recordado dele antes (41:9) e prosseguiu relatando como *um jovem hebreu* na prisão havia in-

terpretado corretamente seu sonho e o do padeiro-chefe (41:10-12). Faraó não se mostrou interessado no nome do hebreu, mas sim em sua habilidade.

Do mesmo modo, o mais importante não é as pessoas se lembrarem de nosso nome, mas de nosso caráter. Como elas nos descreveriam para outros? Temos apenas um rótulo de cristãos ou seríamos descritos como indivíduos de atitudes cristãs?

O copeiro deu testemunho da veracidade das interpretações de José (41:13) e o rapaz foi chamado na prisão. Barbearam-no às pressas, deram-lhe roupas mais apropriadas para usar na corte e o apresentaram a Faraó (41:14). Ao pedir para o copeiro mencionar seu caso a Faraó, a esperança de José era que ele ouvisse e atendesse às suas necessidades. Porém, no plano de Deus, o Faraó seria o necessitado e José o ouviria e atenderia! Essa situação nos faz lembrar as palavras de Jeremias: “Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes” (Jr 33:3).

É importante orar, mas é igualmente importante saber que Deus responderá a nossas orações a seu tempo e à sua maneira. Muitas vezes, pastores que pregam na TV na África pedem a Deus para agir imediatamente e da forma como eles determinam — como se conhecessem com perfeição a vontade dele. Se fosse assim, ele deixaria de ser Deus. Por vezes, alguns desses líderes se enganam, imaginando que Deus agiria conosco da mesma forma como agiu com certas pessoas da Bíblia, como José. No entanto, os recursos de Deus são ilimitados, ele tem opções incontáveis para lidar com situações parecidas. Ele criou cada um de nós com uma impressão digital singular e tem soluções singulares para cada um. Devemos permitir que Deus seja Deus, mesmo quando nos apropriamos de suas promessas.

José escutou enquanto Faraó explicava que ninguém havia conseguido interpretar seu sonho, mas que haviam lhe informado que José possuía esse dom (41:15). Em vez de deixar o elogio lhe subir à cabeça, José respondeu humildemente: *não está isso em mim; mas Deus dará a resposta favorável a Faraó* (41:16). Muitas vezes, pessoas cometem o erro grave de dizer que receberam um dom do Senhor e, então, colocar Deus em segundo plano enquanto exibem o dom como se lhes pertencesse. Um dom nunca pode ser maior do que seu doador. Desde o início, José deu glória a Deus.

Em seguida, Faraó relatou a José o teor de seus dois sonhos e repetiu que ninguém havia conseguido explicar seu significado (41:17-24). José reconheceu imediatamente tratar-se da mesma mensagem em formas diferentes e de uma revelação de Deus a Faraó acerca do futuro (41:25,28). As sete vacas formosas e gordas e as sete espigas grandes e cheias representavam sete anos de fartura no Egito, durante os quais haveria boas colheitas (41:26,29). As sete vacas magras e as sete espigas mirradas representavam sete anos de fome subsequentes aos sete anos de fartura (41:27,30-31). O fato de Faraó receber dois sonhos com

a mesma mensagem significa que *a coisa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la* (41:32). Pelo menos um dos propósitos dessa fome era exaltar José e levar Jacó e sua família para o Egito, conforme a profecia de Gênesis 15:13.

A essa altura, José vai além de sua incumbência, agindo não apenas como intérprete dos sonhos de Faraó, mas também como seu conselheiro. Na África, muitos pastores têm o privilégio de falar diante de “reis”, mas hesitam em lhes dar conselhos. Sua tendência é falar de maneira a agradar o rei em vez de declarar a verdade com franqueza. Em certos casos, alguns desses líderes religiosos se envolvem de tal modo com a política da atualidade que comprometem seu papel como servos de Deus. Precisamos que mais pessoas com o caráter e a coragem de José se coloquem diante de nossos presidentes na África e promovam a implantação de sistemas voltados para as necessidades das pessoas comuns. A equidade deve ser o cerne dos conselhos de nossos pregadores aos presidentes.

Os reis sempre encontram uma forma de suprir suas próprias necessidades em tempos de escassez. Normalmente, quem sofre é o povo em geral. Assim, José deu um conselho sobre como o povo do Egito poderia ser alimentado durante os anos de fome. De acordo com seu plano:

- *Um homem sábio e ajuizado* deveria ser encarregado dos preparativos (41:33).
- *Administradores* deveriam ser nomeados para assisti-lo.
- Os administradores deveriam separar *a quinta parte dos frutos da terra do Egito nos sete anos de fartura* e guardá-la para os anos de fome (41:34).
- O cereal recolhido deveria ser armazenado nas cidades, *sob o poder de Faraó* (41:35).
- Esse alimento seria distribuído, então, durante os anos de fome.

*O conselho foi agradável a Faraó e a todos os seus oficiais* (41:37). Quem disse que um leigo com espírito de discernimento e humildade diante do Senhor não pode ser conselheiro das maiores autoridades de qualquer país? José, um escravo, tornou-se conselheiro de Faraó.

Faraó não apenas aprovou a proposta de José, mas logo o encarregou de supervisionar sua implementação. Reconheceu que José era um homem guiado por Deus (41:38) e declarou não conhecer ninguém tão *ajuizado e sábio* (41:39) quanto ele. José recebeu o cargo mais elevado que alguém poderia ocupar abaixo de Faraó (41:40). A essa altura, provavelmente estava grato pelos anos de preparação que Deus havia lhe dado, durante os quais havia aprendido a administrar uma casa e, depois, uma instituição. Deus havia concedido a José inteligência, sabedoria e treinamento prático.

Faraó, cujo conhecimento de Deus era muito mais limitado que o nosso, nos ensina como devemos nomear pessoas

para atravessar os anos de escassez sem morrermos de fome. As nomeações devem ignorar o parentesco ou as origens tribais e se concentrar na competência dos indivíduos para realizar o trabalho necessário. No Egito, aconteceu de um hebreu ser qualificado para o cargo, e o Faraó agiu com sabedoria ao nomeá-lo. Aplicando esses princípios à nossa realidade, é evidente que os períodos de fome na África não seriam tão trágicos se tivéssemos mais líderes como José. No entanto, muitos líderes africanos, a maioria dos quais se diz cristã, escolhem administradores por vários outros motivos que não a competência para o cargo. Essas pessoas se tornam, então “vacas de Basã” (Am 4:1) — engordando a si mesmas à custa do povo — em vez de cuidar do povo como José fez no Egito. Se não queremos ver a fome destruindo nossos países ano após ano, devemos lutar por mudanças. Precisamos deixar de depender do Banco Mundial e começar a depender de nossas próprias provisões de alimento nas cidades. Porém, uma mudança desse tipo exige novas atitudes e um bom planejamento. A água desperdiçada ao longo dos anos de chuva abundante, por exemplo, precisa ser armazenada para irrigação durante os anos de seca. Então, veremos como não é apenas a falta de fundos que frustra nossos projetos, mas principalmente a falta de administradores sábios.

#### 41:41-57 José administra o Egito

Enquanto a seção anterior terminou com uma declaração de Faraó sobre seus desígnios para nomear José, esta começa com uma declaração pública de sua nomeação (41:41). Como símbolo de seu cargo, José recebeu o *anel de sinete* de Faraó. A posse desse anel autorizava José a tomar decisões e colocar seu selo e assinatura em documentos oficiais. José também recebeu *roupas de linho fino e um colar de ouro* (41:42), uma lembrança constante para outros de que estavam tratando com um homem de poder. O mesmo se aplica ao fato de José andar *no segundo carro* do Faraó, com homens clamando diante dele: *inclinai-vos!* (41:43). Faraó manteve sua posição como soberano sobre a terra do Egito, mas, exceto ele, todos os egípcios estavam sob o comando de José. Assim, podia-se dizer que *sem a tua ordem ninguém levantará mão ou pé em toda a terra do Egito* (41:44).

Que reviravolta na vida de José! O Senhor havia transformado toda a sua humilhação passada em grande honra. Nenhuma situação, por mais difícil e humilhante que seja, representa um obstáculo para as bênçãos do Senhor. Quando a presença de Deus está conosco, a mais terrível escravidão, a mais brutal humilhação ou o pior tratamento não são nada. É Deus quem dá a última palavra.

José recebeu um nome egípcio, *Zafenate-Paneia*. Não se sabe ao certo o significado desse nome, mas é possível que queira dizer “aquele que fornece o sustento da terra”, uma designação apropriada para aquilo que Faraó considerava ser a contribuição de José para o Egito. Também recebeu uma esposa egípcia, *Asenate, filha de Potífera, sacerdote de*

*Om (41:45a)*. Apesar de ser um estrangeiro, esse casamento ajudaria os egípcios a considerá-lo parte de seu povo. A união foi uma jogada política sábia de Faraó e também beneficiou José.

José estava com cerca de dezessete anos quando foi vendido como escravo (37:2) e com trinta anos quando foi nomeado governador sobre o Egito (41:46a). Ele viajou *por toda a terra do Egito (41:45b,46b)* juntando alimento durante os sete anos de fartura (41:47). Armazenava em cada cidade os alimentos cultivados *ao redor* daquele local (41:48). José conseguiu juntar tanto alimento que, a certa altura, perdeu a conta, *porque ia além das medidas (41:49)*. Sua estratégia foi cuidadosamente elaborada não para que ele próprio enriquecesse, mas sim para evitar que a população do Egito e nas regiões ao redor morresse de fome durante os sete anos de escassez. Que contraste com alguns líderes africanos que “ajuntam além das medidas” para si mesmos em contas bancárias estrangeiras! Precisamos orar pedindo mais “Josés” e elegê-los para cargos administrativos na África.

Quando vieram os sete anos de fome, tudo aconteceu exatamente conforme José havia predito: *havia fome em todas as terras, mas em toda a terra do Egito havia pão (41:53-54)*. Um bom governante pode fazer seu país parecer o paraíso quando as regiões a seu redor parecem o inferno. O bom planejamento é essencial! É disso que muitas nações da África precisam e esse é nosso chamado como africanos.

Quando os egípcios acabaram com suas reservas pessoais de alimento, clamaram por socorro a Faraó. Sua resposta foi clara e simples: *ide a José, o que ele vos disser fazei (41:55)*. Então, *abriu José todos os celeiros e vendia aos egípcios (41:56)*. A fome foi terrível em toda a terra do Egito, mas, por causa de um homem, havia alimento suficiente para eles e também para os cidadãos de outros países que *vinham ao Egito, para comprar de José (41:57)*.

Enquanto administrava as questões nacionais, José não se esqueceu de cuidar também de sua família. Teve dois filhos, ambos nascidos antes dos anos de fome. O primeiro recebeu o nome de *Manassés*, que significa “esquecer”. José escolheu esse nome porque *Deus me fez esquecer de todos os meus trabalhos e de toda a casa de meu pai (41:51)*. José havia sido curado da amargura decorrente do tratamento que recebera de seus irmãos. É provável que Deus o estivesse preparando para a futura reconciliação com eles. Ao segundo filho, chamou *Efraim*, que significa “duplamente próspero”, pois *Deus me fez próspero na terra da minha aflição (41:52)*.

O nascimento desses dois filhos antes da fome pode ser significativo. Muitas pessoas na África nunca planejam quando terão filhos. Só depois de as crianças nascerem é que se preocupam se conseguirão alimentá-las. Criar os filhos com responsabilidade significa tê-los quando há condições de alimentá-los. Sem dúvida José havia armazenado muito alimento e poderia dispor dele como desejasse, mas

ele reconheceu a necessidade de cuidar de toda a terra do Egito, sabendo que o mundo ao redor estava à mercê dos egípcios. A fé e o bom planejamento não são contraditórios, mas andam juntos.

#### 42:1-38 José se encontra com seus irmãos

A fome afetou “todo o mundo” (41:57), inclusive a terra de Canaã (42:5) e a própria família de José. Ao ficar sabendo da disponibilidade de cereais no Egito, Jacó disse a seus filhos: *por que estais aí a olhar uns para os outros? [...] descei até lá e comprei-nos deles, para que vivamos e não morramos (42:1-2)*. Suas palavras dão a entender que nenhum dos irmãos de José havia planejado tão bem quanto ele. Pareciam contentar-se em ficar sentados à espera da próxima chuva.

Algumas pessoas têm a tendência de desistir quando as formas tradicionais de suprir suas necessidades básicas não funcionam. Mas, em vez de permitir que tal insucesso nos reduza à condição de mendigos desamparados, precisamos ser inovadores e explorar outras opções moralmente sadias para suprir nossas necessidades. Como foi mencionado anteriormente, os países africanos precisam buscar formas alternativas de alimentar seu povo quando as chuvas não vêm. Esperar para ser alimentado pelo resto do mundo nessas ocasiões é contraproduutivo. Devemos manter nossos ouvidos e olhos abertos e estar prontos para explorar outros “Egitos” que possam oferecer soluções.

Todos os irmãos de José, exceto Benjamim, partiram para o Egito. Jacó não deixou Benjamim acompanhá-los, pois temia que lhe sucedesse *algum desastre (42:3-4)*. Uma vez no Egito, os irmãos tiveram de negociar com José, o *governador daquela terra; era ele quem vendia a todos os povos da terra (42:6a)*. Os irmãos não reconheceram José porque ele estava mais velho e vestido como o líder de uma cultura diferente. Ele, porém, os reconheceu de imediato, mas não deixou isso transparecer. Antes, *lhes falou asperamente (42:7-8)*. Acusou-os de serem espias que estavam lá *para ver os pontos fracos da terra (42:9b,12)*. Os irmãos afirmaram repetidamente ser *homens honestos* que estavam lá apenas para *comprar mantimento*. Não eram um grupo de espias, mas sim um grupo de irmãos, *todos filhos de um mesmo homem (42:10-11)*. Explicaram que eram, inicialmente, doze irmãos, mas somente dez haviam ido ao Egito porque *o mais novo está hoje com nosso pai (42:13)*.

Embora a afirmação dos dez irmãos, de que eram homens honestos, fosse questionável, tendo em vista o modo como haviam mentido para o pai sobre José, até aqui não mentem para José sobre sua família. Quanto ao outro irmão, dizem que este “já não existe”, supondo estar ele morto depois de tantos anos em escravidão. No entanto, não desejam assumir a culpa por essa morte, pois isso colocaria em dúvida o caráter deles.

Seu dilema levanta a questão do quanto devemos falar sobre pecados passados. Como devemos lidar com eles? Quando cometemos uma ofensa contra outras pessoas,

muitas vezes é bom falar abertamente caso estejamos nos dirigindo aos indivíduos que ofendemos. Se falarmos como se não tivéssemos pecado, aqueles que conhecem nossos erros do passado nos verão como hipócritas.

José se lembrou [...] dos sonhos (42:9a), e os irmãos os cumpriam ao dirigirem-se a ele repetidamente como *senhor meu* (42:10) e a si mesmos como *teus servos* (42:11,13). Além disso, *se prostraram rosto em terra, perante ele* (42:6b). José, aquele que experimentou a *angústia da alma* ao rogar por sua vida (42:21a) quando eles o estavam vendendo, agora é o governador diante do qual eles rogam. Ocupa a posição de força, enquanto os irmãos ocupam a posição de humilhação e fraqueza, suplicando por alimento e rogando a José para confiar neles.

De acordo com o bom senso, devemos tratar bem as pessoas, pois não é raro as situações se inverterem. O necessitado de hoje pode ser o privilegiado de amanhã e vice-versa.

José testou seus irmãos de várias formas para descobrir quanto haviam mudado. Mostrou-se especialmente interessado em sua atitude em relação a Benjamim. Impôs como condição essencial para provarem sua identidade que lhe apresentassem o irmão mais novo. A princípio, José queria que um dos irmãos fosse buscar Benjamim enquanto os outros ficavam detidos no Egito (42:15-16). No entanto, depois de três dias, ele mudou seu plano em consideração àqueles para os quais eles haviam ido buscar alimentos e por causa de seu temor de Deus (42:17-18). Assim, manteve apenas Simeão sob custódia, deixando os outros partirem (42:19,24). Mas advertiu-os: *trazei-me vosso irmão mais novo, com o que serão verificadas as vossas palavras, e não morrereis* (42:20).

Diante dessa hostilidade visível, os irmãos concluíram estar sendo castigados pela forma cruel como haviam tratado José (42:21b). Rúben, que havia tentado salvar o irmão (37:21-22), lembrou-os desse fato e declarou: *vedes aí que se requer de nós o seu sangue* (42:22). Observamos aqui o problema de uma consciência pesada. Os irmãos não tinham como voltar atrás quanto à venda de José, mas poderiam ter revelado a verdade ao pai e enfrentado as consequências. Porém, haviam mantido seu ato em segredo e, agora, estavam sendo confrontados com ele. Não há transgressão não resolvida que não encontre o transgressor. Pode parecer que tudo foi esquecido, mas, de uma forma ou de outra, tudo voltará à tona. Enquanto os pecados cometidos não são reconhecidos, confessados ao Senhor e deixados, continuarão a ser um grande fardo, por mais que tentemos esconder nosso sofrimento. Somente o perdão de Deus pode nos dar alívio e restaurar as forças e a alegria de viver a fim de prosseguirmos com nossa jornada de fé.

A situação de José também era estranha. Os irmãos fizeram esses comentários na presença dele, alheios ao fato de José, que estava usando um intérprete, ser capaz de entendê-los (42:23). Essa memória o comoveu profunda-

mente, de modo que, *retirando-se deles, chorou* (42:24a). Como ainda não era o momento oportuno de se revelar aos irmãos, *tornando, lhes falou; tomou a Simeão dentre eles e o algemou na presença deles* (42:24b), deixando claro que ele estava falando sério.

Com Simeão detido, os outros foram liberados para partir. José ordenou que lhes dessem sacos cheios de cereal, colocando de volta neles a prata dos irmãos e que recebessem provisões para a viagem (42:25). Seu cuidado por eles mostra claramente como não os acusou de serem espíões para atormentá-los, mas sim para testá-los. Por mais severa que pareça sua atitude para com eles, José desejava seu bem.

Os irmãos carregaram os jumentos e partiram (42:26) sem saber o que havia sido feito. Mas, no fim do dia, quando pararam numa estalagem a fim de passar a noite, *abrindo um deles o saco de cereal, para dar de comer ao seu jumento na estalagem, deu com o dinheiro na boca do saco de cereal* (42:27). Diante dessa descoberta, *desfaleceu-lhes o coração e, atemorizados, entrelhavam-se* (42:28). Sua reação é compreensível, pois a conclusão mais natural era que o governante do Egito estava planejando acusá-los de furto. Sua viagem não havia sido fácil e, agora, deparam com mais um problema.

Ao chegarem em casa, contaram a Jacó tudo o que havia acontecido (42:29-34). Sem dúvida, Jacó ficou extremamente perturbado ao saber da exigência para levar Benjamim ao Egito. Suas palavras, *tendes-me privado de filhos*, não significa que ele suspeitava da venda de José. Tanto quanto ele sabia, José estava morto e Simeão não estava ali, pois havia ficado preso no Egito e dificilmente seria liberto (42:36). As trouxinhas com o dinheiro nos sacos de cereais também devem ter intensificado a sensação de Jacó de que algo estava muito errado. Não é de admirar que ele e seus filhos *temeram* (42:35).

Rúben, que havia tentado salvar a vida de José (37:21-22), tentou garantir o cumprimento das condições para libertar Simeão. Chegou a dizer a Jacó quanto a Benjamim: *mata os meus dois filhos se to não tornar a trazer; entrega-mo, e eu to restituirei* (42:37). Mesmo diante desse compromisso da parte de Rúben, Jacó disse não. Declarou: *meu filho não descerá convosco; seu irmão é morto, e ele ficou só; se lhe suceder algum desastre no caminho por onde fordes, farei descer minhas câs com tristeza à sepultura* (42:38). Não se tratava de Jacó não confiar em Rúben, mas de Rúben não estar no controle das circunstâncias. Ninguém sabia quais eram as intenções do governador do Egito. Até então, sua experiência com ele havia sido desagradável: ele os havia acusado de serem espíões, os havia detido por três dias e mantido Simeão preso.

#### 43:1-15 Os irmãos de José voltam para o Egito

Apesar de Jacó ter recusado inicialmente permitir a ida de Benjamim ao Egito (42:38), as circunstâncias o fizeram



mudar de ideia. A fome continuava, e os cereais trazidos do Egito haviam acabado. Não restava outra opção senão voltar para comprar mais alimento (43:2). Seus filhos sabiam que perderiam a viagem se não levassem Benjamim. Rúben havia tentado inutilmente convencer o pai de deixar o caçula ir com eles. Agora era a vez de Judá tentar. Para isso, ele repete duas vezes a advertência do governador: não seriam recebidos se Benjamim não estivesse com eles (43:3-5). Judá não estava sendo desobediente nem desrespeitoso. Estava apenas expondo a situação.

A possibilidade de perder Benjamim ainda perturbava Jacó profundamente. Ele culpa os filhos por mencionarem Benjamim (43:6), mas eles respondem que apenas responderam às perguntas do governador, sem imaginar quais seriam as consequências (43:7). Ciente de que, se esperasse mais, estaria colocando em risco a vida das famílias (43:8), Judá assume responsabilidade pessoal por Benjamim e o compromisso de tomar sobre si toda culpa se algo acontecesse ao irmão (43:9).

O compromisso de Judá foi tão sério quanto o de Rúben na ocasião anterior (42:37), mas as circunstâncias mudaram. A fome estava afetando a todos, inclusive a Jacó que era idoso e às crianças que eram frágeis (43:8). Assim, com grande relutância, Jacó concordou em enviar Benjamim com eles, orando pela segurança do filho e pela libertação de Simeão (43:14a). Para aumentar a probabilidade de uma boa recepção, também mandou presentes para o homem: *tomais do mais precioso desta terra [...] um pouco de bálsamo e um pouco de mel, aromatas e mirra, nozes de pistácia e amêndoas* (43:11).

Só devemos correr riscos quando é absolutamente necessário. Mesmo assim, devemos nos preparar devidamente de modo a minimizar o perigo. Tendo feito isso, precisamos confiar que Deus fará tudo correr bem.

Além dos presentes, os irmãos levaram *dinheiro em dobro*, o suficiente para pagar pelos cereais a serem comprados, mais o dinheiro que supostamente havia sido colocado de volta por engano na boca dos sacos (43:12). Em sua idade avançada, Jacó sabia que era errado tomar para si coisas “achadas e perdidas” antes de procurar descobrir a quem pertencem. Hoje em dia, há quem considere sorte encontrar um objeto perdido por outra pessoa, ou mesmo interprete isso como providência de Deus; no entanto, tomar para si tais coisas é equivalente a roubá-las quando não se faz nenhum esforço para devolvê-las ao dono.

As palavras de Jacó, *se eu perder os filhos, sem filhos ficarei*, mostram o quão difícil foi para ele permitir que Benjamim partisse (43:14b). Isso nos traz à mente a necessidade de ter princípios e, ao mesmo tempo, um espírito de discernimento, sabendo quando ser flexíveis. O apego excessivo aos princípios que impedem uma pessoa de mudar de ideia quando há vidas humanas correndo perigo deixa de ser integridade e se torna insensatez. Por vezes, pode ser uma humilhação mudar de princípios, mas também pode ser

uma decisão sábia. Jacó analisou sua situação com cuidado, mudou de ideia e correu o risco de perder mais um filho.

Tanto Rúben quanto Judá se mostraram sensíveis às emoções e aos temores de Jacó. Não o pressionaram, mas insistiram quando não havia alternativa (42:37; 43:4-5, 8-10). Então, quando o pai lhes deu instruções, eles as seguiram (43:15). Devemos dar crédito a Jacó por saber quando ceder, mas também devemos dar crédito a seus filhos, especialmente Rúben e Judá, por serem compreensivos e respeitarem seu pai. A idade e a experiência têm seu devido lugar numa empreitada bem-sucedida. Em algumas ocasiões, o respeito pelos idosos pode tornar o processo mais demorado (43:10), mas quando os mais jovens agem com as bênçãos dos mais velhos, todos ficam satisfeitos. O ditado suaíli *haraka, haraka, haina baraka* (“pressa, pressa, não tem bênção”) aplica-se a situações como essas. Os jovens precisam se lembrar desse fato quando assumem cargos de liderança ocupados anteriormente por pessoas mais velhas. A fim de sermos bem-sucedidos, precisamos considerar os idosos uma fonte confiável de conselhos. Se forem vistos como um estorvo e ignorados enquanto a geração mais nova faz o que bem entende, o resultado final não será feliz. Uma boa ilustração disso é a história de Roboão e Jeroboão (1Rs 12:3-15).

#### 43:16—45:15 José se revela

Uma das experiências mais dramáticas pela qual podemos passar é descobrir que a pessoa com quem tratamos foi profundamente ofendida por nós no passado. Agora, José se prepara para fazer essa revelação a seus irmãos.

#### 43:16-34 Uma refeição juntos

Quando José viu que seus irmãos haviam voltado e trazido Benjamim, instruiu o mordomo de sua casa: *leva estes homens para casa, mata reses e prepara tudo; pois estes homens comerão comigo ao meio-dia* (43:16). Os irmãos não faziam ideia do motivo de estarem sendo levados para a casa do governador daquela terra. Pensaram que fosse por causa da prata e se encheram de medo. Suspeitaram tratar-se de uma trama para tomar os jumentos deles e apreendê-los (43:18). Como sabemos, não era nada disso, mas essas suposições poderiam ter levado os irmãos a se defender atacando. Quantos conflitos e até mesmo guerras nascem de conclusões equivocadas! As pessoas maduras esperam até que todos os fatos sejam esclarecidos.

Claramente em minoria, os irmãos não reagiram com violência, mas tentaram entender o que estava acontecendo. Ao entrar na estalagem, abordaram o mordomo de José e explicaram que já haviam devolvido a prata encontrada nos sacos de cereais (43:19-22). O mordomo lhes garantiu que tudo estava em ordem e lhes trouxe Simeão (43:23). Então, levou os homens à casa de José e lhes trouxe água, e eles lavaram os pés; também deu ração aos seus jumentos (43:24). Enquanto isso, ainda tensos, os irmãos de José prepararam

o presente, pois ficaram sabendo que *havia* de comer com José (43:25).

Quando José chegou em casa, os irmãos entregaram o presente e *prostraram-se perante ele até à terra* (43:26; cf. Mt 2:11). Estavam fazendo exatamente aquilo que os havia ofendido tanto quando José lhes relatou seus sonhos! Repetiram o gesto quatro vezes, sem hesitar (42:6; 43:26,28; 44:14).

José perguntou educadamente sobre a saúde de Jacó: *vosso pai, o ancião de quem me falastes, vai bem? Ainda vive?* (43:27-28), e pediu para apresentarem Benjamim (43:29). José o cumprimentou com toda cortesia, mas não conseguiu se controlar e *se apressou e procurou onde chorar, porque se movera o seu íntimo para com seu irmão* (43:30). Como na visita anterior (42:24a), ele ainda não desejava se revelar aos irmãos. Assim, depois de recobrar sua compostura, voltou para junto deles e começaram a refeição (43:31).

Os comensais assentaram-se em três grupos. José assentou-se sozinho, como era o costume para uma pessoa de autoridade. Os irmãos formaram outro grupo. E os egípcios que frequentavam a casa de José formaram um terceiro grupo, pois não comeriam à mesa junto com hebreus desprezíveis e pastores de ovelhas (43:32; 46:34).

Os preparativos feitos para os irmãos de José foram notáveis. Estavam assentados por ordem de idade, *o primogênito segundo a sua primogenitura e o mais novo segundo a sua menoridade* (43:33). No entanto, em vez de o mais novo receber a porção menor, *a porção de Benjamim era cinco vezes mais do que a de qualquer deles* (43:34). Todos foram servidos com fartura, mas ficou claro que Benjamim estava sendo tratado com honra especial. Os irmãos se espantaram com o que estava acontecendo. Tendo em vista serem todos homens adultos, como o governador sabia de sua ordem de nascimento? Por que haviam sido convidados para essa refeição? E qual o motivo do tratamento especial oferecido a Benjamim?

#### 44:1-34 Benjamim e o copo de prata

José deu mais instruções a seus servos. Depois de encher os sacos de cereais dos irmãos e colocar o dinheiro deles de volta junto com o alimento, deviam pôr um copo especial de prata no saco pertencente a Benjamim (44:1-2). Então, pouco depois de os irmãos partirem (44:3), José instruiu seu mordomo a acusá-los de roubar o *copo em que bebe o meu senhor* [...] e *por meio do qual faz as suas adivinhações* (44:4-5). Essas adivinhações eram feitas enchendo-se o copo de água e observando-se as formas ao deixar cair objetos dentro dessa água.

José volta a falar do uso de adivinhações em 44:15, embora os leitores estivessem cientes de que José sabia quem estava com o copo por outro motivo. Mas como devemos entender essas referências indiferentes à prática da adivinhação? Uma possibilidade é que José, agora com um nome egípcio e casado com a filha de um sacerdote egípcio (41:45), também tenha adotado alguns dos costumes

egípcios. Devemos lembrar, porém, que José viveu mais de quatrocentos anos antes de Moisés receber a lei na qual o Senhor proíbe expressamente a adivinhação (Dt 18:9-13). Assim, não devemos citar José como justificativa para adotar essa prática.

Os irmãos se assustaram quando o mordomo os alcançou e fez sua acusação (44:7-8). Certos de sua inocência, declararam: *aquele dos teus servos, com que for achado, morra; e nós ainda seremos escravos do meu senhor* (44:9). Uma vez que sabia de pelo menos uma parte do plano, o mordomo aceitou o compromisso, mas com uma pena menos severa: *aquele com quem se achar será meu escravo, porém vós sereis inculcados* (44:10). Podemos aprender com esse erro dos irmãos e não nos mostrarmos confiantes demais quanto a questões acerca das quais não temos certeza absoluta, inclusive quanto ao conteúdo de pacotes preparados por outras pessoas. Também não devemos julgar questões sobre as quais não estamos plenamente informados.

Os sacos de cereais foram vasculhados um a um, começando por aqueles entregues ao irmão mais velho (44:11-12). Quando estavam prestes a respirar aliviados porque nada havia sido encontrado, faltando apenas o saco de cereais de Benjamim, o copo foi achado. Benjamim sabia que não o havia roubado, mas seus irmãos não. A prova era clara e não havia saída. Os irmãos *rasgaram as suas vestes e, carregados de novo os jumentos, tornaram à cidade* (44:13).

José ainda estava em casa quando Judá e seus irmãos entraram. Prostraram-se em terra humildemente diante dele (44:14) e ouviram suas acusações (44:15). Sem saber que tudo não passava de uma estratégia e imaginando que Benjamim havia roubado o corpo, Judá concordou com a acusação e aceitou o castigo: *eis que somos escravos do meu senhor, tanto nós como aquele em cuja mão se achou o copo* (44:16).

A intenção de José não era castigar seus irmãos, mas sim descobrir sua atitude em relação a Benjamim. Assim, ele insistiu que não castigaria todos eles, mas apenas ficaria com Benjamim como seu escravo (44:17). Judá ficou horrorizado com essa possibilidade e fez uma súplica comovente pela vida de seu irmão (44:18-32). Nestes quinze versículos, ele se refere a José humildemente como *meu senhor* cinco vezes e usa a designação *servo(s)* para si mesmo, seus irmãos ou seu pai dez vezes e diz a José: *tu és como o próprio Faraó* (44:18).

Judá relata seu primeiro encontro com o governador do Egito e como foi difícil Jacó deixar Benjamim ir com eles, pois seu *irmão é morto; e só ele ficou de sua mãe, e seu pai o ama* (44:19-24). Enfatiza o compromisso pessoal e a garantia dada ao pai de que levaria Benjamim de volta e a tristeza que causaria ao pai se regressasse sem o irmão mais novo (44:25-32). Conclui seu discurso com um dos exemplos mais claros de sacrifício pessoal substitutivo do AT ao se oferecer para ficar no lugar do irmão como escravo (44:33). Judá proferiu essas palavras imaginando que Benjamim era culpado. Mostrou-se disposto a receber o

castigo supostamente merecido pelo irmão mais novo. Agiu desse modo porque amava seu pai e desejava poupá-lo da perda do filho caçula (44:34).

#### 45:1-15 A revelação de José

Quando Judá terminou de falar, José não precisava de mais provas. Seus irmãos haviam mudado de atitude e superado seus ciúmes. *Então, José, não se podendo conter (45:1)*, mandou todos, exceto seus irmãos, saírem da sala. Ninguém mais deveria testemunhar aquele momento solene e emotivo. E, no entanto, José *levantou a voz em choro, de maneira que os egípcios o ouviam e também a casa de Faraó (45:2)*.

As primeiras palavras de José depois de se identificar expressaram preocupação por seu pai (45:3). Porém, seus irmãos estavam aturdidos e amedrontados demais para responder. Talvez seu medo fosse resultante de sua consciência da própria culpa e do poder de José sobre eles. Ao entender isso, José não lhes disse que tinham razão de estar atemorizados e envergonhados por seus atos, como a maioria das pessoas teria feito. Em vez disso, pediu-lhes para não se entristecerem nem se irritarem consigo mesmos por terem-no vendido para o Egito (45:4-5a).

José pôde falar desse modo porque encarou a situação sob um ponto de vista sobrenatural. Disse aos irmãos para não se afligirem, porque Deus o havia enviado adiante deles para salvar a vida deles e de outros (45:5b,7). Absolveu os irmãos da culpa, porque *não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus (45:8)*. Deus havia feito de José *pai de Faraó*, ou seja, um dos conselheiros da mais alta confiança de Faraó. José não negou que os atos de seus irmãos haviam sido errados, pois a intenção deles era lhe fazer mal, mas estava ciente de como Deus havia tornado a maldade cometida por eles em bem (50:20).

Aprendemos com José que devemos perdoar até mesmo os atos mais perversos realizados contra nós. Aprendemos com seus irmãos que as situações mudam ao longo da vida. O mal que fizemos a outro pode voltar para nos assombrar; assim, é sábio fazer o bem sempre. Aprendemos com Deus que seus caminhos estão acima dos caminhos humanos e homem nenhum pode frustrar seus planos. Ele pode todas as coisas, até mesmo fazer o mal redundar em bem.

José pediu para trazerem seu pai ao Egito e informarmos de que seu filho estava vivo e ocupava um alto cargo naquela terra (45:9,13). Insistiu para a família se mudar para o Egito pois ainda haveria mais sete anos de fome e ele não desejava ver o pai e os irmãos empobrecerem em Canaã (45:11).

José expressou fisicamente seu amor por seus irmãos abraçando cada um deles, começando por Benjamim, seu irmão por parte de pai e mãe, e chorou (45:15). Até então, os irmãos provavelmente estavam estarecidos demais para saber o que fazer diante de uma revelação tão extraordinária. Mas o gesto de José ao abraçar cada um deles foi curativo e, depois disso, *falaram com ele*. Não sabemos

sobre o que falaram com José, mas podemos imaginar que lhe pediram perdão.

Eis outra lição: por meio da graça do perdão, podemos transformar nossas mágoas em bênção para aqueles que tentaram nos ferir. Ao demonstrarmos bondade para com as pessoas que nos maltrataram, não apenas indicamos seu erro, como também lhes damos a alegria e o alívio de serem perdoadas. (Obviamente, isso não se aplica aos indivíduos que endureceram o coração, mas esse não parece ser o caso dos irmãos de José.) A bondade de José para com seus irmãos lhes trouxe um grande alívio emocional (apesar de não terem se livrado de todo da incerteza quanto ao perdão dele — cf. 50:15-18).

#### 45:16-28 O apoio de Faraó

Apesar de José ter certeza de que Jacó viria para o Egito (45:10), precisava da aprovação de Faraó. Deve ter sido uma grande alegria para José ver como Faraó se agradou com a vinda dos irmãos de seu governador (45:16). Como explicar tamanha aceitação de José — um hebreu que realizava todas as suas incumbências administrativas com integridade — por Faraó e seus oficiais? Sua popularidade contrasta com as queixas frequentes de funcionários públicos cristãos que afirmam ter perdido o favor de seus colegas e superiores por terem sido íntegros no cumprimento de seus deveres.

Talvez os governos de hoje sejam, de fato, tão corruptos a ponto de gerar ódio contra qualquer pessoa cujo trabalho é honesto (cf. 1Pe 3:13-14). No entanto, também é possível que possamos aprender outra lição com José. Por mais elevado que fosse seu cargo, José permitiu ao Faraó ser Faraó. Foi José quem salvou o Egito e todas as nações vizinhas durante a fome de sete anos, mas ele não deixou esse fato lhe subir à cabeça. Cumpriu seus deveres com dedicação, sem se esquecer de seu lugar. Será que alguns dos indivíduos que desejam se livrar de pelo menos uma parte da corrupção no governo do qual fazem parte não estão jogando fora o bebê junto com a água do banho? É possível que, em sua crítica ao sistema, também estejam humilhando seus superiores. Mesmo ao expressarem seus princípios, os cristãos que fazem parte do governo devem procurar viver em submissão às autoridades. Se o fizerem, talvez, aos poucos, seus princípios comecem a ser aceitos por seus colegas e superiores que reagiriam com grande hostilidade a críticas diretas. A crítica branda interessada em preservar a dignidade pode persuadir os indivíduos errados a mudar. Mas, quando a crítica humilha a parte criticada, o crítico enfrentará animosidade, podendo até perder seu cargo e, com isso, a possibilidade de fazer algo de valor. A fim de termos alguma esperança de mudar o sistema, precisamos encontrar maneiras de permanecer dentro dele.

Faraó expressa sua atitude positiva em relação a José dando instruções para Jacó e os de sua casa serem trazidos para o Egito (45:17), oferecendo *o melhor da terra do Egito*

como lugar para se assentarem (45:18,20) e transporte para as crianças e mulheres para as quais a jornada seria difícil (45:19).

Por causa de José, Faraó estendeu seu favor a Jacó, a seus outros filhos e a todos de sua casa. O caráter de uma pessoa pode fazer diferença para muitas outras e até abençoar uma nação inteira. Nesse caso, toda a família foi abençoada materialmente por intermédio dessa ordem de Faraó. Não podemos imaginar as bênçãos ainda maiores que Deus poderia ordenar! Deus pode estar à procura de pessoas como José no governo de um país para, por meio delas, derramar suas bênçãos sobre essa nação. Não obstante as circunstâncias, não devemos jamais deixar de proceder corretamente, mesmo quando temos a impressão de que somos os únicos a agir com integridade.

Depois de receber o apoio total de Faraó, José forneceu a seus irmãos o transporte e as provisões necessárias (45:21). Para Benjamim, deu *trezentas moedas de prata e cinco vestes festivas* (45:22). Também enviou presentes e provisões para Jacó: *dez jumentos carregados do melhor do Egito, e dez jumentos carregados de cereais e pão, e provisões para o seu pai, para o caminho* (45:23). Sabendo que no caminho de volta para casa seus irmãos fariam sobre os acontecimentos daqueles dias e jogariam a culpa uns nos outros, José lhes disse, *não contendais pelo caminho* (45:24).

Quando os irmãos de José deram as notícias a Jacó, seu coração *lhe ficou como sem palpitar, porque não lhes deu crédito* (45:26). Porém, ao ver os carros que José enviara para levá-lo, *reviveu-se-lhe o espírito* (45:27). Sua fixação com a morte de José (37:33; 42:36,38) foi substituída pela convicção de que *ainda vive meu filho José; irei e o verei antes que eu morra* (45:28).

#### 46:1—47:12 Jacó se muda para o Egito

##### 46:1-4 O encontro de Jacó com Deus

Jacó provavelmente estava ansioso para chegar ao Egito e ver, o mais rápido possível, seu filho há muito perdido. Porém, não permitiu que a urgência dessa viagem o fizesse perder de vista Aquele que o havia protegido e cuidado de seu filho. Assim, quando *veio a Berseba*, Jacó *ofereceu sacrifícios ao Deus de Isaque, seu pai* (46:1). Deus recompensou Jacó com uma visão durante a noite, depois de ouvir seu nome ser chamado duas vezes, provavelmente para avisá-lo de que estava prestes a ser informado sobre algo importante (46:2). O interlocutor identifica-se como *o Deus de teu pai* (46:3a). Essas palavras também lembrariam Jacó de como Deus havia mostrado a ele e a seus antepassados que estava no controle de todas as circunstâncias.

No entanto, assim como esse mesmo Deus havia proibido Isaque de descer ao Egito (26:2-3), Jacó deve ter ficado apreensivo quanto à sua jornada para lá, pois a aliança de Deus com Abraão e Isaque havia lhes prometido a terra de Canaã. Assim, Deus o tranquilizou: *não temas descer para o*

*Egito* (46:3b). Essa jornada também fazia parte do plano de Deus. No Egito, ele cumpria sua promessa de fazer dos descendentes de Abraão *uma grande nação* (46:3c). Ele os tiraria de lá e os faria voltar (46:4a). Canaã continuaria sendo a terra prometida (15:13).

A promessa final de Deus — *a mão de José fechará os teus olhos* (46:4b) — era uma garantia de que Jacó veria José. Não morreria na viagem nem deixaria de ver seu filho por ter parado para oferecer um sacrifício ao Senhor.

Não perderemos as coisas boas que o Senhor tem reservado para nós se separarmos tempo para adorá-lo. Os estudantes que reservam uma parte de sua agenda lotada para adorar a Deus não perderão as notas altas tão desejadas. Semelhantemente, os pastores que separam tempo para Deus jamais perderão a efetividade de seu ministério. O tempo dedicado a Deus não nos priva de nada, mas sim nos recompensa.

##### 46:5-27 As pessoas que acompanharam Jacó

Jacó foi para o Egito acompanhado de seus filhos e filhas, netos e netas (46:7), 66 pessoas que, contando com os dois filhos de José nascidos no Egito e o próprio José e Jacó, totalizaram setenta pessoas (46:27).

O enfoque desta passagem é sobre Jacó, o ancião (em suaíli, *mzee*), mas seus filhos são os homens fortes que levam os carros (46:5). Assim, por um lado, Jacó *levou-os consigo* (46:7), mas, por outro, foi levado (46:5). Esse fato nos faz lembrar a relação de interdependência entre os mais velhos e os mais jovens. Não é raro vermos competição e conflito entre gerações, mas não podemos esquecer que, sem o “ancião”, a jornada para o Egito (onde há alimento) não será tão tranquila, enquanto, sem os “jovens”, não chegaremos ao Egito. Precisamos uns dos outros a fim de todos podermos desfrutar dos benefícios.

Faraó havia dito aos irmãos de José que não seria necessário levarem seus pertences, pois tudo lhes seria providenciado (45:20). No entanto, é difícil se desfazer das coisas às quais nos tornamos apegados. Assim, os irmãos de José levaram consigo *o seu gado e os bens que haviam adquirido na terra de Canaã* (46:6). Apesar de não terem procedido mal, sua atitude nos faz pensar no modo como normalmente encaramos um assunto novo com pressuposições antigas, novos sistemas políticos com uma mentalidade antiga, o presente com nossas tradições, e assim por diante. Devemos cuidar para não permitir que nossa bagagem se transforme num obstáculo para novas bênçãos.

##### 46:28-30 O reencontro de Jacó e José

O reencontro de Jacó e José é repleto de emoção. Assim que José apareceu diante do pai, *lançou-se-lhe ao pescoço e chorou assim por longo tempo* (46:29). As palavras de Jacó expressam um carinho profundo: *já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives* (46:30).

A proximidade entre José e Jacó é admirável, mas esse tipo de relacionamento não deve se desenvolver à custa de

uma boa relação com outros filhos e filhas. Cada filho e cada filha têm seu próprio lugar, como se vê no papel de Judá no reencontro de Jacó com José (46:28). Seu trabalho de mensageiro foi importante para que a reunião corresse bem.

Em alguns lares africanos, vemos o pai demonstrar mais afeição ao filho que provê a maior parte de seu sustento ou lhe dedica mais tempo, e tratar os outros filhos como se não existissem. Essa atitude é errada, pois os outros filhos são igualmente importantes e fariam falta se estivessem ausentes.

#### 46:31—47:12 Faraó dá boas-vindas

Não há nenhuma indicação do tempo transcorrido entre as palavras de Faraó em 45:17-20 e a chegada de Jacó no Egito. No entanto, não deve ter sido pouco tempo, pois Faraó, que sem dúvida tinha muitas outras preocupações, precisou ser lembrado do caso quando a família de José chegou (46:31-32). José possuía ampla experiência no trato com os egípcios; de modo que orientou seus irmãos acerca do que deveriam dizer ao se encontrarem com Faraó. Deveriam enfatizar sua ocupação como pastores, pois, desse modo, poderiam se assentar *na terra de Gósen*, onde ficariam separados dos egípcios, *porque todo pastor de rebanho é abominação para os egípcios* (46:33-34).

Então, José escolheu com todo cuidado apenas cinco de seus irmãos para serem apresentados a Faraó (47:1-2). Quando Faraó fez a pergunta previsível (47:3; 46:33-34), os irmãos responderam conforme José os havia instruído: *viemos para habitar nesta terra; porque não há pasto para o rebanho de teus servos, pois a fome é severa na terra de Canaã; agora, pois, te rogamos que permitas habitem os teus servos na terra de Gósen* (47:4). Não há nada de errado em ser específicos acerca daquilo que desejamos — algo que muitos de nós africanos temos vergonha de fazer, preferindo deixar nosso desejo implícito em nossas palavras. Ser claro e direto não é uma ofensa, mesmo quando o pedido não é atendido. O mesmo princípio vale para a oração. Deus não se ofende quando lhe dizemos exatamente o que desejamos. Caberá a ele decidir se atenderá a nosso pedido ou não, e sua resposta deve sempre ser aceita com gratidão.

José já havia encontrado favor perante Faraó e, conseqüentemente, Faraó se preocupou em suprir as necessidades dos entes queridos de seu governador, permitindo, de bom grado, que se assentassem na terra de Gósen (47:5-6a; cf. 45:18). Além de lhes fornecer as terras, também lhes deu trabalho, dizendo a José, *se sabes haver entre eles homens capazes, põe-nos por chefes do gado que me pertence* (47:6b). Que recepção calorosa de Faraó, e tudo porque José havia vivido com integridade! Faraó também desejava usar os irmãos de José em suas áreas de maior competência. Na África, muitas pessoas que precisaram deixar suas próprias terras também estão vivendo em nosso meio. Será que temos dado a esses indivíduos oportunidades de emprego, a fim de poderem abençoar nossos países com sua

competência? Quase todos os países da África estão lutando com o desemprego de seus próprios cidadãos, mas isso não deve nos impedir de explorar as habilidades específicas que os expatriados em nosso meio têm a oferecer.

A entrevista com os irmãos de José havia sido mais formal e se concentrado nos negócios, mas a apresentação do ancião Jacó a Faraó foi mais parecida com uma visita de cortesia. Quando José o apresentou diante de Faraó, *Jacó abençoou a Faraó* ao chegar e ao sair (47:7,10). Faraó não questionou seu direito de abençoá-lo, mas lhe perguntou educadamente sua idade (47:8). Jacó respondeu que estava com 130 anos (47:9). Se nos lembrarmos dos anos de trabalho árduo para Labão e dos anos de tristeza pensando que seu José havia sido devorado por um animal selvagem, entenderemos por que ele considerou sua vida difícil. Seu avô, Abraão, havia vivido 175 anos (25:7) e Isaque, 180 anos (35:28). Jacó ainda estava longe de chegar a essa idade. No entanto, viveria mais dezessete anos, antes de falecer com 147 anos de idade (47:28).

Assim, José assentou o pai e os irmãos e respectivas famílias no Egito, conforme o propósito com o qual o Senhor o havia enviado para lá. Deu-lhes posse *no melhor da terra, na terra de Ramesés*, uma parte de Gósen (47:11), e lhes proveu alimento (47:12).

#### 47:13-26 A estratégia de José para o futuro

Quando Jacó e seus familiares se mudaram para o Egito, ainda restavam cerca de cinco anos de fome (45:6). Nesse período José se ocupou de garantir o sustento não apenas do pai e dos irmãos, mas de todo o Egito e regiões vizinhas. Convém observar que José cuidou dos assuntos de sua família sem negligenciar os deveres de seu cargo. Na África, não são raros os casos de desvio de verbas públicas, negligência aos deveres e desleixo para com as obrigações. Os cristãos devem ser pioneiros no processo de mudança e mostrar-se bons planejadores, capazes de cuidar de suas responsabilidades pessoais e públicas e atender às necessidades presentes e futuras de sua família e da sociedade. Além de elaborar uma estratégia para esse período de fome e preparar a distribuição de alimentos, José também tinha um plano para o futuro. Quando o povo se viu sem dinheiro para pagar pelo alimento, ele pediu pra lhe trazerem gado como pagamento pelos cereais (47:13-17). No ano seguinte, como não tinham mais dinheiro nem gado, José comprou suas terras, pagando por elas com alimento (47:18-20). Ao comprar toda a terra (exceto a dos sacerdotes, que não precisaram vendê-las pois Faraó lhes dava alimento — 47:22,26b), José pôde dar orientações sobre como deveriam ser usadas no futuro. Seu objetivo não era escravizar o povo, mas sim certificar-se de que a terra do Egito seria bem administrada.

Quando, por fim, vieram as chuvas, José deu ao povo sementes para plantar, mas também determinou o recolhimento de um quinto de todas as colheitas para Faraó

## A AUTORIDADE E A BÍBLIA

De acordo com a definição de Barclay, *By What Authority*, 1974, autoridade é "o direito de escolher e determinar o próprio curso de ação sem consultar nenhuma outra pessoa, e [...] o direito de dizer às pessoas o que fazer ou não fazer, em que crer ou não crer, sob a responsabilidade pessoal daquele que exerce autoridade". Jesus refere-se a isso quando declara: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28:18). Não há coisa alguma que esteja fora de sua autoridade, com a qual nos diz como viver e nos dá suas instruções na Bíblia, o manual do proprietário que nos mostra como proceder corretamente. A Bíblia é o livro pelo qual Deus julgará, por fim, todos os pensamentos, atos e instituições humanas.

Deus nos delegou parte de sua autoridade, que precisamos aprender a exercer de forma apropriada. Em primeiro lugar, embora a Bíblia ressalte repetidamente a importância do autogoverno, também deixa claro que os indivíduos não são responsáveis apenas por si mesmos. Se fosse o caso, teríamos o tipo de anarquia tão difundida no tempo dos juizes, quando "cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21:25).

Os indivíduos vivem dentro do contexto de outras instituições providas por Deus, a saber, a família, a igreja e o Estado. Todas essas instituições estão subordinadas a Deus. Nenhuma instituição ou grupo pode se declarar o árbitro supremo do poder e da verdade ou afirmar ter o direito de eliminar toda diversidade. Desse modo, Deus mantém um equilíbrio entre a liberdade individual e o poder dos grupos.

O governo, um termo que usamos aqui para nos referir a direção, regulamentação, controle e restrição, começa com o *autogoverno*. É impossível reformar qualquer modo de governo enquanto não deixamos de nos rebelar contra Deus e nos tornamos seus súditos fiéis. Não temos como amar a Deus e nosso próximo, nem obedecer a Deus verdadeiramente enquanto ele não dá a cada um de nós um coração receptivo a seu ensino (Ez 36:26-27).

O próximo nível de autoridade é o *governo familiar*. Se você não for capaz de governar a si mesmo, não poderá governar o lar, conforme vemos pelas consequências dos pecados pessoais de Davi sobre toda a sua família. Assim, Paulo especifica acerca do presbítero: "que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito" (1Tm 3:4). Como autoridades no lar, os pais são responsáveis por educar seus filhos (Dt 4:1,9-10,40; 6:1-8,20-25; Sl 78; Ef 6:4); controlá-los e discipliná-los (Pv 19:18; Êx 20:12; Hb 12:3-11; Sl 89:30-32; Pv 10:13; 13:1,24; 15:5,10,32; 22:6,15); e cuidar do bem-estar geral da família (1Tm 5:8).

O símbolo da autoridade familiar é a vara (Pv 13:24). Os pais têm autoridade para disciplinar o filho com uma vara de correção (mas não com uma vara de abuso!).

O nível seguinte de autoridade é o *governo eclesástico*. A família e a igreja são ambientes de treinamento

para governar ou julgar o mundo (1Co 6:2; 1Tm 3:5). Nós, cristãos, não seremos bons governantes no âmbito civil se não governarmos de forma apropriada na igreja. Diante disso, Paulo repreende a igreja de Corinto pela imoralidade que estava afetando o autogoverno, bem como o governo familiar (1Co 5) e por sua incapacidade de julgar os pequenos litígios dentro da igreja (1Co 6:2).

A igreja tem autoridade para disciplinar irmãos ou irmãos em Cristo que estão vivendo em pecado. Para isso, usa as "chaves", de modo a impedir o acesso dos membros impenitentes à mesa do Senhor e, por fim, declarar a excomunhão caso não haja arrependimento (Mt 16:19; 18:15-20). No entanto, não pode usar a vara nem empunhar a espada como castigo.

O *governo civil* é a instituição que vem à mente da maioria das pessoas quando se fala das "autoridades". O símbolo da autoridade do Estado é a espada (Rm 13:4). O Estado tem autoridade para empunhar a espada como castigo por transgressões civis e criminais, mas não pode usar sua autoridade para influenciar o governo interno das famílias ou da igreja. Essas instituições estão fora de sua jurisdição. Quando a igreja disciplina um membro de uma congregação local devido a uma questão eclesástica, o membro disciplinado não tem o direito legítimo de buscar a autoridade do estado para que esta prevaleça sobre uma decisão que tal membro talvez considere injusta. E se o Estado usurpa a autoridade pertencente a Deus e publica decretos contrários à lei de Deus (exigindo, p. ex., certo tipo de adoração — Ap 13), a igreja tem todo o direito de desobedecer (At 4:18-20).

Assim, a Bíblia define uma cadeia de autoridade, na qual todos são responsáveis por alguma outra pessoa e, em última análise, devem prestar contas a Deus. Como essa multiplicação de autoridades indica, toda autoridade terrena é delegada e limitada de modo a combater a tendência pecaminosa de exercer a tirania. A tirania e a corrupção surgem quando as estruturas de autoridade, desde o governo individual até o civil no nível local, regional e nacional se desintegram. Porém, o Estado não é a resposta para o pecado, exceto no que se refere à imposição de penas temporais por atos criminosos. Na realidade, como a história recente comprova, o estado contribui para os males da sociedade quando afirma ter jurisdição sobre áreas fora de seu âmbito de autoridade.

Os indivíduos devem assumir suas responsabilidades diante de Deus e transformar suas famílias em todos os sentidos. Então, trabalhando com outros indivíduos que tenham o mesmo pensamento, devem transformar escolas, igrejas, locais de trabalho, comunidades locais e governos civis. A cada passo, porém, é necessário lembrar que a regeneração — a base de toda autoridade piedosa — começa com a operação de Deus no indivíduo e se estende a todas as facetas da vida.

Patrick M. Musibi

(47:23-24), uma ordem que se tornou uma lei no Egito (47:26a). Embora o motivo não fosse especificado, a ideia era armazenar uma parte da colheita de cada ano para manter uma boa reserva de alimento. Os outros quatro quintos pertenciam ao povo.

Vemos aqui um administrador preocupado em defender os interesses do povo e ciente da necessidade de estar preparado para o futuro — o tipo de líder do qual muitas nações africanas precisam encarecidamente. As gerações presentes não devem ser exploradas pela cobrança de impostos. Ademais, parte da renda do governo deve ser separada para uso das gerações futuras. Alguns países da África se encontram profundamente endividados e não hesitam em aumentar essas dívidas para garantir o conforto presente, sem considerar as implicações disso para as gerações futuras. Devemos tomar providências para que nossos filhos herdem recursos, e não dívidas.

#### 47:27—49:28 Os últimos anos de Jacó

##### 47:27-28 A situação de Jacó

Os descendentes de Jacó são chamados pela primeira vez de *Israel* (47:27). Seu rápido crescimento numérico nos lembra que Jacó chegou no Egito com setenta descendentes diretos (46:36-27) e prenuncia Êxodo 1:7, onde lemos: “os filhos de Israel foram fecundos, e aumentaram muitos, e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram, de modo que a terra se encheu deles”.

Os últimos anos de Jacó foram dedicados aos preparativos para sua morte (47:29-31) e à transmissão de suas bênçãos. Jacó havia abençoado Faraó ao ser apresentado a ele (47:7,10), e posteriormente, abençoou seus filhos e os filhos de José. Que maravilha um homem ou uma mulher de idade morrer abençoando, e não labutando! A negligência com os pais na velhice obriga-os a preocupar-se com suas necessidades básicas, e não com as bênçãos a serem transmitidas. Os filhos negligentes privam-se dos votos de felicidade que poderiam receber dos anciãos.

##### 47:29-31 Jacó planeja seu sepultamento

Todos os seres humanos temem a morte e ninguém pode escapar dela. A velhice sempre termina em morte. No entanto, algumas pessoas têm medo de falar sobre esse assunto como se, ao ignorá-lo, pudessem evitar a morte. Não expressam seus desejos e, com isso, provocam conflitos entre os sobreviventes, levando-os a discutir sobre qual teria sido a vontade do falecido. Jacó não fez isso. *Aproximando-se, pois, o tempo da morte de Israel*, chamou seu filho José para informá-lo de sua vontade (47:29a). Apesar de se tratar de um pedido razoável, pois José provavelmente era o filho que poderia cumprir o desejo do pai, teria sido melhor se Jacó houvesse reunido todos os seus filhos. O ideal é que todos os envolvidos sejam informados dos desejos da pessoa que está à morte.

Para Jacó, tratava-se de uma questão extremamente séria, como fica claro em seu pedido: que José colocasse a mão debaixo de sua coxa e promettesse atender a seu desejo (47:29b). Uma promessa feita dessa forma correspondia a um juramento (47:31a; cf. 24:2b,3).

Jacó também foi específico. Não desejava ser sepultado no Egito, mas sim junto a seus antepassados (47:30a), conforme descreve em maiores detalhes posteriormente (49:29-32). Quando a pessoa expressa sua vontade claramente, não deixa espaço para interpretações diferentes que poderiam causar divisão na família. Jacó também apresenta seu desejo na forma de um pedido, e não de uma exigência, introduzindo-a com as palavras: *se agora achei mercê à tua presença [...] uses comigo de beneficência e de verdade* (47:29). Mesmo para os pais que merecem ter sua vontade cumprida, é mais sábio pedir em vez de exigir. Afinal, um pai morto não pode obrigar o filho a obedecer! Jacó fez seu pedido, e José respondeu: *farei segundo a tua palavra* (47:30b). A filha ou o filho dispostos a assumir o compromisso de cumprir a vontade de uma mãe ou de um pai idoso certamente manterá sua palavra quando a pessoa falecer.

Então, Jacó *se inclinou sobre a cabeceira da cama* em sinal de adoração ao Senhor (47:31b). O texto não diz exatamente o que levou Jacó a adorar, mas não lhe faltavam motivos para agradecer a Deus. Entre outras coisas, estava com 147 anos; a seu lado, estava o filho José, tido como morto durante muitos anos; e, por fim, seria sepultado em Canaã, a terra prometida. Como é lindo ver alguém morrer com uma atitude de adoração. Uma vida longa e tudo o que a acompanha são dádivas do Senhor.

##### 48:1-22 Jacó abençoa Manassés e Efraim

*Passadas estas coisas* — não sabemos quanto tempo depois — José recebeu a notícia de que seu pai estava enfermo e foi vê-lo, levando consigo *seus dois filhos, Manassés e Efraim* (48:1). Quando foi avisado da chegada de José, *esforçou-se Israel e se assentou no leito* (48:2). Era uma ocasião importante, para a qual ele não podia permanecer deitado.

Como Jacó deixou claro, os dois filhos de José, *Efraim e Manassés*, teriam os mesmos direitos e porções que seus próprios filhos (48:5b). Teriam tudo o que lhes eram de direito das promessas feitas pelo Senhor a Jacó em *Luz* (Betel) (48:3; 28:19; 35:6, 11-15). Essas promessas incluíam *multidão de povos* e a terra de Canaã *em posse perpétua* a seus descendentes (48:4). Por esse motivo, Efraim e Manassés receberam uma parte da terra prometida junto com Rúben, Simeão e seus outros tios (Js 16—17). Talvez esse também seja um dos motivos pelos quais o narrador os inclui entre os setenta que faziam parte da casa de Jacó quando ele foi viver no Egito (46:27).

É possível que Efraim e Manassés não tenham sido incorporados à casa de Jacó como tribos separadas, mas como uma única tribo (a tribo de Efraim e Manassés). Nesse caso, receberam uma única bênção, a de José (49:22).



No entanto, posteriormente, eles se dividiram em duas tribos, talvez porque tenha sido difícil o primogênito, Manassés, se sujeitar ao seu irmão mais novo, Efraim. Os outros filhos de José nascidos depois de Efraim e Manassés não receberiam tratamento especial e *segundo o nome de um de seus irmãos serão chamados na sua herança (48:6)*.

A menção de seus filhos levou Jacó a se lembrar de Raquel, sua esposa mais querida, a mãe de José que morreu vindo, pois, eu de Padã [...] *havendo ainda pequena distância para chegar em Efrata, outro nome para Belém (48:7)*. Podemos quase sentir a dor de Jacó quando ele acrescenta: *sepultei-a ali no caminho de Efrata*.

Voltando-se para José, Jacó pergunta *quem são estes? (48:8)*, indicando não reconhecer Efraim e Manassés, possivelmente porque sua visão ou sua memória estavam falhando, ou porque não os havia visto com frequência em sua velhice. Quando José os identifica, *meus filhos, que Deus me deu aqui (48:9,5a)*, Jacó pede: *faze-os chegar a mim, para que eu os abençoe*.

A cerimônia de bênção começa com o ancião beijando-os e abraçando-os (48:10b). Ao fazê-lo, Jacó se regozija na obra do Senhor, dizendo a José: *eu não cuidara ver o teu rosto; e eis que Deus me fez ver os de teus filhos também (48:11)*. É claro que a palavra “ver” não tem aqui seu significado literal, pois, *os olhos de Israel já se tinham escurecido por causa da velhice (48:10a)*. Durante muitos anos, Jacó pensou que José estivesse morto, mas agora se encontra reunido com ele e seus filhos, num momento de grande alegria.

José tira Efraim e Manassés dentre os joelhos de Israel e se se inclina humildemente com o rosto em terra (48:12). Em seguida, toma Efraim, seu filho mais novo, na mão direita, para que Jacó possa repousar a mão esquerda sobre ele e Manassés, seu filho mais velho, na mão esquerda, para que Jacó possa repousar a mão direita sobre ele (48:13). Então, algo inesperado acontece: Israel estende sua mão direita e a coloca sobre a cabeça de Efraim, apesar de ele ser o mais novo e, cruzando os braços estendidos, coloca a mão esquerda sobre a cabeça de Manassés (48:14). A mão direita devia ser colocada sobre a cabeça do mais velho, e a esquerda sobre a cabeça do mais novo, pois o mais velho era considerado líder do mais novo.

José não fica satisfeito com isso e, pensando que o pai havia se confundido, toma sua mão direita de sobre a cabeça de Efraim e coloca-a sobre a de Manassés (48:17-18). Mas Jacó sabe muito bem o que está fazendo. Ele antevê que Efraim será maior que seu irmão mais velho (48:19). Por isso menciona Efraim primeiro em 48:20.

Em se tratando dos planos de Deus, esse não foi um acontecimento incomum. Isaque havia recebido precedência sobre seu irmão mais velho, Ismael. O próprio José receberia a porção devida a Rúben (48:22; 1Cr 5:1-3). Os planos de Deus não são limitados à ordem de nascimento, mas à escolha dele, e ele abençoa cada um individualmente.

As palavras feitas por Israel são uma bênção sobre José e seus filhos. A bênção assume a forma de oração, entre-

gando-os aos cuidados do Senhor que está no controle da história. Este Senhor foi o Deus do pai e do avô de Jacó, de modo que ele pode se referir a ele como *o Deus que me sustentou durante a minha vida, até este dia, o Anjo que me tem livrado de todo mal (48:15-16)*. A esse Deus ele suplica: *abençoe estes rapazes*. Então, pede duas bênçãos específicas sobre eles: continuidade em relação ao passado (*seja neles chamado o meu nome e o nome de meus pais Abraão e Isaque*) e ao futuro (*cresçam em multidão no meio da terra*).

A segunda bênção, *por vós Israel abençoará, dizendo: Deus te faça como a Efraim e como a Manassés (48:20)*, não fica clara em 48:15-16. É mais apropriado entendê-la como uma mudança de foco dos filhos de José para o próprio José, quando Jacó diz *por vós* (José), e também uma mudança de foco de si mesmo (Jacó) para Israel (como nação). Ao pronunciarem a bênção, os israelitas mencionarão o nome de José e seus filhos, Efraim e Manassés como medida de bem-aventurança.

Sabendo que José era o líder de seus irmãos, Israel lhe deu garantia da presença de Deus: *Deus será convosco e vos fará voltar à terra de seus pais (48:21-22)*. Também deu a José um pedaço de terra separado especialmente para ele: *um declive montanhoso, o qual tomei da mão dos amorreus com minha espada e com o meu arco*.

#### 49:1-28 Jacó abençoa seus filhos

A bênção sobre José e seus filhos foi concedida porque José foi visitar Jacó (48:1). Agora, porém, Israel chama especificamente os doze filhos para junto dele: *ajuntai-vos, e eu vos farei saber o que vos há de acontecer nos dias vindouros (49:1)*. Talvez suas palavras sejam apenas um desejo ou uma oração para cada filho, mas, pela providência de Deus, na verdade ele profetiza, revelando, e não determinando, o que acontecerá a seus descendentes. Israel dirigiu-se a cada um deles, desde Rúben até Benjamim. *A cada um deles abençoou segundo a bênção que lhe cabia (49:28)*.

Um dos detalhes mais curiosos, especialmente para alguns estudiosos ocidentais, é a precisão com que Jacó fala do futuro de seus filhos (pelo menos daqueles sobre os quais se tem um relato mais completo). Alguns estudiosos chegaram a dizer que essas declarações foram inseridas aqui depois da sucessão dos acontecimentos descritos. No entanto, a maioria dos africanos, até mesmo aqueles que não acreditam que Jacó falou com um conhecimento profético recebido de Deus, não consideram esses versículos problemáticos. Em geral, os africanos acreditam que a bênção ou maldição proferida por um pai sem malícia se cumprirá. Segundo a providência divina, Jacó falou de forma profética.

- *Rúben* era o filho mais velho de Jacó que, no passado, mostrou-se excelente em honra e poder (49:3). No entanto, perdeu seu direito de primogenitura e recebeu o que parece mais uma maldição por haver profanado o leito de seu pai (49:4). Esse episódio, mencionado apenas de passagem em 35:22, mudou completamente

o futuro de Rúben. Por mais antigos que sejam nossos pecados, quando não são tratados por meio da confissão e do perdão, eles sempre nos encontram. Tanto quanto se sabe, nenhum líder nacional saiu dentre seus descendentes. Por certo, ele deixou de ser excelente em honra e poder.

- *Simeão e Levi* foram julgados por sua violência e furor (49:5-6), demonstrados em episódios como o de 34:25-31. Jacó amaldiçoou essas atitudes perversas, mas não os homens (49:7a). Desejava vê-los arrependidos da violência e cultivando virtudes que seriam bênção

para outros. Como consequência dos atos violentos desses homens, seus descendentes seriam dispersados (49:7b). Mas esse julgamento foi executado de maneiras distintas em cada tribo. Enquanto os descendentes de Simeão foram dispersados no meio da tribo de Judá (Js 19:1), os descendentes de Levi foram espalhados com o dever honrado de servir como sacerdotes sobre todo Israel (Js 21:1-3; Nm 18:20,23). Os levitas encontraram favor diante do Senhor porque demonstraram, posteriormente, ter coragem para confrontar o pecado (Êx 32:26,29).

## JUDEUS E GENTIOS

Antes de Abraão, todos os povos se encontravam agrupados sem distinção. Porém, quando Deus fez uma aliança com Abraão e seus descendentes, eles passaram a ser conhecidos como o povo escolhido de Deus e todos os outros povos passaram a ser chamados de gentios.

A princípio, os descendentes de Abraão eram chamados de israelitas, “filhos de Israel” (Êx 1:9) ou hebreus (Êx 1:15). Depois da divisão do reino, o termo “judeu” passou a ser usado para os habitantes de Judá, o reino do sul. Uma vez que a maioria dos indivíduos que voltaram do exílio era desse reino, o significado de “judeu” foi expandido de modo a abranger todos os descendentes de Abraão (Ez 4:12; Jo 18:33). No NT, o significado do termo voltou a mudar, pois a hostilidade dos líderes judeus em relação ao ministério de Jesus levou alguns escritores do NT a se referirem aos judeus que recusaram crer em Jesus como “os judeus” (Jo 20:19).

Um gentio é simplesmente alguém que não é judeu. Não há nenhuma indicação de que a escolha dos descendentes de Abraão por Deus visasse criar hostilidade entre judeus e gentios. O Senhor deu ordem aos israelitas para demonstrarem amor e consideração pelos gentios que viviam em seu meio, pois os israelitas também haviam sido estrangeiros no Egito (Dt 10:19). Homens israelitas como José, Moisés e Boaz casaram-se com mulheres gentias. Os que-neus eram tratados como iguais (Jz 1:16); Urias, o heteu, era um soldado de confiança (2Sm 11); Itai, o geteu, era capitão da guarda de Davi (2Sm 18:2); Araúna, o jebuseu, era um habitante respeitado de Jerusalém (2Sm 24:16-24).

No entanto, depois que os judeus voltaram do cativeiro na Babilônia, desenvolveram uma atitude exclusivista e proibiram os casamentos mistos (Ez 9:12). Esse exclusivismo foi intensificado pela forte perseguição sofrida pelos judeus nas mãos de Antíoco IV (170 a.C.), que tentou obrigá-los a adotar costumes gregos. A separação entre judeus e gentios tornou-se cada vez mais rigorosa. No tempo do NT, os gentios eram considerados cerimonialmente impuros e inimigos de Deus. As interações amigáveis com os gentios eram tidas como ilícitas. Nem mesmo os prosélitos eram acolhidos inteiramente na comunhão judaica.

A vinda de Cristo deu início a uma nova era não só no relacionamento entre judeus e gentios, mas principalmente quanto ao lugar dos gentios no plano de Deus. Os cristãos gentios não eram mais estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos do povo de Deus (Gl 3:28-29; Ef 2:19).

A igreja primitiva teve dificuldade de se adaptar a essa mudança na situação dos gentios. Os judeus cristãos ofenderam-se quando Pedro rompeu com a tradição ao comer com Cornélio (At 10:9-48). Alguns insistiam que os cristãos gentios só poderiam ser salvos mediante a circuncisão. Depois dessas questões terem sido discutidas no Concílio de Jerusalém, os cristãos gentios receberam a garantia de que não precisariam seguir toda a lei judaica, mas apenas observar algumas prescrições alimentares e morais (At 15).

A aceitação dos gentios na comunidade da igreja recém-formada permitiu a propagação rápida do evangelho para o norte da África e Etiópia, Europa e Ásia. O restante da África ao sul do Saara só recebeu o evangelho vários séculos depois, com a vinda de missionários europeus.

Houve um tempo em que a descrição dos gentios feita por Paulo aplicava-se aos africanos. Éramos separados da comunidade de Cristo, estranhos à aliança, sem esperança e sem Deus (Ef 2:12). Agora, porém, a propagação extraordinária do evangelho em nosso continente está tornando a África o centro de crescimento do evangelho no mundo gentio.

A rejeição do Messias pelos judeus os levou a sofrer a opressão dos gentios por um tempo determinado (Lc 21:24). Desde o ano 70 d.C. até a reconstrução de Israel como Estado em 1948, Jerusalém ficou nas mãos de gentios. A oportunidade oferecida aos gentios no presente se encerrará com a restauração futura de Israel (Jr 31:31-34; Rm 11:25-27).

Os gentios não têm parte na aliança terrena de Israel — da qual nem mesmo os próprios judeus estão usufruindo — mas, por meio da graça de Jesus Cristo, têm parte na cidadania celestial. A igreja não substituiu os judeus no plano de Deus, mas os gentios foram enxertados na promessa que, outrora, estava disponível somente aos judeus por intermédio da aliança com Abraão (Rm 11:17-24).

David Oginde

- Diz-se de Judá que *os filhos de teu pai se inclinarão a ti* (49:8). Essa declaração pode sugerir que Judá recebeu o direito de primogenitura perdido por Rúben, o mais velho, por sua imoralidade e pelos dois irmãos seguintes, Simeão e Levi, devido à sua violência. Judá não recebeu essa honra por ser particularmente virtuoso, como seu casamento com uma mulher cananeia e a forma como tratou Tamar deixam claro. Antes, foi escolhido exclusivamente pela graça de Deus. No entanto, Jacó também disse a José *dou-te de mais que a teus irmãos*, uma expressão que também pode ser traduzida como “tu estás acima de teus irmãos” (48:22), indicando a transferência do direito de primogenitura para José, uma ideia corroborada por 1Crônicas 5:1-3. Talvez a declaração acerca de José o tenha reconhecido como líder na época por seu cargo no Egito, enquanto a palavra acerca de Judá tenha revelado sua condição permanente, pois sua linhagem seria aquela na qual, em sua graça, Deus operaria. Séculos depois, Davi seria o primeiro rei a vir dessa linhagem e, dali em diante, os descendentes de Judá continuariam a ter proeminência até o nascimento do Messias, o Rei dos reis (49:9-10; Mt 1:3).
- Posteriormente, *Zebulom* receberia a terra que, apesar de não ficar junto ao mar, correspondia aproximadamente à localização dada por Jacó (49:13; Js 19:10-16).
- *Issacar* herdou uma terra boa sem precisar lutar por ela (Js 19:17-23). Não sabemos o suficiente a seu respeito para avaliar se a força acompanhada de preguiça tornou-se uma característica permanente dessa tribo (49:14-15).
- *Dã* recebeu a terra próxima à fronteira norte de Israel. Essa tribo era conhecida por guardar a fronteira, impedindo a entrada de inimigos na terra de Israel. Nesse sentido, pode-se dizer que julgou seu povo (49:16). Sua semelhança a uma víbora (49:17) pode estar relacionado à sua agilidade na batalha ou, possivelmente, à introdução, por eles, da idolatria em Israel (Js 18:30-31). Um dos bezerras de ouro de Jeroboão ficava no território de Dã (1Rs 12:28-30).
- *Gade*, que se assentou a leste do Jordão, ficou exposto a muitos ataques (49:19). Os homens de Gade eram guerreiros de renome (1Cr 5:18; 12:8-15).
- *Aser* assentou-se ao norte do monte Carmelo, numa região boa para a agricultura (49:20; Js 19: 24-31).
- *Naftali* é a tribo descrita em 49:21 como “uma gazela solta” que “profere palavras formosas”. Não sabemos muita coisa acerca dessa tribo, mas, se Baraque fazia parte dela, certamente contribuiu com “palavras formosas” para o cântico de Débora e Baraque (Jz 5).
- *José* recebeu bênçãos comparáveis às de Judá, pois ele conheceu, verdadeiramente, *o Pastor* e a *Pedra de Israel* (49:22-26). Vários líderes vieram de sua descendência.

Josué, Débora, Samuel e Jeroboão eram efraimitas, enquanto Gideão e Jefté eram da tribo de Manassés. Sua terra também era extremamente fértil e produtiva.

- De acordo com Israel, o futuro de *Benjamim* envolveria força e sucesso, mas também crueldade (49:27). Saul, um de seus descendentes, demonstrou exatamente essas características. Os homens cruéis de Gibeá também eram benjamitas (Js 19:16—20:48).

A declaração de bênçãos ou maldições sobre os descendentes de uma pessoa sempre deixa espaço para exceções. Ao escolher um estilo de vida diferente daquele que inspirou a bênção ou maldição, um descendente pode ser isentado de seus pronunciamentos. Assim, alguns descendentes de Judá ou José talvez nunca desfrutaram das bênçãos, enquanto alguns descendentes de Rúben foram abençoados. Em termos gerais, porém, os pronunciamentos de Jacó se cumpriram. É sempre seguro fazer aquilo que trará bênçãos e evitar aquilo que pode trazer maldições, pois Deus opera por meio desses atos de modo a determinar o rumo de nosso futuro.

#### 49:29—50:14 A morte de Jacó

Pouco antes de morrer, Jacó deu as instruções finais acerca de seu sepultamento. Devia ser sepultado junto de sua família, na terra que lhes pertencia, pois havia sido comprada por Abraão. Ele repete essa informação duas vezes para deixar claro aos filhos que eram os proprietários legais daquele pedaço de terra (49:29-30,32). Ali ele descansaria na companhia de cinco entes queridos: *Abraão e Sara, sua esposa [...] Isaque e Rebeca e Lia* (49:31; cf. 23:17-20; 25:9-10; 35:27-29).

Depois de dar essas instruções, *recolheu os pés na cama e expirou* (49:33). Tomado de tristeza, *José se lançou sobre o rosto de seu pai, e chorou sobre ele, e o beijou* (50:1). A morte vem sem aviso e, portanto, a separação final não pode ser simultânea ao falecimento. Só pode se dar depois que a morte ocorre. Assim, não há nada de errado com o gesto de José. Quando há amor profundo pela pessoa falecida, chorar sobre o corpo e beijá-lo é algo apropriado. Esse comportamento só se torna problemático quando é repetido ou prolongado excessivamente.

Como seria de esperar por sua condição financeira e influência social, José tomou a iniciativa de fazer os preparativos para o sepultamento e, com isso, atendeu ao desejo de Jacó, expresso em 47:29-31. O corpo de Jacó foi preservado por embalsamamento (50:2-3). Esse processo demorado foi acompanhado de setenta dias de luto no Egito. Posteriormente, foi observado mais um período de *sete dias* de luto quando o corpo de Jacó foi levado de volta a Canaã (50:10).

Jacó pediu a José para jurar que ele seria sepultado com seus pais e repetiu essa instrução a todos os seus filhos

(47:30; 49:29-32). Assim, José informou a Faraó de seu juramento e pediu permissão para ir a Canaã sepultar o pai (50:5). Recebeu essa permissão prontamente, como em geral é o caso quando se tem um bom relacionamento com seus superiores (50:6).

*Todos os oficiais de Faraó, os principais de sua casa e todos os principais da terra do Egito e tanto carros como cavaleiros compareceram à procissão do impressionante funeral de Jacó (50:7-9a). Todos os membros da casa de Jacó também estavam presentes, exceto as crianças (50:8). Em resumo, o cortejo foi grandíssimo (50:9b). Na verdade, foi tão extraordinário que, ao testemunharem os sete dias de luto observados em Canaã, alguns cananeus registraram o fato no nome dado ao lugar onde este ocorreu, chamando-o de Abel-Mizraim, “pranto dos egípcios” (50:11).*

Podemos medir a importância de um funeral pelo número ou tipo de pessoas presentes? Em princípio, talvez não haja nada de errado com isso, mas devemos cuidar para não cair em excessos. Na África, costuma-se gastar tanto dinheiro para realizar um funeral ostentoso que os vivos ficam sem dinheiro para comida. Isso não é necessário. As despesas com o funeral não devem desequilibrar o orçamento da família. Em vista do cargo que ocupava, José tinha condições de pagar por um funeral grandioso como esse, mas não devemos usá-lo como um modelo a ser seguido obrigatoriamente.

Depois de realizar a vontade de seu pai, *voltou José para o Egito, ele, seus irmãos, e todos os que com ele subiram a sepultar seu pai (50:12-14)*. Depois do sepultamento de um ente querido, a vida deve prosseguir.

### 50:15-26 A vida de José depois da morte de Jacó

#### 50:15-21 José tranquiliza seus irmãos

Apesar de José ter garantido aos irmãos que não guardava nenhum rancor (45:5,8,14-15), eles parecem não ter acreditado que alguém pudesse ter graça suficiente para perdoar o mal que haviam feito. A seu ver, talvez a presença de Jacó tivesse impedido José de se vingar (50:15). Sua atitude nos lembra a importância dos pais, mesmo quando dependem inteiramente dos filhos. Muitos lares se desintegram quando o pai e a mãe morrem pelo simples fato de que a presença deles mantinha a família unida.

A fim de se protegerem, os irmãos mandaram avisar José que Jacó havia lhe deixado uma mensagem pedindo para perdô-los e, a esta, acrescentaram sua própria súplica por perdão (50:16-17a). É pena terem levado pelo menos dezessete anos para pedir perdão formalmente a José (cf. 47:28); no entanto, é bom que, por fim, o tenham feito. Também é louvável terem usado termos explícitos como “transgressão”, “pecado” e “te fizeram mal”. Muitas pessoas pedem perdão sem, de fato, aceitar a profundidade de seus erros.

José, que já havia perdoado seus irmãos de coração, ficou profundamente emocionado e chorou (50:17b). Porém, seus irmãos continuavam temerosos e, na tentativa de demonstrar a sinceridade de seu pedido, *vieram [...] e prostraram-se diante dele e disseram: Eis-nos aqui por teus servos (50:18)*. Então, José os consolou e tranquilizou dizendo *não temais (50:19a,21a)*. Ele entendeu o motivo de seus irmãos estarem com medo, mas se esforçou para lhes dar paz interior. Em seguida, explicou que sua resposta era sincera, pois se baseava em suas convicções acerca de Deus: *acaso estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentaste o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem; para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida (50:19b-20)*. Por fim, garantiu continuar a sustentá-los e a seus filhos (50:21b).

Que o Senhor nos dê mais pessoas na África com um coração bondoso e gracioso como o de José. Não devemos alimentar nossas mágoas, mas sim abrir mão delas e viver em paz.

#### 50:22-26 A morte de José

A morte vem para todos. Aos 110 anos, havia chegado a vez de José (50:22,26a). Ele viveu para ver *os filhos de Efraim até à terceira geração*, e os filhos de *Maquir, filho de Manassés*, os quais ele tomou sobre seus joelhos (50:23). Em outras palavras, não estava velho demais para desfrutar de sua companhia.

Assim como seu pai havia se preparado para a morte expressando seus desejos a José, também José se preparou para sua própria morte. Sabia que seus irmãos e seus descendentes ficariam temerosos do que lhes sucederia na terra do Egito, onde viviam como estrangeiros, quando seu protetor falecesse. Assim, garantiu-lhes: *Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaque e a Jacó (50:24)*. Como lembrança desse fato, deveriam guardar os ossos de José e assumir o compromisso de levá-los consigo quando finalmente deixassem o Egito e voltassem para casa (50:25). José considerou seu tempo no Egito apenas um período designado para realizar uma missão e, portanto, não adotou o Egito como seu lar.

Quando José faleceu, *embalsamaram-no e o puseram num caixão no Egito (50:26b)*. Muitos anos depois, “levou Moisés consigo os ossos de José, pois havia este feito os filhos de Israel jurarem solenemente” (Êx 13:19).

José faleceu como um grande homem por dois motivos essenciais: sua confiança no Senhor e a presença dele. Deus havia cuidado dele e controlado o curso dos acontecimentos. A confiança de José havia lhe permitido permanecer fiel e paciente mesmo em meio a grandes tribulações. Ele havia preservado a comunidade por meio da qual Deus traria a salvação ao mundo.

Barnabe Assohoto e Samuel Ngewa

**Leituras adicionais**

MORRIS, Henry M. *The Genesis Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Beginnings*. Grand Rapids: Baker, 1976.

KIDNER, Derek. *Genesis: An Introduction and Commentary*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1981.

WALTKE, Bruce K. *Genesis: A Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 2001.

WENHAM, G. J. *Genesis*. WBC. 2 vols. Nashville: Nelson Reference, 1987, 1994.

# ÊXODO

O título do livro é proveniente de dois termos gregos que significam “fora” e “caminho”, o que expressa de forma bastante adequada seu conteúdo. Isso é verdade sobretudo com relação à primeira metade, que relata a saída dos filhos de Israel do Egito, onde haviam sido escravizados. O êxodo foi um período crítico para a história de Israel como nação.

## Autor e data

O conjunto de livros formado por Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio é chamado de Pentateuco (do grego *penta*, “cinco”, e *teuchos*, “volume”, ou seja, “um livro de cinco volumes”) ou livros de Moisés. Evidências internas e externas indicam que Moisés foi o autor de todos esses livros e, apesar de haver quem questione a autoria mosaica, não existem motivos concretos para rejeitar a atribuição tradicional. Se partirmos do pressuposto de que Moisés nasceu por volta de 1500 a.C. (cf. o comentário em 1:8, adiante) e viveu 120 anos (Dt 34:9), Êxodo foi escrito no final do século XV ou começo do século XIV a.C.

## Tema

O tema central do livro é a presença de Deus. Ele conduz seu povo na longa jornada rumo à terra prometida, revela-se através de uma série de acontecimentos e estabelece um relacionamento especial com seu povo. Deus opera de forma determinante libertando os israelitas da escravidão do Egito (1:1—18:27), transformando-os numa nação sob seu governo direto (19:1—24:18) e habitando no meio deles (25:1—40:38). Sua presença é evidente até mesmo nas prescrições detalhadas cujo propósito era regulamentar a relação multifacetada entre Deus e seu povo. Essas prescrições podem ser comparadas às estipulações de tratados entre reis e seus vassalos no antigo Oriente Próximo e na África.

Assim, o livro de Êxodo relata a experiência intensa do relacionamento singular entre Deus e seu povo, libertado da escravidão. Enfatiza especialmente o livramento concedido por Deus e a consagração do povo recém-formado ao Senhor. Contém diversas lições históricas e prefigurações proféticas daquilo que Deus ainda haveria de fazer.

Os acontecimentos em Êxodo devem ser considerados segundo o contexto do livro de Gênesis, em que Deus chama Abraão e faz com ele uma aliança (Gn 12; 15; 17). Como parte dessa aliança, Deus promete entregar a Abraão, no devido tempo, a terra de Canaã (Gn

17:8; 15:13-16). Êxodo mostra de que maneiras Deus começa a cumprir essa promessa.

## Esboço

### 1:1—4:31 Os preparativos para a libertação

1:1-22 A opressão dos israelitas

2:1—4:31 Deus prepara um libertador

2:1-10 Os primeiros anos da vida de Moisés

2:11-25 Os primeiros atos de Moisés

3:1-10 Deus chama Moisés

3:11—4:17 As dúvidas de Moisés e a garantia de Deus

3:11-12 Primeira objeção: Sou a pessoa certa?

3:13-22 Segunda objeção: Eles crerão em mim?

4:1-9 Terceira objeção: Como vou convencê-los?

4:10-17 Quarta objeção: Não sou eloquente

4:18-31 A confirmação do chamado de Moisés

4:18-20 A partida para o Egito

4:21-23 A advertência sobre a obstinação de Faraó

4:24-26 A circuncisão do filho de Moisés

4:27-31 A chegada ao Egito

### 5:1—18:27 A libertação dos israelitas

5:1—6:27 O primeiro confronto com Faraó

5:1-21 Faraó nega o pedido

5:22—6:27 O Senhor encoraja Moisés

6:28—7:5 O Senhor renova a confiança de Moisés

7:6-13 O segundo confronto com Faraó

7:14—12:30 O Egito é atingido pelas pragas

7:14-25 A água é transformada em sangue

8:1-15 Rãs

8:16-19 Piolhos

8:20-32 Moscas

9:1-7 A morte dos animais domésticos

9:8-12 Tumores

9:13-35 Chuva de pedras

10:1-20 Gafanhotos

10:21-29 Trevas

11:1—12:30 A morte dos primogênitos e a Páscoa

11:1-10 Uma advertência severa

12:1-28 A instituição da Páscoa

12:29-30 A morte dos primogênitos

12:31-42 O êxodo

- 12:43—13:16 Novas prescrições
  - 12:43-51 Mais prescrições para a Páscoa
  - 13:1-16 Prescrições acerca dos primogênitos
- 13:17—15:21 Deus conduz e protege
  - 13:17-22 Deus vai adiante de seu povo
  - 14:1-31 Perseguição e livramento
  - 15:1-21 O cântico de vitória
- 15:22—17:7 Deus provê para seu povo
  - 15:22-27 Água em Mara e Elim
  - 16:1-36 Maná e codornizes
  - 17:1-7 Água de uma rocha
- 17:8-16 Deus defende seu povo
- 18:1-12 Moisés reencontra a família
- 18:13-27 O conselho de Jetro
- 19:1—24:18 Um povo consagrado ao Senhor**
  - 19:1-25 O Senhor faz uma aliança
  - 20:1-17 As estipulações da aliança: os Dez Mandamentos
    - 20:3 Nenhum outro deus
    - 20:4-6 Nenhuma idolatria
    - 20:7 Não usar o nome de Deus em vão
    - 20:8-11 Não trabalhar no sábado
    - 20:12 Honrar os pais
    - 20:13 Não matar
    - 20:14 Não adulterar
    - 20:15 Não furtar
    - 20:16 Não mentir
    - 20:17 Não cobiçar
  - 20:18-21 A reação do povo
  - 20:22-26 Prescrições acerca do culto
  - 21:1—23:19 Detalhes da lei
    - 21:1 Introdução
    - 21:2—22:15 Disposições gerais
      - 21:2-11 O tratamento dos servos
      - 21:12-36 Casos de morte e ferimentos
      - 22:1-15 Crimes contra a propriedade
    - 22:16—23:9 Lei moral
      - 22:16-17; 21-27 Pecados contra pessoas
      - 22:18-20 Pecados passíveis da pena capital
      - 22:28—23:9 A necessidade de honrar a Deus
    - 23:10-19 A lei religiosa
  - 23:20—24:18 A reiteração das promessas de Deus
    - 23:20-33 A promessa de terra
    - 24:1-18 A confirmação da aliança
- 25:1—40:38 Deus no meio de seu povo**
  - 25:1—31:18 O planejamento do tabernáculo
    - 25:1-9 Os materiais
    - 25:10-40 Os utensílios
      - 25:10-22 A arca e o propiciatório
      - 25:23-30 A mesa dos pães da proposição
      - 25:31-40 O candelabro de ouro

- 26:1-37 A estrutura do tabernáculo
  - 26:1-6 A cobertura interna
  - 26:7-14 A cobertura externa
  - 26:15-30 A estrutura
  - 26:31-35 O véu
  - 26:36-37 O reposteiro
- 27:1-8 O altar e seus utensílios
- 27:9-19 O átrio
- 27:20-21 O suprimento de azeite
- 28:1—29:46 Os sacerdotes
  - 28:1-43 As vestes dos sacerdotes
  - 29:1-46 A consagração dos sacerdotes
- 30:1-38 Outros utensílios e suprimentos
  - 30:1-10 O altar de incenso
  - 30:11-16 Um imposto religioso
  - 30:17-21 A bacia para lavar
  - 30:22-38 Azeite e incenso
- 31:1-18 Artífices qualificados
- 32:1—33:23 A violação da aliança
  - 32:1-6 A natureza da violação
  - 32:7-14 A reação de Deus
  - 32:15-29 Moisés confronta o povo
  - 32:30—33:23 Deus e o povo
- 34:1-35 A aliança é renovada
- 35:1—39:43 A construção do tabernáculo
- 40:1-38 O tabernáculo é levantado

## COMENTÁRIO

### 1:1—4:31 Os preparativos para a libertação

Ao longo de toda esta seção inicial de Êxodo, Deus se revela como o Senhor (3:15; 6:2-7) e libertador todo-poderoso (6:1-3; 7:10). Por meio de suas palavras, atos e julgamentos, ele manifesta sua divindade no relacionamento com os israelitas (6:2-7) e com os egípcios (7:5). Assim, o versículo-chave para esta seção é a declaração: “Sabereis que eu sou o SENHOR vosso Deus” (6:7). Essa frase é repetida com frequência para enfatizar a superioridade de Deus em relação a todos os deuses do Egito e a Faraó, o governante todo-poderoso daquela terra.

Deus mostra seu poder combinando a opressão dos israelitas por parte de Faraó com a intervenção espetacular de Moisés, o instrumento do Senhor.

### 1:1-22 A opressão dos israelitas

O livro de Êxodo começa com uma relação de nomes dos filhos de Israel (1:1-6). Esta recapitulação histórica sucinta liga os acontecimentos subsequentes aos últimos capítulos do livro de Gênesis que relatam a chegada de Jacó e sua família no Egito. Não é difícil entender a importância destas recapitulações históricas e registros genealógicos quando



nos lembramos do provérbio africano: “Você pode não saber para onde está indo, mas deve saber de onde veio!”. Ademais, em nosso continente, um indivíduo de origens obscuras pode ser apelidado “escravo”. Israel não desejava ser um povo escravo e, muito menos, um filho ilegítimo, daí a relevância destas genealogias.

A lembrança das origens especiais do povo de Israel também os associa à soberania e à providência de Deus. Foi ele quem escolheu Israel entre as nações para servir de canal de bênção para outros povos (cf. tb. Gn 2:3; Is 42:6).

A esta altura, os israelitas estavam no Egito há cerca de quatrocentos anos (Gn 15:13; Êx 12:40). Conforme a promessa de Deus a Abraão, os israelitas haviam se multiplicado no país e se tornaram extremamente numerosos, de modo que a *terra se encheu deles* (1:7; Gn 15:5).

No entanto, a atitude do Faraó que ocupava o poder nessa época era muito diferente da postura do Faraó que havia recebido o povo no Egito no tempo de José (1:8; cf. Gn 47:5). Não sabemos exatamente qual Faraó governou nesse período, pois Êxodo fornece poucos detalhes específicos. Além disso, a data do êxodo é controversa. Para alguns estudiosos que usam 1Reis 6:1 e datam esse acontecimento de 480 anos antes do quarto ano do reinado de Salomão (supostamente por volta de 996 a.C.), o êxodo deve ter ocorrido por volta de 1445 a.C.; nesse caso, o *novo rei* [...] *que não conhecera a José* seria Tutmose III (1483-1450 a.C.) e seu sucessor, Amenotepe III (1450-1424 a.C.). De acordo com outros, o êxodo deve ter ocorrido por volta de 1290 a.C. A seu ver, a menção da cidade de Ramsés em Êxodo 1:11 indica que a opressão se deu no tempo de Ramsés II (1290-1224 a.C.). Seti I (1302-1290 a.C.), pai de Ramsés II, seria então o faraó que não conhecia José.

Apesar de não ser possível afirmar nenhuma data categoricamente, a Bíblia deixa claro que a opressão aconteceu porque o faraó no poder não conhecia José e considerou o crescimento da população de israelitas uma ameaça para os egípcios. “Não conhecer” José não significa que ele não tinha ouvido falar dele; antes, não se importava com o que José havia feito para salvar o Egito da fome nem com os compromissos assumidos pelo Faraó no tempo de José com ele e a casa de seu pai. Na África, não é raro as pessoas serem tratadas com base em seu parentesco, e não em seu valor como semelhantes da raça humana. Atitudes desse tipo geram nepotismo e outras práticas perniciosas. Também é comum vermos certos grupos de pessoas como uma possível ameaça e procurar maneiras de reduzir o perigo que, supostamente, representam para nós. Ao agir desse modo, deixamos de honrar a Deus, pois todos os seres humanos, quer “hebreus”, quer “egípcios”, são criados à imagem de Deus e esse deve ser o princípio norteador no tratamento de cada indivíduo ou grupo (Gn 1:26-27). Essa perspectiva glorifica a Deus; por isso, precisamos buscar incessantemente formas de promovê-la em meio a nosso povo africano.

O novo faraó havia sujeitado os filhos de Israel à escravidão. O texto apresenta três exemplos da opressão sofrida pelo povo: foram obrigados a trabalhar para os egípcios (1:8-14), as parteiras hebréias foram instruídas a matar todos os recém-nascidos do sexo masculino (1:15-21) e, quando se recusaram a cooperar, Faraó deu ordens para atirar todos os meninos hebreus recém-nascidos no Nilo (1:22).

Ao se verem obrigadas a escolher entre obedecer a Deus ou a Faraó, as parteiras escolheram obedecer a Deus, pois *temeram a Deus e não fizeram como lhes ordenara o rei do Egito* (1:17). Ao fazer essa escolha, colocaram em risco a própria vida. Seu exemplo é um desafio para aqueles que justificam seu comportamento antiético dizendo: “Estava apenas seguindo as ordens do meu chefe”. Deus não aceita essa justificativa. Ele exige que lhe obedeçamos, não obstante o risco. Se os africanos estivessem dispostos a assumir essa mesma postura, provavelmente teríamos sido poupados de muitos assassinatos políticos e outras mortes, de vários desvios de verbas públicas e outras práticas prejudiciais. Precisamos juntar coragem e lembrar que, enquanto estamos do lado de Deus, somos maioria. Talvez percamos a vida, mas não nossa recompensa! Neste caso, Deus recompensou as parteiras ainda nesta vida, pois *lhes constituiu família* (1:21).

O poder de Deus é contrastado com a crueldade de Faraó. Por amor a seu povo, Deus opera com poder contra os opressores de Israel. No início, porém, esse poder se manifesta de forma bastante sutil, como vemos no fato de que, apesar dessas dificuldades, *o povo aumentou e se tornou muito forte* (1:20).

## 2:1—4:31 Deus prepara um libertador

Os capítulos 2 a 4 descrevem o nascimento de Moisés, seu chamado, suas dúvidas e, por fim, a missão de libertar seus compatriotas da escravidão no Egito.

### 2:1-10 Os primeiros anos da vida de Moisés

Os acontecimentos associados ao nascimento de Moisés mostram claramente a operação poderosa da providência de Deus. A vida dessa criança foi dada por Deus e ele usou circunstâncias, pessoas e elementos da natureza para protegê-la.

Moisés nasceu de pais comuns, numa família bastante comum, mas que conhecia suas origens. Tanto o pai quanto a mãe eram da tribo de Levi (2:1). Como o autor informa posteriormente, seu pai se chamava Anrão e sua mãe, Joquebede (6:20). No entanto, talvez estes nomes correspondam a antepassados mais antigos, pois Anrão é identificado como um dos “filhos de Coate” em 6:18 e Coate nasceu cerca de 350 antes do tempo de Moisés. O casal tinha mais dois filhos: Arão e Miriã, cujos nomes são mencionados apenas mais adiante (6:20; 15:20).

Mesmo antes de nascer, Moisés foi ameaçado por Faraó (cf. 1:16,22), mas recebeu proteção especial para uma

missão importante (6:26-27). Como Estêvão ressaltou em seu resumo da história de Israel em Atos 7, Moisés teria uma função importante quando “se aproximasse o tempo da promessa que Deus jurou a Abraão” (At 7:17-20).

Os pais de Moisés desobedeceram ao decreto de Faraó e esconderam o bebê por três meses (2:2). De acordo com Hebreus 11:23, essa decisão foi tomada “pela fé [...] porque viram que a criança era formosa” (ou “viram que ele não era uma criança comum” [NVI]). Então, num ato de desespero igualmente provido de um elemento de fé, entregaram o menino aos cuidados de Deus e o colocaram num cesto no Nilo. Há certa ironia nesse acontecimento: a criança que deveria ter sido afogada no Nilo é confiada ao rio que, na época, era adorado pelos egípcios como um símbolo de vida. A proteção de Deus sobre esse bebê indefeso é expressa de maneira bastante apropriada no provérbio ewe de Togo: “Deus espanta as moscas dos animais que não têm rabo”.

No entanto, a proteção de Deus não assumiu uma forma sobrenatural. Antes, ele usou elementos naturais simples para prover refúgio ao bebê — um cesto, construído com grande habilidade e amor, instinto e desespero materno (2:3). O cesto foi revestido de betume, o mesmo material usado para calafetar a arca de Noé, uma embarcação que também salvara um povo da calamidade (Gn 6:14). É evidente que se tratava de um objeto trivial, pois até hoje chamamos de “Moisés” os cestos usados para carregar recém-nascidos.

Então, junto ao Nilo e perto do berço cercado de juncos, Deus reuniu as pessoas que salvariam o bebê. É significativo que fossem todas mulheres. Deus usou a própria mãe de Moisés que havia escondido o bebê. Usou a irmã de Moisés, provavelmente Miriã, que observou de longe para saber o paradeiro do irmão (2:4). E, por fim, usou a filha de Faraó, que se compadeceu do bebê confiado ao rio (2:5-6) e exerceu um papel providencial não apenas por salvar o menino, mas também por protegê-lo e educá-lo. Como diz um provérbio de Ruanda, “Deus cuida de seu rebanho, mas o confia a um pastor”.

A princesa teria de encontrar alguém para amamentar a criança. Sabendo disso, Miriã tomou a iniciativa e se ofereceu para *chamar uma das hebreias* (2:7). Não mencionou, porém, sua intenção de trazer a mãe do bebê. A princesa aceitou a oferta e, numa mistura maravilhosa de providência e humor divino, pagou à mãe de Moisés para amamentá-lo (2:8-9). Assim, Moisés passou seus primeiros anos formativos com sua mãe hebreia que provavelmente o ensinou sobre o Senhor e sobre as promessas feitas a seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó.

A filha de Faraó adotou o menino como seu filho (2:10; cf. tb. At 7:21), chamando-o de Moisés, “tirado da água”. Esse nome de origem hebraica, e não egípcia, sugere que os egípcios tinham algum conhecimento da língua dos israelitas. Também mostra como a princesa não era ingênua. Sabia que o menino devia ser hebreu e, batizando-o

assim, mostrou que reconhecia sua identidade (2:6). Talvez o nome envolvesse, ainda, um trocadilho, pois na língua egípcia *moise* significa “filho de” ou “nascido de”, conforme observamos no nome de faraós como Tutmose e Almose. É um tanto irônico a própria filha do opressor criar aquele que, um dia, libertaria o povo humilhado e enfraquecido por Faraó.

Como filho da filha de Faraó, Moisés tornou-se parte da família real que provavelmente era numerosa, pois os Faraós tinham várias esposas e filhos. Nesse ambiente, como Estêvão nos lembra, Moisés “foi educado em toda a ciência dos egípcios” (At 7:22), inclusive em seu amplo conhecimento científico. Tornou-se um homem familiarizado com um cargo de poder e fluente nas línguas egípcia e hebraica.

Esta seção inteira é uma demonstração impressionante daquilo que Deus pode fazer a fim de preparar pessoas com grande antecedência para as tarefas que ele chamará a realizar. Esse menino que Deus protege e educa com tanto cuidado terá um destino excepcional. Mas o longo período de preparação desse libertador nos lembra como Deus trabalha em seu próprio ritmo. O povo está sofrendo opressão, a salvação está a caminho, mas ainda será preciso esperar várias décadas pelo livramento.

Deus não improvisa. Ele tem um roteiro detalhado e gasta tempo com os preparativos. Usa acontecimentos comuns e extraordinários para preparar aquele que subirá no palco da história. Depois de ser devidamente treinado e preparado, Moisés se tornaria “poderoso em palavras e obras” (At 7:22).

### 2:11-25 Os primeiros atos de Moisés

Moisés já estava com quarenta anos de idade quando entrou no estágio seguinte de preparação para sua missão (At 7:23). Seu novo rumo foi determinado por três elementos específicos: o sofrimento do povo hebreu, uma luta entre dois homens israelitas e os maus tratos sofridos pelas filhas de Jetro.

Apesar de seu *status* real e vida privilegiada, é possível que Moisés tenha mantido algum vínculo com o povo hebreu. Assim, *sendo Moisés já homem, saiu a seus irmãos e testemunhou seus labores penosos* (2:11a). Um dia, viu um egípcio espancando um hebreu e não pôde se conter. Saiu em defesa do hebreu, matou o egípcio (2:11b-12) e o escondeu na areia, supondo que seu povo entenderia “que Deus os queria salvar por intermédio dele” (At 7:25). Mas, como o episódio do dia seguinte mostra, sua suposição foi equivocada.

No dia depois que matou o egípcio, Moisés viu dois israelitas brigando e interveio, pedindo para fazerem as pazes (2:13). Mas os agressores questionaram seu direito de interferir: *Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós?* (2:14). Os dois homens não aceitaram a intervenção de alguém que não estava sofrendo com eles e que havia sido criado

em meio ao luxo na corte do opressor. Então, um deles es-carneceu de Moisés, perguntando se ele pretendia matá-lo também. Ao matar o egípcio no dia anterior, Moisés provavelmente pensou estar seguro, pois se certificou de que não havia testemunhas. No entanto, o escravo hebreu que ele defendeu deve ter contado a história a outros e, mais tarde, até mesmo Faraó ficou sabendo do ocorrido.

Percebendo que sua vida estava em perigo, pois poderia ser acusado de homicídio e de incitar uma rebelião, Moisés decidiu fugir (2:15; cf. tb. Hb 11:27). Fracassou totalmente, pois ainda não estava preparado para a missão diante dele. Supôs que suas aptidões e boa vontade seriam suficientes para capacitá-lo a ajudar seus irmãos hebreus, mas precisava aprender a não confiar em si mesmo e a esperar

pelo tempo de Deus. Os hebreus seriam libertos por Deus, e não por Moisés (2:23-24).

Moisés se refugiou em Midiã, uma região desértica a leste do Jordão e do mar Morto que se estendia até a península do Sinai ao sul e chamada pelo nome de um dos seus primeiros habitantes, Midiã, filho de Abraão e Quetura (Gn 25:1-6).

Ali, Moisés deparou com uma terceira situação na qual se sentiu compelido a intervir. Essa intervenção o levaria ao estágio seguinte de seu treinamento por Deus (2:16-23). Dessa vez, ele tomou partido de sete irmãs jovens que estavam sendo maltratadas por pastores junto a um poço (2:16-19), recebendo, por isso, a gratidão de Reuel (tb. chamado de Jetro; 3:1; 4:18), sacerdote de Midiã e pai das

## ESCRavidÃO

A escravidão existe desde que um ser humano foi considerado propriedade de outro. Os escravos vivem na dependência total de seus senhores e podem ser vendidos ou alugados como cavalos ou bois.

A África tem um história longa e triste de escravidão, sobretudo sob o jugo de outros povos como os romanos antigos, árabes e europeus. Porém, desde o século XIX, o tráfico de escravos está, aos poucos, sendo abolido. Essa prática foi condenada energeticamente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, mas as leis não são suficientes para abolí-la. Eis alguns exemplos de escravidão atual de africanos por africanos:

- *A escravidão infantil* é comum em países destruídos por guerras civis ou crises políticas sérias onde, muitas vezes, as crianças são consideradas espólios de guerra. Especialmente no Sudão, dezenas de milhares de mulheres e crianças foram raptadas no sul do país, vendidas como escravas e condenadas a sofrer diariamente todo tipo de violência.
- *A prostituição* muitas vezes acarreta escravidão. Quando uma mulher deixa um país, passa por ele a caminho de outro lugar ou entra nele para trabalhar como prostituta, esse país é envolvido num problema do qual nenhuma nação africana está isenta. Muitas mulheres acabam se prostituindo porque são enganadas por homens que lhes prometem emprego. No entanto, mesmo conhecendo a natureza do trabalho, a maioria não imagina a violência que sofrerá. Os documentos de identidade das prostitutas são confiscados e seus exploradores as mantêm sob a ameaça constante de serem presas como imigrantes ilegais. Também ameaçam fazer mal às suas famílias caso os maus-tratos sejam relatados.
- *A escravidão doméstica* oprime quem é inofensivamente chamado de “empregado” e “ajudante”.

Algumas crianças são vendidas para esse tipo de escravidão por pais desesperados para pagar dívidas ou simplesmente sobreviver. Em vez de receberem a oportunidade de estudar, essas crianças e adolescentes se veem diante da obrigação do trabalho doméstico e precisam cuidar dos filhos de seus patrões. Muitos desses jovens sofrem abusos terríveis.

Nenhuma dessas formas de escravidão é justificável e a igreja deve tomar a iniciativa de se opor a elas. Devemos orar por esses escravos e tomar medidas práticas para mudar sua situação.

Em primeiro lugar, devemos proclamar com ousadia que Deus é a fonte de toda vida humana (Dt 4:32; Jó 10:12; At 17:25,28). Todos os seres humanos são criados à imagem de Deus e, portanto, todos devem ser tratados com dignidade (Gn 1:27; 2Co 3:18; Cl 3:10). As mulheres têm o mesmo valor que os homens (Gl 3:28), e as crianças devem ser tratadas com cuidado especial (Mt 18:5-6).

Em seguida, precisamos colocar nosso amor em prática. Paulo deixa claro que a bondade fraternal, a unidade em Cristo e a mensagem do amor prevalecem sobre o relacionamento senhor-escravo (1Co 7:20-24; Ef 6:5-9; Cl 3:22-4:1; Fm 10-17). Em vez de aceitar a opressão, cabe-nos trabalhar para a reconciliação e a paz. Diante da pobreza, a Bíblia nos chama, como indivíduos e comunidades, a ser “ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir” (1Tm 6:18; cf. tb. Lv 25:35; Dt 15:7-11; 1Jo 3:17).

Por fim, devemos cobrar de nosso líderes a criação de um sistema que proteja todos os indivíduos, não obstante sua condição social (Êx 22:21-24; Lv 19:13-18; Dt 10:19). Os cristãos devem assumir uma posição firme contra toda forma de injustiça, discriminação e desigualdade social (Dt 16:18-20; 2Co 8:21; Gl 3:28).

jovens (2:20). O sacerdote o convidou para morar com eles e deu a Moisés sua filha Zípora como esposa (2:21). Dessa união, nasceu um filho ao qual Moisés chamou Gérson, “peregrino” ou “estrangeiro” (2:22). Devido a sua cultura e suas origens, Moisés — descrito pelas jovens como *um egípcio* (2:19) — se sentia um estrangeiro em Midiã. A raiz hebraica do nome Gérson também tem a conotação de ser expulso, forçado a sair. Essa ideia, associada ao banimento de Moisés do Egito, talvez tivesse, ainda, um tom profético, indicando aquilo que aconteceria aos hebreus, pois eles também deixaram o Egito.

Esta seção termina com 2:23-25, versículos-chave entre dois momentos importantes: a impotência total e a destruição iminente do povo de Israel, de um lado, e a libertação por vir, há muito planejada por Deus, de outro. Durante os  *muitos dias* (outros quarenta anos) da estadia de Moisés em Midiã, o faraó opressor que o conhecia faleceu, mas os filhos de Israel continuaram sob o jugo da escravidão (2:23; cf. tb. 1:11). Eles clamaram a Deus e o Senhor que ouve os sofredores respondeu em três etapas: *ouvindo Deus [...] lembrou-se [...] e atentou para a sua condição* (2:24-25).

Deus lembrou-se da sua aliança com Abraão (cf. tb. Gn 12:1-3; 15:18-21; 17:3-8), pois, ao contrário dos homens, ele é fiel e não se esquece de suas promessas, mesmo que leve muito tempo para cumpri-las. Em um cuidado compassivo com seu povo, Deus dirigiu pacientemente o curso da história humana de modo a realizar seus propósitos. O Senhor preparou um herói para libertar seu povo e, nos capítulos 3 a 14, é mostrado todo o seu poder depois dos longos anos em que pareceu ausente.

### 3:1-10 Deus chama Moisés

Antes de Deus chamá-lo para cumprir sua missão, Moisés passou quarenta anos no deserto do Sinai, cuidando dos rebanhos de seu sogro (3:1). Esses anos não foram desperdiçados, pois Moisés precisaria da experiência no deserto quando chegasse a hora de conduzir seu povo por aquela região. Então, um dia, enquanto Moisés estava cuidando de seus afazeres diários, Deus o chamou. A descrição desse chamado é sucinta, mas apresenta o essencial: a identidade daquele que chama e a missão daquele que é chamado. Essas informações são essenciais para entender não apenas a história de Moisés, mas o próprio caráter de Deus.

Deus escolheu se revelar no monte Horebe, conhecido também como monte Sinai (3:1). Posteriormente, Deus se revelaria outra vez a Moisés nesse mesmo local e lhe daria sua lei (cf. tb. 19:20; 24:13-18). Aliás, Deus promete esse encontro a Moisés em 3:12.

Aqui, Deus chama a atenção de Moisés com uma ocorrência estranha — uma sarça que arde sem se consumir (3:2-3). O fogo representa o *Anjo do SENHOR*, ou seja, a forma angelical assumida ocasionalmente por Deus ao se revelar aos seres humanos (3:4; cf. tb. Gn 16:9). Em 19:18, o fogo também simboliza a presença de Deus.

Do ponto de vista humano, a libertação dos filhos de Israel era uma missão impossível. No entanto, a maneira impressionante como Deus se manifesta nesta ocasião mostra que ele estaria no controle de tudo e tudo faria com perfeição, sem se sujeitar às limitações humanas. Deus mostraria sua onipotência.

Uma vez que a curiosidade de Moisés o atraiu até a sarça, Deus o chama duas vezes pelo nome *do meio da sarça* (3:4a). O chamado é específico e insistente. Moisés responde: *Eis-me aqui!* (3:4b). Estas palavras indicam a disposição de ouvir e obedecer a Deus e são proferidas em outras passagens da Bíblia por Abraão (Gn 22:11), Jacó (Gn 46:2) e Samuel (1Sm 3:4).

Devido à presença de Deus, a terra onde Moisés se encontra é declarada *santa*. Ele é instruído a não se aproximar e a remover as sandálias dos pés em sinal de humildade e adoração (3:5; cf. tb. Js 5:15). Então, Deus se apresenta como o *Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó* e, portanto, o Deus de Israel (3:6; cf. tb. 3:15-16). Moisés precisa saber exatamente com qual deus está falando. Ele havia sido educado no ambiente politeísta da corte de Faraó e, sem dúvida, conhecia as muitas divindades egípcias, de modo que a repetição usada por Deus nesta apresentação não é redundante nem desnecessária. Ademais, é com base nessa identificação que Moisés é instruído a fazer seu apelo ao povo em 3:15-16.

Em seguida, Deus fornece dois motivos fundamentais pelos quais chamou Moisés, expressando ambos em linguagem antropomórfica, ou seja, linguagem associada à nossa experiência humana. Em primeiro lugar, Deus viu, ouviu e respondeu com preocupação aos sofrimentos de seu povo nas mãos dos opressores egípcios (3:7,9). A atitude de Deus é oposta àquela expressa no ditado: “Pimenta nos olhos de outros é refresco!”. Deus conhece as dores de seu povo e se preocupa profundamente com ele.

Em segundo lugar, Deus havia decidido que era chegada a hora de agir e anuncia acerca de seu povo: *por isso, descê a fim de livrá-lo* e conduzi-lo a outra terra (3:8a). Esse ato de Deus “descer” indica um movimento bastante especial, uma intervenção excepcional do Altíssimo na história humana. Moisés é o instrumento e, de fato, a encarnação dessa intervenção divina.

Deus descreve o destino para o qual ele conduzirá os israelitas como *uma terra boa e ampla*. Será um lugar de prosperidade, pois haverá espaço de sobra para apascentar os rebanhos. Também será um ambiente ideal, descrito como *terra que mana leite e mel* (3:8b; cf. tb. Lv 20:24; Nm 13:27; Dt 6:3; 27:3; Js 5:6; Jr 11:5; Ez 20:6). Essa imagem não deixa dúvidas: a nova terra de Israel terá provisão abundante de alimento.

Então, Deus dá suas ordens a Moisés, começando com um imperativo firme: *Vem* (3:10), que também pode ser traduzido como “vá”. Trata-se de uma ordem precisa e incontornável. Moisés deve confrontar Faraó *para que tires o*

*meu povo [...] do Egito.* Deve ser o instrumento que Deus usará para cumprir sua promessa de libertar o povo da escravidão. No entanto, Deus não diz claramente que Moisés também conduzirá os israelitas à terra prometida. Até o final da história, descobrimos que ele não entrará em Canaã com o povo, mas o levará até a entrada da terra (cf. Dt 32:48-52).

O chamado de Moisés por Deus revela as distinções entre o Deus de Abraão, Isaque e Jacó e os deuses locais. Ele é pessoal (“teu” Deus), fiel (cumpre sua promessa aos antepassados de Israel), compassivo (se identifica com os sofrimentos de seu povo) e soberano (chama pessoas e dá ordens).

### 3:11—4:17 As dúvidas de Moisés e a garantia de Deus

Sentindo-se pequeno diante da tarefa colossal da qual é incumbido, o futuro líder de Israel duvida de sua capacidade de realizá-la. Segue-se um diálogo impressionante entre Moisés e Deus, quando Moisés reconhece com franqueza suas limitações e seus temores acerca da missão que Deus lhe deu. De sua parte, Deus encoraja seu servo e lhe proporciona a segurança necessária para cumprir sua missão. Quando lemos posteriormente que “falava o SENHOR a Moisés face a face (33:11), como qualquer fala a seu amigo”, é a esse tipo de diálogo que o texto se refere.

Moisés expressa quatro objeções a Deus e recebe quatro respostas.

**3:11-12 PRIMEIRA OBJEÇÃO: SOU A PESSOA CERTA?** A primeira objeção de Moisés é expressa numa pergunta que, para Deus, não é surpreendente nem frívola: *Quem sou eu [...]?* (3:11). Essa pergunta é a reação natural de todo ser humano diante da grandeza e do poder de Deus. No entanto, Moisés também tem consciência de sua própria história: nos últimos quarenta anos, tinha vivido como um fugitivo, procurado pelas autoridades egípcias e rejeitado pelos hebreus. Não passava de um pastor que cuidava dos rebanhos de seu sogro. Como poderia abordar Faraó, um monarca poderoso que desprezava todos os pastores (Gn 46:34)?

A resposta de Deus neutraliza a objeção de Moisés: *Eu serei contigo (3:12a)*. Deus é maior do que Faraó e acompanhará Moisés. Que maior garantia de sucesso ele poderia querer? No entanto, Deus também oferece um sinal tangível: promete um novo encontro com Moisés no monte Horebe, *depois de haveres tirado o povo do Egito* e, naquele local o povo servirá a Deus (3:12b; 19:1-8). Temos aqui um trocadilho importante, pois a expressão “servir a Deus” significa “ser escravo de Deus”. Os israelitas se tornarão escravos de Deus, e não mais dos egípcios. Mas, enquanto as “cargas do Egito” eram pesadas (6:6), o jugo de Deus é *suave, e o [seu] fardo é leve* (Mt 11:30).

**3:13-22 SEGUNDA OBJEÇÃO: ELES CRERÃO EM MIM?** A segunda preocupação de Moisés diz respeito ao povo de Israel: só crerão em suas palavras se ele disser quem o enviou (3:13). Ele sabe que o Deus de seus pais está falando com

ele, mas os israelitas estão vivendo numa sociedade onde se adoram inúmeros deuses. O povo desejará saber o nome do deus específico que o enviou. O nome também era importante, pois, na cultura hebraica, servia não apenas de rótulo, mas também para identificar a pessoa à qual era associado e indicar seu caráter (cf., p. ex., 1Sm 25:25). Os nomes têm uma relevância semelhante na África onde, com frequência, identificam tanto a pessoa quanto o grupo social ao qual ela pertence.

Deus responde usando para si um nome extremamente significativo: *EU SOU O QUE SOU (3:14)*. Esse nome é traduzido, por vezes, como Jeová ou, mais precisamente, Javé. É o nome SENHOR ou EU SOU, grafado em letras maiúsculas na Bíblia. Mas qual o significado desse nome? No hebraico, ele é composto de quatro letras que formam a raiz dos verbos “ser” e “tornar-se”. Expressa a existência eterna de Deus, ou seja, ele sempre existiu e sempre existirá. A ênfase do Senhor sobre o fato de que esse será seu nome *de geração em geração* é uma garantia de sua presença permanente no meio de seu povo (3:15).

Em sua resposta anterior, Deus garantiu sua presença pessoal junto de Moisés; nessa resposta, ele garante estar presente não apenas com Moisés, mas em toda parte e em todo tempo. Moisés dirá isso ao povo, aos anciãos e até mesmo a Faraó.

A revelação do nome de Deus também indica a continuidade perfeita entre os patriarcas e os israelitas, tanto no presente quanto no futuro. Assim, pela terceira vez, Deus reitera as promessas feitas vários séculos antes aos antepassados dos israelitas (3:16-17). Agora, o nome Javé é associado à aliança de Deus com Abraão (Gn 15:18-19), à redenção de seu povo (cf. 6:6) e à sua fidelidade (cf. 34:5-7).

Deus garante a Moisés que não ele não se apresentará diante de Faraó sozinho, mas estará acompanhado dos *anciãos*, os líderes dos israelitas. A promessa da companhia dos anciãos é um sinal de que ele será capaz de convencê-los de sua missão e da autenticidade da revelação recebida de Deus. Moisés falará em nome do Senhor, Javé, para o qual também usará a designação *Deus dos hebreus (3:18a; cf. tb. 5:3; 7:16; 9:1-13; 10:3)*. O uso desse nome associa Deus a um povo específico e é uma forma de distingui-lo dos muitos deuses egípcios.

Diante do pedido para deixar os hebreus saírem ao deserto durante três dias a fim de sacrificar *ao SENHOR (3:18b)*, Moisés deve esperar resistência de Faraó. No entanto, Deus agirá com poder, mostrando sua soberania sobre Faraó e os egípcios por meio de julgamentos e prodígios (3:19-20). Sua *mão forte* obrigará os egípcios a deixar ir o povo hebreu (cf. tb. 6:1; 13:14-16; 32:11; Dt 4:34).

Deus também dará provas de sua supremacia ao providenciar para que, no devido tempo, os israelitas obtenham *mercê [...] aos olhos dos egípcios*. Assim, eles não apenas lhes permitirão partir, como também lhes darão provisões para o êxodo, entregando-lhes *joias de prata, e joias de*

*ouro, e vestimentas* (3:21-22; 11:2; 12:35-36), presentes usados posteriormente para a construção do tabernáculo (35:5-22).

**4:1-9 TERCEIRA OBJEÇÃO: COMO VOU CONVENCÊ-LOS?** Em sua objeção seguinte, Moisés se considera incapaz de expressar adequadamente a mensagem de Deus e convencer os israelitas a aceitá-la (4:1). Duvida ser capaz de falar com convicção. Talvez tenha em mente suas tentativas anteriores de ajudar os israelitas, quando as medidas que tomou para defendê-los e reconciliá-los suscitaram incompreensão e suspeitas. Um dos israelitas chegou a questioná-lo: “Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós?” (2:14).

Moisés teme especificamente que o povo não entenderá ou não aceitará sua afirmação de que Deus apareceu a ele. A declaração de ter recebido uma visão e uma comissão divina poderia ser interpretada como uma simples tentativa de obter credibilidade. Os magos da corte de Faraó também afirmavam ter visões miraculosas. Como Moisés provaria que, de fato, havia falado com Deus? Afinal, Deus havia permanecido em silêncio por mais de 430 anos (o período estimado de estadia dos israelitas no Egito) e não havia motivo algum para esperar uma palavra sua.

Deus trata das preocupações de Moisés apresentando-lhe três sinais a serem usados para persuadir os israelitas de que ele verdadeiramente havia sido enviado pelo Senhor com um propósito específico.

No primeiro sinal, seu bordão de pastor é transformado numa serpente (4:2-5). Esse milagre ilustra tanto o poder divino quanto a coragem de Moisés de obedecer às ordens de Deus. Ninguém pega uma serpente pela cauda! Essa transformação é particularmente significativa, pois as serpentes tinham um papel importante na religião egípcia. A naja era um símbolo de poder, em especial, de poder sobre a vida. Deus usa esse milagre para mostrar seu poder sobre a criação natural e o desafio de seu enviado ao poder dos deuses do Egito e ao próprio Faraó.

O segundo sinal mostra que Deus pode debelar enfermidades incuráveis como a lepra (4:6-8). Os mágicos e encantadores de serpente de Faraó poderiam imitar a transformação do bordão em serpente (7:11-12), mas nenhum deles seria capaz de curar lepra.

O terceiro sinal afeta a sobrevivência do Egito, pois diz respeito ao rio Nilo (4:9; cf. tb. 7:17-21). Os egípcios adoravam o rio, pois ele garantia a vida e a fertilidade de sua terra. No entanto, Deus se mostra supremo, pois pode transformar a vida (o rio) em morte (sangue).

O objetivo de todos esses sinais é convencer os israelitas de que Moisés foi enviado por Deus. Ele é um precursor do Messias e vem para anunciar as novas maravilhosas de libertação da escravidão. Os sinais também evidenciam que o Senhor concedeu autoridade a Moisés para exercer o poder divino.

**4:10-17 QUARTA OBJEÇÃO: NÃO SOU ELOQUENTE.** Em seguida, Moisés apresenta sua quarta objeção: nunca foi capaz de

falar com eloquência (4:10). A resposta de Deus é clara e direta e apresenta mais provas de sua soberania. Como Criador, ele confere aos seres humanos as habilidades de que precisam, incluindo a habilidade de falar, ver e pensar (4:11). Dois provérbios africanos da República Democrática do Congo nos lembram de que Deus criou tudo em nós: “Deus nos criou com nossos dedos e nossas unhas” (batandu) e “Deus nos criou dos cabelos aos dedos dos pés” (Yombe). Como criador e mestre de Moisés, Deus o ajudará e lhe dará as palavras certas (4:12). Deus cumpre essa promessa de forma tão eficaz que, posteriormente, Estêvão se referiria a Moisés como “poderoso em palavras” (At 7:22).

Porém, quando Moisés continua a argumentar e pede *Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim* (4:13-14a), Deus se ira. Deixa claro que, apesar de estar disposto a dialogar com Moisés e ouvir suas objeções, é inaceitável a apresentação contínua de obstáculos desnecessários para a obediência.

No entanto, diante do argumento da inabilidade oratória de Moisés, Deus faz uma última concessão: nomeia para Moisés um companheiro de viagem e porta-voz eloquente, bem conhecido dele, seu irmão Arão (4:14b,16). A promessa de Deus, *Eu serei com a tua boca e com a dele* (4:15), é mais uma garantia de que Deus é soberano sobre nosso falar, caso Moisés ainda precisasse de uma. Vários anos depois, o profeta Jeremias se viu tomado de dúvidas semelhantes acerca de sua capacidade de falar em nome de Deus e o Senhor lhe deu essa mesma garantia (Jr 1:6-9). De acordo com o NT, o Espírito Santo dá aos cristãos as palavras de que precisam tanto em meio à perseguição (Mt 10:19-20) quanto no registro da palavra de Deus (Jo 14:25-26).

As objeções de Moisés e as respostas de Deus terminam com a recomendação a Moisés sobre levar seu bordão de pastor, pois será um instrumento do poder do Senhor (4:17; cf. 4:20; 7:9,15,19-20; 8:5,16).

Nesta seção, Deus nos mostra como treinar e encorajar futuros líderes. Ele é paciente e bondoso com Moisés, respondendo às suas justificativas e à sua hesitação (4:1,10,13; 6:12,30). Ao mesmo tempo, é firme com respeito à tarefa da qual incumbiu Moisés e lhe garante que ele será capaz de realizá-la (4:5-9,14-16).

#### **4:18-31 A confirmação do chamado de Moisés**

**4:18-20 A PARTIDA PARA O EGITO.** Antes de sair de Midiã para voltar a seus irmãos que estão no Egito e pleitear a causa dos israelitas perante Faraó, Moisés provavelmente contou a seu sogro Jetro sobre seu encontro pessoal e íntimo com Deus. Jetro deu sua bênção, ato que parece indicar que honrava a missão de Moisés (4:18).

Deus voltou a tranquilizar Moisés, desta vez com uma informação sobre as autoridades egípcias: todas as pessoas que desejavam lhe tirar a vida estavam mortas (4:19). Assim, Moisés se pôs a caminho acompanhado de sua esposa Zípora (2:21) e seus dois filhos, Gérson (2:22) e Eliézer

(18:4), sem esquecer seu bordão de pastor, chamado agora de *bordão de Deus* (4:20).

4:21-23 A ADVERTÊNCIA SOBRE A OBSTINAÇÃO DE FARAÓ. Antes de Moisés partir, Deus o preparou melhor para o que o esperava no Egito, advertindo-o: apesar das demonstrações impressionantes do poder de Deus, Faraó não atenderia a seus pedidos e se recusaria a deixar os hebreus partirem de sua terra.

Podemos nos espantar com a declaração de Deus sobre Faraó: *lhe endurecerei o coração* (4:21). Mais adiante, o autor mostra Deus fazendo exatamente isso em várias ocasiões (7:3; 9:12; 10:1,20,27; 11:10; 14:4,8). Qual o significado dessa declaração? Por que Deus tornou Faraó obstinado? Em outras passagens de Êxodo, diz-se que o próprio Faraó endureceu o coração (7:13-14,22; 8:15,19,32; 9:7,34-35). Estamos diante de um paradoxo. Por um lado, Faraó endurece o coração; por outro, quando está quase pronto a reconhecer a supremacia de Deus e não mais lhe resistir, Deus o torna obstinado. A declaração de que Deus resolveu soberanamente endurecer o coração de Faraó e a afirmação de que Faraó escolheu por livre e espontânea vontade endurecer o coração parecem mutuamente exclusivas ou contraditórias. Talvez alguém possa até argumentar que Faraó não é responsável por sua obstinação, atribuindo a Deus a responsabilidade final sobre seu comportamento!

Mas, antes de aceitarmos esse argumento, devemos considerar dois fatos. Em primeiro lugar, não podemos negar que Faraó teve liberdade de escolher. Do começo ao fim, foi sua própria obstinação que provocou sua destruição. Essa obstinação tinha como base sua consciência das consequências econômicas da partida dos israelitas (5:4; 14:5) e foi expressa na recusa em reconhecer ou se sujeitar ao Deus dos hebreus (5:2). Também não podemos nos esquecer do desprezo e do ódio dos egípcios pelos hebreus (1:8-10) — um ódio que só aumentaria quando as pragas sobreviessem apenas aos egípcios, poupando os filhos de Israel. A combinação desses elementos cegou Faraó para a razão e o levou a persistir em sua insensatez.

O segundo fato a ser reconhecido é uma realidade teológica importante: Deus não ignora aqueles que fecham os ouvidos e o coração para ele. Ao endurecer o coração de alguém, Deus está começando a julgar essa pessoa por recusar sua luz e seus propósitos. Quanto mais uma pessoa fecha o coração, mais ela é atraída para a desobediência. Suas escolhas têm consequências lógicas.

Assim, não podemos culpar Deus por endurecer o coração de Faraó; ele simplesmente leva a desobediência contínua do governante do Egito à sua conclusão lógica. Paulo explica esse mesmo princípio em Romanos: “Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (Rm 2:5). Faraó é responsável por sua obstinação, uma atitude que o sujeitará ao julgamento de Deus (cf. tb. Dt 2:30; Js 11:20).

Também se pode dizer que Deus permitiu a Faraó ser obstinado a fim de mostrar sua glória e soberania e realizar seu plano espetacular de libertação (cf. Gn 14:4,17-18; Rm 9:17-18; 11:9-10). Depois da morte de seu *filho* [...] *primogênito*, um filho cujo destino Deus contrasta com o de *meu filho, meu primogênito*, a saber, o povo de Israel (4:22-23), Faraó finalmente se sujeitaria.

4:24-26 A CIRCUNCISÃO DO FILHO DE MOISÉS. Por que Deus desejaria matar Moisés quando o havia enviado a Faraó numa missão tão importante (4:24b)? E por que agora, tendo em vista que até esse momento ele havia encorajado Moisés, prometendo capacitá-lo para cumprir sua missão?

Para alguns comentaristas, o motivo é a desobediência de Moisés à lei da circuncisão. Baseiam essa ideia no fato de Zípora, esposa de Moisés, ter “apaziguado” a Deus circuncidando um dos filhos do casal (4:25a). Esse rito era um sinal importante da aliança feita com Abraão (cf. Gn 17:9-14) e a negligência de Moisés pode ter provocado a ira de Deus. Mas por que Deus resolveu tratar desse problema num estágio tão avançado de seu plano para Moisés? E será que essa negligência é suficiente para explicar o desejo de Deus de matar Moisés?

Outros comentaristas preferem focalizar a declaração inicial: *Estando Moisés no caminho, numa estalagem, encontrou-o o SENHOR* (4:24a). Argumentam que esse episódio é semelhante ao encontro de Jacó com Deus durante o qual o patriarca lutou com o anjo (cf. tb. Gn 32:22-32). Desse ponto de vista, o incidente é relacionado a uma iniciação. Enquanto o anjo tocou a articulação da coxa de Jacó, Zípora lançou o prepúcio do filho aos pés de Moisés. As duas expressões “articulação da coxa” e “pés” podem ser eufemismos para os órgãos genitais.

Essa passagem também é difícil de interpretar devido à falta de clareza do texto hebraico. É impossível determinar aos pés de quem Zípora colocou o prepúcio. Foi aos pés de Moisés ou do menino recém-circuncidado? E em que sentido Moisés pode ser descrito como um *esposo sanguíneo* (4:25b)? Zípora estaria indicando que havia feito oposição à circuncisão do filho, mas finalmente concordou em realizá-la, expressando ao mesmo tempo sua contrariedade ao ritual pelo gesto de lançar o prepúcio com desdém aos pés do marido? Esse episódio teria sido, na verdade, uma prova para descobrir até que ponto a esposa de Moisés estava disposta a se sujeitar ao plano de Deus? Nesse caso, por que a ameaça de morte recai sobre Moisés, e não Zípora? Ou será que Moisés desejava circuncidar os filhos, mas deixou de cumprir esse ritual só para agradar à esposa? Nesse caso, teria deixado de honrar a Deus acima de todas as coisas.

4:27-31 A CHEGADA AO EGITO. Conforme a promessa de Deus em 3:14-15, Moisés e Arão se reencontram e Moisés relata fielmente a seu irmão tudo o que ouviu de Deus (4:28a). Esse encontro ocorre no monte Horebe, o mesmo lugar onde Moisés teve o privilégio raro de conversar com Deus face a face em mais de uma ocasião (4:27; cf. 3:1; 4:14-17;



18:5; 24:13). Moisés explica o plano de Deus e os milagres que poderá realizar (4:28b; cf. 3:27-28).

Então, Arão comunica a palavra do Senhor aos anciãos israelitas, corroborando-a com os sinais que Deus transmitira a Moisés (4:29-30). O povo reage favoravelmente a essa mensagem e reconhece a autoridade de Moisés como enviado de Deus, o messias que os libertaria da opressão (4:31; cf. 2:24-25; 3:9-10).

Uma aliança é firmada. Deus usará Moisés para cumprir sua promessa antiga de salvar seu povo que, agora, está disposto a dar ouvidos ao novo líder enviado pelo Senhor. De sua parte, Moisés finalmente está pronto para realizar a missão, pois vê que pode confiar na palavra de Deus. Ele concordaria com o ditado do povo baluba da República Democrática do Congo: “Deus não discute com os seres humanos. Aquilo que ele diz é certo!”.

### 5:1—18:27 A libertação dos israelitas

Agora, Moisés e seu irmão estão unidos e prontos para confrontar Faraó. A colaboração solidária entre esses dois homens será necessária para romper a resistência do governante do Egito. Como dizem os provérbios populares: “É impossível quebrar nozes com um dedo só” e “Quando as mandíbulas se encontram, quebram ossos”. Trabalhando juntos, Moisés e Arão se tornam instrumentos para quebrar a arrogância de Faraó.

### 5:1—6:27 O primeiro confronto com Faraó

O primeiro encontro de Moisés e Arão com Faraó parece ter resultados desastrosos, mas Deus os instrui a perseverar apesar da intensa oposição.

#### 5:1-21 Faraó nega o pedido

O primeiro confronto entre a dupla e o governante do Egito começa com o pedido de permissão para os hebreus celebrarem uma festa no deserto (5:1). Para isso, seria necessário realizar uma jornada de três dias, o que supõe uma verdadeira peregrinação (5:3a). Na verdade, o termo hebraico “hag”, em geral traduzido por “festival”, é estreitamente associado à palavra árabe *Haj*, usada para a peregrinação obrigatória dos muçulmanos a Meca.

Moisés deixa claro que o propósito dessa jornada é oferecer sacrifícios (5:3b). O termo usado aqui mostra inequivocamente que ele não está pensando em ofertas de vegetais ou frutas, mas sim numa oferta que requer a morte de um ser vivo (cf. tb. 10:26). Uma vez que os egípcios raras vezes ofereciam sacrifícios animais, provavelmente não aprovariam essa prática do povo hebreu (Gn 8:26). Talvez até alguns dos hebreus ficariam espantados, pois ainda não haviam recebido as leis sobre os sacrifício e talvez houvessem parado de oferecê-los durante sua estadia no Egito. A jornada de três dias teria, portanto, a finalidade prática de levar os israelitas para um lugar distante das pessoas que poderiam se escandalizar com essa prática sangrenta.

Moisés faz o pedido exatamente conforme Deus havia instruído (3:18) e deixa claro que estava falando em nome de Deus (5:1). Mas Faraó, nada interessado nas práticas religiosas e nos sacrifícios de outros povos, pergunta com sarcasmo: *Quem é o SENHOR para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel?* Diz, então, que não honrará esse Deus o qual alega não conhecer (5:2). Deus responderá a esse insulto no capítulo seguinte: mostrará seu poder e supremacia sobre os deuses egípcios reverenciados por Faraó e desferirá um golpe contra a dinastia regente em uma cultura na qual os governantes eram considerados deuses. O Senhor Deus se revelará a Faraó e ao povo egípcio (cf. 9:1-4,16,29; 10:2; 14:4,18).

Enquanto Faraó em 1:8-10 considera os descendentes numerosos de Israel uma ameaça, para o governante com o qual Moisés se encontra, não passam de uma fonte abundante de mão-de-obra barata (5:5). Esse Faraó não vê Moisés como um enviado de Deus, mas sim como agitador e mentiroso (5:4,9). Assim, apesar de Moisés ter lhe pedido para “expulsar meu povo” (trad. lit. de 5:1), Moisés e Arão é que são expulsos de forma agressiva.

A fim de evitar que os israelitas deem ouvidos a esse agitador, Faraó decide dificultar ainda mais a vida deles (cf. 1:8-14) e dá ordens a esse respeito aos *superintendentes do povo e aos seus capatazes* (5:6). Ao que parece, esses indivíduos eram israelitas responsáveis por manter a ordem e a disciplina entre seus compatriotas escravos (5:14). A opressão fica evidente nos imperativos usados: *Exigireis uma quota, nada diminuireis dela e agrave-se o serviço sobre esses homens* (5:7-9). Assim, os superintendentes *apertavam* o povo e os capatazes israelitas eram *açoiados* (5:13-14). Essa passagem nos traz à memória o provérbio trágico do povo ngbaya do Chade: “Mesmo quando um escravo não tem nada para carregar, deve ser obrigado a carregar um fardo, pois é um escravo”.

Os hebreus deviam continuar produzindo a mesma quota de tijolos, porém, não receberiam mais os materiais. Eles próprios teriam de encontrar e ajuntar a palha necessária para o processo de fabricação. Quando não conseguem atingir a quota, os superintendentes egípcios *açoiavam* os capatazes israelitas (5:14).

Numa atitude corajosa, os capatazes israelitas se dirigem a Faraó na tentativa de aliviar a carga dos escravos. Referem-se a si mesmos como *teus servos*, declarando, desse modo, sua lealdade a Faraó, mas insistem que é impossível atender às novas exigências (5:15).

Faraó se recusa a ouvi-los e refuta seus argumentos, chamando os israelitas de *ociosos* (5:17) e declarando que não diminuirá a carga (5:18-19). Sua atitude não é incomum entre alguns patrões de hoje que culpam seus empregados por todos os seus insucessos, mesmo quando é evidente que eles não têm culpa. Essa injustiça decorrente da pressuposição de que a pessoa numa posição superior está sempre certa é abominável a Deus (Am 4:1-3).

Angustiados, os capatazes culpam Moisés e Arão por provocar a ira de Faraó e seus superintendentes e aumentar o sofrimento do povo (5:20). Fazem acusações severas e vulgares, dizendo a Moisés e Arão, os enviados de Deus: *Nos fizestes odiosos aos olhos de Faraó (5:21a)*. A mesma expressão é usada mais adiante para descrever o cheiro dos peixes mortos no rio Nilo (cf. 7:18,21). A seu ver, em vez de livrar seu povo, Moisés provocará sua morte, pois colocou a *espada na mão dos egípcios para nos matar (5:21b)*.

#### 5:22—6:27 O Senhor encoraja Moisés

Desanimado e angustiado, Moisés se volta para aquele a quem ele representa e expressa suas dúvidas, derramando seu coração com toda sinceridade. A pergunta de Moisés para Deus revela seu desgosto com o sofrimento de seus irmãos israelitas e seu desejo impaciente de ver Deus intervir com poder (5:22-23).

Deus responde a Moisés garantindo que intervirá, fazendo com que Faraó permita a partida do povo (6:1-2). Também lembra seu servo dos feitos em favor de seus antepassados. Havia se revelado como *Deus Todo-Poderoso* a Abraão, o pai de todos aqueles que creem, e a seus filhos *Isaque e Jacó (6:3a)*, fazendo aliança com os patriarcas, prometendo-lhes a terra de Canaã (6:4). Em tempos mais recentes, havia prometido libertar o povo da escravidão para lhes restituir essa terra (6:5-8). Deus descreve seu povo como bois *debaixo das cargas do Egito (6:6a)*, forçado a fazer trabalhos pesados para os egípcios.

Deus usa imagens dramáticas ao anunciar o que fará. Refere-se a sua *mão poderosa* (6:1) e a seu *braço estendido* (6:6; cf. tb. Dt 4:34; Sl 136:12), com um juramento (6:8). Reafirma sua autoridade, lembrando a Moisés quatro vezes: *Eu sou o SENHOR* (6:2,6,7,8). Usa o nome “Javé”, pelo qual se revelou a Moisés (cf. 3:13-15), mas deixa claro que é o mesmo Deus El-Shadai ou *Deus Todo-Poderoso* que se revelou aos patriarcas (6:3b).

Deus promete ainda: *Vos resgatarei (6:6b)*. No AT, a palavra “resgatar” é usada para livrar alguém de um contrato ou de algum mal (como quando Jacó fala do “Anjo que me tem livrado de todo mal”; Gn 48:16). Depois de atravessar o mar Vermelho, Moisés e o povo entoam um cântico sobre como o povo foi liberto da escravidão e, agora, pode se alegar (15:13). Deus não apenas libertará os israelitas da escravidão, mas também renovará sua identidade como povo (*Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus; 6:7*), oferecendo-lhes uma terra *como possessão (6:8)*.

Fortalecido pelas lembranças dos atos de Deus no passado e suas promessas para o presente, Moisés tenta falar aos israelitas, mas eles se encontram desanimados pelos últimos acontecimentos e se recusam a ouvi-lo, apesar do compromisso que haviam assumido anteriormente (6:9; cf. 4:31).

Então, Deus instrui Moisés a voltar a Faraó e exigir que ele deixe o povo sair do Egito (6:10-11). Moisés reluta em

obedecer. Se não é capaz sequer de convencer seu próprio povo de ter recebido a palavra de Deus, como poderá persuadir Faraó (6:12)? Queixa-se a Deus: *Não sei falar bem*, uma expressão que pode ser traduzida literalmente como “tenho lábios incircuncisos”. Não se trata de uma referência a palavras imorais ou impuras, mas à falta de eloquência de seu discurso (cf. tb. 4:10; 6:30).

Nesse ponto, a narrativa é interrompida repentinamente por uma genealogia sucinta que apresenta os clãs dos dois filhos mais velhos de Jacó, Rúben (6:14) e Simeão (6:15) e se concentra na tribo de Levi, à qual Moisés e Arão pertencem e da qual serão nomeados os sacerdotes (6:16-25; cf. tb. o comentário sobre 2:1). Ao que parece, essa genealogia é introduzida para enfatizar que, apesar das dúvidas de Moisés, ele e Arão foram designados porta-vozes e intermediários entre o Senhor e Faraó. A lista de nomes é emoldurada por dois versículos nos quais o autor assevera que Deus enviou Moisés e Arão a Faraó para tirar os israelitas do Egito (6:13,27).

#### 6:28—7:5 O Senhor renova a confiança de Moisés

Diante da falta de autoconfiança de Moisés ao receber a ordem de falar novamente a Faraó (6:29-30; cf. tb. 6:11-12), o Senhor faz uma declaração surpreendente sobre a posição e o poder que lhe concedeu. Deus declara que Moisés, o qual ele já afirmou que será como Deus para Arão (cf. 4:16), também será *como Deus sobre Faraó* e Arão será seu profeta, que falará em seu nome (7:1-2). Deus não está dizendo que Moisés foi deificado, nem que ele é divino. Antes, está garantindo a Moisés que recebeu uma posição superior à de Faraó. Assim, poderá realizar prodígios sem precedentes e sobrepujar os magos que representavam os deuses do Egito. Continuará sendo apenas um instrumento de Deus, mas um instrumento cheio do poder de Deus.

A mensagem que Moisés deve transmitir a Faraó é a mesma. Desta vez, porém, Deus afirma: *Endurecerei o coração de Faraó*. Desse modo, Deus terá motivo para julgar o Egito e seu governante até que todos reconheçam que Javé é *SENHOR (7:3-5)*.

Devemos observar que Deus atribui a Moisés uma missão clara, a autoridade para realizá-la e a ajuda necessária para isso. Nesse sentido, Deus é completamente diferente de muitos líderes que não definem claramente as responsabilidades de seus subalternos, não lhes dão os meios de realizar suas tarefas e estão sempre interferindo no processo.

#### 7:6-13 O segundo confronto com Faraó

Encorajado e certo de que Deus está no controle até mesmo da hostilidade de Faraó, Moisés, então com 80 anos de idade e Arão, com 83 anos de idade, apresentam-se diante de Faraó (7:6-7). Desta vez, conforme predito, ele os desafia a provar que Deus os enviou realizando um milagre (7:8-9). Então, Arão lança o seu bordão e, para surpresa de Faraó, o objeto se transforma numa serpente (7:10). No entanto,

essa demonstração não é suficiente para convencer Faraó da superioridade de Deus, pois seus sábios e encantadores conseguem realizar o mesmo milagre. Porém, quando a serpente de Arão *devorou* as serpentes deles, ficou claro que seu Deus era superior aos deuses egípcios (7:11-12). Faraó recebe uma advertência severa daquilo que o aguarda, mas se recusa a ouvir.

Séculos depois, o profeta Ezequiel profetizaria sobre a destruição de outro rei do Egito, que ele descreve como um crocodilo enorme. Ezequiel prediz que esse governante seria derrotado pelo Senhor para que todos reconhecessem a soberania de Deus (Ez 29:3-4). Ao fazer essa profecia, talvez Ezequiel tivesse em mente a história de Moisés, pois ele também predisse calamidades para o Egito.

Apesar de o episódio da transformação dos bordões ser apenas um preâmbulo, ele mostra duas qualidades de Deus. Em primeiro lugar, Deus é mais poderoso do que os indivíduos cujo poder é derivado de Satanás. Ao realizarem seus milagres, os magos recorrem a um poder oculto que imita o poder divino (7:11). Satanás opera desse modo com frequência, pois é um xímio enganador e imitador. O NT adverte os cristãos para não se deixarem enganar por ele, lembrando-nos de que o inimigo pode até se disfarçar de “anjo de luz” (2Co 11:14; cf. tb. 2Ts 2:9-10; Mt 24:24; Ap 13:13-14).

O segundo atributo revelado neste episódio é a soberania de Deus, manifestada de formas aparentemente contraditórias. Ela é revelada tanto por intermédio da obediência de Moisés quanto da desobediência de Faraó, bem como sua obstinação e sua incapacidade de ouvir. Deus pode usar quem ele escolher — até mesmo os perversos — para realizar seus propósitos (Hc 1:6-11). Isso não significa, porém, que não julgará os perversos (Hc 2:5-17).

### 7:14—12:30 O Egito é atingido pelas pragas

Agora, Deus julga Faraó e os egípcios por meio de uma sequência de dez pragas. Nos capítulos a seguir, o poder de Deus é contrastado repetidamente com a impotência dos deuses locais para ajudar o povo aflito. As pragas também humilham Faraó, considerado pelos egípcios uma divindade. Alguns comentaristas chegam a associar cada uma das calamidades a um deus egípcio, afirmando que a luta pela libertação dos israelitas é, na realidade, uma batalha entre o Senhor Deus e os deuses dos egípcios.

Cada uma das pragas é apresentada com as palavras *Disse o SENHOR a Moisés*, lembrando-nos de que Deus está no controle dos acontecimentos. Apesar de ser possível explicar as pragas e sua sequência como fenômenos naturais, esses fenômenos estão sob o controle de Deus. Testemunhas desses prodígios, como os magos de Faraó, reconheceram tratar-se de pragas enviadas pelo Deus de Moisés (8:19). Por fim, quando entenderam que até seus magos eram impotentes e que estavam diante da ameaça cada vez maior de destruição, até alguns membros da corte de Faraó

começaram a apoiar Moisés, tentando persuadir Faraó a deixar o povo hebreu partir (10:7; 11:3).

Apesar de falarmos com frequência das “pragas” em termos gerais, o texto original hebraico usava diversos termos para descrever o caráter extraordinário desses acontecimentos. Por vezes, são designados por uma palavra hebraica que também pode ser traduzida como “golpes” (9:14). Em outras ocasiões, são chamadas de “sinais”, ou seja, manifestações de Deus (4:9,17,28; 12:13; 13:9,16). Outras vezes, ainda, são designadas por “milagres” ou “maravilhas” (7:3; 11:9). A palavra usada para se referir à última praga costuma ser associada a uma calamidade como a lepra (11:1). Todos esses termos apresentam aspectos diferentes sobre as dez pragas: feriram o orgulho de Faraó, foram um sinal do poder do Deus que as enviou e foram maravilhas, pois se originaram de uma força sobrenatural.

Cada uma das pragas se desenrola da mesma forma: Moisés e Arão exigem que Faraó deixe o povo ir, Faraó recusa, Deus responde à recusa com uma praga, Faraó se arrepende, Deus suspende a praga e Faraó volta atrás com sua palavra. A situação se torna mais grave, passando de demonstrações menores do poder de Deus que afetam todos os habitantes da terra (as três primeiras pragas) a pragas que afetam somente os egípcios, poupando os israelitas e, por fim, à manifestação do poder de Deus sobre a vida e a morte, quando ele provoca a morte de todos os primogênitos do sexo masculino. Só então Faraó cede.

O povo bangala da República Democrática do Congo diz: “Não se pode matar um elefante com apenas uma lança”. Faraó era como um elefante e teve de ser atingido por vários golpes antes de se entregar.

Esses acontecimentos nos permitem compreender melhor quatro aspectos da natureza de Deus:

- Deus não tem rivais. Seu objetivo maior era levar Faraó e os egípcios, bem como os israelitas, a reconhecer que ele é o único Deus verdadeiro, capaz de derrotar todas as divindades egípcias (9:14-15; 12:12).
- Deus é todo-poderoso e usa elementos humanos e naturais para realizar seus propósitos.
- Deus é soberano. Livra seu povo da opressão e cumpre suas promessas (Gn 15; Êx 12:40-41).
- Deus é bondoso e paciente e procura conduzir até o coração mais endurecido ao arrependimento e à obediência.

### 7:14-25 A água é transformada em sangue

Deus diz a Moisés para se encontrar com Faraó junto ao Nilo onde, ao que parece, Faraó ia todas as manhãs, talvez para realizar alguma ablução (7:14-15). Deve lembrá-lo de que está se recusando a obedecer à ordem de Deus para deixar seu povo ir (7:16). Aqui e em outros encontros com Faraó, Deus é chamado especificamente de *Deus dos hebreus* (7:16; cf. tb. 3:18; 5:3; 9:1,13). Esse Deus é superior ao Nilo venerado pelos egípcios e a todas as outras divinda-

des associadas ao rio, como Ápis, Ísis e Osíris. Esses deuses não serão capazes de neutralizar a operação de Deus decorrente da recusa de Faraó, a saber, a transformação da água do Nilo *em sangue* (7:17). Devido a essa mudança, *os peixes que estão no rio morrerão, o rio cheirá mal, e os egípcios terão nojo de beber água do rio* (7:18). Essa calamidade começa quando, atendendo à ordem de Moisés, Arão fere a água do rio. A praga se espalha atingindo não apenas o Nilo, mas seus afluentes, a água das lagoas e dos reservatórios e até mesmo a água guardada em recipientes domésticos de madeira e pedra (7:19-21). Sem terem o que beber por uma semana, os egípcios cavam poços em desespero (7:24-25).

Ainda assim, Faraó não se impressiona, pois os magos do Egito realizam o mesmo milagre por meio de suas *ciências ocultas* (7:22-23). Aparentemente, não lhe ocorreu que seus magos conseguiram apenas imitar o milagre de Deus, mas não foram capazes de restituir o Nilo a seu estado normal nem de evitar que os peixes (um alimento indispensável) morressem e poluissem o rio.

### 8:1-15 Rãs

Deus pode agir de modo miraculoso ou pode usar consequências naturais para realizar sua vontade. Aqui, usa o efeito da primeira praga para enviar a segunda, pois as rãs fugiram das águas poluídas do Nilo. No entanto, é Deus quem determina o momento e a intensidade dessa ocorrência. As rãs aparecem *em abundância*, infiltram-se em todos os lugares e ninguém pode evitá-las. Entram até no palácio de Faraó, em seu quarto e sua cama; infestam as residências dos membros de sua corte e de todo o povo, imiscuindo-se até nos *foros*, e nas [...] *amassadeiras* (8:2-4). Deve ter sido difícil lidar com essa praga, pois os egípcios associavam as rãs à deusa Heqet que tinha corpo de mulher e cabeça de rã. Pelo fato de Heqet ser a deusa da fertilidade e do nascimento, as rãs eram sagradas e não podiam ser mortas.

Os magos conseguem imitar o milagre realizado por Arão e Moisés (8:5-7). No entanto, teria sido mais proveitoso se houvessem conseguido se livrar das rãs!

Diante da impossibilidade de continuar ignorando os fatos, Faraó manda chamar Moisés e Arão e pede que orem para Deus remover as rãs (8:8). O rei do Egito é forçado a reconhecer que nenhum deus de sua terra tem poder para livrá-la dessa praga. Ademais, chama Deus pelo nome, apesar de haver dito anteriormente que não o conhecia (cf. 5:2). Se Deus remover as rãs, Faraó deixará os israelitas irem. Moisés concorda em interceder por ele e pede que as rãs sejam removidas numa hora específica de modo a mostrar a Faraó que *ninguém há como o SENHOR nosso Deus* (8:9-11).

Faraó havia pedido apenas a remoção das rãs, pois, conforme explicado anteriormente, não podia pedir que fossem mortas. Porém, Deus provoca a morte de todas as rãs, en-

fraquecendo ainda mais a autoridade dos deuses egípcios, sobretudo da deusa-rã que simbolizava a vida (8:12-14).

Depois de se ver livre das rãs e, por certo, de repensar sua promessa, Faraó volta atrás (8:15). Os egípcios podiam considerá-lo um deus, mas sua palavra não era digna de confiança. Num contraste nítido, a palavra de Deus dirigida a ele permaneceu inalterada e se cumpriu em todos os casos.

### 8:16-19 Piolhos

Deus responde à recusa de Faraó em permitir a partida dos israelitas transformando o pó do Egito em piolhos (o termo hebraico também pode ser traduzido como mosquitos ou, literalmente, parasitas) que perturbam pessoas e animais (8:16-17). A praga começa quando Arão *fere o pó da terra* com seu bordão. É possível que essa praga tenha sido um ataque simbólico a Set, o deus egípcio do deserto.

A menção do pó remete ao fato de que viemos do pó e ao pó voltaremos (Gn 2:7), o que remete à insignificância humana diante do Criador. Talvez essa praga envolva até um trocadilho, pois o termo egípcio para “faraó” é semelhante à palavra hebraica *aphar*, pó, sugerindo que esse homem divinizado por seu povo na verdade é tão insignificante quanto o pó da terra.

Os magos não conseguem reproduzir esse milagre (8:18) e são obrigados a admitir a Faraó que a praga vem diretamente de Deus (8:19). Ainda assim, Faraó não cede.

### 8:20-32 Moscas

Como no caso das rãs e dos piolhos, um enxame de moscas (ou “mutuca”, como diz a Septuaginta) veio sobre Faraó, seus oficiais e o povo, entrando nas casas e arruinando a terra (8:20-21,24). As moscas podem simbolizar o deus-sol Rá ou deus Uatchit, ambos representados por insetos.

Nenhuma das pragas do segundo conjunto de três afeta a terra de Gósen, a região onde os hebreus viviam (8:22-23). Assim, Deus se mostra capaz de proteger seu povo, algo que os deuses do Egito evidentemente não podem fazer, pois os egípcios sofrem todos os efeitos de cada uma das pragas.

Desta vez, Faraó parece ceder. Concede a Moisés e Arão permissão para o povo hebreu sair e oferecer sacrifícios a seu Deus. No entanto, enquanto Moisés havia declarado que desejavam deixar o Egito a fim de realizar esses sacrifícios, Faraó especifica que devem permanecer *nesta terra* (8:25), pois, certamente, pretende mantê-los sob vigilância. Moisés recusa a oferta, afirmando que o sacrifício de animais como touros e carneiros scandalizaria os egípcios, para os quais o touro representava o deus Ápis e o carneiro, o deus Amon (8:26-27).

Relutante, Faraó concorda em deixá-los viajar até um local próximo no deserto e ordena que orem por ele (8:28). Vemos nas palavras do governante do Egito uma desilusão quanto ao poder de seus magos. Deve ter sido difícil para

ele reconhecer esse fato, pois significava admitir que, pouco a pouco, a convicção de seu próprio poder também estava sendo solapada. Moisés ora mais uma vez, e Deus torna a responder, afirmando seu poder absoluto (8:30-31). No entanto, conforme Moisés havia suspeitado (8:29), Faraó volta a quebrar sua promessa (8:32).

#### 9:1-7 A morte dos animais domésticos

A calamidade decorrente da recusa de Faraó é descrita como *pestilência gravíssima* (9:3b) e o texto fornece uma relação dos animais afetados (9:3a). O deus Ápis era representado, em geral, como um touro, a deusa Hathor como uma vaca e os deuses Khnum e Amon como carneiros. A praga pode ser interpretada, portanto, com um golpe desferido contra essas divindades. A morte dos cavalos deve ter representado uma perda séria para uma nação cujo poderio militar dependia consideravelmente desses animais (cf. tb. 14:23; 15:1). Os jumentos e camelos que morreram eram animais de carga, e as ovelhas proviam alimento e lã. Essa praga, que talvez tenha sido uma forma de antraz ou outra doença que Deus escolheu usar, afetou a vida religiosa, a economia e a força militar do Egito. Somos lembrados que o Senhor é a única fonte verdadeira de toda a prosperidade. Isso é enfatizado pelo fato de os animais dos israelitas não terem morrido, conforme o próprio Faraó pôde verificar (9:7). Ainda assim, porém, ele se recusou obstinadamente a atender ao pedido de Moisés.

#### 9:8-12 Tumores

Alguns comentaristas interpretam os *tumores que se arreben-tam em úlceras* nos egípcios como uma imagem do orgulho que cresce no coração humano a ponto de quase arreben-tá-lo. Esses tumores afetaram tanto pessoas quanto animais e sua ampla disseminação se afigura evidente, pois são mencionados três vezes no texto (9:9-11).

A praga começa quando Moisés lança *mãos cheias de cinza de forno* para o alto (9:8), um resíduo de combustão, indicando que os egípcios seriam feridos pelo fogo consumidor de Deus. Até mesmo seus magos ficaram cobertos de tumores e *não podiam permanecer diante de Moisés* (9:11).

Essa praga talvez visasse a três divindades egípcias: Sekhmet, a deusa que supostamente controlava as enfermidades; Sunu, o deus da pestilência; e Ísis, a deusa da cura.

#### 9:13-35 Chuva de pedras

Moisés adverte que, se Faraó não deixar os hebreus partirem, Deus enviará todas as suas pragas sobre os egípcios (9:13-14) e, de fato, as pragas seguintes são bem piores do que as anteriores. Faraó é advertido de que o mesmo Deus que tem todo o poder é o Deus que o elevou e manteve com vida durante a sucessão de calamidades. Deus explica por que o poupou: *A fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra* (9:15-16). Paulo cita

essas palavras no NT ao desenvolver uma explanação acerca da soberania de Deus: “Ele tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Rm 9:17-22).

A sétima praga vem sob a forma de uma chuva de pedras como os egípcios nunca haviam visto (9:18). Pela primeira vez, Deus adverte os egípcios daquilo que está por vir e os aconselha a procurar abrigo. Instrui Faraó a ordenar ao povo para *recolher o teu gado e tudo o que tens no campo* (9:19), inclusive os escravos dos egípcios. Somente aqueles que atentassem para as palavras do Senhor seriam preservados do mal (9:20-21).

Trovões, raios e uma chuva de pedras formam uma tempestade violenta *qual nunca houve* na história do Egito (9:24). Não é raro Deus mostrar seu poder através de fenômenos naturais como esses. Nas palavras do profeta Isaías: “O SENHOR fará ouvir a sua voz majestosa e fará ver o golpe do seu braço, que desce com indignação de ira, no meio de chamas devoradoras, de chuvas torrenciais, de tempestades e de pedra de saraiva” (Is 30:30).

A chuva de pedras começa com um sinal de Moisés (9:22-23) e cessa com outro sinal (9:29,33). Seu controle total sobre a tempestade deve ter humilhado Nut, a deusa egípcia do céu. Osíris, a divindade das colheitas e da fertilidade da terra também foi aviltado quando, em vez de fertilizar a terra, Deus destrói a vegetação e as plantações (9:25,31). Atemorizado com o poder do Senhor, Faraó confessa: *Esta vez pequei; o SENHOR é justo, porém eu e o meu povo somos ímpios* (9:27) e suplica pela misericórdia de Deus, prometendo que agora deixará o povo ir (9:28). Porém, mais uma vez, volta atrás em sua permissão. Passa a impressão de ser sincero em suas palavras durante a crise, mas parece mudar de ideia conforme as circunstâncias.

#### 10:1-20 Gafanhotos

Desta vez, Deus fornece mais informações a Moisés sobre o propósito de realizar *sinais e prodígios*. Deseja revelar seu poder não apenas aos egípcios, mas também às futuras gerações de hebreus (10:1-2).

Mais uma vez, Deus humilha as divindades locais e os próprios egípcios ao ameaçá-los com uma praga de gafanhotos que destruirá a vegetação e todas as plantações que sobreviveram à chuva de pedras (10:3-6). Os gafanhotos surgem em várias ocasiões ao longo das Escrituras como símbolo do julgamento de Deus (Jl 1:2-7; Am 7:1-3).

Os oficiais da corte de Faraó suplicam a seu governante para atender ao pedido de Moisés. Falam com uma franqueza surpreendente: *Acaso não sabeis ainda que o Egito está arruinado?* (10:7). O senhor do Egito está perdendo sua autoridade. Assim, manda chamar Moisés e Arão e parece pronto a negociar a partida do povo. No entanto, declara que somente os homens deverão deixar o Egito para adorar a Deus (10:8-11). As esposas e os filhos ficarão no Egito como reféns para garantir a volta dos ho-

mens hebreus. Quando Moisés insiste que todos devem ir, Faraó se recusa a considerar essa possibilidade e manda Moisés e Arão embora.

Então, Moisés estende sua mão e um vento oriental traz os gafanhotos, provocando a pior invasão desse inseto já ocorrida no Egito: *Nunca houve tais gafanhotos nem depois deles virão outros assim* (10:12-15).

Enquanto as versões bíblicas em nossa língua falam dos gafanhotos no plural, o texto original hebraico usa a forma singular. A nuvem era constituída de milhões de insetos, mas todos agiram como se fossem um único exército gigantesco. Essa ideia de muitos agindo em unidade também pode ser encontrada no episódio em que os demônios habitando dentro de um homem declaram: “Legião é o meu nome, porque somos muitos” (Mc 5:9).

Diante dessa nova praga, Faraó admite novamente que pecou (cf. 9:27), mas, desta vez, também pede perdão (10:16-17). Moisés ora e o vento oriental se transforma num forte vento ocidental que leva os gafanhotos para o mar Vermelho (10:18-19). Como sempre, Faraó volta a se mostrar obstinado (10:20). Desta vez, porém, diz-se que o Senhor *endureceu o coração de Faraó*. (Cf. o comentário sobre essa expressão em 4:21.)

#### 10:21-29 Trevas

A nona praga — *trevas que se possam apalpar* — vem sem nenhuma advertência a Faraó e dura três dias (10:21-22). Deus, o Criador da luz, pode ter provocado essas trevas de forma miraculosa ou ter usado sua criação existente para provocá-las. Alguns comentaristas sugerem a possibilidade de Deus ter usado um “khamzin”, ou seja, um vento forte, para trazer do deserto uma tempestade de areia cegante. As trevas também indicam a superioridade de Deus sobre Rá, o deus-sol, do qual Faraó era, supostamente, uma encarnação. O mais impressionante nesse sinal é que os israelitas ainda tinham luz, enquanto os egípcios se viram em trevas tão densas que *ninguém se levantou do seu lugar* enquanto durou a escuridão (10:23).

Faraó volta a convocar Moisés e a fazer uma proposta: todos os hebreus podem ir e adorar ao Senhor, desde que deixem seus rebanhos e seu gado no Egito (10:24). Talvez ele tenha pensado que, se não podia garantir a volta dos escravos, pelo menos ficaria com seus rebanhos para repor os animais mortos pelas pragas anteriores.

Faraó parece ceder, mas Moisés recusa suas condições (10:25-26). As negociações são interrompidas de forma dramática quando Faraó proíbe Moisés de aparecer diante dele novamente e ameaça: *Porque, no dia em que virem o meu rosto, morrerás* (10:28). Moisés confirma que as negociações chegaram ao fim: *Nunca mais tornareei eu a ver o teu rosto* (10:29).

Quando se recusam a receber a palavra de Deus, os seres humanos condenam a si mesmos à escuridão. Faraó é um excelente exemplo da veracidade das palavras de João:

“A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1:5). A segunda parte deste versículo também pode ser traduzida como “mas as trevas não a compreenderam”. O êxodo está próximo e, logo, o povo de Deus deixará as trevas do Egito para iniciar a jornada rumo à luz de Deus.

#### 11:1—12:30 A morte dos primogênitos e a Páscoa

Os capítulos 7 a 10 narram uma sequência de pragas. Agora, há uma pausa e uma mudança de foco no relato. Deus ordena que Moisés anuncie a última praga, mas não a executa de imediato. Antes, passa a Moisés instruções detalhadas sobre uma nova prática religiosa a ser seguida pelos israelitas. Então, enquanto o povo de Israel está observando a Páscoa, Deus mata todos os primogênitos do Egito.

**11:1-10** UMA ADVERTÊNCIA SEVERA. Antes de sair da presença de Faraó *ardendo em ira*, Moisés lhe fala da última e mais terrível praga que sobrevirá a seu povo, uma praga tão horrenda que Faraó, outrora relutante, não apenas deixará os israelitas irem, mas os expulsará do Egito (11:1,8). Nesta última praga, Deus tirará a vida do filho primogênito de todas as famílias egípcias (11:5-6). Não há experiência mais dolorosa para um pai ou uma mãe do que a perda de um filho, mas a perda do primogênito é ainda pior, pois ele é o herdeiro privilegiado sobre o qual a família deposita todas as suas esperanças. O primogênito de Faraó herdaria seu trono. Depois da cada uma das pragas anteriores, a situação havia voltado ao normal, mas para os pais que sofressem essa perda, as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Esse ato divino contra os primogênitos pode parecer cruel, mas talvez tenha sido o castigo de Deus pela crueldade análoga dos egípcios, que tentaram matar todos os bebês hebreus do sexo masculino (1:15-16).

Deus informa Moisés que esta será a última praga e que o povo deixará o Egito em breve. Porém, o adverte sobre a necessidade de o povo se preparar para sua jornada, tanto material quanto espiritualmente. Para a provisão material, os israelitas devem pedir aos vizinhos egípcios *objetos de prata e de ouro* (11:2). Seu pedido será atendido, pois o Senhor influenciou a atitude dos egípcios para com Israel e até Moisés era *muito famoso na terra do Egito, aos olhos dos oficiais de Faraó, e aos olhos do povo* (11:3).

No entanto, os israelitas só serão poupados do sofrimento reservado para os egípcios se seguirem as instruções de Deus e observarem uma nova comemoração religiosa, a Páscoa.

**12:1-28** A INSTITUIÇÃO DA PÁSCOA. Como indicam os detalhes acerca da instituição da Páscoa no contexto da décima praga, o narrador deseja dar à morte dos primogênitos um significado que ultrapassa a tragédia. A Páscoa se tornará essencial na comemoração do livramento concedido pelo Senhor e no êxodo (cf. tb. 12:43-51; 13:1-16). Porém, nessa

primeira Páscoa, não serão mortos apenas os cordeiros, mas todos os primogênitos egípcios. Séculos depois, o Cordeiro de Deus viria para dar um novo significado à Páscoa (cf. Jo 1:29).

A instituição da Páscoa marca o início de uma série de rituais e cerimônias religiosas a serem observados pelos israelitas. O Senhor define para Israel um novo calendário religioso que começa na primavera, no mês de abibe, o primeiro mês do ano, correspondente a março-abril em nosso calendário (12:2).

O Senhor fornece instruções precisas a Moisés acerca dos procedimentos e do momento certo de realizá-los. No décimo dia do mês, os israelitas devem escolher um cordeiro e (12:3a) e *guardá-lo* até o décimo quarto dia do mês, ou seja, na lua cheia (12:6a). Deus também enfatiza o aspecto comunal da comemoração. O povo deve observá-la em grupos (12:3b) e os animais devem ser imolados *por todo o ajuntamento da congregação* ao mesmo tempo (12:6b). Esse é o primeiro registro bíblico de sacrifícios oferecidos por famílias, e não indivíduos, e da participação de toda a congregação em um ritual comum. Não vemos esse tipo de prática religiosa no tempo dos patriarcas. As referências à “congregação” em 12:3 e 12:6 também sugerem os primórdios do conceito de povo, nação. Esse conceito chegará a seu ápice quando Deus anunciar que escolheu a nação e quando firmar a aliança com Israel nos capítulos 19 e 20.

As prescrições quanto ao animal e seu preparo são rígidas. As famílias podem usar um cordeiro ou cabrito, mas ele deve ser um macho de um ano de idade e ser *sem defeito* (12:5). Deus exige que todos os sacrifícios oferecidos a ele sejam perfeitos e, portanto, não aceita animais defeituosos (Lv 22:17-31).

Quando os animais forem imolados, o povo deve guardar uma parte do sangue. Mais adiante, Deus instruiria o povo a drenar e enterrar o sangue (Lv 17:10-14), mas, nesta ocasião, os israelitas deviam tomar um feixe de hisopo (provavelmente uma planta aromática), molhá-lo no sangue e passá-lo nas ombreiras e na verga da porta de suas casas (12:7).

Deus também especifica o modo como a carne deve ser preparada. O animal deve ser assado, e não cozido (12:8a). A refeição deve ser comida *à pressa*, e todos devem estar vestidos e prontos para iniciar a jornada (12:11; cf. tb. 12:39; Dt 16:3), mas a carne não deve ser comida crua (12:9), provavelmente para distinguir essa refeição dos ritos observados por outros povos. A carne deve ser acompanhada de *pães asmos* e de *ervas amargas*, simbolizando a experiência dolorosa da escravidão (12:8b).

Nas gerações futuras, quando essa festa fosse celebrada para comemorar o que havia acontecido no Egito, ficaria conhecida como Festa dos Pães Asmos (“asmo” significa “sem fermento”; 12:17). Entre outros motivos, o pão devia ser sem fermento pois, em sua pressa de sair

do Egito, os israelitas não teriam tempo de deixar a massa do pão crescer. No entanto, as instruções detalhadas acerca da preparação desse pão (chamado de *matzoh* em hebraico) e o fato de o povo ter de comê-lo por sete dias sugere a existência de outro motivo para sua importância. Pode-se dizer o mesmo da instrução repetida: *Tirareis o fermento das vossas casas* (12:15,19; cf. tb. 13:7). Ainda hoje, judeus ortodoxos fazem uma limpeza geral antes da Páscoa e removem todo vestígio de fermento de suas casas e locais de trabalho.

A ênfase sobre comer pão sem fermento faz sentido quando lembramos que, naquela época, o fermento que fazia a massa crescer consistia num pedaço de massa crua de um pão preparado anteriormente. Essa massa fermentada agia como os fermentos usados em pães hoje em dia. No entanto, significava que o pão novo possuía resquícios do pão anterior. Deus deseja que os israelitas partam para uma vida nova e rompam inteiramente com sua vida antiga como escravos no Egito, utilizando-se da metáfora do pão sem fermento.

Ao longo da Bíblia, o fermento é associado em várias ocasiões com o pecado, com os resquícios de nossa velha natureza e com o orgulho arrogante que incha as pessoas da mesma forma que o fermento faz a massa do pão inchar. O apóstolo Paulo, por exemplo, usa a imagem do fermento quanto escreve para os coríntios: “Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento [...] Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade” (1Co 5:6-8).

Logo depois das instruções acerca do pão, Moisés explica o motivo pelo qual o povo deve aspergir o sangue nas ombreiras e na verga das portas: *Porque o SENHOR passará para ferir os egípcios*, mas poupará aqueles cujas casas estiverem marcadas com esse sinal de sangue (12:23). O termo hebraico *Pesach*, traduzido para nossa língua como Páscoa, significa, literalmente, “passar sobre”, no sentido de “saltar”. O sangue do cordeiro faz o anjo de julgamento poupar aqueles que reivindicam sua proteção.

Para os cristãos, é fácil ver como a Páscoa dos israelitas prefigura a vinda de Jesus Cristo, o Messias. Ele próprio seria o Cordeiro sem defeito (12:5; Jo 1:29; 1Pe 1:19), oferecido como sacrifício para livrar cada um de nós e o mundo da escravidão do pecado. O apóstolo Paulo se refere a Cristo como “nosso Cordeiro pascal” (1Co 5:7). Assim como o sangue do cordeiro e a obediência à ordem do Senhor preservaram os israelitas, o sangue de Cristo e a obediência à sua mensagem preservam os cristãos do julgamento por seus pecados e da morte eterna.

A Páscoa e a comemoração subsequente, a Festa dos Pães Asmos, deveriam durar uma semana e ser observadas todos os anos a fim de lembrar as gerações futuras de



## RITOS DE INICIAÇÃO

Esses ritos cerimoniais formais marcam a transição de um indivíduo de um estágio da vida para outro, de uma sociedade para outra ou de uma posição social para outra. Formas diferentes de ritos de iniciação são realizadas por grupos e comunidades distintos. As sociedades secretas, por exemplo, podem exigir que os candidatos à afiliação passem por certos ritos, enquanto alguns grupos pastoris como o povo masai do Quênia possuem ritos de iniciação para *moran* (guerreiros da comunidade) que desejam se tornar líderes em sua sociedade.

### Ritos de iniciação na Bíblia

Os ritos de iniciação também podem ser encontrados na Bíblia. Aos noventa anos de idade, Abraão — juntamente com todos os homens e meninos de sua casa — foi circuncidado como sinal da aliança eterna que Deus havia feito com ele e seus descendentes (Gn 17:1). Esse acontecimento marcou uma nova fase na vida de Abraão, bem como o início da prática judaica que consiste em circuncidar todos os meninos recém-nascidos no oitavo dia de vida. Os prosélitos do judaísmo também deviam ser circuncidados a fim de ingressar oficialmente na comunidade de Israel (Êx 12:48-49).

No cristianismo, o batismo é um tipo de rito de iniciação. Depois de aceitar a Jesus Cristo e confessá-lo como Senhor e salvador, a pessoa deve passar pelas águas do batismo, conforme as instruções de Jesus Cristo (Mt 28:19; Mc 16:15). Na maioria das denominações, isso ocorre depois que o recém-convertido é instruído acerca das principais doutrinas bíblicas.

### Ritos de iniciação na África

Os ritos de iniciação mais comuns nas sociedades africanas tradicionais são relacionados à transição da infância para a idade adulta. Trata-se de um marco extremamente importante na vida do jovem das comunidades africanas mais tradicionais, pois indica o final da infância e o ingresso oficial na vida adulta. Assim, os adolescentes são preparados para ser adultos responsáveis, instruídos em todos os aspectos da vida. As moças do grupo étnico krobo de Gana, por exemplo, passam três semanas se preparando para sua iniciação. Durante esse período, aprendem a cozinhar, a desenvolver a postura de uma mulher adulta e a agradar o marido em de todas as formas. No final das três semanas é realizado um *Dipo*, uma cerimônia de cinco dias na qual se declara publicamente que as meninas agora são mulheres maduras e prontas para casar. Entre o povo masai, rapazes são colocados para cuidar dos rebanhos nos campos abertos onde, provavelmente, terão de realizar um ato de heroísmo como matar um leão a fim de serem iniciados como membros adultos da comunidade.

Os ritos de iniciação numa comunidade servem para estreitar os laços entre seus membros. Nessas comemorações, os pais têm a oportunidade de se sociabilizar e, quem

sabe, encontrar bons maridos ou esposas para seus filhos. Assim, a iniciação promove a unidade comunitária e leva o iniciado a sentir-se parte do grupo.

Apesar dos muitos elementos louváveis da iniciação tradicional, alguns ritos também envolvem elementos negativos. Os sacrifícios oferecidos para apaziguar os deuses da comunidade e os antepassados e para buscar sua bênção sobre a vida dos iniciados é uma forma de culto aos antepassados e espiritismo. Além disso, o uso tradicional da mesma faca para circuncidar os iniciados é uma prática extremamente perigosa nos dias de hoje, pois pode provocar a infecção por HIV.

A iniciação das moças é ainda mais problemática, pois a mutilação genital feminina pode causar sérios traumas e deformidades, acarretando vários riscos (cf. artigo “Mutilação genital feminina” no comentário de Gênesis). Também é errado pressupor que todas as moças estão preparadas para se casar logo depois da iniciação, obrigando-as a assumir esse compromisso.

As preocupações com esses aspectos negativos da iniciação provocaram um declínio na prática dos ritos de passagem na maioria das comunidades africanas, levando à sua proibição em grande parte da igreja na África. No entanto, a igreja ainda reconhece a importância de preparar as crianças para a idade adulta. A necessidade de preparação é ainda maior na medida em que mudanças na sociedade exigem que as crianças passem menos tempo com os pais e mais tempo na escola. Assim, não devemos permitir que os ritos de iniciação desapareçam, pois tais práticas promovem um ambiente no qual os adolescentes podem aprender a lidar com as questões da vida diária na transição da infância para a idade adulta.

### Os ritos de iniciação e a igreja

Diante desse quadro, a igreja africana precisa reavivar o que há de melhor nos ritos de iniciação, deixando de fora todo o mal que lhes é associado. Algumas igrejas já estão colocando essa ideia em prática. Um exemplo é a organização Tanari Trust, fundada pela igreja batista de Nairóbi e suas congregações. Essa entidade trabalha com escolas, famílias e outras igrejas, oferecendo aos adolescentes que se preparam para entrar no ensino médio (ou seja, com treze anos de idade ou mais) uma série de cursos com duração de um ano, que se encerram num acampamento para os iniciados durante as férias de dezembro. O currículo desenvolvido com base na Bíblia trata de relacionamentos, sexualidade, responsabilidade, santidade e pureza, como lidar com a pressão dos colegas, a escolha de uma carreira e outros assuntos recomendados pelas igrejas e pelos pais envolvidos.

Os ritos de iniciação cristãos podem ser instrumentos poderosos para moldar a vida dos adolescentes cristãos em sua transição para a vida adulta. Com a ajuda de Deus, podem ser usados para formar moços e moças responsáveis, espirituais e vibrantes, que abençoarão a igreja de Cristo na África.

Judith A. Milasi

israelitas do que Deus fez por eles no Egito (12:14,24-27). Essas festas prefiguram a Ceia do Senhor, na qual Jesus se torna o novo elemento central da Páscoa (cf. Mt 26:17; 1Co 11:23-33).

**12:29-30 A MORTE DOS PRIMOGÊNITOS.** Enquanto os israelitas fazem a refeição de Páscoa, o Senhor mata todos os primogênitos do sexo masculino das casas em que não há o sinal de sangue. A amplitude da tragédia é aterradora: *Fez-se grande clamor no Egito, pois não havia casa em que não houvesse morto* (12:29-30). Nem mesmo a casa de Faraó escapa do anjo da morte. Deus desfere o golpe final no governante do Egito tomando dele seu herdeiro.

### 12:31-42 O êxodo

Nessa mesma noite, Faraó manda chamar Moisés e Arão e ordena que levem os israelitas e seus rebanhos embora (12:31-32a). Sua ordem é para saírem imediatamente, devido a todas as calamidades que trouxeram sobre a terra. Os outros egípcios também instam os israelitas a partir, *apressando-se em lançá-los fora da terra* (12:33). Deus não mentiu quando disse que, por fim, quando Faraó os deixar ir, os “expulsará totalmente” (11:1). Desta vez, Faraó não impõe nenhuma condição; antes, insta que Moisés peça a bênção do Senhor (12:32b).

Às pressas, os israelitas juntam todos os seus pertences, incluindo a massa não fermentada do pão ainda dentro das amassadeiras (12:34). Então, seguindo a instrução em 11:2, pedem aos egípcios *objetos de prata, e objetos de ouro, e roupas* (12:35). Os bens que os egípcios lhes dão de bom grado representam uma compensação parcial pelos anos de exploração (12:36).

Quando finalmente deixaram o Egito, os israelitas devem ter pensado estar num sonho. Partiram de Ramessés (uma cidade que eles haviam construído; 1:11) em direção a Sucote. Formavam um povo numeroso, pois se acrescentamos mulheres e crianças aos *seiscentos mil a pé, somente de homens* (12:37), é provável que pelo menos dois milhões de pessoas tenham deixado aquela terra.

Porém, nem todos no meio desse povo eram de Israel; havia um grande número de não-israelitas (12:38), provavelmente alguns membros de outras minorias que aproveitaram a oportunidade para deixar um país no qual não se sentiam bem-vindos ou felizes. Talvez houvesse até egípcios insatisfeitos com o governo de Faraó que haviam se convertido ao Deus de Israel.

A ênfase sobre o tempo que os israelitas passaram no Egito (12:40-41) serve para mostrar que todos esses acontecimentos dramáticos foram o cumprimento da promessa feita por Deus a Abraão: “Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas” (Gn 15:13-14).

### 12:43—13:16 Novas prescrições

#### 12:43-51 Mais prescrições para a Páscoa

As instruções para a comemoração da Páscoa são detalhadas e visam principalmente aos outros grupos que se juntaram ao povo no êxodo (12:43). O requisito fundamental para participar da Páscoa é simples: ser circuncidado (12:44,48). Esse rito simbolizava a aliança entre Deus e os descendentes de Abraão (Gn 17:10-14). Ao se submeterem a esse procedimento, os estrangeiros e suas famílias podiam se tornar membros da comunidade de Israel com os mesmos direitos e responsabilidades que os israelitas (12:49). Residentes temporários no meio do povo, trabalhadores contratados e qualquer outra pessoa de fora que não tivesse expressado o desejo de se tornar parte da comunidade não deviam participar da festa de Páscoa (12:45).

Ao tratarmos de questões de pureza e identidade nacional, convém observar as medidas previstas por Deus para receber indivíduos não-israelitas na comunidade. O povo que seguiu Moisés e se tornou a nação de Israel era constituído não apenas de descendentes de Jacó, mas também de pessoas de várias outras nações. Apesar de essa gente receber, por vezes, a designação negativa de “populacho” (Nm 11:4), Deus deixa claro que, ao cumprirem os requisitos da aliança, tais indivíduos devem ser recebidos pelo povo da aliança.

Hoje em dia, há somente uma condição para se tornar parte do povo de Deus: ser coberto pelo sangue de Jesus Cristo. A circuncisão não é mais necessária, como assevera o NT: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3:28-29).

As prescrições com respeito à Páscoa também especificam que a refeição deveria ser feita dentro de casa e que nenhum osso do animal poderia ser quebrado (12:46). Talvez essas instruções visassem manter intacto o esqueleto do animal, lembrando que se tratava de um sacrifício perfeito, sem defeito, oferecido em favor do povo.

A identificação de Jesus como o Cordeiro pascal supremo é enfatizada por João quando ele lembra que, ao contrário do que foi feito com os outros dois criminosos crucificados, as pernas de Jesus não foram quebradas (Jo 19:36).

O povo respondeu às instruções de Deus a Moisés com total obediência (12:50). Sua liberdade recém-adquirida é uma liberdade que atenta e cumpre as ordens do Senhor. O povo não vive mais em sujeição aos egípcios, mas sim ao Deus da aliança. Devemos cuidar para não confundirmos liberdade com licenciosidade, pois ser livre não significa viver como bem se entende, sem nenhuma obrigação ou crença religiosa. Não foi esse o propósito de Deus ao libertar seu povo da escravidão do Egito. Infelizmente, vários países africanos ávidos por liberdade e independência igno-

raram esse fato na década de 1960 e tiveram como resultado a anarquia em vez da liberdade.

A declaração em **12:51** indica ordem, e não anarquia: o povo deixou o Egito *segundo as suas turmas* (cf. comentário em 12:41).

### **13:1-16 Prescrições acerca dos primogênitos**

Era preciso ensinar às gerações futuras aquilo que Deus havia feito no passado. Nós, africanos, temos consciência da importância de transmitir nossa história, pois, como disse o acadêmico Amadou Hampate Ba, de Mali: “A morte de um idoso é como o incêndio de uma biblioteca”. Também organizamos comemorações do Dia da Independência a fim de transmitir a memória da luta de cada país pela libertação das potências coloniais. Da mesma forma, Deus providenciou meios para que a memória de seus feitos fosse passada às gerações seguintes instituindo dois rituais a serem observados na terra prometida (**13:5**). Esses rituais são descritos como  *sinal na tua mão e memorial entre teus olhos* (**13:9,16**; cf. tb. Dt 6:8).

O primeiro ritual é a comemoração anual da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos, duas celebrações descritas anteriormente em detalhes (**13:3-7**; cf. **12:1-27**; **43-48**).

O segundo ritual é a consagração a Deus de todos os primogênitos do sexo masculino, tanto dos seres humanos quanto dos animais. Todos deviam ser consagrados a Deus, ou seja, considerados propriedade dele (**13:1-2**). Deus reivindica seu direito sobre eles, pois os poupou graciosamente quando a décima praga feriu todos os primogênitos do sexo masculino na terra do Egito (**13:15**). Sua consagração ao Senhor serve para lembrar aquilo que Deus fez por seu povo quando o resgatou do Egito e, desse modo, também lembra que a nação toda lhe pertence.

O animal consagrado ao Senhor devia ser sacrificado como holocausto, pois esse é o significado da expressão *apartará para o SENHOR* (**13:12**). No caso de um animal como o jumento, considerado cerimonialmente impuro e, portanto, inapropriado para ser sacrificado, havia duas opções: simplesmente imolar o animal ou sacrificar um animal puro em seu lugar (**13:13a**). Números 18:14-16 sugere, ainda, a possibilidade de resgatá-lo com uma soma em dinheiro.

Esse princípio de substituição também é aplicado aos filhos (**13:13b**), que devem ser simbolicamente consagrados ao Senhor, e não sacrificados a ele. O Deus de Israel se opõe energicamente ao sacrifício humano que certos povos da região praticavam (Lv 18:21; 20:1-5; 2Rs 16:3; Jr 32:35). Séculos antes, a ordem divina para Abraão sacrificar seu filho e oferecê-lo como holocausto foi, na verdade, um teste e o próprio Deus impediu que o ato se consumasse com a morte de Isaque (Gn 22). Esta passagem não diz exatamente como o filho primogênito deve ser resgatado, mas Números 18:16 especifica o pagamento de cerca de 55 gramas de prata aos sacerdotes.

Esta associação entre consagração e sacrifício substitutivo como resgate de um ser condenado à morte é mais um símbolo que nos ajuda a entender o significado da morte de Cristo por nós.

Cabe aos pais israelitas a tarefa importante de explicar o significado desses rituais a seus filhos e de perpetuar as memórias celebrando as festas instituídas (**13:3-7**), contando aos filhos os acontecimentos que essas festas recordavam e explicando seu significado (**13:8-9,14-15**). O enfoque não deve ser sobre os feitos de sua própria família ou de outras famílias e, nem mesmo, sobre os milagres de Moisés, mas sobre aquilo *que o SENHOR me fez* (**13:8**).

### **13:17—15:21 Deus conduz e protege**

#### **13:17-22 Deus vai adiante de seu povo**

Deus conduz seu povo num caminho traçado por ele para garantir uma jornada segura. Com isso, o Senhor protege o povo de sua própria fragilidade, pois sabe que, se enfrentarem uma guerra, podem mudar de ideia e voltar para o Egito (**13:17**). Assim, não encaminha os israelitas para a rota mais direta, a saber, pela costa do Mediterrâneo, através do território dos filisteus, pois isso logo os obrigaria a uma batalha contra os filisteus. Antes, Deus os conduz pelo deserto, proporcionando-lhes não apenas proteção, mas também um encontro com ele no monte Sinai, conforme prometido a Moisés (**3:12**).

Esse caminho leva o povo ao *mar Vermelho* (**13:18a**), um nome que também pode ser traduzido como mar de Juncos. A localização exata desse mar é controversa, mas há um consenso de que ficava na região dos lagos Amargos, hoje parte do canal de Suez. No entanto, esse nome poderia definir qualquer região pantanosa repleta de juncos (cf. tb. 2:3).

O texto diz que os israelitas partiram *arregimentados* (**13:18b**), um termo que pode ser traduzido como “em grupos de cinquenta”. Também surge em Josué 1:14 e 4:13, onde é traduzido como “armados”. Ao que parece, o povo se deslocou em grupos organizados de cinquenta pessoas, mas dificilmente se tratava de uma formação militar, pois, neste caso, não há menção do uso de armas.

A predição de José em Gênesis 50:25 se cumpre e seus ossos são levados do Egito a fim de serem sepultados na terra prometida, a terra natal que ele havia deixado ao ser vendido como escravo (**13:19**). No entanto, esse versículo não deve servir de base para supormos que o corpo de uma pessoa falecida deve sempre ser levado de volta à sua terra natal. O ato de o povo de Israel levar consigo os ossos de José não parece ter nenhum significado religioso. Trata-se apenas do cumprimento de uma promessa: José havia chegado no Egito como escravo, mas deixa essa terra em liberdade, juntamente com seus irmãos, e seus descendentes atendem a seu pedido de ser sepultado em sua própria terra.

Os cristãos sabem que não importa onde uma pessoa é sepultada, pois todos serão ressuscitados (Ap 20:4-5,13). No entanto, como José, muitos africanos desejam ser identificados com seu próprio povo depois da morte. Em geral, não há nada de errado com esse desejo, mas ele se torna questionável quando os custos elevados para transportar o corpo deixam a família desprovida de recursos necessários para sua sobrevivência.

Deus manifesta sua presença permanente com o povo numa coluna de nuvem que os conduz durante o dia e de fogo para guiá-los à noite (13:21-22). O livro de Êxodo termina com a mesma nuvem, o símbolo da presença de Deus, repousando sobre a tenda da congregação e indicando quando seu povo deve marchar e quando deve parar em sua longa jornada para a terra de Canaã (40:34-38).

#### 14:1-31 Perseguição e livramento

A vitória final de Deus sobre os egípcios e seu Faraó obstinado no mar Vermelho pode ser considerada a décima primeira praga. Vários dos temas ouvidos repetidamente no relato das dez pragas reaparecem nesta passagem: o endurecimento do coração de Faraó (14:4a,17), o uso do bordão de Moisés (14:16,21, 26-27), o contraste entre o sofrimento dos egípcios e o livramento dos israelitas (14:20; 28-29) e a asseveração divina do motivo de sua intervenção: *Saberão os egípcios que eu sou o SENHOR* (14:4b,18).

Estas palavras finais também reforçam que o Senhor é soberano e opera de modo a se fazer conhecido. Leva os israelitas a vagar aparentemente desorientados e, então, os posiciona *junto ao mar*, onde servirão de isca para os egípcios que entrarão na emboscada preparada por Deus (14:1-3). Apesar de não termos como identificar ao certo os três lugares mencionados, *Pi-Hairote*, *Migdol* e *Baal-Zefom*, há quem sugira que provavelmente ficavam situados na região dos lagos Amargos, próxima ao atual canal de Suez. *Pi-Hairote* significa “boca dos canais” e *Migdol* significa “torre de vigia” (Ez 29:10). O nome *Baal-Zefom* sugere que era o local de um santuário dedicado a esta divindade do norte.

A mudança de atitude de Faraó é causada pelo endurecimento de seu coração por Deus (14:4) e também por ele reconsiderar sua decisão depois de superar o choque da morte de seu primogênito (14:5-6). Faraó percebe que perdeu uma parte considerável da força de trabalho para os projetos de construção de seu país e, quando cedeu ao Deus de Israel, reduziu sua própria autoridade. Ao se prostrar diante de Moisés e pedir sua bênção (13:32), agiu como um súdito de um homem que representava seus escravos! Não é de admirar que seu orgulho ferido se manifeste na forma de um desejo de vingança.

As palavras de Faraó em 14:5 sugerem que os egípcios não pretendiam matar os israelitas, mas sim levá-los de volta ao Egito. Não obstante, ao ver o exército de Faraó em seu encalço, os israelitas não têm dúvida de que estão prestes a morrer: diante deles estão seus inimigos e, atrás,

o mar (14:10). Têm motivos de sobra para temer, pois o exército de Faraó é constituído de *seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito* (14:7). Cada carro provavelmente levava três homens: um condutor, um soldado e seu escudeiro. Esse poder militar sem dúvida impressionou os israelitas, um povo sem armas e sem experiência de combate. Não é de admirar que tenham clamado não apenas com medo, mas também com raiva e incompreensão, voltando sua hostilidade contra Moisés (14:11-12). Esta é primeira manifestação da ingratidão que se tornará característica do povo durante a longa jornada pelo deserto. Deus acabou de enfatizar a importância de transmitir memórias (cap. 13), mas o povo já se esquecera completamente dos feitos espetaculares do Senhor em seu favor.

Em vez de se indignar com a reação desesperada e incrédula do povo, Moisés procurar acalmar os israelitas, dizendo: *Não temais* (14:13a). Mais adiante, Deus se dirige ao povo com essas mesmas palavras (20:20), que também podem ser traduzidas como “permaneçam firmes” ou “fiquem onde estão”. Moisés lhes dá a garantia de que o Senhor é maior do que todos os exércitos e lutará por seu povo (14:14).

Num dos últimos encontros com Moisés, Faraó o ameaça dizendo: “No dia em que vires o meu rosto, morrerás” (10:28). Aqui, Moisés usa palavras semelhantes: *Os egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornarei a ver* (14:13b). Quando ambas as partes se recusam a ceder, é inútil tentar dialogar. No entanto, Faraó cometeu um erro ao ameaçar Moisés de morte caso voltassem a se encontrar, pois, na realidade, o exército do Egito é que seria exterminado no confronto iminente.

Quando os egípcios avançam, Deus provê uma rota de fuga para os israelitas. Ordena a Moisés para dividir o mar com seu bordão a fim de que o povo possa atravessar até o outro lado *em seco* (14:15-16). As mesmas palavras são usadas no texto original de Gênesis 1:9 para descrever a separação entre os mares e a terra, anunciando o início de um novo estágio na criação do mundo. Aqui, marcam o início de um novo estágio na criação de uma nação.

Na sequência, o texto relata a movimentação do Anjo de Deus (ou “o mensageiro de Deus”). Desde a saída do Egito, esse mensageiro, que em 3:2 apareceu a Moisés na sarça ardente, ia à frente do povo; agora, porém, ele se coloca na retaguarda. A nuvem que servia para conduzir o povo acompanha o anjo, formando uma barreira entre os israelitas e os egípcios e mantendo o exército inimigo afastado durante a noite (14:19-20).

Deus usa um vento oriental para dividir as águas a fim de os israelitas poderem atravessar o mar em seco (14:21-22). Trata-se do mesmo vento que trouxe o exército de gafanhotos na oitava praga, um mau sinal para os egípcios (10:13). No final dessa praga, Deus lançou os gafanhotos no mar Vermelho de modo que “nem ainda um só gafanhoto restou” (10:19). O exército egípcio teria o mesmo destino, pois *nem ainda um deles sobreviveria* (14:28).

O exército de Faraó segue os israelitas em fuga até o mar, onde Deus causa alvoroço entre os soldados (14:23-24). Emperra as rodas dos carros, fazendo-as sair do eixo ou travando-as de modo a impedir os egípcios de perseguir os israelitas ou fugir (14:25a). Subitamente, os perseguidores decidem bater em retirada, pois percebem que o SENHOR peleja contra eles (14:25b). Faraó afirmou não conhecer o Senhor (5:2), mas, agora, seus soldados o proclamam, usando o nome que Deus revelou a Moisés: Javé, ou “o SENHOR”.

Porém, é tarde demais para se salvarem. São tragados pelas águas e se afogam (14:26-28), enquanto os israelitas se maravilham com o livramento recebido. *E o povo temeu ao SENHOR e confiou no SENHOR e em Moisés (14:29-31).*

### 15:1-21 O cântico de vitória

Sob a direção de Moisés e sua irmã, Miriã (15:1a, 21a), os israelitas entoam um salmo de vitória sobre os acontecimentos que acabaram de testemunhar. Além de ser apropriada para a comemoração, a forma poética ajudará o povo a se lembrar das palavras desse cântico e transmitir às gerações seguintes a história do que Deus havia feito por eles. Além de cantar, Miriã, a *profetisa* e irmã de Moisés e Arão, conduziu as mulheres numa dança usando o que parece ser um refrão: *Cantai ao SENHOR, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro (15:1b,21b).*

O cântico se inicia com as palavras desse refrão descrevendo aquilo que Deus fez. Segue-se uma declaração do significado desse ato para seu povo: *O SENHOR é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação [...] eu o louvarei (15:2).* Em seguida, encontramos a celebração da força de Deus (15:3-6); de sua grandeza e majestade (15:7-12); de sua fidelidade para com seus filhos (15:13-17) e, por fim, de seu reino eterno (15:18). Todos esses versículos contrastam o poder de Deus com a derrota total do exército egípcio e declaram inequivocamente a soberania e fidelidade de Deus, a redenção concedida por ele a seu povo e seu domínio eterno.

Ao povo escolhido por esse Deus incomparável diz-se que será plantado *no monte da tua herança* e no santuário do Senhor (15:17). Finalmente, os israelitas estão livres e a caminho de um novo lar: a terra prometida. No entanto, os cantores não sabem que, devido a seus próprios erros, acabarão vagando pelo deserto durante quarenta anos.

### 15:22—17:7 Deus provê para seu povo

Uma coisa é libertar um povo da escravidão (ou da opressão de um ditador ou potência colonial); outra bem diferente é governar o povo liberto (ou dirigir uma democracia na África). Como os israelitas reagirão agora que se encontram numa situação nova na qual depararão com exigências inéditas? Testemunharam vários milagres nos dias entre o primeiro encontro de Moisés com Faraó e a comemoração depois da travessia do mar Vermelho. Que conclusões tirarão desses

prodígios e da prova de intervenção direta de Deus em favor deles? Obedecerão em tudo ao Senhor e a Moisés, seu instrumento? As palavras em 14:31 parecem indicar que sim: “E viu Israel o grande poder que o SENHOR exercitara contra os egípcios; e o povo temeu ao SENHOR e confiou no SENHOR e em Moisés, seu servo”. No entanto, precisarão aprender o significado desse compromisso na prática.

A confiança dos israelitas não demora a ser provada em situações sem precedentes em sua experiência. Apesar da vida difícil no Egito, não tinham de se preocupar com sua alimentação nem com inimigos prestes a atacar e, nem mesmo, com alguém para liderá-los. Agora, precisam aprender a confiar em Deus ao enfrentar esses novos desafios. Mas eles demoram a entender a lição e, por fim, pagam caro por sua falta de fé (Nm 14:26-35). No entanto, ao considerarmos nossas próprias reações a situações novas, vemos que não somos muito diferentes, pois demoramos para aprender a evitar a ansiedade em tempos de crise e a confiar que Deus suprirá todas as nossas necessidades (Mt 6:25-34; 1Pe 5:7).

A primeira dificuldade da jornada surge quando as reservas de água potável e comida chegam ao fim. Os capítulos subsequentes falam de três ocasiões em que isso acontece (15:25-27; 16:1-36; 17:1-7). Em cada uma delas, o povo não se volta para Moisés com esperança e expectativa, mas sim com uma atitude de rebeldia contra ele e o Deus que os está conduzindo.

### 15:22-27 Água em Mara e Elim

Depois de viajar três dias sem encontrar água, o povo finalmente chega a uma fonte, mas fica profundamente decepcionado, pois descobre que suas águas não são potáveis (15:22-23), mas sim *amargas* (daí o nome “Mara”, isto é, “amarga”). É possível que tenham se lembrado da refeição de Páscoa, na qual as “ervas amargas” simbolizavam a amargura da escravidão (12:8). As memórias ainda são recentes, o que talvez explique o fato de, neste episódio, o povo não expressar arrependimento de ter deixado o Egito, como fez em 14:11 e voltaria a fazer com frequência ao criticar Moisés por tê-los conduzido para o deserto.

O povo murmura e pergunta: *Que havemos de beber? (15:24).* Moisés busca o socorro de Deus e é atendido de imediato. Desta vez, Moisés não usa seu bordão como nos outros milagres. Em vez disso, lança nas águas *uma árvore* ou um pedaço de madeira e elas se tornam miraculosamente potáveis (15:25). É possível que Deus tenha feito uso de uma propriedade natural desse tipo de madeira para sanar as águas.

Eliseu realizou um milagre semelhante usando sal (2Rs 2:19-22). Mas Deus não tem poder apenas de transformar a água amarga em água potável. Em Apocalipse, ele julga fazendo as águas se tornarem “amargas” (Ap 8:10-11).

O povo se mostra incoerente: num instante está cantando louvores a Deus e, no dia seguinte, está murmurando a

seu respeito. Talvez esse tipo de comportamento tenha levado Tiago a ressaltar que a mesma boca não deve proferir palavras contraditórias: “De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim. Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?” (Tg 3:10-11).

Ao mesmo tempo que provê a solução para o problema de falta de água, Deus lembra o povo da importância de manter o compromisso com ele a fim de receber suas bênçãos, as quais ele compara a uma cura, dizendo: *Eu sou o SENHOR que te sara* (15:26). O contexto dessa declaração é indicado pelas palavras: *Nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios*. O Senhor lembra seu povo de que não apenas havia lançado e removido as pragas sobre o Egito, como também havia impedido que afetassem o povo de Israel. Agora, os israelitas se veem sem água, uma necessidade que o Senhor provê como parte de seu ministério de cura. Como esse gesto, ele está prometendo cuidar de seu povo. Se eles lhe obedecerem, experimentarão suas inesgotáveis bênçãos, representadas aqui pela abundância que encontram em Elim: *Doze fontes de água e setenta palmeiras* (15:27).

#### 16:1-36 *Maná e codornizes*

Depois de aproximadamente um mês de viagem (16:1), a provisão de alimentos dos israelitas se esgota, levando-os a pensar saudosamente nos dias de fartura do Egito. Esquecendo-se das agruras da escravidão, começam a murmurar e acusar Moisés de desampará-los. Insistem que preferiam ter morrido no Egito, mesmo que isso significasse sofrer a mesma sorte dos egípcios, em vez de morrer de fome no deserto (16:2-3). Nós, africanos, entendemos essa reação do povo, pois muitos de nós conhecemos bem o sofrimento terrível provocado pela fome e sabemos que suas consequências podem ser um comportamento irracional. O povo ngambaue (Chade) tem um provérbio que diz: “Um dia de fome pode fazer a esposa deixar a casa do marido”. Mas os israelitas estão errados em se voltar contra Moisés em vez de se voltar para Deus e esquecer como o Senhor já havia provido a água de que precisavam.

Moisés não perde tempo respondendo aos ataques e acusações pessoais. Leva a questão para Deus. Ao receber a resposta do Senhor, confronta os israelitas a fim de lembrá-los de que não estão atacando apenas seu líder, mas também acusando o próprio Deus de negligência (16:6-8). Devemos ter em mente que Deus não faz distinção entre o modo como tratamos seus servos e ele próprio. Por isso, Jesus disse: “O que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25:40). Semelhantemente, quando Saulo de Tarso perseguiu os cristãos, Jesus lhe perguntou: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9:1-5).

Deus trata da situação aflitiva dos israelitas enviando-lhes codornizes no final do dia e uma substância doce e granulada, semelhante a pão, pela manhã (16:11-14,31).

Os israelitas já haviam visto aves como as codornizes, mas nunca haviam visto nada parecido com a substância enviada por Deus pela manhã. Assim, perguntam: *Que é isto?* (16:15a). Em hebraico, a pergunta seria: “Man hu?”, daí o nome “maná”.

Moisés explica que se trata do alimento provido por Deus e transmite as instruções exatas de Deus sobre como deve ser recolhido (16:15b). O povo deve juntar cerca de dois litros da substância por pessoa (16:4a,16-18). No final do dia, deve jogar fora todos os restos (16:19). Com essa estipulação, Deus testa a capacidade de seu povo de seguir instruções (16:4b,20,27-28) e, ao mesmo tempo, os ensina a depender inteiramente dele para o dia seguinte, quando ele renovará suas dádivas. Somos lembrados da oração que Jesus nos ensinou a fazer: “Pai nosso, que estás nos céus [de onde vem o maná] [...] o pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6:9,11).

Há uma exceção à ordem de recolher apenas o suficiente para um dia. No sexto dia, o povo deve juntar maná para dois dias, pois Deus não o enviará no sábado (16:22-26,29). Por meio dessa exceção, Deus mostra a importância de observar o sábado como um dia de descanso, no qual nenhum trabalho deve ser feito (16:23,30). O próprio Deus observa o sábado deixando de enviar maná nesse dia.

Esse maná miraculoso serve de alimento para o povo durante todo o tempo de jornada pelo deserto (16:35). Posteriormente, é considerado uma prenúncia do Messias vindouro, Jesus, que se referiu a esses acontecimentos ao descrever a si mesmo como o pão da vida que desceu do céu (Jo 6:30-35,48-51). Esse simbolismo foi retomado na instituição da Ceia do Senhor, quando “Tomou Jesus um pão [...] e o deu aos seus discípulos dizendo: Tomai, comei, isto é o meu corpo” (Mt 26:26; cf. tb. Jo 6:53-58).

#### 17:1-7 *Água de uma rocha*

Os israelitas acampam em Refidim, na região sul da península do Sinai, onde, mais uma vez, não há água (17:1) e, mais uma vez, o povo se volta contra Moisés, culpando-o pelas circunstâncias difíceis (17:2-3). A situação é tão terrível que Moisés chama o lugar de *Massá*, “tentar”, e *Meribá*, “contender” (17:7).

Exasperado com a falta de fé do povo, Moisés clama: *Que farei eu a este povo?* (17:4). Deus responde dizendo-lhe para passar adiante do povo com os anciãos e ferir a rocha em Horebe com seu bordão (17:6). Esse uso do bordão com o qual Moisés já feriu o Nilo serve para lembrar o povo e os anciãos, aparentemente arrependidos de ter deixado o Egito, daquilo que Deus havia feito por eles no passado (17:5). Moisés obedece a Deus e água em abundância jorra da rocha.

Numa de suas epístolas, o apóstolo Paulo recorda esse episódio no deserto, revelando que Cristo era a fonte de água da qual os israelitas beberam: “Nossos pais [...] comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte

espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo” (1Co 10:1,3-4). E foi Cristo quem ofereceu à mulher samaritana uma água capaz de saciar de modo total e definitivo a sede daqueles que bebem dela (Jo 4:12-14).

### 17:8-16 Deus defende seu povo

Os israelitas enfrentam outro perigo quando são atacados pelos amalequitas (17:8; cf. Dt 25:17-18). Esse povo que ocupava a região nordeste da península do Sinai (Nm 13:29) era descendente de Esaú, irmão de Jacó — o antepassado do povo de Israel (Gn 36:12). Assim, a rivalidade entre os filhos gêmeos de Isaque e Rebeca prossegue, apesar de terem se passado várias gerações.

Moisés pede que Josué lidere o exército na batalha contra os amalequitas (17:9a). Esta é a primeira menção do sucessor de Moisés, o homem que também teria o privilégio de acompanhá-lo ao monte de Deus (24:13). O papel de Josué se tornaria mais importante no desenrolar da história dos israelitas. Aqui, ele não comanda o exército sozinho, mas com a ajuda de Deus e de Moisés, o servo de Deus.

Moisés se posiciona numa colina acima do campo de batalha, segurando com ambas as mãos o *bordão de Deus* (17:9b-11; cf. 4:20). Enquanto Moisés mantém o bordão erguido, os israelitas dominam a batalha, mas quando ele se cansa e abaixa o bordão, os amalequitas começam a vencer. Assim, Arão e Hur apoiam os braços de Moisés e Israel recupera a vantagem (17:12-13). Arão, da tribo de Levi, era irmão de Moisés. Foi seu assistente desde o início (4:14) e, posteriormente, seria nomeado sacerdote (28:1). Hur era filho de Calebe, originário da tribo de Judá, descendente da união de Judá com Tamar (Gn 38; 1Cr 2:4-5,19). Uma vez que não pertencia à tribo de Levi, não era sacerdote, mas trabalhava com Arão (cf. tb. 24:14). A vitória sobre os amalequitas é obtida pelo trabalho conjunto de Moisés, Arão, Hur e Josué em obediência a Deus (17:13). Como diz o povo fangue do Gabão: “O chimpanzé luta porque conta com a ajuda do gorila”, ou seja, os fracos podem realizar grandes feitos quando têm alguém mais poderoso a seu lado.

Quando a batalha termina, o Senhor diz a Moisés para registrar os acontecimentos *num livro* ou rolo de pergaminho (17:14a). Não se trata necessariamente do livro de Êxodo. Talvez fosse o Livro das Guerras do SENHOR, mencionado em Números 21:14. Moisés deve informar Josué desse registro e da maldição que Deus pronunciou sobre Amaleque: *Hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu* (17:14b,16b; cf. tb. Dt 25:19). A ênfase sobre a transmissão dessas informações a Josué sugere que ele já está sendo preparado para seu papel futuro de líder de Israel. Os ataques violentos dos amalequitas não seriam esquecidos, mas vingados no tempo de Saul (1Sm 15:7).

Para celebrar esta vitória, Moisés edifica um altar em honra a Deus, chamando-o de Jeová Nissi, *O SENHOR é a minha bandeira* (17:15-16a). Que nome maravilhoso!

### 18:1-12 Moisés reencontra a família

Nos quarenta anos que passou no deserto de Midiã, Moisés se casou com Zípora, filha de Jetro, o sacerdote daquele local. Ela e os dois filhos acompanharam Moisés quando ele partiu para o Egito (4:20-27), mas, ao que parece, em algum momento ele considerou mais apropriado enviá-los de volta para a casa do sogro, possivelmente para protegê-los de represálias de Faraó (18:2). Agora, Moisés volta à região onde eles moram, junto ao Sinai, e Jetro manda avisar que ele e a família ficaram sabendo de tudo o que o Senhor havia feito por Israel e estão a caminho (18:1,5-7; cf. tb. 15:14-15).

Jetro se alegra quando Moisés relata pessoalmente os grandes feitos de Deus (18:8-9). Suas palavras em 18:10 mostram quão apropriados foram os nomes que Moisés escolheu para seus dois filhos (18:3-4). Então, este sacerdote de Midiã declara: *Agora sei que o SENHOR é maior do que todos os deuses* (18:11). Seu papel e até mesmo a linguagem que ele usa nesse encontro confirmam a verdade expressa em Romanos 1:20: haviam ouvido falar daquilo que o Deus de Moisés era capaz de fazer e podiam dar testemunho de sua grandeza. Numa expressão de gratidão, Jetro oferece holocaustos ao Deus dos israelitas.

A refeição que Jetro, Moisés, Arão e os anciãos fazem *diante de Deus* é uma refeição sacrificial, mas também indica a existência de uma aliança entre eles (18:12; cf. tb. Gn 26:30; Êx 24:11).

### 18:13-27 O conselho de Jetro

O *dia seguinte* deve ter sido um dia normal para Moisés. Ele se assentou, assumindo a posição apropriada para um juiz, enquanto o povo se colocava em pé diante dele para apresentar suas causas. Assim foi *desde a manhã até ao pôr do sol* (18:13). Ao resolver questões diversas e julgar causas legais, Moisés estava fazendo o que qualquer patriarca ou chefe de uma família grande faria. No entanto, essa família é tão grande que a tarefa se torna impossível, como Jetro não demora a perceber. Com base nessa observação, aconselha Moisés a delegar algumas tarefas de modo a não se esgotar e não desgastar o povo (18:14-18). Moisés deve se concentrar em seu chamado principal, a saber, de representar *o povo perante Deus*, dedicando-se em tempo integral a essa tarefa em vez de dispersar seus esforços (18:19).

Posteriormente, os apóstolos se veriam numa situação semelhante à de Moisés e tomariam medidas parecidas para tratar do problema (At 6:1-4). Ainda hoje, muitos pastores cometem o erro de se envolver com detalhes administrativos a tal ponto de relegar a uma posição secundária o ministério espiritual e o serviço à congregação. Pastores nessa situação precisam aprender a deixar outras pessoas realizar algumas de suas tarefas, de modo a ter tempo e energia para exercer seu ministério, atendendo às inúmeras necessidades espirituais de seu rebanho.



Jetro demonstra sua habilidade como líder oferecendo um conselho sábio e prático a Moisés. O líder de Israel deve ensinar a lei do Senhor aos israelitas de modo a não precisarem procurá-la para descobrir o comportamento desejado por Deus (18:20). Também deve nomear homens competentes e honestos para assisti-lo nas questões simples, levando até ele apenas os casos mais complexos (18:21-23). Os líderes sábios se multiplicam em outros. Por mais energia e competência que um líder tenha, o fardo é sempre pesado demais para um único indivíduo. Além disso, ninguém vive para sempre. Paulo se multiplicou em Timóteo e outros e, então, definiu com clareza esse princípio na carta a Timóteo: “E o que de minha parte ouviste [...] isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2:2).

Ao perceber que o conselho de seu sogro é sensato e ajudará a resolver um problema sério, Moisés não demora a colocá-lo em prática (18:24-26). Jetro e Moisés exemplificam a humildade que acompanha a verdadeira liderança. Jetro aconselha e, então, sabiamente, sai de cena (18:27). Moisés, por sua vez, não procura manter todo o poder centralizado em si, mas se mostra disposto a dividi-lo com outros. Ao que parece, Moisés confiava na capacidade que esses oficiais possuíam para realizar seus deveres, pois o texto não dá nenhuma indicação de que tenham precisado de interferência ou questionamento de seus atos. Essa decisão provavelmente permitiu que Moisés passasse mais tempo com Deus, a fonte de poder e sabedoria para a liderança. Como pastores, precisamos compreender que, quanto mais dividirmos nossas responsabilidades com outros, mais eles crescerão e mais poderemos passar tempo com o dono do rebanho ao qual servimos (1Pe 5:2).

Jetro delineia princípios para a transmissão de conhecimento (18:20) que seriam colocados em prática quando Deus entregasse a Moisés um grande número de ordens, leis e prescrições.

### 19:1—24:18 Um povo consagrado ao Senhor

Entramos agora na segunda parte do livro de Êxodo, cujo cerne é a declaração: *Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa* (19:6). Nestes capítulos, Israel ganha forma como nação. Os escravos saídos do Egito se tornam, gradativamente, uma comunidade (ou “congregação”) sob a direção de Moisés, seu líder escolhido por Deus.

Os longos anos no deserto permitem uma reorientação, ou melhor, uma revolução na consciência do povo, que finalmente adquire independência e uma nova identidade. Quando José, seus irmãos e seu pai, Jacó, entraram no Egito, eram apenas uma família. Agora, sua terra, Israel, desponta como nação, conduzida por um pastor de ovelhas educado como príncipe. Deus atribuirá a essa nação uma incumbência especial, bem como a terra há muito prometida.

Temos um vislumbre dessa missão no chamamento de Moisés. Deus o instrui a dizer a Faraó: “Israel é meu fi-

lho, meu primogênito” (4:22). Como “primogênito”, Israel é objeto de afeição especial de Deus e é sua “propriedade peculiar” (19:5). No entanto, o adjetivo também pode sugerir o papel de conduzir outros a Deus, de modo que estes também se tornem seus filhos (Gn 12:3b). Moisés volta a se referir ao conceito de filiação em seus últimos discursos ao povo. Neles, resume sua história dizendo que no deserto “O SENHOR, vosso Deus [...] vos levou, como um homem leva a seu filho, por todo o caminho pelo qual andastes, até chegardes a este lugar” (Dt 1:31; cf. tb. Dt 14:1; 32:6; Os 11:1). Ser chamado de “filho” implica um relacionamento especial e privilegiado entre Deus e seu povo. No entanto, um filho também tem certos deveres para com seu pai. No caso de Israel, a nação deve ser inteiramente consagrada ao serviço, ou seja, à adoração de Deus (19:5-6). Suas obrigações são apresentadas numa aliança singular que define a posição especial de Israel, particularmente em relação a outras nações (20:1—23:33).

O papel singular de Israel, sua missão específica a outros povos, ganha clareza ao longo do AT, mas só se torna inteiramente explícito no NT. O apóstolo Pedro resume essa missão da seguinte forma:

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus” (1Pe 2:9-10). Quando afirma que os cristãos desfrutam desses privilégios, Pedro está lendo os textos do AT à luz da nova revelação de Cristo. Porém, a princípio, tais privilégios foram concedidos aos filhos de Israel e continuam em vigor, ainda que, no momento, Israel não desfrute deles. A missão de Israel ao mundo se cumpriu de forma perfeita e definitiva na vida de Jesus Cristo, mas sua vinda não representa o fim do chamado de Israel.

Hoje em dia, há um consenso de que, para um grupo ser reconhecido como nação, deve ter sua própria terra, povo e constituição. Problemas relacionados a esses fatores são a causa de parte considerável das conturbações do continente africano. Muitas nações ainda estão passando por turbulências semelhantes à que Israel sofreu no período que se seguiu ao êxodo. Foi durante esses anos que Deus transformou em nação um grupo de tribos ligadas informalmente, definindo sua constituição e suas leis, bem como preparando o povo para ocupar a terra que lhe fora reservada.

### 19:1-25 O Senhor faz uma aliança

Conforme prometido em 3:12, Moisés está de volta ao monte Sinai para adorar a Deus com o povo liberto (19:1-2). Nesse local, ele exerce seu papel de mediador e trabalha com os anciãos a fim de preparar o povo e tudo o mais nos arredores do monte para um encontro com o Senhor.

Deus convoca Moisés e lhe revela que pretende uma aliança com o povo, o qual ele chama de *casa de Jacó e filhos*

de Israel (19:3). Lembra os israelitas de que os protegeu como uma águia protege seus filhos: *Vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim* (19:4; Dt 32:10-11). A ideia de aproximar o povo também é vislumbrada no cântico de Moisés e Miriã, onde se diz que Deus plantará seu povo espiritualmente “no monte da tua herança” quando chegarem na terra prometida (15:17).

Em seguida, Deus informa Moisés das condições da aliança que ele apresentará ao povo. Três pontos são enfatizados:

- Israel pertence a Deus, é sua *propriedade peculiar* (19:5a; cf. tb. Dt 7:6; 14:2; 26:18; Sl 135:4). O mesmo termo é traduzido como “tesouro(s)” em outras passagens, como Eclesiastes 2:8.
- Israel seria um reino de sacerdotes (19:6a). Um sacerdote tem acesso a Deus e serve de intermediário entre o povo e Deus. Jetro resumiu o papel de sacerdote ao lembrar Moisés de suas responsabilidades prioritárias (18:13-27). Conduzido e ensinado por Deus, Israel se tornaria luz para as nações! Isso seria possível porque toda a terra é minha (19:5b). Essas palavras devem ter exercido um forte impacto, pois, naquele tempo, poucas pessoas tinham um conceito universal de Deus. Acreditava-se que os deuses eram locais e territoriais e, portanto, limitados. Mas, embora o Senhor se apresentasse como o Deus de Israel, aquele não seria o único lugar onde ele governaria e mostraria seu poder.
- Israel deveria ser uma nação santa, como Deus é santo (19:6b; cf. tb. 3:5-6). Assim, o povo precisaria ser moralmente puro e consagrado ao serviço de Deus. Essa consagração faria com que Israel se mantivesse separada e fosse diferente das outras nações.

Moisés transmite as palavras de Deus aos anciãos (19:7) que, por sua vez, as comunicam ao povo. O povo aceita com unanimidade as exigências divinas de obediência e consagração total: *Tudo o que o SENHOR falou faremos* (19:8). Esta bela frase volta a ser pronunciada em Josué 24:16-24, quarenta anos depois! Trata-se de um momento solene e de um compromisso importante.

O Senhor deseja dar ao povo de Israel a convicção firme de que pode confiar em Moisés, pois ele é um instrumento de Deus. Assim, planeja aparecer a Moisés diante de todos: *Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também creiam sempre em ti* (19:9). Deus insiste que os israelitas “creiam” em Moisés (cf. 4:31 e 14:31).

A intenção de Deus é realizar uma reunião solene, mas ele também deseja deixar claro que sua aparição deve ser levada a sério e, portanto, define requisitos para uma purificação ritual. O povo deve se purificar externamente lavando as roupas e se abstendo de relações sexuais (19:10,14-15), atos simbólicos da atitude de seu coração

e de sua consagração total a Deus. Os israelitas também devem se manter afastados do monte onde Deus aparecerá, pois agora é um lugar santo e nada impuro pode tocá-lo; aquele que o tocar será morto (19:12-13). Tais restrições extraordinárias ressaltam a importância da santidade e o caráter sagrado da ocasião. Os preparativos para o encontro com Deus não têm nada de superficial. São necessários três dias para obter a purificação completa.

Uma vez terminado o processo de purificação, o Senhor anuncia sua vinda estrondosamente antes de descer sobre o monte (19:16-18). Enquanto, na crença popular de outras nações, os deuses viviam nos montes, essa passagem deixa claro que Deus *descera sobre* o Sinai de uma posição ainda mais elevada nos céus.

O povo é convidado a se aproximar para ouvir Deus falar a Moisés (19:17), mas ninguém deve subir o monte. A única exceção é mencionada em 19:13: *Quando soar a buzina* ou trombeta, terão permissão de subir. Supostamente, essa permissão é apenas para alguns representantes do povo, e não para toda a multidão de mais de seis mil homens.

O conceito do caráter sagrado de Deus é reforçado quando Moisés volta a advertir o povo para não subir o monte a fim de ver Deus, *para que não os fira* (19:21,24). Aproximar-se de Deus é uma questão séria que não deve ser considerada levemente. Quando Isaías teve o privilégio de ver uma parte da santidade de Deus, só conseguiu exclamar: “Ai de mim!” (Is 6:5a). Por isso os cristãos precisam de um Advogado diante do Pai, encontrado na pessoa de Cristo que morreu por eles (1Jo 2:2). Só podemos nos aproximar do trono de Deus “pelo sangue de Jesus” (Hb 10:19-22).

## 20:1-17 As estipulações da aliança: os Dez Mandamentos

Agora Deus se dirige diretamente ao povo, proferindo aquelas que, em hebraico, são conhecidas como as Dez Palavras (Dt 4:13; 10:4), também chamadas de Decálogo (do grego, *deka logos*, “dez palavras”) ou “Dez Mandamentos”. Essas estipulações seguem o mesmo padrão dos tratados do Antigo Oriente Próximo, semelhantes àqueles elaborados na África antiga entre o rei de uma nação poderosa e o governante de uma nação mais fraca. O texto do tratado apresentava os detalhes da nova relação entre o suserano (o rei poderoso) e seu vassalo (a nação mais fraca). O suserano impunha deveres e tributos, além de exigir obediência e lealdade incondicionais. Por vezes, esses acordos incluíam regras específicas para garantir a proteção do suserano de futuros ataques. No entanto, embora a forma e a estrutura da aliança estabelecida por Deus com Israel fosse semelhante à de tratados políticos humanos, seu conteúdo é bem diferente de qualquer acordo desse tipo.

Como nos demais tratados, este começa com uma explanação dos vínculos históricos entre as duas partes: *Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa de servidão* (20:1-2). No entanto, continua com declarações

sucintas que revelam a natureza de Deus e expressam sua vontade para seu povo. Deus assumiu um compromisso com eles e agiu de modo a cumprir as promessas que fez aos patriarcas, esperando do povo uma contrapartida. Deseja que seu povo sirva de modelo, transmitindo as verdades divinas às nações. A fim de cumprir essa responsabilidade e viver como um exemplo daquilo que o reino de Deus pode ser na terra, os israelitas deveriam aprender a obedecer exclusivamente ao Senhor, seu libertador, adorá-lo corretamente e distingui-lo dos ídolos. Também deveriam aprender a amar os outros membros da comunidade liberta e resgatada. Os Dez Mandamentos são uma declaração daquilo que seria necessário para tal.

Há certa controvérsia quanto ao modo como os Dez Mandamentos devem ser numerados. Para alguns, a proibição de ter outros deuses (20:3) é o primeiro mandamento, e a condenação dos ídolos (20:4-6) é o segundo. Para outros, esses versículos são relacionados a um único mandamento, explicado em detalhes. Semelhantemente, 20:16-17, que trata dos relacionamentos entre semelhantes, pode ser considerado um mandamento ou dois.

Os quatro primeiros mandamentos tratam da relação de Israel com Deus, enquanto os outros tratam de relacionamentos interpessoais.

### 20:3 Nenhum outro deus

O primeiro mandamento afirma que, em se tratando de seu culto, Israel tem apenas uma escolha (20:3). Os israelitas foram escravos durante vários séculos na terra do Egito, onde havia muitos deuses. A ideia da existência de um único Deus era nova, representando uma abordagem revolucionária à adoração e uma inovação institucionalizada neste mandamento.

Ao recordar a escravidão no Egito em 20:2, Deus também lembra o povo de que, por meio das dez pragas, ele derrotou todos os deuses do Egito. Aqui, Deus reivindica a mesma exclusividade à qual Jesus se refere quando diz que “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6:24), um fato conhecido na cultura africana. De acordo com o povo dogon de Mali, “Um homem não pode percorrer dois caminhos ao mesmo tempo” e, segundo o ditado do povo beti em Camarões, “Ninguém pode perseguir duas pombas ao mesmo tempo”. O Senhor afirma que é impossível adorá-lo verdadeiramente e, ao mesmo, tempo, prestar culto a falsos deuses.

As palavras desse mandamento também podem ser traduzidas como “não terás outros deuses contra mim”, “além de mim” ou “acima de mim”. Essa ampla gama de possibilidades no hebraico abrange todas as opções em relação a outros deuses.

### 20:4-6 Nenhuma idolatria

O segundo mandamento (20:4-6) é tão parecido com o primeiro que parece constituir uma extensão dele, levando algumas pessoas a considerarem-no parte do primeiro. Não

obstante a forma de divisão, temos aqui uma descrição da natureza de Deus e do modo como ele deve ser adorado. Mais uma vez, há um rompimento claro com os deuses e o estilo de culto no Egito.

O termo hebraico traduzido como *imagem de escultura* se refere a uma imagem esculpida em madeira ou pedra (20:4). Representa algo observado na natureza e adorado pelas pessoas como se fosse uma divindade. Também é um objeto que os adoradores julgam poder manipular conforme lhes aprouver. Deus não deseja ser representado de nenhuma forma que reduza sua grandeza e faça dele um objeto controlável de algum modo. Ele é invisível e sem forma e, portanto, não pode ser representado por nenhum objeto. Moisés lembra o povo desse fato quando recapitula os acontecimentos no Sinai: “O SENHOR vos falou do meio do fogo; a voz das palavras ouvistes, porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma” (Dt 4:12).

A ordem *Não os adorás, nem lhes darás culto* (20:5) se refere ao culto a ídolos que muitas nações confeccionam para representar seus deuses e não a alguma imagem do próprio Deus, pois não se deve fazer nenhuma representação dele. Outro fato importante deve ser lembrado: um ídolo é qualquer coisa que assume o lugar de Deus em nossa vida, ou seja, algo que recebe a supremacia pertencente, por direito, àquele que nos criou e nos dá vida. Em nosso mundo contemporâneo, muitos colocaram o sucesso, a riqueza e o poder no lugar de Deus, fazendo dessas coisas seus ídolos.

A personificação de Deus por meio de qualquer representação dele também conduz à falsa adoração. Jesus parte dessa ideia para desenvolver seu ensinamento acerca da verdadeira adoração. Quando uma mulher samaritana pergunta onde deve adorar ao Senhor, Jesus responde: “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Deixa claro, portanto, que Deus é invisível e não pode ser confinado a um determinado lugar. Posteriormente, o apóstolo Paulo trata da mesma questão ao ensinar aos gentios: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas” (At 17:24-29).

### 20:7 Não usar o nome de Deus em vão

O terceiro mandamento é: *Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão* (20:7). Uma vez que a frase hebraica também pode ser traduzida como “não pronunciarás o nome do Senhor”, os judeus do período pós-exílico interpretaram esse mandamento como uma proibição de até mesmo proferir o nome de Deus (“Javé”). Assim, até hoje, nunca se referem a Deus pelo nome, substituindo-o sempre por um termo alternativo, geralmente “Adonai”, traduzido como SENHOR em várias versões da Bíblia. No entanto, esse mandamento não visa proibir o uso do nome de Deus, mas sim proteger a integridade desse nome. Seu nome deve ser honrado, e não associado a enganos ou mentiras.

Esse mandamento é para os indivíduos que fazem promessas falsas e procuram lhes dar credibilidade invocando uma autoridade irrepreensível, entretecendo em discurso expressões como “diante de Deus” ou “em nome de Deus”. Ninguém deve invocar o nome de Deus com o objetivo de enganar outra pessoa. Esta proibição é apresentada de forma ainda mais explícita em Levítico 19:12: “Nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus” (cf. tb. Dt 5:11; Sl 139:20). Nos dias de hoje não é incomum ouvir pessoas dos meios políticos e religiosos invocarem o nome de Deus ao fazerem promessas que não são capazes de cumprir ou, por vezes, nem sequer pretendem tentar. Trata-se de uma profanação do nome de Deus, um nome que deve ser reverenciado. Quem explora esse nome para seus propósitos egoístas não deve esperar ficar impune.

Em várias ocasiões, Jesus refina os temas do AT e estende suas aplicações. Ao tratar dos juramentos no sermão do monte, ele nos aconselha a não jurar. Devemos ser pessoas de tal integridade que um “sim” ou um “não” basta para indicar nosso compromisso ou nossa recusa (Mt 5:33-37).

A importância do nome de Deus pode ser devidamente compreendida na África, onde o nome das pessoas é de grande relevância, não apenas por identificar indivíduos, mas também por indicar os grupos sociais e culturais aos quais pertencem. Os nomes são, ainda, relacionados a uma história e a referências a acontecimentos específicos. Pode-se dizer o mesmo dos nomes que as pessoas dão a divindades africanas, pois tais designações moldam a natureza do deus. Os pagãos acabam se considerando capazes de controlar, dominar e subjugar a divindade. Porém, o Deus de Israel não permite que seu nome seja usado dessa forma. Ele não é um objeto a ser manipulado.

### 20:8-11 Não trabalhar no sábado

O quarto mandamento apresenta outra mudança dramática, neste caso, em relação ao regime rigoroso de trabalho ao qual os israelitas foram submetidos por seus opressores egípcios (5:17-19). A ordem é para que um dia a cada sete seja separado para a adoração ao Senhor (20:8). Tal separação manifesta o caráter sagrado desse dia, que deve ser um tempo consagrado ao culto e ao descanso (20:9-10a). O sábado deve ser observado por todos, inclusive os servos, os estrangeiros e os animais (20:10b; cp. 20:17). Os estrangeiros, chamados aqui de “forasteiros”, são pessoas que haviam deixado o Egito junto com os israelitas (12:42) e foram convidadas a participar da Páscoa, mediante a circuncisão dos homens.

O Senhor já havia iniciado a observância desse mandamento ao dar instruções sobre a coleta do maná (16:22-30). No entanto, suas raízes são muito mais antigas, pois na criação Deus também trabalhou seis dias e descansou no sétimo (20:11; Gn 2:2-3), um exemplo a ser seguido pelos seres humanos. Em sua sabedoria, Deus nos deu este dia

para ser reservado como tempo sagrado que devemos usar para aprofundar nosso relacionamento com o Senhor e ser física, mental e emocionalmente revigorados.

O respeito pelo dia de descanso é tão importante que Deus volta a falar dele no final de seu encontro com Moisés e ressalta que o castigo pela desobediência a este mandamento será a pena de morte (31:12-17).

Os judeus calculam os dias de acordo com o padrão de Gênesis 1 (“Houve tarde e manhã”); para eles, cada dia começa ao pôr do sol, e não à meia-noite. Assim, sua observância do sábado como sétimo dia da semana se estende do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado.

Do período do NT em diante, os cristãos deixaram de observar o sábado no sétimo dia da semana e começaram a celebrar o primeiro dia, o domingo, o dia da ressurreição de Cristo (cf. At 20:7; 1Co 16:2), pois Cristo é o verdadeiro descanso concedido por Deus (Hb 4:3,11).

Durante sua vida aqui na terra, Jesus deixou bem claro que guardar a letra da lei não aproxima ninguém de Deus. Afirmou ser o Senhor do sábado (Mt 12:8; Mc 2:28; Lc 6:5) e mostrou que atender às necessidades humanas tem precedência sobre a observância do sábado (Mt 12:11-14; Jo 5:1-9).

Ao observar nosso dia de descanso no domingo, devemos cuidar para não nos tornarmos semelhantes aos fariseus, concentrando-nos apenas na letra da lei. Devemos usar esse dia como uma oportunidade de nos aproximarmos de Deus e de seu povo. No entanto, também devemos ficar atentos para não gastar tempo demais na igreja, privando nosso corpo do descanso necessário. O princípio do sábado exclui qualquer tentativa de agradar a Deus com base apenas nos aspectos externos de nosso comportamento. Seu enfoque é nosso relacionamento com Jesus Cristo, a quem Deus enviou para prover descanso à nossa alma (Mt 11:28).

### 20:12 Honrar os pais

Enquanto os mandamentos anteriores tratam da relação entre Deus e os seres humanos, este e os seguintes dizem respeito aos relacionamentos interpessoais. A ordem *Honra teu pai e tua mãe* diz respeito ao relacionamento entre pais e filhos (20:12a). Aqui, o termo hebraico traduzido como “honrar” também quer dizer “glorificar”, a mesma palavra usada para a relação entre Israel e Deus, seu pai. Assim, este versículo marca uma transição entre o relacionamento com Deus e os relacionamentos com o outro. Mostra que os pais fazem parte da estrutura de autoridade estabelecida por Deus, tendo recebido de Deus a tarefa de gerar filhos e criá-los no caminho do Senhor e, portanto, assim como Deus, merecendo o respeito devido.

Paulo chama esta ordem de “primeiro mandamento com promessa”, pois aqueles que lhe obedecerem terão *seus dias prolongados na terra* (20:12b; Ef 6:2-3). Aqueles que não respeitarem seus pais deverão ser castigados com severidade (21:17; Lv 20:9; Pv 20:20).

Quando se trata de honrar nossos pais e obedecer-lhes, não temos escolha. É algo tão fundamental quanto o fato de que “o rio sempre corre da nascente para a foz” (como diz o povo nyang de Camarões). No entanto, conforme Paulo instruiu os efésios, essa ordem deve ser obedecida “no Senhor” (Ef 6:1). Como representantes de Deus, os pais devem nos ensinar a seguir a vontade de Deus. Os pais que fazem bem esse trabalho respeitam a hierarquia de comando. Algumas vezes, porém, há conflito entre a vontade do pai ou da mãe e a vontade de Deus. Nesses casos, o filho não tem a obrigação de obedecer aos pais e deve explicar respeitosamente o motivo pelo qual não pode fazê-lo.

### 20:13 Não matar

Para alguns, o sexto mandamento, *não matarás* (20:13), envolve uma contradição, pois a pena aplicada a quem o quebrava era a morte (21:12,14). No entanto, a palavra traduzida como “matar” se refere ao homicídio premeditado. Todos os seres humanos são criados à imagem de Deus e nenhum ser humano tem o direito de tirar a vida de outro. Como fonte de toda existência, Deus é o único que pode determinar se uma vida deve ser preservada ou não (Ez 18:4).

No entanto, Deus reconhece a diferença entre provocar a morte por acidente e ser responsável por um homicídio intencional, prescrevendo os julgamentos apropriados (21:13; Nm 35:10-15).

### 20:14 Não adulterar

O sétimo mandamento, *não adulterarás*, diz respeito à profanação da santidade do casamento pelo adultério (20:14). No AT, esse ato é considerado, primeiramente, um pecado contra o próximo. O homem adúltero peca contra sua esposa e o marido enganado, e a mulher adúltera peca contra seu marido e a esposa enganada. A descrição feita por José faz do adultério como um pecado “contra Deus” (Gn 39:9) mostra que, de longa data, esse ato era considerado uma transgressão da vontade de Deus.

Cometer adultério corresponde a quebrar uma aliança e uma promessa e, portanto, é um sinal de desrespeito por todas as alianças e promessas. Assim, é significativo que o mandamento seja dado no contexto das prescrições da aliança que define o compromisso entre Deus e seu povo (cf. comentário em 20:1-17).

O castigo para o adultério é estipulado em outras passagens do Pentateuco (cf. Lv 20:10; Dt 22:22 no contexto do casamento; cf. Dt 22:13-21 quando a mulher não é casada). Em geral, o termo “adultério” se refere a uma relação sexual envolvendo infidelidade conjugal. Há quem argumente que esse mandamento não se aplica às relações sexuais entre duas pessoas solteiras. No entanto, esse tipo de relação é descrito na Bíblia como “imoralidade”, um termo que abrange todos os pecados na área sexual, não obstante o estado civil das partes envolvidas (cf. 1Co 5:1). A vontade

de Deus é que o sexo seja parte do relacionamento conjugal (Hb 13:4); assim, tanto o adultério quanto as relações sexuais entre pessoas solteiras são pecado diante de Deus.

Como Jesus deixa claro (Mt 19:4-6), a princípio, os laços do casamento eram invioláveis. A opção do divórcio surgiu posteriormente em vista da pecaminosidade humana. Este mandamento exige respeito ao cônjuge e ao compromisso assumido por ocasião do casamento.

### 20:15 Não furtar

Furtar ou roubar são atos que provocam instabilidade social. Aquele que furta demonstra desrespeito por outros ou inveja deles. Isso se aplica tanto àqueles que se apropriam diretamente dos bens de alguém quanto àqueles que usam de artifícios para obter ou reter consigo bens pertencentes a outrem. Um empregador furta quando não paga o salário devido a um funcionário; o vendedor furta quando usa uma balança desonesta para pesar os bens vendidos, e assim por diante. Além de se preocupar com as questões espirituais, a Bíblia nos instrui acerca da natureza dos relacionamentos interpessoais saudáveis. Assim, vários textos bíblicos tratam de questões do cotidiano, como a relação entre os ricos e os pobres ou entre os patrões e os funcionários. Muitas vezes, essas relações são negativas, pois uma parte procura se beneficiar usando de métodos que podem prejudicar a outra.

### 20:16 Não mentir

Como o mandamento anterior, este ressalta que as relações humanas devem ser baseadas na honestidade e verdade. Aqui, Deus pede honestidade com respeito à reputação de nosso próximo. O falso testemunho (20:16) não se restringe ao contexto de um tribunal, mas ocorre sempre que difamamos ou mentimos sobre alguém. Esse tipo de discurso é moralmente errado, pois abala a integridade do mentiroso e a reputação do indivíduo que é alvo da mentira. As palavras mentirosas têm consequências sérias; além de destruir relacionamentos e perspectivas de carreira, podem até resultar em prisão e suicídio. Mais adiante, Deus expande esse mandamento: “Não espalharás notícias falsas, nem darás mão ao ímpio [...] nem deporás, numa demanda, inclinando-te para a maioria, para torcer o direito” (23:1-2). Devemos nos lembrar de que testemunhas falsas foram usadas até no julgamento injusto de nosso Senhor (Mt 26:59-62; Jo 19:12).

### 20:17 Não cobiçar

O décimo mandamento, com sua ênfase sobre não cobiçar ou desejar algo pertencente a outrem (20:17), é associado ao oitavo mandamento sobre não furtar. Não significa que uma pessoa não possa admirar bens e aptidões de outros indivíduos. Antes, refere-se ao desejo corrosivo que solapa os relacionamentos e pode levar um indivíduo a desejar o sofrimento daquele que têm a aptidão ou objeto cobiçado.

A posição desse mandamento no final da lista indica que ele trata de qualquer pendência que ainda reste no âmbito relacional, pois abrange todas as formas possíveis de relacionamento — com Deus, com a família e com a sociedade mais ampla —, lançando alicerces sólidos para a nação que Deus está erguendo para si. A confiabilidade e o respeito por outros são elementos essenciais, pois nenhuma sociedade construída com base em relacionamentos falsos pode sobreviver à instabilidade e aos problemas resultantes. Se pessoas e nações tivessem obedecido aos Dez Mandamentos, muitos traumas poderiam ter sido evitados.

### 20:18-21 A reação do povo

A reação do povo à presença divina revela o papel de Moisés como mediador entre os israelitas e Deus. Eles se enchem de temor até mesmo de ouvir a voz do Senhor com seus próprios ouvidos (20:18-19). As palavras de Moisés a seus compatriotas podem parecer contraditórias. Por um lado, ele diz *Não temais* e, por outro, indica o desejo de Deus de que o povo o tema: *Para que o seu temor esteja diante de vós a fim de que não pequeis* (20:20). Deus deve ser adorado com uma atitude de reverência diante de sua grandeza e com temor devido à consciência da fraqueza e da fragilidade humanas. No entanto, o Deus da Bíblia incentiva as pessoas a se aproximarem dele confiando na bondade divina e sem medo irracional (Hb 10:19-22). Assim, ao mesmo tempo que Moisés diz aos israelitas para não temerem, não deseja que esqueçam o temor associado ao respeito e à consciência da diferença entre eles e Deus. O temor respeitoso gera confiança e alegria (cf. Sl 40:4; Pv 14:26; Sl 64:10).

### 20:22-26 Prescrições acerca do culto

Antes de iniciar uma explicação mais detalhada de suas leis, Deus afirma que o povo não pode alegar ignorância de suas responsabilidades de adorá-lo e obedecer-lhe, pois todos o ouviram falar claramente dos céus (20:22). Então, reitera o princípio fundamental dos dois primeiros mandamentos: uma vez que ele é o único Deus, os israelitas não devem ter nenhum contato com outras divindades (20:23), pois, do contrário, estarão rompendo a aliança. Ademais, como o povo bahaya da Tanzânia costuma dizer, “Quem encosta numa panela se suja”. O povo baha’i, da mesma região, diz: “A lenha verde não deixa a lenha seca queimar”. A idolatria impediria Israel de refletir os atributos de Deus e, portanto, de testemunhar devidamente às nações.

Deus insiste que qualquer altar construído para ele deve ser mantido num estado natural, feito de terra ou de pedras simples (20:24-25). As pedras não devem ser *lavradas*, isto é, gravadas ou esculpidas. A mesma ênfase sobre materiais novos, puros e em seu estado natural pode ser encontrada em outros textos. A novilha oferecida como expiação por um homicídio não resolvido, por exemplo, não pode ter sido usada para o trabalho, e a terra onde esse sacrifício é realizado não pode ter sido lavrada (Dt 21:3-4). Semelhan-

temente, em 1Samuel 6:7, a arca da aliança é transportada por um carro novo puxado por duas vacas sobre as quais nunca foi colocado jugo. O caráter sagrado do estado natural ou puro também fica evidente na ordem para sacrificar um cordeiro de um ano e sem defeito (Lv 9:3).

O altar não deve ser alto a ponto de alguém precisar subir degraus para se aproximar dele, *para que a tua nudez não seja ali exposta* (20:26). Esse detalhe é incluído porque os homens não costumavam usar roupas de baixo. Posteriormente, Deus especificou o uso de “calções de linho” para os sacerdotes que serviam junto ao altar (28:42). A instrução cumpria uma função prática em relação à modéstia e também possuía um significado teológico, sugerindo que os pecados eram cobertos. Essa prescrição não se aplica aos casos em que o corpo não ficaria exposto mesmo havendo degraus. Assim, no templo futuro que Deus revela a Ezequiel, o altar possui degraus (Ez 43:17). Esse fato nos permite extrair o seguinte princípio: antes de transformarmos qualquer uma destas prescrições em absolutos, devemos nos perguntar por que foi estabelecida. Apesar de algumas das regras terem nascido da natureza moral de Deus, outras são associadas a ela apenas de forma indireta, pois é o princípio, e não o ato em si, que diz respeito ao caráter de Deus.

## 21:1—23:19 Detalhes da lei

### 21:1 Introdução

Enquanto Deus escreveu os Dez Mandamentos (cf. 24:12; 32:15-16; 34:1,28), Moisés escreveu as outras leis do livro de Êxodo depois de tê-las transmitido ao povo (21:1; cf. tb. 24:3-4; 34:27-28). Os capítulos 21 a 23 de Êxodo são praticamente um manual sucinto com prescrições derivadas dos Dez Mandamentos. Essas prescrições governam as relações sociais, o relacionamento entre Deus e seu povo e entre os israelitas como indivíduos. É possível até que esta seção seja o Livro da Aliança mencionado em 24:7.

Da mesma forma como o Deus de Israel era totalmente distinto dos deuses egípcios, também o sistema social e judicial apresentado aos israelitas não devia ter muita coisa em comum com o que conheciam no Egito. Assim, Deus usa leis para revelar seu caráter moral, oferecendo a seu povo a possibilidade de imitá-lo. Essas leis podem ser divididas em três categorias: princípios referentes a situações específicas, legislação moral ou ética e legislação religiosa.

Algumas das prescrições desta seção parecem reiterar instruções anteriores, passando a impressão de ser repetições desnecessárias. No entanto, Deus sabe que o povo se esquece com facilidade e, portanto, usa da repetição para reforçar pontos importantes.

Esta “cartilha” termina em tom de grande entusiasmo diante daquilo que Deus fará por seu povo que está apenas iniciando sua jornada rumo à terra prometida.

### 21:2—22:15 Disposições gerais

Esta seção apresenta várias leis relacionadas aos detalhes da vida cotidiana, aplicando-as a casos específicos. As leis são apresentadas através de uma série de situações acompanhadas da legislação aplicável a cada uma.

**21:2-11 O TRATAMENTO DOS SERVOS.** As instruções acerca dos servos (21:2-11) visam oferecer ao povo de Israel uma nova visão do modo como os escravos devem ser tratados. Não devem ser sujeitados ao tipo de opressão que os israelitas sofreram no Egito. Jesus ensinou o mesmo princípio na parábola sobre o servo incompassivo (Mt 18:23-35). Deus deseja que os israelitas tratem outros com a mesma bondade que receberam dele. O mesmo princípio se aplica a todo indivíduo num cargo de autoridade, seja como empregador se relacionando com um empregado, como supervisor com um subalterno ou como líder com as pessoas sobre as quais exerce liderança. Os indivíduos privilegiados com uma posição de autoridade se esquecem, por vezes, que, se não fosse pela graça de Deus, a situação poderia ser inversa. Ao manter o foco sobre a graça de Deus, o empregador será capaz de tratar seus empregados com a dignidade que lhes é devida e que é agradável a Deus.

Êxodo fornece um exemplo específico do princípio de que as pessoas não podem ser mantidas sob o jugo da servidão para sempre. Se um hebreu ficasse tão pobre a ponto de ter de vender a si mesmo, só poderia ser mantido como servo durante seis anos, devendo ser liberto no sétimo ano (21:2). Esse padrão lembra o descanso no sábado e o livramento de Deus (cf. Lv 25:39; Dt 15:12; Ne 5:5).

A atitude de Deus, o Senhor de Israel, no presente e mesmo no passado, quando os israelitas ainda eram escravos no Egito, exemplifica o modo como o povo deve se relacionar com seus servos. Quando o exemplo de Deus é seguido, não é de causar espanto um servo dizer *Eu amo o meu senhor* e continuo a servi-lo por amor, e não por obrigação (21:5-6).

Uma série de regras específicas é apresentada com o objetivo de proteger o casamento (21:3-4), e sobretudo as mulheres, do abuso e das injustiças sociais de que são vítimas em várias culturas. Essas regras deixam claro que, aos olhos de Deus, uma mulher é uma pessoa com seus próprios direitos, e que menosprezá-la ou tratá-la como um objeto é pecado. Mesmo que uma mulher seja uma serva trabalhando para um senhor, sua servidão não deve privá-la de sua dignidade humana, nem dar a seu “dono” o direito de tratá-la injustamente (21:7-11).

**21:12-36 CASOS DE MORTE E FERIMENTOS.** Várias situações fatais são apresentadas com suas respectivas sentenças. Em termos gerais, todo homicida deve ser condenado à morte (21:12,14). No entanto, quanto àquele que cometer homicídio acidentalmente, Deus diz: *Designarei um lugar para onde ele fugirá* (21:13). Esse lugar é especificado posteriormente como qualquer uma das seis cidades pertencentes aos levitas chamadas de “cidades de refúgio” (Nm 35:9-15; Dt 4:41-43; Js 20).

Outros crimes passíveis da pena capital são a agressão aos pais (21:15), o rapto de uma pessoa com a intenção de mantê-la em cativeiro ou vendê-la (21:16) e o ato de amaldiçoar os pais (21:17; cf. 20:12).

Em seguida, Deus trata das medidas legais para casos menos graves de ferimentos que causam invalidez permanente ou temporária. São apresentados casos específicos de: atos violentos que causam danos intencionais (homens brigando; 21:18-19), atos que causam danos não intencionais (homens brigando ferem uma mulher grávida; 21:22-25), atos de castigo (um escravo espancado por seu senhor; 21:26-27), atos envolvendo descuido (deixar uma cova aberta; 21:33-34) e atos envolvendo propriedades particulares (um boi que fere alguém; 21:28-32; 35-36). A lei deixa claro que os proprietários são responsáveis pelos ferimentos causados por seus animais domésticos em pessoas e outros animais (21:28-36). Em todos esses casos, a responsabilidade deve recair sobre alguém e a parte responsável deve ser punida de forma justa, e não excessiva.

A lei estipula vários castigos e formas de reparação. O princípio estabelecido aqui é chamado, por vezes, de *lex talionis* ou “lei de Talião”: *Vida por vida, olho por olho, dente por dente* (21:24-25). Essa lei define um limite para a reparação a ser exigida em função dos danos causados e contrasta nitidamente com a prática de vingança exagerada da qual Lameque se gabava (Gn 4:23). Jesus fala sobre esse princípio e afirma que seus seguidores devem abrir mão do direito de vingança (Mt 5:38).

**22:1-15 CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE.** Os crimes da seção anterior podem ser considerados transgressões do mandamento “não matarás” (20:13). Esta seção volta o foco para outro mandamento, “não furtarás” (20:15), e trata de crimes envolvendo propriedades particulares. O exame dos diversos casos apresentados permite deduzir os seguintes princípios:

- **A compensação pelo furto inclui uma multa.** O ladrão deve pagar cinco cabeças de gado para cada boi roubado e abatido e quatro ovelhas para cada ovelha roubada e abatida (22:1). Se o animal for encontrado com vida, o ladrão deve pagar em dobro, ou seja, dois bois ou duas ovelhas para cada boi ou ovelha roubada (22:4). A multa serve para dissuadir o criminoso em potencial e também leva em consideração o fato de que os danos causados por esse tipo de crime não se limitam ao valor da propriedade roubada. Entre outros transtornos, a vítima sofre desgaste emocional e gasta tempo procurando a propriedade roubada. No entanto, em muitos países da África, assaltos armados são quase corriqueiros. Os ladrões podem cumprimentar a vítima com a pergunta “O que você tem de bom pra gente hoje?” e se despedir comentando “Não vamos matar você; assim, você pode comprar mais coisas pra gente levar outro dia”. Deus reconhece a crueldade emocional



e o abuso que acompanham esse tipo de crime e, portanto, exige reparações superiores ao valor do objeto roubado. Deve-se fazer restituição total, mesmo que o ladrão precise ser vendido como escravo para obter o dinheiro (22:3b).

- **A vida não deve ser considerada levemente.** Se um ladrão é morto enquanto rouba durante a noite, não há nenhuma pena prevista para a pessoa que o matou (22:2). O ladrão coloca sua própria vida em risco e a vítima tem o direito de se defender. Porém, o Senhor não deseja que esta cláusula seja interpretada como uma banalização da vida do ladrão. Assim, acrescenta que essa isenção se aplica apenas a confrontos ocorridos no escuro. Se o furto se der quando já é dia claro, não é necessário derramar sangue (22:3a). O ladrão pode ser reconhecido e a vítima pode gritar por socorro, uma vez que há outras pessoas acordadas. Assim, o Senhor não aprova que se tire uma vida quando há outras opções. No entanto, em muitos países onde ainda há guerras, a morte de um grande número de inimigos é motivo de comemoração, enquanto a perda de um de seus próprios soldados causa grande tristeza. Perdemos nosso senso de valor de toda vida, mesmo da vida de um inimigo. Apesar de haver circunstâncias em que uma vida pode ser tirada (p. ex., à noite), devemos sempre buscar alternativas. Matar um ladrão depois que o dia clareia é homicídio, e Deus exige justiça para aqueles que são mortos nessas circunstâncias. Portanto, antes de recorrer à guerra é preciso refletir se foram exploradas todas as alternativas que poderiam poupar vidas — quer dos compatriotas, quer dos inimigos.
- **Todos devem assumir a responsabilidade por seus atos ou omissões.** Quando o descuido com os animais ou com o uso do fogo causa danos a outros, é preciso fazer restituição (22:5-6). O Senhor não aceita desculpas esfarrapadas quando nosso descuido prejudica outras pessoas. Eis um princípio que muitos líderes africanos deveriam aplicar ao administrar verbas públicas. O uso ineficiente ou negligente dessas verbas exige restituição. Se esse princípio fosse aplicado à administração das contas públicas de nosso continente, parte do sofrimento causado por uma atitude descuidada com os recursos do governo poderia ser aliviado.
- **Aqueles que se oferecem para ajudar outros precisam de algum tipo de proteção.** Pessoas que se dispõem a ajudar outros podem se ver em apuros como os descritos em 22:7 e 22:10. Alguém que em ocasiões anteriores se mostrou grato pela ajuda pode se voltar contra seu benfeitor. Nesses casos, os juízes devem analisar a situação (22:8-9) ou a pessoa que ajudou deve jurar diante do Senhor sua inocência quanto ao dano na propriedade da parte queixosa (22:11). Situações desse tipo são comuns nos dias de hoje, quando, por exemplo, uma pessoa oferece carona a outra e ambas

sofrem um acidente. Há quem veja nisso a oportunidade de enriquecer à custa de alguém que o ajudou. Alguns indivíduos chegam a fingir ferimentos. Uma sociedade justa se esforça ao máximo para proteger de injustiças desse tipo a pessoa que ofereceu ajuda. A garantia de proteção proporciona maior liberdade de ajudar outros.

- **Os que emprestam e os que tomam emprestado devem ser protegidos.** Se um animal emprestado é ferido ou morre, o proprietário deve ser ressarcido pela perda (22:14). No entanto, a pessoa que tomou o animal emprestado não tem essa responsabilidade se o proprietário estiver presente quando o animal for ferido ou morrer (22:15). Nesse caso, supõe-se que ninguém, inclusive o proprietário, anteviu o acidente ou poderia ter feito algo para evitá-lo. O animal simplesmente morreu enquanto estava realizando seu trabalho normal. Seria injusto esperar alguma restituição da pessoa que tomou o animal emprestado quando fica claro que ela não fez nada fora do comum e pagou pelo uso do animal. Também nesta lei vemos a aplicação do princípio de considerar a situação como um todo. Quando, não por descuido, mas por circunstâncias além de seu controle, uma pessoa não pode devolver aquilo que tomou emprestado, Deus espera misericórdia e tolerância da parte do credor. Hoje em dia, a prática geral é oposta: o credor leiloa todos os bens do devedor, não obstante o motivo do atraso no pagamento. De acordo com o princípio de Deus, a situação deve ser considerada de forma justa. O devedor não deve enganar o credor, e o credor não deve ser inclemente com o devedor.

Ao lermos essas prescrições, chama-nos a atenção como cada situação é descrita com clareza e acompanhada de um julgamento apropriado. As penas podem ser severas, mas Deus deseja que seu povo sirva de exemplo para outros. Israel tem a missão de não apenas adorar a Deus, mas também torná-lo conhecido como um modelo para a vida social e religiosa.

#### 22:16—23:9 *Lei moral*

A maioria das leis a seguir não é mais apresentada na forma de prescrições para casos específicos. Vemos agora declarações de princípios a serem aplicados em relacionamentos interpessoais ou com Deus.

22:16-17, 21-27 **PECADOS CONTRA PESSOAS.** Nesta seção, Deus define leis visando à proteção de quatro grupos: as virgens, os estrangeiros, as viúvas e órfãos, além dos necessitados em geral.

- **Proteção para as virgens.** Uma virgem noiva de um homem era considerada sua esposa e o castigo para quem se deitasse com ela era a morte (Dt 22:23-24). No entanto, a *virgem* à qual 22:16 se refere *não estava desposada*. Trata-se, portanto, de uma moça solteira. O

homem que a seduziu deve pagar à sua família o dote apropriado e se casar com a moça, a menos que o pai dela não permita o casamento (22:17). Não obstante a decisão do pai, o homem que seduziu a moça deve pagar o dote. Deus abomina a prática comum de homens que se aproveitam de moças destruindo-lhes a vida. Tais indivíduos são culpados não apenas de imoralidade sexual, mas também de ferir a dignidade de suas vítimas. Deus assevera o direito de que as moças reservem esse relacionamento íntimo para o futuro marido.

- **Proteção para os estrangeiros.** O *forasteiro* de 22:21 é qualquer pessoa de fora do país. Na época, essa categoria incluía aqueles que chamamos hoje de refugiados. Geralmente, os estrangeiros se encontram numa posição de desvantagem, pois não têm os mesmos direitos que os cidadãos do país em que vivem. No entanto, Deus proíbe seu povo de maltratar e oprimir os estrangeiros, baseando sua ordem na experiência dos israelitas no Egito. Essa prescrição nos leva a refletir sobre o modo como tratamos os refugiados em nosso meio, aqueles que, por algum motivo, tiveram de deixar seu país de origem. Deus se preocupa com eles e devemos seguir seu exemplo.
- **Proteção para as viúvas e os órfãos.** As viúvas e os órfãos têm um lugar especial no coração de Deus. Se o homem morria, a viúvas e os filhos se viam numa situação vulnerável, pois a mulher não tinha mais a proteção do marido e os filhos perdiam o amparo do pai. Deus assevera que será seu protetor e ouvirá seu clamor (22:23). Quem oprimi-los será morto (22:24) e, portanto, enviuará a própria esposa e orfanará seus próprios filhos. Aqueles que se apressam em maltratar viúvas e órfãos deve atentar para essas palavras. Muitas vezes, os parentes do falecido tomam para si as terras e os bens que deveriam ficar para os sobreviventes vulneráveis. Deus não está alheio a tais situações e as julgará no devido tempo.
- **Proteção para os necessitados em geral.** Os credores não devem cobrar juros dos pobres (22:25). Se receberem uma veste como garantia de pagamento do empréstimo, devem devolvê-la a seu dono até o final do dia. A veste também servia de cobertor e seria crueldade obrigar alguém a passar a noite sem ter como se proteger do frio (22:26-27a). Hoje em dia, não é raro os mais fortes se aproveitarem dos necessitados em vez de protegê-los. Quem não tem como apresentar sua causa a uma autoridade superior (ou não tem um tio rico) é obrigado a enfrentar todo tipo de dificuldade mesmo quando está tentando apenas conseguir o que lhe é de direito. Devemos considerar essas palavras de Deus uma lembrança de que os necessitados podem não ter um tio rico, mas tem um Pai que cuida deles. Deus diz: *Quando clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou misericordioso* (22:27b).

Como o restante do Pentateuco deixa claro, não basta apenas evitar fazer o mal a pessoas vulneráveis. Também é preciso tomar medidas práticas para suprir suas necessidades. Assim, os ceifeiros devem deixar parte da colheita no campo para os pobres, estrangeiros, órfãos e viúvas (Lv 19:9; Dt 24:19). “O estrangeiro, o órfão e a viúva” devem ter parte no dízimo dos levitas (Dt 14:28-29; Dt 26:12). Em nossos dias, não são poucas as pessoas órfãs e viúvas em decorrência da aids, assim como os refugiados banidos de seu país por instabilidade, guerra e calamidades naturais. Deus deseja que todos os cristãos tenham consciência das necessidades das pessoas ao seu redor e tomem atitudes práticas para supri-las (At 2:45).

22:18-20 PECADOS PASSÍVEIS DA PENA CAPITAL. Três pecados específicos merecem a pena capital:

- **Feitiçaria (22:18).** A prática da feitiçaria consiste em invocar poderes malignos na tentativa de prejudicar alguém que odiamos ou que estamos sendo pagos para fazer mal. Esse comportamento acarreta pelo menos dois pecados: envolver-se com poderes malignos em vez de adorar somente a Deus (20:2; cf. tb. Mt 4:10) e tentar prejudicar o próximo em vez de amá-lo (20:27; cf. tb. Lc 6:27-28).
- **Bestialidade (22:19).** A ideia de ter relações sexuais com um animal talvez fosse desconhecida para os israelitas, mas, ao que parece, não era estranha aos povos na terra de Canaã com os quais eles teriam contato em breve. Podemos deduzir isso por Levítico 18, onde uma longa lista de prescrições sobre a sexualidade (inclusive a bestialidade; Lv 18:23) começa com as seguintes palavras: “Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos” (Lv 18:3). Deus prescreve a pena capital repetidamente para os indivíduos que adotarem essa prática inatural (22:19; cf. tb. Lv 20:15-16; Dt 27:21). A bestialidade é uma expressão tácita de descontentamento com a provisão de Deus na área sexual. Ele proveu Adão para Eva e vice-versa. A busca de satisfação sexual de qualquer outra maneira que não seja com um parceiro humano do sexo oposto é um insulto à inteligência de Deus e à sua criação boa (Gn 1:31).
- **Idolatria (22:20).** O adorador que sacrifica a qualquer outro Deus está, na verdade, procurando colocá-lo no mesmo nível que o Senhor. Tendo em vista que o Criador não pode ser equiparado a coisa alguma em sua criação e que os outros deuses são todos coisas criadas, a mera tentativa de fazer isso é um insulto à glória de Deus e, portanto, passível da pena da morte.

O elemento em comum destas transgressões sujeitas à pena de morte é a negligência em adorar, honrar e servir somente a Deus. O feiteiro invoca poderes malignos, aquele que

prática a bestialidade nega o plano perfeito de Deus para suprir nossas necessidades sexuais e aquele que sacrifica a ídolos nega a Deus a honra que lhe é devida como único objeto legítimo de adoração. São pecados graves diante de Deus e dos quais devemos nos manter afastados.

**22:28—23:9 A NECESSIDADE DE HONRAR A DEUS.** Devemos honrar a Deus tanto em nosso relacionamento com ele quanto em nossos relacionamentos interpessoais. A regra de ouro (“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração... Amarás o teu próximo como a ti mesmo”; Mt 22:37-40) resume a vontade de Deus não apenas no tempo do Novo Testamento, mas também no Antigo Testamento.

Até aqui, as prescrições deste capítulo tratam de maneiras indiretas de honrar ou deixar de honrar a Deus. No entanto, o autor também apresenta três proibições específicas que focalizam o modo como honramos a Deus em nosso relacionamento com ele:

- **Não blasfemar ou amaldiçoar a Deus ou aos governantes (22:28).** Não faz nenhum sentido blasfemar contra Deus, pois ele é o Criador que provê todas as coisas para sua criação e, como tal, merece sempre nossa gratidão. Os governantes exercem suas funções com autoridade conferida por Deus e, portanto, também devem ser respeitados, e não amaldiçoados.
- **Não reter ofertas (22:29-30).** Como doador de tudo o que existe, Deus merece as ofertas prescritas, sejam elas provenientes dos campos, dos celeiros, sejam das vinhas. Dentre as ofertas exigidas por Deus, estão os primogênitos dos israelitas — sejam eles seus filhos ou crias de seus animais (cf. 13:12-16). Deus é a fonte de toda bênção e, portanto, deve ser honrado com tudo que possuímos.
- **Não comer a carne de animais que foram mortos por feras (22:31).** Todos os predadores eram considerados imundos e, portanto, um animal morto por eles também se tornava imundo (cf. Lv 11:1-8). Ademais, o sangue do animal morto não havia sido drenado de forma apropriada (Gn 9:4; Lv 17:13-14). A fim de manter sua natureza santa como povo separado para Deus, os israelitas não devem comer esse tipo de carne.

Também encontramos aqui orientações específicas sobre como honrar a Deus em nossos relacionamentos interpessoais. As prescrições dessa passagem dizem respeito a **espalhar notícias falsas (23:1a)**, dar testemunhos maliciosos num **processo legal (23:1b)**, perverter a justiça cedendo à **pressão da maioria (23:2)** mesmo que os pobres sejam beneficiados **(23:3)**, deixar de prestar ajuda necessária **(23:4-5)**, privar os pobres da justiça **(23:6-7)**, aceitar subornos **(23:8)** e **oprimir os estrangeiros (23:9)**. Aqueles que cometem qualquer uma dessas transgressões ignoram o princípio afirmado por Jesus: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Mt 7:12) e não reconhe-

cem o valor dos seres humanos aos olhos de Deus, como criaturas feitas à sua imagem (Gn 1:26-27).

### 23:10-19 A lei religiosa

O mandamento para observar o sábado (20:8) é expandido de modo a deixar claro que não se aplica apenas aos seres humanos. A terra também deve ter um descanso sabático. No entanto, o ritmo dos sábados da terra é diferente. Ela deve ser cultivada durante seis anos e ficar em repouso no sétimo ano (**23:10-11**; cf. tb. 21:2). Os verbos hebraicos usados na injunção *a deixarás descansar e não a cultivarás* enfatizam a ideia de pousio. No entanto, essa ordem acerca do ano sabático não significa que os pobres e os animais selvagens ficarão desprovidos da fonte essencial de alimento. Como Jesus lembrou seus oponentes: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2:27). O descanso sabático não tem por objetivo trazer mais dificuldades, mas sim mostrar a consideração de Deus e sua consciência de que pessoas e animais se cansam e o solo se enfraquece depois de muitos plantios sucessivos. Todos precisam tomar *alento* (**23:12**).

Deus volta a ressaltar que deve ser adorado com exclusividade (**23:13**). Além de honrá-lo no sábado, o povo deve celebrá-lo em três festas anuais (**23:14,17**). A primeira é a Festa dos Pães Asmos, associada à Páscoa (**23:15**; 12:14-17). A segunda é a Festa da Segra (ou Festa das Semanas), na qual os israelitas ofereciam as primícias de suas colheitas a Deus (**23:16a**). No tempo do Novo Testamento, essa festa corresponde a Pentecostes (At 2:1). A terceira é a Festa da Colheita (Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas) no final da ceifa (**23:16b**). Essas celebrações deviam lembrar os israelitas de que Deus não apenas lhes deu liberdade, mas também os frutos da terra, apesar de ainda ser necessário trabalharem em suas plantações. (Para mais informações sobre estas celebrações, cf. os comentários em Lv 23, Nm 28 e Dt 16.)

A lista das festas principais é seguida de instruções acerca das ofertas a serem feitas nessas ocasiões. De acordo com a primeira instrução, o sangue do animal imolado para o sacrifício não deve ser oferecido *com pão levedado* (**23:18a**). Na Bíblia, a imagem do fermento é usada com frequência para simbolizar o mal (cf. 12:15; 23:15; 1Co 5:6-8). Seria inapropriado associar esse símbolo com o sangue do sacrifício.

Na instrução para não guardar nenhuma gordura do sacrifício até a manhã seguinte, deve-se entender a gordura como uma representação de qualquer parte do animal (**23:18b**; cf. Êx 12:10). O animal imolado não deve ser considerado apenas uma fonte de alimento, podendo ser guardado para outro dia. Antes, é uma oferta a Deus e, particularmente na Páscoa, uma lembrança daquilo que Deus fez por seu povo. Assim, deve ser tratado de modo a lembrar os participantes das circunstâncias da primeira refeição pascal (cap. 12).

A ordem de Deus para o povo lhe oferecer *as primícias dos frutos da tua terra* lembra como o Senhor merece a parte mais seleta, e não o que sobrar depois de guardarmos o melhor para nós mesmos (23:19a).

É difícil interpretar a proibição de 23:19b de cozinhar um cabrito no leite de sua própria mãe sem ter um conhecimento mais preciso dos costumes da época. Há quem sugira tratar-se de um costume cananeu que não devia ser imitado pelos israelitas. Outros imaginam que cozinhar o cabrito no leite da mãe pode secar o leite dela e, portanto, não era prudente usar esse método. Alguns judeus ortodoxos expandiram consideravelmente essa regra de modo a afirmar que os judeus observantes não devem consumir carne e laticínios juntos. Alguns nem sequer usam os mesmos pratos e vasilhas para carnes e laticínios.

Tendo em vista a falta de uma compreensão mais exata desta prescrição, os cristãos não extraíram dela nenhuma regra fixa. No entanto, pode-se interpretá-la como uma ordem para não matar o cabrito e a cabra que o gerou ao mesmo tempo, pois tal procedimento encerraria parte do ciclo de crescimento instituído por Deus visando à continuidade de sua criação. Pode-se argumentar que estamos transgredindo esse mandamento quando tratamos a natureza de uma forma que causa danos irreparáveis à criação de Deus. Poluição, desmatamento e outras práticas afins prejudicam o meio ambiente que nos sustenta. Em algumas regiões da África, podemos ver os resultados de práticas perniciosas como o desmatamento. Devemos permitir à criação de Deus permanecer da forma como ele a planejou, segundo sua sabedoria absoluta.

## 23:20—24:18 A reiteração das promessas de Deus

### 23:20-33 A promessa de terra

Voltamos agora para o tema da promessa e as condições para seu cumprimento, sendo a mais importante de todas a obediência. Deus conduz os israelitas enviando um mensageiro (este é o significado da palavra “anjo”) adiante deles (23:20; cf. tb. 33:2). Este anjo é o representante de Deus, revestido de autoridade para castigar o pecado; logo, os israelitas devem ouvi-lo e obedecer-lhe como se fosse o próprio Deus (23:21-22). A declaração *Nele está o meu nome* parece ecoar no registro de João da oração sacerdotal de Cristo (Jo 17:11-12).

Além de conduzir os israelitas, o anjo também tem a missão de lutar por eles, destruindo seus inimigos e limpando o caminho para que o povo avance (23:23). No entanto, a fim de ser abençoado por ele, Israel deve demonstrar fidelidade total a Deus e se recusar a tolerar a presença de outros deuses. Os ídolos que representam esses deuses devem ser destruídos como as cidades que são queimadas por seus conquistadores (23:24).

Deus trata das bênçãos decorrentes da obediência e especifica quanto aos adoradores fiéis: *Completarei o número*

*dos teus dias* (23:25-26). Essa promessa pode explicar a longevidade excepcional de alguns indivíduos mencionados no AT. No entanto, também pode ser interpretada como uma indicação de que todos os dias da vida dos fiéis serão repletos da bênção de Deus.

Em 23:31a, o próprio Deus define os limites da terra prometida. Ela se estenderá do *mar Vermelho* (cf. 13:18) *até ao mar dos filisteus*, ou seja, o mar Mediterrâneo, e *desde o deserto até ao Eufrates* (cf. tb. Gn 31:21; Js 1:4). A ocupação desse território vasto ocorrerá de forma progressiva (23:29-30). Os israelitas terão de se assentar aos poucos, pois nunca possuíram nem precisaram administrar uma grande extensão de terra. Na maioria dos casos, o povo não precisará lutar para obter essa terra. Deus espalhará medo e pânico entre seus inimigos e os fará fugir (23:27,31b). Serão expulsos por *vespas* (23:28). Essa palavra rara na Bíblia também pode ser traduzida como “abelhas” (Dt 1:44; Sl 118:12) e parece indicar figurativamente uma praga ou algo que desanima o inimigo (23:27).

Quando os israelitas ocupassem a terra, deveriam obedecer à risca à ordem para não imitar as práticas religiosas dos habitantes dos territórios conquistados (23:32). Deus apresenta o motivo de sua insistência para não ser adorado junto com outros deuses e nem mesmo na mesma região que outros deuses: *isso te será cilada* (23:33). Como diz um provérbio ngambaue do Chade: “Quem tenta imitar o modo de andar de outra pessoa não consegue andar direito”. Cristo reitera esse princípio quando diz: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6:24).

O mandamento é claro: não fazer nenhuma aliança com outros povos e muito menos com seus deuses. Embora a insistência de Deus parecesse excessiva, mais adiante, a história de Israel confirmaria a necessidade de tais acordos e advertências. De acordo com um provérbio árabe do Chade: “Se você criar um filhote de elefante em sua cabana, ele a levará embora quando se juntar ao resto da manada”. Os deuses estrangeiros seriam como o filhote de elefante e acabariam destruindo a casa que Deus estava edificando.

### 24:1-18 A confirmação da aliança

Moisés recebe instruções específicas para organizar a cerimônia na qual a aliança será confirmada. O Senhor é santo, determinando o modo como o povo deve se aproximar dele, mesmo no tempo do NT (At 4:12). Somente Moisés recebe permissão de se chegar ao Senhor (24:1-2). No entanto, Arão e seus dois filhos mais velhos (Nadabe e Abiú), bem como setenta anciãos de Israel, devem acompanhá-lo de longe, possivelmente para servir de testemunhas. Ao que parece, os setenta anciãos já constituíam um grupo formal. Talvez fossem os indivíduos nomeados por Moisés conforme o conselho de seu sogro (18:25), ou oficiais escolhidos em outra ocasião. Representavam o povo e poderiam dar testemunho aos israelitas da visão da majestade e santidade de Deus (24:10).

A aliança é selada quando o povo assume o compromisso de obedecer a *tudo o que falou o SENHOR* (24:3). A cerimônia oficial de ratificação começa com a construção de um altar representando o compromisso sincero das doze tribos (24:4). Em seguida, são oferecidos sacrifícios e seu sangue é aspergido sobre o altar recém-construído (24:5-6), selando a aliança com o derramamento de sangue. Pedro usa o simbolismo desse ritual ao dizer que os cristãos foram “eleitos [...] para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1Pe 1:2). No entanto, não está se referindo à antiga aliança, e sim à nova aliança na qual o sangue de Cristo é ainda mais significativo (cf. Lc 22:20; 1Co 11:25-26).

O *livro da aliança* que Moisés lê para o povo (24:7) também é mencionado em 2Reis 23:2,21 e 2Crônicas 25:4. Não podemos dizer com certeza que livro era esse. Talvez fosse parte de Êxodo (possivelmente 21:1—24:18) ou Levítico, ou talvez se tratasse de um livro que não existe mais.

O texto informa duas vezes que Moisés e vários dos líderes israelitas *viram* Deus nessa ocasião. Apesar de dois verbos diferentes serem usados em 24:10 e 24:11, ambos podem ser traduzidos como “ver” e usados de forma intercambiável. Mas há um problema: o verbo de 24:10 é o mesmo usado em 33:20, onde é dito que ninguém pode ver Deus e viver. Trata-se, portanto, de uma contradição? Não, pois aqui Deus assume deliberadamente uma forma na qual ele pode se revelar aos seres humanos e se relacionar com eles. Continua sendo fato que ninguém pode ver Deus em sua glória total e viver.

A refeição depois do encontro no monte é semelhante à refeição ritual que selava alianças entre duas partes naquela época.

Moisés sempre foi o intermediário, o mediador privilegiado entre Deus e o povo (24:2,12). Agora, porém, o texto menciona Josué pela segunda vez, descrevendo-o como assistente de Moisés na ocasião em que o líder de Israel se prepara para receber a lei e os mandamentos escritos por Deus para o povo (24:13). Uma vez que Moisés passará os próximos quarenta dias na presença de Deus, no meio da nuvem (24:15-18), Arão e Hur são nomeados para atuar como seus representantes durante essa ausência (24:14).

Vemos aqui o nascimento de uma teocracia.

## 25:1—40:38 Deus no meio de seu povo

O último versículo do livro de Êxodo é a chave para a seção final: “De dia, a nuvem do SENHOR repousava sobre o tabernáculo, e, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas” (40:38). Este versículo é importante, pois a última parte do livro trata do lugar da habitação de Deus, o tabernáculo (25:1—31:18); de como Israel quebrou a aliança e Deus ameaçou se retirar do meio deles (32:1—34:35); e, por fim, da presença permanente de Deus no meio de seu povo ao longo de toda a jornada até a terra prometida. O tabernáculo, o lugar da habitação de Deus é, agora, o local onde ele se manifesta (35:1—40:38).

## 25:1—31:18 O planejamento do tabernáculo

Deus dá ordens para a construção de um lugar de adoração. Uma vez que o povo estava viajando pelo deserto a caminho da terra prometida, esse lugar de adoração deveria ser desmontável e móvel como o restante do acampamento israelita.

Os vários nomes usados na Bíblia para esse lugar de adoração nos ajudam a entender seu papel no meio do povo. Ele é chamado de santuário (25:8a), ou seja, um lugar sagrado e um centro visível de adoração. Também recebe o nome de tabernáculo (25:9; 26:1), uma palavra que significa “tenda” em latim e descreve a aparência desse santuário. Mas, no hebraico, o significado mais exato do termo traduzido como “tabernáculo” é o verbo “habitar”, lembrando que o santuário simboliza a habitação de Deus no meio do povo (25:8b). Essa tenda (26:7,11-14,36) seria o local onde Deus se encontraria com seus adoradores ali reunidos. Daí o nome tenda da congregação (27:21). Por fim, também é chamado de tabernáculo do Testemunho (38:21), pois as tábuas da lei guardadas nesse local eram conhecidas como tábuas do Testemunho (31:18).

Moisés recebe instruções detalhadas para a construção do tabernáculo e seus utensílios. Combinando as informações encontradas nos capítulos 25—28, 30 e 35—40, podemos deduzir que o tabernáculo era dividido em duas partes:

- Um átrio externo (27:9-17; 38:9-20) medindo 100% e cinquenta côvados (45 x 22,5 metros). Essa área cercada indicava a exclusão dos gentios do tabernáculo. Era aberta apenas para israelitas e para aqueles que haviam se identificado com o povo de Deus pela circuncisão. Nesse átrio ficava a bacia de bronze (30:17-21; 38:8) e o altar revestido de bronze para os holocaustos (27:1-8; 38:1-7).
- O tabernáculo propriamente dito (26:1-37; 36:8-38) medindo trinta côvados de comprimento, dez côvados de largura e dez côvados de altura (13,5 x 4,5 x 4,5 m). Essas medidas não são especificadas claramente, mas podem ser deduzidas dos detalhes fornecidos em 26:15-23. (Vinte tábuas, cada uma com um côvado e meio de largura, num total de trinta côvados. Cada tábua tinha dez côvados de comprimento.) O tabernáculo em si era dividido em dois cômodos: o Santo Lugar medindo vinte côvados por dez (9 x 4,5 m) e o Santo dos Santos, medindo dez côvados por dez (4,5 x 4,5 m).

No Santo Lugar ficavam três objetos revestidos de ouro: a mesa dos pães da proposição (25:23-30; 37:10-16), um candelabro com sete hastes (25:31-40; 37:17-24) e o altar de incenso (30:1-10; 37:25-29). Estes três objetos são associados a conceitos do NT. Jesus se refere a si mesmo como pão da vida (Jo 6:32,35) e luz do mundo (Jo 8:12). E a oração (representada pelo incenso) deve ser o modo de vida do cristão (1Ts 5:17).

O Santo dos Santos abrigava a arca da aliança que simbolizava a presença de Deus (25:10-22; 37:1-9) e continha as duas tábuas da lei. Diante da arca, ficava um pote de maná e o bordão de Arão que havia florescido (cf. Êx 16:33; Nm 17:10; tb. Hb 9:4). O maná e o bordão de Arão eram uma lembrança de como Deus havia conduzido os israelitas e provido suas necessidades. Esses objetos serão descritos em detalhes mais adiante.

### 25:1-9 Os materiais

Conforme a instrução de Deus, Moisés pede ao povo para levar ofertas que possam ser usadas na construção desse lugar de oração e culto. Devemos observar que essas ofertas são voluntárias, entregues conforme o coração de cada um é movido (25:1-2), uma abordagem bastante distinta daquela que vemos com frequência nos dias de hoje, especialmente na televisão, onde as palavras de alguns pastores correspondem quase a maldições pronunciadas contra aqueles que não contribuem. Quando entregamos uma oferta, devemos fazê-lo voluntária e generosamente, pois estamos oferecendo a Deus, o doador de tudo o que possuímos. Quando as pessoas contribuem de forma espontânea, as ofertas são constantes e abundantes. As ameaças de maldição, por outro lado, podem funcionar por algum tempo, mas logo perdem seu poder e as contribuições se tornam escassas ou cessam completamente.

Moisés devia recolher os materiais mais seletos. Os metais preciosos — ouro, prata e bronze — provavelmente haviam sido entregues pelos egípcios quando os israelitas partiram (12:35-36). O estofado (fios de lã) tingido de azul, púrpura e carmesim era extremamente valioso naquela época, pois essas tinturas eram raras. Outro tecido necessário seria o linho fino (25:3). Além disso, seriam usados pelos de cabra, peles de carneiro e peles finas (tb. chamadas de “peles de animais marinhos”, apesar de não ser possível identificar o tipo de animal ao qual o termo hebraico se refere). A acácia era uma árvore comum no deserto, não seria difícil confeccionar tábuas firmes e duráveis com essa madeira. Moisés também juntou azeite, especiarias e pedras preciosas (25:4-7). É possível que os israelitas tenham levado consigo tecidos, peles e especiarias ao sair do Egito ou tenham adquirido esses produtos de outros povos da região do deserto onde se encontravam agora.

O valor dessas ofertas demonstrou a generosidade dos adoradores e também deu testemunho da grandeza de Deus.

Deus forneceu instruções extremamente detalhadas para a construção do tabernáculo e Moisés devia segui-las à risca. O Senhor diz que mostrará a Moisés um modelo do tabernáculo (25:9,40), um detalhe mencionado por Estêvão ao falar sobre Moisés e o tabernáculo em Atos 7:44.

### 25:10-40 Os utensílios

Nesta seção, Moisés recebe instruções detalhadas para os principais utensílios do tabernáculo, com exceção do altar

de holocausto e do altar de incenso que serão descritos mais adiante.

**25:10-22 A ARCA E O PROPICIATÓRIO.** O primeiro objeto a ser construído é a arca que representa a presença de Deus no meio de seu povo. Por vezes, é chamada simplesmente de “arca”, mas também recebe as designações “Testemunho” (25:21) e “arca da Aliança” (Dt 10:8). A palavra “arca” é um termo geral usado para descrever uma caixa, geralmente de madeira, com tampa. O mesmo termo é usado para a embarcação de Noé. Seu tamanho é especificado em **25:10**: *de dois côvados e meio será o seu comprimento, de um côvado e meio, a largura, e de um côvado e meio, a altura* (1,1 x 0,7 x 0,7 m). Deve ser feita de madeira de acácia e revestida de ouro (25:11).

A arca abrigará as duas tábuas da lei (25:16,21). Ao que parece, posteriormente, o pote de maná e o bordão de Arão que floresceu também foram colocados dentro da arca apesar de, inicialmente, terem sido dispostos diante dela (Êx 16:33; Nm 17:10; Hb 9:4). Outros detalhes são fornecidos em 37:1-9.

A arca deve ser coberta por um objeto chamado *propiciatório* (25:17). O termo hebraico também pode ser traduzido como “expição”, passando a ideia de cobrir alguma coisa, como uma mancha ou falha, a fim de apagá-la. Isso explica por que o mesmo termo é usado para a expiação pelo pecado. O propiciatório deve ser confeccionado em *ouro puro*. Em cima dele, devem ficar *dois querubins*, um de frente para o outro (25:18-20). Os querubins eram seres sobrenaturais com características humanas e animais, apresentando certa semelhança com a esfinge egípcia (cf. tb. Gn 3:24; 37:7-9; 2Cr 3:10-13). O Senhor define que o espaço entre os querubins será o lugar onde ele se encontrará com um representante dos israelitas (25:22). Na época em que essas instruções foram passadas, tal representante era Moisés.

**25:23-30 A MESA DOS PÃES DA PROPOSIÇÃO.** Em seguida, Moisés recebe a instrução de construir uma mesa na qual *os pães da proposição* devem ser colocados (25:30a). Essa mesa deve ser feita de madeira de acácia, como a arca, e revestida de ouro puro (25:23-24). Doze pães devem ser mantidos sobre essa mesa e substituído por outros doze pães frescos todos os sábados (25:30b; cf. Lv 24:5-9). Esses pães cumprem dois propósitos. Em primeiro lugar, são uma lembrança de que Deus habita no meio de seu povo e provê seu pão diário, da mesma forma como proveu o maná para alimentar as doze tribos no deserto (25:8; cf. tb. Is 63:9). Em segundo lugar, sua reposição regular simboliza o compromisso do povo de ser leal a Deus e sua gratidão pela provisão divina constante.

**25:31-40 O CANDELABRO DE OURO.** Moisés também recebe a ordem de construir um candelabro de ouro trabalhado com sete hastes, cada uma com uma lâmpada a óleo (25:31-36; cf. tb. Lv 24:2-4; 2Cr 4:7). A luz dessas lâmpadas iluminaria o Santo Lugar para que os sacerdotes pudessem servir naquele local (25:37). No NT, ao ensinar no templo, Jesus

se refere a si mesmo como a luz (Jo 8:12,20). No livro de Apocalipse, o candelabro simboliza a igreja (Ap 1:12,20).

Todos esses objetos eram feitos de ouro puro ou revestidos desse metal precioso para lembrar que o serviço de Deus deve ser cercado de pureza (25:38-40).

### 26:1-37 A estrutura do tabernáculo

O tabernáculo era constituído de uma cobertura interna (26:1-6), uma cobertura externa (26:7-14), uma estrutura que sustentava essas coberturas (26:15-30), um véu (26:31-35) e um reposteiro (26:36-37).

**26:1-6 A COBERTURA INTERNA.** A cobertura interna era formada por dez cortinas, de linho tecidas com estofa azul, púrpura e carmesim (26:1), as três cores do tabernáculo. Pelo fato de serem obtidas com tinturas raras, essas cores indicavam que o tecido era da mais alta qualidade. O tamanho da cobertura é especificado: *o comprimento de cada cortina será de vinte e oito côvados, e a largura, de quatro côvados* (12,5 x 1,8 m). As cortinas devem ser agrupadas de cinco em cinco, formando duas peças longas (26:2-3). Essa separação em duas peças provavelmente facilitava o transporte e a montagem quando o tabernáculo era erguido num novo local. As duas peças deviam ser ligadas por argolas (*laçadas*) e ganchos (*colchetes*) e assim *o tabernáculo passará a ser um todo* (26:6). Aqui também, só devem ser usados materiais da mais alta qualidade e os colchetes da cobertura interna devem ser de ouro.

**26:7-14 A COBERTURA EXTERNA.** Enquanto a cobertura interna era constituída de dez cortinas, a externa era formada por onze (26:7). A décima primeira cortina cobria a entrada do tabernáculo, deixada aberta na cobertura interna (26:9b). Essas cortinas devem ser confeccionadas com pelos de cabra, mais resistentes às intempéries do que os tecidos usados na cobertura interna. Também devem ser um pouco mais longas do que as internas, com trinta côvados de comprimento e quatro côvados de largura (13,5 x 1,8 m) e, desse modo, revestir e proteger todas as partes da cobertura interna (26:8,12-13). As cortinas externas devem ser agrupadas em dois conjuntos, um com cinco e outro com seis peças (26:9a). Os colchetes de um conjunto, que se ligam às laçadas do outro de modo a formar uma unidade, são feitos de bronze (26:10-11). Esse metal não é tão valioso quanto o ouro usado nos colchetes da cobertura interna indicando, provavelmente, diferentes graus de importância associados a essas camadas do tabernáculo. A camada mais próxima daquilo que simbolizava a presença do Senhor devem ser da mais alta qualidade possível.

A cobertura externa é protegida por uma terceira camada, uma coberta feita de peles de carneiro e peles finas doadas pelos israelitas (26:14).

**26:15-30 A ESTRUTURA.** A estrutura que sustenta as coberturas deve ser feita de acácia, um tipo de madeira firme e durável (26:15). Deve ser formada por quarenta e oito tábuas (vinte para cada lado e oito para a parte de trás do

tabernáculo — 26:18,20,22-23). De acordo com 26:16, cada tábua deve ter *dez côvados de comprimento e côvado e meio de largura* (4,5 x 0,7 m). Essas tábuas devem ser sustentadas por bases de prata (26:19). A estrutura deve ser reforçada por travessas de madeira passando por argolas de ouro. Aqui também, o uso de metais diferentes (prata e ouro) simboliza a importância associada a partes distintas da estrutura.

**26:31-35 O VÉU.** O véu separa o Santo Lugar do Santo dos Santos (26:33). Deve ser idêntico à cobertura interna quanto ao tecido, às cores e à decoração com querubins (26:31; cf. 26:1) e ser pendurado com colchetes de ouro presos a colunas de madeira de acácia, cobertas de ouro (26:32). O uso exclusivo de materiais da mais alta qualidade e a presença dos anjos (querubins) demonstra que se trata de uma parte extremamente importante do tabernáculo.

Os sacerdotes não teriam permissão de entrar no Santo dos Santos e nem mesmo o sumo-sacerdote poderia ter acesso a esse lugar quando bem entendesse (Lv 16:2). Ali ficaria a arca simbolizando a presença de Deus e ali Deus se encontraria com um representante de seu povo (25:22). Essa parte do tabernáculo era separada pelo véu para enfatizar a distância entre o Deus santo e todos os seus adoradores. Porém, esta separação foi removida por meio da obra de Cristo (Mc 15:38; Hb 9:12). Todo aquele que crê em Cristo pode ter acesso ao Santo dos Santos sempre que desejar adentrá-lo.

**26:36-37 O REPOSTEIRO.** O reposteiro ou a cortina que cobre a entrada do tabernáculo deve ser feito dos mesmos tecidos de alta qualidade usados para o véu de separação entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos. Assim, apesar de materiais diferentes serem usados em partes distintas da estrutura para simbolizar sua importância relativa, também fica claro que a estrutura toda é extremamente valiosa diante do Senhor.

### 27:1-8 O altar e seus utensílios

O altar descrito em 27:1-8 ficava no átrio do tabernáculo, um local acessível ao povo em geral (Lv 4:22,27,29). É chamado de “altar do holocausto”, em função do tipo principal de sacrifício oferecido sobre ele (cf. 30:28; 31:9), e também de “altar de bronze”, pois era revestido desse metal (cf. 38:30; 39:39). O bronze era sustentado por uma estrutura oca feita de tábuas de acácia (27:1a,2b,8) sendo, portanto, mais leve e mais fácil de transportar na jornada dos israelitas pelo deserto. Também possuía argolas e varas para ser carregado (27:5-7).

O altar deve ser quadrado (27:1b) e ter cinco côvados de cada lado (2,3 m) e três côvados de altura (1,3 m), indicando forma e estrutura apropriadas para sua função. As partes mais sagradas do altar são os *chifres*, isto é, projeções nos quatro cantos (27:2a), nas quais era aplicado o sangue das ofertas pelo pecado (29:12; Lv 4:30).

Moisés recebe ainda instruções acerca de todos os utensílios necessários para os sacerdotes servirem junto ao



altar. Como o altar, esses utensílios devem ser feitos de bronze (27:3-4).

### 27:9-19 O átrio

O tabernáculo deve ser erguido dentro de um átrio medindo cem côvados por cinquenta (45 x 22,5 m). O átrio deve ser demarcado com cortinas de linho — cada uma com cinco côvados de largura (2,25 m). Essa largura não é especificada no texto, mas pode ser deduzida pelo número de colunas usadas para sustentá-las. Uma vez que são necessárias vinte colunas do lado com cem côvados (27:9-11) e dez colunas no lado com cinquenta côvados (27:12), cada cortina deve cobrir cinco côvados. A entrada do átrio deve ficar do lado leste (27:13-16) e ser coberta por um reposteiro ou uma cortina de estofado azul, púrpura e carmesim com vinte côvados (9 m) de comprimento. Essa área cercada mostra simbolicamente que os israelitas são um povo separado do restante das nações. São propriedade peculiar de Deus (19:5-6).

### 27:20-21 O suprimento de azeite

A série de instruções termina com detalhes sobre o suprimento de azeite de oliva para as lâmpadas do candelabro (27:20). Na época, o azeite de oliva era o melhor tipo de óleo usado para iluminação. O Senhor não aceita materiais de padrão inferior em nenhuma obra ligada a ele. Esse azeite é necessário para manter as lâmpadas acesas durante toda a noite como símbolos da presença de Deus (27:21) e prover iluminação adequada para os sacerdotes ao realizarem seu trabalho no tabernáculo.

### 28:1—29:46 Os sacerdotes

28:1-43 AS VESTES DOS SACERDOTES. Arão e seus quatro filhos são nomeados sacerdotes (28:1). Como tal, precisam de vestes sagradas especiais para indicar sua honra e dignidade ao realizar as incumbências desse cargo (28:2). O caráter sagrado das vestes usadas pelos sacerdotes quando entravam na presença do Senhor fica ainda mais evidente em Ezequiel 44:19. Esse versículo especifica que as vestes deviam ser deixadas numa câmara santa e não deviam ser levadas para o átrio externo onde o povo ficava, pois a santidade das vestes seria transmitida a qualquer pessoa comum que entrasse em contato com elas.

Conforme estas prescrições enfatizam, tudo que entra na presença de Deus é transformado. O rosto de Moisés resplandecia, pois ele havia estado na presença do Senhor (34:29). Semelhantemente, as vestes sacerdotais seriam distintas de roupas comuns, pois os sacerdotes se apresentariam diante de Deus com elas. Apesar do conceito de vestes sagradas para ministros de Deus não ser tão importante em nosso tempo, uma vez que Cristo é Sumo Sacerdote, o princípio ainda se aplica, por exemplo, ao dinheiro dos dízimos e ofertas separado para ser usado na obra do Senhor. Apesar de ser usado para sustentar ou ajudar homens e

mulheres, esse dinheiro pertence a Deus. As coisas separadas por Deus para si se tornam sagradas e qualquer um que se apropria delas indevidamente atrai a ira de Deus.

A confecção de vestes apropriadas para os sacerdotes requer pessoas com um dom especial nessa área. O termo *hábeis* em 28:3 também pode ser traduzido como “sábios”, como em Jó 9:4. Os tecidos para a confecção das vestes dos sacerdotes também são preciosos (28:5). O linho era o tecido mais fino disponível na época e a púrpura, por exemplo, era uma tintura extremamente cara. Seu valor no tempo do NT é mostrado no episódio em que os soldados romanos escarnecem de Jesus vestindo-o de púrpura (Mc 15:17). No livro de Atos, diz-se que Lídia, uma mulher bem-sucedida em seus negócios, era uma “vendedora de púrpura” (At 16:14).

As vestes a serem confeccionadas são: *um peitoral, uma estola sacerdotal, uma sobrepele, uma túnica bordada, mitra e cinto* (28:4).

- A *estola sacerdotal* era constituída de duas peças feitas de ouro, estofado azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino — uma peça cobria as costas e outra a parte da frente, o tórax e a parte superior do corpo (28:6-8). As duas peças eram presas no ombro por duas ombreiras. Cada uma dessas ombreiras tinha engastadas pedras de ônix gravadas com o nome dos filhos de Jacó, seis em cada ombro. Assim, o sacerdote apresentava e representava todo o Israel simbolicamente perante o Senhor (28:9-14).
- O *peitoral* dá continuidade a esse simbolismo, pois traz o nome de todos os filhos de Jacó, cada um gravado numa pedra preciosa separada: o sumo-sacerdote *levará os nomes dos filhos de Israel no peitoral do juízo sobre seu coração, quando entrar no santuário, para memória diante do SENHOR continuamente* (28:15-29). O peitoral é chamado de “peitoral do juízo”, pois continha o *Urim* e o *Tumim*, dois objetos não identificados usados para consultar o Senhor lançando-se sortes (28:30). Um deles provavelmente designava uma resposta afirmativa de Deus, enquanto o outro correspondia a uma resposta negativa (cf. Nm 27:21; 1Sm 28:6), permitindo ao sacerdote guiar a nação nos momentos em que fosse necessário tomar decisões importantes. Seu papel nos lembra da necessidade de participação dos cristãos na vida cotidiana de uma nação. Quanto mais cristãos se envolverem genuinamente na política, em questões de desenvolvimento e afins, mais justa nossa sociedade se tornará. Isso vale tanto para a África quanto para qualquer outra parte do mundo.
- A *sobrepele* usada pelo sumo sacerdote é decorada com *campainhas de ouro* para que se possa ouvi-lo enquanto ele se move dentro do tabernáculo. Seus sons servem para anunciar quando Arão *entrar no santuário diante do SENHOR e quando sair* (28:31-35). Se ele for ouvido entrando no Lugar Santo, mas nenhum som indicar

sua saída, existe a possibilidade de ele ter morrido por não estar devidamente santificado ao entrar na presença do Senhor. Assim, as campainhas também são uma lembrança para o sacerdote e para nós de que servir ao Senhor é um grande privilégio e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade assustadora. O serviço ao Senhor não pode ser feito com displicência. As campainhas também têm um aspecto positivo, pois indicam a possibilidade de participação do povo nas orações do sacerdote ao ouvirem sua movimentação dentro do Lugar Santo. Sua saída também será um momento de grande regozijo, pois o povo saberá que seus pecados foram expiados.

- A *mitra* era feita de linho e possuía uma lâmina de ouro puro gravada com as palavras *Santidade ao SENHOR*. Essa lâmina ficava sobre a testa de Arão, servindo para lembrar a santidade do Senhor e a responsabilidade do sacerdote (28:36-38) de se colocar diante de Deus como representante de um povo pecaminoso e pedir perdão pelos pecados de todo o Israel (cf. Lv 4—5; Nm 18:1). Seu sucesso nesse ministério delicado e crucial é uma bênção para o povo e, seu fracasso, uma calamidade.
- A *túnica* era amarrada com um *cinto*, também confeccionado por um *bordador* (28:39).

Todas as peças das vestes do sacerdote, tanto as principais quanto as secundárias, deviam ser feitas especialmente para ele (28:40-42) conforme a instrução de 28:4: *Com isso vestirás Arão, teu irmão, bem como seus filhos, e os ungirás, e consagrarás, e santificarás, para que me oficiem como sacerdotes*. As vestes devem ser sagradas para lembrar que é impossível servir devidamente ao Senhor sem santidade. 29:1-46 A CONSAGRAÇÃO DOS SACERDOTES. Deus é santo e exige santidade daqueles que o servem. Assim, Moisés deve ungir e consagrar Arão e seus filhos a fim de separá-los para o serviço do Senhor (29:1). A cerimônia descrita nesse capítulo se concentra sobre a consagração de sacerdotes em geral, enquanto a cerimônia descrita em Levítico 8 trata da consagração do sumo sacerdote. Assim, Levítico contém outras etapas no ritual além das três descritas nesta passagem, a saber, lavar Arão e seus filhos com água (29:4), colocar as vestes oficiais em Arão (29:5-6) e em seus filhos (29:8-9) e ungir Arão (29:7).

Três sacrifícios deviam ser realizados na cerimônia de consagração. O primeiro era um sacrifício de purificação. De acordo com Levítico, esse sacrifício purificava o sacerdote no caso de ele haver cometido algum pecado involuntário que poderia desqualificá-lo para representar o povo diante de Deus (Lv 4:3-12). Arão e seus filhos deviam impor as mãos sobre um novilho e este devia, então, ser sacrificado e totalmente consumido pelo fogo, parte no altar, parte fora do arraial (29:10-14). Ao que parece, o conceito de oferecer um sacrifício pelo pecado dos sacerdotes antes

que pudessem representar o povo diante de Deus não era conhecido nos cultos a outros deuses daquela época.

No segundo sacrifício, um carneiro era oferecido como holocausto. Uma vez que esta oferta simbolizava dedicação total ao Senhor, também devia ser inteiramente consumida pelo fogo, mas, neste caso, apenas no altar do tabernáculo, e não fora do arraial (29:15-35).

O terceiro sacrifício (29:19-28) era realizado com outro carneiro, chamado de *carneiro da consagração* (29:22). Arão e seus filhos deviam impor as mãos sobre a cabeça do animal e, depois, este devia ser imolado e seu sangue aplicado em três partes do corpo de cada sacerdote. O sangue na ponta da orelha indica que o sacerdote deve ouvir e obedecer a Deus; o sangue em sua mão direita indica que ele deve servir a Deus, e o sangue em seu pé direito indica que ele deve andar com Deus (29:20). O restante do sangue seria usado para consagrar o altar, Arão e suas vestes, os filhos de Arão e as vestes deles (29:21). Em resumo, tudo relacionado a esse serviço — tanto pessoas quanto coisas — devia ser consagrado ou santificado.

No caso desse sacrifício, somente uma parte do animal devia ser queimada. Arão e seus filhos deviam comer uma porção da carne (29:27-28,32-33). As porções que cabiam aos sacerdotes eram, sem dúvida, o salário pago em alimento para Arão e seus filhos em troca de seus serviços. Essas porções continuam sendo sua propriedade depois do sacrifício e devem ser consumidas (cf. tb. Lv 6:14-18; 7:28-36).

Além da consagração e santificação dos sacerdotes, também era necessário consagrar os objetos, especialmente o altar e todos os utensílios relacionados a ele (29:36). A necessidade de purificar objetos indica que, assim como os objetos são afetados por seu ambiente físico, também são afetados por seu ambiente moral e espiritual. Uma casa usada para fazer o mal, por exemplo, é contaminada por esse mal. Um novo morador precisará fazer uma oração (ou realizar um ritual mais complexo) pedindo para o Senhor purificar a casa. Coisas inanimadas não têm vontade própria e podem ser neutras de per si, mas as pessoas que usam ou possuem tais coisas “transferem” para elas algo de sua natureza. É nesse sentido que Moisés é instruído: *farás expiação pelo altar e o consagrarás* (29:37a). O objeto comum precisa ser purificado e consagrado antes que o Senhor possa usá-lo. Feito isso, passa a compartilhar da santidade do Senhor e *tudo o que o tocar será santo* (29:37b).

Em sua totalidade, a cerimônia de consagração dos sacerdotes e objetos deve durar sete dias (29:35-37a).

Esta seção longa termina com a reafirmação do relacionamento de Deus com os israelitas (29:44-46). Somos instados a considerar que o objetivo maior das cerimônias de consagração era ajudar o povo no meio do qual Deus havia escolhido habitar a se lembrar de suas prescrições e de sua santidade.

**30:1-38 Outros utensílios e suprimentos**

Em seguida, Moisés recebe mais instruções sobre os itens necessários para o tabernáculo e as providências a serem tomadas para suprir os elementos usados no culto.

**30:1-10 O ALTAR DE INCENSO.** O formato e o papel desse altar é descrito em detalhes. Deve ser feito de *madeira de acácia* e *ouro puro*, dois materiais usados para confeccionar outros utensílios do tabernáculo (**30:1-5**; **25:10,29**).

Quando o altar estiver completo e for colocado no tabernáculo, Arão e seus filhos devem usá-lo para queimar um incenso especial no início e no final de cada dia (**30:7-8**). O incenso simboliza a oração subindo a Deus (Sl 141:2), e a queima contínua desse elemento representa a dependência e gratidão contínua do povo a Deus.

Nada além do incenso deve ser oferecido sobre esse altar (**30:9**), mas, uma vez por ano, deve-se realizar uma cerimônia especial aplicando sangue de uma oferta pelo pecado nas quatro projeções nos cantos do altar (**30:10**). É possível que essa cerimônia fosse realizada no Dia da Expição (Lv 23:27-28). Os pecados das pessoas poluem o ambiente ao seu redor; assim, tanto o povo quanto os objetos associados a ele precisavam de um rito anual de expiação. Essa purificação do altar de incenso enfatiza que Deus é santo e todas as coisas associadas a ele devem ser absolutamente puras.

**30:11-16 UM IMPOSTO RELIGIOSO.** O imposto a ser arrecadado por Moisés tem várias funções. Em primeiro lugar é uma forma de manter a tenda da congregação em funcionamento (**30:16a**). Também é um *resgate* para o contribuinte (**30:12a**). Um resgate é algo pago em troca da vida de uma pessoa. Aqui, o dinheiro é entregue em troca da vida do contribuinte. Lembra os israelitas de sua necessidade de expiação (**30:16b**). Aqueles que se recusarem a pagar esse imposto estarão afirmando simbolicamente que não são culpados de nenhum pecado diante de Deus — uma impossibilidade — e sua arrogância provocará a disciplina na forma de uma praga (**30:12b**).

Cada pessoa deve pagar *metade de um siclo, segundo o siclo do santuário* (**30:13**; cf. tb. Lv 5:15). O siclo do santuário era uma medida padrão usada no contexto religioso (Nm 3:44-51). Provavelmente correspondia a uma soma que podia ser obtida em um dia de trabalho.

Esse imposto deve ser pago por toda pessoa com vinte anos de idade ou mais *que entrar no arrolamento* (**30:14**). O fato de cada pessoa ter de pagar a mesma quantia mostra que o preço do resgate é o mesmo para todos e, portanto, que todas as vidas têm o mesmo valor diante de Deus. Em nossa sociedade moderna, é fácil nos esquecermos de que os pobres têm tanto valor diante de Deus quanto os ricos e que devemos lamentar a perda da vida de qualquer pessoa.

**30:17-21 A BACIA PARA LAVAR.** Moisés também é instruído a fazer uma bacia grande de bronze a ser usada para as purificações rituais de Arão e seus descendentes, aqueles

que exerciam o ministério de sacerdotes (**30:17-21**). Esses indivíduos deviam lavar as mãos e os pés antes de entrar no tabernáculo ou oferecer um holocausto — um gesto que lembra a santidade de Deus. Aqueles que desejam se aproximar de Deus precisam se livrar de suas impurezas. Para os cristãos essa purificação foi realizada pelo sangue de Cristo, por meio da fé nele (Hb 10:22).

**30:22-38 AZEITE E INCENSO.** Moisés deve providenciar a preparação de um azeite especial feito com óleo de oliva e especiarias (**30:22-25**). Esse azeite será empregado na unção do tabernáculo, de todos os seus utensílios e dos sacerdotes (**30:26-30**; cf. tb. 40:9-15). O Senhor enfatiza que essa mistura deve ser usada apenas no tabernáculo e somente com propósitos sagrados (**30:31-33**).

Deus também instrui o líder de Israel sobre o preparo do incenso a ser usado no tabernáculo. Não sabemos ao certo quais eram todos os ingredientes, mas o *estoraque* talvez fosse uma resina aromática de uma árvore (**30:34**). Devia ser misturado com *ônica*, talvez uma substância derivada da concha de um molusco do mar Vermelho. O *gálbano* e o *incenso* eram derivados de plantas. Diz-se que o produto final deve ser *temperado com sal*, uma expressão que parece significar “bem preparado”, e não literalmente salgado.

O incenso feito com essa receita devia ser usado apenas na tenda da congregação (**30:37-38**).

**31:1-18 Artífices qualificados**

Deus seleciona dois homens, Bezalel e Aoliabe, e lhes concede todas as qualificações necessárias para confeccionar o tabernáculo e seus utensílios. Esses homens de duas tribos distintas são encheidos *do espírito de Deus, de habilidade, de inteligência e de conhecimento de todo artifício* (**31:3,6**). A declaração de que receberam suas aptidões do “Espírito de Deus” prefigura os dons do Espírito que Deus concederá a todos os cristãos consagrados à obra do Senhor (cf. Rm 12:4-8; 1Co 12:1-31; Ef 4:7-13).

Como encarregados da supervisão da produção de todos os elementos do tabernáculo, devem se certificar de que todo o trabalho será realizado de modo consagrado. No entanto, não devem se esquecer do sábado, a ser observado por eles e todos os outros israelitas (**30:12-17**; cf. tb. 20:8-11). Ainda que haja muito trabalho a ser realizado na construção do tabernáculo e que esse trabalho seja consagrado exclusivamente a Deus, o sábado não deve ser negligenciado.

A importância dessa ordem fica clara na maneira enfática como é declarada: *Certamente, guardareis os meus sábados*, onde a palavra “certamente” significa “acima de tudo, não se esqueçam” (**31:13**). Deixar de guardar o sábado correspondia a deixar de honrar a Deus, uma negligência tão séria que era passível da pena de morte (**31:15**; cf. comentário em 20:8-11).

Esta lista extensa de recomendações e instruções práticas se encerra com Deus entregando a Moisés as duas tábuas de pedra inscritas com a lei (**31:18**; cf. 24:12).

### 32:1—33:23 A violação da aliança

Em pouco mais de um mês, os israelitas rompem sua aliança com Deus.

#### 32:1-6 A natureza da violação

Moisés passou quarenta dias e quarenta noites no monte (24:18), e o povo ficou impaciente. *Acercou-se de Arão* e lhe pediu: *Faze-nos deuses* (32:1; ou “um deus”). Esse pedido é uma violação fundamental da aliança, pois consiste em desobediência clara ao segundo mandamento. Essa desobediência os leva a transgredir também o primeiro mandamento (20:3). Ao aceitarem a aliança, os israelitas prometeram adorar somente a Deus (24:3) e foram lembrados repetidamente da ordem a que concordaram obedecer (20:23; 23:13,24). Ainda assim, não demoram a quebrar sua promessa. Usam a ausência de Moisés como oportunidade para substituir o Deus invisível pela imagem visível de um bezerro, diante do qual se prostram.

Arão comete um erro grave e faz o povo se desviar. Em vez de guardar os mandamentos de Deus, recolhe as joias oferecidas pelo povo e usa o metal para confeccionar um bezerro de ouro (32:2-4). Porém, a tradução “bezerro” é um tanto enganosa, pois a palavra hebraica sugere um “touro jovem” e não apenas um bezerrinho. O touro podia representar poder e fertilidade (cf. 1Rs 12:26-32; Os 8:5; 10:5; Ne 9:18). Arão provavelmente se inspirou no deus egípcio Ápis, retratado com frequência na forma de uma vaca ou touro. Então, diz ao povo que o touro é o deus que os tirou do Egito e organiza uma festa para honrar o nome de Javé (32:5). Porém, ao sugerir que o ídolo representa Javé, está fazendo justamente aquilo que Deus proibiu veementemente (20:4).

Na sequência, o povo participa da festa em honra ao deus confeccionado por Arão (32:6). O salmista se refere a esse episódio como uma expressão de ingratidão e um contrassenso: “Em Horebe, fizeram um bezerro e adoraram o ídolo fundido. E, assim, trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva. Esqueceram-se de Deus, seu Salvador, que, no Egito, fizera coisas portentosas” (Sl 106:19-21). Eu seu sermão magnífico em Atos, Estêvão interpreta esse episódio como um ato evidente de desobediência, dizendo que “no seu coração, voltaram para o Egito” (At 7:39).

Diante de tudo que Deus havia feito por essas pessoas, sua insensatez pode ser descrita de modo mais apropriado por um provérbio: “Como o cão que torna ao seu vômito, assim é o insensato que reitera a sua estultícia” (Pv 26:11).

#### 32:7-14 A reação de Deus

Deus reage imediatamente com furor. Ele vê os acontecimentos como um sinal de corrupção e de que o povo se desviou do caminho prescrito por ele (32:7-8). Ao esquecer o compromisso que haviam assumido em 19:8; 24:3 e 7, os israelitas condenam a si mesmos e se colocam sob o julga-

mento severo de Deus. Ele os chama obstinados (*povo de dura cerviz*) e decide exterminá-los (32:9-10a). Não se esquecerá de sua promessa a Abraão: “De ti farei uma grande nação” (Gn 12:2), mas agora cumprirá essa promessa por meio de Moisés e não dos israelitas (32:10b).

Moisés assume de imediato o papel de mediador e intercessor por seu povo. As palavras: *Moisés suplicou ao SENHOR seu Deus* também podem ser traduzidas como “Moisés acariciou a face de Deus” (32:11a; cf. tb. 1Rs 13:6; Zc 7:2). Moisés arrazoa com Deus, lembrando-o especificamente da identidade daquele povo. São seu povo, *aqueles que tiraste da terra do Egito* (32:11b). Também lembra Deus como esse novo modo de lidar com seu povo será interpretado pelos egípcios. Será considerado um sinal de que Deus não foi capaz de conduzir seu povo ao lugar de bênção que havia lhes prometido e, portanto, os havia destruído no deserto (32:12). Por fim, Moisés lembra Deus da promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó de uma descendência numerosa (32:13).

Moisés consegue fazer Deus mudar de ideia; em outras palavras, em resposta à súplica de Moisés, o Senhor muda a maneira como planejou lidar com o povo (32:14). Essa mudança é coerente com o caráter de Javé. Apesar de sua natureza ser imutável, sua maneira de agir muda. Ele não é estático (fixo), mas sim dinâmico em seu modo de interagir com as circunstâncias, com novas atitudes do coração ou súplicas de seu povo. Aqui, ele atende à súplica de Moisés.

#### 32:15-29 Moisés confronta o povo

Moisés se apressa em voltar ao acampamento, levando consigo as *tábuas do Testemunho*, ou seja, as tábuas de pedra nas quais a lei havia sido escrita por Deus (32:15-16).

Josué havia acompanhado Moisés até o monte (24:13), mas, ao que parece, não estava presente no encontro de Moisés com Deus. Agora, fica surpreso e preocupado com o barulho que ouve subindo do arraial (32:17). Moisés lhe garante que não está ouvindo os sons de uma batalha, mas sim de uma comemoração (32:18). Apesar de ter ouvido de Deus o que estava acontecendo no meio do povo (32:7), a ira de Moisés só se acende quando ele chega ao arraial e vê com os próprios olhos o ídolo e a comemoração em sua homenagem. Em seu furor, Moisés despedaça as duas tábuas de pedra que recebeu de Deus (32:19), destrói a estátua do touro e a reduz a pó. Por fim, joga o pó na água e obriga os israelitas a beberam-na com os restos de seu ouro e seu ídolo (32:20; Nm 5:24).

Moisés pergunta a Arão como ele, o sumo sacerdote, se permitiu ser tão influenciado pelo povo (32:21). A desculpa de Arão é esfarrapada, mas mostra a inconstância do povo e sua tendência a enveredar pelos caminhos da perversidade (32:22-23). Ao relatar a história do “nascimento” do touro jovem, Arão também encobre sua participação (32:24; cp. 32:4).

Moisés suplicou a Deus para poupar o povo (32:11), mas isso não significa que permanecerão impunes. A fim de ensinar tanto aos israelitas quanto a seus inimigos que Javé, o Deus de Israel, é um Deus zeloso e poderoso, Moisés reúne os levitas (a tribo que, posteriormente, seria encarregada das cerimônias religiosas) e ordena que firam o povo do arraial sem poupar seus irmãos, amigos e vizinhos (35:25-29). A obediência a Deus tem precedência sobre os laços de família (cf. tb. Mt 10:37). O castigo parece terrível, pois três mil homens são mortos. No entanto, é uma disciplina branda comparada com o castigo proposto inicialmente por Deus, a saber, a destruição total do povo (32:10).

### 32:30—33:23 Deus e o povo

Deus resolveu não exterminar os israelitas, mas não prometeu deixar de castigá-los severamente ou amaldiçoá-los. Assim, no dia seguinte, Moisés volta a rogar a Deus e confessar o *grande pecado* do povo. Diz aos israelitas: *Porventura farei propiciação pelos vossos pecados (32:30)*. O termo “propiciação” também pode ser traduzido como “expição” e dá a ideia de pagar o preço necessário para cobrir um pecado cometido. As palavras de Moisés, *Risca-me, peço-te, do livro que escreveste* parece indicar que, se havia um preço a ser pago para os pecados do povo serem perdoados, ele estava preparado para pagá-lo (32:31-32).

Deus responde que não castigará a nação toda, mas acrescenta: *Riscarei do meu livro todo aquele que pecar contra mim (32:33)*. Essa declaração é retomada posteriormente pelo profeta Ezequiel com um enfoque sobre o conceito de responsabilidade individual: “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18:4). Moisés é restabelecido como guia do povo e a presença de Deus é garantida mais uma vez: *Eis que o meu Anjo irá adiante de ti (32:34)*.

No entanto, Deus não retém completamente o castigo. Fere a nação com uma praga não especificada (32:35) e anuncia que, quando o povo retomar a jornada rumo à terra, ele cumprirá sua promessa, mas não os acompanhará pessoalmente nem habitará no meio deles, pois são um povo obstinado e desobediente (33:1-3). Essa notícia deixa os israelitas extremamente aflitos e os leva a prantear (33:4). É importante observar que Deus instruiu o povo a não usar atavios, isto é, joias como aquelas entregues para confeccionar o bezerro de ouro e, desse modo, lembra os israelitas do pecado pelo qual estão sendo castigados (33:5-6).

A essa altura do relato, o autor indica o desejo do povo de falar com Deus referindo-se à *tenda da congregação*. A tenda é levantada fora do arraial (33:7). Trata-se de um lugar temporário, pois o tabernáculo é uma estrutura móvel que, segundo Números 2:2, ficava no meio do arraial. Mas, neste momento, a tenda encontra-se *bem longe do arraial*, pois a iniquidade do povo é incompatível com a presença de Deus, simbolizada por seu tabernáculo. Ainda assim, os israelitas têm acesso à tenda, dando a entender que Deus não os rejeitou completamente. É um lugar santo ao qual

podem se dirigir para consultar o Senhor e também se reunir (33:7; 25:22; Nm 12:4; Dt 31:14).

O desejo do povo de se reconciliar com Deus fica evidente no modo como prestavam atenção cada vez que *Moisés saía para a tenda* a fim de se encontrar com Deus (33:8,10). É impressionante que Moisés fala com Deus face a face, apesar do relacionamento tenso entre Deus e Israel devido ao episódio do bezerro de ouro (33:9,11a). Em Números 12:6-8, Deus enfatiza o caráter extraordinário desses encontros.

A menção quase de passagem da presença de Josué na tenda também é uma indicação da importância cada vez maior de seu papel diante de Deus (33:11b).

As cenas finais deste capítulo sugerem que Moisés ainda não sabe ao certo qual é o plano de Deus para seu povo. Deus havia ameaçado destruí-los, mas não o fez em resposta à súplica de Moisés (32:9-14). Moisés havia se oferecido para pagar o preço necessário pelo perdão dos israelitas, mas o Senhor havia deixado claro que faz as coisas a seu modo (32:33-35). Agora, o tabernáculo se encontra fora do acampamento como uma reação natural ao que o povo fez sob a liderança de Arão (32:6). Neste momento, Moisés não tem uma ideia clara da atitude de Deus em relação a seu povo. É dentro desse contexto que ele faz suas súplicas ao Senhor.

A primeira coisa que Moisés pergunta é quem irá ajudá-lo a conduzir o povo (33:12), uma vez que Arão falhou com ele. O líder de Israel afirma ser incapaz de conduzir o povo sem a presença e a orientação do Senhor. Deus responde: *A minha presença irá contigo, e eu te darei descanso (33:14)*. Em seguida, Moisés pede uma confirmação da presença de Deus com os israelitas, pois sabe que, se o Senhor não os acompanhar, a jornada terminará em tragédia (33:15-16). E Deus lhe garante: *Farei também isto que disseste (33:17)*.

Por fim, Moisés pede a Deus para lhe mostrar sua glória (33:18). A benevolência do Senhor é demonstrada no fato de ele iniciar sua resposta com os aspectos positivos. Ele fará sua *bondade* passar diante de Moisés e proclamará seu nome — o *SENHOR* — na presença dele (33:19). Essas palavras são uma garantia de que o Senhor continuará sendo o Deus fiel à sua aliança que revelará sua bondade e compaixão nos dias vindouros. Mas o Senhor acrescenta: *Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá (33:20)*. Essas palavras não contradizem a declaração de que Deus conversava com Moisés “face a face” (33:11). Nesse caso, a expressão “face a face” é figurativa, indicando o relacionamento franco e amigável entre Deus e Moisés. Aqui, porém, *minha face* é uma referência à natureza oculta de Deus, sua própria essência. Apesar da proximidade entre Deus e Moisés, este não consegue ver Deus exceto por suas ações e sua glória. Somos lembrados do episódio da sarça ardente, quando Deus falou diretamente com Moisés, mas sem que este o visse de fato (3:3-6).

O restante da passagem (33:21-23) é, basicamente, uma demonstração prática dos dois aspectos da revelação de Deus a Moisés. Ele o vê *pelos costas* (seus atos manifestos), mas não vê sua face (sua natureza oculta).

O exemplo de Moisés nos ensina que, ao nos encontrarmos diante de um dilema no ministério, não devemos nos desesperar, mas sim nos achegar a Deus e conversar com ele sobre nossas dúvidas e dificuldades. Também precisamos aprender com a insistência de Moisés em receber a garantir da presença do Senhor com seu povo. Mais cedo ou mais tarde, tudo aquilo que tentarmos fazer sem a bênção do Senhor será frustrado.

### 34:1-35 A aliança é renovada

Deus está pronto para renovar sua aliança e diz a Moisés para preparar duas tábuas de pedra para substituir as que ele havia quebrado (34:1; cf. 32:19). No início desse novo encontro, Deus anuncia sua presença da forma como um arauto proclamaria a entrada de um grande rei. No entanto, em vez de usar um arauto, o próprio Deus se proclama SENHOR (Javé). Descreve a si mesmo como Deus compassivo, misericordioso, paciente, fiel, leal, perdoador e doador de bênçãos. Porém, *não inocenta o culpado* (34:5-7). Esta lista dos atributos de Deus nos lembra que o caráter divino não muda e que ele continua cuidando de seu povo, apesar de serem *de dura cerviz*, como Moisés confessava (34:9).

Em seguida, o Senhor confirma a aliança diante de Moisés. As nações vizinhas se curvarão perante Israel e seu Deus (34:11). Então, o Senhor reitera os termos da aliança, insistindo que Israel não deve fazer concessões a nenhum povo e, muito menos, a seus deuses (34:12-17). Deus não deseja que os israelitas adorem as divindades pagãs impotentes. O Senhor é o único que pode cuidar de seu povo.

Na sequência, Deus reafirma a importância das festas que devem marcar a vida religiosa do povo. Essas festas devem lembrar as gerações futuras de que os israelitas só foram libertos da escravidão do Egito porque Deus os socorreu (34:18-24).

Moisés registrou as palavras ditadas por Deus nas duas tábuas novas (34:27-28). Além disso, *escreveu nas tábuas as palavras da aliança, as dez palavras* (34:28b). Não fica claro quem é o sujeito da frase, mas as palavras podem ter sido escritas por Deus.

Como na ocasião anterior, Moisés passa quarenta dias sem comer nem beber enquanto prepara as tábuas (34:28a). Quando desce do monte e se encontra com o povo, seu rosto resplandece com uma luz divina (34:29-30) que parece fluir dele. Alguns pintores e escultores tentaram representar esse fenômeno retratando Moisés com chifres, pois os raios da luz do sol eram chamados, por vezes, de “chifres”. No entanto, é pouco provável que Moisés tenha se apresentado diante do povo dessa maneira, pois sua apa-

rência lembraria o deus Baal, representado ocasionalmente usando um capacete com dois chifres. Deus não gostaria que Moisés se parecesse com Baal, sobretudo depois de ter acabado de ordenar ao povo para não se envolver com deuses estrangeiros.

A aparência de Moisés é tão espantosa que ele precisa cobrir seu rosto com um véu ou uma espécie de máscara (34:33-35; cf. tb. 2Co 3:13). O texto não deixa claro qual era a forma desse véu, pois o termo só é usado nesta passagem do AT.

### 35:1—39:43 A construção do tabernáculo

Enquanto o capítulo anterior recorda os efeitos destrutivos da idolatria, este capítulo recorda a importância de observar o sábado (35:1-3). Além de não trabalhar, o povo não pode sequer acender fogo nesse dia, o que corresponde a uma proibição de preparar alimentos. Esse ponto é enfatizado como sinal do reconhecimento de uma verdade: Deus é o SENHOR que os santifica (31:13). Uma vez esclarecido esse fato, o povo pode iniciar a construção do tabernáculo. As instruções específicas para os procedimentos descritos em 25:1 a 31:11 são seguidas à risca.

A contribuição do povo é necessária para prover os materiais a serem usados no projeto e também para permitir que cada pessoa participe de forma prática, pois tanto os homens quanto as mulheres têm algo a contribuir (35:20-22,25-26,29). Além de doar diversos tipos de materiais (35:5-9,22-24,27-28), o povo também dedica tempo e habilidades específicas ao serviço de Deus (35:10,25,35; 36:1-2,4,8). A passagem enfatiza o caráter voluntário dessas ofertas entregues conforme o coração de cada pessoa é tocado e ela se sente disposta a doar e servir (35:5,21,29). Assim, a primeira coisa que o povo faz na construção do tabernáculo é ofertar com generosidade, espontaneidade e uma atitude correta no coração. Esse modo de servir ao Senhor é uma das características distintivas de Israel em relação a outros povos que, por vezes, eram explorados pelos cultos pagãos ou tentavam manipular suas divindades. Como o apóstolo nos lembra, a melhor oferta que podemos entregar a Deus é nossa própria vida: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12:1).

Acima de tudo, Deus deseja que os filhos de Israel o reconheçam como fonte de toda riqueza, quer material, espiritual, quer intelectual. Daí o autor informar que Bezale e Aoliabe foram enchidos com *habilidade, inteligência e conhecimento em todo artifício* (35:31). Esse projeto extraordinário exigia aptidões igualmente extraordinárias e as habilidades desses homens são relacionadas de modo a mostrar sua contribuição como indivíduos e instrutores através do ensino de suas aptidões a outros e da supervisão do trabalho dos demais artifices (35:32—36:1). A obra do tabernáculo seria realizada de forma eficaz e racional.

Fica claro que esses homens e os trabalhadores ao seu serviço também são indivíduos honestos, aos quais o povo pode confiar suas ofertas. Depois de juntarem todo o material necessário, comunicam esse fato a Moisés a fim de que ele possa avisar o povo para não trazer mais ofertas (36:2-5). Se fossem homens desonestos, teriam incentivado o povo a continuar trazendo materiais para que pudessem guardá-los para si ou acrescentá-los ao tabernáculo. Também comprovam sua honestidade e boa administração prestando contas do uso dos bens que lhes foram confiados (38:21-31).

O fato de o povo ser *proibido de trazer mais* (36:6) é outro tributo à generosidade dos israelitas. As instruções de Deus para o tabernáculo e seus utensílios apresentadas em 25:1 a 31:11 são seguidas à risca, como observamos na repetição das passagens palavra por palavra. As histórias africanas também são cheias de repetições e demonstram a genialidade da transmissão oral como arte usada para inculcar verdades.

*Assim se concluiu toda a obra do tabernáculo da tenda da congregação; e os filhos de Israel fizeram tudo segundo o SENHOR tinha ordenado a Moisés* (39:32). Essa fidelidade no trabalho é um bom sinal e dá certa satisfação a Moisés que, depois de inspecionar a obra, abençoa o povo (39:43). A passagem nos lembra como, na criação, Deus examinou as coisas criadas por ele, reconheceu que eram boas e as abençoou (Gn 1:20-31).

#### 40:1-38 O tabernáculo é levantado

Uma vez que todas as partes estão prontas, Moisés monta o tabernáculo seguindo, mais uma vez, as instruções precisas de Deus. O relato enfatiza o controle de Deus sobre todos os aspectos do processo, lembrando que o tabernáculo não é produto da inspiração de alguma pessoa, como a maioria dos monumentos consagrados a deuses e ídolos; antes, é

verdadeiramente uma expressão da vontade de Deus. O *Tes-temunho* (ou seja, os Dez Mandamentos gravados nas tábuas de pedra) é colocado na arca com todo cuidado (40:20).

As palavras *Assim Moisés acabou a obra* (40:33) nos lembram a declaração no final da criação: “Havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra, que fizera” (Gn 2:2). Tudo é completado no tempo estipulado. O tabernáculo é levantado *no primeiro mês do segundo ano, no primeiro dia do mês*, o que significa que está pronto para a celebração da primeira Páscoa no deserto a ser realizada quatorze dias depois (40:17; cf. Nm 9:5). Essa Páscoa será uma comemoração da saída dos israelitas do Egito e também uma prova de que Deus está, de fato, no meio de seu povo (40:34-38; cf. tb. 25:8).

O Senhor, o Deus soberano, está presente conosco ao longo de todas as nossas jornadas, da mesma forma como esteve com os israelitas (40:38). Ele é fiel às suas promessas. Apocalipse, o último livro da Bíblia, revela a presença divina até o fim do mundo que conhecemos e, depois disso, na nova Jerusalém. No entanto, Deus não está mais presente apenas com o povo hebreu vagando pelo deserto, mas sim com toda a comunidade humana. “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles” (Ap 21:3). De acordo com o NT, “Deus conosco”, Emanuel, é Jesus Cristo, aquele que prometeu estar conosco todos os dias (Mt 1:23; 28:20). Ele é o Caminho que nos conduz para fora de nosso Egito de escravidão até a terra prometida.

Abel Ndjerareou

#### Leituras adicionais

COLE, R. Alan. Exodus. TOT. Downers Grove: InterVarsity Press, 1981.

DURHAM, John I. Exodus. WBC. Waco, Tex: Word, 1987.

KAISER, Walter C. “Exodus” in *Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. EBC. Ed. Frank E. Gaebelein. Grand Rapids: Zondervan, 1990.



# LEVÍTICO

Tradicionalmente, a autoria do livro de Levítico é atribuída a Moisés. A obra trata de questões relacionadas à tribo de Levi, mas também enfatiza a necessidade de seu conteúdo ser transmitido aos leigos, àqueles que não são sacerdotes (1:2; 8:5; 11:2; 12:1; 15:2; 17:2; 18:2; 19:2; 20:2; 23:2; 24:2; 25:2; 27:2). Assim, Levítico pode ser descrito como um livro didático para todo o povo de Israel, uma característica importante, pois significa que todos os israelitas deviam atentar de forma particular para o seu conteúdo.

## Contexto literário

Levítico faz parte da Torá ou Pentateuco. A Torá é constituída dos cinco primeiros livros do AT, a saber, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. É a história de Israel, a nação que Deus, em seu amor, escolheu para ser o seu povo especial, cumprindo o juramento feito aos patriarcas (Dt 7:7-8). O relato começa com a criação do mundo e se estende até o momento em que os israelitas estão prestes a entrar na terra prometida. É a história de como Deus chamou Abraão e os patriarcas e lhes prometeu a terra e descendentes. É a história de Moisés e do livramento da escravidão do Egito. É a história da aliança que Deus firmou com os israelitas no monte Sinai (tb. conhecido como monte Horebe) e dos termos definidos por Deus para essa relação. Por fim, é a história da jornada penosa pelo deserto. Não é uma história comum, pois trata da relação de Deus com seu povo e, portanto, possui uma dimensão sobrenatural. Nesse relato, Deus sempre toma a iniciativa de se aproximar dos seres humanos e se revelar a eles. Assim, a narrativa permite ao leitor conhecer melhor a Deus. A Torá é a história do amor de Deus. Não explica por que Deus amou Israel, mas apresenta as boas-novas desse amor.

Levítico ocupa a posição central do Pentateuco. Seu contexto literário imediato é a libertação dos israelitas da escravidão no Egito (Êx 1—18). De Êxodo 19, passando por Levítico, até Números 10, encontramos o relato dos fatos ocorridos no tempo em que Israel ficou acampado junto ao monte Sinai. O Senhor fez uma aliança com seu povo e lhe deu instruções sobre como viver, instituindo a adoração a ele como o centro da vida de Israel e organizando seu cotidiano em torno da realidade fundamental da presença dele em seu meio. Assim, o livro completo de Levítico é parte do relato da instituição da aliança de Deus com os israelitas.

As instruções de Deus para a construção do tabernáculo, iniciadas em Êxodo 25, chegam ao seu ponto

culminante em Êxodo 40:34-38, quando a glória do Senhor desce do alto do monte Sinai e cobre o tabernáculo. Esse acontecimento é a chave para entender o significado da aliança feita no monte Sinai, um pacto cujo cerne é o relacionamento entre Deus e Israel. Ao firmar a aliança, o Senhor estava dizendo a Israel: “Eu estou convosco”.

O livro de Êxodo termina com o Deus santo no meio de Israel. Essa afirmação da presença do Santo no meio de seu povo é a pressuposição para as instruções fornecidas de Levítico 1 a Números 10. Essas instruções respondem à pergunta: Como o povo impuro e pecaminoso de Israel deve organizar toda a sua existência em torno do Deus santo e maravilhoso que veio habitar no meio dele? A resposta a essa pergunta era crítica para a permanência de Israel na terra prometida.

Os cristãos africanos acreditam que Jesus Cristo, a Segunda Pessoa do Ser Divino, habita em nosso meio por intermédio do Espírito Santo. Assim, também somos confrontados com a pergunta: Como devemos organizar nossa vida na presença do Deus santo que vem até nós na pessoa do Espírito Santo? A continuidade da igreja na África e a sobrevivência das comunidades africanas depende, em grande parte, de como respondemos a essa pergunta. Portanto, a resposta fornecida pelo escritor de Levítico é extremamente relevante para os cristãos africanos.

Levítico também foi escrito no contexto do relato da criação em Gênesis. Na criação, Deus instituiu ordem em meio ao caos; Levítico trata da manutenção dessa ordem, que o Deus de justiça tratará de restaurar em caso de qualquer perturbação, seja cósmica, social, econômica, seja política.

Outro contexto importante de Levítico é a promessa incondicional de Deus a Abraão. A graça divina é revelada quando Deus assume o compromisso de dar a Abraão uma descendência numerosa e a terra de Canaã. As questões de terra e fertilidade, fundamentais na maioria dos países africanos, também ocupam uma posição central em Levítico, sendo a fertilidade também associada à sexualidade humana em geral. Assim, podemos dizer que o livro de Levítico trata, em vários sentidos, de questões atuais da África.

## Contexto e propósito

A base do relacionamento de Israel com Deus e da esperança do povo para o futuro era a obediência à vontade de Deus expressada nas instruções transmitidas aos

Para participarem de forma expressiva de um ritual, os adoradores precisam entender o significado do rito, pois nem sempre ele é óbvio. Assim, o livro de Levítico oferece explicações para os ritos de adoração em Israel. Convém lembrar, porém, que, por vezes, esse significado pode mudar. Assim, a ceia do Senhor substitui e reinterpreta a refeição da Páscoa dos judeus à luz da morte de Jesus Cristo.

Em Levítico, Deus ordena os rituais para garantir um relacionamento saudável entre ele e Israel. Alguns são ritos de iniciação, como a cerimônia de ordenação descrita nos capítulos 8 e 9; outros são de manutenção, como as ofertas de manjares nos capítulos 2 e 6:14-23; e outros, ainda, são de restauração, como os rituais para a mulher que deu à luz (cap. 12) e para a pessoa curada de uma doença de pele infecciosa (caps. 13—14), e também como a cerimônia do Dia da Expição (cap. 16). Os capítulos 1 a 7 descrevem os rituais de sacrifício.

O destaque dado aos rituais em Levítico ajuda a corrigir o desequilíbrio criado por uma ênfase excessiva sobre o espírito em detrimento do corpo, encontrada posteriormente em algumas correntes do cristianismo. Como Levítico reconhece, o ser humano é tanto espírito quanto corpo, e, de tão interligados, os dois se influenciam mutuamente e não podem ser separados. É somente por meio do corpo que o espírito encontra sua expressão e realização plena.

Também é fato que adquirimos e transmitimos conhecimento por meio de atividades físicas. Jesus Cristo disse: “Se vós permanecerdes na minha palavra [...] conhecereis a verdade” (Jo 8:31-32). O verbo “permanecer” também pode ser traduzido por “agarrar-se a”, um movimento físico. O conhecimento da verdade é obtido somente quando obedecemos à palavra de Jesus e seguimos seus passos. Nas comunidades africanas, as crianças adquirem certas habilidades observando os mais velhos. Moisés iniciou Arão e seus filhos em suas incumbências sacerdotais por meio do exemplo (cap. 8). Era pela participação nas atividades rituais que um indivíduo aprendia a reverenciar o Senhor (Dt 14:23). Encontramos aqui uma filosofia de conhecimento diferente daquela que enfatiza a aquisição do saber somente pela reflexão.

Por meio do corpo e das atividades físicas, uma pessoa também define seu lugar na sociedade. Indivíduos com doenças infecciosas de pele, por exemplo, eram banidos da sociedade até que estivessem curados e pudessem ser reintegrados na família e na sociedade por meio de rituais. Esses procedimentos correspondiam a ritos de passagem por meio dos quais uma pessoa era excluída e depois reintegrada na sociedade. E, por ser essa sociedade em particular constituída pelo povo de Deus, em última análise os rituais reconciliavam a pessoa com Deus.

Os escritores do NT foram influenciados pelos conceitos de ritual do AT. Cristo é descrito como sumo sacerdote (Hb 7—8), e o sacerdócio dos cristãos é derivado do sacerdócio de Jesus (1Pe 2:9). Marcos 10:45 retrata Jesus oferecendo sua vida como “resgate” (uma oferta de reparação), uma ideia extraída de Levítico 5:14 a 6:7. A morte de Jesus também é descrita como uma oferta de aroma suave (Ef 5:2; cp. caps. 1—7). No AT, o sangue de animais era usado para purificar os objetos da tenda da congregação para o uso sagrado. Semelhantemente, o sangue de Cristo purifica a consciência contaminada dos cristãos a fim de poderem oferecer adoração perfeita a Deus (Hb 9:13-14). Os cristãos também são chamados a oferecer seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Rm 12:1). Na verdade, o livro todo de Hebreus pressupõe o sistema sacrificial encontrado em Levítico.

O cristianismo na África é bem ritualista. Os rituais são parte essencial de qualquer religião e, portanto, não precisam ser eliminados. A epístola aos Hebreus e os profetas do AT ensinam que os aspectos externos dos rituais devem ser acompanhados de adoração oferecida com uma consciência purificada.

### **Aliança**

Voltando à imagem dos círculos concêntricos, o círculo mais externo constituído por Gênesis e Deuteronômio contém o contexto essencial para entender a teologia de Levítico. Em Gênesis, temos as alianças de Deus com Noé e Abraão, e em Deuteronômio, a aliança sinaítica é repetida nas campinas de Moabe. As alianças com Noé e Abraão são incondicionais. Deus simplesmente prometeu a Noé que protegeria a terra e a Abraão que lhe daria descendentes e Canaã. Na aliança sinaítica, as bênçãos dependem da obediência dos israelitas. Devemos considerar essas duas tradições de aliança complementares. A situação é semelhante à nova aliança anunciada por Jeremias (Jr 31:31-34), cujo propósito não era abolir os Dez Mandamentos. Antes, Deus escreveria no coração do seu povo os mandamentos outrora gravados em tábuas de pedra. Em outras palavras, transformaria o povo de tal modo que este, pela graça, obedeceria aos mandamentos divinos. Tanto a concessão da nova aliança quanto as condições sob as quais ela devia ser guardada dependiam da operação do próprio Deus.

O escritor de Levítico tem uma perspectiva semelhante de uma comunidade israelita transformada por Deus (21:8,15). Nesse livro, o Senhor não apenas fornece o contexto para a transformação, como também controla o processo. Provê a tenda da congregação, os materiais para o sistema sacrificial e o sacerdócio como uma instituição cujas diversas tarefas visam manter o relaciona-

mento entre Deus e os israelitas. Todos esses elementos são recursos usados por Deus para atender à necessidade humana. Se o seu povo for desobediente, ele o castigará, mas, ainda assim, promete jamais abandoná-lo.

Essa ideia é bastante expressiva no conceito de salvação do NT. Os escritores neotestamentários estavam cientes da pecaminosidade dos seres humanos. Assim, o apóstolo Paulo pergunta: “Permaneceremos no pecado para que seja a graça mais abundante?” (Rm 6:1). Todo o seu ser rejeita essa sugestão. Como um Deus santo poderia se contentar com filhos impuros, escravizados pelo pecado? Mas os seres humanos são, por natureza, pecadores. O que fazer? A única maneira de rompermos com a nossa hereditariedade pecaminosa é pela morte (Rm 6:2). Não se trata de morte literal, mas, sim, do reconhecimento de que Deus tratou do nosso pecado ao nos colocar em Cristo (1Co 1:30). Não cabe a nós elaborar uma forma de entrar na presença de Deus ou nos esforçar para isso. Deus planejou e realizou todos os procedimentos necessários. Assim, quando Cristo morreu na cruz, nós morremos também.

O escritor da epístola aos Hebreus argumenta que, por meio de sua morte, Jesus Cristo se tornou o mediador da nova aliança (Hb 9:15-18), cumprindo, desse modo, a profecia de Jeremias (cp. Hb 8:6-13 com Jr 31:31-34). A palavra aliança é usada nessa passagem com o sentido de “testamento”, algo que entra em vigor depois da morte da pessoa que o escreveu. Os beneficiários do testamento só recebem sua herança quando o autor desse testamento falece.

O fato de uma aliança ser concedida com base exclusivamente na graça não significa que os beneficiários podem fazer o que bem entenderem com a herança recebida. É seu dever guardá-la com cuidado. De acordo com Paulo, quando Deus nos coloca em Cristo, recebemos, por meio de sua ressurreição, uma vida nova a ser vivida somente nele.

## Esboço

### 1:1 Introdução

#### 1:2—7:38 O sistema sacrificial

- 1:2—6:7 Instruções para os leigos acerca dos sacrifícios
  - 1:3-17 Holocaustos
  - 2:1-16 Ofertas de manjares
  - 3:1-17 Ofertas pacíficas
  - 4:1—5:13 Ofertas de purificação
  - 5:14—6:7 Ofertas de reparação
- 6:8—7:38 Instruções para os sacerdotes acerca dos sacrifícios

- 6:8-13 Holocaustos
- 6:14-23 Ofertas de manjares
- 6:24-30 Ofertas de purificação
- 7:1-10 Ofertas de reparação
- 7:11-36 Ofertas pacíficas
- 7:37-38 Conclusão

#### 8:1—10:20 A consagração de Arão e seus filhos

- 8:1-4 Preparativos para a ordenação
- 8:5-36 O ritual de ordenação
  - 8:6-9 A lavagem e as vestes
  - 8:10-13 A unção
  - 8:14-17 O ritual de purificação
  - 8:18-21 O holocausto
  - 8:22-24 O rito de investidura
  - 8:25-29 A oferta movida
  - 8:30-36 A aspersão e outras instruções
- 9:1-24 O início do ministério sacerdotal
  - 9:1-7 Os preparativos
  - 9:8-14 Oferta de purificação e holocausto para os sacerdotes
  - 9:15-21 Ofertas para o povo
  - 9:22-24 A aprovação divina
- 10:1-20 Uma tragédia e sua resolução
  - 10:1-7 Um incidente trágico
  - 10:8-11 Instruções para os sacerdotes
  - 10:12-20 Conflito entre Moisés e Arão

#### 11:1—16:34 Leis acerca da pureza

- 11:1-47 Leis alimentares
  - 11:1-23 Animais limpos e imundos
    - 11:2-8 Animais terrestres
    - 11:9-12 Animais aquáticos
    - 11:13-23 Animais voadores
  - 11:24-40 A contaminação pela carne de animais mortos
  - 11:41-47 Conclusão
- 12:1-8 Impureza e parto
- 13:1—14:57 Doenças infecciosas de pele
  - 13:1-8 A primeira série de testes para diagnosticar doenças de pele
  - 13:9-17 A segunda série de testes para diagnosticar doenças de pele
  - 13:18-28 Testes para doenças de pele no caso de úlceras e queimaduras
  - 13:29-37 Testes para doenças de pele na cabeça ou barba
  - 13:38-39 Uma doença de pele inofensiva
  - 13:40-44 Calvície e doença de pele
  - 13:45-46 Como tratar os acometidos por doença infecciosa de pele
  - 13:47-59 Mofo nas roupas
- 14:1-32 Ritos de purificação para os curados

- 14:33-57 Mofo nas casas
- 15:1-33 Fluxos corporais
  - 15:1-15 Fluxo anormal em homens
  - 15:16-17 Fluxo normal em homens
  - 15:18 Relações conjugais
  - 15:19-24 Fluxo normal em mulheres
  - 15:25-30 Fluxo anormal em mulheres
  - 15:31-33 Motivo e resumo
- 16:1-34 O dia da purificação (Dia da Expição)
  - 16:1-28 A purificação do santuário
  - 16:29-34 O Dia da Expição

### 17:1-16 Sacrifícios e sangue

### 18:1—27:34 Uma vida santa para o povo de Deus

- 18:1-30 A santidade na família e nas relações sexuais
- 19:1-37 Instruções diversas para a vida de santidade
- 20:1-27 Ato passíveis da pena de morte
- 21:1—22:33 A santidade sacerdotal
  - 21:1-9 Restrições para os sacerdotes comuns quanto a funerais e casamentos
  - 21:10-15 Restrições para o sumo sacerdote quanto a funerais e casamentos
  - 21:16-24 Empecilhos físicos para o exercício do sacerdócio
  - 22:1-33 Sacrifícios santos
- 23:1-44 Um calendário de festas santas
- 24:1-9 Elementos sagrados: o candelabro e o pão
- 24:10-23 Blasfêmia e justiça
- 25:1-55 Períodos sagrados: o Ano de Descanso e o Ano do Jubileu
- 26:1-46 Recompensas e castigos
- 27:1-34 O resgate de pessoas e bens dedicados ao Senhor

## COMENTÁRIO

### 1:1 Introdução

O Senhor havia chamado Moisés do monte Sinai (Êx 19:3) e, agora, o chama *da tenda da congregação*. Antes, Moisés não podia se aproximar dessa tenda, pois estava coberta pela nuvem que representava a glória de Deus (Êx 40:35).

Nesse momento, diz-se que a tenda está no meio do arraial (Nm 2:17; 3:38), enquanto em outros momentos o texto parece indicar que estava fora dele (Nm 11:24-27; 12:4-5). Não obstante a localização exata da tenda, o ponto central é a presença do Deus santo no meio do seu povo e a necessidade de Israel reorganizar seu modo de viver e adorar em razão desse fato. Assim, o Senhor chama Moisés para lhe dar instruções acerca de um modo de vida condizente com a condição de Israel como povo da aliança.

### 1:2—7:38 O sistema sacrificial

#### 1:2—6:7 Instruções para os leigos acerca dos sacrifícios

O mais impressionante nessa seção é que as instruções acerca das ofertas devem ser transmitidas ao povo de Israel (1:2a). Enquanto na Mesopotâmia ou no Egito, não era permitido a uma pessoa comum participar das ministrações aos deuses ou ler os textos do ritual, em Israel o manual do sacerdote é um livro aberto, um texto didático para todo o povo.

Moisés devia servir de mediador entre o Senhor e o povo, comunicando a Israel que todos podiam oferecer sacrifícios a Deus. A natureza voluntária dessas ofertas é ressaltada pelo uso da palavra “quando”, indicando o caráter condicional e opcional das ofertas descritas a seguir. Não havia períodos fixos durante os quais o povo devia apresentar essas ofertas. Nesse sentido, eram diferentes das festas instituídas por Deus ou do Jubileu, datas fixas do calendário religioso (cf. comentários sobre o cap. 23). A ênfase era sobre as necessidades individuais às quais as instruções acerca das ofertas visavam atender.

Convém observar que Deus especifica o uso de animais domésticos nas ofertas (1:2b). Esses animais podiam ser obtidos com facilidade e sem nenhum dos riscos associados à caça de animais selvagens. Eis um exemplo de um princípio importante: o Senhor sempre provê aos seres humanos os meios necessários para realizar a vontade dele. Ninguém precisa depender apenas dos seus próprios recursos para obedecer a Deus. Quando ele dá uma ordem, também provê o poder capacitador (graça) para o seu cumprimento.

#### 1:3-17 *Holocaustos*

A oferta de holocaustos era uma prática antiga (Gn 8:20; Êx 10:25; 18:12; Nm 23:15; Jz 6:26; 13:16; 1Sm 7:9; 1Rs 18:38), observada por outras nações, como Moabe (2Rs 3:27). O Senhor considerou esse ritual apropriado para o culto de Israel, desde que fosse realizado de acordo com certas regras.

O ritual para a oferta de holocaustos é apresentado três vezes com pequenas variações (1:3-9, 10-13, 14-17). Era constituído de várias etapas: a preparação do animal, sua apresentação, imolação, a apresentação do sangue, o corte da carcaça em pedaços e a queima desses pedaços sobre o altar. No estágio de preparação, o ofertante escolhia do rebanho um macho sem nenhuma imperfeição e o levava para a *porta da tenda da congregação* (1:3), o lugar sagrado onde o âmbito divino e o humano se encontravam.

O autor de Levítico não fornece nenhum motivo para o uso de um macho para o sacrifício. No entanto, de acordo com 2Samuel 24:24, um holocausto devia ser uma oferta valiosa. Assim, o animal devia ser macho por causa do seu valor econômico. O animal também devia ser sem defeito. O profeta Malaquias criticou seus contemporâneos por ofe-

recerem animais de qualidade inferior (Ml 1:7,13). Deus é santo e perfeito e, portanto, merece aquilo que seus adoradores têm de melhor e mais valioso. (No ritual da oferta pacífica descrito no cap. 3, o animal sacrificado podia ser macho ou fêmea.)

Uma vez junto à porta da tenda da congregação, o ofertante devia colocar *a mão sobre a cabeça do holocausto* (1:4). Existem pelo menos quatro explicações para esse gesto. Para alguns, ele simboliza a transferência da culpa do ofertante para o animal. Outros interpretam o gesto como um sinal da identificação do ofertante com o animal, e este último serve de substituto do primeiro. De acordo com outra explicação, esse ato representava um juramento afirmando o propósito ou inocência do ofertante. E, por fim, talvez servisse apenas para indicar que o animal pertencia ao ofertante e estava sendo entregue como sacrifício.

Tendo em vista a relação estreita entre as duas últimas explicações, vários estudiosos argumentam em seu favor e tendem a rejeitar as duas primeiras, afirmando que, se esse ato representasse um pedido de perdão, o ofertante deveria colocar as duas mãos sobre o animal (16:10,21). Argumentam, ainda, que o conceito implícito de transferência do pecado da alma do ofertante para o animal envolve um elemento de magia. No entanto, o texto deixa claro que Deus aceitará o animal a favor do ofertante, *para a sua expiação* (1:4). Essa proeminência do princípio de substituição indica que as duas primeiras explicações, ou uma delas, são mais adequadas neste contexto.

Depois da apresentação, o ofertante pegava o animal de volta e o imolava *perante o SENHOR* (1:5a), coletando o sangue numa vasilha. Então, os filhos de Arão aspergiam o sangue ao redor do altar que ficava na entrada da tenda da congregação, simbolizando, talvez, um ato de petição (1:5b). Em seguida, o ofertante esfolava o animal e o cortava em pedaços (1:6). As entranhas e as pernas eram lavadas com água (1:9). Por fim, os sacerdotes colocavam todos os pedaços do animal no fogo preparado de antemão (1:7-8).

Os outros dois relatos do ritual tratam de procedimentos diferentes a serem seguidos quando animais diferentes eram oferecidos. O procedimento não apresenta grandes variações quando o animal oferecido é um carneiro ou cabrito, exceto pelo fato de que estes devem ser imolados do lado norte do altar (1:10-13). Quando uma rola ou um pombo eram oferecidos, não era preciso colocar a mão sobre a ave, pois esta já se encontrava nas mãos do ofertante. O sacerdote imolava a ave torcendo-lhe o pescoço e, em vez de cortá-la em partes, rasgava-a pelas asas, não sendo necessário lavar as partes com água antes de oferecê-las (1:14-17).

Não se considerava que o animal estava sendo destruído, mas, sim, transformado em fumaça para que pudesse subir ao céu e se tornar *aroma agradável ao SENHOR* (1:9,13,17), como uma dádiva ao Senhor.

É importante observar que os papéis distintos dos sacerdotes e dos leigos eram claramente definidos e complementares. O leigo era responsável por selecionar o animal para o sacrifício (certificando-se de que não tinha nenhuma imperfeição), imolá-lo, esfolá-lo, cortá-lo em pedaços e lavá-los. O culto era visto como um ato conjunto, do qual o adorador participava. O adorador não era, de maneira nenhuma, um mero espectador dos ritos realizados pelos sacerdotes, como acontece com tanta frequência em nossas igrejas, onde os leigos simplesmente assistem ao culto realizado pelos líderes espirituais sem participar dele.

Ao considerar o significado do holocausto, é necessário levar em consideração o lado humano e o divino. O objetivo do ritual era fazer expiação (1:4). A palavra hebraica traduzida por “expição” é usada no AT para se referir ao pagamento de resgate. É o dinheiro pago para redimir uma vida que devia ser entregue como pagamento pela transgressão da lei (Êx 21:28-30; 30:11-12). Por isso, o ofertante do holocausto coloca a mão sobre a cabeça da vítima, e a fumaça desse sacrifício é descrita como um aroma agradável ao Senhor. Fica implícito que o Senhor se irou contra o pecado humano, sendo necessário, portanto, tomar uma providência para desviar seu furor. Assim, o ritual do holocausto restaurava o relacionamento entre Deus e o ofertante. A aceitação da pessoa que se sujeitava ao Senhor era simbolizada pelo fogo que saía “de diante do Senhor [e consumia] o holocausto” (9:24). Gênesis 8:21 é uma boa ilustração do holocausto, pois mostra como a apresentação de uma oferta queimada leva Deus a mudar de atitude em relação aos seres humanos.

Há quem interprete o holocausto como uma oferenda de alimento ao Senhor, à qual ele tem a obrigação de responder. No entanto, essa interpretação se vale de conceitos de magia e não leva em consideração que a oferta era um animal doméstico, algo fornecido por Deus ao ofertante (cf. comentários sobre 1:2b). Eis o paradoxo: de si próprios, os seres humanos não têm nada para oferecer a Deus; tudo vem das mãos dele. O Senhor não precisa de sacrifícios, pois tudo lhe pertence (Sl 50:7-15), e sua resposta não é, de maneira nenhuma, automática. Também não é influenciada pelo tamanho do sacrifício: a rola oferecida por uma pessoa pobre era tão aceitável quanto o novilho oferecido por um homem rico. A aceitação do sacrifício por Deus depende inteiramente da graça. Acima de tudo, o Senhor estava interessado na intenção do ofertante.

Paulo descreve a morte sacrificial de Cristo como um holocausto quando insta seus leitores: “Andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave” (Ef 5:2). O serviço cristão na igreja e na comunidade também é comparado a um sacrifício no NT (Hb 13:15-16).

Uma vez que a morte de Cristo foi um holocausto suficiente e definitivo, não é mais necessário apresentar ofertas queimadas no sentido literal. No entanto, a legislação

de Levítico serve para lembrar o significado da morte de Cristo para nós. O ritual destaca a importância da restauração do relacionamento entre os seres humanos e Deus, obtida por meio do arrependimento e do perdão concedido por Deus.

### 2:1-16 *Ofertas de manjares*

Os ingredientes para as ofertas de manjares são especificados como *flor de farinha*, *azeite* e *incenso*, mas suas quantidades não são mencionadas (2:1). O adorador leva esses elementos ao santuário, onde os sacerdotes tomam um punhado da farinha, um tanto do azeite e todo o incenso e os colocam no altar para serem queimados (2:2). Esta parte da oferta é chamada de *porção memorial* e provavelmente representa a oferta como um todo. Assim, toda a oferta se torna santa, incluindo a parte que não é colocada no altar. A parte restante é chamada de *coisa santíssima* (2:3,10) e, consequentemente, só podia ser consumida pelos sacerdotes, pois estes eram consagrados ao Senhor.

A oferta de manjares podia ser apresentada crua ou cozida num forno, numa assadeira ou frigideira (2:4-7), apresentada da mesma forma que a oferta crua (2:8-9; cf. tb. 2:2). Não há indicação, porém, de como a “porção memorial” era separada.

A adição de fermento ou mel à farinha era estritamente proibida (2:11). O fermento não podia ser usado porque provocaria a fermentação, um símbolo de decomposição e corrupção, e, portanto, contaminaria a oferta. O mel também provocava fermentação. (Por outro lado, tanto o fermento quanto o mel podiam ser incluídos na oferta das primícias; 2:12.)

O sal era um ingrediente necessário na oferta de manjares, pois simbolizava conservação e durabilidade (2:13). Uma vez que o sal se tornou um símbolo do compromisso da aliança, as referências à “aliança perpétua de sal” indicam o caráter eterno desse pacto (Nm 18:19; 2Cr 13:5).

Se a oferta de manjares fazia parte de uma oferta das primícias, os cereais recém-colhidos deviam ser tostados, moídos (2:14) e, por fim, apresentados da mesma forma que a oferta de manjares em 2:2 (2:15-16).

O propósito da oferta de manjares não é especificado. No entanto, por ser ela fruto da terra e do trabalho humano, esse ritual era realizado no contexto dos ritmos diários da vida. Por meio dele, os israelitas reconheciam que Deus lhes dera a terra em cumprimento à promessa feita a Abraão e que eles haviam trabalhado nessa terra. Assim, o ritual reflete uma relação entre o Senhor e seu povo, na qual Deus havia concedido a terra ao povo e este retribuía apresentando tributo ao Senhor. Desse modo, o povo agradecia a Deus suas atividades socioeconômicas e políticas ao mesmo tempo que as dedicava ao Senhor. Oferta de manjares semelhante é registrada em Deuteronômio 26:1-10.

Assim, após o perdão recebido pelo adorador por meio do holocausto, a oferta de manjares lhe permitiria não ape-

nas agradecer a Deus o relacionamento restaurado, mas também dedicar a si mesmo e tudo o que possui ao serviço de Deus. Daí, as palavras de Paulo aos cristãos no NT: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12:1). O provérbio Chewa *Mwana wa mfulu sagona ndi njala* (“O filho de um homem generoso não vai para a cama com a barriga vazia”) ressalta a importância de retribuir a bondade adequadamente.

### 3:1-17 *Ofertas pacíficas*

Há controvérsia quanto ao nome correto dessa oferta. Na NVI, é chamada de “oferta de comunhão” e, em outras versões, de oferta ou sacrifício pacífico. A diferença é decorrente da incerteza quanto ao significado exato do termo hebraico *shelamim*. Caso esta palavra seja relacionada ao verbo *shalem*, significa “ser completo, inteiro, sadio”. *Shalom*, um termo relacionado, significa “completude, inteireza, harmonia, bem-estar, prosperidade e paz”. Nesse caso, o enfoque do ritual é a obtenção de uma vida harmoniosa com Deus e os outros seres humanos.

No entanto, alguns estudiosos sugerem que o termo *shelamim* é relacionado à palavra *shillem*, “completar, cumprir votos”. Nesse caso, a oferta pode ser considerada “o sacrifício de conclusão”. Na verdade, é listada em 7:37, no final da lista de sacrifícios, podendo, portanto, ser usada como forma de concluir ou reafirmar uma aliança (Dt 27:6-7; Js 8:31).

Tendo em vista a teologia do livro de Levítico, a tradução de *shelamim* como “sacrifício pacífico” parece apropriada. O enfoque não é apenas na comunhão, mas na comunhão que é reconquistada em um relacionamento restaurado.

A descrição do sacrifício pacífico é feita em duas seções, uma sobre o sacrifício de gado (3:1-5) e outra sobre o sacrifício de cordeiros e cabritos (3:6-17). O ritual é semelhante ao do holocausto, mas nesse caso, somente algumas partes do animal, a saber, toda a gordura e os dois rins, são queimadas no altar. O texto não especifica o que era feito com o restante do animal, mas, de acordo com 7:28-36, a coxa e o peito eram entregues aos sacerdotes que oficiavam o sacrifício. É possível que o adorador e seus convidados consumissem as outras partes numa refeição de comunhão que, apesar de não ser mencionada aqui, aparece em outras passagens das Escrituras (Êx 18:12; 24:3-11; Dt 33:19; 1Sm 9:13; 16:5). Também há evidências bíblicas de que esse tipo de refeição era comum não apenas em Israel, mas entre outros povos (Êx 34:15; Nm 25:2). Ressaltam-se as diferenças entre esse ritual e outras ofertas: no holocausto, o animal todo era queimado; na oferta de manjares, uma porção da farinha e do azeite era queimada no altar e o restante era entregue ao sacerdote que oficiava a oferta. Já no sacrifício pacífico, parte do animal era entregue ao adorador.

Esse ritual era realizado durante assembleias públicas para marcar a conclusão ou renovação de uma aliança,

ou o início formal de uma prática religiosa (9:18; Dt 27:6-7; Js 8:31; 1Sm 11:15; 2Sm 6:18; 24:25; 1Rs 3:15; 8:63; 9:25; 2Rs 16:13). No entanto, embora tenhamos registros públicos da celebração desse ritual, não se exclui sua realização individual, como no caso descrito aqui. Era um ritual voluntário realizado numa ocasião a critério do adorador (Ez 46:11-12), quando desejava fazer um voto (Jn 1:16; Pv 7:14) ou simplesmente expressar gratidão (Sl 22:25-26; 107:22).

A participação dos adoradores na refeição era importante, pois simbolizava o partilhar da refeição com o próprio Deus. Os seres humanos vivem em comunidade entre si, e, em sua bondade, Deus entrou num relacionamento de comunidade com eles. Ainda assim, o ritual não sugere, em absoluto, nenhum tipo de fusão do divino com o humano. Deus sempre será Deus, e os homens sempre serão homens. Contudo, o privilégio de participar de uma refeição com Deus é motivo de alegria e celebração, emoções profundas que as pessoas podiam expressar nesse ritual.

Como Paulo afirma, Jesus Cristo é a nossa paz e, por meio de sua vida e morte, reconciliou Deus conosco e aboliu a hostilidade entre os seres humanos (Ef 2:13-18). Assim, o sacrifício pacífico prefigurava a pessoa e obra de Jesus Cristo. A ceia do Senhor apresenta várias semelhanças com o sacrifício pacífico. Jesus chamou o cálice de vinho de “nova aliança no meu sangue” (1Co 11:25), referindo-se ao sangue da antiga aliança. Na conclusão da aliança sináutica, Moisés tomou o sangue do holocausto e do sacrifício pacífico e o aspergiu sobre o povo, dizendo, “Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR fez convosco” (Êx 24:8). Tanto na realização da aliança no Sinai quanto na ceia do Senhor, as partes envolvidas participaram de uma refeição (Êx 24:11; Lc 22:15).

Os israelitas usavam os sacrifícios pacíficos para expressar sua gratidão, fazer votos e realizar ofertas voluntárias. Os cristãos de hoje também podem usar a ceia do Senhor para agradecer a Deus orações respondidas, reconsagrar-se a Deus e simplesmente louvá-lo por quem ele é.

O elemento social desse ritual tem um impacto profundo na psique africana, pois, em nosso continente, os vínculos sociais são extremamente fortes. Essa força se reflete nos provérbios chewa, do Malaui: *Chibale ndi fupa sichiola* (“Os laços de sangue são como ossos, pois nunca se desfazem”) e *Apao ndi mizu ya kachere, akomana pansi* (“Os parentes são como as raízes da árvore *kachere* que convergem debaixo da terra”).

#### 4:1—5:13 Ofertas de purificação

Algumas versões chamam esse tipo de sacrifício de “oferta pelo pecado”, mas, tendo em vista o contexto no qual são apresentadas, a designação “ofertas de purificação” é preferível. Essas ofertas eram apresentadas não apenas por indivíduos que haviam pecado de forma não intencional, mas também por mães depois de darem à luz (cap. 12), pes-

soas curadas de doenças infecciosas de pele (caps. 13—14) e por aqueles que haviam completado um voto nazireu (Nm 6). Logo, não são prescritas apenas para casos de pecado e, como o fato de serem apresentadas na consagração de um altar mostra, eram usadas para objetos que não podem cometer pecado. O enfoque é sobre a purificação de algo que havia sido contaminado, e não sobre o pecado em si. Quando o sangue do sacrifício de purificação era aplicado nos chifres do altar, purificava o santuário e utensílios santos dentro dele, e não indivíduos.

A seção começa com uma introdução na qual são especificadas as situações que tornavam necessário o sacrifício de purificação. Todas essas situações envolvem a transgressão accidental de uma proibição estipulada por Deus (4:1-2). Um pecado sempre desencadeia outros acontecimentos que desequilibram o relacionamento com Deus e com outras pessoas e contamina o santuário de Deus e a terra.

Cada uma das quatro seções do capítulo 4 começa definindo uma situação específica que requer um sacrifício e termina com uma declaração do efeito do ritual. Apesar de os animais oferecidos serem diferentes, em linhas gerais o ritual é o mesmo em todos os casos, e o seu resultado é o perdão dos pecados.

Qualquer pecado cometido acidentalmente pelo *sacerdote ungido* que representava a comunidade afetava a congregação como um todo (4:3), daí esses pecados serem tratados em primeiro lugar. O sacerdote devia levar um novilho à tenda da congregação e colocar a mão sobre a cabeça do animal, da mesma forma que o leigo fazia no ritual do holocausto (4:4; cf. tb. 1:3-4). O mesmo sacerdote ungido devia imolar o novilho e realizar o rito no qual parte do sangue era aspergido sete vezes na frente do véu que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo onde ficava o altar do incenso. Em seguida, parte do sangue era aplicada nos chifres no altar do incenso, e o restante era derramado na base do altar do holocausto, à porta da tenda da congregação (4:5-7). Depois disso, o sacerdote realizava o ritual com a gordura, semelhante ao ritual do sacrifício pacífico (4:8-10). Por fim, realizava o ritual com a carcaça, no qual todas as partes do animal que não haviam sido queimadas no altar do holocausto eram destruídas num local cerimonialmente puro fora do arraial (4:11-12).

Um ritual semelhante é prescrito para um pecado cometido por *toda a congregação de Israel* (4:13-21). Também nesse caso, o animal a ser imolado é um novilho. O propósito do ritual é descrito em 4:20, a saber, a expiação pelo pecado, resultando no perdão de toda a congregação. O uso da voz passiva, *serão perdoados*, deixa claro que, embora o ritual fosse realizado pelo sacerdote ungido, o perdão vem do Senhor. Não há nada de mágico nesse procedimento, e o perdão não depende de uma execução perfeita do rito, mas, sim, da vontade benevolente do Senhor.

Um *príncipe*, isto é, um líder da comunidade, que reconhece seu pecado ou é alertado a esse respeito por outrem,



deve oferecer um sacrifício de purificação (4:22-23a). Nesse caso, o sacrifício de purificação é um bode sem defeito (4:23b-24). Enquanto nas situações anteriores o sangue devia ser aplicado no altar do holocausto, no véu e no altar do incenso, neste caso era aplicado somente no altar do holocausto (4:25; cp. 4:6-7). O ritual da gordura é descrito em 4:26, mas não se faz menção do ritual da carcaça. Talvez o escritor tenha considerado desnecessário repetir esses detalhes.

As instruções finais são para *qualquer pessoa do povo* (4:27-37) que pecar. Desta vez, o sacrifício de purificação é uma cabra sem defeito (4:28) ou uma cordeira sem defeito (4:32).

Levítico 4 mostra que o pecado de líderes religiosos e políticos é mais sério do que os pecados do povo em geral. O NT também deixa claro que o julgamento dos membros da igreja por Deus é proporcional às suas responsabilidades (Lc 12:48).

Na sequência, o texto trata de quatro ocasiões nas quais um sacrifício de purificação é necessário depois de uma pessoa cometer um erro possivelmente intencional. O primeiro é a omissão em testemunhar mediante convocação (5:1). O segundo diz respeito a se contaminar tocando algo impuro como a carcaça de um animal imundo (5:2). O terceiro caso trata da contaminação decorrente do contato com impureza humana (5:3). O quarto diz respeito a fazer um juramento precipitado (5:4). Esses casos são diferentes das situações tratadas anteriormente (cap. 4), pois aqui é possível que os transgressores estivessem cientes de sua ação ou omissão. No entanto, haviam se esquecido dessa transgressão e não tinham mais consciência do problema.

Números 15:27-31 faz distinção entres os pecados cometidos acidentalmente e as transgressões desafiadoras ou deliberadas. Aqueles que cometiam este segundo tipo de pecado deviam ser excluídos do povo (Nm 15:30-31). Seria de esperar um castigo semelhante para alguém que tivesse cometido deliberadamente um dos pecados relacionados em 5:1-4. No entanto, nesses casos, existe a possibilidade de oferecer um sacrifício de purificação. A confissão da culpa reduz a pena pelos pecados, mas não a cancela. Os profetas também ensinaram que o arrependimento era necessário para obter o perdão de Deus (Am 5:14-15; Is 1:16-20; Jr 4:1-4).

As ofertas a serem apresentadas nesses casos de pecado deveriam corresponder à situação econômica do indivíduo. Uma cabra ou cordeira (5:6) é mencionada em primeiro lugar. Esses animais também são especificados em 4:27-35. No entanto, se as posses de um indivíduo não lhe permitissem sacrificar uma cabra ou uma cordeira, havia a possibilidade de oferecer *duas rolas ou dois pombinhos* (5:7). Uma das aves era oferecida como sacrifício de purificação torcendo-se o pescoço, aspergindo-se parte do seu sangue *sobre a parede do altar* e derramando o restante na *base do altar* (5:8-9). A outra era oferecida como holocausto de

acordo com o procedimento descrito em 1:14-17 (5:10). Se as posses de um ofertante não lhe permitiam sacrificar dois pombinhos, havia a possibilidade de apresentar uma oferta de manjares (5:11-13) com *uma décima parte de um efa* (c. dois litros) de farinha fina que não devia ser misturada nem com azeite nem com incenso. O ritual em si é semelhante à oferta de manjares (cap. 2).

Todas as ofertas de purificação exigiam consciência da culpa (4:3,13-14,22-23,27-28; 5:5) e confissão dos pecados (5:5). O termo hebraico para culpa se refere tanto ao ato que provoca essa culpa quanto ao sentimento decorrente do ato. Assim, uma pessoa podia cometer um pecado não intencional e, mais tarde, sentir-se culpada ou reconhecer a culpa associada a essa transgressão pelo fato de sua consciência perturbá-la, ou por ser alertada por outrem. A oferta de purificação é um ritual para um indivíduo com o coração pesado.

As ofertas de purificação também tratavam da impureza do santuário. Dois pontos devem ser observados nesse caso. Em primeiro lugar, os pecados cometidos acidentalmente geram uma impureza que contamina o santuário. O sacrifício de purificação destinava-se a tratar da impureza que houvesse atingido a tenda da congregação. Se a impureza não fosse ritualmente removida, Deus retiraria sua presença do meio do povo, pois o Senhor não pode permanecer numa habitação impura e contaminada. Como a visão de Ezequiel deixa claro (Ez 9—10), a partida do Senhor colocaria em risco a própria existência de Israel como povo. Em segundo lugar, a responsabilidade pela impureza recai inteiramente sobre o povo. Portanto, a presença contínua do Senhor no meio de Israel é estreitamente relacionada com o comportamento do povo. Logo, o ritual de purificação fornece o contexto para a interação entre o Senhor e Israel em sua busca mútua por uma comunidade santa.

O ritual de purificação tratava da culpa resultante do pecado que contaminava a tenda da congregação e oferecia não apenas purificação, mas também restauração, fato que se reflete no modo de o sangue ser manipulado. Quando o ritual de purificação envolvia um sacerdote ungido ou toda a comunidade, o sangue era levado para dentro da tenda. Parte era aspergida sete vezes no véu do Santo dos Santos, parte era aplicada nos chifres do altar do incenso e parte era derramada na base do altar do holocausto. Desse modo, tanto a cortina quanto o altar do incenso eram purificados, e o altar do holocausto era reconsagrado.

Outro elemento do ritual que simbolizava a eliminação total das impurezas era a queima da pele do animal, juntamente com a cabeça, as pernas, as entranhas e o excremento, num local limpo fora do arraial. Assim, o processo ritual envolvia purificação, consagração e eliminação.

Esse conceito da geração, pelo pecado, de impureza que contaminava a tenda da congregação tem implicações importantes. Há quem pergunte por que pessoas “boas” morrem junto com os malfeitores. A ênfase desse capítulo

## SANGUE

Em termos teológicos, o sangue representa vida (Gn 9:4; Lv 17:11; Dt 12:23) e morte (Ez 18:4), e, portanto, o derramamento de sangue inocente exige vingança (Gn 9:5-6).

### O sangue no AT

No AT, como na religião africana tradicional, o sacrifício de sangue fazia parte do culto em família. O relacionamento rompido entre Deus e os seres humanos tornava necessário oferecer sacrifícios para obter a reconciliação (Lv 16:14-15). O sangue (vida) do animal oferecido era entregue no lugar do sangue do adorador cujo pecado precisava ser expiado. Consequentemente, o sangue pertencia somente a Deus, e os adoradores não podiam ingeri-lo (Lv 7:26-27; 17:10,14; Dt 12:23). O sangue também era usado para firmar uma aliança entre duas partes (Êx 24:6-8) e como sinal de livramento divino (Êx 12).

O derramamento de sangue inocente contamina a terra (Nm 35:33-34), trazendo culpa sobre toda a comunidade (Dt 21:1-9). Caso não seja expiado, ele se torna um empecilho para as orações (Is 1:15). Sua expiação pode se estender até a gerações subsequentes (Os 1:4). Devemos nos lembrar disso ao vermos o derramamento desenfreado de sangue inocente em conflitos entre grupos étnicos, assassinatos, assaltos e outros crimes violentos. Também não podemos esquecer que a vingança pelo sangue derramado compete a Deus, e nunca a indivíduos (Lv 19:18; Dt 32:35; Rm 12:19). Deus sanciona autoridades civis legitimamente nomeadas para tratar dessas questões (Rm 13:4).

### O sangue no NT

Enquanto os fiéis do AT não podiam ingerir sangue, no NT os cristãos são instruídos num sentido figurativo a beber sangue, ou seja, a se apropriar espiritualmente dele

para obter vida eterna em Jesus (Jo 6:53,56-57). A ceia do Senhor representa uma nova Páscoa dos judeus que celebra livramento divino, não do Egito, mas do pecado. Ao instituir esse sacramento, Cristo chamou o vinho de “sangue da [nova] aliança” (Mt 26:28; Mc 14:24) e de “nova aliança no meu sangue” (Lc 22:20; 1Co 11:25). A aliança anterior, selada com sangue, havia sido quebrada, mas a aliança nova e eficaz predita por Jeremias havia tomado seu lugar (Jr 31:32-33). Essa nova aliança é superior à antiga (Hb 7:22), pois é eterna (Hb 13:20) e foi instituída “com base em promessas superiores” (Hb 8:6; 9:15), tendo Jesus como seu Avalista e Mediador (Hb 8:6; 12:24).

O sangue de Jesus não apenas selou a nova aliança, como também fez expiação pelo pecado. O sangue animal não tinha o poder de purificar ninguém nem de reconciliá-lo com Deus de uma vez por todas. O NT indica que os sacrifícios do AT eram sombras da realidade representada por Cristo (Hb 10:1). Seu sangue expiatório cobre nossos pecados e nos reconcilia com Deus de forma total e definitiva (Hb 10:4,10,15-16). O sangue aspergido no Dia da Expiação (Lv 16:14-15) prefigurava Cristo, cujo sangue “fala coisas superiores” (Hb 12:24) quanto à purificação do coração (Hb 9:13-14). Seu sangue derramado possibilita o perdão dos pecados (1Pe 1:18-19), a purificação diária (1Jo 1:7) e nossa comunhão ao participarmos da ceia do Senhor (1Co 10:16a). O propiciatório prefigurava o lugar de propiciação — o sacrifício de expiação na cruz (Rm 3:25; 1Jo 2:2). Enquanto no AT o sangue foi aspergido nas ombreiras e na verga das portas, agora, Cristo é a porta por meio da qual todos devem passar a fim de obter a salvação (Jo 10:7,9).

O sangue de Jesus, derramado na cruz, tem importância universal até o fim dos tempos, pois reconcilia todas as coisas com Deus (Cl 1:19-20), sujeitando a Cristo todos os principados e potestades (Cl 2:15) “para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho” (Fp 2:10-11).

Víctor Babajide Cole

sobre os pecados acidentais deixa claro que as pessoas consideradas “boas” não são, de maneira nenhuma, inocentes. As transgressões acidentais são tão pecaminosas quanto as intencionais. Daí a advertência de João: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1Jo 1:8).

Ao permitir a contaminação irreparável da tenda da congregação pelo pecado, as “pessoas boas” são pecadoras ignorantes que contribuem para essa contaminação. Os problemas que o mundo de hoje enfrenta se devem, em parte, aos pecadores ignorantes, a maioria silenciosa que, por seu silêncio, contribui para a contaminação da tenda da congregação. Não é raro governantes africanos advertirem os líderes da igreja a não se envolverem na política. No entanto, a teologia de purificação de Levítico impele alguns

líderes da igreja a expressar sua opinião acerca do que se passa em seu país.

Em Levítico, os objetos contaminados pelo comportamento humano estavam dentro da tenda da congregação e precisavam ser aspergidos com sangue e purificados para serem usados no culto ao Senhor. Uma vez que, no NT, os cristãos são o templo do Espírito de Deus (1Co 3:16), os comportamentos humanos inaceitáveis contaminam a consciência tornando necessário, então, purificá-la pelo sangue de Cristo (Hb 9:14).

A oferta de purificação servia para tratar do problema da culpa e oferecer esperança por meio do perdão de Deus (4:20,26,31,35; cf. tb. 16:21). Já nos referimos aos conceitos de identificação e substituição ao comentarmos sobre o holocausto, e é possível que o sacrifício de purificação

tenha se desenvolvido como uma forma mais especializada de holocausto. Não obstante a origem do ritual, o perdão de Deus se dá mediante a consciência da culpa e a confissão do pecado pelo transgressor. O perdão tem o efeito de reorientar os transgressores e permitir que prossigam com sua vida.

### 5:14—6:7 *Ofertas de reparação*

Em algumas versões, aquilo que chamamos neste comentário de “ofertas de reparação” é designado como “oferta pela culpa”. É semelhante à oferta de purificação no sentido de que o pecado não é intencional e o transgressor sente culpa. No entanto, nesse caso, a oferta se deve a uma transgressão contra Deus, manifestada no desrespeito aos limites que separam os objetos pertencentes ao Senhor dos objetos profanos (5:14-15). Enquanto nas ofertas de purificação era necessário apenas tratar da impureza, essa ofensa exige restituição, ou seja, uma reparação ou pagamento pelo dano causado. A distinção é ressaltada por ser chamada também de “oferta de reparação”.

Essa seção é dividida em duas partes: 5:14-19 e 6:1-7. Cada parte começa com as palavras *Disse [Falou] mais o SENHOR a Moisés*. O enfoque é sobre as ocasiões que requeriam uma oferta de reparação, e não sobre os detalhes do ritual em si. Diz-se apenas que *o sacerdote [...] fará expiação por ele* (5:16,18; 6:7).

A primeira parte trata de dois casos. No primeiro caso (5:14-16), comete-se transgressão por ignorância *nas coisas sagradas do SENHOR*. Números 18:8-14 fornece uma relação das “coisas sagradas” que abrange animais, cereais e frutas. Somente Arão e sua família podiam usar essas coisas (22:2-13). Se, por exemplo, um leigo comesse uma oferta sagrada por engano, devia ser castigado com severidade. No entanto, a seriedade da transgressão podia ser mitigada se o ofensor sentisse culpa por aquilo que havia feito. A confissão em si não removia a transgressão, mas a reduzia a um erro accidental que podia ser reparado mediante a apresentação de uma oferta de reparação. Assim, por meio dessa oferta, o Senhor provê uma saída para um indivíduo atormentado por uma consciência culpada em razão de um pecado que tenha cometido ou suspeite ter cometido.

O sacrifício para a reparação consiste num carneiro sem defeito, *conforme a tua avaliação em siclos de prata, segundo o siclo do santuário* (5:15). Essa explicação provavelmente indica que o santuário tinha seus próprios pesos, usados pelos sacerdotes para determinar o valor do carneiro. Além disso, a pessoa devia restituir o que havia sido tomado indevidamente, com o acréscimo de um quinto do valor das coisas santas das quais havia se apropriado de forma indevida. A restituição era entregue ao sacerdote, que realizava um ritual expiatório com o carneiro para que a pessoa fosse perdoada.

O segundo caso (5:17-19) diz respeito a quem transgredir os mandamentos de Deus em qualquer área da vida, sem

envolver as coisas santas. Essa pessoa pode considerar que fez algo proibido por Deus e, em decorrência disso, sentir-se culpada. Nesse caso, é preciso apresentar uma oferta pela culpa a fim de que a transgressão seja perdoada. Mais uma vez, *um carneiro sem defeito, conforme a tua avaliação* (supostamente, segundo o siclo do santuário), deveria ser oferecido (5:18). Convém observar a ausência de qualquer menção à restituição com o acréscimo de 20% como reparação pela vida contaminada pelo pecado. Como substituir uma vida contaminada ou entregar um quinto de uma vida a um sacerdote? Essa transgressão só poderia ser reparada pela morte, mas, nesse caso, o perdão seria impossível. Assim, o ofensor sobrevive somente pela graça de Deus oferecida mediante o cumprimento do ritual.

A segunda parte da seção sobre as ofertas de reparação trata do caso de quem age de forma inapropriada em relação a outrem (6:1-7). Esse tipo de comportamento também é considerado uma transgressão contra o Senhor, pois envolve mentira e dolo. No antigo Israel, os juramentos eram feitos no contexto religioso. Assim, quebrar uma promessa correspondia a profanar algo sagrado e faltar com a palavra a Deus (6:2a). No primeiro exemplo, alguém mente acerca de um bem que lhe foi confiado (6:2b), apropriando-se dele indevidamente. Num outro exemplo, afirma-se a propriedade de um bem roubado ou obtido por meios fraudulentos (6:2c). No terceiro exemplo, encontra-se um bem perdido e há apropriação indevida (6:3). Em todos esses casos, o ofensor jura falsamente diante do Senhor. Toda pessoa culpada dessa transgressão deve apresentar uma oferta de reparação. O transgressor deve, ainda, fazer restituição à parte lesada daquilo que tomou indevidamente (6:4-5). Também deve levar ao santuário um carneiro *sem defeito, conforme a tua avaliação* para um ritual de reparação (6:6). Só então o ofensor será considerado perdoado (6:7).

Isaías 53:10 faz referência específica a uma oferta de reparação e esclarece seu significado. O capítulo descreve a morte do servo de Deus, que perece pela “iniquidade de nós todos” (Is 53:5). Vemos aqui o conceito de expiação substitutiva. É possível argumentar, portanto, que numa oferta de reparação o carneiro era morto no lugar do pecador culpado. Contudo, essa ideia de substituição também está presente em outros sacrifícios. O que distingue a oferta de reparação das demais ofertas é o conceito de indenização — o animal era entregue para compensar Deus pela afronta sofrida por ele em decorrência do pecado.

As instruções relacionadas à oferta de reparação enfatizam a necessidade de respeitar os limites entre os seus próprios objetos e os objetos pertencentes a Deus ou a outrem. A integridade é um elemento central nessa questão. A vida em comunidade seria impossível sem pessoas íntegras, como alguns provérbios *chewa* ressaltam: *Mputa samunamiza maso* (“Não se deve mentir para dar olhos a um cego”); *Kumwamba n’kumwamba, pansi m’pansi* (“O céu é o céu, a terra é a terra”). O pecado possui uma dimensão so-

cial. Infelizmente, em muitos países da África, a corrupção tem solapado a estrutura social e resultado numa administração incompetente.

Ao se considerar o sistema sacrificial com um todo, é possível observar o uso de imagens diferentes para descrever os efeitos do pecado e sua solução. Os holocaustos usam uma imagem pessoal. Os culpados merecem morrer por seus pecados, mas um animal morre em seu lugar. Deus aceita o animal como resgate por eles. A oferta de purificação usa uma analogia da medicina. O pecado torna o mundo tão impuro e doentio que Deus não pode mais habitar nele. O sangue do animal purifica o santuário para que Deus possa continuar habitando no meio do seu povo. A oferta de reparação apresenta uma imagem comercial do pecado. Ele é uma dívida contraída pelos homens junto a Deus e paga por meio do animal oferecido.

### 6:8—7:38 Instruções para os sacerdotes acerca dos sacrifícios

Essa seção começa com Javé pedindo a Moisés que fale a Arão e seus filhos (6:8-9). As instruções subsequentes são relacionadas aos mesmos tipos de ofertas apresentados em 1:1 a 6:7, embora a sequência seja diferente, pois as ofertas pacíficas aparecem no final. Contudo, enquanto a primeira seção era dirigida aos leigos, essa seção é voltada para os sacerdotes responsáveis por realizar os rituais de sacrifício. A repetição enfatiza a importância de um cuidado minucioso com a estrutura do ritual, cuja observância em detalhes era uma forma de mostrar obediência a Deus.

#### 6:8-13 Holocaustos

Quanto aos holocaustos, era responsabilidade específica do sacerdote certificar-se de que o fogo do altar permanecesse continuamente aceso. A importância dessa instrução é indicada por sua repetição: é mencionada no início e no final da seção (6:9,12-13). Também são fornecidas instruções detalhadas acerca do modo de limpar o altar. Pela manhã, os sacerdotes deviam vestir um traje especial e remover as cinzas (6:10). Em seguida, deviam vestir novamente seus trajes habituais e levar as cinzas para fora do arraial (6:11). Enquanto isso, era preciso colocar lenha no altar para que o fogo não se apagasse (6:12). As instruções de 1:7 podem dar a entender que um fogo era acesso para cada holocausto oferecido, mas, aparentemente, esse procedimento só se aplicava a ofertas individuais. Um holocausto contínuo devia ser apresentado sobre o altar, com uma oferta pela manhã e outra ao entardecer; esta última queimaria até a manhã seguinte (Êx 29:38-46).

Os sacrifícios oferecidos pela manhã e ao entardecer eram extremamente importantes, pois marcavam o início e o fim do dia. No relato da criação em Gênesis, Deus criou o dia antes de prosseguir com sua obra criadora.

Aqui também, o dia é marcado de forma ritual, dando às pessoas a oportunidade de realizar suas tarefas diárias. A responsabilidade ritual dos sacerdotes visava manter a ordem criada. Assim, o trabalho secular é considerado uma atividade fundamentada no âmbito religioso.

#### 6:14-23 Ofertas de manjares

As instruções acerca das ofertas de manjares são semelhantes às de 2:1-2. Nesse caso, porém, o enfoque é sobre a porção da oferta reservada para os sacerdotes oficiantes e sobre como esta devia ser consumida, uma vez que era *coisa santíssima* (6:17) ao Senhor. Os sacerdotes oficiantes eram Arão e seus filhos — as mulheres não eram incluídas. Daí a declaração em 6:18: *Todo varão entre os filhos de Arão comerá da oferta de manjares*. Essa oferta devia ser consumida sem fermento e no lugar santo (6:16).

Os requisitos acerca do consumo das porções que não eram queimadas têm implicações interessantes. A porção é descrita como coisa santíssima e, portanto, não pode ser levada para fora do Lugar Santo. Deus a entrega aos sacerdotes porque eles também são santos e trabalham no Lugar Santo. A função mediadora dos sacerdotes entre Deus e o povo abrange aspectos divinos e humanos. Aqui, a santidade apresenta uma relação vertical escalonada: Deus é o mais santo; abaixo dele estão os sacerdotes e, por fim, toda a congregação. No entanto, uma vez que o Senhor estava no meio do seu povo, também havia um relacionamento horizontal não escalonado, a saber, uma comunidade de iguais tendo o Senhor no centro. Eis o paradoxo: os sacerdotes faziam parte do povo, mas, ao mesmo tempo, eram diferentes. Esse fato tem implicações para o ministério cristão. O ministro ordenado faz parte da congregação da igreja como povo de Deus, mas, ao mesmo tempo, foi separado (ordenado) para uma função especial.

A última seção sobre os manjares trata das ofertas a serem apresentadas por Arão e seus filhos (6:20). Existem algumas diferenças entre as traduções dessa passagem. Algumas indicam uma frequência diária, enquanto outras dão a entender que era apresentada somente no dia da unção dos sacerdotes. A oferta de manjares era apresentada pela manhã e no final do dia. Devia ser cozida (cf. 2:4-10) e constituída da décima parte de um efa (dois litros) de farinha fina, metade oferecida pela manhã e metade, no final do dia. Uma vez que essa oferta fazia parte do ritual que lhes conferia a posição de sacerdotes, deveria ser queimada inteira, e nenhuma porção sua poderia ser aproveitada. O ritual devia ser realizado pelo sumo sacerdote, o líder da classe religiosa, em nome de todos os seus membros (6:22).

O fato de até mesmo os sacerdotes terem de apresentar ofertas chama a atenção para a integridade espiritual do ofício sacerdotal. Os sacerdotes não estavam acima da lei: como todos os israelitas, deviam oferecer sacrifícios por si mesmos.

### 6:24-30 *Ofertas de purificação*

Nessa passagem, as instruções para as ofertas de purificação tratam especificamente da porção dos sacerdotes. O texto não menciona seus deveres quanto à aplicação e aspersão do sangue (4:6-7). As prescrições acerca do lugar onde o animal deveria ser imolado pelo ofertante e da sua condição sagrada (6:25) são seguidas de diretrizes para os sacerdotes acerca do lugar onde esse sacrifício deve ser consumido e as pessoas que podiam participar dele (6:26). Os sacerdotes são instruídos a queimar e não comer nenhuma parte do animal cujo sangue tenha sido levado para dentro da tenda da congregação (6:30). A passagem também apresenta prescrições acerca da maneira de limpar os objetos tocados pelo sangue da oferta (6:27-28), enfatizando a necessidade de escrúpulo no ministério divino.

### 7:1-10 *Ofertas de reparação*

Existe uma diferença entre as prescrições dessa seção e aquela de 5:14 a 6:7, pois fornece detalhes que não aparecem no texto anterior. Assim, a ênfase aqui é sobre a responsabilidade dos sacerdotes. O ritual é semelhante ao da oferta de purificação. Depois que o ofensor imolava o animal, os sacerdotes aspergiam o sangue no altar do holocausto. Então, toda a gordura era queimada, e os membros homens da família do sacerdote podiam comer a parte restante no Lugar Santo (7:1-6).

As porções dos sacerdotes das ofertas de purificação e reparação deviam ser entregues ao sacerdote oficiante (7:7). Quando se realizava um holocausto, o couro do animal também ficava com o sacerdote oficiante (7:8). Todas as ofertas de manjares cozidas pertenciam aos sacerdotes oficiantes (7:9), mas as ofertas cruas de cereais puros ou misturadas com azeite pertenciam a todos os sacerdotes (7:10).

### 7:11-36 *Ofertas pacíficas*

As prescrições acerca das ofertas pacíficas são divididas em quatro seções: 7:11-18, 19-21, 22-27, 28-36, seguidas de uma conclusão em 7:37-38. A primeira seção trata especificamente dos motivos e épocas para apresentar e consumir esse tipo de oferta. Uma oferta pacífica podia ser apresentada como expressão de gratidão, para cumprir um voto ou como uma oferta voluntária. O sacrifício apresentado como expressão de gratidão devia ser consumido no dia em que era oferecido (7:15). O sacrifício oferecido para cumprir um voto ou como oferta voluntária devia ser consumido no dia em que era oferecido ou no dia seguinte. Qualquer alimento que restasse no terceiro dia devia ser considerado impuro e queimado (7:16-17). Quem o comesse seria considerado contaminado (7:18).

Os tipos de ofertas descritos em 7:12-15 são semelhantes àqueles em 2:4-7. Contudo, 7:13 é um tanto estranho, pois permite a apresentação de alimentos misturados com fermento (algo proibido em 7:12 e 6:17). Mas, ao que parece,

no tempo do profeta Amós os adoradores apresentavam pães com fermento como ofertas de ação de graças (Am 4:5).

A segunda parte dessa série de prescrições trata do consumo da carne do sacrifício. Toda carne impura devia ser queimada, e não consumida (7:19). A carne considerada limpa só podia ser consumida por indivíduos cerimonialmente puros. Se uma pessoa impura comesse carne limpa oferecida ao Senhor, seria *eliminada do seu povo* (7:20). A pena de ser “eliminado” da comunidade recaía sobre aqueles que negligenciavam certos deveres rituais (Gn 17:14; Êx 12:15,19; Nm 19:13,20), prestavam culto de forma indevida (Lv 17:3-4,8-9; 20:2-6), realizavam certas atividades proibidas (18:29) e rituais inapropriados (Êx 30:31-33,37-38; 31:14; Lv 7:20,25,27; 17:10,14; 23:29-30). A pena de morte era executada por Deus.

Em 7:22-27, o comentário sobre as ofertas pacíficas é interrompido por uma instrução sucinta para todos os israelitas, proibindo o consumo de gordura e sangue, pois estes pertenciam ao Senhor (cf. 3:16-17). A gordura devia ser queimada no altar (3:3-5,9-11,14-16). Os versículos seguintes especificam as porções da oferta pacífica que cabiam aos sacerdotes (7:28-36). Os sacerdotes oficiantes deviam receber como direito perpétuo o peito e a coxa direita da oferta pacífica. O peito era entregue ao sacerdote depois de essa parte ser consagrada, o que era feito movendo-a perante o Senhor.

### 7:37-38 *Conclusão*

Essa seção do livro de Levítico termina com dois versículos que servem de conclusão para os capítulos 1 a 7. De acordo com 7:38, Deus transmitiu essas prescrições a Moisés no monte Sinai. De qualquer modo, em 1:1 especifica-se que foram transmitidas a Moisés na tenda da congregação.

A observância rigorosa da estrutura do ritual pode parecer estranha para os cristãos que são instados a adorar a Deus em espírito e em verdade. No entanto, devemos lembrar que a segunda pessoa do Ser divino se tornou humana, e sua encarnação mostra como a adoração em espírito e em verdade deve ser expressada em termos concretos. Essa adoração se manifesta por meio do corpo, e o corpo tem estrutura. Em certos sentidos, os rituais podem ser comparados às liturgias observadas em várias denominações. Nosso Deus é um Deus de ordem (1Co 14:33), de modo que a atenção à forma da nossa adoração é inseparável do seu conteúdo.

### 8:1—10:20 *A consagração de Arão e seus filhos*

As instruções para a ordenação de Arão e seus filhos são dadas em Êxodo 29:1-37, e Levítico 8 descreve como foram executadas. As duas passagens são separadas pelo manual sobre as ofertas sacrificiais (Lv 1—7). É provável que essa disposição tenha sido adotada porque as instruções acerca das ofertas sacrificiais são pressupostas no ritual de ordenação.

O fato de Moisés ter oferecido sacrifícios no processo de ordenação indica a pecaminosidade de Arão e seus filhos. Os sacrifícios em questão não deviam ser oferecidos apenas naquela ocasião, mas repetidos anualmente (16:11,34), ressaltando-se a pecaminosidade contínua dos sacerdotes. Embora os ministros cristãos não precisem oferecer sacrifícios animais, pois o sangue de Cristo os purifica de todo o pecado, devem reconhecer sua natureza pecaminosa diariamente e pedir o perdão de Deus.

A repetição dos sacrifícios também destaca sua ineficácia na remoção definitiva dos pecados. A epístola aos Hebreus retoma esse tema e enfatiza que Jesus realizou tudo aquilo que os sacerdotes do AT procuravam fazer. Seu sacrifício foi único e definitivo (Hb 7:27).

#### 8:1-4 Preparativos para a ordenação

Uma cerimônia de ordenação é um rito de passagem no qual uma pessoa faz a transição de uma condição para outra. Nesse caso, Arão e seus filhos fizeram a transição da condição de leigos no âmbito comum para a condição de sacerdotes no âmbito divino. O ritual foi realizado na entrada da tenda da congregação (8:3-4), um local sagrado significativo onde a esfera divina e a humana se encontravam. É o lugar onde os sacrifícios deveriam ser realizados e onde todo o povo podia estar presente e participar. O local também deixa claro que Arão e seus filhos ainda são leigos e, portanto, não têm permissão de entrar na tenda da congregação. As pessoas e os materiais necessários para a cerimônia eram dispostos na entrada da tenda (8:2).

#### 8:5-36 O ritual de ordenação

Depois de anunciar o que devia ser feito segundo as ordens de Deus (8:5), Moisés iniciou o ritual de ordenação, constituído das seguintes etapas.

##### 8:6-9 A lavagem e as vestes

Moisés lavou Arão e seus filhos com água (8:6), identificando-os, desse modo, como os indivíduos que seriam ordenados. A lavagem também foi um meio de purificá-los, pois a pureza ritual era essencial para atuarem no âmbito divino. Depois da lavagem, Arão foi vestido com os trajes preparados para o sumo sacerdote, incluindo a túnica e a sobrepeliz (8:7-9; cf. tb. Êx 39:1-31). Por cima da túnica, Moisés pôs a *estola*, uma peça curta de linho com alças sobre os ombros e presa à cintura com um cinto (Êx 39:4-5).

Um pedaço de tecido dobrado para formar um bolso quadrado e chato, chamado de peitoral, foi amarrado sobre a estola. O peitoral era incrustado com doze pedras preciosas, dispostas em quatro fileiras de três pedras cada uma, simbolizando as doze tribos de Israel (Êx 28:21) e indicando que o sumo sacerdote representava todas elas ao entrar no Santo dos Santos para ministrar diante do Senhor. Dois objetos pequenos — *Urim* e *Tumim* — foram colocados dentro do bolso do peitoral. Esses objetos eram retirados

do bolso para indicar se a resposta apropriada para uma pergunta era “sim” ou “não” (Êx 39:30). Por meio do Urim e do Tumim, o sumo sacerdote representava Deus diante do povo.

Em sua cabeça, o sumo sacerdote usava um turbante ou *mitra* e, em sua parte dianteira, sobre a testa, uma *lâmina de ouro, a coroa sagrada*, na qual estavam inscritas as palavras “Santidade ao SENHOR”. Essas palavras indicam que Arão havia sido separado para desempenhar funções especiais para a glória de Deus.

##### 8:10-13 A unção

Moisés ungiu primeiro o tabernáculo e tudo o que havia nele (8:10). Em seguida, ungiu o altar do holocausto e todos os seus utensílios (8:11) e, por fim, Arão (8:12). O propósito dessa unção era tornar o tabernáculo, o altar e Arão santos, como o Senhor é santo. Por meio desse ritual, o atributo da santidade passou a ser compartilhado por Deus e Israel.

Em seguida, Moisés vestiu os filhos de Arão em seus trajes sacerdotais, indicando seu ofício de sacerdotes (8:13). No entanto, ao contrário de Arão, eles não foram ungidos.

##### 8:14-17 O ritual de purificação

Como foi ressaltado no comentário de 4:1 a 5:13, um ritual de purificação pressupõe impureza resultante de comportamentos humanos. Essa é a primeira vez que um ritual de purificação é realizado usando o altar da tenda da congregação. Uma vez que se tratava de um ato inaugural, teve de ser realizado por Moisés (8:15a), pois ainda não havia sacerdotes. Neste contexto, Moisés serviu de mediador, estendendo o perdão de Deus a Arão. Moisés também serviu de instrutor em um rito de iniciação, ensinando por meio do exemplo. Imolou o animal para o sacrifício de purificação, aplicou parte do sangue do sacrifício nos chifres do altar a fim de purificá-lo e derramou o restante na base do altar para consagrá-lo (8:15b). A gordura sobre as entranhas do animal, o lóbulo do fígado e os dois rins com sua gordura foram queimados no altar do holocausto, enquanto o restante da carcaça foi queimado fora do arraial (8:16-17).

##### 8:18-21 O holocausto

A oferta de purificação foi seguida de um holocausto. Conforme explicado nos comentários sobre 1:3-17, o holocausto era o meio pelo qual o perdão era estendido ao adorador. Também nesse caso, o ritual realizado por Moisés serviu de modelo a ser seguido por Arão e seus filhos. Moisés realizou o ritual segundo as instruções dadas em 1:3-13 (8:18-21).

##### 8:22-24 O rito de investidura

Mais um carneiro foi sacrificado no rito de investidura ou ordenação de Arão e seus filhos para seus cargos (8:22). O sacrifício foi seguido da aplicação de parte do sangue

do animal no lóbulo da orelha direita, no polegar da mão direita e no polegar do pé direito de cada um dos futuros sacerdotes (8:23-24). Um uso semelhante do sangue é encontrado no ritual de restauração de uma pessoa curada de uma doença de pele (14:13-14). O ritual incluía outros elementos — pau de cedro, estofos carmesim e hissopo (14:4) — que também eram usados na preparação da água para a purificação de indivíduos contaminados pelo contato com um cadáver (Nm 19). Qualquer pessoa que sofresse de alguma doença infecciosa de pele era considerada morta em termos sociais (cf. Nm 12:9-12). Assim, ao que parece, a aplicação do sangue em Arão e seus filhos parece ter alguma relação com o movimento da morte para a vida. Essa visão do papel do sacerdote é ilustrada na ocasião em que Arão tomou o fogo do incensário e se colocou no meio dos israelitas para fazer expiação por eles e deter a praga que Deus havia enviado (Nm 16:46-49). Nessa ocasião, Arão literalmente se posicionou entre o povo e o Senhor, entre a vida e a morte. Semelhantemente, vemos que, quando o povo teve medo de se aproximar do tabernáculo (Nm 17:13), Deus escolheu a família de Arão para realizar os rituais sagrados (Nm 18:1-7). O ritual de ordenação colocou Arão e seus filhos numa posição perigosa entre o Deus santo e os israelitas pecaminosos.

#### 8:25-29 *A oferta movida*

Em seguida, Moisés reuniu os elementos necessários para a oferta movida: dois bolos de pão (ambos sem fermento, mas um deles preparado com azeite), um pão fino, toda a gordura removida do carneiro e a coxa direita (8:25-26). Colocou esses elementos nas mãos de Arão e seus filhos e, juntos, moveram-nos diante do Senhor, permitindo, desse modo, que Arão praticasse o modo de realizar uma oferta desse tipo (8:27). O objetivo do ritual era indicar a sujeição total de Arão e seus filhos à vontade de Deus e santificar o seu cargo. Então, Moisés queimou os elementos sobre o altar (8:28) e, em seguida, moveu o peito — a parte do sacrifício que lhe cabia como sacerdote (8:29).

#### 8:30-36 *A aspersão e outras instruções*

Moisés aspergiu Arão, seus filhos e suas vestes com uma mistura de azeite e sangue do altar (8:30). Pelo fato de o sangue ser do altar, o rito simbolizava sua santidade e a ligação entre a função sacerdotal e o altar.

Por fim, Arão e seus filhos receberam mais instruções, começando com a refeição sacerdotal que devia ser preparada por Arão e seus filhos e feita na entrada do tabernáculo (8:31-32).

Em seguida, Arão e seus filhos foram instruídos a permanecer na porta do tabernáculo por sete dias, sob risco de morte em caso de desobediência (8:33-35). Uma prática semelhante é observada em várias sociedades africanas nas quais um iniciado deve permanecer em reclusão por determinado número de dias. Esse período serviria

para os sacerdotes recém-ordenados esperarem em Deus, refletirem sobre seus atributos e sobre a nova incumbência recebida e morrer para a vida antiga, ressuscitando para a nova. Os sete dias simbolizam um período completo de transformação para Arão, introduzindo-o no âmbito do sagrado.

Outros servos de Deus também foram instruídos a passar tempo a sós com ele. Moisés ficou quarenta dias no monte (Êx 25:18; 34:28), Jesus, depois de seu batismo, foi conduzido para o deserto, onde também passou quarenta dias (Mc 1:13), e Paulo ficou algum tempo sozinho no deserto da Arábia (Gl 1:17). O que importa não é a duração desse período, mas, sim, o fato de ser um tempo a sós com o Senhor.

### 9:1-24 O início do ministério sacerdotal

#### 9:1-7 *Os preparativos*

No final da semana de reclusão, os sacerdotes recém-ordenados e os anciãos de Israel receberam a instrução de se disporem ao início do ministério sacerdotal, preparando os sacrifícios necessários para a oferta de purificação, a oferta pacífica e o holocausto (9:2-4). Em seguida, deviam se reunir com todo o povo diante da entrada do tabernáculo (9:5). Conforme Moisés informou ao povo, aqueles procedimentos estavam sendo realizados segundo a vontade do Senhor (9:6a), e as ofertas tinham dois propósitos: a aparição da glória de Deus (9:6b) e a expiação pelos sacerdotes e pelo povo (9:7).

#### 9:8-14 *Oferta de purificação e holocausto para os sacerdotes*

Arão começou apresentando a oferta de purificação (9:8-11) e o holocausto (9:12-14) para os sacerdotes. O procedimento adotado aqui, com a oferta de purificação e holocausto para os sacerdotes seguido de uma oferta de purificação e holocausto para o povo, corresponde ao procedimento utilizado no Dia da Expição. O rito de sangue nas ofertas para os sacerdotes é diferente daquele descrito anteriormente, pois aqui não se faz nenhuma menção aos elementos desse rito a serem realizados dentro do tabernáculo — a aspersão de sangue sete vezes no véu e a aplicação de sangue nos chifres do altar do incenso (4:6-7). Esses elementos também não aparecem no ritual de purificação para um líder ou pessoa comum do povo (4:22-35). Estão ausentes, ainda, no ritual do holocausto para uma pessoa comum. Assim, temos aqui os rituais mais simples e básicos de oferta de purificação e holocausto.

#### 9:15-21 *Ofertas para o povo*

Arão (supostamente assistido mais uma vez por seus filhos) apresentou uma oferta de purificação e um holocausto em favor da congregação (9:15-17). A ordem das ofertas é a mesma de 9:8-14, ou seja, a oferta de purificação é seguida do holocausto de um animal e manjares. Pode-se observar



uma pequena diferença em relação ao ritual do capítulo 1, pois os animais para o sacrifício são imolados por Arão, e não por leigos. Depois de oferecer o holocausto, Arão apresentou uma oferta pacífica para a congregação (9:18-21). Aqui, o procedimento é basicamente o mesmo de 3:1-16, tendo como diferenças apenas o fato de Arão imolar o sacrifício e mover o peito e a coxa direita do animal, diante do Senhor, como oferta movida a ser consumida pelos sacerdotes oficiantes (7:28-34).

#### 9:22-24 *A aprovação divina*

Depois da apresentação dos sacrifícios, Arão se voltou para o povo, levantou as mãos e o abençoou; então, afastou-se do altar (9:22) e entrou no tabernáculo junto com Moisés. Quando os dois saíram da tenda, voltaram a abençoar a congregação. No mesmo instante, a glória do Senhor apareceu: saiu fogo do tabernáculo e consumiu as ofertas sobre o altar (9:23-24a). A glória do Senhor indica sua presença e é simbolizada pela nuvem e pelo fogo (Êx 19:9,18), dois elementos que acompanharam os israelitas em sua jornada no deserto (Êx 40:38; Nm 14:14). Assim, a glória do Senhor não era apenas a base da aliança, mas também o seu selo. Era algo que os israelitas aguardavam ansiosamente, pois sabiam que, se o Senhor não colocasse o selo da sua presença sobre o ritual religioso, a adoração não teria sentido. O culto era considerado um meio, tendo como fim a presença do Senhor.

Em resposta à vinda da glória do Senhor, o povo se *jubilou e prostrou-se sobre o rosto* (9:24b). Reconheceu-se que o Senhor estava, verdadeiramente, presente no meio do seu povo, que ele havia aceitado a ordenação de Arão e seus filhos e as ofertas dos sacerdotes e da congregação. Em outras palavras, o culto prestado pelos sacerdotes no tabernáculo havia sido iniciado com a aprovação divina. Daí a alegria do povo.

O NT trata da futilidade do ritual onde Deus não está presente e ressalta que é preciso adorar em espírito e em verdade (Jo 4:24). Jesus Cristo manifesta a glória de Deus (1Co 2:8; Jo 1:14) e está presente onde o seu povo se reúne em seu nome (Mt 18:20). Como no início do culto no tabernáculo, no Pentecostes o Espírito se manifestou com fogo (At 2:3).

Esse acontecimento descrito em Levítico visava dar testemunho da aparição da glória do Senhor e, ao mesmo tempo, fazer expiação (9:7). A relação exata entre esses dois propósitos não fica clara. Ainda assim, o relato indica que foi um acontecimento jubiloso. Não é de surpreender que tenha sido acompanhado de um sacrifício pacífico (9:18), pois esse tipo de oferta era associado a alegria e celebração (cf. comentários sobre 3:1-17), dando aos adoradores a oportunidade de expressar suas emoções mais profundas. Os israelitas se alegraram porque o Senhor aceitou o ritual e, assim, garantiu não apenas sua presença, mas também o perdão dos pecados.

#### 10:1-20 *Uma tragédia e sua resolução*

Mal o culto prestado pelos sacerdotes havia se iniciado no tabernáculo e ocorreu uma tragédia: dois filhos de Arão apresentaram fogo estranho ao Senhor, e foram consumidos por Deus. Pode-se ver aqui como o Deus santíssimo reage ao entrar em contato com algo impuro, bem como a responsabilidade solene dos sacerdotes em seu ministério perante o Senhor.

O relato faz parte de um padrão. O fogo estranho é apresentado logo que as atividades sacerdotais se iniciaram e receberam a aprovação de Deus. Semelhantemente, os israelitas conduzidos por Arão fizeram para si um bezerro de ouro enquanto Moisés estava recebendo os Dez Mandamentos do Senhor. Assim, os capítulos 8 a 10 apresentam uma estrutura que justapõe inícios e percalços, ordem e caos. A coexistência do divino e do humano, do santo e do profano, está por trás do caráter momentoso do sacerdócio como instituição. Toda vez que a presença divina é colocada lado a lado com o pecado, há uma reação da parte do Senhor cujo propósito não é eliminar o povo ou o sacerdócio, mas, sim, reformar o sacerdócio. Um processo semelhante pode ser observado no relato do dilúvio (Gn 6:17), quando a reação de Deus ao pecado resultou num novo começo.

Esse capítulo pode ser dividido em três partes: o relato do incidente trágico (10:1-7), instruções para os sacerdotes (10:8-15) e a resolução do conflito entre Moisés e Arão (10:16-20).

#### 10:1-7 *Um incidente trágico*

Ao preparar os incensários e acrescentar o incenso, Nadabe e Abiú estavam cumprindo seus deveres sacerdotais. No entanto, usaram *fogo estranho* (10:1), ou seja, fogo que não era proveniente das brasas do altar do holocausto. Esse ato constituiu uma violação da santidade, pois o fogo santo devia vir do âmbito das coisas santas. Sacerdotes que oferecessem intencionalmente esse tipo de fogo teriam de arcar com a consequência, a saber, a morte. O fogo saiu da presença do Senhor e consumiu Nadabe e Abiú (10:2). O mesmo fogo que havia queimado as ofertas como sinal da aprovação de Deus consumia agora os dois sacerdotes como sinal de castigo.

Moisés tentou explicar o incidente a Arão, mostrando que a congregação devia honrar ao Senhor da mesma forma que os sacerdotes cumpriam seus deveres (10:3). O bem-estar da congregação dependia do ministério dos sacerdotes, e, portanto, repousava sobre eles a responsabilidade solene de demonstrar a santidade do Senhor em tudo o que faziam. Para isso, deviam tomar todo o cuidado de realizar suas funções dentro dos limites estabelecidos pelo Senhor, pois o próprio Senhor protegeria as coisas santas de qualquer alteração indevida.

Em seguida, Moisés instruiu Misael e Elzafã, dois leigos, filhos de Uzziel, tio de Arão, a carregar o corpo de Nadabe

e o de Abiú para longe da tenda da congregação (10:4). Também proibiu Arão e seus outros filhos de lamentarem publicamente a morte dos dois que haviam sido destruídos pelo fogo e de deixar a entrada do tabernáculo. No entanto, o restante da casa de Israel recebeu permissão de lamentar a tragédia (10:6-7).

#### 10:8-11 Instruções para os sacerdotes

A fim de garantir que Arão e seus filhos cumpriram de forma correta os deveres sacerdotais relacionados em 10:10-11, o Senhor os proibiu de beber vinho ou qualquer bebida forte (10:8-9). O motivo para essa proibição não é declarado explicitamente. No entanto, segundo o conceito do AT, a bebida forte pode afetar de forma adversa o nível de compreensão do indivíduo (Pv 20:1). De acordo com o texto, cabia aos sacerdotes fazer *diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo* (10:10a). O primeiro grupo (santo e profano) é descrito em detalhes nos capítulos 17 a 26, e o segundo (imundo e limpo), nos capítulos 11 a 16. Qualquer erro na identificação da categoria à qual algo pertencia podia ser fatal. Para reduzir o risco de cometerem equívocos desse tipo, os sacerdotes foram proibidos de ingerir bebidas alcoólicas antes de exercer suas funções. Os nazireus também se abstinham de bebidas fortes durante o voto (Nm 6:3-4; Jz 13:4-5).

Outro dever dos sacerdotes era ensinar *aos filhos de Israel todos os estatutos que o SENHOR lhes tem falado* (10:10b). Para realizar essa função, era preciso estar de posse de todas as faculdades mentais.

#### 10:12-20 Conflito entre Moisés e Arão

Moisés havia instruído Arão e seus outros filhos a consumirem o restante da oferta de manjares num lugar santo, e as famílias dos sacerdotes também receberam a instrução de comer a coxa e o peito da oferta movida num lugar limpo (10:12-15). Mas, quando Moisés perguntou sobre o bode usado na oferta de purificação, descobriu que ele havia sido queimado (10:16) e se irou, pois, de acordo com 6:30 (e 4:3-21), a oferta de purificação só devia ser queimada se o sangue do animal tivesse sido levado para dentro do tabernáculo. Uma vez que o sangue desse bode sacrificado não havia sido levado para dentro do tabernáculo (10:18), o sacrifício devia ser considerado uma oferta de purificação apresentada por um leigo (4:22-26, 27-35; cp. 6:24-29) e, portanto, consumido pelos sacerdotes oficiais para fazer expiação pelo povo diante do Senhor.

Ainda irado, Moisés perguntou a Eleazar e Itamar: *Por que não comestes a oferta pelo pecado [oferta de purificação] no lugar santo?* (10:17). Ao deixar de consumir a oferta de purificação, Arão havia não apenas transgredido as regras divinas, mas também demonstrado falta de consideração pelo bem-estar do povo. O consumo da oferta de purificação era parte essencial do processo de perdão divino. Arão respondeu perguntando a Moisés se, diante do fato de Nadabe

e Abiú haverem sido mortos pelo fogo divino, o Senhor teria se agradado caso ele houvesse comido a oferta (10:19). Talvez Arão imaginasse que, por haver sido afetado pessoalmente pela morte de seus filhos, seria inapropriado comer a oferta. Ou talvez temesse que, como seus filhos, ele também seria ferido caso comesse o restante da oferta de purificação.

Moisés considerou a resposta de Arão satisfatória (10:20). Apesar de não se mostrar conivente com a decisão de Arão de não comer a oferta, entendeu que Arão procedeu desse modo por temor a Deus. O fato de Moisés ter se dado por satisfeito com essa resposta também pode indicar que, apesar de ser necessário obedecer com cuidado aos mandamentos de Deus, o contexto no qual os aplicamos também deve ser levado em consideração.

O episódio registrado nesse capítulo ilustra um princípio importante: quanto mais alguém se aproximar de Deus, mais rígidos os padrões pelos quais esse indivíduo será julgado. Judá e Israel foram julgados exatamente porque Deus os havia escolhido dentre todas as nações da terra para ser o seu povo (Am 3:2). Jesus disse: “Aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lc 12:48). Os sacerdotes foram consagrados a fim de poderem se aproximar de Deus para oferecer sacrifícios pelo povo. Assim, deviam atentar de forma especial no cumprimento de seus deveres, sabendo que estavam servindo a um Deus santo.

No entanto, é encorajador observar que, apesar desse lapso da parte dos sacerdotes, Deus não os rejeitou de todo. Antes, falou diretamente a Arão e o aconselhou. O Deus santo abomina o pecado, mas ama os pecadores e deseja que se arrependam.

## 11:1—16:34 Leis acerca da pureza

### 11:1-47 Leis alimentares

Os sacerdotes haviam sido incumbidos de fazer distinção entre o imundo e o limpo (10:10). Esse capítulo especifica os animais limpos e os imundos (11:2-23), e os animais cuja carcaça podia contaminar por meio do contato (11:24-40), terminando com um resumo do que foi dito (11:41-47).

### 11:1-23 Animais limpos e imundos

Como a introdução em 11:1-2 deixa claro, as leis alimentares são associadas à obediência a Deus. Vários animais terrestres (11:2-8), aquáticos (11:9-12) e voadores (11:13-23) são divididos entre as categorias limpo e imundo. Os animais limpos são próprios para o consumo; os imundos, não.

Pode-se cogitar diversas explicações para o motivo de determinado animal ser considerado limpo ou imundo. Para alguns estudiosos, os porcos, por exemplo, eram proibidos porque transmitiam doenças e comiam lixo. Para outros, os animais declarados imundos pela lei talvez fossem usados como sacrifícios em outras religiões ou constituíssem

totens tribais. No entanto, não existe nenhum indício da existência desses totens, e, com exceção dos porcos, Israel sacrificava os mesmos animais que outros povos do antigo Oriente Médio. Pode-se conjecturar, igualmente, que as leis alimentares tinham como objetivo simbolizar princípios éticos como a moderação, separação, reverência pela vida e comedimento em ações, pensamentos e sentimentos. A ecologia e o papel de determinados animais na agricultura também são mencionados em outras explicações. Há quem diga, ainda, que os israelitas consideravam certos animais exemplos perfeitos de seu tipo e rejeitavam animais que não correspondiam claramente a essa classe específica. Por fim, de acordo com alguns estudiosos, os israelitas podiam comer apenas animais semelhantes àqueles oferecidos como sacrifícios, para lembrá-los da necessidade de serem santos porque o Senhor é santo.

Por certo, nenhuma das teorias descritas anteriormente é suficiente para explicar todas as leis alimentares. Na verdade, em sua maioria, essas tentativas de explicação se complementam, como veremos a seguir ao considerar essas leis mais detalhadamente.

**11:2-8 ANIMAIS TERRESTRES.** Os membros da comunidade da aliança receberam permissão de comer qualquer animal que ruma e tem o casco completamente dividido (11:2-3). Embora o texto não forneça exemplos, essa definição abrange os principais animais domésticos, a saber, os rebanhos bovinos, ovinos e caprinos. Qualquer animal que não tivesse uma ou ambas as características citadas antes não devia ser usado como alimento. Em seguida, o autor relaciona animais específicos que não deviam ser consumidos: camelo, o arganaz e a lebre, pois não têm cascos fendidos (11:4-6), e o porco, porque não ruma (11:7). (Os camelos parecem ter casco, mas, na realidade, têm unhas, e os arganazes e as lebres também não ruminam. São, assim, igualmente retirados da lista de animais permitidos.) Quem comesse a carne de um animal imundo ou tocasse sua carcaça seria contaminado (11:8).

Ao que parece, o parâmetro para a classificação nesse caso é a possibilidade ou impossibilidade de que o animal fosse usado para sacrifício, permitindo, portanto, a seguinte interpretação teológica: da mesma forma que escolheu uma nação dentre todos os povos da face da terra para ser o seu povo próprio e nação santa, Deus limitou os animais que podiam ser sacrificados (Dt 7:6; Êx 19:6). Nesse contexto, é interessante observar que, em Deuteronômio, as leis alimentares são precedidas de uma referência à eleição de Israel (Dt 14:1-2). Assim, essa classificação simboliza o relacionamento de aliança entre Israel e Deus.

**11:9-12 ANIMAIS AQUÁTICOS.** Todos os animais aquáticos são classificados de acordo com a presença ou ausência de barbatanas e escamas. As criaturas aquáticas desprovidas dessas características são imundas e não devem ser consumidas (11:10-12). Alguns estudiosos sugerem que as escamas e barbatanas eram consideradas a cobertura e o

meio de locomoção normais para as criaturas que vivem na água. A ordem para os israelitas se limitarem a consumir apenas os membros “normais” da família dos peixes seria uma lembrança de que, como povo da aliança de Deus, deviam viver de acordo com as normas morais e espirituais do mundo de Deus.

**11:13-23 ANIMAIS VOADORES.** Essa seção começa com uma lista de animais voadores imundos (11:13-19). Há quem argumente que todas as aves imundas, exceto a poupa e o morcego (que na época era considerado “ave”, ou seja, animal que voa), têm em comum o fato de se alimentarem de carcaças, presas vivas ou ambos, e, portanto, serem predadoras que bebiam sangue. Talvez, pelo raciocínio por trás dessa lei, os animais de propriedade dos israelitas também deveriam obedecer à lei da aliança. As Escrituras indicam que, como os seres humanos, os animais domésticos deviam observar a lei do sábado (Êx 20:10), e o primogênito tanto dos animais quanto dos seres humanos era consagrado ao Senhor (Êx 22:29-30). Pode-se dizer que as aves em questão aqui transgrediam o princípio fundamental de não comer carne com sangue, o mesmo princípio aplicado ao consumo de “carne dilacerada no campo” (Êx 22:31), e, portanto, eram consideradas imundas.

Os comentários sobre as aves de rapina é seguido de uma observação sobre insetos (11:20-23). É considerado imundo todo inseto *que anda sobre quatro pés* (11:20,23). A única exceção é aquele *cujas pernas traseiras são mais compridas, para saltar com elas sobre a terra* (11:21-22). Os insetos que andam sobre quatro pés (ou “se movem pelo chão”, NVI) são considerados imundos porque sua maneira de se mover é contrária à natureza. Os animais terrestres são quadrúpedes, enquanto esses insetos voam com suas asas, mas andam com quatro pés quando estão no solo. A discrepância entre sua aparência e seu modo de se mover os leva a serem considerados imundos. No entanto, os insetos com as pernas traseiras mais compridas (ou “pernas articuladas”, NVI) são considerados limpos porque pulam, movendo-se de forma apropriada para criaturas com asas.

A mesma interpretação para as regras referentes aos animais aquáticos pode ser aplicada à classificação dos insetos. Como povo da aliança, Israel deve se conformar às normas do Deus da aliança. O princípio de conformação com a natureza ressalta a verdade teológica segundo a qual Deus é um Deus de ordem, expressa nos conjuntos de opostos encontrados no primeiro relato da criação (Gn 1:1—2:3). Deus criou o dia separando as trevas da luz. Criou o firmamento separando as águas acima das águas abaixo. Semelhantemente, a distinção entre limpo e imundo em Levítico é associada à preocupação com a ordem que se refletia nas realidades sociais. Assim como Deus separou os opostos de trevas e luz na criação, Israel também devia se manter separado de outras nações. Portanto, a proibição de certos alimentos em Levítico 11 pode ser interpretada simbolicamente como uma tentativa da parte de Israel

de preservar a ordem sagrada criada pelo Deus que fez a aliança com seu povo escolhido e resistir a tudo que poderia perturbar essa ordem.

### **11:24-40 A contaminação pela carne de animais mortos**

Nos versículos anteriores, os animais terrestres, aquáticos e voadores foram divididos em dois grupos: imundos e limpos. Restava, porém, definir se a impureza era contagiosa. A resposta é fornecida em três partes. Em primeiro lugar, o texto informa que a carcaça tanto de criaturas imundas quanto de limpas é imunda, e sua impureza é contagiosa. Em segundo lugar, quando viva, uma criatura imunda não transmite sua impureza a pessoas ou objetos. Em terceiro lugar, a impureza transmitida a uma pessoa ou objeto é temporária, sendo fornecidos meios de purificação.

O princípio por trás dessas instruções é o da ordem em termos da oposição binária entre a morte e a vida. A preocupação era manter o limite entre o âmbito da morte e o âmbito da vida. Cada israelita recebeu a incumbência de guardar a pureza da comunidade da aliança. Aqui, a impureza é contraída pelo toque e pelo ato de carregar ou comer um animal terrestre imundo. Essa passagem pode ser dividida em quatro subseções: 11:24-25; 26:28; 29:38; 39-40.

A primeira (11:24-25) simplesmente apresenta os atos de “tocar” e “levar” (ou “carregar”, NVI) como meios pelos quais se podia contrair impureza. A fim de voltar a ser considerada pura, a pessoa só precisava esperar até o final do dia (11:24). Não se faz menção de nenhum ritual de purificação, mas pode-se pressupor que era preciso realizar a lavagem com água. Afinal, se todos os objetos que entravam em contato com um animal morto deviam ser lavados (11:32), quanto mais um ser humano.

A segunda seção (11:26-28) aplica as regras às criaturas terrestres. O princípio apresentado em 11:3-4 é repetido em 11:26. Volta a ser mencionado em 11:27, mas, nesse caso, refere-se aos animais terrestres que andam “na planta dos pés”. O termo hebraico traduzido por “planta dos pés” normalmente significa “mão”, sugerindo, portanto, que os animais com patas de aparência semelhante a mãos se comportam de forma anormal, usando as mãos para andar. O uso de meios inapropriados de locomoção os torna imundos. Qualquer um que tocasse a carcaça desses animais ficaria impuro até a tarde. O ato de carregar a carcaça de um animal imundo era considerado ainda mais grave do que tocá-la, e, portanto, a pessoa envolvida deve lavar a roupa e ser considerada impura até a tarde (11:27-28). O ato de “tocar” pressupõe apenas um contato breve, enquanto carregar indica o contato por um período mais longo ou com maior pressão da carcaça sobre as roupas. Consequentemente, é preciso realizar um ato duplo de purificação: além de lavar as roupas, a pessoa deve ser considerada impura até a tarde (11:25).

A terceira seção (11:29-38) trata de animais terrestres que se movem rente ao chão. Os animais descritos em

11:29-31 abrange a maioria dos répteis e mamíferos de pequeno porte que infestavam casas e depósitos. A impureza da carcaça desses animais afetava não apenas as pessoas, mas também os objetos domésticos. Se a carcaça de um desses animais caísse sobre um objeto feito de madeira, tecido, pele ou pano de saco, este se tornava imundo, devendo ser lavado e considerado imundo até a tarde (11:32). Se a carcaça caísse sobre um vaso de barro, o vaso todo e a água dentro dele ficariam contaminados, e o vaso deveria ser quebrado (11:33-34). Se a carcaça caísse sobre um utensílio de cozinha, esse objeto ficaria contaminado e deveria ser destruído (11:35). Todas essas instruções refletem o medo de que a impureza da carcaça de um desses animais pudesse ser transmitida às pessoas por meio dos alimentos e do seu processo de preparo.

Essas instruções apresentam algumas exceções: se uma carcaça caísse numa fonte ou cisterna, a água permaneceria limpa (11:36); no entanto, a carcaça em si continuaria transmitindo impureza a tudo que tocasse. Sementes secas permaneceriam limpas mesmo que uma carcaça tivesse caído sobre elas, mas sementes molhadas seriam contaminadas (11:37-38).

A quarta seção (11:39-40) trata da impureza gerada pela carcaça de um animal limpo que não foi abatido, mas morreu naturalmente. Essa carcaça também é imunda e não deve ser tocada, carregada ou consumida como alimento.

### **11:41-47 Conclusão**

Nessa seção final, a regra mais simples é repetida: *Também todo enxame de criaturas que povoam a terra será abominação; não se comerá* (11:41). Quem ignorasse essa regra se tornaria impuro (11:43-44). O estado de impureza é contrário ao chamado dos israelitas, a saber, de imitar o Deus da aliança, de ser santos porque Deus é santo (11:44). O segundo motivo para os israelitas terem uma vida santa era sua eleição e libertação da escravidão no Egito (11:45).

As leis alimentares foram motivo de grande controvérsia no NT por dois motivos. Em primeiro lugar, os judeus consideravam essas leis marcas visíveis de seu caráter distintivo como povo escolhido por Deus. Em segundo lugar, ao que parece, Jesus aboliu as leis alimentares quando disse: “Tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar [...] O que sai do homem, isso é o que o contamina” (Mc 7:18,20). O evangelista conclui, então, que Jesus “considerou [...] puros todos os alimentos” (Mc 7:19). Jesus quebrou as regras que distinguiam entre as criaturas limpas e imundas.

O problema se tornou crítico quando o evangelho foi levado às regiões dos gentios. O relato sobre Cornélio é interessante, pois, nesse episódio, as leis alimentares são interpretadas em termos sociais. A distinção entre animais limpos e imundos representa a distinção entre judeus e gentios, e Pedro é acusado de considerar imundo aquilo que Deus purificou (At 11:4-12). Pedro usou essa

experiência no concílio realizado em Jerusalém para tratar dos problemas resultantes do trabalho missionário nas regiões dos gentios. Argumentou que Deus “não estabeleceu distinção alguma entre nós [judeus] e eles [gentios], purificando-lhes pela fé o coração” (At 15:9). Os líderes reunidos concordaram, então, em aconselhar os gentios a seguirem as seguintes diretrizes: “Que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas” (At 15:29). Assim, o concílio de Jerusalém aboliu a circuncisão para os cristãos e a distinção entre animais limpos e imundos. Essa decisão foi tomada com base no fato de que a circuncisão e a distinção entre animais limpos e imundos se aplicavam à condição especial de Israel, enquanto a proibição do consumo de sangue se aplicava a todas as pessoas, pois havia se originado no tempo de Noé (Gn 9:4).

Apesar de terem sido abolidas as leis alimentares, Levítico 11 ainda é relevante para os cristãos de hoje. A reinterpretação dessas leis por Jesus indica a necessidade de dar maior ênfase à pureza moral do que à ritual. As leis alimentares lembravam os israelitas de que eram um povo escolhido, separado para Deus. Por meio de Cristo, Deus também escolheu os cristãos para serem santos. Enquanto os judeus se esforçavam para expressar sua condição singular por meio da obediência às leis alimentares, os cristãos devem expressar sua singularidade por meio da obediência à vontade de Deus revelada nas Escrituras.

Algumas culturas africanas também temem a transmissão de impureza por meio de alimentos. Essas culturas proíbem mulheres que se encontram num estado impuro (menstruadas ou que deram à luz recentemente) de preparar alimentos ou acrescentar sal a um prato preparado. Os cristãos africanos precisam ser lembrados dos perigos da impureza moral e da seriedade do pecado que verdadeiramente contamina. Convém observar que, nesse contexto, o objeto da obra purificadora do sangue de Jesus é a consciência. A pureza ritual tem seu lugar, mas deve sempre ser acompanhada de pureza moral.

### 12:1-8 Impureza e parto

Esse capítulo trata da impureza gerada pelo parto, um conceito problemático para o leitor moderno. Dentre as várias questões levantadas a esse respeito, uma das mais frequentes é: Por que um período de purificação mais longo no caso do nascimento de meninas? Se o bebê fosse menino, o período inicial de impureza da mãe seria de sete dias, como durante sua menstruação (12:2-4; cf. tb. 15:19-30). Se fosse menina, o período inicial de impureza seria de quatorze dias (12:5).

Durante esse período inicial, a impureza da mãe podia ser transmitida por meio de qualquer coisa que ela tocasse ou do lugar onde dormisse. O período inicial é seguido de mais 33 ou 66 dias (mais uma vez, dependendo do sexo do bebê) durante os quais as restrições impostas eram dimi-

nuídas: a mãe não podia tocar em coisas santas, nem entrar na tenda da congregação. Depois desse período inicial, a mulher podia realizar atividades domésticas e até mesmo ter relações sexuais com o marido. Essas prescrições mostram a purificação como um processo que envolvia apenas a mulher e o Senhor, num processo monitorado pela mulher, e não pelo sacerdote.

Terminado o período de purificação (quarenta dias no caso do nascimento de menino e oitenta dias no caso de menina), a mãe levava duas ofertas ao tabernáculo: um holocausto e uma oferta de purificação (12:6-8). A oferta de purificação provavelmente era apresentada primeiro, com o propósito de purificar o altar e reconsagrá-lo para os sacrifícios, restaurando-o para o uso sagrado. O holocausto era oferecido para fazer expiação, permitindo à mulher ser reintegrada às atividades religiosas.

Convém observar que apenas a mulher se tornava impura; a criança não era considerada impura e, portanto, não precisava passar por um ritual de purificação. Nesse sentido, a lei mosaica é diferente de várias sociedades africanas nas quais tanto a criança quanto a mãe são consideradas impuras e precisam ser submetidas a rituais de purificação. Entre o povo tsonga de Moçambique, por exemplo, a mãe e a criança permanecem em reclusão durante um mês, depois do qual a criança é trazida para fora e lavada com água purificadora contendo sal. Entre os cristãos da Igreja Apostólica Garantia de Sião, essa lavagem é combinada com a leitura de Levítico 12:1-5.

É difícil determinar o significado do ritual de purificação. Pode-se perguntar, por exemplo, por que a mulher era considerada impura e precisava ser purificada depois de dar à luz, quando a esterilidade era tida como maldição (Gn 15:1-3; 1Sm 1) e o nascimento de uma criança era um sinal da bênção de Deus (Gn 1:28). Ao que parece, a prescrição associa uma mulher que dá à luz a uma mulher menstruada. Assim como o sangue da menstruação torna a mulher impura, o sangramento associado ao parto contamina a mãe. Essa impureza pode ser explicada de várias formas. Uma vez que o sangue era um símbolo de vida, e a vida pertencia a Deus, só podia ser oferecido de volta para Deus no tabernáculo. Qualquer derramamento de sangue fora do recinto sagrado era anormal e sacrílego. Contudo, uma vez que no caso da mulher o derramamento de sangue não era intencional, tornava-se necessário apresentar uma oferta de purificação.

Outra forma de explicar essa prescrição é considerar o processo todo em termos de morte e vida. O sangue é um símbolo de vida, e sua perda simboliza morte ou imperfeição. Assim, o ritual era um “rito de passagem” pelo qual a mulher passava do âmbito da morte para o da vida, da imperfeição para a perfeição.

Talvez o contexto da passagem nos forneça ainda outra explicação para o significado do ritual. O capítulo anterior tratou das fontes externas de contaminação. Os capítulos

12 e 13 tratam das fontes internas. Deus exigia que, como povo separado para ele, Israel se guardasse das ameaças externas a essa condição. Nesse capítulo, o fluxo corporal lembra os israelitas das ameaças internas à sua condição.

### 13:1—14:57 Doenças infecciosas de pele

O termo “lepra” usado nesta passagem é uma tradução da palavra hebraica *tsara’at* (13:2), cujo significado exato não fica claro, pois seus sintomas não correspondem a nenhuma doença de pele conhecida na atualidade. A julgar pela descrição desse capítulo, esse mal afeta pessoas (13:2-46) e objetos inanimados, como roupas (13:47-59) e as paredes das casas (14:33-53). É evidente, portanto, que não se trata, literalmente, de lepra. Essa confusão surgiu porque o termo *tsara’at* foi traduzido para o grego por *lepra*, uma palavra usada de forma genérica por alguns autores gregos antigos, como Hipócrates, para designar vários tipos de doenças de pele, levando tradutores posteriores a empregar esse termo indevidamente na Bíblia.

Não convém usar uma abordagem médica para o texto do capítulo 13. Os sacerdotes não eram médicos, e os enfermos não eram seus pacientes. O enfoque nesse caso é sobre o sistema religioso de impureza, como se pode ver pelo uso recorrente de algumas palavras. Nos capítulos 13 e 14, o termo hebraico usado para “puro” aparece trinta e seis vezes, o termo hebraico para “impuro” é usado trinta e sete vezes, mas o termo hebraico para “curar” aparece apenas quatro vezes. O texto trata, portanto, de ritual, e não de medicina. O sacerdote é um especialista em questões ritualísticas.

A ideia de que o termo *tsara’at* deve ser discutido no contexto do ritual, e não no da medicina, é confirmada por como se devia lidar com esse mal (14:1-56). A responsabilidade do sacerdote era simplesmente determinar se uma pessoa se encontrava impura e precisava ser isolada. Uma vez que o enfermo havia sido isolado, o sacerdote não tinha nenhuma responsabilidade em relação ao tratamento oferecido. Caso a doença infecciosa de pele fosse debelada, o sacerdote entrava em cena novamente para confirmar a recuperação do indivíduo. Cabia ao enfermo orar (1Rs 8:37-40; 2Rs 20:1-2) e jejuar (2Sm 12:16) para Deus lhe conceder a cura. Assim, o texto apresenta um ato religioso, e não terapêutico; o ritual é simbólico.

Apesar de *tsara’at* ser considerado, com frequência, uma forma de castigo divino (cf. Nm 12:9; 2Rs 5:27; 2Cr 26:18-21), não é visto assim nos capítulos 13 e 14. Na verdade, o processo ritual não envolve nenhuma investigação do pecado.

No sistema sacerdotal de impureza, *tsara’at* era associado à morte. Seu portador era considerado um cadáver. Assim, quando Miriã foi acometida por *tsara’at*, Arão pediu a Deus: “Não seja ela como um aborto” (Nm 12:12). No livro de Jó, *tsara’at* também é identificado com a morte (Jó 18:13). As instruções desses capítulos acerca da pureza e impureza focalizam, portanto, a integridade física.

### 13:1-8 A primeira série de testes para diagnosticar doenças de pele

A introdução (13:1) é seguida de instruções sobre como distinguir entre uma doença infecciosa de pele e outra de caráter não infeccioso. Qualquer pessoa com algum inchaço, erupção ou mancha clara na pele, suspeita desse tipo de doença, deveria procurar um sacerdote, que examinaria a pele para determinar a natureza da enfermidade (13:2). A doença infecciosa era caracterizada pela presença de pelos próximo à região da pele que se tornara branca e de uma lesão mais profunda do que a pele (13:3). Se a pessoa não apresentasse a enfermidade numa forma suficientemente desenvolvida, poderia ser isolada e ficar sob observação até que fosse possível um diagnóstico mais preciso. Se a doença se alastrasse nesse período, seria considerada de caráter infeccioso (13:4-8).

Quem fosse acometido por doenças de pele era declarado cerimonialmente impuro e devia viver sozinho, excluído do arraial. Deixava os cabelos desgrehados, vestia roupas rasgadas e cobria a parte inferior do rosto (13:45-46).

### 13:9-17 A segunda série de testes para diagnosticar doenças de pele

A doença crônica era caracterizada por pelos que se tornavam brancos e pela presença de carne viva (13:10). A presença de carne viva era o quarto sintoma da doença infecciosa de pele. Caso se tratasse de uma referência à psoríase, uma doença crônica de pele, a carne viva corresponderia às pequenas manchas avermelhadas, desiguais entre si, resultantes do atrito pelo ato de coçar as escamas causadas pela doença. Os indivíduos com esses sintomas não precisavam ser colocados sob observação; já se encontravam imundos (13:11). Caso a doença de pele cobrisse todo o corpo da pessoa afetada e as manchas se tornassem brancas, a pessoa era declarada limpa (13:12-13). A presença de carne viva era o fator determinante para declarar o indivíduo imundo (13:14-15). Se a carne viva esbranquecia, a pessoa era declarada limpa (13:16-17).

### 13:18-28 Testes para doenças de pele no caso de úlceras e queimaduras

Se um inchaço branco ou uma mancha branca avermelhada se seguisse a uma úlcera fechada, o local deveria ser examinado por um sacerdote (13:18-19). Se a inflamação era *mais funda do que a pele, e se o pelo se tornou branco*, então se tratava de uma doença infecciosa (13:20), e a pessoa era declarada imunda. No caso de dúvida, era prescrito um período de isolamento de sete dias a fim de possibilitar um diagnóstico mais preciso (13:21-23).

Uma queimadura infeccionada que se transformava numa mancha branca avermelhada ou apenas branca podia ser impura (13:24). O sacerdote devia examiná-la a fim de determinar se as características essenciais de uma doença infecciosa — pelos brancos e lesão mais profunda do que a

pele — estavam presentes (13:25). No caso de dúvida, era prescrito um período de isolamento de sete dias a fim de possibilitar um diagnóstico mais preciso (13:26-28).

### 13:29-37 Testes para doenças de pele na cabeça ou barba

Uma infecção na cabeça ou, no caso dos homens, no queixo, podia ser impura (13:29). Se o sacerdote verificasse a presença de uma doença infecciosa (uma ferida mais profunda do que a pele e o surgimento de pelos amarelos), a pessoa era declarada imunda (13:30). A presença de pelos amarelos era o quinto sintoma relacionado para uma doença infecciosa. Em caso de dúvida, o enfermo podia ser isolado por duas semanas a fim de possibilitar um diagnóstico mais preciso (13:31-34). Se alguém que havia sido declarado limpo sofresse uma recaída, a simples propagação da doença na pele era suficiente para declarar essa pessoa imunda (13:35-36). Por outro lado, o crescimento de pelos escuros na região era indicação suficiente de que a pessoa havia sido curada (13:37).

### 13:38-39 Uma doença de pele inofensiva

A erupção cutânea que provoca manchas brancas e sem brilho é chamada de *impigem* (13:39). Ao contrário das outras lesões, esta não é mais profunda do que a pele, e os pelos não apresentam mudança na coloração.

### 13:40-44 Calvície e doença de pele

A calvície comum, começando na parte da frente ou de trás da cabeça, era limpa (13:40-41), a menos que fosse caracterizada por manchas brancas avermelhadas (13:42). Nesse caso, o sacerdote devia examinar o homem e, se ele apresentasse manchas semelhantes às de uma úlcera (13:19) ou queimadura (13:24), era declarado imundo (13:43-44).

### 13:45-46 Como tratar os acometidos por doença infecciosa de pele

Aqueles que haviam sido diagnosticados com *tsara'at*, levando-os a serem declarados cerimonialmente impuros e propensos a contaminar outros, adotavam uma atitude de luto. Rasgavam as vestes, deixavam os cabelos desgrelhados, cobriam a barba ou o bigode e gritavam "Imundo!", para evitar que outros se contaminassem pelo contato com eles (13:45). Além disso, deviam viver fora do arraial, sozinhos ou na companhia de outros que sofriam de doenças de pele semelhantes (13:46). Os impuros eram excluídos da comunhão social e espiritual com o povo de Deus e não passavam de mortos-vivos. Não tinham nenhuma esperança, pois viviam, literalmente, fora do arraial sagrado onde Deus habitava. O povo do antigo Israel teria entendido o provérbio chewa do Malaui: *Kali konka n'kanyama, tili awiri n'tianthu* ["O que fica sozinho é um animalzinho; os seres humanos vivem na companhia uns dos outros"]. Como os membros de algumas sociedades africanas, os israelitas tinham pavor de viver sozinhos.

### 13:47-59 Mofo nas roupas

O mesmo termo traduzido por "lepra" nos versículos anteriores, *tsra'at*, é usado aqui para designar uma praga: a presença de mofo em tecidos e couro e, mais adiante, em casas.

Os dois sintomas básicos da presença de mofo numa peça de roupa são o aparecimento de manchas esverdeadas ou avermelhadas e sua propagação no tecido. Qualquer veste de lã ou linho ou qualquer peça feita de couro que apresentasse mofo esverdeado ou avermelhado era potencialmente imunda e devia ser examinada por um sacerdote (13:47-49). Se houvesse dúvida quanto ao diagnóstico, a peça devia ser isolada por sete dias (13:50). Caso se constatasse que o mofo havia se propagado no tecido ou no couro, a peça era declarada imunda e devia ser destruída (13:51-52). Caso o mofo não se espalhasse, a peça devia ser lavada e permanecer isolada mais sete dias. Se, depois desse período, a cor não tivesse mudado, mesmo que o mofo não houvesse se espalhado, a peça era declarada imunda e devia ser destruída (13:53-55). Se o mofo não tivesse se espalhado e as manchas tivessem sumido, somente as partes da peça que haviam sido afetadas deviam ser removidas (13:56). Se o mofo reaparecesse na peça, esta era considerada imunda e devia ser destruída (13:57). Por fim, se depois da segunda semana o mofo tivesse desaparecido, a peça devia ser lavada novamente e declarada limpa (13:58).

Essas prescrições devem ser interpretadas à luz da questão da perfeição. Uma vez que a santidade era simbolizada pela perfeição, toda deformidade ou anormalidade era considerada impura. Os animais usados como sacrifício deviam ser sem defeito. As criaturas vivas com uma forma de locomoção anormal eram consideradas imundas. Os sacerdotes também deviam ser sem defeito a fim de servir perante o Senhor. Como povo da aliança, os israelitas eram chamados a viver de acordo com essa condição especial.

### 14:1-32 Ritos de purificação para os curados

Os ritos de purificação para uma pessoa curada de uma doença infecciosa de pele consistiam em três cerimônias: uma no primeiro dia (14:2-8), outra no sétimo dia (14:9) e a última no oitavo dia (14:10-32). O ritual do primeiro dia era realizado pelo sacerdote fora do arraial do qual o enfermo havia sido banido (14:3). *Pau de cedro, e estofo carmesim, e hissopo*, e uma *ave viva* eram mergulhados numa vasilha contendo água limpa e no sangue de outra ave. Na sequência, o indivíduo curado era aspergido com a água sete vezes e a ave era solta (14:4-7). Em seguida, raspava todo o cabelo e pelos e lavava as roupas e o corpo com água; terminada essa etapa, era considerado limpo, tendo permissão para voltar ao arraial (14:8). Depois do primeiro dia do rito de purificação, a pessoa curada não podia mais contaminar objetos e outras pessoas por proximidade. Antes da cura, havia sido considerada "socialmente



morta” em razão de sua exclusão do arraial, mas agora é tida como “socialmente viva” por causa de sua reintegração à comunidade. Aliás, o tema central deste ritual com o uso de pássaros, água limpa, sangue e outros elementos vermelhos parece ser justamente a vida.

Apesar de ter permissão para entrar no arraial, a pessoa deveria ficar mais sete dias sem entrar na sua tenda ou casa (14:8). Essa restrição não é imposta no capítulo 12 para a mãe de um recém-nascido, mostrando claramente que a impureza de uma pessoa com uma doença infecciosa de pele era muito mais séria do que a da mãe de um recém-nascido. Mesmo depois do primeiro rito de purificação, a pessoa curada ainda podia contaminar elementos do âmbito profano pelo contato direto e elementos do âmbito sagrado pela proximidade. A ordem para o indivíduo permanecer fora da sua habitação reduz o risco de contaminação de qualquer elemento sagrado daquele local, como, por exemplo, uma oferta para o tabernáculo ou templo.

O segundo estágio da purificação era realizado no final de sete dias. No sétimo dia, a pessoa curada raspava todo o cabelo e pelos e lavava as roupas e o corpo com água. Em seguida, era declarada limpa novamente e podia entrar em sua habitação (14:9). A lavagem havia reduzido a severidade da impureza. A pessoa curada não podia mais contaminar elementos sagrados pela mera proximidade. No entanto, ainda podia contaminá-los pelo contato direto, de modo que era necessário oferecer sacrifícios no oitavo dia para eliminar a impureza restante (14:10).

O terceiro estágio da purificação consistia na apresentação de um holocausto e de ofertas de manjares, reparação e purificação. Os elementos necessários para isso eram: *dois cordeiros sem defeito, uma cordeira sem defeito, de um ano, e três dízimas de um efa* (c. seis litros) *de flor de farinha, para oferta de manjares, amassada com azeite, e separadamente, um sextário* (c. um terço de litro) *de azeite* (14:10).

Para iniciar o ritual, o sacerdote colocava a pessoa a ser purificada e os elementos do ritual *à porta da tenda da congregação* (14:11). A oferta de reparação era apresentada primeiro. O sangue do cordeiro para a oferta de reparação era aplicado no lóbulo da orelha direita, no polegar da mão direita e no polegar do pé direito da pessoa a ser purificada (14:12-14). Esse rito de sangue é semelhante ao da ordenação de sacerdotes (8:23-24). Como na ordenação, simboliza a transferência de uma pessoa do âmbito da morte para o âmbito da vida. Em seguida, o azeite usado na oferta movida era aspergido sete vezes diante do Senhor e colocado nos mesmos pontos do corpo que o sangue da oferta de reparação (14:15-18), simbolizando, talvez, a nova vida concedida à pessoa curada. É surpreendente que uma oferta de reparação seja oferecida nesse caso. De acordo com 5:1-4 e 5:14-19, a oferta de reparação devia ser apresentada nos casos de transgressão cometida contra propriedades sagradas, suspeita de transgressão e juramentos falsos. A pessoa a ser purificada provavelmente não havia

cometido o primeiro e o terceiro pecados; assim, a oferta de reparação provavelmente era apresentada pela suspeita de transgressão (cf. 14:18, que diz que o rito “fará expiação”). Depois da oferta de reparação, o sacerdote apresentava uma oferta de purificação para purificar e reconsagrar o altar do sacrifício para uso sagrado (14:19). Por fim, oferecia o holocausto para fazer expiação (14:20).

O ritual de purificação para uma pessoa pobre é descrito em 14:21-32. Esse indivíduo podia apresentar *um cordeiro* em vez de dois e *a dízima de um efa de flor de farinha, amassada com azeite, para oferta de manjares, e um sextário de azeite*. Também devia apresentar *duas rolas ou dois pombinhos* no lugar da cordeira de um ano (14:21-22). O cordeiro e o azeite eram usados na oferta de reparação (14:23-29). Um ritual semelhante é descrito em 14:15-18. Uma das rolas ou pombas apresentadas pela pessoa curada era usada como oferta de purificação, e a outra, como holocausto (14:30-31).

O que esse ritual simbolizava? Devemos observar pelo menos dois pontos. Em primeiro lugar, a lei levítica não fornecia meios de curar doenças infecciosas de pele. Os indivíduos acometidos por essas enfermidades eram banidos da sociedade, e sua única esperança era Deus, pois somente ele podia curá-los. Diante disso, o fato de Jesus ter curado pessoas com doenças de pele quando veio ao mundo para buscar e salvar os perdidos comprova sua natureza divina.

Em segundo lugar, o problema do enfermo não era apenas físico, mas também social. Antes de ser declarado limpo pelo sacerdote, o enfermo devia viver sozinho, fora do arraial. Em termos sociais, era como se estivesse morto. O ritual de purificação se iniciava quando a doença infecciosa de pele era curada. Assim, quanto ao aspecto social, esse ritual tinha o objetivo de trazer a pessoa “morta” de volta à vida e reintegrá-la na sociedade. O ritual de purificação constituía, portanto, “um rito de passagem”, marcando a transição da vida para a morte. Também era um rito de passagem porque reconciliava a pessoa curada com Deus.

#### 14:33-57 Mofo nas casas

Se os ocupantes de uma casa descobrissem algo semelhante a mofo, deviam informar o sacerdote, pois podia ser uma *praga* (14:35). Todos os móveis e utensílios deviam de imediato ser removidos da casa, antes que o sacerdote realizasse a vistoria, para não haver o risco de serem declarados imundos (14:36). O sacerdote procurava os sintomas básicos de uma doença infecciosa de pele, a saber, depressões esverdeadas ou avermelhadas mais profundas do que a superfície da parede (14:37). Em caso de dúvida, a casa era fechada por sete dias até ser possível fazer um diagnóstico mais preciso (14:38). Se na segunda inspeção o mofo tivesse se espalhado pela parede (14:39), a primeira solução era remover todas as pedras contaminadas e jogá-las num lugar imundo fora da cidade. O mesmo devia ser feito com a argamassa do interior da casa (14:40-41). Depois disso, a casa devia ser reparada com pedras e argamassa

novas (14:42). Se o mofo reaparecesse, a casa toda devia ser demolida, e os escombros, jogados num lugar imundo fora da cidade (14:43-45).

Qualquer pessoa que entrasse na casa enquanto estivesse isolada ficava contaminada até o fim do dia. Quem dormisse ou comesse naquele local devia lavar as roupas (14:46-47). A passagem não diz nada a respeito do sacerdote que entrava na casa. Os sacerdotes seriam imunes ao contágio ou, como os leigos, precisariam se lavar e se abster de contato com coisas sagradas até o fim do dia?

Se o mofo desaparecesse depois de ser aplicada a nova argamassa, a casa era purificada e declarada limpa (14:48-53). O ritual de purificação da casa, realizado com *duas aves, e pau de cedro, e estofa carmesim, e hissopo*, era semelhante àquele usado para uma pessoa curada de uma doença de pele (cf. 14:4-7).

A semelhança entre esses rituais nos dá uma indicação da natureza de *tsara'at*. A doença infecciosa não tinha nenhuma relação com a vida moral das pessoas ou objetos afetados. Como atribuir moralidade a uma casa? A declaração em 14:34 de que Deus enviou a praga sobre a casa afetada não significa que se trata de um castigo por um pecado cometido por seus moradores. Se um morador suspeitava de que uma praga havia contaminado a casa, o sacerdote era chamado para verificar. Caso fosse diagnosticada a contaminação, a casa era destruída; do contrário, era purificada. Não se tomava nenhuma atitude em relação ao proprietário da casa contaminada. Os moradores da casa não precisavam sequer levar sacrifícios, como no caso da pessoa acometida por uma doença de pele. Convém observar ainda que, segundo a crença de algumas das nações vizinhas de Israel, o mofo era provocado por demônios ou pelos moradores da casa, mas os israelitas não atribuíam essa ocorrência nem a demônios nem a pessoas.

Os tópicos tratados nos capítulos 13 e 14 são relacionados de forma sucinta em 14:54-57.

### 15:1-33 Fluxos corporais

Esse capítulo trata de diferentes fluxos, normais e anormais, provenientes dos órgãos reprodutores masculinos e femininos. Mas qual o significado das prescrições dessa passagem? No comentário sobre os animais limpos e imundos, várias explicações plausíveis para essa distinção foram discutidas. Podemos aplicar algumas dessas teorias às prescrições acerca dos fluxos corporais?

Em primeiro lugar, é preciso observar que a questão da pureza e impureza como um todo é simbólica, como fica claro ao se considerar os portadores da impureza. Podiam ser pessoas que haviam cometido pecados não intencionais (5:2-13), mães de recém-nascidos (12:1-8), pessoas, roupas e casas com doenças infecciosas ou pragas (13:1—14:57), homens e mulheres com um fluxo corporal (15:2-30), a pessoa que teve contato direto com o bode expiatório (16:27-28), um sacerdote contaminado por um cadáver (Ez 44:25-27),

um nazireu contaminado por um cadáver (Nm 6:9-12), um leigo contaminado por um cadáver (11:24-40; 22:4; Nm 5:2-3). Nem todas as circunstâncias da lista são associadas a enfermidade ou desordem. Se fosse o caso, poderíamos dizer que várias situações foram deixadas de fora. Em certos sentidos, a lista parece arbitrária. No entanto, esses grupos podem ter em comum a questão da vida e da morte, tratada no sistema de impureza e pureza. No contexto dos fluxos corporais de sêmen e menstruação, os fluidos representam as forças vitais, e sua perda simboliza a morte.

A morte é uma negação da inteireza ou perfeição. Nas leis sacerdotais, todas as coisas e pessoas imperfeitas e ritualmente impuras eram consideradas inadequadas para o serviço do Senhor. Animais com defeitos não podiam ser usados para os sacrifícios. As imperfeições físicas dos sacerdotes os impediam de officiar no tabernáculo. Pode-se ver, portanto, que a santidade era simbolizada pela inteireza ou perfeição. Uma vez que os fluxos corporais representavam a morte, eram incompatíveis com a santidade.

As regras definidas nesse capítulo também colocam a atividade sexual no contexto mais amplo da religião e do ritual, deixando claro que o sexo possui uma dimensão religiosa. Os órgãos reprodutores são associados teologicamente à criação e à promessa divina de muitos descendentes. Assim, o corpo humano e a atividade sexual devem ser temas de rituais e reflexões teológicas.

### 15:1-15 Fluxo anormal em homens

O fluxo anormal em homens pode ser um corrimento intenso ou uma secreção espessa, ambos incontrolláveis (15:3). Não é possível definir com precisão a natureza desse fluxo, mas certamente não se trata de sêmen. Há quem sugira que fosse um sintoma de gonorreia. Não obstante sua natureza, ao que parece, esse fluxo impedia a atividade sexual normal e, portanto, a concepção de filhos. Assim, invalidava a bênção divina concedida quando o homem e a mulher foram criados (Gn 1:28) e a promessa de Deus a Abraão (Gn 15:5). Simbolizava o fim da comunidade, pois esta só podia ter continuidade se os casais gerassem filhos. Assim, apesar de não ser considerado consequência de um pecado, o fluxo era declarado impuro (15:2; cf. o comentário sobre *tsara'at* em 13:1—14:57).

Ao contrário de uma pessoa com uma doença infecciosa de pele, um homem com um fluxo anormal não era expulso da comunidade. Consequentemente, havia o risco de que a impureza associada a esse fluxo fosse transmitida a objetos e outras pessoas. O texto apresenta algumas situações nas quais a impureza de um homem podia contaminar outras pessoas (15:5-11). A cama na qual ele se deitava e qualquer objeto no qual ele se assentava se tornavam impuros (15:4). Uma pessoa podia ser contaminada tocando a cama na qual o indivíduo com o fluxo havia se deitado, um lugar onde ele havia se assentado ou o próprio indivíduo (15:5-7). Uma pessoa com um fluxo podia transmitir

sua impureza cuspidando em alguém (15:8) ou tocando alguém sem antes lavar as mãos (15:11). A contaminação também podia ocorrer ao se carregar algum objeto no qual o indivíduo com o fluxo havia se assentado (15:10). Todos os vasos de barro ou utensílios de madeira que esse indivíduo tocava se tornavam impuros (15:12). Fica claro que a impureza era considerada severa o suficiente para afetar, de forma indireta, pessoas e objetos.

De acordo com 15:11, o homem acometido por fluxo anormal não transmitia a impureza caso lavasse as mãos com água antes de tocar outras pessoas. Assim, desde que lavasse as mãos com frequência, podia ficar em casa sem contaminar aqueles ao seu redor. Não era necessário expulsá-lo da comunidade.

Dois processos de purificação são descritos para as pessoas e objetos contaminados por alguém com um fluxo anormal. Todos os contaminados pelo contato direto deveriam lavar as roupas, banhar-se com água e esperar até o fim do dia para voltarem a ficar limpos (15:5-11). Todas as vasilhas de barro tocadas pelo indivíduo impuro deveriam ser quebradas, e todos os utensílios de madeira deveriam ser lavados com água (15:12).

Uma vez cessado o fluxo, a pessoa curada era submetida a um processo de purificação. O texto não revela o motivo da cessação do fluxo. Os sacerdotes não tinham nenhuma participação na cura física. Não seria equivocado concluir que o Senhor curava a pessoa. Trata-se de um fato importante, pois, ao mesmo tempo que o fluxo ameaçava a criação e as promessas divinas, o próprio Deus intervinha para tratar da situação.

O primeiro passo do rito de purificação consistia em esperar sete dias. Um período de sete dias também foi observado na ordenação de Arão (8:33) e fazia parte da purificação de uma pessoa curada de uma doença infecciosa de pele (14:8-9). Ao que parece, esse período era um elemento dos ritos de passagem nos quais se fazia a transição de um estado para outro.

No sétimo dia, o homem lavava as roupas e se banhava em águas correntes para ser considerado limpo (15:13). Assim como a impureza era um símbolo de morte, a água limpa ou corrente era considerada um símbolo de vida e, portanto, também usada na purificação de uma pessoa curada de uma doença infecciosa de pele (14:5-6).

Embora fosse declarado limpo, o homem ainda não podia entrar na tenda da congregação. Estava limpo no tocante a objetos e pessoas comuns, mas não em relação aos objetos sagrados do tabernáculo. Assim, no oitavo dia, devia levar duas rolas ou dois pombinhos [...] à porta da tenda da congregação, um para uma oferta de purificação, e outro para um holocausto (15:14-15) e, por fim, ser reconciliado com Deus.

#### 15:16-17 Fluxo normal em homens

Aqui, a emissão de sêmen é considerada normal, mas não é associada à relação sexual. As circunstâncias não são

definidas. Talvez se trate de uma emissão deliberada, como no caso da masturbação, ou involuntária, como na poluição noturna. Não obstante as circunstâncias, toda emissão de sêmen gerava impureza, pois representava uma perda potencial de vida. A pessoa em questão não podia entrar na tenda da congregação. Saul pode ter suposto que Davi não compareceu a uma festa da lua nova porque havia tido uma poluição noturna da qual ainda não tinha se purificado (1Sm 20:26). A fim de se purificar, o homem devia lavar o corpo todo e esperar até o fim do dia (15:16). Qualquer peça de roupa feita de tecido ou couro que fosse contaminada pelo sêmen devia ser lavada com água e considerada impura até o fim do dia (15:17).

#### 15:18 Relações conjugais

O capítulo 15 inteiro situa a atividade sexual no âmbito mais amplo da religião e do ritual, no qual a reprodução é teologicamente relacionada à criação e à promessa divina de uma descendência numerosa. Assim, esse versículo — que se encontra no centro do capítulo e focaliza as relações sexuais — é de importância crítica. As relações sexuais com emissão de sêmen tornam o homem e a mulher impuros. O enfoque do versículo é a impureza gerada, e não a legitimidade moral do ato sexual. Mas é impossível não questionar como uma instituição definida como contexto legítimo para a procriação pode gerar impureza. Uma hipótese é considerar que a relação sexual cria uma situação ambígua na qual dois estados incompatíveis — vida e morte — se chocam, gerando impureza. O marido é a fonte de vida, mas também perde vida por meio da emissão do sêmen que gera vida. Quando a mulher recebe o sêmen e concebe, carrega a vida dentro de si, mas também se aproxima do âmbito da morte em razão do risco de morrer no parto. No entanto, a impureza decorrente da relação sexual não é severa, pois não contamina a tenda da congregação e não requer a apresentação de um holocausto ou oferta de purificação. O casal só precisa se banhar com água e esperar até o fim do dia para que cada um volte a ser considerado limpo. Isso explica por que a relação sexual é proibida na noite antes de uma ocasião que envolve o culto ao Senhor (Êx 19:15; 1Sm 21:4-5).

#### 15:19-24 Fluxo normal em mulheres

O fluxo menstrual normal da mulher a torna impura (15:19). Não fica claro se os sete dias mencionados em 15:19 correspondem aos dias de menstruação ou se são um período de purificação depois da cessação do fluxo de sangue, como no caso de um fluxo anormal (15:28). Caso se trate da primeira possibilidade, o texto não indica de que modo a mulher é purificada. Sua impureza pode ser transmitida a objetos e outras pessoas de forma direta e indireta. Qualquer lugar no qual ela se deita ou assenta se torna impuro (15:20). Quem toca a mulher ou um objeto no qual ela se deitou ou assentou se torna impuro (15:19,21-23).

Por que a menstruação é considerada uma impureza? Talvez porque o sangue seja um símbolo tanto de vida quanto de morte. Assim, a menstruação representa o choque de dois estados e, portanto, gera impureza. Uma ambivalência semelhante com respeito à menstruação pode ser encontrada no meio do povo chewa, no Malawi. Na sociedade chewa, sempre há grande alegria quando uma menina menstrua pela primeira vez, pois a sociedade sabe que terá descendentes. Assim, o sangue da menstruação é motivo de júbilo. No entanto, a menina é sujeitada a vários tabus, como se o sangue da menstruação fosse algo perigoso.

De acordo com Levítico, quem toca algo em que a mulher menstruada dormiu ou se assentou deve lavar as roupas e o corpo e esperar até o fim do dia. Um homem que tivesse relações sexuais com a mulher menstruada ficaria impuro por sete dias e transmitiria essa impureza a qualquer lugar onde dormisse (15:24). Vemos aqui mais um exemplo de contaminação indireta em segundo ou terceiro grau. Evidentemente, a prescrição em 15:24 visava desencorajar as relações sexuais com uma mulher menstruada, pois, nesse caso, o sêmen não teria um efeito procriador e seria desperdiçado. Assim, o princípio por trás dessa proibição tinha o objetivo de separar um processo criador (a relação sexual normal) de um processo destrutivo (a relação com uma mulher menstruada) no tocante à geração de vida.

Uma vez que o tema da família e da procriação aparece nos capítulos 12, 15, 18 e 20 e diz respeito a todos nós, é preciso comentá-lo mais detalhadamente. O ensinamento de Levítico se mostra coerente com as ordens de Deus em Gênesis para os seres humanos serem fecundos e se multiplicarem, encherem a terra e sujeitarem-na (Gn 1:28; 9:1). Diante dessas instruções, há quem pergunte se é lícito os cristãos usarem métodos contraceptivos.

Em resposta a essa pergunta, é preciso ressaltar que, nas Escrituras, a procriação não é o único propósito do ato sexual. Os seres humanos foram criados como homens e mulheres e, portanto, como seres sexuais. Essa característica faz parte do fato de terem sido criados à imagem de Deus, pois o ser humano é relacional. No relacionamento entre um homem e uma mulher, ambos têm impulsos sexuais. Por isso, a lei também enfatiza o prazer sexual da mulher. Em Êxodo 21:7-11, por exemplo, se um homem decide tomar para si mais uma mulher, não deve privar a primeira esposa dos seus direitos conjugais. Semelhantemente, de acordo com Deuteronômio 24:5 o marido tem a obrigação de fazer sua esposa feliz.

Deus também deu poder aos seres humanos, outra característica associada ao fato de serem criados à sua imagem. Assim, apesar da ordem divina de os seres humanos serem fecundos, se multiplicarem e encherem a terra, eles também receberam poder para cooperar com Deus e gerar filhos dentro do contexto do relacionamento entre um homem e uma mulher no qual há uma consideração especial

pela sexualidade um do outro, ou seja, pelos sentimentos, atitudes e valor próprio um do outro.

A satisfação do desejo sexual humano e as considerações relacionadas à saúde serviram de base para várias decisões rabínicas acerca da contracepção. É indiscutível que, por uma questão de saúde, algumas mulheres devem ser aconselhadas a usar contraceptivos (caso sejam portadoras do HIV ou corram risco de vida se vierem a engravidar). Não há dúvida de que a Bíblia permite o planejamento familiar. O mais importante é definir se determinado tipo de contraceptivo é permitido ou preferível e em quais circunstâncias.

### 15:25-30 Fluxo anormal em mulheres

Os fluxos corporais anormais tornam uma mulher impura (15:25). Sua impureza é direta ou indiretamente transmissível a pessoas ou objetos (15:26-27). O processo de purificação para qualquer um que tenha sido contaminado ao tocar um lugar onde essa mulher dormiu ou se assentou consistia apenas em lavar as roupas, banhar-se e esperar até o final do dia.

O processo para a purificação da mulher consistia em esperar sete dias contados a partir da cessação do fluxo de sangue (15:28). Como no caso do fluxo corporal anormal em um homem, o texto não revela de que modo a mulher é curada. O sacerdote não participava do processo de cura. Assim, tudo indica que ela era concedida por Deus. No oitavo dia, a mulher levava duas rolas ou dois pombinhos [...] à porta da tenda da congregação, um para uma oferta de purificação, e outro para um holocausto (15:29-30). Desse modo, a mulher podia ser reconciliada com Deus e reintegrada na comunidade da aliança.

Essas leis são relevantes para a ocasião em que Jesus encontrou uma mulher que estava sofrendo de uma hemorragia havia doze anos (Mc 5:24-34). A mulher era considerada impura e tinha o dever de evitar contato com outras pessoas para não contaminá-las. Por isso, se mostrou tão temerosa ao explicar a Jesus o que havia feito (Mc 5:33). Sabia que, ao transgredir a lei levítica, havia tornado outras pessoas impuras e estas poderiam ficar iradas e atacá-la. No entanto, Jesus a tranquiliza, dizendo: “Filha, a tua fé te salvou, vai-te em paz” (Mc 5:34). Tendo em vista as leis levíticas, é impressionante que Jesus a tenha tocado sem medo de contrair sua impureza (cf. 15:27). Esse gesto expressa sua atitude geral para com os párias e pecadores. Enquanto a sociedade isolava essas pessoas, Jesus se aproximou delas, rompendo, desse modo, as barreiras sociais. Seu propósito era criar “em si mesmo, um novo homem”, unindo todos os povos (cf. Ef 2:14-15).

### 15:31-33 Motivo e resumo

O motivo dado para essas instruções se aplica a todas as questões tratadas nos capítulos 11 a 15. Ao obedecer a essas prescrições, os israelitas poderiam se separar das

*suas impurezas, para que não morram nelas, ao contaminarem o meu tabernáculo, que está no meio deles (15:31).* Aqueles que se encontravam cerimonialmente impuros não podiam participar do culto a Deus no tabernáculo. Se o fizessem, não apenas contaminariam o tabernáculo, como também colocariam a própria vida em perigo. A morte de Nadabe e Abiú serviu para exemplificar o que aconteceria a quem ousasse entrar no tabernáculo numa condição inaceitável.

Os sacerdotes eram responsáveis por ensinar os israelitas a distinguir entre o limpo e o imundo a fim de evitar consequências graves. No tempo de Oseias, Deus expressou sua ira porque o povo estava morrendo por falta de conhecimento (Os 4:6).

Esse capítulo é resumido em 15:32-33.

### 16:1-34 O dia da purificação (Dia da Expição)

A introdução do ritual do Dia da Expição em 16:1 o associa à morte dos dois filhos de Arão, Nadabe e Abiú, no capítulo 10. Aquele capítulo não explica as medidas a serem tomadas em razão da impureza gerada pela presença de cadáveres no santuário. Esse capítulo visa, entre outras coisas, tratar dessa circunstância. Ademais, ao associar esse texto com o incidente do capítulo 10, o autor procura mostrar como os capítulos intermediários (11—15) identificam impurezas que podem contaminar o tabernáculo (15:31) e requerem um ritual de purificação. Assim, esse capítulo serve de conclusão para a apresentação do sistema de pureza e impureza.

O ritual é constituído de duas partes principais. A primeira (16:2-19) trata da purificação do Santo dos Santos, da área em torno do altar do incenso, dos utensílios sagrados e do altar do holocausto. A segunda parte (16:20-28) descreve o ritual de expiação.

#### 16:1-28 A purificação do santuário

O objetivo do ritual apresentado aqui era não apenas purificar o santuário de toda contaminação, mas também restaurá-lo para o seu uso devido e a habitação divina. Logo no início, o texto informa da necessidade de tomar certas precauções, sendo a mais fundamental que Arão não entrasse no Santo dos Santos quando bem entendesse (16:2a). A familiaridade gera desprezo e, se Arão entrasse no Santo dos Santos quando bem entendesse, poderia perder sua reverência ao Senhor. No entanto, como sumo sacerdote, podia entrar ali num caso de emergência, como quando precisou remover de lá os corpos de Nadabe e Abiú.

O fato de nem mesmo Arão, teoricamente o homem mais santo de Israel, poder entrar no Santo dos Santos sem oferecer determinados sacrifícios mostra que nenhum homem podia se aproximar da presença de Deus sem fazer expiação de forma apropriada. Os rituais enfatizam que até Arão precisava receber o perdão de seus pecados antes de entrar no santuário.

Na parte mais interna do tabernáculo, Deus aparecia na nuvem formada, supostamente, ao se colocar brasas e incenso no incensário. A nuvem ficava sobre o *propiciatório* (16:2b), uma peça de ouro maciço que cobria a arca da aliança localizada nessa parte do santuário. Em cada uma das duas extremidades do propiciatório, havia um querubim de ouro. Cada querubim era voltado para o outro, ambos ajoelhados com a fronte curvada e as asas estendidas se tocando no meio do propiciatório (Êx 37:1-9).

Outra precaução que Arão devia tomar antes de entrar no Santo dos Santos era colocar as vestimentas especiais do sumo sacerdote, a saber, a túnica, as roupas de baixo, o cinto e a mitra, todos de linho (16:4). Três motivos são sugeridos para essa simplicidade das vestimentas do sumo sacerdote. Em primeiro lugar, como os anjos que ministram diante do Senhor se vestem de linho (Ez 9:2-3, 11; 10:2; Dn 10:5), o sumo sacerdote que serve ao Senhor no templo terrestre deve usar esse mesmo tecido. Em segundo lugar, o sumo sacerdote deve demonstrar humildade. Uma vez que faz parte de um rito de transformação, deve remover todos os símbolos de sua condição anterior. Em terceiro lugar, as vestimentas simples evitam quaisquer acusações de orgulho. Dessas três explicações, a primeira parece mais aceitável, pois os sacerdotes comuns usavam vestimentas diferentes dessas mencionadas aqui e porque o sumo sacerdote removia essas vestimentas logo depois de oficiar no Santo dos Santos.

A função do sumo sacerdote era cercada de perigos, pois ele fazia parte do rito no qual a tenda da congregação passava do estado de impureza para o de pureza. Também participava de um rito de restauração, pois restaurava a tenda da congregação a uma condição na qual ela podia ser habitada pelo Senhor. Antes de transpor o véu diante do Santo dos Santos, o sumo sacerdote devia colocar incenso no incensário para que as nuvens de fumaça encobrissem o propiciatório, pois, se o sacerdote visse essa peça, morreria (16:12-13). Ninguém, nem mesmo os outros sacerdotes, tinha permissão de entrar no santuário enquanto Arão estava realizando o ritual de purificação. Ele próprio não podia sair do tabernáculo enquanto não tivesse feito expiação por si mesmo, sua casa e toda a congregação de Israel (16:17). Assim, era preciso tomar as devidas precauções para que ele saísse ileso do santuário. De acordo com a tradição rabínica do período do segundo templo (c. 515 a.C.), sete dias antes dessa ocasião o sumo sacerdote devia se afastar de sua esposa e ficar isolado numa cela especial, onde passaria o tempo ensaiando os passos do ritual. Na véspera do Dia da Expição, ele não devia dormir para não haver o risco de ocorrer uma poluição noturna que o tornaria impuro (15:16). Segundo tradições posteriores, o sumo sacerdote oferecia um banquete para os seus amigos a fim de comemorar sua volta em segurança do Santo dos Santos.

O ritual de purificação exigia um novilho e dois bodes para a oferta de purificação e um carneiro para o holocausto.

to (16:3,5). O ritual era realizado em três etapas. Na primeira, Arão oferecia o novilho como oferta de purificação por si mesmo e sua casa (16:6). Na segunda, os dois bodes eram apresentados perante o Senhor (16:7). Lançavam-se sortes para determinar qual dos dois seria o bode expiatório (16:8). O gesto de colocar os dois bodes perante o Senhor mostra que a decisão era tomada por Deus. A terceira etapa consistia em produzir fumaça com o incensário (16:12-13; cf. comentário em 16:2). Era preciso haver uma nuvem de fumaça antes que Arão entrasse no Santo dos Santos. Então, o sumo sacerdote levava uma parte do sangue do novilho para o Santo dos Santos e o aspergia sobre a frente do propiciatório e diante dele. Esse último passo era repetido sete vezes. Os dois atos de aspersão representavam a purificação e reconsecração do propiciatório (16:11,14). O sangue do bode sacrificial era usado de forma semelhante (16:15). Depois de purificar o Santo dos Santos, o sacerdote tratava da purificação do altar do incenso e, por fim, do altar dos sacrifícios (16:18-19).

A remoção das impurezas do tabernáculo só se completava quando os pecados do povo haviam sido removidos do arraial, levados para o deserto por um bode que era *apresentado vivo perante o SENHOR* (16:7-10). Arão colocava as duas mãos sobre a cabeça do animal em sinal de transferência e confessava *todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados* (16:20-21a). Uma vez carregado simbolicamente com todos esses pecados, o bode era enviado para o deserto (16:21b-22). A pessoa escolhida para conduzir o animal para o deserto lavava as roupas e se banhava com água antes de voltar para o arraial (16:26). A carcaça do novilho e do bode cujo sangue havia sido levado para o Santo dos Santos era levada para fora do arraial, onde a pele, a carne e os restos eram queimados. A pessoa responsável por esse procedimento também lavava suas roupas e se banhava com água antes de voltar ao arraial (16:27-28).

A segunda parte do ritual consistia na apresentação de holocaustos e ofertas de purificação pelo sumo sacerdote e pelo povo. Para isso, o sumo sacerdote devia entrar na tenda da congregação, remover as vestes de linho usadas para ministrar no Santo dos Santos, banhar-se, colocar suas vestes habituais (16:23-24a) e, só então, apresentar os holocaustos e ofertas de purificação (16:24b-25).

#### 16:29-34 O Dia da Expição

O ritual descrito em 16:3-28 devia ser realizado uma vez por ano, no sétimo mês, aos dez dias do mês (16:29). O Dia da Expição devia ser caracterizado pela abnegação e ausência do trabalho, ou seja, por *descanso solene* (16:29,31). O propósito do rito era purificar o povo de todas as suas iniquidades e remover do Santo dos Santos, do altar do incenso e do altar dos sacrifícios todas as impurezas geradas pelas iniquidades do povo (16:30,33). Como essa purificação ritual deixa claro, o lugar da habitação de Deus é con-

taminado pelas impurezas decorrentes do comportamento humano. Se o santuário não fosse purificado, Deus julgaria seu povo mas, se os rituais fossem realizados conforme prescrito, o povo poderia receber o perdão por seus pecados (16:34).

A epístola aos Hebreus, especialmente nos capítulos 9 e 10, extrai lições teológicas das cerimônias do Dia da Expição. Para o escritor de Hebreus, ao morrer na cruz Cristo realizou aquilo que o sumo sacerdote do AT procurava fazer no Dia da Expição. A superioridade do ministério de Jesus nos dá “intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus” (Hb 10:19). O escritor enfatiza a superioridade do sacerdócio de Jesus em relação ao de Arão tratando das diferenças entre eles:

- Cristo era puro, de modo que não precisou oferecer sacrifícios por seus próprios pecados.
- Cristo obteve a redenção eterna, tornando-se desnecessário repetir os sacrifícios regularmente.
- A morte de Cristo lhe permitiu entrar no santuário celestial, e não apenas no Santo dos Santos.

Enquanto o Dia da Expição era caracterizado pela contrição, o escritor da epístola aos Hebreus insta seus leitores: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10:24-25).

O Dia da Expição também era um dia de descanso. A prática do descanso nos dias santos é salutar. Por isso, os cristãos se reúnem aos domingos para adorar e meditar sobre a salvação que Jesus obteve para nós na cruz.

#### 17:1-16 Sacrifícios e sangue

O capítulo 17 pode ser dividido em cinco seções: 17:3-7; 8-9; 10-12; 13-14; 15-16. A expressão “Qualquer homem da casa de Israel” inicia as quatro primeiras seções, e a quinta começa com “Todo homem”. O texto educativo da primeira, segunda e quarta seções é acrescido de conteúdo motivacional ou explicativo.

As quatro primeiras unidades ameaçam a aplicação de uma pena severa: *Esse homem será eliminado do seu povo* (17:4,9-10,14). Existem várias sugestões para o significado dessa expressão. Pode indicar: a) o castigo direto de Deus sobre o transgressor, b) a pena capital, ou c) a expulsão da comunidade ou o exílio. Em alguns casos, essa pena é associada a atos secretos difíceis de julgar num tribunal, como a ofensa de tocar algo impuro (7:20-21). A blasfêmia contra o Senhor é outro exemplo de uma transgressão secreta, pela qual somente Deus pode castigar o transgressor (Nm 15:30-31). Assim, a primeira sugestão parece correta. No entanto, a expressão também pode ser entendida como uma referência ao exílio que os israelitas sofreram mais adiante em sua história.

A primeira seção (17:3-7) proíbe os israelitas de abater um animal limpo em qualquer lugar dentro ou fora do

arraial. O animal devia ser levado para a tenda da congregação e considerado uma oferta pacífica. A quem não procedesse dessa forma seria *imputada a culpa do sangue*, e esse indivíduo seria *eliminado do seu povo* (17:4).

Essa ordem parece contradizer Deuteronômio 12:15-16, que permite o abate de animais para alimentação, desde que o sangue seja derramado na terra. Para alguns estudiosos, essa contradição reflete duas situações históricas diferentes. A ordem em Levítico era para os israelitas no arraial no deserto, enquanto a ordem em Deuteronômio era para a situação em que o povo já se encontrava espalhado pela terra prometida. No entanto, há quem afirme que 17:3-7 trata especificamente da imolação sacrificial, e que a restrição do local onde os israelitas podiam oferecer sacrifícios visava evitar os sacrifícios a demônios (ou “ídolos em forma de bode”, NVI). Sem dúvida, esse é o enfoque da proibição em 17:6-7. Não obstante a natureza desses ídolos, o sacrifício a eles era contrário ao primeiro mandamento. Êxodo 22:20 diz: “Quem sacrificar aos deuses e não somente ao SENHOR será destruído”. De acordo com Deuteronômio, a transgressão do primeiro mandamento seria a causa do exílio dos israelitas (Dt 29:24-28).

O NT também trata do perigo da comunhão com outros deuses. Jesus alertou seus discípulos acerca da impossibilidade de servir a Deus e às riquezas (Mt 6:24). Paulo advertiu os cristãos de Corinto a não participarem de cultos pagãos, pois incluíam a adoração a demônios (1Co 10:20-22).

Enquanto a primeira seção tratou da oferta pacífica, a segunda seção (17:8-9) diz respeito ao holocausto. O texto não apresenta nenhuma razão para essa restrição da oferta de holocaustos à tenda da congregação, mas talvez seja o mesmo motivo associado à oferta pacífica (17:6-7).

A terceira seção (17:10-12) proíbe o consumo de sangue, pois este foi separado para Deus a fim de fazer expiação. O sangue pode fazer expiação porque nele se encontra a vida do animal e esta substitui a vida do ofertante. Por isso, o uso do sangue no contexto do ritual faz expiação pela vida do ofertante. O mesmo princípio se aplica à forma em que a morte de Jesus Cristo é interpretada no NT. O escritor da epístola aos Hebreus afirma inequivocamente: “Sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9:22).

É necessário enfatizar que a proibição diz respeito à ingestão de sangue. O sangue tinha um papel importante nas prescrições divinas para os sacrifícios em Israel, prefigurando o sangue derramado por Jesus Cristo para o perdão dos pecados. Por certo, o autor desta passagem não está se referindo a procedimentos médicos modernos como a transfusão de sangue, usado para salvar vidas. Nem mesmo a maioria dos judeus ortodoxos da atualidade, que seguem à risca todas as prescrições para abater e escoar o sangue da carne, tem objeções religiosas a transfusões de sangue.

As seções anteriores desse capítulo trataram de animais domésticos usados em sacrifícios. Mas como proceder caso

se desejasse abater para o consumo alimentício um animal doméstico que não seria usado em sacrifícios? O texto não trata diretamente dessa questão, pois 17:13-14 se refere a animais selvagens. É possível que a prescrição para esses animais também se aplicasse a animais domésticos que não eram usados em sacrifícios. O sangue desses animais devia ser derramado na terra e coberto *com pó*. Mais uma vez, o motivo para essa lei é que a vida do animal se encontrava em seu sangue.

Esse cuidado em regulamentar como o sangue de animais sacrificiais e não-sacrificiais devia ser derramado mostra respeito pela vida do animal e, em última análise, respeito pelo Deus que criou e sustenta a vida. Assim, o abate indiscriminado de animais selvagens com fins recreativos, uma atividade praticada de longa data pelos ocidentais na África, e qualquer matança realizada por soldados e guerrilheiros armados com metralhadoras devem ser considerados pecaminosos.

Apesar de ser proibida a ingestão de sangue, o consumo de carne, em princípio, é permitido (17:15-16). No entanto, o consumo da carne de um animal encontrado morto ou dilacerado por feras selvagens torna a pessoa impura e requer um ritual de purificação. Caso essa purificação não seja realizada, deve-se aplicar uma pena.

A proibição da ingestão de sangue foi incluída no parecer do concílio de Jerusalém aos gentios, juntamente com a proibição de comer a carne de animais sufocados (At 15:29). O concílio determinou a abstenção de carnes oferecidas a ídolos. No entanto, é necessário observar que Paulo permitiu aos cristãos de Corinto consumir alimentos oferecidos a ídolos desde que não ofendessem a consciência de irmãos mais fracos (1Co 8:4-13). Jesus afirmou que o alimento não contamina uma pessoa (Mt 15:11). Talvez o mesmo princípio se aplique à ingestão de sangue. Paulo parece considerá-la equivalente ao consumo de qualquer outro alimento (Rm 14:2-3).

Essa lei também não é observada pelos cristãos porque os ensinamentos de Jesus reafirmaram e reinterpretaram a identificação do sangue com a vida. O sangue em questão agora é o de Jesus, pois é o seu sangue que dá vida eterna, e todos que desejam desfrutar essa vida devem beber desse sangue (Jo 6:55-56).

## 18:1—27:34 Uma vida santa para o povo de Deus

### 18:1-30 A santidade na família e nas relações sexuais

Esse capítulo trata de relações sexuais proibidas e de atividades no contexto da família israelita. É importante observar que as instruções acerca da sexualidade humana têm sanção divina. As instruções começam e terminam com a fórmula usada por Deus para se identificar: *Eu sou o SENHOR, vosso Deus* (18:2,30). Assim, a família como instituição social possui uma base teológica.



## TABUS

O termo *tabu* é originário da palavra polinésia *tapu*. Refere-se a qualquer ato proibido por se considerar que ele acarreta consequências negativas sobre um indivíduo ou comunidade por ofender antepassados ou deuses ou por abrir a porta para forças espirituais malignas. Entre o povo akan de Gana, acredita-se que, se um homem tivesse relações sexuais com sua irmã, ofenderia seus antepassados e tornaria necessário apaziguá-los. Um tabu é muito mais forte que uma simples proibição. Desrespeitar uma proibição comum como, por exemplo, falar abertamente de questões sexuais, não tem consequências sobrenaturais.

No passado, alguns antropólogos sociais não faziam caso dos tabus, considerando-os apenas superstições, e, com isso, deixando de entender que revelam vários aspectos das crenças de um povo acerca da vida e do âmbito divino.

Vários tabus africanos são semelhantes a proibições encontradas na Bíblia. Ambos proíbem, por exemplo, o incesto, e tabus do povo akan referentes a se deitar com uma mulher menstruada são semelhantes às prescrições encontradas em Levítico 15:19-27. Tais semelhanças sugerem que devemos examinar os tabus com atenção para descobrir o que eles nos mostram acerca de Deus e de sua revelação própria. As leis de Deus descritas na Bíblia são seguidas por povos gentios que nunca viram as Escrituras judaicas ou cristãs. O fato de esses povos saberem que certos atos acarretam a quebra do seu relacionamento com o âmbito divino mostra como Deus se revela, verdadeiramente, a toda a humanidade. É a isso

que Paulo se refere quando diz que os requisitos da lei estão gravados no coração das pessoas (Rm 2:13-15).

Uma vez que os seres humanos foram criados à imagem de Deus (Gn 1:27), todos eles compartilham de parte da natureza de Deus. No entanto, a queda (Gn 3) mudou o relacionamento entre Deus e a humanidade. Alguns teólogos argumentam que isso resultou na depravação total e citam a declaração de Paulo: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum” (Rm 7:18) e que perdemos todo o conhecimento natural acerca da lei de Deus. Os tabus mostram uma realidade diferente. Os seres humanos ainda sabem distinguir entre o certo e o errado. A depravação total significa, portanto, que os seres humanos não perderam o conhecimento do bem, mas, sim, o poder de realizá-lo (cf. Rm 7:14-24, onde Paulo afirma não ser capaz de fazer o bem que deseja, praticando, entretanto, o mal que não deseja).

Como os comentários anteriores deixam claro, os tabus não são necessariamente errados de per si. No entanto, nem todos os tabus são físicos ou espiritualmente benéficos. O tabu que impede crianças de comerem ovos (mamprusi, Gana), por exemplo, pode ser prejudicial à saúde.

A associação intensa dos tabus com o sobrenatural também significa que os seus praticantes se encontram escravizados, temendo as consequências de adotarem o comportamento proibido. Os cristãos devem ser instruídos adequadamente sobre essas questões a fim de se libertarem do medo. Também podem ser beneficiados pela realização de algum tipo de ritual que simbolize essa libertação.

Ernestina Afriyie

O capítulo começa com uma exortação para não imitar as práticas de outras nações (18:1-5). Essa exortação é apresentada em três partes. A primeira é negativa e proíbe os israelitas de adotarem as práticas dos egípcios e dos cananeus (18:3). A segunda parte é positiva: os israelitas são instados a obedecer à lei de Deus (18:4). Segue-se a motivação para isso (18:5). Como resultado de obedecer à lei de Deus, a pessoa desfrutará vida, a saber, as dádivas de Deus de saúde, filhos, amigos e prosperidade. Na visão do AT, a vida depois da morte era uma versão sombria e deprimente da vida na terra. Somente no NT, a vida depois da morte é descrita como uma existência mais plena do que esta do presente. Se alguém for capaz de guardar todas as leis, desfrutará vida eterna (Mt 19:16-17; Rm 10:5).

A lista de relacionamentos em 18:6-18 descreve o contexto social no qual as pessoas poderiam ser tentadas a ter relacionamentos sexuais. O contexto social descrito aqui é semelhante ao da família extensa das sociedades africanas. Dentro dessa família, os relacionamentos se-

xuais são proibidos. Um homem não se deve casar com sua mãe (18:7), nem com sua irmã (18:9). Neste caso, os laços de sangue são de primeiro grau. Um homem não se deve casar com sua neta (18:10), nem com sua tia (18:12-13). Também não se deve casar com sua madrastra, nem com a esposa do seu tio, nem com a esposa de seu irmão (18:8,14,16). Os motivos para essa proibição são especificados nas orações explicativas em 18:8,10,16. Por exemplo, a relação sexual com a neta é proibida porque desonra o avô (18:10). A tradução literal do hebraico é “Ela é a nudez da tua nudez”, uma frase que pode ser traduzida por “ela é sangue do teu sangue”. O conceito dos filhos como extensão dos pais é claro. No entanto, o motivo dado para não ter relações sexuais com a mãe é outro: a nudez da esposa corresponde à nudez do marido (18:8). Em outras palavras, a relação conjugal torna o marido e a esposa uma só carne. Assim, o casamento com membros da família extensa são proibidos com base na consanguinidade.

Todas essas proibições visam, fundamentalmente, preservar o casamento. Como instituição social, o casamento é visto nas Escrituras como a pedra angular de todas as estruturas sociais, e, portanto, sua pureza e integridade devem ser protegidas a todo tempo. O meio básico de alcançar esse objetivo era proibir as relações sexuais entre parentes próximos.

Outros relacionamentos sexuais proibidos são apresentados em 18:19-23. Essas proibições não são acompanhadas de nenhuma justificativa específica, mas é possível que sejam baseadas no princípio da procriação. De acordo com Gênesis 1:28, a procriação é uma das bênçãos concedidas por Deus à família humana, e, portanto, qualquer relação sexual que não contribuía para a procriação era condenada. Logo, o marido era proibido de ter relações sexuais com sua esposa quando esta se encontrava menstruada (18:19). O adultério é proibido provavelmente para proteger a família, o único contexto no qual uma criança pode ser devidamente educada (18:20). Os filhos eram tão importantes para a continuidade da família que também há uma proibição de oferecê-los como sacrifício para o deus pagão *Moloque* (18:21). (Esse tipo de sacrifício também era proibido porque transgredia o mandamento em Êx 20:3.) Semelhantemente, as relações entre pessoas do mesmo sexo são proibidas em razão da impossibilidade de procriação (18:22). Por fim, as relações sexuais com animais são proibidas tanto para homens quanto para mulheres (18:23). Esse ato era considerado uma profanação e transgressão dos limites estabelecidos por Deus. Os relacionamentos sexuais entre pessoas e animais correspondiam a ultrapassar os limites entre dois âmbitos de existência, obscurecendo a distinção entre os seres humanos e os animais. Essa mistura de coisas que deviam ser mantidas separadas era uma profanação.

No AT, os cananeus são considerados particularmente devassos e promíscuos e diz-se que praticam toda sorte de relacionamento sexual antinatural descrito nesse capítulo (18:3,24-28). Foi por esse motivo que o Senhor os expulsou da terra de Canaã (18:24,27-29). Como povo de Deus, os israelitas devem se separar dessas práticas (18:5,26,30). Qualquer um que se envolvesse em relações sexuais inatu-rais deveria ser excluído da comunidade. O Deus santo de Israel não tolera esse comportamento, pois afeta o cerne da família.

O NT também se preocupa com a pureza e a integridade do casamento. Em alguns casos, como o adultério, o NT prescreve medidas ainda mais severas do que o AT. No AT, um homem podia se divorciar de sua primeira esposa e tomar outra mulher para si sem ser acusado de adultério. Mas ao afirmar “Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério contra aquela. E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério” (Mc 10:11-12), Jesus considera que esses atos são adúlteros e introduz uma reciprocidade plena entre os sexos: os maridos infieis

são tão adúlteros quanto as esposas infiéis. As palavras de Jesus seguem à risca o espírito da lei em Levítico 18, pois, se no casamento um homem se torna uma só carne com sua esposa, não pode, posteriormente, abandoná-la e tomar outra mulher para si.

A interpretação que Jesus faz de Levítico 18 torna esse capítulo extremamente relevante para as situações em que a poligamia é uma prática aceitável.

### 19:1-37 Instruções diversas para a vida de santidade

Esse capítulo começa com o apelo para que os israelitas sejam santos porque Deus é santo (19:2). A santidade é um atributo do Senhor que deve ser expressado na vida real da comunidade. Assim, a santidade não é uma ideia abstrata, mas, sim, um conceito que pode ser concretizado nos relacionamentos. A passagem trata de dois tipos de relacionamento: em primeiro lugar, no plano vertical entre Deus e os seres humanos e, em segundo lugar, no plano horizontal entre os seres humanos.

A santidade com respeito ao relacionamento vertical é exemplificada pela obediência a ordens como: *Cada um [...] guardará o sábado* (19:3); *não vos virareis para os ídolos* (19:4); e *quando oferecerdes sacrifício pacífico [...] No dia em que o oferecerdes e no dia seguinte, se comerá; mas o que sobejar ao terceiro dia, será queimado* (19:5-6). As práticas associadas a outras religiões também são proibidas (19:26-28,31). Assim, a santidade deve se manifestar no compromisso total e na fidelidade para com Deus.

A santidade com respeito aos relacionamentos no plano horizontal, entre os seres humanos, deve se manifestar nos aspectos sociais, econômicos e políticos da vida. Em termos concretos, deve ser expressada no respeito aos pais e aos idosos (19:3,32), no cuidado pelos pobres e deficientes físicos (19:9-10,14) e numa relação amistosa com o próximo (19:16-18,20-22,33-34). A exploração dos indivíduos economicamente debilitados é proibida (19:11,13,35-36). A preservação da ordem da criação também é uma expressão prática da santidade (19:19,23-25). A retidão política é expressada na administração da justiça nos tribunais (19:15). Assim, a santidade deve se manifestar nos relacionamentos humanos caracterizados por integridade, honestidade e amor.

Como esse capítulo destaca, do ponto de vista da vida de santidade, não há distinção entre o “religioso” e o “secular”. A santidade deve se tornar evidente até mesmo nas áreas da existência humana que consideramos seculares, incluindo a vida pública. E, acima de tudo, deve ser expressada no contexto da família. A caridade começa no lar.

### 20:1-27 Atos passíveis da pena de morte

Em termos de conteúdo, o capítulo 20 é, em sua maior parte, uma repetição do capítulo 18, sobrepondo-se, ocasionalmente, com o capítulo 19 (cp., p.ex., 20:6 com 19:26,31; 20:7 com 19:2; 20:8 com 19:19; 20:9 com 19:3; 20:10 com

19:20-22; 20:27 com 19:26,31). O texto de 20:25-26 se refere ao capítulo 11.

Uma comparação entre os capítulos 18 e 20 mostra que as proibições do capítulo 18 se encontram na forma: "Não farás...", não sendo acompanhadas imediatamente de uma descrição dos castigos pela desobediência. As consequências de desobedecer às injunções de 18:1-23 são descritas em 18:24-29. No capítulo 20, pelo contrário, as consequências são apresentadas imediatamente depois de cada ordem. O castigo pela desobediência é a morte, quer pelas mãos da comunidade, quer por uma punição vinda de Deus, segundo sua declaração: *Eu me voltarei contra esse homem*, a saber, o transgressor, e *o eliminarei do meio do seu povo* (20:5-6).

As duas proibições em 20:2-6 são aplicações do primeiro dos Dez Mandamentos (Êx 20:3). Adorar a Moloque e procurar *necromantes e feiticeiros* são formas de prostituição (20:5-6), ou seja, atos de infidelidade ao Deus da aliança. A comunidade de Israel era uma comunidade da aliança e devia sua existência à aliança com o Deus que havia separado seu povo de outras nações. A pena para aqueles que ignoravam a proibição era a morte por apedrejamento (20:2). A execução devia ser realizada por toda a comunidade, talvez para coibir transgressões de outros membros. Se o povo não executasse o transgressor, Deus se voltaria contra esse homem (20:3,5). Essa proibição se deve à santidade de Deus e do seu lugar de habitação, *o santuário* (20:3).

As injunções são seguidas de uma exortação para a santidade comunitária e individual (20:7-8). Um compromisso de guardar os ideais da aliança é o padrão para a vida de santidade de caráter moral e cerimonial.

As leis em 20:9-21 são semelhantes às de 18:7-23 e tratam de transgressões contra a vida familiar. O castigo para esses três pecados é a morte ou algum tipo de punição aplicada por Deus. Os pecados de desonrar o pai ou a mãe, bem como o adultério, incesto, homossexualismo e bestialidade são passíveis de pena de morte. Os crimes que exigiam algum tipo de castigo divino incluíam as relações sexuais com uma irmã ou com uma mulher menstruada. A esterilidade é um dos castigos para aqueles que se deitam com uma tia ou cunhada. Se um homem se deitar com sua tia, *ambos levarão a sua iniquidade* (20:19), talvez um castigo menos severo do que ser *eliminados do meio do seu povo*, porém mais severo do que não ter filhos.

A maioria das proibições desse capítulo trata de atividades sexuais (20:10-21, c. 45% dos v. do cap.). Por que tanto interesse da parte do autor pela sexualidade humana? Vários motivos são sugeridos. De acordo com uma possibilidade, a tentativa de formar um sistema normativo para os parceiros sexuais, corroborado por um conjunto de penalidades, faz parte da preocupação com a ordem encontrada em Levítico e definida em termos de categorias a serem respeitadas. A confusão dessas categorias provoca trans-

tornos na ordem social. Portanto, somente as atividades sexuais que resultariam na geração de filhos legítimos são aprovadas. Segundo outra possibilidade, a geração de um filho pela atividade sexual conduz as partes envolvidas ao limiar entre a vida e a morte. Uma terceira opção é interpretar essas restrições impostas à sexualidade humana no contexto da pureza e impureza.

O NT segue o espírito do AT ao condenar o adultério, o incesto e o homossexualismo. No entanto, Levítico 20 vai mais longe, declarando que os culpados desses crimes devem ser mortos. No NT, Jesus não exige a aplicação da pena capital sobre a mulher surpreendida em adultério (Jo 8:1-11). Sua atitude é coerente com sua missão, a saber, de salvar os perdidos, e não condená-los.

Também se pode perguntar até que ponto essas regras acerca da sexualidade são aplicáveis à nossa situação contemporânea. Ao refletir sobre essas questões e o lugar da pena capital em relação a alguns crimes sexuais, devemos nos lembrar do contexto e da importância atribuída à instituição do casamento no capítulo 18. Os castigos visam proteger essa instituição. Hoje em dia, o código penal da maioria dos países não define nenhuma penalidade para crimes de ordem sexual, mesmo que os tipos de atividade sexual descritos aqui não sejam aprovados.

Uma forma específica de atividade sexual extremamente controversa é o homossexualismo (20:13). As Escrituras deixam claro que se trata de um uso indevido da dádiva do sexo. Também é necessário enfatizar que a predominância de proibições relacionadas à sexualidade humana reflete o grande potencial destrutivo dos impulsos sexuais descontrolados. A sexualidade humana é uma dádiva de Deus e deve ser usada de forma apropriada.

O capítulo termina com um apelo para os israelitas serem santos (20:22-24). Afinal, Deus os separou para ser seu povo. A observância das leis alimentares, das quais os leitores são lembrados em 20:25-26, é uma forma concreta de expressar a santidade exigida por Deus.

## 21:1—22:33 A santidade sacerdotal

Os capítulos anteriores trataram da santidade dos israelitas em geral. Os dois capítulos seguintes tratam da santidade dos sacerdotes. O capítulo 21 define a santidade sacerdotal de forma negativa em termos de tabus. São apresentados diferentes graus de santidade, e as restrições impostas ao sumo sacerdote (21:10-24) são mais rígidas do que aquelas impostas aos sacerdotes comuns (21:1-9). A santidade deve se refletir nos ritos funerais e no casamento.

### 21:1-9 Restrições para os sacerdotes comuns quanto a funerais e casamentos

Um sacerdote comum tinha permissão de se contaminar ao participar dos ritos funerais de um parente próximo: mãe, pai, filho, filha, irmão ou irmã solteira (21:1-4). De outro modo, devia evitar a contaminação por um cadáver. É

interessante observar que a instrução exclui, sem maiores explicações, a esposa do sacerdote (21:4). Talvez se pressuponha que, pelo fato de ambos serem “uma só carne”, o sacerdote se contaminaria por causa dela. Ezequiel, um sacerdote, teve de receber instruções específicas para não lamentar a morte de sua esposa (Ez 24:15-17). Tais restrições não eram impostas aos homens comuns do povo.

Embora o sacerdote tivesse permissão para se contaminar participando dos ritos funerários de um parente próximo, não podia adotar práticas como raspar o cabelo ou ferir o próprio corpo (21:5-6), pois os sacerdotes eram separados para Deus e deviam ser santos (21:6a) por causa de sua responsabilidade de realizar rituais religiosos (21:6b). Os homens comuns do povo também eram proibidos de observar esses costumes (19:27-28).

A fim de manter a pureza da linhagem sacerdotal, os sacerdotes não podiam se casar com uma prostituta ou com uma mulher divorciada (21:7,13-15). Talvez isso se deva ao fato de que relações sexuais impróprias tornavam difícil determinar quem era o pai da criança. Ao que parece, um sacerdote podia se casar com uma viúva, especialmente a viúva de outro sacerdote (Ez 44:22). Mais uma vez, essas restrições são impostas aos sacerdotes porque eles eram santos a Deus (21:7).

Assim como o caráter da esposa afeta o marido, o caráter dos filhos também afeta o pai. Por esse motivo, os filhos de um sacerdote deviam exemplificar a mesma santidade de seu pai. Se a filha de um sacerdote se prostituísse, estaria sujeita à pena capital (21:9).

#### *21:10-15 Restrições para o sumo sacerdote quanto a funerais e casamentos*

O sumo sacerdote não tinha permissão de deixar a tenda da congregação para participar nem dos ritos funerários de seus parentes mais próximos (21:11-12). Além de precisar observar as restrições impostas aos sacerdotes comuns, não lhe era permitido desgrenhar os cabelos nem rasgar as vestes (21:10). Essas restrições são baseadas em sua condição como representante dos israelitas diante de Deus e representante de Deus diante dos israelitas (21:10,12).

Semelhantemente, o sumo sacerdote não podia se casar nem mesmo com uma viúva, mas apenas com uma virgem (21:13-14).

Assim como o sumo sacerdote não podia se contaminar sepultando seu pai ou sua mãe (21:11), o seguidor de Jesus Cristo é desafiado a colocar seu relacionamento com Jesus antes dos laços familiares (Lc 14:26). Por certo, esse compromisso não significa que os cristãos devem usar o serviço a Deus como desculpa para não cuidar dos pais, pois Jesus rejeitou energicamente essa atitude (Mc 7:9-13).

#### *21:16-24 Empecilhos físicos para o exercício do sacerdócio*

O sacerdote portador de alguma imperfeição física não tinha permissão de servir na tenda da congregação (21:16-21).

No entanto, podia receber a sua parte do alimento sagrado de Deus (21:22). Essa proibição deve ser considerada no contexto da santidade ritual. Assim como os animais apresentados como holocaustos e ofertas pacíficas deviam ser fisicamente perfeitos, também o sacerdote que representava toda a congregação não devia ter defeitos físicos. Em momento nenhum, essa imperfeição física é associada com a moralidade do seu portador. A proibição se deve ao fato do Deus que habita na tenda da congregação ser um Deus santo (21:23). Assim, os sacerdotes deviam ser santos no tocante à integridade física.

O NT também enfatiza a santidade. Jesus Cristo é o sacerdote perfeito (Hb 7:26) e o sacrifício perfeito (Hb 9:14). Ele santificou a igreja a fim de torná-la uma noiva “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5:27). Apesar dos dois Testamentos insistirem na santidade, o conceito neotestamentário é essencialmente moral, e ela é alcançada por meio da redenção oferecida até mesmo aos que são portadores de deficiências físicas. Não é de surpreender que Cristo convide os aleijados, os coxos e os cegos para a festa das suas bodas (Lc 14:13).

No entanto, o conceito de “santidade” em Levítico vai além da pureza ritual e abrange a pureza moral. Os sacerdotes deviam se comportar de maneira reta e digna, e foram condenados pelos profetas por rejeitarem a lei do Senhor (Os 4:6). Semelhantemente, os líderes da igreja devem ter um caráter exemplar (1Tm 3:1-12; Tt 1:5-11). Sua esposa e seus filhos também devem se portar de maneira digna (1Tm 3:11-12; Tt 1:6).

Contudo, a exigência de santidade não se restringe aos líderes da igreja. Os cristãos são chamados de “sacerdócio santo” (1Pe 2:5,9) e, portanto, devem expressar a santidade de Deus em sua vida diária.

#### *22:1-33 Sacrifícios santos*

Esse capítulo é a sequência natural de 21:16-23, em que se diz que um sacerdote com um defeito físico não podia realizar os deveres rituais, mas podia participar do alimento sagrado. Daí a pergunta: Havia situações nas quais o sacerdote não podia participar do alimento sagrado? E quem podia?

A primeira pergunta é respondida em 22:3-9, em que o sacerdote é instruído a comer do alimento sagrado somente quando se encontrar num estado de pureza ritual. O sacerdote, ou qualquer outra pessoa, não tinha permissão de consumir o alimento sagrado num estado de impureza, quer interna quer adquirida. A prescrição é baseada na santidade do nome de Deus (22:2) e no fato de que Deus separou os sacerdotes para si (22:9,16). Deus castigaria o sacerdote que ignorasse essa instrução (22:3).

A segunda pergunta é respondida em 22:10-16. Somente os membros da família sacerdotal poderiam participar do alimento sagrado. Esse círculo familiar incluía os servos e seus filhos, mas excluía os convidados e empregados con-

tratados, bem como as filhas que tivessem se casado com um homem que não era sacerdote. Os filhos desse casamento também não tinham parte no alimento sagrado. Se não houvesse filhos desse casamento e a filha ficasse viúva ou se divorciasse e voltasse à casa dos pais, podia voltar a participar dessa refeição.

Por fim, o texto explica o que devia ser feito caso uma pessoa participasse do alimento sagrado por engano. A questão é tratada em 22:14-16, que diz que essa pessoa deveria restituir a oferta ao sacerdote com um acréscimo de 20% do seu valor.

Em última análise, era responsabilidade dos sacerdotes proteger da contaminação tanto o Lugar Santo quanto o alimento sagrado. A negligência a esse dever podia resultar em morte (22:9). Os filhos de Eli morreram porque desrespeitaram as ofertas sagradas (1Sm 2:12-33). O sacerdócio era uma vocação perigosa.

Os sacerdotes eram responsáveis, ainda, por instruir as pessoas claramente acerca de quais animais podiam ser apresentados como holocaustos ou ofertas pacíficas ao Senhor, a saber, apenas aqueles *sem defeito* (22:17-28). Também era seu dever informar o povo da necessidade de consumir suas ofertas pacíficas no mesmo dia em que haviam sido apresentadas (22:29-30).

As prescrições para não oferecer um animal com menos de oito dias de vida e para não sacrificar um animal e seu filhote ao mesmo tempo (22:27-28) talvez sejam relacionadas a práticas de outras religiões.

O tema central desse capítulo é a santidade de Deus. Era responsabilidade dos sacerdotes e dos israelitas em geral não privar Deus de sua dignidade e glória. Uma forma de reconhecer a dignidade de Deus era observar as leis alimentares e se certificar de que nenhuma pessoa impura participasse do alimento sagrado. Outra forma de fazê-lo era oferecer apenas animais sem defeito como sacrifício. Assim, o nome do Senhor seria honrado, e não tomado em vão (Êx 20:7).

### 23:1-44 Um calendário de festas santas

Esse capítulo trata das épocas do ano em que os israelitas deviam suspender suas atividades e se reunir em *santas convocações* (23:2). Além do descanso semanal no sábado, seis ocasiões do ano eram separadas para as santas convocações (ou “reuniões sagradas”, NVI). O propósito dessas convocações não é explicado. Talvez o escritor tenha pressuposto que os israelitas as conheciam, preferindo, portanto, se concentrar apenas em especificar a época de cada festa, para construir, assim, uma estrutura temporal em torno da qual a vida em comunidade poderia ser organizada. Esse padrão é semelhante ao relato da criação em Gênesis 1:1 a 2:3, em que a obra de Deus na criação é organizada dentro da estrutura dos sete dias.

■ O primeiro dia a ser observado é o *sábado* (23:3). A Bíblia apresenta duas razões para o descanso semanal: por-

que Deus descansou no sétimo dia depois da criação (Gn 2:2; Êx 20:8) e porque livrou Israel da escravidão do Egito (Dt 5:12-15).

As festas seguintes a serem observadas são a *Páscoa* e a *Festa dos Pães Asmos* (23:4-8). A festa começava no final do décimo quarto dia do primeiro mês (correspondente a março ou abril) com a refeição de Páscoa (23:5). Os detalhes dessa festa são fornecidos em Êxodo 12:1-28. De acordo com Deuteronômio 16:1-8, a festa era a comemoração dos feitos do Senhor ao livrar os israelitas da escravidão no Egito. No dia seguinte, ou seja, no décimo quinto dia, tinha início a Festa dos Pães Asmos (23:6). Essa festa começava com uma santa convocação na qual se apresentava um holocausto (23:8). Números 28:16-25 fornece os detalhes dos rituais dessa comemoração que durava sete dias, durante os quais os israelitas deviam comer pão sem fermento para se lembrar de como haviam deixado o Egito às pressas (23:6). Ao que parece, também eram oferecidos holocaustos nesses sete dias (23:8).

A Festa das Primícias (23:9-14) é associada à colheita da cevada, também entre os meses de março e abril. A descrição dessa comemoração pode ser comparada à oferta das primícias da terra em Deuteronômio 26:1-11. Os israelitas deviam levar o primeiro feixe de cevada da sua colheita para o sacerdote (23:10). Então, no dia depois do sábado (nenhum sábado fixo é especificado), o sacerdote movia os feixes e oferecia um holocausto acompanhado de uma oferta de manjares de *duas dízimas de um efa de flor de farinha* (c. 4,5 litros), misturadas com azeite (23:11-13). Os israelitas só podiam comer dos frutos da nova estação depois que essas ofertas tivessem sido apresentadas (23:14).

A próxima data é a Festa das Semanas, também chamada de *Pentecostes* (23:15-22), realizada em maio ou junho, cinquenta dias depois da oferta do primeiro feixe de cevada. Essa festa durava apenas um dia e incluía a apresentação de *dois pães* com fermento, *holocaustos*, *manjares* e *libações* (23:17-18). Nesse dia, todas as atividades normais deviam ser suspensas a fim de que o povo se reunisse para uma santa convocação (23:21). No entanto, as necessidades dos pobres e dos estrangeiros também deviam ser lembradas nessa ocasião. Durante a colheita, parte das espigas devia ser deixada nos campos para ser colhida pelos pobres e estrangeiros (23:22).

No sétimo mês, entre setembro e outubro, havia três comemorações. A primeira era a Festa das Trombetas (23:23-25), realizada no primeiro dia do sétimo mês. Todas as atividades normais deviam ser suspensas nesse dia a fim de que o povo se reunisse para adorar.

Nove dias depois, no décimo dia do mesmo mês, o Dia da Expição era observado com *descanso solene* e jejum (23:26-32; cf. tb. 16:1-34).

A terceira comemoração era a *Festa dos Tabernáculos* (23:33-43). Começava no décimo quinto dia do sétimo mês e durava oito dias. No primeiro e no último dia, o povo devia

descansar do trabalho e se reunir em santa convocação. A festa era intimamente ligada à agricultura, pois devia ser realizada depois da colheita dos *produtos da terra* (23:39; cf. tb. Dt 16:13). Os meses de setembro e outubro marcavam o final do verão quente e seco, depois do qual os israelitas aguardavam ansiosamente a estação das chuvas que se estendia de outubro a março. Na verdade, em Zacarias 14:17-18, a Festa dos Tabernáculos é associada especificamente às chuvas. Assim, o sétimo mês indicava o final do ano agrícola e o começo de um novo ano. É possível que essa seja a mesma comemoração chamada de Festa da Colheita em Êxodo 23:16; 34:22.

A relação dessa festa com a agricultura também pode ser observada no costume de construir cabanas com ramos de árvores nas vinhas e pomares durante a colheita das uvas e de outras frutas. No entanto, não se tratava apenas de um festival agrícola, pois afirmava que Deus é o Senhor tanto da natureza quanto da história. Nesse período, os israelitas deviam viver em cabanas como recordação do tempo que vagaram no deserto a caminho da terra prometida e como forma de reconstituir a experiência do êxodo, lembrando o povo do poder salvador de Deus. Assim, a Festa dos Tabernáculos era caracterizada pela alegria da colheita e da salvação, expressada no gesto de agitar ramos de palmeiras e outras árvores e oferecer holocaustos e *frutos de árvores formosas* ao Senhor (23:40).

Três dessas festas mais importantes de Israel também fazem parte do calendário da igreja cristã: a Sexta-Feira Santa corresponde à Páscoa dos judeus; a Páscoa dos cristãos corresponde à Festa dos Pães Asmos, e Pentecostes corresponde à Festa das Semanas. A Páscoa dos judeus e a Festa dos Pães Asmos relembavam a redenção do Egito. Semelhantemente, ao comemorarem a Sexta-Feira Santa e a Páscoa, os cristãos lembram a redenção obtida por meio da morte de Cristo.

#### 24:1-9 Elementos sagrados: o candelabro e o pão

O capítulo 24 trata de três questões. As duas primeiras são relacionadas entre si, pois dizem respeito ao serviço regular na tenda da congregação. É difícil entender por que esses comentários foram inseridos nessa parte do livro, pois o capítulo seguinte continua a falar das épocas sagradas. Talvez o enfoque desse capítulo sobre as ofertas simbólicas diárias tenha o objetivo de corrigir alguma impressão equivocada decorrente do capítulo 23, no sentido de que o ano possui algumas épocas sagradas e outras profanas.

Uma das responsabilidades dos sacerdotes era manter as lâmpadas do candelabro acesas *continuamente* dentro da tenda da congregação (24:2-4). O azeite para essas lâmpadas devia ser fornecido pelo povo. Também cabia aos sacerdotes usar parte da flor de farinha entregue pelo povo para preparar *doze pães* simbolizando as doze tribos de Israel (24:5-8). Os pães deviam ser arrumados *em duas fileiras, seis em cada fileira, sobre a mesa de ouro puro, perante*

o SENHOR (24:6). Uma porção de incenso puro também era colocada sobre cada fileira e apresentada, posteriormente, como oferta queimada ao Senhor. Os pães deviam ser trocados por outros, recém-assados, todos os sábados. O pão da proposição (ou “pão sagrado”) entregue a Davi e seus homens pelo sacerdote foi tirado dessa mesa (1Sm 21:3-6; cf. tb. Mt 12:1-8).

O candelabro e o pão, mencionados especificamente em Hebreus 9:2, eram símbolos da aliança eterna entre Deus e os israelitas. O azeite das lâmpadas e a farinha para o pão eram produtos da terra que Deus lhes dera em cumprimento a sua promessa a Abraão. Assim, o candelabro e os pães representavam tanto as contínuas ações de graças pela dívida da terra quanto a oferta diária dos deveres cotidianos do povo de Deus.

#### 24:10-23 Blasfêmia e justiça

Essa seção final do capítulo trata da blasfêmia cometida por um indivíduo não-israelita. Moisés e o povo precisavam de uma regulamentação para esse tipo de caso (24:12) e receberam do Senhor a instrução de que a lei devia ser aplicada igualmente a todos do povo, *tanto o estrangeiro como o natural* (24:16,22). Convém observar que os acusadores de Jesus e Estêvão usaram a lei acerca da blasfêmia como parte de sua justificativa para condená-los à morte (Mt 26:63-66; At 6:11-14).

A lei enfatizava que todos deviam ser julgados com justiça, sem parcialidade. Ademais, a lei devia ser aplicada segundo o princípio da pena de talião, ou seja, *olho por olho, dente por dente* (24:17-21). Esse princípio foi estabelecido por causa do instinto natural de revanche do ser humano, levando à prática da vendeta, na qual o membro prejudicado de um clã era vingado pelos outros membros. Nesse processo, a parte lesada retribuía com severidade desproporcional a ofensa cometida inicialmente. O intuito do princípio da pena de talião era controlar tais excessos, especialmente a ira, a violência e o desejo de vingança, introduzindo o princípio da justiça. No julgamento justo, as exigências nunca são excessivas, e há uma correspondência entre o crime e o castigo, entre o mal cometido e as resoluções a respeito. Assim, o objetivo da lei não era incentivar que se cobrasse olho por olho, insistindo na aplicação desse princípio em todas as ocasiões. Antes, visava evitar os excessos perversos, limitando o espírito terrível de vingança e retribuição.

Também é necessário observar que essa lei não foi dada a indivíduos, mas a juízes responsáveis pela lei e pela ordem. Os juízes deviam diligenciar para que a pena não fosse excessiva, mas apenas proporcional ao crime. O objetivo da lei era orientar esses juízes, e não permitir que indivíduos fizessem justiça com as próprias mãos.

Jesus tratou do princípio da pena de talião no Sermão do Monte, no qual declarou que havia vindo para cumprir a lei, ou seja, para conferir à lei o seu significado pleno (Mt 5:17). O princípio da pena de talião fazia parte da lei. Com

respeito a esse assunto, Jesus disse: "Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso" (Mt 5:38-39a). Essas palavras de Jesus foram ditas no contexto dos ensinamentos dos fariseus e mestres da lei, segundo os quais o princípio tinha aplicação pessoal e devia ser considerado uma questão de direito e dever. Diante de tal interpretação, os fariseus e mestres da lei eram culpados de dois erros: estavam transformando uma injunção negativa numa injunção positiva e estavam executando-a com suas próprias mãos, uma abordagem contrária ao espírito da lei.

Para Jesus, a interpretação correta da lei devia envolver um modo de vida no qual o indivíduo não apresentava resistência à ofensa pessoal. Para esclarecer esse conceito, ele apresenta dois exemplos. O primeiro diz respeito a voltar a outra face (Mt 5:39b). Jesus instrui seus seguidores a se livrarem do espírito de retaliação, do desejo de se vingar de toda afronta ou injustiça cometida contra eles. A fim de entender o que Jesus está dizendo nessa passagem, é importante ter duas coisas em mente. Em primeiro lugar, esse ensinamento foi dirigido a seus discípulos, aqueles que deixaram tudo para segui-lo. Em outras palavras, trata-se de um ensinamento para os cristãos. Em segundo lugar, esse ensinamento se aplica aos cristãos em seus relacionamentos particulares, e não na qualidade de cidadãos de determinado país. Jesus insta seus seguidores a perdoarem seus ofensores.

A segunda ilustração diz respeito a entregar uma capa a alguém que a pede como garantia. De acordo com a lei do AT, ninguém podia tomar a capa de um homem como garantia e ficar com ela de um dia para o outro (Êx 22:26-27). Assim, ao entregar sua capa o homem pobre estava renunciando a seus direitos. Hoje em dia, as pessoas têm uma consciência aguçada de seus direitos, e ativistas lutam pelos direitos humanos. Nesse exemplo, Jesus ensina os cristãos a não insistirem em seus direitos legais, mesmo que, por vezes, sofram injustiças. Isso não significa que não devem se preocupar com a lei e a ordem. Jesus protestou quando um guarda o esbofeteou (Jo 18:22-23). Paulo e Silas fizeram questão de ser libertos publicamente (At 16:37). Em ambos os casos, a questão não foi a ofensa pessoal, mas, sim, um desrespeito por parte das autoridades à lei e à ordem.

## **25:1-55 Períodos sagrados: o Ano de Descanso e o Ano do Jubileu**

Esse capítulo trata de dois períodos inter-relacionados, a saber, o Ano de Descanso ou Ano Sabático (25:1-7) e o Ano do Jubileu (25:8-54). Duas declarações do Senhor acerca da terra e do povo servem de base para as instruções fornecidas aqui. De acordo com 25:23, a terra pertence a Deus, e os israelitas são apenas seus inquilinos. De acordo com 25:38, os israelitas pertencem ao Senhor porque ele os libertou da escravidão no Egito. Consequentemente, sua

relação com a terra e uns com os outros deve ser caracterizada pelo temor a Deus (25:17,36). Essa atitude seria expressada de forma prática na libertação e restauração de pessoas e propriedades ao seu estado original no Ano Sabático e no Ano do Jubileu.

Em 25:2-7, são focalizados os acontecimentos que devem ocorrer a cada sete anos. Nesse ano, a terra permanecerá em repouso, ou seja, *guardará um sábado* sem plantio nem colheita. Dois motivos são dados para tal injunção. Em primeiro lugar, a terra pertence a Deus (25:2) e deve ser restaurada a ele (25:4). Em segundo lugar, tudo que a terra produzir sem intervenção humana pertencerá a todos, incluindo os pobres, ao gado e aos animais selvagens (25:6-7). O princípio por trás desses dois motivos é que Deus é o provedor supremo, e, apesar da colaboração dos seres humanos no processo, todas as coisas são provenientes somente de Deus. Ademais, a prescrição para que, depois de seis anos de uso, a terra fosse deixada em repouso no sétimo ano evita a exploração excessiva dos recursos naturais. A legislação mosaica incentiva práticas agrícolas e ecológicas salutaras.

Em 25:8-55, o foco muda para os acontecimentos relativos ao quinquagésimo ano. Depois de contar sete vezes sete anos, deve-se observar o Ano do Jubileu. Esse ano era subsequente a um Ano Sabático (o quadragésimo nono ano), totalizando, portanto, dois Anos Sabáticos em seguida. Deus prometeu dar colheitas fartas no sexto ano para que houvesse alimento suficiente para três anos, ou seja, até a próxima colheita (25:18-22).

As instruções acerca do Ano do Jubileu tratam de questões relativas a propriedades, especificamente terras e casas (25:8-17,23-34). As leis em 25:8-13 previam uma situação na qual dificuldades econômicas forçariam alguns israelitas a se entregarem como escravos. O Ano do Jubileu era um ano sagrado no qual todos os escravos eram libertos e podiam voltar para as propriedades de sua família e para o seu clã.

A legislação também previa situações de dificuldade econômica nas quais um chefe de família seria obrigado a vender a herança familiar. O texto deixa claro que qualquer transação desse tipo devia ser realizada no temor do Senhor (25:14-17), ou seja, com honestidade, integridade e plena consciência de que a terra pertencia a Deus, o qual permitia às famílias de Israel utilizá-la. Diante disso, a terra não podia ser vendida *em perpetuidade* (25:23), ou seja, em caráter permanente. O vendedor tinha o direito de redimi-la caso obtivesse os recursos necessários (25:24,26-27), ou o parente mais próximo do vendedor podia redimi-la em nome dele (25:25). Se isso não fosse possível, o comprador devia devolver a terra à família do vendedor no Ano do Jubileu (25:28). Na África pré-colonial, os chefes eram fiduciários das terras e tinham o direito de loteá-las para quem precisasse. Essa pessoa passava a ser proprietária do lote que recebia enquanto o utilizasse. A comercialização da



terra, por meio da qual ela é vendida para quem pode pagar, não é uma prática comum na maioria das sociedades africanas. Os partidários da comercialização argumentam que ela aumenta a produtividade. Contudo, esse aumento da produtividade deve ser pesado na balança com a marginalização e o empobrecimento econômico e social de uma parte considerável do povo.

A legislação acerca da devolução no Jubileu não se aplicava a *uma casa de moradia em cidade murada (25:29-31)*, que se tornava propriedade permanente do comprador, a menos que fosse resgatada até um ano depois da venda. Talvez essa distinção se deva ao fato de que a venda não envolvia uma propriedade rural, ou por causa das mudanças relativamente rápidas que ocorriam nas construções urbanas. No entanto, as casas em aldeias sem muros se enquadravam na legislação do jubileu. Outra exceção dizia respeito às casas dos levitas em cidades, que deviam ser resgatadas ou devolvidas ao seu proprietário no Ano do Jubileu (25:32-34).

Numa outra situação, prevista em 25:35-38, um israelita empobrece de tal modo que não pode mais se sustentar. Seus compatriotas são instados a ajudá-lo emprestando ou vendendo alimento para ele, sem se aproveitar de sua pobreza cobrando juros sobre o dinheiro emprestado ou vendendo-lhe alimento com lucro. Esse comportamento tornaria a situação dele ainda pior, agravando sua pobreza com a obrigação de pagar a dívida. Ao credor não era permitido enriquecer à custa da pobreza de um irmão. A instrução era para que, no Ano do Jubileu, a dívida fosse cancelada e o devedor que se escravizou como pagamento fosse liberto a fim de poder voltar para sua família.

Caso a situação se tornasse desesperadora a ponto de um israelita decidir vender a si mesmo como escravo (25:39-43), o comprador devia tratá-lo como um empregado contratado que vende apenas o seu serviço, e não sua liberdade. Deus havia resgatado os israelitas da escravidão no Egito, e, portanto, eles não deviam escravizar uns aos outros. O temor do Senhor, ou seja, a consciência de que o irmão pertencia a Deus, seu resgatador, devia motivá-los a um comportamento apropriado. Os estrangeiros, por outro lado, podiam ser comprados como escravos, resgatados e legados como herança (25:44-46).

Se um israelita se vendesse para um estrangeiro, podia reivindicar sua liberdade (25:47-55). Seus parentes próximos podiam resgatá-lo, ou, se ele próprio obtivesse os meios, podia comprar sua liberdade. Uma pessoa resgatada por Deus pertence a ele e não pode ser escravizada em caráter permanente.

Pode-se extrair várias lições desse capítulo. A primeira diz respeito à justiça social. Como membros de uma única raça, os seres humanos devem se esforçar para promover o bem comum. Esse bem comum, e não o lucro individual, deve impulsionar todas as atividades humanas. Contudo, a busca pelo bem comum não deve reprimir as contribuições

individuais. O indivíduo deve ter espaço para oferecer sua contribuição singular ao grupo mais amplo.

A legislação acerca do Ano do Jubileu é usada, por vezes, para defender o cancelamento de dívidas de países pobres do Terceiro Mundo a países ricos. Em termos bíblicos, o princípio do Jubileu significa que é injusto uma pessoa da mesma raça escravizar ou empobrecer outra pessoa em caráter permanente. Todas as transações econômicas devem levar em consideração as implicações a longo prazo dos acordos firmados no âmbito econômico ou agrário. É preciso avaliar se todas as partes estão sendo tratadas com justiça, de modo que os compromissos assumidos possam ser renegociados dentro de um prazo estipulado. Os partidários do cancelamento das dívidas usam três argumentos: em primeiro lugar, os seres humanos constituem uma única raça, sem distinção entre grupos étnicos; em segundo lugar, parte da dívida é ilegítima e injusta; e, em terceiro lugar, os pobres devem ter a oportunidade de recomeçar com o mínimo de empecilhos.

O princípio da justiça também deve ser aplicado ao meio ambiente. Existe uma ligação não apenas entre os seres humanos, mas também entre a raça humana e a natureza. Consequentemente, os mais prejudicados com a exploração desmedida da natureza serão os seres humanos. Tanto eles quanto a natureza precisam de um descanso sabático.

Outra lição importante diz respeito à ligação entre a vida religiosa e a justiça social. O Ano do Jubileu é apresentado como uma extensão do sábado, mostrando que a religião não é incompatível com as questões sociais. Um bom exemplo disso pode ser encontrado no resumo que Jesus faz de seu ministério em Lucas 4:18-19. Sua missão era “apregoar o ano aceitável do SENHOR”, ou seja, o Ano do Jubileu. Em termos práticos, isso significava proclamar a libertação de cativos, a restauração da vista aos cegos e a libertação dos oprimidos.

## 26:1-46 Recompensas e castigos

Esse capítulo descreve as bênçãos associadas à obediência (26:3-13) e os castigos associados à desobediência (26:14-39). No entanto, mesmo depois de ser castigado, o povo de Israel ainda poderia ser salvo se confessasse seus pecados e se voltasse para Deus (26:40-45). A obediência ou desobediência é definida de acordo com as proibições de praticar a idolatria em 26:1-2 (cf. tb. Êx 20:3-6). Quem fazia uma imagem de Deus mostrava não ter entendido a natureza do Senhor e, portanto, estava adorando outro deus. Os israelitas receberam a ordem categórica de guardar os sábados (cf. caps. 23 e 25) e mostrar reverência pela tenda da congregação (cf. caps. 1—16). Convém observar que somente os mandamentos referentes à relação entre Deus e Israel são enfatizados, refletindo a convicção de que a ética é resultado da relação apropriada entre Deus e os seres humanos.

As bênçãos associadas à obediência são: safras abundantes (26:3-5,10), paz e vitória militar sobre os inimigos

(26:6-8), crescimento da população em cumprimento da promessa de Deus a Abraão (26:9), a presença do Senhor no meio do povo em cumprimento da promessa da aliança no Sinai (26:11-12) e a dignidade da liberdade pessoal (26:13). A aliança no Sinai havia sido um ato da graça de Deus, por meio do qual ele iniciou um relacionamento com os israelitas e os libertou da escravidão do Egito. Essa redenção devia conduzir à obediência, e a obediência, a bênçãos.

Em 26:14-39, encontramos uma lista de maldições cuja intensidade aumenta à medida que Israel resiste à disciplina de Deus. A cada castigo, Deus dá a Israel a oportunidade de se arrepender, mas, cada vez que Israel recusa a correção divina, o castigo se torna mais severo. Assim, a desobediência traz derrota militar e enfermidade (26:16-17); uma diminuição da fertilidade e produtividade do solo em virtude da falta de chuva (26:18-20); ataques de animais selvagens a rebanhos e crianças, reduzindo, desse modo, a população (26:21-22); mais derrotas militares resultando na destruição da terra e exílio dos seus habitantes, deixando a terra vazia (26:27-35); medo e ansiedade constantes entre os exilados e, por fim, a morte (26:36-38). Aqueles que sobrevivessem a essas calamidades seriam consumidos no cativeiro (26:39).

É importante lembrar que o objetivo de Deus era corrigir os israelitas, e não aniquilá-los. Desejava que reconhecessem sua pecaminosidade, confessassem-na e se voltassem para ele. Assim, o capítulo termina mostrando Deus ansioso para receber de volta o seu povo desgarrado (26:40-45).

Esse assunto levanta três questões relevantes. Em primeiro lugar, as bênçãos e maldições são dirigidas somente a Israel ou podem ser aplicadas à igreja e ao mundo como um todo? Em segundo lugar, as bênçãos e maldições devem ser interpretadas simplesmente em termos materiais ou também espirituais? E, em terceiro lugar, as bênçãos e maldições se aplicam apenas a este mundo ou também ao mundo por vir?

No NT, a nação de Israel ainda é considerada o povo da aliança, e, portanto, as bênçãos e maldições ainda são relevantes para ela. Jesus afirmou ter sido enviado ao povo perdido da casa de Israel (Mt 15:24). Como Paulo diz, Deus não rejeitou seu povo (Rm 11:1) e “os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11:29). No entanto, há indícios de que as bênçãos e maldições também se aplicam à igreja de modo individual e corporativo. A experiência de Pedro e as decisões do concílio de Jerusalém deixam claro que essas bênçãos e maldições não se restringem aos israelitas (At 10:34; 15:13-18), pois pessoas de todos os povos são salvas somente pela fé.

O NT ensina que as bênçãos e maldições são materiais e espirituais. Jesus aconselhou seus seguidores: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas [alimentos e vestimentas] vos serão acrescentadas” (Mt 6:31-33). Para o apóstolo Paulo, o sofrimento

dos cristãos em Corinto é resultado da disciplina de Deus por seu comportamento inapropriado na ceia do Senhor (1Co 11:27-30). No entanto, o NT também ensina que o reino de Deus é espiritual (Jo 18:36). A igreja na África precisa tratar de inúmeros problemas sociais relacionados a alimento, segurança, saúde e liberdade humana, mas não pode se esquecer das necessidades espirituais. O desafio é encontrar equilíbrio entre esses dois aspectos da vida humana.

A terceira questão — se as bênçãos e maldições se aplicam apenas a este mundo — foi mencionada de passagem no parágrafo anterior. De acordo com o NT, há um cumprimento parcial e provisional das bênçãos nesta vida. Jesus ensinou que, com sua vinda, o reino de Deus havia chegado e estava no meio do povo, mas também ensinou que o reino de Deus era algo a ser esperado no futuro. Assim, enquanto estamos neste mundo, “vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido” (1Co 13:11-12).

## 27:1-34 O resgate de pessoas e bens dedicados ao Senhor

O último capítulo de Levítico trata daquilo que é dedicado ao Senhor, a saber, pessoas, animais, casas, campos e outros bens. Um indivíduo podia resgatar esses elementos entregando em seu lugar uma soma em dinheiro equivalente ao valor daquilo que havia sido dedicado.

A primeira seção (27:2-7) diz respeito a um voto especial pelo qual uma pessoa dedica outros indivíduos ao serviço do Senhor. O valor a ser pago para resgatar essas pessoas, expressado em siclos do santuário, variava de acordo com a idade e o sexo de quem era dedicado.

Pessoa e idade	Valor do resgate
Homem, 60 anos ou mais	15 siclos
Mulher, 60 anos ou mais	10 siclos
Homem, 20–60 anos	50 siclos
Mulher, 20–60 anos	30 siclos
Menino / rapaz 5–20 anos	20 siclos
Menina / moça 5–20 anos	10 siclos
Menino, menos de 5 anos	5 siclos
Menina, menos de 5 anos	3 siclos

Os valores provavelmente eram calculados segundo a produtividade numa economia de trabalho intensivo. Um valor mais elevado era atribuído aos membros da faixa etária altamente produtiva. Se uma pessoa não pudesse pagar

o valor estipulado, este podia ser ajustado de acordo com suas posses (27:8).

No caso do resgate de animais, a situação era diferente (27:9-13). Um animal que alguém tivesse dedicado como oferta ao Senhor se tornava santo. Nenhum outro animal podia ser oferecido em seu lugar; se alguém tentasse fazer essa troca, os dois animais deviam ser entregues na tenda da congregação como castigo pela tentativa de usar de desonestidade. No entanto, um animal podia ser resgatado mediante o pagamento de seu valor com um acréscimo de 20%. Se o animal dedicado fosse impuro e, portanto, não pudesse ser usado como sacrifício, cabia ao sacerdote determinar o seu valor.

Se uma casa fosse dedicada ao Senhor, cabia ao sacerdote estipular um valor inegociável para esse bem. Se a pessoa que havia dedicado a casa desejasse resgatá-la, teria de pagar esse valor avaliado com um acréscimo de 20% (27:14-15).

O valor de um campo dedicado (27:16-21) que fazia parte das terras da família tinha de ser calculado em função da quantidade de sementes necessárias para semeá-lo e seu rendimento. A medida-padrão era um gômer (c. 220 litros) de sementes de cevada. O rendimento era calculado com referência ao Ano do Jubileu. Se o campo havia sido dedicado durante um Ano do Jubileu, o valor final era aquele estipulado em 27:16. Se, porém, a propriedade havia sido dedicada depois de um Jubileu e antes do próximo, devia ser avaliada de acordo com a possibilidade de rendimento para os anos que restavam antes do próximo Jubileu (27:18). Esses cálculos deviam ser aplicados caso o proprietário original desejasse resgatar a propriedade antes do Ano do Jubileu. Se o fizesse, teria de pagar o valor estipulado com um acréscimo de 20% (27:19). Em situações nas quais o campo dedicado ao Senhor não era resgatado em um Ano do Jubileu ou havia sido vendido para outra pessoa, o proprietário original não podia resgatá-lo e não o receberia de volta no Ano do Jubileu. Esse campo se tornaria propriedade permanente dos sacerdotes (27:20-21).

Uma propriedade adquirida de outrem também podia ser dedicada ao Senhor e resgatada (27:22-25). Nesse caso, o valor da propriedade era calculado em relação ao Ano do Jubileu e devia ser pago de uma vez só, e não em prestações. No Ano do Jubileu, o campo voltaria a seu proprietário original.

O livro de Levítico termina com outras observações acerca de pessoas e bens dedicados ao Senhor (27:26-33). O primogênito dos animais não podia ser dedicado, pois já pertencia a Deus. Um animal inapropriado para sacrifício podia ser resgatado por um valor definido pelos sacerdotes com um acréscimo de 20% ou ser vendido a um preço fixo. Tudo o que era dedicado a Deus, tanto pessoas quanto bens, podia ser vendido ou resgatado. Os dízimos pertencem a Deus. Se uma pessoa desejasse resgatar o dízimo dos cereais ou frutos da terra, devia pagar o valor do resgate com um acréscimo de 20%. Se o dízimo era do gado ou rebanho, o proprietário não devia fazer nenhuma substituição, pois, do contrário, tanto o animal em questão quanto o seu substituto deveriam ser entregues à tenda da congregação.

Esse capítulo aborda duas questões interessantes. Em primeiro lugar, parece considerar a possibilidade de votos precipitados, dos quais há arrependimento. O autor de Eclesiastes adverte contra isso, quando diz: “Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. Melhor é que não votes do que votes e não cumpras” (Ec 5:4-5). Assim, o acréscimo de 20% tinha por objetivo dissuadir as pessoas de realizar votos precipitados e voltar atrás com sua palavra.

Hoje em dia, pode-se ver em cultos de reavivamento a tendência de assumir precipitadamente o compromisso de seguir a Jesus, para que depois haja um retorno às velhas práticas. Os organizadores desse tipo de evento devem estar cientes dessa possibilidade nos apelos para os participantes “se consagrarem a Cristo”.

Esse capítulo também ensina que tanto as pessoas quanto os seus bens podem ser oferecidos a Deus. Em outras palavras, a santidade deve nos levar a colocar não apenas nossa vida, mas também nossos bens a serviço de Deus.

Felix Chingota

#### Leituras adicionais

GORMAN, F. H. *Divine Presence and Community: A Commentary on the Book of Leviticus*. ITC. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

HARRISON, R. K. *Leviticus: An Introduction and Commentary*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1980.

WENHAM, G. J. *The Book of Leviticus*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

# NÚMEROS

O livro de Números é assim chamado porque contém os registros de dois censos: um da geração do êxodo, realizado junto ao monte Sinai (Nm 1), e outro da geração nascida no deserto (Nm 26). Contudo, no hebraico, o livro é conhecido como *Bemidbar* ou “No Deserto”, pois a maior parte dos acontecimentos descritos se desenrola no deserto do Sinai.

## Temas

Números é o quarto livro do Pentateuco, a coletânea dos cinco primeiros livros da Bíblia, chamados, por vezes, de Livros de Moisés. Ao longo de todo o Pentateuco, podem ser observados dois temas centrais: a) a obra criadora de Deus que fez o mundo vir a existir, descrita em Gênesis 1 a 11, e b) a obra criadora de Deus que a fez a comunidade da fé vir a existir, descrita no restante do Pentateuco.

Outro tema importante do Pentateuco é o relacionamento entre Deus e os seres humanos, cuja expressão inicial é a criação do homem e da mulher por Deus à sua imagem (Gn 1:26-27). Posteriormente, Deus chama certas pessoas — o povo de Israel — para constituir a comunidade da fé. Essa comunidade foi criada com um propósito especial: testemunhar ao mundo que Deus é Criador e Juiz. Assim, Israel deve dar testemunho da santidade e transcendência do Senhor. A narrativa do Pentateuco também revela que esse Deus está presente com sua comunidade em todas as circunstâncias. Ele tirou os israelitas do cativeiro, cuidou deles no deserto, lhes deu uma identidade mais definida e os preparou para tomar posse da terra prometida. Mais tarde, estaria com eles quando fossem invadidos por grandes nações e não os abandonaria quando fossem levados para o exílio. A comunidade é chamada a responder aos feitos poderosos de Deus na história com obediência e gratidão.

Os capítulos 12 a 50 de Gênesis começam com a fundação da comunidade especial da fé, prosseguem descrevendo o início de seu desenvolvimento nos relatos sobre os patriarcas, de Abraão a Jacó, e terminam mostrando a comunidade se mudando para o Egito em virtude da escassez de alimento. O livro de Êxodo retrata a opressão sofrida pela comunidade de Deus no Egito e a intervenção e o livramento divinos por intermédio de Moisés. O principal acontecimento de seu êxodo da terra do Egito é a travessia do mar Vermelho (Êx 14—15).

O livro de Êxodo narra o chamado de Deus para o mundo e para sua comunidade especial (Israel) que inclui

promessas expressas na forma de uma aliança. A instituição dessa aliança constitui o cerne do livro. O capítulo 20 de Êxodo registra os Dez Mandamentos, e os capítulos 21 a 23 apresentam as leis que expandem esses mandamentos, tratando ainda de outras questões relevantes. O capítulo 24 é o ponto culminante desta seção, a saber, a ratificação da aliança. O restante do livro de Êxodo (25—40, exceto 32—34) descreve a resposta do povo por meio da adoração. Os israelitas obedeceram construindo o tabernáculo e seguindo as instruções recebidas.

O livro todo de Levítico e os dez primeiros capítulos de Números (até 10:10) dão continuidade ao tema da resposta de adoração. Esta seção do Pentateuco trata das leis religiosas referentes ao culto, à pureza e afins. O restante do livro de Números retoma a jornada dos israelitas no deserto até o acampamento nas campinas de Moabe, de onde podem ver a terra prometida além do Jordão. Também mostra a divisão da terra entre onze tribos realizada por Moisés em preparação para Israel tomar posse do seu território. A décima segunda tribo, a de Levi, não recebe terras, mas são designadas cidades específicas para sua habitação. Os levitas foram separados para servir na casa de Deus e deviam ser sustentados pelas ofertas levadas à tenda da congregação por todas as outras tribos.

Deuteronômio, o último livro do Pentateuco, mostra Moisés recapitulando a lei e se despedindo dos filhos de Israel.

## Propósito

O livro de Números foi escrito com seis propósitos fundamentais:

- Detalhar os acontecimentos relacionados ao livro de Êxodo. Números fornece pormenores sobre o período histórico do êxodo ao Sinai e sobre o acampamento de Israel na fronteira da terra prometida, nas campinas de Moabe.
- Descrever a jornada do Sinai para a região além do Jordão em preparação para Israel entrar na terra prometida e registrar as decisões legais tomadas no deserto.
- Mostrar os feitos poderosos de Deus em favor de Israel e enfatizar a importância de que a comunidade da aliança responda a Deus com obediência. Neste contexto, obedecer significa ouvir a palavra de Deus e guardar os seus mandamentos (na forma da sua

palavra) e instruções. Números revela que a vida religiosa, familiar e social de Israel devia estar sujeita à vontade de Deus.

- Mostrar que as leis de Deus são uma dádiva dele para governar a vida das pessoas. No livro de Números, a obediência traz vida (o povo entraria na terra e desfrutaria suas bênçãos) e a desobediência provoca destruição (como o povo e os líderes, incluindo Moisés, Arão e Miriã, descobriram).
- Explicar por que Israel passou quarenta anos vagando pelo deserto e, mais especificamente, mostrar como esse fato resultou da incredulidade da geração mais velha que Deus havia tirado do Egito (Dt 1:35-40).
- Mostrar que, apesar da incredulidade, rebelião e apostasia da geração mais velha, Deus ainda era fiel e paciente. A promessa de Deus de dar a terra a Israel não perdeu sua validade, mesmo depois que a geração rebelde pereceu no deserto. Deus moldou uma nova geração para receber as promessas da aliança.

### Teologia

As narrativas, genealogias, leis e os discursos do Pentateuco tratam da criação do mundo, da origem do povo, da instituição da religião e da organização da vida familiar e social. No entanto, isso tudo não foi registrado apenas por ser de interesse histórico. Antes, o objetivo era fornecer parâmetros para a vida de Israel nos períodos posteriores de assentamento, monarquia, exílio e reconstrução. Assim, os livros do Pentateuco não devem ser estudados apenas como documentos históricos, mas como palavra de Deus para dirigir a vida religiosa tanto de Israel quanto da igreja.

O livro de Números, em particular, deve ser interpretado como parte da tradição do deserto, relevante e simbólica tanto para a comunidade judaica (cf. os salmos históricos 78-79, 95) quanto para os cristãos (cf. 1Co 10:11). A aliança havia sido estabelecida no Sinai, e o povo de Israel devia colocar essa relação actual em prática em todas as áreas da vida e mostrar suas implicações. A experiência no deserto é um protótipo para todas as experiências pelas quais os israelitas passariam em sua história. Esse período serve de lição para todos.

### Relevância para a África

No livro de Números, acompanhamos como a geração do deserto lidou com as dificuldades decorrentes da transição de um modo de vida para outro e com a tarefa de transmitir sua experiência para a geração seguinte. Observamos as possibilidades e problemas da comunicação da fé e como Deus e o povo desempenharam seus papéis.

Nós, africanos, também estamos envolvidos em várias transições dentro de um cenário de globalização e pobreza, epidemias e guerras civis, pluralismo, questões in-

terconfessionais e um grande número de denominações. Como lidar com os desafios socioeconômicos, políticos e religiosos? Como definir nossa fé e missão no mundo? Em outras palavras, como aplicar a mensagem bíblica a fim de sermos enriquecidos, e não empobrecidos, pelas exigências de nosso continente neste período de transição?

O livro de Números nos fornece algumas pistas sobre o modo de lidar com tudo isso, pois apresenta uma jornada baseada na fé e na esperança, realizada na companhia de um Deus santo. O povo enfrenta problemas ao longo do percurso, mas Deus está presente liderando, provendo, amando e disciplinando seu povo ao longo dessa jornada espiritual.

### O significado dos números

Os números apresentados nos dois censos e em outras passagens do livro de Números são extremamente controversos. Para alguns estudiosos, as somas devem ser consideradas literalmente, enquanto, para outros, são simbólicas. Essas duas interpretações são formas igualmente válidas de ler as Escrituras, e podemos aprender com o estudo de ambas.

Consideremos primeiramente o significado literal. O primeiro censo realizado em Números fornece um total de 603.550 homens acima de 20 anos de idade (1:45). No entanto, a população também incluía mulheres e crianças, bem como homens idosos que não eram considerados “capazes de sair à guerra”. Assim, podemos calcular que, se todo o povo tivesse sido contado, totalizaria cerca de três milhões de pessoas. Não é de admirar que Faraó tenha dito: “Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós. Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra” (Êx 1:9-10). Os hebreus haviam, de fato, se tornado a “grande nação” prometida por Deus a Abraão (Gn 12:2; 17:5-8).

Um dos problemas mais sérios quando consideramos esses números literalmente é entender como essa multidão pôde sobreviver no deserto. Uma nação desse tamanho também não teria nenhuma dificuldade em derrotar os cananeus que habitavam a terra prometida. Assim, os adeptos da abordagem simbólica argumentam que esses números são usados para expressar a grandeza de Deus ao livrar seu povo. Israel tem a seu lado o exército poderoso de Deus!

A maneira em que a língua hebraica era escrita acrescenta ainda mais incerteza ao significado exato desses números. Uma vez que, inicialmente, o hebraico era escrito sem vogais, a palavra traduzida por “mil” pode não indicar um número, mas, sim, “unidade”, “clã”, “tribo”, “chefe”, ou mesmo “guerreiro armado” (cf., p. ex., Jz 6:15). Assim, os números fornecidos podem se referir a

unidades militares tribais, ou a um número não especificado de guerreiros, ou, ainda, a guerreiros individuais.

O fato de Deus dizer a Israel: “Não os lançarei de diante de ti num só ano, para que a terra se não torne em desolação, e as feras do campo se não multipliquem contra ti. Pouco a pouco, os lançarei de diante de ti, até que te multipliques e possuas a terra por herança” (Êx 23:29-30) sugere que o povo de Israel não era tão numeroso. Pode-se dizer o mesmo das palavras usadas pelo Senhor para lembrar o povo de sua eleição: “Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos” (Dt 7:7). Esta última citação dá a entender que Israel era uma das menores nações do antigo Oriente Próximo, uma ideia confirmada por dados arqueológicos e históricos acerca da população daquela região no tempo do êxodo.

### Estrutura

O livro de Números pode ser dividido em três seções principais unidas por alguns temas em comum:

#### 1:1—10:10 Os preparativos para deixar o Sinai

A primeira parte do livro de Números é estreitamente relacionada com a legislação registrada inicialmente em Êxodo 25 a 40, que se estende por todo o livro de Levítico até os primeiros capítulos de Números. Essa parte enfatiza a necessidade de obedecer ao Senhor ouvindo sua palavra e seguindo suas instruções. A obediência não deve ser motivada por medo nem por legalismo, mas, sim, por aquilo que Deus havia feito para eles e por eles. Essa seção apresenta instruções acerca de questões como o censo (cap. 1), o arraial santo (cap. 2), a separação dos levitas (caps. 3—4), lepra, transgressões que não foram expiadas, suspeitas entre marido e mulher (cap. 5), a separação dos nazireus (cap. 6), a apresentação de ofertas (cap. 7) e a separação dos sacerdotes dentre os levitas (cap. 8). O capítulo 9:1-14 trata da celebração da segunda Páscoa realizada por toda a comunidade como resposta obediente à instrução de Deus.

A seção termina com instruções detalhadas acerca da preparação para iniciar a marcha rumo à terra prometida. Israel devia seguir a direção de Deus transmitida por meio da nuvem que representava a presença divina (9:15-23) e dos toques das trombetas de prata (10:1-10).

#### 10:11—21:35 Do monte Sinai a Moabe

A segunda seção do livro de Números relata a jornada dos israelitas desde o monte Sinai, passando pelo deserto de Parã, até Cades-Barneia e, por fim, as campinas de Moabe. A ênfase dessa parte é sobre a rebelião do povo e as dificuldades resultantes dessa transgressão.

A primeira subseção, 10:11-36, trata da jornada do povo do Sinai até Parã, liderado pelo Senhor. Duran-

te seu deslocamento, Israel se mantém organizado em unidades tribais, e não há nenhuma referência a transgressões, necessidades, dificuldades ou julgamentos de Deus. Até aqui, o povo permanece fiel ao Senhor.

Depois disso, porém, o retrato de fidelidade absoluta apresentado desde o início do livro começa a se desvanecer. Na segunda subseção, o povo se queixa das dificuldades no deserto, rebelando-se contra seus líderes e contra Deus. Em várias ocasiões, os episódios de rebelião são seguidos do julgamento divino, da intervenção de Moisés e de misericórdia e perdão de Deus. No capítulo 12, até mesmo os líderes se envolvem na rebelião contra Deus. Este capítulo confirma o prestígio e a autoridade de Moisés sobre seus irmãos, Arão e Miriã. Por fim, Israel acampa em Cades-Barneia (caps. 13—14) e Moisés envia espias para investigar a terra prometida. A reação desobediente do povo ao ouvir o relatório dos espias leva Deus a deserdar os israelitas daquela geração e lhes negar a entrada na terra prometida. Seu desejo de voltar para o Egito corresponde a uma negação total do Senhor.

Os capítulos 15 a 21 apresentam outras leis e incidentes associados ao tema da rebelião e suas repercussões. As leis incluem prescrições para as ofertas de manjares (15:1-16), ofertas das primícias (15:16-21) e ofertas pelos pecados cometidos por ignorância (16:22-31). Também são apresentadas as leis acerca da violação do sábado (15:32-36) e instruções sobre a lembrança dos mandamentos de Deus (15:37-41).

A rebelião do povo é seguida de uma rebelião de levitas (Corá, Datã e Abirão) e cerca de duzentos e cinquenta líderes leigos. Deus castiga os rebeldes, e Moisés intercede ao Senhor por amor a seu povo. O episódio relatado no capítulo 16 torna necessário estabelecer de uma vez por todas a supremacia do sacerdócio aarônico descrita no capítulo 17. O capítulo 18 define os papéis distintos dos sacerdotes e levitas.

As rebeliões relatadas nos capítulos anteriores resultaram em várias mortes, o que representou uma ameaça grave à santidade do arraial, pois o povo corria o risco de tocar ou entrar em contato com os cadáveres. Assim, a descrição dos papéis dos sacerdotes e levitas é seguida, no capítulo 19, de uma purificação para os contaminados.

O capítulo 20 trata da rebelião dos principais líderes, Moisés e Arão. Depois desse episódio, o autor relata em 21:4-9 a praga de serpentes enviada por Deus por causa da rejeição pelo povo do alimento provido pelo Senhor. Descreve também como Deus salvou aqueles que se mostraram dispostos a obedecer-lhe.

A seção termina com um relato da marcha de Israel e seu acampamento em vários lugares antes de chegar a Moabe. Também descreve as vitórias dos israelitas sobre Seom, rei dos amorreus, e Ogue, rei de Basã (21:10-35).



**22:1—36:13 Nas campinas de Moabe**

Os israelitas se encontram, agora, acampados na fronteira de Canaã, esperando o momento de entrar na terra prometida. Os capítulos anteriores revelaram o relacionamento instável de Israel com o Senhor em razão da desobediência do povo. Os últimos capítulos de Números deixam transparecer alguma esperança de continuidade desse relacionamento e do cumprimento da promessa.

A primeira subseção (caps. 22—24) trata das bênçãos proferidas sobre Israel por Balaão, um profeta estrangeiro. O rei Balaque de Moabe, uma nação que fazia fronteira com a terra prometida, temeu os israelitas e contratou Balaão, um profeta profissional, para amaldiçoar Israel. Mas, em vez de proferir maldições contra o povo, Deus levou Balaão a abençoá-lo. Esse episódio mostra o desejo do Senhor de abençoar os israelitas e lhes dar a terra que ele havia prometido a seus antepassados.

Ao mesmo tempo, o capítulo 25 mostra como o profeta estrangeiro e sua jumenta são mais obedientes do que os israelitas, pois estes não tardaram em se voltar contra Deus, adorar ídolos e se prostituir com mulheres moabitas e midianitas. Nesse capítulo, perecem os últimos membros da geração que saiu do Egito e testemunhou os acontecimentos no Sinai. Em seguida, é realizado o segundo censo, desta vez da nova geração que entrará na terra prometida (cap. 26).

Os capítulos 26 a 36 focalizam essa nova geração. Tratam de algumas das decisões legais acerca de heranças (cap. 27), de prescrições rituais e legais para os israelitas que entrarão na terra, de um programa sistematizado de sacrifícios e de questões associadas a mulheres e votos (caps. 28—30). No capítulo 31, o narrador descreve a vingança de Israel contra os midianitas. O capítulo 32 registra o pedido de Rúben e Gade para se assentarem do lado oriental do Jordão e mostra como essa questão foi tratada para evitar problemas no futuro.

**Esboço****1:1—10:10 Os preparativos para deixar o Sinai**

- 1:1—4:49 A organização da comunidade
  - 1:1-54 O censo de todo o Israel
  - 2:1-34 A ordem das tribos no arraial
  - 3:1—4:49 A organização dos levitas
    - 3:1-51 O papel dos levitas
    - 4:1-49 A divisão de tarefas dos levitas
- 5:1—10:10 A preservação da pureza do povo
  - 5:1—6:21 A preservação da santidade do arraial
    - 5:1-4 Doenças infecciosas
    - 5:5-10 Restituição por ofensas
    - 5:11-31 Suspeita de adultério
    - 6:1-21 Os nazireus

- 6:22-27 Uma bênção sobre a comunidade
- 7:1-89 A dedicação do tabernáculo
- 8:1-26 A obediência de Arão e dos levitas
- 9:1-14 A celebração da Páscoa
- 9:15-23 Um sinal da presença de Deus
- 10:1-10 Os toques das trombetas de prata

**10:11—21:35 Do monte Sinai a Moabe**

- 10:11-36 A partida do Sinai
- 11:1-35 Episódios de rebelião e julgamento
  - 11:1-9 A murmuração do povo
  - 11:10-15 A queixa de Moisés
  - 11:16-35 A resposta de Deus
- 12:1-16 A rebelião de Arão e Miriã
- 13:1—14:45 A rebelião decisiva
  - 13:1-25 A missão dos espias
  - 13:26-33 O relatório dos espias
  - 14:1-10a A reação do povo
  - 14:10b-45 A resposta de Deus
- 15:1—19:22 Regras e rebeliões
  - 15:1-31 Leis acerca dos sacrifícios
  - 15:32-36 O castigo pela transgressão da lei
  - 15:37-41 Lembranças das leis de Deus
  - 16:1-50 A rebelião dos levitas
  - 17:1-13 A defesa do sacerdócio araônico
  - 18:1-32 Prescrições para sacerdotes e levitas
  - 19:1-22 A purificação depois do contato com os mortos
- 20:1-21 A ira de Deus contra Moisés e Arão
- 20:22-29 A morte de Arão
- 21:1-35 Incidentes na jornada rumo a Moabe

**22:1—36:13 Nas campinas de Moabe**

- 22:1—24:25 Balaque e Balaão
  - 22:1-22 Balaque contrata Balaão para amaldiçoar Israel
  - 22:23-41 Balaão, a jumenta e o anjo
  - 23:1—24:25 Os oráculos de Balaão
    - 23:1-26 Primeiro e segundo oráculos
    - 23:27—24:25 Terceiro e quarto oráculos
- 25:1-18 Castigo severo pela idolatria
- 26:1-65 O segundo censo
- 27:1-11 As filhas de Zelofoade
- 27:12-23 Josué é nomeado sucessor de Moisés
- 28:1—29:40 Ofertas e festas
  - 28:1-15 Ofertas regulares
  - 28:16—29:40 Festas especiais
    - 28:16-25 A Páscoa
    - 28:26-31 A Festa das Semanas
    - 29:1-6 A Festa das Trombetas
    - 29:7-11 O Dia da Expiação
    - 29:12-40 A Festa dos Tabernáculos
- 30:1-16 Prescrições acerca de votos



- 31:1-54 A guerra contra os midianitas
  - 31:1-18 A campanha
  - 31:19-54 A purificação dos guerreiros e espólios
- 32:1-42 Um pedido controverso
- 33:1-49 Um resumo da jornada de Israel
- 33:50-56 A ordem para expulsar os habitantes da terra
- 34:1-29 A terra prometida
  - 34:1-15 As fronteiras da terra prometida
  - 34:16-29 Os líderes escolhidos para dividir a terra
- 35:1-34 Disposições acerca dos levitas
  - 35:1-8 As cidades dos levitas
  - 35:9-34 As cidades de refúgio
- 36:1-13 A herança das filhas

## COMENTÁRIO

### 1:1—10:10 Os preparativos para deixar o Sinai

Essa seção é dividida em duas partes principais: os capítulos 1 a 4 tratam da ordem para realizar o censo e organizar a comunidade, enquanto os capítulos 5 a 10 tratam de ordens relacionadas à pureza do povo. A seção toda, na qual Deus ordena que o povo siga regras específicas, descreve atividades de preparação para entrar na terra prometida. As regras não constituem um fim em si mesmas; antes, a ênfase é sobre a importância de atentar para a voz de Deus — uma atenção que se torna, posteriormente, o enfoque teológico fundamental. No deserto, o povo de Israel poderá viver em obediência à palavra de Deus ou se mostrar desobediente. Em outras palavras, as regras deixam clara desde o início a natureza do relacionamento entre Deus e o povo a caminho da terra prometida. Essa relação havia sido confirmada e elevada a um novo patamar pelo estabelecimento da aliança (Êx 19—24). Os israelitas devem progredir não apenas em sua jornada rumo à terra prometida, mas também nesse relacionamento com Deus. Sua marcha, que envolve a escolha entre obedecer a Deus ou seguir os seus próprios desejos, não é um movimento caótico e sem rumo; antes, é realizado de maneira ordenada em direção a um alvo definido.

### 1:1—4:49 A organização da comunidade

O livro de Números se inicia com o relato do censo realizado no ano depois do êxodo, enquanto o povo se encontrava acampado no deserto do Sinai. Esse censo ajudaria a transformar a multidão desordenada de ex-escravos num povo unificado e organizado.

A contagem metódica de todo o Israel (1:54) é seguida de instruções para preparar o arraial sagrado para a marcha a ser realizada em breve. As instruções também tratam do posicionamento das tribos ao redor da tenda da congregação e da ordem na qual devem marchar (2:1-34). Em seguida, são fornecidas instruções acerca dos levitas e sobre seu posicionamento ao redor da tenda da congregação. O autor também registra o número, as res-

pensabilidades e o papel dos levitas como substitutos dos primogênitos israelitas do sexo masculino (3:1-51). A conclusão traz detalhes sobre o número e os deveres específicos dos membros da tribo de Levi que serviam na tenda da congregação (4:1-49).

### 1:1-54 O censo de todo o Israel

Por meio de sua palavra, Deus criou o universo (Gn 1; Sl 33:6) e formou a humanidade (Gn 1:26-27) e, por meio dessa mesma palavra, deu ordens a Moisés e à comunidade (Êx 19:3-6). Assim, o livro de Números informa logo no início: Falou o SENHOR a Moisés (1:1a). Ao começar com a palavra do Senhor a Moisés, o autor enfatiza o papel fundamental de Moisés nos relatos sobre o período no deserto. Ele é o profeta que recebe e transmite aos israelitas instruções do Senhor, exercendo igualmente a função de mediador entre Deus e o povo. No entanto, como os detalhes do censo mostram, Moisés não insiste em ser o único líder de Israel. Ele aprendeu a lição ensinada por seu sogro, Jetro, em Êxodo 18 e reconhece sua necessidade de ajuda. Sabendo que Deus designa tarefas diferentes para cada pessoa, Moisés pede a ajuda dos chefes das tribos para realizar o censo. Mais adiante nesse mesmo livro, ele transfere prontamente para os levitas todas as incumbências relacionadas ao culto público. Sua disposição de permitir a outros ocupar posições de grande influência é um desafio para os padrões africanos de liderança.

A sensação de ordem transmitida por essa seção sobre os preparativos para deixar o Sinai é reforçada pelos detalhes fornecidos pelo narrador do lugar onde Deus falou com Moisés (no deserto do Sinai) e também da ocasião (no segundo ano após a saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia, do segundo mês) (1:1b).

Deus ordena a Moisés: Levantai o censo de toda a congregação dos filhos de Israel (1:2), mas, na verdade, o censo abrange apenas os homens da idade de vinte anos para cima (1:3b). Como a maioria das sociedades africanas, a sociedade israelita antiga era extremamente patriarcal, concentrando o poder político, militar e econômico nas mãos dos homens.

Ao que parece, a necessidade de averiguar o poder militar era um motivo comum para a realização desse tipo de censo (cf. tb. 26:4; 2Sm 24:2). Outro motivo era definir a tributação para cobrir os custos de projetos comunitários, como a construção do tabernáculo (cf. Êx 30:11-16; 38:26). Um censo menor de um grupo específico foi usado para fazer a divisão de tarefas na tenda da congregação (4:3). O capítulo 26 mostra a realização de outro censo, quarenta anos depois do êxodo, desta vez para contar a nova geração que ocuparia a terra prometida. Posteriormente, Salomão realizou um censo para identificar os homens estrangeiros aptos a trabalhar (2Cr 2:17-18). Esdras também fez uma contagem do povo, provavelmente visando identificar indivíduos para servir como sacerdotes, levitas e afins na comunidade (Ez 2; cf. tb. 8:15).

Como os exemplos anteriores mostram, não era incomum realizar censos no período do AT, e nem sempre esse procedimento atraía a ira de Deus, como aconteceu no censo levantado por Davi (2Sm 24; 1Cr 21). Ao que parece, o Senhor se irou com Davi porque o rei havia passado a confiar mais na força humana do que no poder divino. Havia esquecido que era apenas um representante do Senhor na terra, encarregado de realizar os propósitos de Deus.

Nos dias de hoje, os censos do governo ainda nos lembram de nossas responsabilidades para com o Estado como cidadãos e contribuintes, bem como lembra o Estado de suas responsabilidades para conosco. Não há nenhum fundamento bíblico para se objetar à contagem de pessoas com o propósito de definir maneiras de atender mais adequadamente uma comunidade. No entanto, podemos levantar objeções se os resultados de um censo forem usados para propósitos egoístas e benefício pessoal.

A forma em que o censo de Números 1 foi realizado também se encaixa no tema teológico da obediência às instruções de Deus. O Senhor designa Arão para ajudar Moisés (1:3a) e acrescenta que os dois líderes devem nomear assistentes: De cada tribo vos assistirá um homem que seja cabeça da casa de seus pais (1:4). Desde o início da marcha, Deus provê líderes para a comunidade. Na travessia do deserto, o futuro do povo dependerá, em parte, da competência desses líderes em exercer seu papel e ouvir atentamente a voz de Deus.

A África enfrenta inúmeros problemas relacionados a lutas por poder. Os líderes africanos devem aguçar os ouvidos para o clamor dos portadores de HIV, dos miseráveis e das vítimas de intermináveis guerras civis. Mas, com muita frequência, os líderes procuram apenas manter o poder e usá-lo para realizar suas ambições pessoais. No entanto, são chamados por Deus da mesma forma que ele chamou líderes na sociedade israelita. Deus sabe o nome de cada líder africano, assim como sabia o nome dos líderes das tribos de Israel (1:5-15), chamando-os a ser sensíveis às necessidades do povo.

O nome dos chefes das tribos que devem ajudar na contagem do povo são relacionados numa ordem semelhante à relação dos filhos de Jacó em Gênesis 35:23-26. Esse interesse em genealogias é outro tema teológico que se estende ao longo de toda a Bíblia, refletindo-se até em livros do NT como Mateus e Lucas. Podemos observar um interesse semelhante na tradição africana que dá grande valor aos primeiros chefes dos clãs e à preservação de genealogias. A tradição africana considera o clã de um indivíduo essencial para sua identidade dentro da comunidade, e a maioria dos africanos acredita que é impossível existir sem um clã.

O número de homens em cada tribo é relacionado em 1:17-44. Para uma discussão detalhada desses números, veja a introdução a este comentário. Os totais também podem ser comparados com os resultados do segundo censo para averiguar como cada tribo cresceu ou diminuiu duran-

te os quarenta anos no deserto (cf. a tabela no comentário sobre o cap. 26).

Convém observar que Levi, um dos filhos de Jacó, não é incluído na lista do censo nem na lista em 1:5-15. Os levitas não fazem parte da lista porque, como 1:45 nos lembra, a relação se refere aos homens capazes de sair à guerra. Os levitas foram separados para oferecer liderança espiritual e servir na tenda da congregação e não faziam parte do exército (1:47-53). Mais uma vez, Deus provê líderes para o povo nesse momento de preparação para a jornada.

Depois da conclusão do censo, constatou-se que havia 603.550 homens disponíveis para o exército (1:46). Tendo em vista que é o mesmo número fornecido em Êxodo 38:26, é possível que esse censo também tenha sido usado para cobrar os impostos necessários para a construção do tabernáculo (cf. tb. Êx 30:11-16).

O capítulo termina afirmando que os israelitas procederam *segundo tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés* (1:54). Mais uma vez, a importância da obediência é apresentada em primeiro plano, como acontecerá ao longo de todo o livro.

### 2:1-34 A ordem das tribos no arraial

Quando o povo de Israel se deslocava, era acompanhado da tenda da congregação, ou seja, da presença de Deus. A tenda indicava que Deus habitava no meio do seu povo. Uma vez que ele é um Deus de ordem e tudo deve ser “feito com decência e ordem” (1Co 14:40), Deus forneceu instruções para que o arraial não se tornasse tumultuado e caótico. Devia ser organizado de tal modo que a tenda da congregação, o local que representava a presença de Deus com os israelitas, ficasse no centro (2:1-2). Sua marcha pelo deserto devia ser caracterizada pela santidade, pois Deus é santo (Lv 19:2). Mais uma vez, Deus concedeu a Israel a dádiva da adoração para conduzi-lo em sua jornada. Desse modo, o povo poderia manter seu relacionamento com o Deus santo.

Cada uma das tribos devia ocupar determinada posição em relação à tenda da congregação. As tribos de Judá, Isacar e Zebulom acampariam do lado leste (2:3-9); as de Rúben, Simeão e Gade acampariam do lado sul (2:10-16). A tenda da congregação e os levitas ocupariam o centro do arraial (2:17). As tribos de Efraim, Manassés e Benjamim se posicionariam a oeste da tenda da congregação (2:18-24), e as tribos de Dã, Aser e Naftali acampariam do lado norte (2:25-31).

A comunidade israelita foi dividida, portanto, em quatro grupos de três tribos, e uma tribo de cada grupo foi designada para liderá-lo. Judá era a líder do grupo do leste (2:9a); Rúben, do sul (2:16a); Efraim, do oeste (2:24); e Dã, do norte (2:31).

Quando chegasse a hora de os israelitas se deslocarem, deviam partir nessa mesma ordem. À frente, iria o grupo do leste sob a liderança de Judá (2:9b), seguido do grupo do sul, sob a liderança de Rúben (2:16b). Em seguida, vi-

riam os levitas, carregando a tenda da congregação desmontada (2:17; 1:51). Seriam seguidos pelo grupo do oeste, sob a liderança de Efraim (2:24b), e o grupo do norte sob a liderança de Dã ocuparia a retaguarda (2:31b).

É impressionante como um grupo de escravos fugidos do Egito se tornou uma comunidade organizada tendo Deus como seu líder e Moisés, Arão e os chefes das tribos como representantes de Deus na terra. Assim, repleto de expectativa, o povo de Israel se pôs a caminho numa jornada religiosa. Contudo, a atenção dedicada aos preparativos e à ordem dessa marcha santa sugere que Israel precisaria de coragem para enfrentar as incertezas do futuro. A organização e os procedimentos visavam dar ainda mais esperança, mas a jornada exigiria, acima de tudo, que os israelitas andassem pela fé, e não pelo que vissem (2Co 5:7).

A ordem na qual as tribos deviam marchar também é significativa. Seria de esperar que as tribos de Rúben e Simeão liderassem a marcha, pois seus fundadores eram os filhos mais velhos de Jacó e são mencionados primeiro no censo (1:20-22). Em vez disso, porém, os descendentes de Judá iriam à frente. Esse fato havia sido predito muitos anos antes na bênção de Jacó que prometeu a liderança a Judá (Gn 49:10) e afirmou que Rúben e Simeão não teriam o primeiro lugar esperado por causa de sua ordem de nascimento (Gn 43—44). Tanto o grande rei Davi quanto o Messias seriam descendentes de Judá (Rt 1:1; 4:18-21; Mt 1:1-16). Essas inversões fazem parte do conceito veterotestamentário segundo o qual Deus trabalha de maneiras misteriosas e inesperadas. Ele usa pessoas e acontecimentos incomuns para realizar seu propósito. Como Deus lembrou os israelitas, “os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos” (Is 55:8).

Mais uma vez, o capítulo termina em tom de obediência. Em 2:1, o Senhor transmite instruções a Moisés e Arão acerca dos israelitas, e o capítulo se encerra informando: *Assim fizeram os filhos de Israel; conforme tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés (2:34)*. No AT, a obediência não consiste simplesmente em seguir um conjunto de regras. Antes, envolve fé naquele que definiu essas regras. O propósito das regras e dos mandamentos não é servir de fardo para o povo, mas, sim, servir de parâmetro para aprimorar o relacionamento com Deus. Em outras palavras, as regras são uma dívida para tornar a vida ainda melhor. O tema predominante e recorrente é “Deus fala”. A obediência é possível porque Deus dá ordens e apresenta claramente seu propósito, a saber, garantir o sucesso de Israel em sua jornada rumo à terra prometida.

### 3:1—4:49 A organização dos levitas

Por vezes, os propósitos de Deus envolvem a separação de um grupo com um fim determinado. Israel foi escolhido para cumprir um propósito específico e ser instrumento de Deus para abençoar o mundo todo (Gn 12:1-3). Dentro de

Israel, Judá foi escolhida como tribo de origem do líder que traria a salvação à humanidade. A tribo de Levi também foi separada ou ordenada para exercer uma função de grande importância dentro da comunidade.

**3:1-51 O PAPEL DOS LEVITAS.** Os levitas eram descendentes de Levi, o terceiro filho de Jacó, nascido de Lia (Gn 29:34). Foram divididos em três grupos, cada um descendendo de um dos três filhos de Levi: Gérson, Coate e Merari (Gn 46:11). Os membros de uma família dentre os levitas, a família de Arão, deviam servir como sacerdotes (3:1-4,10). O restante dos levitas devia assistir os sacerdotes e, consequentemente, a comunidade. Sua incumbência era cuidar de toda a mobília e utensílios associados à tenda da congregação (3:5-9).

Do ponto de vista humano, é possível que essa posição especial tenha sido dada aos levitas porque Moisés precisava do apoio dos membros de sua própria tribo para ajudá-lo a fazer cumprir as leis estabelecidas para a comunidade e incentivar a fidelidade às novas práticas religiosas que estavam sendo definidas. Foi exatamente esse o papel dos levitas ao tomar partido de Moisés durante o episódio do bezerro de ouro e obedecer à sua ordem para matar os idólatras. Esse gesto levou Moisés a dizer: “Consagrai-vos, hoje, ao SENHOR” (Êx 32:29), uma declaração que também pode ser traduzida por “Hoje vocês se consagraram ao SENHOR” (NVI).

Contudo, a nomeação dos levitas também tem uma dimensão espiritual. O filho primogênito de toda mulher israelita pertencia, por direito, a Deus. Ele passou a considerá-lo sua propriedade desde o dia em que destruiu os primogênitos do Egito, mas resgatou os primogênitos de Israel (Êx 13:12). No entanto, os levitas deviam exercer a função de substitutos dos filhos primogênitos e servir ao Senhor no lugar deles (3:11-13). Ao montar acampamento, a tribo de Levi devia ficar mais próxima da tenda da congregação, e cada clã da tribo recebeu instruções acerca do seu lugar e das suas tarefas específicas (3:14-39). Sua posição como substitutos é evidente, tanto na ordem de Deus para que Moisés realizasse um censo separado de todos os primogênitos do sexo masculino quanto no cuidado que Moisés teve em comparar o número de primogênitos com o número de levitas e cobrar o resgate necessário para compensar a diferença (3:40-51).

**4:1-49 A DIVISÃO DE TAREFAS DOS LEVITAS.** Para que o povo fosse bem-sucedido em sua marcha pelo deserto, cada grupo da comunidade teria de se mostrar competente no cumprimento do seu papel. E, dentro de cada grupo, havia subgrupos para os quais era necessário distribuir tarefas. Esse capítulo mostra a divisão do trabalho entre as três famílias levitas mencionadas no censo (3:16-37). Um censo à parte foi ordenado para determinar quantos desses indivíduos estavam aptos a servir na tenda da congregação. Todos os homens levitas de 30 a 50 anos de idade deviam ser contados (4:1-3). É possível que comessem a servir

mais tarde no serviço religioso do que no serviço militar por causa da seriedade das funções exercidas, que exigiam maturidade emocional, mental e física. Os totais apresentados aqui diferem do número de levitas do sexo masculino em 3:21-39, pois naquela contagem foram incluídos todos os homens dessa tribo, até mesmo os que eram jovens ou idosos demais para servir na tenda da congregação.

Cada um dos três clãs levitas ficaria responsável pelo transporte de uma parte da tenda da congregação e seria supervisionado por um dos descendentes de Arão.

As responsabilidades dos coatis são descritas em 4:4-20. Deviam carregar as *coisas santíssimas* (4:4; cf. tb. 3:31), itens tão sagrados que somente os sacerdotes podiam tocá-los. Assim, os sacerdotes, supostamente sob a supervisão de Eleazar (4:16), filho de Arão, deviam embrulhar esses objetos cuidadosamente antes de permitir que os coatis os carregassem (4:5-15a). Os coatis não deviam tocar em nenhuma dessas coisas diretamente nem tentar vê-las, ainda que de relance. A pena para a desobediência a essa injunção era a morte (4:15b, 17-20).

As responsabilidades dos gersonitas são definidas em 4:21-28. Sob a supervisão de Itamar, filho de Arão (4:28), deviam carregar o tabernáculo propriamente dito, as cortinas que separavam suas várias partes e as cordas usadas para fixá-las (4:25-26; cf. tb. 3:25-26).

As responsabilidades dos meraritas são apresentadas em 4:29-33. Deviam carregar a estrutura de madeira na qual as cortinas eram penduradas quando da montagem do tabernáculo (4:31-32a; cf. tb. 3:36-37). Cada homem do clã era responsável pelo transporte de itens específicos (4:32b). Como os gersonitas, os meraritas eram supervisionados por Itamar, filho de Arão (4:33).

O capítulo termina com uma declaração do número total de homens aptos para servir na tenda da congregação em cada um desses três clãs (4:34-49), conforme indicado pelo censo.

### 5:1—10:10 A preservação da pureza do povo

Até aqui, as instruções de Deus quanto aos preparativos para a jornada foram recebidas pelo povo com obediência e grande expectativa. Agora, os israelitas devem se preparar de outra maneira, descrita nos capítulos 5 a 10, a saber, purificando-se como nação. Sua marcha não é apenas uma viagem rumo a um destino final; pelo contrário, é uma jornada na qual um povo resgatado dedica seu modo de viver a Deus em adoração, louvor e ações de graças por tudo que ele é e tudo que ele fez.

Em Êxodo 19:6, Deus disse ao povo: “Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa”, e o conceito de santidade é fundamental dentro da narrativa de Êxodo 25 a Números 10:10. As prescrições dadas depois dessa declaração de Deus são expressões diferentes de uma única verdade teológica: a santidade do arraial depende inteiramente do compromisso dos indivíduos em mantê-la.

### 5:1—6:21 A preservação da santidade do arraial

Essa seção trata das leis cujo propósito era garantir que o povo obtivesse e preservasse a santidade do arraial.

5:1-4 DOENÇAS INFECCIOSAS. Antes do início da marcha rumo à terra prometida, algumas pessoas precisavam ser removidas do arraial, incluindo os indivíduos com doenças infecciosas de pele (não apenas lepra, como se costuma imaginar) ou fluxos corporais de qualquer tipo, e todos que se encontrassem cerimonialmente impuros em virtude do contato com um cadáver (5:1-2). Essa regra beneficiaria a comunidade, evitando a propagação de infecções. No entanto, não se trata apenas de uma preocupação com a higiene. No AT, as enfermidades e o sofrimento são estreitamente associados ao pecado, e a pureza implica bem-estar moral, físico e mental. Consequentemente, o povo considerava que até mesmo os problemas físicos possuíam uma dimensão espiritual e causavam impureza ou contaminação. Assim, Deus ordena que os indivíduos acometidos desses males sejam enviados *para fora do arraial [...] no meio do qual eu habito* (5:3). Cabia ao sacerdote determinar se certa lesão era impura e se uma pessoa devia ser readmitida no arraial depois de passar pelos rituais necessários e ser declarada limpa (cf. Lv 13—15).

A tribo iraqw, do norte da Tanzânia, observa regras semelhantes quanto a qualquer pessoa ou objeto que pode contaminar a comunidade. Antes da era cristã, os membros dessa tribo não permitiam que nenhuma pessoa com suspeita de doença contagiosa permanecesse na comunidade, readmitindo-a apenas depois de certos rituais de purificação e tratamentos curativos. Indivíduos que perdiam um membro da família também eram considerados impuros até que tivessem passado por um período de reclusão durante o qual se observavam determinados rituais. Essas práticas não eram egoístas; antes, visavam apenas proteger a comunidade. Assim, embora a separação certamente fosse difícil, os excluídos da comunidade não eram esquecidos: criavam-se meios de atender às necessidades deles sem contaminar a comunidade.

Mais uma vez, os israelitas fizeram conforme Deus lhes ordenou (5:4). A obediência continua sendo um tema predominante nessa parte do livro.

5:5-10 RESTITUIÇÃO POR OFENSAS. Aqueles que ofenderam alguém e, portanto, pecaram contra Deus, devem fazer reparação pelo dano causado e acrescentar uma compensação de 20% (5:5-7; Lv 6:5). Essa legislação desenvolve a prescrição de Levítico 5:16, especificando que, se a parte prejudicada tivesse falecido e não possuísse parentes, a restituição devia ser entregue ao sacerdote (5:8). A ampliação das leis deixa claro que elas devem ser adaptadas de acordo com novas gerações e novos contextos, pois as leis foram criadas para o bem dos seres humanos, e não o inverso.

Nas comunidades africanas, pressupõe-se que a reparação deve ir além das palavras de contrição e remorso; é preciso haver algum tipo de ação, algum pagamento ou

restituição à parte prejudicada. Também fica claro que esse princípio é válido mesmo quando o ofensor ou o ofendido faleceu. No meio do povo iraqw da Tanzânia, espera-se que os parentes, especialmente a família imediata de um ofensor, façam a restituição necessária caso o ofensor venha a falecer antes de poder reparar seu erro. Se a parte ofendida também tiver falecido, a restituição deve ser entregue a seus parentes. O povo massai também faz questão de reparação de ofensas. De acordo com um dos seus costumes, um “cabrito da reconciliação” é abatido e compartilhado numa refeição da qual participam as duas partes como preparativo para o dia da reconciliação. Nesse dia, realiza-se uma cerimônia na qual o mediador pronuncia palavras semelhantes às de 2Coríntios 5:17: “As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”.

Como os judeus e muitos africanos, o povo massai acredita que a vida de todo indivíduo é fundamentada exclusivamente na comunidade. Para o povo massai, uma pessoa não pode existir sem a comunidade, e aqueles que se separam dela definham e morrem como o ramo que é cortado da árvore. Assim, a reconciliação é essencial, pois permite aos indivíduos da comunidade manter seu relacionamento com Deus e uns com os outros. Quem não se reconcilia com seu próximo não pode adorar *Enkai* (Deus).

**5:11-31 SUSPEITA DE ADULTÉRIO.** Os preparativos para a marcha santa envolvem a abordagem de todas as questões que poderiam contaminar o arraial. Tais questões vão além da pureza física e abrangem a pureza moral no contexto familiar. Por isso, essa seção trata da infidelidade conjugal. Qualquer suspeita de adultério deve, de algum modo, ser trazida a lume para se fazer justiça à parte ofendida. Logo, se uma mulher é suspeita de infidelidade, seu marido deve levá-la ao sacerdote e apresentar uma *oferta de manjares de ciúmes* (5:11-15). O sacerdote fará a mulher beber água amarga que a amaldiçoará caso ela tenha sido infiel. Do contrário, não será afetada pela maldição (5:16-31).

Essa lei reflete o padrão desigual segundo o qual apenas as mulheres eram sujeitadas a essa prova; os homens não eram testados para averiguar sua fidelidade. Essa atitude é semelhante à de muitas sociedades patriarcais nas quais prevalece a idéia de que somente as mulheres são propensas à promiscuidade sexual. O mesmo padrão pode ser observado em outras partes do sistema social e legal do antigo Israel. No decálogo, a mulher é considerada parte das propriedades do homem, não devendo ser cobiçada por outra pessoa (Êx 20:17; cf. tb. Dt 5:21).

No entanto, é importante notar que a prova prescrita nessa passagem é relativamente branda comparada aos ordálios impostos por outras culturas da época, muito mais propensas a veredictos de culpa. Nesse caso, a mulher só precisava beber uma mistura de pó e água e, se fosse inocente, não sofreria nenhum efeito colateral. O marido ciumento seria tranquilizado, tornando a convivência no lar mais pacífica.

**6:1-21 OS NAZIREUS.** Depois de tratar das implicações do voto nazireu (6:1-8), esse capítulo descreve os rituais para restaurar a pureza quando um nazireu fosse contaminado pelo contato com um cadáver (6:9-12) e os rituais a serem observados pelos nazireus ao completar seu voto (6:13-21).

Alguns homens e mulheres do arraial haviam feito um voto a *fim de consagrar-se para o SENHOR*, tornando-se nazireus. Isso significava que eram separados como santos ao Senhor (6:1-2) e deviam se abster de todas as bebidas fermentadas (6:3-4), deixar o cabelo crescer (6:5) e evitar a contaminação pelo contato com cadáveres (6:6-8). Como a Bíblia ensina, o indivíduo que faz um voto não pode voltar atrás; assim, esse compromisso não deve ser assumido levemente (Pv 20:25). As Escrituras também advertem outros indivíduos a não desencaminharem os nazireus nem obrigá-los a quebrar seu voto (Am 2:12-13).

Embora os nazireus fossem proibidos de ter qualquer contato com um cadáver, uma morte súbita poderia contaminá-los acidentalmente. Assim, 6:8-12 descreve um procedimento especial para a restauração no caso de uma ocorrência desse tipo. O nazireu deveria passar pelo período normal de impureza subsequente ao contato com um cadáver, a saber, sete dias (19:14), e, na cerimônia de purificação no sétimo dia, deveria raspar todo o cabelo (6:9). No dia seguinte, o nazireu deveria levar *duas rolas ou dois pombinhos ao sacerdote, à porta da tenda da congregação* (6:10). O sacerdote ofereceria, então, um holocausto como expiação pelo pecado de ter quebrado o voto de nazireado ao ficar na presença de um cadáver. Depois disso, a pessoa voltaria a cumprir o voto, observando a totalidade do período previsto, não sendo contados os dias anteriores à contaminação (6:12).

O voto de nazireado não era permanente. Quando o período especificado se completava, o nazireu devia levar à tenda da congregação as seguintes ofertas: *Um cordeiro de um ano [...] e uma cordeira de um ano [...] e um carneiro, sem defeito, por oferta pacífica* (6:13-15). O sacerdote apresentava esses animais ao Senhor como holocausto, oferta pelo pecado e oferta pacífica, respectivamente (6:16). Então, a cabeça do nazireu era raspada, e o cabelo era oferecido junto com o sacrifício pacífico (6:18). Algumas partes específicas dos animais eram entregues aos sacerdotes (6:19-20a). No final do ritual, o nazireu estava livre do seu voto e podia voltar a beber vinho (6:20b).

As especificações para os sacrifícios a serem oferecidos não impediam o nazireu de apresentar mais ofertas caso tivesse possibilidade de fazê-lo (6:21).

#### **6:22-27 Uma bênção sobre a comunidade**

No relato dos preparativos para a jornada, encontramos aquela que provavelmente é a passagem mais conhecida do livro de Números, a bênção proferida por Arão, ou bênção sacerdotal, usada pelos sacerdotes para impetrar a bênção de Deus sobre a comunidade. As palavras do sacerdote são

emolduradas pelo termo “abençoarei”. O Senhor ordena a Arão e seus filhos: *Assim abençoareis os filhos de Israel* (6:23) e promete: *Eu os abençoarei* (6:27). A bênção propriamente dita se encontra registrada em estilo poético, apresentando três invocações paralelas, cada uma começando com o nome divino: *SENHOR*. Esse padrão enfatiza que o Senhor é a fonte da bênção, fato ressaltado pelo pronome “eu” quando o Senhor diz: “E eu os abençoarei”.

A primeira parte da bênção diz respeito à posteridade, à dádiva da terra e à segurança do povo durante a marcha, tudo isso implícito em *te guarde* (6:24). No livro de Salmos, o Senhor é chamado de “guarda de Israel” (Sl 121:4). A segunda parte da bênção pede que o Senhor *faça resplandecer o rosto sobre os israelitas* ao receberem a sua graça (6:25). Essa imagem de Deus mostrando ou ocultando sua face para mostrar seu prazer ou ira é comum no AT, especialmente em Salmos (cf. Sl 13:1; 10:1; 102:2). A última parte da bênção repete essa imagem, mas acrescenta a ideia de que a bênção suprema de Deus para sua comunidade é seu *shalom*, um termo que também pode ser traduzido por *paz* ou *integridade* (6:26).

### 7:1-89 A dedicação do tabernáculo

Moisés ungiu e consagrou a tenda da congregação para torná-la um lugar de culto. “Ungir” e “consagrar” são sinônimos; os dois termos significam separar algo para uma função específica. Moisés também *ungiu e consagrou [...] todos os utensílios da tenda da congregação, bem como o altar e todos os seus pertences* (7:1). Essa consagração era importante, pois visava separar a tenda da congregação como lugar sagrado onde o povo poderia adorar ao Senhor no deserto.

A tenda da congregação prefigurou o templo a ser construído pelo rei Salomão. Depois da destruição do templo pelos babilônios, a memória da tenda da congregação e do culto em Israel durante o período no deserto foi importante para mostrar ao povo que era possível adorar a Deus mesmo sem um templo. A profecia em Isaías 66:1 também lembra que Deus está presente em toda parte e não pode ser confinado a nenhum edifício: “O céu é o meu trono [...] que casa me edificareis vós? E qual é o lugar do meu repouso?”

Esse capítulo descreve as ofertas apresentadas ao Senhor depois da consagração do tabernáculo, ofertas que revelam o compromisso dos israelitas com Deus e com o restante da comunidade. Em primeiro lugar, são relacionadas as ofertas dos líderes (7:1-9) e, na sequência, as ofertas de cada tribo (7:10-88).

Os líderes das tribos (“príncipes”) ofereceram *seis carros cobertos e doze bois* para puxá-los (7:2-3). O Senhor instruiu Moisés a aceitar esses presentes para o serviço da tenda da congregação (7:4) e entregou-os aos levitas para ajudá-los a transportar a tenda da congregação na viagem rumo à terra prometida (7:5). Os meraritas receberam duas vezes mais carros que os gersonitas, pois tinham mais coisas

para transportar (7:7-8; cp. 3:36-37 e 3:25-26). Os coatitas não receberam carros, pois os objetos a serem transportados por eles eram tão santos que deviam ser levados *aos ombros* (7:9; cf. tb. 3:31).

Além dos carros e dos bois, cada príncipe também trouxe uma oferta especial em nome de toda a sua tribo. A apresentação dessas ofertas foi realizada de maneira ordenada; para cada tribo, foi separado um dia específico, dentro de um período de doze dias, no qual poderia apresentar sua oferta (Judá — 7:12-17; Zebulom — 7:18-29; Rúben — 7:30-35; Simeão — 7:36-41; Gade — 7:42-47; Efraim — 7:48-53; Manassés — 7:54-59; Benjamim — 7:60-65; Dã — 7:66-71; Aser — 7:72-77; Naftali — 7:78-83). Esta sequência corresponde à ordem de marcha e à posição das tribos no arraial (cf. cap. 2). Assim, a tribo de Judá é a primeira a apresentar sua oferta, e a tribo de Naftali é a última.

Além de cada tribo ter a oportunidade de demonstrar seu apoio à construção do tabernáculo, também foi pedido de cada uma que mostrasse o mesmo nível de compromisso ao trazer a mesma oferta. Cada tribo ofereceu um prato de prata; uma bacia de prata cheia de farinha misturada com azeite para a oferta de manjares; um recipiente de ouro cheio de incenso; um novilho, um carneiro e um cordeiro de um ano, para holocausto; um bode para oferta pelo pecado; e dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano para um sacrifício pacífico. Esses presentes valiosos eram uma demonstração tangível do apoio unânime do povo à tenda da congregação e aos sacerdotes. As ofertas de manjares e holocaustos expressavam gratidão, enquanto as ofertas pelo pecado e os sacrifícios pacíficos visavam restaurar e manter o relacionamento entre Deus e seu povo.

O total oferecido é fornecido em 7:84-88: cerca de 28 quilos de prata e um quilo e meio de ouro.

As repetições nesse capítulo provavelmente serviram para ajudar o povo a memorizar o que devia fazer. Assim, se uma tribo esquecesse algo, os membros de outra tribo podiam lembrá-la. No entanto, a repetição não apenas visa a memorização, mas também indica a importância desse procedimento e a igualdade entre todas as tribos, que deviam prestar o mesmo culto e aceitar os mesmos mandamentos do Senhor. Todas as tribos deviam obedecer e realizar fielmente a sua função a fim de garantir o bem-estar de toda a comunidade. Se uma tribo não agisse de modo responsável, poderia contaminar toda a comunidade e afetar a marcha santa. Esse conceito corresponde à ideologia africana de responsabilidade comunitária por meio da participação individual.

Deus estava presente na tenda da congregação e ali ele conversava com Moisés (7:89). Essa presença de Deus no meio do seu povo contrasta com a situação em Êxodo 33:7-11, em que a tenda da congregação foi colocada fora do arraial em decorrência do episódio do bezerro de ouro. Deus não podia habitar no meio de um povo que havia adorado ídolos. Mas, agora, a tenda da congregação está no centro do arraial, e o povo pode se aproximar do Senhor.

### 8:1-26 A obediência de Arão e dos levitas

O compromisso de obedecer dizia respeito a toda a comunidade, incluindo os sacerdotes, levitas, príncipes das tribos e todos os seus representantes. Esse capítulo começa enfatizando a obediência de Arão, o sumo sacerdote, verificada em seu cuidado de colocar as sete lâmpadas no santuário para iluminá-lo conforme a instrução de Deus (8:1-3), e a obediência demonstrada na confecção do candelabro de ouro exatamente como Deus o havia descrito (8:4). Os detalhes do desenho e da confecção do candelabro de ouro foram fornecidos anteriormente (Êx 25:31-40; 37:17-24), mas sem referência às suas lâmpadas, que são mencionadas apenas aqui. Essas lâmpadas provavelmente foram acesas como parte da consagração do tabernáculo.

O restante desse capítulo trata da ordenação dos levitas como assistentes dos sacerdotes. A cerimônia que os dedicou oficialmente para realizar suas respectivas tarefas apresenta algumas semelhanças com a cerimônia prescrita para a ordenação dos sacerdotes em Levítico 8. No entanto, enquanto os sacerdotes foram santificados, os levitas foram apenas purificados (8:5-6; Lv 8:30); os sacerdotes foram lavados e ungidos, mas os levitas foram apenas aspergidos com a *água da expiação* (8:7a; Lv 8:6,12); os sacerdotes receberam vestes novas, mas os levitas apenas lavaram suas vestes (8:7b; Lv 8:7-9,13); o óleo foi aplicado nos levitas para ungi-los, mas nesse caso, foi apenas misturado com a farinha para a oferta de manjares realizada pelos levitas (8:8; Lv 8:12,30).

O Senhor instruiu Moisés a colocar os levitas diante do tabernáculo, onde toda a congregação deveria impor as mãos sobre eles (8:9-10). Pode-se presumir que, para a realização desse ritual, representantes das outras tribos impuseram as mãos sobre todos os levitas. A imposição de mãos simbolizou o papel dos levitas como substitutos dos primogênitos de Israel (8:16-18; cf. tb. 3:11-13,40-51). A alusão aos primogênitos associa esse acontecimento diretamente à celebração da Páscoa em Números 9, lembrando os leitores do motivo pelo qual a Páscoa foi instituída e pelo qual a comunidade devia celebrá-la antes de iniciar a marcha.

Os levitas deviam ser separados para servir na tenda da congregação como assistentes de Arão e seus filhos, isto é, dos sacerdotes (8:11,13-15,19a, 22). Mas, antes de poderem realizar essa função, era necessário oferecer um sacrifício de expiação por seus pecados (8:12). Mais adiante nesse capítulo, também se diz que outra função dos levitas era fazer expiação pelo povo de Israel (8:19b). A fim de compreender essa declaração, devemos esclarecer o significado de “expiação”.

No hebraico, o verbo traduzido por “expiar” significa, literalmente, “cobrir”, “espalhar algo por cima”. É usado de forma figurativa para expressar a ideia de apaziguar, aplacar ou reconciliar-se com alguém (Gn 32:20; 2Sm 21:3; Pv 16:14). Outro significado do termo é “perdoar” ou “sofrer as consequências de” (Dt 21:8; 32:43; 2Cr 30:18; Sl 65:34;

78:38; 79:9; Pv 16:6; Is 6:7; 22:14; Jr 18:23; Ez 16:63). Também pode se referir ao ato de “cobrir ou abolir algo” (Is 28:18), ou, ainda, de “realizar o ritual de expiação” (Êx 29:33,36,37; 30:10,15,16; 32:30; Lv 1:4; 4:20,26,31,35; 5:6,10,13).

O ritual de expiação para o povo culminava no Dia da Expiação (Êx 30:10). Nesse dia, também chamado em hebraico de Dia da Cobertura dos Pecados, observava-se o único jejum prescrito no AT e realizava-se um ritual complexo no qual o sumo sacerdote oferecia sacrifícios para expiar pela contaminação da casa e do povo de Deus pelo pecado (Lv 16; 23:26-32; Nm 29:7-11). É a esse ritual que o autor de Hebreus se refere quando fala de Cristo como nosso sumo sacerdote, aquele que oferece expiação por nós (Hb 9—10). Pode-se dizer que Jesus “cobriu” os pecados do mundo.

Assim, a declaração de que os levitas deviam fazer expiação pelo povo (8:19) não deve ser interpretada como uma referência ao ritual, mas, sim, ao significado mais simples da palavra, a saber, cobrir algo. Os levitas deviam servir de “véu” entre o povo e Deus, protegendo o povo da praga que sobreviria caso indivíduos que não eram santos ou separados para o serviço de Deus tentassem servir no Lugar Santo.

Como os capítulos anteriores, o capítulo 8 termina enfatizando a obediência de Moisés, de Arão, dos levitas e de toda a comunidade ao fazer exatamente conforme Deus havia ordenado (8:20-22).

Uma vez que a harmonia seria essencial na jornada para a terra prometida, algumas regras são estabelecidas em mais detalhes, abrangendo até mesmo questões secundárias, como a idade certa para o serviço. Os levitas só podiam começar a servir na tenda da congregação a partir dos 25 anos (8:24). Supõe-se que com essa idade eram considerados maduros o suficiente para saber como se comportar e ter discernimento. Depois dos 30 anos, eram considerados aptos para realizar a tarefa solene de carregar o tabernáculo e seus utensílios (4:3). Jesus começou seu ministério com essa idade (Lc 3:23).

Os levitas encerravam seu ministério aos *cinquenta anos* de idade (8:25). Depois disso, podiam ajudar seus irmãos, mas não deviam mais fazer o *serviço* (8:26). Essa aposentadoria precoce significava que o trabalho devia ser realizado por aqueles que possuíam força e energia para fazê-lo bem. Ao mesmo tempo, os homens mais velhos se aposentavam enquanto ainda tinham vigor, tornando-se conselheiros respeitados dos levitas mais jovens.

Infelizmente, na África muitos líderes parecem pensar que, depois de assumir seu cargo, devem mantê-lo até a morte, como se ninguém mais fosse capaz de liderar ou servir a nação ou a igreja como eles. O padrão estabelecido nessa passagem de Números é muito mais salutar. Os mais velhos se aposentam do serviço ativo, mas continuam sendo considerados consultores e conselheiros sábios em razão



de sua experiência, enquanto os mais jovens assumem os seus cargos. Se fosse adotada na África, tal abordagem promoveria mudanças consideráveis em nosso continente.

### 9:1-14 A celebração da Páscoa

A primeira Páscoa havia sido celebrada na véspera da partida dos hebreus do Egito (Êx 12:25). Agora, Deus lembra Moisés da necessidade de repetir a celebração (9:1-3). A segunda Páscoa foi particularmente significativa, pois foi comemorada depois do episódio do bezerro de ouro (Êx 32—33). Uma vez que a primeira Páscoa havia sido profanada por essa idolatria, a segunda Páscoa representa um novo começo.

A maioria dos israelitas obedeceu à ordem do Senhor para celebrar a Páscoa no deserto (9:4-5), mas alguns não puderam fazê-lo porque se encontravam cerimonialmente impuros. Como as instruções acerca da Páscoa dadas no Egito não tratavam nem dessa nem de outras situações, o povo perguntou a Moisés o que devia fazer.

O problema da impureza cerimonial no dia em que a Páscoa devia ser observada não havia surgido na primeira Páscoa porque, naquela época, Deus ainda não havia estabelecido as leis acerca da questão. Agora, porém, a ordem para que somente os cerimonialmente puros comam da carne das ofertas (cf. Lv 7:18-20) parece entrar em conflito com a ordem para celebrar a Páscoa (9:6-7). Moisés não sabia ao certo como devia lidar com essa situação, de modo que consultou o Senhor (9:8). Em sua resposta, o Senhor também trata de questões relacionadas a viajantes, estrangeiros e indivíduos que se recusassem a guardar a Páscoa. Todos os que se encontrassem cerimonialmente impuros ou estivessem longe de casa na data da Páscoa deviam celebrá-la exatamente um mês depois, quando não houvesse mais nenhum empecilho para sua participação. O povo teve tempo de proceder desse modo, pois a Páscoa era celebrada no décimo quarto dia do primeiro mês do ano, e a comunidade partiu do Sinai apenas no vigésimo primeiro dia do segundo mês (10:11). Excetuando os casos especificados, todos deviam seguir as prescrições para a Páscoa (9:10-12).

Durante a primeira celebração da Páscoa no Egito, não tinha havido recusa, pois, assim como os egípcios, os israelitas que se negassem deliberadamente a participar da cerimônia teriam perdido seus primogênitos. Na segunda Páscoa, porém, não haveria um castigo divino desse tipo. No entanto, Moisés instrui que tal pessoa seja *eliminada do seu povo* (9:13). Ser “eliminado” era um castigo severo, correspondente a uma desobediência grave ao Senhor. Talvez significasse ser expulso do arraial e, desse modo, perder a comunhão com o restante do povo e com Deus, ou talvez uma sentença de morte. Sem dúvida, significava que o transgressor perdia o privilégio de entrar na terra prometida. Alguns cristãos interpretam essa expressão como uma referência à excomunhão pela comunidade e por Deus, acarretando a morte eterna. Ser separado de Deus é ser

condenado a existir eternamente sem o favor, o amor, a graça e a misericórdia de Deus.

Por fim, Deus dá instruções para o caso de um estrangeiro, um não-israelita, desejar participar da Páscoa. A regra é a mesma da Páscoa em Êxodo: os estrangeiros podem participar desde que estejam, de fato, vivendo no meio dos israelitas e se disponham a obedecer a todas as prescrições para a celebração (9:14; Êx 12:19,48).

Em todos esses casos, vemos como as leis são adaptadas para ir ao encontro de certas necessidades e atender aqueles que, de outro modo, teriam dificuldade em celebrar essa festa. Tal reinterpretação periódica da legislação foi crucial para os israelitas de diferentes gerações e também é importante para a igreja nos dias de hoje. Podemos aprender com o modo com que Moisés abordou os problemas decorrentes de mudanças nas circunstâncias ou aplicações das leis. Quando não soube sanar as dúvidas do povo, consultou o Senhor e esperou sua resposta (9:8). Ao que parece, esse era o seu modo habitual de agir, pois o vemos fazer o mesmo no caso das filhas de Zelofeade (27:1-10).

A igreja também não deve impor incondicionalmente as leis existentes. Antes, mantendo-se fiel ao ensino bíblico, deve refletir e orar sobre possíveis mudanças necessárias, para não criar dificuldades indevidas. Tendo em vista a rapidez com que as circunstâncias têm mudado em nosso continente, seria imprudente aplicar regras antigas a uma nova comunidade. No entanto, devemos ter o cuidado de buscar sempre a orientação de Deus ao tratar das questões que afetam nossa sociedade.

### 9:15-23 Um sinal da presença de Deus

Até aqui, os israelitas estavam apenas se preparando para a partida do Sinai. Agora, o narrador apresenta dois sinais que indicariam o momento de iniciar a marcha para a terra prometida. O primeiro sinal seria a posição da nuvem que simbolizava a presença e o poder de Deus em relação à tenda da congregação (9:15-16). (Durante a noite, a nuvem assumia o aspecto de uma coluna de fogo.)

No AT, a nuvem e o fogo são estreitamente relacionados à presença de Deus. O Senhor usou uma sarça ardente para se revelar a Moisés (Êx 3:2-3). Depois que os israelitas deixaram o Egito, foram conduzidos durante o dia por uma coluna de nuvem e, durante a noite, por uma coluna de fogo que simbolizava Deus acompanhando, protegendo e guiando seu povo na jornada (Êx 13:21-22). A nuvem e o fogo aparecem no contexto do estabelecimento da aliança e da entrega dos mandamentos (Êx 19:16-19; 24:15-18), e a imagem de uma nuvem também é usada para descrever a presença de Deus com seu povo depois do fiasco do bezerro de ouro (Êx 33:9,10; 34:5). O uso dessa imagem no livro de Êxodo culmina com a conclusão do tabernáculo (Êx 40:34-38). Ao longo de todo o livro de Números e do restante do AT, a manifestação de Deus é retratada em várias ocasiões em forma de nuvem e fogo: “Guiaste-os, de dia, por uma coluna de nuvem

e, de noite, por uma coluna de fogo, para lhes alumiar o caminho por onde haviam de ir” (Ne 9:12; cf. tb. Lv 16:2; Nm 9:14-22; 10:11,12,34; 11:25; 12:5,10; 14:14; 16:42; Dt 1:33; 31:15; 1Rs 8:10,11; 2Cr 5:13,14; Sl 68:4; 78:14; 99:7; Is 4:5; 19:1; Jr 4:13; Jl 2:2; Sf 1:15). Em todas essas referências, a nuvem retrata não só a santidade e a presença amorosa de Deus, mas também o julgamento divino.

A aparição da nuvem sobre a tenda da congregação no dia em que foi armada, chamada aqui de “tenda do Testemunho”, lembrou o povo de que Deus era seu líder e sua presença era essencial na jornada longa e imprevisível pelo deserto. Quando a nuvem se erguesse de sobre o tabernáculo, o povo de Israel devia partir; quando a nuvem se detivesse, o povo devia fazer o mesmo (9:17-23). No início dessa seção, o autor não afirma especificamente que era Deus quem orientava quanto ao momento de partir; mas aqui ele deixa esse fato claro na repetição tripla da declaração: *Segundo o mandado do SENHOR, os filhos de Israel partiam e, segundo o mandado do SENHOR, acampavam (9:18,20,23a)*. Mais uma vez, a ênfase é sobre a resposta obediente do povo. No final da passagem, o narrador afirma explicitamente que os israelitas *cumpriam o seu dever para com o SENHOR, segundo a ordem do SENHOR por intermédio de Moisés (9:23b)*.

No AT, Deus se manifesta de várias maneiras: anjos, profetas, sinais naturais e sobrenaturais. O ápice dessa revelação surge no NT, na pessoa e no ministério de nosso Senhor Jesus Cristo. Nele, Deus é plenamente manifestado: não apenas recebemos de Cristo a salvação, mas somos ensinados por ele acerca da vontade e do propósito de Deus para a humanidade. Como cristãos, não temos uma nuvem, mas, sim, o Espírito Santo e as Escrituras, que nos foram dados para nos guiar no caminho da salvação, em nossa jornada a essa nova “terra prometida”. A Bíblia também nos provê de novos meios de nos relacionarmos com Deus e com os outros, incluindo toda a criação. Como uma nova comunidade em Cristo, recebemos a missão de ser bênção na terra.

### 10:1-10 Os toques das trombetas de prata

Antes de retomar sua marcha, o povo deveria obedecer a uma última ordem. Deus instruiu Moisés a fazer duas trombetas de prata a serem usadas pelos sacerdotes para dar ordens, como, por exemplo, convocar a congregação para se preparar para a marcha santa (10:1-2). Ao ouvir as duas trombetas, todos os israelitas deviam se apresentar a Moisés, à porta da tenda da congregação (10:3). Se ouvissem apenas uma trombeta, apenas os líderes dos clãs, ou seja, os *príncipes*, deviam se apresentar a Moisés (10:4). Toques longos indicavam que o povo devia partir em marcha; ao primeiro toque longo, as tribos acampadas a leste partiriam; ao segundo toque, as tribos acampadas ao sul partiriam (10:5-6).

As trombetas deviam continuar sendo usadas depois que a marcha pelo deserto chegasse ao fim (10:8). Uma vez que o povo estivesse assentado em Canaã, as trombetas seriam tocadas com dois propósitos. No primeiro, soariam um

alarme quando os israelitas saíssem para lutar contra algum povo que os estivesse oprimindo, para que o Senhor se lembrasse de Israel e o salvasse de seus inimigos (10:9). A vitória não se daria em decorrência do ato de tocar as trombetas, mas, sim, da obediência do povo em seguir as instruções de Deus. No segundo, as trombetas seriam tocadas, ainda, para marcar as datas comemorativas, como a festa da lua nova no começo de cada mês (10:10), e para indicar o início do Ano do Jubileu (Lv 25:9). Seu toque também prepararia os israelitas para as ocasiões solenes de comunhão com Deus.

Convém observar, porém, que essas trombetas são diferentes daquelas usadas no ataque a Jericó para fazer ruir as muralhas da cidade. Essas trombetas são de prata, enquanto aquelas eram feitas de chifres de carneiro (Js 6:4). No entanto, o princípio é o mesmo; as trombetas usadas no ataque a Jericó foram tocadas em obediência a Deus para pedir sua ajuda na batalha. Posteriormente, a trombeta passou a ser tocada na orquestra do templo para adorar a Deus (1Cr 16:6). O toque das trombetas é mencionado em várias outras ocasiões no AT.

As trombetas não são o único elemento cuja relevância vai além da sua função óbvia. O mesmo acontece com a marcha. A jornada de Israel não consistiria apenas na travessia física do deserto, culminando com a entrada do povo na terra prometida. Seria uma caminhada contínua no relacionamento com o Senhor da aliança, o Deus que os livrou da escravidão e concedeu a terra como dádiva. O livro de Números deixa claro que esse relacionamento entre Israel e Deus implica ouvir repetidamente a palavra de Deus e obedecer. Assim, é apropriado que essa seção final dos preparativos se encerre com palavras do Senhor (10:1,10).

### 10:11—21:35 Do monte Sinai a Moabe

A seção seguinte de Números trata da jornada dos israelitas pelo deserto depois de partirem do monte Sinai. É um período conturbado: no deserto, a comunidade deixa de ser o povo obediente descrito em 1:1 a 10:10, tomando parte em uma sucessão de episódios de desobediência. O capítulo 12 descreve as queixas do povo quanto à alimentação e à liderança de Moisés ao acamparem num oásis chamado Cades-Barneia. Quando os espias voltam de Canaã com frutos para mostrar a fartura da terra e com um relatório sobre a força dos seus habitantes, os israelitas esquecem o poder de Deus e, temendo o povo de Canaã, nem sequer tentam entrar na terra. Deus aceita a recusa, mas, como resultado de sua rebelião, todos os israelitas daquela geração morrerão no deserto (caps. 13 — 14). Até mesmo alguns levitas se rebelam contra suas incumbências e, sob a liderança de Corá, tentam se apropriar de prerrogativas do sacerdócio (cap. 16), levando Deus a realizar um milagre para mostrar que Arão é seu sacerdote escolhido (cap. 17). Quando os israelitas continuam a se queixar, Deus os aflige com serpentes. Moisés intercede por eles, e são curados ao olhar para

uma serpente de bronze confeccionada por seu intercessor (21:4-9). Por fim, muitos anos depois de deixar o Egito, ao entrar na região conhecida hoje como Jordânia, Israel volta a ser vitorioso e derrota os reis Seom e Ogue (21:10-35).

### 10:11-36 A partida do Sinai

Finalmente, Israel levantou acampamento no vigésimo dia do segundo mês do segundo ano (10:11), um dia aguardado com grande expectativa. A nuvem se ergueu sobre o tabernáculo, indicando o início da marcha (10:11). O povo viajou três dias (10:33) e acampou no deserto de Parã, onde a nuvem repousou novamente sobre o tabernáculo (10:12).

A ordem das tribos é semelhante àquela estabelecida anteriormente, com o acréscimo de um detalhe: os levitas que carregavam a tenda da congregação marcharam logo atrás do primeiro grupo de tribos. Assim, o tabernáculo poderia estar armado e pronto quando chegassem os objetos santíssimos carregados pelos coatis no grupo central (10:14-28; cf. cap. 2). A ênfase aqui ainda é sobre a obediência do povo ao mandado do SENHOR (10:13).

Apesar de constituir um único povo da aliança, a comunidade dos israelitas não era exclusiva. Outros podiam ser convidados a participar da bênção. Assim, Êxodo 12:38 relata: “Subiu também com eles um misto de gente, ovelhas, gado, muitíssimos animais”. Moisés pediu a seu cunhado Hobabe, identificado como filho de Reuel, o midianita, para acompanhá-los até a terra prometida (10:29; cf. tb. Êx 2:18). Esse versículo causa confusão, pois Êxodo 3:1 diz que o sogro de Moisés se chamava Jetro. No entanto, em várias partes do mundo não é incomum uma pessoa ser chamada por mais de um nome. Mesmo no NT, Pedro também é chamado de Cefas e Simão.

A princípio, Hobabe hesitou em acompanhá-los (10:30), mas, diante da insistência de Moisés e da promessa de que teria parte nas bênçãos prometidas a Israel, acabou concordando em viajar com os israelitas (10:31-32; Jz 1:16; 4:11).

Durante a jornada, o povo é precedido da arca da Aliança do SENHOR que continha as tábuas de pedra nas quais estavam inscritos os Dez Mandamentos (10:33; cf. Dt 10:5). A arca era outro símbolo da presença de Deus com a comunidade. Lembrava os israelitas da aliança que Deus havia feito com eles no Sinai e das promessas de Deus, incluindo a promessa de uma terra. A arca também era um emblema de guerra e da proteção de Deus sobre o seu povo. Esse fato fica claro nas palavras ditas por Moisés quando da partida da arca: *Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam* (10:35-36).

### 11:1-35 Episódios de rebelião e julgamento

Esse capítulo relata uma mudança súbita e dramática na atitude obediente de Israel. O Pentateuco descreve duas mudanças drásticas semelhantes. A primeira se deu quando Adão e Eva abandonaram sua vida feliz e tranquila de intimidade com Deus e desobedeceram ao seu Criador (Gn

2—3). A segunda ocorreu depois de Deus ter livrado os israelitas e feito uma aliança com eles, separando-os de outras nações (Êx 19—24). Moisés subiu ao monte para receber instruções acerca da construção do tabernáculo (Êx 25—31). Em vez de esperar pacientemente pela sua volta, o povo se inquietou e obrigou Arão a fazer um ídolo que pudessem adorar e que os conduzisse na jornada. Assim, logo depois da revelação momentosa de Deus no monte Sinai, Arão confecciona um bezerro de ouro em torno do qual o povo dança, clamando: “São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito” (Êx 32:4). Tanto em Gênesis quanto em Êxodo, Deus responde a essas iniciativas com ira e castiga seu povo.

Os israelitas haviam aprendido com seu castigo no Sinai (Êx 32:25-35) e cooperaram com Moisés e outros líderes para purificar o acampamento e se aprontar para a marcha santa.

### 11:1-9 A murmuração do povo

No entanto, o início da marcha é imediatamente sucedido de cenas tristes de rebelião e castigo. Os israelitas se tornaram inimigos de Deus, e ele teve de castigá-los pelos pecados de descontentamento e incredulidade.

Em 11:1a não se mencionam as dificuldades que levaram o povo a se queixar. Sem dúvida, os israelitas depararam com complicações de todo tipo no deserto. Mas, nesse momento, o narrador não está interessado num problema específico. Sua ênfase recai sobre o fato de Deus ter respondido às queixas tornando a situação dos israelitas ainda mais difícil. Enquanto em Êxodo 15:22-25 e 17:1-7 as queixas do povo são consideradas genuínas, aqui são vistas como um sinal de rebelião. Diante dessa diferença, o autor introduz um dos temas centrais dos capítulos 11 a 20, a saber, a falta de fé e confiança do povo em Deus.

Deus responde a essas queixas mandando um fogo que consome parte do arraial (11:1b). O povo clama a Moisés, e, agindo como intercessor, este ora ao Senhor, e o fogo se apaga (11:2). Assim, o lugar é chamado de *Taberá, porque o fogo do SENHOR se acendera entre eles* (11:3).

Então, novas queixas surgem no meio do grupo chamado de *populacho* (11:4). Esse termo pode se referir aos não-israelitas que acompanharam a multidão na saída do Egito ou que se juntaram a Israel no deserto. Ou, talvez, designe o grupo de israelitas insatisfeitos que iniciaram a rebelião. De qualquer modo, a reação de Deus sugere que o povo todo participou dessa desobediência.

O motivo da murmuração aqui é o maná que Deus estava provendo como alimento no deserto. Os israelitas recolhiam essa substância que caía do céu com o orvalho da manhã; em seguida, eles a moíam em pilões ou moinhos e depois a cozinhavam ou assavam. O maná era como semente de coentro, e sua aparência, semelhante a bdélio, um tipo de resina (11:7-9). Em Êxodo 16:14, é descrito como “coisa fina e semelhante a escamas, fina como a geada”, e Êxodo 16:31 diz que era “como semente de coentro, branco e de sabor

como bolos de mel". Era um alimento singular, para o qual não há nenhuma explicação natural satisfatória. Os israelitas comeram maná durante quarenta anos, até chegarem à fronteira da terra prometida (Êx 16:35).

Os murmuradores alegaram que a dieta diária de maná era monótona e lembraram o povo da variedade de alimentos disponíveis no Egito, especialmente das frutas, legumes e peixes, comidas que não podiam ser encontradas no deserto (11:4-5). Seu descontentamento se espalhou, e o povo chorou e se queixou, dizendo que preferia ser escravo no Egito e desfrutar sua comida saborosa (11:10). Ao se queixarem desse modo, os israelitas não levaram em consideração que o maná não era apenas um alimento físico, mas também uma dádiva de Deus a Israel. Ilustrava a realidade da provisão de Deus para o seu povo durante a jornada pelo deserto até chegarem a Canaã e poderem se alimentar dos frutos da terra prometida (Js 5:11-12).

Jesus empregou esse simbolismo teológico ao descrever a si mesmo como "o pão da vida" e "o pão que desceu do céu" (Jo 6:35,41), referindo-se à sua vida que ele entregaria para a salvação do mundo. Sua vida era uma dádiva que sustentaria o povo na jornada rumo à vida eterna. Como Jesus explicou: "Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram [...] Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne" (Jo 6:49-51).

#### 11:10-15 A queixa de Moisés

Moisés sabia que as queixas do povo provocavam a ira de Deus e se exasperou com o fardo que ele próprio tinha de carregar (11:10). Cansado de ser responsável por toda a comunidade, Moisés expressou seus sentimentos a Deus de maneira intensa, perguntando o que havia feito para merecer esse fardo (11:11). E também indagou: *Concebi, eu, porventura, todo este povo? Dei-o à luz, para que me digas: Leva-o ao teu colo, como a ama leva a criança que mama à terra que, sob juramento, prometeste a seus pais?* (11:12), lembrando a Deus que Israel pertencia a ele, e não a Moisés, e, portanto, Deus teria de conduzi-lo à terra da promessa. Moisés reconheceu abertamente sua incapacidade de suprir as necessidades do povo: *Donde teria eu carne para dar a todo este povo? Pois chora diante de mim, dizendo: Dá-nos carne que possamos comer* (11:13). Apesar de ser grato pela ajuda de Deus, Moisés também reconheceu: *Eu sozinho não posso levar todo este povo, pois me é pesado demais* (11:14). Ele precisava de mais ajuda divina e também humana. Sobrecarregado com o peso de suas responsabilidades, o líder de Israel orou: *Se assim me tratas, mata-me de uma vez, não te peço, se tenho achado favor aos teus olhos; e não me deixes ver a minha miséria* (11:15).

Esse tipo de lamento reaparece em outras passagens de AT. O livro de Salmos é repleto de orações feitas em momentos de agonia, suplicando por socorro para a comunidade e para indivíduos (cf., p. ex., Sl 3; 4; 6; 13; 44; 69;

74; 80; 102). Ana lastima sua esterilidade em 1Samuel 1:9-11, e os livros de Lamentações e Jó são constituídos, em sua maior parte, de lamentos. Em Jeremias 15:18, o profeta se queixa a Deus: "Por que dura a minha dor continuamente, e a minha ferida me dói e não admite cura? Serias tu para mim como ilusório ribeiro, como águas que enganam?". Essas súplicas vêm do coração de pessoas que estão experimentando sofrimento intenso. São orações sinceras dirigidas a Deus, o único que pode oferecer esperança de alívio da dor. A queixa de Moisés pode ser considerada uma oração por socorro. Deus concorda que Moisés está verdadeiramente exausto e desgastado pelas dificuldades de liderar um povo murmurador. Ao contrário dos israelitas, o líder de Israel não se atém a lamentar ou reclamar; ele pede a ajuda de que precisa para conduzir o povo.

A murmuração e choradeira dos israelitas no deserto, por outro lado, não fazem parte de uma oração dirigida a Deus; são apenas queixas contra Deus e seus líderes. Quando o povo se viu, de fato, numa situação desesperadora, como nas ocasiões em que precisou de água e alimento, Deus ouviu suas súplicas (Êx 17:1-7). Mas, em Números, os israelitas rejeitam o alimento provido por Deus. Apesar do suprimento abundante de maná, eles se queixam: "Seca-se e a nossa alma e nenhuma coisa vemos senão este maná" (11:6). O desdém pela dádiva de Deus é acompanhado de um desejo de rejeitar as dádivas ainda maiores de liberdade e da terra prometida e de voltar para o Egito, a terra da escravidão! Em resumo, há um contraste gritante entre as orações de lamento e as murmurações.

A oração de Moisés é fonte de ânimo para os líderes que estão sobrecarregados com os fardos da liderança. Mostra claramente que a liderança é um esforço conjunto, empreendido tanto pelos indivíduos aos quais foi confiada a responsabilidade de liderar quanto pelo próprio Deus que pode aliviar os fardos da liderança.

#### 11:16-35 A resposta de Deus

A primeira coisa que Deus fez em resposta à queixa de Moisés foi concordar que o líder de Israel precisa de ajudantes humanos. Diante disso, Deus instruiu Moisés a escolher setenta anciãos das doze tribos para dividir com ele o fardo de liderar o povo (11:16-17). Essa solução ressalta a importância de dividir o trabalho e envolver outros na liderança. Os líderes de hoje também precisam reconhecer que não podem fazer tudo sozinhos; precisam buscar a ajuda de outros membros da comunidade.

Em Êxodo 18:13-23, Moisés recebeu de seu sogro, Jetro, um conselho parecido: nomear anciãos para julgar as causas do povo e, desse modo, dividir o peso da liderança com outros membros da comunidade. Moisés seguiu o conselho de Jetro, mas, como fica evidente aqui, continuou sobrecarregado.

Na segunda parte de sua resposta, Deus promete prover carne (11:18). Mas, primeiro, o povo deve estar preparado

para recebê-la. Deve se consagrar, pois se rebelou contra Deus rejeitando o maná recebido por ele. A carne seria, ao mesmo tempo, uma dádiva e um castigo. Deus daria aos israelitas aquilo que desejavam — até não suportarem mais! (11:19-20). Ao contrário do maná, que Deus continuaria a prover durante a jornada pelo deserto, a carne seria provida durante apenas um mês.

Moisés duvidou de que Deus seria capaz de prover carne para tamanha multidão durante um mês inteiro (11:21-22) e, pensando em termos humanos, perguntou: *Matar-se-ão para eles rebanhos de ovelhas e de gado que lhes bastem? Ou se ajuntarão para eles todos os peixes do mar que lhes bastem?* (11:22).

Deus respondeu lembrando Moisés de seu poder ilimitado: *Ter-se-ia encurtado a mão do SENHOR?* (11:23). Esta resposta faz lembrar as palavras proferidas pelo Senhor séculos depois aos exilados na Babilônia que talvez tenham duvidado de sua mensagem de consolo: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos” (Is 55:8-9).

Moisés transmitiu a mensagem de Deus ao povo e, em seguida, obedeceu à ordem dada pelo Senhor em 11:16, reunindo setenta anciãos na tenda da congregação (11:24). Então, Deus cumpriu a promessa feita em 11:17. Desceu na nuvem, falou a Moisés e tirou um pouco do Espírito que estava sobre ele, distribuindo-o sobre os setenta anciãos (11:25). Trata-se do mesmo Espírito que Deus concedeu aos juízes de Israel para livrar o povo de seus inimigos, aos verdadeiros profetas e a alguns dos reis de Israel.

Quando o Espírito repousou sobre eles, os anciãos começaram a profetizar, ou seja, provavelmente começaram a falar em línguas ou de maneira diferente do habitual (11:25). Como o texto informa, foi uma ocorrência singular.

Por algum motivo, Eldade e Medade, dois dos setenta anciãos escolhidos por Moisés, não compareceram à tenda da congregação, mas permaneceram no arraial. No entanto, o Espírito de Deus repousou sobre eles também e, como os outros anciãos, eles profetizaram (11:26). Este comportamento incomum consternou aqueles que o observaram, e Josué pediu a Moisés que detivesse os dois anciãos (11:27-28). Mas Moisés repreendeu Josué e expressou o desejo de que todo o povo recebesse o Espírito de Deus (11:29). Alegrou-se pelo fato de outros terem recebido o Espírito e não se apegou a ele como uma prerrogativa da liderança. Não se mostrou possessivo com algo que lhe havia sido concedido; antes, desejou compartilhar a experiência espiritual com o restante do povo de Deus, mesmo que isso representasse uma ameaça à sua liderança.

Devemos aprender com a lição que Moisés nos ensina ao mostrar que o Espírito de Deus não se restringe a um âmbito institucional. Vemos a cobiça por poder tanto na política quanto nas igrejas africanas. Aqueles que conquistam cargos de liderança se recusam a dividir o poder, apegando-se a seus cargos e a todos os elementos associados a ele. Moisés, no entanto, reconheceu humildemente que o mesmo

Deus que lhe havia concedido o Espírito de liderança podia concedê-lo a qualquer outra pessoa. Deus não é limitado pelas nossas estruturas institucionais e nem sempre opera de acordo com os padrões com os quais estamos acostumados. Ele age conforme lhe apraz, pois seu poder e Espírito são ilimitados.

Esse episódio envolvendo os anciãos nos traz à memória o dia de Pentecostes, quando Deus cumpriu a profecia de Joel 2:28-29 e derramou seu Espírito sobre pessoas de todo tipo: judeus e gentios, homens e mulheres, jovens e velhos (At 2:1-21).

Em seguida, Deus cumpriu a segunda promessa que havia feito a Moisés (11:18-20). Proveu carne em grande quantidade usando um vento para soprar um bando de codornizes migrantes que estavam voando sobre o mar, provavelmente sobre o golfo de Ácaba. Exaustas de tanto voar, as aves caíram por todo o arraial, e o povo as recolheu dia e noite (11:31-32).

Apesar de ter atendido ao desejo dos israelitas, Deus ainda estava irado com eles e, quando começaram a comer, ele os feriu com uma praga, e muitos morreram (11:33). Não é possível dizer com precisão onde esse episódio ocorreu, mas o lugar é chamado de *Quibrote-Hataavá*, um nome hebraico que pode ser traduzido literalmente por “sepulcros da concupiscência” ou “túmulos do desejo” (11:34). Sem dúvida, o povo se alegrou quando partiu de lá para Hazerote (11:35).

O termo hebraico usado para o vento que soprou as codornizes é *ruah*, a mesma palavra usada para o Espírito de Deus, o agente por meio do qual Deus opera. Assim, em 11:24-30, o Senhor dá seu *ruah*, ou Espírito, aos setenta anciãos e, em 11:31-35, envia um forte *ruah* ou vento para levar bandos de codornizes do mar para o arraial. Jesus também associa o Espírito ao vento em seu diálogo com Nicodemos: “Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3:7-8).

## 12:1-16 A rebelião de Arão e Miriã

O capítulo anterior relatou como o povo exasperou Moisés ao se rebelar contra Deus. Esse capítulo descreve como Moisés se irou com seus próprios irmãos, Arão e Miriã. Enquanto na ocasião anterior Moisés enfrentou críticas externas, aqui a oposição vem dos seus companheiros de liderança e membros da sua própria família: Arão, seu irmão e sumo sacerdote, e Miriã, sua irmã e profetisa que dirigiu o povo num cântico de vitória (Êx 15:20). Em Miqueias 6:4, ela é citada entre os líderes de Israel no deserto.

As queixas ostensivas de ambos se devem ao casamento de Moisés com a *mulher cuxita* (africana; 12:1). Uma vez que Moisés era casado com Zípora, uma midianita (Êx 2:21), essa mulher cuxita provavelmente era sua segunda esposa. Ao que parece, Miriã e Arão usaram um argumento

racista para ocultar a verdadeira origem de seu ressentimento em relação a Moisés.

Na realidade, tudo indica que os dois estavam com ciúmes do papel eminente de Moisés como único canal da revelação de Deus, conforme sugere sua queixa: *Porventura, tem falado o SENHOR somente por Moisés? Não tem falado também por nós?* (12:2). Assim, o que está em discussão é se o dom de profecia e liderança foi limitado somente a Moisés, o líder institucional oficial. Os três haviam recebido dons de liderança, mas em áreas diferentes. No entanto, Arão e Miriã pareciam não considerar que seus dons diferentes enriqueciam a comunidade. Se os dois tivessem recebido os mesmos dons que Moisés, não poderiam exercer suas funções de sacerdote e de cantora e profetisa.

Antes de relatar a resposta de Deus a esse ataque contra Moisés, o narrador nos lembra: *Era o varão Moisés muito manso* (12:3). Assim, Moisés não era uma pessoa que se apegava ao poder e desejava mantê-lo inteiramente centralizado em si. Pode-se observar essa sua atitude no capítulo anterior, em que pede ajuda e se alegra ao ver que outros receberam o dom de profecia (11:14,29). Assim, em vez de se defender diante de seus familiares, ele deixa Deus resolver a questão.

Deus apareceu repentinamente a Moisés, Arão e Miriã, ordenando que se dirigissem à tenda da congregação. Ali, o Senhor apareceu numa coluna de nuvem posicionada diante da entrada da tenda e pediu a *Arão e Miriã* que se apresentassem (12:4-5). Sua reprimenda enfatiza a posição singular de Moisés. Enquanto Deus fala a outros profetas por meio de sonhos e visões, com Moisés ele falava *boca a boca*. Moisés podia contemplar a forma de Deus e foi incumbido de toda a casa do Senhor (12:6-8).

Ninguém jamais teve um relacionamento tão íntimo com Deus quanto Moisés. O líder de Israel é citado com frequência ao longo das Escrituras como legislador, mediador e modelo para o profeta vindouro. No NT, Moisés e Elias são os dois profetas presentes na transfiguração de Jesus (Mc 9:2-13).

Deus se irou com o fato de Arão e Miriã terem ousado falar contra Moisés e castigou Miriã ferindo-a com uma doença de pele semelhante a lepra (12:10). Por algum motivo desconhecido, Arão não foi castigado. Talvez Miriã tenha instigado a queixa ou, talvez, se Arão houvesse sido contaminado pela lepra, sua condição teria dificultado seriamente o culto na tenda da congregação. Apesar de cremos que Deus agiu com justiça e retidão, o fato de Arão ter sido isentado do castigo incentiva um comportamento tendencioso já existente em nossa cultura. Em vários contextos africanos, homens e mulheres são tratados de forma diferente. Vemos essa mesma tendenciosidade em João 8:1-11, em que uma mulher surpreendida em adultério é colocada diante de Jesus, enquanto o homem envolvido no ato adúltero nem aparece.

Arão ficou horrorizado com o castigo de Miriã e reconheceu a superioridade de Moisés ao implorar ao irmão que orasse

por ambos (12:11-12). Moisés não guardou ressentimentos e intercedeu em favor de Miriã (12:13). O Senhor concordou em suspender o castigo, mas declarou que ela continuaria impura e, portanto, deveria permanecer fora do arraial por sete dias. A congregação só partiria de Hazerote depois de Miriã ser reintegrada ao convívio social (12:15), o que demonstra sua importância para a comunidade. Em seguida, o povo acampou no deserto de Parã, na fronteira sul de Canaã.

Esse episódio gira em torno de uma luta pelo poder dentro da liderança. Nós também nos esquecemos facilmente de que a liderança é uma dádiva de Deus para o bem da comunidade, não devendo, portanto, ser buscada por motivos pessoais e egoístas. Aqueles que procuram assumir a liderança por meio de coerção ou manipulação agem de modo contrário ao modelo de liderança estabelecido por Deus.

Essa passagem também trata indiretamente da questão da diversidade dos dons concedidos por Deus aos cristãos por meio do Espírito Santo, visando o crescimento do Corpo de Cristo. Como Paulo afirma claramente em 1 Coríntios 12:4-11, todos os dons são concedidos pelo mesmo Espírito, mas nem todas as pessoas recebem os mesmos dons. Se todos afirmarem ter o dom de liderança proeminente, haverá um excesso de presidentes e presbíteros e, em vez do crescimento da igreja ou do país, a luta por poder resultará em caos. No entanto, não basta afirmar a necessidade de reconhecer que apenas alguns têm o dom de liderança. Os líderes, por sua vez, precisam apreciar, afirmar e incentivar o uso dos dons de outras pessoas.

### 13:1—14:45 A rebelião decisiva

Os capítulos 13 e 14 tratam da morte da geração rebelde que saiu do Egito. Conforme o juramento de Deus, com exceção de dois indivíduos, todos os membros dessa geração morreriam no deserto antes de entrar em Canaã. Deus também afirmou que conduziria a geração seguinte, os filhos dos israelitas que deixaram o Egito, à terra prometida.

#### 13:1-25 A missão dos espias

Uma vez que o povo se encontrava acampado na fronteira do deserto de Parã com o sul de Canaã, só lhe restava tomar posse da terra prometida. Deus ordenou que Moisés enviasse doze homens, um de cada tribo, para espionar a terra (13:1-16) do alto do Neguebe, no sul, e penetrar *nas montanhas*, no norte (13:17). O objetivo dessa missão era determinar a força do povo, a fertilidade da terra e a fortificação das cidades. Os espias também deveriam trazer de volta amostras *do fruto da terra* (13:18-20). Os homens foram enviados e passaram *quarenta dias* espionando a terra (13:21-25).

#### 13:26-33 O relatório dos espias

Quando os espias regressaram ao acampamento israelita em Cades, relataram o que haviam visto e apresentaram os frutos que haviam colhido (13:26). Seu relatório inicial foi positivo quanto à produtividade da região, a qual

descreveram como uma terra que *mana leite e mel* (13:27). No entanto, foram bem menos animadores ao falar dos habitantes da terra e de suas cidades fortificadas. De acordo com os espias, o povo era forte e, em seu meio, havia *filhos de Anaque* (13:28-29). Sabemos por outras referências das Escrituras a esses “filhos de Anaque” que eram um povo de alta estatura e força extraordinária (Dt 9:2). O nome Quiriate-Arba, usado para designar a cidade de Hebrom, era derivado de Arba, um antepassado dos anaquins (Js 14:15). Outros grupos de gigantes são mencionados no AT: os nefilins (Gn 6:4, NVI) e os emins (Dt 2:10-11), o que explica as palavras dos espias: *Também vimos ali gigantes (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos* (13:32-33).

Ao perceber que esta parte do relatório assustou o povo, Calebe, um dos espias, tomou a palavra e instou os israelitas a conquistarem a terra (13:30). Posteriormente, Josué também procurou encorajar seus compatriotas (14:6-9).

Contudo, os outros espias insistiram: *Não podemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós* (13:31). Espalharam assim um relatório pessimista, afirmando: *A terra pelo meio da qual passamos a espíar é terra que devora os seus moradores*. De acordo com a explicação judaica para estas palavras, os espias devem ter visto um grande número de funerais durante sua jornada pela terra. Caso seja verdade, esses funerais talvez fossem parte da provisão de Deus para que os espias se deslocassem sem ser percebidos, mas eles interpretaram os acontecimentos como um sinal de que a região não era salutar, apesar de seus habitantes darem a impressão de estar prosperando. Que relatório mais desanimador acerca da terra que Deus havia prometido aos israelitas!

#### 14:1-10a A reação do povo

Ao ouvir o relatório dos espias, toda a congregação chorou e protestou contra Moisés e Arão, dizendo: *Tomara tivéssemos morrido na terra do Egito ou mesmo neste deserto! E por que nos traz o SENHOR a esta terra, para cairmos à espada e para que nossas mulheres e nossas crianças sejam por presa? Não nos seria melhor voltarmos para o Egito?* (14:1-3). O medo levou os israelitas a recusarem a dádiva da terra que Deus estava oferecendo. Não desejavam continuar a jornada; preferiam voltar para o Egito. Apesar de terem visto o poder de Deus nas dez pragas enviadas por ele para libertá-los do Egito, na separação das águas do mar Vermelho para que pudessem atravessá-lo e no modo em que o Senhor os protegeu dos muitos perigos no deserto, ainda assim não confiavam que ele cumpriria suas promessas.

Essa rebelião foi diferente daquela com o bezerro de ouro (Êx 32—33). Enquanto naquele episódio o povo não rejeitou Deus, mas, sim, fez uma imagem para representá-lo e conduzi-los em sua jornada à terra prometida, aqui os israelitas recusaram a oferta de Deus e negaram suas pro-

messas e, portanto, rejeitaram Deus claramente. Também rejeitaram os líderes que Deus lhes dera e sugeriram escolher um líder que os levasse de volta para o Egito (14:4). O desejo do povo de escolher seu próprio líder e voltar para o Egito suscitou a ira de Deus, pois representou uma rejeição total do “SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx 20:2).

Todo ato pecaminoso tem consequências. HorrORIZADOS com a desobediência do povo, Moisés e Arão se prostraram com o rosto em terra, como sinal de sua intercessão pelos israelitas que haviam se rebelado contra Deus (14:5). Josué e Calebe continuaram a encorajar o povo a confiar em Deus e até rasgaram suas vestes em sinal de tristeza e arrependimento (14:5-9). Disseram aos filhos de Israel: *A terra pelo meio da qual passamos a espíar é terra muitíssimo boa. Se o SENHOR se agradar de nós, então, nos fará entrar nessa terra e no-la dará, terra que mana leite e mel. Tão somente não sejais rebeldes contra o SENHOR e não temais o povo dessa terra, porquanto, como pão, os podemos devorar; retirou-se deles o seu amparo; o SENHOR é conosco; não os temais* (14:7-9). Mas o povo ignorou as palavras dos dois e ameaçou apedrejá-los (14:10a).

#### 14:10b-45 A resposta de Deus

Deus apareceu na tenda da congregação e expressou sua ira a Moisés: *Até quando me provocará este povo [...]?* (14:11). Também declarou que deserdaria o povo, ou seja, não consideraria mais os israelitas seus filhos. Em seu lugar, criaria uma nova nação ainda maior a partir dos descendentes de Moisés (14:10b-12).

Moisés suplicou ao Senhor que perdoasse o povo, como havia feito anteriormente no episódio com o bezerro de ouro e em outras ocasiões. Apresentou dois motivos fortes pelos quais Deus não deveria destruir seu povo. O primeiro dizia respeito à reputação de Deus. As outras nações sabiam que Deus havia tirado os israelitas do Egito e os estava conduzindo à terra prometida. Assim, Moisés argumentou: *Se matares este povo como a um só homem, as gentes, pois, que, antes, ouviram a tua fama, dirão: Não podendo o SENHOR fazer entrar este povo na terra que lhe prometeu com juramento, os matou no deserto* (14:15-16). Em outras palavras, a morte do povo seria considerada um sinal de que Deus não tinha nenhum poder. Em seu segundo argumento, Moisés apelou para o caráter de Deus e, mais especificamente, para sua misericórdia, amor fiel e perdão da *iniquidade e a transgressão* do seu povo (14:18a). No entanto, Moisés sabia que, apesar de sua misericórdia, Deus castiga o pecado, pois citou a proibição da idolatria nos Dez Mandamentos: *Ainda que não inocente o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta gerações* (14:18b; cf. tb. Êx 20:5; Dt 5:9). Com base nesses dois argumentos, Moisés pediu a Deus que perdoasse Israel como havia feito no passado (14:19).

Deus respondeu prometendo perdoar o povo, mas também castigá-lo por sua desobediência. Israel passaria quarenta



anos vagando pelo deserto, até que a geração mais velha (todos com 20 anos de idade ou mais) perecesse (14:20-35). Dessa geração, somente Calebe e Josué não morreriam no deserto (14:30). Os outros dez espias que haviam apresentado o relatório sobre a terra foram mortos por uma praga (14:36-37), um símbolo do castigo que sobreviria a todos os israelitas com mais de 20 anos de idade.

Moisés relatou ao povo a resposta de Deus à sua desobediência e falou da morte da geração mais velha no deserto (14:39). O povo reconheceu o seu erro, mas não quis aceitar o castigo. Em vez disso, continuou a desobedecer. Depois de rejeitar inicialmente a ordem de entrar na terra prometida com a ajuda de Deus, decidiu fazê-lo por sua própria conta (14:40-43). Moisés recusou-se a acompanhá-los, e a arca da aliança não saiu do arraial, mas o povo avançou para o norte rumo à região montanhosa (14:44). Conforme a predição de Moisés, os israelitas foram derrotados cabalmente pelos amalequitas e cananeus (14:45). Qualquer tentativa humana de realizar uma jornada de fé sem o auxílio e a orientação de Deus é inútil.

### 15:1—19:22 Regras e rebeliões

Aqui, o relato das jornadas de Israel é interrompido por uma longa seção que trata principalmente de prescrições para os sacrifícios e ofertas que passariam a vigorar quando os israelitas entrassem na terra de Canaã. É possível que toda essa seção tenha sido inserida nesse lugar estratégico para garantir aos leitores que, apesar de sua rebelião e da ameaça de Deus de deserdá-los, no devido tempo a nova geração de israelitas entraria na terra prometida e adoraria a Deus ali. Talvez esses capítulos também mostrem que o povo devia continuar adorando a Deus, apesar de ainda estar a caminho da terra prometida. Deus não estava apenas acompanhando os israelitas até o seu destino final; eles se encontravam numa jornada que implicava sujeitar sua vida como um todo ao modo de vida de Deus.

#### 15:1-31 *Leis acerca dos sacrifícios*

O capítulo 15 trata, em primeiro lugar, dos sacrifícios de animais, das libações e das ofertas de manjares (15:1-21). Em seguida, fala dos sacrifícios que podiam ser oferecidos para expiar pecados cometidos por ignorância (15:22-29) e do castigo para a transgressão cometida atrevidamente (15:30-31). Por fim, trata dos indivíduos que violam o sábado (15:32-36) e de uma lembrança tangível da responsabilidade do povo de obedecer aos mandamentos de Deus (15:37-40).

Os primeiros versículos do capítulo especificam que essas leis dizem respeito a sacrifícios e ofertas que o povo deverá oferecer a Deus depois de entrar na terra prometida (15:1-2). Esta declaração, em si mesma, deve ter dado esperança aos israelitas, apesar do castigo severo aplicado por Deus.

Depois de entrar na terra, o povo de Deus terá experimentado salvação e, portanto, deverá se lembrar de render

graças ao Senhor por meio de ofertas. Assim, a primeira prescrição diz respeito à *oferta queimada, holocausto ou sacrifício* (15:3a), a ser oferecido ao Senhor como *aroma agradável* (15:3b, 7, 10, 13). Também é incluída uma oferta de manjares e uma libação, cujas quantidades variam de acordo com o animal oferecido — um carneiro, um novilho ou um cordeiro. Essa oferta podia ser apresentada como cumprimento de um voto a Deus, como oferta voluntária ou durante festas especiais como a Páscoa, a Festa das Semanas, o Dia da Expição ou ocasiões afins (Lv 23; Dt 16:1-17).

As prescrições se aplicam tanto aos israelitas quanto aos estrangeiros em seu meio (15:14-15). Embora a história bíblica da salvação se concentre em Abraão e seus descendentes, é importante observar que no êxodo um “misto de gente” deixou o Egito (Êx 12:38) e que as leis e mandamentos do Pentateuco também se aplicam a esses estrangeiros no meio do povo de Israel. Em outras palavras, a comunidade da aliança era uma comunidade mista. Desde o princípio, Deus oferece a salvação a toda a humanidade, e os escolhidos são usados por Deus para abençoar outros (Gn 12:1-3).

A prescrição seguinte é uma ordem para oferecer um bolo de farinha como oferta da eira, ou seja, uma oferta dos frutos da terra (15:17-21). De geração em geração, os israelitas deviam apresentar esse tipo de oferta para expressar sua gratidão. A Bíblia nos lembra repetidamente de dar graças pelos alimentos, pois tudo que temos vem das mãos do Senhor (cf. tb. Dt 8:11-18). Como diz o salmo 116:12-14: “Que darei ao SENHOR por todos os seus benefícios para comigo? Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do SENHOR. Cumprirei os meus votos ao SENHOR, na presença de todo o seu povo”. E, no salmo 24, o salmista confessa que o mundo e tudo o que há nele pertencem ao Senhor.

Qual o significado dessas prescrições para o cristão de hoje? Muitos cristãos se apropriam do conceito de ofertas do AT agradecendo a Deus antes das refeições. Alguns cristãos vão além, apresentando ofertas especiais de suas colheitas uma ou duas vezes por ano, dependendo da região onde moram. Essas ofertas podem ser frutos da terra ou, para aqueles que não são agricultores, dinheiro ou outros elementos representando sua renda. Todas essas coisas são “ofertas da eira”. Apesar de tais ofertas não serem prescritas para as igrejas, os cristãos as apresentam em reciprocidade à dádiva da salvação por meio de Cristo e como forma de servir a Deus servindo à humanidade.

Também era necessário apresentar ofertas no caso de uma violação não intencional dos mandamentos de Deus (15:22-23). Quando toda a comunidade era culpada de tal transgressão, deveriam ser apresentados ao Senhor um holocausto e uma oferta pelo pecado (15:24-25; cf. Lv 4). Caso se tratasse de apenas um indivíduo que havia quebrado um mandamento divino por ignorância, o sacerdote devia fazer expiação por essa pessoa oferecendo uma cabra (15:27-28). Em ambos os casos, a prescrição se aplica tanto

a israelitas quanto a qualquer outra pessoa que vivia no meio do povo de Israel (15:26,29).

A lei era muito mais severa quando se tratava de alguém que havia desobedecido deliberadamente a um mandamento de Deus. Qualquer pessoa que pecasse de forma intencional devia ser *eliminada do meio do seu povo*, já que pecados deliberados equivaliam a mostrar desprezo para com Deus (15:30-31).

### 15:32-36 O castigo pela transgressão da lei

O sábado era um dia de grande importância para os israelitas, e sua observância como dia de descanso foi ordenada nos Dez Mandamentos: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus” (Êx 20:8-11). Deus havia repousado de toda a sua obra nesse dia (Gn 2:1-3). Em Deuteronômio 5:12-15, a observância do sábado também é associada à lembrança da redenção concedida por Deus ao tirar sua nação do Egito. O mesmo Deus que criou os céus e a terra redimiu seu povo da escravidão (cf. tb. Is 43:1,14-15).

Considerando-se esses fortes motivos para guardar o sábado como dia de descanso, não é de surpreender que os israelitas tenham se perturbado ao ver um dos membros de sua comunidade trabalhar, juntando lenha, nesse dia (15:32). Mas, em vez de fazer justiça com as próprias mãos, o povo considerou a lei e, quando lhe pareceu não haver nenhuma orientação clara, levou a questão a Moisés e Arão (15:33). Sem saber ao certo como proceder, os líderes buscaram a direção de Deus (15:34). Algo semelhante acontece no caso das filhas de Zelofeade (27:1-11; 36:1-12).

As regras não são pronunciamentos rígidos aplicáveis a todas as situações em todo tempo — devem ser reinterpretadas. E, quando uma lei anterior não fornece respostas, precisamos buscar a orientação quanto ao modo de aplicar os princípios a uma nova situação. Devemos lembrar que o discernimento humano, de per si, não é suficiente para determinar a vontade de Deus em situações difíceis. Precisamos ouvir a voz de Deus por meio da oração, da leitura da Palavra e dos conselhos de outros com a mesma fé e a mesma esperança, especialmente os líderes escolhidos por Deus.

Nesse caso, Deus pronunciou o veredicto por intermédio dos líderes da comunidade e, diferente de ocasiões anteriores, a própria comunidade executou a pena, apedrejando o homem até a morte fora do arraial (15:35-36), o mesmo castigo aplicado a indivíduos que pecavam atrevidamente (15:30-31). Por vezes, Deus usa líderes, o sistema judiciário e outros instrumentos semelhantes para executar sua justiça.

É cabível procurarmos descobrir a relevância dessas prescrições para a fé cristã. A Palavra de Deus é sempre “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3:16). No entanto, com a morte de Cristo, algumas leis, como essa que determina o apedrejamento do transgressor, perderam sua validade, pois Cristo tomou sobre si o pecado do mundo e, portanto,

oferece perdão para todos. Por meio de sua morte sacrificial, Jesus redimiu o mundo da maldição da lei, tornando-se ele próprio maldição e, desse modo, cumprindo os requisitos justos da lei (Gl 3:13; Rm 8:3-4). Consequentemente, Jesus nos ensinou a não condenar as pessoas, mas, sim, procurar conduzi-las ao arrependimento, ao perdão e à reconciliação.

### 15:37-41 Lembranças das leis de Deus

Em seguida, Deus instrui os israelitas a colocar borlas em suas vestes como lembrança visível de que são o povo de Deus, e, como tal, têm o dever de obedecer aos mandamentos divinos dados por intermédio de Moisés (15:37-38). A cor azul do cordão também era um símbolo importante. Uma vez que a tintura azul era extremamente cara, essa cor era associada à realeza e ao caráter de Deus como Rei. Um pano azul era colocado sobre a arca da aliança, quando esta era carregada à frente do povo em sua jornada (Nm 4:6), e o azul estava presente entre as cores da cortina que fechava a entrada da tenda da congregação e do véu que separava o Santo dos Santos dentro da tenda (Êx 26:31,36). Assim, ao usarem os cordões azuis, os israelitas seriam lembrados de obedecer e ser consagrados a Deus porque ele é o Senhor (15:41).

Até hoje, os judeus ortodoxos usam xales de oração com franjas e com um fio colorido em obediência a essa instrução em Números (cf. tb. Dt 22:12).

Os cristãos também se valem do simbolismo das cores. Em algumas igrejas tradicionais, o azul e o roxo são usados durante o tempo do Advento para lembrar os fiéis da vinda de Cristo, o Rei. Muitos cristãos adotam símbolos de identificação. Alguns usam uma cruz vazia, outros preferem pulseiras com dizeres gravados, como “O que Jesus faria?”. Além de identificá-los como cristãos, esses símbolos também os lembram de sua responsabilidade de obedecer a Deus e preservar sua reputação a todo tempo. No entanto, quem escolhe usar tais símbolos deve lembrar que não são amuletos protetores, mas apenas lembranças do relacionamento que o cristão deve ter com seu Deus.

### 16:1-50 A rebelião dos levitas

O raio tênue de esperança concedido por Deus ao povo pela instituição de novas leis para aquela que continuava sendo sua comunidade da aliança depois de uma rebelião devastadora (caps. 13—14) não tarda em ser obscurecido por mais uma rebelião. Desta vez, o movimento é liderado por alguns levitas. Seus atos exemplificam o pecado deliberado ao qual 15:30 se refere e indicam um possível significado para as palavras “tal pessoa será eliminada do meio do seu povo”.

Arão e Miriã haviam contestado o papel especial de Moisés como profeta de Deus (cap. 12). Desta vez, outros se opõem à função de Moisés e Arão como sacerdotes. Corá, o líder da rebelião, era um levita que provavelmente servia na tenda da congregação. Como descendente de Coate, era

responsável pelos objetos mais sagrados (16:1a; cf. 3:30-31). No entanto, não se contentou com essa responsabilidade, pois sua ambição era ser sacerdote.

Para alcançar esse objetivo, Corá incitou alguns dos rubenitas, mais especificamente *Datã, Abirão e Om* (16:1b), aos quais se juntaram cerca de duzentos e cinquenta líderes do povo de Israel, formando uma frente de oposição a Moisés (16:2) e alegando que ele e Arão haviam se colocado acima da congregação do Senhor. De acordo com os rebeldes, *toda a congregação* era santa (16:3) — uma meia-verdade. De fato, Israel havia sido chamado anteriormente de nação santa (Êx 19:3-6), mas Moisés e alguns outros indivíduos haviam sido separados do restante dos israelitas para exercer uma função santa. A ambição de Corá o levou a se apegar a essa meia-verdade, questionando a legitimidade dos papéis de Arão e Moisés e, indiretamente, a autoridade do Deus que os havia nomeado para os seus cargos. Nos dias de hoje, aqueles que defendem meias-verdades agressivamente também podem causar grandes estragos nas comunidades dos cristãos.

Mais uma vez, como em 14:5, Moisés *caiu sobre o seu rosto* para expressar vergonha e arrependimento diante desse ato de rebelião, assim como submissão a Deus (16:4). Em seguida, pediu uma prova a fim de determinar quem Deus havia escolhido para o sacerdócio. No dia seguinte, Arão e todos os participantes da rebelião deveriam oferecer incenso. Nessa ocasião, o Senhor mostraria claramente os indivíduos que ele havia separado para ministrar na função sacerdotal (16:5-7a).

No entanto, Moisés advertiu Corá: *Basta-vos, filhos de Levi* (16:7b). Deus já dera aos levitas uma função especial, e estavam errados em murmurar contra Arão, que, nesse caso, representa todo o sacerdócio (16:8-11).

Moisés também convocou os rubenitas Datã e Abirão, filhos de Eliabe, que haviam tomado partido de Corá na rebelião (16:12). Os dois recusaram apresentar-se e afirmaram que Moisés havia conduzido o povo para fora *de uma terra que mana leite mel* (como se o Egito, a terra de escravidão e sofrimento, fosse a terra da promessa!) e não havia cumprido sua promessa de conduzi-los a *uma terra que mana leite e mel*. Acusaram Moisés de cobiçar poder e querer se impor como *príncipe* sobre eles (16:13-14a). Além disso, também o acusaram: *Pensas que lançarás pó aos olhos destes homens?* (16:14b), como se Moisés estivesse tentando cegá-los para o que estava acontecendo.

Moisés se irou com essas acusações falsas, mas, em vez de se voltar contra seus acusadores, pediu a Deus que o defendesse. Moisés podia dizer a Deus com toda a sinceridade: *Nem um só jumento levei deles e a nenhum deles fiz mal* (16:15). A capacidade de se voltar para Deus em busca de justificação e servir ao povo fielmente são qualidades da boa liderança. As asserções de Moisés também levantam a questão de quantos líderes africanos, tanto na igreja quanto no governo, teriam a coragem de declarar diante de Deus

que nunca roubaram nem fizeram mal a ninguém. Tendo em vista a corrupção generalizada em nosso continente, é provável que poucos pudessem fazer tal declaração.

Em seguida, Moisés repetiu a ordem para que Corá e todos os rebeldes se apresentassem diante do Senhor no dia seguinte (16:16). Moisés e Arão ofereceriam incenso a Deus, que mostraria quais homens deveriam ser aceitos como sacerdotes do Senhor na tenda da congregação (16:17-18).

A rebelião sempre é castigada, e esse caso não é exceção. No dia seguinte, quando o grupo se reuniu na tenda da congregação, Deus estava tão irado que ameaçou novamente destruir toda a comunidade (16:21). A oração de Moisés e Arão em favor do povo reunido no acampamento de Corá mostra, mais uma vez, suas qualidades de liderança autêntica (16:22). Moisés transmitiu, então, a advertência de Deus, dizendo ao restante da comunidade que se afastasse das tendas dos pecadores a fim de que o castigo de Deus não recaísse sobre todos (16:23-27). Então, declarou que Deus revelaria se as acusações dos rebeldes contra Moisés e Arão eram justificadas ou não (16:28-30).

Deus executou seu julgamento de forma dramática, e Corá, Datã, Abirão e suas famílias foram tragados pela terra que se abriu debaixo dos seus pés (16:31-34). O destino dessas famílias nos lembra que o pecado de uma pessoa pode afetar não somente ela própria, mas também os inocentes. Quando, por exemplo, o meio ambiente é poluído ou destruído, tanto os transgressores quanto os inocentes sofrem. Semelhantemente, pessoas com vícios como o alcoolismo podem arruinar sua família e deixá-la na miséria. O pecado de uma pessoa pode resultar, ainda, na transmissão do HIV a cônjuges e filhos inocentes.

Os duzentos e cinquenta homens rebeldes que ofereceram incenso foram atingidos por um raio do Senhor (16:35). No entanto, isso criou outro problema, pois seus incensários haviam sido usados para o serviço do Senhor, tornando-se sagrados (16:36-37), de modo que não podiam simplesmente ser devolvidos às famílias. Assim, Deus instruiu Moisés a derreter os incensários e batê-los para formar lâminas a serem usadas como cobertura do altar, servindo de memorial pela insensatez dos rebeldes e confirmação de que somente os sacerdotes da família de Arão podiam queimar incenso naquele local (16:38-40).

Em vez de aprender com esse castigo divino, a comunidade toda se levantou contra Moisés e o acusou de ser responsável pela morte dos rebeldes (16:41). Quando o povo se ajuntou em oposição a Moisés, a nuvem cobriu a tenda da congregação, mostrando a glória de Deus (16:42). O Senhor ordenou que Moisés e Arão se afastassem do povo, pois ele estava prestes a castigá-lo por esse novo ato de rebelião (16:43-45). Mais uma vez, Moisés e Arão se prostraram diante do Senhor em oração.

Deus enviou uma praga como julgamento, e, ao perceberem que era necessário detê-la, Moisés e Arão tomaram um incensário e fizeram expiação pelo povo (16:46). Em geral,

a expiação era feita por meio de um sacrifício, mas, tendo em vista a urgência da situação, não havia tempo para preparar uma oferta pelo pecado. O incenso oferecido por Arão teria de representar essa oferta.

A posição de Arão *em pé entre os mortos e os vivos* mostra nitidamente o papel do sacerdote como um mediador (16:47-48). Seu ato evitou que ocorressem mais mortes no meio do povo; mas, antes que a praga fosse detida, morreram 14.700 pessoas (16:49-50).

### 17:1-13 A defesa do sacerdócio araônico

A rebelião contra o sacerdócio araônico descrita no capítulo 16 se opôs diretamente ao plano de Deus, segundo o qual os descendentes de Arão deviam desempenhar as funções sacerdotais (3:10). Ainda assim, Arão fez expiação pelo povo (16:47). Nesse capítulo, Deus envia um sinal claro para resolver a controvérsia acerca dos sacerdotes escolhidos.

Deus ordenou que Moisés colocasse diante da tenda da congregação doze varas, ou bordões, cada qual com o nome de um líder de uma das doze tribos. Em seguida, os bordões foram dispostos diante do Testemunho (a arca da aliança) durante a noite (17:4-7). O bordão de Arão que representava os descendentes de Levi foi escolhido claramente entre todos os outros e, no dia seguinte, *brotara, e, tendo inchado os gomos, produziu flores, e dava amêndoas* (17:8-9).

O Senhor ordenou a Moisés que deixasse o bordão de Arão diante da arca da aliança como sinal do direito dos levitas de ser sacerdotes e para acabar com toda rebelião contra Arão e seus descendentes (17:10).

Por fim, o povo se dá conta do seu pecado ao desafiar Deus com respeito ao sacerdócio de Arão (17:12-13). Teme que, como consequência, *todo aquele que se aproximar do tabernáculo do SENHOR morrerá* e pergunta: *Acaso, expiraremos todos?* (17:13). Esta dúvida lamentável é respondida no capítulo seguinte, no qual as responsabilidades e direitos dos levitas são descritos novamente.

Esse episódio serviu para advertir a nação de duas coisas: O Senhor deseja ordem na liderança, e os líderes escolhidos por ele não podem simplesmente ser colocados de lado em decorrência da ambição de alguém. Os israelitas estavam realizando uma marcha santa e, portanto, deviam seguir regras específicas para que não lhes sobreviesse o caos e a destruição.

### 18:1-32 Prescrições para sacerdotes e levitas

Uma vez resolvida a questão da legitimidade do sacerdócio de Arão e seus descendentes, o autor de Números descreve os direitos e responsabilidades dos sacerdotes e de seus assistentes, os levitas. Essas instruções haviam sido transmitidas a Arão anteriormente, mas são repetidas porque seu cargo como sacerdote acabou de ser confirmado diante de todo o Israel e, especialmente, diante dos sacerdotes levitas subordinados a ele.

Arão, seus descendentes e a família de seu pai (ou seja, os levitas) são informados de que seriam responsabilizados pelas transgressões contra o santuário. No entanto, somente Arão e seus filhos deviam tomar sobre si a responsabilidade pelas transgressões contra o sacerdócio (18:1). Essa ordem parece indicar que os sacerdotes e levitas eram responsáveis por manter a santidade do templo, mas que a proteção das áreas mais sagradas dentro do templo era, em última análise, responsabilidade dos sacerdotes, os quais deviam ser descendentes de Arão.

Os levitas foram incumbidos de assistir Arão e seus filhos quando estes ministrassem diante do Senhor na *tenda do Testemunho* (18:2). No entanto, havia algumas restrições acerca da tarefas a serem realizadas pelos levitas, pois estes não deviam tocar nenhum objeto sagrado (18:3-5a).

O serviço dos levitas foi dado a Arão e seus filhos como um presente (18:6), mas o sumo sacerdote e seus descendentes são lembrados de que o privilégio de se aproximar do santuário e ministrar diante do Senhor também é uma *dádiva* (18:7). Deviam servir a Deus visando o bem do povo, para que a ira de Deus não recaísse sobre *os filhos de Israel* (18:5b).

Em seguida, Deus descreveu como os sacerdotes seriam sustentados. Uma vez que não deviam receber terras, não poderiam enriquecer à custa de outros. Sua herança seria Deus, e não bens materiais (18:20). Os sacerdotes e suas famílias deviam ser sustentados pelas ofertas regulares, como as ofertas das primícias e dos animais primogênitos, as ofertas pelo pecado apresentadas pelo povo e as dádivas que o povo levasse ao Senhor (18:8-19a).

Deus declara que essa provisão é uma *aliança perpétua de sal* (18:19b). Os judeus e outros povos do mundo antigo costumavam acrescentar sal às suas ofertas. Naquele tempo, o sal era usado para conservar alimentos, como ainda é em muitos lugares hoje em dia. Assim, uma “aliança de sal” era um pacto consagrado e permanente (cf. tb. 2Cr 13:5).

Os levitas também não receberam *nenhuma herança* na terra e deviam, igualmente, ser sustentados pelos dízimos que o povo de Israel levava ao Senhor (18:21-24). E, desses dízimos, eles próprios deviam entregar um dízimo ao Senhor por intermédio do sacerdote Arão (18:25-28), uma prescrição que enfatiza sua subordinação aos sacerdotes e lhes permite fazer uma oferta ao Senhor. A obediência a essas prescrições acerca do dízimo também era importante para que os levitas fossem poupados do castigo e da morte (18:32).

### 19:1-22 A purificação depois do contato com os mortos

Os capítulos anteriores de Números descrevem várias mortes no meio do povo de Israel (cf. 11:33; 14:37; 14:45; 16:33-35,49). Com tantos corpos espalhados pelo arraial, era grande a probabilidade de alguém tocar um cadáver acidental ou intencionalmente, um contato considerado uma ameaça grave à santidade da comunidade de Israel. A impureza resultante desse contato pode ser um dos motivos pelos quais o povo

## O SACERDÓCIO NA BÍBLIA

A prática de oferecer sacrifícios vem de longa data (Gn 4:3-4; 8:20). Como chefes de família, todos os patriarcas ofereciam sacrifícios (Gn 12:7-8; 3:14; 15:9; 26:25; 35:3,7), e um tipo de sacerdócio parece ter se desenvolvido antes da entrega da lei no Sinai (Êx 19:22,24). Em Êxodo 19:6, Israel é descrito como um reino de sacerdotes (cf. tb. Is 61:6). Isso significa que, teoricamente, todos os membros dessa nação, tanto homens quanto mulheres, faziam parte desse sacerdócio.

### O sacerdócio no Antigo Testamento

Uma vez que não era prático uma nação inteira officiar os ritos sacrificiais, os levitas foram escolhidos para representar o povo (Nm 18:21-23), talvez como recompensa por seu zelo em servir ao Senhor (Êx 32:25-29). Quando os israelitas estavam no deserto, os levitas acampavam ao redor do tabernáculo. Assim, guardavam o santuário e, ao mesmo tempo, protegiam os outros israelitas da ira de um Deus santo (Nm 1:53; 8:19).

Os sacerdotes eram escolhidos dentre os levitas e esperava-se que fossem modelos da santidade exigida de todo o povo da aliança, pois Deus é santo (Êx 19:6; Lv 19:2). As prescrições acerca da vida dos sacerdotes simbolizavam a santidade e pureza necessárias para servir a Deus (Lv 21:1-9). Sua consagração incluía um rito de purificação (Êx 29; Lv 8), suas vestes eram feitas de linho fino (Êx 39:27-29), e eles próprios não podiam ter nenhum defeito físico (Lv 21:16-23). O sumo sacerdote estava sujeito a um número ainda maior de restrições, entre elas a permissão de se casar apenas com uma virgem (Lv 21:10-15).

As vestes e o turbante do sacerdote eram semelhantes aos trajes de um rei (Êx 39; Is 62:3). Sempre que ele entrava no Santo dos Santos, levava consigo, simbolicamente, toda a congregação de Israel, pois em seu peitoral havia pedras inscritas com os nomes de todas as tribos de Israel.

Além de oferecer sacrifícios, os sacerdotes abençoavam o povo (Nm 6:22-27) e o convocavam para assembleias (Nm 10:8-10; 31:60). Também tinham responsabilidades judiciais (Dt 17:8-9; 29:5; 2Cr 19:8-11; Ez 44:24) e financeiras (Ed 8:33-34) e participavam dos preparativos para batalhas (Dt 20:1-4; Js 6:8; 1Sm 4:3-4).

Apesar de a lei definir que apenas os levitas deviam ser sacerdotes, algumas funções sacerdotais também foram exercidas por membros de outras tribos, como o efraimita em Juízes 17:5; os filhos de Davi, da tribo de Judá (2Sm 8:18; NVI); e Ira, da tribo de Manassés (2Sm 20:26). No entanto, a preferência era por sacerdotes levitas (Jz 17:5-13).

### Desenvolvimento político

Uma mudança importante no sacerdócio ocorreu quando Salomão colocou Zadoque no lugar de Abiatar como sacerdote em Jerusalém (1Rs 2:26-27). Essa nomeação marcou o fim de uma linhagem sacerdotal (cf. predito em 1Sm 2:30-31) e o início do controle político do sacerdócio. Outra mudança se deu quando o rei Josias centralizou o culto no templo em Jerusalém (2Cr 34), tornando desnecessário o serviço dos sacerdotes levitas de outros santuários fora de Jerusalém.

No período pós-exílico, o sumo sacerdote se tornou uma figura extremamente poderosa, e homens inescrupulosos procuraram ocupar esse cargo. Foi o caso de Jason (174 a.C.), nomeado sumo sacerdote depois de prometer a Antíoco IV que promoveria a cultura helênica.

O sacerdócio judaico dos Evangelhos e do livro de Atos era aarônico (Lc 1:5). Jesus aceitou sua legitimidade e, depois de curar leprosos, os enviou aos sacerdotes para que estes confirmassem a cura (Mc 1:44). Apesar dos sacerdotes — especialmente os saduceus (um grupo de sacerdotes que não aceitavam a doutrina da ressurreição) — terem sido opositores ferrenhos de Cristo, muitos acabaram se convertendo ao cristianismo (At 6:7).

### O sacerdócio de Cristo

Aos poucos, os cristãos se separaram dos rituais judaicos, como mostram o discurso de Estêvão e a decisão do concílio de Jerusalém (At 7:44-53; 15:28-29). Especialmente depois da destruição do templo pelos romanos em 70 d.C., os cristãos enfatizaram a tradição profética do AT em detrimento da tradição sacerdotal (Mt 9:13).

A rejeição do sacerdócio judaico pela igreja não representou um abandono do conceito de sacerdócio. Antes, este foi considerado consumado na pessoa e ministério de Jesus Cristo. O autor de Hebreus representa Jesus Cristo como o grande Sumo Sacerdote, pois seu sacerdócio segue o modelo do sacerdócio de Melquisedeque, uma figura que aparece nas Escrituras sem nenhum antecedente (Hb 7:11-28). Enquanto todos os sacerdotes comuns morriam, Jesus é imortal, e seu sacerdócio foi estabelecido de uma vez por todas. Ao contrário dos sacerdotes aarônicos, Jesus não tem pecado (Hb 4:15). Os sacrifícios dos sacerdotes do AT precisavam ser repetidos, pois não eram verdadeiramente eficazes. Por meio do sacrifício único de si mesmo, Jesus cobriu os pecados de seu povo para sempre (Hb 10:1-18).

### A nova aliança

Além disso, Jesus deu início a uma nova aliança (Hb 8:1-13). Sob a antiga aliança, os sacerdotes tratavam da contaminação externa oferecendo animais como sacrifícios que não podiam remover o pecado. Sob a nova aliança, Jesus é o sacrifício sem defeito que elimina a barreira entre Deus e seu povo. O sumo sacerdote aarônico ministrava

num santuário terreno, onde era preciso transpor um véu para ter acesso à presença divina. Sob a nova aliança, Jesus exerce seu sacerdócio no santuário celestial, onde não há separação entre Deus e os adoradores (Hb 9:1-28; cf. tb. Mt 27:51). Assim, o autor de Hebreus conclui que o sacerdócio de Jesus substituiu o sacerdócio aarônico.

Todos os outros escritores do NT também usam termos associados aos sacrifícios para descrever a obra de Jesus, e sua missão é retratada como o pagamento de um resgate (Mc 10:45). As palavras usadas na instituição da ceia do Senhor são de cunho sacrificial (Mc 14:22-25). Jesus é descrito repetidamente como Cordeiro de Deus (Jo 1:29; 1Co 5:7; 1Pe 1:19) cujo sangue nos purifica do pecado (Rm 8:3; 1Jo 1:7; 2:2; 4:10; 1Pe 2:24; 3:18; Ap 1:5; 7:14). Cristo se santificou como um sacerdote era santificado (Jo 17:19) e intercede por nós como sacerdote (1Jo 2:1).

### O sacerdócio de todos os cristãos

Cristo é nosso Sumo Sacerdote e, no batismo, o indivíduo se torna parte de Cristo e do seu corpo, a comunidade cristã. Nesse corpo, todos os membros são considerados sacerdotes (Ap 1:6; 5:10; 20:6; cp. Êx 19:6) que representam Deus para o mundo (1Pe 2:9). Não há divisão ou casta sacerdotal; antes, cada membro tem responsabilidades individuais e coletivas de servir a Deus e aos outros.

De modo semelhante aos sacerdotes do AT, os cristãos oferecem sacrifícios individualmente e em comunidade.

A Bíblia diz que o ato espiritual de culto dos cristãos consiste em oferecer seu corpo “como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12:1). Assim, não há distinção entre a adoração e a vida cristã. Aliás, o corpo dos cristãos faz parte do próprio Cristo e é templo do Espírito Santo (1Co 6:15,19). Se a vida cristã é um tipo de sacrifício, segue-se que os atos de caridade realizados pelo cristão também são sacrifícios (Hb 13:16), e as ofertas materiais são “como aroma suave, como sacrifício aceitável e agradável a Deus” (Fp 4:18).

Outros sacrifícios oferecidos pelos cristãos são o louvor, a confissão do nome de Deus (Hb 13:15) e as orações (Ap 8:3-4) e podem ser realizados individualmente ou em comunidade. No entanto, a fim de celebrar a ceia do Senhor, é preciso haver uma comunidade que ofereça a Deus com gratidão os frutos do seu trabalho, como os israelitas faziam (Dt 26:1-10). Entre esses “frutos”, estão as pessoas convertidas por intermédio do ministério evangelístico dos cristãos (Rm 15:16; Cl 1:18; Ap 14:4).

Fica claro que o sacerdócio cristão é de natureza coletiva e inclui homens e mulheres. Os pais da igreja primitiva limitaram o sacerdócio aos ministros ordenados da igreja. No entanto, a Bíblia mostra que o sacerdócio é uma responsabilidade a ser exercida por todos os cristãos individual e coletivamente com outros membros do Corpo de Cristo.

Felix Chingota

teve medo de se aproximar da tenda da congregação (17:13). Assim, Deus proveu um ritual para purificar as pessoas que tivessem sido contaminadas e permitir que se aproximassem da tenda da congregação sem temer a morte.

O ritual de purificação é descrito em detalhes (19:1-22) e consiste na imolação e holocausto de uma novilha vermelha (19:2). A cor vermelha é extremamente significativa nesse ritual. O sangue vermelho do animal devia ser aspergido e queimado (19:4-5), e, junto com ele, devia ser queimado *estofos carmesim* (19:6b). É possível que essa ênfase sobre a cor vermelha tenha o propósito de enfatizar a importância do sangue na purificação dos indivíduos cerimonialmente impuros. Outros agentes de purificação, o *pau de cedro* e o *hissopo*, também deviam ser queimados com o sacrifício (19:6a). E, por ocasião dessa oferta, os sacerdotes e seus assistentes deviam se purificar (19:7-10).

No final, cinzas da novilha e dos elementos que haviam sido queimados com ela deviam ser misturadas com água para fazer a *água purificadora* (19:13,17,21) que podia, então, ser aspergida por uma pessoa cerimonialmente pura sobre o indivíduo e os objetos impuros (19:18), usando um maço de *hissopo* (cf. tb. Sl 51:7). O *hissopo* era um arbusto semelhante à manjerona, usado no contexto bíblico para aspergir água ou sangue em cerimônias de expiação e purificação (cf. tb. Sl 51:7).

Quando seguidos à risca, os procedimentos para obter a pureza ritual eram eficazes e visavam garantir a segurança e santidade do povo. O povo que adora o Deus santo também deve ser santo (Lv 19:2).

O autor de Hebreus se refere a essa purificação cerimonial quando fala da purificação da consciência dos cristãos da contaminação dos pecados e dos rituais inúteis, mostrando que Deus estabeleceu um modo melhor de realizá-la: “Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Hb 9:13-14).

### 20:1-21 A ira de Deus contra Moisés e Arão

Uma nova rebelião em grande escala irrompeu no meio do povo. Desta vez, os israelitas se encontravam acampados em Cades-Barneia, onde permaneceram por um longo tempo.

Durante sua estada nesse local, Miriã morreu, e Israel perdeu uma líder importante, profetisa e cantora (Êx 15:20-21). Depois de sua morte, o povo enfrentou uma crise ainda mais séria, provocada pela falta de água (20:2). Os israelitas se voltaram contra Moisés e Arão, dizendo que seria melhor estarem todos mortos junto com seus compatriotas

que o Senhor havia ferido em vez de morrerem lentamente de fome e sede no deserto (20:3-4). Queixaram-se de que a comida disponível no deserto não chegava aos pés dos *ce-reais*, dos *figos*, das *vides* e das *romãs* do Egito (20:5).

Moisés e Arão apresentaram essa queixa do povo a Deus, que instruiu Moisés a tomar seu bordão, reunir a congregação e falar à rocha que desse água (20:6-8). Moisés seguiu a primeira parte da instrução: tomou seu bordão e, juntamente com Arão, reuniu todo o povo (20:9-10a). Então, os dois desobedeceram a Deus. Primeiro, Moisés falou aos israelitas: *Ouvi, agora, rebeldes, porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?* (20:10b) e, depois, em vez de falar à rocha, *Moisés levantou a mão e feriu a rocha duas vezes com seu bordão* (20:11a). Apesar de sua desobediência, a rocha verteu uma grande quantidade de água, e o povo e os animais puderam saciar sua sede (20:11b).

Deus castigou Moisés e Arão porque não creram nele e não honraram sua santidade. Disse-lhes: *Por isso, não fareis entrar este povo na terra que lhe dei* (20:12). Em outras palavras, Moisés e Arão receberiam o mesmo castigo dado ao restante da geração mais velha e desobediente. Talvez Deus tenha se desagradado porque Moisés se dirigiu aos israelitas com raiva, chamando-os de “rebeldes”, quando Deus não estava irado com eles. No entanto, é ainda mais importante observar que a raiva de Moisés o levou a assumir o papel de Deus ao perguntar: “Porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?” (20:10). A terceira pessoa do plural se refere a Moisés e Arão, colocando-os no lugar do Deus que opera os milagres. Ao proceder desse modo, os dois líderes incentivaram o povo a ser reverentes a eles e lhes dar glória em vez de glorificar a Deus.

Ademais, Moisés desobedeceu à ordem de Deus: *Falai à rocha* (20:8) e, em vez disso, feriu-a *duas vezes com o seu bordão* (20:11). Não creu que a palavra de Deus seria suficiente para fazer a água sair da rocha e tentou “ajudar” Deus. Em Êxodo 14:16,21, Moisés obedeceu a Deus e seguiu suas instruções ao erguer seu bordão sobre o mar. Também agiu corretamente ao ferir a rocha em obediência à instrução de Deus quando o povo se queixou da falta de água (Êx 17:5-6). Desta vez, porém, Deus não lhe disse que ferisse a rocha, mas que falasse a ela. No entanto, Moisés agiu com base em suas experiências anteriores e ignorou a voz de Deus numa situação nova. Podemos não entender por que Deus faz as coisas de forma diferente em ocasiões diferentes, mas ele espera que sigamos sua orientação.

O local onde esse episódio sucedeu foi chamado de *Meribá*, que significa “contenda” ou “rixa”, por causa do conflito ocorrido ali.

Moisés continuou a agir por sua própria iniciativa, sem pedir a orientação de Deus (20:14-21). Enviou mensageiros de Cades ao rei de Edom solicitando permissão para Israel passar pelo território edomita. Na mensagem, chamou Edom de *irmão*, enfatizando o parentesco próximo entre Edom e Israel (20:14; cf. Gn 25:20-34). Mas, apesar da sú-

plica de Moisés para que o rei de Edom se apiedasse do sofrimento de Israel no Egito (20:15-16), de sua promessa de que os israelitas não causariam nenhum dano às lavouras nem deixariam a estrada real, bem como de sua oferta para pagar pela água que o povo bebesse (20:17,19), Edom recusou dar passagem a Israel (20:18,20). Como resultado, Israel teve de fazer uma longa volta para contornar Edom, fato que provocou uma nova rebelião (21:4).

De acordo com Deuteronômio 2:4-8, era da vontade de Deus que o povo contornasse Edom desse modo. Deus deixou claro que não daria aos israelitas a terra dos edomitas, pois a havia entregue aos descendentes de Esaú. Os edomitas eram parentes dos israelitas, e Israel não devia entrar em conflito com eles. A única coisa que Deus permitiu aos israelitas ao contornar a terra de Edom foi comprar alimento e água dos edomitas.

### 20:22-29 A morte de Arão

Quando os israelitas chegaram no monte Hor, perto da fronteira com Edom, o Senhor informou a Moisés que era hora de seu irmão morrer. Também lembrou Moisés que Arão não entraria na terra prometida por causa da desobediência de ambos junto às águas de Meribá (20:24; cf. 20:12-13). Assim, Arão faleceu no monte Hor, e foi sucedido no cargo de sumo sacerdote pelo seu filho Eleazar (20:25-28). A geração mais velha que havia vivido no Egito estava desaparecendo, e Deus levantava uma nova geração de israelitas.

### 21:1-35 Incidentes na jornada rumo a Moabe

Os israelitas começaram a sair do deserto e se aproximar de terras habitadas. A fim de entrar na terra prometida, seria necessário conquistar os povos que viviam ao redor das fronteiras de Canaã. Esse capítulo relata as vitórias de Israel sobre alguns reis. Mas o povo continuou a desobedecer, e foi castigado por voltar a murmurar.

Enquanto os israelitas atravessavam o deserto de Neguebe saindo de Cades rumo à terra prometida, foram atacados pelo rei cananeu Arade (21:1). O ataque levou Israel a fazer um voto a Deus: *Se, de fato, entregares este povo nas minhas mãos, destruirei totalmente as suas cidades* (21:2). Essas palavras são, ao mesmo tempo, uma promessa e um pedido de socorro. Os israelitas reconheceram que Deus era o único capaz de entregar os inimigos em suas mãos. Assim, o povo se comprometeu a obedecer à ordem de Deus e destruir as cidades depois de conquistar aquela terra. Israel recomeçaria a vida na terra que o Senhor lhe havia prometido.

Deus ouviu essa súplica, e os israelitas derrotaram totalmente os cananeus, destruindo tudo, conforme haviam prometido (21:3). O lugar onde conquistaram a vitória foi chamado de *Horma*, que em hebraico significa lugar de destruição. Nas ocasiões em que Israel se lembrou de clamar ao Senhor por socorro, Deus permitiu ao povo ser bem-sucedido.

No entanto, esse tempo de vitória e relacionamento próximo com Deus foi curto, pois o povo logo voltou a murmurar.



Os israelitas se impacientaram com a longa volta ao redor de Edom e falaram contra Deus e Moisés: *Por que nos fizestes subir do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? E a nossa alma tem fastio deste pão vil* (21:5). A impaciência do povo o levou a blasfemar contra o pão que Deus lhes havia provido do céu e a rejeitar Moisés, o servo de Deus.

Numa ocasião anterior, queixas semelhantes haviam trazido uma praga sobre o arraial (cap. 11). Desta vez, Deus castigou o povo enviando serpentes venenosas, e muitos morreram depois de ser picados (21:6). Ao perceberem que haviam pecado contra Deus e Moisés, os israelitas imploraram a seu líder que intercedesse por eles (21:7). Moisés orou pelo povo, e o Senhor respondeu ordenando que ele fizesse uma serpente de bronze e a colocasse numa haste. Todos que tivessem sido mordidos e olhassem para a serpente de bronze viveriam (21:8-9). Essa serpente se tornou um símbolo do poder curativo de Deus, e, posteriormente, Jesus a empregou para simbolizar a sua própria obra (Jo 3:14-15).

Depois desse incidente, os filhos de Israel se puseram a caminho novamente e *acamparam em Obote*, um local a leste de Seir. De lá, os israelitas viajaram até *Ijé-Abarim*, *defronte de Moabe*. Seguiram, então, até o vale de Zerede, próximo à parte sudeste do mar Morto, e, de lá, para Arnôm, entre Moabe e o território dos amorreus (21:10-13).

É impossível dizer exatamente onde ficavam todos esses lugares, pois muita coisa mudou ao longo da história. O mais importante, porém, é que Deus conduziu os israelitas nessa jornada e lhes deu vitória ao se deslocarem de um lugar para outro entre as terras de Moabe e Edom. Trechos de um documento antigo chamado *Livro das Guerras do SENHOR* (21:14) nos dão um vislumbre em forma poética das aventuras do povo nessa jornada. O livro mencionado é uma fonte desconhecida na qual, talvez, as vitórias de Israel (ou melhor, do Senhor) foram registradas na forma de cânticos de vitória e narrativas. O AT faz referência a outras coletâneas desse tipo, como o “Livro dos Justos” (Js 10:13; 2Sm 1:18), o “Livro da História dos Reis de Israel” (1Rs 14:19) e o “Livro da História dos Reis de Judá” (1Rs 15:7). Ao que parece, estes dois últimos eram registros da história de vitórias e derrotas dos reis de Israel e Judá, enquanto o Livro dos Justos e o Livro das Guerras do Senhor eram coletâneas de poemas que falavam sobre as vitórias e dificuldades de Israel.

O significado dos poemas registrados em 21:14-18 também não é claro, mas, como a menção de *Arnôm* e *Ar* indica, o enfoque é sobre as regiões onde Israel passou em Edom e na terra de Moabe. Tudo indica que são relatos heroicos escritos com o propósito de exortar o povo a marchar em vitória e conquistar. Depois dos poemas, o autor indica outros locais onde o povo parou ao longo da jornada.

Ao terminarem de contornar Edom, os israelitas se aproximaram de territórios pertencentes a Seom, rei dos amorreus, e Ogue, rei de Basã. Israel pediu passagem pelos territórios amorreus, mas o pedido foi negado (21:21-22a).

Seom reuniu seu exército e atacou Israel. Não há dúvida de que era um rei poderoso, pois suas tropas haviam destruído Moabe (21:27-30). Esse fato deixa claro que a derrota total de Seom nas mãos dos israelitas foi obra do Senhor. Israel tomou e ocupou todas as cidades dos amorreus (21:22b-32; cf. tb. Dt 2:24-37).

Mais adiante, Israel derrotou Ogue, rei de Basã (21:33-35; cf. tb. Dt 3:1-11). Essa vitória e o triunfo sobre Seom são citados com frequência no AT, pois foram acontecimentos extremamente importantes que Israel recordou repetidamente ao longo de sua história (cf. Jz 11:19-21; Ne 9:22; Sl 135:10-11; 136:18-21; Jr 48:45).

## 22:1—36:13 Nas campinas de Moabe

Os acontecimentos relatados nessa seção final do livro de Números ocorreram nas campinas de Moabe, onde Israel acampou na fronteira com Canaã. Dali, o Senhor mostrou a Moisés toda a terra de Canaã: “Então, subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cimo de Pisga, que está defronte de Jericó; e o SENHOR lhe mostrou toda a terra de Gileade até Dã” (Dt 34:1). Esses acontecimentos finais antes de Israel ocupar a terra da promessa incluem a bênção de Balaão quando o povo atravessou o território de Moabe (22:1—24:25) e a rebelião final e morte da geração mais velha (25:1-18). O livro termina com o surgimento da nova geração (26:1-65) e um relato das leis e decisões legais que visavam orientar o povo antes da ocupação final da terra.

## 22:1—24:25 Balaque e Balaão

Há ocasiões em que o grande poder de Deus é visível muito além de Israel, a nação escolhida. Num episódio dramático, um adivinhador chamado Balaão descobre que é impossível frustrar os propósitos do Senhor nem interferir neles e que a feitiçaria não pode sobrepujar nem distorcer os desígnios do Deus Todo-Poderoso. A narrativa revela, ainda, que a autoridade de Deus não pode ser manipulada por nenhum governante terreno nem por meios materiais.

A história de Balaão também mostra que, apesar de Deus ser santo e perfeito, ele escolhe meios imperfeitos como um adivinhador estrangeiro e uma jumenta para realizar seus propósitos. “Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são” (1Co 1:27-28). Deus é soberano sobre toda a história; nenhum ser humano pode frustrar seus planos.

## 22:1-22 Balaque contrata Balaão para amaldiçoar Israel

Diante do que havia acontecido com seus vizinhos, o rei Balaque de Moabe percebeu que seria incapaz de conquistar os israelitas sem uma intervenção divina. Assim, em seu desespero, buscou uma força superior à do seu exército, convencido de que um adivinhador verdadeiramente pode-

roso seria capaz de amaldiçoar os israelitas e fazer algo que não estava ao alcance do mero poderio militar. Com essa ideia em mente, Balaque procura Balaão, um adivinhador profissional originário da região próxima ao Eufrates, a centenas de quilômetros de Moabe (22:2-7). O rei elabora cuidadosamente o seu pedido a Balaão e envia uma delegação de príncipes para se encontrar com o adivinhador e lhe oferecer um pagamento em prata e ouro.

Balaão se interessa pela oferta do rei, mas espera a orientação divina. O Senhor lhe diz que não acompanhe os mensageiros nem amaldiçoe os israelitas (22:8-12), e Balaão manda embora os mensageiros do rei. Aflito, Balaque envia uma delegação ainda mais poderosa e oferece mais dinheiro para persuadir Balaão a amaldiçoar o povo de Israel (22:15-17). Mais uma vez, Balaão se recusa a contrariar as ordens do Senhor: *Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e ouro, eu não poderia transpassar o mandado do SENHOR, meu Deus* (22:18). Mas, ao que parece, apesar de suas belas palavras, o adivinhador é tentado pelo dinheiro e volta a pedir a orientação do Senhor, não obstante a instrução clara recebida anteriormente (22:19). Desta vez, o Senhor permite que ele acompanhe os enviados do rei, mas adverte: *Farás somente o que eu te disser* (22:20). Deus dá permissão a Balaão para acompanhar os mensageiros do rei, mas não permitirá que o adivinhador amaldiçoe Israel. Em vez disso, Balaão os abençoará.

O fato de Deus se irar com Balaão por ir ao encontro do rei Balaque depois de ter dado permissão ao adivinhador pode causar perplexidade (22:22). O que Balaão fez de errado? A resposta pode estar relacionada à decisão de Balaão de consultar Deus novamente (22:19), apesar de já haver recebido uma resposta (22:12). Balaão afirmou que estava consultando a Deus, mas, na verdade, talvez estivesse tentando negociar com ele a fim de adequar o plano de Deus à sua cobiça por dinheiro. Deus sabia que Balaão não estava buscando sinceramente sua vontade. Assim, não mudou de ideia quando permitiu a Balaão ir ao encontro de Balaque, mas permitiu que tudo acontecesse conforme havia decidido em seu coração.

### 22:23-41 Balaão, a jumenta e o anjo

Apesar de Balaão ser um adivinhador que se comunica com Deus, o episódio registrado nessa passagem mostra que sua jumenta tem mais consciência da presença de Deus do que ele, pois o Senhor expressa seu desprazer cegando Balaão para as realidades espirituais.

A jumenta vê o Anjo do SENHOR parado no caminho, com a sua espada desembainhada (22:23a). A palavra “anjo” significa “mensageiro” ou “aquele que é enviado”, mas, no AT, “o Anjo do Senhor” parece ser mais do que um simples mensageiro. Ver o próprio Deus teria provocado a morte, pois Deus dissera a Moisés: “Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá” (Êx 33:20). Assim, quando Deus desejava aparecer a seres hu-

manos, fazia-o representado por esse anjo. É possível que o Anjo do Senhor fosse uma forma de manifestação do próprio Deus. A aparição desse anjo é associada aos relatos bíblicos do nascimento de figuras importantes como Isaque (Gn 18:9-15), Sansão (Jz 13:3) e João Batista (Lc 1:11). O Anjo do Senhor também foi enviado como mensageiro; falou com Abraão antes da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 18:1) e com Moisés quando Deus o chamou para tirar o povo do Egito (Êx 3:2). Também é associado às guerras nas quais os israelitas lutaram, pois Deus prometeu: “Enviarei o Anjo adiante de ti; lançarei fora os cananeus, os amorreus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus” (Êx 33:2). O Anjo do Senhor aparece, ainda, no AT no contexto de julgamento, como quando Débora canta: “Amaldiçoi a Meroz, diz o Anjo do SENHOR, amaldiçoi duramente os seus moradores, porque não vieram em socorro do SENHOR, em socorro do SENHOR e seus heróis” (Jz 5:23). O anjo que Balaão encontrou vem para julgar.

A jumenta vê o Anjo do Senhor e se recusa a prosseguir pelo caminho (22:23b-27). Balaão espanca a jumenta até que esta recebe de Deus o poder de falar, o qual ela usa para informar que seu comportamento estranho não é injustificado (22:28-30). Então, Deus abre os olhos de Balaão, e ele vê o anjo; o adivinho é informado, então, que sua vida foi salva pela jumenta (22:31-33). A capacidade da jumenta de falar e a aparição do anjo nos lembram um fato importante: Deus pode usar qualquer meio que desejar para realizar seus propósitos de salvar e abençoar seu povo.

Aterrorizado com esse encontro com o Senhor, Balaão se dispõe a voltar para casa (22:34). Mas o anjo lhe diz que seguisse viagem, certificando-se, porém, de obedecer à vontade de Deus naquilo que dissesse (22:35). Ao chegar em Moabe, Balaão é recebido pelo rei e lembrado da recompensa que receberá se amaldiçoar Israel (22:36-37). Seguindo a ordem do anjo, o adivinhador responde: *A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei* (22:38).

Ao longo de todo esse episódio, Deus usa um homem de fora da comunidade de Israel como seu mensageiro. O mesmo acontece posteriormente, quando Ciro, rei da Pérsia (outro estrangeiro), é usado pelo Senhor para publicar um decreto libertando os israelitas do cativeiro na Babilônia e enviá-los de volta à sua terra para reconstruir o templo em Jerusalém (2Cr 36:22-23). Em sua sabedoria, Deus escolhe e usa quem lhe apraz para realizar seu plano, não obstante o sexo, a nacionalidade, a raça ou a condição social.

### 23:1—24:25 Os oráculos de Balaão

23:1-26 PRIMEIRO E SEGUNDO ORÁCULOS. O rei Balaque e seu povo (os moabitas) esperavam obter uma vitória decisiva sobre os israelitas a fim de “lançar fora da terra” (22:6) os filhos de Israel. Assim, convocaram Balaão para amaldiçoar Israel (22:7) e, quando o adivinhador chegou, ofereceram sacrifícios para levar Deus a aceitar essa maldição (23:1-3). Contudo, ao aparecer a Balaão (23:4), Deus ordenou

que ele não amaldiçoasse Israel. Nenhum tipo de maldição seria eficaz, pois Deus já havia prometido abençoar seu povo e fazer dele uma bênção para outras nações (23:20; cf. tb. 22:12; Gn 12:1-3).

A pergunta de Balaão, *Como posso amaldiçoar a quem Deus não amaldiçoou?* (23:8), ressalta a ineficácia de qualquer maldição que não seja aprovada por Deus. Sua forma de pensar corresponde à do povo massai, para o qual a justiça de Deus protege todos os justos dos efeitos de maldições. Somente os malfetores sofrem quando uma maldição é proferida.

O plano de Deus de abençoar Israel não podia ser frustrado pela cobiça de Balaão nem pelos muitos sacrifícios valiosos oferecidos por Balaque em altares erguidos em diferentes locais (23:1,14,29). Nenhum artifício pode fazer Deus mudar de ideia, como fica claro pelos dois oráculos que Balaão profere (23:7-24).

A história de Balaão revela não apenas a grande diferença entre o verdadeiro Deus de Israel e os seres humanos (23:19) influenciados pela cobiça, mas também o contraste gritante entre o Deus verdadeiro e os falsos deuses. Os sacrifícios de Balaque e as recompensas oferecidas pelo rei a Balaão mostram como ele considerava os deuses entidades instáveis, mais presentes em determinados lugares e passíveis de ser subornadas ou persuadidas a mostrar favoritismo. No entanto, o Deus verdadeiro de Israel é constante e fiel para com seu povo. Honra a aliança que fez com Israel e é o mesmo ontem, hoje e amanhã. As Escrituras em sua totalidade dão testemunho da natureza constante e imutável de Deus.

A bênção de Deus repousa sobre Israel, pois o Deus verdadeiro *está com ele* (23:21). A impossibilidade de amaldiçoar aqueles aos quais Deus concedeu bênções é uma indicação clara da presença de Deus no meio do povo de Israel no deserto.

**23:27—24:25 TERCEIRO E QUARTO ORÁCULOS.** Pela terceira vez, Balaão se sujeitou à vontade de Deus, pois viu claramente *que bem parecia aos olhos do Senhor que abençoasse a Israel* (24:1a). A essa altura, fica claro que Balaão não é capaz de frustrar o plano do Senhor. Controlado pelo Espírito de Deus, o adivinhador abençoa Israel. Balaque não se agrada da bênção pronunciada por Balaão, mas ainda tem esperanças de persuadir Deus a amaldiçoar os israelitas (23:27-29).

Desta vez, porém, Balaão usa outra abordagem: *Não foi esta vez, como antes, ao encontro de agouros* (24:1b). Como outros adivinhadores da Antiguidade, ele provavelmente se baseava na interpretação de sonhos, no estudo das estrelas e no exame do coração, fígado e outros órgãos internos de animais sacrificados para determinar a vontade divina. Mas, ao que parece, desta vez Deus fornece a Balaão instruções audíveis, de modo que o adivinhador pode se referir a si mesmo como aquele *que ouve os ditos de Deus* (24:4). O Senhor também lhe dá a capacidade necessária para falar claramente a Balaque acerca da impossibilidade de fazer

seus próprios pronunciamentos e amaldiçoar uma nação que já havia sido abençoada pelo Todo-Poderoso.

Como o primeiro e o segundo oráculos, o terceiro se refere às bênções de prosperidade, poder e fama: *Que boas são as tuas tendas [...] Como vales que se estendem* (24:5-7a), *Este abaixou-se, deitou-se como leão e como leoa; quem o despertará?* (24:8-9a), *o seu reino será exaltado* (24:7b), terminando com a declaração *Benditos os que te abençoarem, e malditos os que te amaldiçoarem* (24:9b), palavras que trazem à memória as bênções de Deus sobre Abraão e seus descendentes em Gênesis 12:3.

A essa altura, o Senhor se apossou de tal modo da mente de Balaão que este não é influenciado pela ira de Balaque nem pela perda da recompensa prometida (24:10-11). Livre de qualquer influência externa, ele diz apenas o que Deus lhe revelou (24:12-14).

Enquanto os três primeiros oráculos de Balaão reafirmam a bênção de Deus sobre os antepassados de Israel, no quarto oráculo a bênção é futura. Balaão fala da vinda de *uma estrela e um cetro* (24:17a). Sob esse líder futuro, Israel conquistará seus inimigos, a saber, as nações ao redor da terra prometida como os moabitas, edomitas, amalequitas (representando os piores inimigos de Israel), queneus e Assur (24:17b-24). Depois de conduzir o povo à terra prometida, ele começa a cumprir essa profecia com a conquista de Edom e Moabe no tempo de Davi (24:18; 2Sm 8:14; 1Rs 11:15-16). Contudo, o cumprimento total dessas profecias aguarda a vinda daquele que é predito em 24:17, aquele que destruirá todos os seus inimigos (24:19). Sua vitória total pode ser retratada pela imagem desse conquistador usando seus inimigos como estrado para os seus pés (Sl 110:1). Essa profecia se cumpriu em Jesus Cristo, o qual Deus enviou para redimir o mundo por meio de sua morte na cruz.

A história de Balaão mostra claramente que os seres humanos não podem manobrar, distorcer, mudar ou manipular a revelação (profecia) de Deus, ou seu conteúdo, a fim de adequá-la a seus planos. Balaão foi advertido a proferir somente as palavras que receberia de Deus e, apesar de ter cooperado com os príncipes de Moabe, não pôde agir segundo a sua própria vontade, mas apenas conforme a vontade de Deus.

### 25:1-18 Castigo severo pela idolatria

Seria de esperar que, depois do resultado trágico de tantas rebeliões, o povo de Israel permanecesse fiel a Deus. Em vez disso, porém, os israelitas se rebelaram mais uma vez. A praga subsequente exterminou todos os membros da geração mais velha que ainda restavam, exceto Moisés, Josué e Calebe.

Esse capítulo apresenta duas histórias de rebelião e práticas idólatras na comunidade que, sem dúvida, foram extremamente perturbadoras, pois voltam a ser mencionadas em 31:15-16. Na primeira, homens israelitas participam de

sacrifícios a um deus estrangeiro e se deitam com mulheres moabitas (25:1-5). O segundo relato provavelmente trata da idolatria decorrente do casamento misto entre uma mulher midianita e um homem da tribo de Simeão (25:6-15). Os casamentos mistos são condenados com severidade, pois expõem toda a comunidade de Israel à idolatria introduzida por um cônjuge estrangeiro. Os efeitos desses casamentos podem ser vistos na vida de Salomão (1Rs 11:1-10) e Acabe (1Rs 16:31-33).

Israel foi contaminado quando alguns homens começaram a *prostituir-se com as filhas dos moabitas* (25:1-2), envolvendo-se em ritos de fertilidade dedicados a deuses moabitas e, desse modo, violando o primeiro dos Dez Mandamentos, que proíbe prestar culto a qualquer outro deus (Êx 20:3; Dt 5:7).

A natureza desse pecado e o fato de ele ter se propagado no meio do povo acendeu a ira de Deus e trouxe seu castigo (25:3-4). Moisés ordenou que os juízes matassem todos os que haviam adorado ao deus Baal-Peor (25:5). Em outras ocasiões, Deus usou pragas, fogo e serpentes como instrumentos de seu castigo, mas, como esta ordem revela, em certas ocasiões ele espera que pessoas executem seus julgamentos. Assim, homens como Moisés, os juízes e os profetas são chamados por Deus a participar de seus atos de salvação e julgamento. Como povo de Deus, cabe a nós discernir a vontade de Deus em determinada situação e responder de forma adequada.

O segundo episódio de rebelião é o adultério entre Cozbi, uma mulher midianita, e Zinri, filho de Salu, um israelita (25:6,14-15). A reação enérgica de *Fineias, filho de Eleazar, o filho de Arão*, que se encontrava na linha de sucessão para o cargo de sumo sacerdote, sugere que essa relação estava introduzindo a idolatria em Israel. Fineias matou Zinri enquanto o israelita estava tendo relações com a mulher: *pegando uma lança [...] os atravessou, ao homem israelita e à mulher, a ambos pelo ventre* (25:7-8a). Seu ato apaziguou Deus, e a praga que ele havia enviado sobre os israelitas por causa de seu pecado cessou (25:8b).

Vinte e quatro mil pessoas morreram antes que esse ato de Fineias fizesse cessar a praga (25:9); contudo, ainda mais israelitas teriam morrido se ele não houvesse tomado uma atitude. Provavelmente, os indivíduos mortos eram o restante da geração mais velha. A severidade do castigo mostra que Deus nunca permite ao seu povo abrigar o pecado em seu meio. O Senhor sancionou a execução pública dos transgressores para enfatizar sua mensagem acerca da seriedade do pecado e a importância da pureza. Assim, o castigo serviria de aviso para que outros não cometessem a mesma transgressão.

O ato de Fineias não apenas afastou a ira de Deus, como também consolidou a posição da casa de Arão, pois Deus fez uma aliança com Fineias prometendo que ele e seus descendentes seriam sempre sacerdotes (25:10-13a). O autor informa, ainda, que Fineias fez *expição pelos filhos de*

*Israel* (25:13b) ao tratar do pecado e, desse modo, salvar o povo.

Pode-se observar paralelos entre o castigo pelo pecado descrito aqui e as práticas de alguns povos no leste da África. O povo meru da Tanzânia, por exemplo, costumava matar quem cometesse adultério, levando os transgressores até uma encruzilhada e fincando-os no chão com uma estaca. A intenção era provocar uma morte lenta para que todos na comunidade tivessem tempo de ver a desgraça desses indivíduos e temer o castigo. O povo meru acreditava que esse castigo severo removia do seu meio a maldição e vergonha do pecado. Na Sharia (lei associada ao islamismo), a pena por adultério, aplicada especialmente às mulheres, ainda é a morte.

Esse tipo de castigo era apropriado numa comunidade que devia viver de acordo com as leis e prescrições estabelecidas como parte da aliança. Contudo, a vinda de Jesus e sua proclamação do evangelho ampliaram nossa visão do pecado e também da graça e do amor de Deus. Embora a igreja enfatize a pureza em todos os aspectos da vida e, por certo, não aprove nem incentive o adultério, bem como qualquer outro ato pecaminoso, ela ensina que todos nós somos pecadores e devemos deixar que Deus julgue os outros. Cabe a nós apenas exortar, repreender, corrigir, ensinar, orientar e perdoar como Cristo perdoa todos nós.

As últimas palavras acerca dos midianitas, *Eles vos afligiram a vós outros quando vos enganaram* (25:16-18), ajudam a entender a vingança posterior contra eles (31:1-12). Nessa ocasião, Deus ordena que os midianitas sejam exterminados por haverem conduzido Israel à idolatria. Esse episódio com a mulher midianita também explica a ira de Moisés quando o povo de Israel poupou a vida das mulheres de Midiã (31:15-18).

## 26:1-65 O segundo censo

Como foi observado na introdução, esse livro se chama Números porque relata a contagem dos filhos de Israel. A primeira dessas contagens foi realizada no monte Sinai (1:2), e, agora, os israelitas são contados novamente nas campinas de Moabe, pouco antes de entrarem em Canaã (cap. 26). Além de relatar o censo (26:1-51,57-62), esse capítulo também apresenta orientações acerca da divisão da terra (26:52-56) e informa a morte de toda a geração mais velha, exceto Josué e Calebe (26:63-65).

Podem ser observadas três características importantes no segundo censo. Em primeiro lugar, ao contar os homens de guerra, esse censo prepara a nova geração de israelitas para a última ação decisiva — a conquista da terra prometida (26:1-4). Em segundo lugar, ressalta a ausência da geração incrédula que havia sido contada no primeiro censo. Todos com aproximadamente 20 anos de idade ou mais ao deixar o Egito (com exceção de *Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num*) haviam morrido no deserto em decorrência de seu pecado contra Deus (26:64-65). A nova

geração que os sucedeu teria a bênção e o privilégio de herdar a terra prometida. Em terceiro lugar, esse censo ajuda a estruturar a distribuição da terra (26:52-56). De acordo com a instrução de Deus a Moisés, a divisão da terra devia ser feita segundo o tamanho da tribo: *À tribo mais numerosa, darás herança maior; à pequena, herança menor* (26:54).

O tamanho relativo de cada tribo e seu crescimento ou diminuição durante os quarenta anos no deserto podem ser vistos na tabela a seguir, que compara os resultados do primeiro e segundo censos.

População antes e depois dos quarenta anos no deserto				
	Primeiro censo		Segundo censo	
	Referência	População	Referência	População
Rúben	1:20-21	46.500	26:5-11	43.730
Simeão	1:22-23	59.300	26:12-14	22.200
Gade	1:24-25	45.650	26:15-18	40.500
Judá	1:26-27	74.600	26:19-22	76.500
Issacar	1:28-29	54.400	26:23-25	64.300
Zebulom	1:30-31	57.400	26:26-27	60.500
Efraim	1:32-33	40.500	26:35-37	32.500
Manassés	1:34-35	32.200	26:28-34	52.700
Benjamim	1:36-37	35.400	26:38-41	45.600
Dã	1:38-39	62.700	26:42-43	64.400
Aser	1:40-41	41.500	26:44-47	53.400
Naftali	1:42-43	53.400	26:48-50	45.400
Total		603.550		601.730

A posição exata do território reservado para cada tribo seria determinada pelo lançamento de sortes, garantindo desse modo uma divisão justa e evitando contendas (26:52-56; cf. tb. 33:53-54). Essa prática costumava ser usada para resolver questões controversas, pois os israelitas acreditavam que, ao lançarem sortes desse modo, era Deus quem determinava o resultado. É importante fazer distinção entre essa técnica, que visava obter decisões justas e evitar o favoritismo, e as loterias, jogos de azar cujos resultados podem ser manipulados, que são meios de exploração dos sonhos dos pobres e tiram deles o dinheiro do qual precisam para outros fins.

Como no primeiro censo, os levitas foram contados separadamente, pois não deviam servir no exército e não receberiam herança na terra (26:57-62; cf. 18:23-24).

27:1-11 As filhas de Zelofeade

Como muitas sociedades africanas, a sociedade israelita da Antiguidade era predominantemente patriarcal, de modo que questões de terra, herança e poder diziam respeito ao âmbito masculino. No entanto, a situação se tornava problemática quando uma família não tinha nenhum filho do sexo masculino, como no caso da família de um homem chamado Zelofeade, da tribo de Manassés.

As sociedades patriarcais preservam sua história se lembrando da linhagem e dos nomes dos homens. Assim, Zelofeade é identificado segundo seus ancestrais do sexo masculino como *filho de Héfer, filho de Gileade, filho de Maquir, filho de Manassés* (27:1a). E suas filhas também são descritas como pertencentes às *famílias de Manassés, filho de José* (27:1b). Não se faz menção do nome de sua mãe, que, possivelmente, era alvo de opróbrio por não ter gerado herdeiros do sexo masculino. Ainda assim, tinha motivos para se orgulhar de suas filhas, pois eram mulheres fortes e corajosas que reconheceram a injustiça e se opuseram a ela de uma forma que levou seus nomes a serem registrados nas Escrituras junto com os homens. O autor cita o nome de todas as filhas: *Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza* (27:1c; cf. tb. 36:11; Js 17:3). No entanto, o fato de seus nomes também aparecerem nos dados do censo (26:33) indica que foram mencionados visando os interesses de uma sociedade patriarcal. Outros homens poderiam ter o mesmo problema de Zelofeade e morrer sem deixar herdeiros do sexo masculino. Era preciso saber a destinação de sua herança.

As cinco filhas vieram à tenda da congregação e apresentaram-se diante de Moisés e dos anciãos da comunidade (27:1d-2). O termo hebraico traduzido por “vieram” também significa “aproximaram-se”, sugerindo que as mulheres agiram com determinação. Também mostra a coragem das cinco irmãs de apresentar sua causa diante das autoridades numa cultura em que as mulheres deviam se sujeitar aos costumes. Quantas mulheres africanas estão preparadas para ir além das expressões de insatisfação e tomar a iniciativa de abordar o pastor ou conselho da igreja para expressar a necessidade de uma mudança na situação presente?

Talvez essas mulheres tenham encontrado coragem em sua solidariedade. A fim de mudar um sistema no qual eram vistas com preconceito, deviam saber trabalhar juntas. Vemos exemplos semelhantes daquilo que pode ser realizado pelo trabalho solidário de mulheres em outras passagens do AT: as parteiras das hebreias no Egito (Êx 1:15-21); a mãe e a irmã de Moisés (Êx 2:1-4); Noemi e Rute (livro de Rute); Débora e Jael (Jz 4:14-21); e a filha de Jefté (Jz 11:37-39).

Contudo, as cinco filhas também podem ter sido encorajadas por seu conhecimento acerca de tudo o que havia sucedido aos israelitas. Sabiam que os líderes estavam planejando a divisão da terra, e, até então, nenhuma lei havia sido definida para tratar da situação delas como representantes de uma família sem filhos do sexo mascu-

lino. Acima de tudo, estavam cientes do relacionamento do Senhor com Israel e sabiam que esse relacionamento abrangia tanto os homens quanto as mulheres da comunidade; assim, sua família também tinha o direito de participar da dádiva divina de uma nova terra. Sabiam que até mesmo os descendentes de pecadores como Corá receberiam uma parte da terra, pois a linhagem desse rebelde não foi extinta (26:11), e estavam certas de que seu pai não havia sido como Corá (27:3). Não havia morrido em decorrência do castigo por um pecado específico, mas apenas por fazer parte da geração mais velha que não poderia entrar na terra prometida.

As filhas de Zelofeade protestaram a Moisés que seria injusto sua família ser obrigada a abrir mão do direito a terras pelo simples fato da ausência de um filho do sexo masculino (27:3-4). Ao insistir em que somente filhos do sexo masculino poderiam herdar a terra, a lei estaria ignorando a necessidade de mulheres e crianças e fragilizando esses membros da comunidade. Se não tivessem nenhum meio de se sustentar, as viúvas e filhas solteiras acabariam na miséria e, talvez, até na escravidão e prostituição. Não é raro vermos isso acontecer na África, onde as viúvas são expulsas da terra do marido quando os irmãos deste tomam posse da propriedade.

Moisés ouviu as irmãs e apresentou sua causa ao Senhor (27:5). Deus lhe disse que as mulheres estavam com a razão (27:6-7a). Essa decisão e a legislação acerca do Jubileu (Lv 25:8-54) mostram que Deus prioriza a distribuição uniforme dos recursos econômicos, levando as regras tradicionais a serem modificadas para garantir o bem-estar de indivíduos e famílias do seu povo. Assim, ele determinou que Moisés devia dar às filhas de Zelofeade *posseção de herança entre os irmãos de seu pai e farás passar a elas a herança de seu pai* (27:7b). A maneira pela qual essa decisão é expressada deixa claro que Deus não está apenas fazendo um favor a essas mulheres, mas instituindo uma lei a ser aplicada para garantir a justiça para as mulheres nos casos que envolvessem a posse de terras e herança. Também são definidas prescrições para os casos em que a linha de sucessão para a herança não é clara (27:8-11a). No entanto, as prescrições registradas aqui não são a última palavra a esse respeito, pois outras leis que afetariam as filhas de Zelofeade são apresentadas no capítulo 36.

O caso apresentado pelas filhas de Zelofeade como uma questão familiar se tornou uma estipulação divina visando o benefício de todos e para todas as gerações (27:11b), restituindo o *status* legal das mulheres com respeito à herança e promovendo o bem de toda a comunidade.

A igreja na África precisa usar esse episódio para aprender sobre seu papel como defensora das leis que se harmonizam com os ensinamentos cristãos. Também deve chamar a atenção para as leis que contradizem a mensagem do evangelho, como é o caso da herança das viúvas (cf. artigo sobre esse assunto) e as leis que só permitem a homens herdar

terras. Existem argumentos bíblicos e sociais para corroborar uma revisão das leis tradicionais a fim de adequá-las a uma sociedade em transformação. Nosso contexto está mudando a cada dia, e não é sábio simplesmente aplicar regras antigas a uma nova comunidade. A igreja deve buscar a orientação de Deus para tratar de questões que afetam a sociedade e procurar fornecer diretrizes apropriadas para mudanças que promoverão a justiça dentro da comunidade.

### 27:12-23 Josué é nomeado sucessor de Moisés

O Senhor advertiu Moisés de que o tempo de sua morte estava se aproximando. Deus permitiria que o líder de Israel visse a terra prometida de longe, mas ele não poderia entrar em Canaã (27:12-14). Em vez de discutir com Deus, Moisés expressou sua preocupação acerca de um sucessor (27:15-17). Como todo bom líder cristão, não desejava deixar o povo *como ovelhas que não têm pastor* (27:17).

Assim, Deus o instruiu a nomear Josué como sucessor (27:18-21). Josué havia sido treinado para essa tarefa, pois era, de longa data, o assistente de Moisés (11:28), e ele e Calebe eram os únicos membros da geração mais velha que entrariam na terra prometida (14:36-38). Em vez de se apegar ao poder, Moisés tomou as providências para transferir a autoridade a Josué publicamente (27:22-23). Nenhum líder é insubstituível.

### 28:1—29:40 Ofertas e festas

Depois do censo da nova geração (26:1-51), das instruções para a divisão da terra (26:52—27:11) e da escolha do sucessor de Moisés (27:12-23), seria de esperar que o autor mostrasse o povo avançando em direção à terra ou, pelo menos, tratando de estratégias para a conquista. Mas não é isso que vemos na sequência. O autor prossegue tratando de questões relacionadas à adoração; mais especificamente, a leis relacionadas às ofertas. Não há dúvida de que ele considerava essencial lembrar os membros da nova geração dessas leis, caso seu entusiasmo diante da perspectiva de finalmente entrar na terra os distraísse do elemento mais fundamental de seu relacionamento com Deus: a adoração. Israel era uma comunidade de adoradores cujo cerne era a prática vitalícia da comunhão, na qual se lembravam de que Deus havia tirado seu povo da escravidão, estabelecido uma aliança com ele e lhe concedido a dádiva da terra. Assim, as leis acerca das ofertas são repetidas, pois, mesmo depois de ocupar a terra, os israelitas deviam continuar a ser uma comunidade de adoradores.

#### 28:1-15 Ofertas regulares

Em primeiro lugar, o autor trata das ofertas diárias a serem apresentadas pela manhã e no final da tarde (28:1-8). Duas vezes por dia, os sacerdotes deviam oferecer um holocausto (um cordeiro), uma oferta de manjares e uma libação. O procedimento e os elementos eram os mesmos para o culto da manhã e da tarde.

O segundo tipo de oferta descrito é o sacrifício de dois cordeiros de 1 ano de idade, a ser realizado a cada sábado, além das ofertas diárias (28:9-10). Esses cordeiros deviam ser *sem defeito*, isto é, sem mancha ou deformidade. Deus deve receber o melhor de tudo que ele dá a seu povo. Séculos depois, Jesus, aquele que não pecou e, portanto, não possuía nenhum defeito moral, se tornaria o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” por meio de sua morte na cruz (Jo 1:29).

A oferta apresentada no sábado também era acompanhada de uma libação e uma oferta de manjares com o dobro de farinha das ofertas diárias.

O terceiro tipo de oferta descrito era apresentado uma vez por mês, na lua nova. Essa oferta não aparece em Levítico 23, mas é mencionada em outras passagens do AT (cf. Am 8:5; 2Rs 4:23; Is 66:23; Ez 46:1-8). Como os sábados, as luas novas eram ocasiões solenes no calendário judaico. Provavelmente, eram observadas para celebrar a criação do tempo por Deus e sua providência ao estabelecer as estações para regular a vida humana. Os festivais também serviam como uma espécie de calendário, ajudando o povo a marcar o tempo e, desse modo, as atividades associadas à colheita, as festas e outras ocasiões.

A oferta apresentada na lua nova era bem maior do que as ofertas diárias e semanais (28:11-14). Também era diferente, pois incluía o sacrifício de *um bode como oferta pelo pecado* (28:15). Uma oferta de lua nova ligeiramente modificada é prescrita em Ezequiel 46:6.

28:16—29:40 Festas especiais

A diferença entre as ofertas de lua nova em Números e Ezequiel e o fato do Pentateuco apresentar três calendários de festas (cf. Lv 23; Nm 28:9—29:40; Dt 16:1-7) pode gerar dúvidas quanto ao modo de explicar esses calendários. Para entender essas discrepâncias, é preciso lembrar que o culto em Israel assumiu formas ligeiramente modificadas em diferentes períodos históricos. Quando o culto era centralizado no templo em Jerusalém, por exemplo, esperava-se que todos os homens se dirigissem a esse santuário três vezes por ano, para a Festa dos Pães Asmos, a Festa das Semanas e a Festa dos Tabernáculos (Dt 16:16). A menção de apenas três festas específicas neste caso não significa que eram as únicas ocasiões de adoração ao Senhor. É possível que outras ofertas e festas fossem observadas nos lares ou em outros locais de culto, como foi o caso quando os israelitas se encontravam no deserto, quando estavam espalhados pelos territórios entregues a cada tribo depois da conquista e também durante o exílio. Nesses períodos em que não havia templo, o povo comemorava as festas do calendário religioso em suas próprias comunidades.

Assim, a forma exata do culto dependia das circunstâncias históricas de Israel como nação. Devemos lembrar que o modo de adorarmos e respondermos à operação de Deus em nossa vida também pode variar a fim de atender

às necessidades de nosso contexto específico. O cristianismo se espalhou rapidamente na África, mas o continente ainda se encontra repleto de dificuldades sociais, econômicas e políticas. Diante dessa realidade, devemos reconhecer o potencial restaurador e transformador da adoração. Uma comunidade de adoradores precisa encontrar formas apropriadas de culto para atender às suas necessidades, mantendo-se atenta, também, às necessidades ao seu redor e demonstrando a disposição de interagir profeticamente com as diversas estruturas sociopolíticas que perpetuam as crises. Como povo que se reúne para adorar, vivemos a realidade de Deus, revelado em Jesus Cristo. Em outras palavras, a graça de Deus em nosso culto promoverá cura, tratará do sofrimento e trará reconciliação.

O culto em Israel celebrava os atos salvadores de Deus em diferentes períodos históricos por meio de grandes festas religiosas que lembravam esses atos. A seguir, uma lista das festas prescritas pelos três calendários do Pentateuco: seis festas são prescritas em Levítico, sete em Números e três em Deuteronômio.

Calendário das festas no Pentateuco		
Levítico 23 (seis festas)	Números 28:9—29:40 (sete festas)	Deuteronômio 16:1-17 (três festas)
Sábado (23:1-3)	Sábado (28:9-10)	
	Lua Nova (28:11-15)	
Pães Asmos / Páscoa (23:4-8)	Pães Asmos (28:16-25)	Páscoa (16:1-8)
Festa das Semanas (23:5-22)	Festa das Semanas (28:26-31)	Festa das Semanas (16:9-12)
Tabernáculos (23:33-43)	Tabernáculos (29:12-40)	Tabernáculos (16:13-17)
Trombetas (23:23-25)	Trombetas (29:1-6)	
Dia da Expição (23:26-32)	Dia da Expição (29:7-11)	

A orientação de Deus acerca desses sacrifícios e festas é bastante detalhada, pois ele desejava que suas prescrições fossem seguidas à risca como forma de exaltar sua honra e glória. Cada festa lembrava os israelitas de coisas específicas que Deus havia feito por eles.

Como cristãos, também devemos honrar a Deus e lhe dar graças por suas muitas bênçãos em nossa vida. Não temos mais instruções detalhadas quanto à forma de culto, mas ainda é dever da igreja de Cristo ensinar aos fiéis a importância de ser uma comunidade grata, de modo que suas



ações de graças sejam sinceras. Não podemos esquecer de dar o devido valor à salvação concedida por Deus.

**28:16-25** A Páscoa. A Páscoa devia ser observada no décimo quarto dia do mês de abibe (o primeiro mês, correspondente a março-abril em nosso calendário) (**28:16**). Essa comemoração era combinada com a Festa dos Pães Asmos, que começava um dia depois da Páscoa (**28:17**). Nessa festa, os israelitas deviam comer pão sem fermento durante sete dias para lembrar que haviam deixado o Egito com tanta pressa que não haviam tido tempo de assar pães fermentados (cf. Êx 12:39—13:16).

No primeiro e último dias da festa, o povo devia cessar todo trabalho habitual e atender à *santa convocação* (**28:18,25**). Em todos os dias da festa, devia-se acrescentar à oferta regular diária uma oferta especial de ação de graças pela salvação do povo da escravidão; essa oferta devia consistir em *dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros de um ano [...] sem defeito* e também uma *oferta de manjares* (**28:19-21,23**). Além disso, devia-se apresentar um *bode, para oferta pelo pecado, para fazer expiação por vós* (**28:22**). Esses sacrifícios na forma de holocausto que produziam *aroma agradável ao SENHOR* eram acompanhados de uma *libação* (**28:24**).

Para a nação de Israel, a Páscoa representava o auge da salvação concedida por Deus. Nesse acontecimento crítico, o poder de Deus rompeu os grilhões da escravidão e libertou seu povo. Por isso, os credos de Israel repetem esse fato com frequência (cf., p. ex., Dt 26:5-10; Js 24:5-13; Ne 9:9-12), e os salmos históricos fazem várias referências a ele. O salmo 136 evidencia sua importância ao chamar o povo para louvar a Deus primeiro como Criador (Sl 136:4-9) e, depois, como Libertador do seu povo (Sl 136:10-22; cf. tb. Sl 77:15-20; 78:10-55; 105:23-45; 136:10-26).

A comemoração cristã da Páscoa normalmente ocorre na mesma época da Páscoa dos judeus e, em certos sentidos, é equivalente a ela. A Páscoa dos judeus lembra o povo de Israel de que Deus interveio na história humana para libertar seu povo, enquanto a Páscoa dos cristãos lembra que Deus irrompeu na história humana de maneira diferente e perfeita para trazer a salvação a toda a humanidade. Jesus se tornou o Cordeiro pascal perfeito, sacrificado por nós. Os judeus foram libertos da escravidão no Egito; os cristãos são libertos da escravidão do pecado. O sacrifício de Cristo cumpriu e consumou os sacrifícios antigos e inadequados repetidos anualmente (cf. Hb 9:23-28). O plano da salvação oferecida por Deus que começou com o chamado de Abraão se realizou na vida e obra de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

**28:26-31** A FESTA DAS SEMANAS. A Festa das Semanas era um festival associado à colheita, semelhante àqueles observados em outras culturas da Antiguidade que também ofereciam as primícias da colheita e os primogênitos dos rebanhos como sacrifício de ação de graças a uma divindade. Essa festa é descrita nos três calendários religio-

sos, mas aparece em cada um deles de forma ligeiramente modificada. Levítico 23:16 afirma que deve ser celebrada cinquenta dias depois da Festa dos Pães Asmos (e, portanto, no mês correspondente a maio-junho em nosso calendário). Levítico também deixa claro que a comemoração deve envolver toda a comunidade. Até os pobres e estrangeiros, que normalmente não realizavam a colheita, poderiam participar, pois os proprietários de terras não deviam ceifar as plantações até os cantos do campo, mas deixar essa parte para os necessitados (Lv 23:22). De acordo com a especificação de Deuteronômio 16:16, essa é uma das festas a ser celebrada no templo, e toda a família, incluindo os servos de ambos os sexos, deve participar. A passagem de Deuteronômio também enfatiza que essa festa deve incluir aqueles que não possuem terras e, portanto, normalmente não teriam o que colher, a saber, os levitas, os estrangeiros, as viúvas e os órfãos (Dt 16:11). Todos devem se reunir para celebrar a colheita e dar graças ao Senhor numa comemoração que transcende barreiras de raça, etnicidade, sexo e classe social.

Em Números, diz-se que o povo não deve trabalhar no dia desse festival, chamado aqui de *dia das primícias*, no qual os israelitas apresentam *oferta nova de manjares ao SENHOR* (**28:26**). Todos devem se reunir em santa convocação e, além das ofertas diárias, apresentar um holocausto acompanhado de uma oferta de manjares e uma libação (**28:27-31**). Para essa ocasião, também é prescrita a oferta de um *bode para fazer expiação pelo povo* (**28:30**).

Pelo fato de ser comemorada cinquenta dias depois da Páscoa, a Festa das Semanas foi chamada, posteriormente, de Pentecostes (do termo grego correspondente à palavra “cinquenta”). Essa festa ainda é observada na igreja cristã, mas, em vez de celebrarmos a dádiva divina da colheita, celebramos a dádiva do Espírito Santo. Assim como a festa da colheita dada por Deus devia envolver toda a comunidade, também o Espírito Santo foi derramado sobre todos que estavam presentes na comemoração em Atos 2:1-11, não obstante sua raça ou sexo. Pentecostes marca o aniversário da igreja cristã e celebra a colheita do fruto do Espírito.

**29:1-6** A FESTA DAS TROMBETAS. Três datas importantes eram observadas no sétimo mês: a Festa das Trombetas, no primeiro dia (**29:1a**); o Dia da Expição, no décimo dia (**29:7**); a Festa dos Tabernáculos, do décimo quinto ao vigésimo primeiro dia do mês (**29:12**).

A Festa das Trombetas recebeu esse nome por ser comemorada com somido de trombetas ou um grande brado de aclamação (Lv 23:24). Posteriormente, esse ritual passou a anunciar o início de um novo ano religioso (diferente do ano civil que começava sete meses antes). A ênfase sobre a comemoração provavelmente indica que devia ser um dia no qual o povo apresentava a Deus suas necessidades e pedia que o Senhor se lembrasse dele. Nesse dia, devia haver *santa convocação* e não se devia realizar *nenhuma obra servil* (**29:1b**). Era um dia de adoração. Como no caso das outras

festas, além das ofertas diárias, ofertas adicionais deviam ser apresentadas nessa ocasião, entre elas *um bode, para oferta pelo pecado, para fazer expiação por vós (29:2-6)*.

Hoje em dia, os judeus chamam essa festa de Rosh Hashanah, ou Ano Novo Judaico. Embora os cristãos comemorem o Ano Novo em outra data, também reconhecem que o primeiro dia do ano é uma ocasião apropriada para agradecer a Deus o ano que passou, louvá-lo por permitir que comecem mais um ano e pedir suas bênçãos e proteção para os meses vindouros. Várias denominações cristãs realizam cultos especiais na véspera do Ano Novo e na manhã do primeiro dia do ano.

**29:7-11 O DIA DA EXPIAÇÃO.** Essa ocasião solene era observada no décimo dia do sétimo mês do calendário hebraico. Nesse dia, os israelitas deviam observar um jejum para expressar sua tristeza pelos seus próprios pecados e pelos pecados de toda a comunidade (29:7; Lv 16:29-31; 23:26-32). Em vez de trabalhar, deviam se reunir em santa convocação para adorar e apresentar ofertas especiais (29:8-11). Enquanto o livro de Números simplesmente relaciona os sacrifícios a serem apresentados, Levítico 16 fornece uma descrição detalhada do ritual de expiação propriamente dito, realizado uma vez por ano para “cobrir” os pecados dos israelitas. Ao que parece, os bodes usados como ofertas pelo pecado para fazer expiação pelo povo em outras festas (28:15,22,30; 29:11,22) serviam para lembrar que uma expiação mais completa seria feita nessa ocasião. (Para mais detalhes sobre a expiação, cf. os comentários em 8:19.)

Hoje em dia, os judeus ainda observam o Yom Kippur, ou Dia da Expição, uma festa que, para os cristãos, prefigura a realidade de Cristo, aquele que fez expiação pelos pecados do mundo inteiro de uma vez por todas (Hb 9:24-28).

**29:12-40 A FESTA DOS TABERNÁCULOS.** Cinco dias depois do lamento do Dia da Expição, os israelitas se regozijavam na Festa dos Tabernáculos ou Festa das Cabanas, que, como a Festa das Semanas, era comemorada ao longo de oito dias. Os “tabernáculos” ou “cabanas” eram abrigos temporários feitos de ramos com folhas entretecidas, conforme descrito nas instruções em Neemias: “Saí ao monte e trouxe ramos de oliveiras, ramos de zambujeiros, ramos de murta, ramos de palmeiras e ramos de árvores frondosas, para fazer cabanas” (Ne 8:15). Essas cabanas lembravam os israelitas de suas habitações temporárias durante o período em que vagaram pelo deserto, antes de se assentarem em casas na terra prometida (Lv 23:42-43).

O primeiro e o oitavo dias da festa eram marcados por descanso de toda *obra servil* e comparecimento à *santa convocação* (29:12,35). As leis acerca da observância dessa comemoração em Levítico 23:33-43 são expandidas aqui a fim de incluir instruções detalhadas acerca dos sacrifícios a serem oferecidos a cada dia da festa (29:13-38). O número de animais oferecidos é decrescente, como se pode observar no quadro a seguir.

Animais oferecidos durante a Festa dos Tabernáculos				
	Novilhos	Carneiros	Cordeiros	Bodes
Primeiro dia	13	2	14	1
Segundo dia	12	2	14	1
Terceiro dia	11	2	14	1
Quarto dia	10	2	14	1
Quinto dia	9	2	14	1
Sexto dia	8	2	14	1
Sétimo dia	7	2	14	1
Oitavo dia	1	1	7	1

O elemento da repetição nesses sacrifícios tem um propósito. Deus estava ensinando seu povo a observar cuidadosamente o modo de servir-lhe e ter fé para compreender que o comportamento em cada dia é igualmente importante. A repetição também indica que os sacrifícios oferecidos com um coração alegre, grato e puro, agradam a Deus e não são cansativos para ele. Deus não faz objeção a repetições. O que ele abomina é o culto prestado da boca para fora e as festas celebradas sem nenhum desejo verdadeiro de adorá-lo (cf. Os 6:6; Am 5:21-24). Para Deus, o mais importante não é o tipo do sacrifício oferecido, mas, sim, a sinceridade com que ele é apresentado e como a vida do ofertante honra ao Senhor. Esse fato é destacado repetidamente pelos profetas. Em Isaías, o Senhor diz: “Estou farto dos holocaustos [...] o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. [...] não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. [...] Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas” (Is 1:11-17).

A alegria do povo é demonstrada na abundância de sacrifícios oferecidos nesses dias em que todos comiam e bebiam juntos diante de Deus. Essa ocasião proporcionava aos israelitas a oportunidade de ter comunhão profunda com Deus, e nada devia atrapalhar sua adoração jubilosa (Lv 23:40). Por certo, as circunstâncias nem sempre permitiriam que todos chegassem à festa com um coração alegre, mas os participantes experimentariam a alegria ao ter comunhão com Deus em oração e adoração, ouvir suas palavras e compartilhar do regozijo de seus compatriotas israelitas.

Nessas comemorações principais, esperava-se que os israelitas apresentassem não apenas as ofertas prescritas, mas também qualquer oferta que tivessem feito votos de entregar ao Senhor, bem como as ofertas voluntárias como expressão da gratidão individual a ele (29:39).

Uma santa convocação também era realizada no oitavo dia. Foi nesse grande dia da Festa dos Tabernáculos que

Jesus se levantou e exclamou: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7:37-38).

### 30:1-16 Prescrições acerca de votos

O capítulo 30 trata em detalhes da questão dos votos, mencionada de passagem anteriormente (29:39). Um voto era um compromisso assumido com Deus sob juramento de realizar ou deixar de realizar determinada atividade (cf. Dt 23:21-23; Ec 5:1-7). De acordo com o princípio fundamental apresentado nesse capítulo, Deus considera os votos com grande seriedade; por isso, o Pregador diz: “Melhor é que não votes, do que votes e não cumpras” (Ec 5:5). Deus ordena: *Quando um homem fizer voto ao SENHOR ou juramento para obrigar-se a alguma abstinência, não violará a sua palavra; segundo tudo o que prometeu, fará (30:1-2).*

Nas escrituras, o termo “homem” é, com frequência, uma designação geral para todas as pessoas e, portanto, inclui as mulheres. Contudo, em 30:2 Deus está falando especificamente aos indivíduos do sexo masculino. No mundo antigo, a submissão das mulheres à autoridade dos homens tornava a situação ainda mais complexa quando uma mulher fazia um voto.

Apesar de todas as mulheres terem liberdade de fazer votos, as mulheres casadas, sujeitas ao marido, e as moças, sujeitas à autoridade do pai, não deviam assumir o compromisso de cumprir um voto se a figura masculina de autoridade não consentisse (30:3-8). No entanto, os homens não tinham permissão de usar seu poder para repudiar um voto como forma de ameaçar uma mulher. Ao ficar sabendo do voto, o homem devia decidir de imediato se consentia com ele ou não. Uma vez que tivesse aceito o voto de sua esposa ou filha, quer de forma verbal quer simplesmente permanecendo em silêncio acerca do assunto, não podia obrigar a mulher a quebrar esse voto posteriormente. Se tentasse proceder desse modo, ele próprio, e não a mulher, seria responsabilizado pelo não cumprimento do voto (30:10-15).

Um grupo de mulheres não estava sujeito à autoridade imediata de um homem, a saber, as viúvas e divorciadas. Apesar de essas mulheres muitas vezes sofrerem por causa de sua condição social precária e falta de propriedades, em se tratando dos votos, considerava-se que possuíam a mesma autoridade dos homens, sendo responsáveis, portanto, por todos os votos que faziam e devendo arcar com as responsabilidades e consequências negativas ou positivas (30:9).

A Bíblia mostra vários indivíduos que fizeram votos a Deus. Ana, a mãe de Samuel, prometeu dedicar seu filho ao Senhor (1Sm 1:9-11). Jefté, por outro lado, fez um voto insensato quando prometeu a Deus irrefletidamente: “Se, com efeito, me entregares os filhos de Amom nas minhas mãos, quem primeiro da porta da minha casa me sair ao encontro, voltando eu vitorioso dos filhos de Amom, esse será do SENHOR, e eu o oferecerei em holocausto” (Jz 11:30-31). Infelizmente, quem saiu ao encontro de Jefté foi sua

filha. A seriedade com a qual um voto deve ser considerado é indicada pela reação dessa filha ao voto de seu pai: “Pai meu, fizeste voto ao SENHOR; faze, pois, de mim segundo o teu voto; pois o SENHOR te vingou dos teus inimigos, os filhos de Amom” (Jz 11:36). Jefté foi obrigado a cumprir seu voto e oferecer sua filha a Deus (não necessariamente como holocausto — cf. comentário no livro de Juízes).

### 31:1-54 A guerra contra os midianitas

O capítulo 31 trata da batalha travada em nome do Senhor. O AT contém outros relatos de campanhas desse tipo (Êx 7:4; 12:41; Jz 5:13; 20:2; 1Sm 18:17; 25:28), guerras nas quais o Senhor lutou por seu povo, ou nas quais Israel lutou em nome do Senhor e com sua ajuda.

Nesse capítulo, a guerra é contra os midianitas, parentes distantes dos israelitas, pois também eram descendentes da união de Abraão com sua esposa Quetura (Gn 25:2). Alguns midianitas, como Jetro, o sogro de Moisés, se estabeleceram ao sul de Canaã. Ao que parece, ele e, provavelmente, outros em seu grupo adoravam o Deus de Israel. No entanto, há indicações de que os midianitas que habitavam a leste de Canaã possuíam um forte vínculo com os moabitas e haviam se tornado idólatras.

Vários anos depois, essa derrota dos midianitas foi usada para encorajar os israelitas, garantindo-lhes que a Assíria seria castigada da mesma forma que Midiã havia sido (Is 10:26).

#### 31:1-18 A campanha

Antes de morrer (este é o significado da expressão *serás recolhido ao teu povo*), Moisés devia realizar uma última tarefa. O Senhor lhe ordenou: *Saíam contra os midianitas, para fazerem a vingança do SENHOR contra eles (31:1-2).* O texto não esclarece o motivo dessa vingança, mas as palavras de Moisés em 31:15-16 sugerem fortemente que os moabitas e midianitas estavam sendo castigados por haverem se unido para levar o povo de Deus a pecar. Os moabitas haviam convidado os israelitas a adorar um deus moabita, Baal-Peor (25:2-3), e incentivado o povo de Israel a visitar prostitutas cultuais. Deus enviou uma praga para castigar os israelitas por adultério e idolatria (25:9), mas também castigou aqueles que levaram Israel a pecar. Os israelitas estavam realizando uma marcha santa e deviam se livrar de tudo que pudesse macular sua santidade.

Apesar de Números registrar apenas o castigo dos midianitas, os moabitas também foram castigados por este e outros pecados (cf. Dt 23:3-6; Jz 3:29-30; 2Sm 8:2; 1Cr 18:2). Vários séculos depois, Esdras se oporia de forma semelhante ao casamento com mulheres estrangeiras, incluindo as moabitas (Ed 9:1).

Mil homens de cada tribo de Israel foram enviados para lutar contra os midianitas (31:3-5). Cada tribo se encontrava representada pelo mesmo número de soldados para mostrar que todos os israelitas estavam lutando em nome do Senhor. Esse exército de doze mil homens era bem menor do que o de

outras campanhas e, provavelmente, uma força pequena em comparação com o exército midianita. Mas a guerra estava sendo travada por Deus, para o qual “nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos” (1Sm 14:6).

O exército de Israel foi comandado por *Fineias* (31:6), um líder apropriado, pois foi ele quem executou uma mulher midianita e um homem israelita em Números 25:6-8 e, assim, deteve a praga enviada por Deus. Como sacerdote, Fineias podia levar consigo *utensílios sagrados, a saber, as trombetas para o toque de rebate*. A presença de um sacerdote e de objetos sagrados também representava a presença de Deus nessa guerra.

As ordens do Senhor foram seguidas à risca. Os israelitas *pelejaram contra os midianitas [...] e mataram todo homem feito* (31:7-8). Essa declaração provavelmente significa que mataram todos os homens do grupo que atacaram, e não todos os homens midianitas. No tempo de Gideão, os midianitas ainda eram um povo poderoso e um inimigo terrível que Deus usou para castigar Israel por sua apostasia (Jz 6:1-6).

Dentre os mortos, também estavam *os reis dos midianitas* (31:8a). Ao que parece, esses reis eram os “anciãos dos midianitas” mencionados em 22:4. Seus nomes também são mencionados em Josué 13:21, em que são descritos como “príncipes de Seom” e colocados no mesmo grupo de reis vizinhos que foram derrotados, como os reis dos amorreus. O rei conhecido como *Zur* talvez fosse o mesmo cuja filha, Cozbi, foi morta com Zinri, o israelita, em 25:15.

Balaão também foi morto (31:8b). O texto não explica a presença do adivinhador no acampamento midianita, nem o motivo de ele ter sofrido a mesma sorte dos inimigos de Israel. É possível que tenha sido contratado pelos midianitas antes desse conflito, assim como havia sido pelos moabitas (22:4-6). Sua incapacidade de amaldiçoar os israelitas naquela ocasião lhe deveria ter mostrado claramente que os israelitas desfrutavam as bênçãos de Deus, servindo de advertência para ele não se envolver novamente com os inimigos de Israel. Mas, ao que parece, Balaão não aprendeu a lição. Sua presença no acampamento dos midianitas o levou a ser castigado por Deus junto com os inimigos do Senhor.

As mulheres e crianças midianitas foram levadas cativas, supostamente por não serem consideradas capazes de lutar contra os israelitas e pelo fato de alguns dos israelitas desejarem tomar as mulheres como esposas ou concubinas. Não é raro grupos militares de hoje fazerem o mesmo com as mulheres que capturam. Os rebanhos e bens dos midianitas foram tomados como espólio (31:9-11). Ao voltar para o arraial, os guerreiros mostram tudo que haviam capturado. Deviam estar orgulhosos de sua vitória e esperavam receber a admiração de Moisés e de todo o povo (31:12), mas sua expectativa foi frustrada.

Moisés, o sacerdote Eleazar (pai de Fineias) e outros líderes saíram ao encontro do exército que estava regressando, provavelmente com a intenção de parabenizar os soldados (31:13). Mas, ao ver o que estavam trazendo consigo,

*indignou-se Moisés contra os oficiais do exército* (31:14). Os comandantes haviam poupado as mulheres midianitas que contribuíram para o adultério, a apostasia e a praga em Peor (31:15-16; cf. cap. 25). Moisés os repreendeu energicamente por terem deixado as mulheres com vida, pois havia ordenado que todos fossem mortos. Agora, ele dá ordem aos soldados: *Matai dentre as crianças todas as do sexo masculino; e matai toda mulher que coabitou com algum homem, deitando-se com ele* (31:17). Somente as meninas e as jovens que ainda eram virgens foram poupadas, pois poderiam se casar e ser integradas à comunidade sem causar maiores problemas (31:18).

É difícil entender como um Deus misericordioso e amoroso pôde ordenar o extermínio de mulheres e meninos midianitas. Sabemos que a origem e a causa das guerras é o pecado humano e que toda guerra é maligna. Também sabemos que é impossível o mundo alcançar e manter a paz por meio de guerras. Mas houve momentos em que Deus escolheu castigar os perversos por meio de conflitos armados chamados de guerras santas no AT. Ao procurar entender essas guerras do AT e interpretar seu significado para nós hoje, é necessário considerar alguns pontos:

- Somente Deus pode iniciar uma guerra santa, e seu único objetivo é derrotar aqueles que pretendem frustrar seus propósitos. Sempre que os israelitas saíam para a batalha por sua própria iniciativa, eram derrotados e castigados por Deus. Não podemos usar esses exemplos do AT para justificar guerras nos dias de hoje.
- O Senhor é, ao mesmo tempo, um Deus de salvação e julgamento; nenhum desses atos deve ser considerado isoladamente. Por exemplo, quando o Egito foi julgado, Israel foi salvo. A ideia de guerra santa ilustra esse fato acerca de Deus.
- Deus é o Santo, e a santidade era fundamental para a existência da comunidade que ele havia estabelecido. Esse ponto é enfatizado nas leis acerca da santidade e pureza no livro de Levítico e em Êxodo 25 a 40 e Números 1 a 10. Uma vez que Deus é santo, tudo que se opõe ou contamina essa santidade deve ser destruído. A ordem para matar mulheres e meninos revela como Deus leva o pecado a sério, especialmente quanto a se desviar e adorar outros deuses. Aqueles que resistem ao plano de Deus e procuram frustrar a vontade e os propósitos divinos trazem julgamento sobre si.

Apesar de ser difícil para os cristãos entender o conceito de guerra santa, não podemos simplesmente descartar esses acontecimentos como se fossem um erro das Escrituras. Sabemos, porém, à luz do NT, que não devemos travar esse tipo de guerra hoje em dia. Somos instruídos a amar nossos inimigos conforme o exemplo de Cristo, que não revidou, mas amou seus inimigos a ponto de se dispor a morrer por eles. Acima de tudo, devemos lembrar que Deus não é apenas um Deus de justiça e santidade, mas também um Deus de amor.

### 31:19-54 *A purificação dos guerreiros e espólios*

Apesar de Deus ter ordenado a destruição dos midianitas, o ato de matar não era considerado santo. Assim, soldados e cativos midianitas que haviam tido contato com um cadáver deviam ser purificados antes de poder entrar no arraial. Todas as roupas e equipamentos usados na guerra também deviam ser purificados com fogo ou água segundo a prescrição do sacerdote Eleazar (31:19-24; 19:1-22).

O ritual de purificação incluía o isolamento fora do arraial santo durante sete dias, uma prescrição observada por Miriã ao ser acometida por lepra (12:14). O número sete é bastante significativo na tradição bíblica, simbolizando a perfeição ou conclusão de algo. O sétimo dia foi santificado por Deus e separado para a adoração. O ritual de purificação devia ser realizado no terceiro dia e repetido no sétimo dia.

Depois do ritual, realizou-se a divisão dos espólios, também sob a orientação de Deus (31:25). No AT, todos os âmbitos da vida eram consagrados a Deus, mesmo as áreas que poderíamos considerar desprezíveis ou materiais demais para serem do interesse dele. Não há distinção entre o sagrado e o secular.

A distribuição dos espólios de guerra foi realizada por Moisés, Eleazar e os líderes da comunidade, sob a orientação de Deus (31:26-27). Uma vez que o exército havia combatido em nome de toda a congregação de Israel, os espólios da vitória deviam ser divididos entre todos, mas os soldados que lutaram deviam receber uma porção maior. Assim, metade das meninas e do gado foi separada para os doze mil homens que haviam participado da batalha, enquanto a outra metade foi entregue ao restante da comunidade (31:27). É provável que Moisés tenha dado a cada tribo a parte que lhe cabia e, então, deixado ao encargo de cada líder tribal a partilha entre as famílias. Esse método de divisão reduzia consideravelmente a possibilidade de descontentamento acerca da distribuição dos espólios.

Tanto os soldados quanto a congregação de Israel entregaram parte dos espólios a Deus como forma de agradecer. Àquele que os havia capacitado para conquistar a vitória. O *tributo* correspondente aos espólios dos soldados foi entregue aos sacerdotes (31:28-29, 36-41). Os membros da comunidade que não participaram do combate tiveram de pagar um tributo mais elevado, que foi entregue aos levitas (31:30, 42-47). Embora os sacerdotes e levitas não tenham lutado, não lhes cabendo nenhuma parte na herança, eles também tinham direito a uma parte.

Ao que parece, o princípio de divisão dos espólios de guerra foi observado em outras ocasiões da história de Israel (Js 22:8; 1Sm 30:24-25; Sl 68:12). No NT, os primeiros cristãos compartilhavam todas as suas posses visando o bem comum (At 2:44-45). O compartilhamento é uma virtude bíblica que todos os cristãos devem praticar a fim de promover o bem comum. Conquanto as igrejas cristãs estejam inseridas em um mundo caracterizado pelo individualismo e o egoísmo, os cristãos não se esqueceram desse dever.

Algumas das maiores organizações assistenciais do mundo são dirigidas por igrejas ou instituições relacionadas a igrejas e, por meio de sua atuação, permitem aos cristãos compartilhar com outros as dádivas que receberam de Deus.

O princípio de repartir espólios com indivíduos que não participaram do combate também é importante. Precisamos lembrar que os servos do Senhor não são apenas aqueles que estão à frente da obra, mas também os que permanecem em seus lares, orando e apoiando a obra de outras maneiras.

O texto indica que apenas os cativos e o gado foram divididos, enquanto o ouro, as joias e outros bens foram entregues aos guerreiros (31:53). No entanto, eles não ficaram com esse despojo. Os capitães de mil e os capitães de cem entregaram o ouro a Moisés como sinal de gratidão a Deus por nenhum soldado israelita ter morrido na batalha (31:48-51). Ornamentos para o braço, pulseiras, anéis de selar, brincos e colares foram oferecidos *para fazer expiação* (31:50), ou seja, para cobrir os pecados (31:52). Todos esses bens foram levados à *tenda da congregação, como memorial para os filhos de Israel perante o SENHOR* (31:54).

Ainda hoje, Deus se agrada quando os cristãos demonstram sua gratidão por sua bondade e misericórdia.

### 32:1-42 *Um pedido controverso*

O capítulo 32 registra o pedido de duas tribos israelitas para se estabelecerem em Gileade, na Transjordânia. Descreve o mal-entendido inicial provocado pelo pedido e define condições rígidas para que essas duas tribos e a meia tribo de Manassés possam se assentar nessa região.

As tribos de Rúben e Gade pediram permissão a Moisés para se assentar do lado leste do rio Jordão, no território que os israelitas haviam capturado de Og e Seom (32:1-5, 33; cf. 21:21-35). Moisés rejeitou o pedido, temendo que, se essas tribos permanecessem na Transjordânia e não lutassem nas batalhas que Israel ainda tinha pela frente, os outros israelitas desanimariam e o povo ficaria desunido (32:6-7). O pedido também lhe pareceu uma forma de encobrir o medo que essas tribos tinham de entrar na terra prometida e o desejo de desistir no último instante, como seus antepassados haviam feito. A recusa dos israelitas da geração anterior em entrar na terra trouxera julgamento sobre a nação, e Moisés temia um novo julgamento de Deus caso esse pecado se repetisse (32:8-15). Consequentemente, ele não atendeu ao pedido, pois todas as tribos deviam conquistar juntas a terra prometida do outro lado do rio Jordão, e nenhuma divisão entre os israelitas seria tolerada.

Os rubenitas e gaditas responderam enfatizando seu compromisso com a comunidade e sua disposição de lutar ao lado de seus compatriotas até que todos estivessem assentados na terra prometida (32:16-19). Não estavam tentando evitar as batalhas pela frente e apenas cuidar dos seus próprios interesses. Sua disposição de lutar com o restante do povo expressa uma crença comum na África, segundo a qual a vida de uma pessoa é arraigada de tal

modo na comunidade que podemos dizer: “Eu sou porque nós somos e, porque nós somos, eu sou”. Quem se separa da comunidade é como um galho cortado da árvore, que não demora a secar e morrer.

Moisés ouviu os argumentos e, por fim, aceitou as promessas solenes dos rubenitas e gaditas de participar das batalhas pela conquista coletiva da terra prometida antes de voltar aos seus assentamentos fora de Canaã (32:20-32). Deus exigiu que toda a comunidade se comprometesse com a conquista. A promessa de dar uma terra aos israelitas tinha o propósito de unificá-los, e não de promover interesses individualistas e isolar as pessoas umas das outras.

Depois da conquista, a meia tribo de Manassés também se assentou a leste do rio Jordão, e as duas tribos e meia construíram cidades (32:33-42).

A importância da união, da qual Moisés tem plena consciência, é expressada muito bem no provérbio suali: *Umoja ni nguvu, utengano ni udhaifu* (“A união é força; a divisão é fraqueza”). Jesus também enfatizou a importância da união para os seus seguidores. Devemos permanecer unidos a ele, como os ramos de uma videira permanecem ligados ao seu tronco para não secar e morrer (Jo 15:1-8). Nossa união com Deus também é demonstrada em nossa união uns com os outros. Assim, Jesus orou para que sua igreja se unisse como sua agência de salvação na terra (Jo 17:26). A fim de conquistar o mundo para Cristo, a igreja precisa permanecer unida.

### 33:1-49 Um resumo da jornada de Israel

O capítulo 33 apresenta uma lista de lugares onde Israel acampou durante a longa jornada do Egito para a terra prometida. A lista não é exaustiva, pois deixa de fora alguns dos lugares mencionados em Êxodo. Essas omissões são compreensíveis, pois o objetivo não é fornecer dados para um mapa geográfico ou apenas servir como documento histórico. Antes, essa relação de lugares possui dimensão espiritual e oferece clara indicação do envolvimento de Deus com a história humana. Cada acampamento representava um novo marco no caminho pelo qual Deus estava conduzindo seu povo diariamente. Talvez essa lista de nomes de lugares não pareça muito empolgante, mas, ao lê-la, o povo de Israel podia olhar para trás e confessar que Deus havia liderado a jornada e realizado seus propósitos enquanto o conduzia da terra da escravidão para a terra da liberdade.

### 33:50-56 A ordem para expulsar os habitantes da terra

A lista de acampamentos termina com o local onde o povo se encontrava naquele momento, junto à terra prometida (33:50), onde Deus dá instruções acerca da conquista da terra: *desapossareis de diante de vós todos os moradores da terra, destruireis todas as pedras com figura e também todas as suas imagens fundidas e deitareis abaixo todos os seus ídolos* (33:51-52). Para um estudo detalhado da guerra santa, veja comentários no capítulo 31. Todos os habitantes da terra prometida deviam ser expulsos, e sua terra devia ser distribuída entre

os israelitas. Caso os israelitas estivessem inseguros quanto à sua capacidade de cumprir essa ordem, poderiam se lembrar da promessa de Deus: *Tomareis a terra em posseção e nela habitareis, eu vo-la dei para a possuídes* (33:53). Deus é o Senhor da terra. Ele a criou, ela lhe pertence, e, portanto, ele pode entregá-la a quem lhe aprouver (cf. Gn 1:1; Sl 24:1-2). A divisão exata da terra devia ser definida pelo lançamento de sortes (33:54; cf. tb. 26:52-56).

Em seguida, Deus explica o que acontecerá se o povo não obedecer à sua ordem: *Porém, se não desapossardes de diante de vós os moradores da terra [...] farei a vós outros como pensei fazer-lhes a eles* (33:55a-56).

Ainda assim, os israelitas não obedeceram à ordem do Senhor, e, de fato, os cananeus que permaneceram na terra lhes foram *como espinhos nos vossos olhos e como agulhões nas vossas ilhargas* (33:55b). Os cananeus levaram os israelitas a adorar outros deuses e os conduziram à apostasia, e, em decorrência disso, os israelitas foram levados para o cativeiro na Babilônia.

## 34:1-29 A terra prometida

### 34:1-15 As fronteiras da terra prometida

A intenção do autor ao descrever as fronteiras da terra prometida não é tanto fornecer detalhes políticos e geográficos, mas, sim, evidenciar o envolvimento de Deus no processo de repartir a terra e mostrar a grandeza de sua dádiva. O povo só alcançaria várias das fronteiras descritas aqui muito depois do tempo de Josué (Js 13:1-7). Em Gênesis 15:17-20, Abraão recebeu a promessa de uma região de contornos indefinidos, enquanto Josué 15 a 19 descreve em mais detalhes o território separado para cada tribo. Todas as referências bíblicas à terra e aos limites geográficos visam mostrar como o plano de Deus irrompe na história humana quando Israel se torna uma nação e toma posse da terra, em cumprimento à promessa feita por Deus a Abraão (Gn 12:7).

### 34:16-29 Os líderes escolhidos para dividir a terra

Deus usa seres humanos para realizar seu plano de salvação e libertação. Assim, ele escolheu líderes entre os israelitas para dividir a terra. Os dois primeiros nomes da lista são conhecidos: *Eleazar, o sacerdote, e Josué, filho de Num* (34:16-17). Em seguida, é dada uma lista dos representantes de cada tribo (34:19-29). A nomeação de Eleazar como representante dos sacerdotes — um grupo que não receberia terras —, de Josué como sucessor de Moisés e de um representante de cada tribo mostra que a terra seria distribuída de forma justa, pois cada tribo se encontrava devidamente representada. Mais uma vez, podemos ver como Deus deseja que todas as áreas da vida sejam permeadas de justiça.

O primeiro nome da lista de representantes é *Calebe, filho de Jefoné* (34:19). Calebe foi um dos homens enviados para espiar a terra muitos anos antes (13:6), e ele e Josué eram os únicos sobreviventes da geração mais velha. A ordem na qual



as tribos são relacionadas aqui, começando com Judá, é diferente daquela nos capítulos 1 e 7, assemelhando-se mais à sequência de Josué 19, em que é descrita a divisão da terra.

### 35:1-34 Disposições acerca dos levitas

#### 35:1-8 As cidades dos levitas

Conforme a instrução de Deus, quando a terra de Canaã foi dividida entre as tribos, os levitas não receberam um território

específico (18:20-24; cf. Dt 10:8-9). Os levitas haviam sido separados para assistir no trabalho do santuário, mas, ainda assim, precisavam de um lugar para morar enquanto serviam ao Senhor. Consequentemente, Deus ordenou que os levitas recebessem quarenta e oito cidades onde viver e terra suficiente ao redor de cada cidade para alimentar o gado, os rebanhos e outros animais (35:1-6). Essas cidades ficariam espalhadas por toda a região ocupada pelas outras tribos (35:7-8). O número de cidades dos levitas devia ser proporcional ao número

## A HISTÓRIA DE ISRAEL

Para aqueles que creem na inspiração e autoridade da Bíblia — e, portanto, em sua veracidade —, ela é a principal fonte de conhecimento acerca da história do povo com o qual Deus fez uma aliança na Antiguidade. Essa pressuposição não representa, de maneira nenhuma, um empecilho para usarmos documentos confiáveis acerca do antigo Oriente Médio para preencher algumas das lacunas do relato bíblico. No entanto, por causa do caráter sucinto deste artigo, nosso enfoque será exclusivamente sobre as Escrituras. Uma reconstrução afrocêntrica da história de Israel pode ser encontrada na obra de Adamo, *Africa and the Africans in the Old Testament* [A África e os africanos no Antigo Testamento].

Ao falar da história de Israel, é importante lembrar que estamos nos referindo a um tipo especial de história, a saber, uma história redentora. Assim, a Bíblia não deve ser lida como se fosse um livro qualquer de história ou ciências. Também não deve ser considerada apenas um registro de acontecimentos no antigo Oriente Médio interpretados a fim de revelar Deus. Antes, a Bíblia registra a história na qual Deus é um participante ativo que molda os acontecimentos relatados.

A história de Israel como nação começa com os patriarcas em Gênesis 12 a 50. Aliás, pode-se dizer que começa com a história da humanidade como um todo, com a criação, a queda, o dilúvio e a dispersão (Gn 1—11). No entanto, o caráter distintivo de Israel e seu propósito como nação se tornam mais claros na libertação do povo registrada no livro de Êxodo.

Apesar de Moisés ser o instrumento humano, fica claro que o êxodo da terra do Egito foi, acima de tudo, obra de Deus: “Esta noite se observará ao Senhor, porque, nela, os tirou da terra do Egito” (Êx 12:31-42). Três meses depois de sair do Egito, os israelitas chegaram ao monte Sinai ou Horebe (Êx 19:1-2), onde Deus apareceu (19:16-25), falou a toda a congregação (20:1-17, 22-26) e fez uma aliança com seu povo: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19:5-6). Os termos, prescrições e instituições da aliança são descritos

em Êxodo 19 a 40, Levítico, Números 1 a 10 e Deuterônimo. Ao deixar o Sinai, os israelitas começaram sua jornada rumo à terra prometida (Nm 10:11). A rebelião do povo estendeu a jornada de onze dias para quarenta anos (Dt 1:2-3); mas, por fim, os israelitas entraram, conquistaram e ocuparam a terra sob a liderança de Josué (livro de Josué).

Entre o assentamento em Canaã e a instituição da monarquia, houve um período caracterizado por um círculo vicioso de pecado, opressão, arrependimento e salvação (livros de Jz e Rt). A confusão desse período — especialmente o insucesso de Eli e seus filhos e dos filhos de Samuel, bem como a opressão pelos filisteus — levou o povo a pedir um rei (1Sm 8). A monarquia teve seu período áureo durante o reinado de Davi e Salomão. No entanto, a rebelião contra as provisões da aliança de Deus resultou numa divisão: dez tribos formaram Israel, o Reino do Norte, e duas tribos formaram Judá, o Reino do Sul. Israel foi tomado pelos assírios em 722-21 a.C., e Judá foi tomado pelos babilônios em 587-86 a.C. Não há registro de um regresso das tribos do Norte. Alguns dos judeítas exilados na Babilônia voltaram em estágios sob a liderança de Zorobabel, Esdras e Neemias. O AT termina com um remanescente do povo da aliança adorando num templo reconstruído enquanto aguardava o início de uma nova era sob o Messias do Senhor e o cumprimento de várias promessas feitas aos patriarcas.

Seguiram-se os quatrocentos anos do período intertestamental antes do Messias (Jesus) e seu precursor (João Batista) entrarem em cena, conforme predito por Malaquias (Ml 3:1-3; 4:1-6; Mt 11:10, 14; Lc 1:76; 7:27). Contudo, algumas das promessas do AT ainda não se cumpriram. É evidente que o AT aponta para algo além do seu tempo (Hb 1:1-2), posterior até ao período do NT.

O ressurgimento de Israel como nação nos tempos modernos é um preparativo para que seu povo reconheça, no fim dos tempos, que Cristo é não apenas seu Messias, mas também o Salvador do mundo (Rm 11:25-27; Ap 1:7). Assim, a história de Israel vai além dos fatos históricos relativos a uma única nação, Israel. Em última análise, ela é a história da redenção de Deus para o mundo todo por meio de Jesus Cristo (Jo 1:1-14; 3:16-18; Rm 10:11-13).

Tewoldemedhin Habtu



de cidades de cada tribo. Assim, a tribo que tivesse mais cidades cederia aos levitas um número maior delas, mostrando mais uma vez a preocupação com a justiça.

### 35:9-34 *As cidades de refúgio*

Seis das cidades entregues aos levitas deviam exercer a função especial de cidades de refúgio para israelitas e estrangeiros (35:6,13-15). Uma vez que a lei de Deus prescrevia a pena de morte nos casos de homicídio, os parentes da pessoa assassinada podiam procurar vingá-la (34:16-21). No entanto, como Deus sabia que alguns homicídios não seriam intencionais e algumas pessoas seriam acusadas falsamente de assassinato (35:11-12), ele estabeleceu essas cidades como refúgio onde uma pessoa acusada desse crime poderia permanecer em segurança até ser julgada.

Deus também definiu os critérios para distinguir entre homicídios intencionais e não intencionais. Um homicídio era considerado intencional (doloso) quando uma pessoa morria em decorrência de ter sido atingida por uma arma mortal, como um instrumento feito de ferro, pedra ou madeira, ou por um objeto lançado contra ela com a intenção de feri-la. O homicídio também era doloso quando a vítima era golpeada ou empurrada com violência (35:16-21). A morte podia ser considerada acidental (homicídio culposos) quando a pessoa era atingida por um objeto que não havia sido lançado contra ela ou quando não havia a intenção de ferir (35:22-23).

Cabia à *congregação* discernir o tipo de homicídio em cada caso (35:24a). Quem fosse culpado de homicídio intencional devia receber a pena de morte (35:21). No entanto, alguém que tivesse matado outra pessoa acidentalmente podia buscar proteção numa das cidades de refúgio, onde devia permanecer até a morte do sumo sacerdote (35:24b,28). Contudo, o indivíduo nessa situação que deixasse a cidade de refúgio podia ser morto pelo vingador de sangue (35:26-27).

Os últimos versículos desse capítulo reforçam pontos explicados anteriormente. Em primeiro lugar, o homicídio não devia ser considerado levemente. Todo aquele que mata outra pessoa merece morrer; no entanto, a pena de morte também não devia ser aplicada levemente. Era preciso haver mais de uma testemunha do crime para que essa pena pudesse ser aplicada (35:29-30). Em segundo lugar, nenhum homicida, de crime doloso ou culposos, poderia ser resgatado (35:31). Os ricos não poderiam usar o dinheiro para escapar das consequências de seus crimes. Em terceiro lugar, quando um indivíduo buscava proteção numa cidade de refúgio, não era possível pagar resgate para que ele pudesse voltar para casa antes da morte do sumo sacerdote (35:32). O propósito central dessas prescrições era proteger a terra da contaminação provocada pelo derramamento de sangue inocente ou pela falta de justiça. Deus disse aos israelitas: *Não contaminareis, pois, a terra na qual vós habitais, no meio da qual eu habito; pois eu, o SENHOR, habito no meio dos filhos de Israel* (35:34).

### 36:1-13 *A herança das filhas*

O capítulo 27 apresenta as leis sobre heranças. Como é comum acontecer quando uma legislação é promulgada, torna-se necessário criar outras prescrições quando a aplicação das leis gera um dilema. Se as filhas podiam ficar com a herança quando não havia herdeiros do sexo masculino, o que aconteceria quando essas filhas se casassem? Se elas se casassem com um homem de outra tribo, a sua tribo perderia terras que lhes pertenciam por direito. Foi com esse problema que os líderes do clã de Gileade, da tribo de Manassés, abordaram Moisés (como fizeram as filhas de Zelofeade em 27:1-2). Esses homens se apresentaram diante de Moisés e dos anciãos, mas não diante de toda a congregação, como as filhas de Zelofeade (36:1-3).

Os representantes do clã procuraram justificar sua preocupação associando-a ao Ano do Jubileu, no qual toda terra devia ser devolvida ao seu proprietário original, e, nesse caso, as terras seriam entregues à tribo dos maridos dessas herdeiras (36:4; Lv 25:8-54). O cerne da questão era que, apesar de uma mulher ter o direito de herdar a terra, ela perdia efetivamente a posse dessa propriedade quando se casava, pois seus bens passavam a pertencer ao marido. Como em muitas sociedades africanas de hoje, na sociedade do antigo Israel não se cogitava que uma mulher pudesse possuir terras de forma independente.

Embora o texto não afirme especificamente que Moisés apresentou o caso ao Senhor, como em 27:5, pode-se supor que ele o fez, pois, ao responder, falou *segundo o mandado do Senhor*. Moisés determinou que essas herdeiras deviam se casar com alguém de seu próprio clã (36:5-6), uma prescrição que manteve a integridade dos clãs como entidades distintas dentro do povo de Deus (36:7-9).

As filhas de Zelofeade obedeceram e se casaram com seus primos (36:10-12). Apesar de terem obtido alguns direitos, as mulheres ainda não haviam sido reconhecidas de todo como recipientes iguais da promessa do Senhor junto aos homens israelitas. Mas chegaria o dia em que o apóstolo Paulo, escrevendo aos gálatas, enfatizaria que para o Senhor não há “judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

O livro de Números termina com essa decisão cujo propósito é manter a integridade das terras pertencentes às tribos, um final apropriado para um livro que começou com um censo das tribos que não possuíam propriedades, mas estavam avançando, pela fé, rumo à posse da terra prometida por Deus.

Anastasia Boniface-Malle

### Leituras adicionais

- ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.
- WENHAM, G. *Numbers: An Introduction and Commentary*. TOT. Downers Grove: InterVarsity Press, 1981.

# DEUTERONÔMIO

Deuteronômio, o quinto e último livro da Torá, começa com os filhos de Israel habitando temporariamente nas campinas de Moabe, defronte de Jericó e prestes a entrar na terra prometida (1:5; cf. tb. Nm 33:48-49). Em Deuteronômio, observamos uma pausa na história narrada em Êxodo e Números, quando Moisés profere suas últimas palavras ao povo. Numa série de discursos que correspondem ao seu testemunho final, Moisés lembra os israelitas de sua história recente e de tudo que Deus fez por eles ao livrá-los do Egito e conduzi-los pelo deserto até o local onde se encontravam. Enfatiza repetidamente a necessidade de Israel ser absolutamente fiel a Deus e obedecer à sua lei a fim de desfrutar paz e prosperidade em seu novo lar. Sua mensagem pode ser resumida nas palavras: “Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (6:5).

Ao explicar o dever dos israelitas para com Deus, Moisés volta a detalhar a lei transmitida ao povo no monte Horebe (Sinai). Essa repetição da lei explica o nome do livro, pois a palavra “Deuteronômio” é derivada de uma expressão grega que significa “a segunda lei”.

Enquanto a exposição da lei em Êxodo e Levítico focaliza principalmente as responsabilidades rituais dos sacerdotes, Deuteronômio visa instruir os israelitas em geral. Assim, Moisés ordena que o livro seja lido em voz alta para todo o povo a cada sete anos na Festa dos Tabernáculos (31:1-13).

## Autor e data

A autoria de Deuteronômio é controversa. Tradicionalmente, estudiosos judeus e cristãos atribuem esse livro, e grande parte do restante do Pentateuco, a Moisés. Sem dúvida, 31:9,24 afirma que pelo menos algumas seções do livro foram redigidas diretamente por Moisés. É evidente que outra pessoa acrescentou o relato da morte de Moisés. Os estudiosos continuam a discutir se há mais trechos de outra autoria.

A data de redação de Deuteronômio também é motivo de controvérsia e é fortemente influenciada pela opinião de cada estudioso acerca da autoria. Vários argumentos corroboram a ideia de que grande parte do livro deve ser datada do tempo de Moisés, ou seja, do final do segundo milênio a.C.

## Influência

Apesar da autoria mosaica e da instrução para que o livro fosse lido para toda a população a cada sete anos,

ao que parece, Deuteronômio passou algum tempo perdido durante o período turbulento da monarquia, sendo redescoberto apenas no reinado de Josias, que estava procurando restaurar o culto ao Senhor (2Rs 22—23; 2Cr 34:29—35:19). Josias ficou horrorizado quando descobriu quanto o povo de Israel havia se desviado da lei e se lançou a uma reforma ainda mais enérgica.

Parte do seu espanto pode ter sido causada pela passagem que trata da lei em relação ao rei (17:14-20). Os israelitas em geral acreditavam que Deus havia instituído a linhagem davídica de reis e que esta jamais seria abalada. No entanto, Deuteronômio deixa claro que sem a obediência às prescrições da lei não havia nenhuma garantia da proteção de Deus. Pelo contrário! Quem rompesse a aliança seria amaldiçoado. Assim, Josias jurou que ele e o povo de Israel voltariam a guardar a aliança (2Rs 23:3).

O livro também é citado com frequência por Jesus e por escritores neotestamentários. No total, o NT contém mais de oitenta referências a Deuteronômio, indicando a importância do livro. Podemos observar, por exemplo, que nove passagens de Deuteronômio (6:5; 18:15; 19:15; 21:23; 23:21; 24:1; 25:4; 30:11-14; 32:35) são citadas em dezesseis ocasiões em dez livros do NT.

## Teologia

A importância teológica de Deuteronômio é evidente pelo número de referências a ele contidas no NT. O livro apresenta Javé como o Senhor soberano de Israel que exige obediência e não tolera a adoração a outros deuses. Tal exigência tem por base os atos salvadores realizados pelo Senhor ao libertar os israelitas do Egito, protegê-los no deserto e defendê-los de seus inimigos e, portanto, é arraigada no amor e na misericórdia que Deus demonstrou por Israel. A adoração do povo deve ser expressada tanto na devoção pessoal ao Senhor quanto na observância de determinadas festas e rituais religiosos. Em troca dessa obediência, Israel desfrutará paz e prosperidade na terra que Deus está lhe dando (28:1-14). A desobediência, por outro lado, trará castigo (4:26; 27:15-26; 28:15-68).

A resposta de Israel a Deus deve ser a mesma do ditado umbundu, de Angola: *Ocisola uvanga ci sakuwa lo-cisola cikuavo; onjala lo londunge* (“O amor corresponde ao amor; só o amor cura o amor”). Ou, conforme o NT expressa, Israel deve amar a Deus porque Deus o amou primeiro.

### Estrutura

A estrutura de Deuteronômio como um todo e de algumas de suas seções individuais guarda várias semelhanças com a estrutura de tratados do antigo Oriente Médio, como os tratados assírios de vassalagem de Esar-Hadom. Era comum assinar tratados desse tipo nas transições de liderança, e o rei Esar-Hadom exigiu que o povo jurasse fidelidade a seu sucessor, Assurbanipal. Os tratados sempre começavam com o nome das partes envolvidas e um preâmbulo histórico dos acontecimentos preliminares ao tratado (1:1—4:49). Esse preâmbulo era seguido de cláusulas específicas e uma declaração de seu caráter inalterável (5:1—26:19). Incluía-se, ainda, uma petição para cumprir as cláusulas e uma lista de consequências caso não fossem respeitadas (27:1—30:20). Os nomes das testemunhas do tratado também eram citados, juntamente com a responsabilidade das partes de informar as gerações futuras dos termos do acordo (31:1—34:5).

Tendo em vista os tratados serem associados a transições de liderança, não é de surpreender que encontremos a estrutura desse tipo de acordo em um livro que marca a transferência de poder do líder idoso, Moisés — ciente do pouco tempo que lhe resta —, a seu sucessor, Josué (3:23-29; 31:1-8). No entanto, neste caso, o povo é chamado a jurar fidelidade não a Josué, mas a Deus. Enquanto os tratados políticos exigiam lealdade exclusiva a um rei, Deuteronômio exige lealdade exclusiva a Deus, o único rei de Israel (Jz 8:23). Este conceito da soberania de Deus como rei é reforçado pelo fato de que, para expressar as relações entre Deus e seu povo, é usado o modelo de tratados políticos que regiam as relações entre os reis humanos e seus súditos.

### Esboço

#### 1:1—4:43 O primeiro discurso de Moisés

1:1-5 Introdução

1:6—4:40 Uma recapitulação dos feitos poderosos de Deus

1:6-46 A primeira tentativa de conquistar a terra

1:6-8 Israel em Horebe

1:9-18 A organização do povo

1:19-25 Homens são enviados para espiar a terra

1:26-33 O temor do povo

1:34-46 O julgamento de Deus sobre o povo

2:1-23 A jornada pela Transjordânia

2:1-8a Israel volta pelo caminho do mar Vermelho

2:8b-23 A jornada contornando Moabe

2:24—3:17 A conquista da Transjordânia

2:24-25 A ordem para avançar

2:26-37 A derrota de Seom

3:1-11 A derrota de Ogue

3:12-17 A distribuição do território conquistado

3:18-29 Preparativos para invadir a região oeste da Palestina

4:1-40 As consequências do livramento

4:1-8 O apelo para ouvir e obedecer

4:9-14 A teofania no monte Horebe

4:15-24 A adoração somente a Deus

4:25-31 A previsão do exílio

4:32-40 A experiência singular de Israel

4:41-43 As cidades de refúgio

#### 4:44—28:68 O segundo discurso de Moisés

4:44-49 Introdução

5:1—6:25 O cerne da fé dentro da aliança

5:1-21 Os Dez Mandamentos

5:22-27 A reação de Israel: medo e devoção

5:28-31 Um mediador

5:32—6:3 A vantagem de guardar a lei de Deus

6:4-9 O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor

6:10-25 A importância de lembrar

7:1-26 A conquista de Canaã

7:1-5 As regras para a conquista

7:6-16 O caráter de Israel

7:17-26 A necessidade de ter fé

8:1-20 Os perigos da prosperidade

9:1-6 A vontade de Deus, e não a justiça de Israel

9:7-29 A pecaminosidade de Israel

10:1-11 A reafirmação da aliança

10:12—11:32 A religião do coração

10:12-22 Quais as exigências do Senhor?

11:1-9 Apelo ao passado

11:10-25 Bênçãos para os obedientes

11:26-32 A hora da decisão

12:1—26:19 Estipulações detalhadas

12:1—15:23 Leis acerca da adoração

12:1-12 O lugar de adoração

12:13-28 Refeições sagradas e comuns

12:29-32 A pureza na adoração

13:1-18 A tentação da idolatria

14:1-21 O luto e os alimentos

14:22-29 Dízimos

15:1-18 O perdão de dívidas e a libertação de escravos

15:19-23 Os primogênitos dos animais

16:1-17 Leis acerca das peregrinações anuais

16:1-8 A Páscoa

16:9-12 A Festa das Semanas

16:13-17 A Festa dos Tabernáculos

16:18—18:22 Leis acerca da liderança

16:18—17:13 Juízes

17:14-20 Reis

18:1-8 Sacerdotes e levitas

18:9-13 Falsos líderes  
 18:14-22 O profeta  
 19:1—25:19 Outras leis  
 19:1-13 Homicídio e cidades de refúgio  
 19:14 Marcos de propriedade  
 19:15-21 Testemunhas e provas  
 20:1-20 Prescrições acerca da guerra  
 21:1-9 Expição por homicídio anônimo  
 21:10-14 As prisioneiras de guerra  
 21:15-17 Os direitos do primogênito  
 21:18-21 Um filho rebelde e obstinado  
 21:22-23 O corpo de um criminoso executado  
 22:1-4 A restituição de um bem extraviado  
 22:5 O travestismo  
 22:6-7 A preservação da mãe ave  
 22:8 Uma medida de segurança  
 22:9-11 A proibição de certas misturas  
 22:12 O uso de borlas  
 22:13-21 Alegações acerca de uma mulher recém-casada  
 22:22-29 Adultério e estupro  
 22:30 Madrastas e enteados  
 23:1-9 A admissão na assembleia  
 23:10-14 A pureza no acampamento militar  
 23:15-16 Escravos fugidos  
 23:17-18 Prostituição cultural  
 23:19-20 O empréstimo de dinheiro a juros  
 23:21-23 Votos  
 23:24-25 Os frutos na propriedade de um vizinho  
 24:1-4 Divórcio e novo casamento  
 24:5 Isenção do serviço militar  
 24:6 O penhor da pedra de moinho  
 24:7 Rapto  
 24:8-9 Lepra  
 24:10-13 Leis acerca de penhores  
 24:14-15 Proteção para os empregados  
 24:16 Responsabilidade pessoal  
 24:17-18 Proteção dos fracos e indefesos  
 24:19-22 A respiga  
 25:1-3 O castigo físico  
 25:4 A proibição de atar a boca do boi  
 25:5-10 O casamento de levirato  
 25:11-12 A agressão contra as partes pudendas de um homem  
 25:13-16 Pesos e medidas  
 25:17-19 A ordem para exterminar os amalequitas  
 26:1-15 Dois rituais associados a ofertas  
 26:2-11 A liturgia das primícias  
 26:12-15 A liturgia para os dízimos do terceiro ano  
 26:16-19 Uma exortação final  
 27:1-26 A renovação da aliança na terra prometida  
 27:1-8 As estipulações finais da aliança

27:9-10 Um desafio  
 27:11-26 A cerimônia no monte Ebal  
 28:1-68 Bênçãos e maldições  
 28:1-14 As bênçãos  
 28:15-68 As maldições

### 29:1—30:20 O terceiro discurso de Moisés

29:1-8 Recapitulação histórica  
 29:9-15 Exortação ao compromisso  
 29:16-21 Advertência contra a hipocrisia  
 29:22-28 Uma lição para a posteridade  
 29:29 Coisas encobertas e coisas reveladas  
 30:1-10 Arrependimento e perdão  
 30:11-20 Um apelo solene para escolher a vida

### 31:1—34:12 Os últimos atos e a morte de Moisés

31:1-8 A apresentação de Josué  
 31:9-13 A cerimônia de renovação da aliança  
 31:14-23 A comissão de Moisés e Josué  
 31:24-30 O lugar da lei  
 32:1-43 O cântico de Moisés  
 32:44-47 A exortação final de Moisés  
 32:48-52 A ordem para subir o monte Nebo  
 33:1-29 A bênção de Moisés  
 34:1-12 A despedida de Moisés

## COMENTÁRIO

### 1:1—4:43 O primeiro discurso de Moisés

#### 1:1-5 Introdução

Deuteronômio começa com um parágrafo que explica todo o conteúdo da obra, precisando a época em que foi redigida. Parágrafos semelhantes podem ser encontrados no início de várias seções do livro (p. ex., 4:44—5:1) e no início de livros do Antigo Testamento como Amós e Ezequiel. Também são, conforme indicado anteriormente nesta introdução, uma característica comum do preâmbulo de tratados antigos nos quais se declarava onde e quando o documento havia sido elaborado e quais as partes envolvidas.

A afirmação *São estas as palavras que Moisés falou (1:1a)* deixa claro que o conteúdo do livro foi transmitido, originalmente, na forma de discursos, o que é reiterado em 4:45; 29:2; 31:30 e 32:44. No entanto, esse conteúdo também foi registrado por escrito (17:18; 31:9).

Não se tratam, porém, de “meras palavras”, pois no hebraico o termo “palavra” possuía um significado amplo. No original, os Dez Mandamentos são chamados de dez palavras (4:13; 10:4; cf. tb. Êx 34:28). A revelação de Deus é descrita, em várias ocasiões, como “a palavra de Senhor” vinda a diversos profetas (1Cr 17:3). Quando o locutor é um profeta divinamente inspirado, “as palavras do profeta”

e “as palavras do Senhor” são designações intercambiáveis referentes à mesma mensagem (cf. Jr 36:8,10,11).

As palavras de Moisés são dirigidas a *toda a Israel* (1:1b), uma expressão empregada com frequência em Deuteronômio (cf., p. ex., 5:1; 34:12). As palavras registradas nesse livro diziam respeito à nação como um todo: aqueles que haviam se encontrado com Deus no Sinai logo no início da jornada, a geração nascida no deserto e os seus filhos ainda por nascer na terra prometida (5:3). A palavra de Deus proferida por intermédio de Moisés possuía relevância permanente para todo o Israel.

De acordo com o autor, o discurso foi proferido *dalém do Jordão, no deserto, na Arabá* (1:1c). A “Arabá” era a região baixa e seca entre o vale do rio Jordão e o mar Morto (1:1; 2:8; cf. tb. Js 12:1; 2Sm 4:7; 2Rs 25:5). As palavras seguintes parecem definir com mais precisão a parte da Arabá na qual Moisés se encontrava: *defronte do mar de Sufe, entre Parã, Tofel, Labã, Hazerote e Di-Zaabe*. Hoje em dia, esses nomes não são mais usados para nenhum lugar dessa região, mas pelo menos três deles são citados ao longo da jornada de Israel. “Mar de Sufe” é o nome hebraico para o mar Vermelho; Parã é mencionado em Números 10:12 e Hazerote em Números 11:35 e 33:17. Alguns comentaristas concluem que as palavras registradas aqui não foram proferidas todas de uma vez; antes, o livro contém um resumo de vários discursos proferidos por Moisés aos israelitas enquanto o povo se encontrava no deserto, culminando com um grande discurso no quadragésimo ano dessa jornada.

O comentário parentético *Jornada de onze dias há desde Horebe* (1:2) indica a distância aproximada entre o monte Horebe — onde a lei havia sido entregue ao povo — e Cades-Barneia, na fronteira sul da terra prometida, o local onde os israelitas se recusaram anteriormente a entrar na terra (1:19-40). Assim, há um contraste nítido entre os “onze dias” mencionados no versículo 2 e o fato de o discurso ter sido proferido *no ano quadragésimo* (1:3a).

Neste seu último discurso ao povo que ele havia conduzido pelo deserto, Moisés repete *tudo o que o SENHOR lhe mandara a respeito deles* (1:3b). O verbo traduzido por “mandar” designa claramente um superior se comunicando verbalmente com um subordinado, mas também pode ser usado com um sentido mais íntimo para retratar as instruções dadas por um pai aos seus filhos (Gn 49:29,33; 1Sm 17:20).

As circunstâncias exatas do discurso de Moisés são definidas mais detalhadamente: ele proferiu essas palavras depois de Israel ter derrotado Seom, o rei amorreu, e Og, o rei de Basã (1:4; 2:24—3:11). Essa grande vitória, o primeiro passo na conquista da terra prometida, ainda era nítida na mente do povo e reaparece em várias ocasiões ao longo de Deuteronômio. O autor, porém, faz questão de lembrar seus leitores de que os israelitas ainda não haviam entrado na terra prometida e, portanto, volta a ressaltar que Moisés proferiu essas palavras *além do Jordão, na terra de Moabe* (1:5a).

Ali, *encarregou-se Moisés de explicar esta lei* (1:5b), ou seja, de esclarecer as prescrições divinas. O verbo traduzido aqui por “explicar” é um tanto raro. Usado literalmente, tem o sentido de cavar, cortar ou escrever em pedras (27:8) ou tábuas (Hc 2:2). Aqui, é usado metaforicamente para mostrar o líder de Israel cavando a fim de encontrar o cerne da lei e gravá-la na memória do povo. Para Moisés, é de suma importância o povo ouvir e entender tudo acerca da lei revelada a ele por Deus para ser transmitida aos israelitas (1:3c). Esse também deve ser nosso objetivo ao pregar. Como o líder de Israel, devemos proclamar a palavra de Deus aos membros de nossas igrejas, cientes de seu contexto e daquilo que o Senhor fez por eles, desejando ardentemente vê-los aplicar a palavra de Deus em sua vida diária.

### 1:6—4:40 Uma recapitulação dos feitos poderosos de Deus

Se compararmos Deuteronômio com um tratado antigo, veremos que essa seção do livro constitui o preâmbulo histórico, a parte do tratado que descreve a história da relação entre os participantes identificados nos parágrafos iniciais. Assim, Moisés apresenta um relato sucinto da interação de Deus com os israelitas nos dias entre a partida do povo do monte Horebe e seu pecado em Bete-Peor. O resumo deixa claro que Israel desobedeceu ao Senhor repetidamente.

As informações históricas são apresentadas numa série de cenas curtas que nos lembram como o relacionamento de Israel com Deus não é arraigado em misticismo, mitologia ou argumentos filosóficos. Deus se revelou a seu povo por meio de atos históricos específicos.

#### 1:6-46 A primeira tentativa de conquistar a terra

1:6-8 ISRAEL EM HOREBE. Nessa descrição dos acontecimentos no monte Horebe, os participantes são apresentados na seguinte ordem: o Senhor, Moisés e o povo. *O Senhor, nosso Deus* (1:6) é chamado pelo seu nome, Javé, um nome relativo à aliança, associado, em geral, ao seu relacionamento com a nação de Israel. No hebraico, esse nome também tem quatro letras (YHWH) e é conhecido como Tetragrama (do grego, tetra = quatro; grama = letra). Uma vez que os judeus consideravam esse nome santo demais para ser pronunciado, costumava-se usar em seu lugar a designação *Adonai* (Senhor). Esse padrão é seguido por várias traduções modernas, incluindo a Revista e Atualizada, na qual a palavra “Senhor” é escrita com letras maiúsculas quando se refere a esse nome de Deus.

O Senhor deu a lei aos israelitas no monte Horebe e, depois de algum tempo, ordenou que seguissem viagem (1:6-7). Deviam avançar e tomar posse da terra prometida por Deus aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (1:8; cf. tb. Gn 12:1-7; 13:14-17; 15:18-21). As fronteiras da terra são descritas de oeste (a *Arabá*) a leste (a *costa marítima*) e de sul (o *Neguebe*) a norte (o *grande rio Eufrates*) (1:7). Embora o território não tenha sido logo totalmente ocupado,

foi conquistado posteriormente durante o reinado de Davi e governado por Salomão. Os detalhes dessa região não serão discutidos neste comentário.

As promessas de descendentes e terra eram fundamentais para o modo de pensar dos israelitas e ocupam uma posição proeminente em Deuteronômio. A terra também é um elemento importante para os africanos. Os filhos (e, em alguns grupos, as filhas) esperam receber parte das terras dos pais. Quando um pai distribui suas terras entre outras pessoas, mas não dá parte dela a seu filho, considera-se que está amaldiçoando esse filho e negando sua existência.

**1:9-18 A ORGANIZAÇÃO DO POVO.** Deus havia cumprido a promessa feita a Abraão e multiplicado o povo (**1:10**; Gn 15:5). Moisés expressa gratidão por esse crescimento (**1:11**), mas também reconhece que isso aumentou consideravelmente o peso da liderança (**1:9,12**). Admitiu a necessidade de ajuda (**1:9**; cf. tb. Êx 18:13-23) e, assim, tratou de desenvolver um sistema para liderar e organizar o povo. Ao criar esse sistema, Moisés demonstrou a sabedoria resumida no provérbio umbundu de Angola: *Ukulu wa kulihã ca velapo ovi-na viomanu okuti ocimbanda ci sule* ("Um ancião experiente sabe mais do que um adivinhador"). Os anciãos devem ser honrados por sua experiência e tratados com respeito. Seu conselho vale mais do que as conjecturas de um adivinhador acerca do futuro. Ciente desse fato, Moisés pediu ao povo que escolhesse *homens sábios, inteligentes e experimentados* (**1:13**) para ajudá-lo a governar a nação.

O povo atendeu ao pedido, e Moisés deu aos homens escolhidos autoridade como *chefes de milhares, chefes de cem, chefes de cinquenta, chefes de dez*, termos que denotam unidades militares, e não números exatos (**1:15**). As incumbências específicas desses oficiais não são definidas, mas é provável que tratassem de questões judiciais e mantivessem a ordem civil e a disciplina militar. Ao empossar esses homens, Moisés deixou claro que deviam ser justos e imparciais para com todos, quer israelitas quer estrangeiros (**1:16-17**). Não devia haver nenhuma corrupção no governo.

**1:19-25 HOMENS SÃO ENVIADOS PARA ESPIAR A TERRA.** Apesar de Deus ter ordenado que o povo se dirigisse à terra da promessa, a jornada não foi fácil, pois os israelitas tiveram de caminhar mais de cento e sessenta quilômetros *por todo aquele grande e terrível deserto* (**1:19**), a região árida e inóspita de Etã. O povo havia partido em sua jornada pela fé, crendo que Deus não mente.

Depois de atravessar o deserto, o povo chegou ao oásis de Cades-Barneia, na entrada da terra prometida. Ali, Moisés encorajou os israelitas, transmitindo-lhes as palavras do Senhor: *Não temas e não te assustes* (**1:20-21**). Deus havia prometido lhes dar aquela terra e não deviam deixar o medo privá-los daquilo que lhes pertencia por direito.

O povo, porém, se mostrou temeroso e relutante em avançar e pediu a Moisés que enviasse homens para fazer um reconhecimento do caminho e da terra de Canaã (**1:22**). Moisés concordou e enviou doze espias, um de cada

tribo (**1:23**). Os espias voltaram e informaram: *É terra boa* (**1:25**). Mas por que os israelitas precisaram de espias para lhes dizer isso? "Se tivessem crido nas boas intenções de Deus para com eles, não precisariam ter enviado os espias para confiar que a terra era boa" (NBC).

**1:26-33 O TEMOR DO POVO.** Os espias relataram como a terra era boa, mas deixaram de mencionar o caminho que, supostamente, haviam sido enviados para investigar. Antes, desviaram-se do propósito de sua missão e trouxeram notícias assustadoras acerca dos habitantes da terra, descrevendo-os como *filhos dos anaquins* que viviam em *idades grandes e fortificadas* (**1:28**). E, assim, os israelitas caíram exatamente na armadilha sobre a qual Moisés os havia advertido (**1:21**), entregando-se ao medo e ao desânimo decorrentes de sua falta de fé. Mais uma vez, o povo concluiu precipitadamente que Deus não queria o bem deles e os havia obrigado a realizar aquela jornada apenas para lhes fazer mal (**1:27**).

Moisés respondeu lembrando-os de como Deus havia se mostrado poderoso no passado (**1:30**), e poderia muito bem ter citado o provérbio umbundu angolano: *Suku upila kapepe onela ku muine womunu u kuonene* ("Deus remove o anel dos dedos do gigante pelo ombro"). Normalmente, removeríamos um anel pelo dedo, mas, em seu grande poder, Deus faz as coisas de modo inimaginável para os seres humanos. Deus havia realizado feitos igualmente extraordinários em favor de seu povo, e, portanto, os israelitas deviam continuar crendo que o Senhor guerrearia por eles.

Deus havia mostrado aos israelitas não apenas o seu poder, mas também o seu amor por eles: *O SENHOR, vosso Deus [...] vos levou, como um homem leva a seu filho* (**1:31**). Havia conduzido os israelitas ao longo de toda a jornada (**1:33**), mas eles escolheram não crer, primeiro enviando espias e, depois, deixando-se desanimar pelo relatório desses homens. Como muitos de nós, os israelitas se precipitaram e decidiram andar pelas aparências, e não pela fé.

**1:34-46 O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE O POVO.** Para o povo ovimbundu de Angola, Deus julga os homens de acordo com seus atos no universo. Esse julgamento não é distante, mas, sim, presente e real. Também é comunitário, no sentido expressado pelo provérbio: *Pokuyenja owanda wa Suku omunu umuamue ka ci kavela ulika* ("Quando toda a humanidade está carregando Deus, uma pessoa não fica corcunda [por ter de carregar todo o peso sozinha]"). As responsabilidades de uma nação, Estado ou família não recaem sobre uma pessoa só; antes, são compartilhadas por todos. Assim, Israel sofreu as consequências de sua recusa em obedecer à ordem de Deus.

Deus julgou os rebeldes atendendo ao seu desejo: *Nenhum dos homens desta maligna geração verá a boa terra* (**1:34-35**). Até Moisés receberia esse castigo, talvez, em parte (cf. tb. Nm 20:11-12), por ter se deixado levar pela falta de fé demonstrada no envio de espias. Deus havia permitido que os espias fossem enviados (Nm 13:1), mas,

ainda assim, aquele era um ato de incredulidade. Moisés deveria ter insistido para o povo avançar e ocupar a terra de imediato (1:37; cf. tb. 1:23). Somente Calebe e Josué, os dois espias que demonstraram fé no poder de Deus, foram isentados do julgamento divino (1:36,38).

No entanto, Deus havia jurado aos antepassados de Israel dar ao povo a terra prometida (1:8) e cumpriria sua promessa, mas somente com a próxima geração. Os israelitas rebeldes haviam alegado estar preocupados com a segurança de seus filhos (1:39; Nm 14:3), mas justamente esses jovens herdariam a promessa, pois na ocasião da rebelião ainda não sabiam *distinguir entre bem e mal*. Deus ordenou ao povo: *Virai-vos e parti para o deserto* (1:40). Os israelitas haviam duvidado da promessa de Deus e, portanto, não podiam prosseguir.

Ao perceber seu erro e pecado contra o Senhor, o povo decidiu, então, obedecer à ordem de Deus. Porém, enquanto a ordem inicial havia sido “Sobe e possui-a [a terra]” (1:21), a instrução agora é: *Não subais* (1:42; cf. tb. Nm 14:42). Agindo presunçosamente, os israelitas ignoram mais esta ordem de Deus, tentando invadir a terra prometida sem a ajuda do Senhor e sofrem uma derrota vergonhosa (1:43-44). Percebem, então, que não poderão possuir a terra se Deus não entregá-la em suas mãos.

Como esse episódio deixa claro, o povo de Deus não pode supor que o Senhor está sempre do seu lado nas batalhas. No contexto atual, isso significa que o simples fato de uma das partes num conflito se dizer “cristã” não garante ações coerentes com a vontade de Deus.

### 2:1-23 A jornada pela Transjordânia

2:1-8a ISRAEL VOLTA PELO CAMINHO DO MAR VERMELHO. A desobediência dos israelitas os obrigou a deixar a entrada da terra prometida e vagar pela região desértica ao sul de Canaã, na fronteira ocidental com o território edomita. O povo andou por *muitos dias* (2:1). Na verdade, o atraso não foi apenas de semanas, mas de trinta e oito anos, até que as palavras de Deus em 1:35 tivessem se cumprido (2:14).

É pouco provável que o povo tenha passado todo esse tempo caminhando de um lugar para outro. Talvez os israelitas tenham permanecido vários anos em um único local, mas, ainda assim, não possuíam um lar permanente. Durante esse período, Deus não apenas os castigou por sua murmuração e incredulidade, mas também os preparou para segui-lo e confiar em sua liderança e provisão (2:7). Alguns dos acontecimentos desse período são descritos em Números 20 e 21.

Por fim, Deus ordenou que o povo seguisse para o norte, rumo a Canaã (2:3; observe o uso repetido do verbo “virar” em 2:1,3,8, enfatizando o avanço lento). A terra diante dos israelitas pertencia aos *filhos de Esaú*, os quais Moisés chama de *irmãos*, pois também eram descendentes de Abraão (2:4,8a; cf. tb. Gn 25:19,25-26). Embora não haja menção do fato aqui, pode-se ver claramente em Números 20:18-

20 que a inimizade antiga (cf. Gn 27:41-45) entre Israel e Edom voltara a aflorar, motivo pelo qual os israelitas não atravessaram, mas, sim, contornaram o território de Edom (2:8a; Nm 21:4). Deuteronômio mostra que Deus tinha dado a terra de Edom a Esaú da mesma forma que daria Canaã a Israel (2:5). Deus insiste em que os israelitas devam respeito pela terra de seus irmãos pagando por tudo que usassem. Por vezes, esse princípio é esquecido na África, onde bandos de soldados do governo e rebeldes simplesmente tomam para si aquilo de que precisam, sem oferecer nenhum pagamento em troca.

2:8b-23 A JORNADA CONTORNANDO MOABE. Ainda se deslocando rumo ao norte, o povo chegou numa região chamada Moabe, a leste da extremidade sul do mar Morto (2:8b). Como os moabitas também eram aparentados dos israelitas por parte de Ló (2:9) e o Senhor lhes havia concedido aquela terra, Israel estava proibido de conquistá-la.

A observação acrescentada em 2:10-12 nos lembra que tanto Moabe quanto Edom haviam superado obstáculos para possuir suas terras, da mesma forma que os israelitas fariam em breve. Esse fato é reiterado no relato de Moisés em 2:18-23 acerca de como esses grupos vieram a ocupar os territórios onde se encontravam naquela época. Nenhum deles era habitante original daquela região. O território dos amonitas, que como os moabitas eram descendentes de Ló, sobrinho de Abraão (Gn 19:36-38), havia pertencido a um povo supostamente de grande estatura, pois são descritos como gigantes, altos *como os anaquins* que, no passado, haviam atemorizado os espias (2:21; cf. tb. 1:28; 2:10). O monte Seir também fazia parte, inicialmente, do território dos horeus que, mais tarde, foram expulsos dessa região pelos edomitas (2:12,22). Os caftorins — parentes dos filisteus e originários de Creta — haviam expulsado os aveus de suas terras para tomar posse delas (2:23).

Estes exemplos são relacionados aqui com vários propósitos. Em primeiro lugar, serviriam para lembrar os israelitas de que outros povos foram capazes de derrotar gigantes, mostrando que tamanho não é garantia de vitória. Também lembrariam como os bens aqui na terra são inconstantes e mudam de dono com frequência. Por fim, seriam um encorajamento, mostrando que se Deus tinha oferecido a outros povos os meios de conquistar aqueles territórios, certamente faria o mesmo por Israel, seu povo escolhido, para o qual havia prometido a terra.

A ênfase sobre o fato de Edom, Moabe e Amom terem recebido suas terras do Senhor deve ter causado surpresa numa época em que se adoravam muitos deuses. Moisés não deixa dúvida: o Senhor é o único Deus. Somente ele controla a história, e é dele a prerrogativa exclusiva de distribuir terras entre os povos do mundo. Hoje em dia, ao pensarmos nos países europeus que ocuparam nossa terra, devemos considerar se essa ocorrência se deveu à vontade de Deus ou ao poder humano. A resposta para essa questão não é simples, mas precisa ser discutida.



Quando os israelitas finalmente atravessaram o vale do ribeiro Zerede e voltaram a acampar na fronteira da terra prometida, todos os adultos libertos do Egito haviam morrido (2:13-15). A primeira geração que tentou entrar na terra com suas próprias forças havia sido derrotada (1:44). Um novo estágio da história estava se iniciando, um estágio no qual Deus daria vitória aos israelitas.

### 2:24—3:17 A conquista da Transjordânia

**2:24-25 A ORDEM PARA AVANÇAR.** Depois de encorajar o povo com seu relato da história de nações com as quais Israel possuía laços de parentesco, Moisés ordena, agora, que os israelitas passem o ribeiro de Arnom e entrem no território que, em breve, lhes pertenceria (2:24a). É importante observar que, apesar de Deus garantir a vitória, Israel precisará fazer sua parte para receber a terra. As instruções do Senhor para o povo lutar com Seom, amorreu, rei de Hesbom (2:24b) evidenciam sua expectativa do envolvimento de Israel na luta contra o inimigo. Este princípio continua sendo válido. Deus nos deu muitas promessas em sua Palavra, mas não podemos simplesmente esperar sentados por elas. Precisamos trabalhar para nos apropriar daquilo que Deus nos prometeu. No entanto, não lutamos sozinhos, pois assim como Deus prometeu atemorizar os inimigos de Israel, facilitando a vitória do seu povo (2:25), também nos ajudará em nossa luta contra o mal no mundo espiritual, em nosso ser interior e ao nosso redor.

Um provérbio ovimbundu de Angola expressa essa ajuda divina: *Suku eye osulila ombowe ku ukuavita* (“Deus soca o ombowe para a pessoa que só tem um braço”). O ombowe é um prato preparado com mandioca cozida e socada com um pilão. Uma pessoa normal segura o pilão com as duas mãos, mas, quando a pessoa só tem um braço, Deus a ajuda a socar o ombowe. Talvez os israelitas estivessem se sentindo fracos em comparação com as nações que estavam prestes a confrontar, mas Deus compensaria suas deficiências.

**2:26-37 A DERROTA DE SEOM.** Os israelitas iniciaram sua campanha enviando uma missão diplomática de *Quedemote*, onde o povo se encontrava acampado. Os mensageiros foram enviados a Seom com palavras de paz, pedindo permissão para atravessar com tranquilidade o seu território, que se estendia aproximadamente do ribeiro de Arnom ao ribeiro de Jaboque (2:26-29). É possível que Moisés estivesse oferecendo fazer um tratado com Seom (para ex. de tratados desse tipo, cf. Js 9:15; Jz 4:17; 1Sm 7:14; 2Sm 3:12; 1Rs 5:12). A oferta foi sincera, apesar de Moisés saber que seria recusada, pois Deus já havia lhe informado que os israelitas precisariam lutar contra Seom (2:30-31). Diante dessa oferta de paz, Seom não teria desculpas caso o encontro entre os dois povos se tornasse violento — como, de fato, aconteceu, pois, em resposta à oferta de paz, o rei saiu com seu exército e deu início à guerra (2:32).

Por vezes, Deus usa os atos de seus inimigos para derrotá-los, como neste caso em que um exército atacou o povo

de Deus e sofreu as consequências. Como diz o provérbio umbundu: *Etumba wa lilonga halio liu ku lia* (“Ele estava fritando em sua própria gordura”).

Os acontecimentos subsequentes são descritos em Números 21:21-32. Israel foi vitorioso e exterminou todos os amorreus — homens, mulheres e crianças — sem deixar sobrevivente algum (2:33-34). Ao atacar e conquistar todas as cidades da terra de Seom, os israelitas obedeceram à risca à ordem de Deus e não atacaram seus próprios parentes, os amonitas (2:35-37).

Os atos de Israel podem ser explicados, em parte, por um provérbio umbundu: *Uwa walingila vakuele omála wove va kafetiwa ko vaso yoloneke* (“Se alguém faz o bem, depois da sua morte os filhos colhem os benefícios”). Os descendentes de uma pessoa boa colhem os frutos dessa bondade. Mas o inverso também ocorre: os descendentes de uma pessoa perversa colhem os frutos dessa perversidade. Talvez seja o caso nessa situação, pois os pecados dos amorreus provavelmente haviam enchido a “medida da iniquidade” mencionada em Gênesis 15:16.

Essa passagem e outras semelhantes levantam uma questão ética importante. Como Deus podia ser conivente com esses atos, a ponto de dar instruções específicas como as de 1 Samuel 15:3 acerca dos amalequitas (“destrói totalmente a tudo o que tiver, e nada lhe poupes; porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos”)? Não podemos supor compreender a mente de Deus em sua totalidade, mas a chave para entender esses episódios pode ser encontrada em 7:2-4. Nesta passagem, o Senhor explica por que ordenou a destruição de algumas nações: “pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses”.

É importante lembrar que a situação de Israel era singular. Como 7:6 explica, “tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra”. Israel era o povo próprio de Deus, por meio do qual ele estava planejando se revelar a toda a terra (Gn 12:2; Mq 4:1-2). Assim, era essencial que a fé dos israelitas não fosse corrompida.

Precisamos lembrar que Deus criou e sustenta todos os seres humanos. Ele é como um agricultor que vê uma erva daninha impedindo o crescimento de suas plantações e decide removê-la para que as outras plantas possam se desenvolver plenamente. Mas só o agricultor tem o direito de tomar essa decisão.

Essa atitude de Deus não tem nenhuma relação com os genocídios ocorridos em lugares como Ruanda, na África. Os seres humanos não são Deus e, portanto, não têm o direito de destruir vidas criadas por Deus. Os indivíduos que participam de massacres inspirados pelo ódio ou pelo desejo de fazer justiça com as próprias mãos são assassinos. Essas passagens não devem jamais ser citadas para justificar tais crimes.

Somente Deus possui a devida autoridade sobre a vida humana, apesar de haver delegado esse direito sobre os sistemas judiciais instituídos por ele (Rm 13:1). Se, no entanto, esses sistemas se tornarem corruptos e não fizerem justiça, terão de prestar contas a Deus.

**3:1-11 A DERROTA DE OQUE.** Essa seção de Deuteronômio é quase uma repetição literal de Números 21:33-35, tendo como única diferença a conjugação na primeira pessoa do plural em vez de na terceira. Aqui, os israelitas se deparam com Ogue de Basã, outro rei amorreu que controlava uma região ao norte e nordeste da Galileia conhecida por seus bosques, pastos e montes elevados (3:1). Ele e seu povo teriam o mesmo destino que as cidades de Seom (3:3-7).

Sem dúvida, essas vitórias foram extremamente importantes para encorajar os israelitas. São mencionadas mais adiante no livro de Deuteronômio e em outras partes do AT (Js 2:10; Sl 135:11; 136:19-20), sempre num contexto de louvor a Deus. Essas foram as primeiras batalhas da guerra santa pela terra prometida. O povo havia aprendido a obedecer a Deus, e ele havia lhe dado vitória. Além disso, havia lhe dado uma terra na qual poderia se assentar depois de séculos de escravidão e quatro décadas vagando pelo deserto. Não é de admirar que tenha sido uma ocasião memorável! Moisés também deve ter se alegrado imensamente ao ver que o alvo em direção ao qual ele havia conduzido o povo durante tanto tempo estava prestes a ser alcançado.

**3:12-17 A DISTRIBUIÇÃO DO TERRITÓRIO CONQUISTADO.** Josué seria o principal responsável pela distribuição da terra depois da conquista, mas Moisés pôde testemunhar o início da conquista e supervisionar a primeira partilha. Por certo, parte da terra distribuída ainda não pertencia aos israelitas, mas essa divisão correspondeu a uma declaração de intenção.

As tribos de Rúben e Gade receberam o reino de Seom entre os ribeiros Arnom e Jaboque (3:12,16-17), incluindo *as faldas de Pisga*, um monte na cadeia de Abarim (Nm 27:12), de onde Moisés contemplou a região a oeste do Jordão.

O grupo conhecido como *meia tribo de Manassés* recebeu terras ao norte do Jaboque (3:13-15). Posteriormente, a outra metade dessa tribo recebeu um território a oeste do Jordão (Js 17:7-18; cf. tb. Js 22:7).

Essa passagem também explica como os nomes das famílias proeminentes dessas tribos vieram a ser associados a determinadas regiões (3:14-15; cf. tb. Nm 32:39-42). Os descendentes de Maquir, uma dessas famílias de Manassés, se sobressaíram tanto algum tempo depois que a tribo toda é chamada de *Maquir* em vez de Manassés (Jz 5:14).

Tendo em vista o longo histórico de conflitos coloniais envolvendo terras na África, podemos imaginar a grande alegria dos israelitas ao finalmente tomarem posse de um território. Essa alegria pode ser comparada à dos africanos quando seus países finalmente obtiveram a independência. Não obstante, a mudança do estilo de vida nômade no deserto para uma vida sedentária em cidades e vilas certamente acarreta alguns problemas. É bem provável que

Moisés tenha previsto tais dificuldades e, por este e outros motivos, tratou novamente dos detalhes da lei enquanto o povo se preparava para um novo estilo de vida. O líder de Israel desejava evitar a experiência que os africanos conhecem bem, na qual a alegria da independência é tragada pelas aflições provocadas por exploração e tirania.

### *3:18-29 Preparativos para invadir a região oeste da Palestina*

Embora as tribos de Rúben e Gade e a meia tribo de Manassés já tivessem recebido seus territórios, ainda deviam ajudar as outras tribos a obter a terra prometida. Como diz o provérbio umbundu angolano: *Nda kusole uwa ukuel, love levo uwa waco ku u moli* (“Aquele que não deseja o sucesso do seu próximo também não é bem-sucedido”). Essa lembrança de que o egoísmo não traz prosperidade é ressaltada pela estipulação de Moisés, segundo a qual os homens dessas tribos deviam ajudar os outros israelitas a conquistar as terras a oeste do Jordão antes de se assentarem na Transjordânia (3:18-20). A nação era uma comunidade unida sob a liderança do Senhor, e um grupo não podia buscar apenas os seus próprios interesses. Infelizmente, essa união — um aspecto importante do pensamento bíblico — ainda não criou raízes profundas na consciência africana. Quando os movimentos de libertação tiveram início, a maioria dos africanos esperava que, com a independência, a vida de todos mudaria para melhor. Mas, como não tardou em ficar evidente, muitos dos indivíduos no poder se contentaram em melhorar suas próprias condições, sem se preocupar com a nação como um todo.

Depois de dar instruções a essas tribos, Moisés se dirigiu a Josué, seu assistente e comandante competente em batalhas anteriores (Êx 17:9-13), instruindo-o a não esquecer os feitos do Senhor nas batalhas na Transjordânia. Deus continuaria a lutar por seu povo do outro lado do Jordão. Não havia motivo para temer (3:21-22).

Incentivado por essas vitórias anteriores, Moisés se dirigiu a Deus e implorou para entrar na terra prometida. Orou com fervor ao *SENHOR Deus*, pedindo permissão para atravessar o Jordão e testemunhar o final da longa peregrinação iniciada sob sua liderança (Êx 3:10). Moisés acreditava que havia apenas começado a ver a grandeza e o poder do Senhor operando (3:23-25). As orações do líder de Israel eram poderosas e se baseavam num relacionamento íntimo com Deus, como fica claro pela referência feita às suas súplicas e às de Samuel muitos anos depois (Jr 15:1).

No entanto, nem Moisés foi sempre atendido como desejava. A resposta de Deus a ele pode ser parafraseada como: “Chega! Nunca mais toque neste assunto” (3:26b). Ainda assim, Deus lhe deu a oportunidade de contemplar a terra do *cimo de Pisga* (3:27) e lhe garantiu que Josué completaria a tarefa iniciada por ele. Como Jeremias e outros, Moisés teve de aceitar o fato de que o Senhor cumpriria seus propósitos, mesmo que seu servo não testemunhasse esse cumprimento.

## O ANTIGO ORIENTE MÉDIO

A nação de Israel não surgiu num vácuo cultural. Quando Abraão deixou a cidade de Ur, na Mesopotâmia, o reino do Egito, no norte da África, já existia há pelo menos mil anos.

A Mesopotâmia ocupava as terras entre os rios Tigre e Eufrates e suas cercanias. Era dividida em duas regiões que, com frequência, lutavam uma contra a outra pelo poder. Os assírios, com a famosa cidade de Nínive, ocupavam o norte da Mesopotâmia, a região que corresponde aproximadamente ao atual Irã. Seus inimigos eram os babilônios, que ocupavam o sul da Mesopotâmia, região equivalente ao atual Iraque.

O Egito, no norte da África, abrangia o território às margens do Nilo e seu Delta, onde o rio desemboca no mar Mediterrâneo. Era, igualmente, dividido em duas regiões, o Alto Egito e o Baixo Egito, que, ao longo de quase toda sua história, constituíram um reino unificado.

A região entre a Mesopotâmia e o Egito era conhecida como Síria-Palestina, também chamada, por vezes, de terra de Canaã. Era limitada a leste pelo Grande Mar (o Mediterrâneo) e, a oeste, fazia fronteira com o deserto. Devido à sua localização, não era raro essa região, na qual não existia nenhum grupo dominante, ser envolvida nos conflitos entre as potências do norte e do sul. Nos tempos mais remotos da história, o sul de Canaã era ocupado pelos cananeus e o norte, pelo reino de Ugarit. Posteriormente, fenícios, edomitas, moabitas, filisteus e outros povos também povoaram a região.

Todos os aspectos da vida diária eram controlados por uma cosmovisão religiosa. A centralidade da religião nessas culturas é comprovada pelos rituais complexos de culto e templos suntuosos. A maioria das religiões era

politeísta e acreditava na existência de uma hierarquia de divindades. Os deuses eram associados, com frequência, a elementos da natureza. Baal era o deus cananeu da tempestade e fertilidade ao qual o povo orava pedindo uma boa colheita. Os cananeus também adoravam divindades locais e territoriais. Marduque, por exemplo, era o deus da Babilônia.

A separação atual entre religião e Estado não existia naquela época. O rei do Egito, chamado de faraó, era tido como um deus que governava em forma de homem. Na Mesopotâmia e Síria-Palestina, acreditava-se que os reis governavam em nome dos deuses. Uma vez que possuíam autoridade política e religiosa, os monarcas eram extremamente poderosos. Não era raro, porém, a autoridade de um rei se limitar à sua cidade. Algumas dessas cidades se expandiram e se tornaram cidades-Estado e, em certos casos, como a Babilônia e a Assíria, impérios que exerceram domínio e influência sobre regiões extensas do Antigo Oriente Médio. Essa expansão territorial foi a causa de inúmeras guerras.

A família estendida formava a base das comunidades. As sociedades eram, em sua maior parte, organizadas de acordo com relações de parentesco. Numa economia quase inteiramente agrícola, a posse de terras e o patronato político constituíam fatores econômicos de grande importância.

O Egito e a Mesopotâmia realizaram avanços consideráveis na educação e, logo no início de suas civilizações, desenvolveram métodos de escrita. Enquanto a Mesopotâmia explorou o âmbito da matemática, o Egito foi responsável por descobertas na área da medicina e desenvolveu as técnicas de engenharia necessárias para a construção das pirâmides.

M. Douglas Carew

Moisés mostrou-se um servo fiel em sua disposição de comissionar Josué e crer que esse sucessor realizaria seus anseios mais profundos em relação ao povo (3:28; Nm 27:18-23).

Moisés foi proibido de entrar na terra prometida *por vossa causa* (3:26a). Para alguns comentaristas, esta declaração indica que, de algum modo, Moisés tomou o lugar do povo, sofrendo em decorrência da rebelião de Israel. No entanto, como Deuteronômio deixa claro, os israelitas rebeldes pereceram no deserto em decorrência dos próprios pecados, e, portanto, Moisés não morreu no lugar deles (1:35). Por certo, Moisés sofreu em seu coração quando os israelitas murmuraram, mas também não há dúvidas de que ele pecou contra o Senhor (32:51; Nm 20:12). Como líder, ele havia sido provocado pelo povo, mas, ainda assim, era responsável por seus atos e recebeu o castigo justo. Líderes de todas as épocas têm diante de si a responsabilidade tremenda de agir com integridade e segundo a lei de Deus, não obstante as provocações alheias.

Essa oração e os acontecimentos associados a ela se deram em *Bete-Peor* (3:29; 4:46), um lugar perto do monte Pisga, cuja localização exata é desconhecida nos dias de hoje, mas provavelmente fica numa das ravinas que descem à planície do Jordão (Nm 22:1).

### 4:1-40 As consequências do livramento

O capítulo 4 é o ponto culminante do primeiro discurso de Moisés à nação. Apesar de grande parte do livro de Deuteronômio ser estruturado na forma de um tratado, tal estrutura fica particularmente evidente nesse capítulo. A apresentação dos elementos nem sempre se dá na mesma ordem ou linguagem usada em tratados políticos da época, mas todos os elementos estão presentes. O capítulo começa declarando os nomes das partes envolvidas (4:1-2,5,10) e fazendo referência aos acontecimentos que levaram ao tratado (4:3-4,10-14,32-38). O autor ressalta a proibição de fazer qualquer alteração nas estipulações do tratado

(4:2) e a obrigação de transmitir seus termos às gerações seguintes (4:10-11) e, na sequência, relaciona as principais estipulações desse acordo (4:15-24). Descreve, ainda, as bênçãos decorrentes do cumprimento dessas estipulações (4:5-8,39-40) e as consequências do seu descumprimento (4:25-31). Os nomes das testemunhas do tratado também são mencionados (4:26).

**4:1-8 O APELO PARA OUVIR E OBEDECER.** O capítulo começa com as palavras *Agora, pois, ó Israel, ouve* (4:1a), remetendo a tudo o que foi dito até aqui. É como se Moisés estivesse dizendo: “Tendo em vista o que Deus fez por vocês, é sua obrigação obedecer-lhe” (cf. tb. 10:12; Êx 19:4-5; Js 24:13-14). Em seguida, Moisés insta o povo a obedecer aos *estatutos e juízos*, ressaltando o princípio deuteronômico: a obediência resultará em bênçãos de continuidade da vida e da posse da terra (4:1b). (Para comentários sobre 4:2, cf. 5:6-21.)

A desobediência resultará em castigo e morte. A fim de lembrar os israelitas desta realidade já experimentada por eles, Moisés menciona o episódio em Baal-Peor (o mesmo local chamado de Bete-Peor em 3:29), onde alguns homens israelitas haviam se envolvido em rituais idólatras adorando o deus Baal e haviam sido julgados por seus atos (4:3; Nm 25:1-9). Quem permaneceu fiel diante dessa tentação foi poupado da praga e estava vivo por ocasião do discurso de Moisés (4:4).

Nos dias de hoje, um exemplo claro de como a obediência às leis de Deus resulta em vida diz respeito ao comportamento sexual. Aqueles que se envolvem em relações sexuais promíscuas e adúlteras correm grande risco de contrair o HIV. Infelizmente, depois de infectados, esses indivíduos podem transmitir a doença a vítimas inocentes — o cônjuge fiel, filhos e profissionais da saúde —, levando-a à África a sofrer.

Moisés lembra o povo do seu cuidado em ensinar os *estatutos e juízos* entregues a ele, prescrições que revelam a intimidade do relacionamento entre Deus e Israel, uma intimidade inexistente em todas as outras religiões (4:5,7). A lei do Senhor, que excede todas as outras leis em sua justiça, deve ser glória para Israel (4:6,8; Sl 119; 147:19). A superioridade da lei de Israel pode ser comprovada pela sua comparação com outros códigos legais da época e pelo fato de ter sido concedida pelo Senhor, refletindo, portanto, a justiça divina. Se os israelitas obedecessem à lei de Deus, não apenas viveriam e herdariam a terra, mas também se tornariam conhecidos pela *sabedoria e entendimento* que os distinguiriam de todas as outras nações (4:5-8).

Infelizmente, poucas nações africanas são conhecidas pela sabedoria e justiça de seu governo, uma situação explicada, provavelmente, pelo fato de seus líderes serem corruptos e se preocuparem com seus próprios interesses em vez de obedecerem aos mandamentos de Deus.

**4:9-14 A TEOFANIA NO MONTE HOREBE.** A referência aos *estatutos e juízos* traz à memória, inevitavelmente, a aparição de Deus diante do seu povo no monte Horebe ou Sinai

(4:10a,11; Êx 19:16-19), experiência que apresenta duas características centrais. Em primeiro lugar, Deus revelou sua palavra (4:10b,13-14) e, em segundo lugar, apesar de estar presente no Sinai e falar do meio da nuvem, Deus não se manifestou de forma física (4:11-12). Em decorrência disso, como 4:15-18 indica, Israel não precisava de nenhuma representação física de Deus em seu culto (Êx 20:3-6). Neste sentido, o povo de Deus diferia radicalmente de seus vizinhos idólatras.

Observamos, ainda, uma grande ênfase sobre a necessidade de os israelitas lembrarem o que haviam ouvido e visto, transmitindo essa revelação a seus filhos (4:9-10). Por esse motivo, Deus fez questão de escrever os mandamentos em tábuas de pedra, tornando-os mais difíceis de ser esquecidos (4:13). Moisés ressalta que ele próprio está obedecendo à injunção divina ao ensinar o povo por meio do discurso registrado no livro de Deuteronômio (4:14).

Como o povo de Israel, os africanos ouvem os mandamentos de Deus, mas, por vezes, têm dificuldade em guardá-los. É fácil ser fiel quando as coisas vão bem, mas, quando vêm os infortúnios, doenças ou morte, temos a tendência de voltar às nossas raízes e buscar a religião africana tradicional, com suas práticas idólatras e culto a outras divindades além do Senhor.

**4:15-24 A ADORAÇÃO SOMENTE A DEUS.** O culto dos israelitas se distinguia das religiões de outras nações principalmente pelo fato de proibir a confecção de imagens do seu Deus. Esta proibição do culto a imagens, ídolos e outros deuses é afirmada de forma explícita e repetida (4:15-19; cf. tb. 4:25; 5:6-8; 6:13; 28:14). Deus não devia ser confundido com sua criação (4:16-19). Como essas injunções deixam claro, a natureza de Deus é espiritual, e não material.

Deus também enfatiza que proveu os elementos naturais visando o benefício de *todos os povos debaixo de todos os céus* (4:19). Esses elementos são dádivas, e não substitutos de Deus. O Senhor havia operado de forma singular em favor dos israelitas, tirando-os da *fornalha de ferro do Egito*, como ferro derretido, para moldá-los e fazer deles o seu povo (4:20). O reconhecimento do *status* elevado de Israel aos olhos de Deus devia ter um efeito profundo sobre o comportamento de Israel. Os israelitas não estavam mais na fornalha de ferro do Egito, mas Moisés os adverte: o Senhor é *fogo que consome* (4:24a) — ou seja, fogo que destrói sua criação — e um *Deus zeloso* (4:24b). O termo “zeloso” indica a determinação ativa de Deus de preservar sua santidade e, consequentemente, de não tolerar que Israel adore qualquer outro deus. Todas as formas de idolatria são, portanto, proibidas. O zelo divino não é egoísta, como o ciúme humano, mas, sim, arraigado em seu desejo fervoroso de que seu povo o conheça verdadeiramente e viva.

**4:25-31 A PREVISÃO DO EXÍLIO.** Há um provérbio umbundu angolano que diz: *Epuku liocili te eli lioku pukula Suku* (“O desprazer de Deus é o mais sério de todos; o desprazer de outros pode ser suportado”). Esta é a ênfase de Moisés nes-

sa passagem de advertência acerca das consequências da desobediência a Deus. O líder de Israel anteviu uma época na qual os descendentes dos seus ouvintes se esqueceriam dos mandamentos de Deus (4:25) e descobririam que o Senhor é, de fato, “fogo que consome” (4:24). Deus asseverou que não permitiria que a descendência desobediente desses israelitas desfrutasse a terra prometida (4:26). Antes, a aliança seria invertida, e eles seriam dispersados entre os povos das nações, restando apenas uns poucos sobreviventes (4:27; 28:64-68).

Essa declaração descreve exatamente o que sucedeu quando, como resultado de sua desobediência, Israel perdeu sua independência e sua terra para os assírios e babilônios. Ao se esquecerem de Deus, os israelitas buscariam o socorro dos deuses, que se mostrariam impotentes (4:28; Is 44:9-20). No entanto, quando se voltassem novamente para o Senhor, eles o encontrariam, pois Deus não é apenas zeloso, mas também misericordioso (4:29-31). Como Deuteronômio deixa claro, o rompimento da aliança não representaria o fim definitivo do relacionamento de Deus com Israel. Em sua misericórdia, Deus acolheria os israelitas novamente quando o buscassem com arrependimento sincero.

**4:32-40 A EXPERIÊNCIA SINGULAR DE ISRAEL.** Depois de enfatizar a necessidade de permanecer fiel à aliança de Deus, Moisés volta a tratar do motivo pelo qual o povo deve servir somente ao Senhor, a saber, seu relacionamento extraordinário e singular com ele. O primeiro elemento surpreendente dessa relação é o fato de Deus ter escolhido Israel de forma específica para ser seu povo (4:34,37). Por vezes, os reis das nações vizinhas afirmavam que eles próprios ou sua família desfrutavam o favor especial de uma divindade, mas tais declarações não passavam de propaganda política. O Senhor se distinguia das outras divindades dessa época pela sua revelação própria específica (4:33,35) e sua intervenção ao tirar os israelitas do Egito e levá-los à terra prometida (4:34,37-38), dirigindo-se diretamente a eles (4:33,36) ao lhes dar sua lei. Por meio de seus atos salvadores e de sua revelação, Deus mostrou a Israel seu amor (4:37) e sua disciplina (4:36). E foi esse amor que levou Deus a conceder, em sua graça, a terra na qual Israel estava prestes a entrar (4:38).

Em decorrência da revelação singular de Deus, os israelitas devem reconhecer que ele é o único Deus e obedecer às suas ordens, pois, se procederem desse modo, viverão (4:40).

#### 4:41-43 As cidades de refúgio

O primeiro discurso de Moisés termina com uma inserção de outro autor. Seguindo a ordem de Números 35:1-14, Moisés instituiu três cidades de refúgio, com o propósito de evitar conflitos violentos entre famílias ao prover asilo para quem matasse involuntariamente outra pessoa. Então, Moisés separou três cidades (4:41): Bezer, Ramote e Golã, que fica-

vam em diferentes regiões da Transjordânia — uma no sul, outra na parte central e a última no norte.

Para os africanos, não é difícil entender as circunstâncias que levaram à instituição dessas cidades. Afinal, muitos africanos deixam seu país temendo perder a vida. Infelizmente, porém, não é raro os refugiados serem tratados com desprezo pelos habitantes do lugar para o qual fugiram. Deus ordenou que os israelitas oferecessem proteção especial a tais indivíduos, e devemos seguir esse exemplo.

#### 4:44—28:68 O segundo discurso de Moisés

O segundo discurso de Moisés constitui o cerne do livro de Deuteronômio. Como o capítulo 4, é semelhante a um tratado antigo, apesar de, neste caso, as partes do tratado se encontrarem espalhadas em um documento mais longo. O fato de se tratar de um discurso novo explica a repetição de algumas informações no prólogo histórico, seção na qual Moisés lembra os israelitas do livramento passado antes de lhes apresentar a exigência de fidelidade total ao Senhor, primeiro em termos gerais nos capítulos 5 a 11, e depois, de modo mais detalhado, nos capítulos 12 a 28.

#### 4:44-49 Introdução

O “tratado” começa com uma declaração de sua natureza, *Esta é a lei* (4:44), especificando minuciosamente o local onde o acordo está sendo firmado (4:46). A menção do lugar permite ao autor relembrar a derrota de Seom e se regozijar pelo território tomado dele e de Ogue (4:47-49).

No entanto, o autor não se contenta em fazer referência aos ensinamentos apresentados apenas como “a lei”, um termo extremamente amplo, mas a subdivide em *os testemunhos*, e *os estatutos*, e *os juízos* (4:45). Estes “testemunhos”, uma palavra que também pode ser traduzida como “estipulações”, são requisitos a serem cumpridos em razão da aliança entre Deus e Israel. Os “estatutos” ou “decretos” são as leis escritas ou registradas formalmente, enquanto os “juízos” são as decisões tomadas por um juiz.

#### 5:1—6:25 O cerne da fé dentro da aliança

##### 5:1-21 Os Dez Mandamentos

Os Dez Mandamentos, dados no Sinai, constituem o cerne da fé israelita dentro de seu relacionamento de aliança com Deus. Apesar de definirem os requisitos básicos da aliança, representam muito mais do que uma lista de exigências. São, em essência, uma expressão do relacionamento entre o Senhor e Israel.

As palavras de Moisés a *toda o Israel* começam com o *Shema*, a ordem solene *Ouvi, ó Israel* (5:1a), fórmula usada em outras partes de Deuteronômio para indicar o início de seções importantes (6:4; 9:1; 20:3; 27:9). A instrução para “ouvir” é seguida de outros dois verbos que requerem ação: *aprendais e cuideis em os cumprirdes* (5:1b).

Em seguida, ele lembra a aliança feita por Deus com seu povo em *Horebe* (5:2; Êx 20). Porém, a expressão exata usada no original não é *fez aliança conosco*, mas, sim, “cortou uma aliança”. Esta maneira de se referir a uma aliança pode ser derivada da prática antiga de sacrificar animais ao firmar um pacto. Nesse ritual, o corpo de cada animal era cortado ao meio, e os indivíduos envolvidos na aliança caminhavam entre os dois pedaços (Gn 15:9; Jr 34:17-18). Esse gesto provavelmente indicava consentimento de ambas as partes de que, se rompessem a aliança, deviam ser amaldiçoadas e ter o mesmo fim que os animais sacrificados.

Ao lembrar seus ouvintes dos acontecimentos em *Horebe*, Moisés enfatiza que tais ocorrências não dizem respeito apenas a seus antepassados, mas a todos os israelitas (5:3). Todos tinham a responsabilidade de se identificar com seus antepassados e participar, em memória e com fé, da experiência do livramento concedido por Deus.

A declaração *Face a face falou o SENHOR conosco*, referindo-se aos acontecimentos no *Horebe* (5:4), não significa que Israel viu Deus; antes, sugere que a aliança envolveu uma relação pessoal, e não apenas um exercício legal. Tanto em Êxodo 33:11 quanto em Números 14:14, “face a face” parece significar “em pessoa”. No entanto, o temor de Israel da teofania na forma de fogo em Êxodo 19:16-25 levou Moisés a servir, mais uma vez, de mediador entre Deus e Israel (5:5).

Depois de lembrar os israelitas das circunstâncias nas quais receberam a aliança, Moisés prossegue fazendo uma recapitulação dos Dez Mandamentos (5:6-21), dados inicialmente em Êxodo 20:1-17, em que Deus ordenou que o povo de Israel lhes obedecesse. Para um estudo detalhado dos mandamentos, ver o comentário sobre essa passagem em Êxodo. No entanto, em Deuteronômio, os mandamentos apresentam alguns detalhes diferentes que devem ser observados.

Os mandamentos que tratam do monoteísmo, da proibição da idolatria e da necessidade de honrar o nome do Senhor são idênticos em Êxodo e Deuteronômio. Pode-se dizer o mesmo das proibições de homicídio, roubo, adultério e falso testemunho.

Entretanto, com relação à observância do sábado e à necessidade de honrar os pais, Deuteronômio acrescenta as palavras *como te ordenou o SENHOR, teu Deus* (5:12,16). Moisés deseja lembrar o povo de que estas instruções não são provenientes de seu líder humano, mas, sim, do Senhor. Semelhantemente, ele explica o significado da bênção do Senhor por honrar os pais. Em Êxodo, ela é descrita apenas como uma vida longa, mas aqui tem uma justificativa mais completa: *Para que te vá bem* (5:16).

Moisés também relaciona os mandamentos com o momento histórico que o povo está vivendo e, portanto, acrescenta a propriedade do próximo como um possível objeto de cobiça em 5:21. Quando os israelitas receberam os Dez Mandamentos no Sinai, ninguém possuía terras. A ênfase

adicional a não cobiçar a mulher do próximo também em 5:21 talvez reflita incidentes com os quais Moisés teve de lidar ao julgar o povo.

O que vemos aqui esclarece, em parte, a instrução do Senhor: “Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos mando” (4:2) e mostra, essencialmente, que não devemos nos colocar lado a lado com Deus como autoridades. Deus não está dizendo que não podemos adequar seus mandamentos ao nosso tempo. É cabível, por exemplo, ampliarmos a relação de elementos que não devem ser objeto da cobiça a fim de abranger coisas de nosso tempo (como carros, computadores e afins), tornando a lista atual muito mais extensa que a de Deuteronômio.

O mesmo princípio se aplica ao sábado. Embora o sétimo dia da semana hebraica corresponda ao nosso sábado, o espírito da lei de Deus não nos impede de separar o domingo para adorar a Deus como forma de honrar o dia em que Cristo ressuscitou dentre os mortos. Em Êxodo, a ordem para guardar o sábado é relacionada ao descanso de Deus do trabalho da criação. De acordo com Deuteronômio, esse dia devia ser associado ao descanso desfrutado pelos israelitas como resultado de sua libertação do Egito (5:15). Assim, o cristão também deve se lembrar do seu Salvador no dia em que escolhe adorá-lo, lembrando que o culto dominical é compatível com a vontade de Deus.

É espantoso observar como todos esses mandamentos eram conhecidos na sociedade africana tradicional. Em 1881, por exemplo, os missionários fundadores da Igreja Evangélica Congregacional em Angola (IECA) visitaram o rei Ekuikui II de Bailundo com o propósito de explicar sua missão. Nessa ocasião, os missionários trataram dos conceitos de Deus e dos Dez Mandamentos, mas o rei lhes informou que seu povo já havia aprendido tudo isso por intermédio dos sacerdotes locais nos *Atumbo* (lugares de adoração) do reino ovimbundu. Esses missionários provavelmente se lembraram das palavras de Paulo em Romanos 1:19.

Com respeito aos Dez Mandamentos e ao livro de Deuteronômio como um todo, convém salientar sua insistência na adoração exclusiva a Deus (5:6-7; 6:13; 28:14). Os israelitas foram advertidos repetidamente de não seguirem outros deuses nem terem nenhum tipo de envolvimento com eles.

### 5:22-27 A reação de Israel: medo e devoção

Depois de proclamar os Dez Mandamentos, Deus os escreveu em duas tábuas de pedra (5:22). O texto não deixa claro se Deus escreveu nessas tábuas pessoalmente. Houve ocasiões em que o Senhor usou agentes humanos para realizar esse tipo de tarefa (Is 10:5-6; 44:28; Jr 43:10-13), e, depois que as primeiras tábuas foram quebradas e novas tábuas foram preparadas, o registro escrito dos mandamentos é atribuído a Moisés (Êx 34:28). É razoável sugerir que nos dois casos Moisés foi o amanuense de Deus, ou seja, seu escriba.

O povo reagiu a essa revelação divina com medo intenso do perigo associado a ver Deus (5:25-26). Assim, os representantes do povo — os chefes das tribos e os anciãos — instaram Moisés a servir de mediador e representá-los diante de Deus em todas as interações futuras (5:27). Porém, apesar do seu medo, os israelitas reconheceram que o Senhor era o seu Deus e se comprometeram a obedecer-lhes.

### 5:28-31 *Um mediador*

O Senhor aprovou o pedido de Israel e se agradou com seu compromisso de ouvir e obedecer (5:28). Em seu amor, Deus desejava que essa devoção reverente tivesse continuidade, pois ela garantiria que as coisas correriam bem para eles (5:29). O povo recebeu permissão de voltar para suas tendas (5:30), mas Moisés ficou com Deus no monte e recebeu os *mandamentos, e estatutos, e juízos* que devia ensinar aos israelitas (5:31) e que serviriam para orientá-los quanto ao modo de viver na terra prometida.

### 5:32—6:3 *A vantagem de guardar a lei de Deus*

De acordo com a tradição africana, os indivíduos sábios são aqueles que seguem os ensinamentos dos mais velhos. Tal obediência traz inúmeros benefícios e lhes confere poder para liderar outros. Semelhantemente, essa seção enfatiza a importância de guardar a lei de Deus, a ser observada pelos descendentes dos israelitas que estavam no Sinai. Cabe às gerações mais velhas a responsabilidade de ensinar seus filhos a obedecer a essas leis (6:2) sem se desviar *para a direita, nem para a esquerda* (5:32). Se Israel proceder desse modo, prosperará como nação (5:33).

Em 6:3 e em outras quinze ocasiões no Pentateuco, a terra prometida é descrita como *terra que mana leite e mel*, um retrato metafórico da fertilidade da terra na qual o povo estava prestes a entrar. Além de permitir a criação de rebanhos (a fonte de leite), a terra também produziria uma grande quantidade de mel. Na Bíblia, o mel é considerado um produto valioso o suficiente para ser usado em trocas e oferecido como presente (Gn 43:11). Podia ser incluído nas ofertas das primícias entregues aos sacerdotes e levitas (Lv 2:11-12) e também era prezado como alimento altamente energético para os soldados em campanhas militares (1Sm 14:29-30; 2Sm 17:28-29). O mel era considerado uma fonte de saúde e prazer e, portanto, usado para simbolizar conceitos como sabedoria, orientação divina e sexualidade (Jz 14:18; Pv 16:24; Ct 4:11; 5:11).

O leite e o mel têm em comum o fato de não serem produtos cultivados em campos, mas, sim, naturais, obtidos em locais não cultivados. Por isso, ambos podem simbolizar a fertilidade da terra e evidenciar a pobreza decorrente da destruição de uma economia agrícola (Is 7:21-25).

### 6:4-9 *O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor*

Os ovimbundus acreditam que Deus, chamado por eles de “Suku”, é essencialmente um espírito e, como os judeus,

não fazem nenhuma representação visual do Ser divino. Também não possuem santuários ou templos que poderiam restringir seu âmbito de atuação. Suku está em toda parte, e todo o universo é o templo desse Grande Espírito, muito abaixo do qual existem espíritos inferiores.

Suku possui nomes e atributos exclusivos que não podem ser aplicados a nenhum outro ser da esfera espiritual. Ele é o Ser Supremo, o Criador e Sustentador de todas as coisas, caracterizado por sua majestade inefável e dignidade sublime. Também é um Deus bom, compassivo e amável que participa da vida diária das pessoas provendo-lhes o sol e a chuva. Assim, ele é chamado de *Suku Ocimalomata*, doador de todas as coisas, e *Suku Ongavi*, doador da chuva e da água, ou aquele que faz chover copiosamente.

Muitos desses conceitos também aparecem no credo de Israel conhecido como “Shema” (6:4-9), introduzido aqui com a injunção solene *Ouve, Israel* (6:4). Esses versículos, bem como Deuteronômio 11:13-21 e Números 15:37-41, são recitados pelos judeus como uma oração diária.

De acordo com a confissão central da fé israelita, o Senhor não é apenas um deus dentre muitos, mas, sim, o Deus único. Tal asseveração é considerada, por vezes, a contraparte positiva das duas primeiras ordens negativas dos Dez Mandamentos. O Senhor deve ser o único objeto da fé e obediência de Israel.

Deuteronômio 6:4-9 é citado com frequência por indivíduos que se opõem à doutrina da Trindade ou questionam como Jesus também pode ser Deus. No entanto, esses versículos não contradizem a doutrina cristã da Trindade, segundo a qual as três Pessoas se encontram fundamentalmente unidas em um único Ser divino. Não se trata, portanto, de divindades que competem entre si ou coexistem separadamente.

Os africanos também precisam tratar das implicações desse versículo no tocante ao culto aos seus antepassados. A questão é se esse tipo de culto representa uma forma de politeísmo — o qual este texto bíblico nos leva a rejeitar — ou se pode fazer parte do sistema monoteísta apresentado aqui.

O Shema começa com uma declaração do caráter único de Deus, seguido de um mandamento ao qual Jesus se refere como o primeiro e maior de todos os mandamentos (6:5; Mt 22:36-38; Mc 12:29-34; Lc 10:27-28). De acordo com esse mandamento, a obediência à lei de Deus não consiste apenas em conformidade com um sistema externo de regras; também envolve as atitudes do coração e da mente (6:6). Comprovamos nosso amor a Deus por meio da observância dos seus mandamentos (Jo 14:21; 1Jo 5:2). Se amamos a Deus de coração, transmitiremos seus mandamentos a nossos filhos para que essa atitude de amor e obediência seja passada de geração em geração (6:7).

A princípio, a instrução para atar as leis de Deus nas mãos e na testa era uma metáfora para o modo em que essas prescrições deviam estar presentes em todos os aspectos da vida (6:8). Posteriormente, porém, essa ordem



foi entendida de forma literal, e os judeus passaram a usar filactérios (Mt 23:5), caixinhas de couro que continham pequenos rolos com uma cópia de Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21 e Êxodo 13:1-10. Essas caixinhas eram atadas à testa e ao braço esquerdo quando se recitava o Shema, e todos os homens judeus usavam-nas durante as orações matinais, exceto em sábados e dias de festas, pois estas ocasiões eram, em si mesmas, símbolos da lei. As palavras de 6:9 também serviram de base para a prática comum entre os judeus de afixar caixinhas que continham um pequeno rolo com estas três passagens num dos batentes das portas da casa.

### 6:10-25 A importância de lembrar

Na África, o ensino tradicional se baseia na transmissão oral (a prática de contar histórias, mitos, lendas, folclore, filosofia social e padrões éticos e estéticos). Assim, é extremamente importante recordar aquilo que os mais velhos ensinaram, pois a sobrevivência e conduta de um adulto dependem de sua capacidade de lembrar o que aprendeu no passado. Podemos dizer o mesmo dos israelitas e de todos os cristãos. A lembrança das misericórdias e dos atos de livramento realizados por Deus no passado é fundamental para a fé bíblica. Assim, o povo de Israel é exortado, em primeiro lugar, a não esquecer aquilo que o Senhor fez por ele (6:10-12) e, em segundo lugar, a transmitir essas memórias a seus filhos (6:20-25).

Não é difícil esquecer Deus quando as coisas estão indo bem, o que certamente aconteceria depois de Israel entrar na terra prometida. Em breve, o povo nômade que havia vagado pelo deserto estaria vivendo em casas nas cidades e colhendo os frutos de seus *vinhais e olivais* (6:10-11). Não precisaria procurar água; poderia tirá-la de poços que nem sequer teria o trabalho de cavar. Vinhais, olivais, cidades e casas prósperas aguardavam o povo (8:7-11). Quando tivesse se acostumado com esses confortos, seria fácil começar a pensar que tinha direito a eles e esquecer que todas essas coisas eram dádivas de Deus concedidas em cumprimento às promessas feitas aos patriarcas (6:10,12).

Esse esquecimento levaria Israel a servir os deuses das nações ao seu redor. Deus não toleraria tal infidelidade, e o resultado seria grande aflição (6:13-15). Para lembrá-lo do que poderia acontecer, Moisés fez referência ao episódio em Massá (Êx 17:1-7), no qual Israel havia tentado Deus (6:16) ao pedir a seu líder que lhes desse água como prova da presença do Senhor no meio do seu povo (Êx 17:1-7). Tentar Deus significa lhe impor certas condições e lhe dizer o que fazer — uma atitude pecaminosa. Os israelitas haviam recebido inúmeras provas da presença de Deus em seu meio. Por que desejavam mais um sinal?

Muitos cristãos de hoje também tentam Deus ao exigir curas ou pedir que ele os ajude a ganhar na loteria para aliviar sua pobreza. Será que, ao fazer isso, não estamos agindo como os israelitas em Massá?

Ao explicar para as gerações futuras a necessidade de obedecer aos mandamentos, os israelitas deviam contar como Deus havia livrado seus antepassados do Egito de modo maravilhoso e como os havia conduzido à terra prometida. É um relato emocionante que até uma criança pode entender e no qual fica evidente a operação de Deus na história da humanidade.

### 7:1-26 A conquista de Canaã

De acordo com um provérbio umbundu de Angola, *Eci okasi lo ku cilã yevelela ka limba oñoma* (“Muda-se o passo conforme o ritmo do tambor”), ou seja, “é preciso dançar conforme a música”. Até aqui, os israelitas haviam sido proibidos de atacar nações como Edom e Moabe (2:4-5,9), mas, agora, recebem a ordem clara de entrar numa guerra santa e exterminar outras nações.

É preciso ressaltar que, em momento nenhum, Israel teve o direito de declarar uma guerra santa pelo simples fato de estar lutando como povo de Deus. As únicas guerras que podem ser chamadas por esse nome foram travadas por Israel em obediência à ordem expressa de Deus para o seu povo tomar posse de Canaã, a terra prometida a Abraão muito tempo antes, uma terra cujos habitantes eram conhecidos por sua perversidade. Hoje em dia, ninguém pode justificar seu envolvimento num conflito armado sob a alegação de tratar-se de uma guerra santa.

### 7:1-5 As regras para a conquista

Os capítulos 5 e 6 de Deuteronômio enfatizam a necessidade de adorar somente a Deus e destacam a soberania de Deus na história. No capítulo 7, esses dois elementos se cruzam no contexto das sete nações que ocupavam Canaã (7:1). Essas nações adoravam outros deuses e, se permanecessem na terra, fariam os descendentes dos israelitas se desviar dos caminhos do Senhor. Assim, deviam ser destruídas numa guerra santa.

Um dos grupos citados é o do *heteus*, que talvez fizessem parte do mesmo povo que fundou o grande Império Hitita no norte. Os heteus viviam na Palestina desde o tempo dos patriarcas (Gn 25:9-10; 26:34-35). Os *girgaseus* são mencionados várias vezes no AT (Gn 10:16; Js 3:10; 1Cr 1:14) e aparecem como aliados dos heteus em alguns textos extrabíblicos. Os *amorreus*, e os *cananeus* também ocupavam a terra desde o tempo dos patriarcas (Gn 15:16; 24:3), mas é difícil defini-los como povos, pois essas designações não são usadas de forma rígida. Os *ferzeus*, e os *heveus*, e os *jebuseus* não aparecem em nenhum registro escrito além da Bíblia. Os heveus talvez fossem os horeus e, ao que parece, viviam principalmente nas colinas do Líbano (Jz 3:3). Os ferzeus provavelmente não habitavam em cidades muradas, mas, sim, em vilas dos dois lados do rio Jordão. Os jebuseus eram um grupo cananeu que vivia na região montanhosa próxima a Jerusalém (Nm 13:29; Js 15:8). Apesar de ser difícil precisar a identidade dessas nações, fica claro que

eram *mais numerosas e mais poderosas* do que os israelitas recém-chegados (7:1). Esse fato é destacado para mostrar que nenhuma nação poderia resistir ao Deus que cumpriria sua promessa a Israel.

Esses inimigos que Israel derrotaria com a ajuda de Deus deviam ser totalmente destruídos (7:2-3). A palavra traduzida por *totalmente destruídos* significa literalmente separar algo para Deus. Israel recebeu a ordem de entregar tudo ao Senhor, pois a vitória seria dele e somente ele tinha o direito de decidir o fim a ser dado aos espólios. Em algumas ocasiões, essa separação se deu pelo extermínio de todos os homens, mulheres, crianças e rebanhos e pela queima de todos os bens materiais (Js 6:17-19; 1Sm 15:3). Em outras ocasiões, porém, mulheres, crianças e animais foram poupados. Esta é uma das formas de interpretar a proibição de os israelitas se casarem com qualquer sobrevivente desses povos, pois tais casamentos levariam Israel a se afastar do culto exclusivo ao Senhor (7:4). Os falsos cultos das nações pagãs também deviam ser repudiados por meio da destruição de todos os lugares e objetos sagrados associados à adoração a outros deuses (7:5).

#### 7:6-16 O caráter de Israel

Essas medidas extremamente drásticas a serem tomadas por Israel eram associadas a seu relacionamento singular com Deus. O Senhor os *escolheu, para que lhe fossem o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra* (7:6). Antes que os israelitas se imaginassem superiores aos outros por algum mérito próprio, Deus se apressa em lembrá-los de que não tinham nada de especial (7:7). Constituíam um povo insignificante e inexpressivo no cenário internacional. O único motivo apresentado por Deus para essa eleição misteriosa é seu amor e sua fidelidade às promessas feitas aos antepassados dos israelitas (7:8).

O Senhor sabia que, ao desfrutar as bênçãos da terra, os israelitas poderiam ser tentados a esquecer como essas bênçãos lhes haviam sido concedidas. Pelo menos três características se destacam na descrição de Deus em 7:9-10. Em primeiro lugar, ele é singular e não tem concorrentes (*teu Deus é Deus*). Em segundo lugar, ele é fiel (*guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações*, uma forma figurativa de dizer “para sempre”). Em terceiro lugar, ele se relaciona conosco assim como nos relacionamos com ele, não apenas abençoando aqueles que retribuem seu amor, mas também destruindo os que o odeiam.

Esses versículos tangenciam a questão da doutrina da eleição, segundo a qual Deus escolheu algumas pessoas, mas não outras. A mesma escolha misteriosa pode ser encontrada no NT, em que os cristãos são descritos repetidamente como indivíduos escolhidos por Deus (Jo 15:16; Ef 1:4.10). É somente pela graça de Deus que Cristo vai ao encontro dos perdidos escravizados pelo pecado, libertando-os do poder das trevas e transportando-os para o seu reino (Ef 2:8; Cl 1:13-14).

O que dizer, porém, dos que não são escolhidos? Deuteronômio mostra claramente que Deus ainda se preocupa com eles. Apesar de Paulo citar apropriadamente Malaquias 1:2-3 em Romanos 9:13 — “Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú” —, Deus ainda proibiu os descendentes de Jacó (as doze tribos) de atacar ou tomar as terras dos edomitas, os descendentes de Esaú (2:2-6; cf. tb. Gn 36:1,9). Deus também não permitiu que Israel atacasse os moabitas e amonitas, pois esses grupos eram descendentes de Ló, o sobrinho de Abraão (2:9; cf. tb. Gn 19:37-38; Dt 2:19). Em outras palavras, o fato de Deus não ter escolhido Ló ou Esaú como instrumentos por meio dos quais abençoaria outras nações não significa que ele não se importava com eles e seus descendentes; antes, Deus afirma explicitamente que havia concedido determinados territórios a esses povos.

No entanto, Deus castiga aqueles que o odeiam ativamente e se recusam a obedecer aos seus mandamentos (7:10). Os escolhidos também não estão isentos de castigo caso se mostrem desobedientes (7:11; 4:25-31); aliás, seu castigo pode ser mais severo, pois possuíam mais conhecimento de Deus do que outros (Am 3:2).

É importante lembrar que a escolha de Israel por Deus não visava beneficiar apenas o povo israelita à custa de outros. Antes, o propósito de Deus ao escolher Abraão e, por meio dele, a nação de Israel como um todo, era formar uma nação e se revelar a ela para que pudesse proclamá-lo ao mundo e preparar o terreno para a vinda do Messias que revelaria o amor de Deus por todo o mundo (Gn 12:3; Êx 19:6; Jo 3:16).

Evidentemente, os seres humanos não podem questionar Deus por ele haver escolhido Israel dentre outras nações (Rm 9:20-21), pois ele realizou essa escolha em sua soberania. Não é raro nações que desfrutaram o privilégio das bênçãos de Deus esquecerem essa lição ao se relacionar com outras nações que ainda não foram abençoadas da mesma forma. Vimos isso na colonização da África, quando os ocidentais trouxeram para nosso continente o comércio internacional, a educação e, sobretudo, o cristianismo — benefícios que, infelizmente, foram ofuscados pelo orgulho dos seus portadores. Tais indivíduos deveriam ter se lembrado do princípio de Deuteronômio: Deus abençoa uma nação para que ela possa se tornar um instrumento de bênção para outras. As nações ocidentais não haviam sido abençoadas por mérito próprio, mas somente pelo amor e a misericórdia de Deus. Assim, deviam ter colocado de lado sua presunção e demonstrado amor e misericórdia semelhantes para com outros povos.

As bênçãos decorrentes da obediência são descritas em 7:12-15. As bênçãos específicas mencionadas aqui são materiais, e não espirituais. Mostram claramente que Deus criou um mundo bom para ser desfrutado pelas pessoas. Tais bênçãos também podem ser consideradas uma representação do mundo ideal a ser formado quando Deus criar novos céus e nova terra (2Pe 3:13).

### 7:17-26 *A necessidade de ter fé*

De acordo com um provérbio umbundu angolano, *Epata lepata li kuete ndomo va singa osanji* ("Todo país tem sua receita para cozinhar um frango"). Este provérbio ensina que pessoas de países diferentes fazem as coisas de forma diferente, e, quando um indivíduo entra numa nova comunidade, precisa se esforçar para aprender como os membros dessa comunidade se comportam e adotar um comportamento semelhante. Embora esse princípio seja válido de modo geral, não é o que Moisés está instruindo Israel a fazer nessa seção de Deuteronômio. Pelo contrário, ele repete as questões tratadas em 7:2-5, insistindo em que Israel precisa evitar os perigos da religião cananeia (7:16). Em vez de temer os cananeus, os israelitas devem fazer três coisas: lembrar da intervenção poderosa de Deus no passado, confiar em suas promessas para o futuro e obedecer a instruções específicas.

A intervenção de Deus no passado inclui aquilo que ele fez a *Faraó e a todo o Egito* (7:18). Tendo em vista a demonstração maravilhosa do seu poder ao tirar seu povo do Egito, não é de admirar que Deus seja descrito como *grande e temível* (7:21). O Senhor mostrará esse mesmo poder ao confrontar todos os inimigos de Israel (7:19-24). Os israelitas não conquistarão todas as vitórias planejadas por Deus de uma só vez, mas, sim, no ritmo determinado por ele (7:20-22). Tampouco serão vitoriosos apenas pela força, pois Deus encherá seus inimigos de terror e os confundirá (7:23; cf., p. ex., Js 10:10; Jz 4:15; 7:21; 1Sm 7:10; 2Rs 9:6-7). A vitória absoluta no final é garantida (7:24).

Os israelitas, por sua vez, devem separar-se inteiramente para o Senhor, seu Deus, e destruir as imagens de deuses pagãos, mesmo que sejam feitas de ouro e prata ou adornadas com esses metais preciosos. As riquezas não devem distraí-los da adoração exclusiva a Deus. Todas as coisas associadas a esses ídolos devem ser queimadas. Como um bom pai, Deus explica por que o povo de Israel deve destruir todos esses bens valiosos: *Para que não te enlaces neles*. Todos os objetos associados à idolatria são *abominações ao SENHOR, teu Deus e*, portanto, não devem ser colocados nos lares dos israelitas (7:25-26).

### 8:1-20 Os perigos da prosperidade

Moisés volta a tratar do tema importante da obediência a Deus (8:1) motivada pela lembrança de seus feitos em favor de seu povo no passado. Desta vez, porém, não faz referência ao êxodo, mas à experiência do cuidado de Deus durante o período no deserto. Naquelas terras áridas, Deus ensinou os israelitas a serem humildes e obedientes (8:2), mostrando-lhes repetidamente que não eram capazes de prover suas próprias necessidades, nem mesmo as mais básicas, como o alimento. Tinham de confiar na provisão divina por meio do maná, uma substância até então desconhecida (8:3). Jesus também aprendeu que nenhum aspecto da existência humana pode prescindir dos cuidados

de Deus, utilizando esse princípio ao lutar contra a tentação em Mateus 4:4. Deus proveu até as roupas que o povo vestiu enquanto estava no deserto e a energia física para suportar as longas caminhadas (8:4). Seu objetivo ao permitir que carecessem temporariamente de certas coisas não foi causar sofrimento, mas, sim, ensiná-los a confiar nele, como um pai disciplina um filho a fim de ensinar lições importantes para a vida (8:5).

A prova de que essa disciplina havia sido motivada por um desejo amoroso de preparar os israelitas para a vida pode ser encontrada na descrição da abundância, fertilidade e riqueza da terra prometida (8:6-9). Deus desejava conceder boas dádivas a seu povo e desejava que ele desfrutasse a vida em meio à sua criação maravilhosa.

Infelizmente, as pessoas logo se acostumam com uma vida de conforto e prosperidade e começam a imaginar que têm direito a ela. Quando essa ideia se infiltra no coração, toma o lugar do reconhecimento de que todas as boas dádivas vêm das mãos de Deus (8:10-14). O orgulho levaria os israelitas a esquecer sua impotência diante dos perigos do deserto (8:15-17). Quando nos esquecemos de que devemos a Deus até mesmo a força para adquirir riquezas, começamos a pensar: *A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas* (8:17-18). Deus não se agrada dessa arrogância e da consequente idolatria que esse pensamento pressupõe. Em nossos dias, isso toma a forma de um culto a si mesmo, à educação, ao poder ou ao dinheiro. É a autossuficiência atrelada à prosperidade que torna tão difícil os ricos entrarem no reino de Deus (Lc 18:24).

Se os israelitas se esquecerem dos mandamentos de Deus e se entregarem à idolatria, seu fim será semelhante ao das nações que Israel devia destruir (8:19-20).

### 9:1-6 A vontade de Deus, e não a justiça de Israel

Pensando nessas nações, Moisés volta a citar as palavras dos espias que desanimaram os israelitas (9:1-2; cf. 1:28). O capítulo anterior enfatizou a provisão de Deus para seu povo no deserto. O Senhor se mostrará igualmente fiel ao lutar pelos israelitas e lhes dar vitória sobre seus inimigos. No entanto, a declaração: *O SENHOR [...] os destruirá, e os subjugará diante de ti; assim, os desapossarás e, depressa, os farás perecer* (9:3) também requer ação da parte dos israelitas. Não podem permanecer passivos esperando as bênçãos de Deus.

Assim como a provisão divina de suas necessidades físicas os levaria a sucumbir à ilusão da autossuficiência, o apoio divino durante a batalha poderia lhes dar a ilusão de que Deus estava do seu lado por causa da sua justiça (9:4). Nesse caso, a vitória não passava de uma recompensa pela boa conduta do povo. Moisés dissipa essa ilusão prontamente e reitera os fatos três vezes, para não deixar dúvidas (9:4-6). O Senhor os estava abençoando com vitórias por apenas dois motivos: 1) sua promessa aos antepassados dos israelitas (9:5), uma promessa feita por iniciativa de

Deus, e não por mérito desses antepassados, e 2) a pecaminosidade extrema dos povos que estavam vivendo em Canaã (9:4-5).

### 9:7-29 A pecaminosidade de Israel

É difícil comparar a justiça de um povo em relação a outros. Porém, caso os israelitas estivessem pressupondo ser mais justos por não terem uma vida tão pecaminosa quanto a dos cananeus, Moisés deixa claro que Israel também era um *povo de dura cerviz* (9:6,13). Lembra seus ouvintes do episódio do bezerro de ouro (9:7-21; cf. tb. Êx 32) e de várias ocasiões nas quais os israelitas se mostraram rebeldes (9:22-24). Esses episódios haviam ocorrido em *Taberá*, onde os israelitas murmuraram (Nm 11:1-3), em *Massá*, onde tentaram Deus quando ficaram sem água (6:16; Êx 17:1-7; Nm 20:10-13), em *Qibrote-Harva*, onde se queixaram do maná (Nm 11:31-34), e em *Cades-Barneia*, onde se recusaram a obedecer a Deus depois de ouvir o relatório dos espias (1:21-36; Nm 13—14).

Israel questionou repetidamente os planos de Deus, duvidou de suas promessas e desobedeceu aos seus mandamentos.

Contudo, sem dúvida, o incidente mais grave se deu em Horebe, onde o povo adorou um bezerro de ouro, quebrando os dois primeiros mandamentos que haviam acabado de receber. Por meio desse ato de desobediência, os israelitas haviam, com efeito, rompido o acordo da aliança. Esse rompimento é simbolizado pela destruição das duas tábuas de pedra nas quais os Dez Mandamentos haviam sido gravados (9:17). Ao quebrar seu pacto com Deus, Israel se expôs a todas as maldições associadas à aliança, e, de fato, Deus se irou a ponto de ameaçar destruí-lo (9:14,19), sendo detido apenas pelas intercessões de Moisés.

Moisés tomou providências enérgicas. Destruiu o ídolo completamente, de modo que não pudesse ser reconstruído (9:21), e se pôs a orar e jejuar por Arão, o sumo sacerdote que havia confeccionado o bezerro, e pelo povo (9:18,20). Esse capítulo se refere quatro vezes a *quarenta dias e quarenta noites* (9:9,11,18,25), um período longo de intercessão realizada por Moisés. As duas primeiras referências dizem respeito ao tempo que Moisés passou com Deus quando recebeu os Dez Mandamentos, e as duas últimas, ao tempo durante o qual Moisés intercedeu por Arão e pelo povo.

O caráter de Moisés pode ser verificado em sua recusa da oferta feita por Deus de dar continuidade à linhagem de Abraão somente por meio de Moisés e destruir todos os outros israelitas (9:14). Como verdadeiro pastor, o líder de Israel não apenas proclamou a palavra de Deus ao povo, mas também chorou e orou pelos israelitas quando eles falharam. Em sua oração, Moisés lembrou Deus de seu cuidado amoroso e do perdão concedido aos antepassados dos israelitas que também haviam pecado, mas para os quais Deus havia feito grandes promessas (9:27). Prosseguiu

lembrando Deus de tudo que ele já havia feito pelo povo ao resgatá-lo do Egito e conduzi-lo em segurança até Horebe (9:26,29). Porém, Moisés se mostrou preocupado não apenas com o povo, mas também com a reputação de Deus. Se o povo morresse no deserto, as nações que haviam testemunhado o livramento de Israel poderiam duvidar do poder de Deus e do amor dele por seu povo (9:28). É isso que significa pedir: "santificado seja o teu nome" (Mt 6:9). A oração de Moisés é um exemplo para nós no tocante ao seu despojamento das ambições pessoais e seu enfoque no amor pelo povo, por Deus e pela reputação de Deus.

### 10:1-11 A reafirmação da aliança

Deus respondeu à oração de Moisés dizendo-lhe que tomasse outras duas tábuas de pedra e preparasse um recipiente especial para elas (10:1-2). Enquanto a destruição das primeiras tábuas pode ter significado o fim da aliança, a preparação de novas tábuas mostrou uma renovação desse pacto. Mais uma vez, Deus se mostrou bondoso e perdoou seu povo.

Nessa parte do capítulo, o autor se desloca para frente e para trás no tempo. Assim, o relato da construção da arca na qual as tábuas deviam ser guardadas é colocado lado a lado com a preparação das tábuas (10:3-5). O relato avança, então, para a morte de Arão (10:6), mencionada aqui possivelmente para ressaltar o fato de que a oração de Moisés tinha sido ouvida e, portanto, Arão não morreria em Horebe (9:20). A menção de Arão leva a um comentário sobre seu sucessor, seu filho Eleazar, o que, por sua vez, leva a uma discussão sobre o papel da tribo de Levi e a um comentário sobre a situação dessa tribo em relação à futura distribuição da terra (10:8-9). Apesar de, posteriormente, se fazer distinção entre levitas e sacerdotes, ao que parece, neste caso o termo "levitas" se refere aos dois grupos.

A cena volta ao monte Horebe, onde Deus diz a Moisés que retome seu trabalho e continue a conduzir o povo em direção à terra prometida (10:10-11).

### 10:12—11:32 A religião do coração

Vários séculos depois, o profeta Jeremias contrastaria a aliança gravada em pedra em Horebe com uma nova aliança que Deus instituiria e que não seria gravada em pedra, mas no coração das pessoas (Jr 31:31-34). O conteúdo da aliança não mudaria, mas ela deixaria de ser uma lei exterior imposta e se tornaria uma convicção interior a ser celebrada. Mas as sementes dessa aliança posterior já estão presentes aqui em Deuteronômio, como se pode ver na repetição da exortação: "Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus".

A essa altura, Moisés está se aproximando do encerramento de sua apresentação dos princípios mais amplos que deviam governar a vida de Israel e está prestes a iniciar uma exposição detalhada das leis que deviam governar a vida diária na terra prometida. Mas, antes de entrar em detalhes, ele volta a resumir os ensinamentos transmitidos

até aqui e lembrar os israelitas da escolha importante que têm diante de si. Terão de decidir se obedecerão ou desobedecerão a Deus e terão de viver com as consequências dessa decisão.

### 10:12-22 *Quais as exigências do Senhor?*

Essa nova seção é iniciada com uma pergunta retórica: *Agora, pois, ó Israel, que é que o SENHOR requer de ti?* (10:12). A expressão “agora, pois” é usada com frequência para marcar o ponto culminante de um discurso. Moisés relatou aquilo que Deus fez, e, agora, os ouvintes precisam dar uma resposta pessoal (Êx 19:5; Js 24:14). A resposta pessoal esperada por Deus é resumida em cinco exigências: *Que temas o SENHOR, teu Deus, e andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas [...] de todo o teu coração [...] para guardares os mandamentos do SENHOR, e os seus estatutos* (10:12-13). Esses cinco verbos ocorrem várias vezes em Deuteronômio (cf. tb. 6:4-19). Temer a Deus significa lhe prestar o culto que é devido como Senhor de toda a criação. Esse temor não é o oposto de amor. Antes, é um respeito semelhante àquele de uma criança por seus pais, que a leva a temer magoá-los, com a consciência de que agem visando o seu bem. Temor e amor se combinam e se expressam na obediência aos mandamentos de Deus, não apenas como regras isoladas, mas como uma representação de um modo de vida agradável a Deus.

Não há dúvida de que o coração de Moisés havia sido conquistado pelo amor de Deus, e esse amor transborda em sua celebração da eleição maravilhosa de Israel por um ser tão tremendo (10:14-15, 17, 21). Moisés reconhece que a mera conformidade com sinais e rituais exteriores como a circuncisão é inútil se não for acompanhada da atitude certa em relação a Deus (10:16). Esse fato é repetido com frequência ao longo do AT (cf., p. ex., Mq 6:8; Is 1:11-17). A intenção não é abolir os rituais — símbolos importantes do relacionamento especial de Deus com Israel (Gn 17:9-14) —, mas, sim, colocá-los em seu devido lugar.

Outra implicação do amor desse Deus poderoso e justo é a necessidade de seus seguidores também serem seus imitadores. Como ele, devem defender os indefesos e recusar subornos (10:17-18). Como Deus teve piedade deles e os socorreu quando eram estrangeiros no Egito, também eles devem se compadecer e cuidar dos estrangeiros em seu meio (10:19-20). Dentre as maravilhas realizadas por Deus em favor do seu povo, uma das maiores foi o fato de ter tomado o pequeno grupo de setenta pessoas que *desceram ao Egito* no tempo de José e tê-lo transformado num povo numeroso *como as estrelas dos céus em multidão* (10:22).

### 11:1-9 *Apelo ao passado*

A primeira geração liberta do Egito havia sido responsabilizada por sua recusa em entrar na terra e castigada por sua falta de fé (1:35). Os ouvintes de Moisés eram crianças e adolescentes quando Deus libertou miraculosamente

seu povo da escravidão. Havia testemunhado o poder de Deus nas pragas enviadas por ele sobre os egípcios (11:3; Êx 7:14—12:30) e na derrota do exército egípcio no mar Vermelho (11:4; Êx 14:5-31). Também haviam visto a disciplina de Deus em ação, tanto nas lições aprendidas durante a jornada pelo deserto (11:5) quanto no castigo de pessoas como Datã e Abirão, que se rebelaram contra a liderança de Moisés e Arão, exigindo o direito de exercer o sacerdócio (11:6; Nm 16:1-3, 8-14). Moisés lembra aos israelitas mais velhos repetidamente que, apesar de terem visto todas essas coisas com seus próprios olhos (11:7), o mesmo não havia acontecido com seus filhos (11:2, 5), os quais sequer tinham nascido quando o povo deixou o Egito e, em muitos casos, eram jovens demais para se lembrar dos acontecimentos no deserto. Cabia à geração que havia testemunhado esses acontecimentos enfatizar sua importância aos mais jovens e ensiná-los a obedecer aos mandamentos de Deus, pois este era o pré-requisito para desfrutarem a vida na terra prometida (11:8-9).

### 11:10-25 *Bênçãos para os obedientes*

Moisés advertiu os israelitas de que a agricultura em Canaã seria bastante diferente do cultivo da terra no Egito (11:10). Lá, o povo havia trabalhado em plantações planas irrigadas pela água do rio Nilo. Em vez das planícies do delta do Nilo, em Canaã eles teriam uma terra *de montes e de vales* e, em vez de tirar água do Nilo, dependeriam *da chuva dos céus* (11:11). Consequentemente, o povo teria de depender de Deus para suprir a água necessária, e, talvez por esse motivo, o texto informa: *Os olhos do SENHOR, vosso Deus, estão sobre ela* [a terra] *continuamente, desde o princípio até o fim do ano* (11:12). Se Israel amasse a Deus de todo o coração e alma, ele concederia as chuvas necessárias (11:13-14a) e manteria a regularidade das estações chuvosas e secas que conhecemos tão bem na África. As primeiras chuvas caíam no outono (outubro e novembro), encerrando a seca do verão e possibilitando a aragem e o plantio dos campos. As últimas chuvas caíam na primavera (março e abril) quando os campos floresciam, e, entre os dois períodos, havia chuvas esparsas. A água proveniente dessas chuvas seria suficiente para manter o cultivo de cereais, vinhas e oliveiras e prover pastos para os animais (11:14b-15).

Porém, se Israel comesse a adorar outros deuses, como os que eram associados aos cultos de fertilidade cananeus, o Senhor responderia mandando seca e fome (11:16-17; Am 4:6-10). Infelizmente, essas duas calamidades são bastante conhecidas na África e levam alguns a questionar o motivo de Deus permitir tanto sofrimento em nosso continente. Será que Deus está castigando a África? Para encontrar a resposta a essa pergunta é necessário considerar a Bíblia como um todo. As Escrituras deixam claro que Deus é soberano sobre todos os aspectos da criação, incluindo as condições do tempo, e pode usar as condições meteo-

rológicas e outros fenômenos naturais para realizar seus propósitos (cf., p. ex., Gn 6—9; 1Rs 17:1; Jl 2:10-11; Ag 2:17). Essa convicção, combinada com a crença de que a obediência garantiria prosperidade, levou alguns a concluir que todo sofrimento é resultante de pecado. No entanto, o livro de Jó e os ensinamentos de Jesus (Jo 9:2-3) refutam ideias desse tipo, como também o fazem as observações de Jó e do salmista de que os ímpios podem desfrutar uma vida confortável (Jó 21:7-16; Sl 73:3-14). Pode ser mais prudente dizer que a Bíblia ensina, de fato, que a natureza é controlada por Deus e, em certos sentidos, cumpre os propósitos divinos. Porém, nem sempre esses propósitos são evidentes para os seres humanos.

Tendo em vista a importância da obediência ao Senhor e o fato de que o público de Moisés não testemunhou a demonstração do poder de Deus como seus pais haviam testemunhado (11:2), é essencial que os detalhes da aliança governem a vida diária dessa geração e sejam transmitidos à geração seguinte (11:18-21). Assim, Moisés repete as instruções dadas em 6:6-9. Somente ao seguir essas instruções o povo poderá ocupar a terra por dias *tão numerosos como os dias do céu acima da terra*, ou seja, para sempre (11:21).

A oração condicional iniciada em 11:22 se estende até 11:25. Como estas palavras deixam claro, Deus só honrará sua promessa se o povo for obediente aos seus mandamentos. Essa obediência não deve ser legalista e formal, mas, sim, arraigada no amor e relacionamento íntimo com o Senhor. Se Israel se mantiver fiel nesse relacionamento, receberá *tudo lugar que pisar a planta do vosso pé* (11:24). Essa promessa é seguida de uma descrição das fronteiras da terra: ela se estenderá de norte a sul *desde o deserto, desde o Líbano*, ou seja, desde a região do Sinai e do Neguebe, até as montanhas do Líbano. De oeste a leste, se estenderá *desde o rio, o rio Eufrates, até o mar ocidental*, ou seja, o Mediterrâneo. Israel chegou a ocupar esse território por alguns anos durante o reinado de Davi.

### 11:26-32 A hora da decisão

Os capítulos 5 a 11 apresentam os princípios gerais que devem caracterizar a vida de Israel, e, agora, o povo é chamado a escolher entre a obediência que resultará em bênçãos e a desobediência que resultará em maldições (11:26-28). Não há outras opções.

Se Israel rejeitar o Senhor, acabará seguindo *outros deuses que não conheceis* (11:28). Aqui, o verbo “conhecer” não se refere apenas ao conhecimento intelectual; é o mesmo verbo usado para o relacionamento íntimo dentro do casamento. O Senhor criou e cuidou de Israel; o Senhor o conhecia intimamente e era conhecido por ele como nenhum outro deus poderia ser.

Moisés conclui dizendo aos israelitas que essa aliança iniciada no Sinai (Êx 19:1-8) e reafirmada naquele momento, enquanto ele falava, teria de ser renovada quando entrassem na terra prometida. Uma vez que o povo preci-

saria ser lembrado das maldições e bênçãos da aliança, as bênçãos deveriam ser proclamadas *sobre o monte Gerizim* e as maldições *sobre o monte Ebal* (11:29). É possível que esse lugar tenha sido escolhido pela proximidade dos dois montes da região central da terra prometida, servindo continuamente como testemunhas silenciosas da aliança entre Deus e Israel e das bênçãos e maldições associadas a ela.

Por fim, Moisés repete a informação mais básica acerca da situação dos israelitas: estão prestes a terminar sua jornada e, depois de se assentarem na nova terra, deverão continuar a obedecer aos *estatutos e juízos* de Deus (11:31-32). Os detalhes acerca desses estatutos e juízos são fornecidos nos capítulos subsequentes.

### 12:1—26:19 Estipulações detalhadas

As leis dadas nesses capítulos são chamadas, por vezes, de Código Deuteronômico, sendo o “código” um conjunto de leis que rege a vida religiosa, civil e doméstica de uma sociedade. Ao ler essas estipulações, é importante lembrar que foram instituídas para uma pequena comunidade agrária mais de três mil anos atrás e, portanto, não é apropriado supor que possam ser aplicadas da mesma forma num Estado moderno. Ainda assim, os princípios subjacentes têm validade perene.

Algumas das leis apresentadas aqui já haviam sido dadas no Sinai (Êx 20:1—23:19), enquanto outras foram criadas para as novas circunstâncias com as quais os israelitas se deparariam ao começar uma nova vida como agricultores, deixando para trás a sua existência nômade. Ao obedecer a essas leis, Israel estaria vivendo de acordo com o seu chamado para ser uma nação santa.

Nos capítulos a seguir, pode-se observar a repetição de um padrão: primeiro, declara-se a lei ou princípio. Em seguida, o princípio é explicado e, por fim, é acrescentado um incentivo para o ouvinte obedecer. Esse padrão de proclamar a revelação de Deus, explicá-la e, por fim, lembrar os ouvintes da sua obrigação de responder pode ser útil nas pregações de hoje.

### 12:1—15:23 Leis acerca da adoração

O código legal detalhado começa com uma reiteração dos aspectos da vida de Israel que o distinguirão de outras nações. Entre eles, estão o compromisso com o monoteísmo, a observância de leis alimentares, o pagamento de dízimos, a aceitação dos princípios do sábado e dos anos sabáticos, a prática da igualdade e a realização de sacrifícios.

12:1-12 O LUGAR DE ADORAÇÃO. Assim como os Dez Mandamentos se iniciam com a instrução para adorar somente ao Senhor, as leis detalhadas começam com instruções acerca da necessidade de adorar somente a Deus. Mais uma vez, o povo recebe ordens de destruir todo e qualquer elemento associado à religião cananeia (12:2-3; 7:5). A destruição tinha por objetivo não apenas profanar os locais onde os deuses cananeus eram adorados, mas apagar até a memó-

ria dos nomes dessas divindades. Essa ordem tem origem no conceito antigo segundo o qual o nome contém parte do ser e do poder de uma pessoa.

Os *altares*, as *colunas*, os *postes-ídolos* e as *imagens esculpidas* (12:3) eram objetos culturais associados à religião cananea e deviam ser destruídos pelos adoradores do Deus verdadeiro. Infelizmente, essa ordem não é seguida por muitos membros de igreja que ainda se sentem presos por e à mercê de inúmeros poderes e espíritos conflitantes e inconstantes invocados na religião tradicional africana. O desejo de apaziguar esses espíritos resulta num desperdício enorme de recursos e, por vezes, até de vidas humanas.

Os nomes dos deuses cananeus deviam ser apagados, mas o Senhor escolheria um lugar *para ali pôr o seu nome e a sua habitação* (12:5). Esse lugar não é identificado especificamente nessa passagem, e, ao longo de sua história, Israel teve diferentes locais de adoração, sendo os principais Siló (1Sm 1:3; Jr 7:12) e Jerusalém (2Rs 21:4). A esse lugar, os israelitas deviam levar todos os sacrifícios e ofertas que faziam parte do culto regular (12:6). Os holocaustos eram queimados inteiramente no altar (Lv 1:9), mas os adoradores e sacerdotes podiam consumir partes de outros sacrifícios (12:7; Lv 7:15-16). Nesse culto, os israelitas deviam celebrar juntos e com grande alegria a presença de Deus — como também devemos fazer em nossos cultos de hoje.

As ordens aqui descritas só poderiam ser inteiramente cumpridas quando o povo tivesse deixado o estilo de vida nômade do deserto e se assentado em seus novos lares (12:8-10). Então, teria um lugar de *descanso* e desfrutaria sua *herança*, livre da ameaça de inimigos.

A instrução para o povo se reunir no lugar a ser escolhido por Deus e ali adorar e se alegrar diante do Senhor é repetida em 12:11-12 (cf. tb. 12:6-7), mas, dessa vez, a ênfase é sobre o caráter inclusivo dessa celebração. Senhores e servos, pobres e fracos devem se reunir em adoração e obediência aos mandamentos de Deus.

12:13-28 REFEIÇÕES SAGRADAS E COMUNS. A lei faz distinção rigorosa entre o abate comum de animais para fins alimentares (12:15,20) e a imolação de animais para holocaustos que, de acordo com a instrução enfática (*Guarda-te* — 12:13), devem ser oferecidos somente no santuário central, num lugar aprovado. O abate comum é perfeitamente aceitável, desde que o sangue não seja consumido (12:16,23). O povo podia abater animais domésticos e consumi-los em casa da mesma forma que fazia com os animais que caçava, não havendo nenhuma restrição quanto a quem podia ou não participar dessas refeições (12:15,22).

A fim de não haver confusão quanto a esses tipos diferentes de refeições, o texto fornece uma lista de animais sagrados que só podiam ser consumidos no santuário central (12:17-18a). Como fica claro em Levítico, esses animais sagrados só podiam ser consumidos por indivíduos ritualmente puros (Lv 7:20), não havendo, porém, nenhuma

outra restrição para participar dessa refeição. As refeições em geral deviam ser momentos de comunhão e alegria em família e ser compartilhadas com os levitas, pois estes não possuíam terras para criar animais (12:18b-19).

Para fins de ênfase, as instruções acerca do consumo de carne são repetidas na segunda metade desta passagem (12:20-25), em que é ressaltada, mais uma vez, a proibição de ingerir sangue (cf. tb. Gn 9:4; Lv 17:10-14). O motivo para a proibição é dado em 12:23: *Pois o sangue é a vida; pelo que não comerás a vida com a carne*. Deus lembra aos israelitas que toda vida pertence somente a ele. Ao ser derramado na terra (12:24), o sangue não podia servir de alimento nem ser oferecido em algum altar pagão.

Moisés também lembra o povo de que as coisas consagradas só podiam ser oferecidas no *lugar que o SENHOR escolher* (12:26-27), reduzindo, desse modo, a possibilidade de alguém oferecer sacrifícios a divindades pagãs.

A ênfase constante sobre a necessidade de se deslocar até o lugar indicado por Deus antes de oferecer um sacrifício contrasta nitidamente com a experiência cristã de poder adorar em qualquer lugar, desde que a adoração seja oferecida “em espírito e em verdade” (Jo 4:23). A verdadeira adoração não é mais associada a um lugar, mas, sim, a uma pessoa: Jesus Cristo (Jo 4:19-26).

12:29-32 A PUREZA NA ADORAÇÃO. Esse capítulo começa com uma instrução rigorosa para destruir todo e qualquer elemento da religião cananea e termina com uma advertência acerca dos perigos dessa religião (cp. cap. 7, cuja estrutura é semelhante). Uma vez que os israelitas estiverem assentados na terra, não devem se deixar levar pela sua curiosidade sobre os ritos pagãos nem considerar mais fácil servir aos deuses locais em vez de fazer a jornada prescrita até o santuário central a ser instituído por Deus (12:29-30). O autor usa uma linguagem forte para descrever os rituais pagãos: ele *odeia* esses rituais, e todo elemento associado a eles é *abominável ao Senhor*. Um aspecto particularmente repulsivo dos cultos pagãos é o sacrifício de crianças (12:31). Essa prática era comum na região e, evidentemente, persistiu, apesar das tentativas de sacerdotes e profetas de extingui-la (2Rs 16:3; 17:17; 21:6; 23:10; Jr 7:31; 19:5; 32:35).

13:1-18 A TENTACÃO DA IDOLATRIA. O capítulo 13 também trata da observância do primeiro mandamento, mostrando três maneiras pelas quais os israelitas poderiam ser tentados a adorar falsos deuses. A tentação pode vir de um *falso profeta ou sonhador*. A fim de determinar se um profeta é verdadeiro ou não, é prescrita uma prova importante associada à sua capacidade de fazer predições corretas ou realizar sinais miraculosos (13:1-3a). O profeta que incentiva a adoração a outros deuses representa um perigo para a nação como um todo, pois prega a rebeldia contra o Deus poderoso que resgatou seu povo do Egito e exige amor e lealdade exclusivos (13:3b-4). Esse falso profeta deve ser morto (13:5).



Os israelitas também podem ser tentados por um amigo ou membro da família que desperta em outros o interesse pelos falsos deuses (13:6-7). Por mais próximo e querido que seja esse indivíduo, ele deve ser morto, pois também está incentivando a rebeldia que corrói as bases do relacionamento de aliança entre Israel e Deus (13:8-10). Sua morte servirá de aviso para que outros não sejam tentados a seguir falsos deuses (13:11).

Estamos vendo, nos dias de hoje, uma erosão clara das convicções e valores cristãos entre muitos jovens africanos. Mas, não obstante quem procura nos desviar da fé cristã, devemos dizer “não” às influências morais e espirituais negativas do mundo ao nosso redor e permanecer fiéis a Cristo que nos salvou.

Também devemos ter cuidado com os falsos profetas que alegam falar em nome do Senhor, mas usam a religião como pretexto para tirar dinheiro dos crédulos ou promover seus próprios interesses, exigindo obediência absoluta de seus seguidores. Sem dúvida, Deus pode falar por intermédio de outros, mas devemos sempre comparar as asserções das pessoas com as verdades da Bíblia como um todo.

Por fim, Deuteronômio chega a considerar a possibilidade de uma cidade inteira ser persuadida a abandonar a Deus e se voltar para a idolatria (13:12-13). Numa situação como essa, é preciso investigar se os relatos acerca da cidade são verdadeiros (13:14). Em caso afirmativo, todos os moradores e tudo o que houver na cidade devem ser destruídos (13:15-17). A instrução para destruir todos os despojos elimina a tentação de usar acusações falsas de idolatria para obter as riquezas de outros.

A destruição de todos os habitantes da cidade culpada de idolatria expressa a crença na responsabilidade conjunta. Os adeptos da idolatria deveriam ter sido mortos antes da contaminação se espalhar por toda a cidade. A omissão da comunidade em relação a tais indivíduos e seu envolvimento ativo com a idolatria deles justificam o castigo conjunto por um crime praticado em conjunto. Exemplos semelhantes de castigo conjunto podem ser encontrados em Êxodo 32:26-29, Números 25:4-9, Josué 6:17-21 e Juízes 20:42-48.

A declaração *Porquanto o SENHOR, vosso Deus, vos prova* (13:3b) põe a questão no devido lugar. Deus poderia cercar seu povo para protegê-lo de todas as tentações, mas escolheu não agir desse modo. Antes, permite a tentação a fim de que, ao passarmos por essas provas, nos fortaleçamos cada vez mais na fé. Esse é o princípio operante em 13:3b-4.

**14:1-21 O LUTO E OS ALIMENTOS.** As regras acerca do luto e do consumo de alimentos são definidas no contexto do relacionamento de Israel com Deus. Esse relacionamento é enfatizado pela sintaxe no original hebraico, no qual o capítulo também começa com a declaração *Filhos sois* (14:1). Esse padrão é repetido em 14:2, que se inicia com a asserção *povo santo sois*. Sua condição especial exigia a observância de determinados costumes que os separavam das nações ao seu redor.

No antigo Oriente Médio, era comum as pessoas enlutadas rasparem a cabeça e mutilarem o corpo se cortando (Is 3:24; 15:2; 22:12; Jr 16:6; 41:5; Ez 7:18; Am 8:10). Mas a lei de Deus condena qualquer mutilação do corpo criado por ele, com exceção da circuncisão masculina (mas não a feminina) ordenada por ele (Gn 17:12-14).

A lei acerca da alimentação é resumida numa única frase: *Não comereis coisa alguma abominável* (14:3). Essa ordem é seguida de uma lista dos animais que podem ser consumidos (14:4-20). O critério para considerar determinado animal limpo ou imundo nem sempre é claro. É possível que tenham sido levados em consideração tanto motivos de saúde quanto aspectos religiosos. No entanto, as particularidades da lei são menos importantes do que a disposição de sujeitar os detalhes da vida diária ao Senhor em amor e obediência. Jesus deixou isso claro quando disse: “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina” (Mc 7:15).

Um animal encontrado morto não podia ser usado para fins alimentares (14:21). Essa regra talvez tenha sido instituída por motivos de saúde, mas a possibilidade de vender o animal a outros sugere que a proibição se deve ao fato de não ter sido devidamente escoado o sangue desse animal (12:23-25; cf. tb. Lv 17:13-14). Esse procedimento indicava claramente que os israelitas eram um *povo santo ao SENHOR* (14:21).

As regras acerca de animais mortos também revelam algumas características dos grupos com os quais os israelitas tinham contato, incluindo estrangeiros que viviam no meio deles e forasteiros. Os israelitas podiam dar o animal morto a um estrangeiro ou vendê-lo como alimento para um forasteiro.

A injunção para não cozinhar o cabrito no leite de sua mãe era associada a uma prática dos cananeus e servia para lembrar aos israelitas que são diferentes dos povos ao seu redor e não devem imitá-los. Essa proibição talvez seja paralela à ordem para não ingerir sangue, pois, assim como a vida do animal está em seu sangue, a vida do cabrito está no leite da mãe. A ordem para não destruir ambos ao mesmo tempo mostra claramente que Deus se preocupa não só com as pessoas, mas também com os animais (14:21; cf. tb. Lv 17:14-16).

De acordo com o princípio geral dessa seção, o povo de Deus deve se separar de tudo que é contrário à Palavra de Deus. Isso significa que não podemos ter nenhuma ligação com algumas práticas associadas às religiões africanas tradicionais. Em certas culturas, por exemplo, espera-se que as mulheres tenham relações sexuais com alguém que não é seu marido como parte de um ritual de luto. Os cristãos não devem seguir esse costume, como também não devem atender à exigência de imolar um bode consagrado aos espíritos ao celebrar um casamento. A Bíblia, o único padrão de comportamento do cristão em todas as ocasiões, pede

que nos separemos para Deus. Essa separação não implica nos isolarmos de todos que ainda seguem as religiões tradicionais, mas, sim, sermos luz no meio dessa gente. Nossa capacidade de ser luz é proveniente da Jesus Cristo, pois ele é a Luz (Jo 1:7,9), e nosso guia nesse processo é a Bíblia.

**14:22-29** DÍZIMOS. Nas sociedades africanas tradicionais, as colheitas eram consideradas um sinal importante da bondade de Deus e, portanto, eram oferecidas em adoração, pela mediação dos antepassados. A prescrição para os israelitas separarem o dízimo também reconhece que a terra e tudo que a torna fértil pertencem a Deus.

Como 12:6,11,17 deixam claro, os israelitas deviam levar os dízimos e os primogênitos ao santuário central. Em **14:22-23**, os dízimos e os primogênitos também aparecem juntos. O dízimo corresponde a um décimo da renda proveniente das colheitas, salários, venda de bens ou de qualquer outra fonte. Jacó prometeu entregar a décima parte de sua renda quando disse a Deus: “de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo” (Gn 28:22).

É impossível determinar com precisão quando os dízimos eram pagos. Provavelmente eram levados ao santuário central por ocasião do festival da colheita, conhecida como Festa dos Tabernáculos ou na Festa das Semanas (Pentecostes) (16:9-17). Mas, tendo em vista a dificuldade de transportar esses dízimos em viagens longas, Deuteronômio inclui a opção de convertê-los em dinheiro que podia, então, ser usado para adquirir bens equivalentes para as ofertas e para a refeição sagrada realizada no santuário central com toda a família. Esses bens incluíam *vacas, ou ovelhas, ou vinho, ou bebida forte* (**14:24-26**). Essa prescrição era usada para justificar a venda de animais no templo, prática à qual Jesus se opôs energicamente (Jo 2:13-17), pois o costume havia se deteriorado e se transformado numa simples transação comercial, não havendo mais nenhuma ligação entre o trabalho do ofertante, a oferta e a refeição sagrada.

O dízimo era parte tão importante da vida de Israel que os profetas repreenderam o povo por não levá-lo à casa do Senhor (Ne 13:10; Ml 3:6).

Muitas igrejas consideram a prescrição do dízimo uma ordem para entregarmos a Deus um décimo de tudo que possuímos. Essa ideia não é problemática, desde que seja considerada um princípio norteador e uma regra a ser observada por todos os cristãos em cumprimento à lei de Deus. De acordo com o princípio do NT, o cristão deve dar de forma proporcional ao que recebeu de Deus (1Co 16:1-2; 2Co 8:13-15). Assim, as pessoas abençoadas com mais riquezas materiais poderão ir muito além dos 10%. Cristo se entregou completamente por nós. Por que reter tanto para nós e dar tão pouco a ele? Infelizmente, porém, os líderes das igrejas não poderão promover esse princípio da proporcionalidade enquanto pregarem o dízimo como regra. Os cristãos se contentarão em entregar apenas 10% quando

deveriam estar dando mais para atender às necessidades da igreja na África. Seria mais produtivo trabalharmos com o princípio por trás do dízimo, incentivando os cristãos a darem mais e não colocando um fardo de culpa sobre aqueles que, por algum tempo e por bons motivos, não podem dar nada.

Convém observarmos, ainda, que Deus se preocupou em suprir as necessidades dos levitas (14:28-29; cf. tb. 26:12). O dinheiro pago aos pastores como salário ou ajuda de custo é um dinheiro entregue a Deus. Precisamos ter isso sempre em mente, pois, do contrário, começaremos a pensar que estamos nos privando de certos benefícios para pagar nossos pastores. Entregamos nossas ofertas a Deus porque ele nos abençoou!

Ao fim de cada três anos, em vez de ser levado ao santuário central, o dízimo devia ser recolhido localmente (**14:28**). Esses recursos seriam usados, então, para suprir as necessidades dos pobres: *o levita [...], o estrangeiro, o órfão e a viúva* (**14:29**). Em momento nenhum, Deus coloca as necessidades da igreja acima das carências dos pobres. Na verdade, as ofertas para ajudar os pobres também são para o Senhor (cp. Is 1:13-17; Os 6:6; Mt 25:40; Lc 12:33; 1Jo 4:20).

Um princípio semelhante costumava ser aplicado em algumas sociedades africanas tradicionais. Todas as vilas do povo ovimbundu em Angola tinham um *Onjango*, uma cabana circular onde os órfãos e as viúvas podiam ir todos os dias para receber refeição e ensino. Esse cuidado diário dos membros mais carentes da comunidade evitava problemas como os que enfrentamos hoje com as crianças de rua e as mulheres que se prostituem para sobreviver.

Infelizmente, práticas como essas foram substituídas por um profundo egoísmo em muitas de nossas nações africanas. Não é raro os impostos recolhidos com o propósito de elevar o nível de vida dos pobres acabarem nas mãos de líderes egoístas. Deuteronômio é uma advertência séria, pois mostra que Deus se preocupa com os pobres e necessitados.

**15:1-18** O PERDÃO DE DÍVIDAS E A LIBERTAÇÃO DE ESCRAVOS. Na maioria dos códigos legais da Antiguidade, como o Código de Hamurábi, aristocratas, sacerdotes, proprietários de terras, governantes e líderes militares desfrutavam diversos privilégios. O mesmo não acontecia em Israel. Deuteronômio mostra claramente a preocupação especial de Deus com os pobres e a responsabilidade de todos de prover para os necessitados.

O cancelamento das dívidas era feito num ano em que a terra não devia ser cultivada (**15:1**; Lv 25:3-4). Nesse ano, as dívidas deviam ser perdoadas e convertidas em ofertas (**15:2**). Porém, essa prescrição não se aplicava aos forasteiros ou “estranhos” que, em 14:21, são apresentados como um grupo distinto dos estrangeiros que viviam no meio dos israelitas (**15:3**). É possível que essa exclusão visasse proteger a generosidade dos israelitas da exploração de indivíduos sem nenhum vínculo com a comunidade.

## GENEROSIDADE E SOLIDARIEDADE

A pobreza sempre existiu e pode ser encontrada em todo lugar onde uma maioria pobre convive com uma minoria rica — como é o caso em grande parte do mundo. É definida como a situação na qual as pessoas carecem dos elementos mais básicos para uma vida decente, como alimento, roupa e habitação.

A pobreza não vem de Deus, pois tudo o que ele faz é bom (Gn 1:25). Ele criou um mundo no qual nenhum ser humano passaria necessidade (Gn 1:29-30). No entanto, devido à queda do homem, por meio da qual o pecado entrou no mundo (Gn 3), algumas pessoas não têm tudo de que precisam. Reconhecer esse fato não é o mesmo que equiparar a pobreza ao pecado. Antes, significa que o pecado está por trás de todos os fatores econômicos, sociais, políticos, ambientais e psicológicos que levam à pobreza.

Esse pecado pode assumir várias formas. Muitas pessoas são condenadas à pobreza devido a circunstâncias fora do seu controle. A situação é agravada pelo egoísmo daqueles que só pensam em si mesmo, em sua família e em seu próprio grupo étnico ou social. Tal egoísmo aumenta a distância que separa os ricos dos pobres, as grandes potências e nações da maior parte do mundo.

Outros empobrecem em decorrência do pecado da preguiça (Pv 20:4; 21:25; Mt 25:26) ou por falta de motivação para cuidar da criação confiada por Deus à humanidade (Gn 1:28). Alguns também não usam a criatividade ou iniciativa dada por Deus a todos os seres humanos.

Entretanto será que, ao argumentarmos que as raízes da pobreza se encontram na natureza humana, e que as pessoas são naturalmente pecaminosas, devemos desistir de todos os esforços para tratar desse problema? Devemos nos entregar ao afro-pessimismo, aceitando a pobreza como algo que não podemos mudar? Claro que não! Deus criou todos os seres humanos e se preocupa com o bem-estar de cada um deles.

No AT, Deus disse aos filhos de Israel que fossem generosos, instruindo-os especificamente a cuidar das viúvas, dos órfãos e estrangeiros (Dt 24:17-22). Se essas pessoas desprovidas de um marido, dos pais ou de terras não recebessem ajuda, seriam condenadas a viver em pobreza extrema.

No NT, encontramos vários exemplos de generosidade e solidariedade entre as igrejas locais. Quando uma grave escassez de alimentos atingiu Jerusalém, outras igrejas ajudaram os cristãos necessitados de lá enviando ofertas generosas (2Co 8). Foi no contexto dessa ajuda que Paulo incentivou os cristãos: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade” (2Co 9:7).

Não apenas as igrejas devem ajudar umas às outras, mas também os cristãos devem demonstrar preocupação prática pelos necessitados em suas congregações. Tiago, cuja carta focaliza o comportamento cristão, considera a solidariedade e generosidade partes essenciais da fé em ação. Reconhece que, apesar da salvação se dar somente

pela fé, esta deve se refletir em ações: “Mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé” (Tg 2:18). Assim, argumenta que não basta dizermos: “Ide em paz, aquecei-vos e fantai-vos” (Tg 2:16). Devemos ir além das palavras e vestir e alimentar os necessitados a fim de demonstrar a autenticidade de nossa fé em Cristo.

A generosidade não é um conceito estranho aos africanos, pois faz parte de nossa cultura. Sabemos que não é preciso ser rico para ser generoso; o importante é compartilhar o pouco que temos. Existe até um provérbio que diz: “A amizade compartilha até uma casca de pão”.

O cristão africano deve ser o mais generoso de todos os africanos, pois nossa generosidade não deve ser apenas cultural, mas também alicerçada numa resposta sincera à generosidade de Deus para conosco. Devemos ser generosos como nosso Pai celestial que promete prover o pão nosso de cada dia (Mt 6:11). No entanto, esse pão que ele provê normalmente não cai do céu, como acontecia com o maná no deserto (Êx 16:4). E sua generosidade não se limita a compartilhar uma casca de pão que só engana a fome. Ele criou um mundo próprio para suprir nossas necessidades de alimento (Gn 1:30). Seguindo seu exemplo, não devemos apenas prover alimentos em situações emergenciais, mas também tomar providências para mudar a situação. Devemos capacitar as pessoas ajudadas de modo que possam ajudar outros (2Co 1:4). E, em vez de nos apegarmos às nossas ideias de como a ajuda deve ser oferecida, precisamos apoiar os pobres no uso de sua própria criatividade e imaginação, de modo que encontrem formas de sair da pobreza. Sabemos por experiência que pessoas em situações de dificuldade podem encontrar soluções criativas e práticas.

Na África, a solidariedade e a generosidade são estreitamente ligadas aos conceitos de família, clã e comunidade. Para o cristão africano, a solidariedade na igreja é ainda mais importante, pois não é fundamentada em relações de parentesco, mas na fé e obediência a Deus, segundo o qual devemos amar nosso próximo como a nós mesmos (Mt 22:39). Devemos buscar inspiração nos cristãos do tempo dos apóstolos, no meio dos quais não havia nenhum necessitado, pois compartilhavam tudo o que tinham (At 4:32-35). Essa é a melhor maneira de lidar com a pobreza em qualquer contexto. Hoje em dia, a igreja pode ajudar os membros mais pobres incentivando-os a serem criativos na busca de soluções e ajudando-os a obter a instrução e as ferramentas necessárias em nível material e espiritual.

Infelizmente, não é difícil a generosidade e a solidariedade serem corrompidas por motivações egoístas. Quando isso acontece, essas virtudes culturais podem levar ao tribalismo, nepotismo ou parasitismo, males que geraram muito mais pobres do que ricos na África. No entanto, quando nossa generosidade e solidariedade são norteadas pelo evangelho, essas virtudes se tornam instrumentos poderosos com os quais podemos construir um mundo melhor (Mt 5:43-48).

Solomon Andria

Deus garante aos credores preocupados com as implicações financeiras desse tipo de transação que ela não será pesada para ninguém, pois, se todos obedecerem à sua lei, haverá poucos pobres e necessitados (15:4-6).

No entanto, a lei também é realista, pois reconhece a probabilidade de desobediência e, conseqüentemente, de sempre haver alguém necessitado de ajuda (15:11). Assim, os israelitas são exortados a ser generosos e suprir as necessidades de outros (15:7-8,10-11). Na verdade, a omissão nessa área é considerada pecado (15:9).

A pobreza extrema poderia obrigar alguns a se venderem como escravos (15:12). Ao se relacionarem com essas pessoas, os israelitas deviam se lembrar de sua própria experiência como escravos (15:15). Sem dúvida, essa relação era bem diferente do conceito moderno de escravidão. Não era uma condição permanente, pois a cada sete anos todos os escravos deviam ser libertos. Além disso, ao recuperar a liberdade, deviam receber do dono da casa um suprimento generoso de alimentos e animais do seu rebanho a fim de terem condições de sobreviver por conta própria (15:13-14). No entanto, um escravo que desejasse continuar a servir uma família não era obrigado a deixá-la (15:16-17). Mais uma vez, o autor enfatiza que a generosidade redundará em bênçãos de Deus (15:18).

Prática semelhante pode ser encontrada entre os ovimbundus. Em suas comunidades, depois de certo tempo de trabalho, uma escrava ou escravo se casava com um parente de seu senhor, passando a fazer parte da família com direitos iguais ao de qualquer outro membro.

**15:19-23 Os PRIMOGÊNITOS DOS ANIMAIS.** Os animais primogênitos são mencionados de passagem em 12:6-7 e em 14:23, mas, nessa seção, encontramos instruções explícitas a seu respeito. De acordo com a lei, os primogênitos machos dos animais devem ser separados para o Senhor (15:19). Não devem ser usados para nenhum trabalho comum, como arar a terra, nem para fins lucrativos, como a tosquia de sua lã, mas, sim, sacrificados e consumidos numa refeição ritual (15:20). Um animal defeituoso não era considerado um sacrifício aceitável e, se fosse apresentado como oferta, insultaria ao Senhor (15:21; Ml 1:7-8). Assim, todo animal primogênito com algum defeito podia ser consumido numa refeição comum, semelhante àquela feita com carne de caça como *do corço ou do veado* (15:22; 12:15,22). Como sempre, o sangue não devia ser ingerido (15:23; 12:15-16).

#### **16:1-17 Leis acerca das peregrinações anuais**

Os israelitas deviam comemorar três festas anuais que exigiam uma peregrinação até o santuário central: a Páscoa e Festa dos Pães Asmos; a Festa das Semanas e a Festa dos Tabernáculos. Essas comemorações são descritas em detalhes em Êxodo 23:14-17, Levítico 23 e Números 28. As informações fornecidas em Deuteronômio são complementares.

Mesmo nessa seção, pode-se observar um paralelo interessante com os tratados do antigo Oriente Médio. De acor-

do com vários desses tratados, os vassalos que assinavam o acordo deviam se apresentar regularmente ao suserano para oferecer tributos e renovar seu juramento de lealdade (cp. 16:16-17).

**16:1-8 A PÁSCOA.** A instrução *Guarda o mês de abibe e celebra a Páscoa do Senhor, teu Deus* é redigida de maneira semelhante à injunção acerca do sábado em 5:12. Como o sábado, essa festa é associada ao livramento da escravidão do Egito (16:1). O mês no qual deve ser celebrada é chamado por seu nome cananeu, “abibe” (que significa “época na qual o trigo está verde”). Posteriormente, Israel adotou os nomes do calendário babilônico, e esse mês passou a ser chamado *nisã*. Abibe/nisã corresponde aproximadamente a março-abril, ou seja, à primavera no hemisfério norte. Além de ser o mês no qual o povo havia sido liberto, também era uma época apropriada para celebrar o início de uma nova vida para Israel como nação.

Embora o primeiro sacrifício da Páscoa tenha sido um cordeiro (Êx 12:3-5), aqui o povo é instruído a sacrificar um carneiro ou boi (16:2; cf. tb. Nm 28:19). Logo depois da Páscoa, comemorava-se a Festa dos Pães Asmos, uma celebração de sete dias mencionada em Êxodo 23:15 (16:3-4; Êx 23:12:14-15; Lv 23:5-6). Essas duas festas coincidiam com a época da colheita da cevada, que também era realizada na primavera.

O propósito da Páscoa era lembrar aquilo que Deus havia feito pela nação e instruir cada nova geração acerca da aliança entre Deus e Israel. A Festa dos Pães Asmos também os lembrava de que haviam deixado o Egito *apressadamente* e, portanto, sem tempo de deixar o pão fermentar (Êx 12:34).

A Páscoa devia ser comemorada num lugar central (16:5-6). A hora do sacrifício também é especificada: *À tarde, ao pôr do sol*, a mesma hora em que o êxodo havia começado.

Na época do Novo Testamento, a Páscoa havia voltado a ser celebrada nos lares, apesar de muitos judeus fazerem um esforço considerável para comemorá-la em Jerusalém. Assim, Jesus comeu a refeição pascal com seus discípulos em Jerusalém, num cenáculo preparado especialmente para esse fim (Mt 26:17-19; Lc 22:7-15). De acordo com Êxodo 12:8-9, a carne do cordeiro devia ser assada, e não cozida em água ou ingerida crua. A lei deuteronômica parece autorizar uma mudança, pois 16:7 fala de cozinhar a carne. Na verdade, porém, trata-se de um problema de tradução, pois o mesmo termo hebraico pode significar “assar” ou “cozinhar”. A escolha do verbo no momento da tradução muitas vezes depende da menção de água ou panelas no contexto.

Os israelitas são instruídos a voltar às suas tendas depois da Páscoa. Sem dúvida, essa instrução só poderia ser obedecida literalmente enquanto Israel estivesse vivendo em tendas como um povo nômade (16:7). Depois que o povo desenvolveu um estilo de vida sedentário na terra prometida, pode-se supor que esta instrução foi adaptada e cada

um voltava para o lugar onde estava hospedado em Jerusalém, onde devia permanecer o resto da semana, pois o sétimo dia da festa era um dia de assembleia solene (16:8).

**16:9-12 A FESTA DAS SEMANAS.** Essa comemoração era observada no quinquagésimo dia depois do sábado que iniciava a Páscoa (16:9) e, portanto, é chamada no NT de Pentecostes (do termo grego para cinquenta, cf. At 2:1). No AT, também era conhecida como Festa da Segra (Êx 23:16) e dia das primícias (Nm 28:26). Enquanto a Páscoa era celebrada na época da colheita da cevada, essa festa que caía em maio ou junho era associada à colheita do trigo e era uma das datas mais importantes do calendário agrícola da época.

A Festa das Semanas não é associada ao livramento de Israel por Deus, mas, sim, à gratidão pelas bênçãos contínuas do Senhor ao prover colheitas abundantes (16:10). Era uma ocasião de grande alegria, a ser comemorada não apenas com os familiares, mas também com os servos, levitas e necessitados (16:11). A lembrança da pobreza em Israel devia inspirar gratidão e generosidade (16:12).

**16:13-17 A FESTA DOS TABERNÁCULOS.** Como a combinação da Páscoa e Festa dos Pães Asmos, a Festa dos Tabernáculos durava uma semana inteira (16:13). Por vezes, essa comemoração é chamada simplesmente de “festa” (Ez 45:25) ou de Festa das Cabanas. Era celebrada depois da conclusão do trabalho árduo de debulhar os cereais e pisar as uvas e, portanto, caía no outono do hemisfério norte, entre setembro e outubro. Como as outras festas, devia ser comemorada no santuário central em espírito de alegria e gratidão pela colheita (16:14-15) e contar com a participação de todos. Em outras passagens, essa ocasião é considerada uma oportunidade de lembrar os abrigos temporários nos quais os israelitas viveram durante o tempo que vagaram pelo deserto (Lv 23:40-43). Vemos no NT que Jesus ensinou no templo durante essa festa (Jo 7—8).

A seção sobre as festas termina lembrando que todos os homens devem comparecer às três celebrações e sempre levar consigo ofertas proporcionais às bênçãos concedidas por Deus (16:16-17). Como indicamos no início desta seção, essa exigência era comum nos tratados da época.

### 16:18—18:22 *Leis acerca da liderança*

A seção seguinte do código legal trata da liderança de Israel, a saber, seus juízes (16:18-20), tribunais (17:8-13), reis (17:14-20), sacerdotes (18:1-8) e profetas (18:9-22). Parece fazer parte da seção anterior, na qual são apresentadas as prescrições acerca da adoração, 16:21 a 17:7, mas, na verdade, não é inteiramente dissociada dessa seção, pois contém regras referentes a investigações e testemunhas. Sua inclusão aqui talvez tenha, ainda, o propósito de lembrar o povo da necessidade de ser absolutamente leal para com Deus em todas as circunstâncias.

**16:18—17:13 Juízes.** Moisés havia sido o primeiro juiz dos israelitas, assistido por juízes escolhidos de cada tribo (1:12-18; Êx 18:13-27). Porém, à medida que o povo

se espalhasse pela nova terra, seria preciso instituir outro sistema judiciário. Assim, os israelitas são instruídos a nomear juízes *em todas as tuas cidades [...] entre as tuas tribos* (16:18). Supostamente, os casos difíceis continuariam a ser encaminhados para a liderança religiosa, como se fazia até então (1:17; 17:8; Ml 2:7).

Os juízes recebem instruções rigorosas: *A justiça seguirás, somente a justiça* (16:20). Suas sentenças não deveriam ser afetadas por subornos, amizades ou inclinações pessoais (16:19).

Uma vez que a justiça e a religião verdadeira possuem uma ligação inextricável, as instruções iniciais para os juízes são seguidas de uma lembrança da necessidade de ser fiel ao Senhor. Não se deve tolerar nenhum sincretismo, ou seja, adoração a símbolos da religião cananeia em conjunto com a culto ao Senhor (16:21-22). Essa ordem condena explicitamente as práticas nas quais o povo de Deus se envolve com elementos do reino das trevas espirituais. Há quem ponha amuletos nos filhos ou em si mesmo para se proteger de feitiços, enquanto outros colocam certos objetos debaixo da cadeira do escritório, para proteger seu emprego, ou em alguma parte da casa, para garantir a prosperidade de seus negócios. Se adotarmos práticas desse tipo, que não passam de formas de idolatria, não poderemos esperar a bênção de Deus em nossa vida. Deus exige lealdade total do seu povo.

Além disso, o culto a Deus não deve ser prestado de forma displicente. O sacrifício de um animal imperfeito é uma oferta de segunda categoria, e não uma demonstração de amor e apreciação por aquilo que Deus fez (17:1). A verdadeira adoração sempre envolve abnegação (Ml 1:6-8).

Os ídólatras estavam sujeitos a castigos severos, pois esse mal provocaria o rompimento da aliança entre Deus e Israel e resultaria na destruição de Israel como nação (17:5). Porém, o castigo não devia ser aplicado levianamente, sendo necessário, antes, realizar uma investigação minuciosa para determinar se a acusação era verdadeira (17:4). A fim de evitar o uso desse tipo de acusação como arma contra inimigos, a lei especificava que era preciso haver mais de uma testemunha da transgressão (17:6). Ademais, as testemunhas não escapavam das consequências de sua alegação: deviam confrontar o acusado e participar de sua execução caso ele fosse considerado um ídólatra (17:7). A sentença devia ser levada a cabo *às tuas portas*, isto é, às portas da cidade, onde os tribunais se reuniam naquela época.

O cuidado com o qual a justiça devia ser aplicada mostra claramente que, para Deus, a morte de um inocente é algo muito grave. Ainda que em algumas ocasiões ele tenha ordenado, por motivos morais, a morte de homens, mulheres e crianças, esse não é o padrão de sua natureza. Deus ama e preserva a justiça e a retidão. Esse aspecto do caráter divino precisa ser levado mais a sério na África, pois há grande corrupção na justiça em nosso continente. Muitas



pessoas são mortas com base apenas em suspeitas ou em falsas acusações. Outras tantas são vítimas de inimigos ricos que subornam os oficiais encarregados de administrar a justiça. Tais atos suscitam o desprazer de Deus e, por certo, não trarão bênçãos sobre uma nação. Nossos sistemas judiciais devem tratar todos os membros da sociedade com equidade.

Mais cedo ou mais tarde, os juízes locais se deparariam com casos nos quais teriam dúvidas acerca do modo correto de aplicar a lei ou dificuldade em determinar se a transgressão havia sido deliberada ou acidental. Todos os casos desse tipo deviam ser encaminhados ao “Supremo Tribunal” associado ao santuário central e presidido por sacerdotes e juízes (17:8-9). A decisão desse tribunal era inalterável (17:11), e, a fim de manter sua autoridade, o desacato às suas decisões era passível da pena capital (17:12-13).

17:14-20 REIS. Na África, os reis eram investidos de poder político, religioso e divino, o que lhes dava autoridade para exercer as funções de mediador e intercessor junto aos espíritos dos antepassados e a *Suku*, o Ser Supremo. Em Angola, o rei ovimbundu era responsável pela administração social e diplomacia, pelo exercício da justiça e da sabedoria e por guardar e exemplificar a filosofia, a ética e as tradições do povo. Seu parecer legal era absoluto; daí, o provérbio ovimbundu que diz: *O ðopia onganji, o malapo osoma* (“O advogado fala; o rei conclui ou decide”). O rei também era visto como uma figura com poderes espirituais. Uma vez que podia ser considerado um feiticeiro, ele buscava no âmbito da feitiçaria e da adivinhação os meios necessários para proteger a si mesmo e ao seu povo de forças malignas, calamidades, doenças e infortúnios. Era o guardião responsável por proteger o povo e manter a união.

Podemos observar claramente que Deuteronômio atribui ao rei um papel muito mais restrito. Em vez de ser mediador junto a Deus e exercer poder espiritual, ele deve se sujeitar à autoridade dos sacerdotes e da lei escrita de Deus (17:18-20).

O rei ideal deve ser israelita (17:15) e não deve se considerar superior aos seus compatriotas (17:20), especialmente diante da tentação de imaginar que as leis de Deus se aplicam apenas aos cidadãos comuns, mas não àqueles que se encontram no poder. A referência a não multiplicar cavalos significa que o rei não deve se empenhar em formar um grande exército (17:16), pois, naquela época, a cavalaria estava se tornando um símbolo importante de poderio militar, e o Egito era conhecido por seus cavalos de guerra. O rei também não devia acumular riquezas para si nem ostentá-las se casando com várias mulheres (17:17), pois o grande número de esposas o levaria a esquecer as prescrições da lei de Deus.

Salomão cometeu todos esses pecados. Na verdade, alguns comentaristas argumentam que essa passagem foi incluída no texto posteriormente para refletir o comportamento adotado pelos reis de Israel e Judá. No entanto,

nenhuma dessas faltas pode ser atribuída somente a esses reis. Moisés havia sido educado na corte real e encontrado vários reis durante a jornada de Israel pelo deserto. Assim, estava plenamente cômico das tentações do poder e apto a advertir os líderes. Apesar de Moisés visualizar uma forma de governo na qual Deus era o rei de Israel, é provável que também fosse realista o suficiente para admitir a possibilidade da nomeação de um monarca humano em algum momento da história de Israel (17:14-15). Assim, era importante estabelecer os limites dentro dos quais o monarca deveria exercer sua autoridade e, desse modo, garantir a preservação da aliança com Deus, o Rei Supremo.

18:1-8 SACERDOTES E LEVITAS. Ao contrário do livro de Levítico, Deuteronômio não trata em detalhes do sacerdócio nem faz distinção entre sacerdotes e levitas, sendo os primeiros descendentes de Arão (Êx 28:1) e os últimos os outros membros da tribo de Levi cuja função era assistir nas tarefas do tabernáculo ou templo (Nm 3:5-10). De modo geral, o livro focaliza as obrigações do povo como um todo, e não de grupos específicos, mas, nessa passagem, o enfoque é sobre os sacerdotes e levitas. Essa tribo não receberia uma parte da terra como o resto dos israelitas e, portanto, devia ser sustentada por porções específicas das ofertas de seus compatriotas (18:1-4). Essa prescrição talvez tivesse o intuito de evitar que os indivíduos separados para se dedicarem inteiramente ao serviço ao Senhor (18:5) fossem subornados por ofertas de terras e passassem a dar mais atenção a questões seculares, como aconteceu com a igreja no passado. A declaração *O Senhor é a sua herança* (18:2) significa que não dependeriam de nenhum recurso além do Senhor. Se os israelitas deixassem de ser fiéis à aliança, os levitas não teriam como sobreviver. Apesar de se encontrarem espalhados por várias cidades da terra (Nm 35:1-8), todos os levitas que desejassem servir no santuário central deviam ser acolhidos e receber as porções às quais tinham direito (18:6-8).

As igrejas devem observar o princípio por trás das regras acerca do sustento dos levitas ao considerar o modo correto de sustentar pastores, obreiros e outros indivíduos que trabalham em organizações cristãs. Cabe aos membros da igreja assumir o compromisso de prover as necessidades de tais indivíduos, dando-lhes uma porção das *primícias* (18:4), e não os restos.

18:9-13 FALSOS LÍDERES. Não é raro as pessoas se mostrarem desejosas de conhecer o futuro e receber ajuda sobrenatural na hora de tomar decisões que terão implicações futuras. A fim de obter esse tipo de ajuda, as nações ao redor de Israel haviam desenvolvido técnicas que iam desde o sacrifício de crianças até a feitiçaria e espiritismo (18:9-11). Como Moisés ressalta, Deus abomina todas essas práticas; sua aversão a elas é tão profunda que constitui um dos motivos pelos quais permitirá aos israelitas expulsar os povos de Canaã (18:12). Embora o texto não deixe explícito, a aversão de Deus a essas práticas provavelmente é justificada

pelo fato de que o sacrifício humano é não apenas um ato de crueldade, mas também de usurpação da prerrogativa de Deus sobre a vida e a morte. Além disso, práticas como a feitiçaria e o uso de médiuns abre portas para a atuação de poderes demoníacos.

Tendo em vista que o cristão é chamado a se relacionar com Deus em todos os aspectos de sua vida, essa instrução não deixa espaço para consultas com pessoas que se opõem a Deus — seja no âmbito espiritual, seja no físico. O Espírito Santo é o guia dos cristãos e os conduz em todas as situações (Jo 14:26). Não há lugar na vida dos seguidores de Cristo para consultar os mortos ou praticar a feitiçaria.

**18:14-22 O PROFETA.** Enquanto os cananeus usavam diversas técnicas na tentativa de determinar ou manipular a vontade dos deuses, o Senhor reconhecia somente um instrumento de revelação — as palavras de um profeta (**18:14-15**). Moisés havia sido o primeiro profeta de Israel. No monte Horebe, havia transmitido a mensagem do Senhor ao povo quando este foi tomado de medo da presença de Deus (**18:16**). Agora, porém, Moisés está idoso e prestes a morrer. Para quem o povo deve se voltar em busca de orientação divina? Moisés lhes garante que Deus proverá um sucessor (**18:17**). Embora essa referência não exclua, necessariamente, todos os profetas subsequentes do AT (que, como Moisés, falaram em nome de Deus), no NT essa profecia é interpretada como uma referência a Jesus. Por isso, João Batista (também um profeta), negou ser “o profeta” (Jo 1:21). A referência a esse versículo nos sermões em Atos 3:22-23 e 7:37 deixa claro que, para Pedro e Estêvão, Jesus é esse profeta, muito maior que todos os seus antecessores. Ele é “o Santo e o Justo” (At 3:14; 7:52), o “Autor da vida” (Atos 3:15) e o “Cristo” (Atos 3:18) prenunciado pelos outros profetas. No entanto, ele é mais semelhante a Moisés que a qualquer outro profeta do AT, pois Moisés teve um papel crítico no estabelecimento da antiga aliança (os mandamentos) no monte Sinai, enquanto Jesus é a figura essencial da nova aliança.

Sem dúvida, o povo desejava saber como distinguir entre um profeta verdadeiro e alguém que simplesmente clamava ser um profeta (**18:21**). O critério é simples: a palavra de um falso profeta não se cumprirá (**18:22**). Porém, também é necessário considerar a instrução de 13:1-3.

Era difícil para um profeta quando as palavras recebidas de Deus demoravam a se cumprir. Jeremias, por exemplo, teve de esperar vários anos antes de ver o cumprimento de suas profecias. Assim, pode levar tempo para determinar se um profeta está, de fato, proferindo uma palavra do Senhor. Hoje em dia, não é difícil encontrarmos na África denominações novas iniciadas por líderes que afirmam ter ouvido a voz de Deus ou recebido uma revelação. É preciso usar de cautela ao avaliar se esses líderes estão, de fato, proferindo a palavra de Deus ou se estão formando igrejas para obter lucro pessoal e enganar os incautos.

### 19:1—25:19 Outras leis

A seção seguinte do livro de Deuteronômio reúne várias leis. Por vezes, as leis relacionadas a um mesmo tema geral são agrupadas, mas nem sempre é o caso.

**19:1-13 HOMICÍDIO E CIDADES DE REFÚGIO.** Ao tratar de uma situação na qual uma pessoa foi morta, a lei cuida para distinguir entre o homicídio accidental (**19:4-5**) e o deliberado (**19:11**). Em ambos os casos, alguém provavelmente desejará vingar a vítima, mas tal vingança não é justificada no caso do homicídio accidental (**19:6,10**). Diante disso, foram determinadas várias cidades de refúgio para as quais os acusados de homicídio podiam fugir. Moisés já havia definido três cidades desse tipo na Transjordânia (4:41-43) e, agora, especifica a necessidade de estabelecer mais três quando o povo tiver entrado na terra prometida (**19:2**). Essas cidades deviam ser de fácil acesso para quem viesse de qualquer parte da terra (**19:3**). Consequentemente, se o território de Israel se expandisse, seria necessário estabelecer outras três cidades (**19:8-9**).

No entanto, havia sempre a possibilidade de uma culpa real por parte dos indivíduos que buscavam refúgio nessas cidades. Assim, a lei permitia que os anciãos da cidade expulsassem os culpados de homicídio deliberado (**19:11-12**). Supostamente, essa providência só poderia ser tomada depois da realização de algum tipo de inquérito judicial (Nm 35:12).

Os culpados de homicídio deliberado recebiam a pena de morte, uma vez que o crime em questão quebrava uma lei fundamental dos Dez Mandamentos (5:17). A aplicação da pena era necessária para livrar Israel da contaminação causada por essa transgressão da aliança (**19:13**).

**19:14 MARCOS DE PROPRIEDADE.** Numa sociedade agrícola sem instrumentos de medição topográfica e cercas, uma pedra usada como marco era um elemento essencial para proteger os direitos de propriedade. A remoção de um marco equivaleria a roubar a terra que o Senhor tinha dado a determinada família. Tendo em vista a tentação que isso seria para pessoas poderosas e gananciosas, Deus proíbe expressamente a remoção dos marcos de propriedade.

Essa preocupação em proteger os direitos dos proprietários é extremamente relevante para a África de hoje, pois as políticas agrárias coloniais deixaram marcas profundas. Precisamos nos preocupar também em proteger as terras herdadas por viúvas e órfãos da aids e respeitar o seu direito de propriedade.

**19:15-21 TESTEMUNHAS E PROVAS.** Os Dez Mandamentos proibiam o falso testemunho (5:20), mas uma proibição não é suficiente para refrear esse mal tão comum em todas as épocas e sociedades. Assim, a lei determinava que todas as acusações fossem apresentadas a um tribunal constituído de sacerdotes e juízes, sendo necessário haver mais de uma testemunha para condenar alguém por um crime (**19:15**). Isso explica a diligência dos líderes judeus em encontrar testemunhas que concordassem em acusar Jesus



(Mt 26:59-61). Em seus ensinamentos, Jesus defendeu a aplicação dessa lei para resolver desentendimentos (Mt 18:16) e a mencionou para corroborar suas asserções (Jo 8:17). Paulo também refere-se a ela (2Co 13:1).

A fim de coibir o falso testemunho (19:20), uma pena severa é instituída para esse comportamento (19:19), seguindo a lei da retaliação (Êx 21:23-25; Lv 24:17-19), ou seja, *olho por olho, dente por dente* (19:21). Pode-se supor que incluía a pena de morte caso a testemunha falsa acusasse alguém de um crime passível desse castigo (cf., p. ex., a sina de Hamã em Et 7:3-10). A lei da retaliação não deve ser vista como um sistema cruel, pois, na verdade, servia para limitar a pena aplicada. A vingança era restrita para não ultrapassar a gravidade do crime cometido.

Ao criticar essa lei em 20:1-20, Jesus não a rejeitou como princípio a ser aplicado nos tribunais. Antes, objetou a seu uso em todos os relacionamentos interpessoais. Os indivíduos deviam se esforçar para demonstrar amor e solidariedade, dois conceitos que aparecem repetidamente no livro de Deuteronômio.

**20:1-20 PRESCRIÇÕES ACERCA DA GUERRA.** Tendo em vista os israelitas estarem prestes a invadir a terra prometida, não é de surpreender que a guerra seja um tema recorrente no livro de Deuteronômio. Considerando-se, ainda, tratar-se de uma guerra ordenada expressamente por Deus, não é de surpreender que os israelitas contassem com a presença de Deus lutando a seu lado (20:1-4). No entanto, como outras passagens de Deuteronômio já deixaram claro, nem toda guerra é sancionada por Deus (cf. 1:41-45). Uma guerra santa só podia ser iniciada depois de consultar o Senhor (1Sm 28:5-6; 30:7-8; 2Sm 5:19,22-23), e seus guerreiros também deviam ser santos (23:9-14). Assim, é apropriado o sacerdote se dirigir ao exército antes do combate para lembrar os soldados de uma verdade importante: o Deus que estava saindo com eles à batalha era o mesmo Deus que havia livrado Israel do Egito (20:1-2). No entanto, como a experiência dos filhos de Eli deixa claro, a promessa de apoio divino não se aplicava quando o povo não estava vivendo em santidade (1Sm 3:13-14; 4:1-10).

Uma vez que a vitória seria dada pelo Senhor, não era necessário convocar todos os homens do povo para lutar (Jz 7:2-4; 1Sm 14:6,17). Assim, um homem que tivesse acabado de construir uma casa, plantar uma vinha ou se casar era dispensado do serviço militar (20:5-7). O mesmo se aplicava ao *homem medroso e de coração tímido* que poderia desanimar seus companheiros (20:8). O Senhor havia prometido aos israelitas que eles desfrutariam a terra e, como essas prescrições mostram, cuidou para que tivessem oportunidade de fazê-lo.

Os capitães só eram escolhidos depois que as tropas tivessem sido reunidas, mostrando que não se tratava de um exército permanente como o que foi criado por Salomão (1Rs 10:26), mas, sim, de uma força militar reunida com o propósito de atender a uma necessidade específica (20:9).

Também são definidas regras para a conduta durante a guerra, tanto com respeito às ofertas de paz quanto no tocante aos prisioneiros e rebanhos tomados do inimigo. Essas regras variavam em função da localização da cidade atacada, a saber, se esta ficava nas fronteiras de Israel (20:10-15) ou se fazia parte da terra prometida (20:16-18). No segundo caso, o perigo de contaminação da fé israelita era tão grande que não se devia usar de misericórdia.

À primeira vista, essas leis podem parecer severas, mas por trás delas encontramos alguns princípios que se aplicam ao nosso tempo. Um desses princípios é o de moderação, segundo o qual se deve usar de diplomacia antes de recorrer à violência (20:10-11). Outro princípio é o de misericórdia para com os não-combatentes, ou seja, mulheres, crianças e rebanhos (20:14). Também encontramos aqui o princípio do respeito pelo meio ambiente que proíbe a destruição aleatória de árvores que, possivelmente, levaram várias gerações para crescer (20:20). As árvores frutíferas deviam sempre ser poupadas, e outras árvores só deviam ser cortadas se fossem necessárias para levantar um cerco. Os princípios descritos nessa passagem poderiam, sem dúvida, ser aplicados a regiões da África devastadas por guerras, mas, infelizmente, são ignorados.

No entanto, precisamos usar de cautela ao aplicar outros detalhes desse capítulo às guerras modernas. Nenhuma guerra de hoje pode ser equiparada à guerra santa que Deus permitiu para entregar a terra prometida a Israel. Naquele momento da história, Deus estava formando um povo por meio do qual se revelaria e traria ao mundo o Messias. Nenhuma nação pode alegar motivos semelhantes para justificar uma guerra. Porém, nos dias de hoje, o reino de Deus não é mais associado a uma unidade política. Ele reuniu todas as nações em sua Igreja, a qual não foi chamada para fazer guerra. Consequentemente, nenhuma nação pode dizer que Deus está do seu lado, mesmo que sua causa pareça justa.

**21:1-9 EXPIAÇÃO POR HOMICÍDIO ANÔNIMO.** Enquanto 19:1-13 trata do destino dos culpados de homicídio acidental ou deliberado, essa passagem descreve o procedimento a ser seguido quando não se sabia quem havia cometido o crime (21:1). Nesses casos, era impossível castigar o assassino, e toda a comunidade era considerada contaminada pela culpa de sangue. Assim, era necessário realizar um tipo de execução cerimonial para cumprir os requisitos da justiça e purificar a terra da culpa. (Essa purificação para “eliminar o mal” é mencionada em várias ocasiões em Deuteronômio; cf. 13:5; 17:7; 19:13.)

Os anciãos da cidade mais próxima da cena do crime, responsáveis por realizar esta cerimônia (21:2), deviam tomar uma *novilha da manada, que não tenha trabalhado*, e levá-la a um local *que não foi lavrado*, próximo de um riacho. Ali, a novilha devia ser imolada ritualmente (21:3-4), mas o procedimento para a imolação deixa claro que não se trata de um sacrifício, apesar da presença dos sacerdotes

em seu papel de juízes (21:5). Em seguida, os anciãos deviam lavar as mãos sobre a novilha imolada, declarar que não sabiam nada a respeito do homicídio ou do homicida (21:6-7) e pedir a Deus que purificasse a nação daquele crime (21:8).

Pode-se supor que, no caso de o homicida ser identificado posteriormente, ele ainda era executado de acordo com as prescrições de 19:11-13.

Observamos por trás desse ritual o princípio importante da culpa conjunta. As comunidades e nações não podem negar toda a responsabilidade pelo mal praticado dentro delas. Precisamos, portanto, considerar com grande seriedade questões como a discriminação racial e tribal, guerras e genocídios tribais, a negligência para com os necessitados por parte das instituições governamentais, a discriminação contra os portadores do HIV e a omissão do governo em erradicar doenças que podem ser evitadas, como a poliomielite, a malária e o sarampo. Não podemos simplesmente fechar os olhos e afirmar que não somos responsáveis por males sociais cujas consequências são trágicas.

21:10-14 **AS PRISIONEIRAS DE GUERRA.** As primeiras palavras dessa seção repetem o que foi dito acerca da guerra santa em 20:1: *Quando saíres à peleja contra os teus inimigos* (21:10). Aqui, porém, introduzem a questão das mulheres consideradas espólio de guerra (cf. tb. 20:10,14). Com base nas leis definidas em 7:3 e 20:16-18, podemos supor que essas mulheres não eram cananeias, mas, sim, originárias de outras regiões e, portanto, podiam ser tomadas como esposas por homens israelitas (21:11). Essa permissão pode parecer estranha, pois tais mulheres também adoravam deuses estrangeiros, mas talvez o fato de serem provenientes de um lugar mais distante as tornasse menos propensas a continuar adorando esses deuses. Cercadas de israelitas e fazendo parte de um lar encabeçado por um marido israelita, poderiam se tornar adoradoras do Deus verdadeiro.

Antes de se casar, uma mulher nessa situação tinha um mês para prantear a morte de seus pais (21:13), o mesmo período reservado para prantear a morte de líderes honrados (34:8; Nm 20:29). Seu pai provavelmente havia sido morto na guerra (20:13), e, mesmo que a mãe tivesse sobrevivido, havia a possibilidade de as duas nunca mais se encontrarem caso tivessem sido entregues a famílias diferentes.

A instrução para a mulher raspar a cabeça, cortar as unhas e remover as roupas estrangeiras talvez seja relacionada a seu luto pelo povo do qual se encontrava separada (14:1). Também pode simbolizar sua transição do passado para um novo contexto de vida. Mais importante, porém, é que esse procedimento parece fazer parte de um ritual de purificação (cf. Lv 14:8; Nm 8:7). O Senhor separou os filhos de Israel para si como um povo santo, e esses atos simbolizavam que a mulher também estava sendo separada. Quando o mês de luto chegasse ao fim, o homem podia tomá-la como esposa legítima (21:13).

Se o casamento não fosse feliz, a mulher era protegida pela lei (21:14). Não podia simplesmente ser transformada em escrava ou vendida para outra pessoa. Tinha liberdade de ir para onde quisesse.

21:15-17 **OS DIREITOS DO PRIMOGÊNITO.** A apresentação dessa lei difere das anteriores por empregar um estilo legal impessoal (“um homem”) enquanto a maioria das instruções até aqui é dirigida à segunda pessoa do singular (“tu”). Também difere pelo fato de não se referir a Deus, como fazem quase todas as outras leis. No entanto, é semelhante à lei anterior quanto ao fato de tratar de um indivíduo cujos direitos podem ser violados dentro da família. O indivíduo em questão aqui é o filho de uma esposa menos amada num casamento polígamo (21:15). Se fosse o primogênito, esse filho teria direito aos privilégios que acompanhavam tradicionalmente essa posição, não obstante a atitude do pai em relação à mãe desse filho (21:16).

A situação na qual um marido polígamo preferia uma esposa à outra não era incomum (Gn 29:30-31; 1Sm 1:4-5). Mas o direito do primogênito à *dobrada porção* era corroborado por uma longa tradição (21:17; cf. tb. Gn 27; 48:14) e não podia ser desconsiderado em razão desse favoritismo. No entanto, é interessante observar que o AT fornece vários exemplos de casos em que o filho mais novo é preferido ao seu irmão mais velho: Jacó e Esaú, Isaque e Ismael, Efraim e Manassés, Davi e seus irmãos mais velhos, e Salomão e seus irmãos mais velhos. Mas esses casos são apresentados explicitamente como exceções ao costume geral.

Hoje em dia, o primogênito não desfruta mais de uma posição tão especial, mas o princípio segundo o qual os pais não devem demonstrar favoritismo em relação aos filhos ainda é válido. Todos os filhos devem herdar o que lhes é devido.

21:18-21 **UM FILHO REBELDE E OBSTINADO.** Desconsiderar o filho primogênito era um abuso de autoridade da parte do pai. Mas havia casos em que um filho abusava de seus pais (21:18). O comportamento descrito nessa passagem representa uma violação grave do quinto mandamento (5:16) e ameaça a transmissão da aliança para a geração seguinte. A descrição do filho como um *dissoluto e bebedor* (21:20) deixa claro que seu comportamento extrapolava os desentendimentos ocasionais normais entre pais e filhos. Também não há dúvida de que o conflito não afetava apenas o pai ou a mãe, pois ambos deviam tomar uma atitude juntos e levar o filho *aos anciãos da cidade* (21:19). Cabia, então, aos anciãos decidir as medidas a serem tomadas e, desse modo, averiguar se as acusações não eram exageradas. Se os anciãos concordassem com os pais acerca da culpa do filho, os homens da cidade deviam apedrejá-lo até a morte (21:21). Em outros casos nos quais se aplicava a pena de morte, as testemunhas deviam participar do apedrejamento. O mesmo não ocorre aqui. De acordo com alguns comentaristas, essa diferença no procedimento se dava não apenas em consideração aos sentimentos dos pais, mas

também para lembrá-los de que não tinham o poder de determinar se seus filhos deviam viver ou morrer. Somente a comunidade podia impor uma pena tão severa.

**21:22-23 O CORPO DE UM CRIMINOSO EXECUTADO.** Nas sociedades antigas, era comum expor o corpo dos executados, como aviso para outros (**21:22**), pendurado em uma árvore ou empalado. Tanto os filisteus (1Sm 31:10) quanto os assírios costumavam deixar o corpo dos inimigos em exposição. Em Israel, o corpo de um criminoso executado só podia ficar exposto por algumas horas, e nunca durante a noite, devendo, portanto, ser sepultado no mesmo dia da execução (**21:23**). Esse corpo era um objeto amaldiçoado por Deus e contaminaria a terra da mesma forma como o contato com um cadáver contaminava uma pessoa (Nm 19:11-13). Séculos depois, o apóstolo Paulo fez uma analogia entre essa lei e o fato de Cristo ter se tornado maldição ao ser pendurado numa cruz (Gl 3:13).

**22:1-4 A RESTITUIÇÃO DE UM BEM EXTRAVIADO.** Essa lei trata dos procedimentos a serem observados com respeito a um bem extraviado. Em primeiro lugar, não se deve ignorar o extravio (**22:1,3-4**) — neste caso, de um animal — que implicará prejuízo para o vizinho. Em segundo lugar, deve-se tomar providência para evitar que o vizinho sofra o prejuízo. Essas leis continuavam sendo válidas mesmo quando uma pessoa não conhece o vizinho ao qual o animal ou outro bem encontrado pertence (**22:2**). O animal ou objeto encontrado deve ser guardado até que seu verdadeiro dono apareça.

Assim, quando uma pessoa pega dinheiro que encontrou no chão ou quando um cabrito sem marca de propriedade se junta ao rebanho de alguém, essa ocorrência não pode ser interpretada como uma bênção inesperada do Senhor. Antes, é dever da pessoa que encontrou o bem extraviado procurar o dono até achá-lo. Essa é uma aplicação prática da instrução para amar o próximo como a si mesmo (Lv 19:18; Lc 10:27).

**22:5 O TRAVESTISMO.** A lei contra o uso de roupas do outro sexo (**22:5**) provavelmente era relacionada a elementos da religião cananeia. De acordo com alguns estudiosos, o travestismo masculino e feminino era um elemento ocasional do culto à deusa Astarte. No entanto, também é possível que fosse relacionado à aversão dos israelitas por todas as coisas contrárias à natureza.

Tendo em vista a semelhança no estilo de roupas de ambos os sexos na época em que a lei foi dada e das grandes diferenças na percepção cultural daquilo que era apropriado quanto às vestimentas de homens e mulheres, essa lei deve ser interpretada com cautela nos dias de hoje. Sem dúvida, é uma simplificação absurda considerá-la apenas uma proibição às mulheres usarem calças compridas! Em vez de focalizar peças de roupa específicas, talvez o princípio em questão se refira à importância de preservar algumas diferenças entre os sexos no tocante à forma de vestir. Não se trata de negar o fato de que todos os cristãos têm o mesmo

valor aos olhos de Deus, não obstante o sexo (Gl 3:28), mas apenas de reconhecer que Deus criou dois sexos. O Criador nos fez diferentes, e podemos honrar essa distinção.

**22:6-7 A PRESERVAÇÃO DA MÃE AVE.** Os israelitas não criavam aves domésticas, mas tinham permissão de consumir certos tipos de pássaros (14:11) e seus ovos. Assim, encontrar um ninho era uma oportunidade de obter alimento. No entanto, a lei determina que os ovos ou passarinhos podem ser removidos do ninho, mas a mãe deve ser deixada (**22:6-7**). Essa instrução provavelmente não se deve a uma associação sentimental com a maternidade, mas ao fato de que, preservando a mãe ave, esta poderia botar outros ovos e chocar mais filhotes, protegendo a espécie e garantindo a provisão de mais alimento. Trata-se, portanto, de um exemplo antigo de legislação conservacionista!

**22:8 UMA MEDIDA DE SEGURANÇA.** Os telhados planos das casas do Oriente Médio eram usados para vários fins. Era comum as pessoas dormirem, realizarem tarefas domésticas e receberem amigos nos terraços. Para evitar acidentes, a lei prescreve a construção de um parapeito ao redor do telhado (**22:8**). Se não houvesse um parapeito e alguém caísse e se machucasse ou morresse, o dono da casa teria de indenizar a vítima pelos danos sofridos ou ser julgado por homicídio acidental.

Essa lei mostra claramente a preocupação de Deus com a legislação que visa proteger a vida de suas criaturas. Precauções desse tipo acarretam despesas e, muitas vezes, são ignoradas em locais de trabalho, mas empregadores e proprietários responsáveis por danos físicos que poderiam ter sido evitados prestarão contas a Deus. Na África, a falta de cuidado no trânsito causa inúmeras fatalidades. Muitas vezes, os responsáveis por esse tipo de acidente são motoristas de lotação que desrespeitam os limites de velocidade na tentativa de transportar o maior número possível de passageiros ao longo do dia. Deus condena esses comportamentos, pois refletem descaso pela vida humana.

**22:9-11 A PROIBIÇÃO DE CERTAS MISTURAS.** Não é possível determinar com certeza o motivo de certas misturas não serem permitidas. Talvez a proibição tivesse, em parte, o intuito de manter as distinções criadas por Deus. Poderia, ainda, ser uma forma de evitar a crueldade contra os animais e, também, de lembrar ao povo que o culto a Deus não podia ser misturado com os cultos pagãos. O Senhor não deve ser adorado com exclusividade. No entanto, nenhuma dessas explicações é inteiramente satisfatória, e, de acordo com alguns comentaristas, as práticas proibidas talvez fossem associadas a certos elementos da religião pagã desconhecidos hoje em dia. É possível, também, que cada uma das três proibições dessa seção tenha uma explicação diferente.

**22:12 O USO DE BORLAS.** A proibição de misturar tecidos em **22:11** é seguida de uma ordem para costurar borlas, ou fios torcidos, *nos quatro cantos do manto com que te cobrires* (**22:12**). Como Números 15:37-41 explica, essas borlas de-



viam lembrar o povo de seu relacionamento com Deus e da necessidade de obedecer aos seus mandamentos.

**22:13-21 ALEGAÇÕES ACERCA DE UMA MULHER RECÊM-CASADA.** A lei deixa claro que o sexo antes e fora do casamento tem consequências sérias para todas as partes envolvidas. A lei não favorece homens nem mulheres; ambos devem prestar contas de seu comportamento. Se um marido descobrisse que a esposa não era virgem ao se casar, tinha o direito de exigir que ela fosse apedrejada até a morte por ter relações sexuais antes do casamento e envergonhar a comunidade (22:21). No entanto, a lei previa a possibilidade de um marido usar essa acusação para tentar se livrar da esposa ao perceber que não gostava dela (22:13-14). Assim, a recomendação é para os pais da moça fornecerem prova de sua virgindade na forma de um lençol ou peça de roupa usada na noite de núpcias e manchada de sangue ou alguma comprovação de que a filha havia menstruado regularmente até se casar (22:15-17). O marido que mentisse devia pagar uma multa pesada (22:19) e não podia jamais se divorciar. Essa prescrição pode parecer severa para a mulher, mas talvez reflita o fato de que, depois de ter sua reputação questionada, seria difícil ela encontrar outro marido ou sobreviver por sua própria conta numa sociedade que não tinha espaço para mulheres solteiras. Essa prescrição talvez protegesse a mulher de uma vida de pobreza extrema, obrigando o marido a prover o sustento.

Tendo em vista o divórcio ser permissível no antigo Israel (24:1), é difícil entender por que o marido seria tentado a mentir sobre a virgindade da esposa a fim de se livrar dela. Talvez isso se deva a algumas exigências das leis antigas, segundo as quais, ao se divorciar da esposa, o marido tinha de devolver o dote que ela havia trazido consigo, e todos os presentes do marido para a esposa ficavam com ela e sua família. No entanto, se a esposa fosse considerada culpada de ter relações sexuais antes do casamento, ela seria executada, e o marido ficaria com todos esses bens. Havia, portanto, a possibilidade de que o marido mentisse sobre a esposa por ganância.

**22:22-29 ADULTÉRIO E ESTUPRO.** Essa seção trata de outros exemplos de imoralidade sexual. O primeiro é o adultério, definido como uma relação extraconjugal com uma mulher casada (22:22). O adultério era proibido nos Dez Mandamentos (5:18), e a pena de morte devia ser aplicada às duas partes envolvidas (uma instrução ignorada quando os judeus colocaram diante de Jesus somente a mulher surpreendida em adultério; João 8:3-5). O adultério era considerado um pecado que contaminava toda a terra: *Eliminarás o mal de Israel*.

A proibição desse ato incluía uma moça que estivesse noiva. Na cultura israelita, o noivado era a declaração formal de que o casamento se realizaria e era acompanhado da troca de presentes. Os noivos assumiam um compromisso de fidelidade mútua. Assim, o noivo ou a noiva que tinha relações sexuais com outra pessoa cometia um ato de

infidelidade conjugal, e ambas as partes envolvidas eram condenadas à pena capital (22:23-24).

No entanto, essa pena se aplicava apenas se a relação sexual tivesse ocorrido dentro de uma cidade israelita. Acreditava-se que, nesse contexto, se a mulher não consentisse, poderia pedir socorro (22:24), e o ato passaria a ser considerado estupro.

Porém, se uma moça noiva se encontrasse no campo e, portanto, numa situação em que não teria como se defender e em que seus gritos não seriam ouvidos, o episódio era considerado um estupro, e somente o homem era condenado à pena capital (22:25), pois o estupro era considerado semelhante ao homicídio.

Se uma moça fosse estuprada antes de ficar noiva, o homem devia pagar uma multa ao pai da moça e se casar com ela, e não era permitido que pedisse o divórcio posteriormente (22:28-29). Essa prescrição protegia tanto a mulher quanto o filho nascido de um estupro.

A ênfase na responsabilidade sexual contida nessas passagens contrasta com a frequente casualidade com que se encara a violência sexual na África hoje, que destrói a vida de tantas mulheres no continente. A igreja precisa ser mais incisiva com relação a esse tema.

**22:30 MADRASTAS E ENTEADOS.** A última prescrição acerca de relações sexuais ilícitas trata da atração indevida de um homem por sua madrasta, supostamente depois desta ficar viúva ou receber a carta de divórcio. Esse tipo de situação não devia ser incomum, tendo em vista a grande diferença de idade que havia muitas vezes entre o marido e a esposa, bem como a proximidade pela relação familiar. No entanto, a lei proíbe categoricamente esse tipo de união: o homem que se casar com sua madrasta *profanará o leito de seu pai* (22:30; cf. tb. 27:20).

**23:1-9 A ADMISSÃO NA ASSEMBLEIA.** Ao que parece, a *assembleia do Senhor* é uma referência ao povo da aliança de Deus, reunido em sua presença. Posteriormente, essa mesma expressão seria usada para se referir a uma igreja ou congregação, isto é, um grupo de pessoas reunidas para adorar a Deus. Assim, essa seção define quem pode ou não participar do culto ao Senhor.

Um homem emasculado não podia entrar na assembleia do Senhor (23:1). Essa proibição provavelmente se aplicava àqueles que haviam mutilado o corpo como parte do culto a outro deus, e não aos que haviam sofrido um acidente ou enfermidade.

*Nenhum bastardo* podia entrar no templo do Senhor (23:2). Um “bastardo” é um filho ilegítimo, mas essa definição é abrangente demais. O enfoque neste caso parece ser sobre os indivíduos nascidos de relações incestuosas (p. ex., a relação mencionada anteriormente entre um homem e sua madrasta). Esse termo também pode se referir a filhos de prostitutas culturais envolvidos ativamente na adoração a outro deus. O que importa é nosso relacionamento com Jesus, e não nossas origens (Jo 3:16; Gl 3:26-29). O

filho da prostituta que aceita Cristo é recebido de braços abertos, enquanto o filho de pastor que rejeita Cristo permanece sob condenação.

Os amonitas e moabitas eram proibidos de participar da assembleia do Senhor até sua décima geração (23:3). A instrução para não procurar a paz com eles (23:6) pode se dever ao fato de que esses grupos eram considerados descendentes de relações incestuosas entre Ló e suas filhas. No entanto, Moisés associa essa exclusão à falta de hospitalidade deles para com os israelitas e à tentativa malograda de usarem Balaão para invocar maldições de Deus sobre Israel (23:4-5; Nm 22—24).

Os descendentes dos edomitas e egípcios teriam permissão de entrar na assembleia do Senhor (23:7-8). Os edomitas receberiam esse privilégio por serem descendentes de Esaú, irmão de Jacó, e, portanto, primos dos israelitas (2:1-8; cf. tb. Gn 36:1-19). Apesar de haverem, posteriormente, escravizado os israelitas, no início os egípcios os haviam tratado com bondade e permitido que se refugassem em sua terra. Assim, a disposição de Deus de receber essas pessoas era relacionada à atitude delas em relação ao seu povo escolhido.

A bondade para com o povo de Deus não serve de base para a salvação, mas não passa despercebida ao Senhor (cf. Mt 25:40). Não apenas os cristãos, mas todos os seres humanos têm o dever moral de ajudar uns aos outros. Eis um chamado para nós, africanos, estendermos a mão e ajudarmos os necessitados. De uma forma ou de outra, Deus sempre recompensa essa bondade.

**23:10-14 A PUREZA NO ACAMPAMENTO MILITAR.** Essa seção é relacionada às prescrições anteriores acerca da guerra (cf. cap. 20). Aqui, as instruções não tratam de evitar a impureza moral, mas, sim, todas as coisas imundas (23:10). Uma poluição noturna, por exemplo, tornava um homem ritualmente impuro e o obrigava a permanecer fora do acampamento até o final do dia, quando poderia se lavar e voltar ao local (23:10-11). Uma prescrição semelhante se aplicava a todos os casos de emissão de sêmen (Lv 15:16-18), mas era somente no contexto do acampamento militar que o homem precisava sair. Essa lei provavelmente reflete a importância religiosa associada à vida e à reprodução.

A legislação também estabelece regras para a higiene. Uma área específica fora do acampamento devia ser reservada para servir de latrina e mantida limpa enterrando-se os excrementos (23:12-13). Tal asseio era necessário para não ofender o Senhor Deus que andava *no meio do teu acampamento* (23:14). O acampamento devia ser mantido santo em honra a Deus e para evitar que ele partisse dali. Essa prescrição também contribuía para a saúde dos soldados, pois removia um possível foco de infecção.

**23:15-16 ESCRAVOS FUGIDOS.** Tanto os tratados antigos como os modernos permitiam a extradição de fugitivos que haviam deixado o território de uma das partes envolvidas no tratado para buscar refúgio no território da outra parte.

Deuteronômio proíbe expressamente a extradição de escravos que fugiam de senhores estrangeiros e buscavam refúgio em Israel (23:15). Os israelitas deviam acolher esses fugitivos e permitir que se assentassem onde desejassem (22:16). Nenhuma regra é apresentada para o tratamento dos escravos israelitas fugidos, talvez porque as prescrições em 15:12-18 deixam claro que um israelita não poderia servir como escravo por mais de sete anos.

**23:17-18 PROSTITUIÇÃO CULTUAL.** O tipo de prostituição discutido aqui é diferente daquele ao qual algumas pessoas por vezes se entregam por desespero, como diz o provérbio umbundu angolano: *Nda ndi mola epuluvu ndiya ndi kakuela, pole nda sia kuelele nala ño o cipuepue* ("Se tiver oportunidade, me casarei; se não conseguir outra forma de sobreviver, me prostituirei").

Os homens e mulheres israelitas eram proibidos de se tornar prostitutos culturais (23:17), pessoas que trabalhavam nos templos de deuses cananeus, participando de ritos nos quais as relações sexuais eram associadas à fertilidade da terra. Esse comportamento era considerado abominável, pois combinava a adoração de deuses estrangeiros com a violação dos mandamentos acerca da pureza sexual.

Naquele tempo, como hoje, os prostitutos ganhavam razoavelmente bem, e era possível imaginar uma situação na qual uma pessoa que se prostituía, ou um parente, havia se comprometido a fazer uma oferta para a casa do Senhor, ou para o templo, e desejava usar o dinheiro obtido por meio da prostituição para cumprir esse voto (23:18). Qualquer oferta proveniente dessa fonte devia ser rejeitada. Deus não precisa de dinheiro. A oferta associada a um voto devia ser um sinal de gratidão por aquilo que Deus havia feito pela pessoa. No entanto, Deus recusou aceitar a implicação de que havia suprido as necessidades de tais indivíduos por meio de uma ocupação pecaminosa. Essas pessoas teriam de encontrar outra forma de cumprir seus votos.

Isso nos leva a refletir sobre o tipo de contribuição que as igrejas evangélicas estão dispostas a aceitar. A igreja deve aceitar ofertas de dinheiro proveniente de corrupção, crime ou jogos de azar, ou deve recusar financiar a obra de Deus com dinheiro obtido por meios pecaminosos? Ao ponderar sobre o uso desse dinheiro, é preciso cuidar para não tirar conclusões equivocadas. Nem sempre um homem acusado de corrupção obteve cada centavo do seu dinheiro por meios escusos. E uma mulher de reputação duvidosa pode ter obtido dinheiro de outras fontes além da prostituição. É importante todo cristão entender que Deus deseja nosso coração antes das nossas ofertas. Caso o dinheiro seja inequivocamente proveniente de corrupção ou outro pecado, a igreja deve recusá-lo, pois aceitar ofertas desse tipo comprometeria a pureza do evangelho.

**23:19-20 O EMPRÉSTIMO DE DINHEIRO A JUROS.** Como diz o provérbio umbundu angolano, *Olombongo vi kuete ovolu* ("O dinheiro tem pernas") e pode desaparecer rapidamente, obrigando a pessoa a tomar emprestado para sobreviver. Essa situação

ocorria no antigo Israel, onde algumas pessoas precisavam emprestar dinheiro a seus compatriotas para socorrê-los em momentos de crise e tratar da pobreza em suas comunidades. Esses empréstimos não eram como os empréstimos bancários, hipotecas e financiamentos comerciais de hoje, usados como capital para cobrir grandes despesas e pagos em parcelas fixas ao longo de vários anos. A estrutura econômica do tempo de Deuteronômio não possuía nenhum equivalente a esse tipo de transação financeira moderna.

Os israelitas eram proibidos de cobrar juros de seus compatriotas (23:19-20), pois os empréstimos deviam ser feitos apenas em tempos de crise, e pagar um valor ainda maior em juros só agravaria o problema financeiro da pessoa endividada. Ademais, a atitude que levaria uma pessoa a cobrar juros seria inapropriada na comunidade da aliança. Ela só era rica o suficiente para emprestar dinheiro a outros porque Deus a havia abençoado. Todas as riquezas materiais eram concedidas por Deus e deviam ser usadas para o benefício da comunidade, incluindo os necessitados em seu meio. Os empréstimos deviam ser generosos e sem juros, refletindo a gratidão do credor a Deus. Ao cultivar essa atitude, o credor continuaria sendo abençoado por Deus. No entanto, os israelitas podiam emprestar dinheiro a juros aos estrangeiros, ou seja, a indivíduos que não eram membros da comunidade da aliança (23:20).

23:21-23 VOTOS. Deus não exigia dos israelitas nenhum outro voto além do compromisso de amá-lo e obedecer-lhe. Porém, se alguém decidisse prometer alguma coisa a Deus, essa pessoa devia ser fiel à sua promessa e cumprir o voto (23:21,23). O princípio em questão é o da honestidade absoluta diante de Deus. Jesus ressalta esse princípio ao comentar sobre os votos em Mateus 5:33-37.

23:24-25 OS FRUTOS NA PROPRIEDADE DE UM VIZINHO. Era costume nas sociedades africanas permitir que visitantes comessem mandioca, milho e cana de açúcar dos campos, pois, como diz o provérbio: *Ukombe elende o pita ombamba* ("Um visitante é como uma nuvem que logo desaparece"). Na Antiguidade, o povo de Israel tinha a mesma obrigação de oferecer hospitalidade a alguém que estivesse de passagem em sua propriedade. Um visitante podia satisfazer seu apetite imediato com uvas ou cereais de seu vizinho, mas não podia levar nada consigo para comer depois. Assim, os discípulos de Jesus não estavam roubando do agricultor ao comer das espigas de cereais enquanto andavam por seus campos (Mc 2:23).

24:1-4 DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO. Como passagens anteriores indicam, o divórcio era proibido em algumas circunstâncias (22:19,29) e, portanto, possível em outras. Essa passagem não trata da natureza dessas circunstâncias, mas fala vagamente do marido que acha *coisa indecente* na esposa (24:1a). Na época de Jesus, o significado exato dessa expressão havia se tornado motivo de controvérsia, sendo essa uma das razões pelas quais os fariseus apresentaram a questão a Jesus (Mt 19:3).

O texto de Deuteronômio não focaliza as razões para o divórcio, mas, sim, os aspectos operacionais. Na cultura judaica, o processo de divórcio só podia ser iniciado pelo marido. No entanto, a mulher não ficava inteiramente desprotegida, pois o homem tinha de lhe entregar *um termo de divórcio* (24:1b), comprovando que ela não estava mais comprometida e, portanto, podia se casar novamente. É a essa cláusula da lei que Jesus se refere em Mateus 5:31 e Mc 10:4.

Se a mulher se casasse novamente e seu segundo marido falecesse ou se divorciasse dela, o primeiro marido não poderia voltar a se casar com ela (24:2-4). Desse modo, o primeiro marido não tinha acesso a qualquer riqueza que a ex-esposa houvesse adquirido no segundo casamento (cf. comentários em 22:19). Gômer, a esposa de Oseias, cuja história é relatada no livro de Oseias, voltou para seu marido, apesar de ter sido infiel, porque ele não quis se divorciar dela. Deus usou o amor e a misericórdia de Oseias como exemplo da sua própria misericórdia e fidelidade para com Israel, apesar da infidelidade do seu povo (cf. tb. Jr 3:1-8).

Não fica claro, porém, por que era considerado tão ofensivo se casar novamente com a ex-esposa. Várias explicações são conjecturadas, desde a ideia de aversão natural a um novo casamento com a mesma pessoa até o argumento de que essa proibição visava coibir um divórcio impulsivo ou o desejo de voltar atrás depois de um segundo casamento.

Embora essa passagem permita o divórcio, de acordo com o ensino de Jesus no NT, esse rompimento era apenas tolerado por Deus, mas não aprovado. Deus instituiu o casamento como um compromisso vitalício entre um homem e uma mulher (Mt 19:1-9; cf. tb. Gn 1:27; 2:24).

Como indica o comentário de que esse novo casamento de um homem com a mesma melhor da qual havia se divorciado faria *pecar a terra*, trata-se de mais um caso no qual as repercussões de um relacionamento sexual inapropriado iriam além do casal envolvido. Vemos isso ocorrer com a aids, uma doença que se propaga rapidamente quando a pureza sexual é ignorada, levando os inocentes a serem infectados pelos culpados e espalhando morte, desgosto e miséria por toda a terra.

24:5 ISENÇÃO DO SERVIÇO MILITAR. Essa lei é semelhante à de 20:7. Um homem recém-casado era dispensado do serviço militar e de outros deveres cívicos por um ano, dando ao casal tempo suficiente para se assentar e aumentando a probabilidade de que o homem deixasse descendentes caso morresse na batalha. Podemos extrair dessa instrução um princípio para o nosso tempo: Deus se interessa não apenas pelo ministério de um pastor na igreja, mas também por sua vida no lar com seu cônjuge. Os líderes que negligenciam a família por se encontrarem ocupados demais na igreja não receberão um "muito bem, servo bom" do Senhor.

24:6 O PENHOR DA PEDRA DE MOINHO. No antigo Israel e por todo o Oriente Médio, os cereais usados na alimentação diária eram moídos entre duas pedras, e a pedra de cima se movia sobre a de baixo. Tomar essas duas pedras, ou

mesmo apenas a de cima, como penhor de uma dívida impossibilitava a família de preparar seu alimento. Mais uma vez, a lei demonstra a preocupação de proteger os pobres de qualquer abuso.

**24:7 RAPTO.** O crime descrito aqui não corresponde aos sequestros de hoje, nos quais os criminosos exigem o pagamento de um resgate para não fazer mal à vítima, embora o termo usado no original também possa descrever esse tipo de situação. Aqui, o caso é mais parecido com o que ocorre na África quando crianças ou adultos são arrancados de seus lares e obrigados a viver como escravos e realizar tarefas como carregar cargas, preparar comida ou mesmo lutar nas milícias de seus captores. Quer o criminoso mantivesse a pessoa capturada a seu serviço quer a vendesse como escrava para outrem, a pena era a mesma — a morte (**24:7**). **24:8-9 LEPROSA.** A doença chamada aqui de “lepra” não corresponde à enfermidade conhecida por esse nome nos dias de hoje. Em vez de fornecer prescrições detalhadas acerca de pessoas com esse mal, o texto remete os leitores a outras instruções dadas anteriormente sobre essa questão (cf. Lv 13—14). O povo é apenas exortado a seguir as instruções dadas pelos *sacerdotes levitas* (**24:8**). A referência à lepra de Miriã talvez visasse lembrar que esse mal podia acometer qualquer pessoa da comunidade, não obstante sua posição, e podia ser um sinal do desprazer de Deus (**24:9**; cf. tb. Nm 12:9-16).

**24:10-13 LEIS ACERCA DE PENHORES.** Esses versículos voltam a falar das garantias a empréstimos, discutidas em 24:6. O autor também trata de empréstimos em 23:19-20, em que os israelitas são proibidos de cobrar juros. No entanto, os credores podiam pedir algo como garantia de pagamento do empréstimo, desde que fossem respeitados os direitos de propriedade e a dignidade da pessoa que estava tomando emprestado. O credor não podia simplesmente entrar na casa dessa pessoa e especificar quais bens desejava tomar como penhor (**24:10**); devia esperar fora da casa enquanto a pessoa decidia o que lhe entregar como garantia (**24:11**). Quando o penhor era uma peça de roupa, o credor devia devolvê-la no fim do dia para que a pessoa não passasse frio durante a noite (**24:12**). Esse gesto suscitaria gratidão e agradaria a Deus.

Os princípios por trás dessas restrições impostas aos credores ainda são válidos para o nosso tempo, tanto em nível individual quanto nacional. Muitas nações africanas estão sofrendo sob o peso de suas dívidas a países do Ocidente, e campanhas como o Jubileu de 2000 foram criadas para pedir que essas dívidas sejam perdoadas, pois impõem um fardo intolerável sobre os pobres. Até agora, porém, esses esforços não surtiram nenhum efeito expressivo.

**24:14-15 PROTEÇÃO PARA OS EMPREGADOS.** É da vontade de Deus que os pobres sejam tratados com justiça. Numa sociedade agrária, os agricultores cujas terras não produziam o suficiente para sustentar suas famílias e que se viam obrigados a trabalhar para outros eram, sem exceção, indivíduos

pobres e necessitados. Quer prestassem serviços para um compatriota israelita ou um estrangeiro que vivia no meio do povo, esses trabalhadores deviam ser pagos no final de cada dia de trabalho, como era costume na época. Se o patrão não pagasse conforme combinado, o trabalhador podia clamar ao Senhor, expondo-lhe essa negligência pecaminosa do patrão. Vemos aqui um princípio a ser seguido por patrões e funcionários na África. O patrão que não paga seus funcionários o salário devido precisa ser lembrado de que Deus tomará partido desses funcionários e disciplinará o patrão pela injustiça. E os funcionários que não conseguem negociar com o patrão o pagamento ao qual têm direito devem clamar a Deus crendo que ele agirá em favor deles.

**24:16 RESPONSABILIDADE PESSOAL.** A solidariedade familiar era um pressuposto fundamental da sociedade semítica no tempo de Moisés. Assim, há ocasiões em que famílias inteiras são mortas em decorrência do pecado de um de seus membros (Js 7:25-26). No entanto, como esse versículo deixa claro, tais castigos conjuntos não deviam ser a norma. Muitos anos depois, o rei Amazias é elogiado por sua recusa em executar as famílias dos assassinos de seu pai (2Rs 14:6), sugerindo que nem sempre Israel aplicava esse princípio e contradizendo a argumentação de alguns estudiosos segundo os quais o conceito de responsabilidade individual só se desenvolveu bem mais tarde em Israel. O Pentateuco reconhece esse princípio claramente.

**24:17-18 PROTEÇÃO DOS FRACOS E INDEFESOS.** Vários códigos legais antigos atribuíam ao rei a função de garantir a justiça para os indefesos da sociedade, como os órfãos, as viúvas e os estrangeiros que viviam no meio de seu povo. O AT, porém, ressalta que essa responsabilidade diz respeito a todos os membros da sociedade. Os israelitas foram lembrados de como haviam sofrido quando eram escravos indefesos no Egito. Deus havia demonstrado misericórdia para com os filhos de Israel, e eles deviam fazer o mesmo para com outros. Não deviam ter a atitude expressada no provérbio umbundu angolano: *Po lofa via cimboto omanu va siya* (“As pessoas cospem quando um sapo morre”), ou seja, os pobres são tão insignificantes que sua morte passa despercebida. A atitude dos israelitas devia ser diferente.

**24:19-22 A RESPIGA.** A preocupação com os pobres se reflete nessa medida para garantir a provisão de alimentos. Assim, o agricultor não devia ser meticuloso na hora da colheita, apanhando cada espiga de cereal, cada uva ou cada azeitona de seu campo. Depois que os segadores tivessem passado pelo campo uma vez, tudo que havia ficado para trás devia ser deixado para os pobres. Essa prática era seguida no tempo de Rute, pois a vemos sair para respigar, juntando alimentos para si e para sua sogra, a viúva Noemi (Rt 2). Essa instrução é dada duas vezes no livro de Levítico (Lv 19:9-10; 23:22), cada uma seguida do comentário: “Eu sou o SENHOR, vosso Deus”. É possível que Deus estivesse enfatizando que essas dádivas concedidas aos pobres equivaliam a ofertas apresentadas a ele.



A instrução *Lembrar-te-ás de que foste escravo na terra do Egito (24:18,22)* é repetida. Essa experiência não devia ser esquecida, apesar de muitos dos ouvintes de Moisés terem deixado o Egito quando ainda eram muito pequenos ou terem nascido no deserto, não se lembrando claramente da escravidão. Cada geração devia se identificar com a história de sua nação e descobrir como devia afetar sua conduta no presente.

**25:1-3 O CASTIGO FÍSICO.** As *contendas* não deviam ser resolvidas com violência, mas, sim, levadas a *juízo (25:1)*. Se uma pessoa fosse condenada e considerada merecedora de um castigo físico, a administração dessa pena devia ser supervisionada pelo *juiz (25:2)*, medida que evitava a aplicação de castigos desproporcionais à transgressão. A pena máxima nos casos de castigo físico eram *quarenta açoites (25:3)*, um número encontrado em outros códigos legais da época. Na lei judaica posterior, esse número foi reduzido para 39 a fim de evitar exceder o limite de quarenta (cf. 2Co 11:24).

Embora o açoitamento público fosse, sem dúvida, uma experiência humilhante para a vítima, não era um castigo degradante quando aplicado dentro dos limites estabelecidos. O princípio por trás dessa regra é expressado no provérbio umbundu *Ci longa longa omolâ ohombo utue wawe vombia* (“O insensato deve ser tratado com severidade para o seu próprio bem”).

**25:4 A PROIBIÇÃO DE ATAR A BOCA DO BOI.** No antigo Oriente Médio, os bois eram usados para arar o solo antes do plantio e para debulhar os cereais depois da colheita. Para fazer a debulha, o cereal colhido era espalhado na eira e, sobre essas espigas, o boi andava em círculos, arrastando um trilho cortante — uma peça de madeira à qual eram fixadas pedras afiadas. Depois que o trilho desprendia a palha dos grãos, a mistura era lançada para o alto com um garfo de joeirar, fazendo o vento levar embora a palha enquanto os grãos caíam no chão da eira.

A mesma compaixão expressada na preocupação pelos pobres e insistência em que lhes fosse permitido respigar os campos depois da colheita (24:19-22) é estendida aos animais. O boi não devia ser forçado a trabalhar cercado de alimento sem poder comê-lo (25:4). Todas as criaturas de Deus deviam ser tratadas com bondade.

No NT, Paulo cita esse versículo para mostrar que os obreiros da igreja têm o direito de ser sustentados pela igreja (1Co 9:9; 1Tm 5:18). Um provérbio umbundu expressa uma ideia semelhante: *O munu apa a talavaya* (“O pão do trabalhador vem do lugar onde ele trabalha”).

**25:5-10 O CASAMENTO DE LEVIRATO.** Uma vez que os israelitas não tinham um conceito amplo de vida após a morte, buscavam a imortalidade por meio dos filhos, pois estes dariam continuidade à linhagem da família, garantindo que seu nome não seria esquecido. Morrer sem deixar um filho era considerado uma tragédia. Assim, encontramos aqui algumas providências legais para evitar essa situação por meio do casamento de levirato, no qual a viúva se casava com o

irmão do marido falecido (25:5). O primeiro menino nascido dessa união era considerado filho do falecido e herdava suas propriedades (25:6). Um exemplo dessa prática que também protegia a viúva pode ser encontrado na história de Rute, com a qual Boaz se casou de acordo com a lei do levirato.

No entanto, nem sempre o irmão concordava com essa medida, pois o filho que era considerado descendente do falecido herdava terras que, de outro modo, ficariam com a família do irmão. Se o irmão falecido era o mais velho, seu filho tinha parte no direito de primogenitura, o que reduzia consideravelmente a herança do irmão sobrevivente. A relutância em aceitar uma situação desse tipo pode ser observada na história de Tamar em Gênesis 38:1-11. Mas, enquanto Tamar forçou Judá a cumprir suas responsabilidades usando de dissimulação, Deuteronômio oferece uma alternativa para uma mulher nessa situação. A viúva podia chamar o cunhado relutante diante dos anciãos e envergonhá-lo tomando a sandália do cunhado e cuspidno no rosto dele (25:7-9). Daquele momento em diante, a família do cunhado seria chamada de *a casa do descalçado (25:10)* para lembrar que ele não havia demonstrado preocupação por seu irmão e pela cunhada viúva. Pode-se supor que, diante desse estigma, outras famílias se mostrariam menos dispostas a deixar seus filhos se casarem com os membros da “casa do descalçado”.

Ao relacionar essa lei com o contexto africano e com a prática da herança da viúva, devemos nos lembrar dos perigos da possível transmissão do HIV. Uma vez que o costume antigo seria perigoso para homens e mulheres nos dias de hoje, a igreja deve buscar outras formas de sustentar as viúvas. Isso pode ser feito, por exemplo, ajudando essas mulheres sem fonte de renda a começar seu próprio negócio, a pagar pelos estudos de seus filhos e outras despesas. Algumas igrejas africanas também estão começando a oferecer apoio emocional às viúvas. Ideias criativas como essas precisam ser apoiadas e incentivadas pela igreja, pois o desafio da aids continuará presente nos anos por vir.

**25:11-12 A AGRESSÃO CONTRA AS PARTES PUDENDAS DE UM HOMEM.** Como a lei anterior, esta é relacionada à possibilidade de gerar herdeiros. A mulher que tomasse esse tipo de providência para apartar uma briga poderia ferir gravemente o homem em questão e afetar sua capacidade de gerar filhos. Assim, apesar de haver interferido em defesa de seu marido, essa mulher ficava sujeita a uma pena severa: *Cortar-lhe-ás a mão (25:12)*.

**25:13-16 PESOS E MEDIDAS.** A lei sobre o uso correto de pesos é relacionada a uma situação comum no passado (Am 8:5; Mq 6:10-11) e ainda existente nos dias de hoje. O produto comprado pelo freguês é medido com um peso que deveria corresponder a meio quilo, mas que, na verdade, é um pouco mais leve. Em vez de levar exatamente meio quilo de açúcar, por exemplo, o freguês acaba levando menos. Porém, quando esse açúcar foi entregue ao comerciante, ele usou um peso de “meio quilo” um pouco mais pesado

e, portanto, pagou por determinada quantidade do produto, mas recebeu a mais.

O princípio por trás dessa lei é relacionado a todas as transações comerciais. As pessoas devem receber aquilo pelo que pagaram, sem nenhuma tentativa de fraude.

**25:17-19 A ORDEM PARA EXTERMINAR OS AMALEQUITAS.** Muitas das leis dessa seção de Deuteronômio trataram da preocupação de Deus com os pobres e explorados. A injunção final desse capítulo expressa o julgamento divino sobre aqueles que não demonstram a mesma preocupação. Os amalequitas haviam atacado a retaguarda da longa procissão de israelitas e exterminado os idosos, fracos e enfermos que haviam ficado para trás (**25:17-18**). O Senhor deu ordem para os israelitas destruírem os amalequitas por esses crimes (**25:19**; cf. tb. 1Sm 14:48; 15:1-8) e, posteriormente, prometeu castigar outros povos responsáveis por crueldades semelhantes (Am 1:3—2:3), usando Israel como um de seus instrumentos (Sl 149:7; Is 41:14-15).

### *26:1-15 Dois rituais associados a ofertas*

Este é o fim do texto estritamente legal de Deuteronômio, e essa seção do livro se encerra com instruções detalhadas acerca da realização de dois rituais: a apresentação das primícias (**26:1-11**) e a apresentação dos dízimos do terceiro ano (**26:12-15**). Uma vez que esses dois rituais eram intimamente ligados à agricultura, corriam maior risco de ser contaminados por elementos da religião cananeia cujo objetivo principal era manter a fertilidade da terra. Talvez este seja um dos motivos pelos quais era necessário atentar nas palavras exatas a serem proferidas nessas ocasiões. Outro motivo para a explicação minuciosa pode ser o fato de que os israelitas não celebrariam nenhum desses festivais sob a supervisão de Moisés, mas somente depois de se assentarem na terra prometida (**26:1**).

**26:2-11 A LITURGIA DAS PRIMÍCIAS.** As instruções para essa liturgia começam ressaltando que a oferta deve ser dos frutos *da terra que te dá o Senhor, teu Deus* (**26:2**). A referência frequente ao “Senhor, teu Deus” nessa seção (**26:1,2,3,4,5,10,11**) enfatiza que o deus pagão Baal não é responsável nem pela fertilidade da terra, nem pela prosperidade do povo.

As primícias colocadas no cesto eram, obviamente, apenas uma amostra dos diversos produtos agrícolas cultivados na terra (**26:2**). Essa porção simbólica devia ser apresentada *ao que, naqueles dias, for sacerdote* (**26:3**), ou seja, ao sacerdote em exercício no santuário central. Ao entregar o cesto ao sacerdote, os adoradores deviam professar que estavam vivendo numa terra prometida por Deus a seu povo. A cerimônia também se encerrava com a declaração de que a oferta das primícias era um reconhecimento grato dessa dádiva (**26:10**).

O sacerdote devia tomar o cesto e colocá-lo *diante do altar* (**26:4**). Em **26:10**, parece ficar implícito que o adorador colocava o cesto diante do altar no final da cerimônia. Não

se trata, porém, de uma contradição, pois a cerimônia é tão curta que as palavras são proferidas durante a realização dos atos, e, como somente os sacerdotes podiam se aproximar do altar, na verdade o sacerdote faz essa apresentação em nome do adorador.

Enquanto o cesto está sendo colocado diante do altar, o adorador faz uma confissão de fé (**26:5-10**) que resume a história do povo até então, desde o tempo dos patriarcas até o êxodo e a entrada na terra prometida. Surpreendentemente, não há nenhuma referência à necessidade de obedecer aos mandamentos de Deus, uma instrução incluída na recapitulação histórica em **6:20-25**. Talvez isso se deva ao fato de que o capítulo 6 trata da transmissão da fé à geração seguinte, enquanto aqui o enfoque é sobre o ato pessoal de um adorador que aceitou essa fé e já está agindo em obediência ao mandamento de Deus.

A cerimônia é solene, mas não triste, e sua descrição é seguida da instrução para alegrar-se *por todo o bem* recebido de Deus. Essa alegria deve ser compartilhada por toda a casa, e também pelos levitas e estrangeiros vivendo no meio do povo. Ao que parece, isso significa que a oferta das primícias era seguida de uma refeição especial de celebração.

**26:12-15 A LITURGIA PARA OS DÍZIMOS DO TERCEIRO ANO.** A cada terceiro ano, os israelitas deviam entregar os dízimos em suas próprias cidades e vilas. Os suprimentos recolhidos deviam, então, ser usados para ajudar os pobres (**26:12**; cf. tb. 14:28-29), especificados aqui como o *levita*, o *estrangeiro*, o *órfão* e a *viúva*. Os sacerdotes do santuário central não receberiam esses dízimos e, portanto, não teriam como saber se a prescrição estava sendo observada ou não; assim, o adorador tinha de declarar solenemente estar obedecendo à lei (**26:13**). Ao mesmo tempo, devia afirmar: *Dos dízimos não comi no meu luto e deles nada tirei estando imundo, nem deles dei para a casa de algum morto* (**26:14**), atividades possivelmente associadas, de algum modo, à religião cananeia. A declaração termina com uma oração para que Deus abençoe Israel e sua terra.

### *26:16-19 Uma exortação final*

A seção toda desde 5:1 até esses versículos constituiu o segundo discurso de Moisés, no qual apresenta ao povo tanto os princípios gerais quanto as prescrições específicas da lei da aliança. Agora, ele encerra com uma lembrança do chamado divino à obediência sincera (**26:16**) e recorda duas declarações feitas anteriormente. Na primeira, Israel havia prometido aceitar os termos da aliança estabelecidos por Deus (**26:17**) e, na segunda, Deus havia afirmado o *status* de Israel como *povo seu próprio* (**26:18**). Essa condição especial acarretava a obrigação de obedecer a Deus, mas também seria acompanhada de bênçãos que trariam aos israelitas *louvor, renome e glória*, bem como da promessa de que seriam *povo santo ao SENHOR, teu Deus* (**26:19**). Aqui, o termo “santo” significa “separado para Deus”. O Senhor ga-

rantiria que essa separação para si também se manifestaria numa separação de seu povo do pecado. Convém observar que essa promessa é feita ao povo como um todo e, portanto, não significa que cada um de seus indivíduos receberia “louvor, renome e glória”.

### 27:1-26 A renovação da aliança na terra prometida

Esse capítulo difere dos anteriores e posteriores por se referir a Moisés ocasionalmente na terceira pessoa, em vez de apresentá-lo como o locutor principal, como é o caso até aqui. Outra característica incomum desse capítulo é a descrição de duas cerimônias a serem realizadas somente uma vez. Todas as outras instruções de Deuteronômio se referem a práticas que deveriam ser seguidas de geração em geração.

#### 27:1-8 As estipulações finais da aliança

Como a referência direta a Moisés (27:1) — a primeira desde 5:1 — indica, este versículo marca o início de uma nova seção do livro de Deuteronômio. Desta vez, Moisés aparece na companhia dos anciãos responsáveis por garantir a execução das ordens aqui relacionadas quando o povo tiver atravessado o Jordão, um acontecimento ainda por se realizar (27:2).

Uma vez que o povo tiver entrado na terra prometida, deverá levantar *pedras grandes*, caiá-las e escrever nelas *todas as palavras desta lei* (27:2-3). A prática de registrar informações importantes desse modo era comum no antigo Oriente Médio. Algumas das inscrições encontradas pelos arqueólogos são tão longas quanto o segundo discurso do livro de Deuteronômio. Porém, também pode ser que a expressão “todas as palavras” não se refira ao texto completo de 5:1 a 26:19, mas, sim, a um resumo. De qualquer modo, fica evidente que a lei existia em forma escrita desde tempos remotos.

As pedras deviam ser levantadas no *monte Ebal* (27:4), próximo do qual o povo devia construir um altar. A instrução para não usar nenhum *instrumento de ferro* nas pedras do altar (27:5; cf. tb. Êx 20:25) talvez tivesse o objetivo de evitar que os israelitas esculpissem imagens no altar, violando, desse modo, o segundo mandamento (5:8). Holocaustos e ofertas pacíficas deviam ser apresentados sobre o altar. Os holocaustos eram inteiramente consumidos pelo fogo (Lv 1:1-17), mas algumas partes das ofertas pacíficas eram usadas para realizar uma refeição sagrada (27:6-7). A combinação de holocaustos e ofertas pacíficas aparece com frequência no AT.

A construção no monte Ebal de um altar além daquele que já existia na tenda da congregação, o santuário central, indica que era permitido construir altares em outros locais (cf. tb. 1Sm 9:12). No entanto, o lugar principal de culto era o altar do santuário central.

#### 27:9-10 Um desafio

Mais uma vez, Moisés fala a *todo o Israel*, exigindo a atenção total do povo. Ao aceitar os termos da aliança, Israel se

tornou o *povo do SENHOR, teu Deus* (27:9). Portanto, deve ouvir as palavras de Deus e obedecer a elas, incluindo todas as ordens de Moisés em relação à cerimônia de renovação da aliança quando Israel entrar na terra prometida (27:10). Esses versículos ressaltam a relação entre a aliança e a obediência. A aliança veio primeiro, e a obediência era a resposta grata de Israel por ter sido escolhido como povo de Deus.

#### 27:11-26 A cerimônia no monte Ebal

Moisés descreve uma cerimônia impressionante. As tribos, ou seus representantes, deviam se dividir em dois grupos. Cada grupo devia se posicionar na encosta de um dos montes e se voltar para o outro grupo posicionado do outro lado de um vale pelo qual passava a estrada. Seis tribos — Simeão, Levi, Judá, Issacar, José e Benjamim, todos descendentes de Raquel e Lia, as esposas de Jacó — deviam se postar no monte Gerizim, ao sul, para *abençoarem o povo* (27:12). As outras seis tribos — Rúben, Zebulom, Dã, Nafali e Aser, os descendentes das concubinas de Jacó — deviam se postar no monte Ebal, ao norte, para *amaldiçoar* (27:13). Este posicionamento parece simbolizar a diferença radical entre os dois possíveis destinos reservados para o povo: bênçãos caso obedecesse, e maldições caso desobedecesse (cf. tb. Mt 25:31-46).

Uma vez que o povo estivesse devidamente posicionado, os sacerdotes levíticos no monte Ebal recitariam a primeira das maldições em 27:15-26. Então, *todo o povo* responderia: *Amém!* (27:15), indicando que concordava com essa maldição. O mesmo padrão de proclamação e resposta devia ser seguido para cada uma das doze maldições subsequentes. É possível que o número doze tenha sido escolhido para corresponder ao número de tribos em Israel.

A primeira maldição recai sobre *quem fizer imagem de escultura ou fundição*, abrangendo qualquer tipo de imagem feita de madeira, pedra ou metal. A confecção de imagens violaria o primeiro e o segundo mandamentos. O texto enfatiza que essa imagem é *obra de artífice*, ressaltando a distância entre esse artefato e o Deus vivo. Conforme a lei havia especificado, qualquer pessoa que cometesse tal transgressão devia ser morta (cap. 13), mas, neste caso, a maldição se refere a colocar ídolos *em lugar oculto*, uma expressão que também pode ser traduzida por “secretamente” (NVI), dando a entender que, mesmo que a sociedade não tomasse conhecimento desse crime e, consequentemente, não a castigasse, ela ainda estaria sob a maldição divina por fazer algo abominável ao Senhor.

A segunda maldição diz respeito à pessoa que desonra o pai ou a mãe e, desse modo, viola o quinto mandamento (27:16; cf. tb. 5:16). Essa maldição vigoraria mesmo que o castigo estipulado em 21:18-21 não fosse aplicado.

Enquanto a primeira maldição diz respeito a Deus e a segunda aos relacionamentos familiares, a terceira se refere à relação com o próximo e aos marcos de propriedade

(27:17; cf. tb. 19:14). Deslocar os marcos de propriedade do próximo era uma forma de tentar roubar suas terras. Pedras datadas desse período, usadas para marcar os limites de propriedades na Mesopotâmia, apresentam inscrições com detalhes dos direitos de propriedade e lembranças da proteção e das sanções divinas.

A quarta maldição é contra *aquele que fizer o cego errar o caminho* (27:18). Essa maldição reflete a preocupação de Deus com os fracos e desamparados, mas também se refere ao comportamento de alguém que trata com crueldade ou se aproveita de uma pessoa com uma deficiência.

O mesmo tema é retomado na quinta maldição, dirigida contra todos que procuram se aproveitar dos membros mais fracos da sociedade, como *do estrangeiro, do órfão e da viúva* (27:19). Quem explora os membros mais vulneráveis da comunidade precisa lembrar que Deus não está alheio a isso.

Os quatro versículos seguintes tratam de transgressões sexuais. Quem as cometesse em segredo poderia escapar do castigo aplicado pelo sistema judicial, mas continuaria sob a maldição de Deus. A maldição é proferida contra quem tiver relações sexuais com a esposa de seu pai (*a madrasta*; 27:20); quem tiver relações sexuais com animais (27:21); quem cometer incesto com *sua irmã* ou meia-irmã (27:22); e quem tiver relações sexuais com *sua sogra* (27:23).

A décima e a décima primeira maldições dizem respeito à transgressão do sexto mandamento. Qualquer um *que ferir o seu próximo em oculto* é amaldiçoado (27:24), como também o é o assassino de aluguel (27:25). Essas pessoas podem ficar impunes, mas estarão sob a maldição de Deus.

A décima segunda e última das maldições é menos específica do que as anteriores. Seu objetivo é garantir que ninguém encontrará uma brecha em algum dos itens da lista de maldições e se sentirá no direito de pecar. Assim, a décima segunda maldição é absolutamente abrangente e, portanto, dirigida contra todo *aquele que não confirmar as palavras desta lei* (27:26). Esse versículo deixa claro que qualquer ato contrário à lei de Deus traz maldição sobre quem o pratica (Gl 3:10-14).

### 28:1-68 Bênçãos e maldições

Os povos africanos acreditam nas advertências divinas. Há um provérbio umbundu angolano que diz: *Vombela, vo vi kelu viombela lo va lende momo ame ndi lungwala omanu vange* ("Eu vos adverti [da estação vindoura de chuvas] com raios e trovões. Acaso acreditais que tenho uma foice para cortar vosso capim e cobrir com ele as vossas casas?"). Devemos atentar para os sinais e tomar as providências necessárias. No caso dos israelitas, isso significava tomar a decisão de obedecer a Deus a fim de evitar as maldições mencionadas nesse capítulo.

O capítulo anterior fornece instruções para uma cerimônia a ser realizada na terra prometida, durante a qual a aliança seria renovada e as bênçãos e maldições seriam

anunciadas ao povo. Agora, o enfoque volta ao presente e retoma o estilo dos tratados do antigo Oriente Médio, nos quais a declaração das estipulações (5:1—26:19) é seguida de uma longa proclamação das consequências de obedecer ao tratado ou quebrá-lo. A obediência resultará em bênçãos, enquanto a desobediência trará calamidades.

As bênçãos e maldições constituem uma parte importante do livro de Deuteronômio, pois ensinam que o mundo é racional e moral. Não precisamos viver em meio ao caos; antes, podemos descobrir as coisas boas que Deus tem prazer em conceder. A perversidade, por outro lado, não ficará impune.

### 28:1-14 As bênçãos

As bênçãos decorrentes da obediência são intimamente relacionadas com os temores humanos de instabilidade política e escassez de alimento. Deus garante aos israelitas que eles e seus descendentes, quer no campo quer nas cidades (28:2b), desfrutarão prosperidade e serão vitoriosos sobre seus inimigos (28:7). Suas colheitas serão fartas (28:4-5,8,11-12) e, numa região dominada pelo culto a Baal e outros deuses da fertilidade, não haverá dúvidas quanto a quem é a verdadeira fonte da abundância da natureza. A prosperidade dos israelitas não passará despercebida dos povos ao seu redor, e seus vizinhos os respeitarão e pedirão sua ajuda (28:1,10,12-13).

Todas essas promessas são fundamentadas na aliança. Os israelitas são lembrados de que foram escolhidos por Deus (28:9), o qual lhes concederá essa paz e prosperidade — desde que não se voltem para outros deuses. Também são lembrados três vezes nesta seção — no começo, no meio e no fim (28:2a,9,13-14) — de que todas essas bênçãos têm como pré-requisito a obediência.

As bênçãos e maldições são parte importante do conceito desenvolvido nesse livro, segundo o qual o universo do Senhor é racional e moral. A humanidade não vive em um mar de dúvida e perigo. Antes, pode encontrar segurança nos elementos fundamentais da vida, pois conhece o caráter e o modo de agir de Deus.

### 28:15-68 As maldições

A seção sobre as maldições se inicia com uma passagem paralela a 28:2-6. Na passagem anterior, vários aspectos da vida são abençoados como resultado da obediência; aqui, esses mesmos aspectos são amaldiçoados, mostrando o resultado da desobediência, a saber, a perda de todos os benefícios prometidos por Deus (28:15-19).

De acordo com o retrato apresentado aqui, a consequência da desobediência será uma vida de desgraça absoluta. Os seres humanos e os animais serão acometidos por pestes e secas (28:20-24). A nação será derrotada por seus inimigos, e os cadáveres espalhados pelos campos permanecerão insepultos (28:25-26). Deus se mostrará ativamente hostil aos israelitas e os afligirá com males físicos e

mentais (28:27-29). Ele os havia protegido desses males quando os enviou na forma de pragas sobre os egípcios (Êx 7—11), mas agora deixará os israelitas expostos a seus efeitos desoladores.

Deus havia lhes prometido coisas boas na terra (espigas, casas, vinhas, rebanhos e filhos) e instituído leis para proteger o usufruto dessas dádivas; mas a desobediência resultará na perda de todo o prazer proporcionado por esses benefícios e pelos frutos do trabalho árduo (28:30-35, 38-42). As mulheres serão violentadas, as casas serão tomadas, as safras e rebanhos serão roubados ou exterminados por pragas, e os filhos serão levados cativos para nunca mais voltar. Até a saúde física lhes será tirada (28:35).

Alguns dos ouvintes de Moisés tinham lembranças vívidas dos anos de escravidão no Egito, tornando ainda mais intenso o seu horror à ameaça de um novo período de servidão em 28:36-37. O povo desobediente seria deportado da terra prometida, mas não seria levado para o Egito, e, sim, para uma nação desconhecida, para o meio de *uma gente que não conhecestes, nem tu, nem teus pais*. Em vez de servir ao Deus vivo, seriam obrigados a servir a deuses inanimados, *feitos de madeira e de pedra*. Seriam rebaixados a uma condição inferior à do *estrangeiro que está no meio de ti*. Os estrangeiros eram membros menos privilegiados da comunidade, e os israelitas foram exortados repetidamente a cuidar deles (28:43-44; cp. 28:12-13).

A essa altura, o autor faz uma nova pausa para lembrar seus leitores de que Israel sofrerá calamidades tão terríveis porque o povo deixará de obedecer a Deus de todo o coração (28:45-48). Seu destino servirá de aviso para outros.

Em seguida, o texto volta à descrição profética ao falar de uma nação que Deus usará como instrumento de julgamento. Será *como o voo impetuoso da águia* sobre sua presa — uma imagem que retrata a velocidade e a força do inimigo (28:49). Essa nação inimiga não terá compaixão dos velhos nem das crianças (28:50). Tomará todos os frutos da terra e deixará Israel sem rebanhos, cereais, vinho e azeite para o consumo próprio (28:51).

Uma vez que tiverem devastado a terra, os conquistadores cercarão as cidades (28:52). Os israelitas buscarão refúgio nesses lugares fortificados, esquecendo-se de que sua própria experiência mostrou como as mais altas muralhas não oferecem nenhuma proteção quando Deus está irado com seus habitantes. A fome nas cidades sitiadas será tão severa que os moradores recorrerão ao canibalismo e comerão seus próprios filhos (28:53), recusando-se a dividir até esse alimento terrível com seus entes queridos (28:54-55). Mesmo as mulheres mais delicadas comerão seus bebês e não os repartirão com ninguém (28:56-57). Essas predições se cumpriram nos cercos descritos em 2Reis 6:28-29 e Lamentações 2:20.

A lei proibia o sacrifício de crianças e ordenava que o alimento fosse repartido com os necessitados. Sem dúvida, desprezar o Senhor causa inversões terríveis de valores.

As maldições decorrentes de não *guardar todas as palavras desta lei, escritas neste livro* (28:58) e não honrar o nome do Senhor são resumidas novamente em 28:58-62. O texto prossegue descrevendo a ameaça mais terrível de todas para o povo que havia recebido a promessa de uma terra para si: o exílio e retrocesso à escravidão que haviam sofrido no passado (28:63-68). Israel não terá onde se firmar (28:65-67). Deus tomará a iniciativa de castigar o povo e o *fará voltar ao Egito em navios* (28:68), supostamente, como cativos no comércio de escravos. Ao chegarem lá, sofrerão o mais profundo opróbrio, pois serão tão desprezíveis que os egípcios nem se interessarão em comprá-los.

Infelizmente, muitas das maldições descritas nessa passagem são bastante conhecidas na África. Os povos africanos sonharam com um futuro melhor quando seus países obtiveram a independência, mas a realidade não correspondeu a esses sonhos, e não são poucos os que tiveram seus bens e até a vida destruídos pelas guerras civis incessantes. Que Deus ajude nossos líderes a perceber que a verdadeira liderança não é exercida com uma arma na mão!

## 29:1—30:20 O terceiro discurso de Moisés

Alguns estudiosos consideram que os capítulos 29 e 30 resumem o conteúdo dos capítulos 1 a 28 e, portanto, repetem palavras de capítulos anteriores, um procedimento comum nos tratados do antigo Oriente Médio. Outros estudiosos consideram o capítulo 29 uma convocação antes do juramento final da aliança em 30:11-20. Não obstante a interpretação escolhida, é evidente que o capítulo 29 também segue o padrão de um tratado do Oriente Médio. Começa com uma recapitulação dos feitos do Senhor no passado (29:1-8), apresenta um chamado para entrar em aliança (29:9-15), adverte que as maldições recairão sobre os rebeldes (29:16-29) — apesar de o objetivo final ser a restauração (30:1-10) — e termina com um chamado para tomar o propósito firme de aceitar a aliança (30:11-20).

### 29:1-8 Recapitulação histórica

As palavras de abertura do terceiro discurso são semelhantes às do início do livro (1:1-5). A aliança a ser firmada *na terra de Moabe* é contrastada com a aliança feita em Horebe (29:1; 1:5; 5:2-3). Como a palavra *além* sugere, a aliança de Deuteronômio 5—26 é semelhante àquela de Êxodo 19—24, mas contém diversas prescrições novas.

Conforme mencionamos anteriormente, o texto começa com uma recapitulação histórica (29:2-8) e uma referência sucinta às *grandes provas* e *grandes maravilhas* que Israel havia tido o privilégio de testemunhar. Mas, apesar dessas e outras evidências do poder e cuidado de Deus, ainda faltava ao povo o entendimento da natureza de Deus e de seu amor (29:4).

Em 29:5-6, Deus fala diretamente aos israelitas, lembrando-os: *Quarenta anos vos conduzi pelo deserto*. O pronome oblíquo “vos” se refere claramente à nação como um

todo, que havia participado dessas experiências, mesmo que muitos dos ouvintes de Moisés fossem jovens demais para se lembrar de todos os acontecimentos ocorridos no deserto, onde Deus havia provido miraculosamente vestes, alimento e água para o seu povo. Não precisaram remendar as roupas ou tecer vestes novas, pois suas vestes e sandálias não se gastaram. Não tiveram de assar pão, pois foram alimentados com o maná, e não tiveram de preparar vinho, pois beberam da água provida por Deus (29:5-6).

Em 29:7-8, Moisés retoma o discurso, citando outras evidências da ajuda do Senhor na conquista da região onde os israelitas se encontravam naquele momento e de onde prosseguiriam para a terra prometida.

### 29:9-15 Exortação ao compromisso

Essa seção na qual o povo é instado a firmar a aliança começa advertindo: *Guardai, pois, as palavras desta aliança*. Estamos entrando no estágio final da cerimônia da aliança, na parte que antecede o juramento. Por isso, toda a comunidade é reunida *perante o SENHOR, vosso Deus* (29:10). Essa assembleia inclui os chefes das tribos e outros líderes, bem como homens, mulheres e crianças do povo e estrangeiros que viviam no meio de Israel como servos (29:10-11). (Ao que parece, a frase *desde o vosso rachador de lenha até o vosso tirador de água* era uma forma comum de se referir àqueles que realizavam trabalhos servis.) Toda essa gente estava reunida para entrar na *aliança do SENHOR, teu Deus [...] e ele te seja por Deus* (29:12-13a). Nessa aliança que devia ser ratificada com um juramento solene, o Senhor confirmou que Israel era o seu povo, e ele era o seu Deus, como havia prometido aos patriarcas (29:13b). A aliança abrangia não apenas o povo presente naquela ocasião, mas também todos os que não se encontravam ali, incluindo os que ainda estavam para nascer (29:14-15). Pode nos parecer estranho uma geração assumir um compromisso ao qual gerações futuras teriam de ser fiéis. Para entender como isso é possível, devemos nos lembrar de que uma das partes dessa aliança não muda jamais. Os descendentes dos israelitas não possuíam o direito inalienável de participar da aliança; antes, esse direito lhes era concedido porque Deus é fiel à sua promessa de abençoar aqueles que o amam e obedecem a seus mandamentos. Cada nova geração precisa ser instruída acerca dos atos salvadores de Deus e deve assumir a responsabilidade de amá-lo e obedecer-lhe.

### 29:16-21 Advertência contra a hipocrisia

Durante o tempo que passaram no Egito e vagaram pelo deserto, os israelitas tinham observado os ídolos adorados por outras nações (29:16-17) e haviam sido tentados a adorá-los também (Nm 25). Moisés ressalta que esses ídolos são apenas imagens feitas de madeira, pedra ou metal, e o desejo de adorá-los é como a raiz de uma planta que, ao crescer, produz apenas frutos venenosos (29:18; cf. tb. 32:32; Os 10:4).

A pessoa mais propensa à idolatria pode ouvir a exposição das bênçãos e maldições da aliança e, ainda assim, ignorá-las, pensando: *Terei paz, ainda que ande na perversidade do meu coração* (29:19). Não importa se a terra é fértil ou árida, essa atitude pode ser desastrosa, arruinando primeiro o indivíduo e, depois, a nação. A seriedade dessa desobediência é ressaltada por dois fatos: 1) Deus jamais perdoará o transgressor e 2) *fumegará a ira do SENHOR e o seu zelo sobre tal homem* (29:20). Ele sofrerá todas as maldições registradas em Deuteronômio, e até seu nome será esquecido — a maior tragédia que poderia sobrevir a um homem (29:20-21).

### 29:22-28 Uma lição para a posteridade

Agora, Moisés lembra o povo de como a terra ficará se todas as maldições do livro se cumprirem. Para isso, descreve um quadro desolador para os descendentes e os estrangeiros desse tempo futuro: será uma terra devastada, seu solo arruinado terá *enxofre e sal* e, portanto, *nada produzirá* (29:22). Sua destruição será tão completa quanto a de Sodoma e Gomorra (Gn 19). Uma vez que o mar Morto fazia fronteira com Moabe, os israelitas tinham uma ideia clara da paisagem descrita aqui. Quando os estrangeiros perguntarem o que levou o Senhor a causar tal devastação, a resposta será: *Porque desprezaram a aliança que o SENHOR, Deus de seus pais, fez com eles [...] e se foram, e serviram a outros deuses e os adoraram* (29:25-26). Em decorrência disso, a terra foi destruída, e seu povo foi exilado (29:27-28). “O leitor moderno com algum conhecimento do sofrimento dos judeus ao longo dos séculos desde que esses versículos foram escritos pode se perguntar repetidamente: *Por que fez o SENHOR assim com esta terra?* Usando os termos de Deuteronômio, a resposta é: *Porque desprezaram a aliança do Senhor*” (TOT).

### 29:29 Coisas encobertas e coisas reveladas

Os últimos versículos desse capítulo mostram que, apesar de haver muito que não sabemos ou compreendemos a respeito de Deus e seus atos, algumas coisas foram reveladas claramente. Não devemos nos preocupar com as *coisas encobertas*, que dizem respeito a Deus. Antes, devemos nos concentrar naquilo que foi revelado, especialmente na lei dada nesse livro, e nos certificar de que nossos descendentes viverão em obediência à vontade conhecida de Deus.

### 30:1-10 Arrependimento e perdão

Porém, mesmo se o povo de Israel não obedecer a Deus e for dispersado entre as nações (30:1), não será o fim da história. Se os israelitas se voltarem para Deus de todo o coração (30:2,10), ele restaurará tudo que perderam, e mais ainda (30:3-9). Desfrutarão outra vez todas as suas bênçãos, e, de alguma forma, ele os fará amá-lo de modo mais profundo circuncidando seu coração (30:6). Essa promessa oferece esperança para a nação mesmo nos momentos mais sombrios.

### 30:11-20 Um apelo solene para escolher a vida

É chegada a hora do apelo final para o povo tomar uma decisão com respeito à aliança. Moisés começa lembrando-o de que todos os termos e condições foram explicados em detalhes, a fim de não deixar dúvidas. Ninguém pode alegar que desconhece esses termos ou dizer que são difíceis demais de entender. Os mandamentos são explícitos e compreensíveis, restando apenas o povo assumir o compromisso de guardá-los (30:11-14; cf. tb. Rm 10:6-8). Os ouvintes de Moisés têm diante de si uma escolha simples entre *a vida e o bem, a morte e o mal* (30:15-18) e são instados por ele a escolher o caminho do amor por Deus que conduz à vida, *pois o SENHOR é a sua vida* (30:19-20, NVI). Seu apelo ainda ressoa nos ouvidos dos cristãos, pois somos chamados a amar Aquele que escreveu a si mesmo como “o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14:6).

### 31:1—34:12 Os últimos atos e a morte de Moisés

Os primeiros trinta capítulos do livro de Deuteronômio são constituídos de três discursos longos de Moisés. Mas, do capítulo 31 em diante, o texto focaliza os últimos dias da vida do líder de Israel e suas instruções finais. Até mesmo essas instruções apresentam algumas características dos tratados antigos, como a indicação de onde o documento deve ser guardado (31:24-29), quem deve ser o líder da comunidade sujeita aos termos do tratado (31:1-8, 14-23) e uma promessa de bênção a ser desfrutada pelas tribos (cap. 33). O livro termina com um relato da morte de Moisés (cap. 34).

#### 31:1-8 A apresentação de Josué

As últimas palavras de Moisés são dirigidas ao povo (31:1-6), a Josué (31:7-8) e aos sacerdotes (31:9-13). Ele começa falando de sua idade avançada que o impossibilita de continuar a liderar o povo (31:2a). Está, agora, com 120 anos de idade — dez anos além da idade considerada pelos egípcios como o tempo de vida tradicional de um homem sábio. Esses dez anos a mais podem ser mais um símbolo da superioridade de Moisés em relação aos sábios do Egito. Ele sabe que seu tempo como líder está chegando ao fim, mas lembra os israelitas de um fato importante: seu verdadeiro líder não é Moisés, mas, sim, o Senhor. Moisés não atravessará o Jordão, mas *o SENHOR, teu Deus, passará adiante de ti* (31:2b-3a). Seu novo líder humano, o representante de Deus, seria Josué (31:3b; cf. tb. 1:38; 3:28; Js 14:11). O povo não deve ter se surpreendido, pois Josué já havia sido nomeado para essa função (1:38; Nm 27:18-23). Ele os conduziria no estágio seguinte da conquista da terra santa. O povo não devia temer como havia feito antes (1:26), mas avançar com obediência confiante (31:5-6).

Em seguida, Moisés se dirige especificamente a Josué e lhe diz que seja *forte e corajoso* (31:7) — um incentivo repetido várias vezes (31:8, 23; Js 1:6-9, 18), sugerindo a

dificuldade da tarefa da qual ele estava sendo incumbido. Para realizar essa tarefa, Josué devia confiar na promessa de Deus de dar a terra a Israel (31:7) e de estar com ele o tempo todo (31:8). Cristo fez uma promessa semelhante aos cristãos ao comissioná-los não apenas para ocupar um país, mas ir a todo o mundo (Mt 28:20).

#### 31:9-13 A cerimônia de renovação da aliança

Uma vez que havia sido educado no Egito, Moisés teve o privilégio de aprender a ler e escrever. Assim, nesse momento, ele registra por escrito a lei apresentada ao povo em seus discursos. O texto é confiado, então, aos cuidados dos sacerdotes e anciãos (31:9). A referência aos sacerdotes como aqueles *que levam a arca da Aliança do SENHOR* é uma lembrança de que as tábuas de pedra onde os Dez Mandamentos haviam sido gravados estavam guardadas na arca (Êx 25:16; 1Rs 8:9). A lei de Moisés devia ser mantida em segurança ao lado da arca, mas era importante o povo continuar tendo acesso a essas prescrições. Assim, *ao fim de cada sete anos, precisamente no ano da remissão, na Festa dos Tabernáculos*, uma das festas a ser comemorada no santuário central, a lei devia ser proclamada para a nação toda (31:10-11). O conhecimento da lei não devia se restringir ao pequeno grupo de “peritos”, os sacerdotes; também não devia ser limitado aos homens adultos. Antes, a lei devia ser lida para todos: homens, mulheres, crianças e os estrangeiros que estivessem vivendo no meio do povo de Israel (31:12). Todos deviam conhecer seus direitos e suas responsabilidades. O período de sete anos entre as leituras também era suficiente para garantir que todas as crianças ouviriam a leitura da lei pelo menos uma vez em sua infância.

Essa passagem nos lembra da importância de obedecer à lei do Senhor de geração em geração e transmitir o conhecimento da lei a toda a população. Como seria bom se as nações africanas onde há uma influência cristã considerável usassem seus feriados nacionais especialmente para ouvir a leitura das Escrituras. No entanto, mesmo que uma nação não organize um dia desse tipo, as igrejas podem tomar a iniciativa, atentando para que toda a lei seja lida, e não apenas algumas passagens favoritas das Escrituras. Uma nação que mantém a lei de Deus viva na memória é abençoada por Deus.

#### 31:14-23 A comissão de Moisés e Josué

A tenda da congregação era o lugar onde o Senhor costumava se encontrar com seu povo para fazer declarações importantes. Assim, a convocação à tenda da congregação era sempre solene; neste caso, porém, é ainda mais grave, pois veio acompanhada de um aviso sobre a iminência da morte de Moisés (31:14). Também chama a atenção o fato de, no passado, somente Moisés ser convocado para se encontrar com o Senhor na tenda (Êx 33:9), enquanto aqui, Josué, seu sucessor, recebe a ordem de acompanhá-lo. Mais



uma vez, o Senhor aparece numa *coluna de nuvem na porta da tenda* (31:15).

O Senhor se dirige primeiro a Moisés, dizendo-lhe que, apesar de todo o seu trabalho e da apresentação minuciosa da lei, o povo logo se esquecerá de suas palavras e *anulará a aliança* (31:16). Sua infidelidade é descrita em linguagem vívida: *este povo [...] se prostituirá, indo após deuses estranhos*. Tendo em vista o elemento sexual da religião cananeia, essas palavras podem se referir à prostituição literal, mas também podem ser uma forma simbólica de expressar a infidelidade em geral. Deus se enfurecerá e terá de castigar os israelitas, levando-os a questionar se Deus está mesmo com eles (31:17-18). Portanto, Deus tem uma última comissão para Moisés: garantir que o povo entenderá o que está acontecendo e por quê. A fim de realizar essa tarefa, Moisés deve escrever um cântico que explicará a aliança e servirá de testemunha; assim, o povo não poderá negar ter conhecimento dos termos da aliança (31:19-21). A simples leitura da lei a cada sete anos não seria suficiente para manter o povo fiel a Deus — tampouco um cântico. No entanto, um cântico que pudesse ser memorizado com facilidade e transmitido de geração em geração ajudaria o povo a lembrar quem Deus era e o que ele havia feito por Israel. Os hinos de nossas igrejas devem ter essa mesma função. Seu objetivo principal não é entreter, mas, sim, ajudar as congregações a lembrar as verdades proclamadas do púlpito. Essa maneira de transmitir conhecimento por meio de sua incorporação num cântico apresenta grande afinidade com a cultura da África, onde os acontecimentos da vida de uma pessoa são lembrados na forma de cânticos e ditados.

Em seguida, Deus se dirige a Josué. Sua comissão é sucinta e não se refere ao futuro distante, mas, sim, à situação imediata. Repete a exortação para ter coragem e determinação e lhe garante que estará com ele nos dias por vir (31:23), uma promessa feita por Deus a muitos de seus servos ao longo dos séculos.

A interposição da comissão de Josué em 31:23 entre a instrução para Moisés escrever o cântico e o cântico propriamente dito pode ser intencional. O cântico adverte Israel dos perigos da deslealdade. Nessa nova fase que se inicia, os israelitas deverão ser leais a Josué e a Deus.

### 31:24-30 O lugar da lei

Para alguns comentaristas, as instruções em 31:24-26 são uma expansão do conteúdo de 31:9-13, em que Moisés aparece escrevendo as palavras *desta lei* e entregando esse registro aos cuidados dos sacerdotes. Para outros, 31:24 deve ser lido como “deste cântico”, indicando, portanto, que o cântico também devia ser guardado perto da arca, e uma mudança semelhante deve ser feita em 31:26. Embora a segunda abordagem seja interessante por dar coesão a toda essa seção, enfatizando exclusivamente o cântico de Moisés, nenhuma evidência do original hebraico permite

essa leitura alternativa. Parece mais provável que o objetivo do autor ao se referir à lei nessa passagem seja corroborar a credibilidade do cântico como *testemunha contra ti*, pela desobediência do povo à lei.

Moisés argumenta que o testemunho do cântico era necessário porque Israel já havia se rebelado contra Deus enquanto ele era seu líder, e existia uma probabilidade ainda maior de que a rebelião se repetisse depois de sua morte (31:27). Assim, Moisés convoca todos os anciãos e oficiais das tribos (31:28) para ouvir as palavras do cântico que será testemunha contra eles quando Deus julgar Israel. Ele invoca *os céus e a terra* para testemunhar que os israelitas haviam sido avisados das consequências da desobediência. A imagem de Deus pleiteando contra seu povo infiel num tribunal é repetida em outras passagens do AT, como no salmo 51, Jeremias 2 e Miqueias 6:1-8.

Moisés repete aquilo que o Senhor lhe disse em 31:16-18 acerca da desobediência futura de Israel (31:29-30), antes de iniciar seu cântico, uma acusação formal contra a infidelidade do povo. As palavras do cântico se aplicariam a Israel em várias ocasiões de sua longa história.

### 32:1-43 O cântico de Moisés

Esse não é o primeiro cântico de Moisés. O primeiro, escrito perto do início de seu ministério, foi um cântico de triunfo depois da travessia do mar Vermelho (Êx 15:1). Esse é um cântico de advertência e um presente de despedida valioso, pois, como diz o provérbio umbundu angolano: *Waku lungula, waku telekela ohombo longombe* (“Dar uma advertência é como apresentar alguém com um bode ou um boi”). O cântico é escrito numa forma literária conhecida pelo menos por alguns israelitas e com a qual Moisés provavelmente havia se deparado na corte de Faraó. O estilo é semelhante ao de uma queixa oficial de um suserano contra um vassalo rebelde. Os mensageiros do rei começam convocando testemunhas e relatando os benefícios concedidos pelo rei ao vassalo e, na sequência, relatam a ingratidão do vassalo, a causa de sua rebelião.

Esse cântico se inicia com uma convocação dos céus e da terra como testemunhas (32:1; cf. tb. 4:26; 31:28; Is 1:2; Mq 6:1-2). Em seguida, pensando na imagem da chuva que cai do céu e da terra que a absorve, Moisés expressa o desejo de ver seus ensinamentos vivificarem e refrigerarem *como chuvisco sobre a relva e como gotas de água sobre a erva* (32:2). O cântico se torna, então, um chamado para louvar a Deus (32:3-4). Aqui, a fidelidade e a justiça de Deus são descritas em termos gerais. No último verso do cântico, porém, esse chamado para louvar se mostrará fundamentado ainda mais firmemente na experiência dos israelitas como povo de Deus. Uma das imagens principais usadas para Deus que se repete várias vezes nessa passagem é *a Rocha* (32:15,18,30-31), uma designação usada repetidamente ao longo de todo o AT (cf. 1Sm 2:2; 2Sm 22:47; Sl 18:2,31,46; 19:14; 28:1;

31:2,3; 42:9; 89:26; 95:1; Hc 1:12). Uma rocha é um lugar estável numa inundação e um lugar de refúgio numa guerra. Uma pessoa pode se esconder atrás de uma rocha, ou lutar com as costas viradas para uma parede de pedra, evitando um ataque pela retaguarda. Representa o caráter imutável de Deus e a segurança que ele oferece em um mundo perigoso, e, portanto, é uma imagem forte em quase todas as culturas, celebrada em vários hinos como “Rocha Eterna, meu Jesus” e “Firme na rocha”.

A declaração da bondade de Deus é seguida de uma acusação. As obras de Deus *são perfeitas* (32:4), mas os israelitas *procederam corruptamente*; enquanto ele é *justo e reto*, Israel é *geração perversa e deformada* (32:5). O contraste leva a uma pergunta veemente: É assim que se recompensa o Pai e Criador por seu cuidado? (32:6).

Moisés prossegue descrevendo o cuidado de Deus para com seu povo ao longo dos anos (32:7-14). As gerações mais velhas deviam ter transmitido o conhecimento desse

cuidado às gerações subsequentes (32:7). Moisés lembra os israelitas que Deus os escolheu (32:8-9), cuidou deles no deserto (32:10-12) e os conduziu a Canaã, uma terra fértil e abundante em alimento (32:13-14).

Israel, porém, abusou da bondade de Deus. A nação é chamada aqui de *meu amado*, uma tradução do termo hebraico *Jesurum*, literalmente, “o justo” (32:15; cf. tb. 33:5,26; Is 44:2), mas o povo havia deixado de ser justo e começado a se comportar como um animal mal acostumado com muita comida substancial. Em decorrência da bondade de Deus, o povo havia se tornado gordo, preguiçoso e relutante em servir ao Senhor. Acomodados em seus campos e com o estômago cheio, os israelitas não viram mais necessidade de se firmar na Rocha e se entregaram à idolatria, ainda que os falsos deuses nunca tivessem feito nada por eles e fossem, de fato, demônios, e não divindades (32:15-17). Sua atitude foi de ingratidão absoluta para com o pai que os gerou e a mãe que os deu à luz (32:18).

## ADORAÇÃO E LOUVOR

A adoração e o louvor são dois elementos inseparáveis na vida cristã. Louvar significa agradecer e honrar a Deus — glorificá-lo especialmente com cânticos e danças. Pode ser algo simples como a saudação diária *Bwana Asifiwe*, “Louvado seja o Senhor”, ou elaborado como um festival de louvor de três horas de duração, reunindo cantores e corais cristãos. Numa igreja africana típica, o culto inclui expressões de reverência como curvar-se, ajoelhar-se com as mãos erguidas acima da cabeça ou prostrar-se diante de Deus (Ne 8:5-6; Ap 4:9-10).

Na religião tradicional africana (RTA), não é costume reunir os adoradores num local fechado como uma igreja ou mesquita. O culto individual é realizado em um lugar sagrado ao ar livre, como junto a uma árvore ou riacho. Mas esses lugares não são usados para a reunião semanal de adoradores. A congregação só se reúne para festas anuais ou sazonais. Nos lares, o chefe da família realiza rituais simples de adoração entoando nomes que descrevem o caráter de um deus ou ancestral e derramando uma libação diária para um ídolo do lar. Quer em suas formas simples quer em suas formas mais complexas, o culto na RTA só é considerado completo quando inclui sacrifícios e oferendas.

A RTA também difere do culto cristão no sentido de que raramente adora o Ser Supremo de forma direta. Antes, os sacrifícios são oferecidos a divindades e antepassados considerados mediadores entre Deus e as pessoas. Trata-se de um culto utilitário: “Os africanos não anseiam por Deus em si. Procuram apenas obter aquilo que ele oferece, bênçãos materiais ou mesmo espirituais; não parecem buscá-lo como recompensa ou satisfação suprema para a alma ou o espírito humano” (John Mbiti).

Na RTA, os deuses existem para os seres humanos, e a adoração tem como principais objetivos restaurar o equilíbrio entre a humanidade e os seres espirituais, evitar males como enfermidades, insucessos e esterilidade e aumentar o sucesso.

Muitos desses conceitos tradicionais foram transpostos para o cristianismo, como mostra um programa de televisão nigeriano no qual um casal consulta um herbolário acerca de uma soma em dinheiro que alguém lhe deve. O herbolário dá ao homem uma mistura de ervas e lhe garante que a dívida será paga em breve. Ao receber o cheque, o casal dança e canta: “Ele é um Deus que opera maravilhas!” — exemplificando o caso de muitas pessoas que vivem com um pé no cristianismo e outro na RTA. Esse tipo de sincretismo é proibido na Bíblia.

A chave para entender o significado e propósito da adoração no AT pode ser encontrada em Êxodo 20:1-8. Jesus citou essa passagem quando o diabo o tentou oferecendo todos os reinos do mundo em troca de sua adoração, ao que Jesus respondeu: “Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4:8-10), deixando claro que o culto segundo as Escrituras só pode ser prestado a Deus.

O culto bíblico é fundamentado na redenção, no relacionamento e na representação. Esses três elementos podem ser vistos na definição de adoração dada por Cristo: “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Os adoradores de Deus são remidos pelo sangue do Cordeiro. Relacionam-se com ele de forma dinâmica como seus filhos e filhas (Jo 1:12) e o representam no mundo como seus embaixadores (2Co 5:20). A adoração nasce da gratidão (Ap 5:9-10), proclama a grandeza e a glória de Deus (Sl 19:1) e antevê a volta de Cristo (1Co 11:26).

**Tokunboh Adeyemo**

Deus responde pronunciando em 32:19-25 seu julgamento sobre os filhos que tratam seus pais desse modo. Em vez de abençoá-los, ele esconderá o rosto deles enquanto sofrem as maldições decorrentes de sua desobediência à aliança (32:20). O povo decidiu adorar *aquilo que não é Deus*, de modo que Deus responderá permitindo que Israel sofra tanto a ponto de invejar *aquele que não é povo* (32:21). (Um jogo de palavras semelhante pode ser observado em Os 1:9; 2:23.) Não haverá como escapar do fogo da ira divina, pois *ele arderá até ao mais profundo do inferno, consumirá a terra e suas messes e abrasará os fundamentos dos montes* (32:22). As maldições relacionadas em 32:23-25 são semelhantes às do capítulo 28: fome, peste, feras, violência e morte.

Porém, apesar de Israel merecer a destruição total (32:26), Deus não dá o passo final de fazer *cessar a sua memória dentre os povos*, pois, se ele o fizesse, os inimigos de Israel assumiriam o crédito, dizendo: *A nossa mão tem prevalecido, e não foi o SENHOR quem fez tudo isso* (32:27). As nações precisam reconhecer que Deus está no controle.

Moisés lamenta, pois Israel é uma nação sem *entendimento* (32:28) que não atentará para as advertências de seu líder para evitar o destino terrível antevisto por ele (32:29). Os israelitas devem lembrar que um pequeno exército só pode ser vitorioso sobre uma nação quando Deus abandona essa nação (32:30). Constatarão esse fato em sua própria história, ao entrarem em Canaã e expulsarem seus habitantes, mas também serão julgados caso se afastem da Rocha e comecem a adorar os deuses inúteis de seus inimigos (32:31). Afinal, até mesmo esses inimigos reconhecem que o Deus de Israel é muito diferente dos deuses deles e operou com grande poder (Êx 14:26; Nm 23—24; Dn 4:34-35).

Os adversários de Israel são retratados como vinhas que retiram seu sustento de coisas abomináveis a Deus — como faziam Sodoma e Gomorra — e, portanto, dão frutos amargos e venenosos (32:32-33). Essas nações não devem pensar que escaparão do julgamento, pois Deus guardou esses frutos em seus depósitos (32:34-35) e, no devido tempo, castigará quem os produziu. Deus declara: *A mim me pertence a vingança*. Estas palavras são citadas em Romanos 12:19 e Hebreus 10:30 para corroborar a argumentação do apóstolo Paulo de que cabe aos cristãos viver em paz com todos e não buscar a vingança. Enquanto os governos têm autoridade para punir quando necessário (Rm 13:4), nenhum indivíduo deve se imaginar no direito de tomar nas próprias mãos a vingança pertencente apenas a Deus. No contexto original, a vingança de Deus é dirigida contra os adversários de Israel, fazendo-os colher aquilo que plantaram.

Apesar de Deus ser zeloso em castigar o mal, também anseia perdoar e salvar aqueles que se arrependem de seus pecados (32:36). Seu julgamento dos inimigos perversos de Israel será acompanhado de compaixão por seu povo (32:36), que reconhecerá como é inútil servir a falsos deuses (32:37-38). Deus anuncia ser o único governante do

universo: *Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e faço viver*; nenhum outro deus pode sarar os feridos, e nenhum poder pode resistir ao Senhor (32:39-42).

Enlevado por essa visão da majestade de Deus, Moisés convida as nações do mundo a se regozijarem com Israel nesse Deus que *vingará o sangue dos seus servos*, julgará seus inimigos e *fará expiação pela terra do seu povo* (32:43). A palavra traduzida por “fazer expiação” significa, literalmente, “cobrir” e retrata Deus cobrindo a culpa do seu povo. Ele não apenas os perdoará, mas também removerá das vistas deles todo mal que fizeram. É com essa promessa que o cântico se encerra.

### 32:44-47 A exortação final de Moisés

Depois de Moisés e Josué recitarem o cântico ao povo, Moisés ordenou aos israelitas que guardassem essas palavras no coração e se certificassem de que seus filhos cumpririam a lei de Deus (32:44-46). O cântico e a lei são considerados estreitamente relacionados, mas a lei é mais importante; aliás, é tão importante que Moisés faz questão de lembrar os israelitas de que não são apenas palavras. A lei é a vida de Israel (32:47). Se o povo obedecer, terá uma vida longa e abençoada na terra prometida.

### 32:48-52 A ordem para subir o monte Nebo

No mesmo dia em que Moisés fez seu último discurso, Deus lhe ordenou: *Sobe a este monte de Abarim, ao monte Nebo*, o local onde morreria (32:48-50; Nm 27:12-14). Arão, seu irmão, havia falecido no monte Hor (Nm 33:37-39), e Moisés estava prestes a ter o mesmo fim (32:50). Moisés é lembrado do motivo pelo qual não viverá para entrar na terra prometida: *Porquanto prevaricastes contra mim [...] nas águas de Meribá de Cades* (32:51; cf. tb. 1:37; 3:26; 4:21; Nm 20:10-12; 27:14). Apesar de não ficar claro qual foi exatamente o erro de Moisés, várias hipóteses são levantadas. Há quem sugira que Moisés feriu a rocha duas vezes, demonstrando ira; alguns afirmam que Moisés e Arão agiram com arrogância ao perguntar: “Faremos sair água desta rocha para vós outros?”; de acordo com outros, Moisés permitiu que o povo o provocasse, levando-o a falar com raiva (Sl 106:32-33); ainda outros consideram que Moisés e Arão foram omissos como líderes quando os espias deram seu relatório. Não obstante o pecado em questão, a santidade de Deus não foi devidamente preservada, solapando sua autoridade no meio dos israelitas. Assim, Deus proibiu os dois irmãos de entrarem na terra prometida, mostrando que nem mesmo os líderes escolhidos estavam isentos do julgamento. Porém, o Senhor permitiu a Moisés ver a terra de longe (32:52).

### 33:1-29 A bênção de Moisés

Há um provérbio umbundu angolano que diz: *O vinga olonjila o kava; o vinga omanu ka kavi* (“Não te canses de praticar o

bem, de incentivar as pessoas a fazerem o que é certo”). Na África, muitos anciãos transmitem, em seus últimos dias de vida, várias instruções a membros mais próximos da família. Suas palavras finais podem incluir bênçãos e orientações sobre como cada indivíduo deve se comportar no grupo. Metáforas, provérbios e ditos de sabedoria, bem como cânticos fáceis de memorizar, são usados para ajudar a família a entender o que deve fazer e como pode viver em harmonia.

Sabendo da iminência de sua morte, Moisés também profere suas últimas bênçãos e palavras de orientação para as tribos de Israel (33:1). Nesse sentido, ele é como os patriarcas, cujas bênçãos finais se encontram registradas em Gênesis 27:7; 49:1 e 50:16. Estes relatos deixam claro que tais bênçãos eram poderosas e se cumpriam. Aqui, Moisés é chamado de *homem de Deus*, um título associado a ele em ocasiões futuras (cf. Js 14:6). Em outras passagens do AT, essa mesma designação é usada para se referir a profetas (1Sm 9:6,10; 1Rs 13:1,8; 2Rs 4,7,9,16).

A bênção é apresentada na forma de um salmo que começa com uma descrição da majestade de Deus (33:2-5), um tema ao qual Moisés voltará em 33:26-29. As palavras de 33:2 são semelhantes às do cântico de vitória entoado por Débora (Jz 5:4-5), a Habacuque 3:3 e ao cântico de guerra no salmo 68. Deus é retratado liderando os israelitas em triunfo desde o Sinai até o local onde se encontram agora e lhes dando a lei com amor (33:3-4). Diante disso, ele merece ser rei sobre seu povo (33:5; Êx 15:18; Jz 8:23). Aqui, Israel é chamado de *povo amado* ou “Jesurum”, um termo poético que significa “justo” e enfatiza o chamado sublime do povo de Israel.

As palavras de abertura da bênção de Moisés visam, portanto, esboçar as realidades por trás da bênção que ele está prestes a proferir: o povo já havia sido liberto e protegido por Deus; havia recebido as leis de que precisaria para se governar e uma forma de governo na qual Deus era o rei sobre os líderes do povo. Israel precisava se lembrar desses fatos a fim de poder desfrutar as bênçãos.

Em seguida, Moisés abençoa cada tribo individualmente, mas deixa Simeão de fora. Talvez essa tribo tenha sido omitida porque Moisés não podia abençoar um povo que Deus havia acabado de castigar com uma praga. Um homem da tribo de Simeão havia sido o principal responsável pelo incidente descrito em Números 25:6-14. O número pequeno de membros da tribo de Simeão no censo registrado em Números 26:5-62 (dez mil homens a menos do que qualquer outra tribo) sugere que a maioria dos vinte e quatro mil mortos pela praga eram dessa tribo. A tribo de Rúben é abençoada com vida e crescimento (33:6), talvez contrastando com a perda sofrida por essa tribo quando Datã e Abirão se rebelaram (Nm 16:1-30).

Na sequência, Moisés pede que Deus ajude a tribo de Judá nos conflitos com seus inimigos (33:7). Levi também recebe as bênçãos de Deus sobre seu trabalho e proteção contra seus inimigos (33:11). A bênção dada aos levitas é

bem mais detalhada do que todas as outras. São nomeados guardiões do Urim e do Tumim — possivelmente, duas pedras achatadas usadas para buscar a orientação de Deus (33:8a) — e, portanto, recebem a incumbência especial de servir como mestres e sacerdotes de Israel (33:10; 18:1-8; 27:9-26; 31:24-25). Neste caso, *teu fidedigno* deve ser uma referência a Levi.

A interpretação de 33:8b é difícil, pois as Escrituras não contêm nenhum registro do papel dessa tribo nas ocorrências em Massá (cf. 6:16) e Meribá (32:51; cf. tb. Nm 20:13; 27:14). O indivíduo cuja fé foi testada nesses lugares pela murmuração do povo foi o próprio Moisés, quando os israelitas mostraram sua falta de fé na provisão divina (cf. Sl 81:7; 95:8). Como Moisés era da tribo de Levi (Êx 6:16-20), é possível que ele seja mostrado aqui como um representante de toda a tribo. Talvez a expressão sugira que, como as outras tribos de Israel, a de Levi foi provada pela falta de água, mas permaneceu fiel à aliança de Deus, não obstante as circunstâncias externas.

O zelo da tribo de Levi pelo Senhor é mostrado nos episódios descritos em Êxodo 32:25-29 e Números 25:6-13, ocasiões em que os demais israelitas abandonaram a aliança, enquanto os levitas puseram seu compromisso com o Senhor acima até dos laços de família (33:9-10). As pessoas mais aptas para proclamar e ministrar a palavra de Deus são aquelas que se mostram fiéis a ela.

A tribo de Benjamim recebe a garantia de que pode confiar em Deus, pois foi levada sobre seus ombros, como um pastor carregava um animal necessitando de cuidados (33:12; cf. tb. Lc 15:5).

A tribo de José, constituída de dois subgrupos, Efraim e Manassés (33:17b), também recebeu uma bênção extensa na qual são descritas em detalhes a fertilidade de suas terras na região dos montes e as bênçãos que os benjamitas desfrutarão *daquele que apareceu na sarça* (33:13-16a; cf. tb. Êx 3:2). Por certo, essas tribos seriam poderosas entre os israelitas e outras nações (33:16b-17a).

As tribos de Zebulom e Issacar são abençoadas com prosperidade. Enquanto José desfrutaria a abundância da região dos montes, essas duas tribos receberiam da abundância do mar, na forma de frutos do mar e comércio marítimo (33:18-19).

A tribo de Gade havia decidido se apropriar de parte do território de Seom (3:12,16) e havia defendido essa decisão diante dos líderes de Israel (33:20-21; cf. tb. Nm 32). Seus membros precisariam ser ferozes e fortes como leões para se manter no lugar que haviam tomado para si junto à fronteira de Israel.

Se a tribo de Gade era como um leão, a tribo de Dã era como um *leãozinho*, forte e vigorosa, assentada numa região conhecida pela qualidade de seus rebanhos (33:22; cf. tb. 32:14).

A tribo de Naftali recebeu a promessa de ser abençoada por Deus na região fértil ao redor do mar da Galileia (33:23).

A última tribo a ser abençoada é a de Aser, mas nem por isso é considerada menos importante, sendo chamada de “bendita”. O fato de as terras recebidas por essa tribo serem conhecidas por seu azeite explica a declaração: *Banhe em azeite o pé* (33:24-25). O território de Aser ficava no extremo norte da terra prometida e, portanto, numa posição vulnerável a ataques. Porém, a tribo recebe a garantia de que suas defesas serão resistentes e seus membros terão força para se defender.

Todas essas bênçãos anteveem a vida de Israel depois de ocupar a terra da promessa, onde desfrutará as dádivas divinas de prosperidade material e proteção física. As bênçãos específicas mencionadas por Moisés detalham a bênção dada em Números 6:22-27.

Moisés encerra sua bênção da mesma forma que a iniciou: com uma celebração triunfante do poder de Deus e de sua bondade maravilhosa para com Israel. Nessa descrição, Deus é mostrado acima do seu povo (*cavalga sobre os céus*), sob o seu povo (*por baixo de ti, estende os braços eternos*), à frente do seu povo (*ele expulsou o inimigo de diante de ti*) e ao redor dele (como sua *habitação*, um termo que também pode ser traduzido por “refúgio”) (33:26-27). Com um Deus como esse a seu lado, não é admirar que o povo possa esperar uma nova vida de paz e prosperidade (33:28). Também não surpreende Moisés excluir *Feliz és tu, ó Israel!* ao se lembrar do Salvador e Defensor do seu povo e terminar asseverando a vitória de Israel sobre todos os seus inimigos (33:29).

O livro de Deuteronômio mostra como o povo de Israel poderá viver depois de entrar em sua terra. Os israelitas são lembrados repetidamente de que seriam abençoados pelo Senhor caso obedecessem às leis estabelecidas por ele. A bênção de Moisés relaciona os benefícios dos quais desfrutarão mediante a condição de permanecerem fiéis ao Senhor que foi e será seu libertador.

### 34:1-12 A despedida de Moisés

Em seu último ato de obediência, Moisés sobe o monte Nebo (34:1a; cf. 32:49) até o *cimo de Pisga*, um termo que denota o pico mais alto do monte. Desse pico, é possível ver num dia claro toda a terra de Israel, a terra que o Senhor tinha prometido mostrar a Moisés, mas na qual o havia proibido de entrar (34:1b-4). Pode-se observar no ato de Moisés de contemplar a terra um elemento de cunho legal, como um homem inspeciona uma propriedade que em breve será sua. A terra diante de Moisés havia sido contemplada anteriormente por Abraão e, em breve, pertenceria ao povo que Deus tinha preparado para viver ali.

Moisés morreu sozinho, e foi sepultado no monte. Podemos entender as palavras *Este o sepultou* (34:6a) como uma indicação de que o Senhor sepultou Moisés. Ninguém devia tentar venerar o local de seu sepultamento. Sua memória seria honrada para sempre, mas sua sepultura não se tornaria um lugar de peregrinação e, possivelmente, de idolatria (34:6b).

De acordo com o texto, Moisés ainda se encontrava cheio de vigor aos *cento e vinte anos* (34:7). No Egito, alcançar os 110 anos de idade era considerado uma recompensa por uma vida excepcional e era uma expressão de elogio usada, não obstante a idade com que a pessoa tivesse morrido. A longevidade do líder de Israel foi um sinal de superioridade.

O povo pranteou a morte de Moisés *por trinta dias, nas campinas de Moabe* (34:8). A liderança seria assumida por Josué, ao qual Moisés havia transferido oficialmente o espírito de sabedoria necessário para a tarefa difícil que Israel tinha pela frente. O povo se mostrou obediente e honrou o novo líder que Moisés havia nomeado conforme a instrução de Deus (34:9).

O epitáfio de Moisés é apresentado em 34:10-12, em que ele é descrito como o maior dos profetas de Israel (18:15-22; Nm 12:6-8). Sua grandeza se deveu, em primeiro lugar, a seu conhecimento pessoal e íntimo de Deus, com o qual falava *face a face* (34:10). Além disso, Deus lhe deu o poder de realizar *sinais e maravilhas* inigualáveis ao libertar o povo da escravidão no Egito (34:11). Moisés foi “O líder carismático de Israel, escolhido por Deus para ser seu porta-voz e agente, no qual estavam concentrados todos os grandes ofícios de Israel: profeta, governante, juiz e sacerdote” (TOT).

### Conclusão

O final do livro de Deuteronômio marca o encerramento da Torá, os cinco primeiros livros do AT que descrevem como Deus escolheu seu povo, transformou-o numa nação e lhe deu sua lei. Agora, os israelitas estão prontos para iniciar um novo estágio de sua história ao entrar e se assentar na terra prometida. É um momento de grande esperança, como se pode ver nas bênçãos de Moisés. Porém, também é um momento no qual o povo terá de praticar as leis que Moisés lhe deu e viver de acordo com elas mesmo depois de se espalhar em pequenas comunidades por toda a terra. Israel não terá mais um líder do calibre de Moisés para instar o povo a obedecer; agora, a obediência será uma responsabilidade de todos, que deverá ser transmitida à geração seguinte. Se os israelitas não amarem e servirem ao Senhor, as bênçãos tão aguardadas se desvanecerão e lhes restarão apenas as maldições que aceitaram em Moabe. Caso estas lhes sobrevenham, porém, eles ainda poderão ter esperança na fidelidade de um Deus amoroso que, no devido tempo, voltará para restaurar seu povo e lhes enviar alguém ainda maior que Moisés, a saber, o Messias.

Luciano C. Chianeque e Samuel Ngewa

### Leituras adicionais

DRIVER, S. R. *A Critical and Exegetical Commentary on Deuteronomy*. ICC. Edinburgh: T&T Clark, 1999.

THOMPSON, J. A. *Deuteronomy: An Introduction and Commentary*. TOT. Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1974.

# JOSUÉ

Deus escolheu Josué para cumprir as promessas feitas a Abraão de tornar seus descendentes uma grande nação e lhes dar sua própria terra.

Por volta de 2000 a.C., o Senhor chamou Abraão de Ur dos caldeus, mostrou-lhe a terra de Canaã e declarou: “Darei à tua descendência esta terra” (Gn 12:7). Posteriormente, disse: “Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas [...] Na quarta geração, tornarão para aqui” (Gn 15:13-15).

A primeira parte dessa profecia se cumpriu quando Jacó e toda a sua família deixaram a terra de Canaã onde faltava alimento e foram para o Egito, viver junto de José, o filho de Jacó vendido como escravo, mas elevado ao cargo de primeiro-ministro. Uma mudança temporária em busca de alívio se transformou em quatrocentos anos de escravidão para os israelitas. No entanto, a família de Jacó ainda acreditava que, um dia, Deus cumpriria sua palavra e conduziria Israel à terra prometida. No final de Gênesis, José se mostra tão certo da confiabilidade da palavra de Deus que diz: “Eu morro; porém Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaque e a Jacó”, instando para que seus ossos fossem transportados para a terra da promessa quando os filhos de Israel deixassem o Egito (Gn 50:24-25). Apesar de Abraão, Isaque e Jacó terem morrido, José se apegou à promessa de Deus, decidido a participar dela mesmo depois de morto, ainda que somente os seus ossos entrassem na terra prometida!

Deus não se esqueceu de sua promessa a Abraão. Apareceu a Moisés na sarça ardente, e lhe disse: “O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (Êx 3:9-10). Moisés foi para o Egito e, com a ajuda de Deus, conduziu Israel para fora daquela terra. Infelizmente, os israelitas eram um povo obstinado e, portanto, levariam quarenta anos para chegar à terra prometida, onde entrariam depois da morte de Moisés.

Então, Deus escolheu Josué, o assistente de Moisés, para comandar os israelitas na realização do sonho ao qual haviam se apegado durante quatrocentos anos. Como o livro de Josué deixa claro, as promessas de Deus nunca falham e a palavra de Deus é absolutamente confiável. Assim, mesmo quando tudo parece indicar o

contrário, não temas! “Se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará” (Hc 2:3).

Nesse livro, Deus é retratado como aquele que fez uma promessa, revelando-se a Abraão, Isaque e Jacó, e como aquele que cumpriu sua promessa, revelando-se a Josué.

## Esboço

### 1:1-9 O chamado e a promessa

1:1a O falecimento de um servo

1:1b-2 A promoção de um assistente

1:3-5 Promessas divinas

1:3-4 Uma promessa de cumprimento

1:5a Uma promessa de vitória

1:5b Uma promessa da presença contínua de Deus

1:6-9 Requisitos da promessa

1:6-7,9 “Sê forte e corajoso”

1:8 Estudo e compromisso

### 1:10—2:24 Planejamento e preparação

1:10-18 O plano

1:10-11 Comunicação

1:10 O plano é apresentado aos líderes

1:11 O plano é apresentado ao povo

1:12-15 O envolvimento de um grupo especial

1:16-18 A resposta do povo

2:1-24 A preparação

2:1-7 A sondagem da terra

2:8-21 Apoio na terra

2:22-24 Relatório do sucesso

### 3:1—6:27 A grande marcha

3:1—4:24 A marcha de travessia do Jordão

3:1-4 Olhar para a arca

3:5-6 Santificar-se

3:7-11 Um passo para o alto

3:12-13 Um passo para a união

3:14-17 Um passo de fé

4:1-24 Um passo de recordação

5:1-12 A remoção do opróbrio do Egito

5:1 O desânimo dos cananeus

5:2-7 Facas de pederneira em Gilgal

5:8 Uma espera paciente

5:9-12 O opróbrio do Egito

5:13—6:27 A marcha contra Jericó

5:13-15 Um homem com uma espada

- 6:1-5 Toques de trombetas e gritos
- 6:6-10 Marcha coordenada
- 6:11-14 Retorno ao arraial
- 6:15 O sétimo dia
- 6:16,20 O grito
- 6:17-19,21-25 O cumprimento de uma promessa
- 6:26-27 Um juramento solene

### 7:1—9:27 Derrota e engano

- 7:1—8:29 Ai: uma cidade estratégica
- 7:1 O pecado de Acã
- 7:2-26 Problemas em Ai
  - 7:2-3 A análise humana
  - 7:4-5 A estratégia humana
  - 7:6-7 A reação humana
  - 7:8-9 A preocupação humana
  - 7:10-13 Uma repreensão divina
  - 7:14-18 Uma prescrição divina
  - 7:19-21 Uma revelação divina
  - 7:22-26 Um julgamento divino
- 8:1-29 A derrota de Ai
- 8:30-35 A leitura da lei no monte Ebal
- 9:1-27 A ingenuidade de Israel
  - 9:1-2 Uma aliança bélica
  - 9:3-15 Uma aliança enganosa
    - 9:3-6 Enganados pelas aparências
    - 9:7-13 Enganados pela lisonja
    - 9:14-15 Enganados pelo orgulho da vitória
  - 9:16-27 O engano é descoberto

### 10:1—12:24 A posse da terra

- 10:1-27 Uma coalizão de cinco reis
  - 10:1-5 A coalizão contra os gibeonitas
  - 10:6-8 O salvamento dos gibeonitas
  - 10:9-21 A derrota da coalizão
  - 10:22-27 A humilhação dos inimigos
- 10:28-43 O sul: vitórias fáceis
- 11:1-23 O norte: oposição e vitória
- 12:1-24 A terra conquistada: o resultado final

### 13:1—19:51 A divisão da terra

- 13:1-7 Territórios não conquistados
- 13:8-33 Os territórios a leste
- 14:1—19:51 Os territórios a oeste
  - 14:1-5 Divisão da terra
  - 14:6-15 A parte de Calebe
  - 15:1-63 A parte de Judá
  - 16:1—17:18 A parte de José
  - 18:1—19:51 O restante da terra

### 20:1—24:33 Missão cumprida!

- 20:1—21:45 Distribuição especial
- 20:1-9 Cidades de refúgio

- 21:1-42 Cidades para os levitas
- 21:43-45 Resumo da missão
- 22:1-34 As tribos do leste voltam para casa
  - 22:1-8 Bênçãos para a jornada
  - 22:9-34 O altar do testemunho
- 23:1—24:33 A quem pertence a terra prometida?
  - 23:1-8 A terra da promessa
    - 23:3-4 Sua extensão
    - 23:5-6 Sua posse
    - 23:7-8 Seu povo
  - 23:9-16 O Deus que cumpre suas promessas
    - 23:9-13 Seu poder
    - 23:14 Sua fidelidade
    - 23:15-16 Seu zelo
  - 24:1-13 O povo da promessa
  - 24:14-27 A renovação da aliança
    - 24:14-18 A escolha
    - 24:19-27 Compromisso com o Senhor
  - 24:28-33 A morte de Josué

## COMENTÁRIO

### 1:1-9 O chamado e a promessa

#### 1:1a O falecimento de um servo

Moisés havia sido um líder extraordinário, dotado de grande força e energia. Havia demonstrado qualidades espirituais excepcionais e desfrutado um relacionamento especial com Deus. Depois de seu chamado junto à sarça ardente, Moisés se tornou o porta-voz de Deus e mediador entre o Senhor e seu povo, o homem com o qual Deus falava “boca a boca [...] claramente e não por enigmas” (Nm 12:8). Moisés foi, verdadeiramente, um *servo do SENHOR* excepcional (1:1a).

Os israelitas devem ter se espantado ao descobrir que, apesar do caráter e do relacionamento especial de Moisés com Deus, ele havia sido proibido de entrar na terra prometida. Então, o inimaginável aconteceu: Moisés faleceu, e o povo perdeu seu líder.

Todos nós tememos o poder misterioso que chamamos de morte. Talvez por isso escolhemos não pensar sobre ela ou preferimos negá-la, como se fosse algo que acontece com outras pessoas, mas não conosco. A constituição de alguns países da África considera o simples fato de imaginar a morte de um presidente um ato de traição!

No entanto, a morte é uma realidade e não faz acepção de pessoas — leva o rei e não poupa o mendigo. Visita o rico em sua mansão e fica à espreita do pobre nas ruas. Leva a melhor sobre o acadêmico e não discute com o tolo. Não poupa o médico e enfeitiça o curandeiro. Acompanha você no avião e no matatu (um táxi queniano). Nada com você na piscina e veleja com você no mar. Anda com o pe-



destre e dirige com o motorista. Leva um ancião de 120 anos e um bebê recém-nascido. A morte não pode ser evitada nem enganada. Não é de admirar que Jó exclame: “O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece” (Jó 14:1-2).

Muitos líderes africanos parecem se considerar imortais e, com isso, geram inúmeras dificuldades nas transições de liderança. Governantes não encaram a realidade da sua própria morte e, portanto, não preparam outros para continuar o trabalho. Na África, alguns líderes permanecem em seus cargos “até que a morte os separe”. E, quando a morte desfere o seu golpe, é difícil preencher a lacuna que deixa.

A Bíblia declara que “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hb 9:27). A morte é um compromisso que não pode ser adiado nem perdido e ao qual, por fim, Moisés, o servo do Senhor, compareceu.

### 1:1b-2 A promoção de um assistente

Quando Moisés faleceu, o Senhor incumbiu Josué de prosseguir com a missão de entrar na terra prometida. O novo líder de Israel é apresentado aqui como *Josué, filho de Num, servidor de Moisés* (1:1b).

Josué aparece pela primeira vez na história de Israel como um guerreiro ao qual Moisés ordena: “Escolhe-nos homens, e sai, e peleja contra Amaleque” (Êx 17:9). Também é mencionado como um assistente que acompanha Moisés quando este vai ao encontro de Deus no monte (Êx 24:13) e volta para o arraial, onde encontra os israelitas adorando o bezerro de ouro (Êx 32:17); ele fica na tenda da congregação enquanto o Senhor fala face a face com Moisés (Êx 33:11).

No entanto, o relato mais importante sobre o novo líder de Israel é aquele que mostra seu papel como um dos doze homens enviados para espiar a terra prometida (Nm 13:2). Na lista de espias, ele aparece como “Oseias, filho de Num” (Nm 13:8). Mais adiante no mesmo capítulo, diz-se que “a Oseias, filho de Num, Moisés chamou Josué” (Nm 13:16). O nome Josué vem do hebraico Jehoshua, “Javé é libertação” ou “Javé é salvação”. Sua forma grega é Jesus — o nome de nosso Senhor, Libertador e Salvador.

Quando os doze espias voltaram de sua missão, dez deles relataram que, apesar de Canaã ser uma “terra que mana leite e mel”, também era repleta de gigantes terríveis e cidades fortificadas, e, portanto, os israelitas não tinham mínima chance de conquistá-la (Nm 13:27-29,31-33). Mas o relatório de Josué e Calebe, filho de Jefoné, foi diferente: “A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muitíssimo boa. Se o SENHOR se agradar de nós, então, nos fará entrar nessa terra e no-la dará, terra que mana leite e mel. Não somente não sejais rebeldes contra o SENHOR e não temais o povo dessa terra, porquanto, como pão, os podemos levar; retirou-se deles o seu amparo; o SENHOR é conosco; não os temais” (Nm 14:7-9).

Com esse relatório, Josué e Calebe se distinguiram como homens de uma estirpe diferente, cheios de fé e coragem. Não é de surpreender que Moisés tivesse escolhido Josué para ser seu assistente pessoal. Esse relacionamento entre mentor e aprendiz se desenvolveu profundamente e, antes do fim de sua vida e ministério, Moisés chamou Josué e lhe informou, na presença do povo, que Deus o havia escolhido para conduzir os israelitas à terra prometida (Dt 31:1-8).

O continente africano se encontra no meio de uma crise séria de liderança. Quase toda mudança de líder é acompanhada de conflito. Ou falta um líder adequado, ou a transição de poder é repleta de brigas e lutas. Esse padrão pode ser observado não apenas na política nacional, mas também no âmbito corporativo e, sem dúvida, na igreja. É raro ouvir falar de uma transição tranquila ou, melhor ainda, de uma transição gradual, na qual os novos líderes constroem sobre os alicerces dos seus antecessores e conduzem a nação, organização ou igreja a um novo patamar de crescimento e desenvolvimento. Homens como Julius Nyere da Tanzânia e Nelson Mandela da África do Sul, que entregaram voluntariamente o governo de suas nações, destacam-se como faróis numa noite escura, não porque sua atitude é incomum no cenário mundial, mas porque é rara na África.

Depois que Moisés faleceu, o Senhor chamou Josué para dar continuidade à sua obra: *Dispõe-te, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que eu dou aos filhos de Israel* (1:2).

### 1:3-5 Promessas divinas

Deve ter sido uma experiência emocionante para Josué ver Israel junto ao Jordão, prestes a entrar em Canaã. Como ele sabia bem, a promessa da terra havia sido feita séculos antes a Abraão, o qual não testemunhou seu cumprimento. Isaque, Jacó, José e Moisés também estavam mortos, e Josué talvez tenha se julgado indigno de ver a realização desse sonho tão antigo. Assim, Deus o tranquilizou com três promessas.

#### 1:3-4 Uma promessa de cumprimento

Deus faz uma promessa muito especial a Josué com respeito à certeza de posse da terra: *Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado* (1:3). Josué experimentaria pessoalmente o cumprimento da promessa. Seus próprios pés e os pés de todos os israelitas sob sua liderança determinarão aquilo que possuiriam. O povo poderia ocupar toda a terra desde o deserto e o Líbano até ao grande rio, o rio Eufrates [...] até o mar Grande (1:4). A região descrita aqui é semelhante àquela prometida pelo Senhor a Abraão (Gn 15:18-20).

Em relação às fronteiras políticas atuais, a terra prometida abrangeria o Estado moderno de Israel, toda a Jordânia, grande parte da Arábia Saudita, parte da Síria e todo o Kuwait! Mas, mesmo no seu auge durante o reinado de Davi e Salomão, Israel ocupou apenas uma pequena

porção desse território. Nos dias de hoje, o restante é ocupado pelos árabes, que também afirmam ter direito sobre a terra. Fica, portanto, a pergunta: Quem é o dono legítimo dessa terra? Se Israel tem o direito de existir como Estado, suas fronteiras devem se estender a fim de corresponder ao território prometido? Os árabes, que também são descendentes de Abraão por parte de Ismael, têm algum direito à terra prometida? Essas perguntas fazem parte da lenha que alimenta o fogo do conflito no Oriente Médio.

### 1:5a Uma promessa de vitória

Todo líder teme a possibilidade de fracasso. Apesar de todas as suas fraquezas e dificuldades, Moisés havia sido bem-sucedido em conduzir o povo de Deus até a margem do rio Jordão, na fronteira da terra prometida. Mas Josué deve ter se perguntado se seria capaz de completar a missão. Teria a coragem de lutar contra todos os povos que estavam vivendo na terra? E quanto à oposição interna pelos próprios israelitas? O povo se rebelaria contra ele? Não! Deus diz: *Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida (1:5a)*. Deus prometeu a Josué vitória sobre todos os seus adversários. Não era apenas uma promessa circunstancial, mas para a vida toda; Josué seria vitorioso em todas as suas batalhas!

### 1:5b Uma promessa da presença contínua de Deus

Deus havia estado com Moisés de maneira extraordinária. Havia realizado milagres e falado aos israelitas por intermédio de seu servo e o tinha encorajado em momentos de frustração. Josué teria essa mesma experiência? Sim — *Como fui com Moisés, assim serei contigo (1:5b)*. Moisés estava morto, mas o Deus de Moisés estava mais do que vivo!

Foi Moisés quem disse ao Senhor: “Se a tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar. Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o teu povo, de todos os povos da terra?” (Êx 33:15-16). Em outras palavras, para o líder de Israel, era preferível habitar no deserto com o Senhor a entrar na terra que manava leite e mel sem ele. Moisés sabia que a única diferença entre o povo de Deus e qualquer outro povo é a presença de Deus com ele, ou seja, a prova de seu favor sobre seu povo.

Sem a presença de Deus, somos como qualquer outro povo, nossos lares são como os lares de outros e nossos negócios são iguais aos de outros. Mas quando o Senhor está presente conosco, então nos tornamos “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2:9-10). Não surpreende, portanto, a insistência de Moisés para Deus acompanhar seu povo! O Senhor atendeu ao pedido de seu servo e lhe disse: “Farei também isto que disseste; porque achaste graça aos meus olhos, e eu te conheço pelo teu nome” (Êx 33:17). Trata-se de um episódio importante, pois, nesse momento, Deus toma a

iniciativa de garantir sua presença permanente com Josué. Deus estaria a seu lado para dirigir, fortalecer e garantir o sucesso: *Não te deixarei nem te desampararei (1:5b)*.

Munido de tais promessas de cumprimento, vitória e presença de Deus, Josué estava pronto para obedecer à ordem de Deus para partirem, confiantes na continuidade da bênção de Deus de geração em geração.

### 1:6-9 Requisitos da promessa

As palavras tranquilizadoras de Deus a Josué não significavam que Josué não participaria da realização da promessa divina. Pelo contrário: Deus esperava que ele demonstrasse coragem e força e se dedicasse ao Livro da Lei.

### 1:6-7,9 “Sê forte e corajoso”

Deus conhece e compreende o coração de todas as pessoas e, portanto, sabia que Josué estava com medo de se lançar à tarefa. Seu medo é estranho, tendo em vista o próprio Josué, juntamente com Calebe, ter feito uma declaração veemente e confiante acerca do poder de Deus depois de investigarem a terra com os outros dez espias. Por que, então, Josué precisa de exortação para ser forte e corajoso? Podemos citar pelo menos quatro motivos pelos quais Josué talvez estivesse receoso.

- **O povo ao qual devia liderar.** Josué conhecia bem os israelitas. Como assistente de Moisés, sabia da angústia mental e espiritual que Moisés havia sofrido ao conduzir esse povo. Sabia que, numa ocasião, Moisés havia se cansado dele a ponto de quase deserdá-lo (Nm 11:11-15). Até Deus havia se aborrecido dele e dito a Moisés: “Sobe para uma terra que mana leite e mel; eu não subirei no meio de ti, porque és povo de dura cerviz, para que te não consuma eu no caminho” (Êx 33:3). Agora, Josué teria de liderar esse mesmo povo. Se até mesmo Deus o considerava difícil, como Josué poderia lidar com ele? A responsabilidade de liderar um grupo desses era assustadora. Assim, Deus tranquiliza Josué: *Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra (1:6a)*.
- **A terra que devia conquistar.** A terra em que estavam entrando era, de fato, rica em leite e mel, mas os outros espias não haviam mentido ao relatar que os povos da região eram poderosos e as cidades eram grandes e fortificadas. Daí, a conclusão unânime: “Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós” (Nm 13:31). Apesar de Josué ter discordado dos outros espias, agora estava encarregado de enfrentar esses cananeus — sem dúvida, uma perspectiva assustadora! Assim, Deus lhe diz: *Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais (1:6)*.
- **O homem a quem devia suceder.** Moisés era um homem capaz de duplicar a Deus até que este, em sua gra-

ça, mudasse seu curso de ação (Nm 14:11-23). Havia demonstrado sabedoria, paciência, tolerância e grande força ao lidar com o povo. Durante quarenta anos, havia exercido incansavelmente o papel de mediador entre Deus e seu povo. Não era fácil ser o sucessor de um homem como esse. Josué provavelmente teve medo de ser comparado a Moisés e considerado inapto. Talvez tenha esperado, receoso, ouvir comentários como: “Se ao menos Moisés ainda estivesse vivo”, ou “Se Moisés estivesse aqui, ele...”. Em outras palavras, Josué talvez temesse andar sempre à sombra de Moisés. Assim, Deus o tranquiliza: *Tão somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou [...] para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares* (1:7).

- **O Deus a quem devia servir.** Outro motivo possível para o receio de Josué era o Deus a quem ele devia servir. O Senhor era um Deus tremendo. Em sua ira, havia feito o chão se abrir e tragar várias pessoas (Nm 16:31-32)! Havia feito os filhos de Israel vagarem pelo deserto até morrerem e uma nova geração surgir. Havia proibido Moisés de entrar na terra depois de trabalhar tão arduamente, pelo simples fato de ele haver ferido uma rocha em vez de lhe falar conforme havia sido instruído (Nm 20:7-12). Sem dúvida, era assustador se relacionar com esse Deus. Assim, o Senhor garante a Josué: *Sê forte e corajoso [...] porque o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde andares* (1:9b).

A fim de cumprir a missão da qual Deus o havia incumbido, Josué teria de ser um líder de grande força e coragem. Não é de admirar que as palavras “sê forte e corajoso” sejam repetidas três vezes (1:7,9,18). E o acréscimo da pergunta: *Não to mandei eu?* (1:9a) deixa absolutamente claro para Josué que se trata de uma ordem de Deus, e não um pedido.

Encontramos no NT um chamado semelhante para todos os cristãos: “Não abandonéis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa [...] o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma” (Hb 10:35-39).

### 1:8 Estudo e compromisso

O segundo requisito a ser cumprido por Josué era a devoção total à lei do Senhor. No tempo de Josué, Moisés já havia escrito todas as leis recebidas de Deus e compilado um registro detalhado dos acontecimentos desde o início da criação até a chegada de Israel à fronteira da terra prometida. Os cinco livros do Pentateuco — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio — eram conhecidos como “a Lei”. De acordo com Deuteronômio 31:9, “Esta lei, escreveu-a Moisés e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi, que leva-

vam a arca da Aliança do SENHOR, e a todos os anciãos de Israel”. E Deuteronômio 31:26 diz: “Tomai este Livro da Lei e ponde-o ao lado da arca da Aliança do SENHOR, vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti”.

Ao ser comissionado para conduzir o povo à terra prometida, Josué recebe a seguinte ordem: *Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito* (1:8a). Em outras palavras, devia estudar a lei com cuidado, meditar sobre seus ensinamentos e respectivas implicações e colocá-los em prática em todas as suas atividades. Ao proceder desse modo, ele supostamente cuidaria também para transmitir esses ensinamentos a seus liderados.

De forma semelhante, Esdras “tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, para cumprí-la e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7:10). A mesma incumbência é dada a Timóteo, quando Paulo se prepara para lhe transferir a liderança: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste [...] prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2Tm 3:14—4:2). A ordem para estudar, praticar e ensinar a palavra de Deus se aplica a qualquer líder que deseje andar segundo a vontade de Deus.

Esta ordem para Josué marca um momento crítico na comunicação entre Deus e seu povo, especialmente com respeito à sua vontade. Até aqui, Deus havia revelado sua vontade ao povo por meio de sonhos, visões, anjos, profetas e até de forma direta. Mas aqui Deus parece estar dizendo a Josué que todo o conhecimento necessário para andar em obediência já havia sido revelado a Moisés, e ele o havia registrado por escrito no Livro da Lei. Assim, Josué não devia esperar por sonhos, anjos, profetas ou aparições do próprio Deus. Antes, devia estudar e meditar sobre o Livro da Lei e praticar seus preceitos fielmente.

No entanto, a ênfase divina sobre o Livro da Lei — as Escrituras Sagradas desenvolvidas até então — não marcou o fim da revelação especial de Deus por outros meios. Quando Josué foi nomeado oficialmente o assistente de Moisés, Deus indicou que ele receberia instruções especiais por meio de Eleazar, o sacerdote, pois ele consultaria o Senhor em nome de Josué “segundo o juízo do Urim” (Nm 27:18-21). Deus continuaria, portanto, a falar por intermédio da revelação especial, mas a ênfase começou a ser transferida à palavra de Deus em sua forma escrita com a qual Josué devia se comprometer de todo o coração.

Junto com essa incumbência, Josué recebe uma promessa maravilhosa de sucesso e bênção: “Para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares” (1:7). *Então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido* (1:8b). Estas palavras trazem à memória a promessa de Deus a Israel por intermédio de Moisés: “Se atentamente ouvires a voz do SENHOR, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os

seus mandamentos que hoje te ordeno, o SENHOR, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra. Se ouvires a voz do SENHOR, teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos” (Dt 28:1-2).

### 1:10—2:24 Planejamento e preparação

Apesar de não haver nenhum registro da resposta de Josué ao chamado e às promessas de Deus, seus atos deste ponto em diante indicam que ele estava decidido a seguir as ordens recebidas. Ao contrário de Moisés em Êxodo 3:11 a 4:1, Josué não hesitou em aceitar a comissão de Deus. Antes, creu na palavra de Deus e se pôs a realizar a tarefa da qual havia sido incumbido. Um dos maiores erros que os cristãos cometem com frequência ao responder ao chamado de Deus é começar uma empreitada sem refletir e considerar como deverá ser realizada. Um chamado espiritual não implica impotência intelectual.

#### 1:10-18 O plano

Josué havia recebido de Deus a descrição do seu cargo e uma carta de efetivação. Sua tarefa era conduzir o povo até o outro lado do Jordão e tomar posse da terra. Assim, Josué põe em ação um plano de três pontos com o objetivo de mobilizar o povo para conquistar a terra. Comunica o que será feito, planeja os detalhes e recebe uma resposta do povo. Durante a fase de implementação, vemos Josué demonstrar força e coragem ao dar ordens com autoridade aos líderes, instruir o povo de forma clara e relembrar determinados grupos de suas responsabilidades para com seus compatriotas.

#### 1:10-11 Comunicação

1:10 O PLANO É APRESENTADO AOS LÍDERES. A fim de realizar seu trabalho, Josué precisava comunicar o plano e as estratégias a seus subalternos. O primeiro grupo a ser informado devia ser o dos líderes, de modo que ele falou *aos príncipes do povo* (1:10). Nos dias de hoje, esses “príncipes” seriam os ministros do governo que tratam dos detalhes relacionados às ordens dadas pelo líder, para o qual seria impraticável se preocupar com todos os pormenores. Em Êxodo 5:6-19, o mesmo termo é usado para os capatazes de Faraó; em Deuteronômio 1:15, designa os líderes nomeados por Moisés para julgar o povo e, em 1Crônicas 27:1, os oficiais do exército de Davi.

Os príncipes aos quais Josué se dirigiu talvez fossem os membros do grupo formado por Moisés, mediante o conselho de seu sogro, Jetro. Moisés havia escolhido “homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Estes julgaram o povo em todo tempo” (Êx 18:24-26). Caso sejam os mesmos líderes, isto significa que Josué usou estruturas já formadas para comunicar seu plano ao povo — outra grande lição de liderança. Na África, todo líder que assume o poder parece implantar uma

estrutura totalmente nova e, com isso, demora a realizar qualquer progresso efetivo.

1:11 O PLANO É APRESENTADO AO POVO. A fim de ser bem-sucedido, Josué também precisava informar o povo sobre o que estava acontecendo. Os israelitas teriam de preparar suprimentos e estar prontos para partir. Assim, Josué ordenou que se anunciasse em todo o arraial: era chegada a hora de realizar a promessa de Deus. Investido da autoridade do Senhor, Josué não pediu nem implorou, mas *deu ordem* [...] *aos príncipes* (1:10): *Passai pelo meio do arraial e ordenai ao povo* (1:11a). Observamos o líder de Israel começando a agir com coragem, conforme o Senhor o havia instruído.

A mensagem de Josué ao povo foi curta, precisa e clara: *Provede-vos de comida* (1:11b). Até aqui, Deus havia provido o alimento dos israelitas diariamente por meio do maná (Êx 16:14-31). Mas, uma vez que o maná não podia ser guardado de um dia para o outro, Josué provavelmente estava instruindo o povo a juntar comida para a viagem. A essa altura, o maná não era o único alimento ao qual o povo tinha acesso, e sua provisão cessaria quando Israel atravessasse o Jordão (5:12; cf. Êx 16:35). O termo traduzido por “comida” também pode significar “provisões” e se referir aos pertences e rebanhos de cada família.

Sua mensagem foi transmitida com grande convicção, sem deixar espaço para dúvidas, discussões ou negociações: *Dentro de três dias, passareis este Jordão, para que entreis na terra que vos dá o SENHOR, vosso Deus, para a possuídes* (1:11c). A mensagem expressa a certeza de Josué acerca do resultado final desta convocação — o Senhor lhes dará a terra.

É impressionante como uma pessoa de convicções firmes tem muitos seguidores, quer ela os conduza pelo caminho certo, quer não! Por isso, ditadores, chefes de gangues e líderes de seitas suscitam a devoção incondicional de seus seguidores. Um indivíduo que se desculpa ou se mostra indeciso não deve ficar surpreso se olhar para trás e não avistar nenhum seguidor. A fim de reunir pessoas que compartilhem de sua visão, é preciso ter convicção e ser convincente. Além de estar convicto, Josué foi extremamente convincente ao chamar o povo para segui-lo e, com essa convicção profunda, inspirou os israelitas a se prepararem para ocupar a terra.

#### 1:12-15 O envolvimento de um grupo especial

A fim de colocar seu plano em ação, Josué precisava se dirigir a um grupo especial: *Aos rubenitas, e aos gaditas, e à meia tribo de Manassés* (1:12). A caminho da terra prometida, Moisés havia derrotado Seom e Ogue, reis da terra dos moabitas a leste do Jordão (Nm 21:21-35). As tribos de Rúben e Gade e a meia tribo de Manassés haviam pedido permissão para ocupar essa terra, pois ela oferecia pastos de boa qualidade para seus rebanhos. Moisés havia atendido ao pedido com uma condição: essas tribos deviam ajudar os outros israelitas quando chegasse a hora de entrar na

terra prometida (1:13-15; Nm 32:1-33). Talvez esse grupo tivesse esperança de que ninguém se lembraria de sua promessa depois da morte de Moisés, mas Josué estava estudando o Livro da Lei, e sabia do acordo que Moisés havia feito com as duas tribos e meia. Assim, enviou uma mensagem para lembrá-las de sua obrigação: *Vossas mulheres, vossos meninos e vosso gado fiquem na terra que Moisés vos deu deste lado do Jordão; porém vós, todos os valentes, passareis armados na frente de vossos irmãos e os ajudareis* (1:14). Em outras palavras, não apenas teriam de cumprir a promessa, mas também marchariam adiante das outras tribos na batalha.

### 1:16-18 A resposta do povo

Diante da segurança e convicção transmitidas por Josué acerca do plano para tomar posse da terra de Canaã e do fato de que o favor divino estava sobre ele, sua convocação recebeu o apoio de todo o povo. Os israelitas deram a Josué um voto unânime de confiança, e, conforme Deus havia prometido, ninguém se opôs. Sem dúvida, essa atitude superou todas as expectativas de Josué em relação aos israelitas obstinados que, além de apoiar seu novo líder, reiteraram as promessas de Deus:

- Deus havia transferido a liderança de Moisés para Josué (1:1); o povo promete transferir sua lealdade de Moisés para Josué: *Como em tudo obedecemos a Moisés, assim obedeceremos a ti* (1:17a).
- Deus havia prometido entregar a Josué todo lugar onde ele pisasse (1:3); agora, o povo promete: *Tudo quanto nos ordenaste faremos e aonde quer que nos enviareis iremos* (1:16).
- Deus havia prometido estar com Josué, assim como havia estado com Moisés (1:5a); agora, o povo repete essas palavras ao orar pedindo a presença do Senhor com Josué (1:17b).
- Deus havia dito a Josué: “Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida” (1:5); agora, o povo reitera essa promessa declarando a sentença de morte sobre qualquer um que ousar se rebelar contra Josué (1:18a).
- Deus havia dito a Josué que demonstrasse força e coragem a fim de obter vitória (1:6,7a,9); o povo também declara que a força e a coragem são uma responsabilidade pessoal e requisito para Josué (1:18b). Assim como Deus havia dito a Josué que cumpriria sua parte do acordo, agora os israelitas assumem o compromisso de fazer a parte deles e pedem a Josué que não falte com sua responsabilidade.

Foi um começo e tanto para Josué! Esse apoio unânime do povo comprovou sem sombra de dúvida o favor de Deus. Com as promessas de Deus e do seu povo, caberia agora ao novo líder de Israel se mostrar ainda mais certo do cumprimento da promessa.

Convém observar, porém, que Josué começou da maneira certa, pois sua incumbência foi aceita com uma atitude positiva. Ele se comunicou com o povo de forma inequívoca e apropriada, apresentando um plano de ação claro e definido. De acordo com um conceito dos meios administrativos, a eficácia de um líder é julgada pelos seus três primeiros meses e, especialmente, pelo primeiro dia de trabalho. Josué parece ter sido aprovado.

Richard Hess observa: “Este capítulo inicial de Josué ensina que a liderança do povo de Deus deve ser reconhecida como a escolha de Deus. O teste para todo ministério desse tipo se encontra no conhecimento e na obediência à palavra de Deus, pois ela pode suprir as necessidades do povo de Deus” (TOT). O chamado de Deus muitas vezes (mas nem sempre) é confirmado por uma reação positiva do povo a ser liderado. Muitas vezes, Deus cuida para que sua palavra seja confirmada por meio de sinais positivos.

### 2:1-24 A preparação

Com Deus a seu lado e um voto de confiança unânime de seus líderes e seguidores, Josué estava pronto para enfrentar o inimigo e conquistar a terra prometida.

Contudo, como todo bom líder, ele sabia que a unção espiritual e o apoio popular não substituem o cuidado com os detalhes antes de se lançar a uma grande empreitada. Não é raro líderes cristãos cometerem o erro de serem ungidos com o poder de Deus em oração, compartilharem suas ideias com o povo, receberem apoio unânime e, depois, darem início à sua missão sem um planejamento detalhado. O resultado, por vezes, é desastroso. Josué não era esse tipo de pessoa. Como Neemias, ele planejou e se preparou com cautela, tomando algumas providências práticas.

### 2:1-7 A sondagem da terra

A primeira coisa que Josué fez foi avaliar a dimensão da tarefa diante dele. *De Sitim enviou [...] dois homens, secretamente, como espias* (2:1a). O termo hebraico “Sitim” significa “acácia”. De acordo com Números 33:49, Sitim ficava nas campinas de Moabe, defronte de Jericó, do outro lado do Jordão. Em seu livro *História dos judeus*, Josefo, o historiador judeu do século I, situa o acampamento de Israel “próximo ao Jordão, onde se encontra hoje a cidade de Abila, um lugar repleto de palmeiras”. Sitim foi o último local onde Israel acampou antes de atravessar o Jordão e conquistar Canaã.

Josué instruiu os espias: *Andai e observai a terra e Jericó* (2:1b). Jericó era uma cidade fortificada e um oásis com fontes de água, distante cerca de oito quilômetros do rio Jordão e, portanto, o alvo mais lógico do primeiro ataque de Israel.

*Foram, pois, e entraram na casa de uma mulher prostituta, cujo nome era Raabe, e pousaram ali* (2:1c). Por que os espias entraram na casa de uma prostituta? Alguns registros históricos extrabíblicos se referem a Raabe como dona de

uma estalagem. Sem dúvida, uma estalagem ou hospedaria seria um lugar perfeito para os espias se misturarem com os viajantes que circulavam por lá, sem levantar suspeitas. Os terroristas que bombardearam a embaixada dos Estados Unidos em Nairóbi em 1998 montaram a bomba num hotel de segunda categoria nessa cidade. A grande circulação de hóspedes lhes permitiu entrar e sair do hotel com equipamentos de todo tipo sem chamar a atenção.

É bem provável, portanto, que os espias de Josué também tenham escolhido se hospedar numa estalagem da cidade. O texto não dá nenhuma indicação de que se dirigiram a esse local com intenções imorais. Do contrário, o autor teria dito algo como “Foram, pois, a Raabe, a prostituta”, sem fazer nenhuma menção da “casa de”. Assim, podemos supor que escolheram aquela casa por ser um lugar onde não chamariam a atenção.

Outro motivo para essa escolha talvez tenha sido o fato de hospedarias, hotéis, bares e restaurantes serem ótimos lugares para ficar sabendo das últimas fofocas de uma cidade ou país — exatamente o tipo de informação interessante para um espiã. Um viajante pode perguntar ao dono de uma estalagem sobre sua cidade ou país sem levantar suspeitas.

Por outro lado, informantes do governo também podiam frequentar lugares estratégicos como esse à procura de informações relevantes para a segurança nacional. Uma pessoa assim deve ter notado a presença dos espias de Josué, pois, *então, se deu a notícia ao rei de Jericó, dizendo: Eis que, esta noite, vieram aqui uns homens dos filhos de Israel para espiar a terra (2:2)*. A notícia chegou ao mais alto escalão do governo de Jericó, e Raabe recebeu a ordem de entregar os espias (2:3). Mas, em vez de obedecer a essa ordem, ela escondeu os israelitas no terraço e enganou os policiais, levando-os a uma perseguição inútil do lado de fora das portas da cidade (2:4-6). *Foram-se aqueles homens após os espias pelo caminho que dá aos vãos do Jordão; e, havendo saído os que iam após eles, fechou-se a porta (2:7)*.

### 2:8-21 Apoio na terra

Considerando-se que até mesmo o rei sabia da presença dos espias em Jericó, Raabe se colocou numa situação extremamente perigosa. Porém, arriscou a própria vida por um bom motivo. Antes que os espias fossem se deitar, ela subiu ao terraço e lhes disse: *Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra, e que o pavor que infundis caiu sobre nós (2:9)*. Explicou como sabia disso: *Temos ouvido que o SENHOR secou as águas do mar Vermelho de diante de vós [...] e também o que fizestes aos dois reis dos amorreus, Seom e Ogue [...] Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus acima nos céus e embaixo na terra (2:10-11)*. Eis uma mulher “pagã” que, por causa daquilo que ouviu, mostrou-se disposta a deixar seus deuses cananeus e crer no Deus de Israel. Por esse motivo, o nome de Raabe foi incluído na

lista dos heróis da fé em Hebreus 11:31. Sua confissão de fé no Senhor é espantosa para uma não-israelita.

Por ironia, enquanto Israel ainda estava espionando a terra para ver se o Senhor “poderia” entregá-la a seu povo, eis uma mulher cananeia afirmando saber, com certeza, que Deus já havia entregado a terra a Israel.

A Bíblia diz que “a fé vem por se ouvir a mensagem” (cf. Rm 10:17, NVI). Raabe havia ouvido e crido, e sua fé não apenas a levou a fazer uma confissão verbal, mas também a agir e se arriscar. Se alguém houvesse encontrado os espias em sua casa, Raabe teria sido executada! No entanto, pelo fato de crer em Deus, ela se dispôs a correr esse risco. Não há nenhum sinal de dúvida em sua confissão de fé no Deus de Israel em 2:11.

Raabe sabia que sua vida não estava nas mãos do rei de Jericó, mas, sim, nas mãos do Senhor. Assim, ao ajudar os espias, na verdade ela não estava se arriscando. O maior perigo de todos seria ficar do lado errado, contra o Senhor. Assim, ela pediu que os espias jurassem poupar a vida dela e dos membros de sua família ao tomar a cidade (2:12-13), mostrando que, para ela, a conquista de Jericó por Israel era apenas uma questão de tempo.

É espantoso como nós, cristãos, muitas vezes não conseguimos enxergar nossa vitória em Cristo, e, enquanto vivemos repletos de medo e inquietação, os olhos de não cristãos são abertos para que vejam as oportunidades colocadas por Deus diante de nós. Eles nos incentivam a ser ousados e confiantes, a avançar e tomar posse daquilo que nos pertence.

Considerando Raabe um elemento importante de sua estratégia, os espias juraram: *A nossa vida responderá pela vossa (2:14)*. Depois de selar esse acordo, Raabe os fez descer pelo muro em segurança (2:15-16). Os espias a instruíram a amarrar um *cordão de fio de escarlata* na janela e reunir em sua casa os membros de sua família e outras pessoas que ela desejasse proteger (2:18-21). Seu voto e o uso do cordão vermelho nos trazem à memória a primeira Páscoa dos judeus, quando o Senhor feriu os primogênitos das casas que não se encontravam protegidas pelo sangue nas ombreiras e vergas das portas (cf. Êx 12:7,13,22-23). Os espias partiram, sabendo que haviam encontrado apoio na terra onde estavam prestes a entrar.

John Henry Sammis estava absolutamente certo quando escreveu:

Em Jesus confiar, sua lei observar,  
Oh, que gozo, que bênção, que paz!  
Satisfeitos, guardar tudo quanto ordenar,  
Alegria perene nos traz!  
Crer e observar tudo quanto ordenar;  
O fiel obedece ao que Cristo mandar.

Quando assumimos o compromisso de andar à luz da palavra de Deus e procuramos fazer sua vontade, ele colocará em nosso caminho pessoas que nos ajudarão na jornada. Mesmo em território inimigo, Deus proverá alguém que se

identificará conosco. Não é de admirar que Davi tenha declarado: “Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários” (Sl 23:5). O Senhor colocou Raabe em Jericó a fim de preparar uma mesa para os espias.

### 2:22-24 *Relatório do sucesso*

Josué deve ter aguardado o relatório dos espias com grande ansiedade. Boas notícias estavam a caminho, mas Josué teve de esperar pelo menos três dias para recebê-las. Os espias foram para os montes, onde ficaram escondidos três dias até seus perseguidores terem terminado a busca por todo o caminho e voltado de mãos vazias (2:22-23a).

Ao voltarem, os espias contaram a Josué *tudo quanto lhes acontecera* (2:23b), fazendo suas as palavras de Raabe em 2:9, ao dizerem: *Certamente, o SENHOR nos deu toda esta terra nas nossas mãos* (2:24a). Estas palavras confirmam a declaração de Deus a Josué em 1:3: “Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado”, garantindo-lhe o cumprimento da promessa.

O Deus de Josué não falta com sua palavra. Ele havia dito a Josué que ninguém poderia se opor a ele e estava determinado a cumprir essa promessa. Daí os espias relataram sobre os habitantes de Canaã: *Todos os seus moradores estão desmaiados diante de nós* (2:24b). Quando Deus fala, ele toma as providências necessárias para que sua palavra se cumpra. O Senhor disse a Jeremias: “Viste bem, porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1:12).

Se Deus chamou você para realizar uma tarefa, cumpra-a com fé e confiança e veja o Senhor abrir portas diante dos seus olhos. O Deus que fez essas coisas por Josué no passado é o mesmo no presente e o será para sempre. Separe um tempo para, com a orientação do Espírito Santo, traçar uma estratégia para tomar posse daquilo que lhe pertence. Então, levante-se e vá espionar a terra!

### 3:1—6:27 *A grande marcha*

Depois de inspecionar Canaã e receber um relatório favorável, Josué estava pronto para entrar na terra prometida, escrevendo algumas das páginas mais importantes da história de Israel. Sem dúvida, foi uma ocasião ímpar, pois uma promessa feita a Abraão quase oitocentos anos antes estava prestes a ser cumprida (Gn 15:13-15). Porém, para realizar a marcha de entrada na terra, foi preciso superar três desafios: o rio Jordão, o opróbrio do Egito e a fortaleza de Jericó.

#### 3:1—4:24 *A marcha de travessia do Jordão*

Entre o povo de Deus e a terra prometida, estava o rio Jordão que, naquela época do ano, transbordava em ambas as margens (3:15). O rio era uma barreira visível para o cumprimento da promessa de Deus. Até aqui, o autor não havia mencionado o desafio que o rio nessa época de cheia representaria para Josué e o povo quando se preparavam para entrar em Canaã. Os espias atravessaram o Jordão

sem dificuldade (2:23), mas não seria tão fácil fazer passar a multidão de israelitas, com suas mulheres, crianças, animais e pertences, até a margem oposta do rio. No entanto, Josué estava prestes a ver Deus fazer algo impossível diante dos seus olhos!

#### 3:1-4 *Olhar para a arca*

Antes da grande travessia, Josué e os israelitas partiram de Sitim e acamparam junto ao Jordão (3:1). *Sucedeu, ao fim de três dias, que os oficiais passaram pelo meio do arraial e ordenaram ao povo, dizendo: Quando virdes a arca da Aliança do SENHOR, vosso Deus, e que os levitas e sacerdotes a levam, partíreis vós também do vosso lugar e a seguireis* (3:2-3). Assim, quem se preocupasse com alguma outra atividade correria o risco de ficar para trás. Os israelitas deviam voltar toda a sua atenção para a arca e aqueles que a carregavam. Quando a arca se movesse, deviam se mover também. O mesmo vale para qualquer um que está esperando a orientação de Deus — é preciso permanecer atento ao mover do Espírito Santo. O povo devia acompanhar a arca e segui-la aonde quer que fosse. Desse modo, saberia o caminho a ser percorrido (3:4). Aqueles que tentassem seguir seu próprio ritmo, o fariam por sua conta e risco. Assim também, quem procura a orientação de Deus deve acompanhar o Espírito Santo.

Os israelitas foram advertidos a manter uma distância de *cerca de dois mil côvados* (900m) entre eles e a arca. O fato de Deus estar disposto a conduzi-los não reduzia em nada sua santidade, seu caráter absolutamente separado. Ele estava habitando no meio do seu povo por meio da arca, mas ninguém devia lhe faltar com o respeito nem tratar a arca com descaso. Davi teve de aprender essa lição da maneira mais difícil ao transportar a arca para Jerusalém. Nessa ocasião, “estendeu Uzá a mão à arca de Deus e a segurou, porque os bois tropeçaram” (2Sm 6:6), e “Deus o feriu ali por esta irreverência; e morreu ali junto à arca de Deus” (2Sm 6:7).

A intimidade com uma pessoa pode nos levar a tratá-la de forma indevida, e, por vezes, até mesmo nosso relacionamento próximo com Deus pode produzir uma atitude desrespeitosa. Tratamos Deus de igual para igual. Infelizmente, muitos cristãos nem sequer refletem sobre o modo de entrar na casa de Deus no domingo de manhã ou de participar dos sacramentos do Senhor. Paulo advertiu os coríntios e, com eles, todos os cristãos, de não se achegarem à mesa do Senhor de forma indigna, pois “aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor” (1Co 11:27). Cada um deve examinar a si mesmo antes de comer do pão e beber do cálice, “pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si” (1Co 11:29). Paulo explicou aos coríntios que, em decorrência desse comportamento, muitos entre eles estavam fracos e doentes e alguns haviam até morrido. No entanto, como o apóstolo enfatiza, se julgarmos a nós



mesmos, não seremos julgados. Devemos manter uma distância reverente da arca.

### 3:5-6 *Santificar-se*

Sem dúvida, Josué estava entusiasmado com a perspectiva de, finalmente, levar o povo para o outro lado do Jordão. Esse grande homem de Deus estava pronto para ver Deus operar maravilhas. Estava esperando o inesperado.

No entanto, primeiro, era necessário o povo se santificar (3:5). O autor não fornece os detalhes, mas, quando uma ordem semelhante foi dada por Deus a Moisés, os israelitas tiveram de se purificar, lavar as roupas e se abster de qualquer coisa que pudesse contaminá-los (Êx 19:10). Talvez o mesmo procedimento tenha sido seguido neste caso. Deviam se preparar para receber coisas extraordinárias de Deus.

Depois de séculos de espera, havia chegado a hora. O Senhor cumpriria sua promessa *amanhã*. Sem dúvida, o tempo de Deus nunca falha. Como Salomão declarou posteriormente, “tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (Ec 3:1). O tempo da salvação concedida por Deus a seu povo se cumpriria no dia seguinte! Quando Habacuque não conseguia mais suportar ver tanta perversidade ao seu redor e lhe pareceu que Deus estava demorando demais para realizar o julgamento prometido, Deus lhe pediu que exercitasse a paciência: “Se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará” (Hc 2:3).

Talvez mais do que qualquer outro povo, os cristãos na África estão exatamente na mesma situação que Habacuque: cercados de perversidade, opressão e pobreza. E a maioria de nós se pergunta quando Deus cumprirá suas promessas. Mas está chegando o dia em que se ouvirá uma voz dizendo: *Santificai-vos, porque amanhã o SENHOR fará maravilhas no meio de vós* (3:5).

Muitas vezes, talvez escutemos a voz de Deus, façamos a nossa parte, vejamos o favor de Deus e, no entanto, não esperemos Deus fazer o que prometeu ou realizar milagres em nosso favor. Josué esperava ver Deus fazer coisas espantosas diante do seu povo. Como um bom pregador, ele fortaleceu a fé dos israelitas a fim de poderem receber aquilo que Deus tinha reservado para eles.

Então, instruiu os sacerdotes: *Levantai a arca da Aliança e passai adiante do povo* (3:6). A arca da aliança representava a presença de Deus. Ao colocá-la adiante do povo, Josué pôs Deus em primeiro lugar nessa empreitada de fé. Sua fé também é demonstrada no fato de ele dar a ordem para avançar antes de Deus lhe revelar o que faria em relação às águas do Jordão. Só depois de Josué pedir aos sacerdotes que levantassem a arca e conduzissem o povo e depois de pedir aos israelitas que se santificassem, Deus apareceu para dar mais detalhes. Josué não olhou para o rio Jordão, mas para o Senhor, seu Deus. Não se concentrou nas barreiras, mas no Deus capaz de removê-las. Também não disse ao povo que olhasse para ele, mas, sim, para Deus.

Pediu apenas que os sacerdotes cumprissem seu dever e liderassem a marcha e que o povo se santificasse a fim de se apresentar diante do Senhor com um coração puro.

Depois de cumprir esses pré-requisitos, Josué estava certo de que o Senhor faria maravilhas no meio deles.

### 3:7-11 *Um passo para o alto*

A fé demonstrada por Josué não tardou em ser recompensada. Deus disse a seu servo: *Hoje, começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel, para que saibam que, como fui com Moisés, assim serei contigo* (3:7; cf. 4:14). Josué havia exaltado o Senhor por meio do seu ato de fé, e, agora, Deus exaltaria Josué ao fazer maravilhas por intermédio dele. Ao remover a barreira do Jordão, Deus mostraria claramente a todos que estava com Josué como estivera com Moisés. O papel de Josué nessa travessia miraculosa lhe daria honra e crédito diante do povo. Daquele momento em diante, sua autoridade estaria firmemente estabelecida, e a obediência, garantida.

Sempre que exaltamos o Senhor, além de exaltar a si mesmo realizando grandes coisas em nós e por nosso intermédio, ele nos exalta aos olhos dos outros. No entanto, o contrário também é verdadeiro. Se nos envergonharmos do Senhor, ele se envergonhará de nós “quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos” (Lc 9:26). Não é de admirar que Paulo ore: “Porque estou certo [...] segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte” (Fp 1:20). Exaltar a Deus deve ser o maior desejo de todo cristão.

Josué reuniu o povo, dizendo: *Chegai-vos para cá e ouvi as palavras do SENHOR, vosso Deus* (3:9). Porém, o teor de sua proclamação não é uma mensagem direta de Deus, mas, sim, proveniente de sua fé pessoal. Ele chama a atenção dos israelitas para os atos de Deus e os sinais de sua presença no meio de Israel, instruindo-os a observar com grande atenção a movimentação dos sacerdotes (3:10-11).

### 3:12-13 *Um passo para a união*

Josué pediu à congregação que escolhesse *doze homens das tribos de Israel, um de cada tribo* (3:12). O papel desses homens não fica claro, mas, ao que parece, Josué queria um representante de cada tribo para participar do milagre, contemplar e dar testemunho irrefutável ao restante do povo acerca das obras maravilhosas de Deus. Posteriormente, o texto mostra esses homens construindo um altar memorial na margem do Jordão com pedras retiradas do meio do rio (4:4-9). Mais uma vez, Josué dá um passo de fé, antevendo a intervenção de Deus antes que se concretize.

### 3:14-17 *Um passo de fé*

Quando o povo levantou acampamento para atravessar o Jordão, os sacerdotes carregando a arca tomaram a frente.

Assim que chegaram ao rio Jordão, as águas que vinham de cima pararam de correr. Os sacerdotes, então, *pararam firmes no meio do Jordão* enquanto todo o povo atravessava (3:17).

Para o povo do antigo Oriente Médio, esse milagre foi ainda mais significativo, pois naquela época era comum julgar uma pessoa acusada de um crime jogando-a num rio. Se o acusado morresse, os deuses o haviam considerado culpado; se vivesse, os deuses o haviam declarado inocente. Muitas culturas africanas possuíam práticas semelhantes. Pessoas acusadas de cometer alguma transgressão eram obrigadas a pular sobre uma poça de água ou uma folha de capim na qual havia sido colocada a saliva de um feiticeiro, sabendo que, ao realizar esse ato, trariam sobre si consequências terríveis caso fossem culpadas. Pode-se dizer que, na travessia do Jordão, o Deus de Israel aceita essa prova de inocência. Não apenas impede seu povo de se afogar, como também interrompe o fluxo do rio, permitindo que seus sacerdotes fiquem no meio do leito seco do Jordão até todo o povo passar. Diante de todos que ficaram sabendo desse grande feito, o Senhor, o Deus de Israel, comprovou seu direito sobre a terra de Canaã e sua supremacia sobre todos os outros deuses.

Esse milagre também teve um significado especial para o povo de Israel. Assim como Deus havia dividido as águas do mar Vermelho diante de Moisés (Êx 14:21-22), agora ele divide as águas do rio Jordão diante de Josué. Sem dúvida, Deus desejava mostrar claramente a seu povo que estava com Josué como havia estado com Moisés. Todos os israelitas que passaram tinham apenas ouvido os relatos de seus pais ou avós sobre a divisão das águas do mar Vermelho, mas se tornaram testemunhas da divisão das águas do Jordão. Com esse ato, Deus assinou e selou o certificado de liderança de Josué.

A maneira em que as águas foram divididas também é significativa. Naquela época do ano, o Jordão *transbordava sobre todas as suas ribanceiras* (3:15a), ou seja, as águas atingiam sua altura máxima. No entanto, assim que os pés dos sacerdotes se molharam na borda das águas (3:15b) — assim que eles obedeceram à palavra de Deus — *pararam-se as águas que vinham de cima; levantaram-se num montão, mui longe da cidade de Adã, que fica ao lado de Sartã* (3:16a), enquanto as que desciam para o mar foram de todo cortadas (3:16b).

Arqueólogos identificaram Adã e Sartã como duas cidades antigas à beira do Jordão. Na verdade, Adã era um lugar conveniente para atravessar o Jordão na época da cheia, pois ali o rio era mais estreito e raso. Além disso, estudos geográficos mostram que terremotos poderiam interromper o fluxo do Jordão nesse ponto.

A primeira vez que li isso num comentário, era recém-convertido e fiquei profundamente perturbado, pois, a meu ver, o comentarista estava tentando mostrar que a divisão das águas do Jordão não havia sido um milagre, mas, sim, um fenômeno natural. Então me dei conta de algo: mesmo que o fluxo do Jordão tenha sido interrompido em algumas

ocasiões por terremotos, nessa ocasião específica tal ocorrência não se deveu a um terremoto, mas, sim, ao fato de os pés dos sacerdotes terem tocado a água. Suas águas foram divididas por um passo literal de fé!

Não obstante o modo de Deus interromper o fluxo do rio, o milagre é esse fato ter ocorrido assim que os pés dos sacerdotes tocaram a água. Um milagre não é, necessariamente, uma ocorrência incomum. Pode ser algo comum que ocorre de *maneira* incomum. Neste caso, a barreira do Jordão foi removida pela palavra de Deus, no tempo de Deus e ao modo de Deus.

A mente humana tem a tendência de procurar explicações lógicas para os atos de Deus. A cura é explicada por tratamentos médicos; a provisão de Deus é atribuída a uma fonte secundária. Se, por exemplo, você estivesse orando por dinheiro para suprir uma necessidade emergencial e um amigo ou parente lhe desse uma oferta, essa pessoa seria apenas uma fonte secundária. A fonte primária do dinheiro é Deus. E, no entanto, não é raro nos esquecermos de reconhecer a operação divina por meio de outros.

#### 4:1-24 Um passo de recordação

Depois de realizar o milagre, Deus disse a Josué: *Tomai do povo doze homens, um de cada tribo, e ordenai-lhes, dizendo: Daqui do meio do Jordão, do lugar onde, parados, pousaram os sacerdotes os pés, tomai doze pedras* (4:1-3). Essas pedras deviam ser levantadas como memorial eterno para o povo de Israel e testemunhas para as gerações futuras das grandes maravilhas que Deus havia feito (4:6-7).

*Levantou Josué também doze pedras no meio do Jordão, no lugar em que, parados, pousaram os pés os sacerdotes que levavam a arca da Aliança* (4:9). Trata-se de um versículo difícil de entender, pois não fica claro onde exatamente Josué levantou esse memorial. O texto também pode ser traduzido por “Colocou Josué também doze pedras no meio do Jordão”, levando alguns comentaristas a sugerirem a existência de dois memoriais, um no meio do rio e outro no acampamento em Gilgal (4:20). Para tais comentaristas, as doze pedras talvez tenham sido depositadas sobre uma base de rocha maciça, com altura suficiente para ficar sempre visível, marcando, assim, o local exato onde os sacerdotes haviam permanecido parados com a arca. Nesse caso, as doze pedras levantadas em Gilgal seriam um monumento para marcar o local do primeiro acampamento depois da travessia miraculosa. Para outros comentaristas, os israelitas levantaram apenas o memorial em Gilgal, feito com pedras retiradas do meio do rio Jordão, do local onde os sacerdotes haviam ficado.

Não obstante o número de monumentos levantados, o mais importante é que as pedras foram retiradas do meio do Jordão. Deviam ser pedras gastas e polidas pela água e areia do leito do rio, deixando claro que não podiam ter sido tiradas de algum outro lugar. É impossível falsificar pedras desse tipo, e pode-se dizer o mesmo dos milagres de

Deus. Quer no meio do rio Jordão quer no acampamento em Gilgal, essas pedras foram levantadas para servir de recordação permanente das obras maravilhosas de Deus.

A mente humana tem a tendência de esquecer até mesmo os feitos grandiosos de Deus. Quando Deus responde a nossas orações e realiza um milagre, ficamos extremamente empolgados. Mas assim que nos deparamos com outro desafio, esquecemo-nos das bênçãos do passado e duvidamos tanto da bondade de Deus quanto de sua capacidade de operar em nosso favor. Deus desejava se certificar de que o povo não esqueceria sua intervenção poderosa ao dividir as águas do Jordão. E, se os israelitas fossem tentados a murmurar contra o Senhor, as pedras serviriam de testemunho contra eles.

Os memoriais também são parte da cultura africana. Talvez mais do que qualquer outro povo, os africanos levantam memoriais de todo tipo como recordação de acontecimentos importantes. Árvores são plantadas ou marcadas para representar uma grande vitória. Um monte ou rio recebe o nome de um guerreiro em sua homenagem. Uma rocha, ou altar, é dedicada a um grande deus ou deusa. Em algumas comunidades africanas, como no antigo Israel, até os nomes dos filhos podiam servir de memoriais para indicar um acontecimento especial ocorrido na época do nascimento da criança. Assim, em toda a África, muitas famílias deram o nome de Nelson Mandela a seus filhos nascidos quando o grande herói da África do Sul foi preso ou quando foi liberto.

Também devemos levantar memoriais em nossa mente sempre que Deus faz algo espetacular ou importante em nossa vida para nos ajudar a lembrar de sua fidelidade, de seu poder e seu amor imutáveis. Davi voltou a um memorial desse tipo quando garantiu a Saul que poderia derrotar Golias, pois Deus o havia ajudado a vencer um leão e um urso. Suas memórias desses acontecimentos lhe deram a confiança necessária para enfrentar um novo desafio.

O mesmo deve ter ocorrido na vida de Josué, quando ele viu Deus consolidar sua credibilidade e liderança diante do povo (4:14; cf. tb. 3:7). O memorial levantado por Josué em Gilgal serviria para lembrar não apenas o líder de Israel, mas todo o povo da grandeza de Deus: *Para que todos os povos da terra conheçam que a mão do SENHOR é forte, a fim de que temais ao SENHOR, vosso Deus, todos os dias* (4:24). Deus não realiza milagres para nossa vanglória, mas, sim, para a glória do seu santo nome, para mostrar às pessoas que há, no céu, um Deus soberano sobre tudo na terra. Jesus se referiu a essa mesma realidade ao dizer que um homem cego de nascença foi curado “para que se manifestem nele as obras de Deus” (Jo 9:3). A cura desse homem foi seguida de grande controvérsia, mas não houve como negar que os olhos abertos do homem serviram de testemunho e memorial daquilo que Deus havia feito em sua vida, obrigando todos a reconhecer quem Jesus era.

Quando o livro de Josué foi escrito, o memorial de pedras ainda estava num lugar visível: *E ali está até ao dia de hoje*

(4:9). Não havia como questionar esse fato nem o milagre que o memorial representava. Como a inclusão desse relato sobre a construção do memorial no texto bíblico indica, em certo sentido essas pedras ainda estão lá nos dias de hoje, pois nos lembramos delas e daquilo que representam.

Deus dá a Josué instruções específicas até mesmo com relação ao momento em que os sacerdotes deveriam sair do meio do rio Jordão (4:16), o que atesta seu controle absoluto sobre todos esses acontecimentos. A cadeia de comando é clara, e Josué transmite a ordem recebida do Senhor aos sacerdotes: *Subi do Jordão* (4:17). Os sacerdotes obedeceram, enquanto o povo observava. Cada parte envolvida tinha a obrigação de ficar de olhos e ouvidos abertos para se mover segundo a vontade de Deus. Há um provérbio suaíli que diz: *Ngoja niongoze na la kwangu, hucheleweshu mazungumzo* (“Quem deseja acrescentar sua opinião atrasa a conversa”). Em outras palavras, para um diálogo se desenvolver, é necessário haver alguém que fale e alguém que escute. Se todos desejarem expressar suas opiniões, será impossível fazer grande progresso. Para que tudo corresse bem, os sacerdotes e o povo deviam ouvir Josué e seguir suas instruções.

Quando os sacerdotes saíram do rio, *as águas do Jordão se tornaram ao seu lugar e corriam, como dantes, sobre todas as suas ribanceiras* (4:18). Embora o fluxo do Jordão pudesse ser interrompido ocasionalmente por ventos fortes ou terremotos, a ocorrência desse dia específico foi, sem sombra de dúvida, obra de Deus. O milagre da divisão das águas havia se iniciado quando os sacerdotes pisaram na água, e, no momento exato em que tiraram os pés do leito do rio, o Jordão voltou a correr normalmente. Foi Deus quem controlou o fluxo das águas.

O povo armou seu primeiro acampamento na terra prometida *no dia dez do primeiro mês* (4:19). Nesse mesmo dia, quarenta anos antes, Israel havia começado a se preparar para sair do Egito separando o cordeiro pascal a ser imolado no décimo quarto dia (Êx 12:3). Deus havia dito: “Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos e tereis experiência do meu desagrado” (Nm 14:34-35). Exatamente quarenta anos depois de deixar a terra da escravidão, o povo entrou na terra prometida. Deus havia cumprido sua palavra. Ao mesmo tempo, em sua misericórdia, o Senhor havia providenciado para que entrasse na terra prometida em tempo de imolar o cordeiro pascal e fazer expiação por seu pecado e rebelião (5:10).

## 5:1-12 A remoção do opróbrio do Egito

### 5:1 O desânimo dos cananeus

A travessia do Jordão pelos israelitas espalhou medo por toda a terra de Canaã: *Desmaiou-lhes o coração, e não houve mais alento neles, por causa dos livros de Israel* (5:1). Foi exa-

tamente essa a predição de Josué em seu relatório a Moisés depois de espiar a terra: “Não temais o povo dessa terra [...] retirou-se deles o seu amparo; o SENHOR é conosco” (Nm 14:9). Os israelitas entraram em Canaã numa posição de vantagem, pois os reis cananeus não ousaram atacá-los.

### 5:2-7 *Facas de pederneira em Gilgal*

Observamos aqui uma mudança drástica no desenrolar da história. Os inimigos de Israel estão apavorados, mas são os israelitas que têm de encarar as facas de pederneira. Por que Deus não permitiu a Josué avançar de imediato e conquistar os reis amedrontados? A resposta a essa pergunta diz respeito à circuncisão, o sinal externo da aliança de Deus com Abraão (Gn 17:10). Todos os homens que saíram do Egito haviam sido circuncidados de acordo com a aliança. No entanto, haviam se rebelado contra Deus e perecido no deserto sem herdar a terra (5:5-6). A nova geração que estava sendo conduzida para a terra prometida ainda não havia sido circuncidada de acordo com a aliança abraâmica (5:7) e, portanto, não tinha direito a todas as suas bênçãos. A fim de enfrentar seus inimigos com segurança, essa geração precisava estar certa de sua aceitação total na aliança de Deus com Abraão.

Assim, Deus disse a Josué: *Faze facas de pederneira e passa, de novo, a circuncidar os filhos de Israel* (5:2). Apesar de não haver nenhuma indicação clara no texto, para alguns comentaristas a expressão “de novo” pode significar que os israelitas já haviam sido circuncidados de acordo com os ritos tradicionais egípcios ou israelitas. Fica evidente, porém, o desejo de Deus de que os israelitas fossem circuncidados segundo a aliança.

Essa passagem deixa implícito que o mero ritual não é suficiente para que se estabeleça uma aliança com Deus. Muitas pessoas se consideram cristãs pelo simples fato de terem sido batizadas quando bebês. A Bíblia mostra inequivocamente que, para ter sentido, o batismo precisa ser acompanhado de fé pessoal no Senhor Jesus Cristo. “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado” (At 2:38) era a mensagem da igreja primitiva. O ritual sem um relacionamento com Deus de nada vale na batalha espiritual. É preciso usar as facas de pederneira de novo, quer tenha sido feito um corte anteriormente quer não.

O mesmo princípio se aplica a várias culturas africanas. Casamentos, funerais e outros acontecimentos sociais importantes só são reconhecidos mediante a realização dos ritos apropriados. Em algumas comunidades, tais ritos são realizados até mesmo postumamente para apaziguar os deuses e proteger a comunidade das consequências de não ter seguido todos os procedimentos de forma correta.

### 5:8 *Uma espera paciente*

Depois de serem circuncidados, os homens israelitas não tinham condições de seguir viagem. Assim, *ficaram no seu lugar no arraial, até que sararam* (5:8). Essa espera deve ter

causado um forte impacto na vida de todos. O povo já estava na terra prometida e provavelmente aguardava, ansioso, a oportunidade de explorá-la e desfrutar sua abundância. Mas ainda não era hora! A proximidade de seus inimigos deve ter feito os israelitas se sentirem extremamente vulneráveis, mas, por enquanto, deviam permanecer onde estavam e esperar — uma situação que, sem dúvida, causou perplexidade.

Enquanto aguardavam a cicatrização da circuncisão, os israelitas tiveram tempo de refletir sobre seu relacionamento com o Deus que os havia feito atravessar o Jordão e sobre o significado da circuncisão à qual haviam sido submetidos.

### 5:9-12 *O opróbrio do Egito*

Depois da circuncisão dos homens de Israel, Deus disse a Josué: *Hoje, removi de vós o opróbrio do Egito*. Assim, aquele local foi chamado de *Gilgal*, um termo hebraico que significa “remover” (5:9). Era como se Deus estivesse dizendo aos israelitas: “Hoje eu tratei do seu passado. Deixem-no para trás, e vamos começar de novo”.

O povo de Israel havia sido escravo e sofrido opressão no Egito, além de desobedecer a Deus. Embora o grupo sob a liderança de Josué não tivesse passado por escravidão e opressão, nem participado da desobediência de seus pais, todos tinham conhecimento desses fatos e do motivo pelo qual seus pais haviam morrido no deserto.

É possível que essa consciência de seu passado tenha afetado o valor próprio e a autoconfiança dos israelitas, bem como sua confiança em Deus. Apesar de terem testemunhado feitos poderosos de Deus em sua vida, o passado representava um obstáculo entre eles e a vitória prometida. Assim, Deus julgou necessário tratar dessa questão antes de enviar o povo para lutar contra os gigantes de Canaã. A fim de se sentirem seguros o suficiente para enfrentar seus inimigos, era preciso que o Senhor removesse deles o opróbrio do Egito e tratasse do seu passado.

Por meio da circuncisão em Gilgal, Deus removeu a nuvem de culpa e medo que cobria o povo. Separou-o completamente do seu passado para que pudesse começar de novo. Os israelitas readquiriram sua confiança e recomeçaram como povo de Deus. Aliás, foi em Gilgal que Deus parou de enviar o maná quando Israel comemorou a primeira Páscoa na terra prometida (5:10-12).

Daquele dia em diante, eles comeram dos frutos da terra. As coisas velhas haviam passado, e as novas haviam chegado. Eles “nasceram de novo” para a aliança de Deus com Abraão.

Para muitos cristãos, o passado pode ser uma grande pedra de tropeço para uma vida cristã vitoriosa. Há quem seja tentado a duvidar de que Deus é capaz de tratar de todo o seu passado pagão, talvez de idolatria e feitiçaria. Aqueles que tiveram uma vida repleta de fracassos podem sentir dificuldade de aceitar o sucesso; temem que as coi-

sas boas sejam passageiras e não querem sofrer decepções. Pessoas assim se enchem de medo quando Deus lhes concede, repentinamente, uma vida de vitória e sucesso. Outros cristãos vivem sob um fardo de culpa. Acreditam que não merecem nenhuma boa dádiva de Deus. Se uma de suas orações não é respondida ou se algum mal lhes sobrevém, pensam que Deus os está castigando justificadamente por seus pecados. Em outros casos, o passado exerce um efeito paralisante. Uma mulher que foi estuprada pode se encolher de medo cada vez que seu marido se aproxima. Aqueles que cresceram em lares abusivos, nos quais os pais brigavam entre si ou maltratavam os filhos, podem se tornar passivos em seus relacionamentos ou desenvolver a tendência de cometer os mesmos tipos de abuso que sofreram. Muitas vezes, um divórcio também deixa marcas profundas nos filhos do casal separado.

Todos esses fatos são “opróbrios” que podem tornar o sucesso inalcançável. Se somos oprimidos por nosso passado, devemos ir a Gilgal e permitir que Deus use as facas de pederneira do Espírito para circuncidar nosso coração. Os conflitos entre gerações e os métodos, pecados e vícios do passado devem ser deixados em Gilgal. Os medos reais e imaginários devem ser tratados.

No entanto, onde fica Gilgal? Para responder a essa pergunta de forma adequada, precisamos entender o significado da prática da circuncisão. Em Gênesis 17, a circuncisão representou a ratificação da aliança entre o Senhor e Abraão. O Senhor assumiu o compromisso de ser o Deus de Abraão e seus descendentes. Abraão, por sua vez, seria o pai de muitas nações e fundador de uma linhagem de reis. Ele e seus descendentes herdariam Canaã. O acordo era permanente, mas, a fim de ser incluído na aliança, era necessário que todo descendente do sexo masculino fosse circuncidado no oitavo dia de vida. Semelhantemente, um estrangeiro que viesse a fazer parte de uma família hebreia também devia ser circuncidado. Quem não se submetesse a esse rito seria passível de morte ou excomunhão, e nenhum homem incircunciso poderia participar da celebração da Páscoa (Êx 12:48).

Assim, um indivíduo era considerado membro da comunidade de Israel exclusivamente com base na circuncisão. Ela era a marca distintiva que separava os judeus dos gentios, o povo de Deus do povo do mundo. Era uma prática tão importante entre os judeus que, mesmo na igreja primitiva, havia quem insistisse em que era um elemento essencial para o cristão verdadeiro (cf. At 15). Por fim, o concílio de Jerusalém decidiu contra a imposição das leis e práticas judaicas sobre os gentios. Os primeiros cristãos só puderam pôr de lado um rito de tamanha importância porque compreenderam a obra realizada por Cristo na cruz. Sua morte e ressurreição tinha dado início a uma nova aliança firmada pela fé, e não pela circuncisão.

Ao escrever aos gálatas, o apóstolo Paulo lhes garantiu que Jesus havia cumprido todos os requisitos da aliança

abraâmica. Assim, “em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gl 5:1-6). O mesmo apóstolo disse aos colossenses: “Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2:11-12).

Ao tratar dos problemas de nosso passado, devemos lembrar que Jesus cumpriu todos os requisitos necessários para nos aliviar desses fardos; não precisamos mais de nenhuma forma de circuncisão. Assim, figurativamente, a cruz de Cristo é uma nova Gilgal para todos os peregrinos que estão entrando em Canaã, o reino de Deus. Quando buscamos Cristo arrependidos de nossos pecados e o aceitamos como Senhor e Salvador, ele nos diz: *Hoje removi de vós o opróbrio do Egito* (5:9). Nesse momento, todo pecado, vício, opressão ou maldição se torna absolutamente impotente e imprestável, pois, pela fé, somos cobertos pelo sangue purificador de Jesus Cristo.

Se você se sente fraco e desamparado, lembre-se do caso de Gideão. Em decorrência das circunstâncias de sua época e família, Gideão sofria de uma baixa autoestima que o levou a descrever o seu clã como o mais fraco de Manassés e a si mesmo como o menor da casa de seu pai (Jz 6:15). No entanto, ele foi escolhido para mostrar aos israelitas e midianitas que Deus não opera como os seres humanos. Na verdade, ao longo de todas as Escrituras, Deus escolheu os indivíduos mais improváveis para realizar suas missões; assim, ninguém poderia usurpar a glória devida ao Senhor. Foi isso que Paulo disse aos coríntios: “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1Co 1:27-29).

Na maioria das vezes, Deus escolhe vasos frágeis para realizar seus planos, pois pessoas assim são mais propensas a confiar no Senhor. O fato de se sentirem fracas e inadequadas pode ser justamente a característica que as qualificará para o serviço do Senhor.

Outra preocupação para muitos cristãos, especialmente na África, é a questão da hereditariedade: Nosso sucesso pode ser afetado pelos atos de nossos antepassados? Essa questão preocupa muitos cristãos que buscam lidar com seu passado cultural. O problema é agravado por pastores que enfatizam a transmissão de bênçãos e maldições de uma geração para outra. Ouvimos afirmações categóricas: “As maldições podem ser hereditárias. Podem ser transmitidas de geração em geração”. Alguns citam como exemplo o caso da mulher cananeia que procurou a ajuda de Jesus (Mt 15:21-28; Mc 7:24-30) e dizem que Jesus chamou os

cananeus de cachorrinhos porque esse povo era amaldiçoado (Mt 15:26) e, no âmbito espiritual, era considerado imundo como os cães o eram para os judeus. Apesar de ser verdade que Canaã foi amaldiçoada várias gerações antes disso, não há nenhum registro de que os cananeus tenham sido condenados a se parecer com cães, física ou espiritualmente. No tempo de Jesus, os judeus chamavam todos os gentios de cães (cf. tb. Mt 10:5-6). Se aquela mulher estivesse sob a maldição de Canaã, Jesus teria, antes de tudo, tratado dessa questão, e não apenas atendido ao seu pedido feito com grande fé.

Mesmo que a maldição de Canaã se encontrasse interposta entre essa mulher e sua bênção, poderíamos encontrar alento numa verdade crucial: nenhum tipo de maldição pode nos impedir de receber as bênçãos de Deus quando nos achegamos a ele com fé. A mulher não precisou voltar para casa e quebrar a maldição antes de receber as bênçãos do Senhor. Ela buscou a Jesus humildemente naquela mesma hora e lugar, e o Mestre satisfez o desejo do seu coração!

É verdade, porém, que o efeito do pecado pode se estender além do pecador e afetar sua família, amigos, igreja e até a nação. Em algumas ocasiões, muitas pessoas inocentes podem sofrer as consequências do pecado de um único indivíduo. O pecado de Acã provocou a derrota de todo o Israel (7:1-26). A desobediência de Jonas fez cair uma tempestade sobre o navio do qual ele era um passageiro (Jn 1:3-4). Assim, se temos consciência do pecado, ele deve ser confessado e perdoado, pois a Bíblia promete que, se confessarmos nossos pecados, Deus nos perdoará. Não devemos continuar vivendo sob a maldição do pecado, mas, sim, nos apressar em pregá-lo na cruz.

Deus exige que prestemos conta dos pecados de nossos antepassados? Deus disse a Moisés: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (Êx 20:5-6; cf. tb. Êx 34:7; Nm 14:18; Dt 5:9).

Estas passagens e outras semelhantes são usadas com frequência para mostrar que, de fato, Deus visita os pecados dos pais nos filhos até a terceira e quarta gerações. Quem segue essa linha também afirma que as maldições pronunciadas sobre os pais podem ser transmitidas aos filhos. Ao refletirmos sobre esta questão, precisamos considerar alguns conceitos.

Sem dúvida, na antiga aliança (a lei de Moisés), Deus visitava os pecados dos pais nos filhos. Esse fato pode ser observado, por exemplo, na família de Davi. Em decorrência do adultério do rei de Israel com Bate-Seba e de sua ordem para matar Urias, marido de Bate-Seba (2Sm 11), Deus decretou: “Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa” (2Sm 12:10). Assim, os filhos de Davi também cometeram pecados sexuais e homicídio uns contra os outros e foram castigados por seus atos perversos.

No entanto, se as palavras de Êxodo 20:5 acerca de castigar o pecado “até à terceira e quarta geração” são verdadeiras, o que dizer de Êxodo 20:6, em que Deus promete demonstrar seu amor “até mil gerações” daqueles que o amam e guardam seus mandamentos? Deus estava falando sério apenas na primeira parte, mas não na segunda? Ou existem pessoas que, pelo fato de um dos seus antepassados ter amado a Deus e guardado seus mandamentos, são abençoadas até mil gerações, não obstante o tipo de vida que levam?

Num prenúncio da nova aliança em Cristo, Deus falou por meio do profeta Ezequiel usando um provérbio popular: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram” (Ez 18:2; cf. Jr 31:29). O Senhor declara: “Jamais direis este provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18:3-4; cf. tb. Jr 31:27-33). Deus é bastante específico quanto ao significado dessa declaração: “Sendo, pois, o homem justo e fazendo juízo e justiça [...] andando nos meus estatutos, guardando os meus juízos e procedendo retamente, o tal justo, certamente, viverá, diz o SENHOR Deus” (Ez 18:5,9). Mas de que maneira essa justiça afeta a geração seguinte? “Se ele gerar um filho ladrão, derramador de sangue, que fizer a seu irmão qualquer destas coisas [isto é, coisas que o pai não fez] [...] viverá? Não viverá. Todas estas abominações ele fez e será morto; o seu sangue será sobre ele” (Ez 18:10,13). E quanto à terceira geração, de que modo ela é afetada? No caso de um avô justo que teve um filho perverso, como Deus trata a terceira geração? “Eis que, se ele gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez, e, vendo-os, não cometer coisas semelhantes [...] [mas] fizer os meus juízos e andar nos meus estatutos, o tal não morrerá pela iniquidade de seu pai; certamente, viverá” (Ez 18:14,17).

Esta mensagem é clara e objetiva. No entanto, Deus anteviu que o povo de Israel teria dificuldades com essa nova forma de justiça, pois estava acostumado com o sistema no qual Deus visitava o pecado do pai nos filhos. Assim, ele explicou: “O filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este” (Ez 18:20).

Este fato é relevante quando estamos tratando do opróbrio de nosso passado. Não devemos atribuir importância excessiva aos pecados do passado, especialmente se não fomos diretamente responsáveis por eles! Dentro da nova aliança, cada indivíduo presta contas de suas próprias transgressões.

Se fôssemos responsabilizados pelos pecados de nossos antepassados, também deveríamos ter o poder de obter a salvação para eles. No entanto, somente aqueles que invocarem o nome do Senhor serão salvos. Você pode amar seu pai de todo o coração, mas, a menos que ele aceite Cristo como Salvador, está condenado ao julgamento eterno.

Semelhantemente, você pode ter amor profundo por seus filhos, mas, se eles não assumirem um compromisso pessoal com Cristo, o fim deles será a morte eterna. O inverso também se aplica. Você pode ser a pessoa mais perversa da face da terra, mas, se seus filhos aceitarem Cristo como Senhor e Salvador, vão direto para o céu!

As orações de Neemias e Daniel são usadas com frequência para indicar a necessidade de nos arrependermos dos pecados de nossos antepassados (Ne 1:5-11; Dn 9:4-19). Na verdade, porém, tanto Neemias quanto Daniel incluíram a si mesmos em suas confissões, não porque acreditassem estar sob a maldição de Deus, mas porque reconheciam que os pecados de seu povo haviam levantando uma barreira entre eles e seu Deus. Suas orações foram de intercessão, e não de confissão pessoal.

Algumas pessoas acreditam de forma tão exagerada na hereditariedade de maldições e pecados que vasculham o passado em busca de pecados não confessados de pais e avós para que possam se arrepender dessas transgressões. Há quem chegue ao extremo de ir ao túmulo dos pais para confessar os pecados deles. Em momento nenhum as Escrituras ensinam ou incentivam esse tipo de prática. O pecado só pode ser confessado pelos vivos! Do contrário, poderíamos confessar os pecados de nossos antepassados e, de algum modo, obter a justiça necessária para a salvação daqueles que já faleceram. Muitas vezes, essa fixação com o passado parece ser mais uma fuga da realidade do que uma busca autêntica por santificação divina.

Em vez de tentar entender ou explicar a fonte de seus problemas, como os amigos de Jó, para os quais todas as dificuldades da vida eram decorrentes de pecados contra Deus (cf. Jó 4:7; 8:20), por que não pôr todos os seus problemas aos pés da cruz? Jesus não ordenou: "Vasculhe seu passado e descubra a origem de suas aflições". Ele simplesmente disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11:28-30). Estas palavras ressoam na instrução de Pedro: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós" (1Pe 5:6-7).

Precisamos nos libertar de nosso passado e parar de trazer à tona as transgressões das quais Deus já não se lembra mais. Paulo declarou: "Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3:14-15). Viver no passado nos paralisa no presente, impedindo-nos de prosseguir na jornada e alcançar nosso destino. Devemos tomar a decisão de esquecer o passado e, como Paulo, avançar para o futuro. Havia motivos de sobra para Paulo ser assombrado por seu passado. Quando era conhecido como Saulo, perseguiu a igreja com todas as suas forças (At 8:3) e, quando Estêvão foi apedrejado, estava presente e aprovou essa execução (At 8:1). No entanto, quando aceitou a graça salvadora do

Senhor Jesus, o apóstolo aos gentios prosseguiu com ousadia e confiança, plenamente ciente de que o sangue de Cristo o havia purificado de toda injustiça e quebrado todas as cadeias que o prendiam ao passado!

### 5:13—6:27 A marcha contra Jericó

Jericó representava uma barreira física para a conquista da terra e, portanto, a cidade precisava ser tomada. Porém, Jericó também representa todo baluarte erguido contra o avanço dos planos de Deus, quer na forma de indivíduos cuja mente está fechada para a palavra de Deus, quer de poderes malignos que impedem o povo de Deus de progredir na vida. Por fora, essas "cidades" podem parecer fortalezas poderosas, mas nossa presença em suas redondezas as faz estremecer de medo. Por vezes, só conseguimos ver grandes muralhas e portas fechadas, mas o Deus que derrubou Jericó também pode derrubar essas fortalezas.

#### 5:13-15 *Um homem com uma espada*

Quando estava perto de Jericó, Josué se deparou com *um homem que trazia na mão uma espada nua (5:13)* e imaginou que talvez tivesse caído numa cilada do inimigo. *És tu dos nossos, ou dos nossos adversários?*, perguntou. A resposta foi tão inesperada quanto a presença do homem: *Não; sou príncipe do exército do SENHOR e acabo de chegar (5:14)*. O homem declarou que não estava do lado deles, como se a batalha fosse de Josué ou Israel. Uma vez que a batalha era do Senhor, na verdade Israel estava do lado de Deus, e não o contrário! Deus não é um mercenário que pode ser contratado para combater do lado deste ou daquele exército. Ele é o comandante eterno e supremo de todas as batalhas contra as forças do mal.

A comunidade cristã enfrenta as forças do mal na sociedade. Guerras civis, pobreza, analfabetismo e enfermidades são desafios gigantescos na África. Por vezes, podemos ter a impressão de estar desamparados, mas Deus garante que a batalha pertence a ele, e cabe a nós ficar do lado dele. Nas palavras de Paulo: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8:31).

Ao perceber com quem estava falando, Josué se prostrou em sinal de reverência. O homem lhe disse: *Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo (5:15)*. Não era costume usar sandálias em ambientes internos, e o ato de calçá-las indicava prontidão para a batalha (Ef 6:15). A ordem para Josué remover as sandálias naquele momento tão crucial não apenas o desarmou, por assim dizer, como também o lembrou de que não dependia de sua própria armadura ou força. Antes, devia olhar para Deus em adoração e reverência, mesmo quando estava prestes a sair para a batalha. Como Moisés (Êx 3:5), Josué removeu as sandálias sem discutir. Apesar de ser um grande guerreiro, estava ciente de que a batalha diante dele só poderia ser vencida sob o comando de Deus. Só podemos obter vitórias quando nos sujeitamos à vontade de Deus. Depois de se humilhar



diante do Senhor, Josué recebeu instruções acerca de como deveria tomar Jericó.

Outro homem que recebeu uma palavra semelhante de encorajamento foi Zorobabel, o líder encarregado de reconstruir o templo depois do exílio. Deus lhe garantiu que o templo seria reconstruído não por força humana, mas por providência, autoridade, energia e poder do Altíssimo (Zc 4:6). A igreja deve ser construída e preservada dessa mesma forma. Nenhum poder secular, nenhuma prudência humana, nenhuma política terrena, nem processos legais podem ser usados para fundar e preservar a igreja de Cristo.

#### 6:1-5 Toques de trombetas e gritos

Jericó era uma fortaleza inexpugnável e *estava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel (6:1)*. Essa cidade fortificada estava fechada por causa de Israel! Sem dúvida, Raabe tinha dito a verdade aos espias: o coração do povo havia desfalecido de medo, e ninguém tinha ânimo (2:11). Os habitantes de Jericó haviam se recolhido, como uma tartaruga em seu casco. Ao saber que os espias tinham escapado, o rei de Jericó também pode ter tomado precauções para evitar incidentes desse tipo no futuro. Determinado a se defender da melhor maneira possível, o rei ordenou que a cidade permanecesse fechada dia e noite.

Entretanto, nenhuma porta pode deter o Senhor. Na verdade, Jericó era uma porta aberta para Deus mostrar seu poder. Assim, ele disse a Josué: *Olha, entreguei na tua mão Jericó, o seu rei e os seus valentes (6:2)*. Que tolíce os homens tentarem levantar barreiras contra Deus! A Europa comunista tentou impedir a entrada do evangelho durante anos, mas seus muros ruíram na década de 1990. Os animistas e tradicionalistas da África tentaram resistir, mas o Espírito Santo de Deus está varrendo o continente como um furacão!

Jesus disse a seus discípulos: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18). Em outras palavras, quando a igreja decide se levantar em nome de Jesus, nada pode se opor e prevalecer contra ela. Até mesmo o baluarte mais fortificado desmorona.

Deus havia traçado um plano especial para a conquista de Jericó. A cidade devia ser tomada com estilo, com uma grande marcha ao redor de suas muralhas, uma vez por dia, durante seis dias, e sete vezes no sétimo dia. Como na marcha de travessia do Jordão, os sacerdotes que carregavam a arca da aliança teriam um papel importante e, aqui, seriam acompanhados de outros sete sacerdotes carregando trombetas de chifre de carneiro. Deus disse a Josué: *No sétimo dia, rodeareis a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocarão as trombetas. E será que, tocando-se longamente a trombeta de chifre de carneiro, ouvindo vós o som dela, todo o povo gritará com grande grita; o muro da cidade cairá abaixo, e o povo subirá nele, cada qual em frente de si (6:4-5)*.

Deus nos deu as armas necessárias para destruir todas as fortalezas que nos impedem de avançar. Mas “as armas

da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10:4-5). No entanto, como em Jericó, destruir fortalezas exige paciência e compromisso com a palavra de Deus. Em algumas ocasiões, precisamos marchar ao redor da fortaleza em silêncio espiritual durante algum tempo antes de suas muralhas ruírem. Por vezes, desistimos na primeira, segunda ou terceira volta. O exército sob a liderança de Josué teve de marchar ao redor da cidade uma vez por dia, durante seis dias, e sete vezes no sétimo dia!

Quando alguns de seus discípulos não conseguiram expulsar um espírito maligno, Jesus lhes disse: “Esta casta não sai senão por meio de oração e jejum” (Mc 9:29). Assim como os casos médicos mais graves são levados para a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do hospital, também os casos espirituais mais graves precisam ser levados para a UTI do Senhor em oração. A oração é uma forma de cercar as fortalezas de Jericó e de expressar nossa dependência total de Deus e de seu poder absoluto. Ao orarmos, depositamos nossa esperança no Senhor, o único que pode fazer as muralhas ruírem diante nós.

#### 6:6-10 Marcha coordenada

Apesar de Deus ter prometido entregar Jericó nas mãos de Josué, o comandante de Israel e seus homens teriam de seguir instruções detalhadas para obter a vitória (6:6-9). Sua marcha seria coordenada por Deus. Deviam gritar, mas apenas no momento indicado. Assim, Josué ordenou ao povo: *Não gritareis, nem fareis ouvir a vossa voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca, até ao dia em que eu vos diga: gritai! Então, gritareis (6:10)*.

As vitórias espirituais só podem ser obtidas se marcharmos de forma coordenada com o Espírito e seguirmos à risca suas instruções. Josué e seus homens deviam atentar para as instruções de Deus e gritar somente quando Deus lhes ordenasse. Infelizmente, na igreja da África, apesar de todos saberem que devemos proclamar em alta voz a mensagem de Cristo a fim de conquistar o continente para o Senhor, nosso “grito de guerra” é descoordenado. Parece não haver uma liderança em nível continental capaz de coordenar nossos esforços enquanto, em nível nacional, ouvimos gritos demais em todas as partes. Até mesmo na igreja local, muitas vezes não há orientações claras, e, portanto, nossos esforços geram pouco ou nenhum resultado. Enquanto não aparecer um novo Josué para coordenar nossos gritos de guerra, as muralhas do mal em nosso continente não ruirão.

#### 6:11-14 Retorno ao arraial

Josué ordenou que a arca da aliança fosse carregada ao redor de Jericó uma vez. Então, o povo regressou ao arraial, onde passou a noite (6:11). No final desse primeiro dia, os

homens de Josué voltaram sem nenhum sinal de sucesso ou progresso. Tudo estava como sempre. Claro que todos estavam um pouco mais cansados do que antes da marcha, mas não haviam produzido nada tangível naquele dia. No entanto, haviam seguido as instruções recebidas, agindo em simples obediência à palavra de Deus. Este seria o elemento decisivo. Nem sempre a caminhada com Deus faz sentido, mas, se andarmos em obediência total, obteremos vitória.

A fé e a obediência desses homens foram testadas nos cinco dias subsequentes, nos quais eles se levantaram pela manhã, rodearam as muralhas da cidade uma vez e voltaram ao arraial sem nenhuma evidência da intervenção de Deus (6:14). Esse processo deve ter exigido a articulação de uma fé conjunta especial: Josué como líder, os sete sacerdotes carregando as sete trombetas e marchando diante da arca do Senhor, os homens armados à frente deles e na retaguarda, um grupo unido pela fé se levantando a cada manhã para fazer uma caminhada de fé durante seis dias!

A caminhada de fé sempre exige obediência incondicional à voz de Deus, mesmo que suas instruções pareçam ridículas. Nem sempre é fácil. Quando o profeta Eliseu disse a Naamã como ele poderia ser curado, o grande comandante do exército da Síria se irou, pois considerou as instruções do profeta absurdas e repugnantes (2Rs 5:1-12). Assim, é extremamente significativo que, em Jericó, o povo tenha obedecido a Josué e completado essa marcha de seis dias sem resistência, questionamento ou desânimo. Esse fato demonstra que os israelitas haviam desenvolvido uma confiança total em Josué como seu líder e no Senhor como seu Deus.

Num outro contraste impressionante entre os relatos sobre Naamã e os israelitas que marcharam ao redor de Jericó, pode-se observar que Naamã tinha a liberdade de tomar uma decisão por sua própria conta e seria o único afetado. Em Jericó, eram necessárias fé e ação conjuntas. Pode ser difícil mobilizar outros para participar de um ato de fé como esse. O líder pode convencer os seguidores a darem a primeira ou mesmo a segunda volta. Mas ter seguidores fiéis durante seis dias de marcha aparentemente inútil exige fé extraordinária.

### 6:15 O sétimo dia

O sétimo dia do cerco a Jericó foi decisivo. A marcha de sete dias dos sete sacerdotes com sete trombetas ao redor das muralhas de Jericó chega ao seu ápice com sete voltas ao redor da cidade (6:15). Embora o texto não indique se Josué havia informado o povo de que o sétimo dia seria o dia de vitória, provavelmente havia grande expectativa, pois o sétimo dia e, particularmente, o número sete possuíam um significado especial para os israelitas. Convém observar, em primeiro lugar, a repetição do número sete ao longo da narrativa dessa marcha singular ao redor de Jericó.

Há evidências claras de que os babilônios consideravam o número sete um símbolo de totalidade ou inteireza. Os sumérios, dos quais os babilônios parecem ter tomado essa ideia emprestada, consideravam as palavras “sete” e “tudo” sinônimas. A expressão “sete deuses” numa lista, por exemplo, significava “todos os deuses”. Assim, o número sete expressava o poder supremo e a maior força concebível.

O número sete é citado direta ou indiretamente em quase seiscentas passagens da Bíblia e também em muitos outros textos da literatura judaica. Em várias dessas referências, indica apenas uma quantidade, mas em muitas também tem um significado simbólico. Representa perfeição, plenitude, abundância, descanso e inteireza. Nas Escrituras, esse número é destacado em várias prescrições para a adoração, purificação ou rituais. O sétimo dia da semana era santo (Êx 20:8-11; Dt 5:12-15), a Festa dos Pães Asmos (Êx 34:18) e a Festa dos Tabernáculos duravam sete dias (Lv 23:34). O sétimo ano era o ano sabático (Êx 21:2). Jacó serviu a Labão por dois períodos de sete anos em troca da mão de Raquel (Gn 29:20) e se curvou sete vezes diante de Esaú (Gn 33:3). José renunciou sete anos de fartura e sete anos de fome no Egito (Gn 41:53-54); Jetro teve sete filhas (Êx 2:16), enquanto Jessé (1Sm 16:10), Saul (2Sm 21:6) e Jó (Jó 1:2; 42:13) tiveram sete filhos. Em muitas dessas passagens, o número deve ser entendido de forma literal, mas também é preciso considerar o provável significado simbólico sugerido pelo historiador. Quando se diz que um homem teve sete filhos ou filhas, ou um determinado ato foi ou devia ser realizado sete vezes, o número é destacado, e seu caráter simbólico é lembrado.

O uso simbólico de números não é incomum na África. Em várias comunidades, os ritos fúnebres para pessoas de diversos grupos se estendem por um número específico de dias a fim de simbolizar a honra que lhes é devida. Em outras comunidades africanas, os nascimentos são comemorados durante determinado número de dias. Entre o povo luo do Quênia, por exemplo, uma menina recém-nascida só pode ser levada para fora de casa três dias depois de seu nascimento; quando o bebê é um menino, o período é estendido para quatro dias.

Pode-se supor, então, que, quando Josué se levantou ao raiar o sétimo dia e instruiu os israelitas a marcharem ao redor da cidade sete vezes, sua ordem gerou grande expectativa na mente e no coração do povo. Moisés havia lhes prometido que, se fossem obedientes, o Senhor derrotaria seus inimigos: “Por um caminho, sairão contra ti, mas, por sete caminhos, fugirão da tua presença” (Dt 28:7). Agora, Israel havia chegado ao sétimo dia de cerco aos inimigos, e sua paciência estava prestes a dar frutos. O povo ewe de Gana tem um provérbio que diz: “Se você for paciente o suficiente, conseguirá cozinhar uma pedra até que fique mole”. Os israelitas haviam cozinhado uma pedra por seis dias, e, no sétimo dia, ela estava amolecendo!

### 6:16,20 O grito

As muralhas de Jericó seriam derrubadas por um simples ato de obediência a Deus. Na sétima volta, quando os sacerdotes tocaram as trombetas, Josué disse ao povo: *Gritai [...] Gritou, pois o povo [...] ruíram as muralhas, e o povo subiu à cidade, cada qual em frente de si, e a tomaram (6:16,20)*. Assim como a obediência de Abraão lhe foi imputada como um ato de fé, também esse grito é registrado como um ato de fé: “Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias” (Hb 11:30).

A fé é um ato de obediência à voz de Deus, quer suas instruções façam sentido quer não. Ao seguir as instruções do Senhor no momento certo, mostramos nossa fé nele e também nossa confiança em sua sabedoria e capacidade de cumprir sua palavra. Jesus disse a seus discípulos: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível” (Mt 17:20).

Há um provérbio ewe de Gana que diz: “A água guardada na boca por muito tempo se transforma em saliva”. Em outras palavras, se você tem algo a fazer, faça logo, pois, se protelar, pode perder o interesse ou a oportunidade. Josué e seus homens tiveram de gritar no momento certo, pois, do contrário, teriam não apenas perdido a oportunidade, mas também desobedecido a Deus. O Senhor havia colocado água na boca dos israelitas, e eles deviam engoli-la antes que se transformasse em saliva.

Não foi o barulho dos gritos que derrubou as muralhas de Jericó. Como Josué deixou claro: *o SENHOR vos entregou a cidade!* O grito foi apenas um ato de obediência. Muitos tentaram imitar essa abordagem sem a instrução clara de Deus e ficaram extremamente decepcionados.

### 6:17-19,21-25 O cumprimento de uma promessa

As instruções para tomar a cidade foram claras. Os habitantes deviam ser totalmente exterminados, uma ordem que deve ser considerada no contexto de Deuteronômio 20:18. A fim de ser, verdadeiramente, um testemunho da glória de Deus, a nação de Israel devia se guardar de todas as influências que poderiam fazê-la desviar-se do serviço do Senhor. Assim, em Jericó, somente Raabe e sua casa deviam ser poupadas. *Porém, a cidade será condenada, ela e tudo quanto nela houver (6:17)*. Todo ouro, toda prata, todo utensílio de bronze e ferro seriam consagrados ao Senhor e depositados em seu tesouro (6:19). Se alguém tomasse para si alguma dessas coisas consagradas a Deus, traria julgamento sobre o povo (6:18).

Para alguns estudiosos, essa exigência é associada à prescrição segundo a qual as primícias deviam ser entregues a Deus. Moisés havia instruído o povo a, depois de entrar em Canaã, separar parte das primícias de todos os frutos da terra a fim de apresentá-la ao Senhor como uma oferta especial (Dt 26:1-4; cf. tb. Êx 13:2). Uma vez que Jericó foi a primeira cidade conquistada dentro da terra pro-

metida, o Senhor exigiu que fosse consagrada a ele como primícias da terra.

Eis outro teste difícil de obediência. O povo havia passado quarenta anos no deserto, e não faltariam tentações numa cidade como Jericó, repleta de ouro, prata e outras riquezas. Os israelitas cobiçariam alguns dos artigos mencionados, mas Deus os proibiu de tomá-los para si e os instruiu a consagrar tudo a ele.

Depois que as muralhas ruíram, Josué se certificou de que o povo obedeceria às instruções do Senhor. Primeiro, *tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente a fio de espada (6:21)*. Em seguida, *a cidade e tudo quanto havia nela, queimaram-no; tão somente a prata, o ouro e os utensílios de bronze e de ferro deram para o tesouro da Casa do SENHOR (6:24)*. Josué também disse aos dois homens que espíaram a terra: *Entrai na casa da mulher prostituta e tirai-a de lá com tudo quanto tiver, como lhe juraste (6:22-23)* e, desse modo, cumpriram a promessa feita a Raabe.

A capacidade de cumprir com a palavra é uma virtude rara, especialmente no meio dos líderes. Muitos fazem promessas que nunca se cumprirão. Há um provérbio suaíli que diz: *Neno la mtawala halilingani na mlio wa ngoma* (“A palavra de um líder não é como o som de um tambor”), ou seja, a palavra de um líder deve ser confiável, e não ter um som vazio como o de um tambor. Um líder deve ser capaz de cumprir com sua palavra. Eclesiastes adverte: “Melhor é que não votes do que votes e não cumpras. Não consintas que a tua boca te faça culpado” (Ec 5:5-7).

Depois da queda de Jericó, Raabe passou a viver no meio do povo de Israel (6:25) — uma cananeia transformada em israelita! Um simples ato de fé no Deus de Israel lhe foi imputado como justiça. “Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espias” (Hb 11:31). Jesus disse: “Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão” (Mc 9:41). Raabe protegeu dois homens israelitas e recebeu a proteção do povo de Israel. Ela não perdeu seu galardão.

### 6:26-27 Um juramento solene

Uma vez que a cidade estava completamente destruída, Josué amaldiçoou Jericó: *Maldito diante do SENHOR seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó (6:26a)*. Para muitos, esta maldição visava preservar as ruínas de Jericó como um memorial ao grande poder do Deus de Israel. Qualquer esforço para reconstruir a cidade seria uma tentativa de adulterar as provas dos feitos poderosos de Deus.

O objetivo maior de Deus em todos os seus atos é demonstrar sua glória para o deleite dos salvos e desolação dos perdidos. Assim, ele recompensa os atos de confissão da impotência humana e as expressões de esperança em Deus, pois apontam para a sua glória. Quando Jericó foi

destruída, todos — tanto os habitantes de Jericó quanto os israelitas — sabiam bem quem havia causado sua ruína.

Outra possível explicação para a maldição pronunciada por Josué pode ser associada à ordem do Senhor: “Quando em alguma das tuas cidades que o SENHOR, teu Deus, te dá, para ali habitares, ouvires dizer que homens malignos saíram do meio de ti e incitaram os moradores da sua cidade [...] então, certamente, ferirás a fio de espada os moradores daquela cidade, destruindo-a completamente [...] e todo o seu despojo queimarás por oferta total ao SENHOR, teu Deus, e será montão perpétuo de ruínas; nunca mais se edificará. Também nada do que for condenado deverá ficar em tua mão, para que o SENHOR se aparte do ardor da sua ira” (Dt 13:12-13,15-17).

Josué declarou acerca de quem tentasse reconstruir as muralhas de Jericó: *Com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas (6:26b)*. Talvez isto se deva ao fato de Jericó ser as primícias da terra (cf. comentário sobre 6:18). Quem tentasse reconstruir a cidade teria de “resgatá-la” com seu filho primogênito!

A maldição se mostrou eficaz: “Em seus dias [de Aca-be], Hiel, o betelita, edificou a Jericó; quando lhe lançou os fundamentos, morreu-lhe Abirão, seu primogênito; quando lhe pôs as portas, morreu Segube, seu último, segundo a palavra do SENHOR, que falara por intermédio de Josué, filho de Num” (1Rs 16:34).

Quando não obedecemos ao Senhor e deixamos de levar as primícias à sua casa, será que também não pagamos com algo que nos é caro?

A destruição de Jericó por Israel foi, sem dúvida, um avanço importante, pois Jericó era uma das grandes cidades fortificadas com a qual Josué deve ter se preocupado. A derrocada desse baluarte fez a fama do líder de Israel correr *por toda a terra (6:27)*.

## 7:1—9:27 Derrota e engano

### 7:1—8:29 Ai: uma cidade estratégica

O próximo passo era tomar Ai, uma cidade cujo nome significa “a ruína”. Ai ficava na região central da Palestina, a leste de Betel (atual Beitin) e a cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Jerusalém. Em sua primeira jornada pela terra de Canaã, Abraão construiu um altar entre Betel e Ai (Gn 12:8; 13:3). Ai era bem menor do que Jericó, mas ocupava uma posição estratégica no alto de uma região montanhosa. Ao tomar essa cidade, Israel poderia usá-la como posto de comando e, a partir dela, controlar territórios importantes de Canaã.

### 7:1 O pecado de Acã

Depois de descrever a grande vitória em Jericó e a ordem clara de Deus quanto ao fim a ser dado à cidade e seus despojos, o escritor começa o capítulo informando seus

leitores e preparando-os para uma reviravolta na história: *Prevaricaram os filhos de Israel nas coisas condenadas*.

Israel foi infiel e desobedeceu à ordem de Josué de não tocar nos despojos. No entanto, esse pecado não foi cometido por todo o povo, mas apenas por *Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zera, da tribo de Judá (7:1)*. Em decorrência dos atos de Acã, *a ira do SENHOR se acendeu contra os filhos de Israel*. Assim, apesar de apenas um homem ter pecado, todo o Israel foi responsabilizado. O pecado de Acã é o pano de fundo para a tentativa de conquistar Ai.

### 7:2-26 Problemas em Ai

**7:2-3 A ANÁLISE HUMANA.** Alheio ao que havia acontecido, Josué partiu para o ataque contra Ai. Como no caso de Jericó, enviou homens para espiar a cidade (7:2). Pouco depois, os espias voltaram com um relatório extremamente otimista. Disseram a Josué: *Não suba todo o povo; subam uns dois ou três mil homens, a ferir Ai; não fiquem ali todo o povo, porque são poucos os inimigos (7:3)*. Os espias estavam certos de que a vitória seria fácil. Não era necessário desperdiçar recursos humanos numa empreitada tão simples; uns poucos homens bastariam para tomar a pequena cidade.

**7:4-5 A ESTRATÉGIA HUMANA.** A batalha de Ai foi um fracasso total. Os israelitas *fugiram diante dos homens de Ai (7:4)* que os perseguiram desde a cidade e os feriram *na descida*. Como seria de esperar, *o coração do povo se derreteu e se tornou como água (7:5)*.

O que aconteceu? Depois da vitória em Jericó, Ai deve ter parecido um alvo fácil. Mas, pelo visto, o relatório dos espias não foi uma declaração de sua fé e confiança em Deus, mas, sim, de orgulho e confiança em si mesmos. Os israelitas imaginaram que, tendo atravessado o Jordão e destruído Jericó com tanta facilidade, Ai não seria um grande desafio. Uns poucos soldados poderiam tomar a cidade.

Infelizmente, essa forma de pensar não passava de autoengano presunçoso. Não encontramos no texto nenhuma indicação de que os israelitas buscaram a orientação de Deus como haviam feito ao atravessar o Jordão e tomar Jericó. Pensando que a vitória estava garantida, não perguntaram ao Senhor o que deviam fazer com Ai. Provavelmente imaginaram: “É apenas uma cidadezinha, podemos tomá-la sozinhos, não precisamos incomodar Deus”. O resultado: uma grande derrota!

O Senhor tinha dado instruções específicas para que Jericó fosse totalmente destruída. Os israelitas receberam ordens de não tomar para si os despojos da cidade, e, sim, consagrá-los ao Senhor, mas Acã não obedeceu. Se os líderes de Israel tivessem pedido a orientação de Deus quanto a Ai, Deus teria lhes revelado a necessidade de resolver questões internas antes de investir contra a cidade cananeia. Mas, talvez, de tão empolgado que estava com a vitória sobre Jericó, o povo de Israel havia se esquecido de permanecer espiritualmente alerta.

Vemos aqui uma lição crítica: muitas vezes, nos encontramos mais vulneráveis depois de uma grande vitória e, nesse momento, quando pensamos que Deus está do nosso lado, é fácil nos tornarmos arrogantes. “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10:12).

Quando Josué e seus homens pensaram que eram invencíveis, tiveram de fugir do exército minúsculo de Ai. Em vez de subirem ao pódio para ser coroados como conquistadores invictos das grandes fortalezas de Canaã, tiveram de bater em retirada para não ser capturados por um povo mais fraco. Antes que o hino nacional fosse tocado em homenagem à sua vitória, os israelitas estavam correndo, não para comemorar o triunfo, mas para salvar a própria vida! **7:6-7 A REAÇÃO HUMANA.** Josué ficou aturdido com esses acontecimentos. É possível que tenha sido o momento mais humilhante de toda a sua vida. Consternado, não pôde se conter: *Rasgou as suas vestes e se prostrou em terra sobre o rosto (7:6)*. Não lhe restava outra coisa a fazer senão, com os anciãos também prostrados, suplicar ao Senhor.

No entanto, em vez de tentar encontrar a causa de seu problema, se arrepender e pedir perdão a Deus, Josué se queixou ao Senhor, dizendo: *Ah! SENHOR Deus, por que fizestes este povo passar o Jordão, para nos entregares nas mãos dos amorreus, para nos fazerem perecer? Tomara nos contentáramos com ficarmos dalém do Jordão (7:7)*.

Josué questionou a sabedoria de Deus ao fazer o povo atravessar o Jordão! Não é incrível como nos apressamos em culpar outros por nossos problemas? É fácil nos queixarmos das bênçãos que Deus nos deu como se fossem o motivo de nossas aflições.

Quando Adão e Eva pecaram e foram confrontados com sua desobediência, em vez de demonstrar arrependimento. Adão enfrentou Deus e disse: “A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi” (Gn 3:12). Adão estava insinuando que Deus havia cometido um erro! Se não tivesse dado a mulher a Adão, nenhum mal teria acontecido. Porém, não foi acerca dessa mesma mulher que Adão exclamou, emocionado: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2:23)?

Semelhantemente, o mesmo Josué que havia celebrado a divisão das águas do rio Jordão e a destruição das muralhas de Jericó pelo poder de Deus estava, agora, culpando Deus por realizar esses milagres e fazer seu povo entrar na terra prometida. Quantas vezes não fazemos como Josué? Deparamo-nos com problemas e dificuldades e culpamos Deus pelas bênçãos concedidas por ele. Imaginamos que seria melhor se ele não houvesse interferido em nossa vida. Culpamos Deus por ter nos dado uma esposa, marido, filho ou amigo, um trabalho, um negócio, um carro ou uma casa, e nos esquecemos que talvez tenhamos recebido essa bênção depois de muita oração e súplica. Provérbios 10:22 diz: “A bênção do SENHOR enriquece, e, com ela, ele não traz desgosto”. Assim, se uma bênção parece trazer consigo algum desgosto, é necessário fazer uma introspecção. O

problema não é a bênção nem o Deus que a concedeu, mas, sim, quem a recebeu!

**7:8-9 A PREOCUPAÇÃO HUMANA.** Ao prosseguir com sua oração, outra preocupação ocorreu a Josué, levando-o a clamar: *Ah! Senhor, que direi? Pois Israel virou as costas diante dos seus inimigos! Ouvindo isto os cananeus e todos os moradores da terra nos cercarão [...] e, então, que farás ao teu grande nome? (7:8-9)*.

Além de sua própria vergonha e constrangimento, Josué imaginou que a reputação de Deus estava em jogo. Lembrou a Deus que, se ele não fizesse alguma coisa para tirar seu povo dessa situação vergonhosa, o Deus deles seria difamado irreparavelmente. Ao ficarem sabendo da derrota de Israel em Ai, os cananeus e outros povos da terra aproveitariam essa oportunidade para cercar e exterminar os israelitas.

Josué estava forçando Deus a proteger sua reputação, sem perceber que o Senhor não precisa de nenhuma defesa. Normalmente, uma pessoa só precisa defender sua reputação quando ela corre perigo ou está competindo com alguém do mesmo nível. Mas somente o Senhor é Deus em todo o universo. Ele é o grande Eu sou e não deve satisfação a ninguém! Não obstante o curso dos acontecimentos, tudo o que Deus faz se mostra absolutamente perfeito sob qualquer forma de escrutínio.

**7:10-13 UMA REPREENSÃO DIVINA.** Deus respondeu à oração de Josué com uma repreensão severa e direta: *Levanta-te! Por que estás prostrado assim sobre o rosto? Israel pecou e violaram a minha aliança (7:10-11)*. O Senhor informa Josué do problema e lhe dá a solução. Josué deve dizer ao povo: *Santificai-vos para amanhã, porque assim diz o Senhor, Deus de Israel: Há coisas condenadas no vosso meio, ó Israel; aos vossos inimigos não podereis resistir, enquanto não eliminardes de vosso meio as coisas condenadas (7:13)*.

Em geral, os maiores empecilhos para o nosso sucesso não são os obstáculos com os quais nos deparamos. Os verdadeiros inimigos de uma vida vitoriosa nunca são os baluartes de Satanás contra nós, pois, enquanto formos obedientes à palavra de Deus, até a barreira mais resistente cederá e a muralha mais alta ruirá! Aquilo que frustra todos os nossos esforços para alcançar o sucesso é o pecado não confessado. O salmista estava absolutamente certo quando declarou: “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (Sl 66:18). Quando temos pecados não confessados no coração, ficamos vulneráveis às derrotas. Antes de esperarmos as bênçãos e vitórias de Deus, precisamos tratar do pecado.

**7:14-18 UMA PRESCRIÇÃO DIVINA.** A prescrição de Deus para identificar a origem do pecado foi longa e fastidiosa. Deus disse: *Pela manhã, pois, vos chegareis, segundo as vossas tribos; e será que a tribo que o Senhor designar por sorte se chegará, segundo as famílias; e a família que o Senhor designar se chegará por casas; e a casa que o Senhor designar se chegará homem por homem. Aquele que for achado com a coisa*

*condenada será queimado, ele e tudo quanto tiver (7:14-15).* Qual o princípio por trás desse processo? A meu ver, Deus desejava que todos se envolvessem no exercício de purificação a fim de saber que, apesar de sua graça, o Senhor não tolera o pecado. Desejava deixar absolutamente claro para os israelitas que, para serem bem-sucedidos, deviam seguir a palavra de Deus à risca. Depois desse longo processo, Acã foi identificado como o culpado.

**7:19-21 UMA REVELAÇÃO DIVINA.** Acã pensou que havia feito tudo em segredo, mas acabou sendo descoberto. Josué lhe disse: *Filho meu, dá glória ao Senhor, Deus de Israel, e a ele rende louvores; e declara-me, agora, o que fizeste; não mo ocultes.* Ao que Acã respondeu: *Verdadeiramente [...] fiz assim e assim (7:19-20a,c).* É estranho Acã ter permanecido calado até a sorte cair sobre ele. Por que não se apresentou logo no início do processo e confessou o pecado? Talvez esperasse não ser descoberto. Mas, para sua infelicidade, a transgressão foi revelada. A Bíblia diz: “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23). É interessante observar que, depois de ter sido descoberto, Acã confessou: *Pequei contra o Senhor (7:20b).* Mas será que esta confissão foi autêntica? Não! Se ele fosse sincero, não teria esperado tanto para confessar o pecado.

Acã reconheceu espontaneamente que havia roubado objetos preciosos pertencentes a Deus (**7:21a**), cedendo ao desejo perverso de possuir algo que não era seu. Havia sacrificado algo muito maior por umas poucas coisas menores e nem ao mesmo estava desfrutando tais coisas, pois as havia escondido na terra, dentro de sua tenda (**7:21b**). Os bens materiais que lhe custaram o destino estavam enterrados debaixo de sua tenda!

Esse é o engano do pecado! Parece prazeroso enquanto estamos sendo tentados, mas, no final, em vez de proporcionarmos prazer e alegria, traz apenas amargura. Acã não tinha como usar aquilo que havia roubado. Na verdade, se fosse descoberto, perderia todas as suas posses!

**7:22-26 UM JULGAMENTO DIVINO.** Josué ordenou que mensageiros levassem Acã, sua família, todos os seus bens e os objetos roubados ao vale de Acor (**7:22-24**), onde disse a Acã: *Por que nos conturbaste? O Senhor, hoje, te conturbará (7:25).* Então, todo o povo de Israel apedrejou o transgressor e sua família, queimou os corpos e amontoou pedras sobre eles. Que fim mais trágico para um homem destinado a possuir coisas muito melhores na terra de Canaã! Porém, ele escolheu tomar um atalho para obter bens materiais e, com isso, perdeu tudo. Acã havia sobrevivido às dificuldades do deserto e, no entanto, morreu sem desfrutar os prazeres de Canaã.

Jesus disse: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16:26). A tentação de tomar atalhos para realizar nossos sonhos é muito real, especialmente quando a promessa de Deus parece estar demorando a se cumprir. O mundo, a carne e o diabo estão sempre presentes para nos ajudar a escolher o caminho da

destruição. Homens e mulheres de negócios se corrompem e vendem a alma para obter lucro imediato. Jovens que se cansam de esperar pelo marido escolhido por Deus se entregam a homens astutos que lhes prometem o céu, mas lhe dão o inferno. Muitos cristãos estão vivendo em pecado deliberado pensando estar seguros, pois ninguém sabe. Talvez ninguém saiba da nossa condição interior, mas não podemos esconder nada daquele ao qual tudo é revelado. Ele viu Acã quando este tomou para si as coisas consagradas, e ele nos vê quando caminhamos secretamente nas trevas ou nos envolvemos com negócios escusos.

Se desejamos progredir, não podemos tolerar o pecado em nossa vida. Deus permitiu que os israelitas fossem derrotados num momento crítico e não nos acompanhará pelos caminhos escuros que resolvermos trilhar. O pecado é um câncer que se alastra pela alma humana e o maior obstáculo para recebermos de Deus as bênçãos que ele deseja nos dar. Isaías disse: “Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Is 59:1-2).

O pecado afeta não apenas o pecador, mas também sua família, seus amigos e até mesmo sua igreja como um todo. O pecado de Acã provocou a derrota de Israel e a morte de sua família! Não basta orar a respeito do pecado. Ele precisa ser identificado, confessado e abandonado. Quando Josué tentou orar sobre o ocorrido, Deus ordenou que ele se levantasse e pedisse ao povo que se santificasse e se arrependesse. O pecado precisa ser tratado de forma implacável e imediata, pois, sem dúvida, “vos há de achar”! Acã pode ter imaginado e esperado que não seria descoberto, mas foi.

No entanto, em sua graça, Deus promete que “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1:9). A fim de experimentarmos as bênçãos do Senhor, precisamos tratar do pecado em nossa vida e em nossos relacionamentos. Mas, se fizermos como Israel e abusarmos da graça de Deus, ele poderá permitir que sejamos derrotados. Israel não deu o devido valor à graça e direção de Deus, pagando caro por isso.

### **8:1-29 A derrota de Ai**

Os homens de Ai provavelmente ficaram surpresos quando se deram conta de que estavam perseguindo os israelitas. Tinham ouvido histórias de como Israel havia destruído Jericó, uma cidade muito maior e mais fortificada, mas haviam juntado coragem e tentado defender sua cidadezinha. Para seu espanto, haviam vencido — e sem dificuldade! Sem dúvida, foi uma grande vitória para Ai e uma alegria e tanto descobrir que, na verdade, Israel não era invencível como haviam dado a entender os relatos que se espalharam

pela terra. Podemos imaginar todos os habitantes de Ai comemorando.

Porém, não sabiam de um fato importante: a vitória de Israel sobre Jericó havia sido consequência de sua sujeição obediente às ordens de Deus, e não de força ou experiência militar convencional. O exército israelita só havia derrotado o povo de Jericó porque Deus é um guerreiro poderoso e invencível. No dia em que os israelitas foram derrotados em Ai, Deus não estava com eles por causa do pecado de Acã. Assim, apesar de Ai ter sido vitoriosa sobre Israel, não havia derrotado o Deus de Israel. O Senhor não pretendia deixar as coisas como estavam, de modo que apresentou a estratégia para a conquista de Ai.

Depois que Deus tratou do pecado no arraial, Israel estava pronto para receber a vitória. Ao garantir seu perdão, o Senhor se dirigiu diretamente a Josué: *Não temas, não te atemorizes* (8:1). Josué não precisava temer a derrota nem ficar desanimado com o insucesso anterior. Ao contrário dos seres humanos, Deus perdoa totalmente e, quando o buscamos verdadeiramente arrependidos, ele nos recebe de volta em seu aprisco e nos restaura ao nosso ministério. O desânimo decorrente de falhas passadas e o medo de erros futuros não devem ser um empecilho para nosso chamado e missão.

Os espias haviam dito a Josué: “Não suba todo o povo” (7:3), mas sua sugestão foi fruto de uma análise e estratégia humana. O Senhor disse: *Toma contigo toda a gente de guerra, e dispõe-te, e sobe a Ai* (8:1a). Ao lutar nas batalhas de Deus, é absolutamente essencial buscar e seguir sua orientação. *Olha que entreguei nas tuas mãos o rei de Ai, e o seu povo, e a sua cidade, e a sua terra* (8:1b). Deus volta a enfatizar que a batalha pela terra de Canaã é dele, e não dos israelitas. No caso de Ai, o povo que havia posto os israelitas para correr estava prestes a enfrentar o Deus de Israel, e ninguém seria poupado.

Como havia feito com Jericó, Josué devia destruir Ai completamente e exterminar todos os seus habitantes e seu rei. No entanto, ao contrário de Jericó, da qual o povo foi proibido de tomar qualquer espólio, em Ai os israelitas poderiam pegar para si os despojos e o gado (8:2a).

Deus é rico em planos e estratégias e não permite que sigamos uma fórmula. Cada desafio é uma oportunidade singular de mostrar sua sabedoria. Assim, a estratégia prescrita por ele para a ocasião foi totalmente distinta daquela usada em Jericó. Josué recebeu ordem de pôr *emboscadas à cidade, por detrás dela* (8:2b). Parte do exército devia se esconder, enquanto outra parte atrairia o povo de Ai para fora da cidade. Depois de terem posto os israelitas para correr na batalha anterior, os defensores de Ai saíram sem medo, cientes de que o exército de Israel não passava de um bando de covardes. Mas, no plano de Deus, a fuga dos israelitas, que o exército de Ai havia considerado um sinal de fraqueza, seria a sua força (8:3-8). Enganaria os soldados de Ai, levando-os a pensar que poderiam obter outra vitória fácil.

Algumas pessoas questionam se foi digno da parte de Deus empregar uma estratégia desse tipo na guerra. Calvino trata dessa objeção: “Certamente as guerras não são realizadas apenas por meio de ataques; os melhores generais vencem mais por meio da astúcia e prudência do que pela força [...] Assim, se uma guerra é legítima, sem dúvida é absolutamente lícito usar as estratégias militares convencionais, desde que estas não quebrem tratados ou tréguas”.

Contrariando o conselho inicial dos espias, Deus ordenou que Josué reunisse um exército numeroso e colocasse alguns desses soldados em emboscada por trás da cidade (8:4). A questão de quantos homens foram separados para essa missão é controversa. Enquanto 8:3 e 8:9 falam de trinta mil homens posicionados *entre Betel e Ai*, 8:12 fala de cinco mil homens *entre Betel e Ai*. Não há como justificar essa aparente discrepância dizendo que se tratava de dois grupos diferentes, pois ambos parecem estar posicionados no mesmo lugar. É possível que um escriba posterior tenha copiado esses números incorretamente. Ou, talvez, os trinta mil soldados citados em 8:3 tivessem outro papel nessa missão, enquanto a emboscada devia ser realizada pelos cinco mil homens de 8:12.

Josué aproveitou a escuridão da noite para enviar seus soldados e posicioná-los por detrás da cidade, não muito distantes (8:4).

Lembrando-se da vitória de Ai quando Israel não consultou o Senhor, Josué se esforça, agora, para seguir o plano de Deus. Ouve atentamente as instruções e exige que o povo obedeça às suas ordens. O verdadeiro sucesso em qualquer empreendimento, especialmente no âmbito espiritual, só pode ser obtido pela obediência zelosa à palavra de Deus. “Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite [...] tudo quanto ele faz será bem-sucedido” (Sl 1:1-3). Trata-se de uma observação importante, pois, enquanto os israelitas seguiam as instruções do Senhor, ele lhes entregou Ai (8:7-8).

As instruções de Deus haviam sido transmitidas à risca, e o exército estava pronto para pôr o plano em ação. O relato a seguir parece o roteiro de um filme repleto de suspense e intrigas. Depois de armar a emboscada a oeste da cidade, Josué e os demais soldados *alojaram-se do lado norte de Ai. Havia um vale entre eles e Ai* (8:11), e eles desceram até ali. Como era esperado, o rei de Ai se apressou em atacar Israel, mas *ele não sabia achar-se contra ele uma emboscada atrás da cidade* (8:14). Cegado por seu sucesso anterior, o rei nem sequer imaginou que Israel poderia ter um plano e, assim, mordeu a isca, o anzol, a linha e a chumbada!

Josué permitiu que seus homens recuassem, e *todo o povo que estava na cidade foi convocado para os perseguir* (8:16). *Nem um só homem ficou em Ai, nem em Betel que não sáisse*



*após os israelitas; e deixaram a cidade aberta e perseguiram Israel (8:17).* Conforme Deus havia planejado, os habitantes de Ai foram atraídos para fora da cidade e, ainda confiantes em razão da vitória anterior, todos os homens saíram para a batalha, deixando o local vazio e desprotegido.

A cidade de Betel ficava próxima de Ai, o que explica sua cooperação com os soldados da cidade. As duas cidades provavelmente haviam assinado um tratado de ajuda mútua contra os invasores israelitas. É possível que os homens de Betel tenham aparecido para ajudar Ai no dia da batalha, mas é mais provável que já estivessem aquartelados na cidade, esperando outro ataque dos israelitas. O rei de Betel é citado na lista dos reis mortos por Josué (12:16).

Seguindo a ordem do Senhor, Josué *estendeu para a cidade a lança que tinha na mão (8:18)*, sinalizando para os homens da emboscada atacarem. O texto informa posteriormente que *Josué não retirou a mão que estendera com a lança até haver destruído totalmente os moradores de Ai (8:26)*. Esse episódio traz à memória a ocasião em que Arão e Hur seguraram os braços de Moisés quando os amalequitas atacaram os israelitas em Refidim, e “quando Moisés levantava a mão, Israel prevalecia; quando, porém, ele abaixava a mão, prevalecia Amaleque” (Êx 17:8-12). A promessa de Deus a Josué de que estaria com ele como havia estado com Moisés volta a ser afirmada e confirmada.

Os soldados de Israel incendiaram a cidade, pegando os homens de Ai completamente de surpresa. Olharam para trás e viram *que a fumaça da cidade subia ao céu (8:19-20)*. E, pior, viram-se presos entre dois exércitos israelitas, sem ter por onde escapar. Os israelitas que estavam fugindo em direção ao deserto se voltaram contra seus perseguidores, e os homens da emboscada saíram da cidade e atacaram. O povo de Ai havia caído na armadilha!

O Senhor prepara emboscadas para aqueles que se opõem aos desígnios divinos e se orgulham de sua própria sabedoria e poder. No momento de aparente vitória, essas pessoas descobrem que, além de não terem por onde escapar, seu único motivo de orgulho está sendo consumido pelas chamas.

O maior erro que nós, cristãos, podemos cometer é lutar contra adversários usando nossa própria força e sabedoria. Como Israel, não temos conhecimento e experiência de guerra. A fim de sobrevivermos aos ataques violentos do inimigo, devemos permitir que Deus determine a estratégia, pois, do contrário, seremos derrotados. Devemos sempre lembrar que toda batalha enfrentada por um cristão é do Senhor e será vencida “não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (cf. Zc 4:6)!

Naquele dia, Israel teve uma grande vitória em Ai. *Os que caíram, tanto homens como mulheres, foram doze mil (8:25)*. Esse tipo de destruição não deve ser usado para justificar matanças nos dias de hoje (cf. comentário sobre 6:17-19). Somente Deus tem o direito de tirar a vida, pois ele a criou, e ela lhe pertence.

Israel levou de Ai uma grande quantidade de despojo (8:27). *Então Josué pôs fogo a Ai e a reduziu, para sempre, a um montão, a ruínas até ao dia de hoje (8:28)*. Esta era a pior desgraça que podia sobrevir a uma cidade. O rei de Ai, capturado com vida, foi levado até Josué, que *enforcou-o e o deixou no madeiro até à tarde (8:29)*. Na lei mosaica, ser enforcado ou crucificado era considerado uma morte vergonhosa. Josué seguiu a lei rigorosamente, conforme o Senhor o havia instruído em 1:7-8 e, portanto, obedeceu à prescrição de Deuteronômio 21:22-23: “Se alguém houver pecado, passível da pena de morte, e tiver sido morto, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite, mas, certamente, o enterrarás no mesmo dia; porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”. Assim, *ao pôr do sol, por ordem de Josué, tiraram do madeiro o cadáver, e o lançaram à porta da cidade, e sobre ele levantaram um montão de pedras, que até hoje permanece (8:29)*.

### 8:30-35 A leitura da lei no monte Ebal

Não é possível dizer com certeza de que modo a parte seguinte da narrativa segue a conquista de Ai. *Então, Josué edificou um altar ao SENHOR, Deus de Israel, no monte Ebal (8:30)*. Para alguns, essa seção pode estar no lugar errado, ou mesmo ser um acréscimo posterior. O monte Ebal fica a cerca de quarenta e oito quilômetros ao norte de Ai, e, tendo em vista o grande número de pessoas que estavam com Josué, seriam necessários pelo menos dois dias para chegar lá. É possível que a conquista de Ai tenha permitido aos israelitas chegar à região central de Canaã, uma vez que Betel e outras cidades ao redor parecem ter se rendido sem lutar e, desse modo, dado fácil acesso ao monte Ebal.

Conforme a instrução de Moisés, depois de atravessar o Jordão, os israelitas deviam tomar duas pedras grandes, cobri-las de cal e escrever nelas “todas as palavras desta lei”. Essas pedras deviam ser colocadas no monte Ebal (Dt 27:1-5), onde o povo também devia construir um altar ao Senhor. Depois de conquistar Ai, Josué se apressa em cumprir essas ordens.

Ao que parece, a cerimônia não foi apenas uma expressão de gratidão do povo da aliança por sua entrada na terra, mas também um reconhecimento prático do auxílio de Deus. Suas vitórias até então eram garantia inequívoca da conquista dos inimigos que ainda restavam. A cerimônia serviu para Israel pôr seu selo de propriedade sobre a terra recebida de seu Rei, Javé.

Josué usa essa oportunidade para lembrar o povo das palavras do Senhor e faz uma leitura de *todas as palavras da lei (8:34)*. Uma vez que grande parte do povo não havia estado no deserto nos dias de Moisés, era importante lançar os alicerces corretos antes de Israel se assentar na terra, de modo que ninguém tivesse qualquer desculpa para violar a lei de Deus. *Palavra nenhuma houve, de tudo o que Moisés ordenara, que Josué não lesse para toda a congregação*

de Israel, e para as mulheres, e os meninos, e os estrangeiros que andavam no meio deles (8:35).

Muitas vezes, os cristãos em geral, e até mesmo seus líderes, lêem a Palavra somente quando desejam buscar a orientação de Deus acerca de algo. Passada a crise, poucos voltam a ler as Escrituras com regularidade. Neemias e Esdras, a exemplo de Josué, dirigiram o povo na leitura da Palavra no auge da vitória e do sucesso (Ne 8).

## 9:1-27 A ingenuidade de Israel

### 9:1-2 Uma aliança bélica

A notícia da derrota de Jericó e Ai logo se espalhou, provocando medo em vários reis cananeus (9:1) que, logicamente, começaram a elaborar estratégias para sobreviver. Alguns deles resolveram se reunir para deter o exército israelita. Os reis dos heteus, amorreus, cananeus, ferezeus, heveus e jebuseus puseram de lado suas diferenças e concordaram em formar uma aliança contra Israel.

### 9:3-15 Uma aliança enganosa

Porém, nem todos aderiram a essa estratégia. Sabendo que não tinham a mínima chance de derrotar Israel, os gibeonitas optaram por outra abordagem: a trapaça. Infelizmente, Israel caiu na armadilha e foi obrigado a aceitar a presença dos gibeonitas em seu meio dali em diante. Os israelitas foram enganados pelas aparências, pela lisonja e pelo orgulho da vitória.

**9:3-6 ENGANADOS PELAS APARÊNCIAS.** A delegação de gibeonitas enviada ao encontro de Israel vestia roupas e sandálias gastas e remendadas. Sobre seus jumentos, havia sacos e odres de vinho velhos, e os homens traziam consigo pão seco e bolorento (9:4-5). Os enviados foram ter com Josué e lhe disseram: *Chegamos de uma terra distante; fazei, pois, agora, aliança conosco* (9:6). Mostraram a Josué suas roupas gastas e pão bolorento como prova da jornada longa realizada para buscar a ajuda de Israel — e os israelitas acreditaram! Não é de admirar que Paulo nos tenha instruído a viver “por fé e não pelo que vemos” (2Co 5:7). Nossa caminhada como cristãos nunca deve depender daquilo que vemos, pois as aparências são extremamente enganosas.

**9:7-13 ENGANADOS PELA LISONJA.** O truque seguinte usado pelos gibeonitas foi a lisonja. Quando os israelitas começaram a perguntar de onde os viajantes tinham vindo (9:7-8), os gibeonitas deslocaram o foco da atenção de si mesmos para a fama do Deus de Israel. Disseram que haviam vindo *por causa do nome do Senhor, teu Deus; porquanto ouvimos a sua fama e tudo quanto fez no Egito* (9:9) e explicaram: *Este nosso pão tomamos quente das nossas casas, no dia em que saímos para vir ter convosco; e ei-lo aqui, agora, já seco e bolorento; e estes odres eram novos quando os enchemos de vinho; e ei-os aqui já rotos; e estas nossas vestes e estas nossas sandálias já envelheceram, por causa do muito longo caminho* (9:12-13).

Primeiro, os gibeonitas louvaram e bajularam Josué, dizendo que a fama de suas conquistas havia se espalhado até lugares longínquos. Em seguida, apelaram para a lógica, mostrando as roupas gastas e alimentos velhos para corroborar suas palavras. Essas duas armas psicológicas já derrubaram muitos líderes, pois quem confia nas palavras de bajuladores está condenado à ruína.

Paulo também teve de lidar com a lisonja em Filipos. Uma escrava possuída de um espírito que fazia adivinhações seguiu o apóstolo, dizendo: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação”. Em vez de dizer “Amém” para essa declaração lisonjeira, perturbado com essas palavras, Paulo se virou e ordenou ao espírito: “Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela” (At 16:16-18).

Conforme Daniel profetizou, quando o anticristo vier no fim dos tempos, “com lisonja perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo” (Dn 11:32).

**9:14-15 ENGANADOS PELO ORGULHO DA VITÓRIA.** Os homens de Israel examinaram os suprimentos que corroboravam o relato dos gibeonitas, mas não consultaram ao Senhor (9:14). Em ocasiões anteriores, Josué havia buscado zelosamente a orientação de Deus, mas, aqui, deixou-se levar pelos elogios humanos e caiu na armadilha dos gibeonitas. O líder de Israel foi enganado e derrotado por esses adversários. Fez aliança com eles, prometendo não matá-los, e os líderes da congregação ratificaram esse pacto com um juramento (9:15). Momentos de vitória e sucesso representam um risco sério para nossa jornada espiritual. Muitas vezes, depois de grandes realizações, nos encontramos mais propensos a embarcar em nossas empreitadas sem buscar a vontade de Deus.

### 9:16-27 O engano é descoberto

*Ao cabo de três dias, depois de terem feito a aliança com eles, ouviram que eram seus vizinhos e que moravam no meio deles. Pois, partindo os filhos de Israel, chegaram às cidades deles ao terceiro dia* (9:16-17). Mas era tarde demais. Os israelitas não podiam atacar esse povo, pois seus líderes haviam feito um juramento. Ao descobrir a trapaça dos gibeonitas, os filhos de Israel murmuraram contra os *príncipes da congregação* por terem feito aliança com esse povo da terra (9:18). A congregação insistiu em que os líderes a tirassem da situação difícil na qual se encontrava por culpa deles. Mas a questão não era tão simples, pois os príncipes haviam jurado pelo Senhor, o Deus de Israel.

Contudo, será que Israel tinha a responsabilidade de cumprir um acordo baseado na dissimulação da outra parte? Para alguns, uma vez que os israelitas haviam sido proibidos, com todas as letras, de firmar tratados com os cananeus, os líderes não tinham nenhuma obrigação de manter o acordo feito de boa-fé, mas no qual a outra parte havia mentido. Do ponto de vista estritamente legal, esse argumento parece correto.

No entanto, os líderes se recusaram a romper o acordo não porque o consideraram indissolúvel, mas porque haviam jurado pelo Senhor, o Deus de Israel (9:19). Quebrar um juramento feito em nome do Senhor o desonraria entre os cananeus e traria sobre os israelitas a culpa de violar o mandamento para não usar o nome de Deus em vão. Assim, deviam manter o juramento pelo menos para preservar a integridade do Deus em nome do qual haviam jurado. Não é de admirar que Paulo tenha dito a Timóteo: “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2Tm 2:19).

Diante desse compromisso, a medida mais severa que Israel pôde tomar em relação a esses trapaceiros gibeonitas foi transformá-los em servos, *rachadores de lenha e tiradores de água para toda a congregação* (9:20-21). Os gibeonitas garantiram sua segurança pelo engano e, apesar de terem sido obrigados a servir a toda a congregação, passaram a ser responsabilidade de Israel nos séculos subsequentes.

Durante o reinado de Davi, houve grande fome em Israel por três anos. O rei buscou a orientação do Senhor e recebeu como resposta: “Há culpa de sangue sobre Saul e sobre a sua casa, porque ele matou os gibeonitas” (2Sm 21:1). Em outras palavras, Deus julgou Israel no tempo de Davi, séculos depois, simplesmente porque Saul havia considerado esse juramento e tentado destruir os gibeonitas. Mais adiante, o salmista perguntaria: “Quem, SENHOR, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?” e, na relação de pessoas qualificadas, incluiria “o que jura com dano próprio e não se retrata” (Sl 15:1,4).

Josué confrontou o povo de Gibeão com sua mentira: *Por que nos enganastes, dizendo: Habitamos mui longe de vós, sendo que viveis em nosso meio?* (9:22). Como a maioria dos trapaceiros, os gibeonitas tinham uma resposta pronta. De acordo com sua justificativa, haviam tomado conhecimento da ordem de Deus para destruir todos os cananeus e temido grandemente por sua vida (9:24; Dt 7:1; 20:16-17). Mais uma vez, os inimigos pagãos apelaram para o Deus de Israel e sua palavra. E, numa demonstração de grande humildade, se sujeitaram de bom grado ao veredicto de Josué, mesmo antes de saber da sua decisão: *Eis que estamos na tua mão; trata-nos segundo te parecer bom e reto* (9:25). *Naquele dia, Josué os fez rachadores de lenha e tiradores de água para a congregação e para o altar do SENHOR* (9:27). Apesar de serem escravos, os gibeonitas ardilosos acabaram servindo junto ao altar de Deus em decorrência do erro de Israel!

Jesus disse: “Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz” (Lc 16:8). Com astúcia implacável, os gibeonitas garantiram seu futuro, protegendo-se não apenas de um ataque israelita, mas da hostilidade de outros inimigos. Assim, quando Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, se uniu a outras cidades para atacar Gibeão por esta ter feito um tratado com Israel, os gibeonitas apelaram para Josué (cf. comentário sobre 10:1-8).

Alguns dos piores trapaceiros são indivíduos que fingem ser cristãos quando, na verdade, sua intenção é apenas arranjar uma esposa cristã. Homens assim trabalham com paciência e astúcia para alcançar seu objetivo. Vão aos cultos de domingo, aprendem o linguajar correto, falam em línguas, participam das reuniões de oração durante a semana, das *keshas* (vigílias de oração) e outras programações da igreja e, se possível, se envolvem no ministério! Sem desconfiar da dissimulação, uma mulher cristã pode ser iludida pelo charme, carisma e estilo cativante de um homem assim. Quando a pergunta tão esperada “Você quer se casar comigo?” é feita, essa irmã em Cristo, como Josué e os israelitas, não vê motivo para consultar o Senhor acerca de algo tão óbvio.

Entretanto, assim que a certidão de casamento é assinada e os dois são declarados marido e mulher, ela descobre, para seu desespero, que o pão seco e bolorento e as roupas e sandálias gastas do sujeito não são decorrentes de uma longa caminhada com o Senhor. Na verdade, esse “irmão cheio do Espírito” está cheio de um espírito muito diferente — um espírito gibeonita! Infelizmente, a essa altura, como no caso de Josué, um juramento já foi feito e um tratado foi assinado “até que a morte nos separe”! Essa mulher pode se consolar com a ideia de transformar o marido em seu rachador de lenha e tirador de água, o provedor de todas as suas necessidades materiais, pois homens assim muitas vezes têm recursos financeiros, mas ele será um fardo para o resto da vida. Será sua súplica silenciosa em todos os cultos, o primeiro item da sua lista de oração em todas as *keshas* e, muitas vezes, o assunto de conversas com suas amigas mais íntimas.

Não devemos jamais assumir compromissos sem consultar Deus. Busque ao Senhor antes de entrar em qualquer contrato, especialmente nos momentos vulneráveis, quando você estiver extremamente necessitado e receber uma proposta que parece boa demais para ser verdade. O homem mais sábio de todos os tempos nos deu um conselho de valor perene: “Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal; será isto saúde para o teu corpo e refrigério, para os teus ossos” (Pv 3:5-8). O maior erro dos líderes de Israel foi não consultar o Senhor ao serem procurados pelos gibeonitas (9:14). Estribaram-se no seu próprio entendimento, foram sábios a seus próprios olhos e pagaram o preço, como acontecerá com qualquer um que confiar no seu próprio discernimento.

Atente nas palavras do Senhor: “Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR! Porque será como o arbusto solitário no deserto e não verá quando vier o bem; antes, morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável. Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja

esperança é o SENHOR. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto” (Jr 17:5-8).

## 10:1—12:24 A posse da terra

### 10:1-27 Uma coalizão de cinco reis

#### 10:1-5 A coalizão contra os gibeonitas

A próxima cidade importante na lista de Josué era Jerusalém, cujo nome significa “a fundação/posse da paz”. No tempo de Abraão, a cidade se chamava Salém (Gn 14:18), um termo equivalente ao suaíli *Salaam* como no nome Dar es Salaam (Enseada da Paz). O rei de Jerusalém era Adoni-Zedeque ou “senhor da retidão”. Na opinião de alguns comentaristas, seu nome é originário do nome de um rei dessa cidade na Antiguidade: Melquisedeque (Gn 14:18), isto é, “rei da retidão”. Adoni-Zedeque era o rei dos jebuseus (cf. 9:1; Nm 13:29; 2Sm 5:6-9).

Antes de Josué ter a oportunidade de formular uma estratégia para tomar essa “cidade da paz”, Adoni-Zedeque foi informado da destruição total de Jericó e Ai. Também ficou sabendo do tratado de paz assinado entre Gibeão e Israel e percebeu que a paz da sua cidade corria perigo. O rei de Jerusalém e seus súditos se encheram de medo. Por quê?

Além de ocuparem posições estratégicas, Jericó e Ai eram cidades fortificadas. O fato de terem sido tomadas e destruídas com tanta facilidade era mau sinal, pois, se essas duas fortalezas tinham sido arrasadas, o mesmo aconteceria com outras cidades. Assim, o rei de Jerusalém tinha motivos para ficar apreensivo. Porém, o mais assustador era que Gibeão, uma das principais cidades da região, havia assinado um tratado de paz com Israel sem sequer lutar! *Gibeão era cidade grande (10:2a)* e importante, pois guardava a passagem para Bete-Horom, uma rota comercial movimentada que se estendia até a planície costeira a oeste. Também era *como uma das cidades reais*, pois proporcionava um refúgio seguro para os governantes reais.

Gibeão era ainda mais fortificada do que Ai, cujas muralhas Israel nem chegou a derrubar. A cidade possuía excelentes guerreiros e, portanto, era uma forte aliada em tempos de guerra (10:2b). Adoni-Zedeque não conseguiu entender como Gibeão havia se entregado a Israel sem lutar. Assim, não estava apenas assustado, mas também furioso com o povo daquela cidade, decidindo assim lhe dar uma lição.

É evidente que Adoni-Zedeque conhecia e respeitava a força de Gibeão, pois não tentou atacá-la sozinho. Antes, apelou para os reis Hoão de Hebrom, Pirã de Jarmute, Jafia de Laquis e Debir de Eglom: *Subi a mim e ajudai-me; fírmamos Gibeão, porquanto fez paz com Josué e com os filhos de Israel (10:4)*.

Hebrom ficava situada nas montanhas, quarenta e oito quilômetros ao sul de Jerusalém. Havia duas cidades chamadas Jarmute. Uma foi entregue à tribo de Issacar (21:29); a Jarmute mencionada aqui ficou com a tribo de Judá (15:35) e distava cerca de vinte e nove quilômetros de Jerusalém. Laquis é mencionada várias vezes nas Escrituras. Amazias, rei de Judá, foi morto por um grupo de conspiradores dessa cidade (2Rs 14:19). Ela também foi sitiada por Senaqueribe, rei da Assíria (2Rs 18:14,17; Is 37:8), e Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jr 34:7). Depois da conquista da terra, a cidade ficou com Judá (15:39). Não é possível dizer ao certo onde ficava a cidade de Eglom, mas também foi entregue à tribo de Judá (15:39). As cinco cidades dos amorreus uniram forças, deslocaram seus exércitos até Gibeão e atacaram a cidade.

#### 10:6-8 O salvamento dos gibeonitas

Quando Adoni-Zedeque convocou seus vizinhos, dizendo “Subi e ajudai-me; fírmamos Gibeão”, os gibeonitas pediram socorro a Josué: *Não retires as tuas mãos dos teus servos [...] ajuda-nos, pois todos os reis amorreus que habitam nas montanhas se ajuntaram contra nós (10:6)*. O povo de Gibeão acreditava que, apesar de “todos” os reis amorreus terem se ajuntado contra eles, Israel era capaz de revidar ao ataque. Também acreditava que Israel honraria o tratado assinado em nome do Senhor e o salvaria.

As pessoas que usaram de desonestidade para se associar a Israel agora consideravam os israelitas responsáveis por elas. Suas batalhas passaram a ser as batalhas de Israel; seus problemas, problemas de Israel. E, quando pediram socorro a Josué, o fizeram confiantemente e em tom de urgência: *Sobe apressadamente a nós*. Não estavam suplicando por um favor; estavam pedindo o que lhes era de direito de acordo com o tratado. Esses amigos dos israelitas estavam se tornando um peso. Talvez Josué temesse exatamente isso: os gibeonitas dependeriam sempre de Israel e chamariam Josué para lutar em batalhas que não eram dele. Ao ser chamado pelos gibeonitas, Josué também deve ter se lembrado com pesar do erro terrível que havia cometido ao assinar um tratado sem buscar a orientação de Deus. E, no entanto, não lhe restava outra coisa a fazer senão honrar os termos desse tratado. Assim, o comandante de Israel marchou para Gilgal com todo o seu exército, incluindo seus melhores guerreiros, talvez disposto a pagar por seu erro (10:7).

Porém, surpreendentemente, *disse o SENHOR a Josué: Não os temas, porque nas tuas mãos os entreguei; nenhum deles te poderá resistir (10:8)*. Que notícia maravilhosa para um homem atormentado pela culpa decorrente de um erro passado! Esse é o maior privilégio que recebemos quando depositamos nossa fé na graça de Deus. O líder de Israel pode ter conjecturado que, se morresse no campo de batalha, seria com razão. Mas, Deus tinha outros planos para Josué e seu povo, “planos de fazê-los prosperar e não

de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro" (Jr 29:11, NVJ).

Uma das características que distinguem o cristianismo de todas as outras religiões é sua doutrina da graça. A graça de Deus permite que pecadores como você e eu se relacionem com um Deus absolutamente puro e santo. Em todas as outras principais religiões, os adoradores devem realizar determinados atos meritórios para obter acesso à divindade. Certos requisitos específicos devem ser cumpridos para desfrutar a bênção dos deuses, requisitos que variam de uma religião para outra, alguns sendo mais rigorosos do que outros. Algumas religiões exigem disciplina severa; outras, grandes sacrifícios. A violação de qualquer prescrição suscita a ira dos deuses e tem consequências terríveis.

Nas religiões tradicionais da África, por exemplo, os deuses exigem a observância rígida de determinadas práticas e costumes. Quem não cumpre essa exigência atrai sobre si a ira dos deuses, a menos que ofereça determinados sacrifícios prescritos para apaziguá-los. O devoto procede sempre com a máxima cautela, por medo de atrair sobre si a fúria das divindades. É esse medo que escraviza várias sociedades africanas, acorrentando-as às suas tradições e culturas.

O cristianismo, por outro lado, oferece um relacionamento de livre acesso a Deus, possibilitado pela graça divina. Como o salmista declara: "O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões" (Sl 103:8-14). A graça de Deus oferece ao pecador uma segunda chance, uma oportunidade de recomeçar. Também nos permite continuar a desfrutar a bondade do Senhor, apesar de o ofendermos com nossa insensatez e nossos erros. Mas, como Paulo pergunta: "Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm 6:1-2).

Assim, em sua graça, Deus fala a Josué e lhe garante a vitória sobre a coalizão de reis prestes a atacar Gibeão.

### 10:9-21 A derrota da coalizão

Depois de receber a garantia de vitória do Senhor, Josué partiu confiante para a luta contra a coalizão. Marchou a noite toda de Gilgal a Gibeão. Era uma jornada de aproximadamente trinta e dois quilômetros de subida, e, portanto, a chegada de Josué pegou os reis de surpresa (10:9). Mas não foi apenas a chegada inesperada de Josué que deixou os exércitos da coalizão apavorados; Deus também interveio e espalhou confusão em seu meio. Em vez de lutar, a coalizão

fugiu, com Israel em seu encalço (10:10). Deus assumiu o controle da batalha e, enquanto os exércitos inimigos fugiam, fez o SENHOR cair do céu sobre eles grandes pedras, até Azeca, e morreram. Mais foram os que morreram pela chuva de pedra do que os mortos à espada pelos filhos de Israel (10:11). Há quem argumente que não foi uma chuva de granizo, mas, literalmente, de pedras, chamada em algumas versões de "pedras de granizo" em razão de como caíram e de sua quantidade. Há evidências históricas de chuvas de pedras em várias partes do mundo. Não obstante a natureza da chuva nesse episódio, Deus certamente pode provocar fenômenos de todo tipo, pois seu poder é ilimitado.

Josué e Israel parecem ter ficado tão maravilhados ao ver Deus lutar por eles que Josué, desejando uma batalha mais demorada, orou: *Sol, detém-te em Gibeão, e tu, lua, no vale de Aijalom*. E, milagre dos milagres, *o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos* (10:12-13a). O sol parou quase um dia inteiro (10:13b). Essa ocorrência extraordinária é tema de grande controvérsia. O autor do livro de Josué extraiu a passagem que a descreve do *Livro dos Justos* (10:13c), uma obra na qual são celebrados os feitos poderosos do Senhor. Assim, para alguns estudiosos, esse milagre foi acrescentado posteriormente à narrativa. Mas essa tentativa de minimizar o fenômeno com uma explicação lógica pode ser motivada pela incapacidade da mente finita de compreender como isso poderia ter ocorrido sem afetar todo o movimento do universo criado.

A objeção de que uma interrupção súbita do movimento de rotação da terra em seu eixo lançaria a terra e a lua fora de sua órbita e destruiria tudo na superfície terrestre não prova nada. Além de sugerir que Deus só poderia obter esse efeito de modo determinado, tal argumento também ignora sua natureza como Deus onipotente — ele criou os corpos celestes e os faz girar com regularidade em sua órbita; ele sustenta e governa sobre todas as coisas no céu e na terra e, portanto, tem poder suficiente para evitar tais consequências desastrosas.

Essa não foi a única ocasião na qual Deus suspendeu as leis da natureza em resposta a súplicas de seus filhos. Sara concebeu e deu à luz Isaque quando havia passado, há muito, da idade de ter filhos (Gn 17:15-17; 18:10-14; 21:1-3). Eliseu fez um machado de ferro flutuar na água (2Rs 6:4-7) e Jesus e Pedro andaram sobre as águas do mar da Galileia (Mt 14:25-29). É evidente que, quando Deus escolhe intervir, nada pode limitá-lo, pois nada é impossível para ele.

Assim, o autor de Josué declara: *Não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, tendo o SENHOR, assim, atendido à voz de um homem* (10:14a) e feito o universo parar. Deus não tem o costume de suspender as leis da natureza para intervir no que sucede aqui na terra. Ele opera dentro do curso dos acontecimentos. Talvez por esse motivo seja tão difícil ver a operação de Deus ao nosso redor diariamente. Mas, quando ele intervém de forma sobrenatural para livrar seu povo, todos notam. Quando o sol e a lua

pararam depois da oração de Josué e as pedras de granizo atingiram os inimigos de Israel, todos reconheceram que *o SENHOR pelejava por Israel* (10:14b).

Ao perceberem contra quem estavam lutando, os cinco reis tomaram uma decisão lógica: fugiram e se esconderam numa caverna (10:16). Mas foram encontrados pelos israelitas, e Josué foi comunicado do local do esconderijo (10:17). Mais que depressa, ele cercou o local, mandou rolar pedras grandes até a entrada da caverna para fechá-la e colocou soldados para guardá-la (10:18). Enquanto isso, continuou a perseguir os inimigos e destruiu quase todos. Apenas uns poucos soldados conseguiram se refugiar em cidades fortificadas (10:19-20). Depois de ver como Josué e seus guerreiros haviam aniquilado os exércitos das cinco cidades, não houve *ninguém que movesse a língua contra os filhos de Israel* (10:21). Seus inimigos foram calados!

Não há dúvida de que Deus pode transformar nossos erros em bênçãos e pode usar as armas voltadas contra nós para atacar nossos inimigos. Os gibeonitas haviam enganado os israelitas, obrigando-os a assinar um tratado, mas, ainda assim, Deus usou Gibeão para ajudar Israel a derrotar a coalizão de cinco reis, permitindo que Josué conquistasse cinco cidades numa única batalha!

#### 10:22-27 A humilhação dos inimigos

Em vez de ficar com seus homens e lutar bravamente, quando perceberam a possibilidade de derrota, os cinco reis se esconderam. Josué os havia prendido numa caverna enquanto perseguia os respectivos exércitos, mas voltou para castigá-los, humilhando-os publicamente (10:22-23) e convocando todos os homens de Israel para assistir enquanto os comandantes de seu exército colocavam o pé sobre o pescoço dos reis (10:24), uma humilhação ritual que enfatizou a supremacia de Israel e a impotência do inimigo. Em seguida, Josué usou os reis como exemplo do que seria feito contra quem ousasse desafiá-los, dizendo a seus líderes: *Não temais, nem vos atemorizeis; sede fortes e corajosos, porque assim fará o SENHOR a todos os vossos inimigos* (10:25). Depois da humilhação pública dos reis, Josué ordenou que fossem executados e os corpos, pendurados em árvores. No fim da tarde, os corpos dos reis foram removidos e sepultados na mesma caverna onde haviam se escondido (10:26-27).

#### 10:28-43 O sul: vitórias fáceis

A conquista de Josué não terminou com a derrota dos cinco reis. Depois do rompimento dessa coalizão importante, a narrativa faz um apanhado das batalhas nas cidades do sul de Canaã. Josué acampou em Maquedá e *a feriu à espada, bem como ao seu rei; destruiu-os totalmente e a todos os que nela estavam* (10:28). Em seguida, se deslocou até Libna, onde feriu todos à espada (10:30) e fez o mesmo quando desceu a Laquis (10:32). Horão, rei de Gezer, um dos reis mais poderosos da região, tentou ajudar Laquis, mas provavelmente se arrependeu, pois Josué o derrotou e

exterminou seus soldados (10:33). Em seguida, o exército de Israel atacou Eglom, Hebrom e Debir, destruindo tudo e matando todos nessas cidades (10:34-39).

Josué varreu a terra de Canaã como um furacão, e não houve quem o impedisse. *Feriu Josué toda aquela terra, a região montanhosa, o Neguebe, as campinas, as descidas das águas* (10:40), sem deixar sobreviventes. O comandante de Israel conquistou a terra *desde Cades-Barneia até Gaza, como também toda a terra de Gósen até Gibeão* (10:41). Os israelitas haviam ocupado toda a terra de Canaã ao sul de Jerusalém e exterminado seus habitantes. Ao contrário de Jericó e Ai, as outras cidades conquistadas não foram destruídas; somente seu povo foi ferido à espada.

Josué derrotou todos esses reis e capturou suas cidades numa só campanha porque o Senhor, o Deus de Israel, lutou por seu povo. Deus havia prometido vitória e estava lá para garanti-la. Como no caso de Josué, haverá momentos na vida dos cristãos em que experimentarão grande sucesso. Quando isso acontecer, devemos nos lembrar de agradecer a Deus, pois é por sua graça e segundo seus propósitos que ele concede essas vitórias.

Contudo, ainda que experimentemos grandes vitórias, não devemos nos acomodar. Devemos avançar no Senhor e tomar posse de toda a terra prometida a nós. Muitas pessoas se acomodam ao primeiro sinal de fracasso e, com isso, deixam de receber todas as bênçãos reservadas por Deus para elas.

#### 11:1-23 O norte: oposição e vitória

O fato de experimentarmos uma vitória excepcional no Senhor não significa que não haverá oposição. Na verdade, quanto maior a oposição, maior o sucesso.

Ao encerrar a campanha no sul, Josué levou seus homens de volta para o acampamento em Gilgal. Enquanto isso, espalhou-se por toda a terra a notícia da devastação provocada por Israel no sul. *Tendo Jabim, rei de Hazor, ouvido isto, começou a planejar uma aliança poderosa para conter os israelitas* (11:1a). Talvez Jabim tenha tomado a iniciativa pelo fato de, em outros tempos, Hazor ter liderado todos os reinos do norte de Canaã (11:10). É possível que Hazor fosse a cidade maior e mais fortificada de toda a terra de Canaã. Ocupava cerca de setenta hectares e, portanto, era muito maior do que Jericó, cuja área não passava de sete hectares. Para alguns estudiosos, "Jabim" provavelmente era um título hereditário usado pelos reis de Hazor (cf. Jz 4:2). Essa designação significa "aquele que é discernente", isto é, "o sábio" ou "o inteligente". Ao que parece, Jabim tentou aplicar essa "sabedoria" à crise do momento, formando uma coalizão poderosa para se opor a Israel (11:1b-3). Mobilizou o norte e conseguiu reunir *muito povo, em multidão como a areia que está na praia do mar, e muitíssimos cavalos e carros*. Esses reis do norte *se ajuntaram, e vieram, e se acamparam junto às águas de Merom, para pelejarem contra Israel* (11:4-5).

A capacidade de Jabim de mobilizar toda a região mostra que ele devia ser um homem de grande influência e poder. As três primeiras batalhas de Israel haviam sido contra inimigos aparentemente insignificantes, enquanto Hazor representou um desafio à parte para Josué. Essa coalizão era o maior adversário político e militar com o qual Israel havia se deparado até então. O autor de Josué parece fazer questão de enfatizar a força numérica e tecnológica das tropas.

Os israelitas devem ter tremido nas bases diante do grande poder do exército inimigo. Porém, mais uma vez, o Senhor garantiu a Josué: *Não temas diante deles, porque amanhã, a esta mesma hora, já os terás traspassado diante dos filhos de Israel* (11:6) e cumpriu sua palavra. Josué realizou um ataque-surpresa a esse exército poderoso, e o Senhor lhe deu vitória. E, depois de jarretar os cavalos e queimar os carros dos inimigos (11:7-9), *voltou Josué, tomou a Hazor*, queimou a cidade e matou todos os seus habitantes (11:10-11). Esta foi a terceira cidade que o exército de Israel destruiu completamente.

Todas as cidades reais que haviam lutado contra Israel foram capturadas; tanto seu rei quanto os habitantes foram mortos (11:12), e os israelitas tomaram para si muitos despojos (11:13-15).

As guerras de Josué contra todos esses reis duraram muito tempo (11:18). No entanto, ninguém, exceto os gibeonitas, tentou fazer um tratado de paz (11:19). Para explicar por que os reis não se deram o trabalho de buscar a paz com Israel, o autor diz: *Porquanto do SENHOR vinha o endurecimento do seu coração [...] a fim de que fossem totalmente destruídos e não lograssem piedade alguma* (11:20). Esses povos haviam se rebelado contra Deus. Ele esperou e lhes deu a oportunidade de se arrepender, mas eles não o fizeram. Portanto, Deus usou-os para cumprir sua promessa a Abraão.

Por fim, o autor menciona de passagem um povo que Israel parecia temer mais do que a qualquer outro: os anaquins, aos olhos dos quais os israelitas eram “como gafanhotos” (Nm 13:33). A vitória sobre eles é mencionada apenas de passagem: *Josué eliminou os anaquins da região montanhosa* (11:21-22).

A maior parte da terra estava despovoada e pronta para ser assentada. *Assim tomou Josué toda esta terra, segundo tudo que o SENHOR tinha dito a Moisés; e Josué a deu em herança aos filhos de Israel, conforme as suas divisões e tribos* (11:23). O Senhor lutou ao lado do seu povo até o fim, lhe concedeu a terra prometida e lhe mostrou inequivocamente a sua fidelidade.

A experiência de Josué nos dá uma ideia mais clara do significado das palavras do Senhor por intermédio do profeta Isaías: “Eis que envergonhados e confundidos serão todos os que estão indignados contra ti; serão reduzidos a nada, e os que contendem contigo perecerão. Aos que pelejam contra ti, buscá-los-ás, porém não os acharás; serão reduzidos a nada e a coisa de nenhum valor os que fazem guerra contra ti [...] Eis que farei de ti um trilho cortante e novo, armado

de lâminas duplas; os montes trilharás, e moerás, e os outeiros reduzirás a palha. Tu os padejarás, e o vento os levará, e redemoinho os espalhará; tu te alegrarás no SENHOR e te gloriarás no Santo de Israel” (Is 41:11-12,15-16).

### 12:1-24 A terra conquistada: o resultado final

No relato histórico detalhado das guerras de Josué em Canaã, os únicos reis mencionados pelos nomes como soberanos conquistados pelos israelitas são os membros da coalizão formada para lutar contra Israel. No entanto, o texto também informa que Josué subjugou todos os reis do sul e do norte, tomando suas cidades (10:40; 11:17). Para completar o relato das conquistas, o autor fornece uma lista minuciosa de todos os reis derrotados, primeiro por Moisés (12:1-6) e, depois, por Josué (12:7-24), apresentando um panorama das vitórias conquistadas por Israel com a ajuda do Deus onipotente.

### 13:1—19:51 A divisão da terra

Nos capítulos anteriores, Deus conduziu seu povo nas batalhas da conquista. Sob o comando de Josué, Israel tomou grande parte de Canaã e varreu da terra os seus habitantes cananeus. No entanto, os israelitas não ocuparam de imediato toda a região conquistada e, provavelmente, ainda passaram algum tempo acampados em Gilgal. Os capítulos 13 a 19 constituem a segunda seção do livro e fornecem detalhes sobre a divisão da terra entre as doze tribos, os descendentes dos filhos de Jacó (Gn 29:32--30:24; 35:16-18). Lia deu à luz Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom. De Raquel nasceram José e Benjamim. Bila, a serva de Raquel, deu à luz Dã e Naftali, e de Zilpa, serva de Lia, nasceram Gade e Aser. José, filho de Raquel, teve dois filhos: Manassés e Efraim. Antes de falecer, Jacó abençoou os dois filhos de José (Gn 48:20), mas será que sua bênção ainda possuía alguma relevância para os filhos de Israel quatrocentos anos depois? A fim de responder a essa pergunta, devemos considerar como a terra foi dividida entre as tribos.

#### 13:1-7 Territórios não conquistados

No último versículo do capítulo 11, o autor declara: “Tomou Josué toda esta terra” (11:23), mas no capítulo 13 mostra o Senhor dizendo a Josué quando este já era idoso: *Ainda muitíssima terra ficou para se possuir* (13:1). Como explicar essa discrepância?

Ao que parece, 11:23 é um resumo que encerra o relatório detalhado da conquista. Porém, no fim da vida de Josué, os israelitas ainda precisavam conquistar ou tomar posse de parte da terra. Os detalhes acerca desses territórios não conquistados são fornecidos em 13:2-5. Em outras palavras, embora os israelitas tivessem tomado as principais fortalezas de Canaã, ainda estavam cercados de povos pagãos. Josué havia feito a sua parte ao comandar as grandes campanhas da conquista, mas sua idade avançada não o permitiria tomar o resto da terra. O que aconteceria?



O Senhor falou a Josué e prometeu cuidar da situação: *Eu os lançarei de diante dos filhos de Israel (13:6)*. Josué era idoso, entrado em dias, mas o seu Deus continuava vivo e cheio de vigor, sempre pronto a lutar por seu povo. Deus não envelhece nem se cansa; ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre! O Deus de Israel conquistaria a parte da terra que ainda não havia sido ocupada por seu povo (uma promessa cumprida bem mais tarde, no tempo do rei Davi). Assim, Deus instruiu Josué a realizar a divisão da terra, apesar de parte dela ainda se encontrar ocupada pelos inimigos.

O autor não explica por que Josué não conseguiu conquistar toda a terra, mas talvez o princípio de Deuteronômio 7:22 se aplique a esse caso. Judá não conseguiu tomar Jerusalém, de modo que “habitam os jebuseus com os filhos de Judá em Jerusalém até aos dias de hoje (15:63). E os filhos de Manassés não puderam expulsar os habitantes daquelas cidades, porquanto os cananeus persistiam em habitar nessa terra” (17:12). No entanto, foram sujeitados posteriormente a trabalhos forçados.

Assim, os israelitas se depararam com povos que simplesmente não conseguiram eliminar do seu meio e com os quais tiveram de conviver. Mesmo quando os israelitas se fortaleceram o suficiente para expulsar essa gente da terra, escolheram, em vez disso, sujeitá-la à escravidão. Partes da terra permaneceram inconquistadas por motivos desconhecidos ou não especificados, mas Deus prometeu entregá-las a Israel algum dia.

Podemos fazer um paralelo entre essa situação dos israelitas e a realidade dos cristãos. Todo cristão enfrenta pelo menos três inimigos do crescimento e desenvolvimento espiritual: o mundo, a carne e o diabo. Cada um deles representa um desafio diferente para a jornada espiritual do cristão:

O mundo é semelhante aos jebuseus. Não podemos expulsar as pessoas do mundo e nos livrar de suas práticas e costumes ímpios; precisamos viver no meio delas. Assim, estamos no mundo, mas não somos do mundo e não devemos nos conformar com ele. Antes, somos chamados a ser sal e luz aqui na terra. Os jebuseus sempre estarão presentes em nosso meio, mas não devemos jamais nos deixar influenciar por eles.

Por mais resistente que seja, a carne pode ser conquistada. É como os cananeus que se recusaram a deixar o território de Manassés. Tempos depois, Manassés se tornou forte o suficiente para expulsá-los, mas, em vez disso, porém, escolheu apenas escravizá-los. Muitos cristãos fazem o mesmo em vez de conquistar totalmente a própria carne. Paulo diz: “Se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (Rm 8:13).

O diabo é um inimigo que não será conquistado por nós. Por mais fervorosas que sejam nossas orações, não podemos nos livrar dele. Mas Deus prometeu desferir, no devido tempo, o golpe final contra Satanás e lançá-lo no lago de fogo e enxofre (cf. Ap 20:10).

### 13:8-33 Os territórios a leste

Antes de falecer, Moisés havia dividido a terra a leste do Jordão entre as tribos de Rúben e Gade e a meia tribo de Manassés (13:8). As duas tribos e meia haviam pedido ao líder de Israel para ocuparem essa terra, pois era boa para seus rebanhos. Moisés havia atendido ao pedido, sob a condição de que os homens de Rúben, Gade e Manassés ajudassem seus compatriotas a conquistar a terra do outro lado do Jordão (1:12-15; Nm 32:1-5,16-22). É importante observar que os territórios a leste do Jordão não faziam parte da terra prometida, mas foram concedidos a essas tribos em resposta ao seu pedido.

### 14:1—19:51 Os territórios a oeste

#### 14:1-5 Divisão da terra

A região a oeste do Jordão, a terra prometida aos israelitas como herança, foi dividida entre as outras nove tribos e meia de Israel. A divisão não foi realizada de forma arbitrária por Josué; antes, contou com a participação de *Eleazar, o sacerdote*, e dos *cabeças dos pais das tribos*, ou seja, os representantes do povo (14:1). Detalhes precisos são fornecidos acerca das fronteiras de cada território. A divisão propriamente dita foi realizada lançando-se sortes na presença do Senhor, a fim de que Deus decidisse a porção de cada tribo (14:2) e não houvesse acusações de discriminação ou favoritismo. Assim, podemos dizer que foi Deus quem conquistou a terra e também foi ele quem a distribuiu entre as tribos de Israel.

#### 14:6-15 A parte de Calebe

Uma exceção a essa distribuição da terra pelo lançamento de sortes parece ter sido feita no caso de Calebe, filho de Jefoné. Ele foi o espião que, juntamente com Josué, apresentou um relatório favorável acerca da terra (Nm 13:30; 14:7-9). Quando a terra estava sendo dividida, Calebe disse a Josué: *Tinha eu quarenta anos quando Moisés, servo do SENHOR, me enviou de Cades-Barneia para espiar a terra; e eu lhe relatei como sentia no coração. Mas meus irmãos que subiram comigo deseperaram o povo; eu, porém, perseverarei em seguir o SENHOR, meu Deus. Então, Moisés, naquele dia, jurou, dizendo: Certamente, a terra em que puseste o pé será tua e de teus filhos, em herança perpetuamente, pois perseveraste em seguir o SENHOR, meu Deus (14:7-9)*. O que estas palavras revelam acerca de Calebe?

- **Calebe acreditava na confiabilidade da palavra de Deus, não obstante a passagem do tempo.** Deus cumpre suas promessas. O fato de ainda não ter cumprido a promessa feita a Calebe quarenta e cinco anos antes não significava que havia se esquecido de sua palavra ou voltado atrás. Calebe cria nas palavras das Escrituras: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá? (Nm 23:19).

- **Calebe não se deixava levar pela maioria, mas seguia suas convicções pessoais.** Ele não precisava aceitar uma opinião só porque a maioria concordava. Calebe falava e agia de acordo com suas convicções (14:7). Onde outras pessoas viam problemas, ele via possibilidades. Quando outros diziam: “Isso é impossível”, ele dizia: “Tudo é possível” e acreditava nisso. Mesmo naquela ocasião, enquanto o povo estava tentando se assentar nas regiões conquistadas, Calebe desejou algo diferente, algo coerente com suas convicções. Assim, ele pediu: *Dá-me este monte de que o SENHOR falou naquele dia (14:12).*
- **Calebe não se contentava com nada aquém da promessa de Deus para ele.** Moisés havia lhe prometido a terra em que puseste o pé (14:9). Nada mais e nada menos! Ele não se contentaria com menos sabendo que era justo receber sua parte. Sabia que o bom é sempre o inimigo do melhor e o disponível é uma barreira para o possível.

Jabez possuía uma índole semelhante (1Cr 4:9-10). O nome que recebeu de sua mãe significa “dores”, mas ele não se contentou em aceitar o destino implícito nesse nome e clamou ao Senhor: “Oh! Tomara que me abençoes e me alargues as fronteiras, que seja comigo a tua mão e me preserves do mal, de modo que não me sobrevenha aflição!”. Como agricultor ou criador, Jabez olhou para a terra que havia herdado de sua família, inspecionou seus marcos, calculou seu potencial e declarou: “Toma, Senhor, e amplia tudo que tu colocaste sob meus cuidados”. E Deus atendeu ao seu pedido.

Se estamos satisfeitos com o que temos, não desejamos mais e não mudamos aquilo que conseguimos tolerar. Muitas vezes, nos conformamos em permanecer em um emprego ruim ou viver desempregados, mendigando, sem nos esforçar para mudar a situação. Ou, então, toleramos um relacionamento difícil ou uma goteira dentro de casa sem trabalhar para fazer os reparos necessários. Calebe não teria tolerado nada disso!

O mesmo vale para o âmbito espiritual. Enquanto não desenvolvermos uma insatisfação espiritual, não desejaremos nos chegar ainda mais a Deus. Enquanto estivermos acomodados em Sião, permaneceremos alheios ao fogo de Deus que arde ao nosso redor. À medida que nos tornamos cada vez mais atarefados, ficamos cada vez menos interessados nas coisas espirituais e dedicamos nosso tempo a questões que consideramos mais urgentes. Não temos a ambição espiritual necessária para ir além do lugar-comum e tentar alcançar patamares mais elevados.

Acompanhamos o povo que entra na igreja a cada domingo para receber um território já conquistado pelo pastor! Muitos cristãos não leem a Palavra de Deus e não separam um tempo para orar diariamente. Dependem dos bocados espirituais oferecidos por pastores que, muitas vezes, também se encontram espiritualmente entorpecidos. Pessoas assim se contentam com migalhas, quando deveriam estar se alimentando de refeições substanciais.

Calebe decidiu não esperar por um pedaço qualquer de terra. Não se contentaria com nada aquém da promessa de Deus a ele, pois tinha a possibilidade de lutar por sua parte. Assim, saiu da fila de espera e foi direto a Josué para lhe pedir o que, a seu ver, lhe pertencia tendo em vista a promessa de Deus em Números 14:24. Estava pronto para tomar posse de seu território. Demonstrou sua insatisfação com o lugar-comum e a consciência de que nunca é tarde demais para realizar sonhos! Muitos de nós somos mais jovens do que Calebe — aqui, com 85 anos de idade. Assim, ele nos desafia a lutar, com as forças concedidas por Deus, pelos alvos de nossa vida.

A insatisfação de Calebe não é sinônimo de descontentamento com as bênçãos de Deus. Antes, ele expressa gratidão pela dádiva da vida, concedida por Deus: *Eis, agora, o SENHOR me conservou em vida (14:10).* Todos os israelitas adultos que haviam saído com ele do Egito — incluindo Moisés — tinham morrido no deserto. Somente ele e Josué haviam sobrevivido. Sem dúvida, isso era motivo de gratidão a Deus! Muitas vezes, não prestamos atenção nas “pequenas coisas”, como a dádiva da vida. Muitas pessoas se queixam constantemente de sua situação difícil, de não terem isto ou aquilo, mas não percebem que a vida em si é um recurso do qual podem se utilizar. Quantos de nossos colegas de escola ou faculdade já faleceram? E, no entanto, nós ainda estamos vivos!

Calebe também agradece a Deus a dádiva da força. Além de estar vivo, ele ainda era forte: *Estou forte ainda hoje como no dia em que Moisés me enviou (14:11a).* Homens de 85 anos de idade normalmente não têm tanto vigor físico. Calebe considerava a sua força uma bênção de Deus, mais um recurso importante para a realização de sua missão. Muitos homens e mulheres fortes não fazem nada com seu vigor. Ou pior: usam-no indevidamente para roubar, lutar e se rebelar. Calebe estava disposto a usar as forças que Deus lhe concedera para melhorar sua situação de vida.

Calebe também agradece a Deus a dádiva da agilidade e diz: *Qual a minha força naquele dia, tal ainda agora para o combate, tanto para sair a ele como para voltar (14:11b).* Além do vigor físico, Calebe possuía força para lutar. Continuava ágil o suficiente não apenas para sair à batalha, mas também voltar dela vitorioso!

Depois de fazer essa autoavaliação e descobrir que Deus o havia abençoado com vida, força, aptidão e agilidade. Calebe disse a Josué: *Agora, pois, dá-me este monte de que o SENHOR falou naquele dia (14:12a).* Este pedido ousado mostra uma determinação de ir além das coisas comuns, uma disposição de buscar o impossível e superar o insuperável. Victor Hugo, o grande escritor francês do século XIX, escreveu certa vez: “Não há nada mais poderoso do que uma ideia cujo momento chegou”. Quando percebemos que é chegada a hora de agirmos, devemos aproveitar a oportunidade da melhor maneira possível.

Calebe, porém, não confiava apenas em suas aptidões. Ele era movido pela fé! Ao ouvir as palavras de Calebe.

Josué pode ter olhado para ele com incredulidade e tentado dissuadi-lo, dizendo: “Sem dúvida, você é um grande guerreiro. Mas sabe o que está pedindo? Lembra-se do tipo de gente que vimos na terra quando a espiamos? Você é um homem de fé e grande força na batalha, mas não é mais um rapaz. Está com 85 anos, e não 25! Talvez seja melhor deixar de lado essas ambições da juventude”. Atente, porém, nas palavras de Calebe: *Naquele dia, ouviste que lá estavam os anaquins e grande e fortes cidades; o SENHOR, porventura, será comigo, para os desapossar como prometeu (14:12b)*. Eis um homem decidido a superar todos os obstáculos para alcançar seus alvos! Os anaquins eram uma das tribos mais temidas de Canaã. Comparados com os israelitas, eram gigantes, e muitos estudiosos acreditam que o “gigante” Goliás era um descendente dessa raça. Mas Calebe não se deixou intimidar por eles — nem por sua força, nem por suas cidades fortificadas. Acreditava que, com a ajuda de Deus, expulsaria essa gente e tomaria a terra para si como herança. E foi exatamente o que aconteceu (cf. 15:14).

Porém, Calebe foi humilde o suficiente para aceitar ajuda. Uma vez que considerava importante ocupar seu território, ofereceu sua filha Acsa a quem o acompanhasse nessa campanha. Otniel o ajudou, e Calebe cumpriu sua promessa (15:16-17). O bom relacionamento de Calebe com sua filha pode ser verificado tanto na liberdade que Acsa teve em pedir um pedaço de terra com água quanto no fato de Calebe ter atendido ao seu pedido, dando-lhe “as fontes superiores e as fontes inferiores” (15:18-19).

A insatisfação de Calebe gerou determinação. A insatisfação sem determinação gera apenas frustração. Se você não consegue tomar a iniciativa de fazer algo para mudar sua situação, é melhor se acomodar e lidar com as circunstâncias presentes. Muitas pessoas estão insatisfeitas com sua situação de vida, mas não fazem nada além de murmurar e criticar. Infelizmente, muitos africanos têm a característica cultural de criticar, reclamar e culpar outros por suas deficiências: a escola que frequentaram, os professores, o pastor da igreja, a pobreza dos pais, os colonialistas, os líderes corruptos, instituições assistenciais, a economia, o FMI, o Banco Mundial... e assim por diante. O capítulo 17 de Josué exemplifica bem essa atitude.

### 15:1-63 A parte de Judá

A primeira sorte a ser lançada para a divisão das terras a oeste do Jordão foi a sorte da tribo dos filhos de Judá (15:1). Jacó havia removido os direitos de primogenitura de Rúben por este ter se deitado com Bila, a concubina de Jacó (Gn 49:4). Simeão e Levi também haviam perdido esses direitos por terem massacrado os siquemitas depois do estupro de sua irmã, Diná (Gn 49:5-7; cf. tb. Gn 34). Para Jacó, a reação dos seus dois filhos foi traiçoeira e excessivamente severa. Assim, o direito de primogenitura ficou com Judá. Ao abençoar Judá, Jacó afirmou que ele seria louvado por seus irmãos (Gn 49:8). Assim, a tribo de Judá recebeu a

primeira parte da terra prometida a oeste do Jordão. Seu território era constituído de toda a região sul desde o mar Mediterrâneo até o mar Morto e incluía a parte de Calebe, o maior território de todos. Judá também recebeu Jerusalém, a cidade que seria tomada apenas no reinado de Davi e se tornaria sua capital (15:63; cf. 2Sm 5:1-7).

### 16:1—17:18 A parte de José

Manassés, o primogênito de José, recebe o território ao norte de Efraim. Metade da tribo de Manassés já havia se assentado na terra a leste do Jordão (13:8), de modo que esse território foi dado à outra metade. Manassés não conseguiu retirar os cananeus das suas terras e, mesmo quando se fortaleceu, preferiu usá-los como escravos em vez de expulsá-los (17:12-13).

Conforme Jacó havia predito em sua bênção, Efraim e Manassés tinham se tornado *grande povo* (17:14). Devido a seus rebanhos numerosos, alguns dos membros dessa tribo haviam decidido se assentar a leste do Jordão. Agora, porém, a outra parte da tribo se queixa de que o território separado para eles e Efraim é pequeno demais para a população numerosa dessas tribos. Como crianças mimadas, os descendentes de José desejavam receber um tratamento especial.

Além de se queixarem do tamanho do território, tentaram espiritualizar o problema: *Por que me deste por herança uma sorte apenas [...] sendo eu tão grande povo, visto que o SENHOR até aqui me tem abençoado?* (17:14). Era culpa do Senhor a tribo de Manassés ser tão numerosa! Assim, a seu ver, Josué devia ser mais compreensivo e lhe dar um território maior.

Em resposta a essa queixa de ordem “espiritual”, Josué lhe diz: *Se és grande povo, sobe ao bosque e abre ali clareira na terra dos ferezeus e dos refains, visto que a região montanhosa de Efraim te é estreita demais* (17:15). Uma repreensão apropriada para essa gente mimada! Se eram tantos, por que não usar essa vantagem numérica para conquistar mais terras para sua tribo? Por que precisava pedir que Josué lhe desse terras já conquistadas?

No entanto, os integrantes dessa tribo nem sequer entenderam a repreensão de Josué. Estavam preocupados demais com seus problemas para perceber o sarcasmo do comandante de Israel. Pessoas desse tipo só sabem mentir. Assim, os filhos de José disseram a Josué: *A região montanhosa não nos basta; e todos os cananeus que habitam na terra do vale têm carros de ferro, tanto os que estão em Bete-Seã e suas vilas como os que estão no vale de Jezreel* (17:16). Com isso, estavam dizendo que não eram fortes o suficiente para cuidar de si mesmos. Desejavam terras que já haviam sido conquistadas. Queriam apenas esmolas. Enquanto Calebe, aos 85 anos de idade, estava disposto a tomar as cidades fortificadas dos anaquins (11:12), os descendentes de José, apesar de serem numerosos, estavam com medo de enfrentar os cananeus de Bete-Seã por causa dos carros de ferro! Suas alegações eram totalmente absurdas.

Josué se enfureceu. Podemos imaginá-lo andando de um lado para o outro e, depois, virando as costas e se afastando enquanto esbravejava a esse bando de aproveitadores: *Tu és numeroso e forte; não terás uma sorte apenas; porém a região montanhosa será tua. Ainda que é bosque, cortá-lo-ás, e até às suas extremidades será todo teu; porque expulsarás os cananeus, ainda que possuem carros de ferro e são fortes (17:17-18)*. E ponto final!

Se desejamos desfrutar a vida, precisamos estar prontos para nos levantar e limpar nosso território. Ninguém nos deve coisa alguma, e nosso destino está em nossas mãos. Entre num território ainda não explorado e, como Josué disse aos descendentes de José, limpe esse território e “até às suas extremidades será todo teu”. Enquanto alguns de nós passamos o dia sentados nos queixando do tamanho de nossa terra, os Calebes de nosso tempo clamam: “Dá-me este monte!”. Não devemos simplesmente nos contentar com nossa situação atual nem nos queixar dela, mas, sim, buscar coisas maiores, não obstante as dificuldades ao longo do caminho. Quando nossos alvos estão dentro da vontade de Deus, há sempre um modo de atingi-los.

### 18:1—19:51 O restante da terra

Depois que Judá e José receberam seus territórios, as coisas parecem ter se acalmado. Josué mudou o acampamento de Gilgal para *Siló (18:1)*. Sete tribos ainda não tinham territórios, e Josué lhes perguntou: *Até quando sereis remissos em passardes para possuir a terra [...]?(18:2-3)*. Assim, homens de cada uma dessas tribos foram enviados para fazer um levantamento e mapear a terra (*18:4-5,8-9*) e, em seguida, foram lançadas sortes para dividi-la entre as tribos (*18:10*).

Os descendentes de Benjamim foram os primeiros a receber sua parte, a saber, um território entre Judá e José (*18:11-21*). Moisés havia profetizado: “O amado do SENHOR habitará seguro com ele; todo o dia o SENHOR o protegerá, e ele descansará nos seus braços” (*Dt 33:12*). Benjamim desfrutaria uma proximidade especial com o Senhor. Posteriormente, quando as tribos do norte se desviaram do Senhor, Judá e Benjamim permaneceram fiéis.

A sorte seguinte saiu aos descendentes de Simeão. De acordo com as palavras de Jacó, Simeão e Levi ficariam espalhados entre os israelitas (*Gn 49:7*), uma profecia cumprida quando a herança dos simeonitas foi tirada do território extenso dado a Judá (*19:1-9*), indicando que, na verdade, Simeão não recebeu um território separado. Os descendentes de Levi também ficariam espalhados por toda a terra (cf. *21:1-45*).

Em seguida, saiu a sorte aos filhos de Zebulom (*19:10-16*), Issacar (*19:17-23*), Aser (*19:24-31*), Naftali (*19:32-39*) e, por fim, aos filhos de Dã (*19:40-47*).

Uma vez que todas as tribos estavam assentadas, foi a vez de Josué receber sua parte. A pedido de Josué, o povo lhe deu a cidade de *Timnate-Sera, na porção montanhosa de Efraim (19:50)*. Convém observar que, como líder, Jo-

sué recebeu sua parte por último. Sua atitude contrasta nitidamente com a de vários dos nossos líderes, os quais preferem receber sua parte primeiro. Na África, muitos “grileiros” são os primeiros a se apoderar de terras do governo. Mas Josué agiu corretamente e esperou até o final.

*E assim acabaram de repartir a terra (19:51).*

### 20:1—24:33 Missão cumprida!

Todas as tribos de Israel haviam recebido sua parte da terra, mas ainda restavam algumas questões administrativas a serem resolvidas antes de concluir o assentamento do povo. Era necessário separar as cidades de refúgio e dos levitas, e as duas tribos e meia precisavam receber permissão de voltar à sua terra a leste do Jordão.

### 20:1—21:45 Distribuição especial

#### 20:1-9 Cidades de refúgio

Durante a jornada de Israel do Egito a Canaã, Deus deu aos israelitas um conjunto de leis para governar seu relacionamento com ele e uns com os outros. Uma das transgressões mais graves dessa lei divina é o homicídio, pois a humanidade foi criada à imagem de Deus, e quem toma a vida de outro viola a imagem de Deus.

No tempo de Moisés, Deus ordenou: “Quem ferir a outro, de modo que este morra, também será morto” (*Êx 21:12*). Assim, os assassinos não deviam receber misericórdia. No entanto, Deus fez uma concessão para casos de homicídio acidental: “Porém, se não lhe armou ciladas, mas Deus lhe permitiu cair em suas mãos, então, te designarei um lugar para onde ele fugirá” (*Êx 21:13*). Essa prescrição é explicada em mais detalhes em *Números 35:6,15*: “Das cidades, pois, que dareis aos levitas, seis haverá de refúgio, as quais dareis para que, nelas, se acolha o homicida [...] Serão de refúgio estas seis cidades para os filhos de Israel, e para o estrangeiro, e para o que se hospedar no meio deles, para que, nelas, se acolha aquele que matar alguém involuntariamente”.

Agora, Deus lembra Josué dessa prescrição especial: *Fala aos filhos de Israel: Apartai para vós outros as cidades de refúgio de que vos falei por intermédio de Moisés; para que fuja para ali o homicida que, por engano, matar alguma pessoa sem o querer; para que sirvam de refúgio contra o vingador do sangue (20:1-3)*. Mas quem era o “vingador do sangue”? Deus havia instituído uma lei de retribuição para os casos de homicídio: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem” (*Gn 9:6*). Assim, o homicida devia ser morto por um parente próximo da vítima escolhido pela família para vingar a morte de um dos seus membros. Esse indivíduo conhecido como vingador do sangue perseguiria o homicida, quer o crime tivesse sido intencional, quer acidental, obrigando o criminoso a buscar refúgio numa das cidades separadas para esse fim. Se um julgamento justo realizado nessa cidade constataste que o homicídio não

havia sido intencional — isto é, sem premeditação maldosa —, o acusado não seria entregue ao vingador do sangue. No entanto, devia permanecer na cidade até a morte do sumo sacerdote (20:4-6).

Uma vez que a única forma de escapar de um vingador de sangue era fugir para uma das cidades de refúgio, essas cidades deviam ser acessíveis a todos os habitantes da terra. Na verdade, Deus havia ordenado: “Preparar-te-ás o caminho [...] e isto será para que nelas se acolha todo homicida” (Dt 19:3). Assim, Josué instituiu as cidades de refúgio em várias regiões da terra. A oeste do Jordão, foram separadas para esse fim as cidades de Quedes ao norte, Siquém na região central e Hebrom ao sul; a leste do Jordão, foram separadas as cidades de Bezer ao sul, Ramote na região central e Golã ao norte (20:7-8; cf. Nm 35:14).

Essas cidades de refúgio deviam acolher tanto israelitas quanto estrangeiros (20:9). Embora as passagens que falam sobre essas cidades (Js 20:7-8; Nm 35:6,13-14; Dt 4:41-43) não especifiquem que suas portas deviam ficar abertas o tempo todo, podemos supor que era o caso, permitindo a entrada de fugitivos a qualquer momento. Uma vez que as cidades de refúgio pertenciam aos levitas, os quais recebiam dízimos dos israelitas, também eram locais devidamente providos de alimentos (Nm 18:21).

Podemos traçar alguns paralelos entre as cidades de refúgio e Cristo como nosso refúgio:

**Jesus Cristo é acessível.** Na verdade, é mais fácil chegar a ele do que a qualquer cidade de refúgio. Podemos clamar a ele em qualquer momento e lugar. A Bíblia diz: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Jl 2:32; Rm 10:13).

**Cristo recebe a todos.** Judeus, gentios, gregos, bárbaros, brancos e negros podem buscar e receber sua proteção.

**As portas de acesso a Cristo nunca estão fechadas.** Ele não dormita nem dorme. A qualquer momento e em qualquer lugar, mesmo em meio ao mais profundo desespero, Cristo está de braços abertos para receber quem busca refúgio nele.

**Cristo é absolutamente suficiente.** Ele não apenas salva da morte eterna, mas também supre as necessidades presentes. Além disso, uma vez que estamos em Cristo, nos encontramos protegidos de todo mal e perigo, pois “a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3:3).

**Cristo é um refúgio para todos.** Enquanto a cidade de refúgio era um abrigo apenas para os inocentes que haviam cometido homicídio accidental, Cristo recebe a todos. O mais abjeto pecador pode buscá-lo e receber perdão total, pois, na cruz, o grande “vingador do sangue” derramou o sangue de Cristo, e a pena foi paga. Aleluia! Que Salvador!

### 21:1-42 Cidades para os levitas

Em seguida, são separadas as cidades para os levitas. Em sua bênção final, Jacó havia amaldiçoado a ira de Simeão e Levi, dizendo: “Dividi-los-ei em Jacó e os espalharei em Israel (Gn 49:7). Vemos os efeitos dessa maldição na terra dada a Simeão (19:1-9).

E quanto a Levi? As palavras de Jacó tiveram algum efeito sobre seus descendentes? Antes de responder a essa pergunta, devemos observar um acontecimento importante envolvendo a tribo de Levi antes da chegada do povo na terra prometida. Em Êxodo 32, Moisés desceu do monte e encontrou o povo comendo, bebendo, dançando e oferecendo sacrifícios a um bezerro de ouro que Arão havia confeccionado a pedido dos israelitas. Deus se irou intensamente e expressou o desejo de exterminar seu povo, mas Moisés intercedeu por Israel, e o Senhor o atendeu.

Quando Moisés fez a convocação “Quem é do Senhor, venha até mim”, todos os levitas atenderam e, sob as ordens do líder de Israel, passaram pelo arraial, matando os ídólatras. Então Moisés disse: “Consagrai-vos, hoje, ao SENHOR; cada um contra o seu filho e contra o seu irmão, para que ele vos conceda, hoje, bênção” (Êx 32:26-28). Este versículo também pode ser traduzido por “Hoje vocês se consagram ao SENHOR, pois nenhum de vocês poupou o seu filho e o seu irmão, de modo que o SENHOR os abençoou neste dia” (NVI). Pelo fato de terem permanecido fiéis ao Senhor, os levitas foram separados, posteriormente, para cuidar do tabernáculo e assistir os sacerdotes.

Na distribuição da terra, a maldição pronunciada por Jacó foi levada em conta, mas, ainda assim, Deus a transformou em bênção, pois os levitas tomaram partido de Deus. Portanto, o Senhor ordenou que os levitas recebessem terras com pastos ao redor para os seus rebanhos (Nm 35:2-5; cf. tb. Nm 18:20-24). Com isso, os descendentes de Levi foram espalhados por toda a terra, tanto a leste quanto a oeste do Jordão.

Na divisão da terra, *os cabeças dos pais dos levitas* pediram as cidades que lhes haviam sido prometidas (21:1-2). Levi teve três filhos: Gérson, Coate e Merari. Ao distribuir as cidades entre os levitas, Josué as dividiu de acordo com essas três famílias. Coate recebeu a primeira parte, a saber, vinte e três cidades, das quais treze foram entregues aos descendentes de Arão e as outras dez ao restante da família (21:4-5,9-26). Gérson recebeu treze cidades (21:6,27-33), e Merari ficou com doze cidades de Rúben, Gade e Zebulom (21:7,34-40), totalizando quarenta e oito cidades, exatamente conforme Deus havia ordenado a Moisés (21:41-42; cf. Nm 35:7).

### 21:43-45 Resumo da missão

Depois da distribuição especial de cidades, o autor conclui, afirmando: *Desta maneira, deu o SENHOR a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; e a possuíram e habitaram nela* (21:43). E também: *O SENHOR lhes deu repouso em redor* (21:44). Em outras palavras, os israelitas haviam cumprido

sua missão, e Josué havia conseguido realizar sua tarefa de assentar Israel na terra prometida. *Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o SENHOR falara à casa de Israel; tudo se cumpriu (21:45).*

## 22:1-34 As tribos do leste voltam para casa

### 22:1-8 Bênçãos para a jornada

Calcula-se que a guerra em Canaã durou cerca de sete anos. Durante esse tempo, as tribos do leste haviam lutado fielmente ao lado de seus compatriotas do oeste, deixando o conforto de seus lares do lado leste do Jordão (22:1-3). Não é de admirar que o salmista tenha dito: “Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos” (Sl 133:1). Agora, Josué lhes diz que cumpriram seu compromisso, lembra-os de permanecer perto do Senhor e lhes dá uma bênção para a jornada (22:4-7). Os guerreiros das tribos do leste voltaram para casa com *grandes riquezas, com muitíssimo gado, prata, ouro, bronze, ferro e muitíssima roupa (22:8).*

Sem dúvida, receberam a mesma medida que haviam dado a seus irmãos, “recalcada, sacudida, transbordante” (Lc 6:38)! Os africanos precisam aprender com essas tribos a reunir seus recursos visando o bem comum. Devemos nos juntar para lutar contra os inimigos em comum: as enfermidades, o analfabetismo, a pobreza e as guerras civis. Muitas vezes, nos contentamos em desfrutar nossa prosperidade sem nos preocupar com outros.

### 22:9-34 O altar do testemunho

Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés deixaram os israelitas em Siló, na terra de Canaã, e voltaram para Gileade. Mas,  *vindo eles para os limites pegados ao Jordão, na terra de Canaã, provavelmente em Gilgal, decidiram levantar ali um altar grande e vistoso do lado oeste do Jordão (22:10).* Não haviam comentado sobre isso antes, e sua ideia assustou as tribos do oeste, que se prepararam para guerrear contra seus compatriotas (22:11-12). Mas, antes de saírem à luta, enviaram uma delegação de líderes para averiguar a questão e determinar o motivo pelo qual as duas tribos e meia haviam levantado esse altar (22:13-14).

A delegação falou do seu receio de que as tribos do leste houvessem desconsiderado a advertência de Josué em 22:5 e tivessem levantado um altar para algum outro deus (22:16-18; cf. tb. Lv 17:1-9). Nesse caso, as tribos fiéis guerrearão para arrancar a apostasia pela raiz. Ao longo de toda a conquista da terra, a obediência a Deus foi enfatizada repetidamente. Temia-se que qualquer rebelião das tribos do leste traria o castigo divino sobre toda a comunidade, como aconteceu quando Acã desobedeceu a Deus (22:20; 7:1). A preocupação era tanta que a delegação ofereceu às duas tribos e meia territórios no oeste caso o outro lado do Jordão estivesse contaminado pelos cultos pagãos (22:19).

Então, foi a vez de as tribos do leste se espantarem. Diante dessa ideia absurda de que seriam capazes de dei-

xar o Deus único e verdadeiro, os membros das duas tribos e meia clamaram: *O Poderoso, o Deus, o SENHOR, ele o sabe (22:22),* chamando como testemunha o Deus ao qual haviam sido acusados de trair. Esse clamor combina três nomes de Deus: *El*, o Poderoso; *Elohim*, o Ser Supremo, e *o SENHOR*, o único Deus verdadeiramente existente e o Deus da aliança. Os membros das tribos do leste também levaram a questão extremamente a sério. Sem dúvida, sabiam do perigo de usar o nome do Senhor em vão e não teriam invocado os nomes de Deus dessa forma se não estivessem certos de sua inocência (22:23).

Ao contrário do que o restante de Israel imaginou, o altar havia sido levantado para lembrar as gerações futuras de duas verdades: “o Poderoso é Deus” e o Deus do oeste também era Deus do leste. As tribos do leste haviam receado que, com o passar do tempo, os dois grupos de israelitas, separados pelo Jordão, se esqueceriam de que eram uma única nação governada por Deus. Temiam que, um dia, seus descendentes seriam excluídos do culto ao Senhor pelo simples fato de habitarem do outro lado do Jordão (22:24-25). Assim, essas tribos não haviam abandonado a adoração ao Senhor em troca de outro deus. Muito pelo contrário: estavam procurando preservar e garantir o culto a Deus para os seus descendentes. Por isso, haviam construído o altar a fim de se parecer com o altar do tabernáculo e não o haviam colocado em seu próprio território, mas, sim, do lado oeste do Jordão, onde se encontrava o lugar de habitação do Senhor. O altar serviria de testemunho de que as tribos dos dois lados do Jordão adoravam o mesmo Deus (22:26-29).

Não é de admirar que a delegação tenha ficado satisfeita acerca do compromisso das outras tribos com Deus (22:23-33).

Esse mal-entendido surgiu por simples falta de comunicação. As tribos do leste deveriam ter comentado suas ideias com as demais tribos antes de levantar o monumento. Deveriam, ao menos, ter expressado suas preocupações a Josué, o líder de todo o povo, poupando ambas as partes de um confronto desnecessário. As tribos do oeste também agiram precipitadamente com base em relatos não confirmados e se apressaram em julgar seus compatriotas. Se as tribos do oeste houvessem atacado sem averiguar os fatos, teriam derramado sangue inocente.

Esse episódio deve servir de advertência para nós. Não é raro ocorrerem conflitos internos no Corpo de Cristo porque nos apressamos em colocar ideias nobres em prática sem consultar outros antes.

Porém, esse episódio também tem um lado positivo, pois mostra o zelo das tribos do oeste pelo Senhor. Apesar de estarem lidando com seus compatriotas, com os quais lutaram lado a lado durante sete anos para conquistar a terra, e apesar de, certamente, terem desenvolvido laços fortes de companheirismo e afeto uns pelos outros, em se tratando de defender o nome do Senhor, estavam prontos para se opor a seus irmãos do leste. Seu amor por Deus



## O CONCEITO DE TERRA

Ao longo dos séculos, muitas guerras foram travadas pela posse de terras. É necessário, portanto, entendermos a visão de Deus acerca desse assunto.

No AT, os conceitos de terra e aliança eram intimamente relacionados para a nação de Israel. Deus prometeu a Abraão e seus descendentes uma terra numa região específica (Gn 12:1,6,9; 13:14-18; 15:18-21; 17:8) e, posteriormente, cumpriu essa promessa (Dt 1:8; 5:31; 9:5-6; 11:17). Os profetas vislumbraram um tempo em que as nações iriam a Israel para adorar a Deus (Mq 4:1-5), e o Messias estabeleceria seu reino justo nesse local e daria continuidade à linhagem de Davi (2Sm 7:8-17; Is 9:1-7; 11:1-16).

Em termos mais gerais, a Bíblia faz as seguintes asserções:

- *Toda a terra pertence a Deus*, pois ele a criou (Sl 24:1; cf. tb. Gn 1:9-10; Lv 25:23; Sl 50:12). Ele concede e toma terras conforme lhe apraz (Gn 3:23-24; 4:11; Dt 2:5,9; Sl 125:3).
- *As leis de Deus governam a vida na terra*. Se os habitantes da terra de Deus viverem em pecado, Deus os castigará, como fez com as pessoas no tempo de Noé (Gn 6:7) e com os cananeus (Lv 18:25-28). Os israelitas foram advertidos de que só permaneceriam na terra e desfrutariam prosperidade nela se não a contaminassem por meio de práticas pecaminosas (Dt 4:25-27; 11:8-25; Js 23:12-16; 1Rs 9:6-7). Quando desobedeceram a Deus, foram exilados para longe da terra (2Rs 17:7-23).
- *Deus deseja que a terra beneficie seus habitantes*. Deus instituiu o Ano do Jubileu, no qual todas as dívidas tinham de ser perdoadas e as terras devolvidas a seus proprietários originais (Lv 25:8-34). Essa prescrição visava garantir a distribuição justa da terra e, portanto, de suas riquezas e recursos. As injustiças sociais, como a opressão dos pobres e a concentração de riqueza nas mãos de uma elite minoritária à custa dos pobres, são condenadas. Os profetas trataram explicitamente destas questões (Is 1:17; 3:14-15; 10:1-4; 11:4; 25:4; 58:1-14; Jr 2:34; 7:5-7; 22:13; 25:4; Ez 9:9; 16:49; 18:5-9,16; 22:29; Os 12:7; Am 2:6-8; 4:1-2; 5:11-12; 8:4-8; Mq 2:2; Zc 7:10).

A tradição africana concorda com a Bíblia ao afirmar que a terra pertence ao Deus supremo. No entanto, certas regiões específicas são consideradas propriedades de espíritos

ancestrais venerados que controlam a fertilidade da terra e cuidam de seus descendentes. Quando uma criança nascia no Zimbábue, o cordão umbilical era enterrado a fim de unir o bebê simbolicamente aos espíritos dos antepassados. Assim, a luta pela libertação do Zimbábue era considerada um tipo de guerra santa para recuperar a terra sagrada dos antepassados que definia a identidade e a história do povo e garantia seu sustento.

Tradicionalmente, as terras na África pertenciam à comunidade e não podiam ser transformadas em propriedades particulares. Os líderes da comunidade eram seus administradores, e esperava-se que os membros da comunidade cuidassem da terra e não abusassem de seus recursos naturais. A venda e o acúmulo de terras por alguns enquanto outros não tinham nada eram considerados sinais de infidelidade a Deus.

Essa visão tradicional da terra ainda persiste, apesar de ter sido profundamente afetada pelo colonialismo. A desintegração das estruturas sociais tradicionais promoveu uma visão cada vez mais comercial da terra, focalizando a prosperidade. Assim, a mídia no Zimbábue expressa seu apoio ao programa de reforma agrária enfatizando repetidamente: "Nossa terra é nossa prosperidade".

Os cristãos africanos precisam adotar a tradição de nosso continente com respeito à distribuição justa e ao uso consciente da terra. No entanto, algumas das crenças tradicionais podem nos desviar da verdade. É uma falácia, por exemplo, dizer que a prosperidade vem da terra. A prosperidade duradoura não é proveniente da terra, mas, sim, de Deus. Não devemos buscar nossa identidade na terra, mas em Deus. Ao obedecer aos mandamentos de Deus, receberemos sua bênção (Dt 28:1-13). Ademais, a ideia de que a prosperidade vem da terra leva o povo a dar atenção excessiva aos recursos naturais e se esquecer dos recursos humanos quando, na verdade, as pessoas são o recurso mais importante de um país. Nações como o Japão conseguiram se industrializar, apesar de sua falta de recursos naturais.

Por vezes, a ligação tradicional com a terra também significa que, em vez de usá-la para o cultivo ou mineração com vistas a beneficiar a comunidade local, a terra é apenas adorada, deixando de ser empregada para fins produtivos.

Como cristãos, não devemos nos esquecer que nossa pátria está nos céus (Fp 3:20). Em vez de nos envolvermos em brigas por propriedades, devemos assumir a postura de administradores da terra e apresentar uma resposta cristã para essa questão.

D. S. M. Mutonono e M. L. Mautsa

sobrepujava toda camaradagem. Muitas vezes, somos co-niventes com os pecados de nossos entes queridos porque não desejamos ofendê-los.

As tribos do leste se mostraram igualmente zelosas com o nome do Senhor. Apesar de haverem se assentado fora da

terra prometida, desejavam ter um testemunho permanente de que também pertenciam ao Senhor.

A resolução desse conflito serve de exemplo para o modo em que os cristãos devem tratar de mal-entendidos. No final, todos se tornaram testemunhas do Senhor (22:34).



### 23:1—24:33 A quem pertence a terra prometida?

Depois de Israel ter se assentado na terra sob a liderança de Josué, durante cerca de vinte e cinco anos o povo de Deus desfrutou a boa terra sem maiores problemas. Usufruíram dos benefícios de campos que não haviam cultivado e cidades que não haviam construído, comeram de vinhas e olivais que não haviam plantado. (cf. 24:13). Estava habitando numa terra que, de fato, manava leite e mel.

Entretanto, quando tudo está correndo bem em nossa vida, temos a tendência de nos esquecer das coisas importantes. Moisés havia advertido os israelitas: “Havendo-te, pois, o SENHOR, teu Deus, introduzido na terra que, sob juramento, prometeu a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, te daria [...] guarda-te, para que não esqueças o SENHOR, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão” (Dt 6:10,12). Ao perceber que sua vida estava chegando ao fim, como todo bom *mzee* (suáli, “ancião respeitado”), Josué decidiu lembrar os filhos de Israel de algumas coisas antes de sua partida.

#### 23:1-8 A terra da promessa

*Sendo Josué já velho e entrado em dias, chamou Josué a todo o Israel (23:1-2)* a fim de lembrá-lo de suas origens e dos feitos de Deus em favor do seu povo e de enfatizar, mais uma vez, certos fatos acerca da terra prometida.

23:3-4 SUA EXTENSÃO. Josué havia dividido a terra entre o Jordão e o mar Mediterrâneo (23:3-4). No entanto, nem todos esses territórios estavam nas mãos de Israel. Apesar de Josué já haver conquistado toda essa região, parte dela ainda não estava ocupada. Ademais, Deus havia afirmado anteriormente que a terra prometida se estenderia “desde o deserto do Líbano até ao grande rio, o rio Eufrates [...] e até ao mar Grande para o poente do sol” (1:4). Em Êxodo, Deus havia descrito as fronteiras da terra como “desde o mar Vermelho até ao mar dos filisteus e desde o deserto até ao Eufrates” (Êx 23:31). Assim, os israelitas ainda não haviam concluído seu trabalho.

23:5-6 SUA POSSE. O que seria feito, então, da parte ainda não ocupada? Josué disse ao povo acerca das nações da terra: *O SENHOR, vosso Deus, as afastará de vós e as expulsará de vossa presença (23:5)*. No entanto, Deus havia dito a Moisés: “Não os lançarei de diante de ti num só ano, para que a terra se não torne em desolação, e as feras do campo se não multipliquem contra ti. Pouco a pouco, os lançarei de diante de ti, até que te multipliques e possuas a terra por herança” (Êx 23:29-30). Em outras palavras, o fato de parte da terra ainda não estar desocupada não se devia a algum erro. Apesar de Canaã já haver sido conquistada e subjugada, em sua sabedoria Deus havia planejado que seus habitantes permanecessem na terra para cuidar dela, de modo que não se tornasse erma. Então, no momento apropriado, quando Israel houvesse crescido em número, Deus expulsaria as nações de Canaã para dar lugar ao seu povo!

23:7-8 SEU POVO. Os cananeus que permaneceram na terra não adoravam ao Senhor. Assim, os israelitas foram alerta-

dos a não se misturar com eles. Não deviam invocar o nome de outros deuses nem jurar por eles e também não deviam servir a esses deuses estrangeiros nem se curvar diante deles. Israel devia se apegar firmemente ao Senhor, seu Deus.

#### 23:9-16 O Deus que cumpre suas promessas

Josué também lembrou o povo do Deus de Israel, o Deus que cumpre suas promessas.

23:9-13 SEU PODER. As nações que haviam lutado contra Israel possuíam grande poder e perícia militar, mas Deus mostrou seu poder e força expulsando esses povos (23:9-10). Ninguém jamais foi, é ou será capaz de resistir a Deus. Assim, Josué pediu ao povo que se empenhasse em amar o Senhor, seu Deus (23:11). Se os israelitas se aliassem aos estrangeiros, não seriam capazes de dominar essas nações, e elas se tornariam *laço e rede, e açoite* para Israel e espinhos em seus olhos (23:12-13).

23:14 SUA FIDELIDADE. Josué lembrou o povo da fidelidade de Deus às suas promessas. O Senhor havia cumprido todas as suas palavras a Israel. Era impossível negar esse fato, pois, como Josué lhes disse: *Sabeis de todo o vosso coração e de toda a vossa alma que nem uma só promessa caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor, vosso Deus (23:14)*. Deus sempre cumpre aquilo que promete. O profeta Balaão declarou: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?” (Nm 23:19).

23:15-16 SEU ZELO. O amor e a misericórdia de Deus para com seu povo são demonstrados, com frequência, por meio da fidelidade no cumprimento de suas promessas. Porém, é preciso dar o devido valor à graça e à misericórdia de Deus. Como Josué deixou claro, Deus também é fiel em cumprir as ameaças de castigar quem desobedece à sua lei (23:15).

Essa é a mensagem de Paulo aos cristãos para os quais um Deus bondoso não castiga o pecado. O apóstolo pergunta: “Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum!” (Rm 6:1-2).

Muitos dos seguidores de Cristo vivem de acordo com o ditado suáli: *Asante ya punda ni mateke* (“O jumento agradece com um coice”). Abusam da graça de Deus e buscam as coisas proibidas expressamente por ele. Josué advertiu os israelitas de que, com esse tipo de comportamento, *logo perecereis na boa terra que vos deu (23:16)*.

#### 24:1-13 O povo da promessa

Ao encerrar sua carreira de líder, reuniu Josué todas as tribos de Israel, representadas por seus cabeças, em Siquém, para lembrá-las pela última vez de seu relacionamento de aliança com o Senhor (24:1).

É significativo Josué ter escolhido realizar essa assembleia em Siquém, e não em Siló, onde se encontrava o santuário do Senhor (cf. 18:1). Mas, tendo em vista o conteúdo de seu discurso, sua escolha foi natural. Nesse local

Abraão recebeu a primeira promessa de Deus depois de ter deixado Canaã e construiu um altar (Gn 12:6-7). Jacó havia se assentado em Siquém ao voltar da Mesopotâmia, depois de servir a seu tio, Labão, e, nesse mesmo local, havia purificado sua casa de todos os deuses estrangeiros, enterrando-os debaixo de um carvalho (Gn 33:19; 35:2,4). Talvez Josué tenha escolhido o mesmo lugar para renovar a aliança, pois, na prática, esse ato representava uma renúncia de toda idolatria por Israel. Os líderes ali reunidos com Josué provavelmente sabiam disso.

Josué começa seu discurso afirmando que não está prestes a lhes comunicar apenas palavras humanas, mas, sim, uma mensagem do Senhor: *Assim diz o SENHOR, Deus de Israel* (24:2). Nas declarações subsequentes, portanto, Josué será apenas porta-voz de Deus.

O líder de Israel começa descrevendo as origens da promessa falando de quem a recebeu. Não se tratava de uma promessa geral ou universal, mas de palavras dirigidas a um povo específico num momento específico. Quem era esse povo da promessa? Antes de Abraão ser chamado por Deus, ele e seu pai, Tera, não adoravam o Senhor; viviam longe dele e serviam a outros deuses (24:2). Mas, em sua graça e desígnio, Deus chamou Abraão *dalém do rio* Eufrates e o levou a Canaã (24:3a). Posteriormente, Deus lhe prometeu: “Darei à tua descendência esta terra” (Gn 12:7).

Abraão teve duas linhagens de descendentes: o povo hebreu por intermédio de seu filho Isaque, a quem Sara havia dado à luz, e Ismael, a quem Agar havia dado à luz. Assim, tanto judeus quanto árabes são descendentes de Abraão e, portanto, ambos têm direito legítimo à terra.

No entanto, aqui Deus diz apenas: *E lhe dei Isaque* (24:3b). Isso exclui Ismael da descendência numerosa que o Senhor deu a Abraão. Trata-se de um fato importante, pois, quando Abraão tentou obter a bênção de Deus para Ismael, Deus lhe disse: “Quanto a Ismael, eu te ouvi: abençoá-lo-ei, fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei extraordinariamente; gerará doze príncipes, e dele farei uma grande nação. A minha aliança, porém, estabeleci-la-ei com Isaque, o qual Sara te dará à luz, neste mesmo tempo, daqui a um ano” (Gn 17:20-21).

Assim, apesar de ter prometido abençoar Ismael, Deus asseverou que firmaria sua aliança com Isaque, como registra Gênesis 26:2-4. Esaú e Jacó, os dois filhos de Isaque, também tomaram caminhos diferentes. *A Esaú dei em posse as montanhas de Seir; porém Jacó e seus filhos desceram para o Egito.* (24:4). De acordo com Gênesis 36:6-8, “Levou Esaú suas mulheres, e seus filhos, e suas filhas [...] e se foi para outra terra, apartando-se de Jacó, seu irmão. Porque os bens deles eram muitos para habitarem juntos; e a terra de suas peregrinações não os podia sustentar por causa do seu gado. Então, Esaú, que é Edom, habitou no monte Seir”. Assim, Esaú escolheu voluntariamente se mudar de Canaã para Seir, mas seus passos haviam sido planejados por Deus de modo que os descendentes de Jacó pudessem

ter posse exclusiva de Canaã. Depois de deixar Canaã, Jacó foi para o Egito, a terra da qual, muitos anos depois, seus descendentes foram resgatados por Moisés (24:5-7a). Depois de habitar *no deserto por muito tempo*, Deus finalmente conduziu os israelitas para a terra que lhes havia prometido e expulsou de diante deles todos os seus inimigos (24:7b-13). Assim, a terra da promessa não pertencia a todos os descendentes de Abraão, mas apenas ao povo que saiu do Egito.

#### 24:14-27 A renovação da aliança

24:14-18 A ESCOLHA. A promessa da terra feita por Deus não era incondicional. Josué havia advertido o povo sobre as consequências da desobediência a Deus: “A ira do Senhor se acenderá sobre vós, e logo perecereis na boa terra que vos deu” (23:16). A condição mais importante para os israelitas continuarem desfrutando a terra era sua adoração fiel ao Senhor.

O povo de Israel podia escolher entre uma porção de deuses. Havia os deuses que Abraão tinha adorado quando vivia do outro lado do Eufrates, os deuses que tinham visto no Egito durante seu tempo de escravidão e os deuses dos amorreus, no meio dos quais viviam agora na terra da promessa (24:14). Josué pediu do povo uma decisão clara acerca do deus ao qual serviriam (24:15a). Era uma escolha importante, pois o Deus da promessa é um Deus zeloso e exige adoração exclusiva. No entanto, ao contrário de outras religiões, nas quais a devoção muitas vezes é forçada, o culto ao Senhor deve ser voluntário. Posteriormente, Jesus ressaltou esse fato, ao declarar: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4:23). O preço a ser pago pelo uso pacífico da terra prometida era a adoração fiel ao Senhor.

Como líder humilde, Josué havia sido o último a tomar posse de uma parte dessa terra; mas, como verdadeiro líder espiritual, havia sido o primeiro a declarar sua posição firme quanto ao culto ao Senhor: *Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR* (24:15b). Seguindo o exemplo de Josué, o povo respondeu com grande determinação e entusiasmo: *Longe de nós o abandonarmos o SENHOR para servirmos a outros deuses* (24:16-18).

Ao falar da sua “casa”, Josué talvez estivesse se referindo a seus ajudantes-de-ordens, servos e parentes, pois não temos nenhuma indicação de que Josué fosse casado ou tivesse descendentes. Ao contrário de muitos africanos, a Bíblia não considera pré-requisito para um líder que este seja casado e tenha filhos.

24:19-27 COMPROMISSO COM O SENHOR. Josué estava ciente da tendência humana de fazer promessas sem considerar, de fato, suas implicações. Assim, prosseguiu lembrando os israelitas de que a verdadeira adoração deve se expressar na obediência e no compromisso, advertindo-os de que não deveriam esperar que isso fosse fácil. O povo não seria

capaz de manter sua palavra com as próprias forças: *Não podeis servir ao Senhor*, pois ele é um Deus santo e zeloso e não se contenta com o culto prestado da boca para fora (24:19). Se abandonassem o Senhor e servissem a outros deuses, ele faria sobrevir calamidades sobre o seu povo e o consumiria (24:20).

Esse fato não mudou desde o tempo de Josué. Jesus ainda reserva palavras severas para quem adora a Deus somente da boca para fora: “Ai de vós [...] hipócritas” (Mt 23:27). “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21).

Os israelitas juraram cumprir as condições da promessa e, desse modo, garantir sua permanência na terra: *Não; antes, serviremos ao SENHOR* (24:21). Josué selou esse juramento dirigindo-os numa declaração solene de compromisso diante do Senhor (24:22-24). Em seguida, *fez Josué aliança com o povo e lha pôs por estatuto e direito em Siquém*, registrando-a no Livro da Lei (24:25-26a). Então, *tomou uma grande pedra e a erigiu ali debaixo do carvalho que estava em lugar santo*, como lembrança perpétua da aliança renovada (24:26b-27).

### 24:28-33 A morte de Josué

*Depois destas coisas, sucedeu que Josué, filho de Num, servo do SENHOR, faleceu* (24:29). Josué faleceu na terra prometida. Deus o tomou para si aos 110 anos de idade, exatamente a mesma idade do patriarca José. Ele havia servido ao Senhor até a morte e, como Paulo, poderia ter declarado: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2Tm 4:7-8). Josué havia, literalmente, combatido o bom combate ao expulsar os cananeus da terra prometida e travado uma batalha ainda maior para manter o povo no caminho estreito do compromisso espiritual com seu Deus, pois Israel serviu ao Senhor *todos os dias de Josué* (24:31).

José havia expressado o desejo de ser sepultado em Canaã, tendo dado instruções claras para que seus ossos fossem levados do Egito à terra prometida (Gn 50:25; Êx 13:19). Seu desejo foi atendido séculos depois da sua morte, e seus ossos foram sepultados *em Siquém, naquela parte do campo que Jacó comprara aos filhos de Hamor, pai de Siquém* (24:32; cf. tb. Gn 33:18-19). Esse local de sepultamento se tornou a *herança dos filhos de José*.

Por fim, o autor relata a morte de *Eleazar, filho de Arão* (24:33) e conselheiro espiritual de Josué (Nm 27:18,21-22).

A morte e sepultamento de Josué (24:29), o sepultamento dos ossos de José (24:32) e a morte e sepultamento de Eleazar (24:33) marcaram o final de um capítulo da história de Israel — o período no Egito e o êxodo — e o início de

outro capítulo, com o povo habitando, finalmente, em sua nova terra.

O livro termina em tom positivo, referindo-se à obediência do povo até o fim da vida de Josué. Mas, infelizmente, os israelitas não demoraram a quebrar a promessa feita em 24:22-24. Como o livro de Juizes relata: “Foi também congregada a seus pais toda aquela geração; e outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR, nem tampouco as obras que fizera a Israel” (Jz 2:10). Essa nova geração marcou o início de problemas na terra prometida que persistem até hoje. Os conflitos atuais entre Israel e seus vizinhos árabes são decorrentes de todas as questões acerca das quais Josué lembrou o povo antes de morrer: a terra da promessa, o Deus da promessa, o povo da promessa e as condições da promessa.

Deus havia advertido os israelitas sobre as consequências de deixarem os caminhos do Senhor: “A ira do SENHOR se acenderá sobre vós, e logo perecereis na boa terra que vos dou” (23:16). Israel se afastou de Deus e, portanto, foi removido completamente da terra. A atual nação de Israel só se tornou um Estado soberano em 15 de maio de 1948, depois de quase dois mil anos de diáspora. Os romanos, que chamaram a região de Palestina, saíram do cenário mundial em 135 d.C. Durante grande parte desse período, a Palestina foi ocupada quase totalmente pelos árabes.

Ainda hoje, a nação restaurada de Israel não abrange toda a extensão da terra prometida e conquistada por Josué. Mas, em sua graça e misericórdia abundantes, Deus prometeu que, um dia, conduzirá todo o povo de Israel à sua terra e estabelecerá uma nova Jerusalém para todos que viveram segundo as condições da promessa.

No livro de Apocalipse, João declara: “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21:1-4).

Você está vivendo na esperança da nova terra prometida e está trazendo outros para Cristo, ou se encontra apenas à porta dessa terra?

David Oginde

### Leituras adicionais

HESS, Richard. *Joshua*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1996.  
BUTLER, Trent C. *Joshua*. WBC. Nashville: Nelson, 1983.

# JUÍZES

Ler Juízes é como ler a história neocolonial da África depois que seus países obtiveram a independência. Em 2004, cerca de quarenta anos depois da independência da maioria das nações africanas, haviam ocorrido mais de sessenta golpes militares bem-sucedidos e inúmeras tentativas malogradas. A justiça é desconsiderada, a corrupção é desenfreada e a insegurança cresce.

Juízes abrange um período de mais de trezentos anos entre a morte de Josué, por volta de 1390 a.C. (supondo que o êxodo tenha ocorrido em 1446 a.C.), e a coroação de Saul, o primeiro rei de Israel, por volta de 1028 a.C. Durante esses anos, a nação recém-formada experimentou instabilidade política e sofreu turbulência interna, estagnação, derrota e opressão externa. Quando a geração de Josué se foi, a paz e prosperidade prometidas numa terra farta de leite e mel desapareceram e deram lugar ao caos e à confusão. O refrão de todo o livro de Juízes é: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que achava mais reto” (17:6; 18:1; 19:1; 21:25). A causa principal da trágica situação de Israel nesse período era a falta de liderança.

Ao contrário de Moisés, Josué não havia preparado um sucessor. Assim, ao falecer, ele deixou a nação sem um governo central forte e sem um chefe de Estado que representasse o governo divino. Israel era uma confederação de doze tribos independentes cujo elemento unificador era Deus. Nesse sistema de governo chamado “teocracia”, Deus governa sobre a nação de forma direta ou por intermédio de um grupo religioso.

Os pecados do povo, especialmente sua adoração a deuses estrangeiros, irou o Senhor de forma repetida, levando-o a permitir que outras nações subjugassem Israel. Em cada período de opressão, o povo clamou ao Senhor, e ele “suscitou [...] juízes, que os livraram das mãos dos que os pilharam” (2:16). Ao longo do período abrangido pelo livro, doze juízes foram levantados: seis maiores (Otniel, Eúde, Débora, Gideão, Jefté e Sansão) e seis menores (Sangar, Tola, Jair, Ibsã, Elom e Abdon). Os juízes maiores livraram o povo de seis grandes ocupações por exércitos inimigos.

Todos os juízes possuíam três características em comum:

Eles foram levantados por Deus.

O Espírito de Deus lhes concedeu poder para atuar de forma extraordinária.

O trabalho deles redundou em vitória, descanso, paz e ordem.

Essas são as características que devemos ter em mente quando oramos pedindo líderes tementes a Deus para nossas nações.

É deprimente observar o comportamento de Israel: mal um juiz morria, e a nação voltava a rebelar-se, e, em decorrência, o Senhor permitia nova opressão. Então, os israelitas clamavam ao Senhor, e este, em sua compaixão, levantava outro juiz para libertá-los. Esse círculo vicioso é semelhante à experiência de muitas nações africanas que deu origem ao infame provérbio: “A estrada para o desenvolvimento está sempre em obras, mas nunca é concluída”. A nação que havia passado quarenta anos vagando pelo deserto passou ainda mais tempo perdida na terra prometida, sem nenhum desenvolvimento e progresso por mais de trezentos anos! O livro de Juízes foi preservado para nos ensinar — como nação e indivíduos cristãos — a evitar os erros cometidos por Israel. A vida de muitos cristãos também é caracterizada por um movimento cíclico de pecado e arrependimento, sem crescimento significativo em maturidade espiritual.

## Autor e data

O livro não especifica seu autor. De acordo com a tradição judaica, Juízes foi escrito por Samuel, o último juiz de Israel. Para alguns estudiosos contemporâneos, o livro é resultado do trabalho de três profetas: Samuel, Natã e Gade (cf. 1Cr 29:29).

A data de compilação também é desconhecida, mas a repetição das palavras “naqueles dias, não havia rei em Israel” (17:6; 18:1; 19:1; 21:25) aponta para uma compilação no período monárquico. Outro elemento indicativo da data é a afirmação de que os jebuseus habitam em Jerusalém “até ao dia de hoje” (1:21). Estas palavras devem ter sido escritas antes de Davi conquistar Jerusalém por volta de 990 a.C. (2Sm 5:6-10). Assim, é provável que o livro de Juízes tenha sido escrito durante o reinado de Saul, entre 1025 e 1000 a.C.

## Tema

O tema central de Juízes confirma a lei espiritual segundo a qual a obediência a Deus traz suas bênçãos, enquanto a desobediência resulta em castigo e maldições (cf. Êx 19:5-6; Lv 26:3-28; Dt 28:1-68). Ao longo de todo o livro, tão certo como a noite vem depois do dia, o pecado do povo é seguido de sofrimento. No entanto, sempre que os israelitas clamam a Deus, ele os atende e os perdoa. Tais realidades são unidas de forma inextricável, indicando que colhemos aquilo que semeamos.

Mas, assim como o pecado e o sofrimento são inseparáveis, a súplica e a salvação também andam juntas.

Os episódios descritos no livro tratam, ainda, de vários problemas graves enfrentados na África, apresentando os males decorrentes do tribalismo, nepotismo, liderança incompetente, corrupção, má administração, pobreza e potências estrangeiras opressoras.

Além disso, Juízes mostra vários problemas morais, retratando líderes escolhidos por Deus, como Gideão, Jefté e Sansão, que não agiram de acordo com as leis de Deus declaradas no Pentateuco. Ainda assim, Deus operou por meio deles para livrar seu povo. Diante desse mistério, só nos resta agradecer a Deus o fato de ele usar servos imperfeitos para realizar seus propósitos, pois, do contrário, também não poderíamos servi-lo! A consciência disso, porém, não deve tornar-nos acomodados, mas, sim, nos colocar de joelhos em oração. Estamos desfrutando confortavelmente das bênçãos de Deus e, ao mesmo tempo, deixando de honrar a Deus com nossas atitudes e comportamentos? Nosso mau testemunho está levando outros a se afastar de Deus?

## Esboço

### 1:1—3:6 Prólogo: a conquista incompleta

- 1:1-36 O contexto político
  - 1:1-20 A fé incompleta de Judá
  - 1:21-36 Uma lista de insucessos
- 2:1—3:6 O contexto espiritual
  - 2:1-5 O Anjo do SENHOR visita os israelitas
  - 2:6-15 Interlúdio histórico
  - 2:16-19 Um problema profundamente arraigado
  - 2:20—3:6 O povo da terra

### 3:7—16:31 Opressão e livramento

- 3:7-11 Otniel derrota a Mesopotâmia
- 3:12-30 Eúde derrota Moabe
- 3:31 Sangar
- 4:1—5:31 Débora e Baraque derrotam Canaã
  - 4:1-3 Vinte anos de opressão sob os cananeus
  - 4:4-10 Débora comissiona Baraque
  - 4:11-16 Confronto e derrota
  - 4:17-24 A morte de Sísera
  - 5:1-31 Comemoração em forma de cântico
- 6:1—8:35 Gideão derrota Midiã
  - 6:1-10 A opressão midianita
  - 6:11-24 O chamado e a comissão de Gideão
  - 6:25-32 Gideão executa a ordem de Deus
  - 6:33-40 A confirmação do chamado de Gideão
- 7:1—8:21 As conquistas de Gideão
  - 7:1-8 A escolha do exército de Gideão
  - 7:9-14 Uma informação sobre o inimigo
  - 7:15-25 Ataque-surpresa

8:1-21 A perseguição e morte de Zeba e Salmuna

8:22-35 O legado de Gideão

9:1-57 A tirania de Abimeleque

9:1-6 A intriga de Abimeleque

9:7-21 A acusação feita por Jotão

9:22-25 A intervenção de Deus

9:26-55 A revolta de Gaal

9:56-57 Uma inferência do autor

10:1-2 Tola

10:3-5 Jair

10:6—12:7 Jefté derrota os amonitas

10:6-18 A rebelião e o arrependimento de Israel

11:1-3 As origens de Jefté

11:4-11 A escolha de Jefté

11:12-28 A tentativa de negociação

11:29,32-33 A unção de Jefté como juiz

11:30-31,34-40 O voto de Jefté

12:1-7 Conflito com Efraim

12:8-10 Ibsã

12:11-12 Elom

12:13-15 Abdon

13:1—16:31 Sansão derrota os filisteus

13:1-23 O futuro papel de Sansão

13:24-25 O nascimento de Sansão

14:1-20 O início do trabalho de Sansão

15:1-20 A vingança de Sansão

15:1-8 Um círculo vicioso de retaliação

15:9-20 Israel sob a liderança de Sansão

16:1-31 A ruína de Sansão

16:1-3 Na companhia de uma prostituta em Gaza

16:4-20 No regaço de Dalila

16:21-31 Nas mãos dos filisteus

### 17:1—21:25 Epílogo: apostasia, atrocidade, anarquia

17:1—18:31 Apostasia religiosa

17:1-6 A idolatria de Mica

17:7-13 O sacerdote particular de Mica

18:1-31 A migração dos danitas para Laís

18:1-6 Os danitas procuram terras

18:7-10 Espias danitas chegam a Laís

18:11-29 Invasão e ocupação de Laís

18:30-31 Os danitas se entregam à idolatria

19:1-30 Atrocidade moral

19:1-10 Um levita e sua concubina

19:11-28 A concubina do levita é estuprada e morta

19:29-30 A concubina do levita é desmembrada

20:1—21:25 Anarquia política

20:1-7 A convocação de uma assembleia nacional

20:8-15 A reação unânime à atrocidade

20:16-46 A guerra contra os benjamitas

20:47—21:12 Lamentação pela tribo extinta

21:13-25 A reconstituição da tribo de Benjamim

## COMENTÁRIO

### 1:1—3:6 Prólogo: a conquista incompleta

#### 1:1-36 O contexto político

##### 1:1-20 A fé incompleta de Judá

Os leitores são informados de que Israel está entrando em um período de transição, *depois da morte de Josué (1:1a)*. Toda mudança implica certo grau de incerteza, mas neste caso a incerteza é exacerbada pelo fato de Josué não ter definido um líder para o povo. Apesar de não ter preparado ninguém para assumir a liderança, Josué havia ensinado o povo a conhecer a Deus e a buscar sua vontade (Js 24:14-28). Assim, é provável que os israelitas tenham pedido ao sacerdote que usasse o Urim e o Tumim (Êx 28:30) para responder à pergunta ao Senhor: *Quem dentre nós, primeiro, subirá aos cananeus para pelejar contra eles? (1:1b)*.

De acordo com Josué 21:43-45, os israelitas já haviam tomado posse da terra; qual o motivo, então, para essa pergunta em Juízes 1:1? A fim de compreender a situação, precisamos lembrar nosso próprio contexto na África e nossa luta para nos tornarmos independentes das potências coloniais. Essa independência se deu em dois estágios. Depois de anos de negociação e conflitos armados, as colônias tiveram permissão de exercer o autogoverno (*madaraka*) em caráter experimental. Caso fossem bem-sucedidas, receberiam a independência (*uhuru*). Semelhantemente, Josué realizou a conquista inicial de Canaã e, junto com o sacerdote Eleazar e os chefes das tribos, fez a divisão da terra (Js 14:1—21:42). Cabia, porém, a cada tribo expulsar os habitantes de seu território e completar a conquista.

Em resposta à pergunta do povo, o Senhor incumbiu Judá da liderança com palavras encorajadoras: *Eis que nas suas mãos entreguei a terra (1:2)*. O Senhor fala com a autoridade de proprietário (cf. Sl 24:1) e fará tudo o que for preciso para entregar a terra a Judá. É surpreendente, portanto, ler na sequência que Judá pediu ajuda a *Simeão, seu irmão (1:3)*. Há quem veja nesse pedido um saudável espírito de cooperação, mas, na verdade, foi uma expressão de fé incompleta em Deus. Seria mais fácil para Judá sair à guerra com os simeonitas, aos quais podia ver, do que contar com o Deus invisível. Vemos esse comportamento em outras passagens de Juízes (4:8-9; 6:16-17). Em última análise, todas as batalhas enfrentadas pelos cristãos são do Senhor (2Cr 20:15,20), e devemos confiar nele e obedecer-lhe em todas as situações.

Quando Judá obedeceu parcialmente à ordem de Deus e enfrentou os cananeus, foi o Senhor, e não os simeonitas, quem *lhe entregou nas mãos os cananeus e os ferezeus (1:4)*. Dez mil soldados cananeus foram mortos, e seu rei, *Adoni-Bezeque*, foi capturado enquanto tentava fugir, morrendo

posteriormente em Jerusalém (1:7). Os homens de Judá estenderam a conquista até a região montanhosa e capturaram Jerusalém (1:8). Ao que parece, puseram fogo à cidade, mas não a ocuparam, pois, como 1:21 indica, os benjamitas não conseguiram expulsar os jebuseus de lá (cf. tb. 19:10-12). Os filhos de Judá também tomaram Hebrom e avançaram até as planícies, em direção à costa oeste (1:8-11).

Aqui, o autor repete uma antiga história sobre Calebe, contemporâneo de Josué que ofereceu sua filha Acsa a quem o ajudasse a atacar e dominar Quiriate-Sefer (1:12; cf. Js 15:16-19). Seu sobrinho, Otniel, aceitou o desafio e foi vitorioso. Calebe deu Acsa a Otniel como esposa e, a pedido da filha, também presenteou o casal com fontes de água (1:13-15). Não se sabe ao certo por que a história de Otniel é repetida aqui, mas seus grandes feitos como juiz serão descritos em 3:7-11.

Os simeonitas haviam ajudado a tribo de Judá, e, agora, os judaítas cumprem sua parte do acordo (1:3,17). Juntas, as duas tribos destruíram os cananeus que viviam em *Zefate* e mudaram o nome da cidade para *Horma*, que significa “destruição” (1:17; Nm 21:3). Também tomaram *a Gaza, a Asquelom e a Ecom*, cidades situadas na região costeira da atual Palestina (1:17-18). Na visão do autor, todas essas conquistas foram parte da vitória concedida pelo Senhor a Judá (1:19a). Porém, também neste caso, os judaítas não mantiveram todas as cidades capturadas, pois os filisteus não demoraram a recuperar Gaza, Asquelom e Ecom.

A vitória incompleta nas planícies é atribuída ao fato de os cananeus terem *carros de ferro (1:19b)*. Mas esta não foi a primeira vez que os israelitas enfrentaram inimigos com tal equipamento de guerra. Os egípcios possuíam carros de ferro, e seu exército provavelmente era mais organizado e sofisticado do que os exércitos cananeus. Porém, uma vez que o Senhor estava lutando por Moisés, os carros e cavaleiros do Egito se afogaram no mar Vermelho (Êx 14:23-31). O Senhor também poderia ter derrotado os cananeus por Judá se a tribo houvesse cumprido todos os seus requisitos.

Não por acaso a vitória de Calebe em 1:20 se encontra interposta entre dois relatos de insucessos (1:19b,21). A mensagem é clara: quando seguimos o Senhor de todo o nosso coração, como Calebe o seguiu, a vitória é garantida. Quando deixamos de seguir o Senhor fielmente, como fizeram os homens de Judá, nossas vitórias são parciais (cf. tb. Nm 13:1-31; 14:24; Js 14:6-15).

##### 1:21-36 Uma lista de insucessos

Outras sete tribos não tomaram posse de toda a sua herança: Benjamim (1:21), Manassés (1:27-28), Efraim (1:29), Zebulom (1:30), Aser (1:31-32), Naftali (1:33) e Dã (1:34). (É importante observar que a “casa de José” em 1:22 e 1:35 não é outra tribo, mas, sim, um nome genérico para todo o Israel, focalizando aquele que salvou a nação no passado ao acolher os filhos de Israel no Egito.)

Exceto pela observação de que os *cananeus* (1:27) e os *amorreus* (1:35) *lograram permanecer na mesma terra*, o autor não apresenta nenhum motivo para o insucesso das tribos na conquista de seus territórios. A narrativa deixa implícito que, nesse primeiro momento, os israelitas ainda não tinham força suficiente, uma situação coerente com a promessa: “O SENHOR, teu Deus, lançará fora estas nações, pouco a pouco, de diante de ti; não poderás destruí-las todas de pronto, para que as feras do campo se não multipliquem contra ti” (Dt 7:22). No entanto, uma vez conquistadas, essas nações deveriam ter sido expulsas da terra. Os israelitas desobedeceram a essa instrução e sujeitaram seus inimigos a *trabalhos forçados* (1:28,30,33,35). Ao permitir que os cananeus (designação usada com frequência para indicar todos os habitantes da terra prometida antes da chegada de Israel) permanecessem na terra, os israelitas não apenas desobedeceram à ordem de Deus (Dt 7:1-5; 20:16-20), mas também limitaram o poder de Deus. O resultado foi trágico.

Deus requer obediência absoluta de todos os seus filhos. Quando somos desobedientes, desagradamos ao nosso Pai e sofremos as consequências. E, mesmo quando confessamos nosso pecado e somos perdoados segundo a misericórdia de Deus, há casos em que os estragos não podem ser desfeitos. Precisamos lembrar o provérbio ioruba: *Ro ohunti o fe se lekan, sugbon abo re l'emeji* (“Pense uma vez no que está prestes a fazer e duas vezes nas consequências”).

## 2:1—3:6 O contexto espiritual

### 2:1-5 O Anjo do SENHOR visita os israelitas

O Anjo do SENHOR que fala em 2:1a é Jesus Cristo, presente com Deus “no princípio” (Jo 1:1-2; cf. tb. Jo 8:58; Ap 1:8; 21:6). No AT, ele se revela em várias ocasiões na forma do Anjo do Senhor (cf. Gn 16:7,11; 22:11,15; Êx 3:2). Assim, esse anjo não fala como mensageiro — o significado da palavra “anjo” —, mas como Deus em pessoa. Aqui, ele se identifica por seus feitos no passado: *Do Egito vos fiz subir e vos trouxe à terra que, sob juramento, havia prometido a vossos pais* (2:1b), e ressalta sua fidelidade, referindo-se à promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó de lhes dar a terra de Canaã (Gn 15:18-21; 26:2-6; 28:13-15). Logo em seguida, expressa sua decepção com a desobediência de Israel à ordem de expulsar os habitantes da terra e pergunta, em tom triste: *Que é isso que fizestes?* (2:2).

Os israelitas não haviam cumprido sua parte da aliança, e ninguém fica impune ao romper um acordo dessa magnitude. Tal princípio se aplica até à nossa política, pois sempre que políticos africanos quebram as promessas feitas aos eleitores o resultado é grande confusão, à custa da paz, da estabilidade e do progresso.

As consequências dessa desobediência são descritas em Números 33:55: Deus deixará de lutar ao lado de Israel, e os cananeus serão como espinhos nos olhos do povo, ou

seja, uma irritação e um incômodo. Além disso, seus deuses farão os israelitas tropeçar (2:3). As consequências desse julgamento serão semelhantes aos problemas atuais entre israelenses e palestinos.

Depois do veredicto, *levantou o povo a sua voz e chorou. Daí, chamarem a esse lugar Boquim* (2:4-5), literalmente, “pranteadores”. Talvez em sinal de penitência, o povo ofereceu ao Senhor sacrifícios pelo pecado, conforme a lei exigia (Lv 1:1-17; 4:1-34). Embora o povo não tivesse seguido sua orientação inicial, Deus usaria de misericórdia e levantaria juízes para livrá-lo.

### 2:6-15 Interlúdio histórico

Depois de descrever a visita do Anjo do Senhor, o autor volta no tempo e mostra o momento em que o povo se afastou da aliança, porque uma geração não transmitiu sua fé à outra. A geração de Josué conhecia Deus, testemunhou seus feitos poderosos no Egito e no deserto e, apesar de não ser perfeita, servia ao Senhor (2:6-7). A geração seguinte, por outro lado, se caracterizou pela ignorância de Deus e dos seus feitos em favor de Israel no passado (2:10). Fica evidente, portanto, que a geração de Josué não disciplinou nem instruiu seus filhos conforme o Senhor havia ordenado (Dt 6:6-9).

Um provérbio do povo baganda de Uganda diz: “Não despreze a história, pois sem ela o presente fica sem âncora e o futuro ficará sem bússola”. Tal realidade é exemplificada no comportamento dessa geração ignorante que abandonou o Senhor e passou a adorar falsos deuses (2:11-13), fazendo o que era mau perante o SENHOR (2:11) e suscitando sua ira.

O julgamento do Senhor é descrito de três formas em 2:14-15: *ele os deu na mão dos espoliadores*, *ele os entregou nas mãos dos seus inimigos*, e *a mão do SENHOR era contra eles*. Quando Deus entrega as pessoas à vida de pecado que elas mesmas escolheram para si, sofrem derrota, depressão, desgraça e aflição (Rm 1:18-32).

### 2:16-19 Um problema profundamente arraigado

A desobediência pode criar raízes profundas e impedir indivíduos de fazer o bem “estando acostumados a fazer o mal” (Jr 13:23). Quanto mais o Senhor levantou juízes para salvar os israelitas, mais eles *se prostituíram após outros deuses* (2:16-17).

Antes de iniciar o relato sobre cada juiz e seus feitos, o autor fornece um resumo de todo esse período:

- Quando o SENHOR lhes suscitava juízes, o SENHOR era com o juiz e os livrava da mão dos seus inimigos, todos os dias daquele juiz (2:18).
- Sucedia, porém, que, falecendo o juiz, reincidiam e se tornavam piores do que seus pais (2:19).

Assim começa um triste círculo vicioso de desobediência, opressão e livramento.



**2:20—3:6 O povo da terra**

Os israelitas romperam a aliança, desobedecendo à ordem para expulsar os povos de Canaã. Assim, Deus permitiu que oito nações ficassem na terra (2:20-21): *filisteus, cananeus, sidônios, heveus, heteus, amorreus, ferezeus e jebuseus* (3:3,5). Essas oito grandes nações com vários comandantes (os filisteus tinham os cinco príncipes de Asdode, Asquelom, Ecom, Gate e Gaza) não deram descanso ao povo de Israel.

O Senhor permitiu que essas nações permanecessem na terra por dois motivos: testar a obediência dos israelitas (2:22; 3:1,4) e ensinar a arte da guerra a seu povo inexperiente (3:2). Alguns soldados eram crianças ou nem sequer haviam nascido quando o povo entrou na terra prometida e, portanto, não tinham experiência de guerra.

Os israelitas aprenderam a guerrear e adquiriram competência militar, mas foram reprovados no teste da obediência. Duas áreas estreitamente relacionadas dessa obediência são mencionadas: o casamento com pessoas que não compartilhavam a fé israelita e o culto a falsos deuses (3:6; Dt 7:2-4). Esses dois males contaminaram os israelitas e os afastaram do Senhor.

**3:7—16:31 Opressão e livramento****3:7-11 Otniel derrota a Mesopotâmia**

*Os filhos de Israel fizeram o que era mau perante o SENHOR* (3:7a) — esse é o refrão que inicia o relato de cada um dos principais juízes (3:12; 4:1; 6:1; 10:6; 13:1). O mal é descrito aqui como esquecer-se de Deus e prestar culto aos baalins e ao poste-ídolo (3:7b), uma violação explícita do primeiro mandamento (Êx 20:3; Dt 5:7). Nada deixa Deus tão irado quanto ver seu povo dar as costas para ele e conferir sua glória a ídolos.

Esse ato de rebelião é seguido de retribuição, pois *ele os entregou nas mãos de Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia; e os filhos de Israel serviram a Cusã-Risataim oito anos* (3:8). O nome “Cusã-Risataim” significa literalmente “perversidade dupla” e indica o caráter ímpio e cruel desse rei que governava sobre o território entre os rios Eufrates e Shabour, na região noroeste da Mesopotâmia.

Sob essa opressão, os israelitas se arrependeram e clamaram ao SENHOR, que, em sua compaixão, levantou Otniel para libertá-los (3:9). Não é a primeira vez que Otniel aparece no relato (1:11-13). Sua experiência militar o qualificava para a tarefa em questão, mas, acima de tudo, Deus o preparou derramando sobre ele seu Espírito (3:10a). Esta parece ser a forma habitual de Deus agir quando cumbe um líder de realizar uma tarefa difícil (Gideão, Jz 6:34; Jefté, 11:29; Davi, 1Sm 16:13), e isso inclui o maior líder de todos, Jesus Cristo (Mt 3:16-17; Mc 1:10-11; Lc 3:22; Jo 1:32). Os líderes ungidos desse modo são apropriadamente chamados de “carismáticos” e, muitas vezes, realizam feitos extraordinários pelo poder do Espírito de Deus a eles concedido.

Deus entregou Cusã-Risataim nas mãos de Otniel, *contra o qual ele prevaleceu* (3:10b). Os quarenta anos de governo de Otniel foram caracterizados por paz e estabilidade. A frase usada para descrever esse período — *Então, a terra ficou em paz* (3:11) — é mais um refrão do livro de Juízes.

O relato do governo de Otniel levanta uma pergunta inevitável: Por que Josué não identificou Otniel como seu sucessor, preparando-o para assumir esse cargo?

**3:12-30 Eúde derrota Moabe**

Infelizmente, depois de quarenta anos de descanso, *tornaram, então, os filhos de Israel a fazer o que era mau perante o SENHOR* (3:12). Nenhum ato perverso é especificado, mas, não obstante o mal praticado, a ira de Deus recaiu sobre a nação novamente. Desta vez, os instrumentos da ira divina foram os moabitas e amonitas, povos descendentes de Ló, sobrinho de Abraão (Gn 12:4-5; 19:30-36), que se haviam assentado do lado leste do rio Jordão. Para garantir a vitória total sobre Israel, Eglom, rei dos moabitas, fez uma aliança com os filhos de Amom e os amalequitas e invadiu Israel, tomando de volta as ruínas de Jericó, chamada aqui de cidade das Palmeiras (3:13). Israel ficou dezoito anos sob seu jugo (3:14).

Frustrados e desesperados, *os filhos de Israel clamaram ao SENHOR, e o SENHOR lhes suscitou libertador: Eúde, homem canhoto da tribo de Benjamim, do lado oeste do Jordão* (3:15). Não há nenhum registro de que Eúde tivesse experiência militar, e o texto não diz explicitamente que Deus derramou seu Espírito sobre ele, como havia feito no caso de Otniel. Tendo em vista, porém, a inteligência demonstrada por ele em sua missão, sem dúvida foi o Senhor quem concedeu vitória, como o próprio Eúde dá testemunho: *O SENHOR entregou nas vossas mãos os vossos inimigos, os moabitas* (3:28).

Eúde sabia que liderança é o elemento crítico na ascensão e queda de qualquer nação e, portanto, encontrou um modo de remover o rei de Moabe. Por ser canhoto (característica comum entre os benjamitas — 20:15-16), ele prendeu um punhal de dois gumes (3:16) em sua coxa direita a fim de esconder a arma e deixá-la à mão, detalhe importante que pode ter contribuído para o seu sucesso. Caso revisitassem Eúde, os moabitas procurariam uma arma presa a seu lado esquerdo, para ser empunhada com a mão direita.

Depois de entregar o tributo que havia trazido consigo, Eúde conseguiu uma audiência particular com o rei (3:17-19), um encontro rápido durante o qual feriu mortalmente Eglom, escapando em seguida sem levantar suspeitas entre os servos do palácio (3:20-26). Pode-se atribuir a uma intervenção divina o fato de o rei não ter suspeitado de Eúde e ter ficado curioso com a palavra secreta da qual Eúde afirmou ser portador (3:19), apesar de Eglom não adorar ao Deus de Israel (3:19,26).

Depois de matar Eglom, Eúde não perdeu tempo: reuniu o exército israelita, provavelmente constituído de benjamitas

e efraimitas, seus vizinhos mais próximos (3:27), e eles *feriram dos moabitas uns dez mil homens* (3:29).

Eúde, cujo nome significa “união”, trouxe vitória e unidade a Israel, e a terra ficou em paz no período de oitenta anos durante o qual ele liderou o povo, o mais longo mandato dos juízes (3:30).

### 3:31 Sangar

Sangar é o primeiro de seis juízes menores. Os outros são Tola (10:1-2), Jair (10:3-5), Ibsã (12:8-10), Elom (12:11) e Abdom (12:12-15). Esses juízes são considerados menores não por terem realizado feitos menos importantes ou por serem menos carismáticos, mas pelos relatos extremamente sucintos de suas atividades no livro de Juízes. A atuação de Sangar, por exemplo, é descrita em apenas um versículo (3:31).

Ao que parece, Sangar era um contemporâneo de Débora (5:6). A designação *filho de Anate* levou alguns comentaristas a concluir que sua família adorava a Anate, irmã de Baal e deusa da guerra. No entanto, de acordo com outros estudiosos, essa expressão significa apenas que Sangar era da cidade de Bete-Anate (1:33). Caso essa interpretação esteja correta, Sangar pertencia à tribo de Naftali. Para outros, ainda, a expressão é um título militar que significa “guerreiro”. Neste contexto, parece mais provável tratar-se apenas de uma indicação do lugar de origem do pai de Sangar, talvez um chefe local relativamente conhecido da tribo de Naftali (cf. 1:33; Js 19:38). O autor não especifica durante quanto anos Sangar exerceu a função de juiz. No entanto, ao ferir sozinho *seiscentos homens dos filisteus*, ele abriu caminho para o livramento mais amplo de Israel sob a liderança de Débora e Baraque.

Não há nada de especial no fato de Sangar ter escolhido uma *aguilhada de bois*, pois se tratava de um instrumento comum em zonas rurais. Deus, contudo, usa elementos comuns para realizar feitos extraordinários. Foi o que fez com o bordão de Moisés (Êx 4:2-5), a estaca de Jael (4:22), os cântaros e tochas de Gideão (7:20), a pedra de moinho de uma mulher (9:53) e a queixada de um jumento nas mãos de Sansão (15:15).

*E também ele libertou a Israel* é uma importante declaração. Muitos líderes cristãos na África se queixam da falta de espaço físico apropriado e dos sofisticados equipamentos de comunicação que são comuns no Ocidente. Como mostra o sucesso de Sangar, nem sempre tais recursos são necessários. Precisamos apenas começar onde estamos, fazendo o que podemos e usando o que temos. Alguém disse: “O pouco é muito quando Deus está presente”.

### 4:1—5:31 Débora e Baraque derrotam Canaã

#### 4:1-3 Vinte anos de opressão sob os cananeus

Depois da morte de Eúde, o segundo juiz maior, os israelitas se afastaram do Deus verdadeiro e adoraram os deuses

estrangeiros de Canaã. *Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau perante o SENHOR* (4:1), e Deus virou as costas para eles por vinte anos, durante os quais eles sofreram sob o governo tirânico de *Jabim*, rei cananeu cujo quartel-general ficava em *Hazor* (4:2). Essa cidade havia sido tomada por Josué cerca de um século antes (Js 11:10-11), mas os israelitas não haviam conseguido mantê-la sob seu controle. O exército de Jabim era equipado com armas sofisticadas, entre elas *novecentos carros de ferro* (4:3).

A seriedade dos transtornos causados pela opressão de Jabim na vida diária dos israelitas fica evidente em 5:6-8, em que vemos a descrição de uma nação impotente, temerosa até de viajar pelas principais estradas de sua terra.

#### 4:4-10 Débora comissiona Baraque

Débora, cujo nome significa “abelha”, foi a única mulher a julgar sobre Israel. Era contemporânea de Sangar (cp. 3:31; 4:1; 5:6), mas foi mais proeminente. Apesar de viver em uma cultura dominada pelos homens, foi chefe de Estado, comandante dos exércitos e ocupou o cargo equivalente ao de presidente do tribunal superior (4:4-5; 5:7). Suas realizações deveriam colocar um ponto final nas discussões quanto à liderança feminina.

Débora também foi a única dentre os doze juízes a exercer uma função profética, falando em nome de Deus (4:6), prenunciando acontecimentos (4:7,9) e instando Baraque a agir (4:14). Outras profetisas citadas nas Escrituras são Miriã (Êx 15:20), Hulda (2Rs 22:14), Noadiah (Ne 6:14), Ana (Lc 2:36) e as quatro filhas de Filipe (At 21:9). O exemplo dessas mulheres, combinado com o de Débora, mostra claramente que a liderança da igreja e da sociedade é, em última análise, um dom de Deus conferido a ambos os gêneros (Rm 12:8) e, como todos os dons, é mediado pelo Espírito Santo a quem ele escolhe (Jl 2:28; At 1:14; 2:1-4,17-18).

Na função de comandante do exército de Israel, Débora convocou seu chefe de Estado, o general Baraque, cujo nome significa “raio”, para liderar as tropas. A cadeia de comando militar é descrita claramente na comissão de Baraque: *Porventura, o SENHOR, Deus de Israel* [o comandante supremo], *não deu ordem* [ao general Baraque, por meio de Débora, a comandante do exército de Israel], *dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom?* (4:6). Deus já havia determinado quantos soldados Baraque devia levar, a tribo da qual deviam ser provenientes, onde o exército devia posicionar-se e qual seria o resultado, pois prometeu a vitória ao general. Apesar disso tudo, a resposta de Baraque a Débora deixa transparecer sua hesitação: *Se não fores comigo, não irei* (4:8). Débora concordou em acompanhá-lo, mas descreveu as consequências dessa falta de confiança em Deus (4:9; cf. 4:21). É surpreendente, portanto, que Baraque, e não Débora, seja citado como um dos heróis da fé em Hebreus 11:32.

Na África de nossos dias, a questão da liderança feminina ainda é controversa, especialmente nos meios políticos. E, no entanto, em 2005 a Libéria elegeu uma mulher, Ellen Johnson-Sirleaf, como presidente da república. A história de Débora mostra como uma mulher pode ser tão competente quanto qualquer homem na liderança, desde que tenha sido escolhida por Deus e possua carisma, caráter, coragem, convicção e compromisso.

#### 4:11-16 Confronto e derrota

O relato do confronto entre Baraque e Sísera começa com uma nota parentética apresentando a família de Jael (4:11), a mulher em cujas mãos Sísera seria entregue (4:17-21). Os queneus haviam sido aliados dos israelitas no tempo de Moisés (1:16). Apesar de não fazerem parte das doze tribos, alguns haviam abraçado a fé israelita e sido assimilados pela comunidade de Israel. Héber se separara do restante dos queneus, mudando-se do sul para o norte e aliando-se a Jabim (4:17).

Avisado pelos queneus sobre a movimentação do exército israelita (4:12), Sísera reuniu suas tropas e as de seus aliados, com seus invencíveis carros de ferro, e marchou contra o exército de Israel (4:13). Os israelitas se encontravam em excelente posição estratégica, pois se haviam reunido no monte Tabor, acima da planície do ribeiro Quisom. Não obstante, Baraque deve ter ficado temeroso diante de um exército tão superior. Débora o instou a agir dando-lhe duas garantias. Em primeiro lugar, asseverou: *O SENHOR entregou a Sísera nas tuas mãos* e, em segundo lugar, afirmou que Deus participaria diretamente da batalha e, portanto, garantiria a vitória: *Porventura, o SENHOR não saiu adiante de ti?* (4:14).

Animados por essas palavras, Baraque e seus homens saíram para atacar os cananeus. No fim das contas, sua tarefa se mostrou muito mais simples que o esperado, pois o Senhor havia causado grande confusão no meio dos exércitos de Sísera, detendo os carros e espalhando os soldados (4:15). A maneira como isso ocorreu é relatada no cântico de vitória de Débora. Nele, a juíza de Israel descreve os exércitos inimigos e diz: “O ribeiro Quisom os arrastou” (5:19-21; cf. tb. 5:4). O leito do ribeiro Quisom permanecia seco a maior parte do ano, mas depois de chuvas fortes se transformava em uma correnteza intensa, que, neste caso, parece ter prendido o exército de Sísera. Os pesados carros de ferro provavelmente ficaram atolados, obrigando Sísera a fugir *a pé*.

Baraque consolidou a vitória, lutando no território inimigo e perseguindo os soldados de Sísera até seu quartel-general em Harosete-Hagoim (4:16; 4:2), onde *todo o exército de Sísera caiu a fio de espada*. Mas sua vitória só se completaria com a captura e morte de Sísera.

#### 4:17-24 A morte de Sísera

A vitória de Baraque pode ser explicada pela estratégia militar empregada e pelas condições do tempo, mas não

há nenhuma explicação natural adequada para aquilo que se passou na *tenda de Jael* (4:17). Por que uma aliada se transformou repentinamente em uma inimiga? E como uma mulher juntou coragem e força suficientes para fincar uma estaca na tampa de um guerreiro adormecido (4:21; 5:24-27)? Uma coisa é armar uma tenda; outra, bem diferente, é matar um homem. Tudo isso ocorreu para cumprir a profecia de Débora (4:9). Deus estava operando para realizar seu plano e seus propósitos, como o autor lembra em 4:23: “Assim, Deus, naquele dia, humilhou a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel”. Depois de perder seu melhor general, Jabim se tornou cada vez mais fraco, enquanto *cada vez mais a mão dos filhos de Israel prevalecia contra Jabim, rei de Canaã, até que o exterminaram* (4:24), e “a terra ficou em paz quarenta anos” (5:31).

#### 5:1-31 Comemoração em forma de cântico

Depois da vitória, Débora e Baraque entoaram um cântico (5:1), como haviam feito Moisés, Arão e Miriã depois da destruição do exército egípcio no mar Vermelho (Êx 15:1-21). Suas palavras repetem em forma poética a história narrada em prosa no capítulo 4.

O prólogo, que convida a louvar ao Senhor (5:2-3), é seguido de uma celebração do poder de Deus, descrito como uma forte tempestade vinda do Sinai, onde, muito tempo antes, Deus se revelara a seu povo em nuvens e trovões (5:4-5; Êx 20:18). A declaração *as nuvens gotejaram águas* prenuncia o meio usado por Deus para obter a vitória.

Antes, porém, de celebrar a vitória, o cântico explica a necessidade de vencer, apresentando os problemas enfrentados pela nação (5:6-9). Os africanos que vivem em regiões afetadas por guerras conhecem bem o tipo de perturbação da vida normal aqui descrito (5:6-7a). O povo estava desamparado, sem armas para se defender (5:8b; cf. tb. 1Sm 13:19-22), e a razão pela qual vivia essa situação não é ocultada: *Escolheram-se deuses novos; então, a guerra estava às portas* (5:8a).

A pessoa chamada *Jael*, mencionada em 5:6, não deve ser confundida com Jael, esposa de Héber, o queneu (5:24-27). Provavelmente, refere-se a um juiz menor, contemporâneo de Sangar e Débora.

Em meio a toda essa aflição, uma mulher chamada Débora assumiu a liderança e salvou a nação (5:7b). E o povo do cântico pede socorro a ela e a Baraque (5:12). A posição de liderança de ambos fica evidente em seus animais de montaria (5:10). O povo entoou cânticos sobre o livramento concedido por Deus a Israel no passado (5:11) e deseja vê-lo agir em seu favor novamente. Mas as palavras também anteveem um novo cântico de livramento decorrente da vitória de Débora e Baraque.

Os israelitas formaram uma coalizão para enfrentar Jabim e Sísera. O trecho de Juízes 5:13-18 descreve a convocação de várias tribos para se unir contra um inimigo comum. Algumas se apresentaram de bom grado (5:13-15a,18), outras

discutiram sobre a atitude a ser tomada (5:15b-16) e outras, ainda, não atenderam à convocação (5:17).

A batalha propriamente dita é descrita em 5:19-23, seguida do relato do feito heroico de Jael ao matar Sísera (5:24-27). Seus atos são contrastados com os de outra mulher, a mãe de Sísera, que aguarda em vão o seu retorno, olhando ansiosamente pela janela, procurando justificar a demora do filho e pensando nos presentes que ele trará consigo (5:28-30). Mas a verdade é que ele não voltará.

O epílogo do cântico pede que as esperanças de todos os inimigos de Deus sejam igualmente frustradas, mas que seu povo prospere (5:31).

A história de Débora e Baraque termina com a informação de que *a terra ficou em paz quarenta anos* (5:31).

## 6:1—8:35 Gideão derrota Midiã

### 6:1-10 A opressão midianita

Os quarenta anos de paz e prosperidade sob a liderança de Débora e Baraque logo passaram e foram esquecidos. A geração de Débora morreu, e, mais uma vez, *fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o SENHOR*. Assim, durante sete anos, Deus permitiu que os *midianitas* os oprimissem (6:1).

Os midianitas eram um povo nômade, assim como os massais do leste da África. Da mesma forma que os massais se deslocam entre o Quênia, Uganda e Tanzânia, os midianitas andavam pela fronteira norte de Israel, Transjordânia e, atravessando o Jordão, até Gaza, a oeste (6:4). O povo midianita, pequeno demais para lutar sozinho contra os israelitas, costumava formar coalizões com outros povos (6:3; até mesmo com os moabitas, cf. Nm 22:4-6). Uma vez que a região onde habitavam era, em sua maior parte, desértica, na época da colheita eles entravam no território de Israel e se refestelavam com os frutos, os rebanhos e a caça dessa terra.

Eram implacáveis: *Entravam na terra para a destruir* (6:5). Seu grande número e seu comportamento destrutivo os levaram a ser comparados com *gafanhotos*. Saqueavam Israel, da mesma forma que as potências coloniais saqueavam a África. Como Walter Rodney nos lembra em sua obra *How Europe Underdeveloped Africa* [Como a Europa tornou a África subdesenvolvida], o displicente e opulento estilo de vida burguês acaba por afetar os pobres direta ou indiretamente. Os midianitas tornaram a vida dos israelitas insuportável, impedindo-os de desenvolver sua economia, obrigando-os a esconder-se em *covas, montes, cavernas e fortificações* (6:2) e colocando-os numa situação de pobreza extrema (6:6).

Os israelitas clamaram ao Senhor, cuja primeira resposta foi enviar um *profeta* para lembrá-los de sua desobediência (6:7-10).

### 6:11-24 O chamado e a comissão de Gideão

Em seu amor pelos israelitas, Deus não se ateve apenas a repreendê-los. Assim como desceu ao Egito para resgatá-los (Êx 3:1-8), também se manifestou a Gideão, seu próxi-

mo líder, na forma do *Anjo do SENHOR* (cf. comentário sobre 2:1-5). Ao aparecer a Gideão, assumiu a postura de quem está no controle, assentando-se sob um carvalho da mesma forma que Débora costumava assentar-se sob uma palmeira (6:11; cf. 4:5). Gideão, por outro lado, temia tanto os midianitas que *estava malhando o trigo no lagar* às escondidas.

A saudação do Senhor assegura sua presença com Gideão: *O SENHOR é contigo, homem valente* (6:12). Quem é esse “valente”? Para alguns, Deus está dizendo que ele próprio é o valente com Gideão. Mas Deus não costuma usar esse tipo de apresentação, a qual também não parece apropriada para a ocasião. Antes, Deus está dirigindo-se a Gideão como um valente potencial, apesar de Gideão desconsiderar esse título e se concentrar nas primeiras palavras da saudação do Anjo (6:13). Não obstante, a saudação prenuncia a incumbência de Gideão (6:14).

O diálogo subsequente entre Gideão e o Anjo do Senhor traz à memória um encontro semelhante entre Deus e Moisés (Êx 3—4). Moisés apresentou várias características que o desqualificavam para a liderança, e Gideão seguiu seu exemplo (6:15; cf. Êx 3:11; 4:10). Nos dois casos, a resposta de Deus é a mesma: *Eu estou contigo* (6:16; Êx 3:12). A presença de Deus ao lado de qualquer um de seus servos faz toda a diferença (Gn 26:12-14; 39:2-5, 21-23; Mc 16:20; At 18:9-10; 2Tm 4:16-17).

Contudo, Gideão não se contentou com palavras. Pediu um sinal, e o Anjo do Senhor o atendeu, da mesma forma que havia atendido a Moisés (6:17-21; Êx 4:2-7). Há quem considere o pedido de Gideão uma indicação de incredulidade, o que é pouco provável, pois Deus não atende à incredulidade (cf. Hb 11:6). Pedir um sinal para confirmar uma palavra ou promessa de Deus a nós é uma forma legítima e válida de orar em nome de Jesus (cf. Mt 7:7-8; Lc 11:9-10; Jo 14:13-14; 15:7).

O pedido de Gideão para apresentar uma *oferta* (6:18) emprega um termo incomum para descrever uma refeição, porém apropriado para a apresentação de algo a um ser divino. Gideão parecia saber que estava falando com um mensageiro divino, apesar de não entender plenamente quem ele era. Só quando o fogo consumiu *a carne e os bolos* como sinal de aceitação divina da oferta (6:21; cf. Lv 9:24) e o Anjo desapareceu, é que Gideão se deu conta de que estava falando com o Anjo do Senhor (6:22). Aterrorizado, imaginou que morreria (cf. Gn 32:30; Êx 33:20), mas o Senhor o tranquilizou, dizendo: *Paz seja contigo!* ou “Shalom” (6:23). Transbordando de gratidão, Gideão chamou o altar construído por ele no local da oferta de *O SENHOR É Paz* (6:24). Por meio desse gesto, Gideão indicou ter aceitado o chamado de Deus.

Muitas pessoas em toda a África e pelo mundo afora estão em conflito com o chamado de Deus em sua vida. Como Gideão em 6:13, podemos ter dificuldade em entender onde Deus está em meio à nossa difícil situação, podemos fazer-lhe perguntas difíceis e até pedir sinais, desde que o faça-

## A FÉ E A BUSCA DE SINAIS

De acordo com o pensamento religioso e a opinião popular, “sinal” é um acontecimento sobrenatural que permite a um indivíduo crer em determinada asserção ou promessa feita por Deus ou acerca dele. Muitos africanos têm um interesse ávido por sinais. Os sinais são os alicerces de crenças tradicionais e de vários movimentos novos que afirmam representar um cristianismo africano.

A Bíblia contém vários relatos de sinais miraculosos. Estes são um dos meios pelos quais Deus se revela aos seres humanos (Êx 3:1-4; Ez 1:1-28; At 9:1-7). Deus é onipotente, e nada é impossível para ele. Mas podemos insistir num sinal como precondição para a fé em Deus, ou para provar que uma pessoa foi enviada por Deus? Os sinais são essenciais como prova de fé pessoal? É normal procurar sinais de Deus ou essa atitude acarreta perigos? O que as Escrituras dizem sobre esse assunto?

Em primeiro lugar, devemos observar que nem todos os acontecimentos sobrenaturais são, necessariamente, de origem divina. Como diz o provérbio: “Nem tudo o que reluz é ouro”. Indivíduos descrentes como os magos de Faraó conseguiram falsificar milagres (Êx 7:20-22). As Escrituras nos instruem a considerar os sinais com cautela. Diante da proliferação de profetas e profetisas que afirmam operar milagres, é importante discernir se tais pessoas são, de fato, fiéis a Deus e à sua Palavra (Dt 13:1-5). Afinal, Cristo nos adverte de que certos sinais são enganosos e servem apenas para nos desviar da fé verdadeira e nos escravizar (Mt 24:24).

Em segundo lugar, indivíduos que buscaram sinais na Bíblia o fizeram com um propósito específico, a saber, confirmar um chamado anterior de Deus para determinada missão. Assim, Moisés, por exemplo, recebeu um sinal de Deus a fim de confirmar seu chamado para libertar o povo (Êx 4:1-5). Gideão pediu um milagre a fim de se certificar de que devia lutar contra os midianitas

(Jz 6:36-40). Os discípulos receberam sinais que confirmaram a ordem de Cristo para proclamarem o evangelho (Mc 16:20). Acima de tudo, muitos milagres foram realizados para corroborar a missão central de Jesus, a saber, perdoar pecados e conceder a vida eterna (cf. Mc 2:9-12; Jo 20:30-31).

Esses sinais tinham por objetivo conduzir o povo a Deus e à sua Palavra, e não glorificar um indivíduo e exaltá-lo acima de outros. Os apóstolos recusaram-se a cair nessa armadilha. Apesar de o poder que lhes fora concedido, não aceitaram nenhum tratamento especial ou honra ao seu próprio nome (cf., p. ex., At 14:8-15 e 1Co 3:4-9).

Por fim, convém observar que os sinais não constituem uma precondição para a fé nem são capazes de produzi-la. Faraó viu muitos sinais, mas ainda assim não creu (Êx 7:9-13). Semelhantemente, no tempo de Jesus, muitas pessoas não creram, apesar de todos os milagres que ele realizou (Jo 12:37). Em várias ocasiões, Jesus não atendeu a pedidos de sinais, pois sabia que, de per si, eles não poderiam transformar o coração (Mt 12:38-39; 16:1-4).

Os sinais são dádivas concedidas pelo Senhor em sua graça a alguns membros do povo de Deus, mas não são o modo ideal de se relacionar com Deus (Jo 20:29; 1Co 12:28—13:1). Não podem, portanto, ser considerados prova de uma fé fervorosa nem devem ser buscados como evidência de fé. Antes, um sinal é uma dádiva de Deus que confirma uma fé já existente e viva.

Não devemos esperar passivamente que nosso coração e nossa vida sejam transformados por sinais miraculosos. Se desejamos ser libertados dos poderes das trevas na África e em outros lugares do mundo e viver uma vida de fé, não devemos buscar milagres como tantos fazem hoje em dia. Antes, devemos dedicar-nos à Palavra de Deus, a única fonte infalível da verdadeira fé cristã.

Adama Ouedraogo

mos pela fé. Em última análise, cada um de nós precisa construir um altar para ele em nosso coração e entronizá-lo como o *SENHOR é Paz*.

### 6:25-32 Gideão executa a ordem de Deus

Agora, Deus dá uma ordem explícita a Gideão: o altar de Baal e o poste-ídolo que está junto ao altar, ambos pertencentes a Joás, pai de Gideão, devem ser destruídos (6:25). Em seu lugar, Gideão deve construir um altar para o Senhor, de acordo com as prescrições da lei (Êx 20:25) e apresentar como holocausto o segundo boi de seu pai (6:26). Gideão passou no teste, mas com temor e tremor (6:27).

É impressionante observar que os habitantes da cidade estavam dispostos a matar Gideão por ter ele destruído

ídolos (6:28-30). Pela lei, eles próprios deviam ter destruído aqueles objetos de idolatria (Êx 34:13; Dt 7:5). Joás protegeu seu filho com um argumento irrefutável: um Deus que não é capaz de se salvar não é digno de ser adorado (6:31). O mesmo princípio se aplica aos dias de hoje. Ao enfrentar perseguição religiosa, os cristãos devem aprender a entregar a vingança a Deus, e não tentar fazer justiça com as próprias mãos (Rm 12:19; Hb 10:30).

No dia que derrubou o altar de Baal, Gideão recebeu um novo nome, *Jerubaal*, isto é, *Baal contenda contra ele* (6:32). Seu primeiro nome, Gideão, significa “aquele que derruba”. Por certo, o provérbio ioruba *Oruko nima ro omo* (“Nosso destino é governado por nosso nome”) se aplica a Gideão.

### 6:33-40 A confirmação do chamado de Gideão

No AT, quando indivíduos são incumbidos de realizar alguma tarefa, Deus derrama seu Espírito sobre eles de forma explícita ou implícita (6:34; cf. 2:18; 3:10; 11:29; 14:6,19; 15:14-15; Êx 31:1-5; Nm 11:17; 1Sm 10:6). Esse ato divino, teologicamente chamado de unção, permite aos recipientes ver e dizer coisas além da sua capacidade natural. Ele comprova a presença de Deus com essas pessoas. Assim, quando os exércitos inimigos avançaram (6:33), Deus ungiu seu servo Gideão para que este pudesse entrar em ação (6:34).

De imediato, o membro outrora covarde da família mais fraca de Manassés (6:15) tomou a iniciativa ousada de reunir trinta e dois mil homens de quatro tribos: *Manassés, Aser, Zebulon e Naftali* (6:35). Que coisa extraordinária! No entanto, Gideão era humano e possuía limitações, como fica evidente no desenrolar do relato em que ele pede mais sinais (6:36-40), e não apenas uma, mas duas vezes. Novamente, Deus não o condena por isso.

Os jovens cristãos costumam perguntar se é errado pedir um sinal de Deus na hora de escolher uma faculdade, uma carreira ou o cônjuge. A julgar por este texto, pelo uso da estola sacerdotal (1Sm 30:7-8) e pela prática de lançar sortes (Pv 16:33; Jn 1:7; At 1:26), pode-se concluir que não há nada de errado em pedir um sinal a Deus. No entanto, precisamos usar de cautela para não manipular o sinal de acordo com nossos próprios desejos. Também é importante lembrar que os sinais e as respostas de Deus a perguntas específicas nunca contradizem seus princípios gerais revelados na Bíblia.

### 7:1—8:21 As conquistas de Gideão

Depois de duas confirmações do seu chamado, Gideão estava pronto para avançar contra os inimigos de Israel. O relato subsequente comprova que Deus estava com Gideão. Não há nenhum outro modo de explicar como um indivíduo despreparado e trezentos homens sem armas e sem treinamento militar conseguiram destruir os exércitos de uma coalizão com cento e trinta e cinco mil soldados (cf. 8:10), dois reis e vários príncipes. A guerra — como a política — é um jogo de números tanto em termos de soldados quanto de armamentos (Lc 14:31-32). Porém, como vemos na história de Gideão, a equação muda radicalmente quando Deus toma partido de um dos exércitos.

**7:1-8 A ESCOLHA DO EXÉRCITO DE GIDEÃO.** Desde o começo, o Senhor mostrou que estava no controle. Sujeitou os israelitas a duas provas, reduzindo o exército de Gideão a apenas trezentos homens. Primeiro, permitiu que os tímidos e medrosos voltassem para casa (7:3). Estes eram os indivíduos que tremiam visivelmente como folhas de uma árvore sacudidas pelo vento, tiritando e batendo os joelhos. Vinte e dois mil homens aproveitaram essa oportunidade e voltaram para casa, uma decisão prevista pela lei mosaica (Dt 20:8).

Deus declarou que o exército restante de dez mil homens ainda era numeroso demais e devia ser sujeitoado a

uma segunda prova. Os cães não precisam *se abaixar de joelhos a beber*, pois sua cabeça fica perto da água (7:5). Consequentemente, mesmo enquanto bebe água, um cão está pronto para agir caso perceba algum perigo. O mesmo não acontece com um homem que se ajoelha para beber. Os homens que não colocaram a cabeça na água, mas *lambe-ram, levando a mão à boca*, se mostraram igualmente alertas (7:6). Somente os trezentos homens que beberam água desse modo passaram na prova.

Deus garantiu a Gideão que esse pequeno exército seria suficiente para derrotar os midianitas (7:7). O propósito divino é explicitado em 7:2: *Israel poderia se gloriar contra mim, dizendo: A minha própria mão me livrou.*

**7:9-14 UMA INFORMAÇÃO SOBRE O INIMIGO.** Sabendo que Gideão estava com medo de atacar (7:9) e provavelmente pediria outro sinal, o Senhor permitiu que seu servo tivesse acesso a uma informação surpreendente: os midianitas estavam com medo dele! Gideão descobriu isso quando seguiu a instrução de Deus: *Levanta-te e desce contra o arraial, porque o entreguei nas tuas mãos* (7:9). Assim, Gideão rastejou até o acampamento dos midianitas e ouviu uma conversa entre dois homens (7:10-12). Um deles estava descrevendo para o outro um sonho que havia tido e que seu companheiro interpretou como prenúncio da vitória de Gideão (7:13-14). O Senhor já havia declarado a vitória a Gideão várias vezes (6:14,16,17-23,36-38,39-40; 7:7,9), mas nenhuma das outras mensagens havia causado o mesmo impacto que esta, levando-o a agir. Foi essencial para a carreira de Gideão ouvir a verdade da boca de seus inimigos.

**7:15-25 ATAQUE-SURPRESA.** Depois de se prostrar em adoração e gratidão a Deus, Gideão entrou em ação, realizando um ataque-surpresa exemplar. Sua investida foi caracterizada por:

- Segredo. Ninguém, exceto talvez seu guarda-costas Pura, sabia que eles atacariam naquela noite.
- Prontidão. Gideão não perdeu tempo. Assim que chegou ao acampamento, ordenou a seus homens: *Levantai-vos* (7:15).
- Simplicidade. Gideão não deu instruções complicadas, mas apenas disse a seus homens: *Olhai para mim e fazei como eu fizer* (7:17) e ordenou que gritassem: *Pelo SENHOR e por Gideão!* (7:18).
- Momento estratégico. Ele e seus homens chegaram ao acampamento inimigo *ao princípio da vigília média* (7:19), por volta da meia-noite, quando a mudança de guarda causaria maior confusão.

Armados apenas com trombetas e tochas escondidas em cântaros (7:16), os homens de Gideão se aproximaram sorrateiramente do acampamento midianita e *tocaram as três companhias as trombetas e despedaçaram os cântaros*, dando o grito de guerra: *Espada pelo SENHOR e por Gideão!* (7:20). O barulho repentino de destruição e o brilho das tochas

por todos os lados confundiram os sonolentos midianitas, levando-os a imaginar que seu acampamento estava sendo atacado por um grande exército e pondo-os a *correr, e a gritar, e a fugir* (7:21). Embora a estratégia tenha sido eficaz, foi o Senhor quem deu a vitória, pois, nessa confusão, *o SENHOR tornou a espada de um midianita contra o outro* (7:22).

Gideão convocou mais homens de *Naftali e de Aser e de todo o Manassés* para ajudá-lo a perseguir o exército em fuga (7:23) e deu uma tarefa especial aos homens de *Efraim*. Estes deviam posicionar-se nos locais em que os midianitas passariam *pelas águas do Jordão* (7:24). Os efraimitas obedeceram à ordem de Gideão e *prenderam a dois príncipes dos midianitas, Orebe e Zeebe; mataram Orebe na penha de Orebe e Zeebe mataram no lagar de Zeebe* (7:25).

**8:1-21 A PERSEGUIÇÃO E MORTE DE ZEBE E SALMUNA.** No entanto, os efraimitas estavam descontentes (8:1), pois não haviam sido convocados logo no início para fazer parte do exército de Gideão (6:35). Esse ressentimento poderia ter transformado a vitória em uma trágica perda, provocando um conflito interno em Israel. Mas, em vez de entrar em discussão com os efraimitas, como Jefté faria posteriormente (12:1-6), Gideão foi sábio e lhes deu o crédito devido, abrandando-lhes a ira (8:2-3). Muitos dos conflitos territoriais que estão destruindo nações africanas poderiam ser tratados se nossos líderes políticos fossem tão sensatos e perspicazes quanto Gideão.

Sabendo que a guerra não terminaria enquanto *Zeba e Salmuna, reis dos midianitas*, estivessem vivos e no comando de aproximadamente mil e quinhentos homens (8:5b,10), Gideão e seus trezentos homens continuaram a persegui-los, apesar da exaustão. Gideão não se deixou desanimar pelo sarcasmo e recusa dos homens de *Sucote e Penuel* em prover alimento para ele e seus soldados (8:5a,8). Antes, manteve o foco e, pela fé, declarou que seria vitorioso e voltaria (8:7,9). Depois que capturou os dois reis e *desbaratou todo o exército*, Gideão voltou, conforme havia prometido, e disciplinou os homens de *Sucote e Penuel* (8:12-17).

Antes de executar os dois reis, Gideão lhes perguntou: *Que homens eram os que matastes em Tabor?* (8:18), e ele próprio lhes informou que ambos haviam matado seus irmãos. Como retaliação, ele daria cabo deles e, para humilhá-los e desgraçá-los ainda mais, seriam mortos por um menino: seu filho, Jéter. Quando Jéter se acovardou diante dessa tarefa, os reis desafiaram Gideão, e ele os executou (8:21).

### 8:22-35 O legado de Gideão.

Depois da guerra, Gideão começou bem, recusando a exigência do povo de que ele estabelecesse um regime monárquico: *Não dominarei sobre vós, nem tampouco meu filho dominará sobre vós* (8:23). Sua atitude contrasta com a de muitos presidentes africanos que desejam ocupar o cargo para o resto da vida e instituir dinastias.

O passo seguinte de Gideão, por outro lado, foi extremamente infeliz: ele fez *uma estola sacerdotal*. No Pentateuco,

a estola era a vestimenta usada pelo sumo sacerdote (cf. Êx 28:6-13; 39:2-7; Lv 8:7). No entanto, a estola de Gideão foi confeccionada com 19,5 kg de ouro e, dificilmente, podia ser vestida. A estola sacerdotal estava associada ao Urim e ao Tumim, usados para determinar a vontade de Deus; assim, é possível que Gideão pretendesse usar a estola para esse mesmo fim. Porém, essa estola veio a ser um laço para Gideão e sua casa, e *todo o Israel se prostituiu ali após ela* (8:24-27; cf. 17:5; 18:14,17). Consequentemente, não foi difícil esse povo crédulo voltar a adorar Baal logo depois da morte de Gideão (8:33).

Gideão começou bem derrubando o altar de Baal e o poste-idolo (6:25-27), mas terminou mal, fazendo uma estola sacerdotal de ouro que foi um tropeço para as gerações futuras. No final de sua vida, Gideão e sua família se viram presos à apostasia e fraqueza espiritual, as quais, entre outras coisas, levaram Gideão a tomar para si várias esposas e até uma concubina cananeia em Siquém que lhe acabou dando um filho chamado Abimeleque (8:30-31). Esse triste afastamento espiritual teve amplas repercussões para sua família e a nação como um todo logo depois de sua morte.

*Ficou a terra em paz durante quarenta anos nos dias de Gideão* (8:28), mas, para espanto de seus leitores, o escritor de Juízes revela: *Os filhos de Israel não se lembraram do SENHOR, seu Deus, que os livrara do poder de todos os inimigos ao redor* (8:34).

### 9:1-57 A tirania de Abimeleque

Apenas três anos depois da morte de Gideão (9:22), não havia mais quase nenhum vestígio de sua reforma religiosa (6:25-32), nenhuma recordação de seu heroico triunfo sobre os midianitas e nenhuma recompensa para sua família pelos quarenta anos de governo pacífico (9:16-20). Como isso foi acontecer?

#### 9:1-6 A intriga de Abimeleque

Abimeleque tomou o poder. Seu nome significa “o pai é rei” ou “pai de um rei”. No AT, esse era o título dado aos reis filisteus (cf. Gn 20:2; 26:1), mas, neste caso, parece ser um nome próprio (9:1). Este Abimeleque possuía vínculos com Siquém, cidade na região montanhosa de Efraim, no centro-norte da Palestina, pois esta era a cidade onde sua mãe vivia (8:31), apesar de Gideão ser de Ofra, no território de Manassés. Siquém era uma cidade antiga — o primeiro local em Canaã mencionado em relação à chegada de Abraão à terra prometida. Depois de Deus ter-se revelado a ele, Abraão construiu ali seu primeiro altar (Gn 12:6-7). Siquém também foi escolhida por Josué como uma das seis cidades de refúgio (Js 20:7) e foi o local onde ele fez o seu discurso de despedida (Js 24:1).

Depois da morte de seu pai, Abimeleque conspirou com tios por parte da mãe em Siquém para matar seus setenta meios-irmãos e tornar-se rei — um claro exemplo dos males decorrentes da poligamia e do nepotismo. Abimeleque pergunta: *Que vos parece melhor: que setenta homens, todos os*



*filhos de Jerubaal, dominem sobre vós ou que apenas um domine sobre vós?* Antes de receber uma resposta, ele apresenta um argumento tribalista: *Lembra-vos também que sou osso vosso e carne vossa (9:1-2)*. Uma combinação semelhante de tribalismo e nepotismo é um dos grandes problemas que tem retardado o desenvolvimento da África.

Abimeleque obteve o apoio de seus parentes que lhe deram dinheiro do templo de Baal para contratar como mercenários *homens levianos e atrevidos (9:3-4)*. O uso de mercenários para alcançar objetivos políticos ou militares era uma estratégia comum no mundo antigo, como ainda é na África de hoje. No AT, mercenários foram contratados por Jefté (11:3), Davi (1Sm 22:1-2), Absalão (2Sm 15:1), Adonias (1Rs 1:5), Rezom (1Rs 11:23-24) e Jeroboão (2Cr 13:6-7).

Abimeleque matou todos os seus meios-irmãos *sobre uma pedra*, como se fossem animais sacrificiais, declarando-se rei, cargo que seu pai havia recusado veementemente (9:5a; 8:23). *Jotão*, o irmão caçula, porém, conseguiu escapar do massacre (9:5b). (Na verdade, portanto, foram executados sessenta e nove irmãos, mas o autor usa um número arredondado. Sem dúvida, Abimeleque tinha a intenção de executar todos os setenta.)

Abimeleque concretizou sua ambição quando foi coroado rei na cidade antiga de Siquém (9:6).

### 9:7-21 A acusação feita por Jotão

Indignado com a honra dada a Abimeleque, Jotão — o único sobrevivente dentre os outros filhos de Gideão — subiu o monte Gerizim, a sudoeste de Siquém (defronte do monte Ebal), de onde contou uma parábola aos cidadãos que se encontravam reunidos lá embaixo (9:7).

Nessa parábola, as árvores estão procurando um rei. Dirigem-se a três árvores frutíferas, *a oliveira (9:8-9)*, *a figueira (9:10-11)* e *a videira (9:12-13)*, pedindo a cada uma que reine sobre as outras árvores. Mas as três recusam deixar suas tarefas produtivas para reinar. Um *espinheiro* insignificante e infrutífero, porém, se vangloria daquilo que não pode oferecer, dizendo: *Refugiai-vos debaixo de minha sombra (9:15a)*. Os espinhos queimam com facilidade, e esse espinheiro ameaça consumir os *cedros do Líbano*, árvores muito mais valiosas (9:15b). De acordo com a moral da parábola, pessoas tolas e perversas usurpam os cargos de poder e influência que os sábios e íntegros costumam evitar.

Jotão condenou explicitamente aquilo que os cidadãos de Siquém haviam feito (9:16-18) e amaldiçoou-os, dizendo: *Saia fogo de Abimeleque e consuma os cidadãos de Siquém e Bete-Milo; e saia fogo dos cidadãos de Siquém e Bete-Milo, que consuma Abimeleque (9:19-20)*.

Depois dessa acusação pública, Jotão fugiu para Beer, onde ficaria protegido de Abimeleque (9:21).

### 9:22-25 A intervenção de Deus

Apesar de Abimeleque ter *dominado três anos sobre Israel*, ele não é chamado de juiz (9:22). Seu governo provavel-

mente foi um reino de terror. Não há nenhum registro de guerras contra os inimigos de Israel e, portanto, nenhum registro de vitória. Enquanto o Espírito Santo de Deus veio sobre os juízes (2:18; 3:10; 6:34; 11:29; 14:6,19), neste caso, *suscitou Deus um espírito de aversão entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém; e estes houveram aleivosamente contra Abimeleque (9:23)*. Aqueles que o haviam colocado no poder deram as costas para ele. Os cidadãos de Siquém se rebelaram contra Abimeleque, pondo-se a assaltar quem passava pelas estradas da região e a viver à margem da lei (9:25).

De acordo com um provérbio do povo ioruba da Nigéria, *Ohun ti aba gbin l'aokore* ("Aquilo que semeamos é o que colhemos"). O mesmo princípio é apresentado na Bíblia repetidamente (cf. Jó 4:8; Pv 11:18; 22:8; Os 8:7; 10:12; Gl 6:7-8) e expresso por Jesus da seguinte maneira: "Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão" (Mt 26:52). Sua veracidade é comprovada no destino de Abimeleque e seus partidários.

### 9:26-55 A revolta de Gaal

Então, do nada, surgiu um homem que se declarou chefe dos assaltantes: *Gaal, filho de Ebede (9:26)*. Gaal fomentou a revolta entre os cidadãos de Siquém que confiavam nele e o acompanhavam em suas festas (9:27). Provavelmente bêbado depois de um desses banquetes, ele se gabou da sua capacidade de remover Abimeleque e o desafiou: *Multiplica o teu exército e sai (9:28-29)*. Rebeldes e políticos têm uma coisa em comum: anseiam por reconhecimento.

*Zebul, governador da cidade*, ouvindo as palavras de Gaal, se acendeu em ira (9:30) e transmitiu-as a Abimeleque em segredo (9:31), pois, ao que parece, nessa época Abimeleque não estava morando em Siquém. Zebul aconselhou Abimeleque a colocar-se *de emboscada no campo* e capturar Gaal e seus homens (9:32-33). Abimeleque seguiu seu conselho (9:34), dividiu os soldados em quatro grupos que se puseram *de emboscada contra Siquém* e foi bem-sucedido (9:35-39). Os soldados perseguiram Gaal e seu bando e os expulsaram da cidade (9:40-41). Em seguida, Abimeleque reprimiu implacavelmente a resistência dos cidadãos de Siquém. Destruíu a cidade e *a semeou de sal (9:42-45)*, tornando a terra improdutiva. É possível que tenha jogado sal sobre a cidade como um gesto simbólico, castigando-a por ter rompido a aliança com ele e amaldiçoando-a com improdutividade. (A cidade de Siquém foi reconstruída posteriormente por Jeroboão I — 1Rs 12:25.)

Abimeleque, porém, não se deu por satisfeito. Quando ficou sabendo que os cidadãos de Siquém se haviam refugiado no templo de *El-Berite* (uma variação de "Baal-Berite" — 9:4), ele e seus homens incendiaram o santuário e mataram cerca de mil homens e mulheres (9:46-49). Ainda descontente, Abimeleque voltou-se contra *Tebes*, cidade dependente de Siquém, e *a sitiou, e a tomou* (9:50). Nessa ocasião, porém, foi detido de uma vez por todas. Enquanto ele tentava invadir uma torre forte onde o povo se havia

refugiado, *certa mulher lançou uma pedra superior de moinho sobre a cabeça de Abimeleque e lhe quebrou o crânio (9:50-53)*. Sabendo que o ferimento seria mortal, o orgulhoso comandante chamou seu servo e ordenou: *Desembainha a tua espada e mata-me, para que não se diga de mim: Mulher o matou (9:54a)*. Que homem arrogante! Morreu de qualquer forma (9:54b-55), e a história lembra que foi morto por uma mulher (2Sm 11:21).

#### 9:56-57 Uma inferência do autor

O autor de Juízes chega a uma conclusão moral que pode ser dividida em duas partes. Em primeiro lugar, a justiça de Deus não deixou a perversidade impune. Deus castigou Abimeleque por ter executado seus setenta irmãos (9:56). Em segundo lugar, a maldição pronunciada por Jotão sobre os cidadãos de Siquém também se cumpriu (9:20). Quem ficou sabendo desses acontecimentos deve ter aprendido que o crime não compensa.

#### 10:1-2 Tola

Os quarenta e cinco anos depois da morte de Abimeleque foram relativamente tranquilos, sob a liderança de dois juízes menores, Tola e Jair. São considerados “menores”, em parte, pelo fato de não terem lutado contra nenhum grande inimigo e, em parte, porque não há nenhum registro de feitos importantes realizados por eles. Não obstante, também salvaram Israel e consolidaram o que havia sido conquistado por antecessores como Gideão e Débora.

Tola era da tribo de Issacar e escolheu como quartel-general a cidade de *Samir, na região montanhosa de Efraim (10:1)*. A descrição de sua genealogia, passando por Puá, seu pai, até Dodô, seu avô, visava confirmar suas origens. Tola exerceu funções de liderança, administrando conflitos e mantendo a paz e estabilidade (10:2). Apesar de não ter saído à guerra, sua presença manteve afastados possíveis agressores. Provavelmente liderou com justiça e retidão, pois ocupou o cargo de juiz por vinte e três anos (cf. Pv 29:4,14).

#### 10:3-5 Jair

Jair, cujo nome significa “ele ilumina”, governou durante vinte e dois anos em Gileade (10:3). Seu estilo de liderança foi mais extravagante que o de seu antecessor, e ele ostentava suas riquezas no tipo de presentes que dava a seus *trinta filhos (10:4a)*. Não se sabe ao certo se Jair teve esses trinta filhos com a mesma esposa, com várias esposas ou em casamentos subsequentes. Uma vez que o texto não diz nada, é melhor evitar especulações.

Em vez de estar voltada para as campanhas militares, a liderança de Jair focalizou os projetos de construção. Ele fundou para seus filhos *trinta cidades* em Gileade que ficaram conhecidas como *Havote-Jair*, “os assentamentos de Jair” (10:4b). Os filhos provavelmente administravam as cidades e ajudavam o pai a julgar as causas do povo e manter a paz. Que belo legado!

#### 10:6—12:7 Jefté derrota os amonitas

##### 10:6-18 A rebelião e o arrependimento de Israel

É surpreendente que nenhum dos trinta filhos de Jair tenha preenchido o vazio deixado na liderança depois de sua morte. Talvez nenhum deles tivesse a aptidão e competência militar das quais Israel precisava na época. As palavras dos líderes do povo de Gileade parecem corroborar essa hipótese: *Quem será o homem que começará a pelejar contra os filhos de Amom? Será esse o cabeça de todos os moradores de Gileade (10:18)*. Convém observar que um líder capaz de administrar e manter a paz e o crescimento econômico não é, necessariamente, o melhor comandante em tempos de guerra. Da mesma forma, o filho de um líder nem sempre é a pessoa mais indicada para sucedê-lo.

Entrementes, *tornaram os filhos de Israel a fazer o que era mau perante o SENHOR* e afundaram novamente em sua condição desprezível, dando as costas para Deus e servindo *aos baalins, e a Astarote (10:6)*. Desta vez, foram ainda mais longe e adoraram outros deuses estrangeiros: *aos deuses da Síria*, incluindo Rimom (2Rs 5:18); *e aos de Sidom*, incluindo Astarote (1Rs 11:33); *de Moabe*, incluindo Quemom (1Rs 11:7); *dos filhos de Amom*, incluindo Moloque (1Rs 11:33); *e dos filisteus*, incluindo Dagom (Jz 16:23).

O caráter vulgar e universal dessa apostasia excedeu à de tempos passados. Os israelitas iraram Deus de tal modo que ele os entregou *nas mãos dos filisteus e nas mãos dos filhos de Amom (10:7)*. Em apenas um ano, as forças conjuntas desses adversários arrasaram e desmoralizaram os israelitas, que não conseguiram se levantar por dezessete anos (10:8). A opressão começou do lado leste do Jordão, intensificou-se e foi estendida pelos amonitas até o lado oeste do Jordão, subjugando Judá, Benjamim e a casa de Efraim, *de maneira que Israel se viu muito angustiado (10:9)*. Sua rebelião havia trazido a ira de Deus sobre eles. Nós, cristãos, também precisamos lembrar que o pecado tem consequências: “O salário do pecado é a morte” (Rm 6:23).

Em sua aflição, os israelitas clamaram ao Senhor: *Contra ti havemos pecado, porque deixamos o nosso Deus e servimos aos baalins (10:10)*. Clamar e confessar o pecado é o primeiro passo para o arrependimento. No entanto, Deus não se impressionou com essas palavras. Não os ajudaria enquanto eles não reconhecessem que o perdão devia ser acompanhado de uma disposição de obedecer a Deus no futuro (10:11-14). O povo atentou na repreensão divina e implorou por livramento: *Faze-nos todo quanto te parecer bem; porém, livra-nos ainda esta vez (10:15)*. Este é o segundo passo. Os israelitas foram ainda mais longe e deram o terceiro passo: *Tiraram os deuses alheios do meio de si e serviram ao SENHOR (10:16a)*. Sempre que um pecador se volta para o Senhor verdadeiramente arrependido, como neste caso, ele recebe misericórdia. Então, Deus *já não pode [...] reter a sua compaixão por causa da desgraça de Israel (10:16b)*. A graça de Deus sobrepuja sua ira.

Apesar de os israelitas terem se arrependido de seus pecados e se voltado para Deus, nenhum líder ainda havia se levantado (10:17-18). Contudo, ele não tardaria em surgir, pois, apesar de suas palavras anteriores, Deus estava pronto a enviar um libertador: Jefté.

### 11:1-3 As origens de Jefté

Jefté, cujo nome significa “aberto” ou “aquele que abre”, parecia um candidato improvável a liderança de Israel. Poderíamos chamar sua história de “Trajetória da rejeição à eleição”. Era um descendente de Manassés (1Cr 7:14-17), filho ilegítimo de uma prostituta de nome ignorado com um homem proeminente chamado Gileade. Este último nome, que significa “escarpado”, se referia inicialmente à região extensa a leste do Jordão que Moisés havia entregado a Rúben, Gade e à meia tribo de Manassés (Dt 3:13). Todos os israelitas que se assentaram nessa região ficaram conhecidos como gileaditas. Jair também era proveniente dessa região (10:3).

Jefté era gileadita em razão tanto do lugar onde havia nascido quanto do nome de seu pai. Mas, como filho de uma prostituta, também era um pária. Seus irmãos, os filhos legítimos de Gileade, o expulsaram da casa paterna e recusaram dividir a herança com o irmão bastardo (11:2). Jefté fugiu para Tobe, na Síria, onde se tornou conhecido por suas aventuras militares e se cercou de *homens levianos* (11:3).

### 11:4-11 A escolha de Jefté

Durante algum tempo, nenhum voluntário aceitou a oferta feita em 10:18. Assim, os líderes de Gileade decidiram pedir a Jefté que os liderasse. Procuraram-no em Tobe e suplicaram: *Vem e sê nosso chefe, para que combatamos contra os filhos de Amom* (11:4-6). A resposta de Jefté dá a entender que alguns dos seus irmãos — que o odiavam e o expulsaram da cidade — talvez fizessem parte da delegação (11:7). Primeiro ele obrigou os anciãos a se humilhar e, só então, atendeu ao seu pedido (11:8) e fez uma aliança com os israelitas na presença do Senhor em Mispa (11:9-11).

Há certa semelhança entre Jefté e Cristo. Ambos são como a pedra rejeitada pelos construtores que, ainda assim, se torna a pedra angular (1Pe 2:6-7; cf. Sl 118:22).

### 11:12-28 A tentativa de negociação

Jefté possuía uma combinação de inteligência, conhecimento e astúcia militar nunca vista antes em um juiz. Ele apelou à razão ao chamar o rei dos amonitas para dialogar com Israel: *Que há entre mim e ti que vieste a mim a pelejar contra a minha terra?* (11:12). Ao receber a resposta do rei (11:13), Jefté refutou suas asserções com fatos históricos e bíblicos, recapitulando a história dos israelitas desde sua emancipação do Egito até a ocupação da terra pela qual agora estavam lutando com os filhos de Amom (11:14-22).

A argumentação de Jefté foi objetiva: Israel não tomou suas terras. O Senhor Deus de Israel expulsou os amonitas e nos deu seu território. Os filhos de Amom querem obrigar-nos a

sair daqui? (11:23-24). Jefté reconhece que o direito de propriedade sobre qualquer terra pertence a Deus (ou aos deuses) e ele pode usá-la como bem lhe parecer (11:24; Sl 24:1).

Também apelou para um histórico de trezentos anos de tolerância e coexistência pacífica (11:25-26), instando o rei a “viver e deixar viver”, e concluiu sua declaração apelando para Deus como juiz supremo (11:27).

O rei dos amonitas recusou dar ouvidos à argumentação de Jefté (11:28). Como acontece com frequência nas negociações internacionais, quando as palavras falharam, a espada entrou em cena.

### 11:29,32-33 A união de Jefté como juiz

Até aqui, o Senhor havia permanecido em silêncio, apesar de Jefté tê-lo reconhecido desde o início (11:11,21,23-24,27). Quando os amonitas se recusaram a negociar, Deus assumiu um papel ativo e ungiu Jefté com seu Espírito (11:29). Como em 3:10 e 6:34, o derramamento do Espírito Santo liberou uma força sobrenatural que transformou Jefté e lhe deu poder para realizar feitos extraordinários, como a incursão em território inimigo (11:29,32). Antes de receber a vitória, porém, ele tomou duas providências: 1) fez um voto ao Senhor (11:30), do qual trataremos adiante, e 2) provavelmente pediu ajuda à Efraim (12:2).

O texto não diz quantos homens acompanhavam Jefté, mas essa informação não é essencial. O importante naquele momento (e ainda hoje) era que o poder do Senhor estava sobre ele e a presença do Senhor estava com ele. Em resumo, quando Israel saiu para lutar contra os amonitas, o *SENHOR os entregou nas mãos de Jefté* (11:32). Ele destruiu vinte cidades desde Aroer até às proximidades de Minite [...] e até Abel-Queramim; e foi mui grande a derrota. Assim, foram subjugados os filhos de Amom diante dos filhos de Israel (11:33). Uma campanha militar e tanto!

### 11:30-31,34-40 O voto de Jefté

Um voto consiste na promessa voluntária de realizar um serviço ou entregar algo a Deus em troca de um benefício esperado (cf., p. ex., Gn 28:20-22; Nm 30:1-2). No AT, as pessoas não eram obrigadas a fazer votos, mas, quando assumiam um compromisso desse tipo, deviam cumpri-lo a qualquer custo (Dt 23:21-23; Sl 66:13). Quem o ignorava não ficava impune. Os votos podiam ser resgatados com dinheiro, de acordo com um valor definido por um sacerdote (Lv 27:1-31). No NT, Jesus desestimulou a prática de fazer votos (Mt 5:33-37).

Jefté prometeu: *Quem primeiro da porta da minha casa me sair ao encontro, voltando eu vitorioso dos filhos de Amom, esse será do SENHOR, e eu o oferecerei em holocausto* (11:31). Ele não especificou se estava referindo-se a um animal ou a um ser humano. A julgar pela reação de Jefté quando sua filha saiu ao seu encontro, ele não havia contado, de maneira nenhuma, com essa possibilidade (11:34). Uma vez que era um homem honrado, considerou necessário cumprir o voto.

e sua filha, uma jovem extraordinária, cooperou, mediante apenas uma condição (11:36-38).

Esse relato levanta uma questão complicada: O que significam as palavras *lhe fez segundo o voto por ele proferido* (11:39)? Existem duas linhas de interpretação. Uma afirma categoricamente que ele a ofereceu como holocausto. A outra sugere que ela foi redimida de acordo com as cláusulas de Levítico 27:1-8, mas que, em vez de fazer um pagamento em dinheiro, ela teve de abrir mão do casamento. A meu ver, a segunda interpretação parece mais plausível, pois o pedido da filha para lamentar sua virgindade e a observância da comemoração anual não fariam sentido se ela tivesse, de fato, sido sacrificada (11:38,40).

### 12:1-7 Conflito com Efraim

Os efraimitas voltaram a causar problemas, como haviam feito quando Gideão vencera os midianitas (8:1-3). No entanto, Jefté não era tão diplomático quanto Gideão e simplesmente negou as acusações feitas contra ele (12:1-3). A hostilidade se intensificou, e os comentários depreciativos feitos pelos efraimitas acerca dos gileaditas levaram Jefté e seus homens a pegar em armas (12:4). No conflito subsequente, os gileaditas derrotaram os efraimitas e tomaram os vauas do Jordão que os homens derrotados teriam de atravessar a fim de voltar para casa (12:5). Todos os que desejassem atravessar deviam pronunciar a palavra *chibolete*. Os efraimitas, que não conseguiam articular o som de “ch” nessa palavra e a pronunciavam como *sibolete*, eram identificados pelo seu sotaque e executados. Quarenta e dois mil efraimitas tiveram esse fim (12:6).

Em vez de se unirem para lutar contra seus inimigos comuns, os israelitas estavam lutando e exterminando uns aos outros. A fragilidade resultante deve ter beneficiado seus inimigos. Talvez este seja um dos motivos pelos quais o texto não diz que o povo desfrutou paz na terra durante os seis anos do governo de Jefté (cf. com 3:11,30; 5:31; 8:28).

Na África atual, precisamos nos esforçar para não considerar as nações segundo divisões tribais, nem ver os cristãos segundo grupos regionais ou quaisquer outras formas de segregação. Como cristãos, temos um inimigo comum, o Diabo, e, se permanecermos unidos, resistiremos com mais eficácia a seus ataques.

### 12:8-10 Ibsã

Jefté foi seguido de três juízes menores: Ibsã, Elom e Abdom. Os comentários acerca de Sangar (3:31), Tola (10:1-2) e Jair (10:3-5) também se aplicam a eles.

Nada de extraordinário aconteceu em Israel durante os sete anos de governo de Ibsã. No entanto, ele é lembrado por ter quebrado um tabu tribal acerca do casamento. Apesar de o texto não falar do seu estado civil, Ibsã provavelmente tomou para si várias esposas e concubinas, pois teve trinta filhos e trinta filhas. Sua prática salutar de casamento intertribal é uma lição para os africanos. Deus só condena

o casamento entre crentes e incrédulos, e não entre raças, culturas e tribos diferentes.

### 12:11-12 Elom

Elom foi o décimo juiz de Israel. Sabemos apenas que era de Zebulom e julgou sobre Israel durante dez anos (12:11). Seu mandato provavelmente foi caracterizado por paz e estabilidade.

### 12:13-15 Abdom

Abdom, o décimo primeiro juiz, foi um líder extravagante e um pai de família feliz. Teve quarenta filhos e trinta netos (12:13). Nas palavras de Josefo, o historiador judeu do século I: “O único registro a seu respeito afirma que ele se alegrou com seus filhos, pois no âmbito público havia paz e segurança, e ele não teve oportunidade de realizar feitos gloriosos”. O autor de Juízes também informa que Abdom gostava de desfilar com seus filhos, todos montados em jumentos (12:14). Depois de julgar sobre Israel durante oito anos, ele morreu feliz e foi sepultado em sua cidade natal de Piratom, em Efraim, na região central de Canaã.

## 13:1—16:31 Sansão derrota os filisteus

### 13:1-23 O futuro papel de Sansão

Os trinta e um anos de paz e tranquilidade entre os mandatos de Jefté e Abdom chegaram ao fim. Mais uma vez, tendo os filhos de Israel tornado a fazer o que era mau perante o SENHOR, este os entregou nas mãos dos filisteus por quarenta anos (13:1). Então, sem nenhuma referência a algum remorso ou arrependimento da parte dos israelitas, Deus resolveu livrá-los.

O método de livramento empregado por Deus também é novo, pois, de todos os juízes, Sansão foi o único que nasceu para liderar. A missão do futuro juiz — *ele começará a livrar Israel do poder dos filisteus* — é anunciada à sua mãe estéril e sem filhos antes da concepção. Durante a gestação, a mulher teria de observar certas restrições, uma vez que seu filho seria nazireu desde o nascimento (13:3-5). Um nazireu era uma pessoa consagrada ao Senhor. A consagração ao serviço de Deus era marcada pela abstinência de vinho e todo tipo de bebida alcoólica. nor não passar a navalha no cabelo e por evitar qualquer contato com cadáveres (cf. Nm 6:1-21). O voto nazireu podia ser realizado de duas formas: em caráter temporário, por diversos motivos (cf. At 21:23), ou para toda a vida. As Escrituras relatam apenas três casos de nazireus consagrados ao Senhor desde o nascimento, a saber, Sansão, Samuel (1Sm 1:11) e João Batista (Lc 1:15).

Depois de anunciar essa mensagem, o Anjo se retirou, e a mulher foi relatar o acontecimento ao marido (13:6-7). Não sabemos por que Deus não escolheu o pai de Sansão, Manoá, para se tornar juiz de imediato, em vez de esperar que o filho dele crescesse. Também não sabemos por que

Deus escolheu anunciar o nascimento de Sansão à mãe do menino, e não ao pai.

A mulher descreveu a aparência espantosa do Anjo do Senhor, apesar de não reconhecê-lo completamente (13:6; cf. comentário sobre 2:1-5). Manoá sentiu o desejo de orar pedindo mais orientação acerca do modo pelo qual o casal devia criar esse filho especial (13:8). Deus ouviu sua oração, e o Anjo apareceu novamente, não a Manoá, mas à esposa dele (13:9). Mais que depressa, ela chamou o marido, e ele repetiu a pergunta que havia feito em oração (13:12), mas, em vez de responder-lhe, o Anjo apenas o lembrou das restrições a serem observadas pela mulher (13:13-14).

Como sua esposa, Manoá pensou que o Anjo era apenas um *homem de Deus* e o convidou para uma refeição (13:15). O Anjo recusou, mas sugeriu que Manoá oferecesse um holocausto (13:16). Enquanto preparava a oferta, Manoá perguntou educadamente ao “homem”: *Qual é o teu nome, para que, quando se cumprir a tua palavra, te honremos?* (13:17). Jacó havia feito a mesma pergunta ao homem desconhecido com o qual lutou, mas não recebeu resposta (Gn 32:29). Manoá, por outro lado, teve o privilégio de receber uma resposta: *Por que perguntas assim pelo meu nome, que é maravilhoso?* ou “Meu nome está além do entendimento” (NVI) (13:18; cf. Is 9:6). Assim como a cultura africana, as culturas semíticas e árabes atribuem grande importância ao nome. Um nome pode resumir o caráter, a carreira, o destino e o comportamento de uma pessoa. Esse sem dúvida é o caso aqui. O Anjo do Senhor era maravilhoso em todos os sentidos! Podia aparecer e desaparecer conforme lhe aprouvesse (13:19-20) e podia prever o futuro de uma criança que nem sequer havia sido concebida (13:5; Jr 1:5).

Quando Manoá finalmente percebeu com quem estava falando, exclamou: *Certamente, morreremos, porque vimos a Deus* (13:22). Ele estava certo, pois ninguém pode ver Deus e viver (6:23; Gn 32:30). O Anjo que o casal viu provavelmente era Cristo em sua forma pré-encarnada (cf. comentário sobre 2:1). No entanto, sua esposa demonstrou ter uma compreensão mais clara de como Deus se relaciona com os seres humanos e lhe deu três motivos pelos quais Deus não os mataria (13:23): ele havia aceitado seu sacrifício, falado com eles e lhes revelado que seriam os pais daquele que traria livramento.

### 13:24-25 O nascimento de Sansão

A palavra do Anjo do Senhor se cumpriu. A esposa de Manoá deu à luz um menino e o chamou de *Sansão*, que significa “pequeno sol” ou “esplendor” (13:24a). Talvez ela lhe tenha dado esse nome devido à alegria e ao esplendor que ele trouxe à sua vida estéril. Vemos aqui, mais uma vez, a importância de um nome.

O menino se desenvolveu normalmente, com a bênção do Senhor (13:24b; cf. Lc 2:52), e, o que é mais importante, a unção de Deus, isto é, o seu Espírito, uma característica

dos juízes e profetas, *passou a incitá-lo em Maané-Dã, entre Zorá e Estao! (13:25)*. Zorá, sua cidade natal, ficava a meio caminho entre Jerusalém e a costa do Mediterrâneo, onde habitavam os filisteus.

### 14:1-20 O início do trabalho de Sansão

O texto não informa a idade de Sansão quando ele começou a realizar seu trabalho. Como Eúde, o segundo juiz (3:12-30), Sansão era um tipo solitário. Não tinha um exército ao seu redor e iniciou sua missão de maneira extremamente incomum. Ao que parece, tinha propensão às paixões sexuais e não possuía a disciplina rígida esperada de um nazireu, comportamento que deve ter deixado seus pais bastante perplexos.

Depois de visitar *Timna*, cidade filisteia a cerca de cinco quilômetros de Zorá, Sansão exigiu que seus pais obtivessem para ele como esposa *uma mulher [...] das filhas dos filisteus* que ele havia acabado de conhecer (14:1-2). Manoá e sua esposa ficaram atônitos e suspeitaram que Deus estava envolvido nesta decisão (14:4). (Sem dúvida, neste caso Deus abriu uma exceção, pois havia proibido os israelitas de se casar com incrédulos — Dt 7:3-4.) Ao ouvirem seu pedido, os pais de Sansão lhe perguntaram: *Não há, porventura, mulher entre as filhas de teus irmãos ou entre todo o meu povo, para que vás tomar esposa dos filisteus, daqueles incircuncisos?* (14:3). O termo “incircuncisos” era uma forma depreciativa de se referir a povos considerados inferiores aos israelitas, pois estes últimos eram circuncidados.

Uma vez que não conseguiram fazer Sansão mudar de ideia, Manoá e sua esposa partiram para Timna (14:5a). A caminho da cidade, Sansão teve de se afastar deles, provavelmente para atender a uma necessidade fisiológica, quando foi atacado por um *leão novo*. Com a ajuda do Espírito que estava sobre ele, Sansão o rasgou *como quem rasga um cabrito* (14:5b-6). Então, acompanhou os pais na primeira visita aos futuros sogros (14:7).

Tudo correu bem, e o casamento foi combinado. Quando se dirigia à festa de casamento com seus pais, Sansão se deteve para ver o corpo do leão morto e tirou mel de um favo que havia dentro dele, uma transgressão ao seu voto nazireu, segundo o qual ele era proibido de ter contato com cadáveres (14:8-9). Talvez isso explique sua relutância em dizer aos pais onde havia obtido o mel.

No antigo Oriente Médio, como no Chifre da África nos dias de hoje, era comum o noivo organizar uma festa na casa da noiva (14:10; Gn 29:22). Na Etiópia, um banquete desse tipo pode estender-se por várias semanas. No caso de Sansão, porém, a festa durou apenas uma semana. Nesse período, ele desafiou um grupo de trinta filisteus com um enigma, apostando com eles *trinta camisas e trinta vestes festivas* (14:11-14a).

Apesar de todos os seus esforços, os filisteus não conseguiram resolver o enigma (14:14b). Mas, como diz o povo ioruba da Nigéria: *Bi àse gbon nine oko ni àse gbon ni ile*

*ilarina* ("Como eles são espertos do lado do noivo, somos espertos do lado da noiva". Em outras palavras, é preciso ser astuto ao negociar um lobolo ("dote"). Quando os filisteus não conseguiram resolver o enigma, ameaçaram matar a noiva se ela não descobrisse a resposta (14:15).

A técnica usada pela jovem para obter a resposta ainda é comum em nosso tempo. A exigência de uma prova de amor ou a afirmação *Tão somente me aborreces e não me amas* (14:16) é usada com frequência para manipular os incautos. Muitas moças cristãs foram seduzidas a manter relações sexuais antes do casamento por homens que pediram essa relação íntima como prova de amor. O sexo pré-marital não é uma prova de amor, e as moças devem ficar atentas quanto a enganadores que afirmam o contrário.

Por meio de sua incessante importunação, a jovem finalmente conseguiu extrair a resposta de Sansão e a transmitiu aos rapazes (14:16-17). Ao perceber que havia sido enganado, Sansão partiu da casa da noiva furioso (14:18). Uma vez que ainda precisava pagar a aposta, *desceu aos asquelonitas*, os habitantes da cidade de Asquelom, a trinta e sete quilômetros da costa do Mediterrâneo, e *matou deles trinta homens*, tirou deles as suas vestes festivas e as entregou aos rapazes. Porém, só conseguiu realizar essa façanha porque o *Espírito do SENHOR* [...] *se apossou dele* (14:19a).

Convém observar que, durante o período dos juízes, como no tempo dos profetas do AT, o Espírito Santo desempenhou um papel especial. Apesar de esse mesmo Espírito habitar nos cristãos hoje em dia (Lc 24:49; Jo 14:16-17; At 1:8; 1Co 12:13; 2Tm 1:7), seu poder não se manifesta mais dessa forma. Não estamos, com isso, negando a operação sobrenatural e miraculosa do Espírito (pois ainda vemos sinais e prodígios), nem diminuindo seu poder (pois é impossível aumentar ou diminuir seu poder), mas apenas afirmando que, em nosso tempo, ele opera de outra maneira.

Sansão voltou para casa furioso e sem sua esposa (14:19b), que, para piorar a situação, foi entregue a outro homem que havia comparecido ao casamento (14:20). Não é de surpreender que Sansão tenha se vingado.

#### 15:1-20 A vingança de Sansão

15:1-8 UM CÍRCULO VICIOSO DE RETALIAÇÃO. De acordo com uma história do folclore do oeste da África, o vizinho A quebrou os ovos postos pela galinha do vizinho B, alegando que a galinha havia derramado o leite de A. O vizinho B se lembrou, então, de que o bode do vizinho A havia comido parte do seu inhame durante a colheita, de modo que matou alguns dos bezerros do vizinho A. Então o vizinho A..., e o vizinho B... e assim por diante. O círculo vicioso de retaliação não tem fim, e todos saem perdendo.

Foi o que aconteceu com Sansão e a família de sua esposa filisteia. A tentativa de Sansão de se reconciliar desandou quando ele descobriu que a mulher havia sido entregue a outro homem (15:1-2). A oferta dos sogros de entregar a irmã mais nova era inaceitável (Lv 18:18). Assim, Sansão decidiu acertar as contas pondo fogo nas plantações de cereais, nas

vinhas e nos olivais dos filisteus, usando raposas com tochas amarradas à cauda (15:3-5), e causando grande destruição. Os filisteus retaliaram queimando a mulher e seu pai (15:6).

Ao que parece, os atos de Sansão até aqui foram localizados e envolveram principalmente sua esposa e parentes. Porém, ao queimar os campos dos filisteus, ele afetou um grupo mais amplo. A vingança contra sua esposa irou Sansão ainda mais: *E feriu-os com grande carnificina*, antes de se retirar para a *fenda da rocha de Etã*, não para se esconder, mas para descansar (15:7-8).

15:9-20 ISRAEL SOB A LIDERANÇA DE SANSÃO. A esfera de conflito se ampliou, pois, em vez de retrocederem, os filisteus invadiram Judá e atacaram Leí (15:9-10). A fim de deixar claro que o comportamento arrogante de Sansão era inaceitável, não atacaram Dã, a tribo de Sansão, mas, sim, Judá, uma tribo muito maior e mais importante em Israel. Contudo, ao fazê-lo, deram a Sansão uma plataforma nacional e arriscaram transformá-lo em herói de todo o Israel.

Surpreendentemente, os compatriotas israelitas de Sansão não se deram conta de seu potencial como libertador e apenas se curvaram à opressão dos filisteus (15:11). No entanto, reconheceram sua força, e enviaram *três mil homens de Judá* para capturá-lo. Os judaítas só foram bem-sucedidos porque Sansão se entregou depois de fazê-los prometer que eles próprios não o matariam (15:12-13). Também causa surpresa o fato de Sansão não ter assumido a liderança e mobilizado os três mil israelitas contra os filisteus, como Débora, Gideão e Jefté haviam feito.

Os homens amarraram Sansão e o levaram consigo, pretendendo entregá-lo aos filisteus. Mas, quando se aproximavam do acampamento inimigo, onde os filisteus o aguardavam ansiosos para se vingar, o Espírito de Deus se apossou de Sansão outra vez (15:14). Ele se desvencilhou com facilidade das cordas que o amarravam e *achou uma queixada de jumento, ainda fresca, à mão, e tomou-a, e feriu com ela mil homens* (15:15). Essa arma não possuía nenhuma característica mágica. Sansão poderia muito bem ter usado outro objeto, ou mesmo suas próprias mãos, como quando rasgou o leão (14:6) ou matou os trinta asquelonitas (14:19) ou os filisteus em Timna (15:8), pois o poder do Espírito estava sobre ele.

Exultante, Sansão criou uma rima para celebrar sua vitória (15:16) e lançou fora a queixada (15:17). Um gritante contraste com a atitude de muitos evangelistas, pastores e milagreiros de nossos dias, que provavelmente santificariam a queixada e, por fim, a comercializariam! Muitas vezes, os líderes se apegam às provas de determinado milagre divino realizado por intermédio deles, usam-na como trampolim no ministério e avocam a si títulos absurdos. Deus não deseja que nos apeguemos a vitórias do passado; devemos deixá-las para trás e prosseguir com as novas incumbências que o Senhor põe diante de nós.

Apesar de Sansão ter conquistado uma vitória miraculosa, ele ainda era um ser humano com necessidades humanas

e, portanto, sentiu uma sede terrível (15:18) que o levou a fazer sua primeira oração registrada nas Escrituras. É importante observar que ele não se referiu a si mesmo como um “super-homem”, mas como um *servo* de Deus. Nas palavras do apóstolo Paulo: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4:7). Não obstante o que Deus realiza por nosso intermédio, devemos sempre dar a ele toda a glória.

Sansão não podia liderar outros enquanto não reconhecesse a liderança de Deus sobre sua vida. Assim, é somente a esta altura do relato que o autor informa: *Sansão julgou a Israel, nos dias dos filisteus, vinte anos* (15:20). Mas, como as palavras “nos dias dos filisteus” indicam, Sansão não exerceu controle absoluto sobre todo o Israel. Os filisteus continuaram a ser inimigos poderosos.

### 16:1-31 A ruína de Sansão

Um popular ditado ioruba descreve bem a vida de Sansão: *Alagbara mo mero, ni baba ole* (“Um homem forte sem juízo é pai de um tolo preguiçoso”). Seria de esperar que Sansão tivesse aprendido com suas experiências e mudasse seu comportamento e estratégia em relação aos filisteus. Em vez disso, porém, ele se deixou dominar por suas paixões e perdeu o senso de direção e propósito. Não é de admirar que o NT use termos fortes para advertir contra a imoralidade sexual (cf. 1Co 6:9-10,18).

**16:1-3** NA COMPANHIA DE UMA PROSTITUTA EM GAZA. Gaza era uma fortaleza filisteia e uma cidade portuária e, portanto, tinha muitas prostitutas. Depois de sua tentativa frustrada de se casar com uma noiva filisteia, Sansão foi procurar uma prostituta (16:1), esquecendo-se de que estava na lista dos “homens mais procurados” pelos filisteus. Como diz um provérbio suaíli do leste da África, *Usiambie Hawara siri Zako* (“Nunca conte seus segredos a uma prostituta”). Não demorou a correr a notícia de que Sansão estava na cidade, e os filisteus prepararam uma armadilha para matá-lo *ao raiar do dia* (16:2). Mas Sansão levou a melhor. Levantou-se à meia-noite e realizou uma fuga dramática, usando sua força descomunal para arrancar *ambas as folhas da porta da cidade com suas ombreiras, e, juntamente com a tranca*, levou-as *sobre os ombros* quase quinhentos metros, até *ao cimo do monte que olha para Hebrom* (16:3).

**16:4-20** NO REGAÇO DE DALILA. Depois de um intervalo em suas aventuras amorosas, Sansão aparece na casa de Dalila, cujo nome significa “uma devota” (16:4). Seu nome é semita, mas no desenrolar da história fica evidente que ela é filisteia. De acordo com alguns comentaristas, Dalila talvez fosse uma mestiça filisteia-israelita, o que explicaria a confiança de Sansão. Talvez não fosse uma prostituta como a mulher em 16:1, mas seu caráter mercenário e sua crueldade mostram que ela era devassa. Apesar de o texto dizer que Sansão *se afeiçãoou* a ela (16:4), provavelmente foi apenas uma paixão passageira. Em nenhum momento, o autor afirma que Dalila amava Sansão.

O *vale de Soreque*, onde Dalila vivia, era controlado pelos filisteus. Quando souberam que Sansão frequentava aquele lugar, cinco príncipes dos filisteus se uniram numa coalizão informal na tentativa de eliminar um inimigo comum (cf. 3:3). Uma vez que haviam falhado em suas estratégias anteriores de confronto aberto e emboscada, esses líderes puseram o orgulho de lado e pediram a Dalila que lhes servisse de agente. Cada um ofereceu um pagamento de *mil e cem siclos de prata* por informações confiáveis sobre a força extraordinária de Sansão (16:5).

Dalila aceitou a oferta da soma generosa de 5.500 siclos de prata e pôs-se a trabalhar, agindo como se tudo não passasse de um jogo. Em ambiente descontraído e romântico, tentou em três ocasiões extrair de Sansão o segredo de sua força, e, das três vezes, ele mentiu (16:6-14). Mas Dalila não desistiu e, por fim, apelou para o ponto fraco de seu amante — o coração: *Como dizes que me amas, se não estás comigo o teu coração? Já três vezes zombaste de mim e ainda não me declaraste em que consiste a tua grande força* (16:15).

As palavras de Dalila deveriam ter chamado a atenção de Sansão, considerando-se o ocorrido da última vez em que uma mulher havia tentado manipulá-lo dessa forma (14:15-17). Se Sansão fosse um ioruba, poderia ter lembrado o provérbio *Ife aja-ode ati okete kodenu* (“O amor entre um cão de caça e um rato do mato não é profundo”) e fugido da casa de Dalila naquele instante. Infelizmente, porém, Sansão não foi capaz de seguir o exemplo de José (Gn 39:12; 1Co 6:18). Confortável no regaço de Dalila, acabou cedendo à insistência da amante e lhe revelou seu segredo (16:16-17).

Dalila não perdeu tempo. Assim como Jael fez Sísera adormecer (4:17-21), ela fez Sansão cair em sono profundo e chamou um homem para raspar-lhe as sete tranças da cabeça, tirando dele toda a sua força (16:19). Mais uma vez, ela o despertou com o grito que ele provavelmente imaginou fazer parte de uma brincadeira: *Os filisteus vêm sobre ti, Sansão!* (16:20). Ele acordou assustado, pensando consigo mesmo: *Sairei ainda esta vez como dantes e me livrarei*. Mas era tarde demais. Sansão não percebeu *que já o SENHOR se tinha retirado dele*. A comédia romântica havia terminado em trágica traição.

**16:21-31** NAS MÃOS DOS FILISTEUS. A primeira coisa que os filisteus fizeram ao capturar Sansão foi vazar seus olhos (16:21). O “pequeno sol” foi condenado à escuridão (cf. comentários sobre 13:24-25). É isso o que a vida de pecado faz com aqueles que creem: priva-os de todo poder, alegria e vitalidade e pode matá-los se o problema não for tratado prontamente por meio da confissão, contrição e do arrependimento (Sl 32:1-5; 66:18; 139:23-24; Is 59:1-2; Rm 6:1-14; 1Co 10:1-14).

Os filisteus amarraram Sansão, levaram-no para Gaza e o forçaram a moer cereais na prisão. O texto não diz por quanto tempo ele teve de suportar esse tormento, mas foi o suficiente para seu cabelo voltar a crescer (16:22). Vemos aqui um sinal da misericórdia de Deus, pois o Senhor começou a prepará-lo para o confronto final com os filisteus.



A última cena poderia ser descrita poeticamente como a batalha final entre Javé e Dagom. Todos os líderes filisteus e cerca de três mil espectadores de ambos os sexos se reuniram em um grande templo para oferecer um sacrifício ao deus Dagom. O banquete foi animado, e todos estavam bêbados quando mandaram vir Sansão para entreter-los com sua força extraordinária e servir de alvo de escárnio (16:25). O povo se aglomerou no telhado a fim de ver melhor a apresentação, enquanto seus líderes provavelmente tinham uma vista privilegiada de dentro do templo.

Por fim, a pedido de Sansão, um moço o colocou entre as duas colunas principais que sustentavam o teto do templo filisteu (16:26). Uma vez posicionado, Sansão dirigiu silenciosamente a Deus sua segunda oração registrada em Juízes (16:28,30a; cf. 5:18), suplicando por forças para se vingar e pedindo para morrer com os filisteus. Deus respondeu às duas petições: *E [Sansão] inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela estava; e foram mais os que matou na sua morte do que os que matara na sua vida* (16:30b).

Não é raro alguém perguntar: Sansão cumpriu a missão anunciada antes do seu nascimento (13:5)? Algumas pessoas responderiam “sim”; outras, “não”. A meu ver, a resposta é “em parte”. Durante vinte anos, ele proporcionou algum alívio a Israel, mas não livrou o povo completamente da opressão dos filisteus. Depois das vitórias de Otniel (3:11), Eúde (3:30), Débora (5:31) e Gideão (8:28), diz-se que houve paz na terra, mas o mandato de vinte anos de Sansão não é descrito como um período pacífico. Ele foi o único juiz que morreu nas mãos do inimigo. Não obstante, julgou sobre Israel e, para surpresa de muitos, é listado entre os heróis da fé em Hebreus 11:32.

### 17:1—21:25 Epílogo: apostasia, atrocidade, anarquia

A história dos juízes propriamente dita, registrada no livro de Juízes, termina com o relato sobre Sansão no capítulo 16, e é retomada no relato sobre Samuel, o último juiz antes do início da monarquia.

Os últimos cinco capítulos de Juízes (17—21) e o livro de Rute narram diversos acontecimentos ocorridos durante o período de mais de trezentos anos entre a morte de Josué e a coroação de Saul. Estes acontecimentos não se encontram em ordem cronológica, mas permitem ao leitor compreender melhor a vida em Israel durante o período dos juízes.

Em seu livro *The Trouble with Nigeria* [O problema da Nigéria (1983)], Chinua Achebe escreve: “O problema da Nigéria é simples e claro: uma liderança deficiente. Não há nada de errado com o solo, a água ou o ar. O problema é a falta de disposição ou capacidade de seus líderes de assumir a responsabilidade e enfrentar o desafio de ser um exemplo pessoal, a marca da verdadeira liderança”. O escritor de Juízes chega à mesma conclusão infeliz e declara

repetidamente nestes capítulos: “Naqueles dias, não havia rei em Israel” (17:6; 18:1; 19:1; 21:25).

### 17:1—18:31 Apostasia religiosa

#### 17:1-6 A idolatria de Mica

A história de Mica se passa na *região montanhosa de Efraim* (17:1a), região proeminente nos relatos de Juízes (7:24—8:3; 12:1-6). *Mil e cem siclos de prata* haviam sido roubados da mãe de Mica pelo seu próprio filho (17:1b). Temendo a maldição lançada por ela sobre o ladrão, Mica confessou e devolveu o dinheiro, e sua mãe anulou a maldição com uma bênção: *Bendito do SENHOR seja meu filho!* (17:2).

A mãe consagrou o dinheiro ao Senhor em nome de Mica e ordenou que se confeccionasse para ele *uma imagem de escultura e uma de fundição*. Ambas foram feitas por um ourives, um artífice que fazia ídolos (Is 40:19; Jr 10:9; At 19:24), e colocadas na *casa de Mica* (17:4). Mica separou para elas um cômodo especial, ao qual chamou *casa de deuses* e onde também colocou *uma estola sacerdotal* (usada para adivinhação) e outros *ídolos do lar* (17:5a). Ao adotar tais práticas, Mica e sua mãe transgrediram o segundo mandamento, que afirma categoricamente: “Não farás para ti imagem de escultura” (Êx 20:4; Dt 5:8; 13:1-18). Ademais, ao consagrar um de seus filhos para a função de sacerdote (17:5b), Mica desobedeceu à ordem de Deus para que o culto fosse centralizado (Dt 12). Em vez de ir até os sacerdotes em Siló, Mica privatizou sua religião. Mas como dá a entender a declaração *Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que achava mais reto* (17:6), esse desvio das normas de conduta contidas nos Dez Mandamentos e nos estatutos não era incomum.

#### 17:7-13 O sacerdote particular de Mica

Mica encontrou *um moço [...] que era levita* itinerante, originário de *Belém de Judá* (17:7-8), que não era uma das quarenta e oito cidades entregues aos levitas. Uma vez que levitas podiam associar-se a outras tribos em Israel pelo casamento, é possível que a mãe do levita pertencesse à tribo de Judá, o que explicaria o fato de ele viver em Belém. Como não fazia parte do sistema oficial dos levitas, cujas necessidades eram supridas com dízimos e ofertas, esse rapaz teve de procurar um modo de sobreviver.

Inúmeros pastores, evangelistas, profetas e outros obreiros cristãos da África de nossos dias se encontram em situação semelhante à desse jovem. Muitos que são chamados para o ministério e, por vezes, até ordenados, precisam buscar outras fontes de renda fora do sistema denominacional e correm o risco de optar por uma abordagem comercial em relação ao seu chamado, como fez o levita. O levita deixou de servir ao Senhor e se tornou um funcionário de Mica, pois aceitou sua oferta: *Fica comigo e sê-me por pai e sacerdote; e cada ano te darei dez siclos de prata, o vestuário e o sustento* (17:10). Esta comercialização do

sacerdócio é antibíblica e errada. (É importante observar que o comportamento do levita não deve ser confundido com um cristão que se sustenta trabalhando para uma organização cristã.)

Mica também errou ao consagrar o levita como seu sacerdote particular, pois os sacerdotes e levitas deviam fazer parte de dois grupos distintos (17:12; cf. Nm 8:5-26; 18:1-7). Mas, quando conseguiu colocar no lugar de seu filho (17:5) alguém que, a seu ver, era um “sacerdote de verdade”, Mica esperou, supersticiosamente, receber a bênção de Deus (17:13).

Mica não é um caso único, pois muitas pessoas acreditam ser capazes de manipular Deus e receber sua bênção pelo uso de determinados objetos ou pela associação a certos tipos de indivíduos. Crenças sincréticas como as de Mica podem ser encontradas por todo continente africano e, como Mica, quem as adota incorre em erro.

### 18:1-31 A migração dos danitas para Laís

A tribo de Dã levou algum tempo para se assentar na terra prometida. A migração registrada aqui também é relatada em Josué 19:47, em que Laís é chamada de Lesém. De acordo com Juízes 1:34, os danitas tiveram de procurar outro lugar para se assentar, pois os amorreus os impediram de ocupar o vale fértil que havia sido entregue à tribo de Dã como herança na divisão da terra prometida.

18:1-6 OS DANITAS PROCURAM TERRAS. Sansão, o décimo segundo juiz, era um danita de Zorá (13:1-5). A tribo se tornou grande demais para o território recebido na divisão feita por Josué e começou a sofrer pressão dos amorreus e dos filisteus. Assim, alguns danitas decidiram deixar a região próxima à rota comercial de Zorá e de Estaol e se mudar para o interior de Canaã. Uma delegação de cinco homens foi enviada para *espionar e explorar a terra* (18:2). Ao viajar para o norte, atravessando a região montanhosa de Efraim, esses homens chegaram à casa de Mica, onde encontraram o levita que estava fazendo as vezes de sacerdote. Depois de um breve diálogo com o moço, os danitas pediram-lhe que descobrisse se sua missão seria bem-sucedida (18:3-5). Ele lhes garantiu que sim, usando o nome de Deus para conferir credibilidade às suas palavras (18:6).

18:7-10 ESPÍAS DANITAS CHEGAM A LAÍS. Laís era uma pequena colônia de Sidom na parte superior do vale do Jordão, uma cidade isolada, segura e autossuficiente. Aos olhos dos espías, esse lugar próspero era perfeito para sua tribo (18:7). Uma vez que não esperava nenhum ataque, o povo de Laís se encontrava vulnerável a agressores externos. Os espías não puderam conter sua empolgação; concluíram que Deus lhes tinha dado aquela terra e expressaram essa conclusão em seu relatório (18:9-10).

O povo de Laís nos lembra de que não devemos nos deixar levar por uma sensação de segurança enganosa quando vivemos em isolamento e neutralidade numa ilha de abundância, cercados de pessoas pobres, sem terras e oprimidas.

18:11-29 INVASÃO E OCUPAÇÃO DE LAÍS. Ao receber o relatório dos espías, os danitas partiram imediatamente, enviando à frente seiscentos soldados com suas armas de guerra (18:11-13). Ao passar pela casa de Mica, os danitas levaram tudo o que havia em seu santuário e ordenaram que seu levita particular os acompanhasse (18:19). A princípio, ele resistiu, mas foi vencido pela lógica dos danitas: *Ser-te-á melhor seres sacerdote da casa de um só homem do que seres sacerdote de uma tribo e de uma família em Israel?* (18:14-19). Tendo em vista a motivação comercial de seu ministério, não é de surpreender que tenha aceitado a oferta prontamente (18:20). A resistência de Mica foi quebrada com uma demonstração de força, pois os danitas ameaçaram matá-lo e a todos de sua casa se ele voltasse a objetar (18:22-26).

Não havia justiça na terra. Os ricos e poderosos agiam com impunidade (como fazem as superpotências de nossos dias). Ninguém tomava partido dos mais vulneráveis nem defendia seus direitos. Como não havia rei em Israel, cada um fazia o que bem entendia! A situação não era muito diferente da que vemos na África neocolonial.

Ao chegar a Laís, os danitas encontraram um povo pacífico e ingênuo que praticamente não ofereceu resistência. Foi uma vitória fácil: *E os feriram a fio de espada, e queimaram a cidade [...] Reedificaram a cidade, habitaram nela e lhe chamaram Dã, segundo o nome de Dã, seu pai* (18:27-29).

Ao ler este texto, é impossível não lembrar a colonização da África no final do século XIX. Em algumas regiões, o processo foi violento e desumano, enquanto, em outras, os colonizadores se mostraram mais humanos e o progressistas. Os efeitos dessas duas abordagens à colonização ainda podem ser sentidos em nosso continente no século XXI.

18:30-31 OS DANITAS SE ENTREGAM À IDOLATRIA. Depois de reconstruir Laís e dar-lhe o nome de Dã, a próxima medida estratégica tomada pelos danitas foi estabelecer um local de culto usando os ídolos que haviam tirado da casa de Mica. A fim de obter credibilidade e reconhecimento, os danitas convidaram Jônatas, neto de Moisés, para ser seu primeiro sacerdote. Seus descendentes foram sacerdotes da tribo de Dã até ao dia do cativo do povo (18:30-31: 1Sm 4:11). Para alguns comentaristas, esse Jônatas é o mesmo rapaz que se tornou sacerdote particular de Mica, mas o texto não sugere isso. Provavelmente se tratava de outra pessoa, pois um sacerdote de Mica era um levita, e não um sacerdote segundo a lei mosaica, enquanto Jônatas era da principal família sacerdotal.

Esse santuário, que começou como um centro de adoração tribal na extremidade norte da terra, recebeu prestígio nacional no reinado de Jeroboão I, que escolheu Dã para abrigar um dos dois santuários nacionais do Reino do Norte (1Rs 12:28-30).

A declaração final ressalta o afastamento dos danitas do culto centralizado em Siló e seu envolvimento com a idolatria (18:31).

### 19:1-30 Atrocidade moral

Os três últimos capítulos do livro de Juízes registram acontecimentos relacionados a um levita e sua concubina. O que começou como um conflito doméstico terminou em tragédia nacional. Séculos depois, esse caso foi usado como exemplo de perversidade e corrupção moral nacional (Os 9:9; 10:9).

#### 19:1-10 *Um levita e sua concubina*

O fato de um levita ter uma concubina (uma mulher que vivia legalmente com ele, mas cuja condição era considerada inferior à da esposa) reflete um rebaixamento do padrão estabelecido por Deus para a vida conjugal dos levitas (cf. Lv 21:7,13-15; Ez 44:22). Para piorar a situação, a mulher *aborrecendo-se dele, o deixou e tornou para a casa de seu pai* (19:2). A expressão “aborrecendo-se dele” também pode ser traduzida por “lhe foi infiel” (NVI). Em vez de tomar a medida prescrita pela lei, a saber, o divórcio (Dt 24:1), o levita a seguiu até a casa do pai dela em Belém, no território de Judá, e conseguiu persuadi-la a voltar com ele (19:3-4). O levita e seu sogro desenvolveram um relacionamento cordial, e o casal só partiu no quinto dia (19:5-10). A decisão de sair de Belém tão tarde foi imprudente, pois obrigou os viajantes a pernoitar em algum lugar antes de chegar ao destino final.

#### 19:11-28 *A concubina do levita é estuprada e morta*

Quando o levita, a concubina e o servo com seus dois jumentos se aproximaram de Jebus (Jerusalém — 19:10), a cerca de dez quilômetros de Belém, o servo sugeriu: *Caminhais, agora, e retiremo-nos a esta cidade dos jebuseus e passemos ali a noite* (19:11). Este comentário e a resposta subsequente confirmam que Jerusalém ainda estava nas mãos dos jebuseus quando este incidente ocorreu (1:21). Influenciado pelo medo de estrangeiros desconhecidos, o levita resistiu ao conselho do servo e viajou mais sete quilômetros até *Gibeá* (19:12), cidade benjamita. Infelizmente, seus compatriotas israelitas se mostraram descorteses e pouco hospitaleiros.

Em circunstâncias normais, era perigoso para qualquer viajante passar a noite na praça da cidade, mas o levita parecia não ter outra opção, pois ninguém se havia oferecido para hospedá-lo (19:15). Porém, um israelita que não era da tribo de Benjamim, *um homem velho [...] da região montanhosa de Efraim*, parou na praça e conversou com o levita (19:16-17). Ao descobrir de onde os viajantes eram e para onde estavam indo, ele os recebeu em sua casa. Apesar de o levita e seus acompanhantes estarem preparados para passar a noite na praça (*de coisa nenhuma há falta* — 19:19), o velho não permitiu que lhe negassem o privilégio de acolhê-los em seu lar. É provável que soubesse do comportamento de alguns habitantes da cidade, pois advertiu: *Tão somente não passes a noite na praça* (19:20). O levita aceitou o convite, e todos tiveram uma noite agradável, comendo, bebendo e, provavelmente, conversando, pois o levita era da mesma região de Efraim que o velho (19:21,18).

A recepção calorosa desse homem traz à memória a hospitalidade tradicional dos lares africanos, onde era comum compartilhar uma refeição com visitantes ou pessoas que estivessem de passagem pelas redondezas e chegassem sem avisar.

Infelizmente, os momentos agradáveis duraram pouco, pois alguns homens perversos da cidade cercaram a casa e exigiram manter relações sexuais com o levita. Ao que parece, a homossexualidade era comum entre os cananeus, mas Deus proibiu essa prática expressamente: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação” (Lv 18:22). Esse pecado é chamado de “sodomia” devido a práticas semelhantes comuns na cidade de Sodoma que, juntamente com Gomorra, foi destruída por causa de sua perversidade, exemplificada pelo episódio descrito em Gênesis 19:1-8.

A atrocidade moral dessa época fica ainda mais evidente quando, na tentativa de proteger o hóspede, o velho oferece sua filha virgem e a concubina do levita para serem usadas pelos homens perversos como lhes aprouvesse (19:23-24). Em vez de agir como homens honrados defendendo as mulheres e lutando contra os atacantes, os dois covardes ficaram dentro de casa enquanto a concubina era estuprada. Nossa revolta diante dessa decadência moral e perversão sexual é justificada.

O texto não especifica quantos homens atacaram a concubina, mas diz que *eles a forçaram e abusaram dela toda a noite* (19:25), e, conseqüentemente, pela manhã ela estava morta (19:26-28).

#### 19:29-30 *A concubina do levita é desmembrada*

Essa história repulsiva apresenta vários elementos chocantes, a começar pela falta de hospitalidade para com um compatriota israelita (19:15), seguida de uma tentativa de sodomia (19:22). Também causa espanto a atitude do velho ao oferecer sua filha virgem para ser abusada (19:24) — apesar de, no fim das contas, ela provavelmente ter sido poupada — e, obviamente, o estupro e a morte da concubina (19:25). Porém, o que provocou mais repercussões foi o gesto do levita ao desmembrar sua concubina morta em doze partes, uma para cada tribo israelita, e distribuí-las pelas regiões de Israel como uma convocação (19:29; cf. 1Sm 11:6-7). É possível que, diante da falta de um governo central e de juízes, o levita tenha considerado que esse ato repulsivo seria a única forma de obrigar as outras tribos a tomar uma providência. Sua tática funcionou, pois chamou a atenção de todos (19:30) e levou a nação inteira a reagir: “Todo povo se levantou como um só homem” (20:1,8,11). Somente os benjamitas não se manifestaram (20:3). Talvez a tribo a qual pertenciam os criminosos não tenha recebido nenhuma parte do corpo da concubina e duas partes tenham sido enviadas à tribo de Manassés, uma para os habitantes a leste do Jordão e outra para os habitantes a oeste do rio.

**20:1—21:25 Anarquia política**

Apesar de o período de juizes ter sido marcado por apostasia religiosa, atrocidade moral e anarquia política, ainda

havia uma noção geral de justiça e unidade nacional, e os israelitas mantiveram sua identidade como povo resgatado da terra do Egito (19:30).

**TRIBALISMO, ETNICIDADE E RAÇA**

A raça pode ser considerada simplesmente um fenômeno biológico em razão do qual a aparência de uma pessoa da Nigéria é bastante distinta da aparência de alguém da França ou China. Mas os conceitos culturais de raça vão muito além destas diferenças superficiais. Quando falamos da raça de uma pessoa, muitas vezes estamos colocando-a em determinadas categorias com base em suas relações sociais, ou seja, a quem ela se associa, e em sua condição econômica.

As tentativas de categorizar e separar pessoas de raças diferentes conduzem, inevitavelmente, ao racismo, pois incentivam a estereotipagem e os esforços para provar que o próprio grupo é superior a todos os outros. Observamos, portanto, que o racismo lança mão do mesmo tipo de vocabulário usado para promover o nacionalismo, referindo-se a “sangue”, “terra”, “nossas raízes”, “nossa identidade” e “nossa pátria”. Surgem, então, as frases feitas estereotípicas: “Os brancos não têm alma”; “A civilização vem do Ocidente”; “Os negros são exigentes demais”, e assim por diante. O racismo expresso dessa forma nos jornais e nas conversas diárias torna-se parte de nosso modo de pensar e, por vezes, estimula confrontos sangrentos dentro de comunidades multirraciais.

A raça é uma forma extremamente ampla de classificar as pessoas, mas também existem categorias menores, como grupos étnicos e tribos. O termo “étnico” vem do grego *ethnos*, que significa “nação” ou “povo”. Um grupo étnico possui uma tradição nacional ou cultural comum e, normalmente, fala a mesma língua. Uma tribo numerosa pode ser idêntica a um grupo étnico, mas, em muitos casos, uma tribo é um agrupamento familiar menor dentro do grupo étnico. Seus membros são ligados por laços de sangue reais ou imaginários que remetem a um mesmo antepassado e região geográfica, e também por fatores linguísticos, políticos e sociais comuns.

Os membros de uma tribo têm o direito de esperar a proteção desse grupo. Também devem considerar-se ligados aos outros membros por uma rede de responsabilidades dentro da qual os membros trabalham juntos, ajudando uns aos outros e dividindo seus recursos.

Pertencer a uma tribo proporciona vários benefícios, e não há nada de errado em reconhecer que fazemos parte de diferentes raças, grupos étnicos e tribos. O perigo reside na extrapolação desse reconhecimento e adoção de atitudes racistas, etnocêntricas ou tribalistas resultantes da presença do pecado no mundo que afeta todas as civilizações e estruturas sociais (Jr 17:9-10; Mc 7:21-22). O pecado pode distorcer o forte senso de comunidade

decorrente do relacionamento tribal e produzir o efeito negativo de reduzir a percepção da responsabilidade e do valor individual. Mas a Bíblia enfatiza que todo ser humano tem valor intrínseco e responsabilidade pessoal diante de Deus.

Há quem distorça a proteção oferecida por uma tribo, transformando-a em nepotismo e outras formas de favoritismo. Distorções desse tipo também ocorrem quando, para proteger o próprio grupo, a pessoa despreza outros grupos e até recorre à violência contra eles.

Infelizmente, os problemas tribais e étnicos estão presentes nas igrejas africanas. Historicamente, isso se deve, em parte, à tendência de organizações missionárias trabalharem em determinadas regiões ou focalizarem determinados grupos linguísticos. Quando uma missão trabalha quase exclusivamente com um único grupo étnico, acaba fundando uma igreja étnica, constituída de uma grande maioria de cristãos de uma única etnia.

Além de as denominações e os grupos religiosos tenderem ao regionalismo, cada um também tem suas próprias doutrinas, seu conceito de governo eclesiástico, da divisão de responsabilidades e das formas de exercer poder. Esta característica do protestantismo africano, em conjunção com as realidades linguísticas do continente, serviu para reforçar as diferenças entre grupos, quer estas sejam de ordem institucional ou organizacional, quer se manifestem no ministério pastoral, na ênfase acadêmica, nas obras de caridade ou na ação social. Precisamos resgatar com urgência a união que Cristo pediu ao Pai em sua oração sacerdotal (Jo 17:20-23).

A Bíblia insiste na origem divina de todas as raças, pois somos todos descendentes de nossos primeiros pais, Adão e Eva (1:28; At 17:26-28). Ao mesmo tempo, reconhece as diferenças representadas pelas categorias sociológicas de raças, pois divide o mundo em judeus e não-judeus, isto é, gentios. No entanto, o NT enfatiza a igualdade e união conferidas por Cristo. Em Cristo, a Igreja é uma comunidade constituída de pessoas de todas as raças, estilos de vida e condições sociais (Gl 3:28-29). Os membros da Igreja formam uma única família, não obstante sua raça, grupo étnico ou tribo (Ef 2:14-19). Todos aqueles que fazem parte da Igreja se regozijam por serem “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2:9). A visão de João da diversidade cultural e da multiplicidade de povos ao redor do trono do Cordeiro é prova suficiente da insensatez e pecaminosidade do tribalismo, do etnocentrismo e do racismo (Ap 7:9-10).

Rubin Pohor

### 20:1-7 A convocação de uma assembleia nacional

Diante de uma crise decorrente não de um ataque externo, mas de uma tragédia interna, líderes de onze tribos se reuniram em Mispa, vindos de todo o Israel, *desde Dã até Berseba*, ou seja, do extremo norte ao extremo sul do país (20:1; 1Sm 3:20; 2Sm 3:10). O autor de Juízes, que provavelmente escreveu no tempo da monarquia (cf. introd. a esse comentário), pode ter usado essa expressão comum mesmo que a cidade de Dã ainda não tivesse sido fundada quando esses acontecimentos ocorreram (18:11).

A presença de *quatrocentos mil homens de pé, que puxavam da espada* (20:2) na assembleia mostra que as onze tribos estavam preparadas para guerrear contra Benjamim caso uma solução política não fosse encontrada. Ao que parece, os benjamitas não haviam sido convocados para a assembleia (20:3,12).

O levita que havia usado uma tática de choque para reunir a assembleia (19:29-30) relatou o caso de forma clara e convincente (20:4-6) e, no final, exigiu um veredicto (20:7).

### 20:8-15 A reação unânime à atrocidade

Os israelitas se mostraram unânimes em sua repulsa e ira diante do estupro e morte da mulher e também no compromisso de castigar os responsáveis (20:8,11). Primeiro, criaram um plano para providenciar mantimentos aos soldados no caso de uma guerra — um a cada dez forneceria alimento aos nove que fossem à batalha (20:9-10). E, em seguida, escolheram enviados para ir a todo o território ocupado pela tribo de Benjamim e exigir que se tomasse alguma providência em relação ao crime hediondo (20:12), na esperança de não haver necessidade de lutar contra seus próprios compatriotas. Seu desejo era apenas castigar os estupradores e remover o mal de Israel (20:13a; Dt 13:5; 17:7; 19:19-20).

Infelizmente, *Benjamim não quis ouvir a voz de seus irmãos* (20:13b). Em vez de entregar os homens perversos de Gibeá que haviam cometido o crime, seu orgulho tribal os levou a mobilizar um exército de 26.700 homens e se reunir em Gibeá para lutar contra seus irmãos israelitas (20:14-15). Muitas nações africanas, como Uganda, Sudão, Somália e Costa do Marfim, sofreram com guerras civis durante anos, simplesmente porque seus líderes não conseguiram negociar e encontrar uma solução política, um “toma lá, dá cá”. A oferta de paz foi rejeitada, e os benjamitas se prepararam para lutar.

### 20:16-46 A guerra contra os benjamitas

Ao que parece, os benjamitas confiaram excessivamente na destreza de seus soldados de elite armados com fundas quando seu pequeno exército de pouco mais de vinte e seis mil homens enfrentou um exército de quatrocentos mil homens (20:16-17). O texto não diz que oraram a Deus. As tropas da coalizão israelita, por outro lado, consultaram ao Senhor antes desse confronto (20:18) e em outras duas ocasiões dessa história (20:1,28).

A oração expressa nossa dependência de Deus. Infelizmente, muitos cristãos só oram quando outros recursos falharam. Como diz o provérbio, isso é o mesmo que “tomar remédio depois de morto”. O momento mais apropriado para orar é antes do acontecimento, mas não devemos supor que a oração é uma garantia de sucesso. Deus é soberano e responde a nossas orações como lhe apraz. Neste caso, a resposta trouxe derrota para os israelitas. Vinte e dois mil homens foram mortos no primeiro dia (20:19-21).

Quando fracassamos depois de orar e fazer tudo o que podíamos, não devemos desanimar e amaldiçoar Deus, como muitas pessoas fazem. Podemos aprender com os israelitas: *Porém se animou o povo dos homens de Israel e tornaram a ordenar-se para a peleja*, mas também voltaram a Deus e *choraram perante o SENHOR* (20:22-23). Mudaram a pergunta feita para Deus de: *Quem dentre nós subirá, primeiro, a pelejar contra Benjamim?* (20:18), indicando certa presunção, para: *Tornaremos a pelejar contra os filhos de Benjamim [...]?* (20:23). Ainda assim, foram derrotados na segunda batalha e perderam dezoito mil homens (20:25).

Essa sequência de derrotas deveria ter desmoralizado os israelitas, mas, em vez de se deixarem abater, subiram a Betel, um importante centro religioso desde o tempo de Jacó (Gn 28:10-22; 35:7,15). Nesse local, Jeroboão I estabeleceria o segundo santuário nacional do Reino do Norte (1Rs 12:28-30). Desta vez, os israelitas acrescentaram duas disciplinas religiosas às suas orações: jejuaram o dia todo e apresentaram holocaustos e ofertas pacíficas ao Senhor (20:26-27). Por meio do jejum, eles se humilharam diante de Deus (2Cr 7:14; Jl 1:14) e, por meio das ofertas, arrependeram-se de seus pecados e restauraram a comunhão com Deus (Lv 1:3-17; 6:8-13; 7:11-21). O NT ensina e incentiva a prática do jejum (Mt 4:1-2; 6:16-18), enquanto o arrependimento e a restauração se dão por meio da confissão e da fé (1Jo 1:5—2:2).

A presença da arca da aliança em Betel, e não em seu lugar fixo em Siló, e a menção de Fineias como o sacerdote que ministrava na época (20:27-28; Js 22:13) indicam que os acontecimentos descritos nesse capítulo ocorreram no início do período dos juízes.

Temendo ser presunçosos, mesmo depois de terem cumprido todos os seus deveres religiosos, os israelitas perguntaram novamente a Deus: *Tornaremos a sair ainda a pelejar contra os filhos de Benjamim, nosso irmão, ou desistiremos?* (20:28). A resposta de Deus é mais categórica do que antes: *Subi, que amanhã eu os entregarei nas vossas mãos*. Essa é a primeira vez que Deus promete vitória, uma promessa que ele cumpriu.

No confronto seguinte, os israelitas adotaram uma estratégia diferente, aquela que Deus havia instruído Josué a usar em sua batalha contra Ai (Js 8). No terceiro dia, *Israel pôs emboscadas em redor de Gibeá* (20:29). Seu ataque aos benjamitas pareceu seguir o mesmo padrão dos dois ataques anteriores, mas desta vez os israelitas recuaram, perdendo

apenas cerca de trinta soldados (20:30-32,39). Quando os benjamitas os perseguiram, outro grupo atacou e tomou a cidade de Gibeá e a incendiou (20:33-34,37-38). Ao ver a fumaça subindo da cidade, os israelitas pararam de fingir que estavam recuando e atacaram os benjamitas com força total (20:40-41). Os benjamitas se viram presos, pois atrás deles estava sua cidade em chamas e, diante deles, as espadas dos soldados de Israel. Apavorados, eles se separaram e fugiram, com os israelitas vitoriosos em seu encalço (20:41b-45).

O escritor não deixa dúvidas: foi o *SENHOR* quem deu a vitória (20:35). Com a ajuda de Deus, os israelitas derrotaram os benjamitas, a justiça foi preservada e o mal foi removido de Israel, ainda que à custa da vida de soldados de ambos os lados e da destruição de bens. Além dos israelitas que morreram nas duas primeiras batalhas, 25.100 foram mortos (20:35,46 — o último versículo não fornece um número exato, mas arredondado).

### 20:47—21:12 Lamentação pela tribo extinta

O extermínio dos homens benjamitas na batalha foi seguido da destruição de todas as suas cidades (20:48). Apenas *seiscentos homens* da tribo sobreviveram, pois se esconderam na *penha de Rimom* (20:47). O número de benjamitas era semelhante ao de guerreiros danitas em 18:11-31, mas os danitas tinham mulher e filhos, enquanto os benjamitas haviam perdido suas famílias. Além disso, os israelitas haviam jurado em Mispa que não dariam suas filhas em casamento a homens de Benjamim (21:1). Assim, a tribo estava condenada à extinção.

Ao se dar conta desse fato, o povo de Israel chorou amargamente pela perda de uma das suas tribos (21:2-3) e foi confrontado com as consequências de seus votos insensatos e da vingança desenfreada. Mais uma vez, os israelitas se reuniram para orar e oferecer sacrifícios (21:4) e começaram a pensar em maneiras de obter esposas para os benjamitas restantes sem quebrar diretamente o voto que haviam feito (21:6-7).

Durante a discussão desse dilema, surgiu uma possibilidade: de acordo com seu juramento em Mispa, quem não tivesse atendido à convocação para a assembleia devia ser morto (21:5). Uma investigação revelou que ninguém de *Jabes-Gileade* viera ao acampamento, à assembleia (21:8-9). Essa constatação justificou o envio de doze mil soldados para matar todos os homens de Gileade e também todas as mulheres que não fossem virgens, e capturar as virgens com vida (21:10-11). Apesar de a missão ter sido bem-sucedida, só foi possível reunir quatrocentas virgens, faltando ainda duzentas (21:12) para completar o número de esposas necessárias para os seiscentos benjamitas.

### 21:13-25 A reconstituição da tribo de Benjamim

Depois de tomar as quatrocentas virgens de Jabes-Gileade, os israelitas enviaram uma oferta de paz aos seiscentos benjamitas escondidos na penha de Rimom (21:13). A oferta foi aceita, e as quatrocentas jovens foram entregues aos homens

de Benjamim, mas ainda era preciso encontrar esposas para os duzentos homens restantes (21:14). Mais uma vez, os israelitas traçaram um plano (21:15-22), e, com a aprovação dos anciãos, os benjamitas raptaram moças na Festa dos Tabernáculos, comemorada anualmente em Siló: *Levaram mulheres conforme o número deles, das que arrebataram das rodas que dançavam* (21:23a). Uma vez que as moças foram raptadas, teoricamente, ninguém havia quebrado o voto entregando sua filha a um benjamita. *Voltaram à sua herança, reedificaram as cidades e habitaram nelas* (21:23b). A tribo sobreviveria.

Alguns aspectos desse relato triste são bastante instrutivos. Em primeiro lugar, vemos a preocupação e o cuidado dos israelitas com os benjamitas que sobreviveram. O escritor diz que *O povo teve compaixão de Benjamim* (21:15). Ter compaixão é muito mais eficaz do que culpar outras pessoas. Em segundo lugar, a fim de resolver um problema, talvez seja necessário abordá-lo por outro ângulo, como os israelitas fizeram para solucionar o dilema sem quebrar o voto. Ao tratar de conflitos, é necessário não apenas usar de sabedoria, mas também considerar medidas alternativas que, inicialmente, talvez não sejam óbvias. Em terceiro lugar, vemos a colaboração de toda a comunidade nesse esforço de reconstituir Benjamim (21:23). Ao que parece, a reconstrução das casas e infraestrutura essencial da comunidade benjamita foi realizada de forma cooperativa, e não individual. Assim, das cinzas da destruição desenvolveu-se uma nova comunidade cheia de vigor. Saul, filho de Quis, o primeiro rei de Israel, viria da tribo de Benjamim (1Sm 9—10).

Contudo, esse relato também apresenta vários exemplos negativos. A solução encontrada pelos israelitas respeitou o princípio segundo o qual o casamento é a união de um homem com uma mulher (21:23; Gn 2:24; Mt 19:5), mas, no plano de Deus para o casamento, a mulher não devia ser tratada como um objeto e manipulada pelos homens, sem voz nem voto quanto ao seu destino. No entanto, é desse modo que muitas mulheres africanas são tratadas por homens para os quais elas existem apenas para satisfazer suas necessidades sexuais e cuidar do lar. Essa atitude estimula comportamentos abusivos e não desenvolve a união alicerçada no amor, respeito e apoio mútuo que exemplifica a relação de Cristo com sua Igreja (Ef 5:22-23).

Tendo em vista o relato sórdido que encerra o livro de Juízes, não é de admirar que o versículo final repita as palavras de condenação: *Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto* (21:25).

Tokunboh Adeyemo

### Leituras adicionais

CUNDALL, Arthur e Leon Morris. *Judges and Ruth*. TOT. Downers Grove: InterVarsity Press, 1981.

DAVIS, Dale Ralph. *Judges: Such a Great Salvation*. FOB. Fearn, Ross-shire: Christian Focus Publications, 2000.

WILCOCK, Michael. *The Message of Judges*. BST. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993.

# RUTE

Além de narrar uma boa história, Rute contém também instrução moral acerca de Deus e da capacidade das mulheres de superar dificuldades por meio do trabalho solidário. Apesar de ter sido escrita numa sociedade patriarcal (i. e., predominantemente masculina), a narrativa retrata mulheres usando as estruturas patriarcais em benefício próprio na luta pela sobrevivência.

Neste comentário, focalizarei os conceitos relacionais que apresentam implicações importantes para os relacionamentos na África moderna. Trataremos da relação entre mulheres, entre homens e mulheres, e entre uma mulher estrangeira e Davi, o rei de Israel.

Como o estilo da narração deixa claro, essa é uma história que já existia na forma oral antes de ser escrita. O final de cada capítulo, por exemplo, introduz o que será tratado no capítulo seguinte, gerando expectativa nos ouvintes. Essa origem na tradição oral é um dos motivos pelos quais a história de Rute desperta interesse na sociedade africana, cuja prática de contar histórias oralmente é uma conhecida forma de comunicação.

Alguns estudiosos argumentam que a história de Rute não é baseada em acontecimentos históricos, pois os nomes das personagens correspondem aos seus atos ou caráter. *Malom* significa “enfermidade”; *Quiliom*, “fracasso”; *Orfa*, “aquela que volta”; *Noemi*, “doçura”; *Boaz*, “nele há força”; e *Rute*, “amizade ou companheirismo feminino”. Para os africanos, esse argumento não é convincente, pois estamos acostumados a associar os nomes de crianças a acontecimentos da época de seu nascimento. Uma de minhas irmãs se chama Manzunzo (sofrimento), pois nasceu dois meses depois que nosso pai faleceu.

## Autor

Não sabemos quem escreveu o livro de Rute. Alguns estudiosos da Bíblia sugerem que o texto pode ter sido escrito por uma mulher, pois apresenta personagens femininas de maneira incomum na sociedade patriarcal judaica. O título do livro é o nome de uma mulher, e seu relato traz experiências e iniciativas de duas mulheres. Além de Rute, o único livro da Bíblia hebraica com o nome de uma mulher é Ester. Também chama a atenção o fato de Rute ser o único livro da Bíblia no qual as mulheres falam mais que os homens. Suas palavras constituem trinta e três dos cinquenta versículos com falas de personagens.

Outros estudiosos discordam da argumentação em favor da autoria feminina alegando que, na época da redação de Rute, as mulheres que sabiam escrever não tinham proeminência suficiente para serem autoras de

um livro. Há quem explique a predominância de personagens femininas afirmando que, apesar de o autor ser um homem, a voz do narrador é feminina. Em outras palavras, o autor da história e a personagem que a relata são seres independentes.

Sem dúvida, as mulheres são apresentadas de forma incomum, até mesmo no tocante à linguagem empregada. Em 1:8, por exemplo, Noemi instruiu suas noras a voltar para a casa da mãe, e não para a casa do pai, como seria de esperar numa sociedade patriarcal. As mulheres de Belém dizem a Noemi que Rute é mais valiosa do que sete filhos, apesar de elas viverem numa sociedade na qual os filhos eram mais valorizados que as filhas. Alguns servos tiram água do poço para Rute beber (2:9), gentileza incomum direcionada a uma mulher naquela sociedade patriarcal. Quando Obede nasce, seu nome é escolhido pelas mulheres, que se referem ao menino como pertencente a Noemi, e não como continuação da linhagem de Elimeleque, o objetivo de um casamento de levirato.

## Data

De acordo com 1:1, a história se passa no período em que os juízes governavam sobre Israel. Alguns estudiosos questionam essa data, argumentando que os acontecimentos se desenrolam durante um período de paz política, sem nenhum sinal dos males descritos no livro de Juízes. Também argumentam que a necessidade de explicar os motivos legais para tirar o calçado em 4:7 sugere um público leitor que estava começando a esquecer as leis mosaicas, indicando uma data de redação consideravelmente posterior ao tempo dos juízes. Ademais, a genealogia no final do capítulo 4 sugere que o livro foi escrito depois de Davi ter-se tornado rei. Assim, para alguns, o livro deve ser datado do período pós-exílico.

É importante lembrar que, apesar de o registro escrito ser talvez posterior ao exílio, o conteúdo pode ser muito mais antigo. Assim, o período no qual a Bíblia situa o relato pode corresponder aos acontecimentos narrados, e não à ocasião em que foram escritos. A ausência de guerras pode indicar que a história se passa em período durante o qual os hebreus desfrutaram descanso das incursões inimigas. Uma análise da vida pessoal dos juízes mostra que Deus os identificou como pessoas boas vivendo em meio à perversidade. Assim, é preciso evitar afirmações generalizadas que negam a existência de períodos de tranquilidade no tempo dos juízes. A história de Rute pode ter-se passado no meio de um grupo de pessoas boas durante esse período de perversidade.



### Propósito

A fim de ver a história dentro de seu contexto, é importante considerar o motivo pelo qual ela foi escrita, como diz o provérbio chewa, do Malaui: *Umanena chatsitsa dzaye kuti njobvu ithyoke nyanga* (“É preciso mencionar o que fez a fruta cair e quebrar a presa do elefante”).

Os estudiosos da Bíblia sugerem vários motivos possíveis para a existência do livro de Rute. Um deles é simplesmente contar uma boa história. Outros alegam que, além disso, o relato visava exaltar as mulheres em uma sociedade patriarcal. Outros ainda mencionam a necessidade de contar uma história que melhorasse a imagem do povo hebreu em relação a como eram tratados aqueles que não adoravam a Deus. Esdras 10 e Neemias 13:23-27 mostram a oposição de Deus ao casamento de homens hebreus com mulheres estrangeiras, mas no livro de Rute Deus é retratado abençoando uma mulher estrangeira e permitindo-a conceber um filho que viria a ser o avô de Davi, rei de Israel. Também há quem argumente que o propósito do livro é mostrar a bondade de Deus para com pessoas que creem nele, não obstante o sexo, a raça ou as origens étnicas e religiosas.

### Teologia

No livro de Rute, vemos um Deus preocupado com as questões do dia a dia de pessoas comuns. Ele orquestra o encontro “fortuito” entre Rute e Boaz no campo e leva Rute, uma mulher simples, a respigar nos campos do parente resgatador de Elimeleque. Deus também está por trás do hábito “casual” de Boaz de dormir afastado de todos, fato que permitiu a Rute entrar e sair furtivamente da eira sem ser vista pelos outros homens. Também tem parte na união de Boaz com Rute e na concepção imediata de um filho chamado Obede, que viria a ser o avô do rei Davi. Deus permitiu a uma mulher estrangeira simples e fiel fazer parte da linhagem real de Israel e, portanto, ser uma ancestral de Jesus Cristo.

Apesar de, inicialmente, Noemi culpar Deus pela perda de seu marido e dois filhos, no final ela experimenta a provisão divina por intermédio de Rute e Boaz. É Deus quem protege as viúvas, recompensa a fidelidade com bondade e se mostra generoso até mesmo para com os gentios.

### Esboço

**1:1-22 A solidariedade entre Noemi e Rute**

**2:1-23 Rute encontra Boaz**

**3:1-18 Rute e Boaz na eira**

**4:1-12 Boaz se casa com Rute**

**4:13-22 A genealogia de Davi**

## COMENTÁRIO

### 1:1-22 A solidariedade entre Noemi e Rute

Noemi e Rute foram unidas por circunstâncias que estavam fora do seu controle. Noemi se mudara de Belém de Judá para a terra estrangeira de Moabe devido a um período de fome (1:1). Migrações decorrentes da escassez de alimentos são um fenômeno bastante conhecido na África. Ser um refugiado é uma experiência aflitiva para qualquer um, e particularmente difícil para as mulheres e meninas, pois pode levar ao abuso sexual e à propagação do HIV/aids. A segunda circunstância que uniu Noemi e Rute foi o casamento: Noemi era sogra de Rute.

Nos dez anos de relacionamento em Moabe, essas duas mulheres passaram por experiências trágicas. Elimeleque, marido de Noemi, falecera (1:3). Um provérbio chewa, do Malaui, diz: *Mvula ikakuona litsilo sikata* (“A chuva não para quando vê sujeira em você”, ou seja, os problemas se sucedem). Sem dúvida, foi o que aconteceu com Noemi: além de ser uma refugiada em Moabe e de ter ficado viúva, ela também perdeu os dois filhos, Malom e Quiliom, que se haviam casado com mulheres moabitas, Orfa e Rute (1:4-5). O provérbio também se aplica à vida de Rute, que ficou viúva antes de ter filhos. Em uma sociedade patriarcal que atribuía grande importância à geração de filhos, Rute se viu em situação extremamente complicada. Sua opressão cultural triplicou quando ela se mudou para Belém com Noemi, pois lá, além de ser viúva e não ter filhos, ela também era estrangeira.

Na África, o relacionamento entre sogra e nora costuma ser conturbado, especialmente em sociedades patrilineares. A moça, obrigada a trabalhar exaustivamente, é tratada como uma desconhecida. No entanto, como afirmam os cânticos matrimoniais, por mais difícil que seja a vida, a esposa jamais pode deixar o marido, uma ideia que faz as mulheres sentir-se prisioneiras da relação conjugal. No entanto, Rute e Orfa tinham um bom relacionamento com Noemi, como fica evidente na bênção proferida por Noemi sobre suas noras: *O SENHOR use convosco de benevolência, como vós usastes com os que morreram e comigo. O SENHOR vos dê que sejais felizes, cada uma em casa de seu marido* (1:8-9). A bênção de Noemi reflete uma sociedade na qual a identidade da mulher é associada ao casamento. Como não tinha nada mais para oferecer a Orfa e Rute, Noemi expressou o desejo de que as noras encontrassem cada qual um bom marido (1:11).

Orfa acatou o conselho de Noemi e voltou para a casa de sua mãe (1:14), uma escolha que deve ser respeitada. Enquanto nas sociedades patriarcais de modo geral as mulheres não têm voz nem voto, nessa história elas tomam decisões corajosas que mudam o rumo de sua vida.

Em resposta ao conselho de Noemi, Rute fez um juramento que exemplifica a boa relação entre ela e a sogra:

## REFUGIADOS

Em 2004, havia cerca de três milhões e meio de africanos refugiados fora de seus países, e cerca de dez milhões se encontravam numa situação semelhante dentro de seus próprios países. A maioria não estava fugindo de catástrofes naturais, mas da violência política interna e dos conflitos de poder decorrentes de diferenças religiosas, tribais e étnicas.

A Bíblia fala com frequência de imigrantes, estrangeiros, peregrinos e refugiados. Depois de matar seu irmão, Abel, Caim se tornou um fugitivo (Gn 4:12). Uma seca contribuiu para que Jacó e seus filhos deixassem sua terra e se assentassem em outra região (Gn 47:3-4). Até Jesus foi um refugiado no Egito (Mt 2:14).

Deus se preocupa com os refugiados e cuidou até mesmo de Caim, cujas circunstâncias foram resultantes de seu próprio pecado (Gn 4:15). Deus instituiu cidades de refúgio para as quais alguém que tivesse cometido homicídio acidentalmente podia fugir dos vingadores (Êx 21:12-14; Nm 35:9-34; Dt 4:41-43; 19:3-13; 1Cr 6:42-55). A lei mosaica também continha prescrições acerca de pessoas que tivessem sido obrigadas a deixar seus lares em decorrência de guerras, dificuldades econômicas e escassez de alimentos (Lv 25; Is 16:1-4; Ez 47:21-23). Os estrangeiros e peregrinos em Israel deviam ser tratados com respeito, amor, dignidade e igualdade, como concidadãos ou irmãos de sangue (Lv 19:33-34).

O NT enfatiza a hospitalidade, a fraternidade, o amor e o cuidado para com os estrangeiros, os pobres e os aflitos (Mt 25:31-40). A distinção entre um irmão e um estrangeiro foi removida pela nova lei do amor que governa todos os discípulos de Cristo (Jo 13:34), pela união de todos os cristãos (Jo 17:20-23) e pelo caráter fraternal e universal da humanidade (At 17:24-26).

Em seu ministério aos refugiados, a igreja africana precisar começar suprimindo as necessidades imediatas de segurança, amor, alimento, abrigo, água, remédios e roupas, lembrando-se de que as ovelhas são distinguidas dos cabritos pela forma com que tratam os forasteiros (Mt 25:31-46). Sem esse ministério, os refugiados jamais

ouvirão o evangelho, pois como diz um provérbio de Ruanda: *inda irimo ubusa ntigira amatwi* ("Um estômago vazio não tem ouvidos").

Além de prover as necessidades espirituais e pastorais dos refugiados, devemos incentivá-los a ministrar a nós, participando de nossos cultos, comunhão, serviço e ministérios. Sua visão de mundo pode enriquecer nossa experiência cristã, e eles podem tornar-se missionários em nossas comunidades, como os primeiros cristãos fizeram em circunstâncias semelhantes (At 8:1-4; 18:1-2). Esse reconhecimento é um dos primeiros passos na restauração de sua dignidade e esperança.

A igreja, porém, não deve ater-se a lhes dar "um copo de água fria"; também precisa ensiná-los a cavar seus próprios poços, ou seja, ajudá-los a adquirir aptidões e ofícios que os sustentem enquanto esperam para verificar se poderão voltar à sua terra natal ou se terão de buscar asilo permanente em outro local. Com esse fim, a igreja precisará investigar as aptidões dos refugiados a fim de ajudá-los a encontrar oportunidades de trabalho e terá de desenvolver programas para ensinar aptidões rentáveis. Em outras palavras, a igreja deverá trabalhar com o objetivo de inserir os estrangeiros nas estruturas sociais e econômicas da comunidade.

A igreja da África também precisa envolver-se na busca por soluções para os problemas que estão gerando refugiados. Para isso, talvez tenha de se envolver com iniciativas em prol da democracia, da paz, dos direitos humanos, da reconciliação e liderança e da reconstrução de infra-estruturas físicas e econômicas dos países de origem dos refugiados. As igrejas que os estão acolhendo, bem como as igrejas dos seus países de origem e outros ministérios eclesiais, terão de trabalhar em conjunto com organizações humanitárias locais, regionais e internacionais, governamentais e não-governamentais. Alguns evangélicos talvez se queixem de que esse tipo de atitude representa uma ênfase excessiva sobre o ministério social em detrimento de alvos espirituais. Porém, os dois tipos de ministério são necessários, e a igreja africana deve buscar oportunidades de colocar sua fé em prática ministrando à pessoa como um todo.

**Celestin Musekura**

*Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus (1:16).* Com essas palavras, Rute declarou que seu compromisso com Noemi era definitivo. Ela havia decidido mudar até mesmo de religião e identidade cultural para ficar com a sogra — uma decisão momentosa para uma mulher tão jovem, mesmo que estivesse escolhendo talvez permanecer sozinha em uma sociedade que valorizava o casamento e os filhos. Seu juramento revela profunda lealdade, pois expressa um compromisso para o resto da vida, do

tipo que normalmente se vê apenas no casamento. Não é de surpreender, portanto, que as palavras de Rute tenham calado Noemi e que as duas mulheres tenham viajado juntas de volta para Belém, onde a fome havia acabado (1:18-19). Alguns leitores ocidentais atribuem uma conotação homossexual ao relacionamento entre Noemi e Rute, uma ideia absurda quando lemos o texto do ponto de vista africano.

A atitude de Rute é expressa pelo provérbio chewa: *Madzi akatayika saoleka* ("É impossível juntar a água deramada", ou seja, não podemos desfazer aquilo que já aconteceu). Rute sabia que era impossível voltar ao passado

e chegara o momento de olhar para o futuro. Noemi, por outro lado, voltou para Belém amargurada: *A mim me amargou o ter o SENHOR descarregado contra mim a sua mão (1:13)*. Para Noemi, a morte do marido e dos filhos era um castigo de Deus, ideia que ela repete em **1:20-21**, quando fala às mulheres de Belém. Alguns estudiosos concordam com a interpretação de Noemi e afirmam que Deus castigou Eliemeleque e sua família por terem eles se mudado para uma terra estrangeira e idólatra. São estudiosos como esses que consideram o HIV/aids um castigo de Deus. Tal interpretação não coincide com as experiências de outros hebreus que buscaram refúgio em terras estrangeiras durante períodos de fome (cf. as histórias do livro de Gênesis). Deus tem poder para cuidar das pessoas que creem nele mesmo quando estas se encontram em terras desconhecidas.

### 2:1-23 Rute encontra Boaz

O relacionamento de Rute e Boaz, um abastado proprietário de terras, começou nos campos de Boaz por intervenção de Deus. Rute e Noemi chegaram a Belém na época da colheita da cevada e do trigo, e Rute tomou a iniciativa de procurar alimento para si mesma e para sua sogra (**2:2**). Ela agiu desse modo porque *wanva Mmimba ndiye atsekula chitseko* (chewa, Malaui — “quem está com diarreia abre a porta”, ou seja, a pessoa que está diante do problema busca ajuda). Rute se viu diante de um problema: a fim de sobreviver, precisava encontrar uma porta para si mesma e para Noemi. Sua atitude é típica de muitas mulheres das regiões rurais da África que passam quase todo o tempo procurando alimento para a família. É errado descrever uma dona de casa africana como “uma mulher que só cuida da casa”. Nenhuma mulher das regiões rurais da África “só fica em casa”. Apesar de não serem remuneradas, elas trabalham arduamente para sustentar a família.

Rute conhecia a lei de Israel segundo a qual viúvas e estrangeiros podiam respigar nos campos (Lv 19:9-10). Essa lei era um modo de Deus prover sustento a pessoas na situação de Rute. A intervenção de Deus também pode ser observada no fato de Boaz ter visitado seu campo no dia em que Rute estava lá. Quando Boaz quis saber quem era aquela mulher, fez uma pergunta específica: *De quem é esta moça? (2:5)*. Sua pergunta pressupõe que a moça pertencia a um homem (seu pai ou marido). O mesmo princípio se aplica ao modo pelo qual as mulheres são vistas na África, uma mentalidade que dificulta a aceitação de mulheres solteiras em cargos de liderança na igreja.

No primeiro contato entre Rute e Boaz, ele a tratou com gentileza (**2:8-9**). Explicou que ficara sabendo de sua história e se impressionara com seu compromisso e bondade para com Noemi (**2:11-12**). Sem dúvida, pode-se dizer a respeito de Rute: *Mbiri sigonela* (chewa, Malaui — “As boas notícias se espalham rapidamente”).

Outro provérbio chewa diz: *Wakutsina kutu ndi nansi* (“Aquele que lhe dá conselho faz parte de sua família, pois

deseja o seu bem”). Boaz se apresenta desse modo a Rute, aconselhando-a a respigar apenas nos seus campos para evitar qualquer abuso sexual: *Não dei ordem aos servos, que te não toquem? (2:9)*. Noemi repete esse conselho, ao dizer: *Bom será, filha minha, que saias com as servas dele, para que, noutro campo, não te molestem (2:22)*, evidenciando o perigo enfrentado por mulheres estrangeiras.

Na África de hoje, as mulheres vivem sob o medo constante de ser estupradas dentro e fora de casa. O silêncio da igreja a esse respeito é perturbador. Homens e mulheres precisam trabalhar juntos para quebrar o silêncio que cerca o estupro de crianças e mulheres. Ao permanecer calada, a igreja dá a impressão de que esse tipo de crime é aceitável.

### 3:1-18 Rute e Boaz na eira

*Wakwatila kwa mphenzi saopa Kung'anima* (chewa, Malaui — “Quem se casa com alguém da família do relâmpago não teme seu brilho”, ou seja, quando uma pessoa toma o propósito de seguir um rumo que supostamente resolverá seu problema, ela não teme o que pode encontrar pelo caminho). Esse provérbio descreve a atitude de Rute diante do plano de Noemi, de acordo com o qual Rute devia pedir a Boaz que a resgatasse segundo o costume patriarcal do casamento de levirato (**3:1-4**; cf. tb. Dt 25:5-10). Por meio do compromisso assumido com Noemi, Rute mostrou que havia escolhido cuidar da sogra numa terra estranha em vez de voltar para o seu próprio povo e procurar um marido. Agora, ela se mostra preparada para aceitar um casamento de levirato a fim de gerar filhos para Noemi. Seu compromisso não mudou.

Rute provavelmente estava ciente do perigo de ir ao encontro de Boaz na eira, pois não tinha como saber se alguém a veria ou se Boaz se aproveitaria dela. Ao se dirigir à eira, onde só os homens dormiam, arriscou ser considerada uma prostituta. Seguindo o plano de Noemi, Rute descobriu os pés de Boaz e esperou que ele acordasse ao sentir frio. Quando finalmente ele despertou assustado, sua pergunta a Rute mudou de “De quem é esta moça?” para: *Quem és tu? (3:9)*, indicando seu interesse na identidade de Rute como pessoa, e não como propriedade de alguém.

A possibilidade de Rute ser considerada uma prostituta caso fosse descoberta por outros homens na eira traz à baila a questão da prostituição na África. A pobreza na qual a maioria dos africanos vive obrigou moças e mulheres africanas a se vender como prostitutas. A igreja não pode simplesmente ignorar esse problema na esperança de que ele desaparecerá. É preciso realizar uma reflexão séria que conduza à ação, pois as prostitutas se expõem a inúmeros perigos. Ademais, para tratar do problema de forma eficaz, é necessário levar em consideração os clientes que perpetuam esse modo de vida.

Ainda seguindo as instruções de Noemi, Rute não esperou Boaz lhe dizer o que fazer (**3:4**). Uma vez que Boaz era resgatador de Eliemeleque, Rute pediu que ele a tomasse em

## A HERANÇA DA VIÚVA

No AT, o casamento de levirato era um antigo costume sancionado pela prática (Gn 38:6-10) e pela lei (Dt 25:5-10). O irmão ou parente mais próximo do marido falecido devia casar-se com a viúva e criar os filhos do falecido no nome dele. A lei do levirato faz parte do contexto da história de Rute. Boaz, o parente do marido falecido de Rute, se mostrou íntegro e apoiou as reivindicações legítimas de uma viúva, incluindo o seu direito de respigar e se casar pelo sistema de levirato (Rt 4:13).

É interessante observar que os casamentos de levirato não são mencionados no NT. Ao que parece, uma ordem de viúvas se formou na igreja primitiva (1Tm 5:9-11). As viúvas mais velhas de caráter irrepreensível serviam na igreja e, em troca de seu trabalho, recebiam o sustento necessário (1Tm 5:3-16). Assim, a igreja primitiva parece ter encontrado novas maneiras de cuidar das viúvas sem deixar de respeitar sua dignidade e liberdade pessoal.

Na tradição africana, uma viúva tem várias opções de casamento. Uma delas é se tornar esposa legal de um parente próximo do marido falecido, e os filhos gerados nessa nova união herdam os bens do falecido. Esse costume, chamado de herança da viúva, é diferente do casamento de levirato, pois a mulher continua sendo considerada esposa do falecido. Um parente próximo do marido coabita com a mulher apenas como marido substituto, e os frutos dessa união são considerados filhos do falecido, que continua sendo seu pai legal.

A herança da viúva é conflitante com a convicção cristã de que a morte encerra a união conjugal. Romanos 7:2 declara: "Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal". No casamento cristão, o contrato é absoluta e completamente dissolvido pela morte de um dos cônjuges, daí a expressão "até que a morte os separe", usada na cerimônia de casamento cristã. A permissão para que uma viúva se una com um parente próximo constitui uma negação dessa convicção cristã, pois se baseia na ideia de que o contrato matrimonial continua mesmo depois da morte do marido.

Uma vez que o cuidado das viúvas sempre foi uma incumbência importante da igreja, elas devem encontrar na comunidade cristã o consolo, o apoio emocional e a orientação espiritual de que necessitam. No entanto, muitas viúvas se decepcionaram justificadamente ao buscar socorro na igreja. Apesar de representarem quase um terço dos membros de algumas igrejas africanas, a comunidade cristã nem sempre tem tratado dos problemas que afligem essas mulheres. Em sua maior parte, as igrejas não se manifestam quanto a questões como a herança da viúva. As mulheres cristãs que perderam o marido precisam de apoio para não ceder às pressões culturais e concordar em se sujeitar a costumes como a herança da viúva. Em regiões onde o HIV/aids é um problema generalizado, essa prática pode levar à morte.

Mae Alice Reggy-Mamo

casamento (3:9). O pedido de Rute a Boaz pode ser expresso pelo provérbio chewa: *Nzako akati kozu, nawenso umati konzu* ("Um ato de bondade merece outro ato de bondade"). Rute havia usado de bondade para com Noemi e fora elogiada por isso. Agora, estava pedindo que Boaz agisse conforme a situação exigia e provesse a Rute e Noemi aquilo que ele próprio havia pedido a Deus em 2:12. Noemi e Rute se mostraram perspicazes ao pedir o casamento a Boaz em vez de esperar que ele tomasse a iniciativa.

Boaz aceitou o pedido, mas explicou a Rute que sabia da existência de outro parente resgatador mais próximo. Prometeu tratar com esse homem e, se ele não estivesse disposto a se casar com ela, Boaz a tomaria como esposa (3:12-13). Talvez a existência desse parente mais próximo explique por que Boaz não se oferecera antes para casar com Rute.

Em suas palavras a Rute, Boaz levanta a questão do casamento entre homens mais velhos e moças mais jovens: *Bendita sejas tu do SENHOR, minha filha; melhor fizeste a tua última benevolência do que a primeira, pois não foste após jovens, quer pobres, quer ricos* (3:10). Boaz não considerou a diferença de idade problemática, mas, sim, elogiosa, pois de fato um homem mais velho que se casa com uma moça

mais jovem recebe prestígio. Uniões desse tipo são, contudo, uma questão séria na África, onde pais entregam suas filhas jovens em casamento a homens ricos mais velhos, dos quais essas moças serão a terceira, a quarta ou a quinta esposa. Talvez Boaz estivesse na mesma faixa etária de Elimeleque, sogro de Rute, e, portanto, Noemi deveria ter-se oferecido a ele em casamento para gerar filhos em nome de Elimeleque. É possível que ela não tenha feito isso por haver passado da idade de ter filhos ou por sentir-se incapaz de atrair um marido (3:11-12).

Rute aceitou esse casamento arranjado. Poderia muito bem ter dito "não" a Noemi, como havia feito quando a sogra tentou impedi-la de acompanhá-la a Belém. Rute também foi respigar no campo de Boaz por sua própria iniciativa, sem ser forçada por Noemi. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que, diante da pobreza extrema das duas viúvas, não restava a Rute outra opção senão se casar com Boaz. A pobreza desumaniza as pessoas, privando-as da liberdade de fazer escolhas.

### 4:1-12 Boaz se casa com Rute

A transação legal entre Boaz e o parente resgatador mais próximo na presença dos anciãos junto à porta da cidade

exemplifica uma negociação exclusivamente masculina na qual as mulheres são consideradas propriedades dos homens. Rute estava sendo trocada como se fosse um bem de Elimeleque e um instrumento para dar continuidade à linhagem do sogro falecido (4:5). O parente resgatador se mostrou disposto a aceitar a propriedade pertencente a Elimeleque (4:3-4), mas recusou-se a casar com Rute (4:6).

No final, tudo deu certo, pois Rute se casou com Boaz, o homem que ela havia escolhido. Uma vez que se tratava de um casamento de levirato, o primeiro filho da união seria considerado parte da família de Elimeleque e herdaria as propriedades dele (4:6,9-10).

A maioria das sociedades africanas pratica o casamento de levirato ou a herança da viúva, e quase todas as igrejas africanas aceitam esse tipo de casamento aprovando a união entre um parente resgatador solteiro e uma viúva. Na prática, porém, tais uniões raramente dão certo, pois os homens preferem casar-se com virgens, mesmo que eles próprios não sejam virgens. Nos dias de hoje, devido ao HIV/aids, o casamento de levirato pode ser uma armadilha mortal para a mulher.

#### 4:13-22 A genealogia de Davi

*Pasamba nfulu, kapolo asambira pomwepo* (chewa, Malauí — “O escravo se lava nas mesmas águas que os livres”, ou seja, os pobres prosperam juntamente com os mais ricos). Esse provérbio se aplica a Rute, pois como estrangeira, mulher e viúva, ela ocupava a posição mais inferior da pirâmide social de Israel. No entanto, pela graça de Deus, chegou ao topo e se tornou bisavó do rei Davi, sendo mencionada em Mateus como ancestral de Jesus Cristo. Assim, quer a genealogia de Davi fizesse parte do relato original, quer tenha sido acrescentada posteriormente, os registros destacam que Rute se tornou parte integrante da história de Israel.

Quanto ao fato de Rute não ter gerado filhos com Malom, mas ter concebido com Boaz, o texto bíblico diz apenas: *O SENHOR lhe concedeu que concebesse, e teve um filho* (4:13). Nas sociedades patriarcais da África, a esterilidade de um homem costuma ser mantida em segredo, e tomam-se providências para que a esposa gere filhos. No caso da

mulher, porém, a infertilidade é considerada um problema grave e uma justificativa para o divórcio ou a poligamia.

Quando o filho de Rute nasceu, foi chamado de Obede por escolha das mulheres de Belém, prática incomum numa cultura em que os homens davam nome aos bebês. Também é interessante observar que a criança não é chamada de filho de Elimeleque — como seria de esperar tendo em vista tratar-se de um casamento de levirato — mas, sim, de filho de Noemi. A criança foi uma bênção para Noemi, permitindo-a desfrutar plenitude depois de voltar de Moabe de mãos vazias (4:14-15). A restauração de Noemi mostra a preocupação central de Deus com os vivos, e não com os mortos.

#### Conclusão

No livro de Rute, encontramos uma história que começa com tristeza e termina com plenitude e felicidade. Apesar de viverem numa estrutura predominantemente masculina, as mulheres demonstram iniciativa. Depois de perderem seus respectivos maridos, a vida ficou difícil para Rute e Noemi, mas as duas tomaram providências para sobreviver e firmaram uma aliança para toda a vida. Noemi elaborou um plano, e Rute o colocou em prática, valendo-se com habilidade da tradição patriarcal do casamento de levirato. Com a ajuda do Deus que cuida dos oprimidos, o plano funcionou.

Para o narrador da história, a força de Rute reside no casamento e na maternidade, e os teólogos concordam que essas qualidades são extremamente apreciadas nas mulheres africanas. No entanto, os teólogos de nosso continente também precisam entender que o casamento e a maternidade promovem a plenitude da identidade masculina e feminina, sem discriminar as mulheres solteiras ou sem filhos.

Isabel Apawo Phiri

#### Leituras adicionais

DUBE, M. W. ed. *Other Ways of Reading: African Women and the Bible*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2001.

NADAR, S. “Subverting Gender and Ethnic Assumptions in Biblical Narrative: Exploring the Narrative Voice of Ruth”. *Journal of Constructive Theology* 6 (2) (2000). ODUYOYE, M. A. *Daughters of Anowa: African Women and Patriarchy*. Maryknoll: Orbis, 1995.

# 1 E 2SAMUEL

Na Bíblia hebraica, os dois livros de Samuel (originalmente um único livro) fazem parte de um conjunto, incluindo os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis. Juntos, estes livros abrangem um período claramente definido da história de Israel, desde a conquista militar de Canaã, sob o comando de Josué, até a perda desse território, seguida pelas deportações. Em outras palavras, o livro de Josué relata como Israel tomou posse de seu território, e o livro de Reis relata como eles o perderam. Infelizmente, esse padrão não é percebido de forma clara em nossa Bíblia cristã, pois a continuidade da história é interrompida pela inclusão do livro de Rute após Juízes, e Crônicas após Reis. Essa organização ocorreu com os estudiosos antigos que traduziram a Bíblia hebraica para o grego (a Septuaginta).

Os judeus se referem a este conjunto de livros como *profetas anteriores*, porém os cristãos o chamam de *livros históricos*. Essa diferença de terminologia reflete a maneira como se entende e interpreta esses livros. Um livro profético induzirá o leitor a buscar a palavra de Deus transmitida por um profeta, ao passo que um livro histórico o fará identificar-se com a história em primeiro lugar. Entretanto, a intenção desses livros não era narrar acontecimentos históricos de forma objetiva, mas apresentar os fatos de acordo com o ponto de vista de Deus. Cada acontecimento específico registrado nesses livros é interpretado como resultado de obediência ou desobediência à palavra de Deus. Portanto, qualquer distinção entre livros históricos e proféticos é um tanto arbitrária. Há profecias nos livros históricos, assim como há história nos livros proféticos.

Os livros conhecidos hoje como 1 e 2Samuel são continuções do livro de Juízes, onde lemos: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto” (Jz 21:25). Samuel narra a história do início da monarquia em Israel.

## Autor e data

A tradição judaica atribui a Samuel a autoria do livro que leva seu nome. Embora certas partes talvez tenham sido escritas por ele, Samuel não poderia ter escrito o livro inteiro, pois alguns dos acontecimentos registrados ocorreram muito tempo depois de sua morte, registrada em 1Samuel 25:1. Entretanto, o fato de Samuel ser considerado autor do livro atesta sua posição como personagem mais importante no AT depois de Moisés. Além de predominante na narrativa, Samuel colocou Israel nos trilhos da monarquia, ungindo Saul e depois Davi.

A data em que o livro foi escrito não é conhecida. Sabemos apenas que a narrativa abrange um período de aproximadamente um século, desde a instalação da monarquia até os últimos dias do reinado de Davi (1030-970 a.C.).

## Propósito

O livro não declara o propósito para o qual foi escrito. Contudo, podemos deduzir algo sobre o autor ou suas intenções a partir do âmbito dos outros livros no qual ele está inserido. O conjunto dos profetas anteriores encerra a narrativa com a catástrofe de 587-586 a.C.: a destruição do templo de Jerusalém e a deportação da maior parte da população para a Babilônia. Apresentando esses acontecimentos desastrosos à luz das bênçãos e maldições da aliança registradas em Deuteronômio, o livro permite ao leitor reconhecer que Israel fracassou em obedecer às condições de Deus e, por isso, sofreu as consequências registradas em Deuteronômio 28. O objetivo do autor ou dos autores, portanto, era relatar o passado com vista a ensinar às novas gerações a importância da obediência a Deus, o único que poderia garantir a prosperidade e o usufruto duradouro do território concedido como herança aos patriarcas.

Todavia, outro propósito do livro de Samuel era explicar por que Deus escolheu Saul mas o rejeitou por causa do pecado, ao passo que Davi também pecou mas não foi rejeitado. O livro trata dessa questão a partir da escolha das narrativas sobre Davi e mostra que seus pecados também foram punidos, como na ocasião da morte de seu filho nascido do adultério com Bate-Seba. Precisamos ler o livro a partir dessa perspectiva.

## Teologia

Deus é apresentado como aquele que está no controle da história, tanto dos indivíduos como das nações. Por vezes, Deus trabalha através de acontecimentos comuns visando realizar seus propósitos. Para o autor ou os autores desse livro, nada acontece sem ter sido planejado por Deus, e desobedecer à sua lei produz frutos amargos.

Três temas importantes e de forte conteúdo teológico formam a estrutura do livro de Samuel:

- O final do período dos juízes (1Sm 7)
- A instalação da monarquia (1Sm 12)
- O início da dinastia davídica (2Sm 7)



O livro narra a escolha e rejeição de Saul, primeiro rei de Israel, e a escolha de Davi, a quem foi prometida uma dinastia eterna. Samuel, último juiz, Saul, primeiro rei, e Davi, rei por excelência, são os três personagens principais deste livro.

## 2Samuel e 1Crônicas

O segundo livro de Samuel trata dos acontecimentos a partir da morte de Saul até o pecado de Davi ao convocar o censo. O reinado de Davi é descrito com honestidade impressionante. Entretanto, apesar de seus defeitos, Davi é reconhecido como o maior rei de Israel e a quem Deus prometeu uma dinastia eterna. Essa promessa alimentou a esperança messiânica do povo de Israel, tanto que no NT Jesus Cristo é chamado de Filho de Davi.

O livro de 2Samuel faz paralelo com 1Crônicas. Ambos oferecem uma sinopse do reinado de Davi, mas a partir de perspectivas diferentes. Tentativas de harmonizar esses relatos falharam ao não levar em consideração a intenção do autor ou autores. Samuel foi escrito a partir de uma perspectiva catastrófica; Crônicas, a partir da perspectiva do restabelecimento após o exílio.

## Relevância para a África

Samuel é lido e pregado com regularidade na África. Contudo, muitas vezes o leitor africano procura retirar lições espirituais de cada detalhe histórico. Embora represente uma forma legítima de leitura, acaba empobrecendo o texto e impede que muitos africanos sondem as riquezas do livro. Samuel deve ser lido como história viva, recheada de indivíduos com virtudes e fraquezas, e também como a história dos altos e baixos de uma nação. A leitura de Samuel a partir dessa perspectiva ajudará muitos africanos a compreender sua própria situação, pois encontramos circunstâncias bastante semelhantes em nosso continente: sede de poder, exploração social, abuso sexual, intrigas de governo, formação e quebra de alianças políticas, assassinatos políticos e assim por diante.

O livro de Samuel também relata duas mudanças importantes na vida do povo de Israel. Primeiro, a mudança da teocracia para a monarquia; segundo, sob o reinado de Davi, Israel avança de uma confederação dispersa de doze tribos para um estado centralizado de administração bem-organizada. Essas mudanças trouxeram consequências significativas para a vida do povo e determinaram seu futuro. A África passou por mudanças semelhantes: o comércio de escravos, a colonização, o surgimento de estados autoritários independentes e a democratização.

Nupanga Weanzana

## Esboço

### 1Sm 1:1—2:11 A consagração de Samuel ao Senhor

- 1:1-8 Discórdia na família de Samuel
- 1:9-18 A reação de Ana
- 1:19-20 Nascimento e escolha do nome de Samuel
- 1:21-28 Cumprindo o voto
- 2:1-11 A oração de Ana

### 2:12—4:1a O ministério de Samuel no templo

- 2:12-17 Os filhos perversos de Eli
- 2:18-21 A infância de Samuel
- 2:22-25 A fraca repreensão de Eli a seus filhos
- 2:26 O desenvolvimento de Samuel
- 2:27-36 A repreensão do Senhor a Eli e seus filhos
  - 2:28-29 O favor de Deus e o fracasso de Eli
  - 2:30-34 O julgamento de Deus
  - 2:35-36 A substituição de Eli
- 3:1-3 As consequências da apostasia sacerdotal
- 3:4-10 A vocação de Samuel
- 3:11-18 A mensagem de Deus
- 3:19—4:1a Samuel é instituído como profeta

### 4:1b—7:1 A arca da aliança do Senhor

- 4:1b-11 A captura da arca
- 4:12-22 Cumprimento da profecia sobre a casa de Eli
- 5:1-12 A arca entre os filisteus
- 6:1-12 A arca retorna a Israel
- 6:13-18 A arca em Bete-Semes
- 6:19—7:1 A arca é levada para Quiriate-Jearim

### 7:2—8:22 O ministério de Samuel

- 7:2 Os anos de silêncio
- 7:3-4 A primeira mensagem de Samuel
- 7:5-14 O ministério sacerdotal e intercessório de Samuel
- 7:15-17 O ministério de ensino profético de Samuel
- 8:1-9 O povo quer um rei
- 8:10-22 Sobre a natureza e o comportamento dos reis

### 9:1—10:27 A designação do primeiro rei

- 9:1-17 Saul é escolhido
- 9:18-27 A conversa entre Saul e Samuel
- 10:1-16 Saul é ungido rei
- 10:17-27 Saul é proclamado rei

### 11:1—12:25 O jovem rei

- 11:1-15 O primeiro desafio de Saul
- 12:1-5 Sobre a administração de Samuel
- 12:6-15 A mensagem de Samuel
- 12:16-25 Deus é testemunha de Samuel



**13:1—14:52 Saul se afasta da graça de Deus**

- 13:1-7 A autoconfiança de Saul
- 13:8-15 Saul usurpa o ofício sacerdotal
- 13:16-22 Os ataques dos filisteus
- 13:23—14:23 A vitória de Jônatas
- 14:24-46 O voto precipitado de Saul
- 14:47-52 Resumo do reinado de Saul

**15:1-35 Saul é rejeitado**

- 15:1-3 Uma nova missão
- 15:4-21 Obediência parcial
- 15:22-23 O julgamento de Deus
- 15:24-33 Arrependimento parcial
- 15:34-35 Samuel e Saul se despedem

**16:1-23 Apresentando um novo rei**

- 16:1-13 A unção de Davi
- 16:14-23 Davi toca harpa para Saul

**17:1-58 Davi e Golias**

- 17:1-11 O ataque dos filisteus
- 17:12-27 Davi chega ao acampamento
- 17:28-31 Davi enfrenta oposição
- 17:32-37 Davi representa o povo de Deus
- 17:38-47 A armadura certa para a batalha
- 17:48-54 Davi enfrenta Golias
- 17:55-58 Deus apresenta Davi

**18:1—19:24 Davi na corte de Saul**

- 18:1-5 A amizade de Davi e Jônatas
- 18:6-9 O canto das mulheres: teste do caráter
- 18:10-30 A inveja de Saul
- 19:1-10 Saul persegue Davi
- 19:11-17 Mical salva Davi
- 19:18-24 Davi refugia-se com Samuel

**20:1—21:15 Davi foge de Saul**

- 20:1-9 A aliança de Jônatas com Davi
- 20:10-23 A aliança de Jônatas com a casa de Davi
- 20:24-42 Jônatas descobre as intenções de Saul
- 21:1-9 Davi e Aimeleque em Nob
- 21:10-15 Davi foge para Gate

**22:1—26:25 Davi no deserto**

- 22:1-5 De Adulão para Herete
- 22:6-19 A raiva de Saul contra os sacerdotes
- 22:20-23 A reação de Davi
- 23:1-6 Davi salva a cidade de Queila
- 23:7-14 O Senhor livra Davi de Saul
- 23:15-18 Jônatas encoraja Davi
- 23:19-29 A conspiração dos zifeus
- 24:1-2 Saul recomeça a perseguição
- 24:3-6 Outro teste para o caráter de Davi

**24:7-16 O poder da palavra**

- 24:17-22 A humildade vence a batalha
- 25:1 A morte de Samuel
- 25:2-44 Davi e Nabal
- 25:2-8 O pedido de Davi
- 25:9-13 A resposta de Nabal
- 25:14-39a Abigail, uma intercessora
- 25:39b-44 Abigail se torna esposa de Davi
- 26:1-25 Davi poupa a vida de Saul novamente
- 26:1-12 Davi visita o adormecido Saul
- 26:13-20 Davi acorda Saul com seu discurso
- 26:21-25 Convencido, mas não convertido

**27:1—30:31 A aliança de Davi com os filisteus**

- 27:1-4 Davi retorna a Gate
- 27:5-12 Davi se estabelece em Ziclague
- 28:1-2 O dilema de Davi
- 28:3-25 Saul consulta a médium de En-Dor
- 29:1-11 Os filisteus rejeitam Davi
- 30:1-31 Davi e os amalequitas
- 30:1-6 O ataque dos amalequitas
- 30:7-19 A perseguição aos amalequitas
- 30:20-31 Repartindo os espólios

**31:1-13 O trágico destino de Saul e seus filhos****2Sm 1:1—4:12 A disputa pela sucessão de Saul**

- 1:1-16 Davi recebe a notícia da morte de Saul
- 1:17-27 Davi lamenta a morte de Saul e Jônatas
- 2:1-4a Davi é ungido rei de Judá
- 2:4b-7 A mensagem de Davi aos moradores de Jabes-Gileade
- 2:8-11 Isbosete é proclamado rei de Israel
- 2:12—3:1a Guerra civil entre Davi e a casa de Saul
- 3:1b-5 Os filhos de Davi em Hebrom
- 3:6-39 A história de Abner
- 3:6-21 A deserção de Abner
- 3:22-39 O assassinato de Abner
- 4:1-12 A morte de Isbosete, último filho de Saul

**5:1—8:18 Davi, rei de todo Israel**

- 5:1-5 Davi proclamado rei sobre Israel
- 5:6-10 Davi captura Jerusalém
- 5:11-12 Os mensageiros de Hirão, rei de Tiro
- 5:13-16 Os filhos de Davi em Jerusalém
- 5:17-25 Davi derrota os filisteus
- 6:1-23 A arca da aliança é levada para Jerusalém
- 6:1-11 A primeira tentativa
- 6:12-19 A segunda tentativa
- 6:20-23 Mical despreza Davi
- 7:1-17 A promessa de uma dinastia eterna
- 7:1-4 Davi deseja construir um templo
- 7:5-17 A declaração profética de Natã

7:18-29 A oração de gratidão de Davi  
 8:1-18 Davi consolida seu reino  
 8:1-14 Guerras e vitórias de Davi  
 8:15-18 A administração de Davi

23:1-7 As últimas palavras de Davi  
 23:8-39 Os valentes de Davi  
 24:1-25 O pecado de Davi ao ordenar o censo  
 24:1-9 O censo  
 24:10-25 A punição

### 9:1—20:26 O declínio de Davi

9:1-13 A generosidade de Davi com Mefibosete  
 10:1-19 Davi e os amonitas e arameus  
 10:1-5 A humilhação dos embaixadores de Davi  
 10:6-14 A vitória de Joabe e Abisai  
 10:15-19 A vitória de Davi  
 11:1—12:31 Davi, Bate-Seba, Urias e Natã  
 11:1-5 Davi seduz Bate-Seba  
 11:6-21 Davi ordena a morte de Urias  
 11:22-27 Conclusão  
 12:1-14 Natã confronta Davi  
 12:15-25 A morte da criança  
 12:26-31 Fim da guerra com os amonitas  
 13:1—19:43 A história de Absalão  
 13:1-22 O estupro de Tamar  
 13:23-39 A vingança e fuga de Absalão  
 14:1-33 O retorno de Absalão  
 14:1-24 A intervenção de Joabe  
 14:25-33 Absalão reage  
 15:1-12 O golpe de estado de Absalão  
 15:13-37 Davi foge de Jerusalém  
 16:1-14 Encontros na estrada de Jerusalém  
 16:1-4 Davi e Ziba  
 16:5-14 Davi e Simei  
 16:15-23 Absalão em Jerusalém  
 16:15-19 O engodo de Husai  
 16:20-23 O conselho de Aitofel  
 17:1-14 Os conselheiros de Absalão  
 17:1-4 O conselho de Aitofel  
 17:5-14 O conselho de Husai  
 17:15-29 Davi cruza o rio Jordão  
 18:1—19:8a A derrota de Absalão  
 18:1-18 A batalha final  
 18:19—19:8a A reação de Davi à morte de Absalão  
 19:8b-15 Preparativos para o retorno de Davi  
 19:16-40a Reencontros na estrada para Jerusalém  
 19:16-23 Davi e Simei  
 19:24-30 Davi e Mefibosete  
 19:31-40a Davi e Barzilai  
 19:40b-43 Rivalidades entre Judá e Israel  
 20:1-22 A rebelião de Seba  
 20:23-26 A administração de Davi

## COMENTÁRIO

### 1Sm 1:1—2:11 A consagração de Samuel ao Senhor

#### 1:1-8 Discórdia na família de Samuel

Samuel, último dos grandes juizes de Israel, era descendente da família de Coate, parte da tribo de Levi (1Cr 6:33-38). Devido ao seu futuro papel em Israel, sua descendência é relevante porque Deus havia escolhido a tribo de Levi para servi-lo no tabernáculo (Nm 1:50).

Elcana, pai de Samuel, é descrito como efraimita em 1:1 por ter morado na *região montanhosa de Efraim*. Homem piedoso, todo ano adorava e oferecia sacrifícios ao Senhor em Siló, onde ficava a tenda da congregação após a conquista da terra prometida (Js 18:1). Sua fidelidade no cumprimento desse ritual é fora do comum, pois na tenda se encontravam *os dois filhos de Eli, Hofni e Fineias* (1:3), cujo comportamento trouxera má reputação ao santuário (2:12-17). Uma vez que “as visões não eram frequentes” e “a palavra do SENHOR era mui rara” (3:1), o comparecimento às festas provavelmente vinha diminuindo, pois as pessoas recebiam pouco auxílio espiritual. Elcana, porém, comparecia fielmente aos festivais anuais e levava toda sua família. Procurava servir a Deus, independentemente do comportamento dos sacerdotes filhos de Eli.

Ana, uma das duas esposas de Elcana, era estéril. Apesar disso, Elcana a amava e procurava demonstrar esse amor (1:5). Nesse aspecto, Elcana se parece com Isaque em seu amor por Rebeca (Gn 25:21). Entretanto, nada amenizava a tristeza de Ana por não ter filhos. A frase *ainda mesmo que o SENHOR a houvesse deixado estéril* não significa que Ana estava sendo punida por algum pecado. Antes, apenas expressa que o Senhor não havia concedido filhos a Ana, pois Deus é quem concede ou detém essas bênçãos (Gn 15:3; 25:21; 29:31; 30:17,22). Penina, a esposa fértil, não demonstrava nenhum sinal de santidade ou afinidade com o Senhor que pudesse justificar ser abençoada com filhos (1:4). Pelo contrário, gostava de irritar Ana. Sua descrição como “rival” (1:6) indica a consequência de nos desviarmos dos propósitos originais de Deus para o casamento monogâmico. A palavra “rival” também pode ser traduzida como “adversária”, indicando que Penina agia como instrumento do inimigo dos cristãos, Satanás. Seu comportamento era uma abordagem arquitetada pelo inimigo para provocar em Ana inveja, ódio, desespero e desânimo.

### 21:1—24:25 O fim do reinado de Davi

21:1-14 Três anos de fome  
 21:15-22 Os guerreiros de Davi  
 22:1-51 A canção de Davi

a fim de fazê-la perder a fé no Senhor e pensar que Deus não se importava. Também é típico de Satanás prolongar esses ataques ano após ano. As festas anuais se tornaram um tormento tão grande que Ana passou a chorar muito e perdeu o apetite (1:8).

### 1:9-18 A reação de Ana

A reação de Ana às provocações de Penina e à sua própria esterilidade serve de modelo para todos nós, particularmente para as mulheres que vivem numa cultura de poligamia desenfreada em que a primeira esposa deve aprender a conviver com uma segunda ou terceira mulher na vida do marido.

Ana poderia ter reagido às provocações de Penina com a mesma atitude de hostilidade; poderia, por exemplo, ter agido como Raquel quando disse a Jacó: “Dá-me filhos, senão morrerei” e mais: “Eis aqui Bila, minha serva; coabita com ela, para que dê à luz, e eu traga filhos ao meu colo, por meio dela” (Gn 30:1-3); poderia ter praticado feitiçaria, tanto para gerar filhos como para machucar ou matar os filhos de Penina; também poderia ter abandonado o Senhor por não ter ele respondido suas orações. Contudo, ela não fez nenhuma dessas coisas.

Ao contrário, orou com mais fervor ao Senhor (1:10), e em sua oração não amaldiçoou o dia de seu nascimento, nem o dia de seu casamento; não amaldiçoou sua rival ou seu marido, nem pediu vingança ao Senhor. Antes, dirigiu-se a Deus em humildade, chamando-o de *SENHOR dos Exércitos* (1:11), sabendo que ele é todo-poderoso e, caso atentasse para sua aflição, aquela condição miserável terminaria. Ana enxergava a si mesma como *serva* de Deus, nascida para agradar a Deus. Não buscou ter filhos por motivos egoístas, para satisfazer seu desejo ou pela necessidade de ter alguém para cuidar dela na velhice. Dispôs-se a entregar seu filho a Deus para ser nazireu, isto é, alguém consagrado exclusivamente a Deus, como Sansão (Nm 6:2-5; Jz 13:5).

Conforme Ana orava, seus lábios se mexiam, mas não se ouvia som (1:12-13a). Ana queria ser ouvida por Deus, e não pelos homens. Não implorou ao sacerdote que orasse por ela, pois sabia chegar diretamente a Deus. Não era uma cristã do tipo “ore por mim”, indo de casa em casa em busca de profetas profissionais, como vemos hoje em dia. Hofni e Fineias eram sacerdotes que buscavam avidamente enganar uma alma necessitada ao oferecer orações mediante pagamento de taxas, que hoje são chamadas de “sementes de fé”, ou “ofertas do profeta”, ou ainda “ofertas de adivinhação ou revelação”. Ana buscou a Deus pessoalmente e o encontrou.

Eli, pai de Hofni e Fineias, observando as emoções e os murmúrios silenciosos de Ana, presumiu que ela estivesse embriagada e a repreendeu (1:13b-14). Esse sacerdote idoso deve ter visto tantas mulheres ímpias que já não conseguia distinguir entre quem vinha ao templo para orar

e quem vinha para bagunçar. Mesmo assim, Ana não se ofendeu com a atitude do sacerdote, apenas respondeu com delicadeza (1:15-16).

Eli pronunciou uma bênção (1:17), e Ana voltou com a certeza de que Deus iria tratar do seu caso. Por isso, *comeu, e o seu semblante já não era triste* (1:18). Ana sabia que sua oração havia sido respondida e assim passou a viver como se o problema já não existisse. Semelhantemente aos patriarcas, acreditou nas promessas de Deus antes mesmo de tê-las recebido. Não esperou ficar grávida para então comer e alegrar-se, mas faz isso logo após sua oração, sabendo que o assunto estava nas mãos de Deus. Penina deve ter ficado bastante surpresa com essa súbita mudança no comportamento de Ana.

### 1:19-20 Nascimento e escolha do nome de Samuel

As bênçãos do Senhor trazem resultados. Elcana deve ter coabitado muitas vezes com Ana, mas desta vez o resultado foi diferente (1:19). Deus agiu em resposta à oração abnegada de Ana. A condição que a impedia de ter filhos foi milagrosamente curada. Para Deus, nada é demasiadamente difícil ou excessivamente comum que o impeça de trazer bênçãos, de maneira que Ana e Elcana tiveram um filho (1:20a).

Deus agiu em favor de Ana, assim como o fez com Sara (Gn 18:13-14), Rebeca (Gn 25:21), a esposa de Manóá (Jz 13:2-3) e Isabel (Lc 1:7,13), e pode fazer a mesma coisa por nós hoje. Não importa a idade ou condição física, nem o que os outros pensam. Deus é Senhor de tudo, e seu poder não tem limites. Assim como Ana, precisamos orar a Deus como o único que nos pode ajudar.

Ana escolheu o nome a criança (1:20b). Em Israel, assim como na maior parte da África, é o pai quem geralmente escolhe o nome, embora algumas vezes a mãe possa fazer isso, mas quase sempre junto com o marido (Lc 1:57-63). Ana, entretanto, parece ter recebido autorização para isso, possivelmente porque seu marido não estava tão desesperado quanto ela para ter um filho.

*Teve um filho, a que chamou Samuel, que significa Do SENHOR o pedi* (1:20c). Ana lembraria seu voto todas as vezes que dissesse esse nome, resposta adequada para quando alguém perguntasse: “Por que entregar uma criança tão jovem para morar no templo?”, “Por que não deixá-lo com a família?”, “Por que a vida dele é tão diferente dos outros filhos de Elcana?”. Esse nome também lembraria ao menino seu próprio destino consagrado. Samuel passou o resto da vida consciente do significado de seu nome e procurando viver de forma condizente.

Nomes têm significados específicos em muitas culturas africanas. Podem referir-se a alguma provação que os pais passaram durante o período em que aguardavam a criança, ou podem homenagear uma divindade ou alguma pessoa importante que influenciou a vida dos pais. Os iornbas, na Nigéria, têm muito cuidado ao escolher o nome de seus

recém-nascidos. Chegam até mesmo a consultar oráculos a fim de encontrar um nome apropriado, pois acreditam em *oruko nro omo*, isto é, imaginam que a criança será influenciada a tornar-se aquilo que seu nome significa.

Nomes também são importantes nas Escrituras. Abigail reconheceu que o nome de seu marido, Nabal, significa loucura. Apesar de ser rico e bem-sucedido, Nabal agiu com insensatez (1Sm 25:25). Jacó também procedeu de acordo com o significado de seu nome, suplantador, pois lutou com seu irmão ainda dentro do útero, lutou com outras pessoas e até mesmo com Deus, que acabou mudando seu nome para Israel (Gn 32:28). Algumas vezes Deus atribui nomes a crianças que ainda estão por nascer, indicando quem serão e como agirão quando crescerem (Mt 1:21). Jesus mudou o nome de alguns de seus discípulos para indicar a forma como se eles comportariam dali em diante (Jo 1:42).

Diante desses exemplos, pais cristãos devem considerar cuidadosamente o nome que darão à suas crianças, embora não seja necessário dar-lhes nomes bíblicos para que vivam de forma piedosa. Mas precisamos lembrar que as crianças refletirão sua primeira identidade a partir do nome que lhe atribuímos. Dar nome às crianças pode ser um ato profético, apontando a direção do futuro da criança. Por causa disso, precisamos buscar a Deus em oração e ponderar cuidadosamente o nome que desejamos dar aos nossos filhos.

O que os cristãos devem fazer quando o nome que seus pais lhe deram invocam alguma divindade ou profecia? Alguns têm alterado seus nomes, porém isso não é essencial, a menos que recebam um mandamento específico de Deus para fazê-lo.

### 1:21-28 Cumprindo o voto

A lei de Moisés estabelece os princípios que regem os votos (Lv 27; Nm 30), mas aqui temos exemplos do que significam esses princípios na vida real.

Elcana sempre viajava a Siló para oferecer o sacrifício anual e *cumprir o seu voto* (1:21). A Bíblia não informa as circunstâncias que o levaram a isso. Ana também fez um voto perante o Senhor. Talvez não tenha dito a Eli, mas Elcana deveria saber, pois Ana lhe disse: *Quando for o menino desmamado, levá-lo-ei para ser apresentado perante o SENHOR e para lá ficar para sempre* (1:22). Elcana não fez objeções e, dessa maneira, validou o voto da esposa (Nm 30:10-15). Nossos votos não devem destruir o relacionamento conjugal. Por exemplo, algumas esposas usam as atividades da igreja como desculpa para desobedecer a seus maridos. Deus deixa claro, contudo, que esse não é procedimento aceitável.

Elcana respeitou a decisão de sua esposa e disse: *Faze o que melhor te agrade*. Além disso, demonstrou obediência a Deus: *Tão somente confirme o SENHOR a sua palavra* (1:23). Desse modo, Ana ficou em casa cuidando de seu filho até que este desmamou, provavelmente por volta de três anos de idade.

Finalmente chegou o tempo apropriado e Ana levou Samuel a Siló (1:24). Poderia ter oferecido sacrifícios para resgatar seu filho do voto prometido, conforme permitia a lei (Lv 27:1-8), mas seu objetivo não era esse. Ela havia calculado o custo e sabia que deveria preparar a si mesma e ao menino para entregá-lo a Deus. Após oferecer o sacrifício, levou seu filho a Eli e lembrou-o do episódio alguns anos antes, caso o sacerdote tivesse esquecido (1:25-27). Percebe-se claramente que Ana agiu por sua própria iniciativa. Ninguém a forçou a fazer o voto, nem o fez como forma de propaganda ministerial, como fazem algumas igrejas hoje em dia com os votos de seus membros. Nenhum sacerdote precisou acompanhá-la para ver se ela estava cumprindo seus votos. Biblicamente falando, o voto é um assunto particular entre Deus e o proponente.

O relato de Ana ao sacerdote chega ao ápice com as palavras: *Pelo que também o trago como devolvido ao SENHOR* (1:28a). Ana fez sua oferta como resposta à fidelidade de Deus — assim como devem ser todas as nossas ofertas, devolvendo a Deus aquilo que ele nos deu em primeiro lugar.

Algumas versões trazem “emprestado” em vez de “devolvido”, sugerindo uma transferência temporária. Ana sabe que Samuel é um empréstimo permanente ao Senhor, mas o termo “emprestado” nos faz lembrar a humildade do nosso Deus. Ele é o Criador, e todas as coisas que existem lhe pertencem; porém, ele as concede a nós e nos permite decidir devolvê-las. E quando devolvemos voluntariamente aquilo que ele nos deu, Deus aprova nosso ato para sempre, como se fôssemos donos legítimos daquilo que lhe ofertamos. Portanto, ficará registrado para sempre a oferta de Ana a Deus, assim como a generosidade da viúva de Sarepta para com Elias, da mulher rica de Suném para com Eliseu (1Rs 17:7-16; 2Rs 4:8-10) e da unção de Jesus por Maria em Betânia (Mc 14:1-9). Deus transforma nossas ofertas em parte de seus propósitos na terra e abençoa o doador (2:20-21).

A dedicação de Samuel ao Senhor era permanente: *por todos os dias que viver* (1:28b). Ana sabia que não havia volta; Samuel ficaria ali para sempre. Que determinação em agradar a Deus!

Muitos africanos comparecem à presença de Deus aos domingos, mas também comparecem diante de outros deuses em suas comunidades, pois seus laços familiares são mais fortes que sua fé em Cristo. Consequentemente, nominalismo, sincretismo e idolatria atormentam a igreja de nosso continente. Os cristãos devem compreender que viver para Jesus exige viver nele e em sua vontade para o resto da vida, sem voltar atrás para servir ambições familiares, espíritos ancestrais, ídolos ou qualquer outra coisa que seja contrária à fé em Jesus Cristo.

Ao final deste capítulo, lemos *E eles adoraram ali o SENHOR* (1:28c). Samuel reconheceu sua dedicação ao Senhor como privilégio que evoca adoração. Este é o es-

pírito em que devemos oferecer nossa vida a serviço do Senhor (Rm 12:1).

## 2:1-11 A oração de Ana

Em 1:13, Ana orou *com gemidos inexprimíveis* (Rm 8:26). Seus lábios se moviam, mas não se ouvia nenhuma palavra. Agora, contudo, ela ora em voz alta adorando e louvando tudo o que o Senhor realizou em sua vida. Este contraste nos faz lembrar que há muitas formas de orar, incluindo ações de graça e louvor, petições, intercessão e confissão.

A oração de Ana não foi vã repetição em linguagem deturpada, nem discurso cuidadosamente formulado para ser apresentado em congresso ou sermão sobre Deus dirigido aos sacerdotes. Ana orou com o coração diretamente ao Senhor (2:1a), demonstrando o que Paulo quis dizer quando pediu que os cristãos falassem *com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais* (Ef 5:19). O *Magnificat* de Maria expressa alegria semelhante quando declara: *A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador* (Lc 1:46-47). Assim como ocorreu com Maria e Zacarias (Lc 1:68-75), Ana estava cheia do Espírito e irrompeu em louvor e profecia, demonstrando que uma mulher piedosa tem liberdade para exercitar seus dons espirituais até mesmo na casa de Deus.

A oração de Ana é semelhante ao modelo de oração de Cristo (Lc 11:2), pois começa com adoração a Deus. Embora tenha sido a dedicação de Samuel que ocasionou essa oração de ação de graças, Samuel não é mencionado de modo específico. Ana estava alegre por causa do doador, e não pela dádiva recebida. Sabia que havia outros “Samuéis” a caminho, porém havia um único Deus inigualável: *Não há santo como o SENHOR (2:2a)*. Todos os versículos de sua oração mencionam o nome do Senhor e nele se concentram.

Os africanos às vezes são bastante emocionais e expressivos na adoração a Deus, mas geralmente se concentram em descrever aquilo que Deus fez. Alegramo-nos com suas dádivas, mas nos esquecemos do doador. A alegria de Ana, contudo, não se referia ao milagre de Deus, nem à bênção de Eli, nem aos seus amigos e simpatizantes; antes, sua alegria estava no próprio Deus. Esta é a única maneira de cultivar alegria constante, viva e completa. “Samuéis” vêm e vão; as dádivas podem desaparecer, quebrar ou ser roubadas. Todavia, o Senhor, o autor da vida, permanece o mesmo para sempre.

As Escrituras apresentam o chifre como um símbolo de força, como um touro preparando-se para enfrentar um adversário ou predador. Em algumas culturas africanas, o chifre também representa um símbolo de força e poder invencível. A mitologia ioruba descreve um poderoso demônio com muitos chifres. Curvar a cabeça (ou o chifre) é sinal de vergonha e derrota, mas levantar o chifre como um touro sacudindo a cabeça é sinal de vitória. Esta é a ideia que se percebe nas palavras de Ana: *A minha força*

[no hebraico, “chifre”] *está exaltada no SENHOR (2:1b)*. Ana vivia numa cultura em que a única dignidade das mulheres estava na capacidade de gerar filhos para o marido, especialmente filhos homens. Conhecemos bem esse aspecto na África. Por essa razão, são comuns os nomes Ijagbemi (“Sou vitorioso”), Omodamilaré (“A criança me vindicou”), Adeponmile (“Minha coroa”), pois representam o fato de que o nascimento da criança salvou a mãe da vergonha e injúria. Ana, porém, não disse que sua força (chifre) estava exaltada em função da criança, mas por causa do Senhor. Ana sabia onde estava sua esperança: *A minha boca se ri dos meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação (2:1c)*. Sua fé e o alívio que ela recebeu daqueles sentimentos de inferioridade e vergonha não estavam ligados ao seu filho, mas ao livramento de Deus, sabendo que *não há outro além de ti; e Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus (2:2b)*.

Deus não tem rivais — seja em poder, santidade ou qualquer outro aspecto. O Senhor conhece tudo, conforme afirma Ana quando diz: *O SENHOR é o Deus da sabedoria e pesa todos os feitos na balança (2:3)*. Deus não precisa de luz ou raios X para ver e perceber as coisas. Ele conhece todos os nossos pensamentos. Podemos enganar os outros, mas Deus nos conhece. É ele, e não a opinião das pessoas, que determina o certo e o errado em qualquer decisão que tomamos.

A oração de Ana concentra-se na soberania de Deus, isto é, em seu poder absoluto para fazer tudo o que desejar. Ele quebra o arco dos guerreiros, deixando-os impotentes, mas fortalece os fracos e cansados (2:4). Ele altera as circunstâncias das pessoas: quem tinha tudo e não reconheceu a Deus agora se desespera em busca de algum trabalho para ter o que comer; mas quem andava faminto agora tem alimento (2:5a). Mulheres que se orgulhavam de si mesmas por terem muitos filhos agora perdem o vigor e andam envergonhadas; mas a estéril e desesperada, como Ana, recebe muitos filhos (2:5b).

A lista de revertérios continua, contrastando morte e vida, riqueza e pobreza, prestígio e decadência (2:6-8). Deus está no controle de tudo: ninguém está em condição tão miserável que Deus não possa levantá-lo; ninguém consegue afastar-se para tão longe a ponto de Deus não conseguir alcançá-lo; e ninguém pode subir tão alto que Deus não consiga derrubá-lo!

Considerando que Deus é quem estabelece as circunstâncias das pessoas, mesmo quando coloca alguns *entre os príncipes (2:8a)*, não devemos arquitetar manobras para passar à frente de irmãos e irmãs e tomar suas posições. Antes, precisamos trabalhar com paciência e fidelidade na obra que nos foi dada, utilizando os dons que Deus nos deu (1Co 12:28). Seja qual for a circunstância que ele nos tenha colocado na vida ou no ministério, essa situação foi concedida por Deus.

O poder de Deus é tão grande que até *as colunas da terra* lhe pertencem, pois foi ele quem *assentou sobre elas o*

*mundo (2:8b)*. O Senhor sustenta o mundo inteiro em suas mãos, e é somente por causa dele que tudo continua existindo. A ciência não criou nada; apenas vem descobrindo um pouco do que Deus criou. Se Deus sacudisse as fundações da terra, toda a estrutura do mundo desmoronaria imediatamente.

Ana reconheceu a enorme diferença entre o poder de Deus e o poder dos homens. Enxergou além do que pode ser percebido com os olhos e declarou: *porque o homem não prevalece pela força (2:9b)*; cf. tb. Ec 9:11). O maior consolo e fonte de energia do cristão está em saber que Deus *guarda os pés dos seus santos (2:9a)*. Quando reconhecemos a Jesus como nosso Salvador e Senhor, passamos a pertencer a Deus; por sua vez, o Senhor luta nossas batalhas, e nossos inimigos se tornam adversários dele (cf. 1Cr 16:22). Nossos inimigos *são quebrantados*, isto é, feitos em pedaços. Quando Ana diz que o Senhor *dos céus troveja contra eles (2:10a)*, talvez estivesse pensando em episódios como aquele descrito em Josué 10:11. A batalha é do Senhor. Que pensamento consolador para aqueles que creem e seguem ao Senhor de coração!

Quando o Senhor coloca as pessoas em determinadas posições, também concede a elas os recursos necessários para desempenharem suas tarefas: *dá força ao seu rei e exalta o poder do seu ungido (2:10b)*. Este princípio é a base para o ministério eficaz, quer no mercado de trabalho, quer no serviço religioso.

Na época de Ana, Israel não possuía rei. Suas palavras, portanto, tinham caráter profético e apontavam para o Rei dos reis e Senhor dos senhores, aquele que reinará para sempre. Este derrotou Satanás, o inimigo, e destruiu suas armas. Agora ele se assenta em seu trono e *julga as extremidades da terra (2:10c)*.

Essa oração espontânea revela o coração de Ana (Mt 12:34). A profundidade de seu conhecimento sobre Deus e a compreensão da fraqueza e insuficiência humanas demonstram que Ana meditava dia e noite na lei de Deus.

A consagração de Samuel terminou com o fim da oração, e então Ana teve de enfrentar a dura realidade do seu voto. Ana e Elcana voltaram para casa, deixando Samuel para ser treinado por Eli no serviço do Senhor (2:11). Que desafio para nós hoje: abandonarmos nossos tesouros aos pés do Senhor, em vez de nos apegarmos a eles!

## 2:12—4:1a O ministério de Samuel no templo

### 2:12-17 Os filhos perversos de Eli

Morando no templo, Samuel estava exposto à influência perversa dos filhos de Eli, chamados de “filhos de Belial” (2:12), expressão utilizada nas Escrituras em referência aos homens pervertidos. “Belial” parece ter sido o nome de um demônio. Hofni e Fineias eram de linhagem privilegiada, mas desperdiçaram suas oportunidades. A principal razão da perversidade deles era que eles *não se importavam*

*com o SENHOR*. Sabiam da existência de Deus, conheciam as tarefas do templo e as datas e estações das ofertas e festivais anuais; sabiam quais eram as exigências da lei com relação aos tipos de ofertas; sabiam até recitar o catecismo hebraico e fazer orações convencionais. No entanto, não conheciam a Deus com o coração, apenas com a mente, pois não tiveram um encontro pessoal com Deus. Consequentemente, *desprezavam a oferta do SENHOR (2:17)*.

Conhecer verdadeiramente ao Senhor é perceber, por meio da interação diária com Deus, quão maravilhoso ele é. É ter tamanha comunhão com ele a ponto de suas preferências e desejos se tornarem nossos objetivos de vida em um relacionamento crescente. Esse conhecimento é construído de forma cumulativa através dos anos. Começa com o primeiro encontro na conversão, mas não termina aí (cf. Os 6:3; Jo 17:3). É provável que os filhos de Eli nunca tenham tido esse primeiro encontro com Deus, ou talvez se tenham concentrado tanto no ministério que acabaram esquecendo o Senhor. O ministério por si mesmo não nos pode tornar pessoas espirituais. Na verdade, pode até endurecer nosso coração e nos tornar imunes ao temor do Senhor. O ministério pode tornar-nos presunçosos quanto ao nosso crescimento espiritual e relacionamento com Deus, pois há o risco de colocarmos todo o nosso esforço em programas e atividades externas. É por essa razão que Jesus adverte que *poderá renegar aqueles que alegam agir em seu nome (Mt 7:22-23)*.

Hoje vemos cobiça e imoralidade desenfreadas entre nossos ministros, pois muitos estagnaram em seu conhecimento de Deus. Estas pessoas negligenciam o ministério da palavra e procuram obter lucros com a pregação. Como os filhos de Eli, tiram para si mesmos as melhores porções das ofertas (2:13-16).

### 2:18-21 A infância de Samuel

Apesar da má influência dos filhos de Eli, *Samuel ministrava perante o SENHOR (2:18)*. Seu comportamento possivelmente reflete a influência recebida de sua mãe, que deve tê-lo ensinado a obedecer à palavra de Deus e às instruções de Eli, sem levar em consideração o comportamento dos outros. Caso seus meio-irmãos e irmãs fossem tão desagradáveis quanto a mãe deles, Penina, Samuel também teria aprendido a não imitar automaticamente o comportamento dos mais velhos.

O segredo para crescer em santidade e conhecimento do Senhor é certificar-nos que todo nosso serviço seja dedicado a Deus e feito em obediência a ele. Toda doutrina, não importa quão maravilhosa seja, seca e morre se não estiver enraizada e vivificada em Deus. A palavra que ministramos deve ser sustentada e revigorada diante de Deus, do contrário se tornará letra de lei, que mata. Todo ensinamento que não tem o selo de Deus é estéril. Pode até parecer correto, eficaz e robusto, mas não tem vida. Moisés sabia disso quando declarou a Deus que não iria a lugar algum sem que

o Senhor o acompanhasse (Êx 33:15), e Paulo salientou que seu ministério era conduzido com sinceridade diante da presença de Deus (2Co 2:17; 4:2).

Embora Ana e Elcana tenham entregado Samuel ao Senhor de todo o coração, ainda continuaram auxiliando-o, levando-lhe todo ano *uma túnica pequena* (2:19). Essa oferta não distraiu Samuel de seu chamado. Parece que seus pais nunca pediram que ele fosse visitá-los, nem mesmo uma única vez. Samuel foi consagrado ao Senhor definitivamente, e Ana confiava que Deus tomaria conta dele.

O que você faria se Deus chamasse um de seus filhos para o ministério cristão? Você o encorajaria ou o sobrecarregaria com problemas para que se sentisse irresponsável por deixar o lar e servir ao Senhor? O exemplo de Ana nos lembra que o Senhor abençoa os pais quando estes permitem que seus filhos respondam ao chamado de Deus. O Senhor deu a Ana e Elcana outros *três filhos e duas filhas* (2:21a), respondendo à oração de Eli em agradecimento à oferta de Ana (2:20).

Enquanto a mãe de Samuel cuidava de seus irmãos e irmãs em casa, *o jovem Samuel crescia diante do SENHOR* (2:21b). Ainda não possuía um ministério público, mas se firmava no Senhor. Enquanto os filhos de Eli praticavam perversidades, Samuel crescia em comunhão pessoal com Deus.

### 2:22-25 A fraca repreensão de Eli a seus filhos

Eli ficou  *muito velho* (2:22a) e chegou naquele ponto da vida em que deveria olhar para trás e observar suas realizações ao Senhor e alegrar-se com o ministério espiritual de seus filhos. Entretanto, o caso de Eli é uma daquelas tristes histórias de homens ou mulheres piedosos que estiveram muito ocupados com o ministério para dar atenção aos filhos. De acordo com os padrões de Deus, o ministério não tem prioridade sobre a família (1Tm 3:4-5,12).

Eli deve ter sido bombardeado com relatórios negativos sobre o comportamento de seus filhos (2:16,22), que envergonhavam o pai aos olhos daqueles a quem ele havia ministrado. Eli teria compreendido o provérbio africano: “A criança que você não educou direito venderá a casa e os negócios que você passou tanto tempo construindo”. Seus filhos pareciam determinados a destruir o ministério que Eli construiu durante uma vida inteira.

A repreensão de Eli dá indicações do problema que vinha ocorrendo. Em vez de agir com firmeza e controlar o comportamento dos filhos, Eli se desespera e pergunta: *Por que fazeis tais coisas? Pois de todo este povo ouço constantemente falar do vosso mau procedimento* (2:23). Eli parecia prestar mais atenção ao que as pessoas diziam que ao comportamento dos filhos (2:24). Em vez de exigir arrependimento, utilizou um exemplo hipotético: *Pecando o homem contra o próximo...* (2:25a).

Não surpreende que seus filhos o ignorassem. Esse comportamento perverso deles não apareceu de repente: começou quando eles retiraram porções do sacrifício (2:13-14) e

avançou até o ponto de usarem a força para extrair as melhores partes, antes mesmo de serem oferecidas ao Senhor (2:15-16). Depois, progrediu para a imoralidade, uma vez que eles *se deitavam com as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação* (2:22b). Eli deveria ter interrompido o comportamento dos filhos muito antes de chegar a esse ponto. Ao primeiro sinal de preocupação, deveria tê-los denunciado e suspenso por algum tempo o seu ministério no santuário. Conforme diz o provérbio: “É quando a árvore de iroko ainda está jovem que se endireitam os galhos, porque depois de crescida ficará daquele jeito para sempre” (cf. Pv 13:24; 19:18).

Pais e líderes cristãos devem observar atentamente seus filhos naturais e espirituais a fim de garantir que eles estejam firmes na fé. Você costuma bajular as pessoas que não andam com o Senhor oferecendo-lhes cargos na igreja? Insiste para continuarem participando das atividades musicais, mesmo sabendo que sua vida não está correta diante de Deus? Permite que seus filhos façam uso das dependências da igreja como se fossem deles? Por exemplo, seus filhos utilizam o veículo oficial da igreja para fins particulares? As pessoas que respeitam você, por causa da unção de Deus em sua vida, tratam seus filhos de modo diferente em vez de insistir que eles devem comportar-se como qualquer outra criança da congregação? Os filhos de Eli não conheciam o Senhor antes de participar dos privilégios do serviço no templo, e por isso se corromperam.

A razão pela qual os filhos de Eli *não ouviram a voz de seu pai era porque o SENHOR os queria matar* (2:25b). Hofni e Fineias pecaram além do âmbito da graça de Deus e entraram em território de julgamento, no qual o Senhor endurece o coração em vez de convencer do pecado. Isso ocorreu com Faraó (Êx 4:21) e se refere ao mesmo princípio que Paulo trata quando diz: “Deus os entregou” (Rm 1:24,26), e também ao significado das palavras de João quando diz: “Há pecado para morte” (1Jo 5:16). É terrível cair nessa situação! Porém, isso só ocorre quando alguém que conhece a verdade persiste deliberadamente no pecado (Rm 1:18).

### 2:26 O desenvolvimento de Samuel

Enquanto os filhos de Eli cresciam em perversidade, *Samuel crescia em estatura e no favor do SENHOR e dos homens* (2:26). O crescimento do corpo ocorre de modo automático, porém o desenvolvimento espiritual necessita de muito zelo. É fácil parar de crescer e passar a confiar nas experiências gloriosas com o Senhor no passado. Contudo, nosso crescimento, assim como o de Samuel, deve ser contínuo. O fogo do passado só produz cinzas; não pode acender uma chama nova.

Conforme Samuel crescia, passava a experimentar o favor de Deus e das pessoas. Qualquer um que deseje ser bem-sucedido no ministério precisa desfrutar de ambos. Mas o favor de Deus deve ser nossa prioridade máxima e tem muito mais valor que o favor dos outros. É mais importante



fazer o correto diante de Deus que criar uma imagem pública (cf. Pv 16:7). Esta última é mais fácil de construir, pois só precisamos ser gentis e sociáveis; contudo, muitas vezes isso implica comprometer nosso padrão de santidade. O crescimento espiritual é muito mais difícil, pois requer que nos conformemos cada vez mais à imagem de Deus, para que o Senhor possa expressar-se através de nós. Samuel se tornou um homem a quem Deus podia visitar e até mesmo confiar o anúncio de sua mensagem de julgamento futuro para a família de Eli (3:11-14).

### 2:27-36 A repreensão do Senhor a Eli e seus filhos

Devido à relutância de Eli, Deus precisou repreendê-lo por meio de um *homem de Deus* (2:27), alguém que teve a coragem de obedecer ao Senhor e entregar para um líder mais velho uma mensagem clara de repreensão e julgamento.

### 2:28-29 O favor de Deus e o fracasso de Eli

Eli exercia a função de sacerdote por causa da aliança que Deus fizera com Arão, particularmente com Fineias, neto de Arão, que usou uma lança para pôr fim ao pecado de Israel (2:28a; cf. Nm 25:5-8). Eli e seus filhos, portanto, estavam arruinando um relacionamento que havia sido estabelecido por meio de obediência zelosa e consagração ao Senhor. Além disso, eles perverteram muitos privilégios que desfrutavam como sacerdotes: *para subir ao meu altar, para queimar o incenso e para trazer a estola sacerdotal perante mim* (2:28b). Deus providenciava o sustento de Eli e sua casa, dando-lhes *todas as ofertas queimadas dos filhos de Israel* (2:28c).

Eli e seus filhos desfrutavam desses privilégios porque Deus os escolhera graciosamente. Todos aqueles chamados para o ministério devem lembrar que se trata de uma responsabilidade que lhes foi confiada (1Co 4:1-2; 2Co 4:1-2; Gl 1:15-16). Consequentemente, devemos chegar diante do altar com temor e tremor, sem agir como se nosso trabalho para Deus fosse um serviço qualquer obtido por nossas qualificações acadêmicas ou habilidades humanas superiores.

Deus diz claramente o que está errado para que Eli não pense estar sendo acusado arbitrariamente: *Por que pisais aos pés os meus sacrifícios e as minhas ofertas de manjares, que ordenei se me fizessem na minha morada?* (2:29a). Ou seja, Eli estava insultando a Deus em vez de adorá-lo. Deus não considerou o comportamento dos filhos de Eli como mera extravagância da juventude. Observou a timidez de Eli ao repreender seus filhos, e como estes colocavam seus prazeres pessoais acima dos mandamentos de Deus (2:29b). Moisés e Arão cometeram o mesmo erro no deserto de Zim, diante das águas de Meribá, e Deus os repreendeu por não honrarem ao Senhor e preservarem sua santidade diante do povo (Nm 27:14).

Deus tem ciúmes de sua glória. Precisamos cuidar para que nossos atos não lancem o nome do Senhor na lama.

Precisamos honrá-lo com nossa conduta ministerial e temê-lo mais que nossos filhos ou qualquer outra pessoa. Precisamos repreender os membros que desobedecem à palavra de Deus, independentemente de eles ameaçarem sair ou não da igreja. Não devemos colocar pessoas que vivem de modo contraditório com a palavra de Deus em funções e atividades na igreja apenas porque precisamos de seus votos para permanecer no cargo. Esses subterfúgios acabam honrando mais as pessoas que a Deus.

Deus também se irou com a forma como as ofertas eram tratadas: *para tu e eles vos engordardes das melhores de todas as ofertas* (2:29c). Deus concedeu aos sacerdotes uma porção específica das ofertas (2:28c). Se Deus cuida até mesmo dos animais, ordenando ao seu povo não atar “a boca ao boi quando debulha” (Dt 25:4), também providenciaria comida suficiente para seus servos. Deus sabe, assim como sabia Jesus, que “digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10:7). Paulo utiliza essas duas afirmações para indicar a necessidade de sustentar aqueles que ensinam a palavra de Deus (1Tm 5:18). Mesmo assim, Eli e seus filhos não estavam contentes com seu salário, e engordavam com o melhor de todas as ofertas do povo.

Ainda hoje há ministros que abusam das ofertas dos cristãos. Alguns aceitam qualquer oferta, onde quer que puguem. Outros declaram que todos os dízimos pertencem ao sumo sacerdote — e então se autoneoiam para o cargo. Outros recebem diretamente os dízimos trazidos por suas congregações, de modo que alguns pastores e fundadores de igrejas estão mais ricos que todos os membros da congregação juntos. Até mesmo inventam ofertas adicionais: oferta de profeta, oferta de revelação, oferta de nova unção, oferta de sementes da fé, ofertas de agradecimento, ofertas de cura e assim por diante, embolsando os lucros. Engordam e exibem seus carros grandes, roupas caras e joias finas. Ainda hoje percebemos o erro de Eli em nossas congregações! É inaceitável que a obra de Deus não receba orçamento adequado para ajudar as viúvas e os pobres e pagar o aluguel do local de reunião, enquanto os chamados homens de Deus recebem altos salários, pilotam máquinas luxuosas e moram em mansões.

Precisamos ser fiéis no gerenciamento das finanças da igreja e nunca retirar as melhores porções deixando migalhas para a obra de Deus. Não fomos chamados para gerenciar um negócio, mas para exercer um ministério de sacrifício.

### 2:30-34 O julgamento de Deus

O julgamento de Deus começa com o termo “portanto”. Deus não pune sem razões adequadas, nem afasta as pessoas do ministério sem antes fazer várias advertências.

Deus inicia o julgamento lembrando sua promessa: *Na verdade, dissera eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente* (2:30a). O Senhor não esquece suas promessas, mesmo que as pessoas as quais original-

mente elas se referiam tenham morrido. Deus honra sua palavra aos descendentes.

No entanto, embora respeite as alianças e heranças familiares, Deus pune os indivíduos que se comportam mal e o *desprezam* (2:30b). É exatamente isso o que aconteceu com Eli e seus descendentes. Deus continuou honrando sua aliança com Fineias e Arão, porém decidiu remover Eli e seus descendentes daquela linhagem.

Da mesma forma que a obediência de Fineias trouxe bênçãos aos seus descendentes muito depois de sua morte, a desobediência de Eli trouxe morte, pobreza e aflição aos seus descendentes. Todas as maldições que Deus pronunciou a Eli em 2:31-36 sucederam (cf. tb. 4:17; 1Rs 2:27).

Devemos prestar atenção ao nosso comportamento para não colocar em risco o destino de nossos filhos.

Observamos este padrão de recompensa/punição ao longo de todas as Escrituras. Toda a raça humana caiu com Adão, e todos passamos a ter acesso à redenção por meio da obediência de um único homem, Jesus Cristo (Rm 5:14-19). Contudo, embora o sacrifício de Cristo seja suficiente para perdoar nossos pecados, precisamos apropriar-nos pessoalmente disso se quisermos obter os benefícios decorrentes. Aqueles que desprezam a obra que Cristo realizou por eles, esses morrerão. Nossa caminhada pessoal com Deus vale mais que qualquer bênção que possamos herdar de nossos ancestrais.

### 2:35-36 A substituição de Eli

O Senhor já vinha preparando o substituto de Eli, ou seja, o menino Samuel, descendente da família dos coaitas, por sua vez descendentes de Fineias (1Cr 6:33-34). Deus mantém sua promessa.

O sacerdote que Deus estava preparando seria *um sacerdote fiel* (2:35a), isto é, alguém confiável e fiel, tanto nas coisas pequenas quanto nas grandes.

Hoje, sacerdotes fiéis são aqueles que pregam fielmente a mensagem de Deus, considerando as Escrituras como autoridade final, mesmo quando estas condenam seu próprio estilo de vida. Eles não utilizam a pregação como oportunidade para falar de si mesmos, e não deixam de tratar certos assuntos apenas para agradar o conselho da igreja.

O sacerdote fiel deve agir com fidelidade para com seus colaboradores. Deve demonstrar dependência e consideração por todos, e cuidar para que seu próprio comportamento não difame a glória de Deus. Não deve explorar os membros desesperados de sua congregação, nem intimidá-los com um escritório luxuoso ou seduzi-los ao sexo ilícito. O sacerdote fiel observa seu próprio comportamento em todas as áreas e o tempo todo, incluindo sua própria família, para que não gaste muito tempo aconselhando os outros e esqueça ou se torne negligente no cuidado de sua esposa e filhos. O sacerdote fiel está consciente que recusar delegar tarefas aos outros pode ser sinal de ambição pessoal em vez de dedicação piedosa.

E, finalmente, o sacerdote fiel também é fiel consigo mesmo. Não vive em hipocrisia, fingindo ser espiritual quando na verdade está apostatando. Confessa seus pecados prontamente e busca auxílio para lidar com suas faltas. Essa honestidade consigo mesmo indica que o sacerdote fiel não suaviza suas próprias falhas enquanto condena com severidade os erros dos outros. Também implica ouvir as críticas daqueles cuja motivação não é destruir o ministério, mas edificar. A crítica construtiva merecer ser ouvida, pois contribui para desenvolver o caráter piedoso.

O próprio Deus resume o que significa ser um sacerdote fiel quando afirma que seu escolhido *procederá segundo o que tenho no coração e na mente* (2:35b). O sacerdote fiel não busca seus próprios interesses ou conveniências, mas vive apenas para agradar a Deus. Para ser alguém assim, é preciso conhecer a Deus pessoalmente, a única forma de saber o que se passa no coração e na mente de Deus. Este crescimento em conhecimento pessoal de Deus será sua primeira prioridade, independente de quaisquer outras exigências em seu ministério. Será conduzido pelo Espírito Santo, pois ninguém pode saber o que se passa no coração dos outros a menos que haja interação com o espírito dessas pessoas.

Para sermos servos fiéis de Deus, precisamos ter nossos olhos fixos diariamente em Deus e perceber o que ele está fazendo nos céus para então fazermos a mesma coisa aqui na terra (cf. Mt 6:10). Deus não quer servos que usem seu nome a fim de obter ganhos pessoais, mas busca aqueles cujo único propósito no ministério é agradá-lo e fazer sua vontade, ainda que isso nos custe a vida.

Deus também afirma que seu sacerdote fiel *andar*á [...] *diante do meu ungido para sempre* (2:35c). A quem Deus se refere aqui? Alguns argumentam que o sacerdote fiel é Samuel, que conduziu um ministério profético e sacerdotal durante a época de Saul e Davi, ambos ungidos por ele (10:1; 16:13). Entretanto, considerando o destaque da palavra “meu” na frase “diante do meu ungido”, e o contexto no qual Saul se tornou rei (8:4), parece mais apropriado afirmar que o ungido é Davi. Nesse caso, o sacerdote fiel seria Zadoque, que serviu durante o reinado de Davi (2Sm 8:17). Seu ofício, assim como o de seus descendentes, é descrito como digno (Ez 44:15; 48:11). Na visão de Ezequiel, eles aparecem como os únicos sacerdotes (Ez 40:46; 43:19).

No NT, Cristo é o “ungido” definitivo, aquele que reúne em si mesmo os ofícios de profeta, sacerdote e rei. A longo prazo, Jesus se qualifica como sacerdote fiel (Hb 2:17; 5:5-6) e “meu ungido”. Entretanto, parece que nessa mensagem a Eli Deus estava falando do ofício de Zadoque no reinado de Davi.

### 3:1-3 As consequências da apostasia sacerdotal

A apostasia do sacerdote abala o ministério no santuário, pois, *naqueles dias, a palavra do SENHOR era mui rara* (3:1). Deus fala somente por meio de canais puros e sujeitos a ele. As pessoas que vinham ávidas para ouvir a palavra de

Deus voltavam vazias e decepcionadas. O comparecimento aos festivais e sacrifícios deve ter diminuído bastante.

Nossa caminhada pessoal com o Senhor determina quanto responsabilidade Deus nos concede para administrar. Se pregarmos sem receber a unção do Espírito Santo, nada haverá a oferecer senão sermões, histórias e filosofias. O coração de nossos ouvintes ficará envenenado e nossas igrejas morrerão.

Eli estava quase cego (3:2a), algo que pode estar associado à sua idade avançada, visto que ele morreu aos 98 anos de idade (4:15). Porém, sua condição física representava a condição de seu coração. Eli perdeu ambas as visões: a física e a espiritual.

Eli estava *deitado no lugar costumado* quando a lâmpada de Deus se apagou no templo (3:2b; para mais detalhes sobre essa lâmpada, cf. Êx 25:31-40; 27:20-21; Lv 24:2). Esta escuridão também é simbólica: a escuridão física e espiritual preenchiam todo o templo. A habitação de Deus estava tornando-se escura e vazia, exceto pela presença de Samuel (3:3).

Cada um de nós precisa examinar a condição da luz que há em nossa própria igreja. As pessoas saem iluminadas após o culto? A lâmpada de Deus, isto é, a palavra de Deus (Sl 119:105), continua brilhando? Será que ela é tratada com carinho por meio da oração para que continue brilhando cada vez mais no coração daqueles que a ouvem? Ainda há óleo para mantê-la acesa? Ou o óleo do Espírito secou e agora só resta o pavio queimando, enquanto as pessoas ouvem apenas a letra da lei e caminham cegas por causa da fumaça?

### 3:4-10 A vocação de Samuel

O julgamento de Deus sobre a casa de Eli (2:31-34) não significa que o Senhor a deixará desamparada. Embora Samuel ainda fosse jovem, o *SENHOR chamou o menino* (3:4).

A voz de Deus soou exatamente como a voz de Eli chamando-o para alguma incumbência. Consequentemente, Samuel se dirigiu a Eli todas as vezes (3:5-8a). Ele não teria cometido esse erro se Deus tivesse falado por meio de terremoto ou fogo. Entretanto, o chamado de Deus geralmente não vem acompanhado de estrondo; pode parecer não mais que um pensamento comum. Mas também pode soar como um trovão, como aconteceu com Jesus (Jo 12:29). Para julgar se o que ouvimos é ou não a voz de Deus, precisamos considerar se o conteúdo da mensagem traz honras a Deus e está em harmonia com a palavra de Deus nas Escrituras.

Deus, que não se pronunciara em Siló por muitos anos, quer em visões, quer em sonhos, esperou até que Eli percebesse quem estava chamando Samuel (3:8b). Eli aconselhou Samuel a responder assim: *Fala, SENHOR, porque o teu servo ouve* (3:9). E Deus falou quando Samuel ouviu com atenção (3:10).

Deus não fala conosco até ter certeza de que estamos prontos para ouvir. Quando chamou Moisés, esperou até

este dizer: “Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima?” (Êx 3:3-5). Deus não entregou a mensagem completa a Saulo na estrada para Damasco até que ele estivesse orando e pronto para ouvi-lo (At 9:11). A voz de Deus pode estar tornando-se escassa em nossos dias porque andamos muitos ocupados para ouvi-lo. Nossa vida se tornou tão cheia de atividades que não temos mais tempo para ouvir Deus falar.

### 3:11-18 A mensagem de Deus

Em sua primeira visita a Samuel, Deus não lhe comunicou detalhes sobre seu futuro ou seu ministério. Aqueles que são chamados para ministrar hoje não devem concentrar-se excessivamente no que Deus diz sobre o que acontecerá com eles no futuro.

O que Deus fez com Samuel foi confiar-lhe algo que estava prestes a realizar: *Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que a ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos* (3:11). Essa mensagem fez de Samuel um profeta.

Deus falou do julgamento vindouro sobre Eli e toda a sua família. Embora não tenha falado sobre o ministério de Samuel, esta mensagem deve ter sido entendida pelo profeta quando chegou sua vez de liderar. Quando Deus permite observarmos as falhas de nossos líderes, não devemos ridicularizá-los. Antes, precisamos tomar precauções para não incorrer nas mesmas faltas. Deus não tolera em nós faltas que ele condena nos outros, especialmente quando nos advertiu a respeito.

Tudo o que Deus disse a Samuel foi confirmação daquilo que vinha dizendo a Eli, quer por meio da própria consciência do sacerdote, quer por outro homem de Deus (2:27-34). Deus salientou esse fato repetidas vezes: *Tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa [...] Porque já lhe disse [...] Jurei à casa de Eli que...* (3:12-14). Esse é o modo pelo qual Deus trata seus servos: primeiro ele fala diretamente conosco antes de enviar mensagens por outra pessoa. Na maioria das vezes, os profetas são enviados para confirmar uma mensagem em vez de anunciá-la. Os profetas atuais não são substitutos do Espírito Santo, que habita no coração dos cristãos, mas apenas entregam mensagens que confirmam o que Deus já havia dito, quer por intermédio do Espírito no coração, quer através das Escrituras.

Samuel reagiu a esta primeira visão de Deus permanecendo deitado na cama até de manhã (3:15a). Provavelmente nem dormiu, ponderando as implicações daquela mensagem em sua própria vida e assombrado com o fato de Deus ter falado diretamente com ele, e não com seu mestre. A reação de Samuel é modelo de como reagir à palavra de Deus. Não devemos ficar empolgados com o que ouvimos, mas ponderar sobre a mensagem até que esta se misture à fé em nosso coração (Tg 1:19).

Talvez Samuel também estivesse buscando sabedoria para descobrir a melhor forma de entregar a mensagem a Eli. Essa sabedoria é necessária para que a mensagem seja

transmitida de maneira exata e desperte a reação correta no ouvinte.

Na manhã seguinte, Samuel *abriu as portas da Casa do SENHOR (3:15b)*, conforme seus afazeres diários. A visão de Deus durante a noite não o fez negligenciar suas obrigações, porém ele manteve a mensagem guardada em seu coração até ser compelido por Eli a revelá-la, pois *temia relatar a visão (3:15c)*. Isso é compreensível, uma vez que Samuel ainda era uma criança e Eli era seu mestre e mentor. Eli foi gentil ao aconselhar Samuel a responder ao Senhor durante a noite, porém Samuel não sabia como o sacerdote reagiria agora ao receber mensagem tão terrível.

Samuel não ficou alegre ao anunciar juízo para a família de seu patrão. Juízo este, aliás, que não poderia ser impedido, pois Deus jurou que *nunca lhe será expiada a iniquidade (3:14; cf. comentário em 1:25)*. Percebe-se claramente que Samuel agiu com compaixão e sem ambições de ocupar a liderança.

Eli precisou usar de muita persuasão para convencer Samuel a revelar a visão *(3:16-17)*. *Então, Samuel lhe referiu tudo e nada lhe encobriu (3:18a)*. Samuel não amenizou a mensagem com o intuito de agradar Eli.

A entrega da mensagem na íntegra mostra o quanto Samuel considerou atentamente tudo quanto Deus lhe havia dito, sem precisar escrever a mensagem. Não se atrapalhou e entregou-a com clareza. Que desafio para os pregadores de hoje! Você também é fiel ao entregar a palavra de Deus, mesmo quando a mensagem pode magoar as pessoas?

Eli respondeu: *É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver (3:18b)*, e não discutiu com o mensageiro. Eli não tinha como negar que Samuel ouvira o Senhor, pois a mensagem era apenas confirmação do que Deus já havia dito (2:27-36). Este fato serviu a Samuel como confirmação de sua primeira experiência com Deus, assegurando-lhe que não fora algum demônio que ele tinha ouvido, e ensinou-o a considerar atentamente tudo o que Deus lhe diria no futuro.

Apesar de suas falhas, Eli sabia que Deus é soberano e age como bem lhe apraz. Uma vez que Deus pronunciou juramento sobre o assunto, a decisão era irrevogável. Eli deve ter percebido que Samuel substituiria o ofício de sacerdote e profeta que estava a cargo de seus filhos, e não interferiu no processo. Com essa atitude, Eli honrou o Senhor e considerou a palavra de Deus acima de seus interesses pessoais.

### 3:19—4:1a Samuel é instituído como profeta

Os primeiros anos de Samuel podem ser resumidos nas palavras: *Crescia Samuel, e o SENHOR era com ele (3:19a)*. Samuel crescia em graça e sabedoria. Essas mesmas palavras são utilizadas para outros heróis do Senhor (Abraão, Gn 21:22; José, Gn 39:2,21-23). Era a presença de Deus na vida desses homens que fazia a diferença.

Deus confirmou todas as palavras das profecias que entregou a Samuel *(3:19b)*. Deus é quem torna nossas

palavras autorizadas ao coração de nossos ouvintes. Isso aconteceu com o testemunho dos apóstolos (Mc 16:20), e não é diferente para nós hoje. Podemos pregar e ensinar, mas só haverá conversões, milagres de cura, livramento e cumprimento de profecias quando Deus confirmar sua palavra.

Deus introduziu Samuel a *tudo o Israel, desde Dã até Berseba (3:20)*, isto é, todo o território, de norte a sul. Samuel não precisou lançar uma campanha publicitária com seu rosto estampado em cartazes para informar às pessoas que ele era um profeta ungido. Pelo contrário, deixou que Deus falasse por ele. E logo todo o país *conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do SENHOR*.

O santuário em Siló andava enfraquecido havia anos (3:1), mas voltou a vida à medida que o Senhor passou a revelar-se ali *(3:21a)*. Deus não abençoa a igreja quando o líder não tem comunhão pessoal com o Senhor, não importa os artifícios utilizados para atrair as pessoas. Mas, quando o líder certo está no lugar certo, Deus se manifesta e as pessoas são abençoadas.

É interessante observar que Deus se manifestava a Samuel *(3:21b)*. O Senhor não se revela nos utensílios do templo (não importa quão adornados sejam), nem em meio a programas e projetos. Deus se revela às pessoas. Se Samuel estivesse em Ramá, ali Deus se revelaria a ele. Alguns templos são construídos a fim de revelar a glória de Deus, mas o Senhor habita no coração. Se o povo de Deus, com o Senhor entronizado no coração, se reúne em alguma construção, a presença de Deus estará ali. Mas se um grupo de pessoas sem Deus no coração se reúne em algum templo sagrado, tudo não passará apenas de pessoas reunidas numa construção qualquer.

Deus escolheu revelar-se por meio de *sua palavra (3:21c)*. Geralmente gostamos de receber visões, sonhos e experiências sobrenaturais, mas Deus se revela fundamentalmente por sua palavra. Toda revelação precisa ser certificada pela palavra de Deus. Não é suficiente subir ao púlpito e descrever sonhos e visões. Devemos deixar que o Senhor se revele a nós através da palavra de Deus. De outro modo, a fé das pessoas não se firmará em Deus, mas na sabedoria humana. Conforme Deus disse a Jeremias: “O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo?” (Jr 23:28).

Muitas pessoas na África são mais inclinadas a profecias, visões, sonhos, sentimentos e demonstrações escandalosas de dons espirituais que a descansar na palavra infalível de Deus. Algumas igrejas são construídas exclusivamente com base em visões e sonhos de um indivíduo. A palavra de Deus é tão rara nessas igrejas que não espanta haver tantas doutrinas falsas e tamanha falta de clareza.

O versículo de abertura do capítulo 4 parece fazer parte do capítulo 3, pois a frase: *Veio a palavra de Samuel a todo o Israel (4:1a)* se encaixa nas afirmações anteriores de que

a novidade que Deus estava realizando em Siló seria espalhada por todo lugar. Aqueles que perderam o interesse nas festas e sacrifícios em Siló devem ter retornado com avidez. O povo não odiava a Deus; apenas estava afastado por causa da corrupção, indiferença e apatia da liderança. Então, todo o Israel voltou a buscar o Senhor.

O mesmo vale para nosso dias. O povo retornará a Deus (até mesmo nas sociedades consideradas sofisticadas) quando aqueles que conhecem a Deus voltarem a pregar. O povo se dispersa quando a mensagem de Deus é interrompida, mas retorna e enche as igrejas quando a mensagem do Senhor é retomada.

#### 4:1b—7:1 A arca da aliança do Senhor

##### 4:1b-11 A captura da arca

Os filisteus eram antigos inimigos de Israel. Josué deveria ter acabado com eles, mas deixou alguns “anaquins” em Gaza, Gate e Asdode (Js 11:22). Esse pessoal se tornou espinho na recém-criada nação de Israel, e oprimiu os israelitas durante todos os dias de Sansão, que fracassou em libertar seu povo dos inimigos. Essa opressão perdurou os quarenta anos em que Eli julgou Israel (4:9).

Considerando a apostasia de Israel naqueles dias, não surpreende o fato de os israelitas atacarem os filisteus sem consultar o Senhor (4:1b). O resultado foi trágico: quatro mil israelitas morreram naquela batalha (4:2).

Israel sabia que podia conquistar seus inimigos, contando que o Senhor estivesse com eles. Após a derrota, surgiu a questão: *Por que nos feriu o SENHOR, hoje, diante dos filisteus?* (4:3a). Josué perguntou a mesma coisa quando Israel foi derrotado em Ai (Js 7:5-9). No entanto, Josué e os anciãos rasgaram suas vestes e ajoelharam-se diante de Deus, ao contrário da liderança arrogante e negligente nos dias de Eli, que acreditava que Deus lutaria por eles, não importando o modo como se comportassem. Não se humilharam, não abandonaram seu estilo de vida perverso e não pediram misericórdia (2Cr 7:14).

Não bastasse isso, o povo deu nova demonstração de presunção ao buscar a arca da aliança, esperando que este símbolo da presença de Deus fosse suficiente para ajudá-los na batalha (4:3b). Eles confundiram o símbolo de Deus com a realidade da presença do Senhor, agindo como se a própria arca tivesse poder para salvá-los, e não Deus. “Partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam. E, quando pousava, dizia: Volta, ó SENHOR, para os milhares de milhares de Israel” (Nm 10:35-36). Durante o êxodo, entretanto, Moisés sabia que era Deus, e não a arca, quem dissipava os inimigos (cf. tb. Js 6:4,8). Na época de Elias, contudo, as pessoas confiavam numa espécie de sistema religioso, porém negavam o Deus que sustentava esse sistema.

Isso é muito comum na África, onde as pessoas carregam garrafas com óleo de unção, acreditando que isso as salvará

de algum desastre. Alguns bebem desse óleo, outros o jogam sobre seus produtos no mercado. Outros confiam em lenços e pedaços de tecido ungidos ou sobre os quais alguém orou. Outros ainda borrifam seus lares com água ou groselha (simbolizando o sangue de Jesus) a fim de espantar demônios. Essas práticas indicam idolatria no coração, pois aquele que as pratica busca uma forma de proteção confiando em algum deus visível. E alguns pregadores oferecem essas coisas às pessoas em vez de levá-las a Jesus, o Salvador.

Caso a arca tivesse sido carregada por Samuel, é possível que o Senhor tivesse ouvido suas orações em favor dos israelitas. Entretanto, a arca foi levada por Hofni e Fineias (4:4), os abusados filhos de Eli.

Ao carregar a arca, os israelitas devem ter dado aos inimigos a impressão de que o Senhor era igual ao deus Dagom dos filisteus, que também precisa ser carregado. Percebe-se claramente que os israelitas não acreditavam que o Senhor é onipresente e onipotente. Antes, pensavam que não era possível orar em Siló e esperar que Deus os protegesse em Ebenézer. Insultaram o Criador dos céus e da terra! E mesmo assim, em algumas partes da África, há cristãos que estão sendo ensinados a visitar o túmulo de seus pais e ali derramar óleo de unção ou aspergir groselha como “sangue de Jesus” para que Deus possa responder às suas orações!

Quando a arca chegou ao acampamento israelita, houve tamanho brado de todo Israel que a terra tremeu (4:5). O coração dos ignorantes se animou como se fosse um verdadeiro reavivamento, e eles dançaram ao redor da arca como se esta pudesse fazer algo por si mesmo. É impressionante como as pessoas dançam e ficam empolgadas com algum ritual religioso e ao mesmo tempo continuam insensíveis à realidade da palavra de Deus e do próprio Senhor. Por vezes há muito barulho em reuniões nas quais a coisa mais importante é adorar símbolos e formas. E, quando essas pessoas são confrontadas com o princípio das Escrituras, ficam sonolentas. Preferem passar uma noite inteira em vigília cantando músicas sem conteúdo e gritando ao redor de símbolos. Enquanto isso, Cristo permanece desconhecido para tais pessoas.

Os gritos dos israelitas causaram medo nos filisteus (4:6-7). Eles devem ter ouvido os israelitas gritando as maravilhas que o Deus de Israel fez no passado (4:8) e provavelmente lembraram como sofreram nas mãos de Sansão. Entretanto, um filisteu desafiou-os a ser corajosos e a lutar com bravura a fim de evitar que se tornassem escravos dos hebreus (4:9). Encorajados, eles lutaram com todas as forças — e descobriram que o Deus dos israelitas não estava presente com seu povo! Houve grande matança, e Israel foi derrotado (4:10). Hofni e Fineias, filhos de Eli, foram mortos, e a arca foi capturada (4:11). Os filisteus devem ter imaginado que conseguiram capturar o Deus de Israel!

A igreja precisa aprender que, se o poder de Deus não está presente, fazer barulho apenas ataca o inimigo contra

nós. Em vez de gritar no campo de batalha do mundo, precisamos clamar para que Deus nos restaure e perdoe nossos pescados e apostasias.

Os incrédulos percebem quando nosso testemunho é vazio e deixam de respeitar a igreja e as coisas de Deus. Passam a roubar as propriedades da igreja e perdem o respeito pelo povo de Deus. Percebem que estamos indefesos e que nossas orações não são ouvidas. O pecado e a hipocrisia causam essa condição vergonhosa no povo de Deus.

#### 4:12-22 Cumprimento da profecia sobre a casa de Eli

Eli ficou aflito porque o Santo dos Santos dentro do tabernáculo ficou vazio sem a arca. Deve ter sentido muito medo e ansiedade enquanto aguardava, sentado à beira do caminho, o retorno da arca (4:13). Quando finalmente chegaram notícias da batalha, a cidade inteira se alvoroçou. Eli, ouvindo os gritos, perguntou o que acontecera (4:14-17) e recebeu calmamente a notícia da morte dos filhos. Talvez até já estivesse esperando por isso, considerando as profecias anteriores (2:34). Mas sua preocupação principal era com o destino da arca. Quando ouviu que a arca tinha sido capturada, caiu para trás e quebrou o pescoço (4:18). Esse episódio encerra de forma lamentável seus quarenta anos de ministério como sacerdote e juiz de Israel.

Eli não morreu simplesmente por causa da vergonha e tristeza por seus filhos, mas por causa da fatalidade que representava a captura da arca. Como substituí-la? O que faria o povo ao se reunir no templo, sem a arca?

E a nora de Eli, esposa de Fineias, também morreu ao ouvir que a arca de Deus fora tomada e de que seu sogro e seu marido morreram (4:19), pois estava grávida e deu à luz prematuramente num trabalho de parto complicado. As mulheres que a assistiam ainda tentaram encorajá-la dizendo que dera à luz um filho (4:20), mas ela as ignorou e chamou o menino de *Icabô*, que significa: *Foi-se a glória de Israel* (4:21).

Provavelmente essa mulher era temente a Deus, pois mesmo sofrendo grande perda ainda assim se preocupou com a glória de Deus. Suas últimas palavras resumem a vida e o ministério de Eli e de todo o Israel daquela época. Sua tristeza não era tanto por causa da arca em si, mas pelo fato de que sua captura simbolizava a retirada da glória de Deus. A partir desse momento, os israelitas se reuniram diante de um Santo dos Santos vazio do símbolo da presença de Deus.

Esta situação perdurou vários anos, mesmo durante o ministério de Samuel, que herdou a ruína deixada por seu antigo patrão.

#### 5:1-12 A arca entre os filisteus

Enquanto os filhos de Israel se lamentavam, os filisteus celebravam a captura do Deus de Israel. Entretanto, os acontecimentos a seguir provam que Deus não precisa da ajuda de sacerdotes ou exércitos. Jesus também deixou isso claro quando afirmou que, se não dermos glória a ele, as

próprias pedras o farão (Lc 19:40). Se não profetizarmos sua palavra, até mesmo um jumento o fará (Nm 22:28). Se Jonas não obedecesse à ordem de ir para Nínive, havia um peixe de prontidão para obedecer ao mandamento de Deus (Jn 1:17). Enfim, ninguém é indispensável.

Os filisteus levaram a arca para Asdode e a colocaram diante do deus Dagom. Provavelmente ficaram contentes por ter outro deus, ainda que, ao olhos deles, estivesse subordinado a Dagom (5:1-2). Contudo, na manhã seguinte Dagom estava caído com o rosto em terra diante da arca do Senhor (5:3). Pensando tratar-se de uma infeliz coincidência, os filisteus recolocaram o ídolo no lugar. Na manhã seguinte, Dagom não apenas voltou a cair com o rosto em terra como também sua cabeça e mãos foram arrancados do tronco (5:4). A mão invisível, porém invencível, do Senhor derrubou o deus dos filisteus.

Apesar dessa demonstração de fraqueza, o povo de Asdode continuou acreditando que Dagom era mais poderoso, de modo que depois desse episódio eles se recusaram até mesmo a pisar no limiar, isto é, na entrada da porta do templo onde a cabeça e as mãos do ídolo haviam tocado o chão (5:5; cf. tb. Sf 1:9).

A quebra do ídolo dos filisteus não causou nenhuma reação ao povo de Asdode, de modo que o Senhor passou a enviar aflições na forma de *tumores* (5:6). Considerando que os filisteus ofertaram ratos de ouro quando devolveram a arca (6:4), é provável que tenham sofrido de peste bubônica, doença infecciosa transmitida pelas pulgas dos ratos que picam os humanos e causam aparecimento de ínguas, isto é, inchaço dos gânglios do corpo, como a virilha.

Desta vez, o povo de Asdode prestou atenção à mensagem do Senhor e concluiu: *Não fique conosco a arca do Deus de Israel* (5:7). Os governantes filisteus se reuniram para discutir como proceder e decidiram enviar a arca para Gate (5:7). Mas também ali o povo sofreu de tumores (5:9), então a arca foi enviada a Ecrom (5:10). Nesse ínterim, os filisteus começaram a perceber que a ligação da arca com o aparecimento de doenças não era mera coincidência, mas obra de Deus. O povo de Ecrom protestou veementemente contra a chegada da arca, gritando: *Transportaram até nós a arca do Deus de Israel, para nos matarem, a nós e ao nosso povo*. De fato, a chegada da arca causou exatamente o que o povo tanto temia (5:11b-12).

Deus estava lutando contra os filisteus sem a ajuda do exército israelita. Por causa da desobediência, o povo de Deus perdeu a oportunidade de obter ajuda divina.

Os filisteus concluíram que era hora de devolver a arca do Deus de Israel, fazendo-a voltar para o seu lugar (5:11a). Os filisteus ainda pensavam que o Senhor estava ligado a um lugar específico. Na verdade, Deus domina sobre toda a terra.

#### 6:1-12 A arca retorna a Israel

A arca do Senhor permaneceu *sete meses* [...] na terra dos filisteus (6:1). Foi um período difícil para o povo de Israel, que,

além da perda de Eli no primeiro mês, lamentou a partida da glória de Deus por sete meses. Para os filisteus, foram sete meses de agonia, durante os quais eles conheceram o poder do Senhor, o mesmo poder que se manifestou nas dez pragas do Egito (6:6; 4:8).

Após esse período os filisteus se renderam e perguntaram a seus profetas e adivinhos: *Que faremos da arca do SENHOR? Fazei-nos saber como a devolveremos para o seu lugar* (6:2). As pessoas hoje devem fazer a mesma pergunta honesta: “Que devo fazer para ser salvo?”.

Os sacerdotes e adivinhos filisteus não eram completamente ignorantes das coisas espirituais. Viveram tempo suficiente ao lado dos israelitas para saber alguma coisa sobre a adoração ao Senhor. Prescreveram que a arca não deveria ser enviada vazia, mas acompanhada de ofertas pela culpa (6:3). Observe que os filisteus não falaram em devolver a arca aos israelitas, mas *a seu Deus*.

Contudo, o conselho dos sacerdotes sobre as ofertas que deveriam acompanhar a arca não estava de acordo com a lei entregue a Moisés. Enviaram duas vacas para puxar o carro e servir de sacrifício (6:7,14), mas a lei estipulava que deveriam ser bois (Lv 5:14-18); colocaram-na sobre um carro de boi (6:8), quando o correto seria carregá-la nos ombros por meio de varas (1Cr 15:15). Anos depois, Uzá perdeu a vida porque tocou na arca enquanto era transportada num carro de boi (2Sm 6:6). Os filisteus, contudo, não sofreram punição semelhante porque Deus permite que incrédulos sejam poupados por ignorarem a lei. Entretanto, isso não se justifica para aqueles que a conhecem. Deus viu méritos no conselho dos filisteus, pois estes instruíram o povo a dar *glória ao Deus de Israel* (6:5). Além disso, aconselharam que qualquer lentidão ou preguiça em preparar as ofertas poderia ser interpretado como dureza de coração, e lembraram seus companheiros sobre o que acontecera a Faraó quando ele se opôs aos israelitas (6:6).

Os sacerdotes filisteus propuseram um teste para saber se o diagnóstico do problema estava correto (6:9). À medida que as vacas tomaram direção a Bete-Semes (6:12), eles receberam a confirmação de que o Senhor é Deus vivo e de que fora ele quem causara aquelas aflições aos filisteus. Além disso, as vacas não se desviaram durante o trajeto, provando que os animais obedecem a Deus, enquanto nós, seres humanos, temos tamanha dificuldade em fazê-lo (cf. Is 1:3). Os “príncipes dos filisteus” (6:16), isto é, os governantes das cinco cidades filisteias, Asdode, Gaza, Asquelom, Gate e Ecrom (6:17), acompanharam estupefatos a arca e observaram quando as vacas pararam exatamente onde Deus havia ordenado, em Bete-Semes, no território de Israel.

### 6:13-18 A arca em Bete-Semes

Foi Deus quem decidiu devolver a arca a Israel, pois para os filisteus a preocupação principal era fazer com que o objeto deixasse seu território. Deus conduziu a arca ao campo

de um homem chamado Josué, o bete-semita (6:13-14), novamente escolhendo revelar-se aos humildes.

Bete-Semes era uma cidade fronteiriça. A alegria do povo com o súbito retorno da arca demonstra que a cidade formava tanto uma fronteira geográfica quanto espiritual (6:13). Os bete-semitas ansiavam pelo retorno da arca e conheciam os rituais adequados para dar-lhe as boas-vindas. Apesar de um carro de boi novo ser de grande valia no tempo da colheita, ficou claro que este presente pertencia ao Senhor e não deveria ser empregado para uso pessoal. Deste modo, eles utilizaram a madeira do carro para queimar as vacas como sacrifício ao Senhor (6:14).

Bete-Semes também era uma das cidades de refúgio concedidas aos levitas (Js 21:16). Enfim, estes últimos poderiam realizar o ministério que lhes fora ordenado, isto é, cuidar da arca (Nm 1:50-51). Eles a colocaram cuidadosamente, e também o cofre onde estavam as ofertas dos filisteus, numa grande pedra próxima de onde parou o carro de boi (6:15). Deus, a verdadeira rocha, providenciou esta pedra como plataforma de sustentação da arca enquanto a tenda da congregação ainda estava distante. O povo de Bete-Semes ofereceu holocaustos ao Senhor, pois estavam preparados para servir a Deus em qualquer ocasião e a qualquer custo.

Ao realizar esse ritual diante dos príncipes dos filisteus (6:16a), aqueles levitas testemunharam aos incrédulos como o Deus de Israel deveria ser adorado. Os filisteus devem ter observado a maneira como os israelitas honravam a seu Deus. Talvez até tenham ficado surpresos com o fato de que o próprio povo realizou a celebração sem esperar pelos líderes oficiais de Israel. Era assim que as coisas deveriam ter acontecido desde o princípio: todos em Israel adorando a Deus; todo chefe de família como líder espiritual (Êx 12:3; 13:8); todo primogênito dedicado ao serviço do Senhor. Mas a desobediência do povo fez do culto a Deus uma prerrogativa exclusiva dos levitas (Êx 32:26,29).

Entretanto, parece que os filisteus não ficaram impressionados a ponto de abandonar seus deuses e adorar o Senhor Deus de Israel. Pelo contrário, *voltaram para Ecrom no mesmo dia* (6:16b). Precisamos lembrar esse episódio quando somos tentados a fazer coisas com o objetivo de causar boas impressões na forma como o mundo nos observa. O mundo nunca alterou seu compromisso com o príncipe deste mundo (Jr 2:11), e embora eles se impressionem esporadicamente com o que fazemos, isso não altera a lealdade a quem servem.

### 6:19—7:1 A arca é levada para Quiriate-Jearim

O Senhor quer que seu povo o sirva de acordo com os padrões dele. O povo de Bete-Semes agiu dessa maneira quando permitiu que os levitas manuseassem a arca. Entretanto, eles abriram a arca para olhar o que havia dentro — coisa claramente proibida na lei de Moisés (Nm 1:51). Talvez os filisteus tenham olhado dentro da arca sem sofrer essa penalidade, pois não conheciam a lei do Senhor. Mas o povo



de Bete-Semes conhecia muito bem as instruções, de modo que Deus os julgou com base na revelação a eles entregue (cf. Lc 12:47-48), e assim setenta pessoas morreram (6:19). (Alguns manuscritos registram 50.070 mortos, mas isso é impossível, pois Bete-Semes era uma cidade pequena.)

Em 6:20a o povo faz uma pergunta que reflete uma questão fundamental: *Quem poderia estar perante o SENHOR, este Deus santo?* A resposta a esse questionamento milenar pode ser encontrada em Salmos 15:1-5 e 24:3-5. As exigências para permanecer diante do Senhor e atuando no ministério nada mudaram em nossos dias. Alguns pregadores talvez amenizem a questão da santidade pessoal, mas a Bíblia afirma claramente que, sem “santificação [...], ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14). Jesus fez a mesma afirmação quando disse: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5:8). De acordo com os padrões de Deus, nosso caráter é mais importante que nosso carisma.

A segunda pergunta deveria ter sido feita no início: *E para quem subirá desde nós?* (6:20b). O fato de somente agora eles terem notificado os habitantes de Quiriate-Jearim que os filisteus devolveram a arca do SENHOR (6:21a) sugere que o povo de Bete-Semes pensava em manter a custódia da arca. Eles não mandaram notícias ao restante do país avisando do retorno da arca para que fossem tomadas as providências necessárias ao transporte até seu lugar de origem. A tentação de obter privilégios e cargos têm gerado competição e rivalidade entre os servos de Deus. Precisamos lembrar que Deus não pede que realizemos sozinhos todas as tarefas de sua obra; ele pode ter outra pessoa em vista para algum ministério específico. Precisamos sempre pedir discernimento ao Senhor para nos mostrar quem deve realizar determinada tarefa, de modo que não causemos desordem na família de Deus e sua obra.

O povo de Bete-Semes pediu aos de Quiriate-Jearim que viessem buscar a arca (6:21b). Esta mensagem parece transparecer egoísmo, como se eles estivessem ansiosos para se livrar da arca que agora começava a gerar problemas. Mas no final a arca foi levada para o lugar onde Deus determinou e ali ficaria pelos próximos vinte anos.

Descobertas arqueológicas sugerem que a arca foi enviada para Quiriate-Jearim, e não para Siló, onde era mantida no passado, porque os filisteus queimaram Siló depois de derrotar os israelitas.

Então, vieram os homens de Quiriate-Jearim e levaram a arca do SENHOR (7:1). Não a deixaram exposta à intempérie numa pedra, mas a levaram para a casa de um homem chamado Abinadabe. Eleazar, filho de Abinadabe, foi escolhido para tomar conta da arca.

## 7:2—8:22 O ministério de Samuel

### 7:2 Os anos de silêncio

A narrativa volta a se concentrar em Samuel, que se tornaria sacerdote, intercessor, profeta e juiz de Israel. O

intervalo entre 4:1, última menção a Samuel, e 7:3, quando ele reaparece, deve ter sido um período de teste, treinamento e crescimento espiritual. Samuel foi reconhecido como profeta (3:20), mas parece que ninguém sequer considerou entregar a custódia da arca para ele. Contudo, enquanto Samuel servia ao Senhor nos bastidores, Deus preparava o coração do povo para o ministério de seu servo, pois *toda a casa de Israel dirigia lamentações ao SENHOR* (7:2). O povo já não se lamentava mais pela arca, mas pelo próprio Deus.

### 7:3-4 A primeira mensagem de Samuel

Quando Samuel finalmente saiu dos bastidores, foi para entregar uma poderosa mensagem convocando o povo a arrepender-se e a abandonar a idolatria (7:3). Deus é Senhor de tudo e não tolera rivais. Samuel expressou claramente o que o povo deveria fazer para que o Senhor trouxesse livramento, tratando com ousadia de assuntos específicos e confrontando o povo com o pecado da idolatria com relação a *deuses estranhos* e *astarotes* (de Astarote, deusa da fertilidade).

Samuel não contou uma história sobre a tartaruga e o elefante, nem falou sobre si mesmo ou fez promessas de prosperidade caso o povo oferecesse sacrifícios. Pelo contrário, de forma clara e sem ambiguidade chamou o povo ao arrependimento e disse tudo o que eles precisam fazer. Todo ministério eficaz segue esse mesmo padrão, conforme se percebe nos ministérios de Esdras (Ed 9—10), João Batista (Mt 3:1-12), Jesus Cristo (Mt 4:17-25), Pedro e os apóstolos (At 2:36-41; 3:11-26), Estêvão (At 7:44-57) e Paulo (At 17:30-31).

### 7:5-14 O ministério sacerdotal e intercessório de Samuel

Samuel não apenas convocou toda a congregação para realizar um jejum público em oração (7:5-6), como também orou por eles reservadamente, conforme o próprio povo reconheceu quando implorou para que Samuel continuasse orando em seu favor (7:8; cf. tb. 12:23). A oração de Samuel era tão poderosa que muitos séculos depois Deus diria: “Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, meu coração não se inclinaria para este povo” (Jr 15:1). Estes homens se colocaram diante de Deus, intercedendo por seu país até que Deus respondesse em misericórdia. São exemplos da prioridade que a oração deve ocupar em nosso ministério.

Por causa do arrependimento do povo e das orações de Samuel, Deus rechaçou o ataque dos filisteus (7:7,10-11). Samuel reconheceu com humildade que foi o Senhor quem os ajudou. Para que essa ocasião servisse de lembrança ao povo, erigiu um memorial de pedras que chamou de Ebenezer, cujo significado é “pedra de ajuda” (cf. nota 7:12, NVI). Foi um marco para lembrar às futuras gerações os feitos do Senhor, e não os de Samuel.

Samuel orava por Israel e deste modo *a mão do SENHOR* [era] *contra eles* [os filisteus] (7:13). O território israelita que os filisteus conquistaram foi retomado, e houve paz entre Israel e os amorreus (7:14), pois: “Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, este reconcilia com eles os seus inimigos” (Pv 16:7).

### 7:15-17 O ministério de ensino profético de Samuel

Samuel continuou a julgar Israel todos os dias de sua vida (7:15). Naquela época, os juízes faziam mais que apenas julgar causas e libertar o povo dos inimigos; também eram responsáveis por ensinar ao povo os princípios da lei e decidir sobre assuntos complicados de doutrina, comportamento e adoração, assim como fez Moisés (Êx 18:16,19-20). Samuel é contado juntamente com os juízes registrados no livro de Juízes (12:11).

Parece que o ministério de Samuel se concentrou na edificação do povo, pois ele passou mais tempo selecionando e treinando discípulos que nas cerimônias do templo. Eli se sentava em Siló e esperava que o povo viesse até ele, mas Samuel saiu para levar a justiça e a palavra de Deus ao povo. Apesar de viajar todo ano para Betel, Gilgal e Mispa (7:16), sempre retornava a seu lar em Ramá, onde julgava Israel e construiu um altar ao Senhor (7:17).

### 8:1-9 O povo quer um rei

O ministério de Samuel foi tão ativo que o sacerdote parece ter envelhecido mais rapidamente que seus predecessores, como Eli. Apesar de ter-se aposentado mais cedo de seu cargo oficial como juiz, por causa da mudança de governo no país, Samuel permaneceu como profeta, sacerdote e pai do povo. Foi ele quem ungiu os dois primeiros reis de Israel.

Assim como Eli, Samuel tinha dois filhos que se chamavam *Joel* e *Abias* (8:2). Samuel deve ter treinado seus filhos cuidadosamente, e considerou-os aptos a assumir seu cargo de juiz em Berseba depois que passou a não ter condições de viajar até lá sozinho (8:1). No entanto, a confiança que ele depositou em seus filhos se provou equivocada (8:3). Samuel nunca aceitou suborno ou perverteu o direito, e sua integridade pessoal era reconhecida por aqueles que confiavam nele a ponto de falar abertamente sobre esse assunto, dizendo: *Teus filhos não andam pelos teus caminhos* (8:5; cf. tb. 12:4). Perceber que os filhos de um líder íntegro podem desviar-se dos caminhos da retidão é evidência de que somente a graça de Deus pode fazer com que nossos filhos sigam ao Senhor.

Estes jovens sucumbiram à tentação e, por causa disso, trouxeram desgraça ao ministério de seu pai. Deram ao povo uma desculpa para satisfazer o desejo de ter um rei, conforme a prática das outras nações (8:4-5).

Samuel deve ter ficado muito magoado com o pedido dos anciãos para alterar a forma de governo, especialmente porque foi seu ministério de oração e jejum, ensino e pregação

que trouxe Israel de volta ao Senhor e concedeu ao povo paz e livramento dos inimigos. Por que o pedido por um rei surgiu apenas agora, e não na época do ministério corrupto de Eli e seus filhos? Samuel, entretanto, em vez de esbravejar com o povo, orou ao Senhor (8:6). Foi Deus quem o colocou ali, e o Senhor sabe o momento certo para encerrar seu ministério. A reação de Samuel é exemplo para quando enfrentamos provocação e aparente rejeição.

O Senhor assegurou a Samuel que o pedido por um rei não representava voto de desconfiança do povo, nem julgamento por causa de algum pecado de Samuel. Antes, significava que o povo rejeitou seu pai celestial (8:7-8).

Somente depois de ouvir o Senhor é que Samuel disse algo ao povo sobre esse assunto. Deus atendeu ao pedido do povo, e Samuel concordou em procurar um substituto (8:9a). Não seria algo agradável de realizar, mas Samuel não ambicionava *status* ou poder. Contudo, advertiu o povo sobre as mudanças sociais que ocorreriam num governo monárquico (8:9b). O objetivo aqui não era ameaçar ou intimidar o povo para que eles mudassem de ideia, mas simplesmente avisá-los sobre o que viria.

### 8:10-22 Sobre a natureza e o comportamento dos reis

Samuel obedeceu a *todas as palavras do SENHOR ao povo* (8:10) e repetiu-as, e depois profetizou exata e claramente sobre as coisas que aconteceriam no futuro (8:11a). A maioria das coisas que o rei faria seria contrária às prescrições da lei de Moisés em Deuteronômio 17:14-20. Entretanto, era isso mesmo o que as pessoas queriam. Se o povo tivesse aguardado em Deus, ou pedido orientações sobre o momento oportuno para instituir um rei, teria recebido um líder como Davi, obediente a Deus.

Samuel avisou-os de que o rei se aproveitaria do povo de forma que nenhum dos líderes anteriores jamais tinha feito. No passado, o povo nunca servira realmente a um único homem. Os dízimos eram levados ao templo de forma voluntária; suas filhas e filhos nunca foram feitos servos ou escravos. Entretanto, o povo não foi grato pela liberdade e dignidade que desfrutava em Deus como rei.

Em contraste, um rei humano exigiria que os filhos do povo servissem ao exército e lutassem na guerra (8:11b). Nenhum profeta ou juiz jamais exigiu tal coisa. Além disso, seriam requisitados trabalhadores para arar e colher nas fazendas do rei, e não em suas próprias (8:12). Outros ainda deveriam produzir armas e equipamentos de guerra. Os melhores campos e vinhas seriam confiscados em benefício do rei e seus oficiais, como ocorreu com Nabote (8:14-17; cf. 1Rs 21:1-16). E não havia garantias de que as guerras seriam ganhas.

Deus avisou de modo solene as coisas que viriam, e disse mais: *Então, naquele dia, clamareis por causa do vosso rei que houverdes escolhido; mas o SENHOR não vos ouvirá naquele dia* (8:18). Apesar da oportunidade para mudar de ideia, o povo permaneceu obstinado, recusando-se a ouvir as adver-

tências de Deus e insistindo: *Não! Mas teremos um rei sobre nós* (8:19). A decisão do povo já estava consolidada: eles queriam ser como as outras nações e ter um líder visível no comando da batalha, não importava o custo (8:20). Esqueceram-se das vitórias que Deus lhes havia concedido no passado. A rebelião cega-nos os olhos para os perigos iminentes.

Samuel agiu como sacerdote e intercessor fiel e repetiu ao Senhor as palavras do povo (8:21). Depois, esperou pelas instruções finais de Deus.

Deus atendeu ao pedido (8:22), mas isso representava mera permissão, e não sua vontade. Israel entrava em nova decadência espiritual, exatamente como ocorrera no deserto. Também precisamos prestar atenção a isso, pois o fato de o Senhor atender graciosamente a nossos pedidos não representa garantias de que caminhamos em sua perfeita vontade.

## 9:1—10:27 A designação do primeiro rei

### 9:1-17 Saul é escolhido

A genealogia de Saul ocorre em 9:1, onde seu pai é descrito como *homem de bens*, provavelmente indicando riqueza material. Saul era alto e belo (9:2), mas estas são as únicas características mencionadas, pois o texto não oferece informações sobre caráter ou espiritualidade. Parece que Saul não estava envolvido com os assuntos de seu país, pois nunca se encontrara com Samuel. Outra vez observamos Deus escolhendo uma pessoa modesta em detrimento de alguém com mais *status*.

As circunstâncias que trouxeram Saul a Samuel começaram com uma ordem para buscar algumas jumentas extraídas (9:3), e assim Saul conduziu uma busca minuciosa pela redondeza (9:4). Deus deve ter notado a fidelidade desse homem em cumprir uma tarefa simples em benefício de outra pessoa. Saul demonstrou ser um homem a quem se poderia confiar uma missão, pois faria tudo o que estivesse ao seu alcance para cumpri-la. Qualidades discretas que contribuíram para torná-lo líder do povo.

Saul estava prestes a desistir da busca quando um de seus servos sugeriu consultarem o homem de Deus que morava na cidade onde eles se encontravam (9:5-6). Embora não conhecesse Samuel pessoalmente, o servo o conhecia de nome.

Saul sabia que, de acordo com a cultura em que vivia, não era boa conduta visitar um homem de Deus sem levar alguma oferta, mas ele não tinha nada para oferecer (9:7). Suas palavras revelam humildade. Deus não está interessado em pessoas que se orgulham daquilo que ofertam, ou que imaginam alcançar tudo quanto querem por causa de sua aparência externa, capacidade oratória ou mesmo herança familiar. Deus aprecia quem reconhece que nada tem para lhe oferecer.

Saul também demonstrou humildade para com outras pessoas, pois aceitou o conselho de seu servo e até mesmo

a oferta que este lhe deu (9:8-10). Saul começou muito bem, mas, como acontece a muitos, tornou-se arrogante após ter provado da graça e poder de Deus.

Saul e seu servo partiram em busca de Samuel (9:11-14), mas não sabiam que Deus, o grande maestro da história, estava organizando os acontecimentos de acordo com sua vontade. Deus já havia dito a Samuel que lhe enviaria *um homem da terra de Benjamim* (9:16). Saul imaginou que procurava jumentas; seu pai imaginou ter enviado seu filho em alguma incumbência trivial; e seu servo sugeriu um plano para resolver a situação. Deus, porém, estava trabalhando por meio de todas essas pessoas e circunstâncias.

Muitas vezes Deus utiliza algo simples para levar alguém a um lugar determinado. Fez isso com José (Gn 50:20; Sl 105:17-21) e com Davi, que derrotou Golias quando estava à procura de seus irmãos (17:1-58). Deste modo, a jornada de Saul fazia parte do plano de Deus para trazê-lo a Samuel no momento certo. Não tema se Deus o estiver conduzindo por caminhos tortuosos. Ele o fará chegar a um lugar maravilhoso no tempo oportuno.

Quando Saul e Samuel se encontraram, o velho profeta se alegrou no coração pela confirmação de tudo o que Senhor havia lhe dito (9:17). Devemos orar por ministério e discernimento semelhantes.

### 9:18-27 A conversa entre Saul e Samuel

Saul não descansaria até obter notícias das jumentas. Por isso, Samuel estabeleceu imediatamente sua reputação como verdadeiro profeta e informou a Saul, antes mesmo que este perguntasse, que as tais jumentas já haviam sido encontradas (9:18-20).

Samuel também disse a Saul para não se apressar. Contudo, ainda era preciso celebrar um jantar com outras trinta pessoas antes que os dois pudessem conversar. Jantar com Samuel era um grande privilégio. Nesse sentido, dá para imaginar a surpresa de Saul ao perceber que, além de haver dois lugares de honra reservados para ele e seu servo, também lhe fora separada a melhor porção do jantar (9:22-23). Quando Deus faz planos para você, seu assento fica reservado. Não é necessário tomar o lugar de outra pessoa.

Saul ficou perplexo com as gentilezas de Samuel em favor de um desconhecido (9:21), pois sabia que não era digno de toda aquela atenção.

Depois da refeição, Samuel levou Saul para sua casa, onde eles puderam conversar demoradamente no terraço da casa (9:25). Talvez Samuel estivesse tentando transmitir sabedoria espiritual a Saul antes de este assumir suas responsabilidades.

Na manhã seguinte, Samuel instruiu Saul a fazer seu servo passar adiante para que ele pudesse entregar *a palavra de Deus* em particular (9:26-27). Por vezes precisamos estar sós para ouvir a mensagem de Deus e discernir os propósitos dele para nossa vida.

### 10:1-16 Saul é ungido rei

Samuel ungiu Saul com óleo (10:1a). É comum nas Escrituras que o anúncio público de alguém designado para um cargo oficial seja precedido de uma cerimônia secreta de unção, como no caso de Davi, ungido secretamente antes de confrontar Golias (16:13). Geralmente é isso o que acontece conosco em nosso próprio ministério.

Samuel explicou o motivo da unção: *Não te ungiu [...] o SENHOR por príncipe sobre a sua herança?* (10:1b). Israel era a herança do Senhor, e Deus queria que Saul soubesse disso desde o princípio. A unção não o tornaria dono do povo de Deus, apenas faria dele um encarregado para cuidar do povo. Paulo afirma esse mesmo princípio quando fala aos líderes da igreja: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (At 20:28).

Samuel entregou a Saul uma profecia detalhada do que aconteceria em sua volta para casa (10:2-7). Quando essa profecia se cumpriu fielmente (10:9-11), Saul deve ter-se convencido de que Deus realmente o chamou e o ungiu por meio de Samuel.

Samuel não foi o único profeta a alcançar tal intimidade com Deus a ponto de saber detalhes em tempo real sobre o que Deus estava fazendo. Elias possuía conhecimento sobrenatural quando exortou Geazi por receber ofertas de Naamã (2Rs 5:26) e quando revelou as estratégias de guerra do rei da Síria (2Rs 6:8-12). Isaías também pronunciou profecias detalhadas que se cumpriram. E este dom não está restrito aos profetas do AT. Ananias recebeu em Damasco uma visão exata de onde estava Paulo de Tarso e do que ele estava fazendo (At 9:10-17). O Espírito Santo opera da mesma forma na igreja de hoje e pode conceder-nos esse dom, caso estejamos disponíveis e sejamos verdadeiros cristãos de oração. Esse tipo de ministério trará a mesma confiança ao coração dos membros da congregação que trouxe ao coração de Saul.

A coisa mais importante que aconteceria com Saul no caminho de volta para casa seria que o *Espírito do SENHOR se apossará de ti, e profetizarás com eles e tu serás mudado em outro homem* (10:6). Um coração transformado e o derramamento do Espírito Santo são pré-requisitos para um ministério eficiente na obra de Deus. Esses dons são concedidos a todos os cristãos do NT ao nascer de novo.

Depois que o Espírito Santo foi derramado sobre Saul, este profetizou entre os profetas, como Samuel havia predito (10:6,10). Considerando que esse episódio objetivava servir de sinal, provavelmente foi um dom de profecia temporário, e não permanente.

Os profetas que ele encontrou provavelmente pertenciam a um grupo que congregava junto a um líder profeta (19:20; 1Rs 18:4). A associação de Saul a um grupo dessa natureza causou tumulto entre as pessoas que o conheciam (10:6,11), mas passou despercebido pela sociedade em ge-

ral. Deus trata dos líderes particularmente antes de colocá-los aos olhos do público. Saul teve de esperar o momento oportuno quando Deus decidiu apresentá-lo à nação, pois do contrário Saul teria de encarar os costumeiros questionamentos: “Quem te fez líder sobre nós?”.

Samuel instruiu Saul a ir para Gilgal e aguardar por ele durante sete dias, quando então viria para oferecer holocaustos de consagração a favor de Saul, bem como ofertas pacíficas para serem repartidas em comunhão na presença do Senhor (10:8). O treinamento de Deus inclui um período de espera no qual o fogo do altar do holocausto deve arder e permanecer aceso, e as pessoas devem aprender a compartilhar em comunhão com outros cristãos. Saul foi conduzido nesse cerimonial por seu piedoso mentor.

Embora soubesse sem sombra de dúvida que havia sido escolhido para ser rei, Saul não contou esse segredo à sua família (10:14-16), mas esperou que Deus o revelasse.

### 10:17-27 Saul é proclamado rei

Saul não se impôs ao país, mas compareceu humildemente à reunião marcada por Samuel em Mispa (10:17-19) e aguardou o processo pelo qual o Senhor afirmou claramente sua designação (10:20-21). E mesmo nessa ocasião Saul hesitou (10:22-24).

Samuel lembrou ao povo as implicações da monarquia (8:11-17), escreveu aquelas palavras num pergaminho e depositou-o perante o Senhor (10:25a). O povo foi instruído claramente sobre todas as implicações daquela escolha, e então Samuel os despediu para casa (10:25b).

Depois da coroação, Saul voltou para sua casa em Gibeá (10:26a) e não atacou aqueles que se recusaram a reconhecer sua realeza com desdém, dizendo: *Como poderá este homem salvar-nos?* (10:27). Saul confiou que Deus o defenderia. Até mesmo a escolha de sua própria escolta, *uma tropa de homens cujo coração Deus tocara* (10:26b), Saul deixou a cargo de Deus.

Nossos líderes de hoje podem aprender com Saul: a autoproclamação não torna alguém um líder na obra de Deus. Façanhas intelectuais ou sociais, e até mesmo os dons do Espírito, não devem ser utilizados para intimidar as pessoas a aceitar alguém como líder. Líderes de verdade devem aprender a aguardar em Deus para serem apresentados.

### 11:1—12:25 O jovem rei

#### 11:1-15 O primeiro desafio de Saul

O primeiro desafio de Saul foi atacar os amonitas e libertar a cidade de Jabes-Gileade (11:1-3). As notícias do assédio contra a cidade chegaram quando Saul voltava do campo. Percebemos claramente que ele continuava a viver de forma simples e executando seu trabalho costumeiro (11:4-5). Mas, quando ouviu a crueldade da barganha proposta, *o Espírito de Deus se apossou de Saul* (11:6), assim como

aconteceu com Sansão, Isaías, Ezequiel e outros. Com isso, Saul estava pronto para a guerrear e defender o povo do Senhor.

Saul sacrificou seus próprios bois e enviou mensageiros para convocar todos os israelitas a juntar-se a ele e Samuel na batalha (11:7). Saul recorreu ao nome de Samuel porque não acreditou que seu próprio *status* era suficiente para as pessoas lhe obedecerem. A reação provou que Deus estava operando, pois *caiu o temor do SENHOR sobre o povo, e saíram como um só homem*. Deus mobilizou o povo para formar um exército de 300 mil homens de Israel e 30 mil de Judá (11:8). O povo se juntou porque sobreveio o temor do Senhor, e não de Saul. O mesmo deve acontecer ao convocarmos outros para servir ao Senhor em nossas igrejas.

O plano de batalha de Saul era dividir suas tropas em três companhias e lançar um ataque ao raiar do sol. O plano foi bem-sucedido, e a cidade de Jabes-Gileade foi libertada (11:9-11). Então alguns aproveitaram a ocasião para punir aqueles que não haviam aceitado Saul como rei (11:12; 10:27). Saul, contudo, agiu com misericórdia e bondade e insistiu que *ninguém será morto, porque, no dia de hoje, o SENHOR salvou a Israel* (11:13). Não devemos orgulhar-nos de coisas que o próprio Senhor realizou, nem devemos utilizar a obra de Deus para nos vingar.

E não foi Saul quem teve a ideia de celebrar seu retorno. Foi Samuel quem convocou o povo para ir a Gilgal (11:14), onde Saul foi confirmado como rei *perante o SENHOR* (11:15). Até este ponto, Saul de fato caminhou com humildade diante de Deus.

### 12:1-5 Sobre a administração de Samuel

Em Gilgal, Samuel planejou uma cerimônia na qual transferiu formalmente sua liderança para Saul, e fez um discurso de despedida ao povo a quem serviu desde sua infância. Moisés também fez um discurso de despedida antes de entregar a liderança a Josué (cf. Dt 32—33). No entanto, Moisés sabia que iria morrer em breve. Samuel, por sua vez, sabia que ainda viveria algum tempo para orar, conduzir e ajudar o novo rei.

Samuel é exemplo de como devemos tratar de assuntos que envolvam transferência de liderança em nossas igrejas na África, pois aqui somos atormentados com líderes que se apegam obstinadamente ao poder até o ponto em que apenas a morte pode separá-los, e mesmo assim os tais levam o bastão de liderança até o leito de morte. Não deixam instruções para seus sucessores e, dessa forma, os condenam ao fracasso. Em contraste, Samuel criou um período de transição no qual trabalhou lado a lado com Saul. Desta forma, o nome e a influência de Samuel ajudaram a mobilizar o povo para lutar com Saul. A partir de então, a influência de Samuel passou a diminuir gradualmente e permitir que o novo líder assumisse a liderança total.

Samuel cuidava não apenas de seu sucessor, mas também daqueles que seriam governados. Por essa razão, disse

com honestidade: *Eis que ouvi a vossa voz em tudo quanto me dissestes e constituí sobre vós um rei* (12:1). Embora estivesse magoado com o desejo do povo por um rei e discordasse dessa forma de governo, Samuel não agiu com indiferença. Levou esse assunto ao Senhor e então concordou em fazer o que o povo queria. Entretanto, lembrou-os das responsabilidades que o novo sistema acarretaria.

A desculpa do povo para exigir um rei era que Samuel estava velho (8:5), coisa que ele não negou (12:2). Os líderes devem aceitar com humildade a limitação que a idade lhes impõe, colocando-se à disposição para aceitar um novo líder. Ao nos aposentarmos na obra de Deus, e até mesmo no governo secular, devemos reconhecer que a velhice não representa fracasso.

Líderes que estiverem de saída devem fazer um relato transparente de sua administração com vistas a imprimir sua integridade na memória de seus liderados e lançar firme alicerce para os jovens líderes que estiverem começando. Nesse sentido, Samuel apresentou sua vida ao escrutínio público, dizendo: *Eis-me aqui, testemunhai contra mim perante o SENHOR e perante o seu ungido* (12:3a). Poucos líderes têm coragem de fazer isso. Muitos agem com tanto sigilo que ninguém tem condições de fazer nenhum comentário sobre seu mandato. Samuel também não estava pedindo a aprovação da elite; sua vida estava aberta para qualquer um verificar. Embora os padrões de Deus sejam a principal medida em nossa vida e ministério, ouvir nossos companheiros nos tornará mais efetivos em nosso ministério entre eles.

Os assuntos específicos que Samuel mencionou como padrões de avaliação são aqueles que Deus já havia mencionado (12:3b; Dt 17:14-17). Saul, o novo líder, seria tentado a usar sua posição para obter riquezas ou tirar vantagem de seus companheiros ao confiscar-lhes as propriedades para uso pessoal. Samuel agiu com integridade na área financeira, pois nunca defraudou ninguém. Na área social, em que muitos líderes sucumbem ao favoritismo e tribalismo, Samuel tratou a todos com equidade e justiça; não oprimiu nem negou audiência justa para ninguém. E acima de tudo, nunca aceitou suborno.

A resposta do povo ao desafio de Samuel representa o testemunho de uma vida de integridade e santidade transparente (12:4-5). O poder do ministério de Samuel era o poder de seu próprio estilo de vida. A palavra pregada se torna a vida do próprio pregador. Não há ministério mais eficaz que este. O exemplo de Samuel pode até mesmo ter influenciado Paulo séculos mais tarde, quando ele propôs um desafio semelhante às igrejas (At 20:33; Fp 4:11-12; 2Ts 3:7).

Samuel selou sua administração ao chamar Deus e Saul para serem suas testemunhas. Samuel sabia que o povo talvez tivesse medo de falar. Mas Deus conhece aquilo que mais ninguém conhece. Ele é juiz justo e também presidirá o julgamento final conforme a integridade com que executamos nosso trabalho.

Samuel estava deixando um exemplo para o jovem Saul que iniciava sua liderança. Esse era o padrão que Saul deveria preservar.

### 12:6-15 A mensagem de Samuel

A integridade de Samuel ajudou-o a alcançar uma posição de onde ele poderia instruir o povo por meio da história da fidelidade de Deus para com Israel. Observe que Samuel não utilizou sua própria integridade como modelo para demonstrar ao povo a infidelidade com que este agiu em relação a Deus e até mesmo consigo mesmo. Samuel não pregou a si próprio, mas a Deus. Não importa quanta maldade tenhamos sofrido, o pecado cometido contra nós não deve servir de base para nossa mensagem. Em vez disso, devemos ajudar os outros a enxergar seus pecados contra o Salvador que morreu por eles.

Samuel começou falando do livramento de Israel no Egito, salientando que foi o Senhor quem chamou líderes como Moisés e Arão naquela época (12:6,8).

Sempre que o povo abandonou os caminhos do Senhor, sofreu aflições da parte de seus inimigos, incluindo os filisteus, os moabitas e midianitas (12:9-10). Deus usou esses inimigos para discipliná-los e trazê-los de volta (Jz 2:2-3; 2:12-15). E, sempre que o povo clamou ao Senhor em arrependimento, Deus chamou líderes para libertá-los — Gideão (tb. conhecido como Jerubaal), Baraque (com Débora), Jefté e até mesmo Samuel (12:11). O ciclo de rebelião e rejeição, arrependimento e restauração, caracterizava a história de Israel desde quando eles deixaram o Egito sob a liderança de Moisés.

A mensagem principal que Samuel procura entregar ao povo é que ter ou não um rei não faz diferença com relação à prosperidade do país. Isso dependerá do relacionamento deles com Deus. O povo pediu um rei quando viu Naás, rei dos amonitas, conduzindo seu exército para lutar contra eles. Contudo, Israel errou no diagnóstico quanto à causa do problema, pois Jeová era o rei deles (12:12) e permaneceria na retaguarda como poder invisível, porém invencível. O país somente sofreria derrotas quando eles desobedecessem ao Senhor (12:14-15).

Precisamos lembrar isso se quisermos andar em comunhão com o Senhor, pois é ele quem luta nossas batalhas. Não devemos culpar apressadamente os outros ou as circunstâncias por nossos problemas, pois há ocasiões em que nossas dificuldades são causa direta de nossa comunhão interrompida com o Senhor (Ec 10:8-9).

### 12:16-25 Deus é testemunha de Samuel

Deus foi testemunha do ministério de Samuel quando respondeu à oração de seu servo e mandou chuva e trovões, acontecimento fora do comum no tempo da colheita (12:16-18). O propósito dessa demonstração não era destruir a colheita, mas fazer o povo perceber o pecado cometido e a necessidade da misericórdia de Deus (12:19). Quando

clamaram, Samuel exortou-os a servir ao Senhor de todo coração e assegurou-os quanto à promessa de Deus para eles (12:20-22). Samuel era um pregador que não minimizava a severidade com que Deus julga o pecado, mas também nunca perdeu uma oportunidade de falar sobre a graça salvadora do Senhor.

Quanto a si mesmo, Samuel não procurou vingança e nunca deixou de orar pelo povo, a despeito de como o trataram e a seus filhos. Na verdade, Samuel considerou que seria pecado caso deixasse de ensinar e *orar por vós* (12:23). Orar e ensinar eram os pilares de seu ministério, assim como foi para os apóstolos mais tarde (At 6:2-4).

Samuel continuou engajado nesse ministério de bastidor até sua morte anos depois. Aposentar-se do ministério público não é final de carreira para o chamado de liderança. Precisamos de líderes na África, tanto na igreja quanto na sociedade, que façam o trabalho de bastidor e apresentem todos os assuntos diante de Deus em oração, com disposição para oferecer consultoria aos líderes na ativa.

## 13:1—14:52 Saul se afasta da graça de Deus

### 13:1-7 A autoconfiança de Saul

Não demorou muito e Saul começou a se desviar dos propósitos para o qual foi chamado. Se na batalha contra Naás para livrar Jabes-Gileade ele utilizou 330 mil homens (11:8), agora reduziu seu exército para 3 mil e mandou o resto para suas casas (13:2). Não sabemos qual o critério utilizado para essa redução ou se ele consultou o Senhor para selecionar os homens que desejava manter próximos de si, conforme fez Gideão (Jz 7:1-8). Precisamos buscar o conselho do Senhor ao escolher as pessoas que trabalharão conosco.

Saul foi movido pelo Espírito Santo para entrar em ação (11:6), porém agora passou a utilizar publicidade. Seu filho Jônatas conduziu um ataque bem-sucedido a uma guarnição de filisteus (13:3a), e Saul rapidamente colheu para si os louros da vitória, tocando trombetas em todo o país e dizendo: *Ouçam isso os hebreus* (13:3b). Moisés motivou o povo para lutar com clamores de “Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos” (Nm 10:35), mas agora a estratégia era outra: “Saul derrotou uma guarnição”.

Não devemos chamar atenção para nossas realizações ao mobilizar as pessoas para a obra de Deus. Em vez disso, precisamos permanecer humildes e assegurar-nos que Cristo é quem está sendo visto, conhecido e ouvido.

Saul chamou atenção para suas realizações como rei, porém isso intensificou as hostilidades dos filisteus contra os israelitas, de modo que *Israel se fez odioso aos filisteus* (13:4). Quando o Senhor não é mais o centro de nossas ações, nosso trabalho para ele não atrairá outros a Deus, apenas causará ofensas.

O resultado do ataque foi apenas provocar os filisteus e mobilizá-los em larga escala contra Israel (13:5). Saul

agiu com insensatez e expôs Israel a uma guerra para a qual eles não estavam preparados. Muitos reconheceram esse erro e fugiram, enquanto outros cruzaram o Jordão em busca de território seguro (13:6-7a).

Nem mesmo a presença de Saul em Gilgal foi suficiente para acalmar os temores dos que o seguiam (13:7b). Ele agiu apressadamente sem aguardar orientações de Deus, e agora não havia como encorajar o povo.

### 13:8-15 Saul usurpa o ofício sacerdotal

Saul tentou reagrupar suas tropas por meio de um papel que não lhe pertencia (13:8-9). Ao fazer isso, banalizou o sacerdócio e degradou a santidade associada ao holocausto. Precisamos aprender a permanecer fiéis ao ministério ao qual Deus nos chamou e não tentar usurpar aquilo que outras pessoas foram encarregadas de fazer.

Samuel ficou indignado com Saul e disse que, por causa desse ato, o rei perdeu o favor do Senhor para com sua família. Seu reino seria entregue a outra pessoa, *um homem que lhe agrada* (13:13-14). Esta é a primeira referência a Davi, embora seu nome não seja mencionado.

Deste ponto em diante, Saul teria de enfrentar duas batalhas, uma interna e outra externa. Entretanto, a batalha externa contra os filisteus seria muito fácil se comparada à interna, a qual Saul já começou perdendo. Saber que Deus o rejeitou e não mais o apoiaria na batalha representa derrota muito maior que qualquer dano que os filisteus eram capazes de infligir. Saul não apenas perdeu o prazer da presença de Deus, como também perdeu a amizade com Samuel. E ficou sozinho para enfrentar seus inimigos. Dos três mil homens que escolheu para si, sobraram apenas seiscentos, desarmados e com medo (13:15b).

Embora Samuel tenha falado de modo enfático, ainda havia oportunidade para arrependimento e restauração se Saul os tivesse buscado. Mas Saul não chorou diante do Senhor como fez Ezequias (2Rs 20:1-5), nem implorou como Moisés (Êx 33:3). Moisés orou pedindo perdão para o povo, e Deus o perdoou. Saul, contudo, em vez de buscar perdão, continuou os preparativos para a batalha. Mas adiantava contar os homens quando aquele que verdadeiramente conta na batalha já se havia retirado? (13:15a).

### 13:16-22 Os ataques dos filisteus

Os filisteus perceberam que o minguado exército de Saul não representava ameaça e assim enviaram três forças invasoras para atacar em direções diferentes (13:17-18). A comunhão destruída entre Saul e Deus deixou Israel tão indefeso quanto uma cidade sem muros. O mesmo acontece em nossa vida quando fracassamos em obedecer a Deus seriamente. Ficamos indefesos, sem a espada do Espírito, sem a lança do louvor e sem o aguilhão da coragem.

O povo estava desmoralizado e sem armas. Não havia sequer um ferreiro em Israel para afiar espadas e lanças (13:19). Eles haviam lutado sem essas armas na batalha

em Jabes-Gileade (11:11), porém naquela ocasião o Senhor esteve com eles e lhes deu armas suficientes para derrotar os filisteus. Houve ocasiões em que eles usaram até mesmo as armas de seus inimigos (Jz 7:22). Mas agora não contavam com a ajuda de Deus.

Os únicos em condições de afiar as armas dos israelitas eram os filisteus, seus próprios inimigos (13:20-21). E eles cobravam um alto preço para fazer isso. Que situação! Assim como os israelitas, os cristãos também confiam com frequência em ferreiros incrédulos para afiar seus instrumentos de guerra contra o mundo, ao passo que deveríamos afiar nossas espadas espirituais, nossa visão e nossa audição na presença do Senhor.

O resultado disso é que, *no dia da peleja, não se achou nem espada, nem lança na mão de nenhum do povo que estava com Saul e com Jônatas* (13:22).

### 13:23—14:23 A vitória de Jônatas

Pairava sobre o território de Israel um sentimento de derrota e melancolia. Enquanto os filisteus atacavam livremente e estabeleciam guarnições em pontos estratégicos como Micmás (13:23), o rei de Israel simplesmente se sentava embaixo de uma romeira no interior de Gibeá (14:2). Interessante observar que ele estava acompanhado de Aías, neto de Eli, vestido com a estola sacerdotal, indicando seu cargo e a incumbência de buscar orientação de Deus (14:3). A arca da aliança, aparentemente, também estava no acampamento, pois em 14:18 Saul manda trazê-la. Ou seja, Saul ainda insistia que Deus estivesse presente conforme enfrentava o inimigo; apesar disso, não esperou instruções de Aías antes de se lançar à batalha (14:19).

Saul deve ter percebido, cada vez que realizavam a contagem dos soldados, que um ou mais de seus seiscentos homens debandava para o lado dos filisteus, se escondia ou fugia para além do rio Jordão. Mas Jônatas, filho de Saul, jovem, corajoso, audacioso e cheio de fé, elaborou um plano de ação. Contudo, não compartilhou seu plano porque buscava experimentar a fidelidade do Senhor em sua vida antes de trazer todo o exército para a batalha. Nem mesmo compartilhou com Saul, pois seu pai havia abandonado o relacionamento com Deus (14:1). Saul provavelmente teria jogado água fria na pequena chama de fé que ardia em Jônatas, talvez o encorajando a desistir ou tornando pública sua estratégia, como fez em ataques anteriores (13:3).

Quando alguém vêm nos apresentar seus planos, precisamos ter cuidado para não desencorajá-lo com a nossa própria falta de fé. Também não devemos ser aquele tipo de pessoa que, em vez de orar e dar apoio, faz discurso e propaganda.

O plano de Jônatas era escalar a parede do precipício que os filisteus imaginavam protegida (14:4-5). Para Jônatas, os filisteus eram *incircuncisos*, isto é, gente que não desfrutava da aliança com Deus. Jônatas confiava no poder de Deus, e não na força humana (14:6). Se o Senhor age, a batalha já está ganha. Porém, quando Deus não luta por



nós, desperdiçamos tempo e energias. A principal questão não se refere à quantidade, isto é, se somos muitos ou poucos, quantos recursos possuímos, que tipo de organização utilizamos ou mesmo elaborados discursos para conquistar o coração dos homens. O principal é confiar em Deus, para que os propósitos dele sejam realizados. Não devemos presumir e exigir que Deus aja; porém, como Jônatas, precisamos agir com fé na habilidade de Deus para nos salvar.

Embora Jônatas não tenha comunicado seus planos ao pai, compartilhou-os com seu escudeiro, companheiro fiel e intrépido, como se percebe em suas palavras: *Faze tudo segundo inclinar o teu coração; eis-me aqui contigo, a tua disposição será a minha* (14:7). Precisamos de companheiros assim, que fiquem ao nosso lado conforme caminhamos em direção ao nosso chamado.

E, vejamos só, o plano de Jônatas foi um sucesso! Dois homens escalando um precipício abateram uma guarnição inteira de filisteus bem-armados (14:8-14), provando serem verdadeiras as palavras: “Um só homem dentre vós perseguirá mil, pois o SENHOR, vosso Deus, é quem peleja por vós” (Js 23:10).

O exército dos filisteus ficou aturdido com tamanha derrota (14:15a) e entrou em pânico por causa de um terremoto que ocorreu justamente naquele momento (14:15b), causando tamanha confusão que eles começaram a lutar uns contra os outros (14:20). E os israelitas que haviam debandado para o lado dos filisteus voltaram para seus irmãos em Israel (14:21). Até aqueles que estavam escondidos juntaram-se à perseguição dos inimigos (14:22). *Assim, livrou o SENHOR a Israel naquele dia* (14:23).

### 14:24-46 O voto precipitado de Saul

A apostasia geralmente produz regras legalistas em vez de instruções benevolentes. Saul, sem comunhão pessoal com Deus, passou a liderar com arbitrariedade e fez o povo pronunciar um juramento insensato (14:24). Como poderia o jejum ser útil numa batalha? Isso deixou os soldados sem forças para perseguir o inimigo e travar combate. Também gerou estresse emocional, pois eles ficaram com medo de ser amaldiçoados caso quebrassem o juramento ao provar um pouco de água com mel.

Examinando o juramento, não observamos evidência de ter sido originado por alguém comprometido com o Senhor. Esse voto não fez o povo temer ao Senhor, mas sim à conjuração (14:26). Parece ter origem na ambição pessoal de Saul e em sua própria glória. Por fim, o povo não pôde alegrar-se com a vitória nem com o mel que Deus havia providenciado (14:25).

O legalismo nunca produz santidade genuína, apenas medo e hipocrisia, pois as pessoas passam a viver uma vida dupla. Para trazer as pessoas à obediência ao Senhor, precisamos dispor da graça e do poder do Espírito Santo, e não estabelecer regras e regulamentos que “não têm valor algum contra a sensualidade” (cf. Cl 2:20-23).

Como não sabia do juramento, Jônatas comeu o mel. O efeito descrito é semelhante àquele de administrar glicose a um maratonista. Jônatas logo recuperou as forças e estava pronto para continuar (14:27). Não houve nada errado em seu desejo de comer mel.

Um dos soldados informou imediatamente sobre o juramento de Saul e como isso os estava enfraquecendo. Embora estivesse obedecendo ao juramento, agia claramente a contragosto. Isto é o que acontece quando pessoas são sujeitas à regras que não correspondem às suas convicções.

A resposta de Jônatas a essa novidade foi: *Meu pai turbou a terra* (14:29). As palavras impensadas de Saul fizeram com que o povo perdesse uma oportunidade única (14:30). Eles não apenas tiveram de desistir da perseguição em Ajialom (14:31), como também incorreram num pecado muito mais sério: desconsiderando o juramento arbitrário, lançaram-se famintos ao espólio e comeram carne com sangue, algo expressamente proibido na lei de Deus (14:32; cf. tb. Lv 17:10-14). O legalismo sempre leva as pessoas a cometer mais pecados que aqueles que pretende evitar: encoraja as pessoas a se concentrar nas coisas menores e a esquecer os assuntos mais importantes (Mt 23:23).

Quando soube do ocorrido, Saul agiu imediatamente (14:33-34) e erigiu um altar para oferecer sacrifícios em expiação desse pecado (14:35). O texto informa que este foi o primeiro altar de Saul. Entretanto, não foi erigido para demonstrar seu arrependimento quando ofereceu sacrifícios ilegalmente (13:9-13). Saul também não erigiu um altar quando foi escolhido rei. Seu primeiro altar, portanto, tinha caráter público, e não pessoal. Embora sua reação aqui tenha sido legítima, ele deveria também ter construído um relacionamento pessoal com Deus. O ministério público não deve ter precedência sobre nossa caminhada pessoal com o Senhor.

Além de ser a causa do cansaço de seus homens, o próximo passo de Saul foi lançar um ataque noite adentro (14:36a). Seus soldados nem mesmo tentaram argumentar: apenas disseram: *Faze tudo o que bem te parecer* (14:36b). Felizmente, o sacerdote procurou obter orientações de Deus antes de encorajar ação imediata. Buscar orientação de Deus antes de agir sempre traz bom resultado, pois assegura que estamos caminhando de acordo com a vontade do Senhor. Agindo assim, o Senhor nos mostrará o que está errado em nossa vida e o que é preciso fazer para consertá-la.

Saul perguntou a Deus: *Descerei no encalço dos filisteus? Entregá-los-ás nas mãos de Israel?*, mas não recebeu resposta (14:37). Então reconheceu que isso se deu por causa de algum pecado, pois o pecado sempre impede a resposta de Deus às nossas orações (14:38). Neste caso, o pecado se referia à quebra do juramento por Jônatas. Este fato resume o problema do voto precipitado: é melhor não fazê-lo, pois, uma vez feito, a pessoa peca se não honrá-lo (Ec 5:1-6).

Saul, contudo, ainda não havia aprendido essa lição, pois fez um segundo voto precipitado: *Porque tão certo como*

vive o SENHOR, que salva a Israel, ainda que com meu filho Jônatas esteja a culpa, seja morto (14:39). Votos precipitados e insensatos sempre causam a perda de integridade do líder quando ele percebe que não pode cumpri-los. Fazer voto é obrigar-se, quer o voto tenha sido razoável, quer não. Por isso, precisamos ter muito cuidado não apenas com os votos que fazemos diante de Deus, mas com nossas promessas às pessoas. Uma vez comprometidos, a única coisa certa a fazer é cumprir, não importa o custo.

Se não fosse pela intervenção do povo recusando-se entregá-lo para ser sacrificado por causa de um voto frívolo e impensado, Jônatas teria morrido inutilmente (14:40-45). Não que Deus considerasse Jônatas um ofensor, porém o fato é que Saul não podia aplicar um padrão ao povo e outro à sua própria família.

Jônatas, contudo, estava preparado para morrer (14:43). Não discutiu com seu pai sobre a insensatez do juramento, nem usou como atenuante a vitória conquistada para Israel; estava disposto a servir de bode expiatório e pagar pelas aflições que seu pai infligiu ao povo de Deus. Talvez seja essa a razão pela qual Deus permitiu que o clamor do povo prevalecesse sobre a vida de Jônatas. O Senhor não permitiu que os filisteus se beneficiassem da morte de um grande líder israelita nem da suspensão da perseguição (14:46).

#### 14:47-52 Resumo do reinado de Saul

Esta seção parece ser um resumo do governo de Saul em Israel antes de as coisas irem tão mal que Samuel, e até mesmo o Senhor, passaram a lamentar Saul como se já estivesse morto (15:35). Até esse momento, Deus vinha utilizando Saul para proteger Israel de muitos inimigos (14:47).

Os detalhes da família de Saul em 14:49-51 nos ajudam a interpretar as referências posteriores a Saul e sua família.

O reinado de Saul pode ser resumido assim: *Por todos os dias de Saul, houve forte guerra contra os filisteus; pelo que Saul, a todos os homens fortes e valentes que via, os agregava a si (14:52)*. Esse modo de recrutar soldados permaneceu até sua morte. Saul escolhia guerreiros com base na força e bravura aparentes, sem importar sua condição espiritual e relacionamento com o Senhor.

#### 15:1-35 Saul é rejeitado

##### 15:1-3 Uma nova missão

Samuel lembrou a Saul que Deus não havia escolhido o rei para servir seus próprios interesses e satisfações, mas para cumprir os propósitos de Deus (15:1). Samuel percebeu também a necessidade de reafirmar sua autoridade para instruir Saul, pois começou dizendo: *Envio-me o SENHOR a ungir-te rei*.

Antes de delegar essa missão, Deus explicou a Saul por que ele deveria lutar contra os amalequitas (15:2). Ou seja,

Saul contribuiria para o cumprimento da profecia enraizada no comportamento histórico dos amalequitas contra o povo de Israel (Êx 17:8-16; Dt 25:17-19).

Aqui cabe comentar a ordem de Deus para destruir todos os amalequitas: *Matarás homem e mulher; meninos e crianças de peito (15:3)*. Precisamos lembrar que nós, seres humanos, e tudo aquilo que possuímos, somos propriedade de Deus, e ele tem o direito inquestionável de dispor de tudo quanto lhe pertence. No entanto, esse incidente não deve ser utilizado para justificar a forma pela qual tratamos outros grupos. Nenhuma nação ou povo tem direitos sobre os outros, e nenhum povo ou nação tem o direito de destruir outro povo ou nação. Isso é prerrogativa exclusiva de Deus, Senhor de tudo e todos.

##### 15:4-21 Obediência parcial

Saul obedeceu às instruções de Deus para atacar os amalequitas (15:4-5) e o fez de forma a não prejudicar os que-neus que lá viviam, povo que demonstrou bondade para com Israel (15:6; Jz 1:16). Mas, quando Deus deu vitória total sobre os amalequitas (15:7), Saul não executou todas as ordens e poupou a vida do rei Agague (15:8). Seu amor pelas coisas materiais o levou a destruir apenas o que era inútil ou de pouco valor, guardando para si o melhor dos animais (15:9).

Alegre pela vitória, Saul foi ao Carmelo para erigir um monumento em sua própria homenagem (15:12), em vez de erigir um memorial a Deus, que lhe deu a vitória. Que mudança desde aquele homem simples que vimos no capítulo 11!

Deus, porém, sabia da instrução de Saul a seus homens para que guardassem o melhor entre o rebanho, e sabia também que Agague continuava vivo. Então o Senhor mandou uma mensagem ao seu servo, Samuel, que começa com uma lamentação: *Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras. Então, Samuel se contristou e toda a noite clamou ao SENHOR (15:11)*. Samuel deve ter clamado por misericórdia e por outra chance para Saul. Mas Deus já havia decidido, assim como fez na época de Noé (Gn 6:6).

Na manhã seguinte, Samuel partiu para encontrar-se com Saul (15:12). Saul, porém, não parecia ansioso para se encontrar com Samuel; quem sabe até quisesse evitá-lo. Agora Saul preferia a companhia de seus partidários entusiasmados à de seu mentor e outros que o confrontariam com a verdade. Quando notar em si mesmo preferência semelhante, verifique se você não está seguindo o mesmo caminho de Saul.

Quando Samuel se encontrou com Saul, o rei estava na defensiva. Insistiu que havia obedecido a Deus, ainda que as evidências fossem contrárias (15:13-14). Depois, tentou encobrir sua desobediência alegando motivos religiosos (15:15), embora estivesse evidente sua falta de convicção pessoal quando disse *ao SENHOR, teu Deus*, e não *“ao Senhor, nosso Deus”*.

Mas Deus conhece nosso coração, e assim revelou a Samuel a motivação de Saul (15:16). As primeiras palavras de Samuel atacam as raízes do problema: quando Deus chamou o jovem Saul para servi-lo, era homem simples e humilde (15:17; cf. caps. 9—10); contudo, adquiriu exagerada autoestima e passou a desconsiderar a necessidade de instruções de um velho profeta como Samuel. O orgulho é a raiz de toda desobediência, pois o orgulhoso não segue a ninguém, muito menos a Deus.

Muitos a quem o Senhor chama à notoriedade esquecem que foi Deus quem os colocou em tal posição. Com o tempo, passam a fazer propaganda de si mesmos e de suas realizações, e não mais do Senhor que os chamou para o serviço.

Se o orgulho foi o primeiro elemento da queda de Saul, a cobiça foi o segundo, pois ele se lançou ao despojo e não o destruiu completamente conforme ordenado (15:18-19). A cobiça por bens materiais, ou mesmo por honra e respeito, destruiu muitos homens na obra de Deus.

Além disso, Saul caiu na armadilha de pensar que poderia substituir consagração pessoal e comunhão com Deus por atividades e ofertas. Isso acontece quando as pessoas aumentam a contribuição monetária à igreja, porém diminuem o comparecimento aos cultos, a oração e o estudo bíblico. Saul pensou que Deus não puniria sua desobediência caso oferecesse algum sacrifício (15:20-21).

### 15:22-23 O julgamento de Deus

Samuel acabou imediatamente com a ilusão de Saul: *Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar* (15:22). Este princípio era a base da integridade de Samuel, e não observá-lo causou corrupção e cobiça em sacerdotes e profetas como os filhos de Eli. Esse princípio também é salientado no NT (Hb 10:5-7). Deus busca para si pessoas que lhe obedecem prontamente, e não aqueles que trazem sacrifícios caros para expiar pecados deliberados (Is 66:1-3).

Deus considera a desobediência muito mais que simples recusa em cumprir instruções; é uma medida do estado do coração, indicando se Deus é, de fato, aquele a quem servimos. Nesse sentido, a desobediência equivale à rebeldia, e a obediência incompleta ou de má-vontade revela rebelião implícita. Deus não tolera rivais, de modo que age vigorosamente contra a desobediência.

Saul recebeu oportunidades de confessar e arrepender-se de seus pecados. Mas, em vez disso, quis argumentar com Samuel. Sendo assim, confrontou-se com o julgamento não arbitrário de Deus, pois rejeitou a *palavra do SENHOR* (15:23a). Ou seja, Saul agiu como se a mensagem de Deus fosse um detalhe de pouca importância. Esse comportamento demonstrou rejeição à mensagem, rejeição a Samuel, que a entregou, e rejeição a Deus, que a enviou.

Saul sabia que o universo foi criado pela palavra de Deus (Gn 1:1). Logo, quando rejeitou essa palavra, Saul rejeitou também o espírito e a vida de Deus, tanto quanto os direitos de Deus como criador (cf. tb. Is 45:9-10). Esqueceu-se

de que “não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR” (Dt 8:3). Em vez de tratar a palavra de Deus como lâmpada para os pés e luz para seus caminhos (Sl 119:105), Saul quis trilhar a vida à sua própria maneira.

Por causa da rejeição de Saul, o Senhor também o rejeitou (15:23b; cf. tb. 2:29-30; Gl 6:7-8). A partir de agora Saul não contaria com o apoio de Deus para reinar em Israel. Suas orações não seriam ouvidas; a presença de Deus não lhe agradaria; pequenas coisas lhe causariam medo. Deus não matou Saul imediatamente. Em vez disso, Saul viveu muitos anos atormentado pela agonia da rejeição, sem comunicação com Deus ou com Samuel. Passou a consultar médiuns e adivinhos para saber o rumo de sua vida (28:7). O destino de Saul deve causar em nós séria reflexão sobre a desobediência.

### 15:24-33 Arrependimento parcial

Saul implorou perdão, mas Deus se recusou a isso e repetiu sua rejeição (15:26b). Por que o Senhor, que as Escrituras afirmam repetidamente ser um Deus compassivo e misericordioso, se recusou a ouvir Saul? A resposta está no fato de que o arrependimento de Saul foi superficial. Samuel descreveu o pecado do rei como “visto que rejeitaste a palavra do SENHOR”. Saul, porém, considerou seu pecado como violação sem grande importância do mandamento de Deus e das instruções de Samuel (15:24a). O arrependimento fingido pretende diminuir a seriedade do pecado através de declarações que deem a entender que os mensageiros de Deus, aqueles que pregam a santidade de vida, apenas querem impor sua vontade pessoal ao povo de Deus.

Além disso, Saul ainda procurava maneiras de se justificar. Não aceitou ser responsabilizado por suas ações e desculpou-se: *Porque temi o povo e dei ouvidos à sua voz* (15:24b). Este argumento parece implausível, visto que anteriormente o povo tinha obedecido aos caprichos do rei (14:24,36). Saul não mostrou nenhuma evidência de ouvir o povo ou temê-lo em outras ocasiões.

Suas palavras finais revelam que ele suplicava a Samuel, e não a Deus: *Agora, pois, te rogo, perdoa-me o meu pecado e volta comigo, para que adore o SENHOR* (15:25). Ou seja, ele queria apenas o perdão de Samuel, não o perdão de Deus, imaginando que, se o Senhor não o quisesse mais, a companhia de Samuel seria suficiente.

Assim como Samuel, precisamos exercitar nosso discernimento ao tratar com pessoas que alegam arrepender-se de seus pecados. Não devemos ser apaziguados com presentes e palavras bonitas, como se isso bastasse como substituto do perdão do Senhor. Não devemos abençoar com nossa companhia aqueles que não se arrependeram verdadeiramente, pois agindo assim transmitimos a mensagem errônea de que está tudo bem. Agir dessa forma causa conflito no coração dos mais simples que conhecem a palavra de Deus e andam diariamente no temor do Senhor.

Nossa reação deve ser tal qual a de Samuel: *Não tornarei contigo (15:26a)*.

Em seu desespero por causa da rejeição, Saul agarrou-se ao manto de Samuel de tal forma que o rasgou (15:27). Este gesto revela outro problema fundamental com o arrependimento de Saul, pois ele pensou que poderia forçar Samuel. Em vez de rasgar suas próprias vestes e arrependê-lo no pó e nas cinzas, Saul dirigiu sua raiva para o exterior.

Samuel usou aquele pedaço rasgado como representação do julgamento de Deus (15:28-29). A resposta de Saul indica que Samuel julgou corretamente o arrependimento do rei: Saul não estava preocupado com o horror do pecado e da perda da comunhão com Deus, mas com a possível perda de sua honra e dignidade diante das pessoas (15:30a). O rei não queria que as pessoas soubessem o que havia acontecido entre ele, Deus e Samuel. Saul é aquele tipo que tira fotografias com pessoas de fama a fim de demonstrar intimidade com os famosos. Saul queria mostrar ao povo: “Vejam! Eu e Samuel, juntos, adoramos ao Senhor!”.

Frequentemente vemos na África líderes e pastores mais preocupados em receber honra e respeito que exibir um relacionamento adequado com Deus. Estas pessoas não têm medo de cometer imoralidades, mas temem que seus pecados sejam expostos. Trazem pregadores famosos do exterior apenas para desfrutar um pouco da glória que estes refletem. Ou então escondem o vazio espiritual atrás de títulos e condecorações.

O afastamento de Saul fica evidente nas suas palavras, pois em 15:25 ele diz: “para que adore o SENHOR”, porém agora diz: *para que adore o SENHOR, teu Deus (15:30b)*. Ou seja, o Senhor não é mais o Deus de Saul, mas de Samuel.

O arrependimento superficial de Saul não foi suficiente para reverter o julgamento, porém ainda assim Samuel concordou acompanhá-lo (15:31). Por quê? Possivelmente porque Deus não tolera em ninguém a rebelião contra a autoridade, ainda que essa pessoa se tenha desviado da fé. Portanto, essa conversa entre Saul e Samuel ocorreu em particular, e não diante do público. Tal privacidade também deu a Saul oportunidade de restauração genuína, caso realmente estivesse em busca disso.

Entrementes, ninguém em Israel sabia que Deus havia rejeitado Saul, e Samuel manteve segredo. Aos olhos do povo, Saul ainda era o líder escolhido por Deus, e Samuel sabia que deveria adorar o Senhor junto com Saul até que Deus encontrasse um substituto. Mesmo quando esse substituto foi encontrado e ungido, Saul permaneceu como o ungido de Deus até sua morte. Samuel exortou Saul, mas não zombou da autoridade do rei em público. Na verdade, Samuel a sustentou, motivo pelo qual teve medo de ir à casa de Jessé para ungir Davi (16:2). Samuel deve ter ensinado Davi a não tocar no ungido do Senhor, independentemente de quais fossem as provocações.

É difícil resistir àqueles em posição de autoridade sem, contudo, atacar a autoridade que lhes foi concedida por Deus. A pessoa em questão pode receber exortação, mas sua autoridade deve ser respeitada. Assim como Samuel e Davi, precisamos aprender a ter paciência enquanto esperamos que o Senhor os remova ou trate deles de acordo com sua vontade.

Talvez houvesse outra razão para Samuel ter acompanhado Saul. Embora não devesse revelar a mensagem particular entregue a Saul, Samuel precisa revelar publicamente a desobediência do rei para que ninguém mais cometesse o mesmo erro. Desse modo, pediu que lhe trouxessem Agague, rei dos amalequitas, aquele que Saul deveria ter matado (15:32a).

A desobediência de Saul significava que Agague não suspeitava do que viria a seguir e, portanto, não teve tempo de se preparar para a morte (15:32b). Agague sem dúvida não temia ao Senhor. A desobediência do povo de Deus causa esse impacto no mundo: endurece o coração dos incrédulos à palavra e ao julgamento de Deus.

Samuel confrontou Agague dizendo que o julgamento de Deus não é arbitrário; colhemos o que plantamos (Jó 4:8). Samuel disse a Agague: *Assim como a tua espada desfilhou mulheres, assim desfilhada ficará tua mãe entre as mulheres (15:33)*, e matou Agague diante de Saul e todo o povo — e perante o SENHOR.

É possível, contudo, que alguns filhos de Agague tenham sobrevivido. Um deles pode ter sido ancestral de Hamedata, o agagita pai de Hamã, aquele que tramou o massacre dos israelitas na época de Ester e Mordecai (Et 3:1).

### 15:34-35 Samuel e Saul se despedem

Samuel retornou pesaroso para casa. Embora não tenha anunciado à nação o julgamento de Deus sobre o rei, para não desacreditar Saul, nunca mais procurou revê-lo (15:35a). Perdeu toda a influência sobre o rei, e seu único ministério dali em diante foi orar em secreto, pois Samuel ainda tinha Saul em alta consideração. Samuel chorou e entristeceu-se pelo rei, provavelmente clamando ao Senhor para levá-lo ao arrependimento. Não ficou feliz com as profecias que prediziam aflições ao povo por causa do rei e que agora se tornavam realidade. Antes, lamentou ao ver seu país debatendo-se porque não era conduzido por um homem piedoso. Eventualmente Deus ordenou que Samuel parasse de se lamentar e fosse ungir um novo rei (16:1).

Algumas vezes nos encontramos em situações nas quais parece que nosso ministério se aproxima de um fim abrupto e então passamos a lamentar esperanças perdidas. Nesses momentos, precisamos lembrar-nos de Samuel e orar intercedendo por nossos companheiros cristãos, incluindo aqueles que nos prejudicaram.

Saul retornou para sua casa em Gibeá (15:34) e prosseguiu com a vida, porém vazio e pesaroso de espírito devido à rejeição. Samuel não o acompanhou, e Saul era muito

arrogante para ir até ele. O papel do rei dali em diante era apenas permanecer no trono enquanto Deus preparava um substituto.

O Senhor também se entristeceu com o que aconteceu a Saul (15:35b). Apesar de Deus por muitos alimentá-lo, protegê-lo e suprir-lhe as necessidades, Saul ainda estava sob julgamento divino. A situação dele era tal qual a do povo hebreu, que vagou pelo deserto durante quarenta anos até que a geração rebelde tivesse desaparecido (Dt 1:34-40). Por que Deus não o matou imediatamente? Não há como responder a essa pergunta, exceto que: sabemos que Deus é paciente e benigno; sabemos também que, caso Saul se tivesse arrependido de verdade, Deus o teria recebido de volta. Jônatas, filho de Saul, recebeu claramente aprovação de Deus, e poderia ter ajudado seu pai, caso Saul tivesse ouvido, a se arrepender ou pelo menos chegar à morte nas graças de Deus. Mas Saul aprofundou-se cada vez mais em sua rebelião contra Deus.

Mesmo assim, Saul continuou sendo um instrumento de Deus. A perseguição que empreendeu contra Davi serviu para treinar o futuro rei e produzir um caráter piedoso. Deus ainda governa e utiliza o mau comportamento do ser humano para produzir coisas gloriosas. Além de Saul, fez isso com Faraó (Rm 9:17-23).

## 16:1-23 Apresentando um novo rei

### 16:1-13 A unção de Davi

Enquanto Samuel orava intercedendo por Saul e pedindo restauração do rei decedente, Deus tinha planos diferentes: pediu para Samuel interromper a lamentação e prosseguir com a vida (16:1a). O Senhor disse algo semelhante a Josué quando da morte de Moisés (Js 1:2). As pessoas vêm e vão, uns morrem, outros desobedecem, mas a obra de Deus precisa continuar. Às vezes o sucessor não surge imediatamente, mas Deus preparará outra pessoa para a tarefa.

Enfim chegou a hora de Samuel agir: ele deveria encher um chifre de azeite e ungir um dos filhos de Jessé, o belemita (16:1b). Na primeira vez, foi Deus quem trouxe o rei até Samuel (9:16), mas agora Samuel deveria sair à procura de Davi. Deus não utiliza sempre o mesmo método, e devemos aprender a perceber instruções diferentes para etapas diferentes em nosso ministério.

A viagem a Belém não seria problema para Samuel, já que ele viajou durante vários anos pelo país. A pergunta *Como irei eu?* refere-se ao clima de mudança política. Samuel temia ser morto por Saul se este soubesse que ele estava prestes a ungir um novo rei (16:2). Foi preciso, portanto, aprender novas estratégias para lidar com uma nova situação.

Em tempos de mudanças, somos tentados a insistir nas mesmas estratégias do passado. Precisamos lembrar que, embora a mensagem de Deus nunca mude, os meios de apresentá-la podem mudar. A África precisa de um mi-

nistério relevante à nossa sociedade em transformação e ao mesmo tempo fiel à crença de nossos pais. Precisamos continuar perguntando ao Senhor “Como devo ir?”, e não apenas copiar métodos estrangeiros da América, Europa e outros lugares.

Samuel esperou instruções do Senhor para esta missão, e Deus o orientou a utilizar um sacrifício comum (16:3). Embora precisemos estar preparados para mudanças, não devemos desprezar as rotinas normais caso sejam os meios de Deus para determinada ocasião.

*Fez, pois, Samuel o que dissera o SENHOR (16:4).* A obediência é a chave de um ministério frutífero (Jo 2:5). O temor dos anciãos de Belém com a chegada de Samuel indica que eles temiam receber julgamento de Deus. Mas estava tudo bem, não havia problema de pecado (16:5).

Samuel sabia apenas que Deus havia escolhido um dos filhos de Jessé para ser o próximo rei (16:1). Quando o profeta viu aqueles homens, ficou tão impressionado com a aparência do mais velho, Eliabe, que ficou pronto para ungir-lo. Mas Deus interveio e lembrou a Samuel que o coração é mais importante que a aparência externa quando se trata de escolher alguém para uma missão divina (16:6-7).

Samuel deve ter ficado confuso, pois os filhos de Jessé foram rejeitados um após o outro (16:8-10). Ao final, o profeta teve de perguntar: *Acabaram-se os teus filhos?* (16:11). Então eles disseram que havia outro homem, o filho mais novo, considerado tão insignificante que nem havia sido convidado para o sacrifício na casa da família.

O Senhor conhece todas as coisas do princípio ao fim. Davi talvez fosse um pastor insignificante — embora de boa aparência (16:12) —, mas Deus conhecia o potencial e o coração desse rapaz e sabia que ele seria o próximo rei de Israel. Deus deve ter visto a fidelidade de Davi em cuidar do rebanho em vez de tentar participar da cerimônia em casa. Davi estava preparado para enfrentar desconforto e perigos no cumprimento de sua tarefa. Fidelidade nas coisas pequenas é pré-requisito para todos aqueles que desejam servir a Deus nas coisas grandes.

Samuel nos dá um exemplo para não desprezarmos alguém simplesmente pelo fato de ser muito jovem. Não devemos olhar para aparência, riqueza, posição ou mesmo formação acadêmica no que se refere a ordenar pessoas para a obra de Deus. Essas coisas podem ser boas em si mesmas, mas um coração disponível para servir a Deus é muito mais importante.

Samuel ouviu Deus dizer-lhe para ungir Davi, e assim *o ungiu no meio de seus irmãos (16:13a)*. Embora a cerimônia pudesse causar inveja, era importante que Davi começasse sua vida de serviço ao Senhor em sua própria casa, entre seus familiares. O Senhor Jesus também começou seu ministério em casa (Lc 4:16-20). Muitos querem pastorear em terras estrangeiras, onde não são conhecidos e ninguém pode atestar seu caráter. Contudo, é muito mais difícil dar bom testemunho aos familiares e àqueles que

nos rodeiam. Foi justamente esse o primeiro testemunho de Davi ao retornar para apascentar as ovelhas depois da unção (16:19).

A importância simbólica da unção com azeite é revelada nas palavras seguintes: *e, daquele dia em diante, o Espírito do SENHOR se apossou de Davi (16:13b)*. O azeite derramado sobre a sua cabeça secou rapidamente, mas o Espírito Santo instalou-se no coração de Davi. Mesmo no AT, o óleo era apenas um símbolo, e não nos devemos ater ao símbolo quando a realidade que ele representa está disponível. É por essa razão que ninguém no NT foi ungido com óleo para exercer ministério, pois o Espírito Santo vem habitar diretamente naqueles cujo coração está correto diante de Deus. Ao contrário da unção, o correto hoje é a imposição de mãos na igreja (p. ex., At 13:3). Portanto, carregar garrafas com óleo para ungir pessoas, árvores, carros, tapetes e toda sorte de objetos é uma degeneração do significado da unção e algo totalmente estranho à teologia do NT (exceto no caso de situações específicas, cf. Tg 5:14). Costumávamos usar amuletos ao redor da cintura na época em que andávamos na ignorância. Hoje em dia, o “amuleto” tomou a forma de garrafas de unção que as pessoas carregam para casos de emergência. Confiar em qualquer desses amuletos é retornar à idolatria.

No AT, o Espírito de Deus geralmente vinha para capacitar alguém a uma tarefa específica, depois da qual o Espírito se retirava. Davi, entretanto, desfrutou da presença do Espírito “daquele dia em diante”. Ou seja, sua tarefa de reinar em Israel era para a vida inteira. A consciência da alegria e capacitação que a presença do Espírito produzia o motivou a orar: “Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito” (Sl 51:11).

Como crentes do NT, precisamos ter em mente que o Espírito do Senhor não é apenas sentimento agradável ou emoção arrebatadora, nem demonstração momentânea de força incontrolável. O Espírito é uma pessoa que veio habitar conosco; não fica entrando e saindo, mas permanece conosco no coração, capacitando-nos a servir ao Senhor de forma aceitável.

Davi, embora ungido, ainda era muito jovem e levaria anos até se tornar rei. Durante aqueles anos de transição, passaria por um treinamento com vistas a cumprir seu chamado.

### 16:14-23 Davi toca harpa para Saul

Saul conheceu o Espírito de Deus quando foi ungido (10:6), mas depois de abandonar a Deus tornou-se presa fácil para o inimigo. Com o Espírito do Senhor *tendo-se retirado de Saul*, um espírito maligno veio atormentá-lo (16:14). Este espírito de depressão e luto causava disposição para agir perversamente e com violência. Quem abandona a presença de Deus anda na escuridão.

Os funcionários de Saul perceberam a aflição do rei e sugeriram uma forma de aliviá-la (16:15-16). E a pessoa

mais qualificada para tratar da condição de Saul era ninguém menos que Davi (16:18-19). Deus usa pessoas comuns para colocar seus escolhidos no lugar certo e na hora certa. O Senhor estava preparando o caminho para Davi ser apresentado ao palácio, ganhar a confiança do povo e desenvolver seus talentos e virtudes.

Saul pediu um harpista profissional (16:18a). Davi, contudo, tocava harpa porque gostava, e não para se apresentar em concertos ou desenvolver uma carreira. Seus talentos foram empregados para compor alguns dos salmos que expressam seu coração diante de Deus. Não devemos, por falta de prática, perder dons que Deus nos deu. Deus pode estar planejando usá-los como ponte para nos levar a nosso destino.

Davi foi descrito como *forte e valente, homem de guerra (16:18b)*. Embora ainda não tivesse lutado nenhuma guerra para provar seu valor, tinha o rosto como de leão ou urso (17:36). Estas façanhas, bem como seus dons musicais, devem ter sido comentadas na aldeia de Belém. Entretanto, Davi não era apenas homem de ação ou artista, pois também foi elogiado por ser *sisudo em palavras*.

*De boa aparência* indica algo mais que ser bonito (16:18c). Davi cuidava de seu corpo tão bem quanto de sua alma. Não andava desleixado, mas de barba aparada e roupas limpas. Todas essas coisas juntas levaram Davi a ser recomendado ao rei.

Entretanto, dons musicais e boa aparência também são concedidos a pessoas não-cristãs. A qualidade mais importante que se sobressai dentre seus dons e os de outros jovens de sua idade foi mencionada por último: *e o SENHOR é com ele (16:18d)*. Os funcionários do palácio podem ter deixado essa característica em último lugar por temerem a reação do rei a alguém que o lembrasse daquilo que ele havia perdido (16:14). Mas era justamente esse o elemento que tornaria o serviço de Davi tão eficaz. Nenhum apetrecho, equipamento, planejamento ou boa aparência nos ajudará se Deus não estiver ao nosso lado.

Davi, assim como José antes dele e Daniel depois, demonstrou a veracidade do provérbio: “Vês a um homem perito na sua obra? Perante reis será posto; não entre a plebe” (Pv 22:29). Davi tornou-se homem de tamanha confiança a ponto de viver no palácio como um dos escudeiros de Saul, perto o suficiente do homem cuja posição herdaria (16:19-22).

Deus colocou Davi numa posição de treinamento e de onde ele poderia ser apresentado discretamente a Israel. Ali, aprenderia a servir um homem que não era rei; a gerenciar o sucesso como subordinado; a não se corromper com os privilégios da corte; e a preservar sua unção enquanto trabalhava ao lado de um homem cujo coração se desviara do Senhor.

Embora Davi estivesse no palácio com o objetivo maior de receber treinamento espiritual, Deus lhe deu oportunidade para ministrar a Saul. Quando Davi tocava sua harpa,

Saul se sentia aliviado da opressão causada pelo espírito maligno (16:23).

## 17:1-58 Davi e Golias

### 17:1-11 O ataque dos filisteus

Saul travava batalhas internas com demônios, e os filisteus enxergaram nisso oportunidade para atacar. O inimigo geralmente ataca quando enfrentamos períodos de esterilidade espiritual e apostasia, pois sabe quando estamos vivendo momentos de fraqueza máxima.

Cada exército ocupava o cume de uma colina, com o vale de Elá no meio. Os filisteus confiavam em seu poderio militar, capacidade e liderança, ainda mais porque vinham com um bom histórico de vitórias no passado. Os israelitas, ao contrário, compareceram desmoralizados, com medo e com a liderança interna já derrotada: Deus não estava com eles, e Samuel não estava presente para oferecer holocaustos e entregar a mensagem de Deus ao povo antes da batalha.

Os filisteus estavam tão confiantes que designaram um único guerreiro para liderá-los: Golias, natural de Gate, homem gigantesco não apenas em tamanho e peso, mas também em orgulho (17:4-7). Tamanha era sua autoconfiança que o exército filisteu concordou em deixá-lo lutar sozinho e, na eventualidade de ser derrotado, os filisteus se renderiam aos israelitas e os serviriam (17:9). Obviamente, eles contavam que ninguém em Israel seria páreo para o gigante.

Golias lançou seu desafio ao exército de Israel, vangloriando-se de sua nacionalidade e desprezando os israelitas como *servos de Saul* (17:8). Depois, exigiu que enviassem alguém para lutar com ele (17:10).

Mas ninguém respondeu ao desafio: *Ouvindo Saul e todo o Israel estas palavras do filisteu, espantaram-se e temeram muito* (17:11). Ninguém se lembrou de que Dagom, o deus dos filisteus, se quebrou em pedaços diante da arca (5:1-4), nem das vitórias de Jônatas e seu servo, que sozinhos derrotaram uma guarnição inteira (14:6-15). Por causa do pecado, Saul perdeu a consciência do poder divino e exagerou na avaliação da capacidade daqueles que afrontavam a Deus. Esse estado de espírito contaminou seu exército. A vida do líder influencia a vida de todos os que o seguem!

Golias lançou seu desafio durante quarenta dias, duas vezes por dia, sem causar nenhuma outra reação senão o medo (17:16).

### 17:12-27 Davi chega ao acampamento

A narrativa retorna para a família de Jessé, neto de Boás e Rute (Rt 4:21-22), agora velho demais para lutar, porém com três de seus filhos mais velhos presentes no exército de Saul (17:12-14).

Davi, o mais novo, até aqui é apresentado como músico de Saul (16:21-24). Presumivelmente, deve ter sido enviado para casa por ocasião da guerra, voltando a cuidar das ovelhas de seu pai (17:15). Davi não encarou esse retorno

com desprezo, como se todo aquele tempo no palácio fosse algo mais importante que cuidar de tarefas triviais. Da mesma forma, não devemos atribuir grande importância à companhia de pessoas poderosas a ponto de esquecermos nossa tarefa principal, isto é, cuidar do rebanho.

Davi pode ter imaginado que sua posição no palácio eventualmente o levaria a ser reconhecido como o próximo rei. Talvez tivesse alimentado esperanças de participar da batalha, pois era um dos escudeiros de Saul. Mas, quando isso não ocorreu, Davi voltou a esperar outra oportunidade divina para ser apresentado ao rei e ao povo de Israel. É muito importante aprender a esperar sermos apresentados por Deus, em vez de nos agarrar a qualquer oportunidade que apareça pelo caminho. Caso Davi se tivesse recusado a deixar Saul, talvez fosse considerado eternamente um músico. Mas foi sua disposição para retirar-se aos bastidores que o levou a emergir como guerreiro.

Davi serviu ao rei, mas também estava disposto a servir seu pai e a obedecer às instruções para levar pão e queijo a seus irmãos e ao comandante (17:17-18). Assim como Saul (9:3), Davi recebeu uma incumbência sem saber que era parte do plano de Deus. Sem dúvida, Jessé não fazia a mínima ideia de que estava enviando Davi para a batalha, pois não lhe deu nenhuma arma. Davi, contudo, contava com a armadura de Deus, que não tem nada que ver com escudos de bronze e armas de ferro, e com a presença de Deus em todo lugar por onde andava.

A responsabilidade de Davi em cumprir suas tarefas é visível até nos mínimos detalhes da narrativa. Ele saiu de madrugada, porém não deixou suas ovelhas desprotegidas: arranhou um guarda para cuidar delas em sua ausência (17:20).

De acordo com os propósitos de Deus, Davi chegou ao acampamento no exato momento em que Golias pronunciava seu desafio diário (17:21-23). As palavras de Golias causavam medo nos soldados, mas em Davi causou agitação de fé. Enquanto os outros se esquivavam do desafio, Davi ponderava aquelas palavras: Quem é esse incircunciso filisteu que afronta os exércitos do Deus vivo? Por que não posso lutar contra ele em nome do nosso Deus?

Saul prometeu um prêmio para quem lutasse contra Golias, mas ninguém se atreveu a tanto (17:25). Os soldados israelitas estavam tão certos de que morreriam que nem mesmo a promessa de riquezas, isenção de impostos e casamento com a filha do rei foi tentação suficiente.

Davi perguntou sobre a recompensa, mas o texto deixa claro que sua principal motivação não era a recompensa, mas o insulto desse *incircunciso filisteu* que afronta os *exércitos do Deus vivo* (17:26). Onde outros enxergaram um gigante invencível, Davi enxergou um “incircunciso filisteu”, isto é, um homem que não participava da aliança com o Senhor. Deus não defenderia esse gigante destinado a ser banido da terra prometida. Os exércitos de Israel não eram apenas “servos de Saul”, mas exércitos do Deus vivo!



Precisamos aprender com Davi e enxergar as coisas do ponto de vista da fé; precisamos ouvir o que se passa no mundo com os ouvidos sintonizados na frequência do céu, e olhar em primeiro lugar para o invisível, e não para o material. A presença e a comunhão com Deus afixavam o olhar de Davi (cf. tb. Nm 13:31-33; 14:9; 2Rs 6:15-17).

### 17:28-31 Davi enfrenta oposição

Assim como ocorre a muitos líderes, Davi enfrentou oposição, desdém e incompreensão. Eliabe, seu irmão mais velho, possivelmente com inveja da unção de Davi, liderou o ataque. Interpretou mal os motivos de Davi e acusou-o de orgulho e negligência em suas tarefas (17:28). Eliabe não se deu ao trabalho de checar os fatos ou indagar as providências tomadas para cuidar das ovelhas (cf. 17:20).

Se Davi tivesse sido descuidado ao deixar as ovelhas sem pastor, haveria motivos para o inimigo atacá-lo e desacreditá-lo. Precisamos estar cientes de que, além do panorama geral de nosso chamado, também precisamos prestar atenção aos pequenos detalhes que afetam nossa família.

Davi agiu com humildade diante do ataque; não argumentou, não se defendeu, nem insultou seu irmão. Simplesmente respondeu: *Que fiz eu agora?*, e foi falar com outra pessoa (17:29-30). Não devemos permitir ser incomodados por pessoas que nos rejeitam a priori, mas devemos simplesmente procurar outras pessoas.

Conforme Davi perguntava e falava, o clima emocional do acampamento começou a mudar. Os soldados se agruparam em torno de Davi como se fosse o guerreiro duelista de Israel, assim como Golias era para os filisteus, e levaram a novidade para Saul (17:31). Deus providenciou uma forma de Davi ser apresentado a Saul não como músico e pastor de ovelhas, mas como guerreiro corajoso na fé e audaz o suficiente para confrontar o arrogante filisteu. Excelente princípio aguardar em Deus as oportunidades de ministério, e não tentar forçá-las.

### 17:32-37 Davi representa o povo de Deus

Davi demonstrou sua liderança quando disse palavras de encorajamento e fé ao rei: *Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele* [Golias] (17:32), palavras que tocaram a raiz do problema — o coração das pessoas. Os israelitas esqueceram sua herança em Deus e falavam apenas do tamanho e peso do capacete, do escudo e da lança de Golias. Davi, contudo, falou sobre aquilo que Golias era de fato: apenas um filisteu! O líder precisa injetar coragem no coração de seus seguidores por meio de uma análise equilibrada da situação.

Saul ficou agitado porque Davi ainda era muito jovem (17:33). Para neutralizar o temor de Saul, Davi falou do auxílio de Deus em suas batalhas pessoais. Não foi preciso exagerar nem inventar histórias de guerras. Simplesmente falou sobre as coisas que Deus fez em sua vida: sozinho e sem exército na retaguarda, Davi lutou e matou animais

selvagens famintos (17:34). A história do leão deve ter lembrado Saul da história de Sansão, grande inimigo dos filisteus que no passado matou um leão com suas próprias mãos (Jz 14:4-6). Aqui percebemos que qualquer pessoa em busca de liderança entre o povo de Deus deve ter uma história pessoal autêntica com o Senhor. O líder somente conduz outros para lugares onde ele mesmo já esteve.

Davi apresentou sua luta com o leão de forma vívida, descrevendo como o agarrou pela juba e o matou (17:35). A juba, símbolo da força do leão, tornou-se justamente o meio de sua derrota. Davi procurava lembrar aos seus ouvintes que a força do inimigo pode transformar-se em sua derrota se Deus estiver do nosso lado. As palavras de Davi devem ter atraído temporariamente a atenção dos soldados, que pararam de ouvir os gritos de Golias. Davi, líder de verdade, providenciou uma alternativa ao desespero e desânimo por meio de uma história de esperança e vitória.

Ao traçar planos de batalha, o líder não pode ser vago sobre as estratégias nem parecer místico e arbitrário quando fala de intervenção divina. É muito simplista dizer apenas “Deus fará”. Davi, portanto, salientou sua coragem e habilidade e esboçou a base de sua fé, isto é, que Deus o capacitaria para derrotar o filisteu. Primeiramente, Davi observou que Golias era um *incircunciso filisteu* (17:36). A referência à circuncisão lembrou-os de que os israelitas eram o povo da aliança de Deus, ao passo que os filisteus adoravam um deus fabricado por mãos humanas! Segundo, aquele homem havia afrontado *os exércitos do Deus vivo*, isto é, tinha desafiado o próprio Deus para a batalha. Com certeza Deus comparecerá para defender seu nome! E, finalmente, Davi fala sobre a fidelidade infalível do Senhor, o mesmo Deus que o *livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará das mãos deste filisteu* (17:37a). Davi falou sobre Deus com convicção devido ao seu relacionamento pessoal com o Senhor.

As palavras de Davi animaram até Saul, que imediatamente concedeu permissão: *Vai-te, e o SENHOR seja contigo* (17:37b). Líder verdadeiro, Davi encorajou seus companheiros conduzindo-os do vale da depressão para o monte da fé.

### 17:38-47 A armadura certa para a batalha

Saul quis ajudar Davi a vestir-se para lutar com Golias, mas teria sido um desastre se Davi tivesse lutado com aquelas armas (17:38). Para começar, Deus precisaria dividir a glória da batalha com a armadura de Saul, de modo que o milagre do livramento seria reduzido a uma batalha normal. Entretanto, não foi por esse motivo que Davi recusou, de modo gentil porém firme, a oferta de Saul, declarando: *Não posso andar com isto, pois nunca o usei* (17:39). Talvez a armadura servisse perfeitamente, mas era um equipamento desconhecido para ele.

Como servos de Deus, não devemos usar indiscriminadamente armadura e métodos de outros que não tenhamos

experimentado em nossa caminhada pessoal com Deus. Em vez de ficarmos fascinados com os equipamentos modernos, precisamos usar o equipamento com o qual Deus nos treinou. O campo de batalha não é o melhor lugar para aprender a utilizar uma arma! Muitos líderes africanos andam ávidos por descartar as ferramentas com as quais Deus os treinou, em troca de experiências de estrangeiros, linguagem erudita, microfones e salas com ar-condicionado. Estes líderes africanos tentam imitar os ocidentais ao usar armaduras alheias, armas que não nos foram dadas por Deus de acordo com a peculiaridade de nossas batalhas.

A primeira vitória de Davi foi escolher a arma correta: seu cajado e sua funda (**17:40a**). Davi não procurou disfarçar o fato de que fora treinado como pastor e nunca participara do exército. A única munição de que precisava eram cinco pedras tiradas de um riacho. Provavelmente era seu hábito carregar aquele tipo de pedra em seu surrão. A pedra não precisava ser cortante, pois sua força não estava no seu poder de cortar, mas no poder de Deus de dirigir o impacto diretamente ao crânio.

Davi aproximou-se do filisteu *lançando mão da sua funda* (**17:40b**). Observe o uso do pronome: era a *sua* funda, aquela utilizada rotineiramente antes da batalha, e não uma nova adquirida para a ocasião. Essa funda não foi planejada exclusivamente para Golias. Muitas vezes forjamos novas armas apenas para a batalha que enfrentaremos a seguir. Providenciamos apressados treinamento de conselheiros para campanhas de evangelismo, organizamos corais e chamamos equipes estrangeiras para oficializar a cruzada. Milhões de dólares são gastos apenas para elaborar um espetáculo de final de semana. Entretanto, o inimigo não será vencido com armas não testadas, e ele mesmo sabe bem disso, pois utiliza as velhas e confirmadas armas da tentação que já derrubaram muitos cristãos.

E assim, confiante no Deus invisível porém invencível, Davi *foi-se chegando ao filisteu*. Golias respondeu com a tática usual de intimidar e ridicularizar (**17:41-43**); zombou das antiquadas armas do jovem e, *pelos seus deuses, amaldiçoou o filisteu a Davi*, sem saber que suas próprias armas eram impotentes diante do Deus de Israel. Depois, gabou-se de que entregaria Davi para ser comido pelos animais selvagens.

Esse tipo de conversa fiada pode amedrontar aqueles que não conhecem o Senhor, mas Davi coloca a batalha na perspectiva correta, porque sabia que “do SENHOR é a guerra” (**17:47**). Assim como Davi, e Josué antes dele (Js 5:14-15), nunca devemos esquecer que Deus é quem luta, e nós somos apenas canais por meio do qual ele trabalha.

Davi começa sua declaração dizendo: *Vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos* (**17:45**). O inimigo vem armado com escudos, espadas e lanças, mas o servo do Senhor sabe que “torre forte é o nome do SENHOR, à qual o justo se acolhe e está seguro” (Pv 18:10). Pelejando em nome do Senhor, Davi comparece à batalha como representante

de Deus, e não apenas como “servo de Saul” (**17:8**). Jesus utilizou o mesmo conceito quando ensinou seus discípulos a usar seu nome para confrontar o poder das trevas e curar enfermos, dizendo: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei” (Jo 14:13; cf. tb. At 3:6,11-16; 4:9-12). Os servos de Deus só precisam agir em nome do Senhor, um fato que Davi comemora no salmo 20:5-8.

Davi também se refere ao Senhor como o *Deus dos exércitos de Israel* (**17:45**). O termo “exércitos”, no plural, parece estranho, pois Saul tem apenas um exército. Davi, contudo, talvez se refira ao fato de Israel possuir vários exércitos: um visível, que estava diante de Golias, e também legiões invisíveis de anjos sob o comando de Deus.

Davi chegou à peleja com claro entendimento sobre quem faria o trabalho: *Hoje mesmo, o SENHOR te entregará nas minhas mãos* (**17:46a**). O segredo da vitória em qualquer batalha espiritual é reconhecer que é o Senhor quem entrega o inimigo em nossas mãos. Essa questão aparece repetidamente no livro de Juízes (cf., p. ex., Jz 3:10), e Davi volta a salientá-la no salmo 60:12.

Golias gabava-se do que faria com Davi, mas o jovem replicou que faria a mesma coisa com Golias (**17:46b**). Entretanto, havia uma diferença fundamental no orgulho de Davi: o filisteu se vangloriava no fato de ser mais velho e mais experiente que Davi, ao passo que este último confiava no nome do Senhor. A motivação de Davi para enfrentar Golias era: *Toda a terra saberá que há Deus em Israel* (**17:46c**). Quando alguém age genuinamente em nome de Deus, e não por sua própria glória, Deus certamente agirá.

Havia uma segunda lição que Davi desejava transmitir: os israelitas esqueceram que Deus salva *não com espada, nem com lança* (**17:47a**). Esse ensino vem desde o tempo de Moisés e Josué, e foi relembrado nos dias de Samuel e até mesmo no início do reinado de Saul e Jônatas. Mas a memória deles era curta. Por isso, Davi queria utilizar esse combate com Golias para restaurar a confiança no Deus de Israel. Em vez de investir grandes somas em armas de guerra, os israelitas precisavam apenas investir seu coração na comunhão pessoal com Deus.

Davi concluiu seu discurso reiterando o tema principal: *porque do SENHOR é a guerra* (**17:47b**), tema que voltaria a ser discutido na época de Josafá (2Cr 20:15-17). Davi basicamente estava dizendo: “Esta batalha não é minha. Na melhor das hipóteses, sou apenas um jovem a serviço de Deus. Ele pode usar minha mão para lançar uma pedra ou seja lá o que for, porém Deus é o guerreiro dessa batalha”. Que paz conheceríamos em nosso ministério se essa verdade estivesse gravada em nosso coração!

Davi começou seu discurso como se estivesse falando por si mesmo, mas terminou dizendo que aquela vitória também seria do povo de Deus, pois utiliza o plural ao dizer: *e ele vos entregará nas nossas mãos* (**17:47c**). As coisas que Deus faz por meio de nós não buscamos nosso bem pessoal, mas o benefício do corpo de Cristo.

### 17:48-54 Davi enfrenta Golias

Os dois guerreiros avançam um contra o outro (17:48a). Os filisteus devem ter apoiado Golias aos gritos enquanto este avançava, mas não sabiam que Golias na verdade enfrentava as forças invisíveis do Deus Altíssimo. Devem ter imaginado que Israel cometera grave erro ao mandar um jovem mal equipado para enfrentar um gigante. Provavelmente eles sabiam que Israel possuía gente capaz de acertar com a funda um fio de cabelo (Jz 20:16), mas nunca imaginaram que este jovem fosse um deles. Deus escolheu “as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1Co 1:27).

Davi sai correndo em direção a Golias (17:48b), corajoso e pronto para morrer pela glória do seu Deus. Os israelitas devem ter ficado impressionados com sua coragem. Mas a fé do coração coloca força nos pés dos servos de Deus, de modo que Davi não lutava na defensiva e partiu para o ataque. Seu objetivo era vencer, não apenas sobreviver. A maioria dos cristãos não busca vitórias, mas cultiva a mentalidade da sobrevivência, imaginando que a vitória virá somente no céu. A vitória, contudo, está disponível para nós aqui e agora. Não haverá batalhas no céu.

Com sua atiradeira, Davi lançou uma pedra e cravou-a na frente de Golias. Atordoado, o gigante caiu de cara no chão. Então Davi tomou a espada de Golias e cortou-lhe a cabeça (17:49-51a). Num piscar de olhos a batalha alterou-se totalmente e os filisteus se puseram a fugir. Sem Golias, não tiveram coragem de enfrentar Israel (17:51b-53).

Essa ação de Davi ao cortar a cabeça de Golias nos lembra a importância de obter vitória total em nossa guerra espiritual. Não é suficiente alcançar vitória parcial em quaisquer obstáculos espirituais que porventura enfrentarmos. Nosso objetivo é arrancá-los pela raiz. Se apenas atordoarmos o inimigo, ele logo se recuperará e reagrupará para nova batalha.

Davi levou a cabeça do filisteu para Jerusalém, não para Belém. Isso significa que Israel já tinha algum controle sobre a cidade. Judá conquistou Jerusalém no passado (Jz 1:8), mas a cidade nunca esteve completamente sob o poder israelita (Js 15:63) até a conquista definitiva por Davi (2Sm 5:6-10). Davi talvez tenha levado a cabeça de Golias para Jerusalém a fim de servir de exemplo aos jebuseus: um dia eles também seriam conquistados.

Davi também ficou com as armas de Golias (17:54). Isso nos lembra como Cristo desarmou os poderes e autoridades e transformou-os em espetáculo público (Cl 2:14-15). Mais tarde, Davi entregou ao templo a espada de Golias como oferta e memorial, e ali ficou guardada, enrolada num pano (21:9). Agindo assim, Davi evitou a tentação de usá-la para sua própria glória e para atrair atenção a si mesmo, em vez de dar glórias a Deus, o vencedor da batalha.

### 17:55-58 Deus apresenta Davi

A narrativa de 17:55-58 pode parecer estranha, pois Davi tocava harpa para Saul (16:21-23). Entretanto, agora Saul

observa Davi de forma diferente, pois não o vê mais como aquele garoto que toca harpa, mas como guerreiro valente. Além disso, Davi não estava vestido segundo a moda do palácio; usava roupas de pastor, cheirava a ovelhas e carregava seu cajado e surrão.

Saul, entretanto, não era o único a enxergar Davi de forma diferente. Até seu pai e seus irmãos ficaram surpresos com o novo Davi. Há períodos na vida em que Deus trabalha para apresentar de maneira diferente aqueles a quem pretende utilizar para o serviço. Cada um deve esperar no Senhor para ser apresentado, sem procurar atrair atenção para si mesmo com gritos e fanfarras.

A pergunta de Saul sobre a família de Davi é muito importante. O rei parece pensar que a família de Davi explicaria o tipo de pessoa que ele se tornou. Embora Davi tivesse uma genealogia importante, não era isso que o tornava diferente. Os três irmãos de Davi presentes no exército de Saul também compartilhavam sua ancestralidade, porém não demonstraram nenhum sinal de grandeza. Davi era notável não por causa de seu pai terreno, mas por causa de seu pai celestial.

## 18:1—19:24 Davi na corte de Saul

### 18:1-5 A amizade de Davi e Jônatas

O capítulo anterior narrou a aproximação de Davi e Saul, e também seu relacionamento com Jônatas, filho de Saul, que havia demonstrado esse mesmo tipo de fé e coragem (14:6). Jônatas esperava herdar o reino de seu pai (se não fosse pela profecia de Samuel em 13:4) e era benquisto pelo povo, que aliás o salvou da morte (14:45). Um jovem como ele teria facilmente encarado Davi como um rival ao trono e ao carinho do povo.

Mas, em vez de ressentir-se do sucesso de Davi, Jônatas tornou-se seu amigo íntimo. O amor deles era algo que ultrapassava o amor de marido e esposa, conforme Davi lamentaria mais tarde por ocasião da morte de Jônatas (2Sm 1:26). Naquela declamação, Davi também se refere a Jônatas como irmão. É provável que Davi tenha recebido mais amor de Jônatas que de seus irmãos de sangue. O texto diz que *a alma de Jônatas se ligou com a de Davi* (18:1). Era como se eles fossem uma alma dividida em dois corpos.

Jônatas e Davi fizeram uma aliança de permanecerem amigos até a morte (18:3). Como sinal dessa aliança, Jônatas entregou a Davi suas armas e sua capa (18:4). Foi um ato profético, pois Jônatas deu a Davi tudo aquilo que teria sido seu por direito. Jônatas se dispôs a entregar tudo o que lhe pertencia por amor ao amigo, alguém que poderia ser seu rival. Que contraste entre a atitude de Caim, que matou seu irmão porque a oferta de Abel foi aceitável diante de Deus (Gn 4:3-9)! E que contraste com a atitude de Saul para com Davi nos anos seguintes! A atitude de Jônatas não foi algo herdado, mas fruto de seu relacionamento pessoal com Deus.

Recusando-se a considerar alvo de ambição o trono de seu pai, Jônatas exibiu o mesmo estilo de vida que nosso Senhor Jesus Cristo. Além disso, também exemplificou o amor que Deus deseja ver na igreja (Fp 2:1-8): o amor que não demonstra hipocrisia e está sempre pronto a permitir que cada filho de Deus use seus dons sem inveja e competição. Na verdade, é o tipo de amor que nos constrange a usar nossos recursos para ajudar outros a cumprir o propósito de Deus em sua vida.

Será que vemos esse relacionamento profundo entre os servos de Deus na África? Ou a rivalidade e competição são os motivos de tantas denominações e ministérios pessoais que vemos nas ruas hoje? Será que o desejo de brilhar mais que o outro tem levado amigos a tomar rumos diferentes, a pregar e a falar mal uns dos outros?

A amizade de Jônatas era um presente de Deus a Davi. Todo líder precisa de um amigo a quem possa falar abertamente sobre as coisas que Deus está fazendo em seu coração.

A princípio, Saul não considerou Davi uma ameaça, pois não percebeu nele nenhuma ambição ou cobiça. Antes, considerou Davi alguém útil e insistiu que ele permanecesse na corte em vez de voltar para casa (18:2).

Davi continuou a fazer tudo quanto Saul lhe pedia, viajava para qualquer lugar e se comportava com prudência, de modo que suas missões eram sempre bem-sucedidas (18:5). Consequentemente, Saul *o pôs sobre tropas do seu exército*. Promover um jovem dessa maneira poderia causar ressentimento em outros oficiais, mas na verdade Davi era *benquisto* por todos. Davi era visto como um líder chamado por Deus, e ninguém entra em conflito com pessoas humildes, sábias e claramente ungidas pelo Senhor.

### 18:6-9 O canto das mulheres: teste do caráter

O caráter de Saul, Davi e Jônatas passou por um teste crucial quando as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro para dar as boas-vindas ao exército vitorioso, uma alegria que expressaram *cantando e dançando* (18:6). Cantaram com entusiasmo inocente, sem pensar em como as pessoas egoístas e de coração impuro interpretariam suas palavras (18:7).

Ouvindo isso, o coração de Saul ficou perturbado e irrompeu em inveja (18:8). Saul tinha complexo de inferioridade, o que lhe causava forte desejo de ser notado e um orgulho que não tolera glórias para mais ninguém.

O elogio é um bom teste para conhecer a pureza do coração de uma pessoa (Pv 27:21). Saul era um homem egoísta e amava receber elogios; desejava que lhe tocassem trombetas e erigissem monumentos em sua homenagem (13:3-4; 15:12). Para ele as mulheres deveriam, portanto, mostrá-lo sob luz mais favorável, mesmo que isso implicasse distorcer os fatos.

Sorumbático e ciumento com os elogios concedidos a Davi, Saul deve ter lembrado a profecia de Samuel, em que

Deus prometia entregar o reino *ao teu próximo* (15:28). Seria Davi esse próximo? Daquele momento em diante, *Saul não via a Davi com bons olhos* (18:9).

### 18:10-30 A inveja de Saul

A raiva e a inveja desencadeadas pela canção das mulheres continuou a corroer o coração de Saul até sua morte em combate. A história de Saul mostra o poder da inveja.

Saul vinha comportando-se de modo quase normal, mas, no mesmo dia em que abriu seu coração à amargura e à inveja, o espírito maligno que o atormentava retornou (18:10). Satanás encontra no ódio e na amargura vias de acesso para trabalhar sem impedimentos, e encontrou essa abertura em Saul (cf. tb. Tg 3:14-16).

Saul tornou-se determinado a eliminar Davi. Certo dia houve oportunidade para alcançar esse objetivo, pois Saul teve *uma crise de raiva em casa* e, enquanto Davi *dedilhava a harpa*, tentou acertá-lo com sua lança, mas Davi se desviou (18:11).

O fato de ainda continuar tocando harpa para Saul mostra que Davi não atribuiu muita importância ao canto das mulheres. Quando Saul o atacou, Davi não se defendeu nem retribuiu. Davi demonstra a atitude que Jesus tinha em mente quando falou sobre seus seguidores serem “prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mt 10:16).

Davi andava diariamente na presença de Deus e exibia essa presença em tudo quanto fazia. Entretanto, quanto mais Saul percebia a presença do Senhor em Davi, tanto mais o temia (18:12). Os apóstatas sempre temem aqueles que se alegram na presença de Deus, pois isso os faz lembrar, de maneira penetrante, aquilo que perderam. Desse modo, a humildade, integridade e santidade de Davi não causaram admiração em Saul, mas temor.

Depois disso, Saul tentou livrar-se de Davi colocando-o para lutar contra os filisteus (18:13). Mas o tiro saiu pela culatra, pois as campanhas militares de Davi eram bem-sucedidas, fato que aumentava sua popularidade e, consequentemente, o temor de Saul (18:14-16).

Então Saul tentou neutralizar Davi utilizando uma combinação de coerção e suborno. Sugeriu que Davi poderia casar-se com Merabe, sua filha mais velha, caso promettesse lealdade a Saul (18:17). Através dessa oferta, Saul convenientemente esqueceu que havia prometido Merabe como recompensa pela morte de Golias (17:25). Davi, contudo, não era ambicioso e não exigiu que Merabe lhe fosse entregue. E, quando a jovem lhe foi oferecida, Davi protestou dizendo que não era digno de tal honra (18:18), algo que repetiu mais tarde quando Saul lhe ofereceu outra filha, Mical (18:22-23).

Saul, todavia, não conseguiu superar sua hostilidade a Davi e, em vez de entregar Merabe a Davi em casamento, entregou-a a outro homem (18:19). Mas nem mesmo esse insulto deliberado fez com que Davi se rebelasse ou deixasse de servir ao rei.

Ao perceber que Mical estava apaixonada pelo jovem comandante, Saul reconheceu outra oportunidade para armar uma cilada contra Davi (18:20-21). A objeção de Davi ao casamento era, em parte, devido ao alto preço do dote exigido para se casar com a filha de um rei. Saul insistiu que o único preço a ser pago seria a morte de cem filisteus, coisa que Davi poderia provar trazendo cem prepúcios a Saul (18:24-25). Para desgosto de Saul, Davi não apenas escapou da morte, como trouxe o dobro do que foi pedido (18:26-27). Desta vez o frustrado Saul não teve opção senão permitir o casamento de Davi e Mical.

Todas essas tentativas para eliminar Davi foram manobras disfarçadas. Esse comportamento ardiloso é típico de Satanás, que muitas vezes aparece como um anjo de luz. Nesse sentido, Saul falava como se as batalhas às quais enviava Davi para lutar fossem *as guerras do SENHOR* (18:17; cf. 17:47), e enviava servos com mensagens particulares a Davi, dizendo: *O rei tem afeição por ti* (18:22). Satanás utiliza muitas estratégias para seduzir e destruir aqueles que possuem coração justo.

Enquanto a inveja agitava e comprometia o relacionamento de Saul com os outros, a popularidade de Davi crescia cada vez mais (18:30). Esta era a mensagem que chegava ao palácio e martelava nos ouvidos de Saul: *O SENHOR era com Davi* (18:12,14,28). Ao invés de apreciar as bênçãos de Deus a Davi, Saul o temia cada vez mais (18:29; cf. tb. 18:12,15), de modo que o rei chega à patética conclusão descrita em 18:28-29: *Então, Saul temeu ainda mais a Davi e continuamente foi seu inimigo*.

Davi, contudo, não era inimigo de Saul. Nunca se rebelou contra o rei, apesar de todas as artimanhas que enfrentou. Pelo contrário, defendeu o reino contra os ataques dos filisteus e provou que Deus protege aqueles que o servem, uma verdade que Davi comemorou constantemente em seus salmos.

Entre lobos, devemos andar como vitoriosos. Os conflitos e ataques do inimigo são ferramentas que Deus utiliza para afiar o caráter de seus santos. Não estremeça se Deus colocar você na fornalha. Paulo nos lembra que *“a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação”* (2Co 4:17). Para Davi, essa *“momentânea tribulação”* perdurou vários anos e o levou a esconder-se em muitas cavernas e lugares desertos. Entretanto, em meio a todo esse processo, Davi estava sendo aperfeiçoado para se tornar um rei capaz de governar de acordo com os propósitos de Deus.

### 19:1-10 Saul persegue Davi

No capítulo 18, Saul procurava disfarçar seu ódio por Davi, mas a partir de 19:1 retira a máscara e pede abertamente a todos os seus servos que matem Davi. Até para Jônatas Saul confessou seu desejo, ignorando a aliança de amizade que existia entre os dois jovens (18:3). Saul não oferece nenhuma razão convincente para isso, nem leva em consi-

deração todos os benefícios que Davi trouxe para Israel ao interromper os ataques filisteus. O comportamento de Saul é típico daqueles que se embriagam com poder e desejo de vingança pessoal; agem arbitrariamente e sem motivo.

O comportamento de Saul demonstra a forma pela qual o inimigo avança quando o indivíduo se rende a ele. Saul abandonou a Deus e permitiu que o demônio adquirisse controle sobre seu coração. A partir disso, Saul passou a opor-se abertamente aos propósitos de Deus e perdeu o medo de derramar sangue inocente.

Saul era temerário e impulsivo, mas seu filho Jônatas era calmo, ponderado, paciente e amigo fiel. Jônatas não permitiria que seu pai colocasse em risco o relacionamento que ele tinha com Deus e com Davi, pois seu amor não o permitia andar *“no conselho dos ímpios”* (Sl 1:1) e, portanto, avisou Davi sobre os planos de Saul, aconselhando-o a esconder-se (19:2). Além disso, Jônatas planejou uma estratégia para descobrir quão profundo era o ódio de seu pai por Davi e quais precauções deveriam ser tomadas (19:3). Mesmo resistindo aos planos do pai, Jônatas sempre obedeceu a seu pai e respeitou-o, sem nunca insultá-lo.

Jônatas é um excelente exemplo de intercessor, alguém capaz de relacionar-se com oponentes de forma a derrubar as barreiras que os dividem. É nesse mesmo sentido que os servos de Deus devem interceder a Senhor pelas outras pessoas. Assim como Jônatas, devem permanecer ao lado do Pai e ouvir o que ele tem para dizer sobre as pessoas e sobre aquilo que está fazendo ou sentindo. Depois disso, devem relatar apenas o que viram e ouviram, e aconselhar os outros quanto à melhor forma de agir. Contudo, ao contrário de Saul, Deus é amoroso e não deseja a morte dos pecadores. Nossa tarefa é trazer as pessoas para casa e apresentá-las a um Pai ansioso por recebê-las. Jônatas tinha uma tarefa muito mais difícil, pois intercedia por um pai colérico que pronunciava ameaças e sentenças de morte. Em tudo isso, Jônatas permaneceu fiel àquele que um dia tomaria seu lugar e sua coroa por direito!

Jônatas apresentou o caso de Davi de forma tão clara e sistemática que conseguiu chamar a atenção de seu pai, e isso sem elogiá-lo ou insultá-lo. afirmou claramente que seu pai estava errado em agir daquela maneira com Davi (19:4). Jônatas mostrou sabedoria ao expor seus argumentos. Em primeiro lugar, salientou o risco que Davi correu ao enfrentar Golias (19:5a). Com isso, procurou lembrar ao pai que, ao contrário de ambicionar o trono, Davi estava disposto a morrer em nome do rei. Quem sabe Saul também lembrou que Davi não insistiu em receber as recompensas oferecidas a quem matasse Golias (17:25).

Segundo, Jônatas corrigiu o erro da canção das mulheres que creditaram a vitória a Saul e Davi. Jônatas salientou que foi o Senhor quem efetuou *grande livramento a todo o Israel* (19:5b; cf. tb. 17:47). Querendo receber todo o crédito pela vitória, Saul esqueceu que foi o Senhor quem conduziu todos os acontecimentos (cf. tb. 1Co 3:3-9).

Terceiro, Jônatas lembrou a reação positiva de seu pai às primeiras vitórias de Davi, antes mesmo da canção das mulheres (19:5c; cf. tb. 18:7-9). Algumas desavenças somente são revolidas se lembrarmos de onde viemos e o que aconteceu antes do conflito. Naquela ocasião Saul se alegrara com Davi e exigira que ele viesse morar no palácio. Por que a canção de algumas mulheres ignorantes deveria mudar isso?

E finalmente, Jônatas terminou seu argumento com a verdadeira questão: *Por que, pois, pecarias contra sangue inocente, matando Davi sem causa?* (19:5d). Sua estratégia não envolveu argumentos emocionais, mas tratou cuidadosamente da questão e deu a seu pai oportunidade para justificar suas ações. Então Jônatas se calou e aguardou a resposta.

Há muito que aprender com a estratégia de Jônatas em nosso ministério de reconciliação nos dias de hoje. Moisés empregou abordagem semelhante quando implorou a Deus para reconsiderar sua decisão de acabar com Israel (Êx 32:10-14).

Saul ouviu aquelas palavras e reconheceu a verdade. Entretanto, não respondeu à última questão principal e, impulsivo como sempre, pronunciou outro voto precipitado: *Tão certo como vive o SENHOR, ele não morrerá* (19:6). Saul ainda não havia aprendido a seriedade de pronunciar votos em nome do Senhor; também não havia confessado seus pecados contra Deus e contra Davi, nem reconhecido o fato de que o Senhor agora estava com Davi, e não mais com o rei. Pelo contrário; assim como ocorreu em Gilgal, Saul fingiu que tudo estava bem entre ele e Deus (15:30-31). Uma vez que as raízes de seu pecado não haviam sido tratadas, o pecado sempre voltaria à tona, não importava a seriedade de seus votos. Devemos tomar cuidado com essa armadilha ao buscarmos reconciliar as pessoas com Deus por meio do evangelho. Nada pode ser realizado sem confissão e arrependimento genuínos.

O juramento de Saul foi suficiente para convencer Jônatas, de modo que este trouxe Davi de volta para o palácio (19:7). Davi, contudo, voltou com reservas, pois aprendeu que Saul, tal qual um camaleão, mudava drasticamente e de forma inesperada.

Saul ficou calmo por algum tempo, pois as coisas andavam tranquilas pelo país e não havia motivos para atizar sua inveja dormente. Contudo, tão logo surgiu nova guerra e Davi novamente se saiu vitorioso, todas as antigas emoções retornaram (19:8). Em vez de se alegrar com a vitória, Saul deve ter perguntado: “Por que ele, e não eu? Por que Deus sempre age por meio de dele, e não por meu intermédio? Logo, logo as pessoas se esquecerão de mim e pensarão que Davi é o líder”. Nesse momento de tentação por suas antigas paixões, o espírito maligno retornou (19:9; cf. tb. Tg 1:13-14) e Saul ficou depressivo, de modo que Davi voltou a tocar harpa para o rei. Que desperdício de unção! O ministério de Davi trazia apenas alívio temporário, pois

Saul não estava disposto a lidar com a causa do problema. É exatamente esse tipo de ministério que vemos em muitas congregações hoje em dia.

Com o retorno do demônio, Saul voltou a atentar contra a vida de Davi, porém Deus o livrou (19:10). Davi poderia ter utilizado sua popularidade e denunciado o comportamento do rei, mas decidiu fugir aquela noite, sabendo que Saul não ficaria nada preocupado com a quebra de seu voto. Aqueles que não temem a Deus não conseguem cumprir com sua palavra.

O comportamento de Saul não deve ser explicado sob pretexto de loucura. Um bêbado só faz aquilo que já estava em seu coração antes de beber. Em sua suposta loucura, Saul sabia muito bem em quem espetar a lança. Se estivesse realmente louco e agindo sob influência demoníaca, teria tentado matar outras pessoas no palácio, incluindo seus próprios filhos. Mas seu alvo escolhido era Davi.

### 19:11-17 Mical salva Davi

Davi não estava seguro nem em sua própria casa, pois Saul enviou soldados para vigiá-lo e matá-lo pela manhã (19:11). Mical, esposa de Davi, avisou-o dos planos do pai. Saul pretendia que Mical servisse de “laço” contra Davi (18:21), mas seu amor a fez escolher ficar ao lado de Davi, e não do pai. Parece que ninguém estava ao lado de Saul contra Davi.

Mical usou a mesma estratégia de Raabe, a prostituta de Jericó, e dos cristãos em Damasco: ajudou Davi a descer por uma janela (19:12; cf. tb. Js 2:15; At 9:25). Davi escapou com vida, mas perdeu sua esposa e o conforto de sua casa, e fugiu sozinho sem rumo. Muitos seguidores de Deus enfrentaram experiência semelhante (José, em Gn 37:28; Moisés, em Êx 2:15). Deus utiliza conflitos e dificuldades para nos conduzir ao caminho estreito que conduz à glória e ao cumprimento de seu chamado em nossa vida.

Mical guardou segredo sobre a partida de Davi tanto quanto possível (19:13-14), arriscando-se a enfrentar a raiva do rei por causa de sua ousadia (19:17). Mical não era tão virtuosa quanto seu irmão, pois possuía um ídolo e mentiu para seu pai, ao contrário de Jônatas, que disse a verdade (19:13,17). Contudo, salvou a vida do marido. Os dois ficariam separados por um longo tempo, pois Davi não podia retornar sem a permissão de Saul.

### 19:18-24 Davi refugia-se com Samuel

Davi tornou-se um fugitivo. Para onde ir? Para seu antigo lar em Belém, ou talvez uma das cidades recentemente libertadas? Ele decidiu que o melhor seria ir a Samuel, o profeta que o ungiu e mudou sua vida para sempre (16:13). Angustiado, Davi não procurou seus pais terrenos nem seus amigos, mas seu pai espiritual (19:18), e contou-lhe tudo quanto ocorrera entre ele e Saul.

Samuel provavelmente não se surpreendeu, pois estava ciente de que Saul atentaria contra a vida daqueles que o

ameaçassem (16:2). Entretanto, estava disposto a abrigar Davi na casa dos profetas (19:18) numa colina em Naiote, provavelmente um grupo semelhante àquele que Saul encontrou quando esteve cheio do Espírito (10:10).

A comunhão de Davi com Samuel deve ter trazido refrigério. Os salmos 27 e 91 podem ter sido escritos nessa ocasião para expressar sua confiança em Deus, apesar da adversidade. Samuel também pode ter lembrado a Davi que Saul ainda era o ungido do Senhor e, portanto, não deveria sofrer nenhum mal. Também pode ter aconselhado Davi a permanecer distante de Saul, pois sabia que o rei não era digno de confiança. Mas Deus era digno de confiança e conduziria Davi ao trono no seu devido momento e a seu modo.

Saul enviou mensageiros para localizar Davi e, quando soube que estava em Ramá, mandou capturá-lo imediatamente (19:19-20a). Percebe-se que a essa altura Saul havia perdido o medo de Samuel e da casa de Deus.

Deus, porém, tem poder para livrar os seus. Quando o esquadrão enviado para prender Davi se encontrou com os profetas sob a liderança de Samuel, o Espírito de Deus veio também sobre aqueles e profetizaram (19:20b). Os mensageiros perderam o rumo e entraram em um estado de êxtase divino. Sob influência do Espírito Santo, agiram como se fossem profetas.

Saul aguardava em vão o retorno de seus mensageiros e, quando soube o que havia ocorrido, deve ter ficado furioso com mais uma manifestação das bênçãos de Deus para com Davi. Enviou outro grupo para prendê-lo, mas este também profetizou (19:21). A mesma coisa aconteceu com um terceiro grupo.

Saul decidiu que a única forma de lidar com a situação era ir pessoalmente a Ramá (19:22). Mais uma vez o rei partiu em busca de Samuel, porém desta vez seu objetivo não era pedir conselho, adorar a Deus ou arrepender-se, nem renovar a aliança que o colocou no trono, nem mesmo compartilhar uma refeição com Samuel. Desta vez, o objetivo era interromper a obra de Samuel.

Não havia guardas em Naiote, pois isso não era necessário. O próprio Deus tomaria conta de tudo naquele dia. O Espírito de Deus veio sobre Saul e este passou a profetizar até chegar à casa dos profetas (19:23). Saul é um exemplo daqueles que possuem dons de Deus, mas não demonstram a graça de Deus em sua vida e caráter. Por vezes são violentos em casa, mas eloquentes no púlpito; grandes interpretadores de línguas na congregação, mas sedutores de mulheres na rua; evangelistas nas cruzadas, mas ladrões do dinheiro arrecadado. São carismáticos, mas sem caráter. Essas pessoas trazem tanta má reputação à fé que os incrédulos vêem os ministros de Deus hoje em dia simplesmente como artistas ou diretores de espetáculos.

Saul, contudo, não estava fingindo, pois Deus o capturou de tal forma que o rei esqueceu quem era e até mesmo tirou sua túnica ao profetizar (19:24a). Sem o símbolo da

realidade, Saul era apenas um homem comum, ou até menos que isso, caso tivesse ficado nu. Deus estava fazendo Saul perceber que não foram seus próprios méritos que o levaram ao trono, mas unicamente a misericórdia do Senhor. Deus não precisa cravar Saul com uma lança, como este quis fazer a Davi, mas simplesmente o deixou prostrado no chão um dia e uma noite inteiros.

Parece que Saul permaneceu inconsciente enquanto Davi fugia da casa dos profetas e retornava para falar com Jônatas. Não há nenhuma indicação de que Saul tenha interagido com Samuel ou com Davi. E, quando acordou, provavelmente deve ter ficado envergonhado de sua nudez e humilhado por ter confrontado diretamente o poder do Altíssimo.

Quando Saul se encontrou com Deus pela primeira vez e foi cheio com o Espírito Santo, o povo perguntou maravilhado: “Está também Saul entre os profetas?” (10:11). Aqui, contudo, essa mesma pergunta é pronunciada em tom de escárnio (19:24b), como se dissessem: “Este também está entre os profetas? Será que ele não percebe que não tem mais parte com Deus?”.

Davi foi a Samuel e encontrou comunhão e refrigério, mas Saul encontrou apenas desgraça e ridículo. Deus sabe como tratar as pessoas — e como preservá-las. O velho Samuel não precisa de guardas para mantê-lo a salvo, como fazem muitos líderes da igreja hoje. Assim como Elias e Eliseu, Samuel confiava no poder de Deus (2Rs 1:9-12; 6:8-23). Jesus também caminhou tranquilamente entre homens que buscavam prendê-lo ou apedrejá-lo, até que chegou o dia em que se entregou voluntariamente aos soldados no jardim do Getsêmani. Precisamos aprender a confiar em Deus e andar em intimidade com ele, como fez Samuel.

## 20:1—21:15 Davi foge de Saul

### 20:1-9 A aliança de Jônatas com Davi

Com Saul preso na casa dos profetas, Davi foi encontrar-se com seu amigo Jônatas para compartilhar os últimos acontecimentos. A conversa inicia com a mesma pergunta que Jônatas dirigiu ao pai: *Que fiz eu?* (20:1).

Aparentemente, Jônatas não tinha conhecimento das tentativas de assassinato contra Davi no palácio ou em sua casa, nem dos mensageiros enviados para prendê-lo em Ramá (19:9-22). Jônatas acreditava que conseguiria perceber antecipadamente as intenções do pai (20:2). Contudo, Saul não era bobo, pois sabia da amizade de seu filho com Davi, e também que Jônatas não compartilhava da maldade do pai. A escuridão geralmente se afasta da luz, de modo que Saul escondeu sua perversidade de Jônatas. Davi aponta isso ao amigo e mostra a seriedade de suas preocupações por meio de um juramento: *Tão certo como vive o SENHOR, e tu vives, Jônatas, apenas há um passo entre mim e a morte* (20:3). Davi estava certo, mas Deus não permitiria que isso acontecesse até que tivesse alcançado todos os seus propósitos na vida de Davi.



Embora Davi estivesse seguro nas mãos de Deus, também estava ciente da necessidade de agir com cautela e, portanto, aceitou a oferta de Jônatas (20:4). Essa oferta mostra que Jônatas estava ciente de que Davi não lhe pediria para fazer coisas erradas ou rebelar-se contra o próprio pai.

Davi pediu permissão para ausentar-se da Festa da Lua Nova (20:5). Embora um apóstata, Saul ainda participava de todas as festividades religiosas e esperava que todos seus oficiais se juntassem a ele em tais ocasiões. Esse é um comportamento típico de cristãos nominais que se alegram com as cerimônias religiosas, mas não se preocupam com o coração. A desculpa de Davi era participar com sua família do sacrifício anual em Belém (20:6). A reação de Saul a essa notícia daria a Jônatas a capacidade de perceber as verdadeiras intenções do rei para com Davi (20:7).

Ao confrontar seu pai, Jônatas arriscou a própria vida em favor do amigo. Davi também estava disposto a fazer o mesmo, lembrando a Jônatas a aliança que ambos haviam feito e a obrigação de serem honestos um com o outro. Como parte dessa honestidade, Davi estava disposto a morrer nas mãos de Jônatas caso realmente merecesse isso (20:8). Que maravilha seria se nossas amizades fossem tão honestas e contrárias ao pecado como esta!

### 20:10-23 A aliança de Jônatas com a casa de Davi

Uma vez que Davi não podia mais entrar no palácio, concordou que Jônatas seria seus olhos e ouvidos junto ao rei, representaria seus interesses, falaria em seu nome e o manteria informado de tudo o que acontecesse ali (20:10-13a). A tarefa de Jônatas foi semelhante à daqueles que oram pelos missionários e apresentam constantemente seus nomes perante a igreja-mãe com vistas a mobilizar assistência. Aqueles que saem de casa por causa do evangelho muitas vezes se sentem desesperadamente solitários e com saudades de ouvir notícias de casa. Davi, porém, sabia que não seria esquecido, pois possuía um amigo fiel para lhe contar tudo o que precisasse saber. Que amigo esse Jônatas!

Ambos sabiam que em breve teriam de partir, mas, antes de se separarem, renovaram seus votos de compromisso por meio de uma aliança muito mais profunda que a anterior, pois agora tinham uma visão mais abrangente do futuro (18:3). Para Jônatas, Davi não era mais somente um amigo, mas um homem conduzido por Deus, assim como o Senhor havia andado com seu pai no começo (20:13b). Por isso, Jônatas pediu a Davi que promettesse usar de bondade para consigo e com seus descendentes (20:14-15a). Jônatas afirmou tacitamente que Davi seria o próximo rei de Israel, e não se ofendeu com o fato de Deus não lhe permitir suceder seu pai. Pelo contrário, passou a trabalhar em prol do plano divino e fez tudo o que estava ao seu alcance para encorajar e ajudar Davi a cumprir seu destino.

Quando Jônatas falou duas vezes sobre o Senhor *desarraigando da terra todos os inimigos de Davi*, teria sido impos-

sível desconsiderar a hostilidade de Saul para com Davi (20:15b-16). Jônatas tomou partido da retidão, ainda que isso representasse ir contra os interesses de seu pai e, conseqüentemente, de seus próprios interesses.

Foi o amor que levou Jônatas e Davi a renovar seus votos (20:17); e porque esse relacionamento nasceu na presença de Deus e por amor ao Senhor, pôde resistir ao tempo.

### 20:24-42 Jônatas descobre as intenções de Saul

Jônatas deve ter aguardado ansiosamente para ver a reação de seu pai à ausência de Davi durante o jantar na noite seguinte. Provavelmente ficou aliviado ao perceber que Saul não parecia perturbado com a ausência do amigo (20:24-25). Na verdade, porém, Saul imaginava haver alguma explicação de cunho religioso para a ausência de Davi, pois quem sabe ele tinha feito ou tocado alguma coisa imunda, tornando-o cerimonialmente impuro até o dia seguinte (20:26). Saul não considerou que seus desejos homicidas também o tornavam impuro para a festa! Os hipócritas são assim, sempre prontos a ver a impureza dos outros, mas não a própria.

Saul começou a suspeitar quando Davi não apareceu no segundo dia da festa e perguntou delicadamente a Jônatas onde estava o seu amigo (20:27). Quando Jônatas admitiu que havia dado permissão a Davi para ausentar-se (20:28-29), Saul ficou furioso e atacou-o verbalmente, inclusive falando mal de sua mãe (20:30). Vemos essa atitude em muitos africanos, alegres em reconhecer a paternidade de seus bons filhos, mas acusando-os prontamente de filhos da mãe quando lhes causam vergonha. A mãe nunca recebe o crédito quando seus filhos são bons, mas é sempre culpada dos conflitos entre eles e o pai. Essa situação não deveria ocorrer num lar cristão. Se um marido e esposa são de fato uma só carne (Gn 2:24), não existe essa distinção; ambos são responsáveis pelo sucesso ou fracasso de seus filhos.

Como ocorre frequentemente quando as pessoas falam com raiva, Saul revelou muito mais sobre seu coração e vida conjugal que pretendia a princípio, além de falar abertamente sobre o medo de perder o trono para Davi (20:31).

Jônatas enfrentou a raiva que era destinada ao amigo, raiva esta que inclusive ameaçou sua própria vida (20:32-33). Profundamente triste e envergonhado com o comportamento do pai, Jônatas deixou a mesa e não comeu durante aquele dia inteiro (20:34).

Na manhã seguinte, Jônatas foi encontrar-se com Davi, conforme combinado (20:35; cf. tb. 20:19-22), pois era amigo fiel, alguém em quem Davi podia confiar. Eles não traíram os segredos um do outro. Era um relacionamento que transcendia os laços familiares. Cada um entendia perfeitamente a linguagem e símbolos de comunicação do outro (20:36-40).

A mensagem que Davi recebeu determinou seus passos seguintes. Não surpreende que a partida deles tenha

demonstrado tanta emoção (20:41). Esta seria a última vez que ambos se encontrariam e conversariam livremente, mas em espírito permaneceriam sempre amigos leais.

A palavras de despedida de Jônatas foram: *Vai-te em paz, porquanto juramos ambos em nome do SENHOR, dizendo: O SENHOR seja para sempre entre mim e ti e entre a minha descendência e a tua* (20:42a). A distância não alterou a amizade deles. Com corações unidos em amor e espíritos unidos na vontade de Deus, embora com a necessidade premente de partir, restava a esperança de os dois se encontrarem novamente num lugar onde amigos jamais estarão separados: aos pés do Senhor, a quem ambos amavam.

Jônatas voltou para a cidade, onde passou a exercer a incumbência de embaixador de Davi, mesmo sabendo que seu pai jamais confiaria nele novamente (20:42b). E Davi foi para o deserto.

### 21:1-9 Davi e Aimeleque em Nobe

Saul transformou Davi em um fugitivo, um fora-da-lei. Em busca de lugares para se refugiar, Davi decidiu começar pelo templo que ficava em Nobe. Sua chegada causou medo e suspeitas em Aimeleque, que sabia que Davi normalmente viajava com seus soldados (21:1).

A situação entre Davi e Saul não era conhecida pelo público, e Davi pensava que ainda não era hora de trazer isso à tona, pois não desejava iniciar um movimento contra Saul. Contudo, também não queria perder a ajuda do sacerdote se este soubesse que estava auxiliando um inimigo do rei, e acabou mentindo sobre as razões de estar desacompanhado (21:2). Devido às suas experiências anteriores, Davi já deveria ter aprendido que esse tipo de mentira era desnecessário, e que Deus teria providenciado tudo aquilo de que precisasse se tivesse falado a verdade.

Provavelmente Davi estava sem comer e sem dormir havia três dias, enquanto se escondia no deserto e aguardava notícias de Jônatas. Deveria, portanto, estar com muita fome. Seus companheiros, supondo que Davi não estava mentindo sobre isso também, estariam igualmente famintos. Apesar disso, Davi não roubou comida, mas foi à casa do Senhor e pediu: *Dá-me cinco pães ou o que se achar* (21:3). Ele declarou abertamente sua necessidade e deixou que o sacerdote e o Senhor providenciassem a melhor forma de suprir-lhe. Quanto a isso, o pedido de Davi serve de modelo para nossas orações.

A resposta de Aimeleque mostra que o sacerdote era metódico no cumprimento de suas funções. Suas primeiras palavras foram: *Não tenho pão comum à mão* (21:4). Ou seja, mesmo diante de um homem com o status de Davi, o sacerdote assegurou o cumprimento da lei de Deus e não rebaixou os padrões de santidade. Contudo, Aimeleque podia oferecer *pão sagrado, se ao menos os teus homens se abstiveram das mulheres*. Embora isso talvez se referisse à imoralidade dos companheiros de Davi, por outro lado

poderia ser apenas uma referência à lei sobre a ejaculação, que, mesmo entre cônjuges, causava a impureza do homem até o final da tarde (Lv 15:16-18). Davi garantiu que ele e seus homens estavam ritualmente puros, e então Aimeleque trouxe o pão sagrado (21:6).

O pão sagrado era o conjunto dos doze pães chamados de “pães da proposição” (Êx 25:30; Lv 24:5-6), isto é, pães que ficavam diariamente diante do altar do Senhor para lembrar aos israelitas a provisão diária de Deus ao seu povo. Somente os sacerdotes podiam comer desse pão (Lv 24:9). Embora não fossem sacerdotes, Davi e seus homens corriam perigo de morte por inanição. Jesus se referiu a este incidente quando argumentou com os fariseus sobre a diferença entre o espírito da lei e a letra da lei (Mt 12:3-4). A fidelidade à letra da lei causa o legalismo. Deus está mais interessado na obediência ao espírito da lei, pois a intenção é abençoar, e não condenar Davi e seus homens a morrer de fome.

Nesse momento surgiu um mau presságio: a menção à presença de Doegue, um edomita chefe dos pastores de Saul, que naquele dia estava *detido perante o SENHOR* (21:7). Provavelmente Doegue teve de passar o dia no templo para ser purificado de alguma impureza religiosa. Esse edomita pertencia a um grupo tradicionalmente inimigo de Israel, e seu comportamento ao matar todos os sacerdotes (22:18-19) mostra que sua espiritualidade era apenas superficial e ritualística, e não tinha nada que ver com mudança interior do coração.

O fato de Doegue estar “detido” no templo também revela alguma coisa de seu caráter, pois ele não tinha vindo adorar ao Senhor, mas apenas desempenhar uma função religiosa; ou seja, estava contando os minutos para que aquilo terminasse. Ainda hoje vemos essa atitude em muitas pessoas empenhadas em atividades religiosas que não produzem fruto de santidade duradouro nem temor do Senhor, mas apenas medo legalista sobre o que as outras pessoas pensam.

Considerando as circunstâncias da fuga, Davi não teve tempo de pegar armas. Prevendo essa necessidade, perguntou gentilmente se havia alguma arma no templo (21:8). Davi talvez tivesse esquecido que a espada de Golias estava guardada no templo (21:9), pois sua intenção não era utilizá-la como troféu, mas dedicá-la ao Senhor. O Senhor devolveu a espada quando Davi precisou dela.

### 21:10-15 Davi foge para Gate

Davi deve ter percebido que não estaria seguro no templo enquanto Doegue permanecesse ali, de modo que fugiu para *Aquis, rei de Gate* (21:10), buscando refúgio em território inimigo! Com pressa e amedrontado, não esperou orientação divina sobre para onde fugir e proteger-se.

Davi pode ter imaginado que os filisteus não o reconheceriam, mas eles o fizeram de imediato (21:11). O inimigo provavelmente está sempre mais atento à presença e ao

comportamento do cristão que seus irmãos e irmãs de fé, e sempre querendo apanhá-los em armadilhas e envergonhá-los.

Davi se viu em uma complicação adicional, pois agora teria de fugir de Saul e de Aquis (21:12). Decisões baseadas em medo sempre levam a sucessivas decisões erradas. Mais uma vez, Davi precisou mentir para escapar, e fingiu-se de doido (21:13). O engodo funcionou, de modo que o rei o deixou partir, imaginando que o homem que os filisteus tanto temiam havia ficado *louco* (21:14-15). Deus livrou seu servo novamente, mas as mentiras de Davi eram desnecessárias, pois Deus o teria livrado se ele tivesse aguardado instruções divinas.

Embora Davi tenha deixado muito a desejar nesse episódio, Deus julgou que o coração de seu servo estava puro. Entretanto, se alguém como Davi está sujeito a cometer erros tão sérios, precisamos estar cientes de que nós também podemos falhar quando pressionados. Somente a graça de Deus nos mantém a salvo.

## 22:1—26:25 Davi no deserto

### 22:1-5 De Adulão para Herete

Davi precisava de mais treinamento antes de liderar Israel, e isso viria por meio do sofrimento. Ele precisava aprender a liderar não apenas os ricos e bem-sucedidos, mas também os pobres, os aflitos e os endividados (22:2). Soube cuidar e alimentar as ovelhas de seu pai no deserto, mas agora era preciso aprender a cuidar de seus seguidores. E precisou fazer isso enquanto ele mesmo andava angustiado pela perda de sua posição e de sua esposa.

Os homens que se juntaram a Davi não eram guerreiros, mas pessoas amarguradas de espírito. Davi se tornou capitão desses homens e passou a dormir e comer com eles, cantou seus salmos e hinos e protegeu-os do perigo, conferindo dignidade à vida de cada deles. Davi os instruiu até se tornarem homens capazes de lutar ao lado de um rei. Isso é o que significa discipulado: treinar cristãos desqualificados até que eles se tornem capazes de servir ao reino. Precisamos ensiná-los a viver corretamente e treiná-los nas armas da guerra espiritual. Isso não ocorre em apenas um mês de escola dominical, nem em programas de graduação, mas requer caminhar diariamente ao lado das pessoas. Aqueles que treinarmos não se tornarão apenas pastores e evangelistas, mas também artesãos, assistentes de laboratório, vendedores, mecânicos, auxiliares de escritório — todos instruídos para servir a Deus.

A disposição vingativa de Saul tornou provável o sofrimento de todos que pertenciam à família de Davi, de modo que fugiram para se juntar a ele (22:1). Davi percebeu que a vida de fuga seria muito difícil para seus pais idosos, e assim procurou um lugar onde eles pudessem viver em segurança (22:3-4). Uma das razões para enviá-los a Moabe se devia ao fato de que o pai de sua avó era de lá (Rt 1:4;

4:13,21-22). O exemplo de Davi, assim como o de Jesus quando estava na cruz (Jo 19:26-27), nos ensina a não deixar as pressões da vida interferir em nossas responsabilidades familiares.

Com pressa para escapar de Saul, Davi não consultou o Senhor. Agora, porém, não cometeu o mesmo erro. Quando o profeta de Gade lhe disse: *Vai e entra na terra de Judá* (22:5), Davi obedeceu prontamente, mesmo sem saber por que Deus o conduzia para longe da segurança de onde se encontrava agora, entre pedras e fortificações, para viver desprotegido na floresta.

Deus estava treinando Davi para obedecer com perfeição. Esta é a qualidade que Deus procura naqueles que desejam governar. Basta lembrar que a desobediência foi a razão da queda de Saul.

### 22:6-19 A raiva de Saul contra os sacerdotes

Saul não escondia seu ódio por Davi; pelo contrário, falava abertamente sobre isso com todos os seus subalternos (22:6). O fato de chamar seus oficiais de *filhos de Benjamim* mostra que Saul estava disposto a destruir a frágil união entre as doze tribos ao instigar sua própria tribo de Benjamim contra a tribo de Judá, à qual Davi pertencia (22:7). Saul apelou ao egoísmo, à cobiça e ao desejo de *status* social, manipulando as emoções de seus homens ao apresentar-se com um pai traído (22:8). Para isso, exagerou os fatos e arquitetou mentiras contra Davi e Jônatas. Essa estratégia permanece comum entre aqueles que procuram criar divisões no corpo de Cristo ou na comunidade.

Um dos que o ouviam, embora não fosse membro da tribo de Benjamim, percebeu uma oportunidade de tirar vantagem. Era Doegue, aquele que havia visto Davi em Nob (21:7). Sabendo que Saul ficaria contente em descarregar sua ira em alguém, informou o rei sobre o ocorrido. Porém, em vez de relatar que Davi mentiu para Aimeleque, pois este não sabia que Davi era inimigo de Saul, falou como se o sacerdote proposadamente se tivesse aliado a Davi contra o rei (22:9-10; cf. 21:1-2).

Saul mandou chamar Aimeleque e toda sua família que morava em Nob para confrontá-lo com as palavras de Doegue (22:11-13). Estava furioso e por isso não ofereceu condições para uma audiência justa. Entretanto, Aimeleque anunciou corajosamente a verdade que Saul vinha negando: *E quem, entre todos os teus servos, há tão fiel como Davi, o genro do rei, chefe da tua guarda pessoal e honrado na tua casa?* (22:14). Mais uma vez, Saul foi julgado pelo comportamento de Davi, bem como por sua própria vida religiosa, pois Aimeleque deixou claro que Davi vinha ao templo com frequência (22:15). Ao ministrar a Davi, Aimeleque simplesmente cumpria suas obrigações normais de sacerdote para com um homem que sabia ser piedoso.

Saul não quis ouvir e mandou matar todos os sacerdotes. Entretanto, ninguém estava disposto a cumprir tal ordem contra os homens do Senhor (22:16-17). Eles temiam

a Deus e desconfiavam de Saul. Doegue, contudo, não tinha esse escrúpulo, mesmo considerando que aqueles sacerdotes ministraram a ele. Doegue não apenas matou oitenta e cinco sacerdotes, como foi bem além da ordem inicial e destruiu toda a comunidade dos sacerdotes (22:18-19). Este massacre cumpriu parcialmente a profecia que havia sido pronunciada contra a casa de Eli (2:31-32). Mesmo assim, Doegue foi responsável pela morte dos sacerdotes de Deus.

### 22:20-23 A reação de Davi

Apenas Abiatar, *dos filhos de Aimeleque, filho de Aitube*, conseguiu escapar do massacre e correu para juntar-se a Davi (22:20). Com sua honestidade característica, Davi reconheceu que suas ações contribuíram para o massacre. Caso tivesse dito a verdade, Aimeleque pelo menos teria condições de se preparar e talvez Doegue não tivesse oportunidade de testemunhar o que viu (22:22). Davi também percebeu que deveria ter levado mais a sério sua intuição sobre a presença de Doegue. Essa culpa deve tê-lo perseguido por muito tempo. Ficamos com cicatrizes profundas quando nossas ações ou inércia em agir dão ao inimigo oportunidade para devastar a vida de outras pessoas.

E Davi não evitou receber Abiatar como se fosse alguém que lhe trouxesse memórias desagradáveis. Pelo contrário, recebeu-o em sua companhia e prometeu-lhe segurança (22:23). O ministério de Abiatar seria muito abençoado a Davi e seu grupo de refugiados no deserto, pois o sacerdote trouxe consigo a estola sacerdotal, que era usada para determinar a vontade de Deus (23:6).

### 23:1-6 Davi salva a cidade de Queila

Ao ouvir sobre o ataque filisteu em Queila, Davi não partiu imediatamente para a ação, imaginando-se preparado para isso em razão de suas batalhas anteriores. Antes, perguntou ao Senhor: *Irei eu e ferirei estes filisteus?* (23:1-2a). Da mesma forma, devemos esperar orientação de Deus antes de agir, sem confiar em métodos ou experiências passadas, mas aguardando novas instruções.

Davi recebeu uma resposta muito clara do Senhor: *Vai, e ferirás os filisteus, e livrarás Queila* (23:2b). Porém, assim como geralmente acontece quando Deus pede a um líder para fazer algo potencialmente perigoso e com o qual ele não está familiarizado, Davi enfrentou objeções de seus seguidores: *Temos medo* (23:3), disseram. Temiam deixar a segurança das cavernas em Adulão para lutar em áreas abertas como Judá (22:5). Para eles, além de enfrentar os soldados de Saul, Davi agora também queria opor-se aos filisteus. Por que ter dois inimigos quando se pode escolher apenas um?

As objeções eram muito fortes, de modo que Davi as considerou com seriedade. Da mesma forma, também precisamos considerar quando outros encontram problemas em nossa estratégia. Davi voltou a consultar o Senhor para

certificar-se de que não estava lutando apenas para satisfazer suas ambições pessoais. E outra vez recebeu claras instruções para lutar contra os filisteus, porém com a adição de uma promessa: *porque te dou os filisteus nas tuas mãos* (23:4). Esta palavra era mais que suficiente para Davi, de modo que voltou e encorajou seus homens, pois ele mesmo recebera encorajamento do Senhor. Muitos não percebem as possibilidades divinas que os aguardam, pois seus líderes não os conduzem em obediência à vontade de Deus.

Conforme prometido, Deus deu a vitória a Davi e libertou o povo da cidade (23:5).

### 23:7-14 O Senhor livra Davi de Saul

A obediência de Davi não tornou sua vida mais fácil, pois Saul aumentou os ataques. Às vezes parece que Deus não se importa conosco e deixa nossos inimigos agir com liberdade. Mas o Senhor sabe o que faz, e enquanto esperamos que ele decida o melhor momento de nos libertar, precisamos aprender a aguardar, resistir e crescer em graça e caráter, os quais somente tribulações como essas podem produzir.

Saul alegrou-se ao saber que Davi estava em Queila. Assim como pensaram os homens de Davi, Saul imaginou que o ataque tornaria Davi mais vulnerável, de forma que o rei poderia capturá-lo ao cercar a cidade (23:7-8).

Davi não presumiu que os habitantes de Queila fossem protegê-lo apenas por tê-los salvo. A única pessoa em quem confiava era o Senhor. Portanto, primeiro perguntou a Deus se Saul iria atacá-los, depois perguntou se poderia contar com a ajuda do povo de Queila. Deus respondeu sim à primeira pergunta, mas não à segunda (23:9-12).

Da mesma forma, não devemos presumir que as pessoas agirão de acordo com nossas expectativas. Somente o Senhor sabe como as pessoas reagirão quando pressionadas, por isso a necessidade de consultar a Deus antes de tomar decisões.

Davi não culpou os habitantes de Queila; simplesmente agiu de acordo com a sabedoria de Deus e partiu com seus homens, que agora já somavam cerca de seiscentos (23:13) e foram andando sem rumo até fugirem da vista de Saul. Tão logo Davi deixou Queila, Saul abandonou seus planos de cercar a cidade.

Caso Davi tivesse confiado em sua própria estratégia e permanecido em Queila, provavelmente a cidade teria sido queimada, e muitos inocentes morreriam. Com certeza ele escaparia, mas teria criado inimizade entre Saul e os habitantes de Queila, e destes consigo mesmo, pois Davi teria sido a causa de toda aquela confusão. Obviamente não era essa a sua intenção ao lutar contra os filisteus.

É comum vermos líderes permitir que seus interesses pessoais causem divisão no rebanho, alistando cristãos para juntar-se a eles em sua batalha. Davi, porém, não permitiu que sua luta pessoal com Saul terminasse numa guerra civil. Isso teria prejudicado tanto os planos presentes quanto os futuros.

comportamento do cristão que seus irmãos e irmãs de fé, e sempre querendo apanhá-los em armadilhas e envergonhá-los.

Davi se viu em uma complicação adicional, pois agora teria de fugir de Saul e de Aquis (21:12). Decisões baseadas em medo sempre levam a sucessivas decisões erradas. Mais uma vez, Davi precisou mentir para escapar, e fingiu-se de doido (21:13). O engodo funcionou, de modo que o rei o deixou partir, imaginando que o homem que os filisteus tanto temiam havia ficado *louco* (21:14-15). Deus livrou seu servo novamente, mas as mentiras de Davi eram desnecessárias, pois Deus o teria livrado se ele tivesse aguardado instruções divinas.

Embora Davi tenha deixado muito a desejar nesse episódio, Deus julgou que o coração de seu servo estava puro. Entretanto, se alguém como Davi está sujeito a cometer erros tão sérios, precisamos estar cientes de que nós também podemos falhar quando pressionados. Somente a graça de Deus nos mantém a salvo.

## 22:1—26:25 Davi no deserto

### 22:1-5 De Adulão para Herete

Davi precisava de mais treinamento antes de liderar Israel, e isso viria por meio do sofrimento. Ele precisava aprender a liderar não apenas os ricos e bem-sucedidos, mas também os pobres, os aflitos e os endividados (22:2). Soube cuidar e alimentar as ovelhas de seu pai no deserto, mas agora era preciso aprender a cuidar de seus seguidores. E precisou fazer isso enquanto ele mesmo andava angustiado pela perda de sua posição e de sua esposa.

Os homens que se juntaram a Davi não eram guerreiros, mas pessoas amarguradas de espírito. Davi se tornou capitão desses homens e passou a dormir e comer com eles, cantou seus salmos e hinos e protegeu-os do perigo, conferindo dignidade à vida de cada deles. Davi os instruiu até se tornarem homens capazes de lutar ao lado de um rei. Isso é o que significa discipulado: treinar cristãos desqualificados até que eles se tornem capazes de servir ao reino. Precisamos ensiná-los a viver corretamente e treiná-los nas armas da guerra espiritual. Isso não ocorre em apenas um mês de escola dominical, nem em programas de graduação, mas requer caminhar diariamente ao lado das pessoas. Aqueles que treinarmos não se tornarão apenas pastores e evangelistas, mas também artesãos, assistentes de laboratório, vendedores, mecânicos, auxiliares de escritório — todos instruídos para servir a Deus.

A disposição vingativa de Saul tornou provável o sofrimento de todos que pertenciam à família de Davi, de modo que fugiram para se juntar a ele (22:1). Davi percebeu que a vida de fuga seria muito difícil para seus pais idosos, e assim procurou um lugar onde eles pudessem viver em segurança (22:3-4). Uma das razões para enviá-los a Moabe se devia ao fato de que o pai de sua avó era de lá (Rt 1:4;

4:13,21-22). O exemplo de Davi, assim como o de Jesus quando estava na cruz (Jo 19:26-27), nos ensina a não deixar as pressões da vida interferir em nossas responsabilidades familiares.

Com pressa para escapar de Saul, Davi não consultou o Senhor. Agora, porém, não cometeu o mesmo erro. Quando o profeta de Gade lhe disse: *Vai e entra na terra de Judá* (22:5), Davi obedeceu prontamente, mesmo sem saber por que Deus o conduzia para longe da segurança de onde se encontrava agora, entre pedras e fortificações, para viver desprotegido na floresta.

Deus estava treinando Davi para obedecer com perfeição. Esta é a qualidade que Deus procura naqueles que desejam governar. Basta lembrar que a desobediência foi a razão da queda de Saul.

### 22:6-19 A raiva de Saul contra os sacerdotes

Saul não escondia seu ódio por Davi; pelo contrário, falava abertamente sobre isso com todos os seus subalternos (22:6). O fato de chamar seus oficiais de *filhos de Benjamim* mostra que Saul estava disposto a destruir a frágil união entre as doze tribos ao instigar sua própria tribo de Benjamim contra a tribo de Judá, à qual Davi pertencia (22:7). Saul apelou ao egoísmo, à cobiça e ao desejo de *status* social, manipulando as emoções de seus homens ao apresentar-se com um pai traído (22:8). Para isso, exagerou os fatos e arquitetou mentiras contra Davi e Jônatas. Essa estratégia permanece comum entre aqueles que procuram criar divisões no corpo de Cristo ou na comunidade.

Um dos que o ouviam, embora não fosse membro da tribo de Benjamim, percebeu uma oportunidade de tirar vantagem. Era Doegue, aquele que havia visto Davi em Nobe (21:7). Sabendo que Saul ficaria contente em descarregar sua ira em alguém, informou o rei sobre o ocorrido. Porém, em vez de relatar que Davi mentiu para Aimeleque, pois este não sabia que Davi era inimigo de Saul, falou como se o sacerdote propositalmente se tivesse aliado a Davi contra o rei (22:9-10; cf. 21:1-2).

Saul mandou chamar Aimeleque e toda sua família que morava em Nobe para confrontá-lo com as palavras de Doegue (22:11-13). Estava furioso e por isso não ofereceu condições para uma audiência justa. Entretanto, Aimeleque anunciou corajosamente a verdade que Saul vinha negando: *E quem, entre todos os teus servos, há tão fiel como Davi, o genro do rei, chefe da tua guarda pessoal e honrado na tua casa?* (22:14). Mais uma vez, Saul foi julgado pelo comportamento de Davi, bem como por sua própria vida religiosa, pois Aimeleque deixou claro que Davi vinha ao templo com frequência (22:15). Ao ministrar a Davi, Aimeleque simplesmente cumpria suas obrigações normais de sacerdote para com um homem que sabia ser piedoso.

Saul não quis ouvir e mandou matar todos os sacerdotes. Entretanto, ninguém estava disposto a cumprir tal ordem contra os homens do Senhor (22:16-17). Eles temiam

a Deus e desconfiavam de Saul. Doegue, contudo, não tinha esse escrúpulo, mesmo considerando que aqueles sacerdotes ministraram a ele. Doegue não apenas matou oitenta e cinco sacerdotes, como foi bem além da ordem inicial e destruiu toda a comunidade dos sacerdotes (22:18-19). Este massacre cumpriu parcialmente a profecia que havia sido pronunciada contra a casa de Eli (2:31-32). Mesmo assim, Doegue foi responsável pela morte dos sacerdotes de Deus.

### 22:20-23 A reação de Davi

Apenas Abiatar, dos filhos de Aimeleque, filho de Aitube, conseguiu escapar do massacre e correu para juntar-se a Davi (22:20). Com sua honestidade característica, Davi reconheceu que suas ações contribuíram para o massacre. Caso tivesse dito a verdade, Aimeleque pelo menos teria condições de se preparar e talvez Doegue não tivesse oportunidade de testemunhar o que viu (22:22). Davi também percebeu que deveria ter levado mais a sério sua intuição sobre a presença de Doegue. Essa culpa deve tê-lo perseguido por muito tempo. Ficamos com cicatrizes profundas quando nossas ações ou inércia em agir dão ao inimigo oportunidade para devastar a vida de outras pessoas.

E Davi não evitou receber Abiatar como se fosse alguém que lhe trouxesse memórias desagradáveis. Pelo contrário, recebeu-o em sua companhia e prometeu-lhe segurança (22:23). O ministério de Abiatar seria muito abençoado a Davi e seu grupo de refugiados no deserto, pois o sacerdote trouxe consigo a estola sacerdotal, que era usada para determinar a vontade de Deus (23:6).

### 23:1-6 Davi salva a cidade de Queila

Ao ouvir sobre o ataque filisteu em Queila, Davi não partiu imediatamente para a ação, imaginando-se preparado para isso em razão de suas batalhas anteriores. Antes, perguntou ao Senhor: *Irei eu e ferirei estes filisteus?* (23:1-2a). Da mesma forma, devemos esperar orientação de Deus antes de agir, sem confiar em métodos ou experiências passadas, mas aguardando novas instruções.

Davi recebeu uma resposta muito clara do Senhor: *Vai, e ferirás os filisteus, e livrarás Queila* (23:2b). Porém, assim como geralmente acontece quando Deus pede a um líder para fazer algo potencialmente perigoso e com o qual ele não está familiarizado, Davi enfrentou objeções de seus seguidores: *Temos medo* (23:3), disseram. Temiam deixar a segurança das cavernas em Adulão para lutar em áreas abertas como Judá (22:5). Para eles, além de enfrentar os soldados de Saul, Davi agora também queria opor-se aos filisteus. Por que ter dois inimigos quando se pode escolher apenas um?

As objeções eram muito fortes, de modo que Davi as considerou com seriedade. Da mesma forma, também precisamos considerar quando outros encontram problemas em nossa estratégia. Davi voltou a consultar o Senhor para

certificar-se de que não estava lutando apenas para satisfazer suas ambições pessoais. E outra vez recebeu claras instruções para lutar contra os filisteus, porém com a adição de uma promessa: *porque te dou os filisteus nas tuas mãos* (23:4). Esta palavra era mais que suficiente para Davi, de modo que voltou e encorajou seus homens, pois ele mesmo recebera encorajamento do Senhor. Muitos não percebem as possibilidades divinas que os aguardam, pois seus líderes não os conduzem em obediência à vontade de Deus.

Conforme prometido, Deus deu a vitória a Davi e libertou o povo da cidade (23:5).

### 23:7-14 O Senhor livra Davi de Saul

A obediência de Davi não tornou sua vida mais fácil, pois Saul aumentou os ataques. As vezes parece que Deus não se importa conosco e deixa nossos inimigos agir com liberdade. Mas o Senhor sabe o que faz, e enquanto esperamos que ele decida o melhor momento de nos libertar, precisamos aprender a aguardar, resistir e crescer em graça e caráter, os quais somente tribulações como essas podem produzir.

Saul alegrou-se ao saber que Davi estava em Queila. Assim como pensaram os homens de Davi, Saul imaginou que o ataque tornaria Davi mais vulnerável, de forma que o rei poderia capturá-lo ao cercar a cidade (23:7-8).

Davi não presumiu que os habitantes de Queila fossem protegê-lo apenas por tê-los salvo. A única pessoa em quem confiava era o Senhor. Portanto, primeiro perguntou a Deus se Saul iria atacá-los, depois perguntou se poderia contar com a ajuda do povo de Queila. Deus respondeu sim à primeira pergunta, mas não à segunda (23:9-12).

Da mesma forma, não devemos presumir que as pessoas agirão de acordo com nossas expectativas. Somente o Senhor sabe como as pessoas reagirão quando pressionadas, por isso a necessidade de consultar a Deus antes de tomar decisões.

Davi não culpou os habitantes de Queila; simplesmente agiu de acordo com a sabedoria de Deus e partiu com seus homens, que agora já somavam cerca de seiscentos (23:13) e foram andando sem rumo até fugirem da vista de Saul. Tão logo Davi deixou Queila, Saul abandonou seus planos de cercar a cidade.

Caso Davi tivesse confiado em sua própria estratégia e permanecido em Queila, provavelmente a cidade teria sido queimada, e muitos inocentes morreriam. Com certeza ele escaparia, mas teria criado inimizade entre Saul e os habitantes de Queila, e destes consigo mesmo, pois Davi teria sido a causa de toda aquela confusão. Obviamente não era essa a sua intenção ao lutar contra os filisteus.

É comum vermos líderes permitir que seus interesses pessoais causem divisão no rebanho, alistando cristãos para juntar-se a eles em sua batalha. Davi, porém, não permitiu que sua luta pessoal com Saul terminasse numa guerra civil. Isso teria prejudicado tanto os planos presentes quanto os futuros.

Davi também não presumiu que a libertação de Queila faria com que os habitantes dessa cidade participassem de sua batalha pessoal. Do mesmo modo, não deve haver guerra civil dentro da igreja por causa de brigas na liderança.

Em vez de atacar Saul, Davi retirou-se para o deserto de Zife, ao sul, escondendo-se nas montanhas até que o Senhor encontrasse nova oportunidade para apresentá-lo a Israel. Nesse ínterim, *Saul buscava-o todos os dias, porém Deus não o entregou nas suas mãos (23:14)*. Ou seja, Davi não escapou por ser mais esperto ou mais forte que Saul, mas porque Deus o protegia.

### 23:15-18 Jônatas encoraja Davi

Davi ainda possuía um amigo leal, Jônatas, que *foi para Davi, a Horesa, e lhe fortaleceu a confiança em Deus (23:15-16)*. Jônatas sabia que Davi precisava de muito mais que apenas simpatia: precisava de alguém para falar sobre a Rocha que nos protege de todas as tempestades (Sl 61:2).

Até mesmo Davi, o grande guerreiro, precisava de consolo e de alguém que lhe dissesse: *Não temas (23:17a)*. O medo o fazia esquecer-se de Deus e das promessas por ocasião da unção. Jônatas, contudo, tinha certeza de que aquelas promessas seriam cumpridas: *Tu reinarás sobre Israel, e eu serei contigo o segundo, o que também Saul, meu pai, bem sabe (23:17b)*. Saul podia pensar que a luta era para que Jônatas fosse seu sucessor, porém Jônatas conhecia e, ainda melhor, aceitava a vontade de Deus. Estava disposto a ser o segundo, caso fosse a vontade de Deus.

Assim como nas ocasiões anteriores, Jônatas e Davi fizeram aliança antes de se separarem (23:18), toda elas pronunciadas *perante o SENHOR*. Uma vez que a aliança se estendia a seus descendentes, precisava ser pronunciada diante do Senhor, o único que pode preservá-la por incontáveis gerações.

Precisamos do auxílio de Deus para ser fieis não apenas a ele, mas àqueles com os quais firmamos relacionamento de compromisso. Para muitos, a principal aliança de compromisso é firmada com o cônjuge. Entretanto, também podemos estabelecer relacionamentos com outros cristãos, pois adoramos ao mesmo Deus. Devemos demonstrar nossa integridade e fidelidade a esses irmãos e irmãs em Cristo.

Quando os dois partiram, *Jônatas voltou para sua casa*. Saul ainda estava no encalço de Davi, mas não confiava em seu filho para comandar o exército nessa busca, de forma que tudo o que restou a Jônatas foi retornar à sua casa e orar pela segurança de seu pai e seu amigo.

### 23:19-29 A conspiração dos zifeus

Os zifeus tentaram cair nas graças de Saul oferecendo-se para trair Davi (23:19-23). Davi não procurou vingança contra os zifeus, pois sabia que apenas estavam sendo leais para com seu rei.

Mais uma vez, Deus demonstrou seu poder de proteger os que lhe pertencem — e mostrou também que sua forma

de agir não se encaixa em nossos padrões. Deus poderia ter impedido que os zifeus traíssem Davi e que Saul o perseguisse. Poderia, por exemplo, ter matado Saul durante o sono. Em vez disso, permitiu que Davi se desesperasse a ponto de achar que tudo estava perdido e que a caçada terminaria antes que ele pudesse distrair a atenção de Saul com um ataque filisteu (23:24-27). O Senhor nunca chega atrasado para agir; sempre nos resgata no momento certo.

Para comemorar esse maravilhoso livramento, Davi chama aquela rocha de *Sela Hamalecote (23:28)*, que a RA traduz como “Pedra de Escape” (uma tradução salientando o poder de Deus em proteger Davi) e a NTLH como “Rocha de Separação” (uma tradução salientando a separação entre Saul e Davi).

Após essa fuga apertadíssima, Davi desce mais para o sul, em direção à região do mar Morto, e acampa em En-Gedi (23:29).

### 24:1-2 Saul recomeça a perseguição

Após expulsar os filisteus, Saul retoma a perseguição de Davi. Satanás nunca perde o vigor em suas tentativas de arruinar os cristãos, não importa quantas vezes seja derrotado nessa tarefa.

Saul provavelmente possuía informantes que monitoravam as manobras e os esconderijos de Davi (24:1). Alguns desses informantes eram zifeus (23:19-20), outros poderiam ser falsos amigos de Davi. O inimigo sempre procura colocar um traidor em todo grupo. Entretanto, não é a ausência desses informantes que garante nossa segurança, mas o próprio Deus que vigia nossa alma. Não devemos gastar energias tentando identificar supostos informantes, mas concentrar nossa atenção em fazer aquilo que Deus nos chamou para fazer.

Saul partiu com 3 mil guerreiros escolhidos para perseguir Davi e seus 600 homens, que não eram guerreiros, mas homens comuns e atormentados (24:2; cf. tb. 22:2). Os homens de Saul excediam em cinco vezes os de Davi, mas a exceção era que Deus estava do lado de Davi!

### 24:3-6 Outro teste para o caráter de Davi

Deus pode ter colocado Saul nas mãos de Davi para testar seu caráter e verificar se seu servo sucumbiria ao ódio e à amargura. O Senhor estava treinando Davi para desenvolver um coração de amor e perdão, assim como o de Jesus.

Deus trouxe Saul a Davi por meio de circunstâncias ordinárias. Saul precisava evacuar e, para ter privacidade, utilizou uma caverna como banheiro improvisado (24:3). Provavelmente estava parcialmente vestido e com suas armas no chão.

Os homens de Davi perceberam a vulnerabilidade de Saul e recomendaram que Davi o matasse ali mesmo. Até citaram um versículo das Escrituras (24:4). Deve ter sido difícil resistir a esse conselho. Davi não se deixou persuadir, mas apenas cortou um pedaço do manto de Saul.



Depois disso, *senti* Davi *bater-lhe o coração* (24:5), isto é, ficou com remorso. Também precisamos cultivar um coração sensível para não deixá-lo cauterizar e morrer. Davi poderia ter racionalizado sua ação e justificado seus motivos. Poderia, por exemplo, ter dito que sua ação não era nada comparada às tentativas homicidas de Saul. Davi sabia, contudo, que duas coisas erradas não fazem uma certa, e que não é suficiente apenas ser melhor que os outros. Todos teremos de prestar contas individualmente de nossas ações nessa vida, e não apenas fornecer uma análise social do que aconteceu em nossa geração.

Davi identificou sua ação como pecado, pois era sensível à lei de Deus. Ao expor Saul ao ridículo, Davi atacou a autoridade estabelecida por Deus. Era errado fazer aquilo, não importava o fato de a autoridade se comportar bem ou mal. Aqueles a quem Deus delegou autoridade se tornam seus representantes, e atacá-los é o mesmo que atacar aquele a quem representam. É por essa razão que Davi, apesar de tudo o que Saul lhe fizera, ainda se referia ao rei como *meu senhor* [...] *o ungido do SENHOR* (24:6). Davi não atentou para o fato de que o Espírito se havia retirado do rei, nem chamou atenção para si quando tocava harpa e aliviava as aflições de Saul; também não discursou sobre o relacionamento deficiente de Saul com Deus com vistas a enfraquecer a posição do rei. Sabia que Deus trataria de Saul no seu devido tempo e à sua maneira.

Davi falou como se Saul fosse o único ungido de Deus. Ou seja, não se gabou de também ter sido ungido; pelo contrário, agiu com humildade e “a si mesmo se esvaziou” (Fp 2:7). Davi sabia que sua unção só viria a se concretizar muito mais tarde, de modo que até lá se contentou em minimizar seu papel, honrar Saul e cuidar para que ninguém ferisse o rei. Esse comportamento não era fingido, mas fruto de um coração puro, conforme se percebe na narrativa de sua tristeza pela morte de Saul e Jônatas (2Sm 1).

A humildade surge a partir da profunda convicção de nossa insignificância, exceto pela graça de Deus que nos faz perceber e honrar até a menor manifestação dessa graça na vida dos outros. A humildade é a compreensão dos limites no relacionamento com todos aqueles a quem Deus confere autoridade, e o que nos leva a respeitar a autoridade que provém de qualquer dom espiritual que Deus conceda.

### 24:7-16 O poder da palavra

A rebelião contra a autoridade instituída geralmente ocorre por meio de discurso provocativo que salienta as fraquezas, as omissões e faltas dos líderes. Mas as palavras também podem apagar labaredas de rebelião: *Com estas palavras, Davi conteve os seus homens e não lhes permitiu que se levantassem contra Saul* (24:7).

As palavras podem inspirar ou desencorajar; conduzir à fé ou à perdição. Por isso, precisamos cultivar palavras sadias. Quando falamos sobre pessoas em posição de liderança, devemos enfatizar os pontos fortes, e não as

fraquezas. É preciso usar um tom pacificador e amoroso se quisermos controlar a rebelião daqueles que estão sob nossos cuidados.

Não fomos chamados para promover a justiça na igreja e na sociedade? Sim, mas não devemos concentrar-nos no mal praticado pela liderança da igreja e da sociedade a ponto de seus líderes se tornarem objeto de escárnio. Aqueles que ouvem esses discursos pejorativos passam a desprezar a liderança e, desta forma, param de crescer em santidade e humildade. Precisamos aprender com o Senhor a medir nossas palavras a fim de restaurar a igreja e a sociedade.

Percebemos esse efeito negativo das palavras em 24:9: *Por que dás tu ouvidos às palavras dos homens que dizem: Davi procura fazer-te mal?* Foram as palavras das canções e as fofocas dos bajuladores que produziram inveja em Saul e o levaram a essa ignóbil caçada.

As palavras têm poder; podem construir ou arruinar comunidades inteiras em poucos dias. Rumores podem causar mais danos que metralhadoras. Que Deus nos ajude a falar com discrição, de forma que nossas palavras honrem ao Senhor e edifiquem as pessoas e a igreja (Tg 1:26; 3:2-6). Precisamos aprender a falar a verdade em espírito de amor. O que torna as palavras agradáveis ou destruidoras é o espírito com o qual elas são pronunciadas.

O espírito de Davi é revelado por meio de sua linguagem corporal, pois *inclinou-se Davi e fez-lhe reverência, com o rosto em terra* (24:8b), o que também fica evidente por meio dos títulos que ele usou para falar com Saul: *Ó rei, meu senhor!* (24:8a), *Olha, pois, meu pai* (24:11), e pela forma humilde com que fala de si mesmo, como *um cão morto e uma pulga* (24:14).

Esta abordagem produziu efeito notável. O ódio e o rancor de Saul dissolveram-se quando Davi falou com benevolência (24:16). Haverá maior chance de nossos líderes nos ouvirem se falarmos com respeito e consideração.

### 24:17-22 A humildade vence a batalha

A recusa de Davi em buscar vingança fez com que Saul percebesse a si mesmo a partir de uma nova perspectiva. O rei não se deixou convencer por argumentos ou acusações, mas pelo testemunho da vida de Davi. Saul confessou: *Mais justo és do que eu; pois tu me recompensaste com bem, e eu te paguei com mal* (24:17-19).

Saul encerrou com uma confissão ainda mais notável: *Agora, pois, tenho certeza de que serás rei* (24:20). Ele não foi forçado a admitir isso por meio de violência em combate, mas por meio de bondade e préstimo. É essa mesma atitude que a igreja deve oferecer.

Saul implorou para Davi não eliminar sua descendência (24:21). E Davi, mais uma vez, em amor e com a graça de Deus, prometeu que não se vingaria de seus descendentes. Infelizmente, Davi não cumpriu sua promessa ao pé da letra, pois participou do episódio que culminou com a morte dos descendentes de Saul (2Sm 21:6,8-9).

As palavras de Saul devem ter impressionado bastante todos os que o seguiam, confirmando Davi como o homem que Deus escolheu para libertar Israel.

Depois desse encontro, Saul deixou de perseguir Davi e retornou para casa, dando a impressão de que se havia arrependido. Davi, entretanto, não presumiu estar a salvo e, desta forma, retornou com seus homens para o lugar seguro (24:22). Na batalha espiritual, uma vitória não impede o surgimento de outra luta.

### 25:1 A morte de Samuel

Samuel cumpriu os votos de sua mãe e serviu ao Senhor “todos os dias da sua vida” (1:11). Foi um homem íntegro e corajoso que amou seu povo e seus líderes. Quando seu ministério público terminou, Samuel dedicou-se a uma vida de oração à qual o próprio Deus fez menção (Sl 99:6; Jr 15:1). Entretanto, toda vida tem um fim. A influência de Samuel foi tão grande que *todos os filhos de Israel se ajuntaram, e o prantearam* (25:1a), e sua morte aproximou as tribos de forma como não se via há muitos anos. Como é comum acontecer, seu ministério foi provavelmente mais apreciado depois de sua morte que havia sido em vida, quando havia legiões de críticos. Felizmente, é Deus quem julga seus servos fiéis.

Samuel foi sepultado *na sua casa, em Ramá*. Como sacerdote, não era permitido a Samuel acumular bens ou comprar terras. Deus era sua verdadeira herança (Nm 18:20). A lápide de seu túmulo poderia trazer os dizeres: “Aqui jazem os restos de um homem de oração, intercessor abnegado, juiz íntegro e audaz pregador da justiça, que começou a servir ao Senhor desde pequeno e permaneceu assim até seu último suspiro”. Que possamos deixar um legado semelhante às futuras gerações!

O conflito entre Saul e Davi poderia muito bem ser interrompido durante aqueles dias de lamentação nacional por Samuel, mestre de ambos. Mas, em vez de confiar em Saul, Davi considerou mais prudente permanecer no deserto de Parã, próximo a Maom (25:1b).

### 25:2-44 Davi e Nabal

#### 25:2-8 O pedido de Davi

A cidade de Maom se situava perto de Hebrom, que por sua vez ficava na porção da terra prometida concedida a Calebe. Nessa região vivia um homem rico chamado Nabal, que significa “louco”. Seu nome parece coincidir com seu caráter, e todos o chamavam de louco, fossem parentes, amigos e até mesmo sua esposa: “porque o que significa o seu nome ele é. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele” (25:25; cf. comentários sobre o significado dos nomes em 1:19-20).

Nabal descendia de Calebe, homem que seguiu fielmente ao Senhor (cf. Dt 1:36; Js 14:12-14). Mas Nabal não se parecia em nada com seu ancestral. Possuía muitas ovelhas e cabras, mas nada de fé e graça (25:2-3). Sua esposa Abi-

gail, ao contrário, *era sensata e formosa*. Como essa mulher se casou com um homem assim? Será que ela se sentiu atraída pela riqueza de Nabal? Ou será que Nabal a enganou? Quem sabe o caráter do marido tenha mudado depois do casamento. Não conhecemos as razões, mas cada mulher deve escolher seu marido com cautela, e os pais devem tomar cuidado para não casar suas filhas simplesmente porque o futuro marido é rico ou influente.

Davi ficou sabendo que Nabal *tosquiava as suas ovelhas* (25:4). Como pastor, Davi sabia que essa seria uma boa ocasião para Nabal celebrar uma festa e dividir seus alimentos com os vizinhos, de modo que enviou dez rapazes para cumprimentar Nabal em seu nome (25:5-6). Essa saudação amigável era prática costumeira em Israel e não representava ameaça; assemelhava-se à saudação que Jesus ensinou seus seguidores a fazer ao entrar em uma casa (Mt 10:11-13).

Os jovens foram instruídos a lembrar Nabal dos serviços que Davi e seus homens haviam prestado aos seus pastores; estes por sua vez poderiam confirmar que Davi não tinha roubado animais do rebanho nem perturbado a paz. E mais ainda: os homens de Davi haviam protegido os pastores de ataques inimigos, de forma que *de nenhuma coisa sentiram falta* (25:7-8). Considerando o tamanho do grupo de Davi, eles poderiam simplesmente ter pegado tudo aquilo que desejassem sem maiores problemas. Contudo, Davi se humilhou e pediu a Nabal alimento de presente aos seus homens. Não especificou a quantidade, apenas deixou que Nabal decidisse de acordo com sua boa-vontade.

#### 25:9-13 A resposta de Nabal

A resposta de Nabal revelou quem era de fato. Sua pergunta *Quem é Davi, e quem é o filho de Jessé?* representa recusa com desprezo (25:10a), como se dissesse: “Por que eu deveria lhe dar comida?”.

Entretanto, o problema era muito maior, pois Nabal não precisava perguntar o nome e a origem de uma pessoa que viesse pedir comida durante a época da colheita. A lei de Moisés diz claramente que parte da colheita deveria ser deixada para os estrangeiros, os pobres e as viúvas (Dt 15:7-11; 24:19-22; Pv 19:17). Durante a colheita, qualquer pessoa que passasse pela terra de Israel deveria receber alimento. Logo, ao recusar-se atender o pedido de Davi, Nabal demonstrou que não obedecia à lei de Deus.

Como se não bastasse, Nabal acusou Davi de ser um rebelde que fugiu de seu senhor (25:10b). Dessa forma, Nabal ficou ao lado de Saul contra um inocente (Pv 17:15); ele nem mesmo se deu ao trabalho de verificar essas acusações com seus próprios servos, que conheciam Davi e seus homens (25:15-16). Eles poderiam ter confirmado que Davi ainda considerava Saul como seu senhor (24:6,8) e que Saul reconheceu Davi como futuro rei (24:20).

O egoísmo de Nabal fica evidente através dos pronomes possessivos em primeira pessoa: *Tomaria eu, pois, o meu*

*pão, e a minha água, e a carne das minhas reses que degolei para os meus tosquiadores [...]?* (25:11). Ou seja, Nabal se colocou como dono de todas as bênçãos que Deus graciosamente lhe havia concedido. Agiu como o rico insensato na parábola de Lucas 12:16-21. Não surpreende, portanto, que seus próprios servos o considerassem “filho de Belial” (25:17), isto é, um homem com quem não se consegue dialogar, que não ouve conselhos e age arbitrariamente, sem pensar.

Os insultos de Nabal fizeram com que Davi também tomasse uma decisão insensata. Ele havia poupado Saul enquanto este buscava matá-lo, mas agora decidiu matar um homem simplesmente porque ele lhe tinha ofendido (25:12-13). Davi agiu com raiva, mas “a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1:20).

#### 25:14-39a *Abigail, uma intercessora*

Abigail demonstrou a sensatez que lhe foi atribuída em 25:3. Ela parece, em muitos aspectos, com a mulher descrita em Provérbios 31:10-31. Embora casada com um louco, Abigail resguardava seu caráter e permanecia irreprensível, até mesmo diante de seus próprios servos. Apesar da riqueza, era humilde o suficiente para ouvi-los (25:14). Embora formosa, não teve vergonha de ajoelhar-se e implorar diante de Davi (25:23). Além disso, era muito generosa e ficou estarrecida com a avareza do marido, de modo que se apressou a providenciar grande quantidade de alimentos para Davi (25:18 — uma “medida” equivalia a 37 litros). Para conseguir preparar tudo isso sem ajuda do marido, ela provavelmente trabalhava muito e era bem organizada.

Ágil de pensamento, Abigail percebeu claramente as desastrosas consequências do comportamento de seu marido e rapidamente iniciou os preparativos para evitar o perigo que ameaçava toda sua casa. Até mesmo a escuridão não foi empecilho para ela (25:19). Abigail conhecia Nabal o suficiente para saber como lidar com a loucura do marido sem entrar em discussões intermináveis. Que tremenda lição para a esposa cujo marido não é cristão!

Abigail interceptou Davi quando este descia a montanha da santidade para cometer atrocidades (25:20). Foi uma intervenção providencial, conforme confessou o próprio Davi (25:32-34).

Quando Abigail avistou Davi, desceu do jumento e prostrou-se diante dele (25:23). Apesar de ser firme e competente, Abigail sabia como ser submissa. Humildade e submissão foram as ferramentas que lhe deram a vitória, assim como deram a vitória a Davi contra Saul em 24:8. Contudo, submeter-se a Davi implicava que Abigail não estava sendo submissa a seu marido insensato. Esse exemplo mostra que a mulher deve ser submissa a seu marido para salvar ou edificar sua família. Entretanto, se esta submissão trouxer dano à família, a esposa deve assumir o comando a fim de proteger sua família, incluindo seu marido insensato.

Era preciso encontrar alguma forma de fazer Davi parar e refletir sobre suas ações, pois ele estava enfurecido. Abigail, portanto, precisou interceder veementemente por seu marido e toda sua família. Dirigiu-se a ele como *senhor meu*, não apenas com a intenção de lisonjeá-lo, mas porque reconheceu a graça de Deus na vida de Davi. A sequência mostra sua verdadeira qualidade de intercessora, pronta a assumir a punição por aqueles que intercede: *caía a culpa sobre mim* (25:24).

A súplica de Abigail a Davi para ignorar o comportamento insano do marido lembra a oração de Jesus na cruz e a oração de Estêvão pouco antes de ser apedrejado (25:25; Lc 23:34; At 7:60). Abigail queria fazer Davi perceber que Nabal era um louco indigno de ser considerado por alguém tão sábio como Davi. Parafraseando as palavras de Abigail: “Meu marido não é sábio, como muitos pensam. Na verdade, vive conforme seu nome sugere, pois a loucura está com ele. E essa loucura não ocorreu apenas agora; ele é louco o tempo inteiro. Ninguém deve esperar decisões sábias de um homem assim. Não vi os homens que o senhor enviou. Se tivesse conversado com eles antes de Nabal, teria tratado do assunto sem que meu marido soubesse. É tudo minha culpa, pois não vi os homens que o senhor enviou”.

A última parte da súplica de Abigail tem caráter mais espiritual que as duas primeiras: diz que Davi não deve buscar vingança, mas deixar que o Senhor trate dos inimigos de Davi conforme achar necessário (25:26); se Davi persistir nisso, sua consciência ficará manchada para sempre por causa de uma decisão precipitada (25:31). Abigail observou que o Senhor impediu Davi de vingar-se no passado. Nesse ponto do discurso, Abigail não estava intercedendo por seu marido, mas por Davi, impedindo-o de pecar contra o Senhor, que disse: “Não te vingarás” (Lv 19:18; Dt 32:35; Rm 12:19-20). Abigail implorou que Davi deixasse o Senhor cuidar de Nabal, assim como havia cuidado de todos os outros inimigos de Davi.

Abigail não apresentou os alimentos como se estes fossem a principal preocupação de Davi. Antes, apresentou-os somente quando percebeu que Davi estava considerando as razões espirituais para o comportamento de Nabal não se interpor entre seu relacionamento pessoal com Deus. Ao fazer isso, mencionou os alimentos que trouxera consigo, como se fossem destinados somente aos jovens que acompanhavam Davi (25:27). A repetição do pedido de perdão sugere que Abigail estava fazendo uma oferta pela culpa, e não oferecendo algo que deixaria Davi em débito para com ela.

Ao contrário de seu marido, Abigail reconheceu que Deus trabalhava na vida Davi, observando que Davi pelejava *as batalhas do SENHOR*, quer contra Golias, quer contra outros filisteus (25:28). Ela não se iludiu com os rumores que Saul vinha espalhando sobre Davi, mas orou para que nenhum mal se achasse nele.

Abigail repetiu a verdade à qual Davi vinha apegando-se, isto é, que Deus protegia sua vida, e para isso utilizou uma metáfora que Davi entenderia muito bem: descreveu Deus atirando os inimigos de Davi como se fossem pedra numa funda (25:29; cf. tb. 17:49). Também falou com firmeza, quase profeticamente, sobre o futuro reinado de Davi, dizendo: [quando] o SENHOR [...] *te houver estabelecido* (25:30). Abigail não queria que Davi começasse seu reinado com pecado na consciência (25:31) e terminou sua petição de forma semelhante à de Jônatas: *lembrar-te-ás da tua serva* (25:28).

Davi responde à súplica de Abigail com louvores. Ele novamente percebeu a mão do Senhor guiando-o pelo caminho correto por meio de sua serva Abigail (25:32). Reconheceu com gratidão a sabedoria das palavras que o impediram de cometer assassinato (25:33-34), aceitou os presentes e disse para Abigail voltar para casa em paz (25:28). A intercessão de Abigail salvou sua própria vida e a vida de sua família e seus servos, além de ter impedido Davi de pecar.

Ao retornar, Abigail viu seu marido oferecendo um banquete como se fosse um rei, ignorando totalmente a destruição que quase lhe havia sobrevivido (25:36). Nesse sentido, ele se parece com muitos em nossos dias que caminham distraídos, alheios à ira de Deus. Nabal estava feliz da vida, não porque estivesse em paz com Deus, mas porque estava bêbado. Ele não se dispôs a ajudar os necessitados, mas estava pronto para festejar com seus amigos.

Abigail sabia que seria inútil tentar conversar com o marido naquela noite, de modo que esperou a manhã seguinte. Quando Nabal soube do perigo do qual escapara, ficou *como pedra*, isto é, o impacto da notícia lhe causou um derrame e o paralisou; ele acabou morrendo dez dias depois (25:37-38). Nabal se recusou a dividir o que tinha e acabou sem nada (cf. tb. Lc 12:20). Deus se vingou dos insultos de Nabal, sem que Davi tivesse nenhuma participação (25:39a).

Precisamos aprender a deixar Deus guerrear nossas batalhas, em vez de querermos resolver a situação com nossas próprias mãos. Quando parecer que Deus não está atacando nossos inimigos, é porque “não se encheu ainda a medida da iniquidade” deles (Gn 15:16).

### 25:39b-44 Abigail se torna esposa de Davi

Abigail pediu a Davi que se lembrasse dela, e foi exatamente o que ele fez quando ouviu a notícia da morte de Nabal: enviou mensageiros a pedir-lhe em casamento (25:39b-40). Abigail aceitou com humildade (25:41-42). Embora tornar-se esposa de Davi fosse uma honra, também envolveu sacrifício considerável de sua parte, pois ela teria de deixar seu confortável lar para viver em cavernas e desertos. Em vez de gerenciar empregados e tomar conta de uma grande fazenda, seria esposa de um fugitivo com uma vida cheia de imprevistos. Não haveria jantares requintados na caverna, e ela passaria muito tempo sozinha no acampamento enquanto Davi lutava as batalhas do Senhor. De fato, ela

até mesmo foi capturada pelos amalequitas quando estes atacaram Ziclague (30:3-5). Mesmo assim, Abigail aceitou o convite porque o considerou uma oportunidade de servir e contribuir para o futuro de Israel.

Davi, contudo, não se saiu muito bem na área do casamento. A mulher que lhe foi prometida como prêmio pela morte de Golias acabou sendo entregue a outro homem (18:17). Ele se casou com Mical, mas só depois de matar duzentos filisteus (18:27). E, quando Davi foi forçado a fugir, Saul entregou Mical a outro homem (25:44). Parece haver poucas dúvidas de que Abigail era mais inteligente e formosa que suas esposas anteriores.

A Bíblia diz que Davi teve outra esposa chamada Ainoã de Jezreel (25:43). Embora as Escrituras não condenem Davi por suas várias esposas, e estas tenham aceitado viver nessa situação, o restante da narrativa demonstra que essa queda de Davi por mulheres foi uma fraqueza que afetou toda a sua vida (2Sm 11:2-4) e a vida de seu filho, Salomão. Precisamos vigiar nosso coração para não procurar outras mulheres (ou homens) simplesmente porque enfrentamos tribulações em casa.

### 26:1-25 Davi poupa a vida de Saul novamente

#### 26:1-12 Davi visita o adormecido Saul

O arrependimento de Saul não foi profundo; embora ele tenha confessado seu pecado, não procurou mudar a atitude do seu coração (24:17-21). Saul fez Davi jurar que não destruiria sua família (24:22), porém ele mesmo não fez esse juramento. Portanto, não surpreende que tenha voltado a agir tão logo recebeu notícias dos zifeus sobre o paradeiro de Davi (26:1).

Quando a discórdia permanece entre os líderes, seus subordinados começam a buscar o favor daquele que consideram vitorioso. Provavelmente Saul não tornou público seu arrependimento e reconhecimento de Davi como rei (24:17-21), e talvez por isso os zifeus ainda procuravam levar ao rei Saul informações sobre o paradeiro de Davi. Além disso, a traição anterior (23:19) deve tê-los deixado com medo das consequências caso Davi viesse a se tornar rei. O pecado sempre leva a outro pecado.

Saul juntou mais uma vez seus três mil homens para caçar Davi (26:2). Contudo, Davi estava ciente desse plano (26:3-4), pois não apenas montou guarda para vigiar o acampamento do rei (26:5), como, da mesma forma que Gideão, infiltrou-se no acampamento inimigo (Jz 7:9-11).

Davi pediu a dois amigos para acompanhá-lo no que parecia ser uma aventura suicida (26:6-7), mas seu sobrinho Abisai respondeu: *Eu descerei contigo* (26:6), e ambos partiram confiando na proteção do Senhor. Deus mostrou mais uma dimensão de seu poder ao colocar todos aqueles homens num estado de sono profundo (26:12b).

Dentro do acampamento, Davi e Abisai encontraram Saul dormindo profundamente, bem como todos os oficiais

do rei ao redor (26:7). Abisai pediu que Davi aproveitasse o momento para matar Saul enquanto este dormia (26:8). Foi assim que Jael livrou Israel do inimigo (Jz 4:21), e Abisai tinha por certo que Deus estava concedendo a Davi oportunidade semelhante.

Davi, entretanto, recusou-se a fazê-lo, mas não porque tinha medo de Abisai acordar todo o acampamento inimigo. Antes, estava mais preocupado com sua atitude diante de Deus. O episódio com Nabal e Abigail ensinou-o que Deus é quem se vingaria de seus inimigos (26:10). Davi não queria que o ódio e a amargura que motivaram Saul se tornassem também sua motivação. Além disso, Davi ainda continuava ciente de que Saul era o ungido de Deus e, por isso, deveria ser tratado como tal (26:9,11a).

Em vez de levar a cabeça de Saul como prova do livramento miraculoso de Deus, conforme desejava Abisai, tudo o que Davi levou foram a espada e a vasilha de água que estavam ao lado de Saul (26:11b-12a). Mostrá-los seria prova suficiente de que Davi poderia ter assassinado Saul facilmente se quisesse e também seria prova que Abner tinha falhado em proteger o rei.

#### 26:13-20 Davi acorda Saul com seu discurso

Davi tomou a espada e a vasilha e levou-os para o alto de um morro distante o suficiente do acampamento, e então gritou para acordar Abner e Saul (26:13-14).

Nesse momento, o Senhor deve ter retirado o sono profundo que havia lançado sobre Saul e seus homens, pois Abner acordou no mesmo instante que ouviu os gritos. Davi sabia que Deus estava agindo, porém mesmo assim utilizou a oportunidade para repreender a fraca segurança de Abner (26:15-16). Esse descuido maculou sua reputação profissional. Por sua própria experiência no exército de Saul, Davi sabia que Abner merecia ser punido. As palavras de Davi poderiam ser parafraseadas da seguinte maneira: “Você é que merecia morrer, e não eu. Fingem ser amigos do rei, mas estavam dormindo enquanto o rei corria perigo. Na verdade, fui eu quem o protegi!”. E, para provar o que disse, mostrou a espada e a vasilha.

Saul reconheceu a voz de Davi e chamou-o de *meu filho* (26:17). Essas palavras indicam que Saul foi tocado pelas palavras de perdão e benevolência de Davi, que respondeu em submissão a Saul, dizendo: *Ó rei, meu senhor*. A pergunta de Davi: *Por que persegue o meu senhor assim seu servo? Pois que fiz eu? E que maldade se acha nas minhas mãos?* (26:18) é a mesma pronunciada por Jônatas (20:32) e Aimeleque (22:14). Ou seja, todas as pessoas honestas de Israel estavam fazendo a mesma pergunta, porém Saul não quis responder porque sabia que o errado era ele mesmo.

Davi não forçou essa questão, apenas deu a Saul a oportunidade de livrar-se de uma situação embaraçosa diante de suas tropas ao oferecer outras opções que poderiam explicar a hostilidade do rei. Uma dessas opções seria: *é o SENHOR que te incita contra mim* (26:19a). Se fosse esse

o caso, Deus aceitaria uma oferta e perdoaria o pecador genuinamente arrependido. E o fato de Davi ter-se recusado por duas vezes a fazer mal ao rei demonstrava que ele estava arrependido de qualquer mal que porventura tivesse cometido contra o rei.

Outra possibilidade seriam pessoas causando confusão (26:19b). Nesse caso, Davi as amaldiçoava pelo que haviam feito. Esta maldição não se aplicava às mulheres que cantaram louvores a Davi (18:7), pois a intenção delas não era causar conflito. Contudo, talvez houvesse outras pessoas, como Doegue (22:9), que gostavam de fomentar a desgraça dos outros.

O que mais preocupava Davi não era a perda de sua posição no palácio de Saul, mas o fato de não ter *parte na herança do SENHOR* (26:19c). Davi não disse que a terra lhe pertencia, mas que Deus é quem a havia concedido ao país. Portanto, expulsá-lo da terra era o mesmo que afastá-lo de Deus; impedi-lo de adorar no templo era o mesmo que dizer: *Vai, serve a outros deuses* (26:19d). Para um homem segundo o coração de Deus, não havia maior punição que esta (Sl 27:3-9; 42:1-4; 63:1-3).

As palavras de Davi devem ter lembrado a Saul sua própria apostasia. Em vez de adorar no templo, ele assassinou os sacerdotes que serviam ali; não se preocupou em trazer a arca da aliança de volta ao templo, nem em buscar ao Senhor em arrependimento depois de ouvir a sentença de Samuel. Embora pudesse adorar no templo sempre que quisesse, não conseguia fazer isso de coração puro.

Davi conclui seu discurso lembrando sua própria insignificância e quão ridículo era o rei de Israel gastar tanto tempo e energia perseguindo Davi (26:20). Enquanto as tropas do rei caçavam Davi, as fronteiras do país estavam desprotegidas e outros assuntos mais urgentes de governo continuavam pendentes.

#### 26:21-25 Convencido, mas não convertido

As palavras de Davi estimularam três confissões em Saul. A primeira: *Pequei* (26:21a). Temos aqui, entretanto, mais um caso de confissão vaga: não especificava os pecados cometidos nem identificava a raiz do problema. A verdadeira confissão deve ser específica e decisiva. Saul interrompeu sua campanha contra Davi não porque percebeu que isso era errado, mas porque Davi havia poupado a sua vida.

A segunda confissão, *Eis que tenho procedido como louco* (26:21b), também não indica arrependimento; soa mais como confissão embaraçosa que renúncia ao pecado. A terceira confissão, *Tenho [...] errado excessivamente* (26:21c), junta-se às demais confissões insinceras. Nenhuma delas levou o rei a orar a Deus ou pedir perdão a Davi.

Davi sabia que não podia contar com a confissão de Saul como garantia de segurança e portanto ignorou o pedido de Saul: *Volta, meu filho Davi*. Apenas devolveu a espada e a vasilha, ainda que não estivesse obrigado a fazer isso (26:22).

Davi termina seu diálogo com Saul com uma convicção: *Pague, porém, o SENHOR a cada um a sua justiça e a sua lealdade (26:23)*. Ou seja, Davi transferiu o caso para o tribunal de Deus, onde certamente seria feita justiça no seu devido tempo.

Davi deixou claro que não esperava nenhuma gratificação de Saul. Apenas orou para que o Senhor lhe demonstrasse a mesma consideração que havia demonstrado a Saul (26:24). Semelhantemente, não devemos esperar recompensas dos outros por nossos serviços, mas apenas de Deus.

Antes de partir, Saul pronunciou uma bênção a Davi: *Bendito sejas tu, meu filho Davi; pois grandes coisas farás e, de fato, prevalecerás (26:25a)*. Embora reconhecesse a bênção devida a Davi, Saul se recusou a contribuir para o seu cumprimento.

E assim os dois homens partiram (26:25b) para nunca mais se encontrarem novamente. Davi, porém, partiu com a convicção de que havia agido corretamente e seria abençoado, enquanto Saul retornou humilhado perante seus homens, que provavelmente voltaram com uma admiração mais profunda por Davi, cientes de que ele seria o futuro líder do país.

## 27:1—30:31 A aliança de Davi com os filisteus

### 27:1-4 Davi retorna a Gate

Davi falou corajosamente e agiu com fé, porém seu íntimo se afligia por dúvidas com todos os problemas que enfrentava, a traição dos zifeus e a insegurança das promessas de Saul, até o ponto de pensar: *Pode ser que algum dia venha eu a perecer nas mãos de Saul (27:1)*. Parece que ele se esquecera de todas as bênçãos que Deus realizara em sua vida.

Deprimido, Davi decidiu morar com os filisteus. Não há indícios de que tenha consultado Abiatar e recebido instruções de Deus sobre esse projeto. Simplesmente se cansou de tudo, imaginando que pelo menos estaria protegido dos ataques de Saul se estivesse morando em território filisteu. Entretanto, Davi não pensou nos problemas que isso lhe causaria e todas as mentiras e enganos que a tarefa exigiria. É interessante observar que oração e o nome do Senhor não são mencionados nesse capítulo. Parece que durante dezesseis meses (27:7) Davi viveu sem comunhão profunda com o Senhor.

A natureza humana é muito fraca. Há dias em que nos sentimos triunfantes e alegres, e outros em que nos sentimos depressivos e ansiosos, como se nunca tivéssemos ouvido falar do Senhor. Percebemos isso em Elias enquanto fugia de Jezabel, logo após triunfar sobre os profetas de Baal (1Rs 18—19), e em Pedro, que num momento anda sobre as águas e no próximo afunda (Mt 14:25-31). Esse mesmo Pedro confessou a Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16:16), porém mais tarde negou a Cristo quando falou a uma criada: “Não sei o que dizes” (Mt

26:68-70). Somente pela graça de Deus podemos tornar-nos alguém nas mãos do Senhor. Nada acontece devido à nossa vontade inconstante.

Davi colocou seu plano em ação e levou seus homens e suas famílias para Gate, oferecendo-se para servir a *Aquis, filho de Maoque, rei de Gate (27:2-3)*.

A ideia de Davi, contudo, estava correta num ponto: quando Saul ouviu que Davi havia passado para o lado dos filisteus, parou de persegui-lo (27:4). Aquis, de sua parte, alegrou-se por causa da divisão interna entre os israelitas e providenciou prontamente acomodações para Davi (27:5-6). Aquis tinha esperanças de que Davi esquecesse sua nacionalidade e passasse a viver como um filisteu.

Ainda hoje o inimigo persiste em seu trabalho de causar divisões na igreja, criando situações que contribuem para isso e esperando recrutar pessoas dentre o povo de Deus para lutar ao seu lado.

### 27:5-12 Davi se estabelece em Ziclague

Davi pode ter ficado apreensivo em morar numa das grandes cidades filisteias, de modo que pediu permissão ao rei de Gate para fixar-se *numa das cidades da terra (27:5)*, isto é, uma das aldeias do interior. Essa modesta solicitação indica que Davi não desejava ser visto como rival daqueles que serviram a Aquis no passado, pois conhecia o perigo produzido pela inveja. Talvez Davi tenha lembrado também do perigo que Sansão enfrentou por associar-se intimamente aos filisteus (Jz 14—16).

Aquis permitiu que Davi e seus homens ocupassem a cidade de Ziclague, que ficava na fronteira entre os dois países (27:6). O rei não sabia, mas estava cumprindo a promessa de parte da herança entregue a Judá (Js 15:31). É possível que os israelitas não tivessem conseguido expulsar os antigos habitantes desse lugar, ou talvez os filisteus o tenham ocupado. Contudo, independentemente do que acontecera àquela cidade no passado, Deus estava devolvendo a Davi uma porção de sua herança.

Em Ziclague, Davi estava longe da vista de todos, mas continuava recebendo notícias de Israel e tinha liberdade para lutar as batalhas do Senhor. Deixou de ser espectador do sofrimento de seu povo e, com seus homens, passou a organizar ataques contra os gesuritas, gersitas e amalequitas, antigos inimigos de Israel (27:8). Para manter suas atividades em segredo dos filisteus, Davi matava todos os habitantes das áreas que atacava (27:9,11). Sem dúvida Davi não estava obedecendo à vontade de Deus ao agir dessa forma. Contudo, as matanças lhe renderam muitos espólios, e Davi os levava a Aquis, dizendo que haviam sido conquistados em áreas pertencentes à Judá (27:10) e dando com isso a impressão de que se tornara um verdadeiro inimigo de seu próprio povo.

Essa mentira conquistou a confiança de Aquis, acreditando que Davi se tornara, *por certo, aborrecível para com o seu povo em Israel; pelo que me será por servo para sempre*

(27:12). O inimigo luta para que isso seja verdade com relação a todos os servos de Deus.

### 28:1-2 O dilema de Davi

O momento mais difícil na vida de Davi deve ter sido aquele em que Aquis o convocou para pelejar contra Israel (28:1). Como ele poderia lutar contra o povo do Senhor? Ao mesmo tempo, Davi não podia trair a confiança e a bondade de Aquis ao lhe conceder asilo. Que situação! Às vezes enfrentamos conflitos causados por nós mesmos, pois fazemos acordos com pecadores em vez de esperar pelo auxílio de Deus.

Davi deu a única resposta possível: *Assim saberás quanto pode o teu servo fazer* (28:2a). Mas foi uma resposta deliberadamente ambígua, pois Davi nunca lutou exclusivamente com suas próprias forças. Será que dessa vez Deus o abandonaria, denunciando-o ao exército dos filisteus? Davi deve ter clamado desesperadamente a Deus para livrá-lo daquela embaraçosa situação.

Aquis, sem perceber a angústia de Davi, prometeu-lhe uma recompensa: *Te farei minha guarda pessoal para sempre* (28:2b). Mas Deus lhe havia prometido o trono de Israel! Muitas vezes o inimigo oferece ao servo de Deus posições que parecem lucrativas naquele momento, mas que na verdade o distanciam de seu verdadeiro destino.

Nesse momento de suspense, a narrativa é interrompida e passa a mostrar o que está acontecendo no acampamento em Israel.

### 28:3-25 Saul consulta a médium de En-Dor

Um provérbio africano diz: "Todo dia é do ladrão, mas um dia é do patrão". Algumas pessoas parecem escapar durante muito tempo das consequências de suas maldades, mas chegará o dia em que colherão todo o fruto de suas perversidades. Esse dia chegou para Saul.

Os filisteus atravessaram audaciosamente a fronteira de Israel e vieram até Suném, no meio do território israelita (28:4). Sabiam que Samuel, cujas orações haviam impedido seus ataques anteriores, estava morto (28:3a), e que Davi, herói nacional de Israel, fora expulso do país. Haveria melhor oportunidade que essa para invadir Israel? Não é de admirar que Saul estivesse com medo (28:5). A memória de seus erros deve ter pesado em seu coração, e ele precisava muitíssimo da orientação de Deus, mas não recebeu nenhuma (28:6). Seu último contato com o sacerdócio ocorreu num contexto de perseguição a Davi (19:23-24), e agora não era possível consultar os sacerdotes porque Doegue os matou a todos (22:17-19). Em resumo, todos os canais espirituais para receber orientação de Deus estavam fechados.

Nos dias em que andava com o Senhor, Saul expulsara todos os adivinhos e médiuns do território (28:3b; cf. tb. Lv 20:27). Naquela época ele não reconheceu que sua rebelião era tão ruim quanto o pecado da feitiçaria. Agora, deses-

perado e sem poder contar com a ajuda de um sacerdote ou profeta do Senhor, recorreu a uma médium (28:7). O cão voltou ao seu próprio vômito e a porca lavada voltou a sujar-se no lamaçal (2Pe 2:20-22). Terrível é quando o sacerdote volta a praticar pecados que ele mesmo denunciou. Agindo assim, transmite aos pecadores a mensagem de que o pecado não é importante.

A viagem de Saul para consultar a médium de En-Dor deve ter sido perigosa, pois consistia numa jornada de treze quilômetros a pé em terreno acidentado e esquivando-se de patrulhas filisteias acampadas em Suném. Saul também precisou usar disfarce, pois do contrário a mulher negaria veementemente que estava envolvida em atividades ilegais (28:8-10).

Esse tipo de consulta mediúnica era comum na Palestina e no Oriente Médio, e continua comum na África, onde os espíritos ancestrais são invocados em momentos de dificuldade por aqueles que buscam obter informações sobre o futuro. Esses espíritos consultados são demônios, mas geralmente assumem a forma de algum parente ou pessoa conhecida com o intuito de oprimir e exigir sacrifícios. Esses espíritos também agem através de pessoas que pre dizem o futuro por meio da astrologia e leitura da palma das mãos, e também através dos mascarados iorubas que habitam a Nigéria e outras nações. Outra manifestação desses espíritos é percebida na crença da reencarnação que se manifesta nos nomes que damos aos nossos filhos, como se aquele antigo ancestral tivesse voltado à vida. Além disso, em várias culturas africanas esses espíritos são invocados em cerimônias que convocam os mortos durante períodos de guerra. Entretanto, a Bíblia proíbe severamente qualquer tentativa de consultar os mortos (Dt 18:9-14). Deus é o único espírito a quem devemos consultar.

A sessão mediúnica é narrada em 28:11-14: uma forma familiar aparece à médium, que tanto poderia ser o verdadeiro espírito de Samuel como algum demônio assumindo sua aparência. O mundo espiritual existe e está repleto de atividade, mas o filho de Deus é vitorioso sobre as atividades do mal porque no calvário Cristo despojou "os principados e as potestades" e nos deu a vitória (Cl 2:14-16). Conforme afirma João: "Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (1Jo 4:4).

A frase *Por que me inquietaste, fazendo-me subir?* (28:15), afirma que é errado perturbar o descanso daqueles que seguiram ao Senhor e agora repousam com ele, aguardando nossa chegada (Ap 6:9-11).

O demônio não tinha nenhuma mensagem de consolo para o rei. Saul não ouviu Samuel em vida, nem prestou atenção à mensagem expressa pela vida de Davi. Por que esperar que Samuel, subindo dentre os mortos, fizesse alguma diferença? Saul não precisava consultar os mortos para saber o que fazer (28:15).

O espírito confrontou os pecados de Saul e lembrou-o de que Deus o havia abandonado (28:16-18). Além disso,



## FEITIÇARIA

Na África, a crença na feitiçaria atinge proporções epidêmicas. Embora seja compreensível que cristãos nominais abracem essa crença profundamente enraizada em nossa cultura, causa perturbação o fato de ser tão comum entre cristãos verdadeiros. Cultos cristãos muitas vezes parecem pouco mais que rituais de proteção contra a feitiçaria. Há mães que, antes de colocarem seus filhos para dormir, “cobrem” suas camas com o sangue de Jesus para repelir bruxas e espíritos malignos. Também “derrama-se” em estradas para repelir espíritos que causam acidentes.

A Bíblia não endossa a doutrina sobre demônios, maus espíritos e feitiçaria que provém dessas crenças populares, porém muitos cristãos professos desconhecem o ensino bíblico sobre tais assuntos. Uma das razões para isso é a tendência de interpretar a Bíblia de acordo com crenças e opiniões estabelecidas. Líderes e missionários da igreja tendem a rejeitar a feitiçaria como mera superstição, em vez de desenvolverem compreensão adequada sobre essa questão que se encontra enraizada na doutrina do mal. Há necessidade urgente de tratarmos a realidade cultural da feitiçaria de forma pastoral e com seriedade, sensibilidade e respeito.

Na maioria das sociedades africanas, a feitiçaria representa explicação tradicional para qualquer causa de morte, em particular a dos jovens. Ainda que a causa tenha sido doença ou acidente de automóvel, esse fatores são considerados apenas como instrumentos. De modo semelhante, a feitiçaria é considerada responsável por esterilidade, divórcios, inimizade, perda de promoções no trabalho e reveses políticos.

Há inúmeras histórias sobre atividades, poderes e confissões de feiticeiros. Muitos cristãos recém-convertidos as conhecem, e muitos vivem com medo de ser alvo de feitiçaria praticada por parentes e amigos invejosos.

Precisamos fazer duas perguntas quando ouvimos essas histórias. A primeira é saber se a história é contada em sentido alegórico ou real. Por exemplo, os cristãos são acusados de comer carne e beber sangue humano quando participam da ceia do Senhor. Há alguma atividade igualmente simbólica da qual os feiticeiros participam? A segunda questão é como devemos julgar a veracidade dessas histórias. A pessoa foi coagida a confessar sua participação em feitiçaria? Algumas histórias deveriam ser interpretadas mais como prova de uma profunda crença na feitiçaria que como prova de que funciona de fato.

Contudo, embora seja necessário esclarecer muito bem o assunto, também precisamos aceitar a realidade dos poderes demoníacos percebidos claramente tanto

no AT quanto no NT (cf., p. ex., At 13:6-11; 16:16-18). O povo de Deus é exortado a não se engajar em nenhuma atividade relacionada com os demônios (Êx 22:18; Lv 19:31; 20:26; Dt 18:14; Gl 5:19-21). Servos de Deus que se envolveram em atividades demoníacas sofreram consequências terríveis (1Sm 28; At 8:18-23).

A história de Jó mostra claramente que Satanás e os espíritos malignos ou demônios existem e afligem os seres humanos (Jó 1—2). Mesmo assim, só podem agir na vida do cristão com a permissão de Deus e com vistas a cumprir os propósitos divinos (Gn 50:20; At 2:23). Essa confiança no poder de Deus garante nossa segurança num mundo cheio de miséria e dificuldades (Rm 8:31,35,37-39). Apesar de sermos afligidos, nossa segurança está em Deus (Jó 13:15; Rm 8:38-39). Chegará o dia em que Deus eliminará todo o mal, e mesmo hoje o Senhor estabelece limites para sua operação (Jó 19:25-27; Hb 9:27).

Os cristãos também precisam entender que o mal é sempre resultado de pecado do qual todos nós compartilhamos a responsabilidade (Rm 5:12). As consequências da queda incluíram morte, dor e sofrimento (Gn 3:19), e estamos todos destinados a morrer (Sl 90:10). O cristão deve viver de modo a estar sempre pronto para morrer (Sl 90:10-12). O Senhor não prometeu que o cristão estaria isento de morte brutal ou desastres (Jó 21:22-25).

O sofrimento também pode ser resultado de más escolhas morais que, por sua vez, colocam em movimento leis de causa e efeito estabelecidas por Deus. Por exemplo, os promíscuos que contraem aids não podem culpar outras pessoas além de si mesmos.

Diante do sofrimento, o cristão deve compreender que Deus é soberano. Se por acaso a feitiçaria tiver algum poder de fato, certamente o poder de Deus vai muito além (1Jo 4:4). A cruz triunfou sobre todas as forças e potestades demoníacas, deixando-os impotentes (Cl 2:15; Tg 4:7). O cristão também precisa lembrar que Deus nos ama e está sempre presente (Êx 3:14; 2Rs 6:16; Mt 28:20) cuidando de nós, estendendo sua graça, carinho e misericórdia a todas as criaturas. Precisamos lembrar isso quando enfrentamos momentos difíceis (Lm 3:21-25). O mal é temporário, porém o amor de Deus por seus filhos é eterno.

O cristão não deve viver como se não existissem espíritos malignos e feiticeiros, mas viver com a convicção de que o mal e suas potestades foram derrotados. A alegria do cristão está na soberania de Deus sobre todas as coisas, inclusive sobre as forças do mal. As Escrituras ensinam que em Cristo os cristãos são vitoriosos sobre qualquer tipo de feitiçaria (1Jo 4:4; 5:4).

Samuel Waje Kunhiyop

predissem sua morte na batalha que estava prestes a acontecer (28:19). Embora tenha falado a verdade, isso não é prova de que os demônios sejam capazes de falar a verdade com vista a produzir propósitos bons; falam a verdade visando maus propósitos. Essa sentença deixou Saul totalmente aturdido (28:20), temeroso e aflito. O espírito não trouxe palavras de conforto e misericórdia, nem sugeriu que ainda havia tempo para Saul se arrepender.

Ele saiu da batalha alimentado fisicamente, mas esvaaziado de força espiritual (28:21-25).

### 29:1-11 Os filisteus rejeitam Davi

O exército dos filisteus mobilizou-se para guerrear contra Israel. Davi, contudo, estava com seus homens na retaguarda (29:1-2), ainda aguardando que o Senhor o livrasse daquela situação na qual sua falta de fé o havia colocado.

Os comandantes do exército filisteu não gostaram da presença de Davi e seus homens e perguntaram a Aquis: *Estes hebreus, que fazem aqui?* (29:3a). Aquis defendeu Davi, comentou a rixa que havia entre este e Saul e o fato de Davi estar morando quase um ano em território filisteu. Mas Aquis não conhecia as verdadeiras intenções de Davi e o fato de que sua lealdade ainda pertencia a Israel.

Aqui testemunhou a favor de Davi: *Coisa nenhuma achei contra ele* (29:3b). Os cristãos deveriam receber louvores semelhantes a este, mas não devido a mentiras e engodos como no caso de Davi! Méritos obtidos por meios duvidosos não são aceitáveis diante do Senhor.

Esses outros comandantes não confiavam em Davi tanto quanto Aquis, de modo que insistiram para Davi voltar a Ziclague (29:4-5). Não estavam dispostos a confiar num ex-inimigo, pois sabiam que o sangue fala mais alto e os laços familiares não são desfeitos tão facilmente. Além do mais, Davi poderia ser um espião ou sabotador e revelar os pontos fracos dos filisteus para os israelitas. Eles também se lembraram das canções que deram início aos problemas de Davi (18:7).

Deus usou os comandantes filisteus para livrar Davi daquela situação difícil. Aquis obedeceu à ordem de seus comandantes e dispensou Davi da batalha (29:6-7). Davi fingiu mágoa pela recusa de seus serviços militares e perguntou se havia feito algo errado (29:8). Aquis reafirmou sua confiança e respeito por Davi, dizendo: *Aos meus olhos és bom como um anjo de Deus* (29:9). Mesmo conhecendo a Davi superficialmente, Aquis percebeu nele algo da graça divina. Será que os incrédulos podem dizer o mesmo de nós? Será que nos vemos como anjos ou como pessoas a serem evitadas? Mesmo diante de situações difíceis, Davi sempre procurou manter sua integridade. Nesse episódio, procurou não abalar a confiança que o rei de Gate depositava nele.

Na madrugada seguinte, Davi obedeceu e retirou-se (29:10-11). Deus sabia que Davi arruinaria sua reputação diante dos israelitas se tivesse participado da batalha. Por-

tanto, interveio em favor de Davi e livrou-o de mais um grave erro que teria causado enorme prejuízo à sua imagem.

### 30:1-31 Davi e os amalequitas

#### 30:1-6 O ataque dos amalequitas

Davi e seus homens provavelmente retornaram aliviados e alegres durante os três dias de viagem para Ziclague (30:1a). Entretanto, a preocupação começou a aumentar conforme se eles aproximaram da aldeia, pois havia cheiro de queimado e algumas casas destruídas nos arredores. E então o grupo viu a aldeia totalmente destruída pelos amalequitas. Desesperados, começaram a procurar pelos corpos, mas não acharam nenhum. E também não havia mais ninguém na cidade. O que teria acontecido? Teriam sido mortos em algum outro lugar? Talvez levados como escravos? Ninguém sabia de nada, e então eles começaram a chorar incontrolavelmente ao perceber a realidade da situação (30:1b-4).

Os amalequitas eram antigos inimigos de Israel e sempre atacavam quando o povo de Deus estava desprevenido. Saul deveria ter acabado com eles (15:2-9), mas parece ter feito um trabalho incompleto, quer por desobediência (como no caso de Agague), quer pela dispersão dos amalequitas em vários territórios.

Os ataques de Davi contribuíram para enfurecer ainda mais os amalequitas (27:8), de modo que Ziclague se tornou alvo tão logo a cidade ficou desprotegida quando Davi marchou com seus homens para juntar-se ao exército filisteu. Nesse episódio, contudo, os amalequitas atacaram tanto acampamentos filisteus como israelitas, sabendo que ambos os lados se preparavam para o combate (30:14).

Todos aqueles que saem para travar batalhas espirituais e conquistar almas para Deus devem estar cientes da necessidade de cuidar da segurança de sua própria casa. Quantas vezes a negligência a esse aspecto levou esposas e filhos de servos de Deus a cair em tentação? O inimigo não ataca somente pela frente, mas também por trás, tentando interromper o apoio que recebemos dos que lutam conosco na retaguarda.

Esse episódio dá a impressão de que Davi e seus guerreiros deixaram de apreciar a graça de Deus e buscar orientação divina, de modo que o Senhor pode ter permitido tal ataque para chamar a atenção de Davi sobre isso. Ou talvez o objetivo fosse fazer Davi retornar caso insistisse em participar da batalha com Aquis. Além disso, esse ataque faria com que Davi estivesse plenamente ocupado com os amalequitas enquanto os filisteus lutavam contra Saul. Dessa forma, Davi não teria condições de participar da batalha, nem de ser repreendido por causa disso. Aqui temos outro exemplo de como “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28).

Conforme um provérbio africano: “Não há nada que Deus permita em nossa vida sem deixar espaço para a gratidão”. Deus não permitiu que os amalequitas matassem

as mulheres ou as crianças (30:2) ou destruíssem os pertences (30:19). É como se tudo estivesse sendo guardado por uma mão invisível.

Davi e seus soldados, porém, não sabiam disso e choraram até não terem mais forças. Então os soldados, abalados emocionalmente, quiseram apedrejar Davi, mesmo sabendo que ele também havia perdido suas esposas (30:6a). Quantas vezes nos desesperamos e deixamos de buscar a providência de Deus!

Davi não ficou com raiva de seus homens, nem se pôs a relatar tudo o que havia feito por eles no passado. Antes, aceitou a responsabilidade pela tragédia e *se reanimou no SENHOR, seu Deus* (30:6b), lançando sobre ele toda a sua angústia (Sl 121:1-2).

Em tempos difíceis, os líderes precisam aprender a buscar encorajamento pessoal na presença de Deus. Chorar a perda com nossos subordinados não é suficiente; precisamos consolá-los com o consolo que recebemos de Deus (2Co 1:4).

Davi deve ter lembrado as promessas e a fidelidade de Deus no passado, conforme escreveu em seu salmo (Sl 42:5; 103:1-5). Então, enxugando as lágrimas, procurou orientação de Deus. Conforme outro provérbio africano: “Enquanto chora, o líder deve andar de olhos abertos para ver a estrada”.

### 30:7-19 *A perseguição aos amalequitas*

Davi chamou Abiatar para ajudá-lo a discernir a vontade de Deus (30:7-8a). Nesse momento, era preciso saber claramente o que fazer: perseguir os amalequitas ou esperar que Deus resolvesse tudo do jeito dele? Para nós parece óbvio o que Davi deveria fazer. Contudo, ele sabia que era importante ouvir ao Senhor. Muitas vezes presumimos conhecer a vontade de Deus e lhe dizemos o que fazer, em vez de ouvirmos o que o Senhor tem a dizer. Ao contrário do que sugere nossa impaciência moderna, não era perda de tempo ouvir ao Senhor. Prestar atenção às orientações de Deus nos poupa o processo de tentativa e erro em situações de confronto, quer na família, quer na igreja. Davi decidiu não agir sem antes ouvir o que Deus tinha a dizer; e Deus respondeu bondosamente. Aqui temos um tremendo contraste com Saul, que também buscou a Deus, mas não obteve resposta (28:6). Davi também pecou, mas o Senhor sabia que seu servo se arrependeria e voltaria para Deus.

O Senhor instruiu Davi a perseguir os amalequitas (30:8b). Portanto, ainda não era hora de aguardar passivamente Deus agir, mas de empenhar-se numa caçada extenuante. Devemos estar dispostos a buscar o reavivamento e trazer de volta aqueles que se desviaram da fé — incluindo nós mesmos. Como Davi, podemos agir confiantes, sabendo que nossa caçada não será em vão, pois Deus nos prometeu a vitória (Rm 14:11).

Davi e seus seiscientos homens partiram imediatamente, ainda cansados dos três dias de viagem, e correram tão

rápido que duzentos homens desmaiaram de exaustão às margens do ribeiro de Besor. Davi, contudo, não perdeu o ânimo por causa disso; deixou aqueles homens descansando e continuou a perseguição com o restante (30:9-10). Também não devemos perder a coragem quando nossos colaboradores se cansam.

Davi não sabia exatamente para onde iam os amalequitas, de modo que deve ter dado graças a Deus quando encontrou um escravo egípcio abandonado por seu senhor para morrer de fome, pois estava doente (30:11,13). Típico de Satanás: ninguém recebe dele o bem como pagamento! Davi poderia tê-lo matado ou deixado que morresse de fome, porém demonstrou compaixão e deu-lhe comida e água de que tanto precisava (30:12). Não é de admirar, portanto, que o egípcio tenha ajudado Davi a encontrar os amalequitas (30:15-16a).

Este episódio nos faz lembrar que, apesar das grandes coisas que desejamos fazer para Deus, não devemos esquecer as coisas pequenas e as pessoas aparentemente sem importância. Deus tem lugar para elas em seus planos, e nosso sucesso pode depender dessa colaboração.

No acampamento dos amalequitas, percebe-se o gritante contraste entre a tristeza de Davi e a alegria dos inimigos (30:16b). O inimigo comemora todas as ocasiões em que o povo de Deus é prejudicado. Isso inclui não apenas dano material, mas a perda dos princípios de justiça e santidade quando se prega a prosperidade, a ganância e a inveja, e também quando os cristãos se casam com incrédulos e ministros seduzem e são seduzidos por membros da igreja.

Os amalequitas estavam tão arrebatados comemorando a vitória, que relaxaram a guarda do acampamento. O Senhor produziu esse amortecimento nos amalequitas de forma que Davi e seus homens pudessem lançar um ataque repentino. Como sempre acontece com aqueles que vivem longe do reino de Deus, a alegria durou pouco.

Os grupos entraram em combate *desde o crepúsculo vespertino até à tarde do dia seguinte* (30:17), e todo o grupo inimigo foi destruído, exceto quatrocentos homens que escaparam montados em camelos. No entanto, escaparam apenas com a vida, pois deixaram para trás todos os bens e prisioneiros que haviam capturado, inclusive as duas esposas de Davi (30:18-19). Deus pode restituir muito mais que imaginamos (Sl 60:12).

### 30:20-31 *Repartindo os espólios*

Como ocorre na maioria das batalhas, os vitoriosos conquistaram grande quantidade de espólios (30:20a). Entretanto, os bens materiais podem arruinar a vida das pessoas, como aconteceu com Saul (15:9-11), Balaão (Nm 22), Acã (Js 7), Geazi (2Rs 5) e Judas Iscariotes (Mt 26:14-15). Desde aquela época até hoje, muitos homens têm prejudicado a obra de Deus em função do desejo por bens materiais.

A frase *Este é o despojo de Davi* (30:20b) mostra quão facilmente presumimos que os bens conquistados nos per-

tencem. Afinal, trabalhamos duro e por muito tempo para possuí-los, possivelmente arriscando a própria vida, como fez Davi. Mas entregar todo o espólio ao líder é ignorar a contribuição de todos os colaboradores. O líder de um reativamento pode receber notoriedade e ganhar presentes e até carros e casas, como se tivesse batalhado sozinho por aquilo. Entretanto, todo líder tem uma equipe administrativa que o auxilia. Embora estes talvez não sejam capazes de lutar, podem carregar água para refrescar o líder exausto.

Os guerreiros queriam entregar todo o espólio a Davi, presumindo que este o dividiria com eles. Até então, era só alegria. Contudo, a história começou a mudar quando chegou o momento de repartir os bens. Como observamos com frequência, o dinheiro revela o caráter das pessoas. Aqueles homens eram parceiros até o momento em que se passou a falar em dinheiro. Então logo se percebeu que havia *maus e filhos de Belial, dentre os homens que tinham ido com Davi (30:22a)*. Estes não queriam dividir os espólios com aqueles que não haviam conseguido acompanhar o grupo (30:21).

Será que não agimos da mesma maneira quando discutimos questões financeiras? Será que estamos destruindo a unidade da igreja em benefício próprio? Será que olhamos com desprezo e demérito aqueles a quem Deus concedeu dons e tarefas menos apreciados que os nossos? A “sobrevivência do mais forte” não tem lugar no reino de Deus. Paulo nos lembra: “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1Co 4:7). Aqueles que batalham e perseveram o fazem somente porque Deus lhes fortalece.

Esses encenqueiros sugeriram que havia pessoas que não mereciam recompensa; sobre estes, disseram: *Cada um [...] leve sua mulher e seus filhos e se vá embora (30:22b)*. Ou seja, rejeitaram um terço do exército de Davi, como se não houvesse mais batalhas pela frente. Fizeram pouco caso do treinamento e dos serviços prestados por aqueles homens, além de desmerecer os dons que Deus lhes havia concedido, como se fosse coisa sem importância diante da glória que atribuíram a si mesmos.

Quão longe iríamos para eliminar aqueles que competem conosco por recompensas e honra? Será que fazemos planos secretos para mantê-los nos bastidores? Criamos armadilhas para seduzi-los ao pecado? Incentivamos nossos colaboradores a maquiarem nossas falhas e cantar louvores às nossas conquistas, deixando os outros de lado? Será que insistimos permanecer em posição de destaque em todos os encontros? Precisamos lembrar que Deus está construindo sua igreja, e não impérios, para nós. O Senhor busca aqueles que estão dispostos a trabalhar lado a lado, como companheiros, enquanto proclamam a glória de Deus às nações.

Davi estava ciente da necessidade de trabalho cooperativo, de modo que respondeu: *Não fareis assim, irmãos meus*

(30:23a). Apesar de ser o comandante do grupo, Davi não utilizou chavões de hierarquia como “meus filhos”, “meus meninos” etc., mas os chamou de irmãos. Essa atitude exemplifica o ensino de Jesus sobre questões de cargos e hierarquias na igreja (Mt 23:8-12). Os apóstolos também aplicaram esse ensino, de forma que nas epístolas os vemos chamando de irmãos seus companheiros de fé. Em termos humanos, reconhecemos a autoridade de nossos pais terrenos, mas, em termos espirituais, nosso pai é Deus, e todos nós somos irmãos. Até mesmo Cristo nos chamou de irmãos (Jo 20:17). Não fomos chamados para fazer discípulos nossos, mas treinar nossos irmãos e irmãs para serem discípulos de Cristo.

A atitude de Davi, *Não fareis assim (30:23b)*, baseava-se em sua própria experiência, pois ele mesmo precisou dominar o desejo de obter riquezas. Caso tivesse acumulado riquezas para si, seus homens não teriam respeitado sua decisão. O mesmo se aplica a nós: se quisermos que nossos colaboradores vivam de forma simples e com sacrifício, o mínimo que devemos fazer é viver dessa maneira. Se quisermos que as pessoas prestem serviços em áreas pobres e recebendo salários baixos, devemos estar dispostos a fazer o mesmo. Se quisermos que as pessoas sejam honestas quanto aos gastos com o dinheiro da igreja, os ministros não devem cobrar hospedagens de hotel quando na verdade estiveram hospedados na casa de algum amigo. Nesse sentido, ninguém podia apontar inconsistência entre a liderança de Davi e sua vida pessoal, de tal modo que *foi isso estabelecido por estatuto e direito em Israel (30:25)*.

A atitude de Davi quanto ao espólio está bem resumida na frase *com o que nos deu o SENHOR (30:23c)*. Ou seja, aquilo que o Senhor concede a “nós” pertence a todo o grupo, e não apenas a “mim”. Davi também sabia que foi o Senhor quem os capacitou a conquistar aqueles bens. Sendo assim, o espólio representava um presente, e não pagamento. Devemos demonstrar a mesma atitude com relação a honras, doações, dedicação de outras pessoas e qualquer outro tipo de espólio. Tudo deve ser compartilhado para o benefício da igreja.

Davi também sabia que Deus *guardou e entregou às nossas mãos o bando que contra nós vinha (30:23d)*. Novamente, Davi vê as coisas do ponto de vista coletivo, e não individual, reconhecendo que a vitória, e até mesmo a vida deles, eram dádivas de Deus. Sem a proteção divina, alguns certamente teriam morrido na batalha. Alguns cristãos imaginam em seu íntimo que deveriam receber maior recompensa porque oraram mais que outros. Entretanto, esquecem que foi a graça de Deus que os motivou a orar. Além disso, essas orações não teriam sido atendidas se Deus tivesse decidido em contrário.

Ao dar glórias a Deus, Davi agiu diferente de Saul, que mandou tocar trombetas e erigiu monumentos em sua própria honra para celebrar uma vitória incompleta sobre os amalequitas (13:3; 15:12). Davi serve de exemplo àqueles

a quem Deus capacita para realizar façanhas (cf. tb. At 3:12-16).

Como a vitória era presente de Deus, o espólio deveria ser compartilhado igualmente entre todo o grupo (30:24). Isso se tornou lei em Israel (30:25) e deveria ser o princípio pelo qual vivemos. Cada um de nós deveria juntar e receber apenas aquilo que satisfaz nossas necessidades (Êx 16:16-18; At 2:44-45; 4:34-35; 2Co 8:13-15).

A generosidade pessoal de Davi ficou evidente quando os homens retornaram a Ziclague, pois ele enviou porções do espólio aos anciãos de Judá, amigos seus que nem mesmo participaram da batalha, dizendo: *Eis para vós outros um presente do despojo dos inimigos do SENHOR (30:26-30)*. É possível que suas intenções visassem, em parte, ser bem visto pelos anciãos, porém sua atitude mostra que não guardou toda a riqueza para si. Davi havia demonstrado gratidão àqueles que o ajudaram enquanto se escondia no deserto de Judá, antes de fugir para território filisteu (30:31).

### 31:1-13 O trágico destino de Saul e seus filhos

Saul partiu abalado depois da visita à médium de En-Dor (28:20), porém ainda deveria liderar seu povo na batalha. O resultado era previsível (31:1): os israelitas sucumbiram ao ataque dos filisteus, e muitos morreram no monte Gilboa.

A intenção dos filisteus era destruir a liderança de Israel. O inimigo sempre soube que, se ferisse o pastor, as ovelhas ficariam dispersas (Mt 26:31). Portanto, o alvo principal era Saul e seus filhos, de modo que *mataram Jônatas, Abinadabe e Malquisua (31:2)*. Mas ainda não era hora de comemorar, pois faltava Saul, que acabou sendo avistado pelos flecheiros filisteus (31:3). Percebendo que a morte se aproximava, Saul implorou ao seu escudeiro que o matasse, pois não deseja ser torturado pelo inimigo (31:4a). Seu escudeiro, contudo, recusou-se tocar no ungido do Senhor, talvez influenciado pelas palavras de Davi em 24:10 ou 26:23. Desesperado, Saul atirou-se contra a própria espada e suicidou-se (31:4b). Às portas da morte, Saul temia mais o inimigo que o julgamento do Senhor. Não há evidências de que Saul se tenha arrependido de seus pecados antes de morrer.

Seu escudeiro também se suicidou (31:5). O líder não morre sozinho, mas leva muitos seguidores com ele. Jônatas morreu simplesmente porque lutava ao lado do pai, assim como seus irmãos e muitos outros israelitas (31:6). Os líderes da igreja que se afastaram de Deus devem estremecer diante da ideia de conduzirem seguidores inocentes ao perigo.

Como resultado, *os homens de Israel que estavam deste lado do vale e daquém do Jordão entregaram suas cidades aos filisteus (31:7)* e perderam território que havia sido conquistado arduamente sob a liderança de Josué e dos juízes. A queda de um líder sempre faz a obra de Deus re-

troceder, pois com isso o inimigo recupera espaço. Serão necessárias novas batalhas a fim de reconquistar aquele espaço para o Senhor.

Saul nem chegou a receber um enterro decente; os filisteus o encontraram, cortaram sua cabeça e tiraram sua armadura. Esta última enviaram para um templo idólatra (assim como Davi enviou a espada de Golias para o templo em Nobe) e celebraram a vitória como derrota do Deus de Israel (31:9-10; cf. tb. 21:8-9). Quanto ao corpo, penduram-no no muro em Bete-Seã, uma das maiores cidades dos filisteus. Que maneira horrível de tratar um rei!

O primeiro ato de Saul como rei foi socorrer a cidade de Jabes-Gileade (11:1-11). Eles ainda se lembravam disso e decidiram não permitir que o corpo do rei fosse insultado daquela maneira, de modo que empreenderam uma arriscada missão noturna para resgatar o corpo de Saul e de seus filhos pendurados no muro de Bete-Seã (31:11-12). Depois disso, queimaram os cadáveres e enterraram os ossos (31:13a).

Quando Samuel morreu, a nação inteira compareceu ao seu funeral (25:1), provavelmente lamentando o fato durante trinta dias, como aconteceu com Moisés e Josué. Entretanto, apenas uma cidade chorou a morte de Saul e seus filhos, lamentando por um período de sete dias (31:13b). Final trágico para uma vida trágica e desperdiçada. Saul colheu o que plantou.

Com tudo isso, Deus preparava o caminho para a ascensão de Davi ao trono, e sem que Davi tivesse participação no destino de Saul. Davi, entretanto, não se apressou em tomar posse; ainda aguardaria o momento oportuno de acordo com os propósitos de Deus. Estava exilado quando recebeu a notícia da morte de Saul, e não ficou contente. Ele e todo seu grupo lamentaram sinceramente a morte de Saul e seus filhos e de todos aqueles que pereceram na batalha. Davi demonstrou como amar o inimigo, amor que Cristo viria a ensinar mais tarde (Mt 5:43-48).

### 2Sm 1:1—4:12 A disputa pela sucessão de Saul

A primeira seção de 2Samuel narra os acontecimentos após a morte de Saul, registrada em 1Samuel 31, incluindo a morte de Abner, chefe da guarda da família de Saul (3:27), e o assassinato de Isbosete, filho de Saul (4:7). Ao relatar os acontecimentos que levaram Davi ao trono (começando em 1Sm 16), o autor ou autores do livro de Samuel procura(m) mostrar que Davi nunca tencionou usurpar o trono e não foi responsável pela morte de Saul, direta ou indiretamente. Pelo contrário, Davi condenou o mensageiro que lhe informou a morte de Saul (1:15).

A primeira seção de 2Samuel trata especificamente da legítima reivindicação de Davi ao trono de Israel, e não da sucessão dos descendentes de Saul. É interessante observar que os livros de 1 e 2Crônicas não registram a disputa pela sucessão ao trono após a morte de Saul. Uma explicação plausível para isso se refere ao fato de Crônicas ter sido

escrito após o retorno do exílio na Babilônia, um período histórico delicado no qual o autor ou autores preferiu(ram) não salientar as discórdias do passado, mas fomentar a unidade do povo de Israel.

### 1:1-16 Davi recebe a notícia da morte de Saul

O livro de 2Samuel continua a história da morte de Saul, porém agora do ponto de vista de Davi. O primeiro livro de Samuel termina com o relato da morte de Saul na batalha contra os filisteus, onde a família real foi praticamente destruída: “Morreu, pois, Saul, e seus três filhos, e o seu escudeiro, e também todos os seus homens foram mortos naquele dia com ele” (1Sm 31:6).

Davi poderia ter participado dessa destruição, porém os filisteus não permitiram que ele lutasse contra seu próprio povo (1Sm 29:4-5) e ordenaram que voltasse a Ziclague (1Sm 29:10), onde posteriormente ele recebeu notícias da morte de Saul. Ironicamente, Davi acabara de chegar de uma batalha contra um grupo de amalequitas que haviam pilhado Ziclague em sua ausência e capturado suas duas esposas (1:1; 1Sm 30).

A princípio, Davi não se mostrou disposto a acreditar na morte de Saul (1:4) e pediu confirmação: *Como sabes tu que Saul e Jônatas, seu filho, são mortos?* (1:5). Davi julgou importante saber se o trono estava realmente desocupado antes de reivindicar seus direitos como rei.

Os detalhes da morte de Saul são controversos. De acordo com 1Samuel 31:4, Saul se atirou sobre a própria espada quando seu escudeiro se recusou a matá-lo. Aqui, contudo, o mensageiro amalequita afirma ter matado o rei de Israel (1:6-10a). É possível que estivesse distorcendo os fatos de modo a receber alguma recompensa. Assim como fizeram os amalequitas no episódio narrado em 1Samuel 30, este mensageiro furtou os emblemas reais de Saul (1:10b) e os entregou a Davi.

Os homens provavelmente ficaram observando a reação de Davi à notícia da morte de seu inimigo, mas ele reagiu de modo apropriado, lamentando a morte do ungido de Deus (1:11-12). Davi sempre aceitou a unção de Saul, pois recusou-se tirar a vida do rei (1Sm 24:7; 26:23-25).

Davi e seus homens também lamentaram a morte de Jônatas, legítimo herdeiro do trono (1:12). O mensageiro, imaginando trazer boas notícias ao novo rei, acabou sendo morto porque não temeu matar o ungido do SENHOR (1:13-16).

A reação de Davi é um exemplo para todos os que desejam comemorar a morte de um inimigo. Davi sofreu com a perseguição de Saul, tendo inclusive de refugiar-se entre os filisteus para escapar. Mesmo assim, não se alegrou com a morte de seu inimigo; pelo contrário, compôs um hino funerário honrando o falecido.

Na África, a morte é frequentemente considerada uma oportunidade de reconciliação entre indivíduos. Muitas culturas possuem provérbios declarando que a morte põe fim a contendas e acalma sentimentos e desavenças. Às vezes,

irmãos e irmãs que não se falavam acabam reconciliando-se por ocasião da morte dos pais.

### 1:17-27 Davi lamenta a morte de Saul e Jônatas

O hino funerário composto por Davi após a morte de Saul e seu filho Jônatas é um de seus primeiros poemas conhecidos. Esse tipo de lamentação é familiar na África, onde existem canções específicas para o caso de morte da família. Nessas ocasiões, a família geralmente convida um coral ou instala um aparelho de som com músicas religiosas.

Alguns comentaristas, contudo, negam que o poema tenha sido composto por Davi, argumentando que o estilo da composição é típico de um período posterior. É certo, entretanto, que Davi e seus homens entoaram lamentações por Saul (1:17) e que algum resquício desse lamento pode muito bem ter sido incorporado à antologia conhecida como “Livro dos Justos”, sob o título “Hino ao Arco” (1:18; cf. tb. Js 10:13).

Esse lamento expressa o pesar de Davi pela morte do primeiro rei de Israel e do príncipe Jônatas, e também a derrota de Israel pelos filisteus. O refrão do hino expressa profunda tristeza pelo sofrimento de Israel: *Como caíram os valentes!* (1:19,25,27).

Embora os capítulos finais de 1Samuel relatem o aumento da hostilidade de Saul com respeito a Davi, a canção não faz nenhuma menção negativa quanto às atitudes do antigo rei. Pelo contrário, Davi o louva como guerreiro notável. Essa prática é comum em muitas culturas, nas quais geralmente as pessoas esquecem o mal que o morto cometeu e lembram apenas as coisas boas.

Davi não considerou a morte de Saul a morte apenas de um indivíduo, mas a humilhação dos circuncisos israelitas diante dos incircuncisos filisteus. O sofrimento seria ainda maior se os filisteus se regozijassem publicamente com a vitória, da mesma forma que as mulheres de Israel se alegraram com a vitória de Davi sobre o gigante Goliás (1Sm 18:7). A fim de evitar essa tragédia adicional, Davi pede ao povo que *não o noticiem em Gate, nem o publiquem nas ruas de Asquelom* (cidade dos filisteus), *para que não se alegrem as filhas dos filisteus* (1:20). Davi inclusive amaldiçoa o monte Gilboa, testemunha da morte de Saul (1:21).

Embora o hino homenageie Saul e Jônatas (1:22), nos versículos finais Davi menciona a admirável amizade de Jônatas, ao ponto de exclamar: *Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres* (1:26). Davi pode estar referindo-se ao amor de uma mulher por seu marido, ou ao amor de uma mãe por seu filho.

O fato de Deus não ser mencionado no poema pode dar ao leitor a errônea impressão de que Saul morreu por causa da superioridade do exército filisteu. Longe disso. Na verdade, quando Davi poupou a vida de Saul pela segunda vez, percebeu que o próprio Senhor é quem o mataria: “Tão certo como vive o SENHOR, este o ferirá, ou o seu dia chegará em que morra, ou em que, descendo à batalha, seja morto”

(1Sm 26:10). O relato da última batalha de Saul contra os filisteus em 1Crônicas 10:14 afirma claramente que foi Deus quem o matou.

A reação de Davi diante da morte de seu inimigo deveria fazer-nos refletir sobre nossas próprias atitudes. Assim como os filisteus, algumas pessoas se alegram e até mesmo procuram lucrar com as guerras civis que devastam o continente africano. Contudo, a reação correta é lamentar, como fez Davi. Assim como os *filhos de Judá* (1:18), precisamos chorar pelos “valentes” que caíram, incluindo crianças inocentes que poderiam ter desfrutado uma vida plena e cuja morte é uma tragédia não apenas para os pais que as amavam, mas para toda a humanidade.

A lamentação de Davi marca o fim do governo do primeiro rei de Israel. Davi chorou por algum tempo (1:12), compôs um hino de lamentação (1:17-27) e então retomou a vida normal, pois a morte de Saul não era o fim. Na África, onde a morte causa efeitos devastadores, muitas vezes age-se como se tudo tivesse acabado. Longos períodos de pranto (às vezes excedendo 40 dias) podem resultar em perda de negócios, rebanhos dizimados e economias destruídas. Assim como Davi, precisamos retomar a vida, apesar da tristeza, e cumprir nossas obrigações.

A morte de Saul também marcou o começo de uma nova era na história de Israel, abrindo caminho para a ascensão gradual de Davi ao trono. Contudo, ainda restava um obstáculo: Isbosete, filho de Saul.

### 2:1-4a Davi é ungido rei de Judá

Apesar de tudo, Saul construiu uma união delicada entre as tribos de Israel. Mas após sua morte essa união desapareceu. A ascensão de Davi ao trono ocorreu em duas etapas: inicialmente ele foi ungido rei de Judá e depois se tornou rei de todo o Israel.

Ao contrário de Saul, que no início agiu algumas vezes sem consultar o Senhor, Davi sempre buscava a orientação de Deus, e aqui o vemos perguntando ao Senhor para onde ir agora (2:1a). Não sabemos detalhes sobre como ele recebeu essa orientação, mas provavelmente deve ter sido por meio do Urim e Tumim, pedras da sorte guardadas na estola sacerdotal que Abiatar levava consigo (1Sm 23:6). Conforme a posição, as pedras indicavam se resposta do Senhor era “sim” ou “não”.

Buscar a vontade de Deus em todas as circunstâncias é recomendação da palavra de Deus. Infelizmente, hoje vemos pessoas na África buscando a vontade de Deus por meio de práticas questionáveis. Muitos se autoproclamam “profetas”, gente especializada em determinar a vontade de Deus para qualquer área da vida. Há muitas histórias de lares destruídos por essas pessoas, pois afirmando ter recebido revelações da vontade de Deus elas levaram homens e mulheres a se divorciar de seus cônjuges a fim de casar com outra pessoa casada! Alguns desses falsos profetas fingem falar em línguas e despejam ladainhas incompreen-

síveis alegando que são orientações de Deus. É claro que Deus pode falar diretamente conosco por meio do Espírito (At 8:26; 9:10-16; 10:1-6; 13:1-3; 16:6-10; 18:9-10; 1Co 12:8). Contudo, precisamos lembrar que a Bíblia expressa a vontade de Deus de modo explícito. Qualquer profecia que contrarie as Escrituras, portanto, provém de Satanás.

Deus orientou Davi a mudar para Hebrom (2:1b) e ele então partiu com seus homens (2:2-3). Essa mudança significou que Davi se separou de Aquis, comandante filisteu que lhe permitiu morar em Ziclague em troca de seus serviços (1Sm 27). A cidade de Hebrom era um local adequado, pois estava situada cerca de trinta quilômetros ao sudoeste de Jerusalém, bem no coração do território de Judá. Além disso, estava associada aos patriarcas (Gn 13:18; 23:19; 35:27; 37:14) e pertencia ao território entregue a Calebe quando Israel entrou na posse da terra.

Os anciãos de Hebrom provavelmente ficaram contentes com a chegada de Davi, uma vez que este havia enviado presentes conquistados em lutas contra os inimigos do Senhor (1Sm 30:26-31). Foi nessa cidade que Davi recebeu sua segunda unção, desta vez em público (2:4a; 1Sm 16:13). Entretanto, Davi se tornou rei apenas de Judá, pois as tribos do Norte ainda permaneciam fiéis à família de Saul.

No relato dessa mesma cerimônia em 1Crônicas 11:1-3, o texto registra que Davi foi ungido rei sobre todo o Israel, e não apenas de Judá. O autor de Crônicas, portanto, juntou essa unção com aquela registrada mais adiante em 5:3, uma vez que sua intenção era enfatizar a união do povo de Deus, assunto importantíssimo naquela ocasião em que os israelitas acabavam de chegar do exílio.

### 2:4b-7 A mensagem de Davi aos moradores de Jabes-Gileade

Davi reinava apenas em Judá, mas para tornar-se rei de todo Israel precisava ganhar a simpatia dos colaboradores de Saul. Portanto, enviou uma mensagem aos *homens de Jabes-Gileade* [...] *que sepultaram Saul* (2:4b; cf. 1 Sm 31:11-13). Os moradores dessa cidade foram muito gentis ao enterrar Saul e Jônatas; naquele tempo as pessoas consideravam muito importante sepultar os mortos de maneira decente (2:5).

Receber um enterro honroso ainda é algo valioso para muitas famílias africanas hoje. Contudo, essa prática pode criar problemas. Algumas famílias hesitam gastar dinheiro com médicos ou remédios a fim de auxiliar um familiar doente, mas gastam fortunas em funerais pomposos a fim de resguardar a reputação da família: providenciam caixões caríssimos, carros funerários luxuosos, flores, e assim por diante. A igreja precisa ensinar que é muito mais importante amar as pessoas enquanto estão vivas.

É possível que o livramento do ataque dos amonitas tenha motivado os moradores de Jabes-Gileade a honrar Saul (1Sm 11:1-11). Embora elogiável, essa atitude de lealdade também poderia ser interpretada como rejeição ao novo



rei escolhido pelo povo de Judá. Não querendo recorrer à violência, Davi os lembrou, gentilmente, de que o antigo governante estava morto e, portanto, deveriam recebê-lo como novo rei (2:7). Para isso, pediu lealdade e prometeu agir segundo a mesma *misericórdia e fidelidade* que Saul havia demonstrado para com eles (2:6). Davi, contudo, estava ciente de que seu direito ao trono seria contestado pelos filhos sobreviventes de Saul e Jônatas.

Mesmo sabendo que Deus o havia escolhido para reinar em Israel, Davi mostrou sabedoria ao buscar apoio dos colaboradores de Saul. Esse exemplo de boa política deve inspirar cristãos a perceber que a vontade de Deus não descarta o uso de sabedoria humana e diplomacia. É raro Deus agir milagrosamente a fim de cumprir seus propósitos. Antes, concede-nos a capacidade e a inteligência necessárias ao cumprimento de seus objetivos. Portanto, não devemos ficar sentados aguardando passivamente que o Senhor faça tudo por nós. Antes, devemos agir.

### 2:8-11 Isbosete é proclamado rei de Israel

A frágil união das tribos desintegrou-se imediatamente após a morte de Saul. Enquanto Davi era coroado rei pelo povo de Judá, Abner, primo de Saul e *capitão do exército de Saul* (2:8), fez de Isbosete rei de Israel (2:9). Isbosete reinou durante dois anos sobre as tribos do Norte a partir da cidade de Maanaim, situada ao noroeste de Hebrom, no lado leste do rio Jordão (Hebrom ficava do lado oeste do rio). Abner pode ter escolhido Maanaim porque a cidade se situava bem distante dos filisteus e, portanto, longe de ameaça inimiga.

A coroação de Isbosete, entretanto, foi bastante diferente do coroamento de Davi. Enquanto toda a casa de Judá escolheu Davi, Isbosete foi empossado unicamente por Abner, conforme se pode perceber claramente nas atitudes de Abner: *tomou a Isbosete [...] e o fez passar a Maanaim* (2:8). Embora Abner tenha entregado um vasto território para Isbosete reinar (2:9), o verdadeiro poder estava nas mãos de Abner; Isbosete era apenas um fantoche.

O relato diz que Davi reinou *sete anos e seis meses* (2:11) em Hebrom, ao passo que Isbosete governou apenas *dois anos* em Israel, iniciando seu reinado aos quarenta anos de idade (2:10). A diferença de quatro anos e meio provavelmente se refere ao período em que Abner governou antes de colocar Isbosete no trono.

Davi não forçou o rumo dos acontecimentos, mas aguardou com paciência, pois estava ciente da promessa de Deus de que seria rei sobre todo o Israel. Comunidades cristãs divididas podem aprender com o exemplo de Davi. A impaciência do “quero tudo, e quero agora” tem causado discórdia nas igrejas e está na contramão do ensinamento bíblico sobre o fruto do Espírito (Gl 5:22). A impaciência também é bastante comum entre os políticos africanos.

A coroação desse rei fantoche, além de ocasionar uma guerra civil, prenunciou a divisão que ocorreria entre Judá e Israel após a morte de Salomão.

### 2:12—3:1a Guerra civil entre Davi e a casa de Saul

Um dos episódios mais tristes da história do povo de Israel foi a guerra civil. A crescente rivalidade entre Judá e Israel culminou em conflito armado entre os grupos, cada um fiel ao seu rei. Tudo começou quando Abner levou seu exército para Gibeão, cidade situada a cerca de metade do caminho entre Maanaim e Hebrom, porém localizada no lado oeste do Jordão, que pertencia à tribo de Judá (2:12). Joabe, general de Davi, partiu com o exército para encontrar-se com Abner *perto do açude de Gibeão* (2:13).

Abner sugeriu a Joabe que empreendessem uma luta representativa com doze homens de cada lado, vinte e quatro no total, a fim de evitar maiores baixas de ambos os lados (2:14). Esse sistema foi utilizado na luta entre Davi e Golias (1Sm 17), mas dessa vez a estratégia não funcionou, pois todos morreram, não restando alternativa senão a guerra entre os dois exércitos (2:15-17).

Embora Davi tenha saído vitorioso, a guerra não resolveu a questão do reino dividido. Contudo, produziu ao menos uma consequência duradoura: Asael, um dos irmãos de Joabe, perseguiu Abner com tanta determinação que obrigou o comandante inimigo, com muita relutância, a matá-lo (2:18-23). Esse episódio causou tamanha animosidade entre Joabe e Abner que seus efeitos repercutiram até o final do reinado de Davi.

Asael morreu porque recusou seguir o conselho de Abner, guerreiro mais experiente (2:14,21-22). O destino de Asael nos ensina a reconhecer nossos limites e a procurar engajarnos em atividades para as quais estamos qualificados.

Enfurecidos, Joabe e Abisai perseguiram Abner em busca de vingança (2:24-25) e só interromperam a caçada ao anoitecer, quando Abner encontrou um lugar propício para se defender e perguntou: *Consumirá a espada para sempre? Não sabes que serão amargas as suas consequências? Até quando te demorarás em ordenar ao povo que deixe de perseguir a seus irmãos?* (2:26). Palavras surpreendentes durante uma guerra, mas comoveram e lembraram às partes que todos eram membros da mesma família. Joabe, refletindo sobre a sabedoria de Abner, interrompeu a perseguição (2:27-29).

As palavras de Abner deveriam ser ouvidas por todos os africanos sedentos de guerra. O fim de um conflito, ainda que por meio de um cessar-fogo, sempre deixa um gosto amargo. Precisamos lembrar que somos todos irmãos e irmãs.

Davi ganhou a batalha e perdeu apenas vinte homens (2:30); Abner, porém, perdeu 360 (2:31). Entretanto, a vitória não resolveu a questão e ocasionou muitas batalhas subsequentes, conforme lemos: *Durou muito tempo a guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi* (3:1a).

### 3:1b-5 Os filhos de Davi em Hebrom

Esta nota biográfica sobre a família de Davi lembra uma passagem semelhante sobre Saul em 1Samuel 14:49-51 e mostra o fortalecimento da casa de Davi em Hebrom

(3:1b). No AT, o crescimento da família sempre representava sinal da bênção de Deus (Sl 127:3-5), e muitos dos filhos de Davi nessa passagem — Amnom, Absalão e Adonias — tiveram participação importante no rumo dos acontecimentos.

O comentário sobre o aumento da família de Davi nos lembra que na África muitos casamentos são desfeitos quanto o casal não consegue ter filhos. Não devemos minimizar o problema da esterilidade com fórmulas do tipo: “Se você não tem filhos naturais, tenha filhos espirituais”. Como servos de Deus, precisamos ajudar os casais estéreis, tanto pela oração constante como encaminhando-os a tratamento médico (moderno ou tradicional). É terrível ver pastores na África aproveitando-se de casais nessa situação, insinuando serem os únicos capazes de ajudar e oferecendo-se para orar e jejuar, geralmente com vistas a receber alguma recompensa financeira.

### 3:6-39 A história de Abner

O restante do capítulo descreve a mudança repentina na situação quando Abner abandona Isbosete e se oferece para apoiar Davi. Infelizmente, Abner acabou assassinado ao final.

A deserção de Abner exemplifica a deslealdade política que observamos com frequência na África, onde alianças mudam constantemente, muitas vezes com resultados desastrosos. Geralmente os interesses pessoais são a principal causa de mudanças na política. Contudo, os eventos aqui descritos, que parecem basear-se exclusivamente em rivalidades e ambições humanas, foram usados por Deus para realizar sua vontade e unir todo o povo de Israel sob o comando de Davi (cf. Rm 8:28).

#### 3:6-21 A deserção de Abner

Abner estava ciente de seu poder no comando das tribos do Norte (3:6), de modo que tomou para si Rispa, uma das concubinas do rei Saul. Na Antiguidade, esse ato era interpretado como aspiração ao trono, como observamos na resposta de Salomão à sua mãe quando esta lhe pede para deixar uma das concubinas de Davi casar-se com Adonias, irmão de Davi: “Por que pedes Abisague, a sunamita, para Adonias? Pede também para ele o reino” (1Rs 2:22). Não surpreende, portanto, que Isbosete tenha confrontado Abner (3:7). No entanto, do ponto de vista de Abner, a questão era pouco importante se comparada ao privilégio que ele concedeu a Isbosete ao colocá-lo no trono de seu pai (3:8). Em resposta ao que considerou ingratidão da parte de Isbosete, Abner mudou de lado e prometeu: *Assim faça Deus segundo lhe parecer a Abner, se, como jurou o SENHOR a Davi, não fizer eu, transferindo o reino da casa de Saul e estabelecendo o trono de Davi sobre Israel e sobre Judá* (3:9-10). Isbosete tinha razão para temer Abner (3:11).

Na África, ter relações sexuais com uma mulher casada não significa apenas relacionamento ilícito, mas uma forma

astuciosa de controlar seu marido. Não surpreende, portanto, que a relação sexual exerça tamanha influência na política. Essa questão pode determinar o futuro não apenas do indivíduo, mas de toda uma nação, pois vemos pessoas sendo nomeadas para certos cargos apenas em função de seus dotes sexuais, e decisões políticas sendo tomadas com base na maneira como contribuem para a realização de desejos sexuais. No caso de Abner e Isbosete, o resultado da intriga foi favorável a Davi. Porém, esse tipo de acordo também pode ter efeitos bastante negativos.

Depois de abandonar Isbosete, Abner decidiu provar que falava sério e enviou mensageiros a Davi, dizendo: *Faze comigo aliança, e eu te ajudarei em fazer passar-te a ti todo o Israel* (3:12). Logo se iniciou uma rodada de negociações entre os dois reinos, e Davi aceitou a proposta de Abner, mas com a condição de que Mical, sua esposa e filha de Saul, fosse devolvida (3:13-14; cf. 1Sm 25:44). Na carta enviada a Isbosete, Davi menciona o dote pago com o objetivo de enfatizar seu direito como marido, direito esse que ainda estava em vigor porque o dote não havia sido devolvido (1Sm 18:27). Essa exigência representa uma jogada política calculada, pois seu matrimônio com uma das filhas de Saul atrairia apoio da tribo de Benjamim e comprovaria sua reivindicação ao trono.

Mical foi retirada à força de seu segundo marido (causando-lhe enorme tristeza) e enviada a Davi (3:15-16). Abner passou a realizar audiências com *os anciãos de Israel*, lembrando-os de que no passado também desejaram *que Davi reinasse sobre vós* (3:17). Abner salientou seu argumento lembrando-os também da promessa de Deus a Davi: *Por intermédio de Davi, meu servo, livrarei o meu povo das mãos dos filisteus e das mãos de todos os seus inimigos* (3:18). Ou seja, Abner considerou o direito de Davi ao trono como mandamento de Deus.

O discurso de Abner aos anciãos das tribos do Norte é semelhante àquele que Deus entregou a Samuel com relação a Saul em 1Samuel 9:16. Davi, portanto, é o substituto legítimo de Saul.

Político astuto, Abner também conversou pessoalmente com os benjamitas (3:19). Após obter o consentimento de todos os anciãos do Norte, saiu com vinte homens e foi encontrar-se com Davi em Hebrom. Davi, diplomático como sempre, preparou uma comemoração especial em homenagem a Abner e seus homens (3:20).

#### 3:22-39 O assassinato de Abner

Infelizmente, Abner não viveu para desfrutar o resultado de suas negociações, pois foi assassinado por Joabe, comandante do exército de Davi (3:24-27). Joabe tinha dois motivos para eliminar Abner. Primeiro, vingar-se da morte de seu irmão Asael, morto por Abner (3:30; 2:18-23); e segundo, provavelmente, para eliminar um rival poderoso: guerreiro mais experiente, Abner poderia facilmente substituir Joabe no comando do exército de Davi.

Assim como na morte de Saul, o autor toma as dores de Davi para indicar que este não foi responsável pela morte de Abner. Três vezes relata que Davi despediu Abner em paz (3:21-23) e esclarece que o rei não sabia da perseguição de Joabe (3:26), vindo a tomar conhecimento do assassinato somente algum tempo depois.

Ao saber do ocorrido, Davi tratou imediatamente de provar que não estava envolvido de forma alguma com o assassinato de Abner (3:28). Preparou um enterro oficial para Abner e ordenou a Joabe, o assassino, e a todo seu exército: *Rasgai as vossas vestes, cingi-vos de panos de saco e ide pranteando diante de Abner (3:31-32)*. O próprio rei entou hinos de lamentação por Abner, exatamente como fez com Saul e Jônatas, dizendo que Abner não morrerá como herói de guerra, mas *como se fora um perverso [...] como os que caem diante dos filhos da maldade!* (3:33-34), e jejuou naquele dia (3:35).

Essa cerimônia oficial demonstrou que Davi era inocente da morte de Abner (3:37). As tribos do Norte rejeitariam o tratado caso acreditassem que Davi havia tramado o assassinato. O povo entendeu a mensagem do rei e aprovou seu comportamento (3:36). A partir daqui, o autor passa a chamar Davi de *rei Davi* (3:31) ou simplesmente *rei* (3:37).

A história de Abner lembra a organização feudal existente entre os diversos grupos políticos na África, onde um enfurece ao outro e ambos passam a utilizar quaisquer meios para eliminar o rival. Foi exatamente isso o que Joabe fez quando matou Abner, comandante que Davi havia reconhecido como *um príncipe e um grande homem* (3:38), alguém cuja sabedoria provavelmente teria excedido a de Joabe.

Davi amaldiçoou a casa de Joabe por este crime (3:29,39b), porém não o puniu de imediato, provavelmente porque ainda estava politicamente fraco (3:39a). Muitos anos depois, contudo, Davi instruiu seu filho Salomão a punir Joabe (1Rs 2:5-6,28-35). Conforme disse Jesus: “Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (Mt 26:52).

#### 4:1-12 A morte de Isbosete, último filho de Saul

Isbosete era o último obstáculo que existia entre Davi e seu reinado sobre todo o Israel. A morte de Abner amedrontou Isbosete e todo o Israel (4:1). O poder de Isbosete enfraqueceu tanto pela morte de Abner, seu protetor, como pelo apoio que os anciãos das tribos do Norte prestaram a Davi por meio das negociações de Abner.

Isbosete foi assassinado e decapitado por dois de seus próprios capitães (4:2,5-7), que levaram a cabeça para Davi em Hebrom (4:8a). Não sabemos o que os motivou a tanto, porém suas palavras não deixam dúvidas de que eles buscavam alguma recompensa (assim como o amalequita que matou Saul) (4:8b). Mas Davi os recompensou da mesma forma que ao amalequita (4:10), isto é, condenou-os à morte, ordenando que seus pés e mãos fossem cortados e seus cadáveres fossem expostos publicamente junto ao

açude de Hebrom (4:9-12). Diplomático como sempre, Davi ordenou que a cabeça de Isbosete fosse adequadamente enterrada na sepultura de Abner (4:12).

Dessa maneira, isentou-se de qualquer responsabilidade pela morte de Saul, Abner e Isbosete; suas mãos estavam limpas de sangue inocente.

Mefibosete, mencionado de passagem neste capítulo, e único filho sobrevivente de Jônatas, ainda permanecia vivo e com direito a reivindicar o trono (4:4). Entretanto, era manco desde a infância e, por isso, não estava apto a assumir responsabilidades oficiais. Sendo assim, e sem outros reclamantes, o trono finalmente tornou-se disponível a Davi, e teve início uma nova linhagem real.

A ascensão de Davi revela a brutalidade envolvida na disputa pelo poder, quase sempre implicando intrigas, assassinatos e alianças desfeitas. Políticos que se dizem cristãos na África devem agir como sal e luz na política (Mt 5:13-16). A igreja também deve orar por todos aqueles que exercem poder político, para que vivam de modo tranquilo e manso, com toda a piedade e o respeito (1Tm 2:1-2).

#### 5:1—8:18 Davi, rei de todo Israel

A partir de 2Samuel 5, a história corre paralela aos registros a partir de 1Crônicas 11. Esta seção começa com a coroação de Davi sobre todo Israel e termina com a consolidação de sua administração. O reino, que começou vacilante sob o comando de Saul, agora começa a amadurecer sob o comando de Davi. Ao mesmo tempo, percebemos mudanças em Davi, que até então esperou pacientemente o momento certo de ascender ao trono. Agora, porém, o vemos como político disposto a tudo para estabilizar e garantir seu reinado. No centro dessa seção encontra-se a promessa de Deus, entregue por meio de Natã, afirmando que o reinado de Davi se tornará uma dinastia (7:1-17). Esta promessa pode ser considerada um dos acontecimentos mais importantes de toda a história de Israel.

Surpreendentemente, estes quatro capítulos são os únicos que, de fato, descrevem o reino de Davi. Considerando todos os problemas enfrentados para ascender ao trono, seria de esperar um relato muito mais detalhado de suas ações como rei. Em vez disso, a partir do capítulo 8 lemos o relato de uma longa disputa por sua sucessão.

#### 5:1-5 Davi proclamado rei sobre Israel

Os versículos 1-5 concluem o extenso relato da ascensão de Davi ao trono. Após a morte dos líderes anteriores (Saul, Jônatas, Abner e Isbosete), a nação passou a perceber claramente sua fraqueza e a necessidade de um líder corajoso para protegê-los. Consequentemente, os anciãos de todas as tribos vieram a Davi em Hebrom e apresentaram três razões para aclamá-lo rei. Primeiro, todos os israelitas, tanto ao norte quanto ao sul, faziam parte *do mesmo povo* (5:1). Segundo, Davi demonstrou destreza militar durante o reinado de Saul, qualificação importante para os reis

daquela época (5:2a). Terceiro, Deus havia prometido a Davi: *Apascentarás o meu povo de Israel e serás chefe sobre Israel* (5:2b). Essa metáfora provavelmente fez Davi recordar sua juventude cuidando das ovelhas de seu pai (1Sm 16:11), experiência que ele imortalizou no salmo 23. Ela funciona de modo arrebatador porque ensina sobre o cuidado com o reino, inferindo que o verdadeiro rei não é autoritário, opressivo ou aproveitador, como os reis perversos descritos em 1Samuel 8:10-18 (cf. tb. Ez 34:23-24).

Sete anos e seis meses depois da morte de Saul, Israel e Judá finalmente uniram-se sob o reinado de Davi (5:5). Não havia, contudo, um vínculo verdadeiro entre as tribos do Norte e do Sul; antes, pareciam dois estados independentes aliados sob o comando de um rei comum. Essa aliança seria desfeita após a morte de Salomão. Davi, contudo, trabalhou arduamente para criar uma união duradoura por meio do estabelecimento de uma capital neutra (5:6-10), um santuário nacional (6:1-19) e uma dinastia (7:1-17).

Davi tinha trinta anos quando foi ungido em Hebrom (5:3b), a mesma idade em que os levitas iniciavam o serviço na tenda da congregação. Essa idade, portanto, era considerada aquela em que o indivíduo alcançava maturidade suficiente para qualificá-lo a assumir responsabilidades maiores (Nm 4:3).

A vida de Davi sempre se baseou em duas obrigações essenciais: teologia e política. Deus o havia escolhido como rei, mas suas qualidades humanas também eram condizentes com sua função. Nos dias de hoje Deus continua agindo de modo semelhante com aqueles que são chamados para a liderança espiritual, concedendo habilidades e capacidade para que desempenhem as responsabilidades que lhes foram entregues.

As tribos do Norte se comportaram de forma admirável: reconheceram as qualidades de Davi e não quiseram prolongar a guerra civil desnecessariamente. Ainda que Davi não pertencesse a nenhuma tribo do Norte, elas reconheceram sua capacidade de governar e protegê-los contra os inimigos.

É importante perceber que as tribos de Israel não concederam a Davi poder ilimitado. Antes, fizeram uma *aliança* com Davi, pedindo que ele pastoreasse o povo (5:3a). Os termos do tratado não são fornecidos, mas presumivelmente devem ter sido estipuladas obrigações para ambas as partes. A existência dessa aliança explica a atitude dos anciãos do Norte quando fizeram exigências a Roboão, filho de Salomão. Ainda que as tribos do Norte confiassem em Davi, sabiam que era importante definir aquilo que chamamos hoje de “regras do jogo”.

Podemos aprender com essa experiência, pois hoje ocorrem muitos problemas na liderança das comunidades cristãs devido à falta de clareza na descrição das responsabilidades. Pastores não recebem instruções definidas sobre como ministrar em suas comunidades; diáconos nem sempre estão cientes da expectativa da comunidade sobre

seus serviços; cristãos são batizados sem conhecer suas responsabilidades como membros da igreja local.

A metáfora de pastor de ovelhas é frequentemente apresentada como modelo aos ministros da igreja. Contudo, nem sempre funciona: em muitas regiões na África, os rebanhos de ovelhas e cabras devem arranjar-se sozinhos para encontrar comida, água e proteção. A responsabilidade do pastor, nesse caso, limita-se a abater um ou outro para seu próprio sustento. Portanto, quando dizemos a um ministro de igreja que seu ofício implica “pastorear”, ele não tem um ponto de referência concreto ao qual associar seu trabalho, de modo que a metáfora fracassa em comunicar esse conceito.

### 5:6-10 Davi captura Jerusalém

O primeiro ato de Davi como rei foi partir *para Jerusalém, contra os jebuseus que habitavam naquela terra* (5:6a). Jerusalém se situava na fronteira entre Judá (tribo de Davi) e Benjamim (tribo de Saul), de modo que Davi tinha melhores condições de controlar as duas tribos que o coroaram. Além disso, a cidade não pertencia a nenhuma das tribos, servindo portanto de território político neutro. A escolha desse local representa evidência adicional da percepção de Davi quanto à fragilidade da aliança selada em Hebrom e seu esforço em consolidá-la.

Jerusalém ocupava uma posição estratégica fortemente guarnecida, o que explica por que a cidade ficou tanto tempo nas mãos dos jebuseus e a chacota destes dizendo que até mesmo os aleijados de Jerusalém podiam defender-se de Davi (5:6b). Não obstante, a cidade foi capturada pelo *rei com os seus homens*. Esses homens provavelmente eram os mesmos que estavam com Davi quando ele era um fugitivo, e portanto não houve objeções quando ele dominou a cidade e chamou-a de Cidade de Davi, pois havia sido capturada na batalha (5:7,9). Esse nome também indicava que nenhuma das tribos poderia reivindicar a nova capital para si.

A preocupação de Davi com a unidade de seu novo reino sugere que a união é um tipo de riqueza que requer esforço e manutenção. O exemplo de Davi deveria inspirar todos aqueles que trabalham pela união de suas igrejas e comunidades, ou mesmo pela união do país.

Esta seção encerra confirmando que o reinado de Davi era parte do plano de Deus: *Ja Davi crescendo em poder cada vez mais, porque o SENHOR, Deus dos Exércitos, era com ele* (5:10).

### 5:11-12 Os mensageiros de Hirão, rei de Tiro

Davi também passou a desfrutar reconhecimento internacional ao receber em sua nova capital embaixadores de Hirão, rei de Tiro. O porto da cidade de Tiro era famoso por seu comércio abundante e pelo suprimento de madeira de cedro para construção. Hirão enviou a Davi o material e a mão-de-obra necessária para construir um palácio (5:11). Davi reconheceu a mão de Deus em todos esses acontecimentos (5:12).

Embora o texto não traga detalhes adicionais dessa aliança de Davi com um rei pagão, sabemos que este tipo de aliança geralmente levava o rei à tentação de sentir-se autossuficiente e de adorar deuses estrangeiros (Dt 17:17; Is 2:6-8).

Aqui, a riqueza é reconhecida como sinal da bênção de Deus. Entretanto, pregadores do evangelho da prosperidade fazem mau uso de versículos bíblicos como este. É verdade que Deus, por amor, abençoa seu povo com riquezas materiais, mas é preciso diferenciar a salvação em Jesus Cristo da prosperidade material, pois uma coisa não implica a outra. O evangelho da prosperidade tem causado efeitos destrutivos no continente africano; em vez de transformar a vida das pessoas para melhor, elas passam a se contentar em orar e jejuar enquanto aguardam que Deus as abençoe com riquezas. Deus abençoa seus filhos com o trabalho que estes realizam, e não com ociosidade!

### 5:13-16 Os filhos de Davi em Jerusalém

Em 3:2-5, o texto informa que Davi teve várias esposas e filhos em Hebrom. Depois de se tornar rei de Israel, seu harém aumentou ainda mais: ele não apenas adquiriu mais esposas, como também várias concubinas (5:13). Alguns desses casamentos provavelmente ocorreram por razões diplomáticas, com vistas a selar alianças entre países. Não sabemos o nome dessas outras esposas; e, dos onze filhos mencionados em 5:14, somente Salomão teve notoriedade. Contudo, seu filho Natã mencionado aqui provavelmente foi um dos ancestrais de Cristo listados em Lucas 3:31.

Alguns líderes políticos africanos também possuem concubinas; em alguns círculos, elas são chamadas de “segundas damas”, sendo a “primeira dama” a esposa legítima. Muitas vezes é mais dispendioso manter uma segunda esposa que a esposa legítima, o que leva o líder a meter a mão nos cofres públicos.

### 5:17-25 Davi derrota os filisteus

Os filisteus eram inimigos tradicionais de Israel e foram responsáveis pela morte do rei Saul. Davi foi vassalo dos filisteus, mas estes não acreditavam que essa situação permaneceria por muito tempo depois que Davi assumisse o comando de Israel. Portanto, decidiram atacar primeiro (5:17).

O vale dos Refains, onde o exército filisteu acampou em duas ocasiões distintas, ficava no território de Benjamim (5:18,22). Quem sabe eles tenham escolhido esse local na esperança de se aproveitarem de ressentimentos pendentes entre Davi e alguns membros da tribo de Saul.

Davi consultou o Senhor duas vezes para saber como atacar os filisteus (5:19,23) e derrotou-os utilizando as táticas fornecidas por Deus (5:20-21,22-25). Davi foi bem-sucedido onde Saul fracassou porque agiu em perfeita obediência aos planos de Deus. As duas vitórias foram decisivas

e a partir de então os filisteus deixaram de ser uma ameaça séria contra Israel.

Geralmente Deus não age da mesma maneira, como nesse caso em que forneceu a Davi duas estratégias diferentes, ambas vitoriosas. Temos a tendência de enxergar Deus através de fórmulas, imaginando que ele sempre agirá da mesma forma. Mas as intervenções de Deus são mais parecidas com recomendações médicas: ainda que dois pacientes demonstrem sintomas semelhantes, não necessariamente devem receber exatamente o mesmo tratamento; cada paciente deve ser diagnosticado e tratado separadamente. Não podemos insistir para que Deus faça a outro exatamente a mesma coisa que fez por nós.

### 6:1-23 A arca da aliança é levada para Jerusalém

Tendo estabelecido os alicerces da união nacional ao fundar uma nova capital, Davi prosseguiu na consolidação de seu reino ao estabelecer um santuário nacional, reconhecendo que a religião também é um elemento de união. Consequentemente, decidiu trazer a arca da aliança para Jerusalém. Essa transferência aconteceu em dois estágios: um malsucedido (6:1-11) e outro que obteve êxito (6:12-19).

A arca da aliança não pertencia a apenas uma das tribos, mas a todo o povo como símbolo da união nacional, já que os acompanhava desde a peregrinação no deserto e lembrava aos israelitas que eram todos descendentes de Jacó. A arca era o símbolo visível e supremo da presença de Deus entre seu povo.

Os filisteus haviam capturado a arca muitos anos antes (1Sm 4:10-11), mas a devolveram a Israel, quando ficou guardada na casa de Abinadabe, em Quiriate-Jearim (1Sm 6:1—7:1), e permaneceu quase esquecida durante o reinado de Saul. A vitória de Davi sobre os filisteus permitiu transportá-la em segurança, livre de ataques dos inimigos.

#### 6:1-11 A primeira tentativa

A primeira tentativa de trazer a arca para Jerusalém tomou ares de operação militar com Davi e trinta mil de seus melhores homens marchando para Baalá de Judá (Quiriate-Jearim) a fim de *levarem de lá para cima a arca de Deus* (6:1-2). O texto não explica o motivo para reunir tantos homens, mas talvez fosse uma forma de precaução contra a interferência dos filisteus. O número também indica que Davi possuía dez vezes mais homens que Saul quando reinava (1Sm 13:2; 24:2; 26:2). O autor pode ter escolhido enfatizar esse número com vistas a confirmar a grandeza de Davi sobre Saul, conforme a perspectiva expressa na canção das mulheres: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares” (1Sm 18:7).

Entretanto, apesar das precauções, incluindo um *carro novo* para transportar a arca (6:3a), e a despeito da alegria que acompanhava a cerimônia (6:5), a primeira tentativa de transferir a arca para Jerusalém terminou em tragédia com a morte de Uzá, um dos homens que guiavam o carro

(6:3b-4). Durante o trajeto, enquanto *Davi e toda a casa de Israel alegravam-se perante o SENHOR* (6:5), os bois tropeçaram e *estendeu Uzá a mão à arca de Deus e a segurou* (6:6). O Senhor se irou com a *irreverência* de Uzá (6:7) e o matou; Uzá sofreu o mesmo castigo que os homens de Bete-Semes quando “olharam para dentro da arca do SENHOR” (1Sm 6:19).

Não é possível saber com certeza o que Uzá fez de errado, mas, de acordo com o historiador judeu Josefo, a interpretação popular da época dizia que Uzá não era um sacerdote e, portanto, não estava autorizado a tocar na arca da aliança. Além disso, de acordo com o autor do livro de Crônicas, essa tentativa falhou porque não havia levitas presentes (1Cr 15:2), visto que estes eram os únicos autorizados a transportar a arca, e mesmo assim nem eles podiam tocá-la diretamente (Nm 4:15).

Davi ficou zangado e ao mesmo temeroso com o episódio, e decidiu interromper o transporte da arca para Jerusalém (6:9) e levá-la para a casa de Obede-Edom, o geteu, onde ela permaneceu três meses (6:10-11). Comentaristas têm afirmado frequentemente que Obede-Edom era um descendente de filisteus, pois o termo “geteu” indica que morava em Gate. Contudo, havia vários locais conhecidos como Gate, e nem todos ficavam em território filisteu. É bastante possível que Obede-Edom fosse israelita.

#### 6:12-19 A segunda tentativa

Davi soube que Deus estava abençoando a família de Obede-Edom por causa da arca (6:12). Essa notícia provavelmente lhe deu coragem para empreender mais uma tentativa de levá-la para Jerusalém. Desta vez, contudo, em vez de ser transportada num carro de boi, a arca foi conduzida de acordo com as prescrições estabelecidas em Números (Nm 4:15; 7:9). Além disso, depois que os levitas deram seis passos, Davi sacrificou *bois e carneiros cevados* (6:13), e, *com todo o Israel, fez subir a arca do SENHOR, com júbilo e ao som de trombetas* (6:14-15). O que inicialmente fora planejado como desfile militar transformou-se em procissão religiosa.

Mas havia uma nota dissonante naquele clima de alegria: Mical, filha de Saul, ficou enojada com o comportamento de Davi e desprezou-o *em seu coração* (6:16).

A arca foi colocada na tenda que Davi construía para a ocasião (6:17), e sua presença uniu Israel e Judá em adoração na nova capital. O fato de a arca ter chegado sem novos infortúnios foi considerado expressão do consentimento de Deus em fazer desta cidade seu novo lar. Nesse sentido, compreende-se a alegria de Davi no final da cerimônia ao distribuir comida e abençoar todos os participantes (6:18-19). Com a chegada da arca da aliança, Jerusalém tornou-se não apenas capital política, mas também centro religioso de todo o Israel.

Ao transportar a arca para Jerusalém, Davi demonstrou coragem para realizar mudanças religiosas quando a mudança estava de acordo com a vontade de Deus. Há uma

lição para os cristãos aqui: embora o evangelho da morte e ressurreição de Jesus Cristo permaneça inalterado, é possível encontrar maneiras de comunicar e aplicar a mensagem em diferentes contextos e circunstâncias.

Precisamos lembrar também que a presença de Deus não deve ser considerada com leviandade: causou a morte de Uzá, mas abençoou a família de Obede-Edom.

#### 6:20-23 Mical despreza Davi

A procissão religiosa também deu a Davi oportunidade de reafirmar a legitimidade de seu reinado. A reação de Mical representou um desentendimento não apenas pessoal, mas também político, e refletiu o conflito entre a casa de Saul e a casa de Davi. Mical agiu como seu pai, e talvez por esse motivo tenha sido chamada de *filha de Saul*, e não de esposa de Davi (6:20a). Mical acreditava que um rei deveria ser forte e respeitado; por isso, ficou enojada quando viu Davi dançando como se fosse um *vadio qualquer* (6:20b). Filha de um rei, Mical pode ter imaginado que conferia alguma legitimidade ao reinado de Davi e, com isso, pensou possuir o direito de dizer ao novo rei como se comportar. Davi, entretanto, lembrou-a de que seu *status* de rei não tinha nada que ver com a família dela, mas com Deus, *que me escolheu a mim antes do que a teu pai e a toda a sua casa* (6:21).

A frase sobre a esterilidade de Mical refere-se ao final da dinastia de Saul (6:23). Uma vez que os irmãos de Jônatas, incluindo Isbosete, estavam mortos, a única esperança da linhagem de Saul sobreviver seria através de Mical; no entanto, ela morreu sem gerar filhos.

A dança de Davi também não deve ser utilizada como argumento para validar qualquer tipo de dança na igreja. Adorar através da dança tem-se tornado algo cada vez mais importante em comunidades cristãs na África. Alguns cristãos, contudo, têm imitado estilos de danças populares que às vezes implicam exposição inadequada de partes do corpo. Embora a Bíblia não forneça nenhum modelo específico de dança para a igreja, os líderes das comunidades cristãs devem evitar danças indecentes.

A captura de Jerusalém, a construção do palácio de Davi e a transferência da arca da aliança para Jerusalém foram acontecimentos que culminaram na construção do templo e na promessa de uma dinastia.

#### 7:1-17 A promessa de uma dinastia eterna

O capítulo 7 trata dos planos de Davi para construir um lar permanente para a arca da aliança, porém o elemento mais importante é, sem dúvida, a profecia de Natã afirmando que a dinastia de Davi será eterna. Esta profecia talvez seja o ponto culminante da história de Israel narrada nos livros que os judeus chamam de profetas anteriores (Js a 2Rs), e marca o ponto culminante do reinado de Davi. Além disso, prenuncia a composição do NT, onde Jesus é apresentado como descendente de Davi e perpetuador de sua dinastia (Lc 1:32).

O conteúdo desse capítulo assemelha-se bastante à narrativa em 1Crônicas 17.

### 7:1-4 *Davi deseja construir um templo*

Tão logo os filisteus foram derrotados e se encerrou o tumulto em torno da ascensão de Davi ao trono, Davi passou a tratar de um assunto que só poderia ser empreendido em tempos de paz: a construção de um templo. Ficou incomodado com a discrepância entre seu palácio de cedros e a humilde habitação onde repousava a arca de Deus (7:1-2). Para ele, a situação deveria ser o contrário, pois Deus merece muito mais honra que o rei. Contudo, estava ciente de que não poderia empreender o projeto sem aprovação do Senhor. Sendo assim, buscou orientação espiritual com Natã e este respondeu: *O SENHOR é contigo* (7:3). Contudo, naquela mesma noite Deus falou com Natã (provavelmente através de visão ou sonho) e deteve o projeto de Davi (7:4).

### 7:5-17 *A declaração profética de Natã*

A profecia de Natã pode ser dividida em três partes: rejeição à proposta de Davi (7:5-7); lembrança do passado de Davi e sua ascensão ao trono (7:8-11a); e promessa de uma dinastia eterna (7:11b). A profecia também respondeu ao questionamento dos estudiosos da história de Israel: porque Deus escolheu Salomão para construir o templo, e não Davi, o grande rei de Israel?

Embora a princípio Deus pareça rejeitar o projeto de Davi, o foco da mensagem não está no projeto em si, mas em Davi. A pergunta retórica em 7:5 poderia ser traduzida como: “Será você aquele que construirá uma casa para eu morar?”. Deus lembrou a Davi que sempre se contentou em acompanhar o povo em tenda, em tabernáculo (7:6), e nunca pediu a ninguém que lhe construísse um templo permanente (7:7).

O Senhor deteve os planos de Davi lembrando-o das circunstâncias de sua ascensão ao trono. Davi desejava fazer algo grandioso para Deus, mas por meio de Deus já havia realizado algo grandioso: de jovem pastor de ovelhas, Deus o colocara como rei sobre todo o Israel (7:8). O Senhor também lembrou a Davi que ele havia removido todos os inimigos (Saul, Abner, Isbosete, os filisteus), concedendo-lhe a paz que agora desfrutava (7:9). Em vez de Davi exaltar a Deus, Deus é quem estava exaltando Davi! Mas o propósito de Deus não era abençoar apenas Davi, mas toda a nação (7:10-11a).

Em vez de construir um templo para Deus, o Senhor é que *fará casa* para Davi (7:11b). No hebraico, a palavra “casa” tem muitos significados: pode referir-se tanto a uma habitação física como também a uma família; nesse caso, a uma família real, dinastia de Davi. Essa promessa ecoará através de toda a Bíblia até culminar em Jesus, nascido da descendência de Davi.

Deus também esclareceu que não seria Davi quem construiria o templo, mas a tarefa seria entregue a um de seus filhos (7:12-13a), ao qual Deus fez várias promessas: seu

trono seria estabelecido para sempre (7:13b), ele seria filho de Deus (7:14) e, mais importante, Deus nunca retiraria dele sua bênção, mesmo em caso de desobediência (ao contrário do que aconteceu com Saul) (7:14-15). Saul perdeu o trono e o favor de Deus, porém Davi e seus descendentes não perderiam essas bênçãos, pois Deus fez uma promessa solene: *Porém a tua casa* [isto é, a sua família] *e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre* (7:16). O relato paralelo em 1Crônicas 17:14 é dado de forma diferente, embora ali o foco não esteja na casa de Davi, mas “na minha casa” (isto é, a casa de Deus: o templo) e “no meu reino”.

É impressionante observar que Deus sinalizou essa promessa de dinastia eterna já em 1Samuel 25:28 por meio da súplica de Abigail.

A escolha de Davi e seus descendentes marca um ponto decisivo na vida espiritual do povo de Deus, pois a partir daqui o futuro do povo de Deus passou a estar intimamente ligado à família de seu escolhido. Aqui está a explicação para as tribos do Norte que se separaram de Judá serem consideradas apóstatas, ainda que representassem a maioria dos israelitas. Ao se separarem e rejeitarem a dinastia de Davi, as tribos do Norte recusaram submeter-se à vontade de Deus.

### 7:18-29 *A oração de gratidão de Davi*

A promessa de uma dinastia eterna ao trono de Israel levou Davi a derramar seu coração diante de Deus. Sua oração expressa gratidão e um pedido, porém Davi não volta a mencionar o assunto do templo, pois entendeu a mensagem perfeitamente. Em vez de reclamar sobre planos frustrados, Davi aceitou prontamente a revelação e concentrou-se totalmente em seus sucessores.

Na primeira parte (7:18-21), Davi exalta o Senhor pela graça demonstrada no presente e reconhece com humildade que não é digno da generosidade divina: *Quem sou eu, SENHOR Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui?* (7:18). A oração não denota falsa humildade com a intenção de bajular, pois Davi estava bastante ciente de que nem ele nem seus descendentes possuíam direito ao trono. Em termos de mérito, Davi deveria ter permanecido como pastor de ovelhas. Contudo, Deus não apenas lhe concedeu graciosamente um trono, como também prometeu uma dinastia eterna (7:19)! Davi salientou sua posição de humildade ao referir-se várias vezes a si mesmo como *servo*, termo repetido dez vezes na oração.

Na segunda parte da oração (7:22-24), Davi abandona o assunto de sua própria família e passa a considerar a generosidade com que Deus tratou o povo de Israel no passado. Ao utilizar os pronomes no plural, por exemplo, *segundo tudo o que nós mesmos temos ouvido* (7:22b), Davi parece convidar todo o povo a exaltar a Deus enquanto recita os acontecimentos da fuga do Egito (7:23), recordando que o Deus de Israel é incomparável: *Não há outro Deus além de ti* (7:22a).



Em **7:24**, o destino do povo de Israel está implicitamente ligado à dinastia de Davi. Deus estabeleceu Israel como seu próprio povo para sempre, da mesma forma que estabeleceu o trono de Davi para sempre.

Após mencionar o presente e o passado, Davi inicia a terceira parte de sua oração falando sobre o futuro de sua dinastia (7:25-29). Embora maravilhado com a promessa, Davi não teve medo de pedir que o Senhor a confirmasse: *quanto a esta palavra que disseste [...] confirma-a para sempre*, de modo que o nome do Senhor fosse *para sempre engrandecido* (7:25-26). Davi leva adiante a promessa da dinastia tanto quanto sua imaginação permite: *Sê, pois, agora, servido de abençoar a casa do teu servo, a fim de permanecer para sempre diante de ti* (7:29).

A coragem de Davi nessa oração mostra sua intimidade com Deus (7:27). Ele creu na promessa sem hesitar e inclusive lembrou a Deus que era sua “obrigação” fazer o que prometeu. Como cristãos, precisamos lembrar que Deus é pai amoroso, isto é, podemos aproximar-nos dele sem medo e abrir nosso coração.

Contudo, ainda que peçamos confirmação das promessas de Deus, como fez Davi, também é importante lembrar que Deus é soberano em suas decisões. Apesar da promessa, a dinastia terrena de Davi foi interrompida por algum tempo durante a destruição de Jerusalém e as deportações seguintes. Isso não significa que Deus deixou de cumprir sua promessa; antes, mostra que os descendentes de Davi não foram fiéis à aliança. Somente em Jesus Cristo, descendente de Davi, a promessa foi definitivamente cumprida.

### 8:1-18 Davi consolida seu reino

O capítulo 8 narra a história da consolidação do reino de Israel. Externamente, Davi promoveu guerras; internamente, implementou um sistema administrativo.

#### 8:1-14 Guerras e vitórias de Davi

Davi empreendeu guerras a fim de derrotar reinos vizinhos e expandir o território de Israel. Os primeiros a cair foram os filisteus e sua metrópole Metegue-Amá (NVI, RC) (8:1). Esse nome significa “as rédeas da mãe”, sugerindo um simbolismo para o papel de liderança daquela cidade. Depois disso, Davi não teve mais problemas com os filisteus (a menção aos filisteus em 2Samuel 28 se refere a um período anterior ao estabelecimento de Davi como rei).

Davi também derrotou os moabitas (8:2), o rei de Zobá (8:3-4,7-8), os arameus (8:5-6) e os edomitas (8:13b-14). A vitória sobre os arameus é contada com pouco mais de detalhes que as outras, talvez por causa da quantidade de despojos capturados. Esses espólios de guerra, juntamente com outras riquezas capturadas, podem ter constituído parte dos tesouros do templo, pois Davi dedicava esses objetos ao Senhor (8:11-12).

Davi se tornou famoso por meio dessas conquistas militares (8:9,13a), de modo que Toí, rei de Hamate, inimigo de

Hadadezer, rei de Zobá, enviou a Davi seu filho Jorão com presentes de ouro, prata e bronze a fim de parabenizá-lo pela vitória (8:9-10).

As guerras de Davi eram as guerras de Deus, pois o *SENHOR dava vitórias a Davi, por onde quer que ia* (8:6,14).

#### 8:15-18 A administração de Davi

Todo reino quer paz e crescimento econômico (embora esses ideais não passem de sonhos caso não venham acompanhados de justiça e retidão, os verdadeiros elementos que exaltam uma nação — Pv 14:34). A fim de conquistá-los, uma nação precisa de administração competente. Davi, portanto, passou a implementar um sistema administrativo e a nomear homens qualificados para assumir tarefas cotidianas do reino.

O cumprimento da lei ficava a cargo do próprio Davi, chefe da administração, que  *julgava e fazia justiça a todo o seu povo* (8:15). A história de Mefibosete, que se estende ao capítulo 9, provavelmente pretende servir de exemplo dessa justiça, mostrando Davi como modelo de rei que buscava a satisfação de seu povo. Joabe, sobrinho de Davi, comandava o exército e era responsável pela segurança física (8:16). A administração civil de Seraías cuidava do bem-estar do povo, enquanto os sacerdotes e levitas, responsáveis pelos cultos, cuidavam da vida espiritual do cidadãos, isto é, do relacionamento com o Senhor (8:17).

Interessante observar que Davi geralmente estava rodeado de estrangeiros, como os queretitas e peletitas (NVI, RC) que formavam sua guarda pessoal (8:18). A intenção aqui talvez fosse evitar passar a imagem de privilegiar alguma das doze tribos.

Esse tipo de guarda pessoal existe em vários países africanos. Geralmente ao assumir o cargo, o novo presidente cria imediatamente uma brigada ou agência para sua proteção pessoal. Esse grupo não recebe ordens do comando militar, mas ordens diretas do presidente. Em geral, são profissionais treinados, bem equipados e pertencentes à mesma etnia do presidente. Quase sempre recebem bons salários, pois do contrário podem ser tentados à deslealdade. O restante dos funcionários estatais pode até ficar sem receber salário (como professores ou militares), mas a guarda pessoal sempre recebe regularmente. Quando o assunto é proteção pessoal, o presidente, assim como fez Davi, em vez de contar com o apoio popular, prefere confiar na habilidade de sua brigada de defesa pessoal.

Muitos presidentes africanos nomeiam conselheiros pessoais a fim de tratar dos assuntos de Estado. Alguns até mesmo nomeiam conselheiros espirituais. Contudo, a contratação desses conselheiros representa gastos consideráveis ao país, já que eles devem ser bem pagos e acabam sobrecarregando o bolso do contribuinte.

Embora a burocracia seja importante para a manutenção do reino, ocasiona muitas tentações e perigos àqueles

em posições privilegiadas. O custo de manter um número crescente de funcionários e soldados profissionais acabou gerando um peso econômico muito grande para o povo de Israel. Embora a burocracia no reino de Davi fosse moderada, a partir do reinado de Salomão alcançou tamanha proporção de impostos, obrigações e trabalhos forçados, que o povo começou a reclamar e acabou revoltando-se no reinado de Roboão (1Rs 12:1-24; 2Cr 10:1-19).

### 9:1—20:26 O declínio de Davi

Geralmente considera-se a terceira parte de 2Samuel como o relato da disputa para determinar o sucessor de Davi ao trono. Essa análise, embora correta em alguns aspectos, não reflete totalmente o conteúdo da seção. Antes, podemos dizer que até aqui o autor apresentou os pontos altos do reinado de Davi. Mas daqui em diante passamos a observar o declínio de Davi. Enquanto nas seções anteriores Davi foi apresentado como um rei ideal, dando ao leitor a impressão de que a monarquia seria o sistema ideal de governo, agora passamos a enxergar o lado sombrio desse sistema, no qual Davi terá de lidar com disputas internas, intrigas palacianas e ambiguidades morais inerentes ao exercício do poder. Embora o sistema pareça caminhar a contento, observamos um conflito crescente nos bastidores.

#### 9:1-13 A generosidade de Davi com Mefibosete

Conforme observamos no comentário sobre 2Samuel 8:15-18, a história da generosidade de Davi para com Mefibosete provavelmente foi incluída para demonstrar que Davi administrava de forma justa e correta. Essa seria a razão para apresentar esse episódio aqui, e não no capítulo 21, onde constam outros acontecimentos envolvendo a família de Saul. E aqueles também não estão em ordem cronológica com a vida de Davi, mas registrados de acordo com os propósitos do autor.

A misericórdia de Davi para com Mefibosete era algo incomum no contexto daquela época. Normalmente quando um rei subia ao trono, sua família recebia todas as terras pertencentes à dinastia anterior. Além disso, ao estudar a história do Oriente Próximo, vemos que os membros da família real destituída eram tratados com crueldade. Talvez escapassem da morte, mas certamente perderiam toda a riqueza. Infelizmente, é comum ver esse tipo de comportamento na África, onde após um golpe de estado o novo regime muitas vezes confisca a propriedade dos representantes do regime anterior.

Provavelmente Jônatas tinha em mente esse tipo de situação quando pediu a Davi: “Nem tampouco cortarás jamais da minha casa a tua bondade; nem ainda quando o SENHOR desarraigar da terra todos os inimigos de Davi” (1Sm 20:15). A palavra “bondade” ecoa várias vezes nesse capítulo por meio da determinação de Davi em cumprir sua aliança e demonstrar bondade para com o filho de Jônatas (9:1,3,7). A história começa com Davi pedindo informações

a Ziba, um dos servos de Saul, sobre possíveis sobreviventes da família de Saul a quem poderia usar de *bondade para com ele* (9:1-3a). Ziba informa que *há um filho de Jônatas, aleijado de ambos os pés* (9:3b), e então Davi manda trazer Mefibosete à sua presença (9:4-5).

Presume-se que Mefibosete ficou com medo de comparecer diante de Davi, ainda mais se considerarmos que, como parece ser o caso, esse incidente ocorreu pouco depois do massacre da família de Saul descrito no capítulo 21. Portanto, não surpreende que a primeira atitude de Mefibosete perante o rei tenha sido inclinar-se, *prostrando-se com o rosto em terra*, e dizer: *Eis aqui teu servo!* (9:6). Provavelmente Mefibosete ficou aliviado quando ouviu Davi dizer: *Não temas* (9:7a).

Davi prometeu tratar Mefibosete com bondade, *por amor de Jônatas, teu pai* (9:7b), o que ficou demonstrado ao restituir a Mefibosete *todas as terras* que foram confiscadas de Saul. Além disso, o rei afirmou que dali em diante Mefibosete teria um lugar de honra na mesa do rei, como se fosse um dos filhos de Davi (9:8,11). Agora que havia derrotado todos os inimigos, estabilizado seu trono e organizado seu reino, Davi não via problema em demonstrar bondade para com a casa de Saul.

E mais ainda, deu ordens a Ziba, servo de Saul, para gerenciar as terras de Mefibosete e trazer a este toda a produção (9:10). A história termina mencionando a deficiência física de Mefibosete, talvez para salientar que o filho de Jônatas não representava ameaça ao reino de Davi (9:13). Mica, filho de Mefibosete (9:12), também não representava ameaça, provavelmente porque era muito jovem quando Davi foi coroado em Judá pela primeira vez; nem mesmo agora como adulto seria uma ameaça, pois a essa altura o reinado de Davi se encontrava bem estabelecido.

Independentemente dos benefícios políticos que Davi tenha colhido com seu ato de bondade, o povo deve ter-se surpreendido com a atitude do rei em honrar uma pessoa aleijada. Na África, especialmente nas cidades, os deficientes físicos são excluídos da sociedade. Algumas famílias inclusive pedem a seus filhos deficientes que não apareçam em casa quando a família recebe visitas. Alguns chegam ao ponto de considerar maldição a deformidade física. Como resultado dessa cultura, raramente indivíduos com deficiências físicas conseguem terminar seus estudos ou programas de treinamento.

No entanto, em áreas nas quais realizações intelectuais e artísticas são mais importantes que a força física, os deficientes podem realizar grandes contribuições à sociedade e à igreja. As comunidades cristãs deveriam recebê-los de braços abertos e apoiá-los, assim como fez Davi.

#### 10:1-19 Davi e os amonitas e arameus

Além de demonstrar sinceridade e bondade para com Mefibosete, Davi também demonstrou essas qualidades para

## A HOSPITALIDADE NA ÁFRICA

Na África, assim como na Bíblia, a hospitalidade se refere a receber estrangeiros ou estranhos em casa, e não apenas amigos. Na verdade, o termo grego no NT para quem pratica a hospitalidade significa “amante de estranhos”. É interessante observar que a maioria das línguas africanas utiliza o mesmo termo para “estranho” e “hóspede”. A hospitalidade tem raízes tão profundas na cultura africana que as refeições em casa sempre são preparadas em porções excedentes ao número de familiares, pois sempre há a expectativa de aparecer alguma visita. A regra geral é sempre oferecer algo, mesmo que seja apenas um copo d’água.

O AT afirma o princípio da recompensa para aqueles que acolhem estranhos, porém julgamento para quem os maltrata. Há vários exemplos da prática de boa hospitalidade no AT: Abraão acolhe estranhos nos carvalhais de Manre (Gn 18:1-5); Ló recebe visitas antes da destruição de Sodoma (Gn 19), e ainda Rebeca (Gn 24), as filhas de Jetro (Êx 2:16-20) e Abigail (1Sm 25). Exemplos negativos incluem os homens de Sodoma que tentaram violentar os visitantes de Ló (Gn 19); os homens de Gibeá (Jz 19); os amonitas e moabitas, povos que não receberam Israel quando saiu do Egito (Dt 23:3-6) e Nabal (1Sm 25).

A lei mosaica exigia que os estranhos fossem tratados com respeito: “Se o estrangeiro peregrinar na vossa terra, não o oprimireis. Como o natural, será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-eis como a vós mesmos, pois estrangeiros fostes na terra do Egito” (Lv 19:33-34).

O NT também valoriza a hospitalidade. Jesus recebeu e foi recebido por estranhos. Cristo acolheu todas as pessoas: alimentou os famintos, curou os doentes e fez amizade com as classes consideradas mais baixas da sociedade, como prostitutas e cobradores de impostos. Para demonstrar o valor da hospitalidade em sua missão, Jesus instruiu seus discípulos a abençoar o lar das pessoas que lhes acolhessem.

As epístolas também deixam claro que tanto a igreja quanto os membros devem demonstrar hospitalida-

de (Rm 12:13; 1Tm 3:2; 5:9-10; Tt 1:8; Hb 13:2; 1Pe 4:9; 2Jo 10-11), prática que contribuiu para disseminar o evangelho. Durante os primeiros dias da igreja, as hospedarias não eram lugares seguros e por isso os cristãos viajantes se hospedavam na casa de irmãos na fé, onde havia oportunidade de interagir com não-cristãos e transmitir o evangelho boca a boca. Diz-se que Papias, bispo de Hierápolis (60-125 d.C.), ao oferecer hospitalidade, costumava questionar seus hóspedes sobre a vida dos apóstolos porque dessa forma aprendia mais que nos livros.

As instruções contidas no *Didache*, espécie de manual utilizado pela igreja primitiva, inclui diretrizes para evitar abusos na hospitalidade: “Todo aquele que vem em nome do Senhor deve ser bem recebido [...] E, se alguém está apenas de passagem, ajude-o o quanto puder. Mas não deve ficar em sua casa mais que dois ou, se necessário, três dias. Contudo, se quiser permanecer com você como artesão, deixe-o trabalhar para pagar seu próprio sustento”. Instrução semelhantes ocorrem no provérbio suaíli: *Mgeni siku ya kwanza, siku ya pili mpatie jembe* [O hóspede é visita só nos dois ou três primeiros dias; depois disso, dê-lhe uma enxada]. A intenção dessas diretrizes é evitar que os hóspedes se aproveitem da generosidade do anfitrião.

Na África contemporânea, pressões sociais, políticas e econômicas tornam difícil aos cristãos praticar a antiga tradição da hospitalidade, especialmente em áreas urbanas, onde é complicado distinguir entre estranhos bem e mal-intencionados. Entretanto, a igreja precisa desenvolver formas realistas de continuar a prática. Uma opção seria envolver toda a comunidade de forma a dividir o fardo entre o corpo de Cristo sem sobrecarregar um único indivíduo. A fim de ajudar nossos irmãos e irmãs que perderam seus lares por causa da guerra, é preciso incentivar nosso governo a adotar políticas justas e humanitárias para tratar dos refugiados. E, acima de tudo, orar para que a abundância de riqueza pessoal não endureça nosso coração nem nos torne cegos para as necessidades de nossos irmãos e irmãs. Lembremos as palavras de Jesus: “Era forasteiro, e me hospedastes” (Mt 25:35).

Emily J. Choge

com Naás, rei dos amonitas. Infelizmente, os oficiais amonitas tiraram conclusões erradas e maltrataram os embaixadores de Davi, causando a guerra.

### 10:1-5 A humilhação dos embaixadores de Davi

As Escrituras não informam se havia aliança entre Davi e Naás ou qual foi o ato de bondade que este demonstrou a Davi. Sabemos apenas que os amonitas eram inimigos de Saul (1Sm 11). Entretanto, deve ter havido alguma forma de aliança entre os dois, pois, quando Naás morreu, Davi

decidiu: *Usarei de bondade para com Hanum, filho de Naás, como seu pai usou de bondade para comigo (10:1-2)*, e então enviou uma delegação com o objetivo de expressar condolências ao novo rei.

Mas Hanum e seus oficiais suspeitaram dos motivos de Davi. É compreensível, pois ainda hoje a chegada de uma comissão estrangeira para o funeral de um chefe de Estado nunca representa um simples gesto de simpatia, mas vem acompanhada de manobras diplomáticas visando garantir a cooperação do novo líder. Antes de condenar a atitude dos

amonitas, precisamos reconhecer que na África também há pessoas buscando vantagens comerciais em momentos de lamentação familiar. Enquanto fingem oferecer consolo, aproveitam a oportunidade para vender roupas, joias ou serviços caros.

Mas Hanum e seus oficiais não consideraram os embaixadores de Davi somente como políticos interesseiros: decidiram que se tratava de espões em busca de informações para que Davi pudesse atacá-los (10:3). Logo, em vez de tratá-los com respeito, ordenou que fossem cruelmente humilhados com a raspagem de metade da barba e o corte das roupas até as nádegas (10:4-5). Felizmente, Hanum não era tão cruel quanto seu pai, cuja intenção era furar o olho direito de todos os habitantes de Jabes-Gileade (1Sm 11:2).

Os oficiais de Hanum aconselharam mal o rei ao inferir que os embaixadores eram espões. Caso fossem vassalos de Davi, é possível que tivessem feito de propósito para provocar guerra contra Israel. Se era essa a intenção, obtiveram o efeito desejado, pois Davi reconheceu imediatamente a humilhação como equivalente à rebelião.

#### 10:6-14 A vitória de Joabe e Abisai

Ambos os lados sabiam que o conflito era inevitável, de modo que começaram os preparativos para a guerra. Os amonitas, com menor poderio militar, recrutaram mercenários arameus, bem como *homens do rei de Maaca* e [...] *de Tobe* (10:6). Davi enviou Joabe com todo o exército israelita (10:7).

A coalizão inimiga separou-se em duas frentes próximo à cidade dos amonitas (10:8), obrigando Joabe a dividir seu exército em duas partes (10:9-10): uma atacando os arameus, comandada por ele, e outra atacando os amonitas, comandada por seu irmão Abisai. Joabe infundiu palavras de encorajamento e patriotismo em Abisai: *Sê forte, pois; pelejem os varonilmente pelo nosso povo e pelas cidades de nosso Deus*, e terminou expressando total confiança em Deus: *e faça o SENHOR o que bem lhe parecer* (10:12). O resultado da batalha depende do Senhor, e não de nossos próprios esforços. A humildade de Joabe contrasta com a atitude daqueles que se lançam em “batalhas espirituais”, muitas vezes decretando vitórias antecipadas em nome de Deus. Nenhum ser humano pode obrigar Deus a agir de determinada maneira.

A estratégia de Joabe funcionou (10:13-14). Os arameus não conseguiram ajudar os amonitas, pois fugiram ao perceber a aproximação de Joabe (10:13).

#### 10:15-19 A vitória de Davi

Derrotados, os arameus se reagruparam posteriormente e trouxeram reforços (10:15-16). Quando Davi soube disso, saiu pessoalmente para enfrentá-los (10:17). A julgar pelo número de mortos, Davi lutou contra um exército aproximadamente duas vezes maior que aquele derrotado por Joabe (cp. 10:18 e 10:6). Mas, ao contrário de Joabe, Davi não expressou sujeição a Deus nesse episódio. Mesmo as-

sim, saiu-se vitorioso e os arameus tornaram-se vassalos de Israel.

#### 11:1—12:25 Davi, Bate-Seba, Urias e Natã

Os capítulos 11 e 12 narram o caso extraconjugal de Davi e Bate-Seba, o assassinato de Urias, marido da mulher em questão, e depois a confrontação de Natã com o pecado de Davi. Esses acontecimentos destruíram não apenas a família do rei mais notável de Israel, mas também a vida da nação. Interessante observar que esse episódio sórdido não consta no livro de Crônicas: 1Crônicas 20:1 é semelhante a 2Samuel 11:1, porém os versículos paralelos em 1Crônicas retomam a história a partir de 2Samuel 12:29-31, deixando de fora tudo o que aconteceu em 2Samuel 11:2—12:28.

##### 11:1-5 Davi seduz Bate-Seba

O capítulo 11 inicia condenando claramente a atitude de Davi: *Decorrido um ano, no tempo em que os reis costumam sair para a guerra, enviou Davi a Joabe, e seus servos, com ele, e a todo o Israel [...] porém Davi ficou em Jerusalém* (11:1). Essa guerra se refere ao confronto com os amonitas devido aos maus tratos aos embaixadores de Davi, descritos no capítulo anterior. Além disso, a guerra contribuiu para o pecado de Davi, que, em vez de cumprir suas responsabilidades reais de liderar a batalha, resolveu permanecer em Jerusalém enquanto seu exército saía para guerrear.

Andando no terraço de seu palácio, foi seduzido pela beleza de Bate-Seba tomando banho (11:2). Depois, quis saber quem era aquela moça bonita e lhe disseram que se chamava *Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu* (11:3), soldado que estava no campo de batalha com Joabe (11:6).

Os acontecimentos descritos a seguir são narrados com brevidade impressionante. Davi manda trazer Bate-Seba para o palácio e tem relações sexuais com ela (11:4). O verbo “enviar” ocorre regularmente nos primeiros cinco versículos do capítulo, indicando o poder e autoridade de Davi: enviou Joabe para lutar, enviou mensageiros para perguntar a identidade da mulher e depois enviou mensageiros para trazê-la ao palácio.

Não há registro de diálogos entre os dois nem indicação de afeto. Parece ter sido uma relação unilateral da parte do rei, abusando de seu poder e de sua autoridade a fim de satisfazer os próprios desejos. A situação de Bate-Seba reflete a condição de muitas mulheres africanas sujeitas aos caprichos dos poderosos ou daqueles que andam armados. Na verdade, o verbo hebraico traduzido como “trouxessem” no versículo 4 poderia ser traduzido como “trazer à força”, sugerindo que Bate-Seba foi raptada. Em muitas regiões africanas devastadas pela guerra, mulheres casadas e moças jovens são raptadas e forçadas à escravidão sexual por líderes guerreiros. Além disso, muitas morrem de aids porque não têm como evitar essas

## ESTUPRO

O estupro ocorre quando alguém é forçado a ter relações sexuais contra vontade. Embora os homens também corram esse risco, geralmente as vítimas são mulheres e crianças. O estuprador pode ser tanto um desconhecido, como no caso de Siquém e Diná (Gn 34), quanto um amigo de confiança ou membro da família, como no caso de Amnom e Tamar (2Sm 13).

Alguns dizem que o estupro acontece por causa da fraqueza moral inerente das mulheres. Esse argumento é falso, pois tanto homens quanto mulheres são afetados pelo pecado. E o argumento de que as mulheres são estupradas porque usam roupas indecorosas para excitar os homens é muito simplista, pois, se fosse esse o caso, por que mulheres de todas as idades são estupradas? A história revela que o estupro de Tamar não teve nada que ver com suas roupas, pois o texto afirma explicitamente que ela vestia “uma túnica talar de mangas compridas” (2Sm 13:18). A beleza deveria ser celebrada como um dom de Deus, e não como desculpa para o estupro.

Muitas vezes as mulheres são estupradas como punição por não respeitarem a autoridade masculina. Há homens que pensam ter o direito de exigir sexo porque acreditam que as mulheres existem para satisfazê-los sexualmente e, dessa forma, recusam-se a ouvir os apelos das vítimas que atacam. Essa mesma mentalidade predispõe certos homens a enxergar as mulheres como brinquedos eróticos, como aconteceu com a concubina no estupro registrado em Juízes 19. Esses homens não se preocupam com os sentimentos ou mesmo a integridade física das vítimas. As mulheres não são brinquedos de entretenimento.

Outros estupram virgens e crianças porque acreditam no mito de que o sexo com uma virgem pode curar a aids. Isso é uma grande mentira, e no final das contas mais uma vítima inocente é infectada com o vírus do HIV.

Nas guerras, o estupro é frequentemente utilizado como arma para demonstrar desprezo e domínio sobre o lado mais fraco.

Tragicamente, o sistema judiciário de alguns países não considera o estupro um crime grave e impõe sentenças leves aos estupradores. Isso acaba encorajando o estupro, pois os criminosos sabem que, se forem pegos, poderão facilmente escapar. Além disso, intimida as mulheres a não delatar o crime à polícia, pois elas sabem que serão humilhadas e acusadas por policiais, pela lei, pela família e pela comunidade de ter sido as responsá-

veis pelo ocorrido. Essa atitude é incompatível com nossa crença num Deus justo.

A sociedade tenta minimizar as consequências que o estupro produz nas vítimas, mas Karen Buckenham, em seu manual retratando a violência contra a mulher, escreve que “o estupro tem o mesmo efeito na vítima que a tortura: intensa humilhação, incapacidade de confiar, medo constante, problemas psicológicos, raiva, sentimentos de culpa e vergonha”. Algumas mulheres estupradas na infância ou adolescência são incapazes de ter uma vida normal no casamento. Para outras, a agressão destrói de tal forma a autoestima que elas se tornam prostitutas.

A passividade de Davi em punir Amnom pelo estupro de Tamar nos lembra que, embora haja poucos estupradores, há muitos que acobertam o crime. O silêncio encoraja o estupro, e a igreja precisa quebrar esse silêncio ao pregar constantemente contra o abuso de mulheres e crianças. Precisamos criar um ambiente de confiança no qual as vítimas de estupro se sintam seguras o bastante para falar sobre os abusos. Nossas igrejas e lares devem declarar tolerância zero contra qualquer forma de abuso sexual. Precisamos encaminhar as vítimas para aconselhamento profissional e, onde não houver profissionais qualificados para isso, construir refúgios para abrigar essas pessoas. No mínimo, todos os pastores deveriam ter algum treinamento para aconselhar vítimas de estupro. E, quando falamos em vítimas, devemos incluir também a família da pessoa violentada, pois a história de Tamar, Amnom, Absalão e Davi nos mostra que as consequências do estupro atingem toda a família.

Jesus Cristo veio redimir a humanidade do mal e restaurar a vida dos pecadores. Portanto, ele tem poder para restaurar inclusive a vida dos estupradores. A igreja deve delatar estupros à polícia, mas também confrontar esses criminosos e levá-los a confessar seus atos, arrepender-se e receber aconselhamento.

Finalmente, a igreja precisa pregar uma mensagem que auxilie homens e mulheres a desenvolver relacionamentos de respeito e confiança, encorajando os homens a dominar seus desejos sexuais e deixando bem claro que o abuso destrói a dignidade e a integridade das pessoas. A igreja deve proclamar de forma clara e consistente que o verdadeiro amor é aquele que protege as pessoas de qualquer tipo de perigo. Nosso amor por Deus, portanto, é demonstrado na forma como tratamos os outros (Jo 13:34-35).

Isabel Apawo Phiri

relações sexuais; nem mesmo podem exigir fidelidade de seus parceiros ou maridos, e nem mesmo pedir que usem camisinha.

Bate-Seba fala pela primeira vez na história quando informa ao rei que está grávida (11:5). No hebraico, a mensagem tem apenas duas palavras.

### 11:6-25 *Davi ordena a morte de Urias*

Preocupado em esconder seu pecado, Davi ordena a Joabe que lhe envie Urias, em mais uma demonstração de poder por meio da expressão “manda-me” (11:6). Davi fingiu interesse no progresso da batalha e então dispensou Urias para descer à sua casa, sugerindo inclusive que tivesse relações sexuais com a esposa, como se percebe pelo eufemismo hebraico: *lava os pés* (11:7-8). Davi esperava que Urias se deitasse com Bate-Seba sem perceber a gravidez (que ainda estava nos primeiros estágios) e, portanto, presumisse ser o pai da criança. Mas Urias era um soldado escrupuloso e não voltou para sua casa. Em vez disso, ele *se deitou à porta da casa real, com todos os servos do seu senhor* (11:9). Ao contrário de Davi, Urias não quis desfrutar o conforto do lar enquanto seus companheiros lutavam no campo de batalha. Veja o contraste: Davi não foi à guerra e adulterou; Urias foi à guerra e recusou deitar-se com a própria esposa.

Os informantes de Davi disseram que Urias não havia voltado para casa naquela noite. Davi recorreu ao plano B: convidou Urias para uma refeição e embebedou-o, esperando amolecer os escrúpulos do soldado a fim de voltar para casa e deitar-se com sua mulher (11:10-13). A ideia de Davi juntar consumo de álcool com sexo faz lembrar a desastrosa contribuição da bebida alcoólica para espalhar o vírus HIV na África. Uma pessoa bêbada esquece facilmente a moralidade e a necessidade de praticar sexo seguro.

Novamente o plano fracassou e Urias voltou a *deitar-se na sua cama, com os servos de seu senhor* (11:13). Será que Urias começou a desconfiar de Davi e o súbito interesse em sua vida particular? É uma questão que fica no ar. Outra possibilidade: Será que Urias estava apenas obedecendo a um tabu sexual de homens em combate? Na África, certas tribos associam a relação sexual com má sorte e, portanto, evitam contato sexual antes de saírem para caçar ou pescar. Esse tabu também ocorre entre jogadores de futebol, que evitam relações sexuais antes de jogos importantes. Contudo, a relação sexual dentro do casamento não deve ser considerada algo ruim.

Urias passou três dias em Jerusalém sem visitar sua esposa. Enquanto isso, a gravidez de Bate-Seba avançava. Davi decidiu que a única forma de livrar-se do problema era matar Urias. O medo de Davi não era ser pego em adultério, mas perder apoio popular por causa da exposição à vergonha pública. Tendo isso em mente, mandou Urias entregar a Joabe a carta que selava seu próprio des-

tino (11:14). Na carta, Davi pede a Joabe para colocar Urias *na frente da maior força da peleja; e deixai-o sozinho, para que seja ferido e morra* (11:15). Desta vez o plano funcionou, e Urias morreu em combate (11:16-17). Davi demonstrou o que se ouve muito por aí: “na política e no amor vale tudo”.

Joabe enviou a Davi um relatório completo da batalha (11:18), sabendo que Davi ficaria furioso com a morte dos soldados que atacaram muito próximo dos muros da cidade. Os perigos dessa prática eram bastante conhecidos (11:19-21a; Jz 9:52-53). Além disso, sabia que Davi costumava matar mensageiros que lhe traziam más notícias (1:13-16). Portanto, disse ao mensageiro para adicionar estas palavras caso o rei ficasse irado: *Também morreu teu servo Urias, o heteu* (11:21b).

A mensagem foi entregue fielmente (11:22-24) e, conforme previsto, ao saber da morte de Urias, Davi não compreendeu Joabe por seu descuido, mas procurou aliviar a consciência do comandante com trivialidades, dizendo que “essas coisas acontecem” (11:25).

### 11:26-27 *Conclusão*

Os acontecimentos são narrados com brevidade após a morte de Urias: Bate-Seba chora a morte do marido durante algum tempo, após esse período Davi a recebe como esposa, e então ela dá à luz um menino (11:26-27a).

Deus não aparece durante esses acontecimentos, o que poderia levar ao leitor a errônea impressão de que o Senhor aprovou as atitudes de Davi. Mas as palavras finais do capítulo expressam a condenação de Deus: *Porém isto que Davi fizera foi mal aos olhos do SENHOR* (11:27b). Davi considerou suas atitudes um incidente sem importância, mas cometeu um grave pecado aos olhos de Deus.

E assim chegamos ao final deste capítulo com um Davi bastante diferente daquele registrado em 8:15, que “julgava e fazia justiça a todo seu povo”. Ao contrário, Davi se tornou déspota, adúltero e assassino.

### 12:1-15 *Natã confronta Davi*

O Senhor revelou seu descontentamento com Davi por meio de Natã. Mas Natã, conhecendo o perigo de estar na presença do rei, particularmente quando se desejava repreendê-lo, decidiu apresentar a repreensão por meio de uma história sobre um homem pobre e outro rico, salientando particularmente a situação do homem pobre. Esse pobre possuía apenas uma cordeirinha, que comprou e amou como se fosse uma filha (12:1-3). O homem rico possuía muitas ovelhas e gado, porém certo dia recebeu visitas e não quis sacrificar um de seus próprio animais; antes, tomou a cordeirinha do homem pobre (12:4). O verbo “tomar” nessa passagem refere-se à forma como Davi tomou Bate-Seba. Assim como o rico possuía muitas ovelhas e o pobre apenas uma, Davi tinha muitas esposas, porém Urias tinha apenas Bate-Seba. Em vez de se contentar com suas muitas esposas, Davi

roubou a única mulher de Urias. Convém observar que na história de Natã o rico não tramou a morte do pobre, como fez Davi.

O rei não percebeu a analogia entre a história de Natã e seu adultério com Bate-Seba, mas seu senso de justiça despertou imediatamente e, irado, ele respondeu: *O homem que fez isso deve ser morto*. E mais: *Pela cordeirinha restituirá quatro vezes (12:5-6)*. Foi a mesma quantia que Zaqueu se propôs restituir àqueles a quem defraudou (Lc 19:8; cf. tb. Êx 22:1).

A resposta de Davi era a oportunidade de confrontação que Natã vinha aguardando: *Tu és o homem (12:7)*, disse, e então entregou a palavra de Deus. Mas, antes de pronunciar julgamento, o Senhor (por meio de Natã) começou lembrando a Davi a bondade que vinha demonstrando ao rei, salientando particularmente o número de esposas que lhe havia dado. Afinal, foi sua atração pelas mulheres que causou esse pecado. Aqui aparece o primeiro registro bíblico informando que Davi também tomou esposas de Saul (12:8). Essa prática não era incomum na cultura do Oriente Próximo daquela época, onde o rei geralmente herdava o harém de seu predecessor. Ao comentar sobre as esposas de Davi, o Senhor salienta o egoísmo extremado do rei ao tomar a esposa de outro homem. A acusação de Deus é bem clara: você tomou a esposa de Urias e depois o assassinou (12:9).

Após essa introdução, o Senhor pronunciou a sentença: *Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa (12:10), e tomarei tuas mulheres à tua própria vista, e as darei a teu próximo (12:11; cf. 16:21-22) e também o filho que te nasceu morrerá (12:14b)*. Davi imaginou que ninguém descobriria seu pecado, mas o Senhor observou tudo e, com o tempo, puniu Davi em público (12:12). O rapto de Bate-Seba causou a morte e a miséria que assolaram o trono de Davi. É importante observar que Davi não estava sendo punido apenas pelo que fez com Bate-Seba e Urias, mas porque seu pecado deu *motivo a que blasfemassem os inimigos do SENHOR (12:14a)*. Embora rei, Davi não tinha o direito de agir como bem entendesse e, portanto, teve de ouvir a mensagem da justiça divina, entregue pelo profeta de Deus.

O exemplo de Natã deve ser aplicado à igreja da África e fazer-nos lembrar nosso papel profético na defesa dos pobres. Em muitos países africanos, os direitos dos pobres não são respeitados: a lei é aplicada de maneira especialmente mais severa contra o pobre; tribunais muitas vezes pronunciam sentenças injustas contra pessoas com menos dinheiro; bens são confiscados, e homens uniformizados se apoderam da colheita das aldeias. Os que têm muito (os ricos) roubam dos que têm pouco (os pobres).

Essa história adverte contra os muitos países africanos e outros ao redor do mundo onde coexistem extrema riqueza e extrema pobreza. É comum vermos barracos construídos ao lado de luxuosas mansões nas grandes cidades.

Reconhecendo a gravidade de sua situação, Davi confessa seu pecado e implora perdão (12:13). Reconhecer o pecado é o primeiro passo para ser perdoado. Natã confirmou que Davi seria perdoado, mas a pena de morte que lhe era devida seria transferida para seu filho com Bate-Seba.

### 12:16-25 A morte da criança

As Escrituras não informam o nome do filho de Davi e Bate-Seba, pois o foco dessa seção não se refere tanto à morte da criança, mas à reação de Davi ao episódio. O rei ficou muito triste e cheio de remorso. Apesar da profecia de Natã, implorou a Deus para salvar a criança, jejuando e passando as noites deitado no chão (12:16-17).

Quando os servos encontraram coragem para dizer ao rei que a criança tinha morrido (12:18-19), Davi reagiu de modo surpreendente. Eles imaginaram que o rei ficaria muito mais deprimido, porém ele se levantou, trocou de roupas e foi adorar ao Senhor; depois voltou e comeu (12:20-21). Davi explicou que a morte era irreversível. A intenção era persuadir Deus a curar a criança por meio do arrependimento, mas, quando ela morreu, foram-se também as esperanças, de modo que não fazia sentido continuar orando e jejuando (12:22-23). *Eu irei a ela* são palavras usadas com frequência por pregadores africanos para consolar aqueles que perderam seus amados.

No começo dessa seção, Bate-Seba era chamada de *mulher de Urias* (12:15), porém após a punição de Davi passa a ser chamada de *sua mulher* (NVI, RC) (12:24a). O segundo filho de Davi e Bate-Seba foi chamado de Salomão (12:24b). E o Senhor, para demonstrar que o rei voltaria a desfrutar de sua graça, tornou a enviar Natã a fim de consolar Davi (12:25) e adicionar a Salomão o nome de *Jedidias*, que significa “amado pelo Senhor”.

### 12:26-31 Fim da guerra com os amonitas

O capítulo termina relatando o fim da guerra com os amonitas, iniciada com o insulto de Hanum aos embaixadores de Davi, registrado em 10:1-5, e que se arrastou durante todo o caso de Davi com Bate-Seba e Urias. Joabe capturou Rabá ao apoderar-se do suprimento de água da cidade, porém não queria que a vitória fosse atribuída a si mesmo (12:26-28), de modo que chamou Davi para liderar o ataque final (12:29-30). Os amonitas se tornaram vassalos de Davi e foram condenados a trabalhos forçados (12:31).

### 13:1—19:43 A história de Absalão

A saga de Absalão, terceiro filho de Davi, começa no capítulo 13 e se estende até o capítulo 19. Nesta seção, veremos as consequências do pecado de Davi com Bate-Seba.

#### 13:1-22 O estupro de Tamar

Davi não teve domínio próprio com relação à esposa de Urias, e Amnom, um de seus filhos, comportou-se de modo semelhante quando estupro Tamar, sua meia-irmã.



A obsessão de Amnom foi o estopim dos acontecimentos que levaram a família de Davi ao desastre. Tamar era linda, e Amnom estava obcecado *a ponto de adoecer* (13:1-2). Contudo, Amnom não podia chegar perto dela porque as mulheres, além de serem criadas separadamente dos irmãos, eram vigiadas pelas servas. Uma das razões para esse arranjo era proteger a virgindade das mulheres, condição apreciadíssima em Israel. Qualquer mulher jovem que não fosse virgem não era considerada apta para casar. Esse costume ajudava a prevenir a devassidão e a imoralidade. Infelizmente, hoje em dia muitas mulheres jovens pensam exatamente o contrário, considerando a virgindade algo vergonhoso! Até mesmo a igreja deixou de salientar a importância da virgindade para os jovens que se casam pela primeira vez.

Jonadabe, primo de Amnom, decidiu ajudar o amigo a satisfazer seu desejo e juntos eles tramaram um plano: Amnom deveria fingir estar doente a fim de convencer Davi a enviar Tamar para cuidar dele (13:3-5). O plano funcionou, e Tamar foi enviada para cuidar do irmão (13:6-10). Aproveitando-se da oportunidade, Amnom a estupro, apesar dos desesperados apelos de misericórdia de Tamar (13:12-14). Tamar lutou contra a situação, pois o texto informa que Amnom conseguiu violá-la porque era *mais forte do que ela* (13:14). A lascívia de Amnom sobrepujou qualquer noção de respeito familiar e preocupação com o destino da irmã.

Tragicamente, a situação de Tamar é parecida com a de muitas mulheres e jovens estupradas todos os dias no continente africano. Muitas são atraídas para situações nas quais não podem resistir ao agressor, enquanto outras são simplesmente violentadas com brutalidade.

A emoção de Amnom descrita em 13:4 provou ser puro desejo carnal, e não amor. Após o ato, Amnom mandou que a irmã fosse expulsa de seus aposentos (13:15-18). Tamar perdeu não apenas sua virgindade, mas também sua honra e provavelmente a possibilidade de um casamento amoroso e uma proteção marital. Não surpreende, portanto, a descrição de que ela *tomou cinza sobre a cabeça, rasgou a túnica [...] e se foi andando e clamando* (13:19).

Absalão, irmão de Tamar, tomou conhecimento dos fatos e trouxe Tamar para sua casa (13:20). Passou a odiar Amnom e alimentar desejos de vingança (13:22). Davi também ficou enfurecido quando soube do estupro (13:21), mas não tomou nenhuma providência para punir Amnom. Sua próprias atitudes ao raptar Bate-Seba e assassinar Urias devem ter abalado sua autoridade para repreender Amnom.

### 13:23-39 A vingança e fuga de Absalão

O estupro e as relações sexuais entre irmãos eram atos condenados pela lei de Israel (Lv 18:9,11). Provavelmente Absalão aguardou seu pai agir, mas, quando Davi não puniu, decidiu fazer justiça com as próprias mãos.

Existem situações semelhantes na África atualmente, em que muitas mulheres e moças são estupradas e ficam sem acesso à justiça. Essa situação de raiva e tristeza acaba correndo-as por dentro. A justiça tem poder para curar essas feridas, mas, quando falha, produz ainda mais violência, como percebemos na história da família de Davi.

Absalão esperou dois anos para vingar-se do estupro da irmã e assim produziu a segunda consequência do pecado de Davi, iniciando o cumprimento da profecia de Natã ao afirmar que a espada nunca se apartaria da casa de Davi (12:10).

Absalão era esperto e mascarou suas intenções enquanto tramava cuidadosamente sua vingança. Certo dia decidiu que a oportunidade se mostrava presente e então convidou o rei, seus oficiais e todos seus irmãos e meio-irmãos para uma comemoração em Baal-Hazor (13:23-24). Era uma celebração que não levantaria suspeitas, pois a época da tosquia sempre vinha acompanhada de festividades (cf. 1Sm 25:4,36). Quando Davi recusou o convite, Absalão solicitou que Amnom fosse enviado como representante do rei, pois Amnom era herdeiro do trono (13:26; cf. tb. 3:2). Após apelos persistentes de Absalão, o rei concordou enviar Amnom para participar da festa (13:27).

Quando Amnom e *todos os filhos do rei* se reuniram em Baal-Hazor, Absalão instruiu seus servos a matar Amnom no momento em que estivesse *alegre de vinho* (13:28). Como o pai, Absalão usou bebida alcoólica como ferramenta de manipulação (cf. 11:13). Embora não tenha dito o motivo para matar Amnom, seus servos provavelmente sabiam do que se tratava, pois Tamar morava com Absalão. *E os moços de Absalão fizeram [...] como [...] lhes havia ordenado*, e assim terminou a vingança do estupro de Tamar (13:29).

A morte de Amnom não apenas quitou um débito de honra, como também eliminou o primeiro sucessor de Davi ao trono, pois Absalão era o segundo na sucessão (3:2), presumindo-se que Quileabe, seu irmão mais velho, filho de Abigail, estivesse morto. Ao eliminar Amnom, Absalão se tornou herdeiro legítimo do trono.

Absalão escolheu Baal-Hazor porque poderia escapar rapidamente e dali fugiu para Gesur, refugiando-se com Talmai, seu avô por parte de mãe (13:37-38).

Enquanto isso, todos os filhos do rei correram para Jerusalém. Contudo, antes deles chegou um rumor de que todos haviam sido mortos por Absalão. Nesse momento, Davi deve ter imaginado que a promessa de Deus sobre a continuidade de sua dinastia nunca se realizaria (13:31; 7:12-16). Jonadabe, porém, aquele que ajudou Amnom a arquitetar o estupro de Tamar, conjecturou sobre o ocorrido e garantiu ao rei que apenas Amnom havia morrido, por causa do que fizera a Tamar (13:32-33). Ao que parece, Jonadabe não admitiu sua participação no episódio.

Em seguida chegaram seus filhos e todos se ajuntaram em lamentação (13:34-36). O texto afirma que Davi

*pranteava a seu filho todos os dias* (13:37). Contudo, não está claro se chorava por causa de Amnom ou Absalão (13:39).

#### 14:1-33 O retorno de Absalão

A narrativa mostra Joabe tramando o retorno de Absalão ao palácio para ser recebido por Davi. Um dos motivos para Joabe querer trazê-lo de volta provavelmente se refere ao fato de que Absalão era o último sucessor legítimo ao trono. Não era apropriado, portanto, que permanecesse exilado.

O retorno de Absalão ocorreu em dois estágios. Primeiro, Joabe o trouxe ao palácio, mas sem acesso ao rei. Depois, Absalão pressionou Joabe para intervir junto ao rei a fim de restaurar seu direito como sucessor legítimo ao trono.

**14:1-24 A INTERVENÇÃO DE JOABE.** Absalão permaneceu exilado por três anos (13:3). Durante este período, Joabe, comandante do exército de Davi, deve ter percebido que *o coração do rei começava a inclinar-se para Absalão* (14:1). Então ele passou a planejar cuidadosamente uma audiência de apelação com o intuito de obter anistia para o assassino. Para isso, procurou alguém que apresentasse o caso perante o rei: *uma mulher sábia* de Tecoa, cidade que mais tarde seria local de nascimento do profeta Amós (14:2a). Joabe escolheu cuidadosamente o momento certo e a pessoa certa.

Joabe explicou à mulher como agir e o que dizer quando estivesse diante do rei (14:2b-3), uma estratégia semelhante à de Natã em 2Samuel 12. E, assim, outra história foi contada a fim de levar o rei a perceber sua própria situação. Os detalhes dessa história trazem à memória o assassinato de Abel por seu irmão Caim (Gn 4:1-15).

A mulher de Tecoa fingiu ser uma viúva que possuía apenas dois filhos. Durante uma disputa entre os dois, um matou o outro, e a comunidade impôs pena de morte ao filho sobrevivente. Caso a sentença fosse executada, a linhagem familiar de seu marido deixaria de existir. Isso era considerado uma tragédia para os israelitas (14:5-7,16). E não apenas isso: ela mesma ficaria destituída, pois, como muitas vezes vemos na África, uma viúva sem filhos não tem quem a proteja de bandidos que vêm tomar-lhe os bens da família. Portanto, a intenção da mulher de Tecoa era apelar ao rei para conceder anistia a seu filho (14:5-7).

Davi concedeu o pedido, dizendo que daria *ordens* (14:8) para impedir que *vingadores do sangue* matassem o filho (14:11-12).

Após a concessão do pedido, a mulher aproveitou a oportunidade para indicar que o julgamento de seu caso também se aplicava ao relacionamento do rei com Absalão. Da mesma forma que ela ficaria destituída caso seu único filho morresse, também a nação ficaria destituída caso o herdeiro legítimo do trono permanecesse exilado

(14:13). Amnom estava morto, e nada mais podia ser feito para reverter a situação (14:14a). Absalão era um assassino, mas isso não o destituía de seu direito como filho do rei. Deus teve misericórdia de Caim (Gn 4:13-15); por que o rei não poderia demonstrar misericórdia a Absalão? (14:14b).

A mulher concluiu seu apelo exaltando o discernimento do rei (14:17), coisa que Davi demonstrou prontamente ao perguntar à mulher se aquilo tudo era obra de Joabe (14:19-20). Parece que Davi não repreendeu Joabe por manipulá-lo daquela maneira. Provavelmente o rei procurava uma desculpa para buscar Absalão, mas não queria tomar a iniciativa (cf. 14:1). Da forma que as coisas aconteceram, Davi não poderia ser acusado de não ter punido Absalão pela morte do irmão, pois não foi sua ideia trazê-lo de volta a o palácio, mas ideia de Joabe.

Embora tenha sido Joabe o mentor do encontro, não devemos subestimar a contribuição da mulher para o sucesso da empreitada. Joabe não tinha como prever ao certo a reação de Davi, de modo que a mulher precisou confiar em sua própria sabedoria para dirigir o rumo do diálogo com o rei.

Esta passagem levanta a questão de conceder ou não anistia a assassinos. Esse tipo de anistia tem-se tornado algo cada vez mais comum na África, onde cada novo regime instaurado declara anistia geral como primeiro ato de governo, pois os que alcançaram o poder pela força temem serem levados aos tribunais e responsabilizados por seus atos. Do mesmo modo, todos os tratados de paz entre facções inimigas incluem cláusulas de anistia para todos os militantes.

Entretanto, como demonstra a continuação da história de Absalão, não se pode construir paz concedendo anistia aos culpados, pois a anistia não produz paz e reconciliação verdadeiras. Somente a justiça pode fazer isso.

Situações semelhantes às vezes surgem na igreja, onde um membro é encorajado a perdoar outro por algum mal cometido. Entretanto, a igreja não deve esquecer o dano cometido. Se, por exemplo, um irmão ou irmã empresta o carro de outra pessoa e sofre um acidente, esse irmão ou irmã devem ser perdoados — mas também devem encontrar meios de restituir o dano material ao dono (a menos que o dono se recuse a aceitar compensação).

Davi concedeu anistia parcial: seu filho poderia comparecer ao palácio, mas não diante do rei.

**14:25-33 ABSALÃO REAGE.** Esta seção começa descrevendo a boa aparência física de Absalão (14:25-26), parecida com a do jovem Saul (1Sm 9:1-2) e de Davi (1Sm 16:12), e prepara o leitor para acompanhar a trama de Absalão até se tornar rei. Absalão também tinha filhos e filhas, e uma delas se chamava Tamar, em homenagem à irmã (14:27).

Após cinco anos, três deles exilado e outros dois sem falar com seu pai depois da audiência de anistia (14:28), Absalão decidiu que era hora de fazer alguma coisa e

voltou a buscar o apoio de Joabe para marcar uma nova audiência com o rei (14:29). Surpreendentemente, dessa vez Joabe não quis saber de Absalão. Não conhecemos os motivos para essa mudança de atitude em Joabe, mas é possível que a ambição de Absalão se tenha tornado uma preocupação. Seja qual for o motivo, o fato é que Joabe se distanciou de Absalão.

Seguindo o exemplo de Sansão (Jz 15:4-8), Absalão ateou fogo nos campos de Joabe e com isso atraiu a atenção do comandante (14:31). O príncipe exigiu receber perdão total ou então ser condenado à morte como assassino (14:32); cansou de ser excluído do poder e sabia que Davi não teria coragem de executá-lo. Joabe entregou a mensagem de Absalão ao rei e este concordou em encontrar-se com o filho numa audiência que promulgou anistia total (14:33). Cinco anos depois da morte de Amnom, Absalão voltou a ser aceito na corte real como herdeiro legítimo.

Tamar foi estuprada, Amnom foi assassinado, Absalão foi banido e depois reconciliado com o pai. Entretanto, ainda havia mais problemas pela frente: o retorno de Absalão à corte colocou o trono de Davi em perigo.

### 15:1-12 O golpe de estado de Absalão

A essa altura da história, Davi provavelmente era um homem idoso e as pessoas começavam a se perguntar quem o sucederia. Conforme registrado em 14:25-27, Absalão possuía características que o tornavam um candidato atrativo. Mesmo com Davi reinando, o ambicioso Absalão sonhava usurpar o trono.

Absalão começou a comportar-se como um rei. Preparou carro e cavalos, uma tropa de cinquenta guarda-costas que corressesem adiante dele (15:1), e lançou uma campanha política para conquistar o público. Sua estratégia era apresentar-se como amigo de todos, recusando que as pessoas se inclinassem diante dele e criticando vigorosamente a má administração da justiça de Davi (15:2-6). Prometeu que, se fosse juiz na terra (naqueles dias equivalente a tornar-se rei), garantiria justiça para todos. Considerando o pouco acesso à justiça que temos na África, e ainda por cima o fato de que os juizes são influenciados pela lealdade a determinadas tribos e regiões, temos de concordar que a promessa de Absalão é bastante atrativa.

Embora exagerando a extensão do problema, parece haver poucas dúvidas de que suas palavras refletiam parte da realidade do sistema jurídico nos dias de Davi. Por exemplo, não houve justiça no caso de Bate-Seba, quando o próprio rei transgrediu a lei. Davi também não fez justiça no caso do estupro de Tamar, nem no assassinato de Amnom.

Quatro anos depois de ter recebido anistia total, Absalão decidiu aplicar um golpe de estado. Para isso, viajou discretamente a Hebrom fingindo que precisava cumprir um voto (15:7-10). Hebrom era simbolicamente importante, pois era local de nascimento de Absalão e onde seu pai Davi fora ungido rei.

Entretanto, ele não convidou seu pai ou seus irmãos para acompanhá-lo. Estes provavelmente não aceitariam convites após o que aconteceu com Amnom (13:23-29). Antes, viajou acompanhado de duzentos convidados de Jerusalém, mas estes homens não faziam a menor ideia dos planos de Absalão (15:11). Mas nem todos desconheciam as intenções de Absalão, porque ele enviou mensageiros secretos para avisar as tribos do golpe e pedir apoio quando ouvissem as trombetas dizendo: *Absalão é rei em Hebrom!* (15:10). Além disso, Absalão conseguiu apoio de Aitofel, um dos conselheiros de seu pai (15:12).

Contudo, independentemente de quanto apoio Absalão conseguisse em Israel, todos sabiam que ele estava tomando o trono à força, pois Davi, o rei legítimo, continua vivo. Dessa forma, qualquer outra autoridade seria considerada ilegítima. Mas, como acontece com frequência na África, quando o povo não consegue obter o poder de forma legítima nas urnas, recorre a outros meios. Nesses casos, o poder é tomado pelo exército ou com a sua ajuda. Precisamos lembrar que, embora a Bíblia não endosse nenhuma outra forma de governo, a democracia como expressão da vontade do povo continua sendo a forma correta para estabelecer um governo legítimo.

### 15:13-37 Davi foge de Jerusalém

Um informante, provavelmente um dos que foram enganados ao participar da cerimônia de coroação em Hebrom, avisou Davi que *todo o povo de Israel segue decididamente a Absalão* (15:13). O poder mudou repentinamente de lado, e o povo não apoiava mais Davi.

Temendo um ataque iminente em Jerusalém, Davi ordenou a todos os oficiais que deixassem a cidade de imediato, pois percebeu que aqueles que o apoiavam não seriam suficientes para enfrentar o exército de Absalão. Além disso, temia que uma batalha em Jerusalém causasse a destruição da cidade e a perda de muitas vidas (15:14). Davi continuava preocupado com o bem-estar do povo e da cidade de Deus. O interesse da nação e do povo tinha prioridade sobre seus interesses políticos pessoais.

A atitude de Davi contrasta com homens que causaram guerras na África. Nossas cidades foram pilhadas e infra-estruturas acabaram destruídas; fábricas foram saqueadas e lares terminaram demolidos. Aqueles cuja prioridade é a ganância pelo poder não podem dizer que se preocupam com o bem-estar do povo e das cidades.

Embora crescesse rapidamente o apoio popular de Absalão, Davi ainda possuía homens leais e prontos a segui-lo onde quer que fosse (15:15). Ao sair da cidade, o rei deixou para trás apenas dez de suas concubinas a fim de *cuidarem da casa* (15:16). Essa informação prepara o leitor para o que acontecerá a seguir em 16:21-22.

Após alcançar uma distância segura da cidade, Davi parou para verificar quem o acompanhava (15:17). A maior parte era formada por sua guarda real, isto é, seus

guarda-costas, grupo composto de estrangeiros (15:18) (Não sabemos por que Davi não confiava em seus irmãos israelitas para sua proteção pessoal.) Davi também estava acompanhado de seiscentos homens de Gate, liderados por um homem chamado Itai. É possível que Davi tenha encontrado Itai quando se refugiou entre os filisteus (1Sm 27). Testando a lealdade do geteu, Davi sugeriu que Itai permanecesse em Jerusalém, aonde chegara recentemente, mas Itai insistiu que continuaria ao lado de Davi (15:19-22).

Davi pensou no futuro mesmo enquanto fugia de Absalão, pois instruiu Zadoque e Abiatar a retornar a Jerusalém com a arca da aliança que os levitas haviam trazido quando fugiram da cidade (15:24-25). No deserto, precisaria mais de homens para lutar que de sacerdotes. Portanto, estes seriam mais úteis se permanecessem em Jerusalém trabalhando como informantes (sem que Absalão soubesse, obviamente) (15:27-28).

As palavras de despedida aos sacerdotes mostram que Davi obedeceu totalmente à vontade de Deus, sem manipulá-lo ou forçá-lo a agir em seu favor (15:25-26). No final, todos choraram com o rei (15:23,30).

Davi foi traído não apenas por seu filho, mas também por um de seus conselheiros pessoais (15:12). Ao saber disso, Davi orou a Deus: *Transfornes em loucura o conselho de Aitofel* (15:31). Mas Husai, outro conselheiro pessoal, permaneceu leal a Davi e ofereceu-se para acompanhá-lo (15:32). Entretanto, Davi pediu que Husai retornasse a Jerusalém para oferecer seus serviços a Absalão e utilizasse sua posição privilegiada para montar uma rede de espionagem com a ajuda de Zadoque e Abiatar (15:33-36), que então levariam essas informações a Davi.

Davi era um político pragmático. Confiava em Deus, mas também fazia tudo o que fosse humanamente possível para controlar o rumo dos acontecimentos. Em outras palavras, não esperava que Deus fizesse todo o trabalho sozinho. Nesse sentido, Davi teria concordado com São Benedito, cujo lema era “oração e trabalho”. Na África, há pessoas que pensam que Deus é mágico e ficam sentadas esperando que ele faça algum milagre. Esse comportamento é incentivado por pregadores inescrupulosos. Certa vez, um desses pregadores disse a um grupo de cristãos que faria multiplicar por dez todo o dinheiro que lhe dessem, e muitos ingênuos entregaram todas as suas economias. Meses se passaram e nada aconteceu. Deus não deve ser tratado como falsificador que imprime cédulas de dinheiro. Se quisermos ganhar dinheiro, temos de trabalhar honestamente. Deus abençoa o trabalho, e não a inatividade.

Amigo e conselheiro, Husai obedeceu às instruções de Davi e retornou no momento em que *Absalão entrou em Jerusalém* (15:37).

#### 16:1-14 Encontros na estrada de Jerusalém

Fugindo de Absalão, Davi encontrou dois homens ligados à família de Saul: Ziba e Simei.

16:1-4 DAVI E ZIBA. Ziba era um dos servos de Saul a quem Davi encarregou de cuidar das fazendas de Mefibosete (9:9-10). Mefibosete permaneceu em Jerusalém, provavelmente porque sua deficiência física o impedira de acompanhar Davi. Ziba foi atrás de Davi para dizer-lhe que estava ao seu lado (16:1). Além disso, trouxe vinho e comida para os homens de Davi, pois estes provavelmente não tiveram tempo de juntar mantimentos antes de deixar a cidade.

Davi sempre suspeitou da lealdade dos descendentes de Saul, de modo que perguntou a Ziba qual era a opinião de Mefibosete sobre a revolta política em Jerusalém (16:3). A resposta de Ziba (caso fosse verdadeira) mostrou que o descendente de Saul ainda aspirava ao trono. De acordo com Ziba, Mefibosete considerava a guerra civil uma oportunidade para a linhagem de Saul retornar ao poder. Então Davi, com raiva da ingratidão de Mefibosete, entregou a Ziba todos os bens que pertenciam a Mefibosete (16:4).

Temos aqui outro exemplo de como os reis utilizam o poder para recompensar seus colaboradores. O problema é que Davi não levou em consideração o direito legal, mas agiu apenas conforme seus caprichos.

16:5-14 DAVI E SIMEI. A hostilidade de Simei é compreensível, pois o texto informa que ele *era da família da casa de Saul* (16:5). Suas palavras e ações mostram como os colaboradores de Saul, que ainda estavam na ativa, interpretaram a revolta de Absalão. Para eles, Davi era *homem de sangue* (16:8), isto é, alguém que matava ou mandava matar. Embora o relato bíblico inocente Davi da morte de Saul e sua família, incluindo Abner e Isbosete, os partidários de Saul ainda enxergavam Davi como responsável por essas mortes. Portanto, consideraram o golpe de Absalão uma punição da parte de Deus, e por essa razão Simei se julgou no direito de ofender o rei com maldições e atirando pedras (16:6-8,13-14).

Abisai, general de Davi e irmão de Joabe, quis matar Simei, porém Davi o impediu (16:9), preferindo deixar o caso nas mãos de Deus. Davi aceitou as imprecações de Simei como se fossem parte das dificuldades que Deus lhe enviava (16:10). Além disso, como ele mesmo reconheceu: *Eis que meu próprio filho procura tirar-me a vida, quanto mais ainda este benjamita?* (16:11). Davi estava ciente da hostilidade dos descendentes de Saul ao seu reinado.

#### 16:15-23 Absalão em Jerusalém

O narrador interrompe a história da fuga de Davi e passa a relatar os acontecimentos em Jerusalém. Em 15:33-36, Davi enviou Husai como espião para confrontar os conselhos do traidor Aitofel. Agora temos oportunidade de ver como Husai cumpriu sua missão.

16:15-19 O ENGODO DE HUSAI. Quando Absalão chegou com suas tropas a Jerusalém, Husai se apresentou e expressou sua lealdade, dizendo: *Viva o rei, viva o rei!* (16:15-16). Contudo, Absalão suspeitou e questionou a lealdade

de Husai (16:17), que respondeu de modo convincente, porém ambíguo: disse que faria tudo para servir ao rei verdadeiro (sem especificar se esse rei era Davi ou Absalão, 16:18), e afirmou que jurar lealdade a Absalão não era traição (o que era verdade, pois estava obedecendo a ordens de Davi). Husai insistiu que servir ao novo rei era o mesmo que servir ao rei anterior, pois Absalão era filho de Davi (16:19).

**16:20-23 O CONSELHO DE AITOFEL.** O máximo que Absalão visualizou era ocupar Jerusalém e tornar-se rei; além disso, não sabia qual o próximo passo, de modo que pediu conselhos a Aitofel (16:20). Este o aconselhou a ter relações sexuais com as concubinas de seu pai, aquelas que Davi deixou cuidando do palácio (16:21a). Alguns interpretariam esse ato como reivindicação de legítima sucessão real (cf. 12:8, onde Deus diz que Davi herdou as concubinas de Saul). Entretanto, o principal objetivo de Aitofel não era esse, mas demonstrar publicamente que Absalão e Davi se haviam separado totalmente, sem chances de reconciliação: *ouvindo todo o Israel que te fizeste odioso para com teu pai, animar-se-ão todos os que estão contigo* (16:21b). Ou seja, agindo dessa forma Absalão dava garantias aos seus colaboradores que não havia perigo de desistir da empreitada e deixá-los todos na mão. Absalão agiu como Rúben quando perdeu seu direito de primogenitura ao coabitar com Bila, concubina de seu pai Jacó (Gn 35:22; 49:3-4).

Uma tenda foi preparada no terraço do palácio, provavelmente próxima do local onde Davi avistou Bate-Seba tomando banho. Absalão entrou na tenda e coabitou com as concubinas, *à vista de todo o Israel* (16:22).

Esse episódio termina com uma observação sobre Aitofel, pois tanto para Davi quanto para Absalão o conselho de Aitofel tinha o mesmo peso que se procedesse de um profeta de Deus (16:23). Davi e Absalão reinaram, mas o verdadeiro poder estava nas mãos de seus conselheiros.

Em certas comunidades cristãs, o conselho de algumas pessoas é tratado como se fosse “verdade do evangelho”. Isso é perigoso. Podemos confiar no conselho de algumas pessoas, mas precisamos lembrar que o ser humano é falível. Somente a palavra de Deus é isenta de erros.

### 17:1-14 Os conselheiros de Absalão

Absalão recebeu conselhos conflitantes de Aitofel e Husai. Ao ler a passagem, precisamos lembrar da oração de Davi contra Aitofel (15:31) e da função de Husai no palácio (15:33-36).

**17:1-4 O CONSELHO DE AITOFEL.** Aitofel ajudou a consolidar o poder de Absalão no trono quando aconselhou o novo rei a coabitar com as concubinas de Davi (16:20-21), de modo que Absalão voltou a procurá-lo para novos conselhos, pois Aitofel era considerado o maior dentre os conselheiros (16:23). Aitofel propôs um plano para acabar com Davi e eliminar a disputa pelo trono de uma vez por todas.

Para isso, recomendou que Absalão escolhesse mil homens de cada tribo e perseguisse seu pai imediatamente, antes que Davi tivesse tempo de se recuperar da fuga e angariar apoio (17:1-2). Um ataque surpresa contra aquele grupo desorganizado minimizaria a perda de vidas do exército de Absalão e, consequentemente, reduziria a hostilidade das tribos. O objetivo principal era eliminar Davi, pois, uma vez morto, suas tropas automaticamente passariam para o lado de Absalão (17:3). Aitofel se dispôs a liderar o exército nesse ataque.

O conselho de Aitofel pareceu bom (cf. tb. 17:14) e foi aceito por Absalão e pelos anciãos de Israel (17:4). Absalão não estava totalmente convencido, contudo, de modo que pediu uma segunda opinião.

**17:5-14 O CONSELHO DE HUSAI.** Trabalhando secretamente para Davi (17:5-6), Husai ofereceu um conselho organizado e persuasivo. Em primeiro lugar, reconheceu que Aitofel era um bom conselheiro, mas que nesse momento seu conselho ignorava um importante fato (17:7): Davi era um guerreiro experiente e esteve em situações parecidas no passado quando fugiu de Saul. Davi não se deixaria ser pego de surpresa, nem dormiria junto com seus homens. Além do mais, considerando a bravura dos guerreiros que estavam com Davi, eles possivelmente planejavam emboscadas para atacar tropas adversárias. Se o ataque de Absalão falhasse, seus colaboradores ficariam desmoralizados (17:8b-10). Husai aplicou uma metáfora popular para reforçar seu argumento, dizendo que Davi e seus guerreiros seriam ainda mais perigosos durante a batalha, pois estavam *enfurecidos como a urso no campo, roubada dos seus filhotes* (17:8a; cf. tb. Pv 17:12; Os 13:8).

Husai propôs um plano alternativo, diferente em todos os aspectos do plano de Aitofel. Onde Aitofel propôs ação imediata, Husai sugeriu juntar homens *desde Dã até Berseba* (17:11). Ao invés de um exército de doze mil homens, Husai sugeriu mobilizar a nação inteira. E o próprio Absalão deveria conduzir o exército, cujo objetivo não era eliminar apenas Davi, mas destruir todos os seus homens (17:12-13).

Husai sabia que Davi e suas tropas estavam cansados (16:14) e seu conselho tinha a intenção de dar tempo a Davi para que encontrasse refúgio e se reorganizasse enquanto Absalão reunia um exército nacional. Sugerir que Absalão liderasse o exército implicava a possibilidade de este vir a morrer, e eliminar todo o exército de Davi implicava uma batalha feroz, não apenas tornando a morte de Absalão mais provável, mas também indispondo as famílias do exército de Israel contra Absalão.

Davi orou ao Senhor para tornar loucura o conselho de Aitofel (15:31), e a oração foi atendida quando Absalão considerou o conselho de Husai mais convincente que o de Aitofel. Apesar de os conselhos de Aitofel serem considerados “como resposta de Deus a uma consulta”, nessa ocasião o Senhor agiu contra ele (17:14; 16:23).

Aqui temos uma lição para aqueles que pedem conselhos. Muitas vezes o conselho que recebemos não procura satisfazer nossos interesses, mas o interesse daquele que o pronunciou. O conselho de Aitofel era, na verdade, muito melhor que o de Husai. Entretanto, Absalão não percebeu que o conselho de Husai tinha por objetivo proteger Davi.

### 17:15-29 *Davi cruza o rio Jordão*

Sem saber qual dos conselhos seria escolhido, Husai enviou imediatamente uma mensagem informando Davi para não passar a noite *nos vãos do deserto*, onde Aitofel planejava atacá-lo (17:15-16). Obviamente Husai não podia entregar essa mensagem pessoalmente, de modo que pediu a uma serva para entregar a mensagem a *Jônatas e Aimaás*, filhos dos sacerdotes, que então a levaram a Davi (17:17). Infelizmente os dois foram seguidos, mas uma mulher os salvou ao escondê-los num poço (17:18-20). Passado o perigo, a mensagem foi entregue a Davi, que cruzou o Jordão durante a noite (17:21-22).

Esse episódio termina com o suicídio de Aitofel (17:23), talvez porque tenha sido a primeira vez em muitos anos que seu conselho não foi seguido, ou talvez porque ele tenha percebido que a rejeição de seu conselho levaria Absalão à destruição e, conseqüentemente, ele seria executado por traição. Contudo, antes de morrer, Aitofel *pôs em ordem os seus negócios*, isto é, designou quem teria parte em seus bens e como eles deveriam ser distribuídos. Como conselheiro real, Aitofel provavelmente era um homem rico.

Embora os costumes estejam mudando, muitos africanos morrem sem deixar seus negócios em ordem, isto é, sem preparar testamento legal ou pelo menos deixar instruções claras aos anciãos da aldeia sobre como distribuir seus bens. Quando isso não é feito, a viúva passa por momentos muito difíceis, pois os parentes do marido podem tomar posse de tudo e deixá-la, assim como seus filhos, sem sustento. Uma das razões pelas quais as pessoas morrem sem deixar testamento se deve ao medo de pensar na morte. Entretanto, o cristão não precisa temer a morte, pois Cristo a derrotou, de modo que nossa vida agora está segura em Deus, mesmo quando morremos. Assim, não há razão para não nos prepararmos para morrer.

Joabe, comandante do exército de Israel, também fugiu com Davi, de modo que Absalão teve de nomear Amasa, primo de Joabe, como novo comandante (17:24-25). O exército de Absalão reuniu-se *na terra de Gileade* (17:26).

Enquanto isso, Davi acampava em Maanaim (local em que Isbosete fora empossado, 2:8), onde recebeu comida e equipamento (17:27-29). Entre aqueles que ajudaram Davi estava o amonita *Sobi, filho de Naás*, provavelmente governador nomeado por Davi após conquistar Rabá (12:29), e também Maquir, que tomava conta de Mefibosete (9:4), além de um homem chamado Barzilai, mencionado em 19:31-39.

### 18:1—19:8a *A derrota de Absalão*

A narrativa passa a relatar os acontecimentos decisivos da batalha entre os exércitos.

**18:1-18 A BATALHA FINAL.** Após instalar-se em segurança no outro lado do Jordão, Davi começou a organizar seu exército para a batalha (18:1), dividindo-o em três grupos liderados por Joabe, Abisai e Itai (18:2). Mais uma vez o rei deixou de acompanhar o exército (cf. 11:1), o que nos faz lembrar o episódio de seu pecado com Bate-Seba, cujas conseqüências Davi enfrentava agora ao lutar contra seu filho. Entretanto, dessa vez Davi teve boas razões para isso: seus homens, preocupados com sua segurança, pediram que ele ficasse (18:3-4). Davi, portanto, não foi responsável pela morte de seu filho.

Davi deu ordens ao exército para tratarem *com brandura o jovem Absalão, por amor de mim* (18:5a). Com isso, ele demonstrava claramente que não desejava a morte do filho, da mesma forma que não desejou a morte de Saul, Isbosete e Abner. Entretanto, Davi não chama Absalão de filho, mas de “o jovem”, palavras que revelam conflito: como rei, ele desejava defender seu trono e sua vida contra um usurpador, mas, como pai, tinha de lutar contra o próprio filho. É compreensível que seu maior desejo fosse encerrar a rebelião sem perder o filho.

Obviamente, o autor de 2Samuel considerou essa ordem muito importante, pois o relato da batalha procura de todas as formas mostrar se ela foi cumprida ou não. Isso porque o texto afirma claramente: *Todo o povo ouviu quando o rei dava a ordem a todos os capitães acerca de Absalão* (18:5b).

Dois capítulos foram escritos para descrever os acontecimentos que terminaram nessa batalha, porém o relato da batalha em si é bastante resumido. Havia dois oponentes, o *povo de Israel* (com Absalão) e os *servos de Davi* (18:7). A batalha ocorreu *no bosque de Efraim* (18:6), contribuindo para a vitória de Davi, pois *o bosque, naquele dia, consumiu mais gente do que a espada* (18:8). Obviamente, o bosque não matou os soldados. Ocorre que o povo de Israel não estava familiarizado com o local, de modo que muitos podem ter-se perdido durante a fuga e por isso morreram de fome e sede.

Absalão deparou-se com os homens de Davi e tentou fugir em sua mula (18:9a), mas esta se meteu no meio do mato, de modo que Absalão se enroscou em uma árvore. A mula continuou andando, mas, como Absalão estava preso, acabou desmontando e ficou pendurado nos galhos, literalmente *entre o céu e a terra* (18:9b). Representações dessa cena sempre mostram Absalão pendurado pelos cabelos (provavelmente por causa da referência em 14:26). Contudo, a Bíblia não menciona que Absalão ficou preso pelos cabelos, mas *pela cabeça*.

Um dos soldados encontrou Absalão pendurado e foi contar a Joabe (18:10), porém lembrou ao comandante que Davi havia dado ordens específicas para tratar Absalão

com brandura. Além disso, retrucou o comentário de Joabe afirmando que não desobedeceria nem por *mil moedas de prata* (18:12).

A atitude deste homem contrasta com a daqueles dispostos a vender a consciência por dinheiro. Essa tentação é poderosa, pois a crise econômica no continente africano leva as pessoas a agir de modo contrário à ética. Nesse sentido, vemos policiais aceitando suborno para libertar prisioneiros e professores dando boas notas a alunos que não as merecem em troca de dinheiro. O dinheiro pode cauterizar a consciência e corromper os justos.

A atitude deste homem também contrasta com a de Joabe, que desafiou deliberadamente as ordens do rei e assassinou Absalão (18:11-15). Por que Joabe fez isso? Talvez ele ainda ressentisse o fato de Absalão ter queimado sua fazenda para manipulá-lo (14:29-32), ou talvez tenha decidido agir com o mesmo cinismo que Davi demonstrou quando soube da morte de Urias, dizendo: “A espada devora tanto este como aquele” (11:25). Naquela ocasião, Joabe obedeceu à ordem do rei porque era conveniente ao reino. Agora, contudo, achou conveniente desobedecer, pois considerou que somente a morte de Absalão colocaria fim ao conflito.

Após matar Absalão, Joabe tocou a trombeta para reagrupar suas tropas (18:16) e sepultou Absalão às pressas (18:17). E assim se encerrou a rebelião de Absalão, e com ela a sua linhagem, pois seus três filhos mencionados em 14:27 devem ter morrido antes de Absalão erigir sua coluna memorial (18:18).

**18:19—19:8a A REAÇÃO DE DAVI À MORTE DE ABSALÃO.** O rei ainda não sabia desses acontecimentos, de modo que Aimaás, filho de Zadoque e quem havia levado a Davi a informação de Husai sobre os planos de Absalão (17:1-21), se dispôs a levar as boas novas ao rei (18:19). Aos seus olhos, Deus havia feito justiça.

Mas Joabe sabia que era péssima ideia Aimaás levar essa notícia ao rei, pois, embora vitorioso, o rei não ficaria feliz ao ouvir sobre a morte de Absalão (18:20). Joabe conhecia muito bem a reação de Davi ao ouvir notícias da morte de seus inimigos no passado (4:9-11), de modo que encarregou um *etíope* (um africano) para levar as notícias (18:21).

A forma pela qual os ocidentais interpretam esse incidente demonstra o evidente problema da interpretação bíblica de mentalidade europeia. Alguns estudiosos sugerem que o etíope foi escolhido porque os africanos são excelentes corredores. Outros ostentam racismo declarado ao inferir que a escolha do etíope se deve ao fato de que a cor negra é apropriada para quem entrega más notícias. Outros ainda presumem que o etíope era um escravo. Entretanto, nenhuma dessas suposições pode ser justificada pelo AT. Este etíope provavelmente era um soldado no exército de Davi. Apesar das tentativas de provar o contrário, percebemos que os africanos têm participado da história do povo

de Deus. Até mesmo Moisés teve uma esposa etíope, ou cuxita (Nm 12:1).

Mas Joabe cedeu diante da insistência de Aimaás, e assim partiram dois mensageiros. Aimaás, contudo, pegou um atalho e chegou antes do etíope (18:23). A sentinela reconheceu Aimaás à distância só pelo jeito de correr (18:24-27). Como espião, Aimaás estava acostumado a trazer informações ao rei e exaltou a Deus ao anunciar a vitória, porém o rei estava mais interessado nas notícias do filho (18:28-29). Ciente das advertências de Joabe, Aimaás fingiu não saber da morte de Absalão.

Mas então chegou o etíope, também exaltando ao Senhor pela vitória de Davi sobre *todos os que se levantaram contra ti* (18:31). Novamente Davi pergunta por Absalão e o africano responde com sabedoria: *Sejam como aquele os inimigos do rei, meu senhor, e todos os que se levantam contra ti para o mal* (18:32). O rei compreendeu a resposta e começou a chorar; questionou os mensageiros sobre “o jovem Absalão” (18:29,32), mas agora Davi chora por *meu filho Absalão*, utilizando cinco vezes a expressão em 18:33. O lado paternal sobrepujou suas emoções de rei.

Davi ordenou a morte de Urias sem demonstrar nenhuma emoção, porém agora chora pela morte do filho como somente aqueles que perderam entes queridos conseguem entender. A descrição de sua tristeza é comovente e surpreendentemente sincera. Qualquer jornalista africano que relatasse cena semelhante vivida por um chefe de Estado provavelmente seria acusado de difamação!

Em vez de comemorar a vitória, Davi lamentou profundamente a morte do filho, sentimento que causou o retorno do exército como se eles tivessem sofrido uma grande derrota (19:1-4). A aflição de Davi o fez negligenciar o bem-estar de seus homens e negar ao povo oportunidade de comemorar o fim da rebelião.

Joabe, quando interveio a favor de Absalão no passado, trouxe uma mulher de Tecoa para falar com o rei (14:1-3). Contudo, agora não havia tempo para esse tipo de intervenção sutil; era necessário agir imediatamente. Ele confrontou e repreendeu Davi por seu comportamento, pois o rei estava indispondo-se com o povo que o apoiara e arriscara a vida em seu favor. A atitude de Davi transmitia aos soldados a mensagem que a vida deles não valia nada em comparação com a de Absalão (18:5-6). A menos que mudasse de atitude, Davi corria o risco de uma nova revolta (19:7).

Davi reconheceu a sabedoria de Joabe e então *se levantou e se assentou à porta* (19:8a). Não disse coisa alguma, mas seus colaboradores ficaram mais tranquilos ao saber que o rei ainda tinha condições de governar.

#### **19:8b-15 Preparativos para o retorno de Davi**

O país permanecia dividido após a batalha: os partidários de Davi, que se juntaram ao rei, e o restante de Israel (os partidários de Absalão) que se dispersou (19:8b; cf. 18:10).



O retorno de Davi não ocorreu automaticamente, pois a rebelião abalou toda a estrutura do país. Absalão denegriu a imagem de Davi e foi aceito pelo povo como se fosse um rei ungido (19:9-10a). Por isso, Davi não podia simplesmente voltar a Jerusalém; era preciso desenvolver uma estratégia para reconquistar o poder.

A reinstalação de Davi ao trono, assim como sua coroação inicial, ocorreu em duas fases. As tribos do Norte que apoiaram Absalão foram as primeiras a demonstrar interesse no retorno de Davi (19:10b). Davi, porém, queria ser recebido em Jerusalém pelas tribos do sul. Desse modo, pediu aos sacerdotes que comunicassem essa mensagem política aos anciãos do sul, apelando aos laços familiares de Judá (sua tribo) para que o trouxessem a Jerusalém antes que as tribos do Norte (partidárias de Absalão) o fizessem (19:11-12). Essa apelação de Davi prova que os habitantes de Judá também apoiaram a revolta de Absalão. Davi estava tão preocupado em apaziguar seus inimigos que ofereceu a Amasa o cargo de comandante do exército em substituição a Joabe (19:13).

Vários líderes rebeldes na África têm obtido cargos de alto escalão no exército ou no governo como recompensa pela rendição. Alguns desses rebeldes, que nunca chegaram a ocupar posições regulares no exército, tornaram-se generais de um dia para o outro após acordos para encerrar os conflitos. Davi, procurando ganhar a simpatia do povo de Judá a qualquer custo, sacrificou Joabe, um de seus guerreiros mais leais, a favor de um traidor.

É possível que Davi estivesse com raiva de Joabe por este ter agido contra suas ordens e assassinado Absalão. Sem dúvida, isso deve ter lembrado ao rei outro assassinato de Joabe: Abner (3:26-29). A raiva de Davi pode ter contribuído para a decisão de rebaixar Joabe.

A estratégia surtiu o efeito esperado. Os homens de Judá convidaram o rei para retornar e, mais que isso, foram ao seu encontro e o ajudaram a cruzar o rio Jordão (19:13-14). Esse foi o primeiro passo na restauração do governo de Davi em Israel. Contudo, Davi fez uma manobra perigosa ao colocar as tribos do Norte contra as do Sul, em vez de unir todas as tribos para recebê-lo.

#### 19:16-40a *Reencontros na estrada para Jerusalém*

No caminho de volta para Jerusalém, Davi reencontrou várias pessoas com quem se havia deparado na fuga, incluindo Simei, Mefibosete e Barzilai.

19:16-23 **DAVI E SIMEI.** Simei, da tribo de Benjamim, havia amaldiçoado e atirado pedras contra Davi enquanto este fugia de Jerusalém (16:5-14), mas agora buscava desesperadamente provar sua lealdade (19:16). Estava acompanhado de mil homens da tribo “de Benjamim”, expressão indicativa de que eles pertenciam à tribo de Saul. Simei havia chamado Davi de “homem de sangue” (16:7), porém agora implora misericórdia ao rei, reconhecendo seu pecado e pedindo perdão (19:19-20). Abisai, irmão

de Joabe, considerou que Simei deveria ser morto por ter amaldiçoado o rei, o ungido do Senhor (19:21). Mas Davi não quis vingar-se, possivelmente porque tencionava fazer aliança com a tribo de Benjamim e, portanto, era imprudente provocá-los com a morte de um de seus líderes (19:22-23). Contudo, Davi nunca se esqueceu da ofensa de Simei e mais tarde pediu a seu filho que o vingasse (1Rs 2:8-9,36-46).

19:24-30 **DAVI E MEFIBOSETE.** O autor narra o encontro de Davi e Mefibosete dando a entender que o episódio aconteceu durante o retorno para Jerusalém, mas na verdade ocorreu já em Jerusalém. O motivo para ser relatado aqui provavelmente se refere ao fato de que Ziba, ex-servo de Mefibosete e que ajudou Davi durante a fuga, acompanhava o povo que recebeu Davi ao cruzar o rio Jordão (19:17). Ziba acusou Mefibosete de traição, dizendo que o filho de Jônatas havia tomado partido de Absalão durante a revolta. Davi puniu a traição de Mefibosete entregando todos os bens deste a Ziba (16:3-4). Mas, quando Davi chegou a Jerusalém, encontrou-se pessoalmente com Mefibosete, que deu a impressão de lamentar a partida de Davi desde a entrada de Absalão em Jerusalém (19:24). Quando Davi perguntou por que não o acompanhou, Mefibosete se defendeu mencionando sua deficiência física e afirmando que Ziba o havia abandonado e difamado (19:25-28). Diante de duas explicações plausíveis, porém totalmente contraditórias, Davi não conseguiu discernir quem estava dizendo a verdade, de modo que decidiu pela divisão dos bens entre os dois (19:29).

19:31-40a **DAVI E BARZILAI.** Barzilai, homem rico e que ajudou Davi durante o exílio (19:31-32), também veio dar as boas vindas ao rei em Maanaim (17:27). Davi convidou Barzilai para acompanhá-lo a Jerusalém, prometendo sustentar o ancião. Mas Barzilai, agora com oitenta anos de idade, não se interessou em trocar sua casa pelo palácio. A idade avançada não lhe permitiria apreciar a excelente comida do rei, ouvir a música tocada na corte e nem mesmo discernir entre coisas boas e ruins (19:34-36). Em vez disso, ele sugeriu que o rei levasse seu filho Quimã em seu lugar (19:37; cf. tb. 1Rs 2:7).

Na República Democrática do Congo, usa-se com frequência a expressão *kosalela âge* (“aja de acordo com sua idade”) para aquelas pessoas que não querem admitir sua idade e insistem em agir como se ainda fossem jovens: homens mais velhos correndo atrás de garotas e mulheres mais velhas usando roupas feitas para as mais jovens.

O rei aceitou a oferta de Barzilai, e Quimã acompanhou-o até Jerusalém (19:38-40a). O texto não informa como Davi recompensou Quimã, mas provavelmente lhe ofereceu algum cargo de alto escalão no palácio.

#### 19:40b-43 *Rivalidades entre Judá e Israel*

O conflito que Davi provocou entre o povo de Judá e o restante de Israel (19:9-15) agora se tornara mais evidente.

Os homens de Israel ficaram magoados por não terem participado com Judá da ação de cruzar o rio Jordão ao lado de Davi, e além disso metade das tropas de Israel foram excluídas do comboio que escoltava o rei a Jerusalém (19:40b-41). Tentando se justificar, o povo de Judá argumentou que *o rei é nosso parente* (19:42). Aborrecidos, os homens de Israel gabaram-se de sua superioridade numérica, dez vezes maior que Judá (19:43), além de terem sido os primeiros a apoiar o retorno do rei, e a hostilidade aumentou quando Judá passou a responder de modo cada vez mais duro. Não há indícios de que a questão tenha sido resolvida. A rivalidade entre as tribos continuou aumentando até causar a divisão do reino do Norte e do Sul nos dias de Roboão (1Rs 12:1-16).

Esse regionalismo também ocorre em muitos países africanos. A maioria dos conflitos na África ocorre entre nortistas e sulistas, ou entre aqueles que vivem na costa leste e os que vivem na região central do continente, e assim por diante. Assim como Davi, muitos líderes africanos usam essas rivalidades para fortalecer o poder de seus governos. Em alguns casos, até mesmo fomentam tais divisões a fim de obter benefícios políticos.

## 20:1-22 A rebelião de Seba

O que começou como simples conflito entre nortistas e sulistas cresceu rapidamente até se transformar em séria ameaça à união de Israel.

Seba era um benjamita que participava da delegação que veio encontrar-se com o rei. Diante da hostilidade da tribo de Judá (19:43), de repente *tocou a trombeta e disse: Não fazemos parte de Davi, nem temos herança no filho de Jessé; cada um para as suas tendas, ó Israel* (20:1). Utilizando um estilo sensacionalista, Seba pediu às tropas de Israel que desertassem Davi; e foi exatamente isso o que eles fizeram. E, de súbito, Davi ficou apenas com o povo de Judá a acompanhá-lo a Jerusalém (20:2).

Chegando lá, Davi tratou das concubinas (encarregadas de tomar conta do palácio, 15:16) que tiveram relações sexuais com Absalão (conforme orientação de Aitofel, 16:21-22). Davi não quis mais coabitar com elas e as colocou em custódia numa casa separada (20:3), onde elas viveram para o resto da vida como viúvas, (Dt 24:1-4).

Com o intuito de ganhar a simpatia do povo de Judá, Davi nomeou Amasa, colaborador de Absalão (17:25), para ocupar o lugar de Joabe no comando do exército (19:13). Então Davi entregou a Amasa a tarefa de reprimir a revolta de Seba e deu-lhe três dias para organizar um exército em Judá (20:4). Ao que parece, Davi suspeitava que seus próprios homens não seriam suficiente para acabar com a revolta de Seba.

Infelizmente, Amasa não cumpriu o prazo estabelecido. Davi pode ter pensado que Amasa se juntara a Seba, de modo que ordenou Abisai a partir imediatamente no encalço deste último. A situação tornou-se tão séria a ponto

de Davi comentar: *Mais mal, agora, nos fará Seba, o filho de Bicri, do que Absalão* (20:6).

Amasa, contudo, não havia desertado; apenas estava atrasado. Quando finalmente Amasa se juntou a Abisai, Joabe (que participava do exército, mas não estava no comando) assassinou seu primo Amasa perfurando-lhe o abdômen (20:7-10a). Esse episódio lembra o assassinato de Eglom por Eúde (Jz 3:20-21). Como Abner (3:27), Amasa também não suspeitou das intenções de Joabe.

Após eliminar seu rival, Joabe retomou sua posição como comandante do exército e continuou a perseguição a Seba (20:10b-11), que se refugiou numa cidade chamada *Abel-Bete-Maaca* (20:14). Joabe cercou-a a fim de destruí-la, porém uma mulher sábia salvou a cidade. Provavelmente era uma mulher famosa ou ocupava alguma posição de liderança, pois conseguiu atrair a atenção do povo da cidade e de Joabe (20:15-17,22). Descreveu sua cidade como *uma mãe em Israel* (20:19) que não havia participado da revolta e, portanto, não merecia ser destruída. Joabe concordou em não destruir a cidade, desde que entregassem a cabeça de Seba (20:20-21). A mulher aceitou os termos e convocou o povo da cidade a localizar Seba, que então foi decapitado e teve sua cabeça jogada por cima do muro. Joabe tocou a trombeta, e o exército se retirou (20:22).

A sabedoria dessa mulher salvou a cidade e seus habitantes. Sua história contraria a opinião corrente de que o AT retrata as mulheres de forma negativa. Nesse episódio, percebemos que a sabedoria dela é exaltada. Além disso, ela claramente ocupava posição de liderança. O AT não pode ser utilizado para argumentar a favor de controle e subjugação das mulheres africanas.

## 20:23-26 A administração de Davi

Esta lista dos líderes militares e civis no governo de Davi é similar àquela registrada em 8:16-18, havendo, contudo, algumas diferenças. O nome de Joabe é o primeiro em ambas as listas. Sua habilidade em desbaratar as várias revoltas que ameaçaram o reinado de Davi o tornou a pessoa mais importante no governo. Mas o leitor não deve imaginar que Davi se esqueceu dos pecados de Joabe. Embora não o tenha punido durante seu reinado (a segurança do trono dependia em grande parte do exército), antes de morrer Davi delegou a responsabilidade pela punição de Joabe a Salomão, seu sucessor (1Rs 2:5,28-34).

Nesta lista, os primeiros dois oficiais estão no mesmo patamar, pois, apesar de Joabe ser comandante do exército, Benaia era encarregado da guarda pessoal do rei, constituída de mercenários estrangeiros. Essa distribuição de forças provavelmente era uma estratégia deliberada para contrabalançar o poder de Joabe (20:23).

Pela primeira vez o texto menciona um oficial encarregado *dos que estavam sujeitos a trabalhos forçados* (20:24). Alguns comentaristas afirmam apressadamente que estes trabalhos forçados eram executados por estrangeiros, isto

é, pessoas não-israelitas. Contudo, essa prática era uma das raízes do problema que causou a divisão do reino após a morte de Salomão. Portanto, é razoável supor que havia israelitas condenados a trabalhos forçados durante o reino de Davi. Caso isto seja verdadeiro, explicaria o sucesso de várias revoltas populares (especialmente nas tribos do Norte) contra Davi. A lista também apresenta o nome de dois sacerdotes que foram agentes secretos de Davi (15:27-29). Designar dois sacerdotes era uma forma de garantir que um vigiaria o outro (20:25).

Esse arranjo administrativo revela a falta de confiança do rei em seus oficiais. Davi passou a se precaver, pois foi traído por Aitofel, um de seus conselheiros mais confiáveis, e foi desobedecido por Joabe com relação à morte de Absalão. Por isso, designou oficiais aos pares, como hoje fazem muitos governos africanos ao constituírem, em duplicata, agências de segurança, forças políticas e chefes de estado-maior. Todas essas forças paralelas monitoram os serviços uma da outra em benefício do líder, porém infelizmente não em benefício do povo.

A revolta de Seba foi apenas mais uma na longa cadeia de acontecimentos que perturbou o reinado de Davi, desde o dia em que ele pecou diante de Deus ao raptar uma mulher casada e tramar a morte do respectivo marido. A sentença proferida por Natã foi cumprida literalmente (12:10) e a espada nunca se afastou da casa de Davi: Absalão, seu próprio filho, coabitou com as concubinas de seu pai à plena luz do dia e diante de todo o Israel; durante algum tempo Davi perdeu o trono e o apoio de Israel e teve de fugir às pressas de Jerusalém. As consequências de seu pecado tornaram-se correntes turbulentas.

Essa série de infortúnios poderia colocar em dúvida o perdão que Deus pronunciou por meio de Natã em 12:13. Davi reconheceu seu pecado, porém sofreu as consequências pelo resto de seus dias. O fato é que Deus perdoa nossos pecados, mas isso não necessariamente nos impede de sofrer consequências que podem afligir-nos o resto da vida. O relato do reinado de Davi serve, portanto, como ilustração para o povo de Deus. Davi começou reinando com humildade e confiando no Senhor, mas terminou orgulhoso de seu poder e negligenciando a lei de Deus. O Senhor, contudo, permaneceu fiel. O relato da vida de Davi é testemunho da fidelidade do Senhor para conosco, fidelidade que não depende de nosso comportamento, mas da graça de Deus.

Se Deus tivesse retribuído de acordo com as atitudes de Davi, certamente o rei teria morrido por haver tramado o assassinato de Urias. Entretanto, Deus é fiel à sua aliança e promessas (7:12-16). Davi foi punido, mas Deus não retirou seu amor, como fez com Saul (1Sm 15:26).

O livro de 2Samuel não apresenta Davi como um rei ideal, mas como um ser humano, com suas fraquezas e qualidades. Davi sabia depender da graça de Deus. Entretanto, seu reinado é descrito de forma diferente no livro

de Crônicas, onde ele é apresentado como um rei próximo da perfeição. Exceto pelo episódio do censo, que termina com a escolha do local do futuro templo, em Crônicas Davi é apresentado de forma irrepreensível: não há relatos de revoltas ou conflitos quanto à escolha de seu sucessor e nenhuma menção sobre o adultério com Bate-Seba. A razão para isso é que o livro de Crônicas foi escrito após o retorno dos exilados na Babilônia. Naquela época, os exilados precisavam de um personagem exemplar a fim de encorajar e restaurar a esperança do povo.

### **21:1—24:25 O fim do reinado de Davi**

Os quatro últimos capítulos de 2Samuel formam uma espécie de apêndice. Os acontecimentos mencionados aqui não estão em ordem cronológica com o capítulo 20. Antes, referem-se a acontecimentos que ocorrem entre o fim da revolta de Seba e os últimos dias de Davi. A sequência da história continua em 1Reis 1:1, onde o autor mostra Davi na corte, mas com idade avançada.

Estes capítulos estão organizados de acordo com um requintado plano literário: dois relatos de pragas, um no começo e outro no final (21:1-14; 24:1-25), duas listas (21:15-22; 23:8-39) e, no meio, duas canções (22:1-51; 23:1-7).

#### **21:1-14 Três anos de fome**

Em determinado momento houve um período de três anos de fome no reino de Davi, sobre o qual sabemos muito pouco, uma vez que o autor está mais interessado na reação de Davi que na escassez propriamente dita.

Essa escassez provavelmente ocorreu na época dos acontecimentos registrados no capítulo 9, onde o relato da preocupação de Davi com os descendentes de Jônatas também é precedido de uma lista dos oficiais da corte. O final do capítulo 20 apresenta uma lista semelhante. O autor relata esse incidente aqui provavelmente porque se encaixa no tema da seção anterior, onde Deus pune a desobediência do rei.

Conforme a escassez avança, Davi compreende que se refere a alguma falha no cumprimento da lei de Deus e consulta o Senhor para descobrir o motivo. Não sabemos a forma pela qual Davi consultou ao Senhor, mas Deus o informou de que a fome era punição pelo massacre de Saul sobre os gibeonitas (21:1). Não há registro desse acontecimento no reinado de Saul, porém sabemos que Saul era culpado de outras barbaridades, como o massacre dos sacerdotes em Nob (1Sm 22:19). Portanto, a acusação é plausível.

Sabemos também que Israel assinou um tratado com os gibeonitas em Josué 9 (21:2b). Ao violar esse pacto, Saul causou sérias consequências ao povo, assim como o pecado de Davi em assassinar Urias. Davi, portanto, compreendeu a atitude dos gibeonitas.

Davi não sugeriu formas de reparação pelo mal cometido por Saul contra os gibeonitas. Antes, perguntou o que

eles desejavam para remover a maldição que pairava sobre o reino de Israel (21:3). Os gibeonitas não estavam interessados em reparação material (21:4); queriam a morte de sete descendentes homens de Saul como compensação pelos homens que haviam perdido (21:5-6). Alguns comentaristas sugerem que o pedido por sete homens se refere ao símbolo da perfeição; nesse caso, indicando vingança completa.

Novamente o autor apresenta Davi com um homem que cumpre sua palavra. O rei aceitou o pedido dos gibeonitas e restaurou a aliança entre Israel e Gibeão. Além disso, cumpriu sua promessa a Jônatas ao proteger seu filho Mefibosete (21:7; 1Sm 20:14-17). Os homens entregues à morte eram filhos de Saul com Rispa, uma de suas concubinas (ver 3:7), e filhos de Merabe, filha de Saul (21:8). Davi não tinha aliança com a família dessas pessoas.

Impressiona o fato de o relato informar que os tais foram executados *perante o SENHOR* (21:6,9), como se fossem sacrifícios humanos a fim de encerrar a escassez. A ideia de sacrifício humano é reforçada pela ligação explícita das mortes com o *princípio da ceifa da cevada*, e pelo fato de que os corpos ficaram pendurados até o início das chuvas (21:9-10). É possível que os gibeonitas, que não faziam parte do povo de Israel (21:2a), tenham realizado uma cerimônia amorita, mesmo afirmando tratar-se de uma oferenda ao Deus dos hebreus. A lei de Deus proíbe explicitamente o sacrifício humano (Dt 12:31).

Era considerado vergonhoso entregar o corpo de alguém para ser comido por animais. Rispa fez tudo para impedir que seus filhos sofressem essa humilhação (21:10). Sua dedicação comoveu Davi, que providenciou um enterro digno para Saul, Jônatas e os sete filhos, *na sepultura de Quis, seu pai* [de Saul] (21:11-14), provavelmente onde Saul gostaria de ser enterrado. Os israelitas gostavam da ideia de ser enterrados próximo de onde nasceram, conforme se percebe pela insistência de Jacó para que seus ossos fossem enterrados junto à sepultura da família (Gn 47:29-31), e pelo pedido de José para que seus ossos fossem levados de volta a Canaã (Gn 50:25).

Muitos africanos possuem costume semelhante: moram perto de cemitérios modernos, mas querem ser enterrados nos vilarejos onde nasceram ou nas terras que possuem. Essa prática muitas vezes adiciona enorme custo financeiro à família enlutada.

A seção termina com a volta das chuvas, pois a ira de Deus tinha sido apaziguada (21:14).

### 21:15-22 Os guerreiros de Davi

Esta seção menciona várias batalhas ao longo do conflito entre filisteus e israelitas, possivelmente o conflito mencionado no capítulo 5. Entretanto, o narrador não se interessa tanto pela guerra quanto pelas façanhas dos valentes de Davi. Cada batalha inicia com a fórmula *novamente houve guerra entre filisteus e israelitas onde...* (21:15,18,19,20) e en-

tão descreve como os heróis de Davi matavam um campeão filisteu em cada luta.

Davi não parecia mais o guerreiro que havia sido quando jovem. Certa vez quase morreu lutando com um guerreiro filisteu e teve de ser socorrido por Abisai (21:15-17a). Após esse incidente, Israel proibiu Davi de acompanhar o exército nas guerras, descrevendo o rei como *a lâmpada de Israel* (21:17b), imagem que faz lembrar a lâmpada do templo (Êx 27:20), mas também pode representar a dinastia de Davi. Seja qual for o simbolismo, Davi era considerado pelo povo alguém muito especial.

Um dos heróis filisteus relatados nessa seção também se chamava Golias e sua descrição é semelhante àquela registrada em 1Samuel 17. Entretanto, é possível que houvesse vários filisteus com o mesmo nome, ou talvez esse nome se referisse a algum apelido ou título (21:19). Esse segundo Golias também afrontou Israel, sugerindo que insultos como este eram comuns nas guerras daquela época (21:20-21).

### 22:1-51 A canção de Davi

Davi demonstrou talentos artísticos por meio de um poema lírico em homenagem a Saul e Jônatas (1:19-27) e em sua oração de agradecimento à promessa de uma dinastia (7:18-29). O salmo dessa passagem, composto num período posterior da vida de Davi, é mais extenso que todos os outros e ocorre de modo ligeiramente diferente no salmo 18.

O título desta canção, assim como o salmo 18, se refere aos dias em que Davi fugia de seus inimigos, incluindo Saul (22:1). Isso pode explicar o posicionamento desse salmo aqui, imediatamente após o relato das vitórias sobre os campeões filisteus. Os filisteus eram inimigos tradicionais de Israel, e Davi teve de lutar muitos anos sob a orientação de Deus para conseguir derrotá-los. Esta canção é, portanto, uma forma de lembrar a bondade de Deus para com Davi e sua casa.

Davi utiliza várias metáforas que expressam ao mesmo tempo louvor e confiança em Deus. O Senhor é descrito como *rocha* (22:2-3), isto é, sólido e imperturbável, alguém em quem podemos firmar nossos pés. Davi se escondeu entre formações rochosas na época em que fugia de Saul (1Sm 23:25-28). A força da rocha é expressa em detalhes ainda mais claros no salmo 125: “Os que confiam no SENHOR são como o monte Sião, que não se abala, firme para sempre” (Sl 125:1). O Senhor é uma rocha que não pode ser derrubada!

No AT, o *escudo* representa proteção, e o *chifre* representa *força* (22:3; cf. 1Rs 22:11) (a RA geralmente traduz o termo hebraico “chifre” como “força, poder”). Davi e seus homens experimentaram a proteção e a força de Deus em muitas batalhas vitoriosas contra os filisteus.

Davi relembra clamores desesperados por socorro, quase perdendo a vida nas *ondas de morte e torrentes de impiedade*

(22:5-6), porém Deus respondeu às suas orações e o livrou (22:7). A vida de Davi esteve quase sempre em perigo por causa dos filisteus, de Saul, de Absalão e de outras nações ao redor com as quais teve de lutar. Mas a oração é eficaz e altera as circunstâncias. É por isso que Paulo pede aos cristãos para orarem sem cessar e coloca a oração como um instrumento especial na armadura do cristão (Ef 6:10-19). Sem a oração, o cristão não consegue utilizar as outras armas de modo eficiente.

A resposta de Deus às orações de Davi se apresentam na forma de teofania, isto é, aparições impressionantes de Deus na terra. Sua chegada é descrita como estremecendo as fundações do cosmo e acompanhadas de *fumaça e fogo* (22:9), tempestades e relâmpagos (22:12-13). Deus é representado como cavalcando um *querubim*, criatura angelical alada (22:11; Ez 1:5-28), e como guerreiro poderoso (22:14-15). Todas essas representações buscam comunicar a impressionante presença de Deus quando vem socorrer aqueles que confiam no Senhor.

Davi utiliza representações humanas para descrever o socorro de Deus, dizendo que o Senhor é aquele que estendeu a mão para salvá-lo *das muitas águas* (22:17). As expressões utilizadas por Davi para descrever os adversários de quem ele foi salvo lembram vários inimigos de sua história: o *forte inimigo* (22:18) provavelmente era Saul, e o *dia da minha calamidade* (22:19) provavelmente era a rebelião de Absalão.

Davi raciocina que sua integridade era o motivo de Deus ter-lhe ajudado (22:21-25). Se deixarmos de lado o episódio com Bate-Seba e Urias, é possível concordar com Davi nesse ponto, pois não havia razões para que ele se envergonhasse diante de seus inimigos: Saul se suicidou (1Sm 31:4) e Absalão foi morto por Joabe, apesar de ter recebido ordens em contrário (18:5,14-15).

A justiça que Davi expressa nesse salmo baseia-se no princípio de que a justiça de Deus obedece à lei da retribuição, isto é, olho por olho, dente por dente (22:26-28; cf. Êx 21:24; Lv 24:20; Dt 19:21). Entretanto, Jesus aboliu essa lei em Mateus 5:38-39.

Os versículos finais desse extenso salmo salientam uma questão que se tornou clara através do reinado de Davi, a saber, que as ações de Deus e as ações de Davi caminham lado a lado. Davi canta as vitórias de Deus e o socorro recebido do Senhor (22:29-37), mas também expressa, como rei, a forma pela qual derrotou seus inimigos (22:38-43). O estabelecimento de Davi como rei e a sujeição de outras nações ao seu governo também são obras de Deus (22:44-49).

O salmo termina com alusões à aliança entre Deus e Davi (7:12-16). Chegou a hora de Deus cumprir sua promessa de uma dinastia, pois Davi se aproxima do fim de sua vida. Contudo, ele continua confiando na promessa da bondade de Deus para com sua *posteridade, para sempre* (22:50-51).

Davi reservou tempo para contemplar a bondade de Deus e agradecer as muitas bênçãos recebidas. Entretanto, muitos cristãos andam tão atarefados com as coisas da vida que não prestam atenção ao que Deus está fazendo. Os atos de amor e misericórdia do Senhor geralmente passam despercebidos porque não reservamos tempo para parar e contemplar a grandeza de Deus. Fariamos bem em lembrar o antigo hino que diz: “Conta as bênçãos, conta quantas são. Recebidas da divina mão. Uma a uma, dize-as de uma vez. Hás de ver surpreso quanto Deus já fez” (Cantor Cristão, hino composto por Johnson Oatman Jr.).

### 23:1-7 As últimas palavras de Davi

Este salmo e o anterior ocupam papel central ao final desta seção. Aqui, começa com louvores a Davi, descrito como *homem que foi exaltado e ungido do Deus de Jacó*. Davi é poeta e *salmista de Israel*. Além disso, é representado como um profeta que fala por intermédio do *Espírito do SENHOR* (23:1-3a).

Mais uma vez, percebemos a aliança eterna entre Deus e Davi no centro desse salmo (23:5). O reinado e a dinastia de Davi não devem ser interpretados somente como um período histórico da vida do povo de Israel, mas percebidos também como expressão do amor misericordioso de Deus. Davi não foi escolhido para governar apenas com o fim de exercer justiça (23:3b-4). Aqueles que se opõem à vontade de Deus, conforme expressa a aliança eterna com a casa de Davi, são como espinhos que o fazendeiro recolhe de seu campo e depois os queima. Esses espinhos, antes de serem lançados ao fogo, devem ser removidos cuidadosamente por meio de *ferro e da haste de uma lança*, para não machucar as mãos (23:6-7). Esse será o destino de todos os inimigos de Davi e sua dinastia. Entretanto, esses inimigos, assim como os espinhos, podem causar dano se não forem removidos.

Aqueles que praticam a justiça serão recompensados, mas os perversos serão punidos e banidos. É por isso que Jesus insiste na retidão como característica marcante do reino de Deus, dizendo: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” (Mt 6:33).

### 23:8-39 Os valentes de Davi

Todos os colaboradores que participaram da consolidação do reino de Davi são homenageados. A informação contida nesse trecho é paralela a 1Crônicas 11:10-28, onde aparece no começo do relato do reinado de Davi, e não no final.

Primeiro, o texto traz o nome dos três homens mais valentes e dignos de maior honra que todos os outros (23:8-12). Estes três realizaram façanhas extraordinárias. Porém, o texto afirma claramente, por duas vezes, que o *SENHOR efetuou grande livramento*.

O autor relata acontecimentos passados a fim de ilustrar a dedicação e bravura de alguns outros guerreiros

de Davi, sem contudo fornecer seus nomes. Arriscando a própria vida, três homens atravessaram um acampamento filisteu apenas para trazer um pouco de água que no passado Davi bebeu junto à porta da cidade de Belém. Quando lhe trouxeram a água, Davi a considerou tão preciosa que não conseguiu bebê-la; antes, preferiu oferecê-la a Deus (23:13-17).

Apesar de sua posição como general e de várias referências a ele no livro de Samuel, Joabe não é mencionado como um guerreiro ilustre. Essa honra é concedida a seu irmão Abisai, também citado várias vezes (cf., p. ex., 1Sm 26:6-11; 2Sm 10:10-14; 20:7).

A segunda lista (23:18-39) registra trinta homens altamente respeitáveis em Israel, mas cujas façanhas não se comparavam às dos três primeiros. Esses guerreiros provinham de várias regiões, sendo que a maioria pertencia à tribo de Judá (mesma tribo de Davi), mas havia outros de Benjamim, tribo de Saul, bem como alguns estrangeiros. Alguns nomes são familiares. Benaia era comandante da guarda pessoal de Davi (23:23; cf. 8:18; 20:23); Asael, irmão de Joabe e Abisai, morreu logo no começo do reinado de Davi (2:18-23). Nada se sabe sobre os outros guerreiros, exceto por *Urias*, o *heteu* (23:39), mencionado por último na lista e novamente trazendo à memória a traição de Davi ao ordenar o assassinato do marido de Bate-Seba.

#### 24:1-25 O pecado de Davi ao ordenar o censo

A palavra “tornou” no início dessa seção deixa claro que este incidente é análogo ao envolvimento dos gibeonitas em 21:1-14. Ambos os acontecimentos vêm acompanhados de punição divina ao povo de Israel durante o reinado de Davi, e em nenhum dos casos o autor fornece informações detalhadas sobre o motivo da ira de Deus. No relato paralelo em 1Crônicas 21, o texto informa que não foi o Senhor, mas Satanás quem levou Davi a realizar o censo. Aparentemente parece haver uma contradição, mas basta lembrar que é possível que Deus e Satanás estivessem envolvidos, conforme aconteceu com Jó (Jó 1:6-12). Satanás nem mesmo podia aproximar-se de Jó sem antes obter permissão de Deus.

#### 24:1-9 O censo

Como dissemos, não sabemos por que *tornou a ira do SENHOR a acender-se contra os israelitas* (24:1), mas sabemos que, por causa dessa ira, o Senhor *incitou a Davi* levantar o censo de Israel e de Judá, ocasionando o surgimento da praga (24:1). O objetivo de Davi era contar o número de homens capazes de guerrear (24:2). Até mesmo Joabe tentou dissuadir o rei, mas Davi não quis ouvi-lo (24:3-4).

O censo levou *nove meses e vinte dias* para ser completado (24:8). Durante esse tempo, uma equipe de funcionários militares percorreu todas as cidades de Israel e até mesmo adentrou território heteu (24:7). O levantamento apurou

um total de 800 mil homens em Israel e 500 mil em Judá aptos a servir ao exército (24:9).

#### 24:10-25 A punição

Ao receber os resultados, Davi reconheceu que seu pedido fora motivado por atitude pecaminosa. Ao que parece, Davi não confiou em Deus para multiplicar seu povo, mas quis saber o número exato de homens a fim de se orgulhar de seu poder. Em outras palavras, Davi passou a confiar mais em seu exército que na proteção de Deus.

A questão da motivação é o ponto mais importante do relato, porque levantar o censo não era propriamente um pecado em si. Na verdade, o livro de Números relata que Deus instrui Moisés a fazer um censo (Nm 1:2; 26:2).

Davi reconheceu seu pecado e implorou perdão (24:10), e Deus respondeu enviando o *profeta Gade, vidente de Davi* (24:11), para comunicar a punição. Este profeta certa vez salvou a vida de Davi quando ele fugia de Saul (1Sm 22:5). Deus aceitou o pedido de perdão de Davi, da mesma forma que o perdoou pelo assassinato de Urias, mas afirmou que Davi teria de sofrer as consequências de seu ato. Desse modo, Deus ofereceu a Davi uma escolha difícil: sete anos de fome, três meses de ataques inimigos ou três dias de peste no país (24:12-13).

Davi evitou fazer uma escolha explícita. Sua resposta simplesmente excluiu a segunda opção (24:14), pois ele sabia muito bem como era cair nas mãos de inimigos (além de fugir de Saul, ele próprio perseguiu vários inimigos). Portanto, escolheu cair *nas mãos do SENHOR, porque muitas são as suas misericórdias*.

Então Deus enviou uma praga que matou 70.000 pessoas (24:15) e estava prestes a destruir Jerusalém quando a ira do Senhor diminuiu (24:16). Entretanto, ainda era necessário um sacrifício para encerrar a praga, de modo que o profeta Gade trouxe uma mensagem instruindo o rei a construir outro altar *na eira de Araúna, o jebuseu* (24:18).

Araúna estava disposto a entregar sua eira como presente ao rei, porém Davi se recusou a proceder dessa maneira e insistiu em comprá-la. O episódio motivou Davi a pronunciar uma das frases mais belas de toda a Bíblia: *Não oferecerei ao SENHOR, meu Deus, holocaustos que não me custem nada* (24:24). Depois que Davi *apresentou holocaustos e ofertas pacíficas*, a ira do Senhor cessou (24:25; cf. 21:14).

O final do livro de 2Samuel não coincide com o final do reinado de Davi, que continua em 1Reis 2:1-11. Entretanto, a série de infortúnios ao final do seu reinado representa o prelúdio de aflições futuras durante a sucessão de Davi.

### Conclusão

Embora descrito por Deus como *homem segundo o meu coração* (At 13:22), Davi é apresentado com um ser humano

que sabia confiar em Deus, mas também sabia utilizar a sabedoria humana. Desejava obedecer a Deus em todas as circunstâncias, embora algumas vezes tenha fracassado nesse objetivo. E, quando pecou, humilhou-se e pediu perdão a Deus. Embora seja considerado o maior rei de Israel, recebeu com humildade a repreensão de Natã.

Infelizmente, os sucessores de Davi não agiram desse modo. Antes, abandonaram a aliança de Deus e, ao fazer isso, colocaram em risco a dinastia de Davi. Mas sabemos que sua dinastia permaneceu, pois Davi se tornou ancestral de Jesus Cristo, o Rei dos reis, como propõe o versículo de

abertura do evangelho de Mateus ao narrar a história de “Jesus Cristo, filho de Davi” (Mt 1:1).

1 Samuel, Gbile Akanni  
2 Samuel, Nupanga Weanzana

#### Leituras adicionais

BALDWIN, Joyce G. *1 & 2 Samuel*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1988.

EVANS, Mary J. *The Message of Samuel: Personalities, Potential, Politics, and Power*. BST. Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 2004.



# 1 E 2 REIS

Reis constituía, inicialmente, um só livro, mas foi dividido em duas partes por ser longo demais para apenas um rolo de pergaminho. Na tradução grega antiga do AT, a Septuaginta, 1 e 2 Samuel são agrupados com 1 e 2 Reis sob o título *Basileiai*, que significa Reinados ou Reinos. Esses livros relatam a história dos reis de Israel, desde Saul, o primeiro monarca, até o último rei, exilado na Babilônia. Os dois últimos desses quatro livros são conhecidos como Reis, pois têm como foco principal os reis que governaram, e não outras pessoas importantes. Samuel, por outro lado, inclui um grande volume de informações sobre o profeta Samuel e sobre Davi antes de este se tornar rei.

Por vezes, Reis também é agrupado com Josué, Juízes e 1 e 2 Samuel. Juntos, os livros relatam a história de Israel desde o tempo que o povo entrou na terra prometida de Canaã até o momento em que foi levado para o exílio.

Deuteronômio, o livro imediatamente anterior a Samuel e Reis, esboça de forma sucinta a história religiosa de Israel desde o êxodo da terra do Egito sob a liderança de Moisés até o momento em que o povo estava prestes a entrar na terra prometida. Contém, ainda, as leis, mandamentos e preceitos de Deus acerca de como Israel devia viver na terra. Em Reis, encontramos monarcas individuais que são condenados quando não observam essas leis e louvados quando as guardam fielmente.

## Data

Reis termina quando o rei Joaquim é libertado da prisão pelo monarca babilônio Evil-Merodaque, cuja ascensão ao trono se deu por volta de 560 a.C. (2Rs 25:27-30). O livro provavelmente assumiu a forma final pouco depois dessa data. É possível, contudo, que partes do texto tenham sido escritas antes disso. A referência repetida feita pelo autor aos registros dos reis de Judá e aos registros dos reis de Israel pode ser evidência da redação anterior de alguns trechos. Caso Reis tivesse sido escrito durante o exílio na Babilônia, seria extremamente difícil seu autor ter acesso a esses registros reais. Ademais, a expressão “até hoje” aparece com frequência e mostra que certas situações e condições da terra de Israel persistiam quando aquela seção do livro foi escrita.

## Autor

Reis não dá nenhuma indicação de sua autoria. É provável, contudo, que o autor conhecesse bem os acontecimentos gerais da história de Israel como um todo, a

história da monarquia em Israel e Judá e os relatos dos profetas. Como vários profetas do AT, ele conclama os reis e o povo de Israel a voltar para o Senhor da aliança cujos preceitos são descritos em Deuteronômio.

De acordo com tradições antigas, Reis foi escrito por Jeremias. Sem dúvida, o profeta viveu numa comunidade bastante culta e redigiu vários textos. Escreveu ao povo de Israel no exílio (Jr 29), escondeu seus escritos pessoais em lugares seguros (Jr 32:11-14) e tinha um secretário chamado Baruque, para o qual ditou suas profecias (Jr 36:4,32). Os escritos de Jeremias também revelam profundo conhecimento dos acontecimentos que levaram à queda de Jerusalém (Jr 32:17-25,40-44,52). Nenhuma dessas evidências, porém, é suficiente para provar de forma conclusiva a autoria de Jeremias.

Podemos dizer apenas que Reis é proveniente da comunidade de verdadeiros profetas que existiram no tempo da queda de Jerusalém. O livro avalia o reinado de cada monarca e explica por que Israel e Judá foram levados para o exílio (2Rs 17; 21:10-15; 22:15-20).

## Fontes de informação

Os acontecimentos registrados em Reis abrangem um período de aproximadamente quatro séculos. O autor deve ter-se valido, portanto, de várias fontes de informação, inclusive de dados detalhados como números, pesos e dimensões de construções, bem como tipos de deuses estrangeiros introduzidos em Samaria e no templo de Jerusalém. Alguns desses detalhes sugerem que o autor provavelmente foi testemunha ocular de alguns dos acontecimentos narrados e teve acesso a registros escritos. Conhecia a história de Israel antes da morte de Davi e também as leis de Moisés, especialmente Deuteronômio.

Além das fontes bíblicas, o autor empregou outros livros, particularmente os registros do rei Salomão e das casas reais de Judá e Israel. Esses registros (ou crônicas), que não correspondem aos livros da Bíblia chamados 1 e 2 Crônicas, consistiam em bibliotecas ou arquivos reais nos quais se documentavam as atividades e acontecimentos dos reinados de cada monarca. Pode-se observar claramente que o autor não usou todas as informações dos registros, pois orienta quem duvida de suas palavras a buscar mais informações nos documentos citados.

Além das fontes oficiais, é provável que o autor se tenha valido de outras fontes fora dos palácios que registravam as palavras dos profetas aos reis. Somos informados, por exemplo, que Aías profetizou a ascensão de

Jeroboão ao trono e, posteriormente, o condenou (1Rs 11:29-39; 14:4-16). De todos os profetas mencionados, vários deles anônimos, os principais são Elias e Eliseu, cujas atividades estão registradas em detalhes. É bem possível que as informações a respeito deles e de outros profetas provenham de fontes guardadas nas “escolas” ou comunidades de profetas.

Uma vez que pôde escolher entre uma grande variedade de fontes, o autor certamente foi orientado pelo Espírito quanto ao material que deveria incluir em seu relato, uma história que continua a proclamar a palavra de Deus ao longo das eras.

### **A relação entre Reis e Crônicas**

Os livros bíblicos de Reis e Crônicas foram escritos em duas épocas diferentes. Reis provavelmente foi redigido na época da queda de Jerusalém; Crônicas, durante o exílio na Babilônia ou depois dele. Os dois livros tratam de questões teológicas diferentes. Reis trata das dúvidas dos exilados: “Por que isso aconteceu? Deus deixou de cumprir sua parte da aliança? Merodaque, deus da Babilônia, venceu Javé?”. Responde que o povo escolhido de Deus não lhe obedeceu e, portanto, foi castigado. Crônicas, por outro lado, trata do desejo da comunidade em saber o que aconteceria em seguida: “E agora? As promessas de Javé ainda se aplicam a nós?”.

### **Estilo**

O autor não segue o estilo de historiadores seculares que fornecem detalhes sobre acontecimentos culturais, sociais, políticos e econômicos do período de cada rei. O leitor que desejasse esse tipo de informação teria de consultar os registros reais. Foram deixados de fora, portanto, muitos dos dados de interesse de um historiador secular. Sabemos por outras fontes, por exemplo, que Onri foi um grande rei que promoveu o desenvolvimento de Israel como nação. Em Reis, porém, a história de Onri ocupa apenas alguns versículos, pois o monarca não se dedicou a seguir o Deus de Israel. O autor vê a história da perspectiva de Deus. Seu objetivo é deixar claro que é Deus, e não sucessos políticos ou econômicos ou deuses estrangeiros, que salva Israel. Escolhe, portanto, informações que respondam à questão teológica: “Por que o povo amado de Deus foi exilado?”.

A história de cada rei começa com um resumo que informa quanto tempo ele reinou. No caso dos reis de Judá, o nome da mãe do rei é mencionado em algumas ocasiões. Cada rei é avaliado numa declaração que especifica se ele fez o que era certo e agradável ao Senhor ou se escolheu caminhos maus e desagradou ao Senhor. O rei é considerado bom quando seguiu e obedeceu ao Senhor, como o rei Davi. Dos reis que permitiram a

adoração a deuses estrangeiros, diz-se que provocaram a ira do Deus de Israel.

Dos reis considerados bons, somente Ezequias e Josias ficaram à altura de Davi. Destacaram-se por insistirem em que o templo de Jerusalém era o único lugar de culto e por servirem somente ao Deus da aliança de Israel (Dt 12). Outros reis considerados bons se opuseram aos deuses estrangeiros, mas deixaram o povo adorar nos altos.

Em geral, os reis que fizeram o que era bom aos olhos de Deus recebem mais atenção. Nos casos de Jeroboão I, Acabe, Acáz e Manassés, porém, o autor fornece relatos detalhados de todo o mal praticado por eles. Acabe, por exemplo, afastou Israel da adoração de seu Deus e levou o povo a adorar outros deuses. O registro de seu reinado é o mais extenso de todos os reis de Israel, e Acabe foi o rei que recebeu mais advertências e conselhos de profetas.

O reinado de Salomão também é descrito em mais detalhes, especialmente pelo fato de o rei ter começado bem, amando e servindo ao Senhor, e ter sido o construtor do templo de Jerusalém que abrigava a arca da aliança. Não fosse por essas realizações, Salomão não teria recebido tanta atenção. Mais adiante, porém, o rei provocou a ira do Senhor porque se casou com mulheres estrangeiras e, além de construir lugares para adorar seus deuses, ele próprio também se entregou à idolatria pagã.

### **Mensagem**

Juizes conclui: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que achava mais reto” (Jz 17:6; 21:25). Aos poucos, surgiu uma firme convicção de que os problemas decorrentes da falta de ordem só seriam resolvidos se Israel tivesse um rei para governar e unir a nação (Jz 18:1; 19:1). Os israelitas esqueceram que estavam sob a liderança de Deus e que teriam a ordem e o poder desejados se obedecessem às leis e aos mandamentos do Senhor. Pediram, portanto, que Samuel escolhesse um rei para governar sobre eles como acontecia em outras nações.

Muitos anos antes, Deus explicou ao povo que, se ele fosse governado por um rei, este teria de ser diferente dos monarcas de outras nações (Dt 17:14-20). Deveria ser escolhido por Deus, e não aleatoriamente (Dt 17:15). O rei ungido deveria possuir e ler uma cópia do livro da lei (Dt 17:18-20). Não deveria considerar-se superior aos seus concidadãos (Dt 17:20). O único que chegou perto do ideal divino foi o rei Davi. Durante seu reinado, Israel conquistou poder político e recebeu a vitória de Deus em todas as suas campanhas militares. Em sua vida religiosa, Davi seguiu a Deus de todo o coração.

Reis analisa os sucessores de Davi e a existência do povo escolhido como nação, concluindo que, sem Deus, nem mesmo os reis eram capazes de tornar Israel uma nação estável. Os reinos da terra jamais serão perfeitos como o reino do céu. Ficam aquém do padrão que Deus estabeleceu e não podem oferecer salvação permanente nem para os indivíduos nem para a sociedade.

A maioria dos reis não correspondeu às expectativas de Deus. Salomão, por exemplo, começou bem; recebeu a aprovação do Senhor, sabedoria, riqueza e poder (1Rs 3; 9:1-10), e construiu o templo na capital. Descobriu, porém, que essas realizações não eram prioritárias para Deus. A condição estabelecida por Deus para permanecer no meio de Israel era: “Se andares nos meus estatutos, e executares os meus juízos, e guardares todos os meus mandamentos, andando neles, cumprirei para contigo a minha palavra, a qual falei a Davi, teu pai. E habitarei no meio dos filhos de Israel e não desampararei o meu povo” (1Rs 6:11-13; cf. tb. 1Rs 2:3-4; 11:38). Salomão e seus sucessores foram reprovados nesse teste.

Nenhum rei humano foi perfeito diante de Deus, nem mesmo Davi (1Rs 15:5; cf. tb. Sl 130:3). A influência de reis fiéis como Ezequias e Josias não foi suficiente para levar o povo a servir a Deus de todo o coração. Em decorrência, Israel deixou de existir como nação. Os israelitas não tinham rei nos dias de Samuel e não tiveram mais nenhum monarca depois do exílio. Deus ainda era, porém, o Líder e Rei daqueles que permanecerem fiéis e invocaram seu nome.

Apesar da desobediência do povo, Deus continuou a tratá-los com amor, graça e fidelidade. Continuou a usar de misericórdia para com eles por amor aos seus antepassados Abraão, Isaque e Jacó, por amor a Davi e, em algumas ocasiões, por amor ao seu próprio nome (2Rs 13:4,22-23). Apesar de Acabe ter provocado o Senhor à ira, Deus não desistiu dele; enviou profetas repetidamente para falar ao rei e confrontá-lo: Elias (1Rs 18:1; 21:17-18), um profeta anônimo (1Rs 20:13,22,39) e Micaías (1Rs 22:14-23). Deus notou ainda quando Acabe se humilhou e se arrependeu (1Rs 21:27-29). O Senhor ouviu as orações de Ezequias (2Rs 19:14-19,35-37), Josias (2Rs 22:11,18-20) e Jeoacaz (2Rs 13:4-5). Javé é apresentado como o Soberano sobre todos os reinos e potestades da terra.

Esse Deus magnífico espera que seu povo o siga humildemente, mesmo não sendo capaz de fazê-lo com perfeição. Por quê? Pois os ama e atenta de forma especial para quem o serve com humildade, obediência e fidelidade. Por outro lado, Deus se ira e castiga quem se entrega deliberadamente à idolatria e ao pecado. É um Deus zeloso e, quando se ira, castiga com severidade (cf. tb. Am 3:2). Ao mesmo tempo, contudo, é sensível para com aqueles que se humilham e se arrependem sinceramente diante dele.

O plano maravilhoso de salvação que Deus oferece não é somente para Israel, mas para toda a humanidade. Apesar de realizar esse plano a seu próprio tempo, Deus permitiu que Israel participasse da história da salvação.

Reis também ensina que o líder pode influenciar sua nação e povo. Neste sentido, é um chamado para um maior envolvimento dos cristãos da África com a vida política do continente. Quase nenhuma nação africana preenche os requisitos estabelecidos por Deus em Miqueias 6:8, a saber, praticar a justiça, o amor e a misericórdia e andar com Deus em humildade. Em vez disso, notícias de corrupção, nepotismo e apropriação indevida de dinheiro público ocupam as manchetes de nossos jornais. A situação exige que os cristãos africanos assumam uma postura crítica em relação à prática do mal e ocupem posições centrais nas atividades políticas, quer concorrendo a cargos públicos (se forem chamados a fazê-lo), quer votando em todas as eleições.

Aqueles que forem nomeados para cargos de liderança também devem considerar a advertência de Reis: ao se tornarem líderes, Deus espera que eles sejam ainda mais fiéis do que antes.

### História do período

Israel não existia num vácuo. Outras nações e povos lutavam pelo poder, e esses conflitos afetaram a história de Israel. Mas o Deus de Israel, o Criador, é Senhor sobre a história. Mesmo que as nações nem sempre o reconheçam, o Senhor as faz subir ao poder e, no devido tempo, as remove. Deus sabe quando se dará a ascensão e a queda de cada rei e cada potência mundial (2Rs 19:26-27).

O escritor de Reis organizou o conteúdo de sua obra em três períodos. A primeira seção abrange o tempo de Salomão, aproximadamente em 970-930 a.C. (1Rs 1—11). Nesse período, Israel se encontrava no auge do poder. Davi havia conquistado os povos vizinhos hostis ao seu reino. O Egito, ao sul, era aliado de Israel, e Salomão se casou com a filha de Faraó para fortalecer essa aliança (1Rs 3:1). Israel também mantinha relações amigáveis com Hirão de Tiro, ao norte, e convivia pacificamente com a Síria e as nações do nordeste. No final do reinado de Salomão, porém, a situação começou a mudar. O novo Faraó do Egito se dispôs a dar asilo aos inimigos de Salomão (1Rs 11:14-19; 1Rs 11:40), a Síria, ao norte, passou a causar problemas (1Rs 11:23-25) e até Hirão se mostrou cada vez mais insatisfeito (1Rs 9:10-13).

Depois da morte de Salomão, seu reino se dividiu em duas partes, Israel e Judá, por volta de 930 a.C. A segunda seção de Reis trata da história desses dois reinos até 721 a.C., quando o povo de Israel foi exilado. Israel e Judá não estavam preparados para lutar pelo poder

REIS DE ISRAEL E JUDÁ

O quadro abaixo apresenta a relação dos monarcas do reino dividido, depois dos reinados de Saul (1028-1013 a.C.), Davi (1013-973 a.C.) e Salomão (973-933 a.C.).

As datas referentes a cada rei são apenas aproxima-das, pois é difícil harmonizar todos os detalhes dos livros de Reis e Crônicas a fim de obter uma cronologia perfeita. Os cálculos baseados nos reinados dos reis de Israel (o Reino do Norte), por exemplo, indicam que Salomão faleceu por volta de 948 a.C. Se, no entanto, baseamos nossos cálculos nas datas referentes aos reis de Judá (o Reino do Sul), concluímos que Salomão faleceu c. 964 a.C. A complicação é ainda maior quando consideramos que a data mais tardia proposta para a morte de Salomão é 933 a.C.

Discrepâncias como essas não devem abalar nossa fé firme na exatidão das Escrituras e podem ser explicadas

de várias maneiras. Primeiro, é possível um ano ser incluí-do na datação de dois reis, pois uma parte de um ano era considerada um ano inteiro. Assim, se um rei falecia em maio de determinado ano, esse ano era considerado o último de seu reinado e também o primeiro do reinado de seu sucessor. Segundo, não era raro o herdeiro do tro-no começar a reinar junto com o pai. Os anos de reinado conjunto eram considerados parte do reinado de cada um e, portanto, contados duas vezes.

Ao procurar traçar uma cronologia, entretanto, en-contramos algumas datas fixas que servem de referência. Os assírios derrubaram o Reino do Norte em 722 a.C.; os babilônios atacaram o Reino do Sul e levaram seu povo para o cativeiro em 586 a.C.; Uzias faleceu, e Isaías foi chamado para profetizar em 740 a.C. Sabemos, ainda, que Acazias de Judá e Jorão de Israel faleceram prati-camente na mesma época, uma vez que ambos foram mortos por Jeú.

Reis de Israel (Reino do Norte)	Datas (a.C.)	Governantes estrangeiros	Reis de Judá (Reino do Sul)	Datas (a.C.)
Jeroboão I — 22 anos (1Rs 14:20)	933-912	Sisaque do Egito 945-924 (1Rs 11:40; 14:25)	Roboão — 17 anos (1Rs 14:21)	933-917
Nadabe — 2 anos (1Rs 15:25-26)	912-911		Abias — 3 anos (1Rs 15:2)	917-915
Baasa — 24 anos (1Rs 15:33-34)	911-888	Ben-Hadade da Síria 890-843 (1Rs 15:18,20)	Asa — 41 anos (1Rs 15:9-10)	914-874
Elá — 2 anos (1Rs 16:8)	888-887			
Zinri — 7 dias (1Rs 16:15)	887			
Tibni — 3 anos (1Rs 16:21)	887-884			
Onri — 12 anos (1Rs 16:23)	887-876	Assurbanípal II da Assíria 833-860		
Acabe — 22 anos (1Rs 16:29-33)	876-854	Salmaneser III da Assíria 859-825	Josafá — 25 anos (1Rs 22:41)	874-850
Acazias — 2 anos (1Rs 22:51-53)	854-853			
Jorão — 12 anos (2Rs 3:1-2)	853-842		Jeorão — 8 anos (2Rs 8:17)	850-843
Jeú — 28 anos (2Rs 10:36)	842-818	Azael da Síria 841-796	Acazias — 1 ano (2Rs 8:26)	843-842
			Atalia — 6 anos (2Rs 11:3)	842-837

<b>Reis de Israel (Reino do Norte)</b>	<b>Datas (a.C.)</b>	<b>Governantes estrangeiros</b>	<b>Reis de Judá (Reino do Sul)</b>	<b>Datas (a.C.)</b>
Jeoacaz — 17 anos (2Rs 13:1)	818-805		Joás — 40 anos (2Rs 12:1)	837-798
Jeoás — 16 anos (2Rs 13:10)	805-791		Amazias — 29 anos (2Rs 14:2)	798-770
Jeroboão II — 41 anos (2Rs 14:23)	791-753	Salmaneser IV da Assíria 783-773	Azarias (Uzias) — 52 anos (2Rs 15:2)	792-740
Zacarias — 6 meses (2Rs 15:8)	753		Jotão — 16 anos (2Rs 15:33)	740-735
Salum — 1 mês (2Rs 15:13)	753	Tiglade-Pileser III da Assíria 745-727 (2Rs 15:29; 16:7,10)		
Menaém — 10 anos (2Rs 15:17)	753-746			
Pecaías — 2 anos (2Rs 15:23)	746-745		Acáz — 16 anos (2Rs 16:2)	735-720
Peca — 20 anos (2Rs 15:27)	745-728	Rezim da Síria 735-732 (2Rs 15:37; 16:5-9)		
Oseias — 9 anos (2Rs 17:1)	728-722	Salmaneser V da Assíria 727-722 (2Rs 17:3; 18:9) Sargão II da Assíria 722-705 Senaqueribe da Assíria 705-681 (2Rs 18:13; 19:16,20,36)	Ezequias — 29 anos (2Rs 18:2)	720-692
			Manassés — 55 anos (2Rs 21:1)	692-638
		Esar-Hadom da Assíria 681-669 (2Rs 19:37)		
		Assurbanípal da Assíria 669-626	Amom — 2 anos (2Rs 21:19)	638
		Nabopolassar da Babilônia 626-605	Josias — 31 anos (2Rs 22:1)	638-608
		Neco II do Egito 609-593 (2Rs 23:29)		
			Jeoacaz — 3 meses (2Rs 23:31)	608
		Nabucodonosor da Babilônia 605-562 (2Rs 24:1)	Joaquim 11 anos (2Rs 23:36)	608-597
			Joaquim — 3 meses (2Rs 24:8)	597
			Zedequias — 11 anos (2Rs 24:18)	597-586

com outras nações, e, assim que o reino se dividiu, Sisaque, rei do Egito, atacou Judá (1Rs 14:25-26). Em vez de se considerarem irmãos e aliados natos, os reis de Israel e Judá se esqueceram da profecia de Semaías (1Rs 12:24) e se mantiveram em conflito um com o outro (1Rs 14:30; 15:7,16; 2Rs 14:11-14). Vemos, portanto, o rei Asa de Judá fazer aliança com Ben-Hadade da Síria contra Baasa, rei de Israel (1Rs 15:18-19).

Os reis de Judá continuaram a vir da família de Davi, enquanto os reis de Israel eram de várias famílias e, em vários casos, subiram ao trono por meio de um golpe de Estado ou do assassinato de seu antecessor. A Síria perturbou Israel até a ascensão da Assíria no cenário mundial, por volta de 750 a.C. Os assírios enfraqueceram Judá e Israel e obrigaram os dois reinos a lhes pagar tributos. Por fim, em 721 a.C., a Assíria conquistou os israelitas (2Rs 17:6). Quase toda a população de Israel foi deportada de sua terra natal, onde os conquistadores assentaram povos de outras nações (2Rs 17:24).

A terceira sessão de Reis abrange o período no qual somente Judá sobreviveu em Canaã como povo de Deus. Durante o reinado de Acáz, o Reino do Sul chegou a ser governado pela Assíria (2Rs 16:7-8). Quando Ezequias subiu ao trono, porém, rebelou-se contra os opressores estrangeiros. Senaqueribe da Assíria invadiu Judá, tomou quarenta e seis cidades fortificadas e deportou duzentas mil pessoas para o cativeiro. Jerusalém foi salva por intervenção divina (2Rs 19:35-36). Quando Josias se tornou rei, a Assíria estava perdendo poder, enquanto a Babilônia se fortalecia. Josias se aliou aos babilônios contra o Faraó Neco do Egito, que, por sua vez, se aliou à Assíria. Josias foi morto numa batalha contra Neco em Megido em 609 a.C., e, por um breve período, Judá se viu sob o domínio egípcio. Graças à derrota de Neco em Carquemis, Judá deixou de ser aliado e se tornou súdito da Babilônia. Depois de tentativas malogradas de recuperar sua independência, o povo de Judá foi levado para a Babilônia em 558 a.C.

## Esboço

### 1Rs 1:1—11:43 O reinado de Salomão

- 1:1—2:46 A consolidação do trono de Salomão
  - 1:1-4 Abisague, a última esposa de Davi
  - 1:5-10 Adonias, o aspirante ao trono
  - 1:11-27 Natã e Bate-Seba tomam uma providência
  - 1:28-53 Davi toma uma providência
  - 2:1-12 Davi instrui Salomão
  - 2:13-46 Salomão assume o poder
- 3:1—4:34 A sabedoria e a grandeza de Salomão
  - 3:1-15 Salomão recebe sabedoria
  - 3:16-28 Salomão demonstra sabedoria
  - 4:1-19 Os oficiais e administradores de Salomão

- 4:20-28 O tamanho do reino de Salomão
- 4:29-34 A extensão da sabedoria de Salomão
- 5:1—9:9 O templo e o palácio de Salomão
  - 5:1-18 Preparativos finais
  - 6:1—7:51 A construção do templo e do palácio
    - 6:1-38 A construção do templo
    - 7:1-12 A construção do palácio
    - 7:13-51 A mobília e os utensílios do templo
  - 8:1-66 A dedicação do templo
    - 8:1-11 A cerimônia
    - 8:12-21 O discurso de Salomão
    - 8:22-61 A oração de dedicação
    - 8:62-66 A consagração do templo
  - 9:1-9 O Senhor aparece a Salomão pela segunda vez
- 9:10—10:29 A grandeza de Salomão
  - 9:10-28 O plano econômico de Salomão
  - 10:1-13 A visita da rainha de Sabá
  - 10:14-29 O esplendor de Salomão
- 11:1-43 A decadência de Salomão
  - 11:1-13 As esposas de Salomão
  - 11:14-40 Os inimigos de Salomão
  - 11:41-43 A morte de Salomão

### 1Rs 12:1—2Rs 17:41 Os dois reinos

- 12:1—14:20 A divisão do reino
  - 12:1-24 Israel se rebela contra Roboão
  - 12:25-33 Os bezerros de ouro de Jeroboão
  - 13:1-34 O judaíta enviado por Deus
  - 14:1-20 A profecia de Aías contra Jeroboão
- 14:21-31 Roboão, rei de Judá
- 15:1-8 Abias, rei de Judá
- 15:9-24 Asa, rei de Judá
- 15:25—16:20 Luta pelo trono de Israel
- 16:21-28 Onri, rei de Israel
- 16:29—22:40 Acabe, rei de Israel
  - 16:29-34 O reinado de Acabe
  - 17:1—19:21 Acabe e Elías
    - 17:1-6 A profecia de Elías a Acabe
    - 17:7-24 Elías vai a Sarepta
    - 18:1-15 Elías e Obadias
    - 18:16-46 Elías no monte Carmelo
    - 19:1-18 A fuga de Elías para Horebe
    - 19:19-21 O chamado de Eliseu
  - 20:1-43 Acabe e Ben-Hadade da Síria
  - 21:1-29 Acabe e Nabote
  - 22:1-28 Acabe e Micaías
  - 22:29-40 A morte de Acabe
- 22:41-50 Josafá, rei de Judá
- 1Rs 22:51—2Rs 1:18 Acázias, rei de Israel
- 2:1—8:15 O ministério de Eliseu
  - 2:1-18 Elías é levado para o céu
  - 2:19-25 Os primeiros milagres de Eliseu
  - 3:1-27 Eliseu e a rebelião de Moabe

4:1-44 Diversos milagres  
 4:1-7 O azeite da viúva  
 4:8-37 O filho da sunamita  
 4:38-41 Morte na panela  
 4:42-44 Vinte pães para cem pessoas  
 5:1-27 Naamã é curado de lepra  
 6:1-7 O machado que flutuou  
 6:8—8:15 Israel, a Síria e Eliseu  
 6:8-23 Soldados sírios são enganados  
 6:24—7:2 O cerco a Samaria  
 7:3-20 O fim do cerco  
 8:1-6 A restituição da propriedade da sunamita  
 8:7-15 Hazael é coroado rei da Síria  
 8:16-24 Jeorão, rei de Judá  
 8:25-29 Acázias, rei de Judá  
 9:1—10:36 Jeú, rei de Israel  
 9:1-13 A unção de Jeú  
 9:14-29 Jeú mata Jorão e Acázias  
 9:30-37 A morte de Jezabel  
 10:1-17 O massacre da família de Acabe  
 10:18-36 O extermínio dos seguidores de Baal  
 11:1—12:21 Joás, rei de Judá  
 11:1-21 Atalia e Joás  
 12:1-16 Joás repara o templo  
 12:17-21 O reinado de Joás  
 13:1-9 Jeoacaz, rei de Israel  
 13:10-25 Jeoás, rei de Israel, e a morte de Eliseu  
 14:1-22 Amazias, rei de Judá  
 14:23-29 Jeroboão II, rei de Israel  
 15:1-7 Azarias, rei de Judá  
 15:8-31 Rebeliões em Israel  
 15:8-12 Zacarias, rei de Israel  
 15:13-15 Salum, rei de Israel  
 15:16-22 Menaém, rei de Israel  
 15:23-26 Pecaías, rei de Israel  
 15:27-31 Peca, rei de Israel  
 15:32-38 Jotão, rei de Judá  
 16:1-20 Acáz, rei de Judá  
 17:1-41 A queda de Samaria  
 17:1-6 Oseias, rei de Israel  
 17:7-23 Explicação sobre o destino de Israel  
 17:24-41 O reassentamento da terra  
 18:1—25:30 Os reis de Judá até o exílio  
 18:1—20:21 Ezequias  
 18:1-16 A fidelidade de Ezequias  
 18:17-37 Senaqueribe ameaça Jerusalém  
 19:1-13 A predição do livramento de Jerusalém  
 19:14-19 A oração de Ezequias  
 19:20-37 A profecia de Isaías  
 20:1-11 A enfermidade de Ezequias  
 20:12-21 Os visitantes da Babilônia  
 21:1-26 Manassés e Amom

21:1-18 Manassés  
 21:19-26 Amom  
 22:1—23:30 Josias  
 22:1-2 Introdução ao reinado de Josias  
 22:3-20 O Livro da Lei é encontrado  
 23:1-3 A renovação da aliança  
 23:4-27 As reformas religiosas de Josias  
 23:28-30 A morte de Josias  
 23:31—24:20 Os últimos reis de Judá  
 23:31-35 Jeoacaz  
 23:36—24:7 Jeoquim  
 24:8-17 Joaquim  
 24:18-20 Zedequias  
 25:1-26 A queda de Jerusalém  
 25:1-7 O fim do reino de Judá  
 25:8-21 A destruição da cidade e do templo  
 25:22-26 Gedalias, governador de Judá  
 25:27-30 Joaquim é liberto

## COMENTÁRIO

### 1Rs 1:1—11:43 O reinado de Salomão

O povo de Israel deixou o Egito sob a liderança humana do profeta Moisés (Êx 3:10), o qual foi sucedido por Josué (Dt 31:14; Js 1:1-3), pelos juízes (Jz 2:16) e por Samuel (1Sm 7:15-17). Uma vez que Deus era considerado o governante supremo, os líderes humanos o consultavam com frequência (cf., p. ex., Êx 19:3; Js 7:6-8; Jz 2:18; 1Sm 7:3b). Nos dias de Samuel, porém, o povo pediu “um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações” (1Sm 8:5). Deus orientou Samuel a ungir primeiro Saul (1Sm 10:1) e depois Davi (1Sm 16:1-3, 11-13) para serem reis do povo de Deus. Quando Davi morreu, seu filho Salomão subiu ao trono e foi o último rei a governar sobre todo o Israel (2:10-12).

### 1:1—2:46 A consolidação do trono de Salomão

#### 1:1-4 Abisague, a última esposa de Davi

Davi estava bastante idoso, provavelmente com mais de 70 anos, e não conseguia manter-se aquecido (1:1). Seus servos, talvez os médicos do palácio, procuraram por todo o reino uma jovem virgem para cuidar do rei como sua enfermeira e deitar-se ao lado dele para aquecê-lo (1:2). Encontraram Abisague, moça da região de Suném, no norte de Israel (1:3). O fato de ser de Suném não significa, necessariamente, que ela era a sunamita mencionada no Cântico dos Cânticos.

Abisague foi a última esposa de Davi, mas não teve relações sexuais com ele (1:4). Apesar de sua presença no palácio parecer um fato secundário, constituía, na verdade, uma questão de grande importância. Enquanto cuidava do



rei como sua enfermeira, Abisague provavelmente ouvia as conversas dele com quem ia visitá-lo e estava a par dos principais acontecimentos do palácio.

### 1:5-10 Adonias, o aspirante ao trono

Adonias, o mais velho dos filhos de Davi que haviam sobrevivido, exaltou-se e disse: *Eu reinarei* (1:5). Suas palavras imprudentes não refletiram a sabedoria descrita em Provérbios 25:6-7, nem o ensinamento de Jesus em Lucas 14:7-10. A história de Adonias é uma excelente lição para o continente africano, onde, tanto nos meios políticos quanto na igreja, encontramos com frequência o anseio por poder e o uso de várias formas de manipulação para obtê-lo. Aqueles que conseguem poder por meio de força ou manipulação, contudo, causam grande sofrimento. A ambição de servir não é, em si mesma, pecaminosa, mas Deus só pode abençoá-la quando ela é buscada segundo os propósitos e no temor do Senhor. Uma vez que Adonias só estava preocupado consigo mesmo, sua tentativa de subir ao poder foi um fiasco. Onde há temor do Senhor, também há sabedoria e sucesso.

Em nenhum momento, o pai de Adonias *o contrariou* (1:6a), ou seja, Adonias não foi repreendido pelas ofensas que causou. O mesmo parece aplicar-se a vários dos filhos de Davi, como se pode observar claramente pelo comportamento de Amnom (2Sm 13:1-21) e Absalão (2Sm 13:22-29). Esse fato indica não apenas a fraqueza de Davi, mas também a dificuldade de criar filhos em uma família polígama. Considerando-se todas as suas responsabilidades políticas e o grande número de esposas, não é de admirar que não sobrasse ao rei tempo para dedicar a seus filhos.

A situação familiar de Davi levanta a questão do papel do pai em qualquer família. Davi era um homem bom, mas se ocupou de tal modo com a vida pública que deixou de cuidar de suas responsabilidades familiares. Pode-se dizer o mesmo de muitos pastores africanos. Os filhos não recebem a atenção que deveriam, pois, dia após dia, o pai (pastor) está sempre em reuniões da igreja ou envolvido em algum ministério. Apesar de a situação ter melhorado em nossa geração, todos aqueles que estão no ministério precisam ser lembrados com frequência de que os problemas na vida doméstica podem indicar uma dificuldade de administrar as questões da vida pública. Lares problemáticos prejudicam a reputação do evangelho. Paulo enfatiza esse fato ao aconselhar Timóteo e Tito acerca da liderança das igrejas em Éfeso e Creta (1Tm 3:4; Tt 1:6).

Adonias era *de aparência mui formosa e nascera depois de Absalão*, o que, em termos humanos, o qualificava para ser rei (1:6b; cf. tb. 2Sm 3:2-4). Deus, porém, não atenta para a aparência exterior, mas para o coração (1Sm 16:7). Quando há muitos filhos de muitas esposas, os quesitos para a liderança não são apenas boa aparência e idade, mas também dons e maturidade (Gn 37:5-8; 1Sm 1:2; 3:1). Ademais, em Israel, era o Senhor quem devia identificar o sucessor do rei (Dt 17:15).

O reconhecimento dos dons e da idade poderia minimizar a tensão em muitos lares africanos em que o irmão mais novo se sobressai em relação ao mais velho. O mais novo deve demonstrar para com o mais velho o respeito que lhe é devido, enquanto o mais velho deve apoiar o mais novo e permitir que continue a se desenvolver. Infelizmente, muitos irmãos mais velhos tentam impedir o progresso de seus caçulas. Quem se comporta desse modo não entende que Deus concedeu dons diferentes a cada um de nós e que, quando reunimos todos eles, em vez do estrelismo de apenas um membro, temos uma família inteira que se destaca. O princípio se aplica tanto ao exercício de nossos talentos e habilidades dentro da família quanto ao exercício dos dons espirituais dentro da igreja (1Co 12:21-26; Ef 4:11-13).

Adonias conseguiu obter o apoio de Joabe, o comandante do exército, e de Abiatar, o sacerdote que havia permanecido fiel a Davi durante a rebelião de Absalão (1:7). Eles se deixaram envolver pela ambição de Adonias e, apesar de terem oferecido vários sacrifícios, não conversaram com o rei nem consultaram Deus (1:9).

Um grupo leal a Davi se opôs. A recusa em participar das comemorações mostra que eles talvez tenham sido procurados por Adonias, mas não o apoiaram (1:8,10). O profeta Natã, que havia transmitido fielmente as mensagens de Deus a Davi no passado (2Sm 7:1-17; 12:1-25), nem sequer foi convidado.

### 1:11-27 Natã e Bate-Seba tomam uma providência

Quando soube que Adonias estava reunindo seus partidários, Natã não perdeu tempo. Procurou Bate-Seba e informou-a do que estava acontecendo e do perigo que ela e Salomão correriam se Adonias subisse ao trono (1:11-12). O profeta desejava que Bate-Seba colocasse o rei a par dos acontecimentos, mas a aconselhou a começar com uma pergunta: *Não juraste, ó rei, senhor meu, à tua serva?* (1:13). É provável que, em algum momento do passado, Davi houvesse prometido a Bate-Seba que Salomão o sucederia. Uma vez que era comum aos reis idosos nomear seu sucessor, cada mãe tinha esperança de que seu filho seria o escolhido. Dessa vez, porém, a necessidade de indicar o próximo rei era urgente, pois Bate-Seba estava certa de que, se Adonias fosse bem-sucedido, *eu e Salomão, meu filho, seremos tidos por culpados* (1:21). Sem dúvida, Adonias desejaria eliminar todos os possíveis rivais ao trono e consideraria Bate-Seba e Salomão uma ameaça.

Bate-Seba seguiu o conselho de Natã (1:15-21). Conforme planejado, o profeta chegou enquanto ela ainda falava com o rei (1:14,22-23). Ele confirmou o que Bate-Seba havia acabado de dizer (1:24-26) e, em seguida, com sua astúcia habitual (cf. tb. 2Sm 12:1-10), perguntou: *Foi isto feito da parte do rei, meu senhor? E não fizeste saber a teu servo quem se assentaria no teu trono, depois de ti?* (1:27). Com essas palavras, Natã mostrou que Adonias e seus partidários não haviam consultado outros líderes como deveriam ter feito.

Diante das perguntas de Natã e Bate-Seba, o rei tomou providências imediatas para evitar tragédias e confusões. Conforme Bate-Seba o lembrou: *Todo o Israel tem os olhos em ti (1:20)*. Mesmo na velhice, Davi era tão respeitado pelos israelitas que não teria problema em fazê-los aceitar o sucessor que escolhesse.

Que maravilha seria se mais líderes africanos desfrutassem tamanho respeito! São poucos os governantes que permanecem no poder durante vários anos sem que o povo comece a exigir mudanças. A insatisfação é justificada, pois muitos líderes acumulam riquezas e poder à custa do povo cuja prosperidade deviam promover. Governantes desse tipo reagem a qualquer ameaça ao seu poder com injustiças ainda maiores, e alguns estão dispostos até a matar seus inimigos políticos. Apesar de suas imperfeições, Davi é um admirável exemplo de governante que desfrutou honra e respeito quando assumiu o poder e também quando o transferiu a seu sucessor.

### 1:28-53 Davi toma uma providência

O rei estava velho e fraco, mas ainda era capaz de agir com rapidez quando necessário. Bate-Seba, que provavelmente saiu do quarto quando Natã chegou, foi chamada novamente, e Davi repetiu o juramento de que Salomão seria seu sucessor, uma promessa feita diante do *SENHOR, Deus de Israel (1:30)*. Os juramentos eram compromissos sérios que não podiam ser quebrados. Abraão cumpriu o juramento que havia feito ao rei de Sodoma (Gn 14:22-23), Josué não faltou com a palavra que havia dado aos gibeonitas (Js 9:15,19), Rute cumpriu sua promessa a Noemi (Rt 1:17) e Elias fez o mesmo com Eli-seu (2Rs 2:2). Até mesmo Deus se considera comprometido quando faz um juramento (Hb 7:20-22). Ao ouvir a declaração do rei, Bate-Seba *se prostrou com o rosto em terra (1:31)*, um gesto de respeito e gratidão (cf. tb. Natã, em 1:23).

Em seguida, o rei mandou chamar *Zadoque, o sacerdote, e Natã, o profeta, e Benaia*, o comandante da guarda real constituída dos queretitas e peletitas (*1:32*; 2Sm 8:18) e instruiu-os a colocar Salomão sobre a mula do rei (*1:33*). As mulas eram animais dóceis, usados como montaria por reis e príncipes (2Sm 13:29; Et 6:8-9; cf. tb. Mt 21:5). Uma vez montado, Salomão devia ser conduzido até Gion, a principal fonte de água da cidade de Jerusalém e, portanto, um lugar público importante. Na sequência, Zadoque e Natã deviam ungi-lo rei com óleo santo (*1:34*). Os dois homens representavam dois ofícios fundamentais em Israel: o profeta comunicava a vontade de Deus ao povo, e o sacerdote comunicava as necessidades do povo a Deus. Eles deviam ungir Salomão juntos para enfatizar que ambos estavam de acordo com a escolha do rei.

Depois da unção, deviam tocar trombetas e começar a aclamação: *Viva o rei Salomão!* (*1:34*). Daquele momento em diante, Salomão ocuparia o lugar de Davi no trono (*1:35*). A cerimônia descrita e a ascensão de Salomão ao trono deixariam claro que era o rei legítimo.

As instruções de Davi foram seguidas à risca (*1:36-37*). Salomão foi escoltado até a fonte de Gion *pela guarda real (1:38)*, um grupo de guarda-costas fiéis ao rei, e não a uma tribo ou clã. Zadoque, Natã e Benaia foram à frente e realizaram a cerimônia de posse conforme as ordens de Davi (*1:38-40*). Todo o povo (exceto os que estavam participando da celebração de Adonias) seguiu Salomão, e o chão estremeceu com a música e os gritos de alegria (*1:40*). Cerca de novecentos anos depois, houve uma celebração semelhante quando Jesus Cristo, o Filho de Deus, entrou em Jerusalém montado num jumentinho (Mt 21:6-11; Mc 11:1-10; Lc 19:29-38). Como no caso de Salomão, aqueles que apoiavam o rei se alegraram, enquanto os inimigos demonstraram seu desprazer.

Davi recebeu as congratulações de seus *oficiais*, os quais expressaram o desejo de que o trono de Salomão fosse *maior do que o teu trono (1:36-37,47-48)*. Suas palavras eram um modo comum de expressar a esperança de um governo futuro ainda melhor. O reinado de Davi havia sido bom, mas mesmo quando os reinos terrenos são bons esperamos que os próximos sejam melhores. Continuaremos pedindo isso em oração e alimentando essa esperança até que venha o “renovo de Jessé” (Is 11).

O ruído da celebração chegou aos ouvidos de Adonias e seus partidários (*1:41*). Não é de admirar que, ao descobrir o que estava acontecendo, eles tenham ficado angustiados e amedrontados, dispersando-se rapidamente (*1:42-46,49*).

Entretantes, Davi louvou ao Senhor por lhe dar a oportunidade de garantir que seu herdeiro escolhido se assentaria no trono (*1:48*). Tendo em vista as incertezas que continuaram a pairar sobre o reino depois da rebelião de Absalão, deve ter sido um alívio não precisar mais se preocupar com a sucessão.

Ciente de que sua vida corria perigo, Adonias fugiu para o templo, onde *pegou nas pontas do altar*, um tradicional lugar de segurança (*1:50-51*; Êx 21:14). Consolidado no poder, Salomão ofereceu um acordo de paz ao irmão com uma ressalva: *se for homem de bem*, ou seja, Adonias devia mostrar-se leal a Salomão (*1:52*). Uma das condições do acordo, *Vai para tua casa (1:53)*, deixou claro que, daquele momento em diante, Adonias devia considerar-se um homem comum, e não mais um membro poderoso do governo.

### 2:1-12 Davi instrui Salomão

O último conselho de Davi a Salomão corresponde a uma transferência verbal de poder e visava ajudar o jovem governante a começar bem o seu reinado (*2:1*). É provável que Davi tenha dado muitos outros conselhos a Salomão antes dessa ocasião. Em 1Crônicas 28, encontramos um registro detalhado das instruções que os anciãos de Israel receberam acerca do projeto e da construção do templo. Salomão ainda era jovem (tinha cerca de 20 anos de idade) e inexperiente. As últimas palavras registradas em Reis foram dirigidas exclusivamente a Salomão, mas até mesmo os segredos do palácio por vezes chegavam aos registros públicos.

As palavras iniciais de Davi (**2:2-4**) são semelhantes às instruções do Senhor a Josué (Js 1:6-9). A obediência fiel à lei de Moisés traria prosperidade a Salomão e manteria a casa de Davi no trono. Como 1Crônicas 28:9-10 deixa claro, Salomão é exortado a fazer mais do que apenas obedecer às leis e mandamentos escritos, entregue a Moisés no deserto. Davi lhe apresenta o Deus vivo, o Senhor da aliança, e pede que ele ame ao Senhor de todo o coração e ande nos seus caminhos. Andar nos caminhos do Senhor significa buscar constantemente sua vontade e orientação ao tomar decisões importantes (Êx 20:4-5; Dt 6:4-5).

Na sequência, Davi volta sua atenção para aqueles que devem ser eliminados de seu reino antes que seja impossível desarraigá-los (2:5-9). O leitor cristão pode considerar esta parte da instrução de Davi extremamente severa e desamorosa. É preciso lembrar, porém, que Deus revelou sua vontade de modo progressivo. Agora que temos a revelação completa, Deus espera que amemos até mesmo nossos inimigos (Mt 5:43-44; Rm 12:14). De acordo com o nível de revelação que havia recebido, Davi entendeu que todos os inimigos de Deus e de seus escolhidos seriam destruídos juntamente com sua maldade, enquanto quem bendisse-se ao Senhor e seu ungido receberia o favor divino. Neste caso, portanto, Davi não é um modelo a ser seguido, pois temos a totalidade da revelação de Deus, o AT completado pelas palavras de Jesus no NT em Hebreus 1:1.

A primeira pessoa na lista de Davi era Joabe, parente próximo de Davi que o havia defendido e permanecido fiel a ele nos dias mais difíceis de seu reinado. Joabe havia, no entanto, assassinado Abner (**2:5a**), o comandante do exército de Israel durante o reinado de Saul, logo depois de Abner ter garantido o apoio do exército israelita a Davi (2Sm 3:17-30). Posteriormente, Davi havia planejado colocar Amasa no lugar de Joabe, como comandante do exército israelita (**2:5b**; 2Sm 19:13). Joabe impedira que isso acontecesse ao matar Amasa enquanto este executava as ordens do rei. Davi havia sido obrigado a tolerar o “filho de Zeruia” (2Sm 19:21-23), mas sabia que o derramamento de sangue inocente poderia trazer calamidades sobre a nação como um todo. Quando Saul matou os gibeonitas, Israel sofreu as consequências (2Sm 21:1-3). Era necessário, portanto, remover a culpa do derramamento de sangue inocente (**2:6**; Dt 19:13; 21:9).

Nem todas as ordens finais de Davi, porém, foram desagradáveis. Salomão também recebeu a instrução de recomendar os *filhos de Barzilai* pela bondade que o pai deles havia demonstrado para com o rei (**2:7**; 2Sm 17:27-28).

Ao mesmo tempo que Barzilai tratou Davi com bondade, um homem chamado Simei o insultou (2Sm 16:5-14; 19:21-23). Amaldiçoar o governante do povo era uma transgressão séria, passível da pena de morte (Êx 22:28; Dt 17:12-13). Na ocasião, Davi havia escolhido ignorar o insulto recebido, mas não podia deixar Salomão correr esse risco. Ordenou, portanto, que Simei fosse eliminado (**2:8-9**).

Depois de dar as instruções, Davi faleceu e *descansou com seus pais* (**2:10**). Em vez de ser sepultado em Belém com seus antepassados, como era costume até então, Davi foi enterrado em sua própria cidade, a cidade de Davi. Esse fato marca o início do assentamento do clã em Jerusalém, sem abolir o clã existente em Belém.

O reinado de Davi havia sido longo: *quarenta anos* (**2:11**; cf. tb. 2Sm 5:4), e o rei se havia alegrado de ver seu filho Salomão estabelecido firmemente no trono.

### **2:13-46 Salomão assume o poder**

O restante do capítulo 2 relata como Salomão seguiu as instruções de seu pai ao lidar com possíveis adversários. Adonias não estava na lista inicial de pessoas a serem castigadas, mas atraiu atenção com o pedido que fez a Salomão por intermédio de Bate-Seba. Apesar de reconhecer que o Senhor havia entregado o reino a Salomão, ainda acreditava ter direito ao trono e, a seu ver, o povo esperava que ele fosse o próximo rei (**2:13-16**). Diante disso, pediu que Salomão lhe desse Abisague como esposa (**2:17-21**).

Seu pedido pode parecer inocente, mas, na cultura da época, o novo rei herdava e tinha o direito de se casar com as esposas do rei anterior, especialmente as mais jovens. Além de ser uma mulher bonita e de bom caráter, Abisague desfrutava o importante *status* simbólico de ter sido a última esposa de Davi. Uma vez que havia cuidado do rei durante seus últimos dias, é provável que estivesse muito bem informada acerca do que se passava na corte. O pedido de Adonias pode ser interpretado, portanto, como uma demonstração de desrespeito pelo novo rei. Salomão ficou profundamente ofendido (**2:22a**) e, provavelmente, considerou o pedido um sinal de que Adonias não estava obedecendo às condições impostas para seu perdão (1:52). Não é de admirar, então, que o rei tivesse ordenado a execução de Adonias (**2:23-25**).

Se Adonias ainda representava uma ameaça, o mesmo podia ser dito acerca de seus partidários (**2:22b**). Salomão julgou necessário remover o sacerdote Abiatar de seu cargo. Tendo em vista, porém, o modo fiel como Abiatar havia apoiado Davi, Salomão não executou o sacerdote, mas o afastou de seu ministério e, desse modo, cumpriu a palavra de Deus transmitida por um profeta anônimo (**2:26-27**; 1Sm 2:27-36). Joabe, o comandante do exército, viu o que estava acontecendo e concluiu que era o próximo da lista. A exemplo de Adonias, buscou refúgio no altar do Senhor, e, também como Adonias, foi morto para que a culpa de sangue pela morte de inocentes fosse removida (**2:28-35**). Simei ficou sob prisão domiciliar em Jerusalém. Quando desrespeitou as condições de sua sentença, foi igualmente executado (**2:36-46**). As execuções devem ter enchido de medo o coração de outros que talvez pensassem em se rebelar nos primeiros dias do novo rei. Por ora, Salomão estava segurando firmemente as rédeas do reino.

Não há nenhuma indicação de que o Senhor tenha aprovado essas mortes, mas também não encontramos nenhum sinal de que as condenou. Conforme comentamos anteriormente, o extermínio dos adversários ocorreu num momento da revelação progressiva de Deus em que a dedicação a Deus e seu ungido redundava em bênçãos. Os inimigos (quer sistemas quer pessoas) que se opusessem a Deus e seu ungido mereciam ser destruídos. Salomão era o ungido de Deus, e, portanto, seus inimigos também eram inimigos de Deus. A destruição desses adversários foi considerada um meio de cumprir o propósito positivo de promoção da vontade de Deus. O NT, por outro lado, instrui os fiéis a orar pela salvação de seus inimigos (Mt 5:44b).

### 3:1—4:34 A sabedoria e a grandeza de Salomão

#### 3:1-15 Salomão recebe sabedoria

Salomão se casou com a filha de Faraó (3:1a). Nem Saul nem Davi se haviam casado com mulheres estrangeiras. Na verdade, esse tipo de casamento era proibido para todos os israelitas (Dt 7:3; 20:17; cf. tb. Ed 9:1-2; Ne 13:26). Existem, porém, alguns casos de israelitas casados com pessoas de outros povos. Moisés se casou com uma cuxita (Nm 12:1), e Boaz, antepassado de Davi, se casou com Rute, uma moabita. Tanto a esposa de Moisés quanto Rute se tornaram adoradoras do Deus de Israel (Rt 1:10-18; 4:13). A união com a filha de Faraó foi diferente, pois constituiu um casamento político que visava fortalecer a aliança firmada entre as duas nações. Esse casamento foi o primeiro erro de Salomão. Além de demonstrar prioridades erradas, o rei ignorou questões internas que teriam fortalecido a nação de Israel. Posteriormente, Acabe seguiu seu exemplo e afastou Israel do Senhor (16:31).

Até então, Jerusalém não tinha templo nem palácio (3:1b-2). Os *altos* onde o povo adorava não eram muito diferentes dos lugares sagrados cananeus, exceto pelo fato de serem locais de culto ao Deus de Israel. No início de seu reinado, Salomão amava ao Senhor e, portanto, buscava a Deus. O amor ao Senhor é o primeiro mandamento (Êx 20:3-6; Dt 6:4-5; 11:1; Mt 22:37). Caracteriza aqueles que procuram servir ao Senhor e ser bem-sucedidos (Js 23:15-17). O comentário resumido sobre Salomão em 3:3, no entanto, não apenas reconhece sua obediência, mas também fala do seu maior ato de desobediência: *ele sacrificava ainda nos altos e queimava incenso*. Mais adiante, o autor associa esse comportamento de Salomão às suas muitas esposas.

O altar de bronze confeccionado no tempo de Moisés (Êx 27:1-8) se encontrava em Gibeão, a cerca de dez quilômetros de Jerusalém (2Cr 1:3-5). Salomão foi até lá para consultar o Deus de Israel e oferecer grande quantidade de sacrifícios (3:4). Não foram os sacrifícios, porém, que levaram o Senhor a ouvir Salomão, mas o fato de Salomão estar buscando a Deus conforme Davi, seu pai, o havia aconselhado (1Cr 28:9).

O Senhor apareceu a Salomão *em sonhos* e lhe disse: *Pede-me o que queres* (3:5). Sua oferta irrestrita é, ao mesmo tempo, generosa e desconcertante. A primeira reação do rei à generosidade de Deus foi lembrar a bondade que o Senhor havia demonstrado para com ele e seu pai (3:6). Em seguida, ele voltou a se mostrar confuso. Como o publicano em sua oração, Salomão estava ciente de sua verdadeira fraqueza (Lc 18:13). Lembrou-se de que ainda era jovem e inexperiente e de que tinha diante de si uma tarefa assustadora (3:7-8). Pediu, portanto, *coração compreensivo* — o conhecimento que vem do coração é melhor que o conhecimento intelectual — para discernir entre o bem e o mal e entre a verdade e a mentira (3:9). O povo sofre quando seu líder não é capaz de distinguir entre o certo e o errado. Numa situação semelhante no passado, Moisés pediu a presença do Senhor (Êx 33:14).

O Senhor se agradou com o fato de Salomão não se haver mostrado egoísta, mas, sim, preocupado com o bem-estar de seu povo. Atendeu ao pedido do rei e também lhe deu riquezas e honra, duas coisas que Salomão poderia ter pedido, mas não incluiu em sua oração (3:10-13). O sonho terminou com a promessa divina de que, se Salomão andasse nos caminhos do Senhor e lhe obedecesse como Davi havia feito, receberia a vida longa prometida aos filhos obedientes (3:14; cf. tb. Dt 5:16; Ef 6:2-3). A obediência de Salomão a Deus concorda com o tema central das instruções que ele recebeu de Davi (2:2b-3). Ao obedecer ao Deus de Davi, Salomão também honraria seu pai (Êx 20:12). O Senhor se agrada de todos os obedientes (1Sm 15:22).

*Despertou Salomão; e eis que era sonho* (3:15a). Essa constatação não significa, porém, que aquilo foi uma ilusão, pois os hebreus usavam o mesmo termo para se referir a sonhos e visões. É verdade que, em algumas ocasiões, Deus fala por meio de sonhos (cf. tb. Mt 1:20; 2:12-13, 19, 22; 27:19), mas nem todo sonho é uma mensagem de Deus. É necessário ter discernimento para distinguir entre os sonhos que são mero resultado natural de nossos próprios pensamentos e experiências e os sonhos que comunicam verdades do Senhor. Os sonhos que vêm do Senhor jamais contradizem ou acrescentam alguma coisa à revelação de Deus em suas Escrituras; apenas confirmam a palavra do Senhor. É importante observar, ainda, que os sonhos não são mencionados de forma específica nas relações de dons espirituais em 1Coríntios 12:7-10, 28 e Efésios 4:11. Apesar de isso não significar que os sonhos não podem ser usados por Deus (cf. Jl 2:28; At 2:17), indica o grau de importância que devemos atribuir a eles.

O encontro de Salomão com o Senhor foi real. Com essa convicção, o rei voltou a Jerusalém e continuou a adorar, como de costume, no altar diante da arca da aliança que se encontrava na cidade (3:15b; cf. 2Cr 1:4). Ele ofereceu holocaustos, sacrifícios que expressavam devoção pessoal, e ofertas pacíficas, sacrifícios que envolviam outros fiéis na adoração.

### 3:16-28 Salomão demonstra sabedoria

É interessante observar que o caso usado para evidenciar a sabedoria de Salomão envolve duas prostitutas (3:16a). Como na maior parte do mundo, também há prostitutas nas cidades africanas. Nossa tendência é deixar essas mulheres à mercê de quem as usa para satisfazer seus desejos sexuais impuros e à mercê da polícia que as prende de tempos em tempos. No plano de Deus, porém, elas são tão importantes quanto qualquer outro cidadão. Sem dúvida, o comportamento de uma prostituta é pecaminoso, mas sua vida continua sendo preciosa. Este relato deixa claro que Salomão julgava não apenas os justos, mas também os ímpios. A igreja é chamada, semelhantemente, a ministrar a todos.

É bem provável que o caso das prostitutas tenha sido julgado em tribunais inferiores, os quais, incapazes de chegar a um veredicto, encaminharam o processo difícil ao rei. (Pode-se observar o contraste entre este caso e a comovente situação em 2Rs 6:26-30, na qual uma mulher apela diretamente para o rei.) Salomão permitiu que cada uma das partes apresentasse seu argumento e talvez tenha identificado a mãe verdadeira enquanto as ouvia (3:16b-22). É possível, ainda, que ele tenha lembrado a lei antiga de Israel acerca de dois homens, cada um com um boi. Se um homem matasse o boi do outro, os dois bois, o vivo e o morto, deviam ser repartidos igualmente entre as duas partes (Êx 21:35). Salomão sugere que se aplique ao bebê vivo um princípio semelhante (3:23-25). O rei consegue identificar quem é a mãe verdadeira, pois, conforme esperado, ela reage violentamente à sugestão de que seu filho seja morto (3:26-27).

Quando a resolução desse caso se torna pública, o povo teme o rei e reconhece que sua sabedoria é proveniente do Senhor (3:28).

### 4:1-19 Os oficiais e administradores de Salomão

Conforme 4:1 enfatiza, as doze tribos de Israel estavam sob o governo de Salomão, e os líderes tribais e chefes de clãs e famílias eram homens poderosos (8:1). Salomão possuía, contudo, seus próprios oficiais, e 4:2-6 fornece o nome de indivíduos que faziam o papel de ministros do rei. É possível que alguns deles tenham ocupado os cargos de forma consecutiva, e não simultânea.

A relação inclui alguns sacerdotes: Zadoque, seu filho Azarias, Abiatar e Zabude. Além de sacerdote, Zabude também era *ministro, amigo do rei*, ou seja, conselheiro pessoal do rei. De acordo com 2:26-27, Abiatar havia sido banido para Anatote. É possível, então, que ele tenha sido perdoado e recebido permissão para voltar a ministrar entre os sacerdotes.

A lista não inclui, porém, nenhum profeta como oficial ou conselheiro. No tempo de Samuel, os ofícios de profeta e sacerdote encontravam-se reunidos no homem que liderava a nação. Com a coroação de Saul, o povo passou a ter um governante separado, mas que, pelo menos no início,

era orientado por um sacerdote e profeta. Davi também teve o profeta Natã como conselheiro (2Sm 12; 1Rs 1:10-38), e, posteriormente, Ezequias consultou Isaías (2Rs 19:1-7). A maioria dos reis, porém, ignorou o ofício de profeta. Na verdade, a visita de profetas ao palácio era considerada, com frequência, indesejável, pois, como último recurso, Deus costumava enviar seus porta-vozes ao palácio para pronunciar julgamento. Ao que parece, tanto em termos oficiais quanto pessoais, Salomão não se mostrou aberto para receber conselhos de um mentor com visão profética, e é possível que seu reinado tenha sido prejudicado por essa postura. Podemos dizer o mesmo do governo de líderes africanos que afirmam ser cristãos, mas não respeitam nem dão ouvidos a pessoas com uma visão cristã autêntica.

Dois indivíduos da lista (Azarias e Zabude, 4:5) são descritos como filhos de Natã. Pode tratar-se de uma referência ao profeta que serviu Davi, ao irmão de Salomão (1Cr 3:5) ou a algum outro homem com esse nome. O gabinete do rei também contava com dois *secretários* (Elierefe e Aías, 4:3a) e um *cronista* (Ailude, 4:3b), responsável por registrar não apenas a história do rei, mas também a sabedoria de Salomão. Benaia era o *comandante do exército*, e Aisar era administrador do pátio (4:4,6a). Em tom ominoso, o último oficial mencionado é Adonirão, *superintendente dos que trabalhavam forçados* (4:6b). Os trabalhos forçados geraram grande descontentamento e rebelião que resultaram na divisão do reino.

Vemos, portanto, que o gabinete de Salomão contava com: 1) um sacerdote que talvez atuasse como capelão; 2) secretários possivelmente encarregados de supervisionar os registros e correspondências; 3) um cronista que talvez fosse responsável pelas questões relacionadas a protocolo; 4) um comandante militar para cuidar das questões do exército; 5) um supervisor dos funcionários públicos (administradores distritais); 6) um intendente de todas as propriedades do rei e 7) um encarregado das questões financeiras (que supervisionava o trabalho e, provavelmente, os impostos). Era um grupo escolhido a dedo, pequeno em número, porém suficiente para abranger todas as áreas importantes. A presença de quatro sacerdotes no gabinete (Azarias, Zadoque, Abiatar e Zabude) pode refletir o desejo intenso de Salomão de buscar orientação do Senhor.

Seria tolice tentar nos dias de hoje imitar à risca a prática de Salomão. Não obstante, encontramos em seu modelo administrativo um princípio importante para muitos governantes africanos que gostam de ter gabinetes numerosos, mantidos com os impostos pagos pelo povo. Um gabinete pequeno, mas bem organizado, pode ser suficiente. O princípio de ter líderes religiosos entre os oficiais também não deve passar despercebido. Presidentes africanos se saíam melhor em seu trabalho se mantivessem contato próximo e buscassem o conselho de pessoas com uma visão cristã autêntica sobre como liderar ou tomar decisões importantes.

Para fins administrativos, Salomão dividiu Israel em doze distritos com seus respectivos governadores. Cabia a cada distrito fornecer alimentos e outros produtos ao palácio durante um mês do ano (4:7). Como resultado, os impostos a serem pagos pelo povo começaram a subir. As áreas dos distritos que não correspondiam às fronteiras dos assentamentos tribais do povo de Israel foram demarcadas para abranger grupos minoritários de colonos e não-israelitas. A nova divisão também enfraqueceu a solidariedade tribal. Ao que parece, o território de Judá era isento. Os nomes dos governadores encontram-se relacionados em 4:8-19.

Tudo indica que a divisão em doze distritos foi feita com base em considerações razoáveis. Distribuiu o peso de suprir as necessidades do rei e seu palácio mais uniformemente por toda a sociedade, de modo que cada distrito fosse responsável por apenas um mês do ano. Foi uma solução aceitável para uma situação que poderia ter-se tornado problemática.

Infelizmente, na África os distritos administrativos não são criados por motivos funcionais, mas apenas para aumentar no congresso o número de membros provenientes de determinado local por questões de conveniência política. A administração com fins egoístas também se infiltrou em algumas igrejas. Quando não é norteadada pela necessidade de servir melhor ao povo e suprir carências legítimas, a criação de novas divisões administrativas, seja no contexto político ou eclesiástico, é injustificável.

#### 4:20-28 *O tamanho do reino de Salomão*

É significativo que esta descrição de Israel durante o reinado de Salomão comece falando sobre o povo de Judá e Israel (4:20a). O reino estava unido, mas havia indícios de divisão desde o início do reinado de Davi. Ele havia governado somente sobre Judá durante sete anos antes de se mudar para Jerusalém e governar sobre o reino unido de Israel por trinta e três anos (2Sm 5:5; 1Rs 2:10-11).

A população total de Judá e Israel era numerosa como a areia que está ao pé do mar (4:20b). Expressão semelhante ocorre na promessa de Deus a Abraão (Gn 13:16) e a Jacó (Gn 32:12). Deus havia cumprido sua promessa. Apesar da grande população, não havia pobreza (4:20c). O povo estava feliz, e a paz era tão completa que podia ser descrita de modo proverbial: Cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira (4:25; Dt 8:8; Mq 4:4; Zc 3:10). A paz abrangia toda a extensão tradicional de Israel, desde Dã até Berseba. Foram anos de prosperidade para a nação inteira.

O reino de Salomão se estendia do rio Eufrates, a nordeste, até o Líbano, Tiro, Sidom e o mar Mediterrâneo, a oeste (4:21,24). O casamento do rei com a filha de Faraó havia expandido a fronteira do sul até Gezer (9:16). Israel estavam em paz com o Egito e com Hirão, da Fenícia. O palácio era abastecido diária e mensalmente com grande fartura de víveres para seus moradores e funcionários (4:22-23) e para os quarenta mil cavalos do rei (4:26-28).

#### 4:29-34 *A extensão da sabedoria de Salomão*

Mais uma vez, o autor nos lembra da extensão da sabedoria do rei, que excedia o conhecimento de todos os sábios da época (4:29-31).

Parte considerável de sua sabedoria consistia em informação e conhecimento adquiridos com sua própria inteligência, mas que também eram norteados por seu conhecimento e temor de Deus (Pv 1:7). Seu relacionamento íntimo com Deus lhe permitia discernir a vontade divina (o procedimento sábio) ao governar o povo. Seus três mil provérbios eram ditados curtos que expressavam verdades acerca da vida (4:32). Muitos deles se encontram registrados em Provérbios e Eclesiastes. Um de seus cânticos é uma bela celebração da verdadeira profundidade do amor, seja aplicado a um homem e uma mulher, a Javé e Israel, ou a Cristo e a igreja. Salomão redigiu, ainda, livros sobre plantas e animais (4:33; cf. tb. Ec 2:4-6). Com exceção dos trechos incluídos nas Escrituras hebraicas, sua obra se perdeu ao longo dos séculos.

Gente de várias partes do mundo procurava Salomão para ouvir e aprender com ele (4:34). Governantes como a rainha de Sabá (10:1-10) o consultavam acerca de problemas em seus reinos.

#### 5:1—9:9 *O templo e o palácio de Salomão*

É provável que o rei Salomão tenha realizado várias obras de construção, mas as de maior destaque são o seu próprio palácio e o templo do Senhor. O processo de construção do templo é descrito de modo mais detalhado, pois ocupava um lugar especial na vida espiritual de Israel como povo e nação e seria a habitação final da arca da aliança.

Os preparativos para a construção tiveram início quando Davi comunicou ao profeta Natã que pretendia edificar um templo (2Sm 7:1-2). A planta do templo foi desenhada, e o custo de sua construção foi calculado muito antes de Salomão subir ao trono (1Cr 28:11-18). Davi acumulou dinheiro, ouro, prata, bronze e ferro para a obra (1Cr 22:2-4,14-16) e conclamou vários líderes a levantar os recursos necessários para a execução do projeto (1Cr 29:2-9).

##### 5:1-18 *Preparativos finais*

Hirão, rei de Tiro em 970-935 a.C., manteve relações amistosas com Davi e Salomão. Forneceu a Davi o cedro e os trabalhadores necessários para a construção da residência real em Jerusalém (2Sm 5:11). Tiro e sua vizinha Sidom eram excelentes fontes de materiais para as construções, pois ficavam junto ao Mediterrâneo no Líbano, ao norte de Israel. Constituíam, ainda, dois centros comerciais importantes nos quais nações do Oriente e do Ocidente se encontravam para negociar. O Líbano era conhecido também por suas florestas, que produziam cedro de alta qualidade.

Ao ficar sabendo que Salomão havia sucedido a Davi no trono, Hirão enviou mensageiros para cumprimentá-lo (5:1). Em sua resposta, Salomão falou do sonho de seu pai de construir um templo. Davi se dedicara inteiramente

a lutar contra os inimigos de Israel, mas o *SENHOR* *lhos pôs debaixo dos pés* (5:3), expressão idiomática usada para mostrar que os inimigos derrotados se encontravam sob o domínio do vencedor. A vitória veio do Senhor (Sl 110:1-3; Hb 1:13). Agora, porém, Salomão pode dizer que, por meio dos esforços de Davi, o *SENHOR*, *meu Deus*, *me tem dado descanso de todos os lados* (5:4). É fato que, no início de seu reinado e ao longo de toda a construção do templo, não houve guerras com as nações vizinhas. Salomão reconheceu, acertadamente, que a paz é uma dádiva do Senhor.

Nesse período de paz, Salomão se propôs a realizar o sonho de seu pai e edificar um templo *ao nome do SENHOR, meu Deus* (5:5). O Senhor havia descrito o templo com as mesmas palavras ao profetizar: “Teu descendente [...] edificará uma casa ao meu nome” (2Sm 7:12-13). Salomão reconheceu que não construiria um lugar para Deus morar (8:30; At 7:48-50), pois sabia que o Deus de Israel era grande demais para ser confinado num edifício. Afinal, nem mesmo o céu e a terra podem contê-lo (8:27). Jesus ressaltou essa verdade quando disse que não precisamos de um local tereno de adoração (Jo 4:19-24). Os cristãos são o templo de Deus (1Co 3:16; 6:19).

Salomão encomendou cedro do Líbano e prometeu enviar a Hirão homens para ajudar seus lenhadores habilitados e pagar tanto pelo trabalho quanto pelos materiais (5:6). Também pediu artífices e pedreiros experientes para trabalhar junto com seus construtores em Jerusalém (2Cr 2:3-16).

Hirão atendeu ao pedido de Salomão de bom grado (5:7-9), e os dois reis firmaram uma aliança comercial (5:12). Infelizmente, como no caso do Egito, o tratado parece ter envolvido outros tipos de relacionamento, pois vemos mais adiante que Salomão se casou com mulheres sidônias (11:1).

Pelos termos do acordo, Salomão devia fornecer alimentos para a casa de Hirão (5:9). Essa exigência representou um peso adicional para Israel. Além de levantar os recursos necessários para manter o palácio em Jerusalém (4:22-23), os israelitas também teriam de fornecer trigo e azeite para Hirão e seus trabalhadores. Não se tratava de um requisito temporário, mas de uma obrigação a ser cumprida *de ano em ano* durante os vinte anos que foram necessários para a conclusão das obras do templo e do palácio (5:11).

Quando os israelitas escolheram ter um rei para liderá-los como outras nações, foram advertidos de que, mais cedo ou mais tarde, precisariam preocupar-se em suprir as necessidades materiais do monarca em vez de se concentrar em sua própria vida espiritual (1Sm 8:9-18). A profecia se cumpriu quando Salomão recrutou israelitas para trabalhar com os homens de Tiro (5:13-14) e colocou Adonirão como superintendente dos trabalhos forçados (4:6). Trinta mil homens, divididos em três grupos de dez mil, foram convocados para os trabalhos forçados. Cada grupo passava um mês no Líbano e dois meses em casa. Além

desse grupo, outros setenta mil homens trabalharam como carregadores, e oitenta mil homens atuaram na função de pedreiros. Os trabalhadores eram supervisionados por três mil e trezentos capatazes. De acordo com 2Crônicas 2:17-18, os 153.600 carregadores, pedreiros e capatazes eram estrangeiros, mas o escritor de Reis parece juntá-los com os trinta mil israelitas recrutados. Sem dúvida, esse grande número de trabalhadores envolvidos no projeto de construção que durou vinte anos (6:37—7:1) não foi capaz de se dedicar devidamente às suas propriedades rurais e profissões pessoais. Ao mesmo tempo, a nação tinha de alimentar todos esses trabalhadores de Israel e de Tiro e arcar com o custo dos materiais. Não é de admirar que o povo tenha ficado tão insatisfeito.

O número de pessoas envolvidas na construção nos traz à memória o povo de Israel na terra do Egito. Dessa vez, porém, os israelitas se viram forçados a trabalhar na terra da promessa, conforme Samuel lhes havia advertido (1Sm 8:10-18). O comentário de que todo esse trabalho foi realizado conforme *mandou o rei* (5:17) mostra que Salomão insistiu pessoalmente no uso de trabalho forçado.

Os acordos firmados entre Israel e Tiro no tempo de Davi e aos quais Salomão deu continuidade provavelmente tiveram outros resultados além da construção de suntuosos edifícios na capital do reino. O trabalho aproximou israelitas e sidônios e, sem dúvida, promoveu o intercâmbio de conhecimentos não apenas técnicos, mas também religiosos. Israel, que devia ser um povo singular e separado, acolheu influências estrangeiras de todo tipo.

### 6:1—7:51 A construção do templo e do palácio

O autor de Reis fornece uma descrição extensa e detalhada da construção do templo. Por outro lado, as obras do palácio, um edifício maior, são descritas em alguns poucos versículos (7:1-12). Na sequência, ele apresenta ainda mais detalhes sobre os adornos e utensílios do templo e deixa claro que seu interesse maior é na casa construída para honrar o “nome do SENHOR” (5:5).

6:1-38 A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO. A construção do templo se iniciou cerca de *quatrocentos e oitenta* anos depois que os israelitas deixaram a terra do Egito, no *ano quarto* do reinado de Salomão (6:1). Caso Salomão tenha subido ao poder em 960 a.C., pode-se datar o êxodo de c. 1440 a.C. Naquela época, o Senhor havia anunciado que escolheria um lugar específico para servir de habitação do seu nome (Êx 20:24; Dt 12:5), mas foram necessários quatrocentos e oitenta anos para identificar esse local. As promessas do Senhor nunca falham, mas, por vezes, seu cumprimento é antecedido de um longo período de espera.

Ao longo desses quatrocentos e oitenta anos, Israel se tornara uma forte potência, cuja capital era Jerusalém, cidade onde Davi construiu sua casa. Para sua frustração, porém, a arca do Senhor continuava abrigada numa tenda. Quando Salomão subiu ao trono, portanto, um das primeiras



coisas que ele fez foi iniciar a construção do templo. Só depois construiu seu próprio palácio.

A descrição detalhada do templo encontra-se em 6:2-13, onde as medidas são fornecidas em côvados (um pouco menos de meio metro). O edifício tinha vinte e sete metros de comprimento, trinta metros de largura e treze metros e meio de altura (6:2). No alto das paredes do templo havia *janelas estreitas* (6:4). O *pórtico* era uma galeria aberta na parte anterior do santuário que tinha nove metros de largura (6:3). As *câmaras laterais* acrescentadas ao edifício talvez fossem usadas como depósitos pelos sacerdotes que ali ministravam (6:5-6).

Uma peculiaridade impressionante do local da obra era a ausência total de ruídos de martelos e cinzeis. Todas as pedras eram preparadas nas pedreiras e apenas encaixadas em seu devido lugar no edifício (6:7). É provável que esse procedimento tenha sido adotado em obediência à ordem para não usar nenhuma ferramenta na construção do altar de Deus (Êx 20:25; Dt 27:5).

Os detalhes do interior do templo são fornecidos em 6:14-36. As paredes e o teto eram revestidos *com tábuas de cedro* (6:15,18), que, além de serem esteticamente agradáveis, mantinham o ambiente fresco. A divisória entre o santuário e o Santo dos Santos, onde a arca da aliança seria colocada, também era feita de cedro (6:16,19).

A arca da aliança era uma caixa que Deus havia instruído Moisés a confeccionar. Dentro dela, Moisés havia colocado duas tábuas de pedra onde estavam inscritos os Dez Mandamentos do Senhor. Na tampa da arca havia dois querubins (Êx 37:1-9). Apesar de não sabermos exatamente qual era sua aparência ("querubim" é o plural do termo hebraico *kerub*), a descrição bíblica deixa claro que eram seres alados semelhantes a anjos.

O interior do Santo dos Santos seguia o modelo da arca, com seus dois querubins, cada um com uma das asas tocando a parede e a outra estendida em direção ao centro do santuário interior, tocando a asa do outro querubim (6:23-28). A arca, que simbolizava a presença do Senhor, seria colocada no centro, debaixo das asas dos dois querubins, no ponto onde eles se tocavam.

As paredes internas do templo e das câmaras laterais eram revestidas de ouro e decoradas com entalhes de querubins, palmeiras e flores abertas. As estátuas dos querubins, assim como o altar, a mobília, os utensílios, o teto e o assoalho, também eram revestidos de ouro. Naquele tempo, não era raro utilizar grandes quantidades de ouro na construção de santuários.

O templo concluído era, sem dúvida, um edifício suntuoso e impressionante, com todos esses belos entalhes e ouro resplandecente. A madeira, as pedras e os metais valiosos usados na construção visavam demonstrar a devoção de Salomão e do povo ao Deus de Israel. Toda essa riqueza poderia, contudo, exercer outro efeito sobre o povo comum. Conforme a advertência de Êxodo 20:4, havia o perigo de o

povo voltar sua devoção para o ouro em vez de adorar ao Deus verdadeiro de Israel. Na época dos profetas Jeremias e Ezequiel, o templo propriamente dito se havia tornado objeto de culto. As pessoas acreditavam que a mera presença desse edifício suntuoso em Jerusalém era suficiente para lhes garantir segurança e proteção (Jr 7:4-8). Havia esquecido que era preciso andar humildemente nos caminhos do Senhor e obedecer aos seus mandamentos (Mq 6:8). Por isso, antes de apresentar uma descrição detalhada do templo, o autor insere uma mensagem acerca dos requisitos do Senhor para Salomão e para nós (6:11-13). A presença de Deus com seu povo dependeria da obediência deles aos mandamentos e decretos divinos (2Cr 7:12-14).

Temer o Senhor e desviar-se do mal são sinônimos de sabedoria e entendimento que não podem ser comprados com ouro nem pedras preciosas (Jó 28:12-19). Ouro, pedras preciosas e metais de valor são medidas inadequadas para a devoção do homem a Deus. O Senhor olha para as pessoas, e não para suas riquezas. Assim, Jesus considerou a oferta da viúva pobre mais valiosa do que o dinheiro dos ricos (Lc 21:2-4).

A descrição do templo termina com um relato do tempo necessário para concluí-lo. A construção foi iniciada no quarto ano do reinado de Salomão e concluída no seu décimo primeiro ano, durando, portanto, sete anos (6:37-38).

Em se tratando da construção de uma igreja, o local de adoração nos dias de hoje, podemos admirar o templo de Salomão, mas também devemos lembrar que ele foi destruído pelos babilônios em 586 a.C. Em 20 a.C., Herodes, o Grande, começou a construir outro templo grandioso, um projeto que levou mais de quarenta anos para ser concluído (cf. Jo 2:20), mas que os romanos destruíram em 70 d.C. Como Jesus disse à mulher samaritana, a adoração mais significativa é aquela que vem do coração (Jo 4:23). Quando construirmos igrejas, portanto, devemos ser guiados pela modéstia e compatibilidade do projeto com nossos recursos. O templo da igreja deve ter a mesma qualidade da casa do cristão de classe média (não do membro mais abastado, tampouco do membro mais pobre da congregação). Deve ser um edifício que a congregação tenha os recursos necessários para construir, de modo que a igreja não fique enterrada em dívidas. Não deve ser financiado por apenas uma pessoa ou por alguns empresários ou políticos.

7:1-12 A CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO. Foram necessários treze anos para construir o palácio de Salomão, bem mais tempo do que os sete anos gastos na construção do templo (7:1). O palácio principal era chamado *Casa do Bosque do Líbano* (7:2), provavelmente devido à grande quantidade de cedro e pinho do Líbano visíveis no edifício (5:6,8-9) ou, talvez, porque os construtores e marceneiros eram do Líbano, ou, ainda, porque imitava o estilo de palácios libaneses. Além do edifício principal descrito em 7:2-5, havia também o *Salão das Colunas* (7:6) e a *Sala do Trono*, onde o rei se apresentava num trono especial para julgar as causas do povo

(7:7). Salomão também mandou construir um palácio para a filha de Faraó (7:8), fato que deve ter causado inveja nas outras esposas e as levado a pedir o mesmo tratamento. Ao que parece, esse pedido foi atendido (11:1-6).

Os edifícios do palácio foram construídos com pedras de alta qualidade, mas com menos ouro do que o templo. A descrição desse amplo conjunto de construções é bastante sucinta, pois o escritor considerou o palácio um projeto particular do rei e, portanto, um empreendimento secundário para a história religiosa de Israel. Apesar de o templo do Senhor ser menor em tamanho, era maior em importância. Seu propósito era unir a nação no culto a Javé, o Deus de Israel.

**7:13-51 A MOBÍLIA E OS UTENSÍLIOS DO TEMPLO.** Em Êxodo, Deus encheu Bezalel e Aoliabe com o Espírito Santo e lhes conferiu aptidões artísticas para auxiliar na construção do tabernáculo (Êx 31:1-6). Para a tarefa de construir seu templo, contudo, Deus não preparou nenhum israelita. Antes, Salomão se valeu dos serviços de um homem chamado Hirão (ou Hurão), provavelmente um dos especialistas enviados a Jerusalém para construir o templo (2Cr 2:13). A mãe de Hirão era israelita, e seu pai era fenício e trabalhava com bronze (7:13-14).

A primeira tarefa de Hirão foi construir duas gigantes colunas de bronze, cada uma com cerca de oito metros e vinte e cinco centímetros de altura e cinco metros e meio de circunferência, ornamentadas com fileiras de romãs (7:15-21). As duas colunas foram colocadas na frente do templo. A do lado sul recebeu o nome de *Jaquim*, que significa “Estabelecido”, e a do norte foi chamada de *Boaz*, que quer dizer “Força”. Não se sabe qual era a função dessas colunas. Talvez seus nomes servissem para lembrar ao povo que Deus havia estabelecido e fortalecido a nação ao colocar o templo em Jerusalém.

O segundo projeto importante de Hirão consistiu em confeccionar um reservatório de água chamado *mar de fundição* (7:23-26). Tinha cerca de quatro metros e meio de diâmetro e capacidade para quarenta e quatro mil litros de água usada para a purificação dos levitas que serviam no templo. Essa enorme bacia ficava apoiada nas costas de doze touros de bronze. Tendo em vista a ordem em Êxodo 20:4 e considerando a facilidade com que os pais de Israel se deixaram levar pela adoração ao bezerro no deserto (Êx 32:1-8), é estranho que a imagem do touro apareça no templo.

Considerando-se, porém, que Deus aceitou a construção de forma implícita, tudo indica que os touros não possuíam nenhum significado religioso. Eram animais usados para o trabalho, e fazia sentido carregarem o mar de fundição nas costas.

A terceira tarefa de Hirão foi construir dez suportes móveis sobre rodas para as bacias de água usadas pelos sacerdotes (7:27-39). Hirão também fez vários outros objetos menores de bronze para serem usados no templo (7:40).

O capítulo termina com uma lista de todos os objetos que Hirão confeccionou (7:41-45) e outras peças que Salomão mandou fazer em ouro (7:48-50). Todos esses itens foram consagrados para o uso no templo, e o que restou de bronze, prata e ouro foi armazenado *entre os tesouros da Casa do SENHOR* (7:51).

### 8:1-66 A dedicação do templo

Este capítulo descreve o culto nacional de adoração que foi uma das assembleias políticas e religiosas mais importantes da história de Israel. Jerusalém era a capital de Israel havia mais de quarenta anos e a cerimônia marcou o reconhecimento de que, daquele momento em diante, em termos oficiais e espirituais, a cidade seria o local que o Deus de Israel havia escolhido para fazer habitar o seu nome.

Davi havia ansiado por essa celebração, mas só pôde dar os primeiros passos em direção a ela ao levar a arca da aliança para uma tenda em Jerusalém. Salomão, por outro lado, havia realizado o sonho de seu pai e construído um templo magnífico.

**8:1-11 A CERIMÔNIA.** Salomão convocou os anciãos de Israel, os cabeças das doze tribos e seus príncipes para comparecerem à cerimônia em Jerusalém (8:1a). Foi uma reunião histórica do povo que contou com a participação de habitantes de todo o reino, desde Hamate, no extremo norte, até o rio do Egito, no extremo sul (8:65a). A assembleia foi um instrumento eficaz de publicidade numa cultura em que as notícias se propagavam por meio de testemunhos oculares e relatos orais. O fato de o rei, e não os sacerdotes, ter desempenhado um papel importante na cerimônia reforça a ideia de que não se tratou apenas de uma ocasião religiosa, mas também de um acontecimento com objetivos políticos.

A celebração se estendeu por vários dias. A fim de incentivar todo o Israel a comparecer, foi marcada para o sétimo mês, na mesma época da Festa dos Tabernáculos (8:2), uma das principais três festas de Israel. (As outras duas eram a Páscoa e Pentecostes, comemoradas, respectivamente, no primeiro e no terceiro mês do calendário judaico.)

A celebração também levou em consideração o significado especial do número sete na Bíblia. Durante sete dias, o povo celebrou a Festa dos Tabernáculos (8:65a), e depois a celebração se estendeu por mais uma semana, num total de quatorze dias (8:65b), antes de o povo ser despedido (8:66). A maioria dos convidados provavelmente ficou em Jerusalém ou seus arredores durante a comemoração.

Conforme anunciado, o propósito da assembleia era levar a arca da Aliança do SENHOR da Cidade de Davi, ou seja, a região de Jerusalém, também conhecida como Sião (cf. 2Sm 5:7,9), para o templo (8:1b). A arca servia para lembrar aos israelitas que Deus os havia escolhido como povo especial e que havia decidido habitar no meio deles.

Salomão e todos os presentes acompanharam a arca enquanto era carregada de sua tenda na Cidade de Davi até

o Santo dos Santos no novo templo e enquanto se oferecia um grande número de sacrifícios (8:5). De acordo com Crônicas, um coral e uma orquestra também participaram do culto (2Cr 5:11-13). Uma vez que a experiência em Perez-Uzá ainda estava viva na memória (2Sm 6:6-9), a arca e os utensílios do tabernáculo foram carregados somente pelos sacerdotes levitas (8:3-4).

A arca com os querubins pequenos na tampa foi depositada entre os querubins grandes que Salomão havia colocado no Santo dos Santos (8:6-7; cf. tb. 6:23-28; Nm 17:8-10; Hb 9:4). Em outros tempos, a arca havia sido associada a “uma urna de ouro contendo o maná, o bordão de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança” (Hb 9:4; cf. tb. Êx 16:33-34; 25:16,21-22; Nm 17:10; Dt 10:1-5), mas, a esta altura, continha apenas as duas tábuas de pedra onde estavam inscritos os Dez Mandamentos (8:9). O conhecimento do Deus vivo e a obediência à sua lei eram os elementos que distinguiam os israelitas dos povos de outras nações.

Quando os sacerdotes concluíram essa parte da cerimônia, uma nuvem encheu o templo como sinal da presença do Senhor com seu povo (8:10). A nuvem simbolizou a presença de Deus, como havia feito no tempo de Moisés (Êx 40:34-35). Na visão de Ezequiel (Ez 10:3-4,18-19; 11:23), a nuvem partiu, indicando que a glória do Senhor deixou o templo porque os pecados de Israel não podiam mais ser perdoados.

Uma vez que a nuvem encheu o templo, os sacerdotes não puderam continuar ministrando (8:11). Quando o Senhor está presente, o trabalho dos sacerdotes se torna desnecessário.

**8:12-21 O DISCURSO DE SALOMÃO.** Salomão se dirige ao povo e lhes fala sobre a fidelidade de Deus. Em três ocasiões nesse discurso, ele cita a palavra de Deus seguindo, supostamente, um dos livros que já haviam sido escritos (8:12,16,18-19).

O rei começa com uma referência à nuvem que todos viram encher o santuário (8:12). A nuvem servia para lembrar que Deus era grande demais para habitar com seres humanos comuns. Apesar de Salomão descrever o templo que havia construído como um *lugar para a tua eterna habitação* (8:13), conforme sua oração indica mais adiante, o rei estava plenamente cômico de que a presença de Deus no meio de seu povo não era resultado da construção do templo, mas, sim, da graça divina. O rei sabia também que não podia esperar que o Deus todo-poderoso habitasse, de fato, no templo em caráter permanente.

Em seguida, Salomão se volta para os israelitas, abençoa-os e profere, em alta voz, louvores ao Senhor que cumpriu sua promessa a Davi (8:15). Deus havia escolhido a casa de Davi e prometido que seu filho realizaria sua visão de *edificar uma casa ao nome do SENHOR* (8:16-19). O Senhor não faltou com sua palavra. Salomão estava assentado no trono, havia edificado o templo e providenciado um lugar para a arca que lembrava a todo o povo da aliança o que Deus havia feito com seus antepassados no êxodo (8:20-21).

**8:22-61 A ORAÇÃO DE DEDICAÇÃO.** Salomão orou enquanto estava *diante do altar do Senhor* (8:22). Várias ilustrações da época mostram que, naquele tempo, era comum orar em pé. Essa postura indicava que o rei era inferior à divindade, a qual era imaginada como um rei que se assenta no trono para ouvir os pedidos dos súditos. No final da oração, Salomão mudou de posição, *estando de joelhos e com as mãos estendidas para os céus* (8:54).

Por meio dessa postura diante do Senhor, Salomão mostrou-se consciente de sua indignidade. Há quem argumente que a adoração vem do coração, mas a postura que assumimos comunica nossa atitude em relação a Deus e àqueles que nos cercam. Na África, ninguém colocaria as mãos no bolso enquanto se dirige a uma autoridade, e não devemos ter menos respeito quando nos dirigimos a Deus. Outras pessoas precisam ver que ele é um Deus grande e, apesar de nos alegrarmos em sua presença, isso não significa que devemos agir como se tivéssemos esquecido completamente de quão indignos somos de estar diante dele.

A oração de dedicação começa com louvor ao Deus incomparável nos céus e na terra (8:23). Deus é capaz de cumprir todas as suas promessas. Demonstrou sua fidelidade para com a casa de Davi, mas também é fiel a todos que andam em obediência diante dele (8:23-24). Salomão pede que a fidelidade que Deus demonstrou a Davi no passado continue no futuro (8:25-26).

O rei sabia que até mesmo seu templo magnífico era pequeno demais para um Deus tão grande, pois *eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter* (8:27). Não obstante, ele pede que Deus seja misericordioso e ouça as orações dos fiéis oferecidas no templo (8:28-30). Algumas versões (p. ex., NVI) trazem “voltados para este lugar”. Muitos israelitas, especialmente o povo comum, não tinham como viajar para Jerusalém a fim de adorar ou orar. Em vez disso, oravam voltados para a cidade e o templo. Era o que Daniel fazia quando orava em seu quarto “onde havia janelas abertas do lado de Jerusalém” (Dn 6:10).

Apesar de não precisarem se voltar para uma direção específica quando oram, os cristãos devem se manter conscientes da presença de Deus. Agora que temos uma revelação mais plena de Deus, sabemos que ele não está em apenas um lugar (Jo 4:21,23-24) e, portanto, para onde quer que nos voltemos, sabemos que ele está lá. Alguns cristãos costumam voltar os olhos para o céu, uma expressão simbólica do lugar de onde vem o seu socorro (Sl 123:1). Não há nada de errado com essa prática, mas aqueles que optam por adotá-la não devem tentar impô-la a outros. Não existe uma posição determinada para o cristão orar, mas nossa postura deve expressar a consciência de que, ao nos colocarmos diante de Deus, estamos dirigindo-nos ao Rei de todos os reis. Devemos respeitar os outros ao nosso redor que se voltam para determinado lugar quando oram. Sua expressão exterior de humildade diante de Deus é louvável, mas oramos para que todos que não conhecem

Deus por meio de sua graça salvadora em Cristo venham a conhecê-lo desse modo. Acima de tudo, devemos lembrar as palavras de Jesus: “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24).

O restante da oração é dividido em sete partes:

- Salomão pede que inocentes e culpados sejam revelados no templo (8:31-32). O rei sabia que nada permanece oculto na presença de Deus. O Senhor é um Deus de justiça e retidão que protege os inocentes e castiga os culpados. Eis um excelente princípio para aqueles que foram tratados injustamente e não receberam (ou escolheram não buscar, talvez em razão de 1Co 6:1-8) justiça nos tribunais. O Senhor é o supremo tribunal de apelação, e, se deixarmos tudo em suas mãos, podemos encontrar consolo na convicção de que ele agirá, mesmo que o faça de formas misteriosas para nós.
- Pede também que o povo seja perdoado quando confessar seus pecados e volte a receber vitória sobre seus inimigos (8:33-34).
- O rei ora para que, em tempos de seca, Deus perdoe os israelitas quando eles se arrependem de seus pecados e para que envie chuva (8:35-36). As secas eram tão comuns naquele tempo quanto são hoje em dia. Assim como Salomão reconheceu que a seca pode ser um castigo de Deus, devemos incluir um momento de confissão em nossas orações quando suplicamos por chuva.
- Salomão pede que Deus perdoe e restaure seu povo em momentos de calamidade nacional como doenças, colheitas escassas, pragas nas lavouras ou inimigos humanos. Sem dúvida, o rei acreditava que todas essas tragédias eram resultantes de pecado no meio do povo (8:37-40). É interessante observar que ele suplica a Deus para ouvir *nos céus, lugar da tua habitação* (8:39). Salomão sabia que Deus não podia habitar em templos feitos por mãos humanas.
- O rei pede a Deus que também responda às orações dos estrangeiros fiéis ao Senhor (8:41-43). O estrangeiro devia orar *voltado para esta casa*, e não dentro dela. Ao que parece, naquela época o templo não possuía um local reservado para os gentios. A oração do rei está de acordo com a intenção de Deus desde o princípio. Ao escolher Abraão, o Senhor lhe disse: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3b). Em última análise, tratava-se de uma promessa de bênçãos por meio de Cristo. Ao mesmo tempo, contudo, mostra que, quando outros conhecessem e recebessem o Deus de Abraão como seu Deus, também seriam abençoados. Deus aceitou, portanto, pessoas como Rute (que disse a Noemi: “O teu Deus é o meu Deus”, Rt 1:16) e Raabe, a meretriz que declarou aos espiões enviados por Josué: “O SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra” (Js 2:11). Deus não escolheu Israel com

o propósito de excluir outros povos para sempre, mas, para que outros fossem abençoados ao abençoarem Abraão (Gn 12:3a) e aceitarem o Deus de Abraão. No NT, também encontramos prosélitos e gentios tementes a Deus considerados aceitáveis no meio dos judeus, o povo de Deus, mesmo antes de nascerem de novo e se tornarem parte da igreja. Dois exemplos são o eunuco etíope que tinha ido a Jerusalém para adorar ao Senhor (At 8:27) e Cornélio (At 10:2), homem piedoso, temente a Deus e generoso para com os necessitados.

- Salomão pede que, quando os israelitas saíssem para a guerra, Deus os ouvisse ao orarem voltados para seu templo (8:44-45). A oração do rei não se aplica, contudo, a qualquer povo, mas apenas àqueles que lutam contra os inimigos de Deus e estão seguindo as ordens de Deus.
- O rei ora para que, se Deus precisasse castigar os israelitas, entregando-os nas mãos de inimigos que os levariam para o cativeiro, ainda assim continuasse a ouvir as orações de seu povo quando, da terra do exílio, orassem voltados para o templo. Pede que Deus os perdoe e mova seus conquistadores à compaixão (8:46-51).

Salomão encerra a oração com uma súplica final para que Deus ouça todas as orações oferecidas por seus servos, pois, em sua graça, o Senhor os escolheu para ser seu povo especial (8:52-53).

Em seguida, o rei se levanta, se volta para a congregação e a abençoa (8:55). Mais uma vez, louva ao Senhor que cumpriu todas as suas promessas. *O SENHOR, nosso Deus, seja conosco [...] para que todos os povos da terra saibam que o SENHOR é Deus e que não há nenhum outro* (8:56-60). Salomão pediu essas bênçãos para que Israel fosse testemunha ao mundo, para que o mundo viesse a conhecer o Deus verdadeiro por meio de Israel, conforme prometido a Abraão (Gn 12:3).

Podemos extrair algumas lições valiosas do relato da dedicação do templo. Primeiro, é importante as pessoas terem um espaço que possam identificar como o lugar onde “se colocam perante o Senhor”. Esse lugar pode ser o templo de uma igreja, a garagem ou sala de estar de uma casa, ou mesmo o espaço à sombra de uma árvore. Segundo, os cristãos devem lembrar que, apesar de se dizer que esse lugar pertence ao Senhor, Deus não habita ali. Nem mesmo os céus e a terra podem contê-lo (8:27; 2Cr 2:6a; 6:18). É simplesmente o lugar onde os fiéis se reúnem para adorar (2Cr 2:6b). Terceiro, quando um edifício é construído para Deus, esse fato precisa ser divulgado. A cerimônia de dedicação é uma das formas de declarar sua função. É bastante apropriado, portanto, que as igrejas realizem cultos de dedicação. Nessas ocasiões, o mais importante é declarar quem Deus é e lembrar as pessoas de suas responsabilidades diante dele. A oração e a exortação de Salomão ao povo podem servir de modelo.

**8:62-66** A CONSAGRAÇÃO DO TEMPLO. A última etapa da consagração do templo foi o sacrifício de milhares de bois, ovelhas e bodes (**8:62-63**). Davi havia oferecido sacrifícios semelhantes quando levou a arca a Jerusalém (2Sm 6:17). É bem provável que Salomão tenha providenciado os animais e que os sacerdotes os tenham oferecido. Esses sacrifícios foram acompanhados de ofertas de manjares (**8:64**). A maioria das ofertas provavelmente foi consumida pela congregação, pois os sacrifícios pacíficos podiam ser consumidos pelos ofertantes.

Todo o povo voltou para casa impressionado e cheio de júbilo por tudo o que haviam testemunhado e pela celebração da qual haviam participado (**8:65-66**). Ainda hoje, quem vai a um lugar de adoração e tem um encontro com o Senhor experimenta grande alegria. Observamos o mesmo fenômeno nos pastores (Lc 2:20), nos magos do Oriente (Mt 2:10-11) e nos discípulos de Jesus (Jo 1:41-45).

#### 9:1-9 O Senhor aparece a Salomão pela segunda vez

Essa seção deve ser considerada parte da cerimônia de dedicação do templo. É a resposta do Senhor à oração de Salomão em favor do povo. O texto deixa a impressão, contudo, de que é posterior ao término da construção do templo e do palácio (**9:1**). Nesse caso, o Senhor teria levado treze anos para responder à oração do rei. Na verdade, o autor de Reis escreveu o livro muitos anos depois desses dois acontecimentos. Ao redigir seu relato, baseou-se no princípio de que a resposta de Deus, a qual enfatiza que a obediência tem precedência sobre todas as realizações materiais, se aplica a tudo o que Salomão realizou. Naquela época, era relativamente comum agrupar vários itens sem fornecer detalhes sobre a natureza exata de sua inter-relação. Pode-se observar um padrão semelhante em Marcos 1:2, que diz: “Conforme está escrito na profecia de Isaías” e, na sequência, cita uma combinação de palavras de Malaquias 3:1 e Isaías 40:3. Isaías é um profeta maior, e Malaquias, um profeta menor, de modo que as duas citações são agrupadas sob o nome de Isaías. O escritor de Reis reconheceu que o princípio determinado pelo Senhor na dedicação do templo se aplicava a todas as realizações de Salomão, de modo que as relacionou de uma só vez nesta passagem.

A intenção dos escritores bíblicos não era redigir um registro biográfico, mas, sim, teológico. No primeiro caso, o autor simplesmente apresenta os fatos detalhados da história, enquanto no segundo toma esses mesmos detalhes e mostra como são associados ao relacionamento da pessoa com Deus. Enquanto o autor de uma história biográfica poderia dizer: “Depois da construção do templo, mas antes da construção do palácio”, o autor de uma história teológica reúne os acontecimentos de maior e menor importância em um só grupo.

Nessa ocasião, o SENHOR tornou a aparecer-lhe em sonho, como havia feito em Gibeão (3:4-5). O Senhor disse a Salomão que suas orações haviam sido ouvidas e atendidas (**9:3a**). A fim de deixar claro que o templo não havia sido

consagrado pelo próprio Salomão, o Senhor enfatiza: *Santifiquei a casa que edificaste* (**9:3b**). Deus não se deixa controlar por rituais humanos. Somente ele tem o poder de santificar. Ele concordou, no entanto, em se apropriar do templo *a fim de pôr ali o [seu] nome para sempre*. A identificação do Senhor com o templo foi demonstrada claramente quando a nuvem encheu o santuário durante a dedicação. Ao afirmar: *os meus olhos e o meu coração estarão ali todos os dias* (**9:3c**), o Senhor indica que vê, estima e cuida do seu santuário e, portanto, o guardará.

As palavras do Senhor em **9:4** são dirigidas a Salomão, mas não há dúvida de que o caminho para obter as bênçãos de Deus ainda é o mesmo para todos nós: devemos andar com integridade diante do Senhor, ser retos como Davi e obedecer às leis e mandamentos de Deus. Esta passagem nos traz à mente Deuteronômio 6:4-5 e Êxodo 20:1-6, dois textos que constituem um chamado não ao legalismo, mas a uma vida de compromisso num relacionamento especial com o Deus vivo. A aplicação geral da resposta do Senhor fica ainda mais clara quando consideramos as palavras registradas em 2Crônicas 7:14: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra”.

Se Salomão vivesse segundo as prescrições de Deus, seus filhos herdariam as promessas divinas feitas a Davi, segundo as quais sua dinastia permaneceria *para sempre* (**9:5**). Havia a possibilidade, contudo, de Salomão e seus filhos rejeitarem a Deus. Aqui, o termo “filhos” não se refere apenas aos descendentes biológicos de Salomão, mas a todo o povo de Israel naquele tempo e no futuro. Se deixassem de manter um relacionamento correto com o Senhor e escolhessem relacionar-se com outros deuses, eles receberiam as maldições prometidas em Deuteronômio 28:15-68 (**9:6-7**). O templo grandioso não ofereceria proteção, pois também seria destruído por Deus (**9:8-9**).

Salomão e seus filhos não guardaram os mandamentos do Senhor e atraíram sobre si a ira do Deus zeloso. Não obstante, o Senhor cumpriu a promessa que fez a Davi e levantou outro filho que seria o verdadeiro “renovo de Jessé”, reinaria com justiça perfeita e realizaria a vontade de Deus (Is 9:2-7; 11:1-9).

#### 9:10—10:29 A grandeza de Salomão

##### 9:10-28 O plano econômico de Salomão

As obras do templo e do palácio levaram vinte anos para ser concluídas (**9:10**; cf. tb. 6:38; 7:1) e, sem dúvida, foram seguidas de expansões e reformas. Salomão ainda devia a Hirão de Tiro pelo trabalho, materiais e ouro que este havia fornecido e, portanto, lhe deu vinte cidades no norte da Galileia como parte do pagamento (**9:10**). É possível que os impostos de Salomão não tenham sido suficientes para juntar todo o trigo e azeite necessários ao pagamento da

mão-de-obra (5:11) e que as cidades tenham servido de abatimento da dívida. Hirão não ficou satisfeito com as cidades pobres e mal cuidadas (9:12-13).

O templo e o palácio não foram os únicos projetos de construção de Salomão. O rei construiu, ainda, os muros de Jerusalém, Hazor, Megido e Gezer. A cidade de Gezer havia sido conquistada por Faraó e oferecida a Salomão como presente de casamento (cf. 3:1), mas precisava ser reconstruída (9:15-17a). Algumas cidades do deserto (9:17b-18) também foram reedificadas e novas fortalezas e cidades foram construídas a fim de servir de armazéns e estábulos para seus cavalos e carros (9:19).

Israel não exterminou todos os habitantes da terra prometida no tempo de Josué (9:20-21a). Salomão transformou em escravos os cananeus que restavam (9:21b), colocando-os numa situação semelhante à dos israelitas no Egito. Não devemos imaginar que a decisão do rei recebeu aprovação divina, apesar de Deus dar espaço para procedimentos desse tipo ao instruir: “Quanto aos escravos ou escravas que tiverdes, virão das nações ao vosso derredor; delas comprareis escravos e escravas” (Lv 25:44). A passagem de Levítico, porém, enfatiza que os israelitas não deviam escravizar seus compatriotas (Lv 25:39). Todos eram iguais diante de Deus. Quando fosse necessário realizar trabalho braçal, porém, outras nações serviriam à “nação real”, não por mérito de Israel, mas porque Deus, em sua graça, havia escolhido abençoar seu povo.

Hoje em dia, a igualdade que prevalecia entre os israelitas é desfrutada pelos cristãos, pois todos têm a mesma posição espiritual, não obstante a nacionalidade, raça ou origem. Quando cristãos se relacionam entre si como empregadores e funcionários, portanto, ambas as partes devem lembrar que são iguais diante de Deus. Essa consciência transforma a atitude tanto do empregador quanto do funcionário, permitindo que se conformem aos ensinamentos de Paulo em Efésios 6:5-9.

Em obediência à lei, Salomão não escravizou israelitas. Em vez disso, alistou-os em seu exército e nomeou-os superintendentes de seus projetos (9:22-23).

Salomão teve recursos econômicos suficientes para construir uma casa separada para sua esposa, a filha de Faraó, pois não desejava que uma estrangeira vivesse no lugar onde a arca sagrada da aliança do Senhor havia estado (9:24; cf. tb. 2Cr 8:11). A fim de cumprir suas obrigações religiosas, o rei oferecia holocaustos e sacrifícios pacíficos três vezes por ano (9:25). Mandou construir, ainda, navios que tripulou com marinheiros de Tiro e enviou-os para negociar com árabes no mar Vermelho, ao sul. É possível que as embarcações tenham prosseguido rumo ao sul pela costa leste da África e talvez chegado até a Índia.

### 10:1-13 A visita da rainha de Sabá

Conforme o autor de Reis informou anteriormente, Salomão havia adquirido grande fama. Muitos governantes e líderes

tinham ouvido falar dele e iam a Jerusalém para consultá-lo (4:29-34). Uma das visitantes foi a rainha de Sabá. Não se sabe onde ficava o seu reino. Com base nos presentes oferecidos a Salomão (10:2a,10), alguns estudiosos afirmam que ela veio de alguma parte da Ásia (sul da Arábia, Índia ou Iêmen) ou da África (costa leste africana ou Chifre da África). Não obstante a localização exata de Sabá, era uma terra distante e rica que havia ouvido falar da sabedoria e dos empreendimentos comerciais de Salomão. Sua rainha foi conhecer o rei pessoalmente e consultar-se com ele acerca de questões difíceis (10:1,2b). Salomão respondeu a todas as suas perguntas, e ela se admirou com tudo o que ouviu dele e o que viu do seu estilo de vida (10:3-8). Como visitante oficial, sem dúvida ela visitou o templo e reconheceu que a sabedoria e as riquezas materiais de Salomão eram sinais da bênção do Deus de Israel. Louvou, portanto, ao Senhor Deus que demonstrou amor eterno por Israel (10:9). Como todos os outros governantes, porém, não conheceu pessoalmente aquele que é maior do que Salomão (Lc 11:31).

É comum chefes de Estado trocarem presentes quando se encontram. A rainha de Sabá presenteou Salomão com muito ouro e *multíssimas especiarias, e pedras preciosas* (10:11), e deve ter recebido dele presentes igualmente valiosos (10:13).

Aqui, o autor interrompe o relato para dar uma lista dos produtos que Salomão importava na época que recebeu a visita da rainha de Sabá. *As naus de Hirão*, não os navios construídos por Salomão em Ezion-Geber, traziam carregamentos de *ouro, sândalo* (um tipo raro de madeira) e *pedras preciosas* (10:11-12).

### 10:14-29 O esplendor de Salomão

Conforme descreve o restante do capítulo, Salomão acumulou grande riqueza. Os 420 talentos (14.800 kg) de ouro mencionados em 9:28 foram importados de uma só vez. Todos os anos, eram importados mais de 666 talentos (22.650 kg) de ouro, além da renda regular proveniente de impostos coletados de comerciantes que passavam pelo território controlado por Salomão (10:14). A rota comercial que cortava Israel também permitia que os israelitas negociassem com mercadores a caminho de outros países.

Para armazenar seu ouro, Salomão mandou fazer duzentos escudos grandes e trezentos escudos menores desse material para deixar em exposição em seu palácio (10:16-17). Usou o mesmo metal precioso para revestir um trono suntuoso entalhado com marfim (10:18-20). Os doze leões que decoravam os degraus para o trono representavam as doze tribos de Israel e também força e realeza (Pv 30:30). Devido à sua abundância no reino, o ouro também foi usado na confecção de vários utensílios do palácio (10:21).

Apesar de o rei ter acumulado grande riqueza (10:22-27), descobriu que o prazer dela decorrente era despropositado, como “correr atrás do vento” (Ec 2:4-11). O motivo de sua insatisfação talvez seja indicado em 10:28-29.

## A BÍBLIA E A POLIGAMIA

Existem duas definições para poligamia. De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, poligamia é a “união conjugal de uma pessoa com várias outras”. Na Bíblia, e em várias culturas africanas, o termo “poligamia” se refere à situação em que um homem tem várias esposas. Essa é a prática que examinaremos aqui.

Ao considerar a questão da Bíblia e a poligamia, a primeira coisa que devemos fazer é lembrar que a Bíblia contém o evangelho, mas ele é revelado no contexto da cultura humana. É preciso, portanto, fazer distinção entre o evangelho que conduz à salvação e a cultura do povo com o qual Deus se relacionava. A poligamia era uma característica da cultura dentro da qual o evangelho foi revelado.

O primeiro caso bíblico de poligamia é o casamento de Lameque com duas mulheres, Ada e Zilá (Gn 4:19-24). A passagem não explica por que Lameque contrariou o plano original de Deus que criou um homem e uma mulher (Gn 2:18-24). Para muitos estudiosos ocidentais, o orgulho de Lameque e sua falta de dependência de Deus são os motivos que o levaram a tomar duas esposas para si. Apesar de mostrar as falhas no caráter de Lameque, porém, o autor de Gênesis não o condena explicitamente por seus casamentos.

O caso de Abrão, Sarai e Agar não é apresentado como poligamia, apesar de algumas versões da Bíblia dizerem: “Sarai, mulher de Abrão, tomou a Agar, egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido” (Gn 16:3). No restante do relato, porém, Agar continua sendo descrita como serva de Sarai, e não esposa de Abrão. Motivada pelo desejo de ter um filho para herdar as propriedades do pai, Sarai entregou sua serva a Abrão, prática cultural aceitável na Assíria. Os escravos eram tratados como se não tivessem valor, mas Deus socorreu e protegeu Agar e seu filho (Gn 16:7-12; 21:17-20).

Jacó se viu num relacionamento polígamo quando seu sogro, Labão, o enganou e o levou a se casar com duas irmãs, Lia e Raquel (Gn 29:15-29). Seu casamento foi uma relação marcada por ciúmes e competição. Raquel era estéril e deu sua serva Bila a Jacó para que pudesse ter filhos por meio dela. Lia também deu sua serva Zilpa a fim de, por meio dela, ter ainda mais filhos. As quatro mulheres geraram doze filhos e uma filha para Jacó. No relato bíblico, as servas são chamadas de concubinas, termo difícil de ser traduzido para a maioria das línguas africanas, pois o conceito de concubina não existe em quase nenhuma de nossas culturas. Quase todas as traduções africanas da Bíblia se referem às quatro mulheres de Jacó como suas esposas. Ao que parece, Jacó procurava tratar todos os seus filhos da mesma forma. Ao se deparar com a possibilidade de ser atacado por seu irmão Esaú, contudo, o patriarca dispôs sua família de modo que as

servas e seus filhos ficassem na linha de frente, enquanto Raquel, sua esposa predileta, e seu filho, José, foram mantidos em segurança na retaguarda (Gn 33:1-2). Esaú também teve várias esposas (Gênesis 36).

É possível que até Moisés fosse polígamo. Alguns estudiosos argumentam que Moisés só tomou para si a esposa cuxita (Nm 12:1) depois que Zípora faleceu (Êx 2:21). Outros dizem que Moisés era casado com ambas ao mesmo tempo.

Tendo em vista a ênfase cultural sobre um grande número de filhos, preferencialmente do sexo masculino, os hebreus possuíam leis que pareciam dar margem a relações polígamas. A poligamia podia ser resultante, por exemplo, do casamento de levirato. Nesse tipo de união, um irmão ou parente próximo se casava com a viúva do parente que havia morrido sem deixar herdeiros e gerava filhos com ela no lugar do falecido (Dt 25:5-10; Rt 5:5-10). Outra lei que podia resultar em poligamia se referia ao estupro. Quando um homem violentava uma virgem, devia pagar um dote aos pais da moça e se casar com ela, mesmo que já fosse casado (Dt 22:29).

O grande profeta Samuel nasceu em um lar polígamo. Seu pai, Elcana, era casado com Penina e Ana. Penina tinha filhos, mas não era amada por Elcana. Ana era amada por ele, mas não conseguia lhe dar filhos (1Sm 1:2,5). Os ciúmes entre as duas mulheres por causa do amor do marido e da capacidade de gerar filhos causaram inúmeros transtornos nessa família. Com a ajuda do Senhor, Ana concebeu e deu à luz Samuel, o qual ela devolveu a Deus, dedicando-o ao serviço do Senhor.

A poligamia era uma prática comum no período dos juízes. Gideão teve várias esposas e setenta filhos (Jz 8:30). Abdom teve “quarenta filhos e trinta netos, que cavalgavam setenta jumentos” (Jz 12:14). As filhas não eram consideradas dignas de menção, mas o grande número de esposas e filhos era um sinal de riqueza e poder político. O mesmo princípio continuou a vigorar no tempo dos reis. Davi tomou para si oito esposas, na maioria dos casos, por motivos políticos (1Cr 3:1-9). Seu casamento com Bate-Seba se destaca pela trama do rei para que Urias, marido de Bate-Seba, fosse morto em combate. Depois disso, Davi enfrentou inúmeros problemas com seus filhos. Salomão, filho de Bate-Seba, sucessor de seu pai, Davi, e o rei mais famoso de Israel, “tinha setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas” (1Rs 11:3). As esposas de Salomão o afastaram de Deus e, “sendo já velho, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses” (1Rs 11:3-4).

O Novo Testamento não fala da poligamia. Jesus tratou apenas dos vários tipos de casamento e do divórcio (Mc 10:1-12). Para isso, referiu-se à criação de um homem e uma mulher como representação do ideal de Deus para o casamento (Mc 10:6).



Ao tratar das qualificações para presbíteros e diáconos na igreja primitiva, um dos requisitos definidos por Paulo foi: “esposo de uma só mulher” (1Tm 3:2,12; Tt 1:6). É possível, portanto, que ainda existissem casamentos polígamos na época, mas que essa prática não fosse aceitável para quem almejava uma posição de liderança. É pouco provável, contudo, que a poligamia fosse comum, pois os gregos eram monógamos.

Diante dessas considerações, podemos concluir que o plano original de Deus na criação era que um homem se casasse com uma mulher. A poligamia só surgiu depois da queda. Os patriarcas de Gênesis eram polígamos, mas devemos observar que essa não foi sua escolha inicial. Como os africanos, os judeus associavam o casamento à geração de filhos. A esterilidade e a valorização de filhos do sexo masculino levavam, portanto, os homens a tomar para si uma segunda esposa. A mulher que só dava à luz meninas era considerada culpada por isso. Graças a Deus, a ciência revelou que é o pai, e não a mãe, quem determina o sexo da criança. Observamos, ainda, que ter muitas esposas era um sinal de riqueza e poder político.

A poligamia não promove uma relação de parceria entre o marido e as esposas. Os exemplos bíblicos deixam claro que as famílias polígamas eram repletas de conflitos entre as esposas e, em alguns casos, também

entre os filhos. A paz do Senhor não estava presente em uniões polígamas. Em nenhuma passagem da Bíblia, Deus condena uma pessoa explicitamente por essa prática. O relato bíblico mostra, contudo, como aqueles que adotaram sofreram as consequências de sua decisão.

Jesus reafirmou o plano original de Deus para o casamento: um homem e uma mulher. O fato de o NT não mencionar a poligamia pode refletir a realidade social monógama dos gregos.

A maioria das teólogas africanas não apoia a poligamia, pois é uma prática que desumaniza a mulher. Constitui um desrespeito à dignidade da mulher como ser humano pleno, criado à imagem de Deus. A poligamia não valoriza a mulher como pessoa, mas apenas em função dos filhos que pode gerar para o marido.

Várias denominações evangélicas apresentam a monogamia como o ideal de Deus para o casamento. Não obstante, muitas igrejas se mostram dispostas a batizar convertidos polígamos e aceitá-los como membros da igreja e participantes da ceia do Senhor. A questão mais controversa é a possibilidade de um polígamo convertido assumir cargos de liderança na igreja. Há quem argumente que, de acordo com 1Timóteo 3:2-7, nenhum polígamo pode ser líder na igreja.

Isabel Apawo Phiri

Salomão negociou cavalos e carros, comprando-os do Egito e vendendo-os a outros e, com isso, desobedeceu à ordem de Deuteronômio 17:16. Aos olhos do mundo, o rei estava realizando grande progresso. Na verdade, porém, ao agir fora da lei, Salomão estava regredindo.

Jesus adverte que é difícil o rico entrar no reino dos céus (Mt 19:23-24), e o apóstolo Paulo insta os cristãos a terem contentamento (1Tm 6:5). O perigo oculto das riquezas fica claro em Provérbios 30:8-9: “Não me dêis nem a pobreza nem a riqueza [...] para não suceder que, estando eu farto, te negue [...] Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus”. A riqueza é boa e essencial para sustentar o trabalho do reino, mas também pode ser um laço de Satanás para nos derrubar. Vemos esse perigo crescer na África à medida que o evangelho da prosperidade é incorporado à pregação de quase todos os evangelistas e que as congregações começam a associar o relacionamento do pastor com Deus às bênçãos materiais que o Senhor lhe deu. Quando focalizamos tais coisas em vez de olhar para Deus, damos espaço para Satanás trabalhar. Em vez de pregar e aplicar a palavra para que as pessoas possam crescer em sua vida com Deus, a pregação e aplicação podem tornar-se meios de transferir mais uma libra, dólar, xelim, naira, kwacha ou rúpia do bolso das pessoas para o cesto de ofertas. A riqueza tem seu lugar, mas não deve levar-nos a preterir aquilo que há de mais importante: um relacionamento próximo com Deus.

### 11:1-43 A decadência de Salomão

Apesar de sua sabedoria e do fato de o Senhor ter aparecido a ele duas vezes (3:5; 9:2), Salomão se tornou desobediente a Deus. Somente aqueles que permanecem fiéis e obedientes receberão a aprovação do Senhor (Ap 2:10).

### 11:1-13 As esposas de Salomão

Como demonstração de poder político e econômico, Salomão se casou com setecentas princesas (11:3). O objetivo dessas uniões era fortalecer as relações entre o reino de Israel e as nações vizinhas (11:1). Além das esposas oficiais, o rei também teve trezentas concubinas, mulheres que faziam parte de sua casa, mas que ocupavam uma posição inferior à das esposas.

As esposas estrangeiras exerceram influência negativa sobre o rei de Israel. *A estas se apegou Salomão pelo amor* (11:2). Antes disso, Salomão amava ao Senhor (3:3). O rei provou a veracidade da predição de Deus em Deuteronômio 7:3-4 (11:2) e das palavras de Paulo, segundo o qual aqueles que não são casados se preocupam em agradar a Deus, enquanto os casados se preocupam com as coisas do mundo e em como agradar seu cônjuge (1Co 7:32-33). Salomão procurou agradar suas esposas estrangeiras que não criam no Deus de Israel. À medida que envelhecia, cedeu ao desejo delas de servir aos deuses de seus povos (11:4). Acabou adorando a Astarote, deusa da fertilidade e do amor, cujo culto era amplamente difundido entre os cananeus e

sidônios e seduziu os israelitas no tempo dos juízes e de Samuel (11:5a; Jz 2:13; 10:6; 1Sm 7:3-4; 12:10). O rei se envolveu pessoalmente com essa idolatria. Adorou também a Milcom, deus dos amonitas, chamado de abominação devido ao costume de sacrificar crianças a ele (11:5b). De acordo com a lei de Israel, quem sacrificasse seus filhos a Milcom era passível da pena de morte (Lv 18:21; 20:2-5).

As esposas de Salomão o persuadiram a usar seus recursos para construir lugares de culto para cada um de seus deuses. Além do templo em Jerusalém, portanto, o rei construiu santuários para Moloque e Quemos, deus dos moabitas, cujo culto era semelhante ao de Milcom (11:7-8). Ao introduzir essas práticas, Salomão deixou de ser fiel a Deus, conforme ordenado em Êxodo 20:1-7. Não se podia mais dizer que ele amava ao Deus de Israel de todo o coração (Dt 6:4-5). Seu apoio à idolatria teve implicações mais amplas e, no tempo de Jeremias, os deuses aqui citados eram bastante populares (2Rs 17:31; 23:10; Jr 32:35).

A história de Salomão deve servir de advertência para aqueles que desejam casar-se com incrédulos. É impossível agradar um cônjuge incrédulo determinado a seguir seus próprios caminhos e, ao mesmo tempo, agradar a Deus. Haverá momentos de conflito. Deus, aquele que inspirou Paulo a instruir os cristãos para não se colocarem em jugo desigual com incrédulos (2Co 6:14), sabe que os incrédulos impedem os cristãos de se entregarem inteiramente à vontade de Deus. Quando os cristãos enfrentam oposição do cônjuge, em vez de receberem apoio, torna-se extremamente difícil servir a Deus sem nenhum impedimento.

O Senhor se irou, pois Salomão conhecia a vontade de Deus, mas escolheu não segui-la (11:9-10). Salomão preferiu dar ouvidos às suas esposas pagãs a atentar para Deus. O Senhor lhe falou novamente, mas dessa vez proferiu palavras de julgamento em lugar de bênção. A dinastia de Salomão não prosperaria. Depois de sua morte, o reino todo, com exceção de uma tribo, seria arrancado da casa de Davi (11:11-13). A fidelidade de uma tribo à casa de Davi mostra que, mesmo quando está irado, Deus se lembra de suas promessas. Ele havia prometido a Davi que seus filhos governariam e que seu nome habitaria em Jerusalém e cumpriu essa promessa.

### **11:14-40 Os inimigos de Salomão**

Salomão começou a reinar em paz, sem inimigos (5:4). Uma vez que se viu sob o julgamento de Deus, porém, a situação mudou. Israel perdeu sua tranquilidade; a nação outrora pacífica e próspera passou a enfrentar inimigos internos e externos. Essa passagem nos faz lembrar que as nações do mundo estão a serviço do Senhor Deus de Israel, que escolhe levantar algumas nações para derrubar outras (Dn 2:20-21).

Dessa vez, Deus levantou dois inimigos de Israel, um do norte e outro do sul. O inimigo do norte era um edomita chamado Hadade, que havia crescido no Egito depois de fugir do exército de Davi e desejava recuperar seu territó-

rio (11:14-22). Uma vez que Hadade contava com o apoio do faraó egípcio, pode-se supor que este, que era sogro de Salomão, houvesse falecido e os novos líderes do Egito estivessem menos propensos a manter uma relação amistosa com Israel. O inimigo do norte era um homem chamado Rezom, que organizou um bando de rebeldes depois de Davi ter derrotado Hadadezer (2Sm 8:3), tomou a cidade de Damasco e usou-a como base para atacar Israel (11:23-25).

Além dos inimigos externos, Salomão também teve de lidar com uma rebelião interna em Israel. Jeroboão, jovem oficial competente e ambicioso, foi encarregado de supervisionar grande parte da força de trabalho do reino (11:26-28). Encontrou-se com o profeta Aías, que encenou para ele uma predição ao rasgar uma capa nova em doze pedaços a fim de representar as doze tribos de Israel. Em seguida, o profeta entregou dez pedaços a Jeroboão e explicou que o Senhor o faria rei sobre dez das doze tribos de Israel (11:29-31). Tudo indica que a tribo restante à casa de Davi seria a de Benjamim, uma vez que Judá já era considerada aliada de Davi (11:32). O profeta também explicou o motivo pelo qual Deus estava julgando Salomão (11:33). Aías não ungiu Jeroboão, como Samuel havia ungido Davi, mas proferiu uma declaração categórica.

A descrição das acusações contra Salomão também servem de advertência a Jeroboão. Se ele deseja continuar a desfrutar a bênção de Deus, deve cumprir os mesmos requisitos e obedecer a Deus, da mesma forma que Davi obedeceu. Se proceder desse modo, seu reino será estabelecido. Em última análise, porém, a casa de Davi sempre será mais exaltada. A fidelidade inabalável de Deus às promessas feitas a Davi, apesar dos pecados de Salomão, mostra que Jeroboão também pode confiar e obedecer ao Senhor (11:34-39). Obedecer ao Senhor significa guardar os mandamentos, amar e ser leal ao único Deus de Israel. Como Jesus afirmou, quem o ama guarda seus mandamentos (Jo 14:15).

Não sabemos exatamente o que aconteceu em seguida. É possível que Jeroboão tenha tentado organizar um golpe de Estado, ou que as palavras de Aías, apesar de haverem sido proferidas em particular, tenham chegado aos ouvidos do povo. Pode ser ainda que o povo, cansado dos trabalhos forçados e do governo de Salomão, tenha procurado outro líder e favorecido Jeroboão. De qualquer modo, Salomão tentou matar Jeroboão (11:40), assim como Saul havia tentado matar Davi. Os planos de Deus, contudo, não podem ser frustrados. Jeroboão fugiu para o Egito, onde recebeu a proteção de Sisaque, um faraó identificado, em geral, com Sheshonq I, que fundou uma nova dinastia egípcia entre 945 e 924 a.C.

### **11:41-43 A morte de Salomão**

O autor de Reis deixa claro que apenas resumiu o reinado de Salomão. A história completa de sua vida e realizações durante quarenta anos de reinado se encontrava nos registros oficiais (11:41-42).

A morte foi, para Salomão, um descanso dos labores da vida (11:43). O rei também desfrutou a bênção de ser sepultado com seus ancestrais. Foi esse o desejo que Jacó expressou quando pediu que seus ossos fossem levados do Egito para Canaã e sepultados ao lado de Sara, Abraão e Isaque (Gn 50:13). José também deu instruções para que seus ossos fossem levados do Egito e sepultados na terra da promessa (Gn 50:25).

Não há nada de errado em desejar ser sepultado com seus antepassados, uma prática comum na tradição africana. É importante, porém, que esse desejo não seja motivado por questões religiosas, pois tanto o antepassado quanto seus descendentes só descansam em determinado local à espera da ressurreição, quer para bênção como resultado de haverem crido em Jesus Cristo quando estavam vivos, quer para condenação eterna por não terem aceitado a Cristo como Salvador.

## 1Rs 12:1—2Rs 17:41 Os dois reinos

### 12:1—14:20 A divisão do reino

Davi conseguiu aconselhar seu filho sobre como governar (2:1-9), mas Salomão não viu seu filho subir ao trono. Roboão não recebeu, portanto, os conselhos de um pai temente a Deus. É fato, porém, que todas as decisões que provocaram a divisão do reino, tanto as sábias quanto as insensatas, faziam parte do plano de Deus declarado anteriormente a Salomão e Roboão (11:11-13,31-32).

#### 12:1-24 Israel se rebela contra Roboão

Mesmo antes da morte de Salomão, já havia sinais de descontentamento (11:27,40), que se multiplicaram com o falecimento do rei. Ao que parece, Israel já se havia distanciado de Jerusalém, pois o povo não se reunia na capital que Salomão havia construído, mas em Siquém, uma cidade na região montanhosa do norte de Israel (12:1). Antes de assumir o lugar de seu pai no trono, Roboão teve de comparecer à assembleia em Siquém a fim de ser coroado.

Ao chegar a Siquém, descobriu que o rebelde Jeroboão havia regressado do Egito (12:2). Na verdade, havia sido chamado do Egito, pois se tornara um líder reconhecido que podia falar em nome do restante de Israel (12:3). Ao que parece, Jeroboão foi o porta-voz da delegação de líderes de Israel que procurou negociar melhores condições de trabalho para todos os israelitas (12:4).

Com sabedoria, Roboão não respondeu de imediato, mas estabeleceu um prazo para considerar a solicitação (12:5). Consultou os sábios anciãos que haviam servido a seu pai, e estes o aconselharam a atender ao pedido do povo (12:6-7). Roboão não gostou da sugestão e pediu a opinião de conselheiros mais jovens, que lhe disseram para seguir uma linha dura e não negociar de maneira nenhuma com o povo (12:8-11). O novo rei tomou a decisão insensata de seguir o conselho destes últimos (12:12-15). Hoje em dia, diríamos que os

conselheiros mais velhos aconselharam Roboão a ser líder e, ao mesmo tempo, servo de seu povo, enquanto os mais jovens o aconselharam a assumir a postura de ditador. Roboão perdeu a bênção do conselho sábio. Para nós, a liderança por meio do serviço não é apenas um modelo que aproxima o líder do seu povo. Também é um sinal de obediência a Jesus, que deixou seu lar na glória para se tornar parte da humanidade (Fp 2:6-8) e lavou os pés dos seus discípulos a fim de exemplificar como eles deviam agir (Jo 13:14-15).

A resposta de Roboão foi recebida de mau grado em *toda o Israel*, uma referência, nesse caso, às dez tribos além de Judá, a qual aceitou Roboão como seu rei. Os israelitas adotaram o clamor proferido inicialmente por Seba, filho de Birci, durante um período de inquietação no reinado de Davi (2Sm 20:1), e voltaram para casa sem reconhecer o reinado de Roboão (12:16). Apenas uma tribo continuou a apoiar a casa de Davi (12:17).

A assembleia em Siquém terminou em confusão e violência. Roboão se mostrou imprudente ao enviar Adonirão, ministro dos trabalhos forçados, para negociar ou obrigar o povo a aceitar o novo rei. Adonirão foi morto por apedrejamento, e a multidão se voltou contra Roboão. O novo rei teve de tomar seu carro às pressas e fugir para Jerusalém (12:18). Com isso, Israel se rebelou e se separou de Judá em caráter definitivo (12:19), e os israelitas chamaram Jeroboão para ser seu rei (12:20).

Roboão tentou reunir seus partidários das tribos de Judá e Benjamim para atacar Israel e deter a rebelião (12:21). O Senhor, porém, pôs fim a esses planos ao enviar uma mensagem por meio de Semaías ordenando que Judá não lutasse contra seus irmãos (12:22-24). Ao que parece, o Senhor desejava que os dois reinos coexistissem como irmãos sob o domínio divino.

Desse ponto em diante, o reino centralizado em Jerusalém, ao sul, passa a ser chamado de reino de Judá, enquanto as dez tribos do Norte são chamadas de reino de Israel. Ao longo dos anos, Judá e Israel continuaram a se distanciar, por vezes em paz e, por vezes, em guerra um contra o outro.

#### 12:25-33 Os bezerros de ouro de Jeroboão

Depois de estabelecer sua capital em Siquém (12:25), Jeroboão procurou maneiras de manter o poder. Sua preocupação revela que ele havia esquecido a promessa de Deus segundo a qual ele se tornaria rei (11:38). Em vez disso, Jeroboão temia que o povo o matasse e voltasse para o rei Roboão (12:26-27). Aqueles que estão dentro dos planos do Senhor não precisam temer, pois o Senhor está com eles (Js 1:9; Jr 1:8,17). Saul foi rejeitado pelo Senhor porque temeu e cedeu às exigências do povo (1Sm 15:24). O medo evidencia o pecado da incredulidade no Deus que usa pesos para realizar sua vontade.

Se Salomão, com todo seu passado religioso e experiências com Deus, se mostrou desleal a Javé, o Senhor Deus

de Israel, a probabilidade de Jeroboão obedecer ao Senhor e receber a bênção prometida em 11:37-38 era ainda menor. Fica claro que ele não atribuiu grande importância à arca da aliança do Senhor em Jerusalém, mas se preocupou com o fato de que o povo de Israel continuaria a adorar ao Senhor no templo de Salomão. Sua preocupação tinha precedentes históricos. As duas tribos e meia que se assentaram do lado oriental do Jordão haviam construído um altar semelhante ao altar do Senhor em Israel para lembrar seus filhos e todo o Israel que, apesar de estarem separados de seus compatriotas israelitas pelo Jordão, continuavam tendo parte na aliança de Israel (Js 22:21-30).

Na tentativa de romper os vínculos com Jerusalém e o templo, os líderes de Israel aconselharam o rei a criar outros dois centros de culto, um em Betel e outro em Dã. Betel era um lugar atraente, pois ficava no caminho para Jerusalém, e quem parasse lá, em vez de prosseguir até Jerusalém, economizaria trinta e cinco quilômetros de viagem (ida e volta). A expressão “desde Berseba até Dã” havia sido usada anteriormente para abranger todo o Israel. Agora, o Israel de Jeroboão se estendia desde Betel até Dã (12:29).

Jeroboão fez dois bezerros de ouro, um para Dã e outro para Betel, e os apresentou ao povo, dizendo: *Vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito!* (12:28). Suas palavras fazem lembrar as de Arão, quando levou Israel a pecar (Êx 32:4-8, 1825; Dt 9:16-21), com a diferença de que Arão confeccionou apenas um bezerro de ouro, e não dois.

No Egito e em todo o Oriente Médio era comum usar bezerros e touros como representações de deuses. Israel estava no meio de uma cultura na qual o culto a Baal era amplamente difundido, e Baal era representado com frequência montado nas costas de um touro, animal que também simbolizava a fertilidade agrícola e a capacidade de gerar filhos. Salomão pode ter-se valido desse simbolismo ao aprovar o projeto do mar de fundição, o reservatório da água usada no templo, com seu suporte na forma de doze bois carregando o mar nas costas (7:25). A perversão da fé ocorreu de forma gradual, porém eficaz, por meio da inserção de imagens que passaram a ser aceitas como algo normal.

Ao desestimular as peregrinações dos israelitas a Jerusalém para adorarem e serem instruídos nos caminhos do Senhor da aliança, Jeroboão facilitou a identificação desses bezerros com o Baal da religião dos cananeus. Consequentemente, *isso se tornou em pecado* (12:30). O povo deixou de adorar e sacrificar ao Senhor Deus de Israel e passou a prestar culto aos bezerros de ouro (12:32), quebrando, assim, o primeiro e o segundo mandamentos (Êx 20:2-4). Enquanto adoravam esses bezerros, os israelitas não podiam ser chamados de povo de Deus.

A fim de intensificar o controle sobre o reino, Jeroboão mandou fazer mais santuários nos altos. Uma vez que nenhum levita verdadeiro concordaria em servir nesses locais, Jeroboão nomeou outros indivíduos dispostos a serem sacerdotes (12:31). Ao escolher datas para suas festas

religiosas, certificou-se de que coincidiriam com as festas em Jerusalém a fim de desestimular as peregrinações ao Reino do Sul (12:33).

### 13:1-34 O judaíta enviado por Deus

O Senhor não desistiu facilmente de Israel. Enviou mensageiros para advertir o povo dos perigos de adotar uma forma de culto que ele não havia aprovado. *Por ordem do SENHOR*, um judaíta anônimo e temente a Deus foi enviado a Betel (13:1). O texto não diz se o homem recebeu a mensagem diretamente do Senhor ou se foi enviado por um profeta mais velho com instruções precisas acerca de como proceder e transmitir a mensagem.

As palavras proféticas não foram proferidas contra Jeroboão, nem contra os bezerros de ouro ou contra os adoradores, mas, sim, contra o altar em Betel. O homem de Deus o condenou e predisse sua destruição definitiva. Um dia, um filho nascido da casa de Davi destruiria *os sacerdotes dos altos que queimam sobre ti incenso*. A queima de *ossos humanos* sobre o altar o profanaria e o tornaria inapropriado para a oferta de sacrifícios (13:2). A profecia foi cumprida por Josias cerca de trezentos anos mais tarde (2Rs 23:15-16).

A fim de corroborar a veracidade de sua profecia, o homem de Deus ofereceu um sinal: anunciou que o altar recém-construído em Betel se fenderia e derramaria a cinza que havia sobre ele (13:3). Jeroboão se irou e ordenou que o homem de Deus fosse preso. Quando o rei tentou apontar para o judaíta, porém, sua mão *secou*, de modo que não podia ser recolhida. Ao mesmo tempo, o altar se fendeu e a cinza se derramou, conforme o profeta havia predito (13:4-5).

O rei deve ter-se espantado com os danos sofridos pelo altar e por seu próprio corpo. Pediu que o homem de Deus orasse por ele, e o Senhor sarou sua mão (13:6). Apesar de haver testemunhado demonstrações do poder de Deus, ouvido a profecia de Aías e visto seu cumprimento (11:29-38), Jeroboão não se arrependeu nem obedeceu ao Senhor. Em vez disso, pediu ao homem de Deus que se assentasse com ele para comer e aceitasse um presente (13:7). Políticos e outros indivíduos que se tornam populares procuram, com frequência, atrair cristãos oferecendo-lhes presentes e hospitalidade. Trata-se, contudo, de uma cilada à qual o servo de Deus deve permanecer atento.

O homem de Deus recusou a oferta. Havia recebido instruções para não comer nem beber nada durante sua missão, e também para ir por um caminho e voltar por outro (13:8-9). Não foi único mensageiro do AT a receber instruções desse tipo. Quando Eliseu enviou seu servo a Suném, por exemplo, instruiu-o a não saudar nem conversar com ninguém no caminho (2Rs 4:29). Jesus deu orientações semelhantes a seus discípulos quando os enviou para pregar o evangelho (Lc 10:4). A proibição visava mostrar que a missão era séria e autêntica. Se o homem de Deus tivesse aceitado o convite do rei, isso indicaria que não estava convencido da seriedade da situação de Israel.

O homem de Deus venceu a primeira tentação de desobedecer à palavra de Deus (13:10), mas talvez tenha baixado a guarda antes da hora. Outra tentação estava a caminho, dessa vez de um homem que parecia ser piedoso, pois é chamado de *profeta velho* (13:11). É possível que fosse, de fato, um servo do Senhor ou talvez não passasse de alguém com poderes paranormais como Balaão, o vidente de outros tempos, capaz de receber palavras do Senhor, mas corrompido pela falsidade e cobiça (Nm 22—24; 31:8,16). O profeta velho estava determinado a fazer o rapaz comer com ele em Betel. Montou num jumento, como fez Balaão, e foi atrás do homem de Deus (13:12-13). Encontrou-o descansando à sombra de uma árvore junto à estrada e tentou persuadi-lo a fazer uma refeição em sua casa. A princípio, o jovem se recusou a voltar a Betel e mencionou as instruções que havia recebido (13:14-17). Irredutível, o profeta velho lhe contou uma mentira, mas a apresentou em linguagem religiosa: *Um anjo me falou* (13:18). O rapaz não reconheceu a tentação disfarçada sob esse manto espiritual, colocou de lado a palavra do Senhor que havia recebido inicialmente e começou a seguir outras instruções (13:19). Esse episódio traz à memória a advertência de Paulo aos cristãos no NT: “Ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema” (Gl 1:8-9). João também adverte: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1Jo 4:1).

Esse episódio ensina outra lição importante: quando Satanás observa que estamos atentos àquilo que é claramente pecaminoso, ele muda de estratégia e nos tenta em questões menos óbvias. Havia, de fato, a possibilidade de o velho ser mensageiro de Deus, mas o rapaz deveria ter refletido sobre a questão. Ao reconhecer que as palavras do velho contradiziam as instruções anteriores, o jovem deveria ter tomado a decisão de seguir aquilo que lhe havia sido dito pela fonte original, um profeta que ele conhecia e no qual podia confiar. Quando dois caminhos parecem corretos ao mesmo tempo, é sempre melhor escolher o mais seguro, e não o mais conveniente.

Durante a refeição, o velho profeta recebeu, repentinamente, uma mensagem de julgamento e condenação da desobediência do rapaz (13:20-22). Ser sepultado fora do *sepulcro de teus pais* significa morrer longe de casa, fato considerado um grande infortúnio. Os profetas de Israel falavam energicamente contra a desobediência à palavra de Deus, e o destino do profeta mais jovem mostra que essa desobediência é castigada mesmo naqueles que creem (13:23-28).

O profeta velho ficou profundamente angustiado com os resultados de sua mentira frívola. Levou o corpo de homem de Deus para casa, pranteou-o como a um irmão e sepultou-o em seu próprio túmulo. Chegou a declarar que, quando morresse, devia ser sepultado junto ao rapaz (13:29-31).

A profecia de Deus acerca do altar de Betel não sofreu nenhuma alteração devido à desobediência do homem de Deus. Na verdade, o profeta velho anunciou seu apoio à mensagem (13:32). Não obstante, a morte do homem de Deus deve ter prejudicado a credibilidade da mensagem transmitida ao povo em Betel, e o profeta velho contribuiu para essa confusão. Jeroboão, por exemplo, não se arrependeu, mas persistiu em seus caminhos pecaminosos em Betel e Dã e nomeou para o ofício sacerdotal todos que se mostraram dispostos a ocupar esse cargo (13:33-34). A nomeação de homens que não eram da tribo de Levi é uma indicação do distanciamento crescente entre o povo de Israel e o Senhor da aliança.

Esse episódio não foi a última ocasião em que profetas pregaram em Betel. Muitos anos depois, Amós, o agricultor, profetizou nesse local e enfrentou a oposição do sacerdote Amazias (Am 7:10-17).

#### 14:1-20 A profecia de Aías contra Jeroboão

Ao que parece, Jeroboão não pediu o conselho de Aías, o profeta que predisse a separação das tribos sobre as quais Jeroboão reinaria. Não o consultou acerca de seus planos para obter independência política e religiosa de Jerusalém e, ao que parece, o profeta não foi atrás dele. Talvez Aías estivesse velho e a idade impedisse sua movimentação. É possível, ainda, que tenha ficado tão decepcionado com a política religiosa do novo rei a ponto de evitar contato com ele.

Quando o filho de Jeroboão adoeceu, o rei deve terorado a seus bezerros, os novos deuses que, segundo ele, haviam tirado Israel do Egito. Deve ter pedido também que os sacerdotes fizessem preces nos santuários dos altos. A condição do menino não melhorou, e, por fim, Jeroboão se lembrou do velho profeta Aías, cujas palavras se haviam cumprido (11:29-38). No entanto, o rei se opusera de várias maneiras ao Deus de Aías, e tanto ele quanto a rainha se sentiam envergonhados e culpados de orar Àquele a quem haviam abandonado tempos atrás. Para evitar uma situação desagradável, Jeroboão instruiu sua esposa a se disfarçar e, passando-se por outra pessoa, procurar Aías levando os presentes que se costumava oferecer a profetas: alguns bolos e uma botija de mel. As palavras de Jeroboão, *ele te dirá o que há de suceder*, indicam que ele ainda acreditava no profeta e no Deus de Israel, apesar de ter deixado de obedecer-lhe (14:1-4a).

A essa altura, Aías era tão idoso que não conseguia mais enxergar. O Senhor, contudo, permanecia com ele e continuava a lhe dar palavras e visões. Visões ou sonhos verdadeiros são recebidos por meio dos ouvidos e olhos do espírito e do coração. O Senhor revelou ao seu servo quem estava prestes a visitá-lo e como ele devia responder ao pedido da mulher (14:4b-5).

Suas palavras iniciais à esposa de Jeroboão, *Por que finges assim?* (14:6), devem tê-la envergonhado, mas também impressionado. Em vez de responder de imediato à

pergunta da mulher, Aías condena Jeroboão energicamente, algo que o profeta anônimo do capítulo 13 não fez. Ele repreende o rei de Israel por sua forma de conduzir o povo de Deus. Lembra-o de suas origens humildes, como Natã lembrou o rei Davi de suas raízes (14:7-8a; cf. tb. 2Sm 12:7-8). Jeroboão, porém, não era como Davi, que se arrependeu imediatamente ao confronto de Natã. Davi seguiu ao Senhor de todo o coração, enquanto Jeroboão fez o mal, pior do que todos os que foram antes dele (14:8b-9a). Impediu os israelitas de irem a Jerusalém para adorar o Senhor de todo o Israel e fez ídolos, bezerros de metal. Deu as costas para Deus como se tivesse vergonha dele (14:9b).

Em 11:38, Deus havia prometido estabelecer a dinastia de Jeroboão se ele fosse obediente. O rei havia desobedecido e teria de enfrentar julgamento e calamidade. Todos os seus filhos do sexo masculino morreriam, o que representaria não apenas o fim do seu reinado, mas também de sua família. Eles sofreriam morte vergonhosa, pois, em vez de serem devidamente sepultados e pranteados por amigos e parentes, seriam comidos por cães ou aves de rapina (14:10-11).

Na sequência, Aías trata do destino do menino enfermo, o motivo da visita: *O menino morrerá*. Na verdade, porém, sua morte indicaria a misericórdia de Deus para com ele, já que seria o único da família a receber um sepultamento e rituais de luto apropriados. O menino era o único da família real em quem o Senhor via algumas qualidades boas (14:12-13). Sua morte o poupava de grande sofrimento. Essa profecia nos traz à memória as palavras do salmista: "Preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos" (Sl 116:15).

Abias ainda não havia terminado sua profecia. O exemplo pecaminoso de Jeroboão afetaria a nação como um todo e, algum dia, o reino de Israel seria removido de sua terra e levado para um lugar além do rio Eufrates (14:14-16). Quem ocupa cargos de liderança deve estar atento ao fato de que suas decisões e atos perversos podem resultar em calamidade para nações inteiras.

A mulher partiu levando consigo essa profecia terrível. Assim que chegou a sua residência em Tirza (ao que parece, Jeroboão havia mudado a capital de Siquém para lá), a primeira parte da profecia se cumpriu, pois o menino morreu, e Israel o sepultou e pranteou (14:17-18).

Jeroboão reinou sobre Israel por vinte e dois anos e foi sucedido por seu filho Nadabe. A história de seu reinado é relatada em mais detalhes no *Livro da História dos Reis de Israel*, um registro que não existe mais (14:19-20).

### 14:21-31 Roboão, rei de Judá

Roboão estava com 41 anos de idade quando subiu ao trono e aceitou a infeliz sugestão de conselheiros mais jovens que haviam crescido com ele. O fato de sua mãe, Naamá, ser amonita é mencionado duas vezes (14:21,31), pois, em

lares polígamos, as mães desempenham um papel importante na formação do caráter de seus filhos. Ocupado com estudos, responsabilidades como rei e setecentas esposas, Salomão dificilmente dispunha de tempo para se relacionar com sua numerosa prole. É provável que, em vez de ensinar Roboão a temer ao Senhor, sua mãe amonita o tenha ensinado a adorar Milcom. Não é de admirar, portanto, que o novo rei não tenha feito nenhum esforço para deter as coisas abomináveis das nações que o SENHOR expulsara de diante dos filhos de Israel. A vida religiosa de Judá se deteriorou com a instituição de prostitutos culturais e adoção de práticas detestáveis a Deus (14:22-24).

O Senhor permitiu, portanto, que Sisaque, o Faraó do Egito que havia fornecido asilo a Jeroboão (11:40), atacasse Jerusalém. O rei egípcio tomou todos os tesouros e escudos de ouro de Salomão e reduziu Judá à mera sombra de sua glória passada (14:25-28). Encerra-se aqui o relato sobre o reinado de Roboão com uma observação final que mostra como o rei não deu ouvidos às palavras do profeta Semaías por muito tempo (12:24). *Houve guerra* contínua entre os reinos irmãos de Israel e Judá (14:30). A relação de inimizade persistiu por vários anos. Um reino dividido contra si mesmo não pode subsistir (Mc 3:24), e os conflitos enfraqueceram os dois reinos a ponto de eles não serem capazes de enfrentar os ataques de nações inimigas.

Roboão faleceu com cerca de 58 anos de idade e foi sucedido por seu filho Abias (14:31).

### 15:1-8 Abias, rei de Judá

Abias de Judá ocupou o trono por apenas três anos, e seu reinado curto é datado em relação ao de Jeroboão (15:1-2). A exemplo de seu pai, Abias não foi fiel ao Senhor como Davi havia sido. O autor lembra, porém, que nem mesmo Davi foi perfeito e pecou no caso do assassinato de Urias, o heteu (15:3-5; cf. tb. 2Sm 11). Houve guerra entre Judá e Israel durante todo o reinado de Abias (15:6-7), que foi sucedido por seu filho Asa (15:8).

### 15:9-24 Asa, rei de Judá

Asa foi um rei bom, e seu reinado foi um dos mais longos de Judá: quarenta e um anos (15:9-10). Ele é comparado a Davi quanto a sua devoção ao Senhor (15:11). Apesar de não ter removido os altos construídos em Judá, livrou-se dos ídolos que seu pai havia introduzido. Chegou até a depor sua avó do cargo de rainha-mãe e destruir seu poste-ídolo (15:12-14). Os postes-ídolos eram consagrados à Aserá, a deusa da fertilidade, representada com frequência como esposa do deus cananeu Baal. Asa também levou ouro e prata ao tesouro do templo para cumprir um voto ao Senhor (15:15).

Durante seu reinado, houve guerra entre Judá e Israel. Ao que parece, quem começou o conflito foi Israel, que impediu o povo de sair ou ir a Judá. Para isso, Baasa, rei de Israel, fortificou a cidade fronteira de Ramá (15:16-17).

Em resposta à medida do rei de Israel, Asa pediu ajuda de Ben-Hadade da Síria, enviando-lhe um generoso presente constituído de todo o tesouro que restava no templo (15:18-19).

Ben-Hadade concordou com a aliança e começou a atacar Israel pelo norte, obrigando Baasa a deixar Ramá, que ficava no sul, e defender a fronteira do seu reino ao norte (15:20-21). Asa invadiu Ramá, apropriou-se dos materiais de construção que Baasa havia deixado lá e usou-os para fortalecer as defesas de Geba e Mispa (15:22).

A guerra constante entre Judá e Israel, dois reinos que deviam viver unidos em sua adoração ao Senhor, enfraqueceu a ambos. O ouro e os tesouros de Judá foram usados para pagar a Síria, e Israel sofreu prejuízos quando Ben-Hadade atacou suas cidades. É possível, ainda, que, ao fazer aliança com Ben-Hadade, Judá se tenha colocado sob seu domínio e proteção. Todos esses acontecimentos são contrários à vontade do Senhor, que havia proibido a guerra entre os dois reinos e as alianças com nações estrangeiras (cf. 11:2; 2Cr 19:2).

Perto do final de seu longo reinado, apesar de ser um rei temente a Deus, Asa foi acometido por uma enfermidade no pé. Em vez de buscar ao Senhor, procurou a ajuda de seus médicos (2Cr 16:12). Foi sucedido por seu filho Josafá (15:23-24).

### 15:25—16:20 Luta pelo trono de Israel

O autor focaliza agora os reis de Israel. Durante o governo de Asa de Judá, seis monarcas reinaram sobre Israel. Vários desses reinados foram curtos e marcados por assassinatos e lutas ferrenhas pelo poder. Por fim, Onri se destacou como rei forte e foi sucedido por seu filho Acabe.

Nadabe, filho de Jeroboão, reinou por apenas dois anos. Fez o que era mal perante o Senhor, pois persistiu nos pecados de seu pai (15:25-26). Foi assassinado por Baasa enquanto Israel lutava para tomar Gibetom dos filisteus (15:27-28). Baasa eliminou todos os possíveis rivais ao exterminar *toda a descendência de Jeroboão* e, com isso, cumpriu a profecia de Aías e o julgamento de Deus sobre Jeroboão (15:29-30; cf. 4:10-11).

O texto não fornece detalhes sobre as guerras entre Israel e Judá durante o reinado de Baasa, pois o assunto já havia sido mencionado em 15:16-22 (15:32).

Baasa não era melhor do que aqueles a quem haviam deposto. Em vez de aprender com o que sucedeu a Jeroboão, persistiu nos mesmos pecados durante os vinte e quatro anos de seu reinado (15:33-34). O Senhor lhe enviou uma mensagem por meio do profeta *Jeú, filho de Hanani* (cf. tb. 2Cr 20:34). Jeú lembrou que Baasa não era ninguém antes de ser rei e que se havia tornado líder de Israel apenas por permissão do Senhor. Havia, contudo, seguido o exemplo de Jeroboão e pecado contra o Senhor. Em decorrência, sua família teria o mesmo destino que a de Jeroboão (16:1-4,7). O fato de Baasa ter sido usado

por Deus para destruir a descendência de Jeroboão devia tê-lo mantido afastado das práticas perversas dessa família. Em lugar disso, o rei adotou tais práticas e, desse modo, mostrou que havia exterminado os descendentes de Jeroboão apenas para beneficiar a si mesmo, e não para servir ao Senhor.

Baasa foi sucedido por seu filho Elá (16:6,8). O autor faz apenas dois comentários sobre esse reinado pouco memorável: durou cerca de dois anos e terminou quando o rei embriagado foi assassinado por Zinri, um dos oficiais de seu exército (16:8-10). Zinri cumpriu a profecia de Jeú e exterminou todos os homens e meninos da família de Baasa, bem como seus amigos e parentes (16:11-13).

O reinado de Zinri foi curto: apenas sete dias (16:15). Os soldados se recusaram a aceitar um oficial inferior como rei e apoiaram Onri, general do exército de Israel. O exército marchou então para Tirza, capital do reino, onde, ao reconhecer sua derrota, Zinri ateou fogo ao palácio e morreu no incêndio (16:16-18). Zinri também é descrito como um rei que fez o que era mau perante o Senhor e levou Israel a pecar (16:19).

### 16:21-28 Onri, rei de Israel

Apesar de ser comandante do exército de Israel, Onri não foi aceito de imediato como sucessor ao trono. Surgiram duas facções: uma em favor de Onri e outra em favor de seu rival, Tibni (16:21). Ao que parece, a guerra civil subsequente durou cerca de quatro anos (cp. as datas em 16:5 e 16:23). Por fim, Onri saiu vitorioso (16:22).

Apesar de ter conquistado o trono, Onri provavelmente perdeu parte do respeito devido a essas lutas pelo poder. Os mais ambiciosos talvez tenham começado a ver o trono como algo que podiam tentar obter para si. Como vemos pelos inúmeros golpes de Estado ocorridos na África ao longo dos anos, trata-se de uma situação prejudicial para a nação. Aqueles que comandam o exército muitas vezes desejam comandar o país, enquanto aqueles que ocupam o trono fazem de tudo para protegê-lo, gerando um ambiente de suspeitas e violência.

Onri provou, contudo, que era não apenas um comandante militar competente, mas também um bom administrador que deu início a uma dinastia. Durante os doze anos de seu reinado, realizou várias obras de construção e mudou a capital de Tirza para Samaria, assim chamada por causa de Semer, homem de quem o rei comprou o monte sobre o qual a capital foi edificada (16:23-24).

Sabemos pelos registros de outras nações que Onri adquiriu renome devido às suas muitas realizações. Para o autor de Reis, porém, nenhuma delas é digna de menção, pois Onri seguiu o exemplo de Jeroboão, que trouxe ídolos para Israel (16:25-26). Uma nação pode ser desenvolvida e ter um bom governo e, ainda assim, ser espiritualmente pobre e distante de Deus.

Onri foi sucedido por seu filho Acabe (16:28).



**16:29—22:40 Acabe, rei de Israel****16:29-34 O reinado de Acabe**

Acabe reinou em Samaria durante vinte e dois anos e fez o que era mau perante o Senhor mais do que todos os reis antes dele (16:29-30). Além de repetir os pecados de seus antecessores, casou-se com Jezabel, filha do rei de Sidom, e, junto com ela, tornou o culto a Baal praticamente a religião oficial de Israel. Construiu um templo a Baal em Samaria e, como os capítulos subsequentes revelam, colocou ali centenas de profetas de Baal, além dos sacerdotes que ministravam perante os bezerros e nos altos desde os tempos de Jeroboão (16:31-33). Muitos profetas do Senhor foram mortos (18:4). Comparadas ao pecado de Acabe, as transgressões de Jeroboão foram secundárias.

Ao que parece, como indivíduo, Acabe possuía algum temor do Senhor e consciência. Deu ouvidos a Elias (18:16-21) e não se enfureceu quando ele matou quatrocentos e cinquenta profetas de Baal (18:40-46). Ao ser confrontado com o assassinato de Nabote, arrependeu-se e humilhou-se fazendo jejuns e vestindo pano de saco (21:27). Sua fraqueza era deixar-se dominar por Jezabel, uma mulher aparentemente bastante agressiva. Incapaz de conter sua esposa, o rei de Israel acabou construindo um templo a Baal em Samaria. Sua vida nos faz lembrar que tanto homens quanto mulheres devem cuidar com quem se casam!

O autor de Reis não teria dedicado tanto espaço a Acabe se não fosse pela importância de profetas como Elias que se opuseram a ele. Mais profetas foram enviados a ele do que a qualquer outro rei: “Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Os profetas enviados a Acabe eram ministros da graça de Deus.

A reconstrução de Jericó foi outro sinal da decadência religiosa de Israel durante o reinado de Acabe. Josué havia condenado qualquer tentativa de reconstruir a cidade depois de sua conquista (Js 6:26), mas Hiel de Betel ignorou essa maldição. Não obstante, aquilo que Josué havia previsto se cumpriu, e os dois filhos de Hiel perderam a vida, um deles por lançar os alicerces e o outro por terminar de colocar as portas da cidade (16:34). Temos a impressão de que Hiel agiu como aqueles que, em algumas partes da África, apelam para *majini* (maus espíritos) a fim de obter riquezas. Os espíritos podem até conceder a riqueza pedida, mas, em troca, exigem o sangue de animais, ou mesmo de esposas, filhos e filhas. O preço de seguir a Deus pode ser alto, porém é ainda mais caro agradar a Satanás. Devemos andar nos caminhos do Senhor e não brincar com as coisas de Satanás. Nosso chamado é para vencer o Maligno, e não fazer amizade com ele.

**17:1-19:21 Acabe e Elias**

**17:1-6 A PROFECIA DE ELIAS A ACABE.** Como a maioria dos profetas mencionados em Reis, Elias simplesmente apareceu, sem maiores apresentações. É provável, contudo, que

já fosse bastante conhecido em Israel quando surgiu para anunciar o julgamento de Deus sobre Acabe e Israel (17:1). O julgamento consistia na cessação de chuva e orvalho por alguns anos como castigo pelos pecados mencionados nos versículos anteriores. Não devemos ver Elias como uma figura semelhante aos “fazedores de chuva” africanos. Antes, como profeta verdadeiro, Elias era capaz de ver ou ouvir o que Senhor estava planejando fazer. Tiago diz que a chuva cessou porque o profeta orou com fé (Tg 5:17-18).

As palavras finais da profecia de Elias, *segundo a minha palavra*, deram esperança de que, se o rei e o povo se arrependessem, a situação poderia mudar. Não houve, contudo, nenhum arrependimento, e Elias teve de se assentar na margem oriental do rio Jordão (17:2-3). Graças a isso, não foi morto junto com os outros profetas (cf. 18:4; 19:10) e teve acesso à água do ribeiro de Querite, que continuou a correr por algum tempo, apesar da seca (17:4-6).

**17:7-24 ELIAS VAI A SAREPTA.** Quando a seca piorou e o ribeiro parou de correr, o Senhor disse para Elias sair do leste do Jordão e ir até os arredores de Sidom, a noroeste de Israel (17:7-9). É possível que houvesse mais água nessa região, que ficava próxima do mar. A escassez de alimentos, contudo, se espalhou para as terras vizinhas de Israel, e quase não havia cereais. Mais uma vez, Elias se viu em território estrangeiro, fora do reino de Acabe. Mas o Senhor tem pessoas que fazem sua vontade nos lugares mais inesperados.

Ao chegar a Sarepta, Elias encontrou uma viúva perto da porta da cidade. Assim como Eliézer havia pedido água a Raquel perto da terra de Naor (Gn 24:17), Elias pediu que a viúva lhe desse de beber e também providenciasse algo para ele comer (17:10-11). A viúva explicou que era pobre e que havia apenas um pouco de alimento para ela e seus filhos. O profeta a tranquilizou, dizendo: *Não temas*, e prometeu que o Senhor a sustentaria até o fim da seca (17:12-14). A viúva seguiu as instruções de Elias. Creu na palavra de Deus e obedeceu (17:15-16). Séculos depois, Jesus a mencionou como exemplo de fé (Lc 4:26). O azeite e a farinha da viúva duraram até não haver mais escassez de alimentos.

Algum tempo depois, o filho da viúva adoeceu e morreu (17:17). Naquela época, e muitas vezes ainda nos dias de hoje, acreditava-se que o sofrimento era sempre decorrente de pecado. A viúva imaginou, portanto, que a presença do homem de Deus deve ter chamado a atenção do Senhor para algum pecado que ela havia cometido (17:18). Tudo indica que Elias não concordou com essa ideia. Tomou o menino, estendeu-se sobre ele três vezes e orou pela vida dele. Deus respondeu, permitindo que a vida voltasse à criança (17:19-23). Num episódio semelhante, Eliseu trouxe de volta à vida o filho de uma sunamita (2Rs 4:8-37).

Em seu ministério aqui na terra, Jesus explicou que nem sempre sofrimento e morte são resultantes dos pecados de um indivíduo. Algumas enfermidades ocorrem para que

Deus manifeste seu poder na cura e seja glorificado (Jo 9:3; 11:4). Sem dúvida, foi o caso do filho da viúva. Ela transbordou de alegria, e sua fé se transformou em conhecimento e confiança ainda maior nas palavras de Elias, pois eram palavras do Senhor (17:24).

O fato de a viúva louvar Elias por dizer a verdade, ou seja, proferir a palavra de Deus sem mudar seu significado, sugere a existência de muitos profetas mentirosos naquele tempo.

**18:1-15 ELIAS E OBADIAS.** Perto do final da seca, o Senhor instruiu Elias a procurar Acabe (18:1). O Senhor estava planejando enviar chuva, uma dádiva divina concedida tanto aos justos quanto aos injustos (Mt 5:45). Quando Elias estava a caminho de seu encontro com Acabe, deparou-se com Obadias, um homem que *temia muito ao Senhor*. Obadias era oficial da corte de Acabe e havia escondido centenas de profetas do Senhor em cavernas para salvá-los (18:2-4,13). O Senhor coloca seus servos fiéis em lugares inesperados para que possam realizar sua obra onde há mais oposição. Ademais, os atos de Obadias mostram que sua fidelidade a Deus não se estendeu apenas a Elias, mas a muitos outros profetas. Como os corvos e a viúva cuidaram de Elias, Obadias supriu as necessidades de outros.

Obadias relatou a Elias o que havia acontecido em sua ausência, mas expressou receio de transmitir a mensagem do profeta a Acabe. Fica evidente que Elias era conhecido por desaparecer sem deixar vestígios, e Obadias ficou preocupado com a reação de Acabe caso isso voltasse a ocorrer (18:11-12,14).

Ao contrário de Elias, Obadias não era profeta e não afirmava receber revelações divinas, como suas palavras deixam claro: *Poderá ser que [...] o Espírito do SENHOR te leve não sei para onde* (18:12). Era apenas um homem que, havia muitos anos, adorava ao Senhor.

Para convencer Obadias de trazer o rei, Elias teve de fazer uma promessa invocando o nome do Senhor todo-poderoso (18:15).

**18:16-46 ELIAS NO MONTE CARMELO.** Acabe considerava Elias apenas mais um sacerdote capaz de fazer chover, como os “fazedores de chuva” da África. Enquanto Obadias o saudou respeitosamente, chamando-o de “meu senhor Elias” (18:7), Acabe se dirigiu a ele de forma ríspida como *perturbador de Israel* (18:16-17). Uma vez que havia sido enviado pelo Senhor, Elias não temeu o rei. Defendeu-se e transmitiu a palavra do Senhor. O responsável pela perturbação de Israel não era o profeta, mas Acabe e a casa de seu pai, que haviam deixado *os mandamentos do Senhor* e seguido os baalins. Elias usa o plural para ressaltar que havia diversos santuários dedicados a Baal. Esse fato é exemplificado pelo comentário de Elias sobre *quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e quatrocentos profetas do poste-ídolo que comem da mesa de Jezabel* (18:18-19).

Elias disse a Acabe para reunir *todos os filhos de Israel*, bem como os profetas de Baal e Aserá (chamada de “poste-

ídolo” em 18:19) no monte Carmelo, um monte alto do qual se pode avistar o mar Mediterrâneo (18:20). É possível que o rei estivesse com raiva do profeta, mas respeitou o poder que o Senhor havia conferido a seu servo, seguiu as instruções de Elias e convocou os profetas e o povo.

Quando todos estavam reunidos, Elias perguntou à multidão: *Até quando coxearéis entre dois pensamentos?* (18:21a). A raiz do problema era o desejo do povo de servir a Deus e a Baal ao mesmo tempo. Mas Javé exige devoção absoluta, não se contenta com adoração parcial (Êx 20:3-4). Em Apocalipse, o mesmo pecado é descrito como não ser frio nem quente (Ap 3:15-16). O povo não pôde responder, provavelmente porque o rei estava presente (18:21b).

Elias declarou: *Só eu fiquei dos profetas do SENHOR* (18:22). Ele não revelou que outros profetas do Senhor haviam sobrevivido em esconderijos (18:4). Sem dúvida, foi o único profeta a se manifestar publicamente.

A competição injusta entre quatrocentos e cinquenta profetas e um profeta envolveria dois novilhos. Os profetas de Baal deviam escolher um novilho, e o outro seria de Elias, o representante do Senhor Deus de Israel. Cada parte ofereceria seu novilho como holocausto, mas ninguém poderia acender o fogo. Para comprovar sua presença, a divindade adorada teria de acender o fogo da oferta (18:23-24).

Elias deixou os profetas de Baal começarem (18:25). Clamaram: *Ah! Baal, responde-nos!* e dançaram em volta do altar. Continuaram clamando e dançando até o meio-dia e chegaram a se cortar para derramar sangue. Elias escarneceu deles, sugerindo que gritassem mais alto, mas sabia que não receberiam nenhuma resposta; Baal não acenderia o fogo da oferta de seus seguidores (18:26-29).

Então, Elias pediu que todo o povo se chegasse a ele. O altar de Deus estava em ruínas por falta de cuidados e precisou ser restaurado (18:30). Elias usou doze pedras para reconstruí-lo e lembrar ao povo de Israel que a nação havia começado com um grupo de doze tribos. Eles deviam recordar também que o Deus ao qual oravam agora era o Deus que havia feito aliança com Jacó, o pai de todo o Israel. O profeta edificou o altar *em nome do SENHOR* (18:32) para mostrar que dele dependia. A fim de permitir que Deus mostrasse seu poder, Elias pediu que derramassem água no sacrifício sobre o altar (18:33-35). Ou seja, Elias se encontrava em completa desvantagem: era apenas um homem diante de um altar encharcado, contra os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal que contavam com o apoio de um rei poderoso. A única coisa a seu favor era o fato de ter sido enviado pelo Deus no qual confiava e ao qual seguia em obediência.

Em sua oração ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó, Elias não atraiu nenhuma atenção para si mesmo. O propósito de sua oração era simples: *Para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus e que a ti fizeste retroceder o coração deles* (18:36-37). Ele não precisou gritar, dançar, nem se mutilar para agradar ao Senhor ou convencê-lo a agir. O Senhor

enviou fogo que consumiu o sacrifício, as pedras do altar e a água (18:38).

Ao ver esse milagre, o povo creu no Senhor de Israel. Todos se prostraram em terra e gritaram: *O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!* (18:39). O texto não deixa claro se os profetas de Baal também se prostraram e confessaram o Senhor de Israel como Deus. Como parte da purificação religiosa, Elias ordenou que todos os profetas de Baal fossem mortos no vale de Quisom (18:40). Aqueles que testemunharam os acontecimentos viram com seus próprios olhos como o Deus de Israel era poderoso e como Baal era absolutamente impotente. Acabe também estava presente e não pôde manifestar-se contra Elias.

O relato deixa a impressão de que Deus aprovou o extermínio dos profetas de Baal. Essas e outras passagens da Bíblia levantam uma pergunta importante: É certo matar por motivos religiosos? Precisamos considerar essa questão do ponto de vista correto. Deus manifestou sua vontade claramente por meio da revelação natural (sua criação, que inclui nossa consciência) e de sua palavra (as Escrituras e Cristo). Apresenta de maneira inequívoca os resultados da obediência e adverte que o castigo pela desobediência deliberada e contínua é a morte. No AT, tratava-se de morte física, pois Deus estava moldando um povo para guardar sua aliança, e a obediência estava intimamente ligada à atitude de uma pessoa ou grupo de pessoas em relação à aliança e aos mandamentos de Deus. No NT, a ênfase passa da morte física para o castigo eterno no céu (Mt 25:46; Ap 20:15). Podemos nos perguntar se esse castigo é justo. Na verdade, porém, devemos perguntar “É justo para quem?”. Tudo o que existe foi criado por Deus para glorificá-lo. Ele gera e tira a vida. Apesar de ter concedido aos seres humanos autoridade sobre toda a criação (Gn 9:3), Deus reservou para si o direito de tirar a vida como prerrogativa particular e exclusiva. Em decorrência, somente ele tem autoridade para tirar a vida, mesmo com propósitos religiosos, como no AT. Quando um ser humano tira a vida de outros, como fizeram Elias, Jeú e outros que aparecerão mais adiante em Reis, deve estar sob ordens expressas de Deus. Nosso dever não é matar, mas, sim, dar testemunho de Cristo para que muitos creiam e sejam poupados da morte merecida pela desobediência àquele que dá vida.

Vencida a batalha no monte Carmelo, ainda restava o problema da seca. Convicto de que Deus ouviria suas orações outra vez, Elias *meteu o rosto entre os joelhos* e pediu chuva sobre a terra para provar de uma vez por todas que era Deus, e não Baal, quem controlava a chuva e que a fertilidade da terra não vinha de Aserá. Sua oração de fé foi ouvida e atendida pelo Senhor (18:41-44). Com a morte dos profetas de Baal, aqueles que ensinavam práticas pecaminosas foram removidos, e o Senhor pôde suspender seu julgamento e conceder chuva. Elias instruiu Acabe a se apressar de volta a Jezreel, a cerca de trinta quilômetros de onde estavam, antes que as chuvas causassem enchentes e tornassem as estradas intransitáveis.

Depois dessa vitória, Elias não voltou ao deserto, mas acompanhou Acabe até Jezreel como súdito leal. Como Elias, os servos de Deus em nossos tempos devem mostrar claramente que amam os líderes políticos mesmo quando os criticam. Devemos detestar o mal, mas não a pessoa que o pratica.

Apesar das fortes chuvas, Elias conseguiu correr até a cidade e chegar antes do carro de Acabe. Depois de um dia repleto de acontecimentos decisivos, o profeta ainda recebeu poder do Senhor para completar essa maratona exaustiva (18:45-46).

Elias havia exterminado os profetas de Baal e acreditava que a terra de Israel estava livre dos adoradores desse deus. O povo havia testemunhado a operação do Deus de Israel e crido. Elias provavelmente imaginou que havia combatido com eficácia o pecado de Acabe e de Jeroboão, filho de Nebate, os quais haviam feito o povo desviar-se dos caminhos do Senhor.

**19:1-18 A FUGA DE ELIAS PARA HOREBE.** Elias deve ter corrido até Jezreel cheio de ânimo, imaginando que seus problemas haviam terminado, suas esperanças se tinham cumprido e o culto ao Senhor havia sido restaurado em Israel. Até mesmo o rei deve ter sido convencido pelas demonstrações do poder de Deus que havia testemunhado. Quando, porém, Acabe relatou a Jezabel a vitória do Senhor e o extermínio dos profetas, a rainha se enfureceu e jurou matar Elias. Ao que parece, Acabe não foi capaz de detê-la (19:1-2).

Mais uma vez, Elias teve de fugir para salvar sua vida. Nessa ocasião, o profeta rumou cerca de cento e sessenta quilômetros para o sul, passando por Berseba, até o deserto (19:3). Depois de viajar o dia todo pelo deserto, Elias se cansou e clamou ao Senhor: *Toma agora, ó SENHOR, a minha alma* (19:4). Sua vida havia perdido o sentido. Sua expectativa de que a vitória no Carmelo resultaria em reformas em Israel fora frustrada por Jezabel. Elias não foi o primeiro nem o último a se sentir assim. Não é raro uma experiência espiritual edificante ser seguida de um período de depressão.

Em sua graça, o Senhor não repreendeu Elias pelo medo, exaustão e depressão. Em vez disso, enviou um anjo para suprir suas necessidades físicas (19:5-7). Com as forças refeitas depois de uma boa refeição e sono reparador, Elias *caminhou quarenta dias e quarenta noites*, o mesmo tempo que Moisés jejuou no Sinai. Elias desejava buscar a direção do Senhor e lhe pareceu que seria mais fácil obtê-la no monte Horebe (Sinai), onde Moisés havia recebido as leis e onde Deus havia firmado sua aliança com Israel (19:8).

O Senhor não havia dito para Elias voltar ao monte Sinai, de modo que lhe perguntou: *Que fazes aqui, Elias?* (19:9). Deus fez essa pergunta ao profeta para lembrá-lo de que ele poderia ter buscado ao Senhor em qualquer parte de Israel. Se o Senhor ouviu às suas orações e respondeu a elas no monte Carmelo, podia ouvi-las em qualquer lugar. Elias desejava buscar ao Senhor da aliança no lugar onde ele se encontrara com Moisés e Israel. O Senhor de Israel,

porém, não é um Deus local, mais acessível no Sinai do que em qualquer outro lugar.

Elias apresentou suas queixas ao Senhor: Israel havia rejeitado a aliança, derrubado os altares e exterminado os profetas do Senhor (19:10). Sua asserção de que ele havia ficado só foi imprecisa, tendo em vista a informação que Obadias lhe dera (18:13).

Deus respondeu com a instrução para que Elias se colocasse sobre o monte perante o Senhor, como Moisés havia feito quando Deus lhe apareceu no deserto (Êx 33:12-23). A ordem foi acompanhada de três sinais: primeiro, um vento forte que despedaçou as rochas; depois, um terremoto e, por fim, um fogo seguido de uma voz suave. Elias percebeu que era o Senhor falando e *pôs-se à entrada da caverna* (19:11-13). A voz terna e suave mostra que o Senhor usa meios comuns para falar; não precisa sempre transmitir suas palavras por acontecimentos momentosos.

O Senhor repetiu a pergunta feita em 19:9, e Elias repetiu suas queixas (19:10,14). Em vez de responder de imediato ao profeta, Deus lhe deu novas ordens. Elias devia voltar ao norte de Israel e ungir Hazael para ser rei sobre a Síria, Jeú para ser rei sobre Israel, e Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, para ser o profeta que daria continuidade ao trabalho de Elias (19:15-17). A unção de pagãos não é comum na Bíblia, mas aqui o Senhor a ordena para deixar claro que até mesmo entre as nações incrédulas é ele quem escolhe seus líderes. De acordo com o plano de Deus revelado a Elias e Eliseu, Hazael se tornaria rei, apesar de todo o sofrimento que causaria ao povo de Israel (2Rs 8:13).

Em seguida, o Senhor respondeu à autocomiseração de Elias informando-o de que ainda havia sete mil pessoas que temiam ao Senhor em Israel (19:18). A maioria provavelmente era formada por indivíduos que mantinham sua fé em segredo, como Obadias. Apesar de haver apenas um pequeno grupo de israelitas fiéis ao Senhor, Elias não estava sozinho.

**19:19-21 O CHAMADO DE ELISEU.** Ao que parece, Eliseu não conseguiu ungir Hazael e Jeú para serem reis. Posteriormente, talvez seguindo instruções de Elias, Eliseu providenciou para que Jeú fosse ungido (2Rs 9:1) e informou Hazael sobre seu futuro, apesar de não tê-lo ungido fisicamente (2Rs 8:13).

Quando foi chamado por Elias, Eliseu era, sem dúvida, um agricultor bem-sucedido. Somente os donos de grandes propriedades possuíam *doze juntas de bois* para arar suas terras (19:19). Ao que parece, Eliseu também tinha empregados ou vizinhos que trabalhavam para ele, conduzindo as outras onze juntas de bois, enquanto ele dirigia a décima segunda. Elias não ungiu Eliseu literalmente. Em vez disso, lançou seu manto sobre ele, um gesto que Eliseu entendeu como um chamado para o discipulado. Eliseu aceitou o chamado com alegria, mas pediu permissão para se despedir de seus pais antes de partir com Elias. Elias concede sua permissão: *Vai e volta*, mas lembra Eli-

seu do compromisso que acabou de assumir: *Já sabes o que fiz contigo* (19:20).

Essas palavras de Elias podem trazer à memória a resposta bem diferente de Jesus aos homens que se propuseram a segui-lo em Lucas 9:57-62. Um deles pediu para sepultar o pai, enquanto o outro quis despedir-se da família. A resposta de Jesus pode decorrer de atitudes interiores distintas. Elias pediu com sinceridade que Elias lhe desse permissão para se despedir tranquilamente de sua família, enquanto os homens aos quais Jesus falou inventaram desculpas para não segui-lo de imediato. O homem que pediu para sepultar o pai provavelmente quis dizer que só seguiria a Jesus depois que o pai idoso tivesse falecido. A urgência do chamado também era diferente. Eliseu foi chamado para o ministério, enquanto os homens com os quais Jesus estava tratando foram chamados para fazer uma escolha a respeito de seu destino eterno.

Eliseu queimou os aparelhos dos bois para evitar qualquer ideia de voltar à sua antiga ocupação. O fato de ele ter imolado os bois e dado a carne para o povo significa que desfrutaram a refeição e depois abençoaram Eliseu e lhe desejaram felicidade em sua nova ocupação a serviço do Senhor (19:21). Eliseu partiu com Elias e *o servia*, ou seja, o seguia como seu discípulo. É provável que Elias tivesse outros servos como aqueles que deixou em Berseba (19:3), mas somente Eliseu foi escolhido para sucedê-lo.

### 20:1-43 Acabe e Ben-Hadade da Síria

As guerras constantes entre Israel e Judá haviam enfraquecido os dois reinos. Consequentemente, Judá havia sido invadido pelo Egito (14:25-28), enquanto a Síria, sob o comando de Ben-Hadade, havia atacado territórios israelitas durante o reinado de Asa (15:18-20). O Ben-Hadade ao qual o capítulo 20 se refere provavelmente era o filho do rei com quem Asa fez aliança.

Ao que parece, Ben-Hadade se aliara aos reis de várias outras cidades-Estados, conquistando grande parte de Israel e atacando Samaria (20:1). Seu maior interesse, pelo visto, era obter riquezas: prata, ouro, mulheres e os melhores filhos de Samaria (20:2). Acabe se mostrou disposto a pagar o que foi exigido para dar fim à guerra. Ben-Hadade, contudo, queria ainda mais. Desejava humilhar Acabe e saquear a cidade enviando seu exército para procurar e tomar os despojos (20:5-6). Os anciãos de Samaria aconselharam Acabe a não se sujeitar e informaram o rei da Síria de que Israel havia recusado as condições finais de paz (20:7-9). Ben-Hadade respondeu com a ameaça de arrasar a cidade. Em sua réplica, Acabe pareceu confiante, mas o rei de Israel sabia que seu exército não podia fazer frente às forças de Ben-Hadade (20:10-12).

Enquanto os defensores de Samaria se prepararam para a batalha, um profeta anônimo apareceu com uma mensagem de encorajamento do Senhor. No monte Carmelo, Acabe havia visto o que Deus era capaz de fazer e, agora,

teria mais uma oportunidade de saber *que eu sou o SENHOR* (20:13). O Senhor foi mais persistente com Acabe do que com os outros reis antes dele.

Acabe sabia que seu exército era inadequado para enfrentar os sírios, de modo que perguntou ao profeta o que devia fazer (20:14). O profeta descreveu, então, como o rei devia travar o combate. Acabe devia começar a batalha colocando os duzentos e trinta e dois oficiais, *chefes das províncias*, para lutar, enquanto os sete mil homens restantes seguiriam os oficiais no ataque a ser realizado ao meio-dia, quando o inimigo não estivesse esperando.

Acabe seguiu as instruções do profeta, e o ataque foi bem-sucedido. O exército da Síria foi derrotado, e Ben-Hadade teve de fugir a cavalo (20:15-21). A vitória foi obra de Deus, e não de Acabe, pois o exército de Israel era muito menor que o de seus adversários. Muitas vezes, o Senhor vence batalhas com poucas pessoas, como fez com Gideão e seus trezentos soldados. Acabe creu nas palavras do profeta e confiou no Senhor, e não em Baal. Os problemas com Ben-Hadade, contudo, não haviam terminado. O profeta do Senhor advertiu Acabe de se preparar para outra guerra com a Síria no ano seguinte (20:22).

Os sírios também sabiam que sua derrota se devia exclusivamente ao fato de Deus ter ajudado Israel. Acreditavam, contudo, que Javé era um deus territorial que só defendia a região montanhosa. Reuniram outro exército enorme para lutar contra Israel na planície de Afeca (20:23-26). Os soldados sírios eram tão numerosos que *enchiam a terra*, enquanto o minúsculo exército de Israel parecia *dois pequenos rebanhos de cabras* em comparação com seu inimigo (20:27).

O homem de Deus apareceu novamente e garantiu a Israel que o Senhor era Deus não apenas dos montes, mas também das planícies, e daria vitória aos israelitas. Derrotaria os sírios e mostraria a Israel que o Senhor é Deus (20:28). A Síria sofreu outra derrota. Seus soldados foram dispersados, e o rei teve de se esconder (20:29-30).

Cientes da impossibilidade de escapar, os oficiais de Ben-Hadade se vestiram de pano de saco e imploram que Acabe lhes poupasse a vida (20:31-32). Acabe demonstrou misericórdia e não matou seus inimigos. Em vez disso, firmou um tratado de paz e comércio com eles. Os sírios devolveriam as cidades que haviam tomado de Israel em guerras passadas, e os israelitas teriam permissão de abrir bazares no mercado em Damasco (20:33-34).

Acabe reconheceu a mão de Deus em sua vitória sobre Ben-Hadade, mas não demonstrou confiança suficiente em Deus a ponto de consultá-lo antes de tomar decisões. Estava mais interessado em firmar um acordo comercial do que em seguir ao Senhor. O Senhor lhe enviou, portanto, uma mensagem por meio de *um dos discípulos dos profetas* (20:35a). Em geral, a Bíblia focaliza profetas específicos como Eliseu e Elias, mas isso não significa que eles foram os únicos profetas a servir ao Senhor em determinada épo-

ca. Havia grupos de profetas, como aqueles que Obadias escondeu nas cavernas (18:40; cf. 2Rs 2:3-7; 4:1,38; 5:22; 9:1). São chamados de “profetas do Senhor” e, desse modo, distinguidos de profetas que serviam a Baal, a outros deuses pagãos ou mesmo a Acabe.

O profeta em questão pediu que seu companheiro o esmurrasse. O companheiro se recusou a atender à ordem vinda do Senhor, e, por causa de sua desobediência, foi morto por um leão (20:35b-36). Seu destino foi parecido com aquele do profeta anônimo no capítulo 13. Outro homem, porém, se dispôs a cumprir a ordem. O profeta se apresentou diante do rei fingindo ser um soldado ferido na batalha. Declarou ter falhado no cumprimento de seu dever e permitido que um prisioneiro importante escapasse (20:37-40a). Quando Acabe pronunciou a sentença, o profeta respondeu com palavras semelhantes às de Natã a Davi (20:40b-42; cf. tb. 2Sm 12:7). Graças à decisão de Acabe de libertar o homem que Deus havia condenado, muitas pessoas morreriam, incluindo o próprio Acabe. A guerra continuaria. O Senhor deseja que algumas coisas sejam feitas por inteiro, e não pela metade, e cabe a nós realizar seus planos. Quando não cumprimos a tarefa que recebemos, geramos problemas futuros.

Quando Natã repreendeu Davi, o rei se arrependeu profundamente (2Sm 12:13), mas Acabe não era como Davi. Em vez de reconhecer seu erro, ficou *desgostoso e indignado*, como o vemos em outras ocasiões (20:43; cf. 21:4; 22:8). Os poderosos precisam de graça para aceitar críticas de pessoas comuns. Aqueles que aceitam as críticas, se arrependem e mudam sua conduta continuam a se sobressair na vida. Acabe, porém, não se interessou em conhecer e servir ao Senhor que o estava favorecendo.

### 21:1-29 Acabe e Nabote

Algum tempo depois, Acabe pediu a um vizinho para trocar ou vender um terreno (21:2). Nabote era dono de uma vinha que ficava em Jezreel, perto do palácio de campo de Acabe (o outro palácio ficava em Samaria) (21:1). A vinha, no entanto, não era propriedade particular de Nabote, mas de sua parentela. É possível que Nabote fosse o homem mais velho da família ou aquele que cultivava a terra, mas, nem por isso, podia tomar sozinho a decisão de trocar ou vender a propriedade. Uma decisão dessa importância podia comprometer o futuro dos filhos de seu clã. Ademais, a lei de Israel estabelecia que as terras cultiváveis deviam ser mantidas nas famílias (Lv 25:25-28; Nm 27:1-11; 36:7). Em casos de pobreza extrema, as propriedades podiam ser arrendadas, mas deviam ser devolvidas ao proprietário no ano de jubileu (Lv 25:10,13,28). É possível que Acabe não soubesse dessa lei, uma vez que os sacerdotes da tribo de Levi haviam perdido seus cargos em Israel. Não obstante, deveria ter considerado que qualquer negociação envolvendo a propriedade poderia causar problemas, pois, em troca da vinha, Nabote teria de receber terras pertencentes

a algum outro clã. Não faltavam, portanto, motivos para Nabote responder: *Guarde-me o SENHOR de que eu dê a herança de meus pais (21:2-3)*.

Acabe reagiu a essa recusa como uma criança mimada. Foi para casa triste e indignado e recusou-se a comer, até que esse comportamento atraiu a atenção de sua esposa, Jezabel (21:4-5). Jezabel era uma princesa sidônia, provavelmente de uma cultura em que todas as terras pertenciam ao rei e eram apenas arrendadas ao povo. Não conhecia ou se recusou a aceitar a lei de Israel que instruíu o rei claramente a não se elevar “sobre os seus irmãos” (Dt 17:18-20). Quando ouviu o relato de Acabe, tomou uma atitude (21:6-7).

Para resolver o problema, Jezabel usou de violência e dolo. Enviou cartas com o selo do rei aos anciãos da cidade onde Nabote morava. Acabe permitiu que ela usasse seu selo e nome de modo que parecesse que a correspondência havia sido enviada por ele. Nas cartas, Jezabel pediu que forjassem acusações contra Nabote (21:8-10). Naquele tempo, como nos dias de hoje, as pessoas faziam de tudo para agradar alguém numa posição de liderança. Um líder ganancioso normalmente não tem dificuldade em conseguir das pessoas aquilo que deseja. Os anciãos transgrediram a lei (Êx 23:1-3), cooperaram com a trama de Jezabel e notificaram o palácio: *Nabote foi apedrejado e morreu (21:11-14)*. A declaração de 2Reis 9:26 dá a entender que os filhos de Nabote também foram mortos.

Em vez de protestar que Jezabel havia usurpado sua autoridade, transgredido a lei e mandado matar um homem inocente e sua família, Acabe simplesmente aceitou os atos da esposa (21:15-16). Uma vez que o rei havia sujeitado sua consciência e vontade à sua rainha, não lhe restou outra coisa a fazer senão desfrutar sua nova propriedade.

O Senhor enviou Elias novamente para confrontar Acabe, dessa vez na vinha de Nabote (21:17-18). Acabe já havia recebido uma palavra de condenação de outro profeta: “A tua vida será em lugar da sua vida” (20:42). Agora, Elias acrescenta um detalhe a esse julgamento: *Cães lambeirão o teu sangue (21:19)*.

Todos os encontros de Elias e Acabe foram hostis. Acabe considerava Elias seu inimigo, e não um mensageiro de Deus (21:20). Dessa vez, a mensagem foi de julgamento sobre a casa de Acabe: terminaria da mesma forma que as casas de Jeroboão e Baasa. Não restaria nenhum herdeiro do sexo masculino para sucedê-lo. Jezabel também recebeu sua sentença de julgamento (21:21-24).

Ao ouvir as palavras de Elias, o rei se arrependeu, rasgou suas vestes, vestiu-se com pano de saco e jejuou (21:27). O verdadeiro arrependimento em humildade nunca passa despercebido, de modo que o Senhor usou de misericórdia para com Acabe como faria, posteriormente, com o povo de Nínive (Jn 3:10). Deus prometeu que a calamidade vindoura sobreviria depois da morte de Acabe (21:28-29).

## 22:1-28 Acabe e Micaías

O acordo de paz entre Israel e os sírios (20:34) durou apenas três anos. Ao que parece, durante esse tempo Israel também manteve relações amigáveis com Judá, tanto que o rei Josafá de Judá fez uma visita oficial a Samaria (22:1-2). Infelizmente, essa paz veio tarde demais, quando os dois reinos já se encontravam enfraquecidos por anos de conflito. Coincidiu ainda com o reinado do perverso Acabe, que pode ter exercido uma influência negativa sobre a vida religiosa de Judá.

Durante a visita, Acabe trouxe à baila a questão de Ramote-Gileade (22:3-4a). Pelo visto, Ben-Hadade não havia devolvido essa cidade, apesar da promessa de restituir todas as cidades capturadas de Israel (20:34). Josafá concordou em ir à guerra como aliado do Reino do Norte: *Serei como tu és, o meu povo, como o teu povo (22:4b)*. Seu povo lutaria ao lado do povo de Israel. Havia, porém, uma diferença entre os dois reis. Devido às duas vitórias anteriores, descritas no capítulo 20, Acabe estava certo de que Israel podia derrotar a Síria. Tinha esquecido, contudo, que o Senhor lhe havia concedido essas vitórias. Agora, estava fazendo planos sem consultar Deus, fiando-se inteiramente no apoio de Judá. Josafá, por outro lado, sugeriu que eles consultassem o Senhor antes de tomar qualquer atitude (22:5).

Acabe mandou reunir seus profetas. É provável que o rei tenha formado outro grupo numeroso de profetas para substituir aqueles que haviam sido mortos no monte Carmelo (18:22,40). Esses profetas, contudo, afirmavam consultar o Senhor, e não Baal. Na verdade, porém, estavam dispostos a dizer aquilo que o rei desejava ouvir, e, portanto, sua profecia não tinha nenhum valor. Não hesitaram em incentivar Acabe a ir à guerra e prometeram que o Senhor lhe daria vitória (22:6).

Josafá percebeu que os profetas estavam mais interessados em agradar ao rei do que em ouvir a Deus e pediu que trouxessem um verdadeiro *profeta do SENHOR*, e não apenas profetas do rei (22:7; cf. tb. 2Rs 3:11). De má vontade, Acabe admitiu que havia outro profeta que podia ser consultado: um homem chamado Micaías. O rei de Israel não gostava de Micaías, pois o profeta não temia criticar seus atos e *nunca profetiza de mim o que é bom (22:8a)*.

Ainda hoje, líderes políticos parecem ter preferência por pastores que aprovam seu comportamento, e não por aqueles que são críticos. Os pastores devem lembrar, contudo, que são os profetas de nossos dias. Não devem transigir nem permitir que a decadência moral crie raízes em sua nação. Seu dever é falar contra tudo o que é contrário à vontade de Deus.

Josafá repreendeu Acabe gentilmente por não se mostrar disposto a ouvir o profeta de Deus, e, por insistência de Josafá, um mensageiro foi enviado para buscar Micaías (22:8b-9).

Mais uma vez, deparamos com uma cena dramática na qual um verdadeiro profeta de Deus confronta vários falsos

profetas. O autor descreve a cena de forma vívida. Os dois reis se encontram assentados do lado de fora das portas de Samaria, cercados pelos profetas do palácio, todos prenunciando vitória. Zedequias, o líder desses profetas, resolve encenar sua profecia e faz um par de chifres de ferro para simbolizar o modo pelo qual os reis escorneariam o inimigo (22:10-12).

O mensageiro que foi buscar Micaías aconselhou-o a profetizar de modo que não contrariasse os outros profetas (22:13). Micaías, contudo, não aceitava a crença popular de que “a voz o povo é a voz de Deus”. A verdade de Deus não corresponde, necessariamente, à opinião da maioria. A palavra do Senhor não vem do povo, mas do próprio Deus. Micaías prometeu falar apenas aquilo que o Senhor lhe dissesse (22:14). Uma pessoa enviada por Deus não tem outra mensagem senão a palavra de Deus, proferida segundo o mover do Espírito Santo (2Pe 1:20-21).

Para surpresa de Acabe, a primeira resposta de Micaías à sua pergunta foi semelhante à dos outros profetas (22:15). É provável, contudo, que o profeta tenha falado com um tom de sarcasmo, pois Acabe percebeu que essa não era a mensagem verdadeira (22:16). Micaías descreveu ao rei, portanto, a visão que havia tido. O profeta viu um conselho no céu, presidido pelo Senhor. Nesse conselho, decidiu-se que um espírito mentiroso seria enviado pelo Senhor para enganar os profetas de Acabe (22:19-23a). Em certo sentido, portanto, tanto as palavras dos profetas quanto as de Micaías eram provenientes do Senhor.

A mente humana não consegue compreender como Deus pode usar caminhos contrários aos seus para realizar seus propósitos. Apesar de ser profeta, Habacuque teve dificuldade em aceitar esse fato e questionou a intenção de Deus de usar os caldeus, ainda mais perversos do que os israelitas, para castigar Israel. Ao que parece, devemos ver todos os elementos da criação como instrumentos de Deus, usados para fazer o que é necessário. Para alguns, o Senhor pode enviar um anjo de luz a fim de lhes mostrar o caminho. Outros podem receber um espírito mentiroso para lhes endurecer o coração.

A mensagem final de Micaías, o *SENHOR falou o que é mau contra ti*, não deve ter sido fácil para Acabe aceitá-la (22:23b). Poderia, contudo, ter salvado o rei de Israel caso ele houvesse se arrependido humildemente, como em 21:29.

A mensagem de Micaías também levanta a questão de como discernir entre os verdadeiros profetas de Deus e os falsos profetas. Em 22:24-28, a resposta de Micaías a Zedequias e Acabe, que o acusam de ser um falso profeta, é semelhante às palavras de Deuteronômio 18:22 (cf. tb. 13:1-2). Encontramos lições, ainda, na visão de Micaías do conselho do Senhor, semelhante à cena descrita em Jó 1:6-12; 2:1-6. Em Jeremias, Deus afirma que os verdadeiros profetas são aqueles que estão presentes no conselho do Senhor. Recebem uma visão completa que ajuda os outros a servir ao Senhor. Falsos profetas não têm esse privilégio.

Assentam-se fora do conselho do Senhor e recebem apenas mensagens incompletas ou de segunda mão (Jr 23:21-22,30-32).

O verdadeiro profeta, contudo, não tem nenhuma garantia de que será poupado do sofrimento. Como Jeremias, Micaías sofreu por transmitir a mensagem exata do Senhor (22:24,27). O mesmo aconteceu com nosso Senhor Jesus Cristo.

### 22:29-40 A morte de Acabe

Fica evidente que Acabe ainda estava coxeando entre dois pensamentos (18:21). Seguiu a voz da maioria e seu próprio desejo de ir à guerra. No fundo de seu coração, porém, acreditou em Micaías e tentou frustrar sua profecia ao sair para a batalha disfarçado (22:29-30). Se tivesse entrado no combate vestindo seus trajes reais, provavelmente teria sido morto, como Josafá revelou (22:31-33). Nenhum disfarce, contudo, pode frustrar a palavra do Senhor: Acabe foi morto em Ramate-Gileade por uma flecha perdida que atingiu as juntas da sua armadura (22:34-37). Israel foi derrotado e perdeu seu rei, conforme Micaías e o profeta anônimo haviam predito (22:20; 20:42). E, conforme Elias havia prenunciado, cães lamberam o sangue de Acabe (22:38; 21:19).

Aos olhos do mundo, Acabe foi bem-sucedido. Construiu um palácio *de marfim* e fortificou várias cidades (22:39-40). Mas o Senhor se irou com ele e, posteriormente, julgou sua família com severidade (2Rs 10:6-11).

### 22:41-50 Josafá, rei de Judá

Os vinte e cinco anos de reinado de Josafá são descritos de modo sucinto. É possível que em parte desse tempo ele tenha reinado junto com seu pai. Foi um bom rei, pois seguiu o exemplo de seu pai, Asa (22:41-43; cf. 15:11). Ele removeu de Judá o restante dos prostitutos cultuais (22:47). Não removeu, porém, os altos, de modo que o povo continuou a sacrificar e queimar incenso nesses locais (22:44). O autor de Reis comenta de passagem a política externa de Josafá. Como vimos, ele manteve uma relação amigável com Acabe e seus filhos, Acázias e Jorão (2Rs 3:7; 2Cr 20:35). As tentativas malogradas de construir uma frota de navios mercantes foi, a princípio, um empreendimento conjunto com Israel, mas, quando Josafá percebeu que não era da vontade do Senhor, recusou a parceria comercial com o Reino do Norte (22:48-49).

### 1Rs 22:51—2Rs 1:18 Acázias, rei de Israel

Os últimos versículos de 1Reis resumem o reinado de dois anos de Acázias de Israel. Ele seguiu o exemplo de seu pai, Acabe, e fez o que era mau perante o Senhor. Como seus antecessores, *fez pecar a Israel* (22:51-53).

Os acontecimentos do reinado de Acázias são narrados em 2Reis 1:1-18. Ele teve de enfrentar uma rebelião de Moabe que, como outras fontes revelam, havia sido con-



quistado por Onri, pai de Acabe. A intenção dos moabitas era se aproveitarem da confusão resultante da mudança de monarcas e da coroação de um rei jovem. Acazias não conseguiu tomar as providências necessárias para impedir a rebelião, pois havia se ferido gravemente ao cair do alto de sua casa (1:1-2a). É provável que Acazias tenha ouvido falar dos acontecimentos no monte Carmelo, onde o Senhor provou ser superior a Baal (1Rs 18:16-45). Devia saber também que o Senhor havia concedido vitória a seu pai sobre Ben-Hadade e os sírios (1Rs 20:1-34) e que Micaías, profeta do Senhor, havia prenunciado corretamente a derrota de seu pai (1Rs 22:23). Mesmo assim, em vez de consultar Micaías ou Elias a respeito de suas perspectivas de recuperação e pedir que orassem por ele, o rei enviou mensageiros para consultar *Baal-Zebube, deus de Ecrom* e, provavelmente, pedir que o curasse (1:2b). O nome desse deus significa “Baal das moscas”, e talvez fosse um deus-mosca. É possível, contudo, que seu nome correto fosse Baal-Zebul (“Príncipe Baal”), mas que o autor hebreu tenha feito um trocadilho, mudando de Zebul para Zebube. Nos tempos de Jesus, o nome Belzebu designava o príncipe dos demônios (Mt 12:24; Mc 3:22; Lc 11:15).

O anjo do Senhor mandou Elias se encontrar com os mensageiros enviados a Baal-Zebube (1:3). Devemos observar que Elias não tomava nenhuma atitude sem que o Senhor ou um anjo o enviasse. O profeta transmitiu uma mensagem de julgamento: Uma vez que o rei havia mandado consultar Baal-Zebube, e não o Deus de Israel, seu prognóstico não era de cura, mas de morte (1:4). Os mensageiros parecem não ter reconhecido Elias, mas devem ter acreditado que era um homem de Deus e, imediatamente, voltaram para seu senhor a fim de transmitir a mensagem (1:5-8).

Contudo, em vez de se arrepender ao ouvir as palavras do profeta, Acazias assumiu uma atitude de resistência. Enviou um capitão e cinquenta soldados para prender Elias (1:9), deixando clara sua oposição não apenas ao profeta, mas também a Deus. Se Elias tivesse obedecido ao capitão, provavelmente teria tido a mesma sorte dos profetas do Senhor executados nos dias de Acabe. Afinal de contas, Jezabel ainda estava viva. Porém, atendendo ao pedido de Elias, Deus enviou fogo do céu que consumiu o capitão e seus homens (1:10).

O rei não se arrependeu e enviou outro capitão com cinquenta homens que tiveram o mesmo fim do primeiro grupo (1:11-12). Não sabemos se Elias agiu daquela maneira por medo ou por obediência a Deus. De qualquer modo, o Senhor atendeu ao seu pedido e, assim, confirmou a validade da sua atitude. Vários séculos depois, os discípulos de Jesus quiseram fazer o mesmo quando os habitantes de um povoado se recusaram a hospedá-los. Eles tinham o mesmo poder de Elias e poderiam ter feito o que ele fez, mas o Senhor os repreendeu e os levou a outro vilarejo, onde foram recebidos (Lc 9:51-55).

Em seguida, Acazias enviou um terceiro grupo cujo capitão se mostrou mais cauteloso. Percebeu que estava tratando com um representante poderoso do Senhor e suplicou a Elias que lhe poupasse a vida e a de seus homens (1:13-14). O anjo do Senhor, então, garantiu ao profeta que não havia perigo em se encontrar com o rei (1:15). De fato, quando o Senhor envia uma pessoa, jamais a abandona se ela o obedece. Como de costume, Elias obedeceu destemidamente à ordem do Senhor.

Acazias ouviu a mensagem de condenação transmitida pelo profeta e, logo em seguida, expirou. Havia reinado apenas dois anos. Uma vez que não tinha herdeiros do sexo masculino, foi sucedido por seu irmão Jorão (1:16-18).

## 2:1—8:15 O ministério de Eliseu

### 2:1-18 *Elias é levado para o céu*

O ministério de Elias havia sido tão importante quanto o de Moisés. Quando Israel estava se distanciando da fé, ele lembrou o povo acerca da aliança de Deus feita com seus antepassados no deserto do Sinai. Como Moisés, teve um encontro com o Senhor no monte Sinai, ou Horebe (cp. Êx 33:12-33 e 1Rs 19:11-18). A importância de Elias é ressaltada pela profecia de Malaquias segundo a qual ele voltaria antes dos últimos acontecimentos do fim dos tempos (Ml 4:5). Jesus declarou que João Batista havia cumprido essa profecia (Mt 17:10-12; Mc 9:11-13). Ademais, no monte da transfiguração, Elias apareceu ao lado de Moisés e falou com Jesus (Mt 17:1-7; Mc 9:2-9). Também como Moisés, ele morreu sozinho, de modo misterioso (Dt 32:48-52; 34).

Quando Elias e Eliseu partiram para sua última viagem juntos, Elias fez três tentativas — em Gilgal, Betel e Jericó — de persuadir Eliseu a não acompanhá-lo (2:1-2,4,6). Numa ocasião anterior em que esperava morrer, Elias havia deixado outro servo em Berseba (1Rs 19:3-4). Porém, Eliseu se recusou a deixá-lo e, nas três ocasiões, fez um juramento. Depois da terceira tentativa, Elias não tentou mais impedir Eliseu de acompanhá-lo.

Os grupos de discípulos dos profetas com os quais se encontraram ao longo do caminho advertiram Eliseu do que estava para acontecer, mas não lhe disseram nada que ele já não soubesse (2:3,5). Como um servo fiel a seu senhor, Eliseu ficou ao lado de Elias até o último instante. Quem persevera até o fim desfruta mais privilégios e bênçãos.

Por fim, o próprio Elias explicou o que sucederia: *Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti* (2:9). O homem de Deus não possuía nenhum bem material para deixar como herança, mas Eliseu podia pedir uma oração especial a seu favor ou em prol da nação de Israel, além da imposição de mãos do profeta lhe concedendo uma bênção final. Em vez disso, porém, pediu *porção dobrada do teu espírito*. É possível que desejasse ser duas vezes maior que Elias, ou que o Espírito repousasse sobre ele com duas

vezes mais poder ou intensidade. É possível ainda que estivesse pedindo que o Espírito operante na vida e geração de Elias continuasse atuando em sua própria vida durante mais uma geração, abençoando assim duas gerações. A última interpretação é corroborada pelo fato de algumas das obras de Eliseu parecerem repetições das de Elias (cp. 1Rs 17:14 e 2Rs 4:3-6; 1Rs 17:17-23 e 2Rs 4:32-37).

O pedido de Eliseu não era algo que Elias podia realizar, pois dependia de Deus (2:10; cf. tb. a resposta de Jesus aos filhos de Zebedeu em Mt 20:20-23). O profeta pôde, contudo, dizer que o pedido seria atendido se Eliseu conseguisse vê-lo enquanto estivesse sendo levado ao céu. Elias parece argumentar que o homem de Deus precisa ser capaz de ver tanto as coisas físicas quanto as espirituais a fim de se beneficiar dos dons celestiais.

De repente um *carro de fogo* surgiu no meio deles e os *separou um do outro* (2:11). Elias foi levado *ao céu num redemoinho*, enquanto Eliseu exclamava: *Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros!* (2:12). O significado da referência aos carros não é claro. Talvez Eliseu estivesse lamentando a situação calamitosa do exército de Israel na época ou dizendo que Israel se veria indefeso ao perder um profeta tão eminente. O mesmo lamento é pronunciado pouco antes da morte do próprio Eliseu (13:14). É possível, ainda, que Eliseu se referisse ao carro que havia acabado de ver, uma prova de que o Senhor defendia Israel. Numa ocasião posterior em que sua casa seria cercada por sírios que pretendiam capturá-lo, Eliseu voltaria a enxergar carros que, para outros, seriam invisíveis (2Rs 6:17).

Depois de rasgar as vestes em sinal de luto (2:12), Eliseu tomou o manto que Elias havia deixado cair e o usou para tocar a água do rio Jordão (2:13). Suas palavras: *Onde está o SENHOR, Deus de Elias?* sugerem que, a princípio, o gesto não teve nenhum efeito. Sua pergunta revela o reconhecimento de que o poder para deter o fluxo do rio não era proveniente de algum tipo de poder mágico do manto, mas, sim, de Deus, o qual lhe havia concedido porção dobrada do espírito de Elias. Quando Eliseu se deu conta desse fato, Deus mostrou sua presença e dividiu as águas do Jordão, como havia feito nos tempos de Josué (2:14; Js 3:7). A partir daí, o manto de Elias não volta a ser mencionado.

Pastores precisam se lembrar de que não há nada de mágico em seguir determinados rituais ou liturgias. Nossa fé não deve depender de rituais, mas, sim, do Deus vivo que institui o ritual como um canal da sua graça.

O poder de dividir águas foi concedido a Moisés junto ao mar Vermelho, a Josué no Jordão e, aqui, a Eliseu (2:8). Assim que viram o feito realizado por Eliseu, os discípulos dos profetas em Jericó reconheceram-no como seu líder (2:15). Não creram, porém, que Elias havia simplesmente sido levado ao céu. Pensaram que o Espírito do Senhor o transportara para algum dos montes ou para outro lugar qualquer. Enviaram um grupo de busca, mas não se encontrou nenhum sinal do profeta (2:16-18).

### 2:19-25 Os primeiros milagres de Eliseu

Eliseu atendeu à queixa de alguns homens de que as *águas* da cidade de Jericó eram *más* (2:19a). Suas palavras ao profeta parecem indicar que as águas estavam causando mortes e prejudicando as plantações (2:19b, 21b). Eliseu tornou a água potável ao lançar um prato de sal sobre o manancial. Não foi o sal, contudo, que restaurou a água, mas, sim, a intervenção miraculosa de Deus, como as palavras do profeta deixam claro: *Assim diz o SENHOR* (2:21a).

A palavra de Deus tem poder para curar (2:22), mas também tem poder para destruir, como vemos no incidente descrito em 2:23-25. A história não fornece detalhes para sabermos exatamente o que se passou. Não diz o que levou um grupo numeroso de jovens (pelo menos quarenta e dois, 2:24) a insultar Eliseu. Deve ter havido um motivo específico para essa atitude desrespeitosa numa cultura que prezava o respeito aos mais velhos (2:23). Eliseu virou para trás, olhou para os jovens e os amaldiçoou (2:24a). Em geral, as maldições só surtem efeito quando merecidas. É provável que aquela maldição fosse proveniente, em parte, das profecias de julgamento contra Jeroboão, Acabe e outros reis. Graças à vida ímpia desses monarcas, o Senhor fez sobrevir calamidades ao povo, e até mesmo aos jovens deste episódio que foram despedaçados por ursos (2:24b).

A julgar por este e outros incidentes, havia muitos animais selvagens na terra de Israel naquela época (Dt 7:22; 1Rs 13:23-24; 20:36; 2Rs 17:25-26).

### 3:1-27 Eliseu e a rebelião de Moabe

Uma vez que Acázias não havia conseguido reprimir a rebelião de Moabe contra Israel (3:4-5; cf. tb. 1:1), a tarefa coube a seu irmão e sucessor, Jorão, o qual *reinou doze anos* (3:1). Apesar de ter removido a coluna de Baal, Jorão deu continuidade aos pecados de Jeroboão (3:2).

Josafá de Judá e Jorão de Israel mantinham relações amigáveis e decidiram unir seus exércitos para lutar contra Moabe. Josafá expressou seu apoio a Jorão com as mesmas palavras que usara ao se dirigir a Acabe antes do ataque a Ramote-Gileade (3:6-7). Ao que parece, a coalizão também contou com a cooperação do líder de Edom, país por onde planejavam atacar (3:8). Pouco tempo depois de partirem, os exércitos dos reis de Judá, Israel e Edom se viram em apuros, pois não encontraram água para os soldados e os cavalos (3:9).

Para Jorão, a escassez de água era uma forma de Deus entregá-los *nas mãos de Moabe* (3:10). Mais uma vez, porém, como antes do ataque a Ramote-Gileade, Josafá sugeriu que consultassem o Senhor (3:11). Josafá não havia se esquecido do Senhor que tinha feito aliança com Israel. Então aproveitou a oportunidade para testemunhar do Deus dos antepassados do povo unido de Israel. Não restou outra opção a Jorão senão concordar, especialmente quando se mencionou que Eliseu, servo de Elias, estava nos arredores. Josafá recebeu a notícia com entusiasmo: *Está com ele*

a palavra do SENHOR (3:12). Ele sabia que o profeta lhes revelaria a verdadeira palavra de Deus.

Eliseu não tentou disfarçar sua antipatia por Jorão, cujo pai, Acabe, havia protegido tantos falsos profetas (3:13). Mostrou-se disposto, contudo, a falar com Josafá e concordou em consultar o Senhor porque Josafá compunha a coalizão (3:14). Eliseu pediu, então, que um músico tocasse harpa para ele. Ao que parece, era comum associar esse tipo de música aos profetas (cf. 1Sm 10:5-13). Enquanto tocava, Eliseu ouviu a palavra do Senhor (3:15). Segundo ela, não haveria chuva onde estavam, mas Deus proveria água em abundância para o exército e os animais. Nada é impossível para o Senhor. Deus também daria vitória sobre Moabe (3:16-19), e os reis tomariam todas as cidades.

Na manhã seguinte, uma cheia repentina cobriu a região com águas de Edom (3:20). Quando os soldados de Moabe viram o reflexo vermelho do sol nascente sobre a água, imaginaram que era sangue e pensaram que os exércitos inimigos estavam lutando entre si (3:21-23). Os moabitas avançaram esperando encontrar pouca resistência, mas foram aniquilados (3:24). Os exércitos dos três reis destruíram as cidades de Moabe e arrasaram seus campos. Deus não deve ter aprovado esse procedimento em particular, pois a destruição de terras cultivadas era expressamente proibida na lei (Dt 20:19). É possível, assim, que o texto esteja apenas descrevendo as medidas tomadas pelos exércitos vitoriosos (3:25).

O rei de Moabe reuniu setecentos guerreiros com espadas e tentou sem sucesso romper a linha de frente inimiga. Num ato de desespero, ofereceu sobre o muro da cidade seu filho primogênito, seu herdeiro e sucessor, como holocausto à divindade de Moabe (3:27). Encorajados possivelmente pelo ato do rei, os moabitas começaram a lutar de modo feroz e, talvez até suicida, levando os israelitas a recuar até seu próprio território.

É possível que o Senhor tenha permitido essa retirada pelo fato de os israelitas haverem transgredido a lei ao destruírem os campos cultivados (cf. 3:25). Devemos observar aqui uma questão teológica importante, a saber, que Deus não é ameaçado pela crença em outros deuses. Tanto que ele próprio permitiu que Israel sofresse baixas significativas numa ocasião em que a derrota pareceria ser resultado da oferta feita a Quemós. A existência e honra de Deus não dependem de nenhum elemento externo.

#### 4:1-44 Diversos milagres

O autor relata, agora, outros milagres de Eliseu que apresentam semelhanças com os de Elias. A provisão miraculosa de azeite lembra o suprimento de farinha da viúva de Sarepta que não se esgotou enquanto houve escassez de alimentos (1Rs 17:8-16). A ressurreição do filho da sunamita lembra a ressurreição do filho da viúva de Sarepta (1Rs 17:17-24).

Em todos esses milagres, podemos observar a fé e a obediência dos beneficiados. Nenhum deles duvidou do profeta, e todos, seguindo suas instruções, viram o poder de Deus em ação no suprimento de suas necessidades.

**4:1-7 O AZEITE DA VIÚVA.** Nos tempos do AT, as viúvas constituíam um dos grupos mais necessitados e vulneráveis da sociedade. Eliseu encontrou a viúva de um profeta que havia morrido antes de conseguir pagar uma dívida. Na tentativa de receber a soma devida, os credores ameaçavam tomar os dois filhos dessa mulher (4:1). A viúva tinha em casa apenas um pouco de azeite (4:2), mas não precisou de mais nada para resolver seu problema. Eliseu ordenou que ela e os filhos tomassem emprestado dos vizinhos o maior número possível de recipientes vazios. Em seguida, deviam entrar em casa, fechar a porta e encher todos os recipientes até que não restasse nenhum. Daquele dia em diante, a mulher poderia vender o azeite para pagar a dívida e sustentar a si mesma e a seus filhos com o dinheiro que restasse (4:3-7).

Esse episódio nos lembra do dever de sermos sensíveis aos problemas das viúvas, tomando sempre providências para suprir suas necessidades. Também garante que as viúvas podem confiar no Senhor, pois ele suprirá todas as suas necessidades.

**4:8-37 O FILHO DA SUNAMITA.** Um casal de Suném, um vilarejo poucos quilômetros ao norte de Jezreel, hospedava Eliseu sempre que ele passava por aquela região e deram-se ao trabalho até de preparar um quarto mobiliado para o profeta (4:8-10). Há recompensas especiais reservadas para quem recebe servos de Deus em seu lar (Hb 13:2), mas Eliseu desejava fazer algo para demonstrar gratidão pela hospitalidade do casal (4:11-13). A mulher e o marido não precisavam de nenhum favor do rei nem do comandante do exército. Faltava-lhes, porém, um filho (4:14), e seria uma grande bênção terem uma criança. O profeta prometeu que, como Sarai, a mulher daria à luz, não obstante a idade avançada do marido (4:15-16a).

A mulher não quis alimentar falsas esperanças (4:16b), mas as palavras do profeta se cumpriram, e, no ano seguinte, ela deu à luz um filho (4:17). O menino cresceu normalmente até que um dia foi acometido por uma enfermidade que causou-lhe forte dor de cabeça. O garoto morreu nos braços da mãe (4:18-20). Arrasada, ela colocou o filho morto na cama do homem de Deus e saiu à procura de Eliseu. Talvez imaginasse que o profeta ainda podia fazer algo para restaurar a vida do menino (4:21-22).

Quando soube que sua esposa estava à procura de Eliseu, o marido ficou perplexo, pois não era *Festa da Lua Nova nem sábado*, possivelmente as duas únicas ocasiões em que Eliseu ficava em casa (4:23-24). Estranhamente, foi a mãe, e não o pai, quem partiu em busca do profeta. É possível que, como mãe, ela tenha sentido a perda do filho de modo mais intenso do que o pai. Talvez ele já estivesse conformado com a morte, enquanto a mãe ainda não. Deve-

mos considerar, porém, alternativas. Talvez a esposa nem houvesse informado o marido da morte da criança e acreditasse que, se conseguisse encontrar o profeta, ele poderia curar seu filho. Também é possível que o marido, descrito em 4:14 como *velho*, fosse bem mais idoso que a esposa e não tivesse tantas condições quanto ela de fazer uma viagem longa com rapidez. Não obstante os detalhes da situação, a mulher demonstrou uma fé que a levou a agir.

Percorreu os quarenta quilômetros de Suném ao monte Carmelo o mais rápido que pôde. Eliseu a viu ao longe e enviou seu servo, Geazi, para descobrir o que estava acontecendo, mas ela só relatou o motivo de sua visita enquanto abraçava os pés do profeta (4:25-30).

Eliseu instruiu Geazi a correr adiante até a casa da mulher e não se deter nem para cumprimentar as pessoas ao longo do caminho, tamanha a urgência de sua missão.

Ao chegar a Suném, contudo, o servo não pôde fazer nada pelo menino.

Quando Eliseu chegou, orou ao Senhor e, em seguida, se estendeu sobre o corpo da criança morta. A vida voltou ao menino, e Eliseu o entregou à mãe radiante (4:31-37). O menino não recebeu a vida ressurreta, mas, sim, uma vida comum que, no devido tempo, também terminaria em morte.

É importante observar que o relato simplesmente informa o que aconteceu, e não o que sempre deve acontecer. As Escrituras mostram que apenas uns poucos servos de Deus receberam poder de ressuscitar mortos: Elias (1Rs 17:17-24), Eliseu (2Rs 4:32-37), Jesus (Mt 9:18-26; Jo 11:43-44), Pedro (At 9:40-41) e Paulo (At 20:9-12). Quem quiser fazer o mesmo hoje, deve estar absolutamente certo de ter ouvido o comando do Senhor antes de realizar qualquer tentativa. Não se trata de subestimar o poder da

## CURA

Na cosmologia africana tradicional, Deus é, em última análise, a origem tanto das enfermidades como da saúde, conforme expressa o provérbio *Onyame ma wo yarewa a, oma wo ano aduru* (Akan, Gana. "Se Deus dá uma doença, também proporciona a cura"). Nessa cultura, as divindades e os antepassados são mediadores da saúde. Apesar de se considerar que as doenças têm origens naturais e sobrenaturais, a causa última encontra-se sempre na esfera sobrenatural. Deus pode enviar enfermidades, mas acredita-se que a maioria das doenças é causada por forças do mal (como magia e feitiçaria) ou decorrente das maldades praticadas pelo próprio indivíduo enfermo.

De acordo com essa visão tradicional, o tratamento com base em relações de causa e efeito consideradas cientificamente não atende às necessidades do paciente. A cura permanente exige um ritual de redenção para neutralizar os fatores espirituais que tornaram o indivíduo vulnerável à doença. Daí o ofício tradicional de sacerdote ser associado, de longa data, à adivinhação, ao diagnóstico, à cura e ao exorcismo.

A Bíblia afirma, por sua vez, que toda doença é, em última análise, resultado da queda. Algumas enfermidades podem vir como castigo pela transgressão das leis de Deus (Êx 15:26; Dt 28:22), enquanto a obediência contínua pode garantir boa saúde (Êx 15:26; Dt 28:1-14). O livro de Jó, porém, mostra claramente que as doenças nem sempre são punição divina. A cura, por outro lado, é a manifestação da bondade e compaixão de Deus em resposta ao sofrimento humano (Êx 15:26).

O AT registra apenas algumas curas miraculosas, a maioria delas associada ao êxodo e aos ministérios de Elias e Eliseu, a saber: Miriã (Nm 12:9-16), Jeroboão (1Rs 13:4-6), o filho da viúva (1Rs 17:17-24), o filho da sunamita (2Rs 4:1-37), Naamã (2Rs 5:8-14) e Ezequias (2Rs 20:1-11).

Jesus dissolveu o conceito de enfermidade como mero castigo (Jo 9) e reconheceu que algumas doenças são de origem demoníaca (Mc 9:17-27). Ele curou cegos (Mc 8:22-26; 10:46-52), leprosos (Lc 17:11-19), inválidos e paráliticos (Mt 9:7-9; Mc 2:3-12; Lc 5:18-25). Suas curas manifestaram a compaixão de Deus pelos enfermos e oprimidos (Mt 9:35-36; 14:14; 15:29-34; Mc 1:40-42; Lc 4:18-27). Evidenciariam ainda que ele era o Cristo (Mt 9:1-8; Mc 10:46-52) e cumpriram um propósito evangelístico (Jo 20:30-31). Jesus esperava que seus discípulos dessem continuidade ao ministério de cura (Mc 16:9-20; Jo 20:21; At 3:6-10, 12-16; 14:8-10).

Ao tratar dessa questão, devemos evitar dois extremos: primeiro, a ideia de que cristãos piedosos não adoecem (contestada por Fp 2:25-30) e, segundo, a negação das curas pela fé (At 28:3-6; 1Co 12:9).

Vemos pela popularidade de profetas e curandeiros que a visão tradicional da causa de doenças persiste no cristianismo africano. Justificadamente ou não, espera-se que pastores e líderes cristãos autenticuem seu ministério demonstrando poderes atribuídos tradicionalmente a figuras religiosas: curas, revelação de coisas desconhecidas, predição do futuro, capacidade de abençoar e amaldiçoar. Quando tais poderes não estão presentes numa igreja, seus membros saem em busca de outras congregações, participam de cultos de cura e consultam espiritualistas e fetichistas.

Os cristãos africanos precisam estar cientes de que o poder da cura pertence exclusivamente a Deus. Nem todos os enfermos do tempo de Jesus foram curados, tampouco todos os mortos foram ressuscitados como Lázaro. Jesus continua sendo Senhor e Salvador, quer ele cure alguém quer não. Devemos, portanto, buscá-lo em função de quem ele é, e não apenas por causa da cura que ele pode conceder.

Kingsley Larbi

fé, mas de lembrar que somente o Senhor tem poder para ressuscitar. Profetas e pastores possuem poder e discernimento apenas na medida em que esses dons lhes são concedidos por Deus. Até mesmo Eliseu possuía limitações, como observamos pelo fato de ele não saber o que havia ocorrido antes da mulher lhe contar (4:27b).

**4:38-41 MORTE NA PAINHA.** O próximo milagre descrito ocorreu durante um período de escassez de alimentos, no qual seria terrível perder uma painha cheia de comida (4:38). Ao que parece, alguém havia colhido frutos venenosos por acidente e misturado com outras plantas comestíveis. Quem comesse, portanto, o que havia na painha morreria (4:39-40). Eliseu acrescentou farinha ao cozido, e o veneno foi neutralizado de modo miraculoso, tornando o alimento próprio para ser ingerido (4:41).

**4:42-44 VINTE PÃES PARA CEM PESSOAS.** Um homem entregou a Eliseu vinte pães e as primícias de sua colheita (4:42). Moisés havia instruído o povo a entregar as primícias aos sacerdotes e levitas (Dt 18:1-5). É provável, contudo, que essa prescrição não fosse seguida à risca por não haver mais sacerdotes levitas desde o tempo de Jeroboão, o qual havia nomeado sacerdotes de outras tribos (1Rs 12:31; 2Cr 11:13-16). Assim, nos dias de Eliseu os israelitas fiéis se contentavam em entregar as primícias a qualquer um que, a seu ver, fosse um homem de Deus. Apesar de essa atitude não corresponder à letra da lei, é condizente com seu espírito, pois o princípio por trás do preceito era sustentar os sacerdotes com ofertas de modo que pudessem se dedicar ao ministério espiritual em tempo integral.

De acordo com a ordem específica do Senhor (4:43), os homens ali presentes, provavelmente discípulos de Eliseu, poderiam comer das primícias. Essa instrução também estava de acordo com o espírito da lei, segundo a qual as pessoas cerimonialmente puras da casa dos sacerdotes podiam participar da refeição preparada com os alimentos ofertados (Nm 18:12-13).

Quando recebeu a ordem de Eliseu para distribuir as primícias entre cem pessoas, o homem percebeu que não havia alimento suficiente, mas nem por isso deixou de obedecer. Sua pequena oferta foi multiplicada de tal modo que ainda houve sobras (4:43-44). Este relato lembra a ocasião em que Jesus alimentou a multidão (Jo 6:1-14) e talvez explique por que, ao ver o sinal, o povo o chamou de profeta (Jo 6:14).

### 5:1-27 Naamã é curado de lepra

O texto não revela o nome dos reis de Israel e da Síria na época em que esse episódio ocorreu. É possível que tenha sido depois do reinado de Acázias. A presença de escravos israelitas na Síria (5:2) e a reação do rei de Israel à carta do monarca sírio (5:7) sugerem a existência de uma relação pacífica instável entre as duas nações.

Naamã era comandante do exército sírio (5:1a). Havia vencido muitas batalhas, mas tinha um inimigo que não conseguia subjugar: uma doença de pele incurável (5:1b).

O termo *lepra* era usado para descrever diversos problemas graves de pele, e não apenas a doença que conhecemos hoje por esse nome.

A serva que falou de Eliseu a Naamã devia ter grandes habilidades e excelente caráter, pois os comandantes ficavam com os melhores escravos capturados (5:2-3). Muitas meninas africanas levadas à força de seus lares e obrigadas a servir soldados ou outras pessoas podem encontrar algum consolo no papel da jovem serva dessa história. Mesmo em situações de opressão e tristeza, podem ser usadas por Deus para fazer alguma diferença na vida de indivíduos e nações. Por isso, não devem se entregar ao desespero, mas procurar oportunidades de fazer o bem.

Naamã relatou ao rei o que a serva lhe havia dito e foi enviado a Samaria para encontrar a cura de sua enfermidade. Levou consigo presentes caros: trezentos e quarenta quilos de prata, setenta quilos de ouro e *dez vestes festivas*, bem como uma carta para o rei de Israel (5:4-6).

O rei de Israel ficou perplexo ao ler a carta e imaginou que o governante da Síria estava procurando um pretexto para guerrear contra ele. Então rasgou as suas vestes em sinal de desespero (5:7), pois, ao contrário da jovem serva, não sabia ou não acreditava que o profeta do Senhor poderia curar Naamã.

Quando soube da situação difícil do rei, Eliseu mandou chamar Naamã para que o comandante soubesse *que há profeta em Israel* (5:8). A preocupação de Eliseu não era atrair atenções para si mesmo, mas mostrar a pessoas de outras nações que o Deus de Israel era o único verdadeiro.

Quando Naamã chegou à casa de Eliseu, o profeta nem sequer se deu ao trabalho de falar com ele pessoalmente. Antes, enviou um mensageiro e instruiu o comandante a se lavar sete vezes no rio Jordão (5:9-10). Uma vez que era homem importante, habituado a ser tratado com grande respeito, Naamã se enfureceu com a falta de atenção do profeta. Ademais, se a cura dependesse simplesmente de se banhar num rio, ele poderia ter se lavado nas águas de rios bem maiores em Damasco (5:11-12). Muitas vezes, fazemos como Naamã e queremos definir como Deus deve nos salvar. É por isso que a mensagem do evangelho parece loucura para aqueles que estão perecendo. O comandante não precisava de sabedoria terrena, mas, sim, de fé e obediência à palavra de Deus revelada por seu profeta. Deus havia dito que curaria Naamã quando ele se lavasse no rio Jordão, e não em algum outro rio.

Felizmente, Naamã se mostrou humilde o suficiente para pôr sua raiva de lado, aceitar o conselho de seus servos e obedecer à palavra do Senhor. Seguiu à risca as instruções do homem de Deus, e foi curado (5:13-14). Em outros tempos, Naamã havia imaginado que o Deus de Israel era apenas uma dentre muitas divindades territoriais, mas depois de ser curado declarou: *Não há Deus, senão em Israel* (5:15) e passou a crer que o Deus de Israel era o único verdadeiro. Quando voltou à casa de Eliseu, Naamã se encontrou pes-

soalmente com o profeta e, para expressar sua gratidão, lhe ofereceu os presentes valiosos que havia trazido consigo.

Eliseu, porém, recusou os presentes (5:16). O maior desejo do verdadeiro homem de Deus não é ganhar dinheiro nem adquirir riquezas, mas buscar o bem de outros. Paulo deixa isso claro quando lembra aos presbíteros de Éfeso que havia se sustentado com seu próprio trabalho, pois não desejava tomar para si dinheiro ou bens de ninguém (At 20:33-35; cf. tb. 1Co 9:11-16; 2Ts 3:7-10; Fp 4:15-19). Também diz a Timóteo que o líder da igreja não deve ser apegado ao dinheiro (1Tm 3:3).

Naamã ficou tão impressionado com sua cura e com a atitude de Eliseu em relação aos bens materiais que pediu mais um presente para si. Desejava levar um pouco de terra de Israel para Damasco (5:17). Sua intenção não era adorar a terra em si, mas tê-la como lembrança de sua experiência de cura maravilhosa concedida pelo Deus ao qual ele agora servia. Quem visita Israel hoje em dia pode sentir o desejo, por exemplo, de guardar um pouco de água do rio Jordão para se lembrar que passou pelos lugares onde Jesus andou.

Naamã sabia que no exercício de seus deveres de comandante teria de acompanhar o rei da Síria ao santuário do deus Rimom e se prostrar diante dele como os outros oficiais. Apesar de crer no Deus de Israel, não teria como evitar situações como essa (5:18). Eliseu entendeu o problema de Naamã e lhe garantiu o perdão de Deus: *Vai em paz* (5:19). As palavras de Eliseu não indicam que reconhecia Rimom como um deus digno de adoração, mas, sim, que compreendia o baixo nível de crescimento de Naamã. O comandante havia acabado de descobrir que somente Javé é Deus e com o tempo entenderia o significado desse fato. Ao nos relacionarmos com outras pessoas, precisamos lembrar que o crescimento espiritual é gradual, e não devemos esperar perfeição de alguém que acabou de aceitar Cristo. Quando temos mais intimidade com os recém-convertidos do que Eliseu tinha com Naamã, devemos acompanhar seu desenvolvimento.

Ao longo do AT, encontramos outros indivíduos que serviram a Deus em segredo junto a governantes incrédulos: Obadias na corte de Acabe (1Rs 18:3), Neemias na corte de Artaxerxes (Ne 2:1) e Mordecai e Ester na corte de Assuero (livro de Ester).

Geazi, servo de Eliseu, não teve a maturidade de seu senhor e deu lugar à ganância. Correu atrás de Naamã, mentiu para ele e tomou para si parte do dinheiro e *duas vestes* (5:20-24). A ganância gera mentiras e outros pecados. Depois de esconder os presentes, Geazi voltou a servir Eliseu como se nada tivesse acontecido (5:25), mas o Senhor revelou ao profeta o que Geazi havia feito, e Eliseu o acusou: *Era isto ocasião para tomares prata [...]?* (5:26a). A pergunta deixa implícito que toda a glória deve ser dada a Deus. O Senhor havia curado e estava sendo glorificado em Naamã. Era o momento de se regozijar porque alguém de outra nação estava voltando para casa e levava consigo a mensagem de que o Deus de Israel tem poder para curar.

Infelizmente, não é raro olharmos para os benefícios que podemos obter em vez da glória que Deus deve receber e, dessa forma, pecarmos como Geazi. Devemos nos esforçar para manter Deus sempre no centro. Como Eliseu, devemos recusar presentes que levarão alguém a olhar menos para Javé e mais para nós. Nada do que temos aqui nos pertence, e devemos viver como peregrinos na terra (Gn 47:9-10; 1Cr 29:15), e não como quem deseja apenas acumular *olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas* (5:26b).

Além da prata e das vestes que obteve de Naamã, Geazi também contraiu sua lepra (5:27). Quem procura acumular riquezas de modo desonesto nunca tem paz espiritual e mental.

### 6:1-7 O machado que flutuou

Os *discípulos dos profetas* em Gilgal são mencionados também em 4:38. Aqui Eliseu parece ser o líder dessa comunidade (6:1). A referência ao encontro com Eliseu sugere que se tratava de uma espécie de internato, e o projeto de construção indica que os alojamentos eram feitos de madeira ou taipa (6:2).

A pedido dos discípulos, Eliseu os acompanhou no início da execução do projeto (6:3). Enquanto cortavam árvores, um machado de metal se soltou do cabo e caiu na água. Para complicar a situação, o machado não pertencia aos trabalhadores. É provável que os discípulos dos profetas usassem uma ferramenta emprestada por não terem recursos para comprá-la, já que o ferro era um metal caro naquela época (6:4-5). Ao ser chamado, Eliseu lançou um pedaço de pau na água e *fez flutuar o ferro*, permitindo que recuperassem o machado (6:6-7). Não há como explicar esse acontecimento sem reconhecer o poder de Deus demonstrado por meio de seu profeta. O Deus que criou a lei da gravidade, em razão da qual as coisas caem, também pode fazer o metal flutuar.

### 6:8—8:15 Israel, a Síria e Eliseu

6:8-23 SOLDADOS SÍRIOS SÃO ENGANADOS. Mais uma vez, o texto não menciona o nome do rei de Israel e do rei da Síria, mas mostra que os dois estavam em guerra. Os sírios se frustraram com a capacidade dos israelitas de prever todos os seus movimentos. O rei imaginou equivocadamente que um de seus oficiais era traidor e estava entregando os planos aos inimigos (6:8-11). Na verdade, Deus estava revelando as estratégias dos sírios a Eliseu, que, por sua vez, as comunicava ao rei de Israel. Quando soube por meio de seus oficiais da atuação de Eliseu (6:12), o rei da Síria enviou um exército com carros e cavalos para prender o profeta (6:13-14). Seu plano, contudo, foi tão frustrado quanto a tentativa de Acazias de prender Elias (1:9-12).

Uma vez que Eliseu conhecia todas as intenções do rei sírio, devia estar ciente do exército enviado para prendê-lo. Ainda assim, permaneceu tranquilamente em Dotã. Seu servo, ao contrário, se encheu de pavor quando viu os soldados que os cercavam e exclamou: *Que faremos?* (6:15). Eliseu

não perdeu a calma, pois sabia que o exército do Deus ao qual servia era não apenas mais numeroso, mas também mais poderoso do que as forças sírias. O profeta pediu ao Senhor que abrisse os olhos do servo e lhe permitisse ver que estavam sob a proteção de um exército de cavalos e carros de fogo, o exército do Senhor (6:16-17). Talvez tenha sido um desses carros que apareceu quando Elias foi levado ao céu (2:11). O exército do Senhor não apareceu para lutar ao lado de Israel, mas, sim, para proteger Eliseu e seu servo. O profeta deve ter compreendido que “se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31).

Eliseu havia orado para Deus abrir os olhos de seu servo. Agora, pede que fira os sírios com cegueira (6:18). Como o relato deixa evidente, não se tratou de cegueira física, mas, sim, mental, pois foram impedidos de perceber o que estava acontecendo. O próprio Eliseu os levou até a cidade de Samaria, onde os israelitas os excediam grandemente em número (6:19-20). Podemos imaginar o desespero dos soldados quando se deram conta de onde estavam (6:20)! O rei de Israel quis se aproveitar da situação e matar os sírios, mas Eliseu não permitiu. Afinal, da mesma forma que o rei não devia matar prisioneiros indefesos capturados na batalha, tampouco devia matar homens capturados por Deus e entregues em suas mãos quase inteiramente desarmados e em desvantagem (6:21-22). Eliseu aconselhou o rei a tratá-los com uma clemência que Jesus teria aprovado, já que ele nos ensina a demonstrar amor por quem nos persegue e maltrata (Mt 5:44) para, assim, vencer o mal com o bem (Rm 12:21). Dessa forma, o rei lhes ofereceu um banquete e os enviou de volta a seu senhor (6:23). Tendo em vista esse tratamento amistoso, talvez os ataques da Síria a Israel tenham cessado por algum tempo. O povo de Samaria resolveu um conflito específico ao pagar o mal com o bem. Deus se agradou deles e concedeu paz a Israel.

A maneira positiva de Deus usar as palavras de Eliseu em 6:19 não significa que ele aprova a mentira. Antes, mostra que, apesar das mentiras, o Senhor cuida de seu povo. Eliseu deve ser agido de acordo com o nível de revelação de sua época, quando as maiores prioridades eram a honra de Javé e a segurança de seu povo. Não podemos seguir os padrões éticos de indivíduos do AT como as parteiras em Êxodo 1:19, Raabe em Josué 2:4-7 e Eliseu, pois possuímos uma revelação plena de Deus. Devemos, contudo, imitar esses indivíduos em um aspecto, a saber, o modo abnegado com que agiram, visando a honra de Deus e o bem de seu povo.

É possível, ainda, que o profeta não tenha mentido deliberadamente. Ao entrar em contato com Eliseu em nome de Naamã, o rei da Síria usou os canais diplomáticos apropriados e escreveu uma carta para o rei de Israel. Eliseu pode ter insistido em que seguissem o mesmo protocolo nessa ocasião. É fato também que o procedimento de Eliseu beneficiou os sírios, pois se lhes houvesse dito a verdade de forma direta e deixado que o atacassem, teriam se deparado com os cavalos e carros de fogo que protegiam o profeta.

**6:24—7:2 O CERCO A SAMARIA.** Não sabemos quanto tempo se passou entre o desfecho pacífico descrito em 6:22-23 e esse episódio. Israel estava em guerra com a Síria novamente. O exército de Ben-Hadade se encontrava acampado ao redor de Samaria e tentava tomá-la. O povo não podia entrar nem sair da cidade, e havia fome intensa (6:24-25). Tão grande era a escassez de alimentos que os habitantes de Samaria se mostraram dispostos a comer a cabeça de um jumento, apesar de ser um animal impuro, proibido pela lei alimentar (Lv 11:3). O desespero era tanto que houve quem matasse e comesse crianças (6:26-29). O rei tomou conhecimento da situação enquanto inspecionava as fortificações. Fica evidente, porém, que não tinha o controle das circunstâncias e não podia oferecer nenhuma solução. Quando o rei rasgou suas vestes num gesto de agonia e tristeza, o povo viu que usava pano de saco sobre a pele, provavelmente para expressar seu próprio arrependimento humilde diante de Deus (6:30).

O caso de canibalismo foi para ele a última gota, e o governante de Israel se voltou contra Eliseu e jurou matá-lo (6:31-32). Talvez imaginasse que Eliseu poderia ter convencido o Senhor a livrar seu povo antes de a situação se tornar tão crítica, ou talvez pensasse que Eliseu o havia aconselhado mal e colocado Israel em apuros. Sem dúvida, culpou o profeta e o seu Deus por não socorrê-los e perguntou: *Que mais, pois, esperaria eu do SENHOR?* (6:33).

O tempo de espera, no entanto, havia chegado ao fim, e Eliseu tinha uma mensagem do Senhor. Em vinte e quatro horas, não haveria mais fome, e o preço dos alimentos voltaria ao normal (7:1).

O guarda-costas do rei não acreditou em Eliseu e zombou de suas palavras. O profeta lhe disse que, devido à sua incredulidade, viveria para ver a fartura, mas não desfrutaria dela (7:2).

**7:3-20 O FIM DO CERCO.** De acordo com a lei de Israel, os leprosos deviam ser mantidos fora do arraial (Lv 13:45-46). Por esse motivo, durante o cerco alguns leprosos haviam se refugiado perto dos muros de Samaria, mas não dentro da cidade. Depois de algum tempo, concluíram que a morte os esperava de qualquer modo e, por não terem nada a perder, se arriscaram a ir ao acampamento dos sírios (7:3-4). Qual não foi sua surpresa quando não encontraram ninguém ali (7:5)! Os sírios tinham ouvido o ruído de um grande exército se aproximando com cavalos e carros. Sabiam que os israelitas eram inimigos astutos e que já haviam escapado deles no passado (6:8-10, 19-20). Começaram a suspeitar que, de algum modo, o rei de Israel havia conseguido obter ajuda e que os exércitos numerosos dos hititas e egípcios estavam se preparando para atacá-los pela retaguarda (7:6). Aterrorizados, os sírios fugiram deixando para trás uma grande quantidade de alimento e dinheiro para os habitantes de Samaria (7:7). Para causar tamanha confusão, o Senhor pode ter enviado os mesmos carros e cavalos usados para proteger Eliseu (6:17), ou simplesmente levado os sírios a imaginar o ruído.



Depois de se alimentarem e tomarem algumas provisões para si, os leprosos se conscientizaram de que precisavam dar a boa notícia ao povo da cidade (7:8-11). As novas não tardaram a chegar ao palácio, e o rei enviou um grupo de busca para se certificar de que não se tratava de uma cidade dos sírios (7:12-14). Os soldados voltaram para informar que não tinham avistado nenhum sinal dos sírios na extensa região entre Samaria e o rio Jordão, exceto os equipamentos deixados para trás (7:15).

Por fim, as portas da cidade foram abertas, e o povo faminto correu para saquear o acampamento sírio. O guarda do rei que duvidou de Eliseu foi pisoteado pela multidão e morreu. Viu, portanto, o livramento de Deus, mas não usufruiu dele (7:16-20). A falta de fé impede as pessoas de participarem das bênçãos quando o Senhor envia alívio.

**8:1-6 A RESTITUIÇÃO DA PROPRIEDADE DA SUNAMITA.** Esse episódio parece ser uma continuação da história anterior (4:8-41). É provável que tenha ocorrido antes da cura de Naamã, pois Geazi ainda não sofria de lepra. Uma vez que recebiam Eliseu em sua casa, a sunamita e sua família tinham amplo acesso à palavra de Deus. Ocorreu que Eliseu aconselhou-os a se mudarem por causa de uma escassez de alimento que duraria sete anos (8:1). Anos antes, Elimeleque e Noemi haviam se mudado para Moabe em circunstâncias parecidas (Rt 1:1). Neste caso, a família da sunamita foi à terra dos filisteus, onde não havia israelitas (8:2). Quando voltaram no final dos sete anos, encontraram dificuldades em reaver sua propriedade. Mais uma vez, a mulher é a personagem central. Quando ela e o filho chegaram para pedir a ajuda do rei, Geazi estava relatando ao monarca os milagres de Eliseu e, mais especificamente, a ressurreição do menino dentre os mortos (8:3-5). O rei interrogou a mulher e lhe restituiu a propriedade e a renda de seus campos (8:6). Mais uma vez, ela viu o Senhor suprir suas necessidades.

**8:7-15 HAZAEL É COROADO REI DA SÍRIA.** Quando Elias estava no monte Horebe, o Senhor lhe ordenou que ungesse Hazael rei da Síria (1Rs 19:15). Elias não pôde cumprir essa ordem, sendo antes disso levado ao céu. Uma vez que os livros de Reis são históricos e que toda história é seletiva, o autor não informa o motivo de o profeta não ter ungido Hazael. Podemos supor, contudo, que não foi por desobediência, pois não há menção de nenhuma repreensão divina.

Consequentemente, coube a Eliseu contar a Hazael que ele seria rei. Eliseu viajou para Damasco quando Ben-Hadade estava gravemente enfermo (8:7). Ben-Hadade deve ter desenvolvido alguma fé no poder do Deus de Israel e de Eliseu depois da cura de Naamã, pois, quando soube que Eliseu estava na cidade, enviou Hazael, então um dos seus oficiais, com presentes valiosos para o profeta a fim de consultar o Senhor. Sua oferta de *quarenta camelos carregados* dos melhores produtos de Damasco foi extremamente generosa para uma consulta (8:8-9). Como no caso de Naamã, as dádivas mais preciosas do Senhor são sempre

concedidas gratuitamente, e Eliseu deixou claro que podia ser consultado de graça.

O Senhor respondeu por intermédio do profeta que o rei não morreria da enfermidade que estava sofrendo, mas seria assassinado (8:10). Eliseu anteviu o que Hazael faria e todo o sofrimento que infligiria a Israel no futuro e começou a chorar. Não ungiu Hazael, mas lhe disse que se tornaria rei da Síria (8:11-13). Os verdadeiros profetas podem ver o curso dos acontecimentos futuros determinados por Deus. Como sempre, a profecia de Eliseu se cumpriu. Hazael asfixiou o rei com um cobertor molhado e sucedeu Ben-Hadade (8:15).

### 8:16-24 Jeorão, rei de Judá

Jeorão, rei de Judá, foi coroado no quinto ano de Jorão, rei de Israel, cerca de três anos antes da morte de seu pai, Josafá. Seu reinado calamitoso comprova a veracidade do ditado: “As más companhias corrompem os bons costumes” (1Co 15:33, NVI). Josafá era amigo de longa data da casa de Acabe, e Jorão, seu filho, deu continuidade a essa relação amigável quando se casou com Atalia, filha de Acabe e neta de Onri (8:16-18, 26). A amizade entre as famílias não beneficiou Judá em nada. Deus quis que Judá e Israel fossem amigos num tempo em que Israel ainda podia ser considerado povo da aliança (1Rs 12:24). Há muito tempo, contudo, o Reino do Norte havia abandonado as prescrições do pacto.

Jeorão foi um rei perverso que matou todos os seus irmãos, homens melhores do que ele (2Cr 21:1-4,13). Ele conduziu Judá à prostituição cultural ao trazer deuses estranhos para o Reino do Sul (2Cr 21:11,13). Durante seu reinado, Judá perdeu o domínio sobre Edom e Libna. Jeorão escapou por um triz de ser morto pelos edomitas (8:20-22) e perdeu seus bens, esposas e filhos em ataques de árabes filisteus (2Cr 21:16-17). Somente um de seus filhos, Acazias, e uma de suas esposas, Atalia, mãe de Acazias, não foram capturados. Acazias sucedeu seu pai no trono (8:23-24).

### 8:25-29 Acazias, rei de Judá

Acazias se tornou rei de Judá quando seu pai, Jeorão, faleceu. Reinou apenas um ano e fez o que era mau perante o Senhor (8:25-27). Sem dúvida, cedeu às pressões de sua mãe, Atalia, filha de Acabe, que exerceu influência negativa sobre Jerusalém e Judá. Acazias *andou no caminho da casa de Acabe*, ou seja, introduziu o culto a Baal em Judá e serviu a esse deus em Jerusalém (8:26-27). Tendo em vista a relação amigável entre os dois reinos, Acazias foi a Jezreel visitar seu tio Jorão que havia sido gravemente ferido (8:28-29).

### 9:1—10:36 Jeú, rei de Israel

#### 9:1-13 A unção de Jeú

O Senhor havia instruído Elias a ungir Jeú rei de Israel (1Rs 19:16), mas a tarefa foi delegada a Eliseu, que não a realizou pessoalmente. Devido à sua idade avançada,

Eliseu enviou outro profeta com instruções para ungir Jeú e fugir logo em seguida (9:1-3). (Esse Jeú não é o homem que profetizou contra Baasa em 1Rs 16:1-4.)

O jovem profeta encontrou Jeú em Ramote-Gileade, onde lhe foi entregue o comando do exército depois de Jorão ser ferido (9:4-5; cf. tb. 8:28-29). Ele pediu para ter uma conversa particular com Jeú e, enquanto o ungia apressadamente, incumbiu-o de cumprir a profecia da destruição da casa de Acabe (9:6-10). Quando os outros oficiais souberam o que o profeta havia feito, colocaram seus mantos no chão diante de Jeú e, ao toque de uma trombeta, o proclamaram rei de Israel (9:11-13).

Jeú seguia os passos de Onri, um comandante que também havia subido ao poder com o apoio do exército (1Rs 16:16). O entusiasmo com que os oficiais o saudaram como rei sugere que estavam insatisfeitos com o governo de Jorão.

#### 9:14-29 *Jeú mata Jorão e Acazias*

Enquanto Jeú era proclamado rei em Ramote-Gileade, Jorão convalescia em Jezreel na companhia de seu sobrinho Acazias, rei de Judá. Jeú tomou providências para que o rei não soubesse dos últimos acontecimentos e, tomando seu carro, dirigiu-se a Jezreel a fim de cumprir a tarefa profética da qual havia sido incumbido (9:14-16).

Ao verem o exército a distância, os dois reis ficaram apreensivos e procuraram descobrir o que se passava. Os soldados que se aproximavam eram amigos ou inimigos de Israel (9:17-19)? Por fim, reconheceram Jeú e saíram ao seu encontro para saber que notícias da batalha ele trazia com tanta pressa (9:21a). Até então, não sabiam que os oficiais do exército de Israel o haviam proclamado rei. Jeú e os dois governantes se encontraram na vinha de Nabote, um lugar que despertava memórias desagradáveis em todos os descendentes de Acabe (9:21b;25b-26; cf. tb. 1Rs 21:19,29).

Quando Jorão o saudou, Jeú revelou suas intenções, e os dois reis tentaram fugir. Jorão foi morto ali mesmo, e Bidcar, capitão de Jeú, lançou seu corpo no campo de Nabote (9:25a). Acazias, que também era descendente de Acabe por parte de mãe, fugiu, mas Jeú o perseguiu e feriu gravemente. Acazias conseguiu chegar a Megido, onde morreu (9:27-28). Quem anda com os perversos tem o mesmo fim que ele.

#### 9:30-37 *A morte de Jezabel*

Em seguida Jeú foi a Jezreel, pois Jezabel, a rainha mãe, ainda estava viva e morava ali. Jezabel sabia o que a esperava e fingiu ser corajosa (9:30). Quando Jeú passou pela porta da cidade, ela o insultou, comparando-o a *Zinri*, um rebelde que reinou apenas sete dias (1Rs 16:9-20) e foi deposto por Onri, sogro de Jezabel (9:31).

Os eunucos que estavam próximos lançaram Jezabel para baixo (9:32-33) e, uma vez que os cães a devoraram, não recebeu o sepultamento digno de uma filha de rei e rainha-mãe (9:34-37). Cumpriu-se, portanto, a palavra do Senhor contra Jezabel (cf. 1Rs 21:23).

Com determinação implacável, Jeú matou o filho de Acabe, Jezabel e o restante da sua família. Essas mortes exemplificam o princípio de que cada um colhe aquilo que semeia (Gl 6:7). Precisamos lembrar que Deus não terá misericórdia no dia do julgamento. O tempo de receber misericórdia é hoje, antes que o machado seja posto à raiz da árvore que não dá frutos (Mt 3:8-10).

#### 10:1-17 *O massacre da família de Acabe*

Depois de matar Jorão, Jeú escreveu uma carta para os anciãos e oficiais de Samaria desafiando-os a nomear um dos filhos do rei para assumir o trono de Israel e depois lutar contra ele (10:1-3). Os oficiais de Samaria conheciam o poder de Jeú e, em vez de enfrentá-lo, se submeteram (10:4-5). Como parte do acordo de paz, Jeú exigiu a cabeça dos setenta filhos do rei, ou seja, de todos os descendentes de Acabe do sexo masculino, pois a ordem em 9:7 era para que destruísse completamente a sua casa. Todos os filhos do rei foram decapitados, e as cabeças foram enviadas a Jezreel no dia seguinte. Jeú as deixou empilhadas do lado de fora da porta da cidade de um dia para o outro a fim de que todos pudessem vê-las (10:6-8).

Na manhã seguinte, Jeú fez um discurso no qual reconheceu ter assassinado o rei, mas se declarou inocente quanto à morte dos príncipes. Asseverou que não havia tido nenhuma participação na morte deles! Tratava-se apenas do cumprimento de uma profecia (10:9-10). O novo rei, porém, extrapolou a instrução de Deus e matou todos os amigos, sacerdotes e líderes associados a Acabe (10:11) e também exterminou quarenta e dois parentes de Acazias que, sem saber da revolta, tinham ido visitar Jezabel e Jorão (10:12-14). Oseias 1:4 deixa claro que Deus não se agrada dessa carnificina. Desobedecer-lhe não é apenas deixar de cumprir suas ordens, mas também ir além delas. Quando agimos assim, nos declaramos senhores de nós mesmos em vez de seguirmos as instruções do Senhor.

Jonadabe, filho de Recabe, testemunhou parte da matança promovida por Jeú quando este o convidou para subir em seu carro e acompanhá-lo (10:15-16). Mais tarde, Jeremias se referiu a esse homem como pai dos recabitas (Jr 35:18). Ao que parece, Jonadabe era profeta no meio desse grupo de descendentes de Hamate (1Cr 2:55). Os recabitas constituíam uma seita de judeus que habitavam em tendas em vez de casas e que não bebiam vinho nem cultivavam vinhas ou outras plantações. Para eles, a simplicidade do seu estilo de vida era um sinal de devoção a Javé (Jr 35:6-10, 18-19).

#### 10:18-36 *O extermínio dos seguidores de Baal*

Depois de destruir toda a casa de Acabe, Jeú voltou sua atenção para os adoradores de Baal. Fingiu ser devoto desse deus e convocou seus sacerdotes e profetas em todo o Israel para um grande sacrifício a ser oferecido durante uma assembleia solene em Samaria (10:18-20). Os sacerdotes e profetas se reuniram para adorar Baal trajando as vestimentas apro-

priadas. Jeú instruiu seus homens a se certificarem de que somente seguidores de Baal estivessem presentes; não devia haver dúvidas quanto ao deus a quem serviam (10:21-23). Então, depois de oferecidos os sacrifícios, o rei ordenou que soldados estrategicamente posicionados ao redor do templo matassem todos os adoradores ali presentes (10:24-25). O termo hebraico para “sacrifício” também significa “matança”, e as duas coisas ocorreram nessa ocasião. Em seguida, os homens de Jeú destruíram e profanaram o templo, transformando-o em latrinas públicas (10:26-27).

Não há como dizer ao certo até que ponto a iniciativa de Jeú contribuiu para reduzir o culto a Baal. De fato, o próprio Jeú parece ter sentido prazer naquele ato de destruição. Porém, sabe-se que ele não era inteiramente dedicado ao Senhor e não acabou com o culto aos bezerros de ouro de Jeroboão (10:28-29,31).

Não obstante, o Senhor recompensou Jeú por cumprir suas ordens com respeito à casa de Acabe e prometeu que quatro gerações de sua própria casa reinariam em Samaria (10:30). Devido ao pecado contínuo de Israel, porém, Deus permitiu que algumas regiões daquele reino fossem conquistadas por outras nações. Assim, todo o território a leste do Jordão passou para o domínio da Síria (10:32-33).

Jeú reinou sobre Israel vinte e oito anos e foi sucedido por seu filho Jeoacaz (10:34-36).

## 11:1—12:21 Joás, rei de Judá

### 11:1-21 Atalia e Joás

A relação próxima entre a casa de Josafá e a família de Acabe resultou em uma união entre seus filhos. Jeorão, filho de Josafá, casou-se com Atalia, filha de Acabe e Jezabel (8:18). Jeorão foi sucedido por seu filho Acázias, que foi morto por Jeú um ano depois. Nessa ocasião, Atalia, rainha-mãe de Judá, mandou matar todos os seus netos e usurpou o trono (11:1). Não temos muitas informações sobre os seis anos de seu reinado, mas deve ter sido um período de grande insatisfação, pois sua deposição foi recebida de bom grado.

Se o plano de Atalia tivesse sido bem-sucedido, ela teria destruído a linhagem de Davi. Mas o Senhor havia prometido manter os filhos de Davi no trono de Judá (8:19). Por isso, Jeoseba, irmã de Acázias, ficou sabendo do plano e conseguiu esconder um dos filhos do rei, o pequeno Joás, que na época tinha apenas 1 ano de idade. Jeoseba era esposa do sacerdote Joiada (2Cr 22:11). Joás permaneceu escondido no templo sob os cuidados de sua ama, e não de sua mãe legítima, para que ninguém o descobrisse (11:2-3).

O sacerdote Joiada provavelmente sabia da existência de Joás durante os seis anos do reinado de Atalia e, com muito cuidado e oração, elaborou um plano enquanto realizava seus deveres habituais. Vemos aqui a história de indivíduos dedicados ao Senhor que fizeram o que acharam correto no curso de suas atividades cotidianas, e Deus cumpriu seus propósitos por meio deles.

Quando Joás completou 7 anos de idade (11:21), Joiada fez os comandantes de várias unidades da guarda jurarem segredo e lhes revelou que o menino havia sobrevivido ao massacre (11:4). Informou-os também de seu plano para colocá-lo no trono. Até mesmo os guardas que não estivessem de serviço deviam se armar e comparecer ao templo no sábado seguinte para a coroação (11:5-11). O sacerdote entregou aos oficiais *as lanças e os escudos que haviam sido do rei Davi* (11:10), uma lembrança concreta de que a casa de Davi havia sobrevivido.

Naquele sábado, Joiada realizou uma cerimônia de coroação constituída de duas partes. Na primeira, apresentou o filho do rei que, depois de ser coroado, recebeu uma cópia da aliança, foi proclamado rei e ungido. O povo comemorou batendo palmas e gritando: *Viva o rei!* (11:12). A cópia da aliança era provavelmente uma transcrição do documento oficial guardado no templo sob os cuidados dos sacerdotes e que continha as leis do Senhor para o povo e para o seu governante. A entrega desse documento ao rei é prescrita em Deuteronômio 17:18-20.

A essa altura, a cerimônia foi interrompida pela chegada de Atalia, que, ao ouvir o tumulto, foi ao templo investigar o que se passava. A cena que testemunhou traz à memória a coroação de Salomão (1Rs 1:34-35). Quando o sucessor imediato de Davi foi coroado, o templo ainda não existia. Ao longo dos anos, porém, havia se formado a tradição de que o novo rei devia se colocar junto a uma das grandes colunas erigidas por Salomão diante do templo (1Rs 7:15-22). Quando Atalia gritou: *Traição!*, nenhum de seus guardas a socorreu. Com total controle da situação, Joiada ordenou que a rainha fosse conduzida para fora e executada (11:13-16).

A segunda parte da cerimônia de coroação consistiu na renovação da aliança entre o Senhor, o rei e o povo (11:17). Joiada lembrou que Judá era *povo do Senhor* ao qual deviam servir e que a nação tinha certos direitos e responsabilidades diante de Deus e do monarca. O rei, por sua vez, assumiu o compromisso de servir ao Senhor e a seu povo.

Uma vez renovado o pacto, todo o povo saiu e derrubou o santuário de Baal. Destruíram todos os ídolos e altares de falsos deuses e mataram os sacerdotes de Baal (11:18). É bem provável que Atalia tenha promovido o culto aos deuses estrangeiros, mas, quando um povo decide servir ao Senhor, deve destruir os ídolos e símbolos de sua religião passada. Todas essas coisas devem ser colocadas de lado de uma vez por todas para que não atraiam as pessoas de volta à falsa religião.

Por fim, o rei foi escoltado do templo ao palácio para tomar seu lugar no trono (11:19). O povo foi liberto das ameaças de Atalia, e *a cidade ficou tranquila* (11:20). Foi um tempo de alegria, alívio e paz em Jerusalém.

### 12:1-16 Joás repara o templo

Joás é apresentado formalmente em 12:1-3. Fica evidente que os seis anos de reinado de Atalia foram considerados

uma interrupção, e não uma continuação do governo da casa de Davi. O autor de Reis não avalia o período em que ela ocupou o trono em Jerusalém como faz com todos os outros monarcas. Não há dúvida que os dias de Atalia foram dias de provação para os verdadeiros adoradores de Javé.

O reinado de Joás foi um dos mais longos de Judá. Ele foi o rei mais jovem, sendo coroado aos 7 anos de idade (Josias, seu descendente, começaria a reinar com 8 anos; 22:1). Um menino tão jovem só foi capaz de manter o poder graças à lealdade e cooperação dos administradores reais e dos oficiais do palácio e do templo. Eram homens que criam no Deus de Israel, faziam sua vontade e, portanto, tomavam decisões e governavam com sabedoria. O texto deixa claro que o clima político de Jerusalém e Judá era muito diferente de Samaria e Israel, onde os reis eram depostos com frequência. A tranquilidade do reinado de Joás deve ser atribuída, em grande parte, a Joiada, que detinha o poder espiritual e político por trás do trono. O sacerdote instruiu o jovem rei (12:2), que, devido à sua tenra idade, pôde aprender a fazer o que era certo aos olhos do Senhor.

Desde o reinado de Salomão, o templo havia perdido seus tesouros várias vezes e se encontrava em condição deplorável. Joás ordenou que fizessem reparos usando o dinheiro arrecadado com impostos e com votos e ofertas voluntárias (12:4). Quinze anos depois do início de seu reinado, porém, quando Joás contava 23 anos, o templo continuava no mesmo estado (12:5-6), pois os recursos não estavam sendo aplicados como deveriam (12:7-8).

Em vez de desistir diante do insucesso, Joás criou um sistema adequado para garantir que o dinheiro arrecadado fosse para o fundo de construção. Dois administradores de alto escalão, o secretário do rei e o sumo sacerdote faziam a contagem dos recursos que entravam e supervisionavam o pagamento de trabalhadores e fornecedores (12:9-12). Eles cuidavam também para que os recursos não fossem gastos em utensílios e equipamentos, mas em reparos estruturais (12:13-14). Também era sua responsabilidade certificar-se de que todos os trabalhadores envolvidos na obra fossem absolutamente confiáveis a fim de não ser necessário manter um sistema rígido de prestação de contas. O trabalho foi então realizado *com fidelidade*, não havendo, portanto, nenhum motivo para suspeitas (12:15).

Honestidade total deve sempre ser a marca do povo de Deus. O cuidado em criar um sistema que impossibilitaria o desvio de dinheiro e garantiria um trabalho honesto estava de acordo com o princípio de que o povo de Deus deve ser capaz de prestar contas de tudo o que lhe é confiado. Paulo demonstra uma preocupação semelhante em evitar acusações de fraude ao fazer os preparativos para levar as ofertas para a igreja de Jerusalém (cf. 1Co 16:3).

O sistema adotado por Joás também garantiu recursos suficientes para suprir as necessidades dos sacerdotes, pois recebiam todas as ofertas pela culpa e pelo pecado.

### 12:17-21 O reinado de Joás

O reinado de Joás não foi inteiramente pacífico. Hazael da Síria capturou Gate e atacou Jerusalém. Joás comprou uma trégua oferecendo-lhe todos os tesouros do templo e do palácio (12:17-18). A julgar pelas informações mais detalhadas sobre Joás em 1Crônicas 24, o rei parece ter dado ouvidos a conselhos insensatos depois da morte do sumo sacerdote Joiada. Ele se enveredou pelos caminhos da idolatria, e, como consequência, Deus permitiu que seu reino fosse atacado.

Depois de quarenta anos no poder, Joás foi assassinado por alguns de seus oficiais e sucedido por seu filho Amazias (12:19-21).

### 13:1-9 Jeoacaz, rei de Israel

Jeoacaz de Israel começou a reinar no vigésimo terceiro ano de Joás de Judá. Seguiu as tradições religiosas de seus pais, a saber, os pecados de Jeroboão (13:2). O Senhor não tinha prazer em Israel, de modo que Hazael e Ben-Hadade da Síria oprimiram o Reino do Norte fazendo os israelitas fugir de suas casas (13:3,5b). O exército de Israel foi reduzido a apenas dez carros, cinquenta cavaleiros e dez mil soldados (13:7). Esse número de soldados é semelhante ao do tempo de Acabe (1Rs 20:15), mas os dez carros não eram nada em comparação com os 1.400 do exército de Salomão (1Rs 10:26) e poucos em comparação com os trinta e dois do exército dos sírios usados na batalha em que Acabe morreu (1Rs 22:31). Israel sofreu nas mãos de Hazael durante todo o reinado de Jeoacaz. A nação só não foi destruída totalmente por causa da aliança do Senhor com seus antepassados Abraão, Isaque e Jacó (13:22-23).

Como nos tempos dos juízes, Israel deve ter descoberto que os deuses estrangeiros eram inúteis. Jeoacaz buscou ao Senhor, e ele o ouviu e enviou um salvador a Israel (13:4-5a). Deus atende àqueles que se humilham e o buscam de todo o coração. O texto não revela o nome nem os feitos do libertador. É possível que o Senhor tenha enviado alguma outra potência para atacar a Síria em uma de suas fronteiras e, desse modo, proporcionado alívio a Israel. Seja como for, os israelitas puderam voltar a dormir em seus lares, mas a ameaça da Síria continuou a pairar sobre o Reino do Norte durante os dezessete anos de reinado de Jeoacaz. Quando ele morreu, foi sucedido por seu filho Jeoás (13:8-9).

### 13:10-25 Jeoás, rei de Israel, e a morte de Eliseu

Jeoás sucedeu seu pai, Jeoacaz, no trono de Israel e não agradou ao Senhor. Se não fosse pelo encontro do rei com Eliseu, o autor do livro poderia ter encerrado seu relato da história desse reinado em 13:13.

Por esse tempo, Eliseu era um homem de idade bastante avançada. Estava à beira da morte quando Jeoás foi saudá-lo e lamentar que restasse pouco tempo ao profeta. Seu falecimento marcaria o fim do principal canal usado por Deus para se comunicar com Israel naquela época. É pro-

vável que Jeoás se lembrasse de como a visão e inteligência espiritual de Eliseu haviam mantido Israel informado e a salvo dos ataques da Síria (6:8-10). Agora, usando palavras semelhantes às do próprio Eliseu quando Elias foi levado ao céu, Jeoás lamenta o estado desesperador do exército de Israel, o qual Hazael havia reduzido a praticamente nada.

Eliseu levou o rei até uma janela e pediu que ele atirasse uma flecha. Quando o rei obedeceu ao profeta, seu gesto foi interpretado como uma predição de vitória concedida pelo Senhor (13:17). Pequenos atos de fé humilde resultam em grandes vitórias.

Em seguida, Eliseu deu uma instrução menos específica. O rei devia tomar algumas flechas e atirá-las contra a terra. Jeoás feriu a terra três vezes e depois parou. Eliseu esperava que o rei atirasse mais flechas, até seis, indicando desse modo a destruição total dos sírios (13:18-19). Por vezes, o Senhor permite que acontecimentos futuros dependam da ação ou inação dos seres humanos. Vemos, portanto, que os gestos das pessoas podem, ocasionalmente, moldar o presente e o futuro.

As profecias finais de Eliseu se cumpriram quando Jeoás derrotou os sírios três vezes e tomou de volta algumas das cidades que seu pai havia perdido (13:25).

A perda de Eliseu não foi tão dramática quanto a de Elias, pois o profeta faleceu em seu leito e foi sepultado (13:20). O poder do Senhor, porém, continuou a habitar em seus ossos, como o episódio registrado em 13:21 deixa claro. O milagre deve ter ocorrido alguns anos depois de sua morte, pois o corpo de Eliseu já havia se deteriorado, e os ossos se encontravam expostos.

#### 14:1-22 Amazias, rei de Judá

Amazias é apresentado como um rei bom, mas não tanto quanto seu antepassado Davi. Como seu pai Joás, não tomou nenhuma providência em relação aos altos onde o povo oferecia sacrifícios e incenso a outros deuses (14:1-4). Sua obediência à lei é ressaltada pelo fato de, ao executar aqueles que assassinaram Joás, haver poupado seus filhos (14:5-6; cf. Dt 24:16).

Amazias também derrotou Edom, apesar de não ficar claro se Judá chegou a dominar essa nação (14:7). Depois disso, contudo, Amazias começou a adorar os ídolos que tomou como espólio dos edomitas (2Cr 25:14). A campanha militar contra Edom resultou ainda no aumento da tensão entre Israel e Judá, pois Amazias contratou cem mil soldados de Israel, mas, seguindo o conselho de um profeta de Judá, enviou-os para casa antes da batalha. Os mercenários se iraram e, como retaliação, atacaram algumas cidades de Judá (2Cr 25:6-13).

O desafio de Amazias a Jeoás de Israel: *Vem, meçamos armas* (14:8), pode ter sido um convite para discutirem as relações abaladas ou uma declaração de guerra. Sem dúvida, Jeoás supôs tratar-se da segunda hipótese, pois enviou uma resposta provocativa, aconselhando Amazias a ficar

em Judá e não deixar que as vitórias sobre Edom o pusessem em apuros (14:9-10). Tudo indica que Israel havia readquirido parte de sua força militar e não se encontrava mais no estado descrito em 13:7.

Na guerra subsequente, Israel derrotou Judá em Bete-Semes e capturou Amazias. Jeoás marchou contra Jerusalém e rompeu cerca de cento e oitenta metros do muro da cidade. Levou o que restava dos tesouros do templo e do palácio, fez reféns e voltou a Samaria (14:11-14). Depois dessas realizações, Jeoás faleceu e foi sucedido em Samaria por seu filho Jeroboão II (14:15-16).

Amazias governou sobre Jerusalém quinze anos depois da morte de Jeoás (14:17), mas enfrentou grandes dificuldades. Finalmente, por motivos que o autor não revela, uma conspiração o obrigou a fugir para a cidade fortificada de Laquis, onde foi morto (14:18-19). O reino de Judá não era tão turbulento quanto o de Israel, de modo que a dinastia de Davi teve continuidade. Os conspiradores fracassaram, e o filho de Amazias, um rapaz de 16 anos chamado Azarias (Uzias; Is 1:1; 6:1), assumiu o lugar de seu pai no trono (14:20-21). *Todo o povo de Judá o reconheceu como rei.*

#### 14:23-29 Jeroboão II, rei de Israel

Jeroboão II, filho de Jeoás, governou durante quarenta e um anos, o reinado mais longo de Israel. No tocante às questões religiosas, Jeroboão II não fez nada diferente dos outros reis de Israel (14:23-24). Não lhe faltaram, porém, realizações políticas e militares, demonstradas na restauração das fronteiras de Israel desde Hamate, ao norte, até o mar Morto (14:25). Seu sucesso havia sido profetizado por Jonas, filho de Amitai, o mesmo profeta enviado a Nínive.

O Senhor teve misericórdia de Israel. Apesar de não ver nenhum sinal de arrependimento, ele levou em consideração o sofrimento do povo (14:26). Isso aconteceu num tempo em que as palavras finais de julgamento ainda não haviam sido pronunciadas (14:27). Por vezes, o Senhor demonstra misericórdia por seu povo por um longo tempo pelo simples fato de ser um Deus bondoso. As pessoas devem aproveitar essas ocasiões para colocar a vida em ordem e se arrepender.

#### 15:1-7 Azarias, rei de Judá

Azarias foi apresentado de forma sucinta em 14:21-22. Subiu ao trono com 16 anos de idade e reinou cinquenta e dois anos, o segundo reinado mais longo de Judá (o mais longo seria o de Manassés). Azarias foi um rei bom, mas não destruiu os altos como locais alternativos de adoração (15:1-4). Foi bem-sucedido politicamente, apesar de Reis mencionar apenas que ele reconstruiu Elate, uma cidade na extremidade nordeste do golfo de Ácaba (14:22). Encontramos mais detalhes sobre seu reinado em 2Crônicas 26, onde é chamado de Uzias. Foi instruído por Zacarias (não o profeta que escreveu o livro com esse nome, mas, possivelmente, um descendente de Zacarias, filho de Joia-

da, o sumo sacerdote que protegeu Joás; 2Cr 24:20). “Nos dias em que buscou ao SENHOR, Deus o fez prosperar” (2Cr 26:5). Quem teme, respeita e busca a vontade do Senhor tem sucesso.

Azarias treinou e manteve um exército forte, equipado com o que havia de mais moderno (2Cr 26:11-15). Recuperou terras que Judá havia perdido e reconstruiu vários lugares (2Cr 26:3-11). A certa altura, porém, por causa do orgulho, tentou desempenhar um papel reservado aos sacerdotes e, como Saul (1Sm 13:8-13), foi castigado. Azarias foi acometido por lepra (15:5; cf. tb. 2Cr 26:16-21) e, por causa dessa enfermidade, teve de viver *numa casa separada*, enquanto seu filho Jotão cuidava das questões rotineiras de governo, sob seu conselho e firme direção. A situação lembra o início do governo de Salomão, quando o novo rei ainda podia consultar seu pai, Davi.

Com a morte de Azarias, Judá perdeu um grande empreendedor (15:6-7), e, depois de tantos anos sob o governo de um mesmo rei, a nação pode ter ficado apreensiva quanto ao futuro. É significativo, portanto, que, “no ano da morte de Uzias”, Isaías tenha visto o Senhor “assentado sobre um alto e sublime trono”, um trono que jamais deixou de existir (Is 6:1).

### 15:8-31 Rebeliões em Israel

Enquanto Judá desfrutava um período de estabilidade no reinado de Azarias, o clima em Israel era bem diferente. Em apenas sete meses, dois reis foram assassinados. Como não podia deixar de ser, a instabilidade no poder causou conflitos internos que geraram hostilidade e deslealdade, enfraquecendo grandemente o Reino do Norte. O profeta Oseias revela a queixa do Senhor contra os israelitas: “Eles estabeleceram reis, mas não da minha parte; constituíram príncipes, mas eu não o soube” (Os 8:4). Os reis não conheciam ou não seguiam a lei do Senhor registrada em Deuteronômio 17:15, e os líderes e conselheiros de Israel eram imprudentes. Quando não há temor do Senhor, é impossível planejar e agir com a devida cautela.

### 15:8-12 Zacarias, rei de Israel

Zacarias sucedeu seu pai, Jeroboão II e, como ele, adorou os bezerros de ouro em Betel e Dã (15:8-9). Reinou apenas seis meses antes de ser assassinado por Salum *diante do povo*. Sua morte marcou o cumprimento da profecia feita a Jeú: *Teus filhos, até à quarta geração, se assentarão no trono de Israel* (15:10-12; cf. 10:30). Várias profecias de juízo em Israel se cumpriram de forma brutal.

### 15:13-15 Salum, rei de Israel

Salum deve ter incitado a ira do povo ao assassinar o filho de um governante poderoso e competente como Jeroboão. O usurpador subiu ao trono (15:10), mas foi capaz de se manter no poder por apenas três meses antes de ser assassinado por Menaém (15:13-15).

### 15:16-22 Menaém, rei de Israel

Menaém impôs seu governo agindo com grande crueldade contra seus opositores (15:16). Nos dez anos de seu reinado, deu continuidade à tradição de pecado em Israel (15:17-18).

Como primeiro sinal do fim reservado para a nação, o Reino do Norte foi invadido pelos assírios sob o comando do rei Pul, também conhecido como Tiglate-Pileser. Em vez de enfrentar o inimigo, Menaém lhe pagou um tributo de cerca de trinta e uma toneladas de prata arrecadadas de *todos os poderosos e ricos*. Em troca, Pul o reconheceu como governante da região e retirou seu exército dali (15:19-20).

Quando faleceu, Menaém foi sucedido por Pecaías (15:21-22).

### 15:23-26 Pecaías, rei de Israel

Pecaías reinou apenas dois anos, durante os quais fez o que era mau perante o Senhor (15:23-24). Como os reis antes dele, foi assassinado por um de seus oficiais, um homem chamado Peca (15:25-26). O assassinato ocorreu no ano em que o rei Azarias de Judá faleceu depois de ocupar o trono por cinquenta e dois anos. Não é de admirar que o povo de Judá, incluindo Isaías, tenha se mostrado apreensivo quanto ao futuro ao ver um novo rei no trono de Judá, um novo inimigo ao norte e a Assíria se preparando para atacar.

### 15:27-31 Peca, rei de Israel

Peca também fez o que era mau perante o Senhor (15:27-28). Por isso, Deus permitiu que Tiglate-Pileser tomasse várias cidades da Galileia e da Transjordânia e deportasse seus habitantes para a Assíria (15:29). Isaías fez referência a essa deportação e ao ataque de Peca a Jerusalém (Is 7:1).

Ao que parece, Oseias, filho de Elá, se considerou mais competente para administrar Israel diante dos ataques da Assíria, pois era hábil na criação de intrigas diplomáticas (cf. 17:4). Ele assassinou Peca e tomou seu lugar no trono (15:30-31).

### 15:32-38 Jotão, rei de Judá

É provável que Jotão tenha começado a reinar quando seu pai ainda estava vivo e sofria de lepra. Sua mãe era filha de Zadoque, uma indicação de que era ligada, de algum modo, à família sacerdotal (15:32-33). Jotão provavelmente teve conselheiros sábios, pois deu continuidade ao bom trabalho de seu pai. *Fez o que era reto perante o SENHOR* (15:34). Não removeu, porém, os altos, e o povo continuou a oferecer sacrifícios e queimar incenso nesses lugares. Jotão também *edificou a porta de Cima da Casa do SENHOR*, um acréscimo à obra realizada por seu pai (15:35; 2Cr 26:9).

Durante seu reinado, Peca de Israel e Rezim da Síria formaram uma aliança contra Judá (15:37). É surpreendente o Senhor ter permitido esse ataque a Judá num momento em que o Reino do Sul estava mais próximo de Javé do que os dois reinos da coalizão. Os caminhos do Senhor excedem

nosso entendimento, e, por vezes, ele permite dificuldades para que seu povo o invoque e se aproxime ainda mais dele. Numa situação semelhante, Habacuque profetizou que o justo teria de viver pela fé em Deus (Hc 2:4).

Quando Jotão faleceu, foi sucedido por seu filho Acaz (15:36,38).

### 16:1-20 Acaz, rei de Judá

Não sabemos quem era a mãe de Acaz, filho de Jotão, mas é evidente que ele foi influenciado por pessoas perversas. Era exatamente o oposto de seu antepassado Davi e fez coisas piores do que Atalia (16:1-2). Chegou a queimar seu próprio filho *como sacrifício, segundo as abominações dos gentios* que habitavam Canaã antes de Deus entregar a terra a Israel. Sacrifícios desse tipo eram expressamente proibidos pela lei de Deus (16:3; Dt 18:10-12). Acaz adorava onde bem entendia: nos altos, nos montes e nos bosques (16:4). O autor de Reis não afirma claramente que o Senhor se desagradou do rei e de Judá, mas os acontecimentos subsequentes mostram a extensão da ira divina (cf. tb. 2Cr 28).

Rezim e Peca, que haviam começado a perturbar Judá durante o reinado do pai de Acaz, intensificaram seus ataques (16:5-6). As duas nações fizeram aliança contra a Assíria e talvez desejassem que Judá participasse da coalizão (2Cr 28). Por motivos desconhecidos, é provável que Acaz não estivesse disposto a se aliar aos outros dois reinos. Então, Rezim e Peca atacaram Judá e levaram muitos cativos, que, posteriormente, receberam permissão de voltar quando um profeta repreendeu Israel (2Cr 28:8-15). O Senhor humilhou Judá, e muitas de suas cidades caíram nas mãos dos inimigos.

Isaías 7:1-6 descreve o terror do povo de Judá e de seu rei quando os exércitos de Rezim e Peca se aproximaram de Jerusalém. Os dois reis haviam ameaçado colocar o filho de Tabeal no lugar de Acaz. Isaías incentivou Acaz a confiar no Senhor e não procurar a ajuda de nenhuma potência estrangeira, mas o rei se recusou a ouvi-lo. Desesperado, enviou mensageiros a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, oferecendo-se para servi-lo caso ele o salvasse. Mais uma vez, os tesouros do templo e do palácio foram usados para tentar adquirir apoio estrangeiro (16:7-8). A Assíria concordou em ajudar e atacou Damasco, capital da Síria, obrigando Rezim a suspender a ofensiva contra Judá. Rezim, rei da Síria, morreu no conflito subsequente (16:9).

Acaz foi ao encontro do rei da Assíria, seu novo senhor, em Damasco. Durante a visita, viu um belo altar assírio e enviou a planta e o modelo ao sacerdote Urias, que edificou um semelhante antes de Acaz voltar a Jerusalém (16:10-11). O rei ordenou que o altar assírio fosse colocado no lugar do altar de bronze construído na época de Salomão. O altar antigo devia ser colocado ao lado do novo e ficar reservado apenas para *deliberação*, ou seja, para uso exclusivo do rei quando ele desejasse consultar o Deus de Israel (16:12-15). Seus atos indicam a confusão religiosa do período, pois a lei do Senhor proibia Israel de adorar outros

deuses (Êx 20:2-6; Dt 6:4). Acaz, no entanto, havia se tornado devoto de várias divindades e considerava o Deus de Israel apenas uma dentre muitas alternativas. Ele adorava junto ao novo altar porque acreditava que os deuses da Assíria eram mais fortes que o Deus de Israel (2Cr 28:23). A recusa em servir somente ao Deus vivo o levou a cultivar diversos deuses. Para piorar a situação, o sacerdote apoiou o rei em todos os seus atos contra o Senhor (16:16).

Acaz fez várias outras alterações no templo. Removeu as pias e o mar de fundição dos seus devidos suportes e os colocou em outros lugares (16:17-18). Essas mudanças aparentemente injustificadas, incluindo a remoção do passadiço coberto usado no sábado e da entrada real do templo, mostram quanto o rei havia se afastado do Senhor da aliança.

Quando ele faleceu, foi sucedido por seu filho Ezequias (16:19-20).

### 17:1-41 A queda de Samaria

#### 17:1-6 Oseias, rei de Israel

As casas reais de Israel, o Reino do Norte, sempre se mostraram instáveis, e o reino sofreu as consequências de vários regicídios e mudanças bruscas de governo. Oseias, o último rei a ocupar o trono, também subiu ao poder depois de assassinar o monarca que o antecedeu (15:30). Ele não foi considerado tão perverso quanto *os reis de Israel que foram antes dele* (17:1-2). Isso não significa que buscou a Deus de forma intensa ou que realizou reformas religiosas para conduzir Israel de volta ao Senhor da aliança.

Menaém pagou tributo à Assíria (15:19), e Tiglate-Pileser tomou grande parte do território de Israel no tempo de Peca (15:29). Oseias devia continuar pagando tributos a Salmaneser, o novo rei da Assíria, mas tentou se libertar desse domínio por meio de uma aliança com o Egito. Salmaneser, então, atacou Israel para conter a rebelião, e o Egito não se mobilizou para ajudar. O texto informa que Oseias foi encarcerado (17:3-4), mas não deixa claro se isso ocorreu antes ou depois do cerco de três anos a Samaria (17:5). Ao tomar a cidade, os assírios deportaram muitos israelitas e os assentaram em terras distantes da Palestina, na região correspondente ao atual norte do Iraque e Irã (17:6). Em termos políticos, Israel deixou de existir. Em termos religiosos, os israelitas também parecem ter se extinguido. Rejeitaram o Senhor por tantos anos que não tinham nenhuma fé no Deus vivo para levar consigo à terra do exílio.

#### 17:7-23 Explicação sobre o destino de Israel

Oseias foi o último rei de Israel e Samaria. Depois dele, os israelitas foram levados para o exílio e deixaram de existir como nação com seu próprio rei e como povo em aliança com o Senhor Deus de Israel. Havia testado a paciência e bondade do Senhor até o limite. Por fim, ele os expulsou da terra, conforme havia prometido muito tempo antes (Dt 28:58-65).



Nessa seção, o autor de Reis explica o motivo de tamanha calamidade ter sobrevido ao povo que Deus havia escolhido e tirado do Egito (17:7). O Senhor havia feito uma aliança com Israel. De acordo com essa aliança, Israel pertenceria e adoraria somente a Deus. Como consequência, Deus o abençoaria e protegeria como nação especial, propriedade exclusiva dele. Devido a essa aliança, o Senhor havia expulsado outras nações da terra de Canaã para que os israelitas pudessem viver ali (17:8). As outras nações haviam sido expulsas também como resultado de sua perversidade e de seu procedimento ímpio (Dt 18:12). Em vez de adotar costumes bons e piedosos, porém, os israelitas deixaram de adorar somente a Deus e prestaram culto a deuses e ídolos da mesma forma que faziam os povos que habitavam em Canaã antes deles (17:9-12).

O Senhor foi fiel à aliança. Para incentivar o povo a cumprir sua parte, enviou profetas a Israel e Judá a fim de admoestá-los quanto a seus pecados e conduzi-los de volta a Deus e à obediência à sua lei e aos seus mandamentos (17:13). O povo se recusou a ouvir (17:14). Preferiram adorar ídolos, e se tornaram vãos (17:15; cf. tb. Sl 115:8).

Quem rejeita o Deus vivo para adorar ídolos feitos por mãos humanas acaba se tornando louco, pois Deus o entrega a seus próprios caminhos, que são tão fúteis quanto correr atrás do vento (Rm 1:21-25).

Israel distanciou-se do Senhor de forma completa quando fez os bezerros de ouro no reinado de Jeroboão I (17:16; cf. 1Rs 12:28-30). Esse ato marcou sua separação não apenas de Jerusalém e Judá, mas também do Senhor da aliança de todo o Israel. A construção dos bezerros e do poste-ídolo dedicado a Aserá transgrediu o primeiro e o segundo mandamentos (Êx 20:3-6). Ao deixar de lado esses princípios, o povo se dedicou à feitiçaria, à adivinhação e ao sacrifício humano. *Venderam-se*, ou seja, entregaram-se de forma consciente e deliberada à prática do mal (17:17).

Apesar de ser um Deus de amor (1Jo 4:16), o Senhor se ira com aqueles que conhecem suas leis, mas se recusam a obedecê-las. Ninguém pode suportar sua cólera que arde como fogo (Na 1:6). Ninguém pode suportar o dia do julgamento de Deus (Ap 6:17). Deus removeu, portanto, a nação de Israel da sua presença e a entregou aos ídolos que não podiam salvá-la (17:18). *Nada mais ficou, senão a tribo de Judá*. Mas Judá adotou as mesmas práticas de Israel e, posteriormente, teria o mesmo destino de seus irmãos (17:19-20).

O autor conclui a seção com um resumo sucinto de suas considerações teológicas (17:21-23).

#### 17:24-41 O reassentamento da terra

Para reduzir a probabilidade de rebeliões, a Assíria costumava fixar os povos conquistados em terras distantes. Quando tomaram Israel, reassentaram exilados de outras nações conquistadas no território do Reino do Norte (17:24). Os animais selvagens devem ter se multiplicado

nos campos despovoados, e o Senhor permitiu que leões atacassem os novos habitantes (17:25). O rei da Assíria atribuiu a ocorrência à falta de conhecimento do deus local e, portanto, enviou um dos sacerdotes israelitas cativos de volta a fim de ensinar os habitantes acerca das leis do Senhor. Na verdade, o rei enviou um cego para guiar outros cegos (17:26-28). Em vez de aprenderem a servir a Deus, cuja ignorância deve ter motivado o envio dos leões, os novos habitantes escolheram incorporar Javé à lista dos outros deuses tradicionais que já serviam (17:29-33). Ignoraram, portanto, o cerne da lei da aliança, resumido em 17:34-41 (cf. Êx 20:2-4; Dt 6:4).

Se os novos habitantes trouxeram seus deuses para Israel, não se pode dizer que os israelitas, por sua vez, levaram a verdade do Senhor aos lugares onde foram assentados. Haviam perdido há muito tempo a fé dos seus antepassados e se distanciaram de Javé, o Senhor Deus de Israel.

Nos dias de hoje, não é raro africanos serem forçados a deixar seu país. Ao contrário dos israelitas, porém, os refugiados africanos levam consigo sua cultura e fé religiosa. Aqueles que têm oportunidade de ministrar nas igrejas dos países que os acolhem são fonte de grandes bênçãos.

As palavras de 17:39: *Mas ao SENHOR, vosso Deus, temereis, e ele vos livrará das mãos de todos os vossos inimigos*, se aplicam a todos os povos de todas as gerações.

## 18:1—25:30 Os reis de Judá até o exílio

### 18:1—20:21 Ezequias

#### 18:1-16 A fidelidade de Ezequias

Ezequias se tornou rei de Judá aos 25 anos de idade. Era muito diferente de seu pai, Acáz, que, por certo, não serviu ao Senhor (16:10-18). Acáz se mostrou mais interessado em agradar os assírios e, para impressioná-los, realizou várias mudanças no templo. Seria de esperar que, com um pai assim, Ezequias tendesse a fazer coisas piores. Ao que parece, contudo, sua mãe, Abi, era uma mulher temente a Deus e lhe ensinou sobre o Senhor da aliança (18:1-2). Outros servos de Deus devem ter ajudado a educar o príncipe no temor do Senhor, entre eles o profeta Isaías (19:2) e Miqueias, o morastita, que proferiu advertências às quais Ezequias deu ouvidos (Jr 26:18-19).

Ezequias é tão elogiado quanto o rei Asa (1Rs 15:11). Não apenas fez o que era reto perante o Senhor, como seu antepassado Davi (18:3), mas também confiou no Deus de Israel de todo o coração. Nenhum rei anterior ou posterior de Israel seguiu ao Senhor como ele (18:5-6). Em suas reformas religiosas, removeu os altos (18:4), quebrou as colunas sagradas e deitou abaixo o poste-ídolo. Despedaçou até a serpente de bronze que Moisés havia feito no tempo do êxodo (Nm 21:8-9). A serpente de bronze era uma lembrança da salvação de Deus, mas, como as serpentes também simbolizavam forças místicas em várias culturas,

acabou se tornando um objeto de adoração. Ezequias destruiu sem dó nem piedade essa imagem que o povo chamava de *Neustã*, um termo que significa “mero pedaço de bronze”. A remoção de tantos lugares de culto pode ter ajudado o povo de Judá a depositar sua fé exclusivamente no Deus de Israel.

Os atos de Ezequias nos lembram que, apesar de ser bom ter um templo apresentável com objetos que nos lembram a bondade de Deus, devemos evitar tudo o que possa distrair e impedir as pessoas de manter os olhos fixos somente em Deus. Hoje em dia, as distrações podem assumir a forma tanto de objetos quanto de indivíduos, como o fundador da igreja, o líder carismático de uma congregação ou qualquer outra pessoa de influência. A fim de haver adoração verdadeira, só Deus deve permanecer no centro.

Ezequias se relacionava corretamente com Deus, e, portanto, o Senhor era com ele e lhe deu sucesso em todos os seus empreendimentos (18:7a). A presença e a bênção do Senhor fortalecem a fé e encorajam os fiéis a buscar alvos ainda mais elevados. O que no reinado de Oseias provocou a destruição de Israel, no reinado de Ezequias foi um sucesso: a recusa em pagar tributos à Assíria (18:7b; cp. 17:4-6). Enquanto o exército de Acaz foi derrotado pelos filisteus (2Cr 28:18-19), Ezequias derrotou os filisteus até Gaza (18:8). Uma vez que aquela região era controlada pela Assíria, ao atacá-la Ezequias arriscou ser considerado um rebelde.

O perigo da política do rei de Judá é ressaltado pela repetição em 18:9-12 das informações acerca do destino de Israel apresentadas em 17:3-6. Era extremamente perigoso se opor a uma potência mundial como a Assíria. Não havia obstáculos geográficos entre Judá e Senaqueribe, pois Salmaneser, seu antecessor, havia dispersado e deportado o povo de Israel. Assim, o rei assírio tomou todas as cidades fortificadas de Judá, e Ezequias teve de se retratar e tentar fazer um acordo de paz (18:13-14). A Assíria cobrou uma multa pesada pela rebelião e, para pagá-la, Ezequias teve de usar todo o ouro do templo, do tesouro real e até mesmo as portas de ouro do templo (18:16).

### 18:17-37 Senaqueribe ameaça Jerusalém

Os acontecimentos registrados nos capítulos a seguir também são relatados em Isaías 36—39.

Ao que parece, o pagamento que Ezequias fez a Senaqueribe foi considerado insuficiente, ou talvez o rei de Judá tenha se rebelado de algum outro modo. Seja como for, fica claro que não abriu as portas de Jerusalém para receber os invasores assírios de braços abertos, nem saiu ao encontro de seu grande governante como Acaz havia feito (16:10). Assim, de sua base em Laquis, Senaqueribe enviou três oficiais de alto escalão *com um grande exército* para mostrar sua força e obrigar Ezequias a se render (18:17). Os três oficiais assírios se encontraram com três representantes de Jerusalém (18:18) e, falando em hebraico, transmitiram a mensagem de Senaqueribe em alta voz. Questionaram a

recusa de Ezequias em se sujeitar à Assíria (18:19-20). Advertiram-no dizendo que era tolice esperar ajuda do Egito, pois os egípcios não tinham força suficiente e decepcionavam quem confiava neles (18:21). Acaso Ezequias estava esperando auxílio do Deus de Israel? Senaqueribe acreditava que o Senhor não socorreria Judá, pois Ezequias havia removido os altos onde o povo adorava ao Senhor (18:22). Para os incrédulos, as reformas de Ezequias significavam simplesmente que Judá passou a prestar menos cultos à sua divindade. Não entendiam que o Senhor não está interessado na quantidade de cultos e sacrifícios. O que importa para ele é o coração quebrantado, humilde e penitente (Sl 51:17), e não dezenas de sacrifícios.

O terceiro argumento do oficial foi uma tentativa de persuadir o exército de Judá a desertar (18:23-24). Se eram tão fracos a ponto de precisar de ajuda do Egito, por que não aceitar o socorro da Assíria?

O comandante encerrou seu discurso ao ar livre declarando que seu exército havia sido enviado contra Jerusalém pelo próprio Senhor (18:25). É fácil fazer asserções desse tipo. Seria de surpreender, contudo, que o mesmo Deus que se agradava de Ezequias enviasse os assírios para tomar Jerusalém.

Numa tentativa de reduzir o impacto que o discurso poderia causar, os oficiais de Ezequias pediram que o enviado assírio falasse em aramaico, uma língua usada no âmbito comercial e diplomático, mas que grande parte do povo de Jerusalém não entendia (18:26).

Os assírios se recusaram a cooperar. Seu comandante continuou falando em hebraico e se dirigiu ao povo que assistia ao encontro dos muros da cidade (18:27-28). Advertiu-os a não acreditarem que o Senhor os livraria, conforme Ezequias lhes havia dito (18:29-30,32). Os assírios pensavam que o Deus de Israel era um deus territorial, como as divindades de outras nações, incapazes de proteger seu povo (18:33-35). *Quais são, dentre todos os deuses destes países, os que livraram a sua terra das minhas mãos, para que o SENHOR possa livrar a Jerusalém das minhas mãos?* A pergunta jactanciosa dos assírios foi prematura. O Senhor livraria Jerusalém. Judá não precisava se sujeitar ao exílio na Assíria (18:28-32).

Conforme as instruções do rei, o povo permaneceu calado e não respondeu às provocações (18:36). Por vezes, o silêncio é a melhor resposta que podemos dar a blasfemadores. Os oficiais de Ezequias, porém, foram até ele com as roupas rasgadas em sinal de tristeza (18:37).

### 19:1-13 A predição do livramento de Jerusalém

Ezequias e seus representantes decidiram orar ao Senhor e pediram que o profeta Isaías também intercedesse por eles. Humilharam-se rasgando as roupas e vestindo panos de saco em sinal de arrependimento (19:1-2). Ezequias pediu que Isaías os acompanhasse na oração pelo remanescente, ou seja, pelos poucos que continuavam a confiar no Senhor e ainda o serviam (19:3-5). O livro de Isaías descreve o

remanescente, e não a nação toda, como a esperança de Israel. Isaías deu a um de seus filhos o nome Shear-Jashub, que significa “Um-Resto-Volverá” (Is 7:3; 10:20-22). De fato, o Senhor realizaria seus propósitos para Israel e para o mundo por meio de um remanescente, e não por meio da maioria.

Isaías transmitiu duas mensagens de livramento do Senhor. Proferiu a primeira logo depois do discurso da delegação assíria. Ezequias não precisava temer (19:6-7), pois Deus faria Senaqueribe voltar para casa e ser destruído.

Foi exatamente o que aconteceu (19:8-9). Os assírios foram informados que Tiraca, um rei africano, tinha vindo do Egito para lutar contra eles. Ao ficar sabendo que seu rei havia saído de Laquis e estava lutando em Libna, o comandante assírio se retirou de Jerusalém. Antes de partir, contudo, enviou uma carta ameaçadora a Ezequias. O conteúdo da carta é um resumo do discurso dos oficiais junto aos muros de Jerusalém (19:10-13). Instava Ezequias a não se deixar enganar pelo Deus de Israel, que, para os assírios, não era diferente dos ídolos de outras nações que eles haviam conquistado.

#### 19:14-19 A oração de Ezequias

Mais que depressa, o rei levou a carta ao templo. Havia se tornado uma prática comum orar ali em momentos de aflição, a exemplo de Salomão (1Rs 8:33-34) e de Isaías no ano em que o rei Uzias faleceu (Is 6:1). Ezequias estendeu a carta diante de Deus, como se desejasse que ele também a lesse (19:14-15). Os fiéis entregam todos os seus fardos ao Senhor. Em sua oração, Ezequias declarou a convicção firme de que os deuses das outras nações derrotadas pelos assírios eram apenas ídolos, enquanto o de Israel era o Criador dos céus e da terra, poderoso sobre todos os reinos da terra (19:17-19) e entronizado acima dos querubins, os anjos que guardam e proclamam sua glória e majestade.

#### 19:20-37 A profecia de Isaías

O Senhor ouviu as orações de Ezequias e respondeu a elas por intermédio de Isaías (19:20) em forma poética. A primeira parte do poema é dirigida ao rei da Assíria (19:21-28). Em breve, *a virgem, filha de Sião e a filha de Jerusalém* zombariam dele. Senaqueribe não seria respeitado nem por meninas e moças, muito menos pelos outros habitantes de Jerusalém que ouviram seu discurso jactancioso (19:21). O rei da Assíria é acusado de insultar o Deus de Israel (19:22-23a). Podia se vangloriar de todas as suas vitórias (19:10-13), mas a interpretação do Senhor para os acontecimentos mundiais era bem diferente. O Senhor ataca o orgulho do monarca assírio perguntando serenamente: *Acaso não ouviste que já há muito dispus eu estas coisas [...]?* (19:25). Senaqueribe havia apenas cumprido os planos do Deus de Israel. Talvez pensasse ter realizado grandes feitos ao se gloriar de cortar *altos cedros* (19:23b), mas Deus afirma que suas proezas foram tão fáceis quanto arrancar ervas do solo e remover o capim dos telhados, pois

Deus havia enfraquecido seus inimigos (19:26). As conquistas da Assíria eram cumprimento daquilo que o Deus de Israel havia planejado havia muito tempo. Nenhum dos deuses das outras nações era capaz de determinar os rumos da história como ele.

Entrementes, o Senhor se cansou da arrogância daquele homem insignificante e o mandou de volta para o lugar de onde tinha vindo (19:27-28). O profeta disse, de fato, que ele seria levado para casa como um animal doméstico: *Porei o meu anzol na tua boca e o meu freio no teu nariz.*

O final da profecia (19:29-31) é dirigido a Ezequias e ao povo de Jerusalém. Eles comeriam daquilo que crescia espontaneamente nos campos nos dois primeiros anos, mas no terceiro semeariam e colheriam (19:29). Trata-se de uma mensagem de esperança. Grande parte de Judá havia sido destruída (18:13), mas os sobreviventes em Jerusalém constituiriam o remanescente (19:30-31). Senaqueribe sequer atacaria a cidade (19:32-33). O Senhor salvaria Jerusalém por amor de si mesmo e de Davi (19:34).

O exemplo de Davi nos lembra que a devoção de um antepassado a Deus pode ser fonte de bênção para as gerações futuras. Nossos filhos não podem herdar a salvação, mas podemos deixar para eles um legado de bem, no sentido comum, se vivermos de modo agradável a Deus. É inegável que a devoção fiel do povo de Deus do passado ainda beneficia pessoas de vários lugares ao redor do mundo.

Sem dúvida, o exemplo supremo de fidelidade cujos benefícios alcançam por amor gerações futuras é o modo de Deus nos salvar com base na vida obediente de Jesus Cristo.

A profecia se cumpriu, e os assírios nunca entraram em Jerusalém nem lançaram uma flecha sequer contra a cidade. Naquela mesma noite, um anjo de destruição, como o que visitou o Egito na primeira Páscoa, passou pelo acampamento assírio, e milhares de soldados morreram (19:35). Ao perder seu exército, Senaqueribe não teve como continuar a guerra. Voltou humilhado para Nínive, onde foi assassinado por seus próprios filhos (19:36-37). Realmente, até meninas zombariam do monarca arrogante depois de uma derrota como essa!

#### 20:1-11 A enfermidade de Ezequias

Ezequias provavelmente caiu enfermo no décimo quarto ano de seu reinado, pois 18:2 diz que reinou vinte e nove anos e 20:6 informa que recebeu mais quinze anos de vida depois de sua enfermidade. Foi nesse mesmo ano que Senaqueribe atacou Judá (18:13). É possível que o rei tenha ficado enfermo antes do encontro com os oficiais assírios, descrito no capítulo 18.

Isaías não visitou Ezequias no leito de enfermidade para levar palavras de conforto, mas para transmitir a mensagem sombria e assustadora de que o rei morreria (20:1). Ezequias havia sido um bom governante, considerado tão fiel quanto Davi (18:3). Porém, naquela época, como acontece às vezes nos dias de hoje, a morte e o sofrimento eram

considerados sempre consequência do pecado. Os opositores das reformas de Ezequias interpretariam sua morte precoce como um castigo de Baal ou dos deuses estrangeiros que seu pai havia introduzido em Judá, deuses cujos altares o rei havia destruído.

A enfermidade do monarca levanta uma questão comum: Por que pessoas boas sofrem infortúnios? Nem sempre sabemos por que Deus permite que isso aconteça. Vemos no livro de Jó e nos ensinamentos de Jesus que alguns infortúnios ocorrem a um indivíduo “para que se manifestem nele as obras de Deus” (Jó 9:3) ou para que o Filho de Deus possa ser glorificado (Jó 9:3; 11:14-15). De nossa parte, sabemos apenas que algumas pessoas de fé obtêm vitória sobre seus inimigos, enquanto outras, igualmente fiéis, não são livradas de seus opositores nesta vida (Hb 11:33-38).

Ezequias ficou extremamente angustiado com a notícia de que morreria em breve. Numa situação semelhante, em vez de buscar ao Senhor em oração, o rei Asa confiou apenas em médicos que trataram somente de seu corpo, e não de seu espírito (2Cr 16:12). Ezequias, porém, orou a Deus (20:2). Falou ao Senhor de toda a sua devoção e mencionou suas obras como motivos para o Senhor curá-lo (20:3). Os fiéis, porém, não são salvos por suas boas obras de retidão, e sim pela graça de Deus.

Em sua bondade, o Senhor respondeu à oração de Ezequias e prometeu cura, mais quinze anos de vida e livramento dos assírios (20:4-6). A mistura curativa simples que Isaías aplicou sobre a úlcera não foi o que restaurou a saúde de Ezequias (20:7). Serviu apenas de instrumento do poder divino numa situação em que outros tratamentos não haviam dado resultado.

Enfraquecido pela enfermidade, Ezequias teve dificuldade em crer que Deus responderia à sua oração com tanta rapidez. Afinal, Isaías não havia nem saído do palácio quando recebeu a resposta do Senhor à súplica do rei (20:4). Ezequias pediu, portanto, uma confirmação das palavras do profeta (20:8). O Senhor se dispôs a lhe dar um sinal e realizou um milagre semelhante àquele em que o sol se deteve no tempo de Josué (Js 10:12-14). O movimento inverso da sombra deu a impressão de que o tempo havia retrocedido (20:9-11).

Não temos como analisar os planos eternos de Deus e saber se a recuperação de Ezequias e o prolongamento de sua vida em quinze anos trouxeram resultados positivos. Lembremo-nos de que foi nesse período que Ezequias recebeu a visita dos enviados do rei da Babilônia e que o perverso Manassés nasceu.

### *20:12-21 Os visitantes da Babilônia*

Merodaque-Baladã, rei da Babilônia, enviou mensageiros para saudar Ezequias. O pretexto era parabenizar o rei por sua recuperação, mas, sem dúvida, os enviados babilônios tinham outros motivos para visitar o Reino do Sul (20:12). Como Judá, a Babilônia lutava contra o domínio assírio e desejava fazer uma aliança com Judá e, possivelmente,

com outras nações vizinhas. Ezequias recebeu a delegação de braços abertos e permitiu que inspecionassem não apenas sua guarda de honra, mas todos os tesouros e arsenais (20:13). Mostrou-lhes tudo em seu palácio e no reino. Sua atitude foi imprudente, pois revelou aos babilônios os pontos fortes e fracos de Judá, dando-lhes informações que poderiam usar contra o Reino do Sul no futuro. Os líderes fiéis a Deus precisam ser tão sábios quanto os filhos deste mundo ao tratar do planejamento administrativo de seu Estado ou comunidade. Precisam combinar cautela com fé no Senhor da história.

Isaías percebeu que Ezequias não havia agido com sabedoria (20:14-15). O profeta advertiu os reis de Judá em várias ocasiões de crerem no Senhor e não fazerem alianças com outras nações. Depois de receber de Deus uma visão do futuro, Isaías informou Ezequias de que, um dia, os babilônios levariam embora para sua terra todos os tesouros que tinham visto e também parte considerável da população de Jerusalém (20:16-18).

Ezequias não se mostrou particularmente perturbado com a notícia. Sua maior preocupação era saber se haveria paz em seus dias (20:19). Nesse sentido, sua atitude foi semelhante à de muitos líderes de hoje. Ele não se arrependeu de sua conduta indevida e do sofrimento que causaria às gerações futuras. De modo diverso, líderes tementes a Deus devem se considerar mordomos do Senhor não apenas para o seu próprio tempo, mas também para gerações futuras.

O resumo do reinado de Ezequias em 20:20 faz referência a um túnel que ele construiu para levar água a Jerusalém. Esse túnel existe até hoje.

Quando Ezequias morreu, foi sucedido por seu filho Manassés (20:21).

### **21:1-26 Manassés e Amom**

O capítulo 21 registra os reinados de dois monarcas que deram passos decisivos para desfazer todas as reformas realizadas por Ezequias.

#### *21:1-18 Manassés*

Manassés ocupou o trono por mais tempo do que todos os outros reis de Judá e Israel. Foi coroado aos 12 anos de idade e, portanto, deve ter tido conselheiros e tutores capazes para administrar o reino (21:1-2). É possível que fizessem parte de um grupo de simpatizantes da política de Acaz que se opunha ao governo de Ezequias. O livro de Reis se concentra nos monarcas e, portanto, não fornece detalhes sobre as atividades dos partidos políticos e religiosos que apoiavam as medidas administrativas dos governantes que resistiam a elas. Fica evidente, porém, que Manassés levou Judá a adotar a mesma vida de pecado que caracterizava os cananeus quando Deus os expulsou da terra e a entregou a Israel (21:3). Desse modo, o pêndulo se moveu para o lado oposto da posição de Ezequias, e o novo governante desfez tudo que o rei anterior havia feito (21:4a,5-7a).

Os atos de Manassés violaram claramente a aliança de Deus com o povo eleito, reiterada nas promessas feitas a Davi e Salomão (21:4b,7b-8). O povo de Judá também foi responsabilizado por permitir que Manassés o desviasse dos caminhos do Senhor (21:9). Seu comportamento foi condenado por profetas que anunciaram o julgamento divino (21:10-11). Foi revelado que o Senhor mudaria radicalmente sua atitude em relação a Israel e não poderiam mais contar com sua proteção (21:12). Duas imagens vívidas são usadas para expressar o juízo de Deus. Na primeira, o Senhor segura um prumo, instrumento usado para avaliar se um muro estava alinhado ou se precisava ser derrubado e reconstruído (21:13a; cf. tb. Am 7:8). Samaria não havia passado nesse teste, e Judá certamente também seria reprovado. Na segunda imagem, vemos o Senhor lavando louça! Ele limpa, enxuga o prato e o emborca (21:13b). A refeição terminou, e as tarefas de limpeza foram concluídas. Semelhantemente, Judá e Israel chegaram ao fim da linha (21:14-15).

Quando Deus diz: *Abandonarei o resto da minha herança* (21:14-15), não está se referindo à minoria fiel que sobreviveria à queda de Judá e, posteriormente, voltaria do cativeiro para reconstruir Jerusalém (cf., p. ex., Ed 9:13; Is 10:22). Refere-se, antes, aos restos daquilo que outrora havia sido um reino unido sob Davi e Salomão.

Apesar de o autor de Reis se concentrar nos crimes religiosos de Manassés, seu longo reinado teve alguns aspectos positivos (21:16). Para os servos do Senhor em Judá, a própria duração do reinado deve ter sido perturbadora. Acreditava-se então que a longevidade era uma recompensa de Deus a seus seguidores fiéis. O Senhor permitiu, contudo, que Manassés reinasse cinquenta e cinco anos! Encontramos parte da resposta a esse problema em 2Crônicas 33:10-20. De acordo com essa passagem, o Senhor permitiu que Manassés fosse levado para o cativeiro na Babilônia. Lá, o rei se arrependeu do mal que havia feito e, com toda a humildade, pediu e recebeu o perdão do Senhor. Então, Deus deixou que ele voltasse para Jerusalém, continuasse seu reinado e morresse em paz. É possível, contudo, que Manassés tenha se arrependido perto do fim de seu reinado, pois essa transformação certamente não teve nenhuma influência sobre seu filho e sucessor (21:20).

O Senhor perdoa quem se arrepende com sinceridade. Os efeitos negativos do pecado, contudo, não desaparecem. As contrarreformas de Manassés causaram sofrimento e danos irreversíveis em Judá, e o povo continuou a servir outros deuses.

Ao refletirmos sobre o longo reinado de Manassés, devemos lembrar que o mais importante não é o número de dias que vivemos aqui na terra, mas, sim, a qualidade dessa vida. Nosso Senhor Jesus Cristo não viveu muito tempo aqui. Morreu jovem, aos 33 anos de idade, mas realizou a tarefa da qual Deus o havia incumbido (Jo 13:1; 17:1). Para Jesus, a morte significou voltar para Deus (Jo 17:11-13). O

caminho dos que temem ao Senhor ainda é o melhor (Ec 8:12), pois no devido tempo todos nós seremos julgados segundo aquilo que fizemos na terra (2Co 5:10).

Quando Manassés morreu, foi sucedido por seu filho Amom (21:17-18).

### 21:19-26 Amom

Amom, filho de Manassés, subiu ao trono aos 22 anos de idade, mas reinou apenas dois anos (21:19). Como seu pai, fez o que era mau perante o Senhor (21:20-22). Por algum motivo, seus oficiais o assassinaram (21:23), mas o povo não aceitou esse golpe. Executou os assassinos e nomeou Josias, o filho de Amom, para ser rei. Josias tinha 8 anos de idade quando foi coroado (21:24-26). O fato de os assassinos do rei não terem tomado o trono contrasta com o ocorrido em várias ocasiões em Israel e comprova a estabilidade de Judá. O país continuava unido e sob controle, acreditando que o próximo governante devia ser filho do rei falecido.

### 22:1—23:30 Josias

#### 22:1-2 Introdução ao reinado de Josias

Josias tinha 8 anos de idade quando subiu ao trono (22:1). Parece ter sido devidamente preparado por líderes do palácio tementes a Deus e por sacerdotes do templo, pois diz-se que *andou em todo o caminho de Davi* (22:2a). De todos os reis de Judá, somente Ezequias e Josias tiveram o privilégio de ser elogiados desse modo. A informação de que *não se desviou nem para a direita nem para a esquerda* (22:2b) nos traz à memória as instruções de Josué 1:7-8 para que o novo líder siga o Livro da Lei à risca a fim de ser bem-sucedido.

#### 22:3-20 O Livro da Lei é encontrado

Aos 18 anos de idade, Josias voltou sua atenção para a casa do Senhor em Jerusalém (22:3). Por causa do longo reinado e das contrarreformas de Manassés e Amom, o templo se encontrava em péssimo estado. Josias ordenou a disponibilidade de recursos financeiros e homens para supervisionar os reparos (22:4-6). Uma vez que os trabalhadores envolvidos na obra se mostraram fiéis, não foi preciso pedir *conta do dinheiro* (22:7). Essa declaração não significa que não se deve supervisionar ou examinar as contas de pessoas fiéis; antes, indica a necessidade de serem incentivadas a usar os recursos com sabedoria e negociar para obter os materiais de melhor qualidade pelo menor preço.

Durante os reparos, os objetos guardados no templo provavelmente foram limpos e organizados. Um item, porém, chamou a atenção do sacerdote: o *Livro da Lei* (22:8a). É possível que se tratasse de uma parte ou de todo o livro de Deuteronômio, guardado há muito tempo, mas ignorado e esquecido durante os cinquenta e cinco anos do reinado de Manassés. O sacerdote e o escrivão leram o livro e constataram que sua própria vida e a do povo de Judá não

estavam de acordo com os ensinamentos ali registrados (22:8b). Informaram o rei da descoberta e leram o texto para ele (22:10). Ao ouvir as palavras do Livro da Lei, o rei *rasgou as suas vestes* em sinal de verdadeiro arrependimento e humildade diante do Senhor (22:11). Ele se entristeceu não apenas por causa de si mesmo, mas por todo o povo de Israel. O livro condenava as práticas religiosas de Judá e a adoração a deuses estrangeiros. Josias concluiu que a ira de Deus devia estar ardendo contra ele, seu povo e todo o reino de Judá, pois *nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro* (22:13). Desde antes de Manassés e durante todo o seu longo reinado, o povo vivera em desobediência à lei do Senhor. O Livro da Lei descrevia o julgamento reservado ao povo desobediente.

Josias instruiu seus oficiais: *Ide e consultai o SENHOR por mim*. Em outras palavras, pediu que orassem por misericórdia e perdão e descobrissem qual era a situação de Israel diante do Senhor (22:12-13). Os oficiais consultaram Hulda, profetisa e esposa de um oficial do templo (22:14). O fato de terem consultado uma mulher deve ser levado em consideração quando interpretamos passagens do NT como 1Coríntios 14:34 e 1Timóteo 2:11-15, textos que há muito tempo criam obstáculos para as mulheres servirem ativamente nas igrejas africanas.

Outros profetas, como Jeremias, encontravam-se nos arredores de Jerusalém naquela época, mas é possível que os oficiais tenham escolhido consultar uma mulher na esperança de ouvir uma mensagem mais confortadora do que os prenúncios de Jeremias (Jr 15:1-6). Estavam, porém, redondamente enganados.

Hulda não respondeu ao rei com muito acatamento. Antes, disse aos mensageiros para transmitirem sua profecia *ao homem que vos enviou a mim*, sem mencionar seu título real. Com isso, a profetisa mostrou que a mensagem era proveniente de uma autoridade muito superior, o Deus de Israel (22:15). Suas palavras acerca do juízo iminente contra Judá confirmaram o que outros profetas do Senhor diziam. O Espírito do Senhor garantiu que todos os profetas falassem a uma só voz, sem contradição. Não proferiram palavras de consolo, pois o machado de julgamento estava posto à raiz da árvore. Os pecados de Judá eram tantos que o destino do reino não podia mais ser alterado, mesmo que, como disse Jeremias, grandes profetas como Moisés e Samuel orassem pela nação (22:16-17; cf. tb. Jr 15:1).

Apesar do julgamento estar definido, Deus teve misericórdia no modo de executá-lo. Por isso, enviou uma mensagem pessoal a Josias: *Porém ao rei de Judá [...] assim lhe direis* (22:18). O Senhor não ignorou o clamor humilde de arrependimento do rei. O verdadeiro arrependimento, isto é, o voltar-se para o Senhor com o espírito humilde e quebrantado (Sl 51:16-17), toca o coração de Deus. Assim aconteceu, por exemplo, com Acabe (1Rs 21:27-29), Ezequias (20:2) e o povo de Nínive (Jn 3:7-10). Uma vez que o rei se mostrou sensível quando ouviu as palavras do Senhor no

Livro da Lei (22:19), seria poupado da tristeza de ver *tudo o mal que hei de trazer sobre este lugar* (22:20). As calamidades do futuro não seriam obra do acaso, mas resultado da intervenção direta do Senhor.

### 23:1-3 A renovação da aliança

Depois de ouvir a leitura do Livro da Lei e crer que era a palavra de Deus, o rei mandou convocar *todos os anciãos de Judá* (23:1), ou seja, todos os chefes, líderes tribais e oficiais das comunidades. Em seguida, levou-os ao templo, juntamente com *os sacerdotes* e *os profetas* que representavam os líderes espirituais do reino (23:2a). *Todo o povo* de Jerusalém, isto é, todos os seus habitantes, também estavam presentes.

Estando todos reunidos, fez-se a leitura do *Livro da Aliança*, ou seja, o Livro da Lei que o sumo sacerdote Hilquias havia encontrado no templo (23:2b; 22:8). Aqui é chamado de Livro da Aliança porque é o registro da aliança que devia nortear a vida religiosa do povo dali em diante. Por isso, foi necessária a presença de todos durante a leitura.

O rei se *pôs em pé junto à coluna* do templo, o lugar onde se costumava ungir os reis de Judá (cf. 11:14). Com essa postura, mostrou claramente sua disposição de agir com autoridade. Então, como Josué havia feito muitos anos antes (24:15), o rei renovou a aliança, ou seja, prometeu publicamente seguir os ensinamentos do livro (23:3a), chamados de *mandamentos*, [...] *testemunhos* e [...] *estatutos* do Senhor. A mesma expressão é usada para descrever a lei de Moisés resumida em Deuteronômio (Dt 6:17).

Em seguida, os líderes prometeram que também viveriam segundo os ensinamentos do livro e juraram em nome do povo que representavam (23:3b). Assumiram esse compromisso em seu próprio nome e em nome de suas famílias, clãs e de todo o povo sob seus cuidados.

### 23:4-27 As reformas religiosas de Josias

Os líderes do povo ouviram as palavras do Livro da Aliança e prometeram segui-las. O rei e os anciãos juraram que se deixariam guiar pelo livro. Restava-lhes, agora, purificar a terra espiritualmente, livrando-se de tudo que a Lei condenava.

Assim como os judeus não podiam ser fiéis a Deus em meio à idolatria, os africanos não podem seguir ao Senhor sem deixar para trás todas as crenças e práticas tradicionais contrárias à Bíblia. Devemos fazer reformas em nossa própria vida, pois não podemos servir a dois senhores (Mt 6:4).

O rei dirigiu pessoalmente todas as medidas tomadas pelos *sacerdotes* e *guardas da porta* (23:4a). Não foi problema para os sacerdotes tocar em objetos supostamente sagrados e ídolos, pois sabiam que tais objetos não tinham poder para fazer mal a ninguém. O poste-ídolo, a imagem de Baal e todas as coisas associadas a eles e seus sacerdotes foram destruídos conforme a instrução do

Livro da Lei (Dt 12:2-3). Tudo que era relacionado a deuses estrangeiros foi queimado a fim de aviltar qualquer poder atribuído às divindades por seus adoradores. Quem acreditava em tais objetos veria que não representavam nenhum espírito poderoso. As cinzas foram levadas a Betel numa remoção simbólica de coisas amaldiçoadas para uma terra distante que, na época, não era mais habitada por israelitas (23:4b).

A quantidade de itens removidos do templo revela a extensão do pecado de Judá e seu distanciamento da lei de Deus. O santuário se encontrava abarrotado de coisas abomináveis ao Senhor (23:6-7,11-12).

A purificação religiosa não se restringiu a Jerusalém, mas abrangeu o restante de Judá. Até mesmo os altos onde o povo adorava ao Senhor foram destruídos. Os sacerdotes levitas que serviam nesses locais não poderiam ministrar no templo em Jerusalém, mas receberiam as porções das ofertas de alimento que cabiam aos sacerdotes que serviam no templo e em seus arredores (23:8-9; cf. tb. Dt 18:6-8).

Josias também destruiu Tofete, um lugar de sacrifícios humanos no vale dos filhos de Hinom (23:10). Jeremias também menciona Tofete e diz que o lugar onde ficava seria chamado vale da Matança (Jr 7:31-32). A profanação desse local visava desestimular a prática de sacrifícios humanos.

Os altares edificadas em terraços por Acaz e Manassés também foram destruídos (23:12). Os altos construídos por Salomão para suas esposas estrangeiras adorarem os deuses que haviam trazido consigo tiveram o mesmo fim (23:13-14; 1Rs 11:7-8). Os santuários pagãos ficavam num local que se tornou conhecido como *monte da destruição*, pois sua presença em Jerusalém incentivou o povo a adotar formas de adoração corrompidas e destrutivas.

As reformas se estenderam até Betel, na fronteira com o território do norte, ocupado agora por povos gentios. O famoso altar que havia em Betel, erigido por Jeroboão filho de Nebate, foi finalmente demolido em cumprimento do prenúncio feito por um profeta anônimo de Judá (23:15-16; 1Rs 13:1-3). Os reformadores tomaram ossos retirados de sepulturas próximas e queimaram-nos sobre os altares a fim de torná-los impróprios para qualquer fim religioso. Não tocaram, porém, nas sepulturas do profeta anônimo e do velho profeta de Samaria (23:17-18; 1Rs 11:7-8). Feito isso, Josias estendeu ainda suas reformas a lugares mais distantes no território de Samaria (23:19-20).

A purificação religiosa culminou com a observância da Páscoa, a antiga festa que lembrava os últimos dias de Israel no Egito (23:21-23; cf. Êx 12; Dt 16:1-8). A festa, outrora celebrada nos lares, havia se tornado uma comemoração nacional em Jerusalém. A celebração da Páscoa no tempo de Josias foi mais grandiosa do que a comemoração no tempo de Ezequias, da qual algumas tribos do Norte participaram em Jerusalém (2Cr 30).

As reformas de Josias também removeram os ídolos do lar e os médiuns, indivíduos que se comunicavam com os mortos (23:24), prática condenada em Deuteronômio (Dt 18:10-13).

Josias amava ao *SENHOR de todo o seu coração, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças* (23:25), conforme ordenado em Deuteronômio 6:4-5 e por Cristo (Mc 12:30). Como líder, fez sozinho mais do que todos os reis antes dele. O rei Davi pode ter sido mais devoto ao Senhor, mas não havia tanta heresia e falsa adoração em seu tempo. Apesar de seu fervor, porém, Josias só conseguiu realizar reformas superficiais. Os males incentivados por Manassés e Amom (cap. 21) haviam criado raízes profundas na sociedade, e o povo não demonstrou arrependimento sincero (Ez 8:9-18). A sentença de julgamento do Senhor sobre Jerusalém aguardava a execução. A fúria da ira do Senhor arderia contra Judá (23:26-27; cf. tb. 22:16-17).

### 23:28-30 A morte de Josias

Enquanto Josias reinava e realizava reformas, o Senhor preparava a Babilônia para ser a próxima potência mundial. As relações amigáveis entre Judá e Babilônia tiveram início durante o reinado de Ezequias (20:12). Por volta de 609 a.C., o faraó Neco do Egito teve de passar pelo território de Judá quando estava a caminho de se juntar aos assírios na luta contra os babilônios em Carquemis. Josias saiu com seus exércitos para interceptar Neco (23:29a). Os acontecimentos subsequentes são descritos em detalhes em 2Crônicas 35:20-27. Neco afirmou estar seguindo ordens de Deus ao atacar a Babilônia. Josias poderia ter consultado Hulda ou Jeremias, dois profetas atuantes na época, mas não buscou a vontade do Senhor, como Davi (1Sm 23:9-13; 30:7-8; 2Sm 2:1; 5:19) ou Josafá haviam feito. Antes, insistiu em sair à batalha, e foi mortalmente ferido (23:29b).

A morte de Josias levanta novamente a questão do sofrimento dos justos. É possível que, nesse caso, o Senhor estivesse cumprindo a promessa que havia feito ao rei por intermédio da profetisa Hulda de que ele seria sepultado em paz e não veria a calamidade que estava prestes a sobrevir a Judá (22:20). O Senhor levou Josias para junto de seus antepassados antes que isso acontecesse. Ademais, devemos lembrar que uma vida justa não é garantia de proteção contra o sofrimento. O próprio Filho de Deus, aquele que não cometeu nenhum pecado, sofreu uma morte vergonhosa a fim de glorificar o Pai (Jo 13:27-32; 17:2).

Josias foi sepultado em seu próprio túmulo, e não *com seus pais*, como vários de seus antecessores (23:30a). Talvez o cemitério na cidade de Davi já estivesse cheio. Essa possibilidade é sugerida pelo fato de Manassés e Amom terem sido sepultados em seus próprios túmulos no jardim de Uzá (21:18,26).



Pela última vez, o povo de Judá teve a oportunidade de escolher seu próprio rei e ungiu Jeoacaz, filho de Josias (23:30b).

### 23:31—24:20 Os últimos reis de Judá

#### 23:31-35 Jeoacaz

Ao que parece, Jeoacaz também era conhecido como Salum (1Cr 3:15; Jr 22:11). É possível que seu nome próprio fosse Salum e seu nome como rei fosse Jeoacaz. Nos três meses de seu reinado, fez o que era mau perante o Senhor (23:31-32). Depois da morte de Josias, Judá passou a ser dominado pelos egípcios. Neco não gostou da escolha do povo e, no lugar do novo rei, colocou Eliaquim, irmão de Jeoacaz, mudando-lhe o nome para Jeoaquim (23:33-34). Jeoacaz foi deportado para o Egito, onde faleceu. Neco obrigou Judá a lhe pagar um tributo pesado (23:35).

#### 23:36—24:7 Jeoaquim

Tanto Jeoacaz quanto Jeoaquim fizeram o que era mau perante o Senhor. Vemos, portanto, que as reformas de Josias não mudaram sequer o coração de seus próprios filhos. Jeoaquim não demonstrou nenhum respeito pela palavra do Senhor. Ao contrário de Josias que rasgou suas vestes por ocasião da leitura do Livro da Lei (22:11), Jeoaquim queimou a palavra do Senhor quando foi lida para ele, apesar das súplicas dos oficiais do palácio para que desse ouvidos (Jr 36). Ele ordenou que o profeta Urias fosse trazido de volta do Egito e executado (Jr 26:20-23). O profeta Jeremias e Baruque, seu escriba, foram obrigados a se esconder para não terem o mesmo fim.

Jeoaquim havia sido colocado no trono pelos egípcios, mas durante seu reinado a Babilônia derrotou o Faraó Neco na batalha de Carquemis, em 605 a.C., enfraquecendo-o consideravelmente (24:7). O poder sobre a região mudou de mãos, e Nabucodonosor invadiu Judá (24:1). O primeiro ataque ocorreu no terceiro ano de Jeoaquim. Nessa ocasião, Daniel e seus amigos foram deportados para a Babilônia (Dn 1:1-6). O Reino do Sul teve de se defender ainda dos ataques de outros grupos como os sírios, os amonitas e os moabitas (24:2a). Todos esses distúrbios faziam parte dos desígnios divinos para destruir Judá como nação, pois o Senhor não estava mais disposto a perdoar (24:2b-4). Nem as orações de Jeremias (Jr 11:14; 14:11), tampouco as orações de homens santos como Moisés e Samuel (Jr 15:1) poderiam fazer o Senhor mudar de ideia.

O autor do livro de Reis não fornece detalhes sobre a morte de Jeoaquim, a qual, de acordo com a profecia registrada em Jeremias 22:19, seria extremamente vergonhosa. Ao que parece, ele morreu no cativeiro (2Cr 36:6), mas também é possível que não tivesse sido deportado de Jerusalém. Jeoaquim foi sucedido por seu filho, Joaquim (24:6).

#### 24:8-17 Joaquim

Como Jeoacaz, seu tio, Joaquim reinou apenas três meses (24:8). Nesse curto período, fez o que era mau perante o Senhor (24:9). Ele sofreu as consequências da rebelião de seu pai contra Nabucodonosor (24:1). Decidiu-se pela rendição, e, a conselho de Jeremias, o rei, sua mãe e a família real se entregaram aos babilônios (24:10-12; cf. tb. Jr 13:18). Nabucodonosor não destruiu Jerusalém, mas levou com ele todos os tesouros do palácio e do templo (24:13). Levou também o rei, a família real e os principais oficiais e conselheiros de Jerusalém para a Babilônia (24:15; cf. tb. Jr 22:24-30).

Os babilônios costumavam tirar os povos conquistados de suas terras e transferi-los para outros lugares a fim de evitar que as colônias de cativos se rebelassem. No caso de Judá, todos os artífices e sete mil soldados foram exilados (24:16). No total, dez mil pessoas foram levadas para o cativeiro na segunda deportação de Judá para a Babilônia. Os exilados ficariam surpresos se soubessem que Jeremias os considerava abençoados em comparação com os mais pobres da terra que foram deixados para trás (Jr 24:5-10).

Jerusalém ainda não havia sido destruída, mas se encontrava tão enfraquecida política, material e espiritualmente que não tinha condições de se rebelar. Zedequias, o tio do rei, foi nomeado governante de uma nação que se desintegraria em breve (24:17).

#### 24:18-20 Zedequias

Zedequias também fez o que era mau perante o Senhor (24:19). Não era um homem determinado. Como Jeremias 37—38 mostra claramente, procurou a orientação do Senhor, mas não teve coragem de obedecer-lhe. Judá estava à beira de uma catástrofe, mas os profetas transmitiam mensagens conflitantes. Jeremias profetizava julgamento e desastre. Aconselhava a rendição e chegou a escrever aos exilados que a Babilônia ocuparia o poder por setenta anos (Jr 29). Falsos profetas, contudo, garantiam a Zedequias e Judá que, em breve, os exilados voltariam e Joaquim ocuparia o trono novamente (Jr 28:1-4). Zedequias provavelmente se sentiu um governante interino.

O livro de Reis não fornece todos esses detalhes. Resume o período de confusão e conselhos imprudentes dizendo apenas que o julgamento do Senhor pairava sobre Judá a ponto de os rejeitar de sua presença (24:20).

### 25:1-26 A queda de Jerusalém

#### 25:1-7 O fim do reino de Judá

No início do reinado de Zedequias, Jeremias havia deixado claro que o Senhor pretendia entregar toda a terra, o povo e os animais a Nabucodonosor (Jr 27:4-7). O profeta havia aconselhado Zedequias a não resistir, mas se sujeitar aos babilônios e salvar sua vida e a cidade de Jerusalém (Jr 27:12-14). Quando começou a reinar, Zedequias se mostrou

leal aos babilônios e chegou até a visitar Nabucodonosor na Babilônia (Jr 51:59). Porém, é possível que mais tarde tenha dado ouvidos a falsos profetas e a conselhos imprudentes, pois se aliou a Amom, Edom, Moabe, Tiro e Sidom a fim de se rebelar (24:10b; Jr 27:3-7).

Nabucodonosor respondeu atacando Judá novamente. Sitiou Jerusalém durante quase dois anos (25:1-3) e, por fim, conseguiu transpor o muro (25:4a). Jeremias descreve como os oficiais babilônios entraram na cidade e assentaram-se à Porta do Meio. Zedequias reconheceu a derrota e, juntamente com seus soldados, partiu para o sul, *pelo caminho da Campina*, rumo a Jericó e ao vale do Jordão (25:4b-5; Jr 39:3-4).

Sua fuga, porém, foi frustrada. Zedequias foi capturado e entregue a Nabucodonosor em Ribla. Os babilônios mataram os filhos do rei à sua própria vista e depois lhe vazaram os olhos (25:6-7). Acabaram-se as esperanças de um sucessor no trono de Judá em Jerusalém.

### 25:8-21 A destruição da cidade e do templo

Uma vez que não havia mais rei em Jerusalém, os acontecimentos passaram a ser datados de acordo com o reinado de Nabucodonosor (25:8). O comandante babilônio Nebuzaradã destruiu a cidade para que não voltasse a causar problemas. Queimou o templo de Salomão, o palácio real e todos os edifícios importantes (25:9), ordenando ainda que os soldados derrubassem o muro da cidade (25:10). Mais quatro mil e seiscentas pessoas foram levadas para o cativeiro em Babilônia (25:11; cf. Jr 52:28-30). Foi o terceiro grupo de cativos, depois dos dez mil exilados com o rei Joaquim (24:14-16) e do primeiro grupo levado no tempo de Jeoaquim (Dn 1:1-6). As colunas de bronze e o mar de fundição encomendados por Salomão a Hirão de Tiro foram quebrados e transportados para a Babilônia com todos os utensílios de ouro e prata do templo (25:13-17).

O sumo sacerdote, os principais sacerdotes e todos os oficiais que ainda se encontravam na cidade foram presos e levados a Nabucodonosor, que ordenou sua execução (25:18-21). Apenas a população mais pobre foi deixada na terra para cuidar dos campos (25:12).

Os reinos de Judá e Israel deixaram de existir na terra prometida. A profecia de Amós se cumpriu: “Não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes? [...] Eis que os olhos do SENHOR Deus estão contra este reino pecador, e eu o destruirei de sobre a face da terra; mas não destruirei de todo a casa de Jacó, diz o SENHOR” (Am 9:7-8).

### 25:22-26 Gedalias, governador de Judá

Os babilônios sabiam da necessidade de deixar alguns líderes na região, de modo que nomearam como governador Gedalias, filho de Aicão, filho de Safã (25:22). Jeremias 40:7—41:3 fornece uma descrição detalhada dos acontecimentos ocorridos durante seu governo. Gedalias era um

homem culto, e não um administrador ignorante e incompetente.

A população dispersa pela guerra começou a se reunir ao seu redor, e, como o profeta Jeremias, Gedalias garantiu a todos que poderiam viver em paz caso se sujeitassem aos babilônios (25:24; cf. tb. Jr 27:12-14).

Ele transferiu a capital de Jerusalém, que havia sido destruída, para a cidade de Mispa (Jr 40:8-12). Ainda havia, contudo, certa resistência aos babilônios, alimentada especialmente pelo rei de Amom, que ajudou um homem chamado Ismael a assassinar Gedalias. Os partidários de Gedalias também foram mortos, bem como os babilônios em Mispa (25:25; Jr 40:14). Temendo retaliações, muitos do povo fugiram para o Egito, onde criaram assentamentos judeus (25:26; Jr 41:16-18). Somente os mais pobres e fracos de Judá permaneceram na terra e, sem líderes, perderam a identidade judaica. Não há nenhuma indicação de que tenham se juntado aos exilados que regressaram a Jerusalém no tempo de Esdras e Neemias (Ed 2:2-67; Ne 7:6-73).

### 25:27-30 Joaquim é libertado

O autor de Reis não encerra seu livro em tom de desespero. Ainda havia esperança para Israel. A promessa de um messias continuava a vigorar. Em 562 a.C., um rei chamado Evil-Merodaque libertou o rei Joaquim da prisão e o colocou acima de todos os reis de outras terras que também se encontravam exilados na Babilônia (25:27-30; Jr 52:31-34). Joaquim, também chamado de Jeconias, foi um dos antepassados de Jesus, o Messias (Mt 1:11-12; Lc 4:27).

O Senhor estava com seu povo, mesmo no exílio. Os babilônios se valeram das aptidões dos mais talentosos em sua administração (Dn 1:10; 2:48-49), e indivíduos como Esdras, Zorobabel, Neemias, Daniel e seus amigos, Mordecai e Ester prosperaram no exílio. Os exilados tementes a Deus foram libertos. Somente aqueles que rejeitaram o Senhor se perderam e se separaram do povo de Deus.

A monarquia chegou ao fim em Israel e Judá, mas Deus permanece como o Rei dos reis. É ele quem controla a ascensão e deposição dos governantes terrenos (Jr 27:4-5). Os reis de Israel não conseguiram salvar o povo de Deus, mas o próprio Deus salva aqueles que creem nele e o amam, respeitam e obedecem fielmente.

Musa Gotom

### Leituras adicionais

MONTGOMERY, James A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Kings*. Edinburgh: T&T Clark, 1976.

PROVAN, Iain W. *1 and 2 Kings*. NIBC. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1995.

WISEMAN, Donald J. *1 and 2 Kings*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993.

# 1 E 2CRÔNICAS

Quantos sermões baseados em versículos de Crônicas ouvimos por ano? Temos diante de nós um dos livros mais negligenciados da Bíblia. Vários livros, artigos e comentários sobre o AT nem sequer o mencionam. Pastores, evangelistas e leigos leem apenas trechos desses dois livros. Muitas congregações cristãs leem Crônicas apenas em ocasiões especiais como a consagração de uma casa ou templo novo.

Não obstante, Crônicas é palavra de Deus tanto quanto o restante da Bíblia e, portanto, não deve ser esquecido. De acordo com o prefácio de Jerônimo à tradução dos livros de Samuel e Reis para o latim (a Vulgata), quem pensa conhecer as Escrituras Sagradas, mas ignora Crônicas, engana a si mesmo. Assim, incentivamos pastores, cristãos em geral e estudantes da Bíblia em particular a considerar Crônicas com seriedade.

## Conteúdo

Crônicas oferece um resumo sucinto do AT. É uma Bíblia dentro da Bíblia. Apresenta a narrativa sagrada desde a criação da humanidade até a volta dos exilados da Babilônia e abrange um período mais extenso da história que qualquer outro livro do AT. Seu foco principal, no entanto, é a época da monarquia em Israel. Dos sessenta e cinco capítulos que constituem o livro, cinquenta e seis tratam desse período (1Cr 10:1—2Cr 36:21).

A história que antecedeu a instituição da monarquia em Israel é apresentada de forma abreviada por meio de dados genealógicos e geográficos (1Cr 1:1—9:44). A presença de todas essas listas no início do livro desanima muitos cristãos de prosseguir com a leitura. Alguém comparou os nove primeiros capítulos de Crônicas a nove leões que guardam sua entrada e desestimulam os leitores menos determinados a descobrir os tesouros ocultos mais adiante. Apesar de ser uma imagem parcialmente verdadeira, não corresponde a toda a realidade, pois os primeiros capítulos também contêm tesouros. As listas longas que, à primeira vista, podem parecer irrelevantes, lançam os alicerces para a história subsequente.

Os assuntos e temas do corpo do livro são desenvolvidos a partir das genealogias. O importante lugar reservado à tribo de Judá nas genealogias prepara o leitor para o papel fundamental da dinastia de Davi. O lugar de destaque ocupado pela genealogia dos descendentes de Levi se deve à importância que Crônicas atribui posteriormente à classe dos levitas.

Em 1Crônicas 3:10-16, encontramos uma lista de todos os reis de Judá, mas, ao relatar a história da

monarquia, o autor enfatiza de modo particular o reinado de Davi (1Cr 11:1—29:30) e de Salomão, seu filho e sucessor imediato (2Cr 1:1—9:31). Os reinados de outros monarcas de Judá são descritos de maneira mais sucinta (2Cr 10:1—36:21), com destaque para Asa (14:2—16:14), Josafá (17:1—21:1), Ezequias (29:1—32:33) e Josias (34:1—35:27), monarcas fiéis a Deus e ao seu templo.

Ao contrário do livro de Reis, em que a história dos reinos de Israel e Judá é relatada de forma paralela, Crônicas focaliza somente o reino de Judá. Refere-se apenas aos acontecimentos do Reino do Norte que afetam o Reino do Sul. Para o autor de Crônicas, o Reino do Norte é apóstata e rebelde, pois se revoltou contra a casa de Davi e o templo em Jerusalém.

Tudo indica que os dois relatos bíblicos da monarquia em Israel — Samuel, Reis e Crônicas — foram escritos em épocas diferentes. Ao interpretar esses livros, portanto, devemos considerar as questões distintas das quais eles tratam. Enquanto Samuel e Reis foram escritos de um ponto de vista que justifica a calamidade de 587-585 a.C. (o final da dinastia davídica e a destruição do templo), Crônicas demonstra maior interesse na restauração do povo e na reconstrução do templo. Em outras palavras, Samuel e Reis relatam uma história que terminou em tragédia, enquanto Crônicas é uma narrativa que termina com esperança e restauração. De fato, 2Crônicas se inicia com a construção do templo e termina com o decreto de Ciro que autorizou a construção de outro templo.

## Nome e divisões

Crônicas é o terceiro livro mais longo da Bíblia depois de Salmos e Isaías. Na Bíblia hebraica, faz parte dos Escritos (as outras duas divisões são a Lei e os Profetas).

Originalmente, Crônicas não era separado em duas partes; constituía um único livro chamado “Os Acontecimentos dos Dias”, ou seja, os registros dos acontecimentos considerados importantes nos anais da época. A Bíblia não emprega nenhum termo que signifique, literalmente, “história”.

No século III a.C., a Bíblia hebraica foi traduzida para o grego (a Septuaginta). Os tradutores chamaram Crônicas de *Paraleipomenon*, que significa “coisas omitidas” ou “coisas preteridas”. O título grego indica que o texto de Crônicas completa o relato de Samuel e Reis. Uma vez que a Septuaginta não seguiu a mesma divisão em três partes observada na Bíblia hebraica, Crônicas foi

colocado junto com os Livros Históricos, depois de Samuel e Reis.

É provável que o nome *Paraleipomenon* e a posição do livro logo depois de Samuel e Reis tenham impedido uma apreciação plena do valor intrínseco de Crônicas, fazendo-o parecer insignificante em comparação com a história principal de Israel. Sem dúvida, o fato de vários relatos em Crônicas serem semelhantes aos de Samuel e Reis levou os tradutores da Septuaginta a considerar Crônicas uma obra que complementava ou preenchia as lacunas de Samuel e Reis. A leitura superficial pode dar a impressão de que seu texto não passa de uma repetição de Samuel e Reis. O estudo mais profundo, porém, revela algo diferente. Recomendamos que os leitores deste comentário não usem Crônicas apenas para preencher os detalhes ausentes nos livros de Samuel e Reis. Podemos fazer uma comparação com os Evangelhos Sinópticos do NT. Mateus, Marcos e Lucas apresentam três versões paralelas, porém distintas, do ministério de Cristo. Os mesmos acontecimentos são relatados por ângulos diferentes com um propósito específico. Crônicas faz o mesmo em relação a Samuel e Reis.

Os tradutores da Septuaginta foram responsáveis, ainda, pela divisão de Crônicas em duas partes, conhecidas hoje como 1 e 2Crônicas. Infelizmente, dividiram a obra no ponto menos recomendável, isto é, entre os reinados de Davi e seu sucessor, Salomão. Na maior parte deste comentário, deixaremos a divisão de lado, tendo em vista a continuidade perfeita entre os dois reinados. Davi fez os preparativos para a construção do templo, enquanto Salomão seguiu as instruções do pai à risca ao construir a casa do Senhor.

O nome “Crônicas”, pelo qual o livro é conhecido hoje em dia, originou-se do trabalho de Jerônimo (347-420 a.C.), que traduziu a Bíblia para o latim. Jerônimo considerava o livro uma crônica de toda a história sagrada. Em sua tradução da Bíblia hebraica para o alemão, concluída em 1534, Lutero empregou um termo equivalente e, desde então, o livro passou a ser chamado de “Crônicas”.

Não devemos, contudo, deixar-nos enganar por esse termo que se refere ao registro de acontecimentos na ordem em que ocorreram. O autor de Crônicas está mais preocupado com a relevância dos acontecimentos do que com sua cronologia exata, como podemos observar claramente em 1Crônicas 11:4—12:40. Nessa passagem, temos a impressão de que a conquista de Jerusalém ocorreu no meio da cerimônia de coroação de Davi. Se presumirmos uma ordem estritamente cronológica, poderemos imaginar que, no meio da cerimônia, Davi e os demais presentes saíram para conquistar Jerusalém e, só depois de tomarem a cidade, concluíram a coroação, uma situação extremamente improvável.

## Período e contexto

Crônicas em si não fornece nenhuma informação acerca da data de sua redação. O último acontecimento registrado no livro é a decisão de Ciro, rei da Pérsia, de autorizar alguns exilados judeus a voltar para Jerusalém a fim de reconstruir o templo. O edifício original, edificado por Salomão, havia sido destruído pelos babilônios em 587 a.C., quando conquistaram a capital do reino de Judá. No período da invasão, iniciado em 605 a.C., a nata da população (a família real, os sacerdotes, escribas, nobres e oficiais do exército) foi deportada para a Babilônia.

Ciro conquistou a Babilônia em 539 a.C. e estabeleceu um dos maiores impérios da Antiguidade. O império persa se tornou conhecido por sua estabilidade. Apesar de conflitos internos e externos, a dinastia aquemênida governou “sobre todo o mundo”, ou seja, sobre todo o mundo conhecido na época, durante pelo menos dois séculos (539-331 a.C.). Ciro é o único rei pagão a ser mencionado de forma positiva no AT. O profeta Isaías chega a chamá-lo de “messias” (“ungido”; Is 45:1).

Os persas trataram os povos conquistados de maneira um tanto diferente de seus antecessores. Enquanto os assírios e babilônios praticavam sistematicamente deportações em massa de povos conquistados, os persas se valiam desse expediente apenas em casos de necessidade extrema, como, por exemplo, quando ocorria uma rebelião. Devido à vastidão de seu império, sabiam que não podiam governar apenas pela força. Concediam, portanto, certa autonomia a alguns grupos sob seu controle e não impunham sua religião a outros povos. Em vez disso, o império financiava a reforma, a construção e a manutenção de templos locais. Não é correto afirmar, contudo, que os assírios adotavam uma política não-intervencionista, e seria engano imaginar que praticavam tolerância religiosa nos moldes que conhecemos hoje em dia. A autonomia e a tolerância religiosa relativas só iam até o ponto em que serviam aos interesses do império e contribuíam para manter a população sob controle sem o uso de muita força. Os reis persas adotavam a política hoje chamada de *realpolitik* e, portanto, não hesitavam em usar a força quando necessário para acabar com uma rebelião, especialmente se os interesses do império estivessem em jogo.

Apesar de diversos obstáculos que atrasaram o início das obras, o templo foi reconstruído sob a direção de Zorobabel, descendente do rei Davi, e dedicado em 515 a.C., durante o reinado de Dario I.

A análise de alguns trechos de Crônicas, como as genealogias pós-exílicas, permite-nos deduzir que o livro foi escrito durante o período persa, mas é difícil precisar a data. Para alguns comentaristas, foi redigido logo após o regresso da Babilônia; para outros, mais perto do final do império persa (no séc. IV a.C.).

O propósito e os temas do autor, contudo, não deixam dúvida de que a obra é posterior à volta do exílio, à reconstrução do templo e à retomada das atividades religiosas em Jerusalém.

### Autor

Não sabemos quem escreveu Crônicas. Vários estudiosos sugerem que foi o escriba Esdras, mas o texto em si não o menciona de forma específica. O autor desconhecido é chamado de “cronista”. Considerando-se o interesse demonstrado pelos cantores levitas, há quem sugira que o autor fosse membro desse grupo.

A sugestão de Esdras como possível autor está estreitamente ligada ao modo pelo qual os comentaristas interpretam a relação entre Esdras-Neemias e Crônicas. Até cerca de trinta anos atrás, havia um consenso de que os três livros apresentavam certa unidade, e sua visão histórica geral era conhecida como “história do cronista”. Nos últimos tempos, porém, a coesão desses livros tem sido questionada por vários comentaristas, e a maioria prefere agora a ideia de que foram redigidos por autores diferentes.

As discussões acerca da autoria giram em torno de diferenças linguísticas (p. ex., o fato de trechos de Esdras serem escritos em aramaico, e não hebraico) e o modo pelo qual algumas questões teológicas são tratadas. Em Crônicas, Davi desempenha um papel importante, os levitas se encontram representados em todas as cerimônias e os profetas exercem influência considerável. Em Esdras-Neemias, porém, Davi nem sequer é mencionado, os levitas desempenham um papel secundário e a palavra profética é marginalizada.

Uma diferença ainda mais surpreendente pode ser observada na atitude em relação às nações estrangeiras. Crônicas é mais conciliatório, enquanto Esdras e Neemias são mais exclusivistas (Ed 9:1—10:44). Neemias usa o exemplo de Salomão para condenar os casamentos mistos (13:23-28), mas essa uniões não são julgadas em Crônicas, onde Salomão é apresentado como um rei fiel. Na verdade, Crônicas não tece nenhuma crítica a Salomão.

Não devemos, contudo, exagerar as diferenças entre os livros de Crônicas e Esdras-Neemias, pois todos refletem as preocupações da comunidade pós-exílica. Devemos considerá-los, portanto, obras complementares, e não contraditórios.

Enquanto no passado Crônicas dependia inteiramente de Esdras-Neemias, graças à nova abordagem, o livro é agora tratado de forma independente.

### Fontes

Crônicas é redigido na forma de relato histórico, apesar de a definição de “história” ser diferente hoje. Uma vez

que o cronista redigiu seu relato muito tempo depois dos acontecimentos, quando o povo já havia regressado do exílio, é cabível perguntar que fontes ele usou como referência. De onde extraiu a história patriarcal condensada nas genealogias? Onde coletou os dados para a história da monarquia?

O autor não fornece nenhuma indicação das fontes empregadas. O leitor mais atento, porém, observará semelhanças entre Crônicas e outros livros da Bíblia, principalmente Gênesis, Samuel, Reis e Salmos. O nome *Paraleipomenon*, ao qual nos referimos anteriormente, pode ser uma indicação das fontes. O autor de Crônicas usou Samuel e Reis como fontes principais. Alguns comentaristas atuais sugerem, em vez disso, que Samuel-Reis e Crônicas se valeram de uma fonte comum. A maioria dos estudiosos, porém, não aceita essa proposta e insiste em que Samuel e Reis constituem as fontes mais importantes do cronista. No presente comentário, também argumentamos que o cronista empregou outros livros da Bíblia, quer em forma canônica ou não, para o relato histórico. Grande parte das genealogias foi extraída do Pentateuco, enquanto a história da monarquia se vale do conteúdo de Samuel e Reis. A passagem de 1Crônicas 16:8-36 cita Salmos repetidamente.

No final do registro do reinado de cada rei, o cronista fornece ao leitor fontes adicionais sem revelar se ele próprio usou esses documentos em seu relato. As fontes consistem em documentos oficiais, como as crônicas reais e os escritos de certos profetas. Vários profetas mencionados nessas fontes tiveram um papel ativo nos acontecimentos registrados em Samuel e Reis, mas não são citados em Crônicas. Seu trabalho não é mencionado porque não afetou diretamente o reino de Judá ou não foi relevante para os temas centrais do cronista, tais como o templo, a monarquia davídica e a adoração.

Podem-se detectar algumas discrepâncias entre Samuel, Reis e Crônicas. Conforme comentamos anteriormente, certas diferenças se devem ao fato de o cronista ter prioridades peculiares. Outras podem indicar que o cronista se valeu de fontes documentárias distintas daquelas empregadas pelo(s) autor(es) de Samuel e Reis. Algumas mudanças também podem ter ocorrido durante o processo de transmissão.

### Relevância para a África

O propósito central do autor de Crônicas é recontar a história bastante conhecida de todo o povo de Israel à luz de suas novas circunstâncias.

As circunstâncias em questão abrangem o retorno do exílio, a reconstrução do templo, a retomada das atividades religiosas, a falta de um rei descendente de Davi e o fato de Judá ser agora uma província ou distrito do

império persa. Alguns desses temas são de interesse para nosso continente.

O livros de Crônicas oferece à África um exemplo positivo de como acontecimentos passados podem ser usados para consolidar uma nação, um povo e até um continente. Sem recorrer a distorções, o autor escolheu e manteve os atos e fatos que contribuirão para a união de Israel como nação depois do exílio. No caso de Davi, por exemplo, Crônicas deixa de fora tudo o que desdoura a imagem desse grande rei. Não fala de sua relação extraconjugal com Bate-Seba, do incesto entre seus filhos nem do fratricídio subsequente. Omite também as falhas de Salomão e o apresenta como rei perfeito. A lembrança triste da destruição de Israel é incluída apenas de forma sucinta.

Muitas vezes, nós, africanos, nos apegamos excessivamente ao nosso passado doloroso: o tráfico de escravos, o colonialismo e o pós-colonialismo. Sem minimizar as consequências desses períodos da história, devemos olhar para aquilo que pode dar esperança ao nosso povo. Pastores, teólogos, evangelistas e outros líderes encontram em Crônicas a base para sua tarefa eclesíastica e comunitária de tornar relevantes para a África de hoje a palavra e os atos maravilhosos de Deus no passado. Crônicas nos oferece vários meios de alcançar esse alvo.

### **O reino de Deus**

O reinado de Davi e o de seu filho e sucessor, Salomão, são considerados o ápice da história de Israel. Davi e Salomão não são exaltados, porém, por seus grandes feitos nos campos de batalha ou no âmbito político, mas por seu compromisso religioso. Assim como o autor ignorou vários episódios que poderiam manchar a imagem de Davi, também deixou de mencionar fatos que poderiam contribuir para sua glória. Crônicas não apresenta Davi como o guerreiro invencível que matou Golias e conquistou exércitos estrangeiros. Antes, ele é o rei piedoso que dedicou todo o seu reinado aos planos e preparativos necessários para a construção do templo: levou a arca da aliança para Jerusalém, comprou o local onde o templo seria construído, providenciou as plantas, preparou os materiais e nomeou pessoas para o serviço no templo. Salomão não é o monarca extravagante de Reis, mas o filho que seguiu à risca as instruções de seu pai. Foi escolhido por Deus para ser o sucessor de Davi e é elogiado por seu papel como construtor do templo.

Todos os outros reis de Judá são julgados de acordo com sua fidelidade, ou infidelidade, em relação ao templo. O livro termina com o édito no qual Ciro autoriza os judeus a regressar a Jerusalém e reconstruir o templo. Em outras palavras, a história de Israel em Crônicas começa e termina com o templo.

Ao focalizar o templo, o cronista se preocupa mais com seus aspectos espirituais e religiosos do que com seus elementos físicos. Sabe muito bem que o templo reconstruído em Jerusalém não é tão espaçoso quanto o edifício anterior, construído por Salomão. Daí fornecer menos detalhes acerca dos materiais usados na construção do templo, mas trata detalhadamente de sua dedicação espiritual. O templo é considerado símbolo da presença do reino de Deus no meio de seu povo. Devido à ausência de um rei na comunidade pós-exílica, o cronista enfatiza o reino de Deus em vez do reino davídico. Encontramos, portanto, declarações como estas: “Mas o confirmarei na minha casa e no meu reino para sempre” (1Cr 17:14; 28:5); “Salomão assentou-se no trono do SENHOR, rei, em lugar de Davi, seu pai” (1Cr 29:23). A monarquia havia desaparecido muito tempo atrás, e, agora, Deus era o rei, e o templo, o seu palácio no meio do povo.

Crônicas é o único livro do AT que focaliza o “reino de Deus”, tema que ocuparia o centro da pregação de Jesus, aquele em quem o reino se encontra presente nos dias de hoje. Jesus também associa o reino de Deus ao templo quando diz: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2:19).

Como o templo em Jerusalém, a igreja de Cristo na África deve simbolizar a presença do reino de Deus em nosso continente. Sabemos que o reino de Deus é um reino de paz, alegria, justiça e amor. A igreja deve, portanto, mobilizar seus membros a fim de promover essas virtudes. Enquanto o continente africano for sinônimo de guerra, fome e pobreza, a igreja não estará cumprindo sua missão de tornar o reino de Deus uma realidade aqui na terra.

### **O papel dos levitas**

Apesar de mencionar “sacerdotes e levitas”, o cronista dá maior destaque aos últimos. A genealogia da tribo de Levi em 1Crônicas 6:1-6 é a segunda mais longa, e só fica atrás da genealogia de Judá. O termo “levitas” é usado mais vezes em Crônicas que em qualquer outro livro do AT, incluindo Levítico. A primeira tentativa de transportar a arca da aliança para Jerusalém fracassou devido à ausência de levitas (1Cr 15:2,12-13). Em algumas ocasiões, os levitas são mais valorizados que os sacerdotes, devido à sua maior preocupação em se consagrar (2Cr 29:34). Por esse motivo, ao contrário dos sacerdotes, os levitas não são responsabilizados pela destruição de Jerusalém e pelo exílio e não aparecem na lista de grupos culpados (2Cr 36:14). A atenção especial que os levitas recebem em Crônicas talvez reflita sua importância depois do regresso do exílio.

Crônicas se concentra no papel dos levitas como músicos no culto. No reinado de Davi, os integrantes do

grupo que carregou a arca da aliança se tornaram líderes do serviço no templo. Os levitas foram escolhidos pelo próprio Deus para essa função, mas também o serviam de outras maneiras. Em Crônicas, atuam fora do templo como profetas, mestres da lei e administradores civis e religiosos (1Cr 23:28-32).

O próprio rei Davi especificou as funções dos levitas muito antes da construção do templo. Os reis de Judá que tiveram reinados bem-sucedidos (Josafá, Ezequias e Josias) foram aqueles que valorizaram os levitas e respeitaram sua contribuição.

De modo geral, Crônicas os apresenta como um grupo comprometido com a santidade e indispensável na comunidade. Eram responsáveis pelos cultos no templo, mas também participavam de todos os grandes acontecimentos da vida do povo, inclusive no âmbito civil.

De acordo com algumas estatísticas, a África é o continente mais cristianizado do mundo. Infelizmente, porém, esse dado animador não se reflete na vida diária de nosso continente. Muitas vezes, há uma dicotomia entre a vida religiosa e a vida diária. Quando enfrentam uma crise, pessoas que frequentam a igreja consultam um *nganga* ou *nkisi*, líderes das religiões africanas tradicionais. Crônicas rejeita esse tipo de dicotomia. Mostra que o culto no templo era importante, porém não sobrepujava a obediência à lei. Lembra-nos que a vida diária e as práticas religiosas são duas faces da mesma moeda.

### **“Todo o Israel”**

A expressão “todo o Israel” é usada mais de quarenta vezes em Crônicas para expressar a união de Israel. Desde o início, o cronista apresenta Israel nas genealogias como uma família constituída pelos filhos de Jacó. Na verdade, Jacó é chamado com frequência de “Israel” em Crônicas. A união de Israel se torna realidade durante os reinados de Davi e Salomão. “Todo o Israel” se reuniu em torno de Davi nas principais cerimônias de seu reinado: Foi coroado por “todo o Israel”; o rei e “todo o Israel” conquistaram Jerusalém, e “todo o Israel” participou da transferência da arca da aliança para Jerusalém (1Cr 11:1,4; 13:6).

Os reinados de Davi e seu sucessor, Salomão, servem de modelo para as relações democráticas entre o rei e seu povo. Davi incluía “todo o Israel” em seus projetos. Era um rei que discutia, ou melhor, conferenciava, com seus colaboradores (1Co 13:1) e chamava seus concidadãos de “irmãos meus” (1Cr 28:2). O livro enfatiza a subordinação do rei à autoridade de Deus. De modo bastante concreto, ele é o “primeiro entre iguais”. Hoje em dia, o conceito de democracia na África equivale, com frequência, a pouco mais do que promover eleições. A imposição do modelo democrático ocidental sobre o continente africano tem-se mostrado ineficaz,

e talvez seja preferível buscar outra forma de democracia. O elemento essencial é a participação ativa do povo como um todo.

Devido à sua preocupação com a união de Israel, o cronista omite todas as referências à história política do Reino do Norte. Apesar de as tribos do Norte terem assumido o nome “Israel”, Crônicas usa a designação “Israel” sempre de maneira mais ampla. Não obstante a divisão em dois reinos, o autor considera Israel uma única sociedade. Ezequias convidou o povo do Reino do Norte para comemorar a Páscoa em Jerusalém (2Cr 30:1), e as reformas de Josias incluíram o reino vizinho (2Cr 34:6-7).

A união desejada não é apenas sociológica, mas especialmente espiritual. Por esse motivo, o povo do Reino do Norte não é considerado parte de uma entidade política distinta, mas é convidado a ir ao templo em Jerusalém.

A união e identidade de Israel eram de suma importância para seu povo que vivia num território com fronteiras instáveis e vulneráveis no coração do vasto império persa. A preocupação com a união, porém, não impediu o cronista de apresentar Israel nas relações com seus vizinhos. As genealogias em 1Crônicas 1—9 incluem interações entre o povo de Deus e outras nações e povos.

Em Crônicas, a união é associada à alegria. Em várias ocasiões, “todo o Israel” se une para comemorar alguma festa (cf., p. ex., 1Cr 12:39-41) com júbilo, música, dança e banquetes.

A liturgia das comunidades cristãs deve lançar mão de todos os recursos da cultura africana para expressar alegria. Teclados eletrônicos não devem substituir automaticamente nossos xilofones e outros instrumentos tradicionais de baixo custo. Uma vez que também eram associados a outras ocasiões, esses instrumentos foram banidos da igreja pelos missionários cristãos por serem considerados pagãos. O violão e o piano, contudo, podem ser criticados pelo mesmo motivo, pois também são usados para tocar músicas mundanas.

Alguns anos atrás, era comum condenar as danças tradicionais africanas na igreja. Hoje em dia, porém, algumas congregações têm incluído essa forma de expressão em seus cultos. Cristãos do povo igbo da Nigéria citam 1Crônicas 25:1-31 para justificar o lugar da música e da dança na celebração do culto. Precisamos resgatar o lugar da dança, da alegria e das refeições comunitárias na liturgia. O fato de fazermos parte de determinada tradição cristã não nos deve impedir de adorar de modo autenticamente africano, pois, ao fazê-lo, fortaleceremos nossa comunhão.

### **Buscar ao Senhor**

A importância de “buscar ao Senhor” é enfatizada com frequência em Crônicas. Infelizmente, não temos em



nossa língua uma tradução satisfatória para o verbo hebraico *darash*. O verbo “buscar” expressa apenas parte de seu sentido; a outra parte transmite a ideia de obediência e submissão totais, e até mesmo de arrependimento (2Cr 7:14).

A submissão e a obediência são expressas especialmente em termos de adoração ritual. Os reis bem-sucedidos foram aqueles que buscaram ao Senhor e introduziram reformas para acabar com a idolatria (1Cr 13:3; 2Cr 14:3-4; 15:2; 17:4; 31:21; 34:3). O primeiro ato de Davi como rei depois de tomar Jerusalém foi buscar ao Senhor. Essa busca se expressou em seu interesse pela arca da aliança, símbolo da presença divina no meio de seu povo. O versículo 3 de 1Crônicas 13 pode ser traduzido, portanto, por: “Tornemos a trazer para nós a arca do nosso Deus; porque nos dias de Saul não a buscamos”. Em alguns casos, o verbo “buscar” é usado em Crônicas com o sentido de “arrepender-se” (cf., p. ex., 2Cr 7:14).

Esse “buscar” não se limita, contudo, ao âmbito da adoração institucional. Quando inimigos atacam, o rei que busca ao Senhor também deposita sua confiança em Deus, e não no poderio militar. E confiar significa mais que apenas consultar o Senhor na esperança de receber um oráculo dele.

O rei Saul morreu porque não consultou o Senhor nem foi fiel a ele (1Cr 10:13-14). O termo *ma'al*, traduzido por “infiel”, é o oposto de *darash*. Em Crônicas, é o termo principal usado em referência ao pecado (em português, traduzido também por “ser mau”, “transgressão” ou em conjugações dos verbos “pecar” e “transgredir”), como em 1Crônicas 2:3; 5:25; 9:1; 10:13; 2Crônicas 12:2; 26:16; 28:19; 29:19; 33:19; 36:14. Apesar de ocorrer, na maioria das vezes, em contextos religiosos, abrange outras áreas da relação entre Deus e seu povo.

Temos a impressão de que grande parte da experiência do povo de Deus é caracterizada pela infidelidade. Na primeira vez que nos deparamos com esse termo em Crônicas, ele é aplicado à tribo de Judá, a tribo de Davi. Na última vez em que é usado, também se refere a Judá.

Em Crônicas, o pecado da infidelidade é com frequência acompanhado pela ação de se distanciar do Senhor. Aqueles que pecam se afastam de Deus e são arrastados para a idolatria. Em decorrência, o povo deixa de adorar de forma legítima em Jerusalém e se corrompe. Em vez de dependerem do Senhor e confiarem nele, os infiéis contam com suas próprias forças. Merecem, portanto, ser castigados. Graças à sua infidelidade, os habitantes do Reino do Norte foram exilados pelos assírios. Posteriormente, o Reino do Sul foi destruído pelos babilônios, tendo sido seus habitantes deportados pelo mesmo motivo (1Cr 5:25-26; 9:1).

## Retribuição

A retribuição é uma das características da teologia de Crônicas. A fidelidade ao Senhor redundava em bênçãos (vitória na batalha, riquezas, descendentes, saúde e boa reputação), enquanto a infidelidade acarretava punição (morte, derrota, enfermidade, exílio). Crônicas apresenta um Deus que intervém nos assuntos do mundo. O NT também fornece exemplos de castigo imediato, como o de Ananias e Safira, que morreram repentinamente quando pecaram (At 5:1-10). Os cristãos são advertidos, igualmente, sobre o julgamento no fim dos tempos (2Tm 4:1).

A tendência moderna e pós-moderna de separar Deus do âmbito da atividade humana não está presente em Crônicas. Antes, sua visão é semelhante à visão africana do envolvimento divino com a vida dos seres humanos. Nossos antepassados acreditavam que os deuses participavam da vida diária, crença que persiste até hoje. Por isso, uma calamidade ou derrota é interpretada em termos da vontade da divindade da tribo ou clã. Ao mesmo tempo que não devemos negar as responsabilidades humanas, precisamos viver de modo que expressemos nossa esperança em Deus. Ele intervém para mudar o rumo da história e tirou seu povo do exílio com um propósito. Esse mesmo Deus está aqui para dar um basta ao sofrimento de nosso continente.

A conexão entre obediência e bênção, e desobediência e castigo, porém, não nos deve impedir de ver que Deus é apresentado em Crônicas como fonte de perdão. Nem sempre se trata de uma conexão automática. Nem toda desobediência redundava em punição. Davi entendeu a compaixão de Deus de forma bastante clara quando disse: “Caia eu, pois, nas mãos do SENHOR, porque são muitíssimas as suas misericórdias, mas nas mãos dos homens não caia eu” (1Cr 21:13).

Muitos cristãos africanos não experimentam uma vida de alegria, pois continuam a imaginar que existe uma conexão inexorável entre sua vida e o castigo pelo pecado. Na África, os casos de morte prematura ou esterilidade na família sempre foram atribuídos a infidelidade ao deus do clã ou da tribo, ou até aos antepassados. Mesmo em nossos dias, a tendência é associar enfermidades a condutas pecaminosas.

Se alguém fica doente e, especialmente se a doença persiste depois de vários dias de jejum e oração, as pessoas começam a procurar pecados não confessados na vida do enfermo. Em muitas campanhas de cura em nosso continente, os paralíticos, cegos e enfermos que não são curados depois de orações poderosas pedindo libertação se veem forçados, com frequência, a confessar um pecado oculto que está impedindo Deus de agir.

Nem toda enfermidade, porém, se origina do pecado. Pode-se dizer o mesmo acerca das deficiências físi-

cas. Os discípulos de Jesus acreditavam numa relação direta entre as duas coisas, como vemos em sua pergunta: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (Jo 9:2). Jesus respondeu que nem o cego nem seus pais haviam pecado e descreveu a cegueira do homem como uma oportunidade para que a glória de Deus fosse revelada.

## Esboço

### 1Cr 1:1—9:44 Genealogias

- 1:1—2:2 Genealogia de Adão a Israel (Jacó)
  - 1:1-3 De Adão a Noé
  - 1:4-23 Os filhos de Noé
  - 1:24-27 De Sem a Abraão
  - 1:28-33 Os filhos de Abraão
  - 1:34 De Abraão a Israel
  - 1:35-54 Os filhos de Esaú
  - 2:1-2 Os filhos de Israel
- 2:3—8:40 Genealogia dos filhos de Israel
  - 2:3—4:23 Genealogia de Judá
    - 2:3-8 Os filhos de Judá
    - 2:9-55 Os filhos de Hezrom
    - 3:1-24 Os descendentes de Davi
    - 4:1-23 Outros clãs de Judá
  - 4:24-43 Genealogia de Simeão
  - 5:1-26 Genealogias de Rúben, Gade e Manassés
  - 6:1-81 Genealogia de Levi
    - 6:1-53 Os descendentes de Levi
    - 6:54-81 Os assentamentos levitas
  - 7:1-5 Genealogia de Issacar
  - 7:6-12 Genealogia de Benjamim
  - 7:13 Genealogia de Naftali
  - 7:14-19 Genealogia de Manassés (ocidental)
  - 7:20-29 Genealogia de Efraim
  - 7:30-40 Genealogia de Aser
  - 8:1-40 Segunda genealogia de Benjamim
- 9:1 Conclusão das genealogias
- 9:2-34 Lista dos exilados que retornaram
- 9:35-44 Genealogia de Saul

### 10:1-14 A extinção da dinastia de Saul

### 11:1—29:30 O reinado de Davi

- 11:1—12:40 Davi se torna rei
  - 11:1-3 A coroação de Davi
  - 11:4-9 A conquista de Jerusalém
  - 11:10—12:23 Os valentes de Davi
  - 12:24-40 A celebração da coroação de Davi
- 13:1—17:27 A história da arca da aliança
  - 13:1-14 Tentativa de levar a arca para Jerusalém
  - 14:1-17 A prosperidade de Davi

- 15:1—16:43 A arca é levada para Jerusalém
- 17:1-27 Davi é impedido de construir o templo
- 18:1—20:8 As guerras de Davi
- 21:1—29:30 Os preparativos para o templo
  - 21:1—22:1 A escolha do lugar
  - 22:2-19 Organização da construção
  - 23:1—26:32 Designação de pessoal
    - 23:1-32 Os levitas
    - 24:1-31 Os turnos dos sacerdotes
    - 25:1-31 Os levitas cantores
    - 26:1-28 Os porteiros e os guardiães dos tesouros
  - 26:29-32 Outros oficiais levitas
  - 27:1-34 Organização militar e civil
- 28:1—29:20 Recomendações finais de Davi
  - 28:1-10 Exortações à nação e a Salomão
  - 28:11-21 A planta do templo
  - 29:1-9 Apelo financeiro
  - 29:10-20 A oração de Davi
  - 29:21-25 A coroação de Salomão
  - 29:26-30 Obituário de Davi

### 2Cr 1:1—9:31 O reinado de Salomão

- 1:1-17 Salomão estabelece o seu reino
- 2:1-18 Preparativos adicionais para o templo
  - 2:1 A oferta de Salomão
  - 2:2 Os trabalhadores
  - 2:3-18 Materiais e artesãos
- 3:1—5:1 A construção do templo
- 5:2—6:42 A dedicação do templo
  - 5:2-3 Reunião para tratar da dedicação do templo
  - 5:4-14 Instalação da arca no templo
  - 6:1-11 Prólogo de Salomão
  - 6:12-42 A oração de dedicação
- 7:1-22 A resposta de Deus
  - 7:1-11 A resposta de Deus durante a cerimônia
  - 7:12-22 A resposta de Deus durante a noite
- 8:1—9:28 Outros feitos de Salomão
  - 8:2-11 Projetos de construção
  - 8:12-16 A rotina do templo
  - 8:17—9:12 Reputação internacional
  - 9:13-28 As riquezas e a autoridade de Salomão
- 9:29-31 Final do reinado de Salomão

### 10:1—36:21 Os reis de Judá

- 10:1—12:16 O reinado de Roboão
  - 10:1-19 A separação das dez tribos do Norte
  - 11:1-23 Consolidação do reino de Judá
  - 12:1-16 A desobediência de Roboão
- 13:1-22 O reinado de Abias
- 14:1—16:14 O reinado de Asa
  - 14:1—15:19 A obediência de Asa e as bênçãos recebidas

- 16:1-14 A desobediência de Asa e sua enfermidade
- 17:1—21:1 O reinado de Josafá
- 17:1-19 Um bom começo
- 18:1—19:3 Uma aliança desastrosa
- 19:4-11 Reformas judiciais
- 20:1—21:1 Guerra, oração e libertação
- 21:2-20 O reinado de Jeorão
- 22:1-9 O reinado de Acazias
- 22:10—23:21 O reinado de Atalia
- 24:1-27 O reinado de Joás
- 24:1-16 Obediência e bênção
- 24:17-27 Desobediência e castigo
- 25:1-28 O reinado de Amazias
- 25:1-2 Introdução a Amazias
- 25:3-13 Obediência e bênção
- 25:14-28 Desobediência e castigo
- 26:1-23 O reinado de Uzias
- 26:1-15 Obediência e bênção
- 26:16-23 Desobediência e castigo
- 27:1-9 O reinado de Jotão
- 28:1-27 O reinado de Acaz
- 29:1—32:33 O reinado de Ezequias
- 29:1-36 Restabelecimento da adoração no templo
- 30:1—31:1 Celebração da Páscoa
- 31:2-21 A reorganização da adoração no templo
- 32:1-23 O cerco de Jerusalém
- 32:24-33 O declínio espiritual de Ezequias
- 33:1-20 O reinado de Manassés
- 33:21-25 O reinado de Amom
- 34:1—35:27 O reinado de Josias
- 34:3-33 As reformas de Josias
- 35:1-27 A Páscoa e a morte de Josias
- 36:1-4 O reinado de Jeoacaz
- 36:5-8 O reinado de Jeoaquim
- 36:9-10 O reinado de Joaquim
- 36:11-21 O desastroso reinado de Zedequias

### 36:22-23 O decreto de Ciro

## COMENTÁRIO

### 1Cr 1:1—9:44 Genealogias

No AT, também encontramos genealogias em Gênesis e Rute, mas as de 1Crônicas são as mais extensas. Elas ocupam os primeiros nove capítulos do livro. A relação entre esses capítulos e o restante de Crônicas tem suscitado muita discussão. Alguns comentaristas acreditam que os dois livros eram obras separadas. No entanto, o fato de os temas da segunda parte terem suas raízes nas genealogias sugere que eles formavam originalmente uma unidade.

Uma vez que os nove primeiros capítulos de 1Crônicas são em geral classificados como listas genealógicas, é importante saber que elas diferem das árvores genealógicas de hoje. As genealogias bíblicas são caracterizadas pela dimensão histórica e pela profundidade teológica.

No passado, pensava-se que as genealogias eram de interesse puramente histórico. Sabe-se hoje, porém, que elas serviam a muitos propósitos. Nas antigas sociedades, a função da genealogia não se limitava à exposição do esboço de uma árvore familiar, com os nomes dos descendentes de um ancestral comum, pessoas unidas por laços de sangue. As genealogias eram usadas também para definir a posição social de um indivíduo, os direitos de propriedade, as relações econômicas ou o lugar na hierarquia religiosa.

Na África pré-colonial, por exemplo, o chefe do clã tinha de ser membro de uma família específica. O direito de sucessão estava limitado a essa família. Ainda que alguém possuísse todas as qualidades de chefe, se não pertencesse à família principal não poderia reivindicar a chefia do clã. A genealogia também tinha a função de confirmar direitos de propriedade sobre um pedaço de terra, um rio ou uma fonte de água. Por essa razão, a genealogia era cuidadosamente passada por tradição oral de uma geração a outra.

Pesquisas em genealogias também revelaram outra característica que parece não ter paralelo em todas aquelas singulares sociedades da África pré-colonial: os termos “pai” e “filho” não indicam necessariamente descendência direta. Um filho, um neto e um bisneto — na verdade, qualquer membro do sexo masculino de determinado clã — podem ser designados como “filhos” de um ancestral comum. Esse padrão pode ser visto nas genealogias de Crônicas. Por exemplo, em 4:1, Perez, Hezrom, Carmi, Hur e Sobal são relacionados como filhos de Judá, ao passo que 2:4-5,7,19,50 (cf. tb. Js 7:1) mostra claramente que a relação entre esses homens e Judá não é a de pai e filho.

As genealogias também possuem dimensão geográfica. Nomes de povos são frequentemente associados a nomes de lugares. Hur é o primogênito de Efrata e pai de Quiriate-Jearim (2:50); Salma é pai de Belém. Efrata, Quiriate-Jearim e Belém são nomes de lugares. As famílias dos escribas moravam em Jabez (2:55), que também era o nome de uma pessoa (4:9). Cada tribo mencionada nas listas ocupava um território específico.

As genealogias dos primeiros nove capítulos começam com Adão e prosseguem, chegando a Abraão, Israel (Jacó e seus descendentes), Judá e Davi, sendo encerradas no período pós-exílico. Alguns estudiosos acreditam que existe um elemento geográfico nessa apresentação, cujo propósito é estreitar o mundo até o território de Israel e Jerusalém até o templo.

As tribos de Judá, Levi e Benjamim recebem atenção especial nessas genealogias, especialmente se considerarmos a quantidade de texto dedicada a cada uma delas. Isso indica que eram as três tribos mais importantes da comu-

nidade pós-exílica. A genealogia de Judá, a tribo de Davi, é apresentada em primeiro lugar. A genealogia de Levi, a tribo dos levitas, aparece em segundo lugar, enquanto Benjamim, a tribo de Saul, está relacionada em último lugar. Parece que as genealogias das famílias reais e dos líderes religiosos estavam bem preservadas na época em que esses registros foram efetuados.

As listas dos que retornaram do exílio na Babilônia serviram para estabelecer a ligação entre as comunidades de antes e depois do cativeiro. Elas mostram que a comunidade que vivia na terra de Judá na época do governo persa mantinha ainda a conexão com o período monárquico de Israel. Numa época em que todas as delimitações territoriais, que preservavam a identidade das tribos, se haviam tornado história antiga, quando o povo de Israel estava espalhado por todo o império persa, as genealogias de Crônicas vieram lembrar que a unidade das tribos não era territorial, mas o resultado de serem a descendência de um ancestral comum: Jacó.

A despeito do surgimento de grandes cidades, a maioria das sociedades africanas continua a funcionar com base nos laços familiares. É lamentável que, diferentemente das genealogias de Crônicas, as ricas genealogias da África não sejam utilizadas para unir, e sim para dividir. Não devemos permitir que nossos laços de famílias, clãs, tribos e nações venham a obscurecer o fato de que todos somos descendentes de um ancestral comum criado por Deus. Além disso, a história das migrações africanas mostra que a localização atual da maior parte das tribos não se deu por escolha deliberada, e sim como resultado de guerras ou desastres naturais. Essa é a razão, por exemplo, de o idioma ngbaka, falado na região nordeste da República Democrática do Congo, ser tão semelhante à língua falada na República Centro-Africana. A etnia bassa está espalhada por Camarões, Nigéria, República Democrática do Congo, Moçambique, Libéria, Togo e Serra Leoa. Estudos minuciosos revelam que todos os membros desse grupo étnico têm um ancestral comum: Bassa. Hoje, a África é vítima de seu estreito nacionalismo. As genealogias de Crônicas podem ajudar-nos a entender, com base em nossas próprias genealogias, que somos todos irmãos e irmãs. A União Africana, formada em Durban, em julho de 2002, poderia, desse modo, fornecer-nos sólido apoio teórico.

### 1:1—2:2 Genealogia de Adão a Israel (Jacó)

Embora o enfoque do autor de Crônicas sejam as doze tribos de Israel, ele também deseja mostrar que, apesar de serem o povo eleito de Deus, os israelitas estão ligados ao primeiro ser humano, Adão, e também ao restante da humanidade. Lucas 3:23-38 estabelece uma relação similar, apresentando uma genealogia que liga Jesus a Adão. De igual modo, não devemos esquecer que somos africanos e estamos também ligados ao restante da humanidade por meio de Adão.

A lista genealógica apresentada aqui, entretanto, é mais seletiva. Após uma breve lista dos descendentes de Jafé e Cam (1:5-16), o foco é direcionado para a linhagem de Sem (1:17-23), à qual pertence Abraão, o pai da nação de Israel.

### 1:1-3 De Adão a Noé

Essa lista é uma versão resumida da genealogia de Gênesis 5:1-32. Os laços de parentesco e os muitos anos de existência de cada um deles não são mencionados aqui. *Sete*, o substituto de Abel, ocupa o lugar deste na lista (Gn 4:25).

### 1:4-23 Os filhos de Noé

A Bíblia hebraica não traz a frase *os filhos de Noé* (1:4, NVI), mas esse relacionamento está implícito nas listas seguintes dos descendentes dos filhos do patriarca. A maneira em que as listas são apresentadas mostra a ordem inversa dos nascimentos: embora Sem seja o primeiro na lista de 1:4, seus descendentes são mencionados por último, em razão do vínculo que o autor queria criar com Abraão.

A África não foi ignorada nessa genealogia, que menciona claramente *Cuxe*, *Mizraim* e *Pute* como descendentes de Cam (1:8). Cuxe pode ser considerado o ancestral dos africanos. A região conhecida pelo nome de Cuxe corresponde atualmente ao sul do Egito e ao norte do Sudão. Na Septuaginta, os habitantes de Cuxe são chamados “etíopes”, palavra grega aplicada ao povo de pele escura que vivia no sul do Egito (essa área corresponde hoje ao norte da moderna Etiópia, que no passado era conhecida como Abissínia). De acordo com Ester 1:1 e 8:9, o império persa se estendeu da Índia até o território de Cuxe.

Jeremias 13:23 faz referência aos cuxitas quando pergunta: “Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele?”. Os gregos e os romanos tinham uma expressão similar: “Lavar um etíope até ficar branco”, para ressaltar a inutilidade de mudar o imutável.

A cultura egípcia exercia considerável influência sobre Cuxe, embora às vezes a situação fosse inversa, com um rei cuxita governando o Egito. Em outra época, o idioma cuxita figurava entre as quatro centenas de grupos linguísticos do Cone Africano e era falado no Sudão, na Etiópia, em Djibuti, na Somália, no Quênia e na Tanzânia.

Mizraim é uma referência ao Egito, enquanto Pute se refere à Líbia. *Ninrode*, um africano, é apresentado na Bíblia como o primeiro a se tornar *poderoso na terra* (1:10; cf. tb. Gn 10:8-10).

Em Crônicas, não há nenhuma referência à maldição de Cam, a qual tem sido muitas vezes atribuída aos africanos (Gn 9:18-27). Essa interpretação teve origem numa teoria etnológica usada no passado para justificar o tráfico de escravos e o colonialismo. Trata-se de um grande equívoco. O povo africano não é amaldiçoado, mas pertence a Deus e é feito à sua imagem, como o restante da humanidade.

O continente africano sempre teve um lugar nos planos de Deus. O AT contém cerca de 680 referências ao Egito, algumas positivas, outras negativas. O Egito adquiriu reputação negativa por ser o lugar da escravidão do povo de Israel (Êx 13:3; Dt 4:20). No entanto, o Egito também deu muitas contribuições positivas para a história do povo de Deus. Abraão — Abrão, na época — estabeleceu-se no Egito para escapar da fome (Gn 12:10) e recebeu grande parte de sua riqueza das mãos de Faraó (Gn 12:16). Foi na África que Jacó e sua família se refugiaram durante uma grande fome, e foi também no Egito que a família do patriarca se tornou uma nação numerosa (Gn 46:3). O povo de Judá procurou refúgio no Egito quando fugiu dos babilônios (2Rs 25:26; cf. Jr 44:1). Os pais de Jesus fugiram para o Egito, para livrar o Menino do massacre ordenado por Herodes (Mt 2:13-15). Homens do Egito e da Líbia estavam em Jerusalém no dia de Pentecostes (At 2:10). Uma das conversões mais celebradas foi a de um etíope (At 8:26-38). Não, a África não é um continente amaldiçoado.

Um dos filhos de Héber, mencionado em 1:19, chamava-se *Pelegue*, nome que significa “divisão” em hebraico. A nota explicativa acerca desse nome informa que, *nos seus dias, se repartiu a terra* — provavelmente uma referência à divisão da humanidade em grupos após o episódio da torre de Babel (Gn 11:1-9).

#### 1:24-27 De Sem a Abraão

Essa seção apresenta a genealogia de *Sem*, de onde procede a linhagem dos israelitas. Todos os filhos de Sem estão relacionados em 1 Crônicas 1:17, mas aqui só aparece a linhagem de *Arfaxade* (1:24), porque a ela pertence *Héber*, o pai da raça hebreia. O nome Héber, em 1:25, é considerado por muitos a raiz da palavra “hebreu”. A nota explicativa de 1:27 foi adicionada para mostrar que *Abrão* e *Abraão* são a mesma pessoa. É o nome que estabelece a ligação com as listas apresentadas em seguida. Além disso, é também intenção do autor de Crônicas lembrar aos leitores a promessa de Deus a Abraão, segundo a qual ele seria o “pai de numerosas nações” (Gn 17:5).

#### 1:28-33 Os filhos de Abraão

Abraão é apresentado, mas sua linhagem de descendentes por meio de sua esposa Sara não é mostrada em detalhes aqui, porque as informações sobre eles são dadas no capítulo seguinte. No texto original, nem Agar nem Sara são mencionadas pelo nome. O nome delas foi acrescentado em algumas versões antes de 1:29 e 1:34 para facilitar a compreensão.

Crônicas não menospreza os descendentes de Abraão por meio de Agar e de Quetura (Gn 16:1-16). Os descendentes de Ismael — o povo árabe — estão relacionados porque fazem parte das “numerosas nações” que Deus prometeu que seriam descendentes de Abraão (1:29-31). Infelizmente, pelo fato de a religião cristã ter sua origem no judaísmo,

os cristãos não tratam os outros descendentes de Abraão com o devido respeito.

#### 1:34 De Abraão a Israel

Esse versículo, relacionado a 1:28, reapresenta a descendência de Abraão, preparando o terreno para a genealogia de Esaú/Edom, que virá a seguir, e finalmente para o registro genealógico dos filhos de Israel.

#### 1:35-54 Os filhos de Esaú

Os descendentes de Abraão estão agrupados cada um em relação à sua mãe, mas esse padrão não é seguido com *os filhos de Esaú* (1:35-37; cp. Gn 36:9-14). A genealogia de Esaú é seguida pela de seus vizinhos, *os filhos de Seir* (1:38-42). Esse grupo estava incorporado à linhagem de Esaú porque *Timna*, irmã de *Lotã*, um dos filhos de Seir, tornou-se concubina de Elifaz, filho de Esaú (Gn 36:12). A lista dos reis que reinaram sobre *Edom* antes do começo da monarquia em Israel (1:43-50) é seguida pela relação dos subjugados *príncipes de Edom* (1:51-54).

#### 2:1-2 Os filhos de Israel

Tendo feito o registro dos filhos de Esaú, o autor retorna à genealogia que ele mesmo havia ramificado em 1:34. Partindo das genealogias da humanidade em geral, aos poucos os registros são direcionados até se concentrarem no grupo que era de seu real interesse: *os filhos de Israel* (2:1). Jacó, o pai das doze tribos, é constantemente chamado de Israel em Crônicas. A única exceção é encontrada em 16:17, que é uma citação de Salmos 105:10.

A parte inicial da lista (2:1-2) deve ser considerada uma introdução à seção inteira (2:3—8:40). Ela registra o nome dos filhos de Jacó na mesma ordem que é usualmente seguida em Gênesis (29:31—30:24; 35:16-26; 46:8-27).

#### 2:3—8:40 Genealogia dos filhos de Israel

As detalhadas genealogias de cada tribo que aparecem na sequência não estão na mesma ordem da lista introdutória de 2:1-2. Em razão da importância de Judá, de onde procede o rei Davi, os registros começam com essa tribo. Também seguem o ramo tribal que conduz diretamente a Davi: a linhagem de Jessé. A genealogia da tribo de Benjamim aparece em último lugar, por ser a tribo do infiel rei Saul. Apesar de sua inclusão entre os filhos de Israel em 2:1-2, as tribos de Dã e Zebulom não aparecem na lista. Ou o autor de Crônicas preferiu substituir as duas genealogias pelas de Efraim e Manassés, para manter o número de doze tribos, ou aquelas genealogias simplesmente se perderam.

#### 2:3—4:23 Genealogia de Judá

2:3-8 OS FILHOS DE JUDÁ. A genealogia de Judá começa com o nome e uma curta genealogia dos cinco filhos de Judá: *Er*, *Onã* e *Selá*, por *Bate-Sua*, e *Perez* e *Zera*, por meio de sua nora *Tamar* (2:3-8).

Judá não é apresentada como uma tribo ideal. Sua proeminência em Crônicas não se deve a méritos próprios, mas a uma demonstração da graça de Deus. O pai da tribo casou-se com *Bate-Sua, a cananeia*. É dito que *Er, o primogênito de Judá, foi mau aos olhos do SENHOR (2:3)*. Para piorar, Judá teve dois filhos com sua nora, Tamar, um deles ancestral de Jessé, pai de Davi (2:4). O autor de Crônicas não faz nenhum julgamento a respeito do casamento de Judá com uma gentia, nem comenta sua união incestuosa com a nora. O infiel *Acar*, chamado Acã em Josué 7:1-26, também pertencia à tribo de Judá (2:7).

**2:9-55 OS FILHOS DE HEZROM.** A seguir o autor concentra sua atenção na genealogia dos três filhos de *Hezrom*, descendente de *Perez*: *Jerameel, Rão e Quelubai* [Calebe].

Rão não é o primogênito, mas sua genealogia aparece em primeiro lugar por causa de sua ligação com Jessé, pai de Davi (2:9-17; cf. tb. Rt 4:19-22). Crônicas demonstra seu interesse na família de Jessé ao mencionar a ordem de nascimento de seus filhos. O ponto alto é atingido em **2:15** com *Davi*. O texto informa que ele é o sétimo filho, embora em 1Samuel 16.1-13 ele seja o oitavo (é possível que um de seus irmãos tenha morrido prematuramente). Somos informados também que Davi tinha uma irmã: *Abigail*, casada com *Jéter, o ismaelita (2:17)*.

A genealogia de *Calebe* está registrada em 2:18-24. Ela é repetida mais adiante, em 2:42-55. Sua família (ou clã) é apresentada com a relação dos filhos de cada uma de suas esposas e concubinas, separadamente, entre elas *Azuba (2:18-19)* e *Efá (2:46)*. O interesse do autor aqui é apresentar *Bezalel (2:20)*, o artífice que construiu a tenda da congregação (Êx 31:1-5). A menção de seu nome indica que a tribo de Judá teve grande influência na construção do templo. Os descendentes mencionados em **2:21-24** estão associados a nomes de lugares.

A genealogia de *Jerameel*, o terceiro filho de *Hezrom*, aparece em **2:25-41**. Os nomes de seus descendentes são desconhecidos do restante do AT. Em outro exemplo de casamento inter-racial na tribo de Judá, *Sesã* deu sua filha por mulher a *Jara*, que era egípcio (**2:34-35**).

A segunda lista dos descendentes de *Calebe (2:42-55)* provavelmente incorpora descendentes que nasceram de esposas não mencionadas na genealogia precedente (2:18-24). Mais uma vez, percebemos a mistura de nomes de pessoas e de lugares, como *Hebrom (2:42-43)*, *Harã (2:46)*, *Efrata (2:50)*, *Belém (2:51, NVI)* e *Quiriate-jearim (2:52-53)*. **3:1-24 OS DESCENDENTES DE DAVI.** O capítulo 3 é inteiramente dedicado à genealogia da família de Davi (3:1-24). Em certo sentido, Davi é o epicentro de toda a genealogia da tribo de Judá e talvez de todo os registros genealógicos de Crônicas. A genealogia dos descendentes de Davi está disposta segundo três períodos: os filhos de Davi, os reis de Judá e a geração pós-exílica.

Os filhos de Davi estão relacionados de acordo com o lugar de nascimento: Hebrom ou Jerusalém (3:1-9). Embora

o autor afirme que Davi contava com o apoio de todo o povo no início de seu reinado (11:1-3), aqui ele admite que Davi reinou primeiro em *Hebrom* antes de governar todo o Israel (**3:4**). A relação dos filhos de Davi nascidos em Hebrom também pode ser encontrada em 2Samuel 3:2-5.

A relação dos filhos de Davi nascidos em *Jerusalém* difere da que encontramos em 2Samuel 5:14-16. Surpreendentemente, *Salomão* aparece aqui como o quarto filho de *Bate-Seba*.

A listagem dos filhos de Davi que reinaram em Judá (3:10-16) obedece à ordem de sucessão tal como registrada no livro de Reis, à exceção de *Joanã*, apresentado aqui como o primogênito de Josias, em lugar de Jeoacaz (**3:15**). Atalia, usurpadora do trono, não é mencionada (2Rs 23:31; 2Cr 22:10-12).

A geração pós-exílica é apresentada em 3:17-24. *Zorobabel*, o líder da reconstrução do templo, é chamado aqui *Pedaías*, embora em outros lugares apareça como filho de Sealtiel (Ed 3:2; Ne 12:1; Ag 1:14). Várias explicações podem ser dadas a essa discrepância. Por exemplo, talvez ele fosse neto de Pedaías. Os nomes dados aos filhos de Zorobabel são bem sugestivos: *Mesulão* significa “restaurado”; *Hanania*s, “o SENHOR é misericordioso”; *Selomite*, “paz”; *Hasuba*, “o SENHOR cogitou nisso”; *Oel*, “tenda”; *Berequias*, “o SENHOR abençoou”; *Hasadías*, “o SENHOR fez um pacto de amor”; *Jusabe-Hesede*, “o pacto de amor é restabelecido” (**3:19-20**). Todos esses nomes evocam a restauração.

**4:1-23 OUTROS CLÃS DE JUDÁ.** As informações acerca de Judá encerram com diversas listas que completam sua genealogia. Muitos nomes mencionados nessa seção não aparecem em nenhuma outra parte do AT. O interesse parece ser puramente geográfico. Há também aqui uma mistura de nomes de pessoas e de lugares. O termo “pai” seguido de um nome de lugar aparece dez vezes. Efrata é pai de Belém (**4:4**). Asur é pai de Tecoa (**4:5**), o povoado natal do profeta Amós (Am 1:1).

A parte introdutória da seção, iniciada em **4:1**, revisita o capítulo 2 depois do parêntese do capítulo 3. *Perez, Hezrom, Carmi, Hur e Sobal* são mencionados em 2:4, 5, 7, 19-20, 52, respectivamente. A seção termina com uma referência a um filho de Judá: *Selá (4:21-23; cf. tb. 2:3)*.

O nome *Jabez* significa “dor”. Sua mãe chamou-o assim *porque com dores o dei à luz (4:9b)*. Essas palavras evocam a punição de Eva (Gn 3:16). O hábito de dar um nome relacionado com as circunstâncias do nascimento da criança também era comum na África, antes da introdução do que hoje chamamos “sobrenome” ou “nome de família”. À semelhança de 1Crônicas, em muitas sociedades tradicionais não havia nomes de família, e cada criança recebia um nome especial e significativo. Meu próprio nome, Nupanga, é derivado do idioma ngbaka, falado no nordeste da República Democrática do Congo, e significa “pode a terra tornar-se áspera”. Antes de meu nascimento, minha mãe havia dado à luz uma criança natimorta. Por essa razão, meu nome expressa o desejo de

meus pais de que o chão se tornasse árido (compacto), de modo que não pudesse receber-me como havia recebido a outra criança por ocasião de seu nascimento. Da mesma forma, o nome Epaso (equivalente a “cirurgia”) indica que a pessoa nasceu por meio de uma cesariana. Perdemos boa parte de nossa riqueza cultural depois que adotamos um sistema de nomes que não combina com a maneira pela qual entendemos a família e a comunidade.

O desagradável nome Jabez pode até parecer maldição. No entanto, uma oração feita por ele mudou seu destino. Apesar de seu nome, Jabez foi mais ilustre que seus irmãos (4:9a). A primeira menção ao nome de Deus no livro ocorre na declaração de que Jabez invocou o Deus de Israel (4:10). Essa expressão é cara para o autor de Crônicas. Ela sugere um pedido de ajuda ao Senhor. Depois que retornou do exílio, a comunidade judaica estava ansiosa para ter *[alargadas] as fronteiras*. Jabez não tentou essa conquista por esforço próprio. Em vez disso, recorreu a Deus com confiança. Seu outro pedido, *que seja comigo a tua mão e me preserves do mal*, é similar à petição que dirigimos a Deus na Oração do Pai-Nosso: “Livra-nos do mal” (Mt 6:13).

Alguns consideram *Joabe* o pai dos artífices (4:14). Essa profissão, em geral desprovida de grandes honras, tornou-se importante no contexto da construção do templo e de sua reconstrução.

#### 4:24-43 Genealogia de Simeão

A tribo de Simeão é incluída logo após a de Judá em razão de sua proximidade territorial com o sul de Judá. Dos cinco filhos de Simeão (cf. Gn 46:10; Êx 6:15), somente a descendência de Saul é registrada (4:24-27). Sem dúvida, ele era o filho mais importante. Esse *Saul* não deve ser confundido com o rei Saul, predecessor de Davi, que pertencia à tribo de Benjamim.

Uma nota explicativa informa que a tribo de Simeão não era tão numerosa quanto a de Judá (4:27). A associação da fraca tribo de Simeão com a poderosa tribo de Judá provavelmente levou à assimilação da primeira pela segunda. Essa ideia combina com a profecia de Jacó, segundo a qual essa tribo seria espalhada entre o povo de Israel (Gn 49:7).

Em 4:28-33, temos a descrição do lugar ocupado pela tribo de Simeão. A expressão *até ao reinado de Davi* (4:31) indica que esses lugares não pertenciam mais a Simeão, e sim a Judá. Sua dispersão pela terra e seu relacionamento com os grupos vizinhos estão registrados em 4:34-43.

#### 5:1-26 Genealogias de Rúben, Gade e Manassés

As genealogias das tribos transjordânicas são apresentadas em conjunto. Embora os descendentes de cada tribo estejam listados separadamente, sua história é apresentada como uma só. O padrão seguido aqui é semelhante ao que foi adotado para a tribo de Simeão. São dados os nomes de seus descendentes, seus territórios e algumas notas históricas.

A genealogia de Rúben está registrada em 5:1-10. Ela começa com uma nota que explica a razão pela qual Rúben, apesar de ser o primogênito de Jacó, não aparece em primeiro lugar na listagem das tribos (5:1). Rúben perdeu sua primogenitura porque teve um relacionamento incestuoso com uma concubina de seu pai (Gn 35:22). A perda desse direito estava prevista na bênção, ou melhor, na maldição de Jacó: “Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porque subiste ao leito de teu pai e o profanaste; subiste à minha cama” (Gn 49:3-4). Essas palavras nos fazem lembrar que, em algumas culturas africanas, o incesto é considerado causa da maldição de esterilidade, loucura e mesmo morte.

Apesar de reconhecer que os direitos de primogenitura haviam passado para os filhos de José, Crônicas deixa claro que Judá é a tribo mais poderosa. A essa tribo também foi prometida a realeza na bênção de Jacó: “O cetro não se arderá de Judá, nem o bastão de entre seus pés” (Gn 49:10).

Depois dessa nota explicativa, que interrompe a sequência de ideias, a genealogia é retomada (5:3). A genealogia de Rúben traça a linhagem de seus descendentes por meio de *Joel*, figura pouco conhecida do AT, o único cuja linhagem aqui não é identificada desde Rúben (5:4). A breve genealogia dos descendentes de Joel termina abruptamente na época do cativeiro, com o destino selado de um de seus descendentes: *Beera* (5:6). O trágico fim dos rubenitas contrasta com a expansão de seu território durante o reinado de Saul (5:9-10).

A genealogia da tribo de *Gade* aparece logo depois da de Rúben, em razão da proximidade geográfica (5:11-18). Não há nenhuma continuidade nessa genealogia. Seus vários descendentes não são apresentados em ordem cronológica. Eles viveram em Basã, Gileade e Sarom. Esses identificadores territoriais conferem precisão histórica a Crônicas.

A genealogia das tribos transjordânicas é agora interrompida pela história de sua guerra contra os *hagarenos* e seus aliados (5:18-22). Os hagarenos eram descendentes de Agar, a serva egípcia de Sara, esposa de Abraão (Gn 16:1-16). Eles são mencionados de passagem em 5:10. O relatório dessa primeira guerra em Crônicas serve de modelo para as outras guerras e vitórias relatadas no livro. O autor deixa claro que o resultado da guerra depende inteiramente de Deus. O número de soldados e de armamentos não é importante. A coalizão das tribos transjordânicas saiu-se vitoriosa porque no momento crítico da guerra eles clamaram a Deus e se colocaram na dependência dele. O autor usa a voz passiva para enfatizar a intervenção divina: *Foram ajudados contra eles* (5:20). Como sinal adicional da bênção de Deus, enorme quantidade de bens foi apreendida: cinquenta mil camelos, duzentas e cinquenta mil ovelhas, dois mil jumentos e cem mil prisioneiros de guerra (5:21). O território dos hagarenos também foi ocupado (5:22).

O relatório da guerra não é seguido por nenhuma lista genealógica completa dos descendentes da meia tribo de



Manassés que vivia na parte oriental do Jordão. Apenas sua proliferação é mencionada, em 5:23. A bravura de seus chefes de família contrastava com a infidelidade a Deus. Eles continuaram a adorar os deuses dos povos da terra, mesmo depois da clara intervenção divina na batalha (5:24-25).

Pela lógica de Crônicas, tal infidelidade só poderia resultar no exílio e na perda de território. A frase *o Deus de Israel suscitou o espírito...* (5:26), comum no período pós-exílico, sugere a intervenção divina em atividades humanas (cf. tb. 2Cr 21:10; 36:22-23). As três tribos que viviam do outro lado do Jordão foram levadas para o cativeiro por Tiglate-Pileser, rei da Assíria.

### 6:1-81 Genealogia de Levi

Somando oitenta e um versículos, a genealogia da tribo de Levi é a segunda em tamanho, perdendo apenas para a de Judá (cem versículos). Essas duas genealogias são as únicas traçadas desde o ancestral da tribo até um descendente que tenha ido para o exílio. A importância da tribo de Levi também é demonstrada pelo fato de ela ocupar uma posição central no rol de genealogias, com cinco tribos listadas antes e seis depois. Ela recebeu essa distinção por causa de seu papel no serviço do templo, que era de grande importância na vida da comunidade, ou pelo menos aos olhos do autor de Crônicas. Os levitas, no entanto, eram mais que uma ordem religiosa. Eles também faziam parte das tribos de Israel. Por esse motivo, Crônicas se preocupa em registrar a genealogia de Levi (6:1-53) bem como em demarcar seu território (6:54-66).

6:1-53 OS DESCENDENTES DE LEVI. A genealogia dos levitas começa com a menção dos três filhos de Levi: *Gérson, Coate e Merari* (6:1). O foco imediato incide sobre a família de Coate, da qual provinham os sumos sacerdotes (6:2-15). Estes eram os únicos sacerdotes que tinham permissão para entrar no Santo dos Santos no tabernáculo e, mais tarde, no templo. A genealogia mostra a continuação do sumo sacerdócio até o tempo do exílio. Crônicas traça a linhagem dos sumos sacerdotes desde Arão até *Jeozadaque*, o qual era o sumo sacerdote na época do cativeiro, sob o domínio de Nabucodonosor (6:15). No entanto, esse registro é bem seletivo. Amarias e Joiada, por exemplo, não são mencionados (2Cr 19:11; 22:11). Na parte final da seção, ao falar do exílio, Crônicas deliberadamente nos lembra mais uma vez que foi o Senhor quem *levou para o exílio a Judá* (6:15).

Depois da lista bem específica de 6:12-15, na qual apenas os descendentes de Coate são mencionados, Crônicas passa a se ocupar de todos os descendentes de Levi, em 6:16-29. Essa passagem traça a linhagem dos três filhos de Levi: *Gérson, Coate e Merari* (6:16). De *Gérson* (6:17, 20-21) e *Merari* (6:19, 29-30), a linhagem de descendentes contempla apenas sete gerações a partir do filho mais velho. A genealogia de Coate é mais abrangente que a de seus dois irmãos e está posicionada no centro, uma indicação de que é o ramo familiar mais importante. O filho mais

velho de Coate, Anrão, não é mencionado porque a genealogia registra apenas os sumos sacerdotes (6:2). O foco aqui incide sobre *Aminadabe* (6:22), que não é citado entre os filhos de Coate em 6:2. O autor traça essa linha porque deseja mostrar que o profeta Samuel pertence à família de Coate (6:26). É importante para ele provar que Samuel, que exerceu o cargo de sacerdote em Israel, pertencia à tribo de Levi e provinha de uma família de sacerdotes.

A genealogia seguinte é a dos levitas encarregados da música e da adoração no templo (6:33-47). A genealogia dos cantores é prefaciada por uma nota a respeito de sua legitimidade. Os cantores, a exemplo de outros levitas, foram designados para esse serviço por Davi, depois que a arca da aliança chegou ao seu lugar de repouso, pouco antes da construção do templo (6:31). Três grupos de cantores foram formados sob o comando de Hemã, Asafe e Etã. A genealogia desses três líderes músicos é traçada em retrospectiva até o segundo filho de três ancestrais da tribo de Levi. O cantor *Hemã* é descendente de Isar, o segundo filho de Coate (6:33-38); *Asafe*, responsável pelo segundo grupo, é descendente de Simeí, o segundo filho de Gérson (6:39-42); *Etã*, líder do terceiro grupo, é descendente de Musi, o segundo filho de Merari (6:44-47).

Hemã, da família de Coate, era também o chefe dos cantores. Sua genealogia é a mais extensa (retrocedendo até Jacó/Israel) e encabeçando a lista. Apenas Hemã é identificado especificamente como o *cantor* (6:33). Durante a ministração, ele ficava no meio, tendo Asafe à direita (6:39) e Etã à esquerda (6:44).

A outros levitas, chamados *irmãos*, foram dadas outras responsabilidades no serviço do templo (6:48), mas somente os sacerdotes, os filhos de Arão, ofereciam sacrifícios *conforme tudo quanto Moisés, servo de Deus, tinha ordenado* (6:49-53).

6:54-81 OS ASSENTAMENTOS LEVITAS. Diferentemente das demais tribos, os levitas não possuíam uma área específica designada para sua habitação. Eles viviam em Israel no meio das outras tribos (Js 14:4). Por essa razão, as seções seguintes oferecem informações geográficas precisas a respeito dos locais de assentamento dos levitas (6:54-80). Mais uma vez, os assentamentos dos sacerdotes, os descendentes de Arão pela família de Coate, encabeçam a lista (6:54-61). Esses lugares consistiam em cidades e locais de pastagem em seus arredores.

### 7:1-5 Genealogia de Issacar

Quatro filhos de Issacar são mencionados (7:1). Essa lista corresponde à de Números 26:23-24. No entanto, apenas os descendentes dos filhos mais velhos estão relacionados, de *Tola* aos filhos de *Izraías* (7:2-3). Os outros descendentes de Issacar não são identificados pelo nome, mas referidos apenas como *seus irmãos* (7:5). A lista dos descendentes de Issacar destaca seu poderio militar. Os descendentes de *Tola* são descritos como *homens valentes* (7:2), enquanto os

de Izraías são chamados para se reunir *em tropas de guerra* (7:4). Essas genealogias provavelmente têm origem em uma fonte militar, algo como o recenseamento ordenado por Davi (21:2).

### 7:6-12 Genealogia de Benjamim

Três filhos de Benjamim são mencionados, com seus respectivos descendentes. Dos três, somente *Bela* (ou *Belá*) aparece na lista dos filhos de Benjamim em Números

26:38-41. Como na genealogia de Issacar, a fonte militar é evidente no registro genealógico de Benjamim. Expressões como *homens valentes* e *capazes de sair à guerra* são utilizadas também aqui (7:7,11).

A genealogia da tribo de Benjamim é menos extensa aqui, e a tribo é tratada como apenas uma das que compõem a nação de Israel. Versões mais extensas são encontradas em 8:1-40 e 9:35-44, onde Benjamim é identificada como a tribo da qual procedeu Saul, o primeiro rei de Israel.

## O PAPEL DOS ANCESTRAIS

Confiar e reverenciar os ancestrais é de fundamental importância no pensamento africano tradicional. Acredita-se que aqueles que morrem em idade avançada não deixam de ser membros da comunidade, mas continuam a desempenhar um papel ativo na vida de seus descendentes. Por essa razão, aqueles que estão à morte são às vezes encarregados de entregar mensagens aos que já morreram, existindo assim a expectativa de que eles continuem a se comunicar com os vivos. A crença geral é que, se as cerimônias e os rituais de sepultamento não forem rigorosamente observados, o espírito do ancestral poderá assombrar os vivos.

Acredita-se que os ancestrais sejam os guardiões das relações familiares, da religião, da moralidade, da ética e dos costumes e que eles abençoam a comunidade quando as tradições são mantidas e respeitadas. O candidato a presidente do Quênia, Uhuru Kenyatta, na manhã das eleições de 2002, foi sozinho rezar no mausoléu de seu pai. Devido a essa crença, muitos acreditavam que a reverência que ele demonstrara por seu ancestral fora responsável por sua vitória.

Na maioria dos casos, os ancestrais são homens. Existem, no entanto, algumas poucas exceções, como entre os kikuyus, do Quênia, e os iorubas, na Nigéria Ocidental. Sejam homens, sejam mulheres, os ancestrais são os progenitores de toda uma tribo, clã ou comunidade ou são libertadores nacionais ou defensores de uma nação. Eles simbolizam a unidade étnica e tribal, a natureza coesiva da comunidade e a perpetuidade das tradições. Entre os muitos que lutam por libertação, podemos citar: Jomo Kenyatta (Quênia), Kenneth Kaunda (Zâmbia), Kwame Nkrumah (Gana), Mnamdi Azikwe (Nigéria), Samora Machel (Moçambique), Walter Sisulu e Nelson Mandela (África do Sul). Eles podem ser considerados ancestrais de nações. Como pais, esses heróis sofreram e sacrificaram a própria vida pela liberdade do povo. Eles são tidos em alta conta, e alguns chegam a ser venerados quase como deuses.

Acredita-se que os ancestrais são capazes de influenciar o destino dos vivos, para o bem e para o mal, conforme

estes os tratam. Essa crença tem dado impulso a diversas práticas de adoração dos ancestrais, que variam de uma pequena libação de vinho acompanhada de uma petição até elaborados sacrifícios de animais em festividades. Por exemplo, quando os iorubas da Nigéria Ocidental enfrentam uma seca, costumam dizer: “Os ancestrais estão irados, por isso têm retido a chuva”. Por esse motivo, um dia nacional de arrependimento tem sido observado por esse povo, não com panos de saco, mas com sacrifícios de animais. Há várias histórias de fortes chuvas que caíram assim que a ira dos ancestrais foi aplacada.

Por causa do poder e da influência exercidos pelos ancestrais, alguns teólogos africanos propõem que Jesus seja apresentado como um ancestral africano. Essa ideia não é desprovida de mérito, pois o papel de Jesus se assemelha ao dos ancestrais, uma vez que o povo pode apresentar-lhe seus problemas, e ele pode garantir um futuro melhor a todos os seus seguidores. Mas existe um perigo aqui. Fazer de Jesus um ancestral pode diminuir sua condição de Senhor dos senhores, à qual foi elevado após a ressurreição (Fp 2:9-12). Pode também levar o povo a não perceber que ele é Deus.

A melhor forma de apresentá-lo é conforme o modelo proporcionado por Hebreus. Essa epístola foi escrita para refutar um sistema religioso semelhante à tradição religiosa dos africanos. Adotando essa abordagem, podemos dizer que Jesus veio cumprir de uma vez por todas as reivindicações do culto aos ancestrais, assumindo ele mesmo o lugar dos antepassados. Ele veio para se tornar o Mediador entre Deus e a sociedade africana. Desse modo, a veneração, o respeito e a adoração que os africanos dedicam aos ancestrais agora podem ser legitimamente direcionados a Jesus, o Mediador. Todos os “intermediários” da teologia africana ou de qualquer outra religião ou cultura são inferiores à pessoa e à obra de Cristo. Ele é superior a eles pela virtude de sua deidade e por sua obra de redenção. Da mesma forma que cumpriu, transformou e superou o sistema religioso judaico, ele já cumpriu, transformou e superou o culto aos ancestrais e todas as tradições religiosas da África.

Yusufu Turaki

Nas listagens das tribos de Israel, Benjamim em geral é flanqueada por Zebulom e Dã. Essas duas tribos, no entanto, não são mencionadas em Crônicas. A referência a Husim, em 7:12, está no final da genealogia de Benjamim, no lugar em que seria natural esperar a inserção da genealogia de Dã. Husim é mencionado como filho de Dã em Gênesis 46:23.

### 7:13 Genealogia de Naftali

A genealogia de Naftali é a mais curta dentre as genealogias de tribos em Crônicas: somente a primeira geração é mencionada. Os filhos de Naftali são designados como descendentes de *Bila*, serva de Raquel que foi dada a Jacó. Bila é conhecida como a mãe de Dã e Naftali (Gn 35:25).

### 7:14-19 Genealogia de Manassés (ocidental)

A parte da tribo de Manassés situada a leste do Jordão já foi mencionada, em 5:23-26. Os descendentes de Manassés referidos no capítulo 7 são os que habitavam a parte ocidental do Jordão.

Em outro caso de matrimônio inter-racial que não é condenado em Crônicas, *Asriel*, filho de Manassés, tinha uma concubina síria, de quem nasceu *Maquir, pai de Gileade* (7:14). (O hebraico aqui é de difícil interpretação, e algumas traduções associam a concubina ao próprio Manassés.) A genealogia de Manassés está ligada ao clã judeu de Hezrom por meio de Maquir, cuja filha era casada com Hezrom (cf. 2:21). O próprio Maquir tomou uma mulher da família de Hupim e Supim (7:15), que são citados na genealogia da tribo de Benjamim (7:12). Percebemos aqui um inter-relacionamento entre Judá, Benjamim e Manassés.

Outro importante descendente de Manassés é *Zelofeade*, nome que não parece ser israelita. O autor de Crônicas revela que ele *teve só filhas* (7:15). Essa observação é importante. Nas genealogias bíblicas, muitas vezes os nomes das filhas não são mencionados porque a linhagem não passa por elas. Entretanto, a genealogia de Manassés mostra que as mulheres também contribuíram para a manutenção da linhagem familiar. Nove mulheres são mencionadas em 7:14-19, se incluirmos as cinco filhas de Zelofeade, que não são mencionadas pelo nome em Crônicas, porém recebem especial atenção no AT. Elas aparecem em outras quatro passagens (Nm 26:33; 27:1-11; 36:2-12; Js 17:3-6). Elas obtiveram terras pelos mesmos direitos que os homens e também lhes foi permitido escolher livremente um marido dentre os membros de sua tribo.

Infelizmente, em muitos países africanos não se dá às filhas o mesmo valor que aos filhos. Entre o povo ngbaka, o nome *kpala boko* (lit., “semente feminina”) é dado à menina recém-nascida pela família que já tem outras filhas e não deseja mais nenhuma. A mulher que concebe apenas meninas não é amada, especialmente pela família do marido. A ideia de transmitir a herança por meio dos filhos é pre-

dominante porque quando as filhas se casam elas passam a pertencer à família do marido. O desejo de ter um filho homem leva alguns homens a optar pela poligamia. Felizmente, a ciência atual prova que não é a mulher quem determina o sexo da criança. As mulheres africanas têm dado grande contribuição na edificação do Corpo de Cristo, em nada devendo aos homens. A igreja africana deve valorizar a mulher e incentivá-la à realização de tarefas importantes no seio da igreja.

### 7:20-29 Genealogia de Efraim

Essa genealogia é composta por duas listagens relativamente curtas (7:20-21a; 7:25-27), separadas pelo relato de um incidente na história da família (7:21b-24). A primeira linhagem é traçada de Efraim ao filho de *Zabade*, que não é mencionado em nenhum outro lugar, enquanto a segunda lista parece ser a genealogia de *Josué*, filho de Num e sucessor de Moisés (Js 1:1).

O episódio em que Efraim dá ao seu filho o nome de *Berrias*, que significa “desgraça”, é similar ao que envolveu o nascimento de Jabez (7:23; cf. 4:9-10). Entretanto, ao contrário de Jabez, que pertencia à favorecida tribo de Judá, Berrias parece não ter-se livrado do infortúnio associado ao seu nome.

Os versículos restantes contêm informações concernentes às terras ocupadas pelos dois filhos de José, Efraim e Manassés (7:28-29).

### 7:30-40 Genealogia de Aser

A listagem dos filhos de Aser (7:30) corresponde à de Gênesis 46:17. A semelhança das genealogias de Issacar e Benjamim, esta tem por base um recenseamento militar (7:40).

Com a genealogia de Aser, o autor de Crônicas encerra o registro das doze tribos descendentes dos filhos de Israel. A apresentação de “todo o Israel” agora está completa. No entanto, ele retorna à genealogia de Benjamim.

### 8:1-40 Segunda genealogia de Benjamim

O capítulo oitavo é o mais longo do AT dedicado aos descendentes de Benjamim. A tribo de Benjamim foi a única que se uniu a Judá para formar o Reino do Sul e que permaneceu fiel ao templo e à tradição davídica depois que o reino se dividiu em dois. Judá e Benjamim são mencionados juntos diversas vezes por esse motivo (cf., p. ex., 2Cr 15:2,8). A tribo de Benjamim também foi a que deu a Israel seu primeiro rei: Saul. É por essa razão que as genealogias de Benjamim, Judá e Levi são consideradas as principais de Crônicas.

Assim como nas listas precedentes, o autor combina detalhes geográficos com acontecimentos históricos. Do ponto de vista estritamente genealógico, não existe um vínculo claro e direto com os descendentes de Benjamim mencionados em 8:1-28. O texto se refere a eles como

*chefes das famílias* (8:6,10,13,28). O interesse aqui talvez seja mais o geográfico.

A seção **8:1-7** apresenta os benjamitas *moradores de Geba* (8:6). Eles são descendentes de *Eúde* (8:6), que provavelmente é o juiz benjamita e canhoto, filho de Gera, mencionado em Juizes 3:15.

A seção **8:8-12** apresenta os benjamitas que habitavam os *campos de Moabe* e as cidades de *Ono* e *Lode*, fora dos territórios tribais. O texto se refere a eles como descendentes de *Saaraim* (8:8), pessoa que não é citada em nenhuma outra parte do AT.

Finalmente, a seção **8:13-18** apresenta os descendentes de Benjamim que viviam em *Aijalom* e *Gate* (8:13) e em *Jerusalém* (8:28).

Depois dessas referências geográficas, temos em **8:29-40** a genealogia do pai de Gibeão. Sua linhagem conduz a Saul, primeiro rei de Israel e membro mais ilustre da tribo de Benjamim.

### 9:1 Conclusão das genealogias

Este versículo marca a conclusão das genealogias dos filhos de Israel, que começam em 2:2. A procedência exata do *Livro dos Reis de Israel*, mencionado como fonte de consulta ou recurso adicional, é desconhecida. Infelizmente, o quadro perfeito de *todo o Israel* (9:1a) é contrabalançado com a menção do exílio de Judá na Babilônia (9:1b). A palavra “Judá” aqui representa todo o Reino do Sul. Por causa de sua infidelidade a Deus, esse reino teve o mesmo destino que as dez tribos do Norte. “Todo o Israel” foi infiel a Deus. A menção do cativeiro é uma antecipação dos acontecimentos registrados em 2Crônicas 36:14,20.

Ao mesmo tempo que é uma conclusão às genealogias, este versículo também serve de introdução ao período que se seguiu ao cativeiro, quando Jerusalém foi repovoada.

### 9:2-34 Lista dos exilados que retornaram

De acordo com o relato de Crônicas, o repovoamento de Jerusalém começou com aqueles que retornaram às antigas possessões tribais ou familiares (9:2a). A ocupação territorial no período pós-exílico é então apresentada como parte de um *continuum* com a situação do país antes do exílio. De alguma forma, os que retornavam do cativeiro simplesmente tomavam de volta as propriedades que possuíam nos tempos pré-exílicos.

Os recém-chegados eram reunidos em quatro categorias: os israelitas (leigos), os sacerdotes, os levitas e os servos do templo (*nethinims*) (9:2b). A procedência desses servos que exerciam funções no templo não está clara (Ed 8:20). A palavra usada para identificá-los provém de uma raiz que significa “dar” e sugere que talvez se tratasse daqueles que eram dedicados por seus pais ao serviço do Senhor.

A lista dos novos habitantes de Jerusalém combina com a de Neemias 11:1-36, exceto pelo fato de Crônicas incluir os descendentes de Efraim e Manassés (9:3). Ao apresen-

tar os novos moradores de Jerusalém, o autor mais uma vez afirma seu interesse por *todo o Israel*. Jerusalém não é apenas a capital de Judá, como no período do reino dividido: é agora a capital de todo o Israel, acima de todas as diferenças tribais, como no tempo de Davi e Salomão. *Judá* e *Benjamim* representam o sul, enquanto *Efraim* e *Manassés* representam as dez tribos do Norte.

Os descendentes de Judá (9:4-6) são apresentados com base nos três principais clãs da tribo: os perezitas (9:4), os silonitas (9:5) e os zeraítas (9:6). Os perezitas têm proeminência porque Davi pertencia a esse clã.

A seção **9:7-9** relaciona os descendentes de *Benjamim*. Não existe aqui nenhuma ligação com a listagem dos benjamitas que viviam em Jerusalém antes do exílio (8:14-28).

Os versículos restantes tratam das diferentes categorias do efetivo do templo. Os *levitas* (9:14-34) recebem maior atenção que os sacerdotes (9:10-13). Entre os levitas, os *porteiros*, guardas do templo, são objeto de especial consideração (9:17-32). Sua designação e suas atribuições, a exemplo dos levitas cantores, remontam ao tempo de Davi e Samuel (9:22). Eles constituíam um grupo distinto no seio do clã de Coate.

O que caracteriza a listagem do efetivo do templo é a diversidade das funções. São diferentes vocações que respondem pelo bom funcionamento da casa de Deus. De modo semelhante, Paulo lembra os crentes de Corinto de que “os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1Co 12:4-7). A listagem de Crônicas e esse trecho da carta de Paulo ressaltam dois fatores importantes, que contribuem para manter saudável o Corpo de Cristo. Primeiro: o Espírito de Deus concede dons a todos. A igreja de Deus não está dividida entre atores e espectadores. Cada membro particular deve participar do ministério. A comunidade deve ser organizada de modo que todos os dons tenham sua função na edificação do corpo da igreja. O fato de algumas pessoas assumirem diversas responsabilidades na igreja às vezes impede que outros membros desenvolvam seus dons. Segundo: deve ficar bem claro que os diferentes dons não estão competindo numa escala hierárquica. Todos são importantes, e cada um deve contribuir para a edificação espiritual do povo.

### 9:35-44 Genealogia de Saul

O autor agora retorna à genealogia de Saul, que está registrada em 8:29-40. À primeira vista, a listagem parece ser uma simples repetição da primeira, com pequenas diferenças. No capítulo 8, a genealogia de Saul contém dezenove gerações e se estende até o exílio. No capítulo 9, a linhagem é interrompida na décima sexta geração, que é a do exílio. A passagem de 8:39-40 não se repete depois

de 9:44. Essa listagem serve como transição para a seção seguinte de Crônicas, mais especificamente a história da monarquia.

### 10:1-14 A extinção da dinastia de Saul

Deste capítulo em diante, Crônicas se concentra na história da monarquia de Israel. No entanto, o primeiro rei de Israel, Saul, recebe pouca atenção. Os fatos de seu reinado não são informados. Enquanto o livro de Samuel contém um relatório detalhado acerca do início do Estado monárquico de Israel, da escolha divina de Saul como rei e de sua unção (1Sm 8:1—12:25), Crônicas se restringe aos últimos momentos do monarca, por ocasião da trágica batalha contra os filisteus no monte Gilboa. O autor de Crônicas, entretanto, está consciente de que Israel não era originariamente uma monarquia. Ele sabe que seus vizinhos, os edomitas, já tinham monarcas muito tempo antes de Israel (1:43).

O relato da morte de Saul tem como propósito demonstrar que toda a sua casa foi extirpada quando seu reinado chegou ao fim. O clímax da história está em 10:6: *Assim, morreram Saul e seus três filhos; e toda a sua casa pereceu juntamente com ele*. Esse versículo difere de 1Samuel 31:6, onde lemos: “Morreu, pois, Saul, e seus três filhos, e o seu escudeiro, e também todos os seus homens foram mortos naquele dia com ele”. A expressão “toda a sua casa” é importante para o autor de Crônicas porque ele deseja mostrar que o trono foi transferido pacificamente de Saul para Davi. Davi não esteve de maneira alguma implicado na morte de Saul. Um provérbio de Botsuana diz: *Bogosi boa tsalelo, ga bo loeloe* (“Ninguém luta pela realeza: já nasceu para isso”). O autor de Crônicas considera Davi nascido para a realeza (5:2), por isso nem o breve reinado de dois anos de Isbo-sete, filho de Saul, nem a rixa entre a casa de Saul e a de Davi são mencionados (2Sm 2:1—4:12). Na perspectiva de Crônicas, a batalha no monte Gilboa pôs termo à dinastia de Saul. Todos os que poderiam aspirar à sucessão de Saul morreram nessa batalha.

Crônicas conclui a narrativa da morte de Saul com uma avaliação teológica: *morreu Saul por causa da sua transgressão cometida contra o SENHOR (10:13)*. O fato de ele ter consultado uma *necromante* é apenas um exemplo de sua infidelidade, a qual caracterizou todo o seu reinado.

Crônicas ressalta que a morte de Saul não foi provocada pelas circunstâncias da guerra, mas pelo Senhor. Saul cometeu suicídio (10:4), mas o texto declara que *o SENHOR [...] o matou (10:14)*. Também foi Deus quem transferiu o reino para Davi, filho de Jessé. A infidelidade a Deus leva ao desastre.

O AT registra pelo menos seis casos de suicídio (Jz 9:50-57; 16:21-31; 1Sm 31:1-7; 1Cr 10:4-5; 2Sm 17:23; 1Rs 16:15-20). A razão de todos esses suicídios foi a recusa em aceitar a vergonha. Entretanto, o único caso de suicídio considerado heroico é o de Sansão, de quem é dito que “fo-

ram mais os que matou na sua morte do que os que matara na sua vida” (Jz 16:30). Em 10:4, Crônicas menciona que Saul cometeu suicídio para não ser morto por incircuncisos (cf. 1Sm 31:4). O autor não quer que o suicídio de Saul pareça heroico.

O suicídio está se tornando cada vez mais comum na África. Como ocorre no AT, o motivo é muitas vezes a recusa em conviver com a vergonha. Muitos suicídios deixariam de acontecer se a comunidade demonstrasse um pouco mais de compaixão para com os que cometeram erros. A falta de apoio não raro leva a pessoa a optar pela rota de escape mais fácil, mais desesperada e mais rápida: o suicídio. Muitas jovens que engravidam antes do casamento tiram a própria vida para evitar a vergonha e a punição por parte dos pais. A igreja bem poderia ser o lugar onde aqueles que perderam a razão de viver encontram nova esperança em Jesus Cristo, que já tomou nossa vergonha sobre si e corajosamente suportou a ignomínia da morte na cruz. É lamentável que as igrejas da África não costumem designar ministros para ajudar os que tentam cometer suicídio.

### 11:1—29:30 O reinado de Davi

As origens de Davi são demonstradas em sua genealogia (2:10-17), mas nada é dito acerca do jovem Davi. O livro não menciona sua unção por Samuel (1Sm 16:1-13). Ele só se tornou uma pessoa importante depois que foi proclamado rei. O reinado de Davi domina todo o livro de Crônicas e serve de padrão para avaliar os reinados de vários reis que o sucederam no trono de Israel. Isso mostra que, em contraste com seu predecessor, Davi dedicou-se a buscar ao Senhor durante todo o seu reinado. Essa é a razão de o foco aqui incidir sobre seu papel como proponente da construção do templo e organizador da adoração na casa de Deus. Seu relacionamento pecaminoso com Bate-Seba não é mencionado. Davi tampouco é lembrado como o jovem que matou o gigante Golias, ou como o herói que venceu todas as suas guerras, ou ainda como o organizador da administração de seu império. Embora Crônicas contenha alguns relatos das vitórias de Davi em batalhas, seu maior interesse está no período de paz que ele estabeleceu e que tornou possível a construção do templo.

O reinado de Davi não é apresentado como impecável. Ele falhou em sua primeira tentativa de trazer a arca da aliança para Jerusalém. Ele ordenou um recenseamento, o qual desagradou a Deus. Apesar dessas falhas, Crônicas apresenta um quadro muito mais favorável de Davi que o livro de Reis. Seu fracasso na primeira tentativa de trazer a arca da aliança para Jerusalém permitiu que se destacasse a importância dos levitas e ainda nos proporcionou uma descrição do primeiro ato de adoração diante da arca (2Sm 6:1-23, sem narrativa paralela). O recenseamento não autorizado terminou com a escolha do local para a construção do templo (2Sm 24:1-25, sem narrativa paralela).

As falhas de Davi resultaram em sua desqualificação para ser o construtor do templo, honra que foi reservada ao seu filho Salomão (17:1-27; 22:7-8; 28:3).

### 11:1—12:40 Davi se torna rei

Esses capítulos descrevem as circunstâncias que conduziram Davi ao trono de Israel.

#### 11:1-3 A coroação de Davi

Pela leitura de Crônicas, temos a impressão de que Davi se tornou rei imediatamente após a morte de Saul — “O rei está morto; vida longa ao rei”. A genealogia de Davi em 3:1-9 omite o fato de que Davi foi coroado em duas ocasiões. Em 2Samuel 5:1-3, somos informados de que Davi foi rei de Judá durante sete anos antes de começar a reinar também sobre Israel (depois da morte de Isbosete), por mais trinta e três anos. Crônicas, no entanto, apresenta todo o povo como participante da coroação de Davi e fala do rei como se ele tivesse reinado sobre *todo o Israel* desde o início (11:1). O escritor está preocupado com a unidade de Israel em torno do novo rei ungido de acordo com a vontade de Deus.

Na avaliação teológica do reinado de Saul (10:13-14), o autor já havia estabelecido que Davi não fora escolhido rei pelos israelitas, mas Deus entregara o reinado a ele. Aqui também a coroação de Davi não é apresentada como um simples fato da história política da nação. Davi fora escolhido por Deus para ser rei enquanto Saul ainda estava vivo (11:2). Ele foi ungido rei de acordo com o que o SENHOR prometera por meio de Samuel (11:3). A observação de que tudo foi feito *segundo a palavra do Senhor* é repetida em 11:10.

#### 11:4-9 A conquista de Jerusalém

A conquista de Jerusalém é apresentada como o primeiro ato de Davi como rei. A descrição da cerimônia de coroação chega a ser interrompida para que esse fato seja relatado (ao qual o autor retornará em 12:23).

Em 2Samuel 5:6-9, a tomada de Jerusalém é considerada antes de tudo uma conquista militar, instigada por motivações políticas. Jerusalém teria a vantagem de ser uma capital neutra porque não pertencia a nenhuma tribo particular e estava situada perto da fronteira entre o norte e o sul. Além disso, do ponto de vista militar, era facilmente defensável, pois fora construída sobre uma colina.

Já em Crônicas, Jerusalém é vista primeiramente como uma capital religiosa. Ao que parece, Davi sempre enxergou a cidade como o lugar da residência da arca da aliança e como futuro local do templo. De qualquer modo, Davi conquistou Jerusalém, não com *seus homens*, isto é, com sua milícia pessoal, como diz 2Samuel 5:6, mas com *todo o Israel* (11:4). Tem-se a impressão de que foi o mesmo povo reunido para a coroação de Davi que marchou contra Jerusalém.

Dessa perspectiva, Jerusalém pertence a todo o povo de Israel, pois, embora em 2Samuel 5:9 leiamos que “Davi [...] lhe chamou a Cidade de Davi”, em 1Crônicas 11:7 está registrado: ... *pelo que se chamou a Cidade de Davi*. Isso implica que outros participaram da escolha do nome da cidade.

Diferentemente de 2Samuel 5:6-10, Crônicas não diz nada sobre “os cegos e os coxos” em 11:5. No entanto, Joabe, que está ausente do relato de Samuel, desempenha um papel proeminente em Crônicas. É ele quem toma a cidade e tem participação ativa em sua restauração (11:6-8).

#### 11:10—12:23 Os valentes de Davi

Nesse ponto, é apresentada uma lista dos principais guerreiros de Davi, interrompida por algumas notas explicativas que louvam suas proezas. A introdução à lista, em 11:10, explica por que esses nomes são apresentados aqui. A intenção do autor é mostrar aos seus leitores, mais uma vez, que Davi lutou pelo reino com o povo, que procedia de *todo o Israel*, segundo a vontade de Deus. A bravura dos homens que ofereceram seu total apoio a Davi é sinal do cumprimento da *palavra do SENHOR*.

A lista de 11:11-47 corresponde à de 2Samuel 23:8-39, exceto por 11:41-47, trecho que não se repete em nenhum outro lugar do AT. A maior diferença entre as duas listas está no contexto em que Crônicas situa esse registro. Em 2Samuel, a lista é inserida como um apêndice ao relato do reinado de Davi, isto é, no fim de sua carreira. O propósito era exaltar o reinado de Davi por meio das façanhas desses heróis de guerra. Já em Crônicas, a lista aparece no começo do reinado de Davi. O motivo dessa nova disposição é mostrar que Davi se tornou rei graças à unidade e ao esforço heroico do povo. Os heróis de guerra estão divididos em três grupos: os três (11:11-19), os primeiros três (11:20-24) e os trinta (11:26-47).

Em 11:12, Crônicas menciona *três valentes*, mas nesse ponto aparecem apenas dois nomes: Jasobeão e Eleazar. O terceiro nome, Sama (2Sm 23:11), não é mencionado. Esses homens são considerados isoladamente em razão de seus feitos extraordinários em batalha. *Jasobeão*, cujo nome significa “povo que retorna”, matou trezentos homens com sua lança durante um combate (11:11). *Eleazar*, cujo nome significa “Deus ajuda”, tendo ao seu lado apenas Davi, derrotou uma tropa de filisteus (11:12-14). Em 2Samuel, essa façanha contra os filisteus é atribuída a Sama. Os três eram bravos guerreiros, individual e coletivamente. Pondo em risco a própria vida, eles cruzaram um acampamento filisteu para trazer água a Davi (11:15-19).

Dois outros valentes são mencionados em 11:20-25, talvez pertencentes ao segundo grupo de três. Abisai, irmão de Joabe, matou trezentos homens com uma lança (11:20-21). Benaia matou um leão (ou três leões, dependendo de como for traduzido o hebraico aqui) e um egípcio com cerca de dois metros e meio de altura (11:22-24). A despeito

dessas façanhas, esses três valentes não estavam no mesmo nível dos três primeiros (11:25).

O apoio de Davi não se limitava aos de sua tribo, Judá. A lista de 11:26-47 inclui homens de Benjamim, Simeão, Dã, Efraim, Rúben e da tribo de Manassés instalada na parte leste do Jordão. Até estrangeiros, como os amonitas e moabitas, apoiavam a monarquia de Davi (11:39,46). *Urias, o heteu*, conhecido no livro de Samuel como o marido de Bate-Seba (2Sm 11:3), é listado como um dos valentes de Davi (11:41).

Essa listagem é seguida por outra, de guerreiros israelitas que se uniram a Davi antes de ele se tornar rei (12:1-38). Enquanto 1Samuel 22:2 declara que os primeiros homens a se juntar a Davi eram “os que se achavam em aperto, e todo homem endividado, e todos os amargurados de espírito”, Crônicas o apresenta como cercado de guerreiros desde o início (12:1).

O texto diz que esses homens vieram a Davi em Ziclague, no deserto. A menção desses lugares relembra a hostilidade entre Saul (que era o rei na época) e Davi, bem como os anos de perambulação de Davi antes de ser coroado rei (1Sm 27:1—2Sm 4:12). Para fugir de Saul, Davi se refugiou entre os filisteus e lutou ao lado deles. Pelo acordo dessa aliança, Davi recebeu de Aquis, rei de Gate, a cidade de Ziclague como pagamento (1Sm 27:6).

Os primeiros guerreiros mencionados eram poderosos, ambidestros e pertenciam à tribo de Benjamim (12:1-7b). Eles eram *dos irmãos de Saul* (12:2). A referência a esse fato indica que, mesmo antes da morte de Saul, alguns membros de sua tribo já apoiavam Davi, reconhecendo que Deus o escolhera para ser rei.

Davi também recebeu apoio de uma tribo mais distante, Gade, a metade que se instalara na parte oriental do Jordão (12:8-15). Os gaditas cruzaram o Jordão na época da enchente para se juntar a ele (12:15). Cabe aqui um comentário sobre o nome do chefe deles, *Êzer*, que em hebraico está relacionado a um verbo que significa “ajudar”, “apoiar”. Variantes dessa palavra também são encontradas nos seguintes nomes: Aiezer (12:3), Azarel e Joezer (12:6) e Êzer (12:9).

Uma segunda leva de benjamitas e de homens de Judá chegou para ajudar Davi (12:16-19a). Ele, porém, não estava convencido da sinceridade daqueles homens. Seriam traidores ou amigos? A profecia de Amasai, um dos chefes do bando de Davi, o tranquilizou. Diz o texto que *entrou o Espírito em Amasai* (12:18), literalmente: “o Espírito se vestiu com Amasai”. A frase nos lembra o convite feito a todos os cristãos dos dias de hoje para que se revistam de Cristo (Gl 3:27).

A passagem de 12:20-22 diz que os homens da tribo de Manassés se juntaram a Davi quando este se dispôs a lutar contra Saul, a favor dos filisteus. Os filisteus, no entanto, mandaram Davi de volta, e assim ele não pôde ser acusado de lutar contra seu próprio povo (12:19b; cf. tb. 1Sm 29:1-11).

### 12:24-40 A celebração da coroação de Davi

Após o desvio na narrativa para a conquista de Jerusalém e os fatos que precederam a subida de Davi ao trono (11:4—12:23), Crônicas retoma a história da coroação em Hebrom. As listas precedentes mostram que Davi recebeu apoio de diversas tribos, mas até determinado ponto. Agora, em 12:23-38, as doze tribos estão presentes em Hebrom para a coroação. A sequência em que elas são apresentadas é única no AT. Até mesmo a tribo de Levi é apresentada mais como grupo secular que como classe religiosa (12:26).

O número de membros de cada contingente mostra que as tribos mais distantes providenciaram tropas mais numerosas que aquelas situadas mais perto. Judá e Benjamim forneceram 6.800 e três mil homens, respectivamente (12:24; 29a), enquanto as tribos transjordânicas — Rúben, Gade e Manassés — forneceram cento e vinte mil homens (12:37). A tribo mais distante, Dã, enviou vinte e oito mil e seiscentos homens (12:35). O texto de 12:29b explica a pequena representação de Benjamim: a maioria deles permanecia fiel à casa de Saul.

Dos homens de Issacar, é destacada uma habilidade especial: eles eram *conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer* (12:32). Jesus repreendeu os fariseus e saduceus pela incapacidade deles para discernir os sinais dos tempos (Mt 16:2-3). A tendência entre os cristãos é agir da mesma maneira em todas as épocas. No entanto, cada situação exige uma resposta adequada.

O leitor dessas listas com certeza ficará espantado ao constatar que aqueles diferentes grupos vieram *com ânimo resoluto* (12:33) e constituíam um povo *unânime no propósito de fazer a Davi rei* (12:38). A igreja da África muitas vezes parte para a batalha em total desorganização. Para lutar contra os poderes do mal, que mantêm o continente nas trevas, ela precisará deixar de lado as diferenças internas, a fim de se reunir num único acampamento e a combater o inimigo como se fosse uma só.

Esse ponto é reforçado pela concordância geral em torno da coroação de Davi, implícita na palavra *unânime* (12:38). No hebraico, a expressão é literalmente “de um só coração”. Essa expressão também está presente em muitos idiomas africanos e dá a ideia de concordância e envolvimento. O trabalho bem-feito é descrito como *mosala na motema moko* (“trabalho feito com o coração”) em lingala (República Democrática do Congo) e *bo oko* (“com um só coração”) em sango (República Centro-Africana).

A ênfase de Crônicas na unidade de Israel destaca o fato de que a igreja de Cristo na África está enfraquecida por causa de suas divisões. Isso tem reduzido o número de membros de igrejas que estão ligados uns aos outros. As raízes da divisão muitas vezes resultam de disputas pelo poder, de ganância por dinheiro e de tribalismo. No entanto, Paulo diz aos gálatas: “Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28). Parafraseando



o apóstolo, podemos dizer: “Não pode haver hemas nem lendus (República Democrática do Congo); nem tutsis nem hutus (Ruanda/Burundi; Uganda); nem zulus nem xhosas (África do Sul); nem baules nem senufos (Costa do Marfim); porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

O capítulo encerra com a festa que se segue à coroação do novo rei de todo o Israel (12:39-40). As comemorações duraram três dias, durante os quais o povo comeu e bebeu. Todas as tribos, mesmo aquelas que vieram de longe, como Issacar, Zebulom e Naftali, contribuíram para a festa *porque seus irmãos lhes tinham feito provisões*. Em muitos povoados da África, festas são organizadas com a contribuição de todos, cada um colaborando em sua área de trabalho. Os caçadores trazem a caça, os fabricantes de bebida trazem o que beber, as mulheres contribuem com o produto do campo. Pelo fato de todos contribuírem, pode-se dizer que a festa pertence a todos. Não há necessidade de convite pessoal para comparecer.

A coroação de Davi suscitou *regozijo em Israel* (12:40). O tema da alegria é importante aos olhos do autor de Crônicas (cf. tb. 1Cr 15:16; 29:9,17,22; 2Cr 15:15; 20:27; 23:13-18; 24:10; 29:30,36).

### 13:1—17:27 A história da arca da aliança

A arca da aliança, o baú que continha as tábuas da lei entregues a Moisés, era um dos objetos mais sagrados da religião judaica. Por isso, Davi desejava trazê-la para Jerusalém. O transporte da arca é relatado em 2Samuel 6:1-23 como uma história contínua. Em Crônicas, o episódio está dividido em duas partes. A história da transferência da arca da aliança atinge seu clímax quando Davi finalmente decide construir para ela um abrigo definitivo em Jerusalém.

#### 13:1-14 Tentativa de levar a arca para Jerusalém

Crônicas apresenta o transporte da arca da aliança como o primeiro ato oficial de Davi após seu estabelecimento em Jerusalém. No livro de Samuel, a história da construção do palácio do novo rei, a formação de sua família e a dupla vitória sobre os filisteus precedem a transferência da arca. Crônicas, no entanto, estruturou os fatos para demonstrar que a arca foi a principal preocupação de Davi depois que ele subiu ao trono. Ou seja, podemos dizer que Davi buscou primeiro o reino de Deus (Mt 6:33). Nesse aspecto, ele era diferente de Saul, cuja negligência para com a arca é lembrada aqui, mais uma vez com o emprego do verbo hebraico *darash*, que significa “buscar” (13:3; cf. tb. 10:13-14). Por ser a arca o símbolo da presença de Deus no meio de seu povo, negligenciá-la era equivalente a fazer pouco caso do próprio Deus.

A introdução (13:1-4) não é encontrada no relato de 2Samuel 6. Esses quatro versículos fazem do transporte da arca um acontecimento mais importante que a coroação de Davi. No livro de Samuel, o transporte da arca para Jerusalém é apresentado quase como uma empresa militar executada por Davi e seus trinta mil homens (2Sm 6:1).

Já em Crônicas, a transferência assume características de ato religioso, do qual *toda o Israel* toma parte. Os que não haviam comparecido à coroação de Davi, isto é, *todos os nossos outros irmãos em todas as terras de Israel*, foram convidados a juntar-se ao cortejo. Um convite especial foi feito aos sacerdotes e levitas (13:2), uma vez que na primeira tentativa de trazer a arca para Jerusalém eles não tiveram participação importante.

A iniciativa de levar a arca para Jerusalém foi de Davi, mas a decisão final foi tomada após uma consulta a todos os líderes de Israel acerca dos procedimentos (13:1). A reunião com *toda a congregação* de Israel é citada pelo emprego de um termo que remete a uma assembleia religiosa.

Davi é apresentado aqui como um rei democrático que se recusa a impor ao povo uma decisão unilateral. Depois da consulta aos líderes, o que era uma preocupação pessoal de Davi tornou-se questão de interesse nacional, assunto de Estado. Ele sabia que existe força na unidade, como ressalta um provérbio mongo-nkundo (República Democrática do Congo), que diz: “Uma pessoa só não quebra um galho”. A igreja africana tem em Davi um exemplo do que deve fazer um bom líder. Ele evitava tomar decisões unilaterais, que são a causa de muita frustração e da falta de apoio.

A participação ativa do povo na cerimônia do transporte da arca da aliança para Jerusalém é demonstrada pelo uso repetido do plural: *Envieiros depressa mensageiros a todos os nossos outros irmãos em todas as terras de Israel [...], para que se reúnam conosco; tornemos a trazer para nós a arca do nosso Deus* (13:2-3). Essa mobilização geral do povo é também apoiada por fatores geográficos. O povo que se reuniu em Jerusalém vinha de lugares tão distantes quanto Sior do Egito (talvez no delta do Nilo) e a entrada de Hamate, na Síria (13:5). Eles se ajuntaram para ajudar no transporte do objeto mais sagrado de Israel, a arca do *SENHOR*, que se assenta acima dos querubins (13:6). Os querubins eram seres alados que guardavam o acesso à presença de Deus (Gn 3:24).

Assim não se deu, contudo, à arca da aliança em Jerusalém. A desafortunada morte de Uzá pôs fim à alegria do cortejo (13:7-10). Ele colocou as mãos na arca quando os bois tropeçaram, na tentativa de estabilizá-la e evitar que caísse. Seu trágico fim causou grande agitação em Israel, e todos agora queriam saber como transportar o sagrado objeto em segurança (13:12).

Davi achou que o melhor a fazer era deixar a arca da aliança guardada por um tempo na casa de Obede-Edom, que residia em Gate (talvez uma cidade israelita com o mesmo nome da cidade dos filisteus). A presença na arca em sua residência trouxe-lhe muitas bênçãos (13:13-14). Merece destaque o fato de que a presença de Deus é, ao mesmo tempo, causa de morte e fonte de bênçãos. Uzá encontrou a morte na tentativa de evitar que a arca da aliança sofresse uma queda. Para Obede-Edom, a arca foi uma fonte de bênçãos para sua família e para tudo o

que lhe pertencia. Para entender essa realidade, podemos usar a ilustração da corrente elétrica: quando ela entra em contato com uma lâmpada, o resultado é a luz; quando entra em contato com o corpo humano, pode causar a morte. Tal como a eletricidade, a presença de Deus pode ser perigosa, se não receber o tratamento adequado.

O encerramento abrupto e desastroso da cerimônia mostra que a alegria e o louvor não substituem a obediência. Nos últimos anos, as igrejas da África têm concedido especial deferência à música e ao louvor em suas liturgias. Dedicam horas às danças e aos brados de alegria, misturados com profecias e orações. Essas coisas são boas, porém serão inúteis se nossa vida não estiver em conformidade com a vontade de Deus.

Vemos que Davi, ao mesmo tempo que demonstrava um desejo ardente em servir, cometeu um erro ao transportar a arca num carro de boi, quando o correto seria carregá-la nos ombros dos levitas. Em nossas igrejas, há muitas pessoas ansiosas para ajudar, mas querendo servir a Deus de qualquer maneira. É fundamental, contudo, verificar se nossas ações estão em conformidade com a palavra de Deus.

#### 14:1-17 A prosperidade de Davi

Esta seção corresponde a um parêntese no episódio do transporte da arca da aliança para Jerusalém. Por isso, temos a impressão de que os acontecimentos aqui relatados ocorreram durante os três meses em que a arca permaneceu na casa de Obede-Edom (13:14). No entanto, teria sido impossível para Davi, num espaço de apenas três meses, construir um palácio, constituir uma enorme família e derrotar os filisteus duas vezes. Em 2Samuel 5:11-25, esses fatos são registrados logo após o relato da conquista de Jerusalém. É provável que o propósito desta seção seja explicar como a fama de Davi se espalhou (14:17) e mostrar que ele continuou a ser abençoado por Deus, a despeito do fracasso na primeira tentativa de trazer a arca.

Davi obteve o material e a mão-de-obra para a construção de seu palácio das mãos de Hirão, rei de Tiro. Davi enxergou nesse acordo a confirmação divina de seu reino (14:1-2). Em qualquer época, todo rei deve ter um palácio. Reconhecer que Deus é rei, portanto, significa admitir que ele também deve ter seu palácio: o templo.

A lista dos filhos de Davi nascidos em Jerusalém não foi incluída com propósitos genealógicos (14:3-7). A ênfase aqui é indicada pela palavra “mais”: *Davi tomou ainda mais mulheres em Jerusalém; e gerou ainda mais filhos e filhas* (14:3). Na época, uma família grande como essa era sinal da bênção de Deus, como acontece até hoje em muitas sociedades africanas tradicionais. Um dos filhos de Davi, mencionado antes de Salomão, em 14:4, é Natã. Na genealogia de Lucas 3:23-38, Natã é o filho de Davi por quem passa a linhagem da família. Salomão fica de fora.

Somos informados também de uma dupla vitória de Davi sobre os filisteus (14:8-16). Os filisteus eram considerados

os inimigos tradicionais de Israel. O primeiro rei de Israel, Saul, morreu lutando contra eles. Os filisteus atacaram Davi depois que souberam que seu antigo vassalo se tornara rei sobre *toda o Israel* (14:8; note que 2Sm 5:17 diz apenas “rei sobre Israel”). Enquanto reinava apenas sobre Judá, Davi não era considerado uma ameaça para os filisteus. No entanto, embora os filisteus tivessem atacado por motivos políticos, o autor de Crônicas percebe também no incidente uma dimensão espiritual.

A dupla vitória de Davi sobre os filisteus constitui um nítido contraste com a derrota de Saul. Por duas vezes, Davi provou-se um modelo de perfeita obediência a Deus. Ele consultava (*darash*) a Deus antes de cada batalha, algo que Saul não costumava fazer (14:10,14). Na condição de poderoso guerreiro, Deus apresentou a Davi duas diferentes estratégias de batalha (14:10,14), e cada uma das duas vitórias foi resultado da ajuda de Deus (14:11,15). Precisamos conhecer a vontade de Deus em todas as ocasiões. Cada situação nova demanda uma nova estratégia.

Depois que derrotaram Saul e seu exército, os filisteus levaram sua armadura para o templo de Dagom (10:10). Em 14:12, a situação é revertida, quando os filisteus abandonam seus deuses. Davi, porém, não os leva para o santuário: prefere queimá-los.

O final da seção comenta a fama de Davi (14:17). Davi foi abençoado não para seu benefício pessoal, mas para o bem do povo de Deus (14:2).

#### 15:1—16:43 A arca é levada para Jerusalém

A inserção do capítulo 14 deixou a arca no limbo. Nenhuma razão é apresentada para o fracasso da primeira tentativa de levar a arca para Jerusalém, mas neste capítulo Crônicas retorna ao tema. O relato da segunda tentativa é feito por Samuel de maneira bem diferente. Novos temas são apresentados aqui, notadamente a organização dos levitas e sua designação permanente já antes da construção do templo. Há também um longo relatório acerca da preparação de um lugar para a arca, os meios de transporte e o pessoal necessário para conduzi-la (15:1-25).

De acordo com 2Samuel 6:12, Davi mandou buscar a arca na casa de Obede-Edom depois que soube que Deus havia abençoado aquele homem e tudo o que lhe pertencia. Diante disso, poderíamos até pensar que alguma forma de inveja impeliu Davi a buscar a arca outra vez, apesar do fracasso da tentativa anterior. Crônicas, porém, não permite tal dedução, pois apenas nos informa quão ricamente Davi era abençoado. Os três meses que se passaram entre a primeira e a segunda tentativas permitiram a Davi preparar um lugar apropriado para receber a arca (15:1). Enquanto tomava as providências, Davi identificou o motivo do fracasso da primeira missão: somente os levitas eram autorizados a carregar a arca (15:13). O Senhor os escolhera *para levarem a arca de Deus e o servirem para sempre* (15:2).

Tal como na primeira tentativa de transportar a arca, *todo o Israel* se reuniu numa assembleia em Jerusalém (15:3). Os sacerdotes e levitas consagraram-se para o evento (15:12,14), uma preparação que envolvia a lavagem das roupas e abstinência sexual (Êx 19:10,14-15). A arca dessa vez não foi acomodada num carro, mas *os filhos dos levitas trouxeram a arca de Deus aos ombros pelas varas que nela estavam, como Moisés tinha ordenado, segundo a palavra do SENHOR* (15:15). Na mesma ocasião, Davi criou uma nova classe de levitas, os cantores e músicos, responsáveis pela música que acompanhava o trajeto da arca (15:16).

A arca foi transportada para Jerusalém com alegria, danças, música e sacrifícios (15:25-29). Enquanto Uzá havia sido fulminado pelo Senhor, os levitas eram ajudados por Deus (15:26).

A referência a Mical, apresentada aqui como *filha de Saul*, lembra-nos o provérbio: “Tal pai, tal filho” (filha, no caso). Da mesma forma que o pai menosprezara a arca, a filha não participou da alegria de Israel quando a arca da aliança entrou em Jerusalém (15:29).

Deparamos em seguida com um relato do primeiro culto realizado diante da arca da aliança em Jerusalém (16:1-43). A princípio, a chegada da arca a Jerusalém deveria pôr termo ao ministério dos levitas, porque agora não haveria mais necessidade de carregá-la. De acordo com Crônicas, porém, Davi designou para os levitas um novo e permanente ministério perante a arca: *celebrar, e louvar, e exaltar o SENHOR* (16:4-7).

O salmo de gratidão cantado pelos levitas (16:8-36) proclama a realeza de Deus (16:31), tema precioso para o autor de Crônicas. Esse cântico aparece dividido em três partes do livro canônico de Salmos: 16:8-22 corresponde a Salmos 105:1-15; 16:23-33 corresponde a Salmos 96:1-13; 16:34-36 corresponde a Salmos 106:1,47-48. Algumas mudanças ocorreram na composição dos novos salmos, no que dizia respeito ao contexto de Crônicas. Por exemplo, o final original de Salmos 106:48 diz: “Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, de eternidade a eternidade; e todo o povo diga: Amém! Aleluia!”. O convite à resposta do povo em Salmos aparece em Crônicas como expressão espontânea do povo diante do cântico dos levitas.

O novo ministério designado para os levitas, agora que a arca estava em Jerusalém, marcou o início dos serviços regulares antes da construção do templo (16:37-42).

### 17:1-27 Davi é impedido de construir o templo

Esse capítulo é um dos mais importantes na seção sobre a história de Israel em Crônicas. Também estabelece os fundamentos da teologia do autor, a qual gravita em torno do templo, e marca o início de um longo processo que culminará na construção e dedicação do templo por Salomão, em 2Crônicas 6 e 7.

O capítulo começa relatando a situação de Davi e sua conversa com Natã (17:1-2). O texto é similar a 2Samuel

7:1, exceto pela frase “tendo-lhe o SENHOR dado descanso de todos os seus inimigos em redor”, que não aparece em Crônicas. Como é explicado mais adiante, o “descanso” é um pré-requisito para a construção do templo. Uma vez que Davi não construiu o templo, não se podia dizer que seu reinado viveu um período de descanso.

A chegada da arca a Jerusalém e sua instalação numa tenda (15:1) fizeram Davi perceber a disparidade entre seu palácio, construído com madeira de cedro, e as modestas acomodações providenciadas para a arca (17:1). “Reina o SENHOR” (16:31), por isso ele merece a honra devida a um rei. Davi comunicou ao seu conselheiro espiritual, Natã, sua intenção de construir um templo para corrigir a situação. Natã espontaneamente respondeu que o desejo de Davi era legítimo.

No entanto, em 17:3-4 Deus dá uma resposta negativa ao projeto de Davi. A aparente contradição entre o “sim” de Natã e o “não” de Deus tem sido muitas vezes enfatizada. Mas a resposta que Natã transmitiu ao rei depois de ter recebido instrução de Deus não é uma rejeição ao projeto de Davi. Embora Deus minimize a importância da construção do templo, não se opõe a ela (17:5-6). A questão aqui não é se Deus aceita a ideia do projeto, mas se é o tempo certo de se dedicar a ele. Aos olhos de Deus, o período de descanso favorável à construção do templo ainda não havia chegado (17:8-10a; 1Rs 5:3-5). Não será Davi quem construirá o templo, mas um de seus filhos (Salomão, que não é mencionado pelo nome aqui) será designado para edificá-lo (17:12).

A mensagem de Natã em 17:4-15 é às vezes chamada “o oráculo dinástico”, porque Deus retoma a iniciativa. Davi havia pensado em construir uma casa, e agora Deus lhe promete uma “casa”, isto é, uma dinastia (embora a mesma palavra possa significar “habitação” ou “família”; 17:10b). O oráculo pode ser interpretado à luz das várias repetições e evoluções registradas em 1Crônicas 22:6-10; 28:1-10 e 2Crônicas 6:14-17; 7:17-18.

Existem algumas diferenças entre a forma da promessa feita aqui e a de 2Samuel 7:14. Crônicas não inclui a advertência de que o sucessor de Davi será punido se for desobediente, pois apresenta Salomão, o construtor do templo, como um rei perfeito, sem nenhuma falha. Existe ainda uma sutil diferença. Em 2Samuel 7:16, lemos: “A tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre”. Já em 1Crônicas, temos em 17:14: [Eu] *o confirmarei na minha casa e no meu reino para sempre, e o seu trono será estabelecido para sempre*. O autor de Crônicas não mantém seu foco sobre a casa, o reinado ou o trono de Davi. Como ressaltado na introdução ao livro, esse foco incide sobre Israel como reino de Deus. O anjo que falou a Maria anunciou à mãe de Jesus que a criança que iria nascer receberia o trono de seu pai Davi (Lc 1:32).

Outra diferença interessante entre a mensagem de Natã em Samuel e em Crônicas está em 17:5. Em 2Samuel 7:6,

há uma menção específica ao fato de Deus ter tirado os israelitas do Egito. Em Crônicas, a NVI acrescenta a palavra “Egito” na tradução desse versículo, mas o que o texto hebraico realmente diz é: ... *porque em casa nenhuma habitei, desde o dia que fiz subir a Israel até ao dia de hoje*. Embora seja razoável presumir que o lugar de onde Israel foi tirado seja o Egito, a omissão dessa palavra específica deveria induzir os primeiros leitores de Crônicas, os judeus que haviam regressado do exílio na Babilônia, a se identificar com a libertação a que o autor se refere.

A resposta de Davi ao oráculo está registrada em 17:16-27. A frase *entrou o rei Davi na Casa do SENHOR [e] ficou perante ele* significa que o rei se posicionou diante da arca da aliança (17:16a). Sua resposta está dividida em duas partes: ação de graças e petição.

Antes de qualquer coisa, Davi exalta a grandeza de Deus. Na Bíblia, a pergunta *Quem sou eu?* expressa humildade (17:16b). Davi repetidas vezes refere a si mesmo como um humilde servo (17:17-19, 23-24, 26-27). Ele fala dos atos generosos de Deus para com sua família (17:16b-17, 25-27). Ele lembra o poder de Deus manifestado por ocasião do êxodo (17:21-22). De boa vontade, aceita a tarefa de fazer os preparativos para a construção do templo. Ele pede tão somente que a promessa feita pelo Senhor seja cumprida: *A palavra que disseste [...] seja estabelecida para sempre* (17:23-24). A oração de Davi é o seu “amém” à promessa de Deus. A expressão traduzida por “seja estabelecida” na verdade equivale a “que assim seja” — o significado da palavra “amém”.

A exemplo de Davi, devemos aceitar as tarefas que Deus nos manda realizar. Davi aceitou com alegria a missão de fazer os preparativos para construção do templo, e a cumpriu de tão boa vontade que se esforçou ao máximo para reunir todo o material e a mão-de-obra necessários ao projeto (cf. cap. 28).

### 18:1—20:8 As guerras de Davi

Um após outro, Davi exterminou os filisteus do leste (18:1), os moabitas no oeste (18:2), os siros no norte (18:3), os edomitas no sul (18:12) e os amonitas no oeste (19:1—20:4). Esses eram os principais inimigos de Israel que rodeavam o país.

As guerras de Davi são mencionadas nesse ponto de Crônicas para provar o cumprimento das promessas de Deus a Davi, *pois abati todos os teus inimigos* (17:10). O mesmo verbo é usado em 18:1 e 20:4. As guerras também confirmam que o reinado de Davi não desfrutava o período de paz necessário à construção do templo, e esses tempos agitados e sangrentos justificam a desqualificação do rei como construtor (22:7-8; 28:3). Ainda que privado dessa honra, Davi não foi rejeitado por Deus, que o abençoou e lhe concedeu vitória sobre os inimigos. Por fim, Crônicas mostra que por meio dessas vitórias Davi foi aos poucos criando a condição de paz que permitiria ao seu sucessor

edificar a casa de Deus. Desse modo, Davi pôde mais tarde dizer a Salomão: *Porventura, não está convosco o SENHOR, vosso Deus, e não vos deu paz por todos os lados?* (22:18). As vitórias também permitiram a acumulação de bens provenientes das pilhagens, os quais foram usados como material na obra de construção do templo.

Essa seção está dividida em três partes, cada uma começando com a mesma expressão: *Depois disto...* (18:1; 19:1; 20:4). A primeira parte (18:1-17) faz menção de diversas guerras, sendo a primeira contra os filisteus, os tradicionais inimigos de Israel. Davi conquistou a cidade de Gate e os territórios que estavam sob a jurisdição dos filisteus (18:1) — na verdade, cidades israelitas que os filisteus ocupavam desde a morte de Saul (10:7). Davi também derrotou os moabitas (18:2), os siros (18:3-10) e os edomitas (18:12-13). Os detalhes dessas batalhas não são relatados porque a intenção é destacar o produto das pilhagens que Davi consagrou a Deus. Por exemplo, em 18:8 lemos que Salomão utilizou o bronze que Davi tomou de Hadadezer para fazer o mar de bronze, as colunas e outros objetos do templo (cf. 1Rs 7:13-51). Todas as vitórias são atribuídas não à bravura de Davi, mas a Deus. Duas vezes encontramos a sentença *o SENHOR dava vitórias a Davi, por onde quer que ia* (18:6, 13).

O texto diz que Davi reinava sobre todo o Israel; julgava e fazia justiça a todo o seu povo (18:14), sugerindo que Davi foi feito rei pelo bem-estar do povo de Deus, não para satisfazer interesses pessoais.

Em 18:15-17, temos a primeira mostra de como era administrado o reino, com o nome dos comandantes militares, conselheiros e líderes religiosos. Essa lista representa um passo importante na consolidação de uma nação que havia abandonado o modelo tribal. Ela difere da lista de 2Samuel 8:18, pois em Crônicas os filhos de Davi figuram como os primeiros ao lado do rei (18:17), e não como ministros — literalmente, “sacerdotes”. O autor de Crônicas é muito escrupuloso em manter a distinção entre sacerdotes e leigos.

Em 19:1 a 20:3, o autor nos dá mais detalhes acerca das guerras contra os amonitas, mencionadas apenas de passagem em 18:11. Um relato dessas guerras é encontrado também em 2Samuel 10:1—12:31, com pequenas variações. Como nas guerras anteriores, o resultado é a consolidação do estado de paz no país e a destruição dos inimigos de Israel. Na primeira guerra contra os amonitas, Davi também derrotou os siros, que haviam sido convocados para ajudar Amom.

A guerra contra os amonitas foi provocada pela humilhação imposta aos embaixadores de Davi. Quando Naás, rei dos amonitas, morreu, Davi enviou uma mensagem de condolências a Hanum, sucessor de Naás. A mensagem também expressava a esperança de Davi de manter o bom relacionamento entre os dois reinos (19:1-2). A intenção de Davi foi mal interpretada pelo rei dos amonitas, que viu os embaixadores como espiões. Os emissários de Davi

foram humilhados e receberam tratamento de escravos ou mesmo de prisioneiros de guerra: o rei rapou-lhes a barba e *lhes cortou metade das vestes até às nádegas* (19:3-5). Em 2Samuel 10:4, somos informados de que foi rapada “metade da barba”, enquanto 19:4 não menciona esse detalhe. Decerto o autor de Crônicas quis tornar a afronta ainda mais grave.

A humilhação imposta aos embaixadores era equivalente a uma declaração de guerra, por isso os amonitas trataram de se preparar para a retaliação de Davi. Ao preço de mil talentos de prata (detalhe não mencionado em Samuel), os amonitas compraram o apoio da Síria (19:6-7). Davi não tomou parte na batalha pessoalmente, mas deu a Joabe a incumbência de comandar seu exército (19:8).

Vendo-se encurralado entre as tropas dos amonitas e dos siros (arameus), Joabe dividiu seu exército em dois. A tropa de elite, mais bem treinada para o combate, foi lutar contra os siros, sob o comando de Joabe, enquanto seu irmão, Abisai, no comando do restante das tropas, investiu contra os amonitas (19:9-12). As instruções de Joabe consistiam não apenas em estratégia militar, mas continham, acima de tudo, importantes considerações teológicas acerca do resultado da batalha: *Sê forte, pois; pelejem os varonilmente pelo nosso povo e pelas cidades de nosso Deus; e faça o SENHOR o que bem lhe parecer* (19:13). Em Crônicas, o bom êxito militar não depende do tamanho nem da força do exército, mas apenas da confiança em Deus e da fidelidade a ele. A expressão *Sê (Sede) forte(s)* é característica da linguagem de batalha (Dt 31:6,23; Js 1:6-7,9).

A resposta de Deus não demorou a chegar. Joabe pôs os siros em fuga, causando pânico no acampamento de seus aliados, os amonitas. Vendo-se derrotados, os siros pediram reforço (19:14-16). Diante disso, Davi reuniu *toda a Israel* para atacar os siros. Em 2Samuel 10:17, os siros é que se põem em ordem de batalha contra Davi, mas em 19:17 é Davi quem ordena a batalha contra os siros. O nome de Davi é honrado nessa passagem em expressões, como *informado Davi [...] tendo Davi ordenado a batalha contra os siros [...] e Davi matou dentre os siros os homens de sete mil carros e quarenta mil homens de pé* (19:17-18). Os siros foram finalmente derrotados (19:19).

A capitulação final dos amonitas é relatada em 20:1-3. Davi foi coroado rei dos amonitas, e a coroa do rei deles foi colocada sobre sua cabeça. Esse registro é uma condensação de 2Samuel 11:1—12:31. A frase *Decorrido um ano, no tempo em que os reis costumam sair para a guerra...* (20:1) remete à introdução da história do adultério de Davi com Bate-Seba, bem como da morte de Urias, marido dela, que ocorre em seguida. Esse infeliz incidente no reinado de Davi não é mencionado em Crônicas. Como já observamos, o autor evita deslustrar a imagem daquele cujo coração estava na construção do templo.

Outra guerra contra os filisteus é contada em 20:4-8. A seção sobre as guerras de Davi começa e termina com uma

guerra contra os filisteus. Como já foi observado, esse povo era o inimigo tradicional de Israel. O período de descanso para Israel, prometido em 17:10, não poderia começar sem que os filisteus fossem subjugados de maneira definitiva, razão pela qual 20:4 ressalta esse ponto (ct. 2Sm 21:18).

Três combates corpo a corpo entre poderosos guerreiros israelitas e gigantes filisteus são relatados em seguida (20:5-8; cp. 2Sm 21:15-22). No entanto, o episódio em que Davi fraqueja diante de Isbi-Benobe não é incluído (2Sm 21:15-17). O autor de Crônicas evita relatar qualquer incidente que possa sugerir alguma fraqueza de Davi na consolidação de seu reino.

Os gigantes filisteus são, por assim dizer, descendentes do povo que causou medo aos espiões enviados por Moisés e espalhou o terror no acampamento de Israel durante sua marcha em direção à terra prometida (Nm 13:31-32). Para o autor de Crônicas, somente durante o reinado de Davi é que esses gigantes foram definitivamente eliminados. Um desses gigantes, que tinha seis dedos em cada mão e em cada pé, apresenta semelhanças com Golias (1Sm 17), pois era de Gate e *injuriava a Israel* (20:7). Essas histórias deixam bem claro que não se trata de meros relatos de combates entre exércitos e indivíduos, mas de uma guerra entre deuses. O mais poderoso daria a vitória aos seus adoradores e seguidores.

A derrota definitiva dos filisteus significa que um importante pré-requisito para a construção do templo tinha sido cumprido: um período de paz para o povo de Israel. Daqui em diante, o autor de Crônicas volta sua atenção para o templo.

### 21:1—29:30 Os preparativos para o templo

Os capítulos finais de 1Crônicas, que coincidem com a parte final da história do reinado de Davi, ocupam-se dos muitos preparativos para a construção do templo. Entre os assuntos referentes a essa fase preparatória, estão a escolha do lugar, a designação dos principais trabalhadores, o armazenamento de material e o comunicado a Salomão de que ele seria o responsável pela obra. Embora Davi tenha sido impedido de construir o templo, Crônicas credita a ele todo o trabalho na fase preparatória da construção. Já em Samuel, o maior destaque é para a contribuição de Davi.

#### 21:1—22:1 A escolha do lugar

Essa seção de Crônicas é muitas vezes intitulada “O recenseamento”, porque é o fato mais destacado na história. Mas o recenseamento em si é apenas um pretexto para o registro da escolha do lugar da construção do templo. Enquanto em Samuel a história do recenseamento se encerra sem uma grande conclusão, a passagem 22:1 declara: *Aqui, se levantará a Casa do SENHOR Deus e o altar do holocausto para Israel*. Outras diferenças entre a história de Crônicas e a de Samuel mostram que a maior preocupação do autor não é com a enumeração do povo. Por exemplo, o caminho

percorrido pelos recenseadores (2Sm 24:5-8) não é informado em Crônicas.

Na África, estamos acostumados com recenseamentos. Antes de eleições importantes, sempre é feito um censo demográfico para se ter uma estimativa de quantas pessoas votarão e para reunir informações para a elaboração das listas de eleitores. Há também recenseamentos cujo propósito é obter as informações necessárias para o planejamento econômico e social. Nos tempos antigos, o censo tinha três objetivos: maximização de taxas, determinação do número de homens que podiam ser intimados a trabalhar nos grandes projetos de construção e recrutamento para o serviço militar. Foi por essa última razão que Davi ordenou o recenseamento. Dois fatos confirmam essa intenção. Primeiro: o povo contado era de *homens que puxavam da espada* (21:5). Segundo: Joabe, o comandante do exército, foi o encarregado dessa grande tarefa.

Em contraste com 2Samuel 24:1, onde se lê que Deus “incitou a Davi” para fazer o recenseamento, Crônicas afirma que foi *Satanás* quem o instigou (21:1). A palavra “Satanás” aparece em apenas dois outros lugares do Antigo Testamento: Jó 1:6—2:7 e Zacarias 3:1-2. Em todos os casos, Satanás incita ao mal. As antigas Escrituras gregas traduzem a palavra hebraica *satan*, que significa “acusador” ou “adversário”, por *diabolos* (que significa “caluniador”), de onde deriva a palavra “diabo”. O NT identifica Satanás mais claramente, apresentando-o como “o dragão, a antiga serpente, que é o diabo” (Ap 12:9; 20:2). Ao atribuir o recenseamento mais a Satanás que a Deus, o autor de Crônicas provavelmente tenta evitar que Deus seja visto como alguém que castiga o próprio mal que instigou. Ele defende o mesmo ponto de vista de Tiago, que diz: “Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta” (Tg 1:13).

O censo desagradou a Deus (21:7). Até esse ponto de Crônicas, Davi não cometeu nenhum erro, exceto a primeira e malfadada tentativa de levar a arca da aliança para Jerusalém, e mesmo assim não foi o responsável direto pelo fracasso. A razão exata pela qual o recenseamento estava errado aos olhos de Deus não é revelada. Nenhum outro censo do AT recebeu condenação (p. ex., Nm 1:3; Êx 30:11). É possível que o problema aqui seja ele ter sido feito logo após o registro das vitórias de Davi. Se Davi já havia obtido todas essas vitórias, por que ordenar um censo militar? A decisão de contar suas tropas a essa altura demonstrou falta de confiança em Deus.

A oposição de Joabe não deixa dúvidas a esse respeito: *Multiplique o SENHOR, teu Deus, a este povo cem vezes mais; porventura, ó rei, meu senhor, não são todos servos de meu senhor?* O comandante do exército então argumenta que tal ato é pecaminoso e questiona o rei: *Por que trazer, assim, culpa sobre Israel?* (21:3). A relutância de Joabe em levar a cabo a tarefa e o explícito desagrado de Deus, mencionados

em 21:6, não são citados em 2Samuel 24:3. Desse modo, a culpa de Davi é afirmada mais enfaticamente em Crônicas.

No entanto, o autor de Crônicas faz questão de ressaltar o comportamento responsável de Davi ao admitir toda a culpa pelo que havia feito. A pergunta *Não sou eu o que disse que se contasse o povo?* (21:17) não aparece em Samuel. Apesar de não incluir a história do adultério de Davi, o registro do episódio do recenseamento mostra que Davi não era um rei perfeito. No caso do censo, como na história de Bate-Seba, Davi declarou: *Muito pequei em fazer tal coisa* (21:8). Devemos seguir o exemplo dele e reconhecer prontamente nossas faltas. Como diz João: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1Jo 1:8).

Por meio de Gade, o vidente, Deus concedeu a Davi três opções de castigo (21:9-12). Essas punições lembram muito aquelas mencionadas em Levítico 26:25-26, relacionadas à quebra do pacto com Deus. Davi rejeitou apenas o segundo castigo, que era cair na mão de inimigos humanos, declarando que preferia cair *nas mãos do SENHOR, porque são muitíssimas as suas misericórdias* (21:13). As palavras do rei indicam que tanto o AT quanto o NT conhecem a Deus como um Deus de compaixão e perdão. Esse conceito vai de encontro à opinião corrente de que o Deus do AT era legalista, fazendo valer a lei do “olho por olho”, e que não oferecia perdão. O fato é que, de eternidade a eternidade, Deus é um Deus de compaixão. A compaixão a que Davi se refere é o amor incondicional de Deus. Por fim, diante da atitude de Davi, Deus escolheu para ele o terceiro castigo, a peste, que matou setenta mil homens em Israel (21:14).

Satanás não foi o instrumento que Deus usou para punir Israel. Ele usou seu anjo destruidor, aqui denominado Anjo do Senhor (21:15-17), título que nos remete a Êxodo 12:23.

Davi assumiu inteira responsabilidade pelo seu pecado (21:17) e foi orientado a construir um altar (21:18). Ele então se propôs a comprar a eira de Orná (ou Araúna, como traduzido na RC e na NVI), o lugar designado por Deus para o sacrifício.

A transação entre Davi e Orná é relatada com mais detalhes em Crônicas que em Samuel. Davi insistia em pagar o preço total da propriedade, enquanto Orná queria fazer dela um presente ao rei (21:23-24). A cena nos lembra o episódio em que Abraão comprou a caverna de Macpela para sepultar sua esposa Sara (Gn 23:1-20). Um sacrifício não será um sacrifício de verdade se não custar alguma coisa. Em Crônicas, o preço da eira foi acertado em seiscentos siclos de ouro (21:25), apesar de em Samuel o preço declarado ser de cinquenta siclos de prata. Alguns comentaristas veem no número seiscentos os cinquenta siclos multiplicados pelas doze tribos de Israel.

Davi então tratou de oferecer os sacrifícios (21:26). Deus aceitou a oferta, e isso foi demonstrado pelo fogo que caiu do céu sobre o altar, intervenção miraculosa que nos

lembra Gideão (Jz 6:21-24) e também o profeta Elias no monte Carmelo (1Rs 18:36-38). A culpa de Davi foi removida. A praga cessou, e o anjo destruidor recolheu sua espada (21:27).

Em seguida, o autor explica por que Davi não foi a Gibeão para adorar, preparando assim terreno para a declaração de Davi acerca do local do futuro templo (21:29-30).

Crônicas estabelece forte vínculo entre o perdão do pecado de Davi e o templo que será construído no mesmo lugar (22:1). O templo será o lugar por excelência para o perdão dos pecados. Para os cristãos, Jesus, por meio de sua morte e ressurreição, cumpriu de forma perfeita o ato de perdão, que antes era função do templo (Rm 3:24). Se chegarmos a ele e confessarmos nossos pecados, como o fez corajosamente o rei Davi, também seremos perdoados.

Agora que o local do templo está definido, por escolha divina, o passo seguinte é reunir o material e escolher o construtor.

### 22:2-19 Organização da construção

Nesse ponto, terminam as passagens paralelas com Samuel e Reis, pelo menos no que diz respeito ao reinado de Davi. Nesses dois livros, o papel de Davi na construção do templo é secundário, quase insignificante, porém o mesmo não acontece em Crônicas. Nessa seção, que está dividida em três partes, predominam a frase *edificar uma casa ao nome do SENHOR* e o verbo “providenciar” e seus vários sinônimos.

A primeira seção, 22:2-5, registra a preparação do material necessário para a construção e o recrutamento dos trabalhadores. O motivo de Davi ter assumido essa grande tarefa é apresentado em 22:5: *Salomão, meu filho, ainda é moço e tenro, e a casa que se há de edificar para o SENHOR deve ser sobremodo magnificente, para nome e glória em todas as terras*. Era desejo de Davi que o templo tivesse uma estrutura magnífica, que glorificasse a Deus, e o rei não estava convencido de que seu jovem sucessor possuísse a bagagem política necessária para engajar o povo naquele empreendimento. Desse modo, Davi reuniu os estrangeiros que viviam no país e ordenou-lhes que comesçassem a trabalhar a pedra, o metal e a madeira, materiais que seriam utilizados na construção do templo (22:2-4). No antigo Oriente Médio, os prisioneiros de guerra constituíam mão-de-obra abundante e gratuita para os grandes projetos de construção. No Egito, os próprios filhos de Israel participaram da edificação das cidades de Pitom e Ramessés (Êx 1:11).

A segunda seção, 22:6-16, contém as instruções que Davi passou a Salomão a respeito da construção do templo. Ele demonstra estar mais preocupado com essa obra que com o futuro reino de seu filho. Esses versículos suplementam o oráculo de Natã em 17:1-15.

Em 17:1-15, nenhuma razão é apresentada para explicar por que Davi não teve permissão para construir o templo.

Em 22:8, estão registradas algumas palavras ditas por Deus que não constam do primeiro relato da profecia de Natã. Davi foi impedido de construir o templo porque havia derramado *sangue em abundância e feito grandes guerras*. As opiniões são divididas a respeito dessa objeção. Alguns comentaristas pensam que o sangue derramado fez de Davi um homem ritualmente impuro para a construção do templo. O santo templo requeria um santo construtor. No entanto, a sequência do texto dá a entender que a ausência de paz e de descanso durante o reinado de Davi era a consideração mais importante.

Em 17:1-15, não há nenhuma indicação de que os filhos de Davi iriam construir o templo, mas aqui fica bem claro que Deus escolheu Salomão como construtor muito antes de seu nascimento (22:9-10). O próprio nome de Salomão ajuda a estabelecer um vínculo direto entre o período de descanso e o tempo favorável à construção do templo. Crônicas faz um jogo de palavras com a similaridade entre o nome Salomão, *Shelomoh* em hebraico, e a palavra paz, *shalom*. É estabelecido o contraste entre Davi, homem de guerra, e Salomão, homem de paz. Israel tem a promessa de tranquilidade durante o reinado de Salomão (22:9).

Os conselhos de Davi a Salomão (22:13) lembram as instruções que Deus e Moisés transmitiram a Josué (Dt 31:7-8; Js 1:7-9). A semelhança salta aos olhos, e a frase *Sê forte e corajoso, não temas, não te desalentes* é encontrada nas três passagens. Moisés não conduziu o povo à terra prometida propriamente dita. Essa honra foi concedida ao seu sucessor, Josué. Da mesma forma, Davi não construiu o templo. Essa honra foi conferida a Salomão, seu sucessor.

Davi encerrou suas instruções a Salomão com a garantia de que haviam sido feitos todos os preparativos para que o futuro rei tivesse acesso a inestimáveis riquezas, a material de alta qualidade e ao serviço dos trabalhadores mais capacitados (22:14-16).

A terceira e última seção, 22:17-19, contém as instruções que Davi comunicou a todos os *príncipes de Israel* (22:17). Ele sabia que o jovem Salomão precisaria do apoio de todos aqueles líderes, que deveriam reconhecer sua legitimidade e servir como conselheiros durante a construção do templo. Mais uma vez, Davi ressalta que a paz é condição para a edificação do templo (22:18). O rei faz um apelo especial aos líderes para que busquem ao Senhor (usando outra vez o verbo hebraico *darash*). A construção do templo para o Senhor seria o sinal da fidelidade deles (22:19).

A atitude de Davi deveria inspirar os líderes de igrejas da África. É comum as igrejas enfrentarem uma crise no período de transição de troca de pastores ou da eleição de um novo conselho de anciãos. Davi sabia que o fim de seu reinado se aproximava, por isso assumiu a responsabilidade de fazer todos os preparativos, a fim de que seu sucessor fosse bem-sucedido. Ele não somente providenciou o material e o pessoal para o templo, mas também preparou



o que hoje chamamos de “opinião pública” para aceitar e ajudar Salomão no exercício de suas responsabilidades. O bom líder é aquele que prepara o caminho de seu sucessor, sem nenhum espírito de competição. Ele deve ser como Paulo, que declarou aos crentes de Corinto: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus [...] o que planta e o que rega são um” (1Co 3:6-8). Devemos aplicar essas palavras à nossa situação atual, dizendo: “Davi plantou, Salomão regou”. Para o bem do Corpo de Cristo, o líder precisa preparar sua sucessão.

### 23:1—26:32 *Designação de pessoal*

23:1-32 Os LEVITAS. Além dos arranjos para a construção do templo, Davi também tomou providências em relação ao seu funcionamento. Todavia, antes de tratar desse assunto, o autor de Crônicas anuncia que Davi está *velho e farto de dias* (23:1). Essa descrição é honrosa para Davi, porque o transporta para a mesma categoria de outras grandes personalidades do AT, como Abraão (Gn 25:8) e Isaque (Gn 35:29). Infelizmente, essas palavras também remetem a um doloroso episódio de rixa familiar em torno da sucessão de Davi, pois o relato desse incidente, em 1Reis 1:1-53, começa com as mesmas palavras. Crônicas, entretanto, não faz menção de nenhuma disputa, pois já foi dito que Salomão fora designado por Deus sucessor de Davi e construtor do templo antes mesmo de seu nascimento (22:9-10). Não existe aqui, portanto, nenhuma controvérsia acerca da sucessão. O próprio texto dá a entender que Salomão já governava com seu pai, como corregente.

Imediatamente à proclamação pública de Salomão como sucessor de Davi, segue-se uma seção que trata do trabalho dos levitas, sugerindo que os dois acontecimentos estão ligados. Com certeza, foi numa reunião com os líderes de Israel que Davi designou os levitas para seus respectivos cargos, antes da construção do templo. Eles deviam estar preparados para exercer seu ministério tão logo o templo fosse concluído. Também é digno de nota que na ocasião os sacerdotes já eram considerados um grupo distinto (23:2) dos levitas, seus irmãos (23:13,32). Os outros levitas desempenhavam um papel importante na casa de Deus, mas eram na verdade auxiliares dos sacerdotes, filhos de Arão.

Davi elaborou o quadro das funções dos levitas em geral e dos sacerdotes, levitas cantores e levitas porteiros em particular. A organização dos levitas começa com a sua contagem (23:3). Esse recenseamento, que não foi condenado de nenhuma forma por Deus, revelou que havia trinta e oito mil levitas com 30 anos de idade ou mais. Eles foram divididos em quatro grupos, cada um com sua função: vinte e quatro mil para atuar como supervisores do templo; seis mil oficiais e juizes; quatro mil porteiros; quatro mil músicos (23:3-5).

Os levitas estavam divididos em diferentes classes, de acordo com a descendência de cada um dos três principais ramos da casa de Levi: Gérson (23:7-11), Coate (23:12-

20) e Merari (23:21-23). Arão e Moisés eram descendentes de Anrão, filho de Coate. Todavia, enquanto Arão e seus filhos foram separados para o sacerdócio, os filhos de Moisés eram considerados simples membros da tribo de Levi (23:13-14).

Em Números, está especificado que os levitas só podiam começar a servir na casa de Deus com 30 anos de idade (Nm 4:3). Davi, no entanto, alterou essa idade, estabelecendo o serviço a partir dos 20 anos (23:24-27). A exigência de que todos os levitas tivessem 30 anos de idade ou mais talvez se devesse ao peso que tinham de carregar na hora de transportar a arca da aliança e a tenda da congregação. Agora que a arca repousava definitivamente numa estrutura permanente, não seria mais necessário carregá-la, por isso homens mais jovens já podiam entrar para o serviço do templo. O trabalho deles, sem dúvida, era necessário, dada a amplitude da tarefa de supervisionar a construção e o funcionamento do templo.

Davi fez uma adaptação à realidade de sua época e com isso oferece um modelo para a igreja de Cristo na África. Às vezes a igreja também precisa adaptar-se às mudanças de nosso mundo, todavia sem comprometer os fundamentos da fé. No entanto, alguns grupos cristãos da África agarram-se às tradições de sua denominação como se essas práticas fossem a essência do evangelho. Os princípios de nossa fé e de nossa salvação em Cristo Jesus não podem ser alterados, mas a maneira pela qual são expressos e vividos em nossas comunidades pode ser adaptada às circunstâncias. Temos um claro exemplo disso nos elementos usados na comunhão. Nos vilarejos afastados dos centros comerciais, é difícil obter um bom suprimento de granadino, xarope cor de sangue, feito de romã, usado para representar o sangue de Cristo, e também do pão que representa o corpo do Senhor. Por esse motivo, algumas igrejas passam meses sem celebrar a comunhão, mesmo havendo produtos locais que podem substituir o pão e o vinho. Felizmente, nem todos os grupos são tão apegados à tradição. Às vezes, mesmo nas cidades, o chá de hibisco vermelho substitui o granadino.

As responsabilidades dos levitas são relacionadas em detalhes em 23:28-32. Eles tinham de purificar os utensílios do templo, preparar o pão para as oferendas, preservar o padrão de pesos e medidas, render louvor quando os sacrifícios fossem apresentados, algumas vezes oferecer sacrifícios (cf. 23:31; tb. 2Cr 30:17) e guardar a casa de Deus. A função deles podia ser resumida numa só: preservar a santidade de Israel. A tenda mencionada em 23:32 era usada nesse período de transição que precedeu a construção do templo.

É fundamental que a comunidade cristã seja bem organizada. A maioria dos grupos cristãos da África consiste em um pequeno número de atores e um grande contingente de espectadores. Boa parte da congregação não tem nenhum tipo de participação ativa na vida do grupo. Todavia, a igreja, como templo de Deus, precisa organizar-se de um modo

que incentive a participação de cada um de seus membros. Se os cristãos são “pedras vivas” na casa de Deus, como diz o apóstolo Pedro (1Pe 2:5, RC), então cada cristão tem um papel a desempenhar na construção dessa casa espiritual. Pastores e líderes de igreja têm sofrido para criar uma organização que permita a todos os membros uma forma de expressão e uma participação ativa na vida da comunidade. Há espaço para todos e trabalho para cada um na casa de Deus. Isso nos lembra uma expressão que é bem conhecida dos caçadores africanos: “É preciso mais de uma pessoa para trincar um elefante”. Há muita coisa a ser feita na casa de Deus, assim como há muitos pedaços de carne a serem cortados de um elefante! Uma pessoa sozinha, ou mesmo um pequeno grupo de indivíduos, não pode fazer tudo o que precisa ser feito de maneira eficaz.

**24:1-31 OS TURNOS DOS SACERDOTES.** O autor de Crônicas acrescenta um comentário para explicar por que existiam apenas dois clãs de sacerdotes, uma vez que Arão tinha quatro filhos (**24:1-2**). Dois dos filhos de Arão, Nadabe e Abiú, morreram sem deixar descendência (cf. tb. Lv 10:1-3; Nm 3:4). Desse modo, todos os sacerdotes descendiam ou de Eleazar ou de Itamar, os dois filhos sobreviventes de Arão. Os chefes desses clãs na época de Davi eram Zadoque, descendente de Eleazar, e Aimeleque, descendente de Itamar (**24:3**). Zadoque havia provavelmente exercido seu ofício em Gibeão (16:39), enquanto Aimeleque servia diante da arca da aliança em Jerusalém. De qualquer modo, a construção do templo e o fechamento do santuário em Gibeão haviam trazido todos os sacerdotes para Jerusalém. Os descendentes de Eleazar eram mais numerosos que os de Itamar, pois Eleazar tinha dezesseis chefes de família, e Itamar, apenas oito (**24:4**).

As funções dos sacerdotes resumidas em 23:13 não são repetidas aqui (cf. tb. 6:34). Em vez disso, Crônicas mostra como esses grupos estavam organizados para servir em horários diferentes. Davi havia feito uso de sua autoridade para delegar as tarefas dos levitas, mas não fez o mesmo em relação aos sacerdotes. A organização do rodízio entre as várias famílias sacerdotais foi feita de acordo com uma regra estabelecida por Arão, cujo conteúdo é desconhecido (**24:19**). Davi também não atuou sozinho na divisão dos turnos dos sacerdotes. Ele foi assistido pelos dois chefes dos sacerdotes, Zadoque e Aimeleque (**24:3**). A participação deles é evidenciada pelo uso do verbo no plural em **24:4**, o que contrasta com a frase no singular *disse Davi*, em **23:25**.

A ordem na qual as vinte e quatro famílias serviriam no templo foi decidida por sortes (**24:5**). Dada a proporção de dois para um no tamanho das principais famílias (**24:4**), as sortes foram lançadas alternadamente para uma família e para outra (**24:6**). O autor então apresenta a lista com a ordem das famílias conforme elas foram sorteadas (**24:7-18**).

As sortes também foram usadas para determinar a ordem em que os levitas iriam servir (**24:20-31**). A lista dos

levitas apresentada aqui contém apenas membros da família dos coatitas (**24:20-25**) e dos meraritas (**24:26-30**). Os gersonitas não são mencionados, embora o trecho de **23:7-11** registre sua linhagem.

Naquela época, as sortes eram um meio de garantir uma divisão imparcial de responsabilidades. De outra maneira, o clã de Eleazar, que era duas vezes maior que o de Itamar, poderia ter assumido todos os trabalhos. A igreja pode aprender com essa situação, observando como foi resolvida a questão, pois a divisão satisfatória de tarefas entre as comunidades cristãs da África permanece como um grave problema. Em muitos casos, as decisões são tomadas com base em limitações tribais ou em outros critérios comunitários. O resultado é que os grupos que se sentem negligenciados deixam a igreja para formar congregações próprias.

Os líderes de congregações poderiam empenhar-se mais em fazer escolhas que não deem margem a suspeitas e transmitam confiança ao povo. Adotar o sistema de eleições não é o bastante, porque nem sempre favorecem a melhor representação. O povo pode dar seu voto pensando mais na tribo à qual o candidato pertence ou em afiliações regionais que em sua competência para o cargo. Às vezes, é preciso coragem para simplesmente indicar pessoas que preencham os pré-requisitos relacionados com toda a clareza no NT (1Tm 3:1-13) para cargos de responsabilidade, sem que fatores tribais ou políticos venham a interferir.

**25:1-31 OS LEVITAS CANTORES.** A exemplo dos sacerdotes, o serviço dos cantores do templo foi organizado por meio de sortes, que estabeleceram os vinte e quatro turnos. Antes de informar o resultado do sorteio, o autor lembra seus leitores de que Davi os *separou para o ministério* (**25:1**). O verbo “separar” é muitas vezes usado na Bíblia. Por exemplo, é empregado para destacar a separação dos sacerdotes e levitas do restante da comunidade de Israel (Nm 16:9; Dt 10:8). No caso dos levitas cantores, o emprego do verbo indica a importância da nova função. Os cantores são considerados em pé de igualdade com os outros membros do clero e desfrutam o mesmo prestígio que os outros levitas. A importância da música no serviço do templo já foi comentada em **15:16-24**, quando a arca da aliança foi reposicionada, e em **16:37-42**, quando os cantores foram designados *para ministrarem continuamente perante ela*, em Jerusalém.

A designação dos cantores foi feita por Davi, *juntamente com os capitães do exército* (**25:1**, RC). Embora o AT em algumas ocasiões estabeleça um vínculo entre os levitas e os militares — por exemplo, no caso de uma guerra santa (cf. 2Cr 20:21) —, fica difícil identificar a natureza do relacionamento entre ambos aqui. É como se esses “capitães” não fossem líderes militares de Israel. A palavra “exército” talvez esteja sendo usada como um termo simbólico para todos os levitas, sendo os comandantes, nesse caso, os levitas mencionados em **15:16**, os quais tinham autoridade para nomear cantores.

Os cantores cadastrados para o sorteio eram provenientes de três famílias. O maior grupo era o de Hemã, com seus quatorze filhos e três filhas (25:4-5). Hemã é identificado como o *vidente do rei*, e sua família lhe dava prestígio, em cumprimento às promessas de Deus (25:5). O segundo grupo mais numeroso era o de Jedutum, com seus seis filhos (25:3), seguido pelo grupo de Asafe, que tinha quatro filhos (25:2). Os filhos de Asafe profetizavam de acordo com as instruções do rei, enquanto os de Jedutum profetizavam conforme a orientação do pai deles.

A música desses levitas costuma ser associada ao fato de profetizarem, por isso alguns comentaristas veem aqui não a pregação, mas algo como palavras espontâneas de louvor. Sem dúvida, de acordo com 25:3, o propósito da profecia eram as *ações de graças e louvores ao SENHOR*. De qualquer modo, encontramos no AT outros exemplos de profecia associada à música. Em 1Samuel 10:5, é dito a Saul: “Encontrarás um grupo de profetas que descem do alto, precedidos de saltérios, e tambores, e flautas, e harpas, e eles estarão profetizando”. Antes de profetizar, Eliseu pediu a presença de um músico, e foi só depois que o harpista começou a tocar que “veio o poder de Deus sobre Eliseu” (2Rs 3:15).

Na África, não é incomum a música estar associada à profecia ou à pregação. Essa linguagem é característica de algumas religiões africanas. Muitas vezes, ao som da música, a pessoa entra em transe e pronuncia palavras “proféticas”.

A música recebe atenção especial em Crônicas. Era considerada parte essencial da adoração, que tanto interessava a Davi, antes da construção do templo. A música também ocupa um lugar de destaque na cultura africana. Infelizmente, o mesmo não acontece em alguns de nossos cultos religiosos, onde ela quase não tem função ou ocupa apenas um lugar secundário em relação aos outros elementos do culto, como a pregação. É comum também a música ser menosprezada em observações como: “Vamos cantar enquanto o povo está chegando” ou “Vamos cantar antes de ouvir a mensagem”. A música é importante demais para ser usada como forma de preencher lacunas enquanto o povo caminha para o altar, ou tão somente para “aquecer” o coração dos ouvintes antes da mensagem!

Contudo, ao passo que a igreja precisa levar a música mais a sério, também é importante tomar cuidado com a música sem conteúdo e com aquela que visa, acima de tudo, os interesses financeiros dos músicos. Devemos ainda evitar situações, como às vezes temos presenciado, em que a música e a dança tendem a suplantam a pregação da Palavra. O povo canta e dança durante horas e depois dorme durante o sermão. Ambos os extremos devem ser evitados.

**26:1-28 OS PORTEIROS E OS GUARDIÃES DOS TESOUROS.** Os porteiros do templo eram todos levitas e foram designados por Davi antes da construção do templo (26:1-19). Eles eram provenientes de três diferentes famílias: a de Meselemias

(26:1-3), a de Obede-Edom (26:4-8) e a de Hosa (26:10-11). A família de Obede-Edom recebe especial atenção. A referência à bênção de Deus, em 26:5, lembra-nos a bênção mencionada em 13:14, quando ele guardou a arca da aliança depois do fracasso da primeira tentativa de transportá-la para Jerusalém. A bênção aqui toma a forma de uma grande família e é também expressa nas qualidades de seus filhos e netos. O texto se refere a eles como *homens valentes* [...] *homens capazes e robustos para o serviço* (26:6-8). Obede-Edom, ao que parece, exercia duas funções: músico e porteiro (15:21-24; 16:5,38).

Os porteiros cuidavam das quatro portas dentro do templo, que estavam situadas em diferentes pontos do perímetro. A tarefa deles era garantir a segurança do templo e também preservar sua santidade, prevenindo as práticas de idolatria e evitando que pessoas impuras entrassem na casa de Deus (2Cr 23:19).

Cada família foi designada para uma porta particular, e a escolha foi feita por sorteio (26:13). Selemias recebeu a incumbência de cuidar da porta do lado oriental (26:14a), que era a mais importante porque dava acesso ao palácio real e provavelmente a porta pela qual o rei entrava no templo (cf. 9:18). Seis guardas foram designados para cuidar dessa porta, mas apenas quatro para as outras (26:17-18).

Uma vez que havia apenas três famílias para quatro portas, Zacarias, o filho mais velho de Selemias (uma variante do nome Meselemias), identificado como conselheiro, foi escolhido para cuidar da porta do lado norte (26:14b). Hosa foi designado para a porta do lado ocidental, e Obede-Edom para a porta do lado sul.

Os levitas encarregados dos tesouros (26:20-28) são apresentados em seguida porque suas responsabilidades se sobrepunham às dos porteiros (9:26). É feita uma distinção entre os *tesouros da Casa de Deus* e os *tesouros das coisas consagradas* (26:20). Os primeiros continham os objetos sagrados do templo (como os utensílios usados nos sacrifícios) e estavam a cargo dos filhos de Ladã, descendente dos gersonitas (26:21-22). Os últimos continham os espólios de guerra consagrados ao Senhor e estavam a cargo dos coatitas (26:23-28; cf. 23:12). É interessante notar aqui uma referência favorável a Saul, em 26:28. Ele também havia dedicado algumas coisas ao Senhor.

**26:29-32 OUTROS OFICIAIS LEVITAS.** Por fim, como uma transição para a seção seguinte, sobre a administração do reino, Crônicas apresenta os levitas que exerciam funções fora do templo. Eles executavam tarefas de administradores civis, magistrados e juizes (26:29; cf. tb. 23:4). Somos informados ainda acerca de sua jurisdição, a qual mostra que suas responsabilidades cobriam todo o território de Israel, a leste e a oeste do rio Jordão (26:30-32).

### 27:1-34 Organização militar e civil

Davi sabia que para a construção do templo ser bem-sucedida era preciso mais que homens e material. O sucesso

dependia da estabilidade do país e da tranquilidade de seu povo. Comandantes militares e autoridades civis seriam requeridos para assegurar essa paz, e é a respeito desses líderes que trata o capítulo 27.

Em Crônicas, não há distinção entre o sacro e o secular, pois os dois domínios se entrelaçam. Esse padrão nem sempre pode ser aplicado à vida da igreja na África. Aqui o pastor (ou o ministro) é tido como alguém “separado”, enquanto o restante da congregação pertence ao grupo dos leigos, os quais são considerados de menor importância. No entanto, todos os que ministram na igreja têm a mesma importância. Fora do ambiente da igreja, o cristão que tem um emprego secular também está servindo a Deus. Não podemos agir como se a igreja e a vida cotidiana pertencessem a esferas distintas.

Os chefes de família e os comandantes militares estão relacionados em 27:1-15. O exército estava distribuído em doze divisões, cada uma com vinte e quatro mil homens submissos a um comandante. Sua força total era composta de duzentos e oitenta e oito mil homens (número muito menor que o contabilizado por Joabe no censo de 21:5). A natureza e a tarefa dessas divisões não são conhecidas. Cada divisão atuava pelo espaço de um mês a cada ano. Se tais divisões representavam um exército regular, o rodízio sugere um período de paz, pois em tempos de guerra todos os soldados seriam chamados ao dever.

Dos doze comandantes de divisão, pelo menos seis pertenciam à tribo de Judá (27:3,7,9,11,13,15), dois a Efraim (27:10,14), um a Levi (27:5-6), um a Benjamim (27:12) e dois são de origem desconhecida (27:4,8). A presença de filhos de sacerdotes nessas divisões não deve causar surpresa, porque 12:26-28 indica que os levitas não eram isentos do serviço militar. Entre os comandantes de divisão, identificamos alguns dos heróis mencionados em passagens anteriores. Um deles era Jasobeão, comandante da primeira divisão para o primeiro mês. Ele matou trezentos homens numa batalha (27:2-3; cf. tb. 11:11). Outro era Benaia, filho do sacerdote Joiada, do qual é dito que matou um leão numa cova no tempo da neve (27:5-6; cf. tb. 11:22).

Os chefes *sobre as tribos de Israel* apresentados em 27:16-24 são, sem dúvida, líderes políticos, representantes de cada uma das tribos. Muitos nomes são desconhecidos. Esses homens foram indicados mais por escolha do rei que por direitos hereditários. A lista não contém nenhum representante das tribos de José, Gade e Aser. Esses grupos são substituídos pelas tribos de Efraim e Manassés. A tribo de Manassés está dividida em duas, uma parte estabelecida a oeste do Jordão e outra a leste do rio, mantendo assim o número ideal de doze tribos. O comentário acerca dos homens que não foram contados, em 27:23-24, é uma referência direta ao censo de 21:1-6. Há também uma alusão à promessa de Deus, feita a Abraão, de que Israel se tornaria um povo tão numeroso quanto as estrelas céu (Gn 15:5; 22:17;

26:4). Joabe talvez estivesse referindo-se a essa promessa quando disse ao rei: *Multiplique o SENHOR, teu Deus, a este povo cem vezes mais* (21:3).

A lista dos funcionários públicos é seguida por outra relação de nomes, da qual não existe semelhante no AT. Nela constam o nome dos doze oficiais de Davi, número que, sem dúvida, é simbólico (27:25-31). Esses funcionários eram encarregados de assuntos referentes à agricultura e cuidavam até mesmo da produção de vinho e azeite e da criação de animais. As propriedades reais estavam espalhadas por todo o país. Entre as regiões mencionadas, estão a Sefelá (NVI), onde ficavam os campos de lavoura, e a planície de Sarom, onde pastava o gado. Havia estrangeiros entre esses oficiais, notadamente Obil, o ismaelita encarregado dos camelos (27:30), e Jaziz, o hagareno, que era encarregado das ovelhas (27:31). Esses estrangeiros provavelmente alcançaram tal posição por causa de sua competência nas respectivas áreas de atuação.

A sábia administração das propriedades da igreja é um componente indispensável para seu crescimento. A implantação do que é às vezes denominado “obras de desenvolvimento” já levou diversas igrejas na África a iniciar projetos com o auxílio de financiadores estrangeiros. Em geral, esses projetos não sobrevivem depois que são exauridos os recursos estrangeiros. Um das razões do fracasso desses empreendimentos em se tornar autossustentáveis é a administração deficiente. Esses projetos muitas vezes são conduzidos por pessoas incompetentes, indicadas para a função com base em critérios equivocados. As propriedades da comunidade da igreja também devem ser distintas das propriedades de seus líderes. Nesta época, em que muito se fala de bom governo na África, a igreja deveria apresentar um modelo de administração de suas finanças e propriedades.

Temos poucos detalhes acerca dos homens que estavam mais próximos do rei. Sabemos que Jônatas *era do conselho*; que Jeiel *atendia os filhos do rei*; que Aitofel, Joiada e Abiatar eram conselheiros do rei; que Husai, o arquita, *era amigo do rei*, talvez uma espécie de secretário e confidente; que Joabe *era comandante do exército do rei* (27:32-34).

### 28:1—29:20 Recomendações finais de Davi

Os dois capítulos finais de Crônicas formam uma unidade e relatam sem interrupções os últimos acontecimentos do reinado de Davi. Os leitores familiarizados com o texto de Reis sobre o mesmo período perceberão uma diferença entre as duas narrativas. Em 1Reis 1:1—2:46, o final do reinado de Davi é caracterizado por uma luta em família, dentro do palácio, em torno da sucessão. Às pressas, o profeta Natã e a mãe de Salomão, Bate-Seba, conspiram para persuadir o velho rei acamado a ordenar a coroação de Salomão, enquanto outro filho de Davi, Adonias, celebra a própria coroação. As últimas palavras de Davi a Salomão são instruções sobre como eliminar os inimigos do reino

(1Rs 2:1-9). Nenhum desses fatos é mencionado em Crônicas. Não são registradas aqui rivalidades, nem lutas internas pela sucessão, nem a fraqueza física de Davi por causa da idade. Em vez disso, o livro apresenta o rei numa postura firme, fazendo suas recomendações finais, aqui voltadas para a construção do templo. Esse assunto nem mesmo é mencionado no relato de Reis sobre a morte de Davi.

**28:1-10 EXORTAÇÕES À NAÇÃO E A SALOMÃO.** Davi convocou uma assembleia pública que reuniu o que podemos chamar “governo interino da nação”. A descrição detalhada dos que compunham a assembleia é única em Crônicas: *Todos os príncipes de Israel, os príncipes das tribos, os capitães dos turnos [...], os capitães de mil e os de cem, os administradores de toda a fazenda e possessões [...], os oficiais, os poderosos e todo homem valente (28:1)*. Embora a reunião tenha sido encerrada com a coroação de Salomão, seu real propósito era promover a construção do futuro templo. Essa assembleia transformou o projeto de assunto privado da família real em empresa pública, que requeria a participação de todo o povo.

O método que Davi escolheu para levar o projeto adiante nos ensina uma lição essencial. Quando decisões importantes são tomadas pela comunidade cristã, é fundamental a participação de todos os membros. Sem essa participação, o apoio a qualquer projeto será sempre insuficiente.

O discurso de Davi ao povo está registrado em 28:2-10. Ao contrário do velho enfraquecido de Reis, aqui ele se levanta para falar. Ele se dirige aos presentes como *irmãos meus e povo meu (28:2)*. O rei apela para eles expressando-se tanto em termos tribais, como membro daquela sociedade, quanto em termos do sistema monárquico, apresentando-se como o soberano que se dirige aos seus súditos. Se os líderes da comunidade cristã tão somente lembrassem que são, acima de tudo, irmãos e irmãs dos outros membros, isso causaria profundo impacto nos relacionamentos dentro da igreja.

O discurso faz referência a passagens anteriores (17:1-27; 22:6-16) que Davi torna públicas, acrescentando detalhes inéditos do conteúdo da profecia de Natã e de sua conversa particular com Salomão. Ele começa pelo momento em que seu plano de construir o templo foi impedido por Deus: *Era meu propósito de coração edificar uma casa [...] Porém Deus me disse: Não edificarás casa ao meu nome (28:2-3)*. A expressão “porém Deus me disse”, que encontra eco em 28:6, implica que Deus mantinha comunicação direta com Davi, fato que não é mencionado em nenhum outro lugar das Escrituras.

Davi fala de seu projeto de construir *uma casa de repouso para a arca da Aliança [...] e para o estrado dos pés do nosso Deus (28:2)*. Essas duas expressões indicam o desejo de manter a presença de Deus em Jerusalém.

Ao designar Salomão como seu sucessor, Davi deixa claro que sua decisão não foi arbitrária nem ditada pelas circunstâncias. Tratou-se, isto sim, da continuação de um

longo processo que remontava à eleição da tribo de Judá como família real (Gn 49:10), passava pela escolha da família de Jessé e culminava na designação de Davi como rei dentre todos os seus irmãos (28:4). Da mesma forma, Deus escolheu Salomão dentre todos os filhos de Davi, tanto *para se assentar no trono do reino do SENHOR (28:5)* quanto para ser o construtor do templo (28:6).

Davi pede ao povo, aqui identificado como *congregação do SENHOR*, que aceite essa escolha e obedeça a Deus, de modo que eles possam desfrutar uma vida tranquila na terra prometida (28:8).

Então, Davi torna a falar a Salomão. Antes disso, ele já lhe havia falado em particular (22:6-16), mas agora o aconselha publicamente a aceitar a responsabilidade de ser o escolhido para construir o templo e a agir de acordo com essa responsabilidade (28:10). Nenhuma instrução é dada ao novo rei com relação aos inimigos que lutavam para enfraquecer o poder de Davi (1Rs 2:1-9). Em vez disso, Davi recomenda com insistência que Salomão obedeça a Deus: *Se o buscares, ele deixará achar-se por ti; se o deixares, ele te rejeitará para sempre (28:9)*. Jesus disse algo muito semelhante quando esteve aqui: “Buscai e achareis” (Mt 7:7). Salomão precisava ter consciência do escopo da tarefa que lhe fora atribuída; sendo ele o escolhido para construir o templo, tinha de se comportar à altura de tal empreendimento (28:10).

As palavras de Davi aqui deixam claro que a eleição não exclui a obediência, assim como a salvação pela fé não é razão para viver desregradamente. Da mesma forma que a eleição demanda obediência, a salvação pela fé também a exige (cf. tb. 28:7).

**28:11-21 A PLANTA DO TEMPLO.** Após essa breve exortação, Davi entrega a Salomão um documento que contém não apenas o desenho da arquitetura do edifício, mas também a descrição em detalhes do mobiliário, dos utensílios, dos objetos para uso na adoração e das funções ministeriais. O documento corresponde a um plano detalhado do templo e dos serviços nele executados (28:11-18).

Davi deixa transparecer que recebeu o plano do próprio Deus (28:12,19). O templo seria a casa de Deus, portanto seu projeto arquitetônico só podia vir dele. Diferentemente de Reis, Crônicas situa a arquitetura do templo no contexto da revelação divina. Existe aqui clara analogia entre Davi, que recebeu o projeto do templo e o entregou a Salomão, e Moisés, que recebeu de Deus o plano do tabernáculo e o repassou a Bezalel (Êx 35:30-35). Da mesma forma que o modelo do tabernáculo e seus utensílios foi idealizado por Deus, também veio dele o projeto do templo e seus utensílios.

Uma das deficiências do cristianismo na África é que muitas vezes pensamos na igreja como a obra ou a propriedade de uma pessoa. Devemos pensar nela como obra do próprio Deus, o perfeito Arquiteto, e agir de acordo com essa realidade.

Depois de entregar a Salomão a planta do templo, Davi aconselha o filho a começar imediatamente a construção da casa de Deus (28:20-21). Aqui ele repete, quase palavra por palavra, o que disse a Salomão em 22:13, havendo também grande semelhança com as palavras de incentivo de Moisés a Josué, em Deuteronômio 31:5-8. Ele precisava de encorajamento, para ser forte, mostrar-se destemido e não fraquejar.

Em 28:20, a ênfase recai sobre a ação. A frase *faze a obra* foi acrescentada (cf. tb. 28:10). Salomão agirá na certeza de que Deus estará com ele até a obra ser concluída. Essa condição traz à nossa mente a palavra “Emanuel”, nome dado a Jesus que significa “Deus conosco” (Mt 1:23). Somos lembrados também da promessa que Jesus fez aos seus discípulos: “Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:20). Que garantia!

29:1-9 APELO FINANCEIRO. Davi encerra sua conversa com Salomão e volta a falar ao povo. Ele lembra ao povo que Salomão *é ainda moço e inexperiente* e que a casa a ser construída será um *palácio* (29:1). Um jovem rei não terá condições financeiras nem a experiência necessária para conduzir um projeto daquela envergadura. O templo não poderia ser concluído sem a contribuição e o apoio de terceiros.

Davi informa à assembleia o material disponível para a construção, o qual havia retirado dos espólios de guerra e de seu tesouro pessoal (29:2-5a). Contudo, ainda não era o bastante. Então ele apela aos líderes para que contribuam de livre vontade para a obra (29:5b), um pedido semelhante ao que fez Moisés por ocasião da construção do tabernáculo (Êx 25:1-9). A expressão hebraica é literalmente “para consagrar sua mão a Javé”, usada para indicar uma dádiva espontânea ou quando alguém se dedica a outro (2Cr 17:16). Essa oferta, portanto, era sinal da dedicação do povo a Deus, especialmente à construção do templo.

O pedido de Davi obteve uma resposta positiva. Os líderes contribuíram *voluntariamente* e com alegria (29:6-9). A atitude deles combina com a prescrição de Paulo: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria” (2Co 9:7).

Davi obteve esse resultado positivo porque não se limitou a pedir a contribuição dos líderes: ele mesmo deu o exemplo, contribuindo primeiro. Os líderes seguiram o exemplo de seu rei. Nas igrejas, muitos líderes tomam o púlpito para falar de dízimos e ofertas, mas precisam demonstrar primeiro que são contribuintes espontâneos. Como alguém pode pedir à congregação que contribua com o dízimo quando o líder da comunidade não é dízimista? O ensino deve ser feito pelo exemplo.

O sistema de ofertas espontâneas adotado por Davi é semelhante à prática de muitas igrejas em Kinshasa, na República Democrática do Congo. Quando a igreja se vê diante de uma despesa muito grande, como a construção de

um templo ou a compra de novo mobiliário, eles organizam um *matondo* (“ação de graças”). A igreja é informada com antecedência, e os membros se preparam para levar uma oferta especial. O recolhimento da oferta é acompanhado de música, dança e alegria. Às vezes, chega a existir uma competição entre homens e mulheres, para ver quem contribui com o maior valor. Esse tipo de trabalho permite que a igreja arrecade todo o dinheiro de que necessita num único culto. Essa prática deve ser encorajada, contudo tomando-se o cuidado de evitar que um ato de contribuição se transforme em *show*. A oferta deve partir de um coração inteiramente dedicado a Deus.

29:10-20 A ORAÇÃO DE DAVI. A alegria que acompanhava as ofertas voluntárias levou Davi a irromper num salmo de louvor. A canção começa com uma doxologia na qual o rei exalta a grandeza e a soberania de Deus sobre todas as coisas (29:10-13). Ele contrasta a grandiosidade de Deus com a humilde condição do ser humano. E expressa essa condição, aplicando-a a si mesmo e ao povo: ... *Quem sou eu, e quem é o meu povo?* (29:14a). Davi apresenta a Deus os bens ofertados, mas insiste em que o valor da oferta não deve ser motivo de orgulho, porque tudo o que ele e o povo doaram para a obra de construção do templo são, na verdade, coisas que eles receberam de Deus (29:14b).

Davi era bem consciente da brevidade da existência humana sobre a terra: ... *Como a sombra são os nossos dias sobre a terra, e não temos permanência* (29:15). Ele sabia que iria morrer em breve. Se todos tivessem consciência da brevidade da vida humana, isso mudaria nosso relacionamento com o mundo. Em Eclesiastes, lemos a seguinte advertência: “Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; [...] sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas” (Ec 11:9). O ser humano anseia viver para sempre, mas o fim de toda carne é a morte.

No final, Davi faz dois pedidos a Deus (29:18-19). O primeiro é a favor de seu povo, e o segundo, em favor de Salomão. Para o povo, Davi pede que Deus os conserve com a mesma disposição que os levou a contribuir de livre vontade (29:18). Para Salomão, ele pede um *coração íntegro para guardar os teus mandamentos, os teus testemunhos e os teus estatutos, fazendo tudo para edificar este palácio para o qual providenciaste* (29:19). Em ambas as petições, Davi não menciona força nem poder, porque está concentrado na atitude do coração. É assim que devemos orar por um sucessor. Davi sabia que a obediência a Deus seria um pré-requisito para o sucesso da construção do templo.

Davi conclui sua oração com um convite ao povo para louvar ao Senhor (29:20).

### 29:21-25 A coroação de Salomão

Davi já havia confirmado Salomão como rei de Israel, em 23:1, e agora, em 29:22, o autor esclarece que a cerimônia aqui referida é uma segunda coroação. Esse comentário

confirma que Salomão já reinava como corregente com seu pai. Entretanto, nessa segunda cerimônia Salomão é ungido, fato que não é mencionado na primeira coroação. Ao mesmo tempo, Zadoque também é ungido sacerdote.

O relato da cerimônia de coroação faz referência a vários temas já discutidos no livro, mais especificamente o tema de *todo o Israel*. Sacrificios são oferecidos por *todo o Israel* (29:21); *todo o Israel* [...] obedecia a Salomão (29:23); o Senhor o abençoou *perante todo o Israel* (29:25). Outro tema que ressurgue aqui é o do reino de Deus. Enquanto 1Reis 2:12 mostra Salomão assentado “no trono de Davi, seu pai”, em Crônicas ele se assenta *no trono do SENHOR* (29:23).

Para mostrar que essa coroação foi pacífica e que não havia oposição à autoridade do novo rei, Crônicas faz questão de registrar que *todos os príncipes, os grandes e até todos os filhos do rei Davi prestaram homenagens ao rei Salomão* (29:24). O significado literal do texto hebraico aqui é: “Eles colocaram as mãos debaixo dos pés de Salomão” em sinal de lealdade e obediência. Antecipando o que se seguirá, 29:25 exalta o reinado de Salomão, que ainda não havia começado. A segunda cerimônia contrasta vividamente com o sangrento desfecho que se seguiu à coroação de Salomão em 1Reis 2:13-46.

### 29:26-30 Obituário de Davi

O primeiro livro de Crônicas encerra com uma breve avaliação do reinado de Davi, um sumário histórico com referência às fontes das quais foi extraída a maior parte das informações a respeito de Davi. Mais uma vez, somos lembrados de que Davi, apresentado como *filho de Jessé, reinou sobre todo o Israel* (29:26). Essa expressão remete às palavras similares ditas no início de seu reinado (10:14). De forma coerente com o que havia afirmado, Crônicas encerra seu relato acerca do reinado de Davi afirmando a unidade de Israel.

O texto diz que Davi reinou durante quarenta anos. Os sete anos que ele reinou em Hebrom, sobre Judá apenas, não foram ignorados. São apresentados como a transição de uma capital provisória para outra, agora permanente (29:27).

O texto diz também que Davi *morreu em ditosa velhice, cheio de dias, riquezas e glória* (29:28). Esse final feliz para a vida de Davi difere daquele que está registrado em 1Reis 2:1-11, em que as recomendações finais de Davi a Salomão tratam da morte dos inimigos do rei e sugerem que haviam restado alguns oponentes ao seu governo. Crônicas não faz menção do lugar em que Davi foi sepultado.

Finalmente, temos em 29:29-30 a informação dos documentos que contêm os registros do reinado de Davi. Os três profetas mencionados desempenharam um papel importante na vida de Davi. Apesar de Samuel não ter recebido nenhum destaque em Crônicas, ele é conhecido como aquele por meio de quem Deus designou Davi sucessor de Saul

(11:3). Natã é conhecido por causa do oráculo concernente à dinastia, pronunciado em 17:3-14. Gade é aquele que anunciou a Davi a punição por causa do recenseamento e a maneira de fazê-la cessar (21:18).

O primeiro livro de Crônicas encerra com uma nota positiva. Aquele não é o reino de Davi, mas o reino de Deus. O trono sobre o qual Salomão se assentou não é o trono de Davi, mas o trono de Deus. O autor de Crônicas pretende mostrar aos seus leitores que o final do reino de Davi não significa o fim do reino de Deus. Mesmo que Judá não tivesse um rei, seu Deus permaneceria sobre o trono, no templo que seria construído.

Outro filho de Davi irá cumprir esse ideal: Jesus, que reinará eternamente. Ele é o Filho de Davi, mas ao mesmo tempo é o Filho de Deus (Mt 22:41-46).

### 2Cr 1:1—9:31 O reinado de Salomão

O assunto do templo dominou 1Crônicas desde o começo do reinado de Davi e continua sendo o assunto central em 2Crônicas. O livro de 1Crônicas termina com a escolha de Salomão como rei a para que ele, especificamente, pudesse edificar o templo (1Cr 28:5-6), e com a exortação que Davi lhe fez: “Sê forte e faze a obra” (1Cr 28:10). Portanto, dos nove capítulos dedicados ao reino de Salomão, seis falam da construção e da consagração do templo.

Este livro narra a história do governo monárquico de Salomão até o decreto de Ciro. Em outras palavras, 2Crônicas começa com a construção do templo e termina com a autorização da construção de outro templo. A preocupação do autor com o templo também fica evidente em suas referências tanto no início quanto no fim da obra (3:1-2; 5:1; 8:16).

A construção e a inauguração do templo marcam o início de um novo estágio na história da monarquia de Israel. De agora em diante os reis de Judá e Israel serão julgados por seu interesse ou falta de interesse pelo templo, suas cerimônias e seu pessoal. O templo torna-se uma unidade de medida para o rei e também para a nação inteira. Em Crônicas, os reis que empreenderam reformas em favor do templo recebem atenção maior que a dada aos outros. Esses reis são: Asa (14:2—16:14), Josafá (17:1—21:1), Ezequias (29:1—32:33) e Josias (34:1—35:27).

O reinado de quarenta anos de Salomão registrado em Crônicas está dividido em dois períodos de vinte anos cada, mas o tratamento desses dois períodos não é igual. Os primeiros vinte anos, durante os quais o templo foi construído, recebe mais atenção (1:1—7:22). No livro de Reis, o governo de Salomão também está dividido em duas partes. A primeira trata do período de obediência e prosperidade, ao passo que a segunda se refere ao período da desobediência. Seu governo termina com uma nota de infidelidade e rebelião no reino (1Rs 11:1-43).

O livro de Crônicas, em contraste, apresenta Salomão como um rei perfeito, sem notas negativas. Alguns comentaristas concluíram que o autor deste livro está



mostrando um retrato idealizado e, de certa forma, falso de Salomão.

Entretanto, não só as faltas do rei deixam de ser mencionadas, mas também outros fatos que teriam contribuído para sua fama. O exemplo mais notável é a omissão da referência ao famoso julgamento das duas prostitutas (cf. 1Rs 3:16-28). Em Crônicas, a sabedoria de Salomão não está vinculada ao bom governo, mas à construção do templo (2Cr 2:12).

Ao selecionar quais acontecimentos do reino de Salomão deveria registrar, o autor colocou o foco unicamente nos fatos relacionados a determinados aspectos da construção e do culto do templo. Todos os outros eventos são considerados de somenos importância. A fabulosa sabedoria de Salomão é revelada somente por meio desse projeto arquitetônico. O que o autor do livro de Crônicas quer mostrar é que Salomão foi o filho que meticulosamente seguiu as instruções do pai quanto à construção do templo.

Crônicas também enfatiza o caráter pacífico do governo de Salomão. Bem cedo foi ele identificado como “um homem de paz” e alguém cujo reinado foi um tempo de paz e tranquilidade para Israel (1Cr 22:9). Essa promessa se cumpriu no momento em que Salomão ascendeu ao trono.

Salomão é o exemplo, apresentado em Crônicas, de como um líder deve cumprir suas responsabilidades. Ele executou escrupulosamente as tarefas para as quais fora designado rei. Não se permitiu desviar para outras preocupações. Comprometeu-se de todo o coração, de toda a alma e com todas as forças ao trabalho de construção do templo.

A narrativa apresenta semelhanças marcantes entre a história de Davi e a de seu filho Salomão. Por exemplo, como Davi, Salomão foi escolhido rei pelo próprio Deus. Esse não foi o caso para outros reis da dinastia de Davi. Como Davi, Salomão recebeu o apoio de *tudo o Israel* desde o início de seu reinado. Como no caso de Davi, o reinado de Salomão começou com uma assembleia em que se encontraram todos os líderes de Israel. Tanto no tempo de Davi como no de Salomão houve adoração, o aparecimento de Deus (descendo do céu em fogo), oração e respostas à oração.

Por conseguinte, é bastante razoável que alguns comentaristas vejam Salomão como o segundo Davi, embora, como todas as comparações, esta também tem seus limites. Crônicas mostra com clareza que há mais pontos complementares que similaridades entre Davi e Salomão. Davi transportou a arca da aliança para Jerusalém, mas Salomão a colocou no templo. A profecia de Natã foi dirigida a Davi, mas se referia ao reinado de Salomão. Davi preparou tudo para a construção do templo, mas foi Salomão quem o construiu. Diz-se que Salomão pode mesmo ter sido maior que Davi porque nada há de censurável em seu reino, ao passo que a primeira tentativa de Davi de trazer a arca para Jerusalém falhou (ainda que a culpa não tenha sido diretamente dele), e o censo que ele organizou desencadeou o juízo de Deus.

### 1:1-17 Salomão estabelece o seu reino

Segundo Crônicas começa indicando a consolidação do reino: *Salomão, filho de Davi, fortaleceu-se no seu reino (1:1a)*. Embora Crônicas encubra a rivalidade associada à ascensão de Salomão ao trono, ainda há indícios dessa questão. A afirmação aqui é quase idêntica àquela em 1Reis 2:46: “Assim se firmou o reino sob o domínio de Salomão”. Em Reis, essa declaração vem depois de uma série de atos de vingança executados ao final das instruções de seu pai. Esses atos eliminaram toda a competição pelo trono. A ideia de consolidação depois de um período de dificuldades e conflitos que ameaçavam o trono está implícita também no verbo hebraico traduzido por “confirmar”, “fortalecer-se” ou “fortificar-se” em 2Crônicas (12:1,13; 13:21; 15:8).

O livro refere-se a Salomão como “filho de Davi” a fim de enfatizar a continuidade com seu pai. Davi prometeu a Salomão: “O SENHOR Deus, meu Deus, há de ser contigo” (1Cr 28:20). Essa declaração é confirmada nas palavras de 1:1b: *O SENHOR, seu Deus, era com ele*. O Deus de Davi era também o Deus de Salomão e *o engrandeceu sobremaneira*. Como em 1Crônicas 29:25, o autor chama a atenção para o caráter excepcional de seu reinado antes de dar qualquer detalhe a respeito dele.

Depois da morte de seu pai, a primeira atitude de Salomão como rei foi dirigir-se ao alto de Gibeão (1:3-6). Em 1Reis 3:4, essa visita de Salomão é descrita como um ato pessoal de piedade. Em Crônicas, esse é um assunto nacional. Salomão foi até lá com *toda a congregação* de Israel (1:2-3). A palavra hebraica traduzida por “congregação” é *qahal*, que se refere a uma assembleia religiosa. Essa mesma palavra é usada em 1Crônicas 13:2, quando Davi reuniu Israel para trazer a arca da aliança a Jerusalém. Portanto, assim como Davi no começo de sua carreira, Salomão está cercado por *tudo o Israel*. Esse tipo de assembleia tem o propósito de envolver todo o povo e o novo rei. De modo claro 1:5 diz que Salomão e o povo inquiriram o Senhor ali. O texto não especifica de que maneira o povo e Salomão o inquiriram. Simplesmente diz que sacrifícios importantes foram feitos: *mil holocaustos (1:6)*.

Por que o alto de Gibeão foi escolhido para essa cerimônia enquanto a arca da aliança estava em Jerusalém? Provavelmente porque no princípio do reinado de Salomão a cidade ainda não se havia tornado um santuário oficial.

Davi não encerrou as atividades no alto de Gibeão. Na verdade, ele nomeou sacerdotes para ministrar ali (1Cr 16:39). Gibeão é descrito como *o alto maior* em 1Reis 3:4. Crônicas explica por que Gibeão desfrutava desse *status*, acrescentando a informação de que *ali estava a tenda da congregação de Deus, que Moisés, servo do SENHOR, tinha feito no deserto (1:3)*. O santuário em Gibeão, desse modo, tinha *status* oficial, portanto era importante que Salomão o visitasse.

Gibeão também era o local do altar de bronze que Bezalel fizera (1:5). Os únicos lugares na Bíblia em que esse homem é mencionado são Êxodo e Crônicas (cf. Êx 31:2;

35:30; 36:1-2; 37:1; 38:22; 1Cr 2:20). A referência ao seu trabalho como artesão antecipa o papel de Salomão como arquiteto do novo altar de bronze no templo (4:1).

Durante aquela noite, *apareceu Deus a Salomão (1:7a)*. Na África, sabemos que coisas estranhas acontecem à noite. É quando os feiticeiros realizam seu trabalho. Assim, em Lingala (DRC), as pessoas dirão *ndoki ya moyi makasi* [dia da feitiçaria] quando alguém agir com crueldade durante o dia, pois a feitiçaria está associada às horas da noite. Mas os cristãos africanos não precisam temer a noite, porque o poder de Deus também está agindo. Foi à noite que Deus falou a Salomão, e foi à noite que o profeta Natã recebeu a mensagem de Deus para Davi concernente ao templo (1Cr 17:3). O exemplo de Jesus mostra que a noite pode igualmente ser um período ideal para buscar a presença de Deus (Mt 14:22-27).

A descrição desse incidente em Reis diz que Deus apareceu “em sonhos” (1Rs 3:5). O autor de Crônicas não menciona os sonhos, talvez porque deseje enfatizar o diálogo entre Salomão e Deus. Deus lhe disse: *Pede-me o que queres que eu te dê (1:7b)*.

Salomão começa sua réplica reconhecendo a bondade de Deus para com seu pai Davi e para com ele mesmo ao torná-lo rei (1:8). Em 1Reis 3:6, a bondade de Deus para com Davi foi condicional — “porque ele andou contigo em fidelidade, e em justiça, e em retidão de coração”. Crônicas não faz nenhuma referência a essa condição. Salomão então pede duas coisas a Deus.

A primeira delas é o cumprimento da promessa feita a Davi (1:9). Essa promessa dizia respeito a uma dinastia e à construção do templo (1Cr 17:11-12). A primeira parte da promessa já se havia cumprido porque Salomão sucedera a seu pai, mas o templo ainda não fora construído.

A segunda coisa que Salomão pede é sabedoria para governar sobre *um povo numeroso como o pó da terra (1:9-10)*. Em 1Reis 3:7, essa solicitação por sabedoria é acompanhada por uma referência à juventude de Salomão: “Não passo de uma criança, não sei como conduzir-me”. Entretanto, em Crônicas, é Davi quem faz um comentário sobre a juventude de Salomão, e o faz em relação à construção do templo, e não à sabedoria (1Cr 29:1).

A referência ao vasto número de pessoas sobre quem Salomão reinaria lembra-nos as palavras de Joabe a Davi: “Multiplique o SENHOR, teu Deus, a este povo cem vezes mais” (1Cr 21:3). Enquanto a explicação das palavras de Salomão em 1Reis 3:8 se une à promessa de Deus a Abraão em Gênesis 13:16, a forma usada em Crônicas está mais próxima da promessa de Deus a Jacó, o pai das doze tribos em Gênesis 28:14. Essa sutil diferença reflete o enfoque do cronista na reconstrução da nação de Israel.

Deus fica comovido com o pedido desinteressado de Salomão. Normalmente, o que um rei quer primeiro é segurança para seu reino, vida longa para a dinastia e vitória sobre os inimigos. Salomão não pediu nada disso. Ele estava inte-

ressado na habilidade de governar bem e sabiamente. Seu pedido por sabedoria capta o anseio de seu pai Davi: “Que o SENHOR te conceda prudência e entendimento” (1Cr 22:12). Deus responde favoravelmente ao pedido de Salomão. Na verdade, Deus promete ao rei bem mais do que ele pedira: *riquezas, bens e honras, quais não teve nenhum rei antes de ti, e depois de ti não haverá teu igual (1:12)*.

Jesus instrui-nos “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). Pelo fato de Salomão ter pedido algo extremamente fundamental, Deus lhe deu riquezas e honra. Infelizmente, muitos líderes africanos buscam riquezas em vez de sabedoria. Nossos países africanos são ricos, mas, com um governo tão pobre de virtudes, as riquezas não contribuem para o bem-estar da grande maioria da população. Com muita frequência, a pequena minoria monopoliza tudo. Conversa-se muito hoje na África sobre a importância de um bom governo, e este é um dos objetivos da Nova Aliança Para o Desenvolvimento da África (NAPDA). Infelizmente, a igreja é, às vezes, um exemplo de administração improdutiva e não oferece exemplo a governos ou outras associações. O bom governo deve começar em nosso lar e em nossa igreja local antes de alcançar o ápice no Estado.

A resposta de Deus também confirmou que a monarquia de Salomão é de origem divina. A expressão: *meu povo, sobre o qual te constituí rei (1:11)* não é encontrada em 1Reis 3:11.

Os versículos seguintes falam do retorno de Salomão a Jerusalém (1:13-17). De acordo com 1Reis, no seu retorno de Gibeão, Salomão ofereceu sacrifícios diante da arca da aliança e depois demonstrou a sabedoria que lhe fora dada por Deus no modo pelo qual tratou do caso das duas prostitutas (1Rs 3:15-28). Em vez de mencionar esses acontecimentos, o autor trata do cumprimento da promessa de riquezas feita por Deus. Ele descreve o poder militar de Salomão: *mil e quatrocentos carros e doze mil cavaleiros (1:14)*. Enfatiza a abundância de material. No tempo de Salomão, a prata e o ouro se tornaram tão comuns que perderam seu valor como metais preciosos, sendo considerados equivalentes a qualquer outro metal! O cedro, que era madeira importada extremamente cara, tornou-se tão comum como comum era a madeira dos plátanos, bem conhecida dos israelitas (1Cr 27:28). A afirmativa de que os cavalos e carros de Salomão foram importados do Egito lembra-nos de que naquele período o continente africano era um importante parceiro comercial de Israel (1:16-17).

Em Reis, essa referência às riquezas de Salomão vem somente no final de seu reinado (1Rs 10:26-29) e, por conseguinte, não há ligação direta com a visita a Gibeão. Crônicas estabelece o vínculo porque as riquezas e a honra de Salomão contribuem para a sua habilidade de construir um templo majestoso. A edificação desse templo torna-se agora o enfoque das atenções do restante do reinado de Salomão.

## 2:1-18 Preparativos adicionais para o templo

### 2:1 A oferta de Salomão

Embora Davi tivesse empreendido muitos dos preparativos para a edificação do templo, Salomão também deu a sua contribuição. O próprio Davi reconheceu que seu suprimento de materiais para a construção poderia ser insuficiente, e disse a Salomão: “cuja quantidade pode aumentar” (1Cr 22:14). Este capítulo em Crônicas mostra a determinação de Salomão para começar o trabalho de construção. É-nos dito que ele *resolveu edificar a casa ao nome do SENHOR* (2:1). Começou os preparativos como seu pai havia feito, reunindo uma força de trabalho e materiais.

### 2:2 Os trabalhadores

O versículo seguinte é dedicado à força de trabalho (2:2). Em nossos dias, grandes projetos são empreendidos com a ajuda de máquinas que misturam o concreto, movem-se e levantam pesadas cargas. Naquele tempo, tudo era feito manualmente. Salomão tinha *setenta mil homens* que trabalhavam como carregadores e oitenta mil para *talharem pedras nas montanhas*, além de uma ajuda de três mil e seiscentos *para dirigirem a obra*.

A maioria desses operários era recrutada, isto é, formada por prisioneiros de guerra ou outros que tinham sido reduzidos à escravidão. Todos eles eram estrangeiros (2:17-18), um detalhe ausente em 1Reis 5:13-18. Os israelitas haviam experimentado trabalho escravo quando construíram as cidades de Pitom e Ramessés no Egito (Êx 1:11).

O exemplo de Salomão não deve ser usado como desculpa para que um governo ou povo escravize ou maltrate estrangeiros que vivem entre eles (Mt 25:38,43-45). Entretanto, o medo e o ódio de estrangeiros estão crescendo nos países africanos. Às vezes ouvimos a palavra “estúpidos” sendo usada quando se fala deles. Na África do Sul, por exemplo, os estrangeiros são ridicularizados e rejeitados quando são apontados como *makwerekwere*.

Não faz muito tempo, comunidades estrangeiras viviam pacificamente junto aos nativos nos países africanos que os recebiam. Hoje, os estrangeiros são acusados de todo tipo de maldade. Em vez de responsabilizar seus próprios governantes pela falta de emprego e pelo baixo padrão de vida da população, os nativos acusam os estrangeiros de tomar seus empregos. Os governantes os culpam por crimes e roubos. Embora seja verdade que alguns estrangeiros tenham cometido crimes, eles não podem ser responsabilizados por todos os crimes ocorridos no país. Muitas vezes, a hostilidade a estrangeiros está, de fato, arraigada na inveja, pois, mesmo vivendo longe de suas terras, eles conseguem trabalhar com mais afinco e conquistar mais sucesso que os que estão ao seu redor.

A igreja deve preocupar-se com o tratamento dado a estrangeiros em países africanos. Podemos levar para a África valores culturais e especialmente a virtude da hosi-

talidade enquanto procuramos ensinar os valores do evangelho de amor e da proteção aos estrangeiros. Entretanto, a igreja também deve exercitar discernimento, pois alguns estrangeiros abusam da hospitalidade que lhes é oferecida e ainda oprimem e exploram os nativos.

### 2:3-18 Materiais e artesãos

A segunda fase dos preparativos de Salomão envolvia materiais e artesãos especiais e nos é apresentada na forma de correspondência entre Salomão e Hirão (ou Hurão), rei de Tiro. Embora essa correspondência trate do projeto de construção, também contém alguns relatos teológicos chave sobre a natureza de Deus, do templo e do rei.

Essa troca de cartas é, de igual modo, recontada em 1Reis 5:15-32, mas há diferenças significativas. Em Reis, a primeira carta é de Hirão e simplesmente encerra uma resposta diplomática à posse do trono por Salomão. O pedido do rei por materiais é uma resposta aos cumprimentos de Hirão. Em Crônicas, é Salomão quem dá início à correspondência, e o propósito principal das cartas é pedir por materiais e por um trabalhador qualificado (2:3,7-10). A omissão de qualquer referência à primeira carta indica o lugar central que o autor de Crônicas dá à construção do templo. Ele não mostra Salomão como se estivesse esperando por alguma correspondência do rei de Tiro antes de lhe pedir materiais.

Há também outras diferenças entre a explicação em Reis e aquela em Crônicas. Enquanto 1Reis se refere à intenção de Davi de edificar a casa de Deus e a situação de guerra que o impede de realizar seus planos, 2:3 diz respeito unicamente à eficiência de Hirão em ajudar Davi a construir seu palácio. O texto de 1Reis 5:4-5 menciona o descanso que Deus deu a Salomão, bem como a promessa de sucessão e a incumbência de construir o templo. Nada disso é mencionado na correspondência em Crônicas, ainda que haja pontos comuns em outros lugares (cf., p. ex., 1Cr 17:22).

O que Crônicas tem que não é mencionado em 1Reis 5 é uma descrição do templo e sua atividade (2:3-5). Essa descrição extraordinária reforça o lugar central do templo em Crônicas. A lista suplementa o registro das atividades do templo em 1Crônicas 23:28-31 indicando que ali é um lugar de sacrifício.

Salomão enfatiza a magnificência do templo que será construído *porque o nosso Deus é maior que todos os deuses* (2:5). Não obstante, a grandeza de Deus é revelada também no fato de que o templo não pode contê-lo, *visto que os céus e até os céus dos céus o não podem conter* (2:6). Assim, de um lado, o templo é de fato a casa de Deus; de outro, é simplesmente um lugar de sacrifício. Deus é ao mesmo tempo imanente (habita no templo) e transcendente (maior do que o templo). As palavras *quem sou eu* indicam a humildade de Salomão quando encara a tarefa de erigir um templo digno do próprio Deus (cf. tb. 1Cr 17:16; 29:14).

É somente depois dessa introdução teológica que Salomão apresenta dois pedidos concretos, cada um iniciando com as palavras *Manda-me*. O primeiro pedido é por um artesão qualificado, descrito em 2:7 como homem hábil para trabalhar com a maioria dos materiais a serem usados na construção. Ele não trabalharia sozinho, mas se juntará a outros trabalhadores qualificados que Davi trouxera para Jerusalém (cf. 1Cr 28:21). Essa solicitação não está incluída na passagem paralela de Reis. É mencionado um especialista em 1Reis 7:13, mas ele só aparece depois da construção do templo, e sua contribuição é limitada ao trabalho em bronze.

O segundo pedido (2:8-9) é pela madeira necessária à construção. Salomão solicita madeira de cedro, cipreste e sândalo. Os servos do rei de Tiro eram hábeis cortadores de madeira.

Ao finalizar seu pedido, Salomão declara que está preparado para pagar os suprimentos: *vinete mil coros de trigo batido, vinte mil coros de cevada, vinte mil batos de vinho e vinte mil batos de azeite* (2:10). Um “coro”, usado para medidas sólidas, correspondia mais ou menos a 46 galões (duzentos e vinte litros), e um “bato”, usado para medidas líquidas, equivalia a cerca de seis galões (vinte e dois litros). A mercadoria que Salomão oferece aqui é bastante similar à mencionada na profecia de Ezequiel contra Tiro, a qual diz que Judá exportava trigo, mel, azeite e bálsamo para Tiro (Ez 27:17).

A resposta do rei de Tiro ao pedido de Salomão é dada numa carta enviada em 2:11-16. Em 1Reis 5:8 temos a impressão de que a resposta de Hirão foi entregue verbalmente por seus emissários. Apresentando-a como carta, o autor de Crônicas confere um tom solene à resposta. Essa carta segue o mesmo estilo do pedido de Salomão e, por isso, não é simplesmente uma resposta à solicitação do rei, mas também cria pontos teológicos significativos.

Primeiramente, esse rei estrangeiro reconhece que a realeza de Salomão vem do Senhor e que isso é um sinal de que Deus ama seu povo (2:11). Por essa razão, Hirão louva ao Senhor, o Deus de Israel. Reconhece-o como Criador *que fez os céus e a terra* e também como aquele que deu a Davi um filho sábio que vai construir o templo (2:12). Mais uma vez, o papel importante do templo é enfatizado. O texto paralelo em 1Reis 5:7 diz apenas que Deus “deu a Davi um filho sábio sobre este grande povo”.

A segunda parte da carta de Hirão responde aos pedidos específicos de Salomão. Um artesão qualificado, Hirão-Abi, será enviado a Salomão (2:13). Hirão confirma que, conforme o pedido de Salomão, Hirão-Abi está capacitado para trabalhar com os demais trabalhadores qualificados a quem Davi havia reunido (2:14). O pai de Hirão-Abi era de Tiro, mas sua mãe pertencia à tribo de Dã e, com efeito, era uma israelita. Essa referência ao parentesco lembra-nos outro hábil especialista da tribo de Dã chamado Aoliabe, que ajudava Bezalel, da tribo de Judá, na construção do ta-

bernáculo (Êx 31:6,34-35). Assim, Crônicas trata da construção do templo do mesmo modo que trata da construção do tabernáculo, pois mais uma vez um membro da tribo de Dã (Hirão-Abi) ajudará alguém da tribo de Judá (Salomão).

O rei de Tiro aceita os termos da mercadoria sugerida por Salomão e pede que os bens mencionados sejam enviados em troca da madeira (2:15-16). Hirão dirige-se a Salomão como “meu senhor”, e isso tem levado alguns comentaristas a presumir que ele é seu vassalo, isto é, um rei que está subordinado a Salomão. Mas o fato de ele esperar que Salomão pague pelos suprimentos e pelo artesão sugere que essa forma de tratamento é apenas um sinal de respeito e não implica subordinação.

### 3:1—5:1 A construção do templo

Finalmente, chega o momento há muito esperado, quando Salomão inicia a construção do templo. O começo da obra é relatado em 3:1, e sua conclusão é registrada em 5:1. O que surpreende o leitor atento é a brevidade com a qual o autor de Crônicas informa a obra atual. Depois de longos e laboriosos preparativos, espera-se um extenso relato sobre a construção, mas não há nada desse tipo. O autor está mais interessado na atitude voltada para o templo que nos seus muros atuais.

O relato da construção é dominado pelo uso frequente de *fez*, que ocorre mais de uma dezena de vezes (cf., p. ex., 3:14-16). Essa palavra recorda o relato da construção da arca da aliança e de outros móveis para o tabernáculo por Bezalel em Êxodo 37:1—38:20. Lá a palavra “fez” também ocorre com frequência.

A localização do templo é especificada primeiro. Ele está sendo erigido no local da eira que Davi designara para o templo depois que o Senhor respondeu a seu sacrifício pacífico, enviando fogo do céu (1Cr 21:26; 22:1). Agora, porém, o local é identificado não somente como a eira de Ornã, mas também como monte Moriá (3:1). Esse nome lembra o lugar onde o anjo do Senhor apareceu a Abraão para impedi-lo de sacrificar Isaque, embora Gênesis 22:2 não mencione especificamente o monte Moriá, mas uma das montanhas na “terra de Moriá”. (Na realidade, os samaritanos identificavam Moriá como o monte Gerizim — Dt 11:29; Js 8:33; Jo 4:20.) Associando o sacrifício de um cordeiro que Abraão fez no lugar de Isaque e o sacrifício de Davi para deter a praga, o autor ressalta a função do templo como o local onde os sacrifícios são realizados. A explicação do começo da construção do templo em 1Reis 6:1 não faz nenhuma menção ao local do templo, do mesmo modo que o relato do censo não conclui a identificação do lugar (2Sm 24:25).

A data do início da obra foi o segundo dia, do segundo mês, no quarto ano do reinado de Salomão (3:2). Em Reis, a data do início da obra de construção do templo é fixada em relação ao êxodo: no ano quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito (1Rs 6:1). Está claro que

há em Crônicas um interesse maior na aliança entre Davi e sua dinastia davídica do que nos acontecimentos do êxodo.

A estrutura externa do templo é descrita nos cinco versículos seguintes. As medidas dadas em 3:3-4 indicam que não se tratava de um prédio grande. O comprimento do alicerce era de sessenta côvados (vinte e sete metros) e vinte côvados de largura (nove metros). Portanto, era menor que muitas igrejas na África. O motivo é simples. Não havia a intenção de receber multidões no templo como em nossos edifícios. Era a casa de Deus, e não precisava ser muito grande, como Salomão já havia dito: “visto que os céus e até os céus dos céus o não podem conter” (2:6).

Ainda que os cristãos, às vezes, chamem suas igrejas de “a casa de Deus”, o paralelo tem seus limites. Nossos edifícios são, em primeiro lugar, para nos reunirmos, embora estejamos certos da presença de Deus pelo seu Espírito quando nos encontramos (Mt 18:20). Por duas vezes, Paulo disse aos coríntios que a comunidade cristã é o todo que forma o templo de Deus (1Co 3:16-17) e também declarou que o corpo de cada crente é o templo do Espírito Santo (1Co 6:19).

A utilização do ouro para cobrir as paredes internas é extraordinária. Cada versículo de 3:4 a 3:10 refere-se a isso. Salomão obviamente fez uso dos cem mil talentos de ouro que Davi tinha separado para ser aplicado no templo (1Cr 22:14).

O interior do templo é descrito em 3:8-14, dando prioridade ao Santo dos Santos, onde a arca da aliança descansaria. Essa sala era quadrada, com vinte côvados (nove metros) em cada lado. O peso do ouro utilizado para revestir o interior do Santo dos Santos foi dado com precisão: seiscentos talentos de ouro, ou cerca de vinte e duas toneladas (3:8). Esse número recorda os seiscentos siclos de ouro dados a Ornã para a aquisição do lugar que se tornou o local do templo (1Cr 21:25). As asas dos dois querubins, cobertas com ouro, estendiam-se de um lado a outro do Santo dos Santos (3:10-13).

Poderíamos dizer que o Santo dos Santos representava a “sala particular de Deus” em sua casa. Somente o sumo sacerdote entrava naquela sala uma vez por ano no Dia da Expição. O autor da carta aos Hebreus delineia essa tradição quando descreve Jesus como sumo sacerdote da nova aliança. Foi ele quem entrou no Santo dos Santos uma vez por todas, não com sangue de bodes e de bezerras, mas “pelo seu próprio sangue, tendo obtido eterna redenção” (Hb 9:11-12).

Uma cortina separava o Santo dos Santos do restante do templo (3:14). Foi essa cortina (ou melhor, sua substituição mais tarde) que se rasgou quando Jesus morreu na cruz (Mt 27:51; Mc 15:38; Lc 23:45).

Em frente ao templo havia duas sólidas colunas de bronze (3:15-17; cf. tb. 1Cr 18:8).

A mobília e o equipamento do templo são descritos no capítulo 4. Essa descrição mostra como Salomão seguiu

cuidadosamente as instruções e os planos de seu pai, conforme aparece em 1Crônicas 28:11-19. Os objetos produzidos incluíam o *altar* que seria usado para os sacrifícios (4:1), a grande bacia de ferro fundido denominada o *mar*, onde os sacerdotes teriam de se lavar como parte do ritual de purificação (4:2-5,6b; cf. Êx 30:17-21), as *dez pias* para lavarem nelas o que pertencia ao holocausto (4:6a; cf. Lv 1:9,13) e os *dez candeeiros* (4:7). Os candeeiros iluminavam, mas também simbolizavam a presença permanente de Deus no templo (Êx 25:31-40; 27:21).

No NT, Jesus disse ser a luz do mundo (Jo 8:12). Ele é o candeeiro vivo e eterno. Havia também *dez mesas* sobre as quais era exposto o pão da proposição (4:8a; cf. Êx 25:23-30; Lv 24:5-9). O simbolismo do pão é também compreendido no ensino de Jesus nos evangelhos quando ele diz: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6:35). Além disso, havia cem bacias de ouro (4:8b) e o *pátio dos sacerdotes* (4:9).

Hirão detinha uma função finalizadora; ele concluiu as obras de bronze e suas decorações e criou instrumentos para serem usados nos sacrifícios (4:11-17). O próprio Salomão providenciou instrumentos de ouro (4:18-22).

O passo final na construção foi naturalmente a instalação das portas internas e externas do templo (4:22). Nesse estágio, terminou *toda a obra que fez o rei Salomão para a Casa do SENHOR* (5:1), e Salomão marcou o fim da construção trazendo para o templo o tesouro que Davi tinha dedicado ao Senhor.

O término do projeto de construção do rei é um desafio para os líderes da igreja. Em muitos países, cidades e povoados africanos, encontramos projetos do governo, ou de uma igreja, ou de um indivíduo, que fracassaram no final.

Há casas, igrejas, escritórios, aeroportos, estradas, pontes e coisas semelhantes construídos pela metade. O motivo de nunca terem sido concluídos é que não se fez uma preparação adequada, ou a pessoa que encabeçava o projeto não sabia como chegar ao fim do trabalho. Estabelecer um plano, um programa bem pensado e uma boa administração de recursos são a chave para o sucesso. É motivo de respeito e também do bom testemunho de um cristão quando ele chega ao fim de um projeto que começou.

Para o autor de Crônicas, a construção do templo, como passo necessário, não foi o mais importante. A coisa mais importante, no seu ponto de vista, era a solene dedicação do templo quando a arca da aliança finalmente chegasse ao seu destino.

## 5:2—6:42 A dedicação do templo

### 5:2-3 Reunião para tratar da dedicação do templo

Certamente houve um espaço de tempo entre o fim da obra de construção e a cerimônia de inauguração, apenas para que os cabeças das diferentes tribos e famílias pudessem fazer a viagem a Jerusalém, às vezes vindo de partes distantes do país. Esses líderes representavam todo o Israel

e reuniram-se em Jerusalém para levar a arca da aliança da tenda onde ela havia descansado até o templo recentemente construído (5:2). A dedicação do templo coincidiu com a festa dos tabernáculos no sétimo mês (5:3) e tinha atmosfera de um feriado nacional.

#### 5:4-14 *Instalação da arca no templo*

Davi ordenara a Salomão: “Disponde, pois, e edificai o santuário do SENHOR Deus para que a arca da aliança do SENHOR e os utensílios sagrados de Deus sejam trazidos a esta casa, que se há de edificar ao nome do SENHOR” (1Cr 22:19). Com esta cerimônia, Salomão completa a tarefa.

Em 1Reis 8:3 havia sido dito aos sacerdotes para levarem a arca da aliança. Entretanto, Crônicas, fiel à função dos levitas como os únicos autorizados a transportar a arca, diz que são eles quem a conduzem (5:4). Na realidade, será a última vez que eles cumprem essa responsabilidade, pois, com a construção do templo, a arca finalmente encontrou seu lugar de descanso e não mais precisaria ser carregada. Enquanto Davi carregava a arca para Jerusalém, numerosos sacrifícios eram oferecidos (5:6; cf. tb. 1Cr 15:26; 16:1). O autor de Crônicas usa hipérbole ao declarar que eles sacrificaram *ovelhas e bois, que, de tão numerosos, não se podiam contar*.

Os levitas transportaram a arca para o templo, mas foram os sacerdotes quem a puseram no Santo dos Santos (5:7). Como fora dito muitas vezes: “Cada um em seu posto”. Somente aos sacerdotes era permitido entrar no Santo dos Santos.

Um detalhe é acrescentado com respeito ao propósito das asas dos querubins, descrito em 3:10-13. As asas estendidas cobriam a arca da aliança (5:8). Também fica claro que a arca da aliança continha somente as duas tábuas da Lei, testemunho da aliança entre Deus e Israel (5:10).

Os detalhes dados em 5:12-13 não são encontrados na descrição da cerimônia em 1Reis 8, que focaliza somente a função dos sacerdotes. Esses versículos pretendem enfatizar a presença dos levitas e sua participação na cerimônia. Os cantores levitas acompanham a cerimônia com seus instrumentos e suas palavras. A música marca o início do ministério atual no templo para o qual eles tinham sido designados por Davi (1Cr 23:25-32). As palavras de louvor que cantavam *Porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre* (5:13) lembram-nos que Hemã e Jedutum foram nomeados para “louvarem o SENHOR, porque a sua misericórdia dura para sempre” (1Cr 16:41). Somos lembrados de que não foi por causa da habilidade e perspicácia de Salomão que a construção foi concluída, mas devido à misericórdia de Deus.

Enquanto em 1Reis 8:10 a nuvem encheu a casa quando os sacerdotes deixaram o Santo dos Santos, em Crônicas a nuvem só encheu a casa depois da partida dos sacerdotes e do louvor dos levitas. Essa nuvem é um símbolo da presença de Deus. A ligação entre a nuvem e o louvor é claramente percebida pelas palavras *e quando* (5:13).

Os sacerdotes não podiam cumprir suas funções porque *a glória do SENHOR encheu a Casa de Deus* (5:14). Essa aparição do Senhor é semelhante ao que aconteceu na dedicação do tabernáculo em Êxodo 40:34,35. Em ambos os casos, a nuvem de glória estava presente. E, da mesma forma que Moisés não era capaz de entrar na tenda da congregação, assim os sacerdotes não podiam permanecer no templo para ministrar. A despeito de sua consagração, mencionada em 5:11, os sacerdotes não poderiam manter-se em pé diante da presença gloriosa de Deus.

Desse momento em diante, Deus estava presente no templo. Moisés e Davi tinham construído uma residência temporária para Deus, mas, com o templo construído por Salomão, Deus agora tinha uma morada permanente no meio do seu povo. De qualquer forma, a felicidade do povo não dependeria apenas da presença física do templo. O que segue nesta seção enfatizará a necessidade de obediência e fidelidade.

#### 6:1-11 *Prólogo de Salomão*

Com quarenta e dois versículos, o capítulo 6 é o mais longo de 2Crônicas, o que ressalta sua importância em todo o livro. Somente outro capítulo de extensão semelhante também trata de uma inauguração, chamada de inauguração de ministério diante da arca em 1Crônicas 16. O capítulo contém quase exclusivamente palavras de Salomão.

O significado exato do primeiro versículo não é claro, pois não sabemos o que quer dizer *nuvem espessa* em 6:1. Mas a bênção de Salomão é bastante clara na medida em que se concentra nas expressões de bondade de Deus. De certa maneira, o que se diz é um resumo da história do templo. O êxodo é mencionado (6:5), mas somente para focalizar a escolha que Deus faz de Jerusalém e Davi (6:6). O nome de Davi é mencionado cinco vezes em 6:4-10.

Na passagem paralela em 1Reis 8:16, a escolha de Jerusalém não é mencionada.

Deus é aquele que executa seus propósitos (6:4). Salomão começa trazendo à memória o desejo de Davi de construir o templo (6:7) e os compromissos anteriores para com Davi concernentes a seus sucessores e à construção do templo (6:8-9). Diz então que a promessa de Deus a Davi havia sido cumprida: Salomão o sucedeu como rei e construiu a casa do Senhor para prover abrigo à arca da aliança (6:10).

Em 1Reis 8:21, a arca é descrita como “a arca, em que estão as tábuas da aliança que o SENHOR fez com nossos pais, quando os tirou da terra do Egito”.

Crônicas diz: *nela pus a arca em que estão as tábuas da aliança que o SENHOR fez com os filhos de Israel* (6:11). A tênue diferença entre essas duas versões é importante, pois a citada por último envolve a geração atual, *os filhos de Israel*, enquanto Reis associa mais a aliança à geração passada. O autor de Crônicas ressalta a aliança de Deus com Davi e “subestima” a aliança no Sinai. Ele apresenta seu material

de uma forma que destaca a importância da presença da arca no templo para o povo dos dias de Salomão.

### 6:12-42 *A oração de dedicação*

A terceira parte da cerimônia de dedicação é a oração de Salomão, a mais longa registrada em Crônicas. Enquanto orava, Salomão estava em pé *diante do altar*, mas não em um lugar reservado para os sacerdotes (6:12). Crônicas evita creditar a Salomão privilégios sacerdotais e deixa claro que ele é o primeiro a ficar em pé e depois se ajoelhar na plataforma construída especialmente para a ocasião (6:13a).

Em *presença de toda a congregação de Israel*, Salomão se ajoelha com as mãos estendidas para o céu (6:13b). A Bíblia não especifica nenhuma posição para a oração, mas a postura de Salomão testifica sua humildade e reverência diante de Deus. Em certas culturas africanas temos de nos ajoelhar para mostrar respeito a uma pessoa idosa ou a um dignitário. Sem cair em formalismo, às vezes é necessário em nosso próprio favor adotar essa postura diante do nosso grande e perfeito Deus.

A longa oração de Salomão pode ser dividida em duas partes. A primeira é uma exaltação à grandeza de Deus. Salomão não começa sua oração com uma lista imediata de pedidos. Em vez disso, louva a Deus por quem ele é e pelo que faz (6:14). Não há outro igual ao Deus de Israel. Seu caráter único revela-se no fato de que ele cumpre sua promessa assim como cumpriu sua promessa a Davi com respeito a Salomão e ao templo (6:15). Frequentemente, somos rápidos em nossas orações, fazendo primeiro nossos pedidos. Mas Jesus, na oração que ensinou aos discípulos, não começou com pedidos. A oração do Senhor inicia com “Pai nosso, que estás no céu” (Mt 6:9). Começa reconhecendo a grandeza de Deus.

A segunda parte da oração contém dois pedidos minuciosos. Primeiro, Salomão pede a Deus para cumprir sua promessa em relação à dinastia davídica (6:16-17). As palavras de Deus citadas por Salomão, *Não te faltará sucessor diante de mim, que se assente no trono de Israel, contanto que teus filhos guardem o seu caminho, para andarem na lei diante de mim, como tu andaste* (6:16), não aparecem em outro lugar dessa forma, nem mesmo em Reis ou em Crônicas. Estão, entretanto, implícitas em 1Crônicas 17:11,23-27. Em 1Reis 8:25 está escrito: “contanto que teus filhos guardem o seu caminho, para andarem diante de mim como tu andaste”. Está claro que o autor de Crônicas insiste na importância de obedecer à lei.

Por isso, Salomão retorna ao propósito do templo como lugar de oração (6:18-21). Suas palavras em 6:18 são semelhantes àquelas em sua carta a Hirão em 2:6 e tratam novamente da impossibilidade de Deus *de fato*, habitar *com os homens na terra*. A palavra “homens” não é mencionada em 1Reis 8:27. Ao usar essa palavra, Salomão quer ressaltar a importância da oração como o único meio de en-

trar em contato com Deus. Então, o rei pede a Deus para responder às orações a ele dirigidas no templo (6:19). Ao falar como se Deus fosse um ser humano, Salomão declara: *Para que os teus olhos estejam abertos dia e noite sobre esta casa* (6:20). O final do pedido de Salomão, *Ouve e perdoa* (6:21), desvela outra característica importante do templo: é um lugar de perdão. Há muito tempo Davi escolhera cair “nas mãos do SENHOR, porque são muitíssimas as suas misericórdias” (1Cr 21:13). O perdão de Deus não é somente um privilégio do NT, como frequentemente se pensa. Desde o jardim do Éden, Deus é aquele que perdoa.

A consciência que Salomão tinha da grandeza de Deus deveria lembrar-nos da necessidade de nós mesmos nos humilharmos. Deus é tão grande que não podemos abarcá-lo dentro dos limites de nossas congregações ou denominações. Muitas vezes, igrejas e denominações na África subestimam umas às outras com acusações de que lhes falta a presença de Deus. Quando lemos a oração de Salomão, devemos ficar cientes de que nossas atitudes de orgulho deveriam ser substituídas pelas de humildade.

A terceira parte da oração de Salomão menciona sete tipos de orações que podem ser oferecidas no templo e pelas quais o rei pede a graça de Deus:

1. Orações por justiça (6:22-23).
2. Orações oferecidas quando o resultado do pecado for a derrota pelo inimigo (6:24-25).
3. Orações oferecidas quando houver uma seca como resultado do pecado (6:26-27).
4. Orações oferecidas quando houver ameaça de fome, praga, crestamento ou ferrugem, gafanhotos, inimigos ou qualquer outro desastre (6:28-31).
5. Orações oferecidas em favor dos estrangeiros (6:32-33).
6. Orações oferecidas quando os israelitas estiverem envolvidos numa guerra iniciada pelo Senhor (6:34-35).
7. Orações oferecidas quando o resultado do pecado for o exílio (6:36-39).

Essas sete áreas da oração representavam enormes desafios que o povo de Israel teria de enfrentar. O elemento-chave na oração do rei é o perdão. Salomão reconhece que, sem o perdão de Deus, Israel não pode continuar a existir como povo do Senhor, pois não existe ninguém que não peque (6:3). Essa frase ecoa Romanos 3:22-23: “Não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”.

Algumas das circunstâncias mencionadas por Salomão dizem respeito diretamente ao continente africano. Tome-mos, por exemplo, a questão da fome. Muitos africanos não têm comida suficiente. A despeito do solo fértil, esse continente sofre há alguns anos sérios déficits de alimento. Os motivos dessa carência são múltiplos e complexos. Mas geralmente é o resultado de numerosas guerras sem propósito que impelem parte da população para campos de refugiados, onde eles só podem sobreviver com o apoio da



ajuda internacional. Às vezes, a seca extrema é causada por erro humano, principalmente pela destruição sem limites do meio ambiente. A igreja africana tem a função de agir nessas situações de crise e seca que prejudicam homens, mulheres e crianças criados à imagem de Deus.

Salomão também menciona as orações dos estrangeiros (6:32). A igreja deve ser um lugar onde todos são bem-vindos. Jesus ressalta isso quando, citando Isaías 56:7, fala do templo como uma “casa de oração para todas as nações” (Mc 11:17).

Outro elemento importante na oração de Salomão é sua confiança de que, embora Deus esteja presente no templo, ele ouve as orações que se lhe dirigem dos lugares mais distantes (6:37; cf. tb. Jo 4:21-23). Salomão já havia mencionado a transcendência de Deus e agora ele apela para essa transcendência, dizendo: *Ouve tu dos céus, do lugar da tua habitação, a sua prece e a sua súplica e faze-lhes justiça* (6:39). Esse aspecto da oração de Salomão é um grande conforto para nós, cristãos africanos, pois podemos saber que, quando oramos a Deus com respeito às condições de nosso continente, ele nos ouve.

O encerramento da oração é um solene apelo final a Deus. Mais uma vez, Salomão se dirige a Deus como se o Senhor tivesse um corpo humano: *Agora, pois, ó meu Deus, estejam os teus olhos abertos, e os teus ouvidos atentos à oração que se fizer deste lugar* (6:40; cf. tb. 6:20).

A seguir, Salomão convida Deus a tomar posse de sua casa, *o teu repouso* (6:41). Esse convite não é mencionado em Reis. Lá, a oração de Salomão termina com uma alusão ao êxodo do Egito e à escolha de Israel pelo próprio Deus (1Rs 8:51,53). Mas estes não são os motivos antecipados de por que Deus deve responder à oração de Salomão em Crônicas. Aqui, o apelo final a Deus é *Lembra-te das misericórdias que usaste para com Davi, teu servo* (6:42).

### 7:1-22 A resposta de Deus

Deus responde à oração de Salomão de duas maneiras. Durante à cerimônia (7:1-11) e durante uma visita a Salomão no período da noite (7:11-22)

#### 7:1-11 A resposta de Deus durante a cerimônia

Deus dá uma resposta positiva à oração oferecida por Salomão. Como acontecera quando seu pai primeiro sacrificou no lugar onde seria o futuro templo, o fogo de Deus desce do céu e consome o sacrifício (7:1; 1Cr 21:25-26). O fogo confere legitimidade ao templo como o novo lugar de adoração. Da mesma forma que aconteceu quando a arca chegou ao Santo dos Santos, a glória do Senhor (a nuvem) encheu a casa, impedindo os sacerdotes de entrar (7:2; cf. tb. 6:14). *Todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo e a glória do SENHOR sobre a casa, se encurvaram com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram, e louvaram ao SENHOR* (7:3). Esta cena forte relembra aquela em que o fogo consumiu o sacrifício na consagração de Arão e de seus filhos ao mi-

nistério sacerdotal (Lv 9:23-24). Quando primeiramente a nuvem apareceu em 6:14, eram os levitas que expressavam o louvor; mas desta vez são todos os israelitas que louvam a Deus, dizendo: *Porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre*.

Segue-se então uma grande cerimônia envolvendo o sacrifício de *vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas* (7:4-7). Tudo isso é seguido por dias de regozijo à medida que o povo celebra a festa (7:9).

Aqueles que estavam presentes tinham vindo de tão longe quanto a entrada de Hamate e o rio do Egito (7:8). O povo veio da mesma distância quando Davi reuniu os israelitas para irem a Jerusalém a fim de trazer a arca (1Cr 13:5). Cada um retornou para casa feliz e satisfeito. Mas, enquanto 1Reis 8:66 diz que todos ficaram agradecidos “por causa de todo o bem que o SENHOR fizera a Davi, seu servo, e a Israel, seu povo”, o autor de Crônicas acrescenta o nome de *Salomão* depois do de Davi (7:10).

#### 7:12-22 A resposta de Deus durante a noite

A segunda parte da resposta de Deus à oração de Salomão vem quando o Senhor aparece a ele durante a noite. Enquanto em 1Reis 9:2 essa aparição é colocada perto daquela em Gibeão, o autor de Crônicas não liga os dois acontecimentos. O que temos aqui é um encontro independente e fundamental.

Deus diz a Salomão que aceitou o templo como lugar de sacrifício. Sua resposta faz referência específica à oração de Salomão em 6:24-39 e inclui o que talvez seja o versículo mais conhecido em Crônicas: *Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdorei os seus pecados e sararei a sua terra* (7:14). Deus assegura a Salomão que, como ele pediu, o Senhor aceitou o templo como lugar para habitação do seu nome e promete que *estará fixos os meus olhos e o meu coração todos os dias* (7:16).

Contudo, a promessa de Deus não é um cheque em branco. Deus explica claramente as condições em que ele faz isso. As condições em 7:17-18 são apresentadas por *Quanto a ti* (singular) e dirigidas a Salomão pessoalmente. Elas deixam explícitas que a obediência é exigida se sua dinastia continuar. As condições em 7:19-22 são dirigidas ao plural *vós* e, portanto, aplicam-se a todo o povo, que também deve ser obediente. Se não forem, sofrerão consequências. A primeira consequência é o exílio, que Crônicas menciona de modo contundente. A segunda consequência afeta o futuro do templo, um assunto caro para o autor desse livro. Apesar de ter escolhido o templo como lugar para habitar, Deus está preparado para torná-lo *em provérbio e motejo entre todos os povos* caso seu povo se afastar dele (7:20). A passagem paralela em 1Reis 9:7 menciona o povo mais que o templo como objeto de sarcasmo e zombaria. O enredo apresentado por Deus faz parte da história da monarquia em Judá que está registrada nos capítulos 10 a 36.

### 8:1—9:28 Outros feitos de Salomão

A seção inicia com informação cronológica. A construção do templo e do palácio levou cerca de vinte anos (8:1a). Os dois últimos capítulos dedicados a Salomão abrangem os outros vinte anos de seu reinado. Foi dito antes que Crônicas divide o reinado de Salomão em dois períodos de vinte anos, mas preste muita atenção ao primeiro período. Um total de cento e vinte e dois versículos trata daquele período, enquanto o segundo período é tratado com escassos quarenta e nove versículos. O foco nos capítulos 8 e 9 não é tanto para fornecer informação sobre os feitos de Salomão, mas para aumentar a glória desse rei que devotou seu reino à construção do templo. Há um exemplo disso em 8:1b, mencionando que Salomão construiu um palácio assim como o templo. Entretanto, nenhuma informação nos é dada a respeito da construção do palácio. O autor de Crônicas está interessado somente na construção do templo por Salomão.

### 8:2-11 Projetos de construção

Na Antiguidade, a glória de um rei era medida por seus projetos de construção. Grandes reis foram construtores de cidades famosas. Sem perder tempo nisso, o autor quer mostrar que Salomão era também um grande rei e assim, em 8:2-11, ele lista os notáveis projetos sob a responsabilidade de Salomão. Os verbos “edificar” ou “reedificar” são repetidos em 8:2,4-6, 11a.

A única referência a guerra durante o reinado de Salomão está em 8:3. Ele era um homem de paz. Portanto, a referência à vitória militar não pretende exaltar sua proeza bélica, mas mostrar o sucesso obtido em todas as áreas, levando em conta a bênção de Deus. Em Crônicas, uma vitória militar é sempre interpretada como sinal de bênção.

No nível social, Salomão contribuiu para a felicidade de seu povo. Durante seu reinado, o povo de Israel não foi forçado ao trabalho escravo. Pelo contrário, eles serviram como oficiais e homens de guerra (8:9). Os estrangeiros foram, não obstante, usados como trabalhadores escravos (7:8; cf. comentários em 2:1).

Salomão também construiu uma casa separada, fora da cidade de Davi, para a filha de Faraó, com quem tinha se casado (cf. 1Rs 3:1). O motivo para isso foi a santidade da arca (8:11b). Provavelmente não foi pelo fato de ela ser uma mulher e ter de morar lá, mas por sua origem pagã. Outras esposas de Salomão ficaram perto do templo.

Essa situação nos lembra como a igreja às vezes trata as mulheres africanas em geral e as mulheres cristãs em particular. De um lado, a igreja valoriza a participação e a contribuição feminina, mas, por outro, pelo fato de serem mulheres, a igreja não permite que ocupem certas posições. Como essa egípcia, as mulheres são mantidas à distância da “cidade de Davi”, numa “casa” separada construída pela igreja, e lhes são designadas responsabilidades secundárias. Contudo, elas não são pagãs e não merecem tal tratamento!

### 8:12-16 A rotina do templo

Ainda que Crônicas trate de outras realizações de Salomão, nunca perde a visão do templo. Assim, em meio ao relato desses vários projetos de construção, repentinamente o livro nos dá detalhes dos sacrifícios do rei e da organização do templo. O autor fala da regularidade diária, semanal, mensal e anual das cerimônias de adoração (8:12-13). Salomão é designado a transmitir todas as exigências estipuladas por Moisés. Um menção especial é feita com respeito às funções que Davi determinou para os levitas (8:14-15). Eles tinham de louvar ao Senhor, ajudar os sacerdotes na cerimônia e guardar as portas do templo e seus tesouros. *O homem de Deus* é uma referência feita a Davi em 8:14, designação que o coloca no mesmo nível de Moisés, descrito do mesmo modo em Deuteronômio 33:1.

Para o autor de Crônicas, o verdadeiro clímax da obra de construção é a realização da adoração regular no templo. Depois de dar informações sobre isso é que ele declara e assim se concluiu a Casa do SENHOR (8:16).

### 8:17—9:12 Reputação internacional

As realizações de Salomão incluem uma união comercial efetuada com Hirão, rei de Tiro (8:17). Contatos internacionais como este espalharam a fama de Salomão para fora do país e resultaram na visita da rainha de Sabá (9:1). A identidade dessa rainha permanece controversa. É possível que ela tenha vindo da África, mais especificamente da Etiópia, que era o nome dado, naquele tempo, ao território na fronteira entre o Sudão e o Egito. Há uma lenda baseada em uma interpretação sexual de 9:12, que diz: *O rei Salomão deu à rainha de Sabá [...] tudo o que ela desejou e pediu*. Contudo, o propósito primordial da rainha era testar Salomão com perguntas difíceis (9:1).

Ela descobriu que *nada lhe houve profundo demais que não pudesse explicar* (9:2). A rainha também ficou impressionada com o palácio e o templo que Salomão construía (9:3-4).

Esse encontro entre Salomão e a rainha de Sabá foi registrado para celebrar a sabedoria do rei e contribuir para seu prestígio internacional como construtor do templo (9:5-8). A rainha de Sabá elogiou Salomão: *Eis que não me contaram a metade da grandeza da tua sabedoria; sobrepujas a fama que ouvi* (9:6-7). Como Hirão, rei de Tiro, havia feito antes dela, a rainha de Sabá também louvou ao Senhor e reconheceu que o reino de Salomão lhe tinha sido dado pelo próprio Deus (9:8). As dádivas que a rainha de Sabá trouxe para Salomão eram insignificantes comparadas àquelas com as quais o rei a presenteou (9:9,12). Sua habilidade em dar tais dádivas é ressaltada em 9:10-11, enfatizando sua riqueza.

### 9:13-28 As riquezas e a autoridade de Salomão

As riquezas de Salomão são descritas mais detalhadamente em 9:13-21. O auge é alcançado em 9:22: *O rei Salomão*

*excedeu a todos os reis do mundo, tanto em riqueza como em sabedoria.* A promessa de Deus a Salomão em 1:11-12 foi cumprida palavra por palavra. Foram dadas a Salomão tantas riquezas e tamanha sabedoria como nenhum rei teve antes dele, e como jamais se igualará nenhum outro rei.

Essa pequena seção tem uma ligação bem próxima com o capítulo 1 e as riquezas acumuladas para a construção do templo. É dito em 9:27, tanto quanto em 1:15, que o rei fez com que *houvesse prata como pedras e cedros em abundância como os sicômoros que estão nas planícies*. Até Jesus reconheceu a glória de Salomão, embora tenha mencionado que ela não se comparava aos lírios do campo que Deus havia criado (Mt 6:29).

Salomão também exercia autoridade sobre todos os reis do Eufrates ao Egito (9:23-24,26).

### 9:29-31 Final do reinado de Salomão

Os versículos finais remetem a registros presentes nos acontecimentos do reinado de Salomão (9:29), sua extensão (quarenta anos — 9:30), sua morte, o local de seu sepultamento e o nome de seu sucessor (Roboão — 9:31). Em Reis, essa conclusão é precedida por um longo capítulo (1Rs 11) que trata dos eventos finais que arruinaram o reinado desse governante. Tais eventos incluem suas numerosas esposas, sua adoração a outros deuses e os inimigos que Deus levantou contra ele. Ainda que o autor de Crônicas não desejasse manchar a reputação do construtor do templo, menciona, entre os arquivos, *as visões de Ido, o vidente, acerca de Jeroboão, filho de Nebate* (9:29). Este Jeroboão era um dos inimigos mencionados em 1Reis 26:40 e se tornaria a principal personagem depois da morte de Salomão.

### 10:1—36:21 Os reis de Judá

Após a morte de Salomão, a monarquia em Israel experimentou uma crise que deixou marcas indeléveis na vida do povo de Deus. Salomão e Davi haviam reinado sobre um Israel unificado. A expressão “todo o Israel” era usada com frequência em ambos os reinos. Mas a união das doze tribos forjada por Davi e mantida por Salomão seria destruída. Os historiadores bíblicos chamariam ao novo período que se seguiu de “a monarquia dividida”, em comparação à monarquia reunida de Davi e Salomão. O reino seria dividido em dois. O Reino do Norte com suas dez tribos levaria, de agora em diante, o nome de Israel, pois incluía o número maior de tribos. As outras duas tribos, Judá e Benjamim, formariam o Reino do Sul ou o reino de Judá. Esses dois reinos seriam às vezes aliados e às vezes inimigos.

O Reino do Sul permaneceu fiel à dinastia e às cerimônias do templo em Jerusalém. O Reino do Norte rejeitou essas duas instituições estabelecidas por Deus. Por essa razão, Crônicas não diz nada sobre a história do Reino do Norte. Enquanto em Reis a história paralela dos dois reinos

é contada alternadamente, Crônicas apresenta uma consideração ininterrupta da história do reino de Judá. Não expressa nenhuma hostilidade ao Reino do Norte, mas não leva em conta a sua legitimidade.

Os reis que reinaram em Jerusalém, em ordem de sucessão, foram Roboão, Abias, Asa, Josafá, Jeorão, Acazias, Joás, Amazias, Uzias, Jotão, Acáz, Ezequias, Manassés, Amom, Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias.

A fidelidade desses diferentes reis é julgada em relação à fidelidade de seu antepassado Davi. Ou eles foram bons como Davi, como no caso de Ezequias (“Fez ele o que era reto perante o SENHOR, segundo tudo o que fizera Davi, seu pai” — 29:2), ou foram maus como Acáz (“E não fez o que era reto perante o SENHOR, como Davi, seu pai” — 28:1).

### 10:1—12:16 O reinado de Roboão

O registro do reinado de Roboão em Crônicas é mais longo que em Reis. Ele já estava reinando quando o desastre se abateu e as dez tribos do Norte estabeleceram um reino independente da dinastia davídica.

#### 10:1-19 A separação das dez tribos do Norte

Roboão foi a Siquém para ser coroado (10:1). Essa cidade fica longe de Jerusalém e situa-se na parte norte do reino. O motivo pelo qual Roboão se dirigiu a Siquém em vez de Gibeão ou Jerusalém não nos é dado. Mas, considerando a delegação que lá o encontrou, podemos entender que a morte de Salomão reacendeu a esperança de libertação das tribos do Norte. Eles não ousaram revoltar-se antes por causa da estatura de Salomão.

Jeroboão representava o povo nessa assembleia (10:2-3). Ele havia sido um dos oficiais de Salomão responsável pelo duro trabalho escravo, mas tinha se rebelado (1Rs 11:27-28). Sua presença como porta-voz do povo provavelmente indica que uma das razões de sua revolta contra Salomão pode ter sido a oposição ao trabalho escravo. O povo pedia para que a carga de trabalho que Salomão havia imposto fosse aliviada, particularmente com respeito a seus projetos de construção (10:4). Crônicas enfatiza que Salomão usava somente estrangeiros nos trabalhos forçados (8:9), mas a queixa aqui mostra que os israelitas também tinham sido forçados ao trabalho por ele. Sua reclamação deixa transparecer que a dinastia davídica não seria aceita incondicionalmente. O rei teria de negociar com eles.

Roboão pediu três dias para considerar o pedido deles (10:5). Durante esse período, consultou seus conselheiros. Aqueles que tinham trabalhado com seu pai, Salomão, sugeriram que ele concedesse o pedido do povo e aliviasse seu fardo (10:6-7). O conselho revela que esses anciãos conheciam as características de um bom líder: *Se te fizeres benigno para com este povo, e lhes agradares, e lhes falares boas palavras...* (10:7). Mas Roboão buscou conselho com os jovens que haviam crescido junto com ele e agora o serviam; eles o aconselharam a aumentar o jugo sobre o povo.

Tais sugestões foram rudes e duras, mais que conciliatórias (10:8-11).

Infelizmente, o jovem rei escolheu aceitar o conselho dos moços. Quando os representantes retornaram no terceiro dia para ouvir sua resposta com respeito ao pedido que lhe haviam feito, o rei tomou posição e ficou do lado de seus jovens conselheiros (10:12-14). Crônicas, como Reis, declara que por trás das decisões dos reis estava a mão de Deus cumprindo a profecia feita a Salomão (10:15; 1Rs 11:29-39). Mas o autor de Crônicas não informa que essa profecia foi dada em resposta aos excessos de Salomão e, por isso, toda a culpa é colocada na dissolução do reinado de Roboão.

Essa história lembra-nos que na África os “anciãos”, como são chamadas carinhosamente as pessoas mais velhas, são considerados fonte de sabedoria, e sua palavra é ouvida com atenção. Nossas lendas populares contêm muitas histórias que ensinam que o cuidado para com uma pessoa mais velha traz boa sorte. Os anciãos são mais do que apenas bibliotecas ambulantes; são também o princípio da sabedoria (Pv 16:31). Muitos conflitos entre jovens e velhos nas igrejas começam porque os mais novos não querem ouvir os conselhos dos mais velhos.

A monarquia tinha sido estabelecida para trazer justiça e felicidade ao povo de Israel. Quando a resposta arrogante do rei deixou claro que esses não eram mais seus interesses, ouve um clamor por separação: *Que parte temos nós com Davi? Não há para nós herança no filho de Jessé! Cada homem a sua tenda, ó Israel! Cuida, agora, da tua casa, ó Davi!* (10:16). O clamor pôs em risco os oitenta anos de unidade do reino e da dinastia davídica sobre todo o Israel. Que contraste com a profecia de Amasai: “Nós somos teus, ó Davi, e contigo estamos, ó filho de Jessé!” (1Cr 12:18).

A separação aconteceu, e Roboão agora governava somente as cidades de Judá (10:17). De qualquer forma, parece que ele só percebe a gravidade da situação quando envia Adorão, recentemente designado superintendente dos trabalhos forçados, para encontrar os israelitas, mas que foi apedrejado por eles até a morte. Roboão reconheceu que ele também estava ameaçado de morte naquela área distante de Siquém e rapidamente voltou a Jerusalém (10:18).

A permanência da divisão é declarada em 10:19: *Assim, Israel se mantém rebelado contra a casa de Davi até ao dia de hoje*. Embora Deus estivesse por trás da separação, no plano humano os representantes das tribos do Norte se queixaram do jugo incômodo que os oprimia. Em contraste, Jesus disse: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mt 11:29-30). A vida, no meio de uma comunidade cristã, não deveria ser um fardo pesado. Mas às vezes as exigências impostas sobre os cristãos acabam tornando-se um jugo. Pode ser assim porque a disciplina da igreja é aplicada sem amor, docilidade, bondade e humildade.

A narrativa da divisão do reino deveria chamar a atenção também dos líderes da igreja. Lamentamos as divisões do corpo de Cristo na África. Ainda que em alguns casos uma divisão seja ocasionada simplesmente pelas ambições de um grupo, há outros casos em que a divisão resulta da intransigência de uma liderança que se recusa a admitir as queixas daqueles que reconhecem algum erro.

### 11:1-23 Consolidação do reino de Judá

Tão logo retornou a Jerusalém, Roboão quis usar seu poder militar para submeter os separatistas. Reuniu suas melhores tropas, cento e oitenta mil homens das duas tribos que permaneceram fiéis a ele (11:1). Mas, antes que pudesse enviá-los à batalha, Deus mandou o profeta Semaías para dissuadi-lo (11:2). A mensagem foi dirigida não só a Roboão, mas também *a todo o Israel em Judá e Benjamim* (11:3). Essas palavras estão registradas em 1Reis 12:23 e expressam o anseio espiritual do autor de Crônicas. Apesar de toda a propaganda relacionada à divisão e à separação, Israel e Judá continuavam *irmãos* e não deveriam lutar entre si. Deus anuncia: *Porque eu é que fiz isto*; portanto, não deveria haver oposição (11:4). Roboão e seu povo obedeceram à palavra profética e desistiram de seu plano de batalha (11:5).

No abrangente esboço de Crônicas, a obediência à palavra profética sempre traz bênção. Para Roboão, essa bênção se expressa na construção de projetos sob sua responsabilidade (11:5-12). O mesmo verbo hebraico é usado três vezes neste capítulo, mas em português é traduzido de forma variada por “tornar em fortalezas”, “fortificar” ou “fortalecer” (11:11-12,17). As cidades fortificadas por Roboão estavam todas localizadas no sul, no leste e no oeste do reino, sugerindo que ele não precisa temer um ataque do norte. Esses projetos não são mencionados no texto paralelo em 1Reis, que dá mais atenção a Jeroboão.

Em 11:13-17, o autor retorna ao tema central do templo. Jeroboão estava ciente de que, se o povo do Reino do Norte fosse até lá para adorar, poderia ser tentado a retornar para o governo de Roboão. Por isso, Jeroboão levantou seus próprios altares e nomeou seus próprios sacerdotes. A apostasia de Jeroboão é descrita em Crônicas em termos mais fortes que em Reis, pois ele é acusado de ter feito não só um bezerro de ouro, mas também ídolos sátiros (11:15). Jeroboão e seus filhos (sua dinastia) impediram os sacerdotes e levitas de cumprir suas funções. Foram extirpados do templo em Jerusalém e da dinastia davídica à qual tinham permanecido fiéis. Então, deixaram suas propriedades e foram para Judá (11:13-14). O exemplo deles foi seguido por todas as dez tribos do Norte, que *de coração resolveram buscar* (hebraico *darash*) o SENHOR (11:16).

Durante três anos, o reinado de Roboão foi fortalecido, pois eles *andaram nos caminhos de Davi e Salomão* (11:17). Roboão foi o primeiro rei de Judá depois que o reino se dividiu. Por essa razão, seu reino constituiu-se num teste das

promessas de Deus para a dinastia davídica. Essas promessas foram evidentemente cumpridas. A obediência do rei às mensagens dos profetas e especialmente sua fidelidade ao templo trouxeram a bênção que foi publicamente manifestada em seus projetos e no crescimento de sua família.

A informação que se segue sobre o crescimento da família real não deve ser lida independentemente do que veio antes, porque é parte da bênção resultante da obediência de Roboão. A família numerosa é uma bênção de acordo com Crônicas. Roboão tinha dezoito esposas e sessenta concubinas que deram a ele oitenta e oito filhos e sessenta filhas (11:18-21). Como em muitos casamentos polígamos no continente africano, foi dada preferência a uma das esposas. A favorita de Roboão era Maaca, embora não fosse sua primeira mulher. Roboão nomeou Abias, um de seus filhos, como seu sucessor (11:22). Essa decisão poderia ter causado uma briga dentro da família real, pois Abias não era o filho mais velho. De qualquer forma, Roboão foi capaz de manter sob controle a oposição ao futuro reinado de Abias, colocando seus outros filhos em posições de liderança nas cidades distantes de Benjamim e Judá (11:23). Roboão preparou Abias para a sucessão, assim como Davi havia preparado Salomão que, do mesmo modo que Abias, não era o primogênito.

#### 12:1-16 A desobediência de Roboão

Durante a última parte do seu reinado, Roboão não mais seguiu o exemplo de Davi e Salomão como lhe havia sido dito para fazer em 11:17. Uma vez que o reino fora estabelecido, Roboão *deixou a lei do SENHOR, e, com ele, todo o Israel* (12:1).

O comportamento de Roboão é semelhante ao de muitos cristãos na África. Em tempos de sofrimento, ficamos perto de Deus, suplicando por sua misericórdia. No entanto, uma vez livres, esquecemos rapidamente dele. Da mesma forma, um homem pode ser membro ativo da igreja, vivendo pacificamente com sua esposa até ser nomeado para o gabinete de um ministro. Então, o poder, o dinheiro e a glória o levam à ruína. Ele é visto cada vez menos frequentemente nos círculos cristãos, torna-se infiel à esposa e tem múltiplos relacionamentos extraconjugais. Num sermão a novos sacerdotes, o falecido cardeal Malula de Kinshasa, Congo, preveniu-os de que dinheiro e poder estavam entre os perigos a serem enfrentados. Esses perigos, porém, não ameaçam somente os sacerdotes, mas toda a igreja de Cristo na África. O apóstolo Paulo reconheceu o perigo associado ao dinheiro (e a tudo o que o acompanha) quando disse a Timóteo: “Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1Tm 6:10). Nos termos de Paulo, podemos dizer que Roboão “se desviou da fé”.

Assim como a obediência trouxe prosperidade, a desobediência levou Roboão à ruína. A ruína tomou a forma de

uma invasão a Judá por Sisaque, rei do Egito (12:2b). O Egito era aliado de Jeroboão, pois ali ele encontrara refúgio durante o reinado de Salomão (10:2). O ataque egípcio aconteceu durante o quinto ano do reinado de Roboão. O autor declara que a razão para esse ataque foi a infidelidade da nação ao Senhor (12:2a). Ele emprega a mesma palavra hebraica usada para descrever a infidelidade de Salomão (1Cr 10:13) e para justificar o exílio (1Cr 36:14). O texto paralelo em Reis expressa: “Fez Judá o que era mau perante o SENHOR” (1Rs 14:22). Reis dá mais detalhes sobre a forma que esse ataque tomou (1Rs 14:24). Infelizmente, Judá estava agindo exatamente como o povo do Reino do Norte.

As cidades que Roboão havia fortificado foram capturadas por Sisaque (12:3-4). A perda de território estava sempre relacionada à punição de Deus. Em 1Crônicas 10:7, a infidelidade de Saul resultou na perda do território para os filisteus.

Pela segunda vez, o profeta Semaías traz a palavra de Deus ao rei e aos líderes de Judá que se refugiam em Jerusalém. As palavras do profeta são claras: *Vós me deixastes a mim, pelo que eu também vos deixei em poder de Sisaque* (12:5). Roboão e os líderes reagiram positivamente à palavra profética: *O SENHOR é justo* (12:6). Eles se humilharam (12:7), o que significa que reconheceram sua culpa e pediram o perdão de Deus. Lembramo-nos das palavras em 7:14: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, [...] perdoarei os seus pecados”.

No entanto, o ato de humildade de Roboão resultou apenas numa libertação parcial (12:8). Provavelmente, o rei e seu povo não se tinham convertido completamente de seus pecados. Roboão não foi morto, mas humilhado por Sisaque, rei do Egito. Os tesouros do templo e do palácio foram tomados (12:9). Roboão teve de substituir os escudos de ouro colocados ali por Salomão por escudos de bronze, um metal de valor bem menor (12:10-12).

O reinado de Roboão está resumido em 12:12-16. As coisas não ficaram tão ruins quanto poderiam ficar: *Porque em Judá ainda havia boas coisas* (12:12). Mas Roboão *não dispôs o coração para buscar o SENHOR* (12:14). Seu reinado durou dezessete anos (12:13a). Mais uma vez, a importância da escolha de Deus por Jerusalém é enfatizada, como foi em 6:6 (12:13b).

Abias, o sucessor escolhido durante a vida de seu pai, sucedeu-o no trono de Judá (12:16).

#### 13:1-22 O reinado de Abias

A transição de Roboão para Abias fora preparada antecipadamente, dispensando uma grande assembleia. O relato de sua monarquia aqui difere do relato em Reis. Reis diz que ele foi infiel ao Senhor: “Andou em todos os pecados que seu pai havia cometido antes dele” (1Rs 15:3). Crônicas dá uma versão mais extensa do reinado de Abias, pois o autor o considera um rei fiel a quem Deus concedeu vitória.

A principal característica desse reinado é sua longa dissertação, um verdadeiro “Sermão do Monte” entregue a Israel e a Judá. Esse discurso cobre os pontos mais importantes na teologia de Crônicas: a dinastia de Davi, o templo, as práticas religiosas, os sacrifícios e a posição dos levitas. Entretanto, Crônicas não ignora totalmente o fato de que Abias também pratica o mal, como mostrará o relato do reinado de seu filho Asa.

A apresentação do reinado de Abias (13:1-2) inclui uma das raras referências em Crônicas a datas do reino de Israel: *no décimo oitavo ano do rei Jeroboão (13:1)*. Esse prólogo também indica a brevidade de seu reinado e dá pistas de seu mau comportamento (13:2a). O reinado de somente *três anos* é mais curto que a média de reinados registrados em Crônicas, o que não é um bom sinal, já que um rei virtuoso era normalmente recompensado com um governo prolongado.

O fim dessa introdução menciona a guerra civil entre Abias e Jeroboão (13:2b). De fato, esse é o único acontecimento que o autor de Crônicas registra a respeito do breve reinado de Abias (13:3-19). Os conflitos nessa guerra já haviam sido disputados no reinado de Roboão (12:15). Os motivos para o principal ataque no reinado de Abias não são dados. Provavelmente foi uma mera tentativa de Jeroboão, rei de Israel, aproveitar-se da morte de Roboão e atribuir poder a seu jovem filho a fim de dominar sobre *todo o Israel*. Abias levou para o campo de batalha um exército de quatrocentos mil valentes guerreiros, mas Jeroboão possuía duas vezes esse número: *oitocentos mil homens escolhidos (13:3)*. Judá foi superado em número, e a vitória de Israel parecia certa. O campo de batalha foi em Zemaraim, na terra de Benjamim. Tendo assumido uma posição defensiva na montanha, Abias começa um discurso que também é apresentado como defensivo, mais que ofensivo (13:4-12).

O discurso de Abias foi dirigido a Jeroboão e a todo o Israel (13:4). Sua fala se concentra em duas diferenças entre os dois reinos. A primeira se refere ao conceito de monarquia (13:5-8). Israel rejeitou a dinastia davídica, enquanto Judá permaneceu fiel à dinastia estabelecida por Deus. De acordo com Abias, Deus tinha dado *para sempre a Davi a soberania de Israel, a ele e a seus filhos, por uma aliança de sal*, significando um pacto inalterável (13:5).

Abias atribui à revolta de Jeroboão a responsabilidade pela divisão que aconteceu no capítulo 10. Ele fala do rei de Israel como um simples *servo de Salomão*, que, dessa forma, não tinha nenhum direito legítimo de governar como rei (13:6). Ele se refere àqueles que o seguiam como *gente vadia e homens malignos*. Abias relaciona o sucesso do Reino do Norte à juventude, indecisão e falta de firmeza de Roboão (13:7), ignorando o fato de que seu pai tinha 41 anos quando se tornou rei (12:13).

Abias expôs essa guerra civil entre Judá e Israel como um esforço de Jeroboão de *resistir ao reino do SENHOR (13:8a)*. Ele dá um caráter espiritual à rebelião.

A segunda diferença entre os dois reinos relaciona-se à adoração (13:8b-12). Abias censura o Reino do Norte por ter vindo para a batalha com bezerros de ouro (13:8b). Suas palavras pretendem trazer à lembrança daqueles que o ouvem outro bezerro de ouro e a desobediência de Israel em Êxodo 32. O Reino do Norte tinha expulsado *os sacerdotes do SENHOR, os filhos de Arão e os levitas*. Os novos sacerdotes não servem a Deus, e o método pelo qual foram designados ficou sujeito à corrupção (13:9).

Judá, entretanto, permanecera fiel. Os sacerdotes que serviam diariamente no templo em Jerusalém eram filhos de Arão e foram auxiliados pelos levitas. A cerimônia de adoração em Jerusalém foi a única válida aos olhos do Senhor, *porque nós guardamos o preceito do SENHOR, nosso Deus; porém vós o deixastes (13:10-11)*.

As palavras de Abias posicionam a dinastia de Davi num relacionamento com a adoração do templo. Implicam que o apoio à dinastia davídica garantiria o avanço na adoração em Jerusalém.

Diferentemente de Jeroboão e seu exército, Judá foi conduzido por Deus e tinha seus sacerdotes com trombetas fazendo soar o grito de guerra. Essas palavras nos lembram Números 10:5,9 e 31:6 e dão ainda mais legitimidade ao exército de Judá. A guerra contra Judá é, na verdade, descrita como uma guerra contra o Senhor, o qual é apresentado ao Reino do Norte como *o Deus de vossos pais (13:12)*. Ninguém pode ser bem-sucedido numa guerra contra o Senhor. No NT, Gamaliel também compreendeu que ninguém poderia destruir o que procedia de Deus (At 5:39).

Um relato da batalha é dado em 13:13-19. Jeroboão e seu exército estavam surdos ao apelo urgente de Abias e os muitos motivos que ele deu para evitar a guerra. Confiante no tamanho de seu exército, Jeroboão cercou Judá, que se achou presa em uma emboscada. Sua situação desesperadora acrescentou significado à vitória que Deus deu a Abias.

Em vez de se lançarem à batalha, os homens de Judá clamaram ao Senhor num ato de fé, e os sacerdotes tocaram as trombetas (13:14). Essa dependência completa de Deus foi a chave da vitória segundo o autor de Crônicas. Os reis que conquistaram vitórias militares foram aqueles que depositaram sua confiança em Deus, e não em homens e suas armas. O clamor da batalha dos homens de Judá estimulou Deus a agir. Foi o próprio Deus que derrotou *a Jeroboão e todo o Israel (13:15)*. O comportamento dos judeus neste capítulo lembra fortemente aquele dos rubenitas, dos gaditas e do povo de Manassés que clamaram a Deus em sua luta contra os hagarenos (1Cr 5:20).

Essa foi a maior derrota do exército de Israel, na qual caíram feridos quinhentos mil homens escolhidos (13:17). Como sinal de favor da bênção divina, Abias estendeu seu território, tomando as cidades de Jeroboão (13:19). O poder do rei de Israel foi enfraquecido no restante do reinado de Abias; em contraste, Abias *se fortificou*. Outro sinal

da bênção de Deus sobre ele foi o aumento de sua família. Ele tinha quatorze esposas, vinte e dois filhos e dezesseis filhas (13:21).

A vitória de Abias sobre Jeroboão foi um prelúdio da vitória final do reino de Deus sobre o reino das trevas. Jesus é o outro filho de Davi que veio inaugurar o reino de Deus nesse tempo. Ao falar da igreja que representa esse reino, Jesus Cristo disse a Pedro: “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18). A mensagem de Jesus está centrada no reino de Deus e é um convite para entrarmos nele, assim como o discurso de Abias foi um convite para reunir o reino de Deus debaixo de um rei legítimo da dinastia davídica.

A vitória de Abias é uma mensagem de conforto para todos aqueles na África que são confrontados com vários tipos de guerra. Deus livrou Abias, assim como anteriormente havia livrado seu povo em Êxodo 14:14, quando o próprio Deus lutou por eles. Que segurança redobrada ter um combatente que sai à batalha em nosso favor! Tudo o que ele pede é que confiemos nele.

#### 14:1—16:14 O reinado de Asa

Há mais detalhes sobre o reinado de Asa que nos relatos dos reinados de Roboão e seu filho Abias. Mais uma vez, a perspectiva em Crônicas difere daquela em Reis. Em Reis, o reinado de Asa é tratado em poucos versículos e recebe uma avaliação positiva (1Rs 15:9-24). Crônicas, entretanto, divide seu reino em dois períodos. Os primeiros trinta e cinco anos de seu reinado são caracterizados pela obediência de Asa e pela bênção que se seguiu (14:1—15:19). O segundo período, mais breve, é caracterizado por sua desobediência e derrota (16:1-14).

#### 14:1—15:19 A obediência de Asa e as bênçãos recebidas

O reinado de Asa começou com uma nota positiva: *ele fez o que é bom e reto perante o SENHOR, seu Deus* (14:2). Embora Crônicas não mencione isso, parece que a idolatria estava presente durante o reinado de Abias. Ele deve ter permitido que se erguessem altares a deuses estranhos, os altos, as estátuas e os ídolos (14:3). A destruição desses altares mostrou que Asa estava preocupado em manter o templo como o único lugar de adoração escolhido e autorizado por Deus. Essa reforma material foi acompanhada de uma reforma espiritual. As instruções de Asa ao seu povo se adequavam à mensagem davídica registrada em Crônicas para que Judá *buscasse o SENHOR [...] e observasse a lei e o mandamento* (14:4). Essas são duas condições para o sucesso. Tal exortação ao povo não é mencionada no relato do reinado de Asa em Reis.

O primeiro fruto dessa fidelidade foi o descanso que Deus deu a Judá (14:1,6). Esse descanso não é mencionado em Reis, cuja declaração é que “houve guerra entre Asa e Baasa, rei de Israel, todos os dias” (1Rs 15:16). O descanso é um sinal da bênção em Crônicas. Isso permitiu

a construção do templo e também possibilitou a Asa grandes projetos de construção, outro sinal da bênção de Deus. A bênção que estava sobre Asa é vista também no tamanho de seu exército, ainda que o número seja mencionado como um prefácio ao relato da guerra que se seguiu (14:8).

Após esse período de descanso dado por Deus, o reino de Judá sofreu um ataque de Zerá, o etíope (14:9-15). Não se sabe exatamente quem era esse homem, embora a referência sugira que ele veio da Etiópia. Na passagem sobre essa invasão em 16:8, é dito que os etíopes foram aliados dos líbios. Zerá foi provavelmente um africano que liderou um bando de mercenários a serviço do rei do Egito. Os motivos para essa guerra não estão claros, mas uma das questões certamente envolveu o controle da área em torno de Maressa (14:9-10).

Essa tem também todas as características de uma guerra santa: os judeus, em menor número, oram a Deus, que lhes dá a vitória, ferindo o povo inimigo. O exército de Zerá tinha duas vezes o tamanho do exército de Asa, como aconteceu no caso de Abias (14:8-9). Asa foi fiel à política delineada por Salomão (6:34-35). Mais que contar com uma estratégia militar, Asa se voltou para Deus em oração, um sinal de humildade. Ele pôs sua confiança no Senhor, e não em seu exército: *Em ti confiamos e no teu nome viemos contra esta multidão* (14:11). Do mesmo modo que Deus interveio para ferir Israel e Jeroboão (13:15), ele feriu Zerá e seu exército (14:12). O mesmo verbo hebraico é usado para intervenção de Deus em ambos os casos. Tudo o que o exército de Judá precisava fazer era perseguir e destruir o inimigo fugitivo. Eles recolheram grandes quantidades de despojos, muitos dos quais foram oferecidos em sacrifício (14:13,15; 15:11). Os judeus também foram capazes de saquear as aldeias próximas porque *o terror do SENHOR as havia invadido* (14:14).

Depois da guerra, Asa recebeu uma mensagem de encorajamento e um chamado à obediência do profeta Azarias, filho de Odede (15:1). O nome deste profeta significa “Deus ajudou”, e ele não é mencionado em nenhum outro lugar da Bíblia. Provavelmente não estava entre os experientes, mas era um profeta ocasional, como 15:1 parece indicar: *Veio o Espírito de Deus sobre Azarias, filho de Odede*. Ele falou a Asa, e todo o Judá, e Benjamim (15:2a). Em qualquer outro lugar da Bíblia, esse tipo de profecia é dado como exortação para arrependimento após uma derrota ou depois de o povo ter sido disperso. Portanto, é surpreendente que esse profeta tenha vindo diante do povo depois de uma vitória para oferecer encorajamento e ressaltar a Asa e a Judá o perigo de abandonar o Senhor. Ele deve ter feito isso por causa da tendência humana natural de baixar a guarda depois de uma grande vitória. Satanás pode usar essa situação como uma oportunidade de nos desviar do caminho.

Sua mensagem é bem resumida em 15:2b: *O SENHOR está convosco, enquanto vós estais com ele; se o buscardes, ele se deixará achar; porém se o deixardes, vos deixará*. Essas



palavras proféticas repetem as palavras de Davi a Salomão diante da assembleia de Israel: “Se o buscares, ele deixará achar-se por ti; se o deixares, ele te rejeitará para sempre” (1Cr 28:9; cf. tb. Jr 29:13-14). A parte central da profecia recorda resumidamente a história de Israel com o fim de mostrar que Deus se deixou achar por seu povo (15:3-6). A referência a “sofrimento” pode remeter ao tempo dos juízes (15:4). Esse breve lembrete da história deles serviu para encorajar Asa e todo o Judá a perseverar nos caminhos do Senhor. Eles podem estar certos de que sua obra terá recompensa (15:7b). O apóstolo Paulo disse muitas vezes em seu encorajamento aos coríntios: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15:58).

O rei aceitou a mensagem profética. O profeta lhe disse: *Sede fortes* (15:7a), e em resposta Asa *cobrou ânimo* (15:8). Consequentemente, ele foi mais além com suas reformas do que chegara em 14:2-5. Desta vez, a limpeza feita e a renovação do altar para adoração estenderam-se ao território de Efraim também (15:8). Muitos habitantes do Reino do Norte deixaram suas terras e se mudaram para Judá quando viram o que o Senhor tinha feito a Asa (15:9).

As reformas foram seguidas por uma grande assembleia em Jerusalém (15:10-11). Lá o povo faz uma aliança para *buscarem ao SENHOR, Deus de seus pais, de todo o coração e de toda a alma* (15:12). A penalidade de morte foi pronunciada sobre aqueles que não respeitassem os termos dessa aliança, *tanto o menor como o maior, tanto homem como mulher* (15:13). Asa até mesmo depôs sua própria mãe (ou avó) para cumprir sua promessa (15:16). De novo, o resultado dessa obediência ao Senhor é o descanso; a paz é restaurada até o trigésimo quinto ano do reinado de Asa (15:15,19).

O tipo de compromisso feito por Asa e todo o Judá está às vezes ausente em comunidades cristãs na África. Essa espécie de renovação de aliança pode, uma vez ou outra, ser necessária para reacender a chama da fé. Deveria ser uma atitude em que todos os membros da comunidade cristã renovam sua fé e declaram seu compromisso com Jesus Cristo e sua obra. Nossa confissão inicial de Jesus como Salvador precisa ser reafirmada com frequência.

### 16:1-14 A desobediência de Asa e sua enfermidade

O capítulo 16 segue o mesmo padrão do capítulo 15, com uma guerra seguida de uma mensagem profética. Mas desta vez os acontecimentos ilustram a segunda parte do princípio formulado por Azarias: *Porém, se o deixardes, vos deixará* (15:2).

Desta vez, a guerra foi contra o Reino do Norte. Baasa, rei de Israel, havia construído fortificações em Ramá, no território de Benjamim, para impedir a movimentação do povo entre os Reinos do Norte e do Sul (16:1). Diante dessa provocação, Asa se esqueceu do modo como agira na primeira guerra. Em vez de orar, ele apressadamente

buscou fazer uma aliança humana com Ben-Hadade, rei da Síria. Pior ainda, ofereceu parte dos tesouros do templo para persuadi-lo a quebrar sua aliança com o rei de Israel (16:2-3). Do ponto de vista tático e em termos estritamente humanos, essa era uma estratégia lucrativa, pois a intervenção militar de Ben-Hadade em favor de Asa levou Baasa a interromper sua construção (16:4-6). No entanto, do ponto de vista de Deus, essas aliança evidenciava infidelidade, como mostrou a intervenção do profeta.

O profeta Hanani, que também não é mencionado em outro lugar da Bíblia, trouxe um juízo negativo do comportamento de Asa quando enfrentou a ameaça de Baasa (16:7-8). Seu argumento foi o seguinte: “Se o Senhor foi capaz de livrar Asa do enorme exército de Zerá, não poderia ter feito o mesmo quando veio a Baasa?”. Asa se comportou de modo nada inteligente, preferindo confiar numa nação pagã. O profeta pronunciou juízo contra ele: *Desde agora, haverá guerras contra ti* (16:9). Desse modo, os trinta e cinco anos de descanso, resultado da obediência de Asa, chegaram ao fim. A repreensão de Hanani não é mencionada em 1Reis 15:17-22, nem o autor de Reis condena Asa por essa aliança com uma nação pagã.

Quando ouviu a profecia de Azarias, Asa obedeceu. Entretanto, ao ouvir a profecia de Hanani, o rei não se arrependeu. Em vez disso, ficou irado e mandou o profeta para a prisão (16:10).

O fim do reinado de Asa é descrito em 16:11-14. Na lógica de Crônicas, a enfermidade que se abateu sobre ele em seu trigésimo nono ano foi uma punição pela desobediência a Deus (16:12). O que é pior, em sua doença, Asa não buscou o Senhor, mas confiou somente nos médicos. Procurar recursos médicos não é pecado; o problema é que Asa estava negligenciando a causa real da enfermidade: sua desobediência.

Apesar dessa nota final negativa, os comentários sobre o túmulo de Asa e seu funeral testificam a estima que o autor de Crônicas tinha por esse rei (16:14). Asa foi sepultado no cemitério real em Jerusalém, e as especiarias, perfumes e queima que acompanharam o funeral são sinais de apreço e respeito.

O reinado do rei Asa contém uma lição para os cristãos africanos. A vida cristã é uma luta contínua contra as forças do mal. A vitória de hoje não significa que não teremos de enfrentar batalhas amanhã. Não podemos gerar imunidade contra o pecado! Asa começou bem, mas terminou pessimamente. Precisamos constantemente trazer à nossa memória a mensagem de 15:7: “Sede fortes, e não desfaleçam as vossas mãos, porque a vossa obra terá recompensa”.

### 17:1—21:1 O reinado de Josafá

#### 17:1-19 Um bom começo

Estes quatro capítulos são dedicados inteiramente ao reinado de Josafá, e isso indica a importância deste rei na mente

do autor de Crônicas. Pouco é dito sobre esse reinado em Reis, onde Josafá aparece sujeito a Acabe, rei de Israel (1Rs 22:1-51). Crônicas, por outro lado, considera Josafá um dos maiores reis de Judá juntamente com Ezequias e Josias, seus sucessores. Contudo, seu reinado não foi perfeito; sofreu altos e baixos. Os baixos incluíam duas alianças com os reis de Israel, cada uma delas denunciadas por um profeta. Como no reinado de Asa, a obediência à lei e a fidelidade ao templo trouxeram bênção, enquanto a desobediência e as alianças com outras nações provocaram desastres.

Bem no começo de seu reinado, Josafá é apresentado como um rei independente do reino de Israel. Essa independência foi, a princípio, militar. Ele *se fortificou contra Israel* (17:1). Protegeu seu povo contra a ameaça do norte, colocando tropas em todas as cidades fortificadas de Efraim que seu pai tinha tomado (17:2). Sua independência foi também espiritual. Rejeitou os baalins e adotou a fé de seu antepassado Davi, o fundador da dinastia, *e não segundo as obras de Israel* (17:3-4).

Como resultado, o Senhor lhe deu *riquezas e glória em abundância* (17:5). Essa bênção encorajou-o a ir mais longe em sua luta contra a idolatria: *Tornou-se-lhe ousado o coração* (17:6).

Josafá compreendeu que o ensino e o temor à Lei de Deus eram importantes para a vida da nação como um todo. Estabeleceu então uma equipe de mestres itinerantes, da qual participavam os principais sacerdotes e levitas. Eram acompanhados pelos servos reais que deram *status* a essa missão oficial e garantiram sua autoridade (17:7-8). No AT, a função dos sacerdotes como mestres da lei é algo normal (Lv 10:11). Os levitas, porém, só se ocuparam do ministério de ensino comum depois do exílio pós-babilônico.

O último mandamento de Jesus a seus discípulos não foi somente que deveriam “fazer discípulos de todas as nações”, mas também “ensiná-los a guardar todas as coisas que lhes foram ordenadas” (cf. Mt 28:20). A igreja africana prega, mas geralmente não ensina. Fala-se muito de avivamentos, e, às vezes, a impressão que se tem é que o avivamento vem de repente como um estrondo de trovão. Mas a Bíblia e o exemplo dos mestres de Josafá que levaram com ele o *Livro da Lei do SENHOR* (17:9) mostram que o ensino é o melhor caminho para trazer avivamento à nação.

Outras bênçãos também fluíram da conduta de Josafá. Primeiramente houve paz entre eles porque *veio o terror do SENHOR sobre todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá* (17:10). Até os filisteus, havia muito tempo inimigos de Israel, trouxeram dádivas a Josafá (17:11). Os projetos de construção ao lado de um exército enorme e bem treinado também se revelaram marcas tradicionais da bênção de Deus (17:12-19).

### 18:1—19:3 Uma aliança desastrosa

O quadro ideal do reinado de Josafá é maculado por sua associação com Acabe, rei de Israel. Encontramos também

um relato dessa aliança em 1Reis 22:1-38, mas ali Acabe é o principal ator, e o foco concentra-se em sua incapacidade de escapar do juízo profético pronunciado por Elias. Crônicas, em contraste, coloca Josafá no centro da história e não menciona Elias.

A história se inicia com uma nota irônica. Lembra-mos das riquezas e glórias de Josafá (17:5), o que nos leva a questionar por que ele faria uma aliança com Acabe (18:1). Tal aliança não era necessária para um rei que já fora abençoado e protegido por Deus. A aliança entre o rei de Judá e o rei de Israel foi selada com o casamento de Jorão, filho de Josafá, com Atalia, filha de Acabe (21:6). Esse casamento provaria mais tarde ser uma ameaça à dinastia davídica e à pureza da adoração em Jerusalém.

Para manter a aliança, Josafá visitou Samaria no Reino do Norte. Após uma grande celebração, Acabe propôs uma aliança na qual eles reuniriam suas forças em campanha para capturar *Ramote-Gileade*, cidade que tinha caído nas mãos dos sírios (18:2). O verbo “persuadir” usado na declaração de Acabe é o mesmo usado em 1Crônicas 21:1 em que Satanás “incitou a Davi a levantar o censo de Israel”. Esse mesmo verbo é usado em Deuteronômio 13:6 com a ideia de incitar outros à apostasia. Mas Josafá não fez realmente uma escolha. Sua resposta reflete a seriedade da aliança: *Serei como tu és, o meu povo, como teu povo; iremos contigo à peleja* (18:3).

Embora Josafá estivesse comprometido, continuou a se comportar como um digno descendente de Davi. Motivou Acabe com o conselho: *Consulta primeiro, a palavra do SENHOR* (18:4). Então, quatrocentos profetas, provavelmente todos os adoradores de Baal, foram reunidos em assembleia e perguntaram se os dois reis deveriam atacar Ramote-Gileade. Todos eles prometeram vitória: *Sobe [...] porque o SENHOR a entregará nas mãos do rei* (18:6,11). Zedequias, um dos profetas, foi até lá para entregar sua profecia favorável, agitando um par de chifres de ferro que simbolizava a força dos exércitos dos dois reis que feririam seus oponentes (18:10). Esse comportamento simbólico dos profetas não era raro (cf. Jr 27:1—28:17).

Josafá descrevia da confiabilidade desses quatrocentos profetas. Provavelmente, eram sustentados pela corte, e era trabalho deles confirmar o que o rei de Israel dizia ou fazia. O rei de Judá queria ouvir algo de um verdadeiro profeta do Senhor (18:6).

De forma hesitante, Acabe mandou chamar o profeta Micaías. Como Elias, não havia dúvida de que ele já entregara mensagens impopulares ao rei de Israel (18:7). O profeta foi incitado pelo mensageiro enviado a ele da parte do rei de Israel a não fazer isso de novo (18:12). Mas Micaías recusou corromper-se ou comprometer-se: *Tão certo como vive o SENHOR, o que meu Deus me disser, isso falarei* (18:13).

A primeira resposta de Micaías a Acabe foi irônica. Ele praticamente repetiu palavra por palavra a mensagem dos quatrocentos profetas (18:14). O rei, porém, reconheceu

que Micaías estava zombando dele. Sabia de antemão que as palavras do profeta não seriam exatamente as mesmas dos outros (18:15). Finalmente, Micaías descreve duas visões diferentes, tanto uma como a outra falando das consequências da batalha em Ramote-Gileade.

A primeira descreve Israel disperso como um rebanho de ovelhas sem pastor (18:16). Era um aviso simbólico da morte do rei na batalha. O tema de ovelha sem pastor é encontrado também em Números 27:17, Isaías 13:14 e Zacarias 10:2. A segunda visão, mais longa, apoiava a primeira. Do mesmo modo que Acabe incitara Josafá a ir com ele à batalha, saiu um espírito das regiões celestiais para incitar os profetas a mentir com o fim de causar a morte do rei de Israel (18:18-22).

Zedequias, um dos mais fervorosos dentre o grande grupo de profetas, percebeu que essa visão o insultava e esbofeteou Micaías (18:23-24). Acabe então deu ordens para que Micaías ficasse preso até que ele voltasse da guerra (18:25-27). Josafá, que pedira especificamente para ouvir o profeta do Senhor, não o defendeu.

Em nossas cidades, muitos profetas fingem falar em nome de Deus. Eles alegam predizer o que vai acontecer na vida de alguém. Embora seja verdade que Deus continua a conceder dádivas proféticas a sua igreja, devemos conscientizar-nos de que há também falsos profetas. Como cristãos, precisamos discernir os verdadeiros profetas daqueles que falam em nome de Deus coisas que expressam somente suas próprias ideias. Muitas famílias e muitos casais têm sido destruídos por profecias que lhes são entregues. Um falso profeta pode conduzir um homem a deixar sua esposa porque a profecia declara que ela não é a mulher que Deus escolheu para ele. A Bíblia nos lembra: “Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1Ts 5:20-21).

A despeito das palavras de Micaías, os dois reis seguiram para a batalha (18:28). O rei Acabe, entretanto, disfarçou-se para evitar ser reconhecido, esperando assim escapar da profecia (18:29). O fato de Josafá ter concordado em ficar com seu manto real indica que Acabe exerceu forte influência nessa aliança. A batalha voltou-se contra Josafá, que foi confundido com o rei de Israel. Então Josafá gritou, e o SENHOR o socorreu (18:30-31). O trecho de 1Reis 22:32 diz apenas que Josafá gritou. Em Crônicas, o grito do rei de Judá foi, na verdade, uma oração. Depois de ouvir seu grito, os inimigos perceberam que ele não era o rei de Israel e retrocederam (18:32). Quanto a Acabe, foi atingido por uma flecha atirada aleatoriamente que o feriu de morte (18:33-34).

Em Reis, o relato da morte de Acabe é acompanhado por uma conclusão que apresenta esse acontecimento como resultado da mensagem profética (1Rs 22:38). Em Crônicas, a atenção se volta para Josafá, que foi confrontado pelo profeta Jeú, filho de Hanani, em seu retorno a Samaria (19:1-2a). A aliança com Acabe foi denunciada como ajuda dada a um rei perverso. Mas, em sua ira, Deus se lembrou das boas coisas concernentes à conduta de Josafá, especialmente

a destruição de ídolos e seu desejo de buscar o Senhor. Então o profeta não pronunciou punição alguma (19:3).

Ao se aliar a Acabe, Josafá fora, de modo grave, infiel ao Senhor. As palavras *Devias tu [...] amar aqueles que aborrecem o SENHOR?* carregam o mesmo significado de *Devias tu ajudar o perverso?* (19:2b). Paulo toca no mesmo ponto em suas cartas aos coríntios, quando fala do relacionamento entre cristãos e descrentes: “Não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idôlatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal nem ainda comais” (1Co 5:11). Em outro lugar o apóstolo escreve: “Que harmonia entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?” (2Co 6:15).

Há um provérbio lingala (República Democrática do Congo) que diz: *lisoloya mwasi oyo abala na mwasi ya nduma abongaka te* [“Uma amizade entre uma mulher casada e uma prostituta não acabará bem”]. Esse provérbio é citado com frequência pelos pais ao aconselhar os filhos que “as más companhias corrompem os bons costumes”. Uma mulher casada e uma prostituta têm interesses muito diferentes, e há um grande risco de que a prostituta, que é conhecida por sua avidez, influencie o comportamento da mulher casada, conduzindo-a à infidelidade conjugal que pode desembocar em divórcio. Embora não devamos tratar os não-cristãos como inimigos, devemos exercer grande cautela quanto àqueles com quem nos relacionamos.

#### 19:4-11 Reformas judiciais

Depois de receber o aviso de Jeú, Josafá empreendeu uma viagem por todo o seu reino. O propósito era encorajar o povo a que *tornasse ao SENHOR, Deus de seus pais* (19:4). O verbo “tornar” aqui implica arrependimento.

Entre os convocados ao arrependimento estavam os juizes, visto que Josafá iniciava uma reforma judicial (19:5-11). Essa foi uma atitude apropriada para ele, pois seu nome em hebraico significa “o Senhor julga”.

Josafá nomeou juizes em todas as principais cidades do reino (19:5) e estabeleceu um tribunal de recursos em Jerusalém (19:8-11). Os juizes dessa corte de acusação eram levitas (que foram mencionados primeiro), sacerdotes e cabeças das famílias (19:8). Esse tribunal de recursos foi especialmente criado para afastar a ira de Deus no caso de ser estabelecido um mau juízo sem primeiro ser ouvido o tribunal menor (19:10). Esse tribunal compreende duas salas: uma para assuntos religiosos e outra para assuntos civis (19:11). A reforma judicial foi feita com referência à Lei de Moisés (cf. Êx 18:17-26; Dt 1:16-17; 16:18-20).

Seu discurso na instituição dos juizes revela que o sistema judicial não estava sendo estabelecido para satisfação de homens, mas de Deus: *Porque não julgais da parte do homem, e sim da parte do SENHOR, e, no julgardes, ele está convosco* (19:6). Embora nomeados pelo rei, os juizes eram agentes que trabalhavam pela aplicação da justiça cuja base era a justiça de Deus. Assim, os juízos não deveriam ser aplicados

em nome do rei ou do reino, mas em nome de Deus. Os juízes deveriam, portanto, desempenhar suas tarefas *no temor do SENHOR* (19:7,9). Josafá preveniu particularmente os juízes contra a corrupção e a parcialidade, males que não fazem parte do caráter de Deus. Essa ordem aos juízes repete instruções dadas em Deuteronômio 10:17 e 16:19.

Assuntos de justiça são um desafio para as igrejas africanas. Vivemos em países onde a justiça é pervertida pela corrupção e parcialidade. O rico e o pobre recebem sentenças diferentes. Em muitos países africanos, atrasos no pagamento dos salários dos empregados do governo significam que os juízes são tentados a aceitar suborno. Embora nem todo do nativo seja suborno, é verdade também que em todas as eras os donativos têm corrompido o coração humano (Pv 17:23; Ec 7:7). A igreja deve lutar pela verdadeira justiça e, quando houver falha, denunciar os casos de corrupção e perversão da justiça. Como os juízes a quem Josafá se dirigiu, devemos *ser fortes no cumprimento disso* (19:11).

### 20:1—21:1 Guerra, oração e libertação

O relato das reformas judiciais de Josafá é seguido de um relato de sua vitória sobre a coalizão formada pelos moabitas, amonitas e outros habitantes do sul de Edom (20:1,10). Essa vitória é semelhante àquela de Asa (14:8-14). Contudo, são fornecidos mais detalhes neste caso.

Os inimigos formavam uma *grande multidão* que chegava do sul (20:2). Informado dessa ameaça iminente, Josafá ficou atemorizado, mas não se deixou dominar pelo medo. Ele buscou o Senhor (20:3). Como digno descendente de Salomão, conhecia a promessa de Deus em 7:14-15. Então, convocou um jejum nacional, uma evidência de humildade, e chamou os representantes do povo no templo para orar (20:4-5).

Josafá ofereceu uma oração que pode ser um modelo para nós quando estamos diante do medo, como acontece com todos. Todos nós ficamos às vezes amedrontados. Os discípulos de Jesus ficaram assustados quando foram pegos por uma tempestade (Mt 8:23-27). Nós também, cristãos africanos, experimentamos temores quase todo dia. Medo da morte, medo da guerra, medo da fome, medo de perder nosso emprego, medo de espíritos maus. Lembremos dessa oração de Josafá que nos convida a fixar nossos olhos em Deus.

Josafá começou sua oração louvando o poder de Deus: *Porventura, não és tu Deus nos céus? Não és tu que dominas sobre todos os reinos dos povos? Na tua mão está a força e o poder, e não há quem te possa resistir* (20:6). Ele relembrou a si mesmo os atos e as promessas de Deus no passado. A própria terra é uma dádiva de Deus de acordo com a promessa que lhes foi dada por Abraão, amigo de Deus (20:7). Nessa terra eles construíram um templo para adorar a Deus, um lugar onde a oração poderia ser oferecida e ouvida (20:8-9). Esse tipo de apelo toca o coração de Deus e permite que ele intervenha.

Para incitar Deus a agir, Josafá enfatiza a ingratidão pecaminosa dos invasores que anteriormente haviam sido poupados (Nm 20:14-21) e a ameaça à dádiva de Deus, a terra de Israel (20:10-11). De certa forma, os inimigos estavam atacando a Deus. Havia, então, motivo para Deus julgá-los.

Josafá estava ansioso para tocar o coração de Deus e, assim, em seu apelo final, ele fala da fraqueza do reino de Judá. Ele diz simplesmente: *Não sabemos nós o que fazer; porém, os nossos olhos estão postos em ti* (20:12).

Ele não teve de esperar muito tempo por uma resposta. *Veio o Espírito do SENHOR, no meio da congregação, sobre Jaaziel* (20:14), assim como viera sobre Azarias em 15:1. A expressão mostra que Jaaziel não era um profeta profissional. A semelhança de Azarias, era um levita. A mensagem profética entregue por ele começou com um apelo à atenção: *Dai ouvidos*. Esse apelo foi acompanhado por um encorajamento, *Não temais* (20:15), e finalmente por um convite à ação: *Amanhã, descereis contra eles* (20:16). O tema principal da mensagem é que o próprio Deus lutará por Judá: *Neste encontro, não tereis de pelejar; tomai posição, ficai parados e vede o salvamento que o SENHOR vos dará* (20:17).

Judá reagiu expressando sua gratidão e fidelidade à palavra de Deus entregue por Jaaziel em meio a uma explosão de louvor. O rei Josafá e a assembleia prostraram-se enquanto os cantores levitas celebravam ao Senhor em alta voz (20:18-19).

No dia seguinte, Josafá e Judá se prepararam para encontrar os inimigos. Antes de saírem, o rei se dirigiu ao povo, encorajando-o a crer na mensagem profética (20:20). Como sinal de confiança em Deus, a linha de frente do exército não era liderada por soldados, mas por cantores que louvavam ao Senhor (20:21). Foi nesse momento preciso que Deus mesmo iniciou a batalha. Primeiramente, os moabitas e os amonitas destruíram os habitantes do monte Seir em Edom. Depois, os moabitas e os amonitas se voltaram uns contra os outros (20:22-23). A destruição foi completa, *sem nenhum sobrevivente* (20:24). A palavra dos profetas foi cumprida ao pé da letra. O exército de Judá não precisou lutar. Sua única tarefa foi juntar os despojos do campo de batalha, e isso levou mais de três dias, visto que havia muita coisa para pegar (20:25).

Em sinal de reconhecimento, um culto de louvor foi realizado no local da vitória. Foi dado ao lugar um nome comemorativo: *Beraca* (NVI, RC), que em hebraico significa *vale de Bênção* (20:26). Outro culto de louvor foi conduzido no templo quando eles retornaram a Jerusalém (20:27-28). O resultado mais importante dessa vitória foi paz, a paz resultante do temor do Senhor que tomara posse de todos os reinos circunvizinhos (20:29-30; cf. 1Cr 14:17).

O resumo da vida de Josafá está em 20:31-34. O texto informa sua idade ao assumir o trono, a duração de seu reinado, o nome de sua mãe e as fontes de informação sobre seu governo. Parece que sua campanha para remover *os altos*,

registrada em 17:6, não fora completamente bem-sucedida (20:33). Todavia, o tom geral é positivo: Josafá fez o que era reto perante o SENHOR (20:32).

O resumo é acompanhado por uma breve informação de outro incidente em seu reinado: uma tentativa de reconciliação entre Josafá e Azarias, rei de Israel. Reis e Crônicas diferem em sua apresentação acerca desse incidente. Reis sugere que Josafá construiu navios para fazer comércio com Társis, mas aquela expedição fracassou. Acázias, então, ofereceu ajuda, mas Josafá recusou (1Rs 22:48-49). Esse relato expõe o papel de Josafá sob uma luz positiva.

Crônicas, entretanto, indica que Josafá e Azarias se aliaram na construção dos navios (20:36). Essa aliança, como aquela que Josafá estabeleceu com Acabe, foi denunciada por um profeta. A sentença condenatória de Deus foi a destruição dos navios (20:37). O autor não pode aceitar nenhum relacionamento com um rei que *procedeu iniquamente* (20:35).

### 21:2-20 O reinado de Jeorão

O reinado de Jeorão mergulhou o reino de Judá e a dinastia davídica em um tormento. A aliança entre Josafá e Acabe, selada com o casamento de Jeorão com a filha de Acabe, produziu frutos amargos, sendo o pior deles o perigo real de a linhagem real de Davi ser extinta. Em Reis, o reinado de Jeorão é tratado de modo bastante resumido (2Rs 8:16-24) e é precedido por um longo relato sobre a morte de Elias e o ministério profético de Eliseu (2Rs 2:1—6:15). O interesse em Crônicas está somente na legitimidade monárquica em Judá, e, desse modo, não há menção a esses acontecimentos. Crônicas oferece um relato mais prolongado do reinado de Jeorão.

Como um bom rei, Josafá havia preparado seu sucessor. Estabelecera seus vários filhos em cidades fortificadas por todo o Judá, isto é, longe de Jerusalém, o centro do poder, dando-lhes ouro e prata suficientes para suprir suas necessidades. Jeorão, o primogênito, poderia esperar uma sucessão pacífica (21:2-3). Mas era mesquinho e, *havendo-se fortificado*, matou todos os seus irmãos e alguns príncipes de Israel (21:4). Provavelmente queria tomar de volta todas as propriedades distribuídas a eles por seu pai. Esses assassinatos foram a primeira ameaça à linhagem de Davi, que agora é mantida apenas por um descendente. Um primeiro juízo é trazido contra Jeorão na menção da duração de seu reinado (21:5). Esse reinado curto de oito anos foi um péssimo sinal da perspectiva de Crônicas. Reis bons tinham reinados longos.

A avaliação negativa continua com a condenação do casamento entre a casa de Judá e a casa de Acabe. A influência da casa de Acabe sobre Judá foi grande e corrupta. O rei Jeorão fez o que era mau perante o SENHOR (21:6). Ele nada realizou de bom. Essa total infidelidade da parte de Jeorão poderia ter levado o Senhor a rejeitar a casa de Davi de acordo com as condições formuladas em 7:18-20. Contudo, o SENHOR não quis destruir a casa de Davi por causa da aliança

que com ele fizera, (21:7; cf. 1Cr 17:10-14). Reis não faz referência à aliança feita entre Deus e Davi e diz apenas: “O SENHOR não quis destruir a Judá por amor de Davi” (2Rs 8:19). Reis está mais preocupado com a preservação de Judá do que com a preservação da dinastia davídica.

A infidelidade de Jeorão, contudo, teve consequências. Edom revoltou-se contra a sua autoridade (21:8). Embora Jeorão tenha sobrevivido a uma batalha contra eles, o autor de Crônicas especifica que a rebelião não cessou. Essa observação indica que a disputa continuou durante todo o governo desse rei (21:9, 10a). A cidade de Libna, situada a oeste da fronteira da Filístia, também se revoltou (21:10b). Tais rebeliões contrastam com o temor do Senhor que havia reprimido todos os reinos ao redor durante o reinado de Josafá (20:29). A perda desses territórios deve ser vista como punição divina. Enquanto 2Rs 8:22 apenas declara o que aconteceu, Crônicas apresenta uma razão teológica para as duas revoltas. Elas aconteceram *porque este deixara o SENHOR, Deus de seus pais* (21:10c). O princípio expresso por Azarias permanece verdadeiro: “Se o deixardes, [Deus] vos deixará” (15:2).

Jeorão abandonou a Deus, e isso se evidencia por ter abandonado o templo. Ele preferiu construir *altos nos montes de Judá* e causou o declínio espiritual de seu povo (21:11). Este versículo oferece prova adicional da má influência da casa de Acabe sobre Jeorão.

No auge de sua infidelidade, Jeorão recebeu uma carta do profeta Elias. É a única menção a esse profeta do norte em Crônicas. A carta tem todas as marcas de uma mensagem profética de juízo. Jeorão é primeiramente acusado de ter pecado por omissão e não ter feito o que deveria. Ele se desviou do caminho de seus pais Josafá e Asa, que foram membros dignos da casa de Davi (21:12). Crônicas considera importante que sejamos fiéis à herança de nossos antepassados e falemos sempre do Senhor como “Deus de nosso pais”.

A seguir, Jeorão é acusado de pecar, amoldando seu reinado àquele dos reis de Israel, representado pela casa de Acabe. Por seguir o exemplo deles, foi induzido à idolatria e ao assassinato de seus irmãos (21:13).

A última parte da carta de Elias anuncia o juízo de Deus sobre o povo, a família real e o rei em particular. O povo e a família real serão golpeados com um terrível flagelo (21:14). A natureza exata desse flagelo não é especificada, mas será, com certeza, uma punição divina. O próprio rei será ferido por uma penosa enfermidade (21:15).

O juízo pronunciado por Elias veio rapidamente. O pesado flagelo sobre o povo e a família do rei aconteceu na forma de uma invasão de Judá pelos filisteus e os arábios. Esses grupos anteriormente viviam em paz com Judá e são mencionados entre os que trouxeram presentes a Josafá, pai de Jeorão (17:11). Crônicas diz: *Despertou, pois, o SENHOR*, expressão usada quando Deus se serve dos que estão de fora como instrumentos para cumprir sua vontade

(cf. 36:22). Eles capturaram todas as riquezas do rei e levaram suas esposas e quase todos os seus filhos. Somente o príncipe mais jovem, Jeoacaz, escapou (21:16-17). Jeorão havia matado todos os seus irmãos e agora experimentaria o mesmo tratamento doloroso de seus filhos (22:1).

O segundo juízo foi sobre o próprio Jeorão, acometido por uma doença incurável que piorava a cada dia. Ele não morreu em paz, mas *com terríveis agonias*. E, o que é pior, esse rei infiel não foi considerado digno de um bom túmulo, e não o honraram com perfumes em seu funeral, como foi o caso de seus pais. Enquanto Crônicas com frequência se refere a outros reis como “ele dormiu com seus pais”, nenhum eufemismo é usado para Jeorão. Tudo o que diz é: *E se foi sem deixar de si saudades* (21:18-20).

O reinado de Jeorão confirma a má influência das companhias corruptas. Paulo com razão admoesta os coríntios: “As más conversações corrompem os bons costumes” (1Co 15:33). No caso de Jeorão, o casamento foi a principal origem do problema. Embora seja verdade que o casamento é, antes de tudo, um assunto entre duas pessoas, um homem e uma mulher, a família pode exercer uma profunda influência sobre eles. A riqueza da cultura africana reconhece, desse modo, que o casamento não se resume a apenas dois indivíduos, mas envolve também duas famílias, dois clãs, duas aldeias. Por essa razão, os pais prestam bastante atenção à reputação e à qualidade da família na qual seus filhos vão ingressar. Eles não permitirão, por exemplo, que sua filha se case com um jovem cujos membros da família têm fama de ladrões. Nossos antepassados reconheceram a força da influência que a família de um indivíduo pode exercer em um casamento.

### 22:1-9 O reinado de Acázias

O reinado de Acázias, cujo nome significa “o Senhor sustentou” ou “o Senhor ajudou”, foi semelhante ao de seu pai, Jeorão. O perigo de extinção da dinastia davídica tornou-se ainda mais grave.

Como aconteceu com Jeorão, a fórmula apresentada no reinado de Acázias é precedida pelo relato das circunstâncias de sua ascensão ao trono e de um breve resumo histórico. Acázias foi feito rei de Judá pelos *moradores de Jerusalém* (22:1). A constituição exata desse grupo não é declarada, mas a intervenção deles foi necessária por causa da falta de arranjos para a sucessão. Além disso, as opções eram muito limitadas pelo fato de Acázias ser o único filho da dinastia real que não havia sido morto.

O reinado de Acázias foi extremamente curto: um ano. Sua mãe, Atalia, era filha de Acabe, rei de Israel, e, portanto, neta de Onri (22:2). A identidade de sua mãe sugere que haverá um juízo negativo de Acázias, de modo que não nos surpreenderemos do que é dito a respeito dele. Como seu pai (21:6), seguiu a má conduta dos reis de Israel. Escolheu andar assim por causa do mau conselho dado por sua mãe (22:3). A rainha mãe ocupava uma posição influente no

antigo Oriente Médio. Por exemplo, em 1Reis 2:17 Adonias foi convencido de que o rei Salomão não poderia recusar a um pedido de Bate-Seba, sua mãe.

Acázias, porém, não foi influenciado apenas por sua mãe; recebeu também parecer de seus conselheiros *para a sua perdição* (22:4). Provavelmente esses conselheiros vieram do Reino do Norte. Todos esses comentários sobre os conselhos maus não estão registrados em 2Reis 8:27. O primeiro versículo de Salmos alerta-nos contra isso ao dizer: “Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios” (Sl 1:1). Jó disse a mesma coisa: “Longe de mim o conselho dos perversos!” (Jó 21:16; 22:18).

Com base nesse mau conselho, o rei de Judá foi lutar ao lado de Jorão, rei de Israel, contra os sírios em Ramote-Gileade (22:5). Isso nos faz lembrar a coalizão anterior entre Josafá e Acabe (18:22-34). Acázias e Jorão estão lutando contra o mesmo inimigo, no mesmo local, e o resultado da batalha é semelhante. O rei de Israel foi ferido e retirou-se para Jezreel a fim de curar-se das feridas. Acázias foi visitá-lo (22:6). Nesse ponto da narrativa, Reis insere uma longa seção concernente à intervenção do profeta Elias, a unção de Jeú como rei e a destruição da casa de Acabe (2Rs 8:29). A morte de Acázias não é o principal interesse em Reis.

Em Crônicas, entretanto, a morte de Acázias é o centro da história. O autor informa que essa visita do rei de Judá fazia parte do plano de Deus para sua queda (22:7). Longe de Jerusalém, Acázias, da linhagem de Davi, seus parentes e seus conselheiros sofreram o fim destinado à casa de Acabe (22:8-9a). Foi humilhante para a descendência de Davi esconder-se e depois morrer em Samaria, a capital rebelde, e não em Jerusalém. Reis informa que o corpo do rei Acázias foi levado a Jerusalém para ser sepultado (2Rs 9:27), mas o autor de Crônicas mantém silêncio sobre este assunto e dá a impressão de que o rei de Judá foi enterrado onde morreu. Ele só teve um funeral por respeito a seu avô Josafá e, como Jorão, seu pai, obviamente não foi sepultado num túmulo real (22:9b).

Depois de um século de sucessões na dinastia, a linhagem davídica corre o risco de extermínio: *E ninguém houve na casa de Acázias que pudesse reinar* (22:8-9). A promessa de Deus a Davi e a Salomão parece estar em perigo. Foi uma situação semelhante ao que aconteceu à casa de Saul em 1Crônicas 10:4-6.

Os reinados de Jeorão e Acázias são evidência clara dos graves efeitos da aliança feita entre Josafá e Acabe. Embora os signatários dessa aliança não tenham vivido por muito tempo, os efeitos negativos ainda eram sentidos. Josafá acreditava estar fazendo uma aliança que fortaleceria Judá, mas em vez disso quase lhe causou a ruína completa.

### 22:10—23:21 O reinado de Atalia

A palavra “reinado” poderia ser inserida entre sinais de citação, pois Crônicas considera Atalia uma usurpadora. O modo de introdução clássica que declara o ano de acesso

ao trono e a duração do reinado não é apresentado aqui. O poder dela foi ilegítimo. A dinastia de Davi governou Judá por quatro séculos, exceto pelos seis anos do reinado de Atalia. Ela foi rejeitada por não ser descendente de Davi e por seu comportamento, não pelo fato de ser uma mulher. Sem dúvida, foi por intermédio de uma mulher, Jeosabeate, que a dinastia davídica foi salva da extinção.

A rainha mãe, Atalia, apropriou-se do trono após a morte de seu filho, Acazias. Depois de ter sido uma má conselheira, tornou-se uma péssima rainha. Para assegurar seu trono, *levantou-se e destruiu toda a descendência real da casa de Judá (22:10)*. Não obstante, Jeosabeate salvou o bebê da linhagem de Davi, Joás. Ela o escondeu provavelmente mantendo-o em áreas do templo reservadas aos sacerdotes. Crônicas faz jus ao nome dessa mulher e lhe dá um lugar de honra: ela era *filha do rei Jeorão* e desse modo *irmã de Acazias (22:11)*. O historiador Josefo pensava que ela era meia-irmã de Jeorão: tinham o mesmo pai, mas não a mesma mãe. O relacionamento também poderia explicar sua oposição ao diabólico plano de Atalia.

Por seis anos Joás foi educado no templo por sua ama e por Jeosabeate. Sua história lembra a de Moisés no Egito e a de Jesus, também no Egito, e, consequentemente, na África (Êx 2:1-10; Mt 2:13-15). De uma maneira ou de outra, o continente africano desempenhou a mesma função do templo de proteger, como no caso de Joás. A África contribuiu para a preservação de outro descendente de Davi: o Senhor Jesus. O papel da África na história da salvação nem sempre é enfatizado.

A maneira pela qual Joás foi salvo também salienta a ligação entre a dinastia davídica e o templo. Na verdade, a restauração do trono de Judá pelas mãos de Joás será acompanhada de uma reforma religiosa.

A restauração aconteceu no sétimo ano do reinado de Atalia. O atraso provavelmente visava permitir que Joás, com 1 ano de idade ao ser resgatado (cf. 24:1), crescesse um pouco mais antes de se tornar rei. O gerenciamento da restauração estava nas mãos de Joiada, o sumo sacerdote e marido de Jeosabeate. Seu primeiro passo foi formar uma aliança com o comando militar (23:1).

Embora essa história também apareça em 2Reis 11:4-20, detalhes adicionais são incluídos no relato em Crônicas. Dessa forma, Crônicas posiciona a tarefa de Joiada num contexto mais nacional. É-nos dito que, como Davi e Salomão, Joiada convocou uma assembleia religiosa em Jerusalém. Ele trouxe, então, à memória dos presentes a promessa de Deus à dinastia davídica (23:2-3). Esses detalhes não são mencionados em Reis, que também cita a função dos levitas na assembleia.

Joiada emitiu instruções precisas quanto à função que cada grupo teria de desempenhar na coroação (23:4-10). Mais uma vez, os levitas têm funções importantes. O plano teria de ser colocado em ação num dia de sábado para não chamar a atenção mais adiante. Presumivelmente, Atalia,

uma seguidora de Baal, tinha pouco interesse quanto ao que acontecia no templo.

Quando tudo estava pronto, Joiada trouxe a público o menino de seu esconderijo, apresentou-o ao povo reunido e o coroou (23:11). Um detalhe importante mencionado aqui é que o *Livro do Testemunho* foi entregue ao jovem rei. Esse documento provavelmente era uma cópia da lei (Dt 17:14-20). O grito *Viva o rei!* declarava o apoio do povo à realeza de Joás (cf. 1Sm 10:24).

O barulho da multidão chamou a atenção de Atalia (23:12). Ao seguir apressadamente para o templo, ela encontrou Joás junto à coluna, cercado por comandantes militares e com o povo em regozijo. Os músicos também dirigiam o povo nos louvores (23:13). *Traição! Traição!*, gritou ela, mas a multidão e as tropas a impediram de ferir o jovem monarca. “Aqueles que matam com espada serão mortos pela espada”, diz o provérbio. Joiada ordenou que Atalia fosse retirada do templo e executada (23:14-15).

A restauração da dinastia davídica não foi um fim em si mesmo, pois com o desaparecimento ou, pelo menos, a interrupção da linhagem de Davi o templo e sua adoração também haviam sido corrompidos. A aliança entre a casa de Davi e a de Acabe tinham desprovido Judá de sua posição e de seu relacionamento especial com Deus. Joiada prosseguiu na renovação da aliança entre o povo, o rei e o Senhor (23:16). O primeiro resultado físico desse comprometimento foi a destruição do templo de Baal, assim como de seus altares e imagens. O profeta de Baal, Matã, sofreu o mesmo destino de Atalia (23:17). A seguir, Joiada restabeleceu a forma adequada de adoração no templo pelos sacerdotes e levitas (23:18-19). Estes dois versículos não são encontrados em Reis. Refletem a preocupação de Crônicas com a adoração do templo e incluem todos os temas favoritos do autor deste livro: os sacerdotes e levitas, a Lei de Moisés, a missão das funções no templo instituídas por Davi e o louvor.

Parece que ninguém se opôs à entrada de Joás no palácio real (23:20). Em todo o domínio do reino, o povo se regozijava pela morte de Atalia e a paz reinante em Jerusalém (23:21). Esse período de tranquilidade deve ser visto como uma bênção de Deus. Era concedida aos reis fiéis da dinastia davídica. Aqui, Joiada e o povo agiram de acordo com a herança de Davi, cuidando da adoração verdadeira.

A linhagem davídica não foi preservada por mérito dos sucessores de Davi, mas pela fidelidade de Deus. Se não fosse a misericórdia de Deus para com Davi e consideração pelas promessas feitas, a dinastia teria sofrido o mesmo fim da família de Saul. Deus é fiel. E por falar da fidelidade de Deus, a carta aos Hebreus diz: “Guardemos firme a confissão da esperança, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10:23). Esse texto sobre a promessa de Deus fala também de outro sumo sacerdote, Jesus Cristo, constituído sobre a casa de Deus e por meio de quem a aliança com Deus pode ser renovada (Hb 10:21).



### 24:1-27 O reinado de Joás

Em seu relato sobre o reinado de Joás, o autor de Crônicas segue o mesmo padrão usado para os reinados de Amazias e Uzias, seus sucessores. A descrição começa com um período de obediência que produz bênção, apresenta um acontecimento importante que desencadeia uma mudança de atitude e depois revela um período caracterizado pela desobediência e a punição resultante. Para Joás, a crise foi a morte de Joiada, o sacerdote (24:15-16); para Amazias, foi sua vitória sobre os edomitas (25:14-15) e, para Uzias, a crise surgiu quando ele se tornou poderoso (26:16).

A vida desses três reis lembra aos cristãos africanos a necessidade de perseverar. Todos eles fizeram coisas boas e foram obedientes, mas infelizmente os três terminaram na desobediência. Discutimos com frequência se é possível perder a salvação. Mesmo que a salvação em Jesus seja pela fé, há necessidade de perseverar, pois nossa fé corre o perigo de morrer a cada dia. A carta aos Hebreus ressalta esse tipo de perseverança: “Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardamos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos” (Hb 3:14).

### 24:1-16 Obediência e bênção

O relato do reinado de Joás começa com a introdução costumeira que apresenta sua idade ao assumir o trono (7 anos), a duração de seu reinado (quarenta anos) e o nome da rainha mãe (Zíbia). Crônicas apresenta Joás como um rei que permaneceu fiel a Deus durante a vida de Joiada. Esse detalhe é um aviso sobre a triste mudança que acontece na vida do rei de Judá. Entretanto, ao avaliar Joás, Crônicas é menos negativo que o livro de Reis. O autor não menciona a continuação dos altos (2Rs 12:3).

Joiada escolheu duas esposas para Joás, e desse casamento nasceram filhos e filhas (24:3). Esses filhos foram um sinal de bênção e tiveram também importância vital para a família de Davi. Os casamentos foram necessários para reconstruir a dinastia o mais rápido possível. A linhagem de Davi escapou da extinção. Contudo, o fato de Joás (e Abraão) terem sido polígamos não deve ser usado como justificação para a poligamia. O plano de Deus desde o princípio é a monogamia, pois ele disse: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2:24).

A fidelidade de Joás é revelada por sua lealdade ao templo e sua adoração. Durante o reinado de Atalia, o templo havia sido degradado e saqueado para benefício da adoração a Baal (24:7). Assim, Joás resolveu fazer os devidos reparos (24:4). Ele reuniu os sacerdotes e os levitas e instruiu-os a coletar o dinheiro necessário para o desempenho desse trabalho (24:5). A princípio, no antigo Oriente Médio, a responsabilidade de preservar o templo era exclusiva do rei. A iniciativa de Joás assinala uma mudança. Ele apresentou a ideia de que o povo também era responsável por cuidar do templo.

O relato paralelo em 2Reis 12:4-16 difere bastante da versão de Crônicas em certos detalhes. Em 2Reis 12:5, o rei pede para os sacerdotes usarem o dinheiro das ofertas feitas pelos fiéis no templo para a obra de reparos. Crônicas especifica que o dinheiro teria de vir de uma coleta feita em “todo o Israel” pelos sacerdotes e levitas. O autor de Crônicas liga essa oferta ao imposto instituído por Moisés no deserto (24:6,9; cf. Êx 25:1-9; 38:25-31).

Como é de costume, o autor de Crônicas também menciona os levitas, que não aparecem em Reis. Aqui, eles desempenham um papel importante. Foram os levitas, e não os sacerdotes, que negligenciaram a responsabilidade de fazer a coleta (24:5,6). Esse comentário é o único sinal negativo a respeito dos levitas no livro de Crônicas.

Em 2Reis 12:10, Joiada, o sacerdote, teve a ideia de colocar uma arca no templo para a coleta. Finalmente, 2Reis 12:13 declara de modo específico que o dinheiro coletado para os reparos do templo não foi usado para fazer utensílios. De acordo com Crônicas, era aplicado para esse propósito (24:14a).

Todas essas diferenças servem para indicar maior envolvimento de Joás na restauração do templo e maior fidelidade à lei que fora dada a ele quando de sua coroação. Além disso, uma vez que o trabalho foi concluído, o autor enfatiza a continuidade da adoração do templo durante a vida de Joiada (24:14b).

Infelizmente, o sumo sacerdote morreu. Por ter salvo o templo e a dinastia davídica, ele merecia a maior das honras. Morreu *farto de dias* como ocorrera a Davi, Abraão e Isaque (Gn 25:8; 35:29; 1Cr 29:28). Sua vida excepcional se reflete na duração de seus anos — cento e trinta (24:15), mais longa até mesmo que a vida de Moisés ou Josué (Dt 34:7; Js 24:29). Ele foi honrado como um rei e sepultado num túmulo real (24:16).

### 24:17-27 Desobediência e castigo

A morte de Joiada foi o prelúdio de um período de desobediência para Joás (24:17-27). Não houve dúvidas quanto ao modo de agir do sumo sacerdote como seu tutor. Sem seu sábio conselheiro, o rei seguiu os maus conselhos dos oficiais de Judá, e a idolatria retornou com toda a sua força (24:17-18). A influência do Reino do Norte deve ter persistido entre os líderes, a despeito da morte de Atalia.

Deus enviou seus profetas para avisá-los, mas o rei e todo o Judá com ele não os ouviram (24:19). Então Zacarias, filho de Joiada, foi tomado pelo Espírito de Deus. Ele repetiu a mensagem de Azarias durante o reinado de Asa:

*Porque deixastes o SENHOR, também ele vos deixará* (24:20; 15:2). O povo não somente se recusou a ouvir o profeta, mas, por ordens do rei, Zacarias foi executado (24:21). O autor de Crônicas expressa sua tristeza pelo assassinato, dizendo: *O rei Joás não se lembrou da beneficência que Joiada, pai de Zacarias, lhe fizera* (24:22a). Jesus pode ter-se referido a esse assassinato em Mateus 23:35, embora ali o nome

de seu pai seja dado como Baraquias, em vez de Joiada, como ocorre em Crônicas.

A lógica de Crônicas diz que a recusa em ouvir a mensagem profética traz punição. Ao expirar, Zacarias disse: *O Senhor o verá e o retribuirá (24:22b)*. Os sírios foram o instrumento escolhido por Deus para realizar esse juízo sobre Joás e o povo de Judá. Como acontecera nas guerras vencidas pela fidelidade dos reis, a intervenção divina capacitou um exército *com poucos homens* para triunfar contra *um exército mui numeroso (24:23-24)*. Mas, nesse momento, foi Judá quem sofreu a derrota. Enfraquecido pela perda, Joás foi morto em sua cama pelos seus oficiais irados com a morte de Zacarias. Joás não foi sepultado em túmulo real, um sinal de juízo negativo sobre esse rei (24:25-26).

## 25:1-28 O reinado de Amazias

### 25:1-2 Introdução a Amazias

O relato do reinado de Amazias começa com a clássica fórmula introdutória, fornecendo sua idade na sucessão (25 anos), a duração de seu reinado (vinte e nove anos) e o nome da rainha mãe (Jeoadá) (25:1). O autor diz que esse rei foi fiel a Deus, *não, porém, com inteireza de coração (25:2)*. O livro de Reis é mais preciso, dizendo: “Fez, porém, segundo tudo o que fizera Joás, seu pai” (2Rs 14:3). Essa expressão anuncia um reino em duas partes, como o de seu pai.

### 25:3-13 Obediência e bênção

Amazias começou mostrando sinais de obediência. Como ocorreu com Joás, Crônicas não faz referência à presença contínua dos altos que está registrada em 2Reis 14:4. Este versículo é substituído por um referente a outro acontecimento doloroso e que dá testemunho da reverência de Amazias à lei. Ele ordenou a execução dos oficiais que haviam matado seu pai, mas obedeceu à lei e não estendeu a punição aos filhos (25:2-4; Dt 24:16; Ez 18:20).

Amazias também demonstrou obediência em sua conduta de guerra contra Edom. Antes de se preparar para a campanha, recrutou mercenários de Israel, provavelmente por causa do tamanho reduzido de seu exército (25:5-6). Essa associação com Israel foi condenada por um profeta anônimo chamado apenas de *certo homem de Deus*. Ele disse ao rei de Judá que dispensasse tais mercenários para que voltassem a suas casas. A razão era simples: *O SENHOR não é com Israel (25:7)*. Essas palavras proféticas nos lembram aquelas do rei Abias (13:4-12). A associação com um exército que não desfrutava da presença de Deus também distanciaria Deus do exército de Judá. O profeta explicou a escolha diante de Amazias, dizendo: *Deus tem força para ajudar e para fazer cair (25:8)*. Amazias se mostrou disposto a seguir o conselho do homem de Deus, mas lamentou a enorme quantidade de dinheiro que já havia pago pelos serviços dos mercenários. O profeta lhe assegurou: *Muito mais do que isto pode dar-te o SENHOR (25:9)*. Como rei fiel, pelo

menos até este ponto, Amazias ordenou aos mercenários de Israel que voltassem para suas casas, embora muitos deles ficassem descontentes (25:10,13).

A obediência de Amazias à palavra profética resultou na confirmação de sua autoridade e na esmagadora derrota sobre Edom. Todavia, diferentemente das guerras de reis que foram totalmente fiéis, não houve aqui uma intervenção particular de Deus nem saque de despojos (25:11,12). Observamos, entretanto, a crueldade aplicada no tratamento aos prisioneiros de guerra (25:12). E os mercenários irados se levantaram e destruíram, de forma muito parecida com o que temos visto em algumas partes da África hoje (25:13).

### 25:14-28 Desobediência e castigo

A vitória de Amazias conduziu-o à desobediência. Ele levou para Jerusalém os deuses dos inimigos vencidos e *adorou-os (25:14)*. Na Antiguidade, a vitória sobre um inimigo era interpretada também como vitória sobre os seus deuses. Foi por essa razão que os filisteus vitoriosos em 1Samuel 5:2 levaram a arca de Deus e a colocaram no templo de Dagom, o deus deles. Amazias não seguiu o exemplo de Davi, que, quando derrotado pelos filisteus, não somente arrebatou seus deuses, mas também os queimou (1Cr 14:12). Ao adorar os deuses de Edom, Amazias se fez detestável aos olhos do Senhor.

Outro profeta anônimo foi enviado com a mensagem de Deus. Ele disse ser tolice curvar-se diante de deuses que nem mesmo tinham sido capazes de salvar o próprio povo deles (25:15). Infelizmente, naquele momento, o rei não estava preparado para ouvir a mensagem profética. Ordenou que o profeta parasse e ameaçou ferir-lhe. As palavras do profeta, enquanto se retirava, selaram o destino do rei: *Sei que Deus resolveu destruir-te (25:16)*.

O juízo de Deus veio durante a guerra que Judá travou com Israel. Foi o rei Amazias quem provocou o conflito, enviando um mensageiro a Jeoás, rei de Israel: *Vem, meçamos armas (25:17)*. O rei de Israel respondeu com uma linda fábula que nos faz lembrar aquela contada pelo rei Jotão em Juízes 9:8-15. Essa fábula denunciava o orgulho de Amazias por sua vitória sobre Edom. O rei de Israel avisou ao seu adversário que esse conflito resultaria na ruína dele próprio e de seu povo (25:18-19).

Contudo, o rei de Judá não ouviria. Diferentemente da passagem paralela em 2Reis 14:8-14, Crônicas especifica que foi Deus quem o fez surdo de entendimento para que não livrasse Judá das mãos do inimigo, por causa da idolatria (25:20). Então Jeoás, rei de Israel, respondeu ao desafio feito pelo rei de Judá e entrou no Reino do Sul com seu exército. Judá foi totalmente derrotado (25:21-22). Amazias foi capturado pelo rei de Israel e tomou Jerusalém. Os muros da cidade foram destruídos e o tesouro real e o templo foram saqueados. Jeoás também levou reféns e voltou para Samaria (25:23-24).

Em uma das raras articulações da história de Judá e Israel, 25:25 especifica que, a despeito da derrota, Amazias

viveu mais quinze anos depois da morte de Jeoás, rei de Israel. Todavia, como seu pai, acabou sendo assassinado pelo próprio povo e não foi sepultado em túmulo real (25:26-28).

Em Crônicas, os acontecimentos do reinado de Amazias representam o contraposto exato das bênçãos desfrutadas tradicionalmente por reis fiéis: Amazias não se responsabilizou por nenhum projeto de construção; ao contrário, os muros de Jerusalém foram destruídos. Ele não experimentou abundância material; em vez disso, preocupou-se com o dinheiro dado aos mercenários, e seu próprio tesouro foi saqueado. Em lugar de paz, seu reinado foi de guerra e conspiração. Mais que isso, sua família numerosa foi feita refém.

### 26:1-23 O reinado de Uzias

Uzias é o último dos três reis de Crônicas que no início seguiram os padrões de obediência e na fase final de seu reinado tornaram-se desobedientes.

#### 26:1-15 Obediência e bênção

É dito a respeito desse rei de Judá que ele foi fiel como seu pai Amazias (26:4), declaração que prenuncia o triste fim desse soberano que havia começado tão bem. O reinado de Uzias inicia de modo bem positivo, com o autor repetindo duas vezes a expressão preferida, *buscar a Deus* (26:5). Essa busca durou enquanto o profeta Zacarias viveu e guiou o rei com seus conselhos. Estamos lembrados da situação do rei Joás diante da morte do sacerdote Joiada. Como resultado dessa busca, *Deus o fez prosperar*.

A bênção de Deus sobre Uzias encontrou expressão concreta em três áreas. Na guerra, significava que Uzias conquistou vitórias sobre os filisteus, os arábios e os meunitas. Como Davi, Uzias devia seu sucesso à ajuda de Deus (26:6-7,15; cf. tb. 1Cr 12:18). Essas vitórias contribuíram para a fama de Uzias. Os amonitas trouxeram seus presentes. Como um prelúdio para 26:16, é dito que ele *se tinha tornado em extremo forte* (26:8).

Da mesma forma, projetos de construção sempre são considerados indicações de favor divino em Crônicas. Uzias reparou os muros de Jerusalém que haviam sido destruídos por Jeoás, rei de Israel (26:9; 25:23). Também construiu cisternas para fornecer água a seus rebanhos e colheitas, *porque era amigo da agricultura* (26:10).

O terceiro sinal do favor divino foi o aprimoramento da segurança de seu reino. Possuía um exército enorme, bem treinado e bem equipado (26:11-14). Usando a tecnologia disponível naquele tempo, contratou os serviços de um engenheiro para instalar armas de guerra nos muros de Jerusalém, as quais podiam arremessar flechas e grandes pedras contra qualquer agressor (26:15).

#### 26:16-23 Desobediência e castigo

O poder de Uzias tornou-o orgulhoso. Em Lingala (República Democrática do Congo), quando falamos de uma pessoa

orgulhosa, dizemos *Azali mutu monene* ["Ela é importante"]. Esse orgulho conduziu Uzias *para a sua própria ruína* (26:16a). É interessante notar que Crônicas faz diferença entre orgulho e poder. Josafá tornou-se poderoso, mas não era orgulhoso. Por outro lado, o poder de Uzias levou-o ao orgulho pecaminoso.

Esse orgulho deve ter-se desenvolvido depois da morte de Zacarias (25:5) e induziu Uzias a ser *infiel ao SENHOR seu Deus* (NVI, RC). A palavra aqui traduzida por "infiel" é a mesma usada para Saul em 1Crônicas 10:13-14 (NVI, RC). Essa palavra não foi usada para nenhum outro rei desde o reinado de Roboão (12:2, NVI, RC). Assim, seu uso aqui para descrever a atitude do rei Uzias ressalta a gravidade desse ato aos olhos de Deus.

A infidelidade de Uzias tomou a forma de interferência em assuntos relacionados à adoração. Ele entrou no templo para *queimar incenso* (26:16b). Somente os filhos de Arão haviam sido designados para queimar incenso ao Senhor, e essa usurpação de funções reservada aos sacerdotes e levitas provocou a oposição de Azarias, que *entrou após, ele com oitenta sacerdotes do SENHOR*. Azarias pediu que Uzias saísse do templo por causa da punição do Senhor (26:17-18; cf. tb. Nm 16:40).

A queima de incenso não trazia a punição imediata por Deus. Mas o castigo veio quando Uzias se irou contra os sacerdotes e, provavelmente, se recusou a obedecer à ordem de sair do santuário. Uzias foi acometido por lepra (26:19). Esse acontecimento nos lembra o que ocorreu com Miriã, que também fora culpada de orgulho (Nm 12:10). A lei proibía a entrada no templo de pessoas que sofressem de alguma doença de pele, então Azarias e os outros sacerdotes rapidamente lançaram o rei enfermo (que agora estava ritualmente impuro) para fora do templo (26:20). Uzias continuou doente até sua morte e viveu isolado de todos, conforme prescrevia a lei (Lv 13:26; Nm 5:1-3).

O enunciado final do autor sobre o reinado de Uzias é apresentado em 26:22-23. Os acontecimentos ocorridos em seu reino foram registrados pelo profeta Isaías, filho de Amós — o mesmo Isaías que dá nome a um dos livros da Bíblia. Uzias foi sepultado próximo ao local em que estavam seus antepassados, mas não em túmulo real, pois era leproso.

No começo do capítulo 24 mencionamos que a vida dos três reis, já discutida, faz-nos lembrar a necessidade de perseverar em fé. Eles também têm algo a nos ensinar sobre a prosperidade. Para os três, a prosperidade era o resultado da obediência. A experiência deles apóia o evangelho da prosperidade que se espalha cada vez mais na África? Esse evangelho afirma que há relação direta entre a fé em Deus e a prosperidade material. Quando a fé não produz prosperidade material, suspeita-se que os crentes têm pecados escondidos e inconfessos. Apesar de o NT não negar que Deus abençoa o fiel, versículos como Filipenses 4:12 mostram que a equação não é tão automática quanto afirma ser o evangelho da prosperidade. Nossa maior bênção é Jesus

Cristo, e a qualidade de nossa fé jamais pode ser medida pela nossa prosperidade material.

Uzias nos dá um bom exemplo. Embora sua prosperidade procedesse de Deus, Crônicas mostra que o rei trabalhou arduamente para alcançá-la. As referências ao aumento do gado e ao cultivo das vinhas devem levar-nos ao reconhecimento de que precisamos, em certo sentido, contribuir para o Deus da bênção. O evangelho da prosperidade ensina uma espera passiva para adquirir riqueza. Apresenta Deus como um banqueiro que dá lucro se simplesmente depositarmos fé em sua conta. Mas a bênção de Deus em nosso trabalho é a verdadeira medida da prosperidade.

### 27:1-9 O reinado de Jotão

Os três antecessores de Jotão podem ter seguido o mesmo modelo, mas, com Jotão, Crônicas retorna à responsabilidade individual que segue o princípio estabelecido durante o reinado de Amazias (25:3-4). Desse modo, os reinados de Jotão e de seus sucessores, Acaz e Ezequias, apresentam grandes contrastes. Jotão foi obediente; seu filho Acaz foi um dos piores reis; o filho de Acaz, Ezequias, foi o maior reformador dentre todos os reis de Judá. O modo de eles serem apresentados é compatível ao ensino do profeta Ezequiel, que discorda do dito popular depois da destruição de Jerusalém: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram?” (Ez 18:1-20). Esse provérbio significa que a geração atual sofre as consequências dos fracassos das gerações passadas. Para o profeta e para o autor de Crônicas, cada geração é responsável por seu próprio destino.

A descrição do reino de Jotão é uma das mais breves em Crônicas. O ponto principal que o autor quer assinalar é que, diferentemente de seu pai, Jotão não foi dominado pelo orgulho como resultado do poder. A comparação é clara: “Havendo-se já fortificado, exaltou-se o seu coração para a sua própria ruína” (26:16), mas Jotão *se foi tornando mais poderoso, porque dirigia os seus caminhos segundo a vontade do SENHOR, seu Deus* (27:6). Uma pessoa pode tornar-se poderosa e continuar verdadeira para com Deus.

A fórmula habitual é usada na introdução ao reinado de Jotão. Ele subiu ao trono com 25 anos de idade e reinou por *dezesseis anos* (27:1). É possível que, em algum intervalo nesse período, ele tenha assumido a regência durante a doença de seu pai Uzias (26:21). Jotão fez o que era reto aos olhos do Senhor e, diferentemente de seu pai, não entrou no templo. Embora o povo fosse acusado de corrupção, Jotão não se responsabilizou pelo comportamento deles (27:2). Nessa corrupção pode estar incluído o fato de terem preservado os altos que são mencionados em 2Reis 15:35, mas não em Crônicas.

As bênçãos que Jotão recebeu estão em harmonia com as que foram concedidas a seu pai. Ele concluiu os projetos de construção. Em particular, reparou a porta de cima do templo que provavelmente havia sido destruída por Jeoás, rei de Israel (27:3-4; cf. tb. 25:24). Jotão recebeu ainda

enorme quantidade de tributos dos amonitas depois da vitória sobre eles (27:5).

Foi conferida honra a Jotão em sua morte: *Descansou Jotão com seus pais, e o sepultaram na Cidade de Davi* (27:9). Crônicas não menciona o começo da invasão de Judá pela Síria e Israel (cf. 2Rs 15:37), mas trata de todos esses acontecimentos durante o reinado de seu sucessor, Acaz.

### 28:1-27 O reinado de Acaz

O reinado de Acaz é um dos mais obscuros períodos da monarquia de Judá, pois durante esse tempo Deus seria destituído de sua residência, o templo. Acaz tinha 20 anos quando se tornou rei e governou durante dezesseis anos. O nome de sua mãe não aparece na introdução, como era o costume. A avaliação do reinado de Acaz é totalmente negativa se comparada ao padrão estabelecido por Davi (28:1).

A profundidade da infidelidade de Acaz fica evidente na descrição a seu respeito como andando *nos caminhos dos reis de Israel* — nada pior poderia ser dito de um rei de Judá (28:2a). Acabe, rei de Israel, e sua dinastia foram considerados representantes dos adoradores de Baal. Ao seguir esse exemplo, Acaz fez ídolos, queimou incenso em altares alheios e até *queimou a seus próprios filhos* (28:2b-4; observe que 2Rs 16:3 menciona somente “seu filho”). Fazendo essas coisas, ele estava agindo conforme as nações que o Senhor havia expulsado quando da conquista da terra prometida (Dt 12:29-31).

A punição de Deus tomou a forma de uma invasão pelos sírios e pelo Reino do Norte. Reis apresenta isso como um ataque articulado pelos dois países (2Rs 16:5), mas, para Crônicas, trata-se de dois ataques distintos. O primeiro, muito curto, foi o dos sírios. Judá foi derrotado, e muitos prisioneiros de guerra foram levados para Damasco (28:5). Mas a única consequência dessa derrota foi que Acaz escolheu aceitar a crença popular de que a vitória de um exército correspondia à vitória de seu deus e, desse modo, preferiu sacrificar aos deuses dos sírios (28:22-23).

O segundo ataque, descrito em detalhes em 28:5b-15, foi executado por Peca, rei de Israel. A derrota foi total. Muitos homens de Judá foram mortos *por terem abandonado o SENHOR, Deus de seus pais* (28:6). O filho do rei e o alto oficial do palácio estavam entre as vítimas (28:7). Sem nenhuma dúvida e com ironia propositada, o autor de Crônicas nos diz que os israelitas levaram muitos prisioneiros de *seu povo irmão* e saquearam seus pertences (28:8). O rei Abias havia infligido derrota semelhante sobre Israel (13:2-20), mas agora a situação fora revertida.

Os prisioneiros de guerra foram salvos pela intervenção do profeta Odede. Ele encontrou fora de Samaria o exército que retornava e lembrou aos israelitas que eram tão culpados diante do Senhor quanto o povo de Judá (28:9-10). Então, disse aos israelitas para fazerem voltar os prisioneiros de guerra a fim de acalmar a ira do Senhor (28:11).

Essa seção é a única em Crônicas a dar uma impressão positiva do Reino do Norte. Alguns dos líderes israelitas prestaram atenção às palavras dos profetas e persuadiram o exército a libertar o espólio e os prisioneiros (28:12-14). Esses líderes agiram então como bons samaritanos. Eles *tomaram os cativos, e do despojo vestiram a todos os que estavam nus; vestiram-nos, e calçaram-nos, e lhes deram de comer e de beber, e os ungiram; a todos os que, por fracos, não podiam andar, levaram sobre jumentos a Jericó, cidade das Palmeiras* (28:15), assim como seus sucessores fizeram na história que Jesus contaria em Lucas 10:30-36.

A África é um continente onde muitos têm sido feitos prisioneiros ou têm sido deslocados por causa da guerra e da fome. Essas pessoas suportam todo tipo de violência. Mulheres e meninas nessas condições tornam-se vulneráveis e com frequência são estupradas ou exploradas sexualmente em troca de um pouco de comida. A igreja africana em geral deveria proclamar e demonstrar essa mensagem de cuidado para com os aflitos da guerra. São nossos irmãos, nossas irmãs, pessoas criadas à imagem de Deus.

O rei Acaz respondeu a essas duas derrotas militares buscando uma aliança com a Assíria (28:16). Eles saquearam os tesouros do templo e do palácio real para presentear a Tiglate-Pileser, rei da Assíria (2Rs 16:8). Infelizmente, Tiglate-Pileser não ajudou Acaz quando os edomitas e os filisteus atacaram (28:17-18). Pior ainda, ele mesmo atacou Judá (28:20-21). Crônicas não quer que os leitores esqueçam a origem de todos esses problemas, e então esclarece de uma vez por todas: *O SENHOR humilhou a Judá* (28:19).

Entretanto, o rei de Judá não se arrependeu. Não só adorou os deuses sírios, mas removeu todos os móveis do templo e fechou a porta da casa do Senhor. No lugar, levantou altares *em todos os cantos de Jerusalém* (28:24). Além de fechar o templo, promoveu ativamente a idolatria. Não é de admirar que Deus tenha ficado irado (28:25)!

Nada sabemos com respeito às circunstâncias que envolveram a morte de Acaz. Só nos é dito que ele não foi sepultado no túmulo dos reis de Israel (28:27).

### 29:1—32:33 O reinado de Ezequias

Ezequias é o “favorito” do autor de Crônicas depois de Davi e Salomão. Ele sobrepuja Asa, Josafá e Josias (um de seus descendentes). Reabriu o templo que Acaz havia fechado e restabeleceu a adoração. Reis também faz um relato detalhado de seu reino (2Rs 18:1—20:11), mas a perspectiva de Crônicas é diferente. Para esse autor, o aspecto mais importante do reino de Ezequias foi a reforma da adoração. Dos quatro capítulos que Crônicas dedica ao rei Ezequias, três são destinados a esse aspecto. Em Reis, somente um versículo dá pista a respeito da reforma (2Rs 18:4).

#### 29:1-36 Restabelecimento da adoração no templo

O reino de Ezequias começou com reparos e restabelecimento do que seu antecessor havia abandonado. Esse filho

que se afastou dos caminhos maus de seu pai nos faz lembrar as palavras do profeta Ezequiel: “Se ele gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez, e, vendo-os, não cometer coisas semelhantes...” (Ez 18:14). A fidelidade de Ezequias é comparada à de Davi, seu antepassado (29:2). Essa comparação é importante porque as atitudes de Ezequias para com as cerimônias do templo e sua adoração correspondiam às de Davi, cujo nome aparece várias vezes nessa seção (29:25-27, 30).

A determinação do jovem rei de restaurar o templo é vista *no primeiro ano do seu reinado, no primeiro mês*. Isso significa que desde o começo de seu reinado Ezequias reconheceu a importância do templo e da adoração. De fato, ele abriu e reparou imediatamente as portas da casa do Senhor (29:3).

Como digno sucessor de Davi e de Salomão, começou seu reinado reunindo os sacerdotes e levitas (29:4). Falou particularmente aos levitas (29:5). Pediu-lhes para que se santificassem a fim de que também pudessem santificar a casa do Senhor depois das abominações de Acaz. Ezequias reconheceu que Judá fora infiel: *Desviaram o seu rosto do tabernáculo do SENHOR e lhe voltaram as costas* (29:6-7). Ele sabia ser esse o motivo que levava Israel a sofrer tristeza e humilhação (29:8). O cativo ao qual Ezequias se refere é aquele mencionado em 28:6 (29:9).

Essa consagração do templo é necessária porque Ezequias pretende fazer uma aliança com o Senhor, o Deus de Israel (29:10). Por conseguinte, ele pediu aos levitas para não serem negligentes (29:11) e, como fez Davi, lembra-os de que foram escolhidos por Deus (1Cr 15:2).

Os levitas se responsabilizaram pela organização e purificação do templo (29:12-15). Contudo, o autor não se esquece de que a lei declarava que somente os sacerdotes poderiam entrar no templo e, portanto, são eles que limpariam o interior com a ajuda dos levitas e retirariam toda a imundícia do pátio (29:16-17). A menção dos utensílios em 29:18-19 é importante porque eles são uma prova de que a presente e progressiva adoração é possível. São um tipo de ligação entre a antiga e a nova geração. No segundo templo, construído depois do retorno do exílio babilônico, os utensílios foram mais uma vez um sinal de continuidade (Ed 5:13-15).

Na África, estamos cientes da importância da ideia de transmitir uma herança que garanta continuidade. Em certas famílias, vasilhas serviram a várias gerações.

Uma vez que o templo estava restaurado, o rei de Judá prosseguiu para oferecer o primeiro sacrifício para o perdão de pecados (29:20-23). Ordenou que essa oferta pelo pecado fosse feita *por todo o Israel* (29:24). Os levitas desempenharam um papel ativo, acompanhando os sacerdotes com música *segundo mandado de Davi* (29:25), *com os instrumentos de Davi* (29:26) e usando as *palavras de Davi* (29:30).

Os últimos sacrifícios oferecidos depois da consagração foram as ofertas de ações de graças (29:31-35). O autor de Crônicas mostra mais uma vez sua preferência ao declarar

que os levitas foram mais retos de coração, para se santificarem, do que os sacerdotes (29:34). Em sua exortação anterior (29:11), Ezequias havia ressaltado a grande responsabilidade que está sobre aqueles que servem a Deus: não pode haver descuido em sua obra. Alguns líderes, entretanto, não encaram sua obra com seriedade, nem mesmo estão preparados para isso. Embora o profeta Jeremias estivesse falando de circunstâncias específicas quando declarou “Maldito aquele que fizer a obra do SENHOR relaxadamente!” (Jr 48:10), a expressão ainda se aplica hoje!

A renovação da adoração no templo trouxe grande alegria a Judá (29:36).

### 30:1—31:1 Celebração da Páscoa

O relato da Páscoa, que é caracterizado por sua preocupação pela unidade de *todo o Israel*, não aparece em Reis.

Para os bons reis de Judá, grandes celebrações religiosas tinham de ser preparadas por uma decisão unânime da assembleia. Ezequias convocou *todo o Israel e Judá* para reunir-se em Jerusalém (30:1). A data da celebração foi fixada nessa reunião (30:2-4). Infelizmente, ela não poderia acontecer na data prescrita na lei (Lv 23:5-6). A festa foi proclamada a *todo o Israel, desde Berseba até Dã* (30:5). Esses dois pontos eram os limites tradicionais do território ocupado por Israel antes de ser dividido em dois reinos. A referência a eles mostra a grande preocupação do autor pela unidade do povo de Deus.

Durante o reinado de Ezequias o Reino do Norte foi destruído pelos assírios e a maior parte de sua população foi deportada. Todavia, nessa época, o Reino do Norte era só uma província da Assíria. A carta que convidava o povo do norte para vir à cerimônia não continha nada que estimulasse a revolta contra os assírios, mas era apenas um chamado ao arrependimento (30:6-9). O convite não foi recebido com entusiasmo nos antigos territórios do norte, onde *riram-se e zombaram* dos mensageiros (30:10). Contudo, algumas poucas pessoas do norte responderam positivamente e viajaram para Jerusalém (30:11). No Reino do Sul, em Judá, a reação foi bem mais entusiástica, conforme o povo respondia com *um só coração* (30:11-12) e assim *ajuntou-se em Jerusalém muito povo* (30:13).

A celebração foi precedida por uma remoção de todos os altares e altares de incenso a outros deuses de Jerusalém (30:14). Essa tarefa foi realizada pelo povo que agiu da mesma forma que os levitas e sacerdotes haviam feito quando limparam o templo. Os sacerdotes e levitas *se envergonharam* por causa do zelo do povo em contraste com o fracasso deles no desempenho de sua função de liderança nessa reforma religiosa (30:15). Infelizmente, na comunidade cristã, ainda encontramos alguns líderes que são como barreiras a impedir o reavivamento na igreja.

O povo que viera do norte não fora devidamente santificado, portanto estava ritualmente impuro. Não poderia sacrificar seus animais, mas os levitas sacrificaram em favor deles.

Se a lei fosse rigidamente aplicada, não seria permitido que essas pessoas participassem da Páscoa, mas Ezequias orou para que Deus não as punisse. A disposição do povo em fazer a longa jornada até Jerusalém depois de tantos anos mostrou que, de fato, eles estavam buscando a Deus. Do mesmo modo que Salomão havia pedido (6:18-24), Deus ouviu a oração de Ezequias e respondeu a ela (30:17-20).

Havia tanta alegria (30:21,23,25-26) que a assembleia inteira decidiu prolongar a celebração por sete dias. O rei e os líderes contribuíram generosamente, providenciando animais (30:24). Crônicas enfatiza a alegria geral na celebração da Páscoa, mas a celebração também pode refletir a alegria de reunir os parentes distantes (30:25).

A comemoração terminou com o povo sendo abençoado pelos sacerdotes e pelos levitas. O autor de Crônicas novamente insiste na função do templo como lugar onde Deus ouvia as orações e respondia a elas. *A sua oração chegou até à santa habitação de Deus, até aos céus* (30:27).

Quando os peregrinos retornaram para suas cidades depois da festa, quebraram os altares dedicados a deuses estranhos, assim como fizeram em Jerusalém (31:1). Desse modo, a purificação a que Ezequias deu início alcançou não só Judá e Benjamim, mas até mesmo os territórios de Efraim e Manassés, que faziam parte do Reino do Norte.

Essa celebração da Páscoa introduziu uma mudança importante. Normalmente, os levitas não sacrificavam animais, mas, por causa da falta de preparo daqueles que vieram do norte, sacrificaram os animais da Páscoa para aqueles que não haviam sido consagrados. Situações novas às vezes exigem ajustes no modo de fazer as coisas. Por exemplo, em muitas comunidades isoladas da África, a vida é regulada pelos grandes mercados semanais. Uma vez por semana, os comerciantes vão dos arredores a determinado lugar com o objetivo de se reunir e vender suas mercadorias. Para os aldeões, é só um momento favorável de compra e venda. Infelizmente, esse dia pode ser domingo. Em vez de o pastor gritar do púlpito para as pessoas acerca do materialismo e citar textos sobre como preservar a santidade do dia de descanso, o conselho da igreja deveria agir para encontrar uma solução que leve em consideração as necessidades da vida diária. Por exemplo, a hora do culto de adoração pode ser mudada. Se não puder ser de manhã, por que não se reunir à tarde depois que encerram as atividades do mercado?

### 31:2-21 A reorganização da adoração no templo

Para o autor de Crônicas, um bom rei é aquele que supervisiona pessoalmente a organização do templo. Davi fez isso (1Cr 23—26), Salomão também o fez (2Cr 8:14), e agora é a vez de Ezequias. Nessa seção, somente 31:20-21 é paralelo a 2Reis 18:6-7. Mas o restante da seção resalta um ponto importante em Crônicas: preservar a adoração não é responsabilidade da apenas coroa, mas envolve todo o povo.

Ezequias segue o exemplo de seus antepassados Davi e Salomão ao designar sacerdotes *para o holocausto e para as ofertas pacíficas* e os levitas *para ministrarem e cantarem* (31:2).

Antes de conclamar o povo a contribuir para a causa da adoração, o próprio Ezequias deu o exemplo: *A contribuição que fazia o rei da sua própria fazenda era destinada [...], como está escrito na Lei do SENHOR* (31:3). Então ele ordenou ao povo que fizesse o mesmo (31:4). A resposta foi mais que generosa, um ponto enfatizado pelas palavras *abundância e montões* (31:5-7). Tanto a rapidez quanto a quantidade com que o povo contribuiu levaram Ezequias e os ministros a louvar o Senhor (31:8).

Azarias, o sumo sacerdote, respondeu às perguntas do rei em 31:9, dizendo: *Desde que se começou a trazer à Casa do SENHOR estas ofertas, temos comido e nos temos fartado delas* (31:10). Essa resposta sugere que os rendimentos da antiga idolatria não traziam nenhuma segurança para os sacerdotes e levitas, segundo ordenava a lei. Ezequias queria usar agora os presentes que haviam sido trazidos para suprir o pessoal do templo.

O rei de Judá avaliou uma distribuição justa das ofertas para todos os que trabalhavam no templo. A função desempenhada pelos levitas na armazenagem e distribuição de bens era importante. Também é importante notar ênfase na “fidelidade” que caracterizou essa distribuição: *recolheram neles fielmente as ofertas* (31:12); *para com fidelidade distribuírem* (31:15); *porque com fidelidade se houveram santamente* (31:18).

A igreja na África precisa de servos e mordomos fiéis. Os bens da igreja devem ser confiados a pessoas fiéis que possam assegurar sua administração diligentemente. Como em Crônicas, o dinheiro da comunidade deve receber o cuidado de mais de uma pessoa; isso evita que alguém possa ser tentado a reter uma parte para seu benefício.

Essa seção é também um lembrete a cada membro do Corpo de Cristo acerca de nossa responsabilidade no desenvolvimento da igreja e no sustento do pastorado. Mesmo sendo rei, Ezequias pediu a contribuição de todos. O sustento financeiro do servo de Deus não deve ficar ao encargo de alguns na comunidade, como ocorre às vezes. O apóstolo Paulo falou claramente aos coríntios: “Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9:13-14).

Os últimos versículos deste capítulo elogiam a fidelidade de Ezequias: *fez [...] o que era reto, bom e verdadeiro* (31:20). Há três razões para esse sucesso: sua busca de Deus, seu zelo pelo templo e sua obediência aos mandamentos de Deus.

### 32:1-23 O cerco de Jerusalém

Em Reis, dois capítulos são dedicados à invasão de Judá pelos assírios (18:9—19:37; cf. tb. Is 36:2-20). Mais uma

vez, Crônicas tem uma perspectiva diferente a respeito desse acontecimento. Muitos dos elementos inclusos em Reis são omitidos. Por exemplo, não há aqui nenhuma menção à humilhação de Ezequias e ao pesado tributo que ele pagou ao rei da Assíria (2Rs 18:14-16). Por outro lado, Crônicas é o único livro a informar dois discursos com nuances fortemente teológicas, um de Ezequias (32:7-8) e o outro de Senaqueribe (32:10-15).

O período de fidelidade e alegria a que se refere a sentença *depois destas coisas* foi substituído por um tempo de dificuldade (32:1). Como Asa e Josafá, Ezequias experimentou uma ameaça militar mesmo tendo sido fiel.

Quando Ezequias soube que Senaqueribe, rei da Assíria, estava dirigindo-se para Jerusalém (32:2), não tomou uma decisão imediata e unilateral. Primeiramente buscou conselho com *os seus príncipes e os seus homens valentes* (32:3). Seus primeiros passos foram práticos: *tapar as fontes das águas* a fim de reduzir o suprimento de água para os assírios (32:3-4); *reparar e reforçar os muros de Jerusalém* (32:5a) e, finalmente, *reorganizar e equipar o exército* (32:5b,6).

Ezequias começou então a preparação espiritual de seu povo. Estimulou seus soldados com forte discurso teológico. Embora tivesse preparado seu exército, ele sabia que a vitória não vem da força dos homens, mas de Deus. O conteúdo desse discurso é semelhante à mensagem profética entregue por Jaaziel quando os amonitas e moabitas queriam combater o rei Josafá (20:15-17). O mesmo tema se repete: *Não temais, nem vos assusteis por causa do rei da Assíria [...] porque um há conosco maior do que o que está com ele* (32:7-8).

A mensagem do rei da Assíria é o oposto da mensagem de Ezequias e está cheia de propaganda ofensiva. Foi lida perto de Jerusalém pelos mensageiros enviados pelo rei da Assíria e pretendia desencorajar o exército a fim de que se rendesse sem lutar (32:9). O discurso de Senaqueribe é também profundamente teológico. Ele afirmou que Ezequias estava destinado à derrota porque tinha destruído todos os altares fora do templo (32:10-12). Senaqueribe interpreta incorretamente os atos piedosos de Ezequias como atos de impiedade, tornando-o detestável diante de Deus, que agora o punirá permitindo que seja derrotado. Para desencorajar ainda mais o exército, o rei da Assíria fala de suas vitórias antecipadamente e questiona o poder do Deus de Israel (32:13-16).

O autor de Crônicas caracteriza o discurso como um insulto ao Deus de Israel (32:17). Contrasta-o com o discurso de Ezequias, registrando que seu objetivo era *os atemorizar e os perturbar* (32:18) ao falar de Deus como se ele fosse um ídolo qualquer (32:19).

O rei e o profeta Isaías foram orar (32:20); Deus respondeu à oração deles e reagiu aos insultos dirigidos ao seu nome. Enviou um anjo que destruiu o exército assírio sem nenhuma ajuda do exército de Judá, que nem mesmo precisou lutar. Senaqueribe não morreu na batalha, mas ironicamente foi morto na casa de seu deus pelos próprios



filhos (32:21). Essa vitória contribuiu para a fama de Ezequias e o respeito à monarquia (32:22-23).

A reação de Ezequias a essa situação oferece-nos lições práticas e espirituais: práticas, por ele ter dado passos concretos ao enfrentar o perigo iminente do exército assírio; espirituais, por ele não ter colocado sua confiança nessas estratégias, mas no Senhor, que decidiria o resultado da batalha. A oração de fé não exclui a ação prática. Essa atitude deve inspirar os cristãos africanos, que passam noites em oração pela paz na África e por seus países. Esse tipo de compromisso de fé não pode excluir passos práticos para produzir paz. Vamos orar e agir!

### 32:24-33 O declínio espiritual de Ezequias

Na última seção, o autor de Crônicas reconhece, mas apenas resumidamente, dois acontecimentos dos quais Ezequias não recebeu mérito: seu orgulho pela cura de uma doença fatal (32:24-26) e o erro cometido ao exibir suas riquezas aos mensageiros da Babilônia (32:31). Tais acontecimentos são apresentados com mais detalhes em 2Reis 20:1-19. Esse autor prefere enfatizar as bênçãos materiais recebidas pelo rei de Judá (32:27-30).

O comentário relativo ao funeral é extraordinário: *Descansou Ezequias [...] e o sepultaram na subida para os sepulcros dos filhos de Davi* (32:33). A RC traduz por “no mais alto dos sepulcros dos filhos de Davi”, tradução que ressalta a elevada estima que o autor de Crônicas tem por Ezequias, honrando-o acima de todos os outros reis de Judá.

### 33:1-20 O reinado de Manassés

O reinado de Manassés durou cinquenta e cinco anos (33:1) e foi o mais longo de todos os reinados de Israel e Judá. Considerando que, em Reis, Manassés é tido como o pior dos reis de Judá e a ele se deve a responsabilidade pelo exílio de Judá (2Rs 21:1-18), Crônicas apresenta-o como modelo de um rei arrependido. O autor provavelmente busca explicar esse reinado excepcionalmente longo, o que, de modo geral, seria interpretado como sinal da bênção divina.

No entanto, não há dúvida quanto à primitiva infidelidade de Manassés. Ele de fato fez o que era mau perante o SENHOR (33:2). Reconstruiu os altos, profanou o templo, sacrificou seus filhos no fogo (2Rs 21:6 fala de um filho), praticou adivinhação e ocultismo e recusou-se a ouvir os profetas (33:3-10). Todavia, diferentemente de Reis, o autor de Crônicas não vai muito longe quando compara o comportamento de Manassés com o da casa de Acabe, como fez com relação a Acáz (28:2; 2Rs 21:3). Embora Manassés tivesse defeitos, Crônicas não o considera o pior rei de Judá.

A consequência da infidelidade é a punição de Deus. O rei da Assíria atacou Judá. Manassés foi levado prisioneiro para a Babilônia (33:11). O relato em Reis não menciona essa captura.

No exílio, o comportamento de Manassés ajusta-se àquele expresso por Salomão em sua oração (6:36-39). O rei de Judá

*suplicou deveras ao SENHOR, seu Deus, e muito se humilhou [...] fez-lhe a oração* (33:12-13a). Deus capacitou Manassés a retornar para Jerusalém, que reconheceu [...] que o SENHOR era Deus (33:13b). Manassés dá um bom exemplo de arrependimento. Quaisquer que sejam nossos pecados, Deus nos recebe se a ele retornarmos. Davi reconhecia essa verdade quando escreveu: “Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões” (Sl 103:12).

Em seu retorno, o rei mudou de comportamento. Assumiu a obra de construção, um trabalho que Crônicas sempre observa como sinal de bênção (33:14). Até onde a fé era uma preocupação, o rei arrependido removeu todos os deuses estrangeiros do templo e restabeleceu a adoração (33:15-16), mas não teve sucesso quanto à mudança do comportamento idólatra do povo (33:17).

Quando morreu, Manassés foi sepultado *na sua própria casa* (33:20). Isso pode significar que ele não teve a honra de ser sepultado no túmulo dos reis.

### 33:21-25 O reinado de Amom

O breve reinado de Amom, que durou dois anos, não é relatado em detalhes. Amom aparece como sendo pior que seu pai. Não apenas sacrificou aos ídolos, mas também *se humilhou perante o SENHOR*, como fizera Manassés, seu pai (33:22-23). Sua punição não tomou a forma de uma invasão, mas de conspiração entre os próprios servos que o mataram (33:24). Seu túmulo nem mesmo é registrado.

### 34:1—35:27 O reinado de Josias

A sequência de acontecimentos durante o reinado de Josias difere em Reis e em Crônicas. Para Reis, a descoberta da lei por um sacerdote no templo dá impulso a uma reforma cultural (2Rs 22:1—23:30). Para Crônicas, ao contrário, por causa da reforma cultural iniciada pelo rei é que a lei foi encontrada.

O autor de Crônicas considera Josias um dos melhores reis de Judá. Como Ezequias, a fidelidade de Josias é comparada à de Davi, seu antepassado. A expressão *e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda* evidencia sua perfeita obediência à lei (34:2). Essa expressão foi usada do mesmo modo por Josué (Js 23:6).

### 34:3-33 As reformas de Josias

Os atos de fidelidade de Josias são divididos em duas partes de acordo com uma fórmula cronológica que assinala o oitavo e o décimo oitavo anos de seu reinado.

No oitavo ano de reinado, quando Josias tinha 16 anos, *começou a buscar o Deus de Davi, seu pai* (34:3). Aos 20 anos, ele se responsabilizou pela purificação do reino de Judá. Removeu de Jerusalém e de Judá todas as marcas dos falsos deuses: os altos, os ídolos esculpidos e imagens. Não só isso, mas profanou os lugares de adoração idólatra, para que não fossem usados novamente (34:4-5). Josias viajou por todo o país para assegurar que essas reformas fossem realizadas (34:7).

No oitavo ano de seu reinado, Josias dedicou-se à restauração do templo (34:8). Ezequias já havia estabelecido anteriormente o apoio popular de mobilização para o templo, e Josias também não iria pagar pelo trabalho, tirando do tesouro real. Ele usou o dinheiro que os levitas *tinham juntado, dinheiro provindo das mãos de Manassés, de Efraim e de todo o resto de Israel, como também de todo o Judá e Benjamim e dos habitantes de Jerusalém* (34:9). Esse registro detalhado ressalta tanto a unidade em Israel quanto o apoio popular para a obra de restauração do templo (34:10-13).

Durante essa obra, eles descobriram o *Livro da Lei do SENHOR, dada por intermédio de Moisés* (34:14-15). Seria essa uma cópia de Deuteronômio ou de todo o Pentateuco? A identidade exata do livro não é conhecida, nem o conteúdo do livro é mencionado. Mas é-nos dito que, quando o livro foi lido para o rei, ele rasgou suas vestes como sinal de pesar e arrependimento (34:16-19). Josias pediu à profetisa Hulda para consultar o Senhor em seu nome (34:20-22). Ela disse que Deus, irrevogavelmente, havia decidido enviar *todas as maldições escritas no livro* por causa da conduta do povo (34:24-25). Provavelmente ela se referia às maldições mencionadas em Deuteronômio (28:15-68). Entretanto, anunciou a Josias que, pelo fato de se ter humilhado perante o Senhor, essas coisas não aconteciam durante o seu reinado (34:26-28).

A posição de Hulda como profetisa e conselheira de reis é o que mais impressiona quando consideramos com que frequência a comunidade cristã africana se recusa a permitir que as mulheres ocupem cargos de responsabilidade, a despeito do vasto número delas na igreja.

Depois de receber essa profecia, Josias reuniu todos os anciãos de Judá e de Jerusalém (34:29). Também convocou todo o povo para essa assembleia no pátio do templo. Ali ele leu o *Livro da Aliança* para eles (34:30) e, assim, renovou a aliança com Deus (34:31). Ao restante de seus governados, Josias exigiu que em todo o Israel o povo vivesse para respeitá-la (34:32-33), incluindo, sem dúvida, os estrangeiros estabelecidos na área pelos assírios depois da deportação do Reino do Norte (2Rs 17:24-41).

### 35:1-27 A Páscoa e a morte de Josias

Reis dedica somente três versículos à celebração da Páscoa que se segue à renovação da aliança (2Rs 23:21-23). Mas o autor de Crônicas considerava essa Páscoa muito importante, pois era a última celebração da festa antes da destruição do templo e do exílio do povo. Ele dá detalhes de sua organização por causa de seus leitores, os judeus que haviam retornado do exílio. A Páscoa de Josias, diferentemente da de Ezequias, se conformava às regras estipuladas na lei. Essa preocupação com a ortodoxia é indicada pela data da cerimônia: o décimo quarto dia do primeiro mês (35:1; cf. Êx 12:6; Lv 23:5; Nm 28:16). Essa data será considerada no tempo de Esdras depois do retorno do cativo (Ed 6:19).

A preparação para a Páscoa começou com a nomeação do pessoal do templo. Josias designou sacerdotes, delimitou suas responsabilidades e encorajou-os (35:2). Então ele se dirigiu aos levitas com mais detalhes. Como é de praxe em Crônicas, eles tinham uma função importante a desempenhar.

A primeira ordem de Josias, *Ponde a arca sagrada na casa que edificou Salomão, filho de Davi, rei de Israel* (35:3), é difícil de entender. É possível que os reis apóstatas que o precederam tivessem removido do templo a arca da aliança. Josias repetiu as novas responsabilidades dos levitas conforme delimitadas por Davi, Salomão e Ezequias quando a arca chegou a seu lugar de descanso. Há quatro imperativos: *preparai-vos, ministrai, imolai, santificai-vos* (35:4-6a). Tudo deve ser feito *segundo a palavra do SENHOR, dada por intermédio de Moisés* (35:6b), o que significa em conformidade com a Lei de Moisés.

Os líderes do reino (o rei Josias, os ministros, os levitas e os sacerdotes) providenciaram os animais para serem sacrificados nessa Páscoa. Ao todo, eles ofereceram trinta e sete mil e seiscentos cordeiros e cabritos e três mil e oitocentos bois (35:7-9).

A celebração da Páscoa aconteceu conforme o rei Ezequias havia ordenado. De fato, a expressão *segundo o mandado do rei* aparece duas vezes, estruturando, desse modo, a festa (35:10,16). O próprio Josias deixou claro que sua instrução era compatível com o que *está escrito no Livro de Moisés* (35:12). Primeiramente, os sacrifícios foram oferecidos (35:10-12). Então, veio a refeição em conjunto. Observemos com cuidado que a carne foi distribuída de modo justo para que não faltasse a ninguém. Até mesmo aqueles que montavam guarda foram servidos e não precisaram sair de seus postos (35:13-15). Não houve celebração igual em toda a história da monarquia em Israel. A única comparação possível poderia ser com o período que precedeu a monarquia sob o governo de Samuel (35:18).

Então aconteceu algo inesperado. A expressão *depois de tudo isto* nos lembra 32:1 e a invasão assíria após os atos de fidelidade de Ezequias (35:20a). Contudo, neste caso, não houve invasão. O Faraó Neco, do Egito, estava apenas passando por Judá para juntar-se aos assírios, seus aliados, a fim de extirpar o exército babilônico. *Josias saiu de encontro a ele* (35:20b). Esse rei pagão falou em favor de Deus. Para Crônicas, ele era como um profeta: *Cuida de não te opores a Deus, que é comigo* (35:21). Essas palavras nos fazem retornar ao discurso de Abias para o exército de Jeroboão (13:4-12). Entretanto, Josias não deu ouvidos a Neco. Não sabemos por que ele deveria ter prestado atenção, mas o relato nos mostra que Deus pode usar qualquer um ou qualquer coisa para realizar seus propósitos ou manifestar seus atos maravilhosos.

O relato de como Josias lutou e as circunstâncias de sua morte são muito semelhantes aos da morte de Acaze (18:29,33-34). O rei de Judá se disfarçou (35:22). *Os flecheiros atiraram contra o rei Josias; então, o rei disse a*

*seus servos: Tirai-me daqui, porque estou gravemente ferido (35:23).* De volta a Jerusalém, ele finalmente morreu. Foi sepultado com seus antepassados (35:24).

Os lamentos que Jeremias compôs para Josias (35:25) não devem ser confundidos com o livro conhecido por Lamentações, que não trata do destino de um indivíduo, mas da destruição de Jerusalém e do templo.

O comentário final sobre o reinado de Josias persiste em conformidade a seus atos e beneficências à Lei do SENHOR (35:26).

### 36:1-4 O reinado de Jeoacaz

Jeoacaz e seus três sucessores sofreram no exílio. Por causa de suas fraquezas ou de seu comportamento, cada um contribuiu finalmente para a destruição de Jerusalém e do templo e para o exílio da população. Contudo, o autor de Crônicas reduz a severidade da catástrofe. Muitos acontecimentos registrados em Reis permanecem no silêncio.

Jeoacaz governou apenas três meses depois da morte de seu pai Josias (36:1-2). Sua coroação pelo povo não agradou a Neco, o Faraó que havia derrotado seu pai, o qual pode ter visto nisso a possibilidade de eles se tornarem independentes do Egito. Neco dirigiu-se então a Jerusalém, depôs o rei de Judá, que ficou sem saída, e impôs pesado tributo sobre o povo (36:3). Estabeleceu Eliaquim, irmão mais velho de Jeoacaz, como rei, e mudou seu nome para Jeoaquim, a fim de indicar com clareza que a posição dele era de sujeição. Neco tomou Jeoacaz e o levou para o Egito (36:4).

### 36:5-8 O reinado de Jeoaquim

Jeoquim reinou onze anos. *Fez ele o que era mau perante o SENHOR, seu Deus,* e cometeu abominações (36:5,8). Como resultado, Deus enviou contra ele Nabucodonosor, rei da Babilônia. Este levou Jeoaquim cativo para a Babilônia e com ele muitos utensílios do templo (36:6-7). Diferentemente de Reis, Crônicas não fala da chegada dos babilônios, da sujeição por três anos, nem da represália dos caldeus depois que o rei de Judá se revoltou (2Rs 24:1-4).

### 36:9-10 O reinado de Joaquim

Joaquim reinou por três meses e dez dias. Como seu pai, *fez ele o que era mau perante o SENHOR* (36:9). Portanto, sofreu o mesmo destino. Ele também foi levado para a Babilônia junto com os utensílios de valor do templo (36:10). Nabucodonosor designou Zedequias, irmão de Joaquim, como rei de Judá.

### 36:11-21 O desastroso reinado de Zedequias

Foi durante o reinado de Zedequias que Judá deixou de existir como nação independente com fronteiras bem definidas. Esse reinado durou onze anos. Zedequias não só *fez o que era mau perante o SENHOR*, como haviam feito seus três antecessores, mas se recusou a ouvir o profeta Jeremias e quebrou o voto feito em nome de Deus, revoltando-se contra seu senhor, Nabucodonosor (36:11-13). Ele provavelmente não quis pagar tributo.

Zedequias não foi o único responsável pelo desastre. Os líderes dos sacerdotes e o povo profanaram a casa de Deus (36:14). Antes do desastre, o Senhor avisara o povo por meio dos profetas (36:15). Infelizmente, *eles zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas* (36:16). A ira de Deus se levantou, e não houve solução. O exílio, a destruição de Jerusalém e do templo foram a punição final de Deus, seguindo-se a crescente desobediência de seu povo (36:17-20). Crônicas interpreta o exílio como um período sabático para a terra de Judá. Os setenta anos de descanso correspondem à profecia de Jeremias (36:21; Jr 25:11-12).

### 36:22-23 O decreto de Ciro

Ao contrário de Reis, Crônicas não termina em desespero. Os dois últimos versículos indicam o fim do exílio sob o reinado de Ciro, o rei persa, que autorizou a reconstrução do templo e o retorno de qualquer um que fosse voluntário para a obra. O autor de Crônicas vê nisso a mão de Deus: *despertou o SENHOR espírito de Ciro, rei da Pérsia* (36:22). Esses dois versículos encontram seus paralelos em Esdras 1:1-3.

Por todo o livro de Crônicas, o templo desempenha um papel importante e benéfico na vida do povo de Israel. O objetivo do autor era mostrar que, quando todas as outras instituições desaparecessem, somente o templo poderia assegurar continuidade entre as gerações que tinham vivido antes do exílio e aquelas que viriam depois dele. Portanto, quando o autor registrou o começo das contribuições do povo para sustento do templo durante o reinado de Ezequias, por exemplo, ele também estava falando a seus contemporâneos acerca do sustento que deveriam dar ao templo. Sua preocupação pela continuidade é evidente em todo o livro, iniciando com as genealogias.

Crônicas é, portanto, um livro que trata dos acontecimentos passados para benefício da nova geração. O livro não termina contemplando o passado ou o futuro distante, mas com a afirmação aqui e agora do fim do exílio e a restauração da comunidade. Desse modo, o livro de Crônicas encerra com uma mensagem de esperança. A menção do edito de Ciro suaviza, para os leitores, o relato impactante da deportação e do exílio. Tanto o exílio quanto o retorno são registrados.

O continente africano está atravessando agora um tempo de dificuldade com guerra, fome, aridez e pobreza, mas há esperança. Essa esperança não está baseada em nenhum edito humano, mas na misericórdia do Senhor por meio de Jesus Cristo.

Nupunga Weanzana

### Leituras adicionais

SELMAN, M. J. *1 and 2 Chronicles*. TOT. Downers Grove, Ill: Intervarsity Press, 1994.

TUELL, S. S. *First and Second Chronicles*. Interpretation. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

# ESDRAS

Na tradição hebraica, Esdras e Neemias formam um único livro chamado Esdras, situado na terceira sessão da Bíblia hebraica, conhecida como “Escritos”.

Em nossa Bíblia, Esdras e Neemias são chamados de “Livros históricos” e situam-se logo após 1 e 2Crônicas. Esse arranjo diferenciado pode ter sido estabelecido por motivos cronológicos, uma vez que ambos são considerados livros históricos. Esdras e Neemias continuam a história a partir do decreto de Ciro registrado em 2Crônicas 36:22-23, versículos que se repetem em Esdras 1:1-2.

## Autor e data

Os livros de Esdras e Neemias relatam a história da restauração do povo de Israel após a conquista da Babilônia pelos persas. Seções inteiras do livro de Esdras estão escritas em aramaico, língua oficial do império persa (4:8—6:18; 7:12-26), caso também do livro de Daniel, escrito no mesmo período.

Esdras e Neemias não informam as fontes de onde foi retirada a história da restauração de Israel. Entretanto, são mencionados vários documentos oficiais, como decretos ou decretos persas, algumas cartas e uma lista de exilados. O decreto oficial promulgado por Ciro após a conquista da Babilônia foi o principal fator a determinar o curso dos acontecimentos descritos em Esdras e Neemias (1:1-4).

Os livros de Esdras e Neemias não fornecem detalhes sobre a autoria e a data de composição. Apesar de narrarem a história dos principais heróis do renascimento judeu, a tradição atribuiu a Esdras (que significa “auxílio” ou “socorro”) a autoria dos livros. Essa alegação está fundamentada na descrição de Esdras como “escriva versado na Lei de Moisés, dada pelo SENHOR” (7:6,10-11). Além disso, Esdras também era sacerdote, pois pertencia à linhagem de Arão (7:1-5). Ao combinar as duas funções, Esdras realizou uma tarefa muito importante na comunidade pós-exílio. O texto afirma que ele “tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (7:10). Também leu a lei diante dos exilados que retornaram (Ne 8). Devido ao seu papel na restauração de Jerusalém e levando em conta sua chegada em Jerusalém em 458 a.C., Esdras é considerado o pai do judaísmo.

Neemias, por outro lado, era um leigo judeu, funcionário da corte de Artaxerxes, que mais tarde se tornou governador da Judeia. A Bíblia o apresenta como reconstrutor dos muros de Jerusalém. Homem piedoso, orava

e jejuava com frequência, e confessava os pecados do povo. Neemias fez duas viagens a Jerusalém: a primeira em 445 a.C., e a segunda em data desconhecida.

## Conteúdo

Os livros de Esdras e Neemias compõem as principais fontes bíblicas de consulta sobre o período de retorno dos exilados na Babilônia e contam a história de uma reconstrução tripla:

- A reconstrução do templo em Jerusalém sob a liderança de Zorobabel (Ed 1—6)
- A reconstrução da sociedade judaica sob a liderança de Esdras (Ed 7—10)
- A reconstrução dos muros de Jerusalém sob a liderança de Neemias (Ne 1—6).

A ordem dos acontecimentos mostra a importância atribuída ao templo, fundamento da nova comunidade.

Em Esdras e Neemias, essa reconstrução tripla marca a continuidade, ou mais exatamente o retorno, à sociedade judaica anterior ao exílio, algo que ambos os livros salientam repetidamente aos recém-chegados da Babilônia. Certos temas reforçam enfaticamente esse ponto:

- O altar do sacrifício é restabelecido em seu lugar original (3:3).
- O templo não é uma construção nova, pois fora erigido por Salomão (5:11).
- A reconstrução do templo ocorre no mesmo lugar do original (5:15; 6:7).
- Os utensílios são os mesmos utilizados no templo de Salomão (1:7-11).
- Os sacrifícios e as festas são administrados conforme a Lei de Moisés (3:2-3; Ne 8:14).
- Os funcionários do templo são reinstalados de acordo com as estipulações do rei Davi (Ne 12:24-25).
- A nova comunidade que retornou a Israel procede de uma linhagem anterior ao exílio: Esdras é descendente de Arão (7:1-5); os levitas são filhos de Asafe (3:10) e o restante dos exilados é descendente dos deportados (Ne 7:6). O registro genealógico oferece provas dessas afirmações (Ne 7:5).

Os livros de Esdras e Neemias, portanto, mostram a fidelidade de Deus em cumprir sua promessa feita a Jeremias muito tempo atrás (1:1; Jr 29:10). Contudo, a restauração ocorreu apenas parcialmente, pois Israel não alcançou *status* de reino independente como acontecia antes do exílio, mas permaneceu como província do império persa.

Semelhantemente aos livros de Crônicas, Esdras e Neemias contêm várias listas: objetos que retornaram ao templo (1:9-11); exilados que retornaram a Jerusalém (2:1-70; Ne 7:6-7); a genealogia de Esdras (7:1-5); os chefes das famílias (8:1-14); homens que se casaram com esposas estrangeiras (10:18-43); homens que ajudaram a reconstruir os muros de Jerusalém sob a liderança de Neemias (Ne 3); homens que selaram aliança com Deus (Ne 10:1-27); habitantes de Jerusalém e redondezas (Ne 11:3-36) e uma relação dos sacerdotes e levitas (Ne 12:1-26). Resgatar a genealogia era condição particularmente importante para quem desejasse reivindicar terras que pertenceram a seus ancestrais.

### Relevância para a África

Os livros de Esdras e Neemias geralmente não são empregados em sermões e estudos bíblicos de pastores africanos. Contudo, tornaram-se fonte de consulta para a chamada teologia da reconstrução, promulgada há alguns anos por teólogos africanos. Essa abordagem pretende enxergar a situação atual do continente africano como comparável, em diversos aspectos, à reconstrução da comunidade judaica após o exílio. Esses livros narram as dificuldades do renascimento de Israel num momento crítico de sua história, após as desastrosas consequências da queda de Jerusalém em 587 a.C., incluindo o fim da monarquia davídica, a perda da independência nacional, a destruição do templo e deportação dos segmentos mais importantes da sociedade judaica para a Babilônia.

Na África, o comércio de escravos despojou o continente de recursos humanos e econômicos. De modo geral, a colonização teve um efeito devastador na estrutura e funcionamento da sociedade africana tradicional. Embora vários países tenham recuperado a independência na década de 1960, o continente africano ainda não alcançou coesão política, social ou religiosa. A África continua influenciada e maravilhada com as nações estrangeiras, consideradas tanto modelos a imitar como bodes expiatórios pelos problemas. Consequentemente, o continente africano necessita de reconstrução espiritual, social e econômica. Os livros de Esdras e Neemias contêm algumas diretrizes para nos ajudar a alcançar esse objetivo.

Nesses livros, a comunidade é considerada mais importante que seus líderes religiosos e políticos. Embora apresentem líderes competentes como Zorobabel, Esdras e Neemias, estes têm importância secundária em relação à comunidade como um todo. Neemias em particular fornece um bom modelo de governo. Sua estratégia para reconstruir os muros de Jerusalém diante de forte oposição constitui o cerne de muitos programas de treinamento para pastores e líderes leigos. Há, inclusive, uma escola bíblica na África do Sul chamada Instituto

Bíblico Neemias. A sociedade africana tradicional é conhecida por seu espírito de comunidade, convidando todos a cooperar para o bem comum.

Os livros de Esdras e Neemias também apresentam Deus interagindo com as atividades humanas no processo de reconstrução. Entretanto, essa interação geralmente é distorcida, esquecida ou até mesmo negada na pregação cristã na África. Embora Deus prossiga com sua obra, precisa de homens e mulheres comprometidos com Cristo para realizar seus propósitos. Atualmente, temos a tendência de esperar passivamente uma intervenção miraculosa de Deus. Contudo, os livros de Esdras e Neemias não mencionam milagres. Embora o Senhor tenha persuadido Ciro (1:1) e Artaxerxes (7:27-28; Ne 2:4-6), estes ainda continuaram homens comuns a quem Deus usou para empreender a tarefa de reconstrução de seu povo. No livro de Êxodo, Deus opera milagres para livrar seu povo do Egito, mas nos livros de Esdras e Neemias, o Senhor realiza sua vontade por meio de homens como Zorobabel, Esdras, Neemias, os reis da Pérsia e outros.

Embora Deus possa fazer qualquer coisa simplesmente pronunciando uma palavra, não se coloca pessoalmente a construir hospitais, consertar estradas, negociar acordos de paz com tribos guerreiras, interromper a disseminação do HIV e assim por diante. O Senhor precisa de homens e mulheres dispostos a, em nome de Cristo, mobilizar comunidades inteiras a fim de reconstruir o continente africano. É muito perigoso pregar uma teologia que simplesmente espera que milagres caiam do céu. Esdras e Neemias eram homens de oração, fé e santidade (7:10,27-28; 9:3; 10:6; Ne 1:5-11; 2:4-5), mas também souberam agir. As igrejas africanas precisam de homens e mulheres como esses.

### Esboço

#### 1:1—6:22 Retorno e reconstrução sob a liderança de Zorobabel

1:1—2:70 Retorno do exílio

1:1-11 As circunstâncias do retorno

1:1-4 O decreto de Ciro

1:5-11 A reação dos exilados

2:1-70 A lista dos exilados que retornaram

3:1-13 Reconstrução do templo

3:1-6 Restauração do altar e retomada dos sacrifícios

3:7-13 Assentamento da fundação do templo

4:1—6:13 Oposição à reconstrução do templo

4:1-5 Oposição durante o reinado de Ciro

4:6-23 Oposição durante o reinado de Xerxes e Artaxerxes

4:24—5:2 Retomada das obras durante o reinado de Dario

5:3-17 A carta de Tatenai ao rei Dario

6:1-13 A resposta de Dario

6:14-22 Conclusão das obras e dedicação do templo

## 7:1—10:44 Reconstrução da comunidade sob a liderança de Esdras

7:1-28 Apresentação de Esdras e sua missão

8:1-36 A viagem de Esdras a Jerusalém

9:1—10:44 Casamentos mistos

# COMENTÁRIO

O livro de Esdras conta a história de dois grupos de exilados que retornaram da Babilônia, o primeiro liderado por Zorobabel (1—6) e o segundo por Esdras (7—10). O propósito do autor torna-se mais claro quando lemos o livro à luz de Esdras 1:1: é a mão de Deus que conduz o restabelecimento dos judeus na terra concedida como herança aos seus ancestrais, cumprindo, dessa maneira, sua promessa. O Deus de Jesus Cristo é digno de confiança (2Tm 2:13).

Considerado o continente mais pobre de todo o planeta, muitas vezes a África sofre a tentação de acreditar não haver futuro para os africanos. Entretanto, precisamos lembrar que Deus libertou seu povo da escravidão do Egito após quatro séculos de sofrimentos e ajuntou-o novamente na terra prometida após décadas de dispersão e exílio.

## 1:1—6:22 Retorno e reconstrução sob a liderança de Zorobabel

A primeira parte do livro de Esdras abrange a geração que acompanhou os acontecimentos desde a conquista da Babilônia em 539 a.C. por Ciro, rei da Pérsia, até a dedicação do templo em 515 a.C., durante o reinado de Dario. O autor não relata todos os acontecimentos daquele período. Antes, concentra-se principalmente nas implicações teológicas e religiosas. Nesse sentido, o decreto de Ciro, por exemplo, é considerado por Jeremias como cumprimento das profecias.

### 1:1—2:70 Retorno do exílio

O primeiro capítulo de Esdras relata as circunstâncias do retorno dos exilados, enquanto o segundo capítulo, o mais extenso do livro, traz uma lista das pessoas que atenderam ao apelo de Ciro.

#### 1:1-11 As circunstâncias do retorno

O primeiro capítulo constitui a introdução do livro e está dividido em duas partes distintas. A primeira (1:1-4) apresenta a cópia do decreto autorizando o retorno dos exilados a fim de reconstruir o templo em Jerusalém. A segunda (1:5-11) trata dos exilados que resolveram voltar e trouxeram

consigo os utensílios que os babilônios tiraram do templo em Jerusalém.

1:1-4 O DECRETO DE CIRO. A primeira parte do livro de Esdras trata da reconstrução do templo, acontecimento que não ocorreu por acaso, conforme indicam os versículos 1-4. O estopim do processo foi a vitória de Ciro, rei da Pérsia. Ciro governava a Pérsia desde 558 a.C., mas somente em 539 a.C. conseguiu conquistar a Babilônia. O *primeiro ano de Ciro* mencionado em 1:1a não se refere ao primeiro ano de seu reinado, mas ao primeiro ano após a conquista da Babilônia.

O autor relaciona os acontecimentos posteriores às profecias de Jeremias sobre Ciro (1:1b; Jr 25:11-12; 29:10); também há uma profecia sobre Ciro em Isaías (Is 44:28; 45:1-13). O autor procura enfatizar a coerência divina em punir (por meio da deportação) e abençoar (preparando o retorno dos exilados ao persuadir Ciro).

Ciro promulgou o decreto, porém foi Deus quem o motivou, como transparece na frase *despertou o SENHOR o espírito de Ciro* (1:1c). Os livros de Crônicas mostram Deus produzindo reações semelhantes em reis estrangeiros (1Cr 5:26; 2Cr 21:16). Precisamos lembrar que, embora muitas comunidades cristãs busquem freneticamente o reavivamento, em última análise dependemos da soberania de Deus para isso.

O decreto de Ciro, além de publicado em documentos oficiais, foi proclamado oralmente nas cidades do império persa (1:1d). Uma vez que poucas pessoas no mundo antigo sabiam ler ou escrever, os arautos eram o melhor canal de comunicação de mensagens ao povo. Na África, a comunicação oral funcionava de forma semelhante antes do advento da escrita. Sempre houve alguém para comunicar instruções e ordens, ou simplesmente convocar as pessoas da cidade para reuniões. Apesar dos inegáveis benefícios da escrita, a mensagem oral ainda é uma forma eficaz de comunicação em nossas aldeias, especialmente em virtude de seu poder de influência. Nossas igrejas não deveriam ignorar esse ponto.

Ainda que o decreto de Ciro abrangesse todos os judeus espalhados pelo império persa, o autor do livro de Esdras concentra sua atenção na comunidade de exilados na Babilônia, considerando estes “filhos de Jacó”. Nada é mencionado sobre o destino dos exilados fora da Babilônia, especialmente aqueles levados para o Egito (2Cr 36:4). O conteúdo do decreto de Ciro está registrado em 1:2-4 (a versão em aramaico é encontrada em 6:3-4). Esse texto é semelhante ao registrado em 2Crônicas 36:22-23, porém possui mais detalhes, incluindo até mesmo especificações sobre a provisão de materiais para os trabalhadores na reconstrução (1:4).

Ciro menciona o Senhor como *Deus dos céus* (1:2a). Embora fosse comum os persas se referirem a Deus dessa maneira, é a primeira vez que ela ocorre na Bíblia em referência ao Deus de Israel. A expressão reaparece nos livros

pós-exílio, especialmente Esdras, Neemias e Daniel. Muitos grupos africanos também a utilizam para se referir a Deus.

Desde o início o autor atribuiu importância especial à casa de Deus (o templo) e à cidade de Deus (Jerusalém). Ambas são mencionadas várias vezes no decreto: [o SENHOR] *me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá (1:2b); Quem dentre vós [...] suba a Jerusalém de Judá e edifique a Casa do SENHOR (1:3); dádivas voluntárias para a Casa de Deus, a qual está em Jerusalém (1:4)*. Foi o desejo de Deus em reconstruir o templo que tornou possível o retorno dos exilados.

O decreto recomendando a reconstrução do templo não deve ser interpretado como evidência de que Ciro era judeu praticante. Antes, ele provavelmente almejava objetivos políticos com o decreto. Para apoiar esse argumento, teólogos mencionam o objeto conhecido como Cilindro de Ciro, um artefato da Antiguidade fabricado em barro no qual Ciro relata a conquista da Babilônia e atribui sua vitória a Marduke, principal divindade dos babilônios. Por motivos políticos, em vez de impor sua própria religião, os reis persas adotavam a religião dos povos conquistados e fingiam agir em nome da divindade local, contanto, é claro, que isso não ameaçasse a estabilidade do império. Ciro presumiu manipular Deus, porém ocorreu justamente o contrário. Deus havia utilizado nações pagãs para disciplinar Israel no passado (2Cr 36:17), mas dessa vez despertou um rei pago para promover o bem-estar de seu povo.

Entretanto, manobras políticas como a utilizada por Ciro não devem passar despercebidas pelas igrejas na África, onde políticos geralmente procuram angariar o apoio de líderes religiosos para seus projetos. Esse tipo de coisa produz tentações aos religiosos que valorizam o suporte de pessoas influentes. Além disso, ao associar-se com políticos, a igreja passa a correr o risco de perder sua liberdade de expressão e o papel profético de identificar e denunciar injustiças na sociedade (Mt 6:24).

O decreto também autorizou contribuições para auxiliar os judeus que desejavam retornar e reconstruir o templo. Davi e Salomão coletaram contribuições para a construção do primeiro templo (1Cr 29:1-9). Dessa vez, todos, incluindo os judeus que permaneceram no exílio, foram convidados a contribuir para a construção do segundo templo (1:4).

**1:5-11 A REAÇÃO DOS EXILADOS.** O decreto de Ciro refletiu as duas principais preocupações dos exilados: a reconstrução do templo e a necessidade de materiais para a tarefa.

Os judeus que retornaram foram conduzidos pelos *cabeças de famílias de Judá e de Benjamim, e os sacerdotes, e os levitas (1:5; 1Cr 9:1-3)*. Judá e Benjamim formavam as tribos do Sul que permaneceram fiéis ao templo de Jerusalém e à dinastia de Davi quando o país se dividiu no reinado de Roboão (1Rs 12; 2Cr 10). Juntamente com os sacerdotes e levitas, essas duas tribos formavam agora o núcleo da comunidade pós-exílio.

Os judeus que retornaram foram despertados pelo Senhor, assim como Ciro. Mas alguns judeus da segunda

e terceira gerações decidiram permanecer na Babilônia. Não conheciam o país de seus pais e avós e, portanto, não se sentiam atraídos pela ideia; além do mais, haviam prosperado muito durante esse período e não quiseram abandonar tudo e recomeçar do zero, mesmo que fosse no país de origem. A julgar pela forma com que o autor apresenta o relato, parece que os judeus que decidiram ficar não o fizeram porque eram infiéis a Jerusalém, mas porque o Senhor não despertou neles o interesse.

Situação semelhante ocorre em relação a certos países africanos como África do Sul e Angola. Antes de esses países alcançarem a independência, alguns de seus cidadãos viviam refugiados em países vizinhos. Após a independência, contudo, alguns preferiram continuar a viver nos países que os receberam.

A reação à segunda parte do decreto no que diz respeito aos recursos materiais para a reconstrução da casa do Senhor ocorre em 1:6-11. A descrição desses acontecimentos nos faz lembrar o que aconteceu aos israelitas quando eles saíram do Egito sob a liderança de Moisés. Naquela ocasião, foram encorajados a pedir doações de objetos de prata e ouro a seus vizinhos (Êx 12:35-36). Aqui, mais uma vez receberam ofertas voluntárias enquanto se preparavam para retornar à terra prometida (1:6).

O próprio Ciro contribuiu com provisões, devolvendo utensílios do templo que Nabucodonosor levava para a Babilônia (1:7). Naquela época, era comum o rei vitorioso destruir o templo do país conquistado e levar embora a imagem daquele deus local como símbolo de domínio sobre a nação subjugada (1Sm 5:1-2). Como não havia imagem do Senhor no templo de Jerusalém, os babilônios levaram os utensílios e objetos sagrados (2Rs 24:13; 25:13), peças que finalmente foram restituídas a Sesbazar, homem que liderou o primeiro grupo de exilados de volta a Jerusalém (1:8).

Uma lista desses artigos restituídos é fornecida em **1:9-11a**. Parece que os escrivas babilônios prepararam um inventário detalhado dos espólios tomados em Jerusalém, de modo que essa lista em Esdras sem dúvida se baseou nesse inventário. Há uma lição aqui para as igrejas africanas quanto à diligência para com as propriedades da igreja. Infelizmente, muitas não têm inventários precisos de seus bens. Como resultado, quando há troca de líderes, acaba não ocorrendo a transferência formal dos recursos à nova liderança, e muito menos a entrega de uma lista detalhada dos bens disponíveis. É preciso realizar inventários das propriedades da igreja a fim de distinguir estas dos bens pessoais do líder.

A parte final dos livros de Reis e Crônicas relatam deslocamentos de Jerusalém para a Babilônia, porém aqui em **1:11b** acontece o contrário. A “operação retorno” teve início quando Deus reverteu o destino de seu povo e despertou-o para subir *da Babilônia para Jerusalém*.

Nesse capítulo, o autor de Esdras deixa bem claro que foi Deus quem providenciou a ascensão de Ciro, a fim de



oferecer ao seu povo nova oportunidade de restauração. Como cristãos africanos e confiantes na soberania de Deus, podemos enxergar os acontecimentos em nosso continente, e até mesmo em nosso planeta, como oportunidades para Deus demonstrar sua glória. Por exemplo, considere o conceito de globalização que tomou conta do sistema econômico mundial nos últimos anos. Em vez de simplesmente criticar o sistema, os africanos poderiam concentrar-se em discernir oportunidades que a globalização pode oferecer ao nosso continente.

### 2:1-70 A lista dos exilados que retornaram

Em 1:5 o autor faz uma lista resumida dos que retornaram a Jerusalém, porém aqui no capítulo 2 fornece uma lista detalhada com nomes e quantidade de pessoas envolvidas. Essa lista é semelhante àquela encontrada em Neemias 7:6-69, embora ocorram diferenças de ortografia nos nomes das famílias. Esse capítulo apresenta os exilados que retornaram e se estabeleceram em suas cidades originais, conforme 2:1 e 2:70. Prosseguindo com o tema do retorno às cidades e propriedades de origem, o autor está preocupado em dar continuidade à sociedade que existia antes do exílio, conforme mencionou no capítulo 1.

Não há detalhes sobre a viagem nem sobre a chegada dos exilados em Jerusalém, mas o autor revela preocupação com a comunidade de exilados que vivia na Babilônia. O decreto de Ciro traz “quem dentre vós é, de todo o seu povo” (1:3), porém o capítulo 2 relaciona somente os moradores de Jerusalém e Judá deportados por Nabucodonosor (2:1).

O autor começa listando onze nomes de líderes responsáveis pelas comunidades de exilados que retornaram a Jerusalém (2:2a), porém o relato análogo em Neemias 7 traz doze nomes, talvez com a intenção de sugerir um paralelo com as doze tribos de Israel. O nome que falta na lista de Esdras é Naamani (Ne 7:7). Algumas pessoas dessas listas aparecem em Esdras e Neemias e outros livros. *Jesua*, por exemplo, é mencionado em Esdras 3:2; 4:3; 5:2; Neemias 7:7; 12:1,10; e Ageu 1:1 (grafado como Josué).

*Zorobabel* é mencionado em 3:8 e Ageu 1:1. Seu nome tem origem na forma babilônica *zer-babili*, que significa “semente dos exilados”, certamente uma referência a seu nascimento na Babilônia. Muitos africanos têm nomes semelhantes. Por exemplo, na língua ngbaka, falada na República Democrática do Congo, a raiz *kpala* (“semente”) participa da formação de vários nomes.

Não sabemos com certeza se *Neemias* ou *Mordecai*, mencionados nessa lista, se referem às pessoas que aparecem nos livros de Neemias e Ester (Et 2:5,21; 3:2; 4:1; 5:14; 6:3; 7:9; 9:20; 10:3). É possível que a lista forneça os nomes de uma sucessão de líderes na comunidade pós-exílio.

O restante do capítulo dedica-se a relacionar várias pessoas que o autor denomina *homens do povo de Israel* (2:2b), e a primeira lista menciona os nomes das famílias que retornaram (2:3-20). Cada grupo é identificado como *filhos de*, for-

ma comum em muitos países do Oriente Médio e África para se referir a determinados grupos de pessoas. Por exemplo, na cidade de Douala, na República dos Camarões, algumas pessoas são chamadas de “Bonabéri”, que significa “filhos de Béri”. Muitos desses nomes de famílias aparecem em outras passagens em Esdras e Neemias (caps. 8 e 10; Ne 10).

Embora sacerdotes e levitas apareçam em primeiro lugar nas listas do livro de Crônicas, aqui surpreendentemente os leigos têm precedência. Essa mudança sugere que, embora a presença de sacerdotes e levitas fosse importante, a tarefa de reconstrução do templo ficou sob a responsabilidade do povo. Há anos os leigos africanos são considerados uma categoria inferior dentro da hierarquia da igreja. Entretanto, mudanças estão surgindo no horizonte ao vermos várias comunidades nas quais os leigos estão organizando-se e assumindo responsabilidades. Esse tipo de atitude é característica do sacerdócio exercido individualmente pelo cristão, conforme demonstra o NT (1Pe 2:5,9).

A lista seguinte agrupa pessoas conforme o nome da cidade ou aldeia de origem (2:21-35). *Belém* e *Netofa*, as duas primeiras cidades mencionadas, situam-se na Judeia (2:21-22), e as demais ficam todas em Benjamim. *Anato-te* é a cidade natal de Jeremias (2:23; Jr 1:1). As cidades mencionadas nesses versículos sugerem que a maioria dos exilados que retornaram moravam originalmente nos arredores da fronteira do antigo reino de Judá.

Os chefes de família registrados em 2:3-20 e as cidades listadas em 2:21-35 certamente datam desde muito antes do exílio. As cidades mencionadas em 2:1,70 (“cada um para sua cidade”) devem referir-se às cidades ocupadas desde a conquista de Canaã sob a liderança de Josué (Js 12—21). A continuidade implícita nessa reintegração confirma a vigência das promessas de Deus a Abraão (Gn 12:1-3).

Após enumerar famílias e cidades, o autor passa a listar categorias de funcionários do templo (2:36-58). Essa lista é muito importante, pois o principal motivo da viagem era reconstruir o templo em Jerusalém, que por sua vez precisaria de um número suficiente de funcionários legítimos a fim de funcionar de modo apropriado.

Os *sacerdotes* estão distribuídos em quatro classes: os filhos de *Jedaías*, *Imer*, *Pasur* e *Harim* (2:36-39), e os três primeiros são mencionados em 1Crônicas 24:7-18.

Apenas um único versículo é dedicado aos *levitas*, cujo número decaiu para 74 (2:40). Difícil não perceber a falta de interesse do autor nas classes de funcionários do templo. Os *cantores* são chamados simplesmente de *filhos de Asafe* (2:41). Davi nomeou Asafe como regente do coral quando a arca da aliança foi trazida para Jerusalém (1Cr 16:1,5).

Os *porteiros* guardavam a entrada do santuário a fim de evitar a profanação do templo (2:42), além de vigiarem os tesouros do templo. Em Crônicas, tanto os cantores quanto os porteiros são listados juntamente com os levitas.

Os *servidores do templo* (2:43-54) referem-se aos netineus (RC), palavra procedente da raiz hebraica que significa “concedidos, dados”. É possível que os netineus fossem “concedidos” aos levitas da mesma forma que os levitas foram “concedidos” aos sacerdotes (Nm 3:9). Esse grupo não foi mencionado com os funcionários do templo antes do exílio (1Cr 9:2,25-26). Por outro lado, aparecem listados em 7:24, juntamente com os funcionários isentos de impostos. Eles também participaram da reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 3:26).

Os *filhos dos servos de Salomão* indicam pessoas de origem estrangeira (2:55-58; cf. tb. 1Rs 9:20-21; 2Cr 8:7-8).

A última lista apresenta o nome das pessoas que não puderam comprovar sua genealogia judaica (2:59-61). A verificação rigorosa da genealogia era uma forma de evitar a profanação do templo. Embora esses versículos geralmente sejam interpretados como indicação de exclusivismo judeu, o principal propósito da passagem é proteger a continuidade imaculada do povo de Israel após o parêntese do exílio.

Embora o texto não comente o destino dos leigos que não conseguiram provar sua genealogia, os sacerdotes com genealogia duvidosa foram excluídos do serviço no templo por ordem do governador (2:62). Contudo, era uma exclusão temporária, até que o *Urim e Tumim* pudessem ser consultados com o objetivo de conhecer a vontade de Deus para essas pessoas (2:63). Não sabemos como esses objetos funcionavam ou mesmo que forma possuíam, mas com certeza eram sagrados e ficavam guardados na estola sacerdotal do sumo sacerdote. Houve época em que foram considerados indispensáveis para lançar a sorte ou interpretar a vontade de Deus. No começo, Deus instruiu Moisés a utilizá-los (Êx 28:30), porém essa prática, que poderia dar a impressão de alguma forma de feitiçaria, desapareceu totalmente após a construção do segundo templo.

Na África, ainda hoje surpreende a prática do cauri, o uso de conchas sagradas. Originalmente utilizadas como moedas, tornaram-se objetos mágicos como amuletos e talismãs. Algumas pessoas acreditam que essas conchas (alguns utilizam ossos), quando atiradas ao acaso, podem prever o futuro a partir da disposição entre si. Ocultismo semelhante ocorre em muitas culturas, e muitos indivíduos e famílias foram arruinados por confiarem nesses objetos mágicos. Os cristãos devem buscar orientação somente com o Espírito Santo (Gl 5:16-25).

A seção final desse capítulo relembra o total de pessoas que retornaram: 42.360 (2:64), quantidade que não inclui os 7.337 servos e servas que os acompanhavam (2:65). Esse número significativo de servos sugere que os viajantes que saíram da Babilônia eram pessoas abastadas. Havia músicos no grupo, mas estes não devem ser confundidos com os cantores levitas. Os exilados também trouxeram grande quantidade de rebanhos (2:66-67).

O templo deveria ser reconstruído no mesmo lugar do anterior (2:68). A contribuição *financeira para esse projeto* (2:69) assemelha-se a outras ofertas *levantadas na Babilônia* durante o êxodo, os israelitas fizeram doações para ajudar a construir a arca da aliança e o tabernáculo (Êx 25:2-7; 35:21-29), e, durante o reinado de Davi, ofertas voluntárias foram utilizadas na construção do santuário (1Cr 29:6-9). A diferença entre aquelas contribuições e esta para a reconstrução do templo é que a iniciativa partiu da comunidade como um todo. Para o autor, a reconstrução do templo era responsabilidade de toda a comunidade.

Concluindo, precisamos considerar que na Antiguidade a genealogia era um meio importante para determinar a origem do indivíduo e a que grupo ele pertencia. Nesse sentido, a genealogia estabelecia a maneira pela qual o indivíduo deveria relacionar-se com outras pessoas e seus direitos e obrigações em relação àqueles que não faziam parte do mesmo grupo. Em suma, era parte vital da identidade do povo.

Ainda hoje, contudo, questões de identidade encontram-se no âmago de muitos conflitos no continente africano, que se tornou vítima de sua própria política de exclusão. O termo “xenofobia” tornou-se comumente empregado no dia-a-dia. Várias guerras são motivadas pelo desejo de determinada tribo (ou grupo de tribos) em eliminar outra. O orgulho leva pessoas de algumas tribos a considerar-se superiores aos outros.

No entanto, diante de Deus não existe superioridade racial ou tribal; somos todos seres humanos criados à imagem de Deus. Nenhuma raça ou tribo pode almejar *status* maior que este! Nossa identidade comum encontra-se no fato de sermos todos criaturas de Deus. O Corpo de Cristo, a Igreja, é formado por homens, mulheres e crianças de todas as raças e tribos, de todas as línguas e níveis sociais. Além disso, os cristãos têm uma identidade ainda mais profunda na pessoa de Cristo. Essa identidade, porém, não nos deve levar ao exclusivismo, mas a amar e respeitar todas as pessoas, especialmente os estranhos e os estrangeiros. O apóstolo Paulo, escrevendo aos colossenses, esclarece: “vos revestistes do novo homem [...] segundo a imagem daquele que o criou; no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos” (Cl 3:10-11).

### 3:1-13 Reconstrução do templo

Pouco tempo depois de se estabelecerem em Israel, os exilados passaram à tarefa de reconstruir o templo. Na seção seguinte do livro, o autor fornece um relato detalhado dos estágios da reconstrução: restabelecimento do altar, retomada dos sacrifícios, assentamentos dos alicerces do templo e a reconstrução propriamente dita. Depois dessa seção, o autor passa a relatar as oposições que o projeto enfrentou.

### 3:1-6 Restauração do altar e retomada dos sacrifícios

Não demorou muito para os exilados começarem a trabalhar na reconstrução do templo: *em chegando o sétimo mês [...] ajuntou-se o povo, como um só homem (3:1)*. O livro de Esdras procura mostrar que a comunidade inteira priorizou a reconstrução do templo. A narrativa parece sugerir que os exilados deram mais importância ao templo que à restauração de suas próprias casas. Essa mesma impressão ocorre em Neemias 7:73—8:1a e informa um detalhe adicional: o povo reuniu-se “diante da Porta das Águas”. Esdras contenta-se simplesmente em mencionar que a reunião ocorreu em Jerusalém, pois sua intenção é encorajar a união social, chamando a atenção de seus leitores para o fato de que o ajuntamento ocorreu na capital de Judá.

Também é importante observar que a assembléia ocorreu no “sétimo mês”, um dos meses mais importantes no calendário judaico, representando o primeiro mês do ano na época da monarquia em Israel, antes de os judeus sofrerem forte influência do calendário babilônio. O Yom Kippur, o dia da expiação, ocorria no décimo dia desse mês (Lv 16).

A reconstrução do altar ficou a cargo da liderança de Jesua e Zorobabel (3:2a). Nesse versículo, a ordem dos nomes está invertida em comparação a 2:2, pois, em se tratando de cerimônia religiosa, Jesua, descendente de família sacerdotal, tinha precedência. O autor não menciona o cargo de Zorobabel ou Jesua, porém o livro de Ageu registra que Jesua (ou Josué) era “sumo sacerdote” e Zorobabel “governador de Judá” (Ag 1:1). Embora líderes, a importância de Jesua e Zorobabel diminui em relação à comunidade, pois todos apoiaram o projeto. Almejar cargos e títulos não é a melhor forma de contribuir para o avanço da obra de Cristo. O Senhor Jesus não olha para essas coisas, mas para a sinceridade com que atendemos ao chamado e para nosso compromisso com a obra que ele entregou a cada um (2Co 10—12).

O altar foi edificado *sobre as suas bases (3:3a)*. Possivelmente, o povo que não foi exilado continuou a oferecer sacrifícios em Jerusalém, porém o autor de Esdras considera apenas os que retornaram do exílio como comunidade legítima a perpetuar os holocaustos. O autor fornece duas razões para a reconstrução do altar. A primeira se refere ao desejo de retomar imediatamente aquilo que *está escrito na Lei de Moisés, homem de Deus (3:2b)*. Essa mesma expressão é utilizada em Crônicas (2Cr 30:16). A segunda diz respeito ao fato de que eles *estavam sob o terror dos povos de outras terras*. O autor não fornece explicações para esse medo, mas a expressão pode indicar a decisão dos exilados de separar-se desses outros povos. Os sacrifícios diários foram retomados *desde o primeiro dia do sétimo mês (3:6)*. Esses sacrifícios envolviam *holocaustos ao SENHOR, de manhã e à tarde*. Toda manhã sacrificava-se um cordeiro de 1 ano de idade, e outro à tarde, além de ofertas de farinha, azeite e vinho (3:3b,5-6a; cf. Êx 29:38-42). O calendário das festas também foi retomado de acordo com a

Lei de Moisés. A *Festa dos Tabernáculos*, festival realizado durante a colheita, era comemorada do décimo quinto ao vigésimo segundo dia do mês (3:4), e o objetivo era relembrar a jornada de Israel pelo deserto no tempo em que eles viviam em tendas (Lv 23:42-43). O restante dos sacrifícios e festivais também foi restaurado.

Por ser uma estrutura separada, o altar foi reconstruído antes do assentamento da fundação do templo (3:6b). Na época de Davi o povo também oferecia sacrifícios antes da construção do templo de Salomão (1Cr 21:28—22:1).

### 3:7-13 Assentamento da fundação do templo

O projeto de reconstrução do segundo templo ocorreu de modo parecido com o projeto original. A preparação aqui é descrita em termos semelhantes à construção do templo de Salomão (3:7): pedreiros e carpinteiros provavelmente vieram de Tiro e Sidom (1Cr 22:4); importaram madeira de cedro do Líbano (1Cr 22:4; 2Cr 2:8) e transportaram os materiais pelo mar até Jope (2Cr 2:16).

A reconstrução começou no segundo mês do segundo ano após a chegada dos exilados em Jerusalém (3:8). Salomão iniciou a construção de seu templo exatamente no mesmo mês (1Rs 6:1-2; 2Cr 3:2).

A frase *Quando os edificadores lançaram os alicerces (3:10a)* pode dar a impressão de que eles construíram uma nova fundação, porém o texto hebraico original pode ser traduzido por “quando os edificadores repararam ou restauraram os alicerces”. Os babilônios destruíram o templo de Salomão, mas provavelmente não danificaram os alicerces, de modo que as pedras do novo templo foram edificadas sobre a mesma base do prédio antigo.

No entanto, apesar das semelhanças com a construção do primeiro templo, houve grande diferença na reconstrução do segundo, pois aqui a edificação não ficou sob a responsabilidade do rei, mas de toda a comunidade. Davi e Salomão contribuíram substancialmente para a construção do primeiro templo (1Cr 29:1-5; 2Cr 2:8-9), porém quem assumiu o custo da construção do segundo templo foi o povo (cf. comentários em 2:3-20 e 2:69). Muitas igrejas veem seus projetos naufragar por falta de assistência, seja porque os cristãos não se identificam com os projetos, seja porque não foram bem informados sobre os propósitos do empreendimento. O envolvimento demasiado de apenas um líder pode sufocar e desencorajar a participação da comunidade. Para alcançar um ministério bem-sucedido, é preciso que toda a comunidade se envolva.

A comemoração do término das obras de assentamento relembra a festa celebrada na época de Salomão. O louvor ocorreu segundo as instruções de Davi (3:10b; 1Cr 16:7). Os cantores levitas, chamados de *filhos de Asafe*, lembraram ao povo a fidelidade do Senhor no refrão: *Ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre sobre Israel (3:11)*. Esse refrão é repetido várias vezes em toda a Bíblia (1Cr 16:34; 2Cr 7:3; Sl 100:5; 106:1; 107:1; 118:1; 136:1). O aconte-

cimento celebrou a fidelidade de Deus em cumprir suas promessas. Muitas vezes aguardamos o cumprimento das promessas de Deus, mas enquanto esperamos podemos cantar o refrão e lembrar que Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13:8).

É difícil compreender os motivos que levaram as pessoas que viram o primeiro templo a chorar ao final do assentamento do alicerce do segundo templo (3:12-13). Elas choraram de alegria? Ou choraram de tristeza porque o segundo templo era inferior ao primeiro (Ag 2:3)? Seja qual for o motivo, o autor quis mostrar que havia entre os exilados pessoas que conheceram o templo original de Salomão e, desse modo, formavam uma ponte de ligação com a geração passada.

Na África, chorar em voz alta é expressão de dor ou angústia. Mas há líderes de algumas igrejas que às vezes não permitem à família chorar a morte de um familiar. Chorar não é pecado e foi aceitável na ocasião descrita em Esdras. O próprio Jesus chorou (Jo 11:35). O que a Bíblia nos pede, especialmente no NT, é evitar aquele tipo de tristeza sem esperança demonstrada pelos incrédulos (1Ts 4:13).

#### 4:1—6:13 Oposição à reconstrução do templo

O retorno da Babilônia foi interpretado como cumprimento de profecia: o próprio Deus motivou Ciro e despertou os exilados para voltarem (1:1,5). Era de esperar que, com todo esse apoio divino, nada obstruísse a reconstrução. Mas não foi isso que aconteceu.

##### 4:1-5 Oposição durante o reinado de Ciro

Os primeiros a se oporem à reconstrução do templo são chamados aqui de *adversários de Judá e Benjamim*, as duas tribos que formavam o antigo Reino do Sul (4:1). O termo hebraico para *adversário* é o mesmo utilizado para se referir a Satanás, aquele que sempre se opõe aos planos dos filhos de Deus. Os cristãos sofrem oposição e muitas vezes até fracassos aparentes (cf., p. ex., 2Co 12:7-10). Deus, porém, está sempre disposto a ajudar aqueles que confiam em Cristo.

Os exilados enfrentaram oposição porque recusaram ajuda das pessoas que permaneceram em Israel e dos estrangeiros trazidos pelos assírios (4:2-3; cf. 2Rs 17:24-41). Essa população híbrida e sincrética tornou-se conhecida mais tarde como samaritanos. O posicionamento de Zorobabel surpreende porque, a princípio, tal cooperação tornaria o trabalho de reconstrução muito mais rápido. Zorobabel, no entanto, provavelmente percebeu que cooperar com aquelas pessoas prejudicaria a santidade do templo, justamente o requisito fundamental para participar da empreitada, como se percebe no impedimento para o serviço religioso dos sacerdotes que não puderam comprovar sua genealogia (2:61-63). Portanto, como eles poderiam aceitar ajuda de povos com práticas religiosas duvidosas? Moral da história: nem toda oferta de cooperação deve ser acei-

ta. A igreja deve agir com prudência diante de ofertas não solicitadas de assistência, pois tais préstimos podem vir acompanhados de motivos escusos e prejudiciais.

Zorobabel baseou-se em princípios religiosos, porém respondeu com diplomacia ao rejeitar a oferta em obediência aos termos do decreto de Ciro.

Aborrecida, a população local passou a interferir por meio de várias táticas: causar desânimo (a expressão hebraica significa literalmente “enfraquecer o braço”), intimidar e corromper funcionários do império (4:4-5a). A carta aos Hebreus trata da questão do desânimo. Após relatar vários exemplos de pessoas que agiram pela fé, o autor constrange os cristãos a imitar a perseverança daqueles heróis, lembrando que, se olharmos firmemente para Jesus, o desespero e o desânimo desaparecerão (Hb 12:1-3).

Por causa da oposição, o povo não conseguiu terminar a reconstrução do templo no reinado de Ciro (559-530 a.C.), mas somente no reinado de Dario (522-486 a.C.) (4:5b).

O relato da reconstrução do templo é interrompido no versículo 5 e retorna somente no versículo 24, após a descrição das oposições que a comunidade de exilados enfrentou durante a reconstrução de Jerusalém e seus muros.

##### 4:6-23 Oposição durante o reinado de Xerxes e Artaxerxes

Conforme observado anteriormente, essa seção abre um parêntese na história da reconstrução do templo para mostrar o expediente utilizado pelos opositores a fim de obstruir as obras de reconstrução de Jerusalém. Eles adotaram a tática de enviar cartas aos governantes persas, sendo a primeira endereçada a Assuero, conhecido como Xerxes (486-465 a.C.). O texto bíblico não fornece a identidade do remetente ou o conteúdo dessa primeira carta (4:6).

A segunda carta, enviada a Artaxerxes (464-423 a.C.), é mencionada em mais detalhes. Conforme indicado em 4:7, foi escrita em aramaico, língua oficial do império persa. Na verdade, o texto bíblico de Esdras 4:8—6:18 foi escrito originalmente em aramaico, e não em hebraico.

O principal autor da carta é Reum, governador de Samaria (4:8-11; para mais detalhes sobre os samaritanos, cf. comentários em 4:2). Reum escreveu ao rei da Pérsia dizendo que, se os judeus conseguissem terminar a reconstrução de Jerusalém, revoltar-se-iam e deixariam de pagar os impostos (4:12-13). Ao final, Reum solicita ao rei consultar os arquivos reais a fim de verificar a rebeldia de Jerusalém contra os reis babilônios anteriores (4:14-16; 2Cr 36:1-21). Para os oficiais do império persa, a carta representou acusações muito sérias, pois duas coisas são essenciais na manutenção de um império: impostos e estabilidade. Interromper o pagamento de impostos ameaça o funcionamento da burocracia, ao passo que a separação de uma colônia poderia colocar em risco a estabilidade do império. Assuntos preocupantes como esses provavelmente explicam a resposta imediata e meticulosa de Artaxerxes que, após fornecer nome e endereço do des-

tinatário, passa a tratar de cada assunto mencionado na carta acusativa, porém em ordem inversa. As investigações do departamento administrativo da Pérsia confirmaram as acusações de Reum, de modo que o rei ordenou a interrupção das obras de reconstrução (4:17-22).

Ao ler a resposta, Reum e seus colegas saíram *apressadamente a Jerusalém, aos judeus, e, de mão armada, os forçaram a parar com a obra* (4:23).

Esse capítulo mostra claramente a seguinte conclusão: realizar a obra de Deus não é garantia de que tudo correrá às mil maravilhas. O mesmo ocorreu durante o êxodo: após demonstrar seu poder e libertar o povo do Egito, Deus permitiu que eles passassem fome e sede no deserto, bem como enfrentassem hostilidades das nações que encontraram pelo caminho. A dificuldade é parte do método de ensino de Deus. A oposição que os israelitas enfrentaram ao retornar do exílio contribuiu, sem dúvida, para fortalecer a fé, a confiança e a dependência de Deus. Essa comunidade recém-chegada precisava aprender a confiar em Deus e a viver em constante comunhão com o Senhor.

#### 4:24—5:2 *Retomada das obras durante o reinado de Dario*

Após relatar a existência dessas cartas, o autor retoma a narrativa da reconstrução do templo durante o reinado de Dario (4:24; 4:5). O capítulo 5 mostra que Deus está no controle dos acontecimentos, ainda que se tenha “ausentado” no capítulo anterior. De fato, o capítulo 4 não menciona nenhuma intervenção divina a fim de impedir a interrupção das obras. O silêncio de Deus ao enfrentarmos resistência ou rejeição não é sinal de sua ausência. O Senhor sempre intervém no momento oportuno (Ec 3:11). As catástrofes que o continente africano enfrenta hoje não significam que Deus abandonou a África.

A retomada das obras de reconstrução do templo é considerada resultado direto das profecias de Ageu e Zacarias (5:1). O povo, certamente desanimado com o decreto que interrompeu as obras e com a intimidação dos adversários, recebeu motivação por intermédio desses profetas e retomou a construção, apesar do decreto de Artaxerxes. As palavras que reanimaram os operários estão registradas no livro de Ageu e Zacarias, líderes que exerceram um ministério extraordinário de encorajamento em nome de Deus.

A igreja africana prega mensagens de julgamento com muita frequência. Embora julgamento e condenação sejam parte da pregação cristã, certas circunstâncias e acontecimentos deveriam motivar pastores e evangelistas a entregar mensagens de encorajamento. O povo africano está abatido, angustiado e não vê esperanças no horizonte. É preciso encorajá-lo a perseverar na certeza da intervenção divina. Na época de Esdras, a mensagem profética produziu esse efeito: sob a liderança de Zorobabel (líder político) e Jesua (líder religioso), os judeus retomaram o trabalho e, *com eles, os referidos profetas de Deus, que os ajudavam* (5:2).

#### 5:3-17 *A carta de Tatenai ao rei Dario*

A retomada das obras de reconstrução do templo atraiu a atenção de Tatenai, governador da província daquém do Eufrates, que se refere à Samaria (cf. 4:9-10). A responsabilidade de Tatenai era garantir a paz e o bom funcionamento de sua província. A partir de outras fontes históricas, sabemos que Dario enfrentou revoltas em várias partes do império persa no início de seu reinado. Consequentemente, Tatenai provavelmente temia que a reconstrução do templo causasse revolta nessa região próxima ao Egito.

A abordagem de Tatenai foi muito melhor que a de Reum (4:8-23). Na verdade, Tatenai é exemplo de bom governador. Primeiro, procurou saber se os judeus tinham permissão para construir (5:3) e depois, tomando cuidado para não generalizar, solicitou os nomes das pessoas que participavam do projeto (5:4).

Considerando a importância e papel do templo na sociedade judaica daquela época, Tatenai quis provas convincentes da existência de um decreto real autorizando sua construção. Parece que os judeus não puderam apresentar tal documento, de modo que ele escreveu ao rei persa solicitando instruções. Concedendo aos judeus o benefício da dúvida, Tatenai não forçou a interrupção das obras enquanto aguardava a resposta do rei. O autor atribui esse favor ao fato de que *os olhos de Deus estavam sobre os anciãos dos judeus* (5:5). A expressão “os olhos de Deus”, utilizada pela primeira vez nessa carta, significa o mesmo que “a mão do SENHOR” (7:6,9) e se refere à providência divina (Dt 11:12; Sl 33:18).

Outro sinal da administração competente de Tatenai é o fato de os judeus terem recebido uma cópia da carta enviada a Dario (5:6).

Na carta, Tatenai informa o rei sobre a existência desse projeto de construção na província de Judá e fornece detalhes dos materiais utilizados. Esse relatório ilustra a *diligência* com que os judeus responderam ao chamado dos profetas (5:7-8).

Em atitude escrupulosa, Tatenai cita a resposta dos construtores (repleta de ensino teológico) a seus questionamentos e dessa forma concede-lhes oportunidade de defesa (5:9-16): os operários apresentaram-se como *servos do Deus dos céus e da terra* (5:11; cf. comentário em 1:2) e informaram que as obras de construção não se referiam a um edifício novo, mas à reconstrução do templo destruído pelos babilônios. A pergunta implícita que surge inevitavelmente é: Como a casa de um Deus tão poderoso pôde ser destruída? Será que Deus foi derrotado? Não. Antes, os operários admitem que o motivo da destruição do templo e do exílio foi o pecado do povo de Israel (5:12).

Ao contrário de Reum, Tatenai não encerrou a carta em tom vago de desconfiança e medo de revoltas (4:15). Antes, apenas pediu que os arquivos fossem vasculhados a fim de verificar se de fato os judeus haviam sido autorizados por Ciro a empreender aquele projeto de reconstrução (5:13-17).

### 6:1-13 A resposta de Dario

O capítulo 6 é muito importante porque trata de uma série de acontecimentos que culminaram na autorização para reconstruir o templo, ponto de encontro da comunidade judaica. Começa com o relato de Dario ordenando uma busca nos arquivos reais e encontrando uma cópia do decreto de Ciro (6:1) em Acmetá (ou Ecbatana, NVI), capital da Média e local das residências de verão dos reis persas (6:2).

Essa cópia é ligeiramente diferente da versão registrada em 1:2-4 por fornecer alguns detalhes extras e observações teológicas: especifica que o templo deveria *ser um lugar em que se ofereçam sacrifícios* (sugerindo que nenhum outro lugar deveria ser utilizado para esse propósito), informa o tamanho do edifício e estipula que o tesouro imperial arcaria com os custos da obra (6:3-4). A restauração dos utensílios e outros objetos utilizados no templo foi mencionada em 1:7-11, porém essa cópia especifica que aqueles objetos deveriam retornar *para o seu lugar [...] recolocados na Casa de Deus* (6:5).

Após relatar a cópia do decreto, Dario instrui Tatenai a autorizar a continuação das obras (6:6-7) e, além disso, a conceder favores adicionais aos judeus: o tesouro imperial providenciaria o necessário para que os sacrifícios ocorressem *dia após dia, sem falta* (6:9; convém lembrar que, de acordo com 3:2, o altar já estava construído). Em troca desses favores, Dario pede que os judeus orem pelo bem-estar da família do rei (6:10). E, por último, pronuncia ameaças contra qualquer um *que alterar este decreto* (6:11-12).

Diante disso, Tatenai e os seus companheiros assim o fizeram *pontualmente* (6:13).

### 6:14-22 Conclusão das obras e dedicação do templo

Essa seção inicia com referências à providência de Deus quanto ao rumo dos acontecimentos: o Senhor é o responsável pelo sucesso da empreitada. Artaxerxes é mencionado antecipadamente em virtude de sua participação posterior (6:14; 7:21-26).

A data do término das obras corresponde a março de 515 a.C. (6:15), quase setenta anos depois da destruição do primeiro templo pelos babilônios. A inauguração foi celebrada *com regozijo*, sem lágrimas (6:16; cf. comentário em 3:12-13). Devido à precária situação política e econômica de Jerusalém, a quantidade de sacrifícios foi menor que a registrada em 2Crônicas 30:24 e 35:7. Doze cabritos foram oferecidos, *segundo o número das tribos de Israel*, pois os exilados se consideravam representantes das doze tribos (6:17).

O texto volta a ser escrito em hebraico após 6:18, como ocorre em 1:1 a 4:8.

A construção do novo templo não foi desperdício. Depois da inauguração, o culto a Deus foi restaurado conforme especificado na Livro de Moisés (6:18; Êx 12:18). A celebração da primeira Páscoa desde o retorno do exílio

é significativa se considerarmos que no livro de Êxodo a primeira festa da Páscoa simbolizou a libertação da escravidão do Egito (6:19-20,22; Êx 23:15). O livro de Esdras geralmente é acusado de propagar exclusivismo judeu, porém aqui o convite para a celebração foi enviado a todos aqueles que desejavam juntar-se à comunidade (6:21).

O templo representa a base da comunidade, e o término da reconstrução marca o fim do primeiro estágio de restauração da sociedade judaica. Os judeus que retornaram do exílio compreenderam as razões da punição de Deus e, a exemplo da linguagem do NT, voltaram a procurar em primeiro lugar o reino de Deus. Jesus prometeu aos que fizessem isso: “Todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). O primeiro passo para reconstruir a África é levar os africanos a se reconciliar com Deus.

### 7:1—10:44 Reconstrução da comunidade sob a liderança de Esdras

Esdras, herói do livro, é apresentado pela primeira vez nesse capítulo que fala de suas origens e da missão que ele se propôs a realizar. O capítulo 8 narra sua viagem da Babilônia para Jerusalém, e os capítulos 9 e 10 tratam da missão de reconstruir a comunidade judaica por meio da denúncia contra o casamento com estrangeiros.

#### 7:1-28 Apresentação de Esdras e sua missão

A genealogia mostra que Esdras pertence à linhagem de Arão, o primeiro sumo sacerdote (7:1-5; Êx 28:1). Na época do tabernáculo, quando não havia dinastia real em Israel, o sumo sacerdote também desempenhava função política na comunidade. Alguns comentaristas falam daquele sistema de governo como sendo uma hierocracia, isto é, governo dos sacerdotes. Os sacerdotes daquela época exerciam poderes executivo e judiciário, isto é, eram líderes e juízes da observância à Lei de Moisés. A genealogia de Esdras, portanto, fornece-lhe credenciais para liderar a reconstrução da comunidade.

Embora pertencesse à linhagem de sumo sacerdotes, Esdras também era *escriba versado na Lei de Moisés* ou, conforme a NTLH, “mestre da Lei” (7:6a). Naquela época, a função dos escribas não era apenas produzir cópias da lei, mas também ensiná-la, pois a consideravam como dada por Deus (7:6b).

Esdras desfrutava do favor do rei porque *a boa mão do SENHOR [...] estava sobre ele* (7:6c). No capítulo anterior, o autor fala dos “olhos de Deus” (5:5), mas aqui fala da “mão” de Deus ao se referir à providência divina (cf. 7:9,28; 8:18,22,31; Ne 2:8,18).

Esdras e aqueles que o acompanhavam saíram da Babilônia em direção a Jerusalém no primeiro dia do primeiro mês (7:7-9), uma data importante porque a festa da Páscoa, que ocorria naquele mês, relembra o êxodo do Egito (Êx 12:2). Essa data se torna ainda mais importante à luz do exposto em 7:10, em que Esdras é apresentado não ape-

nas como descendente natural de Arão, mas também descendente espiritual de Moisés. Mestre zeloso da lei, Esdras serviu de intermediário entre Deus e a comunidade, assim como Moisés. Na tradição judaica, Esdras geralmente é considerado “o segundo Moisés”.

No versículo 10, o autor explica as razões de a mão do Senhor estar sobre Esdras: ele não apenas ensinava a lei, como também a estudava e a cumpria (7:10). Esses três elementos são essenciais para uma vida cristã frutífera. Muitos cristãos não experimentam vida abundante porque ainda não priorizaram esses elementos. Como ocorre com frequência na África, sabemos como pregar a Palavra, mas não como colocá-la em prática.

A vida de Esdras serve de exemplo para o continente africano. Sua ida a Jerusalém tem por objetivo aplicar a lei do Senhor, missão impossível de alcançar a menos que a praticasse em sua própria vida. Esse é o preço a fim de pregar com credibilidade e merecer respeito. Pastores, evangelistas e professores cristãos precisam, acima de tudo, praticar a Palavra que pregam.

Após essa apresentação, o autor dá mais detalhes sobre as razões da ida de Esdras a Jerusalém ao providenciar uma cópia da autorização que Esdras recebeu do rei Artaxerxes (7:11-26). A autorização foi entregue a Esdras por meio de uma carta escrita em aramaico, pois se tratava de um documento oficial persa (7:11-12). As principais tarefas de Esdras eram: inspecionar Judá e Jerusalém a fim de verificar se o povo estava obedecendo à lei de Deus (7:14); levar as contribuições voluntárias que o rei e seus conselheiros tinham ofertado ao templo (7:15), bem como qualquer outra contribuição voluntária que fosse oferecida pelos judeus que ainda moravam na Babilônia (7:16); e entregar esses tesouros ao templo (7:17-20). Além disso, Esdras deveria informar aos *tesoureiros que estão além do Eufrates* sobre a isenção de impostos concedida aos funcionários do templo (7:21-24), designar juízes e magistrados para julgar de acordo com a lei do Senhor e ensinar ao povo essa lei (7:25).

Não sabemos com exatidão qual parte da lei Esdras tinha em mãos (7:14) e deveria ensinar em Jerusalém, mas provavelmente se tratava da Torá completa, isto é, os primeiros cinco livros do AT, também chamados de Pentateuco. Seja como for, Esdras recebeu considerável autoridade, pois tinha permissão até mesmo para impor pena de morte àqueles que não obedecessem à lei de Deus (7:26).

Todas essas responsabilidades são semelhantes àquelas de Moisés (Êx 18:24-26; 35:4-5,21-22).

Essa seção termina com um salmo de agradecimento escrito por Esdras de acordo com a grandiosa tradição do êxodo (7:27-28; Êx 15:1-18). Esdras não aspirava a glórias para si; antes, atribuiu todo sucesso a Deus, sem pretensão ou orgulho. Esdras provavelmente concordava com Salmos 127:1: “Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam”.

### 8:1-36 A viagem de Esdras a Jerusalém

Os sacerdotes, levitas e líderes de Israel que partiram com Esdras já foram mencionados de passagem (7:7,13,28), e a história da viagem começa fornecendo detalhes sobre essas pessoas (8:1-14), dando uma lista cujos dois primeiros nomes são bastante conhecidos: *Fineias* e *Itamar*, filhos de Arão (Êx 6:23-25). *Gêrson*, filho de Fineias, recebeu o mesmo nome do filho de Moisés (Êx 2:22). O fato de os descendentes da família sacerdotal serem mencionados em 8:1, antes dos descendentes de Davi (cf. 1Cr 3:22), confirma a importância dos sacerdotes durante o período pós-exílio. O restante da lista menciona pessoas comuns, iguais às listadas em 2:3-39.

Enquanto se preparavam para a viagem, Esdras e seus companheiros acamparam por três dias perto do rio Aava (8:15). Esdras ficou preocupado com a ausência de levitas no grupo e enviou mensageiros para trazerem alguns (8:16-20). Os levitas eram importantes para o funcionamento do templo e a viagem em si, pois eram os únicos autorizados a transportar os utensílios sagrados (Nm 3:5-8; 1Cr 15:2).

Antes de iniciar a viagem, Esdras instituiu um jejum coletivo, cujo propósito era consagrar a viagem a Deus e garantir proteção divina (8:21,23). Como já havia conversado com o rei sobre o poder de Deus, Esdras decidiu que solicitar escolta armada enfraqueceria seu testemunho (8:22).

Deus honrou o jejum de Esdras (8:31-32), porém devemos observar que nem sempre o Senhor age de modo sobrenatural em resposta ao jejum. Apesar de a Bíblia recomendar o jejum, essa não é a única forma de garantir resposta às nossas orações. E o jejum também não deve ser motivo de orgulho (Mt 6:1,16-18). Lamentavelmente, a África transformou o jejum hoje numa espécie de ritual mágico que até mesmo elimina a necessidade de Deus. Muitas vezes tem-se a impressão de que os cristãos participam de alguma competição para ver quem jejuou por mais tempo. Falam do jejum de três dias de Ester (Et 4:16) ou das três semanas de jejum de Daniel (Dn 10:2-3). Transformaram a prática do jejum em padrão de santidade a tal ponto que as pessoas que não jejuam são consideradas menos espirituais.

Neemias também jejuou, mas não teve vergonha de pedir uma escolta militar (Ne 1:4; 2:9). A graça de Deus não exclui intervenção humana; em ambos os casos, a fé é a mesma. Conforme escreveu o apóstolo Paulo: “Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz; e quem come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come para o Senhor não come e dá graças a Deus” (Rm 14:6).

O autor fornece um relato detalhado de como Esdras entregou o dinheiro e os objetos pertencentes ao templo aos cuidados dos sacerdotes e levitas (8:24-27); estes deveriam prestar contas dos tesouros quando chegassem a Jerusalém (8:28-30). Na cidade, os bens foram contabilizados a fim de verificar se estavam em ordem: *tudo foi contado e pesado, e o peso total, imediatamente registrado* (8:33-34). O episódio nos lembra da importância de administrar os bens



da igreja de modo apropriado. O relapso no gerenciamento dos recursos impede o crescimento da igreja (cf. comentário em 1:9-11a).

### 9:1—10:44 Casamentos mistos

Os últimos dois capítulos do livro tratam do problema dos casamentos mistos entre judeus e pessoas de outras origens.

Pouco tempo depois de chegar a Jerusalém, Esdras foi informado de que tanto os leigos quanto os funcionários do templo haviam tomado esposas estrangeiras (9:1). A passagem de 9:2 reflete o perigo resultante dessa prática conforme identificada em Deuteronômio 7:3: deturpação daquilo que deveria ser uma linhagem familiar sagrada. O pior é que os líderes foram os primeiros a incorrer nesse pecado!

Alguns dos patriarcas se casaram com esposas estrangeiras (Abraão, Gn 16:3; José, Gn 41:45; Moisés, Êx 2:21), porém mais tarde o Senhor disse ao seu povo que o casamento com pessoas de Canaã conduziria Israel à apostasia (Êx 34:10-16). De acordo com 1Reis 11:1-8, Salomão se afastou de Deus por causa de suas esposas estrangeiras. A infidelidade de Salomão causou a divisão do reino. O NT também proíbe os cristãos de se colocarem “em jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6:14).

Ocorre na África, assim como em outros lugares do mundo, um crescente pluralismo religioso. Se não prestarmos atenção, corremos o risco de perder nossa identidade cristã em nome da tolerância. Mas percebam que estamos falando aqui de nossa identidade pessoal e espiritual, e não da sociedade como um todo, na qual certamente deve haver tolerância para com outras práticas religiosas (cf. comentário em 2:68).

Esdras ficou profundamente triste com a notícia e adotou o modo tradicional de expressar lamentação: rasgou suas vestes e arrancou os cabelos e a barba (9:3-4) — prática ainda bastante expressiva entre os africanos. Depois, orou pelo povo (9:5-15).

A oração de Esdras revela que ele era o verdadeiro sucessor de Moisés (cf. comentário em 7:27-28; Êx 32:11-13).

Esdras não faz nenhum pedido, porque o foco da sua oração é a confissão; ele simplesmente admite que o julgamento de Deus é justo, embora esteja ciente da graça que acompanha o julgamento (9:13).

Confissão sincera exige mudança verdadeira. Percebendo a dor de Esdras durante a oração, o povo se uniu a ele em prantos (10:1). Em nome de toda a comunidade, Secanias achega-se a Esdras (10:2), admite o pecado e resolve agir. Assim, o próprio povo decidiu mandar embora as esposas e crianças estrangeiras (10:3-17). Ao que tudo indica, Esdras não impôs essa decisão; como bom mestre, seu trabalho era ensinar a lei e, por meio dela, lembrar ao povo suas responsabilidades. Soluções impostas geralmente não são bem recebidas. Esdras mudou a atitude da comunidade por meio de seu exemplo pessoal.

O livro de Esdras termina apresentando uma lista dos homens que despediram suas esposas (10:18-44) e, deste modo, louvando a atitude deles.

Essa decisão de mandar embora as esposas pagãs ocorreu num contexto de ameaça à sobrevivência da comunidade judaica e não deve ser usada como regra para a igreja. O apóstolo Paulo também se opõe a essa prática (1Co 7:12-14). Contudo, de modo geral o livro de Esdras termina salientando a purificação da nova comunidade, que, fundamentada na obediência a Deus, garantiu o futuro do povo, tanto naquela época como atualmente (1Pe 1:13-16).

Nupanga Weanzana

### Leituras adicionais

BROWN, Raymond. *The Message of Nehemiah: God's Servant in a Time of Change*. BST. Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1998.

ROSSIER, H. L. *Ezra, Nehemiah, Esther*. H. L. Rossier Commentaries. Sunbury, Pa: Believers Bookshelf, 2003. Também disponível em <http://www.biblecentre.org/commentaries>.

STEDMAN, Ray C. e James D. DENNEY. *Adventuring Through the Bible: A Comprehensive Guide to the Entire Bible*. Discovery House, 1997.

# NEEMIAS

Como já foi dito na introdução ao comentário de Esdras, Esdras e Neemias constituíam originariamente uma única obra. Na mesma introdução, constam as informações acerca de seu possível autor, o contexto histórico e a relevância de ambos os livros para a África.

Diferentemente de Esdras, cuja personagem principal aparece pela primeira vez no capítulo 7, em Neemias o protagonista já é mencionado desde o primeiro versículo. É muito difícil determinar a espécie de relacionamento que havia entre os dois heróis, unidos na comunidade pós-exílica. O ministério de Esdras teve início no sétimo ano do reinado de Artaxerxes (Ed 7:8), enquanto Neemias só entra em cena no vigésimo ano de governo do mesmo rei (1:1). Eles eram, contudo, contemporâneos. A narrativa bíblica, no entanto, dá a impressão de que os dois homens realizaram trabalhos independentes e que não se conheciam até então. Também não é fácil determinar com absoluta precisão a época exata de suas operações, pois o autor não se mostra particularmente interessado na cronologia dos eventos. Sua narrativa é mais dirigida a episódios específicos. Alguns estudiosos acreditam que Neemias se associou a Esdras por entender que este, na condição de escriba e sacerdote, teria precedência sobre ele, um simples leigo.

O nome Neemias quer dizer “o SENHOR conforta”, significado que nos deixa cientes do conteúdo de todo o livro. A obra de Neemias trouxe restauração e restabeleceu a confiança dos que haviam retornado do exílio.

O principal tema de Neemias é a reconstrução das muralhas de Jerusalém, que os babilônios haviam destruído quando conquistaram a cidade (2Cr 36:19). Os exilados que haviam retornado na primeira leva, liderada por Zorobabel e Josué, tinham mais interesse em reconstruir o templo que os muros. Começaram então a reedificar os muros, mas tiveram a obra embargada pelo rei Artaxerxes (Ed 4:12,21-22). O livro relata a segunda e bem-sucedida tentativa de reconstrução. Embora Neemias reconheça a graça de Deus no êxito do empreendimento, é evidente que a personalidade desse homem foi um fator determinante para sua realização. Desse modo, o livro de Neemias contém informações que nos permitem identificar as características do verdadeiro líder.

Qualquer um que ler esse livro ficará impressionado com o caráter desse líder que com tanta eficiência supervisionou a reconstrução das muralhas de Jerusalém, a despeito da constante oposição. Ele foi muito mais que um homem de ação: foi também um homem de oração. A história inteira é permeada com orações: longas,

curtas, de longo prazo ou em caráter de urgência, por alguma situação particular.

Neemias acreditava no poder da oração. Além disso, ele tinha confiança absoluta no Deus a quem dirigia suas orações e sabia que Deus operava por intermédio do ser humano. Ele não via nenhuma contradição entre a ação divina e a iniciativa humana. Por exemplo, embora soubesse como ficar na dependência de Deus, ele solicitou o auxílio de uma escolta para proteger a caravana em sua jornada até Jerusalém. Ele também foi um comandante que liderava pelo exemplo, em qualquer circunstância. Por fim, também teve capacidade para planejar a importante obra da qual fora incumbido. Na ocasião em que pediu ao rei permissão para reconstruir os muros, Neemias mostrou ter feito o dever de casa, pois estava apto não só a explicar em detalhes a execução do projeto, como também a relacionar o material necessário àquela obra.

Como também já foi dito na introdução ao livro de Esdras, os teólogos africanos elaboraram uma teologia da reconstrução com base nesse episódio da história de Israel. As qualidades demonstradas por Neemias são extremamente necessárias para a reconstrução do continente africano nos dias de hoje.

## Esboço

### 1:1—7:73 A missão de Neemias em Jerusalém

- 1:1-4 A situação em Jerusalém
- 1:5-11 A oração de Neemias
- 2:1-9 Viagem a Jerusalém autorizada pelo rei
- 2:10-20 Chegada a Jerusalém e primeira oposição
- 3:1-32 A reconstrução dos muros de Jerusalém
- 4:1-23 Outra oposição
- 5:1-19 Crise econômica e social
- 6:1-19 A obra concluída, apesar da crescente oposição
- 7:1-73 Repovoamento de Jerusalém e Judá

### 8:1—10:39 Renovação da aliança

- 8:1-18 Leitura do Livro da Lei e a Festa dos Tabernáculos
- 9:1-37 Jejum e confissão de pecados
- 9:38—10:39 Renovação da aliança com Deus

### 11:1—13:31 Últimas providências para a restauração

- 11:1—12:26 Mais informações sobre o repovoamento
- 12:27-43 Dedicção dos muros de Jerusalém
- 12:44—13:31 Outras reformas instituídas por Neemias

## COMENTÁRIO

### 1:1—7:73 A missão de Neemias em Jerusalém

A primeira das principais seções do livro trata da restauração das fortificações de Jerusalém sob a liderança de Neemias. Começa com o estado de desespero da cidade e de seus habitantes e então passa aos fatos relacionados com a construção e a oposição enfrentada pelos construtores.

#### 1:1-4 A situação em Jerusalém

O livro é apresentado ao leitor com uma poderosa declaração: *As palavras de Neemias* (1:1a). A frase dá a impressão de que iremos começar a ler uma história pessoal, uma autobiografia. O livro, porém, é mais que isso, pois, embora comece na primeira pessoa (eu, mim), a narração de Neemias prossegue na terceira pessoa (ele).

Na abertura do livro, Neemias está em Susã, a residência de inverno dos reis da Pérsia (1:1b). O clima foi o principal motivo de os reis haverem escolhido aquela localidade para estabelecer seu quartel-general. Acmetá (ou Ecbatana), situada nas montanhas geladas, era a residência de verão. De modo semelhante, alguns países africanos possuem duas capitais, sendo uma a capital administrativa oficial, e a outra, a capital “privada”, muitas vezes o povoado natal do chefe de Estado, cuja geografia acaba transformada pela construção de hotéis luxuosos e outros edifícios.

Um longo período de estabilidade imposto pelo Império Persa tornou possíveis as viagens entre a capital e as províncias. Assim, Neemias pôde unir-se a Hanani e a outros homens que haviam chegado de Judá (1:2a). Neemias refere-se a Hanani como *um de meus irmãos*, o que pode indicar que eles fossem parentes próximos, mas isso também pode ser entendido em sentido mais amplo, como não raro acontece na cultura africana. Um missionário que não entendia o sistema familiar africano ficou espantado quando seu cozinheiro o informou de que perdera mais de um pai no mesmo ano. O missionário entendeu que o pai biológico do cozinheiro havia morrido, mas ficou confuso com a referência a outros pais. O cozinheiro então explicou: “O irmão mais velho e o irmão mais jovem de meu pai também são meus pais”.

Neemias indagou de Hanani e seus companheiros acerca dos *judeus que escaparam* (1:2b). Essa é a primeira vez que o termo “judeus” é usado na Bíblia. A palavra veio a ser, após o exílio, o nome genérico do povo de Deus. Não está muito claro se Neemias, com sua pergunta, tem em mente os que retornaram da Babilônia para Jerusalém depois do exílio, ou os poucos judeus que escaparam de ser deportados e viviam num país em ruínas. Sua pergunta provavelmente diz respeito a ambos os grupos.

A resposta dos homens não foi reproduzida em detalhes. O que temos em 1:3 é o sumário das informações acerca da situação do povo e da cidade. Os sobreviventes do exílio achavam-se em estado de miséria e eram desprezados e ri-

dicularizados. O fato de os muros de Jerusalém estarem em ruínas significava que a cidade estaria completamente indefesa diante do ataque de qualquer inimigo. Preocupados em reconstruir o templo, Zorobabel e Esdras não haviam atentado para o grave problema que representava a ausência de uma muralha (Ed 1—8).

A reação imediata de Neemias àquelas informações foi chorar e lamentar (1:4). O modo em que Neemias expressou sua tristeza é idêntico ao de muitas tribos africanas: ele se sentou e chorou. O mais extraordinário é que ele se afligia pela tristeza de outros. Cada vez mais, a sociedade africana está abandonando seu tradicional senso de comunidade e adotando o individualismo, que nos faz insensíveis ao sofrimento alheio. A carta aos Hebreus aconselha que nos lembremos dos que estão presos como se estivéssemos na prisão com eles e dos que sofrem maus-tratos como se sofréssemos com eles (Hb 13:3).

#### 1:5-11 A oração de Neemias

A preocupação de Neemias com seu povo não ficou só na lamentação. Ao lamento seguiu-se a intercessão por eles. Essa passagem apresenta a primeira oração de lamento de Neemias.

As palavras introdutórias de sua oração lembram-nos três fatos importantes sobre Deus: sua grandeza e poder; sua fidelidade à aliança feita com Israel; sua misericórdia (1:5). Expressando-se de forma apaixonada, Neemias implora a Deus que o escute, pois ele está orando *dia e noite* (1:6a). Essa expressão não significa que Neemias estivesse orando a noite toda e o dia todo. Se fosse assim, não teria condições de cumprir seus deveres na corte. Suas palavras exprimem, em vez disso, o fervor de sua oração.

Alguns crentes dos centros urbanos da África (as áreas rurais em geral estão livres desses excessos) sentem-se motivados pelo que acreditam ser o exemplo de Neemias e de mais alguns poucos casos relatados nas Escrituras e pela instrução de “orar sem cessar” (1Ts 5:17). Com isso, promovem longas vigílias de oração, que causam problemas para os que têm de trabalhar no dia seguinte. No entanto, quase todos os que incitam os crentes a esse tipo de vigília depois vão para casa dormir, enquanto os outros são obrigados a comparecer ao trabalho. A fadiga impede que esses cristãos cumpram suas obrigações a contento, o que lhes acarreta sérias dificuldades, e alguns até perdem o emprego! É oportuno lembrar que estaremos imitando Neemias quando demonstrarmos equilíbrio em todas as coisas. Devemos ser um povo de oração, mas também um povo de ação.

O tom e a forma da oração mostram a solidariedade de Neemias para com seu povo (1:6b). Em 1:5, ele menciona a fidelidade de Deus à aliança, e em 1:7 admite que o povo não foi igualmente fiel. O exílio fora a consequência do pecado da nação e de sua desobediência a Deus.

Ao pedir a Deus que lembre algumas cláusulas da aliança (1:8), ele não está insinuando que Deus esqueceu os

termos estabelecidos em Deuteronômio 30:1-4. Deus não podia esquecer seu povo (9:31,33-34). Neemias se expressa em termos humanos, pedindo a Deus que intervenha para mudar a situação (1:9). Ele relembra a Deus a redenção operada no passado em favor de seu povo (1:10), a começar pelo êxodo do Egito (Êx 6:1; 9:16; 32:11), e então no segundo êxodo, quando os exilados retornaram da Babilônia para Judá (Ed 1:1—2:70).

Neemias faz um pedido bem específico em 1:11a: ele pede a Deus para ser *bem sucedido* e alcançar *mercê* perante o rei, embora não use a palavra “rei”, preferindo referir-se ao monarca como *este homem*. No final da oração, Neemias informa a seus leitores o cargo que ocupava na corte: ele era *cofeiro do rei* (1:11b). O cofeiro era um empregado de confiança, responsável por provar o vinho do rei, a fim de verificar se a bebida estava ao gosto do soberano e se não estava envenenada antes de lhe passar o copo. Por isso, ele tinha acesso fácil e direto ao monarca. Sem dúvida, exilados como Neemias já estavam integrados à sociedade babilônica e ocupavam cargos importantes.

O cargo de Neemias e sua atitude nos lembram Moisés. A despeito da posição privilegiada na corte de Faraó, pesava-lhe na alma a situação de seu povo, que fora reduzido à escravidão (Êx 2:10-11).

## 2:1-9 Viagem a Jerusalém autorizada pelo rei

Depois da oração, veio a ação (1:5-11). Neemias havia pedido a Deus que fizesse o rei olhar para ele, Neemias, de maneira favorável. Essa seção relata como Deus respondeu à oração de Neemias, desobrigando-o de seus deveres de cofeiro.

O mês de nisã (2:1a) chegou quatro meses após Neemias receber as notícias de Jerusalém (1:1). Correspondia ao primeiro mês do ano babilônico, em que era usual a concessão de favores. De modo semelhante, em muitos países africanos, janeiro tem sido o mês em que os chefes de Estado concedem anistia a alguns prisioneiros e aliviam a condição de outros.

A tristeza que Neemias demonstrava enquanto desempenhava suas funções pode ter sido consequência de vários meses de jejum e oração ou tão somente resultado da comparação entre o ambiente festivo à sua volta e a terrível situação de seu povo em Jerusalém. Provérbios 15:13 diz: “O coração alegre aformoseia o rosto, mas com a tristeza o coração o espírito se abate”. Quando o rei lhe perguntou a razão do semblante carregado, Neemias foi tomado pelo medo. Ele podia ser punido por se mostrar aborrecido na presença do rei. Estava apreensivo também porque chegara ao momento de revelar o que havia em seu coração (2:1b-2). Contudo, Neemias teve coragem suficiente para pedir a Artaxerxes permissão para continuar a obra que o próprio soberano ordenara que fosse interrompida (Ed 4:1-24). A simples apresentação desse pedido podia pôr em risco a vida de Neemias.

A resposta de Neemias à pergunta do rei foi muito cuidadosa (2:3). Falou de Jerusalém não em termos políticos, mas fazendo referência aos fortes laços dos judeus com os túmulos de seus ancestrais, dando a impressão de que sua preocupação era concernente apenas ao estado daquelas sepulturas.

O medo de Neemias aos poucos se evaporou, à medida que o rei se mostrava cada vez mais interessado em sua história, fazendo outra pergunta. Pela segunda vez, Neemias orou. Essa oração por certo foi silenciosa, não em voz alta, contudo Deus ouve qualquer tipo de oração (2:4). Então Neemias formalizou seu pedido. Mais uma vez, fez menção à *cidade dos sepulcros de meus pais* e pediu ao rei permissão para reconstruir Jerusalém (2:5).

A terceira pergunta do rei dizia respeito ao tempo necessário para a execução do projeto (2:6). A resposta de Neemias a essa questão não está registrada. No entanto, sabemos que ele se ausentou por pelo menos doze anos (5:14). Sem dúvida, nos quatro meses que precederam a entrevista com o rei, Neemias se dedicou à elaboração detalhada do projeto. Ele previu todas as etapas e procedimentos e pôde assim apresentar um projeto plausível ao monarca. Neemias não era um líder que agia por impulso. Planejava tudo em detalhes antes de agir, ao contrário de muitas igrejas africanas, que iniciaram projetos, mas não puderam concluí-los por havê-los implantado às pressas, sem o devido planejamento. Depois de quatro meses orando e pensando no que fazer, Neemias pôde mostrar um projeto detalhado quando se lhe apresentou a ocasião ideal. A oração não exclui o planejamento.

Seu primeiro pedido foi que o rei lhe desse algumas cartas, endereçadas aos governadores do outro lado do rio Eufrates, que serviriam de salvo-conduto através das áreas por eles controladas (2:7). Neemias pediu ainda uma carta endereçada a Asafe, o *guarda das matas do rei*, porque necessitaria de madeira da floresta para restaurar os portões da cidade, o muro e a casa em que iria residir (2:8). O rei atendeu a esses pedidos, fato atribuído à *boa mão do meu Deus*. A exemplo de Esdras (Ed 7:27-28), Neemias deu o crédito de tudo ao Senhor. De posse das cartas solicitadas e protegido por uma escolta militar, ele partiu para Jerusalém (2:9).

## 2:10-20 Chegada a Jerusalém e primeira oposição

Antes de chegar a Jerusalém, Neemias foi informado da hostilidade com que iria se deparar, da parte de *Sambalate, o horonita, e Tobias, o servo amonita* (2:10a). (No original, o nome Tobias termina com *-iah*, uma forma reduzida do nome de Deus, Javé.) Os dois homens provavelmente eram líderes locais que enxergaram em Neemias uma ameaça à autoridade que exerciam naquela jurisdição. Não lhes agradava que alguém viesse a procurar o bem dos filhos de Israel (2:10b). O emprego da expressão “filhos de Israel” (ou “israelitas”) é significativo, pois mostra que o autor tinha na conta de povo de Deus, representados nas doze tribos, os exilados que haviam regressado a Jerusalém. Depois que

## LIDERANÇA

Muitos dos tradicionais conceitos africanos de liderança se identificam com a lenda kikuyu sobre o despótico rei Gikuyu, que foi destronado por causa de seu governo tirânico e substituído por um conselho de anciãos escolhidos dentre os habitantes mais velhos da comunidade que haviam sido guerreiros. As sociedades africanas mais tradicionais são governadas por conselhos de anciãos que já mostraram sua bravura na batalha. Os africanos são sempre mais responsivos a líderes fortes, que exigem obediência, como se vê pela rápida ascensão ao poder do rei zulu Shaka. A ênfase ao poderio militar espelha a hegemonia dos homens nos conselhos (a despeito da ocasional ascensão de mulheres com excepcionais qualidades de liderança). O modelo militar também é reflexo da liderança por hierarquia, com as ordens vindo de cima para baixo.

Espera-se do líder que ele também possua recursos econômicos suficientes para sustentar os que estão à sua volta. Eles estabelecem sua autenticidade pelo cuidado que dispensam aos outros. Presume-se que irão praticar *ubuntu*, dando ao povo a primazia. Assim, não é incoumum que, na composição da liderança do clã, diretores de escola e homens de negócios bem-sucedidos sejam os mais procurados pelo povo.

Além de poder e riqueza, espera-se também conhecimento dos líderes africanos. Um provérbio massai diz: “Quando um ancião morre, uma biblioteca é enterrada com ele”. Os anciãos são os repositórios da história africana. E não só isso: espera-se que eles também tenham conhecimentos de magia. Todos presumem que um líder (chefe, rei) seja capaz de estabelecer contato com os ancestrais. Com base no conhecimento do líder, cria-se a expectativa de que ele tenha sabedoria, capacidade para resolver os conflitos da comunidade. O líder é considerado um solucionador de problemas e um pacificador.

A liderança é muitas vezes hereditária, mesmo que os novos líderes não possuam as qualidades de liderança de seus predecessores. Todavia, no caso de ninguém apresentar as qualidades descritas anteriormente ou quando o líder cai em desgraça diante do povo, o poder é conferido a um conselho de anciãos. Julius Nyerere, que foi presidente da Tanzânia, popularizou o conceito de *ujamaa*, o qual propõe uma liderança por companheirismo (ou em parceria), na qual o líder é um entre iguais.

### Influências ocidentais

A colonização e a cristianização da África operaram tremendas mudanças no conceito e nas estruturas de liderança. A idade e a antiguidade foram postas de lado,

por força da educação ocidental, principalmente quando a linguagem europeia passou a ocupar o centro do palco. A liderança tornou-se mais inclusiva, misturando homens e mulheres, jovens e velhos. A introdução da economia monetária e do moderno sistema militar desafiou a liderança derivada de poderes místicos. Com a proliferação de novas estruturas governamentais, grandes corporações e infraestruturas elaboradas demandavam novas formas de liderança. Infelizmente, parte do vigor e dos valores do antigo sistema, como a importância que se dava ao conhecimento sazonal da vida, à sabedoria e aos conceitos *ubuntu* e *ujamaa*, foi desacreditada ou perdida e substituída por orgulho e arrogância. A liderança passou a ser orientada por posições, privilégios, poder e *pesa* (“dinheiro”, em suaili). A liderança, em geral, passou a ser entendida conforme o modelo secular ocidental. Contudo, o estilo “mão no bolso” não é bíblico nem africano.

### Qualidades bíblicas de liderança

A Bíblia utiliza seis metáforas para se referir ao bom líder:

- É o servo que cuida dos outros (Mc 10:35-45; Lc 22:24-27).
- É um bode expiatório que leva a carga dos outros e sofre a punição por eles (Lv 16:10-26; Jo 11:50).
- É um pastor que cuida das ovelhas e as protege (Sl 23:1-5; Jo 10:1-15; At 20:28; 1Pe 5:1-4).
- É um despenseiro que guarda os valores alheios (Lc 19:11-26; At 20:35; 2Tm 1:11-14).
- É um aluno, um estudante, um escriba que ouve e aprende de outros (Ed 7:10; At 20:17-21; 2Tm 2:15).
- É um vendedor, que motiva e inspira os outros (Nm 14:6-9,24; Js 14:8; 2Tm 1:6-7).

Jesus sintetiza essas qualidades, e outras mais, razão por que cita a si mesmo como exemplo de liderança (Mt 20:26-28).

O modelo de liderança de Cristo é necessário hoje tanto para a igreja como para a sociedade africana. Esse tipo de liderança requer pureza de coração (Deus olha o coração, não a cabeça), paixão pelo povo, poder para servir por meio da oração, espírito pioneiro, sabedoria prática para solucionar problemas e perseverança. Líderes que seguem o modelo de liderança de Cristo são criativos, visionários, habilitados, sábios, cuidadosos e responsáveis — líderes completos. Desnecessário dizer que também são humildes. Serão conhecidos por seu caráter, competência, coragem, compromisso e compaixão.

Tokunboh Adeyemo

chegou a Jerusalém, Neemias descansou três dias antes de iniciar qualquer atividade (2:11).

Bem antes disso, Esdras e sua comitiva também haviam tirado três dias de descanso logo que chegaram a Jerusalém (Ed 8:32). O descanso é necessário, e esse tempo também pode ser usado para análise da situação, como fez Jonas em Nínive e Paulo em Atenas (Jn 4:5; At 17:16). Muitos pastores africanos não permitem a si mesmos um período de descanso. Alguns chegam a pensar que o descanso representa negligência para com a responsabilidade pastoral e estão sempre com a agenda sobrecarregada. No entanto, a recusa em descansar acaba afetando a sua saúde e impedindo que exerçam um ministério eficaz.

Antes de empreender qualquer tarefa, Neemias procurou familiarizar-se com a situação de Jerusalém e de seus habitantes. A inspeção confirmou as informações que ele recebera (1:3), o que lhe possibilitou traçar um plano de ação bem realista.

Percebendo que havia oposição, Neemias achou melhor agir com toda a cautela. Por isso, resolveu inspecionar os muros à noite, acompanhado de alguns homens de confiança. Ele montou seu próprio cavalo, porque este, acostumado com seu amo, não faria barulho. A discrição nos menores detalhes é um elemento importante para o êxito de qualquer empreendimento (2:12-16).

Depois de verificar a condição de Jerusalém, Neemias, que havia chorado em Susã, agora se mostrava imperturbável. O tempo das lágrimas havia passado; chegara o momento de agir. Como africanos, precisamos aprender um pouco mais acerca dessa atitude. Neemias chorou ao tomar conhecimento da situação da cidade, mas deixou a tristeza de lado no momento de pôr mãos à obra. Os cristãos africanos não podem deixar-se abater pelo desespero. Podemos, naturalmente, expressar nossa tristeza nos momentos difíceis, mas nosso choro não deve obstruir nossa ação (Hb 10:36,39).

Depois de descansar e proceder à inspeção, Neemias chamou a atenção do povo para o lamentável estado da cidade (fazendo referência a 1:3) e revelou sua intenção de reconstruir o muro (2:17-20). É de admirar que os judeus, conscientes de sua triste situação, não tenham feito nada para remediá-la. Será que não tinham um líder? Qualquer que fosse a razão, o impulso para reconstruir a muralha veio de fora.

Neemias planejara tudo com extremo cuidado, mas atribuiu sua missão e o êxito em realizá-la, que ele considerava remoto, ao apoio de Deus ao seu projeto (2:18). A resposta dos judeus — *Disponhamo-nos e edifiquemos* — é sem dúvida o versículo mais citado do livro. É com frequência o tema de conferências em nosso continente e um desafio que a África precisa encarar. Nosso continente tem sofrido com guerras e pilhagens constantes. A cada conflito, pessoas são massacradas, roubadas e queimadas. Chegou o momento de a igreja africana atender ao chamado de Neemias para agir e dar início a um tempo de paz e de reconstrução.

O tema da oposição, referido pela primeira vez em 2:10, não tarda a ressurgir. Um terceiro adversário, *Gesém, o árabe*, juntou-se a Sambalate e Tobias (2:19). A estratégia deles consistia em escárnio e mentiras. A exemplo de Neemias, aquele que serve a Deus sempre encontra oposição, a despeito de suas orações.

Uma das acusações dirigidas aos judeus era que eles pretendiam rebelar-se contra o rei (Ed 4:12-13). Esse argumento político desonesto chamava a atenção, porque Jerusalém estava situada num local estratégico, junto à estrada que ligava o Egito à Pérsia. Por essa razão, o governo persa estava sempre alerta a qualquer sinal de deslealdade em Judá. Tal preocupação era legítima porque nos tempos de Neemias o Egito era uma colônia persa em constante rebelião, e o rei da Pérsia, caso precisasse intervir, não podia encontrar nenhuma obstrução em Jerusalém.

Neemias, no entanto, recusou-se a discutir com seus oponentes. Ele se limitou a uma declaração formal e deixou o caso aos cuidados de Deus (2:20; Rm 12:19).

### 3:1-32 A reconstrução dos muros de Jerusalém

O capítulo 3 registra o nome dos que participaram da reconstrução dos muros e especifica a tarefa de cada um. Neemias organizou o trabalho de tal forma que cada participante trabalhava numa seção diante da própria residência.

O registro inicia com os que trabalharam no lado norte de Jerusalém (3:1-7), em seguida são relacionados os do lado oeste (3:8-13), depois os do lado sul (3:15-32), para então retornar ao lado norte. O primeiro e último local mencionado é a Porta das Ovelhas (3:1,32). Ao que parece, era a porta que dava acesso ao local onde as ovelhas destinadas ao sacrifício eram lavadas — um símbolo interessante, porque a obra de Neemias envolvia arrependimento (9:7-37).

A lista dos construtores começa com os sacerdotes, homens considerados exemplares: *Eliasibe, o sumo sacerdote, com os sacerdotes, seus irmãos [...], reedificaram a Porta das Ovelhas (3:1)*. Eliasibe, que é citado em Esdras 10:6, será mencionado outra vez em 3:20-21. O envolvimento do sumo sacerdote era significativo, porque depois do exílio sua posição passou a ser considerada de suprema importância, uma vez que a fé era o único vínculo a unir o povo judeu espalhado pelo multicultural Império Persa.

O envolvimento do sumo sacerdote era uma resposta convincente à exortação de 2:18: “Disponhamo-nos e edifiquemos”. Diferentemente daqueles sacerdotes, alguns servos de Deus na África adquirem o título de sacerdote, pregador ou pastor com o propósito de serem servidos, não de servir. Tal atitude é perniciosa, porque o discípulo cristão retém melhor o que aprende com o exemplo e a atitude de seu pastor. Os pastores carregam uma grande responsabilidade (1Tm 3:1-13).

Meremote era o tesoureiro, a quem eram confiados a prata, o ouro e os utensílios do templo (3:4; Ed 8:33). Isso

é notável porque seu avô, Coz, é mencionado em Esdras como um dos sacerdotes cuja genealogia não pôde ser comprovada (Ed 2:61).

Tecoa (3:5) era um pequeno povoado ao sul de Jerusalém, conhecido por ser a cidade natal do profeta Amós (Am 1:1). Somos informados de que os nobres dessa cidade *não se sujeitaram ao serviço do seu senhor* (literalmente, “não meteram o seu pescoço ao serviço do senhor”, RC). A atitude deles pode ser classificada como a de homens “de dura cerviz” (cf. 9:15-16,29; Êx 32:9; At 7:51). Encontramos nos idiomas africanos diversas formas correspondentes a essa expressão idiomática. Por exemplo, daqueles que se recusam a obedecer dizemos que têm a cabeça dura.

As filhas de Salum também ajudaram na reconstrução da muralha (3:12). Somos levados a pensar que, em tal ambiente de trabalho, mulheres e meninas estivessem excluídas, mas isso não aconteceu. Na África, as mulheres são muitas vezes marginalizadas pela sociedade, mais ainda na igreja, onde só lhes é permitido o exercício de funções secundárias. Precisamos entender o papel das mulheres ao ler Neemias. A longa listagem de trabalhadores mostra o que o povo de Deus era capaz de fazer quando resolvia trabalhar junto. Esses judeus eram provenientes das mais diversas famílias, de diferentes classes sociais e profissionais e de ambos os sexos, no entanto trabalhavam juntos, em perfeita cooperação e coordenação. Quase quarenta grupos são mencionados, todos concordes a respeito da necessidade de reconstruir os muros. Contudo, a união do povo em torno dessa questão não anulava as diferenças que havia entre eles. Nós também, como crentes, precisamos lembrar que, embora nossas práticas sejam diferentes, temos um objetivo comum: a proclamação do reino de Deus (Jo 17:21). Não é normal que a igreja de modo geral e a igreja africana em particular estimulem as divisões herdadas de diferentes tradições. O inimigo, que conhece o poder da união e sabe que ela tem a bênção de Deus (Sl 133), procura de todos os modos destruí-la. Não vamos dar a ele essa oportunidade! O relatório de Neemias mostra que, a despeito das forças hostis, a construção da muralha foi concluída graças à união do povo.

#### 4:1-23 Outra oposição

O autor retoma aqui o tema da oposição, introduzido em 2:10,19-20. A seção descreve diversos ataques a Neemias e aos construtores pelos inimigos já mencionados, que tinham a intenção de interromper a obra.

A oposição agora se intensifica. Em 2:19, consistia tão somente em zombaria e pouco caso, mas agora os ânimos estão exaltados. Depois que percebeu que os construtores estavam empenhados no trabalho e que os muros começavam a se erguer, Sambalate ficou furioso (4:1). Se antes ele escarnecia dos construtores em particular, agora tentava ridicularizá-los em público, na presença de seus aliados e do exército de Samaria (4:2). Ele desdenhava do esforço dos construtores, chamando-os de *fracos judeus*. Mas em que ele se baseava

para dizer que eram fracos? Por serem apenas judeus repariados? Por serem um povo sem rei? Por serem poucos em relação ao tamanho da obra? Qualquer que fosse o caso, o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza (2Co 12:9).

Se pararmos para pensar na imensidão da tarefa que nos aguarda, correremos o risco de desanimar e de nos sentir fracos. A África encontra-se hoje envolvida numa nuvem de pessimismo, pois muitos presumem que sua sorte está selada. A igreja cristã, no entanto, poderia trazer esperança e renovar as energias do povo para a tarefa de reconstrução. A África está debilitada diante da nova ordem econômica conhecida como globalização, mas o continente também é fraco por carecer de homens e mulheres da estatura de Neemias, capazes de dar novo ânimo às comunidades e de envolvê-las no trabalho; capazes de reunir um povo que não busque o próprio interesse, e sim o bem-estar de toda a comunidade (2:10).

Tobias uniu-se à zombaria de Sambalate. Ele declarava que o muro construído pelos judeus iria desmoronar, por causa do material que estava sendo utilizado (4:3).

Neemias reagiu com uma oração classificada como imprecatória, ou seja, dirigida diretamente contra os inimigos. Orações similares são encontradas em vários salmos (p. ex., Sl 69:21-27; 79:12; 109:14-15). Esse tipo de oração não deve levar nenhum cristão a pensar que o AT nos dá permissão para amaldiçoar alguém. Afinal de contas, em Provérbios lemos: “Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; se tiver sede, dá-lhe água para beber” (Pv 25:21). Neemias não está lançando uma maldição sobre os inimigos; está apenas apresentando sua causa a Deus, o justo Juiz. Ele percebeu que a oposição daqueles homens à obra de reconstrução não era dirigida diretamente a ele, mas refletia a hostilidade deles contra Deus, o verdadeiro responsável pela obra (4:4-5).

A lei do evangelho é a lei do amor, não a da vingança. Jesus ordenou: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam” (Lc 6:27-28; cf. tb. Mt 5:44). Em Romanos, Paulo escreveu: “Abençoi os que vos perseguem, abençoi e não amaldiçoeis” (Rm 12:14).

Mais uma vez, Neemias se identifica com seu povo na oração. A despeito de sua posição privilegiada, ele se incluiu no grupo dos que eram desprezados (4:4). Suas palavras assemelham-se às que Hanani utilizou em seu relatório (1:3).

Apesar de toda oposição, a obra de reconstrução prosseguiu, e todas as brechas do muro foram reparadas (4:6-7). A chave do sucesso reside nesta frase: *O povo tinha ânimo para trabalhar*. Eles haviam posto o coração no trabalho, como diz o povo africano.

Entretanto, à medida que a obra avançava, a oposição crescia. Arábios, amonitas e os habitantes de Asdode juntaram-se a Sambalate e Tobias. A tática dos inimigos agora era outra: antes eles se contentavam em zombar e menos-



prezar os construtores, agora planejavam ataques para demolir o que fora edificado (4:8). Eles esperavam, com suas investidas, enfraquecer o moral dos trabalhadores.

Neemias foi forçado a adotar uma tática diferente para repelir os ataques. O povo agora vivia em perigo constante, e era momento de instituir algumas medidas práticas. Neemias não parou de orar (4:9), mas também se preparou para resistir pela força, caso fosse necessário. Seus compatriotas começavam a dar sinais de cansaço (4:10) e a demonstrar medo (4:11-12), mas Neemias, homem de fé, incentivou-os a continuar onde estavam e a confiar em Deus (4:13-14). Suas palavras lembram as palavras de Moisés: “O SENHOR pelejará por vós” (Êx 14:14).

Aquela demonstração de força foi o suficiente para desencorajar o ataque inicial dos inimigos, e o povo retornou ao trabalho (4:15). Confiante de que Deus estava com eles, Neemias dividiu o povo em dois grupos: um para trabalhar e outro para montar guarda. Os que carregavam os suprimentos para os trabalhadores levavam a carga com apenas uma das mãos porque traziam uma arma na outra. Neemias também instituiu um sistema de alarme, em que o som de uma trombeta avisaria se houvesse um ataque (4:16-20).

Neemias era o tipo de líder que tinha uma clara estratégia para cada situação. À medida que a oposição modificava suas táticas, ele respondia à altura. De início, ele confiou na oração e no trabalho, depois na oração e na vigilância e, por fim, na oração e nos guerreiros armados. Sua estratégia, que combinava oração e ação, estabeleceu uma parceria entre a terra e o céu.

O capítulo 3 também destaca o valor da perseverança. Sempre que tentarmos servir ao Senhor, depararemos com obstáculos, mas não devemos desistir nem abandonar a obra. Esse capítulo conclama-nos a orar e a agir na dependência de Deus.

### 5:1-19 Crise econômica e social

Até aqui, Neemias enfrentara apenas hostilidade externa, mas agora se vê diante de uma oposição interna, deflagrada por uma crise social e econômica que abalou a cidade (5:1). Embora a construção dos muros tivesse resultado em desigualdade social, é mais provável que as raízes da crise já estivessem presentes antes do início da obra. O fardo imposto pelo trabalho apenas acentuou as divisões no interior da comunidade.

A crise social assumiu diversas formas. Havia extrema escassez de comida, a ponto de algumas famílias grandes não terem com que se alimentar (5:2). A fome é um problema recorrente na África. Até recentemente, tínhamos condições de produzir comida suficiente para nos alimentar, mas agora é comum termos de confiar na caridade internacional, com o inevitável vínculo de dependência. Em alguns países, o clima é responsável pela escassez, porém na maior parte do continente é consequência da guerra e da agitação política, que interferem na produção de alimentos.

A falta de comida produziu outra crise (5:2). O povo faminto se queixava de ser obrigado a penhorar suas propriedades (casas, campos e vinhas) com agiotas em troca de comida. À voz dos famintos juntou-se a dos que precisavam fazer empréstimos para pagar os pesados impostos cobrados pelos persas, dinheiro que mantinha o aparato administrativo e militar do império (5:4).

O crescente murmúrio das queixas começou a soar como um discurso pela igualdade: *Nós somos da mesma carne como eles, e nossos filhos são tão bons como os deles* (5:5). A Bíblia não esperou a Declaração dos Direitos Humanos para anunciar a igualdade entre todos!

O povo até suportava as indignidades, mas o pior era o que estava acontecendo com os filhos deles, principalmente com as moças: *Eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem escravos* (5:5). Os judeus deixaram claro que a escravidão a que suas filhas tinham de se submeter incluía o abuso sexual (em Et 7:8, uma expressão semelhante é traduzida por “forçar”, “molestar”). Elas viviam a expectativa de serem obrigadas a prestar favores sexuais em troca da dívida da família! Esse tipo de violência contra a mulher é comum no estado de guerra, em qualquer continente. A violência sexual não atinge somente as mulheres: além delas, toda a sociedade sofre com a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis, até mesmo o HIV/aids. A crise que parecia ser apenas social e econômica assumiu proporções alarmantes e agora ameaçava a sobrevivência do povo. Era preciso encontrar uma solução, com a máxima urgência!

Neemias até então se mostrara um homem calmo, respondendo sem se exaltar aos que se opunham a ele. No entanto, diante de tão grave crise, ele não pôde mais se conter e ficou muito irado (5:6). Certas situações demandam uma resposta enérgica. Depois da ira, veio a solução. Ele propôs diversas medidas para amenizar o problema. Antes de tudo, identificou os responsáveis pelos abusos: *os nobres e magistrados* (5:7). Eles os acusou abertamente de cometer injustiça e violar a lei de Deus (5:8-9). Foram comportamentos semelhantes aos deles que haviam levado Deus a punir a nação e mandá-la para o exílio uma vez (1:7-8).

Neemias então citou o próprio comportamento como modelo para seus compatriotas. Ele também emprestava dinheiro e trigo, mas servia de exemplo para outros ricos cidadãos porque não tinha interesse em cobrar nenhuma taxa. Ele ordenou aos nobres e magistrados que devolvessem o que haviam tomado de seus concidadãos (5:10-11). Zaqueu, o coletor de impostos, fez uma restituição similar quando Jesus se hospedou em sua casa (Lc 19:8). A proposta de Neemias foi aceita. Para garantir que a promessa fosse cumprida, Neemias os fez jurar diante dos sacerdotes (5:12-13).

A crise relatada em Neemias nos faz lembrar de que não lutamos apenas contra inimigos externos. O inimigo pode surgir dentro de nossas fileiras. Mesmo quando tudo parece correr bem, precisamos ficar atentos! Quando Neemias começou a executar seu projeto, não fazia ideia de que a

crise estava fermentando no seio da comunidade. Por mais vitórias que colecionemos sobre nossos inimigos externos, sempre existe a possibilidade de que o ataque seguinte venha de dentro (cf. 1Co 10:12).

A passagem de 5:15-19 continua o tema do uso sábio e justo dos recursos, que é o cerne do capítulo. Neemias conta por que abriu mão de suas prerrogativas e privilégios de governador, principalmente com relação ao seu salário. Vamos pregar pelo exemplo, ensinar pelo exemplo, evangelizar pelo exemplo! Esse é o maravilhoso princípio que o governador Neemias apresenta a nós hoje.

### 6:1-19 A obra concluída, apesar da crescente oposição

O capítulo 6 inicia com a notícia de que o muro fora reconstruído e só restava colocar as portas no lugar (6:1). Mais uma vez, a oposição mudou seu alvo, agora apontando para o próprio Neemias. Os inimigos ainda eram os mesmos: Sambalate, Tobias e Gesém e outros que se ressentiam do bom êxito dos judeus (2:10,19; 4:1,3,7).

Os inimigos convidaram Neemias para uma reunião, sem especificar o propósito. Eles desejavam encontrar-se com ele *nas aldeias, no vale de Ono* (6:2). Esse vale, que é mencionado em 7:37 e em Esdras 2:33, está situado a noroeste de Jerusalém, numa área neutra entre Samaria e Asdode. Os habitantes de Asdode se posicionaram contra a reconstrução dos muros (4:7). Seus oponentes estavam tentando atraí-lo para uma área potencialmente hostil a certa distância de Jerusalém. Se aceitasse, Neemias se exporia a um grande perigo.

A intenção dos inimigos não está clara, mas é quase certo que pretendiam assassiná-lo. Entretanto, Neemias não estava disposto a correr o risco e declinou do convite quatro vezes. Ele não lhes revelou o que o preocupava; apenas se escusou por estar muito envolvido em seu trabalho (6:3-4). Diante da ameaça, Neemias adotou uma postura conciliatória, quase ingênua. Ele precisava encontrar uma boa razão para declinar do convite de Sambalate, que era uma autoridade.

Frustrados, os inimigos mostraram as garras. Dessa vez, enviaram uma mensagem escrita (6:5). Em geral, assuntos delicados, como uma acusação de sedição, só podiam ser mencionados em uma carta confidencial selada. O envio de uma carta aberta demonstrava o desrespeito deles por Neemias e ao mesmo tempo o obrigava a responder publicamente porque a carta (com as acusações) era um documento público. Neemias estava encurralado!

A acusação era muito séria. De acordo com Sambalate, corria o boato de que o propósito da reconstrução da muralha não era a proteção de Jerusalém, e sim sua fortificação, para que se pudesse iniciar uma rebelião contra o rei da Pérsia. Neemias foi acusado de estar preparando-se para ser aclamado rei (6:6-7). Qualquer ação que pudesse desestabilizar o Império Persa era vista com profunda suspeita pelas autoridades daquela nação.

Os inimigos haviam revelado suas táticas, e Neemias não pôde mais manter a calma. Sua réplica foi contundente: *De tudo o que dizes coisa nenhuma sucedeu; tu, do teu coração, é que o inventas* (6:8). Sabiamente, ele continuou a evitar o encontro com aqueles homens para discutir os rumores.

Neemias deu sua versão dos fatos e concluiu sua análise com uma oração curta, porém relevante: *Ó Deus, fortalece as minhas mãos* (6:9).

Com seus planos frustrados mais uma vez, os inimigos de Neemias tentaram uma nova estratégia. Dessa vez, arranjaram um cúmplice para tentar desacreditar Neemias no aspecto religioso e assim desqualificá-lo como líder do povo. O traidor era Semaías, homem do qual pouco sabemos além de sua associação com Sambalate e Tobias. Era provavelmente um dos levitas também considerado profeta (2Cr 20:14). Como tal, ele tinha acesso ao templo e pôde falar a Neemias como um homem piedoso que desejava o melhor para o governador. Contudo, suas palavras na verdade consistiam em uma falsa profecia, cuja intenção era enganar Neemias e convencê-lo a entrar no templo para salvar a própria vida (6:10).

Embora Semaías supostamente fosse profeta, Neemias usou de discernimento ao avaliar a sugestão e encontrou duas boas razões para não concordar em se esconder no templo. Primeiro: ele percebeu que seria vergonhoso o governador fugir e esconder-se na casa de Deus, um lugar de refúgio. Tal atitude podia também ser interpretada como uma confissão de culpa (6:11a). Segundo: ele percebeu que era inapropriado alguém como ele refugiar-se no templo para salvar a própria vida (6:11b). A lei prescrevia que somente os que trabalhavam no templo tinham permissão para entrar no lugar santo (Nm 18:6-7). O rei Uzias foi punido com lepra por haver entrado no santuário para oferecer incenso (2Cr 26:16-20). A lei de Deus não podia ser quebrada por uma profecia, mesmo que a profecia tivesse a intenção de salvar uma vida. Neemias não podia acreditar que aquela profecia tivesse sido inspirada por Deus.

A Bíblia discute o problema da falsa profecia. Até mesmo um profeta como Balaão tinha consciência de que a profecia não podia ser negociada por dinheiro nem por quaisquer outros bens (Nm 22:18). Nos dias de hoje, a igreja africana também convive com o fenômeno da profecia. Muitas comunidades cristãs têm seus profetas, que revelam o futuro e as coisas ocultas. Infelizmente, alguns desses profetas abusam da confiança da igreja, transmitindo mensagens que são falsas profecias, pois contradizem a Palavra de Deus. É oportuna aqui a referência aos testes prescritos no AT, em dois textos que ensinam como discernir a profecia falsa da verdadeira. O primeiro é para saber se a profecia é verdadeira (Dt 18:14-22). Contudo, esse não é o único fator a ser considerado. Uma profecia que prediz algum acontecimento e se cumpre não quer dizer que venha necessariamente de Deus. Toda profecia que vem de Deus deve estar em conformidade com a lei de Deus (Dt 13:1-5).

O episódio da traição de Semaías encerra com outra oração de Neemias, a qual começa mais uma vez com a fórmula que aparece em várias partes do livro: *Lembra-te, meu Deus...* (1:8; 5:19; 6:14; 13:14,22,31). Não sabemos por que essa oração não menciona o nome de Semaías, citando, em vez disso, o nome da profetisa Noadia. No entanto, Semaías com certeza está entre os *profetas que procuraram atemorizar-me* (6:14).

Três outras profetisas são mencionadas no AT: Miriã, irmã de Moisés (Êx 15:20), Débora (Jz 4:4) e Hulda (2Rs 22:14; 2Cr 34:22). Contrariando a opinião geral, as mulheres não estavam excluídas da vida religiosa. Mesmo quando ainda não havia sacerdote, no AT, elas já atuavam em importantes áreas da religião. Nossa prática corrente parece contradizer a Bíblia nessa área. As mulheres costumam ser excluídas de certos ministérios no âmbito da igreja africana. Existem, sem dúvida, variações consideráveis de uma denominação para outra. Em algumas igrejas, a ordenação de mulheres é aceita, enquanto em outras não lhes é permitido orar em público.

A obra de reconstrução dos muros foi completada em exatos cinquenta e dois dias (6:15). Esse feito memorável provavelmente foi resultado de uma grande força de trabalho. Os inimigos de Neemias estavam perplexos pelo fato de terem fracassado todas as suas tentativas de frustrar o

empreendimento (6:16). Eles finalmente entenderam que a mão de Deus estava por trás de todos os acontecimentos. Os méritos não eram de Neemias, mas de Deus.

Uma terceiro ato de traição é aludido em 6:17-19. Os espiões de Tobias coletavam informações da situação em Jerusalém e do andamento da obra. Mesmo na comunidade dos que haviam regressado da Babilônia, havia importantes agentes inimigos.

### 7:1-73 Repovoamento de Jerusalém e Judá

A reconstrução dos muros de Jerusalém não foi um fim em si mesmo. A intenção de Neemias era unir o povo. Seus inimigos haviam insinuado que ele desejava erguer a muralha a fim de juntar o povo para uma tentativa de rebelião, mas não era esse o motivo. Neemias estava interessado unicamente no bem-estar dos israelitas (2:10). Por sua dedicação a esse propósito, ele serve, mais uma vez, de modelo para algumas igrejas, nas quais a administração, a hierarquia e a organização constituem um fim em si mesmo e os líderes esquecem que o objetivo deles é servir à comunidade.

O capítulo 7 divide-se em duas partes. A primeira registra as medidas tomadas para a proteção da comunidade (7:1-3), e a segunda, do programa de reassentamento de Jerusalém e Judá, com a inclusão de detalhes extraídos de um recenseamento (7:4-72).

## ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS

Em 21 de novembro de 2005, mais de seis milhões de eleitores quenianos foram às urnas para votar num referendo a fim de decidir se aprovavam ou rejeitavam o projeto de uma nova constituição. A proposta provocou inflamados debates e profundas divergências. No entanto, em vez de empunhar armas de fogo para resolver o conflito, os quenianos pegaram as cédulas e votaram — um avanço muito bem-vindo na história política de um continente marcado por insurreições internas, conflitos nas fronteiras, violentos golpes de Estado e agitação popular. Se outras nações aprenderem com o exemplo do Quênia, muitas vidas inocentes serão salvas, e veremos progresso, paz e prosperidade.

Esse exemplo nos faz lembrar de que o conflito é menos importante que a maneira de resolvê-lo. Isso porque o conflito é inevitável em qualquer relacionamento: em casa, no trabalho, nos negócios, nas relações nacionais e internacionais. Ele surge sempre que alguma divergência de opiniões ou de princípios resulta num debate mais acalorado. Na pior das hipóteses, as hostilidades podem evoluir para a luta armada.

No entanto, os conflitos não surgem apenas entre pessoas. Também experimentamos conflitos interiores, quando nos debatemos numa luta interna ou quando

nossa alma está angustiada. Essas disputas também podem ser traduzidas em termos de competição saudável, como no caso dos atletas, que dão o máximo de si para desenvolver toda a sua capacidade e superar os outros competidores (1Tm 6:12; 2Tm 4:7; Hb 12:1).

A pressão dos conflitos internos e externos é muitas vezes agravada pelo que podemos chamar de “intervenção estrangeira”. É quando enfrentamos não apenas adversários humanos ou a nós mesmos, mas também inimigos espirituais (Cl 2:1; Fp 1:30; 1Ts 2:2; Ef 6:12; Hb 10:32).

Por causa da dimensão espiritual do conflito e do estado de infelicidade que ele é capaz de gerar, somos tentados a presumir que todos os conflitos são nocivos e devem ser evitados a qualquer custo. Todavia, esse não é o caso. A indiferença para com o que está acontecendo à nossa volta é muito mais perigosa que o conflito. Isso ocorre quando somos devotados demais a alguma coisa (Ap 3:16). O conflito espiritual interior e o confronto externo com forças demoníacas servem para nos manter alertas e evitar que nos desviemos para a complacência. O conflito também põe em evidência os problemas que requerem atenção, forçando-nos a esclarecer situações e desafiando o líder a questionar o *status quo* e sair em busca de melhores soluções. A boa administração do conflito entre os judeus helenizados e os hebreus em

Jerusalém resultou num crescimento significativo da igreja primitiva (At 6:1-7).

Quando o conflito não é bem administrado, ele pode arruinar um relacionamento, dividir uma nação (como é o caso de muitos países africanos), destruir uma organização e causar danos morais aos envolvidos. A má administração do conflito entre Barnabé e Paulo por causa de João Marcos causou divisão na equipe missionária (cf. At 15:36-41).

A administração é tanto uma arte que pode ser aprendida quanto uma habilidade que pode ser adquirida. Quando administramos um conflito, estamos tão somente organizando, ajustando, tomando conta. O propósito é que sirva a uma boa causa: nos negócios, em casa, na equipe, na instituição, na carreira de alguém. Nem sempre é fácil, mas os resultados são compensadores.

Na solução de qualquer conflito, três perguntas fundamentais devem ser feitas: A respeito de que estamos concordando ou discordando? Por que estamos concordando ou discordando? Como vamos resolver isso e seguir adiante?

Para responder a essas questões, precisamos ter em mente os seguintes princípios:

- *Comunicação honesta.* O silêncio e o isolamento só fazem piorar a dissensão, que alimenta o conflito. Em Gênesis 13:1-18, Abraão não tentou dourar a pílula ao remediar a disputa que havia entre seus pastores e os pastores de Ló. Ele discutiu abertamente o problema com o sobrinho e traçou uma estratégia apropriada para resolver a questão.
- *Identificação das questões latentes e dos motivos ocultos.* Muitas vezes, a causa aparente de um conflito não é a causa real. O conflito pode ter suas raízes em motivos e convicções subjacentes que não estão identificados com clareza. Vemos um exemplo disso quando Isaque se viu obrigado a cavar um poço após outro em Gerar (Gn 26:19-32). À primeira vista, a questão girava em torno da escassez de água, mas a conversa entre Isaque e Abimeleque revelou que o verdadeiro problema era que os habitantes de Gerar se sentiam ameaçados com o enriquecimento e o poder crescentes de Isaque.

- *Negociação.* O melhor caminho para encontrar a paz é pelo processo de dar e receber, quando nenhuma das partes envolvidas no conflito insiste em ser declarada vencedora. O incidente em 1Reis 12 mostra as desastrosas consequências da má vontade de Roboão em negociar.

- *Intervenção externa.* As partes envolvidas num conflito podem chegar à conclusão de que pelos diálogos mantidos entre si jamais chegarão a um acordo. Nesse caso, a assistência de uma pessoa neutra, como um conselheiro matrimonial, ou de uma organização, como as Nações Unidas, poderá ser a melhor solução. Quando Paulo e Barnabé se envolveram na “não pequena discussão” com os judaizantes, eles e seus oponentes foram resolver o caso no concílio de Jerusalém (At 15:1-2).

- *Intervenção divina.* A maioria dos conflitos entre cristãos envolve alguma influência espiritual malevolente e invisível. Nesse caso, para resolver o problema, precisamos pedir a ajuda de Deus, procurando decifrar sua mente na Palavra e suplicando seu auxílio. Foi assim que o concílio de Jerusalém deu solução definitiva a uma crise que poderia ter dividido para sempre a igreja em judeus e gentios (At 15:23-29).

Esses cinco princípios podem ser aplicados sempre que, em espírito de oração, nos orientamos pela prescrição do Senhor para resolver conflitos no ambiente eclesástico (Mt 18:15-17). Ele nos instrui a uma confrontação direta com a outra parte, porém em particular, buscando a comunicação honesta. Se não houver boa vontade em negociar, podemos buscar ajuda externa — duas ou três testemunhas para estabelecer a veracidade do fato, sugerir um acordo e apresentar soluções plausíveis para o problema. Se todas essas medidas falharem, o caso deve ser levado à instância maior, isto é, à igreja, para que esta faça a devida apreciação. Se ainda assim o conflito não for resolvido, deve-se concluir que a raiz do problema é uma atitude pecaminosa. Isso significa que a parte que recusa a reconciliação deve receber o tratamento dispensado aos descrentes. Esse último passo pode implicar uma separação temporária, contudo devemos continuar a amar os que são disciplinados e orar por eles.

**Tokunboh Adeyemo**

Embora a reconstrução dos muros estivesse concluída, a missão de Neemias havia apenas começado. Na condição de governador da província, ele reconhecia a necessidade de vigilância e cuidado constante, por isso procedeu a algumas nomeações importantes para garantir a segurança da cidade. Muitos anos antes, Davi designara porteiros entre os levitas para vigiar as entradas do templo (1Cr 26:1-19), e agora a referência combinada nesse contexto com *os porteiros, os cantores e os levitas* sugere que nesse templo o

efetivo contava com uma força adicional de trabalho responsável pela guarda dos portões da cidade (7:1). Ao que parece, ela compunha uma extensão natural das responsabilidades existentes, particularmente pela ausência de um exército local regular.

É possível que o Hanani que na abertura do livro informa Neemias acerca da situação lamentável de Jerusalém (1:2-3) seja o mesmo nomeado supervisor dos levitas e investido da função de *maioral* da cidade (7:2a). Nesse caso,

ele com certeza era alguém que demonstrava preocupação com Jerusalém. Também é possível que Hanani, membro da família de Neemias, seja o mesmo Hananias referido como *maioral do castelo*, embora pareça tratar-se de dois homens com o mesmo nome.

Hanani foi designado para esse cargo por causa de suas qualidades pessoais. Ele era um homem *fiel* (certamente também em relação a Neemias e ao rei da Pérsia) e *temente a Deus* (7:2b). Isso traz à tona uma delicada questão, que diz respeito à administração ineficiente que já decretou a ruína de muitos ministérios e igrejas na África. É comum pessoas serem designadas para determinados cargos por puro favoritismo, sem que se leve em conta sua real competência. Não devemos, em hipótese alguma, permitir que fatores familiares, regionais e étnicos tenham precedência sobre a aptidão e a integridade.

Neemias emitiu ordens concernentes aos horários de abertura e fechamento dos portões da cidade. Os portões, em geral, eram abertos ao nascer do sol e fechados na hora do sol poente, mas Neemias ordenou que permanecessem fechados até que o sol se levantasse. Essa medida limitava o tempo em que os portões permaneciam abertos. Ele também ordenou que os moradores da cidade se organizassem para vigiar os muros, de preferência cada um perto de sua casa (7:3).

Com o término da construção, era natural que todos relaxassem, mas a vigilância ainda era necessária. Esse princípio é válido para todos os cristãos, pois o apóstolo Pedro nos adverte acerca da constante vigilância: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8).

Os muros estavam erguidos, porém a cidade precisava de mais habitantes, pois, como explica 7:4, *havia pouca gente nela*. Neemias sabia que Deus havia prometido trazer seu povo de volta (1:9) e agora percebia Deus agindo para repovoar a cidade (7:5a). Ele se utilizou de antigos registros genealógicos para garantir uma justa divisão da terra, respeitando os direitos de propriedade pré-exílicos (7:5b). Essa teoria tem o apoio de 7:73, que conclui a lista dos que retornaram a Jerusalém com a declaração de que os judeus *habitavam nas suas cidades*. Essa expressão quer dizer que todos os israelitas estavam residindo agora nas terras de seus respectivos ancestrais.

Com poucas variações, a lista de 7:6-72 é a mesma de Esdras 2:1-70.

## 8:1—10:39 Renovação da aliança

### 8:1-18 Leitura do Livro da Lei e a Festa dos Tabernáculos

O tema do reassentamento de Jerusalém é agora interrompido até o início do capítulo 11. Neemias havia assumido a imensa tarefa de reconstruir os muros e repovoar a cida-

de, mas essas ações não seriam tão importantes não fosse sua dimensão religiosa. Por isso, Esdras, o escriba, entra em cena pela primeira vez no livro, e Neemias, por algum tempo, se coloca em segundo plano. Ele faz isso porque reconhece que, como leigo, não possuía autoridade no campo religioso. Essa mesma convicção parece ter prevalecido em ocasião anterior, quando Neemias se recusou a entrar no templo por não ter o direito nem autoridade para fazê-lo (6:11). A obra de Deus às vezes sofre no continente africano porque os líderes carecem da humildade de Neemias. Acreditam que possuem todos os dons, que são capazes de fazer qualquer coisa e que nada pode ser feito sem eles. Neemias, ao contrário, conhecia as próprias limitações e as respeitava.

Todo o capítulo 8 está impregnado com o tema da lei de Deus. A primeira parte registra a leitura solene do Livro da Lei, conduzida pelo escriba Esdras (8:1-12). A segunda parte relata a celebração da Festa dos Tabernáculos (8:13-18).

Nem a reconstrução dos muros nem o reassentamento de Jerusalém poderiam garantir o renascimento religioso do povo de Deus após o exílio. O cativo fora a punição por haverem perdido o respeito pela lei de Deus (1:6-10), e agora o povo precisava demonstrar sua obediência à mesma lei, se quisesse desfrutar a bênção divina e experimentar uma nova qualidade de vida.

O sinal dessa restauração foi que *todo o povo se ajuntou como um só homem* (8:1a; Ed 3:1). Quem dera a igreja apresentasse a mesma imagem ao mundo! Algumas denominações trabalham como se estivessem envolvidas numa competição, como se não estivessem todas servindo ao mesmo Senhor — Jesus Cristo. Nosso desafio não é organizar uma grande igreja, e sim promover a união em amor, a despeito de rótulos e doutrinas particulares.

Não sabemos quem organizou essa assembleia, mas está claro que o povo espontaneamente solicitou a Esdras que lesse o Livro da Lei para ele (8:1b). Esdras decidiu que aquela leitura não podia ser incidental. Por ser ele um escriba, era natural que fosse visto como alguém dedicado ao estudo, à prática e ao ensino da lei, e Esdras com certeza possuía essas qualificações (Ed 7:10). O pedido de uma leitura pública do Livro da Lei era compreensível, pois na época pouca gente era instruída, e apenas um pequeno grupo tinha o privilégio de manusear os escritos. Somente com a invenção da imprensa, é que foi possível ao cidadão comum ter acesso à palavra escrita.

Esdras procedeu à leitura diante de uma assembleia composta de homens, mulheres e de todos os que eram capazes de entender o que ouviam (8:2; Dt 31:11-12). A menção à presença de mulheres é significativa. Elas não foram excluídas da assembleia.

A data da realização da assembleia foi no *primeiro dia do sétimo mês*, de acordo com o calendário babilônico. No calendário judaico, correspondia ao primeiro dia do mês

de tisri (setembro-outubro, em nosso calendário), no qual os judeus celebravam o grande Dia da Expição, ou “Yom Kippur”, e a Festa dos Tabernáculos, ou “Sukkot” (Lv 23:26-44). Tisri é também o primeiro mês do ano judaico. Assim, o primeiro dia desse mês é semelhante ao nosso 1<sup>o</sup> de janeiro, quando comemoramos o ano-novo. A assembleia, portanto, foi realizada num dia muito importante para os judeus, nas proximidades dos muros reconstruídos, marcando o início de uma nova era. O povo estava consciente disso, pois selou uma nova aliança, como indica o capítulo 10.

Esdras e aqueles que o assistiam leram em voz alta o *Livro da Lei de Moisés* (8:1c,3-5). Eles podem ter lido todo o Pentateuco, ou apenas um de seus livros, talvez Deuterônimo. A leitura estendeu-se do amanhecer até o meio-dia, e todo o povo tinha os ouvidos atentos.

A cerimônia de leitura do Livro da Lei começou com expressões de louvor a Deus, em que o povo respondia: *Amém! Amém!*, que significa “Assim seja!” (8:6). A palavra hebraica *amen* deriva de uma raiz que significa “sólido”, “firme”, e serve como testemunho de que os ouvintes concordam com o que estão escutando. Infelizmente, a expressão foi banalizada nas assembleias cristãs e perdeu seu significado. Quando encontramos outro crente na rua, respondemos “Amém!” se formos cumprimentados. Na igreja, a liturgia é entremeadada com “améns”, mesmo quando a concordância não é requerida. Muitos pregadores costumam usar um “amém” em suas mensagens para preencher a pausa entre um tópico e outro. A moderação é fundamental em todas as coisas — até mesmo no uso do “amém”.

A leitura do Livro da Lei foi acompanhada de explicações sobre o conteúdo do texto (8:7-8a). As explanações eram necessárias porque a maioria dos exilados falava apenas o aramaico e não entendia a língua hebraica, na qual o Livro da Lei fora escrito. O cuidado em ajudar o povo a entender a leitura fala-nos da importância da tradução e distribuição da Bíblia. O povo precisa ler a Palavra de Deus numa linguagem que possa entender.

Ler ou ouvir a Palavra e entender são duas coisas diferentes. Assim, as explicações foram necessárias também para que o povo pudesse compreender o significado do texto. É por esse motivo que nessa seção de Neemias são comuns expressões como *entender* (8:2,3), *de maneira que entendessem o que se lia* (8:8b) e *tinham entendido* (8:12). Ao mesmo tempo que é certo dizer que a Palavra de Deus fala diretamente a nós, também é verdadeiro que ela precisa ser interpretada e explicada. Uma das razões de haver tantas heresias em nosso continente (algumas com lamentáveis consequências) é que muitos pensam que não precisam estudar a Palavra de Deus para comunicá-la aos outros. Tais pessoas equivocadamente presumem que tudo o que precisam entender das Escrituras lhes será revelado pelo Espírito Santo. Contudo, é normal que nos beneficiemos da ajuda de outros cristãos. Temos um exemplo disso quando

Filipe, um dos sete diáconos designados pelos apóstolos, perguntou ao eunuco: “Compreendes o que vens lendo?” (At 6:5; 8:30). Uma boa pergunta abre a porta para um estudo dirigido.

Os escribas do AT, os homens mais instruídos de sua época, eram acima de tudo estudiosos permanentes da lei. Para garantir a transmissão fiel do conteúdo do texto sagrado, eram treinados em escolas anexadas ao templo. Os pastores de hoje deviam também se preocupar em aprender para então transmitir com fidelidade a Palavra de Deus.

Quando entendemos de fato a Palavra de Deus, há sempre uma resposta de nossa parte, e a resposta dos judeus foi manifesta: eles prantearam e clamaram. Eles choraram enquanto ouviam a leitura porque haviam tomado consciência da própria culpa (8:9).

Esdras e Neemias são apresentados como contemporâneos em 8:9 (e 12:26). Unidos aos levitas, eles lembraram o povo de que aquele dia deveria ser de celebração, não de lamentação (Lv 23:24; Dt 31:9-13). O convite para a festa foi acompanhado de um incentivo à benevolência para com os membros da comunidade: *Enviai porções aos que não têm nada preparado para si* (8:10-12).

Os líderes da comunidade pós-exílica estavam bastante conscientes dos problemas sociais. Neemias havia solucionado alguns dos problemas que assolavam a sociedade (5:1-19). A comunidade cristã africana precisa dirigir o olhar para a solidariedade comunitária e procurar a cura para a gangrena do tempo presente: o individualismo e a preocupação constante com o sucesso pessoal. Precisamos redescobrir o senso de comunidade que estava presente na igreja primitiva (At 2:42-47).

No segundo dia, somente os chefes de família, os sacerdotes e os levitas se reuniram para ouvir de Esdras a continuação da leitura e as explicações a respeito da lei. A plateia beneficiada era pequena, porém influente (8:13). Eles estavam redescobrendo a lei que Deus outorgara a Moisés. À medida que ouviam, conscientizaram-se de que precisavam observar a Festa dos Tabernáculos (8:14), mencionada em Levítico 23:34-43. Visto que era uma celebração agrícola (por esse motivo também chamada Festa da Segra ou Festa das Primícias [primeiros frutos]), os israelitas eram convidados a se acomodar em tendas, para relembrar o tempo em que viveram no deserto. Embora tenha sido redescoberta pela elite, tornou-se uma festa para todo o povo. A proclamação foi publicada em Jerusalém e despachada para todas as cidades, convidando todos a celebrar a festa durante sete dias, conforme prescrevia a lei (8:15-16).

A referência aos dias de Josué (8:17) dá a entender que a comunidade judaica enxergava no retorno do exílio um paralelo histórico e teológico com a saída do Egito.

Durante a festa, a lei era lida dia após dia (8:18). A leitura da Palavra de Deus, acompanhada de uma explanação sistemática, não é comum em nossa liturgia. Sem dúvida, a Palavra de Deus é lida e pregada toda semana.

mas o tempo tem sido suficiente para que seja entendida em profundidade? Sem um claro entendimento da Palavra de Deus, não poderemos alcançar a perfeita obediência. Além de se reunir para ouvir o sermão de domingo, a comunidade precisa ter a oportunidade de se ajuntar em outras ocasiões. O estudo bíblico em grupo deve ser incentivado em nossas congregações.

### 9:1-37 Jejum e confissão de pecados

De acordo com Levítico 23:27-28, ao festival de ano-novo seguia-se, no décimo dia do mês, o Yom Kippur, ou seja, o Dia da Expição. Os israelitas, que ainda estavam redescobrendo as ordenanças da lei, não tiveram tempo de celebrá-lo, realizando apenas a Festa dos Tabernáculos. Entretanto, convocou-se nova reunião, celebrada *no dia vinte e quatro deste mês* (9:1). Mesmo com quatorze dias de atraso, era uma expressão aceitável de arrependimento pelo pecado. A atmosfera diferia por completo da do capítulo 8. Naquela ocasião, eles se regozijaram; agora estavam chorando. O lamento deles começou em 8:9, mas foi interrompido porque não combinava com um tempo de celebração.

O capítulo 9 trata dos preparativos para a renovação da aliança, registrada no capítulo 10. A preparação começou com um período de confissão e jejum (9:1-6) e foi seguida por uma longa oração de arrependimento (9:7-37).

O povo reuniu-se mais uma vez para expressar sua tristeza, simbolizada no ritual de se cobrir com pano de saco e jogar terra sobre a cabeça e o corpo (9:1; cf. tb. Jn 3:5,8; 1Cr 21:16). Esses sinais de humilhação e arrependimento são semelhantes aos encontrados nos rituais de lamentação da África.

Não sabemos com exatidão o que motivou essa nova assembleia. O fato de 9:2 mencionar a separação dos estrangeiros tem levado alguns comentaristas a pensar que esse capítulo está vinculado aos acontecimentos relatados em Esdras 10. No entanto, esse capítulo de Esdras diz respeito apenas aos casamentos com mulheres estrangeiras, dos quais o texto de Neemias não faz menção.

A cerimônia foi iniciada com a leitura do Livro da Lei, que durou três ou quatro horas (9:3). Depois disso, o povo passou a fazer confissão de pecados. Os levitas, que por orientação de Esdras e Neemias haviam exortado o povo a regozijar-se, agora desempenhavam outra importante função: convocavam o povo a orar (9:4-5).

A oração de 9:5b-37 é uma das mais longas orações de confissão registrada na Bíblia, e foi incorporada à liturgia de algumas igrejas. Começa com um resumo da história do povo de Deus desde a criação (9:6) até a época de Neemias, com referências a Abraão (9:7-8), aos anos passados no Egito (9:9), ao êxodo e à conquista de Canaã (9:10-25), e ao tempo dos juízes, reis e profetas (9:26-31). Esse sumário histórico enfatiza a inabalável fidelidade de Deus e sua compaixão para com o povo, que era sempre rebelde e desobediente.

O trecho de 9:32-35 constitui o cerne dessa oração. Diz respeito à presente geração e ao arrependimento de seus pecados. É notório o contraste entre a fidelidade de Deus (*tu*) e a desobediência do povo (*nós*). A oração é encerrada abruptamente, com uma nota de profunda consternação (9:36-37).

Com sua alternância entre tristeza e alegria, celebração e jejum (8:9,17; 9:1-2), os capítulos 8 e 9 oferecem um modelo para a liturgia da igreja africana. Essa alternância forma um nítido contraste com a liturgia de muitas comunidades de nossos dias, nas quais a adoração consiste unicamente em danças e celebração. Devemos regozijar-nos na graça de Deus, porém precisamos ter ao mesmo tempo consciência de nossas falhas e permitir a nós mesmos uma atitude de lamentação.

### 9:38—10:39 Renovação da aliança com Deus

O ato de arrependimento do capítulo 9 (*tudo isso*, 9:38) é seguido pela renovação da aliança, pela qual o povo se compromete a seguir a lei de Deus. Embora a palavra “aliança” não apareça nesse capítulo, o verbo hebreu na frase traduzida por *os que selaram foram* em geral significa o estabelecimento de um pacto (10:1).

O compromisso com a lei foi firmado por escrito, num documento sobre o qual todos oficiais importantes aplicaram seu selo, indicando que estavam obrigados à sua obediência. O nome de cada um dos que tomaram parte na cerimônia aparece na relação de 10:1-27. Curiosamente, não encontramos o nome de Esdras na lista, apesar do importante papel que ele desempenhou no capítulo 8. Conforme o que indica 9:38, as assinaturas estão divididas em três categorias: *os nossos príncipes, os nossos levitas e os nossos sacerdotes*. Evidentemente, os que assinaram o acordo o fizeram em nome dos grupos aos quais pertenciam (10:28-29).

Em seguida, lemos os detalhes do compromisso que eles estavam assumindo. A primeira promessa, evitar os casamentos mistos, representava a culminação do ministério de Esdras (10:30). A missão que lhe fora confiada por Artaxerxes consistia em fazer conhecida a lei de Deus e garantir que ela fosse observada (Ed 7:25-26). Em Esdras 10, o profeta discorre sobre o que dizia a Torá acerca dos casamentos mistos. Seu ensino e seu compromisso envolvem a reaplicação da antiga lei contida no Pentateuco, que proibia aos filhos de Israel casar-se com “os heteus, e os gurgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus” (Dt 7:1-6). Esses povos já não existiam nos tempos do Império Persa, mas os escribas reconheciam que a mesma lei podia ser aplicada *aos povos da terra* (10:30), ou seja, aqueles que não faziam parte da comunidade judaica e que haviam sido assentados naquela área pelos assírios e babilônios (2Rs 17:24). Os casamentos mistos representavam ameaça a um povo que tentava preservar sua identidade num império multicultural. É importante



observar que o objetivo daquela lei era a preservação da fé, não a pureza racial de algum grupo étnico (Cl 3:11).

Embora não faça menção direta ao casamento misto, o apóstolo Paulo aconselha os crentes: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6:14), uma instrução que parece também se aplicar ao casamento. O casamento é um compromisso sério, para toda a vida. Quando um casal se propõe a dar ao seu amor precedência sobre sua fé, tomando a decisão de casar-se, é comum o povo imaginar que o cônjuge cristão irá conduzir o outro à fé. Contudo, isso é pouco provável. Se ele não conseguiu levar o parceiro à fé enquanto estavam noivos, dificilmente será bem-sucedido em fazê-lo depois.

A segunda promessa feita pelo povo dizia respeito à guarda do sábado, o dia santo de Israel (10:31). Numa época em que muitos estrangeiros viviam nos arredores de Jerusalém, o mercado costumava abrir no dia de sábado. No entanto, a comunidade judaica agora se comprometia a não comprar nada nesse dia, em cumprimento ao princípio estabelecido em Êxodo 20:8-11. O respeito pelo dia de descanso andava lado a lado com a guarda do ano sabático, que ocorria uma vez a cada sete anos. Nesse ano, todas as dívidas eram canceladas (Dt 15:1-2).

Nos dias de hoje, os cristãos não observam o sábado judaico, que se estende do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado. Em vez disso, observamos o domingo, o dia da ressurreição de Cristo, como dia de descanso. Entretanto, temos ouvido alguns cristãos perguntarem se é lícito trabalhar, comprar e vender no domingo. Em resposta a essa questão, vale lembrar que a observância do sábado ou do domingo é mais que uma simples oportunidade de descanso físico. É também um ato de fé. Aquele que descansa está confessando que não vive somente para o trabalho, mas também para Deus.

Outro compromisso assumido dizia respeito ao imposto do templo (10:32-33; Êx 30:13), à lenha para o holocausto (10:34) e à oferta das primícias de todas as árvores frutíferas (10:35). Nas primícias dos frutos, estavam incluídos todos os primogênitos machos, que pertenciam ao Senhor (10:36). Todavia, enquanto os primogênitos dos animais eram sacrificados, os primogênitos dos humanos eram substituídos por um animal, que era sacrificado no lugar deles (Êx 34:19-20). O povo também prometeu pagar aos levitas o dízimo de tudo o que fosse produzido (10:37; Num 18:21). Os levitas, por sua vez, se obrigaram a dar o dízimo do dízimo, como determinava a lei (10:38; Nm 18:26).

O documento da aliança encerra com a solene promessa de que o povo jamais abandonaria a casa de Deus, isto é, o templo (10:39). Essa atitude acarretava um perigo real, como se pode ver pelas palavras dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias (Ag 1:1—2:9; Zc 6:9-15; Ml 1:6-14).

O capítulo 10 traz à luz uma prática que pode ser muito útil às comunidades africanas: a renovação de compromissos. O compromisso cristão precisa ser constantemente

revitalizado, do contrário enfraquecerá. Aqueles que aceitaram ao Senhor e estão há muitos anos envolvidos em sua obra precisam desse tipo de renovação. O que se propõe aqui não é aquele tipo de convite feito em cruzadas evangelísticas ou depois de um sermão sobre engajamento, mas uma cerimônia na qual os cristãos sejam levados a lembrar a fidelidade de Deus, sempre presente no exercício do ministério, e à renovação de seu compromisso com a obra do Senhor.

## 11:1—13:31 Últimas providências para a restauração

### 11:1—12:26 Mais informações sobre o repovoamento

No capítulo 11, Neemias retorna ao tema do reassentamento, recomeçando do ponto em que foi interrompido, no capítulo 7, em que lemos que “a cidade era espaçosa e grande”, porém subpovoada: “Havia pouca gente nela, e as casas não estavam edificadas ainda” (7:4). O capítulo 11 registra a história do repovoamento de Jerusalém e do reassentamento dos que haviam retornado do exílio.

Dois métodos foram utilizados para recolonizar Jerusalém. Primeiro: os exilados decidiram que o “dízimo” (um décimo) da população viria para a cidade e que se lançariam sortes para ver quem seriam essas pessoas (11:1). O lançamento de sortes era um meio utilizado em Israel para conhecer a vontade de Deus. Josué utilizou esse método no primeiro assentamento em Canaã (Js 14:2; cf. Pv 16:33).

Além disso, alguns voluntários escolheram de livre vontade residir em Jerusalém (11:2). No hebraico, fica claro que o primeiro grupo é descrito em termos religiosos, como “dízimo”, e outro termo religioso é usado em relação aos voluntários, palavra em geral empregada para as ofertas voluntárias. Isso porque os voluntários eram estimados pelo povo. O texto então passa a relacionar os que fixaram residência em Jerusalém (11:3). Essa lista é semelhante à dos primeiros habitantes da cidade após o exílio, encontrada em 1Crônicas 9:3-21. No entanto, a lista de Neemias é mais curta, cobrindo apenas as três tribos que constituíam o coração da comunidade pós-exílica: Judá, Benjamim e Levi.

Os *filhos de Judá* (11:4-6) são mencionados em primeiro lugar por causa de seu parentesco com o rei Davi (1Cr 9:3-6). Eles são definidos como *homens valentes*. A linguagem militar reflete a preocupação com a segurança e a defesa de Jerusalém.

Os *filhos de Benjamim* (11:7-9a) eram aparentados com o rei Saul e haviam permanecido fiéis ao reino de Judá (1Cr 9:7-9; 2Cr 11:1). Essa tribo parece ter-se destacado na área administrativa (11:9b).

A lista dos *sacerdotes* e de outros que compunham o efetivo do templo (11:10-23) é a mais longa, indicando que esse era o grupo mais importante e, por conseguinte, a importância do templo para a comunidade. Os ministérios de música e da guarda do templo remontam à época de Davi

(11:17,19,22-23; 1Cr 15; 2Cr 5:4). Essa continuidade era de extrema importância, como já foi dito no comentário de Esdras. Pela primeira vez no livro de Neemias, Jerusalém é chamada de *santa cidade* (11:18).

Apesar de seu interesse por Jerusalém, o autor não esqueceu a população de fora da cidade. Essa lista se limita às mesmas três tribos mencionadas na lista dos habitantes de Jerusalém: Judá (11:24-30), Benjamim (11:31-34) e Levi (11:36).

Depois da lista de sacerdotes e levitas que viviam em Jerusalém (11:10-23), o autor apresenta a lista completa de todos os sacerdotes e levitas que haviam regressado na época de Zorobabel e Josué, os dois líderes da primeira leva de exilados judeus a retornar para Jerusalém logo após o decreto de Ciro (12:1-26a; Ed 2:1-2). O autor teve a preocupação de manter a continuidade entre a geração de seus dias, isto é, da época de Esdras e Neemias, com a primeira comunidade formada pelos que haviam regressado a Jerusalém em data anterior. É por essa razão que a lista inicia com uma referência aos que retornaram sob a liderança de Zorobabel e Josué e termina com a menção dos novos líderes: Neemias, o governador, e Esdras, sacerdote e escriba (12:26b).

Os judeus que retornaram do exílio haviam preservado com o maior zelo o registro genealógico de suas respectivas famílias. Infelizmente, a igreja africana não se tem mostrado consciente da importância de preservar sua história. O nome dos pioneiros, pastores e evangelistas africanos que trabalharam na evangelização do continente desapareceram sem deixar rastro. Se a nova geração não despertar para o registro dessas informações, a igreja africana sofrerá a lastimável perda do conhecimento de suas raízes.

### 12:27-43 Dedicção dos muros de Jerusalém

Essa seção é o ponto alto do livro de Neemias. Ela informa o restabelecimento de Jerusalém como centro religioso do povo. Ao mesmo tempo, indica o sucesso da missão de Neemias, a despeito da oposição. A obra foi concluída. Vamos lembrar a zombaria dos inimigos: “Que fazem estes fracos judeus? Permitir-se-lhes-á isso? Sacrificarão? [...] Renascerão, acaso, dos montões de pó as pedras que foram queimadas?” (4:2). A dedicção dos muros é a resposta a cada uma dessas perguntas irônicas. A cidade foi restaurada, e sacrifícios eram agora oferecidos.

Dois providências foram tomadas na fase preparatória da dedicção dos muros. A primeira foi a convocação de todos os levitas para que, juntos, comandassem a celebração (12:27). Entre suas responsabilidades, estava a ministração da música, isto é, conduzir o povo na hora do louvor e das ações de graças (12:24), por isso a participação deles na cerimônia era essencial. (Davi os havia convocado com um propósito semelhante quando a arca da aliança foi levada para Jerusalém, 1Cr 15:16-24.) No entanto, muitos deles viviam nas cidades ao redor de Jerusalém (12:28-

29). Eles vinham ao templo, cumpriam seu turno e então voltavam para casa. O fato é que não havia levitas suficientes residindo em Jerusalém para a realização da cerimônia, daí a necessidade de convocar outros levitas para virem à cidade.

A segunda providência na fase preparatória da dedicção dos muros foi o ritual de purificação. Os sacerdotes e os levitas se purificaram primeiro, depois procederam à purificação do povo e dos muros (12:30). O método utilizado nessa purificação não é especificado, mas é provável que a purificação dos líderes compreendesse, entre outras coisas, rituais de lavagem corporal, abstinência de sexo, lavagem das roupas e oferta de sacrifícios (Êx 19:10-15). O trabalho dos leigos por certo foi solicitado nos rituais de lavagem das roupas e do corpo (pelo menos de algumas partes). Os muros foram provavelmente purificados por algum ato simbólico de aspersão. Muitos anos antes, o rei Ezequias havia purificado o templo, depois de o rei Acaz havê-lo maculado (2Cr 28:21,25; 29:3-24). A reconstrução dos muros necessitou de uma purificação semelhante, porque a cerimônia de dedicção iria simbolicamente transferir o que o povo havia construído para as santas mãos de Deus (ainda que Deus tivesse sido o principal idealizador da obra, 6:16). A dedicção tornaria Deus o proprietário do objeto dedicado.

A cerimônia é descrita em detalhes em 12:31-43. O povo fora dividido em dois grupos, ambos dispostos da mesma forma. Cada grupo era liderado por sete sacerdotes e por levitas músicos. Os dois grupos partiram do mesmo ponto, porém marcharam em direções opostas, passando por cima da muralha, até se encontrarem de novo num espaço aberto, do outro lado do templo, onde muitos sacrifícios foram oferecidos. Todos os presentes, até mesmo as mulheres e as crianças, se regozijaram. A alegria desse momento é evidenciada no fato de que a palavra *alegria* e outras variações de “regozijo” aparecem quatro vezes num mesmo versículo (12:43). Esse versículo confirma o êxito da missão de Neemias. Ele viera a Jerusalém para “procurar o bem dos filhos de Israel” (2:10), e o povo agora se regozijava diante do templo. Com perseverança, sabedoria e oração, ele havia alcançado seu objetivo.

Sempre nos sentimos felizes quando concluímos com bom êxito uma tarefa. Infelizmente, isso não acontece muito na África. Nossas cidades e aldeias e até mesmo nossas igrejas acumulam projetos inacabados. A igreja é construída, mas a casa pastoral não é terminada; projetos que contemplam o bem-estar da comunidade são abandonados pela falta de líderes do calibre de Neemias. Precisamos de mais líderes como ele, que depositem sua confiança em Deus e perseverem, a despeito das dificuldades e da oposição.

### 12:44—13:31 Outras reformas instituídas por Neemias

No trigésimo segundo ano do rei Artaxerxes, muitos anos depois da reedificação dos muros, Neemias voltou à Babilônia, a qual ele havia deixado doze anos antes (5:14). Não

sabemos o propósito dessa viagem. Teria sido ele intimado por causa das acusações de Tobias e de outros? Estaria encerrado seu mandato de governador? Qualquer que seja o caso, Neemias precisou de nova autorização para regressar a Jerusalém (13:6-7a).

Ao chegar à cidade, percebeu que muita coisa havia mudado durante sua ausência. A seção final do livro é dedicada às reformas que ele implantou para corrigir os abusos que estavam sendo cometidos. Há forte vínculo entre suas ações aqui e o compromisso firmado no capítulo 10, após a leitura do Livro da Lei, feita por Esdras. Esdras, sacerdote e escriba, fora investido de autoridade pelo imperador para fazer que a lei de Deus fosse observada (Ed 7:14-26). Por isso, ao reforçar essas medidas, Neemias não estava indo de encontro às leis do império.

Os procedimentos administrativos registrados em 12:44-47 são compreendidos mais claramente em 13:10-14, por isso aquela passagem será explicada no respectivo comentário.

Apesar da expressão *naquele dia* (13:1a), não há certeza de que os fatos narrados em 13:1b-3 tenham ocorrido imediatamente após a cerimônia de dedicação. Está claro que aconteceram após a leitura *no Livro de Moisés*. Embora essa expressão possa significar todo o Pentateuco, aqui ela se refere especificamente a Deuteronômio, pois é nesse livro que encontramos a instrução para que os amonitas e moabitas sejam excluídos da “assembleia do SENHOR” (Dt 23:3-6). Em concordância com isso, foi tomada a decisão de excluir todos os estrangeiros da “congregação de Deus”, isto é, da comunidade adoradora (13:3). A questão do divórcio das mulheres estrangeiras só é discutida mais tarde (13:23).

Essa decisão se devia em parte ao comportamento de Tobias, um amonita, o grande inimigo de Neemias (2:10). Durante a ausência de Neemias, com a cumplicidade de um sacerdote chamado Eliasibe, Tobias se instalara numa espaçosa câmara do templo, reservada ao armazenamento dos grãos oferecidos aos sacerdotes e levitas (13:4-5). Neemias não era homem de tolerar tal petulância. Imediatamente, pôs fim àquele ato de profanação. Fez isso sem hesitar, sem buscar alternativas e sem aceitar acordo. Aquele salão fora reservado para um propósito específico, e ninguém, nem mesmo Tobias, podia mudar essa realidade. Neemias, na mesma hora, devolveu ao salão sua função original (13:7b-9).

Providências foram tomadas para garantir provisão permanente a todos os que serviam no templo (12:44-46). Eles recebiam na época um auxílio do rei da Pérsia (11:23), mas essa ajuda não seria vitalícia. A exemplo do que ocorria nos tempos de Zorobabel, os israelitas tinham de assumir o sustento dos levitas. Estes, por sua vez, tinham de entregar aos sacerdotes o dízimo do que recebiam (12:47). O sustento dos que serviam no templo permitiria que a casa de Deus funcionasse como nos anos dourados de Israel, durante os reinados de Davi e Salomão (12:45-46).

A promessa do dízimo para os levitas (10:37; 12:44-47) havia sido negligenciada durante a ausência de Neemias (13:10). A presença de Tobias pode ser considerada uma das causas dessa negligência. Neemias censurou os oficiais por permitirem que a casa de Deus ficasse desamparada. Ele os lembrou do compromisso que os israelitas haviam assumido: “Não [desampararemos] a casa do nosso Deus” (10:39). Descumprida a promessa, os levitas abandonaram seus postos. Neemias reuniu os levitas para lembrá-los de que eles tinham suas responsabilidades. O povo também trouxe os dízimos que lhes eram devidos (13:11-12).

Para garantir a boa administração dos estoques, Neemias designou alguns supervisores (13:13; 12:44). O caráter virtuoso desses homens é percebido na expressão *foram achados fiéis*. A capacidade de inspirar confiança é sem dúvida uma qualidade que se espera de todo líder. O continente africano está passando por severa crise de confiança. O ceticismo predomina, e as igrejas não estão isentas dessa tendência. Não sabemos mais a quem confiar o dinheiro e os bens da igreja, porque alguns daqueles que foram incumbidos dessa responsabilidade estão desviando esses recursos para benefício próprio. A leitura de Neemias nos motiva a exercer mais controle nessa área.

O espaço reservado à questão do sábado demonstra que sua observância era muito importante para os judeus que haviam regressado a Jerusalém. O compromisso firmado em 10:32 não estava sendo cumprido. A posição geográfica de Jerusalém no Império Persa significava que a cidade estava aberta a pessoas de outras nações, que não respeitavam a santidade do sábado, como exigia a lei de Moisés. Os judeus eram tentados a agir de igual maneira e estavam trabalhando e fazendo negócios nesse dia. Esse também era o dia em que o povo de Tiro, que vivia no litoral, chegava para vender o produto da pescaria aos habitantes da cidade (13:15-16).

Neemias lembrou aos líderes judeus que a não observância do sábado fora uma das razões da destruição de Jerusalém e do exílio (13:17-18). Ele tomou então providências para impedir o comércio nesse dia. Designou alguns guardas para vigiar os portões nas tardes em que iniciava o sábado, a fim de evitar que qualquer tipo de comércio fosse realizado, e ordenou que os porteiros levitas garantissem o cumprimento da lei (13:19-22).

O casamento com mulheres estrangeiras continuava a representar uma séria ameaça à comunidade. A questão é discutida exaustivamente em Esdras 9 e 10. Ao renovar a aliança com Deus, os judeus prometeram “que não dariam as suas filhas aos povos da terra, nem tomariam as filhas deles para os seus filhos” (10:30). No entanto, uma vez que Judá fazia parte do Império Persa, os judeus tinham contato permanente com estrangeiros de muitas nações, e os casamentos multirraciais eram comuns (13:23-24). Esses casamentos em geral eram acertados por motivos políticos e financeiros.

Tais alianças constituíam uma ameaça à fé judaica, pois sempre havia o risco de a esposa estrangeira arrastar o marido para alguma religião pagã (cf. comentário sobre 10:31). Neemias lembrou ao povo que foram as mulheres estrangeiras de Salomão que o induziram à idolatria (13:25-27; 1Rs 11). A consequência desse pecado foi a divisão da nação judaica. Das muitas nacionalidades das mulheres de Salomão (1Rs 11:1), as amonitas e moabitas são mencionadas por Neemias.

Esdras 10:18-44 observa que até mesmo alguns dos sacerdotes, guardiães da lei, haviam contraído matrimônio com mulheres estrangeiras. Essa prática, que maculava o sacerdócio, não havia cessado (13:29-30). Neemias resolveu então agir, mesmo tendo de enfrentar pessoas importantes, como Joiada e um neto do sumo sacerdote Eliasibe (13:28). Neemias expulsou o sacerdote porque este se casara com uma estrangeira — ninguém menos que a filha do horonita Sambalate, inimigo implacável de Neemias! Com essa medida, Neemias também pode ter-se livrado de um agente inimigo.

O último capítulo de Neemias ressalta a necessidade de vigilância constante para que as promessas feitas no capítulo 10 sejam cumpridas. Nós, de igual modo, precisamos ponderar sobre as promessas que fizemos. Um pouco antes, no mesmo capítulo, a questão da confiança é mencionada (13:13). A confiança está intimamente ligada à manutenção das promessas. Quando uma promessa é quebrada, a confiança evapora. A debilidade financeira das igrejas da África se deve em parte à quebra de promessas, de compromissos. Reunimo-nos em convenções, tomamos decisões e assumimos compromissos, mas são poucos os que depois se orientam por essas decisões. Quando alguma oferta é solicitada, homens e mulheres se comprometem a contribuir com somas

substanciais, pensando apenas em aumentar o prestígio do grupo ao qual pertencem, mas nunca enviam o dinheiro prometido! Neemias nos adverte a levar a sério os compromissos que assumimos e as promessas que fazemos.

A reconstrução da África não será bem-sucedida sem a presença de Deus. É importante observar que o livro encerra com a frase: *Lembra-te de mim, meu Deus, para o meu bem* (13:31; cf. tb. 13:14,22,29). Em 1:8, Neemias pede que Deus se “lembre” das palavras que dissera a Moisés quando este lhe pediu que mudasse determinada situação. No final do livro, entretanto, Neemias simplesmente suplica a bênção de Deus. Ele havia cumprido a missão para a qual fora designado. Paulo se expressa da mesma forma quando em tom triunfal encerra a sua última carta, endereçada a Timóteo, com as seguintes palavras: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia” (2Tm 4:7-8). Paulo estava prestes a encarar a morte, mas Neemias pode estar pedindo a Deus orientação e auxílio para outra tarefa da qual o SENHOR lhe incumbira. Não há registro dessa tarefa, mas não há dúvida de que Neemias nesse caso também se conduziu com fidelidade diante do SENHOR.

Nupanga Weanzana

#### Leituras adicionais

BROWN, Raymond. *The Message of Nehemiah: God's Servant in a Time of Change*. BST. Downers Grove Ill: InterVarsity Press, 1998. (Série The Bible Speaks Today)

ROSSIER, H. L. “Ezra, Nehemiah, Esther.” *H. L. Rossier Commentaries*. Sunbury, Pa: Believers Bookshelf, 2003. Disponível em: <http://www.biblecentre.org/commentaries>.

# ESTER

O livro de Ester narra uma história fascinante que contém todo o drama de um bom romance. Traz revelações sobre a natureza humana e a vida comum e diária. Ester nos apresenta três importantes personagens: uma linda heroína que salva a situação; um herói que salva a vida do rei; e um vilão, corrupto até o âmago, cuja conspiração é descoberta e frustrada. É um livro favorito entre as comunidades judaicas e lido todos os anos durante as festividades do Purim.

Trata-se de um livro singular pelo fato de ser um dos dois únicos livros da Bíblia que tem como título um nome feminino (o outro é Rute). Mais significativamente ainda, é o único livro da Bíblia em que o nome de Deus não é mencionado. Também não se menciona a oração. Seu tema contínuo, entretanto, é a soberania de Deus trabalhando silenciosamente para moldar os eventos e proteger o seu povo. A não-referência ao nome de Deus pode indicar que Deus não estava falando diretamente aos israelitas durante o exílio. Ele se ocultara, revelando-se apenas por meio de sua providência.

Antigos comentadores judeus tiveram dificuldade em classificar o livro de Ester. Pertenceria ele aos livros da lei porque dá orientação ao povo sobre como comemorar o Purim? Ou seria simplesmente uma história? Ou pertenceria a ambos os grupos? Os cristãos também não têm demonstrado muita certeza sobre o que fazer com ele. Afinal, a maioria dos cristãos não comemora o Purim. Até o presente, existe algum debate sobre qual seria o gênero deste livro.

Os acontecimentos registrados em Ester tiveram lugar na capital do Império Persa no início do reinado do rei Xerxes, ou Assuero (486-465 a.C.), numa ocasião em que vários milhares de judeus estavam voltando para restabelecer a Judeia e reconstruir as muralhas de Jerusalém. Outros judeus se espalharam por todo o Império Persa, que se estendia desde a Índia até a Etiópia ou Cuxe, região que incluía o sul do Egito e o Sudão.

Não sabemos quem escreveu o livro. Alguns têm sugerido que talvez Mordecai tenha sido o autor. Quem quer que tenha sido o escritor, deve ter vivido próximo à ocasião dos acontecimentos nele registrados. O autor se mostra bem familiarizado com a cultura e os costumes persas e talvez tenha sido testemunha ocular dos eventos descritos.

Os propósitos originais do livro eram encorajar os judeus, ajudá-los a compreender as origens da Festa do Purim e ensiná-los que a adesão às suas tradições os ajudaria a sobreviver em meio ao mundo pagão. O livro de Ester, no entanto, possui muitas lições para hoje. Mostra

a soberania de Deus em ação e demonstra seu compromisso em proteger e cuidar de seu povo. Também revela a capacidade de Deus de usar várias pessoas para influir nos interesses e negócios das nações. Finalmente, o livro demonstra as consequências do ódio e da luta étnicos e a possibilidade de viver e comunicar a verdade de Deus num mundo estranho.

## Esboço

### 1:1-22 A destituição de uma rainha

1:1-9 O banquete de Assuero

1:10-22 A desobediência e o banimento de Vasti

### 2:1-20 A procura por uma nova rainha

2:1-4 A solidão do rei

2:5-11 Ester entra no concurso

2:12-14 Preparação para o concurso

2:15-20 Ester vence o concurso

### 2:21-23 Uma tentativa de assassinato

### 3:1-15 A conspiração de Hamã

3:1-6 A ofensa

3:7-15 A revanche

### 4:1-17 Um pedido de auxílio

4:1-3 Mordecai dirige o lamento

4:4-17 Um apelo a Ester

### 5:1-8 Ester apela ao rei

### 5:9—6:14 Acontecimentos inesperados

5:9-14 O orgulho de Hamã

6:1-3 Um rei insone

6:4-11 Honra para Mordecai

6:12-14 Um aviso da esposa de Hamã

### 7:1-7a O pedido de Ester

### 7:7b—9:17 Inversão dos papéis

7:7b-10 A morte de Hamã

8:1-2 A promoção de Mordecai

8:3-14 Um massacre evitado

8:15-17 Uma celebração

9:1-17 A revanche dos judeus

### 9:18-32 A instituição do Purim

### 10:1-3 A grandeza de Mordecai

## COMENTÁRIO

### 1:1-22 A destituição de uma rainha

#### 1:1-9 O banquete de Assuero

O rei Assuero governou um vasto império que se estendia do norte da Índia até a Etiópia (1:1). Mas o rei não estava satisfeito com suas 127 províncias e ainda planejava invadir a Europa e conquistar a Grécia. Assim, no terceiro ano de seu reinado, convidou um grande número de líderes para se reunir em sua corte. Entre os convidados, estavam nobres de várias províncias, oficiais de postos inferiores e líderes militares. Durante essas festividades, que duraram seis meses, o rei exibiu sua riqueza, poder e troféus (1:3-4). Pode-se assumir que a reunião foi usada também para fazer um inventário dos recursos do império e planejar futuras campanhas militares.

O fato de que os convidados tenham vindo de todas as províncias significa que os convites atravessaram limites tribais. Com esta atitude, Assuero estabeleceu um exemplo. A África possui muitas nações e tribos, e seus líderes não deveriam depender unicamente do apoio de suas tribos. Ao contrário, deveriam encorajar o povo de diferentes áreas para se unir por uma causa comum.

A reunião de planejamento estratégico foi seguida de um generoso banquete, no qual os convidados tiveram permissão para beber o que quisessem. E os convidados se excederam durante uma semana (1:5-8). Ao que parece, o rei sabia que o caminho para o coração do homem é o seu estômago! Ainda hoje, os líderes servem alimento para conquistar o favor de seus seguidores.

Enquanto o lauto banquete prosseguia, a rainha Vasti oferecia um banquete separado para as mulheres (1:9). A lei persa não exigia que homens e mulheres realizassem suas comemorações separadamente, mas talvez as mulheres se sentissem pouco à vontade na companhia de homens bêbados e talvez também não apreciassem o tom militar das discussões. Ou, como alternativa, Vasti talvez não tenha desejado misturar-se com as pessoas comuns que também estavam presentes no banquete do rei.

#### 1:10-22 A desobediência e o banimento de Vasti

No sétimo dia do banquete, o rei Assuero enviou seus servos pessoais para buscar a rainha a fim de poder exibir sua beleza, *pois era em extremo formosa* (1:10-11). Mas a rainha Vasti recusou-se a ser exibida diante de homens bêbados. Embora alguns pudessem condenar sua desobediência, a maioria pôde simpatizar com ela e admirar sua coragem em ater-se a seus princípios. A rainha não desejava que os homens ansiassem por ela.

Vasti possuía um caráter forte, que não temia a ira de um rei furioso (1:12). Assuero é conhecido por ter sido

alguém com um temperamento violento. De fato, o historiador grego Heródoto registra que, quando sua planejada invasão da Grécia foi malsucedida, ele ordenou a seus soldados que espancassem o oceano.

Como Vasti, as mulheres africanas deveriam ter respeito próprio e possuir valores pessoais, com seus princípios extraídos da Palavra de Deus. Isso pode ser custoso, mas vale o preço. Os homens também necessitam aprender a não explorar a beleza das mulheres para seu próprio prazer.

A recusa da rainha Vasti causou consternação. Recusar ao rei significava humilhá-lo. Assim sendo, o rei procurou por seus conselheiros confiáveis. Qual seria a punição apropriada para uma rainha que havia cometido o crime de desobedecer ao rei (1:13-15)? Ao que parece, o rei não fez nenhuma tentativa de perguntar a Vasti por que ela não se apresentara. Isso sugere certa arrogância, o que também não é desconhecido na África. Os homens deveriam não só pedir o conselho de seus amigos ou conselheiros, mas também daquelas pessoas que lhes são mais íntimas, suas esposas. Vasti talvez tenha tido uma boa razão para recusar-se a aparecer — ela própria talvez estivesse bêbada e, nessa condição, relutaria em aparecer diante de hóspedes importantes.

Assuero, no entanto, foi sábio em pedir conselho a outros em vez de atacar raivosamente. Provérbios 15:22 afirma: “Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito”. Mas a pergunta importante é: Quem pode ser tido como um conselheiro sábio? O que constitui um bom conselheiro? O critério deve incluir honrar e respeitar a Deus e ter o dom do discernimento. Os líderes africanos precisam procurar conselheiros com essas qualificações.

Memucã, um dos conselheiros de Assuero, lembrou ao rei que nenhum indivíduo numa posição de importância pode agir sem que isso afete muitas outras pessoas. Os líderes precisam reconhecer que estão sobre um pedestal e, por isso mesmo, estabelecem as normas para seus seguidores. Assim sendo, os líderes africanos devem ser escolhidos com sabedoria. Devem ser homens e mulheres íntegros que estabelecerão padrões morais altos. Memucã teve medo de que muitas mulheres nas províncias, ao tomar conhecimento de como a rainha Vasti havia desafiado seu marido, tentassem copiar sua conduta (1:16-18). Ele, portanto, insistiu com o rei que banisse Vasti do trono para sempre e a impedisse de jamais retomar sua posição real (1:19). Sua punição deveria ser um aviso para as outras mulheres.

Poderíamos, entretanto, perguntar por que os conselheiros foram tão insistentes em que Vasti nunca deveria ser reinstalada. A resposta talvez seja que, se o rei ainda tinha um amor residual por ela e, se ele algum dia a restaurasse, a vida dos conselheiros talvez corresse perigo. Nesse caso, pressionaram o rei no sentido de emitir um decreto irrevogável.

Somos relembrados do cuidado que devemos exercer quando avaliamos regras, regulamentos e leis. Regras e leis devem basear-se no bem da maioria, não no egoísmo que é contrário às normas de Deus. Os africanos devem considerar cuidadosamente por que algumas leis são sancionadas e por que há exigências para a revisão de constituições nacionais. A nova lei de Assuero estabelecia que cada homem deveria ser senhor de sua própria casa (1:22) — algo que não é facilmente legislado. Embora essa lei esteja em concordância com o NT, o qual ensina que o marido é o cabeça da família (Ef 5:23), o próprio Assuero não amava sua esposa como o NT ordena. Se ele a tivesse amado, teria dado a ela oportunidade para explicar suas atitudes.

Outra lição a ser aprendida com essa cena é que a desobediência tem um preço. Custou a Vasti seu posto de rainha. Deus, no entanto, estava operando por trás das cenas. Ele já enxergara muito adiante, e o banimento de Vasti tinha um lugar em seus planos.

## 2:1-20 A procura por uma nova rainha

### 2:1-4 A solidão do rei

Nenhuma tentativa foi feita para substituir Vasti, e, com o tempo, o rei tornou-se solitário. Seus pensamentos talvez se tenham voltado novamente para ela. Talvez ele se tenha sentido desconfortável por continuamente lembrar sua ex-esposa, a quem havia banido com um decreto irrevogável. Somos relembrados do perigo de agir a partir da raiva e da humilhação. O rei não poderia reverter o decreto que havia promulgado após consulta com seus sábios conselheiros.

Os servos de Assuero notaram a mudança em seu humor. Uma pessoa deprimida pode tornar miserável a vida de seus servos. Esses servos conheciam a disposição de ânimo de seu senhor. Eles queriam paz. A exemplo destes, aqueles que servem o povo em posições de liderança necessitam de discernimento para evitar sofrimento desnecessário.

Para tratar de seu descontentamento, os servos aconselharam o rei a procurar uma linda substituta para a rainha Vasti (2:2). Dessa maneira, foi empreendida uma busca em todas as províncias. Sem dúvida, a tarefa de encontrar moças bonitas foi acatada com entusiasmo. Moças que apresentavam as qualidades condizentes foram trazidas a Susã e colocadas sob os cuidados de Hegai, o eunuco encarregado de cuidar das mulheres do rei (2:3).

Não sabemos quantas mulheres foram levadas ao rei, mas o que sabemos é que a Bíblia desaprova tal estilo de vida. Embora os reis na Bíblia tenham tido muitas esposas e concubinas, é claro que o modelo de Deus para o casamento envolve um homem e uma mulher. Os africanos não deveriam desculpar a poligamia apoiando-se na premissa de que ela faz parte de sua cultura, mas, sim, conformar-se com as normas da Bíblia.

## 2:5-11 Ester entra no concurso

Ester nos é apresentada por meio de seu tio Mordecai, um judeu. Seu bisavô Quis estava entre os israelitas que foram levados cativos por Nabucodonosor (2:5-6). É possível que Mordecai fosse um funcionário de menor importância no governo persa, mas ele representa um grande papel no livro de Ester e pode, sem dúvida, ser considerado o herói do livro.

Mordecai era um homem sensível e cuidadoso. Ele havia adotado uma jovem sobrinha órfã cujo nome hebraico era Hadassa (2:7), que significa “murta”. A murta é uma pequena árvore conhecida por sua fragrância delicada. Entretanto, o nome persa pelo qual a jovem era conhecida era Ester, que significa “estrela da manhã” e talvez se refira ao seu brilho. Ela é descrita como sendo bela, com formas e feições encantadoras. Pode ter sido apresentada com seu nome persa porque Mordecai, que era como um pai para ela, a havia instruído a não revelar sua origem (2:10), possivelmente porque desejava que ela se adaptasse à nova terra e à sua cultura.

Ester também foi levada ao harém para participar do concurso de beleza. Ali chegando, imediatamente conquistou o favor de Hegai, que era o encarregado do harém. Hegai logo percebeu que havia algo especial a seu respeito e lhe deu um quarto especial e sete jovens escolhidas para servi-la (2:8-9).

Embora nem todas as mulheres possam ser radiantemente belas como Ester, o objetivo daqueles que criam suas filhas deve ser o de dar-lhes segurança e amor, da mesma forma que Ester recebeu de seu tio. Mulheres cristãs devem também esforçar-se por estar bem arrumadas, ter um encanto gentil e agradável e cultivar a sabedoria demonstrada pela rápida obediência de Ester às instruções de seu tio. Essas qualidades lhe abriram as portas para participar dos planos de Deus.

Mordecai representa um modelo como pai que trata sua filha adotiva como se fosse sua. Na realidade, vemos que Mordecai permanecia tão cuidadoso e preocupado com sua sobrinha que mantinha vigilância sobre ela todos os dias (2:11). Guerra, luta civil e aids deixaram a África cheia de órfãos. Muitos outros semelhantes a Mordecai são necessários para devotadamente cuidar de seu bem-estar.

## 2:12-14 Preparação para o concurso

Não sabemos exatamente o que se passou no harém durante o ano de preparação. O tratamento de beleza incluía seis meses de cuidados com óleo e mirra, fragrância extraída de várias plantas encontradas no leste da África. Seguiam-se outros seis meses de tratamento com perfumes e cosméticos (2:12).

Decorridos esses doze meses, as virgens eram levadas ao rei por uma noite. A jovem podia levar consigo qualquer coisa que desejasse para salientar sua beleza (2:13). Ela não veria o rei novamente, a não ser que fosse especificamente chamada por ele (2:14).



## 2:15-20 Ester vence o concurso

Possivelmente centenas de virgens passaram uma noite com o rei antes que chegasse a vez de Ester. Ao considerarmos isso, muitas questões se levantam. Como poderia Mordecai, um judeu, permitir que sua sobrinha fosse levada ao rei, que não era judeu? Como poderia ele permitir que sua sobrinha entregasse sua virgindade a um rei que provavelmente nem sequer se casaria com ela? Deus valoriza a virgindade (Dt 22:13-21). A resposta talvez seja que Mordecai tinha esperança de que, mantendo-a no palácio do rei, isso talvez pudesse auxiliar sua própria carreira. Mas é igualmente possível que ele tivesse pouca escolha nessa questão. A beleza de Ester provavelmente foi notada por outras pessoas, e nesse caso ela teria sido levada de sua casa pelos oficiais do rei.

Também devemos lembrar que tornar-se uma concubina do rei não era o equivalente a dormir com alguém com quem não se está casada. As concubinas não eram consideradas mulheres imorais, mas, sim, esposas com *status* inferior ao daquelas que desfrutavam do título de esposa.

Quando Ester foi ao rei, levou consigo apenas aquilo que Hegai havia sugerido (2:15). Isso mostra que Ester estava preparada para aprender com aqueles que tinham autoridade ou eram mais velhos que ela. A jovem havia obedecido a seu tio e agora ouvia o conselho de Hegai. Sua sabedoria foi recompensada. Ester venceu o concurso de beleza, pois *o rei amou a Ester mais do que a todas as mulheres* que haviam sido trazidas para o seu prazer (2:17).

Ester foi, assim, entronizada como rainha do Império Persa. Presentes foram distribuídos para celebrar sua coroação (2:18). Embora o rei tivesse tomado Ester como sua esposa, ainda havia um segundo grupo de virgens que foram levadas ao harém (2:19). Talvez ele ainda suspirasse por variedade sexual. Velhos hábitos morrem devagar. As mulheres devem ser cuidadosas a respeito de com quem se casam, pois não podem garantir que seu amor por fim ao anseio masculino por sexo promíscuo. Apenas Deus pode fazer isso. Os líderes da África também devem prestar atenção ao fato de que orgias sexuais têm consequências e não agradam a Deus.

Enquanto isso, Mordecai continuava a demorar-se ao redor da cidadela, mantendo vigilância sobre sua jovem órfã, que agora era a rainha. Ester, mesmo sendo rainha, ainda não havia revelado sua origem, pois continuava a obedecer a Mordecai (2:20).

## 2:21-23 Uma tentativa de assassinato

O rei obviamente necessitava de grande número de assessores e subordinados. Quando alguns deles ficavam insatisfeitos, surgiam conspirações contra o soberano. De alguma forma, Mordecai ficou sabendo de uma trama de assassinato envolvendo dois dos eunucos do rei, Bigtã e Teres. Relatou o fato a Ester, que, por sua vez, informou ao rei, dando cuidadosamente o crédito da descoberta a

Mordecai (2:21-22). O rei mandou enforcar os dois quase assassinos, e todo o caso foi registrado nas crônicas do reino (2:23). Nossos líderes africanos necessitam de assessores confiáveis, e aqueles que tomam conhecimento de golpes ou outros planos desonestos não devem ocultar seu conhecimento.

## 3:1-15 A conspiração de Hamã

### 3:1-6 A ofensa

Depois de ser coroada rainha, Ester e Mordecai poderiam ter assumido que o resto de sua vida fluiria mansamente. Por certo tempo, as coisas realmente correram bem, mas sem o conhecimento dos dois uma tempestade estava sendo urdida, o que resultaria numa trama para aniquilar os judeus. Os cristãos africanos também devem tomar cuidado para não se deixarem embalar pelo contentamento quando as coisas parecem caminhar muito bem. Nosso inimigo está sempre tramando seu próximo ataque.

Por alguma razão, o rei Assuero escolheu Hamã, o agita, como primeiro ministro da Pérsia e ordenou que todos deveriam curvar-se diante dele em honra à sua nova posição (3:1-2). A necessidade de tal ordem talvez sugira que Hamã não descendia de uma família nobre. Respeito que vem sem ameaças ou força é o único que vale a pena receber.

Como na sociedade dos nossos dias, havia muitas pessoas intrometidas em Susã. Algumas delas perceberam que Mordecai não se curvava diante de Hamã e correram para lhe relatar o fato (3:3-4). É estranho que Mordecai, o qual havia dito a Ester que permanecesse silenciosa quanto a esse assunto, aqui declara sua nacionalidade judaica. Isso causou ainda mais complicação. Hamã decidiu que todos os judeus deveriam sofrer em razão da recusa de Mordecai em lhe prestar homenagem. Apenas isso acalmaria seu orgulho ferido (3:5-6).

A razão da recusa de Mordecai em se curvar não significava que ele desprezasse Hamã, mas, sim, que devia obedecer a Deus. Os judeus eram proibidos de se inclinar diante de outros deuses (Êx 20:15). Hamã certamente não era um deus, mas, em seu orgulho, ele possivelmente se apresentava como se o fosse. Sendo esse o caso, a recusa de Mordecai em inclinar-se simbolizava a recusa de todos os judeus em curvar-se diante de Hamã, e, assim sendo, todos os judeus ficaram expostos ao ódio de Hamã.

O orgulho ferido de Hamã transpareceu como ódio. Ele não podia controlar Mordecai, portanto o odiou e generalizou seu ódio para incluir todos os judeus. Em seu ódio racial, ele é mais um na longa lista daqueles que têm perseguido os judeus no passado e no presente. Muito do nosso tribalismo na África e do racismo tão proeminente na África do Sul também está enraizado na raiva e no desejo de controlar a todos e a todas as coisas. O ódio racial tenta escapar-se no mito de que uma tribo é superior às outras. Mas

nenhuma raça, nacionalidade ou tribo é superior a qualquer outra. Deus criou todas elas para um propósito. Devemos lembrar que Deus é contra todas as discriminações injustas (Tg 2:1-4) e se opõe à luta étnica que destrói em vez de construir o continente.

### 3:7-15 A revanche

Ao apresentar seu plano ao rei, Hamã lançou mão de exageros e mentiras. Enfatizou que os costumes judeus eram diferentes, o que era verdade, mas então passou a falsas generalizações de que nenhum dos judeus obedecia à lei do rei (3:8). Hamã chegou mesmo a oferecer para pagar do seu próprio bolso pela aniquilação dos judeus. A soma que ele estava disposto a pagar é fantástica: cerca de 350 toneladas de prata. É difícil transferir esse valor para moeda corrente, mas podemos ter alguma ideia com base no fato de que alguns comentadores dizem que isso seria equivalente a dois terços da receita anual do Império Persa. É claro que o problema de Hamã não era falta de dinheiro, no entanto ele ainda desejava saquear os judeus. Ainda hoje, precisamos estar precavidos contra homens e mulheres gananciosos que egoisticamente promovem e até financiam guerras tribais.

Hamã ganhou a aprovação do rei, o qual, impulsivamente, sem nem ao menos consultar seus conselheiros ou averiguar o que tinha ouvido, entregou a Hamã o anel que trazia o seu selo. Isso era o equivalente a entregar a Hamã um cheque assinado em branco. Significava que Hamã estaria agindo com a aprovação do rei. Assuero também dispensou a oferta de dinheiro feita por ele e autorizou seu governo a custear a destruição (3:10-11).

Aqui há lições a serem aprendidas pela África. Se quisermos ter alguma esperança de paz, os líderes necessitam ter pessoas íntegras ao seu redor. Além disso, mesmo quando rodeados de pessoas confiáveis, esses líderes deveriam averiguar as informações, especialmente quando elas afetam muitas pessoas. O rei Assuero não estava governando com sabedoria. Tampouco foi sábio ao delegar seu poder entregando o anel com o selo real.

Hamã tinha recebido agora o poder que ambicionava. A partir de então, tomou providências para certificar-se de que suas ordens seriam comunicadas a todos os oficiais de todos os níveis de autoridade nas 127 províncias: aos sátrapas, governadores de cada província e líderes de grupos menores (3:12). A mensagem para todos era *que se destruíssem, matassem e aniquilassem de vez a todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres, em um só dia* (3:13-14).

À medida que essas ordens se espalharam pela cidade de Susã, os judeus ficaram arrasados, mas o rei e Hamã se sentaram calmamente e beberam (3:15). Talvez estivessem evitando pensar sobre o que tal decreto realmente envolveria. Líderes que bebem não governam bem nem se concentram nas necessidades de seu povo.

## 4:1-17 Um pedido de auxílio

### 4:1-3 Mordecai dirige o lamento

Quando Mordecai ficou sabendo da trama para aniquilar os judeus, rasgou suas vestes, colocou sobre si panos de saco e cinza, sinais tradicionais de lamento, e saiu pelas ruas da cidade lamentando em voz alta (4:1). À medida que as ordens de Hamã chegavam a cada província, os judeus de cada uma delas se juntavam a Mordecai em pranto, jejum, choro e lamento. Muitos deles também usaram panos de saco e cinza (4:3). Que contraste entre o lamento dos judeus e a embriaguez do rei!

Mordecai chegou até perto do portão do rei, como permitia a lei (4:2). Ele desejava que Ester tivesse conhecimento da agonia dos judeus. Vivendo em reclusão no palácio, ela não tinha como saber o que estava acontecendo em Susã. Sua ignorância é um lembrete de outro perigo que ameaça aqueles que estão em posição de liderança. Eles podem tornar-se tão distantes que não sabem o que se passa na vida diária de seus seguidores e, assim sendo, tomam decisões erradas. Os líderes necessitam manter contato com a vida real.

### 4:4-17 Um apelo a Ester

Mordecai precisava fazer chegar uma mensagem a Ester para persuadi-la a aproximar-se do rei em favor dos judeus. Ele esperava que Ester ficasse sabendo que o tio estava no portão, vestido de saco e em prantos, e fosse investigar. Ester realmente soube que Mordecai estava lá, entristecido e em prantos. Enviou-lhe, então, roupas adequadas para substituir seus panos de saco, mas Mordecai recusou-se a parar de lamentar-se e não aceitou as roupas (4:4).

Ester suspeitou, então, que alguma coisa mais séria devia estar acontecendo. A rainha enviou Hataque, um de seus eunuocos, para obter mais informações. Mordecai lhe contou tudo sobre a conspiração de Hamã e até mesmo enviou a Ester uma cópia das ordens de Hamã. E deixou claro que desejava que ela se aproximasse do rei em favor dos judeus (4:5-9).

Ester chamou atenção para o fato de que isso não era tão fácil quanto parecia. A lei especificava que só se poderia entrar na presença do rei sendo convidado por ele. Ir ao rei sem convite era arriscar a própria vida. E já havia trinta dias que ela não via o rei, o que sugeria que não era mais a favorita (4:10-11). Não nos surpreende o fato de que Ester estava com medo de agir.

Em resposta, Mordecai lembrou-a de que ela também era judia e também seria morta. Se deixasse de agir, Deus libertaria os judeus de alguma outra forma, mas, sem dúvida, ela e sua família morreriam no massacre. Sua única esperança era a ação. Mordecai também chamou atenção para o fato de ser providencial ser ela a rainha numa ocasião em que tanto perigo os ameaçava. Havia uma razão para ela estar no palácio (4:12-14).

A resposta de Mordecai às más novas é um modelo para nós. Sua reação inicial foi uma profunda preocupação não só por si mesmo, mas também por seu povo. Seu lamento o levou ao jejum, que deve ter sido acompanhado pela oração, e ao envolvimento de outros na oração e no jejum. Ele não procurou simplesmente proteger-se a si mesmo valendo-se de sua relação com Ester, nem aceitaria conforto dela quando outros estavam enfrentando a morte. Mordecai permaneceu junto ao seu povo judeu. Mas ele não era apenas um homem de oração. Ao encorajar Ester a ir ao rei e apresentar-lhe o seu caso, mostrou-se também como um homem de ação.

Ester respondeu que agiria, mesmo que isso lhe custasse a vida. Mas não se apressou em agir. Pediu a Mordecai que reunisse todos os judeus em Susã e que jejuassem por três dias, enquanto ela e suas servas também jejuariam. Então, ao terceiro dia, ela se apresentaria ao rei (4:15-16).

Ester estava disposta a enfrentar o desconhecido e arriscar sua vida. Faria a sua parte, não sabendo como o rei responderia. Ela, Mordecai e seus irmãos judeus orariam e jejuariam, mas o resultado estava nas mãos de Deus. Embora Deus não seja mencionado pelo nome, está claro que ele é aquele diante de quem os judeus estavam jejuando e a quem faziam orações.

### 5:1-8 Ester apela ao rei

Ester não confiou apenas em jejum e oração; também meditou sobre como haveria de abordar o rei. Vestiu-se formalmente para a ocasião com todos os trajes reais como se fosse se apresentar numa função de Estado (5:1). Isso sugere também que ela se enfeitou de acordo com o que sabia que iria agradar o rei e, então, assumiu o maior risco de sua vida.

Ester desafiou o protocolo que estabelecia que ninguém deveria aparecer diante do rei sem ser convidado. Ela pôs sua vida na mira numa tentativa desesperada de salvar os judeus, pois sabia que apenas a intervenção do rei poderia salvar o seu povo. Sua coragem e sua fé são admiráveis.

O rei Assuero estava sentado em seu trono quando Ester apareceu. Ele deve ter ficado surpreso ao vê-la, e Ester certamente se sentia aterrorizada enquanto esperava por sua resposta. Para seu grande alívio, ele se alegrou ao vê-la e estendeu seu cetro para recebê-la. Mesmo antes de saber qual seria o seu pedido, o rei lhe ofereceu *até a metade do reino*. Ele a havia perdoado por aparecer sem convite (5:2-3).

Embora o rei alegasse estar pronto a conceder a Ester qualquer coisa que ela desejasse, a rainha não fez seu pedido imediatamente. Em vez disso, convidou o rei e Hamã para um banquete (5:4). Ester seguia o costume do Oriente Médio onde questões de negócios normalmente se seguiam a refeições. Talvez Ester tenha sentido que aquela não era a hora certa para fazer seu pedido. Ela desejava a hora certa, a hora de Deus. Do ponto de vista dramático, essa

demora também aumenta a tensão enquanto continuamos a ler a história.

Ester fornece um bom exemplo de correr riscos como crente. A rainha não agiu impensadamente, mas passou muitas horas em oração e jejum antes de arriscar sua vida. Quando a hora de agir se apresentou, ela usou todos os recursos e habilidades que tinha para determinar a melhor maneira de agir. Ester possuía beleza, sabia que o rei apreciava boa comida e bom vinho, e era capaz de organizar um banquete. Nós também devemos considerar como podemos utilizar o mais eficientemente possível todas as capacidades e recursos que Deus nos deu para servir em seu reino.

O banquete para três foi um grande sucesso, mas Ester não se apressou em fazer o pedido. A rainha criou um suspense no íntimo do rei, prometendo que revelaria seu pedido caso ele e Hamã comparecessem a um segundo banquete no dia seguinte (5:5-8).

## 5:9—6:14 Acontecimentos inesperados

### 5:9-14 O orgulho de Hamã

Hamã se sentiu altamente honrado por ter sido convidado pela rainha para comparecer a um banquete especial com o rei. E esse convite havia sido feito não uma vez, mas duas! Assim sendo, ele deixou o palácio de bom humor. Sentia-se no topo do mundo. Chamou sua mulher, Zeres, e os amigos e gabou-se a respeito do privilégio que estava recebendo, reforçando seu lugar como a pessoa número dois do reino (5:10-12).

Contudo, a despeito de todo o seu sucesso e de toda a sua honra, ele se sentia furioso porque Mordecai não lhe prestava homenagem (5:9). Hamã tinha tudo o que desejava, entretanto uma pessoa conseguia tornar sua vida miserável. Hamã era rápido em colocar o foco sobre o único ponto negativo e em deixar que aquilo estragasse suas alegrias e bênçãos. Ele declarou aos amigos e à esposa que seu orgulho não conseguia mais tolerar a visão de Mordecai: *Porém tudo isto não me satisfaz enquanto vir o judeu Mordecai assentado à porta do rei* (5:13).

Hamã deveria manter o foco sobre os privilégios que tinha, e não sobre as irritações menores. Mas não conseguia fazer isso e pediu conselho sobre como lidar com essa questão. Foi aconselhado a construir uma torre muito alta que fosse visível de uma ponta à outra da cidade e a pedir permissão ao rei para mandar enforcar Mordecai (5:14).

No espaço de um dia, a torre ficou pronta. Hamã estava realmente satisfeito consigo mesmo. Logo se veria livre de Mordecai, e então nada atrapalharia seu prazer no segundo banquete com o rei e a rainha.

### 6:1-3 Um rei insone

Após o primeiro banquete de Ester, o rei passou uma noite ruim. Não conseguia dormir (6:1). Talvez estivesse pensando sobre a situação militar ou a respeito do que Ester poderia

possivelmente pedir a ele e a Hamã. Mas essas eram causas humanas; a causa última era a providência de Deus.

Incapaz de dormir, o rei decidiu passar as horas da noite ouvindo seus servos ler os registros de seu reino. Pela providência de Deus, os registros que seus servos leram diziam respeito a Mordecai e como, cinco anos antes, ele e Ester haviam denunciado uma trama de assassinato contra o rei (6:2).

As dificuldades do rei para dormir, o registro da denúncia sendo lido e o rei parando para pensar se Mordecai já havia sido recompensado por seu ato de fidelidade (6:3) — nada disso era mera coincidência. Deus estava trabalhando. Ele sabia que Hamã se preparava para enforcar Mordecai. Deus iria usar essas coincidências para salvar seu povo escolhido, provando “que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28).

Deus usa e controla eventos naturais de modo que nada acontece por acaso. Também usa cada indivíduo com seu próprio caráter, valores e crenças.

#### 6:4-11 Honra para Mordecai

Refletindo sobre o que seria uma recompensa justa para Mordecai por tê-lo avisado da trama de assassinato, o rei decidiu pedir conselho. Por mais uma “coincidência”, Hamã por acaso estava no palácio. Havia chegado cedo com o objetivo de pedir permissão para matar Mordecai (6:4-5). O rei, no entanto, não sabia disso. Hamã também não sabia nada a respeito da noite do rei.

Assim, quando foi chamado e lhe pediram conselho sobre como honrar alguém, o orgulho de Hamã não podia imaginar que a pessoa a ser honrada fosse outra que não ele mesmo (6:6). Recomendou, portanto, a honra que ele mais gostaria de receber.

Aquele a ser honrado deveria ser vestido em trajes reais e montar um dos cavalos do rei. Deveria então ser levado pelas ruas da cidade, e um oficial de grande importância iria adiante dele apregoando: “Assim se faz ao homem a quem o rei deseja honrar” (6:7-9). Hamã não estava interessado em recompensa financeira, pois pretendia ficar rico saqueando os judeus. Usar as roupas do rei e montar o cavalo do rei, ser guiado pelo oficial mais nobre, era a maneira mais clara que ele podia imaginar para demonstrar que era o segundo em importância, menor apenas do que o rei. E Hamã deve ter-se sentido emocionado ao ouvir o rei dizer: *Apressa-te, toma as vestes e o cavalo* — apenas para descobrir que os estava buscando não para si mesmo, mas para Mordecai! Em vez de enforcar Mordecai na nova forca, Hamã deveria guiá-lo ao longo das ruas, proclamando que Mordecai era mais honrado do que ele próprio (6:10-11). Que humilhação!

Deus nos instrui sobre como devemos avaliar outros e nós mesmos. Somos ensinados a nada fazer por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada

um os outros superiores a si mesmo (Fp 2:3). Hamã certamente não considerava ninguém melhor do que ele próprio, e particularmente não respeitava Mordecai, embora o judeu tivesse salvado a vida do rei. Deus humilhou o orgulho de Hamã, revertendo a situação de modo que aquele que havia sido desprezado e que tinha contadas suas horas sobre a terra foi elevado à mais alta posição (cf. tb. Lc 1:52). Deus não considera ninguém como sem valor. Todos são importantes e especiais para ele. Além de tudo, Deus não olha para a nossa aparência, mas para o nosso coração.

#### 6:12-14 Um aviso da esposa de Hamã

Depois de sua humilhação, Hamã voltou cheio de vergonha com a cabeça coberta. Havia sido forçado a honrar o homem que esperava enforcar.

Hamã compartilhou sua dor com a mulher e os amigos, mas recebeu pouco conforto deles, que ainda previram sua queda. É interessante notar que a esposa de Hamã e seus amigos compreenderam, então, que ele estava brincando com fogo. Reconheceram que, como judeu, Mordecai era uma pessoa especial e membro de um povo único. *Se Mordecai, perante o qual já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele* (6:13).

Por que não haviam percebido isso antes? Anteriormente eles encorajaram Hamã a matar Mordecai. Não podemos dar nenhuma resposta, mas o comentário deles se concentra no ponto central da história de Ester. Deus havia escolhido a nação judaica. Os judeus eram um povo especial, e Deus os protegeria e os livraria das mãos de seus inimigos.

Esta é uma grande lição para os crentes. Deus opera em nossa vida diária, mesmo que frequentemente não reconheçamos sua providência senão após o evento. Podemos perguntar-nos onde está Deus quando enfrentamos situações difíceis, mas também podemos ter certeza de que Deus está trabalhando nos bastidores. O que acontece não é acidente, mas é permitido pela vontade soberana de Deus.

Enquanto Hamã ainda falava com sua esposa e amigos, os eunucos do rei chegaram e o levaram para o banquete de Ester (6:14). Ele nunca mais veria sua esposa e seus amigos. Hamã provavelmente seguiu, sentindo que sua alegria pelo convite para esse segundo banquete se evaporara com a exaltação do homem a quem odiava.

#### 7:1-7a O pedido de Ester

Depois que o rei e Hamã se deliciaram com a refeição providenciada por Ester, o rei repetiu sua pergunta pela terceira vez: *Qual é a tua petição?* Novamente ele estava preparado para oferecer à rainha metade do reino (7:1-2). Esse oferecimento deve ter encorajado Ester, pois sugeria que ela ainda tinha o favor do rei.

É instrutivo observar como Ester se conduziu na apresentação de seu pedido. Ela poderia simplesmente mostrar sua raiva contra o rei e Hamã e exigir que as ordens fos-

sem revogadas. Mas não o fez. Sua tática não era atribuir culpa, mas rogar por sua vida (7:3). Quando lançamos diretamente acusações, a pessoa acusada com frequência se coloca em posição defensiva, e nada é resolvido. Ester também não fez exigências, embora fosse a rainha. Ao contrário, rogou com grande polidez e formalidade: *Se perante ti, ó rei, achei favor, e se bem parecer ao rei, dê-se-me por minha petição a minha vida, e, pelo meu desejo, a vida do meu povo*. Stam observa: “Mesmo após uma refeição com muito vinho, quando as pessoas algumas vezes baixam a guarda e se sentem um tanto liberadas, Ester ainda preservou cuidadosamente o estilo apropriado”. Ele observa também que Ester foi cuidadosa evitando o mesmo erro de Vasti ao tentar censurar o rei. Ester sabia que deveria ser extremamente cautelosa.

O primeiro pedido de Ester foi por sua própria vida. O rei deve ter ficado confuso. Quem estaria pretendendo matar a rainha? Esse pedido tocou no poder e na capacidade do rei de proteger aqueles que lhe eram próximos. Ester era sua esposa, e não apenas isso; era aquela que havia sido escolhida dentre muitas mulheres para se tornar rainha.

Ester precisou explicar-se. Dado o seu silêncio a respeito de suas origens (2:10,20), é provável que nem o rei nem Hamã soubessem que Ester era judia. Nenhum deles teria pensado imediatamente a respeito do decreto contra os judeus quando ela apresentou sua petição. Por isso, Ester deve ter começado sua explicação com certo tremor, pois não sabia como o rei reagiria quando ela revelasse sua nacionalidade. Será que o soberano ficaria irado porque Ester e Mordecai lhe haviam ocultado essa informação?

Observe o cuidado com que ela apresenta o seu caso. Ester inicia com o prospecto de destruição, massacre e aniquilamento, e deixa claro que é somente porque a ameaça é tão devastadora que ela a está colocando diante do rei. Se fosse uma questão menor, *se ainda como servos e servas nos tivessem vendido, calar-me-ia, porque o inimigo não merece que eu moleste o rei* (7:4). Novamente a sabedoria e o domínio da etiqueta são evidentes. Ester enfatiza seu grande respeito pelo rei.

Não é de admirar que o rei ficasse furioso e exigisse saber quem era o responsável pelo terrível plano de matar sua esposa, a rainha da Pérsia, e o seu povo (7:5). Agora a resposta de Ester foi rápida e certa: *O adversário e inimigo é este mau Hamã* (7:6a). Hamã foi revelado como absolutamente mau. Seu ataque à rainha significava que ele era um traidor, que não deveria estar próximo ao rei.

Furioso, o rei saiu para o jardim a fim de tomar um pouco de ar fresco e digerir o que acabara de ouvir (7:7a). Ele havia confiado inteiramente em Hamã, dando-lhe o anel com seu selo, e agora descobria que o poder que havia delegado tinha sido mal usado. Certamente não lhe haviam dado toda a informação quando lhe pediram para aprovar o édito. Mas o que poderia ser feito agora, uma vez que um édito era irrevogável?

Os líderes devem estar conscientes do perigo de ser usados por aqueles em quem pensam poder confiar. Na África, com muita frequência os líderes receberam informações falsas daqueles que lhes eram próximos. Conselhos sábios de pessoas honestas são necessários se os líderes desejam chegar ao âmago do problema antes de agir. E tais pessoas podem ser encontradas. Mordecai era uma delas, se ao menos o rei tivesse, com mais presteza, exaltado aquele que havia salvado sua vida da trama de assassinato, e não a Hamã, sobre cujo passado não se sabia nada.

## 7:7b—9:17 Inversão dos papéis

### 7:7b-10 A morte de Hamã

Hamã certamente ficou chocado com a repentina e desastrosa reviravolta dos acontecimentos. É possível que ele não tivesse conhecimento da relação entre a rainha e Mordecai. Compreendendo que sua vida estava em perigo, ele não correu atrás do rei, mas permaneceu onde estava para pedir misericórdia a Ester (7:7b). Hamã não mais poderia apelar para a autoridade maior, o rei. Seu apelo à rainha, no entanto, não o ajudou. Quando o rei retornou alguns momentos mais tarde, encontrou Hamã *caído sobre o divã* onde Ester estava reclinada, como era o costume às refeições. O rei imediatamente interpretou mal a atitude de Hamã: *Acaso, teria ele querido forçar a rainha perante mim, na minha casa?* (7:8). Sua ira não conhecia limites.

Assim que o rei falou, os servos cobriram o rosto de Hamã, um sinal de que ele deveria morrer. Hamã, agora, merecia ser lamentado. Ele havia experimentado uma rápida ascensão ao poder e considerado a si mesmo (segundo ele imaginava) o favorito de ambos, do rei e da rainha, mas sua queda foi ainda mais rápida. Em poucos minutos, ele se tornou um criminoso condenado à espera da execução. Precisamos estar atentos ao fato de que qualquer posição e poderes que nos sejam entregues serão sempre efêmeros e passageiros, de modo que não devemos pôr neles a nossa confiança.

Hamã não parece ter tido muitos amigos. Seu orgulho talvez tenha afastado os que estavam ao seu redor. Assim que seu rosto foi coberto, um eunuco chamado Harbona informou ao rei a respeito da força que havia sido construída para Mordecai. O rei imediatamente ordenou que ela fosse usada para enforcar Hamã (7:9-10). A vida de Hamã terminou na força que ele mesmo havia construído. Não apenas isso, mas a força havia sido construída na frente de sua casa, de modo que ele foi enforcado bem diante de sua família e de seus amigos.

Um provérbio popular diz: “Quanto mais alto se sobe, maior a queda”. As Escrituras afirmam o mesmo: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18). O orgulho de Hamã se evaporou em total humilhação. De fato, foi o orgulho que o levou à queda. Se Hamã estivesse disposto a ignorar o fato de que Mordecai não

lhe prestava homenagens, nunca teria tramado contra os judeus, e estaríamos lendo uma história diferente. Deus deixa claro que odeia o orgulho e a arrogância: “O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal; a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca perversa, eu os aborreço” (Pv 8:13). Humildade é uma grande virtude que pode salvar pessoas e nações.

### 8:1-2 A promoção de Mordecai

Hamã, que desejara destruir os judeus e obter suas propriedades, tinha sido destruído. Sua propriedade também foi dada a um judeu (8:1). Ninguém imaginaria que os acontecimentos se inverterm assim desta maneira. Ester, a nova dona das propriedades de Hamã provavelmente as teria entregado de boa vontade a seu tio Mordecai, mas, por causa de seu respeito ao rei, ela o indicou como administrador (8:2b).

Essa não foi a única nova responsabilidade de Mordecai. O rei também precisava substituir Hamã; assim, no mesmo dia em que este morreu, o rei transferiu para Mordecai a responsabilidade de administrar o império. Foi-lhe dado até o mesmo anel com o selo do rei que Hamã usara (8:2a). Dessa forma, Mordecai juntou-se aos sete sábios que aconselhavam o rei (1:13-14). É irônico que o mesmo anel que havia selado o édito de aniquilamento dos judeus era, agora, usado por um judeu! Mordecai ergueu-se do lamento à participação na autoridade e poder do rei.

Isso serve para nos lembrar de que não devemos desprezar aos outros, mesmo se a pessoa parecer não ter importância. As coisas podem mudar repentinamente. Aqueles que parecem desprezar este continente da África deveriam lembrar-se de que Deus pode escolher elevá-lo a qualquer tempo.

### 8:3-14 Um massacre evitado

Um problema permanecia. O édito do rei contra os judeus ainda estava de pé, pois ninguém tinha o direito de revogá-lo. Ester e Mordecai haviam conquistado uma vitória, mas seu povo ainda corria perigo de aniquilamento.

Ester novamente usou sua sabedoria e cortesia. Pleiteou e chorou por seu povo. Rogou para que o esquema maléfico de Hamã, o agagita, fosse frustrado (8:3,5-6). O rei se mostrou simpático (8:4,7), mas enfrentava um problema legal. Uma vez que um decreto fosse promulgado, não podia ser rejeitado. O rei não desejava dar a impressão de que não sabia o que queria ou que tinha tomado decisões impulsivas. Ele provavelmente não tinha certeza de como resolver a situação. Mas novamente Deus estava no controle. Quando Ester veio pleitear por seu povo, seu tio permaneceu junto com ela, dando-lhe apoio moral. O rei virou-se para ele e delegou o problema para Ester e Mordecai resolverem (8:8).

Ester e Mordecai enfrentaram a tarefa de escrever e distribuir o novo édito. Era preciso que o documento fosse cuidadosamente redigido, pois deveria contra-atacar, mas

não anular o primeiro decreto. Assim sendo, onde o decreto de Hamã tinha dado aos inimigos dos judeus o direito de matar a todos eles e aos seus filhos e depois saquear sua propriedade, o novo decreto deixou claro que os judeus estavam autorizados a se organizar e se defender contra seus inimigos (8:11). Stam observa que, no novo édito, “os judeus têm o direito de organizar uma liga de defesa. Têm o direito de estabelecer quartéis em todas as regiões. Têm o direito de comprar ou fabricar armas. Isso era o tipo de coisas que eles normalmente não teriam permissão para fazer. Agora poderiam cuidadosamente preparar sua defesa”.

Deus estava defendendo os seus. Stam comenta: “O Senhor muitas vezes usa as leis da terra — algumas leis tolas e até mesmo iníquas — para defender seu povo. Aqui novamente vemos a graça soberana de Deus. Ele não diz ao seu povo: ‘Rebelem-se e destruam o jugo da Pérsia’. Isso seria revolução. Mas dirige o rei da Pérsia para que este decreto que a autodefesa será permitida e facilitada”.

### 8:15-17 Uma celebração

Que mudança! Os judeus, que estavam apavorados com a chegada do décimo terceiro dia do mês de adar, agora celebravam com grande alegria. Todos os moradores de Susã se reuniram na celebração (8:15-17a). Estavam alegres porque Mordecai havia sido promovido. É interessante lermos que *muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus* nessa ocasião (8:17b).

Alguns o fizeram baseados em convicções genuínas, mas outros meramente aproveitaram a situação, pois os judeus, sob a liderança do Mordecai, estavam ocupando posições de liderança.

A psicologia é semelhante àquela que observamos em campanhas eleitorais. Num dia, as multidões aplaudem um candidato, no dia seguinte seu oponente recebe aplauso semelhante. O povo tem prazer em se associar a pessoas que estão no poder, e com frequência agem com a multidão sem atentar para suas verdadeiras convicções. Jesus se mostrou bem consciente desse fenômeno: “Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7:22-23). Os cristãos também podem sucumbir à psicologia das multidões quando se reúnem em megagregas ou se preparam para seguir grandes homens e mulheres de Deus sem que tenham, por si mesmos, chegado a uma convicção apropriada. O Senhor Jesus precisa convencer-nos, e nós necessitamos recebê-lo como nosso Salvador pessoal.

O novo *status* de Mordecai é demonstrado em suas vestimentas. Ele tinha usado pano de saco e cinzas. Agora usa *veste real azul-celeste e branco, como também [...] grande coroa de ouro e manto de linho fino e púrpura* (8:15). Mordecai se elevava desde sua origem humilde para se tornar um dos

grandes homens na terra. Os líderes precisam humilhar-se e contemplar o que o Senhor pode fazer em seu favor.

### 9:1-17 A revanche dos judeus

Os inimigos dos judeus, sem dúvida, estavam esperando ansiosamente pelo dia treze de adar, durante o qual estavam certos de que facilmente venceriam os judeus pela simples força dos números. O decreto de Hamã tinha meramente dado sanção oficial ao ódio que havia longo tempo vinha crescendo, e os planos já estavam delineados para a destruição dos judeus.

Agora, no entanto, com esse segundo decreto, os judeus estavam livres para responder, armando-se com toda sorte de armas. Eles se reuniram e se prepararam para atacar seus inimigos (9:1-2). Podemos perguntar como os judeus sabiam a quem atacar, mas presumivelmente eles tinham suas próprias fontes de informação. O grande terror entre os persas (9:2) pode ter acontecido porque os judeus eram um povo temente a Deus — portanto, por trás desse medo do povo havia o medo do Senhor. Pode ter acontecido também porque os judeus agora desfrutavam do apoio de todos os nobres, sátrapas, governadores e administradores, e estavam realmente dispostos a ferir *todos os seus inimigos* (9:5-10).

A notícia dessa mortandade alcançou até mesmo o palácio, e, ao ouvir a respeito das muitas mortes na cidade de Susã, o rei imaginou o que estaria acontecendo nos outros lugares. Também perguntou à rainha se ela estava satisfeita ou se tinha algum outro pedido a fazer (9:12). A resposta de Ester foi requisitar mais um dia de matança em Susã e que os dez filhos de Hamã, que já haviam sido mortos, fossem pendurados na forca.

É difícil justificar esse pedido. Talvez Ester quisesse limpar a cidade de todos os inimigos dos judeus, incluindo aqueles que ainda estavam se escondendo. As atitudes de Ester não são facilmente explicáveis do ponto de vista bíblico. Stam, entretanto, observa: “Não devemos entender a matança descrita como simplesmente outra página sangrenta, semelhante a tantas outras que encontramos na Bíblia, especialmente no Antigo Testamento. Isso não é nada menos do que outra batalha numa guerra que continua, não causada por Deus, mas certamente travada por ele, a qual não terminará até o dia do julgamento final”. Mas nem todos os comentadores concordam. Baldwin, por exemplo, considera indigno responder à graça de Deus com ódio por aqueles que se opõem a nós. Infelizmente, essa é uma armadilha na qual os cristãos muitas vezes têm caído, tanto na África quanto em outros lugares do mundo.

A vitória dos judeus foi imensa. Oitocentas pessoas foram mortas na capital e setenta e cinco mil nas províncias. Embora o decreto de Hamã tivesse encorajado o saque dos bens dos judeus, estes *no despojo não tocaram* (9:10,15-16). Seu objetivo não era enriquecer, nem empobrecer as famílias de seus inimigos.

A vitória dos judeus foi firmada na integridade e humildade de Mordecai e em sua disposição de unir o povo. Humildade, integridade e união são os elementos que conferem força a um povo. A igreja africana deveria formar pessoas íntegras para nos dirigir, e nós nos deveríamos unir atrás delas. Não deveríamos trabalhar por nossos próprios objetivos egoístas, mas para a glória de Deus. “Precisamos terrivelmente uns dos outros para nos manter unidos contra o mundo e o diabo. Aos outros mostraremos gentileza e respeito, mantendo uma consciência limpa. O resultado será uma igreja unida e um mundo mantido num estado de admiração a respeito do poder de Cristo” (Stam).

### 9:18-32 A instituição do Purim

Uma vez passado o temido dia, os judeus tinham boas razões para celebrar (9:18). O terror havia passado. E eles tinham alcançado vitória sobre seus inimigos. De fato, suas tristezas se tornaram alegria, e seu lamento se transformou em dia de celebração. Embora o nome de Deus nunca seja mencionado, ele esteve claramente trabalhando nos bastidores.

Mordecai cuidadosamente registrou tudo o que havia acontecido e enviou cartas a todos os judeus em todas as províncias instruindo-os a comemorar seu livramento (9:20-22). A celebração judaica era muito diferente da festa descrita no capítulo 1. Lá os convidados estavam festejando e abusando do vinho. A celebração dos judeus, ao contrário, acontecia no lar e com a família. Aqueles que possuíam riqueza material não deveriam esquecer aqueles que não as tinham, mas lhes distribuir presentes e alimento (9:22). Em muitas partes da África, há grande diferença entre os que têm e os que não têm. Em nossas muitas celebrações, precisamos relembrar a instrução de dar presentes e compartilhar nossas festas com aqueles que vivem nas favelas.

A festa comemorativa da vitória judaica veio a ser conhecida como Purim. O nome é derivado do plural da palavra assíria *Pur*, que significa “sorte” (9:26). Hamã havia tirado a sorte para determinar um dia favorável ao aniquilamento dos judeus (3:7), porém o dia que ele havia escolhido veio a ser o dia mais favorável para os judeus em muitos anos. O Purim ainda é celebrado com banquetes em muitas sinagogas judaicas ortodoxas. O livro de Ester é lido em voz alta. Hamã ainda é odiado, e existe uma zombaria ruidosa cada vez que seu nome é mencionado.

Os africanos, assim como os judeus, também podem comemorar o livramento de seus colonizadores. Não deveríamos, no entanto, parar na celebração; deveríamos também reconhecer o Senhor que pode intervir e realmente tem intervindo a fim de mudar o curso dos eventos para sua glória.

### 10:1-3 A grandeza de Mordecai

Os judeus, que deveriam ter sido exterminados, estavam agora dirigindo o reino. Mordecai, o judeu, era agora o



segundo depois do rei da Pérsia (10:3). Precisamos também aprender a ignorar limites tribais quando selecionamos nossos líderes, e devemos escolher líderes que não se utilizem de sua posição para promover interesses pessoais, mas, sim, para promover o bem-estar dos outros. Mordecai, ao contrário de Hamã, era um verdadeiro estadista.

O que parecera ser uma situação absolutamente sem esperança foi revertido pela dedicação de poucas pessoas que se dedicaram a Deus. O mesmo pode ser verdadeiro para a África. Deus pode modificar o estado das coisas neste continente.

Concluindo, o livro de Ester nos encoraja a compreender que Deus está envolvido em todos os nossos afazeres. Esse é um livro no qual Deus nunca é mencionado, entretanto está presente de forma poderosa por meio de seu controle

sobre os eventos. Sua providência também está trabalhando por nós hoje, tanto na igreja quanto em nosso continente como um todo.

Lois Semenye

#### Leituras adicionais

BALDWIN, G. Joyce. *Esther*. TOT. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984.

BITRUS, Daniel. *Making the Right Choices*. Nairobi, Kenya: CLMC, 2002.

HUEY, F.B. Jr. *Esther, in 1&2 Kings, 1&2 Chronicles, Ezra, Nehemiah, Esther, Job*. EBC. Grand Rapids, Mich: Zondervan, 1988.

STAM, Clarence. *Regina Dei Gratia: The History of Queen Esther*. Winnipeg: Premier Publishing, 1999.

## INTRODUÇÃO À LITERATURA SAPIENCIAL

O AT contém um conjunto de livros com estilo literário diferenciado chamado de literatura sapiencial, estilo também encontrado em outros textos do antigo Oriente Médio como o manual egípcio intitulado *Ensinos de Amememope*. Na verdade, foi a descoberta desse texto em 1923 que levou os estudiosos a identificar a literatura sapiencial como uma categoria literária distinta. Aqui, contudo, trataremos somente dos livros sapienciais da Bíblia.

Os estudiosos discordam sobre quais livros bíblicos se encaixam nessa categoria. A elaboração de uma lista pode variar em quantidade dependendo da perspectiva adotada para a composição: judaica e protestante, ou católica e ortodoxa. Para nosso estudo, compreendemos como literatura sapiencial os livros de Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e alguns salmos de conteúdo similar ao dos livros sapienciais: Salmos 1, 10, 12, 15, 19, 32, 34, 36, 37, 49, 50, 52, 53, 73, 78, 82, 91, 92, 94, 111, 112, 119, 127, 128 e 139.

### Ambiente religioso

O pomo de discórdia entre os estudiosos bíblicos tem sido conciliar a teologia presente na literatura sapiencial com a teologia do restante do AT. Alguns afirmam que, uma vez que o ensino desse conjunto de livros não está de acordo com o caráter redentor dos demais livros do AT, representa conteúdo estranho e, portanto, fonte teológica ilegítima. Outros partem para o extremo oposto e consideram a teologia da criação (a qual acreditam ser o principal tema de ensino desses livros) o núcleo teológico de todo o AT, em vez de considerá-la como história dos atos salvíficos de Deus. Um terceiro grupo de estudiosos adota uma posição intermediária, ou demonstrando que as discrepâncias são apenas aparentes, ou reunindo tendências díspares em uma categoria abrangente.

Grande parte da polarização em torno da teologia da literatura sapiencial e do restante do AT deve-se à imposição de uma mentalidade secular ou racionalista ao interpretar os autores desse tipo de literatura. Essa atitude é contrária à realidade do contexto bíblico e do antigo Oriente Médio onde a religião predominava. Quer no monoteísmo bíblico, quer no politeísmo do antigo Oriente Médio, a religião representava o contexto dominante de vida e trabalho do povo. Os antigos não se baseavam apenas na razão humana, mas buscavam constantemente ajuda de uma ou mais divindades a quem cultuavam. Não existia algo como uma mentalidade do tipo secular.

Nesse sentido, a atitude dos antigos era semelhante à tradicional visão holística africana, na qual não existe a preocupação em diferenciar claramente matéria e espírito. Essa perspectiva holística transparece na história de uma mãe africana idosa que nega a representação de

seu filho na fotografia do passaporte porque os braços e as pernas dele não aparecem. De modo semelhante, negar os elementos espirituais na literatura sapiencial é apresentar uma versão incompleta da realidade.

### A essência da religião

A mensagem da literatura sapiencial pode ser resumida pelo exame dos livros bíblicos que formam a espinha dorsal desse conjunto (Jó, Provérbios e Eclesiastes) e o tema que os une (para uma abordagem mais extensiva, examine os comentários individuais de cada um desses livros).

A leitura do livro de Provérbios (especialmente os caps. 1—9) surpreende pelo contraste entre o sábio e o louco e as recompensas e punições que seus respectivos estilos de vida acarretam. O contraste entre esses dois estilos de vida prossegue no capítulo 10 e seguintes, em que a sabedoria é comparada à retidão, e a loucura, à perversidade. O principal versículo do livro (Pv 1:7) resume os dois estilos: “O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino” (cf. tb. Pv 9:10; 31:30). O livro de Provérbios separa a humanidade em duas categorias: os que temem ao Senhor e os que não o temem. Esse ponto de vista permeia o livro inteiro. Além dos versículos supracitados, podemos incluir Provérbios 8:13; 10:27; 14:2,26-27; 15:16,33; 16:6; 19:23; 23:17; 24:21.

A principal personagem do livro de Jó é descrita como “íntegro e reto, *temente a Deus* e que se desviava do mal” (Jó 1:1; grifos do autor). Detalhe: o próprio Deus testemunha isso duas vezes (Jó 1:8; 2:3). Jó sofreu as aflições descritas no livro simplesmente porque temia a Deus. Contudo, foi justificado e restaurado justamente pelo mesmo motivo. O principal tema do livro aparece no belíssimo poema registrado em Jó 28, que fala sobre a busca da sabedoria. Após descrever a engenhosidade humana para extrair pedras preciosas das profundezas da terra (Jó 28:1-11), o escritor pergunta: “Mas onde se achará a sabedoria?” (Jó 28:12). Vasculhamos a terra, o mar e os céus, mas não encontramos sabedoria. Nem mesmo todas as riquezas da terra podem comprá-la (Jó 28:13-19). Por meio da repetição da pergunta (Jó 28:20), o autor salienta a ausência de sabedoria no universo criado, porém anuncia: “Deus lhe entende o caminho, e ele é quem sabe o seu lugar” (Jó 28:23). Nesse momento, o próprio Deus declara a essência da sabedoria: “E disse ao homem: Eis que o *temor do Senhor* é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento” (Jó 28:28; grifos do autor). Eis a mensagem do livro, demonstrada no exemplo de Jó.

O livro de Eclesiastes descreve a loucura de enxergar a vida somente pela perspectiva terrena, isto é, tudo o

que há “debaixo do sol”. “Vaidade de vaidades, tudo é vaidade”, diz o refrão que acompanha as observações sobre esse estilo de vida (Ec 1:2; 12:8). Após resumir a essência do livro, diz: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: *Teme a Deus* e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (Ec 12:13; grifos do autor) e acrescenta: “Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12:14). O temor do Senhor é mencionado em partes críticas do livro (Ec 5:7; 7:18; 8:12-13; 12:13). O texto deixa claro que essa é a única perspectiva que capacita o indivíduo a evitar a loucura de uma vida terrena desprovida de significado e, em vez disso, permite-lhe viver com a perspectiva da eternidade.

Muitas vezes, é difícil articular o que significa exatamente o “temor” dos homens em relação a Deus. A expressão “o temor do Senhor” ou “de Deus” não se refere ao pavor do mistério ou do desconhecido, nem ao terror induzido pela ira de Deus. No contexto do povo

da aliança, do qual os escritores sapienciais faziam parte, esse temor se refere à submissão humilde e reverente a todo um estilo de vida revelado na vontade de Deus. Esse temor se manifesta na adoração ao Criador do céu e da terra e de sua soberania sobre a história. Um salmo reproduz essa afirmação numa canção de louvor e adoração ao Senhor da aliança: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam. O seu louvor permanece para sempre” (Sl 111:10; cf. tb. Pv 1:7; 9:10; Jó 28:28).

Conforme resume o versículo anterior, está claro que o tema da literatura sapiencial capta a essência da religião. Em outras palavras, a religião é um relacionamento vital e vivificante com o Criador e Redentor da humanidade, conforme apresentado no restante do AT. Portanto, o grau com o qual nos submetemos em adoração à vontade de nosso Criador e Redentor representa o grau com o qual a sabedoria que procede do alto guiará nossa vida.

**Tewoldemedhin Habtu**

# Jó

Apesar de antigo, o livro de Jó permanece relevante e surpreendente, a julgar pelo sofrimento que a África experimentou e ainda experimenta. Embora desafiador, seu estudo traz grandes recompensas. O livro de Jó representa uma classe própria, tanto pela profundidade da mensagem quanto pela complexidade de sua forma literária.

Não se sabe exatamente quando foi escrito. As sugestões variam desde o período patriarcal até o período pós-exílio. A primeira data é apoiada pelo fato de Jó realizar funções sacerdotais em relação à sua família (1:5) e amigos (42:8-9), indicando que o sistema levítico sacrificial promulgado na lei de Moisés ainda não havia sido instituído. Com respeito à autoria, provavelmente Jó ou alguma testemunha ocular dos acontecimentos (tanto no nível humano quanto celestial) poderia ter escrito o livro.

Há consenso geral sobre a estrutura do livro, formado de uma seção poética central encaixada entre seções de prefácio e epílogo escritas em forma de prosa.

## Esboço

### 1:1—2:13 Prefácio em prosa

- 1:1-5 Jó, o homem
- 1:6—2:13 As provações de Jó
  - 1:6-22 A primeira provação
    - 1:6-11 Satanás acusa Jó
    - 1:12-22 Satanás ataca os bens e a família de Jó
  - 2:1-10 A segunda provação
    - 2:1-6 Satanás acusa Jó
    - 2:7-8 Satanás ataca a saúde de Jó
    - 2:9-10 A reação de Jó e de sua esposa
  - 2:11-13 Os três amigos de Jó

### 3:1—31:40 Diálogo poético

- 3:1-26 A lamentação de Jó
  - 3:1-10 Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento
  - 3:11-19 Jó deseja morrer
  - 3:20-26 Jó lamenta a vida de modo geral
- 4:1—27:23 Três rodadas de debate
  - 4:1—7:21 Primeira rodada: primeira discussão
    - 4:1—5:27 Primeiro discurso de Elifaz
    - 6:1—7:21 A resposta de Jó
  - 8:1—10:22 Primeira rodada: segunda discussão
    - 8:1-22 Primeiro discurso de Bildade
    - 9:1—10:22 A resposta de Jó
  - 11:1—14:22 Primeira rodada: terceira discussão
    - 11:1—11:20 Primeiro discurso de Zofar
    - 12:1—14:22 A resposta de Jó

- 15:1—17:16 Segunda rodada: primeira discussão
  - 15:1-35 Segundo discurso de Elifaz
  - 16:1—17:16 A resposta de Jó
- 18:1—19:29 Segunda rodada: segunda discussão
  - 18:1-21 Segundo discurso de Bildade
  - 19:1-29 A resposta de Jó
- 20:1—21:34 Segunda rodada: terceira discussão
  - 20:1-29 Segundo discurso de Zofar
  - 21:1-34 A resposta de Jó
- 22:1—24:25 Terceira rodada: primeira discussão
  - 22:1-30 Terceiro discurso de Elifaz
  - 23:1—24:25 A resposta de Jó
- 25:1—27:23 Terceira rodada: segunda discussão
  - 25:1-6 Terceiro discurso de Bildade
  - 26:1—27:23 A resposta de Jó
- 28:1-28 Poema sobre a sabedoria
- 29:1—31:40 Prestação de contas de Jó
  - 29:1-25 O passado de Jó
  - 30:1-31 A situação atual de Jó
  - 31:1-40 Juramento de inocência de Jó

### 32:1—37:24 O discurso de Eliú

- 32:1-5 Eliú
- 32:6—37:24 Introdução ao discurso de Eliú
  - 32:6—33:33 Primeiro discurso de Eliú
  - 34:1-37 Segundo discurso de Eliú
  - 35:1-16 Terceiro discurso de Eliú
  - 36:1—37:24 Quarto discurso de Eliú

### 38:1—42:6 O discurso de Deus e a reação de Jó

- 38:1—40:5 Primeiro encontro
  - 38:1—40:2 Primeiro discurso de Deus
  - 40:3-5 Primeira resposta de Jó
- 40:6—42:6 Segundo encontro
  - 40:6—41:34 Segundo discurso de Deus
  - 42:1-6 Segunda resposta de Jó

### 42:7-17 Epílogo

- 42:7-9 O julgamento dos três amigos
- 42:10-17 A restauração de Jó

## COMENTÁRIO

### 1:1—2:13 Prefácio em prosa

Alguns estudiosos bíblicos consideram os dois primeiros capítulos como mitologia, e não registro de acontecimentos reais. Nesse sentido, tratam tanto o prefácio quanto o epílogo como literatura inferior e consideram importantes

somente a seção poética central e as verdades que esta investiga. Esse ponto de vista baseia-se na mentalidade europeia iluminista e na sua insistência em erigir barreiras entre o mundo material e o espiritual.

No entanto, sob a perspectiva africana, que parece aproximar-se mais da perspectiva bíblica, essa comunicação entre o mundo material e espiritual não é estranha; pelo contrário, é esperada. Os africanos, portanto, sentem-se em casa com as mudanças de cenário nos dois primeiros capítulos. A primeira cena ocorre na terra (1:1-5) e descreve Jó, sua família e sua fortuna; a segunda (1:6-12) ocorre no céu e descreve a conversa entre Deus e Satanás; a terceira cena (1:13-22) retorna à terra e descreve a catástrofe que sobreveio a Jó; a quarta cena (2:1-6), no céu, registra uma segunda conversa entre Deus e Satanás; e, na quinta cena (2:7-13), lemos sobre um terrível ataque ao corpo de Jó e sua resposta a esse flagelo, bem como a reação de sua esposa e a chegada dos três amigos que vieram consolá-lo.

Para compreender a mensagem do livro de Jó em sua totalidade, é preciso chegar a um consenso entre a narrativa e o diálogo poético. Em seu livro *Decepcionado com Deus*,<sup>\*</sup> Philip Yancey confessa que, como muitos de nós, sempre leu o livro do ponto de vista do capítulo 3, isto é, da perspectiva de Jó. Porém, quando passou a considerar os dois primeiros capítulos com mais seriedade, percebeu que era Deus, e não Jó, a principal personagem do livro, e que o tema do livro é a fé, e não o sofrimento. Em vez de rejeitar os capítulos de abertura como uma embaraçosa encenação de Deus e Satanás brincando com os seres humanos, Yancey argumenta que esses capítulos servem para nos lembrar que os acontecimentos do dia a dia ao redor do planeta podem causar conflitos no mundo espiritual. Coisas que parecem comuns em nosso cotidiano podem ter efeitos extraordinários no mundo espiritual: uma missão de poucos dias de evangelismo causou a expulsão de Satanás do céu (Lc 10); o arrependimento de um pecador é motivo de comemoração celestial (Lc 15); o nascimento de uma criança estremece todo o universo (Ap 12). Contudo, a maior parte desses acontecimentos celestiais permanece oculta de nossa compreensão terrena.

### 1:1-5 Jó, o homem

Após fornecer o nome e a origem de Jó, o autor descreve-o como exemplo de bom caráter: *homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal* (1:1). A integridade refere-se à pureza de intenções; a retidão diz respeito à atitude honesta em qualquer procedimento; o temor a Deus implica compromisso com a vontade de Deus acima de tudo; e o ato de desviar-se do mal significa evitar qualquer coisa que não agrade a Deus. O Senhor confirma duas vezes o caráter de Jó (1:8; 2:3), mostrando que o considera “o melhor

representante de suas intenções para o homem na terra” (CC). Importante lembrar esse ponto durante a leitura dos diálogos entre Jó e seus amigos.

O autor também fala sobre os filhos de Jó, o montante de sua riqueza, a quantidade de servos e o cuidado metucioso com o bem-estar espiritual de sua família. O número sete representa perfeição, de modo que as referências a *sete filhos* (1:2) e *sete mil ovelhas* (1:3) salientam a perfeição das bênçãos que Jó recebeu. Adicione a tudo isso o prazer de ver uma família unida em celebrações regulares e pode-se dizer com certeza: Jó era grandemente abençoado! E não apenas isso: era considerado *o maior de todos os do Oriente* (1:3). Integridade, riqueza, fama, uma família perfeita e filhos para garantir a continuidade de sua linhagem familiar eram as joias que adornavam a coroa de sua vida. No contexto do AT, assim como na tradição africana, esses elementos são indicadores de uma vida abençoada por Deus.

### 1:6—2:13 As provações de Jó

Jó desfrutava a vida ideal, porém seu estilo de vida será ameaçado em virtude de conflitos celestiais.

#### 1:6-22 A primeira provação

1:6-11 SATANÁS ACUSA JÓ. A ideia de Deus sentado em seu trono celestial com anjos apresentando-se diante dele não é exclusiva do livro de Jó (cf. 1Rs 22:19-22; Is 6:1-3; Dn 7:9-10; Ap 4—5). Embora o NT pareça indicar que Satanás e suas hostes tenham sido expulsos do céu (Lc 10:18; Ap 12:7-9), no AT ele ainda tem acesso à assembleia celestial. E mais: Deus conversa com ele. Sempre que Satanás se apresenta diante do Senhor, ele vem acusar alguém do povo de Deus, tanto indivíduos como grupos (cf. tb. Zc 3:1). Por essa razão, Satanás é chamado de “o acusador de nossos irmãos” (Ap 12:10). Não sabemos como nem por que Deus permite esse tipo de coisa.

Deus pergunta de onde Satanás vem, e este responde: *De rodear a terra e passear por ela* (1:7). Embora trabalhe nos bastidores e não seja onipresente como Deus, Satanás não é apenas uma invenção da imaginação humana, mas uma entidade viva e atuante no planeta. Em seguida, o Senhor pergunta se Satanás prestou atenção em Jó, declarando o caráter e estilo de vida de seu servo. Satanás responde acusando Jó de ser um dissimulado, cujo bom comportamento dependia das bênçãos de Deus: *Porventura, Jó de balde teme a Deus? Acaso não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem?* Satanás fala como se Deus tivesse criado um muro de proteção ao redor de Jó (1:9) e deixa transparecer certa frustração por não conseguir infiltrar-se na vida do servo de Deus. Seja como for, lança um desafio a Deus: *Toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face* (1:11). A fim de provar que Satanás está errado e para justificar a piedade autêntica e a integridade desinteressada de seu servo, Deus dá carta branca para Satanás testar Jó.

\* São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

1:12-22 SATANÁS ATACA OS BENS E A FAMÍLIA DE JÓ. Recebendo autorização para agir (limitada, convém observar) (1:12), Satanás lança-se à tarefa com imenso prazer. A maioria dos comentaristas tenta categorizar os quatro desastres que atingiram a família e as propriedades de Jó em termos humanos (ataque dos sabeus e caldeus) e naturais (tempestades e furacões). Contudo, se a conversa entre Deus e Satanás for levada a sério, não resta dúvida de que esses desastres ocorreram de modo sobrenatural. Observe como as notícias da desgraça chegam de maneira cronometrada e quase atropelando umas às outras: *Falava este ainda quando veio outro e disse [...] Só eu escapei, para trazer-te a nova* (1:16-18). O golpe final foi a notícia da perda de seus dez filhos. A reação inicial de Jó sobre a catástrofe que lhe sobreveio é de choque e imensa tristeza, atitude expressa ao rasgar seu manto e raspar sua cabeça (1:20), forma comum de lamentação naqueles dias.

Sem dúvida, a intenção de Satanás era causar ruptura na fé de Jó e levá-lo a amaldiçoar a Deus. Entretanto, para desgosto do adversário, isso não aconteceu. Conforme afirmam as Escrituras: *Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma* (1:22). Pelo contrário, adorou ao Senhor em absoluta submissão e reconheceu que viera a este mundo sem nada (tudo o que possuía era presente de Deus) e nu partiria (1:21a). Não há dualidade na fé de Jó; tudo o que acontece provém de Deus: *O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!* (1:21b).

Que atitude nós, cristãos, devemos ter diante da calamidade? David Atkinson conclui seu comentário sobre essa seção com uma observação pastoral: “Como é difícil adorar a Deus em momentos como este! Contudo, foi exatamente isso o que Jó fez. [...] Espero que possamos aprender a fazer da oração nossa primeira reação à crise. Quão importante é, no ministério pastoral, levar as pessoas que sofrem a colocar suas necessidades diante de Deus!” (BST).

### 2:1-10 A segunda provação

Havia necessidade de Jó passar por mais uma provação? Essa decisão não estava nas mãos de Deus nem de Jó; simplesmente, Satanás não se deu por vencido. É por esse motivo que Pedro exorta os cristãos: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8). Depois que Cristo venceu a tentação de Satanás durante sua missão terrena, as Escrituras declaram que “apartou-se dele o diabo, até momento oportuno” (Lc 4:13).

2:1-6 SATANÁS ACUSA JÓ. Retornando ao céu, Satanás encontra-se novamente com Deus num diálogo quase idêntico ao anterior, salvo pequenas diferenças. Desta vez, Satanás não apenas está entre os anjos, mas também *veio [...] apresentar-se perante o Senhor* (2:1). Deus descreve novamente a piedade de Jó e acrescenta: *Ele conserva a sua integridade*, indicando que Jó passou no primeiro teste com sucesso

(2:3). Em seguida, acusa o adversário, dizendo: [...] *me incitasses contra ele, para o consumir sem causa* (2:3).

Satanás, contudo, não demonstra respeito diante de Deus e persiste em sua oposição a Jó. Sobre o elogio de Deus à fidelidade de seu servo, Satanás responde com a expressão *Pele por pele* (2:4), provavelmente um provérbio indicativo de que alguém em situação difícil não hesitaria sacrificar outra pessoa para salvar a si mesmo. O sentido desse provérbio é esclarecido pelo próprio Satanás: *Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida* (2:4), e então, insolente, desafia Deus: *Toca-lhe nos ossos e na carne e verás se não blasfema contra ti na tua face* (2:5). Mais uma vez, Satanás recebeu permissão para fazer o que quisesse, com uma condição: *Poupa-lhe a vida* (2:6). Conhecendo a natureza de Satanás, é fácil imaginar o sofrimento que virá a seguir.

2:7-8 SATANÁS ATACA A SAÚDE DE JÓ. Satanás saiu imediatamente e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça (2:7). Opiniões sobre a exata natureza desses tumores variam de feridas abertas a furúnculos, de câncer maligno a lepra e elefantíase. A situação é tão horrível que Jó tem de raspar-se com cacos de barro (2:8). Além disso, ele é rejeitado pela comunidade, pois se encontra *sentado em cinza* (2:8), provavelmente indicando que foi tratado como leproso e colocado num local fora da comunidade onde se queimava o lixo. A descrição da cena é de um homem “fisicamente afligido, repugnante em aparência e isolado do contato com a sociedade” (Gordis).

2:9-10 A REAÇÃO DE JÓ E DE SUA ESPOSA. O texto menciona a esposa de Jó pela primeira vez. A julgar pelo comentário dela, Satanás parece ter alcançado seu objetivo. Com a destruição de toda a sua família e diante dos sofrimentos de Jó, ela se desespera e diz: *Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoas a Deus e morre* (2:9). Deus havia dito a Satanás que Jó ainda assim manteria sua integridade (2:3). Embora Deus confiasse na integridade de Jó mesmo diante de uma situação tão desesperadora, a esposa de Jó, por outro lado, considerava loucura o marido manter a integridade nessas condições. É possível que Satanás estivesse lançando seu ataque final por meio da esposa, fazendo-a instigar o marido a proferir as maldições que Satanás previu que Jó pronunciaria em ocasiões como esta.

Jó, no entanto, reprova a atitude da esposa: *Falas como qualquer doida, diz, e emenda: Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?* (2:10). Com estas palavras, Satanás foi derrotado e Deus justificou a si mesmo e a Jó. As Escrituras acrescentam: *Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios* (2:10). Jó é mencionado como exemplo de perseverança não apenas nesse livro, mas também no NT (Tg 5:11).

### 2:11-13 Os três amigos de Jó

A descrição da visita dos amigos de Jó prepara os leitores para a seção poética do livro. Deduzimos com base no texto que esses amigos não moravam perto de Jó e que o

sofrimento deste ocorria havia algum tempo, considerando o período necessário para que fosse organizada a visita. Estudiosos diferem sobre a identidade desses amigos, mas é provável que fossem edomitas, pois seus nomes são semelhantes àqueles que aparecem na genealogia de Esaú em Gênesis 36.

A frase *levantando eles de longe os olhos (2:12a)* confirma que Jó não morava em sua casa, mas fora colocado para fora da aldeia (ou cidade). Na verdade, Jó tornou-se um espetáculo público. A exemplo de Jó, quando recebeu a notícia das desgraças que lhe sobrevieram (1:20), a reação imediata dos amigos é de choque: *Não o reconhecendo, ergueram a voz e choraram; e cada um, rasgando o seu manto, lançava pó ao ar sobre a cabeça (2:12b)*. O choque inicial foi seguido por um sentimento de empatia: *Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, pois viam que a dor era muito grande (2:13)*. Embora ofensivo em algumas culturas, esse comportamento é apropriado na cultura africana, particularmente se considerarmos a magnitude da perda de Jó. Em minha cultura, quando uma pessoa morre, a família chora durante sete dias enquanto os membros da comunidade comparecem diariamente para consolá-los. Devido à pressão da vida moderna, contudo, esse período de lamentação foi reduzido para três dias.

O que dizer em ocasiões como essa? Palavras não ajudam em nada. A empatia silenciosa é o melhor consolo que os amigos podem oferecer. Essa passagem é das mais comovedoras de todo o livro e um exemplo de comportamento ao ministrarmos àqueles que sofrem. Muitas vezes, o silêncio pode ser mais eloquente que as palavras.

Entretanto, aquele silêncio durou pouco e fez muita falta em toda essa seção poética do livro, cheia de verborragia e argumentação. Não surpreende que a imagem do *vento* ocorra com frequência (6:26; 8:2; 15:2).

### 3:1—31:40 Diálogo poético

A seção poética do livro começa claramente no capítulo 3 e termina em 42:6. Também fica evidente que o silêncio de “sete dias e sete noites” (2:13) foi interrompido por Jó. Contudo, o texto não informa que a intenção de Jó ao quebrar o silêncio fosse engajar-se no debate que vem a seguir.

### 3:1-26 A lamentação de Jó

A questão que tem aturrido estudiosos bíblicos é como conciliar o Jó apresentado no prefácio com esse Jó descrito no diálogo poético, especialmente nesse capítulo, onde ele amaldiçoa o dia de seu nascimento. Retornaremos a esse tema conforme examinarmos o texto.

#### 3:1-10 Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento

Nessa lamentação, Jó não se dirige a Deus, a seus amigos ou a outra pessoa qualquer, mas apenas fala da tristeza e sofrimento que se acumulam em seu coração. Tal como Jeremias (Jr 20:14-18), Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento,

momento em que passou a existir. Pessoas influenciadas pela cultura ocidental, especialmente nossas crianças, acabaram gostando da idéia de comemorar o dia de nascimento, porém Jó não pensava assim. “O sofrimento prolongado às portas da morte é intensificado pela depressão e solidão [...] Uma ira santa, a emoção mais calorosa e ao mesmo tempo mais fria dos seres humanos, consumia-o por dentro. Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento, porém indiretamente protesta contra a injustiça e, por inferência, acusa Deus, seu único amigo” (CC).

O termo hebraico traduzido por *amaldiçoou* em 3:1 é diferente do hebraico traduzido por “blasfemar” nos capítulos 1 e 2 (1:5,11; 2:5) e “amaldiçoar” em 2:9. O termo original utilizado aqui se refere exatamente ao verbo “amaldiçoar”, ao passo que nos capítulos anteriores se refere ao verbo “abençoar”. A tradução literal de 2:5 é: “E verás se não abençoa a ti”; e em 2:9 a esposa de Jó literalmente lhe diz: “Abençoa a Deus e morre”. Amaldiçoar é uma atitude terrível quando proferida contra os homens, que dirá contra Deus. Portanto, o autor utilizou um eufemismo: “Abençoa a Deus e morre”. Os africanos parecem concordar com essa perspectiva hebraica.

Contudo, em 3:8 ocorre um novo termo hebraico para fazer referência à maldição. Versículo difícil de interpretar; está relacionado com aqueles *que sabem amaldiçoar o dia e sabem excitar o monstro marinho*. Provavelmente isso se relaciona com algum mito que não existe mais, porém o sentido da passagem é nítido: “Jó conjura as criaturas do caos a emergirem e destruir seu ‘dia’” (Gordis).

Não é necessário interpretar a maldição de Jó como inferência de que Deus cometeu um erro ao trazê-lo a este mundo. Antes, Jó parece dizer que sua condição miserável é resultado do simples fato de ter nascido e, portanto, seria melhor jamais ter existido.

#### 3:11-19 Jó deseja morrer

O questionamento sobre os motivos de não ter morrido antes de nascer (3:11-12) representa uma transição entre a maldição de seu nascimento e a morte como melhor alternativa. “Às vezes, a vida é tão ruim que a morte passa a ser encarada como um amigo, uma solução, uma saída. Apesar de desconhecida, não deve ser pior que o conhecido” (Simundson).

Opiniões sobre a expectativa de Jó encontrar paz e descanso na morte, ou depois dela, dependem de como interpretamos o ensino do AT sobre a vida após a morte. Quem acredita que o AT fornece vislumbres de uma vida após a morte argumenta que Jó estava referindo-se ao céu. Outros, porém, argumentam que esse conceito é estranho ao AT, pois este não apresenta nenhuma esperança de uma vida feliz após a morte. Contudo, mesmo que este conceito não esteja tão claro no AT quanto no NT, há passagens que sugerem vida após a morte e até mesmo esperança de ressurreição. Por exemplo: *Já agora repousaria tranquilo; dormiria,*



e, então, haveria para mim descanso (3:13); Ali, repousam os cansados (3:17); Ali, os presos juntamente repousam (3:18). Mais adiante, Jó fala claramente sobre a ressurreição (19:25-27). Portanto, mesmo envolto na escuridão, Jó enxerga um facho de esperança.

### 3:20-26 Jó lamenta a vida de modo geral

Jó questiona e lamenta a humanidade em geral, embora algumas vezes seja difícil separar questionamento pessoal do coletivo. A intensidade com que se busca a morte é assustadora: as pessoas a procuram *mais do que tesouros ocultos* (3:21), *se regozijariam por um túmulo e exultariam se achassem a sepultura* (3:22). Caso o texto em 3:23 fale de Jó (e uma observação detalhada dos versículos seguintes parece indicar isso), então há uma inversão da perspectiva apresentada no capítulo 1. A palavra “cerca” é utilizada em ambas as ocasiões, porém com significados opostos. No capítulo 1, Satanás acusa Deus de cercar Jó e sua casa (1:10), indicando claramente proteção divina. Aqui, contudo, Jó se sente preso, cercado como um pássaro na gaiola. Para Jó, morrer seria libertar-se dessa situação. Não é assim que nos sentimos em momentos de provação intensa? Veja como Jó deplora sua situação: *Por que em vez do meu pão me vêm gemidos, e os meus lamentos se derramam como água?* (3:24); *Não tenho descanso, nem sossego, nem repouso, e já me vem grande perturbação* (3:26). E a morte, tão aguardada, não vem! Por quê? Porque o Altíssimo decretou que Jó não deveria morrer, mesmo diante dos piores ataques do inimigo (2:6).

Comentaristas ficam perplexos com 3:25: *Aquilo que temo me sobrevém, e o que receio me acontece*. O que Jó temia? O medo da morte está descartado, pois Jó aguarda ansiosamente pela sepultura a fim de livrar-se do sofrimento. Gordis acredita que “o temor a que Jó se refere é aquele sentimento natural de insegurança que acomete qualquer ser humano sensível com relação a suas ações e seu destino”. Outros argumentam que o medo de Jó reflete a ansiedade declarada em 1:5 com relação à condição espiritual de seus filhos. Possivelmente temia que algo ruim acontecesse a eles e, conseqüentemente, lhe causasse aflições para o resto da vida. Outros ainda dizem que esse sentimento se refere ao medo de ser abandonado por Deus. Há, portanto, dificuldade em localizar a causa exata dos temores de Jó. Uma combinação das razões mencionadas anteriormente poderia compor uma explicação melhor se levarmos em conta a lamentação de Jó nesse capítulo e sua queixa por receber uma punição injusta.

### 4:1—27:23 Três rodadas de debate

A lamentação de Jó interrompeu o silêncio de uma semana inteira (2:13) e provocou discussões acaloradas com seus amigos, embora talvez essa não tivesse sido a intenção de Jó ao falar. A rodada começou com Elifaz expressando: *Quem, todavia, poderá conter as palavras?* (4:2), e logo o

debate desandou em verborragia, simplesmente porque os envolvidos não estavam dispostos a sair de suas trincheiras teológicas e considerar o ponto de vista alheio. Um provérbio na língua tigrínia, falada na Eritreia, capta a futilidade do excesso de palavras: *zereba adam hamed gdam* [“O discurso da humanidade é como o pó da terra”]. O texto registra três rodadas de debates, as duas primeiras trazem Elifaz, Bildade e Zofar, cada um apresentado seus argumentos, e Jó respondendo ao final de cada discurso, e a rodada final, na qual somente Elifaz e Bildade falam e ouvem as respostas de Jó.

### 4:1—7:21 Primeira rodada: primeira discussão

A sequência da primeira rodada ocorre da seguinte forma: Elifaz discursa (caps. 4—5), e Jó responde (caps. 6—7); Bildade discursa (cap. 8), e Jó responde (caps. 9—10); Zofar discursa (cap. 11), e Jó responde (caps. 12—14).

Considerando o contexto do antigo Oriente Médio, interpreta-se que Elifaz falou primeiro porque era o mais velho e sábio dos três (15:10). Atkinson representa o consenso dos estudiosos bíblicos, quando diz: “Elifaz parece ser o mais velho, culto, gentil e, no geral, o mais agradável dos três amigos” (BST).

4:1—5:27 PRIMEIRO DISCURSO DE ELIFAZ. Elifaz começa com delicadezas, e alguns estudiosos veem nisso indicação de apoio à inocência de Jó nesse primeiro discurso. Elifaz pergunta: *Se intentar alguém falar-te, enfadar-te-ás?* (4:2) e na mesma frase indica que o debate poderá estender-se indefinidamente: *Quem, todavia, poderá conter as palavras?* Elifaz recorda que Jó era fonte de encorajamento e consolo para muitas pessoas, e o desafia a não se perturbar com aquela situação (4:3-5). Difícil dizer se Elifaz fala com sarcasmo ou sinceridade quando declara a Jó: *Porventura, não é o teu temor de Deus aquilo em que confias, e a tua esperança, a retidão dos teus caminhos?* (4:6). Seja qual for o caso, Elifaz afirma que nenhum inocente jamais pereceu, porém aqueles que *lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles segam* (4:7-11; cf. tb. 5:1-6).

Vale a pena refletir sobre o posicionamento teológico cristalizado em 4:8, isto é, que o povo, ou o indivíduo, colhe aquilo que plantou. Essa ideia é essencial para entendermos a controvérsia entre Jó e seus amigos e a doutrina de recompensa e punição que encontramos em todas as Escrituras (cf., p. ex., Sl 1; o Sermão do Monte; Mc 4:24; 1Co 3:10-15; Gl 6:7; 1Pe 3:12). “Esse princípio teológico representa a perspectiva de um universo fundamentado sobre uma base moral. Deus é justo e bom. A virtude será recompensada, e os perversos serão destruídos” (BST).

Causa estranheza, portanto, o fato de muitos estudiosos rejeitarem esse posicionamento e, ao mesmo tempo, defenderem Jó e se oporem à perspectiva adotada por seus três amigos. O importante aqui não é atacar o princípio moral em si, mas a forma errônea de aplicá-lo no caso de Jó. Percebe-se que Elifaz utiliza o princípio bíblico para acusar o amigo,

imaginando: ora, se Jó colhe desgraças, é porque plantou iniquidades. “Elifaz parece incapaz de entregar a Deus o julgamento sobre quem merece recompensa e punição, ou mesmo de admitir que algum outro princípio além desse esteja em andamento aqui [...] Como o salmo 73 esclarece, os atos e providências de Deus não se encaixam necessariamente em nossas experiências imediatas” (BST).

Percebemos versões modernas de Elifaz nos movimentos de prosperidade material em igrejas cristãs, “argumentando que, uma vez que o Senhor abençoa o justo, a prosperidade material é, portanto, sinal da bênção divina e, consequentemente, nosso objetivo de vida. Não é preciso fazer muito esforço para perceber que a prosperidade material está substituindo a busca pela santidade e justiça” (BST).

Elifaz afirma ter recebido revelação divina apoiando seu posicionamento doutrinário (4:12-21). A essência de sua mensagem encontra-se em 4:17, e sua visão veio acompanhada de uma advertência: *quanto mais aqueles que habitam em casas de barro* (4:18-21). Presumindo que Elifaz recebeu de fato uma visão no meio da noite, precisamos perguntar quem era o espírito que *passou por diante dele* (4:15), de *aparência incerta, parou diante dos [seus] olhos* (4:16a) e sussurrou (4:16b; cf. tb. 4:12) a mensagem (4:17-21). É possível que Elifaz e seus amigos tenham recebido de Satanás a mensagem que este desejava comunicar. Não é de admirar que as Escrituras nos exortem a não acreditar em qualquer espírito: “Antes, provai os espíritos se procedem de Deus” (1Jo 4:1).

Elifaz está dizendo que Jó deve reconhecer e responsabilizar-se pelos pecados que causaram essa situação. Afinal, *a aflição não vem do pó, e não é da terra que brota o enfado* (5:6), até porque *o homem nasce para o enfado, como as faíscas das brasas voam para cima* (5:7). Depois disso, passa a dar conselhos do tipo “Se fosse você, eu...” e volta a reiterar sua teologia básica (5:8-16), que, apesar de verdadeira, não se encaixa no caso de Jó. Utiliza o clichê *Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina* (5:17) e com isso procura dizer que Jó deve aceitar a punição e experimentar a restauração de Deus (5:18-26). Na concepção de Elifaz, suas palavras são autorizadas: *Eis que isto já o havemos inquirido, e assim é; ouve-o e medita nisso para teu bem* (5:27). 6:1—7:21 A RESPOSTA DE JÓ. Elifaz começou seu discurso com a observação *Quem, todavia, poderá conter as palavras?* (4:2), sugerindo não ser possível alguém se calar diante das palavras de Jó no capítulo 3. Em resposta a Elifaz, Jó parece dizer: “Se você acha que tem razões para falar, eu tenho muito mais”, e em seguida acrescenta: *Por isso é que as minhas palavras foram precipitadas* (6:3; cf. tb. 7:11). Em 6:2-7, Jó justifica-se dizendo que não há como comparar suas palavras à angústia e miséria que sente; seu sofrimento, afirma, está além da imaginação. Jó reclama que Deus, o Todo-Poderoso, o atravessou com flechas venenosas (6:4). Assim como o jumento não zurra quando há relva, nem o boi quando há pasto, também Jó não reclamaria se esti-

vesse livre de tamanha angústia e dor física (6:5). Prosseguindo com a ilustração, Jó acusa seus amigos de palavras insossas, pois lhes falta sensibilidade para perceber sua situação (6:6-7).

Jó retorna a Deus e à sua situação terrível; morrer é sua única esperança para escapar do sofrimento (6:8-9). Diz-se inocente (6:10) e afirma não ter a força da pedra ou do bronze para resistir a sofrimentos extraordinários (6:11-13).

Voltando a seus amigos, Jó acusa-os de não cumprirem o propósito a que vieram. Esperava receber apoio e encorajamento (6:14), porém seus amigos se mostraram consoladores inúteis. Para comunicar essa ideia, Jó utiliza a imagem de um ribeiro cujas águas correm apenas durante o verão e secam durante o inverno (6:15-23). Viajantes sedentos decepcionam-se quando encontram o rio vazio; é dessa maneira que Jó se sente diante de seus amigos. Em vez de ajudá-lo, apavoram-se (6:21). O discurso deles é injustificado, pois Jó não pediu que viessem socorrê-lo (6:22-23).

Nessa última seção do capítulo, Jó expressa disposição para ouvir e aprender *palavras retas*, e não discurso falso e desprovido de conteúdo como aquele oferecido por Elifaz (6:24-27). Jó desafia-o, olho no olho, a encontrar alguma falsidade em sua vida (6:28-30). “No Oriente Médio, transações comerciais eram realizadas reservadamente. Honestidade e desonestidade eram percebidas por meio do olhar [...] A fim de afirmar inocência, Jó convida seus amigos para um duelo de olhares, bem como a verificarem os fatos. Jó quer resolver a questão de uma vez por todas” (CC).

Depois de afirmar inocência, Jó conclui seu desafio: *Há iniquidade na minha língua? Não pode o meu paladar discernir coisas perniciosas?* (6:30).

No capítulo 7, Jó dirige sua lamentação principalmente a Deus. Sente que sua vida é inútil como a de um *escravo* ou *jornaleiro* (pessoa que trabalha por dia, ou boia-fria) aguardando alívio que demora a chegar (7:1-3). Ele não tem descanso durante o dia ou à noite (7:3-4). Jó descreve vividamente a desintegração de seu corpo (7:5) e diz: *Os meus dias são mais velozes do que a lançadeira do tecelão e se findam sem esperança* (7:6).

A inutilidade de sua existência faz Jó lembrar a efemeridade da vida. Reclamando com Deus, ele compara sua existência à nuvem que *se desfaz e passa* (7:9); Jó pensa que nunca mais voltará a experimentar alegria ou retornar para casa. Ele se lembra (7:7) da brevidade da vida, exclama a Deus, e então pede que o deixe em paz (7:11-16). Jó recusa refrear a vazão da agonia de sua alma (7:11) e diz ao Senhor: “Não sou teu inimigo. Por que me tratas como se eu fosse *algum monstro marinho, para que me ponhas guarda?*” (7:12). Volta a mencionar suas noites maldormidas, mas desta vez é Deus quem o espanta com sonhos e visões (7:13-14). Até mesmo a morte por estrangulamento seria melhor que esse sofrimento (7:15-16).

Nos versículos finais do capítulo (7:17-21), Jó parece contradizer a mensagem do salmo 8. Ambas as passagens perguntam a mesma coisa: *Que é o homem, para que tanto o estimes [...]?* (7:17; Sl 8:4). Contudo, enquanto o salmista apresenta o Senhor exaltando o homem, Jó exclama que a intenção de Deus é afligir o ser humano com o mal. É importante lembrar que Jó está pensando em sua própria situação, pois diz: *Até quando não apartarás de mim a tua vista?* (7:19). Aparentemente admitindo sua culpa, Jó continua: *Se pequei, que mal te fiz a ti, ó Espreitor dos homens? Por que fizeste de mim um alvo para ti, para que a mim mesmo me seja pesado?* (7:20). Podemos afirmar com segurança que Jó está generalizando quando projeta sua experiência pessoal a toda a humanidade, e não o contrário. Seu discurso não representa insultos de um rebelde, mas questionamentos e aflições de um homem de fé, conforme ele exclama em 7:21: *Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade? Pois agora me deitarei no pó; e, se me buscas, já não serei.* Além de pedir misericórdia, Jó exclama a Deus: “O Senhor sentirá falta de mim quando eu me for” (7:21; cf. tb. 7:8). Essas palavras testificam a íntima comunhão entre Deus e Jó. Apesar disso, soam estranhas para nós que hoje vivemos pela cruz de Cristo. Por que Jó imagina que sua comunhão com Deus será interrompida? Será que considerava sua comunhão com Deus somente em termos terrenos? Caso morresse, para onde mais iria senão para junto de Deus?

#### 8:1—10:22 Primeira rodada: segunda discussão

O segundo debate ocorre entre Bildade, o suíta, e Jó. Embora mais curto que o de Elifaz, o discurso de Bildade é devastador e, portanto, instiga resposta igualmente inflexível de Jó.

8:1-22 PRIMEIRO DISCURSO DE BILDADE. Jó pede a seus amigos que aliciem seu discurso inconveniente com base em seu sofrimento, e não em palavras “ditas por um desesperado ao vento” (6:26). Mas Bildade não atende ao pedido e inicia com acusação: *Até quando as palavras da tua boca serão qual vento impetuoso?* (8:2), e então cava uma trincheira moral a fim de defender a justiça de Deus (8:3-4). Com essa abordagem, o discurso de Bildade torna-se implacável, conforme transparece nas palavras duras que ele lança contra os filhos de Jó: *Se teus filhos pecaram contra ele [Deus], também ele os lançou no poder da sua transgressão* (8:4). Elifaz também havia tocado nesse assunto (5:4,25). Não admira que ao final Deus diga a Elifaz: “A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó” (42:7). Adicionando sal às feridas de Jó, Bildade prossegue com sermões sobre a restauração do amigo por Deus, e diz: *Mas, se tu buscares a Deus* (8:5) [...] *se fores puro e reto*, então o Senhor restaurará a justiça da tua morada (8:6) — como se Jó não estivesse buscando a Deus, e como se o próprio Senhor já não houvesse testificado que Jó era, de fato, *puro e reto*.

Bildade apela à tradição a fim de sustentar seu posicionamento (8:8-10). Embora a tradição desempenhe um papel importante na continuidade e estabilidade da sociedade, a apelação de Bildade é infundada porque a utiliza para apoiar uma interpretação rígida da doutrina da retribuição. Até o final do capítulo, Bildade ilustra caso após caso em que Deus sempre pune o perverso e recompensa o justo. O papiro não cresce sem lodo, nem o junco sem água (8:11); sem água, secam antes de qualquer outra erva (8:12). *São assim as veredas de todos quantos se esquecem de Deus* (8:13) — por inferência, é esse o destino de Jó. As coisas em que o ímpio confia são frágeis como teia de aranha (8:14-15). O ímpio é *viçoso perante o sol* e se espalha por toda parte, mas seca rápido quando removido (8:16-19) e logo é esquecido. Bildade conclui suplicando que Jó retorne aos caminhos de Deus (8:20-22).

9:1—10:22 A RESPOSTA DE JÓ. Nesses dois capítulos, Jó parece concentrar sua atenção em Deus, e não em seus amigos, embora esteja ciente da mensagem que estes vêm comunicando. A partir daqui, haverá muita repetição, e menos questões importantes serão abordadas.

Jó começa admitindo a Bildade que *na verdade, sei que assim é* (9:2a). Mas a que parte do discurso de Bildade Jó se refere aqui? Os comentaristas não têm certeza. Tudo o que se pode dizer é que de 9:2b a 9:13, Jó parece abordar o tema da justiça de Deus e a retidão do homem, assunto citado por Elifaz (4:17) e martelado por Bildade (8:3). Após declarar o problema (9:2b-3), Jó afirma que a sabedoria e o poder de Deus são demonstrados claramente pelas obras de suas mãos (9:4-10). As palavras de Jó parecem prenunciar o discurso de Deus nos capítulos 38 a 41. Apesar dessa realidade, Jó declara: *Eis que ele passa por mim, e não o vejo; segue perante mim, e não o percebo* (9:11). Em outras palavras, Deus é misterioso; quando deseja fazer algo, ninguém pode perguntar-lhe: *Que fazes?* (9:12-13).

Jó retoma o início de seu argumento (9:3) para salientar a ideia de que ninguém pode argumentar com Deus e ganhar (9:14-24). Refletindo sobre sua própria situação, Jó afirma não encontrar palavras para argumentar ou responder a Deus (9:14-15). Sua única opção, portanto, é implorar por misericórdia. Prosseguindo com a ilustração do tribunal, Jó declara que, mesmo se pudesse levar Deus ao tribunal, o Senhor não o ouviria. Em tom de desespero, diz: *Porque me esmaga com uma tempestade e multiplica as minhas chagas sem causa* (9:16-18) e novamente volta a salientar a impossibilidade de obter justiça (9:19-20). Frustrado com a injustiça de sua situação, Jó escandaliza os adeptos da escola sapiencial (incluindo seus amigos que apoiam a doutrina inflexível da retribuição) quando diz: *tanto destrói ele o íntegro como o perverso* (9:22). Com base em sua própria experiência, Jó estende seu conceito de justiça a toda a humanidade (9:23-24).

Utilizando a ilustração de barcos de junco e aves de rapina, lamenta que sua vida passará rapidamente, sem oportunidade para desfrutar de qualquer alegria (9:25-26). Jó não

tem esperança de conseguir provar sua inocência. Se Deus é procurador, juiz e júri, onde encontrar a justiça? (9:27-31). A única esperança seria se Deus fosse homem, como Jó: *Porque ele não é homem, como eu, a quem eu respondo, vindo juntamente a juízo. Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos. Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror* (9:32-34). Se isso acontecer, então Jó falará *sem o temer* (9:35). Do contrário, não há o que fazer.

No capítulo 10, Jó volta a reiterar sua determinação em falar (cf. 6:3; 7:11), mas desta vez contra Deus (10:1), e não contra seus amigos. Jó desafia Deus a apresentar suas acusações (10:2) e pergunta por que Deus parece gostar de oprimir uma de suas próprias criaturas, como fazem os homens entre si (10:3-7). Em seguida, passa a relatar o modo pelo qual Deus criou ao próprio Jó e a todos nós (10:8-12; cf. tb. Sl 139:13-16). Jó dá a entender, contudo, que Deus age com motivação perversa ao fazer isso: *Estas coisas, as ocultaste no teu coração; mas bem sei o que resolveste contigo mesmo* (10:13). Em seguida, faz declarações condicionais sobre seus pecados, culpa, inocência e honra, e acusa Deus de caçá-lo *como a um leão* a fim de revelar *poder maravilhoso contra mim* (10:14-17). Retornando ao ponto de partida, conforme suas declarações aqui e no capítulo 3, Jó pergunta novamente: *Por que, pois, me tiraste da madre?* (10:18-19) e conclui implorando para Deus deixá-lo em paz antes de partir para *a terra das trevas e da sombra da morte* (10:20-22). Interessante observar que nesse trecho Jó descreve o reino dos mortos de modo negativo, tendo, porém, anteriormente feito referência a ele como um lugar de descanso.

### 11:1—14:22 Primeira rodada: terceira discussão

A terceira discussão ocorre entre Zofar e Jó. Uma vez que Zofar fala por último na primeira e segunda rodadas, e fica calado na terceira, considera-se que ele seja o mais jovem dos três amigos. Também é o menos simpático de todos. Conforme comenta McKenna: “Como um leopardo espreitando emboscada, assim Zofar entra na discussão mirando diretamente o pescoço de Jó” (CC). Talvez seja por isso que seu discurso tenha recebido uma resposta mais elaborada da parte de Jó.

11:1—11:20 PRIMEIRO DISCURSO DE ZOFAR. Todos se acusaram mutuamente de usar palavras impetuosas, porém Zofar foi mais longe (11:2-3). Rodd interpreta Zofar como se este dissesse: “O discurso de Jó é como contínua inundação de palavras superficiais. Essa irreverência deve ser repreendida”. Ironicamente, Zofar faz a mesma coisa da qual acusa Jó, e com mais brutalidade (11:4-6). Em primeiro lugar, adultera as ideias de Jó, quando diz: *Pois dizes: A minha doutrina é pura, e sou limpo aos teus olhos* (11:4). Na verdade, Jó havia dito que era inocente e não tinha consciência de nenhum pecado que merecesse sofrimento como aquele. Zofar deseja que Deus revele os segredos de Jó de modo que este perceba que Deus, na verdade, até *permite* [que]

*seja esquecida parte da tua iniquidade* (11:6). Zofar parece dizer que Deus não está punindo Jó tanto quanto este merece, pois desconsiderou muitos de seus pecados. Em outras palavras, Jó deveria sofrer muito mais! Isso é maneira de consolar um amigo que experimenta tamanha dor física e angústia de alma? E, pior ainda, por motivos que esse “consolador” desconhece?

O discurso de Zofar não é apenas cruel, como também enfraquece seu próprio argumento. McKenna esclarece essa questão: “Se o sofrimento de Jó era menor que seu pecado, então seu pecado também poderia ser menor que seu sofrimento! Preocupado em atacar Jó, Zofar caiu na armadilha da ‘ética situacional’ ao abrir uma exceção à verdade que considerava absoluta” (CC).

Há duas interpretações possíveis à frase *os segredos da sabedoria, da verdadeira sabedoria, que é multiforme* (11:6) pronunciada por Zofar no contexto de seu desejo de ver Deus falando com Jó. Uma interpretação considera que “multiforme” se refere às perspectivas humana e divina, enquanto a outra se refere aos princípios que governam o universo e a lei moral de Deus, sem referência ao homem.

Zofar fala do poder e conhecimento insondável de Deus (11:7-12), assunto que Jó havia comentado anteriormente (9:4-20). A intenção de Zofar é rebaixar Jó, dizendo que é mais fácil um asno dar à luz um ser humano que o homem se tornar sábio (referindo-se a Jó!) (11:12). Zofar fala como se soubesse o motivo do sofrimento de Jó. Ao final de seu discurso, Zofar oferece a Jó, por meio de frases condicionais “se [...] então”, a receita (a essa altura quase trivial) para retornar a Deus (11:13-19) e conclui com uma advertência: a única alternativa para o perverso é render o espírito (11:20).

12:1—14:22 A RESPOSTA DE JÓ. Jó dedicou dois capítulos para responder a Elifaz e Bildade, porém três para responder a Zofar. Contudo, é possível que aqui ele esteja rebatendo argumentos das discussões anteriores, e não apenas respondendo a Zofar. Nesses capítulos, Jó fala com Deus e consigo mesmo, manifestando pensamentos que oscilam entre a esperança e o desespero.

Jó inicia (12:2-3) lembrando a seus amigos que também sabe o que eles sabem e, portanto, não lhes é inferior (cf. tb. 13:2). Na verdade, Jó fala com sarcasmo quando diz: *Está a sabedoria com os idosos, e, na longevidade, o entendimento?* (12:12). Em seguida, retoma suas lamentações costumeiras, desta vez mencionando que se tornou *irrisão* [motivo de escárnio] para seus amigos, enquanto *as tendas dos tiranos gozam paz* (12:4-6). Novamente, volta a tratar da injustiça de sua situação. Um provérbio na língua tigrínia, falada na Eritreia, capta a ideia de Jó sobre a perda de respeito: *zwedeqe gereb msar yibezho* [“Os machados se multiplicam depois da árvore derrubada”]. Seja pequena ou grande, depois de caída, todos aparecem para cortar a árvore em pedaços. Jó está certo quando diz: *No pensamento de quem está seguro, há desprezo para o infortúnio* (12:5). É

difícil ter empatia pelos que sofrem porque não é possível partilhar do sofrimento alheio sem antes passarmos pela mesma situação. Embora os amigos de Jó tenham começado bem (2:11-13), aquela empatia inicial logo desapareceu no calor da discussão.

Há várias traduções para a última parte de Jó 12:6, que trata dos perversos. A NVI traduz: *aqueles que transportam o seu deus em suas mãos*; a RA traz: *têm o punho por seu deus*. A interpretação correta demonstra que os perversos, *aqueles que provocam a Deus*, são idólatras ou pessoas que imaginam ter controle sobre Deus.

Ao perguntar *Quem não sabe coisas como essas?* (12:3), com relação ao poder e sabedoria de Deus, Jó prossegue recordando a seus amigos que todas as criaturas, até mesmo as inanimadas, sabem disso (12:7-10). À luz da declaração que nas mãos de Deus *está a alma de todo ser vivente e o espírito de todo o gênero humano* (12:10), é irônico que os perversos mencionados no parágrafo anterior imaginem transportar “o seu deus em suas mãos” (NVI). Chamando a atenção de seus amigos, especialmente Zofar, Jó declara, em primeiro lugar, ter condições de avaliar as palavras deles e, em segundo, que a sabedoria se encontra *com os idosos* (12:11-12).

Jó parece relacionar essa sabedoria que acabou de mencionar com a sabedoria de Deus ao iniciar a próxima seção, dizendo: *Com Deus está a sabedoria e a força; ele tem conselho e entendimento* (12:13-25). Jó está falando sobre a sabedoria e o poder de Deus, conforme comentou em 9:4-10. Jó “parece dizer que tudo o que acontece é obra de Deus, seja concessão ou remoção de autoridade, envolva nações ou indivíduos” (Simundson). Alguns comentaristas, contudo, entendem que desta vez Jó está considerando o poder de Deus de modo negativo. Rodd, por exemplo, após mencionar que essa passagem poderia ser “um hino de louvor ao poder de Deus”, declara que, na verdade, ocorre aqui “uma violenta denúncia contra a crueldade com que Deus utiliza sua onipotência. Deus abate, aprisiona, causa secas e inundações, destrói o conselho dos anciãos, juízes e sacerdotes, e dissolve a autoridade dos reis; dispersa e destrói as nações, deixando-as sem governantes”.

Com o objetivo de impedir que seus amigos esqueçam o que ele havia dito no início do capítulo 12, Jó repete no começo do capítulo 13: *Eis que tudo isso viram os meus olhos, e os meus ouvidos o ouviram e entenderam. Como vós o sabeis, também eu o sei; não vos sou inferior* (13:1-2).

Em seguida, como se dissesse: “Não espero honestidade ou consolo de vocês”, Jó anuncia: *Mas falarei ao Todo-Poderoso e quero defender-me perante Deus* (13:3). Porém, antes de falar diretamente com Deus, Jó comenta sobre a injustiça e falsidade de Elifaz e seus dois amigos (13:4-19). Censura-os como *médicos que não valem nada* e declara que eles ajudariam mais se permanecessem calados (como no início) e o ouvissem (13:4-6). Depois, acusa-os de defender Deus com falsidades (13:7-12). Rodd argumenta que,

apesar do zelo dos três em defender Deus, “não foram os amigos que oraram a Deus, mas Jó”. Não é de admirar; Jó está vulnerável no contexto de seu sofrimento, ao passo que seus amigos, que *gozam paz*, desprezam seu infortúnio (12:5-6).

Nesse capítulo, é instrutiva a frequência com que Jó pede a seus amigos que se cale e ouçam (13:5-6, 13, 17). Jó fornece as razões para permanecer inflexível sobre seu caso: *Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento* (13:15). Após afirmar que defenderá seu procedimento diante de Deus (13:15), Jó declara: *Também isto será a minha salvação* (13:16) e *estou certo de que serei justificado* (13:18).

Somente após esse prelúdio, Jó passa a falar com Deus (13:20-27), conforme havia dito que faria em 13:3, e começa pedindo que o Senhor satisfaça duas condições. Primeiro, que Deus retire sua mão (isto é, pare de torturá-lo fisicamente) e pare de aterrorizá-lo (emocionalmente). Depois, que Deus o receba para que Jó lhe apresente seu caso. Somente depois de satisfeitas essas condições é que Jó poderá comparecer diante de Deus e replicar as acusações. Após apresentar seu caso a Deus, Jó encerra com as palavras: *apesar de eu ser como uma coisa podre que se consome e como a roupa que é comida da traça* (13:28).

A reflexão de Jó sobre a brevidade e a futilidade da vida humana, iniciada em 13:28, parece estender-se aos primeiros versículos do capítulo 14, em que Jó retoma seu discurso com Deus (14:3-22). Nessa discussão, Jó dá a impressão de passar do desespero (14:3-12) para a esperança (14:13-17) e de volta para o desespero (14:18-22). Alguns estudiosos tentam rearranjar a ordem desse discurso a fim de eliminar a montanha russa emocional de Jó e tornar o texto mais aceitável aos conceitos de lógica e coerência apreciados no mundo ocidental. Entretanto, essa abordagem “não faz justiça às alterações apaixonadas e impetuosas entre tema e humor, características da poesia semítica em geral e de Jó em particular” (Gordis).

Em discurso eloquente, Jó contrasta a vida e a morte da árvore e do homem (14:7-10). A árvore cortada pode renascer *ao cheiro das águas*, mas não existe essa esperança para o ser humano: *Como as águas do lago se evaporam, e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará* (14:11-12).

#### 15:1—17:16 Segunda rodada: primeira discussão

Cada um dos amigos teve oportunidade de falar, e Jó respondeu a todos. Contudo, o problema que gerou o debate está longe de ser resolvido. Pelo contrário, o nível de conflito e hostilidade aumentou.

A sequência da segunda rodada de discussões ocorre da seguinte maneira: Elifaz discursa (cap. 15), e Jó responde (caps. 16—17); Bildade discursa (cap. 18), e Jó responde (cap. 19); Zofar discursa (cap. 20), e Jó responde (cap. 21).

Mais uma vez, Elifaz é o primeiro a falar.

15:1-35 SEGUNDO DISCURSO DE ELIFAZ. Cortês e educado no início, Elifaz já não vê razões para permanecer nessa postura e passa a falar com hostilidade contra Jó. Por que essa mudança? Simundson especula que no início Elifaz estava “preocupado com a aparente bondade de Jó e procurava reconciliar isto com a doutrina do sofrimento e retribuição do pecado”. Entretanto, após a primeira rodada de debates, “Elifaz percebeu em Jó maldade, hostilidade, discurso quase blasfemo sobre Deus e críticas afiadas a seus três amigos. Jó se condenou por suas próprias palavras, e, portanto, não havia mais necessidade de gentilezas”.

Elifaz começa com uma pergunta retórica: *Porventura, dará o sábio em resposta ciência de vento? E encher-se-á a si mesmo de vento oriental, arguindo com palavras que de nada servem e com razões de que nada aproveita?* (15:2-3). A resposta esperada é um sonoro “não”, posicionando Jó como um tolo, e não como o sábio que imagina ser. Comentaristas têm argumentado sobre o significado exato da expressão “vento oriental”, mas provavelmente ela não se refere ao que chamaríamos de “presunção”; antes, diz respeito a algo frívolo e ilusório. Na compreensão de Elifaz, o discurso “cheio de vento” de Jó não apenas demonstra tolice, como também destrói o temor de Deus (a essência da religião) e se torna pedra de tropeço para os outros (15:4). Para Elifaz, Jó traz condenação sobre si mesmo (15:5-6).

Elifaz acusa Jó de colocar-se num pedestal (15:7-13): *És tu, porventura, o primeiro homem que nasceu? (15:7); Por que te arrebatou o teu coração? Por que flamejam os teus olhos, para voltares contra Deus o teu furor e deixares sair tais palavras da tua boca?* (15:12-13). Para Elifaz, Jó rejeitou pessoas mais sábias e mais idosas que procuraram transmitir as *consolações de Deus e suaves palavras* (15:10-11; provavelmente uma referência ao conselho de Elifaz nos caps. 4—5). Adicione a isso “blasfêmias” contra Deus, e chegamos à única conclusão possível: Jó é um homem condenado.

Após metralhar Jó com questionamentos a fim de retorná-lo a seu devido lugar, Elifaz passa a depreciar a humanidade em geral; porém, obviamente, o alvo é sempre Jó (15:14-16). Ao repetir o que havia dito anteriormente (4:17-19), percebe-se que Elifaz está esgotando suas ideias. Para nossa felicidade, o ponto de vista de Elifaz não representa o modo de Deus ver os seres humanos criados à sua imagem e semelhança (cf. Sl 8:3-6).

Assim, ao final de um discurso longo e cheio de vento (15:17-35) (repetindo o mesmo erro de que acusou Jó), Elifaz declara que “dor, medo, escuridão, preocupação, angústia, desolação, ruína, solidão e futilidade são retribuições automáticas e inevitáveis da perversidade” (CC). Embora a passagem possa ser interpretada em referência ao destino dos perversos em geral, é quase impossível deixar de notar indicações sutis sugerindo que ela se aplica à situação de Jó. Elifaz introduz essa passagem declarando ter visto o que os sábios anunciaram, que por sua vez receberam tal conhecimento de seus ancestrais desde o início,

*aos quais somente se dera a terra, e nenhum estranho passou por entre eles* (15:17-19). Não há nenhuma mistura estranha nesse conhecimento, sendo ele, portanto, puro. Afirmando possuir revelação especial de Deus no primeiro discurso, Elifaz agora apela aos sábios e anciãos para sustentar seu posicionamento.

16:1—17:16 A RESPOSTA DE Jó. Abandonado por Deus e atacado sem tréguas por seus amigos, o estado emocional de Jó oscila com mais frequência nesses capítulos. Embora permaneça inflexível sobre sua integridade, o sofrimento físico, emocional, social e espiritual o leva ao desespero. Utilizando plural e singular no mesmo parágrafo (16:2-4), acusa os três amigos de serem *consoladores molestos* (16:2), porém responde especificamente a Elifaz: *Porventura, não terão fim essas palavras de vento? Ou que é que te instiga para responderes assim?* (16:3). Seja o que for que leva Elifaz a falar desse modo, Jó afirma que, se trocasse de lugar com seus amigos, *poderia dirigir-vos* (voltando ao plural) *um montão de palavras e menear contra vós outros a minha cabeça* (16:4). Entretanto, agir desse modo seria descer ao nível deles e, portanto, Jó insiste: [eu] *poderia fortalecer-vos com as minhas palavras, e a compaixão dos meus lábios abrandaria a vossa dor* (16:5).

Simundson identifica claramente o momento no qual os três amigos se desviaram completamente: quando Jó passou a tratar do problema do sofrimento como “sofredor de fato. Discursando sobre o sofrimento, Jó falou de *si mesmo* em relação a Deus. Seu discurso ocorreu no nível de ‘sentimento’, mesmo quando questionava ‘Por quê?’”. Em contraste, seus amigos veem o sofrimento como um problema intelectual que requer uma resposta racional. “Quando faz observações depreciativas sobre a justiça de Deus, Jó espera receber compaixão. Em vez disso, tudo o que receberam foram argumentos e condenações por colocar-se naquela situação e por ousar questionar seu sofrimento”.

Após pronunciar uma frase de transição, argumentando que falar ou calar-se já não faz diferença para amenizar a dor (16:6), Jó retoma suas lamentações com respeito a seus inimigos, humanos e divino, às vezes falando com Deus de modo direto, outras vezes indiretamente (16:7-17). Utiliza uma linguagem vívida para representar o ataque cruel de Deus: *Na sua ira me despedaçou e tem animosidade contra mim; contra mim rangeu os dentes* (16:9); *Em paz eu vivia, porém ele me quebrantou; pegou-me pelo pescoço e me despedaçou; pôs-me por seu alvo. Cercam-me as suas flechas, atravessa-me os rins, e não me poupa, e o meu fel derrama na terra. Fere-me com ferimento sobre ferimento, arremete contra mim como um guerreiro* (16:12-14). É por isso que Jó veste pano de saco e enterra seu orgulho no pó (16:15; no hebraico, a palavra traduzida por orgulho significa “chifre”), manifestação que representa tristeza, vergonha e desamparo. Mesmo assim, Jó não merece aquele sofrimento (16:16-17) e, portanto, apela à terra para que não cubra seu sangue (16:18). Embora vislumbre uma ponta de esperança no

horizonte (16:19-21), suas últimas palavras nesse capítulo falam sobre a brevidade da vida humana (16:22).

E, por falar em esperança, vemos que Jó fala de *testemunha* e de alguém que *advoga* sua causa perante Deus, isto é, um *intercessor* (16:20, NVI). Desenvolvendo essa ideia, o texto diz: *para que ele mantenha o direito do homem contra o próprio Deus e o do filho do homem contra o seu próximo* (16:21). Quem é esse “intercessor”? Ou “árbitro” mencionado em 9:33? Ou ainda o “Redentor” mencionado em 19:25? No contexto da fé monoteísta do AT, não pode ser ninguém mais além do próprio Deus. Entretanto, ao lermos as acusações de Jó contra a injustiça de Deus, como poderia o Senhor ser ao mesmo tempo inimigo e libertador? Como apelar a Deus contra o próprio Deus? Jó acusou Deus de ser procurador, juiz, júri e carrasco, e agora parece considerá-lo também advogado de defesa!

Ao que parece, Jó está dividido entre percepções diferentes a respeito de Deus. Alguns comentaristas consideram difícil reconciliar os papéis que Jó atribui a Deus, porém na verdade esse problema pode estar no modo de pensar dos ocidentais e suas categorizações. Precisamos ter mais sensibilidade à perspectiva bíblica a fim de interpretarmos as Escrituras de forma correta.

Não há trégua entre os capítulos 16 e 17. Os comentários de Jó sobre sua vida em 16:22 prosseguem até 17:1-2, e, de repente, num versículo que parece retornar à ilustração do tribunal em 16:19-21, Jó pede a Deus *um penhor*, isto é, uma garantia, ou fiança, entregue em favor de um devedor ou alguém acusado de crime. Jó reivindica que Deus seja seu fiador, pois ninguém mais pode fazê-lo (17:3). Após falar sobre seus amigos transformados em inimigos em 17:2, Jó volta a falar sobre eles em 17:4-5 e acerca do julgamento que os aguarda. Depois, volta a lamentar seu sofrimento (17:6-8), embora com uma pontinha de esperança: *Contudo, o justo segue o seu caminho, e o puro de mãos cresce mais e mais em força* (17:9). Novamente observamos oscilação emocional em 17:10-16. Quando pensa sobre seus inimigos, tudo o que Jó consegue ver é escuridão (17:10-12). Depois de várias declarações condicionais que parecem abafar sua esperança, Jó pergunta: *Onde está, pois, a minha esperança? Sim, a minha esperança, quem a poderá ver? Ela descenderá até às portas da morte, quando juntamente no pó teremos descanso* (17:15-16).

#### 18:1—19:29 Segunda rodada: segunda discussão

Bildade volta a discursar, mas suas palavras não ajudam em nada. Ele é o principal e mais inflexível advogado da tradicional teologia da retribuição.

**18:1-21** SEGUNDO DISCURSO DE BILDADE. Em seu primeiro discurso (cap. 8), Bildade foi mais áspero que Elifaz. Seguindo essa mesma linha, Bildade volta a falar com maior aspe-reza e descreve um quadro desanimador. Ele nem mesmo menciona a opção anterior de restauração caso Jó estivesse disposto a confessar seus pecados.

Em nota introdutória, demonstra grosseria: *Oh! Tu, que te despedaças na tua ira, será a terra abandonada por tua causa? Remover-se-ão as rochas do seu lugar?* (18:4). Bildade parece sugerir que o sofrimento de Jó é autoimposto, embora Jó tenha dito claramente que foi Deus quem o colocou naquela situação (16:7-14). Bildade também parece sugerir que as declarações de inocência de Jó são exageradas, como se Jó exigisse que as leis da natureza fossem alteradas a seu favor (18:4).

Bildade dedica o restante de seu discurso (18:5-21) a instruir Jó na doutrina da retribuição em sua forma mais aterradora, sem deixar nenhum espaço para restauração por meio do arrependimento. McKenna descreve Bildade como um “tradicionalista de língua farpada. Sua linguagem áspera e violenta tende a aumentar o conflito em vez de resolvê-lo [...] Fingindo defender a fé, Bildade não hesitaria enviar Jó à fogueira e atear fogo com suas próprias mãos” (CC).

Jó declara que Deus o esgotou completamente: “Tu, ó Deus, destruíste a minha família toda” (16:7). Bildade se aproveita dessa declaração como se fosse uma confissão de culpa e insiste em que o fato representou punição de Deus: *A luz do perverso se apagará* (18:5-6,18). O impacto dessa ilustração pode ser mais bem observado se considerarmos que naquela época não havia fósforo para atear fogo. Uma vez acesa, a lâmpada ou fogueira deveria ser mantida acesa permanentemente.

Em seguida, Bildade utiliza a ilustração de uma caça, mencionando *rede, forje, armadilha e laço* (18:8-10) que capturam o perverso. Suas palavras descrevem um homem caçado: *Os assombros o espantarão de todos os lados e o perseguirão a cada passo. A calamidade virá faminta sobre ele, e a miséria estará alerta ao seu lado* (18:11-12). Será que Jó ainda tem dúvidas de que Bildade se refere ao próprio amigo? Claro que não, particularmente quando Bildade salienta que essa calamidade *devorará os membros do corpo; serão devorados pelo primogênito da morte* (18:13). O perverso sofre não somente durante a vida, mas também após a morte, quando *sua memória desaparecerá da terra, e pelas praças não terá nome* (18:17), uma vez que *não terá filho nem posteridade entre o seu povo, nem sobrevivente algum ficará nas suas moradas* (18:19). Bildade sugeriu anteriormente que os filhos de Jó mereceram o sofrimento que lhes sobreveio (8:4) e aqui volta a esfregar na cara de Jó o fato de que todos eles morreram. Não apenas a memória do perverso deixará de existir, como também todos aqueles que ouviram falar dele, *aqueles do Ocidente, e os do Oriente serão tomados de horror* (18:20). Certamente Bildade não esqueceu que Jó pertencia ao povo do Oriente (1:3). Essa expressão idiomática também pode indicar que as gerações passadas e futuras conhecerão a história de Jó somente como exemplo da fatalidade que acomete os perversos: *sim, tais são, na verdade, as moradas do perverso, e este é o paradeiro do que não conhece a Deus* (18:21). De fato, Jó tornou-se “provérbio dos povos” (17:6).



Bildade não parece preocupado com o efeito de suas palavras em Jó. Pelo contrário, parece gostar de sua descrição das calamidades e sofrimentos que sobrevirão ao perverso. Há uma advertência aqui quanto à nossa atitude para com aqueles que sofrem. Será que os julgamos? Será que nos esforçamos para compreender a situação deles a fim de poder ajudar? As palavras podem ferir. Portanto, precisamos utilizá-las com muito cuidado. Em situações como essa, é necessário ter muita prudência.

**19:1-29** A RESPOSTA DE JÓ. Bildade iniciou seu primeiro discurso perguntando “Até quando falarás tais coisas?” (8:2) e o segundo “Até quando andarás à caça de palavras?” (18:2). Em resposta, Jó devolve no mesmo tom e diz: *Até quando afligireis a minha alma e me quebrantareis com palavras?* (19:2). Jó acusa seus amigos de afrontá-lo por *dez vezes* (19:3), expressão idiomática hebraica que significa “muitas vezes”. *Embora haja eu, na verdade, errado*, diz Jó, *comigo ficará o meu erro* (19:4; cf. tb. 7:20). Com seus amigos insistindo em provar que sabem mais, Jó declara francamente: *Sabei agora que Deus é que me oprimiu* (19:6).

Jó reclama que seu clamor por justiça não recebeu nenhuma consideração (19:7). A fim de ilustrar o desespero de Jó, Atkinson cita a experiência do pastor romeno Richard Wumbrand como “prisioneiro de consciência na prisão de um regime repressivo totalitarista. Ele ilustrou o grito dos cristãos ouvidos diariamente nas celas quando um ou outro era torturado por sua fé. Jogou sua cabeça e mãos para trás e soltou um longo, alto, agonizante e terrível grito” (BST).

Referindo-se a Deus na terceira pessoa, Jó lamenta que o Senhor seja causa de seu sofrimento: *O meu caminho ele fechou, e não posso passar [...] Da minha honra me despojou e tirou-me da cabeça a coroa. E ainda: Arruinou-me de todos os lados [...] e arrancou-me a esperança [...] e me tem na conta de seu adversário* (19:8-12; cf. tb. 16:7-17). E não apenas isso. Jó também foi banido da sociedade, expulso da presença de seus irmãos, parentes e conhecidos. Nem mesmo seus servos o atendem; e seu hálito tornou-se repugnante à sua esposa (19:13-18). Não está claro por que a RA e a NVI traduzem a segunda parte de 19:17 por *filhos de minha mãe e meus próprios irmãos* respectivamente, quando o hebraico original traz “meus próprios filhos” ou “minhas próprias crianças”. Talvez a decisão esteja relacionada com o argumento lógico da narrativa descrita no prefácio, afirmando que todos os filhos de Jó morreram e, portanto, não há mais filhos a quem Jó pareça *repugnante* (19:17). A tradução em minha língua-mãe (tigrínia) segue o texto hebraico, provavelmente considerando que não há necessidade de forçar o texto a apresentar coerência em todos os detalhes entre prosa e poesia. A literatura semítica não insiste na eliminação de aparentes contradições num texto.

Jó resume as aflições que Deus lhe causou da seguinte maneira: *Todos os meus amigos íntimos me abominam, e até os que eu amava se tornaram contra mim. Os meus ossos se apegam à minha pele e à minha carne, e salvei-me só com a pele*

*dos meus dentes* (19:19-20). Quanto a seus amigos, Jó exclama: *Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me atingiu* (19:21). Dizendo a seus amigos que eles não precisam agir como Deus, Jó questiona: *Por que me perseguis como Deus me persegue e não cessais de devorar a minha carne?* (19:22). Antes de encerrar o capítulo, porém, Jó lhes diz que o tiro sairá pela culatra e o julgamento de Deus cairá sobre seus amigos (19:28-29).

Prensada entre apelos, desafios (19:21-22) e advertências (19:28-29), encontra-se uma passagem bíblica que tem deixado estudiosos e teólogos perplexos (19:23-27). McKenna liga seu entendimento dessa passagem ao princípio espiritual exposto por Paulo: “Se perseveramos [com Cristo], também com ele reinaremos” (2Tm 2:12). Aqui, Jó percebeu a possibilidade aterradora de morrer antes de ser justificado. Consequentemente, passa a interpretar sua situação à luz da eternidade. Podemos acompanhar claramente como Jó desenvolve essa ideia. Em 7:7-10, Jó considerava o Sheol, o mundo dos mortos, um “estado impessoal de suspensão entre o mundo material e espiritual”. Posteriormente, começa a alimentar esperança de que algumas características pessoais permaneceriam após a morte, e até mesmo ousou sugerir que Deus sentiria sua falta (7:21). Depois, em 17:13-16, “outro lampejo lhe possibilitou enxergar o potencial de permanecer com sua personalidade mesmo após a morte”. Porém, “somente quando Jó toca o fundo do poço da humilhação é que seus olhos da fé se abrem” (CC).

Que quer dizer isso? Jó encara a aniquilação da morte sem nenhuma esperança de justificação em sua vida presente. Representa maturidade emocional e espiritual o fato de ele aceitar o adiamento de seu desejo por respostas imediatas (coisa que todos compartilhamos) e encarar a realidade nua e crua. Diante disso, Jó exclama: *Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras!* Observe como esse desejo vai aumentando em intensidade: de *gravadas em livro para chumbo*, e depois *para sempre fossem esculpidas na rocha* (19:23-24). Bildade afirmou que Jó seria esquecido ou lembrando com pavor (18:17-20). Jó, contudo, queria registrar sua história para a posteridade.

Quais palavras Jó desejava fossem escritas? Talvez aquelas afirmando sua inocência, ou talvez 19:25-27. Entretanto, não é necessário debater sobre a quais palavras Jó se referia, pois o registro bíblico traz ambas.

Em seguida, Jó dá um enorme salto de fé e afirma não ter dúvidas de que será justificado (19:25-27). Ao interpretarmos essa passagem, é importante não espiritualizar demasiadamente as palavras de Jó ou embrenhar-nos em detalhes secundários.

Tem havido muito debate sobre a identidade do *Redentor* mencionado em 19:25. Esse conceito está ligado à ideia do AT sobre o parente resgatador, responsável por resgatar da escravidão (Lv 25:47-49), recuperar propriedades (Lv 25:25; Rt 4:4,6), casar-se com a viúva sem filhos de um

irmão falecido (Rt 3:4,6,13; 4:5-6) e vingar o sangue de algum parente assassinado (Nm 35:16-28; Dt 19:6,12; cf. tb. Gn 4:10; 9:6 e Jó 16:18-19). Contudo, embora Jó tenha em mente esse tipo de redentor, fica claro pelo contexto que ele não está falando de um redentor humano. Então, a quem Jó se refere aqui?

Há três possibilidades principais. Alguns comentaristas dizem que Jó se refere às palavras que deseja registrar em 19:23. Esse registro restaurará sua reputação e o inocentará. Outros afirmam que Jó se refere a outro ser celestial além de Deus, alguém que apresentará seu caso diante do Senhor. Uma terceira possibilidade, que tem sido a interpretação mais comum em círculos judaicos e cristãos, é que o redentor se refere ao próprio Deus. Mais adiante, o Senhor redimirá Israel da escravidão no Egito e do exílio na Babilônia, e certamente redimirá Jó.

Examinando essa passagem no contexto da revelação bíblica como um todo, McKenna comenta que Jó, ao dizer *Eu sei que o meu Redentor vive* (19:25a), reconhece que, apesar de apelar a um árbitro independente, “não pode comparecer diante de Deus em justiça própria [...] A única esperança de Jó é encontrar um irmão disposto a derramar sangue em seu favor. Jó ousa acreditar que esse irmão existe e o justificará no futuro. Jó previu a Redenção” (CC). E não apenas isso. Ao dizer *e por fim se levantará sobre a terra* (19:25b), Jó também previu a encarnação e, além disso, expressou esperança numa ressurreição pessoal: *Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros* (19:26-27).

A ideia de um mediador não é novidade entre os africanos. Na religião tradicional africana, os ancestrais (ou “mortos-vivos”) representam esse papel. A Igreja Católica Ortodoxa considera que os santos (vivos ou mortos) e os anjos fazem papel de mediadores. Entretanto, à luz da revelação divina concedida a Jó e a seu posterior cumprimento na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Filho de Deus, somos informados de que há “um só Mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2:5) e que “não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12), mas apenas no “nome que está acima de todo nome” (Fp 2:9).

### 20:1—21:34 Segunda rodada: terceira discussão

Esse último debate da segunda rodada narra os discursos de Zofar e Jó. Esse é o último discurso de Zofar, a menos que (como fazem alguns estudiosos) seja possível identificar outro discurso dele no capítulo 27.

20:1-29 SEGUNDO DISCURSO DE ZOFAR. Zofar está preocupado, dizendo: *Visto que meus pensamentos me impõem resposta, eu me apresso* (20:2). Essa pressa se deve ao fato de ter percebido as palavras de Jó como endereçadas pessoalmente a ele: *Eu ouvi a repreensão, que me envergonha*, porém ele insiste em *responder segundo o meu entendimento* (20:3). Considerado seu estado emocional agitado, teria sido me-

lhor permanecer calado. Alguns comentaristas entendem que nessa passagem Zofar está afirmando ter recebido revelação especial, como seu amigo Elifaz (4:12-16).

O restante do capítulo mostra Zofar discursando sobre o destino do perverso, tópico abordado por Elifaz e Bildade em capítulos anteriores. Conforme mencionado, esses homens não têm ideias novas a apresentar. Zofar inicia com *Porventura, não sabes tu que desde todos os tempos, desde que o homem foi posto sobre a terra* (20:4) e prossegue catalogando as desgraças que aguardam o perverso. Afirma que a alegria do perverso é breve (20:5); ele até pode tentar alcançar o céu em seu orgulho e jactância, mas seu fim será a ruína (20:6-7a). O perverso desaparecerá, e as pessoas perguntarão: *Onde está?* Todavia, não será encontrado (20:7b-9). Seus filhos sofrerão as consequências de sua vida pecaminosa; e ele morrerá jovem (20:11). Embora tente esconder sua maldade como alguém esconde um doce embaixo da língua, ser-lhe-á como veneno de áspide e intoxicará toda a sua vida (20:12-16). Não aproveitará a riqueza que acumulou injustamente (20:17-19); em vez disso, seus filhos a utilizarão para restaurar aos pobres aquilo em que foram defraudados (20:10). Ainda que essa lista de retribuições seja expressa em termos gerais, não há dúvidas de que o alvo de Zofar é Jó. Contudo, a acusação de que Jó *oprimiu e desamparou os pobres* (20:19) é totalmente infundada. Até Elifaz admitiu que Jó se preocupava com os pobres (4:3-4).

Prosseguindo com sua metralhadora de punições, Zofar afirma que aflições e a ira de Deus serão as recompensas do perverso em meio à sua prosperidade; não há como escapar (20:20-26). E mais: *Os céus lhe manifestarão a sua iniquidade; e a terra se levantará contra ele* (20:27). Os céus e a terra, geralmente utilizados por Deus como suas testemunhas e mensageiros, testificarão contra o perverso. O sermão de Zofar iniciou com “Não sabes tu...?” (20:4) e encerra com *Tal é, da parte de Deus, a sorte do homem perverso, tal a herança decretada por Deus* (20:29).

McKenna intitula o discurso de Zofar nesse capítulo de “Sermão Quase Perfeito” (CC), pois, embora perfeito em estilo e conteúdo, foi pronunciado por motivos escusos e dirigido ao público errado.

21:1-34 A RESPOSTA DE JÓ. Zofar argumentou que Deus sempre pune o perverso. Na verdade, esse é o principal assunto dos discursos dos três amigos de Jó. Entretanto, em todos os discursos até aqui, eles não mencionaram que Deus restauraria Jó caso este se arrependesse, nem falaram sobre o outro lado da retribuição: que Deus recompensa o justo.

Jó rejeita totalmente esses argumentos e inicia seu discurso dizendo que eles seriam melhores consoladores se apenas prestassem atenção às suas palavras (21:2-3). Jó percebe no discurso de seus amigos uma forma de zombaria (21:3). Entretanto, sua reclamação não é dirigida a eles, mas a Deus (21:4), e tudo o que eles têm a fazer é calar-se e ouvir (21:5), referindo-se ao choque inicial quando o viram sofrendo pela primeira vez (2:13). Na verdade,

quando Jó reflete sobre a extensão de seu sofrimento, ele próprio fica perturbado e sente calafrios (21:6). Como é possível um inocente sofrer dessa forma enquanto os perversos andam despreocupadamente? Atkinson lembra que antes dessa experiência “Jó sem dúvida compartilhava a opinião [de seus amigos] de que no universo moral de Deus a retidão é recompensada e a perversidade punida [...] Mas a experiência de Jó contradiz esse conceito. Ele não apenas sofre sendo *inocente*, como vê o perverso desfrutando uma vida boa!” (BST). Portanto, Jó replica a seus amigos que o argumento de que Deus sempre pune o perverso é uma mentira (21:7-13) e, para provar isso, contrasta as punições que Zofar e seus amigos vêm descrevendo com a vida real dos perversos: estes envelhecem e ficam mais poderosos (21:7), seus filhos crescem e se multiplicam (21:8), suas casas desfrutam paz e segurança (21:9), seu gado multiplica com saúde (21:10) e, no fim, *Passam eles os seus dias em prosperidade e em paz descem à sepultura* (21:13).

Conforme o entendimento de Jó, o que o surpreende é que essas pessoas confrontam Deus e nada lhes acontece (21:14-15). Estes são os “insensatos”, conforme caracterizados na terminologia dos livros sapienciais (Sl 14:1). Ouça o que dizem a Deus: *Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos. Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos? E que nos aproveitará que lhe façamos orações?* (21:14-15). Que afronta! E como estão enganados sobre a função da oração! A atitude deles é semelhante à de alguns estrangeiros que respondem aos nossos pedidos de oração intensa e sacrificial (diferente daquele tipo de oração formal e superficial), dizendo: “Não é de admirar que vocês oram tanto na África, com todos esses desastres naturais e também os causados pelo ser humano. Aqui em nossa terra, ao contrário, temos tudo aquilo de que precisamos ao alcance das mãos, então por que deveríamos orar?”. Esse tipo de comentário desconsidera a verdadeira função da oração, que é, antes de tudo, adorar a Deus, nosso Criador e Redentor. Orar é muito mais que apresentar ao Senhor uma lista de compras e necessidades. Os cristãos precisam tomar muito cuidado para não adotar atitude semelhante na oração e no relacionamento com Deus.

Embora admitindo que o destino dos ricos e poderosos não está sob o controle deles próprios, mas nas mãos de Deus (21:16), Jó pronuncia uma série de *Quantas vezes...* em desafio aos argumentos de seus amigos sobre o destino dos perversos (21:17-18). Depois, Jó ataca o argumento de Zofar (20:10) de que os filhos dos perversos sofrem as consequências do pecado de seus pais. Jó prefere pensar que o correto é o perverso colher aquilo que plantou, pois este não se preocupa com o destino ou bem-estar de sua família depois de sua morte: *Mas é a ele que deveria Deus dar o pago, para que o sinta. Seus próprios olhos devem ver a sua ruína, e ele, beber do furor do Todo-Poderoso. Porque depois de morto, cortado já o número dos seus meses, que interessa a ele a sua casa?* (21:19-21).

Alguns comentaristas consideram 21:22 (*Acaso, alguém ensinará ciência a Deus*) um comentário inserido posteriormente por outra pessoa. Contudo, não há razões para pensar assim. Aqui, Jó critica a pretensão de seus amigos ao presumirem que Deus age e pensa da mesma forma que eles próprios agem e pensam em seu limitado entendimento da doutrina da justiça. Jó insiste em que não há diferença entre justos e perversos quando se trata de morrer: *Um morre em pleno vigor, despreocupado e tranquilo, com seus baldes cheios de leite e fresca a medula dos seus ossos* (21:23-24; cf. tb. 21:13); *outro, ao contrário, morre na amargura do seu coração, não havendo provado do bem* (21:25). Se a vida fosse justa, deveria haver diferença entre os dois; porém: *Juntamente jazem no pó, onde os vermes os cobrem* (21:26). Eclesiastes ressalta essa questão levantada por Jó (Ec 8:14; 9:2-3).

Dirigindo-se a seus amigos, Jó afirma compreender o ponto de vista deles, porém discorda totalmente: *Vede que conheço os vossos pensamentos e os injustos desígnios com que me tratais* (21:27-28). Em seguida, voltando a falar sobre assuntos já abordados, Jó pede que seus interlocutores questionem viajantes e pessoas mais experimentadas (21:29-33). Ninguém repreende ou retribui a má conduta dos perversos (21:30-31); pelo contrário, estes recebem enterros decentes e descansam em paz na sepultura (21:32-33). Após asseverar a questão, Jó chega à seguinte conclusão lógica: *Como, pois, me consolais em vão? Das vossas respostas só resta falsidade* (21:34).

### 22:1—24:25 Terceira rodada: primeira discussão

As respostas de Jó deveriam ter silenciado seus amigos, ou pelo menos rechaçado a maioria de seus argumentos. Não foi o caso, embora Bildade tenha perdido o ímpeto inicial e Zofar tenha abandonado a discussão.

McKenna resume a situação dizendo que Jó e seus amigos chegaram a um beco sem saída nessa última rodada de discussões: “Os argumentos foram levados ao extremo, e ninguém se dispôs a ceder. Essa confusão transparece em argumentos parciais e desarticulados” (CC). Contudo, a essa altura está claro que “Elifaz e Bildade continuam condenando Jó não apenas como pecador rebelde contra Deus, mas também como exemplo máximo de mau caráter que destrói pessoas indefesas como os pobres, as viúvas e os órfãos” (CC).

A sequência de discussões ocorre da seguinte maneira: Elifaz fala (cap. 22), e Jó responde (caps. 23—24); Bildade fala (cap. 25), e Jó responde (caps. 26—27). Zofar abstém-se nessa última rodada.

Conforme o padrão inicial, Elifaz é o primeiro a falar.

22:1-30 TERCEIRO DISCURSO DE ELIFAZ. Sem preliminares, Elifaz lança uma série de questões retóricas (22:2-5) cuja intenção é demonstrar que a sabedoria ou a retidão de Jó não tem valor algum para Deus (22:2-3). Que blasfêmia dizer isso sobre Deus, aquele que estabeleceu a ordem moral no universo! Não é justamente a crença no fato de que Deus

pesa os valores morais do homem a base de todo esse debate interminável?

Quer Elifaz perceba quer não, Deus falou diretamente a Satanás diante de toda a congregação celestial, dizendo: “Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal”. E Deus disse isso não apenas uma, mas duas vezes (1:8; 2:3). Sim, o Altíssimo se alegra quando os seres humanos criados à sua imagem vivem de acordo com os padrões do Criador e Redentor. E, sim, é justamente por causa do *temor de Deus* que Jó está sofrendo (22:4), ainda que a pergunta retórica de Elifaz tivesse a intenção de induzir uma resposta negativa e, consequentemente, condenar Jó.

A pergunta final de Elifaz (22:5), que serve de transição aos próximos três versículos, denuncia claramente suas

intenções. Rotulando o pecado de Jó como *grande e sem termo*, Elifaz expressa a malícia de Jó da seguinte forma: *sem causa tomaste penhores a teu irmão e aos seminus despojaste das suas roupas (22:6); não deste água a beber ao cansado e ao faminto retiveste o pão (22:7); as viúvas despediste de mãos vazias, e os braços dos órfãos foram quebrados (22:9)*. Elifaz chama a atenção de Jó para o poder e riqueza que ele desfrutava (22:8), em contraste com a situação das pessoas que havia maltratado: pobres, viúvas e órfãos. Todos os pecados que Elifaz enumera são convites ao terrível julgamento de Deus (Êx 22:22-27; Dt 24:12-17; 26:12-13; 27:19; Is 1:17,23; 10:1-2; 58:7; Ez 18:7; 22:7; Zc 7:10). O mais impressionante, contudo, é perceber que Elifaz se contradiz completamente, conforme sua própria avaliação do caráter de Jó anteriormente (4:3-4).

## SOFRIMENTO

Quem lê a Bíblia, de modo regularmente ou apenas ocasionalmente, deve ter observado a importância do sofrimento no desenrolar da história. Não há como deixar de notar o sofrimento do povo de Israel, dos profetas, dos apóstolos e do próprio Jesus Cristo.

Esse assunto é tão comum que parece estreitamente relacionado à vida cristã. O que mais impressiona, porém, é que geralmente o sofrimento e a alegria são mencionados juntos, dando a impressão de que a alegria flui naturalmente do sofrimento.

No AT, os profetas anunciaram que Deus, após certo período de provações, enxugará as lágrimas e removerá todo o sofrimento de seu povo (Is 25:6-9). Do mesmo modo, o NT enfatiza o triunfo da alegria sobre a tristeza. Percebemos essa mensagem nas bem-aventuranças, especialmente aquelas relacionadas à perseguição: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem [...] Regozijai-vos e exultai” (Mt 5:11-12). Essa mesma ideia aparece nas cartas de Paulo (Rm 8:18; 2Co 4:17) e Pedro (1Pe 4:13; 5:10).

Devemos concluir, com base nisso, que a Bíblia pede aos cristãos que se coloquem em situações nas quais possam sofrer maus-tratos e perseguições? Será que a Bíblia nos pede para sofrermos com a expectativa de alcançar algum benefício?

Não! Nada do que a Bíblia diz sugere que o sofrimento é bom em si mesmo. Ninguém pode dizer a um doente que seu estado é uma bênção porque alguma coisa boa acontecerá no final. Nem podemos dizer aos refugiados que se alegrem com a guerra porque Deus pode e irá fazer algo por eles. Não, o sofrimento é uma perversidade, e devemos empregar todos os esforços para eliminá-lo! Essa é a razão para a Bíblia ensinar que não haverá dor e sofrimento na nova criação que Deus

implementará quando Jesus Cristo retornar (Ap 7:17b; 21:4).

O sofrimento que vem acompanhado de alegria e contentamento, conforme descreve a Bíblia, é aquele que não causamos com nossos próprios erros, mas que experimentamos por causa de nossa fé em Jesus Cristo (1Pe 2:20-21; 4:15-16). Não são sofrimentos que buscamos voluntariamente como forma de demonstrar maior espiritualidade. Além disso, existem provações que não têm nada que ver com nossa fé em Cristo. Muitos acontecimentos terríveis em nosso continente afetam tanto cristãos como não-cristãos. O mais importante é saber que a Bíblia nos encoraja a enfrentar essas circunstâncias.

Diante do sofrimento, devemos colocar nossa confiança no amor e cuidado de nosso Pai celestial, pois é ele quem permite que passemos por provações. Contudo, Deus providenciou, para nosso benefício, rotas de escape. O Senhor não permite que o sofrimento dure para sempre ou seja demasiado pesado para suportarmos (1Co 10:13). Isso permanece verdadeiro ainda que, humanamente falando, as circunstâncias atuais e os prognósticos para o futuro nos deixem temerosos quanto ao destino de nosso continente.

Está claro que não podemos dizer: “Bendito sofrimento!”, pois essa afirmação contradiz a Palavra de Deus. Contudo, Deus transforma a adversidade em ferramenta de purificação, amadurecimento e fortalecimento de seus filhos. Esquecendo-se disso, muitos ensinam que não devemos sofrer. Parecem enxergar apenas o mal que há no sofrimento e rejeitar completamente sua utilidade.

Aceitemos, pois, de boa vontade as provações da vida, sem esquecer que a provação da nossa fé produz perseverança. E deixemos que essa perseverança se complete, “para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tg 1:2-4).

Issiaka Coulibaly

Elifaz presume que esses pecados são a razão do sofrimento de Jó (22:10-11). Referindo-se a Deus (22:12-18) como habitando as *alturas do céu* (22:12), Elifaz acusa Jó de pensar: *Que sabe Deus?* (22:13-14). Embora Jó tenha falado sobre a injustiça de Deus quanto à sua situação, não é possível encontrar no texto nenhuma palavra de Jó sugerindo a pergunta que Elifaz lhe atribuiu. Voltando a falar sobre o perverso, Elifaz pergunta: *Queres seguir a rota antiga, que os homens iníquos pisaram?* (22:15) e então prossegue esclarecendo essa questão (22:16-18), para espanto de Jó e de nós, leitores. Elifaz já não argumenta com originalidade. Falando sobre o perverso (grupo no qual Elifaz considera Jó incluído), declara: *Diziam a Deus: Retira-te de nós. E: Que pode fazer-nos o Todo-Poderoso?* (22:17). Elifaz não apenas rouba as palavras de Jó (21:14-15), como as utiliza contra o próprio amigo. Quando Elifaz diz: *Longe de mim o conselho dos perversos!* (22:18), está, na verdade, afirmando exatamente o que Jó havia dito (21:16). Mesmo quando fala sobre o escárnio (22:19-20), Elifaz utiliza assuntos já abordados por Jó (21:3). De fato, Elifaz não tem mais o que dizer!

Ao final, Elifaz roga a Jó que confesse seus pecados e experimente restauração de Deus (22:21-30). É uma passagem muito bonita falando de esperança a um mundo desesperado. Fala sobre a submissão a Deus com promessa de restauração, paz e prosperidade (22:21-23), sobre confiar em Deus e não nas riquezas terrenas (22:24-25), sobre desfrutar alegria com o Todo-Poderoso (22:26), obter respostas às orações e sabedoria (22:27-28) e tornar-se instrumento de reconciliação (22:29-30). Entretanto, é uma mensagem endereçada à pessoa errada.

Esses versículos finais indicam que Elifaz continua considerando a si mesmo mais sensível que os outros dois amigos. Enquanto Bildade e Zofar nem sequer falaram sobre a possibilidade de restauração, Elifaz, ainda que equivocado, pelo menos ofereceu essa possibilidade com palavras cativantes. 23:1—24:25 A RESPOSTA DE JÓ. Jó não quis exaltar o discurso de Elifaz oferecendo uma resposta direta. Em vez de iniciar dirigindo-se a seus amigos, Jó decide ignorá-los (como disse que faria; 13:3; 21:4) e concentra-se em Deus. Portanto, não o vemos falando diretamente a Elifaz nesses dois capítulos, mas com Deus. Jó inicia expressando o desejo de encontrar-se com Deus e apresentar seu caso ou, pelo menos, ouvir o que Deus tem contra ele (23:2-5). Depois disso, Jó surpreende ao dizer que Deus o inocentaria (23:6-7), uma vez que até aqui vem falando sobre a injustiça de Deus no seu caso. A revelação da vinda de um Redentor deu esperanças a Jó, que agora diz: *Acaso, segundo a grandeza de seu poder, contenderia comigo? Não; antes, me atenderia. Ali, o homem reto pleitearia com ele, e eu me livraria para sempre do meu juiz* (23:6-7). Jó falou exatamente o oposto em discursos anteriores. Como dissemos antes, o estado emocional de Jó oscila muito, porém daqui em diante essas oscilações serão menos dramáticas.

Em seguida, Jó volta a falar sobre o jogo de esconde-esconde de Deus (23:8-9; cf. tb. 9:11). Jó o procura em todas as direções, porém sem sucesso. *Mas*, diz (e aqui há evidência adicional de sua mudança de atitude), *ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro* (23:10). Jó parou de considerar Deus como injusto e torturador sádico que se alegra com seu sofrimento e passou a alimentar esperanças de um final positivo para sua situação. Ele menciona, mais uma vez, sua fidelidade diante de Deus como princípio de esperança (23:11-12).

Entretanto, Jó não consegue manter o nível de confiança demonstrada em 23:6-7 e 23:10-12 e, mais uma vez, cai em estado mental ambivalente (23:13-17). Expressando uma pergunta que reflete nossa própria perplexidade em entender as atitudes de Deus, Jó diz: *Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará* (23:13). Todos nós, assim como Jó, temos de lidar com um Deus todo-poderoso — único, incomparável, grandioso! Embora Jó, assim como seus amigos, acredite que Deus recompensa o justo e pune o perverso, percebe que Deus pode fazer o que quiser com suas criaturas e ninguém lhe pode dizer: “Que fazes?” (9:12-13). Aplicando esse discernimento à sua própria situação, Jó diz: *Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo* (23:14). Jó anseia encontrar-se com Deus, mas também se maravilha diante do poder e dos mistérios do Senhor. Antecipando esse encontro com o Criador, Jó não resiste ao impulso de expressar seus sentimentos: *Por isso, me perturbo perante ele; e, quando o considero, temo-o. Deus é quem me fez desmaiar o coração, e o Todo-Poderoso, quem me perturbou* (23:15-16). Apesar dessa impressionante manifestação de reverência e dúvidas (de alma e mente), Jó fala com determinação: *Porque não estou desfalecido por causa das trevas, nem porque a escuridão cobre o meu rosto* (23:17; cf. tb. 22:12-14). As “trevas” a que Jó alude não se referem apenas ao sofrimento, mas a tudo o que torna Deus misterioso e causa em Jó essa ambivalência de estado mental ao prever um encontro com Deus. Simundson indica que Jó “quer e não quer esse julgamento; confia e não confia no Senhor; ama, porém tem pavor de Deus. Entretanto, no fim das contas, não há mais a quem recorrer”.

No capítulo 24, Jó retorna ao incômodo problema dos perversos que parecem escapar da punição de Deus (24:1-17) e pergunta: *Por que o Todo-Poderoso não designa tempos de julgamento? E por que os que o conhecem não veem tais dias?* (24:1). Enfim, por que Deus permite que os perversos executem suas maldades sem nenhum impedimento? Após essa pergunta, Jó passa a identificar três categorias de perversos que McKenna classifica como os renegados contra os desamparados, os aproveitadores contra os pobres e por último aqueles que se revoltam contra a luz (CC).

Quem são esses “renegados contra os desamparados” descritos em 24:2-8? O texto não especifica; apenas os descreve indiretamente em 24:2 por meio de verbos na

terceira pessoa. Pelo contexto, contudo, não restam dúvidas de que Jó se refere aos perversos, pessoas que *removem os limites e roubam os rebanhos* (24:2); *tiram do órfão o jumento e da viúva, o boi* (24:3); *Desviam do caminho aos necessitados, e os pobres da terra todos têm de esconder-se* (24:4). Como resultado dessas atrocidades, o pobre e o desamparado são forçados a buscar comida no *deserto* (24:5), *segar o pasto* e trabalhar na *vinha* do perverso (24:6). *Passam a noite nus por falta de roupa* (24:7) e *pelas chuvas das montanhas são molhados e, não tendo refúgio, abraçam-se com as rochas* (24:8). São ilustrações de privação. McKenna salienta a perversidade desses atos no contexto de subsistência econômica que imperava na época do AT: “Existia respeito mútuo em relação aos marcos que indicavam os limites de propriedade, mesmo nas fazendas mais miseráveis. Também havia consideração pelos pequenos rebanhos de ovelhas, pela carga que um único jumento podia carregar e pelo trabalho que um único boi desajeitado podia realizar. Violar qualquer dessas regras era crime passível de morte” (CC).

O próximo grupo de perversos é representado pelos “aproveitadores contra os pobres”, descritos em 24:9-11. Estes arrancam da mãe a criança órfã e *dos pobres se toma penhor* (24:9). O propósito era explorá-los como mão-de-obra escrava. O destino desses escravos é descrito com vivacidade: *andam nus e famintos* (24:10); *espremem o azeite, porém padecem sede* (24:10-11). Jó declara: *Gemem os homens, e a alma dos feridos clama; e, contudo, Deus não tem isso por anormal* (24:12). É como se Deus tampasse os ouvidos aos clamores dessas pessoas pobres e desamparadas.

O terceiro grupo representa os *inimigos da luz* (24:13-17), pessoas que literalmente evitam a luz do dia e saem encapuzadas à noite para matar e roubar *ao pobre e ao necessitado* (24:14,16), e para adulterar (24:15). Esses criminosos amam os *terrores da noite* e agem como predadores noturnos (24:17).

Entretanto, embora eles imaginem que ninguém lhes observa, Deus os vê (24:23) e, conseqüentemente, os julga.

Alguns comentaristas têm dificuldade para aceitar que 24:18-25 faz parte do discurso de Jó e, portanto, tentam atribuir essa passagem a Bildade (que pronuncia um breve discurso na terceira rodada) ou Zofar (que não fala nada na terceira rodada). Adotam essa postura por considerarem que Jó (que até então vem argumentando contra o posicionamento insustentável de seus amigos, pois vê o perverso não só aproveitando a vida, mas também escapando da punição) não teria mudado de ideia a essa altura. No entanto, embora Jó tenha combatido ferozmente o posicionamento de seus amigos (os três afirmam que o perverso sempre recebe punição imediata por sua maldade), Jó nunca disse que o perverso escaparia impune no final das contas (cf., p. ex., 21:19-21). Além disso, percebe-se mudança de atitude em Jó após falar sobre a vinda de um Redentor. Ademais, tendo declarado que Deus o terá por justo e inocente no

final da história, por que Jó não poderia, justamente pela mesma razão, afirmar que o perverso será punido no final?

Jó afirma que o sucesso aparente dos perversos é temporário (24:18-19): eles são *levados rapidamente na superfície das águas* (24:18) e logo desaparecem. *A secura e o calor desfazem as águas da neve; assim faz a sepultura aos que pecaram* (24:19). Ninguém se lembrará deles (24:20). Após comentar sobre a crueldade do perverso contra o pobre e o desamparado (24:21), Jó afirma que os perversos não desfrutam segurança, embora pareçam caminhar assim por algum tempo (24:22-23). *São exaltados por breve tempo; depois, passam* (24:24). Esse testemunho de Jó é semelhante ao salmista, que reconheceu: “Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos” (Sl 73:2). E por quê? “Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos” (Sl 73:3). Contudo, o salmista muda de atitude no “santuário de Deus” (Sl 73:17), ao afirmar: “Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição. Como ficam de súbito assolados, totalmente aniquilados de terror! Como ao sonho, quando se acorda, assim, ó Senhor, ao despertares, desprezarás a imagem deles” (Sl 73:18-20). Jó certamente diria “amém” a essa declaração: *Se não é assim, quem me desmentirá e anulará as minhas razões?* (24:25).

#### 25:1—27:23 Terceira rodada: segunda discussão

Conforme mencionamos anteriormente, há muito debate entre os estudiosos com relação a essa última rodada de discussões. Parte do problema se refere à mudança de atitude de Jó, conforme comentários no capítulo 24, e parte ao fato de que o discurso de Bildade tem apenas cinco versículos. Alguns afirmam que o texto está mutilado e, portanto, procuram recompor o discurso de Bildade a partir do texto dos capítulos seguintes, que geralmente se atribui a Jó. Não entraremos nos detalhes desse debate. Para efeito de estudo, consideraremos o texto presente como autêntico.

25:1-6 TERCEIRO DISCURSO DE BILDADE. É possível que a essa altura Bildade esteja exausto e sem ideias, pois fala muito pouco. Conforme afirma McKenna: “Seus conceitos sobre Deus, o homem e a criação não apenas resumem o posicionamento dos três amigos, como também levam o debate a um beco sem saída” (CC).

Em sua última declaração, Bildade parece aproveitar a deixa de Elifaz sobre os *servos* e os *anjos* de Deus (4:18), os *santos* e os *céus* (15:15).

Não há como negar a brilhante doxologia de Bildade chamando a atenção para a majestade de Deus: *A Deus pertence o domínio e o poder; ele faz reinar a paz nas alturas celestes* (25:2). A palavra traduzida por “paz” provém do termo hebraico *shalom*. Embora seja a tradução mais comum, *shalom* cobre uma grande variedade de conceitos, referindo-se à satisfação pessoal, espiritual, material, física e emocional, isto é, inclui todas as esferas nas quais reina a tranquilidade decorrente da soberania de Deus. Contudo, quando

Bildade declara que Deus faz reinar essa paz *nas alturas celestes*, sua intenção é retratar um Deus distante da terra, isto é, alheio à situação de Jó. Mas o Deus que governa as alturas é o mesmo Deus que oferece ajuda aos que nele confiam. De fato, seus exércitos celestiais não podem ser contados, e não existem lugares ou pessoas aos quais sua luz não alcance (25:3). Bildade está certo ao afirmar que Deus é incomparável. Contudo, como isso se relaciona com o terrível sofrimento que Jó está enfrentando?

E se até a lua não tem brilho, e as estrelas não são puras aos olhos dele (25:5), que esperança haveria para Jó? A fim de reforçar esse argumento, Bildade diz: *Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce de mulher?* (25:4). Elifaz mencionou esse assunto duas vezes (4:17-19; 15:14-16). Ou seja, o debate começa a se tornar repetitivo. E não apenas isso. Desesperados à procura de argumentos para destruir Jó, os três se tornam cada vez mais hostis à humanidade. Elifaz começou descrevendo a raça humana como aqueles “que habitam em casas de barro, cujo fundamento está no pó, e são esmagados como a traça!” (4:19). Mais tarde, afirmou que o homem “é abominável e corrupto” e “bebe a iniquidade como a água!” (15:16). No presente capítulo, Bildade fala do homem como *gusano, e o filho do homem, que é verme!* (25:6). Essa “teologia dos vermes” bateu a porta da esperança na cara de Jó. 26:1—27:23 A RESPOSTA DE JÓ. Na verdade, Jó continua discursando até o final do capítulo 31, porém sua resposta a Bildade e os dois companheiros se encontra nos capítulos 26 e 27. O capítulo 28 representa uma pausa entre a resposta de Jó e os últimos três capítulos que dão continuidade ao seu discurso (caps. 29—31), no qual ele passa a refletir sobre a vida de modo geral.

A primeira parte da resposta de Jó é claramente dirigida a Bildade, como se percebe a partir da construção das frases na terceira pessoa do singular. Jó inicia com sarcasmo mordaz (26:2-3), referindo-se a si mesmo como *sem força, sem vigor e sem sabedoria*, dizendo a Bildade: *Como sabes ajudar ao que não tem força e prestar socorro ao braço que não tem vigor! Como sabes aconselhar ao que não tem sabedoria e revelar plenitude de verdadeiro conhecimento!* Embora Bildade não tenha dito nada errado sobre Deus, representou-o como um Deus tão distante que Jó praticamente não podia contar com esse Deus. Questionando a teologia de Bildade, Jó pergunta: *Com a ajuda de quem proferes tais palavras? E de quem é o espírito que fala em ti?* (26:4).

O restante dos versículos desse capítulo (26:5-14) trata da grandeza de Deus. Por essa razão, alguns estudiosos consideram esses versículos uma continuação do discurso de Bildade no capítulo 25 (cf. breve discussão iniciando o comentário do cap. 25). Entretanto, quem disse que descrever a majestade de Deus na criação era a única intenção dos amigos de Jó? O próprio Jó falou sobre isso em 9:2-13. McKenna cogita que Jó compreende o poder de Deus melhor que seus amigos: “[Seu] conhecimento ultrapassa o ensino

de seus amigos, que falam sobre o poder de Deus sobre os céus e a terra, porém ficam perplexos com o submundo que se estende além do Sheol e do mar” (CC). Em contraste, Jó descreve o Sheol e o Abadom (traduzidos na RA por “além” e “abismo”, no v. 6) como *desnudo e sem coberta*, respectivamente, diante do poder de Deus (26:5-6).

Jó continua e fala sobre Deus, que *estende o norte sobre o vazio e faz pairar a terra sobre o nada* (26:7). A grandeza do poder do Senhor transparece nas águas e nuvens (26:8) até os confins da terra e dos céus (26:9-11) e na destruição das forças do mal (*o dragão veloz*) (26:12-13). E Jó admite que ainda nem arranhou a superfície do mistério insondável que é Deus: *Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?* (26:14). Se o que Jó e seus amigos descreveram sobre Deus nesses capítulos são apenas leves “sussurros”, de fato a onipotência do Senhor é maior que qualquer coisa que possamos imaginar.

Em 27:2-6, Jó decide sustentar sua inocência a todo custo e confirma essa resolução propondo um juramento: *Tão certo como vive Deus, que me tirou o direito, e o Todo-Poderoso, que amargurou a minha alma* (27:2). Mas como jurar em nome daquele que o tratou da forma que Jó descreveu? (Questão semelhante surge diante do reconhecimento de Jó sobre a vinda de um Redentor; 19:25.) A resposta, tanto quanto Jó compreende, é que Deus governa os céus, a terra, o mar, os “submundos” (descritos em 26:5-6) e tudo o que neles há. Nada acontece sem o conhecimento de Deus ou fora de sua vontade. Jó expressou claramente essa convicção em seus argumentos e queixas contra Deus por causa do sofrimento. As pessoas juram em nome daquilo que consideram autoridade máxima; e Jó considerava Deus a maior autoridade que existe, embora fosse a causa de seu sofrimento.

Jó jurou não apenas em nome da autoridade máxima do universo, mas também por sua vida: *Enquanto em mim estiver a minha vida, e o sopro de Deus nos meus narizes* (27:3). Ele se propôs a não dizer injustiças, quer na presença do Altíssimo, quer diante de seus amigos: *Nunca os meus lábios falarão injustiça, nem a minha língua pronunciará engano* (27:4). Recapitulando a essência de todo o diálogo com seus amigos, diz: *Longe de mim que eu vos dê razão! Até que eu expire, nunca afastarei de mim a minha integridade. A minha justiça me apegarei e não a largarei; não me reprovava a minha consciência por qualquer dia da minha vida* (27:5-6). Não há como ser mais claro ou demonstrar resolução mais firme que essa!

Embora o assunto do julgamento dos perversos tenha sido proposto com mais frequência pelos três amigos em inútil tentativa de convencer Jó de sua pecaminosidade, não há razão para considerar que o trecho de 27:7-23 não represente palavras de Jó. Nesse momento, Jó devolve o tom acusativo que recebeu de seus amigos: *Seja como o perverso o meu inimigo, e o que se levantar contra mim, como*



*o injusto (27:7)*. Jó advertiu que isso iria acontecer (19:29). A diferença aqui, contudo, é a oração de impreciação pronunciada por Jó, semelhante às do salmista. Retribuindo com a mesma moeda, Jó diz: *Porque qual será a esperança do ímpio, quando lhe for cortada a vida, quando Deus lhe arrancar a alma? (27:8)*. E acrescenta: *Acaso, ouvirá Deus o seu clamor, em lhe sobrevindo a tribulação? Deleitar-se-á o perverso no Todo-Poderoso e invocará a Deus em todo o tempo? (27:9-10)*. Falar em oração em tempos de dificuldade é um desafio para os amigos de Jó que se especializaram em argumentação, e não em oração. Eles não oraram nenhuma vez, ao passo que Jó está sempre orando e levando a Deus suas lamentações.

Com as palavras *Ensinar-vos-ei o que encerra a mão de Deus e não vos ocultarei o que está com o Todo-Poderoso (27:11)*, Jó passa a elaborar sobre o destino final do perverso (27:13-23). *Eis qual será da parte de Deus a porção do perverso e a herança que os opressores receberão do Todo-Poderoso (27:13)*: seus filhos morrem à espada e não deixam descendência (27:14-15); as riquezas acumuladas serão repartidas entre os justos (27:16-17); sua casa ficará deserta, e sua riqueza desaparecerá num instante (27:18-19). Não há como o perverso escapar da destruição que o aguarda (27:20-23).

Alguns comentaristas consideram difícil acreditar que estas palavras foram pronunciadas por Jó e, portanto, atribuem essa seção a Zofar. Contudo, mesmo correndo o risco de repetição, as Escrituras como as recebemos atribuem a Jó esse discurso, e, portanto, devemos aceitar o texto como está.

## 28:1-28 Poema sobre a sabedoria

Jó 28 representa um poema belo e tranquilo, bem distante da discussão acalorada que vimos nos capítulos anteriores. A pergunta é: O que esse poema está fazendo aqui? Quem o escreveu? Que relação tem com o que foi dito anteriormente e o que vem a seguir? Comentaristas dividem-se entre dois posicionamentos.

Alguns acreditam que essas palavras não podem ter sido pronunciadas por Jó. Para isso, argumentam que o tom dessa seção é tão diferente das seções anteriores e posteriores que o poema só pode ter sido inserido pelo autor do livro de Jó; sendo assim, esse poema não representa o que Jó disse de fato. Os proponentes dessa ideia consideram que o propósito do poema é providenciar ao leitor uma pausa para reflexão, antes de Jó se lançar ao discurso que acompanha os próximos três capítulos.

McKenna rebate esse argumento dizendo que o contraste percebido no restante do livro fornece evidência suficiente para nos impedir de aplicar “nossa forma ocidental de pensar sobre a mentalidade oriental de Jó”. Declara ainda que “é possível formular um argumento sólido indicando que o próprio Jó canta como poeta, fala como filósofo e observa como profeta nesse Hino à Sabedoria” (CC). Considerando

sua inclusão entre dois capítulos claramente atribuídos a Jó (27:1 e 29:1), este comentário presumirá que o poema também representa as palavras de Jó.

O hino à sabedoria está dividido em três seções. A primeira (28:1-11) fala sobre a engenhosidade da humanidade ao explorar os recursos naturais do planeta — mais especificamente metais preciosos escondidos debaixo da terra. O poema inicia falando sobre a capacidade tecnológica dos homens em minerar prata, ouro, ferro e cobre (28:1-2) extraídos das profundezas da terra e de lugares distantes, *longe da habitação dos homens e esquecidos dos transeuntes (28:3-6)*. Cavam tão profundamente para encontrá-los que *a ave de rapina a ignora, e jamais a viram os olhos do falcão. Nunca a pisaram feras majestosas, nem o leãozinho passou por ela (28:7-8)*. Essa passagem narra um pouco da tecnologia industrial de ponta que existia na época de Jó, indústria que provocava o mesmo tipo de admiração pela engenhosidade humana que muitas vezes ocorre em nossa época com relação à exploração espacial.

Após expressar admiração pela capacidade e dedicação envolvidas na extração de minério precioso, o autor faz uma transição para a próxima seção (28:12-22) com a pergunta: *Mas onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar do entendimento? (28:12)*. Se há minas de prata, onde está a mina da sabedoria? A mesma questão é levantada em 28:20. A procura por sabedoria é a essência desse poema. Não seria demasiado dizer que isso representa também o tema de todo o livro de Jó.

Entretanto, é inútil procurar minas de onde se possa extrair sabedoria: *O homem não conhece o valor dela, nem se acha ela na terra dos viventes (28:13)*; ela não pode ser encontrada nem mesmo nas profundezas do mar (28:14).

E o mais importante: a sabedoria não pode ser comprada, nem mesmo acumulando-se toda a riqueza que a humanidade retira do planeta (28:15-19). A lista de metais e pedras preciosas é extensa: ouro e prata (28:15); ouro de Ofir, ônix e safira (28:16); cristal e joia de ouro fino (28:17); coral e pérolas (28:18); topázio da Etiópia e ouro puro (28:19). Enfim, toda essa riqueza acumulada não se iguala à sabedoria (estudiosos ainda debatem a quais pedras preciosas o texto hebraico se refere, discordância que reflete as diferentes traduções dessa passagem. Felizmente, o argumento principal do poeta é dizer que a sabedoria está além de qualquer preço ou riqueza terrena, quer a pedra preciosa em questão se refira a pérolas, como traduz a RA, quer a rubis, como traz a NVI; 28:18).

A questão se repete: *Donde, pois, vem a sabedoria, e onde está o lugar do entendimento? (28:20)*. A engenhosidade e a curiosidade humanas, apesar de descobrirem todos os minerais listados pelo poeta, não conseguiram encontrar sabedoria. Nem os olhos agudos das aves que observam a terra do alto conseguiram encontrá-la: *Está encoberta aos olhos de todo vivente e oculta às aves do céu (28:21)*. Se, numa tentativa desesperada, pudéssemos estender a

procura pela sabedoria para além desta vida, tudo o que aprenderíamos é que: *O abismo e a morte dizem: Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama (28:22).*

Finalmente, o autor apresenta a fonte da sabedoria na terceira seção desse capítulo (28:23-28): a sabedoria provém de Deus e nele reside. O Senhor é quem compreende o caminho da sabedoria e onde ela pode ser encontrada (28:23), pois Deus *perscruta até as extremidades da terra, vê tudo o que há debaixo dos céus (28:24)*, ao contrário de suas criaturas finitas e limitadas. O conhecimento de Deus sobre a fonte da sabedoria vem desde a criação, quando ele *regulou o peso do vento e fixou a medida das águas (28:25)* e *determinou leis para a chuva e caminho para o relâmpago dos trovões (28:26)*. Naquela ocasião, Deus viu a sabedoria e a manifestou; *estabeleceu-a e também a esquadrinhou (28:27)*. A NVI traduz: *ele olhou para a sabedoria e a avaliou; confirmou-a e a pôs à prova*. Andersen capta o significado dessa frase quando argumenta que a sabedoria não se encontra exclusivamente na mente de Deus: “Sabedoria é aquilo que Deus compreende quando observa as extremidades da terra. Observamos sabedoria no universo porque Deus a incorporou em sua criação [...] O homem pode observá-la, mas somente quando o próprio Deus decide mostrá-la (Rm 1:19)” (TOT).

Em seguida, Deus disse ao homem: *Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento (28:28)*. Andersen surpreende ao afirmar que “muitos comentaristas não gostam desse versículo [...] Rejeitam-no como trivialidade, pois substitui um agnosticismo nobre por um moralismo banal” (TOT). “Moralismo banal” ou não, o ser humano só pode beneficiar-se da sabedoria por meio do temor do Senhor. Nesse sentido, o próprio Jó é um exemplo de sabedoria — “homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal” (1:1).

### 29:1—31:40 Prestação de contas de Jó

A essa altura, os três amigos de Jó pararam de falar. O próprio Jó parou de falar com eles e, nos capítulos 29 a 31, passou a conversar somente com Deus, refletindo sobre seu passado (cap. 29), sua situação atual (cap. 30), e, no capítulo 31, “coloca-se diante de seu grandioso passado e seu miserável presente com um juramento de inocência” (CC). A pergunta que nos constrange é: Por que Jó se comporta desse jeito outra vez? O que aconteceu com a visão do redentor no capítulo 19 e a tranquila busca pela sabedoria no capítulo 28?

#### 29:1-25 O passado de Jó

Nesse capítulo, Jó reflete sobre “os bons tempos”. Simundson lembra que o ser humano tem a tendência ao saudosismo: “Conforme as pessoas envelhecem e acumulam perdas, passam a olhar para trás, quando eram mais fortes e viviam felizes. Com frequência, o passado parece cada vez melhor que o presente conforme avançamos em idade”. Embora recordar o passado nos possa ajudar a lidar com ele, Si-

mundson adverte que, “se a lembrança se tornar saudosismo, sentimentalismo excessivo e desejo de retornar a uma época que não existe mais, deixou de ser algo saudável e virou apego doentio”.

Jó inicia essa seção recontando o maravilhoso relacionamento que possuía com Deus e as bênçãos que desfrutava (29:2-6). Fala sobre os dias em que Deus me guardava (29:2) e fazia resplandecer a sua lâmpada sobre a minha cabeça (29:3); quando, no melhor momento da vida, a amizade de Deus estava sobre a minha tenda (29:4); quando tinha os filhos por perto (29:5) e lavava os pés em leite, e da rocha me corriam ribeiros de azeite (29:6). Sem dúvida, foram dias maravilhosos. “Lavar os pés em leite” e “correr ribeiros de azeite da rocha” são expressões que Jó utiliza para se referir à sua fortuna. Entre meus conterrâneos, certa pessoa que possuía grandes rebanhos de gado costumava demonstrar sua riqueza tomando banho com o leite produzido por suas vacas.

Jó também relembra o respeito que sua comunidade tinha por ele (29:7-11). Quando se dirigia aos portões da cidade (onde se realizavam transações comerciais e judiciais), os moços me viam e se retiravam; os idosos se levantavam e se punham em pé (29:8). Até governantes e nobres se aquietavam em sua presença e o elogiavam (29:9-11). Seu respeito se devia ao fato de advogar em favor dos pobres e desamparados da sociedade (29:12-17). Jó *livrava os pobres e o órfão (29:12)*, ajudava os que pereciam, alegrava o coração da viúva, tomava sobre si as causas dos desconhecidos e necessitados, destruía a opressão do perverso sobre o pobre. Jó expressa sua luta pela justiça, dizendo: *Eu me fazia de olhos para o cego e de pés para o coxo (29:15)*. E como se não bastasse, diz: *Eu me cobria de justiça, e esta me servia de veste; como manto e turbante era a minha equidade (29:14)*.

A próxima seção (29:18-25) parece desenvolver o assunto dos versículos 29:9-11, trazendo pensamentos adicionais sobre como Jó imagina o fim de sua vida terrena: gostaria de morrer em sua própria casa, com honra e dignidade (29:18). Porém, agora lhe parece que ele morrerá junto ao lixão para onde a sociedade o baniu devido à sua condição física. O texto de 29:19 se parece com a descrição do homem bem-aventurado em Salmos 1:3: “Como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido”. Sua presença e generosidade levavam consolo e confiança aos membros da comunidade (29:24-25). Jó utiliza nuances poéticas ao explicar sua antiga participação entre o povo (29:24-25): *A luz do meu rosto não desprezavam e assentava-me como chefe e habitava como rei entre as suas tropas*. “Temos aqui a figura de um pai benevolente, quase um rei em dignidade, e mesmo assim gentil e carinhoso com os necessitados” (Simundson).

#### 30:1-31 A situação atual de Jó

Mas agora (30:1) representa tremendo contraste com o passado de Jó descrito no capítulo 29 e sua situação atual.

Outrora aclamado, agora ele se tornou motivo de escárnio pela rale (30:1-8), a qual Jó insulta cruelmente: *esses escarnecedores de menos idade do que eu, e cujos pais eu teria desdenhado de pôr ao lado dos cães do meu rebanho* (30:1). Na sociedade de Jó, os cães não eram animais de estimação, mas considerados imundos e cruéis. Dizer que alguém não era digno nem de fazer companhia aos cachorros representava o maior dos insultos.

Jó prossegue descrevendo os pais desses escarnecedores como aposentados inúteis (30:2), debilitados de fome, roedores desolados que vivem de folhas e raízes (30:3-4); *grita-se contra eles, como se grita atrás de um ladrão* (30:5); são banidos da sociedade, forçados a viver em leitos secos de rios, *nos desfiladeiros sombrios, nas cavernas da terra e das rochas* (30:6), onde rugem entre os arbustos e se juntam debaixo dos espinheiros (30:7). E mais: *São filhos de doidos, raça infame, e da terra são escorraçados* (30:8). São esses os pais daqueles que agora zombam de Jó: *Agora sou a sua canção de motejo e lhes sirvo de provérbio* (30:9). A “canção” a que Jó se refere provavelmente era alguma injúria que agredia a mente e alma de Jó. Como se não bastasse, Jó complementa: *Abominam-me, fogem para longe de mim e não se abstêm de me cuspir no rosto* (30:10). Enfim, essas pessoas abusam de Jó continuamente (30:11-14).

Alguns consideram cruel a forma pela qual Jó descreve essas pessoas. Nesse trecho, Jó não demonstra nenhuma evidência da compaixão mencionada em 31:16-20. Conforme afirma Rodd: “A única razão para demonstrar tamanho desprezo por pessoas tão miseráveis se deve ao fato de Jó ter descido a um nível tão baixo que até mesmo os rejeitados da sociedade se sentiam no direito de insultá-lo”.

Não é fácil interpretar o significado de 30:11, visto que está cheio de pronomes possessivos; além disso, a palavra “Deus” não aparece no original hebraico. Contudo, parece que Jó acusa Deus de ter provocado esses abusos, indício que encontramos na frase: *Porque Deus afrouxou a corda do meu arco*. A palavra hebraica que a RA traduz por “corda do arco” também poderia, na interpretação de Gordis, referir-se às cordas com que se prendem as tendas ou ao cordão com que se amarram as vestes à cintura. Considerando que amarrar o cinto é sinal de estar pronto para a ação, afrouxar o cinto é sinal de humilhação e fraqueza. Ao enfraquecer Jó, Deus o expôs ao ridículo da plebe, isto é, removeu a honra e o respeito que Jó possuía na sociedade. Jó descreve a si mesmo como uma cidade na qual parte da muralha caiu, permitindo à rale avançar e abusar dele (30:12-14).

Em seguida, Jó volta a falar sobre suas dores e temores (30:15-19). Novamente, é difícil determinar a quem se referem os pronomes pessoais em 30:18. A palavra *Deus* não aparece no original. Contudo, conforme explica Rodd: “Mesmo sem falar o nome de Deus, Jó o culpa por sua desgraça”, e queixa-se: *Deus, tu me lançaste na lama, e me tornei semelhante ao pó e à cinza* (30:19).

No restante dos versículos desse capítulo (30:20-31), Jó lamenta com Deus: *Clamo a ti, e não me respondes* (30:20). O silêncio de Deus deve ter sido mais penetrante que a dor física e o isolamento. Mesmo assim, Jó continua clamando a Deus. Aqui, percebe-se uma aparente contradição da fé — um “salto no escuro” no momento de maior escuridão: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11:1).

Em vez de acudir Jó, Deus o combate ferozmente como faz o vento com as folhas e a tempestade com o mar (30:21-22). Jó não vê outra saída, exceto a morte (30:23). Poderia Deus ser tão cruel assim com Jó? *De um montão de ruínas não estenderá o homem a mão e na sua desventura não levantará um grito por socorro?* (30:24). Não deveria Jó ser recompensado por suas boas obras? (30:25). Contudo: *Aguardava eu o bem, e eis que me veio o mal; esperava a luz, veio-me a escuridão* (30:26). E que escuridão! Além de angústias e temores, Jó é atacado por excruciantes dores físicas, e sua pele enegreceu devido à febre que lhe queimava os ossos (30:27,30). Seus únicos companheiros são os chacais e avestruzes, com suas vozes chorosas de solidão e privações no deserto (30:29). No passado, Jó desfrutou de banquetes e música, porém agora *a minha harpa se me tornou em prantos de luto, e a minha flauta, em voz dos que choram* (30:31).

### 31:1-40 Juramento de inocência de Jó

Após recordar um passado feliz e narrar sua terrível situação atual, Jó prossegue asseverando sua integridade. Ele começa falando sobre a injustiça que lhe sobreveio (31:1-4). Em essência, pergunta: *Acaso, não é a perdição para o iníquo, e o infortúnio, para os que praticam a maldade?* (31:3). Por que o Todo-Poderoso permitiu tamanha injustiça no caso de Jó? *Por acaso não vê Deus os meus caminhos e não conta todos os meus passos?* (31:4).

Certo de sua inocência, Jó passa a apresentar sua queixa por meio de uma série de declarações condicionais (“Se tal coisa, então...”) que basicamente compõem o restante do capítulo. Cada declaração menciona um pecado específico, geralmente aludindo ao ofendido pela transgressão e relatando em seguida as consequências, caso Jó seja culpado daquele pecado.

O juramento de inocência de Jó baseia-se no costume dos povos do Oriente Médio de permitirem ao réu alegar inocência por meio de um documento composto de declarações condicionais no qual são listados todos os crimes supostamente cometidos pelo réu, especificando claramente as consequências em caso de culpa — “Se fiz tal coisa, seja eu amaldiçoado diante dos homens e de Deus”. Em seguida, o réu assinava esse documento, que “era afixado num local público a fim de convocar as pessoas prejudicadas pelo réu a comparecer e testificar contra o acusado. Caso ninguém comparecesse, o juiz acatava a declaração de inocência do réu e pronunciava sua absolvição” (CC).

Nesse capítulo, Jó divulga sua inocência publicamente diante de Deus e de sua comunidade, dizendo: *Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano, então (pese-me Deus em balanças fiéis e conhecerá a minha integridade) (31:5-6)*. Em seguida, ele menciona o pecado de desviar-se do caminho ou permitir que seu coração fosse enganado pelos olhos ou que suas mãos fossem tomadas por manchas (31:7). Caso ele tenha feito algumas dessas coisas: *Então, semeie eu, e outro coma, e sejam arrancados os renovos do meu campo (31:8)*. Depois, Jó menciona o pecado do adultério (31:9; cf. tb. 31:1) e sua grave consequência: *Pois seria isso um crime hediondo, delito à punição de juízes; pois seria fogo que consome até à destruição e desarraigaria toda a minha renda (31:11-12)*. Em 31:13, Jó relata uma série de maus-tratos que ele poderia ter praticado contra os desamparados: negar justiça a seus servos; negar ajuda aos pobres, às viúvas e órfãos; utilizar sua influência para negar justiça ao órfão (31:13-21). As consequências desse pecado seriam: *Então, caia a omoplata do meu ombro, e seja arrancado o meu braço da articulação (31:22; cf. tb. 31:23)*. A confissão de Jó colocando-se em igualdade com seus servos diante de Deus (31:14-15) não tem precedentes, especialmente no contexto da sociedade estratificada do antigo Oriente Médio.

Em 31:24-28, Jó fala sobre o pecado da idolatria e da confiança na riqueza. Considerando que Jó era o homem mais rico entre todos do Oriente (1:3), ele facilmente poderia ter caído na armadilha de pôr sua confiança na riqueza e no status, conforme acusou Elifaz (22:24-25). Jó também denuncia esse pecado: *Se no ouro pus a minha esperança ou disse ao ouro fino: em ti confio; se me alegrei por serem grandes os meus bens e por ter a minha mão alcançado muito (31:24-25)*. Dessa vez, antes de pronunciar a consequência desse pecado, Jó fala sobre os pecados relacionados à idolatria, mencionando a possibilidade de ter olhado *para o sol, quando resplandecia, ou para a lua, que caminhava esplendente*, e ter sentido algum prazer oculto que porventura o levou a atirar beijos com a mão (31:26-27). “Embora ninguém pudesse acusar Jó de substituir o Senhor pelo sol e pela lua [...] a tentação se refere a reverenciar deuses menores ao mesmo tempo que adora o Deus único” (CC).

Jó rebate a acusação de reverenciar outras divindades e com isso nos ensina algo sobre o sincretismo encontrado entre cristãos africanos. Por exemplo, embora afirmem depender do Espírito Santo e de Jesus Cristo em vez de confiar em ancestrais, as igrejas sionistas procuram combinar métodos de cura tradicionais e cristãos. McKenna adverte que o pluralismo, isto é, tolerância a várias denominações e religiões, muitas vezes pode ser distorcido em “uma versão sutil do sincretismo, que significa a diluição da doutrina a fim de acomodar diferentes perspectivas teológicas e promover cooperação entre religiões e denominações” (CC).

A consequência da declaração condicional em 31:24-27 ocorre em 31:28: *Também isto seria delito à punição de*

*juízes; pois assim negaria eu ao Deus lá de cima*. Jó concorda com a lei mosaica (embora tudo indique que ele tenha vivido antes de Moisés) ao reconhecer que não há outros deuses além do Senhor. “Além disso, Jó se recusa a saudar outros deuses com um gesto tão comum e presumivelmente inocente de beijar seu anel como forma de reconhecer a sua presença” (CC).

A transgressão seguinte menciona o pecado de alegrar-se com a *desgraça do que me tem ódio [...] pedindo com imprecações a sua morte (31:29-30)*. A esse pecado acrescenta a omissão em acolher estrangeiros (31:31-32). Outro pecado mencionado parece exatamente o oposto do que Jó faz em seu juramento de inocência: esconder a transgressão por medo da reação das pessoas (31:33-34).

Alguns comentaristas consideram que a passagem 31:35-37, que mostra a contestação final de Jó, não está em lugar adequado e deveria vir no final do capítulo. Outros, contudo, consideram a última declaração em 31:38-40 como considerações adicionais. O pecado mencionado nesses versículos se refere tanto à terra quanto ao arrendatário. Essas declarações condicionais representam de modo figurado a terra e seus sulcos lamentando contra Jó (31:38). O pecado seguinte seria: *Se comi os seus frutos sem tê-la pago devidamente e causei a morte aos seus donos (31:39)*. Aqui Jó se refere a um pecado duplo: esgotar a terra (o AT instrua o povo a deixar a terra descansar por um ano a fim de restaurá-la; Lv 25:1-5) e roubar a parte devida ao arrendatário ou fazendeiro. Jó continua: *Por trigo me produza cardos, e por cevada, joio (31:40)*. Essa declaração se parece muito com a maldição lançada sobre a terra depois da queda (Gn 3:18).

A fim de salientar sua inocência com relação aos pecados listados nessas declarações condicionais, Jó pronuncia seu juramento de inocência (31:35-37). Assim como nos capítulos anteriores, almeja encontrar alguém que possa defender seu caso: *Tomara eu tivesse quem me ouvisse! E, com ousadia surpreendente, desafia: Eis aqui a minha defesa assinada! Que o Todo-Poderoso me responda! Que o meu adversário escreva a sua acusação! (31:35)*; e prossegue: *Por certo que a levaria sobre o meu ombro, atá-la-ia sobre mim como coroa (31:36)*. Jó desafia seu acusador a apresentar provas de seu pecado, conforme a lista de transgressões apresentada nesse capítulo. Confiante de que será declarado “inocente”, diz: *Mostrar-lhe-ia o número dos meus passos; como príncipe me chegaria a ele (31:37; cf. tb. 31:4)*.

Como reagir a essa confiança excessiva que Jó demonstra aqui? A resposta poderá indicar nossa própria espiritualidade, e não a de Jó!

### 32:1—37:24 O discurso de Eliú

Sem nenhum aviso, surge outro indivíduo na história. Eliú não foi mencionado com os outros amigos no final do prefácio (2:11-13), nem incluído na condenação de Deus contra Elifaz e seus dois companheiros, acusados de não falarem

de Deus o que era reto, como fez Jó (42:7). Eliú é um enigma: Quem é? De onde vem? Por que não foi mencionado anteriormente? As únicas informações disponíveis sobre ele estão registradas em 32:1-5, a única passagem do livro de Jó, além do prefácio e epílogo, registrada em forma de prosa. Porém, isso não é informação suficiente para satisfazer nossa curiosidade.

### 32:1-5 Eliú

O texto apresenta Eliú numa breve passagem narrativa que serve de introdução ao seu discurso (32:1-5). Contudo, antes de apresentar Eliú, o texto afirma: *Cessaram aqueles três homens de responder a Jó no tocante ao se ter ele por justo aos seus próprios olhos (32:1)*. Passagens anteriores já indicavam que os amigos de Jó cessaram de responder a Jó. Embora os comentaristas forneçam várias razões para os três amigos terem desistido de argumentar com Jó, aqui ocorre a primeira razão mencionada pelo texto: *se ter ele por justo aos seus próprios olhos*. Essa informação que precede o discurso de Eliú é muito importante, conforme descobriremos a seguir.

Eliú é identificado como *filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão (32:2a)*. Interessante observar que o texto não perde tempo em apresentar Eliú como um homem enraivecido, cuja ira é mencionada quatro vezes em quatro versículos: *Então, se acendeu a ira de Eliú [...]; acendeu-se a sua ira contra Jó (32:2b); também a sua ira se acendeu contra os três amigos (32:3a); a sua ira se acendeu [contra os três amigos] (32:5)*. A ira de Eliú era santa? Talvez! Ele se irou contra Jó porque *este pretendia ser mais justo do que Deus (32:2c)*; irou-se contra os três amigos porque, *mesmo não achando eles o que responder (32:3b; cf. tb. 32:5, que declara: já não havia resposta na boca daqueles três)*, ainda assim *condenavam a Jó (32:3c)*.

A passagem também informa que Eliú era o mais jovem da turma, e isso explica por que não falou antes: *Eliú, porém, esperara para falar a Jó, pois eram de mais idade do que ele (32:4)*.

### 32:6—37:24 Introdução ao discurso de Eliú

Além de aparecer misteriosamente, Eliú pronuncia um discurso enigmático. Estudiosos têm argumentado sobre a estrutura, teologia e estilo de seu discurso. Qual o propósito desse discurso após Jó ter calado as críticas com seu juramento de inocência e, conforme a lógica nos leva a crer, o texto vir preparando a resposta de Deus?

Alguns comentaristas chegam a afirmar que ninguém notaria a falta desses capítulos no livro de Jó. Mas estão lá. Como “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”, conforme afirma o apóstolo em 2Timóteo 3:16, logo, mesmo que seja difícil de compreender, deve haver uma razão para a inclusão do discurso de Eliú no livro de Jó.

Na verdade, o discurso de Eliú não representa um apêndice incômodo ao texto; antes, tem um propósito no desenrolar da história, apresentando tanto uma intenção teológica quanto dramática. Em termos teológicos, sua importância está no retorno ao tema da sabedoria, que Atkinson descreve como “uma ponte teológica entre a experiência de Jó e sua audiência com Deus” (BST). Em termos de narrativa, a cena ocorre a fim de preparar-nos para a reposta de Deus que se aproxima iminente: “Estes capítulos criam uma pausa entre Jó e Javé. Ilustram, apenas por estarem lá, que Javé não pode ser forçado a responder com a intensidade desejada por Jó em suas súplicas. Deus age no momento que lhe é mais propício; não está sujeito aos caprichos do homem” (BST).

Em geral, dividimos o discurso de Eliú em quatro partes, de acordo com a quantidade de vezes que o texto o menciona como orador (32:6; 34:1; 35:1; 36:1).

#### 32:6—33:33 Primeiro discurso de Eliú

Eliú começa explicando as razões (conforme mencionadas na introdução) que o levaram a aguardar sua vez de falar (36:6-10): *Eu sou de menos idade, disse, e por isso arreceei-me e temi de vos declarar a minha opinião (32:6)*, pois pensava: *Falem os dias, e a multidão dos anos ensine a sabedoria (32:7)*. Entretanto, percebeu que: *Na verdade, há um espírito no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz sábio. Os de mais idade não é que são os sábios, nem os velhos, os que entendem o que é reto (32:8-9)*. Eliú alega ter recebido inspiração divina, como fez Elifaz anteriormente (embora por motivos distintos). Após perder o medo de falar, Eliú exorta os anciãos: *Dai-me ouvidos, e também eu declararei a minha opinião (32:10)*.

Na passagem seguinte (32:11-22), Eliú parece apologético e discorre repisando argumentos já tratados na introdução da narrativa. Diz aos três: *Eis que aguardai as vossas palavras e dei ouvidos às vossas considerações (32:11-12a)*, porém acrescenta: *Nenhum de vós houve que refutasse a Jó, nem que respondesse às suas razões (32:12b)*. Repreendendo-os por desistirem, declara: *Não vos desculpeis, pois, dizendo: Achamos sabedoria nele; Deus pode vencê-lo, e não o homem (32:13)*. Em que momento os três amigos de Jó disseram isso? Ou será que Eliú está inferindo a partir do silêncio do trio?

Em seguida, Eliú mostra como se propõe a argumentar com Jó: *Ora, ele não me dirigiu palavra alguma, nem eu lhe retorquerei com as vossas palavras (32:14)*. Referindo-se ao fracasso da argumentação dos três, Eliú prepara o terreno para lançar um ataque devastador contra Jó (32:15-17).

Sem conseguir conter as palavras, Eliú despeja: *Eis que dentro de mim sou como o vinho, sem respiradouro, como odres novos, prestes a arrebentar-se. Permite, pois, que eu fale para desafogar-me (32:19-20)*. Aludindo à inspiração que recebeu e a sua desesperada necessidade de expressar essas ideias, Eliú diz: *Porque tenho muito que falar, e o meu espí-*

rito me constrange (32:18). Porém, antes de explodir, ele anuncia resolutamente suas intenções: *Não farei aceitação de pessoas, nem usarei de lisonjas com o homem (32:21)* e explica: *Porque não sei lisonjear; em caso contrário, em breve me levaria o meu Criador (32:22)*. Jó acusou seus amigos de defenderem Deus com mentiras (13:7-12). Além disso, manifestou desejo de obter um julgamento justo: “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos” (9:33). Será que Eliú poderá desempenhar esse papel de árbitro e corrigir a situação? É exatamente isso o que Eliú promete cumprir aqui. Prosseguiremos na expectativa de ver se Eliú é capaz de cumprir essa promessa audaciosa.

Voltando a falar com Jó, Eliú mais uma vez parece arrogante (33:1-7). Além disso, prossegue desperdiçando tempo e palavras em vez de ir direto ao assunto: *Ouve, pois, Jó, as minhas razões e dá ouvidos a todas as minhas palavras (33:1)*. Se está afoito para falar (32:19), por que não diz logo a que veio, em vez de deixar a audiência em suspense? E prossegue: *Passo agora a falar, em minha boca fala a língua (33:2)*. É esse tipo de rodeio que originou o provérbio *zereban mashelan kekab ksadu*, que na língua tigrínia, falada na Eritreia, significa: “Conversa e sorgo [são melhores] quando cortados pelo pescoço”. Ou seja, assim como a melhor maneira de cortar o sorgo é na base da espiga, e não cortar o talo inteiro, da mesma forma a conversa funciona melhor quando se vai direto ao ponto em vez de ficar enrolando. Eliú se diz sincero (33:3) e volta a falar sobre o *sopro do Todo-Poderoso (33:4)*. Desafiando Jó a lhe responder (33:5), Eliú parece transigir demais quando acrescenta: *Eis que diante de Deus sou como tu és; também eu sou formado do barro. Por isso, não te inspiro terror, nem será pesada sobre ti a minha mão (33:6-7)*.

Assim, depois de longa e cansativa introdução, Eliú resolve ir direto ao assunto: Jó é culpado por acusar Deus (33:8-11). Para Eliú, Jó disse duas coisas erradas. Primeiro: *Estou limpo, sem transgressão; puro sou e não tenho iniquidade (33:8-9)*; e segundo: *Eis que Deus procura pretextos contra mim e me considera como seu inimigo. Põe no tronco os meus pés e observa todas as minhas veredas (33:10-11)*. Eliú ainda acrescenta um terceiro erro: *Por que contendes com ele, afirmando que não te dá contas de nenhum dos seus atos? (33:13)*. Resumindo, Eliú considera que o erro de Jó está em se dizer puro diante de Deus, que Deus se tornou seu inimigo sem nenhuma razão aparente e que Deus não responde às suas orações.

Eliú exagerou a respeito do que Jó havia dito. Embora Jó tenha afirmado não merecer aquele sofrimento todo e declarado ser inocente dos pecados que seus amigos lhe imputavam, ele não afirmou ser totalmente *puro* e sem *iniquidade*. Iniciando com uma resposta genérica: *Nisto não tens razão, eu te respondo; porque Deus é maior do que o homem (33:12)*, Eliú prossegue até o final do capítulo (33:12-33) rebatendo as afirmações de Jó (de acordo com sua própria concepção). Sua declaração deixa subentendido o fato de que Deus não

tem de dar satisfações às suas criaturas. Em seguida, tornando como referência o último pecado de que acusou Jó, pergunta: *Por que contendes com ele, afirmando que não te dá contas de nenhum dos seus atos? (33:13)*. Para Eliú, *Deus fala de um modo, sim, de dois modos, mas o homem não atenta para isso (33:14)*. Embora Eliú possa ser censurado por sua confrontação (*nisto não tens razão*, v. 12), talvez haja um argumento útil aqui. É possível que Jó tenha ido longe demais ao dizer a Deus como este deveria responder. McKenna comenta: “Jó não apenas reclamou sobre o silêncio de Deus, como também estabeleceu as regras pelas quais o Senhor deveria responder. Insistiu no privilégio de uma audiência pessoal em que pudesse examinar seu caso diante do Senhor como se fosse igual a Deus” (CC).

É bastante adequada a resposta de Eliú ao afirmar que Deus utiliza várias formas para falar com as pessoas. Uma dessas formas ocorre por meio de sonhos e visões noturnas (33:15-18), quando Deus *lhes abre os ouvidos e lhes sela a sua instrução (33:16)*. Será que Jó não percebeu a mensagem dos “sonhos” e “visões” que pretendiam espantá-lo e assombrá-lo (7:13-14)? A intenção de Deus ao enviar essas mensagens é *apartar o homem do seu desígnio e livrá-lo da soberba; para guardar a sua alma da cova e a sua vida de passar pela espada (33:17-18)*.

Também é verdade que (embora esteja sujeita a abusos, como fizeram os amigos de Jó) a aflição pode ser uma forma de Deus nos disciplinar e ensinar (33:19-22). A descrição de Eliú sobre a falta de apetite (33:20), o definhar do corpo (33:21) e a chegada da morte (33:22) são vívidas lembranças da própria experiência de Jó naquele momento. Quase dá para ouvir Eliú dizendo a Jó: “Você tentou, pelo menos uma vez, ficar quieto e ouvir a voz de Deus em toda essa situação?”.

Em 33:23-28, Eliú oferece esperança ao indicar que é, de fato, um conselheiro honesto e útil. Temos aqui outra declaração condicional numa passagem repleta de consolação (33:23-25). Talvez exista apenas um *anjo intercessor* entre *milhares*; mas, se ele puder ser encontrado, será um raio de luz na escuridão em que Jó se encontra. Eliú apresenta as coisas que esse anjo intercessor realiza pelos que sofrem: *declara ao homem o que lhe convém (33:23)* e clama por misericórdia diante de Deus em favor do sofredor. Diante desse clamor, Deus responde ao anjo: *Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate (33:24)*. Parece que esse anjo pode ser o árbitro, mediador ou redentor a quem Jó vem clamando a fim de obter livramento.

Aludindo às feridas que cobrem o corpo de Jó e pensando à maneira do AT, Eliú afirma que, ao ser restaurado, sua *carne se robustecerá com o vigor da sua infância, e ele tornará aos dias da sua juventude. Deveras orará a Deus, que lhe será propício; ele, com júbilo, verá a face de Deus, e este lhe restituirá a sua justiça (33:25-26)*. Se isso não é o evangelho da redenção, então o que é? Essa redenção, contudo, não é alcançada por obras de justiça, mas pela misericórdia de

Deus, conforme dirá o redimido: *Pequei, perverti o direito e não fui punido segundo merecia. Deus redimiu a minha alma de ir para a cova; e a minha vida verá a luz (33:27-28)*. A palavra “cova” (ou sepultura) é mencionada pela quarta vez nessa seção (as outras ocorrem em 33:18,22,24); era exatamente ali que Jó gostaria de estar. Eliú está pregando o evangelho a Jó. Será que Jó aceitará o evangelho e a restauração em vez das cinzas?

Contudo, apesar da veracidade das palavras de Eliú, ainda havia um problema em seu discurso: “Jó não era um pecador perdido que precisava ouvir essa mensagem. Assim como ocorre com muitas mensagens de salvação, essa foi desperdiçada, por assim dizer, ao pregar aos salvos em vez de ser levada aos perdidos” (NAC).

Ao concluir essa seção de seu discurso, Eliú chama a atenção de Jó: *Eis que tudo isto é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem, para reconduzir da cova a sua alma e o alumiar com a luz dos viventes (33:29-30; cf. tb. 33:18)*. Eliú encerra o capítulo com a costumeira exortação: *ouve-me; cala-te, e eu falarei (33:31-33)*. O motivo dessa implacável exortação, porém, é induzir Jó a apoderar-se da mensagem do evangelho aqui e agora, conforme Eliú claramente assevera: *Porque desejo justificar-te (33:32)*.

### 34:1-37 Segundo discurso de Eliú

No início, Eliú convidou todos a ouvi-lo. Dessa vez, contudo, apenas os *sábios e instruídos (34:2,10,34)*. O propósito de Eliú é debater o assunto e convencê-los a participarem da condenação de Jó (34:3-4). Decepçiona ver Eliú censurando Jó nesse capítulo depois dos conselhos razoáveis comunicados em seu primeiro discurso. Além disso, o provérbio em 34:3 já havia sido utilizado por Jó (12:11; cf. tb. 25:11).

Antes de partir para o ataque, Eliú declara seu entendimento sobre a argumentação de Jó: *Porque Jó disse: Sou justo, e Deus tirou o meu direito. Apesar do meu direito, sou tido por mentiroso; a minha ferida é incurável, sem que haja pecado em mim (34:5-6)*. Em seguida, faz uma denúncia tripla. Primeiro: *Que homem há como Jó, que bebe a zombaria como água? (34:7)*. Segundo: *E anda em companhia dos que praticam a iniquidade e caminha com homens perversos? (34:8; recordando Sl 1:1)*. E, finalmente, acusa Jó de afirmar que não há benefício em agradar a Deus (34:9). Eliú, assim como os outros três, tenta reproduzir as afirmações de Jó, porém adiciona suas próprias insinuações e exageros a fim de alcançar seus objetivos.

Há discordância quanto ao que Eliú pretende demonstrar ao dizer que Jó *bebe a zombaria como água (34:7)*. Alguns interpretam a expressão como inferindo que Jó é objeto de escárnio, e, nesse sentido, Eliú estaria dizendo que Jó se tornou resistente à crítica, isto é, simplesmente ignora. Entretanto, uma vez que esse comentário aparece imediatamente após o que Jó teria dito contra Deus (e talvez contra seus amigos também), parece mais provável

que Eliú esteja acusando Jó de alegrar-se em escarnecer de Deus e dos homens, assim como o sedento se alegra quando bebe água.

Embora exagere, Eliú tem razão até certo ponto, no sentido de que algumas palavras de Jó de fato beiraram a blasfêmia. Contudo, não procede a acusação de que Jó anda em companhia de malfetores, uma vez que, conforme o testemunho de Deus e das Escrituras, a vida de Jó é irrepreensível. Considerando o contexto de seu sofrimento e luta com a doutrina da retribuição, Jó pode ter chegado muito perto de afirmar a inutilidade de servir a Deus, conforme Elifaz o acusou (34:9), porém ele não declara isso categoricamente (cf. 9:29-31). Conforme McKenna: “Jó pode ter chegado perto de afirmar completa inocência para si e total injustiça da parte de Deus, mas evitou a todo custo a conclusão de que a retidão é inútil” (CC).

Novamente chamando a atenção dos sábios (34:10), Eliú passa a justificar Deus (34:11-15). Afirma que o Senhor não pode praticar o mal ou perverter a justiça (34:10,12); ele retribui de acordo com o que cada um merece (outra reformulação da clássica doutrina da retribuição) (34:11). Deus, Criador de tudo o que existe, não precisa dar satisfações a ninguém. Inclusive, se Deus *recolhesse o seu espírito e o seu sopro, toda a carne juntamente expiraria*. Seria o fim de toda a humanidade (34:13-15).

Eliú convidou os sábios para ouvirem, mas em 34:16 ele se dirige diretamente a Jó e o desafia a responder aos questionamentos anteriores (34:11-15) e aos que virão a seguir (34:17-30): *Quererás tu condenar aquele que é justo e poderoso? (34:17)*. Iniciando com uma pergunta retórica, *Acaso, governaria o que aborrecesse o direito?*, cuja resposta exige um “não”, Eliú prossegue esmiuçando sobre o justo envolvimento de Deus no governo deste mundo (34:18-20). Deus *não faz aceitação das pessoas de príncipes, nem estima ao rico mais do que ao pobre (34:19)*; e, quando ele julga, os homens *morrem* de repente e são *tomados por força invisível (34:20)*.

Conforme descreveu o parágrafo anterior, a forma pela qual Deus lida com os assuntos humanos é justa, pois ninguém pode esconder-se de seu olhar (34:21-22). Deus não precisa acatar procedimentos jurídicos, pois conhece todos os fatos de antemão (34:23). Consequentemente, *quebranta os fortes, sem os inquirir (34:24)*, *de noite, os transtorna, e ficam moídos (34:25)*, *os fere como a perversos, à vista de todos (34:26)*. Por que Deus faz isso? Porque *dele se desviaram, e não quiseram compreender nenhum de seus caminhos (34:27)*, e, assim, *fizeram que o clamor do pobre subisse até Deus, e este ouviu o lamento dos aflitos (34:28)*.

Eliú prossegue, provavelmente refletindo sobre a reclamação de Jó: *Se ele aquietar-se, quem o condenará? Se encobrir o rosto, quem o poderá contemplar, seja um povo, seja um homem? Para que o ímpio não reine, e não haja quem iluda o povo (34:29-30)*. De modo geral, o argumento de Eliú é verdadeiro. Contudo, seu erro está em não inquirir se a vida



de Jó, de fato, se enquadra nessa situação ou se há precedentes na realidade da experiência humana.

Na sequência, Eliú imagina a situação de um indivíduo arrependendo-se (34:31-32) e, por meio disso, propõe um modelo de oração que estimule Jó a confessar seus pecados e a receber a restauração nos padrões de Deus, e não nos padrões de Jó, conforme Eliú deixa explícito na frase: *Aca-so, deve ele recompensar-te segundo tu queres ou não queres?* (34:33a). E assim, utilizando quase as mesmas palavras de Elifaz, Eliú desafia Jó: *Escolhe tu, e não eu; declara o que sabes* (34:33b).

Concluindo suas acusações, Eliú mais uma vez convida os sensatos e sábios para se juntarem a ele e condenarem Jó (34:34). A fim de obter o efeito desejado, Eliú lhes declara: *Jó falou sem conhecimento, e nas suas palavras não há sabedoria* (34:35). Aparentemente desconsiderando o sofrimento de Jó até aqui, Eliú exclama: *Tomara fosse Jó provado até ao fim, porque ele respondeu como homem de iniquidade* (34:36). E Eliú conclui o capítulo alegando que Jó adiciona rebelião ao pecado que lhe causa sofrimentos (34:37). Em 34:7, ele falou que Jó “bebe a zombaria como água”, e em 34:37: *Entre nós, com desprezo, bate ele palmas*. Para Eliú, o julgamento de Jó está determinado.

McKenna contrasta a atitude de Eliú no primeiro e no segundo discursos. No primeiro, alegando falar “sob inspiração do Espírito, apresenta-se compassivo e de igual para igual, disposto a servir de mediador a fim de justificar Jó”. No segundo discurso, porém, Eliú “posiciona-se a favor da razão humana” e “apresenta-se como superior insensível, determinado a defender Deus e condenar Jó” (CC).

### 35:1-16 Terceiro discurso de Eliú

Eliú começa seu terceiro discurso perguntando *Achas que é justo dizeres* (35:2a) e então cita duas coisas que Jó havia dito (contraditórias, inclusive). A primeira se refere à audácia de Jó: *Maior é a minha justiça do que a de Deus?* (35:2b), questão que Eliú respondeu em 35:9-16. A segunda, *Que proveito tiraria dela mais do que do meu pecado?* (35:3), o oposto da questão que atribuiu a Jó em 34:7. A contradição dessas duas declarações fica mais clara na frase *Porque dizes*, em 35:3. Isto é, por que Jó está preocupado com sua inocência diante de Deus se isso não faz nenhuma diferença em sua vida? Eliú convida Jó e os outros três amigos a ouvirem a resposta que destruirá essas afirmações (35:4).

Eliú começa tratando da última questão (35:5-8), mas tem pouco a dizer. Nenhum de seus ouvintes questionou a grandeza de Deus. Na verdade, quase tudo o que Eliú diz nessa passagem é repetição de discursos anteriores. Declarações sobre *céus* e *altas nuvens* (35:5) foram feitas em 9:8-10, 11:8 e 22:12. A questão levantada em 35:6 foi respondida por Jó em 7:20, e a pergunta em 35:7 é semelhante ao questionamento de Elifaz em 22:3. Eliú declara que Deus não é afetado pelo pecado de Jó, não importa quantas transgressões tenha ele cometido (observe as expressões

*Se pecas* e *Se as tuas transgressões se multiplicam*, 35:6), nem se beneficia da justiça de Jó.

Nada poderia estar mais longe da verdade! As Escrituras nos ensinam que Deus fica magoado quando suas criaturas se afastam dele. Além disso, o começo da história mostra Deus elogiando o comportamento de seu servo Jó (1:8; 2:3).

Há apenas uma declaração em que Eliú poderia alegar originalidade em seu discurso: *A tua impiedade só pode fazer o mal ao homem como tu mesmo; e a tua justiça, dar proveito ao filho do homem* (35:8). Eliú tem razão aqui, embora talvez não fosse essa a questão que desejasse demonstrar. O pecado não é apenas individual, mas social, pois afeta toda a comunidade, conforme percebemos claramente na África.

Eliú dedica o restante do capítulo (35:9-16) a criticar a primeira declaração de Jó: “Maior é a minha justiça do que a de Deus” (35:2). Seu discurso induz comentaristas a responder de várias maneiras. Alguns pensam que essas palavras apenas demonstram a crueldade de Eliú. Outros, contudo, consideram a afirmação de Eliú (dizendo que Deus não se preocupará em responder a Jó) uma preparação indireta para a intervenção divina no capítulo 38.

Eliú afirma que, devido às muitas opressões, os homens clamam, clamam por socorro contra o braço dos poderosos (35:9). Apesar disso, não são ouvidos. Eliú fornece algumas razões para isso. Primeiro, *ninguém diz: Onde está Deus, que me fez, que inspira canções de louvor durante a noite, que nos ensina mais do que aos animais da terra e nos faz mais sábios do que as aves dos céus?* (35:10-11). Eliú parece indicar que as pessoas deveriam, em primeiro lugar, buscar a Deus, e depois pedir-lhe ajuda. Essa ideia também aparece claramente nas palavras de Jesus no Sermão do Monte: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). Se Deus estiver conosco, inspirará “canções de louvor durante a noite”. É um belo pensamento e uma fonte de consolo no sofrimento. Apesar da escuridão, das angústias e das tribulações, o Senhor alegra nosso coração. Deus coloca o ser humano acima dos animais e pássaros não apenas porque nos criou à sua imagem, mas porque nos ensina e nos concede sabedoria.

A segunda razão para o clamor dos oprimidos não ser ouvido se refere à arrogância (35:12), e a terceira razão é que eles clamam com *gritos vazios* (35:13). O termo “vazio” também pode incluir a ideia de motivação errada, porém a principal ênfase está no fato de não saberem o que estão pedindo; gritos vazios são coisa de gente ignorante (exatamente a acusação de Eliú contra Jó em 35:16).

A crueldade de Eliú fica evidente ao aplicar seu discurso a Jó: *Ainda que dizes que não o vês, a tua causa está diante dele; por isso, espera nele* (35:14). Além disso, acusa Jó de ter dito que o Senhor, na sua ira, não pune nem faz caso das transgressões (35:15). Enfim, a questão de Eliú é que não

só a lamúria repetitiva de Jó ao Senhor é vazia, conforme mencionou em 35:13, como também todo o seu discurso é um amontoado de palavras vãs e frases ignorantes (35:16).

### 36:1—37:24 Quarto discurso de Eliú

Na abertura de seu quarto discurso, Eliú declara que ainda não terminou (36:2-4). *Mais um pouco de paciência (36:2a)*, pede. Entretanto, demora-se, pois quer mostrar a Jó que *ainda tenho argumentos a favor de Deus (36:2b)*. Eliú insiste, com mais intensidade agora que no início, que *de longe trarei o meu conhecimento e ao meu Criador atribuirei a justiça (36:3)*. Contudo, soa arrogante quando afirma autoridade sobre o assunto (36:4) (contrastando radicalmente com Jó, a quem Eliú descreveu como “ignorante”, 35:16). Nos capítulos 36 e 37, Eliú trata basicamente de reformulações à doutrina da retribuição (36:5-21) e descreve a glória de Deus na natureza (36:22—37:24).

Ele começa falando sobre a doutrina da retribuição ao declarar que Deus é poderoso e firme em seus propósitos (36:5). Deus não *poupa a vida ao perverso, mas faz justiça aos aflitos (36:6)*. Além disso, *dos justos não tira os olhos; antes, com os reis, no trono os assenta para sempre, e são exaltados (36:7)*. Voltando a falar sobre os perversos, Eliú explica por que Deus os faz sofrer: por causa de suas *transgressões e soberba (36:8-9)*. Entretanto, o objetivo não é apenas fazê-los sofrer, mas, por meio do sofrimento decorrente do pecado, ajudá-los a adquirir discernimento e retornar ao Senhor em arrependimento (36:10). Há apenas dois resultados possíveis no final desse processo: *Se o ouvirem e o servirem, acabarão seus dias em felicidade e os seus anos em felicidades (36:11)*. Porém, *se não o ouvirem, serão traspassados pela lança e morrerão na sua cegueira (36:12)*.

Eliú adverte estes últimos com severidade (36:13-14) e encoraja os primeiros a ouvir a Deus (36:15). Chamando a atenção daqueles que se recusam a arrepender-se, diz: *Os ímpios de coração amontoam para si a ira; e, agrilhoados por Deus, não clamam por socorro (36:13)*. Pouco antes Eliú declarou que Deus não responde ao clamor dos ímpios (35:12). Agora, porém, afirma que estes *não clamam por socorro (36:13)*. E acrescenta: *Perdem a vida na sua mocidade e morrem entre os prostitutas cultuais (36:14)*. Na opinião de muitos comentaristas, Eliú está argumentando que os ímpios morrem jovens porque se tornam insensíveis à correção de Deus. O comentário de Alden liga o contexto do antigo Oriente Médio ao presente: “A prostituta recebia autorização por determinado número de anos para satisfazer adoradores no templo de alguma divindade, e provavelmente as doenças sexualmente transmissíveis mataram muitos naquela época, como ainda hoje o fazem” (NAC). Encorajando aqueles dispostos a se arrepender, Eliú declara: *Ao aflito livra por meio da sua aflição e pela opressão lhe abre os ouvidos (36:15; cf. tb. 35:10)*.

Eliú começou abordando o assunto em termos gerais, porém agora passa a exortar Jó diretamente à luz do expos-

to anteriormente (36:16-21). Estudiosos concordam que o texto hebraico dessa passagem é muito difícil, razão pela qual há tantas traduções diferentes. Mas a maioria está de acordo que a ideia principal da passagem expressa o desejo de Eliú em ver Jó juntar-se aos arrependidos, entender o propósito da disciplina por meio do sofrimento e perceber o que Deus tem para dizer. *Assim também [Deus] procura tirar-te das fauces da angústia para um lugar espaçoso, em que não há aperto, e as iguarias da tua mesa seriam cheias de gordura (36:16)*. A referência a “um lugar espaçoso” é importante, pois Jó se sentia confinado por Deus (13:27). Contudo, assim como fizeram os outros três amigos, Eliú continua insistindo em que Jó sofre por causa de pecado: *Mas tu te enches do juízo do perverso, e, por isso, o juízo e a justiça te alcançarão (36:17)*. Veja o contraste entre iguarias “cheias de gordura” (36:16) e “te enches do juízo do perverso”.

Eliú traça um contraste similar entre o modo pelo qual Deus está tentando “atrair” Jó (36:13) e a sedução das riquezas (36:18; a raiz hebraica das palavras traduzidas por “atrair” e “riquezas” é a mesma). Eliú está tentando ajudar, mas suas palavras não se aplicam a Jó, que não possui mais nenhuma riqueza na qual possa buscar segurança e nenhum poder que possa levar alguém a oferecer-lhe suborno (36:18-19). Além disso, mesmo em seu auge, Jó era um homem reto, não um daqueles cuja segurança está colocada nas riquezas, nem alguém que dá ou leva subornos. Também não são mais relevantes os avisos de Eliú sobre a noite e ser tomado do seu lugar nos versículos 36:20-21 (observe que o sentido do hebraico — e da tradução tigrínia — é que é a *noite* que está levando embora as pessoas). Jó, contudo, já tinha sido tirado de sua casa (36:20), a menos que Eliú esteja aqui se referindo à morte.

Eliú culpa Jó de inclinar-se *para a iniquidade; pois isso preferes à tua miséria (36:21)*. Eliú parece dizer que a insistência de Jó em apresentar seu caso diante de Deus (em vez de considerar seu sofrimento como experiência de aprendizado) poderá terminar em blasfêmia e rebelião contra o Senhor. Interessante observar que, apesar de Jó, por causa de todo o seu sofrimento e amargura, ter chegado muito perto de blasfemar contra Deus, o Senhor não o acusou desse pecado.

Eliú prossegue falando sobre a grandeza e o poder de Deus na criação, discurso que ele inicia com três perguntas e três declarações. *Quem é mestre como ele? (36:22b; cf. tb. 35:11); Quem lhe prescreveu o seu caminho (36:23a); e quem pode lhe dizer: Praticaste a injustiça? (36:23b)*. São perguntas retóricas cuja resposta esperada é “ninguém”. Deus age livremente e não precisa dar satisfações a ninguém.

Eliú aconselha Jó (e nós): *Lembra-te de lhe magnificares as obras que os homens celebram (36:24)* e acrescenta: *Todos os homens as contemplam; de longe as admira o homem (36:25)*. A exortação de Eliú assemelha-se à do salmista: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19:1). E ao final, exclama: *Eis*

que Deus é grande, e não o podemos compreender; o número dos seus anos não se pode calcular (36:26). De fato, Deus se mostra grande em seu poder! (36:22a).

As palavras de Eliú aqui são verdadeiras e já haviam sido ditas por Jó e os três amigos. Entretanto, a apresentação de Eliú difere na forma em que está estruturada. Por essa razão, alguns comentaristas acreditam que esta parte do discurso tem por função preparar Jó para encontrar-se com Deus.

Eliú chama a atenção para o controle de Deus sobre a natureza (36:27—37:13). Fala do ciclo natural que produz a chuva (36:27-28) e o utiliza como exemplo da ingerência divina sobre as forças da natureza a fim de nos prover alimento (36:31). Maravilha-se com o papel de Deus em tudo isso: *Acaso, pode alguém entender o estender-se das nuvens e os trovões do seu pavilhão?* (36:29). Ninguém pode! Como disse Jó: “Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos!” (26:14).

Ocorre uma transição magnífica do trovão para a tempestade e desta para a voz de Deus em 36:32—37:5. O trovão anuncia tanto a tempestade quanto a vinda de Deus (36:33), e todos reagem à sua chegada. Eliú descreve essa reação da seguinte forma: *Dai ouvidos ao trovão de Deus, estrondo que sai da sua boca; ele o solta por debaixo de todos os céus, e o seu relâmpago, até aos confins da terra* (37:2-3). De acordo com nossa experiência, o trovão, *estrondo da sua majestade* (37:4), aparece depois do “seu relâmpago” (37:3).

Jó 37:5 serve de transição entre o trecho anterior e o seguinte: *Com a sua voz troveja Deus maravilhosamente; faz grandes coisas, que nós não compreendemos*. Eliú prossegue descrevendo áreas não mencionadas antes, onde Deus atua de forma maravilhosa, ou expandindo comentários sobre áreas já mencionadas (37:6-13). É Deus quem diz à neve: *Cai sobre a terra; e à chuva e ao aguaceiro: Sede fortes* (37:6). Deus interrompe o trabalho diário com a chuva, e os animais hibernam devido à neve (37:7-8). *De suas recâmaras sai o pé de vento, e, dos ventos do norte, o frio* (37:9). *Pelo sopro de Deus se dá a geada, e as largas águas se congelam. Também de umidade carrega as densas nuvens, nuvens que espargem os relâmpagos* (37:10-11). Tudo isso acontece para que reconheçam as obras dele (37:7). Então, elas [as nuvens], segundo o rumo que ele dá, se espalham para uma e outra direção, para fazerem tudo o que lhes ordena sobre a redondeza da terra (37:12).

Para Eliú, a justiça retributiva de Deus manifesta-se até no governo das forças da natureza: *E tudo isso faz ele vir para disciplina, se convém à terra, ou para exercer a sua misericórdia* (37:13). “Deus gerencia todos os processos, quer para punição ou disciplina (caso alguém seja atingido por um raio, sofrendo por falta de chuva ou arrastado pela enchente), quer por amor (Deus provê nuvens que trazem chuva e torna possível cultivar os alimentos de que necessitamos)” (Simundson).

Na última seção do discurso, Eliú fala diretamente a Jó e lhe dirige várias perguntas retóricas (37:14-24). Curiosa-

mente, essas perguntas são semelhantes às propostas por Deus quando ele parece no redemoinho falando a Jó. Eliú aconselha: *Inclina, Jó, os ouvidos a isto, para e considera as maravilhas de Deus* (37:14) e pergunta: *Porventura, sabes tu como Deus as opera e como faz resplandecer o relâmpago da sua nuvem? Tens tu notícia do equilíbrio das nuvens e das maravilhas daquele que é perfeito em conhecimento?* (37:15-16). Não está claro o que Eliú quer dizer com: *Que faz aquecer as tuas vestes, quando há calma sobre a terra por causa do vento sul* (37:17). Obviamente Eliú faz contraste entre o calor indicado aqui e o frio descrito em 37:6-13, mas a pergunta é: Com que propósito? Uma explicação seria que Eliú procura “demonstrar que o homem não tem nenhum controle sobre o clima (que dirá sobre a ordem moral dos assuntos humanos), ao contrário de Deus, que o altera conforme sua vontade” (TOT). Eliú está preparando Jó para o sarcasmo desferido em 37:19-20.

Continuando seu questionamento retórico, Eliú pergunta a Jó: *Ou estendeste com ele o firmamento, que é sólido como espelho fundido?* (37:18) e prossegue com sarcasmo: *Ensina-nos o que lhe diremos; porque nós, envoltos em trevas, nada lhe podemos expor. Contar-lhe-ia alguém o que tenho dito? Seria isso desejar o homem ser devorado* (37:19-20). O hebraico da última parte de 37:20 é difícil de interpretar, como se percebe comparando outras traduções (A NVI traz “Quem pediria para ser devorado?”). Entretanto, o que Eliú está querendo dizer é algo assim: “Jó, você se acha sábio o suficiente para falar com Deus? Não sabe o risco que está correndo!”. Alden comenta: “A sintaxe desordenada desse versículo [...] denuncia a frustração e pensamentos confusos de Eliú que, confiante no início, agora começa a perder a eloquência e os argumentos [...] A ideia principal das duas perguntas é mostrar que contender com Deus é morte certa” (NAC).

O hebraico em 37:21-22 também é difícil de interpretar, mas Eliú parece afirmar que o esplendor da vinda de Deus é mais ofuscante que o reaparecimento do sol após o vento limpar as nuvens do céu. Se ninguém pode olhar para o sol nessas condições, que dirá olhar para Deus.

Os versículos finais do discurso de Eliú chamam a atenção de Jó (e a nossa) para a magnífica majestade de Deus e nossa responsabilidade diante dele. A essência desse interminável debate entre Jó, seus três amigos e Eliú é chamar nossa atenção para o fato de que não é possível conhecermos tudo sobre Deus e seus caminhos. Essa questão está bem representada em 37:23-24, em que Eliú salienta, uma vez mais, o grande poder e a plenitude da justiça de Deus, além do que Deus não perverte o juízo. A única atitude correta diante de um Deus magnífico como este é expressar temor reverente, atitude característica do sábio (37:24; cf. tb. 28:28).

**38:1—42:6 O discurso de Deus e a reação de Jó**  
Finalmente Deus aparece do meio de um redemoinho (38:1; a NVI traz “do meio da tempestade”) e se dirige diretamente

a Jó (embora Eliú estivesse discursando no final do cap. anterior). O Senhor fala no momento oportuno e à sua maneira, e não nos termos jurídicos propostos por Jó. E, quando fala, Deus nunca fica na defensiva.

Alguns estudiosos reclamam que Deus não parece responder diretamente às perguntas de Jó, especialmente ao seu juramento de inocência (31:35-37). Examinaremos essa questão conforme prosseguimos com o texto, porém é importante frisar neste momento que o simples fato de Deus decidir falar alguma coisa já é resposta suficiente aos temores e questionamentos de Jó por imaginar-se abandonado pelo Senhor.

O discurso de Deus possui duas partes, de acordo com as respostas de Jó ao final de cada discurso. O primeiro inicia em 38:1 e prossegue até 40:2. O segundo começa em 40:6 e termina em 41:34. Jó responde a Deus em 40:3-5 e 42:1-6.

Estudiosos têm comparado os dois discursos em termos de conteúdo e estilo literário. Alguns dizem que o primeiro discurso representa um belo e bem-estruturado poema de conteúdo magnífico. Entretanto, não veem o segundo discurso com o mesmo entusiasmo. Antes, consideram-no enfadonho e pouco interessante. Alguns, inclusive, propõem que ele seja eliminado do livro. Trataremos também dessa questão.

### 38:1—40:5 Primeiro encontro

#### 38:1—40:2 Primeiro discurso de Deus

Após surgir num *redemoinho* (38:1), Deus começa com palavras duras: *Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?* (38:2) e desafia Jó: *Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber* (38:3). Na sequência, despeja sobre Jó um arsenal de perguntas sobre sua criação.

Deus começa falando sobre a terra: *Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?* (38:4-7). Será que Jó sabe alguma coisa sobre isso? Será que entende algo do assunto? Deus expõe o fato de que Jó vem falando *sem conhecimento* (38:2).

Em seguida, Deus fala sobre o mar: *Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre; [...] Quando eu lhe tracei limites, e lhe pus ferrolhos e portas, e disse: até aqui virás e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas?* (38:8-11). Depois, interroga sobre o alvorecer: *Acaso, desde que começaram os teus dias, deste ordem à madrugada ou fizeste a alva saber o seu lugar, para que se apegasse às orlas da terra, e desta fossem os perversos sacudidos?* (38:12-15). Fala também do abismo e das portas da morte: *Acaso,*

*entraste nos mananciais do mar ou percorreste o mais profundo do abismo? Porventura, te foram reveladas as portas da morte ou viste essas portas da região tenebrosa?* (38:16-18). E que dizer da luz e escuridão? (38:19-20). Em tom sarcástico, Deus acrescenta: *Tu o sabes, porque nesse tempo eras nascido e porque é grande o número dos teus dias!* (38:21).

Neve e saraiva são os próximos assuntos: *Acaso, entraste nos depósitos da neve e viste os tesouros da saraiva, que eu retenho até ao tempo da angústia, até ao dia da peleja e da guerra?* (38:22-23). O desenvolvimento da ideia parece estranho, porém sabemos por experiência e relatos bíblicos que Deus utiliza o clima para realizar seus propósitos (cf. Js 10:11). Vento, relâmpago, trovões e chuvas são mencionados juntos: *Onde está o caminho para onde se difunde a luz e se espalha o vento oriental sobre a terra? Quem abriu regos para o aguaceiro ou caminho para os relâmpagos dos trovões; para que se faça chover sobre a terra, onde não há ninguém, e no ermo, em que não há gente; para dessedentar a terra deserta e assolada e para fazer crescer os renovos da erva? Acaso, a chuva tem pai? Ou quem gera as gotas do orvalho? De que ventre procede o gelo? E quem dá à luz a geada do céu?* (38:24-30).

Sobre as estrelas: *Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrela ou soltar os laços do Órion? Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco ou guiar a Ursa com seus filhos?* (38:31-32). Em outras palavras, Deus pergunta a Jó: *Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra?* (38:33). Jó não tem nenhuma influência na administração da terra; ela está sob total supervisão de Deus.

Em 38:34-38, Deus volta a fazer referências a nuvens, relâmpagos e águas, mas interrompe seu questionamento sobre esses elementos para perguntar a Jó sobre a sabedoria: *Quem pôs sabedoria nas camadas de nuvens? Ou quem deu entendimento ao meteoro?* (38:36).

Agora é a vez dos animais e pássaros: *Caçarás, porventura, a presa para a leoa? Ou saciarás a fome dos leõesinhos [...] Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus pintainhos gritam a Deus e andam vagueando, por não terem que comer?* (38:39-41). Deus pergunta a Jó se ele conhece alguma coisa sobre a reprodução das cabras monteses e como se criam nos campos (39:1-4). Fala sobre a incrível liberdade que desfruta o jumento selvagem: *Quem despediu livre o jumento selvagem, e quem soltou as prisões ao asno veloz [...]?* (39:5-8). E que dizer da força do boi selvagem: *Acaso, quer o boi selvagem servir-te? [...] Confiarás nele, por ser grande a sua força [...]?* (39:9-12).

Poderá Jó compreender o avestruz, veloz porém insensato? (39:13-18). Ou a beleza, força e destemor do cavalo? *Ou dás tu força ao cavalo ou revestirás o seu pescoço de crinas? Acaso, o fazes pular como ao gafanhoto? Terrível é o fogoso respirar das suas ventas* (39:19-25). Deus conclui seu primeiro discurso mencionando outro grupo de pássaros: *Ou é pela tua inteligência que voa o falcão, estendendo as asas para o Sul?* (referindo-se à migração do falcão para a África

durante o inverno). *Ou é pelo teu mandado que se remonta a águia e faz alto o seu ninho?* (39:26-29). Enfim, Deus fala sobre a natureza e o comportamento de cada espécie a fim de salientar a maravilha e a ordem em sua criação.

Embora Deus não tenha respondido de modo direto aos questionamentos de Jó, esses capítulos mostram a Jó (e a nós) que “Deus é diligente na criação, perspicaz no controle e pessoal no zelo” (CC). Deus repete o desafio lançado no início do capítulo 38, porém de modo diferente: *Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim argui a Deus que responda* (40:1-2).

Alguns comentaristas parecem dizer que não é justo Deus bombardear um homem sofredor inocente com tais perguntas. Contudo, quem concorda com essa ideia também está sujeito à condenação por “palavras sem conhecimento” (38:2). Não sabemos por que Deus decidiu responder a Jó dessa maneira. Sabemos, contudo, que sua intenção era ensinar importantes lições a seu servo, conforme reconheceu o próprio Jó. O questionamento é uma forma bastante proveitosa de ensino, pois força o indivíduo a pensar por si mesmo. Jó descreveu o poder de Deus em termos semelhantes (9:4-10), porém as perguntas de Deus o forçaram a enxergar além da simples descrição e meditar profundamente sobre o que representa esse poder e como Deus o utiliza.

#### 40:3-5 Primeira resposta de Jó

O impacto do que Deus falou sobre si mesmo produziu profundas mudanças em Jó. Finalmente Jó parou de se defender. Primeiro, disse: *Sou indigno* (40:4a). Depois, reconheceu: *Que te responderia eu?* (40:4b) *Ponho a mão na minha boca* (40:4c; exatamente o que vinha pedindo a seus amigos!). *Uma vez falei [...], aliás, duas vezes, porém não prosseguirei* (40:5). Essa última frase representa uma expressão idiomática hebraica que significa “Já falei demais” (NAC).

Jó, eloquente e infatigável questionador, calou-se. McKenna, colocando a questão no contexto do posicionamento inflexível de Jó quanto à sua inocência, comenta: “O boneco de neve de justiça própria derreteu em confissão diante de Deus: ‘Sou indigno’, disse; e admitiu: ‘Não sei’” (CC).

#### 40:6—42:6 Segundo encontro

Se a revelação de Deus conduziu Jó a reconhecer sua indignidade e admitir sua ignorância, por que Deus continuou o discurso? Conforme comenta Simundson: “Será que Deus se excedeu, ou Jó ainda precisa de mais convencimento?”. Como de costume, as opiniões dos estudiosos divergem. Entretanto, considerando que o segundo discurso é parte da Bíblia (e não podemos impor nossa racionalidade finita ao texto), deve haver um propósito para Deus continuar seu questionamento. Simundson explica que possivelmente o primeiro discurso causou em Jó um mero sentimento de “pressão externa. Jó não chegou a compreender no íntimo sua limitação humana. Esse discernimento ainda não está

claro. Ele ainda continua lutando e aguardando algo mais. Ainda precisa de outra dose de medicamento divino”.

McKenna concorda: “Jó está aprendendo a ouvir a Deus, mas apenas ouvir não é suficiente para curar. Deus ainda tem mais para dizer, e Jó, mais para aprender” (CC). É interessante observar que a primeira resposta de Jó, ao contrário da segunda (cf. 42:6), não inclui menção de arrependimento.

Novamente, não farei comentários substanciais sobre o discurso de Deus. Esse texto maravilhoso fala por si próprio.

#### 40:6—41:34 Segundo discurso de Deus

Deus desafia Jó novamente: *Cinge agora os lombos como homem; eu te perguntarei, e tu me responderás* (40:7; cf. tb. 38:3). No primeiro discurso, Deus questiona: “Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?” (38:2). E agora indaga: *Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?* (40:8). Jó parece sofrer do mesmo mal que culpou seus amigos, isto é, apegar-se a uma teologia insuficiente. Jó argumentava que Deus estava agindo de modo injusto, pois não havia cometido nenhum pecado merecedor daquele sofrimento.

Simundson resume com clareza a resposta de Deus: “Visto que reclamou sobre a forma pela qual Deus administra a justiça, o Senhor convidou Jó a assumir o cargo!” (40:10-14). Entretanto, antes de apresentar seu desafio, Deus pergunta: *Tens braço como Deus ou podes tropejar com a voz como ele o faz?* (40:9). Surge uma questão nesse versículo: Por que Deus fala sobre si mesmo na terceira pessoa? Gordis explica que o escritor, isto é, a pessoa que registrou as palavras de Deus, “esqueceu-se por um momento de que fala em nome do Senhor e referiu-se a Deus na terceira pessoa”. Encontramos um padrão semelhante nos escritos dos profetas. Em determinado momento, um profeta pode falar em nome de Deus e construir a frase na primeira pessoa “e em seguida, deixando sobressair sua individualidade, falar de Deus na terceira pessoa”.

Deus apresenta a Jó o desafio supremo (40:10-14), isto é, assumir o lugar do Criador e tentar fazer um trabalho melhor, caso não esteja satisfeito com a forma pela qual Deus governa o universo.

Antes de começar, Deus convida Jó a trajar-se adequadamente: *Orna-te, pois, de excelência e grandeza, veste-te de majestade e de glória* (40:10). Glória, esplendor, honra e majestade (entre outros) são atributos exclusivos de Deus (cf. Sl 21:5; 93:1; 96:6; 104:1). Tão logo Jó assuma esses atributos, estas são as ações que deve tomar: *Derrama as torrentes da tua ira e atenta para todo soberbo e abate-o. Olha para todo soberbo e humilha-o, calca aos pés os perversos no seu lugar* (40:11-12). A segunda parte do versículo 11 e a primeira parte do versículo 12 são idênticas, exceto por pequenas diferenças verbais como *abate-o* e *humilha-o*. Uma vez que Jó reclamou que o perverso escapa impune, Deus

desafia-o a usar seu poder para humilhar “todo soberbo” (mencionado duas vezes) só de olhar. Jó deve não apenas abater todo homem orgulhoso, como também calcar “aos pés os perversos no seu lugar” (40:12). E, finalmente: *Cobre-os juntamente no pó, encerra-lhes o rosto no sepulcro* (40:13). Será que Jó pode fazer isso? Se puder, acrescenta Deus: *Então, também eu confessarei a teu respeito que a tua mão direita te dá vitória* (40:14).

De acordo com o texto, Jó pede o impossível! Conforme Alden: “O Senhor demonstra que Jó não é Deus e, portanto, não tem condições de fazer o que Deus faz. Portanto, Jó não tem o direito de tomar liberdades com Deus, nem de culpá-lo” (NAC). Andersen descreve corretamente 40:8-14 como “eixo e essência da resposta de Deus” (TOT). Por meio de seu juramento de inocência, Jó acusou Deus de agir injustamente. Sendo assim, ele desafia Jó a ocupar seu cargo e tentar fazer um trabalho melhor. O problema é que, se Jó pudesse usurpar o papel de Deus, “tornar-se-ia outro Satanás. Somente Deus pode destruir de maneira proveitosa. Somente Deus pode transformar mal em bem. Criador e responsável por tudo o que acontece neste mundo, Deus é capaz de fazer tudo (tanto o bem quanto o mal) funcionar para produzir o bem” (TOT). Deus está dizendo que “a realidade de sua bondade vai além da justiça [...] a natureza da culpa e punição, embora verdadeiras e terríveis, só conseguem enxergar o sofrimento humano como consequência de pecado, e não como ocasião para a graça” (TOT).

Em seguida, Deus interroga Jó sobre dois monstros marinhos: o *hipopótamo* (40:15-24) e o *crocodilo* (41:1-34). Esses dois animais são descritos mais detalhadamente que qualquer outro animal mencionado no primeiro discurso de Deus. A intenção de Deus ao falar sobre esses dois animais é salientar seu controle sobre a criação, assunto mencionado na passagem anterior (40:6-14).

Deus começa dizendo a Jó: *Contempla agora o hipopótamo, que eu criei contigo* (40:15). É divertido ver Jó sendo comparado com o hipopótamo, que no original em hebraico é chamado de “Beemote” (NVI). Mas o que Deus quer comunicar quando diz “que eu criei contigo”? Talvez Deus esteja dizendo que Jó e o hipopótamo são criaturas que lhe pertencem.

Nesse momento, Deus para de atacar Jó com perguntas. Em vez disso, faz uma descrição detalhada do animal (40:15-19), de seu habitat (40:20-23) e de sua força (40:16,24). A única pergunta nessa passagem ocorre em 40:24 e não parece endereçada a Jó.

Com relação a 40:19, a ideia é que somente Deus pode enfrentar o hipopótamo. Essa interpretação se encaixa no contexto e na pergunta proposta em 40:24.

A descrição do crocodilo em 41:1-34 é mais detalhada que a do hipopótamo (40:15-24). No original em hebraico, o termo utilizado para crocodilo é “leviatã”. Algumas passagens bíblicas (p. ex., Jó 3:8, em que aparece o termo “monstro marinho”; Sl 74:14, “crocodilo”; e Is 27:1, “dragão”) dão

a impressão de que o leviatã era algum animal mitológico que representava o caos e o mal. Aqui, contudo, parece referir-se ao crocodilo, ainda que partes da descrição envolvam linguagem figurada (p. ex., *faz resplandecer luz e da sua boca sai chama*, 41:18-21). A intenção da descrição é enfatizar a agressividade do animal, como a imagem de fumaça saindo das narinas, sugerindo que possui fogo por dentro. Assim como no primeiro discurso, Deus volta a metralhar Jó com perguntas salientando a natureza incontrolável do animal (41:1-11). Poderia Jó pescar o crocodilo como se fosse um peixe? (41:1-2). Poderia domá-lo para lhe servir? (41:3-4). *Brincarás com ele, como se fora um passarinho? Ou tê-lo-ás preso à correia para as tuas meninas?* (41:5). A referência às meninas não representa a mesma crueldade com que os três amigos lembraram a Jó seus filhos mortos. Antes, a imagem de “uma menina conduzindo um crocodilo na coleira pode ser encarada como uma absurda extravagância” (NAC). Comerciantes não podem barganhar com o crocodilo (41:6). Arpões e lanças são inúteis contra ele (41:7). Deus descreve a insensatez de tentar capturar esse animal: *Põe a mão sobre ele, lembra-te da peleja e nunca mais o intentarás. Eis que a gente se engana em sua esperança; acaso, não será o homem derribado só em vê-lo? Ninguém há tão ousado, que se atreva a despertá-lo* (41:8-10a).

De repente, no meio da descrição do poder invencível do crocodilo, Deus diz: *Quem é, pois, aquele que pode erguer-se diante de mim? Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu* (41:10b-11). Qual seria a resposta de Jó, considerando que a pergunta lhe foi dirigida?

O corpo do crocodilo é descrito em minúcias na próxima seção (41:12-24): a força *dos seus membros* (41:12), a resistência das *vestes do seu dorso* (41:13), a força de sua mandíbula (*portas do seu rosto*, 41:14), a excelente sobreposição de escamas onde *não entra nem o ar* (41:15-17), o calor que procede do seu hálito, como o de um dragão (41:18-21), a força de *seu pescoço* (41:22), o tamanho de seus músculos (41:23) e seu *coração firme como uma pedra* (41:24).

A essa descrição seguem mais evidências do poder do crocodilo, dessa vez com ênfase adicional no terror que o animal provoca (41:25-34): *tremem os valentes* em sua presença e *ficam como que fora de si* (41:25). Além da funda, armas como espadas, lanças, dardos e flechas fabricadas em ferro, bronze e outros materiais não têm efeito algum. Observe as palavras utilizadas para descrever o efeito dessas armas sobre ele: *palha, pau podre, restolho* (41:26-29a). Ele é tão destemido que *ri-se do brandir da lança* (41:29b). Quando se move, deixa um rastro de destruição: *Debaixo do ventre, há escamas pontiagudas; arrasta-se sobre a lama, como um instrumento de debulhar* (41:30). Seu poder é ainda maior quando está na água: *As profundezas faz ferver, como uma panela; torna o mar como caldeira de unguento. Após si, deixa um sulco luminoso; o abismo parece ter-se encanecido*

(41:31-32). O capítulo encerra com estas palavras: *Na terra, não tem ele igual, pois foi feito para nunca ter medo. Ele olha com desprezo tudo o que é alto; é rei sobre todos os animais orgulhosos* (41:33-34).

Nem em sonhos Jó poderia controlar um monstro como esse! Deus nem mesmo se incomoda em lançar outro desafio a Jó, como fez no final do primeiro discurso.

#### 42:1-6 Segunda resposta de Jó

Jó é um homem diferente agora e responde com espontaneidade: *Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado* (42:2).

Em 42:3 e 42:4, as expressões *como disseste* (42:3a) e *haviais dito* (42:4) não aparecem no original em hebraico. Consequentemente, alguns estudiosos dizem que esses versículos são variações mal empregadas de 38:2-3 e 40:7, isto é, formulações diferentes dos questionamentos de Deus naquele momento. A maioria dos estudiosos concorda, porém, que, embora sejam variações, não foram mal empregadas. Antes, Jó está citando Deus a fim de responder a ele. Jó admite sua ignorância: *Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia* (42:3b). Nas palavras de Andersen: “É o clamor de um homem liberto, não de um homem quebrantado e humilhado” (TOT). Na sequência, após citar Deus novamente, Jó exclama: *Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem* (42:5).

Percebe-se que Jó, além de ver Deus, enxergou a si mesmo, como se percebe nas seguintes palavras: *Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza* (42:6). A experiência de Jó é semelhante à de Isaías (Is 6:1-5), e nossa experiência com Deus é semelhante à experiência de Jó: só conseguimos compreender quem somos quando percebemos quem é Deus.

As palavras de Jó em 42:6 formam o ápice de sua resposta a Deus e representam a última declaração do livro em linguagem poética. Mas o que Jó quer dizer com isso? A essência da questão está na compreensão dos termos hebraicos traduzidos por “abomino” e “arrependo”. O termo “abomino” é mais forte que a palavra “indigno” registrada em 40:4. Será que Jó odeia a si mesmo? Importante observarmos que a partícula “me” em “me abomino” não aparece no original hebraico. Parece que Jó não abomina a si mesmo, mas ao pecado de ter-se dirigido a Deus com arrogância. A contrição de Jó aparece implícita na segunda frase: “me arrependo no pó e na cinza”. “Pó e cinzas” geralmente são associados a lamentação e humilhação no AT (2:12; Js 7:6; Et 4:1).

É necessário salientar que as expressões “me abomino e me arrependo” não estão relacionadas a algum pecado particular que porventura desencadeou o sofrimento de Jó (como insistiram seus amigos). Andersen esclarece que “Jó não confessou nenhum pecado. E mesmo que isso esteja implícito aqui, uma coisa é arrepender-se diante de Deus, e

outra bem diferente é repudiar a própria integridade diante dos homens” (TOT).

#### 42:7-17 Epílogo

O livro de Jó inicia (prefácio) e conclui (epílogo) em forma de prosa. Assim como muitas questões ficaram sem resposta no prefácio, o epílogo também deixa várias dúvidas. Por exemplo, por que Satanás não foi mencionado? O que aconteceu com a esposa de Jó? Por que Eliú não é mencionado, nem com repreensão nem com elogios? Mesmo com todas essas perguntas sem resposta, o livro termina com uma solução gratificante para o problema de Jó e dos homens em geral, e fornece um excelente tema sobre reconciliação e restauração.

As pessoas, entretanto, reagem de maneiras diferentes ao final do livro. Simundson mostra certa ambivalência quando questiona qual seria nossa reação se Jó tivesse continuado a sofrer fisicamente, ainda que todas as outras áreas tivessem sido restauradas. Ele chama atenção para o fato de que nem todas as histórias têm final feliz, como aconteceu com Jó. “Será que para Jó teria sido suficiente apenas a confirmação da presença e cuidados de Deus? [...] Tem sido suficiente para muitos sofrendores saber que Deus está com eles, ainda que o sofrimento continue persistindo”.

Outros dizem que a restauração da fortuna de Jó funciona como anticlimax e estraga a beleza da narrativa. Alguns chegam a dizer que o autor do epílogo, ao recompensar Jó por sua integridade, deixa escapar toda a essência do diálogo e, por isso, propõem que o epílogo seja removido do livro. Embora concordem com o ensinamento bíblico de que Deus recompensa o bem e pune o mal, sugerem que isso só acontecerá no céu: “Deus fará o ajuste da balança no céu, mas não nesta vida”. Todavia, não vemos isso acontecendo nesta vida também? Alden sugere encararmos esses fatos de um ponto de vista diferente: “No final das contas, Deus nunca abandonou seu ‘servo Jó’ [...] Satanás esperava que isso acontecesse. [...] O final feliz da história representa infâmia total para Satanás, que destruiria os servos de Deus seduzindo-os ao pecado e instigando-os a negar seu Senhor” (NAC).

Andersen também não vê nada errado com a conclusão do livro e argumenta ser artística e teologicamente apropriado que “a justificação de Jó não ocorra apenas no nível de reconciliação pessoal com Deus, escondida no íntimo da alma, mas visível em sua vida material e histórica como ser humano. Foi um tipo de ressurreição na carne, tanto quanto o AT soube explicar” (TOT).

O texto do epílogo está dividido basicamente em duas seções: o julgamento dos três amigos (42:7-9) e a restauração de Jó (42:10-17).

#### 42:7-9 O julgamento dos três amigos

Pela lógica, Deus teria de lidar com Jó antes de tratar dos três amigos, porém: *Tendo o SENHOR falado estas palavras a*



Jó, o SENHOR disse também a Elifaz, o temanita: *A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó* (42:7). Quando o Senhor diz que está irado, algo muito sério deve ter acontecido. Não há necessidade de repetir o debate entre Jó e seus três amigos. Ao explicar as razões de sua ira, o Senhor afirma duas vezes: *porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó* (42:7,8). Elifaz e seus dois amigos falaram mal do Senhor ao tentarem defender a justiça de Deus e propor uma doutrina de retribuição divina. Por outro lado, Jó, que, apesar de rejeitar a aplicação dessa doutrina (embora não totalmente) à sua situação e, no calor da discussão, quase pronunciou blasfêmias, falou *o que era reto* sobre Deus! No final, aqueles que pensavam estar defendendo Deus e sua justiça foram condenados, enquanto o homem que imaginavam merecer julgamento de Deus saiu justificado.

*Tomais, pois, diz Deus, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós. O meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate segundo a vossa loucura* (42:8). Que ironia! Eles teriam de oferecer “holocaustos”, porém o perdão só viria quando o homem que consideravam merecedor de castigo divino orasse por eles. Na tradição sapiencial, a sabedoria corresponde à justiça, e a loucura, à perversidade. Considerando-se sábios por excelência, quem demonstrou loucura foram os três, e não o homem a quem chamaram de estúpido e ignorante. Deus foi misericordioso ao conceder-lhes oportunidade de restauração. Pelo menos, foram obedientes: *Então, foram Elifaz, o temanita, e Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita, e fizeram como o SENHOR lhes ordenara; e o SENHOR aceitou a oração de Jó* (42:9).

#### 42:10-17 A restauração de Jó

Interessante observar que o Senhor mudou [...] a sorte de Jó (42:10) somente depois que este orou por seus amigos. Embora sua condição física não seja mencionada, podemos presumir com segurança que esta frase, juntamente com 42:12a (*abençoou o SENHOR o último estado de Jó mais do que o primeiro*), inclui a restauração de sua saúde. O Senhor deu-lhe o dobro de tudo o que antes possuía (42:10), e 42:12b fornece detalhes da restauração dos animais. *Também teve outros sete filhos e três filhas* (42:13). Embora alguns questionem a razão pela qual Deus não duplicou o número de filhos e filhas (cf. 1:2), Alden interpreta essa questão como mero problema de percepção, pois de fato Jó recebeu o dobro de filhos: “A primeira turma, que se reunirá a ele quando morrer, e a segunda turma, nascida depois de sua tragédia e provações (cf. 2Sm 12:23; 1Ts 4:13; 1Co 15:54)” (NAC).

A atenção especial dispensada às filhas de Jó, inclusive mencionando seus nomes, é bastante incomum. Embora a intenção do autor talvez não fosse comunicar nada além dos nomes das filhas de Jó (42:14), o texto parece mostrar

até que ponto chegou a restauração: *Em toda aquela terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos* (42:15). Nada semelhante foi dito sobre as filhas anteriores, nem mesmo seus nomes. A beleza, a menção de seus nomes e a herança entre seus irmãos tornaram-nas mulheres extraordinárias. Ao deixar herança às filhas, Jó fez algo sem precedentes no contexto daquela época e cultura. É verdade que, na ausência de herdeiros homens, as filhas poderiam receber herança (Nm 27:1-11). Porém, dividir a herança com seus irmãos era algo raro. Simundson comenta: “Em nossos dias, é tentador lermos passagens como essa e vislumbrar um antigo direito de igualdade às mulheres — coisa que certamente não era prática comum, porém chama a atenção o fato de que os papéis sexuais na Bíblia não eram tão estereotipados como se imagina”.

McKenna vai além: “Por que então Jó quebrou a tradição? [...] Suas filhas não esperavam participar da herança e, de acordo com a tradição, nem mereciam. A resposta está na graça. Assim como Deus abençoou Jó com o dobro de riquezas, coisa que não esperava nem merecia, em gratidão Jó decidiu dividir sua fortuna com todos aqueles a quem amava” (CC).

Conforme 42:11 e a lista de pessoas que vieram consolar Jó, pode ser que alguém seja tentado a perguntar: “De onde vieram todas essas pessoas? Onde estavam enquanto Jó sofria? Seriam aquelas a quem Jó se referiu em 19:13-19 e que o abandonaram durante sua aflição? Será que retornaram agora porque Deus restaurou Jó com o dobro do que possuía antes?”. Não sabemos. Entretanto, conhecendo a natureza humana, podemos olhar essas pessoas com reservas. Simundson também pensa assim: “Agora que a vida de Jó foi restaurada, as coisas começaram a melhorar e sua riqueza voltou a crescer, e ele de repente se viu rodeado de gente simpática. Será que essas pessoas aguardavam sua recuperação antes de vir visitá-lo?”. Um provérbio na língua tigrínia demonstra a natureza incerta desse tipo de amigos: *feqren teqmen tsehay ziweqo tesmen* (“Amor, vantagem e manteiga expostos ao sol”, significando que, assim como a manteiga derrete ao sol, o amor egoísta que procura vantagens também desaparece quando as circunstâncias não são favoráveis).

*Então, vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado; cada um lhe deu dinheiro e um anel de ouro* (42:11). Será que essas pessoas não chegaram tarde para isso? Outro provérbio na língua tigrínia deve ter surgido por causa de uma situação parecida com esta: *dehri mai nab beati* (“Ir para a caverna depois da chuva”, isto é, fazer algo depois que a coisa já aconteceu). Outro provérbio, dessa vez em amárico, língua falada na Etiópia, reforça a mesma questão: *jib kehe-de behwala wusha chohe* (“O cão ladra depois que a hiena

foi embora"). Talvez a intenção de trazer presentes fosse mais bajular que auxiliar Jó.

Entretanto, até essa consolação inadequada pode ter sido necessária, pois, mesmo restaurado, Jó ainda lamentava a perda dos filhos. E como "a graça não guarda rancor", conforme comenta McKenna (CC), Jó os perdoou e os recebeu, exatamente como fez com seus três amigos acusadores quando orou para que fosse restaurado o relacionamento deles com Deus. Gordis interpreta de forma positiva essa comemoração: "Seus parentes e amigos testemunharam publicamente que Jó não era mais um excluído ou um leproso".

O último parágrafo do livro registra: *Depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos* desfrutando de todas as bênçãos que lhe foram restauradas. Para quem considerou a morte como única saída e enfrentou a terrível perspectiva de morrer sem deixar filhos, Jó viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração. Então, morreu Jó, velho e farto de dias (42:16-17). Depois de muitos anos de vida feliz, Jó morreu, como acontecerá a todos nós um dia, porém todos os comentaristas concordam com Andersen: "Um final simples e digno (42:17), lembrando a morte tranquila dos patriarcas em Gênesis, encerra a realização do ideal israelita" (TOT).

### Conclusão

A Bíblia ensina a doutrina da retribuição, ou recompensa e punição. De fato, o ser humano colhe o que planta. Jó, homem temente a Deus, de repente perde tudo o que possui (riqueza, filhos, saúde), por motivos que lhe escapam à compreensão. Entretanto, o leitor conhece as razões, em-

bora Jó e seus amigos ignorem o conteúdo dos capítulos 1 e 2. Seus amigos, partidários de uma restrita doutrina de retribuição, concluem que tamanha calamidade só pode ter origem em algum pecado escondido em Jó. Entretanto, Jó conhece seu próprio coração e afirma ser inocente, perseverando nesse posicionamento até as últimas consequências. O debate com seus amigos torna-se cada vez mais violento e vira guerra de argumentos e posições doutrinárias. Jó acusa Deus e seus amigos de injustiça, ao passo que seus amigos o acusam de arrogância e autojustificação diante deles e de Deus. Eliú tenta tratar o assunto com objetividade, mas sem sucesso. Deus permanece em silêncio durante todo o episódio.

O desfecho ocorre quando Deus decide falar com Jó por meio de um redemoinho. Jó se arrepende, confessa suas limitações, indignidade e arrogância. Deus aceita a confissão de Jó, restaura-lhe a comunhão e o abençoa com porção dobrada de tudo quanto Jó possuía anteriormente. Os amigos acusadores são exortados e restaurados após a oração de Jó. Deus e seu servo Jó são justificados, e Satanás é exposto como "pai da mentira" e inimigo da justiça.

Tewoldemedhin Habtu

### Leituras adicionais

GORDIS, Robert. *The Book of Job: Commentary, New Translation and Special Studies*. New York: The Jewish Theological Seminary of America, 1978.

RODD, C. S. *The Book of Job*. Philadelphia: Trinity Press International, 1990.

SIMUNDSON, Daniel J. *The Message of Job: A Theological Commentary*. Minneapolis: Augsburg, 1986.

# SALMOS

O grupo de louvor conduz a congregação, composta por jovens em sua maioria. Eles cantam: “Entrai por suas portas com ações de graças e nos seus átrios, com hinos de louvor. Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele”. Eles cantam com entusiasmo, batendo palmas e dançando. Outro grupo repete: “Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele”. Durante trinta minutos, os jubilosos adoradores entoam canções com letras extraídas de várias partes de Salmos. Alguns deles não têm a menor ideia de que capítulo e versículo estão cantando (na verdade, trata-se de Sl 100:4 e 118:24, respectivamente).

Essa prática das igrejas locais reflete o fato de que os salmos se prestam à memorização, à recitação e ao cântico. Usá-los dessa forma não deixa de ser recomendável. No entanto, a repetição constante de versículos nos faz perder o significado da mensagem original. Assim, o estudo de Salmos nos ajudará a evitar o abuso dessa importante divisão da Bíblia.

## Título e propósito

Os antigos hebreus, que provavelmente usavam essa porção das Escrituras da mesma forma que os africanos hoje, se referiam a ela como “Livro de Louvores”. A Septuaginta (tradução grega do AT, que foi a primeira Bíblia dos cristãos) intitulou-a “Livro de Salmos”, que deriva da palavra grega *psalmoi*, cujo significado é “cânticos para serem acompanhados por instrumentos musicais”.

Os salmos bíblicos têm sua origem em diversos encontros do divino com o humano, ocorridos num período de mais de mil anos, em circunstâncias as mais diversas. O tema central do livro é a adoração. Os salmistas (dos quais pelo menos sete são identificados nominalmente) deixam claro aos leitores que Deus é merecedor de todos os nossos louvores por aquilo que ele é, fez e fará. Em Salmos, Deus é apresentado como aquele que está ao lado dos justos e dos que o buscam com sinceridade. Qualquer que fosse a situação, Deus sempre estava olhando por eles e sempre se mostrando digno de louvor. Esse perfil da Divindade — Deus apresentado como um atencioso irmão mais velho — é parte do apelo de Salmos aos africanos. Os cânticos refletem muitas das circunstâncias que enfrentamos na vida: dificuldades e perigos, doenças e medo da morte, carência, pecado e destruição. No entanto, há também cânticos que falam de alegria, libertação, vitória e triunfo, sempre com a consciência dos atributos divinos de amor, bondade e poder. Os salmos inspiram nossa

confiança em Deus, visto que nos fazem chegar a ele em atitude de rendição e adoração.

## Autores e data

Davi, que viveu por volta de 1011 a 941 a.C. e foi pastor de ovelhas (na juventude), músico, guerreiro e rei, escreveu setenta e três dos cento e cinquenta salmos (3—9; 11—32; 34—41; 51—65; 68—70; 86; 101; 103; 108—110; 122; 124; 131; 138—145). Se os salmos 2 e 95, em geral classificados como anônimos, tiverem sido também escritos por ele, Davi terá sido responsável pela composição de metade do livro.

Inspirado e instruído por Davi, Asafe, sacerdote que comandava o ministério de música no templo, contribuiu com doze salmos (50; 73—83), enquanto uma associação de cantores, os “filhos de Corá”, compuseram onze cânticos (42—49; 84; 87). Dois salmos são atribuídos a Salomão (72 e 127), enquanto Moisés, Hemã e Etã contribuem com um salmo cada (90, 88 e 89, respectivamente). O salmo de Moisés deve ter sido composto na época do êxodo do Egito, por volta de 1410 a.C., porém compilado durante o reinado de Davi. Com isso, restam quarenta e sete salmos cujos autores são desconhecidos. A maioria desses salmos parece ter sido produzida no período de reforma nacional liderada por Esdras e Neemias, no século V a.C.

Em razão da contribuição direta e da influência indireta de Davi, o livro é também conhecido como “Salmos de Davi”. Os estudiosos islâmicos, que também consideram inspirados os salmos da Bíblia, referem-se ao livro por esse nome.

## Natureza e classificação

Os salmos são poéticos na forma, tais como as canções e hinos que executamos em nossos cultos de adoração. Hoje eles são lidos de maneira responsiva. Esse método nos faz lembrar que grande parte da poesia judaica tinha sua base no paralelismo e no ritmo. Em alguns aspectos, o ritmo dos hebreus se assemelha ao ritmo africano tradicional, chamado *raara* pelos iorubas da África Ocidental, o qual ainda hoje pode ser encontrado entre os descendentes de africanos que vivem nas Índias Ocidentais.

A antiga poesia hebraica fazia muito uso de uma técnica chamada “paralelismo”: o poeta expressava uma ideia no primeiro verso e então a reforçava de várias maneiras nos versos seguintes. Encontramos três tipos de paralelismo em Salmos:

- *Paralelismo sinônimo* — quando o segundo verso repete a essência da ideia contida no primeiro (3:1; 103:10).
- *Paralelismo antitético* — quando a ideia do segundo verso contrasta com a do primeiro (1:6; 37:16).
- *Paralelismo sintético* — quando o verso ou versos subsequentes completam ou desenvolvem a ideia apresentada no primeiro (1:1; 42:1).

A repetição também era importante para a poesia hebraica. Servia para enfatizar uma ideia (22:1; 118:10-12) ou como refrão, conforme se vê no salmo 80, no qual a oração aparece pontuada três vezes pela exclamação: “Restaura-nos, ó Deus; faze resplandecer o teu rosto, e seremos salvos” (80:3,7,19). Às vezes, o último verso de um salmo repete o primeiro, como forma de unificá-lo (8; 118).

Alguns salmos são acrósticos, como o 25, o 34 e o 119. Num salmo acróstico, cada verso ou seção começa com uma das vinte e duas letras do alfabeto hebraico. O salmo 119, por exemplo, tem cento e setenta e seis versículos, os quais estão divididos em oito grupos de vinte e dois versículos. Todos os oito primeiros versículos começam com a primeira letra do alfabeto hebraico; os oito versículos seguintes começam com a segunda letra, e assim por diante.

Os salmos também são ricos em imagens. Talvez as mais impressionantes sejam as diferentes representações do Senhor. Deus é um pastor (23:1), um viticultor (80:8-16), um construtor (127:1) e um pai (68:5). Ele é um escudo (3:3), um refúgio (14:6), uma rocha (28:1), uma fortaleza (18:2, NVI). Ele é justo (5:8), misericordioso (6:2) e íntegro (9:8), mas também fica irado (6:1), é implacável (7:12) e é um guerreiro (68:7-8). Ele cavalga sobre as nuvens (68:4), está entronizado entre os querubins (99:1) e habita o céu (115:3). O Senhor é o Rei da Glória (24:10), o Deus supremo (95:3) e o Senhor dos Exércitos (46:7). Esses e muitos outros exemplos demonstram a intenção dos salmistas de traduzir em linguagem humana tudo o que Deus representa para eles.

Há diversas categorias de salmos, e alguns deles podem pertencer a mais de um grupo. Algumas dessas categorias são:

- Salmos de ação de graças ou de louvor, oferecidos tanto por um indivíduo (18; 30; 116) quanto por uma comunidade (65; 66).
- Salmos que expressam confiança e esperança em Deus (5; 7; 42).
- Salmos sapienciais, que ensinam a viver uma vida piedosa (1; 37; 119).
- Salmos de lamentação e súplicas, que contêm pedidos de ajuda a Deus. Podem ser individuais (3; 10; 13) ou coletivos (44; 60; 74).
- Salmos testemunhais, que relatam as coisas que Deus fez (115—118; 124—130).
- Cânticos de romagem, que eram cantados durante as peregrinações à Cidade Santa — Jerusalém. Aqui se incluem os “cânticos de Sião” (46; 48; 76; 84; 87; 122) e os “cânticos dos degraus” (120—134).
- Salmos penitenciais, que expressam tristeza pelo pecado (6; 32; 51).
- Cânticos da natureza, que reconhecem a obra de Deus na criação (8; 19; 36).
- Salmos históricos, que contemplam em retrospectiva a misericórdia de Deus para com a nação de Israel (78; 135—137).
- Salmos de entronização, que falam da soberania de Deus sobre todas as coisas (47; 93; 96—99).
- Salmos régios ou messiânicos, que examinam os reinados de reis terrestres ao mesmo tempo que consideram a promessa do Rei celestial — Jesus Cristo, o Messias (2; 18; 20; 21; 45; 72; 89; 101; 110; 132; 144).
- Salmos imprecatórios, que clamam por justiça contra os perversos, quase sempre os inimigos declarados do salmista (7; 35; 55; 58; 59; 69; 79; 109; 137; 139; 140).

Os salmos do último grupo são os que geram mais controvérsia, pois invocam maldição sobre os inimigos do salmista. Oito dos onze salmos imprecatórios foram escritos por Davi e refletem suas emoções numa época em que ele era perseguido, embora não fosse culpado de nenhum crime. Ainda que a emoção seja real, é difícil conciliar o conteúdo de alguns desses salmos com o ensino de Cristo, que nos manda perdoar os inimigos e oferecer a outra face (cf. Mt 5:38-44).

Aos estudar os salmos imprecatórios, devemos observar o seguinte: a) eles clamam mais por justiça divina que por vingança humana (58:11); b) eles pedem a Deus que castigue os ímpios para que a justiça divina seja confirmada (59:13); c) a intenção é que os ímpios sejam levados a buscar a Deus; d) o justo juízo de Deus resulta em louvor a ele por parte de seu povo (7:17).

Os crentes da África não devem cair na tentação de usar esses salmos como desculpa para contender com aqueles que lutam contra nós, revidando fogo com fogo. Foi o que aconteceu no início da década de 1990, quando os prédios das igrejas foram incendiados e os crentes foram assassinados por muçulmanos fanáticos no norte da Nigéria. Alguns teólogos nigerianos elaboraram o que ficou conhecido como a “teologia da terceira face”. Esses pretensos teólogos argumentavam que, quando um inimigo esbofeteava um cristão na face direita e depois na face esquerda que lhe fora oferecida em resposta (cf. Mt 5:39), a igreja tinha o dever de revidar. Embora essa atitude tenha conquistado de imediato o respeito dos de fora, com o passar do tempo foram as armas do amor e

da oração pelos inimigos que conduziram mais pessoas ao reino de Deus (cf. Mt 5:44).

### Títulos e termos técnicos

Os salmos estão divididos em cinco livros (1—41; 42—72; 73—89; 90—106; 107—150), e cada livro termina com uma doxologia (41:13; 72:19-20; 89:52; 106:48; 150:6 ou o próprio salmo 150). Apenas trinta e quatro salmos não trazem título nem cabeçalho. Os demais trazem títulos editoriais, acrescentados em época posterior à composição dos salmos, contudo são historicamente exatos. Eles contêm informações como o nome de quem escreveu ou compilou o salmo (17; 79; 90), quando ou por que foi escrito (3; 34; 51) e orientações em relação à execução musical (69; 80; 88).

Um termo técnico comum é *Selá* (cf. comentário em Sl 3:2),<sup>o</sup> que ocorre setenta e uma vezes em Salmos e três vezes em Habacuque 3. Trata-se provavelmente de uma notação musical, indicando um interlúdio ou talvez uma troca de instrumento musical. Outro termo técnico é *ao mestre de canto*, que aparece em cinquenta e cinco salmos e indica que havia uma coleção de salmos a qual o regente de coro deveria executar em ocasiões especiais.

### O cristão e a utilização de Salmos

Salmos, obviamente, tem grande significado quando consideramos a pessoa de Jesus. As palavras de Salmos 2:7 asseguram-lhe a condição de Messias e Filho, confirmada tanto em seu batismo como na inauguração de seu ministério (Mc 1:11). Na cruz, ele repetiu a oração que inicia o salmo 22 (Mc 15:34). Lemos em Lucas 24:44 que, depois da ressurreição, ele explicou aos seus discípulos que “importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”.

O cristão utiliza os salmos, como o restante das Escrituras, “para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”, para a inspiração, de modo que esteja “perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3:16-17).

Os salmos são lidos nas principais igrejas protestantes da África todos os domingos, como uma das três leituras habituais das Escrituras. Além de fazerem parte da adoração coletiva, eles também são usados nas devoções individuais, em grupos pequenos, em estudos bíblicos e em cultos domésticos. Têm um lugar especial em nosso coração porque são fáceis de estudar, pregar e ensinar, e acima de tudo fortalecem nossa alma. São apropriados para recitar e cantar na forma de hinos, canções e cantos corais. São práticos e tocam o coração. Enquanto a maior parte da Bíblia nos fala a respeito de Deus e de seus caminhos, os salmos nos ajudam a falar com Deus. Eles não foram escritos para serem usados como fórmu-

las mágicas. Em vez disso, nos aproximam de Deus e nos ajudam a clamar a ele nos momentos de necessidade ou quando queremos oferecer-lhe o louvor que ele merece. Louvado seja o Senhor!

### Esboço

#### Livro um: Salmos 1—41

- Salmo 1: Dois caminhos, dois destinos
- Salmo 2: Triunfo do ungido do Senhor
- Salmo 3: Confiança diante do perigo
- Salmo 4: A fonte do bem
- Salmo 5: Dá ouvidos, meu Deus e Rei!
- Salmo 6: Cura-me, Senhor
- Salmo 7: Declara-me inocente
- Salmo 8: Louvores ao Criador
- Salmo 9: O Senhor, o justo Juiz
- Salmo 10: Clamor por socorro
- Salmo 11: O Senhor é meu refúgio
- Salmo 12: Não há mais piedosos
- Salmo 13: Volta o teu rosto para mim
- Salmo 14: Os insensatos não prevalecerão
- Salmo 15: Quem entrará na presença do Senhor?
- Salmo 16: Não serei abalado
- Salmo 17: Senhor, declara-me inocente!
- Salmo 18: Graças ao Senhor, meu Libertador
- Salmo 19: Revelação na criação e na lei
- Salmo 20: Oração pelo rei
- Salmo 21: A proteção do Senhor sobre o rei
- Salmo 22: Deus salva os desamparados
- Salmo 23: O Senhor é o meu pastor
- Salmo 24: O Criador, o Rei da glória
- Salmo 25: Ensina-me os teus caminhos
- Salmo 26: Súplica por justiça e misericórdia
- Salmo 27: Minha luz, salvação e refúgio
- Salmo 28: Não permaneças calado
- Salmo 29: O poder do Senhor revelado na natureza
- Salmo 30: Do pranto à dança
- Salmo 31: Entrego minha vida a ti
- Salmo 32: O Senhor que perdoa os pecados
- Salmo 33: Louvores ao Criador
- Salmo 34: O Senhor protege os justos
- Salmo 35: Eu sou tua salvação
- Salmo 36: O Senhor, a fonte de vida
- Salmo 37: Não te indignes por causa dos malfeitores
- Salmo 38: Oração em tempos de enfermidade
- Salmo 39: A vida é efêmera
- Salmo 40: Fazer a vontade do Senhor
- Salmo 41: Aqueles que acodem aos necessitados

#### Livro dois: Salmos 42—72

- Salmo 42: Sedento por Deus (Parte 1)
- Salmo 43: Sedento por Deus (Parte 2)

Salmo 44: Oração comunitária depois da derrota  
 Salmo 45: Cântico para um casamento real  
 Salmo 46: Deus é nosso refúgio  
 Salmo 47: O reinado universal do Senhor  
 Salmo 48: A cidade do grande Rei  
 Salmo 49: Morte, a grande niveladora  
 Salmo 50: Sacrifícios e conduta  
 Salmo 51: Pecado e arrependimento  
 Salmo 52: Deus e os poderosos  
 Salmo 53: Observe, aprenda e busque ao Senhor  
 Salmo 54: Ore, espere e dê graças  
 Salmo 55: Traição e confiança  
 Salmo 56: Que me pode fazer um mortal?  
 Salmo 57: Um Deus digno de ser exaltado  
 Salmo 58: Ó Deus, vinga os justos  
 Salmo 59: Deus, minha força e fortaleza  
 Salmo 60: Atitude diante da rejeição  
 Salmo 61: Passado, presente e louvor  
 Salmo 62: O Senhor é minha força  
 Salmo 63: Dedicção total a Deus  
 Salmo 64: Oração em meio a ataques  
 Salmo 65: Atitude diante dos feitos poderosos de Deus  
 Salmo 66: Digno de adoração e louvor  
 Salmo 67: Necessidade de reconhecer Deus  
 Salmo 68: Deus e seu povo  
 Salmo 69: Aflição, oração e esperança  
 Salmo 70: Clamor urgente por socorro  
 Salmo 71: Esperança ao longo dos anos  
 Salmo 72: O justo Governante

#### **Livro três: Salmos 73—89**

Salmo 73: Perplexidade por causa dos perversos  
 Salmo 74: Destruição e restauração  
 Salmo 75: Inversões divinas  
 Salmo 76: O Deus terrível e magnífico  
 Salmo 77: Lembrança de livramento passado  
 Salmo 78: Uma história de contrastes  
 Salmo 79: Lamentação e oração  
 Salmo 80: Lamento comunitário  
 Salmo 81: Advertência em meio a cânticos  
 Salmo 82: Clamor por julgamento  
 Salmo 83: Uma hoste de inimigos  
 Salmo 84: Anseio pelo Deus vivo  
 Salmo 85: Mostra-nos tua misericórdia novamente  
 Salmo 86: Súplica e louvor  
 Salmo 87: Sião restaurada e repovoada  
 Salmo 88: Clamor do fundo da cova  
 Salmo 89: A aliança eterna de Deus com Davi

#### **Livro quatro: Salmos 90—106**

Salmo 90: O Deus eterno é nosso Deus  
 Salmo 91: Deus, nosso protetor  
 Salmo 92: Louvores a Deus em todo tempo

Salmo 93: O Senhor reina supremo  
 Salmo 94: O Juiz da terra  
 Salmo 95: Salmo de adoração  
 Salmo 96: Cante ao Senhor do universo  
 Salmo 97: Deus, os idólatras e os justos  
 Salmo 98: Hino de louvor  
 Salmo 99: Santo é o Senhor  
 Salmo 100: Adoração jubilosa  
 Salmo 101: O líder ideal  
 Salmo 102: Aflição pessoal e nacional  
 Salmo 103: As muitas bênçãos de Deus  
 Salmo 104: As maravilhosas obras de Deus  
 Salmo 105: Lembrança dos feitos de Deus  
 Salmo 106: A ingratidão de Israel

#### **Livro cinco: Salmos 107—150**

Salmo 107: Ação de graças pelo livramento  
 Salmo 108: Confiança em Deus  
 Salmo 109: Maldição e bênção  
 Salmo 110: Celebração do Rei-Sacerdote  
 Salmo 111: Um Deus digno de adoração  
 Salmo 112: Os adoradores de Deus  
 Salmo 113: Grandeza e graça de Deus  
 Salmo 114: O Deus imutável  
 Salmo 115: A Deus seja a glória  
 Salmo 116: Gratidão por orações respondidas  
 Salmo 117: Todos os povos louvem a Deus  
 Salmo 118: Celebração no templo  
 Salmo 119: Meditações sobre a lei do Senhor  
 Salmo 120: Guerra, em vez de paz  
 Salmo 121: Aquele que nos guarda  
 Salmo 122: Jerusalém, a cidade amada  
 Salmo 123: Olhos fitos no Senhor  
 Salmo 124: Livramento e louvor  
 Salmo 125: Fonte de segurança  
 Salmo 126: Restauração da sorte de Jerusalém  
 Salmo 127: Sem Deus, tudo é em vão  
 Salmo 128: Cântico de bênçãos  
 Salmo 129: Perseguido, porém não destruído  
 Salmo 130: Das profundezas  
 Salmo 131: Esperança no amor de Deus  
 Salmo 132: A arca, o templo e a promessa  
 Salmo 133: Benefícios de viver em harmonia  
 Salmo 134: Louvar e receber bênçãos de Deus  
 Salmo 135: Louvor à bondade de Deus  
 Salmo 136: Louvor sem fim  
 Salmo 137: Os cativos se lembram de Sião  
 Salmo 138: A bondade e grandeza de Deus  
 Salmo 139: Meu Deus maravilhoso  
 Salmo 140: O libertador dos oprimidos  
 Salmo 141: Oração urgente por socorro  
 Salmo 142: Desesperadamente necessitado de socorro  
 Salmo 143: Perdoa, protege e guia

Salmo 144: Preservação e paz  
 Salmo 145: A grandeza de Deus  
 Salmo 146: Louvor ao caráter de Deus  
 Salmo 147: Louvor às obras de Deus  
 Salmo 148: O grande coro  
 Salmo 149: Júbilo e batalha  
 Salmo 150: O auge do louvor

## COMENTÁRIO

### LIVRO UM: SALMOS 1—41

#### Salmo 1: Dois caminhos, dois destinos

Esse salmo de autor desconhecido ocupa um lugar de destaque no livro. Como primeiro salmo, serve de introdução para o livro todo. Não é por acaso que começa com a primeira letra do alfabeto hebraico e que a primeira letra da última palavra é a última letra do alfabeto hebraico. Conforme esse padrão indica, o salmo e o livro que ele introduz contêm a palavra de Deus de alfa a ômega, do princípio ao fim. Apesar de ser uma coletânea de hinos, Salmos é, portanto, muito mais que um hinário.

Esse fato é ressaltado pela divisão do livro em cinco seções ou “livros” da mesma forma que a Torá ou Pentateuco consiste em cinco livros. Como o Pentateuco, os salmos contêm instruções, orientações e ensinamentos de Deus. Infelizmente, muitas vezes não observamos esse aspecto dos salmos nas igrejas, onde costumamos lê-los como uma invocação no início do culto, sem prestar atenção ao seu conteúdo.

O salmo 1 é, no entanto, mais que uma introdução. Também traz ensinamentos apresentados numa forma característica da literatura sapiencial do AT. Retrata nossa vida terrena como uma jornada na qual podemos seguir dois caminhos diferentes que conduzem a dois destinos diferentes. Serve de placa indicativa e aponta a direção que devemos seguir.

#### 1:1-2 Retrato do justo

O salmo começa apresentando as características de um indivíduo justo. Descreve-o como *bem-aventurado* (1:1a). Seu início assevera, portanto, o veredicto do julgamento dado na conclusão (1:6). O resultado de uma vida boa é garantido desde o princípio.

O salmo retrata a natureza da vida boa primeiro em termos negativos e, depois, em termos positivos. Os três verbos na forma negativa representam níveis crescentes de intimidade: *Não anda* [...] *não se detém* [...] *nem se assenta* (1:1b). O salmista descreve as pessoas com as quais o indivíduo desenvolve essa intimidade como *ímpios* [...] *pecadores* [...] *escarnecedores*. Adverte o leitor acerca do perigo de andar em más companhias. As pessoas com as quais convi-

vemos podem exercer forte influência sobre nossa vida. A sabedoria africana trata desse assunto em vários ditados sobre os efeitos negativos de se associar aos perversos (p. ex., “O amigo do ladrão também é ladrão”). O NT argumenta de forma semelhante: “As más conversações corrompem os bons costumes” (1Co 15:33).

O AT fornece vários exemplos de pessoas que caíram porque seguiram os conselhos dos ímpios. Amnom, um dos filhos de Davi, seguiu o mau conselho de seu amigo Jonadabe e estuprou sua meia-irmã, Tamar (2Sm 13:1-20), ato que levou à desintegração da família de Davi. Roboão, sucessor de Salomão, recusou dar ouvidos ao conselho dos anciãos sábios e optou por seguir a recomendação de seus jovens amigos. Como resultado, a nação de Israel se dividiu em dois reinos que nunca mais se reuniram (1Rs 12:1-20).

O versículo 2 enfatiza os atos positivos do justo. Em vez de seguir o conselho dos ímpios, o justo segue a *lei do SENHOR* (1:2). O termo “lei” (ou Torá) é usado duas vezes nas duas declarações paralelas desse breve versículo. Nesse contexto, não se refere aos cinco livros do Pentateuco, mas às Escrituras como um todo, inclusive Salmos, o livro que esse capítulo introduz. Aqueles que são justos não têm tempo para ficar ociosos fazendo fofocas e zombando de outros, pois meditam na *lei de dia e de noite*. Para eles, meditar no significado da lei e na forma como podem aplicá-la à sua vida não é um fardo, mas, sim, um *prazer*.

Essa descrição dos justos traz à memória as palavras de Deus quando ele falou pela primeira vez a Josué e lhe revelou o segredo do ministério bem-sucedido: “Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido” (Js 1:8). Deus não diz a Josué que basta fazer uma leitura diária da lei. Além de lê-la, Josué deve refletir a seu respeito a fim de encontrar instrução, direção e conselho. Salmos 119:105 expressa a mesma verdade de outra maneira: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para o meu caminho”.

#### 1:3-4 O justo e o perverso

A descrição em 1:1 daquilo que o justo não faz também nos informa aquilo que o perverso faz. Em vez de descrever a vida do perverso, o salmista fornece símiles que comparam o destino do justo e do perverso.

A vida do justo é como *árvore plantada junto a corrente de águas* (1:3). Essa árvore dá o seu fruto com regularidade no *devido tempo*, e suas folhas permanecem sempre verdes. No contexto da Bíblia, dar fruto significa ser próspero, bem-sucedido e prolífico. Os escritores bíblicos empregam essa imagem para pessoas, animais, plantas e até para a terra. É a prosperidade que o Senhor prometeu ao entrar em aliança com Israel: “Ele te amará, e te abençoará, e te fará multiplicar; também abençoará os teus filhos, e o fruto da



tua terra, e o teu cereal, e o teu vinho, e o teu azeite, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas, na terra que, sob juramento a teus pais, prometeu dar-te" (Dt 7:13-14).

Apesar de continuar válida, a promessa da bênção de Deus tem sido distorcida por aqueles que pregam o evangelho da prosperidade e focalizam somente a ligação entre a fé em Cristo e as riquezas materiais. Cristãos pobres em países do Senegal à África do Sul, de Abidjã a Nairóbi recebem incentivo para tentar enriquecer por meio de jejuns. De acordo com seus gurus, o jejum, por vezes até de quarenta dias, é o único requisito para o sucesso. Ensinamentos desse tipo não representam, contudo, toda a verdade. Em sua graça, Deus pode conceder-nos prosperidade material, mas ela não vem de forma mecânica e passiva. Esse salmo deixa claro que a prosperidade não é uma recompensa por determinada ação, mas resultado de um estilo de vida que segue o caminho traçado por Deus, o Criador. Os justos não falharão porque seguem a direção da palavra de Deus. Como árvores que extraem o sustento da água e do solo, os justos buscam seu sustento na palavra de Deus. Os cristãos africanos precisam aprender a dar à palavra de Deus o lugar que lhe é de direito em sua vida.

Seria de esperar que o escritor retratasse os perversos como árvores mirradas, plantadas em terra seca, mas ele escolhe um símile diferente. A vida do perverso não é nem sequer semelhante a uma árvore seca; pode ser comparada apenas a *palha que o vento dispersa* (1:4). Trata-se de uma imagem conhecida na África, onde mulheres colhem os cereais e depois separam os grãos da palha. Os grãos pesados caem no chão ou numa cesta onde serão guardados, enquanto a palha que é mais leve e não tem valor é levada pelo vento. Essa imagem enfatiza a leviandade dos perversos. Eles não têm peso nem valor e desaparecem quando o vento sopra.

### 1:5-6 O julgamento divino

Não é raro o AT associar a imagem da palha dispersa ao julgamento de Deus (Sl 35:5; Os 13:3). Devido à sua leviandade, os *perversos não prevalecerão no juízo*, ou seja, no julgamento final que Deus executará, e os *pecadores* não terão lugar na *congregação dos justos* (1:5). Essas palavras remetem a 1:1, que menciona as mesmas pessoas. O fato de elas serem excluídas da congregação corresponde a uma garantia de destruição.

O versículo final do salmo mostra explicitamente dois caminhos que se encontram diante de nós: *o caminho dos justos* e *o caminho dos ímpios* (1:6). Vemos os dois caminhos e sua conclusão inevitável: os justos serão bem-sucedidos porque o Senhor guarda o seu caminho; os perversos, contudo, perecerão. É Deus quem garante o sucesso da vida dos justos.

Uma vez que é um texto sapiencial, o salmo 1 exige uma decisão. O leitor deve escolher entre os dois caminhos. Que nossa escolha seja aquela defendida por Jesus ao dizer:

"Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!" (Lc 11:28).

### Salmo 2: Triunfo do ungido do Senhor

Enquanto o salmo 1 começa com "bem-aventurado o homem" (1:1), o salmo 2 termina com "bem-aventurados todos" (2:12). Observamos, portanto, uma transição do indivíduo para o grupo. O salmo 1 trata das lutas do indivíduo justo. O salmo 2, por sua vez, focaliza o destino do povo de Deus em um mundo governado e organizado por nações estrangeiras. As nações que se opõem a Deus e a seu Ungido são a manifestação mais ampla dos pecadores e escarneceadores mencionados no salmo 1.

O salmo 2 é o primeiro de uma série de textos conhecidos como salmos reais, ou seja, salmos cujo tema principal é o rei. Acredita-se que esses salmos estavam associados à cerimônia de coroação, realizada quando um novo rei subia ao trono. Qualquer mudança de governo, por sucessão pacífica ou golpe de Estado, é um acontecimento importante, com potencial para crises e rebeliões. Não foi coincidência os israelitas pedirem a Roboão, filho de Salomão, que aliviasse o jugo pesado deles antes da coroação (1Rs 12:1-5; 2Cr 10:1-4).

Em Atos, o salmo 2 é interpretado como um texto de teor messiânico. O Ungido em 2:2 é Jesus Cristo, e Herodes e Pôncio Pilatos representam os reis da terra (At 4:25-27; cf. tb. At 13:32).

O salmo 2 levanta a questão dos poderes malignos no mundo, um assunto importante para os africanos que imaginam ser impossível ter esperança em um mundo governado por interesses próprios. Mas Deus está no controle deste mundo, e aqueles que se refugiam nele serão bem-sucedidos.

### 2:1-3 Conspiração internacional

O salmo começa com uma pergunta retórica: *Por que [...] os povos imaginam coisas vãs?* (2:1). Uma conspiração ampla está em andamento. É significativo que o verbo traduzido por "imaginam" ou "tramam" (NVI) seja a mesma palavra traduzida por "medita" em 1:2. Enquanto a mente do justo se dedica a pensar na "lei do Senhor", a mente dos ímpios se ocupa com ideias para derrubar seus governantes. Conspirações desse tipo são bastante conhecidas no continente africano, com toda a sua história de intrigas e golpes de Estado. Alguns países africanos nunca passaram por uma transferência pacífica de poder. Nos dias de hoje, várias gerações associam qualquer mudança de governante a violência e guerra civil.

Os governantes que as nações desejam derrubar são o *SENHOR* e [...] o seu *Ungido* (2:2). O rei era chamado de "Ungido", pois parte da cerimônia de coroação consistia em derramar óleo sobre sua cabeça (1Sm 10:1). Em Israel, era comum usar óleo para fins alimentícios, medicinais e cosméticos. Ao ser empregado para ungir sacerdotes, profetas

ou reis num contexto religioso ou político, porém, o óleo indicava que a pessoa estava sendo separada para uma função ou ofício específicos. O indivíduo em questão passava a ser chamado, portanto, de “o Ungido”, designação que pode ser traduzida literalmente por “o Messias”.

O Ungido não permanece no governo por seu próprio poder. O salmista o descreve como “seu Ungido”, isto é, do Senhor. O rei terreno governava em nome e sob a supervisão do verdadeiro Rei divino. As ameaças ao rei ungido descendente de Davi eram consideradas oposição ao governo do Senhor. Não obstante, as nações sujeitas a esse governo desejavam libertar-se; daí ouvirmos os conspiradores falar de romper *seus laços* e lançar fora *suas algemas* (2:3).

Conspirações contra Deus não são exclusividade do AT. No NT, Herodes e Pôncio Pilatos conspiraram juntos contra Jesus, o Ungido do Senhor. Ainda hoje, poderes malignos se opõem à vontade de Deus e à proclamação do evangelho.

### 2:4-6 Riso divino

Conspirações políticas e oposição religiosa podem levar alguns cristãos ao desespero. Por isso, precisamos atentar nos próximos versículos desse salmo, nos quais o Senhor dá sua resposta final a todas as conspirações. Os conspiradores podem ser “reis da terra” cheios de arrogância, mas Aquele a quem se opõem *habita nos céus* (2:4). Está assentado tranquilamente em seu trono, enquanto os adversários correm de um lado para o outro. O Senhor *ri-se* e *zomba* desses conspiradores insignificantes.

Diante da rebelião, o Rei celestial se pronuncia em favor de seu representante. Essa intervenção provoca terror em seus adversários (2:5). Sua oposição ao novo rei terreno é retratada claramente como oposição ao Rei celestial que está por trás do que acontece na terra.

Deus lembra aos conspiradores que ele é o mestre de cerimônias. Foi ele quem escolheu e deu posse ao novo rei *sobre o meu santo monte Sião* (2:6). Sião era um dos montes sobre os quais Jerusalém se encontrava e, provavelmente, o local do palácio e do templo.

Convém lembrarmos que, não obstante os acontecimentos ao nosso redor, Deus está no controle. Nenhuma conspiração pode impedir o cumprimento de sua vontade. Herodes e Pilatos foram testemunhas desse fato quando aquele a quem mataram ressuscitou dentre os mortos para viver eternamente. Um dia, todos os que se opõem ao Senhor verão sua vitória e perceberão que sua oposição foi inútil.

### 2:7-9 A proclamação do rei

O rei davídico só fala depois das palavras de afirmação do Rei celestial. Certo do apoio de Deus, anuncia um *decreto* publicado no céu pelo tribunal divino naquele dia (2:7). O advérbio *hoje* se refere ao dia da coroação, no qual o decreto é lido e proclamado. Desse dia em diante, o rei se torna *Filho* de Deus. A princípio, Deus conferiu esse título

à nação de Israel como um todo (Dt 1:31). Posteriormente, contudo, o prometeu de forma específica aos reis da linhagem de Davi (2Sm 7:14; 1Cr 17:13).

No antigo Oriente Médio e entre vários povos de toda a África, os reis são considerados divindades. Para o povo ioruba da Nigéria, por exemplo, os reis eram descendentes dos deuses e atuavam como seus representantes. Mas não é a esse conceito que a Bíblia se refere quando chama o rei israelita de filho de Deus. Ele continua sendo considerado um ser humano, mas atua como representante do Rei celestial.

No NT, as palavras *Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei* são citadas por Paulo em seu sermão em Antioquia da Pisídia (At 13:33) e pelo escritor da epístola aos Hebreus (Hb 1:5). A filiação divina de Jesus, como a do rei, não diz respeito ao nascimento biológico. Nem o rei nem Jesus devem ser considerados literalmente descendentes de Deus. São “filhos” no sentido de que se encontram num relacionamento especial com Deus. Enquanto a relação do rei com Deus era de um ser humano com seu Criador, Jesus e o Pai compartilham da mesma natureza, e Jesus se tornou Filho de Deus de forma voluntária ao se sujeitar ao Pai (Fp 2:6-7).

A adoção do rei israelita como filho de Deus acarretava diversas consequências. Deus lhe concedia domínio e direito de governar sobre as nações (2:8). É extremamente significativo, portanto, que a mensagem transmitida ao rei em 2:7 seja idêntica àquela que Jesus ouviu em seu batismo (Mc 1:11; Lc 3:22).

A descrição do rei que governa sobre as nações *com vara de ferro* e as despedaça *como um vaso de oleiro* (2:9) pode referir-se a um ritual realizado como parte da cerimônia de coroação. O novo rei provavelmente recebia uma imagem ou vaso de barro com o nome de governantes, nações e povos inimigos e o despedaçava para simbolizar sua vitória sobre seus adversários. João cita esse versículo várias vezes em Apocalipse. Em duas ocasiões, ele é usado para referir-se à vitória do Senhor (Ap 12:5; 19:15). Em outra citação, diz respeito à vitória dos cristãos ou da igreja sobre seus inimigos (Ap 2:27). Jesus recebeu seu povo como herança, e aqueles que confessam seu senhorio participam de seu reinado.

### 2:10-12 Exortação para se sujeitar

Os últimos versículos do salmo são dirigidos aos governantes da terra mencionados em 2:1. Nações, povos, reis e autoridades que conspiram em 2:1-2 são convidados a aceitar a única proposta que lhes resta: sujeitar-se voluntariamente ao Ungido, o filho do Senhor. Não há alternativa. Eles devem escolher esse rumo se desejam ser *prudentes* e permanecer em segurança (2:10). Servir ao Senhor *com temor* significa sujeitar-se ao rei recém-nomeado.

Assim como a rebelião contra o rei terreno corresponde à insubmissão ao rei divino, também a submissão ao rei terreno simbolizada pelo gesto de beijar suas mãos e pés

equivale à submissão ao Rei celestial (2:12a). Quem não aceitar o governo de Deus por meio de seu filho atrairá destruição sobre si.

O salmo não termina, porém, em tom sombrio, pois o Rei celestial não é um tirano. Encerra-se em tom de bênção: *Bem-aventurados todos os que nele se refugiam* (2:12b). As palavras benevolentes continuam sendo válidas em nosso tempo, e hoje é o dia de aceitar essa graça. Quem aceitar voluntariamente o governo de Jesus será abençoado. Por outro lado, quem rejeitar seu senhorio será castigado um dia por tal arrogância.

O salmo 2 tranquiliza aqueles que depositam sua confiança no Senhor. Apesar da oposição, a vontade do Senhor se cumprirá. As palavras de Jesus a Pedro ainda valem para a presente geração: "... edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16:18). Mas o salmo 2 também é uma advertência àqueles que rejeitam o senhorio de Jesus Cristo. Estamos vivendo no tempo da graça. Um dia, o governante da terra trará julgamento sobre quem não reconhecer seu Filho e representante.

### Salmo 3: Confiança diante do perigo

Os salmos 1 e 2 são introduções ao livro de Salmos como um todo. Pode-se dizer, portanto, que o salmo 3 é o primeiro salmo independente. Não obstante, apresenta uma ligação estreita com o capítulo imediatamente anterior. O salmo 2 termina com a asserção confiante: *Bem-aventurados todos os que nele se refugiam*. O salmo 3 mostra o que isso significa na prática, pois Davi se refugia em Deus num momento de grande perigo, "quando fugia de Absalão, seu filho" (2Sm 13—18). Esse é o primeiro de treze salmos associados a acontecimentos específicos da vida de Davi.

Muitos cristãos africanos vivem com medo do futuro, de inimigos visíveis ou invisíveis, ou de guerras repentinas. O salmo 3 nos incentiva a confiar em Deus, cuja proteção não falhará.

#### 3:1-2 Desvantagem esmagadora

O salmo 3 começa com um clamor: *SENHOR, como tem crescido o número de meus adversários!* (3:1), que também pode ser traduzido por: "SENHOR, muitos são os meus adversários!" (NVI). O termo "muitos" aparece na linha seguinte que é paralela e, mais uma vez, em 3:2a. O salmista sabe que seus adversários são em número muito maior. É possível que se trate de uma referência aos partidários de Absalão, mas, por ser uma expressão geral, pode ser usada em várias situações.

A presença de inúmeras imagens militares no salmo sugere que o salmista tem em mente uma situação em que soldados inimigos se reúnem para a batalha e o cercam por todos os lados. No antigo Oriente Médio, acreditava-se que os deuses desempenhavam um papel importante nas guerras e favoreciam um dos lados. Para escarnecer do salmista, portanto, os inimigos lhe dizem que Deus o

abandonou (3:2b). Suas palavras trazem à memória a fala de Simeí: "Fora daqui, fora, homem de sangue, homem de Belial; o SENHOR te deu, agora, a paga de todo o sangue da casa de Saul, cujo reino usurpaste; o SENHOR já o entregou nas mãos de teu filho Absalão" (2Sm 16:7-8).

O termo *selah* que aparece em algumas versões no final do versículo 2 e mais duas vezes nesse salmo, é difícil de traduzir. A NVI traz "pausa", a RC translitera como "Selá", e a RA omite o termo. Parece ser uma instrução para mudar o acompanhamento musical ao entoar esse cântico. Para nós, representa a oportunidade de refletir sobre semelhanças entre as dificuldades de Davi e aquelas que enfrentamos nos dias de hoje.

#### 3:3-6 Confiança em Deus

Quer tenhamos o ataque espiritual de um feiticeiro, quer o ataque físico de inimigos humanos, precisamos deixar de focalizar o inimigo e voltar nossos olhos para Deus. O ponto crítico desse salmo, o momento em que o salmista passa da queixa à confiança, é marcado pela conjunção *porém* no início de 3:3. Ele lembra que Deus o protegerá da mesma forma que o escudo protege o guerreiro no campo de batalha. Mas, enquanto o escudo comum protege apenas parte do corpo, Deus é um escudo singular que envolve todo o salmista, fato que nos traz à memória a imagem de Deus como refúgio em 2:12. Com esse escudo, o salmista não precisa temer as hostes inimigas.

Em seguida, Davi trata da zombaria daqueles que lhe dizem que Deus o abandonou. Afirma que, muito pelo contrário, Deus lhe dá glória e exalta sua cabeça. Ele não curvará sua cabeça diante dos inimigos em sinal de humilhação, mas a manterá erguida em postura de vitória (cf. 27:6; Gn 40:13).

Como Eliseu quando confortou seu servo aterrorizado, o salmista sabe: "Mais são os que estão conosco do que os que estão com eles" (2Rs 6:16). Nessa ocasião, o Senhor livrou o profeta e seu servo dos soldados e carros enviados para capturá-los.

Deus é nosso protetor, mas precisamos pedir sua ajuda. Ele *responde* à oração de quem clama a ele por socorro (3:4). A resposta vem do *santo monte* de Deus, o monte Sião, o local do templo e onde Deus estabeleceu o rei em 2:6. A oração continua sendo uma arma eficaz quando lutamos contra o Maligno (Ef 6:18). Muitos podem dar testemunho de livramento por meio da oração em nome de Jesus Cristo.

O resultado dessa confiança em Deus é expresso em termos bastante práticos e pessoais. A RA não transmite a ênfase do hebraico, que pode ser mais bem traduzida por: "Quanto a mim, *deito-me e pego no sono*" (3:5). Quando estamos com medo, não conseguimos dormir. Não são poucos os que tomam remédios para conciliar o sono todas as noites. Outros passam horas acordados com medo dos espíritos malignos que vagam pela escuridão. O simples fato

de ver um gato preto pode ser suficiente para fazer alguns perder o sono. A noite parece ampliar os medos.

Agora que o salmista recuperou sua confiança em Deus, porém, pode deitar-se e adormecer rapidamente. Não precisa preocupar-se, pois sabe que Deus cuida dele. Apesar de ainda se encontrar cercado de inimigos, seu coração e sua mente estão em paz (3:6).

### 3:7-8 Clamor por intervenção divina

Por fim, o salmista clama pela intervenção de Deus. Suas palavras *Levanta-te, SENHOR!* remetem aos dias em que o povo levava para as batalhas a arca da aliança, o símbolo da presença de Deus (3:7a; Nm 10:35). Agora é hora de Deus agir.

Os termos que o salmista usa para apresentar a vitória do Senhor humilham seus adversários ao extremo. Ele pede que Deus os fira *nos queixos* e quebre seus dentes (3:7b). Depois desse golpe, não poderão mais usar a boca para falar contra o salmista (3:2).

Fica evidente que o livramento é obra de Deus, e o salmista está tão certo disso que termina o salmo não com um clamor por libertação, mas com uma bênção (3:8). O perigo já passou, de modo que não precisa mais continuar orando a esse respeito.

Na vida cristã, passamos por fases difíceis em várias áreas, incluindo finanças, família, igreja e profissão. O salmo 3 nos lembra que Deus está sempre presente para nos ajudar a ser vitoriosos. Nas palavras do apóstolo João: “Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1Jo 4:4).

### Salmo 4: A fonte do bem

O salmo 4 é o primeiro que fornece algum detalhe acerca do instrumento musical para acompanhamento. Ao entoá-lo, os fiéis devem ser acompanhados de *instrumentos de cordas*.

Assim como o salmo 3, é atribuído a Davi, apesar de não ser associado a nenhum acontecimento específico de sua vida. Também é um lamento no qual um indivíduo clama a Deus por ajuda e compara noites insones com noites tranquilas. Mas, enquanto no salmo 3 o salmista parece temer um ataque físico, no salmo 4 ele se aflige com as mentiras espalhadas a seu respeito.

A pergunta central é: *Quem nos dará a conhecer o bem?* (4:6). A mesma questão atormenta muitos cristãos africanos. A pobreza e todas as suas consequências criam em nós forte desejo de experimentar uma vida boa. Nossa tendência é associá-la à vida no Ocidente, e muitos estão dispostos a arriscar a vida na tentativa de chegar à Europa ou aos Estados Unidos. Mas será que estamos procurando o bem nos lugares certos? O salmo 4 garante que só podemos encontrá-lo em Deus.

O salmo pode ser dividido em três partes, cada uma dirigida a um público diferente.

### 4:1 Clamor a Deus

O salmo começa com um clamor a Deus: *Responde-me quando clamo [...]; na angústia, me tens aliviado* (4:1). Não sabemos a causa dessa angústia. O fato de o salmista dirigir sua súplica ao *Deus da minha justiça* sugere que ele sente a necessidade de afirmar que é reto diante de Deus. Em geral, as pessoas só defendem sua retidão quando são acusadas de cometer alguma injustiça ou crime, como parece ser o caso do salmista. Ele sabe que é inocente e pede confiantemente que Deus responda à sua oração.

A situação do salmista é semelhante à de muitas mulheres e homens africanos que são tratados de forma injusta. Alguns foram presos, outros perderam privilégios aos quais tinham direito. A justiça parece inalcançável, pois muitos funcionários nos tribunais são corruptos. Até mesmo dentro da igreja, não é raro a justiça ser distorcida por questões de posição social, origens ou relacionamentos. Deus é o único a quem os sofredores podem apelar.

### 4:2-5 Repreensão dos escarnecedores

Numa inversão, o salmista repreende os escarnecedores que o acusam. Eles mancharam sua *glória*, ou seja, sua reputação (4:2a). A questão é séria, pois, como a literatura sapiencial de Israel indica, uma boa reputação vale mais do que riquezas ou perfumes caríssimos (Pv 22:1; Ec 7:1). Deus também preza nossa reputação, bem como a veracidade, pois o nono dos Dez Mandamentos instrui: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êx 20:16). Precisamos atentar naquilo que dizemos a fim de não prejudicar a reputação de outros.

Não há nenhuma indicação da natureza das acusações falsas. Temos a impressão, contudo, de que o insulto aparentemente pessoal é, na realidade, de cunho religioso e envolve a adoração a falsos deuses (4:2b). Enganados por esses falsos deuses, os escarnecedores se recusam a reconhecer a integridade do salmista e zombam dele e do Deus a quem ele adora.

O salmista sabe que o Deus justo é o único capaz de restaurar sua honra. Está certo de que Deus o fará, pois se considera *piadoso*, ou seja, alguém que experimentou a fidelidade do amor de Deus. O Senhor respondeu às suas orações no passado, de modo que ele pode afirmar com convicção: *O SENHOR me ouviu quando eu clamo por ele* (4:3). Ao contrário dos falsos deuses que não são capazes de responder a orações, o Senhor está vivo e o atende.

O salmista encerra essa seção com um convite para os escarnecedores aproveitarem o silêncio da noite a fim de refletir sobre o que estão fazendo (4:4). Se assim agirem, perceberão que pecaram e darão testemunho de sua conversão ao apresentarem *sacrifícios de justiça* e confiarem no Senhor (4:5).

### 4:6-8 Encorajamento aos fiéis

O salmista não é o único aflito. Muitos outros membros de sua comunidade se perturbam com a injustiça que os cer-

ca. Alguns começaram até a perder a confiança em Deus. Como é possível haver tanta injustiça e sofrimento no mundo sobre o qual Deus reina? Sua pergunta é: *Quem nos dará a conhecer o bem?* (4:6a).

Ao responder a essa pergunta, o salmista passa da primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural e ora: *SENHOR, levanta sobre nós a luz do teu rosto* (4:6b). Deus é a única fonte de bem verdadeiro. O mundo pode oferecer-nos bens materiais tentadores, mas não nos pode dar paz. Com Deus, no entanto, podemos experimentar ainda *mais alegria* do que os israelitas em tempos de boas colheitas com *fartura de cereal e de vinho* (4:7). Em Isaías 9:2-3, encontramos a mesma combinação de manifestação da luz de Deus e alegria do povo.

O salmo que começou com aflição termina em tom de alegria. Com o coração tranquilo, o salmista pode deitar-se e pegar no sono de imediato. Não precisa esquadriñar o coração na cama à noite (4:4) e não sofre de insônia. Pode dormir em paz, pois Deus é sua segurança (4:8). A imagem que vem à nossa mente é a de Cristo dormindo tranquilamente no barco durante uma tempestade violenta (Mc 4:38). É a esse tipo de paz que Paulo se refere quando diz: “E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Fp 4:7).

“Quem nos dará a conhecer o bem?” Quando nos vemos cercados de dificuldades e perdermos o sono, devemos fazer duas coisas. Primeiro, sondar nosso coração e ver se fomos injustos ou permitimos que nossa ira nos levasse a pecar. Proferimos palavras iradas que prejudicaram a reputação de alguém? Em caso afirmativo, devemos arrepender-nos e confessar esse pecado. Em caso negativo, devemos lembrar que nossa felicidade não depende de riquezas materiais ou circunstâncias, mas da presença de Deus, e devemos repetir esse salmo como uma oração até que nosso coração se aquiete.

### **Salmo 5: Dá ouvidos, meu Deus e Rei!**

O salmo 4 terminou com o salmista caindo em sono tranquilo, mas a manhã não demora a chegar e, mais uma vez, ele precisa encarar a presença do mal no mundo. No salmo 5, ele busca orientação, justiça e direção de Deus no início de um novo dia. Suas palavras ressaltam a importância de obedecer ao nono mandamento: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êx 20:16; Dt 5:20). Quem sofre falsas acusações que prejudicam sua reputação encontrará consolo nesse salmo. Podemos lê-lo em conjunto com os salmos 1 e 15, que apresentam várias semelhanças.

#### **5:1-3 Dá ouvidos**

O salmo começa com uma petição tripla: *Dá ouvidos [...]* *Acode [...]* *Escuta* (5:1-2a). A repetição enfatiza a seriedade da situação que o salmista enfrenta enquanto expressa sua oração em palavras, gemidos e clamor.

Ele dirige sua prece ao *Rei meu* (5:2b). Focaliza esse aspecto de Deus, pois o rei era responsável por garantir que se fizesse justiça. Volta-se, portanto, para o Rei a fim de suplicar por justiça e proteção.

Apresenta sua petição *de manhã* (5:3). Em muitas culturas da África, esse é o momento no qual aqueles que são alvo de falsas acusações ou injustiça proclamam sua inocência. Antes mesmo de lavar a boca ou escovar os dentes, proferem uma petição como esta: “Se fiz tal coisa, que teus ataques prevaleçam sobre mim, mas, se não a fiz, que teus ataques se voltem contra ti”.

A manhã é um bom momento para orar. Todo dia que se inicia apresenta um novo campo de batalha no qual o cristão enfrentará injustiça, corrupção, mentiras e tentações. Ao começar o dia em oração, pedimos que Deus nos ajude a ser vitoriosos e a esperar confiantemente por sua resposta.

#### **5:4-7 Deus, o rei justo**

O salmista está confiante, pois sabe que *tu não és Deus que se agrada com a iniquidade* (5:4a). Não se pode dizer o mesmo de todos os governantes, como atestam os clamores e lamentos de milhares de africanos que buscam justiça. A palavra “justiça” aparece em lemas de vários países da África, mas, com frequência, há grande distância entre palavras e atos. A injustiça muitas vezes começa em casa e se espalha para o lugar de trabalho e o âmbito público em geral antes de subir aos tribunais. Os cristãos que servem a um Deus justo, porém, são chamados para serem filhos da justiça numa sociedade corrupta.

Uma vez que Deus é justo, não pode aceitar os malfeitores. O mal não pode subsistir na presença do Senhor (5:4b), e os *arrogantes não permanecerão* à sua vista (5:5). A referência àqueles que não podem colocar-se diante de Deus nos faz lembrar as condições estipuladas para permanecer em sua presença no salmo 15. Essas condições estão intimamente ligadas às cinco categorias de perversidade que excluem as pessoas da presença de Deus no salmo 5: arrogância, injustiça, mentiras, violência e engano (5:6). Infelizmente, esses são os males que estão destruindo a sociedade africana.

Salmos 1:5 declara: “Os perversos não prevalecerão no juízo, nem os pecadores, na congregação dos justos”. No salmo 5, porém, o salmista pode entrar *na tua casa*, no *santo templo* de Deus, símbolo de sua presença. Sabe, porém, que esse privilégio não se deve à sua própria justiça, mas, sim, à *riqueza da [...] misericórdia* de Deus (5:7).

#### **5:8-9 Súplica por direção**

Uma vez que considera cada dia de sua vida uma jornada pelo caminho da justiça, o salmista pede que Deus o guie (5:8). Sabe que somente um Deus justo pode guiá-lo pelas veredas da retidão. Também sabe que, ao longo do dia vin-douro, deparará com indivíduos perversos, *adversários* que estão à espreita. Eles também lhe oferecerão um caminho



a percorrer, mas o salmista não deseja andar “no conselho dos ímpios” (1:1).

A forma pela qual o salmista descreve seus inimigos nos traz à memória as palavras de Tiago 3:6-12 acerca da língua e do mal que pode causar. Aqui, o salmista descreve as palavras deles como *sepulcro aberto*, pois seu conselho conduz à destruição e morte. *Não têm eles sinceridade nos seus lábios [...] e com a língua lisonjeiam* (5:9).

Infelizmente, ainda existem pessoas assim hoje. Para alguns, a habilidade de mentir se tornou um passaporte para benefícios e prestígio, e o engano é prática comum para muitos homens e mulheres de sucesso. Mas a mentira é perigosa e pode destruir uma sociedade inteira. É trágico que até mesmo alguns membros da comunidade cristã se entreguem a essa prática. A África precisa de líderes e pastores que assumam uma posição firme contra a mentira. Eles precisam lembrar aos cristãos que Jesus identificou Satanás como “mentiroso e pai da mentira” (Jo 8:44). Os cristãos precisam pedir a proteção de Deus todos os dias para resistir à tentação de seguir o exemplo de outros e ser como eles.

### 5:10 Petição contra os malfeitores

O salmista pede que Deus condene seus inimigos mentirosos. Eles merecem ser castigados, pois seu comportamento corresponde não apenas a inimizade pessoal em relação ao justo, mas a rebelião contra Deus (5:10). Deus revelará sua justiça ao destruir os inimigos e expulsá-los de sua presença e da comunidade do povo de Deus.

### 5:11-12 Petição por bênção

No início do salmo, um indivíduo expressa seu desejo por justiça. No final do salmo, porém, encontramos uma oração por todos os que amam o nome do Senhor e dependem dele. Eles podem confiar em Deus e regozijar-se em sua presença, enquanto os mentirosos são banidos. O salmo termina, portanto, com uma súplica para Deus proteger e abençoar todos os justos, e para que os justos se regozijem (5:11).

O salmista pediu a Deus que o guiasse (5:8) e protegesse (5:11). Agora, encerra declarando duas coisas das quais tem certeza absoluta: Deus abençoa os justos e os protege (5:12). Ele é um Rei justo.

### Salmo 6: Cura-me, Senhor

O salmo 6 foi escrito por alguém à beira da morte, sofrendo há tempo de uma enfermidade que afetava tanto o corpo quanto a alma. Apesar da agonia profunda, o autor se apegava à sua fé na misericórdia de Deus. Sabe que Deus controla tanto o bem quanto o mal que nos sobrevêm e, portanto, suplica por socorro e cura. Suas palavras são relevantes para nós hoje quando vemos nosso continente assolado pelo HIV/aids. Elas nos lembram que a enfermidade faz parte da vida na terra.

Infelizmente, de acordo com um tipo de teologia popular, os “verdadeiros” cristãos nunca experimentam dor, enfermidade e tristeza. Supõe-se que desfrutam boa saúde a todo tempo. Esse, porém, não é um ensinamento bíblico. Em vez de negar a enfermidade, a igreja na África precisa promover a boa saúde e lutar contra as doenças e todas as formas de dor que impedem as pessoas de viver como mulheres e homens criados à imagem de Deus.

### 6:1-4 Uma súplica por socorro

O salmista começa sua oração com uma súplica na forma negativa: *Não me repreendas na tua ira* (6:1). Para alguns leitores, essas palavras indicam que o salmista deve ter pecado e que sua enfermidade é castigo de Deus, daí o salmo ser classificado, por vezes, junto com os salmos penitenciais (32, 38, 51, 102, 130, 143), entoados tradicionalmente na Quarta-Feira de Cinzas. Em nenhuma parte do salmo, contudo, o autor pede perdão a Deus. É mais provável que esteja suplicando a Deus que não o repreenda por fazer o pedido a seguir. Abraão usou termos semelhantes ao interceder pelo povo de Sodoma e Gomorra (Gn 18:32).

A súplica negativa é seguida de outra positiva: *Tem compaixão de mim* (6:2). A situação é insuportável; ele sofre de uma enfermidade tão grave que até seus ossos estão abalados. Sua alma está profundamente perturbada diante da morte que se aproxima. Ele roga que o Senhor diga que seu sofrimento terá fim: *Mas tu, SENHOR, até quando?* (6:3), porém Deus não responde. O salmista pede, portanto: *Volta-te, SENHOR*. Não afirma ser inocente de pecados nem considera seu sofrimento imerecido, mas deposita sua confiança na misericórdia e graça de Deus (6:4).

Muitas igrejas africanas hoje oram pelos enfermos. Por vezes, essas orações ocupam até um lugar especial na liturgia e, com frequência, associam enfermidades a pecados ou espíritos malignos. Apesar de algumas enfermidades serem, de fato, consequência direta de pecado pessoal, nem sempre é o caso. Muitas doenças também decorrem da pobreza que causa desnutrição, condições inadequadas de habitação e falta de água potável.

### 6:5 Motivos para a cura

Ao ler os motivos do salmista para pedir a Deus que o cure, devemos lembrar que os fiéis do AT não possuíam uma compreensão tão clara da vida depois da morte quanto os cristãos do NT. Acreditavam que os mortos não se lembravam da vida na terra nem das obras de Deus e, portanto, não podiam louvar a Deus (6:5). O salmista pede para ser curado, portanto, não para seu próprio benefício, mas porque deseja louvar a Deus. Como cristãos, sabemos que na vida depois da morte estaremos para sempre com Cristo. Podemos concordar com o salmista, no entanto, que o louvor só surge em nosso coração quando nos lembramos dos feitos e obras de Deus.

### 6:6-7 Lamentação

Muitos africanos, especialmente os portadores de HIV/aids, podem identificar-se com a insônia, as lágrimas e o definhamento físico do salmista: *Meus olhos, de mágoa, se acham amortecidos (6:6-7a)*. Alguns foram completamente abandonados e perderam as forças.

Os problemas dos salmistas são exacerbados por seus inimigos que se regozijam com seu sofrimento (6:7b). Infelizmente, alguns passam por experiência semelhante em igrejas que enfatizam a suposta ligação entre pecado e enfermidade. Mas a igreja deve ser um lugar que acolhe as pessoas. Os enfermos precisam de compreensão, compaixão e amizade, e não de repreensão.

### 6:8-10 Confiança na salvação divina

O tom do salmo muda de forma repentina. O salmista está certo de que Deus ouviu e aceitou sua oração (6:9). O medo dos inimigos que o rondam como abutres se desvanece, e ele os manda embora: *Apartai-vos de mim (6:8)*. O salmista havia pedido anteriormente que Deus se voltasse para ele (6:4). Agora sabe que seus inimigos farão o contrário e se afastarão dele (6:10). Talvez eles ainda não se tenham retirado, mas o salmista está certo de que, em breve, serão envergonhados e *sobremodo perturbados*.

Os cristãos sabem que o inimigo supremo é a morte. Como o salmista, podemos olhar para ela também certos de sua derrota, pois, como Paulo declara: “O último inimigo a ser destruído é a morte” (1Co 15:26).

### Salmo 7: Declara-me inocente

O salmo 7 é um exemplo claro daquilo que Salomão tinha em mente quando orou: “Se alguém pecar contra o seu próximo, e lhe for exigido que jure, e ele vier a jurar diante do teu altar, nesta casa, ouve tu nos céus, e age, e julga teus servos, condenando o perverso, fazendo recair o seu proceder sobre a sua cabeça e justificando ao justo, para lhe retribuíres segundo a sua justiça” (1Rs 8:31-32). O salmo contém a oração de alguém que foi acusado falsamente e não pode provar sua inocência num tribunal terreno. Apela, portanto, para o tribunal divino, onde Javé (o Senhor) governa como justo juiz.

O salmo oferece encorajamento para as vítimas de acusações falsas, pois declara que Deus estabelecerá a justiça. Também é relevante para a igreja na África e nos lembra o papel que ela deve desempenhar na promoção da justiça. Não é raro a justiça ser corrompida em nosso continente. Os culpados pagam subornos ou usam sua posição social para escapar do castigo. Mas Deus é um juiz incorruptível, e a igreja deve incentivar todos os juizes a tomá-lo como exemplo.

### 7:1-2 Súplica a Deus

Esse salmo é atribuído a Davi. A Bíblia não indica a situação histórica à qual o título se refere, mas podemos obter algum esclarecimento na descrição de Cuxe como benjamita.

Ele pertencia à mesma tribo de Saul, o rei de Israel morto em combate. A princípio, os benjamitas se mostraram hostis a Davi e se opuseram ao seu reinado (2Sm 16:5).

O salmista começa com um pedido urgente por socorro a Deus, a quem ele chama de *SENHOR, Deus meu (7:1)*, designação que expressa intimidade, proximidade e confiança. O autor necessita desesperadamente refugiar-se no Senhor e se coloca em suas mãos, invocando sua proteção.

A súplica por proteção é urgente porque o salmista está sendo perseguido por seus inimigos. Eles são ferozes e perigosos como leões, e, a menos que Deus intervenha, o destino do suplicante será tão desagradável quanto o da presa do leão (7:2). Sua vida corre perigo em decorrência de falsas acusações.

### 7:3-5 Juramento de inocência

O salmista sofre perseguição em decorrência de falsas acusações de ter feito algo errado, daí sua negação de ter *nas mãos iniquidade (7:3)*. O texto não fornece detalhes sobre a acusação.

Impossibilitado de provar que é inocente, o salmista vale-se de um juramento de inocência (7:4-5). Juramentos desse tipo não são incomuns na cultura africana. Em geral, são feitos logo cedo e proclamados em alta voz para que todos possam ouvir. A pessoa que faz o juramento se declara inocente das acusações feitas contra ela e pronuncia uma maldição sobre si mesma se não estiver dizendo a verdade. Uma vez que está certo de sua inocência, o salmista não teme as consequências da maldição em 7:5, que são exatamente o oposto daquilo que ele pediu em 7:1-2.

Quem faz um juramento de inocência não declara que jamais pecou, mas nega acusações específicas. O salmista se entrega à justiça de Deus.

### 7:6-10 Súplica ao justo Juiz

Depois de proclamar sua inocência, o salmista apela para Deus, o justo Juiz. Usa expressões que lembram o modo pelo qual os israelitas se dirigiam ao Senhor quando levavam a arca da aliança adiante de si na batalha: *Levanta-te [...] desperta (7:6; cp. Nm 10:35)*. No contexto desse salmo, a arca provavelmente era considerada o trono no qual Deus se assentava como juiz e governante do mundo. Em 7:7, vemos o povo reunindo-se em um lugar público para ouvir o juiz pronunciar o veredicto.

O salmista espera confiantemente o veredicto pronunciado pelo *justo Deus*. Pede para ser julgado de acordo com sua própria *retidão* e [...] *integridade (7:8-9)*. Não afirma que sempre demonstra essas qualidades nem que jamais pecou; antes, declara que não cometeu os pecados dos quais seus inimigos o acusam. O justo Juiz condenará os inimigos, pois conhece os segredos da *mente* e do *coração* de todos. Nada lhe é oculto.

Deus dará cabo das iniquidades dos adversários e salvará os justos. O salmista vê o Senhor não apenas como



um refúgio onde pode esconder-se (7:1), mas também como aquele que age energeticamente em sua defesa ao se tornar seu *escudo* (7:10). Podemos confiar em que Deus protegerá o inocente.

### 7:11-16 O destino do inimigo

Como justo juiz, Deus não apenas absolverá os inocentes, mas também castigará aqueles que levantam falsas acusações (7:11). Na verdade, Deus se preparará para guerrear contra eles (7:12-13). Mas o Juiz não precisará usar suas armas, pois as armas dos malfetores se voltarão contra eles. Agiram como caçadores e cavaram um buraco para pegar o salmista como se fosse um animal selvagem, mas cairão na armadilha que eles próprios prepararam (7:15)! O salmista muda de metáfora e diz que os inimigos tentaram dar à luz o mal, mas foram frustrados (7:14). Conseguiram apenas prejudicar a si mesmos (7:16).

### 7:17 Louvor ao Senhor

A situação muda radicalmente do início para o final do salmo. O salmista começou com um lamento, mas ao concluir percebe que a justiça do Senhor sobrepujará a perversidade dos inimigos. Declara: *Renderei graças ao SENHOR* (7:17). O uso do tempo futuro pode indicar que a resolução definitiva dos problemas do salmista ainda está para acontecer. Ele tem certeza, contudo, de que Deus agirá, os acusados serão declarados inocentes e os inimigos serão sentenciados. Não causa surpresa sua convicção de que cantará *louvores ao nome do SENHOR Altíssimo*.

Como o salmista, todos os que estão curvados sob o jugo de falsas acusações devem entregar sua causa ao Juiz justo e incorruptível, que providenciará para que “o cetro dos ímpios não [permaneça] sobre a sorte dos justos” (125:3).

## Salmo 8: Louvores ao Criador

O salmo 8 é o primeiro cântico de louvor de Salmos. Começa e termina com as mesmas palavras e, entre esses dois pontos, celebra Deus como Criador e nos lembra da posição privilegiada que ele concedeu aos seres humanos.

### 8:1-2 O majestoso nome de Deus

O salmista inicia seu cântico informando o tema do louvor.

Na tradução, ele parece repetir-se ao dizer: *Ó SENHOR, Senhor nosso* (8:1a), mas o original hebraico emprega duas palavras diferentes: *Javé* e *Adonai*. “Javé” é a forma hebraica do nome pessoal do Deus de Israel, o nome que ele revelou a Moisés em Êxodo 3:14. “Adonai” significa “Senhor”, título que reconhece a posição de autoridade de Deus.

Depois de usar duas designações para o Senhor, o salmista fala do *nome* de Deus (8:1b). Na África, considera-se por vezes que o nome próprio reflete algo muito importante sobre seu portador, um conceito presente também no antigo Israel. O nome de uma pessoa não era apenas uma forma útil de se referir a ela; antes, estava intimamente associado

à sua identidade. Um exemplo é o terceiro mandamento: “Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Êx 20:7; Dt 5:11). Insultar o nome de Deus correspondia a insultar o próprio Deus. Ao dizer, portanto, que o nome de Deus é *magnífico em toda a terra*, o salmista está afirmando que a grandeza de Deus inspira reverência universal.

Diante de tal majestade, ninguém pode permanecer calado. Até mesmo os *pequeninos*, as *crianças*, os fracos, louvam ao Senhor (8:2a). A referência ao louvor oferecido pelas crianças não tem paralelo no AT. Quando, porém, as crianças louvaram a Jesus, ele citou esse versículo para aqueles que o criticaram por aceitar o louvor (Mt 21:16). Jesus calou seus adversários, os principais sacerdotes e mestres da lei com essas palavras, conforme predito em 8:2b.

Hoje em dia, a igreja na África tem experimentado uma nova dimensão no louvor a Deus. Muitas igrejas, senão todas, separam um tempo específico para louvar durante os cultos. Trata-se de algo positivo, desde que o louvor sirva para nos lembrar da grandeza do Senhor, seu poder ao criar o mundo e sua misericórdia ao nos salvar. Não devemos cantar e dançar apenas para o nosso próprio prazer.

### 8:3-9 A grandeza de Deus na criação

O salmista começa esse salmo como se estivesse falando à comunidade e se dirige a Deus como “Senhor nosso” (8:1). Quando se assenta ao ar livre à noite e observa as miríades de estrelas, porém, deixa de falar em nome de outros e louva a Deus pessoalmente: *Quando contemplo* (8:3). Ele considera *os céus [...] a lua e as estrelas* obra das mãos do Senhor que leva suas impressões digitais.

A vastidão do céu acima do salmista o faz lembrar de quão pequeno e insignificante ele é e do minúsculo valor dos seres humanos em comparação com os céus e a terra ao seu redor (8:4). Ao mesmo tempo, contudo, ele tem consciência do lugar e da função singular dos seres humanos na criação. O Deus poderoso e majestoso que criou o universo não nos despreza. Somos insignificantes em nós mesmos, mas Deus nos honrou com um lugar especial na criação e nos colocou numa posição inferior apenas a ele próprio (8:5). Em termos hierárquicos, poderíamos dizer que os seres humanos ocupam o segundo lugar na criação! Em decorrência dessa posição elevada, receberam uma coroa de glória e de honra. Seu domínio sobre a criação fica evidente em 8:6, em que se diz que o próprio Deus os nomeou governantes. A nomeação é mencionada em Gênesis 1:26, em que Deus declara: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”. As palavras *Sob seus pés tudo lhe puseste* enfatizam o domínio da humanidade sobre o restante da criação.

## O CRISTÃO E O MEIO AMBIENTE

Embora a Bíblia não use a expressão “meio ambiente”, encontramos nela importantes considerações sobre a criação. Ela nos diz que Deus fez todas as coisas que existem (Gn 1) e que as fez para si (Cl 1:16). Ele se alegra com a beleza da criação da mesma forma que o artista se alegra ao terminar sua obra-prima (Gn 1:31; Sl 104:31; Mt 6:28-30).

A criação também adora ao Criador (Sl 148; Ap 5:13-14) e revela sua glória aos povos de todas as culturas e línguas (Sl 19:1-4). A vastidão e a organização do universo professam sua glória e poder (Is 40:25-26), bem como a complexidade dos átomos e as formas de vida microscópicas. A glória de Deus também é mostrada pelo seu amor e carinho para com a criação (Sl 104; Mt 6:26).

A criação de Deus satisfaz todas as necessidades humanas, até mesmo necessidades materiais de comida, abrigo, remédios e vestimenta (Gn 1:29-30; 3:7,21), nossa necessidade estética por beleza (Gn 2:8-9) e nossa necessidade de estimulação intelectual (Gn 2:19). O estudo da criação supre nosso desejo de conhecimento e nos dá a solução para problemas práticos, como a fome e a doença. Salomão, o grande sábio, também estudava a natureza (1Rs 4:29-33; Pv 6:6-8).

O mundo natural é importante para Deus. Ele protegeu a vida animal quando enviou o dilúvio e firmou uma aliança não somente com Noé, mas com “todos os seres vivos” (Gn 9:8-17). A redenção final que aguardamos não é somente para humanos, mas para toda a criação (Rm 8:18). A criação necessita dessa redenção porque também foi prejudicada pelo pecado humano (Gn 3:7).

Deus ordenou que os humanos cuidassem de sua preciosa criação e a protegessem (Gn 1:28; 2:15). Assim, os crentes não podem ignorar o que acontece hoje. Três fatores estão prejudicando particularmente a criação de Deus: crescimento populacional acelerado, especialmente nos países do Terceiro Mundo (a população da África mais que duplicou entre 1972 e 2000); enorme aumento no consumo de recursos, especialmente pelos países ricos; uso de tecnologias poluidoras. Esses fatores afetam nossa vida e o meio ambiente de diversas maneiras:

- *Uso exploratório da terra.* À medida que a população cresce, a terra tem de ser usada para cultivo do solo e criação de gado com mais intensidade. Em áreas mais secas, isso resulta em perda de fertilidade e na erosão do solo, reduzindo as colheitas e o gado e aumentando a pobreza. O excesso de pastagem pode

transformar a terra em deserto, como aconteceu na região de Sahel.

- *Desmatamento.* Cortar árvores e vender a madeira ou devastar uma área para o cultivo resulta na extinção de muitas plantas e animais. Também perdemos a lenha, as plantas medicinais e outros produtos que vêm da floresta. Sem as árvores e outras vegetações, as chuvas escoam mais rápido pela terra, provocando enchentes devastadoras.
- *Poluição da água.* O crescimento da população reduziu a quantidade de água disponível por pessoa e aumentou a poluição da água potável. Mais de cinco milhões de pessoas morrem por ano em razão das doenças causadas pelo consumo de água não tratada. Quando a água da chuva carrega fertilizantes e pesticidas das fazendas para os lagos e rios, os peixes e outras criaturas podem morrer.
- *Perda de espécies.* Deus criou um mundo com grande variedade. As atividades humanas que destroem habitats ou exploram exageradamente os recursos naturais podem resultar na extinção de vários animais e plantas. Quando isso acontece, perdemos plantas selvagens, animais e micro-organismos que são importantes para o desenvolvimento de novas variedades de animais, plantações e remédios.
- *Redução na população de peixes.* A pesca proporciona alimento e é um modo de vida para milhões de pessoas. Todavia, a poluição, a pesca predatória e o uso de métodos que prejudicam o habitat dos peixes ou perturbam os padrões de reprodução reduzem o número de peixes no mar, levando muita gente à pobreza.
- *Mudanças climáticas.* Grandes quantidades de carvão, óleo, madeira e gás estão sendo queimadas, fazendo que a atmosfera terrestre se altere e causando mudanças no clima do planeta. Como resultado, algumas populações sofrem com furacões e enchentes devastadores, enquanto outras são vítimas de terríveis secas. Algumas espécies de plantas e animais serão extintos, e a malária e outras doenças se espalharão mais amplamente.
- *Perda da camada protetora da Terra.* Algumas substâncias químicas que usamos estão danificando a camada de ozônio na atmosfera, a qual nos protege de efeitos prejudiciais da luz solar, chamada radiação ultravioleta. Quanto mais raios perigosos atingirem a Terra, maior será a incidência de câncer de pele e de catarata, doença que causa cegueira.
- *Poluição química.* Algumas substâncias químicas usadas em pesticidas (como o DDT e a dieldrina) e em processos industriais têm efeitos nocivos de longa duração e podem causar câncer, deficiências congênicas e infertilidade.

Se quisermos ser obedientes a Deus e cuidar de sua criação, não devemos ignorar o que está acontecendo. Assim como Noé, devemos trabalhar para resgatar todas as criaturas do perigo da extinção — não importa se o perigo vem da poluição, das alterações no habitat, da pesca predatória, da caça ilegal ou de qualquer outra fonte. Os cristãos devem ser incentivados a cuidar adequadamente de seus campos e jardins e participar da proteção

comunitária da água potável e dos recursos agropecuários. Os cristãos devem apoiar políticas e leis nacionais e internacionais que visam a proteção do meio ambiente e o uso correto dos recursos naturais. Devemos trabalhar com pessoas como Wangari Maathai, a mulher queniana premiada com o Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho de preservação do meio ambiente africano.

George Kinoti

Na sequência, o salmista relaciona algumas das áreas nas quais a autoridade dos seres humanos sobre os elementos da criação de Deus é mais visível: a domesticação de *ovelhas e bois*, a caça de *animais do campo* (8:7) e de *aves do céu* e a pesca de *peixes do mar* (8:8). Os seres humanos receberam poder para governar sobre essas criaturas em nome do grande Criador. (A licença para governar, contudo, não é sinônimo de permissão para abusar dos recursos naturais. Devemos cuidar da criação de Deus, e não destruí-la.)

Existe uma ligação estreita entre o papel e o lugar da humanidade nesse salmo e o relato da criação dos seres humanos em Gênesis 1 e 2. O fato de termos sido criados à imagem de Deus significa que todo ser humano merece ser tratado com respeito e considerado precioso aos olhos do Senhor.

Não é de admirar que o salmista encerre da mesma forma que começou: *Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!* (8:9).

### Salmo 9: O Senhor, o justo Juiz

Os salmos 9 e 10 algumas vezes são considerados uma unidade, pois nessa seção somente o salmo 10 não é introduzido por um título. É possível, portanto, que o título do salmo 9: *Ao mestre de canto, segundo a melodia "A morte para o filho"*. Salmo de Davi, se aplique também ao salmo 10. Ademais, os dois salmos são redigidos na forma de acróstico, ou seja, a primeira letra da primeira palavra de cada versículo ou linha segue a sequência alfabética (apesar de algumas letras estarem faltando ou se encontrarem fora de sequência nesses salmos). Os acrósticos foram escritos desse modo para facilitar a memorização do salmo.

O salmo 9 é um cântico de ação de graças e, ao mesmo tempo, uma oração por socorro em meio ao perigo e à injustiça. Louvor e súplica se alternam enquanto o salmista roga ao justo Juiz que tome em suas mãos a situação dos desamparados e indefesos. O salmista provavelmente havia experimentado livramento divino no passado e agora expressa a certeza de que Deus não permitirá que os perversos triunfem sobre os aflitos.

Na África, é comum vermos pessoas explorando os necessitados e negando-lhes seus direitos. Precisamos lembrar a mensagem desse salmo. Deus não permitirá que os

ímpios prevaleçam. Sempre que oramos "venha o teu reino", pedimos que o Senhor faça justiça.

### 9:1-3 Ação de graças

O salmo 9 começa com palavras de gratidão e louvor que não são apenas articuladas pela boca, mas nascem do *coração* do salmista (9:1a). Trata-se de uma distinção importante no AT, pois, como o profeta Isaías observou, Deus rejeita quem "se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29:13).

Uma das maneiras de louvar a Deus consiste em relatar seus feitos maravilhosos. Esse salmo parece ter sido escrito em resposta a um ato específico de livramento, mas o salmista não restringe o louvor a esse acontecimento. Antes, promete falar de *todas as tuas maravilhas* (9:1b).

Deus é honrado nesse salmo com o nome *Altíssimo* (9:2), título que indica sua posição acima de todos os outros deuses. O mesmo título é usado quatro vezes para o Deus de Abraão em Gênesis 14, quando Abraão se encontra com Melquisedeque depois de derrotar os inimigos. Aqui, o salmista também louva a Deus pela vitória sobre seus adversários (9:3).

### 9:4-10 O Senhor, nosso Rei

O salmista descreve os motivos de agradecimento em mais detalhes nos versículos seguintes, nos quais apresenta o Senhor como Rei que cumpre suas responsabilidades reais.

### 9:4-8 Nosso Rei, o justo Juiz

Um dos deveres do rei de Israel consistia em assentar-se em seu trono e julgar as causas apresentadas perante ele. Os reis humanos eram, por vezes, corruptos e julgavam de forma errônea, mas Deus é um rei confiável, pois sempre julga *retamente* (9:4). Quando o salmista apresentou sua causa diante de Deus, recebeu um parecer favorável, e o Senhor repreendeu seus adversários (9:5). O castigo foi tão severo que até o nome deles foi apagado a fim de que, em vez de serem honrados por seus descendentes, fossem esquecidos (9:6). Amaleque, um dos inimigos de Israel na Antiguidade, recebeu o mesmo castigo (Êx 17:14; Dt 25:19).

Os dois versículos paralelos (9:5 e 9:6) que descrevem como o Senhor julga a causa do salmista são seguidos de

outro par (9:7 e 9:8), que apresenta o Senhor como Rei que *permanece no seu trono eternamente* (9:7). Ele não apenas é o Rei de Israel, seu povo da aliança, mas também dos *povos* (9:8), ou seja, das nações que não fazem parte da aliança. Seu reinado eterno contrasta com o destino das nações ímpias cujas cidades foram erradicadas e desapareceram da memória humana.

A certeza do julgamento justo que Deus executará serve de consolo para quem está sofrendo injustiças. O Senhor intervirá a fim de acabar com todas as manifestações de iniquidade.

#### 9:9-10 Nosso Rei, nosso refúgio

Além de julgar, o rei também devia proteger o povo. Esse é o papel do Senhor representado como abrigo, *refúgio* e “torre segura” (NVI) para os que são perseguidos pelos ímpios (9:9). O conceito é semelhante ao de Provérbios 18:10: “Torre forte é o nome do SENHOR, à qual o justo se acolhe e está seguro”.

Nem sempre as coisas são fáceis para o povo de Deus. Podemos sofrer opressão, nossos inimigos podem tratar-nos injustamente ou podemos não saber onde buscar ajuda. Em circunstâncias como essas, a única maneira de encontrar paz e vitória é crer no nome do Senhor. Ele proverá paz, tranquilidade e consolo e jamais abandonará aqueles que nele confiam (9:10).

#### 9:11-14 Um apelo e uma súplica

A lembrança de que Deus é um governante justo e protetor leva o salmista a proferir um apelo às pessoas ao seu redor e uma súplica a Deus.

#### 9:11-12 Apelo para louvar

Em 9:1, o salmista prometeu relatar a outros as maravilhas que Deus havia operado. Depois de cumprir a promessa em seus louvores a Deus em 9:4-10, faz um apelo para outros se juntarem a ele e cantarem louvores *ao SENHOR, que habita em Sião* (9:11). O monte Sião era o local do templo em Jerusalém. O templo era o trono de Deus na terra, e a arca da aliança, abrigada dentro do santuário, representava a presença de Deus com seu povo.

Deus, porém, é louvado não como rei inerte que se assenta no trono e não faz nada, mas como vingador de sangue responsável por castigar aqueles que tiram a vida dos inocentes (9:12). O Senhor assumiu essa função pela primeira vez quando Caim matou Abel, seu irmão inocente. Deus interrogou Caim: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra a mim” (Gn 4:10) e o sentenciou.

Hoje em dia, muitos inocentes morrem na África em decorrência de guerras e injustiças. Os responsáveis por essas mortes precisam se lembrar do quinto mandamento: “Não matarás” (Êx 20:13; Dt 5:17) e do fato de que Deus vingará essas mortes.

#### 9:13-14 Súplica por socorro

Deus livrou seu povo e o salmista no passado, mas não os poupou de todo o perigo no presente, daí o salmista voltar a suplicar ao Senhor por livramento. Ele pede a Deus que seja testemunha ocular da perseguição que está sofrendo e o lembra de que está aproximando-se rapidamente das *portas da morte* (9:13). Para os hebreus, a morte representava o fim de todas as oportunidades de louvar a Deus, de modo que o salmista roga por livramento para que possa proclamar publicamente os feitos maravilhosos do Senhor às portas de Jerusalém (chamada aqui de *filha de Sião*; 9:14).

#### 9:15-18 Dois destinos

O julgamento justo executado pelo Senhor trará calamidade sobre as *nações*, termo que, nesse caso, é sinônimo de “os perversos”, como vemos pela referência de 9:17 aos *perversos* e a *todas as nações que se esquecem de Deus*. Eles sofrerão o “efeito bumerangue” descrito em Salmos 7:15 e cairão na armadilha que prepararam para os inocentes (9:15-16). A situação se inverterá, e, em vez de os justos passarem pelas “portas da morte” (9:13), os perversos é que *serão lançados no inferno* (9:17).

O *necessitado*, porém, terá um destino bem diferente, pois *não será para sempre esquecido* (9:18). O termo “necessitado” corresponde à mesma palavra traduzida com frequência por “pobre”. Abrange mais que os desprovidos de recursos materiais. Nesse contexto, inclui todos os que não se estribam em sua própria riqueza ou poder, mas têm consciência de que devem confiar somente no Senhor. Nesse sentido, é sinônimo dos “humildes de espírito” que Jesus abençoa nas bem-aventuranças (Mt 5:3). O Senhor jamais se esquece deles. Em meio a injustiças e aflições, o povo de Deus deve manter viva essa esperança.

#### 9:19-20 O julgamento final

O salmo termina com uma súplica intensa dirigida a Deus. A convocação *Levanta-te, SENHOR* nos traz à memória o clamor proferido quando os sacerdotes levavam a arca da aliança diante do povo na marcha pelo deserto (Nm 10:35; cf. tb. Sl 7:6). O salmista insta o Senhor a agir e trazer destruição final sobre os ímpios a fim de provar que Deus, e não um simples mortal, é quem está no controle (9:19-20).

Quando as nações perceberem sua fraqueza diante de Deus, também terão maior consciência da glória e majestade do Senhor. Esse deve ser o tema de nossas orações ao pedirmos que a justiça de Deus seja estabelecida em nosso continente. Não desejamos a destruição dos perversos, mas sua conversão.

#### Salmo 10: Clamor por socorro

O salmo 10 talvez dê continuidade ao salmo 9 (cf. a introd. do Sl 9). Fica evidente que expressa um clamor semelhante por socorro. As emoções no salmo 10, contudo, mostram-se bem mais intensas, e os opressores parecem ser

principalmente membros da comunidade do salmista, e não nações estrangeiras.

O salmista parece encontrar-se em estado desesperador quando contrasta sua situação com o aparente sucesso dos ímpios. A mesma questão causa perplexidade nos autores de Jó e do salmo 73: Por que os ímpios prosperam enquanto os justos sofrem?

Muitos africanos hoje fazem a mesma pergunta ao testemunhar inversões de valores nas quais mentiras e corrupção parecem ser o caminho para o sucesso e a prosperidade. O problema se agrava se aceitarmos o evangelho da prosperidade, segundo o qual a fé em Cristo resulta numa vida sem problemas. Gostaríamos de viver em um mundo no qual altos padrões morais são garantia de sucesso e felicidade. Mas, como o salmista lembra, nem sempre é o caso.

Não obstante, ao lembrar que o Senhor é Rei e mantém um registro de todo mal, o salmo 10 é uma grande fonte de ânimo para aqueles que tentam viver de acordo com os mandamentos do Senhor, mas têm consciência da presença de ímpios ao seu redor que são extremamente bem-sucedidos.

### 10:1 Lamentação

O salmista atravessa um período de grandes dificuldades e necessita da presença de Deus. Infelizmente, tem a impressão de que Deus abriu mão do controle da situação e está distante dele, observando-o de *longe* (10:1). O salmista pergunta repetidamente *Por quê?*, enquanto se esforça para entender o motivo de Deus ter deixado seu trono e estar ausente da vida da comunidade.

### 10:2-11 O sucesso dos ímpios

O salmista tem plena consciência da arrogância e do sucesso dos ímpios. O comportamento deles é exatamente o oposto do estilo de vida que a literatura sapiencial ensina em livros como Provérbios e revela ausência total de valores na vida dos ímpios.

Essas pessoas oprimem o *pobre*, isto é, o fraco e necessitado (10:2). Não se trata de opressão acidental, mas de perseguição deliberada aos fracos com o propósito de destruí-los. Exultantes com sua aparente vitória, os ímpios se tornam tão orgulhosos que passam a afrontar Deus. Em vez de bendizer ao Senhor, louvam os gananciosos que acumulam riqueza por meios ilícitos (10:3). Não se dão ao trabalho de refletir sobre aquilo que Deus pensa de suas ações nem temem o julgamento divino (10:4).

Em vez de eliminar aqueles que o tratam desse modo, Deus permite que prosperem! Eles escarnekem da lei de Deus e permanecem impunes (10:5). Não temem inimigos humanos. O salmista e os pobres podem estar em dificuldades (10:1-2), mas o ímpio diz alegremente: *Jamais serei abalado; de geração em geração, nenhum mal me sobrevirá* (10:6).

Em 10:7-11, o salmista fornece mais detalhes sobre as palavras e os atos dos ímpios. O discurso deles é caracterizado por maldições e ameaças, e espalha desgraça e maldade (10:7). São como bandidos que assaltam aldeões inocentes, como leões à espreita de presas indefesas, e como caçadores que preparam suas redes (10:8-9). Sobrepujados por esses ataques, os fracos não têm forças para resistir (10:10). Os ímpios exultam com malignidade sobre suas vítimas e lhes garantem que *Deus se esqueceu* delas e não se interessa pelo que está acontecendo (10:11).

Não é de admirar que o salmista pergunte: “Por que, SENHOR, te conservas longe?” (10:1). Ele fica perplexo ao ver Deus permitir o sucesso daqueles que o rejeitam arrogantemente.

### 10:12-15 Súplica por intervenção divina

Apesar de sua perplexidade, o salmista não deixa de confiar em Deus. Antes, faz uma súplica urgente ao Rei justo para que ele se reafirme como Rei e Juiz. Clama, novamente: *Levanta-te, SENHOR* (a mesma súplica de 9:19). Mais uma vez, essas palavras trazem à memória a poderosa intervenção de Deus em favor do seu povo no êxodo (Nm 10:35). O salmista deseja que o Senhor aja como rei que se levanta repentinamente do trono e *ergue a mão* para ordenar que se tomem as devidas providências (10:12). Deus deve intervir pessoalmente e não mais permitir que os ímpios o desprezem (10:13).

Para declarar sua fé, o salmista contradiz os insultos dos ímpios. Eles disseram de Deus: “Virou o rosto e não verá isto nunca” (10:11), mas o salmista sabe: *Tu, porém, o tens visto, porque atentas aos trabalhos e à dor*. Os oprimidos podem colocar-se nas mãos do Senhor, pois ele é o *defensor do órfão* (10:14). Os filhos que perdiam o pai eram os membros mais desamparados da sociedade israelita. Se Deus está disposto a intervir em favor deles, certamente resgatará os oprimidos e os livrará das tramas dos ímpios.

Além de salvar os necessitados, também é necessário que Deus quebrante o *braço do perverso e do malvado*, ou seja, que acabe com a capacidade dos ímpios de oprimir os desamparados (10:15).

### 10:16-18 Certeza final

O salmo 10 começou com um clamor desesperado, mas termina com uma expressão de confiança inabalável: *O SENHOR é rei eterno* (10:16). A mesma confiança ecoa no salmo 9, que retrata Deus como um rei assentado em seu trono, de onde julga com justiça. Como Rei, o Senhor não permitirá que os inimigos (*as nações*) controlem a terra sobre a qual ele reina.

Deus talvez parecesse distante em 10:1, mas agora o salmista tem certeza de que o Senhor ouve a oração dos *humildes* e os salvará (10:17). Usará sua autoridade como Rei e justo Juiz para fazer justiça. Como em 9:19-20, o salmista nos lembra que nenhum simples mortal, *que é da*

*terra* (10:18), é capaz de resistir ao poder divino que inspira reverência e terror. Devemos temer a Deus, e não aos homens.

### **Salmo 11: O Senhor é meu refúgio**

O salmista escreve esse salmo numa época em que o aconselharam a desistir de lutar por aquilo que é certo e fugir para as montanhas. Ouvimos aqui as vozes de quem dá esse conselho e do salmista que expressa sua confiança em Deus e se recusa a aceitar admoestações nascidas do desespero. Nos dias de hoje, precisamos dar ouvidos às palavras do salmista, pois muitos valores religiosos e sociais são alvo de ataques na África. A tentação para a igreja e para o cristão é fugir, ou seja, viver em função de si mesmo. Mas essa atitude é contrária à oração de Jesus por nós: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17:15). Quando somos tentados a dizer que a situação está perdida e não há mais razão para nos empenharmos em mudá-la, ou quando somos tentados a fugir e permanecer calados diante da injustiça, precisamos lembrar, como o salmista, que Deus é verdadeiramente o nosso refúgio.

#### **11:1-3 Uma situação desesperadora**

O salmista profere as palavras iniciais de 11:1. Ele se encontra em apuros, mas buscou o socorro divino, talvez até se refugiando na casa do Senhor, o templo em Jerusalém. Não tem dúvida de que está seguro nas mãos de Deus. Nem todos, porém, compartilham dessa certeza. (É possível, ainda, que a voz à qual ele responde seja de seu próprio coração.) Não obstante a natureza das vozes, de acordo com elas o melhor a fazer para evitar o perigo é fugir *como pássaro* para a segurança dos montes. Os perversos estão preparados para atacar, com arcos retesados e flechas prestes a serem atiradas. O ataque não é explícito; eles espreitam nas sombras, prontos para assassiná-lo assim que ele aparecer (11:2). Os conselheiros que o instam a fugir ressaltam que a situação não tem remédio, pois até *os fundamentos* da vida social, os valores sobre os quais a comunidade é edificada, estão sendo *destruídos* (11:3). Não há esperança de os justos mudarem a situação; o melhor a fazer, portanto, é evitar confrontos e retirar-se para um lugar seguro.

Nosso Senhor Jesus provavelmente experimentou tentação semelhante quando o diabo sugeriu que ele fugisse da cruz (Mt 4:8-10). Como o salmista, Jesus recebeu o conselho de desistir da luta e salvar a própria pele.

#### **11:4-7 Confiança em Deus**

O salmista percebe que, nas circunstâncias presentes, fugir indicaria falta de confiança na proteção de Deus. Em vez de focalizar as maquinacões dos ímpios, portanto, ele volta toda a sua atenção para Deus e expressa plena confiança no Juiz celestial.

O salmista faz uma declaração aparentemente contraditória. Diz que Deus está em seu trono terreno no monte Sião (*no seu santo templo*) e, ao mesmo tempo, afirma: *Nos céus tem o SENHOR seu trono* (11:4). Enfatiza, desse modo, que Deus é não apenas Rei e Juiz justo dos acontecimentos na terra, mas também o Altíssimo que controla todas as coisas, inclusive os ímpios que espreitam os inocentes (11:2). De seu trono celestial, ele vê o que todos estão fazendo.

Contudo, Deus é muito mais do que uma testemunha ocular. Ele também coloca todos *à prova*. O termo hebraico traduzido por “prova” é a mesma palavra usada para se referir ao modo de o ouvires testar o metal colocando-o no fogo. Os olhos do Senhor que veem todas as coisas esquadrinham os atos dos justos e dos ímpios. Mas, enquanto a “prova” dos justos produz purificação, os ímpios e violentos são rejeitados e destruídos (11:5).

A intervenção do Senhor é retratada em termos simbólicos que trazem à memória o julgamento divino sobre Sodoma e Gomorra (Gn 19:24; Lc 17:29). Os perversos desaparecerão numa chuva de *brasas de fogo e enxofre* (11:6). *O vento abrasador* que os secará é o vento quente que vem do deserto árabe. O profeta Jeremias também menciona esse vento ao falar do julgamento de Deus sobre Israel (Jr 4:11).

O salmo termina com uma expressão suprema de confiança: *O SENHOR é justo* (11:7). A justiça faz parte da identidade de Deus, e, pelo fato de ser justo, ele ama quem pratica a justiça. Os medrosos advertiram o salmista sobre os ataques dos ímpios “contra os retos de coração” (11:2). Agora, porém, o salmo afirma que *os retos lhe contemplarão a face*, ou seja, verão a face de Deus. Ver a face de Deus significa experimentar livramento, liberdade e esperança. Também indica que a pessoa encontrou favor diante do Senhor. Fica evidente, portanto, que a decisão do salmista de se refugiar no Senhor (11:1) foi acertada.

### **Salmo 12: Não há mais piedosos**

O salmo 12 descreve a vida numa sociedade cujos alicerces foram destruídos. As mentiras predominam, e aqueles que confiam em Deus e permanecem fiéis à sua aliança são uma espécie em extinção. Uma vez que não se encontra na primeira pessoa do singular, o salmo não é um lamento individual. Antes, constitui uma expressão de tristeza de toda a comunidade dos fiéis. Profetas como Elias, Isaías, Oseias e Miqueias (1Rs 19:10; Is 59:13; Os 4:1; Mq 7:2) expressaram inquietações semelhantes.

A preocupação do salmista com o poder destrutivo das palavras faz lembrar a advertência de Tiago aos cristãos: “Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno” (Tg 3:6).



Infelizmente, a situação que esse salmo descreve não é muito diferente do que vemos na África de nossos dias. Em um país africano, por exemplo, 85% das pessoas afirmam ser cristãos, mas há corrupção por toda parte, até mesmo dentro da igreja! O povo de Deus esqueceu que é chamado a ser sal e luz numa sociedade corrupta.

### 12:1-2 Clamor angustiado

O salmista começa com uma súplica urgente por socorro e pela intervenção imediata de Deus. Apresenta os motivos pelos quais o socorro é necessário e, ao mesmo tempo, fornece sua avaliação da sociedade em que vive. Valendo-se do paralelismo tipicamente hebraico, afirma que os *piadosos* e os *fiéis* desapareceram da sociedade (12:1). Quer dizer, com isso, que quase não há em Israel quem ainda seja fiel e confie na aliança que Deus fez com seu povo. O que os justos podem fazer numa sociedade como essa (11:3)?

O salmista reforça seu pedido com um relato do tipo de comportamento que caracteriza a sociedade da época. Nos salmos anteriores, os justos sofrem ameaças físicas. Aqui, porém, o perigo é principalmente de ordem moral ou espiritual. Na falta de pessoas piedosas e fiéis em cuja palavra se pode confiar, a sociedade passou a ser controlada por mentirosos. Deus ordenou: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Dt 5:20), mas agora todos *falam com falsidade uns aos outros* (12:2). Não há mais verdade no meio do povo.

A expressão hebraica traduzida por “falsidade” descreve palavras sem significado. E onde lemos que *falam com lábios bajuladores*, o hebraico diz, literalmente, que falam “com um coração e um coração”, daí o complemento: e *oração fingido*. Várias línguas africanas possuem expressão semelhante que se refere à mentira como “falar com duas bocas”. Não se pode confiar em *lábios bajuladores*, pois, como o escritor de Provérbios nos lembra, eles conduzem à destruição (Pv 26:28; 29:5).

### 12:3-4 Súplica por intervenção divina

Depois de descrever a gravidade da situação e a ameaça que paira sobre os piedosos, o salmista pede que o Senhor intervenha: *Corte o SENHOR todos os lábios bajuladores, a língua que fala soberbamente* (12:3). Não se trata de um pedido para Deus castigar fisicamente ou destruir os ímpios, mas para dar cabo de suas mentiras. Aqueles que se vangloriam do sucesso de sua dissimulação e declaram: *Com a língua prevaleceremos*, precisam ser lembrados de que, em sua arrogância para com os fracos, também estão rejeitando a Deus, que é, de fato, seu Senhor, não obstante o que digam (12:4).

### 12:5 Garantia de Deus

Pela primeira vez nos salmos de lamentação, ouvimos Deus falar em resposta direta ao clamor do salmista. Sua oração foi ouvida; Deus intervirá. Ele vê a *opressão dos pobres* e

ouve o *gemido dos necessitados* (12:5a). De todas as suas intervenções em favor dos oprimidos no passado, a mais conhecida é o livramento de seu povo da escravidão do Egito (Êx 3:7).

O salmista ora com frequência para Deus se levantar (3:7; 7:6; 9:19; 10:12) e intervir na vida humana. Agora, Deus promete que fará exatamente isso (12:5b). Não destruirá os ímpios, mas protegerá os sofrendores, inclusive os piedosos e fiéis que estão à beira da extinção na sociedade corrupta.

### 12:6-8 Expressão de confiança

O salmista conclui com uma resposta à declaração de Deus. As palavras dos mentirosos são impuras e lisonjeiras, mas *as palavras do SENHOR são [...] puras* (12:6), comparáveis a *prata refinada*. Naquela época, a prata era um metal extremamente precioso. A prata em questão, porém, não é nem sequer o tipo comum desse metal, mas a *prata refinada em cadinho e depurada sete vezes*. Tendo em vista o número sete simbolizar perfeição, o salmista está dizendo que a palavra de Deus é semelhante à prata mais pura, refinada até se eliminar todos os vestígios de escória.

Como porta-voz de sua comunidade, o salmista expressa confiança na fidelidade de Deus à sua promessa de prover segurança e proteção (12:7). Os fiéis e piedosos continuarão a viver segundo a palavra do Senhor e não seguirão as palavras corrompidas dos ímpios. *Por todos os lugares andam os perversos e entre os filhos dos homens a vileza é exaltada* (12:8), mas, em última análise, Deus está no controle.

O salmo 12 oferece esperança e encorajamento para inúmeros cristãos fiéis na África. Muitos seguidores de Cristo se perturbam ao ver como, hoje em dia, é comum as coisas vis receberem lugar de honra. Mas fomos chamados para ser “irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo” (Fp 2:15-16). Podemos ter certeza de que Deus nos protegerá enquanto procuramos viver de forma verdadeira e honesta diante dele e dos homens.

## Salmo 13: Volta o teu rosto para mim

O salmo 13 é atribuído a Davi. Constitui uma lamentação pessoal dirigida a Deus em meio a sofrimento que se arrasta por longo tempo. O salmista depositou sua esperança em Deus, mas tem a impressão de que Deus se esqueceu dele. Encontra-se à beira da morte e ora para que o Senhor intervenha de imediato. Não há nenhuma indicação da natureza do sofrimento. O elemento agravante, porém, é a aparente ausência do Senhor.

Muitos cristãos passam por experiências semelhantes à do salmista, e até mesmo Jesus se viu numa situação parecida (Sl 22:1; Mt 27:46). Essa realidade contraria a crença amplamente difundida de que a salvação garante saúde e riqueza. O salmo também refuta a ideia de que todo sofri-



mento é resultante de pecado. O salmista não menciona arrependimento, e, no entanto, no final do salmo, vemos que sua situação mudou.

O momento de abandono de Jesus foi seguido de sua ressurreição triunfante, e o salmista também triunfa sobre seu sofrimento. Esse salmo serve, portanto, de ânimo para os cristãos que enfrentam tribulações. Confirma a declaração de Paulo de que absolutamente nada, nem “qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8:35-36,39).

### 13:1-2 Lamentação

O salmo 13 começa de forma abrupta com quatro perguntas retóricas dirigidas a Deus: *Até quando [...] Até quando [...] Até quando [...] Até quando [...]?* Durante longo tempo, o salmista espera pacientemente pela intervenção de Deus. Tem a impressão, porém, de que Deus não está respondendo. Volta-se, portanto, para ele e o chama por seu nome pessoal, Javé, traduzido aqui por *SENHOR* (13:1a). Trata-se do nome divino no contexto da aliança, revelado a Moisés quando o Senhor estava prestes a libertar seu povo da longa escravidão no Egito (Êx 3:13-14). O uso desse nome constitui, em si mesmo, uma expressão de confiança naquele a quem o salmista dirige suas perguntas.

Ao indagar se Deus o esqueceu ou está escondendo seu rosto em sinal de desprazer, o salmista fala como se Deus fosse um ser humano (13:1b). Sabia que Deus havia prometido não esquecer seu povo (Dt 4:31). Mas também sabia que essa promessa havia sido feita quando Deus estava anunciando as bênçãos decorrentes da obediência à sua aliança com Israel. O sofrimento do salmista parece levá-lo a imaginar ter sido excluído dessas bênçãos e encontrar-se sob maldição. Ao que parece, contudo, ele não tem consciência de nada que tenha feito para perder o favor de Deus, pois o salmo não traz nenhuma confissão de pecado.

A lamentação mais detalhada em 13:2 não fornece nenhum pormenor específico acerca do sofrimento do salmista, mas deixa claro que não é apenas físico; antes, é também mental e emocional. Sua vida mudou, e a tristeza se tornou parte de sua experiência diária. A angústia chega ao auge com a menção de seu inimigo.

A longa duração do sofrimento pode ter levado o inimigo a concluir triunfantemente que o salmista se encontrava sob o julgamento de Deus em decorrência de algum pecado, uma situação que nos faz lembrar Jó.

### 13:3-4 Clamor por socorro imediato

Apesar de seu sofrimento, o salmista não perde a esperança. Depois da lamentação, volta-se para o Senhor em oração e fala do abandono pelo qual acabou de lamentar. Clama ao Senhor que supostamente ocultou dele o rosto: *Atenta para mim* (13:3a) e Àquele que, a seu ver, dele se esqueceu: *Responde-me*.

A tristeza do coração se reflete no rosto, daí o salmista suplicar a Deus: *Ilumina-me os olhos* (13:3b). Jó expressou os mesmos sentimentos ao dizer: “Pelo que já se escureceram de mágoa os meus olhos, e já todos os meus membros são como a sombra” (Jó 17:7). É possível que o salmista estivesse à beira da morte e que, ao suplicar por luz, também estivesse pedindo para o Senhor restaurar sua saúde. Considerando-se o tom do salmo como um todo, porém, a cura física parece ser menos importante para o salmista do que a consciência de que seu relacionamento com Deus foi restaurado.

Em 13:2, o salmista é perturbado pela exultação maligna de seus adversários. Agora, lembra ao Senhor que, se a morte prevalecer, os mesmos inimigos se regozijarão e se considerarão justificados em sua postura (13:4). Há necessidade urgente da intervenção divina.

### 13:5-6 Confiança e louvor

Não sabemos se o salmista foi curado de imediato ou se ocorreu alguma mudança dramática em sua situação, mas o final do salmo deixa claro que sua atitude passou por uma transformação radical. O salmo começa com a sensação de abandono por Deus, mas termina com cânticos e louvor. Apesar de a RA não trazer nenhuma conjunção adversativa em 13:5, as palavras iniciais expressam mudança. A NVI transmite essa ideia com mais clareza ao traduzir: “Eu, porém, confio”. Uma vez que no hebraico o pronome “eu” é enfático, a RA traz com mais precisão: *No tocante a mim, confio na tua graça*. No começo, o salmista duvidou da presença de Deus, mas agora expressa sua confiança na *graça* divina. O termo hebraico traduzido aqui por “graça” também significa “fidelidade” ou “amor infalível”. O coração cheio de tristeza agora pode regozijar-se.

O salmista termina a oração com uma promessa de cantar ao Senhor, *porquanto me tem feito muito bem* (13:6). O salmo de lamento se torna um hino de ação de graças. A comunhão com Deus foi restabelecida. Podemos imaginar o salmista irrompendo em cântico, entoando as palavras iniciais do salmo 136: “Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom” (136:1).

### Salmo 14: Os insensatos não prevalecerão

O salmo 14 é quase idêntico ao 53, exceto por 14:5-6. A única outra diferença entre os dois é que o salmo 14 usa o nome pessoal de Deus, *Javé*, enquanto o salmo 53 usa a designação mais genérica *Eloim*. Os dois salmos tratam da arrogância dos “insensatos”. O termo não indica pessoas com algum tipo de deficiência mental, nem necessariamente ateus professos, mas ateístas práticos que vivem como se Deus não existisse. Esse tipo de ateísmo é bastante comum na África. O cristianismo é tratado, com frequência, como se não fosse mais que uma realidade cultural honrada da boca para fora, mas sem impacto visível sobre a vida diária. Há quem frequente os cultos e as reuniões de

oração da igreja e até jejue, mas exhibe atitudes e ações que não correspondem aos mandamentos do Senhor. Apesar de reconhecerem que Deus está no céu, não permitem que ele tenha influência sobre sua vida e seus relacionamentos. Em decorrência, a sociedade africana está repleta de corrupção, opressão, divisões étnicas e males afins. As palavras de lamento e súplica do salmista constituem, portanto, um desafio tanto para os cristãos quanto para aqueles que rejeitam Deus explicitamente.

#### 14:1 O credo do insensato

O salmo começa com o credo dos insensatos, ou seja, uma declaração de sua crença fundamental: *Não há Deus (14:1a)*. Isso não significa que os insensatos são ateus que negam a existência de Deus. Entendemos melhor a ideia que o salmista deseja expressar ao observar o exemplo bíblico de Nabal, homem cujo nome significa “insensato”. Ele era insensato porque perguntou em tom de desprezo: “Quem é Davi [...]?” Não reconheceu os gestos de bondade de Davi para com ele e, desse modo, colocou em perigo sua própria vida e a vida daqueles ao seu redor (1Sm 25). Semelhantemente, o insensato ao qual Davi se refere aqui nega o governo de Deus sobre sua vida e a sociedade. Recusa-se a admitir que deve prestar contas de seus atos ao Soberano do mundo.

Paulo usa o termo “insensato” com o mesmo sentido em Romanos 1:21-22: “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato”. Os insensatos em questão são, portanto, indivíduos que afirmam ser cristãos, mas não permitem que a palavra de Deus produza frutos em sua vida.

Como consequência dessa negação de Deus, *já não há quem faça o bem (14:1b)*. Os membros da sociedade *corrompem-se e praticam abominação*. A comunidade israelita havia feito aliança com Deus e assumido o compromisso de cumprir os termos dessa relação. Os membros da comunidade tinham a responsabilidade de viver de acordo com os requisitos da aliança. O insensato, que podia até ser uma pessoa inteligente, rejeitava a aliança e os mandamentos de Deus. Da mesma forma, muitos africanos hoje reconhecem a existência de Deus, mas ainda assim estão dispostos a participar da corrupção que destrói a vida econômica de nossos países.

#### 14:2-4 O veredicto do Senhor

Primeiro, ouvimos a avaliação que o salmista fez de sua comunidade e agora ouvimos a avaliação que o Senhor faz daquilo que vê ao olhar *do céu*, onde está entronizado como rei celestial (14:2). Dessa posição, ele pode esquadriñar a sociedade e detectar *se há quem entenda*, ou seja, se há indivíduos que não são insensatos, pois a falta de entendimento é o que caracteriza a insensatez. O paralelo entre quem entende e quem busca a Deus deixa claro o que conta como sensatez aos olhos de Deus. Não tem nada que ver

com saúde, riqueza e sucesso, e tudo que ver com a atitude do indivíduo para com o Senhor.

Deus apresenta um resumo assustador daquilo que vê: *Todos se extraviaram*. A sociedade inteira se perverteu, pois seus membros *juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer (14:3)*. As palavras do Senhor confirmam a veracidade da observação do salmista em 14:1.

Quando há falta de entendimento, as pessoas não aprendem com seus erros nem com sua história. Deus lamenta: *Acaso, não entendem todos os obreiros da iniquidade [...]?* (14:4). Os malfetores insensatos oprimem o povo de Deus (*o meu povo*) com a mesma naturalidade de *quem come pão* com uma refeição.

Em Romanos 3:10-12, Paulo cita a tradução de 14:1-3 encontrada na versão grega antiga do AT conhecida como Septuaginta. Usa esses versículos para corroborar sua argumentação de que os seres humanos são totalmente corrompidos, uma linha de raciocínio que culmina com o famoso veredicto: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23). Somos todos pecadores diante de Deus. A redenção que Jesus oferece é o único caminho para evitarmos a insensatez.

#### 14:5-6 Defesa dos justos

O tom do salmo muda com a confiança inspirada pelas palavras do Senhor. Os justos não se curvam mais sob a opressão dos insensatos; antes, os insensatos *tomar-se-ão de grande pavor (14:5)*. Aqueles que estão destruindo o povo de Deus terão de prestar contas a ele. Em 14:6, o salmista fala com ousadia aos insensatos e os lembra de que, apesar de parecerem pobres e fracos, os justos não estão sozinhos. Sejam materialmente pobres ou não, têm consciência de sua pobreza diante de Deus e, portanto, confiam nele e vivem em obediência à sua aliança.

#### 14:7 Desejo e oração de encerramento

O salmo 14 termina com uma oração que expressa o desejo do salmista para o futuro de todo o povo de Deus: que o Senhor intervenha em breve para mudar a situação dos pobres e oprimidos (descritos em 14:4 e 14:6). Ele é o Rei entronizado em Sião que, no devido tempo, salvará seu povo (14:7). Quando os insensatos forem destruídos, o povo de Deus celebrará o livramento.

As palavras finais do salmo são um estímulo para aqueles que permanecem fiéis ao Senhor. Em um mundo repleto de perversidade, somos tentados a agir como todas as outras pessoas e rejeitar Deus, ou seja, a nos tornar insensatos. O salmo 14 é, portanto, um salmo sapiencial que exorta os cristãos a fugir dessa tentação.

#### Salmo 15: Quem entrará na presença do Senhor?

De acordo com alguns comentaristas, o salmo 15 fazia parte da liturgia a ser seguida no momento de entrar no

templo. Os sacerdotes descrevem os requisitos para ser aceito como parte da comunidade dos justos admitidos na casa do Senhor. O fato de nenhum dos requisitos para ter acesso ao Senhor envolver a pureza ritual é surpreendente, tendo em vista o contexto e a ênfase do Pentateuco. O texto focaliza exclusivamente o relacionamento da pessoa com seu próximo. Cria uma ligação estreita entre a adoração e a vida diária, o amor a Deus e o amor ao próximo, o ritual e a obediência, nossa presença nos cultos da igreja e nossa conduta diária.

Muitas vezes, a igreja na África sofre porque seus frequentadores não entendem o vínculo existente entre a adoração e a vida diária, a comunhão na igreja e as divisões na sociedade. Em parte, essa deficiência pode ser associada à ênfase protestante sobre a fé como base exclusiva para a salvação. O enfoque excessivo sobre essa verdade resulta em desatenção quanto a um ponto importante: a obediência à palavra de Deus. Como consequência, os requisitos da fé não são levados a sério na vida diária. A adoração se torna rotineira e não é acompanhada de reflexão.

Por outro lado, o salmo 15 também lembra quanto cada um nós precisa de perdão. Se, num domingo qualquer, o sacerdote ou pastor se colocasse junto à porta do templo e só deixasse entrar aqueles que pudessem dizer com sinceridade que cumpriram todos os requisitos desse salmo, a igreja ficaria vazia! Nem mesmo o pastor ou sacerdote poderia entrar! Ninguém é capaz de cumprir esses requisitos. O único que pode habitar na presença do Senhor é Jesus, cuja vida foi irrepreensível (At 3:14).

### 15:1 A pergunta

No início do salmo 15, um sacerdote ou levita pergunta ao Senhor quem tem o direito de permanecer em sua presença. Seguindo as convenções da poesia hebraica, a pergunta é feita de duas maneiras, mas não há nenhuma diferença de significado entre habitar no tabernáculo de Deus e morar no seu santo monte (15:1). Chama a atenção o fato de o termo traduzido como *habitará* ser usado com mais frequência para se referir aos estrangeiros que viviam em Israel. Fica claro que os israelitas não podem simplesmente supor ter o direito de estar no santuário de Deus, quer no templo edificado sobre o monte Sião, quer na tenda da congregação erguida no Sinai.

Encontramos aqui uma pergunta importante que cada um deveria fazer a si mesmo ao ir à igreja para adorar a Deus. Não devemos adorar simplesmente por hábito; precisamos refletir se estamos de fato honrando e obedecendo a Deus, ou apenas cultuando-o de forma nominal.

### 15:2-5a Características dos justos

A resposta à pergunta feita em 15:1 é uma réplica e também uma lembrança para todos os que vão ao templo, o lugar de habitação de Deus, acerca das características que ele procura em seus adoradores. A lista começa com uma declaração

geral expressa de forma positiva: somente os justos podem entrar na habitação do Senhor. Tais indivíduos apresentam uma conduta irrepreensível em sua comunidade, fazem o que é certo e são completamente honestos (15:2).

Nos versículos seguintes, o salmista dá algumas indicações da aplicação prática dessa declaração geral. Os exemplos que ele fornece não constituem uma lista exaustiva de todos os requisitos da lei. Pelo visto, o salmista optou por mencionar apenas algumas das leis que tratam dos relacionamentos dentro da comunidade e não faz nenhuma referência ao relacionamento da pessoa com Deus. A permissão para entrar na presença do Senhor parece ser concedida exclusivamente com base no relacionamento do indivíduo com sua comunidade, ou seja, com seu próximo.

A primeira condição diz respeito ao uso da língua. A comunidade israelita atribuía grande valor à reputação. O justo não prejudica a reputação de outros ao dar falso testemunho. É errado expor outros à vergonha (15:3). Tiago mantém essa tradição ao advertir os cristãos de atentarem para o modo de usar a língua (Tg 3:5-6).

A condição seguinte diz respeito às escolhas que o justo faz sobre suas companhias, se anda com outros justos ou com perversos. Essa escolha também é o tema do salmo 1. A fim de entrar na presença do Senhor, é preciso escolher a companhia daqueles *que temem ao SENHOR* (15:4a). Eles demonstram esse temor por meio da obediência à lei de Deus.

Por temerem ao Senhor, os justos são fiéis aos seus juramentos, mesmo *com dano próprio* (15:4b). É difícil encontrar pessoas assim em nossos dias. Não é raro alguém hoje dizer que fará uma coisa e amanhã fazer algo completamente diferente.

A condição final que o salmista menciona diz respeito a recursos financeiros, especificamente à preocupação com aqueles que desejam enriquecer à custa de outros. Deus não acolhe tais indivíduos. No tempo do salmista, era comum israelitas fazerem empréstimos a compatriotas e cobrá-los com juros (15:5a). Não encontramos aqui uma proibição de emprestar dinheiro aos necessitados. Antes, trata-se de uma lembrança de que o objetivo do empréstimo deve ser ajudar alguém a escapar da pobreza, não enriquecer o credor. Ao cobrar juros, o credor deixava de cumprir esse objetivo. Vemos os efeitos dessa prática em muitos países da África que lutam para simplesmente pagar os juros dos empréstimos do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. São prisioneiros de dívidas com juros exorbitantes. As igrejas na África, bem como no Ocidente, não podem aceitar essa exploração dos pobres.

Outra evidência de ganância condenada por Deus é aceitar subornos para condenar os inocentes. Subornar é a maneira mais fácil de influenciar o veredicto de um juiz ou obter acesso a um cargo ao qual não se tem direito. Infelizmente, encontramos esse problema até mesmo dentro da igreja. Deus honra aqueles que se recusam a aceitar subornos.

### 15:5b Promessa final

O salmo termina com uma promessa para quem proceder com justiça: *Não será jamais abalado* (15:5b; cf. tb. 1:3). Isso não significa que o justo nunca passará por dificuldades. Como Salmos 34:19 lembra: “Muitas são as aflições do justo, mas o SENHOR de todas o livra”. Acima de tudo, nada pode afastar o justo da presença do Senhor.

### Salmo 16: Não serei abalado

O salmo 16 expressa a plena confiança do salmista no Senhor, mesmo diante da proximidade da morte. Ao mesmo tempo, é uma súplica por proteção em um mundo perigoso. Pode ter sido escrito por Davi ou por um levita que usou uma forma associada a Davi. A possibilidade de um autor levita é sugerida pela referência à “porção da minha herança” em 16:5.

Em sua garantia de esperança além-túmulo, esse salmo oferece consolo para aqueles que estão às portas da morte. Como cristãos do NT, nosso consolo é ainda maior, pois temos conhecimento da ressurreição de Cristo, o precursor da nossa ressurreição. Quando os africanos perdem um ente querido, é comum se lamentarem efusivamente, mas precisamos lembrar as palavras de Paulo: “Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança” (1Ts 4:13).

### 16:1-2 Palavras de confiança

As palavras iniciais do salmo 16 parecem um pedido de socorro dirigido a Deus: *Guarda-me* (16:1a). Não fica claro se o salmista está diante de algum perigo ou simplesmente derrama o coração na presença do Senhor. A referência à morte em 16:10, porém, sugere que ele corria risco de morrer. Suas palavras em 16:4 também podem indicar que ele lutava contra a tentação de agir como outras pessoas que serviam a ídolos estrangeiros ou de misturar a idolatria com a adoração ao Senhor.

Não obstante a natureza do perigo iminente, o salmista deixa claro que busca refúgio no Senhor (16:1b). Em Salmos, somos lembrados repetidamente de que o Senhor é refúgio para os pobres e oprimidos e para aqueles que são perseguidos por malfetores (cf., p. ex., 11:1; 14:6).

O versículo seguinte enfatiza a confiança do salmista ao se dirigir diretamente ao Senhor e reconhecer que ele é o único Deus. Para o salmista, Deus é o único *bem* que ele possui (16:2). Suas palavras mostram como pôr em prática o mandamento: “Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6:5; cf. tb. Mt 22:34-40; Mc 12:28-34).

### 16:3-4 Consequências do compromisso

O fato de o salmista considerar Deus seu maior bem tem implicações em como ele vê os outros, daí identificar dois grupos de pessoas. O primeiro consiste nos *santos*, ou seja,

aqueles que são separados para Deus e vivem de acordo com sua aliança. O salmista escolhe ligar-se a esse grupo e tem prazer em sua companhia (16:3). O segundo é constituído daqueles que *trocaram o SENHOR por outros deuses* e se entregam à idolatria. O salmista sabe que não terá prazer nenhum em se associar a esses indivíduos, pois há muitas tristezas reservadas para eles (16:4). Jura, portanto, que não andarão com eles, não oferecerá libações aos seus deuses, nem sequer falará com eles.

Os cristãos na África precisam ser como o salmista no sentido de fazerem clara distinção entre quem pratica o bem e quem está seguindo pelo caminho errado. Devem escolher andar na companhia dos primeiros. Infelizmente, porém, as igrejas muitas vezes fazem concessões indevidas e se associam a pessoas de má reputação ou a um governo corrupto.

### 16:5-8 Expressão de confiança

A descrição do Senhor como *porção e cálice* sugere que o salmista é levita. Quando a terra prometida foi dividida entre as tribos de Israel, o território entregue a cada tribo recebeu o nome de “porção”. Os levitas, porém, ficaram em nenhum território, pois o Senhor era sua herança (Js 18:7). Esse fato também pode explicar por que em 16:2 o salmista declara: “Tu és o meu SENHOR; outro bem não possuo”.

O destino do salmista é bem diferente daquele reservado aos ídólatras. Enquanto eles experimentam tristeza cada vez maior (16:4), o salmista desfruta segurança e prazer (16:5-6). A segurança tem como base a palavra de Deus que o guia e dirige seus pensamentos (16:7).

Conforme essas palavras de louvor revelam, o clamor por socorro em 16:1 não foi em vão. O salmista vive continuamente na presença do Senhor e sabe que Deus está à sua direita (16:8), posição ocupada por um guarda-costas ou conselheiro de confiança. Certo da proteção divina, ele conclui: *Não serei abalado*. O Senhor está ao seu lado para levantá-lo sempre que ele tropeçar.

### 16:9-11 Livramento

O tom do versículo final desse salmo sugere que o salmista experimentou livramento. Seu medo desapareceu e agora ele está cheio de alegria (16:9). É possível que ainda corra risco de morte, mas está certo de que o Senhor sempre presente não deixará sua alma na morte (16:10a).

São poucas as referências do AT à ressurreição depois da morte, mas encontramos uma alusão nas palavras: *Nem permitirás que o teu Santo veja corrupção* (16:10b). No NT, esse versículo é considerado uma predição da ressurreição de Cristo (At 2:31-37). Evidentemente, no tempo em que o salmista escreveu, as palavras foram entendidas como uma referência a todos os “santos” justos mencionados em 16:3, o grupo ao qual o salmista pertencia. Agora sabemos, porém, que o único Santo verdadeiro é Jesus Cristo.

O salmo termina com uma expressão de esperança. O salmista que está perto da morte encontrou *os caminhos da vida* (16:11). Aquele que estava aflito em 16:1 agora descobre alegria diante de Deus. A presença do Senhor à sua direita garante que sua alegria continuará. Essas palavras oferecem consolo a quem é confrontado com a morte. Como cristãos, sabemos que a ressurreição de Jesus prova que a morte não é o fim. Do outro lado do túmulo, há vida e alegria para quem confia no Senhor e põe a vida em suas mãos.

### **Salmo 17: Senhor, declara-me inocente!**

Temos aqui uma oração individual atribuída a Davi. O salmista foi acusado falsamente de cometer alguma transgressão, e sua vida corre perigo. Ele se volta para Deus em busca de justiça e livramento e pede a condenação de seus perseguidores. O salmo termina com palavras de louvor, pois sua oração foi ouvida, e ele agora se deleita na presença do Senhor.

Aqueles que estão sofrendo injustiça, que são vítimas de falsas acusações, encontrarão nesse salmo uma fonte de ânimo. O Rei conhece os corações e não permitirá que o justo pereça.

#### **17:1-2 Súplica a Deus**

O salmo 17 começa com três pedidos sinônimos para o Senhor: *Ouve [...] atende [...] dá ouvidos* (17:1). São três súplicas para Deus ouvir o salmista que não tem dúvida de sua própria inocência. Ele afirma que sua súplica é *justa* e declara não ter mentido. Não pode, contudo, provar esse fato num tribunal humano. Aos olhos dos homens, pode parecer culpado, de modo que busca vindicação naquele que vê todas as coisas (17:2). O Rei dos céus é o Juiz supremo capaz de distinguir entre a culpa e a inocência, entre a verdade e a falsidade. Uma vez que Deus é justo, seu veredicto também o será.

Algumas pessoas se encontram em situações nas quais é impossível os outros ao redor avaliar o que aconteceu de fato. Para elas, resta apenas voltar-se para Deus, certas de que os olhos do Senhor veem todas as coisas. Podem encontrar consolo em saber que “seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele” (2Cr 16:9).

#### **17:3-5 Declaração de inocência**

Depois de rogar ao Senhor para vindicá-lo, o salmista declara firmemente sua inocência e convida o Deus onividente a prová-lo e ver se há nele algum mal. É possível que ele tenha ido ao templo para passar a noite na presença do Senhor como expressão simbólica do compromisso de permitir que Deus sonde sua alma. O salmista está certo de que Deus não encontrará nenhuma *iniquidade* (17:3). Ao fazer essa afirmação, não está dizendo que nunca pecou, mas que é inocente das acusações feitas contra ele. Para corroborar sua asserção, enfatiza que cuidou para não ser enganoso e não

recorrer à violência (17:4b). O *violento* em 17:4 provavelmente é um ladrão. O conteúdo dessas provas de sua inocência sugere a natureza das acusações feitas contra ele.

O salmista evitou esses males porque seguiu a palavra de Deus (17:4a). Em Salmos 16:7, vemos o Senhor aconselhar seu servo. Uma vez que seguiu os conselhos divinos, o salmista pode declarar: *Os meus passos se afizeram às tuas veredas* (17:5). Paulo demonstra certeza semelhante ao tratar de acusações injustas (cf. 1Co 4:3-5).

#### **17:6-9 Clamor por intervenção divina**

Mais uma vez, o salmista recorre à oração e pede que Deus intervenha. As palavras de sua súplica em 17:6 são semelhantes às de 17:1. Enquanto a oração no versículo 1 é seguida de uma declaração de justiça, aqui é acompanhada de um pedido para Deus se mostrar e livrar o salmista (17:7). A linguagem tem paralelos com o vocabulário de Êxodo, relato das maravilhas que Deus realizou ao libertar seu povo da escravidão do Egito. O salmista se vê numa crise que só pode ser solucionada se Deus fizer algo maravilhoso, mostrar que seu servo é inocente e livrá-lo de seus acusadores.

Em seu clamor para Deus intervir em favor dele, o salmista usa duas imagens que descrevem o relacionamento que ele gostaria de ter com Deus. Primeiro, ele deseja que o Senhor o proteja *como a menina dos olhos* (17:8a). A menina dos olhos é a pupila, o círculo escuro no centro do olho. É uma parte extremamente sensível do corpo, e, sempre que algo parece estar próximo o suficiente para feri-la, o olho pisca num reflexo para protegê-la. O salmista deseja que Deus o considere uma parte do seu corpo que precisa da mesma proteção. A segunda imagem é: *Esconde-me à sombra das tuas asas* (17:8b). O salmista vê Deus como uma mãe pássaro que protege seus filhotes. Semelhantemente, Deus protege aqueles que se escondem à sua sombra. Ele é refúgio para quem está em perigo e oferece proteção aos necessitados e desamparados. As mesmas imagens são usadas em Deuteronômio 32:10-11 para descrever o cuidado de Deus por Israel no deserto.

A urgência da necessidade do salmista fica evidente na menção de *inimigos que me assediam de morte* em 17:9. O que está em jogo é nada menos que sua vida.

#### **17:10-12 Descrição dos perseguidores**

Os inimigos do salmista são implacáveis e *cerram o coração* (17:10). Não se deixam comover pelo sofrimento dos inocentes. Em sua arrogância, preocupam-se apenas consigo mesmos. O salmista sente como se houvesse leões rondando-o, prestes a dar o bote final sobre sua presa (17:11-12). Aquele que foi alvo de acusações falsas será despedaçado por seus adversários, a menos que Deus o proteja.

#### **17:13-14 Clamor por livramento**

O clamor do salmista ressoa como o toque de uma trombeta militar: *Levanta-te, SENHOR* (17:13). É tempo de o Juiz

celestial intervir e garantir que se faça justiça. Deus declarará o salmista inocente e condenará seus perseguidores.

É provável que o salmista não tenha intenção de contrastar o *quinhão* [...] *desta vida* com o galardão do céu. Antes, afirma que os perversos se deleitam nas coisas do presente, mas sua linhagem não terá continuidade. A riqueza daqueles que se refugiam no Senhor, porém, permanecerá e fartará seus filhos e netos (17:14).

### 17:15 Olhar para Deus

O último versículo do salmo é uma expressão de alívio decorrente da intervenção divina. É possível que o salmista tenha feito essa oração à noite (cf. tb. 17:3). Pela manhã, contudo, sua confiança se renova. A angústia noturna passou. Quando Deus intervir e declarar a inocência do perseguido, o salmista ficará satisfeito (17:15).

É impossível os cristãos lerem as palavras finais desse salmo sem pensar em Jesus, o exemplo supremo de um inocente perseguido. Sua atitude diante de falsas acusações serve de modelo para nós. Ele não pediu ao Pai que destruísse seus inimigos, mas que o vindicasse. Também orou pela salvação e perdão de seus adversários. Quando nos encontrarmos em situações semelhantes, devemos seguir seus passos.

### Salmo 18: Graças ao Senhor, meu Libertador

Na cultura africana, raramente expressamos gratidão àqueles que nos prestam algum serviço. Infelizmente, observamos esse mesmo padrão na igreja. Costumamos esquecer-nos de agradecer a Deus as muitas coisas maravilhosas que ele fez por nós como indivíduos e como seu povo. A liturgia pode até incluir momentos de louvor e adoração, mas, com frequência, é apenas um tempo para cantar e dançar. Nosso corpo participa, mas nosso coração não está adorando a Deus.

O salmo 18 pode ser um antídoto para essa atitude e nos inspirar a agradecer a Deus de forma saudável. É um cântico individual de ação de graças atribuído a Davi. O título informa que ele entoou esse cântico quando Deus *o livrou de todos os seus inimigos*, especialmente de Saul. A relação próxima entre esse salmo e 2Samuel 22 sugere que foi redigido mais para o final da vida de Davi. A extensão do cântico indica sua seriedade. Davi deparou com perigos mortais em várias ocasiões, orou ao Senhor, e recebeu livramento. Agora, o rei derrama o coração diante de Deus e expressa gratidão.

O conteúdo desse salmo parece dar continuidade ao salmo 2, um salmo real que fala da bênção de Deus sobre seu Ungido, o Messias. Muitas de suas palavras, porém, também se aplicam a pessoas comuns que experimentaram salvação concedida por Deus em meio a situações de perigo.

### 18:1-3 O Deus que salva

O uso desse salmo em 2Samuel 22 indica que Davi o entoou no final de sua vida. Ao recapitular os acontecimentos relativos à sua vida e a seu longo reinado, Davi deve ter-se lembrado de como Deus interveio em seu favor. Essas

memórias o levam a declarar: *Eu te amo, ó SENHOR, força minha* (18:1). Seu relacionamento próximo com Deus o faz expressar afeição e gratidão ao Senhor. Na sequência, Davi menciona algumas experiências que teve com Deus em sua vida: o Senhor tem sido sua *rocha* [...] *cidadela* [...] *rochedo* [...] *escudo* [...] *força* e *baluarte* (18:2) e, portanto, um lugar de refúgio. Concedeu-lhe *salvação* de seus inimigos ao oferecer proteção como escudo e demonstrar força em seu favor. Sempre que o salmista se encontrava em perigo, orava a Deus, e era salvo por ele (18:3).

Nós também podemos buscar imagens contemporâneas vívidas para descrever nosso relacionamento com Deus e as maneiras pelas quais ele tem sido nosso refúgio nos dias de hoje. Ouvi alguém descrever Cristo, por exemplo, como “meu guarda-chuva”, um abrigo quando tempestades desabam sobre nós.

### 18:4-6 Em meio a perigos

Assim como usou uma série de metáforas para descrever aquilo que Deus fez por ele, o salmista emprega uma sucessão de imagens para descrever a angústia em que se encontrava. Estava enredado em *laços de morte*, arrastado por *torrentes de impiedade* (como acontece numa inundação repentina), preso por *cadeias infernais* e emaranhado em *tramas de morte* (18:4-5). Todas essas ilustrações se referem aos inimigos que ameaçavam a vida do rei. Este se encontrava impotente diante deles, mas, quando clamou ao Senhor, sua oração foi ouvida (18:6).

### 18:7-19 A intervenção do Senhor

O salmista não tenta descrever a intervenção divina em termos literais. Antes, vale-se da imageria tradicional associada a uma teofania. Em outras palavras, retrata a vinda de Deus do céu em termos cósmicos que enfatizam seu poder e o grande temor que ele suscita. É comum autores bíblicos associarem a aparição de Deus a uma tempestade violenta. A imageria em 18:7-13 provavelmente lembrou aos ouvintes como Deus se revelou ao seu povo no Sinai (Êx 19:16-19; 20:18), onde o Senhor firmou sua aliança com ele. Nesse salmo, porém, ele intervém para resgatar o rei e destruir seus inimigos (18:14-15).

Assim como Êxodo 3:8 diz que Deus desceu a fim de livrar seu povo da mão dos egípcios, 18:16 afirma que ele *estendeu* [...] *a mão* para salvar o rei que se encontrava numa situação de perigo mortal. Num versículo anterior, o rei diz que estava sendo arrastado por “torrentes de impiedade” (18:4); agora, volta a essa imagem ao dizer que estava se afogando em *muitas águas*. Seus inimigos *poderosos* eram demais para ele, e a calamidade assomava (18:17-18).

Nesse momento de crise, Deus foi seu *amparo*. Levou-o para *um lugar espaçoso* (18:19a). Mais uma vez, observamos uma ligação com Êxodo 3:8, pois nessa passagem Deus prometeu livrar os israelitas e conduzi-los a “uma terra boa e ampla”.



O salmista explica por que Deus o resgatou: *Porque ele se agradou de mim (18:19b)*. Essas palavras não são um sinal de orgulho de alguém que se considera virtuoso, mas uma asserção de que o rei seguia os caminhos de Deus e guardava a aliança (Dt 30:9).

### 18:20-27 Motivos para a intervenção divina

Na sequência, o salmista explica em mais detalhes por que Deus interveio em seu favor: *Retribuiu-me o SENHOR, segundo a sua justiça (18:20)*. Afirma que foi *íntegro para com ele*, isto é, para com Deus (18:23). Antes de o condenarmos e o considerarmos um fariseu que não enxergava seus próprios pecados, precisamos lembrar que o salmista escreve no contexto da aliança de Deus com Israel. Por isso, enfatiza que guardou *os caminhos do SENHOR* e obedeceu a *todos os seus juízos e preceitos (18:21-22)*, incluindo instruções para os sacrifícios que purificavam do pecado.

Deus havia prometido proteger aqueles que fossem fiéis à aliança. O salmista se apropria dessa promessa e deixa claro que ela se aplica a todos, e não apenas ao rei (18:24-26a). O castigo dos arrogantes é consequência de sua recusa em buscar refúgio e proteção em Deus. O orgulho os afasta de Deus, que salva *o povo humilde*, ou seja, os desamparados (18:26b-27).

Apesar de ser rei, Davi se incluiu de bom grado entre os humildes e necessitados que põem seu destino nas mãos de Deus.

### 18:28-36 Auxílio divino

Ao descrever a intervenção divina em seu favor, o salmista diz sobre Deus: *Fazes resplandecer a minha lâmpada (18:28a)*. Ele não se refere apenas à sua própria vida, mas a toda a dinastia davídica (2Cr 21:7). Se o rei fosse derrotado na batalha, todos os seus descendentes seriam mortos.

O salmista também compara a intervenção de Deus à luz que dissipa as *trevas* e o desespero (18:28b). Sua presença confere ao rei a coragem e as forças necessárias para agir. Fica evidente que, em vez de se encarregar de todas as ações, Deus prepara seu servo para entrar na batalha e vencer (18:29). Durante o combate, Deus ampara o rei, provendo-lhe um escudo que o protege das flechas dos inimigos. O rei pode afirmar com toda a certeza, portanto, que não há Deus como o Senhor, cujo *caminho [...] é perfeito (18:30-31)* e que aperfeiçoa o caminho de seu servo (18:32).

O rei não hesita em atribuir sua vitória ao Senhor que lhe dá força, direção, agilidade, destreza e proteção dos males naturais e dos ferimentos causados por inimigos (18:33-36). Deus concede vitória ao rei e é o poder por trás do triunfo.

### 18:37-45 Vitória

Com a ajuda do Senhor, a situação muda. Os inimigos do rei são aniquilados. Aquele que estava temeroso e cercado

recupera a coragem, persegue os inimigos e os derrota de modo que eles se viram e correm quando o rei se aproxima (18:37-40). Agora é a vez deles de clamar por socorro. Como não quiseram reconhecer a soberania do Senhor, contudo, seus clamores não são atendidos (18:41).

Além de dar vitória absoluta ao rei (18:42), o Senhor também o faz reinar sobre nações estrangeiras. Não é preciso mais lutar; o simples som de sua voz infunde obediência e temor.

A descrição da vitória esmagadora e submissão dos inimigos de outrora liga esse texto à advertência aos adversários potenciais no salmo 2, o salmo de coroação.

### 18:46-50 Louvores ao Senhor

A extraordinária vitória descrita aqui só poderia inspirar louvores. O rei exclama: *Vive o SENHOR (18:46)*. Não se trata de um ídolo impotente, mas de um Deus vivo que intervém e salva aqueles a quem ama. É sua rocha, seu Salvador. O salmista resume os feitos de Deus em seu favor (18:47-48) e depois faz votos de louvar a Deus entre as nações e exaltar seu nome (18:49). A bondade do Senhor se estende não apenas ao rei ungido, mas a todos os seus descendentes, que constituem a dinastia davídica (18:50).

## Salmo 19: Revelação na criação e na lei

A primeira parte do salmo 19 trata daquilo que se pode conhecer por meio da criação de Deus, enquanto a segunda parte fala do conhecimento perfeito que o Senhor revelou por meio da lei. De acordo com alguns comentaristas, as duas partes constituíam salmos separados. É possível que sim, mas nesse caso foram combinadas, pois ambas as partes tratam da revelação do Senhor. A obra da criação exalta sua glória, mas não proporciona plena compreensão de sua vontade revelada na lei.

Nesse contexto, o termo traduzido por “lei” corresponde à totalidade das instruções ou ensinamentos de Deus. Em um número excessivo de igrejas africanas, a lei de Deus é considerada apenas um conjunto de proibições (o que não devemos fazer) e permissões (o que devemos fazer) a serem observadas para que Deus nos possa aceitar. Esse conceito da lei de Deus, porém, conduz ao legalismo. Podemos apenas entender o amor do salmista pela lei se, como ele, reconhecermos que a lei de Deus nos ensina sobre vida, paz, alegria e sabedoria. Foi nesse sentido que Jesus se identificou com a lei e os profetas ao dizer: “Não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5:17). Jesus é a revelação suprema de Deus acerca de si mesmo.

Para nos ajudar a manter a perspectiva correta da lei ao ler esse salmo, substituímos neste comentário o termo “lei” pela palavra hebraica “Torá”.

### 19:1-6 Revelação na criação

A primeira parte do salmo 19 descreve um hino de louvor do âmbito celestial. Na introdução em 19:1, as duas metades



do versículo são paralelas, de modo que *céus* e *firmamento* se referem à mesma coisa: o firmamento que Deus criou em Gênesis 1:6-8. O salmista vê os céus como um coro que proclama a glória e os feitos do Senhor. O termo hebraico traduzido por *glória* transmite a ideia de peso e imensidão da glória divina.

A contemplação do firmamento volta nossa atenção para a grandeza do Senhor e da criação que é obra de suas mãos. A passagem de 19:2-6 explica como isso ocorre. Homens e mulheres podem deixar de louvar a Deus, mas nem por isso a criação se esquecerá de louvá-lo *dia* e *noite* (19:2). Ao fazê-lo, os céus reconhecem que são elementos criados, e não deuses, e, ao mesmo tempo, dão testemunho do conhecimento e poder do Criador.

O firmamento se estende sobre o mundo inteiro, e, portanto, sua mensagem silenciosa é acessível a todos os povos, não obstante sua língua nativa (19:3-4a). O salmista apresenta o sol como exemplo. Não é um deus a ser adorado, conforme algumas crenças da época, mas algo que Deus criou. Pode-se dizer até que Deus *pôs uma tenda para o sol*, ou seja, criou um “apartamento” para o sol na terra (19:4b).

O salmista descreve o caminho que o sol percorre pelo céu desde a alvorada até o ocaso em termos poéticos. A aurora é *como noivo* que desperta com regozijo e sai vestido com seus trajes mais finos, pronto para a celebração. É *como herói* militar preparado para comandar o ataque na batalha. Nada pode impedi-lo de cumprir seu objetivo (19:5).

O calor e a luz do sol estão presentes em toda parte (19:6), fato que ilustra a verdade expressa em 19:3-4. Assim como todos, em toda parte, conhecem o calor e a claridade do sol, o louvor do sol ao Criador e o conhecimento da criação chegam a todos os povos. Ao iluminar o mundo inteiro, o sol proclama a revelação de Deus a todas as criaturas.

A mensagem dessa primeira parte do salmo é estreitamente ligada ao ensinamento de Paulo: “Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis” (Rm 1:20-21).

### 19:7-10 Revelação na Torá

Apesar de declarar que a natureza dá testemunho de Deus, o salmista não defende nenhum tipo de teologia natural na qual todo conhecimento de Deus é extraído da natureza. A segunda parte do salmo deixa claro que obtemos conhecimento muito mais profundo de Deus por meio da Torá, sua *lei*. Aqui, o termo “lei” não deve ser interpretado como uma referência apenas a um conjunto de prescrições; antes, deve ser entendido em seu sentido mais amplo, como todas as instruções e orientações fornecidas na revelação escrita da vontade de Deus. Ao exaltar o valor incomparável da Torá, o salmo 19, da mesma forma que o salmo 119, emprega vários sinônimos, como: *Testemunho* [...] *preceitos*

[...] *mandamento* e *juízos*. Uma vez que esses termos se sobrepõem, pode ser difícil distinguir o significado exato de cada um.

De acordo com o salmista, a Torá do Senhor é *perfeita* (19:7a), o mesmo adjetivo usado para descrever a perfeição imaculada de um animal adequado para ser oferecido como sacrifício. Aplicado à Torá, o termo transmite a ideia de algo perfeito para sua função, contendo tudo aquilo que é necessário.

Devido à nossa tendência de considerar a lei um conjunto de regras, temos dificuldade em entender como o salmista pode dizer que ela restaura a alma. Quando pensamos na Torá como a revelação completa de Deus, podemos compreender, porém, sua capacidade de restaurar a alma e alegrar o coração quebrantado.

Enquanto os céus e o firmamento apenas revelam conhecimento, a Torá do Senhor *dá sabedoria aos simples* (19:7b). Ao ajudar os inexperientes a tomar decisões sábias, a Torá desempenha papel fundamental na vida dos indivíduos e da comunidade. É a verdadeira fonte de sabedoria pela qual Eva almejou em Gênesis 3:7.

Em seguida, o salmista menciona outros atributos da Torá, e todos expressam sua perfeição e a função de revelar a vontade perfeita de Deus. Ela proporciona alegria e luz, é digna de total confiança, permanece para sempre, e seus *juízos* [...] *são verdadeiros e todos igualmente, justos* (19:8-9).

O hino à Torá de Deus culmina em 19:10, em que sua posição singular é resumida na descrição de seus preceitos como *mais desejáveis do que o ouro, mais do que muito ouro depurado; e [...] mais doces do que o mel*. O ouro é um metal precioso, mas a Torá é ainda mais valiosa que o ouro refinado. Não há nada mais doce que o mel, mas a Torá é mais doce que o mel extraído dos favos. Mais uma vez, lembramos Eva. Ela comeu do fruto proibido porque era “[bom] para se comer, agradável aos olhos” (Gn 3:6). O doce mel da Torá é ainda mais saboroso, e o ouro da palavra de Deus é ainda mais belo.

### 19:11-14 A resposta do salmista

O salmo termina com a resposta pessoal do salmista à Torá. Ele não a valoriza apenas em teoria, mas permite que o admoeste e procura obedecer a seus preceitos na vida diária. As recompensas por agir dessa maneira são ricas (19:11). Mas, ao viver de acordo com a Torá, o salmista percebe que sua vida possui inúmeras imperfeições e imagina que existam outras que ele nem sequer é capaz de reconhecer. Pede, portanto, que o Senhor o perdoe pelas transgressões involuntárias e desconhecidas, e o guarde dos pecados intencionais (19:12-13).

Conclui com palavras de devoção, suplicando que Deus lhe seja propício e responda à sua oração (19:14). Palavras como essas costumavam ser proferidas ao se oferecer um sacrifício. Nesse caso, porém, o hino todo é, em si mesmo, um sacrifício, uma oferta a Deus.

## Salmo 20: Oração pelo rei

No antigo Israel, o rei não apenas governava o país e executava justiça, mas também protegia o povo de seus inimigos ao comandá-los na batalha. Esse salmo foi redigido para acompanhar sacrifícios que o rei ofereceu antes de uma batalha. Ao seu redor, está o povo (ou seu exército), que ora a Deus para que ele lhe conceda a vitória que beneficie a nação como um todo.

Na África, também oramos por aqueles que ocupam cargos de autoridade. Infelizmente, em muitos casos, essas súplicas incluem a glorificação da pessoa pela qual se está orando. Convém observar que, nesse salmo 20, Deus é o único a ser glorificado e a única fonte de vitória. O rei é apenas seu agente.

Ao orar por vitória, devemos lembrar também que, por meio de sua ressurreição, Jesus já venceu a batalha contra Satanás. Cabe à igreja continuar orando pela vinda do reino de Deus, o reino de paz e amor.

### 20:1-5 Intercessão pelo rei

O povo se dirige diretamente ao rei, dizendo: *O SENHOR te responda* (20:1). Em última análise, porém, as palavras são dirigidas a Deus. Os israelitas pedem repetidamente que Deus abençoe o governante e que ele seja protegido pelo nome do Deus de Jacó. O “nome” de Deus corresponde à sua presença e poder. É possível que o povo mencione Jacó de forma específica por lembrar a súplica desse patriarca por proteção (Gn 28:20-21).

Não sabemos exatamente que tipo de *tribulação* o rei estava enfrentando, mas a frequente referência à necessidade de proteção e vitória, bem como a “carros” e “cavalos” (20:7), sugere que um conflito armado havia irrompido e que a oração fora proferida pouco antes de o rei sair para guerrear.

O povo pede a Deus que envie *socorro* ao rei do templo em Jerusalém (chamado aqui de *seu santuário* e *Sião*; 20:2). O templo era considerado a sede do reino de Deus na terra. Também era o lugar onde o rei provavelmente oferecia sacrifícios tradicionais ao Senhor antes de sair para as batalhas (20:3; cf. tb. 1Sm 13:7-9).

O texto de 20:1-4 são declarações paralelas do desejo do povo de que Deus ouça à oração do rei e atenda a ela. A repetição indica a seriedade do pedido. Em seguida, vemos a resposta do povo à intervenção esperada. Eles não apenas se regozijarão com o sucesso de seu governante, mas também *em nome do nosso Deus* hastearão *pendões* (20:5a). A vitória do rei contribuirá para a glória de Deus. O monarca é apenas o instrumento que Deus utiliza para salvar seu povo.

Essa parte do salmo termina com uma linha na qual ressoam as palavras de 20:1, de modo que o nome *o SENHOR* inicia e encerra a oração (20:5b).

### 20:6-8 Expressão de confiança

O tom do salmo muda repentinamente com o advérbio *agora* (20:6a). Algo aconteceu e, no lugar da súplica, temos uma

expressão de confiança. De acordo com alguns comentaristas, em 20:6 ouvimos a voz de um levita, sacerdote ou profeta no templo proclamando que Deus atendeu ao pedido. Essa interpretação é plausível, pois explica a mudança para a primeira pessoa do singular em 20:6 e a volta à primeira pessoa do plural em 20:7-9.

O salmista descreve o rei salvo pelo Senhor como *seu ungido*, literalmente “seu messias”. Esse título era conferido ao rei ungido com óleo como símbolo de sua vocação (cf. 2:2).

Em 20:2, o povo pediu a Deus que enviasse socorro “de Sião”, sua habitação terrena; agora, porém, diz-se que a salvação vem *do seu santo céu* (20:6b). Deus está em toda parte, e, portanto, não há necessidade de imaginar que age apenas a partir de um lugar específico. O instrumento que traz salvação ao rei é a *destra* de Deus. Dizer que Deus tem mãos corresponde a falar dele como se fosse um ser humano, mas a imagem da sua destra visa apenas transmitir a ideia de poder. (Em algumas línguas africanas, a mão esquerda é chamada de “mão mulher”, pois as mulheres são consideradas mais fracas do que os homens.)

Cavalos e carros eram as armas de guerra mais poderosas do antigo Oriente Médio, daí muitos confiarem neles (20:7a), inclusive supostamente aqueles que estavam atacando Israel. Desde o livro de Deuteronômio, porém, Deus estabeleceu uma lei cuja intenção era evitar que o rei de Israel confiasse nessas armas: “Porém este não multiplicará para si cavalos” (Dt 17:16).

Outros grupos talvez depositassem sua confiança no rei como líder militar forte, mas o povo de Deus também não devia seguir esse exemplo. Sua confiança devia estar firmada *em o nome do SENHOR, nosso Deus* (20:7b), o nome mencionado anteriormente em 20:1 e 20:5. Para o salmista, o sucesso na batalha não depende da estratégia do comandante nem de seu arsenal, mas somente de Deus.

Em 20:8, o povo imagina o momento da vitória como se já houvesse ocorrido. O rei ainda nem saiu para a batalha, mas a vitória está completa. Os inimigos, com seus cavalos e carros, *se encurvam e caem*, mas o rei e seu povo se mantêm *de pé*. O inimigo, que se orgulha de sua cavalaria, é destruído; Israel, que se orgulha do nome do Senhor, é vindicado.

Vemos aqui uma fé muitas vezes inexistente em nossa sociedade. Baseamos a certeza do sucesso em nosso próprio conhecimento, sabedoria, riqueza, contatos, e assim por diante. Mas, se somos cristãos, precisamos reconhecer para nós mesmos e para outros que devemos a Deus todo e qualquer sucesso obtido. Ele precisa ocupar o centro da nossa vida e de nossos negócios.

### 20:9 Intercessão final

Apesar de o salmista vislumbrar a vitória do rei, a batalha real ainda está por vir. Por isso, ele conclui o salmo com palavras de intercessão. Pede duas coisas: que Deus salve

(ou seja, dê vitória) o rei e ouça as orações de seu povo (20:9). O povo não se dirige mais ao rei como em 20:1, mas diretamente a Deus.

Nossa situação é semelhante à do salmista. Sabemos que por meio de sua ressurreição Jesus já venceu a batalha contra o diabo. Não obstante, como sua igreja, devemos continuar a orar para que o reino de Deus, o reino de paz e amor, venha em plenitude.

### Salmo 21: A proteção do Senhor sobre o rei

O salmo 21 dá continuidade ao tema do salmo anterior. No salmo 20, a comunidade orou por seu rei; aqui, louva a Deus pela vitória do monarca na batalha. Seguindo a mesma linha dos salmos 18 e 20, exalta a dependência do governante no Senhor, o verdadeiro soberano sobre Israel. A força do Senhor é mencionada em 21:1 e 21:13 e serve de moldura para o salmo. O rei de Israel deve sua força e sucesso ao Senhor, com o qual mantém um relacionamento pactual em razão da aliança entre o Senhor e a família de Davi.

É possível que o rei entoasse esse salmo como oração antes da batalha (cf. Sl 20), durante a cerimônia de coroação, ou nos aniversários dessa cerimônia. A ocasião mais apropriada provavelmente é o aniversário da entronização do rei, pois o salmo abarca o passado (21:1-6), o presente (21:7) e o futuro (21:8-13). Eis o padrão que devemos seguir: exaltar ao Senhor por seus feitos no passado, confiar nele no presente e esperar que ele continue a intervir e nos abençoar no futuro. Não basta ver o que Deus fez no passado, como é costume de muitos africanos, sem demonstrar confiança em Deus no presente. Sem a fidelidade presente, a ligação entre o passado e o presente se rompe e não podemos esperar bênçãos futuras.

#### 21:1-6 As bênçãos do Senhor sobre o rei

A primeira seção do salmo pode parecer uma exaltação do rei. Na verdade, porém, a congregação de Israel exalta o Senhor, o verdadeiro Rei do qual o rei subordinado recebe todas as bênçãos relacionadas nesse salmo. O Senhor lhe concedeu vitória (21:1). Atendeu às suas orações (21:2). Supriu o rei *das bênçãos de bondade* como sinal de sua aprovação, confirmada pela *coroa de ouro puro* que Deus coloca sobre sua cabeça (21:3). Em 2Samuel 7:29, o rei Davi orou por bênçãos desse tipo. O Senhor ouviu e respondeu à sua oração.

A única atividade específica do rei mencionada nessa parte do salmo é *Ele te pediu vida* (21:4). Esse é o conteúdo da oração mencionada em 21:2, à qual o Senhor respondeu. Aqui, “vida” não tem nada que ver com vida eterna, pois as palavras traduzidas por *longevidade para todo o sempre* se referem simplesmente a uma vida longa. (Foi admiravelmente incomum Salomão pedir discernimento em vez de vida longa em 1Rs 3:9-11.) A “vida” que o Senhor deu ao rei inclui prosperidade, sucesso e vitória sobre seus ini-

migos. As vitórias que Deus concede revestem o monarca de *esplendor e majestade* (21:5), dois atributos que a Bíblia costuma associar a Deus.

A seção termina com a afirmação de que *bênção para sempre* (bênção que se estende ao futuro) é o resultado do relacionamento do rei com o Senhor, expresso em sua oração. A presença do Senhor lhe trouxe *gozo* (21:6).

#### 21:7 A confiança do rei no Senhor

Todas as bênçãos mencionadas na seção anterior foram concedidas no passado. Agora, o coro se pronuncia a fim de explicar por que o rei recebeu todas essas bênçãos. A resposta é a declaração simples de uma realidade presente: *O rei confia no SENHOR* (21:7a). Essas palavras marcam a transição entre as duas partes principais do salmo. Tratam do presente, mas também indicam que o rei terá as vitórias futuras descritas em 21:8-13. Uma vez que ele confia no Senhor, não será abalado (21:7b). O rei experimentou bênçãos divinas no passado, mas continua a depositar sua confiança no Senhor, especialmente em sua *misericórdia*. Essa palavra é uma alusão direta à misericórdia que Deus prometeu à família de Davi em 2Samuel 7. Por meio de sua confiança em Deus, o monarca demonstra sua subordinação ao Rei divino, atitude que prepara o caminho para mais bênçãos no futuro.

#### 21:8-13 As vitórias do rei sobre seus inimigos

O salmo começa com uma descrição das bênçãos do Senhor sobre seu rei e termina com uma descrição do que o rei fará aos seus inimigos. Alguns comentaristas sugerem que “tu” nesses versículos se refere ao Senhor, e não ao rei. Na verdade, não importa se essas palavras se aplicam ao rei humano ou divino, pois o rei humano executa o julgamento do Senhor. Deus recompensa o rei com bênçãos, mas derrama juízo sobre seus inimigos.

Essa seção provavelmente serve de oráculo dirigido ao rei no aniversário de sua entronização. A intenção é lhe dar confiança quanto ao futuro. Assim como destruiu inimigos no passado, também os subjugará no futuro (21:8). A identidade dos inimigos não é revelada; podem ser potências estrangeiras ou adversários internos. A referência ao *fogo* e a declaração de que o Senhor os consumirá (21:9) indicam que a vitória é concedida pelo Senhor que opera por meio de seu agente, o rei terreno. Também mostram que seus inimigos serão completamente aniquilados e não deixarão descendentes (21:10). Nenhum mal ou intriga planejada contra o rei terá sucesso (21:11). Quando Deus e o rei se voltarem contra eles, os adversários darão meia-volta e fugirão (21:12).

A batalha ainda não começou, mas a derrota do inimigo é certa, de modo que essa seção termina com as palavras proferidas pelo mesmo coro de 21:7. Dessa vez, porém, o clamor é de louvores. A congregação renova seus votos de louvar a Deus no futuro, quando ele concederá sucesso ao rei (21:13).

## Salmo 22: Deus salva os desamparados

As palavras iniciais remetem o leitor à crucificação, pois Jesus as citou na cruz (Mt 27:46). É comum, portanto, interpretar o salmo 22 apenas com referência à vida de Jesus. Precisamos saber, porém, o que ele significava para o salmista na época em que foi escrito.

O salmo se divide em duas seções. A primeira (22:1-22) é uma lamentação do salmista que se encontra profundamente angustiado e tem a impressão de que Deus o abandonou. A segunda (22:23-31) é um cântico de louvor a Deus por aquilo que ele fez na vida do salmista. Juntas, as duas seções ensinam uma profunda lição teológica relacionada à lacuna que às vezes observamos entre a vida de fé e nossa experiência. Apesar de o salmista crer em Deus, está sofrendo e à beira da morte. A fé em Deus não exclui o sofrimento.

Precisamos tratar desse fato na África, onde muitos cristãos acreditam que os verdadeiros fiéis não experimentam sofrimento e que este é sinal de pecados ocultos. O salmo 22 refuta essa ideia. O salmista não confessa nenhum pecado; pelo contrário, expressa sua fé intensa e devoção ao Senhor. Apesar de sua confiança e fé, porém, sofreu e se sentiu abandonado por Deus.

Precisamos lembrar que a fé não é uma vacina contra enfermidades e sofrimentos. Ter fé significa, contudo, que, ao passarmos pelo sofrimento, a mão do Deus fiel estará presente para nos salvar. Por isso, o salmo 22 começa com um clamor de desespero, mas termina com louvores pelo livramento.

### 22:1-22 Súplica por livramento

Em meio ao sofrimento intenso, o salmista suplica a Deus por livramento. Além de ter a impressão de que Deus o abandonou, outras pessoas questionam sua confiança no Senhor. O salmo começa, portanto, com um clamor de desespero: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (22:1a). Até mesmo essas palavras angustiadas, porém, incluem uma expressão de confiança, pois, apesar de seu sofrimento e da sensação de abandono, o salmista chama o Senhor de “Deus meu”. Em razão de seu relacionamento próximo com Deus, espera ser salvo e não entende por que continua a sofrer. Deseja compreender o motivo de sua aflição: *Por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido?* (22:1b). Por Deus não se preocupa com sua situação?

No auge do sofrimento, o Senhor Jesus também teve a sensação de abandono. Dirigiu-se ao Pai usando as mesmas palavras: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27:46; Mc 15:34).

Os versículos seguintes fornecem mais detalhes sobre a tribulação na qual o salmista se encontra. Ele clamou ao Senhor *de dia e de noite*, mas não obteve resposta (22:2). A ausência de Deus se torna uma provação da fé do salmista quando ele vê o contraste entre sua fé e sua situação.

Reconhece que Deus é o Todo-Poderoso, *entronizado entre os louvores de Israel* (22:3), mas agora Deus está calado. O salmista recapitula a história de seu povo, e o contraste se torna ainda mais gritante. Quando seus antepassados *confiaram* em Deus, ele os livrou (22:4). Quando *clamaram* a ele, foram salvos (22:5). Por que o mesmo Deus inutável age de forma diferente no caso do salmista?

A conjunção *mas* em 22:6 ressalta o contraste entre a experiência dos antepassados e a do salmista. Em seu sofrimento, ele se desumanizou, e os outros o veem como pouco mais que um *verme*. Jesus passou pela mesma situação quando estava na cruz. Conforme Isaías havia predito, foi desprezado e se tornou “como um de quem os homens escondem o rosto” (Is 53:3). Por vezes, agimos da mesma forma em relação aos aflitos, famintos ou enfermos na África. Será que escondemos nosso rosto quando vemos alguém esquelético e debilitado por causa do HIV/aids? Aqueles que estão sofrendo intensamente precisam de nosso amor e cuidado. Não devem ser desprezados como se fossem menos humanos ou menos dignos de nossa compaixão que outros.

Devido à sua condição desumanizada e humilhação, o salmista se torna objeto de escárnio (22:7). As pessoas ao seu redor zombam dele, dizendo: *Confiou no SENHOR! Livre-o ele, salve-o* (22:8). Além de questionarem sua confiança no Senhor, consideram-no rejeitado por Deus (Mt 27:39-43).

Em meio ao profundo sofrimento, o salmista procura um modo de fortalecer sua fé em Deus. Recorda-se de sua própria experiência e de como o Senhor o protegeu desde a mais tenra infância. Reitera sua relação estreita com Deus: *Tu [...] me preservaste, estando eu ainda no seio de minha mãe* (22:9-10).

Aparentemente abandonado por Deus, desprezado e alvo da zombaria daqueles que o cercam, o salmista também se vê às voltas com inimigos, como fica evidente em 22:11-22. Mais uma vez, clama ao Senhor que se aproxime: *Não te distancies de mim, porque a tribulação está próxima* (22:11; 22:1).

Os inimigos são descritos metaforicamente como *touros* e como *leão* (22:12-13). Os *touros de Basã* eram conhecidos por seu tamanho e força, de modo que a imagem expressa o poder e ameaça dos inimigos que o cercam. Encontramos a mesma ideia na imagem do leão que despedaça sua presa frágil. A menos que o Senhor intervenha, o salmista morrerá em breve. A descrição de sua condição física em 22:14-15 confirma o perigo e explica por que ele se vê como um verme (22:6). Perdeu toda a sua força. Entrementes, seus inimigos são como *cães* que farejam em torno de um homem morto (22:16). Prenderam-no e começaram a repartir entre si as vestes dele mesmo antes de ele morrer (22:17-18; cf. Mt 27:35; Mc 15:24).

A proximidade da morte leva o salmista a suplicar a Deus novamente em oração: *Não te afastes de mim* (22:19a). Uma vez que todas as suas forças se foram, ele não se

dirige mais ao Senhor como “Deus meu” (22:1,2,10), mas apela para ele como *força minha*, indicando qual atributo divino lhe parece mais importante naquelas circunstâncias. Clama por uma intervenção imediata: *Apressa-te em socorrer-me [...] Livra a minha alma [...] Salva-me* (22:19b-21).

A seção termina com um voto. O salmista promete que, se for salvo, anunciará os feitos poderosos de Deus a seus irmãos na fé e cantará *louvores no meio da congregação* (22:22). Esses louvores constituem a segunda seção do salmo.

### 22:23-31 Oração de ação de graças

O tom da segunda seção do salmo contrasta nitidamente com o da primeira. A lamentação dá lugar às ações de graças. O salmista sofreu sozinho, mas agora convida toda a congregação a louvar com ele. A aparente ausência do Senhor foi substituída pela certeza da salvação.

Vários termos são empregados para retratar a congregação: *Vós que temeis o SENHOR [...] descendência de Jacó [...] posteridade de Israel* (22:23). O salmista garante-lhes que o Senhor ouviu as orações de seu servo e lhe concedeu salvação. As palavras de louvor em 22:24 espelham o clamor de aflição na primeira metade do salmo.

Em 22:25-31, inicia um grandioso cântico de ação de graças. Assim como fez votos em 22:22, o salmista agora dirige a congregação nos louvores a Deus (22:25). Celebra a bênção de Deus sobre todos que o buscam, sejam ricos ou pobres, fortes ou fracos (22:26,29). Todos na terra o louvarão (22:27-28), bem como todas as gerações, presentes e futuras. As gerações futuras saberão que Deus livrou o salmista, e, portanto, seus descendentes estarão entre aqueles que louvarão ao Senhor (22:30-31).

O salmo 22 traz equilíbrio à vida cristã. Ter fé não evita automaticamente o sofrimento. Até mesmo Jesus, que é Deus, sofreu, e seus seguidores fiéis terão tribulações. A boa notícia é que Deus está perto. Está aqui para resgatar quem confia nele. Os cristãos africanos devem acautelarse daqueles que propagam uma fé cristã sem sofrimento. Se Jesus, o Senhor, sofreu, por que seus discípulos seriam poupados? Nem sempre o sofrimento indica pecado na vida das pessoas e é sinal de que Deus as abandonou.

### Salmo 23: O Senhor é o meu pastor

O salmo 23, uma das passagens mais conhecidas das Escrituras, é citado em várias circunstâncias diferentes. Constitui, em primeiro lugar, um cântico ou oração no qual o salmista, que provavelmente está no templo, expressa sua confiança em Deus. Para isso, baseia-se nas experiências passadas de seu povo, em especial durante a jornada pelo deserto depois do êxodo do Egito, e em sua própria experiência.

O salmo retrata o Senhor de duas maneiras. Na primeira seção (23:1-4), apresenta Deus como um pastor e, na segunda, como um anfitrião que prepara um banquete.

Só quem vem de um contexto pastoral consegue entender plenamente como o pastor é essencial para o bem-estar do rebanho. Quem é originário da parte central da África, onde a vegetação e a água são tão abundantes que as ovelhas tomam conta de si mesmas, também tem dificuldade em compreender o cenário que esse salmo retrata. Mas os leitores oriundos das regiões desérticas da África o entendem muito bem. Sabem que o papel do pastor é indispensável em locais onde, por vezes, é preciso andar até quinze quilômetros para encontrar água ou pasto para o rebanho.

### 23:1-4 O Senhor como pastor

O salmo 23 começa com palavras de confiança. No hebraico, a expressão inicial é composta de apenas duas palavras: *SENHOR e meu pastor*. No antigo Oriente Médio, era comum chamar o rei de pastor do seu povo, e, em algumas passagens do AT, diz-se que o rei e o Senhor pastoreiam uma nação inteira (Nm 27:17; 1Cr 17:6; Jr 31:10). Nesse caso, porém, um indivíduo afirma que Deus é seu pastor (23:1). Sabe que com um pastor como esse não carecerá de nada. Durante os quarenta anos em que Israel vagou pelo deserto, Deus supriu todas as necessidades do seu povo (Ne 9:20-21).

Na sequência, o salmista explica como o Senhor se revela no papel de pastor, ao prover pastagem e água, necessidades fundamentais do rebanho (23:2-3). Os pastos são verdes, o que significa que a grama é fresca. As águas são calmas, de modo que as ovelhas não têm dificuldade em saciar a sede, como seria o caso se as águas fossem agitadas e perigosas. Os pastos verdes e águas calmas sustentam a vida das ovelhas. Semelhantemente, o modo de Deus guiar o salmista *pelas veredas da justiça* lhe proporciona uma vida serena e tranquila.

O *vale da sombra da morte* (23:4) talvez fosse um lugar onde havia perigo de encontrar animais selvagens, ou um vale íngreme que o rebanho precisava escalar ao se deslocar de um pasto para outro. Essa imagem também nos lembra a experiência dos israelitas no êxodo (cf. Jr 2:6). O *bordão* e o *cajado* eram os instrumentos usados pelo pastor para trazer de volta as ovelhas que se desgarravam ou para proteger de animais selvagens, o rebanho.

O salmo 23 limita o papel do pastor à provisão e proteção, mas Jesus, o Bom Pastor, vai mais longe. Está disposto a dar a vida por suas ovelhas (Jo 10:11).

Quem serve ao Senhor cuidando de seu rebanho também é chamado de pastor. O apóstolo Pedro adverte os pastores da igreja: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade” (1Pe 5:2). Infelizmente, hoje em dia muitos se tornam pastores para fugir da pobreza ou do desemprego. Exercem o ministério visando seus próprios interesses, e não o bem-estar do rebanho.

Aqueles que procuram ser pastores autênticos devem valer-se desse salmo para entender seu papel. Sua tarefa

consiste em prover sustento e proteção para o povo de Deus. Eles devem alimentar o povo de Deus com as Escrituras a fim de que as ovelhas tenham uma fé saudável e não fiquem subnutridas, tornando-se presas fáceis para falsos mestres. Também cabe aos pastores proteger o rebanho dos muitos inimigos que podem ameaçá-lo.

### 23:5-6 O Senhor como anfitrião

O salmista deixa repentinamente a metáfora do pastor e usa outra imagem para descrever Deus. Agora, retrata-o como um anfitrião que prepara uma refeição para alguém que está sendo perseguido por inimigos. Os inimigos observam sem poder fazer nada enquanto o salmista desfruta tranquilamente o banquete como convidado de honra, cuja cabeça é ungida com óleo (23:5). Sabem que ele está sob a proteção de Deus.

A combinação das experiências do Senhor como pastor e como anfitrião convence o salmista de que, sem dúvida, a bondade e a misericórdia de Deus o acompanharão no futuro. Ele viverá em segurança na Casa do SENHOR (23:6).

### Salmo 24: O Criador, o Rei da glória

É provável que o salmo 24 fosse recitado numa festa anual do templo na qual uma procissão carregava a arca da aliança, ou numa celebração do Senhor como Rei. Seus dez versículos entretêm três temas importantes do AT: a criação, a adoração e a soberania do Senhor.

#### 24:1-2 O Senhor, o Criador

Os dois primeiros versículos do salmo celebram Javé como Criador e dono de tudo o que existe. A terra e tudo o que nela se contém pertencem a ele (24:1). Esse tipo de confissão nega todas as asserções humanas de posse da criação. Conforme o versículo seguinte mostra, a criação pertence a Deus porque é obra de suas mãos (24:2).

A descrição do mundo alicerçado sobre os mares ou sobre as correntes reflete a cosmovisão da época. Os antigos acreditavam que o mundo era firmado sobre colunas que se erguiam de mares e oceanos caóticos. Não precisamos concordar com os detalhes desse modelo para aceitar que a estabilidade da terra vem de seu Criador.

A confissão desses versículos refuta os conceitos científicos modernos, que, em geral, desconsideram o senhorio de Deus sobre a terra. A exploração excessiva dos recursos da terra e o aquecimento global são consequências do não reconhecimento da soberania de Deus sobre a criação e da ordem que ele estabeleceu.

#### 24:3-6 Liturgia para entrar no templo

Depois de proclamar a autoridade divina, o salmo traz uma série de perguntas e respostas que indicam os requisitos para entrar no santuário do Senhor. Os adoradores a caminho do templo em Sião reconhecem a soberania de Deus sobre toda a criação, inclusive sobre a vida de cada ser hu-

mano. Agora, desejam saber as condições que o Senhor definiu para se aproximarem da parte da terra pertencente a Deus de forma especial, seu santo lugar ou palácio. O reconhecimento do Senhor como Criador deve levar-nos a adorá-lo conforme suas prescrições, pois, do contrário, não estaremos adorando em verdade.

Os peregrinos ou adoradores fazem perguntas semelhantes às do salmo 15: *Quem subirá [...]?* *Quem há de permanecer [...]?* (24:3). Os sacerdotes, responsáveis por esclarecer questões desse tipo, respondem de maneira menos detalhada aqui do que no salmo 15, mas os princípios básicos são os mesmos. A primeira condição diz respeito ao modo de agir dos adoradores. Para ser aceitável, quem adora ao Senhor deve ser limpo de mãos, isto é, deve ser inocente e evitar fazer o mal a outros. Seus pensamentos também devem ser sem malícia, pois ele precisa ter coração puro (24:4a). O coração puro é fiel ao Senhor. Jesus enfatizou a mesma condição para ter acesso à presença do Senhor: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5:8). A fim de adorar a Deus, também é preciso afastar-se da idolatria e do perjúrio (24:4b), condições que destacam a ligação estreita entre a adoração e o modo de vida do adorador. A adoração desacompanhada de um relacionamento justo com Deus e com os outros não tem sentido. Infelizmente, essa mensagem não é ouvida com frequência nos meios cristãos africanos. As igrejas estão cheias, e o número de novos convertidos continua a crescer, mas as mudanças na sociedade são poucas. Há uma lacuna entre a alegria da adoração no domingo e o modo de viver ao longo da semana.

Os israelitas se dirigem ao santuário a fim de receber bênçãos de Deus. Mas somente aqueles que preenchem os requisitos para entrar serão abençoados (24:5-6). A simples presença no santuário não abençoa ninguém. Pelo contrário, somos abençoados por meio da obediência à palavra de Deus em nossa vida diária no lar, no trabalho e na escola.

Convém observar ainda que as bênçãos são concedidas por Deus, e não por pessoas. O continente africano está repleto de homens e mulheres que afirmam distribuir bênçãos, apesar de sua própria vida não dar sinais de ser abençoada. Indivíduos como esses exploram o rebanho e arrancam dinheiro das ovelhas.

#### 24:7-10 O Rei da Glória

Os adoradores reunidos aguardam a chegada do Rei da Glória, nome repetido quatro vezes nesses quatro versículos. Vemos aqui uma liturgia para a entrada da arca da aliança no templo ou para uma celebração do Senhor como Rei. Começa com uma conclamação para ingressar no templo (24:7), respondida com uma pergunta sobre a identidade daquele que deseja entrar, seguida da revelação da verdadeira identidade do Rei da Glória (24:8). A repetição da liturgia em 24:9-10 permite ao salmista descrever em mais

detalhes quem está entrando no templo. Fica evidente que o Senhor, o proprietário da terra e de tudo o que ela contém, aquele que é adorado em Jerusalém, também é o Rei da Glória, o Todo-Poderoso. Ele é o Deus *forte e poderoso* cuja obra criadora incluiu a vitória sobre as águas caóticas (24:8). É ele quem pode livrar seu povo na batalha. Veio para estar no meio daqueles que o buscam com mãos limpas e coração puro.

Criação, adoração e soberania de Deus são temas estreitamente relacionados. O Deus que criou todas as coisas deve ser adorado porque é o poderoso Rei da Glória. Quem se achega a ele com mãos limpas e coração puro não precisa temê-lo; antes, pode regozijar-se e confiar nele.

### **Salmo 25: Ensina-me os teus caminhos**

O salmo 25 é um acróstico no qual cada linha começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico. Como o salmo 1, é um texto sapiencial que contém vários ensinamentos acerca dos “caminhos” de Deus. Apesar de se encontrar cercado de inimigos, o salmista não suplica livramento físico, mas direção do Senhor. Pede não apenas que Deus lhe ensine seus caminhos, mas também que o ajude a sempre andar neles. Ao reconhecer a diferença entre saber e fazer e a difícil transição de um para o outro, o salmo oferece importante orientação para nossa vida e para como devemos andar com Deus. Um dos problemas do cristianismo africano é que muitos cristãos conhecem o caminho de Deus, mas não andam nele na vida diária. Esse salmo revela que o caminho de Deus não é fácil. Além dos inimigos que espreitam do lado de fora, há conflitos internos. Somente pela graça de Deus podemos avançar.

#### **25:1-7 Oração por livramento e perdão**

O salmo começa com uma oração por socorro. As palavras *Elevo a minha alma* equivalem a “estendo minhas mãos” e expressam a dependência e confiança do salmista no Senhor, o qual ele chama de *Deus meu* (25:1-2a). Ele não duvida de que sua oração será respondida.

Na sequência, encontramos mais detalhes sobre as circunstâncias nas quais o salmista se volta para Deus. Ele está cercado de inimigos que esperam vê-lo cair e ser *envergonhado* (25:2b). Está certo, porém, de que não cairá. Apesar de sua fé ter vacilado por um momento em 25:2 ao considerar a possibilidade de Deus permitir que seu servo seja envergonhado, sua lembrança de quem Deus é deixa claro que se trata de algo impossível: *Dos que em ti esperam, ninguém será envergonhado*. Quem deve preocupar-se com a vergonha que lhes sobrevirá são os inimigos do salmista, descritos aqui como *os que, sem causa, procedem traiçoeiramente* (25:3).

Em vez de pedir a Deus para livrá-lo de seus inimigos, o salmista pede orientação e direção: *Faze-me, SENHOR, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas* (25:4). O termo traduzido por “caminhos” é importante na literatu-

ra sapiencial. Refere-se a instruções e diretrizes da Torá, que é a expressão perfeita de sua vontade. Os inimigos são como os ímpios, pecadores e escarnecedores no salmo 1, que escolheram não andar pelos caminhos de Deus.

O salmista não pede apenas que o Senhor o ensine. Ao procurar andar nos caminhos de Deus, depara-se com perigos e obstáculos, daí suplicar para que o Senhor o socorra e guie (25:5).

A confiança do salmista no livramento divino se baseia em experiências passadas. Ele pede a Deus que se lembre daquilo que fez no passado por seu servo e, provavelmente, por todo o povo. Não afirma ter o direito de esperar que Deus opere do mesmo modo, mas confia nas *misericórdias e bondades* de Deus (25:6).

Ao pensar na graça de Deus no passado, o salmista lembra que não a merece, pois recorda os *pecados da mocidade*. Reconhece que na juventude cometeu *transgressões* e não viveu de acordo com os ensinamentos de Deus (25:7a). Sua súplica para que Deus não se lembre desses pecados é acompanhada de um pedido de perdão.

O perdão dos pecados já estava presente no AT. Sem o perdão divino, Israel não teria sobrevivido. O salmista não oculta seus pecados, como muitos cristãos procuram fazer. Afinal, quem pode esconder os pecados da presença do Senhor, que conhece todas as coisas? O salmista também não permite que o diabo o desanime com lembranças de transgressões passadas. Sabe que Deus é bom e, por causa de seu amor, não trata as pessoas de acordo com seus pecados. Apega-se à certeza da *bondade* de Deus (25:7b).

#### **25:8-15 Certeza de que Deus é bom**

Agora, o salmista desenvolve o tema da bondade de Deus, que emergiu em 25:7. Afirma que Deus é *bom*, pois não se lembra dos pecados, e também é *reto* (25:8). Sabe que ele próprio é pecador, mas um pecador que busca a direção e instruções de Deus. Somente os *humildes* que procedem desse modo podem receber direção de Deus (25:9a). Ao pedir novamente para ensinar-lhe *o seu caminho*, o salmista expressa claramente o desejo de aprender a cumprir os requisitos da aliança entre Deus e seu povo (25:9b-10).

Depois de reconhecer seus pecados em 25:7, pede explicitamente o perdão de Deus, não por que o mereça, mas *por causa do teu nome, SENHOR* (25:11). Em outras palavras, caso Deus se recuse a perdô-lo e permita que ele seja derrotado por seus inimigos, a vergonha não recairá apenas sobre o salmista, mas também sobre o próprio Deus. O pecador contrito implora para ser perdoado por amor à reputação do Senhor.

Na sequência, o texto adquire um tom didático que segue o padrão do salmo 24. Fornece as características daquele que *teme ao SENHOR* (25:12). Nesse contexto, “temer” não tem a conotação de ansiedade, mas de respeito e reverência a Deus. Aqueles que temem ao Senhor não se desviam de seu caminho e são prósperos (25:13a). O conceito de



prosperidade se tornou um divisor de águas nas igrejas de hoje. É importante observar que, conforme o salmo deixa claro, a prosperidade em questão não ocorre de maneira miraculosa, como muita gente espera. Também não é concedida porque alguém dá o salário inteiro a um pregador no fim do mês. Antes, é resultado de viver segundo a palavra de Deus.

Essa prosperidade não deve ser equiparada a grandes riquezas, mas a uma vida de paz, alegria e amor com a qual Deus abençoa seu povo. A descendência daqueles que temem ao Senhor *herdará a terra* (25:13b-14), promessa de Deuteronômio segundo a qual a posse da terra dependia da obediência à aliança (Dt 4).

O último versículo dessa seção é mais uma expressão de confiança no Senhor. O salmista espera a intervenção divina, pois somente Deus pode livrá-lo de seus inimigos (25:15).

### 25:16-22 Oração final

A última seção recapitula os temas dos versículos anteriores numa oração. O salmista pede que Deus atente em sua situação e o socorra. Ele está *sozinho* e precisa enfrentar vários inimigos (25:16). À medida que continua a orar sem nenhuma resposta evidente de Deus, sua aflição aumenta (25:17). Volta a pensar em seus pecados e pede perdão novamente (25:18). Está em perigo, pois os inimigos são muitos e estão prontos para pôr seus planos perversos em ação. Em sua súplica a Deus por uma intervenção urgente, retorna ao tema da desonra: *Não seja eu envergonhado* (25:19-21; cf. tb. 25:2).

Esse salmo, que começa com as dificuldades de um indivíduo, termina com uma súplica para que Deus livre a nação como um todo (25:22). A ideia de comunidade já havia aparecido em 25:14. Temos aqui uma conclusão extremamente interessante para a cultura africana, que dá grande ênfase à comunidade. Apesar de a salvação ser uma questão pessoal, ninguém pode experimentar sozinho uma vida feliz em Cristo.

### Salmo 26: Súplica por justiça e misericórdia

O salmo 26 provavelmente constitui uma oração na qual o autor, que parece ser alvo de falsas acusações, clama por vindicação ao Juiz supremo. Suas palavras ressaltam dois aspectos importantes da vida cristã: somos chamados a viver de acordo com a lei de Deus, mas não temos como cumpri-la perfeitamente. Devemos, portanto, apelar sempre para a misericórdia de Deus. Aqueles que tentam agradar ao Senhor por meio da obediência caem no legalismo e vivem sem alegria. Por outro lado, aqueles que usam a graça de Deus como desculpa para a desobediência negam o preço que Cristo pagou em seu sacrifício na cruz.

A referência a um ritual de purificação em 26:6 pode indicar que esse salmo também era entoado quando peregrinos chegavam ao templo. É possível que fosse recitado,

ainda, pelos enfermos à beira da morte, pois no AT a enfermidade é sempre associada ao pecado.

### 26:1 Apelo ao justo Juiz

O salmista apela para o justo Juiz: *Faze-me justiça, SENHOR* (26:1a). Não pode provar sua inocência nem confiar na limitada justiça humana, de modo que se dirige diretamente a Deus para pleitear sua causa. Não hesita em apelar para Deus, pois sabe que tem *andado na [...] integridade* (26:1b). Essas palavras podem dar a impressão de que ele imagina não ter pecado ou confia em sua própria bondade para obter salvação, mas não é o caso. O termo hebraico traduzido por “integridade” dá a ideia de algo inteiro e sem defeito. Ao afirmar ser íntegro, portanto, o salmista está dizendo que sua confiança no Senhor nunca vacilou. Assumiu o firme compromisso de seguir a Deus.

### 26:2-5 Declaração e prova de inocência

O salmista repete seu pedido de forma ainda mais enfática: *Examina-me, SENHOR, e prova-me; sonda-me* (26:2). Os mesmos verbos eram usados com referência ao processo de refinamento de ouro ou prata para garantir sua pureza (Zc 13:9; Mt 13:3). O salmista está disposto a se sujeitar a esse escrutínio, pois tem certeza de que o Senhor é um juiz justo, o único que conhece não apenas os fatos, mas também as intenções do coração e da mente.

Para provar sua inocência, o salmista menciona dois aspectos fundamentais do seu relacionamento com Deus. O primeiro é a fidelidade do Senhor, cuja *benignidade, tenho-a perante os olhos*. O outro é sua própria obediência à bondade do Senhor, expressa em sua aliança, a qual o salmista descreve como *tua verdade* (26:3).

Depois de afirmar sua inocência em termos positivos, o salmista usa expressões negativas e fala daquilo que não faz. Declara que não se assenta *com homens falsos* (26:4; cf. tb. 1:1; 15:3-4). Afasta-se dos malfeitores que corrompem a comunidade dos filhos de Deus. Sabe que “as más companhias corrompem os bons costumes” (1Co 15.33, NVI).

Na África, estamos acostumados a ouvir as pessoas tentando provar sua inocência ao descrever o modo pelo qual vivem na comunidade. Infelizmente, porém, a ênfase sobre a comunidade também pode ter uma conotação negativa. Pode ser extremamente difícil um indivíduo resistir aos padrões da comunidade contrários à lei de Deus. Como o salmista, porém, devemos recusar a companhia dos *ímpios* (26:5). Os cristãos que não seguem esse exemplo são incapazes de influenciar sua comunidade de forma positiva.

### 26:6-7 Um ritual simbólico

A lavagem formal das mãos possui forte significado ritual. Em várias partes da África, esse gesto pode ser um testemunho de inocência. Também pode indicar conflito entre duas pessoas ou grupos. Quando o salmista diz *Lavo as mãos na inocência* (26:6a), é possível que esteja referindo-

se a um ato literal realizado ao entrar no templo. O gesto constituía uma declaração pública de inocência das acusações feitas contra ele. A lavagem ritual também era associada à ida ao templo, o lugar onde Deus ouvia as orações do povo e, em sua misericórdia, perdoava os pecados e oferecia redenção. Ao lavar as mãos, o salmista também declarava a necessidade de ser purificado pelo Senhor (Sl 51:2,7; At 22:16).

Depois de completar a purificação ritual junto à entrada do templo, o salmista pode participar do culto que proclama a glória do Senhor e suas *maravilhas todas* (26:6b-7).

### 26:8-11 Fé e oração

O salmo muda de tom, possivelmente por causa da experiência do salmista no templo. Ele provou sua inocência e experimentou a justiça e proteção de Deus no lugar onde o Senhor habita. Expressa energeticamente a alegria de estar na presença de seu Senhor maravilhoso, no lugar onde sua *glória assiste* (26:8).

Em seguida, suplica para que Deus tome uma providência. Como em 26:1, pede ao Senhor que seja poupado, de modo que não tenha um fim semelhante ao dos ímpios, os quais ele descreve como *pecadores e homens sanguinários* (29:9-10). Tais indivíduos não são bem-vindos no templo santo de Deus e morreriam se o adentrassem. O salmista pede ao Senhor que o preserve desse destino.

O versículo seguinte destaca um elemento importante do salmo: apesar de o salmista ter levado uma vida irrepreensível, sabe que sua salvação depende da misericórdia de Deus, e não de sua própria inocência (26:11).

### 26:12 Declaração de confiança

O salmista encerra sua oração com uma declaração confiante de que agora *está firme em terreno plano* (26:12). Essa expressão pode ser uma referência tanto ao piso plano do templo no qual ele se encontra quanto ao caminho plano da integridade no qual ele caminhou e continuará a caminhar.

### Salmo 27: Minha luz, salvação e refúgio

O salmista começa declarando sua confiança no Senhor (27:1-6) e prossegue com um clamor a Deus por socorro (27:7-14). Uma vez que o Senhor o livrou no passado, o salmista declara prontamente sua certeza de que Deus o manterá em segurança no presente. Não obstante, é realista e sabe que seus inimigos ainda representam uma ameaça.

Para alguns comentaristas, as duas partes do salmo 27 eram composições separadas. Observamos, contudo, que ambas tratam dos mesmos temas: salvação (27:1,9), ataques dos inimigos (27:2,12), o coração do salmista (27:3,8,14) e o desejo de buscar a Deus (27:4,8). Essas semelhanças conferem uniformidade ao salmo.

Como o salmista, os cristãos também podem experimentar vitória, em nosso caso por meio do sacrifício de Jesus e do auxílio do Espírito Santo. Mas, como ele, também preci-

samos lembrar que ainda vivemos em um mundo no qual “o diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8).

### 27:1-6 Oração de confiança

A declaração inicial de confiança determina o tom de todo o salmo. O salmista usa três imagens para descrever o que Deus fez por ele: Deus é sua *luz*, *salvação* e *fortaleza* (27:1). A descrição de Deus como “luz” é incomum no AT. Voltamos a encontrá-la no NT quando Jesus declara ser a luz do mundo (Jo 8:12). A luz ilumina nosso caminho, dissipa as trevas e, desse modo, revela inimigos ocultos.

Quando os autores do AT descrevem Deus como “salvação”, o enfoque geralmente é sobre a vitória que ele concede na guerra. A imagem de Deus como “fortaleza” também é militar, pois a fortalezas ofereciam proteção contra todos os inimigos. Uma vez que o Senhor é sua luz, salvação e refúgio, o salmista não teme nenhum perigo. Suas perguntas retóricas: *De quem terei medo?* [...] *a quem temerei?* são declarações de fé. Para os cristãos africanos que vivem em um ambiente no qual há muito que temer, inclusive guerras, pobreza, fome e espíritos malignos, o salmo 27 é de grande ajuda.

Depois dessa declaração retumbante, o salmista emprega contrastes fortes em 27:2-3 para enfatizar a intensidade de sua confiança no Senhor. Ele viu Deus agir em seu favor no passado e não teme os inimigos, ainda que estejam determinados a destruí-lo (27:2). Mesmo quando *um exército* o cerca (27:3) e não há como escapar, o salmista está certo de que o Senhor o salvará. Ao contrário de alguns cristãos, ele não sente necessidade nenhuma de recorrer a pessoas ou coisas para se sentir seguro.

O enfoque do salmo muda repentinamente dos inimigos que atacam para o templo. Os inimigos desviam a atenção daquilo que é mais importante para o salmista, a única coisa que ele pede: poder entrar e permanecer *na Casa do SENHOR* (27:4a). É possível que ele esteja distante do templo em Jerusalém, mas anseia pelo dia em que poderá voltar e descansar na presença do Senhor em seu santuário. Ali, a salvo dos inimigos, verá *a beleza do SENHOR* (27:4b).

Em 27:1, o salmista descreve Deus como “fortaleza” e agora expande essa imagem ao falar sobre como a presença de Deus torna o seu templo um lugar de segurança, onde os inimigos do salmista não podem perturbá-lo. O templo lhe oferece seu *tabernáculo* (27:5). Lá, seus pés serão firmados *sobre uma rocha*, fora do alcance de seus inimigos. A “rocha” pode ser a colina rochosa sobre a qual o templo foi construído. Em termos simbólicos, porém, pode representar um lugar de segurança e estabilidade onde o salmista não precisará temer as ondas de tribulação que ameaçam tragá-lo.

O salmista antevê como celebrará a vitória sobre seus inimigos. Ele louvará e honrará ao Senhor com alegria e música (27:6). Fazemos bem em louvar ao Senhor quando

experimentamos sua salvação e devemos certificar-nos de que ele receba todo o louvor, e não procurar assumir parte do crédito.

### 27:7-14 Clamor por socorro

Seria de esperar que o salmista terminasse com os cânticos de louvor em 27:6. Mas ele é realista e sabe que as vitórias do passado não significam que não será necessário enfrentar outra crise ou inimigo. É possível que ele esteja nos recintos do templo em Jerusalém no momento em que clama ao Senhor por socorro.

Em primeiro lugar, ele pede a Deus que ouça à sua oração e responda a ela. Sua súplica se baseia exclusivamente na misericórdia de Deus (27:7). Volta ao tema de buscar ao Senhor, mencionado em 27:4, ao afirmar que almejava “morar na Casa do SENHOR”. Agora, porém, deseja ir ainda mais longe e buscar a *presença* do Senhor (27:8). Deseja voltar-se para Deus da forma que o povo de Israel foi convidado a fazer em momentos de perigo, pedindo que ele intervenha em seu favor (1Rs 8:33-49). Também se associa ao povo de Deus ao se descrever como *teu servo* e, desse modo, se identifica com outros servos fiéis do Senhor, como Moisés, Josué e Davi (Dt 34:5; Jz 2:8; 2Sm 7:8).

O salmista pede que Deus ouça sua oração e não o rejeite nem esconda dele a sua *face* (27:9). Mesmo enquanto profere essas palavras, contudo, sabe que o Senhor não o lançará fora. O vínculo do Senhor com seu povo é mais estreito que os relacionamentos humanos mais profundos. Até mesmo *pai* e [...] *mãe* podem rejeitar seus filhos, mas Deus jamais rejeitará aqueles que o servem (27:10).

Certo da proteção do Senhor, o salmista pede agora sua direção: *Ensina-me, SENHOR, o teu caminho* (27:11). A imagem de ser conduzido *por vereda plana* nos traz à memória a descrição anterior de Deus como luz que ilumina nosso caminho (27:1).

O salmista volta a pedir proteção, dessa vez, porém, contra um tipo diferente de inimigo. Agora, ele é ameaçado por *falsas testemunhas* (27:12), que o acusam de algum crime passível de castigo severo. As testemunhas desempenhavam um papel crítico no sistema judiciário de Israel, pois o acusado não possuía advogado de defesa para argumentar em seu favor. A única esperança do salmista é o Juiz supremo que conhece a verdade acerca do coração das pessoas.

Seus adversários e as falsas testemunhas podem tentar condená-lo e matá-lo, mas sua confiança no Senhor é mais forte que as ameaças desses inimigos (27:13). Não há motivos para temê-los (27:1). Ele sabe que verá a *bondade do SENHOR na terra dos viventes*. Desfrutará a intimidade com Deus pela qual pediu em 27:4-5, em vez de ser exterminado e enviado para a terra dos mortos, onde estaria separado do Deus vivo.

O salmista termina com uma súplica para permanecer fiel ao Senhor. Não é apenas um pedido para esperar, mas para fazê-lo de modo confiante, para ter *bom ânimo* e o co-

ração fortificado (27:14). Essa parte do versículo lembra a declaração do Senhor a Josué (Js 1:6) e as últimas palavras de Davi a seu filho, Salomão (1Cr 28:20). Paulo ofereceu encorajamento semelhante aos cristãos em Roma (Rm 8:38).

### Salmo 28: Não permaneças calado

Observamos aqui vários elementos comuns com o salmo 27. O salmo 28 refere-se a Deus como rocha que fortalece o salmista e o protege dos inimigos, e em sua misericórdia responde às suas orações e o salva. Não há nenhuma indicação do que levou o salmista a fazer sua súplica, mas fica evidente que ele sofreu ataques de seus inimigos e se encontra profundamente perturbado com o aparente silêncio de Deus.

#### 28:1-2 Ouve o meu clamor

Em 27:5, o salmista diz que o Senhor o eleva sobre uma rocha a fim de protegê-lo do perigo. No salmo 28, porém, ele identifica Deus como *rocha minha* (28:1a). Essa metáfora sugere um lugar seguro e estável, como fica evidente quando Jesus usa a mesma imagem para contrastar a estabilidade de uma casa construída sobre a rocha com a de uma casa construída sobre a areia. A casa construída sobre a areia não demorou a desmoronar, enquanto a que foi construída sobre a rocha suportou todas as intempéries (Mt 7:24-27; Lc 6:47-49).

Apesar de confiar em Deus como sua rocha, porém, o salmista parece temer que o Senhor não responderá. É possível que, não obstante suas orações, os inimigos o estivessem perseguindo há algum tempo, daí a súplica a Deus: *Não sejas surdo para comigo* (28:1b). Se Deus se mantiver calado, o salmista será *semelhante aos que descem à cova*, o lugar dos mortos no Sheol. Talvez ele temesse que sua situação fosse semelhante à de Saul, o primeiro rei de Israel, em relação ao qual Deus se calou (1Sm 28:15-16). A presença de Deus representa vida, enquanto sua ausência representa morte.

Muitos cristãos africanos também têm precisado lidar com o aparente silêncio do Senhor diante de enfermidades graves, problemas financeiros ou familiares. Quando Deus não responde de imediato, eles podem ser tentados a concluir que o Senhor está ausente ou se recusa a ouvir e responder. Há quem procure ajuda em outro lugar, enquanto outros perdem as esperanças e imaginam que o silêncio de Deus é um sinal de falta de fé da parte deles ou de pecado oculto em sua vida. Nem sempre é o caso. Como a experiência do salmista e de outros cristãos mostra, Deus é fiel. Ele nos ouvirá. Em sua soberania, contudo, é ele quem decide quando e como deve agir.

O salmista talvez tenha proferido seu clamor *por socorro* nos átrios exteriores do templo, pois diz que ergue *as mãos para o [...] santuário*, ou seja, o Santo dos Santos dentro do templo (28:2; cf. 1Rs 8:6). O gesto de erguer as mãos

durante a oração indica que o salmista faz uma súplica e está pronto a receber algo do Senhor. Não devemos supor que, pelo fato de o salmista ter orado com as mãos erguidas, devamos fazer necessariamente o mesmo. A Bíblia não sanciona nenhuma postura ou gesto específico associado à oração. O Senhor nos ouvirá quer oremos com olhos abertos ou fechados, quer assentados ou ajoelhados, quer em voz alta ou silenciosamente.

### 28:3-5 Oração por livramento

Depois de suplicar para ser ouvido, o salmista faz seu pedido ao Senhor. Apesar de sua fidelidade, ele teme ser destruído como os ímpios. Esses indivíduos hipócritas conversam com seu próximo como se fossem amigos e, ao mesmo tempo, tramam como apunhalá-los pelas costas (28:3). É possível que o salmista tenha em mente pessoas como as falsas testemunhas de 27:12. Uma vez que elas não respeitaram os feitos maravilhosos do Senhor (28:5; Is 5:12), Deus acabará com sua arrogância. Não as exterminará pessoalmente, mas permitirá que seus atos perversos se voltem contra elas e as fará colher aquilo que semearam (28:4). O Juiz supremo não permitirá que os ímpios destruam os justos.

### 28:6-7 Cântico de ação de graças

Por fim, o Senhor ouve as *vozes súplicas* do salmista, ou seja, seu clamor por misericórdia (28:6; 28:2). Diante da certeza de que foi ouvido (28:1-2) e protegido do perigo (28:3-4), o salmista muda de tom. Agora, louva ao Deus que vindicou sua inocência. Usando termos militares, declara: *O SENHOR é a minha força e o meu escudo* (28:7). O Senhor lhe deu forças para vencer e o defendeu dos ataques inimigos. Não é de admirar que o coração do salmista exulte enquanto canta para a glória de Deus.

### 28:8-9 Oração pela comunidade

Como cristãos africanos, entendemos a relação entre o indivíduo e a comunidade na cultura israelita. Não nos surpreendemos, portanto, quando o salmista termina seu cântico olhando além das preocupações pessoais e focalizando as necessidades do *povo* de Deus, a nação de Israel, e do *seu ungido*, o rei (28:8). A situação do indivíduo é simplesmente uma versão em miniatura dos problemas que a nação como um todo enfrenta. Todos vivem em um mundo hostil. O salmista ora, portanto, pela nação e pede para Deus ser o pastor que conduzirá, alimentará e cuidará de seu povo (28:9; cf. tb. Sl 23).

As palavras finais do salmo 28 nos lembram que não nos devemos preocupar apenas com nossa própria segurança. Ninguém está seguro se aqueles ao seu redor correm perigo. Por isso, Paulo instruiu os cristãos a orar “em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito” (1Tm 2:2). Essa interdependência de indivíduo

e comunidade costumava ser compreendida na sociedade africana tradicional e é algo que a comunidade cristã precisa redescobrir. Inúmeras crises em várias regiões do continente nascem do egoísmo de indivíduos que procuram tomar para si a riqueza de uma nação inteira.

## Salmo 29: O poder do Senhor revelado na natureza

O salmo 29 exalta o poder e a majestade do Senhor manifestados na natureza. O fato de o salmista escolher a imagem de uma tempestade para ilustrar o poder de Deus é particularmente significativo, pois na religião dos povos cananeus que viviam ao redor de Israel adoravam-se os elementos naturais como se fossem deuses e dizia-se que Baal, o deus supremo, cavalgava sobre tempestades. O salmista declara sem vacilar, porém, que todos os elementos naturais estão sob o controle do Senhor soberano, o Criador. Hoje, sabemos muito mais sobre o universo do que os israelitas sabiam naquela época. Como resultado desse conhecimento, porém, por vezes fazemos da ciência o nosso deus, em vez considerá-la um instrumento usado por Deus. Os cristãos devem lembrar que a criação pertence ao Senhor.

Sempre que ouvirmos trovões, sentirmos o vento intenso ou virmos o clarão de relâmpagos, devemos trazer esse salmo à memória e recordar que o Senhor é poderoso e nada no mundo está fora do seu controle. O Senhor da natureza é o Senhor da Igreja, da criação e da história.

### 29:1-2 Convocação para louvar

O salmista começa com uma convocação tríplice para louvar ao Senhor. Dirige-a aos *filhos de Deus* (29:1), expressão difícil que significa, literalmente, “filhos dos deuses” e também é traduzida por “seres celestiais” (NVI) ou “filhos dos poderosos” (RC). De acordo com alguns comentaristas, o salmista tem em mente um conselho ou tribunal divino reunido. Fica claro, porém, que, apesar de dirigir a convocação ao conselho celestial, ele também chama as pessoas comuns ao seu redor para celebrar o poder do Senhor, o verdadeiro Rei de Israel.

Em seguida, o salmista convida seus ouvintes a tributar *ao SENHOR a glória devida ao seu nome* (29:2), ou seja, a glória devida porque o nome de Deus representa o Senhor. A ideia de glória é reforçada pela convocação para adorá-lo *na beleza da santidade*. O Senhor santo de Israel, o Rei magnífico, é o único digno de louvor.

### 29:3-9 Revelação do poder de Deus

Nessa revelação do poder divino, Deus permanece invisível. Os adoradores podem apenas ouvir sua voz e ver seus efeitos. Em sete ocasiões nessa seção, o salmista convida seus ouvintes a louvar a voz do Senhor.

Começando em 29:3 com a declaração *Ouve-se a voz do SENHOR sobre as águas*, o salmista usa imagens vívidas e crescentes para descrever o poder de Deus. As águas sobre

as quais Deus *troveja* podem ser  *muitas* e poderosas e simbolizar as forças primitivas que os cananeus adoravam, mas o Senhor é, de longe, mais poderoso. Na sequência, o salmista emprega os elementos destrutivos de uma tempestade impetuosa para expressar o poder e a majestade do Senhor (29:4). Os altos e belos *cedros do Líbano* não resistem ao seu poder e são despedaçados (29:5). Até mesmo os montes, símbolos de estabilidade, não permanecem diante dele. O poder por trás da voz do Senhor os faz estremecer de tal modo que as montanhas do norte no Líbano e Siríom saltam *como um bezerro* e *como bois selvagens* (29:6). Acompanhada de raios violentos, a tempestade se move em direção ao sul, para o *deserto de Cades* (29:7-8). A força da voz de Deus *faz dar cria às corças e desnuda os bosques* (29:9a).

O cântico da tempestade culmina com uma mudança de foco da tormenta para o povo de Deus reunido no templo. Ao ouvir a voz do Senhor com todos os seus efeitos poderosos, a congregação clama: *Glória!* e, juntos, todos louvam a Deus (29:9b).

### 29:10-11 Confissão e louvor

Nos versículos finais, o salmista confessa que o Senhor é o *rei* que *preside aos dilúvios* (29:10), ou seja, governa sobre as águas caóticas que, na concepção dos vizinhos pagãos de Israel, eram forças destrutivas a serviço dos deuses. Essas forças destrutivas, porém, estão sob os pés do Senhor. Uma vez que o Senhor é o Deus poderoso, pode dar *força ao seu povo* e abençoá-lo *com paz* (29:11).

## Salmo 30: Do pranto à dança

Aqui, o salmista se encontra no meio do povo de Deus no templo e louva a Deus por ter ouvido sua súplica para ser curado. Para enfatizar a obra maravilhosa do Deus poderoso, contrasta seu sofrimento com a salvação divina. O salmo oferece, portanto, consolo para os que estão sofrendo ao mostrar que o Senhor pode mudar nossas circunstâncias.

### 30:1-3 Ação de graças pelo livramento

O salmo começa com uma solene declaração de louvor: *Eu te exaltarei, ó SENHOR* (30:1). O salmista exalta o nome de Deus porque Deus o livrou ou reergueu (NVI) das profundezas. A imagem é de uma pessoa presa num poço ou buraco que representa o Sheol, o mundo dos mortos. Os inimigos estavam prestes a exultar malignamente e escarnecer dele, sugerindo que havia recebido o castigo que merecia, pois no AT o sofrimento era frequentemente interpretado como sinal de julgamento divino (cf. o comentário de Jesus sobre essa crença em Jo 9:1-3). Os cristãos, porém, jamais devem alegrar-se com o sofrimento de outros ou rejeitar os enfermos. Não devemos julgar e marginalizar os portadores de HIV/aids em nossa igreja. Apesar de o pecado, por vezes, causar doenças, precisamos lembrar que devemos mostrar o amor de Cristo àqueles que estão sofrendo, não importa a causa.

A natureza do sofrimento do salmista fica mais clara em 30:2, em que a declaração *tu me saraste* indica que o salmista estava doente. Ao que parece, ele se encontrava à beira da morte. Só lhe restava clamar a Deus por socorro, possivelmente num salmo de lamentação. Deus ouviu sua súplica. Não há nenhum indício de que ele se tenha confessado ao orar; simplesmente, clamou por socorro.

Para descrever a resposta à sua oração, o salmista diz que Deus o fez subir *da cova* (30:3), expressão ligada à ideia de que o Senhor o reergueu (NVI) em 30:1. O salmista não especifica como o Senhor respondeu à sua oração. Deus pode empregar vários métodos para restaurar a saúde. Pode curar exclusivamente por meio da oração, mas também pode usar medicamentos ou intervenções cirúrgicas. E, por vezes, pode escolher não curar e permitir que alguém morra. A morte não significa, contudo, que Deus está ausente. Era o momento natural de a pessoa morrer.

### 30:4-5 Convocação para participar do louvor

Fica evidente que o salmista está no meio da congregação quando convida o povo ao seu redor para louvar a Deus com ele. Chama-os de *santos* (30:4), não porque eles não têm pecado, mas porque permaneceram fiéis à aliança. Convoca-os para cantar e louvar o nome do Senhor ao lembrar seus feitos maravilhosos.

Em 30:5, o salmista explica por que chamou as pessoas ao seu redor para louvar. A *ira* do Senhor e o *choro* do salmista passaram rapidamente e foram substituídos pelo *favor* divino e por *alegria* (30:5). O salmista emprega uma série de imagens temporais para enfatizar a mudança de estado. A ira do Senhor durou apenas *um momento*; o choro durou uma noite (*ao anoitecer*), mas foi seguido de regozijo *pela manhã*. O favor do Senhor *dura a vida inteira*. O salmista não atribui a mudança em sua sorte a algum mérito próprio, mas exclusivamente ao favor de Deus.

Quando damos testemunho daquilo que Deus tem feito em nossa vida, devemos seguir seu exemplo. Não devemos usar o tempo de testemunho para glorificar a nós mesmos, mas para focalizar a bondade que Deus tem demonstrado para conosco, apesar de não a merecermos.

### 30:6-10 Descrição do livramento

Em 30:1-3, o salmista resumiu seu livramento. Agora, fornece a seus companheiros de adoração um relato mais detalhado daquilo que Deus fez por ele. Permite, desse modo, que a congregação participe do louvor de maneira ainda mais expressiva.

O salmista começa descrevendo sua situação antes de adoecer. Ele se sentia seguro e dizia: *Jamais serei abalado* (30:6). Trata-se de palavras perigosas, com frequência associadas aos ímpios e insensatos (10:6), que se estribam em suas realizações em vez de confiar no Senhor. Mas essas palavras também descrevem a segurança daqueles que eram fiéis ao Senhor e viviam de acordo com a aliança

(15:5; 16:8). Tudo indica que esse era o motivo pelo qual o salmista se sentia seguro. Repentinamente, porém, a situação mudou quando o Senhor voltou seu rosto (30:7a). A experiência do salmista nos lembra que pertencer a Cristo não significa que jamais enfrentaremos sofrimentos ou enfermidades. Semelhantemente, o fato de alguém ter saúde e riqueza também não quer dizer, como alguns sugerem, que esse indivíduo é inocente de pecado.

O salmista ficou *conturbado* (30:7b) ou “aterrorizado” (NVI) pela mudança de circunstâncias. Clamou ao Senhor e suplicou por sua misericórdia (*implorei*; 30:8). Ao rogar por sua vida a fim de poder continuar louvando a Deus, faz uma pergunta retórica (30:9) que traz à lembrança as palavras do rei Ezequias de Judá quando ele estava enfermo e à beira da morte (Is 38:18-19). Suas orações nos lembram que estamos no mundo para louvar ao Senhor e tornar seu nome conhecido.

A seção termina com outra súplica por misericórdia: *Ouve, SENHOR, e tem compaixão de mim; sê tu, SENHOR, o meu auxílio* (30:10).

### 30:11-12 Louvor final

Ao concluir seu louvor, o salmista descreve de forma vívida a transformação operada pela intervenção divina: *Converteste o meu pranto em folgedos; tiraste o meu pano de saco e me cingiste de alegria* (30:11). “Pano de saco” era o tecido usado tradicionalmente nos dias de lamentação. A descrição traz à memória a festa que os africanos oferecem no final de um período de luto. Nessa ocasião, aqueles que estavam enlutados finalmente removem seus trajes de luto e dançam e celebram. A lamentação do salmista chegou ao fim, e ele promete continuar louvando ao Senhor para sempre (30:12).

### Salmo 31: Entrego minha vida a ti

Não é fácil identificar o gênero do salmo 31. Em geral, é considerado um salmo de lamentação, mas também inclui um cântico que expressa confiança e ação de graças no qual o salmista insta os adoradores a permanecer fiéis ao Deus imutável mesmo em meio a grande perigo. Devido à complexidade do texto, alguns comentaristas sugerem que, na verdade, estamos diante de dois salmos distintos: 31:1-8 e 31:9-24. Existem ligações suficientes entre as duas partes, porém, para uni-las. Elas apresentam, por exemplo, os seguintes temas comuns: Deus como refúgio (31:1-2,4,19), o temor do salmista de ser envergonhado (31:1,17) e sua confiança em Deus (31:6,14).

Jesus conhecia o salmo 31, pois citou 31:5 quando estava morrendo. Esse também é um salmo que fala ao coração daqueles que sofrem como refugiados ou portadores de HIV/aids e daqueles que deveriam ministrar a eles.

### 31:1-8 Lamento e oração

Os versículos iniciais do salmo indicam que o salmista se vê diante de perigo extremo e iminente, daí suplicar a

Deus: *Livra-me depressa* (31:2a). Ele confia somente na justiça de Deus e clama: *Livra-me por tua justiça* (31:1b). Não argumenta que merece ser salvo em razão de quem é ou daquilo que fez.

O salmista se refugiou em Deus (31:1a). Talvez tenha fugido para o templo e se abrigado nos recintos sagrados. Mais importante, porém, é a ideia comunicada nas palavras introdutórias: *Em ti, SENHOR, me refugio* ou “Em ti, SENHOR, confio” (RC).

Deus é considerado um refúgio em quatro ocasiões nesse salmo (31:1-2,4,19). O salmista era, portanto, um refugiado, pois originariamente o termo se referia a qualquer um que buscava refúgio em algum lugar. Hoje em dia, existem milhares de refugiados na África, pessoas que foram obrigadas a deixar seu lar e, por vezes, seu país por causa de guerras e inquietações, e se tornaram destituídas de direitos. Ainda assim, elas podem encontrar refúgio em Deus ao buscar sua face.

Para expressar sua confiança no Senhor, o salmista o descreve como *a minha rocha e a minha fortaleza* (31:3a), metáforas que ocorrem em vários outros salmos. Aqui, o Senhor é descrito, ainda, como *castelo forte, cidade fortíssima* (31:2b).

Sua confiança em Deus o leva a pedir a intervenção divina não apenas para livrá-lo, mas também para guiá-lo (31:3b). Seus inimigos são como caçadores à espreita, e ele precisa da direção de Deus a fim de não cair nas armadilhas que lhe prepararam. Se estivesse escrevendo nos dias de hoje, poderia pedir para Deus guiá-lo no meio de um campo minado (31:4).

Depois de entregar seu caminho ao Senhor, o salmista afirma sua confiança colocando-se nas mãos de Deus de corpo e alma: *Nas tuas mãos, entrego o meu espírito* (31:5). Essas foram as últimas palavras que Jesus proferiu ao morrer na cruz (Lc 23:46). Aquele a quem o salmista se entrega é descrito como *Deus da verdade*, expressão que significa literalmente “Deus fiel”, aquele em quem podemos confiar, certos de que seremos ouvidos e salvos.

Em 31:6, o salmista parece proferir um juramento para declarar sua lealdade a Deus. O termo *aborreces* enfatiza como Deus se sente em relação à busca da salvação em ídolos. O salmista, que permaneceu fiel à aliança, proclama: *Eu, porém, confio no SENHOR*.

Na sequência, o salmista antevê a intervenção divina em seu favor e diz: *Eu me alegrarei*, pois Deus demonstrou seu amor para com ele (31:7). Colocou sua vida nas mãos de Deus em 31:6, e o Senhor não permitiu que caísse nas mãos de seus inimigos. Não precisou esconder-se às pressas, pois Deus firmou seus pés *em lugar espaçoso* (31:8).

### 31:9-18 Súplica por salvação

Em 31:9-18, o salmista volta a descrever a situação desesperadora na qual se encontra. Seu sofrimento é emocional, pois é alvo de uma conspiração, e sua reputação foi difamada.

Também é físico e espiritual, pois *de tristeza os [seus] olhos se consomem* (39:9) e está extremamente cansado, uma vez que *debilita-se a [sua] força* (39:10). A enfermidade e a tristeza esgotaram toda a sua energia.

Além do sofrimento pessoal, o salmista foi excluído da comunidade. Devido à enfermidade física e aos boatos espalhados pelos adversários, seus amigos e vizinhos o abandonaram (31:11) e tratam-no como se já estivesse morto (31:12). Ele se compara a um *vaso quebrado* que alguém descartou por não ter mais utilidade. Os únicos que ainda se interessam pelo salmista são seus inimigos, os quais ele ouve tramando para tirar sua vida (31:13).

O salmista foi tratado em seu tempo da mesma forma que muitos portadores de HIV/aids são tratados hoje em dia. Muitos os desprezam, recusam-se a sentar ao seu lado ou permitir que usem os mesmos sanitários. Há quem os trate como se já houvessem morrido e não tivessem sentimentos nem necessidades. São descartados da sociedade. Como cristãos, porém, não devemos relacionar-nos com ninguém dessa forma. Antes, devemos demonstrar o amor de nosso Senhor por eles ao tratá-los com bondade.

A expressão *quanto a mim* no início de 31:14 indica uma mudança de curso no salmo. Apesar de sua condição física debilitada e de todos os seus inimigos, o salmista volta a declarar sua fé: *Confio em ti [...] tu és o meu Deus* (31:14; cf. tb. 31:6). Seu destino está nas mãos de Deus, e não nas de seus adversários (31:15a; cf. tb. 31:5,8). Por mais desesperadora que seja a situação, o salmista se recusa a entregar sua vida a eles.

Em seguida, o salmista apresenta uma série de pedidos ao Senhor. Roga para ser livrado de seus inimigos (31:15b) e receber a bênção de Deus: *Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo* (31:16). Essas palavras trazem à memória a bênção sacerdotal de Números 6:25. O salmista deposita sua confiança no amor fiel de Deus que, segundo a aliança, é quem protege e salva seu povo.

Em seguida, volta a tratar do tema da vergonha ao suplicar que Deus mude sua situação: *Não seja eu envergonhado*. Seu desejo é que o Senhor inverta a situação: *Envergonhados sejam os perversos* (31:17). Sua condição presente é vergonhosa e incentiva os adversários a se vangloriar e se encher de *arrogância*. Somente a intervenção de Deus pode colocá-los em seu devido lugar (31:18).

### 31:19-22 Expressão de confiança

O salmista volta a expressar sua confiança na fidelidade do Senhor. Para isso, louva a bondade do Senhor para com todos aqueles que o temem. Ele pode estar passando por dificuldades no presente, mas Deus tem um amplo suprimento de *bondade* reservado para todos que o *temem* e *se refugiam* nele (31:19; cf. tb. Êx 34:6). O Senhor ouvirá suas orações e os vindicará diante de todos.

Deus não é apenas rocha ou fortaleza. Sua presença é um *esconderijo* onde os perseguidos encontram segurança

(31:20). Eles não precisam temer as *tramas dos homens* das quais o salmista foi alvo (31:13,18).

Na última frase dessa seção, a situação muda, e o salmista irrompe em louvores por seu livramento, o qual ele compara com um cerco inimigo que é levantado (31:21). Reconhece que entrou em pânico e chegou à conclusão precipitada de que Deus não atentou em suas necessidades nem ouviu sua *súplice voz* (31:22). Mas percebeu que estava errado, pois o Senhor respondeu à sua oração.

### 31:23-24 Convite para louvar

Em outros tempos, o salmista se viu sitiado por seus inimigos, mas agora se encontra cercado de *santos*, os fiéis que guardam a aliança de Deus (31:23a). Uma vez que Deus o livrou, o salmista não hesita em exortar os santos a permanecerem fiéis, a ser *fortes* e a contar com o amor imutável de Deus (31:24). O Senhor os preservará e providenciará para que os soberbos não sejam bem-sucedidos em seus planos arrogantes (31:23b; cf. tb. Is 2:17).

### Salmo 32: O Senhor que perdoa os pecados

O salmo 32 faz parte de um grupo de salmos conhecidos como salmos penitenciais (cf. tb. Sl 6, 51). Seu propósito central é incentivar o povo de Deus a confessar os pecados. O texto exalta a virtude da confissão na vida do fiel por meio do relato da experiência do salmista, que sofreu física e espiritualmente por se recusar a confessar seu pecado.

Não devemos concluir por esse salmo que toda enfermidade, pobreza e sofrimento resultam de pecados não confessados. Pode haver outras causas. Por outro lado, não devemos negar que a presença do pecado interrompe nosso relacionamento com o Deus vivo e nos impede de desfrutar sua bênção.

Encontramos aqui um exemplo que as igrejas podem seguir ao incluir a confissão na liturgia.

### 32:1-2 Bênçãos do perdão

Como o salmo 1, este começa com uma bem-aventurança na qual o salmista se refere a uma alegria que conhece por experiência própria. O texto emprega os recursos da repetição e das estruturas paralelas em 32:1-2 para enfatizar que quem recebe o perdão de Deus é *bem-aventurado* ou feliz (32:1a,2a). Todos os seres humanos são pecadores, e somente a dádiva do perdão do Senhor pode proporcionar alegria.

O salmista se vale de diversas metáforas para descrever o que Deus faz quando perdoa nossos pecados. Convém observar que ele não fala de Deus “perdoar e esquecer” nossos pecados. O Senhor que sabe todas as coisas não esquece nada, mas cobre nossos pecados (32:1b). No tocante ao nosso relacionamento com ele, não atribui essa culpa a nós (32:2b). Não merecemos seu perdão. Aliás, Paulo cita essas palavras em Romanos 4:6-9 para corroborar seu



argumento de que Abraão não foi abençoado em razão de algo que fez, mas pelo simples fato de crer em Deus.

A fim de experimentar a bênção de Deus, devemos confessar nossos pecados, e não nos iludir com tentativas de ocultá-los de Deus. Nada podemos esconder dele (1Jo 1:10).

### 32:3-5 Definindo em negação

O salmista reconhece que tentou encobrir seu pecado. Afirma que se calou, ou seja, recusou-se a confessá-lo (32:3a), atitude que interrompeu seu relacionamento com Deus e o privou da bênção divina.

Deus, porém, não desistiu dele. O Senhor opera de várias maneiras na vida daqueles a quem ele ama. Permitiu, portanto, que o salmista experimentasse o peso da sua mão. O salmista sentiu como se seus ossos estivessem envelhecendo, uma imagem do efeito corrosivo do pecado no âmbito físico e espiritual (32:3b). Estava esgotado, como ficamos sob o calor sufocante do verão africano (32:4).

Deus o levou ao ponto de dizer: *Confessarei ao SENHOR as minhas transgressões* e, no mesmo instante, o perdoou (32:5) e o libertou da culpa opressiva do pecado.

Alguns cristãos não entendem que Deus podia perdoar pecados no AT sem o sacrifício de animais. A confissão dos pecados e o perdão, contudo, são a única maneira pela qual se pode manter o relacionamento correto com Deus. O sofrimento resultante da interrupção do relacionamento com o Deus vivo significa que o pecador não pode beneficiar-se da bondade do Senhor. A confissão de pecados restabelece esse relacionamento e proporciona paz, saúde e segurança.

A consciência da importância da confissão tem levado muitas comunidades cristãs da África a reservar um lugar para esse ato na liturgia. Trata-se de uma prática salutar, pois torna as pessoas mais sensíveis à necessidade de confessar seus pecados. Devemos, porém, usar de cautela ao incentivar a confissão. Por vezes, é melhor confessar a Deus e a um irmão ou irmã em Cristo de confiança (Tg 5:16) que fazer diante da igreja uma confissão pública que poderia ser motivo de escândalo. Convém observar que o salmista não informa exatamente de que pecados se arrependeu, nem especifica de que modo os confessou a Deus.

### 32:6-7 Convite para outros se regozijarem

Depois de relatar sua própria experiência, o salmista convidou outros adoradores a se juntarem a ele e buscarem perdão enquanto é possível encontrá-lo (32:6a; cf. tb. Is 55:6). É imprudente adiar a confissão, uma vez que pode não haver outra oportunidade.

Há quem acredite que o perdão dos pecados resultará automaticamente em prosperidade e sucesso em todas as áreas da vida. O salmista deixa claro que nem sempre é o caso. Aqueles que buscam o perdão do Senhor continuarão expostos a perigos, como sugere a imagem das *muitas águas* que transbordam e ameaçam sobrepujá-los. Mas Deus *protegerá um lugar seguro* (32:6b). Quando se depa-  
re-

com perigos humanos, o Senhor será seu *esconderijo*. Quando o povo reconhecer que pecou, Deus o preservará e cercará de *alegres cantos de livramento*. Muitos se regozijarão com a misericórdia de Deus para com eles (32:7).

### 32:8-9 Um oráculo do Senhor

Agora, o Senhor se dirige ao salmista, provavelmente por meio de um sacerdote do templo. Sua resposta confirma a veracidade das lições que o salmo ensina. O Senhor promete: *Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que debes seguir* (32:8). A linha seguinte do versículo reforça a mensagem. Deus aconselhará e cuidará do seu povo, mas é preciso que eles estejam dispostos a ouvir. Não devem ser *como o cavalo ou a mula, sem entendimento* (32:9). O termo traduzido por “entendimento” é usado com frequência na literatura de sabedoria para se referir àqueles que fazem escolhas sábias. O povo de Deus deve ser sensível à sua liderança, e não se comportar como animais que precisam ser arrastados de volta para o caminho certo com *freios e cabrestos*, ou por aflições que sobrevêm a quem se recusa a ouvir a Deus.

### 32:10 Confiança

A confissão de pecados restaura o bom relacionamento com o Senhor. Enquanto os ímpios, que não confessam, enfrentam inúmeras dificuldades, aqueles que confiam no Senhor recebem sua proteção. Deus os cerca do seu amor (32:10). Fica evidente, porém, que a proteção não é uma recompensa por pedir perdão. Deus protege seu povo por causa de seu amor fiel.

### 32:11 Conclusão

O salmo 32 termina com um convite para os adoradores ao redor do salmista expressarem alegria junto com ele. Em vez de tratar de sua própria recuperação, o salmista mantém o foco no Senhor: *Alegrai-vos no SENHOR* (32:11).

## Salmo 33: Louvores ao Criador

O salmo 33 é um cântico de louvor dirigido a Deus como criador do universo e dos seres humanos e aquele que controla o destino de indivíduos e nações. É uma variação da forma acróstica, com vinte e dois versículos que espelham as vinte e duas letras do alfabeto hebraico.

### 33:1-3 Convite para louvar

O salmo começa com três imperativos que chamam os justos e retos a se juntar à congregação e cantar louvores ao Senhor. Apesar de ser expresso na forma imperativa, o chamado é em tom de convite. O louvor é a atitude esperada dos *justos* (33:1), termo que lembra a caracterização dos justos no salmo 15. Eles podem colocar-se na presença de Deus, permanecer em seu santuário e oferecer louvor verdadeiro.

O louvor desse salmo é acompanhado de instrumentos musicais como a *harpa* e o *saltério de dez cordas* (33:2). Os

músicos recebem instrução de tocar esses instrumentos *com arte e com júbilo* (33:3b). As pessoas adoram melhor quando seu louvor não é separado da cultura e quando podem usar a língua e a música local. Por isso, muitas igrejas africanas têm questionado a validade da ideia dos missionários de outrora de que os instrumentos tradicionais africanos eram impuros demais para fazer parte do culto ao Senhor. Por certo, os instrumentos ocidentais usados em seu lugar, como o violão e o piano, não são sagrados e, com frequência, acompanham músicas que nenhuma relação têm com Deus. Finalmente, músicas e tamborileiros africanos estão encontrando seu lugar na igreja.

O salmista não identifica de forma específica o *novo cântico* que o povo é convidado a entoar (33:3a). Pode ser um novo salmo ou apenas um convite para renovar seu louvor a Deus.

### 33:4-9 Motivos de orgulho

No hebraico, o versículo 4 começa com uma partícula traduzida para nossa língua por *porque*. Introduce o motivo para se fazer algo, nesse caso louvar ao Senhor. O primeiro motivo exalta a palavra do Senhor, a qual o salmista descreve como *reta* (33:4). Ademais, o Senhor *é fiel* e, portanto, digno de confiança. A declaração: *Ele ama a justiça e o direito* (33:5) liga essa passagem ao convite do salmista para que os justos louvem ao Senhor (33:1).

A descrição do caráter do Senhor como motivo de louvor é seguida de um relato da criação semelhante ao de Gênesis 1 e 2. Também aqui *sua palavra* é o poder por trás da criação. A palavra do Senhor, ou o *sopro de sua boca*, criou os céus e as estrelas (33:6; cf. tb. Gn 1:14-18). Essa atribuição de poder à “palavra” não é estranha aos africanos. Muitos jovens, por exemplo, evitam fazer qualquer coisa que os leve a ser amaldiçoados por seus pais, pois a maldição proferida por eles será eficaz.

Ao ver o Senhor ajuntar as águas em 33:7, lembramos quando Deus criou o mar e a terra (Gn 1:9-10) e quando formou a nação de Israel ao fazer seu povo atravessar o mar Vermelho, acontecimento celebrado nos cânticos de livramento de Moisés e Miriã (Êx 15:8). Para o salmista, é o Senhor quem controla tanto a ordem natural da criação quanto o curso da história.

A linguagem que o salmista emprega para descrever o processo de criação é coerente com o conhecimento da época. Cientistas de hoje usariam um vocabulário diferente para falar das origens do mundo. O importante é lembrar que o Senhor criou e sustenta o universo. Sua palavra é tão poderosa que, quando *ele falou*, [...] *tudo se fez* (33:9). Consequentemente, os povos devem temê-lo e reverenciá-lo (33:8).

### 33:10-12 Louvor por seus planos

O salmista volta ao tema do governo do Senhor sobre a história e o louva por seus planos para o povo que ele criou.

Povos e nações podem ter seus próprios planos, mas é o Senhor quem determina o resultado. *O SENHOR frustra [...] e anula os intentos dos povos* (33:10).

Em contrapartida, nada pode frustrar os planos divinos. Deus criou o mundo com um propósito e o está encaminhando em direção ao cumprimento. Seu plano para a criação e para seu povo *dura para sempre* (33:11). Uma vez que seus desígnios são imutáveis, todos os que nele confiam, inclusive as nações, são felizes (33:12).

Esses versículos consolam quem se encontra desalentado diante de guerras, crises econômicas e catástrofes naturais. Podemos ser tentados a imaginar que Deus perdeu o controle. Na verdade, porém, ele ainda é soberano sobre a história.

### 33:13-15 Louvor por seu cuidado

O Criador também é o Juiz que julga retamente, pois conhece todas as coisas. De sua posição no céu, vê tudo que os seres humanos fazem (33:13). Não apenas *olha dos céus* passivamente, mas também *observa* atentamente (33:14). Como criador do coração de todos os seres humanos, ele conhece os pensamentos ocultos de todos (33:15). Nada lhe pode ser ocultado. Adão e Eva tentaram esconder-se dele (Gn 3:8), mas foram apenas os primeiros de muitos a descobrir que é impossível escapar de seus olhos.

### 33:16-19 Louvor por seu poder

Comandantes militares humanos confiam no número de soldados sob seu comando. Guerreiros confiam em sua força e destreza. Tais fatores, porém, são insignificantes aos olhos de Deus (33:16). Cavalos podem inspirar terror quando cavaleiros atacam soldados a pé, e quem está montado pode afastar-se rapidamente do perigo. Mas nem eles são páreo para o Senhor (33:17). Nenhuma dessas fontes de poder humano é capaz de salvar, mas o Senhor pode livrar e proteger *os que o temem*, [...] *os que esperam na sua misericórdia*, diante de calamidades e da morte (33:18-19).

### 33:20-22 Conclusão

Na conclusão, vemos o salmista no meio da congregação daqueles que temem ao Senhor, conduzindo os adoradores numa promessa de compromisso com o Senhor. Eles confessam que o Senhor é seu *auxílio e escudo* (33:20). Quem tem medo de bruxarias e feitiçarias deve orar esse salmo e tranquilizar-se, certo de que o Senhor é seu escudo, poderoso o suficiente para protegê-lo de todos que destroem a vida.

O salmo termina em tom de alegria e confiança (33:21), e o povo reconhece que precisa da proteção contínua de Deus (33:22). A *misericórdia* é mencionada com frequência quando o Pentateuco fala da aliança de Deus com seu povo. O salmista pede, portanto, que o Senhor conceda todas as bênçãos da aliança. A igreja também pode fazer essa oração, especialmente na África, onde alguns têm a impressão

de que Deus abandonou o controle dessa parte de sua criação. A verdade, porém, é que Deus ainda é soberano e tem um plano para a África.

### Salmo 34: O Senhor protege os justos

O salmo 34 combina um cântico de louvor com instruções sobre a vida piedosa. O salmista deseja relatar aos outros como o Senhor o livrou e convidá-los a louvar com ele. O texto serve, portanto, de modelo para aqueles que receberam livramento e os incentiva a falar a outros da bondade do Senhor.

Em termos estruturais, esse é um salmo acróstico, apesar de não ter um versículo para cada letra do alfabeto hebraico. Também é estreitamente associado à literatura sapiencial. A expressão “temor do Senhor”, típica da linguagem sapiencial, aparece no centro do salmo, e o objetivo do salmista é incentivar seus ouvintes a aprender o significado dessas palavras.

Esse salmo também corrige um conceito equivocado típico de meios que adotam o evangelho da prosperidade. Não mostra os justos desfrutando uma vida sem problemas. Como o restante da humanidade, os fiéis estão sujeitos a crises e necessidades. A diferença é que o Senhor os livra em meio à aflição.

É difícil relacionar o título do salmo, uma referência à ocasião em que Davi fingiu perder o juízo na presença de Abimeleque (rei Aquis), a seus temas, pois não têm nada que ver com a dissimulação de Davi (1Sm 21:13). Não obstante, o conteúdo do salmo é coerente com o caráter de Davi.

#### 34:1-3 Voto de louvar ao Senhor

O salmo começa com um voto do salmista: *Bendirei o SENHOR em todo o tempo* (34:1), frase que pode ser traduzida literalmente por: “Abençoarei o Senhor em todo tempo”. O verbo hebraico “abençoar” vem da mesma raiz de “ajoelhar”. Abençoar o Senhor nesse sentido significa ajoelhar-se diante dele e reconhecer seu poder e grandeza.

O salmista prossegue dizendo: *Gloriar-se-á no SENHOR a minha alma* (34:2). É errado gloriar-se proclamando com arrogância o nosso próprio sucesso. Mas o salmista não se gloria daquilo que fez, mas dos feitos do Senhor. O Senhor o resgatou, e ele convida todos os *humildes*, ou seja, todos os oprimidos e necessitados de socorro, a ouvir sua experiência e a exaltar a Deus com ele (34:3).

#### 34:4 A experiência do salmista

O salmista dedica apenas um versículo à sua própria experiência. Não descreve a natureza da crise, mas deixa claro que buscou o socorro de Deus deliberadamente, e foi libertado de seus medos (34:4). No templo ou em casa, ele buscou ao Senhor de todo o coração, uma atitude descrita em Hebreus 11:6. Suas palavras visam incentivar outros a também buscar ao Senhor.

#### 34:5-10 Convite imperativo

Depois de relatar sua experiência com Deus, o salmista afirma que não é o único a ter sido abençoado dessa forma. Ele declara na segunda pessoa do plural: *Contemplai-o e sereis iluminados* (34:5). Todos que depositam sua confiança em Deus terão motivos para se regozijarem. Jamais experimentarão o *vexame* de serem abandonados pelo Senhor. O salmista os lembra de que ele próprio estava *afrito* (34:6) quando clamou ao Senhor, uma indicação de que não possuía nenhum recurso para salvar a si mesmo. Ciente das limitações da força humana, o salmista depositou sua confiança no Senhor, clamou, e foi ouvido.

A natureza do clamor do salmista não é específica, mas a referência ao *anjo do SENHOR* em 34:7 pode indicar que ele recebeu livramento em tempos de guerra (cf. 2Rs 6:15-17).

O salmista convida aqueles que estão ao seu redor: *Provai e vede que o SENHOR é bom* (34:8). Em outras palavras, insta-os a confiar em Deus e a experimentar por si mesmos sua bondade. Quem procede dessa forma e se refugia no Senhor é abençoado.

Usando outro imperativo, o salmista instrui o povo ao seu redor a buscar ao Senhor com temor (34:9), ou seja, em atitude reverente por meio da obediência. Se o fizerem, nada lhes faltará. O salmista emprega uma metáfora vívida para destacar essa verdade. Os leões, os caçadores mais poderosos da selva, podem ter falta de presas e passar fome, mas *aos que buscam o SENHOR bem nenhum lhes faltará* (34:10). É possível que os “leõezinhos” também simbolizem os perversos que confiam em sua capacidade de prover para si mesmos.

#### 34:11-20 Ensino sapiencial

O salmista veste agora o manto de mestre da sabedoria e se dirige aos ouvintes como *filhos* (34:11), termo que na literatura sapiencial se refere aos aprendizes (cf., p. ex., Pv 1:8; 2:1). O tema da instrução é *o temor do SENHOR*, uma questão de grande importância nos textos de sabedoria. Provérbios 1:7 diz: “O temor do SENHOR é o princípio do saber”. É a chave para desfrutar a vida, ter *longevidade e ver o bem* (34:12).

Para o salmista, o temor do Senhor é constituído de dois elementos: palavras e ações. É preciso refrear a língua do mal, ou seja, evitar maledicência e mentiras, e agir com bondade ao buscar a paz ativamente (34:13-14; cf. tb. Tg 1:26-27; 3:5-10). Essas instruções ainda são válidas nos dias de hoje. Se o continente africano deseja ver o bem, seu povo precisa aprender a falar com honestidade, a fim de promover o bem. Precisa ainda começar a praticar o que é bom. Em nossos dias conturbados, a África carece de pacificadores. Paz, no sentido em que o termo é usado aqui, não é apenas ausência de conflitos violentos. *Shalom*, o termo hebraico para paz, significa bem-estar em todos os aspectos da vida.

A diferença entre ímpios e justos se encontra na intervenção do Senhor. Ele se preocupa profundamente com seu povo: *Os olhos do SENHOR repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor (34:15)*. Por outro lado, ele volta o rosto contra aqueles que *praticam o mal* e apaga toda a sua *memória* da terra (34:16).

Quando os justos, aqueles que temem ao Senhor, se veem em apuros, podem clamar ao Senhor, que responde e os *livra (34:17)*. Esses versículos refutam várias ideias do cristianismo africano contemporâneo, pois deixam claro que ser um cristão justo não isenta ninguém de dificuldades. Podemos entristecer-nos profundamente e passar por muitas *aflições (34:18-19)*, mas temos a certeza de que Deus nos salvará e livrará. O coração pode ficar quebrantado por algum tempo, mas os ossos permanecerão intactos (34:20). Deus nos protegerá de todo dano permanente.

### 34:21-22 Destino final

O salmista dedica apenas um versículo ao destino dos ímpios: *O infortúnio matará o ímpio (34:21)*. Eles carregam dentro de si a semente de sua própria destruição. Deus os condenará. Os justos, por outro lado, não serão condenados. Deus remirá todos que *nele confiam (34:22)*.

## Salmo 35: Eu sou tua salvação

O salmo 35 é um misto de lamentação, pedidos de socorro e votos. O salmista enfrenta perigo iminente e procura a ajuda do Senhor. O salmo não indica a natureza exata do perigo, mas as referências a doença em 35:13 podem sugerir que o salmista estava gravemente enfermo e sob acusação de que sua enfermidade resultava de alguma transgressão. Ele declara sua inocência, portanto, diante do justo juiz. O tom do salmo traz à memória a situação entre Davi e o rei Saul depois que Davi poupou a vida do rei (1Sm 24:14-15).

Trata-se também de um salmo imprecatório no qual Davi pede que Deus tome providências contra seus inimigos. Os cristãos que sofrem perseguição e são alvo de calúnias podem identificar-se com as emoções nesse salmo. Devemos observar, contudo, que a reação de Davi diante dos ataques consiste em pedir que Deus faça justiça. O Senhor desmascarará os conspiradores, frustrará seus planos e os envergonhará em público. A glória por esse livramento será de Deus.

### 35:1-3 O Senhor guerreiro

O salmista usa linguagem militar, possivelmente como metáfora para mostrar a intensidade de sua aflição, e clama pela intervenção do Senhor. Pode fazê-lo com segurança, pois sabe que seus adversários também são inimigos de Deus (35:1). Apresenta o Senhor como guerreiro munido de várias armas usadas na época: *escudo, broquel e lança (35:2-3a)*. Deseja que o Senhor seja seu defensor, aquele

que luta em seu favor e profere as palavras tranquilizadoras: *Eu sou a tua salvação (35:3b)*.

### 35:4-8 Súplica por julgamento

O salmista pronuncia uma impreciação, isto é, uma maldição verbal, pedindo julgamento divino sobre seus inimigos. Roga ao Senhor que aqueles que ameaçam sua vida *sejam confundidos e cobertos de vexame (35:4)*. Quer que sejam levados embora *como a palha ao léu do vento (35:5; cf. tb. 1:4)*. Muda de imagem e expressa o desejo de que sejam expulsos para longe pelo *anjo do SENHOR*, o mesmo anjo de quem afirmou receber proteção em 34:7. Deseja que o anjo *os persiga por um caminho tenebroso e escorregadio*, no qual seus passos não se possam firmar (35:6). Eles perseguem o salmista e lhe prepararam armadilhas sem causa, daí o seu pedido para que sejam presos em seus próprios laços e caiam na cova que abriram (35:7-8).

### 35:9-10 Expectativa de louvor e ação de graças

O salmista está tão certo da resposta do Senhor à sua oração que faz votos de louvá-lo e exaltar sua grandeza (35:9). A expressão *SENHOR, quem contigo se assemelha? (35:10)* enfatiza a singularidade de Deus. Ele é forte o suficiente para livrar, de seus opressores, os necessitados e perseguidos.

### 35:11-16 Descrição da aflição

Ao olhar para o futuro, o salmista vê o livramento que virá do Senhor. No presente, porém, continua sofrendo, de modo que profere uma lamentação na qual apresenta sua causa ao Juiz divino. É alvo dos ataques de falsas testemunhas implacáveis que o acusam de coisas das quais não têm nenhum conhecimento (35:11). O salmista contrasta sua inocência com a hostilidade explícita de seus adversários. Tratou-os com bondade, mas lhe retribuíram com o mal (35:12). Como prova dessa traição, o salmista afirma que demonstrou compaixão e solidariedade por seus adversários quando estavam enfermos. Orou, vestiu panos de saco e até lamentou como teria feito por um parente próximo (35:13-14). Quando o salmista estava aflito, porém, seus adversários não se compadeceram dele. Em vez disso, alegraram-se ao vê-lo em dificuldades e reuniram-se ao redor dele como abutres. Enquanto estava ocupado com outras coisas, eles o caluniaram e zombaram dele (35:15-16), esperando evidentemente sua morte.

### 35:17-18 Clamor por livramento divino

O salmista enviou um pedido de socorro ao Senhor e clamou por uma intervenção urgente. Uma vez que Deus não agiu com a presteza esperada, o salmista pergunta: *Até quando, Senhor, ficarás olhando?* Os inimigos se fortalecem e são como *leões* prontos para atacar a presa e devorá-la (35:17). O autor promete, que, quando Deus intervier para salvá-lo, o louvará *na grande congregação* daqueles que adoraram no templo (35:18).

**35:19-21 Outro clamor por socorro**

O salmista deseja que Deus acabe com a campanha de ódio que seus adversários organizaram contra ele (35:19). Sabe que os atos dos ímpios representam uma ameaça não só para ele, mas para toda a comunidade que apenas deseja viver em paz na terra (35:20).

Pensa repetidamente na exultação maligna dos inimigos: *Pegamos! Pegamos!*, enquanto as falsas testemunhas insistem: *Vimo-lo com os nossos próprios olhos* (35:21). Como refutar sozinho tais alegações?

**35:22-25 Clamor por justiça divina**

Ao ver sua vida e o bem-estar da comunidade em jogo, o salmista volta a clamar com urgência pela intervenção do Senhor. Ele usa a forma imperativa: *Não te cales [...]; não te ausentes [...]. Acorda e desperta para me fazeres justiça [...]. Julga-me* (35:22-24a). Apela para a justiça de Deus como a única coisa capaz de salvá-lo dos adversários que exultam com sua desgraça (35:24b-25). Precisa do Senhor, a justa testemunha, para defender sua inocência.

**35:26-28 Súplica final por julgamento**

O salmista conclui com uma repetição de seu pedido para que recaia sobre seus inimigos a vergonha que lançaram sobre ele, de modo que sejam *cobertos de vexame [...]* *de pejo e ignomínia* (35:26; cf. tb. 35:4). Pede ainda que os que apoiam o salmista *cantem de júbilo e se alegrem*, e louvem ao Senhor *que se compraz na prosperidade do seu servo* (35:27).

No versículo final, faz votos de louvar ao Senhor *todo o dia* depois de seu livramento (35:28).

**Salmo 36: O Senhor, a fonte de vida**

Apesar de conter uma oração por socorro, o salmo 36 segue o estilo da literatura sapiencial. Seus ensinamentos contrastam o caminho nocivo dos ímpios com o amor fiel de Deus (cf. tb. Sl 1). Sem a misericórdia do Senhor, os justos deixariam de existir. O salmista concorda com Paulo quanto à necessidade de ser justificado por Deus para a salvação. A “justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, [é] para todos [e sobre todos] os que creem” (Rm 3:22).

**36:1-4 O comportamento dos perversos**

A primeira parte do salmo 36 descreve as ideias e atos dos ímpios. A frase inicial *Há no coração do ímpio a voz da transgressão* (36:1a) também pode ser traduzida por “Há no meu íntimo um oráculo a respeito da maldade do ímpio” (NVI). Nesse caso, o termo “oráculo” parece referir-se a uma compreensão mais clara resultante de profunda reflexão. O salmista deseja compartilhar algumas considerações acerca da “maldade do ímpio”.

O termo traduzido por “transgressão” se refere a um ato de rebelião contra Deus. O ímpio se rebela porque não tem sabedoria. Na literatura sapiencial, “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 1:7). No coração do ímpio,

contudo, *não há temor de Deus* (36:1b). Uma vez que ele não o teme, escolhe um estilo de vida que não considera a vontade de Deus. Ignora completamente a aliança. Paulo cita esse versículo em Romanos 3:18, ao falar da corrupção total da humanidade.

Por não ter nenhum temor de Deus, o ímpio imagina que só faz o bem (36:2). Enquanto as palavras do sábio transmitem sabedoria, as do ímpio *são malícia e dolo* (36:3). Seu comportamento segue a mesma linha: ele deixou de lado o *discernimento e a prática do bem*.

A profundidade da corrupção do ímpio fica evidente em 36:4. Em vez de usar o tempo antes de dormir para refletir sobre a bondade de Deus e o modo certo de agir, ele *maquina a perversidade* e decide trilhar caminhos pecaminosos.

**36:5-9 A bondade do Senhor**

Seria de esperar que o salmista seguisse a descrição dos ímpios com um retrato paralelo dos justos. Em vez disso, porém, ele irrompe num cântico de louvor à bondade e misericórdia do Senhor. O hino exalta a benignidade e fidelidade de Deus e as descreve com relação *aos céus e às nuvens* para enfatizar sua imensidão (36:5). A justiça de Deus é tão grande e inalterável quanto *as montanhas*, e os seus juízos são *como um abismo profundo* (36:6a).

Por causa de sua benignidade, o Senhor provê proteção e vida a pessoas e animais (36:6b). Observamos um elemento de ironia aqui. Se até mesmo os animais são objeto da benignidade de Deus, os ímpios deveriam ser capazes de discerni-la e tornar-se sábios.

O salmista continua a falar dessa *benignidade* e diz que ela é *preciosa* (36:7a). Enfatiza que a proteção divina não é discriminatória. Ele a oferece tanto aos ricos quanto aos pobres, a todos os que buscam refúgio *à sombra das* [suas] *asas* (36:7b). Essa expressão pode referir-se a uma ave que ajunta seus filhotes para protegê-los (Mt 23:37) ou às asas dos querubins no propiciatório da arca da aliança. Nesse caso, provavelmente representa o templo, considerado um lugar de asilo para os perseguidos. É possível corroborar essa interpretação com a referência a *fartar-se da abundância da tua casa* (36:8). Aqueles que se refugiam em Deus podem participar da fartura da casa de Deus e beber *na torrente das* [suas] *delícias*.

A literatura sapiencial declara que “a alma dos diligentes se farta” (Pv 13:4). Aqui, porém, o salmista vai ainda mais longe e descreve o próprio Deus como fonte ou *manancial da vida* e como *luz* (36:9). É somente ao viver em sua luz que *vemos a luz*. Talvez tenhamos aqui o motivo pelo qual o salmista não julgou necessário contrastar o comportamento dos ímpios com o dos justos, como fez no salmo 1. Ele mostra que o único modo de vivermos de maneira justa consiste em beber da justiça que recebemos do Senhor. Se não participarmos de sua vida e luz, seremos arrastados para as trevas pela influência nociva dos perversos.



João usa essa ligação entre Deus e luz ao anunciar que o nascimento de Jesus representou “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo 1:9).

### 36:10-11 Uma oração

Temos aqui um pedido para que o Senhor continue a operar em favor daqueles que o amam e são *retos de coração* (36:10). Eles conhecem ao Senhor, vivem em temor santo e obedecem à sua aliança. O salmista não ora pela destruição dos ímpios; antes, pede proteção das influências nocivas de seu comportamento (36:11). Ser afastado daquele que é a fonte de toda vida é sinônimo de morte.

### 36:12 Uma declaração

O versículo final indica que o Senhor ouviu a oração do salmista e agiu em seu favor. Os malfetores *tombaram* e nunca mais poderão prejudicar os justos (36:12).

## Salmo 37: Não te indignes por causa dos malfetores

O salmo 37 faz parte da poesia sapiencial do AT. É um acróstico no qual cada versículo começa com uma letra do alfabeto hebraico a fim de facilitar a memorização para os aprendizes. O fato de ser constituído de vários provérbios curtos, porém, dificulta sua subdivisão em seções.

O tema é a atitude que devemos ter diante do aparente sucesso dos ímpios. Sua prosperidade levanta dúvidas acerca da soberania de Deus. O Senhor está de fato no controle? Esse salmo contém a resposta que um homem idoso e sábio oferece à geração mais jovem. Convém observar que ele não considera a prosperidade em si errada. Ela se torna problemática, porém, quando se baseia na opressão e exploração dos humildes.

Esse salmo apresenta vários temas paralelos ao Sermão do Monte. Em Mateus 5:1-12, Jesus também fala da perseguição dos justos, da herança da terra e da recompensa final dos justos.

### 37:1-11 Palavras para o aflito

A primeira parte do salmo é dirigida a alguém cuja fé está em perigo, pois sua experiência parece contradizer suas crenças. Na verdade, os dois primeiros versículos podem ser considerados um resumo do salmo todo. Além de ficar indignado, o fiel que observa a vida dos ímpios se sente tentado a invejá-los (37:1). O passo seguinte é começar a se comportar como aqueles que praticam o mal. Trata-se de uma forte tentação para a geração mais jovem da África, que vê outros adquirindo riqueza por meios corruptos ou fraudulentos.

A fim de incentivar esse indivíduo a perseverar na vida justa, o mestre usa uma metáfora para ilustrar o fim daqueles que praticam a iniquidade: em breve, eles murcharão *como a relva e [...] como a erva verde* expostas ao calor do sol (37:2). Os humildes, por outro lado, devem confiar no

Senhor e fazer o bem. Quem procede desse modo se alimenta *da verdade* (37:3). Em vez de se afligir e questionar o modo de agir do Senhor, o fiel deve agradecer-se do Senhor. A vida bem-sucedida é uma dádiva do Senhor, e não o resultado de seguir o caminho dos ímpios. Devemos ter cuidado, porém, com a forma pela qual interpretamos “sucesso”. Alguns acreditam que a vida de acordo com a vontade de Deus redundará automaticamente em sucesso e prosperidade e que eles não precisarão mais trabalhar para obter sustento ou melhorar de situação. Imaginam que Deus intervirá miraculosamente para lhes dar o que desejam. Não é essa, porém, a ideia do salmista quando afirma que o Senhor *satisfará o desejo do teu coração* (37:4). Quer dizer que a vida de acordo com a aliança trará alegria do Senhor à nossa vida.

O justo que procura viver de acordo com a aliança do Senhor pode frustrar-se porque ninguém nota que ele está vivendo corretamente. Pode até ser tratado injustamente. Mas, como o sábio lhe garante, mais cedo ou mais tarde, pela intervenção do Senhor, sua justiça será tão evidente quanto *o sol ao meio-dia* (37:5-6).

É fácil os justos se perturbarem e exasperarem com a prosperidade dos ímpios e suas maquinacões para enriquecer da noite para o dia (37:7). Mas é preciso ter paciência. Não devemos seguir o exemplo dos ímpios e praticar o mal (37:8). Os ímpios podem ser bem-sucedidos por algum tempo, mas a situação mudará em favor dos justos. Os malfetores desaparecerão, enquanto os justos *possuirão a terra*, expressão repetida duas vezes. No AT, possuir a terra era uma das bênçãos da aliança, uma dádiva do Senhor (37:9-11).

No contexto desse salmo, é fácil entender o que Jesus quis dizer ao citar 37:11: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5:5).

### 37:12-24 A vida dos ímpios

Agora, o mestre sábio apresenta uma série de imagens vívidas por meio das quais contrasta o modo de vida dos ímpios com a atitude de Deus em 37:13,15,17,20,22. Primeiro, vemos os ímpios tramarem e rangerem os dentes numa demonstração de ódio violento contra os justos (37:12). Em contraste com seu maxilar tenso, temos o riso de Deus, pois ele sabe que os planos deles são inúteis (37:13). Em seguida, os ímpios aparecem como soldados armados com espada, arco e flecha que usam para oprimir *o pobre e necessitado*. A referência paralela aos que *trilham o reto caminho* (37:14) mostra que, nesse caso, o “pobre” não é obrigatoriamente alguém desprovido de bens materiais. Antes, é aquele que não confia em si mesmo, mas em Deus, e vive segundo a aliança com o Senhor. Em resposta às ameaças, Deus volta as armas dos ímpios contra eles próprios (37:15).

Para o mestre sábio, o pouco do justo é muito mais valioso que o muito dos ímpios (37:16). O motivo é simples: a riqueza dos ímpios desaparecerá em breve, mas os justos

desfrutarão a bênção perpétua do Senhor (37:17-18). Os ímpios definharão sob a adversidade, mas os justos sobreviverão. Mesmo em tempos de fome, o Senhor lhes proverá alimento em abundância (37:19). O mestre volta a usar a metáfora das plantas para descrever o fim dos ímpios, inimigos não apenas dos justos, mas também do Senhor (37:20; cf. tb. 37:2). No momento, eles podem parecer belos como um campo fértil, mas *se desfarão em fumaça*. A combinação da beleza dos campos com a fumaça do fogo em 37:19 é paralela à imagem usada por Jesus ao dizer que não devemos preocupar-nos porque “se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?” (Mt 6:30). Eis o destino final dos ímpios.

Quando sobrevêm as dificuldades, os ímpios se apressam em tomar dinheiro emprestado, mas nunca pagam os empréstimos. Os justos, pelo contrário, não têm necessidade de tomar emprestado nem de emprestar. Antes, dão generosamente aos necessitados (37:21).

Mais uma vez, o salmista fala, por um lado, da bênção duradoura do Senhor sobre os justos por meio da herança da terra e, por outro, da extinção dos ímpios (37:22). Não diz que os justos não terão nenhum problema. Como 37:23-24 deixa claro, o justo pode tropeçar, mas *não ficará prostrado*. Essa verdade ainda se aplica a nós hoje. A fé no Senhor Jesus não impede os cristãos de se depararem com percalços. Como todas as outras pessoas, os cristãos podem sofrer calamidades, mas Deus os ajudará a superá-las.

### 37:25-29 Ensinamentos com base na experiência pessoal

O mestre cita sua própria experiência como confirmação daquilo que disse até aqui. Agora é um homem idoso, mas ao longo de toda a sua vida nunca viu o Senhor desamparar o justo. Ademais, observou as bênçãos do Senhor passarem dos justos para seus filhos. Uma vez que os fiéis desfrutaram abundância (37:19), seus filhos não precisam *mendigar o pão* (37:25-26). A imagem de filhos mendigando lembra as crianças de rua nas cidades africanas. Como igrejas e indivíduos, precisamos ministrar às suas necessidades.

Apesar de a instrução em 37:27 ser dirigida principalmente aos justos, esse versículo também pode ser uma advertência para que os ímpios deixem seus caminhos maus e façam o bem a fim de desfrutarem os benefícios da terra que o Senhor deu ao seu povo e aos filhos deles. Enquanto os filhos dos justos são abençoados e nunca mendigam o pão, a descendência do perverso será eliminada da terra (37:28). Essa seção termina com 37:29, um paralelo próximo de 37:11.

### 37:30-40 O caminho dos justos

O enfoque da seção final desse salmo é sobre os justos. Tais indivíduos não mentem, mas dizem a verdade, pois a lei de Deus está em seu coração. Guardam a aliança do Senhor, e,

desse modo, *os seus passos não vacilarão* (37:30-31; cf. tb. 37:24). Os ímpios perseguem os justos e tentam fazer-lhes mal, mas o Senhor proverá refúgio e não deixará que os ímpios os destruam (37:32; cf. tb. 37:12). Os justos podem ser alvo de acusações falsas, mas o justo Juiz não permitirá que sejam condenados (37:33). Sua situação atual pode dar a impressão de contradizer esses ensinamentos, mas, se esperarem pacientemente, o Senhor agirá (37:34).

O mestre volta a combinar sua experiência pessoal com seu gosto por metáforas e compara o ímpio a uma árvore que, à primeira vista, parece verde e viçosa, mas, quando alguém volta para procurá-la, não a encontra, pois desapareceu (37:35-36). Ele instrui os aprendizes a imitar o exemplo do mestre, manter os olhos abertos, observar os justos e comparar o que acontece com eles em longo prazo com o que sucede aos ímpios (37:37-38).

Conclui com uma declaração enérgica de que o Senhor protegerá os justos. As dificuldades virão, mas o Senhor será uma *fortaleza* onde poderão refugiar-se (37:39-40). No devido tempo, ele os livrará de seus opressores.

### Salmo 38: Oração em tempos de enfermidade

O salmo 38 é uma oração proferida por alguém enfermo à beira da morte e que se sente abandonado por seus amigos e parentes. No AT, a saúde era considerada uma bênção de Deus que traz *shalom*, ou seja, bem-estar em todos os aspectos da vida. As enfermidades, por outro lado, eram intimamente associadas ao pecado e, com frequência, consideradas castigo divino, daí os amigos de Jó interpretarem sua aflição de forma equivocada. O salmista sofre física e espiritualmente. Apesar de confessar sua culpa diante do Senhor, não há nenhuma indicação de pecados específicos. De tão intenso, seu sofrimento talvez o tenha levado a concluir que estava sob a ira de Deus. Ele se volta, portanto, para o Senhor em oração. Até o final do salmo, sua súplica ainda não foi respondida.

É importante meditarmos nesse salmo em tempos nos quais testemunhamos o surgimento de doenças como a febre do ebola e vemos tantos ao nosso redor sofrendo com o HIV/aids. Qual deve ser nossa atitude em relação àqueles que se encontram em circunstâncias semelhantes às do salmista?

### 38:1 Introdução

O primeiro versículo deste salmo serve de introdução na qual o salmista reconhece que se encontra sob a *ira* do Senhor, e seu sofrimento é castigo divino (38:1). Essa é uma percepção comum das enfermidades no AT.

### 38:2-10 Descrição do sofrimento

O sofrimento do salmista é espiritual e físico. Ele não tem dúvida de que sua aflição vem de Deus, o qual age como inimigo que atira setas em sua direção. Prossegue com a metáfora e fala da mão pesada do Senhor que o pressiona



(38:2). Esse é seu castigo por um pecado não especificado (38:3). Ele se sente sobrepujado pela culpa (38:4).

O salmista também não especifica a enfermidade, mas a descrição detalhada dos sintomas mostra que se havia espalhado por todo o corpo. O fato de suas feridas se terem tornado *infectas e purulentas* indica que não se tratava de uma aflição recente (38:5). Um mal físico repugnante faz a pessoa perder sua dignidade, daí ele estar *encurvado e sobremodo abatido* e, possivelmente, vestido em trajes de luto (38:6). Todas as partes do corpo estão em agonia, inclusive seus *lombos* (38:7), e o salmista já não tem mais forças (38:8). Apesar de tudo, porém, ainda se apegá à sua confiança e fé no Senhor, aquele que conhece seu sofrimento (38:9). O coração que bate com esforço, a fraqueza extrema e a visão obscurecida sugerem que a morte está próxima (38:10).

### 38:11-12 Abandono

Quando a enfermidade e a morte chegam, desejamos amigos e familiares ao redor de nosso leito. Até mesmo os amigos de Jó se assentaram com ele (Jó 1:11-13). O salmista, porém, está completamente sozinho. Suas feridas são tão repugnantes que seus amigos e vizinhos se afastaram dele (38:11). Talvez não se aproximem por causa do cheiro desagradável das chagas, por temerem ser infectados ou por imaginarem que sua enfermidade é consequência de pecado. Em vez de visitá-lo, dão ouvidos àqueles que espalham boatos a seu respeito e fazem dele assunto de fofocas (38:12).

As circunstâncias descritas pelo salmista lembram a situação de muitos portadores de HIV/aids. Na África, essa doença é considerada um castigo específico de Deus, e os infectados são, com frequência, tratados como se fossem os piores pecadores da comunidade. São abandonados para morrer sozinhos em hospitais ou em casa. Sofrem terrivelmente com a solidão e, enfraquecidos, não conseguem cuidar de si mesmos. Sem dúvida, cabe à igreja africana oferecer consolo e ajuda a essas pessoas! É verdade que muitos foram infectados em decorrência de relações sexuais extraconjugais. Por vezes, porém, foi o cônjuge que cometeu o pecado e transmitiu a doença ao parceiro fiel. Não nos cabe julgar. Somos chamados a demonstrar o amor que vem por meio do evangelho de Jesus Cristo e alcança todas as pessoas.

### 38:13-20 Resposta

O salmista não refuta os argumentos de seus inimigos nem alega inocência. Recusa-se a responder e age como se não ouvisse o que estão dizendo a seu respeito (38:13-14). Sabe que não é inocente e confessa que pecou, apesar de não entrar em detalhes (38:17-18). A reação de seus inimigos, porém, extrapola muito o que seu pecado merece, pois o odeiam *sem causa* (38:19), quando, na verdade, o salmista até fez o bem a eles (38:20).

Isolado e fraco demais para poder responder às acusações de seus inúmeros e fortes adversários, o salmista deixa a resposta ao encargo de Deus, o justo Juiz que responderá por ele. Está certo de que o Senhor que reina e atende às orações de seu povo jamais deixará os adversários cumprir seus propósitos malignos (38:15-16).

### 38:21-22 Oração final

Ao contrário de vários salmos que encerram com uma declaração de que o Senhor interveio e salvou o salmista, o salmo 38 termina com outra oração. É uma súplica para que o Senhor aja com urgência. O salmista está enfermo, à beira da morte, e não há tempo a perder. Clama, portanto, ao *Senhor, salvação minha* (38:21-22). Sua oração final revela que a impressão de ter sido abandonado por Deus o aflige mais que a perseguição dos adversários e a dor física.

## Salmo 39: A vida é efêmera

Este salmo contém a reflexão de um enfermo acerca da natureza efêmera da vida. Apesar de ser uma oração, seu tom é semelhante ao da literatura sapiencial, pois apresenta ensinamentos profundos sobre o sentido da vida. O veredicto é claro: a vida neste mundo é curta e de nada adianta acumular riquezas. Jesus deixou clara a mesma verdade na parábola do homem rico que teve uma boa colheita (Lc 12:16-21). O salmista não está sugerindo que devemos negligenciar a vida presente; antes, chama nossa atenção para a importância de viver de acordo com a vontade de Deus. A riqueza em si não é um mal, mas é bem menos importante que a comunhão com Deus.

### 39:1-3 Monólogo interno

O salmista começa a oração revelando por que resolveu não continuar calado. Seu silêncio é incomum, pois em geral o sofrimento gera uma torrente de queixas. Esse indivíduo, porém, escolheu ficar de boca fechada enquanto estava na presença dos ímpios (39:1). Procedeu desse modo para não correr o risco de pecar contra o Senhor ao acusá-lo raiosamente de ser injusto. Por fim, contudo, sua aflição se intensifica de tal modo que é impossível não falar. Uma vez que o silêncio só faz aumentar a angústia, o salmista inicia uma lamentação (39:2-3).

### 39:4-6 Súplica por instrução

O salmista pede que o Senhor o instrua acerca da fragilidade da vida. Começa a tratar desse tema do ponto de vista individual, mas termina com reflexões em termos da existência da humanidade. Quando pede a Deus: *Dá-me a conhecer [...] qual a soma dos meus dias* (39:4), não está interessado numa resposta numérica, mas na brevidade da vida. Responde, portanto, à sua própria pergunta retórica: sua vida é tão longa quanto a menor unidade de medida do sistema hebraico, o palmo. É tão efêmera e deixa para trás

tantas realizações quanto um mero sopro, outro significado do termo traduzido aqui por *vaidade* (39:5).

A consciência da brevidade da vida revela a insensatez da correria e do excesso de atividades de pessoas que são *como uma sombra* que existe apenas por alguns momentos antes de desaparecer (39:6). Todos os seus esforços para acumular riquezas são fúteis, pois elas logo desaparecerão e não poderão levar seus bens consigo.

O salmista não está dizendo que a riqueza em si é pecaminosa. Na África, a ênfase sobre as palavras “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5:3) levou muitos a perder o interesse no cristianismo por imaginar que é uma religião para os pobres. As Escrituras deixam claro, porém, que as riquezas não duram nem impressionam Deus. Ademais, podem facilmente afastar as pessoas do Senhor e levar os ricos a imaginar que é possível viver de forma independente do Criador.

### 39:7-11 Súplica por esperança

Depois de reconhecer a brevidade desta vida e a futilidade de acumular riquezas, o salmista busca esperança e a encontra somente no Senhor (39:7). De 39:8 em diante, portanto, clama pela intervenção divina. Apesar de não especificar a natureza de seu pecado, reconhece sua culpa. Lembra ao Senhor que decidiu permanecer calado por admitir que seu sofrimento provinha das mãos de Deus (39:9). Pede, portanto, que Deus o cure e remova sua mão (39:10).

Como em outros salmos, 39:11 pressupõe a ligação entre sofrimento e pecado. Não obstante a forma que as *repreensões* de Deus assumem, uma coisa é certa: as riquezas dos homens serão consumidas da mesma forma que as traças consomem um casaco. O salmista reitera, portanto, a declaração feita em 39:5: a vida humana é tão curta e sem sentido quanto um sopro.

### 39:12-13 Conclusão

O salmista enfermo dirige agora um apelo insistente ao Senhor: *Ouve [...] escuta-me [...] não te emudeças* (39:12). Ele pede que Deus se sensibilize com suas lágrimas e intervenha. Lembra ao Senhor que é *forasteiro* e *peregrino*, palavras que ressaltam a transitoriedade do ser humano no mundo. A terra pertence ao Senhor. Os israelitas são apenas inquilinos (Lv 25:23).

A súplica a Deus no último versículo, *Desvia de mim o olhar*, parece contraditória, tendo em vista o desejo do salmista de confiar em Deus e ter certeza de sua proximidade. Seu pedido, porém, é para que Deus deixe de castigá-lo (cf. 39:10). Ele roga ao Senhor que o cure, de modo que possa voltar a desfrutar a vida antes da morte inevitável (39:13).

## Salmo 40: Fazer a vontade do Senhor

O salmo 40 se divide em duas partes distintas. A primeira é uma oração de gratidão (1-11), e a segunda, uma oração por

socorro (12-17). Devido a essa mudança dramática de tom, alguns comentaristas sugerem que, no passado, se tratasse, na verdade, de dois salmos que posteriormente foram reunidos em um só. Para corroborar essa ideia, ressaltam que 40:13-17 é repetido quase literalmente no salmo 70. Não obstante a força desse argumento, devemos observar que as duas partes do salmo 40 formam uma unidade coesa com várias ligações verbais. É possível, ainda, que o contraste entre as duas partes tenha sido determinado pelas circunstâncias do salmista. Talvez ele estivesse em grande perigo, mas, antes de pedir socorro a Deus, lembrou-se do que o Senhor havia feito por ele no passado.

### 40:1-11 Louvor pelo livramento no passado

A primeira seção do salmo 40 é uma oração de gratidão pelo livramento no passado. Em suas dificuldades, o salmista esperou *confiantemente* e viu Deus responder às suas orações (40:1). Ele descreve sua situação em linguagem metafórica: estava preso em *um poço de perdição* (40:2), mas o Senhor o tirou do *tremedal de lama* e o ajudou a encontrar apoio *sobre uma rocha*. Em Salmos, a rocha sempre simboliza estabilidade.

A salvação que o salmista experimentou lhe deu nova oportunidade de louvar ao Senhor com palavras divinamente inspiradas (40:3). Entoou esse *novo cântico* na congregação a fim de levar outros a temer e crer no Senhor. Devemos sempre ter a mesma motivação ao louvar a Deus em público. Infelizmente, alguns períodos de testemunho nas igrejas africanas parecem focalizar mais a pessoa que está testemunhando que a glória de Deus.

O louvor se transforma rapidamente em instrução na forma de bem-aventurança, ou seja, um dito que começa com a expressão “*Bem-aventurado*” e indica o objeto da bênção de Deus. Aqui, a bênção é concedida àquele *que põe no SENHOR a sua confiança*. Ele submete sua vida à vontade de Deus e evita a companhia dos *arrogantes* e *afeiçoados à mentira* (40:4).

O salmista não pressupõe ser o único a ter recebido livramento. Sua salvação é apenas uma dentre as muitas maravilhas que o Senhor operou ao realizar seu plano para o povo da aliança (40:5). É impossível enumerar todas elas.

O salmista provavelmente acreditava que o sofrimento descrito em 40:2 resultava de pecado (32:3-5). Para tratar de transgressões, o AT prescreve *holocaustos e ofertas pelo pecado* (40:6; cf. Lv 1:4; 4:1—6:7). O salmista nos surpreende, porém, ao afirmar que Deus não os requer. Ele reconhece que para Deus o mais importante não é cumprirmos rituais, mas reconhecermos nossos pecados e pedirmos perdão (cf. tb. 1Jo 1:8-10). Na segunda parte do versículo, o salmista revela a fonte dessa compreensão inesperada: *Abriste os meus ouvidos*. O Senhor abriu os ouvidos do salmista para escutar e obedecer a voz de Deus. Em vez de apresentar sacrifícios e ofertas, o salmista oferece a si mesmo por meio de um *rolô* no qual registrou uma

declaração de seu intento de cumprir a vontade de Deus (40:7-8). Ele leva a Torá, a *lei* de Deus, em seu coração (cf. 1:2). Seu objetivo não é negar a importância dos sacrifícios na religião israelita, mas ressaltar que sacrifícios sem obediência não têm sentido.

O autor de Hebreus 10:5-10 aplica as palavras de 40:6-8 a Jesus, mas cita a tradução grega antiga do AT, e não o texto hebraico. Considera o sacrifício de Jesus na cruz o exemplo supremo de obediência à vontade de Deus.

Como parte da obediência ao Senhor, o salmista proclama a *justiça* de Deus. A salvação que o Senhor lhe concedeu foi um ato de justiça, e o salmista não pode manter-se calado acerca daquilo que Deus fez. Antes, ele é compelido a proclamar a *fidelidade* [...] a *graça* e [...] a *verdade* do Senhor perante a *grande congregação* de Israel (40:9-10).

A referência à *graça* e *verdade* é retomada em 40:11, versículo que marca a transição do louvor para o lamento nesse salmo. O salmista pede a Deus que continue a mostrar essas qualidades ao se relacionar com ele. Ao mesmo tempo, contudo, suplica por *misericórdias*, pois enfrenta novas dificuldades. O livramento concedido por Deus no passado não deve tornar-nos acomodados no presente. Precisamos vigiar e orar continuamente.

#### 40:12-17 Súplica por livramento no presente

Diante da mudança brusca de tom do salmo, percebemos a importância do pedido por graça em misericórdia em 40:11. O salmista está em apuros. Enquanto em 40:6 ele descreveu as incontáveis maravilhas de Deus, agora descreve seus próprios *males* que *não têm conta* (40:12). São muito mais numerosos que os cabelos de sua cabeça. Seu coração, que ele havia declarado ser o lugar onde abrigava a lei do Senhor, *desfalece* ao perder as esperanças.

Em 40:1, o salmista falou de esperar pacientemente no Senhor, mas aqui ele roga que o Senhor intervenha de imediato (40:13). Está cercado de inimigos que esperam por sua queda (40:14). Ora, portanto, para que, em vez de ser envergonhado, aqueles que escarnecem dele dizendo: *Bem-feito! Bem-feito!* sejam confundidos e lançados em *ignomínia* (40:15). Por outro lado, pede bênçãos para quem ama e busca ao Senhor (40:16).

O salmo termina com uma oração na qual o salmista reconhece sua incapacidade de lidar sozinho com as ameaças que está enfrentando. Descreve-se como *pobre e necessitado*, palavras que não indicam necessariamente pobreza material, mas constituem uma expressão de humildade. Em termos espirituais, os pobres e necessitados são aqueles que permanecem fiéis à aliança e sujeitam sua vida à vontade do Senhor. É isso que o salmista faz ao pôr sua salvação nas mãos do Senhor (40:17).

#### Salmo 41: Aqueles que acodem aos necessitados

No salmo 41, aquele que foi salvo da desgraça extrai uma lição de sua experiência. Falando como mestre sábio, ins-

trui a congregação sobre o socorro que Deus concederá a quem ajuda os necessitados. A sabedoria implícita neste salmo se reflete nas palavras de Jesus: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5:7). Como indivíduos e comunidades, os cristãos da África precisam atentar na mensagem do salmista. A desintegração da sociedade africana tem gerado milhares de pessoas fragilizadas que necessitam de nossa ajuda.

#### 41:1-3 Lição do passado

O salmo 41 começa com uma bem-aventurança por meio da qual o salmista extrai uma lição de sua experiência de enfermidade e cura. No AT, as bem-aventuranças com frequência se referem a uma atitude correta em relação ao Senhor (cf., p. ex., 40:4), mas aqui a bênção é dirigida àquele que tem uma atitude correta em relação ao *necessitado* e ao fraco. Deus se agrada de quem cuida deles e, portanto, lhe concederá proteção e livramento *no dia do mal* (41:1). Quem acode ao necessitado será salvo de seus inimigos e de enfermidades (41:2-3). Deus restaurará sua vida e saúde. Jamais abandonará o justo.

Ao ler esses versículos, devemos lembrar que, na presença do Senhor, todos somos fracos. Também devemos considerar as formas mais adequadas de ajudar os necessitados. Nosso auxílio não deve produzir, a longo prazo, dependência e preguiça. Esse tipo de ajuda é de pouco valor.

#### 41:4-10 Descrição da dificuldade

Depois de estabelecer o princípio geral, o salmista trata em mais detalhes de sua difícil experiência e da oração dirigida ao Senhor. Em sua enfermidade, ele clamou por restauração espiritual e física, combinação que destaca o elo entre pecado e doença (41:4). Além da fraqueza física, o salmista enfrentava a hostilidade de inimigos. Visitavam-no em seu leito de enfermidade, fingindo-se preocupados, mas, em seu íntimo, desejavam que morresse sem filhos para que até seu nome perecesse (41:5-6). Depois de visitá-lo, espalharam calúnias a seu respeito. Tendo em vista a ligação entre pecado e doença, é possível que o acusassem de ter cometido inúmeras transgressões responsáveis pela *peste maligna* que o atingira (41:7-8). Divulgam a notícia de que ele certamente morreria.

É provável que o salmista não se tenha surpreendido com essa atitude de seus adversários. O que o magoou foi seu *amigo íntimo* se comportar como um de seus inimigos. A pessoa em questão era alguém com quem ele havia até feito refeições, importante símbolo de um relacionamento próximo. Esse amigo deveria ter apoiado o salmista no momento de necessidade, e não levantado contra ele o *calcular* num gesto hostil (41:9). Jesus cita esse versículo ao falar da traição pelo amigo Judas (Jo 13:18).

A oração que começa com uma súplica por misericórdia (41:4) termina da mesma forma (41:10). Os inimigos

dizem: *Já não há de levantar-se* (41:8), mas o salmista pede: *Levanta-me*. Ele sabe que Deus não é como o amigo falso e jamais o abandonará. Os cristãos não devem imitar seu desejo de se vingar dos inimigos. Quando sofremos injustiça, devemos entregar nossa causa nas mãos de Deus que disse: “A mim pertence a vingança; eu retribuirei” (Hb 10:30).

#### 41:11-12 Cura

O salmista não revela como a cura aconteceu, mas fica evidente que sua oração foi respondida. Essa resposta positiva é prova de que Deus se agrada dele, e não de seus inimigos (41:11). A cura mostra que o Senhor declarou o salmista inocente das acusações dos adversários. Seu nome não perecerá, e ele permanecerá na presença do Senhor para sempre (41:12).

#### 41:13 Conclusão

O último versículo é uma conclusão apropriada para a experiência do salmista. Ele tem motivos para louvar ao Senhor, o Deus de Israel, que é fiel e justo e cuida dos aflitos. Este versículo também encerra o Livro I de Salmos, ou seja, a seção que abrange os salmos 1 a 41, dos quais a maioria é atribuída a Davi.

### LIVRO DOIS: SALMOS 42—72

#### Salmo 42: Sedento por Deus (Parte 1)

Este salmo é atribuído aos *filhos de Corá*, uma das famílias levitas que serviam na tenda da congregação e no templo em Jerusalém. Fica evidente que os salmos 42 e 43 constituem uma unidade. Podem-se observar diversas ligações entre eles, e 42:9 e 43:2 são bastante parecidos. Os dois salmos trazem o mesmo refrão (42:5,11; 43:5). O salmo 43 não tem título, uma possível indicação de que compartilha o título do salmo 42. Neste comentário, trataremos deles separadamente a fim de manter a divisão da RA.

Em ambos os salmos, ouvimos o diálogo interior do salmista enquanto enfrenta profunda angústia. A causa não é um perigo físico, apesar de encontrarmos referências a palavras hostis em 42:2 e 42:10. Antes, é seu anseio intenso pela presença do Senhor, a qual ele associa ao templo em Jerusalém. É possível que fosse um peregrino a caminho da cidade santa. Como cristãos, não precisamos ir ao templo em Jerusalém para adorar a Deus, pois agora o Senhor habita em nós por meio do Espírito Santo (1Co 6:19). Entretanto, como o salmista, passamos por fases de desânimo nas quais este salmo pode ser fonte de força e estímulo para continuarmos confiando em Deus.

#### 42:1-4 Primeira lamentação

O salmo 42 começa com uma imagem vívida. O salmista almeja pelo Senhor como um animal extremamente sedento procura água num lugar árido (42:1). Ele carece de sustento para sua alma. Longe da presença do Senhor, não há

vida. Experimenta uma sede quase insuportável pelo *Deus vivo* (42:2), que é absolutamente distinto das divindades dos povos vizinhos, as quais são semelhantes aos humanos em sua mortalidade. O motivo de sua angústia é a impossibilidade de estar na presença do Senhor no templo sobre o monte Sião, em Jerusalém. Tomado pelo anseio, ele pergunta quando poderá ir a Jerusalém e desfrutar um encontro particular com Deus.

Em vez da água que saciaria sua sede, só lhe restam lágrimas (42:3). Questionadores hostis lhe perguntam repetidamente em tom de escárnio: *O teu Deus, onde está?* Em geral, a pergunta vem da boca de incrédulos, mas é possível que, nesse caso, venha de seus compatriotas judeus.

A zombaria dos adversários e o desejo intenso do salmista de estar com Deus levam-no a lembrar a alegria experimentada em suas visitas anteriores ao templo. Nessas ocasiões, participou junto com a multidão das celebrações dedicadas ao Senhor com *alegria, louvor* e ações de graças (42:4). As recordações o ajudam a recobrar o ânimo.

#### 42:5 Refrão

Agora, o salmista fala à sua própria alma, num diálogo interior. Lembra que voltará a louvar a Deus (42:5) e que, no momento, precisa continuar a confiar nele.

#### 42:6-11 Segunda lamentação

O diálogo em 42:5 pode dar a impressão equivocada de que o salmista superou seu desalento. As memórias se dissipam, ele volta à sua situação real e a depressão toma conta dele outra vez. Está num lugar distante, ao norte de Jerusalém, talvez até fora da terra de Israel (42:6). Em vez do ruído da multidão, ouve apenas o *fragor* das cachoeiras do monte Hermom (42:7). Observamos um nítido contraste entre essas águas turbulentas e os riachos tranquilos e refrescantes pelos quais o salmista anseia (42:1; cf. tb. Sl 23:2). Até mesmo esse aparente caos, porém, está sob o controle de Deus, pois são *tuas catadupas* e *tuas ondas e vagas* (42:7).

O salmista recorda que, não obstante as circunstâncias, o Senhor é fiel (42:8) e volta-se para *Deus, minha rocha* (42:9). As tragédias em sua vida quase o aniquilaram e o levaram a duvidar do cuidado de Deus por ele. Agora, ele precisa encontrar um lugar firme no qual se apoiar. Ainda teme, porém, que o Senhor o tenha abandonado e dado permissão para seus *adversários* o oprimirem. Eles perguntam em tom de escárnio: *O teu Deus, onde está?* (42:10). Os temores do salmista só se dissipam quando ele repete as palavras de 42:5.

#### Salmo 43: Sedento por Deus (Parte 2)

O salmo 43 é continuação do anterior. No salmo 42, encontramos um diálogo interno do salmista, enquanto aqui ele se dirige abertamente ao Senhor. O salmo 42 é um lamento, enquanto o salmo 43 é uma oração.

### 43:1-2 Súplica por livramento

O salmista apresenta sua causa diante do Juiz justo e suplente por vindicação, ou seja, pede para o Senhor mostrar que seu servo está com a razão (43:1). Roga a Deus que intervenha e o livre de seus inimigos que, nesse caso, são não apenas indivíduos, mas também uma *nação contenciosa*. É possível que o salmista estivesse morando em um país estrangeiro quando escreveu esse salmo (cf. comentários sobre 42:6). Em 43:2, ele repete as palavras de 42:9. Em vez de se referir a Deus como sua “rocha”, contudo, descreve-o como *fortaleza* (43:2). Diante da opressão dos adversários, o salmista não precisa de uma rocha sobre a qual se firmar, mas de um refúgio, um abrigo.

### 43:3-5 Súplica por segurança

O foco da oração agora é a súplica por proteção na viagem a Jerusalém. O salmista pede para que a *luz e a [...] verdade* de Deus o guiem. A luz dissipará as trevas ao seu redor e o protegerá e o dirigirá em sua jornada rumo ao monte Sião, *teu santo monte* (43:3). Quando chegar, encontrará alegria na presença do Senhor e usará sua habilidade como harpista para entoar louvores a Deus (43:4).

Diante dessa esperança, a repetição final do refrão em 43:5 tem um tom positivo. Não há razão para sua alma se perturbar, pois o Senhor responderá à sua oração. O versículo final expressa a confiança do salmista na proteção do Senhor.

### Salmo 44: Oração comunitária depois da derrota

Enquanto os salmos 42 e 43 tratam do sofrimento individual, o salmo 44 diz respeito ao sofrimento da comunidade como um todo. O salmista serve de porta-voz dos israelitas que lamentam a derrota diante de seus inimigos. O povo não entende por que Deus permitiu que isso acontecesse, pois, a seu ver, eles permaneceram fiéis à aliança. Sua situação é semelhante à do justo Jó.

Vários salmos enfatizam a ligação entre pecado e sofrimento. O salmo 44, porém, entra numa questão diferente e trata do sofrimento dos inocentes. Constitui, portanto, uma fonte de estímulo para todos que sofrem sem motivo: não somos os primeiros a passar por isso. Também não precisamos esquadrihar nossa alma ou a de outros em busca de pecados ocultos sempre que sobrevêm tribulações. Antes, devemos apresentar nossa aflição ao Senhor, que conhece o coração e as necessidades de cada um.

### 44:1-8 Vitória no passado

A comunidade derrotada começa a oração lembrando aquilo que o Senhor fez outrora em favor de seus antepassados e também de seus descendentes, a saber, a congregação presente. O relato desses feitos foi transmitido de geração em geração, de pai para filho, conforme o Senhor ordenou (44:1; Dt 4:9). Cada nova geração precisa aprender sobre os grandes feitos que o Senhor realizou em favor de seus

antepassados. Tanto o salmista quanto o rei Davi ouviram essa mensagem (2Sm 7:22; 1Cr 17:20). A lembrança dos feitos passados do Senhor é sempre fonte de refrigério e renovada esperança diante de um novo perigo.

Em 44:2-3, encontramos uma recapitulação bastante sucinta da história de Israel. Vários séculos antes, o Senhor havia expulsado as nações que viviam na terra prometida e entregado a terra ao povo de Israel como herança para sempre (Dt 9:3-5; 2Sm 7:10). A comunidade presente reconhece que não foi a bravura militar de Israel, mas a intervenção do Senhor, que lhes permitiu tomar posse da terra. O destaque à *tua destra* e a *teu braço* enfatiza o que Deus fez. Lutou pelos israelitas pelo simples fato de os amar.

Em 44:4, o enfoque muda do passado para o presente, e ouvimos o porta-voz da comunidade falar. De acordo com alguns comentaristas, pode tratar-se de um pronunciamento do rei como representante de seu povo, mas não há evidências conclusivas. Não obstante sua identidade, ele reconhece que o Senhor é seu Rei, aquele que zela pelo bem-estar do povo. Os presentes acompanham o salmista e declaram sua dependência de Deus (44:5). O líder assevera que não confia em sua destreza militar nem em armas para vencer, pois sabe que é o Senhor quem os salva de seus inimigos (44:6-7). O povo concorda e louva o nome do Deus que dá a vitória (44:8).

### 44:9-22 Derrota no presente

A conjunção *porém* introduz o contraste entre a situação passada e a presente, pela qual o povo lamenta. No passado, Deus demonstrou seu amor para com eles (44:3), porém agora os lançou fora (44:9). Antes, concedeu-lhes vitória, porém agora os abandonou no campo de batalha. O mundo está transtornado. Enquanto no passado os inimigos eram expulsos, agora o povo de Deus recua. Em outros tempos, o Senhor aniquilou os inimigos, mas agora permite que Israel seja saqueado (44:10; cf. 44:2). Seus antepassados foram “plantados” na terra e vicejaram, mas eles são devorados *como ovelhas* (44:11), dispersos e exilados no meio de nações estrangeiras.

Deus parece ter vendido Israel às nações, mas ninguém sabe o motivo. Não foi uma transação rentável (44:12). Eles se tornaram objeto de *escárnio e zombaria* entre as nações vizinhas (44:13). Outros povos meneiam a cabeça em sinal de espanto diante da humilhação do povo antes vitorioso (44:14; cf. tb. Jr 18:16). O mesmo gesto de admiração ainda é comum na cultura africana. Pode ser usado também para indicar que alguém recebeu o que merecia. O povo se sente constantemente humilhado, e tanto os inimigos quanto aqueles que guardam algum rancor de Israel aproveitam para tripudiá-lo (44:15-16). Enquanto os salmos 42 e 43 tratam do sofrimento do indivíduo, o salmo 44 trata do sofrimento da comunidade como um todo. O salmista é porta-voz do lamento pela derrota diante dos inimigos.

A comunidade se aflige por não saber o motivo de merecer tamanha humilhação. No AT, a vitória dos inimigos era

considerada castigo por desobediência à lei. Deuteronômio 28:25 apresenta o princípio de forma clara: “O SENHOR te fará cair diante dos teus inimigos; por um caminho, sairás contra eles, e, por sete caminhos, fugirás diante deles, e serás motivo de horror para todos os reinos da terra”. Os israelitas se veem nessa situação, mas afirmam que não há motivo para serem castigados. Eles não transgrediram a lei de Deus. Apresentam sua argumentação de forma minuciosa. Não romperam a aliança e não adoraram outros deuses (44:17-19). Sua declaração é categórica, pois sabem que o Senhor, *que conhece os segredos dos corações*, não os desmentirá (44:21).

Eles acreditam que sofrem pelo simples motivo de pertencerem ao Senhor. Em outras palavras, morrem como mártires (44:22). Foi assim que Paulo entendeu esse versículo quando o citou para os cristãos de Roma (Rm 8:36). Ele e outros cristãos também estavam sofrendo intensamente em razão de sua obediência a Deus.

#### 44:23-26 Desperta, ó Senhor!

A oração termina com uma súplica ousada ao Senhor. O porta-voz usa termos metafóricos para acusar Deus de estar adormecido (44:23). É hora de despertar e começar a se preocupar com seu povo! Não deve continuar a rejeitá-lo. Quando a luz de seu rosto resplandecia sobre Israel (44:3), era garantia de proteção e bênçãos. Agora, porém, o Senhor esconde a face (44:24). O povo que outrora calcava seus inimigos agora se encontra abatido *até ao pó* (44:25).

O salmista conclui com uma súplica a oração em favor da comunidade derrotada. O ponto de partida é a *benignidade* do Senhor (44:26; cf. 44:3). Ele pede que Deus atente na situação vergonhosa de seu povo martirizado e intervenha para dar um basta.

### Salmo 45: Cântico para um casamento real

Este salmo, chamado de *cântico de amor*, foi escrito para um rei por ocasião de seu casamento, um acontecimento com prováveis implicações políticas e religiosas. Ao ler o salmo, devemos lembrar que, na Bíblia, a metáfora do casamento é usada com frequência para ilustrar (de forma positiva ou negativa) a relação entre Israel e seu Deus (Jr 2; Os 1—3; Ez 16; Mt 9:15). A Igreja também é chamada de noiva de Cristo (Ef 5:27; Ap 19:7).

#### 45:1 Introdução

O salmo começa com uma introdução que dirige o leitor ao acontecimento que inspirou o texto: o casamento de um rei. O autor diz que sua língua *é como a pena de habilidoso escritor* (45:1). É provável, portanto, que o cântico tenha sido entoado antes de ser escrito.

#### 45:2-9 Louvores ao noivo real

O salmista se dirige primeiro ao noivo e louva-o com grande entusiasmo. Considera-o um homem perfeito, *o mais formoso*

*so dos filhos dos homens* (45:2). Como o restante do versículo mostra, o salmista não se refere à aparência do rei, mas aos atributos recebidos do Senhor. A excelência transparece em suas palavras repletas de graça e sabedoria.

Em seguida, o texto descreve a destreza militar do monarca. É um guerreiro poderoso cujo esplendor e majestade inspiram segurança quando ele cavalga para a *batalha* (45:3). Mas o rei não guerreia apenas no âmbito físico. Também luta pela *verdade e justiça* (45:4). Está determinado a se opor aos adversários que destroem a comunidade. Como seria bom se mais líderes estivessem dispostos a lutar pelos mesmos ideais na África de hoje! Quantas mudanças ocorreriam! Na atual conjuntura, guerras provocam devastação, pois não há quem honre a verdade. Em muitos lugares, quem conta mentiras é chamado de “político”. pois fazer política se tornou sinônimo de mentir. Poucos defendem os direitos do povo e especialmente os direitos dos desamparados. “Verdade” e “justiça” estão em falta até mesmo dentro da igreja!

A *destra* do rei, com a qual ele vencera as batalhas, era considerada a mão mais forte. Em várias sociedades africanas, a mão direita é chamada literalmente de “mão homem”, enquanto a mão esquerda é a “mão mulher”, pois supõe-se que seja a mais fraca. Com sua destra poderosa, o rei não temerá lutar contra os inimigos da verdade e da justiça.

O foco se volta novamente para o rei no campo de batalha. Ninguém pode resistir a ele, e suas *setas* [...] *penetram o coração dos inimigos*, que são destruídos, e seus povos se sujeitam ao rei vitorioso (45:5).

O versículo seguinte contém uma declaração espantosa e singular no AT, pois chama o rei de “Deus” (45:6a). Os reis do Egito e de outras nações vizinhas muitas vezes eram considerados deuses, mas, sem dúvida, não era o caso em Israel. É mais provável que o cantor empregue esse termo simplesmente porque considera o rei o representante de Deus na terra. Tendo em vista a promessa de Deus a Davi em 2Samuel 7:16, pode-se dizer que o trono do rei *é para todo o sempre*.

Hebreus 1:8-9 aplica as palavras de 45:6-7 a Cristo. Ainda que o salmista tenha empregado uma hipérbole para descrever o trono humano, não há exagero quando a imagem é aplicada ao trono de Cristo, do qual ele governa com justiça e retidão.

O cetro, como o trono, simboliza o poder do rei. Nesse caso, porém, não representa apenas poder, pois também é *cetro de equidade*. Trata-se de uma descrição apropriada, tendo em vista as qualidades do rei fornecidas em 45:4. As mesmas qualidades explicam o amor do rei pela justiça e sua aversão à iniquidade (45:6b). Uma vez que o rei ama a justiça e o Senhor é Deus de justiça, o rei é elevado a uma posição superior à de seus semelhantes. A declaração de que é Deus quem o exalta elimina todo conceito de deificação do rei, que 45:6 permitiria deduzir. O rei deve sua

posição exclusivamente a Deus. O símbolo de sua exaltação é a unção *com o óleo de alegria* (45:7), assim chamado porque a unção de um rei era sempre motivo de comemoração.

O óleo da unção desce às vestes do rei e as perfuma com o doce aroma de *mirra, aloés e cássia* (45:8); a celebração prossegue em palácios suntuosamente ornados, com paredes e mobílias revestidos de marfim precioso (cf. a descrição do trono de Salomão em 1Rs 10:18). Vemos os convidados, inclusive as *filhas de reis*, reunidos para a cerimônia de casamento. Entrementes, a noiva adornada de *ouro finíssimo* está assentada à direita do rei (45:9).

#### 45:10-15 Exortação à noiva

O cantor volta sua atenção para a noiva, provavelmente a filha do rei de uma nação vizinha. Casamentos desse tipo costumavam ter implicações políticas, pois eram como um tratado ou aliança entre famílias de governantes que representavam as nações. Sabemos que uma das esposas de Salomão era filha do faraó do Egito (1Rs 3:1). Casamentos semelhantes ocorriam em várias sociedades tradicionais africanas, nas quais o líder de uma vila tomava como esposa a filha do líder de outra vila como sinal de um acordo de paz entre duas tribos ou clãs.

O salmista pede que a noiva lhe dê ouvidos e deixe para trás sua nacionalidade e a casa de seu pai, onde ela cresceu (45:10). Não devemos entender sua exortação de forma literal, pois ninguém pode esquecer o passado e os entes queridos. A intenção, porém, é ressaltar que ela deixou seu povo e família e agora faz parte da família do rei. A exortação é semelhante às palavras dirigidas ao homem em Gênesis 2:24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. É importante o casal reconhecer que os vínculos com os pais precisam ser rompidos a fim de que os noivos comecem uma nova vida juntos, apesar de continuarem relacionando-se com os outros membros da família.

No antigo Israel, como na África, não era costume o noivo deixar fisicamente a casa do pai. O noivo trazia a noiva para morar com ele perto dos pais. Hoje em dia, porém, esse arranjo pode causar diversos problemas. As circunstâncias mudaram, e os africanos precisam repensar alguns dos costumes tradicionais. A urbanização reduz o espaço disponível e torna difícil famílias morarem na mesma casa sem brigar. Ademais, a vida comum sob o controle dos pais estimula a dependência e a irresponsabilidade. Na África moderna, é mais apropriado os jovens casais terem um lar só para si.

O cantor também exorta a noiva a honrar o rei e considerá-lo seu senhor. Se agir desse modo, ela receberá honra e presentes da *filha de Tiro*, o grande centro comercial da região (45:12).

O discurso à noiva termina com um retrato dela coberta de ricos ornamentos, sendo levada para o palácio do rei com as *virgens, suas companheiras* (45:13-15). Convém observar a

ênfase sobre a virgindade das acompanhantes. Na sociedade israelita, como na sociedade africana tradicional, a virgindade era extremamente importante na ocasião do casamento.

#### 45:16-17 Esperança para o futuro

O cantor dirige as palavras finais desse salmo de casamento ao rei. Deseja-lhe muitos filhos para dar continuidade ao seu renome e dinastia *de geração em geração* (45:16-17).

#### Salmo 46: Deus é nosso refúgio

Ao contrário de muitos salmos, esse cântico que expressa confiança no Senhor não é entoado por um indivíduo, mas pela comunidade inteira. Juntos, eles repetem o refrão: “O SENHOR dos Exércitos está conosco”. Não conhecemos as circunstâncias que deram origem ao salmo, mas podemos juntar-nos à comunidade da aliança e expressar nossa confiança no Senhor, apesar das catástrofes naturais e dos conflitos nacionais.

#### 46:1-3 Nosso refúgio das catástrofes naturais

As palavras iniciais declaram o tema geral do salmo: *Deus é nosso refúgio e fortaleza* (46:1). O pronome “nosso” indica que essa declaração veemente de confiança no Senhor não vem de um indivíduo, mas de um grupo. Eles estão certos de que Deus os ajudará em momentos de perigo ou dificuldade e, portanto, não precisam temer (46:2a).

Em seguida, o povo relaciona alguns possíveis motivos de temor: terremotos que transtornam a terra (46:2b) e enchentes que tumultuam e espumejam (46:3). Poucas coisas são mais assustadoras que um tremor de terra no qual até mesmo os montes, símbolos de estabilidade e firmeza, podem ruir. O bramido de águas que avançam inspira terror até mesmo no coração mais valente. No entanto, o povo declara que, mesmo diante dessas catástrofes, não duvidará da proteção divina. Sua certeza serve de exemplo para nós, pois não são poucos os cristãos africanos que vivem sob o jugo do medo. A pobreza de muitos é tal que eles não sabem o que vão comer no dia seguinte ou não fazem ideia de onde tirarão dinheiro para pagar pelo estudo dos filhos. Precisamos lembrar as palavras de Jesus: “Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:31-33).

Isso não significa que devemos esperar passivamente que o Senhor envie maná do céu outra vez. Somos exortados, porém, a confiar na provisão de Deus, e não em nossos próprios esforços.

#### 46:4-7 A cidade invencível de Deus

Na segunda parte do salmo, a confiança do salmista gira em torno da *cidade de Deus*, Jerusalém. Num contraste com



a inundação destruidora de 46:3, o rio que rega a cidade corre tranquilo (46:4). Apesar de não haver nenhum rio em Jerusalém, os profetas usam essa imagem repetidamente para simbolizar a bênção de Deus que flui da cidade (Ez 47:1-12; Ap 22:1-2). O templo em Jerusalém era a habitação terrena do Senhor, chamado aqui de *Altíssimo*. O uso desse nome para Deus é bastante significativo. Uma vez que ele é o Altíssimo, nada foge do seu controle.

Ao contrário dos montes em 46:2, Jerusalém *jamais será abalada* (46:5). Poderíamos supor que ela é invencível por causa de suas fortalezas sólidas, defesas naturais ou simplesmente devido à presença do templo. Era essa a ideia do povo de Deus no tempo de Jeremias. Eles acreditavam que o templo em Jerusalém possuía poder inerente. Jeremias os lembrou com veemência de que, devido à sua desobediência, o templo seria destruído (Jr 7:1-20), predição que se concretizou em 587 a.C. A comunidade cristã de hoje corre o mesmo risco de se concentrar nas coisas exteriores, e não no relacionamento fiel com o Senhor. Precisamos lembrar que a invencibilidade de Jerusalém se devia exclusivamente à presença do Senhor em seu meio. Ele controla toda a terra e silencia o tumulto e a revolta das nações (46:6).

O refrão em 46:7 é uma expressão suprema de confiança: *O SENHOR dos Exércitos está conosco*. A expressão “SENHOR dos Exércitos” também pode ser traduzida por “SENHOR Todo-Poderoso”. A primeira tradução, contudo, é mais apropriada para esse salmo, que traz referências ao poder militar do Senhor como comandante do exército celestial. Hoje, podemos entoar esse refrão com confiança ainda maior. O nome “Emanuel”, dado ao nosso Senhor Jesus, significa “Deus conosco” (Mt 1:23). Como cristãos, sabemos que o Senhor está entre seu povo por meio de Jesus Cristo, que “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14) e enviou seu Espírito para viver em nós.

#### 46:8-11 Convite à confiança

A última seção do salmo começa com um convite para o povo contemplar e compreender *as obras do SENHOR*. A desolação ao redor é obra das mãos dele (46:8). O Senhor intervém para deter as guerras em todas as partes do mundo. Controla não apenas a terra, mas também os guerreiros e suas armas de destruição: *Quebra o arco e despedaça a lança*. Conforme o costume no antigo Oriente Médio, ele *queima os carros* para que não possam ser usados novamente (46:9). Ansiamos pelo dia em que o Senhor responderá às orações de muitas igrejas africanas e fará o mesmo em nosso continente. Aguardamos o dia em que ele quebrará os rifles Kalashnikov, destruirá as minas terrestres e queimará todos os mísseis.

Enquanto observamos essa cena de julgamento por meio da qual Deus impõe a paz, ouvimos a voz do Senhor. Ele pede o fim de toda hostilidade e convida as nações a reconhecê-lo como Senhor a ser exaltado (46:10).

O povo responde repetindo o refrão confiante de 46:7 (46:11).

### Salmo 47: O reinado universal do Senhor

O salmo 47, um cântico de louvor, proclama que o Senhor é rei não apenas sobre Israel, mas sobre todas as nações do mundo. Primeiro, louva seu reinado com base naquilo que ele fez por Israel no passado. Por causa de seu amor, Deus subjugou nações poderosas e entregou a terra delas ao seu povo como herança. Em seguida, o salmo convoca todas as nações para louvar ao Senhor junto com os israelitas. O tema do reinado divino fica mais evidente no NT, onde Jesus ensina acerca do reino de Deus. O NT também mostra claramente a universalidade do reino de Deus, pois pessoas de todas as nações que aceitam a Cristo como Senhor se tornam parte de seu reino.

#### 47:1 Convite para louvar

O salmo 47 começa com um imperativo: as nações devem louvar ao Senhor (47:1). Nesse contexto, a expressão *os povos* provavelmente inclui Israel. Todos são convidados a bater palmas numa expressão de alegria, como acontece nos cultos em muitas igrejas da África hoje em dia. Também devem celebrar *com vozes de júbilo*.

#### 47:2-6 Deus subjugou as nações

Deus é aclamado como *SENHOR Altíssimo* e *grande rei de toda a terra* (47:2). Não devemos entender a expressão “Altíssimo” como indicação de que Israel adorava outras divindades. Antes, significa que o Senhor não pode ser comparado a nenhum outro. A designação “grande rei” enfatiza essa ideia.

Como governante de toda a terra, o Senhor colocou as nações sob os pés de seu povo, Israel (47:2-3). Trata-se de uma referência à antiga tradição de o vitorioso colocar o pé sobre o pescoço dos cativos, indicando subjugação total. O Senhor procedeu desse modo quando entregou a Israel sua *herança* na conquista de Canaã. Expulsou os habitantes anteriores da terra e entregou-a ao seu povo (47:4). É possível, contudo, que o salmista também tenha em mente o tempo de Davi, quando o território de Israel alcançou sua maior extensão. A referência a *Jacó* nesse contexto nos lembra que Deus estava cumprindo sua promessa ao patriarca (Gn 28:13). Deus agiu por amor.

É difícil determinar o significado exato do termo “Selá”, que não aparece na RA, mas ocorre na RC e é traduzido por “pausa” na NVI. Podemos observar, porém, que o final de 47:4 marca a transição entre os feitos históricos de Deus em favor de seu povo e a celebração presente da glória divina. É provável que a arca da aliança, símbolo visível da presença de Deus, estivesse sendo carregada para o templo em meio a gritos de louvor e *ao som de trombeta* (47:5). Mais uma vez, o salmista convida todos os presentes para louvar (47:6).

#### 47:7-9 Deus é o rei universal

A primeira metade do salmo louva ao Senhor por seus feitos em favor de Israel no passado. A segunda seção, porém,

convida o povo e as nações a louvar a Deus porque ele é o Rei de toda a terra (47:7). Seu reino abarca o mundo inteiro.

O símbolo tradicional do *santo trono* de Deus, o lugar onde ele estava presente com seu povo, Israel, era o espaço entre os querubins do propiciatório da arca da aliança (1Sm 4:4). Sabia-se, porém, que esse lugar constituía apenas uma representação do trono celestial do qual ele reinava sobre todas as nações (47:8).

Em 47:9, voltamos à grande festa na qual os representantes de nações estrangeiras se unem ao povo de Israel para reconhecer o reinado universal de Deus (47:9). Dessa vez, o Senhor é aclamado *Deus de Abraão*, nome que lembra a promessa de Deus a Abraão de não apenas dar a terra a ele e seus descendentes (Gn 12:7), mas também de fazer que em Abraão sejam “benditas todas as famílias da terra” (Gn 12:3). A promessa se concretiza quando as nações finalmente *se reúnem como povo do Deus de Abraão* e exaltam o nome do Senhor junto com os descendentes de Abraão. Elas não se encontram mais debaixo dos pés de Israel; agora fazem parte do povo de Deus.

A reunião de todas as nações para louvar está em andamento nos dias de hoje. Na igreja, pessoas de todas as nações se reúnem para celebrar a soberania do Senhor sobre a terra. Por meio de seus atos e da pregação da palavra de Deus, a igreja deve contribuir para a glorificação do nome do Senhor até o grande dia em que a cena visualizada nesse salmo se tornará realidade. Então, estaremos no meio da “grande multidão que ninguém [pode] enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos” (Ap 7:9).

### Salmo 48: A cidade do grande Rei

Este salmo faz parte de um grupo de salmos conhecidos como Cânticos de Sião, pois celebram Jerusalém e o monte Sião, o monte sobre o qual a cidade foi construída. Dá sequência ao tema da universalidade do reinado do Senhor, mas de modo diferente do salmo anterior. Aqui, o foco é o governo do Senhor sobre Jerusalém, considerada a capital do mundo. Por meio da exaltação de Jerusalém e do monte Sião, o salmista glorifica o reinado universal do Senhor sobre Israel e todas as nações do mundo.

O salmo 48 tem muito a nos ensinar acerca do uso de símbolos e rituais para comunicar verdades sobre o Senhor. A tradição protestante muitas vezes se mostra hostil a tais práticas, mas esse salmo nos lembra que símbolos e rituais podem conduzir ao louvor. A arquitetura fortificada do templo lembrava aos adoradores que Deus era seu refúgio. A procissão ao redor de Jerusalém reforçava a percepção da grandeza do Senhor. Podemos usar estratégias semelhantes em nossos cultos. A beleza do templo da igreja pode dirigir a atenção do povo para a grandeza de Deus, enquanto os cristãos marcham para proclamar sua fé e glorificar ao Senhor.

### 48:1-3 Louvores ao Senhor em sua cidade

Apesar de o salmo parecer focalizar principalmente a glorificação de Jerusalém, o primeiro versículo, com sua ênfase sobre o louvor ao Senhor, mostra que a grandeza de Jerusalém não é intrínseca, mas se deve à presença do *grande Rei* no templo. É sua presença que faz de Sião um *santo monte* (48:2). Quando esquecemos isso, confundimos a realidade com sua expressão simbólica. As pessoas podem imaginar que um edifício em si possui importância ou poder, e podem supor que uma oração oferecida no templo ou na igreja é mais eficaz que uma prece feita em casa ou ao ar livre. O profeta Jeremias adverte o povo de não cometer esse erro (Jr 7).

O salmista prossegue com a descrição das características que distinguem Jerusalém das outras cidades ao redor do mundo. Comenta primeiramente que o monte sobre o qual a cidade está edificada é *belo e sobranceiro*, lugar do qual a *alegria* se propaga para *toda a terra* (48:2a). Essas palavras apontam para outro erro que os cristãos, especialmente os de tradição protestante ou evangélica, cometem. Trata-se do outro extremo do problema descrito no parágrafo anterior. Em vez de atribuírem importância excessiva a um edifício, alguns cristãos não lhe conferem a importância devida. Podem supor que é somente um lugar onde a congregação se reúne e, em razão disso, não fazer nenhum esforço para que o local de culto reflita a grandeza e a dignidade do Senhor. O louvor ao Senhor é associado à beleza do lugar onde ele é louvado.

Na NVI, o monte Sião, sobre o qual Jerusalém e o templo foram edificadas, é comparado às “alturas do Zafom”, monte no extremo norte que os cananeus consideravam o lar de seus deuses. O salmista argumenta que a importância de Sião não se restringe a Israel, mas é universal. Em termos políticos, Jerusalém era a capital do reino de Israel. Em termos teológicos, porém, era a capital do mundo, pois abrigava o palácio do grande Rei.

Apesar de Jerusalém ser conhecida como cidade de Davi, os livros de Reis e Crônicas deixam claro que Deus escolheu Jerusalém como local onde seu nome seria honrado (1Rs 11:13,32,36; 1Cr 23:25; 2Cr 6:6). Pode-se dizer, portanto, que Deus é seu *alto refúgio* ou “cidadela” (NVI) (48:3), ou seja, a fortaleza que protege a cidade inteira. É um refúgio ou proteção para a cidade quando ela enfrenta perigos como aqueles descritos na seção seguinte do salmo.

### 48:4-7 Deus protege Jerusalém

O salmista oferece agora um exemplo de como Deus salvou sua cidade do ataque de uma coalizão de reis que faz lembrar a aliança formada contra o Messias em Salmos 2:1-3. Os reis uniram forças contra a cidade do grande Rei (48:4). Depois de marcharem até Jerusalém, contudo, não entraram em combate. Quando olharam para a cidade sobre o monte acima deles e para seu defensor, seus exércitos

foram tomados de pavor e desistiram do ataque (48:5). Dois símiles ilustram a extensão de seu pânico. De acordo com o primeiro, eles *sentiram dores como de parturiente*, imagem que traz à memória a natureza súbita, intensa e inevitável da dor (48:6; cf. tb. Is 13:8; Jr 4:31). O segundo símile declara que eles foram destruídos por um *vento oriental como as naus de Társis*. Essa imagem ilustra a força irresistível por trás de um vento que pode despedaçar até mesmo as sofisticadas embarcações fenícias (48:7; Jn 1:3-4). A coalizão de exércitos não resistiu ao poder do grande Rei em sua cidade, Jerusalém.

#### 48:8-11 Louvores da congregação

Esse cântico de Sião provavelmente foi entoado por uma congregação constituída de peregrinos vindos de diferentes partes do reino de Israel. Eles se dirigem diretamente ao Senhor na segunda pessoa do singular (“tu”) e acrescentam seu amém ao que foi dito na passagem anterior. Por meio das histórias transmitidas de geração em geração, ouviram falar dos grandes feitos de Deus no passado e também viram evidências desse poder no presente (48:8). O grande Rei mostrou-se, de fato, o protetor e refúgio de sua cidade, Jerusalém.

Para aqueles que se encontram reunidos no templo, a contemplação da beleza da cidade se transforma em meditação sobre a beleza da *misericórdia* de Deus que os protege (48:9). Eles sabem que Jerusalém é o lugar onde Deus escolheu colocar seu nome, ou seja, sua reputação. Assim como a cidade “é a alegria de toda a terra”, o louvor a Deus *se estende até aos confins da terra* (48:10). Seu governo é universal. Não é, contudo, ditatorial, pois Deus governa com *justiça*. A contemplação da grandeza e da bondade de Deus desperta inevitavelmente louvores do monte Sião, bem como das *filhas de Judá* (48:11), ou seja, das vilas ao seu redor. Todos se regozijam com os julgamentos de Deus contra seus inimigos.

#### 48:12-14 Convite para uma procissão

Os versículos finais deste cântico convidam a congregação a participar de uma procissão ao redor da cidade. O salmista chama o povo para contemplar a grandeza do Senhor pela observação da beleza e das fortificações da cidade. O objetivo não é apenas percorrer seu perímetro, mas obter impressões vívidas da cidade a fim de transmitir sua descrição às gerações seguintes. Mais uma vez, porém, ele os lembra de que não devem focalizar a cidade propriamente dita, mas o grande Rei do qual ela é fortaleza. Encontram em 48:14, portanto, uma ligação com 48:1 em seu louvor ao Senhor, o Pastor fiel que guiará seu povo *para todo o sempre*.

#### Salmo 49: Morte, a grande niveladora

O salmo 49 pertence ao grupo de salmos didáticos ou sapienciais. No AT, a sabedoria fornecia direção acerca de

como viver a vida e lidar com os muitos problemas que podem afastar as pessoas do Senhor. Nesse salmo, o mestre da sabedoria trata das riquezas e daqueles que parecem desfrutar grande sucesso, para desânimo de quem confia humildemente no Senhor. O salmo 73 trata do mesmo assunto, mas de outro ponto de vista. Aqui, o salmista se dirige àqueles que se encontram atemorizados, receosos em relação à vida. Ao mesmo tempo, contudo, temem entregar-se à tentação de agir como os ricos insensatos, que depositam sua confiança nas riquezas, sem pensar que a morte os espera adiante.

#### 49:1-4 Atenção!

O salmo 49 começa com um chamado para prestar atenção, dirigido a um público o mais amplo possível: *Povos todos, escutai isto [...] moradores todos da terra* (49:1). A sabedoria que o salmista está prestes a ensinar se aplica a todos, *tanto plebeus como os de fina estirpe [...] ricos e pobres* (49:2). Apesar dessa introdução, o salmo fala especificamente aos pobres e humildes que vivem amedrontados por causa da arrogância dos ricos. O mestre lhes dará o entendimento de que necessitam para lidar com o mistério da relação entre riqueza material, justiça e bênção de Deus (49:3-4).

#### 49:5-12 Não temam

Essa seção trata primeiramente de como agir quando os ricos inspiram medo naqueles que vivem num relacionamento de humildade com o Senhor (49:5). A situação traz à baila a soberania e a justiça de Deus. Por que ele permite que o rico seja arrogante, oprima o pobre e ameace a harmonia da comunidade como um todo? Tais indivíduos não confiam no Senhor, mas em suas próprias riquezas (49:6).

Ao responder a essas perguntas, o mestre inspirado olha além do âmbito da vida presente e ressalta que o poder da riqueza é limitado. Por mais presunçosos que sejam os ricos, não podem escapar da morte. Não há como pagar para se livrar dela (49:7). A lei permitia que israelitas pagassem um resgate, uma soma em dinheiro, para redimir um indivíduo condenado à morte (Êx 21:30). Tratava-se, contudo, apenas de uma suspensão temporária da sentença, pois a morte é inevitável. Nem os mais ricos escapam (49:8-9).

Jesus provê o único resgate eficaz para nossa vida. Como ele mesmo disse: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10:45; cf. tb. Mc 8:36).

O mestre lembra os ouvintes das experiências de vida que tiveram. Viram tanto homens sábios quanto insensatos morrerem (49:10). Ninguém pode levar suas riquezas consigo. Elas ficam para trás, aos cuidados de outros. Ainda que construam mansões, seu lar derradeiro ao longo dos séculos será a sepultura. Podem tentar obter a imortalidade ao *dar seu próprio nome às suas terras*, mas sua única propriedade será um pedaço de chão no cemitério (49:11). Observamos tentativas semelhantes de alcançar imortalida-

de em países africanos nos quais os poderosos batizam com seus nomes ruas ou aeroportos. Assim que novos governantes assumem o poder, contudo, a primeira coisa que fazem é dar a esses lugares os nomes de novos líderes ou heróis. Ninguém se torna imortal por ter seu nome associado a um lugar, nem mesmo a uma igreja ou instituição teológica.

O mestre resume suas observações em **49:12**. Os ricos orgulhosos precisam lembrar que a riqueza não dura para sempre. No final, seres humanos e animais são iguais no sentido de que todos morrem. O salmista volta a falar dessa questão em 49:20.

### 49:13-20 A riqueza é inútil

Agora, o mestre retoma as palavras do refrão e exorta aqueles que se perturbam com a arrogância dos ricos. Podem escolher seguir seus ensinamentos ou imitar o exemplo de quem concorda com as palavras dos ricos. Devem lembrar, porém, que tanto os ricos insensatos quanto seus seguidores terão o mesmo destino (**49:13**). O mestre volta à referência aos animais em 49:12 e diz que os estultos não são melhores que ovelhas destinadas ao abate (**49:14**). Não poderão fazer nada quando a morte chegar, tirá-los de suas mansões suntuosas e lançá-los numa sepultura vazia. A vida neste mundo não é permanente, e, no final, os justos triunfarão.

É difícil interpretar o significado exato de **49:15**, uma frase que parece ser proferida por alguém que crê na lição do mestre. A declaração *Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si* parece apontar para a vida depois da morte, apesar de a ideia de vida eterna não ser desenvolvida de forma completa no AT. Essa possibilidade é corroborada pelo fato de o verbo “tomar” ser o mesmo termo usado com referência a Enoque e Elias, duas pessoas do AT que não passaram pela morte. O salmista deseja ressaltar que a morte não tem poder para romper seu relacionamento com o Senhor. Os esforços para obter riquezas são fúteis, pois o rico não pode levar nenhum de seus bens consigo quando morre (**49:16-17**).

Quem se considera abençoado por Deus por causa de sua riqueza precisa cuidar para não deixar a exaltação humana subir à cabeça e fazê-lo esquecer seu destino final (**49:18**). Apesar de sua riqueza e glória, um dia o rico também morrerá ou, como **49:19** expressa de forma eufêmica, *irá ter com a geração de seus pais*. Muitos líderes políticos e eclesiásticos africanos assumiram cargos com espírito humilde, mas sucumbiram à lisonja de outros, deram lugar à arrogância e permitiram que ela destruísse sua missão.

O salmo termina com uma variação do refrão em 49:12: *O homem [...] sem entendimento é, antes, como os animais, que perecem* (**49:20**). Convém observar que não se trata de uma condenação da riqueza em si, mas da riqueza desacompanhada de entendimento. No contexto da literatura sapiencial, “entendimento” corresponde a temor do Senhor.

Encontramos a mesma atitude em relação aos bens materiais no NT. Jesus adverte acerca do perigo da riqueza (Mc 10:23,41-45). Paulo também lembra a Timóteo: “Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1Tm 6:10). Não há dúvida de que os esforços para obter riquezas são responsáveis pela destruição de muitas igrejas e sociedades na África.

### Salmo 50: Sacrifícios e conduta

Este é o primeiro de um grupo de salmos atribuídos a Asafe. Os outros são os salmos 73 a 83. Asafe era um dos líderes dos cantores levitas que Davi nomeou para dirigir os cultos em Jerusalém (1Cr 6:39). Tendo em vista a referência à aliança em 50:5, vários comentaristas concluem que esse salmo faz parte de uma liturgia pela qual anualmente se renovava de forma simbólica a aliança firmada entre o Senhor e seu povo no Sinai.

Os ensinamentos deste salmo tocam o cerne da religião de Israel, a saber, a oferta dos sacrifícios corretos e a obediência ao Senhor. O Senhor vem para julgar porque seu povo não está cumprindo nenhum desses requisitos da aliança. Esse tema aparece na pregação de vários dos profetas que falaram ao povo de Israel sobre os perigos de separar a adoração dos sacrifícios e a religião da vida diária. A mesma advertência é necessária para a igreja na África.

### 50:1-6 Aparição do Juiz

O salmo começa com a descrição de uma teofania, ou seja, uma aparição visível de Deus. Até as palavras que o salmista emprega para identificá-lo inspiram reverência: *O Poderoso, o SENHOR Deus* (**50:1**). O Rei está prestes a falar e convoca toda a terra, de leste a oeste, para ouvir suas palavras (**50:1**). Revela-se em Sião, o lugar de seu templo, descrito aqui também como um local de *excelência de formosura* (**50:2**; cf. tb. 48:2). Como em todas as aparições do Senhor no AT, sua vinda é acompanhada de sinais cósmicos, nesse caso relâmpagos e tempestade (**50:3**). Ele vem como Juiz e convoca os céus e a terra para serem testemunhas do julgamento justo do povo (**50:4,6**). Os céus e a terra também foram testemunhas quando o Senhor firmou sua aliança com Israel (Dt 4:26). O réu é o povo que fez aliança com ele, mas transgrediu as condições do pacto e, desse modo, provocou a aparição do Juiz.

### 50:7-15 Julgamento da adoração falsa

A maioria dos salmos se refere a Deus na segunda pessoa do singular. Aqui, porém, ele é o principal locutor. Começa dizendo: *Escuta, povo meu* (**50:7**). O pronome possessivo “meu” denota sua afeição por eles e faz parte da linguagem da aliança que dava ao povo o direito de chamar o Senhor de “nosso Deus” (Dt 6:4). O mesmo vocabulário aparece no final do versículo, em que o Senhor declara: *Eu sou Deus, o teu Deus* (**50:7**).

A primeira parte do discurso divino se refere à falsa adoração, especialmente às intenções equivocadas do povo ao realizar sacrifícios e ofertas. Deus reconhece que o povo não deixou de oferecer sacrifícios e holocaustos a ele (50:8). Eles continuam cumprindo essa parte da aliança. Sua objeção se refere à motivação do povo ao realizar essas ofertas. Ao que parece, eles acreditam que Deus depende dos sacrifícios e, portanto, empregam-nos na tentativa de controlá-lo. Essa forma de pensar era característica dos idólatras, cujas divindades falsas sentiam fome e precisavam ser alimentadas. Encontramos o mesmo princípio na religião tradicional africana, na qual se ofereciam alimentos e bebidas a divindades (as oferendas, contudo, não eram consumidas pelas divindades, mas pelos homens que as serviam).

O Senhor não precisa de sacrifícios. Ele é o Criador. Tudo o que há na terra e no céu lhe pertence, inclusive os novilhos, bodes, animais selvagens, domésticos e pássaros (50:9-11). Deus fala em termos humanos e destaca que, se tivesse fome, certamente não precisaria pedir que o povo trouxesse sacrifícios para alimentá-lo. Comería o que desejasse (50:12). Em seguida, o Senhor se afasta de qualquer semelhança com os homens e lembra ao povo que não precisa consumir alimentos nem beber sangue (50:13). Os sacrifícios constituíam parte importante do culto a Deus, mas não deviam ser considerados uma forma de obrigar o Senhor a conceder desejos ou recompensar votos. Esse modo de pensar suscita o julgamento divino.

Antes de condenar os israelitas, convém observar que ideias semelhantes são comuns nos dias de hoje. Muitas pessoas acreditam que suas ofertas, díizimos ou outras contribuições para igrejas influenciam a atitude do Senhor em relação a elas. Essa ideia é reforçada pelos ensinamentos do evangelho da prosperidade, segundo o qual ofertas a Deus representam uma moeda de troca para bênçãos materiais. Mas todo o dinheiro do mundo pertence a Deus. Ele o distribui conforme lhe apraz. Não temos poder de influenciá-lo com nossas ofertas.

Em vez de usar as ofertas para tentar manipular Deus, o povo é convidado a apresentar sacrifícios de *ações de graças* e cumprir seus *votos para com o Altíssimo*, um título que lembra os ouvintes da autoridade de Deus. Devem honrá-lo humildemente como o Senhor que os livrará *no dia da angústia* (50:14-15).

### 50:16-22 Julgamento da conduta indevida

Enquanto a primeira seção do salmo fala de sacrifícios e culto, a segunda trata do comportamento do povo em outras áreas da vida. Apesar de os indivíduos aqui reunidos serem chamados de “santos” em 50:5, Deus dirige suas palavras ao *ímpio* (50:16). O ímpio é alguém que afirma fazer parte do povo da aliança, mas cuja vida contradiz tal declaração. De que adianta ser capaz de recitar as leis de Deus, mas desprezá-las, em vez de obedecer-lhe (50:16-17)? Para fundamentar sua acusação, o Juiz ressalta que

o povo desobedeceu a pelo menos três dos Dez Mandamentos: não roubar, não adulterar e não dar falso testemunho (50:18-20).

Observamos desconsideração semelhante da lei de Deus em várias comunidades cristãs na África. Muitos confessam o Senhor apenas com a boca, mas seu coração e conduta não mostram nenhum sinal de compromisso com ele. Em decorrência disso, apesar de a maioria dos países da África Central apresentar grande população cristã, são poucos os sinais de influência do cristianismo na sociedade. Talvez nos assemelhemos a alguns do antigo Israel que acreditavam ser possível desobedecer à lei de Deus e escapar impunes porque Deus se calava e não os castigava de imediato. Mas o Senhor adverte os israelitas de que não permanecerá calado (50:21; cf. tb. 50:3). Caso não se arrependam, o julgamento divino será tão severo e impiedoso quanto um leão que despedaça sua presa (50:22). Ninguém poderá salvá-los.

### 50:23 Palavras finais

O encerramento do salmo corresponde às palavras finais do Juiz. Conforme lembra seu povo, quem apresenta ofertas de ações de graças não está manipulando Deus, mas glorificando-o, e a mesma glória os levará à obediência (50:23). Aqueles que o glorificam não serão alvo de seu julgamento, mas prepararão o caminho para Deus demonstrar sua bondade dando-lhes salvação.

### Salmo 51: Pecado e arrependimento

A introdução deste salmo informa: *Salmo de Davi, quando o profeta Natã veio ter com ele, depois de haver ele possuído Bate-Seba*. Os detalhes dessa triste história encontram-se em 2Samuel 11—12. Davi pecou e tentou encobrir sua transgressão, mas Natã o desmascarou.

Como Davi, muitos de nós na África procuramos ocultar nossos pecados. Ao contrário de Davi, porém, quando alguém nos confronta com nossos atos, não nos prostamos por terra em sinal de confissão. Em vez disso, reagimos como touros bravios, sacudimos os chifres e nos preparamos para atacar nossos acusadores. Como as coisas seriam diferentes se indivíduos colocados sob disciplina por pecados óbvios suplicassem a Deus por misericórdia, como Davi fez, em vez de sair da igreja e viver como os que são do mundo, ou fundar suas próprias congregações!

### 51:1-2 O primeiro pedido de Davi

Davi começa com uma súplica sincera: *Compadece-te de mim* (51:1a). Ele reconhece a natureza séria do seu pecado e sabe que merece o castigo de Deus. Também sabe, porém, que a *multidão das [...] misericórdias* divinas significa que quem busca ao Senhor com coração verdadeiramente contrito e implora por misericórdia recebe perdão.

A súplica por misericórdia é seguida de outro pedido a Deus: *Apaga as minhas transgressões* (51:1b). “Transgres-

são” é o primeiro de quatro termos hebraicos que Davi usa para se referir ao pecado nesse salmo. O termo sugere pecado deliberado e planejado. O primeiro pecado talvez tenha consistido em se render impulsivamente a uma tentação comum. Em vez de parar quando percebeu o que estava fazendo e confessar o primeiro pecado, Davi tentou encobri-lo. Um pecado puxou outro, e assim por diante, e levou o rei a elaborar planos pecaminosos cada vez mais complicados.

O uso do plural “transgressões”, porém, não significa que Davi está contando o número exato de pecados que cometeu em relação a Bate-Seba. Trata-se, antes, do simples reconhecimento de que ele é pecador e está propenso a cometer muitos pecados. Apesar de Deus tê-lo chamado de homem segundo seu coração (1Sm 13:14; At 13:22), Davi sabe que ainda é pecador. Devemos seguir seu exemplo no sentido de não permitir que o fato de sermos amados por Deus nos cegue para a realidade de que também somos fundamentalmente imperfeitos diante de Deus. Como Davi, devemos reconhecer que, apesar de Deus ter escolhido nos salvar, continuamos sendo pecadores.

Uma vez que Davi se deleitava em agradar a Deus (1Rs 3:14), as transgressões devem ter perturbado profundamente sua alma. Por isso, ele pede que Deus as apague (51:1b) e acrescenta: *Lava-me [...] e purifica-me* (51:2). Roga ao Senhor por uma chance de passar uma esponja no passado e começar de novo.

Em 51:2, ele emprega outros dois termos para pecado. O primeiro é traduzido por *iniquidade* e destaca que o pecado é uma perversão ou deformidade de caráter. Enquanto a “transgressão” é associada à ideia de culpa, a “iniquidade” indica que a pessoa ficou aquém dos padrões santos de Deus. A segunda palavra é traduzida simplesmente por *pecado*, o termo mais comum e geral para pecado no AT. Significa “errar o alvo”. Nosso alvo é fazer aquilo que Deus quer. Cada vez que erramos o alvo, pecamos.

### 51:3-6 O reconhecimento de Davi

Davi reconheceu anteriormente que o caráter de Deus é caracterizado por “benignidade” e “misericórdias” (51:1). Graças a essas características, o rei pode ter esperança de ser perdoado. Sabe, porém, que o primeiro passo para o perdão consiste em reconhecer o pecado e sua gravidade diante do Deus santo, daí a confissão: *Conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim* (51:3).

Podemos surpreender-nos em ouvir Davi dizer: *Pequei contra ti, contra ti somente* (51:4), pois nossa tendência é focalizar o pecado do rei contra outras pessoas, como Urias, o qual ele assassinou. Não devemos imaginar equivocadamente que, nesse caso, Davi tem a mesma atitude de alguns líderes africanos, os quais não admitem ter traído o povo ou se consideram acima da lei. Davi não nega que prejudicou outras pessoas. Antes, reconhece que Deus é o Juiz reto e justo. Quando nos colocamos diante dele, expostos

e impotentes, não temos olhos para mais ninguém. Tudo o que importa é seu julgamento e perdão.

Deus se preocupa tanto com nosso amor por ele (o qual demonstramos por meio da obediência à sua lei) quanto com nosso amor por nosso próximo (o qual demonstramos ao abençoá-los em vez de prejudicá-los). As Escrituras nos ensinam repetidamente que todo ato prejudicial aos outros equivale a um pecado contra Deus. Quem coloca a vida em ordem com Deus, portanto, também precisa colocar a vida em ordem com os outros, como Zaqueu fez (Lc 19:1-10).

Mais uma vez, Davi reconhece que desde seu nascimento é pecador e incapaz de fazer a vontade de Deus (51:5). Identifica a vontade de Deus especificamente como a *verdade no íntimo* (51:6). Diante de Deus, não temos como fingir que nosso pecado não importa, nem tentar mentir ou negar nossas faltas. Precisamos ser honestos acerca da situação, por pior que seja. Encarar a verdade diante de Deus é o início da jornada rumo à cura. Nada pode ser ocultado de Deus, e nossa vida deve refletir essa realidade.

### 51:7-12 O segundo conjunto de súplicas de Davi

Davi continua profundamente cômico de sua condição impura e contaminada diante de Deus, daí suplicar mais uma vez para ser limpo: *Purifica-me com hisopo* (51:7). O “hisopo” era uma planta usada nas cerimônias de purificação (Lv 14:1-7; Nm 19:1-8,18). O rei usa uma imagem vívida para apresentar o resultado da intervenção divina: *Ficarei mais alvo que a neve*. A neve recém-caída provavelmente era o branco mais puro que Davi conhecia. Um equivalente atual na África seria “mais alvo que o algodão”!

As palavras *Faze-me ouvir júbilo e alegria* (51:8) mostram como Davi estava triste. Ele tem a impressão de que seus ossos foram esmagados. A angústia o consome, pois, enquanto não tem certeza do perdão de Deus, o indivíduo que verdadeiramente ama ao Senhor não consegue sentir alegria e contentamento. Sem essa certeza, Davi volta a suplicar ao Senhor: *Esconde o rosto dos meus pecados* (51:9). Ele teme que, se Deus continuar a olhar para seus pecados, seja impossível escapar do castigo, de modo que roga ao Senhor que desvie o olhar de suas *iniquidades* ou as apague para que elas não possam ser vistas. Não considera suficiente, porém, Deus desviar o olhar ou encobrir seus pecados passivamente. Deseja ainda que o Senhor intervenha de forma ativa e lhe conceda um *coração puro* (51:10a). O “coração” era considerado a fonte das decisões morais do indivíduo, e Davi tomou algumas decisões extremamente infelizes! Pede, portanto, que o Senhor substitua seu coração corrupto por um coração puro. Deseja começar a viver de maneira agradável a Deus.

Se o coração é o centro das decisões, o espírito é aquilo que mantém a comunhão com Deus, pois Deus é Espírito. Davi sabe que seu espírito não manteve comunhão constante, mas vacilou em seu compromisso com Deus, daí o pedido: *Renova dentro de mim um espírito inabalável* (51:10b). Na

verdade, a comunhão com Deus é tão importante para Davi que, a seu ver, o pior destino possível é ser rejeitado por Deus. Ele clama: *Não me repulses da tua presença (51:11a)*. Sente-se tão impuro que imagina Deus dando as costas para ele e dizendo: “Saia da minha presença!”. Se Deus agisse desse modo, Davi não teria mais nenhuma esperança e seria destruído. Somente na presença de Deus poderia pedir perdão e purificação. Sem Deus, ele é impotente, como aconteceu a Saul, de modo que roga: *Nem me retires o teu Santo Espírito (51:11b)*. No tempo de Davi, o Espírito de Deus vinha sobre as pessoas a fim de lhes conferir poder para servir de formas específicas. Davi recebeu o Espírito com o propósito de capacitá-lo a servir como rei de Israel (1Sm 16:13). Saul também recebeu o Espírito (1Sm 11:6), mas Deus o removeu dele (1Sm 16:14). Davi se apavora diante da possibilidade de o mesmo acontecer com ele.

Sabemos que Deus não removeu seu Espírito de Davi. Tanto Davi quanto Saul eram pecadores, mas o que conta para Deus é a disposição do coração. As palavras de Davi indicam que, apesar de suas transgressões, ele ainda amava a Deus e desejava agradá-lo. Davi pecou, mas Deus é misericordioso para com aqueles que confessam seus pecados, como garante 1João 1:9: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”.

Ao ler as palavras de Davi, não devemos considerá-las uma afirmação teológica e imaginar que Deus literalmente nos rejeita ou remove o Espírito Santo de nós. Davi não está falando como teólogo, mas como santo que caiu em pecado. Suas emoções o sobrepõem, e ele imagina que não merece ter o Espírito de Deus dentro de si. É possível ainda que a ênfase não seja sobre a pessoa do Espírito Santo, mas sobre o poder que ele concede (1Sm 16:13), pois essa era a maneira pela qual o Espírito Santo costumava operar no AT. De qualquer modo, não é cabível pensar que as palavras de Davi contradizem os ensinamentos do NT segundo os quais o Espírito Santo habita em caráter permanente naqueles que creem no Senhor Jesus Cristo (Rm 8:9). Desde o dia de Pentecostes, o Espírito Santo habita em todos que aceitam Cristo como Salvador e não os deixa. Ele pode não estar muito ativo na vida de algumas pessoas (pode, p. ex., estar entristecido ou apagado, Ef 4:30; 1Ts 5:19), pois não obriga as pessoas a lhe dar ouvidos, mas ainda assim se encontra dentro de cada cristão.

Davi retorna à questão do entristecimento mencionada em 51:8. Dessa vez, contudo, focaliza seu anseio por um tipo específico de alegria: *A alegria da tua salvação (51:12a)*, ou seja, a alegria decorrente de ser salvo. Ela consiste na consciência da graça perdoadora de Deus e no grande privilégio de possuir um relacionamento íntimo com o Criador de todas as coisas.

Davi não deseja apenas uma alegria sem obrigações, como, por vezes, preferimos. Anseia também por *um espírito voluntário* para sustentá-lo (51:12b). Sabe que Deus lhe

permite fazer escolhas e deseja que todas sejam agradáveis a Deus e segundo a vontade dele. Não poderá, contudo, tomar as decisões certas se o Senhor não tornar seu coração pronto a obedecer.

### 51:13-17 Os votos de Davi

Se Deus graciosamente o restaurar, Davi promete dar testemunho da obra do Senhor e ensinar a *transgressores* como ele sobre a atrocidade do pecado e da graça de Deus, a fim de conduzi-los de volta ao Senhor (51:13). O salmo em si, um texto no qual tantos cristãos desesperados têm buscado consolo ao longo dos séculos, faz parte do cumprimento da promessa de Davi.

O rei cantará louvores a Deus se ele o livrar dos *crimes de sangue (51:14)*. Cometeu homicídio e derramou sangue inocente. De acordo com as leis de Deus, o homicídio era passível de pena de morte (Dt 19:11-13), e Davi sabe que esse é seu castigo merecido. Pede humildemente que Deus o perdoe e o poupe da sentença e afirma que não derramará sangue inocente outra vez. Sua confiança no livramento divino cresce, pois ele se refere ao Senhor como *Deus da minha salvação* e promete honrá-lo proclamando sua *justiça*. Deus é justo tanto naquilo que exige daqueles que o amam quanto no modo de tratar quem não vive em retidão.

Depois de pedir perdão e restauração, Davi apresenta sua última súplica: *Abre, Senhor, os meus lábios (51:15)*. Ele deseja que o Senhor lhe dê a capacidade de manifestar seus *louvores*. Eis o ponto culminante do salmo. O objetivo maior de Davi não é apenas sua própria restauração, mas o louvor a Deus. Esse também deve ser o alvo em tudo o que fazemos. Não devemos esforçar-nos para obter sucesso e elogios para nós mesmos, mas para a glória de Deus, mesmo quando precisamos humilhar-nos e confessar nossa fraqueza.

Nem mesmo um ato pecaminoso é desperdiçado na vida de um santo. Depois de passar pela agonia da culpa e experimentar o bálsamo da mão perdoadora de Deus, temos a oportunidade de declarar como nosso Senhor é bondoso e fiel. O pecado que cometemos não pode ser desfeito, mas deve transformar-se numa oportunidade de edificar o reino de Deus. Para tanto, basta o pecador seguir o exemplo de Davi e declarar como, em sua graça, Deus o perdoou. Aqueles que não caíram em determinado pecado também podem contribuir para a edificação do reino de Deus ao obedecer às palavras de Gálatas 6:1 e tratar com bondade, e não com rispidez, o irmão que pecou. Devemos demonstrar amor sem ceder ao mal. Que o Senhor nos ajude a tratar dos cristãos que tropeçam de tal modo que até o mundo diga: “Vejam como cuidam uns dos outros”.

Ao longo desse processo, Davi cresceu no conhecimento de Deus. Experimentou em sua própria vida a “benignidade” e a “multidão das [...] misericórdias” de Deus (51:1) e foi lembrado de que o Senhor não se impressiona com sacrifícios rituais nem palavras vazias. O Deus que deseja



a verdade em nosso íntimo (51:6) é capaz de reconhecer *o espírito quebrantado* e *o coração compungido* (51:16-17). Não desprezará o pecador, mas o receberá de volta ao lar de braços abertos, como o pai recebeu de volta seu filho pródigo (Lc 15:11-32).

### 51:18-19 A oração de Davi pela nação

Davi sabe que não é o único pecador na terra. É, no entanto, o principal representante de Israel (e sua capital Jerusalém) diante de Deus. Ora, portanto, em favor de seu país e pede ao Senhor: *Faze bem a Sião, [...] edifica os muros de Jerusalém* (51:18). Pede que Deus perdoe outros como o perdoou e não deixe de abençoar a nação, pois ela precisa de sua proteção e da garantia de que ele continuará a fazê-la prosperar.

Sua oração nos lembra que os pecados dos líderes não afetam apenas a vida deles. Por isso, é tão importante nosso líderes serem tementes a Deus. Os cristãos devem assumir suas funções cívicas na sociedade com a mais absoluta seriedade, pois o tipo de líder que temos afeta diretamente o modo de Deus agir em relação a nós. Não podemos, portanto, continuar pensando que a política não diz respeito aos cristãos. Os fiéis são chamados não apenas para viver em santidade, mas para ser exemplos de liderança segundo os padrões de Deus nos níveis mais altos da sociedade.

### Salmo 52: Deus e os poderosos

De acordo com o título, este é um *salmo didático de Davi*. Foi escrito *quando Doegue, edomita, fez saber a Saul que Davi entrara na casa de Abimeleque* (ou “Aimeleque”, NVI). O incidente em questão é descrito em 1Samuel 21:7-10 e 22:9-22. Enquanto fugia de Saul, que planejava matá-lo, Davi fez uma visita ao sacerdote Abimeleque. Sem saber que Davi havia perdido o favor do rei, o sacerdote lhe deu alimento e a espada de Golias. Doegue, chefe dos pastores de Saul, viu Davi e Abimeleque juntos e informou o rei desse encontro. Enfurecido, Saul mandou chamar Abimeleque e sua família sacerdotal e ordenou que Doegue os exterminasse. Abiatar, um dos filhos de Abimeleque, escapou e relatou o massacre a Davi. É possível que o salmo 52 seja a resposta de Davi a essa notícia estupefaciente.

#### 52:1-4 Um homem perverso

O salmo começa com uma pergunta indignada: *Por que te glorias na maldade, ó homem poderoso?* (52:1a). O “homem poderoso” talvez seja Saul. Doegue havia cometido o ato perverso, mas era apenas um pastor, enquanto Saul era o poderoso rei de Israel. É possível que Saul se tenha vangloriado de aniquilar Abimeleque e sua casa e sugerido que em breve faria o mesmo com Davi. Sem dúvida, não lhe faltavam recursos (poder) para isso! A segunda parte do versículo, *Pois a bondade de Deus dura para sempre* (52:1b), é traduzida na NVI por “e de ultrajar a Deus continuamente”. A segunda tradução sugere uma atitude constante de

Saul, e não apenas um caso isolado de vanglória, que poderia ser sucedido da consciência do crime cometido e de uma confissão do mal. Em vez disso, Saul considera seu crime motivo de orgulho.

Deus permitiu que Saul fosse nomeado rei a fim de governar em nome do Senhor (1Sm 8:5-7,22; 9:17; 10:1). Em vez de seguir a Deus, porém, Saul decidiu agir à sua maneira (1Sm 15:11). Uma expressão de sua desobediência é a tentativa de matar Davi sem nenhum motivo (1Sm 18:6-9). Ele difama Davi com *língua que urde planos de destruição* (52:2a); essa é uma arma tão eficaz quanto uma *navalha afiada*. Deus nos deu a língua para louvá-lo e abençoar nosso próximo. O uso desse órgão para destruir os outros constitui uma perversão da dádiva divina.

Saul também não hesita em mentir sobre Davi, pois, de acordo com o salmista, a língua do rei é *praticadora de enganos* (52:2b). Na verdade, os valores de Saul se encontram invertidos, de modo que ele ama *o mal antes que o bem* e prefere *mentir a falar retamente* (52:3-4). Deus é exatamente o oposto: ama a verdade e abomina o mal (51:6). Os atos perversos de um líder como Saul, que foi nomeado pelo Senhor, separado para honrar a Deus e representá-lo ao liderar o povo, desonram ao Senhor. Devemo-nos lembrar disso se Deus nos confiar qualquer cargo que seja e esforçar-nos para não envergonhar de maneira nenhuma o nome de quem nos colocou nessa função.

#### 52:5-7 A resposta de Deus

Deus não tolerará a jactância perversa. *Destruirá para sempre* o homem outrora “poderoso” (52:5). O arrogante jamais recuperará seu posto. Não estará seguro nem em seu próprio lar, pois Deus o arrancará de sua *tenda* e, por fim, o *extirpará da terra dos viventes*.

Todos serão testemunhas da queda do poderoso de sua posição elevada para uma situação de desespero e morte. Os justos serão capazes de interpretar o acontecimento. Reconhecerão que pessoas desse tipo só continuam a se vangloriar com a permissão de Deus. Quando Deus diz “basta”, ninguém pode resistir a ele. No momento em que o Senhor intervier para dar fim à jactância, *os justos hão de ver tudo isso e temerão* (52:6).

No final, os justos *se rirão* da insensatez de confiar na *abundância dos [...] bens* em vez de confiar em Deus. A riqueza é passageira, mas Deus é *fortaleza* que permanece para sempre. Ademais, o poderoso não se fortaleceu conquistando o respeito de outros, mas por meio de sua *perversidade* (52:7). Sua força, poder e posição não são recompensas de Deus pela prática do bem, mas despojos obtidos à custa de outros. Ainda há pessoas assim em nossos dias que sobem na vida explorando outros. Para eliminar seus rivais, acabam com sua reputação ou até lhe tiram a vida. Não devem ter a expectativa de permanecer em sua posição elevada indefinidamente. Quando Deus agir, deixarão de ser temidos e se tornarão alvo de escárnio.

Infelizmente, ficamos sabendo de ocorrências desse tipo até mesmo nas igrejas da África. Alguns indivíduos de círculos cristãos transgridem, por exemplo, os princípios de eleições livres e justas. Manipulam as circunstâncias e inventam mentiras acerca de outros a fim de obterem cargos. Esse salmo nos lembra que o Senhor abençoa quem ele colocou numa posição de liderança, e não quem lutou inescrupulosamente para conseguir esse cargo. Os líderes nomeados por Deus guardam os valores que Deus estabeleceu nas Escrituras tanto no processo de subirem ao poder quanto no período em que exercem sua função. Quem procurar adquirir poder por meios ilícitos terá apenas glória passageira.

### 52:8-9 Resposta pessoal de Davi

Ao refletir sobre sua situação em comparação com a do homem perverso que Deus julga, Davi se vale de uma metáfora. Quase todas as casas da Palestina tinham no quintal uma *oliveira*. Seu verdor embelezava a paisagem, seus ramos e folhas proviam abrigo e privacidade, e seus frutos eram usados de várias maneiras. Davi se considera semelhante a essa árvore profícua: não é seca, mas *verdejante*, e não cresce em qualquer jardim, mas *na Casa de Deus* (52:8). Sua vida tem conteúdo e utilidade, pois ele confia *na misericórdia de Deus para todo o sempre*.

Enquanto outros procuram acumular riquezas, Davi se esforça para servir a Deus. É com esse objetivo que louva ao Senhor por aquilo que ele fez, confia em sua bondade e dá testemunho dele a outros (52:9). Um exemplo e tanto para nós! Hoje muitos cristãos se deixam moldar pelos valores materialistas da sociedade ao redor. Como as coisas seriam diferentes se mais cristãos assumissem o firme propósito de viver somente para agradar ao Senhor.

### Salmo 53: Observe, aprenda e busque ao Senhor

Grande parte deste salmo é idêntica ao salmo 14. O título indica que foi escrito por Davi, mas não especifica as circunstâncias. Inclui ainda uma instrução técnica para os músicos que cantavam ou acompanhavam quem entoava o salmo.

#### 53:1-3 Insensatos e malfeitores

Davi começa com uma declaração enérgica acerca da estupidez daqueles que dizem em seu íntimo: *Não há Deus* (53:1). A negação não diz respeito fundamentalmente à existência de Deus, mas à sua capacidade de agir ou julgar o comportamento deles. Sentem-se no direito, portanto, de fazer o que bem entendem e se entregam a práticas corruptas e iníquas. Não têm desejo nenhum de entender ou buscar a Deus (53:2), pois, se o encontrarem, terão de mudar seu estilo de vida. Ao olhar para eles, Deus pode dizer: *Não há quem faça o bem, não há nem sequer um* (53:3).

#### 53:4-5 Evidências da insensatez

Aqueles que negam o poder de Deus não veem motivos para tratar bem o seu próximo. Antes, *devoram o meu povo* com

a mesma naturalidade de *quem come pão* (53:4b). Além de não terem nenhum respeito pelos filhos de Deus, procuram destruí-los. A insensatez de seu comportamento fica evidente quando o Senhor intervém para proteger seu povo. Os insensatos *tomam-se de grande pavor*, apesar de ninguém mais ser capaz de entender o motivo de seu medo (53:5). Depois de enchê-los de temor, Deus os dispersa e destrói. Não os considera inimigos nobres, mas pessoas desprezíveis, as quais ele envergonha ao conceder vitória a seu povo oprimido (53:6). A imagem que nos vem à mente é a do exército de Senaqueribe, que, apesar de ter as forças necessárias para conquistar com facilidade Jerusalém, foi vencido sem nenhum esforço humano (2Rs 19:35). Esse acontecimento ocorreu muito depois do tempo de Davi, mas o Senhor deve ter dado demonstrações semelhantes de poder aos contemporâneos do salmista. Aqueles que escolheram negar Deus, no entanto, se recusaram a entender (53:4a), uma prova clara de sua natureza insensata e incapaz de aprender com as experiências.

#### 53:6 O povo de Deus

A evidência mais clara de que o pronome “todos” em 53:3 não inclui absolutamente todos os seres humanos é a referência em 53:6 ao povo de Deus, Israel. A nação continuava sendo perseguida por aqueles que negavam Deus, como ainda acontece nos dias de hoje. Deus pode remover um grupo de “insensatos”, mas outro logo aparece. Davi ora, portanto, para que o povo de Deus experimente o *livramento* que vem de *Sião*. Uma vez que Sião era o local do templo do Senhor, o salmista pede que o Senhor intervenha novamente a fim de restaurar a sorte de Israel. Então, o povo *exultará e se alegrará*.

### Salmo 54: Ore, espere e dê graças

O título informa que esse salmo foi escrito por Davi. Dá instruções acerca do modo de entoá-lo e dos instrumentos que devem acompanhá-lo. Inclui ainda algumas informações sobre as circunstâncias que levaram Davi a escrever o cântico: *Quando os zifeus vieram dizer a Saul: Não está Davi homiziado entre nós?* Esse incidente encontra-se registrado em 1Samuel 26. Davi estava escondido, mas os zifeus informaram Saul de sua presença. O rei juntou seus soldados e saiu ao encalço de Davi com a intenção de matá-lo. Davi, que estava a par dos movimentos de Saul, entrou no acampamento do rei durante a noite sem ser detectado. O soldado que acompanhava Davi o incitou a matar Saul, algo que poderia ter sido feito com facilidade, mas Davi se recusou a fazê-lo. afirmou que Saul era o ungido de Deus e, portanto, “tão certo como vive o SENHOR, este o ferirá, ou o seu dia chegará em que morra, ou em que, descendo à batalha, seja morto” (1Sm 26:10).

De acordo com a teologia de Davi, ninguém podia tomar para si a tarefa de destruir alguém que o Senhor havia colocado no poder. Devemos deixar o julgamento nas mãos de Deus.

### 54:1-3 Clamor por socorro

O salmo começa com um clamor: *Ó Deus, salva-me* (54:1). No hebraico, o nome traduzido por “Deus” é *Elohim*. O mesmo nome aparece quatro vezes em 54:1-4a. Focaliza o grande poder do Senhor, do qual Davi depende para proteger-se contra Saul e seu exército. Pode parecer estranho Davi pedir ao Senhor: *Salva-me, pelo teu nome e [...] pelo teu poder*. A referência ao “poder” é compreensível, mas como Deus é capaz de salvar “pelo [seu] nome”? O nome de Deus representa seu caráter justo e reto. Saul declarou que Davi era um traidor e, desse modo, difamou o nome de Deus, ou seja, seu caráter (54:5). Por esse motivo, Davi teve de fugir para o deserto. Não surpreende, portanto, seu pedido para que o Deus justo não apenas o salve, mas também lhe faça justiça e limpe o seu nome.

Indivíduos como os zifeus e os homens de Saul podiam dar ouvidos às mentiras que Saul espalhava a respeito de Davi, mas Davi sabia que era muito mais importante o Senhor atentar em sua causa (54:2). Não obstante, o salmista teme seus perseguidores e emprega uma série de adjetivos para descrevê-los: eles são *insolentes* (ou “estranhos, RC, ou ainda “estrangeiros”, NVI) que não conhecem Davi; também são *violentos* e implacáveis. Pior de tudo, porém, *não têm Deus diante de si* (54:3).

### 54:4-7 Declaração de confiança

Os inimigos podem não ter nenhum respeito por Deus, mas Davi tem. Sabe que Deus é seu *ajudador*, aquele que *lhe sustenta a vida* (54:4). Ao chamar Deus de Adonai (traduzido por *SENHOR*) em 54:4b, destaca que ele é Senhor sobre todas as coisas. Como tal, pode suprir todas as necessidades de Davi.

Para fazer justiça, Deus precisa mostrar que os difamadores do salmista não passam de mentirosos. Davi pede, portanto, que recaia sobre seus inimigos o mal que lhe fizeram (54:5). Uma vez que os seus adversários o acusaram de não ser confiável, Davi espera que outros os considerem igualmente indignos de confiança. Ele pede para o Senhor agir segundo seu caráter como Deus fiel e vindicar seu servo ao destruir aqueles que o acusam de ser infiel a Saul.

Certo de que o Deus fiel responderá à sua oração, Davi assume o compromisso de expressar gratidão ao Senhor por meio de *sacrifícios* voluntários e louvores ao *nome* de Deus (54:6). Cumprirá esse voto porque o nome do Senhor (ou seja, sua natureza) é bom e porque o Senhor demonstrou sua bondade ao livrar Davi de *todas as tribulações* e ao permitir que Davi contemplasse a derrota de seus inimigos (54:7).

Em sua última promessa de louvar ao Senhor, Davi chama Deus de Javé, nome que a RA traduz por *SENHOR*. Esse nome destaca a presença de Deus com seu povo como aquele que fez aliança com Israel. Davi confiou na fidelidade de Deus à sua aliança, e sua fé foi justificada.

A variedade de nomes divinos nesse cântico indica a tentativa do salmista de apreender a natureza de Deus, algo impossível de compreender ou expressar plenamente. Ao combinar todos esses nomes e títulos, porém, recordamos como é maravilhoso ter Deus como nosso amigo e aquele em quem nós podemos refugiar quando todos estão contra nós.

Na África, quando alguém imagina que tem um inimigo, procura um feiticeiro para comprar “proteção”, seja ela real ou não. Quando buscamos recursos no mundo de Satanás, mostramos nossa falta de conhecimento do Deus no qual cremos. O Senhor pode todas as coisas e está presente em todos os lugares. Honra quem se une a ele, mesmo quando a vida na terra chega ao fim.

### Salmo 55: Traição e confiança

O título do salmo o atribui a Davi, mas é difícil associar o texto a uma experiência específica da vida do autor. Na opinião de alguns, refere-se à ocasião em que seu amigo e conselheiro Aitofel o traiu ao participar da rebelião de Absalão (2Sm 15:12,31). A traição de Aitofel, contudo, não parece corresponder à situação que Davi descreve nesse salmo. Aqui, ele parece estar na cidade (55:9-11), e não no campo, como foi o caso quando fugiu de Absalão (2Sm 15:14,28). É possível que o salmo trate de um acontecimento da vida de Davi que a Bíblia não registra.

### 55:1-8 Sofrimento mental e emocional

Podemos ouvir o desespero de Davi na súplica aflita que inicia o salmo: *Dá ouvidos [...] à minha oração; não te escondas da minha súplica. Atende-me e responde-me* (55:1-2a). Ele pede repetidamente que Deus responda. Depois de um começo como esse, não nos surpreendemos quando acrescenta: *Sinto-me perplexo [...] e ando perturbado* (55:2b). É evidente que o salmista se encontra em profunda angústia mental e emocional. Não revela de imediato a causa do sofrimento; informa apenas que se encolhe de medo quando ouve o *clamor do inimigo* e sente que o *ímpio* o observa atentamente (55:3). Os responsáveis por sua aflição se voltam contra ele *furiosamente*.

O salmista torna a descrever seu sofrimento ao falar do estremecimento de seu *coração [...], terrores de morte [...]* *temor e tremor*, além de *horror* (55:4-5). Acima de tudo, ele se sente desamparado. Seu único desejo é fugir da situação que o cerca e encontrar um lugar de paz. Ouvimos seu suspiro: “Quem me dera ser um pássaro! Poderia voar para longe e deixar tudo isso para trás” (55:6). Até mesmo o deserto seria preferível ao lugar onde ele se encontra. Nas montanhas áridas, haveria onde se refugiar *do vendaval e da procela* (55:7-8). Por meio dessa imagem, Davi mostra que não planeja contra-atacar seus inimigos. Está em busca de paz, e não de guerra.

### 55:9-11,15 Súplica para Deus agir

Depois de expressar seu sofrimento diante de Deus, o salmista pede que o Senhor destrua e confunda os *conselhos*

(ou “a língua”, NVI) de seus inimigos (55:9). Enfatiza a fala, pois esta é a arma de seus adversários: eles falam com doçura, mas usam as palavras como se fossem espadas (55:21). Menciona não apenas os lisonjeiros, mas também os perversos em geral, por causa do mal que fazem ao espalhar *violência e contenda na cidade* (55:9). São como animais selvagens que rondam incessantemente à procura de presas (55:10a). Maldosos e violentos, causam *destruição na cidade com sua perversidade e malícia* (55:10b-11).

Alguns versículos adiante, Davi pronuncia uma ameaça ainda mais específica: *A morte os assalte* (55:15). Seu desejo de que *vivos desçam à cova* traz à memória o destino de Corá e seus amigos, que se rebelaram contra a autoridade de Moisés (Nm 16:1-34). Para justificar esse pedido terrível, Davi informa: *Há maldade nas suas moradas e no seu íntimo* (55:15).

É comum as pessoas se perguntarem se é lícito pedir que Deus destrua os perversos. Encontramos em 55:10-11 parte da resposta a essa pergunta. Podemos orar pela destruição dos ímpios devido aos efeitos devastadores do mal que causam.

### 55:12-14, 20-21 O pior inimigo

Uma vez que Davi é um homem corajoso, seu desespero nesse salmo não se deve apenas ao fato de ter alguns inimigos (55:12). Esse ataque é diferente de outros, pois não vem de adversários de longa data, mas de alguém que ele chama de *meu companheiro e meu íntimo amigo* (55:12-13). Eles desfrutavam comunalmente agradável e costumavam caminhar juntos à *Casa de Deus* (55:14). Em outras palavras, a pessoa que se voltou contra ele era seu companheiro e irmão na fé. A expressão *corrompeu a sua aliança* (55:20) indica que não se tratava apenas de um conhecido, mas de alguém que havia prometido amizade e fidelidade a Davi, formal ou informalmente, como Jônatas (1Sm 18:3; 20:16). Mas Jônatas não era um traidor como o amigo a quem Davi se refere nesse texto.

A pessoa em questão disfarçava a inimizade e proferia palavras mais macias que a *manteiga* e *mais brandas que o azeite* (55:21), porém não era digna de confiança. Seu discurso agradável não passava de fachada, pois *no coração havia guerra*, e ele realmente tramava destruir Davi. As palavras podiam ser agradáveis, mas eram perigosas como espadas.

Entendemos a seriedade dessa observação quando lembramos que Davi também se dirigiu a Urias, marido de Bate-Seba, com palavras amáveis (2Sm 11). Não é de admirar que ele tenha ficado tão arrasado ao reconhecer a profundidade de sua transgressão e se incluir entre aqueles que “não temem a Deus” (55:19; cf. Sl 51).

### 55:16-19 A atitude de Davi

Aos poucos, Davi recupera a confiança e inicia a seção seguinte com as palavras *Eu, porém*, a fim de destacar o

contraste entre si mesmo e os ímpios. O relacionamento do salmista com Deus não se caracteriza por maquinações, mas pela dependência; daí sua declaração: *Invocarei a Deus, e o SENHOR me salvará* (55:16). O fato de invocar a “Deus” (Elohim) e de “o SENHOR” (Javé) responder indica que esse salmo usa os dois títulos de Deus de forma intercambiável.

Davi não vê a salvação divina de imediato. Reconhece que clama *à tarde, pela manhã e ao meio-dia* (55:17), ou seja, em todos os períodos de oração formal. Apesar de não receber resposta imediata, porém, confia em Deus e declara: *Ele ouvirá a minha voz*. Seu Deus não é um ídolo surdo, mas um ser vivo que o salvará no devido tempo. Entretanto, Davi luta com confiança contra vários inimigos, certo de que Deus o *livrará em paz* (ou “ileso”, NVI) das mãos dos adversários (55:18). A vitória de um sobre *muitos* traz à memória o ditado: “Uma pessoa com Deus excede em número mil pessoas sem Deus”. A fim de sermos seguros como o salmista, precisamos buscar continuamente a face de Deus a fim de estar, de fato, do seu lado, e não do lado dos adversários.

A vitória de Deus é certa porque ele não é um rei terreno que pode ser deposto com um golpe de Estado. Antes, é o *Rei que preside desde a eternidade* (55:19a) e sabe tudo o que acontece em seu reino. Ouve as palavras dos perversos sobre Davi, sabe que espalham mentiras maldosas a seu respeito e os castigará por isso.

O salmista observa acerca dos perversos: *Não há neles mudança nenhuma, e não temem a Deus* (55:19b). São tão independentes de Deus que se julgam capazes de viver sem ele e de ignorar suas leis. São como os insensatos descritos no salmo 53.

### 55:22-23 Exortação e contraste

Davi termina com uma exortação a todos os que lerem esse salmo. Tendo em vista a preocupação de Deus com o justo, todos os que estão do lado de Deus podem confiar seus cuidados ao *SENHOR* (55:22). Deus *já* *jamais* *permitirá* que o *justo seja abalado*, mas lançará os perversos *à cova profunda*. Os *sanguinários e fraudulentos* terão uma morte prematura (55:23a).

Mais uma vez, Davi usa uma conjunção adversativa para se distinguir dos perversos. Afirma: *Eu, todavia, confiarei em ti* (55:23b). Não há hesitação em suas palavras. Lembremos a declaração semelhante de Josué: “Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR” (Js 24:15).

Em tempos como os nossos, quando está fora de moda ter uma vida centrada em Deus, é essencial mais pessoas seguirem o exemplo bíblico e declararem publicamente que viverão para honrar a Deus.

### Salmo 56: Que me pode fazer um mortal?

O título do salmo o atribui a Davi e identifica o contexto: *Quando os filisteus o prenderam em Gate*. Não temos conhecimento de nenhuma situação em que os filisteus

“prenderam” Davi em Gate. Sabemos que ele viveu em território filisteu em dois momentos. O primeiro é relatado em 1Samuel 21:10-15. Tudo indica que Davi não permaneceu ali como prisioneiro nessa ocasião. Refugiou-se na região, mas se inquietou quando alguns filisteus que conheciam sua reputação perguntaram a Aquis: “Este não é Davi, o rei da sua terra?” (1Sm 21:11). Diante de tal suspeita, Davi fingiu estar mentalmente perturbado até poder partir furtivamente e esconder-se na caverna de Adulão. De acordo com 1Samuel 22:1a, Davi “retirou-se” da terra dos filisteus, uma indicação de que não era prisioneiro. Encontramos o relato da outra estada de Davi em Gate em 1Samuel 27:1-29. Ao que parece, nessa ocasião, além de viver confortavelmente na região, ele contava com o favor de Aquis, apesar de ser alvo da desconfiança de outros comandantes filisteus (1Sm 29:4-5).

Com base na falta de evidências da prisão de Davi em Gate, há quem argumente que o título desse salmo não é confiável. Parece mais apropriado, contudo, supor que não temos o relato de todos os acontecimentos da vida de Davi. É possível que algumas de suas experiências em Gate não estejam registradas na Bíblia.

Não obstante os pormenores, o contexto geral do salmo é claro. Davi está em perigo e pede socorro divino. Certo de que o Senhor o salvará no devido tempo, ele agradece de antemão pelo livramento.

### 56:1-7 Sob ataque inimigo

Davi dirige seu clamor por socorro a Deus (Elohim, Aquele que é Poderoso): *Tem misericórdia de mim, ó Deus (56:1a)*. Está sob ataque incessante, como destaca pelo uso das expressões “todo dia” (56:1,5a) e “continuamente” (51:2a) e pela declaração conclusiva: *Os seus pensamentos são todos contra mim (56:5b)*. São ataques físicos, pois o adversário procura ferir-me; e me oprime pelejando todo o dia (56:1b), e verbais, pois *todo o dia torcem as minhas palavras (56:5a)*. A sensação de estar cercado pelo perigo se intensifica com o acúmulo de verbos: *Ajuntam-se, escondem-se, espionam os meus passos, como aguardando a hora de me darem cabo da vida (56:6)*. Não admira, portanto, que Davi reconheça seu medo (56:3) e peça a Deus que intervenha em seu favor: *Dá-lhes a retribuição segundo a sua iniquidade. Derriba os povos, ó Deus, na tua ira! (56:7)*. Ele sabe que, quando a ira de Deus se inflama, ninguém pode resistir a ela.

### 56:8-11 Confiança na proteção divina

Davi está convicto de que Deus conhece e registra todos os seus sofrimentos (56:8). Como suas palavras demonstram, sabe que o Senhor nunca prometeu uma vida isenta de situações assustadoras. Garantiu, contudo, que podemos contar com ele em todas essas circunstâncias. Ao agir em nosso favor quando clamamos por socorro, Deus faz os inimigos bater em retirada e, ao confirmar que está conosco, fortalece nossa fé (56:9).

O salmista não tem dúvidas de que, com Deus ao seu lado, tudo está bem. Compromete-se, portanto, a seguir o caminho da confiança no Senhor. Diz e repete: *Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer um mortal? (56:4,10-11)*. Ao repetir a primeira frase em 56:10-11, ele usa “Em Deus [...] no SENHOR” (Javé) no lugar de “Em Deus [...] neste Deus”. Davi confia no Deus forte e poderoso que fez aliança com seu povo. O inimigo humano, por outro lado, é apenas “um homem”. Com Deus ao seu lado, que motivo Davi tem para temer seres humanos?

### 56:12-13 Gratidão pelo livramento

Para Davi, o livramento que o Senhor concederá é tão certo que ele fala como se já houvesse acontecido e se prepara para apresentar uma oferta de *ações de graças a Deus (56:12)*. Vemos aqui uma expressão maravilhosa de fé. Quando entendemos a natureza de Deus e seu amor por nós, podemos agradecer por aquilo que pedimos mesmo antes de receber. Podemos louvá-lo por nos livrar e permitir que andemos *na presença de Deus, na luz da vida (56:13)*.

### Salmo 57: Um Deus digno de ser exaltado

O salmo 57 também é atribuído a Davi, que o escreveu *quando fugia de Saul, na caverna*. O título não especifica de qual caverna se trata, mas é razoável supor que seja a caverna de Adulão mencionada em 1Samuel 22:1. O contexto histórico desse salmo é, portanto, semelhante ao do salmo 56.

### 57:1-4 Refúgio em meio à calamidade

Como no salmo anterior, Davi pede a Deus que use de misericórdia para com ele. Diz e repete: *Tem misericórdia de mim (57:1a)* e afirma que clamará ao Senhor (57:2). Os inimigos estão em seu encalço (57:3). Enquanto no salmo 56 Davi começa focalizando os inimigos, nesse salmo seu foco inicial é Deus. O Senhor é poderoso, conforme indica o título original *Elohim*, traduzido por “Deus”, e amoroso, pois o salmista pode abrigar-se *à sombra das [suas] asas (57:1b)*.

Observamos o mesmo contraste entre a grandeza e o amor de Deus em 57:2: ele *é Deus Altíssimo* e, no entanto, se interessa pessoalmente pela vida de Davi e *tudo executa em seu favor* (ou “para comigo cumpre o seu propósito”, NVI). A grandeza de Deus significa que nada pode impedi-lo de cumprir aquilo que determinou para nós. Ele é onipotente (nenhuma força exterior pode detê-lo) e fiel (cumprirá suas promessas). As duas qualidades ficam evidentes naquilo que faz por Davi: *Ele dos céus me envia o seu auxílio e me livra; cobre de vergonha os que me ferem (57:3)*. É maravilhoso saber que o socorro de Deus vem dos céus, pois os recursos celestiais são inesgotáveis. Convém observar que Davi não descreve esse “auxílio” como um exército de anjos ou outros seres enviados para lutar por nós, mas em termos da *misericórdia* e [...] *fidelidade* do Senhor.

O salmista precisa dessa proteção, pois seus perseguidores são como *leões, ávidos de devorar os filhos dos homens*. Não fazem outra coisa senão lutar: *Lanças e flechas são os seus dentes, espada afiada, a sua língua* (57:4).

### 57:5-11 Um Deus digno de louvor

Davi irrompe em um cântico de louvor: *Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; e em toda a terra esplenda a tua glória* (57:5), palavras que repete em 57:11. O salmista já o identificou como “Deus Altíssimo” (57:2), mas deseja exaltá-lo ainda mais, se é que isso é possível!

O motivo imediato de seu louvor é a frustração dos planos de seus inimigos astutos que desejavam pegá-lo numa rede ou cova, como se fosse um animal. Agora são eles que estão em apuros. Caíram na armadilha que prepararam para ele (57:6). Davi sabe que a inversão não é coincidência, mas resultado da intervenção de Deus.

O temor de Davi e seu desejo de se esconder sob as asas de Deus desapareceram. Seu coração se encontra fortalecido e *firme*. Ele deseja louvar a Deus de todo o *coração e alma* (57:7-8a) e com todos os instrumentos musicais (representados pela *lira e harpa*; 57:8b). Ao afirmar duas vezes que seu *coração está firme* (57:7), enfatiza que nada poderá movê-lo de sua atitude de louvor. Observamos um contraste nítido entre o presente e sua situação em 57:1, em que por duas vezes ele clamou a Deus com coração inquieto: “Tem misericórdia”. A alegria de Davi é tão grande que ele pretende iniciar seu cântico de louvor antes do amanhecer (57:8). Não louvará apenas em particular, ou no meio de outros adoradores, mas *entre as nações*, e falará dos feitos do Senhor *entre os povos* (57:9). Não se envergonha de fazê-lo, pois sabe que a *misericórdia* e a *fidelidade* de Deus são incomparáveis (57:10). Proclama boas e verdadeiras novas! Não é de admirar que termine o salmo com uma repetição da doxologia de 57:5: *Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; e em toda a terra esplenda a tua glória* (57:11).

### Salmo 58: Ó Deus, vinga os justos

O título atribui este salmo a Davi, mas não especifica o que o levou a escrevê-lo. O contexto geral, porém, trata de governantes que não cumpriram seu dever de representar um Deus justo e, em vez disso, promoveram injustiça e violência.

#### 58:1-5 Corrupção nos altos escalões

Davi começa o salmo com uma pergunta para os governantes: *Falais verdadeiramente justiça, ó juizes? Julgais com retidão [...]?* (58:1). Em seguida, responde à sua própria pergunta: de modo nenhum. Eles engendram *iniquidades* e são responsáveis por atos de *violência* (58:2). A corrupção lhes ocorre de forma tão natural que parecem ter nascido perversos: *Desviam-se [...] desde a sua concepção [...] profere mentiras* (58:3). Em vez de dizerem a verdade e fazerem justiça, secretam veneno como serpentes. É possível,

até certo ponto, domar a serpente com a música de um encantador habilidoso. Os juizes corruptos, porém, são como serpentes que taparam os ouvidos para não escutarem música nenhuma (58:4-5). Não atendem ninguém, e seu bote é mortal. Recusam-se a aceitar qualquer prova ou conselho e destroem até os inocentes.

#### 58:6-8 Súplica pela intervenção de Deus

Quando os juizes humanos são corruptos, só resta ao povo buscar justiça no Senhor. Davi roga a Deus que quebre os *dentes na boca* dessas serpentes a fim de que não possam mais usar suas presas para inocular veneno. Em seguida, muda de imagem e os chama de *leõezinhos*. Pede a Deus que remova seus *queixais* (ou “presas”, NVI) (58:6), acabe com sua capacidade de destruir outros e torne-os impotentes.

A serpente pode deslizar com rapidez pela grama e perder-se de vista, mas Davi deseja que os juizes iníquos sumam completamente, daí orar: *Desapareçam como águas que se escoam* (58:7a). Deseja que permaneçam no poder por pouco tempo. Entrementes, pede que Deus limite sua capacidade de prejudicar os justos: *Ao dispararem flechas, fiquem elas embotadas* (58:7b). Uma flecha embotada causa dor, mas não mata.

Davi muda para uma metáfora ainda mais desagradável: que *sejam como a lesma, que passa diluindo-se* (58:8). Refere-se aparentemente à substância viscosa que a lesma deixa para trás e dá ao observador a impressão de que o animal está desaparecendo aos poucos. Em seguida, roga que sejam *como o aborto de mulher* que nunca vê a luz. Que sua vida seja tão curta quanto a de um natimorto.

#### 58:9-11 Resposta esperada

Certo de que o Senhor responderá à sua oração, Davi se volta para seus ouvintes e lhes garante: *Como espinheiros, antes que vossas panelas sintam deles o calor, tanto os verdes como os que estão em brasas serão arrebatados como por um redemoinho* (58:9). Deus castigará e destruirá os governantes perversos.

Essa mudança inesperada será motivo de regozijo para os justos. A ruína dos perversos será tão completa que seu sangue se espalhará por toda parte, de modo que *o justo [...] banhará os pés no sangue do ímpio* (58:10). Não devemos entender a imagem literalmente, pois constitui um modo figurativo de enfatizar a extensão da vitória que o Senhor dará. Não pode, portanto, ser usada para justificar violência por parte dos justos.

Aqueles que testemunharem os acontecimentos ficarão tão impressionados que dirão: *Na verdade, há recompensa para o justo; há um Deus, com efeito, que julga na terra* (58:11). Eles haviam percebido que a situação era crítica e o mal prosperava e começaram a imaginar se, de fato, Deus estava no controle. O destino dos perversos confirmou que Deus continua no poder e os justos ainda têm o seu favor.

### Salmo 59: Deus, minha força e fortaleza

Este é mais um salmo atribuído a Davi. De acordo com o título, o contexto é o acontecimento registrado em 1Samuel 19:9-24. Invejoso do sucesso de Davi, Saul “mandou mensageiros à casa de Davi, que o vigiassem, para ele o matar pela manhã” (1Sm 19:11). Mical, esposa de Davi e filha de Saul, ajudou o marido a fugir, mas Saul não desistiu de persegui-lo (1Sm 19:20-21).

Nem todos os detalhes do salmo correspondem a esse incidente específico. Há quem sugira, portanto, que Davi não escreveu o salmo quando fugiu, mas posteriormente, depois de subir ao trono.

É possível que Neemias também tenha usado as palavras deste salmo ao orar quando enfrentava a oposição de Sambalate, Tobias e Gesém (Ne 2:19; 4:7-15).

#### 59:1-10 A situação de Davi

Bem-aventurado aquele que sabe onde buscar socorro em tempos de crise. Davi sabia que devia voltar-se para Deus, daí o salmo começar com um clamor por socorro. Ele pede duas vezes ao Senhor: *Livra-me*; e também: *Põe-me acima do alcance dos meus adversários [...] e salva-me* (59:1-2). Está em perigo por causa dos seus adversários [...] *dos que praticam a iniquidade [...] homens sanguinários*. Não se encontra sob ataque militar direto, mas é alvo de uma conspiração política. *Armam ciladas* à espera de uma oportunidade de assassiná-lo (59:3a). Davi, contudo, não fez nada para merecer essa inimizade, de modo que clama ao Senhor: *Vem ao meu encontro e vê* (59:3b-4).

O salmista se dirige a Deus por três nomes: *SENHOR* (Javé), o Deus da aliança de Israel; *Deus dos Exércitos* e *Deus de Israel* (59:5). Diante de sua própria inocência e do caráter de Deus, Davi pede que o Senhor castigue os que *traíçoeiramente praticam a iniquidade* e procuram matar alguém que é fiel no serviço ao seu rei.

Causa perplexidade ouvir Davi pedir a Deus para castigar *todas as nações* em 59:5 e dizer que o Senhor zombará *de todas as nações* em 59:8, pois os principais inimigos aos quais o título do salmo se refere são Saul e seus homens. Essas palavras podem indicar que o salmo foi escrito depois dos acontecimentos em questão, quando Davi olhou para trás e viu como Saul e seus homens representavam todos que se opõem ao povo de Deus e os perseguem sem causa.

Davi está sob pressão contínua. Seus inimigos são como uma matilha de cães famintos (59:6). Rondam a cidade à noite e farejam as portas, prontos para atacar e morder. Não são guerreiros, pois sua coragem só aparece quando cai a noite e se veem em posição de vantagem. Suas palavras são repletas de ódio e perversidade; daí o salmista dizer que *em seus lábios há espadas* (59:7a). Não temem que alguém os ouça falar desse modo, talvez por ser tarde da noite ou por saberem que Saul não dará atenção a nenhum relato a respeito deles.

Muitos governantes são extremamente hábeis em fazer ouvidos moucos quando não desejam saber do mal que outros estão praticando em seu nome. Quando, porém, os perversos perguntam: *Quem há que nos escute?* (59:7b), Deus responde: “Eu escuto!”. Além de ouvir, ele não se impressiona com suas bravatas. Uma vez que não representam ameaça para ele, o Senhor se ri dos valentões (59:8), da mesma forma que zomba das nações em 2:4. Está acima de todas as conspirações humanas. Davi não precisa temer os cães que rondam sua casa, pois está seguro dentro de uma fortaleza (59:9). Certo de contar com a fidelidade de Deus, o salmista pode dizer: *Meu Deus virá ao meu encontro com a sua benignidade, Deus me fará ver o meu desejo sobre os meus inimigos* (59:10). Está convicto disso, pois sabe que o Senhor é fiel às suas promessas, entre elas, a de guardar os justos. O tempo de espera pode dar a impressão de que Deus não se importa, mas a verdade é bem diferente. Além de se importar com nosso sofrimento, Deus sabe o melhor momento de agir.

#### 59:9-11 O pedido de Davi

Davi já pediu para Deus lidar com esses inimigos, mas usou termos gerais: “Vem de encontro” e “não te compadeças” (59:5). Agora, seu pedido é mais específico e estratégico. Ele não deseja que Deus lhes tire a vida, mas roga: *Dispensa-os [...] e abate-os* (59:11). Desse modo, servirão de exemplo prático para outros e os lembrarão de que Deus é justo e que o mal não compensa (59:11). Os indivíduos em questão usam suas palavras para prejudicar outros e se vangloriam de poder falar sem medo (59:7), de modo que Davi ora para que sejam *na sua própria soberba [...] enredados, frustrados e humilhados* (59:12). Em sua raiva, eles pronunciam *abominação e mentiras* contra os inocentes, daí Davi rogar a Deus que os consuma com sua *indignação justa, de sorte que jamais existam*. A queda e, por fim, a morte dos ímpios serão testemunho claro de que *reina Deus em Jacó, até aos confins da terra* (59:13). Eles negaram a soberania de Deus e imaginaram que não podia ouvi-los; o Senhor mostrará como estavam enganados.

#### 59:14-17 A celebração de Davi

Davi volta à imagem dos cães que rondam a cidade à noite (59:14). Esses cães, porém, não são mais a matilha perigosa e assustadora, mas apenas animais famintos que *vagueiam à procura de comida e rosnam* (ou “uivam”, NVI) quando não encontram o suficiente para se fartar (59:15).

O salmista ergue a voz não para uivar, mas para entoar um cântico de louvor que celebra a *força* e a *misericórdia* de Deus (59:16). Os “cães” uivam à noite, enquanto Davi canta *pela manhã*. Ele permaneceu em segurança em seu *alto refúgio e proteção no dia da [...] angústia*. Não é de admirar que conclua com palavras semelhantes às de 59:9: *A ti, força minha, cantarei louvores, porque Deus é meu alto refúgio, é o Deus da minha misericórdia* (59:17). Em 59:9, ele



diz “esperarei”, enquanto em 59:17 diz “cantarei louvores”. A mudança ilustra tanto a importância de esperar que o Senhor intervenha quanto a necessidade de louvá-lo depois da intervenção.

A maneira de Davi se dirigir a Deus ao longo do salmo expressa adoração intensa. Em 59:1, ele clama a “Deus” (Elohim); em 59:3: “ó SENHOR” (Javé); em 59:5: “SENHOR, Deus dos Exércitos, [...] Deus de Israel; em 59:8: “SENHOR”; em 59:9 e 59:17: “Força minha [...] Deus [...] alto refúgio”; em 59:11: “ó Senhor, escudo nosso”. Eis um excelente exemplo de um coração repleto de adoração a Deus. Devemos adorar ao Senhor com base em sua própria natureza. Mas não podemos nos ater apenas a seus atributos: o Senhor também é digno de louvores pelos feitos maravilhosos que realiza em favor do seu povo.

### Salmo 60: Atitude diante da rejeição

Diante de guerras, escassez de alimentos, golpes de Estado e afins, há quem pergunte se a África é amaldiçoada ou, usando a linguagem do salmista, se Deus rejeitou nosso continente. Não obstante a forma de respondermos, encontramos ânimo no salmo 60. Apesar de os israelitas também se sentirem extremamente desalentados quanto à situação de seu país, não deixaram de clamar a Deus por socorro.

O título atribui o salmo a Davi e informa o contexto histórico: *Quando lutou contra os siros da Mesopotâmia e os siros de Zobá, e quando Joabe, regressando, derrotou de Edom doze mil homens, no vale do Sal*. Encontramos apenas um resumo sucinto desses acontecimentos na lista das vitórias de Davi em 2Samuel 8. Com referência à sua batalha contra os “siros”, sabemos que Davi obteve grande vitória sobre Hadadezer, rei de Zobá (2Sm 8:3). Os siros de Damasco foram socorrer Hadadezer, mas também sofreram derrota, e Davi pôs guarnições no reino siro de Damasco (2Sm 8:5-6). Com referência aos edomitas, o texto informa que Davi feriu milhares deles no vale do Sal (ou seja, na região do mar Morto). O título desse salmo parece sugerir que esses acontecimentos ocorreram praticamente na mesma época. Edom talvez tenha atacado Judá enquanto Davi estava lidando com os siros que foram socorrer Hadadezer. Nesse caso, é provável que Davi tenha enviado seu general, Joabe, para deter essa nova ameaça.

#### 60:1-3 Deus nos rejeitou

O breve relato em 2Samuel registra apenas que Davi venceu as batalhas contra a Síria e Edom. A julgar pelas palavras iniciais do salmo 60, porém, não foi uma vitória fácil. Do ponto de vista de Davi, havia guerra por todos os lados, e seus homens estavam morrendo. Não é de admirar seu medo de que, além de rejeitar seu povo, Deus estivesse tão irado que se voltaria ativamente contra Israel para castigá-lo (60:1; cf. tb. 60:10). O salmista usa três metáforas para expressar sua percepção do modo de agir de Deus. Primeiro, o Senhor é como um rio que transbordou, inundou a

terra e arrastou muitos para a morte. Segundo, a rejeição de Deus é como um terremoto que sacode e fende a terra. Os sofrimentos de Israel são consequência desse grande terremoto (60:2). Terceiro, pode-se dizer que Deus embriagou seu povo a ponto de eles não serem capazes de lutar como devem (60:3). Não causa surpresa, portanto, Davi orar por restauração.

#### 60:4-5 Deus não rejeitou todos nós

Ainda que Deus tenha feito seu povo *experimentar reveses* (60:3), isso não significa que os abandonou. Ele levantou *um estandarte* para aqueles que o temem (60:4). No tempo de Davi, o estandarte era uma forma de transmitir mensagens a um exército espalhado. Aqui, Deus levanta um estandarte para sinalizar sua presença e auxílio àqueles que o temem. Mesmo que as circunstâncias ao redor pareçam ir de mal a pior, os fiéis ainda podem ter esperança. Quem se reunir ao redor do estandarte estará com o Senhor e receberá sua proteção.

Se nos reunirmos em torno do estandarte de Deus, nós, africanos, também podemos ter esperança. É necessário, porém, temer a Deus, ou seja, obedecer à sua vontade. Precisamos estar dispostos a governar segundo os padrões de Deus e dar exemplo do seu amor ao estabelecer justiça em todos os níveis da sociedade. Só então, poderemos, como Davi, suplicar que Deus estenda sua *destra* e socorra aqueles a quem ele ama (60:5).

#### 60:6-8 A mensagem de Deus

A introdução em 60:6a não deixa claro se é Deus ou o rei quem fala em 60:6b-8. Se a referência é a Deus, o salmista o apresenta como comandante do exército de Israel. Se as palavras são do rei, ele fala como servo nomeado por Deus. Fica evidente, porém, que Deus fez promessas acerca do que realizará por meio do rei.

A primeira promessa é de vitória, pois Deus fala como conquistador triunfante que distribui terras aos seus soldados. Divide entre seu povo as regiões de *Siquém* e do *vale de Sucote* (60:6b). Jacó se assentou em Siquém, região a oeste do Jordão, e ali comprou terras (Gn 33:18-19). Nesse mesmo lugar, Josué e o povo prometeram servir ao Senhor (Js 24). Jacó também habitou em Sucote, do outro lado do Jordão (Gn 33:17). Tratava-se, portanto, de duas regiões de grande importância histórica para a nação.

Em 60:7, Deus fala de outras partes da terra que lhe pertencem, as quais ele pode distribuir como bem entender. *Gileade*, na margem leste do Jordão, foi o local onde Jacó e Labão firmaram um tratado (Gn 31:21-25). Também foi o primeiro território a ser conquistado pelos israelitas quando eles se aproximaram da terra prometida (Nm 32:1-5). *Manassés* correspondia à região dos dois lados do Jordão entregue à tribo homônima. *Efraim* e *Judá* eram as duas maiores tribos do lado oeste do Jordão. Deus afirma, portanto, que é dono de toda a terra de Israel e que os ini-

migos de Davi não poderão tomá-la. A terra é protegida por um capacete (*defesa da minha cabeça*) e governada por aquele que segura o *cetro*.

O Senhor se refere às nações hostis com desprezo. *Edom* se aliou várias vezes a *Moabe*, sua vizinha na região do mar Morto ou “vale do Sal” mencionado no título desse salmo. Enquanto as regiões de Israel são descritas como bens valiosos (“defesa da minha cabeça” e “cetro”), para Deus, Moabe não passa de uma *bacia de lavar*. Edom é apenas um canto no qual o Senhor atirá sua *sandália* depois de removê-la, um lugar que não tem motivo nenhum para se orgulhar (60:8). Quanto aos filisteus, inimigos de longa data do rei Davi, sua derrota é causa de celebração ruidosa (cf. tb. 2Sm 8:1).

### 60:9-12 A resposta de Davi

Davi responde à mensagem de Deus com uma pergunta retórica: Quem os conduzirá a essas vitórias extraordinárias sobre cidades cercadas de fortes defesas e contra Edom, uma vez que os soldados de Israel se encontram exaustos depois de inúmeras batalhas? A única resposta possível é Deus. A julgar pelos últimos combates, porém, Deus parece tê-los rejeitado (60:9-10). Davi sabe que não adianta os israelitas tentarem vencer as batalhas sozinhos, pois *vão é o socorro do homem* (60:11). Deus é sua única esperança, de modo que Davi suplica por seu socorro.

Animado pelas palavras do Senhor em 60:6-8, Davi está convicto do auxílio divino: *Em Deus faremos proezas, porque ele mesmo calca aos pés os nossos adversários* (60:12).

Precisamos lembrar essa mensagem. Há quem diga que a África é o atual centro do cristianismo, mas isso não nos garante a vitória, a menos que tenhamos um “cristianismo vivo” que se manifesta em nossa vida e em nossa dependência e obediência a Deus.

### Salmo 61: Passado, presente e louvor

O título deste salmo o atribui a Davi, mas não fornece informações sobre a época de sua redação. De acordo com algumas sugestões, foi escrito no período em que Davi teve de fugir de Jerusalém durante a rebelião de Absalão, conforme o relato de 2Samuel 15.

#### 61:1-2 Tristeza presente

O salmo 61 começa com uma súplica repetida para o Senhor ouvir a oração do salmista (61:1). Seu clamor vem dos *confins da terra* (61:2a), daí os comentaristas acreditam que o salmo foi escrito enquanto Davi fugia de Absalão. Para o salmista, Jerusalém, a capital de Davi e cidade do templo de Deus, era o centro da terra, e qualquer lugar distante dela podia ser descrito como “confins da terra”. Além de estar longe de casa, Davi se sente tão desanimado que clama no *abatimento* do [seu] *coração*. Ele suportou circunstâncias extremamente difíceis: o estupro de Tamar por seu meio-irmão Amnom (2Sm 13:1-22), o assassina-

to de Amnom por seu irmão Absalão (2Sm 13: 23-39) e a conspiração de Absalão (2Sm 15). Não é de admirar que seu coração esteja abatido! Reconhece que o peso dessas situações o oprime e que, se não fosse pelo fortalecimento do Senhor, desfaleceria e cairia.

Como alguém disse, ao contrário das mulheres que deram as lágrimas quando choram, os homens as engolem. Muitos homens, especialmente os africanos, têm vergonha de chorar na frente de outros. Infelizmente, a relutância em reconhecer necessidades pessoais se reflete no relacionamento com Deus. As mulheres se mostram mais sensíveis à palavra de Deus e, em muitas igrejas, são bem mais numerosas que os homens. O salmista, porém, dá um excelente exemplo para os homens. Não vê necessidade de manter uma fachada de coragem diante de Deus, não obstante o tamanho da dor em seu coração. Mostra-se disposto a permitir que suas lágrimas corram livremente diante de Deus. Quando o pai ou a mãe secam as lágrimas de um filho, demonstram amor e cuidado por ele. Que alegria sabermos que o próprio Deus enxuga nossas lágrimas! Toma-nos pela mão e leva-nos *para a rocha* de refúgio (61:2b).

#### 61:3,5 Experiência passada

O salmista sente liberdade de se voltar para Deus dessa maneira porque, no passado, o Senhor foi seu *refúgio e torre forte* (61:3). Encontramos a mesma imagem em Provérbios 18:10: “Torre forte é o nome do SENHOR, à qual o justo se acolhe e está seguro”. No passado, Deus abençoou o salmista com proteção, ouviu seus votos e lhe concedeu a *herança dos que temem o teu nome* (61:5). Em outras palavras, Deus lhe proporcionou comunhão e bênçãos. Faz sentido para o salmista, portanto, apresentar novos pedidos com a certeza de que o Senhor o ouvirá.

A imagem de Deus como nosso refúgio em tempos de dificuldade ou perigo, e como aquele que sempre nos dá coisas boas e não nos rejeita quando o buscamos, deve servir de estímulo para nos apegarmos a ele ao encarar o presente e o futuro.

Na África, onde a norma é ser religioso, é importante conhecer Deus não apenas com a mente, mas também com o coração. Uma denominação, por exemplo, se baseia na instrução repetitiva para preparar os recém-convertidos para o batismo, mas o material praticamente não aplica as informações memorizadas à vida do cristão. Quando houver conhecimento profundo de Deus, como o salmista possuía, a vida dos cristãos será transformada, e nosso continente sentirá o impacto do grande número de pessoas que frequentam igrejas cada vez maiores.

#### 61:4,6-7 Necessidades e pedidos

Com base em seu conhecimento de Deus e seu relacionamento pessoal com ele, o salmista expressa suas necessidades. A prioridade não é o livramento físico, mas o desejo de habitar no seu *tabernáculo*, *para sempre*, e abrigar-se no

*esconderijo das [suas] asas (61:4).* A conspiração obrigou o salmista a deixar Jerusalém, e o santuário também o privou da oportunidade de passar tempo na presença do Senhor. Ele deseja voltar a Jerusalém não para recuperar sua posição, mas para retomar a comunhão com Deus.

O anseio que normalmente apareceria em primeiro lugar é expresso na declaração seguinte: *Dias sobre dias acrescentas ao rei; duram os seus anos gerações após gerações (61:6).* Na NVI, essas palavras assumem a forma de súplica: “Prolonga os dias do rei, por muitas gerações os seus anos de vida”. Uma vez que Davi é o “rei”, há quem pergunte por que ele ora por si mesmo na terceira pessoa. Convém observar que essa forma de expressão não era tão incomum quanto é hoje e que, em momentos de desespero, o indivíduo ora com as palavras que lhe vêm à mente. Ameaçado pelo exército de Absalão, Davi sabia que sua vida corria perigo.

O salmista também pede que o rei *permaneça para sempre diante de Deus (61:7)*. O verbo “permaneça” também pode ser traduzido por “esteja ele em seu trono” (NVI). Nesse caso, o pedido é estranho, pois, mesmo que se trate de uma hipérbole, como Davi pode pedir para um indivíduo reinar para sempre? O problema se resolve, contudo, quando lembramos a importância de sua dinastia. Davi pede a Deus que lhe conceda um longo reinado e permita aos seus descendentes assentar-se no trono. A família que permanece forte mesmo depois da morte de seu fundador é motivo de admiração. Quando um pastor, por exemplo, comenta que seu pai, avô e bisavô também foram pastores, pensamos em como é maravilhoso ver uma família tão dedicada à palavra de Deus. Semelhantemente, quando um bisneto de Davi dissesse que seu pai, avô e bisavô, o rei Davi, se haviam assentado no trono, a memória de Davi seria honrada.

A casa de Davi se extinguiu em Israel, mas Deus respondeu à oração do rei, pois no devido tempo o Messias nasceu dessa linhagem (Mt 1:1). Em certo sentido, portanto, o reinado de Davi permanece para sempre. Nesse salmo, porém, a súplica maior de Davi é que Deus não permita aos inimigos eliminar o rei e sua família. Ele olha além de si mesmo e vê seus filhos e filhas como comunidade de governantes.

Na África, a noção de comunidade, que outrora era motivo de orgulho em nossa tradição, está desaparecendo rapidamente. Com ela, estamos perdendo parte considerável dos valores transmitidos por nossos tataravós. Muitos desses valores não são contrários às Escrituras: hospitalidade, boa vizinhança, participação nos assuntos da comunidade, auxílio aos necessitados e socorro imediato aos aflitos. Valores como esses enriqueceriam imensamente a vida da igreja africana, em particular quando aliados à consciência de que Cristo rompeu as barreiras de separação entre clãs e tribos e nos reuniu em sua família.

### 61:8 Votos

Quando o Senhor responde à sua oração e o protege com seu amor e fidelidade, o salmista declara: *Salmodiarei o*

*teu nome para sempre, para cumprir, dia após dia, os meus votos (61:8).* A experiência o transformará num indivíduo sempre grato a Deus por aquilo que ele fez em seu favor. Infelizmente, muitos de nós esquecemos os feitos de Deus em nosso favor e, portanto, não nos sentimos impelidos a louvá-lo a todo tempo. O Senhor deseja que as experiências com ele transformem nosso ser.

### Salmo 62: O Senhor é minha força

O título do salmo 62 o atribui a Davi, mas não fornece detalhes acerca do contexto. O salmista parece asseverar que age de forma ética, mas sofre a oposição de indivíduos que não se importam de enriquecer à custa de extorsão e roubo. Consideram o salmista um obstáculo e desejam livrar-se dele. Davi responde com a declaração de que o Senhor é sua fortaleza em todo tempo e exorta outros a trilhar com ele o caminho da retidão.

#### 62:1-2,5-7 A postura do salmista

O salmista começa com uma instrução para sua alma: *Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa (62:1a)*. Seus inimigos confiam em riquezas e estão determinados a obtê-las (62:10); o salmista, por outro lado, confia firmemente em Deus. Sua postura gerou inimigos, e então ele também descansa em Deus como seu protetor. Sabe que não precisa salvar a si mesmo dos inimigos e pode dizer acerca do Senhor: *Dele vem a minha salvação. Só ele é a minha rocha, e a minha salvação, e o meu alto refúgio (62:1b-2a)*.

Confiante na força de Deus, o salmista declara: *Não serei muito [jamais] abalado (62:2b,6)*. Ele não se deixará dominar pelo medo nem mudará de posição, mas continuará a fazer o que é certo e justo. Quem ama a lei de Deus sempre encontra proteção no Senhor quando a obediência à lei gera oposição.

Ainda que admiremos a fé segura do salmista, podemos indagar se somos capazes de ter fé semelhante. É animador observar que, como nós, o salmista também sente sua confiança vacilar e questiona se de fato Deus o salvará. Em 62:5, ele exorta a si mesmo com palavras quase idênticas às de 62:1: *Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança*. Lembra-se de que Deus é sua *rocha*, [...] *salvação* e [...] *alto refúgio* (62:6; cf. tb. 62:1). Em 62:7, da terceira vez que descreve o Senhor como sua “rocha”, qualifica-o como *minha forte rocha* e volta a dizer que Deus é seu *refúgio*.

#### 62:3-4 O plano do inimigo

Davi faz essas declarações porque se encontra sitiado por seus inimigos. Eles procuram destruí-lo *como se fosse [...] um muro prestes a cair* e querem *derribá-lo da sua dignidade (62:3-4a)*. Não se trata, porém, de um ataque frontal, pois *na mentira se comprazem*. Falam bem de Davi quando estão com ele ou seus partidários, mas, quando o salmista vira as costas, a situação muda drasticamente: *De boca bendizem, porém no interior maldizem (62:4b)*.

É possível que alguns dos inimigos ocupassem cargos de autoridade no governo de Davi (cf. 62:9). Muitos líderes que temem a Deus e desejam fazer o que é certo se identificam com essa situação. Também são atacados constantemente por pessoas que fingem ser leais quando estão por perto, mas promovem o mal quando estão longe. Quando tais indivíduos são ministros do governo, talvez tenham poder para depor o presidente ou derrotá-lo nas próximas eleições. Em momentos como esses, os líderes tementes a Deus precisam orar as palavras desse salmo junto com Davi e fortalecer a determinação de fazer o que é correto e justo.

### 62:8-10 Exortação

O salmista se dirige agora a seu *povo*, uma possível referência ao povo em geral, à nação de Israel em particular ou a seus seguidores pessoais. Insta-os a seguir seu exemplo e confiar em Deus em todo tempo. Apresenta cinco exortações específicas.

As duas primeiras são expressas em termos positivos: *Confiai nele [...] em todo tempo; derramai perante ele o vosso coração* (62:8). O salmista fornece dois motivos pelos quais esse é o modo certo de agir. Primeiro, *Deus é o nosso refúgio* (62:8) e, segundo, todos os seres humanos, por mais prósperos que sejam, não passam de  *vaidade* (ou “um sopro”, NVI) (62:9a). Observamos aqui um contraste e tanto entre “um sopro” e a “rocha” e “fortaleza” que é nosso Deus!

A quem nos voltamos em tempos de necessidade? As nações africanas pedem dinheiro ao FMI (Fundo Monetário Internacional) antes de buscarem a Deus? Não estamos dizendo que não devemos jamais usar os recursos do FMI. É necessário, porém, manter a perspectiva correta e lembrar que só podemos confiar e esperar em Deus. Organizações humanas nos decepcionam, e homens e mulheres se cansam de demonstrar compaixão. Deus, porém, jamais dará as costas para quem o busca com sinceridade.

Em nível pessoal, para quem nos voltamos quando temos alguma necessidade? Para Deus ou para alguém poderoso ou rico? Devemos recorrer primeiramente a Deus. Ele pode encaminhar-nos a alguém a quem ele abençoou com os meios para nos ajudar. Nesse caso, cabe a nós buscar o auxílio dessa pessoa. É errado, porém, ignorar Deus como primeiro recurso num momento de necessidade. Será que Deus está permitindo que a África se vire sozinha porque sempre pedimos socorro a nações mais ricas antes mesmo de pensarmos em buscar a Deus? Não temos como responder categoricamente, mas vale a pena refletir sobre essa questão.

As outras três exortações mostram o que não devemos fazer se confiamos de fato em Deus e derramamos nosso coração perante ele. As duas primeiras nos advertem de não confiar naquilo que é obtido indevidamente, quer por extorsão, quer por roubo (*rapina*; 62:10). Apesar de sabermos que é insensatez confiar em coisas que não podem ser abençoadas por Deus, fica evidente que nem todos ao

nosso redor concordam, pois muitos recorrem a práticas ilícitas e parecem sair-se muito bem. Precisamos lembrar que o ponto de vista de Deus é bem diferente. Ele sabe que a vida aparentemente próspera é apenas *falsidade* (62:9b) e não durará. Ademais, aqueles que adquirem riqueza desse modo muitas vezes têm dificuldade de aproveitá-la. À noite, ou quando estão sozinhos, preocupam-se com o que acontecerá se forem pegos ou com quanto terão de pagar em subornos para não serem presos.

A terceira exortação nos lembra que, quando Deus nos abençoa e nossas *riquezas prosperam*, não devemos deixar que dominem nosso modo de pensar e nos levem a confiar nelas. Nosso coração e nossa alma devem estar firmes no Doador, e não nas dádivas. Essa exortação ressoa na história do jovem rico em Lucas 12:16-21.

### 62:11-12 A natureza de Deus

Para concluir, o salmista enumera três coisas que Deus revelou a respeito de si mesmo. A expressão *Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto* (62:11a) é uma forma tradicional de apresentar informações importantes (cf. tb. Pv 30:15,18,21,29). O salmista afirma que Deus tem *poder e graça*. Devido a seu poder, é capaz de proteger quem confia nele. Devido à sua graça, age sempre com bondade. Não devemos supor, contudo, que seremos automaticamente beneficiados por seu poder e graça. Precisamos atentar na terceira verdade: Deus retribui a cada um *segundo as suas obras* (62:11b-12). Escolhemos confiar em Deus, nas riquezas ou em pessoas, e ceifamos os resultados de nossa escolha.

Assim que obtêm cargos de autoridade, muitos africanos são tentados a roubar a riqueza que Deus concedeu ao nosso povo. Tais indivíduos precisam lembrar que os bens acumulados indevidamente serão maldição para eles e seus filhos. O sucesso obtido sem a bênção de Deus é sem sentido e passageiro.

### Salmo 63: Dedicção total a Deus

De acordo com o título, o salmo 63 foi escrito por Davi *quando no deserto de Judá*, possivelmente na época em que estava fugindo de Absalão, pois encontramos aqui certa semelhança com o salmo 61.

### 63:1 O relacionamento do salmista com Deus

O salmista começa com uma declaração acerca do seu relacionamento com Deus: *Ó Deus, tu és o meu Deus* (63:1a). Ele não apenas reconhece a existência de um Deus, mas se refere a ele como “meu Deus”. Apesar de as religiões tradicionais africanas reconhecerem que Deus existe, raramente incentivam os adoradores a considerá-lo “meu Deus”. O culto pessoal não é direto, mas repleto de intermediários (especialmente os antepassados). Como cristãos, muitas vezes deixamos que pastores assumam o lugar dos antepassados! Alguns membros de igreja se atêm a falar apenas do “meu pastor” e nunca chegam ao “meu Deus”. Deixam

## HIV/AIDS

De acordo com a Organização das Nações Unidas, mais de 41 milhões de pessoas no mundo convivem com o HIV/aids, e 75% delas (30 milhões) vivem na África. Todos os quinze países africanos estão contaminados com o HIV/aids, em taxas que variam entre 11% e 38% da população, mais notadamente na África Oriental e na África do Sul.

Desde o início da epidemia, no começo da década de 1980, mais de 21 milhões de africanos morreram de aids, e a expectativa de vida na parte sul do Saara caiu de 62 anos para 47 anos. Mais de 15 milhões de crianças se tornaram órfãs por causa da aids.

A igreja na África, e no mundo todo, falhou em oferecer recursos em termos de pessoal, liderança e materiais necessários para lidar com a epidemia. Houve pecados de comissão, em que a igreja foi bastante responsável por comunicar atitudes sociais e culturais negativas, alienando e estigmatizando os infectados ou afetados por HIV/aids. Também houve o pecado de omissão, pois a igreja falhou em falar sobre sexo e sexualidade, tachando de pecaminosa a discussão do assunto em reuniões de culto. A igreja também subestimou a amplitude do problema.

É hora de a igreja quebrar o silêncio diante da pandemia. Precisamos firmar valores espirituais e morais em nossas crianças, jovens, homens e mulheres; porém, mais que isso, precisamos desenvolver políticas e formas de orientação, como, por exemplo, designar pastores para tratar especificamente de questões relacionadas com a aids. Também existe a necessidade de obter recursos — dinheiro, livros, manuais e outros materiais — para equipar as igrejas com tudo o que for necessário.

Em nível local, comitês de saúde devem ser estabelecidos em cada congregação para fazer das congregações centros de saúde. Esses comitês devem concentrar-se no ensino preventivo e na criação de consciência, assistência domiciliar, apoio aos infectados e afetados, cuidado com os órfãos e amparo em todos os níveis da sociedade.

Muitos fatores podem fazer da igreja uma grande força na luta contra o HIV/aids, como seu grande histórico de existência, proclamação e persuasão e suas estruturas bem desenvolvidas. A igreja se autossustenta; tem

audiência leal, que se encontra toda semana; tem liderança previsível; atravessa barreiras geográficas, étnicas, nacionais, de gênero e outras; conta com o apoio popular e fala a linguagem do povo. Mais que isso, pode oferecer esperança além da sepultura e tem a Bíblia, um manual sagrado que já se provou eficaz para mudar o comportamento moral.

Em tempos de desespero, o povo precisa ouvir que a mensagem da Bíblia é sobre esperança, amor e futuro (presentes em passagens como Sl 9:18; 30:5; 62:5; 71:5; Pv 23:18; Rm 12:12-13; 2Co 1:7; 2Tm 2:22). A igreja poderá então liderar *conhecendo a esperança*, informando-se dos fatos sobre o HIV/aids; *descobrimo esperança* na epidemia de HIV/aids por meio de nossa base bíblica; *disseminando a esperança* ao mobilizar a igreja a criar ministérios relacionados às questões de HIV/aids; *desenvolvendo a esperança*, ou seja, mudando os sentimentos e atitudes diante do HIV/aids; *compartilhando esperança* por meio do cuidado pastoral às famílias e comunidades afetadas pelo HIV/aids; *oferecendo esperança* por meio de aconselhamento pastoral sobre o HIV/aids; *dando esperanças* aos pais e jovens de uma vida sem aids; *ministrando esperança* pela assistência domiciliar a pessoas com aids.

Em setembro de 1999, representantes de organizações de desenvolvimento cristãs e a ONU se uniram em Gaborone, Botsuana, para discutir assuntos relacionados ao HIV/aids. Nesse encontro, foi adotado um Juramento de Presença e Continuidade, que declara, em parte:

Estamos vivendo uma crescente epidemia de HIV/aids. Perdas e mortes são realidade para todos nós. Por meio da força da comunidade, devemos vencer o medo da morte. Só assim poderemos celebrar a vida plenamente — agora e depois da morte. Vemos a igreja como servo com a coragem de participar verdadeiramente em comunidade e realizar o *shalom*. Procuramos repensar e reelaborar os relacionamentos e o caráter distinto de um povo na participação na comunidade, nos cuidados e nas mudanças. Também procuramos um movimento além de nós mesmos e além de nossos limites. Estamos juntos em uma JORNADA RUMO À ESPERANÇA!

Peter Okaalet

a experiência pessoal com Deus ao encargo do pastor e se contentam em receber bênçãos por meio desse líder. O salmista, porém, fala de Deus como alguém com quem ele mantém um relacionamento pessoal.

O título informa que Davi escreveu esse salmo enquanto estava no deserto, daí dizer que anseia pelo Senhor como *terra árida, exausta, sem água* (63:1b). Assim como a terra ao seu redor anela por água, o salmista anseia por Deus:

*Eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja.* Não se trata de um contato superficial com Deus, mas de um relacionamento profundo que envolve todo o ser.

### 63:2-3a Motivos para o relacionamento

Encontramos em 63:2 o principal motivo da dedicação absoluta do salmista a Deus: *Eu te contemplo no santuário para ver*

a tua força e a tua glória. Ele tem uma relação pessoal com Deus e um contato direto com a natureza divina. Sua experiência é semelhante à de Isaías (Is 6:1-5). Nada é tão transformador quanto contemplar a Deus. Até mesmo homens e mulheres que passaram por essa experiência, porém, viram apenas uma fração da glória e da majestade plenas de Deus, pois ninguém pode vê-lo em sua essência e viver (Êx 33:20).

O salmista vê Deus revelado “no santuário”, ou seja, no lugar que o Senhor escolheu para se encontrar com homens e mulheres. No tempo de Davi, o santuário era um espaço físico em Jerusalém. Hoje em dia, sabemos que Deus é espírito (Jo 4:24) e que nos relacionamos com ele onde quer que estejamos. Ainda assim, muita gente tem um encontro com Deus nos cultos das igrejas. É perturbador pensar que alguns dos piores criminosos da África passaram pela Escola Bíblica Dominical quando eram crianças. O que deu errado e os impediu de encontrar Deus e vir a servi-lo e ao seu povo? Talvez as Escolas Bíblicas Dominicais e classes de catecismo estejam concentrando-se quase exclusivamente em questões doutrinárias e muito pouco, ou nada, no relacionamento pessoal e transformador com Deus. A memorização de fatos acerca de Deus não substitui o relacionamento pessoal com ele.

O segundo motivo da dedicação total do salmista é sua consciência de que a graça de Deus *é melhor do que a vida* (63:3a). Quem tem o tipo de experiência pessoal descrita em 63:2 adquire profunda percepção da graça de Deus. Sua graça se manifesta em toda parte: no ar que respiramos e que Deus provê generosamente, na beleza de seu mundo e na complexidade do corpo humano, suscetível a tantas sensações diferentes desde a visão até o tato e o paladar. Quem contempla a Deus como o salmista também experimenta sua amizade e pode reclinar-se em seu ombro forte a qualquer momento, em qualquer circunstância. A graça divina é tão difícil de explicar que o salmista a descreve simplesmente como algo “melhor do que a vida”. Nada em nossa existência terrena, seja riqueza, instrução, fama, poder ou qualquer outra coisa, se compara com uma relação de amor com Deus. Saber que Deus me ama satisfaz todas as minhas necessidades, antes mesmo de elas serem supridas materialmente.

### 63:3b-8 Resposta ao relacionamento com Deus

Diante do amor de Deus, o salmista se compromete a louvá-lo: *Os meus lábios te louvam* (63:3b). As palavras dos lábios vêm do coração e refletem o tipo de pessoa que somos. O salmista afirma ser alguém inteiramente preenchido pelo desejo de louvar a Deus. Suas palavras não focalizam quanto ele próprio é bom ou importante; antes, têm como único propósito glorificar a Deus. Podemos contrastar essa atitude com a de alguns palestrantes e pastores cujas palavras revelam orgulho. Não há nada de errado em falar daquilo que somos ou fazemos, mas devemos sempre dar a glória a Deus por nos ter concedido oportunidades.

Louvar é enfatizar aquilo que Deus fez, enquanto “ben-dizer” significa falar de quem é Deus (63:4). Os dois estão intimamente ligados, mas cada um tem um foco diferente. Precisamos falar da bondade do Senhor e dar o devido valor às bênçãos que ele concede. Alguma coisa sempre dá testemunho da bondade do Senhor para conosco, até mesmo o simples fato de estarmos vivos. Até a morte é boa, pois nos remove deste corpo de dor e sofrimento. Enquanto seus lábios proclamam todas as coisas boas que Deus fez, o salmista levanta as mãos para exteriorizar sua entrega total a Deus.

Por vezes, olhamos para as condições de nosso continente e nos sentimos tentados a perguntar se temos algum motivo para louvar a Deus. Na verdade, porém, há um sem-número de coisas às quais não damos o devido valor. A África possui grandes extensões de solo fértil, rios caudalosos e muitas outras bênçãos. Ao orar para que Deus nos ajude a administrar melhor nossos recursos naturais, precisamos igualmente louvá-lo com frequência por aquilo que ele nos deu. Mesmo quando lamentamos o ódio profundo que provocou o genocídio em Ruanda, podemos agradecer a Deus porque, hoje em dia, muitos nesse mesmo país estão trabalhando juntos para superar o passado e melhorar o presente e o futuro. Quando cultivamos o hábito de louvar, podemos dizer como o salmista: *Como de banha e gordura farta-se a minha alma* (63:5). Como ele, devemos satisfazer-nos totalmente com Deus.

O salmista já afirmou que louvará a Deus a todo tempo, mas agora menciona uma ocasião específica: *No meu leito, quando de ti me recordo* (63:6). Quando vamos dormir e tudo ao nosso redor se aquieta, podemos preocupar-nos ou reafirmar nossa confiança em Deus, podemos meditar na palavra de Deus ou tramar o mal. Por isso, o salmista destaca o tempo em que está deitado em seu leito. Não é, obviamente, o único momento em que pensa em Deus, mas medita no Senhor de modo mais específico nessa hora em que seus pensamentos poderiam facilmente divagar e afastar-se de Deus.

O exercício de “recordar” ou “pensar” em Deus prossegue ao longo da noite. No tempo de Davi, os israelitas dividiam a noite em três vigílias (a primeira, a média e a última ou da manhã; Êx 14:24; Jz 7:19; 1Sm 11:11; Lm 2:19). Os romanos e outros povos usavam divisões diferentes. O importante, porém, é que o salmista não se esquece de Deus em nenhum momento da noite.

Em alguns ambientes, a noite parece ser o período em que as pessoas se esquecem de Deus em vez de se lembrar dele. É quando as prostitutas estão mais ocupadas, quando os ladrões entram em casas e escritórios e quando se praticam tantos outros atos perversos. Satanás é, espiritual e literalmente, o príncipe das trevas e ama a escuridão. Aqueles que acompanham o salmista e declaram lembrar-se de Deus durante as vigílias da noite também afirmam que, enquanto tanto mal está em andamento, eles se ocupam daquilo que é agradável a Deus.

O salmista sabe que, não obstante a situação, Deus é seu *auxílio* (63:7). Viu a mão poderosa do Senhor resolver problemas aparentemente insolúveis, remover inimigos quando sua vida estava em perigo e dar novo ânimo à sua alma quando ela estava abatida. Qualquer que seja sua situação, portanto, o salmista se propõe a cantar a Deus. Não canta porque foi libertado das provações, mas porque desfruta consolo e paz em meio às dificuldades. *A sombra das [...] asas* de Deus, há paz e consolo a todo tempo.

Como seria bom se mais pessoas permanecessem junto de Deus nos momentos de grande tentação, o louvassem em todas as circunstâncias e focalizassem não suas próprias circunstâncias, mas o conforto que se pode encontrar sob as asas do Senhor!

Na sequência, o salmista muda de metáfora e diz que se sente consolado porque *a destra* do Senhor o *ampara* (63:8). Em geral, a destra é a mão mais forte. Se Deus é onipotente e sua destra ampara o salmista, não há absolutamente nada para temer.

### 63:9-11 Consequências do relacionamento com Deus

O salmista encerra com um contraste entre as consequências da inimizade e da amizade com Deus. Os mentirosos que procuram destruir quem confia em Deus *abismar-se-ão nas profundezas da terra* (63:9). Outras imagens representam sua destruição: *Serão entregues ao poder da espada e virão a ser pasto dos chacais* (63:10). O Senhor *tapará a boca dos que proferem mentira* (63:11b). Por outro lado, *quem por ele jura*, isto é, quem confia em Deus, inclusive o próprio salmista (chamado aqui de *rei*), *gloriar-se-á* no Senhor e o louvará (63:11a).

### Salmo 64: Oração em meio a ataques

Como vários outros salmos do Livro Dois, este é atribuído a Davi, mas não há nenhuma indicação das circunstâncias em que foi escrito.

#### 64:1-2 O pedido do salmista

O salmo 64 começa com um pedido a Deus: *Ouve, ó Deus, a minha voz* (64:1a). Davi sabia que seria perda de tempo orar sem que Deus o ouvisse. Por isso, nossas orações devem sempre começar com uma confissão daquilo que pode impedir-nos de ser ouvidos por Deus.

O salmista deseja que o Senhor escute sua *queixa* (NVI). Não se trata de uma queixa contra Deus, mas contra o modo de outras pessoas o tratarem. Ele se encontra numa situação em que precisa pedir a Deus: *Preserva-me a vida* (64:1b). Conforme o salmista declarou no salmo 23, o Senhor é seu pastor, e uma das bênçãos que as ovelhas desfrutam é a proteção do Senhor, mesmo quando precisam andar “pelo vale da sombra da morte” (23:4a). Davi se encontra nesse vale, ciente das ameaças de seus inimigos (64:1b). Apesar de ainda não se terem mobilizado, o salmista sabe que, se os acontecimentos seguirem seu curso na-

tural, os inimigos atacarão em breve. Ele se volta, portanto, para o Senhor e suplica especificamente por sua proteção.

Pede, em primeiro lugar, para que o Senhor o *esconda da conspiração dos malfetores* (64:2). Pode haver *tumulto* nas ruas, mas o salmista deseja dormir em segurança no esconderijo impenetrável que Deus lhe provê. Ainda que o inimigo grite ameaças à sua porta, não há motivo para temer.

Por que na África e em outros lugares, até pessoas que se dizem cristãs buscam o auxílio inútil de feiticeiros e outros indivíduos? Muitas vezes, aqueles que agem desse modo ainda não aprenderam a pedir para o Senhor protegê-los e escondê-los e não creem que o Senhor é capaz de lidar com qualquer situação, a qualquer momento.

#### 64:3-6 Perigo iminente

Os inimigos do salmista se encontram envolvidos em pelo menos seis atividades:

- *Afiam a língua como espada* (64:3a). A língua é uma arma perigosa. Tiago a compara a uma pequena fagulha com o potencial de iniciar um incêndio capaz de consumir uma floresta inteira (Tg 3:5). Os inimigos do salmista não se satisfazem com o potencial natural da língua de fazer o mal e a afiam a fim de causar ainda mais danos à sua reputação (cf. tb. 52:2-4; 57:4; 58:1,3; 59:7,12).
- *Apontam, quais flechas, palavras amargas* (64:3b). Nas sociedades africanas tradicionais, ninguém podia atirar uma flecha dentro da comunidade. O conselho responsável por julgar as causas da comunidade pressupunha que a intenção por trás de toda flecha atirada na direção de outra pessoa era matar. No caso de uma flecha envenenada, a ofensa era ainda maior, pois, não obstante a parte do corpo que a flecha atingisse, o veneno se espalharia e mataria o ferido. Os inimigos do salmista não desejavam apenas difamá-lo; sua intenção era matá-lo.
- *Atiram para, às ocultas, atingirem o íntegro* (64:4). Atirar de forma deliberada num inocente é um ato inaceitável em qualquer cultura. Até mesmo casos acidentais, como quando a polícia confunde alguém com um criminoso, geram justificadamente indignação pública. Os inimigos do salmista, porém, não têm receio nenhum de matar um inocente e o fazem tão *repentinamente* que a vítima nem pode suplicar por misericórdia. Não temem a Deus nem às autoridades, e não se preocupam se serão denunciados. Infelizmente, ainda encontramos pessoas desse tipo em algumas das principais cidades da África.
- *Teimam no mau propósito* (64:5a) ou “Animam-se uns aos outros com planos malignos” (NVI). Quase toda gangue tem um membro de consciência mais sensível que pode levantar objeções à proposta de cometer determinados crimes. Os inimigos do salmista, porém,



jamais desestimulam o mal; antes, incentivam uns aos outros a praticá-lo. Não há esperança de recuperação para um grupo assim, e seus integrantes representam uma ameaça para todos ao redor.

- *Falam em secretamente armar ciladas (64:5b)*. Em algumas regiões da África devastadas por guerras, como o Sudão e Angola, não se podem cultivar campos férteis devido à presença de minas terrestres escondidas. Os inimigos de Davi não possuem minas, mas armam ciladas com a mesma intenção de destruir quem se dedica inocentemente aos seus próprios afazeres.
- *Projetam iniquidade (64:6a)*. A consciência de que seu plano é injusto não os incomoda nem um pouco.

Ao definir o bem-aventurado no salmo 1, o salmista afirma que esse indivíduo “não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores” (1:1). Seus inimigos são um exemplo do tipo de grupo que se deve evitar. Entregam-se à prática do mal e acreditam que podem escapar impunes, pois ninguém os vê (64:5; cp. 59:7). Arrogantes, julgam-se mais espertos do que todos e se congratulam, dizendo: “Fizemos um plano perfeito” (64:6, NVI).

Infelizmente, essa descrição é conhecida na África. Muitos inocentes sofrem porque alguém subornou uma autoridade pública, como um juiz, e criou “um plano perfeito” para dar a impressão de que o inocente é culpado. Tais indivíduos, porém, não devem imaginar que seu plano engana a todos, pois Deus está plenamente cômico da injustiça. A mente e o coração dos ímpios podem ser *um abismo* (64:6), mas, no final, os iludidos são aqueles que acreditam ser possível praticar o mal e permanecer impunes.

#### 64:7-8 A intervenção do Senhor

Os ímpios podem lançar suas flechas contra o salmista, mas Deus contra-ataca e *desfere contra eles uma seta* (64:7) repentinamente. Não obstante seus planos, os perversos não vão muito longe, pois Deus luta em favor dos inocentes.

Podemos ter a impressão de que as palavras do salmo não correspondem à realidade. Sabemos de casos em que os ricos tomam injustamente a terra dos pobres e não parecem sofrer nenhuma consequência. Coisas desse tipo são quase rotineiras em lugares nos quais a corrupção se encontra mais arraigada. A vida, porém, é maior que um pedaço de terra. Quem toma injustamente a propriedade de outros é amaldiçoado, pois o Senhor permanece do lado dos injustiçados. O Senhor pode demorar a levantar alguém que corrija a injustiça, mas isso não significa que deixará de lado a ofensa.

A língua que os inimigos afiam contra o salmista (64:3) se voltará contra eles (64:8). Vemos aqui outro exemplo de como Deus usa as armas dos adversários para derrotá-los. Em várias ocasiões, o Senhor espalhou confusão entre os inimigos de Israel e os voltou contra os outros

(Jz 7:22; 1Sm 14:20; 2Cr 20:23; Is 19:2). O Senhor é um Deus de justiça, e aqueles que procuraram destruir o salmista são arruinados de tal modo que *todos os que os veem meneiam a cabeça*.

#### 64:9 Resultados

Quando Deus age, a ruína dos arrogantes e perversos redundará em glória para o nome do Senhor. O resto do mundo verá o que aconteceu, e todos *temerão, e anunciarão as obras de Deus, e entenderão o que ele faz* (64:9). Entenderão que ninguém é capaz de se opor a Deus. O mais seguro é permanecer do lado de Deus, ou seja, do lado da justiça, da retidão e da verdade.

#### 64:10 A alegria do justo

O salmista conclui com uma palavra acerca do justo: *O justo se alegra no SENHOR e nele confia; os de reto coração, todos se gloriam* (64:10). Nosso propósito na terra consiste em nos alegrar no Senhor e louvá-lo, certos de que ele cuida de nós o tempo todo e em todas as circunstâncias. Não precisamos temer ficar ao lado dos inocentes quando são vítimas de sistemas injustos, nem falar a verdade quando todos os outros procuram ocultá-la. O Senhor nos protegerá e nos preservará a fim de louvarmos a Deus e nos regozijarmos no privilégio extraordinário de caminhar com ele.

Quando, às vezes, sofremos por fazer o que é certo, Deus não deixa de ser nosso refúgio. É nosso Deus não apenas na vida, mas também na morte. Não há dúvida, porém, de que o salmista espera receber a proteção do Senhor aqui e agora. Podemos confiar no Senhor. Sua aparente demora significa, na verdade, que ele está fazendo o melhor segundo o seu plano sábio para nossa vida.

#### Salmo 65: Atitude diante dos feitos poderosos de Deus

No salmo 65, em vez de orar por si mesmo como faz nos salmos anteriores, o salmista engrandece ao Senhor por seus feitos. Como beneficiários dos atos amorosos de Deus, devemos juntar-nos ao salmista nesse cântico de louvor.

#### 65:1-2 Atitude apropriada

O salmista começa com a atitude que deve ser natural em relação a Deus, tendo em vista tudo o que ele fez. Na primeira frase e ao longo de todo o salmo, ele fala diretamente ao Senhor: *A ti, ó Deus, confiança e louvor em Sião!* (65:1a). O salmo 64 começa com uma súplica: “Ouve, ó Deus, a minha voz” (64:1a). Esse se inicia com a descrição do Deus que escuta as orações (65:2). Deus só não escuta nossas orações quando nossos pecados fecham seus ouvidos, daí a séria responsabilidade de manter nossa vida pura.

O salmista promete: *A ti se pagará o voto* (65:1b). Ao que parece, quando se viu numa situação de grande necessidade, o povo buscou ao Senhor e fez votos a serem cumpridos quando ele atendesse. Uma vez que Deus respondeu

às suas orações, é hora de agradecer. O texto não revela a natureza da necessidade, mas o enfoque sobre a abundância de alimento em 65:9-13 sugere uma possível escassez e fome em Israel. As palavras de 65:7-8 indicam agitação entre as nações vizinhas. Também nessa situação o Senhor cuidou de seu povo.

Nós, africanos, sabemos o que significa orar por chuvas, boas colheitas e proteção das conturbações que nos roubam a paz. Temos aqui, portanto, um salmo ao qual podemos recorrer repetidamente a fim de manter viva a expectativa do livramento divino.

### 65:3-13 Lembrança dos feitos de Deus

O salmista relaciona os feitos de Deus no âmbito espiritual e físico.

No tocante às coisas espirituais, refere-se a dois estágios de nossa vida. No primeiro, *prevalecem as nossas transgressões* (65:3), mas Deus as perdoa e nos conduz ao segundo estágio, no qual *ficaremos satisfeitos com a bondade de tua casa — o teu santo templo* (65:4). O salmista sente tanto prazer nas boas dádivas de Deus que exclama: *Bem aventurado aquele a quem escolhes e aproximas de ti, para que assista nos teus átrios*. Ao contrastar o passado com o presente, Paulo também sente o desejo irresistível de louvar ao Senhor (Rm 11:30-36; 1Tm 1:12-17). Quando fazemos o mesmo, somos tomados pela consciência dos atos de misericórdia de Deus e irrompemos naturalmente em adoração a ele. Foi nesse estado de espírito que Davi escreveu o salmo 65.

No âmbito físico, o salmista começa com a afirmação de que Deus responde e prossegue com dois atos do Senhor na criação e duas obras de sua providência. Quando lemos os versículos seguintes, entendemos por que ele descreve Deus como *esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos* (65:5).

O primeiro ato de criação mencionado é a consolidação dos *montes* (65:6). Em alguns países, há projetos para criar montes artificiais através de aterros e construir sobre eles casas que não sejam afetadas por enchentes. Muitas vezes, porém, as chuvas intensas destroem os aterros e levam as casas construídas sobre eles. Montes como o Everest, o Kilimanjaro e o Quênia, porém, permanecem inabaláveis ao longo dos séculos, pois foi o Deus Todo-Poderoso quem estabeleceu firmemente seus alicerces. Não causa espanto o salmista dizer que somente o insensato é capaz de negar a realidade de Deus (14:1). Enquanto existirem, os montes proclamarão a força e o poder de Deus (Rm 1:20).

O mesmo Deus que criou os montes aplacou o *rugir dos mares* (65:7a) e trouxe ordem. Não há como dizer se o salmista tem em mente um acontecimento específico. Sabemos, porém, que, quando o mar começa a rugir e suas ondas avançam sobre a terra firme, nenhum ser humano é capaz de detê-los. Só resta fugir para locais mais altos em busca de segurança e orar para que as águas voltem ao seu

devido lugar. Podemos dizer que o mar recua quando os ventos mudam ou um ciclone se enfraquece, mas não devemos esquecer que somente o Senhor controla os ventos e as águas.

Em seguida, o salmista se refere a dois atos da providência de Deus. Primeiro, o Senhor acalmou o *tumulto das gentes* (65:7b). Além de ser o Criador do mundo natural, ele também governa o coração humano. Apazigua a ira de reis que desejam ir à guerra e confere capacidade de raciocínio aos pacificadores para que as nações possam viver em paz. Essa é uma das maneiras pelas quais Deus protege seu povo dos governantes ao redor. Ele é Senhor da história de indivíduos e nações.

A meditação sobre os feitos de Deus gera temor e grande alegria (65:8). Quando há esse temor em nosso coração, não sentimos vontade de nos esconder amedrontados, mas de nos aproximar de Deus com o respeito que lhe é devido. A reverência é acompanhada de alegria porque o Senhor é nosso Deus.

Em seguida, o salmista fala de outro ato da providência de Deus, a saber, o modo de cuidar da *terra* (65:9). O Senhor mantém os *ribeiros* [...] *abundantes de água* para que o povo possa cultivar cereal. Não é obra do acaso, pois é Deus quem prepara a terra (*para isso a dispõe*). Semelhantemente, nosso Deus e Salvador (65:5b) providencia para que os sulcos na terra sejam regados, aplaina os torrões, amolece o solo com chuvas e abençoa as plantações que crescem nele (65:10). É errado imaginar que plantamos, a chuva cai e as plantações crescem sem que ninguém faça tudo isso acontecer. Deus está no controle de todos os processos. A tradição africana já reconhecia que essas bênçãos provinham de Deus. Agora que a revelação das Escrituras mostra esse fato de modo ainda mais claro, precisamos cuidar para não nos esquecermos dele. A autosuficiência humana procura colocar Deus de lado. Além de estar condenada ao fracasso, essa atitude ofende a Deus e nos impede de receber todas as suas bênçãos. Em meio ao desenvolvimento e à industrialização, é fundamental colocarmos Deus em primeiro lugar em nossa vida.

Abençoada por Deus, a colheita é abundante, e o salmista pode dizer que o ano é coroadado de fartura (65:11). Vemos aqui exatamente o oposto da fome! Nosso coração deve louvar a Deus nos anos de boas colheitas.

Além de conceder fartura aos agricultores, Deus envia chuva às *pastagens do deserto* de modo que elas não apenas cresçam, mas vicejem. Até os montes de *júbilo se revestem* (65:12). É como se os montes exclamassem: “Somos jubilosa criação de Deus” e sua alegria nos contagiasse ao observarmos a beleza de sua vegetação viçosa.

Graças à chuva abundante, *os campos cobrem-se de rebanhos* saudáveis de ovelhas e gado. Os vales se enchem de cereais (65:13). Agricultores e criadores de animais são abençoados. Que retrato maravilhoso dos “tremendos feitos” da justiça de Deus (65:5a).

Todos esses elementos da criação de Deus *exultam de alegria e cantam* (65:13). O salmista personaliza os elementos da paisagem e afirma que expressam louvor e gratidão. Qual é nossa atitude diante de todas as coisas que Deus concedeu para desfrutarmos (Gn 9:3)? Nossos clamores de louvor devem ressoar ainda mais!

### Salmo 66: Digno de adoração e louvor

O salmo 66 nos convida a adorar a Deus (66:1-4), vir e ver as obras que Deus realizou por seu povo (66:5-7), refletir sobre seus feitos e louvá-lo (66:8-12). Encerra-se com o compromisso (66:13-15), o testemunho (66:16-19) e o louvor pessoal do salmista (66:20).

#### 66:1-4 Tempo de adorar

O convite para adorar se estende a *toda a terra* (66:1a) e, mais adiante, como que para enfatizar sua abrangência, inclui os *povos* (66:8). Ninguém é deixado de fora (apesar de o salmista provavelmente imaginar os israelitas em primeiro plano). O convite ainda é válido em nosso tempo. Agora ou depois, todos nós devemos adorar ao Senhor, pois um dia todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é o Senhor, para a glória de Deus (Fp 2:10-11). Nós, cristãos, precisamos ser exemplo para o mundo e prestar a Deus o culto que lhe é devido.

Devemos expressar nossa adoração com gritos de alegria, ao cantar em nome de Deus, louvá-lo e glorificá-lo (66:1-2). Gritar é o oposto de sussurrar. Quem fala em voz baixa demais é tímido ou não está convicto daquilo que diz. Quem transmite sua mensagem em alta voz, porém, se mostra confiante e corajoso. Uma vez que glorificar a Deus é a coisa certa a se fazer, nada mais apropriado do que expressar-se com firmeza e segurança.

Não basta apenas falar *sobre* Deus. Devemos também falar *a* ele e dizer quanto o admiramos e honramos: *Que tremendos são os teus feitos! Pela grandeza do teu poder a ti se mostram submissos os teus inimigos. Prostra-se toda a terra perante ti, canta salmos a ti; salmodia o teu nome* (66:3-4). Hinos que expressam nosso amor por Cristo são tão ou mais importantes que cânticos de consagração pessoal.

#### 66:5-7 Venham e vejam

Nosso Deus não exige louvores; ele os merece. O salmista convida: *Vinde e vede as obras de Deus; tremendos feitos para com os filhos dos homens!* (66:5). Quando observamos suas obras, o louvor flui naturalmente de nosso coração.

O salmista começa com aquilo que Deus, em seu amor, fez pela nação de Israel. Ele *converteu o mar em terra seca* e permitiu que os israelitas atravessassem *o rio a pé* (66:6). É provável que o salmista tivesse em mente como Deus abriu as águas do mar Vermelho quando seu povo se viu preso entre o mar e o exército de Faraó (Êx 14:16,21-22) e manteve separadas as águas do rio Jordão, permitindo-lhes entrar na terra prometida (Js 3:15-17). Não é de ad-

mirar que um hinista tenha escrito: “O Senhor abrirá um caminho para mim”. Não devemos esquecer, porém, as palavras seguintes dessa mesma canção: “Se eu viver em santidade, deixar o mal e fizer o bem, sei que o Senhor abrirá um caminho para mim”.

Deus, *em seu poder, governa eternamente*. Como governante, zela por seu reino, e *seus olhos vigiam as nações* (66:7a). O Deus do salmista é eterno. Zelou por Israel ao longo dos anos e está atento às nações em nosso tempo. Os líderes de hoje devem, portanto, estar atentos a como governam. Alguns governantes africanos agem como se fossem a única autoridade. Ainda que escapem do escrutínio da União Africana e das Nações Unidas, ou ignorem as advertências desses órgãos, não poderão escapar do escrutínio de Deus. Ele os vigia e sabe de tudo o que fazem. Colocou-os em cargos de poder e de lá os removerá quando bem quiser. Quem se imagina a autoridade suprema simplesmente engana a si mesmo. Os sábios governam em nome do Deus de amor e justiça e não procuram agir de modo independente nem em oposição a ele.

Aqueles que conhecem esse Deus expressam com o salmista seu regozijo diante do Senhor. Os rebeldes, por outro lado, recebem advertência de não se exaltarem (66:7b). Sua revolta seria fútil. Afinal, quem pode opor-se ao Soberano de todas as nações?

#### 66:8-12 Meditem e louvem

Na sequência, o salmista reflete sobre a obra de Deus na vida e na comunidade dos israelitas e a considera motivo de louvor (66:8). Lembra, em primeiro lugar, que Deus *preserva com vida a nossa alma e não permite que nos resvalamos os pés* (66:9). Não sabemos exatamente a quais acontecimentos o salmista se refere. Tenho, porém, uma recordação pessoal vívida associada a esse salmo. Vários anos atrás, meu pai e eu tivemos de atravessar durante a noite um rio que não conhecíamos. A correnteza era mais forte que esperávamos e quase perdemos o pé. Se não fosse presença de Deus conosco, as águas nos teriam levado e terminaríamos afogados. O Senhor guardou nossos pés de resvalarem e, até hoje, lembramos esse acontecimento com louvor e gratidão e damos testemunho daquilo que Deus fez por nós. Talvez você nunca se tenha visto numa situação parecida, mas todos nós sabemos que Deus preservou nossa vida repetidamente de perigos conhecidos e desconhecidos.

O Senhor não apenas nos salva, mas também nos prova. A provação não é agradável, pois é *como se acrisola a prata* (66:10). O Senhor permite que caiamos *na armadilha*, *oprima nossas costas* com fardos (66:11), deixa que homens cavalguem *sobre a nossa cabeça* e que passemos *pelo fogo e pela água* (66:12).

Com base na linguagem que o salmista emprega, há quem sugira uma referência ao cativeiro dos israelitas na Babilônia. Não podemos fazer afirmações categóricas, pois o salmo não fornece nenhum detalhe específico para deter-

minar as circunstâncias históricas. Fica evidente, contudo, que o Senhor livrou os israelitas de uma situação difícil.

Ao refletir sobre o período de dificuldades, o salmista o considera um tempo de refinamento do povo a fim de torná-los vasos mais adequados para os propósitos do Senhor. Quando vista como instrumento que Deus usa para nosso crescimento, a provação gera perseverança, e a perseverança resulta em maturidade no Senhor (Tg 1:2-4). Quando pessoas em posição de autoridade nos maltratam ou colocam fardos desnecessários sobre nossos ombros, nossa reação natural é revidar ou conformar-nos à situação. Para o salmista, porém, a experiência faz parte do processo de refinamento, da mesma forma que a produção de prata pura exige que o minério seja triturado e aquecido. Enquanto estamos sendo refinados por um tempo de provação, não devemos recuar nem desistir, mas segurar firmemente na mão de Deus. Os heróis da fé são aqueles que confiam no Senhor nesses momentos.

Quando as provações passarem, veremos que Deus nos conduziu a um lugar de abundância. Sempre que confiamos em Deus, o saldo final é positivo. Sem dúvida, teremos fases difíceis, mas elas servirão para nos refinar (1Pe 1:7). Deus jamais desperdiça as experiências que vivemos. Antes, usa-as para nos elevar.

### 66:13-20 Quanto a mim

Nessa passagem, o salmista declara seu compromisso pessoal com Deus: *Entrarei na tua casa com holocaustos* (66:13). Seu gesto é o cumprimento de votos que fez quando estava em grandes dificuldades (66:14). O uso da primeira pessoa do singular é significativo. O salmista assumiu voluntariamente um compromisso pessoal diante de Deus e precisa honrar esse compromisso. É fácil prometer todo tipo de coisa a Deus quando suplicamos a ele que nos livre de enfermidades ou problemas. Assim que o Senhor atende aos nossos pedidos, contudo, esquecemos as promessas feitas. A atitude do salmista é diferente. Ele se prontifica a apresentar a oferta mais apropriada para a ocasião: *Vítimas cevadas* (isto é, animais gordos), *carneiros, novilhos e cabritos* (66:15).

O salmista escolhe com cuidado aquilo que apresentará a Deus. Levará o que a lei exige e se certificará de que as ofertas sejam *cevadas*, isto é, animais em excelentes condições (Lv 22:21,23). Muitas vezes, nossa preocupação é primeiro suprir nossas necessidades e só depois entregarmos os restos a Deus. Na verdade, porém, devemos separar para ele o que temos de melhor. Alguns meios definem isso como dízimo (a décima parte da renda). Apesar de não haver nada de errado em usar o dízimo como diretriz geral, Deus merece tudo o que concordarmos entregar em nosso relacionamento profundo com ele. Devemos ofertar por amor e gratidão, e não apenas em obediência a uma prescrição.

A fim de que ninguém se espante com seu compromisso, o salmista convida a todos os que temem a Deus: *Vinde,*

*ouvi [...] e vos contarei o que tem ele feito por mim* (66:16). As experiências pessoais com Deus resultam em testemunhos igualmente pessoais.

De acordo com o salmista, quando ele clamou a Deus (66:17a), o Senhor certamente o ouviu e atendeu (66:19). O salmista combinou seu clamor com louvores a Deus (66:17b) e não acalentou o pecado no coração (66:18). Caso se mantivesse apegado a atitudes e comportamentos pecaminosos, Deus não o teria ouvido. A maneira de orarmos é importante. Deus já fez tantas coisas por nós, mesmo antes de nos conceder aquilo que estamos pedindo, que merece nosso louvor. Para que nossas orações sejam ouvidas pelo Deus santo, também devemos estar dispostos a confessar nossos pecados.

Deus não rejeitou a oração do salmista nem reteve dele a sua graça, de modo que o salmista declara: *Bendito seja Deus* (66:20). O que Deus tem feito por nós? Qual tem sido nossa atitude? Permanecemos calados ou dizemos em alta voz: *Bwana asifiwe!* (em suaíli: “Louvado seja o Senhor!”)?

### Salmo 67: Necessidade de reconhecer Deus

Pode-se dizer que o salmo 67 é um pedido de desculpas pelo fato de a humanidade não reconhecer quem Deus é nem o que ele faz. Como resultado dessa falta de reconhecimento, é que o Senhor está ocultando as bênçãos a seu povo.

O salmo começa com uma súplica: *Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o rosto* (67:1). O pedido do salmista traz à memória as palavras que Deus instruiu Arão e seus filhos a usar ao abençoar os israelitas (Nm 6:24-26). Como Moisés (Êx 33:15), o salmista sabe que, quando Deus não está satisfeito conosco, estamos em apuros.

Ele reconhece a participação humana na concretização dessas bênçãos, mas sabe que, de modo geral, as pessoas falham em cumprir sua parte. Cabe a nós conhecer os caminhos do Senhor, declarar *em todas as nações, a [sua] salvação* (67:2) e louvar a Deus (67:3). A importância de todos louvarem a Deus é tamanha que o salmista repete as palavras nos versículos 3 e 5 e convida seus ouvintes e leitores: *Alegrem-se e exultem*, pois Deus governa com justiça e guia as nações (67:4).

Quando ignoramos Deus, não podemos esperar que ele nos abençoe. Sabemos que ele não nos trata como merecemos, mas de acordo com sua grande misericórdia. Devemos, contudo, reconhecer quem ele é e o que ele fez. O Senhor governa sobre as nações e é digno de louvor. O princípio se aplica tanto a indivíduos quanto a nações. Não podemos ater-nos a dizer: “Que Deus abençoe a África”. Precisamos acrescentar “e que a África tema e honre ao Senhor”.

Quando há uma confissão apropriada da natureza e dos feitos de Deus, a terra dá *o seu fruto, e Deus [...] nos abençoa*. E, quando Deus nos abençoar, *todos os confins da terra o temerão* (67:6-7). O objetivo maior é que todos temam ao Senhor. Por vezes, contudo, nós, cristãos, somos obstáculos

para quem se aproxima de Deus. Se o cristão agradar a Deus, será abençoado; o não-cristão verá o que Deus fez e passará a temê-lo. Enquanto esperamos Deus fazer a parte dele, devemos ser zelosos em fazer a nossa. Sem dúvida, Deus é fiel e bondoso, mas também é santo e justo.

### Salmo 68: Deus e seu povo

Ao que parece, o salmo 68 foi escrito numa ocasião em que as nações vizinhas expressaram desprezo por Israel e seu Deus. O salmista recorre à história ao falar da intervenção de Deus e da demonstração de seu poder.

#### 68:1-3 A intervenção de Deus

Sempre que a arca partia durante a jornada dos israelitas rumo à terra prometida, Moisés dizia: “Levanta-te, SENHOR, dissipados sejam os teus inimigos, e fujam de diante de ti os que te odeiam” (Nm 10:35). As palavras iniciais do salmo 68 fazem lembrar essa declaração. De acordo com o salmista, Deus tolerou seus inimigos por tempo suficiente. Chegou a hora de o Senhor agir e mostrar quem ele é (68:1). Muitas vezes, identificamo-nos com o salmista. Dizemos que nosso Deus é onisciente e onipotente e, no entanto, vemos os perversos serem bem-sucedidos. Muitos governantes africanos se portaram como inimigos do povo que o Senhor lhes permitiu governar. Por que Deus não agiu para demonstrar sua onipotência? Por que não interveio e depôs Idi Amim antes que ele assassinasse grandes servos de Deus? Quando essas perguntas surgem, precisamos lembrar que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos e que seus pensamentos não são os nossos pensamentos (Is 55:8). Ele vê mais longe do que nós.

Deus não precisaria fazer esforço para dispersar seus inimigos. Poderia dissipá-los *como se dissipa a fumaça ao vento* (68:2a). A fumaça se move em qualquer direção que o vento sopra. Semelhantemente, quando Deus age, dirige os acontecimentos conforme lhe apraz. Até mesmo o grande rei Nabucodonosor da Babilônia se viu impotente quando Deus o colocou para pastar junto com os animais (Dn 4:28-33). O Senhor é, de fato, um Deus temível.

A cera também é suscetível a forças externas (68:2b) e sempre derrete quando é colocada perto do fogo. Da mesma forma, por mais sólido que pareça o poder de um homem, mulher ou nação, não vale nada diante de Deus.

Ao mesmo tempo que fala do desaparecimento dos inimigos de Deus, o salmista observa o oposto acerca dos justos: *Os justos, porém, se regozijam, exultam na presença de Deus e folgam de alegria* (68:3). A amizade com Deus proporciona alegria e paz.

#### 68:4-31 O amor e o poder de Deus

Os inimigos de Deus vivem em desarmonia com a criação, e o salmista declara que tudo deve cantar a Deus e salmodiar o seu nome. Deus merece esse louvor por aquilo que é e faz. Quanto ao seu poder, ele *cavalga sobre as nuvens* (68:4).

Quanto à sua natureza, *SENHOR é o seu nome*. Em outras palavras, ele é “Javé”, o Deus da aliança que guarda seu povo (Êx 3:13-17). Como tal, é *pai dos órfãos e juiz das viúvas*. Para enfatizar como Deus valoriza esse papel, o salmista se refere ao pai e juiz como *Deus em sua santa morada* (68:5).

Para o Senhor, maltratar viúvas e órfãos é uma transgressão extremamente séria. Um exemplo claro é a história do homem que, logo após a morte do irmão, tentou despejar de uma propriedade a esposa e os filhos do irmão. Certa noite, o homem se embebedou, foi à casa da família do falecido e começou a bater na cunhada e nos sobrinhos. Na mesma noite, esse indivíduo cruel foi morto, não por homens, mas por mulheres! A moral da história é óbvia: quem abusar de viúvas e órfãos terá uma morte humilhante. Muitos africanos cometem o grande erro de não se preocupar com os mais fracos. Os órfãos têm um pai e as viúvas têm um defensor: o próprio Javé!

Hoje em dia, HIV/aids e outras causas resultam em viúvas e órfãos abandonados. O Senhor, porém, cuida deles e de todos os solitários e faz que morem *em família* (68:6a). Outros foram encarcerados injustamente por fazerem o que era certo. A esses prisioneiros, o Senhor liberta *para a prosperidade*. *Os rebeldes*, por outro lado, *habitam em terra estéril* (68:6b). Os desobedientes não podem esperar bênçãos do Senhor. Por sua própria escolha, a porção que lhes cabe é a maldição de viver nas regiões áridas e desoladas.

Em outros tempos, os israelitas viveram no deserto, mas não ficaram sozinhos, pois Deus foi *à frente do [seu] povo* enquanto eles avançavam *pelo deserto* (68:7). O salmista diz que, nessa ocasião, *tremeu a terra*, uma demonstração do poder de Deus, e *os céus gotejaram*, um sinal da bênção de Deus sobre seu povo (68:8a).

Aqui, o Senhor é descrito como *Deus de Israel* (68:8b). A NVI traz também “o Deus do Sinai”. Essa descrição é importante, pois foi no monte Sinai que o Senhor declarou ser um Deus santo do qual ninguém pode aproximar-se levianamente (Êx 19). Na mesma ocasião, no entanto, ele afirmou que estaria com seu povo. Não fica claro se a referência ao estremecimento da terra e à chuva diz respeito à manifestação de Deus no Sinai ou se o salmista está usando termos figurativos. A interpretação figurativa é preferível, pois é óbvio que Deus não marchou literalmente à frente de seu povo (68:7). O salmista usa como metáfora o costume da época de o rei vitorioso marchar em cortejo à frente do seu exército. Toda a glória era do monarca. Para o Deus do salmista, que também é nosso Deus, a glória é de eternidade a eternidade.

A chuva que Deus enviou refrescou sua *herança* [...] *quando já ela estava exausta* (68:9). Parece estranho referir-se a algo como “herança” de Deus, pois todas as coisas são sua criação e propriedade. Como é possível ele herdar algo de alguém? Tudo indica que, nesse caso, o termo tem um sentido diferente e é uma forma de se referir a algo que Deus separou com um propósito específico. Ele concedeu

a determinada parte da criação um lugar especial em seus planos e programa. A parte em questão é, provavelmente, o “deserto” mencionado em 68:7. Deus conduziu o seu povo pelo deserto a fim de ensiná-lo acerca de si mesmo e, enquanto estava lá, supriu todas as suas necessidades. A *copiosa chuva* pode ser literal ou uma forma de se referir ao maná que o Senhor fez cair do céu (Êx 16:4).

Na opinião de alguns, a “herança exausta” é a terra de Canaã e a “exaustão” se refere ao vazio espiritual de Canaã. Uma vez que os israelitas passaram quarenta anos no deserto, porém, é possível que o salmista tenha esse período em mente (Nm 14:33; 32:13; At 7:36). Nesse caso, os *necessitados* (68:10) são os israelitas no deserto que não tinham nenhum recurso próprio e dependiam inteiramente da provisão divina de maná e codornizes (Êx 16). Nenhum deles passou fome. O Senhor saciou a todos completamente.

Quando chegou a hora de o povo se encaminhar à terra prometida, mais uma vez o *Senhor deu a palavra*, ou seja, repetiu a promessa de que os filhos de Israel possuiriam a terra (Gn 12:1; 15:7; 17:8). A multidão que proclamou a mensagem (68:11) abrangia não apenas os israelitas vitoriosos, mas também as nações derrotadas (Js 2:9-11). A imagem do Senhor anunciando sua palavra também pode ser associada à prática de o rei enviar arautos para proclamar uma mensagem por todo o reino.

O Senhor concedeu grandes vitórias ao seu povo, como vemos no registro de Josué 10 a 12. Os *reis de exércitos* inimigos fogem, enquanto os israelitas repartem os *despojos* (68:12) entre si. O salmista não esquece, porém, a presença do Senhor com eles. Fala de *asas da pomba*, símbolo da paz de espírito que os homens desfrutavam quando sabem que o Senhor está com eles. Sua presença permite que os soldados repousem e acordem revigorados (68:13).

É provável que uma imagem semelhante de vitória esteja por trás de 68:14: *Quando o Todo-Poderoso ali dispersa os reis, cai neve sobre o monte Zalmom*. O salmista emprega a beleza da neve branca e pura que resplandece à luz do dia para representar a profunda alegria dos israelitas pela drástica mudança de sorte.

A localização exata de Zalmom é desconhecida, mas se sabe que fica nos arredores de Siquém (Jz 9:46-49), daí alguns comentaristas o associarem ao monte Gerizim. A referência a esse monte leva o salmista a falar de montanhas ainda mais altas, a saber, os picos majestosos da *serra de elevações [...] de Basã* (68:15). As montanhas de Basã se elevam de um planalto de mais de seiscentos metros de altura do lado leste do rio Jordão. Vários dos picos, inclusive o do monte Basã, chegam a quase dois mil metros acima do nível do mar. O monte Sião, por outro lado, tem pouco mais de mil e cem metros. De acordo com o salmista, porém, as montanhas escarpadas e majestosas de Basã olham *com inveja* para o monte Sião, pois ele é o lugar *que Deus escolheu para sua habitação [...] para sempre* (68:16). Não é a altitude ou a imponência que conferem importância

ao monte Sião, mas a presença de Deus. O fato de ter sido escolhido por Deus tornava o monte Sião mais grandioso que qualquer outro. Podemos aplicar o mesmo princípio a pessoas. Por mais fraca que seja, a pessoa que anda com Deus é mais forte que os homens e mulheres mais poderosos que agem com suas próprias forças. Paulo ressaltou esse princípio ao dizer: “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1Co 1:27). A vida de Davi, autor de vários dos salmos, exemplifica essa verdade. Ele era o caçula da família, o último que seu pai, Jessé, imaginaria como possível rei. Ainda assim, Deus o escolheu (1Sm 16:1-13).

O salmista se vale dos costumes de sua época para retratar a marcha triunfal de Deus. Ele regressa vitorioso da guerra, à frente de seu exército poderoso com incontáveis *carros* (68:17). O exército que havia partido do monte Sinai entra agora no *santuário* do Senhor edificado no alto do monte Sião. A vitória envolve não apenas força, mas também reverência. O cortejo que serpenteia morro acima inclui os prisioneiros de guerra e presentes entregues pelos povos conquistados. Até mesmo os que, em outros tempos, se mostraram relutantes em cooperar (ou *rebeldes*) enviam presentes como sinal de sujeição ao rei invencível.

O salmista voltará a falar do cortejo de vitória mais adiante. Agora, faz uma pausa para louvar a Deus. Para ele, o Senhor é aquele que *dia a dia, leva o nosso fardo! Deus é a nossa salvação* (68:19). Todos nós temos fardos. Podem ser relacionados à nossa saúde, situação financeira ou relacionamentos familiares, igreja, local de trabalho ou sociedade em geral. O Senhor vitorioso, porém, está conosco e toma sobre si os fardos que lhe apresentamos em oração.

Ademais, *com Deus, o SENHOR, está o escaparmos da morte* (68:20). Não obstante o perigo que enfrentamos, a salvação do Senhor é certa. Talvez a referência a escapar da morte tenha sido o que levou Paulo a citar 68:18 em Efésios 4:8, em que ele fala de Cristo como aquele que venceu a morte.

O salmista afirma, ainda, que *Deus parte a cabeça dos seus inimigos* (68:21) daqueles que se opõem ao Senhor e à sua nação escolhida, Israel. Os reis e as nações hostis que eles representam serão aniquilados. Essa declaração é seguida da promessa do Senhor de acertar as contas com seus inimigos onde quer que estejam, seja nas alturas de Basã a leste, seja nas profundezas do mar Mediterrâneo a oeste (68:22). Nenhum deles escapará. Quem está do lado de Deus se regozijará com a destruição total de seus adversários (68:23).

Na sequência, o salmista se volta para o caminho onde espera o grandioso cortejo do Senhor. Ouvimos o grito emocionado: *Viu-se, ó Deus, o teu cortejo* (68:24). Ele mencionou anteriormente os carros, presentes e prisioneiros que marcharão atrás do rei conquistador. Agora, porém, a primeira coisa que vê quando o cortejo se aproxima são cantores, músicos e dançarinos que precedem o rei (68:25).

Vemos procissão semelhante em 1Samuel 18:6, em que “as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e dançando, com tambores, com júbilo e com instrumentos de música”.

Na África, quando o presidente de uma nação visita uma cidade, espera ser recebido por uma multidão incluindo políticos, funcionários públicos e coros. Essa recepção é esperada, não importa se o presidente a mereça, e, na maioria dos casos, não passa de um ritual sem sentido. Como seria bom sair às ruas para ver um líder regressar vitorioso de uma campanha contra alguns dos verdadeiros inimigos da África, como a corrupção, o crime, a injustiça, a pobreza, o abuso de poder e a má administração de recursos!

A voz do salmista se junta às vozes do coro e convida todos *nas congregações* a cantar louvores a Deus (68:26). A vitória de Deus é motivo de celebração para todos aqueles em favor dos quais ele sai para guerrear. Em seguida, o salmista faz uma pausa para identificar grupos específicos que participam do cortejo. Observa *o mais novo, Benjamim*, adiante das outras tribos, e, na sequência, grande número de *príncipes*, homens importantes da tribo de Judá, a tribo real (68:27). Essas duas tribos representam a região sul do reino, enquanto *os príncipes de Zebulon e os príncipes de Naftali* representam a região norte (68:27). A nação toda participa da procissão.

É possível que a menção dessas tribos em especial também se deva à influência de elementos históricos. Benjamim era a tribo de Saul (1Sm 9:1-2), da qual se originou, portanto, o primeiro rei de Israel. Judá era a tribo de Davi (1Sm 17:12), da qual se originou o segundo e maior rei de Israel. Zebulon e Naftali tiveram um papel crítico na luta contra Jabim, um rei cananeu, e Sísera, o comandante de seu exército (Jz 4:6; 5:18). Com essas tribos ilustradas à frente, o exército todo de Israel celebra a vitória de Deus, seu Comandante Supremo.

No início do salmo, o salmista diz que Deus se levanta (68:1); agora, fala como se estivesse dando uma instrução ao Senhor: *Reúne, ó Deus, a tua força [...], que usaste a nosso favor* (68:28). Ele acabou de descrever a entronização do Senhor em seu lugar de poder no monte Sião, ou seja, no templo em Jerusalém (68:29). Agora, deseja que Deus continue a agir por amor de sua glória e seu povo. A atitude do salmista é tipicamente humana. Por vezes, Deus parece tardio em lidar com aqueles que não o temem, e nos perguntamos por que ele não mostra seu poder. O Senhor sabe, contudo, qual é o melhor momento de agir.

O salmista deseja que Deus se levante contra *a fera dos canaviais*, uma forma simbólica de se referir ao Egito, a superpotência da época (68:30a). *A multidão dos fortes como touros* representa outras grandes potências, enquanto os *novilhos* são uma referência a nações menores. O salmista deseja que o grande poder de Deus humilhe todos esses povos até que eles o reconheçam como seu Senhor Soberano.

As nações unificadas representam uma ameaça para Israel, daí o salmista pedir a Deus: *Dispersa os povos que se*

*comprazem na guerra* (68:30b). Em outros tempos, Deus dispersou nações arrogantes que se uniram em desobediência a ele na torre de Babel (Gn 11:1-9).

O salmista conclui com uma previsão: *Príncipes vêm do Egito; a Etiópia corre a estender mãos cheias para Deus* (68:31). Egito e Etiópia, duas nações africanas, provavelmente são destacadas devido à sua riqueza na época. Seus enviados trarão presentes para Deus em sinal de reconhecimento da sua soberania. Diante das demonstrações do poder de Deus ao longo da história, o salmista está certo de que isso acontecerá. Aquilo que o Senhor fez em nossa vida deve servir de base para confiarmos nele no presente e no futuro.

### 68:32-35 A resposta do povo

O salmista se volta agora para um círculo mais amplo e lembra às nações seu dever: *Reinos da terra, cantai a Deus, salmodiai ao Senhor* (68:32). Quando o Senhor tiver completado sua conquista, marchado em cortejo para o monte Sião e estabelecido ali sua habitação para sempre, todas as nações participarão dos cânticos de louvor a Javé, o Deus dos israelitas, que também é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Sua voz é forte como trovão, pois ele é o Todo-poderoso (68:33).

Apesar de Deus reinar sobre Israel e ter escolhido o monte Sião como sua habitação visível, ele também é o Deus dos céus: *A sua fortaleza está nos espaços siderais* (68:34). Esse versículo ilustra tanto a imanência quanto a transcendência de Deus, o significado dos nomes Javé e Elohim. Ele habita no monte Sião e no céu. É, ao mesmo tempo, Pai amoroso e Juiz justo.

O salmista conclui em tom de adoração e louvor. Dirige-se primeiramente a Deus: *Ó Deus, tu és tremendo nos teus santuários* (68:35a). Em seguida, fala a respeito de Deus: *o Deus de Israel, ele dá força e poder ao povo* (68:35b). Termina com uma convocação grandiosa para louvar ao Senhor (68:35c). Ninguém se compara a Javé. Toda força e poder pertencem a ele. O Senhor pode escolher compartilhar parte desse poder, como fez com a nação de Israel e como faz com aqueles que creram no Senhor Jesus Cristo e se tornaram filhos de Deus (Jo 1:12). Nós também temos acesso ao grande poder de Deus. Não é de admirar que Paulo diga: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

### Salmo 69: Aflição, oração e esperança

O salmo 69 expressa o clamor de um homem oprimido por tribulações pelas quais não é responsável. O NT cita essas palavras como representação do sofrimento de Cristo, apesar de Cristo não reagir à perseguição com a mesma ira que o salmista.

### 69:1-5 A angústia do salmista

Quando estamos com água até o pescoço e continuamos afundando, nossa única opção é gritar por socorro e es-



perar que alguém atenda, pois não temos mais como nos salvar. O salmista se encontra exatamente nessa situação. Grita: *Salva-me, ó Deus, porque as águas me sobem até à alma (69:1)*. Ele corre grande perigo, mas sabe para onde dirigir seu clamor por socorro.

Nos versículos seguintes, o salmista fornece mais detalhes sobre sua situação. Ele está num *lamaçal, que não dá pé (69:2)*. Não consegue encontrar um lugar firme para se apoiar e parar de afundar. Em breve, as águas profundas o cobrirão. Seus gritos são tão desesperados que *secou-se a [...] garganta*, apesar das águas que o cercam (69:3a). Ainda assim, ele não recebe nenhuma ajuda.

Alguns de nós já passamos por situações semelhantes e, como o salmista, clamamos por socorro. Por vezes, contudo, buscamos a ajuda de pessoas ou de coisas que Deus criou, em vez de nos voltarmos para o próprio Criador. Ocasionalmente, as supostas fontes de ajuda parecem proporcionar alívio temporário. Em outras ocasiões, causam ainda mais aflições. À medida que os problemas se acumulam, o clamor contínuo esgota nossas forças.

Precisamos lembrar que o Criador é a única fonte segura de ajuda e suplicar: “Salva-me, ó Deus”.

Ouvi uma pessoa confessar o Senhor como único socorro e depois procurar um feiticeiro a fim de obter um objeto (*jini*) que a ajudasse a enriquecer. O objeto funcionou, e a pessoa enriqueceu. De tempos em tempos, porém, o *jini* e aquele de quem derivava poder espiritual (Satanás) exigiam sangue para manter a eficácia. Primeiro, a pessoa teve de oferecer o sangue de parentes distantes. Por fim, pediram que oferecesse o sangue de seus próprios filhos. Estava com água até o pescoço, e sua única esperança era despertar, voltar-se para o Criador, confessar seu pecado e clamar: “Salva-me, ó Deus!”.

O salmista, pelo contrário, busca socorro no lugar certo, mas se queixa de não recebê-lo: *Os meus olhos desfalecem de tanto esperar por meu Deus (69:3b)*. É possível que ele estivesse apenas “esperando” pelo socorro de Deus, e não “clamando” como faz agora. Há uma diferença entre ser religioso, como é o caso de muitos africanos, e ser amigo de Deus. A religiosidade nos lembra de dizer “meu Deus” quando vemos os problemas se aproximando. O relacionamento vivo com Deus, porém, cria em nós o desejo de agradá-lo onde quer que estejamos e quaisquer que sejam nossas circunstâncias. Infelizmente, nossas igrejas parecem ter mais religiosos do que amigos de Deus, isto é, indivíduos dispostos a assumir uma posição firme em favor da justiça, retidão, bom governo e cuidado dos pobres e desamparados.

O salmista usa de exagero para mostrar quanto seus inimigos parecem numerosos: *São mais que os cabelos da minha cabeça (69:4a)*. Jesus usou imagem semelhante quando nos instruiu a não andar ansiosos, pois Deus conhece todos os detalhes de nossa vida (Mt 10:30; Lc 12:7).

Tanto quanto o salmista sabe, ele não merece ter todos esses inimigos. Uma vez que não deu nenhum motivo a

ninguém, são pessoas que o odeiam *sem razão*. Não tomou nada deles e, no entanto, diz: *Tenho de restituir o que não furtei (69:4b)*. A declaração de inocência parece lembrá-lo, contudo, de que ninguém é perfeito diante de Deus, de modo que ele se volta para o Senhor e reconhece: *Tu, ó Deus, bem conheces a minha estultice, e as minhas culpas não te são ocultas (69:5)*. Mesmo quando temos certeza de que estamos com a razão, não devemos aproximar-nos de Deus com arrogância. Somos culpados de muitos pecados de comissão e omissão, mesmo quando não temos consciência deles. Ademais, por vezes nos vemos em situações difíceis não em razão de pecados, mas porque não usamos o bom senso dado por Deus. Que o Senhor nos ajude a andar lado a lado com ele em tudo o que fizermos.

De tempos em tempos, passamos por experiências nas quais, como o salmista, imaginamos que tudo está perdido. Deus, no entanto, traz esperança onde só há desespero. Apesar de as palavras de Paulo: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10:13) se aplicarem primeiramente a questões espirituais, também valem para outras questões. Quaisquer que sejam nossas necessidades, só precisamos apresentá-las ao Senhor, e ele cuidará de todos os nossos temores.

### 69:6-12 A inocência do salmista

Em 69:6-12, o salmista pede alívio não apenas porque é inocente, mas também para benefício daqueles que o cercam. Quando uma pessoa ama a Deus profundamente e permanece pobre e necessitada, existe grande probabilidade de incrédulos perguntarem: “A que tipo de Deus você serve?”. A glória de Deus não depende daquilo que os outros dizem. Temos, contudo, a responsabilidade de promover a consciência da glória divina entre a humanidade. É com isso que o salmista se preocupa nessa passagem. Como serão afetados aqueles que temem a Deus? Terão vergonha ou orgulho de serem amigos de Deus? Assim, ele pede: *Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em ti, ó SENHOR, Deus dos Exércitos; nem por minha causa sofram vexame os que te buscam, ó Deus de Israel (69:6)*. No paralelismo poético, o salmista emprega três títulos para Deus (“Adonai”, “Deus dos Exércitos” e “Deus de Israel”).

Em seguida, o salmista fala mais sobre sua inocência como argumento para Deus lhe responder. Declara: *Tenho suportado afrontas por amor de ti (69:7)*. Uma coisa é suportar afrontas como consequência dos próprios pecados ou erros. Outra coisa é fazê-lo por amor de Deus e sua causa. A afronta pode vir até de nossa família. O salmista diz que até mesmo seus irmãos estão contra ele e o tratam como *desconhecido (69:8)*.

De acordo com as Escrituras, somos bem-aventurados quando suportamos injúrias por amor de Deus (Mt 5:11). Sem dúvida, é o caso do salmista, que está sendo perseguido em razão do grande *zelo da tua casa (69:9a)*, ou seja, por causa de Deus. João cita esse versículo para descrever a atitude

de Jesus ao purificar o templo daqueles que o estavam usando de forma indevida (Jo 2:17). De acordo com os evangelhos sinópticos, esse gesto foi a gota d'água para os líderes judeus (Mt 21:12-15; Mc 11:15-18; Lc 19:45-47). Quando as pessoas rompem relações conosco exclusivamente por causa de nosso serviço ao Senhor, o sofrimento se transforma em base para uma amizade mais íntima com Deus.

O salmista suportou *as injúrias dos que te ultrajam* (69:9b). Enquanto chorava e jejuava, em vez de ser honrado por sua devoção a Deus, tornou-se alvo de ultrajes (69:10). Há pastores na África que passam por experiências semelhantes, pois, na opinião de alguns, quem ingressa no ministério o faz porque não conseguiu ser bem-sucedido em nenhuma outra profissão. Certa vez, um colega comentou que se escondeu atrás de um arbusto quando viu um ex-colega de faculdade passar de carro. Ficou com vergonha de estar a pé enquanto seu amigo se tornara um homem de negócios e tinha meios de comprar um carro. Pior seria se o amigo houvesse parado e perguntado: “Que Deus é esse que não sustenta você?”.

Quando o salmista veste pano de saco para lamentar seus pecados e os pecados de seu povo, torna-se *objeto de escárnio* (69:11). Queixa-se: *Tagarelam sobre mim os que à porta se assentam, e sou motivo para cantigas de bebedeiras* (69:12). Em Israel, as pessoas se reuniam à porta da cidade para tratar de questões públicas e ouvir as últimas fofocas. Na África, muitos condomínios fechados têm um portão que vigias ou seguranças abrem quando os moradores entram e saem. Imagine como seria ouvir zombarias cada vez que se entra ou sai de casa. Não haveria como viver com alegria num lugar desses. Imagine também ouvir seu nome vociferado em canções obscenas de gente que bebeu demais, tudo isso por ser fiel a Deus e à sua causa! Não é de admirar que o salmista repita sua oração anterior.

### 69:13-28 A oração do salmista

Em 69:13 e 69:16, o salmista faz exatamente a mesma oração, na qual apela para o amor de Deus e pede salvação. Ele sabe que não é perfeito (69:5) e, apesar de sofrer pela causa de Deus, não pode asseverar que merece ser salvo. Conta com a *graça* e as *miserícórdias* do Senhor. Reconhece a verdade expressa no hino “Tal qual estou, eu venho a ti”. Por mais inocentes que sejamos, por maior que seja nosso compromisso de servir a Deus ou por mais elevada que seja nossa posição social, não devemos exigir nada de Deus. É somente pela graça que Deus atende às nossas súplicas.

Nessa segunda rodada de orações, o salmista pede que o Senhor o livre do *tremedal* no qual está afundando (69:14; cf. tb. 69:2) e daqueles que o *odeiam*, pois são semelhantes às *profundezas das águas* que ameaçam afogá-lo. Ele deseja ser salvo da *voragem* e da *boca do poço*, dois símbolos de morte (69:15). Precisa desesperadamente de ajuda.

Acima de tudo, suplica pela presença de Deus, a qual será confirmada pelo pronto livramento de todas as suas

tribulações (69:17). Roga ao Senhor que o redima e resgate (69:18), termos que, nesse contexto, transmitem a mesma ideia da súplica para salvá-lo. Pede a Deus que o remova daquela situação difícil.

Nesse salmo, o salmista apela duas vezes para o conhecimento de Deus. Em 69:5, reconhece que Deus sabe todas as coisas acerca de sua estultícia e culpa e pede perdão indiretamente por tudo o que possa ser um obstáculo às suas orações. Agora, em 69:19, apela para o conhecimento que Deus tem de sua situação: *Tu conheces a minha afronta, a minha vergonha e o meu vexame*. É como se perguntasse a Deus o motivo de ele não agir, uma vez que sabe de todas essas coisas e da inocência do salmista. Ficamos frustrados quando Deus demora a responder às nossas orações. A frustração, porém, reflete apenas nossa fraqueza. Devemos esperar pelo livramento que o Senhor concederá no devido tempo.

O salmista reconhece que sua autoimagem sofreu danos. *O opróbrio partiu-me o coração, e desfaleci* (69:20a). Somente pela graça de Deus é possível ser pobre e andar de cabeça erguida, ser alvo de zombaria e, ainda assim, se relacionar com outros sem embaraço. O salmista sabe que é alvo de afrontas por amor de Deus, mas muitos se veem na mesma situação quando o mundo ou, pior ainda, outros cristãos, os consideram fracassados. Por falta de sabedoria, podemos desprezar pessoas aflitas quando elas mais precisam de nosso apoio. Que o Senhor nos ajude como indivíduos e como igreja a ver os caídos com os olhos do amor divino e a lembrar que, se não fosse pela graça de Deus, poderíamos estar na mesma situação. Que ninguém ao nosso redor diga: *Esprei por piedade, mas debalde; por consoladores, e não os achei* (69:20b).

Os inimigos do salmista colocam *fel* em seu alimento e lhe dão *vinagre* para beber (69:21). Não sabemos o significado exato do termo traduzido por “fel”, mas o texto deixa claro que se trata de algo amargo. “Vinagre” era o vinho azedo que ninguém jamais serviria a um amigo. De acordo com o relato de Mateus, durante a crucificação de Jesus, deram-lhe de beber vinho misturado com fel (Mt 27:34). Não é de admirar que, depois de provar, Jesus tenha recusado a mistura que lhe ofereceram apenas como zombaria.

Ao refletir sobre o tratamento injusto de alguém que já está sofrendo (*Perseguem a quem tu feriste e acrescentam dores a quem golpeaste*; 69:26), o salmista agrega um elemento novo em relação às primeiras rodadas de orações. Ora contra seus inimigos e faz uma lista dos males que deseja que lhes sobrevenham:

- *Sua mesa torne-se-lhes diante deles em laço, e a prosperidade, em armadilha* (69:22). Aquilo que dá prazer a um indivíduo pode causar sua destruição. É como o caso de alguém que sobe numa árvore na encosta de um morro para apanhar frutos. Consegue alcançar o primeiro sem nenhum problema. Ao descobrir que o fruto é doce, estica-se para pegar o próximo, e outro, e outro ainda,

até que se estica demais, cai do galho e rola morro abaixo. Vemos o mesmo princípio em ação nas passagens de Romanos 1 que trazem a expressão “Deus os entregou” (Rm 1:24,26,28). Aquilo que as pessoas gostam de fazer em oposição à lei de Deus as afasta cada vez mais de Deus, rumo à autodestruição. O salmista talvez tivesse em mente ainda um ataque contra seus inimigos enquanto se refestelavam.

*Obscureçam-lhes os olhos, para que não vejam (69:23a).* A cegueira os tornará impotentes e dependentes de outros.

*Faze que sempre lhes vacile o dorso (69:23b).* Alguém com o dorso permanentemente fraco e encurvado está aleijado e não é capaz de empunhar nenhuma arma.

*Derrama sobre eles a tua indignação, e que o ardor da tua ira os alcance (69:24).* O salmista sabe que a ira divina se volta contra aqueles que pecam sem nenhuma consideração por Deus, daí pedir que o Senhor derrame sua ira sobre seus inimigos. Sua atitude não corresponde à instrução do NT para amar nossos inimigos e orar por quem nos persegue (Mt 5:44). Antes, reflete a realidade de que pessoas retas se indignam de ver os justos sofrendo nas mãos dos injustos e pedem que Deus castigue os opressores. Foi esse mesmo tipo de ira que levou Jesus a expulsar aqueles que exploravam outros no templo de Deus (Mt 21:12-13).

*Fique deserta a sua morada, e não haja quem habite as suas tendas (69:25).* Uma prole numerosa, especialmente do sexo masculino, é fonte de força. Uma pessoa pensará duas vezes antes de insultar alguém cujos filhos podem vingar-se do insulto. O salmista pede que seus inimigos não tenham força numérica.

*Soma-lhes iniquidade à iniquidade (69:27a).* Ele não pede ao Senhor que forje acusações, como fazem alguns policiais corruptos. Deseja apenas que ele os acuse de cada um dos crimes que cometeram.

*Não gozem da tua absolvição. Sejam riscados do Livro dos Vivos e não tenham registro com os justos (69:27b-28).* Encontramos aqui a imprecação máxima. O salmista não deseja que os rebeldes tenham parte alguma nas bênçãos do Senhor. Somente Deus tem autoridade para escrever ou apagar nomes do livro da vida, de modo que o salmista não pensa em tentar apagar o nome deles por própria conta. Antes, pede que Deus não recompense os opressores.

### 69:29-36 Não importam as circunstâncias, Deus continua a ser Deus

Para concluir, o salmista fala de sua situação, da verdade acerca de Deus e de sua atitude justa diante dos acontecimentos à luz da natureza de Deus. Convida outros a louvar a Deus por quem ele é e por aquilo que fará.

O salmista não nega a realidade. Está *amargurado e aflito (69:29a)*. Em vez de buscar outra fonte de ajuda, porém,

declara sua posição: *Ponha-me o teu socorro, ó Deus, em alto refúgio (69:29b)*. Sabe que *o SENHOR responde aos necessitados e não despreza os seus prisioneiros (69:33)*. Apesar das circunstâncias, portanto, a resposta definitiva do salmista é: *Louvarei com cânticos ao nome de Deus, exaltá-lo-ei com ações de graças (69:30)*. Esse tipo de atitude *será muito mais agradável ao SENHOR do que um boi ou um novilho com chifres e unhas (69:31)*. Tendo em vista aquilo que Deus fará, o salmista convida todos a adorar e louvar com ele: *Louvem-no os céus e a terra, os mares e tudo quanto neles se move (69:34)*. De modo específico, *Deus salvará Sião e edificará as cidades de Judá (69:35a)* e, como resultado, *ali habitarão e hão de possuí-la. Também a descendência dos seus servos a herdarão, e os que lhe amam o nome nela habitarão (69:35b-36)*.

Com base na parte final do salmo, especialmente a frase sobre a reconstrução das cidades de Judá, há quem acredite que o contexto do salmo é o cativeiro babilônico e a expectativa da salvação que o Senhor concederá. É possível, contudo, que essa edificação das cidades fosse necessária no tempo de Davi.

### Salmo 70: Clamor urgente por socorro

Como o título deixa claro, o salmo 70 é uma *petição*. O salmista enfatiza repetidamente a urgência de sua necessidade: *Praza-te, ó Deus em livrar-me (70:1a)*, *Dá-te pressa, ó SENHOR, em socorrer-me (70:1b)*; *ó Deus, apressa-te em valer-me (70:5b)*; *SENHOR, não te detenhas (70:5d)*. Ele precisa de ajuda porque alguns adversários *lhe demandam a vida (70:2)*. É *pobre e necessitado (70:5a)* e não tem como se defender dos inimigos que o atacam em grande número ou com grande poder.

Em meio às dificuldades, o salmista confirma sua posição diante do Senhor: *Tu és o meu amparo e o meu libertador (70:5c)*. Pede ao Senhor que faça três coisas por ele: envergonhe e cubra de vexame os que desejam tirar-lhe a vida; faça retroceder e cubra de ignomínia os que procuram arruiná-lo e encha de opróbrio os que zombam dele dizendo: *Bem-feito! Bem-feito! (70:2-3)*. Os três pedidos transmitem a mesma ideia. O salmista também pede que o Senhor lute por ele. Deseja que faça por ele o mesmo que fez em favor de Ezequias e dos israelitas quando Senaqueribe marchou arrogantemente contra eles (2Rs 19:35-37). Sem dúvida, Deus envergonhou o adversário!

Ao mesmo tempo que pede ao Senhor para cobrir seus adversários de vexame, o salmista deseja que seus amigos (definidos aqui como *todos que te buscam; e os que amam a tua salvação*) *folguem e [...] se rejubilem no Senhor (70:4)*. Ele sabe que a presença do Senhor é fonte de alegria e leva aqueles que o conhecem a obedecer de bom grado e exaltar o nome do Senhor.

### Salmo 71: Esperança ao longo dos anos

O autor do salmo 71 é um homem de idade que dá testemunho de sua confiança constante em Deus com base em suas experiências ao longo dos anos.

### 71:1-4 Clamor por livramento

O salmo começa com uma afirmação simples: *Em ti, SENHOR, me refugio (71:1a)*. O salmista sabe que nenhum outro lugar é seguro. A imagem de Deus como refúgio nos traz à memória as seis cidades de refúgio nas quais os israelitas podiam buscar asilo caso matassem alguém acidentalmente (Js 20). Por analogia, Deus não acolherá todos os que correm para ele. A única maneira de desfrutar sua proteção é se relacionar com ele e estar pronto a confessar os pecados. Feito isso, como parece ter sido o caso do salmista, não há lugar melhor para se abrigar.

O salmista teme ser *envergonhado (71:1b)* por seus inimigos, de modo que suplica a Deus usando três verbos correlatos: *Livra-me [...] resgata-me [...] salva-me (71:2)*. Todos transmitem a ideia de livrar o salmista das mãos dos inimigos ou evitar que se aproximem dele. O segundo sentido parece ser o mais provável, pois os ataques físicos ainda estão em fase de planejamento, apesar de os ataques verbais já se haverem iniciado (71:10-11).

Vários salmos retratam Deus como *rocha e fortaleza (71:3a; cf. tb. 18:2; 31:3)*. A fortaleza oferece proteção a toda hora do dia e da noite, e o salmista pode fugir para lá *sempre*. As portas nunca estão fechadas, pois o Senhor nunca dorme (121:3-4). Como Soberano sobre todo coração humano e todos os acontecimentos nos céus e na terra, o Senhor só precisa ordenar, e o salmista será salvo *das mãos do ímpio, das garras do homem injusto e cruel (71:3b-4; cf. tb. 91:11)*.

### 71:5-8 Declaração de confiança

Em seguida, o salmista fala daquilo que Deus significa para ele e o chama não apenas de SENHOR, como em 71:1, mas de *SENHOR Deus (71:5a)* ou “Soberano SENHOR” (NVI). Ele tem uma longa experiência com Deus: confia nele *desde a [...] mocidade (71:5b; cf. tb. 71:17)*. Na verdade, seu relacionamento com Deus é ainda mais antigo, pois se apoia nele *desde o [...] nascimento*. Foi Deus quem o tirou *do ventre materno (71:6)*.

Mesmo que seja considerado um *portento (71:7)*, ou seja, alguém que sofreu grandemente, talvez como advertência para outros, o salmista não teme o julgamento divino. O Senhor é seu refúgio. Tendo em vista aquilo que Deus é e apesar das circunstâncias em que se encontra, declara: *Os meus lábios estão cheios do teu louvor e da tua glória (71:8)*. Muitas vezes, pensamos em Deus apenas como um provedor ao qual buscamos em momentos de necessidade. Fazemos bem em seguir o exemplo do salmista e louvar a Deus e proclamar suas maravilhas a todo tempo.

### 71:9-13 Retorno do medo

O salmista confia em Deus desde a infância (71:3-4), mas agora passou da meia-idade e está entrando na velhice. Por um momento, revela sua insegurança no início desse novo estágio de sua vida: *Não me rejeites na minha velhice; quando*

*me faltarem as forças, não me desampares (71:9)*. Apesar de estar velho e não contar com o vigor de outros tempos, ainda tem inimigos que espalham boatos a seu respeito e conspiram para matá-lo. Dizem que *Deus o desamparou* e imaginam que ele está indefeso (71:10-11). O salmista volta a clamar, portanto: *Não te ausentes de mim, ó Deus; Deus meu, apressa-te em socorrer-me (71:12)*. O pedido é urgente; o Senhor precisa agir sem demora. Precisa mostrar a todos que seus inimigos são mentirosos e deixar claro que não abandonou seu servo fiel. Como resultado, seus adversários serão *envergonhados e cobertos de opróbrio e de vexame (71:13)*.

### 71:14-21 Esperança crescente

A menção da vergonha de seus acusadores lembra o salmista de que ele pediu a Deus para guardá-lo de ser envergonhado (71:1). Afirma confiantemente: *Quanto a mim, esperarei sempre e te louvarei mais e mais (71:14)*. Não se trata de uma vaga expectativa no sentido de “espero que aconteça”, mas de uma esperança firmemente arraigada no conhecimento de quem é Deus. Certo disso, o salmista aguarda esperançosamente a intervenção de Deus.

Enquanto espera, promete: *A minha boca relatará a tua justiça e de continuo os feitos da tua salvação, ainda que eu não saiba o seu número (71:15)*. O amor de Deus é profundo demais para ser compreendido, mesmo por aqueles que o experimentam há muitos anos.

O salmista idoso não rememora suas próprias realizações do passado; antes, proclama *a força do SENHOR Deus e a sua justiça (71:16)*. Deus não apenas faz grandes coisas, mas também as faz de maneira moralmente correta. Por causa de sua retidão, todos os seus atos são coerentes com seu caráter santo. Somente ele é perfeitamente justo.

O salmista recorda tudo o que Deus lhe ensinou ao longo dos anos e observa acerca do presente: *Agora tenho anunciado as tuas maravilhas (71:17)*. Muitas vezes, focamos nossas necessidades e não paramos para refletir sobre as obras de Deus. Nada deve impedir quem teve e continua tendo um relacionamento pessoal e profundo com Deus de declarar a bondade do Senhor. Devemos, de fato, atender à injunção do hino: “Conta as bênçãos, conta quantas são, recebidas da divina mão. Uma a uma, dize-as de uma vez, hás de ver surpreso quanto Deus já fez”.

O salmista não quer compartilhar os feitos passados de Deus apenas com seus amigos; deseja transmitir ativamente a memória dessas bênçãos (71:18). Declara exultante: *A tua justiça, ó Deus, se eleva até aos céus. Grandes coisas tens feito, ó Deus; quem é semelhante a ti? (71:19)*. Os poderosos feitos de Deus são conformes à sua natureza. Ele jamais castiga o inocente nem permite que o culpado permaneça impune, como acontece, por vezes, nos tribunais humanos. Sua justiça é tal que não há como existir incoerência entre seus feitos e sua natureza.

Poderíamos esperar esse tipo de louvor de alguém que o Senhor abençoou com uma vida confortável, mas não é o

caso aqui. O salmista reconhece com toda a honestidade que Deus lhe fez *ver muitas angústias e males*, mas também sabe que o Senhor lhe restabelecerá *ainda a vida* (71:20), o restaurará a uma posição de *grandeza* (na qual ele não será mais “um portento”; 71:7) e o confortará novamente (71:21).

### 71:22-24 Promessa de louvor

No final das contas, quando todos que lhe desejam fazer mal tiverem sido *envergonhados e confundidos* (71:24b), o salmista, que se identifica como alguém a quem Deus remiu (71:23), dará continuidade à sua incumbência divinamente ordenada de louvar e glorificar ao Senhor. Usará sua aptidão para tocar a harpa e a lira para louvar ao *Santo de Israel* (71:22) por sua fidelidade e sua *justiça todo o dia* (71:24a). É o que ele faz nesse salmo, cujas palavras ressoam triunfantemente ao longo das eras.

## Salmo 72: O justo Governante

Como o salmo 127, esse salmo foi escrito por Salomão, filho de Davi e seu sucessor no trono. Focaliza as responsabilidades do rei diante de Deus. O governo ideal apresentado aqui, porém, jamais se concretizará sob um rei terreno, daí esse salmo constituir também uma predição do reinado do Messias.

### 72:1 A fonte de todas as coisas

Como diz corretamente o provérbio, “O poder corrompe”. Por isso precisamos orar: *Concede ao rei, ó Deus, os teus juízos e a tua justiça, ao filho do rei* (72:1). Somente Deus pode conceder aos governantes o desejo e as forças para superar a tentação e realizar suas responsabilidades com integridade.

### 72:2-4 Os termos de referência do rei

Os três versículos seguintes descrevem os deveres do monarca e talvez reflitam também os objetivos de Salomão como rei. A primeira responsabilidade do governante é: *Julgue ele com justiça o teu povo e os teus aflitos, com equidade* (72:2). Justiça e equidade são as duas virtudes mais críticas para qualquer governante que deseja receber a aprovação do Senhor. Infelizmente, governantes desse tipo são raros na África. Não vale a pena discutir se aprendemos essa prática com líderes coloniais que governavam visando ao benefício da metrópole, e não da população local, ou se é simplesmente resultado do egoísmo inerente ao ser humano. O fato é que muitos africanos consideram seu mandato uma oportunidade de enriquecer. Não tomam conhecimento das necessidades daqueles que estão sob seu governo e ignoram ou mesmo subvertem a equidade e a justiça. Enquanto essas virtudes não forem honradas, a África continuará a ser caracterizada pelo imenso abismo entre ricos e pobres e pelos conflitos constantes entre aqueles que estão no poder e a população em geral.

O rei também deve providenciar para que *os montes tragam paz ao povo* (72:3). O termo “paz” pode ser traduzido por “prosperidade” (NVI). Não deve tomar para si as terras mais férteis, mas se certificar de que o uso do solo trará bênçãos ao povo. Muitos líderes africanos se apropriam das melhores terras e, desse modo, mostram que não são governantes dignos da aprovação e bênção do Senhor.

O rei justo salva os marginalizados (*os aflitos e os filhos dos necessitados*) e castiga seus opressores (72:4). Em outras palavras, trata da raiz do problema, e não apenas dos sintomas. Com frequência excessiva, vemos um cidadão de condição mais humilde se tornar o bode expiatório de alguém de *status* mais elevado. Não fazemos justiça quando castigamos apenas o assassino, mas deixamos impune o mandante do crime.

### 72:5-11 A glória do rei

O salmista dá início a uma celebração hiperbólica da glória do rei. Seu reinado *permanecerá enquanto existir o sol e enquanto durar a lua* (72:5). O sol e a lua, símbolos do dia e da noite, eram considerados *eternos* (Jr 33:20). Seu reinado, portanto, será extremamente longo. Não será, contudo, severo, mas brando e agradável *como chuva que desce sobre a campina ceifada, como aguaceiros que regam a terra* (72:6). Assim como as chuvas ajudam as plantas a brotar, o governo do rei trará prosperidade: *Floresça em seus dias o justo, e haja abundância de paz até que cesse de haver lua* (72:7). Aqui também a referência à lua sugere que a prosperidade não terá fim.

O rei governará sobre um reino vasto, *de mar a mar e desde o rio até aos confins da terra* (72:8). Os mares em questão são o Mediterrâneo, a oeste, e o Cáspio e o Arábico, a leste. O rio é o Eufrates. Na verdade, o reino se estenderá de seu centro em Jerusalém para abarcar o mundo inteiro. Quem se opuser a ele será humilhado e lamberá pó (72:9). Todas as outras nações e governantes o honrarão, inclusive *os reis de Társis*, um porto famoso, possivelmente na Espanha, onde se comercializavam prata, ferro, estanho e chumbo (Ez 27:12). *Sabá* era um reino abastado no sul da Arábia, assim chamado por causa de Sabá, filho de Jotã (Gn 10:28). Quando sua rainha visitou Salomão, levou consigo presentes como “especiarias, e muitíssimo ouro, e pedras preciosas” (1Rs 10:1-2). Acredita-se que *Sebá* era uma nação na África, provavelmente próxima a Cuxe (Etiópia), pois, de acordo com Gênesis 10:7, Sebá era filho de Cuxe. Todos esses governantes de nações proeminentes da época se curvarão diante do rei e o servirão (72:10-11). A inclusão de tribos do deserto, menos poderosas do que as nações mencionadas até aqui, enfatiza que todos reconhecerão a autoridade do rei.

Apesar de essa descrição combinar verdade literal com hipérbole ao falar do reino de Salomão, aplica-se inteiramente ao reino vindouro do Messias que, de fato, não terá fim.

**72:12-14 Recapitulação dos termos de referência**

O rei não obtém essa honra por meio da subjugação militar dos territórios vizinhos, mas porque é justo e *acode ao necessitado que clama e também ao aflito e ao desvalido (72:12)*. Sua atenção aos órfãos e viúvas não é uma preocupação burocrática impessoal. O rei é movido por verdadeira compaixão, pois *tem piedade do fraco e do necessitado (72:13)*. Podemos questionar o que alguns líderes africanos sentem quando passam pelas regiões mais pobres de seu país. Se são líderes segundo a vontade de Deus, devem comover-se com o sofrimento do pobre e trabalhar para aliviá-lo.

Mais uma vez, o texto enfatiza que o rei piedoso não tolerará *opressão e [...] violência (72:14a)*. É um salvador, e não um opressor. Que contraste com a África, onde, por vezes, temos a impressão de que a independência representou, para os pobres, apenas uma mudança na nacionalidade do opressor! Não devemos, porém, pôr toda a culpa em nossos líderes. Hoje, aqueles que se consideram impotentes, na verdade, têm acesso a uma forma de poder: o poder do voto. Por que o povo vende seu voto para os líderes errados? É insensatez o povo prejudicar a si mesmo ao reeleger líderes egoístas sem nenhuma consciência de equidade e justiça. É hora de acordar e mudar!

A atuação do rei em favor dos fracos e necessitados se deve, acima de tudo, ao fato de que *precioso lhe é o sangue deles (72:14b)*. Não considera os seres humanos objetos descartáveis; antes, acredita que a vida de cada pessoa é de valor supremo e deve ser protegida.

**72:15-17 Oração pela glória do rei**

O salmista volta a louvar a glória do rei. Dessa vez, porém, seu louvor assume a forma de oração na qual pede que o rei desfrute vida longa e riqueza, bem como o amor e o apreço de seu povo (72:15). Ele deve ser um rei pelo qual o povo chorará quando falecer, não um rei cuja morte será motivo de comemoração.

O salmista também ora para que a terra seja abençoada com fartura durante o governo do rei, com plantações abundantes que crescem até em lugares normalmente improdutivos, como os *cimos dos montes (72:16)*.

A oração termina com as palavras: *Subsista para sempre o seu nome e prospere enquanto resplandecer o sol (72:17a)*, expressão que traz à memória a bênção de Deus sobre Abraão em Gênesis 12:2-3. Essa ligação continua na declaração seguinte: *Nele sejam abençoados todos os homens, e as nações lhe chamem bem-aventurado (72:17b)*.

Nessa oração, Salomão pede uma glória que nenhum governante terreno pode obter. Consciente ou inconscientemente, o salmo prefigura a glória de um rei mais magnífico, o Messias, Jesus Cristo nosso Senhor.

**72:18-20 Louvor à fonte de todas as coisas**

O salmo 72 e, portanto, o Livro II de Salmos, termina com um hino de louvor ao Senhor, a fonte de todas as coisas.

Outras nações têm seus deuses, mas nenhum se compara ao *SENHOR Deus, o Deus de Israel*, o único que *opera prodígios (72:18)*. Não cabe a nós torná-lo glorioso, mas celebrar a glória inerente à sua natureza e orar para que ela seja reconhecida em *toda a terra (72:19a)*.

O salmista termina a oração e o louvor com um sincero *Amém e amém! (72:19b)*.

As últimas linhas do Livro Dois são um pós-escrito que declara: *Findam as orações de Davi, filho de Jessé (72:20)*. Essa declaração não significa que todos os salmos de 1 a 72 foram escritos por Davi (como podemos observar pelos títulos dos salmos 44—50). Nem quer dizer que não há salmos de Davi nos Livros Três e Quatro do Saltério (cf., p. ex., o título dos salmos 101, 103, 108—110, 122, 124, 133, 138—145). Os Livros Um e Dois, porém, são associados de forma particular a Davi, o “mavioso salmista de Israel” (2Sm 23:1).

**LIVRO TRÊS: SALMOS 73—89**

O Livro Três é constituído de dezessete salmos. Onze (Sl 73—83) são associados a Asafe, quatro (Sl 84—85, 87—88) aos filhos de Corá, um (Sl 86) a Davi e um (Sl 89) a Etã. Asafe, Etã e Hemã (mencionados no título do salmo 88) eram os cantores principais no tempo de Davi (1Cr 15:17,19). Os filhos de Corá (parente de Coate, um dos filhos de Levi) formavam uma associação de cantores.

**Salmo 73: Perplexidade por causa dos perversos**

O salmista começa e termina o salmo 73 com palavras positivas a respeito do seu relacionamento com o Senhor da aliança (73:1, 28). Entre uma coisa e outra, porém, ele chega ao fundo do poço.

É importante seguir sua linha de raciocínio neste salmo. Para facilitar o estudo, podemos dividir o texto em três seções, cada uma introduzida pela expressão “com efeito”. A primeira seção (73:1-12) apresenta a prosperidade dos perversos e a perplexidade do salmista; a segunda (73:13-17) mostra como ele saiu desse estado de confusão; e a terceira (73:18-28) trata da destruição dos perversos e da restauração da confiança do salmista.

**73:1-12 A prosperidade dos perversos**

Os três primeiros versículos do salmo 73 mostram a aparente contradição entre fé e experiência. Sem dúvida, *Deus é bom para com Israel e para com os de coração limpo (73:1; cf. tb. 73:28)*. Quanto a mim, porém, diz o salmista, *quase me resvalaram os pés (73:2)*. Ele quase escorregou e caiu! Parece perguntar: “Será que Deus corresponde, de fato, à minha confissão de fé a seu respeito?”. O que levou o salmista a questionar a bondade de Deus? *Eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade do perverso (73:3)*. Seu problema também é expresso na pergunta feita por um ateu assumido numa série sobre religião apresentada pela BBC:

“Se Deus é bom conforme você acredita, por que permite o sofrimento e o mal no mundo?”. Ainda que as abordagens sejam ligeiramente diferentes, o salmista e outros grandes heróis da fé como Jó articularam a mesma dúvida: “Existe justiça e ordem moral no mundo de Deus?”.

Em 73:4-12, o salmista apresenta de forma vívida a prosperidade dos ímpios. Eles são saudáveis, fortes e despreocupados, ou seja, não sofrem dos mesmos males que o restante da humanidade (73:4-5). Como harmonizar essa descrição com o testemunho do salmo 1, segundo o qual os justos são “como árvore plantada junto a corrente de águas”, enquanto os perversos são “como a palha que o vento dispersa” (1:3-4)?

A vida sossegada dos perversos os torna arrogantes. Aliás, eles usam a *soberba* como se fosse um adorno e vestem a *violência* [...] como *manto* (73:6). Tornam-se insensíveis para as coisas de Deus e criam *fantasias* ou “maquinações” (NVI). Em sua vaidade, *motejam e [...] da opressão falam com altivez* (73:7-8). Seu orgulho não tem limites, pois se gabam de controlar *os céus e a terra* (73:9). Por medo ou por engano, *o seu povo se volta para eles* e bebe suas palavras (73:10). Depois de afirmarem que controlam a criação de Deus, declaram levemente que o Senhor não faz ideia do que dizem ou fazem (73:11). À luz disso tudo, o salmista resume o motivo de sua fé vacilante: *Eis que são estes os ímpios; e, sempre tranquilos, aumentam suas riquezas* (73:12).

### 73:13-17 Fim da perplexidade

Em seu estado de confusão, o autor deste salmo diz uma coisa em 73:13-14 e outra em 73:15. Ao afirmar: *Com efeito, inutilmente conservei puro o coração* (73:13), ele fala não apenas por si mesmo, mas por outros de coração puro que enfrentam a mesma situação. É tentado a imaginar que é inútil procurar seguir a Deus: “De que adianta se esforçar para fazer o bem quando quem prospera são os malfeitores?” (BST). Seus sofrimentos por amor a Deus e à justiça não deram em nada (73:14).

Na sequência, porém, o discurso muda: *Se eu pensara em falar tais palavras*, isto é, em dizer em voz alta o que pensou em 73:13-14, *já aí teria traído a geração de teus filhos* (73:15). Essa afirmação indica que o salmista não expressou suas dúvidas em público, apesar de elas terem chegado até nós por meio das Sagradas Escrituras. Wilcock procura explicar o que pode ter passado pela cabeça do salmista: “Em contraste com sua queixa, porém, vemos a consciência de que expressar em público os sentimentos de foro íntimo seria prejudicial à congregação de fiéis da qual ele faz parte” (BST). Quando, porém, ele tentou *compreender isso*, ou seja, tanto a questão da prosperidade dos perversos quanto as suas lutas pessoais, descobriu que era uma tarefa *pesada* demais para ele (73:16).

A referência à “geração de teus filhos” (73:15), contudo, lembra o salmista não apenas de suas responsabilidades, mas também de seu privilégio como filho de Deus e o con-

duz ao ponto crítico em 73:17. Ele se sentia oprimido até entrar *no santuário de Deus*. A partir de então, começou a compreender o fim dos perversos.

Diz um provérbio tigrínia (Eritreia): *Egziabheri tseḍfi yifetr emo, medeyayibo khe'a yifetr* (“Deus cria o abismo e também a ponte [ou escada]”, ou seja, o modo de sair do abismo). Foi o que ele fez pelo salmista.

De que maneira entrar *no santuário de Deus* dissipou as nuvens de dúvida que pairavam sobre a vida do homem de Deus? Primeiro, ele desfrutou o privilégio de ter comunhão com Deus e seu povo no lugar “onde Deus chamava seu povo para se encontrar com ele e uns com os outros” (BST). Outro provérbio tigrínia expressa a mesma ideia: *Mssebka me'at darga ge'at* (“Passar por perseguição/calamidade com seu povo é como mingau [o mais excelente alimento]”). Quando se está em comunhão com o povo de Deus, o sofrimento é suportável (cf. 1Pe 5:9). Segundo, o salmista recebeu o esclarecimento que só Deus pode conceder. Nas palavras de Derek Kidner: “A luz irrompe quando ele se volta para Deus não como objeto de especulação, mas de adoração. Em contraste com sua eternidade, soberania e existência não derivada, fica evidente a verdadeira natureza dos seres humanos efêmeros” (TOT), são como a palha do salmo 1 “que o vento dispersa” (1:4).

### 73:18-28 Confiança restaurada

Quem corre perigo iminente de escorregar não é o salmista (73:2), mas os perversos. Eles se encontram *em lugares escorregadios* e estão prestes a *cair na destruição* (73:18). Terão um fim repentino e serão *totalmente aniquilados de terror!* (73:19). Quando Deus se levanta para julgar, tudo entra nos eixos. Os perversos, cuja prosperidade parecia tão sólida e segura, na verdade não passam de *imagem* ou *fantasia* (73:20b). O salmista verá que tanto as aparentes contradições que o afligiram e castigaram (73:14) quanto a existência do perverso são apenas um *sonho* que se dissipa com o raiar do dia (73:20a).

Ao recordar sua melancolia, o salmista percebe que foi *irracional* (73:21-22). A compreensão adquirida no santuário o leva a dizer que estava *embrutecido e ignorante* como um animal irracional. Nem por isso, contudo, Deus o abandonou. Agora, mesmo durante experiências perturbadoras como essa, ele declara: *Estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita* (73:23). Diz ainda: *Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória* (73:24). Essas palavras trazem à memória Romanos 8:29-30 e garantem que Deus nos segura pelas mãos, nos guiará ao longo de nossa vida e nos conduzirá à glória.

Ao expressar sua maior alegria, o salmista faz uma pergunta retórica: *Quem mais tenho eu no céu?* (73:25) e acrescenta: *Não há outro em que eu me compraza na terra*. Os arrogantes se gabaram de controlar os céus e a terra (73:9). Sem vanglória, o salmista faz o mesmo ao dizer: “Para mim, Deus é tudo em todas as coisas”.



Com sua confiança restaurada, reitera: *Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre (73:26)*. Em seguida, descreve o destino de duas categorias de pessoas: aquelas que estão distantes e aquelas que estão próximas de Deus. As primeiras *perecem (73:27)*. Como representante das últimas, o salmista diz: *Quanto a mim, bom é estar junto a Deus; no SENHOR Deus ponho o meu refúgio, para proclamar todos os seus feitos (73:28)*.

### Salmo 74: Destruição e restauração

É provável que o salmo 74 tenha sido escrito depois que os babilônios capturaram Jerusalém e destruíram o templo em 587 a.C. Ele expressa de forma vívida o estado de espírito dos exilados na Babilônia e daqueles que ficaram na terra. Encontramos lamento semelhante nos salmos 79 e 137 e em Lamentações.

#### 74:1-11 A destruição do templo

A perplexidade do salmista diante do que aconteceu com seu povo o leva a perguntar duas vezes logo no início: “Por quê?": *Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto? (74:1; cf. tb. 74:11)*. No furor de seu julgamento, o Senhor, o pastor de seu povo (Sl 23), os entregou nas mãos do inimigo. O salmista roga por misericórdia: *Lembra-te da tua congregação, que adquiriste desde a antiguidade, que remiste para ser a tribo da tua herança (74:2; cf. tb. 73:10,15-23)*. Como os termos “adquirir” e “remir” deixam claro, o salmista tem em mente o êxodo do Egito (Êx 6:6; 15:16). Ele também pede que Deus se lembre do *monte Sião, no qual tens habitado*. Uma vez que “monte Sião” era o local do templo, essa referência possui grande relevância teológica. Era um lugar profundamente amado (Sl 84), onde se celebrava o governo soberano de Deus (Sl 68) e se sentia sua presença (Sl 46). Podia-se dizer até que “o SENHOR ama as portas de Sião” (87:2). Ao pedir que Deus se lembre de Sião, o salmista traz à baila todas essas ideias.

Que contraste entre essas memórias e as *perpétuas ruínas*, tudo o que restou de Jerusalém e, especialmente, do templo (**74:3a**)! O foco sobre o templo é indicado pela menção do *santuário* em **74:3b** e pelos vívidos detalhes fornecidos nos versículos seguintes.

Quando o salmista diz: *Os teus adversários bramam no lugar das assembleias (74:4)*, o termo *bramam* sugere que os inimigos são como animais selvagens (cf. tb. 74:19). Ouvem-se gritos de guerra no lugar do qual cânticos e louvores costumavam subir ao trono eterno. Ademais, os adversários *alteiam os seus próprios símbolos* ou “hasteiam suas bandeiras” (NVI) no local onde devia ficar o estandarte de Deus. Apesar de não sabermos ao certo quais eram os “símbolos”, sem dúvida eles representavam a vitória do inimigo e de seus deuses sobre o Senhor e o povo da aliança.

Empunhando machados como lenhadores que derrubam árvores, eles destruíram os *lavrados de entalhe* que decoravam

o templo (**74:5-6**; 1Rs 6:29-35) e transformaram o santuário numa imensa fogueira. A profanação sugerida anteriormente pelo fato de os inimigos altearem “seus próprios símbolos” é mencionada aqui explicitamente como um ato contra *a morada do teu nome (74:7)*. É um insulto deliberado contra Deus. A referência ao “nome” de Deus lembra as primeiras instruções do Senhor acerca de seu santuário em Deuteronômio 12:5: “o lugar que o SENHOR, vosso Deus, escolher [...] para ali pôr o seu nome e a sua habitação”.

A crueldade do inimigo é evidente: *Disseram no seu coração: Acabemos com eles de uma vez (74:8)*. Para esse fim, *queimaram todos os lugares santos de Deus na terra*. Pode-se entender essas palavras como uma indicação de que havia outros lugares de verdadeira adoração além do templo. No entanto, esse não é necessariamente o caso. O salmista pode referir-se aos vários lugares que abrigaram a arca da aliança antes de o templo ser construído em Jerusalém (p. ex., Siló; 1Sm 1:3). Pode ainda referir-se às diversas festas e ocasiões oficiais nas quais o povo da aliança se reunia e adorava ao Senhor.

Ao destruir todos os lugares de culto a Deus, o inimigo procurou romper a relação entre o Senhor e seu povo. “Seu plano era mudar o destino de Israel e remover todas as lembranças da fidelidade de Deus no passado e da verdadeira adoração a Deus” (EBC).

Podemos perguntar o que levou o salmista a apresentar a Deus uma descrição tão detalhada da destruição do templo. Deus já sabia de todos esses detalhes, e o salmista estava ciente de que o julgamento sobre Israel era obra do Senhor. É fato, porém, que Deus convida os fiéis a trazer-lhe todas as suas necessidades (Jr 33:3). Além do mais, o propósito da descrição é tornar ainda mais urgente o pedido por intervenção divina. Ainda que, superficialmente, o retrato da destruição transmita uma sensação de desesperança (observe o uso das expressões *para sempre, perpétuas e incessantemente* em 74:1,3,10), por trás há um forte tom de fé.

Em contraste com os “símbolos” que os inimigos ergueram, o povo de Israel perdeu os seus “sinais miraculosos” (**74:9**, NVI). Em outras palavras, não há mais nenhum sinal de ministérios proféticos (cf. tb. Lm 2:9). Diante do silêncio insuportável de Deus, o salmista clama: *Até quando, ó Deus [...]?* e pergunta: *Por que retrais a mão, sim, a tua destra [...]?* A destra era a mão que havia sustentado o povo da aliança no passado. Em outras palavras, o salmista pede que Deus use sua mão para destruir os adversários (**74:10-11**). A imagem sugere que Deus observa tudo com as mãos no bolso, como uma testemunha indiferente!

#### 74:12-23 Súplica por restauração

Com a conjunção “ora”, o salmo perde seu tom negativo e se torna positivo: *Ora, Deus, meu Rei, é desde a antiguidade; ele é quem opera feitos salvadores no meio da terra (74:12)*. Com fé renovada, o salmista narra os atos criadores e redentores

de Deus no passado. A repetição de “tu” em 74:13-17 é tão dramática quanto o retrato da destruição nos versículos 4-8.

O salmista começa com a separação das águas do mar Vermelho no tempo do êxodo: *Tu, com o teu poder, dividiste o mar (74:13a)*. A vitória sobre os *monstros marinhos* em 74:13b-14 pode referir-se à destruição de Faraó e seu exército (Êx 14). *Tu abriste fontes e ribeiros (74:15a)* talvez descreva como Deus proveu água para os israelitas no deserto. Aquele que abre as fontes de água também pode secá-las, como fez na travessia do Jordão (74:15b; Js 3). Na sequência, o salmista focaliza o poder criador de Deus, aquele que formou *a luz e o sol*, fixou *os confins da terra* e criou *verão e inverno (74:16-17)*. Esses exemplos nos lembram como o poder de Deus é imenso e põem no devido lugar a destruição de Israel por seus inimigos. Comparado ao poder de Deus, o poder dos adversários não é nada.

As ilustrações também são um convite para Deus intervir de forma tão dramática quanto no passado. Não surpreende o salmista lembrar aquilo que os inimigos fizeram e, nos versículos seguintes, pedir novamente para Deus intervir: *Lembra-te (74:18)* e: *Não entregues à rapina a vida de tua rola (74:19a)*. “Rola” ou “pomba” era uma expressão terna de afeição (Ct 6:9), usada aqui como paralelo para *teus aflitos (74:19b)*. O salmista roga em favor do povo sofredor de Deus.

Depois de lembrar a Deus que seu nome é alvo de escárnio (74:18), o salmista pede: *Considera a tua aliança (74:20)*, e justifica: *Pois os lugares tenebrosos da terra estão cheios de moradas de violência*. A matança e a destruição causadas pelo exército de Nabucodonosor deixaram uma cicatriz profunda na alma de Israel. Por isso, o salmista prossegue: *Não fique envergonhado o oprimido (74:21)*; antes, *louvem o teu nome o aflito e o necessitado* ao receberem, mais uma vez, a salvação.

O salmo termina com um clamor ousado: *Levanta-te, ó Deus, pleiteia a tua própria causa [...] Não te esqueças da gritaria dos teus inimigos, do sempre crescente tumulto dos teus adversários (74:22-23)*; cf. tb. 74:4). Conforme a zombaria, o barulho e a violência continuam, os inimigos pensarão ter silenciado a Deus e seu povo. Então o salmista clama a Deus que vindique seu nome e salve seu povo.

### **Salmo 75: Inversões divinas**

Enquanto o salmo 73 expressa a reação do salmista diante da aparente injustiça de Deus e o salmo 74 apresenta súplicas fervorosas devido à humilhação do povo da aliança, o salmo 75 mostra uma atitude mais firme diante dessas duas situações.

Não é fácil seguir a estrutura deste salmo, já que há dificuldade de definir o locutor, o discurso, o local e as circunstâncias.

#### **75:1 Louvor introdutório**

O salmo começa com louvor. Conforme indica o uso repetido da primeira pessoa do plural, as ações de graças são

oferecidas pela comunidade (75:1). Eles dirigem seus louvores a Deus e invocam o seu nome. O “nome” de Deus é sua natureza, sua identidade, ele próprio. O povo invoca o nome de Deus porque ele está sempre perto e pronto a se manifestar por meio de palavras e atos (cf. Fp 4:5).

Ao que parece, não é apenas o povo da aliança que louva a Deus, pois *declaramos as tuas maravilhas* pode ser traduzido por “eles declararam as tuas maravilhas” ou “todos falam dos teus feitos maravilhosos” (NVI). As maravilhas do passado são descritas em 74:13-17. O salmista crê que Deus cumprirá sua promessa e realizará feitos semelhantes no presente.

#### **75:2-3 Oráculo de julgamento divino**

Apesar de a RA iniciar 75:2 com *Pois disseste*, essas palavras não aparecem no texto hebraico. É difícil, portanto, identificar nesses versículos quando é Deus quem fala e quando é o salmista. A nosso ver, 75:2-5 é palavra de Deus. O salmista nos diz o que o Senhor lhe revelou.

Deus diz que o julgamento correto (justiça) pertence somente a ele, que julgará no momento que considerar mais apropriado. O termo hebraico traduzido aqui por *tempo determinado* também pode significar “lugar determinado” (cf. 74:4,8).

*A terra e todos os seus moradores* podem estremecer devido à violência e ausência de justiça, mas Deus assevera que ele mantém firmes *as suas colunas (75:3)*. Outro salmo pergunta: “Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?” (11:3). Quando as colunas de nosso mundo são abaladas, somente o Deus Todo-Poderoso pode restaurá-las e firmá-las pela manifestação do seu juízo justo.

#### **75:4-8 Advertência acerca das inversões**

A advertência em 75:4-8 contém palavras de Deus e do salmista. Deus fala diretamente *aos soberbos [...] e aos ímpios (75:4)*; cf. tb. 73:6,8; 74:5-8,18). Aos soberbos, diz: *Não sejaś arrogantes*; e aos ímpios: *Não levanteis altivamente a vossa força, nem faleis com insolência contra a Rocha (75:5)*. A força em si não é má; o que importa é se ela está sendo usada de forma arrogante ou justa (cf. 75:10). Os arrogantes aos quais Deus se dirige não apenas demonstram seu poder sobre outros, mas têm a audácia de tentar mostrá-lo a Deus (cf. tb. 73:9,11; 74:10,18,22).

Como o Senhor lembra a esses arrogantes, qualquer poder que porventura acreditem ter não nasce dentro deles. Também não vem *do Oriente, do Ocidente, nem do deserto (75:6)*. Antes, é Deus quem o concede conforme lhe apraz: *A um abate, a outro exalta (75:7)*. Ele derruba aqueles que exaltam a si mesmos até os céus e exalta aqueles que foram oprimidos pelos arrogantes. O modo como o Todo-Poderoso inverte a sorte das pessoas encontra-se registrado permanentemente em dois poemas conhecidos: o cântico de Ana, mãe do profeta Samuel, e o cântico de Maria, mãe de Jesus (1Sm 2:6-8; Lc 1:51-53).

Os seguidores dos perversos e arrogantes, que beberam todas as suas palavras (73:10), terão de sorver outro cálice, *um cálice cujo vinho espuma, cheio de mistura* (75:8), o cálice do julgamento divino. Terão de bebê-lo até a última gota, *até às escórias*. Finalmente, Deus executará seu julgamento contra eles em “boa medida, recalçada, sacudida, transbordante” (Lc 6:38).

### 75:9-10 Ação de graças

O final do salmo, como seu início, celebra as maravilhas do Senhor. *Exultarei para sempre*, diz o salmista (75:9; cf. 73:28). Ele espera participar do julgamento dos perversos e compartilhar da recompensa dos justos. Lembremos do salmo 1 quando ouvimos Deus dizer: *Abatarei as forças dos ímpios; mas a força dos justos será exaltada* (75:10; cf. tb. 75:4-5). “Paciência e sofrimento não são, portanto, o fim da história: no devido tempo, haverá força sem agressão e glória sem orgulho” (TOT). Em vez de exibirem a força concedida por Deus como se fosse um colar, como fazem os arrogantes (73:6), os servos do Senhor combinarão poder e humildade.

### Salmo 76: O Deus terrível e magnífico

O salmo 76 louva a Deus por sua vitória, poder e glória magnífica. Sua natureza formidável e seu poder invencível se manifestam na proteção de Sião em sua morada, em fazer justiça aos aflitos e conquistar os governantes da terra (cf. tb. Sl 2, 72).

#### 76:1-6 Deus defende seu lugar de habitação

A declaração *Conhecido é Deus em Judá* (76:1) não deve causar surpresa. Nunca foi a intenção de Deus, porém, que esse conhecimento de sua grandeza se restringisse ao povo da aliança. Antes, o Senhor desejava abençoar a humanidade por meio deles (Gn 12:1-3). Entretanto, uma das manifestações da grandeza de Deus consistiu no livramento de seu povo da mão de agressores. Ao que tudo indica, esse é o contexto do salmo 76.

A ideia de *Sião* como lugar de habitação de Deus (76:2) foi mencionada anteriormente (cf. comentários sobre 74:2). Aqui, *Sião* também é chamado de *Salém*, forma abreviada de *Jerusalém*. Nesse local, Deus *despedaçou [...] os relâmpagos do arco, o escudo, a espada e a batalha* (76:3). Destruiu todas as armas do arsenal inimigo.

Antes de falar mais sobre a vitória de Deus e o livramento de Israel, o salmista trata da glória manifesta por meio dessa vitória: *Tu és ilustre e mais glorioso do que os montes eternos* (76:4). O significado da segunda parte da comparação (“os montes eternos”) pode variar. A NVI traz “Ês mais majestoso do que os montes cheios de despojos”, e a RC, “Tu és mais ilustre e glorioso do que os montes de presa”. Caso essas duas versões estejam corretas, Deus é comparado a um leão, e “sua morada” em 76:2 é seu covil. Derek Kidner chama o salmo todo de “Leão de Judá” (TOT).

O objetivo da comparação em 76:4, portanto, é mostrar que Deus é mais majestoso que um leão que sai de seu covil em busca de presas.

Quando lemos o versículo seguinte, entendemos a possível razão de o salmista comparar Deus a um leão: *Despojados foram os de ânimo forte; jazem a dormir o seu sono, e nenhum dos valentes pode valer-se das próprias mãos* (76:5). O leão os conquistou. O salmista parece ter em mente um episódio específico, a saber, a derrota do exército de Senaqueribe quando sitiou Jerusalém. Deus declarou: “Não entrará nesta cidade, nem lançará nela flecha alguma” (Is 37:33) e cumpriu sua promessa (Is 37:36-37). A descrição da vitória e majestade de Deus prossegue: *Ante a tua repreensão, ó Deus de Jacó, paralisaram carros e cavalos* (76:6). Quer tenham sido mortos, quer derrotados, os atacantes perderam todo o seu poder e não conseguem nem sequer levantar as mãos.

#### 76:7-9 Deus faz justiça aos aflitos

Apesar de Deus ser o Senhor da aliança que habita em *Sião* (76:1-3), seu domínio não se limita ao povo da aliança. Essa seção mostra claramente que ele é o governante soberano do universo. A vitória do Senhor sobre os inimigos de seu povo leva o salmista a exclamar: *Tu, sim, tu és terrível; se te iras, quem pode subsistir à tua vista?* (76:7). Os inimigos de Deus e de Israel testemunharam esse fato quando o Senhor se irou contra eles em defesa de seu nome e de seu povo (cf. tb. Ap 6:12-17).

Além de ser guerreiro, Deus é justo juiz das nações. O fato de ter feito ouvir *desde os céus* o seu juízo (76:8) indica que seu julgamento não se limita a seu próprio povo. Ademais, uma vez que no hebraico o termo traduzido por *terra* em 76:8-9 não vem acompanhado do artigo definido, pode referir-se ao mundo inteiro, e não apenas à terra de Canaã. Quando Deus se levanta *para julgar e salvar todos os humildes da terra* (76:9), a salvação talvez se estenda aos pobres e necessitados de toda a humanidade, e não apenas aos desvalidos do povo da aliança. A Bíblia expressa repetidamente a preocupação de Deus por aqueles que “não conseguem ou se recusam a reagir aos ataques dos homens cruéis” (TOT).

#### 76:10-12 Deus conquista os governantes

O versículo seguinte, 76:10, é semelhante a 76:7, e também parece apontar para o que será dito adiante (em 76:12). De acordo com VanGemeren, Deus é capaz de transformar “a expressão rebelde de ira do ser humano em glória para o Senhor” (EBC; cf. Êx 9:16). Enquanto a primeira parte do versículo fala da ira humana, a segunda parte se refere ao que resta da ira de Deus, com a qual ele se veste, e de sua natureza inesgotável (como em Is 59:17).

Tendo em vista a majestade e o poder formidáveis de Deus, seu povo da aliança e as nações são convidados a expressar simbolicamente sua fidelidade. A instrução para

o povo da aliança é: *Fazei votos e pagai-os ao SENHOR, vosso Deus*. As nações (*todos os que o rodeiam*), por sua vez, devem oferecer *presentes* [...] *àquele que deve ser temido* (76:11). Ele deve ser temido porque é Senhor da aliança e governante soberano do universo (cf. tb. 76:7, 12). É terrível para quem se opõe a ele, mas para quem se sujeita é digno de toda adoração e submissão leal. Os *príncipes* da terra se sujeitarão da maneira mais difícil quando o Senhor quebrar seu *orgulho* (76:12; cf. tb. 2:9).

### **Salmo 77: Lembrança de livramento passado**

O leitor de Salmos pode observar, com frequência, uma mudança no estado de espírito não apenas dentro de um capítulo, mas também entre um capítulo e outro. Num momento, o salmista ou a comunidade da qual ele é representante lamenta suas tribulações; logo em seguida, louva a Deus pelo livramento. Vemos uma transição desse tipo entre os salmos 76 e 77 e dentro do próprio salmo 77.

A estrutura é clara. Reflexões melancólicas ocupam 77:1-9; a transição para uma disposição mais alegre se encontra em 77:10-12, enquanto a lembrança dos feitos miraculosos de Deus no passado é registrada em 77:13-20.

#### **77:1-9 Reflexões melancólicas**

O salmista começa com a conhecida súplica por socorro: *Elevo a Deus a minha voz, para que me atenda* (77:1). Ao que parece, contudo, ele não recebe ajuda de imediato. Explica sua perseverança do seguinte modo: *No dia da minha angústia, procuro o Senhor; erguem-se as minhas mãos durante a noite e não se cansam* (77:2a). Ele continua a buscar ao Senhor em meio à aflição (“no dia da minha angústia”). Nem sequer chega a dormir à noite; antes, suas mãos se estendem “sem cessar” (NVI) num gesto de petição. Diz, ainda: *A minha alma recusa consolar-se* (77:2b). Como encontrar consolo sem ter recebido a resposta ou livramento de Deus?

Nos versículos seguintes, o salmista fala diretamente ao Senhor. Lembra-se de Deus e medita (77:3), mas não encontra alívio, pois, apesar de suas memórias e reflexões, começa a *gemer* e *lhe desfalece o espírito*. O motivo do desconsolo fica evidente quando acompanhamos sua meditação. Mesmo que desejasse, ele não conseguiria dormir, pois está tão *perturbado* que não consegue *pregar os olhos*. Na verdade, Deus não lhe permite fechar os olhos (77:4). Para sugerir a causa de sua tribulação, diz: *Penso nos dias de outrora, trago à lembrança os anos de passados tempos* (77:5). O salmista voltará a tratar dessa questão na segunda parte do salmo. Convém observar, porém, que os “dias de outrora” e os “anos de passados tempos” indicam o livramento concedido por Deus ao seu povo no passado, talvez no tempo do êxodo (cf. 77:20). O salmista está confuso com o contraste entre a história na qual sempre acreditou e sua experiência presente de sofrimento.

Além de se lembrar de Deus e seu livramento no passado, o salmista também indaga o seu próprio *íntimo* durante

a noite (77:6). Prossegue, portanto, com suas reflexões e questionamentos.

Ao tentar compreender como Deus se relaciona com seu povo da aliança, o salmista faz uma série de perguntas. De acordo com um provérbio tigrínia (Eritreia), *Quslu zihab’e fewsu yihab’e* (“Quem esconde sua ferida [enfermidade] esconde seu remédio”). O salmista não esconde suas feridas; antes, é honesto e transparente diante de Deus. É possível que justamente essa honestidade seja a fonte de cura registrada mais adiante no salmo. O salmista pergunta: *Rejeita o Senhor para sempre? Acaso, não torna a ser propício?* (77:7). A situação do salmista e de seu povo parece irremediável. Nesse estado de espírito, ele volta a perguntar: *Cessou perpetuamente a sua graça? Caducou a sua promessa para todas as gerações?* (77:8).

Quando nos vemos em circunstâncias extremamente difíceis, nossa tendência é esquecer quem é Deus e as promessas que fez. Nas duas perguntas finais, o salmista deseja saber: *Esqueceu-se Deus de ser benigno? Ou, na sua ira, terá ele reprimido as suas misericórdias?* (77:9). Ao fazer essas perguntas, ele talvez tenha em mente a descrição que Deus fornece de si mesmo em Êxodo 34:6-7, enfatizando sua benignidade e misericórdia. A resposta a essas perguntas deve ser “Não!”. Deus talvez esteja irado com seu povo e tenha de castigar o pecado, mas não se esquece “de ser benigno” nem retém “suas misericórdias”, pois é o Deus que se lembra da misericórdia mesmo quando executa julgamento (Os 3:2).

#### **77:10-12 A transição**

Depois de fazer perguntas difíceis, o salmista começa a mudar de atitude. Em certo sentido, 77:10 é o pivô dessa mudança. Seu texto original, porém, é extremamente difícil de traduzir, como vemos pela variedade de versões em nossa língua: *Então, disse eu: isto é a minha aflição; mudou-se a destra do Altíssimo* (RA); “Então pensei: A razão da minha dor é que a mão direita do Altíssimo não age mais” (NVI, cuja nota diz: “Apelarei para o que há muito fez a mão direita do Altíssimo”); “E eu disse: isto é enfermidade minha; e logo me lembrei dos anos da destra do Altíssimo” (RC); “Então eu disse assim: ‘O pior de tudo é que o Deus Altíssimo não quer nos ajudar mais como antes’” (NTLH). Essa diversidade se deve ao fato de o hebraico ser econômico nas palavras e de a poesia ser uma forma de expressão bastante condensada.

Qual é, porém, o sentido exato do versículo? “O versículo 10a fala de ‘aflição’ ou ‘apelo’? E o versículo 10b fala dos ‘anos’ da destra de Deus (isto é, seu poder) ou de uma ‘mudança’ nessa destra (BST)? Tendo em vista o contexto, a tradução da nota na NVI parece ser preferível. O salmista começa a sair de seu estado melancólico quando apela para o poder redentor de Deus, manifesto mais claramente no tempo do êxodo. Está, portanto, determinado a lembrar os *feitos do SENHOR* e suas *maravilhas da antiguidade* (77:11).

Ao pensar sobre o passado em 77:5, ele ficou ainda mais desesperado (cf. tb. 77:3). Sua meditação em 77:12, porém, é edificante e produz novo ânimo.

### 77:13-20 Recordações construtivas

O salmista começa lembrando quem é Deus e declara: *O teu caminho, ó Deus, é de santidade*. Em seguida, pergunta de forma retórica: *Que Deus é tão grande como o nosso Deus?* (77:13). Ele sabe que nenhuma outra suposta divindade realizou qualquer coisa que chegue perto dos feitos de Deus em favor de seu povo. Pensa nas *maravilhas* que Deus opera e em como, por meio delas, ele demonstra poder *entre os povos* (77:14). A santidade do caminho de Deus, as maravilhas que ele opera e sua demonstração de poder “entre os povos” se manifestaram de forma específica na ocasião em que livrou seu povo do Egito. *Com o teu braço remiste o teu povo, os filhos de Jacó e José* (77:15; cf. tb. Êx 15; 19:3-6; Dt 4:32-34). A menção de José junto com Jacó, seu pai e o progenitor de Israel como nação, talvez indique o *status* especial de José (cf. Dt 33:13-17). Para Kidner, isso “pode dever-se à insistência de ambos em que a terra prometida, e não o Egito, fosse seu lugar final de descanso” (TOT).

O salmista prossegue com uma descrição mais detalhada de dois milagres específicos que Deus operou por ocasião do êxodo. O primeiro é a travessia do mar Vermelho: *Viram-te as águas, ó Deus; as águas te viram e temeram* (77:16). Agitaram-se como uma mulher em trabalho de parto. A reação da água mostra não apenas como a natureza responde ao seu criador, mas também sua obediência à ordem para abrir passagem para o seu povo. O segundo milagre é a entrega da lei no Sinai, ocorrência acompanhada de uma teofania assustadora quando *houve trovões nos espaços; também as suas setas, os raios, cruzaram de uma parte para outra. O ribombar do teu trovão ecoou na redondeza; os relâmpagos alumiarão o mundo; a terra se abalou e tremeu* (77:17-18; Êx 19:16-19). Na sequência, o salmista volta a focalizar o mar Vermelho: *Pelo mar foi o teu caminho; as tuas veredas, pelas grandes águas* (77:19). O caminho de Deus não é marcado por *vestígios* físicos, mas suas pegadas espirituais se encontram registradas nas Escrituras e no testemunho do povo que ele redimiu.

O último versículo (77:20) resume o que foi dito até aqui e nos prepara para o salmo seguinte: *O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão*.

### Salmo 78: Uma história de contrastes

O Senhor da aliança é um Deus compassivo que conduz seu povo como um bom pastor conduz o rebanho (78:52,70-72; cf. tb. 77:20). Apesar de Deus ter sido fiel no cumprimento das promessas da aliança, o povo se mostrou repetidamente infiel, a ponto de ser obstinado e rebelde. Esse salmo é um registro de sua história. Como sempre é o caso na palavra de Deus, o relato histórico visa ensinar algo. Apesar de a história não precisar necessariamente se repetir, é o que

acontece em razão de nosso esquecimento, nossa incredulidade e rebelião.

### 78:1-8 As instruções de Deus ao seu povo

Quando começa a falar, o salmista se parece com um mestre sábio (78:1-2). Seu objetivo é “desdobrar a história de Israel do ponto de vista de Deus” (EBC). Ele emprega vários termos para referir-se a ela: *Minha lei [...] palavras da minha boca [...] parábolas [...] enigmas*. Essas expressões ocorrem com frequência nos livros sapienciais (cf., p. ex., Pv 1:2,6). O salmista começa, portanto, com um convite para o povo ouvi-lo proferir palavras de sabedoria do Senhor.

A “lei” ou “ensino” (NVI) não é de sua autoria; antes, foi transmitida de geração em geração: *O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos* (78:3-4a). Ao ler 78:3-6, encontramos referências a várias gerações do passado, presente e futuro (cf. 2Tm 2:2).

O conteúdo do ensino é descrito de duas formas: primeiro, como *os louvores do SENHOR, e o seu poder, e as maravilhas que fez* (78:4b) e, depois, como o *testemunho* e a *lei* que Deus *estabeleceu e instituiu* para seu povo da aliança (78:5a). A referência a *Jacó e Israel* é um exemplo de paralelismo hebraico, pois os dois termos se referem ao mesmo antepassado do povo da aliança (cf. 78:21,71).

Na sequência, o salmista volta a ressaltar que Deus *ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda não haviam nascido e por sua vez os referissem aos seus descendentes* (78:5b-6; cf. tb. Dt 6:4-9). O propósito de ouvir, aprender e conhecer (78:3,6) é explicado em termos positivos e negativos. Em termos positivos, era *para que pusessem em Deus a sua confiança e [...] lhe observassem os mandamentos* (78:7). Em termos negativos, era *para que não fossem, como seus pais, geração obstinada e rebelde* (78:8). Essa descrição lembra a geração que saiu do Egito e morreu no deserto. O coração deles era *inconstante*, e seu *espírito não foi fiel a Deus* (cf. 78:36-37).

### 78:9-16 O povo fracassou

O salmista fornece exemplos da deslealdade de Israel para com Deus. *Os filhos de Efraim* (78:9; cf. tb. 78:57,67) são mencionados como caso típico de infidelidade, talvez por formarem o principal grupo do Reino do Norte (cf. Os 7:11-16). Apesar de terem tudo de que precisavam para lutar, *bateram em retirada no dia do combate* (cf. Jz 12:1-6; cf. Jz 8:1-3). Quanto à fidelidade, *não guardaram a aliança de Deus, não quiseram andar na sua lei* (78:10).

A questão do povo de Israel, e a nossa questão hoje, é a lembrança daquilo que Deus disse e fez (78:11-16; cf. Dt 8). Os israelitas da Antiguidade *esqueceram-se das suas obras [de Deus] e das maravilhas que lhes mostrara* (78:11). Esqueceram os *prodígios* que Deus realizou *na presença de seus pais na terra do Egito, no campo de Zoã* (78:12). Apesar de

não ser mencionada no relato do êxodo, Zoã provavelmente era Tânis, a capital dos hicsos, situada a nordeste do delta do Nilo. Depois de mencionar em termos gerais as “maravilhas” que o Senhor realizou no Egito, o salmista especifica algumas delas. Fala da travessia do mar Vermelho (78:13), da *nuvem* durante o dia e do *clarão de fogo* durante a noite por meio dos quais Deus guiou o povo na jornada pelo deserto (78:14) e da provisão de água tão abundante *como de abismos e torrentes que da pedra fez brotar* (78:15-16). Foi o esquecimento dessas provisões miraculosas e a recusa em guardar a aliança de Deus e obedecer à sua lei (78:10) que levou o povo à destruição.

### 78:17-31 O povo pôs Deus à prova no deserto

O salmista enfatiza como o povo persistiu em sua rebelião ao longo de toda a jornada pelo deserto. Eles *perseguiram em pecar contra ele e se rebelaram, no deserto, contra o Altíssimo* (78:17). O versículo seguinte expressa o tom dessa rebelião: *Tentaram a Deus no seu coração, pedindo alimento que lhes fosse do gosto* (78:18). A NVI traz: “Deliberadamente puseram Deus à prova, exigindo o que desejavam comer”. Os termos “deliberadamente”, “exigindo” e “desejavam” mostra que o confronto foi premeditado, arrogante e carnal. Não lhes faltava alimento. Deus já lhes enviava o maná diariamente. Não era, contudo, o tipo de comida que eles desejavam.

Com atitude de desprezo por Deus, o povo perguntou: *Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?* (78:19). Eles sabiam muito bem que *feriu ele a rocha, e dela manaram águas, transbordaram caudais* (78:20). Ainda assim, indagaram: *Pode ele dar-nos pão também? Ou fornecer carne para o seu povo?* É espantoso que ainda questionassem a capacidade de Deus de prover carne depois de o terem feito chover maná do céu diariamente e, conforme eles próprios reconheceram, tirar água em abundância da rocha! Um provérbio tigrínia (Eritreia) se aplica a eles: *Felitu zdeqeses harmaz neyniqno* (“Nem um elefante consegue despertar alguém que caiu no sono de propósito”). Os israelitas admitiram possuir provas suficientes para confiar em Deus, mas não quiseram fazê-lo.

O resultado não surpreende: *Ouvindo isto, o SENHOR ficou indignado* (78:21). Consequentemente, *acendeu-se fogo contra Jacó, e também se levantou o seu furor contra Israel*. Caso ainda não tenhamos entendido o motivo do julgamento indicado anteriormente, o salmista explica: *Porque não creram em Deus, nem confiaram na sua salvação* (78:22).

Os versículos seguintes, que falam da dádiva do maná (78:23-25), podem referir-se à provisão divina antes das queixas ou ao que Deus continuou a suprir, apesar da murmuração. Ele permaneceu fiel e cheio de misericórdia, não obstante a rebelião de seu povo. Aliás, deu a Israel *o que desejavam* (78:26-29), embora o modo pelo qual expressaram seu pedido tivesse suscitado a ira do Senhor. Para que seu desejo fosse satisfeito, contudo, o povo teve de pagar

um preço: *Tinham ainda na boca o alimento, quando se elevou contra eles a ira de Deus* (78:30-31). De acordo com Números 11:33, o Senhor feriu o povo “com praga mui grande”. Numa referência ao mesmo episódio, Salmos 106:15 diz: “Concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma”. *Entre os seus mais robustos, Deus semeou a morte, e prostrou os jovens de Israel* (78:31).

### 78:32-39 O povo continuou a se rebelar

Seria de esperar que o julgamento divino levasse o povo da aliança a se humilhar e se arrepender de seus pecados. Não foi o que aconteceu! *Sem embargo disso, continuaram a pecar e não creram nas suas maravilhas* (78:32). Enquanto o povo permanecia nessa atitude hostil, Deus não tinha escolha senão lhes dar o que mereciam: *Ele fez que os seus dias se dissipassem num sopro e os seus anos, em súbito terror* (78:33). Os versículos seguintes retratam o círculo vicioso do relacionamento de Israel com Deus: *Quando os fazia morrer, então, o buscavam; arrependidos, procuravam a Deus* (78:34-35). A mudança, porém, não era duradoura, pois logo o adoravam apenas da boca para fora (78:36). O ciclo “rebelião, julgamento, arrependimento exterior e misericórdia de Deus é típico da história de Israel” (EBC). O salmista revela o cerne desse comportamento instável: *O coração deles não era firme para com ele, nem foram fiéis à sua aliança* (78:37).

O mais surpreendente é que Deus se mostra *misericordioso* para com eles (78:38). Revela sua misericórdia na disposição de perdoá-los, e não destruí-los, apesar da provocação constante. Deus *desvia a sua ira* e não os destrói porque *lembra-se de que eles são carne, vento que passa e já não volta* (78:39). A palavra hebraica traduzida por “vento” é o termo comum para fôlego, vento ou espírito. Esses versículos enfatizam a natureza efêmera da vida humana (cf. tb. 103:14-16; Is 40:6-7; Tg 4:13-16). Por causa dessa característica humana, Deus exercita sua paciência e se refreia para não derramar seu justo julgamento sobre nossos pecados (cf. tb. Gn 9:8-16; 2Pe 3:3-9).

### 78:40-55 O povo se esqueceu dos feitos de Deus

Depois de mostrar como o povo da aliança provocou o *Santo de Israel* repetidamente (78:40-41), o salmista declara que eles agiram desse modo porque *não se lembraram do poder de Deus* (78:42a). Identifica a ocasião específica em que Deus demonstrou esse poder: *no dia em que os resgatou do adversário [...] no Egito operou ele os seus sinais e os seus prodígios* (78:42b-43). Como que para refrescar a memória dos israelitas de sua época e a nossa nos dias de hoje, o salmista trata em mais detalhes de como Deus redimiu seu povo do Egito, assunto sobre o qual falou em 78:9-12. Essa passagem menciona diretamente ou faz alusão a seis ou sete das dez pragas do êxodo. Deus *converteu em sangue os rios dos egípcios, para que das suas correntes não bebessem* (78:44; Êx 7:19-21). *Enviou [...] enxames de moscas que os*

devorassem (78:45a; Êx 8:20-24) e rãs que os destruíssem (78:45b; Êx 8:1-14). O Senhor entregou [...] aos gafanhotos, o fruto do seu trabalho (78:46; Êx 10:12-19). Apesar de o relato original das pragas (Êx 9:22-26) mencionar chuvas de pedra (78:47), não fala especificamente da destruição de vinhas e [...] sicômoros. É possível que estejam incluídos em “toda a planta do campo na terra do Egito” em Êxodo 9:22 ou em “todas as árvores do campo” em Êxodo 9:25. O gado e os rebanhos (78:48) talvez estejam incluídos nos “animais” em Êxodo 9:22,25. O relato do êxodo não faz menção de uma legião de anjos portadores de males, mas é possível que sejam apenas a personificação das pragas, expressões da ira, cólera, indignação e calamidade de Deus (78:49-50). A morte de todos os primogênitos no Egito (78:51a; Êx 12:12,29-30) foi a gota d’água. Cam é usado como nome alternativo para o Egito em 78:51b (cf. tb. Gn 10:6; Sl 105:23; 106:22).

O salmista contrasta o julgamento severo de Deus sobre os egípcios com seu terno cuidado por Israel: *Fez sair o seu povo como ovelhas e o guiou pelo deserto* (78:52). O contraste prossegue no versículo seguinte: *Dirigiu-o com segurança, e não temeram, ao passo que o mar submergiu os seus inimigos* (78:53).

O Senhor da aliança não os tirou do Egito para abandoná-los no deserto, mas para conduzi-los à terra prometida. *Levou-os até à sua terra santa, até ao monte que a sua destra adquiriu* (78:54). O contraste entre o julgamento dos inimigos e a bênção do povo se destaca novamente em 78:55: *Da presença deles expulsou as nações, cuja região repartiu com eles por herança*.

### 78:56-64 O povo provocou Deus com ídolos

A rebelião do povo da aliança continuou mesmo depois de terem eles entrado na terra prometida: *Tentaram o Deus Altíssimo, e a ele resistiram* (78:56). Como parte dessa “tentação” e rebelião, *não lhe guardaram os testemunhos*. Seguiram o exemplo de seus antepassados, que *se portaram aleivosamente* (78:57). Mostraram-se tão inconfiáveis quanto um arco enganoso que não atira em linha reta (cf. Os 7:16). Apesar das claras advertências acerca da idolatria (cf., p. ex., Dt 4:13-19), os israelitas *o provocaram com os seus atos e o incitaram a zelos com as suas imagens de escultura* (78:58). Em decorrência, o Senhor *sobremodo se aborreceu de Israel* (78:59). Sua atitude é expressa no provérbio tigrínia (Eritreia): *Mkhero, mkhero; entezeysem ‘e mekera yinkero* (“Aconselhe-o, aconselhe-o; se ele recusar ouvir, deixe que o sofrimento o aconselhe”). No tocante ao povo da aliança, chegou um momento em que Deus disse “Basta!”.

Nos versículos seguintes, o salmista fala das consequências da rejeição de Israel por Deus. Primeiro: Deus *abandonou o tabernáculo de Siló, a tenda de sua morada entre os homens* (78:60). A menção de Siló nessa passagem e o envio da arca da sua força ao cativeiro em 78:61 trazem à memória a invasão dos filisteus registrada em 1Samuel 4.

Nessa ocasião, Deus *entregou o seu povo à espada* (78:62) e o fogo devorou os jovens deles e as suas donzelas (78:63). Ademais, *os seus sacerdotes caíram à espada* (78:64). Os sacerdotes aos quais esse versículo se refere são, sem dúvida, Hofni e Fineias, os dois filhos de Eli. O fato de que *suas viúvas não fizeram lamentações* pode indicar a extensão de sua tristeza, ou seja, elas não tinham mais lágrimas para chorar. Por outro lado, pode ser um comentário sobre “o silêncio aturdido da viúva de Fineias” (TOT) ao receber a notícia da morte de seu marido, sogro e cunhado (1Sm 4:20). Ela proclamou a partida da glória de Deus (Icabô; 1Sm 4:21-22), uma ideia expressa aqui com a declaração de que Deus *passou [...] a sua glória à mão do adversário* (78:61).

É possível, contudo, que essa passagem não se refira apenas a acontecimentos do tempo de Samuel, mas também à rejeição do povo da aliança e à partida da glória de Deus no tempo do cativeiro na Babilônia. Essa ocorrência é profetizada em Jeremias 7, que faz menção específica de Siló (Jr 7:12-13). Ezequiel, contemporâneo de Jeremias, também descreveu de forma vívida a partida da glória de Deus do templo (Ez 10—11). Seja no contexto da invasão dos filisteus ou do cativeiro na Babilônia, Deus declara que a rebelião repetida e impenitente resultará em rejeição e na partida de sua glória. Deus parece dizer: “Se vocês não me querem, não me terão” (BST).

### 78:65-72 Rejeição e eleição

Deus voltará, contudo, a manifestar sua misericórdia! *Então, o Senhor despertou como de um sono* (78:65). Numa metáfora surpreendente, o despertar de Deus e sua vinda para salvar seu povo são comparados a *um valente que grita excitado pelo vinho*. Temos a impressão de que Deus repentinamente se dá conta do que está acontecendo e intervém para corrigir a situação. É como se o Senhor se lembrasse de suas palavras em Deuteronômio 32:26-27: “Eu teria dito: Por todos os cantos os espalharei e farei cessar a sua memória dentre os homens, se eu não tivesse receado a provocação do inimigo, para que os seus adversários não se iludam, para que não digam: A nossa mão tem prevalecido, e não foi o SENHOR quem fez tudo isto”.

Logo, Deus *fez recuar a golpes os seus adversários e lhes cominou perpétuo desprezo* (78:66). A aparente vitória dos filisteus e a captura da arca acabaram causando-lhes grande terror. Dagom, o deus filisteu, foi despedaçado em seu templo em Asdode; os habitantes de Gate “foram atingidos com os tumores; e o clamor da cidade subiu até ao céu” (1Sm 5:12).

O restante do salmo dá continuidade ao tema duplo de julgamento e misericórdia. Agora, porém, focaliza mais a pessoa e o lugar por meio dos quais Deus canalizou sua misericórdia. Efraim era filho de José e havia recebido o direito de primogenitura, a porção dupla da herança (Gn 48:17-20). Em sinal de julgamento, porém, Deus *rejeitou a*



tenda de José e não elegeu a tribo de Efraim (78:67). Apesar do renome de José e do poder da tribo de Efraim, Deus rejeitou as tribos do Norte. Eles não seriam mais os líderes; a liderança seria entregue à tribo de Judá (78:68a). Esse acontecimento cumpriu uma profecia anterior acerca da seleção da tribo de Judá e do governo messiânico que dela viria (Gn 49:8-10).

Além de eleger a tribo de Judá, Deus escolheu o monte Sião, que ele amava (78:68b), o local onde colocou o templo: *Construiu o seu santuário durável como os céus e firme como a terra que fundou para sempre* (78:69).

Depois da rejeição de Saul, originário de uma das tribos do Norte, a linhagem do governante messiânico foi estabelecida por meio da eleição de Davi: *Também escolheu a Davi, seu servo, e o tomou dos redos das ovelhas* (78:70). Talvez para enfatizar que o papel de Davi refletiria a relação de pastoreio entre Deus e seu povo, 78:71 acrescenta: *Tirou-o do cuidado das ovelhas e suas crias, para ser o pastor de Jacó, seu povo, e de Israel, sua herança* (cf. tb. Sl 23; 77:20). A responsabilidade de Davi de pastorear “Israel” deixa claro que Deus não havia deserdado completamente as tribos do Norte. Apenas destituiu sua proeminência.

O salmo termina com um elogio à liderança de Davi e aponta para alguém além dele ao citar as características do governante messiânico: *E ele os apascentou consoante a integridade do seu coração e os dirigiu com mãos precavidas* (78:72; cf. Jo 10).

### Salmo 79: Lamentação e oração

O vaivém entre desespero e esperança que caracteriza o Livro Três de Salmos fica evidente aqui, em que um salmo que terminou com a celebração da liderança de Davi é seguido de outro no qual o povo de Deus lamenta a destruição de Jerusalém. A exemplo de outras lamentações nacionais, o salmo 79 se divide em três seções: perguntas e queixas (79:1-4), oração (79:5-11) e esperança/louvor (79:12-13).

#### 79:1-4 Queixas

Esse salmo traz queixas dirigidas a Deus: *O Deus*. Estejamos orando, louvando ou nos queixando, é apropriado falar diretamente a Deus, pois é ele quem tem a solução para nossos problemas. O motivo da queixa são as nações que: a) *invadiram a tua herança*; b) *profanaram o teu santo templo* e c) *reduziram Jerusalém a um montão de ruínas* (79:1). O povo, o templo e a cidade foram afetados. A afronta, contudo, foi não apenas contra o povo da aliança, mas também contra o Senhor da aliança (observe a repetição de *teu/tua*). Os inimigos aos quais o salmista se refere provavelmente são os mesmos do salmo 74, ou seja, os babilônios que conquistaram Jerusalém em 587 a.C.

O salmista descreve em detalhes as atrocidades cometidas contra o povo de Deus: *Deram os cadáveres dos teus servos por cibo às aves dos céus e a carne dos teus santos, às feras da terra* (79:2). Jeremias usou as mesmas palavras ao

profetizar o julgamento vindouro sobre o templo, a cidade e o povo (7:33; cf. tb. Dt 28:26). Os inimigos *derramaram como água o sangue deles ao redor de Jerusalém, e não houve quem lhes desse sepultura* (79:3). Naquela cultura e época, como em muitas culturas hoje, não sepultar os mortos eram o mais grave insulto.

Na sequência, temos um resumo da queixa do povo: *Tornamo-nos opróbrio dos nossos vizinhos, o escárnio e a zombaria dos que nos rodeiam* (79:4). Deus havia advertido ao povo que isso aconteceria em caso de desobediência (cf., p. ex., Dt 28:37). Essa não era, porém, a intenção do Senhor ao escolhê-los para serem seu povo (Êx 19:5-6). Seu desejo era que Israel fosse objeto de admiração, e não de opróbrio (Dt 4:5-8). Algo muito grave deve ter acontecido para o povo se ver nessa situação. O lugar ideal para o indivíduo, a comunidade da fé e a nação é o centro da vontade de Deus.

#### 79:5-11 Súplica por perdão e vingança

Em 79:5, o salmista faz uma pergunta que já ouvimos em 74:10: *Até quando [...]?* Ele questiona a duração da ira de Deus. Pede que o Senhor não prolongue o sofrimento de seu povo e acrescenta: *Derrama o teu furor sobre as nações que não te conhecem e [...] não invocam o teu nome* (79:6). Essas palavras não expressam um desejo brutal de vingança, mas um clamor por justiça, pois as nações *devoraram a Jacó e lhe assolaram as moradas* (79:7).

O salmista reconhece que o sofrimento de Israel resulta de seus próprios pecados e dos pecados de seus pais (79:8-9). Devido à natureza de Deus, porém, ele encontra coragem para pedir perdão e livramento ao Senhor: *Apressem-se ao nosso encontro as tuas misericórdias, pois estamos sobremodo abatidos* (79:8). A salvação ocorre quando a misericórdia de Deus vai ao encontro de indivíduos que reconhecem que estão “sobremodo abatidos”. Esse fato é confirmado pelo clamor eloquente do salmista: *Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso* (79:9). Ele não espera receber salvação por que o povo de Deus tem algum direito à sua misericórdia, mas apenas *pela glória do [...] nome de Deus*. Deseja que Deus se defenda. *As nações desprezaram o Deus de Israel e perguntaram em zombaria: Onde está o seu Deus?* (79:10). Também “vituperaram” o Senhor com “opróbrio” (79:12). O salmista deseja que o nome de Deus seja honrado, e uma forma de Deus fazer isso é castigando aqueles que fazem mal ao seu povo: *Seja, à nossa vista, manifesta entre as nações a vingança do sangue que dos teus servos é derramado* (79:10; cf. 79:3).

Em Apocalipse 6:9-10, as orações “daqueles que tinham sido mortos” chegam ao trono de Deus. O salmista usa uma imagem parecida ao orar: *Chegue à tua presença o gemido do cativo* (79:11). Acrescenta: *Consoante a grandeza do teu poder, preserva os sentenciados à morte*. Salmos 102:19-20 parece ser a resposta a essa súplica: “O SENHOR, do alto do seu santuário, desde os céus, baixou vistas à terra, para ouvir o gemido dos cativos e libertar os condenados à morte”.

**79:12-13 Louvor futuro**

O salmista persiste em seu clamor pela vingança justa de Deus e pede: *Retribui, Senhor, aos nossos vizinhos, sete vezes tanto (79:12a)*. “Sete” é o número da plenitude, de modo que o salmista pede simplesmente que Deus retribua na medida completa (cf. Is 65:6). Um dito tigrínia sucinto expressa bem essa ideia: *Id shenahit tsenahit* (“O que se faz hoje se sente amanhã”). Recebemos de volta em igual medida todos os nossos atos, sejam eles bons ou maus.

O salmista pede que Deus retribua *o opróbrio com que te vituperaram (79:12b)*. Em outras palavras, pede que Deus se vingue. Ao fazê-lo, também vingará seu povo, que foi igualmente alvo de opróbrio (79:4).

*Quanto a nós*, diz o salmista, *teu povo [...], para sempre te daremos graças (79:13)*. Essas pessoas que dão graças ao Senhor não são nada menos que *ovelhas do seu pasto*. Quem desfruta a provisão e proteção de Deus deve dar-lhe graças e louvá-lo não apenas por um momento, na ocasião dos atos redentores, mas *para sempre*. A segunda metade do versículo amplia a primeira e diz que os louvores a Deus se estenderão *de geração em geração*. Quando Deus restaura seu povo, isto é, seu louvor, os resultados são permanentes.

**Salmo 80: Lamento comunitário**

No salmo 80, a comunidade da fé continua o lamento que iniciou no salmo 79 (cp. 79:5 com 80:4, e 79:10 com 80:12). Mais uma vez, as lamentações são acompanhadas de fervorosa súplica por restauração (cf. o uso repetido de “restaura-nos” em 80:3,7,19). Esse pedido nos ajuda a entender como o salmo pode ser dividido. Primeiro, o povo roga ao Senhor: “Faze resplandecer o teu rosto” (80:1-3). Depois, pergunta: “Até quando?” em relação à ira de Deus (80:4-7). Em seguida, lembra favores do passado ao dizer: “Trouxeste uma videira do Egito” (80:8-16) e encerra com uma súplica por restauração (80:17-19).

**80:1-3 Faze resplandecer o teu rosto**

É interessante observar as diversas maneiras pelas quais este salmo se refere a Deus: *pastor de Israel (80:1)*, *tu que estás entronizado acima dos querubins (80:1)*, *ó Deus (80:3)*, *Ó, SENHOR, Deus dos Exércitos (80:4,19)*, *Ó Deus dos Exércitos* ou *Deus Todo-Poderoso (80:7,14)*. Os nomes variados expressam diferentes atributos do Deus maravilhoso ao qual adoramos.

O clamor inicial: *Dá ouvidos, ó pastor de Israel (80:1a)*, traz à memória o final do salmo 79, em que o povo é descrito como ovelhas do pasto de Deus. Apesar de Davi ser o pastor em Salmos 78:70-72, neste salmo e no salmo 79 é o Senhor quem pastoreia o seu povo. O uso desse título tanto para Deus quanto para um líder humano do seu povo da aliança não é raro nas Escrituras. Em última análise, porém, o Senhor da aliança é o verdadeiro pastor de Israel (Sl 23; cf. tb. Jo 10; 1Pe 5:2,4).

O povo ora ao Senhor não apenas como *pastor de Israel*, mas também como o Deus santo e glorioso *entronizado acima dos querubins (80:1c; cf. tb. 99:1)* ou “que te assentas entre os querubins” (RC). As duas traduções são possíveis. A primeira se refere ao trono celestial de Deus (1Rs 8:27; Sl 2:4; Is 66:1; Ap 4:2), e a segunda, ao propiciatório da arca da aliança (Êx 25:20-22).

Para alguns comentaristas, a menção de *José (80:1b)*, *Efraim, Benjamim e Manassés (80:2a)* indica que as tribos do Sul ofereceram essa oração em favor das tribos do Norte, levadas para o cativeiro assírio em 722 a.C. O uso repetido da primeira pessoa do plural mostra claramente, porém, que o povo se inclui nas orações e não se considera um grupo separado das tribos do Norte.

Eles pedem: *Desperta o teu poder e vem salvar-nos (80:2b)*. O refrão é uma súplica por restauração: *Restaura-nos, ó Deus (80:3,7,19; cf. tb. 80:14)*. A necessidade de restauração é evidente e ficará ainda mais óbvia ao longo do salmo. *Faze resplandecer o teu rosto (cf. tb. mostra o teu esplendor em 80:1)*. Essas palavras estão intimamente ligadas à bênção sacerdotal que Deus instruiu Arão e seus filhos a usar para abençoar os israelitas (Nm 6:25). O povo pede que Deus cumpra as promessas da aliança.

**80:4-7 Até quando estarás indignado?**

A pergunta inicial dessa seção talvez cause perplexidade: *Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, até quando estarás indignado contra a oração do teu povo? (80:4)*. O povo de Deus tem orado para o Senhor desviar seu furor, mas continua sentindo as consequências da ira divina. Sua petição ainda não foi respondida pela manifestação da misericórdia de Deus.

Seguindo no mesmo tom, o salmista diz: *Dá-lhes a comer pão de lágrimas e a beber copioso pranto (80:5)*. Comemos pão e bebemos água diariamente para nos sustentar. Para os israelitas daquela época, porém, as lágrimas se haviam tornado alimento e bebida. Somente podemos esperar que fossem lágrimas de arrependimento em preparo para a restauração. De fato, a esperança de restauração é a maior prioridade dos suplicantes, que voltam a clamar: *Restaura-nos, ó Deus dos Exércitos; faz resplandecer o teu rosto, e sere-mos salvos (80:7; cf. tb. 80:3)*.

**80:8-16 Trouxeste uma videira do Egito**

A súplica pela restauração traz à memória o livramento da escravidão do Egito e a dádiva da terra por Deus ao seu povo. O livramento é apresentado de forma simbólica como a plantação de uma *videira* em solo novo. Vários textos bíblicos representam Israel como videira (Is 5:1-7; Ez 15; Jo 15). A nação prosperou na terra onde Deus a plantou (80:8-9). *Com a sombra dela os montes se cobriram, e, com os seus sarmentos, os cedros de Deus (80:10)*. Também *estendeu ela a sua ramagem até ao mar*, o Mediterrâneo, *e os seus rebentos, até ao rio*, o Eufrates (80:11). Kidner faz o seguinte sumário: “A história do êxodo, conquista e assentamento

de Israel se estende até os dias áureos da expansão nos reinados de Davi e Salomão por meio de uma imagem de beleza simples e clareza” (TOT).

Algo terrível, porém, aconteceu: o julgamento de Deus sobreveio à nação em decorrência do pecado de Israel. As cercas, símbolos da proteção de Deus, foram derrubadas, *de sorte que a vindimam todos os que passam pelo caminho* (80:12). Não são apenas transeuntes humanos que saqueiam a vinha: *O javali da selva a devasta, e nela se repastam os animais que pululam no campo* (80:13). A colheita está arruinada. Cheio de angústia, o salmista pergunta por que Deus permitiu que isso acontecesse. Parece uma inversão da ordem natural, como a que expressa o ditado tigrínia: *Bzeben grimbites mai n 'aqeb* (“No reinado de Grimbites [um lendário governante conhecido por suas inversões e erros judiciais], a água corre rio acima”). Se, contudo, observarmos o conhecido cântico da vinha em Isaías 5:1-7, veremos que o salmista não é o único a perguntar “Por quê?”. Deus olha para a vinha que cultivou com tanto cuidado e indaga: “E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?” (Is 5:4). Na verdade, Deus tem o direito de perguntar “Por quê?”, e não o seu povo.

Israel pede ao Senhor que tenha misericórdia: *Ó Deus dos Exércitos, volta-te* (80:14), e convida: *Olha do céu, e vê*. O salmista descreve a vinha como *o que tua mão direita plantou, o sarmento que para ti fortaleceste* (80:15). A NVI traz: “Raiz que tua mão plantou [...], filho que para ti fizeste crescer”. Nesse caso, o paralelo entre “raiz” e “filho” parece estranho, daí algumas versões, como a RA e a RC, trazerem “sarmento” no lugar de “filho”. É possível, contudo, que se trate de um trocadilho, pois Israel é, ao mesmo tempo, “videira” e “filho” (cf. Êx 4:22-23; Os 11:1). Para alguns comentaristas, o termo “filho” se refere ao rei, especialmente tendo em vista o salmista voltar a usar esse termo em 80:17.

A necessidade urgente de intervenção divina para restaurar o povo é enfatizada em 80:16. A metáfora *Está quemada, está decepada* [a videira] é substituída pelo pedido da segunda linha: *Pereçam os nossos inimigos pela repreensão do teu rosto*.

### 80:17-19 Súplica final por restauração

A razão pela qual alguns comentaristas acreditam que “filho” em 80:15 (NVI) é uma referência ao rei fica evidente quando chegamos a 80:17: *Seja a tua mão sobre o povo da tua destra, sobre o filho do homem que fortaleceste para ti*. O “filho do homem”, porém, não é necessariamente o rei. É o instrumento ou agente de Deus para a restauração do filho/videira (ou seja, de Israel como nação) em 80:15.

O salmista destaca o efeito positivo da restauração e acrescenta: *E assim não nos apartaremos de ti; vivifica-nos, e invocaremos o teu nome* (80:18). Quando Deus manifestar seu poder redentor por meio de seu agente escolhido, o povo invocará o nome do Senhor e será restaurado e reno-

vado. O salmo termina com o refrão: *Restaura-nos, ó SENHOR, Deus dos Exércitos; faze resplandecer o teu rosto, e seremos salvos* (80:19).

### Salmo 81: Advertência em meio a cânticos

Ao que parece, este salmo foi escrito para uma comemoração. Inicia-se em tom festivo (81:1-5), lembra ao povo o livramento concedido por Deus no tempo do êxodo (81:6-7), repete as advertências que o Senhor deu nessa época (81:8-10) e termina com palavras de Deus acerca dos resultados de ouvi-lo ou recusar-se a ouvi-lo (81:11-16).

#### 81:1-5 Tempo de regozijo

O salmo começa com um convite: *Cantai de júbilo a Deus, força nossa* (81:1). Por certo, “a alegria do SENHOR” é a nossa força (Ne 8:10). Em última análise, porém, o foco principal deve ser o Doador, e não a dádiva. Deus é a nossa força, e esse deve ser o motivo maior para nos regozijarmos.

Os cânticos alegres devem ser acompanhados de instrumentos musicais de vários tipos, como *o tamboril*, instrumento que mulheres costumavam tocar enquanto cantavam e dançavam (81:2; Êx 15:20; 1Sm 18:6). A *suave harpa* e o *salterio* também eram comuns em ocasiões comemorativas (1Sm 10:5; 2Sm 6:5). A *trombeta* (81:3) era usada em celebrações religiosas, como a *Festa da Lua Nova* mencionada aqui (Nm 10:10) e em procissões e assembleias (Êx 19:13; Js 6:4-13).

A *Festa* e sua respectiva comemoração são descritas como *preceito para Israel*, [...] *prescrição do Deus de Jacó* (81:4) e *lei a José* (81:5a). Uma vez que a festa foi instituída *ao sair contra a terra do Egito*, está claramente associada ao êxodo. De acordo com alguns comentaristas, pode ser uma referência à Páscoa dos judeus ou à Festa dos Tabernáculos, ambas comemoradas *na lua cheia*. Cada festa durava uma semana, e todos os israelitas deveriam participar (Lv 23:33-43; Dt 16:16).

A tradução de 81:5b não é clara. O texto diz: *Ele o ordenou, como lei, a José, ao sair contra a terra do Egito*. O pronome “ele” se refere claramente a Deus, mas a parte final da oração, “ao sair”, se refere a José ou a Deus? Caso se refira a José, “sair contra a terra do Egito” também pode ser traduzido por “sair por todo o Egito”. Caso se refira a Deus, indica o julgamento divino sobre o Egito por ocasião do êxodo.

A segunda parte do versículo também pode apresentar variações na tradução. A RA traz: *Ouçou uma linguagem* (81:5c), enquanto a NVI traduz: “Ouvimos uma língua”. Não obstante o caso, trata-se de uma referência à revelação de Deus descrita na seção seguinte do salmo.

#### 81:6-7 A compaixão de Deus

O povo da aliança passou quatrocentos anos no Egito, grande parte desse tempo sob escravidão e sujeição a trabalhos pesados. Sua penosa opressão se intensificou quando

Moisés e Arão, os porta-vozes de Deus, disseram a Faraó: “Deixa ir o meu povo” (Êx 1:11-14; 5:1,6-14). O Senhor os lembra desse fato quando declara: *Livre os seus ombros do peso (81:6)*. Semelhantemente, *suas mãos foram livres dos cestos*, ou seja, dos cestos nos quais carregavam o barro usado para fazer tijolos, bem como os tijolos prontos.

Mais uma vez, Deus os lembra: *Clamaste na angústia, e te livre (81:7; Êx 2:23-25)*. As angústias humanas são oportunidades divinas. Deus resgatou os israelitas na hora certa, quando eles haviam chegado ao fundo do poço. Em seguida, revelou-lhes mais de si mesmo *do recôndito do trovão* ao lhes dar a lei no monte Sinai (Êx 19—20). Também testou a fé do seu povo *junto às águas de Meribá* durante a jornada do Egito para o monte Sinai. Na descrição desse acontecimento em Êxodo 17:4-7, diz-se que o povo testou a Deus. Não se trata de uma contradição, mas de uma diferença de ponto de vista. Dependendo do ângulo considerado, Deus pôs os israelitas à prova, ou eles testaram a paciência de Deus e seu servo, Moisés.

### 81:8-10 Advertência

Em 81:8, encontramos um eco do Shema, o credo de Israel registrado em Deuteronômio 6:4: *Ouve, povo meu*. Deus adverte seu povo acerca da adoração a *deus alheio ou estranho (81:9)*, uma instrução associada ao primeiro dos Dez Mandamentos: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20:3; Dt 5:7). Essa advertência é repetida várias vezes ao longo do Pentateuco, especialmente em Deuteronômio (Êx 8:10; Dt 4:35,39; 6:14; 7:16; 11:16; 13:1-18; 29:16-18; 31:16,19-22; 32:12,16-18,21,36-39).

A proibição da idolatria se dá no contexto da redenção concedida por Deus: *Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito (81:10)* e no contexto da provisão abundante ao seu povo: *Abre bem a boca, e ta encherai*. Podemos discutir se Deus deseja satisfazer nossas necessidades espirituais ou materiais. Sem dúvida, ele se preocupa com ambas, mas o foco nesse caso é a fome espiritual, pois 81:16 trata das bênçãos materiais. Em termos espirituais, o Senhor encherá a boca de seu povo “de gratidão e testemunho” (BST).

Apesar da bondade e provisão farta de Deus, porém, a observação melancólica *Ó Israel, se me escutasses!* em 81:8 revela a suspeita de Deus de que seu povo não dará ouvidos à sua advertência (cf. Dt 31:21b).

### 81:11-16 Ouvir e não ouvir

Deus estava certo em suspeitar de Israel: *Mas o meu povo não me quis escutar (81:11)*. Kidner comenta: “É como se a fechadura rejeitasse a chave, ou a azevinha rejeitasse a mãe ou o pai” (TOT; cf. tb. Is 1:2-3). Não devemos, porém, condenar os israelitas, pois não somos diferentes deles.

Podemos culpar a Deus por tê-los deixado *andar na teimosia do seu coração* e seguir *seus próprios conselhos (81:12)*? Não, pois tanto na natureza quanto no âmbito es-

piritual “aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7).

O Senhor, porém, é o Deus das segundas chances, e o ouvimos dizer logo em seguida: *Ah! Se o meu povo me escutasse, se Israel andasse nos meus caminhos! (81:13)*. Se o fizessem, Deus cumpriria uma promessa dupla de castigar os inimigos de Israel e abençoar seu povo. Primeiro, o Senhor garante: *Eu, de pronto, lhe abateria o inimigo (81:14)*. Para enfatizar o julgamento dos *adversários* de seu povo, ele prossegue: *Os que aborrecem ao SENHOR se lhe submeteriam, e isto duraria para sempre (81:15)*. Para quem o ama, Deus promete: *Eu o sustentaria com o trigo mais fino e o saciaria com o mel que escorre da rocha (81:16; cf. Dt 32:13-14)*. “Este salmo era um ‘convite’ extremamente apropriado para renovar a aliança durante a festa, ocasião em que o povo de Deus refletia sobre todos os atos dele no passado” (EBC).

### Salmo 82: Clamor por julgamento

Alguns elementos deste salmo são difíceis de interpretar, mas uma coisa fica evidente: seu tema central é a profunda preocupação com a justiça. Os versículos inicial e final falam do julgamento divino, enquanto a seção intermediária trata das responsabilidades de juízes humanos e das consequências de eles não as cumprirem. Essa estrutura indica claramente que a justiça de Deus é a única solução para o problema que o salmo identifica.

#### 82:1 Deus está no controle

O versículo inicial faz duas observações acerca de Deus. De acordo com a primeira, ele *assiste na congregação divina (82:1a)*. Está no controle e toma providências para alcançar determinado objetivo. Mas o que vem a ser a *congregação divina*? A expressão hebraica permite mais de uma tradução. A RC, por exemplo, traz “congregação dos poderosos”, e uma versão vernácula tigrínia diz “congregação dos deuses”. A tradução literal do hebraico é “congregação de Deus”. Alguns comentaristas procuram associar essa expressão a passagens como 1Reis 22:19-23, em que Deus aparece presidindo sobre seu tribunal celestial. O termo hebraico empregado nesse versículo, porém, se refere normalmente à assembleia, congregação ou comunidade do povo da aliança de Deus (cf., p. ex., Êx 12:3; 16:2; Lv 19:2). Temos aqui, portanto, não uma reunião de seres angelicais ou espirituais, mas do povo da aliança de Deus. Esse grupo se encontra reunido “para ser julgado, e não consultado” (TOT).

De acordo com a segunda observação, Deus, *no meio dos deuses, estabelece o seu julgamento (82:1b)*. Para alguns, trata-se de uma referência aos deuses das nações vizinhas; para outros, são seres espirituais angelicais ou juízes e governantes humanos; e, para outros ainda, é o próprio povo de Israel. Tendo em vista o fato de restante do salmo tratar de julgamento, parece mais provável que o termo se refi-

ra a juízes humanos. Em outras partes das Escrituras, o texto hebraico chama de “deuses” aqueles que recebem a responsabilidade de executar justiça no meio do povo da aliança (Êx 21:6; 22:7-8; cf. tb. Jo 10:32-36). Embora haja ocasiões em que o julgamento de Deus é dirigido contra os deuses das nações (cf. Êx 12:12), aqui ele julga governantes e juízes, pois, como veremos, eles próprios perverteram a justiça.

### 82:2-7 Consequências de permitir a injustiça

Em outras passagens de Salmos, pessoas perguntam: *Até quando?* (cf., p. ex., 74:10; 79:5; 80:4). Aqui, porém, é Deus quem faz a pergunta (82:2), que parece dirigida aos “deuses” da congregação mencionada em 82:1, ou seja, aos governantes e juízes humanos. Deus declara que eles não poderão continuar indefinidamente com seus julgamentos injustos e sua prática de tomar *partido pela causa dos ímpios*.

Em tom enérgico, o Senhor os lembra dos deveres que acompanham seus cargos de responsabilidade (82:3-4). São exatamente as coisas que o agente justo escolhido por Deus fará quando seu reino se manifestar (72:1-4, 12-14; cf. Sl 2). Em vez de corromper o governo justo de Deus, os juízes devem socorrer *o fraco e o necessitado* e livrá-los das *mãos dos ímpios*.

Na sequência, o salmista comenta sobre os governantes e juízes perversos: *Eles nada sabem, nem entendem* (82:5). Falta-lhes a sabedoria divina que deveriam ter a fim de fazer justiça (Pv 8:14-16). *Vagueiam em trevas*, pois desprezaram a lei de Deus que é luz para o caminho (119:105).

O locutor se refere a si mesmo como *Eu* em 82:6. Mas quem é ele? Na opinião de alguns, é Deus quem fala; outros acreditam ser o salmista. Caso seja Deus, temos aqui uma advertência para que os líderes nomeados pelo próprio Deus para cargos elevados não usem seu poder como desculpa para comportamentos pecaminosos. Explica-se, desse modo, o veredicto do Senhor: *Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo. Todavia, como homens, morrereis* (82:6-7). Seu reinado, como o de todos os outros governantes humanos, chegará ao fim, e eles perecerão.

### 82:8 O juiz de toda a terra

A manifestação e condenação da injustiça nesse salmo são cercadas pelo conteúdo dos versículos inicial e do final. Essa forma de organização é significativa, pois constitui um sinal claro de que “o juízo é de Deus” (Dt 1:17). O salmista conclui, portanto, com a petição: *Levanta-te, ó Deus, julga a terra* (82:8). Como Senhor Soberano do universo, Deus julga não apenas o povo de Israel, mas “toda a terra” (Gn 18:25). Tem o direito de fazê-lo, pois, apesar de Israel ser sua “propriedade peculiar” (Êx 19:5), a ele *compete a herança de todas as nações*.

Não é de admirar que o autor de Apocalipse exclame no meio da tribulação: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20). Somos eternamente gratos ao nosso Senhor que nos ensinou

a orar: “Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6:10). Nosso mundo, no qual a ordem do dia parece ser a subversão da justiça, precisa dessa oração.

### Salmo 83: Uma hoste de inimigos

Apesar de não ser fácil identificar o contexto histórico exato do salmo 83, fica evidente que várias nações se uniram numa coalizão contra Deus (83:2,5) e contra seu povo (83:3-4). A lista dessas nações (83:6-8) inclui a maioria dos inimigos tradicionais de Israel.

### 83:1-8 Súplica para frustrar uma conspiração

O salmo 82 terminou com palavras proferidas diretamente a Deus, e esse começa com uma forma semelhante de discurso. A situação desesperadora fica evidente nas súplicas repetidas do salmista mesmo antes de explicar seu problema: *Ó Deus, não te cales; não te emudeças, nem fiques inativo* (83:1). Na opinião de alguns comentaristas, este salmo foi escrito na época dos acontecimentos registrados em 2Crônicas 20. Nesse caso, o texto corrobora a descrição do temor do rei Josafá quando grande exército se mobilizou contra ele (2Cr 20:2-3).

Só depois de clamar para despertar Deus é que o salmista revela o motivo de estar tão assustado. Os adversários estão prestes a atacar. Pede, portanto, para Deus observar seus *inimigos* e os que o *odeiam* (83:2). São adversários de Deus porque são adversários de seu povo. O turbilhão de preparativos para a guerra fica evidente na observação de que os *inimigos se alvoroçam*. O modo com que *levantam a cabeça* mostra que são seguros e arrogantes.

O ataque não envolve apenas força bruta. Os agressores *tramam astutamente* e, portanto, representam perigo duplo (83:3). Como que para convencer Deus da necessidade de agir, o salmista o lembra de que a conspiração é dirigida *contra os teus protegidos* (“contra aqueles que são o teu tesouro”, NVI). Essas palavras fazem lembrar que em Êxodo 19:5 Deus descreve seu povo como sua “propriedade peculiar” ou “tesouro pessoal” (NVI) ao firmar a aliança com Israel no Sinai. Quando os inimigos dizem: *Vinde, risquemos de entre as nações* (83:4), conspiram contra a eleição divina de Israel e contra os propósitos do Senhor para seu povo. Afinal, o objetivo maior dos adversários é que *não haja mais memória do nome de Israel*. Eles estão decididos a eliminar não apenas a nação, mas qualquer recordação dela. Buscam esse objetivo juntos, pois *tramam concordemente* (83:5). O salmista volta a lembrar ao Senhor que a coalizão inimiga não se levanta apenas contra o povo de Israel, mas *contra ti*, o Senhor da aliança.

Em 83:6-8, temos os nomes das nações que constituem a coalizão: os edomitas, ismaelitas, amonitas, amalequitas e filisteus. Quase todos deles são inimigos tradicionais de Israel. O povo de Tiro também é mencionado. O salmista observa, surpreso, que *também a Assíria se alia com eles, e*



*se constituem braço forte aos filhos de Ló*, ou seja, aos moabitas e amonitas (Gn 19:36-38). Ao que parece, os *hagarenos* eram uma tribo nômade que vivia a leste do Jordão (1Cr 5:10). A identidade do povo chamado de *Gebal* é mais obscura, apesar de alguns estudiosos os associarem à antiga cidade fenícia de Biblos (cf. Js 13:5; 1Rs 5:18).

### 83:9-18 Súplica pela destruição dos inimigos

Diante dos desafios do presente, o salmista reflete sobre os inimigos do passado e sobre como Deus lidou com eles. Lembra-se do que Deus fez a *Midiã* no tempo de Gideão (83:9), quando usou um pequeno exército de trezentos homens para debandar os midianitas que “vinham como enxames de gafanhotos” (Js 6:5; cf. Jz 6—8). Recordar-se de como Deus derrotou *Sísera* e *Jabim*, o rei de Canaã, no tempo de Débora e Baraque (Jz 4—5). O exército de Jabim possuía carros, o de Israel não, mas “o SENHOR derrotou a Sísera”, o general de Jabim “e todos os seus carros, e a todo o seu exército a fio de espada [...]”; e Sísera saltou do carro e fugiu a pé” (Jz 4:15). Sísera foi parar na tenda de Jael, onde o matou com uma estaca da tenda e um martelo (Jz 4:18-21). Não fica claro por que 83:10 menciona *En-Dor*, mas é possível que a batalha tenha sido travada em seus arredores.

O salmista volta a falar da derrota dos midianitas, lembra-se de líderes inimigos passados e presentes e ora: *Sejam os seus nobres como Orebe e como Zeebe, e os seus príncipes, como Zeba e como Zalmuna* (83:11). Orebe e Zeebe foram perseguidos e mortos pelos efraimitas (Jz 7:24-25), e Zeba e Zalmuna foram perseguidos e mortos por Gideão (Jz 8:13-21). Esses líderes midianitas haviam dito: *Apoderemo-nos das habitações de Deus* (83:12), desejo semelhante ao dos inimigos do presente: “Risquemo-los de entre as nações; e não haja mais memória do nome de Israel” (83:4).

O salmista ora para que os inimigos não apenas batam em retirada, mas sejam completamente derrotados. Emprega uma série de símiles ao se dirigir a Deus: *Faze-os como folhas impelidas por um remoinho, como a palha*, duas coisas que podem ser levadas até por uma brisa (83:13). Em outro conjunto de imagens, pede que a intervenção de Deus seja *como o fogo que devora um bosque e a chama que abrasa os montes* (83:14). Incêndios desse tipo são assustadores para quem fica preso no meio deles, e é esse pavor que o salmista deseja ver nos adversários de Israel, daí sua petição ao Senhor: *Persegue-os com a tua tempestade e amedronta-os com o teu vendaval* (83:15).

Ao observar os versículos seguintes, porém, percebemos que o salmista pede mais que a derrota vergonhosa dos inimigos de Israel (83:16a,17). Não deseja que sejam apenas humilhados para assim poder exultar sobre eles. Antes, seu desejo é vê-los mudar de rumo, *para que busquem o teu nome, SENHOR*, a fim de saberem *que só tu, cujo nome é SENHOR, és o Altíssimo sobre toda a terra* (83:16b,18). “SENHOR” é a tradução do hebraico “Javé”, o nome pessoal de Deus.

Javé não é apenas Deus de Israel. É o Criador e Senhor Soberano de todo o universo.

Ao pedir para que seus inimigos conheçam aquele a quem se opõem, o salmista praticamente ora por sua conversão.

### Salmo 84: Anseio pelo Deus vivo

Os salmos 73 a 83, os primeiros onze salmos do Livro Três, são identificados como textos de Asafe. A autoria dos últimos salmos do Livro Três, com exceção de 86—89, porém, é atribuída aos *filhos de Corá*. Asafe e Corá estavam ligados à música no templo (1Cr 6:31-39), e é provável que esses salmos se tenham originado nos coros conhecidos pelo nome desses dois indivíduos.

Observamos uma mudança de tom e conteúdo na transição do salmo 83 para o 84. Os salmos 81—83 mencionam o julgamento de Deus em razão da desobediência, mas os salmos 84—86 focalizam a obediência devota. O salmo 84 expressa anseio pelo lugar de habitação de Deus, um encontro com o Senhor e a comunhão no templo com adoradores de igual disposição. Vários salmos expressam desejo semelhante, mas esse grupo, juntamente com os salmos 42 e 43, que também são atribuídos aos filhos de Corá, parece traduzir melhor essa emoção.

Ao ler esse salmo, precisamos lembrar as palavras de João 4:21-24, em que Jesus garante: quem faz a vontade de Deus “habita em sua presença, onde quer que resida” (EBC). O salmista talvez compreendesse parte dessa verdade, pois encerra dizendo que todos que confiam em Deus desfrutam as bênçãos aqui enumeradas.

#### 84:1-4 Desejo de adorar

As primeiras linhas do salmo 84 expressam o desejo intenso do salmista pela casa de Deus, por seus *tabernáculos* e pelo próprio Deus (84:1-2; cf. tb. 27:4-5; 42:1-2; 63:1-3). Ele não encontra palavras adequadas para descrever o encanto dos átrios do Senhor e o anseio de seu coração. Diz apenas: *A minha alma suspira e desfalece* [...]; *o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!* É possível que chegue a invejar os pássaros que vivem no templo, ou talvez enfatize a segurança que há em Deus e que se estende até a pequenas aves (84:3). Como são felizes os sacerdotes e levitas que podem habitar na *casa* do Senhor e louvá-lo *perpetuamente* (84:4).

#### 84:5-7 Bênçãos para quem busca o Senhor

Não é necessário, porém, limitar as bênçãos em 84:4 àqueles que servem no templo. Elas se estendem a todos *cujas forças estão em ti* (84:5; cf. tb. 81:1) e que andam com segurança, pois em seu *coração se encontram os caminhos aplanados*. A NVI traduz a segunda parte do versículo por: “E os que são peregrinos de coração”. Eles não apenas anseiam pela comunhão com Deus e com seu povo, mas tomam providências para estar no lugar onde ela se concretiza, onde

podem encontrar-se com aquele que é a fonte de suas forças. Sua peregrinação, contudo, não é fácil. Eles passam *pelo vale árido* (84:6), expressão que também pode ser traduzida por “vale do pranto” ou “das lágrimas”. A imagem de peregrinos atravessando um vale longo, quente e seco ressaltava o desafio. Nem mesmo esse vale desolado, porém, é capaz de detê-los, pois o grupo de peregrinos *faz dele um manancial*, “uma declaração clássica de fé que ousa extrair bênçãos das dificuldades” (TOT). Deus também provê a *primeira chuva* (isto é, a chuva de outono), que cobre o vale de *bênçãos*. Essas bênçãos podem incluir a vegetação que brota depois da chuva.

Uma vez que Deus é a fonte de força desses peregrinos (84:5), não surpreende que sigam *de força em força* (84:7), até que *cada um deles aparece diante de Deus em Sião*.

### 84:8-9 Oração pelo rei

Depois de uma série de verbos conjugados na terceira pessoa do plural (84:5-7), ouvimos novamente a voz pessoal do salmista: *SENHOR, Deus dos Exércitos, escuta-me a oração*. Logo em seguida, ele repete a súplica: *Presta ouvidos, ó Deus de Jacó* (84:8). De acordo com alguns comentaristas, 84:8-9 é uma oração separada que foi inserida no salmo. Parece mais provável, contudo, que o salmista fale como representante da comunidade de peregrinos. Em nome deles, oferece uma oração ao Senhor, *escudo nosso*, em favor de seu *ungido* (84:9), termo que se refere ao monarca davídico escolhido por Deus para governar o povo e prefigura o Rei messiânico que ainda está por vir. O rei é capaz de proteger o povo porque recebe poder do Senhor, o “escudo” de Israel (cf. 84:11).

A oração do salmista é apropriada para essa parte do salmo, pois um governo forte torna mais segura a jornada dos peregrinos e protege o templo ao qual eles se dirigem (cf. tb. 1Tm 2:1-2).

### 84:10-12 Comunhão incomparável

Nos versículos iniciais, o salmista expressou seu intenso desejo de ir ao templo. No final, expressa-se com ainda mais eloquência e diz que nada se compara à comunhão com Deus em seu santuário. Usa o tempo como metáfora para asseverar que *um dia nos átrios* de Deus é melhor que *mil dias* em qualquer outro lugar (84:10). Eu gostaria imensamente de trabalhar junto com os levitas que servem como porteiros do templo. Não se trata de inveja da incumbência deles, mas de anseio pelo privilégio de ter acesso aos recintos do templo, ainda que apenas às suas portas.

Os benefícios da comunhão com Deus são enumerados em 84:11. *O SENHOR Deus é sol* que fornece luz e calor. Também é *escudo* que protege o povo, como já foi dito em 84:9. *Dá graça e glória, e nenhum bem sonega aos que andam retamente*.

O salmista conclui com outra bem-aventurança: *Ó SENHOR dos Exércitos, feliz o homem que em ti confia* (84:12).

Está falando diretamente a Deus: “Tendo em vista os benefícios que mencionei, quem confia em ti é de fato bem-aventurado”.

## Salmo 85: Mostra-nos tua misericórdia novamente

O salmo 85 foi escrito num momento em que o povo de Deus enfrentava alguma tribulação, mas seu texto é repleto de encorajamento e esperança. É interessante observar a proeminência dada à terra, mencionada no primeiro versículo, no meio do salmo (85:9) e no final (85:12). Se, como parece ser o caso, este salmo foi escrito depois que o povo regressou do exílio na Babilônia, não é de surpreender que a terra ocupe posição tão importante no pensamento do povo. O salmista pede a Deus que salve Israel e conclui com uma magnífica descrição do que essa salvação representará.

### 85:1-3 O favor de Deus no passado

O salmo começa com uma asserção enfática das bênçãos que Deus derramou sobre seu povo: *Favoreceste [...] a tua terra; restauraste a prosperidade de Jacó* (85:1). *Perdoaste a iniquidade de teu povo* (85:2). *A tua indignação, reprimiste* (85:3). É um exercício saudável e uma boa indicação do que está por vir o fato de o povo de Deus lembrar-se da fidelidade do Senhor no passado e, particularmente, da restauração recente depois do exílio. Conforme sua atitude positiva mostra, creem que Deus pode fazer o mesmo no presente.

### 85:4-7 A misericórdia de Deus

Depois de recordar as bênçãos do passado, o salmista pede ao Senhor da aliança que mostre a mesma disposição para com seu povo nas presentes tribulações: *Restabelece-nos, ó Deus da nossa salvação* (85:4). Conforme sua oração e as palavras “retira de sobre nós a tua ira” indicam, ele percebeu que a situação presente do povo resulta da rebelião contra esse Deus misericordioso. O salmista roga, portanto, que o Senhor remova seu desprazer e volte a lhes ser propício. As indagações em 85:5-6 trazem à memória súplicas semelhantes em outros salmos do Livro Três: *Estarás para sempre irado contra nós? Prolongarás a tua ira por todas as gerações?* (85:5; cf. 79:5). *Porventura, não tornarás a vivificar-nos, para que em ti se regozije o teu povo?* (85:6; cf. 80:18). A sequência de perguntas indica a veemência da oração do salmista. Chega ao cerne da súplica quando diz: *Mostra-nos, SENHOR, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação* (85:7). Aqueles que recebem a salvação que Deus concede também desfrutam os benefícios de sua “misericórdia”, a manifestação diária de sua fidelidade à aliança.

### 85:8-9 Transição que prepara o caminho

Essa seção do salmo constitui uma transição que prepara o caminho para a seção seguinte. Primeiro, o salmista expressa



sua prontidão para escutar *o que Deus, o SENHOR, disser (85:8a)*. Logo em seguida, declara que *Deus falará de paz ao seu povo*, isto é, *aos seus santos*. Por isso, podemos dizer que o salmista representa o povo em sua disposição de escutar.

Para que a paz prometida por Deus permaneça com seu povo, contudo, é preciso que *jamaís caíam em insensatez (85:8b)*, ou seja, não continuem a pecar depois de ouvirem a palavra de Deus, se arrependem e recebem restauração.

A *salvação* que Deus concede está *próxima [...] dos que o temem (85:9)*; não apenas próxima do salmista e de seus contemporâneos, mas de todos que temem ao Senhor em todos os lugares e épocas. Como resultado, a *glória* de Deus habitará *em nossa terra*. Deus prometeu habitar no meio de seu povo no contexto de adoração do templo em Jerusalém e na terra que lhes deu como herança (cf. Pv 14:34).

### 85:10-13 Enfim, renovação

O salmista se torna eloquente ao descrever as consequências da presença da glória de Deus na terra. O Senhor abençoará seu povo com *graça, verdade, justiça, paz*, com *o que é bom* e com *o fruto* da terra (85:10-12), elementos que representam riquezas indescritíveis. Ainda que só experimentemos a plenitude dessas bênçãos após a volta de Cristo, já desfrutamos parte delas em nossa vida quando somos, verdadeiramente, povo contrito de Deus.

Ao dizer: *Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram (85:10)*, o salmista não retrata a reconciliação de inimigos ou ideias contraditórias. Antes, afirma que, nessas circunstâncias, a justiça nunca exigirá a aplicação de uma pena que perturbe a paz. Graça e verdade viverão em harmonia permanente. Sua consonância no plano horizontal será equiparada a um encontro no plano vertical: *Da terra brota a verdade, dos céus a justiça baixa o seu olhar (85:11)*. Não haverá mais desacordo entre céus e terra. Tudo estará em harmonia em toda parte.

Como resultado dessa concordância entre céus e terra e entre a vontade soberana de Deus e a vontade humana, o salmista afirma: *Também o SENHOR dará o que é bom (85:12)*. Como parte desse bem, *nossa terra produzirá o seu fruto*. Não é de admirar que Kidner afirme com referência a essa seção como um todo: “O ponto culminante é uma das descrições mais satisfatórias de concórdia — espiritual, material e moral — encontradas nas Escrituras” (TOT).

Ao operar para proporcionar essa paz suprema ou “shalom” a seu povo, a *justiça* de Deus *irá adiante dele (85:13)*. A tradução da linha seguinte é um tanto controversa. A RA traz: *cujas pegadas ela transforma em caminhos*, enquanto a NVI traduz: “[Ele] preparará o caminho para os seus passos”. Somos chamados não apenas a nos aquecer ao sol da justiça de Deus, mas também a seguir os caminhos da justiça.

### Salmo 86: Súplica e louvor

Este salmo de Davi se encontra interposto entre quatro salmos de autoria dos “filhos de Corá”, dois de cada lado.

É o único salmo atribuído a Davi no Livro Três do Saltério, mas seu conteúdo não destoa do restante. Apresenta perspectiva semelhante à dos outros salmos da seção com respeito ao reino de Deus (cp. 89:9 e 72:11; 82:8; 83:18). Alguns dos salmos expressam em detalhes o que esse reino vindouro representará (85:10-13; Sl 87).

### 86:1-7 Súplica por socorro

Essa seção parece ser uma unidade bem definida, delimitada pelo pedido *Inclina [...] responde-me* em 86:1 e da justificativa *Porque me respondes* em 86:7. Entre esses dois pontos, o salmista profere grande número de petições: *Inclina os ouvidos, SENHOR, e responde-me (86:1a)*; *Preserva a minha vida [...] salva o teu servo (86:2)*; *Compadecer-te de mim (86:3)*; *Alegria a alma do teu servo (86:4a)*; *Escuta, SENHOR, a minha oração e atende à voz da minha súplica (86:6)*.

O salmista sente liberdade de apresentar essas petições por causa de sua necessidade (86:1b) e de seu relacionamento com Deus. Assevera: *Sou piedoso* (86:2), declaração que também pode ser traduzida por “sou fiel a ti” (NVI) ou “sou santo” (RC). Ele é “servo” de Deus (86:2), ao Senhor clama *de contínuo* (86:3) e eleva a sua *alma* (86:4b).

Antes de apresentar seus dois últimos pedidos, o salmista fornece mais um motivo pelo qual Deus deve responder. Ele apela para o caráter divino: *Tu, Senhor, és bom e compassivo; abundante em benignidade para com todos os que te invocam (86:5)*. Depois de dar esse motivo maior para invocar a Deus, não precisa acrescentar mais razões pelas quais o Senhor deve atender aos pedidos que seguem em 86:6. Em última análise, não é a confiança em si mesmo ou em seu relacionamento com Deus que leva o homem piedoso a apresentar petições diante do trono eterno, mas sua confiança no caráter do Senhor. Não é de admirar que essa seção termine com uma declaração categórica: *No dia da minha angústia, clamo a ti, porque me respondes (86:7)*.

### 86:8-10 Somente tu és Deus

O louvor do salmista ao caráter de Deus prepara o caminho para a adoração oferecida em 86:8-10. Nesses versículos, ele afirma que o Senhor da aliança é não apenas o Deus de Israel, mas também o Deus incomparável do universo. *Não há entre os deuses semelhante a Deus, e nada existe que se compare às suas obras (86:8)*. Ademais, quando olha em direção ao fim dos tempos, o salmista diz: *Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome (86:9)*. Menciona três coisas a respeito de Deus que justificam a adoração das nações (86:10): 1) *Tu és grande*; 2) *operas maravilhas* e 3) *só tu és Deus!* Diante da declaração final, os “deuses” mencionados em 86:8 são, na realidade, inexistentes (cf. Dt 4:35,39).

### 86:11-13 Ensina-me, e te louvarei

A estrofe seguinte combina súplica e louvor. O salmista ora: *Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, e andarei na tua*

*verdade* (86:11a). Diante da associação que ele faz entre ensino e verdade, seria de esperar que a oração fosse: “Ensina-me a verdade [...] e andarei no teu caminho”. Uma vez que o salmista usa “caminho” e “verdade” como termos intercambiáveis, porém, a ordem em que aparecem não faz diferença. Conforme o mestre sábio nos lembra: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (Pv 22:6). Como aprendiz humilde, o salmista expressa sua prontidão para absorver as instruções do Pai celestial a fim de andar no caminho correto.

Ele pede ainda: *Dispõe-me o coração para só temer o teu nome* (86:11b). O original hebraico diz: “Torna o meu coração um só”.

Na sequência, o salmista retoma o louvor e glorificação da seção anterior: *Dar-te-ei graças, Senhor, Deus meu, de todo o coração* (86:12) e promete: *Glorificarei para sempre o teu nome*. Volta a mencionar a fidelidade de Deus à sua aliança e o livramento divino *do mais profundo poder da morte* (86:13) como motivos para sua adoração.

#### 86:14-17 Súplica por livramento

Em 86:13, o salmista expressou sua gratidão a Deus por livrá-lo da morte. Repentinamente, porém, volta a falar do perigo do qual acabou de dizer que foi livrado. Como o salmista pode ter louvado a Deus por um livramento que ainda não ocorreu? A única explicação é que ele o faz pela fé. Tem “certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11:1). (É possível também que se refira aqui a um livramento recebido no passado distante.)

Os adversários que se levantam contra o salmista são *soberbos e violentos*. Pressupondo que os inimigos do povo de Deus também são inimigos de Deus, o salmista os despreza ainda como homens que *não [...] consideram* o Senhor (86:14; cf. tb. Sl 74, 79, 83).

Em seguida, contrasta a soberba e violência dos adversários com a compaixão e graça de Deus (86:15). De acordo com Êxodo 34:6, o Senhor é compassivo e grande em misericórdia, daí a menção dessas qualidades constituir um apelo direto à aliança que Deus fez com seu povo. Com base na fidelidade do Senhor à aliança, o salmista roga: *Volta-te para mim e compadece-te de mim* (86:16a).

Descreve a si mesmo como *teu servo [...] o filho da tua serva* (86:16b). Escolhe esses termos porque enfatizam a natureza de seu relacionamento com Deus. O servo tem direito à proteção de seu senhor. Esse servo não começou a trabalhar há pouco tempo na casa de seu senhor, pois, como filho de uma serva, nasceu na casa do senhor. Êxodo 21:4 afirma que o filho da serva pertence ao senhor. O salmista se considera um membro pleno da casa de Deus, e sua vida é dedicada ao serviço do Senhor. É possível, portanto, resumir sua oração nos seguintes termos: “Senhor, *concede a tua força ao teu servo* e salva-me, pois sou inteiramente dedicado a ti”.

Por fim, o salmista pede um sinal. Não o faz, porém, como Gideão (Jz 6:36-40), que pediu um sinal como teste. Antes, pede *um sinal do teu favor* (86:17a). Deseja que o Senhor mostre sua presença por meio do livramento. Também pede esse sinal do favor de Deus *para que o vejam e se envergonhem os que [o] aborrecem*. Eles não são apenas inimigos do salmista, mas também inimigos de Deus. O sinal do favor de Deus, portanto, vindicará tanto o Senhor quanto o seu servo.

Fica evidente que ele testemunhou sinais semelhantes do favor de Deus no passado, pois termina o salmo com a declaração: *Pois tu, SENHOR, me ajudas e me consolais* (86:17b).

#### Salmo 87: Sião restaurada e repovoada

O salmo 87 não é de fácil compreensão. Seu tema, porém, a grandeza de Sião, se encaixa com os temas dos outros salmos do Livro Três. Salmos 74:1-8 trata da destruição de Sião; 76:2 menciona Sião como lugar de habitação de Deus; em 78:68, é o lugar que ele ama; e, em 84:7, é o destino daqueles que amam a Deus.

O salmo começa com a informação de que Sião é *fundada por ele*. O versículo seguinte deixa claro que “por ele” se refere a Deus, aquele que estabeleceu a cidade *sobre os montes santos* (87:1; cf. tb. 78:67-69). Deus *ama* a cidade, simbolizada por suas *portas* (87:2). Não é de surpreender, portanto, que *gloriosas coisas se têm dito de ti, ó cidade de Deus* (87:3).

A mensagem deste salmo não é tanto sobre a Jerusalém física e o monte do templo. Antes, seu foco principal é Sião, a cidade de Deus que Jerusalém simboliza. É sobre a restauração e a exaltação da cidade de Deus, não apenas acima de todas as tribos de Israel (87:2), mas acima de todas as nações da terra.

Essas nações incluem os inimigos tradicionais de Israel: *Raabe* (Egito), *Filístia* e *Tiro*, bem como povos de lugares distantes como a região da *Etiópia* no norte da África (87:4). Até mesmo a *Babilônia*, a nação que havia levado o povo para o cativeiro e cujos soldados haviam destruído o templo, virá a reconhecer o Deus de Israel como seu Senhor. Eles chegarão até a se gabar com referência a Sião: *Lá, nasceram* ou “Este é nascido ali” (RC). O fato de o texto hebraico não mencionar o nome “Sião” nem aqui nem em 87:6 sugere que o prestígio da cidade será tanto que só se precisará dizer: “Lá, nasceram”. Não há dúvidas, porém, acerca da cidade em questão, pois 87:5a a identifica claramente como Sião.

Ao que parece, o Senhor mantém um registro daqueles que desfrutaram o privilégio de terem nascido em sua cidade (87:6). Como essa revelação indica, também é ele quem menciona Raabe e Babilônia e aceita o reconhecimento em 87:4 (cf. Lc 10:17-20; Ap 20:11-15). O salmista retoma a ideia de 87:1 ao enfatizar que Sião não é apenas uma cidade humana, pois o *próprio Altíssimo a estabelecerá* (87:5b).

O Senhor também apoia claramente a valorização de quem nasceu em Sião, pois **87:6** afirma: *O SENHOR, ao registrar os povos, dirá: Este nasceu lá.*

Por que essa declaração é tão importante, a ponto de precisar ser repetida três vezes? Entre outras coisas, mostra que Jerusalém não se encontra mais desolada; antes, é uma cidade próspera com uma população crescente que se orgulha de suas origens. Mais importante, porém, o fato de Deus aprovar o nascimento de crianças de várias nações em sua cidade revela que “não obstante o modo de as nações se relacionarem com o povo de Deus no passado, indivíduos desses povos ainda podem participar da ‘cidade’ de Deus. Tais indivíduos são aqueles que o ‘conhecem’ (87:4), ou seja, adoram Javé como Deus vivo. Mediante essa confissão, seus nomes são registrados no rol de cidadãos de Sião (87:6)” (EBC).

Chegamos ao último versículo do salmo: *Todos os cantores, saltando de júbilo, entoarão: Todas as minhas fontes são em ti (87:7).* Podemos perguntar: O que significa a expressão “Todas as minhas fontes são em ti”? Ao que parece, os músicos e cantores são aqueles que nasceram em Sião, os cidadãos de Sião. Celebram a cidade que amam, mas a celebração não é separada de seu amor pelo Senhor que proveu a cidade para que pudessem habitar nela, o Deus cuja presença enche Sião. Ele é a fonte suprema de todo bem e de toda alegria (cf. tb. 46:5; Ez 47).

### **Salmo 88: Clamor do fundo da cova**

Há quem descreva o salmo 88 como a oração mais triste de todo o Saltério. Vários comentaristas concordariam com Wilcock, segundo o qual no salmo 88 “a escuridão literalmente tem a última palavra. O salmo não apresenta praticamente nenhum lampejo de esperança” (BST). Em vários sentidos, a situação do salmista é semelhante à de Jó quando ele expressa suas queixas a Deus. Não se trata de uma indicação de falta de fé, mas da presença de uma fé na qual os fiéis podem pôr diante do Pai celestial todos os aspectos da vida. Não é por acaso que se costuma ler esse salmo na Sexta-Feira Santa, o dia mais melancólico do calendário cristão, mas que é seguido da alegria da ressurreição.

#### **88:1-9 Salva-me da morte**

O salmista começa com um clamor ao *Deus da minha salvação (88:1)*. É impressionante que alguém tão angustiado clame a Deus não apenas ocasionalmente, mas *dia e noite*. Ele pede que o Senhor lhe dê ouvidos (**88:2**).

Prossegue com uma descrição de suas tribulações intensas e enfatiza, com frequência, que elas são semelhantes à morte: *A minha vida já se abeira da morte. Sou contado com os que baixam à cova, como um homem sem força; atirado entre os mortos; como os feridos de morte que jazem na sepultura, dos quais já não te lembras; são desamparados de tuas mãos (88:3-5)*. Além de se sentir esquecido por Deus, ele acredita que o Senhor o ataca ativamente: foi Deus quem

o colocou *na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos (88:6)*. É o Senhor quem o abate com essa provação e o aparta de seus amigos (**88:7-8a**). A separação não é apenas um distanciamento físico, algo que pode ser difícil de suportar, mas é um fardo ainda mais pesado, pois consiste numa rejeição ativa. O Senhor tornou o salmista *objeto de abominação para com eles (88:8b)*.

Ele se sente como um prisioneiro, alguém que caiu numa armadilha, e diz: *Estou preso e não vejo como sair (88:8c)*. A imagem nos lembra sua descrição de si mesmo como alguém confinado “à cova” e à “sepultura” (88:4,5).

Outros passaram por experiências parecidas, e é possível que o salmista lembre as palavras de outro salmo: “SENHOR, da cova fizeste subir a minha alma; preservaste-me a vida para que não descesse à sepultura” (30:3). Na esperança de que o mesmo aconteça com ele, o salmista encerra essa seção da mesma forma que a iniciou: *Dia após dia, venho clamando a ti, SENHOR, e te levanto as minhas mãos (88:9)*. Literalmente, ele mostra as palmas das mãos para Deus, gesto pelo qual indica que está pronto para receber o livramento divino.

#### **88:10-12 Perguntas retóricas**

A série de perguntas que o salmista sofredor articula também serve de medida da sua fé. Por que ele se daria ao trabalho de fazer tais perguntas a Deus se não cresse que o Senhor pode ouvi-lo? VanGemeren comenta: “A verdadeira fé não é uma aceitação apática de tudo o que acontece. A verdadeira fé consiste em lutar com o Senhor em oração” (EBC).

O salmista pergunta, portanto: *Mostrarás tu prodígios aos mortos [...] (88:10)*. A resposta, obviamente, é “não”. Como Deus pode mostrar seus prodígios aos mortos quando não se lembra deles, que são “desamparados de tuas mãos” (89:5)? *Os finados se levantarão para te louvar?* Mais uma vez, para o salmista a resposta é “não”, pois eles deixaram de existir na terra dos vivos. *Será referida a tua bondade na sepultura? A tua fidelidade, nos abismos? (88:11)*. A resposta só pode ser “não”. Afinal, como é possível a *bondade* e a *fidelidade* de Deus serem referidas *na sepultura*, que também é o “Abismo da Morte” (NVI)? Não é de admirar que o NT chame a morte de “último inimigo” (TOT). O salmista ainda não terminou de fazer suas perguntas: *Acaso, nas trevas se manifestam as tuas maravilhas? E a tua justiça na terra do esquecimento? (88:12)*. Impossível! Sem conhecimento da ressurreição, essas perguntas não têm resposta satisfatória.

Ao ler este salmo, precisamos entender, pelo menos em parte, como o AT vê a morte. Ele não nega a possibilidade de vida depois da morte, mas se concentra na importância de viver a vida presente em comunhão com Deus.

#### **88:13-18 Escuridão, minha amiga mais chegada**

Por mais desesperadas que pareçam as palavras do salmista, como observamos anteriormente, constituem o cla-

mor do coração de um homem de Deus. Mesmo depois de todas as perguntas, ele diz: *Mas eu, SENHOR, clamo a ti por socorro, e antemanhã já se antecipa diante de ti a minha oração (88:13)*. Ouvimos o salmista clamar a Deus “dia e noite” (88:1) e “dia após dia” (88:9). Agora, ele ora “antemanhã”. Parece não haver nenhum momento em que esse homem de Deus não está orando! (Ele faz exatamente conforme Jesus instruiu em Lc 18:1.) Não deixa de orar mesmo quando sua fé está sob provação intensa e quando lhe parece que Deus o rejeitou e ocultou dele o seu rosto (88:14).

O sofrimento não é novidade. O salmista afirma que anda *aflito e prestes a expirar desde moço (88:15a)*. Encontra-se *sob o peso dos [...] terrores de Deus e sob suas iras (88:15b-16a)*. Qual o significado da afirmação: *Os teus terrores deram cabo de mim (88:16b)*? Afinal, ele ainda está vivo e continua a orar a Deus. É possível que esteja falando de sua sensação de abandono enquanto passa pela tribulação, pelo vale da sombra da morte. As iras e os terrores são como águas que *sobre mim passaram (88:16)*. O salmista prossegue com a descrição de si mesmo como um homem que se afoga ao dizer que os terrores de Deus o *rodeiam como água e a um tempo me circundam (88:17; cf. tb. 88:7)*.

Ele se sente abandonado não apenas por Deus, mas também por aqueles que são mais próximos, daí sua queixa: *Para longe de mim afastaste amigo e companheiro (88:18; cf. tb. 88:8)*. A única companhia que lhe resta são as *trevas (88:18)*. O salmo termina nesse tom de desespero. Felizmente, porém, não é a última palavra do Saltério.

### Salmo 89: A aliança eterna de Deus com Davi

O tema central deste salmo é a aliança de Deus com Davi, na qual o Senhor prometeu: “A tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre” (2Sm 7:16). A expressão “para sempre” ocorre repetidamente neste salmo (89:1,2,4,28-29,36-37,46,52). O autor está perplexo porque Deus parece não ter cumprido essa promessa. Ele não sabia, porém, que o verdadeiro cumprimento se daria em Cristo.

#### 89:1-4 Introdução

O salmista começa este salmo magnífico com uma celebração das qualidades perenes do Senhor, mais especificamente, suas *misericórdias e fidelidade (89:1)*. Ele proclamará esses atributos *para sempre*, ou seja, *a todas as gerações*, pois elas permanecerão eternamente: *A benignidade está fundada para sempre; a tua fidelidade, tua a confirmarás nos céus (89:2)*.

A proclamação da fidelidade de Deus é seguida do exemplo específico de uma promessa que depende dessa fidelidade: *Fiz aliança com o meu escolhido e jurei a Davi, meu servo (89:3)*. O conteúdo da promessa de Deus a Davi é: *Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração (89:4; cf. 2Sm 7:8-17)*. O Deus fiel cujo governo permanece para sempre é o único que pode fazer tal promessa.

#### 89:5-13 O Senhor incomparável

A seção anterior focalizou a misericórdia e a fidelidade de Deus, especialmente com relação à aliança davídica. Essa seção, por sua vez, focaliza o próprio Deus. Em 89:5-8, o salmista fala da majestade de Deus na assembleia dos santos; em 89:9-13, fala do domínio ou soberania de Deus sobre a criação e a história humana.

Deus é tão grande que até *os céus* celebram suas *mara-vilhas e fidelidade*. A celebração ocorre *na assembleia dos santos (89:5)*. A assembleia pode referir-se ao povo da aliança de Deus, mas nesse contexto parece ser uma grande reunião das hostes celestiais (anjos) em volta do trono de Deus. Os anjos são tão impressionantes em poder e glória que os seres humanos podem sentir-se tentados a adorá-los (Cl 2:18; Ap 22:8). Nem um deles, porém, *é comparável ao SENHOR (89:6)*. Quando Daniel, que não temeu leões nem o rei da Babilônia, viu um anjo, ficou “amedrontado e [prostrou-se] com o rosto em terra” (Dn 8:15-17). Entre esses seres grandiosos, porém, Deus é *sobremodo tremendo [...] e temível sobre todos os que o rodeiam (89:7)*. Assim como as hostes celestiais cercam o Senhor e lhe prestam culto, também a *sua fidelidade* o rodeia e proclama seu amor imutável dentro da aliança (89:8).

Além de ser majestoso, o Senhor da aliança também é soberano sobre a criação e os assuntos da humanidade. É o único capaz de exercer domínio sobre *a fúria do mar* com sua força imprevisível e irrefreável (89:9). Pode ainda controlar até as nações mais fortes, pois esmagou *Raabe* (Egito), mais notadamente por ocasião do êxodo (89:10). Ele é soberano sobre todas as coisas porque criou tudo o que existe. Dele *são os céus [...], a terra; o mundo e a sua plenitude (89:11)*. Até mesmo as montanhas, desde as menores (*Tabor*) até as maiores (*Hermom*), *exultam em teu nome (89:11-12)*. Não é de surpreender que o salmista declare: *O teu braço é armado de poder, forte é a tua mão, e elevada, a tua destra (89:13)*.

#### 89:14-18 Bênçãos aos seus adoradores

Isoladamente, porém, o poder por vezes é tirânico. É maravilhoso, assim, como Deus combina seu poder absoluto com infinita bondade. Seu governo é caracterizado por *justiça e direito [...] graça e verdade (89:14)*. A ausência dessa combinação em governantes humanos causa grande aflição aos governados e constitui um desafio real para os líderes africanos.

Quem *conhece os vivas de júbilo*, ou seja, quem aprendeu a aclamar esse Deus e *anda [...] na luz da sua presença* pode ser considerado *bem-aventurado (89:15)*. É bem-aventurado ou feliz porque *em teu nome, de contínuo se alegra (89:16)*. O nome de Deus é uma expressão do seu caráter, de modo que o povo se regozija na justiça de Deus, a qual, segundo 89:14, é o fundamento do seu trono. O salmista junta-se ao povo que celebra e mistura os pronomes *sua* e *nosso* em 89:17, pois todos que adoram ao Senhor fazem parte do

mesmo grupo, o povo da aliança. Para eles, Deus é a *glória de sua força* e os abençoará ao mostrar seu *favor* e exaltar o *poder* de seu povo.

Na sequência, o salmista apresenta outro motivo de regozijo: *Ao SENHOR pertence o nosso escudo, e ao Santo de Israel, o nosso rei (89:18)*. Aqui, o escudo equivale ao rei, pois protege seu povo (cf. 84:9). Quando o povo e o rei pertencem ao Senhor, são de fato bem-aventurados e têm motivos de sobra para se regozijar.

### 89:19-37 A aliança de Deus

A menção do rei de Israel em 89:18 faz uma transição suave para o tema que o salmista tem em seu coração: a aliança eterna que Deus firmou primeiro com Davi (89:19-29) e, depois, com seus descendentes (89:30-37). Esse tema já apareceu em 89:3-4.

O salmista começa lembrando a Deus a ocasião em que ele falou em *visão aos seus santos*, os profetas (89:19). Primeiro, falou a Samuel: *A um herói concedi o poder de socorrer* (cf. 1Sm 13:14) e *do meio do povo, exaltei um escolhido* (cf. 1Sm 16:1). A unção de Davi, meu servo (89:20) está registrada em 1Samuel 16:12-13. Os versículos seguintes do salmo descrevem como Deus protegeu e exaltou seu rei ungido. *O inimigo jamais o surpreenderá*, pois a *mão de Deus será firme com ele*, e o Senhor esmagará *diante dele os seus adversários (89:21-23)*. A bondade e a fidelidade de Deus à aliança *hão de acompanhar o rei (89:24)*. Como resultado, seu reino se estenderá *sobre o mar e [...] sobre os rios (89:25)*. O rei chamará Deus de *meu pai, meu Deus e a rocha da minha salvação (89:26)*. A nação talvez se dirigisse a Deus nesses termos, pois em Êxodo 4:22 Deus chama Israel como um todo de “meu filho, meu primogênito” e de “meu filho” em Oseias 11:1. O rei ungido, porém, parece ter um relacionamento especial com Deus. Somos lembrados das palavras em 2:7-9. A ligação entre o salmo 2 e este salmo é declarada no versículo seguinte, no qual Deus promete: *Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra (89:27)*. Deus reafirma sua aliança com Davi e seus descendentes e garante que a *descendência e o trono do rei permanecerão como os dias do céu (89:28-29)*.

Alianças exigem compromisso de ambas as partes. Deus reconhece que alguns dos descendentes de Davi poderão ser infiéis (89:30-31). Se agirem desse modo, serão castigados (89:32; cf. 2Sm 7:14). Não obstante, em razão de sua aliança eterna com Davi, Deus jura: *Jamais retirarei dele a minha bondade, nem desmentirei a minha fidelidade (89:33)*. Em 2Samuel 7:15, essa promessa aparece em contraste com a forma com que Deus tratou Saul, o antecessor de Davi, destacando a consideração especial do Senhor por seu relacionamento com Davi e a aliança com o rei de Israel.

O salmo fala repetidamente da fidelidade de Deus (89:1-2,5,8,14,24,33), e a lembrança desses versículos acrescenta ênfase às palavras do Senhor: *Não violarei a minha*

*aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram (89:34)*. Deus está pronto até a fazer um juramento formal por aquilo que há de mais exaltado, sua *santidade (89:35; cf. Gn 22:15-18; Hb 6:16-17)*. De acordo com o conteúdo do juramento, a *posteridade de Davi durará para sempre, e o seu trono, como o sol perante mim (89:36; cf. tb. 89:29)*. Usando o paralelismo hebraico, Deus acrescenta: o rei *será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço (89:37)*. Em Gênesis 9:12-16, Deus usou o arco-íris, um fenômeno efêmero, como sinal de sua aliança com Noé. Os símbolos que o Senhor emprega para sua aliança com Davi são bem mais fortes.

### 89:38-52 Aparente fracasso da aliança

A promessa dos versículos anteriores ainda ressoa em nossos ouvidos quando nos deparamos abruptamente com as palavras *Tu, porém*, em 89:38, “uma lembrança clara de que o Deus que fez as promessas arruinou o rei” (TOT). O salmista escreve muitos anos depois da era de ouro da monarquia no tempo de Davi e seu filho, Salomão. A seu ver, as promessas de Deus parecem não se ter cumprido. Como se apontasse um dedo acusador para Deus, depois de *Tu, porém*, o salmista acrescenta uma longa lista de verbos para descrever atos divinos que colocaram o seu povo e o rei na situação presente: *Tu [...] o repudiaste e o rejeitaste; e te indignaste com o teu ungido (89:38)*. Deus prometeu que sua aliança com Davi seria eterna, mas aborreceu a *aliança (89:39)*. O rei davídico sofreu profunda humilhação e sua coroa foi profanada e lançada *por terra* (cf. tb. 89:44-45). A cidade foi devastada, seu palácio foi saqueado, e ele próprio se tornou objeto de escárnio de seus vizinhos (89:40-41).

Ao mesmo tempo em que fazia essas coisas terríveis ao seu rei ungido com o qual tinha firmado aliança, Deus exaltava *a destra dos seus adversários* e proporcionava *regozijo a todos os seus inimigos (89:42)*. O Senhor permitiu que derrotassem o rei da aliança na batalha e o depusessem (89:43-44). O último rei de Israel tinha apenas 18 anos de idade quando foi levado para a Babilônia (2Rs 24:8), de modo que Deus abreviou, de fato, *os dias da sua mocidade*. Em vez de vestir mantos reais, o monarca foi coberto de *ignomínia (89:45)*.

Depois de contrastar a glória do Senhor com as calamidades presentes, o salmista faz uma petição. Mais uma vez, ouvimos a pergunta: *Até quando (89:46)?* Se esse é o castigo de Deus por causa da infidelidade dos descendentes de Davi à aliança, até quando ele perdurará? A vida humana é curta. O salmista pensa em termos pessoais e pede a Deus: *Lembra-te de como é breve a minha existência! (89:47)*. Sua pergunta parece ser: “Até quando terei de esperar para testemunhar a restauração do reino davídico? Anseio intensamente vê-lo antes de morrer”. Sua sensação de impotência diante da *morte* e do *sepulcro (89:48)* traz à memória o salmo 88.

Em seguida, o salmista volta a lamentar a diferença entre as bênçãos de Deus sobre seu ungido no passado (89:49) e a situação presente (89:50-51). Diz ao Senhor: “Senti a *injúria de muitos povos* contra o *teu ungido* como se fossem dirigidas contra mim” e termina o salmo nesse tom. Várias promessas do AT ainda não se haviam cumprido, e a aliança davídica parecia rompida. O cumprimento pelo qual o salmista ansiava, porém, se daria com a vinda de Jesus, o maior filho de Davi. De fato, o Senhor levantaria “o tabernáculo caído de Davi” (Am 9:11; cf. tb. At 15:16).

As palavras de louvor em 89:52 não fazem parte desse salmo. Foram acrescentadas para marcar o final do Livro Três do Saltério. Os cinco livros se encerram com palavras semelhantes de louvor.

## LIVRO QUATRO: SALMOS 90—106

### Salmo 90: O Deus eterno é nosso Deus

De acordo com seu título, o salmo 90 é uma *oração de Moisés*. Algumas das ideias do salmo, sem dúvida, lembram episódios descritos nos cinco primeiros livros bíblicos cuja autoria é atribuída a Moisés. O título descreve Moisés como *homem de Deus*, descrição que também aparece em Deuteronômio 33:1, Josué 14:6 e Esdras 3:2. Eliseu (1Rs 4:8-9) e Timóteo (1Tm 6:11) também recebem essa designação. Causa surpresa, porém, as mesmas palavras serem usadas para todos os verdadeiros fiéis em 2Timóteo 3:16-17. Todos nós podemos, portanto, acompanhar Moisés nessa oração.

#### 90:1-2 A existência eterna de Deus

Para Deus, o tempo não é um fator limitante. Conhecemos apenas o nosso próprio tempo, mas o Senhor proveu um lar seguro para seu povo *de geração em geração* (90:1). Ele existe desde a eternidade passada e continuará a existir na eternidade futura. Esse fato é ressaltado pela referência aos *montes* (90:2a), cuja existência abrange inúmeras gerações humanas. Eles parecem inalteráveis e duradouros, mas Deus é mais imutável e antigo do que todas as montanhas. Ao longo dos séculos, elas se desgastam lentamente com o vento, as intempéries e outras forças da natureza. Deus, porém, existe bem antes de os montes nascerem e de a própria terra se formar (Gn 1:1) e continuará a existir bem depois que se tiverem transformado em pó. O salmista resume tudo isso ao dizer: *De eternidade a eternidade, tu és Deus* (90:2b; cf. tb. Is 40). Deus é o único que não muda.

#### 90:3-6 Vida e morte

Deus criou os montes e os seres humanos (as expressões *homem* e *filhos dos homens* se referem aos seres humanos em geral) e define a duração da vida de cada um. Quando chega a nossa hora, morremos, nosso corpo entra em decomposição e volta ao *pó* do qual fomos inicialmente formados (90:3; Gn 2:7).

Com frequência, as Escrituras retratam a morte como *um sono*, na esperança de que despertaremos depois desta vida. A brevidade de nossa vida e o caráter decisivo da ação de Deus podem ser observados na declaração: *Tu os arrastas na torrente, são como um sono* (90:5).

A pouca duração de nossa vida em comparação com a existência de Deus (90:4) é enfatizada pela imagem que compara o ser humano à relva. Na África, quando vêm as chuvas, a vegetação floresce, e a relva se torna verde e viçosa. Passado o tempo das chuvas, porém, quando sopram os ventos, a relva seca e fica marrom. Qualquer faísca pode iniciar um incêndio que transforma a relva seca em cinzas (90:6). A vida humana é igualmente fugaz.

Pedro cita 90:4 ao falar da aparente demora do dia do julgamento (2Pe 3:8). Sua intenção é lembrar aos leitores a diferença entre a perspectiva humana e a perspectiva divina acerca do tempo.

#### 90:7-12 A ira de Deus

A referência ao “pó” em 90:3 lembra que a morte faz parte do castigo de Deus pelo pecado de Adão e Eva (Gn 2:17). Deus disse a Adão: “Tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3:19). Não sofremos a morte e voltamos ao pó por causa do pecado deles, mas devido ao nosso próprio pecado, que suscita a *ira* do Deus santo (90:7). O Senhor conhece todos os nossos pecados, por mais que tentemos ocultá-los dele ou de nós mesmos (90:8; cf. tb. 19:12). Sofremos as consequências de sua ira contra o pecado *todos os nossos dias* (90:9). Mesmo quando somos abençoados com uma vida longa, ela continua parecendo breve e repleta de tribulações (90:10; 78:33). Nossos dias passam rapidamente, e *nós voamos* como uma fagulha que sobe do fogo ou um sonho que desaparece quando despertamos (Jó 5:7; 20:8).

O salmista se enche de temor diante da grandeza de Deus e de perplexidade ao tentar imaginar como é o furor de um Deus tão grande. No final, só é capaz de perguntar: *Quem conhece [...] a tua cólera, segundo o temor que te é devido?* (90:11). Aqui, “temor” significa algo semelhante a “respeito”. Tendo em vista não sermos capazes de entender plenamente o respeito que é devido a Deus, nada mais certo do que o salmista pedir sabedoria ao Senhor. *Nossos dias* na terra são tão breves que precisamos de *coração sábio* para descobrir como devemos viver e agir (90:12). Demonstramos sabedoria ao odiar o pecado, reverenciar a Deus e tratar os outros com justiça.

#### 90:13-17 Súplica pela compaixão divina

O salmista não se desespera por saber da ira de Deus contra o pecado humano; antes, pede ao Senhor que mostre compaixão. Seu clamor: *Volta-te, SENHOR!* (90:13) emprega o nome de Deus na aliança para lembrá-lo de que o salmista faz parte do seu povo, é um de seus *servos* (Dt 32:36). A profundidade do sofrimento do povo é sugerida pela pergunta: *Até quando?*, comum em situações nas quais o locu-

tor se encontra extremamente angustiado (p. ex., em 6:3; Is 6:11; Hc 1:2).

O grande furor de Deus é contrabalançado por sua *benignidade* (90:14). Quando Deus demonstrar sua benignidade em resposta às petições do salmista, seu povo não será mais conturbado pelo furor divino (90:7). Antes, cantarão *de júbilo*. Em vez de terem dias repletos de dificuldades e tristezas, eles se alegrarão durante todos os dias de vida que o Senhor lhes conceder na terra. O salmista pede que o número de dias e anos de sua alegria seja correspondente ao número de dias e anos em que experimentaram aflição e adversidade (90:15).

Ele pede a bênção de Deus não apenas sobre seus contemporâneos, mas também sobre os *filhos* das gerações vindouras (90:16). Conclui com mais duas súplicas: *Seja sobre nós [o povo de Deus] a graça do Senhor e confirme sobre nós as obras das nossas mãos* (90:17). Em outras palavras, o salmista pede que o Senhor faça prosperar aquilo que seu povo está fazendo e confira a essas obras valor eterno.

Nossa reflexão sobre esse salmo deve inspirar gratidão pelo fato de Deus não nos destruir por causa de nossos pecados e louvor a ele como nosso Criador compassivo. Como tal, ele é nosso refúgio de geração em geração.

### **Salmo 91: Deus, nosso protetor**

Na África, o perigo pode ser extremamente real. Muitos são ameaçados por forças da natureza, como o calor, e por forças humanas, como guerras civis e revoltas. De acordo com este salmo, Deus nos livra do perigo e garante que encontraremos proteção e salvação no Senhor.

#### **91:1-2 Deus, meu protetor**

Quando se sentem ameaçadas, as pessoas buscam proteção em diversos lugares: rios, florestas, árvores, cavernas, arbustos ou casas. Em 91:1, o salmista declara que Deus é seu lugar seguro e usa imagens para descrevê-lo como *esconderijo* e *sombra* que o protege do calor do sol. No versículo seguinte, passa dessa verdade geral para uma declaração explícita de sua confiança no Senhor como seu *refúgio* e [...] *baluarte* (91:2), onde está protegido de seus inimigos. A combinação de imagens mostra que Deus protege tanto de perigos naturais quanto humanos.

Em suas declarações de confiança, o salmista emprega quatro nomes para Deus: *Altíssimo*, *Onipotente*, *SENHOR* e *Deus*. Os dois primeiros nomes eram conhecidos dos patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó) quando Deus constituiu Israel como nação. O nome traduzido por “SENHOR” é o nome da aliança por meio do qual Deus se revelou a Moisés (Êx 3:12; 6:3), e “Deus” é o nome de Deus na criação (Gn 1:1). Ao usar essas designações, é possível que o salmista desejasse mostrar quem é Deus e que ele continuará a ser o mesmo. É sobre esse Deus que ele deposita sua confiança e nos convida a proceder da mesma maneira.

#### **91:3-13 Garantia de proteção**

Depois de mostrar quem é Deus, o salmista assegura que Deus protegerá quem confia nele. As palavras *Ele te livrará* (91:3) garantem que é possível ser salvo mesmo que se esteja preso no *laço* do inimigo, ou que a comunidade sofra de *peste perniciosa* (ou epidêmica).

Ao descrever como o Senhor nos guarda, o salmista usa a imagem de um pássaro que coloca os filhotes *sob suas asas* para protegê-los de gaviões e outros predadores (91:4a). Diz-se que, por mais distante que a mãe avestruz esteja de seu ninho, ao primeiro sinal de chuva, ela corre de volta para ele a fim de se certificar de que os ovos não serão molhados pela água fria. Deus nos preserva mais que uma mãe avestruz cuida de seus ovos!

O salmista prossegue com mais um conjunto de imagens, dessa vez associadas à guerra. Diz que Deus será *pavês* para nos proteger na batalha e *escudo* atrás do qual nos podemos esconder (91:4b). Sob sua guarda, não precisamos temer o *terror noturno* nem as armas que nossos inimigos empunham *de dia* (91:5). Essa verdade se aplica quer enfrentemos inimigos humanos, quer travemos batalhas espirituais contra os poderes das trevas (Ef 6:10-18). Sem a proteção de Deus, estaríamos desamparados diante do inimigo e seríamos derrotados de imediato.

O salmista volta a usar as imagens de enfermidade e morte ao falar *da peste* e *da mortandade* (91:6; cf. tb. 2Cr 6:28). Ele garante aos fiéis a Deus (91:8-9): mesmo que muitos estejam morrendo em decorrência de enfermidades e guerras ao seu redor (91:7), serão preservados e não sofrerão nenhum mal ou calamidade.

Para nós, cristãos, essas declarações podem parecer incríveis. Enfrentamos inúmeros perigos, alguns quase idênticos aos mencionados pelo salmista. Diante de guerras, conflitos religiosos, crimes violentos, malária, HIV/aids, secas, fomes, instabilidade política, dificuldades econômicas, dívida externa, padrões de ensino cada vez mais baixos, decadência moral, volta da escravidão e batalhas espirituais contra sociedades secretas e afins, podemos de fato confiar em que Deus nos protegerá? Sabemos de cristãos que foram atingidos pelo mal. O que o salmista quer dizer, portanto, quando afirma: *Nenhum mal te sucederá* (91:10)? Ele não quer dizer que coisas ruins não aconteçam a pessoas fiéis a Deus. Antes, a ideia é que Deus está ciente de todos os acontecimentos, e tudo o que parece ser prejudicial só nos atinge com a permissão do Senhor, para que seus propósitos sejam cumpridos.

Precisamos observar ainda como o NT emprega esse salmo. O diabo sabe citar as Escrituras e, em Mateus 4:6, usa a promessa de proteção em 91:11-12 para tentar Jesus a se lançar do pináculo do templo e provar que é o Filho de Deus. Jesus se recusa categoricamente a usar a promessa feita nesse salmo para provar sua fé ou se tornar uma celebridade (Mt 4:7). As promessas divinas de proteção não significam que podemos fazer coisas erradas ou insensatas.



Semelhantemente, alguns cristãos deturpam o significado de **91:13** e manuseiam cobras para provar sua fé e mostrar como Deus os protege. As Escrituras, porém, não nos incentivam a testar Deus dessa forma.

Outros cristãos colocam adesivos com os dizeres: “Guardado por anjos” na porta do quarto como forma de se apropriar da proteção de Deus, uma prática equivocada que transforma os anjos e as Escrituras em amuletos.

Esse salmo nos lembra que somos filhos de Deus e podemos estar certos do cuidado de nosso Pai em todas as circunstâncias, mesmo nas desagradáveis. Foi essa fé que sustentou os heróis mencionados em Hebreus 11.

### 91:14-16 Deus promete guardar seu povo

Esse salmo começa com a declaração: “O que habita no esconderijo do Altíssimo [...] diz” (91:1-2) e termina com aquilo que Deus diz (91:14). Ele promete resgatar e proteger aqueles que o amam, pois reconhecem seu nome. Sabem que ele é Senhor e o invocam para pedir livramento. Deus não afirma que estarão imunes de problemas, mas garante que estará com eles em suas dificuldades (91:15).

A promessa divina de *longevidade* e *salvação* (91:16) não significa, necessariamente, que todos os cristãos terão vida longa neste mundo. Em algumas ocasiões, a fim de ser glorificado e cumprir seus propósitos, Deus permite que seu povo sofra perseguição, fome e enfermidade. Por algum motivo, portanto, Deus permitiu que Idi Amim matasse o bispo Janani Luwun. Permitiu que o dr. Byan Kato morresse repentinamente em 1975, quando era tão necessário na África. Permitiu que os reverendos Tachio Duniya e Gurza fossem mortos durante os conflitos religiosos em Kaduna e que um dos meus colegas de classe, Yahaya Tsalibi, tivesse o mesmo fim em Portiskum, na Nigéria. No entanto, como fiéis que confiam no Senhor, cremos que Deus tem seus propósitos em tudo o que faz ou permite.

### Salmo 92: Louvores a Deus em todo tempo

De acordo com o título, este salmo é um *cântico para o dia de sábado*. A alegria que expressa deixa claro que o sábado era celebrado com adoração jubilosa, ação de graças e louvor. Não era um dia enfadonho, nem apenas um dia de descanso. Em nosso tempo, muitas vezes o domingo não passa de um dia de lazer no qual descansamos em casa, assistimos à televisão e realizamos reuniões tribais. Para os cristãos, porém, o domingo deve ser um dia de culto, no qual cantamos, ouvimos Deus falar por meio da pregação e do estudo de sua Palavra e lhe agradecemos por seu cuidado.

### 92:1-6 Louvar a Deus por seu amor e suas obras

Chamados ou convites para louvar a Deus aparecem ao longo de todo o Saltério. O ponto culminante é o salmo 150, que convoca todos os habitantes dos céus e da terra para louvarem ao Senhor. Aqui no salmo 92, o salmista começa

com a declaração: *Bom é render graças ao SENHOR e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo* (92:1). Além de ser apazível louvar a Deus, também é bom para nós, pois nos lembra a *misericórdia* e a *fidelidade* com a qual ele abençoa seu povo dia e noite (92:2; cf. tb. Dt 6:7; Sl 5:3; 42:8; 119:147-148). Podemos aprender com os pássaros que cantam na mata logo cedo e no final da tarde, pouco antes de escurecer. Não conhecemos a linguagem dos pássaros nem sabemos o que dizem, mas podemos interpretar seus trinados como cânticos de louvor a Deus pelo novo dia e pelo alimento e segurança que o Senhor provê.

O salmista e aqueles que cantam com ele são acompanhados por *instrumentos de dez cordas*, [...] *saltério* e [...] *harpa* (92:3). Devemos fazer como eles e acompanhar nossos cânticos com instrumentos locais. Na Nigéria, por exemplo, podemos usar instrumentos de cordas como o molo, instrumentos de sopro como a algaita (semelhante ao oboé) e o kakaki (semelhante ao trompete), e instrumentos de percussão como o kundung (semelhante ao xilofone), o gongo e tambores kalangu e tambari.

Além da misericórdia e da fidelidade mencionadas no versículo 2, o salmista fornece mais dois motivos para louvar a Deus: *Seus feitos* e *suas obras* (92:4; cf. Sl 8:3,6; 19:1; 102:25). Deus fez a terra com todos os seus montes, mares, oceanos e tudo o que vive e cresce neles! Só de pensar nisso, devemos sentir-nos inspirados a cantar com júbilo ao Senhor.

Não apenas as obras de Deus são maravilhosas, mas seus *pensamentos* são *profundos* (92:5). É triste que o *inepto* não reconheça os motivos para honrar seu Criador misericordioso e fiel (92:6).

### 92:7-11 Louvores a Deus por humilhar os ímpios

Na RA, o versículo 7 é continuação do anterior, mas no texto hebraico os dois versículos são separados, e é assim que os consideraremos aqui. Os ímpios por vezes parecem levar vantagem. Prosperam e *brotam como a erva*. Seu viço, porém, é passageiro, e eles *serão destruídos para sempre* (92:7; cf. tb. Sl 73). As vitórias dos perversos não são duradouras, mas o Senhor é o *Altíssimo eternamente* (92:8). Todos os seus inimigos *perecerão* (92:9).

A destruição será o fim não apenas dos inimigos de Deus, mas também dos inimigos do salmista, daí ele dizer ao Senhor: *Tu exaltas o meu poder como o do boi selvagem* (92:10). A referência a ser ungido com *óleo fresco* pode sugerir que esse salmo foi escrito depois que Davi se tornou rei e conquistou seus inimigos (2Sm 22; Sl 23:5).

Esses versículos, especialmente 92:11, não devem ser interpretados como justificativa para desejar vingança pessoal sobre nossos inimigos e regozijar-nos quando eles sofrem. Antes, eles celebram o fato de que Deus é vitorioso no presente e o será no fim dos tempos. O Senhor removerá os poderosos que se opõem a ele e perseguem seu povo e honrará os fiéis.

**92:12-15 Louvores a Deus por exaltar os justos**

Enquanto os malfeitores estão destinados à destruição eterna e são comparados à “erva” (92:7), o justo é comparado a plantas muito maiores: *Florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano* (92:12). Os perversos serão “dispersos” (92:9), mas os justos permanecerão e *florescerão na presença do nosso Deus* (92:13). Nenhum tipo de erva sobrevive mais que uma estação, mas os justos *serão cheios de seiva e de verdor e na velhice darão ainda frutos* (92:14). Sua força física pode diminuir, mas sua força espiritual permanecerá e crescerá enquanto eles continuam a proclamar a justiça do Senhor e a reconhecê-lo como sua rocha (92:15).

Que em nossos tempos difíceis hoje possamos ser tão firmes quanto eles ao declarar: *O SENHOR é reto. Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça.*

**Salmo 93: O Senhor reina supremo**

Este breve salmo não tem título nem indicação de autoria. Seu tom sugere que foi redigido numa época em que a nação estava em perigo e precisava de encorajamento. Dirige os olhos do povo para Deus, o governante supremo.

É um salmo incomum pela forma de empregar o paralelismo tradicional. Em vez de simplesmente expressar a mesma ideia em palavras diferentes, o salmista por vezes escolhe repetir praticamente as mesmas palavras. “Revestiu(-se)” ocorre duas vezes; “firmou” aparece em paralelo com “firme”. “Levantam os rios” é repetido três vezes, e “poderoso” ocorre duas vezes (NVI). O salmista se repete desse modo a fim de enfatizar seu argumento.

**93:1-4 O reinado ilimitado do Senhor**

O argumento central do salmo se encontra nas palavras iniciais: *Reina o SENHOR* (93:1). Ele está inteiramente no controle de todas as coisas. *Firmou* e sustenta o mundo (e tudo o que nele há), de modo que *não vacila*. Não criou o universo e depois o abandonou para funcionar sozinho. Controla todas as forças naturais que afetam nossa existência.

Deus não é um rei estabelecido recentemente. Seu trono está firmado *desde a antiguidade*, e o Senhor é *desde a eternidade* (93:2), de modo que existe antes da criação do mundo. Apocalipse, no NT, descreve Deus como “aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Ap 1:8).

Quem vive perto de grandes rios conhece a força das águas. O salmista retrata esse poder pela repetição das palavras *levantam os rios* (93:3). Cada linha desse versículo é ligeiramente mais longa que a anterior e dá a sensação de águas que sobem e transbordam as margens. O fragor das corredeiras e dos *vagalhões do mar* pode ser ouvido de longe, e, até hoje, poucas coisas são tão poderosas quanto grandes quantidades de água em movimento. Toda essa força, contudo, fica aquém do poder do *SENHOR nas alturas* (93:4).

O salmista não pensa, contudo, apenas num rio caudaloso. Nas Escrituras, as águas estrondosas simbolizam

com frequência a fúria dos gentios contra o povo de Deus (89:9-10). O salmista nos lembra que, por mais intensos que sejam os ataques das nações, o Senhor é ainda mais poderoso. Ele transformará toda a força dessas potências em nada (46:6).

**93:5 As leis imutáveis de Deus**

Nesse ponto, o salmo muda de direção. O salmista deixa de meditar no poder de Deus sobre a criação e focaliza o caráter sólido e imutável dos preceitos do Senhor. São tão firmes quanto os alicerces do mundo (93:5a; cf. 93:1). Não há como abalar esses princípios para a vida; é imperativo que os guardemos.

Outro atributo essencial e imutável de Deus é sua *santidade*, não apenas uma qualidade externa, mas também um atributo moral. Deus é justo e irrepreensível em todas as questões de ética. A santidade do Senhor se estende à sua *casa*, ou seja, a seu lugar de habitação, o templo, que é adornado com esse atributo *para todo o sempre* (93:5b). Tudo o que cerca o Senhor é santo, e isso deve incluir o povo de Deus, pois fomos chamados à mesma santidade (Lv 19:2; 1Ts 4:7; Hb 12:14; 1Pe 1:14-16).

**Salmo 94: O Juiz da terra**

O tom deste salmo é semelhante ao dos salmos 37 e 73. Mais uma vez, o salmista está frustrado com o fato de os ímpios ocuparem posições de poder em nível local ou nacional. Comportam-se como se Deus não soubesse o que está fazendo. Infelizmente, observamos atitude semelhante hoje em dia. Juízes, por exemplo, ainda recebem suborno para favorecer os malfeitores. Os arrogantes ainda agem sem nenhuma consideração pela dor e sofrimento que causam a outros.

**94:1-3 Deus, o Juiz incontestável**

O salmista chama o Senhor de *Deus das vinganças* (94:1). Será que essa designação é apropriada? Em geral, a vingança é vista sob uma ótica negativa e associada à retaliação contra pessoas que consideramos inimigas. Aqui, porém, o salmista fala de Deus como aquele que não permite que a injustiça fique impune. O Senhor *resplandece* para eliminar todas as transações obscuras e restaurar a justiça e a retidão. Aplica a lei fielmente, sem favoritismo.

O salmista se vê perplexo, contudo, porque o *juiz da terra* não interveio antes (94:2). Mais uma vez, faz a pergunta conhecida: “Até quando?": *Até quando [...] exultarão os perversos* e se regozijarão em sua perversidade (94:3)?

**94:4-7 As impiedades dos perversos**

Em 94:2, os perversos são descritos como “soberbos”. Sua soberba se expressa não apenas em atos, mas também em palavras. Sua fala é arrogante e jactanciosa (94:4). Seus atos demonstram a mesma falta de preocupação pelos outros. *Esmagam [...] e oprimem* o povo de Deus e assassinam viúvas, estrangeiros e órfãos desamparados (94:5-6).

Os perversos sabem muito bem que Deus mandou seu povo cuidar dos membros mais fracos da sociedade (Êx 22:21-24; Dt 26:12; 27:19), mas não permitem que isso perturbe sua consciência. Em sua arrogância, chegam a zombar de Deus (94:7). Falam dele como se fosse cego ou igual aos ídolos que têm olhos, mas não conseguem ver (Is 40:18-20; Hc 2:18-20).

#### 94:8-11 Advertência aos perversos

O salmista deixa de se dirigir a Deus e fala diretamente aos perversos. Insta-os a atender às suas palavras. Não têm motivo para serem orgulhosos, pois agem como *estúpidos* e *insensatos* (94:8). Não levam em consideração que quem criou o olho e o ouvido humano, sem dúvida, é capaz de ver e ouvir (94:9). Não se pode esconder nada de Deus. Ele é onisciente e onividente. É um mestre que não deixa seus aprendizes permanecerem impunes quando se comportam indevidamente (94:10). *O SENHOR conhece os pensamentos do homem* (94:11). A sabedoria humana não é páreo para a sabedoria de Deus. Os perversos devem, portanto, esperar o julgamento e castigo divino.

#### 94:12-15 Encorajamento para os justos

Os insensatos arrogantes caminham para a destruição, mas outro grupo recebe a bênção ou favor de Deus. A bênção não significa que Deus lhes concede tudo o que desejam; antes, assume a forma de repreensão ou disciplina (94:12). Nesse caso, a disciplina deve ser entendida como treinamento. Quando crianças fazem algo errado, seus pais as disciplinam. Educam seus filhos para que se tornem adultos úteis e responsáveis. Alunos nas escolas e soldados no exército também necessitam de disciplina a fim de terem um bom desempenho. Semelhantemente, precisamos que Deus nos eduque por meio da repreensão e do ensino de sua lei, ou seja, de sua palavra, a fim de nos amoldarmos à sua vontade para nossa vida. Não é de admirar que o salmista peça a Deus repetidamente para lhe ensinar suas leis e preceitos (119:33-36).

Nos momentos de dificuldade, a sabedoria adquirida por meio da lei de Deus sustenta quem a adquiriu (94:13; Js 1:8). Não é preciso buscar artifícios escusos para encontrar alívio. Os perversos procuram encontrar felicidade à sua própria maneira, mas caem na cova que prepararam para outros.

Os justos não estão imunes a dificuldades, mas sabem que quando as enfrentarem *o SENHOR não há de rejeitar o seu povo, nem desamparar a sua herança* (94:14). Jamais os abandonará, ainda que, por vezes, pareça não estar por perto (13:1; Mt 27:46). Por fim, o Senhor julgará retamente e restaurará a confiança dos justos (94:15).

#### 94:16-23 Um dia, a justiça triunfará

Apesar de o salmista saber que o julgamento justo está por vir no futuro (94:15), ainda precisa tratar dos problemas do

presente. Olha ao redor em busca de pessoas dispostas a ficar ao seu lado nos momentos de dificuldade e pergunta: *Quem se levantará a meu favor, contra os perversos?* (94:16). Ninguém se oferece para ajudar. O Senhor é seu único ajudador. Se não houvesse recebido socorro divino no passado, teria morrido (94:17). Há momentos em que ele parece incapaz de se manter firme e sente que está escorregando para um lugar de grande perigo. A *benignidade* do Senhor, porém, o *sustém* (94:18). Quando a ansiedade é intensa demais, Deus o consola e lhe dá paz interior (94:19).

O salmista enfrenta adversários formidáveis, inclusive governantes corruptos que oprimem seu povo (94:20). Tais governantes talvez afirmem ter comunhão com Deus. Ao mesmo tempo, contudo, *ajuntam-se contra a vida do justo e condenam o sangue inocente* (94:21). Aprovam leis que correspondem à legalização da violência e do roubo. Não é de admirar que o salmista esteja ansioso e procure alguém para apoiá-lo! Também não surpreende que ele negue a possibilidade de tais indivíduos serem aliados de Deus.

A ansiedade do salmista diminui cada vez que ele lembra que não está sozinho. O Senhor é seu *baluarte* e [...] *rochedo*, onde ele pode descansar e ter certeza de que está protegido (94:22). Se tivesse encontrado socorro em outro lugar, poderia ter esquecido Deus. Agora, está seguro no Senhor. Enquanto o salmista estiver a salvo dentro de sua fortaleza, o Senhor castigará os governantes perversos: *Sobre eles faz recair a sua iniquidade e pela malícia deles próprios os destruirá* (94:23).

Como cristãos, não devemos preocupar-nos ao ver o sucesso temporário dos perversos. Precisamos voltar-nos para aquele cujo amor nos sustentará e confortará. Podemos descansar nele e deixar que ele trate daqueles que nos oprimem.

#### Salmo 95: Salmo de adoração

Há muito tempo, o salmo 95 é usado pela igreja como cântico de adoração e ação de graças. Tal qual o salmo 81, este pode ser dividido em duas partes. Começa com profuso louvor e termina com uma solene advertência de Deus sobre a importância de obedecer à sua palavra.

#### 95:1-7a Convite para adorar a Deus

Os versículos iniciais do salmo 95 nos chamam a participar da adoração não a um deus qualquer, mas ao Senhor, aquele que mantém um relacionamento de aliança com Israel. Somos convidados a nos juntar a outros e cantar *com júbilo* (95:1a). A expressão do original se refere, normalmente, ao cântico usado para comemorar vitória na batalha. Nossos cânticos e clamores evidenciam a sinceridade e entusiasmo com que adoramos a Deus e celebramos sua vitória.

O Senhor é o *Rochedo da nossa salvação* (95:1b). Quem vive perto de montanhas com cavernas entende o que o salmista quer dizer quando descreve Deus dessa maneira.

Rochedos e cavernas oferecem proteção e abrigo em momentos de perigo, como Davi sabia muito bem (1Sm 23:5).

Como em 95:1, em 95:2 o salmista usa o imperativo (“vinde”; “vitoriemo-lo”) e o presente do subjuntivo (“cantemos”, “celebremos”, “saíamos”) para nos exortar a agir. Dessa vez, focaliza menos os cânticos e mais o ato de se apresentar diante do Senhor. É possível que o povo esteja sendo convocado para o templo em Jerusalém. Apesar de Deus estar presente em toda parte, há lugares e momentos especiais nos quais temos maior consciência de sua presença. Ainda que sejam ocasiões solenes, devem ser caracterizadas por *ações de graças* (95:2). A gratidão por quem é Deus e por seu amor imensurável é uma das melhores dádivas que temos a lhe oferecer. Podemos expressar nossa gratidão com música, cânticos, palmas, danças e regozijo.

Pessoas do mundo inteiro adoram deuses de todo tipo, mas o Deus que o povo é chamado para louvar aqui é singular, pois *é o Deus supremo e o grande Rei acima de todos os deuses* (95:3). Os povos das nações ao redor de Israel talvez pensassem que seus deuses eram grandes, mas o Senhor é maior do que todos eles. Demonstra sua grandeza pelo senhorio e controle sobre tudo, desde *as profundezas da terra até as alturas dos montes* (95:4). Foi ele quem fez *o mar e os continentes* (95:5). Em outras palavras, Deus criou e sustenta todo o universo. Nenhum deus feito por mãos humanas pode realizar nada parecido!

A contemplação da grandeza de Deus inspira o salmista a fazer o quarto e o quinto convites à adoração: *Prostremo-nos [...] ajoelhemos* (95:6). O grande Deus não é apenas nosso Criador, mas também nosso pastor, que nos guia e cuida de nós (95:7a; cf. tb. 23:1-4; Jo 10:1-10). O reconhecimento de seu cuidado leva a uma mudança da celebração exultante para a reverência devota.

### 95:7b-11 Uma palavra de advertência

Os convites para louvar a Deus com entusiasmo e reverenciá-lo com humildade são seguidos inesperadamente de uma palavra de advertência. É fácil agir como se estivéssemos adorando sem, de fato, ter um compromisso com aquele a quem prestamos culto. O salmista nos lembra, portanto, que devemos estar dispostos a ouvir a voz de Deus (95:7b). Também devemos estar preparados para ouvir *hoje*, e não apenas prometer ouvir amanhã. O momento de agir é agora; esta é a hora da graça e da misericórdia.

A referência à voz de Deus liga a segunda parte do versículo à primeira, a qual fala de Israel como rebanho de Deus. Conforme Jesus nos lembra, as ovelhas de Deus reconhecem a voz do bom pastor e o seguem (Jo 10:3-5).

Aqueles que celebram a glória de Deus e ouvem sua voz, mas adiam obedecer-lhe, suscitam sua ira. Deus não ignora os pecados de seu povo. As sérias consequências de endurecer o coração e não dar ouvidos ao Senhor são ilustradas por episódios extraídos da história de Israel. Em Meribá (nome que significa “contenda”) e Massá (que

significa “tentar”), os israelitas ignoraram todas as suas experiências passadas do cuidado de Deus por eles (95:8). Em vez de confiar em Deus e pedir que provesse a água da qual precisavam encarecidamente, contenderam com ele e o puseram à prova, dizendo: “Está o SENHOR no meio de nós ou não?” (Êx 17:1-7; Nm 20:1-13). A pergunta é absurda quando vem do povo que testemunhou todas as obras de Deus em seu favor ao livrá-los do Egito, fazê-los atravessar em segurança o mar Vermelho, afundar Faraó e seu exército nas águas do mar e prover alimento no deserto (95:9).

Graças a esse tipo de atitude, uma indisposição de ouvir e obedecer ao Senhor, o povo escolhido de Deus foi sentenciado a vagar pelo deserto durante quarenta anos (95:10; Dt 1:34-35; 2:14). Deus os descreveu como *povo de coração transviado que não conhece os meus caminhos* e, em sua ira, jurou: *Não entrarão no meu descanso* (95:11; Nm 14:23; Dt 1:35).

O livro de Hebreus retoma essa advertência e a aplica a nós (Hb 3:7—4:16). Se desejamos desfrutar o descanso que aguarda os cristãos no céu, precisamos ser fiéis a Deus, confiar em sua palavra e obedecer ao Filho de Deus que nos concedeu salvação.

### Salmo 96: Cante ao Senhor do universo

O salmo 96 possui estreita ligação com o cântico de celebração entoado quando Davi conseguiu finalmente levar a arca de Deus para a “tenda que lhe armara” (1Cr 16:1,23-33).

#### 96:1-6 Adoração por meio de cânticos

No salmo 95, o salmista convidou outros a acompanhá-lo na adoração e celebração da grandeza de Deus. Volta ao mesmo tema no salmo 96, mas, em vez de fazer um convite, dá uma ordem para adorar e dirige-a não apenas a nós, mas ao mundo todo (96:1b).

Devemos cantar ao SENHOR um cântico novo (96:1a; cf. tb. 33:3; 40:3; 98:1; Ap 5:9; 14:3). Essa instrução não quer dizer que é errado entoar canções tradicionais e que devemos apenas cantar hinos e corinhos atuais. Antes, significa que os cânticos que entoamos devem expressar louvor renovado em nosso coração.

O espírito dos cânticos pode ser vigoroso e novo, mas seu conteúdo deve declarar verdades que não mudaram: devemos bendizer o *nome* do Senhor (ou seja, seu caráter), proclamar a *sua salvação* e anunciar *entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas* (96:2-3).

Em 96:4-6, encontramos os motivos para louvar, mencionados também nos salmos 93 e 95:3. Deus é o Criador dos céus (e da terra) (Gn 1:1). Os deuses de outras nações são desprezíveis em comparação a ele. Sua *glória e majestade* [...] *força e formosura* devem despertar-nos admiração.

#### 96:7-9 A glória devida

O salmo 96 começou com uma injunção tripla: “Cantai ao SENHOR” (96:1-2a) e agora traz outra ordem tripla semelhante:

*Tributai ao Senhor (96:7-8a)*. Mais uma vez, fica evidente quem deve obedecer: Todas as *famílias dos povos*, que são chamadas a confessar a *glória e força* do Senhor às quais 96:6 se refere. Mais especificamente, devem reconhecer a *glória devida ao seu nome (96:8b)*. Nenhum outro nome, no céu ou na terra, merece a mesma honra (cf. tb. Ef 2:10-11).

Nosso reconhecimento da glória de Deus deve incluir manifestações tangíveis de fé e confiança nele e gratidão por sua bondade para conosco. Glorificamos a Deus desse modo ao nos reunirmos para adorá-lo e ao lhe apresentar ofertas (96:8c).

O salmista parece perceber que reunir-se e apresentar ofertas pode tornar-se mero ritual social, pois logo em seguida volta ao tema da adoração. É importante adorar o Senhor *na beleza da sua santidade (96:9)*. Em partes anteriores desse salmo, observamos a ênfase sobre a glória do Senhor, enquanto aqui o texto focaliza sua santidade. Devemos não apenas nos regozijar diante de Deus, mas também saber o que significa dizer que ele é “temível mais que todos os deuses” (96:4). Devemos estremecer diante dele, reverenciá-lo e viver em santidade (1Pe 1:15-21).

### 96:10-13 O Rei e Juiz vindouro

Nações e indivíduos podem recusar-se a reconhecer Deus como Criador e Governante da terra, e ateístas podem até negar sua existência, mas nada disso afeta o ser de Deus. Aqui, o salmista chama o povo de Deus para proclamar a todas as nações: *Reina o SENHOR (96:10)*. Seu governo é estável e sem fronteiras. Os governantes deste mundo podem julgar incorretamente, mas Deus *julga os povos com equidade e justiça*.

O salmista convoca toda criação para celebrar, pois o verdadeiro Rei e justo Juiz está chegando. Os céus devem alegrar-se, e a terra deve exultar (96:11a). O mar e todos os seus habitantes, bem como o *campo e tudo o que nele há*, devem regozijar-se (96:11b-12a). Até mesmo *as árvores* da floresta devem cantar de júbilo, pois o justo Juiz está chegando (96:12b). Está vindo para *julgar a terra [...] com justiça e os povos, consoante a sua fidelidade (96:13; Ap 19:11)*.

Como cristãos, vivemos na expectativa constante da vinda do Senhor. Quando ele voltar, todos, inclusive os governantes deste mundo, se curvarão diante dele, e os povos do mundo inteiro estarão sob sua jurisdição.

### Salmo 97: Deus, os idólatras e os justos

A exemplo dos salmos 95 e 96, o salmo 97 proclama e celebra o governo de Deus sobre a terra. Como esses salmos, este começa com um convite para regozijar-nos no Senhor. O salmo 97 divide-se naturalmente em três partes: a primeira focaliza o reinado de Deus; a segunda fala da insensatez da idolatria, e a terceira se dirige ao povo justo de Deus

#### 97:1-6 A grandeza e o governo de Deus

O salmo começa com uma declaração do governo do Senhor: *Reina o SENHOR (97:1; cf. tb. 93:1; 96:10)*. A terra

e suas  *muitas ilhas* são convidadas a se regozijar e alegrar. Nenhum lugar fica de fora.

Na Bíblia, a vinda de Deus com frequência é associada a *nuvens e escuridão*, pois ele é santo demais para ser visto (97:2). Sua santidade não é um simples poder mágico; antes, está arraigada em sua *justiça e juízo*. Esses atributos são assustadores para os líderes deste mundo que frequentemente se comportam de maneira antiética e praticam injustiças. Trata-se, contudo, de qualidades centrais do reinado de Deus. São, na verdade, *a base do seu trono*. Seu julgamento do mal fica evidente no fogo que *adiante dele vai e lhe consome os inimigos em redor (97:3; cf. tb. Is 30:27)*. O fogo também é usado muitas vezes para simbolizar purificação, como é o caso do fogo que separa metais puros da escória que os cerca (Ml 3:2; 1Co 3:13).

Os fenômenos da nuvem, fogo, *relâmpagos* e terremoto (97:4-5) trazem à nossa memória uma erupção vulcânica e o modo pelo qual Deus se manifestou aos israelitas no Sinai (Êx 19:9,16-19). Representam seu poder. Enquanto no Sinai apenas os israelitas se encheram de temor e reverência diante da glória de Deus, na vinda que esse salmo descreve  *todos os povos veem a sua glória (97:6)*.

#### 97:7-9 Atitude diante do governo de Deus

O salmista deseja que todos os idólatras *sejam confundidos*, isto é, envergonhados, pois, em comparação com a grandeza da manifestação de Deus, as *imagens e ídolos* aos quais eles *servem* são desprezíveis (97:7). Nenhum outro deus se manifestou de maneira semelhante ao Senhor. Ele é o único digno de adoração. Observamos um contraste entre a vergonha dos idólatras e o regozijo em *Sião* e nas vilas mais remotas, chamadas aqui de *filhas de Judá (97:8)*. Elas se regozijam porque sabem que o Deus *Altíssimo* é um Rei que governa e julga com justiça. É maior que  *todos os deuses e ídolos* que outras nações adoram (97:9).

#### 97:10-12 O governo de Deus e seu povo justo

A seção final do salmo oferece conselho sábio. Aqueles que amam ao Senhor devem detestar *o mal (97:10; cf. Jó 28:28)*. Não têm necessidade de lançar mão de recursos malignos para se protegerem, pois Deus *guarda a alma dos seus santos e livra-os dos ataques dos ímpios*.

Os justos podem às vezes enfrentar situações sombrias e desesperadoras, mas no devido tempo Deus fará brilhar sua *luz* sobre eles e encherá seu coração de *alegria (97:11)*. Mesmo quando Deus lhes permite morrer nas mãos dos ímpios, como aconteceu com os pastores Yahaya Tsalibi, Tacio Duniya, Bobai Aniya e Gurza durante a crise religiosa em Kaduna, na Nigéria, eles ainda encontrarão paz e vida eterna no porvir. Nossa esperança, portanto, está no Senhor. Aqueles que fazem parte do povo de Deus devem alegrar-se nele e dar *louvores ao seu santo nome*, pois ele os conduzirá em segurança ao seu reino celestial de paz e justiça (97:12; 2Tm 4:18).

### Salmo 98: Hino de louvor

O salmo 98 reflete sobre os grandes feitos do Senhor no passado, presente e futuro e convida toda a criação a louvar seu nome. Faz parte de um grupo constituído pelos salmos 95 a 98 que parecem ser ligados entre si e com o magnífico hino entoado quando Davi levou a arca a Jerusalém (1Cr 16:8-36).

#### 98:1-3 Louvores pelos feitos de Deus no passado

A exemplo dos salmos 95 e 96, o salmo 98 pede que se entoe ao *SENHOR* um cântico novo, porque ele tem feito maravilhas (98:1; cf. tb. 96:3). O Senhor é louvado particularmente pela salvação que a sua destra e o seu braço santo, símbolos do seu poder, realizaram (98:2). É provável que o salmista tenha em mente o êxodo que abrangeu a libertação de Israel do Egito, a travessia do mar Vermelho e as vitórias nas batalhas pela conquista de Canaã (cf. Js 4:23; 24:12; Sl 44:1-3). Deus realizou todas essas maravilhas em favor de Israel por causa de seu amor e para ser fiel à sua promessa (98:3). Como resultado, *todos os confins da terra viram* Deus operar e salvar seu povo.

#### 98:4-6 Louvores a Deus no presente

Por causa de quem é Deus, daquilo que fez, está fazendo e fará no futuro, toda a terra recebe o convite: *Celebrai com júbilo [...] aclamai, regozijai-vos e cantai louvores* (98:4). O louvor deve ser acompanhado pela *harpa, trombetas e buzinas* (98:5-6a), instrumentos bastante conhecidos em Israel. Na África, devemos sentir-nos à vontade para usar nossos instrumentos nativos nos louvores a Deus. Não precisamos usar instrumentos do Oriente Médio nem do Ocidente. Deus pode ser louvado com qualquer instrumento, em qualquer cultura, desde que seja reconhecido como *SENHOR e rei* (98:6b; 150:3-5).

#### 98:7-9 Louvores a Deus pelo futuro

O salmista personifica elementos da natureza ao convocar toda a criação para louvar. Fala dos rios como se tivessem mãos e dos montes como se tivessem voz para cantar louvores a Deus (98:7-8). Os seres humanos são incluídos como parte da criação em 98:7, em que o salmista os convida a participar dos louvores retumbantes (cf. tb. Sl 148).

A razão do convite geral é fornecida em 98:9. Deus é o Rei e, como tal, também *vem julgar a terra*. Seu julgamento é bem-vindo, pois será justo (cf. tb. 96:13). Quando ele vier, o mal será subjugado, e a justiça triunfará. Sem dúvida, não faltam motivos para toda a criação de Deus celebrar (Rm 8:18-25).

### Salmo 99: Santo é o Senhor

Deus é santo. A santidade é uma característica conhecida até mesmo pelos praticantes das religiões tradicionais africanas, pois precisam observar certos rituais de purificação antes de poderem entrar na mata para recolher raízes me-

dicinais e afins. Sua preocupação com a pureza, contudo, se concentra em como os espíritos agirão em relação a eles e seus medicamentos, e não em serem santos e apresentarem-se puros e limpos diante de Deus. Três pontos estratégicos deste salmo (99:3,5,9) nos lembram a santidade de Deus. O refrão e o conteúdo do salmo trazem à memória a visão de Isaías da santidade de Deus (Is 6:1-8).

#### 99:1-3 O Senhor reina

Como os salmos 93 e 97, esse salmo começa com a declaração: *Reina o SENHOR* (99:1a). A ideia não é apenas transmitir informação, mas também gerar uma resposta energética: *Tremam os povos [...] abale-se a terra* (cf. tb. 18:7-16; 97:4-5). A grandeza de Deus não deve ser considerada com indiferença. A declaração inicial talvez indique ainda que o salmo prevê o tempo em que o domínio do mal será subjugado e o reino de bondade, retidão e justiça será estabelecido.

O salmista descreve o Senhor *entronizado acima dos querubins* (99:1b). Podemos entender melhor o significado dessas palavras ao ler a descrição que Ezequiel faz de sua visão do trono de Deus (Ez 10) e o retrato da glória majestosa de Deus em Salmos 18:7-15, no qual ele “cavalgava um querubim” (18:10).

Deus também é *grande em Sião* (99:2). Uma vez que o monte Sião era o local do templo, o salmista provavelmente estava pensando no grande santuário de Deus nesse lugar. A ideia também está presente na injunção: “Prostrai-vos ante o seu santo monte” (99:9). Deus não governa, contudo, apenas sobre Israel a partir de seu templo em Jerusalém; antes, é exaltado sobre todas as nações, e, portanto, todas devem louvar seu *nome grande e tremendo* (99:3).

#### 99:4-5 A grandeza e santidade de Deus

O salmista focaliza agora a grandeza de Deus. Chama-o de *rei poderoso que ama a justiça*. Ao contrário dos governantes corruptos deste mundo, Deus sempre é justo e correto. As palavras *Tu firmas a equidade* (99:4) significam que ele é sempre imparcial. Demonstrou sua justiça e retidão em como tratou *Jacó*, ou seja, a nação de Israel.

Tendo em vista o caráter, a justiça e o poder do Senhor, é justificável a instrução: *Prostrai-vos ante o escabelo de seus pés*, ou seja, diante de seu trono (99:5). Os atributos anteriores também confirmam sua santidade. Ele é santo em si mesmo e em tudo o que faz.

#### 99:6-9 Deus que responde às orações

Em 94:4, o salmista fala daquilo que Deus fez por Israel. Agora, em 99:6, menciona indivíduos específicos que serviram ao Senhor e cujas orações foram atendidas. *Moisés e Arão* serviram a Deus durante o êxodo, e *Samuel*, no início da monarquia. Quando esses homens *clamavam ao SENHOR [...] ele os ouvia* (cf. tb. 34:6; 40:1). Ele guiou Moisés, Arão e todo o povo de Israel por meio de uma *coluna de nuvem*

que os conduziu pelo deserto (Êx 13:21). No Sinai, deu-lhes os seus mandamentos e a lei, aos quais o povo de Israel devia obedecer (99:7).

Ao refletir sobre essa parte da história, o salmista agradece a Deus por responder às orações de Israel. Sabe que Deus é santo e exige que seu povo seja santo (Lv 19:2). Por outro lado, também sabe que, quando o povo escolhido fica aquém dos padrões divinos, descobre outro atributo divino: Deus é perdoador (99:8). Encontramos aqui outra característica de Deus que devemos imitar, pois devemos praticar a justiça e amar a misericórdia (Mq 6:8).

A consciência do poder, santidade e misericórdia divina leva o salmista a pedir que Deus seja exaltado e adorado porque santo é o SENHOR, nosso Deus (99:9). Como cristãos, nossa consciência quanto à disposição de Deus de perdoar e daquilo que esse perdão lhe custou (1Jo 1:9; 2:1-2) deve resultar em adoração ainda mais fervorosa, oferecida em espírito e em verdade.

### Salmo 100: Adoração jubilosa

A exemplo dos salmos 66, 81, 95 e 96, o salmo 100 é uma convocação para louvar e adorar com alegria. As palavras deste salmo têm sido entoadas pela igreja cristã ao longo dos séculos em diversos hinos, inclusive o conhecido “A Deus, o Pai e Benfeitor”.

#### 100:1-3 Súditos adoradores

Todas as terras, ou seja, o mundo inteiro, recebem o convite para celebrar com júbilo ao SENHOR (100:1; 98:4). Assim como grupos se reúnem hoje para gritar nas ruas e celebrar a vitória de seu time em algum esporte, no tempo do salmista as vitórias militares eram assim comemoradas. Este salmo nos incentiva a celebrar o triunfo do Senhor sobre seus inimigos. Todos os que reconhecem a grandeza e a santidade de Deus devem reunir-se para adorar e louvar seu nome com alegria e júbilo (100:2).

Devemos adorar a Deus como Criador, pois foi ele quem nos fez, e como Rei a quem pertencemos (100:3; 95:7).

Somente aqueles que aceitam Deus como Senhor e Rei podem adorá-lo desse modo. Aqueles que adoram ídolos não têm motivos para celebrar; antes, serão “confundidos” (97:7).

#### 100:4-5 O local e o motivo da adoração

No antigo Israel, o único local definido para o culto a Deus era o templo sobre o monte santo de Sião. O salmista exorta os adoradores, portanto, a entrar pelas portas do templo com ações de graças e nos seus átrios, com hinos de louvor (100:4; 42:4). Eles devem agradecer a Deus e louvar seu nome santo (116:17-19). Como cristãos, não precisamos mais ir ao templo em Jerusalém para adorar a Deus, porém ainda é apropriado nos reunirmos para momentos de celebração em que possamos expressar nossa gratidão e louvar a Deus pelas bênçãos concedidas.

Caso nos perguntemos que motivos temos para louvar a Deus, o salmista fornece uma lista de razões em 100:5. Em primeiro lugar, o SENHOR é bom. Não há nenhum mal nele. Tudo que ele faz é muito bom (Gn 1:30-31). Ademais, a sua misericórdia dura para sempre. Essa oração é repetida várias vezes nas Escrituras (106:1; 107:1; 118:1; 136; 2Cr 5:13; 7:3; Jr 33:10-11). Sua misericórdia infinita excede nossa capacidade de compreensão. Ele não se mostra misericordioso hoje e implacável amanhã. É imutável em seus atributos e em seu ser. Por fim, devemos louvar seu nome porque a sua fidelidade permanece de geração em geração. Deus ama não apenas a nós mesmos, mas aqueles que virão depois de nós. Podemos entregar nossos filhos, netos e bisnetos aos seus cuidados com a mais absoluta segurança.

### Salmo 101: O líder ideal

No salmo 101, ouvimos a voz de um líder nacional, nesse caso um rei, que deseja andar de modo correto diante de Deus e governar com verdade e justiça. A África precisa encarecidamente de líderes desse tipo. As palavras deste salmo devem ser repetidas por políticos, juízes, advogados, magistrados, policiais, administradores e pastores. Na verdade, aplicam-se a todos que exercem algum tipo de autoridade.

#### 101:1-3a A vida pessoal do líder

Os salmos 93 a 100 celebram o reinado de Deus. Agora, o salmista real, identificado no título como Davi, expressa o seu desejo de governar corretamente. Antes de entrar em detalhes sobre como reinará, porém, ele deixa claro qual é seu ponto de partida ao prometer: Cantarei a bondade e a justiça; a ti SENHOR, cantarei (101:1). O texto focaliza duas características de Deus: bondade e justiça. Deus expressa sua bondade ao cuidar fielmente de seu povo e mostra sua justiça ao não tolerar opressão e comportamentos antiéticos.

A melhor maneira de o rei mostrar quanto valoriza essas qualidades em Deus é refleti-las em seu próprio governo, daí a promessa: Atentarei sabiamente ao caminho da perfeição (101:2a). Ser perfeito corresponde a ser reto, irrepreensível e fiel (Gn 17:1). É significativo que o salmista almeje ser um líder perfeito não apenas em público, mas também na privacidade de seu lar, diante de sua família. Seu desejo de ter coração sincero (101:2b) é importante porque na Bíblia o coração representa o centro das decisões e a origem dos atos, sejam eles bons ou maus.

Uma forma de manter um coração sincero é cuidar do que permitimos ser o foco de nossa atenção. O rei promete que não se interessará nem olhará para nenhuma coisa injusta (101:3a), ou seja, nada que seja pecaminoso e desagradável ao Senhor. No contexto da época em que o salmo foi escrito, isso provavelmente se refere aos ídolos adorados por nações vizinhas (cf. Jr 16:18).

Como cristãos, devemos tomar o máximo de cuidado com aquilo que permitimos nos influenciar. As más influen-



cias podem chegar até nós por meio dos livros e revistas que lemos, dos filmes aos quais assistimos, dos amigos que fazemos e dos pensamentos que deixamos entrar na mente. Como o salmista, não devemos dar lugar a nenhum ato, influência ou desejo maligno. Antes, devemos ser sempre influenciados pela palavra de Deus (1:1-2).

Conforme a frase *Oh! Quando virás ter comigo?* (101:2b) sugere, o rei sabe que não será fácil viver de acordo com esses padrões sem a ajuda de Deus. O mesmo se aplica a nós ao nos esforçarmos para viver em retidão.

### 101:3b-8 A vida pública do rei

Em se tratando do relacionamento com súditos e oficiais, o rei não tolerará *o proceder dos que se desviam* (101:3b). É comum líderes atraírem pessoas que desejam usar sua associação com o poder apenas em benefício próprio, mesmo que isso signifique trair outros. Quem ocupa um cargo de autoridade pode ser tentado a se aliar a pessoas desse tipo. O líder desse salmo, porém, promete que permanecerá firme e não se deixará seduzir por eles. Por isso, declara: *Não quero conhecer o mal* (101:4).

O rei também promete não ouvir quem *às ocultas calunia o próximo* (101:5a). Antes, tomará providência para calar os difamadores. Não fica claro o que o salmista quer dizer quando afirma: *A esse destruirei*. Talvez pretenda removê-lo de sua presença, censurá-lo ou castigá-lo de alguma outra forma.

O rei não tolerará ainda *o que tem olhar altivo e coração soberbo* (101:5b). Tais indivíduos são tão egocêntricos que jamais serão líderes dispostos a servir e preocupados em fazer justiça a outros. Ele também não permitirá a presença de pessoas que mentem e enganam para bajular o rei ou promover seus próprios interesses (101:7). O governante precisa ouvir a verdade. Deseja colocar nos cargos de poder do seu reino apenas pessoas responsáveis, fiéis e íntegras (101:6). Pode-se dizer que essas pessoas andam *em reto caminho*, a mesma expressão usada em Salmos 119:1, ou seja, “andam na lei do SENHOR”.

Em seu papel de juiz que concede audiências todas as manhãs, o rei governará com justiça (101:8). Aqueles que *praticam a iniquidade* terão motivo para temer seu tribunal!

O rei imita o Deus a quem serve ao procurar governar com bondade, honestidade e justiça. Quanto a nós, que servimos a Deus nos dias de hoje, devemos seguir o exemplo do governante desse salmo no desejo de evitar o mal e agir com justiça. Essa deve ser nossa prática diária, e não apenas uma decisão passageira ou uma tentativa ocasional.

### Salmo 102: Aflição pessoal e nacional

No salmo 102, o salmista derrama o coração ao Senhor e expressa seus problemas pessoais e as aflições de Israel como nação. Reafirma sua fé em Deus e antevê o reavivamento e a cura de seu povo.

### 102:1-11 Aflição pessoal

Sem nenhuma hesitação, o salmista começa com clamores a Deus: *Ouve [...] a minha súplica, e cheguem a ti os meus clamores. Não me ocultes o rosto [...]; inclina-me os ouvidos* (102:1-2). A repetição enfatiza a profundidade de sua aflição. O salmista está ansioso para que Deus responda rapidamente, pois sente que seu tempo é curto. Seus dias, *como fumaça, se desvanecem*, e seus ossos *ardem como em fornalha* (102:3).

A queimação dos ossos e a perda total de apetite (102:4) são possíveis indicações de que ele sofre de febre e reumatismo. A fonte da aflição, porém, é muito mais profunda que as enfermidades físicas. Sua tristeza é tão intensa que ele perdeu todo o interesse nos alimentos. Pelo fato de não comer há dias, ficou tão magro que seus ossos podem ser contados (102:5). Sente-se completamente isolado e descreve sua situação do seguinte modo: *Sou como o pelicano no deserto, como a coruja que vive nas ruínas de um vilarejo abandonado* (102:6) ou *como o passarinho solitário nos telhados* (102:7). Ao que parece, os amigos do salmista, e talvez até seus familiares, o abandonaram. As únicas pessoas ao seu redor são os inimigos que dele escarnecem (102:8) e usam seu nome para amaldiçoar outros.

Assentar-se no pó e nas cinzas era uma forma comum de expressar humilhação e arrependimento (Jó 42:6). O salmista se refere a essa prática quando diz: *Tenho comido cinza* (102:9). Essa imagem se relaciona à sua falta de apetite (102:4), pois os alimentos perderam todo o sabor para ele. As lágrimas correm como água e se misturam a tudo o que ele bebe.

Diante de sua aflição, o salmista conclui que provocou a ira de Deus, o qual o removeu da sua posição e o abateu (102:10). Como resultado, a morte se aproxima: *Como a sombra que declina, assim são os meus dias, e eu me vou secando como a relva* (102:11). Essas palavras remetem ao início do lamento, em que o salmista diz: “Ferido como a erva, secou-se o meu coração” (102:4). Em meio à angústia, seus pensamentos andam em círculos. Apesar de tudo, porém, ele ainda crê que Deus pode ouvir suas orações e salvá-lo (102:1-2).

### 102:12-17 Aflição nacional

A vida do salmista pode ser tão passageira quanto a da erva, mas aquele para quem ele se volta em busca de socorro é o Deus eterno que permanece *para sempre* e é conhecido *de geração em geração* (102:12). Enquanto invoca a Deus, o salmista lembra mais um motivo para sua angústia e solidão. Parece ter escrito o salmo algum tempo depois que Jerusalém foi capturada pelos babilônios. Sua cidade amada foi reduzida a escombros, o que explica a referência a *pedras e pó* em 102:14. A devastação também justifica a consciência da “indignação e da [...] ira” divinas (102:10), pois Deus julgou tanto a nação quanto a cidade em decorrência de seus pecados e infidelidade ao Senhor.

O salmista diz ao Senhor em tom de súplica: *Levante-se e terá piedade de Sião; é tempo de compadecer-se dela* (102:13). Ao que parece, ele conhecia a profecia de Jeremias de que o exílio na Babilônia terminaria depois de setenta anos (Jr 29:10). O fim do cativeiro se aproxima, e é hora de reconstruir Jerusalém (“Sião”).

O poeta oferece essa oração não apenas porque ama a cidade, mas também porque deseja ver o nome de Deus ser honrado por outros. Desse modo, *todos os reis da terra temerão a sua glória* (102:15). Reconhecerão que Deus é o Rei dos reis (cf. 22:27; 67:7; Is 45:14-23; 59:18-19; 60:1-3).

O salmista está seguro de que Deus atenderá à oração do *desamparado* e dos habitantes contritos de Jerusalém (102:17).

### 102:18-28 Confiança total

A confiança do salmista em Deus o leva a pedir que se registre por escrito os feitos de Deus a fim de preservá-los para gerações futuras (102:18). Eles precisarão saber que o Deus do céu não é surdo nem cego; antes, vigia toda a terra (102:19). Ouve o *gemido dos cativos* e liberta os *condenados à morte* (102:20). Os cativos que gemem correspondem a todos os oprimidos e pobres, inclusive os escravos de Satanás. Precisam ser libertos do pecado e também da opressão econômica, política e social. Podem estar certos de que Deus se importa com eles. Quando os libertar, seu nome será *anunciado em Sião* [...] e o seu *louvor, em Jerusalém* (102:21-22; cf. tb. Is 61:1-7); e não apenas pelos judeus, mas por *povos* e [...] *reinos* que representam todas as nações.

O salmista termina com um contraste entre a força de Deus e a sua própria fraqueza (102:23-24). Sabe que Deus pode reconstruir Sião, libertar prisioneiros e ser louvado por todas as gerações porque é Deus eterno, *cujos anos se estendem por todas as gerações* (102:24). Deus permanecerá mesmo depois que a terra deixar de existir. Ele a criou e a lançará fora quando estiver desgastada (102:25-26). Não é apenas o salmista humano e frágil que pode ser abatido (102:10)!

Apesar de tudo mudar e morrer, o Senhor é *sempre o mesmo* (102:27). O salmista não viverá para ver tudo o que Deus fará por seu povo, mas sabe que vale a pena registrar os feitos do Senhor, pois as gerações futuras continuarão a louvar e adorar o mesmo Deus imutável (102:28).

O autor da epístola aos Hebreus aplica as palavras de 102:25-27 a Jesus Cristo (Hb 1:10-12). Cristo também é eterno e imutável “ontem e hoje [...] e o será para sempre” (Hb 13:8). Fazemos parte das gerações futuras que vivem na presença de Deus e confiam em seu cuidado.

Como o salmista, podemos jejuar e orar por nossas nações e lamentar suas tragédias, certos de que Deus está no controle. Ele está sempre pronto a ouvir nosso clamor e mudar a sorte de nossas nações. Deu a Israel “uma coroa em vez de cinzas” (Is 61:3) e pode fazer o mesmo por nós.

### Salmo 103: As muitas bênçãos de Deus

No salmo 102, o salmista expressou a Deus desânimo e aflição profundos sobre sua situação pessoal e a de sua nação. No salmo 103, muda de tom e agradece pelas muitas bênçãos que Deus concedeu a ele e à nação. O salmo começa e termina com um convite para louvar.

#### 103:1-5 Ação de graças por bênçãos pessoais

O salmo não começa com um convite para outros louvarem a Deus, mas com palavras do salmista para si mesmo: *Bendize, ó minha alma, ao SENHOR* (103:1). O motivo do louvor é a recordação de tudo o que Deus fez por ele no passado (103:2). No salmo 51, lamentou seu pecado e, no salmo 102, suas enfermidades e o fato de estar sob o julgamento de Deus. Aqui, porém, louva ao Senhor que *perdoa todas as tuas iniquidades; [...] sara todas as tuas enfermidades* (103:3). Deus o salvou da morte (*da cova*) e demonstrou *graça e misericórdia* para com ele (103:4). Essas bênçãos são como uma coroa sobre sua cabeça. A bondade de Deus permite que ele continue a desfrutar a vida. Apesar de o salmista estar envelhecendo, o Senhor renova suas forças e permite-lhe exercer atividades como um jovem (103:5; Is 40:31). Diante de todas essas bênçãos, não é de surpreender que o poeta não se cale e inste sua alma e todo o seu ser a louvar ao Senhor.

Como cristãos, devemos louvar ao Senhor continuamente por aquilo que ele fez por nós, inclusive por nos salvar do pecado, derramar bênçãos e dons espirituais sobre nós e prover os recursos de que precisamos para nossa vida aqui na terra.

#### 103:6-10 Ação de graças por bênçãos nacionais

Depois de relatar as bênçãos pessoais que recebeu do Senhor, o salmista fala de como Deus abençoou seu povo. Começa dizendo que o Senhor faz *justiça* [...] a todos os *oprimidos* (103:6). Para o salmista, o exemplo típico de opressão foi o sofrimento de Israel durante a escravidão no Egito. Ele volta a atenção, portanto, para *Moisés*, o libertador que Deus proveu, e para os milagres que Deus realizou em favor dos *filhos de Israel* (103:7).

Os *caminhos* e os *feitos* de Deus nascem de seu caráter. Ao descrever essas características divinas, o salmista se vale das palavras de Deus a Moisés em Êxodo 34:6-8. Começa com o fato de que Deus é *misericordioso e compassivo* (103:8). A compaixão e paciência de Deus ficaram evidentes no modo pelo qual ele tratou seu povo no deserto e na história de Israel desde então. Estava irado com seu povo porque se haviam rebelado contra ele, mas não guardou rancor nem se apegou a essa ira para sempre (103:9).

Se Deus nos castigasse segundo cada transgressão que cometemos ou de modo proporcional aos nossos pecados, ninguém sobreviveria um minuto sequer (103:10). O Senhor é paciente conosco. Perdoa-nos em seu Filho. Em vez de voltar sua ira contra nós, Deus muitas vezes nos cobre de amor e compaixão.

### 103:11-18 Louvores à compaixão de Deus

Uma vez que considera as palavras inadequadas para expressar o amor de Deus por seu povo, o salmista recorre à linguagem figurativa. Compara a grandeza do amor de Deus à distância entre o céu e a terra (103:11). Equipara a distância que o perdão de Deus cria entre nós e nosso pecado à distância entre o Oriente e o Ocidente (103:12). Assemelha a compaixão de Deus à compaixão de um pai pelas dificuldades de seus filhos (103:13; cf. tb. Os 11:1-4; Mt 7:7-11). Deus é nosso Pai e Criador e, como tal, sabe de onde viemos. Podemos ter um conceito elevado de nós mesmos, mas Deus sabe que fomos formados do pó e ao pó voltaremos (103:14; Gn 3:19). Nossa vida é tão curta quanto a vida das flores e das ervas, que murcham e desaparecem quando sopram os ventos quentes do deserto ou as rajadas frias do inverno (103:15-16). A permanência de Deus contrasta com nossa fragilidade. Seu amor *sobre os que o temem* continua de eternidade a eternidade. Os filhos dos filhos dos santos desfrutarão a justiça de Deus (103:17).

Existe, porém, uma condição para desfrutar esses benefícios. Eles apenas estão à disposição daqueles “que o temem”, *guardam a sua aliança e [...] se lembram dos seus preceitos e os cumprem* (103:18). Reconhecem Deus como seu Criador e Senhor, aceitam sua oferta de perdão e obedecem à sua palavra. Essas são as condições da aliança que Deus fez com seu povo.

### 103:19-22 Apelo por louvor universal

Este salmo começou com um convite para louvarmos a Deus individualmente (103:1-2), mas termina com um apelo para toda a criação louvar ao Senhor. Os anjos de Deus, os *valerosos em poder* que executam *as suas ordens*, devem louvá-lo (103:20-21). O mesmo se aplica a tudo o que Deus criou em todo o universo (103:22a). Esse hino de louvor traz à memória as palavras de Apocalipse 4:11: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste”. O salmista acrescenta seu amém pessoal ao louvor universal com uma última exortação: *Bendize, ó minha alma, ao SENHOR* (103:22b).

### Salmo 104: As maravilhosas obras de Deus

O salmo 103 terminou com um apelo para toda a criação de Deus louvá-lo (103:22). O salmo 104 nos lembra como essa criação é grandiosa. Este magnífico hino de louvor ao Criador se refere repetidamente a Gênesis 1 ao mostrar como Deus se relaciona com seu mundo.

#### 104:1-4 Deus e as forças da natureza

Como no salmo 103, no início desse salmo o salmista convida a si mesmo para louvar ao Senhor. Ele fica maravilhado diante da *glória e majestade* de Deus (104:1). Descreve essas qualidades como se fossem vestes e dá continuidade

a essa imagem ao retratar o Senhor *coberto de luz como de um manto* (104:2a). É como se a luz fosse um manto real semelhante ao que o rei vestia antes de aparecer diante do povo e partir numa viagem. A imagem se torna ainda mais significativa pelo fato de as primeiras palavras proferidas por Deus na criação terem sido: “Haja luz” (Gn 1:3). A luz é valorizada de modo especial na África, onde a falta de eletricidade significa que não podemos simplesmente ligar um interruptor e dissipar as trevas.

Na sequência, o salmista descreve o lugar de habitação desse grande rei: *Tu estendes o céu como uma cortina* (104:2b) ou “como uma tenda” (NVI). O termo traduzido por “céu” é a mesma palavra usada em Gênesis 1:6, em cuja passagem a RA traz “firmamento”. Os céus são o palácio de Deus, de onde ele controla o universo.

Esse rei não vive apenas numa tenda, mas também num palácio. Coloca *nas águas o vigamento da sua morada*, ou seja, nas nuvens ou águas que os antigos israelitas acreditavam haver acima do firmamento (104:3a; Gn 1:7). Quando o rei viaja, *toma as nuvens por seu carro e voa nas asas do vento* (104:3b; cf. 2Rs 2:11; Sl 18:10; 24:2).

Ao ler descrições como esta, precisamos lembrar que os salmos são textos poéticos e que os poetas usam metáforas. Deus não precisa de carros para se deslocar, nem usa o vento como se fosse um avião. O salmista emprega essas imagens para mostrar que Deus é maior do que os maiores reis que ele conhece. Descreve-o, portanto, em termos que refletem como os reis da Antiguidade mostravam sua riqueza. Como nós, o salmista precisa usar linguagem humana para apresentar realidades divinas.

O criador de todas as forças da natureza pode usá-las conforme lhe aprouver, daí o salmista dizer: *Fazes a teus anjos ventos e a teus ministros, labaredas de fogo* (104:4). Sabemos como essas forças são poderosas, pois vemos a destruição que ciclones, tempestades tropicais, trovões, raios e redemoinhos podem causar. Todas as grandes forças, porém, estão sujeitas a Deus. São servas do Senhor, da mesma forma que seus anjos (Hb 1:7).

#### 104:5-9 A criação da terra e do mar

Depois de descrever o palácio do rei, o salmista fala da criação da terra. Vê a terra firmada sobre seus *fundamentos [...] para que não vacile em tempo nenhum* (104:5). Essa declaração não contradiz as descobertas científicas de que a terra e outros planetas giram em torno do sol. Antes, mostra que foi Deus quem estabeleceu o curso que esses corpos seguem. Sob nossos pés, a terra se mostra tão sólida quanto se tivesse sido assentada sobre fundamentos (Jó 38:4-11).

Quando foi criada, a terra era coberta de água (104:6; Gn 1:2,6-8). Deus ordenou, porém, que as águas retrocedessem a fim de formar oceanos, lagos e rios (104:7-8; cf. Gn 1:9-10). Determinou seus limites para que nunca voltem a cobrir a terra inteira (104:9).

**104:10-18 O cuidado de Deus com os seres vivos**

Por vezes, agimos como se acreditássemos que Deus se preocupa somente com os seres humanos, mas não se importa com o mundo natural, ou seja, com a fauna e a flora. Mas Deus é o criador de tudo e se importa com tudo, como ilustram claramente os exemplos em 104:11-18. Provê água não apenas para nós, mas também para matar a sede das *aves* e dos animais não domesticados, como os *jumentos selvagens* (104:10-12; cf. Mt 6:26).

Deus cuida também da flora que criou no terceiro dia (Gn 1:11-12). Rega a terra para que as plantas possam crescer e alimentar animais e seres humanos (104:13-14). Algumas das plantas proporcionam alegria, outras hidratam nosso corpo, enquanto outras ainda proveem o sustento básico (104:15; Gn 1:30). As árvores altas que Deus criou não fornecem apenas madeira para construções e móveis e lenha para o fogo. Também são um lugar seguro para as *aves* fazerem *seus ninhos* (104:16-17). Os montes altos, inapropriados para a habitação humana, servem de lar para animais como as *cabras montesinhas* (104:18).

Em resumo, nosso Deus é generoso e concede dádivas a toda a sua criação. Como seus filhos, devemos seguir seu exemplo e cuidar do mundo natural em vez de fazer coisas que prejudicam o ambiente e causam a extinção de criaturas de Deus.

**104:19-23 O sol e a lua**

O sol e a lua, formados no quarto dia da criação (Gn 1:14-19), fazem parte das dádivas que Deus nos concedeu. A lua tem a função de *marcar o tempo* (104:19) ou “marcar estações” (NVI) ao delimitar os meses do ano. O sol, em combinação com a rotação da terra, produz luz e escuridão, dia e noite. A noite não é considerada inútil: é o momento que Deus reservou para animais selvagens como os leões e leopardos caçarem seu alimento (104:20-22). Também é o período de descanso. Quando o sol aparece pela manhã, nós nos levantamos e vamos para o trabalho (104:23). Deus provê alimento e descanso para todas as suas criaturas.

**104:24-30 O cuidado de Deus com as criaturas marinhas**

Ao meditar sobre todas as coisas que Deus criou e seu cuidado com elas, o salmista exclama: *Que variedade, SENHOR, nas tuas obras!* (104:24). Sua infinita diversidade e os relacionamentos complexos entre elas demonstram a *sabedoria* de Deus.

Deus cuida não apenas dos seres humanos, animais e aves, mas também das diversas criaturas marinhas que criou no quinto dia (Gn 1:20). O mar é *vasto* e repleto de uma variedade extraordinária de *seres sem conta, animais pequenos e grandes* (104:25). Celacantos e crustáceos, polvos, lagostas, tubarões, baleias, leões marinhos e inúmeras outras criaturas — Deus provê para todas elas.

Os israelitas não eram um povo do mar e se admiravam ao ver um navio transitar pelos oceanos como se as águas fossem uma estrada comercial ligando terras distantes (104:26). Os navios dividiam o mar com grandes criaturas marinhas quase do mesmo tamanho das embarcações antigas. O *monstro marinho* talvez fosse o nome dado pelos israelitas à baleia que, apesar de seu tamanho, folga (ou brinca) nas águas do mar.

Todas as criaturas de Deus *esperam* dele *que lhes dê de comer a seu tempo* (104:27). Deus não as alimenta diretamente, mas provê alimento para que recolham (104:28; cf. tb. 103:5). Desfrutem a vida por tanto tempo quanto apraz ao Criador, e, então, ele as retira da face da terra (104:29). O controle de Deus sobre a vida é total: ele a sustenta e pode tirá-la ou renová-la, quer neste mundo, quer no porvir (104:30). No âmbito espiritual, Deus renova nossa vida em Jesus Cristo (Jo 3:16).

**104:31-35 Deus seja louvado!**

O salmo termina em tom crescente de louvor como consequência natural da análise das obras de Deus ao criar e sustentar o mundo. Tudo o que Deus criou pode morrer e desaparecer, mas sua glória permanecerá *para sempre!* (104:31). Que as obras de Deus continuem a lhe dar prazer. Ao mencionar essas palavras, o salmista lembra a imensidão do poder de Deus demonstrado em terremotos e erupções vulcânicas (104:32), o mesmo poder celebrado nos versículos iniciais do salmo. É impressionante que alguém com forças tão espetaculares à sua disposição se regozije em prover um lugar para o ninho da cegonha (104:17) e em alimentar criaturas marinhas das quais poucos seres humanos terão conhecimento!

O salmista decide: *Cantarei ao SENHOR enquanto eu viver* (104:33) e apresenta esse salmo como oferta de amor a Deus (104:34). Seu maior desejo é que o mal e a perversidade desapareçam para que somente a glória e a justiça de Deus sejam vistas (104:35a; cf. 37:38).

O salmo termina com o mesmo apelo sonoro do início: *Bendize, ó minha alma, ao SENHOR!* (104:35b).

**Salmo 105: Lembrança dos feitos de Deus**

Juntos, os salmos 105 e 106 completam o Livro Quatro do Saltério. Enquanto o salmo anterior louvou a Deus por sua obra na criação, esses dois celebram o que Deus fez por Israel, seu povo escolhido. Assim como o salmo que celebrou a criação não pode referir-se a tudo o que Deus criou, é impossível para o poeta mencionar nesses dois salmos todos os episódios da história de Israel. Ele prefere focalizar, portanto, alguns pontos altos que mostram claramente a iniciativa divina de abençoar seu povo. O salmo 105 trata da história de Israel desde o tempo de Abraão até os primeiros dias depois da libertação da escravidão do Egito.

Os quinze primeiros versículos são quase idênticos a 1Crônicas 16:8-22, passagem que registra o cântico que

Davi compôs e entoou quando a arca da aliança foi levada para Jerusalém (cf. tb. Sl 96). Todavia, enquanto o cântico em Crônicas se transforma em hino de louvor, este salmo prossegue com mais detalhes do livramento de Israel do Egito.

### 105:1-7 Louvor a Deus

O salmo 105 começa com uma série de instruções para o povo de Deus. Eles devem render graças ao Senhor, invocar seu nome (105:1) e proclamar a outros o que Deus fez em seu favor. Seus cânticos devem falar ao Senhor das suas maravilhas (105:2). Devem gloriar-se no caráter de Deus (seu nome) e fazer tudo isso com alegria (105:3). A presença e a força de Deus exigem o centro de sua atenção todos os dias (105:4). Eles não devem esquecer-se das maravilhas [...] dos seus prodígios e dos juízos de seus lábios (105:5), ou seja, da lei que o Senhor deu a Israel por meio de Moisés.

Este salmo é dirigido aos descendentes de Abraão e aos filhos de Jacó (105:6), ou seja, aos judeus, o povo escolhido de Deus. Como Paulo nos lembra, porém, por meio da obra de Cristo e de nossa fé nele, nós nos tornamos filhos espirituais de Abraão (Gl 3:6-9; 6:16). Essas injunções também servem, portanto, para nós, e, como o povo de Israel, podemos dizer: *Ele é o SENHOR, nosso Deus* (105:7).

### 105:8-11 A promessa de Deus na aliança

Nós, seres humanos, temos a memória curta, mas Deus não se esquece de nada. Ele é fiel e se lembra de todas as suas promessas (105:8). Afirmou em várias ocasiões sua aliança com Abraão (Gn 12:1-3; 15:1-6, 18-21; 17:1-8; 18:18-19) e, posteriormente, reafirmou-a a Isaque, filho de Abraão (Gn 26:1-50), e ao seu neto Jacó (Gn 28:13-15), também chamado de Israel (Gn 32:28), nome pelo qual seus descendentes ficaram conhecidos (105:9-10). Deus prometeu que daria a Israel sua própria terra (105:11). A nação teria um papel especial em seu plano de redenção, pois, por meio de Israel, o Senhor se manifestaria a todas as nações.

Essa aliança é eterna. Se Israel pecar, Deus o removerá temporariamente da terra (como aconteceu no exílio na Babilônia), mas o levará de volta.

### 105:12-23 O cuidado de Deus com os patriarcas

Em seu nascimento, a nação de Israel não era numerosa. Deus começou chamando apenas uma pessoa, Abraão, e seus familiares mais próximos (105:12; Dt 7:7). Abraão, Sara, Ló e seus servos vagaram de nação em nação, sem um lar permanente (105:13; Gn 23:4). Quando as perambulações de Abraão o levaram ao Egito, onde causou problemas a Faraó, Deus o protegeu e até repreendeu Faraó em favor de Abraão (105:14-15; Gn 12:14-20). O mesmo aconteceu quando Abimeleque, rei de Gerar, ameaçou a família de Abraão (Gn 20:2-17). Os outros patriarcas desfrutaram de proteção semelhante (Gn 26:11; 35:5).

No tempo de Jacó, os descendentes de Abraão formavam um grupo numeroso. Devem ter imaginado, porém, que Deus os havia abandonado, pois mandou seca e fome sobre a terra onde viviam (105:16). Sem que soubessem, porém, adiante deles Deus enviou um homem (105:17). José, filho de Jacó, havia sido vendido como escravo por seus irmãos e, posteriormente, foi preso e colocado em grilhões (105:18; Gn 37:28; 39:20). José, contudo, confiou em Deus e lhe obedeceu. O Senhor lhe mostrou o futuro em sonhos e lhe concedeu o dom de interpretá-los (105:19; Gn 37:5-10; 40:8-23). A revelação de Deus a José se confirmou, e Faraó o elevou a uma posição de liderança na qual ele pôde sujeitar os seus príncipes e aos seus anciãos ensinar a sabedoria (105:20-22; Gn 41:40). José revelou a sabedoria e o cuidado de Deus aos egípcios.

No devido tempo, José convidou Jacó e setenta descendentes para ir ao Egito (também chamado aqui de terra de Cam; 105:23) a fim de não morrerem de fome (Gn 46:26-27; Êx 1:1-5).

Como cristãos, podemos ser minoria em nosso país, cidade ou vila, assim como os patriarcas eram uma pequena minoria em sua época. Mas Deus prometeu proteger-nos da mesma forma que os protegeu. Ainda que soframos perseguição, Deus estará conosco da mesma forma que esteve com os patriarcas e com Israel.

### 105:24-38 Do Egito ao êxodo

No Egito, Deus cumpriu a promessa que havia feito na aliança (Gn 12:1-3) e multiplicou o povo de Israel. Com o tempo, os egípcios se sentiram ameaçados pelo numeroso grupo de estrangeiros, e sua hospitalidade se transformou em ódio (105:24-25). Em sua providência, contudo, Deus levantou Moisés e Arão como instrumentos na libertação dos israelitas (105:26). Juntos, eles realizaram vários milagres que glorificaram a Deus (105:27-36; Êx 7:1—12:30). No final, os egípcios não apenas permitiram que os escravos israelitas partissem, mas os despediram de bom grado com prata e ouro (105:37-38).

As nações podem usar sua força para oprimir outros, mas essa força não dura para sempre. Quando Deus intervir, nenhuma nação pode resistir. Diante de Deus, as divindades do Egito se mostraram impotentes.

### 105:39-45 A jornada de Israel a Canaã

Durante a jornada pelo deserto, Deus continuou a cuidar do povo que havia libertado. Espalhou uma nuvem sobre eles para protegê-los do calor escaldante durante o dia e iluminar o caminho à noite (105:39; Êx 13:21-22). Proveu codornizes, maná e água (105:40-41; Êx 16—17). Por fim, conduziu-os à terra que havia prometido aos seus antepassados (105:42-44).

Ao fazer tudo isso, Deus não desejava apenas salvar Israel e demonstrar-lhe sua fidelidade, mas também ensiná-lo a guardar os preceitos e observar as leis do Senhor (105:45a).

A história que o salmista relatou fornece ampla justificativa para o convite: *Aleluia!* (105:45b), que significa “Louvai ao Senhor”. Ao refletir sobre nossa história pessoal e a de nossos pais, tribos e nações, veremos que também temos motivos de sobra para louvar a Deus por aquilo que ele fez por nós. Devemos lembrar que, como Israel, somos salvos para glorificar a Deus, guardar seus preceitos e manifestar seu nome santo aos que ainda não creem.

### Salmo 106: A ingratidão de Israel

O salmo anterior falou da bondade de Deus para com os israelitas e do cumprimento de suas promessas. Este salmo mostra a atitude de Israel. Narra a história triste da propensão humana para pecar e reflete sobre os fracassos religiosos de Israel e a paciência e bondade de Deus, apesar do comportamento de seu povo.

#### 106:1-6 Louvor e súplica pessoal

As ações de graças estão sempre presentes na mente, no coração e nos lábios do salmista, e vários dos salmos do Livro Quatro começam com um convite para louvar a Deus. Este salmo não é exceção. Somos chamados a louvar a Deus *porque ele é bom e porque a sua misericórdia dura para sempre* (106:1), expressão retomada no coro do salmo 136. Apesar de fazer esse convite, o salmista sabe que ninguém é capaz de contar de forma completa *os poderosos feitos do SENHOR nem anunciar todos os seus louvores* (106:2). Deus fez tantas coisas maravilhosas que é impossível mencionar todas elas.

Aqueles que verdadeiramente amam a Deus *guardam a retidão e praticam a justiça em todo o tempo* (106:3). Tais indivíduos são *bem-aventurados*, ou seja, “felizes”. São abençoados com o tipo de felicidade descrita no salmo 1. O salmista deseja compartilhar as boas dádivas que Deus concede ao seu povo para que possa louvar a Deus com eles (106:4-5). Não se identifica com seu povo, contudo, apenas no tocante às bênçãos, mas também aos pecados cometidos. Reconhece: *Pecamos, como nossos pais; cometemos iniquidade, procedemos mal* (106:6). Neemias fez a mesma oração (Ne 1:5-11). Esses homens sabiam que não podemos separar-nos dos atos de nossos pais e de nossa sociedade. Os pecados cometidos no passado continuam a influenciar nossa vida no presente.

#### 106:7-12 A incredulidade de Israel

O salmo anterior descreveu o modo miraculoso pelo qual o Senhor livrou Israel do Egito (105:26-38). O salmista reconhece com tristeza que, em vez de refletir sobre o que esses milagres revelaram sobre o cuidado de Deus por eles, seus antepassados não tardaram em se rebelar contra o Senhor junto ao *mar Vermelho* (106:7). Nem por isso Deus deixou de demonstrar bondade para com eles. Por amor à sua própria reputação e *para lhes fazer notório o seu poder*, realizou outro milagre. Fez o povo de Israel atravessar o

mar Vermelho em segurança, mas afogou os egípcios que os perseguiam (106:8-11; Êx 14—15). Como resultado, os israelitas *creram nas suas palavras e lhe cantaram louvores* (106:12; Êx 15:1-21).

#### 106:13-15 A impaciência de Israel

Os louvores, contudo, não duraram muito tempo. Assim como eles se esqueceram dos milagres que o Senhor realizou no Egito, *cedo [...] se esqueceram das suas obras* em favor deles no mar Vermelho (106:13). Em vez de esperar pela direção de Deus e pedir humildemente que ele os ajudasse no deserto, murmuraram e *tentaram a Deus* (106:14; Êx 17:2). O Senhor *concedeu-lhes o que pediram*, mas também os castigou com uma enfermidade (106:15). Tinham de aprender que não podiam desprezar as bênçãos de Deus e agir como crianças mimadas.

Todos nós enfrentamos ocasionalmente situações em que Deus não provê de imediato algo de que precisamos. Quando isso acontece, devemos cuidar para não esquecermos tudo o que o Senhor fez por nós no passado. Se desprezarmos as bênçãos do passado, é possível que Deus nos discipline a fim de aprendermos a lhe dar o devido valor, da mesma forma que o filho pródigo teve de sofrer antes que pudesse reconhecer o amor de seu pai (Lc 15:11-24).

#### 106:16-18 A inveja de Israel

Não é raro as pessoas terem inveja de líderes. Moisés e Arão foram escolhidos e consagrados por Deus para liderar o povo (106:16) e, no entanto, enfrentaram esse problema. Os principais agitadores foram Datã e Abirão. Deus permitiu que a terra se abrisse e engolisse os dois rebeldes, e enviou fogo do céu para consumir seus seguidores (106:17-18; Nm 16).

Será que, por vezes, não nos queixamos de nossos pastores e presbíteros, pessoas que Deus escolheu para nos liderar? Se temos essa atitude, precisamos lembrar os dissabores que Israel sofreu em decorrência de inveja e murmuração. Também precisamos lembrar que, por inveja, os líderes de Israel rejeitaram Jesus e o entregaram para ser crucificado. A inveja pode gerar confusão e destruir a igreja.

#### 106:19-23 A idolatria de Israel

Além de rejeitar a liderança de Moisés e Arão, o povo rejeitou o próprio Deus. A convite do Senhor, Moisés subiu o monte Horebe (Sinai) para ter comunhão com Deus. Enquanto seu líder estava lá, porém, os israelitas confeccionaram e *adoraram o ídolo fundido* (106:19). *Trocaram a glória de Deus* pela de um bezerro, um simples animal *que come erva* (106:20; Êx 32:1-6). Esqueceram os feitos extraordinários que Deus havia realizado no Egito e no mar Vermelho e o reduziram a um ídolo (106:21-22).

Podemos perguntar por que Israel agiu desse modo. Quantas vezes, porém, não fazemos o mesmo? Será que oca-

sionalmente não resvalamos no sincretismo e nos vemos tentando combinar a adoração a Deus com o culto a ídolos?

Ao ver seu povo quebrar deliberadamente seus mandamentos (Êx 20:2-4), Deus se irou e decidiu destruí-lo. Moisés, contudo, era um líder repleto de compaixão por seu povo e intercedeu diante de Deus para impedir *que sua cólera os destruísse* (106:23; Êx 32:30-34).

#### 106:24-27 Israel ignora a promessa de Deus

Deus livrou Israel do Egito em cumprimento à sua promessa de dar a terra de Canaã aos descendentes de Abraão. Quando os israelitas se aproximaram dessa *terra aprazível*, porém, esqueceram a promessa e o poder de Deus. Moisés enviou doze homens para explorar a terra, mas, quando voltaram, dez deles relataram que seria impossível ocupá-la, pois seus habitantes eram fortes demais. Somente dois dos espias creram na promessa de que Deus lhes daria Canaã (106:24). O povo se recusou a avançar (106:25), e alguns chegaram a sugerir que o povo devia voltar para o Egito, onde havia sido escravizado. Essa falta de fé provocou a ira de Deus, e, como resultado, toda aquela geração (exceto Josué e Calebe, os dois espias fiéis) morreu no deserto (106:26-27; Nm 13—14; Dt 1:19-33).

#### 106:28-31 O envolvimento de Israel com práticas pagãs

Os israelitas haviam sido castigados por adorar o bezerro de ouro, mas não se livraram de sua idolatria. No episódio descrito em Números 25, envolveram-se com o culto a *Baal-Peor e comeram os sacrifícios dos ídolos mortos* (106:28). Mais uma vez, Deus os castigou enviando uma *peste entre eles* (106:29).

Anteriormente, Moisés havia intercedido pelo povo, e Deus desviara sua ira (106:23). Nesse episódio, Fineias se levantou e interveio de modo que *cessou a peste* (106:30). *Isso lhe foi imputado por justiça de geração em geração* (106:31).

Como povo cristão de Deus, também precisamos defender a retidão e as coisas de Deus. Devemos ficar do lado da verdade, e não do lado da maioria. Não cabe a nós empunhar a espada como Fineias, mas não devemos ter medo de condenar publicamente o pecado.

#### 106:32-39 O envolvimento de Israel com sacrifícios humanos

Quando não é detido, o pecado se reproduz e se propaga. Em Meribá, Israel não confiou que Deus proveria água potável. O pecado do povo afetou Moisés, seu líder, que se irou e agiu de modo contrário à instrução do Senhor. Em decorrência, *Moisés falou irrefletidamente* e pecou (106:32-33). Da mesma forma, a desobediência de Israel à ordem de Deus para destruir as nações pagãs ao seu redor os levou a ser influenciados pelos costumes desses povos (106:34-35; Jz 3:5-6). Mais especificamente, participaram de sua idolatria e, portanto, desobedeceram ao mandamento de Êxodo 20:1-4. Seus filhos e suas filhas pagaram o preço,

pois foram oferecidos como sacrifício humano (106:36-38). Israel não se tornou uma nação santa, conforme Deus desejava. Antes, *a terra foi contaminada*, e eles próprios *se contaminaram* (106:39).

#### 106:40-46 A infidelidade recorrente de Israel

Desgostoso com os israelitas, Deus os entregou a seus inimigos (106:40-41). Essas palavras retomam uma oração que ocorre repetidamente em Juizes: “Fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o SENHOR, pois serviram aos baalins [...] o SENHOR [...] os entregou na mão dos seus inimigos” (Jz 2:11-23; 3:8,12). Israel sofreu opressão (106:42). Por sua compaixão e misericórdia, quando Deus ouviu Israel clamar, lembrou-se da promessa associada à aliança feita com seus antepassados e os libertou das mãos de seus inimigos (106:43-46).

Conforme o NT adverte, aquilo que aconteceu aos israelitas deve servir de lição para nós. Devemos cuidar de não cair nos erros de Israel (1Co 10:11).

#### 106:47-48 Oração e louvor do salmista

No final dessa lista triste de fracassos e esquecimentos, o salmista ora em favor de seu povo. Seu clamor por livramento sugere que ele se encontra entre os cativos na Babilônia. Pede que Deus reúna seu povo *de entre as nações* para que possam dar *graças ao seu santo nome* e voltar a louvar ao Senhor (106:47).

Deus mostrou repetidamente sua compaixão e disposição de perdoar os incidentes descritos nesse salmo, daí a certeza do salmista de que Deus ouvirá sua oração. Sua esperança é justificada, pois o AT apresenta vários exemplos de como Deus responde à confissão humilde (1Rs 8:22-53; Ed 9:5-15; Ne 1; 9:6-37; Dn 9:3-19). Mais que depressa, portanto, ele começa a entoar um cântico de louvor ao SENHOR, *Deus de Israel, de eternidade a eternidade* (106:48).

Nós, cristãos, devemos estar sempre preparados para confessar diante de Deus os nossos pecados, sejam eles pessoais, familiares, tribais ou nacionais. Quando confessamos nossos pecados, Deus está sempre pronto a perdoá-los (1Jo 1:8-10). Como povo perdoado de Deus, devemos então louvá-lo pelo perdão que recebemos em seu Filho e pela promessa que ele nos fez nas Escrituras. Em vez de provocar sua ira como Israel fez, devemos esforçar-nos para que seu nome seja louvado para todo o sempre.

A doxologia em 106:48 marca o final do Livro Quatro de Salmos e é idêntica ao final do Livro Um (41:13). Todos os cinco livros de Salmos terminam com um convite semelhante para louvar (72:18-19; 89:52; 150:6).

### LIVRO CINCO: SALMOS 107-150

#### Salmo 107: Ação de graças pelo livramento

O tema que combina promessa, castigo por meio do exílio, salvação e regresso à terra se repete ao longo do Saltério



(105:42-45; 106:24-27 e 107:3). Neste salmo, é apresentado na forma de quatro cenas vívidas do livramento que Deus concedeu ao seu povo. Não há consenso entre os comentaristas quanto a se essas cenas descrevem experiências de Israel como um todo ou de grupos de israelitas durante o exílio. Todos concordam, porém, que o salmo descreve experiências reais que, juntas, contribuem para uma grandiosa expressão de ação de graças pela bondade do Senhor para com o seu povo. Confirma, também, a verdade proclamada em Salmos 50:15: “Invoca-me no dia da angústia; e eu te livrarei, e tu me glorificarás”. Lembra-nos, ainda, a promessa de Jesus: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11:28).

Podemos identificar-nos com o povo de Deus nessas situações, pois todos nós passamos por enfermidades, perda de entes queridos, decepções ou outras tempestades da vida nas quais a palavra do Senhor é fonte de grande encorajamento e consolo.

### 107:1-3 A alegria da reunião

O salmo começa com um chamado para todo o povo se reunir em ações de graças ao Senhor. Primeiro, eles devem ser gratos porque o Senhor *é bom* no modo de tratar seu povo. Segundo, *sua misericórdia* para com Israel *dura para sempre* (107:1). A instrução do salmista *Digam-no os remidos do SENHOR* (107:2a) é cumprida literalmente no salmo 136, no qual todos os versículos terminam com o refrão: “Porque a sua misericórdia dura para sempre”.

Deus demonstrou sua bondade de modo específico quando *congregou* seu povo depois que os inimigos gentios os dispersaram para todas as direções e ele os trouxe de volta das terras para onde foram exilados (107:3). Ele respondeu à oração em 106:47. A reunião é descrita como redenção ou resgate. O povo é chamado de *remidos do SENHOR* e *os que ele resgatou da mão do inimigo* (107:2b). Israelitas que se haviam tornado escravos de estrangeiros podiam ser remidos, ou libertos, por parentes que pagavam o preço por eles (Lv 25:47-49), e foi o que Deus fez por seu povo. Essa ideia traz à memória o ato de redenção que Deus realizou quando livrou seu povo da escravidão do Egito (Êx 6:6).

### 107:4-9 Errantes conduzidos ao lar em segurança

Aqueles que vivem em cidades com ruas aplainadas ou asfaltadas podem ter dificuldade em imaginar como é *vagar pelo deserto* [...] *sem achar cidade* (107:4). A realidade dessa experiência ficou clara para mim, porém, quando participei de um trabalho evangelístico nos arredores de Tambarawa, no norte do Níger. Certa manhã, parti confiante para meu destino, mas, ao tentar voltar para casa, não consegui encontrar o caminho. Com o vento, minhas pegadas haviam desaparecido do caminho estreito e tortuoso que eu havia percorrido. Eu estava perdido. Demorei algum tempo até encontrar alguém que pudesse explicar como voltar à cidade. Agora entendo como a morte se aproxima daqueles que

viajam pelo deserto, com suas tempestades de areia, sol inclemente, calor sufocante e ausência de água (107:5). Não é de admirar que os israelitas tenham clamado ao Senhor (107:6). Ele os atendeu e os conduziu a um lugar onde poderiam descansar em segurança (107:7). Lá, o Senhor satisfaz os anseios do coração de seu povo e saciou a alma faminta de Israel com sua bondade (107:9). Não causa surpresa os exilados que regressaram à terra irromperem em louvores (107:8), usando um refrão repetido três vezes nesse salmo (107:15,21,31) e que retoma as palavras da exortação inicial (107:1).

Nossa experiência pode ser diferente da de Israel, mas a alegria de ter sido resgatado pelo Senhor quando vagávamos longe dele deve ter o mesmo tom. Em seu amor, ele nos conduzirá à nova Jerusalém (Ap 21).

### 107:10-16 Cativos libertos

Alguns israelitas foram maltratados no cativeiro. Mantidos em calabouços escuros, à sombra da morte, foram *presos* [...] *em ferros* e, simbolicamente, *em aflição* (107:10). A Assíria e a Babilônia, duas perversas superpotências gentias, costumavam torturar seus cativos. De acordo com algumas descrições, os assírios arrastavam seus prisioneiros por anzóis presos à carne (Am 4:2). Os babilônios, por sua vez, mantinham os cativos acorrentados em prisões anos a fio.

Por que o Senhor permitiu que seu povo sofresse tanto? A resposta se encontra em 107:11. Eles sofreram porque se rebelaram *contra a palavra de Deus*, ou seja, contra sua lei, e desprezaram *o conselho do Altíssimo*. Deus os estava castigando propositadamente (107:12). Quando clamaram ao Senhor por livramento, porém, ele demonstrou sua misericórdia infinita e os *livrou das suas tribulações* (107:13). Revelou seu poder e amor ao abrir as prisões, romper as cadeias e libertá-los (107:14). As grades das prisões e as centenas de portas de bronze nos grandes muros que cercavam a Babilônia não eram nada para Deus (107:16; cf. tb. Is 45:2; 61:1). Pela segunda vez, ouvimos o refrão jubiloso quando os cativos libertos irrompem em ação de graças pela bondade do Senhor (107:15).

### 107:17-22 Enfermos curados

O grupo seguinte chamado para louvar a Deus é constituído de pessoas curadas de enfermidades resultantes de seu comportamento indevido. Quando lemos essas palavras, é importante ter em mente que nem sempre as doenças são resultado direto de pecados ou ofensas. É errado supor que todos os portadores de HIV/aids, por exemplo, cometeram pecados sexuais. Estudos médicos mostram que essa doença pode ser contraída por pessoas inocentes que nunca foram promíscuas. Jesus também enfatizou que nem sempre existe uma ligação entre enfermidade e pecado quando respondeu à pergunta dos discípulos: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (Jo 9:1-3). Os discípulos cometeram o mesmo erro que os amigos de Jó e

se basearam em conceitos antigos segundo os quais toda enfermidade ou deformação resultava de pecado.

Por vezes, porém, a enfermidade é ligada ao pecado. Israel se mostrara insensato e rebelde (107:17). Seus pecados resultaram em enfermidades que os deixaram à beira da morte (107:18). Quando, porém, reconheceram o seu erro, se arrependeram e clamaram a Deus, *ele os livrou das suas tribulações* (107:19), da mesma forma que havia livrado outros (107:6,13). Eles receberam cura e restauração (107:20) e, portanto, também têm motivos para agradecer ao Senhor por sua bondade e proclamar suas maravilhas ao seu povo (107:21-22). Como eles, ao considerar a palavra de Deus e aquilo que ele fez por nós, devemos louvar o nome do Senhor na congregação de seu povo.

### 107:23-31 Marinheiros salvos

Muitas pessoas ainda viajam por vias aquáticas ou retiram seu sustento de lagos, rios e mares (107:23). Quem leva esse tipo de vida conhece muito bem os perigos descritos em 107:25-27a. Até mesmo quem vive longe de rios e mares se entristece quando ouve falar de balsas que afundam ou de imigrantes ilegais que morrem tentando atravessar o mar da África para a Europa. Os israelitas da Antiguidade também conheciam esses perigos. Jonas enfrentou uma tempestade intensa no mar Mediterrâneo (Jn 1). Os discípulos de Jesus ficaram apavorados quando se viram no meio de uma tempestade no mar da Galileia (Mc 4:35-38). Este salmo descreve marinheiros que *perderam todo o tino*, uma expressão que também pode ser traduzida por “chegaram ao fim de sua marinharia” (107:27b). Todas as suas habilidades no mar se mostraram inúteis. Como os aflitos em 107:6,13 e 19, só lhes restou clamar ao Senhor por socorro. Mais uma vez, Deus atendeu e *os livrou das suas tribulações* (107:28-30; cf. tb. Jn 2:2; Mc 4:39). Além de trazerem salvação, as obras de Deus não deixam espaço para nenhuma arrogância (107:24,31).

Se buscarmos ao Senhor, também poderemos encontrar socorro e calma em meio às tempestades da vida.

### 107:32-42 Famintos alimentados

Os últimos versículos desse salmo voltam a tratar do tema da gratidão apresentado em 107:1-3, com um convite para todos participarem do louvor (107:32). Essa parte final não trata mais de calamidade e livramento. Antes, o salmista focaliza aquilo que o mundo ao redor revela acerca da soberania de Deus. O Senhor pode reter a chuva ou fazê-la cair sobre a terra seca (107:33-35). Tem prazer em abençoar os famintos, suas colheitas e seu gado (107:36-38; cf. tb. Is 41:18; 42:15; 50:2). Nega suas bênçãos aos arrogantes (107:39-40), mas exalta e livra da aflição os pobres, oprimidos e humildes (107:41). Os justos se regozijam nas obras do Senhor, enquanto os soberbos se calam (107:42).

### 107:43 Epílogo

O salmo termina em tom sério, lembrando que não devemos deixar-nos levar por nossa própria inteligência ou eloquência. Antes, devemos atentar *para essas coisas*, ou seja, para os feitos de Deus e suas *misericórdias*. Somente o sábio pode nelas meditar e alcançar entendimento.

### Salmo 108: Confiança em Deus

O salmo 108 parece combinar partes de outros dois salmos. Salmos 108:1-5 é quase idêntico a 57:7-11, e 108:6-13 é quase idêntico a 60:5-12. Os salmos 57 e 60 expressam momentos de angústia profunda, mas no final de ambos o salmista declara sua confiança em Deus. O autor do salmo 108 usa essas declarações para reafirmar a mesma verdade.

### 108:1-5 Cânticos de louvor

O salmo 57 é associado à época em que Davi estava sendo perseguido pelo rei Saul. Seus inimigos eram como “leões” e “espada afiada” (57:4). Não lhe restava outra coisa senão se refugiar no Senhor até que o perigo tivesse passado (57:1). Salmos 108:1-5 não usa nenhuma dessas descrições do desespero de Davi; antes, apenas cita 57:7-11, passagem na qual ele expressa confiança na misericórdia e fidelidade de Deus.

O salmo 108 começa com o regozijo confiante do salmista expresso em cânticos de louvor (108:1). Não se contenta em louvar a Deus apenas com sua voz; pede o acompanhamento de instrumentos musicais como o *saltério* e a *harpa* e convida até a *alva* para cantar louvores a Deus com ele (108:2). O salmista proclamará o nome de Deus *entre as nações* (108:3). Louva a Deus de forma específica por sua misericórdia e fidelidade. A misericórdia do Senhor se eleva *acima dos céus*, de modo que Deus deve ser *exaltado* [...] *acima dos céus*. Sua fidelidade vai *além das nuvens*, e, portanto, a glória de Deus resplandece *em toda a terra* (108:4-5). O louvor a Deus deve equiparar-se à grandeza de sua misericórdia e de seu amor.

A África conhece muitas das aflições descritas no salmo 57. Temos secas, guerras e ameaças de guerras em lugares como Darfur e conflitos tribais e religiosos como os da Nigéria. Apesar de todos esses problemas, contudo, Deus continua a operar em nosso continente. O evangelho é propagado, e muitas pessoas aceitam a Cristo. A África está tornando-se o centro mundial do cristianismo. Devemos, portanto, louvar a Deus entre as nações. E, uma vez que os africanos têm música no sangue, mais do que qualquer outro povo, devemos entoar cânticos e usar instrumentos para louvar ao Senhor por sua bondade.

### 108:6-13 Oração de esperança

A última parte desse salmo se baseia em Salmos 60:5-12. O salmo começou em tom melancólico. Deus pareceu rejeitar seu povo e permitir que fossem derrotados por seus inimigos.

O salmo 108 retoma o salmo 62 no momento em que o povo clama a Deus: *Salva [...] e responde-nos* (108:6b). Essas palavras nos lembram que Deus ouve o clamor de seu povo (Êx 3:7-9; Sl 107:6,13,19,28). Ele os salva e os livra com sua *destra*, o mesmo instrumento que usou para libertar Israel do Egito. Livra seu povo porque são seus *amados* (108:6a). O NT descreve a igreja de maneira semelhante (Rm 1:7; Cl 3:12).

Em seguida, o salmista lembra as palavras tranquilizadoras de Deus acerca da terra que prometeu dividir e distribuir entre o seu povo (108:7; cf. Gn 15:18; Êx 23:31; Dt 11:24). Os territórios em questão ficavam dos dois lados do rio Jordão. *Efraim* era a maior e mais forte de todas as tribos, daí ser descrita como um capacete (*defesa da minha cabeça*). *Judá* é chamada de *etro*, pois o rei segura um cetro, e a linhagem real de Davi era da tribo de Judá (108:8). *Moabe*, que em outros tempos, havia levado Israel a pecar (Nm 25:1-2), será tão insignificante quanto uma *bacia de lavar*. Os edomitas, antigos adversários de Israel e descendentes de Esaú, o qual desprezou seu direito de primogenitura, serão igualmente humilhados e desprezados. Serão tratados como um servo para o qual o senhor atira sua *sandália* quando chega em casa (108:9). Como nos tempos de Davi, os edomitas e filisteus serão cabalmente derrotados (2Sm 8:1,14).

O salmo termina com um clamor a Deus num momento de crise. Trata-se provavelmente da invasão dos babilônios que resultou na queda e destruição de Jerusalém. Devido à hostilidade anterior entre o povo de Judá e os edomitas, *Edom* se regozijou quando Jerusalém foi capturada. Agora, o povo clama ao Senhor para lhes dar vitória sobre esses inimigos que viviam numa fortaleza nas montanhas, ou *cidade fortificada*, de Edom (108:10). Somente Deus pode virgá-los (Ob 8-21).

Parece, contudo, que Deus esqueceu seu povo e deixou de acompanhar seus exércitos nas batalhas, motivo pelo qual a nação foi derrotada (108:11). Por vezes, temos a mesma sensação quando nossos países enfrentam crises nacionais por causa de secas e epidemias. Em momentos assim, nossos governantes com frequência suplicam a Deus que não permita uma calamidade. Nosso clamor pode ser semelhante ao do salmista: *Presta-nos auxílio [...], pois vão é o socorro do homem* (108:12).

Deus ouve os clamores. Por isso, o salmo termina com a garantia de que o Senhor dará vitória e esmagará os inimigos de seu povo (108:13).

### Salmo 109: Maldição e bênção

De acordo com o título, este salmo foi escrito por Davi. Trata-se de um dos salmos imprecatórios nos quais uma vítima de injustiças pede que seus inimigos sejam derrubados. Aqui, Davi amaldiçoa seus perseguidores. Podemos entender sua atitude, pois na África é comum amaldiçoar inimigos ou pagar alguém para lançar uma praga sobre eles.

Para os cristãos, porém, esses salmos podem causar perplexidade. Como devemos reagir a palavras tão terríveis? A resposta é que devemos aprender com elas, mas não imitá-las. A reação intensa de Davi à injustiça ajudamos a entender nossos próprios sentimentos quando somos injustiçados e a nos identificar com os que sofrem de forma semelhante. Precisamos lembrar, porém, que não nos cabe julgar; o julgamento pertence a Deus (Mt 7:1). Antes, somos chamados para um ministério de reconciliação no qual obedecemos às palavras de Cristo nos evangelhos, oramos por aqueles que nos perseguem e nos odeiam e demonstramos amor aos nossos inimigos. Somente com o auxílio do Espírito Santo somos capazes de desenvolver essa atitude.

### 109:1-5 Traição

Sob ataque ferrenho de seus inimigos, Davi se volta para o Senhor. Pede que ele aja e não se cale (109:1). Seus adversários implacáveis o difamam com *lábios maldosos e fraudulentos* (109:2). Ele é vítima de injustiça e perseguição, atacado *sem causa* (109:3). Não conhecemos a identidade desses homens, mas, sem dúvida, eram próximos de Davi, pois ele diz que lhes ofereceu seu *amor* (109:4a). A profundidade de sua mágoa fica evidente na repetição desse fato em 109:5: *Pagaram-me o bem com o mal; o amor, com ódio*. O salmista foi traído: tratou essas pessoas com bondade e, como homem de oração, até intercedeu por elas (109:4b).

Muitos cristãos hoje podem identificar-se com a situação de Davi. Também são acusados falsamente e perseguidos sem motivo. Cheios de ódio, seus inimigos os arrastam para prisões, queimam seus locais de culto e até lhe tiram a vida.

### 109:6-20 Súplica por vingança

A passagem seguinte pode ser interpretada de duas maneiras. Chocados com a veemência das maldições, alguns comentaristas sugerem a possível ocorrência de uma omissão no texto e afirmam que 109:6 deveria começar com “Eles dizem” (cf. NVI, nota). Argumentam que, no hebraico, essas palavras por vezes são omitidas antes de citações. Ademais, a mudança de um grupo de “homens” que se opõem a Davi para uma maldição sobre um homem específico, ao qual o salmista se refere apenas como *ele*, sugere que esses versículos expressam o ódio dos inimigos contra Davi.

Na opinião de outros comentaristas, essas palavras são a reação de Davi à traição sofrida. Nesse caso, podemos fazer uma comparação com a atitude de Jesus em relação a Judas. Enquanto Davi respondeu com raiva, Jesus continuou a demonstrar amor por Judas, lavou seus pés e comeu com ele (Jo 13). Não expressou nenhuma intenção de vingança pessoal contra aquele que o traiu. Somos chamados a imitar seu exemplo, por mais difícil que seja, e orar por nossos inimigos (Mt 5:44; Lc 6:27-31; Rm 12:14-21).

Apesar de Jesus ter tratado Judas com amor, convém observar que em Atos 1:20 os discípulos citam as palavras

de Davi em **109:8** como profecia daquilo que de fato aconteceu com o traidor. Apesar de não ser correto orar por vingança pessoal, podemos orar para que Deus faça justiça (Dt 19:16-20).

Devemos observar ainda que Davi não está orando apenas por si mesmo. Como mostra a descrição do caráter de seu inimigo em **109:16-17**, o salmista também ora em nome do *aflito*, do *necessitado* e do *quebrantado de coração*, membros mais fracos da sociedade que sofreram por causa do coração empedernido desse homem.

### 109:21-29 Súplica por livramento

As palavras *Mas tu* mudam completamente o tom do salmo, que não focaliza mais Davi e seus inimigos, mas Davi e Deus. O salmista pede a bênção do Senhor *por amor do teu nome* (**109:21**), ou seja, por amor da reputação e glória de Deus (cf. 115:1). Enquanto em 109:15 Davi defendeu seu próprio caráter com exasperação, aqui ora humildemente: *Estou aflito e necessitado*. Expressa seus sentimentos mais íntimos ao reconhecer: *Dentro de mim, sinto ferido o coração* (**109:22**).

No NT, Jesus diz que ódio e desprezo semelhantes aos dos inimigos de Davi correspondem a homicídio (cf. Mt 5:21-22). Essa equiparação é verdadeira não apenas em nível espiritual, mas também físico. O ódio dos inimigos afetou a saúde de Davi, que está definhando. Cada vez mais fraco e magro, ele pode ser *atirado para longe* como se fosse um inseto (**109:23-25**).

Em sua fraqueza, Davi clama: *Socorre, SENHOR, Deus meu!* (**109:26**). O termo hebraico traduzido aqui por “Deus” é a palavra usada para Deus como Criador do universo, aquele que é poderoso para salvar. A palavra traduzida por “Senhor” é o nome de Deus na aliança, o nome que ele revelou a Moisés quando anunciou seu plano de libertar os israelitas da escravidão no Egito (Êx 3:15). As duas designações são apropriadas para a oração que Davi faz devido ao seu próprio sofrimento e ao dos fracos de sua sociedade. Os pobres não têm a quem recorrer senão a Deus, seu defensor. Porque Deus é bom, Davi pode estar certo de que se aproxima o dia do triunfo da justiça sobre o mal (**109:27-29**).

### 109:30-31 Voto de louvar a Deus

Podemos ser amaldiçoados e perseguidos, mas Deus nos prometeu proteção e bênçãos. Ciente disso, Davi faz votos de louvar ao Senhor *no meio da multidão* (**109:30**). Esse é o ponto de partida do salmo e também sua conclusão. O salmista reafirma a certeza de que Deus se colocará *à direita do pobre* que os perversos traíram e acusaram (**109:31**). À sua direita, os perversos terão apenas um acusador (**109:6**), enquanto os necessitados terão o Guerreiro-Salvador, pronto a protegê-los (cf. tb. Hc 3:1-15). Deus é mais poderoso do que todas as forças do mal. Fazemos bem em lembrar as palavras de Jó 19:25: “Porque eu sei que o meu Redentor

vive e por fim se levantará sobre a terra” para livrar seu povo.

### Salmo 110: Celebração do Rei-Sacerdote

Nenhum outro salmo do Saltério é tão digno do título *Salmo de Davi*. Semelhantemente, em nenhum outro salmo a autoria é corroborada de modo tão enfático quanto aqui. Negar que Davi escreveu este salmo corresponderia a contradizer o NT, que em várias ocasiões o atribui a Davi. O salmista o compôs não apenas para o rei que estava no trono, mas também para o Rei vindouro e, desse modo, prestou sua homenagem ao Messias. Como os salmos 2, 45 e 72, este é de fato um salmo real.

O texto celebra a vida e o governo de um rei de Israel. De acordo com alguns estudiosos, é possível que fosse recitado como parte da cerimônia de coroação dos reis de Judá. O NT o interpreta como uma apresentação messiânica de Cristo em seus papéis de sacerdote e rei. O autor de Hebreus trata desse tema e segue o mesmo padrão de organização do salmo. Nos primeiros capítulos da epístola aos Hebreus, o autor enfatiza o papel de Cristo como rei e, mais adiante, o proclama nosso sumo sacerdote. Uma vez que Cristo é, ao mesmo tempo, rei e sacerdote, podemos chegar-nos “confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:14-16).

### 110:1-3 O Rei

No primeiro versículo, o salmista chama o rei de *meu senhor* (**110:1a**). É possível que essas palavras tenham sido proferidas originariamente por um profeta, pois a tradução literal da primeira linha é: “Oráculo de Javé ao meu senhor”. Jesus citou essas palavras, mas não as explicou, pois desejava que seus ouvintes pensassem em suas implicações (Mt 22:41-45).

Depois do prólogo, o profeta transmite a primeira mensagem. O rei é convidado a sentar-se *à direita* de Deus, o lugar de honra e autoridade (**110:1b**). Uma vez que nenhum rei de Israel alcançou essa posição, os intérpretes judeus acreditavam que o Espírito Santo havia inspirado Davi a profetizar acerca do Messias. O único que se assentou à destra de Deus foi Jesus (Mt 26:64; At 5:31; Rm 8:34; Ef 1:20-21; 1Pe 3:22). Consequentemente, seus discípulos não hesitaram em aplicar essa profecia a ele (At 2:32-35; Hb 1:13).

O rei também recebe a promessa de vitória sobre seus inimigos, que serão colocados debaixo dos seus pés (**110:1c**) ou serão “estrado para os teus pés” (NVI). A imagieria do Oriente Médio usava essa expressão com frequência para indicar a humilhação total do inimigo derrotado. Alguns estrados antigos de reis trazem gravuras de inimigos capturados.

O *cetro* que será estendido simboliza o poder e a autoridade do rei (**110:2**). Esse é um símbolo ainda usado hoje.

Na Nigéria, por exemplo, o governante do Estado costuma presentear um novo chefe com um bastão ou cetro que representa a autoridade que lhe é conferida.

Em **110:3a**, vemos uma multidão de voluntários reunida ao redor de seu líder numa guerra santa. Essa imagem traz à memória o Cântico de Débora, segundo o qual “o povo se ofereceu voluntariamente” (Jz 5:2; cf. tb. Rm 12:1; Fp 2:17; 2Co 8:3-5). O versículo como um todo, porém, é difícil de traduzir, o que explica as diferenças consideráveis entre as versões bíblicas. A expressão traduzida na RA por “com santos ornamentos” (**110:3b**), por exemplo, aparece na NTLH como “nos montes sagrados”, tradução que corresponde a alguns textos antigos. Não existe, portanto, consenso quanto ao significado dessas palavras.

Pode-se dizer o mesmo da imagem: *Como o orvalho emergindo da aurora, serão os teus jovens (110:3c)*, a qual, de acordo com alguns, representa o Messias glorioso conduzindo seus exércitos à batalha.

#### 110:4 O Sacerdote

O profeta transmite a segunda mensagem de Deus e informa ao rei: *Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque (110:4)*. O nome “Melquisedeque”, que significa “meu rei é justo”, tem uma história. Gênesis 14:18-20 apresenta um homem misterioso chamado Melquisedeque como “sacerdote do Deus Altíssimo”. Também era rei de Salém, ou seja, de Jerusalém. (A forma abreviada “Salém” ressalta a ligação entre esse nome e *shalom*, que significa “paz”.) O rei-sacerdote justo não possuía nenhuma ligação com a ordem aarônica nem com a ordem levítica do sacerdócio e, no entanto, era responsável por dirigir seu povo nos caminhos do Senhor. O rei de Israel era incumbido da mesma tarefa. Nenhum rei israelita, contudo, poderia ser sacerdote *para sempre*. Em última análise, portanto, a profecia deve referir-se ao Messias.

O autor de Hebreus cita esse versículo duas vezes (Hb 5:5; 7:17) ao tratar de como a profecia se aplica especificamente a Jesus (Hb 5:5-10; 6:19—7:28). Como Melquisedeque em Gênesis, Jesus é o Rei justo e o âmbito de seu reinado é pacífico. Ele também é ao mesmo tempo sacerdote e rei.

Por que Deus julgou necessário especificar que o rei não pertence à ordem habitual de sacerdotes, isto é, à ordem de Arão? Hebreus 7:3 responde a essa pergunta ao informar que todos os sacerdotes da linhagem de Arão possuíam genealogia e descendência. Fica evidente, portanto, que não eram sacerdotes “para sempre”. Jesus, porém, sempre existiu (Jo 1:1) e concede salvação eterna.

#### 110:5-7 O Rei-Sacerdote guerreiro

Em 110:1, o rei está assentado à direita do Senhor. Aqui, porém, a cena muda, e o Senhor está à direita do rei (**110:5**). Não há nenhum sinal dos soldados voluntários mencionados em 110:3; antes, o salmista mostra Deus e o

rei lutando juntos numa batalha acirrada (**110:6**). Ao perseguir o inimigo que bate em retirada, param apenas para beber de uma *torrente* de águas refrescantes e revigorantes *junto ao caminho (110:7)*.

No AT, o rei luta contra inimigos físicos e bebe de um riacho comum. No NT, porém, os inimigos do Rei-Sacerdote correspondem a forças espirituais do mal que se opõem ao governo de Cristo e à sua bênção. Nós somos o seu exército e lutamos contra os poderes malignos neste mundo (Ef 6:10-18). Nosso Rei ordena que continuemos avançando até o dia da vitória.

#### Salmo 111: Um Deus digno de adoração

Encontramos agora um grupo de três salmos: 111, 112 e 113. O título de todos vem de sua palavra inicial, *Aleluia*, que significa “Louvai ao Senhor”.

Os dois primeiros salmos desse grupo são acrósticos nos quais cada linha começa com uma letra do alfabeto hebraico. Essa estrutura permite que o autor explore várias ideias acerca de um assunto sem precisar seguir uma sequência lógica específica.

Os salmos 111 e 112 constituem um par não apenas quanto ao formato, mas também quanto ao tema. O primeiro descreve Deus, e o segundo, o povo que serve a Deus.

O tópico central do salmo 111 é a bondade constante que o Senhor demonstra em seus atos. Daí as repetidas referências às suas “obras”.

#### 111:1-9 As obras e o caráter de Deus

O salmista começa declarando que dará graças ao Senhor *na companhia dos justos e na assembleia (111:1)*. A “companhia” talvez se refira aos seus amigos e conselheiros, enquanto a “assembleia” talvez descreva a nação inteira de Israel reunida para adorar, como fizeram no deserto (Dt 5:22). Pode referir-se ainda à multidão reunida no templo para os cultos. Não existe local melhor para louvar a Deus que em companhia de seu povo e, como o salmista, devemos fazê-lo de todo o nosso coração.

Na sequência, o salmista relaciona as obras repletas de *glória e majestade* pelas quais deseja agradecer a Deus:

- As obras de Deus na criação (111:2). Quanto mais refletimos sobre como Deus criou e controla o universo, mais nos admiramos de sua sabedoria e poder. Ele é o artífice supremo, o maior cientista de todos os tempos. Nenhuma invenção humana se equipara ao que ele criou.
- A provisão de Deus ao seu povo (111:5). Ao afirmar que Deus *dá sustento aos que o temem*, o salmista talvez tenha em mente a provisão divina de alimento e água no tempo em que Israel vagou pelo deserto. A *aliança* da qual Deus se lembra pode ser a aliança firmada no deserto, ou a aliança de Deus com Noé, na qual ele prometeu a continuidade da “sementeira e

ceifa” (Gn 8:22). Nós também temos motivos de sobra para sermos gratos a Deus pela provisão de nossas necessidades diárias.

- A dádiva da terra (111:6) é uma referência à terra de Israel. Apesar de não vivermos em Israel, podemos agradecer por nosso país e pelos recursos que Deus nos concedeu. Se existe um povo neste mundo que deve agradecer por terras, é o nigeriano. Suas terras são vastas, e quase todas as regiões são ricas em minerais, pedras preciosas e petróleo. O mesmo vale para muitos outros países africanos. Se ao menos administrássemos melhor aquilo que Deus nos deu! A pobreza não vem de Deus; é consequência de nossos atos.
- A redenção de Israel (111:9a). O salmista provavelmente se refere à libertação de Israel do Egito e da Babilônia. Hoje, a obra de Deus por meio de Cristo nos liberta da escravidão do pecado e livra da destruição eterna.
- O caráter de Deus. O salmista diz que Deus é justo (111:3), *benigno e misericordioso* (111:4b), suas obras são *verdade e justiça*, e seus preceitos são *fiéis* (111:7). Deus também é reto (111:8). Devido à sua graça e compaixão, é paciente conosco e nos perdoa sempre que o buscamos com coração contrito. Uma vez que é fiel e justo, podemos chegar-nos a ele confiadamente. Ele nunca muda.

Diante de tudo isso, o salmista encerra essa seção dizendo: *Santo e tremendo é o seu nome* (111:9b).

Além de realizar todas essas obras maravilhosas, Deus ajudou seu povo a mantê-las vivas na memória (111:4a). Para isso, instituiu festas como a Páscoa e a Festa dos Tabernáculos, durante as quais o povo podia expressar gratidão e refletir sobre aquilo que o Senhor havia feito por eles (Êx 12:4; Dt 16:1-17).

Ainda que os cristãos não observem essas festas, receberam a ceia do Senhor como memorial da obra de Cristo (1Co 11:23-26). Nos cultos dominicais, temos comunhão com Deus e uns com os outros e lembramos aquilo que Deus fez. Nessas ocasiões, podemos expressar nossa gratidão por suas obras maravilhosas (cf. 107:8,15,21,31).

### 111:10 O princípio da sabedoria

Ao se aproximar do final, o salmista nos lembra que o segredo da sabedoria reside no *temor do SENHOR* (111:10a), tema recorrente na literatura sapiencial (Jó 28:28; Pv 1:7; 9:10; Ec 12:13). Desde o tempo de Adão, os seres humanos buscam sabedoria. Adão e Eva, porém, procuraram no lugar errado (Gn 3:5-6). Se houvessem buscado sabedoria em Deus, provavelmente teriam evitado a situação na qual se colocaram. Tiago nos lembra que devemos pedir sabedoria quando não a temos (Tg 1:5). Talvez o salmista esteja dizendo que reverência a Deus e confiança em sua sabedoria são pré-requisitos para entender as obras e os feitos maravilhosos de Deus.

De acordo com o versículo final, quem obedece a Deus revela *prudência* (111:10b) e pode, como o salmista, declarar que o Senhor deve ser louvado *para sempre* (111:10c).

### Salmo 112: Os adoradores de Deus

Os salmos 111 a 113 começam com a injunção *Aleluia!*, isto é, “Louvai ao Senhor”. Os dois primeiros estão estreitamente relacionados quanto ao tema e organização (cf. introd. Sl 111). Uma vez que focaliza as bênçãos concedidas a quem é piedoso e teme ao Senhor, o salmo 112 é considerado um dos quatro salmos sapienciais (os outros são os salmos 127, 128 e 133).

#### 112:1-9 As características do justo

O primeiro versículo retoma o que foi dito no último versículo do salmo anterior. Salmos 111:10 diz: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria”, e 112:1a declara: *Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR*. O termo traduzido por “bem-aventurado” significa, mais precisamente, “feliz”. O salmista não está falando de bem-aventurança evidenciada pelo acúmulo de bens. A felicidade não está necessariamente associada a riquezas ou coisas materiais. Antes, é a paz e alegria interiores decorrentes de conhecer e andar com Deus. De acordo com Salmos 1:1-2, essa alegria está presente naqueles cujo “prazer está na lei do SENHOR” e que se dedicam a meditar nela. Nesse salmo, o bem-aventurado é aquele que *se compraz nos seus mandamentos* (112:1b).

Tendo em vista o paralelismo na poesia hebraica, também fica evidente que temer ao Senhor (reverenciá-lo) equivale a se comprazer em seus mandamentos (e, portanto, obedecer-lhes).

Os justos receberão inúmeras bênçãos. Este salmo diz que eles terão muitos descendentes, os quais também serão abençoados e felizes (112:2). Suas bênçãos serão materiais e espirituais (112:3). Mesmo que os justos ocasionalmente enfrentem dificuldades, não temerão (112:7), mas se consolarão com a certeza de que *nasce luz nas trevas* (112:4a). Eles podem ter esperança e assim serão capazes de pensar nos próximos passos que deverão dar.

Em suas interações com outros, o justo é *benigno e misericordioso* (112:4b). Ele se *compadece e empresta* a quem precisa e é íntegro em todos os seus negócios (112:5). *Nunca será abalado* por ameaças e permanecerá firme em sua caminhada com o Senhor. Mesmo depois de morrer, será lembrado por seus atos piedosos (112:6-7). O justo é *firme* e estável e, portanto, não se deixa levar de um lado para o outro. *Permanece confiante no SENHOR e não se atemoriza de más notícias*. Seu coração está *bem firmado* no Senhor (112:8).

No final, a descrição do justo volta à sua generosidade para com os *pobres* (112:9a). A piedade é uma característica interior que trasborda para o âmbito exterior em gestos feitos a outros.

Quando comparamos os salmos 111 e 112, vemos que, na verdade, o justo demonstra várias características de Deus. A justiça de ambos permanece para sempre (111:3; 112:3); ambos são benignos e misericordiosos (111:4; 112:4); Deus é generoso na provisão de terra e alimento, e o justo é generoso no socorro aos necessitados (111:5-6; 112:5,9); as obras de ambos são justas (111:7; 112:5); os preceitos de Deus e o coração do justo são estáveis (111:8; 112:8); Deus é digno de toda a honra por seus feitos, e o justo também será honrado por seus atos, e *o seu poder se exaltará em glória* (111:9; 112:9). Nas Escrituras, o termo traduzido aqui por “poder” (lit., “chifre”) pode referir-se a salvação ou força. Nesse caso, o salmista pode estar afirmando que o Senhor é a força do justo e, portanto, ele não permitirá que seja abalado pelas tempestades da vida (112:9b).

O chamado para os fiéis demonstrarem o caráter divino em sua vida ressoa no AT e no NT. Jesus o enfatizou nas bem-aventuras em Mateus 5—7. Como ele, devemos ser misericordiosos e compassivos. Paulo também nos lembra que fomos criados “segundo Deus, em justiça e retidão, procedentes da verdade” (Ef 4:24).

### 112:10 O destino do perverso

O salmo termina com um versículo que nos convida a lançar nossa sorte com o justo ao descrever a amargura e insignificância da vida do perverso. Este exaspera-se de tal modo com a prosperidade do justo que *range os dentes* de raiva e frustração. Enquanto o nome do justo “será tido em memória eterna” (112:6), o perverso *se consome*. Ninguém se lembrará dele, e seus anseios serão frustrados (112:10).

O versículo final do salmo nos lembra que colhemos aquilo que semeamos (Gl 6:7). Quando damos lugar a insinceridade, corrupção e injustiça e realizamos transações duvidosas, colhemos medo e insegurança. Na Nigéria, por exemplo, há funcionários públicos foragidos porque roubaram dos cofres públicos. Déspotas que impuseram regimes ditatoriais muitas vezes vivem com medo por causa de seus atos perversos. O justo, porém, não é corrupto e não tem o que temer.

### Salmo 113: Grandeza e graça de Deus

O salmo 113 faz parte de três categorias de salmos. Pode ser agrupado com os dois salmos anteriores, pois todos começam com a palavra *Aleluia*. Também pode ser agrupado com os salmos 145 a 149, os grandes salmos de louvor. Enquanto os salmos 145 e 149 louvam a Deus como Senhor da história, Criador do universo e protetor e benfeitor de Israel, o salmo 113 o louva por sua grandeza e graça para com todos os seus servos. Por fim, o salmo faz parte de um grupo chamado Hallel Egípcio, que abrange os salmos 113 a 118. Esses costumam ser entoados na Páscoa dos judeus para comemorar o livramento de Israel do Egito. Provavelmente, foram os últimos salmos que Jesus entouu

antes de ser preso (Mc 14:26), e, ao estudá-los, podemos compreender melhor o que se passava na mente de Cristo pouco antes de sua morte e ressurreição.

### 113:1-3 Convocação para louvar a Deus

O salmo começa e termina com uma convocação sonora: *Aleluia!* (“Louvai ao Senhor”; 113:1). Especifica, em seguida, que o Senhor deve ser louvado agora e no futuro (113:2) e *do nascimento do sol até ao ocaso* (113:3). Essa expressão pode indicar que Deus deve ser louvado a todo tempo desde a aurora até o poente ou que deve ser louvado no mundo inteiro, como é o caso em Malaquias 1:11. O hinista John Ellerton expressou bem essa ideia ao escrever:

O sol que de nós se despede  
Desperta nossos irmãos sob o céu ocidental  
E a cada hora outros lábios proclamam  
Teus feitos sem igual.

### 113:4-6 A grandeza de Deus

De acordo com a descrição do salmista, Deus é *excelso* [...] *acima de todas as nações* (113:4a). O melhor comentário sobre a diferença entre Deus e as nações talvez seja o de Isaías: “Eis que as nações são consideradas por ele como um pinga que cai de um balde e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta. [...] Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo” (Is 40:15-17). Sua habitação e glória estão *acima dos céus* (113:4b).

O salmista faz uma pergunta retórica: *Quem há semelhante ao SENHOR, nosso Deus* [...]?(113:5). Alguns nomes israelitas expressam a mesma pergunta. Miguel, por exemplo, significa “Quem é como Deus?”, e Miqueias quer dizer “Quem é como Javé?”. Em todos os casos, a resposta é sempre “Ninguém”. Nenhum deus adorado por outras nações pode ser comparado ao Deus de Israel. Deuses como Osíris dos egípcios, Dagom dos filisteus (1Sm 5—6), Baal dos fenícios (1Rs 18:20-40), Quemus dos moabitas e Marduque dos babilônios não puderam resistir a Javé (cf. tb. Is 40:2—41:4; Hc 2:18-20).

O mais extraordinário acerca desse Deus não é apenas sua grandeza, mas sua disposição de se inclinar para *ver o que se passa no céu e sobre a terra* (113:6). Deus se rebaixa para ver o que está acontecendo no universo que ele mesmo criou.

### 113:7-9 A graça de Deus

Apesar de sua grandeza, o Senhor se preocupa com os pobres. Cuida deles e dos necessitados, que incluem as viúvas, os órfãos, os estrangeiros e os oprimidos (113:7). Em sua infinita misericórdia e graça, *ergue* o pobre de sua condição humilde no *pó*, ou seja, de estar assentado no chão, e tira o necessitado *do monturo*, o lugar onde se jogavam as cinzas dos fornos domésticos. Não os considera



imprestáveis; antes, coloca-os em assentos reservados para *príncipes* (113:8).

Em sua misericórdia e graça, Deus consola os abatidos, rejeitados e perseguidos que a sociedade despreza. Dá até filhos às mulheres estéreis para que possam viver *em família* e alegrar-se com aqueles que têm filhos (113:9a). Na África, a infertilidade não é vista com bons olhos e, com frequência, é associada a espíritos malignos. Por vezes, mulheres estéreis são maltratadas na casa do marido. Mas Deus pode abençoá-las com filhos. Ele permitiu que Sara (Gn 18:1-15), Rebeca (Gn 25:21), Raquel (Gn 30:22-23) e Ana (1Sm 1) concebessem e pode fazer o mesmo por outras mulheres hoje.

Deus não cura, contudo, apenas a esterilidade física. Também vê nossa pobreza e esterilidade espiritual e, em sua misericórdia e graça, nos alcança por meio de seu Filho, Jesus Cristo. Os cristãos podem ser pobres e necessitados no que se refere a bens materiais, mas no âmbito espiritual são ricos em Cristo (2Co 8:9; Fp 2:5-11; Jo 13:1-20). Com essa verdade em mente, podemos repetir o *Aleluia!* final do salmo (113:9b).

### Salmo 114: O Deus imutável

Esse salmo curto, o segundo dos salmos Hallel, era entoado anualmente na Páscoa dos judeus. É uma magnífica celebração poética da fuga de Israel do Egito e do poder de Deus que realizou esse feito.

O salmista descreve a nação como uma única família, *a casa de Jacó* (114:1). Apesar de a família de Jacó ter-se multiplicado grandemente depois que o pequeno grupo se mudou para o Egito (Êx 1:8-9,12), seus membros permaneceram unidos. Um dos fatores de união era o idioma, distinto da língua dos egípcios ao redor. A diferença linguística talvez tenha servido para identificá-los como grupo separado e contribuído para a hostilidade dos egípcios contra eles.

Quando Deus tirou a nação do Egito, os israelitas tornaram-se muito mais que “casa de Jacó”. Passaram a ser *santuário* de Deus (114:2), um lugar santificado onde ele habitaria (cf. Êx 19:5-6). Semelhantemente, os cristãos são chamados de templo de Deus, pois seu Espírito Santo habita em nós (1Co 3:6-16; 2Co 6:16-18; Ef 2:19-22; 1Pe 2:4-5). A nação de Israel também se tornou *domínio* de Deus, ou seja, o reino sobre o qual ele governa.

A visão de Deus conduzindo seu povo para fora do Egito foi tão impressionante que afetou as leis da natureza. *O mar viu isso e fugiu* quando as águas do mar Vermelho se abriram para permitir que os israelitas passassem (114:3a; Êx 14:1-22); *o Jordão tornou atrás* quando o povo entrou na terra prometida (114:3b; Js 13:14-17). A terra seca também foi afetada pela majestade de Deus, pois *os montes saltaram como carneiros, e as colinas, como cordeiros do rebanho* (114:4). O poeta pode estar referindo-se à ocasião em que Deus apareceu ao povo no monte Sinai para lhes

dar a lei, a constituição que nortearia Israel como nação. A teofania foi acompanhada de trovões, raios, fogo e um terremoto tão intenso que “todo o monte tremia grandemente” (Êx 19:16-19).

O mar e os montes se comportaram como pessoas ou animais atemorizados ao fugirem e saltarem, daí o salmista se dirigir a eles como se pudessem responder e lhes perguntar o que causou essa reação. Ao repetir na pergunta os atos desses elementos naturais, o salmista enfatiza quanto isso é admirável (114:5-6).

O mar e os montes não se manifestam, mas o poeta responde à sua própria pergunta: *É a presença do Deus de Jacó que faz a terra estremecer* (114:7). Em seguida, sua resposta assume a forma imperativa: *Estremece, ó terra*. A terra deve prestar homenagem enquanto Deus marcha com seu povo.

Muitos anos atrás, quando o general Gowon era chefe de Estado da Nigéria, ele visitou a região onde eu morava. Em honra à sua vinda, o povo pintou e vestiu as árvores junto à estrada como se fossem seres vivos. Esse gesto, porém, foi apenas um tributo humano imposto sobre a natureza. Quando Deus se manifestou, a natureza lhe prestou homenagem espontaneamente, e o Senhor mostrou seu controle sobre a natureza e sua capacidade de transformá-la. *Convertiu a rocha em lençol de água e o seixo em manancial* quando os israelitas tiveram sede durante sua viagem pelo deserto (114:8; Êx 17:1-7; Nm 20:1-13).

Nosso Deus pode transformar um deserto em pântano e um vale em montanha. A criação estremece ao som de sua voz. Um Deus como esse pode suprir nossas necessidades espirituais e materiais por meio das fontes mais improváveis. Devemos entoar com o salmista esse salmo Hallel, pois também fomos libertados da escravidão e estamos sendo conduzidos pelo deserto da vida por Cristo, nosso líder e nossa Rocha.

### Salmo 115: A Deus seja a glória

O salmo anterior celebrou as obras maravilhosas de Deus no passado. Este salmo, o terceiro do grupo Hallel, trata do relacionamento de Israel (e nosso) com Deus no presente, onde seu poder muitas vezes não se manifesta de forma tão dramática.

#### 115:1-8 Nosso Deus é singular

Ao que parece, os inimigos de Israel não temiam nem honravam mais a Deus como haviam feito quando Israel chegou à terra prometida (Js 2:9-11). O povo pede a Deus, portanto, que intervenha, não por amor deles, mas por amor de seu próprio nome, ou seja, de sua reputação (115:1a). Desejam que o Senhor defenda, mais especificamente, dois atributos: sua *misericórdia* e *fidelidade* (115:1b). Esse versículo traz à memória a súplica semelhante de Moisés para que Deus não permitisse que os egípcios dissessem: “Com maus intentos os tirou, para matá-los nos montes e para

consumi-los da face da terra? Torna-te do furor da tua ira e arrepende-te deste mal contra o teu povo" (Êx 32:12). Josué também apela para a honra do nome de Deus ao orar: "Ah! Senhor, que direi? Pois Israel virou as costas diante dos seus inimigos! Ouvindo isto os cananeus e todos os moradores da terra, nos cercarão e desarraigarão o nosso nome da terra; e, então, que farás ao teu grande nome?" (Js 7:8-9). O primeiro pedido da Oração do Pai-nosso é: "Santificado seja o teu nome" (Mt 6:9). Precisamos lembrar essa ênfase ao orar. Devemos preocupar-nos com a reputação e glória de Deus, e não apenas com nossos próprios interesses.

A ausência de milagres e maravilhas de Deus em tempos recentes leva as nações pagãs ao redor de Israel a negar seu poder e fidelidade e a insultar o povo de Deus com a pergunta: *Onde está o Deus deles?* (115:2; cf. tb. 42:3,10; 79:10). Seu ceticismo talvez tenha sido desencadeado pelo fato de Israel estar sofrendo sob a mão disciplinadora de Deus. Ou talvez eles estivessem referindo-se à ausência de representações físicas visíveis do Deus de Israel.

O salmista reage à pergunta com indignação. Como ousam aqueles que adoram ídolos inúteis fazer essa pergunta aos adoradores do Deus vivo e verdadeiro! Como ousam supor que podem desprezar Deus só porque não conseguem vê-lo e porque ele não está agindo como esperam! O salmista responde, portanto: *No céu está nosso Deus e tudo faz como lhe agrada* (115:3).

Ele prossegue em tom de ataque. Os deuses que as nações adoram, deuses visíveis, não passam de ídolos feitos de *prata e ouro* (115:4). São apenas objetos, incapazes de falar, ver, ouvir, cheirar ou agir (115:5-7; cf. Is 44:9-20; Hc 2:18-20). Que tolíce adorar a *obra das mãos de homens*!

Há quem argumente que as pessoas não adoram os ídolos em si, mas os deuses que eles representam. Pode até ser o caso, mas a lei asseverava que os israelitas não deviam confeccionar nenhum tipo de imagem para representar Javé (Êx 20:4-6). Nosso Deus não pode ser representado por uma imagem ou estatueta. A única representação de Deus que temos é Jesus, descrito como "expressão exata do seu Ser" (Hb 1:3). Ele nos mostrou como é Deus de fato (Jo 1:14-18).

As pessoas se tornam semelhantes àquilo que adoram ou servem, daí o salmista dizer com referência aos ídolos: *Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam* (115:8). A mesma verdade se aplica àqueles que adoram a Deus: devemos tornar-nos cada vez mais semelhantes ao Senhor que servimos (cf. comentário de Sl 112; cf. tb. Rm 8:29; 2Co 3:18; Cl 3:9-10).

### 115:9-15 Nosso Deus é confiável

Ainda que não adoremos imagens de escultura, devemos ficar alertas quanto à tentação de adorar coisas como dinheiro e sucesso. Israel enfrentou tentações semelhantes de adorar os deuses a seu redor, e, por isso, o salmista chama a atenção do povo, de seus sacerdotes (*a casa de Arão*) e de

todos os que *temem o SENHOR* (115:9-11). A conclamação de cada um desses grupos é seguida do refrão: *Ele é o seu amparo e o seu escudo*. Ninguém precisa voltar-se para ídolos em busca de ajuda ou proteção.

O termo "confiar" é enfatizado em 115:9-11. Na sequência, o foco muda para "abençoar" e "bênçãos", termos que, juntamente com seus correlatos, ocorrem cinco vezes em 115:12-15. Outros podem sugerir que Deus se esqueceu deles e perguntar: "Onde está o seu Deus?", mas aqueles que confiam no Senhor podem assegurar-se de que *de nós tem se lembrado o SENHOR* (115:12). Deus não se esqueceu do povo da aliança. Abençoará todos os que foram chamados a crer nele, *tanto pequenos como grandes*, sejam eles importantes ou insignificantes. Suas bênçãos se estenderão até a seus filhos (115:13-14).

Nosso Deus não é esquecido e não muda. É confiável. "Deus não é homem, para que minta" (Nm 23:19); antes, é fiel e misericordioso no cumprimento de suas promessas. Em vez de ser um ídolo feito por mãos humanas, foi ele quem *fez os céus e a terra* (115:15). Como Soberano sobre todo o universo, é a fonte de toda a sabedoria e força de que precisamos.

### 115:16-18 Nosso Deus será louvado para sempre

Deus é generoso. Não apenas fez os céus e a terra, mas nos confiou a terra que criou (115:16). Não pedimos por isso; ele a entregou a nós porque assim o desejou. Um presente e tanto, e uma responsabilidade e tanto! Nada mais natural do que louvá-lo por essa dádiva.

Nossos louvores devem ser proferidos agora, enquanto estamos vivos, pois *os mortos não louvam o SENHOR* (115:17). Essas palavras permitem um vislumbre da visão do AT acerca da vida futura como uma existência de *silêncio*. Por meio de Cristo, porém, temos esperança de vida no porvir (1Ts 4:16-17). O salmista se expressou mais acertadamente, portanto, quando disse: *Bendiremos o SENHOR, desde agora e para sempre* (115:18). Exortou o povo a continuar louvando ao longo das gerações, e nós estamos dando continuidade aos louvores dele.

Deus nos deu a terra e nos enche de esperança. Diante dessas dádivas, não é de admirar que esse salmo, como tantos outros antes e depois dele, termine com um sonoro *Aleluia!*

### Salmo 116: Gratidão por orações respondidas

O salmo 116 é o quarto do grupo Hallel (Sl 113—18), constituído de salmos entoados nas festas judaicas, especialmente na Páscoa. Pode ser considerado um salmo nacional que celebra o livramento de Israel do Egito por Deus. Em contrapartida, também pode ser interpretado como um salmo pessoal redigido por um indivíduo à beira da morte, mas a quem o Senhor restaurou a saúde. Não obstante a interpretação correta, fica evidente que o salmo devia ser cantado na congregação do povo de Deus como parte do

cumprimento de um voto e como expressão de gratidão por aquilo que o Senhor havia realizado.

### 116:1-4 Lembranças de sofrimentos

As palavras do salmista, *Amo o SENHOR*, vêm do mais profundo de seu ser (116:1a). Ele não está apenas lisonjeando um líder, como um cantor de louvores poderia fazer; antes, está fazendo uma declaração bem-aventurada de uma realidade que todo verdadeiro filho de Deus deve identificar.

Em 116:1b, o salmista revela o motivo pelo qual ama ao Senhor: *Porque ele ouve a minha voz e as minhas súplicas*. Temos aqui a imagem de um necessitado que clamou por socorro, pois estava fraco demais para salvar a si mesmo. Seu clamor foi ouvido por alguém que *inclinou [...] os seus ouvidos* e se aproximou (116:2). Esse ajudador não era um simples transeunte ou amigo humano, mas o Senhor, Javé. O salmista fica tão impressionado com aquilo que o Senhor fez que promete continuar a invocá-lo enquanto viver. É extremamente sábio seguirmos seu exemplo!

Só agora o salmista revela por que precisava de socorro. Estava tão enfermo que pensou que a *morte* se aproximava (116:3). Foi tomado de *tribulação e tristeza*, e é possível que considerasse sua enfermidade um castigo por algum pecado. À beira da morte, demonstrou fé em Deus ao invocar seu nome. Sua oração foi breve. Em vez de relatar a Deus todos os detalhes de sua situação, simplesmente expressou sua necessidade desesperadora (116:4).

### 116:5-7 Confiança em Deus

O caráter de Deus não é mais apenas um conceito teórico para o salmista. Agora, ele sabe (116:5), por experiência própria, que Deus é *compassoivo e justo* e também *miserericordioso*. Faz parte do seu caráter, portanto, socorrer os *simples*, ou seja, os que confiam nele como uma criança confia nos pais (116:6). Eles caminham firmes com integridade e autenticidade diante de Deus. Certo de que o Senhor ajudará os fiéis, o salmista sabe que não precisa mais se preocupar. Sua alma pode voltar ao seu *sosego* (116:7; cf. tb. 37:7). O *SENHOR tem sido generoso* para com seu servo ao longo dos anos e, sem dúvida, continuará a cuidar dele no futuro.

### 116:8-19 Gratidão sincera a Deus

Incapaz de assimilar a grandeza do livramento que experimentou, o salmista descreve três elementos que foram afetados pelos “laços da morte” (116:3): sua alma, seus olhos e seus pés (116:8). A enfermidade tomou conta de todo o seu ser, inclusive de sua fé, emoções e saúde. Mais uma vez, ele celebra a cura assumindo um compromisso. Em 116:2, diz: “Invocá-lo-ei enquanto eu viver”. Agora, em 116:9, promete: *Andarei na presença do SENHOR, na terra dos viventes*. Viverá sua vida inteira com a grata consciência do cuidado de Deus sobre ele e, por isso, andará em retidão.

Em 116:10, o salmista volta a reconhecer que, enquanto passava por grande aflição, não tinha outra coisa a que

se apegar senão sua fé. Havia perdido toda a esperança de receber socorro de outras pessoas e descartou essa possibilidade, dizendo: *Todo homem é mentiroso* (116:11). Só podia confiar em Deus.

Agora, ele depara com outro tipo de problema: Qual a melhor forma de expressar gratidão ao Senhor (116:12)? Nada do que o salmista tem a oferecer a Deus se equipara à bondade, misericórdia e cuidado que Deus demonstrou para com ele. A única coisa que ele pode fazer é tomar o *cálice da salvação* (116:13). Não sabemos exatamente a que esse “cálice” se refere, mas é provável que o salmista esteja pensando num grande banquete de ação de graças, no qual aquele que oferece o banquete se levanta e bebe de um cálice como parte da cerimônia. Ele sabe que não fez nada para merecer a salvação e não tem como pagar por ela.

Cada vez que o salmista pensa naquilo que Deus fez por ele, lembra de seus votos e repete a promessa de cumprilos *na presença de todo o seu povo* (116:14,18). As referências repetidas aos votos nos lembram que são dívidas a serem pagas.

Como o salmista, não temos como pagar pela salvação que Deus nos concedeu. Podemos apenas expressar nossa gratidão por meio do serviço a Cristo. Devemos ter isso em mente cada vez que bebemos do cálice da ceia do Senhor que nos recorda o preço de nossa salvação e celebra aquilo que Cristo fez por nós.

As palavras *preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos* (116:15) não significam que Deus deseja a morte deles. Antes, indicam que Deus atribui alto valor a seus santos e não permite que percam a vida facilmente. Também é preciosa porque os santos descansarão das tribulações e sofrimentos da vida terrena. Por isso, o Senhor livrou o salmista, que expressa sua gratidão novamente ao descrever a si mesmo como *servo* de Deus (116:16). A referência à sua condição de prisioneiro cujas *cadeias* removeu nos faz lembrar a menção anterior dos “laços de morte” que o “cercaram” (116:3), como a mosca presa numa teia de aranha.

Nos últimos versículos, o salmista volta a declarar a decisão de demonstrar sua gratidão em público. Oferecerá um sacrifício (116:17) e cumprirá seus votos (116:18) *nos átrios da Casa do SENHOR em Jerusalém* (116:19). Não celebrará sozinho, mas na companhia de outros fiéis, que serão encorajados por seu testemunho e louvarão ao Senhor com ele.

Seguimos seu exemplo quando compartilhamos com outros na igreja nossos motivos de agradecimento. Talvez desejemos agradecer pelo nascimento de uma criança, por termos sido livrados de acidentes ou curados de enfermidades, por nosso casamento, uma promoção ou qualquer outra das inúmeras bênçãos que o Senhor nos concede. Podemos ainda simplesmente louvar a Deus e agradecer por quem ele é e por nossa salvação. Não obstante o motivo

de nossas ações de graças, é importante sermos gratos a Deus por sua bondade para conosco e estarmos prontos a expressar essa gratidão por meio de nossas palavras e de nosso modo de viver.

### **Salmo 117: Todos os povos louvem a Deus**

O salmo 117 é o mais curto do Saltério e o menor capítulo da Bíblia. Apesar disso, ocupa posição central nas Escrituras e apresenta a maior abrangência possível. Em dois versículos, abarca todas as raças e nações e convoca toda a humanidade a louvar o nome do Senhor. Existe somente um Deus, o Criador dos céus e da terra, e, portanto, é apropriado que todos o louvem.

Vários outros salmos também convidam a louvar a Deus. Este se destaca dos demais, porém, no sentido de que faz distinção entre *gentios* (ou “nações”, NVI) e *povos* (117:1). Os “gentios” ou “nações” são as grandes potências políticas, e os “povos” são unidades menores. A distinção traz à memória a promessa de Deus a Abraão em Gênesis 12:3, “todas as famílias da terra” seriam abençoadas. Israel devia compartilhar o conhecimento desse Deus e suas bênçãos com o restante da humanidade de modo que todos pudessem louvá-lo (Is 42:6; 49:6; Gl 3:8).

Não devemos menosprezar a ligação entre “povos” e “famílias”. Tenha o poeta associado ambos de forma deliberada ou não, é fato que nossa família, bem como os grupos maiores como clãs e nações devem louvar a Deus. Charles Wesley expressou bem o espírito deste salmo com seu chamado para as nações e povos louvarem ao Senhor quando escreveu: “Mil línguas eu quisera ter para cantar louvores ao meu grande Redentor”.

O segundo versículo apresenta o motivo pelo qual os gentios e os povos devem louvar a Deus: *Porque mui grande é sua misericórdia* (117:2). A palavra traduzida aqui por “grande” é um termo militar, usado pelo lado vencedor ao subjugar seus inimigos (Êx 17:11). A mesma palavra descreve as águas do dilúvio ao cobrirem a terra (Gn 7:18-20). Não é de admirar que o termo seja usado nessa passagem e em Salmos 103:11 para descrever a profusão da bondade de Deus para conosco. A *fidelidade* de Deus garante a constância dessa profusão. Suas bênçãos não caem torrencialmente e depois secam em poucos dias. A natureza do amor de Deus é superabundante e ilimitada como o mar.

O menor de todos os salmos deve colocar-nos de joelhos em gratidão e levar-nos a trabalhar para que todos participem desse coro de louvor.

### **Salmo 118: Celebração no templo**

Esse é o último salmo Hallel (salmos 113—118), o conjunto de salmos entoados anualmente na Páscoa para celebrar o livramento de Israel do Egito. Adquire significado especial pelo fato de provavelmente ter sido o último salmo que Jesus cantou com seus discípulos antes de sair para o Getsêmani. Enquanto cantava, ele deve ter lembrado vários

acontecimentos das semanas tumultuadas que antecederam a Páscoa, vislumbrando o sofrimento que estava por vir e fortalecendo sua fé com a declaração: “Não morrerei; antes, viverei e contarei as obras do SENHOR” (118:17).

Vozes diferentes se erguem ao longo do salmo. Ouvimos os sacerdotes, o povo e um indivíduo, e observamos como seus cânticos se entrecruzam. Sua interação nos faz lembrar os coros que cantaram “quando os edificadores lançaram os alicerces do templo do SENHOR”, conforme a descrição de Esdras 3:10-11.

### **118:1-18 Perto do templo**

O salmo começa com a voz de um ou mais indivíduos que dirigem o culto e falam a uma procissão que se aproxima do templo: *Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre* (118:1). Grupos distintos são chamados para participar do coro. Primeiro, o salmista convida todos os israelitas a dizer: *A sua misericórdia dura para sempre* (118:2). Em seguida, ouvimos as vozes dos sacerdotes proclamarem a mesma mensagem (118:3) e, por fim, as vozes de todos os presentes que *temem ao SENHOR* (118:4). Todos proclamam a realidade da bondade de Deus.

O burburinho se aquieta, e ouvimos uma única voz: *Em meio à tribulação, invoquei o SENHOR, e o SENHOR me ouviu e me deu folga* (118:5). Não apenas a nação, mas também indivíduos dentro de Israel, louvam a bondade de Deus. É possível que o locutor também represente os filhos de Israel e os lembre das aflições vividas no Egito e que os levaram a clamar ao Senhor (Êx 3:7). O Senhor os livrou e permitiu que vissem seu triunfo sobre os inimigos (*nos que me odeiam*), conforme o povo desejava (118:7; cf. Êx 14:30-31). Nessa ocasião, Israel descobriu, de fato, que o Senhor oferece mais proteção que qualquer governante humano (118:8-9).

A identidade do locutor fica clara quando ele diz que *todas as nações o cercaram* e o atacaram *como abelhas* (118:10-12a). A hostilidade internacional sugere que ele é o rei ou representante do rei. Sua descrição mostra o vaivém da batalha. Num momento o rei está destruindo seus inimigos, cuja hostilidade se inflama como *espinhos* queimando, mas acaba assim que o fogo se apaga (118:12b). Ele luta contra os adversários *em nome do SENHOR*. No momento seguinte, porém, o rei cambaleia sob as investidas do inimigo e é obrigado a recuar para não cair diante deles (118:13). Não pode continuar a combater apenas “em nome do Senhor”; agora, precisa desesperadamente de uma intervenção direta de Deus a fim de obter a vitória (118:13). E, quando recebe ajuda, apropria-se das palavras do cântico que Moisés entoou depois da vitória sobre os egípcios: *O SENHOR é a minha força e o meu cântico, porque ele me salvou* (118:14; cf. Êx 15:2). O povo o acompanha nesse cântico de vitória, e ouvimos ecoar *a voz de júbilo na repetição das palavras: A destra do SENHOR faz proezas* (118:15-16).

Talvez não soframos ataques das “nações” quando somos nomeados para cargos de liderança, mas, com frequência, nos deparamos com indivíduos hostis quando somos promovidos ou elogiados por outros. Quando surgem esses ataques, não devemos temer, mas confiar no Deus que nos pode socorrer. Aqueles que são verdadeiramente justos se regozijarão quando Deus nos livrar e nos acompanharão nos louvores ao seu nome.

O orador reconhece agora que parte de seu sofrimento se deveu à disciplina do Senhor. Ele não revela o pecado específico que o Senhor tratou, mas enfatiza que a súplica por socorro e perdão foi atendida. Sua vida foi poupada, e ele agora louva a Deus (118:17-18).

Vale a pena observar a confiança desse homem em Deus. Declara duas vezes: *O SENHOR está comigo* (118:6,7a); confessa duas vezes como é *melhor buscar refúgio no SENHOR* (118:8,9); diz três vezes que destruiu seus inimigos *em nome do SENHOR* (118:10-12); e reitera três vezes o poder da *destra do SENHOR* (118:15-16).

### 118:19-29 Às portas do templo

A grande procissão que se iniciou com uma lembrança do êxodo do Egito se aproxima agora do monte Sião e das portas do templo, chamadas aqui de *portas da justiça* (118:19). O rei pede para ser recebido no templo a fim de poder agradecer ao Senhor. O sacerdote abre a porta para ele e lembra-o: *Esta é a porta do SENHOR; por ela entrarão os justos* (118:20). A procissão entra no templo com um coro de ação de graças: *Render-te-ei graças, porque me acudiste e foste minha salvação* (118:21).

Em outros tempos, a nação havia sido rejeitada como se fosse uma *pedra* inútil (118:22), mas Deus lhe tinha dado uma função extremamente importante no edifício (118:23). Era de fato uma ocasião apropriada para se regozijar no Senhor (118:24). O povo pede que Deus continue a abençoá-lo (118:25). Seu clamor: “Salva-nos” é o mesmo termo traduzido por “Hosana” em Marcos 11:9. Graças às bênçãos de Deus, um clamor por socorro se transformou num brado de louvor.

Ao que parece, enquanto entram pelas portas, os adoradores são saudados e abençoados por sacerdotes, pois vêm *em nome do SENHOR* (118:26). Os sacerdotes reconhecem as bênçãos que Deus concedeu à nação em palavras que lembram seus ouvintes da antiga bênção sacerdotal em Números 6:24-26: “O SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti” (118:27a). Os fiéis, que levam nas mãos *ramos* (galhos com folhas) de árvores ou arbustos, são convidados a participar da procissão festiva até o altar (118:27b), onde o povo proclama sua fé em Deus (118:28-29).

A descrição dessa cena, com seus brados de “Hosana” e a multidão festiva que acompanha o rei e agita ramos enquanto se dirige para o templo, lembra aos cristãos, inevitavelmente, a procissão com ramos que acompanhou Jesus na entrada em Jerusalém (Mt 21:1-11; Mc 11:1-11;

Lc 19:29-40; Jo 12:12-16). O povo que saudou Jesus tinha este salmo em mente, pois seu clamor: “Bendito o que vem em nome do Senhor”, repete as palavras de 118:26. Os líderes e a nação como um todo, porém, se recusaram a honrar Jesus com esse título (Mt 23:39).

Alguns dias depois, Jesus mencionou a ligação entre sua entrada em Jerusalém e esse salmo ao citar 118:22 para lembrar seus oponentes: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular” (Mt 21:42; Mc 12:10; Lc 20:17). Suas palavras calaram no coração dos discípulos, pois eles citam a passagem novamente no sermão em Atos 4:11 e 1Pedro 2:7. Essa imagem também está por trás da referência de Paulo a Jesus como “pedra angular” (Ef 2:19-20).

Como cristãos, devemos apresentar-nos ao Senhor com as mesmas atitudes retratadas nesse salmo. Devemos ter consciência das bênçãos que ele nos concedeu no passado, de quanto somos indignos de recebê-las e de como precisamos confiar em Deus. Não temos uma crença morta, mas uma fé viva a ser proclamada e celebrada a fim de glorificar e engrandecer ao Senhor.

### Salmo 119: Meditações sobre a lei do Senhor

Não temos nenhuma indicação do autor nem das circunstâncias em que o salmo 119 foi escrito. É, de longe, o salmo mais extenso, equivalente a cerca de vinte e dois outros salmos juntos. Essa proporção não é acidental, pois o salmo 119 é um acróstico baseado nas vinte e duas letras do alfabeto hebraico. A primeira linha de cada versículo nos oito primeiros versículos começa com a primeira letra do alfabeto; a primeira linha dos oito versículos seguintes começa com a segunda letra, e assim por diante, até o fim do alfabeto. O salmista provavelmente escolheu essa forma para ajudar outros a memorizarem e meditarem sobre suas palavras.

Apesar de sua extensão, o salmo trata de apenas um tema: a lei do Senhor. O salmista se deleita nessa lei e a celebra com vários nomes. Por exemplo: “lei”, ou seja, todos os “preceitos” do AT, se refere a injunções; “estatutos” dizem respeito a registros; “palavra” é um termo usado por vezes de modo geral para se referir à revelação de Deus; e “testemunhos” são prescrições que correspondem ao padrão de conduta determinado por Deus para os seres humanos.

O salmista menciona várias situações e problemas com os quais se depara na vida. Fala das tentações da mocidade (119:9) e do materialismo (119:36-37), do “opróbrio e [...] desprezo” constantes (119:22), da tristeza (119:28) e da difamação (119:69). Ao se ver diante dessas situações, ele se volta para a palavra de Deus. Devemos ter a mesma atitude do salmista diante de desafios semelhantes. A palavra de Deus deve ser nossa fonte de força, consolo, alegria, esperança e salvação.

Acima de tudo, este salmo nos lembra que a palavra de Deus é poderosa. Estejamos pregando ou ouvindo, ela fala

ao nosso coração porque é a palavra de Deus e a expressão de sua mente e sua vontade. Somos instados, portanto, a amá-la e, por meio desse amor, expressar nossa confiança em Deus.

### 119:1-32 A lei como instrutora

Os versículos iniciais deste salmo são semelhantes em vários sentidos ao primeiro versículo do salmo 1. Os dois salmos começam com *Bem-aventurado(s)*, expressão que pode ser traduzida por “feliz(es)”. A única diferença é que o salmo 1 fala de um indivíduo, enquanto o salmo 119 se refere a muitos, daí o plural.

Tanto o indivíduo quanto o grupo são bem-aventurados porque não *andam* nos caminhos dos pecadores, mas nos caminhos de Deus, ou seja, vivem em obediência à sua lei (119:1,3,5; 1:1-2). Encontramos a mesma metáfora de andar nos caminhos de Deus em diversas passagens do NT (cf., p. ex., Rm 6:4; 8:4; 2Co 5:7; Cl 1:10; 2:6). Não se trata, porém, de uma caminhada penosa, como 119:32 deixa claro ao dizer: *Percorrerei o caminho dos teus mandamentos, quando me alegrares o coração* ou “Corro pelo caminho que os teus mandamentos apontam, pois me deste maior entendimento” (NVI). A ideia de ter todos os nossos fardos removidos para que comecemos a correr nos caminhos de Deus também aparece em Hebreus 12:1.

A imagem de ser libertado pelo entendimento da lei de Deus também explica por que os bem-aventurados têm *prazer* (ou *regozijo*) em aprender os caminhos de Deus (119:14,16,24; cf. 119:20, NVI, e ainda 1:2).

A palavra *lei* aparece várias vezes neste salmo. Traduz o termo hebraico *torah*, derivado de um radical que significa “ensinar”. A *torah* de Deus, portanto, consiste em seus ensinamentos sobre como devemos viver. O mesmo termo é usado para a instrução da mãe em Provérbios 1:8. Ao longo do tempo, o título *Torá* passou a ser usado para se referir principalmente à lei de Moisés, ou aos cinco primeiros livros do AT. O problema é que os judeus da Antiguidade começaram a considerar a *Torá* apenas como algo a ser obedecido, e não como um guia para um modo de vida no qual deveriam levar em conta o espírito e o propósito da lei. Consequentemente, alguns judeus caíram na armadilha do legalismo. Jesus condenou energeticamente os líderes religiosos de sua época que se mostravam mais interessados em obedecer às leis que em andar nos caminhos do Senhor (Mt 23:23-24).

As Escrituras devem ser nosso guia. Ao seguir seus ensinamentos, não teremos do que nos envergonhar (119:6,22), cultivaremos um coração íntegro (119:7) e uma vida pura (119:9), e não nos desviaremos dos mandamentos de Deus nem pecaremos contra ele (119:10,11,30). Cristo mostrou o papel das Escrituras como guia ao usá-las quando foi tentado por Satanás (cf. Mt 4:1-11). Diante dessas bênçãos, não é de admirar que o salmista peça a Deus que, em sua bondade, lhe ensine seus decretos e preceitos (119:12,26-27,29).

O salmista também deseja que seus olhos sejam abertos para que possa ver as maravilhas da lei de Deus e para que Deus não oculte dele os seus mandamentos (119:18). Na verdade, ele pede discernimento para que possa compreender as Escrituras e as coisas espirituais de Deus e ser capaz de reconhecer e rejeitar ensinamentos falsos. Devemos seguir seu exemplo ao orar por um espírito de discernimento.

### 119:33-72 A preciosidade dos decretos de Deus

Essa seção começa com o pedido: *Ensina-me, SENHOR, o caminho dos teus decretos* (119:33). Um “decreto” é algo que foi prescrito. Na África, quando os militares tomam o poder, é comum suspenderem a constituição do país e governarem por decreto. Neste salmo, os “decretos” de Deus são suas declarações sobre algo que têm poder de lei. O verbo traduzido por “ensinar” significa literalmente “apontar” ou “indicar”. O salmista volta a pedir que Deus aponte para o caminho que ele deve seguir (119:35). Na sequência, o caminho é chamado também de “decreto”, “lei”, “vereda dos teus mandamentos”, “testemunhos”, “juízos” e “preceitos” de Deus. As mesmas palavras ocorrem repetidamente ao longo de todo o salmo.

O salmista sabe muito bem como é fácil se distrair e se desviar dos caminhos de Deus, de modo que pede: *Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça* (119:36). Ele reconhece que a propensão ao materialismo resulta, muitas vezes, de ver o que outros possuem e, portanto, ora: *Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade* (119:37).

Em 119:38, pede que Deus confirme ou cumpra a *tua promessa feita aos que te temem*. Caso Davi seja o autor deste salmo, talvez tenha em mente a aliança que Deus firmou com ele em 2Samuel 7:12-16. É possível, contudo, que se trate de uma referência à promessa feita em Josué 1:8: “Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido”. Ideia semelhante parece estar presente em 119:49: *Lembra-te da promessa que fizeste ao teu servo, na qual me tens feito esperar*.

O salmista tem plena consciência de que sua fidelidade à lei e o cumprimento das promessas de Deus só são possíveis pela misericórdia de Deus, daí suplicar: *Venham também sobre mim as tuas misericórdias, SENHOR* (119:41a; cf. tb. Êx 34:6-7). Sabe ainda que a misericórdia de Deus é sempre acompanhada de sua *salvação* (119:41b). Não se trata apenas de salvação espiritual, mas também de livramento dos inimigos que continuam a insultá-lo e perturbá-lo (119:42). Em vários momentos nessa seção do salmo, ele volta a falar de seu sofrimento nas mãos de adversários (119:50-51,61,69). Não obstante o que eles venham a fazer, porém, ele continuará a dar graças e louvar a Deus (119:62). Além disso, começa a ver a mão de Deus mesmo

em meio à aflição. Reconhece que pecou no passado, mas afirma que o sofrimento presente o ajudou a dar o devido valor à palavra de Deus (119:67). Pode dizer até: *Foi-me bom ter eu passado pela aflição* (119:71). A aflição o ajudou a voltar para Deus.

Muitas vezes, nós também nos desviamos dos caminhos do Senhor até que ele nos disciplina e nos conduz de volta ao aprisco. Se não fosse por sua graça, misericórdia e longanimidade, seríamos consumidos por sua ira. Devemos reconhecer agradecidos o seu perdão e dizer como o salmista: *O SENHOR é a minha porção* (119:57). Ele é tudo aquilo de que precisamos como herança. Por que precisaríamos de alguma outra coisa se *vale mais a lei que procede de tua boca do que milhares de ouro ou de prata* (119:72)?

### 119:73-144 As injunções de Deus são um guia

Em 119:73, o salmista afirma pela primeira vez neste salmo que Deus é seu Criador. Logo em seguida, pede que Deus complemente a dádiva do corpo físico com a dádiva de uma mente *que aprenda os teus mandamentos*. Deseja uma fé que incentive e inspire outros (119:74,79). Sabe muito bem que esse tipo de fé não significa que ele escapará de sofrimentos (119:75); antes, significa que Deus o consolará em meio à aflição (119:76), ainda que esse consolo nem sempre venha tão rápido quanto gostaríamos (119:81-82). Na verdade, o salmista diz a respeito de si mesmo: *Já me assemelho a um odre na fumaça*, ou seja, ele se encontra espiritualmente seco e contaminado por seu ambiente. Nem mesmo as circunstâncias, porém, o farão esquecer os *decretos* de Deus (119:83).

Ter uma fé que outros admiram não significa ter a admiração de todos. O salmista ainda é perseguido por vários inimigos (119:78,84-87,95). Em meio a tudo isso, no entanto, sabe que a *fidelidade* do Senhor *estende-se de geração em geração* (119:90-91). A palavra do Senhor é sua força (119:92-93). É mais perfeita e completa que tudo o que ele conhece (119:96), e a meditação e obediência a ela o tornaram mais sábio do que seus inimigos e mestres (119:98-100). Não é de admirar que ele descreva a palavra do Senhor como algo *mais* [doce] *que o mel à minha boca* (119:103).

O salmista falou anteriormente de seu desejo de seguir o caminho de Deus e agora especifica como a palavra de Deus o ajuda nessa tarefa: *Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos* (119:105; cf. tb. 119:130). No tempo do salmista, a lâmpada produzia apenas uma luz fraca. Não iluminava todo o caminho à frente, mas apenas mostrava a quem a carregava os próximos passos do caminho. Era essencial, portanto, confiar no trabalho da pessoa que havia construído o caminho. O salmista volta a afirmar sua confiança no Senhor por meio de um *juramento* confirmado (119:106). Está determinado a não abandonar nem esquecer a palavra de Deus (119:109b,141). O caminho talvez passe por lugares perigosos (119:109a), e os ímpios

talvez armem *ciladas* para pegar os justos, mas o salmista estará seguro enquanto não se desviar dos *preceitos e decretos* do Senhor (119:110,118). Além de amar as veredas da retidão, ele aborrece *todo caminho de falsidade* (119:128).

A declaração do salmista *Induzo o coração a guardar os teus decretos, para sempre, até ao fim* (119:112) se repete de várias formas ao longo desse salmo. Era exatamente isso o que Deus exigia dos filhos de Israel (Êx 19:5) e aquilo que eles haviam prometido realizar (Êx 19:8).

Devido ao seu amor à lei de Deus, o salmista rejeita quem o induz a transgredi-la: *Apartai-vos de mim, malfetores* (119:115). Angustia-se quando a lei de Deus não é obedecida (119:136) e lembra ao Senhor: *Já é tempo [...] para intervires, pois a tua lei está sendo violada* (119:126). Sua oração por obediência, porém, anda lado a lado com a súplica por discernimento *para que eu conheça os teus testemunhos* (119:125), e a consciência de sua própria fraqueza o leva a orar: *Não me domine iniquidade alguma* (119:133).

Precisamos aprender com o salmista. Ele apresenta a Deus seus problemas com inimigos humanos (119:121-122; 134, 139, 143) e a situação de sua sociedade. A preocupação central de suas orações, porém, é a capacidade de viver segundo a vontade de Deus revelada em sua lei.

### 119:145-176 A palavra fala ao nosso coração

Um aspecto que chama a atenção na parte final do salmo 119 é a frequência com que o salmista usa as palavras “eu”, “me” e “meu(s)”. Não deixa dúvida de que é ele mesmo, e não outra pessoa, que está clamando a Deus. Muitas vezes, pedimos para que outras pessoas orem por nós, mas nós mesmos não oramos como deveríamos. Passamos a tarefa a outros e não nos preocupamos mais com o assunto.

Em 119:153, o salmista volta a falar de seu sofrimento. Dessa vez, apresenta-se como réu num tribunal. Usa vocabulário jurídico ao pedir a Deus: *Defende a minha causa* (119:154). Lembramo-nos do NT, onde Cristo é descrito como nosso Advogado (1Jo 2:1) que intercede em favor de nossa causa junto ao Pai (Rm 8:34).

Temos um vislumbre de quem são os inimigos arrogantes do salmista quando ele diz: *Príncipes me perseguem sem causa* (119:161a; cf. tb. 119:23). Não sabemos se a referência é a governantes de Israel ou de nações gentias. O mais impressionante é que o salmista não teme a oposição dos poderosos, mas a palavra de Deus (119:161b). O poder de príncipes não o desviou do objeto supremo de lealdade. Eles lhe podiam oferecer todo tipo de riqueza do mundo como *despojos* adquiridos por um exército vitorioso, mas o salmista encontrou riqueza maior nas promessas de Deus (119:162). Continua a abominar e detestar *a mentira*, a amar a lei de Deus (119:163), e louvar ao Senhor *sete vezes no dia* (119:164). Ainda que esteja sofrendo perseguição, pode dizer: *Grande paz têm os que amam a tua lei* (119:165). Continuará a obedecer enquanto espera o livramento de Deus (119:166-168).



## A BÍBLIA

A Bíblia, o livro mais vendido no mundo, tem seu nome derivado do grego *biblion*, que denota qualquer espécie de documento escrito, mas originariamente apenas os escritos sobre papiro. A invenção da escrita possibilitou que a mensagem de Deus nos fosse transmitida com precisão. Ela podia ser escrita sobre tábuas de pedra ou de argila, ou em pergaminho, feito de pele de animais, ou ainda sobre papiro, que era feito de junco. O uso da expressão *ta biblia* ("os livros") pelos cristãos primitivos em referência aos livros sagrados data do ano 150 d.C. No entanto, Daniel, no século VI a.C., usou o mesmo termo para se referir aos escritos proféticos do AT (Dn 9:2).

### O Livro dos livros

A Bíblia contém 66 livros, divididos em Antigo Testamento e Novo Testamento.

Os 39 livros do AT estão organizados em quatro grupos: 1) Pentateuco (de Gênesis a Deuteronômio); 2) Livros Históricos (de Josué a Ester); 3) Literatura Sapiencial e Livros Poéticos (de Jó a Cantares); 4) Profetas Maiores e Profetas Menores (de Isaías a Malaquias). Essa disposição não reflete a ordem em que os livros foram escritos, porque Jó é provavelmente o livro mais antigo, e Malaquias, o mais recente. A Bíblia hebraica (dos judeus) contém os mesmos livros do nosso Antigo Testamento, porém sua divisão é um pouco diferente: Leis (ou *Torá*), os Profetas e os Escritos.

Os 27 livros do Novo Testamento estão organizados da seguinte maneira: 1) Evangelhos; 2) Atos dos Apóstolos; 3) Cartas ou Epístolas; 4) Apocalipse. As cartas de Paulo foram provavelmente os primeiros livros a serem escritos (a partir do ano 48 d.C.), e o último foi Apocalipse, escrito por volta do ano 100 d.C. O NT inteiro trata da revelação de Deus em seu Filho, Jesus Cristo.

O AT registra a aliança firmada entre Deus e Israel, por meio da qual ele se tornou o Deus deles, e eles se tornaram seu povo. Os israelitas repetidas vezes quebraram esse pacto, por isso uma nova aliança foi prometida (Jr 31:31-34). Jesus instituiu a nova aliança, que complementa e substitui a antiga (Mt 26:26-29; Mc 14:22-25; Lc 22:14-20; 1Co 11:23-26; Hb 7—10). Os cristãos acrescentaram o AT em sua Bíblia porque ele foi usado por Jesus e por seus apóstolos e porque registra a revelação de Deus ao povo de Israel, da qual os atos e profecias apontam para Jesus Cristo. Quando se fala da unidade da Bíblia, é comum dizer-se que o AT é o NT em mistério, enquanto o NT é o AT revelado.

O propósito maior da Bíblia é conduzir a humanidade à salvação, por meio do conhecimento de Deus e de seu Filho, Jesus Cristo (Jo 20:30-31). A Bíblia é o único livro que levou 1.600 anos (de 1500 a.C. a 100 d.C.)

para ser concluído. Foi escrita por Deus e pelos homens (2Pe 1:21), em três continentes (Ásia, África e Europa), por homens de diferentes profissões — Paulo e Moisés eram filósofos; Pedro era pescador; Amós era fazendeiro; e Davi era pastor de ovelhas. É extraordinário que a Bíblia, composta por escritos de fontes tão diversas, não apresente nenhuma contradição.

### A autoridade do Livro

As pessoas às vezes se perguntam como esses livros independentes foram escolhidos para compor a Bíblia. Há certa dificuldade para explicar com precisão como o cânon do AT foi formado. Os primeiros cinco livros do AT foram também os primeiros a ser reconhecidos como possuidores de autoridade divina, e eram os únicos aceitos pelos samaritanos. A maioria dos livros classificados entre os Escritos (isto é, os Livros Históricos e os Sapienciais) tiveram sua autoridade reconhecida antes do exílio na Babilônia. Grandes porções dos Livros Proféticos foram escritas durante o cativeiro babilônico e depois dele. Alguns estudiosos acreditam que Esdras, o sacerdote que retornou do exílio por volta de 458 a.C., compilou o primeiro cânon hebreu. Por volta de 280 a.C., quando o AT foi pela primeira vez traduzido para o grego, o cânon das Escrituras hebraicas já estava consolidado.

Vários outros livros foram escritos no período entre a definição do cânon do AT e o início da redação do NT. Alguns deles vieram a ser conhecidos como livros apócrifos e não estão incluídos no cânon do AT.

Na época do NT, diferentes grupos de igrejas possuíam listas distintas de livros autorizados. Em especial, havia discordâncias acerca da canonicidade de Cantares, Eclesiastes, Ester, Ezequiel e Provérbios, no AT, e Hebreus, Tiago, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse, no NT. O primeiro critério para definir um livro como autorizado era a autoria: só seriam aceitos livros escritos por um autêntico profeta de Deus ou por um apóstolo ou um discípulo imediato. Era também fundamental que o livro fosse aceito pela maioria das igrejas e que os pais da Igreja, os primeiros seguidores dos apóstolos, oficializassem sua aprovação, pela citação de seus escritos. Era importante que os ensinamentos de um livro não entrassem em conflito com os ensinamentos de outro que já tivesse sua autoridade reconhecida e que fosse um livro capaz de inspirar, convencer e edificar igrejas e indivíduos. Usando esses critérios, o Terceiro Concílio de Cartago, cidade do norte da África, reconheceu os 27 livros do NT como canônicos em 397 d.C.

O AT foi escrito em hebraico, em sua maior parte. Isso porque, com o exílio na Babilônia, o aramaico passou a ser o idioma predominante, e certas passagens de Esdras, Jeremias e Daniel foram escritas nessa língua. O NT inteiro foi escrito em grego, que era o idioma universal na época do Império Romano, assim como o inglês e o

francês predominam em certas regiões da África. Com o decorrer dos séculos, surgiu a necessidade de traduzir a Bíblia para outros idiomas, de modo que diferentes povos tivessem condição de entender sua mensagem. A primeira tradução de que se tem notícia é a Septuaginta, uma tradução do hebraico para o grego realizada por setenta estudiosos judeus em Alexandria, no Egito, no ano 280 a.C. No século IV d.C., a Bíblia foi traduzida para o latim e para dois idiomas africanos: o copta e o ge'ez. Depois, a Bíblia foi traduzida para o inglês e para mais de 850 idiomas africanos, e o trabalho de tradução das Escrituras continua.

### Um livro que transforma vidas

A Bíblia faz as seguintes declarações acerca de si mesma: a Palavra de Deus é permanente e eterna (Is 40:8; Mt 24:35); foi inspirada pelo próprio Deus para nossa instrução e formação (2Tm 3:16-17; Hb 5:13-14; 1Pe 1:22-23); ela é a verdade (Sl 119:151, 160; Jo 17:17; Ef 1:13; 2Tm 2:15; Tg 1:18); é uma força espiritual poderosa (Jr 23:29; Mt 4:4-10; Ef 6:11-17; Hb 4:12); purifica nossos caminhos (Sl 119:9; Jo 15:3; 17:17; 1Pe 1:22); é a fonte de graça que nos edifica (At 20:32; Rm 15:4); dá testemunho da própria autossuficiência (Dt 4:2; 1Co 1:18; 10:6,11; Gl 1:8,9; 2Pe 1:3-4); sempre realiza o propósito de Deus (Is 55:11; Rm 10:17; 1Ts 2:13);

é sempre o padrão para julgamentos (Jo 5:24; 8:47,51; 12:48; Hb 4:12); está dentro de nós (Sl 1:2; 37:31; 119:11,15,23,48,97);

Cl 3:16); deve ser obedecida, e não apenas ouvida (Mt 7:24-27; Lc 11:28; Jo 13:17; Tg 1:22,24); é essencial para nossa saúde e nutrição (Dt 8:3;

Sl 19:10; Mt 4:4; 1Pe 2:2); é a luz que ilumina nosso caminho (Sl 19:7; 119:9,99,104-105,130,165; Pv 6:23; 2Pe 1:19).

Quando lemos a Bíblia, é importante lembrar que não se trata meramente de um livro humano, e sim da revelação do próprio Deus por meio do registro do que ele disse e fez. Ele supervisionou sua produção, desenvolvimento e conclusão. Por isso, a Bíblia tem autoridade, é confiável e verdadeira. Os autores humanos escolheram as palavras, objetos, datas, nomes, documentos e foram orientados pelo Espírito Santo (2Tm 3:16). Isso significa que o documento definitivo é inspirado em sua totalidade. Na condição de Palavra autorizada de Deus, a Bíblia é a única autoridade que pode determinar no que devemos crer e como devemos agir. Ela pode também governar nossa maneira de viver e orientar nossa atitude em relação a tudo o que ocorre à nossa volta. A maioria dos cristãos africanos concorda com essa declaração e considera a Bíblia a Palavra de Deus.

Yusufu Turaki

Como o salmista, não nos devemos distrair com as ações daqueles que nos odeiam, perseguem e oprimem. Não devemos permitir que sejam um empecilho para nos concentrarmos nas coisas do Senhor. Antes, devemos orar com palavras semelhantes às de **119:169-176**, reconhecer nossa fraqueza, tanto diante de nós mesmos quanto diante de outros, e pedir que o Senhor nos dê entendimento a fim de podermos viver segundo a sua palavra.

### Salmo 120: Guerra, em vez de paz

O salmo 120 é o primeiro de quinze salmos curtos (Sl 120—134) conhecidos como cânticos de romagem. Não sabemos exatamente por que eles foram agrupados nem o significado exato do título. A explicação mais provável, porém, é que eram entoados por judeus piedosos quando se dirigiam ao templo em Jerusalém para celebrar as grandes festas anuais. Nesse caso, o termo “romagem” (ou “romaria”) se refere à peregrinação até o templo no alto do monte Sião, daí os salmos serem chamados também de “cânticos de ascensão” (cf. 24:3; 122:4; Mt 20:17). O termo “ascensão” é estreitamente relacionado com a palavra hebraica moderna *aliyah*, que também significa “escalar”. Hoje, essa palavra costuma ser usada para se referir à migração de judeus de várias partes do mundo de volta à terra de Israel.

É possível acompanhar algumas das etapas da peregrinação ao longo desses salmos. O salmo 120 pode ser considerado uma referência ao início da jornada numa terra distante de Jerusalém. No salmo 122, os peregrinos chegam à cidade e, no salmo 134, falam com os sacerdotes que ministram no templo.

Não há como saber se esses salmos de peregrinação eram sempre entoados por todo o grupo. Vários parecem expressar as experiências de um único indivíduo. É bem possível que algumas pessoas fizessem peregrinações individuais para o templo, enquanto outras viajavam em grupos grandes.

### 120:1-4 Palavras hostis e justiça de Deus

O salmista está profundamente angustiado e não tem a quem se dirigir, senão a Deus. Para ele, isso basta, pois, quando clama, Deus o *ouve* (120:1). “Ouvir” não significa apenas reconhecer as palavras do locutor. Implica tomar providências em resposta ao que se ouviu e envolver-se física e emocionalmente. Quando Deus ouve orações, ele age.

O salmista parece extremamente magoado com as falsas acusações que os inimigos fizeram contra ele. Esse tipo de difamação pode ser doloroso. Quem já passou por experiências semelhantes não se surpreende com o fato de que, em outras passagens da Bíblia, a maledicência seja conside-

rada tão penetrante quanto lanças, espadas e setas (57:4; 64:2-4; Pv 25:18; 26:18). Os ferimentos que as palavras podem causar são igualmente profundos. Indefeso diante dos ataques, o salmista apela para Deus, aquele que conhece a verdade e não se deixa influenciar por acusações falsas. O salmista não gasta tempo respondendo aos inimigos. Antes, apela para Deus e pede livramento e justiça (120:2). A oração a Deus e o silêncio em relação aos maldizentes são, com frequência, as melhores armas de que dispomos nessas batalhas.

O salmista sabe que não há nada de bom reservado aos que falam mentiras sobre outras pessoas (120:3). Pode orar confiantemente, certo de que Deus atenderá a seu pedido para julgar aqueles que o condenam injustamente. As palavras deles podem ser como flechas, mas o julgamento de Deus voltará as *setas agudas do valente* contra eles próprios (120:4). *Brasas vivas* também simbolizam julgamento. Essas brasas serão provenientes do *zimbão*, árvore cuja madeira era usada para produzir carvão que queimava a uma temperatura extremamente alta. Essa imagem enfatiza, portanto, como o julgamento de Deus será abrasador.

#### 120:5-7 Alienado de meus vizinhos

O salmista solta um longo suspiro: *Ai de mim* (120:5). Sente-se como estrangeiro num país distante que anseia voltar à sua terra natal. Os acusadores ao seu redor são tão perversos quanto os povos de *Meseque* e *Quedar*. Há quem sugira que o povo de Meseque vivia no sudeste da atual Rússia, enquanto o povo de Quedar era uma tribo árabe que vivia ao sul de Israel (Ez 27:13; 32:26; Is 21:16-17). Ambos eram povos nômades que estavam sempre em guerra. Costumavam enviar grupos fortemente armados para atacar povos ao redor. Podemos compará-los às milícias *janjaweed* que aterrorizam a região de Darfur no Sudão. Os acusadores eram como esses invasores temidos. É compreensível a impressão do salmista: *Já há tempo demais que habito com os que odeiam a paz* (120:6). Ele procurou ser um pacificador, mas seus inimigos rejeitaram todos os seus esforços e se mostraram interessados apenas em guerrear (120:7).

Como seguidores de Cristo, somos chamados a ser pacificadores (Mt 5:9). O Senhor nos confiou o ministério da reconciliação (2Co 5:18), e devemos tentar viver em paz com todos (Rm 12:1,18). As pessoas com quem convivemos, assim como o mundo incrédulo em geral, porém, não desejam paz (Mt 10:34-39). Não estão interessados na paz que Jesus nos deu (Jo 14:24). Nossas tentativas de promover a paz podem ser recebidas com hostilidade, ódio e oposição. A única opção, portanto, é continuar orando como o salmista enquanto esperamos o Senhor agir. Também devemos procurar seguir o exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo, que sofreu ataques semelhantes, mas, ainda assim, pediu: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34).

#### Salmo 121: Aquele que nos guarda

Enquanto o poeta do salmo 120 estava profundamente angustiado, o autor do salmo 121 tem esperança. Os dois salmos são chamados de cântico de romagem. Esse salmo não tem nenhum outro título, mas podemos fornecer um com base num verbo que ocorre repetidamente em seus versículos: “guardar”, que a NVI traduz por “proteger”. Tal qual Spurgeon, portanto, podemos chamar esse cântico de “Salmo para o Protetor de Israel” ou “Salmo para Aquele que nos Guarda”.

Não sabemos quem é o autor desse poema nem o modo ou ocasião em que era originariamente cantado. Como os outros cânticos de romagem, é possível que fosse entoado pelos peregrinos que subiam a Jerusalém a fim de celebrar as festas religiosas. Ou talvez fosse cantado por viajantes ao partir em jornadas perigosas, ou ainda como lembrança dos caminhos repletos de perigo que Israel trilhou quando saiu do Egito e da Babilônia.

Hoje, usamos esse salmo em contextos semelhantes. Pais o recitam para filhas que estão prestes a se casar e para filhos que se encaminham a internatos e residências universitárias. Diz-se que David Livingstone se referiu a ele quando se despediu de seu pai ao partir para a África. Como mostra seu uso contínuo, essas palavras oferecem grande segurança e conforto, pois lembram que Deus nos guarda a todo tempo e em todo lugar. Como Josué (Js 1:5a) e os discípulos de Jesus (Mt 28:20), também precisamos dessa segurança.

#### 121:1-6 Deus é nosso protetor

O salmista começa dizendo: *Elevo os olhos para os montes* (121:1a). A que montes ele se refere? Para alguns, são os montes sobre os quais Jerusalém havia sido edificada. O fato de esse cântico ser associado à subida a Jerusalém corrobora essa interpretação. Para outros, porém, trata-se de todos os montes e montanhas de Israel, os quais serviam de defesa natural para o povo. Para outros, ainda, temos uma referência aos caminhos solitários que os peregrinos percorriam entre montes e vales rumo a Jerusalém. Pequenos grupos de peregrinos vigiavam os montes de onde um bando de assaltantes armados poderia surgir repentinamente, um perigo que ainda existia no tempo de Jesus (Lc 10:30).

Ao olhar para os montes, o salmista pensa em sua segurança: *De onde me virá o socorro?* (121:1b). Logo em seguida, ele mesmo responde: *O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra* (121:2). Os montes podem parecer imponentes, mas são muito menores que seu Criador, como também o são as montanhas, os mares, os rios e o universo todo.

Ainda que os montes sejam altos e os caminhos da vida sejam perigosos e difíceis, Deus *não permitirá que os teus pés vacilem* (121:3). Nem sempre prestamos atenção aonde estamos indo, mas os olhos do Senhor nos vigiam o tempo

todo. Ele *não dormita, nem dorme* (121:4; 1Pe 3:12). Deuses da natureza e da fertilidade como Baal, Marduque, Quemus e Dagom dormiam até chegar a estação certa para suas atividades (1Rs 18:27). Seus adoradores por vezes precisavam realizar determinados rituais para despertá-los. Nosso Deus, porém, está vivo e alerta o tempo todo.

Além de nos guiar ao longo do caminho, Deus também provê sombra (121:5-6). Na África, entendemos a importância de proteção do escaldante calor do sol. Deus nos protegerá ainda de todos os perigos, inclusive de forças mágicas supostamente associadas, em outros tempos, aos luminares, ao sol e à lua.

### 121:7-8 Deus nos guarda em todas as circunstâncias

Deus não apenas mantém seu povo seguro, mas também o protege das influências e operações do Maligno (121:7; Mt 6:13). Podemos confiar que o Senhor nos guardará a cada dia, em todas as nossas idas e vindas (121:8). Uma vez que ele sempre estará conosco, *desde agora e para sempre*, podemos confiar nele desde a juventude até a velhice e no porvir.

### Salmo 122: Jerusalém, a cidade amada

O salmo 122 é mais um cântico de romagem. O contexto do primeiro cântico, o salmo 120, é uma terra estrangeira. O salmo 121, por sua vez, era entoado enquanto os peregrinos caminhavam pelos montes. Agora, chegam finalmente às portas de Jerusalém e logo estarão na “Casa do Senhor”.

### 122:1-5 Alegria da chegada e laços de união

O salmo começa com a declaração: *Alegrei-me* (122:1). Conforme o título informa, é Davi quem fala. Ele dirige o cântico, mas provavelmente não o entoa sozinho, pois a multidão de peregrinos se une a ele na celebração. É impressionante que, apesar de ser um grande rei, Davi transborda de alegria por ter sido convidado a participar do culto na *Casa do SENHOR*. Ele é humilde o suficiente para adorar a Deus junto com o povo. Sua alegria talvez se deva ainda ao fato de outros estarem igualmente ansiosos para prestar culto ao Senhor. Os cristãos devem alegrar-se quando têm a oportunidade de louvar a Deus com seu povo.

Podemos ouvir um pouco da alegria do salmista quando ele anuncia que enfim *pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó Jerusalém!* (122:2). Centenas de cristãos que visitam a terra santa como turistas ou peregrinos experimentam emoções parecidas. Muitos, inclusive eu, derramam lágrimas de alegria ao entrar na cidade.

As cidades de hoje normalmente não têm portas, mas na Antiguidade eram um elemento importante de segurança. As cidades eram cercadas por muralhas, e havia guardas em todas as portas. À noite, as portas eram trancadas para impedir a entrada de inimigos, mas durante o dia o povo se reunia junto a elas para saber as notícias e consultar os respeitados anciãos da cidade (Pv 31:23). Processos ci-

vis e criminais muitas vezes eram julgados junto às portas (Rt 4:1-12; Js 20:4). Entrar pelas portas da cidade não significava, portanto, chegar às suas cercanias, mas entrar na cidade propriamente dita.

Jerusalém era extremamente especial para todos os judeus. Orgulhavam-se de sua capital magnífica, pois havia poucas cidades naquela época (122:3). Amavam Jerusalém de forma particular, contudo, porque era o lugar para onde subiam *as tribos [...] para renderem graças ao nome do SENHOR* (122:4a,c). Todas as tribos de Israel que, com frequência, competiam e entravam em conflito umas com as outras, se uniam quando cultuavam ao Senhor no lugar que ele havia escolhido para ser sua habitação (Dt 16:11; 2Sm 7:12-16). Jerusalém era, portanto, o centro da adoração. Era também o lugar onde os reis julgavam de seus *trons de justiça* (122:5; 2Sm 8:15; 1Rs 3:28; Sl 72:1-4; Jr 21:11-12).

A união de todas as *tribos do SENHOR* (122:4b) quando se encontravam em Jerusalém serve de exemplo para os cristãos. Podemos ser originários de muitas nações e grupos diferentes, mas como Corpo de Cristo precisamos sujeitar nossa identidade tribal à Igreja. Podemos ser muitas ondas, mas somente um mar; muitos ramos, mas somente uma árvore. A importância dessa união é reconhecida inclusive no âmbito político, como o governo nigeriano, que colocou uma placa enorme e bem visível no aeroporto de Abuja. A placa anuncia que o viajante está entrando em “Abuja: Centro de União”. Placa semelhante seria cabível em Jerusalém no tempo de Davi, e nossas igrejas também devem ser capazes de dizer que são centros de união.

### 122:6-9 Oração por paz em Jerusalém

O principal motivo da peregrinação era dar graças ao Senhor, e não buscar união ou prosperidade. Era impossível, contudo, o salmista ver Jerusalém e tudo o que ela representava e não pedir por essa bênção sobre a cidade (122:6-7a). Na verdade, o nome de Jerusalém é um estímulo para orar desse modo, pois a terminação “Salém” é associada à palavra hebraica *shalom*, que significa paz, prosperidade e bem-estar. Como o termo árabe *salaam*, era uma saudação comum quando as pessoas se encontravam. O salmista também considera *shalom* uma saudação e uma oração apropriada para a cidade (122:8b).

Quando Jerusalém está em paz, aqueles que amam a cidade encontram segurança e *prosperidade em* [seus] *palácios* (122:7b). Esses indivíduos são *irmãos e amigos* (122:8a). O salmista não pede paz e prosperidade apenas para si mesmo, mas também para os outros.

Os cristãos devem orar pela paz da igreja com o mesmo afincamento que o salmista pedia paz para Jerusalém. Ainda existe, contudo, a necessidade de orar fervorosamente por paz sobre a cidade santa. Nos dias de hoje, Jerusalém é honrada por judeus, cristãos e muçulmanos, mas permanece como um centro de conflitos de repercussão internacional.

O salmo termina lembrando que devemos orar por paz e prosperidade para Jerusalém não apenas em função de nosso próprio conforto e daqueles que amamos, mas também *por amor da Casa do SENHOR* (122:9). Essa casa não deve ser desonrada, nem seus cultos interrompidos. Para o salmista, a “Casa” era o templo. De lá para cá, porém, o templo foi destruído. Hoje, nosso corpo é o santuário de Deus (2Co 6:16; 1Pe 2:5). Podemos orar para que nada em nossa vida desonre o Senhor com o qual nos identificamos e que nenhuma desunião impeça a igreja de Cristo de adorá-lo.

### Salmo 123: Olhos fitos no Senhor

Como os salmos 120 a 134, este é um cântico de romagem. A peregrinação se iniciou em terras estrangeiras no salmo 120, passou pelos montes a caminho de Jerusalém e entrou na cidade. Agora, os peregrinos voltam o olhar para aquele a quem vieram adorar. As palavras iniciais são semelhantes às de Salmos 121:1: “Elevo os olhos para os montes”. Aqui, em vez de olhar a paisagem ao redor, o salmista declara: *A ti que habitas nos céus, elevo os olhos!* (123:1).

Enquanto o salmo 121 enfatiza o zelo de Deus por seu povo, o salmo 123 mostra os peregrinos com seus olhos fitos no Senhor, assim *como os olhos dos servos estão fitos nas mãos dos seus senhores* (123:2a). Os servos precisavam estar sempre atentos aos gestos que indicavam as tarefas que deviam realizar. Se não percebessem o sinal, podiam ser castigados, de modo que acompanhavam cuidadosamente todos os movimentos das mãos de seus senhores. O povo do Senhor olha com a mesma atenção enquanto espera pelos movimentos de Deus e procura compreendê-los e interpretá-los. Encontramos imagem semelhante em Hebreus 12:3, em que somos instruídos a olhar “firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus”.

Os servos observam os senhores por medo de serem castigados; os cristãos fiéis, pelo contrário, mantêm os olhos fitos no Senhor na esperança de receber *misericórdia* (123:2b-3a). O termo traduzido por “misericórdia” é de cunho jurídico. Era usado quando o réu declarado culpado pelo juiz pedia clemência ao tribunal. O salmista ora, portanto, como se Israel tivesse sido julgado e condenado por Deus. Todos nós estamos em situação semelhante. Podemos, contudo, suplicar por misericórdia ainda mais confiantes do que o salmista, pois sabemos que Cristo é nosso “Advogado junto ao Pai” (1Jo 2:1).

É possível que nosso serviço a Deus atraia apenas *desprezo* de outros (123:3b). Os *soberbos* podem ridicularizar-se (123:4). Os judeus foram, sem dúvida, alvo de escárnio em muitas ocasiões (Ne 2:17-20; 4:1-4; Lm 3:13). É possível que nós também soframos, mas devemos ter a mesma atitude do salmista e suplicar a Deus por misericórdia.

### Salmo 124: Livramento e louvor

Este salmo, como os salmos 120 a 134, é um cântico de romagem. O salmo anterior terminou com uma súplica

por misericórdia e livramento (123:4). Agora, ouvimos a voz do líder lembrar ao povo que a nação já experimentou esse livramento (124:1). Os ouvintes respondem e repetem as palavras, reconhecendo que, sem a ajuda de Deus, nem mesmo Jerusalém, o destino final das peregrinações, estaria de pé (124:2a). O salmista não diz quem estava atacando Jerusalém; fala apenas de *homens* (124:2b), supostamente das nações estrangeiras que odiavam Israel e desejavam engoli-lo (124:3).

Moçambique e várias outras regiões da África conhecem os efeitos devastadores de enchentes que arrastam tudo em seu caminho (124:4-5). O ataque dos inimigos de Israel teria sido igualmente destrutivo, mas o Senhor exerce domínio sobre as águas. Usou-as no passado para livrar seu povo ao aniquilar o exército de Faraó no mar Vermelho (Êx 14:29-31). As forças que poderiam tê-los destruído estavam sob o controle do Senhor.

Em seguida, o salmista muda de metáfora e fala dos *dentes* de um animal selvagem como um leão ou leopardo. Apesar dos pecados e falhas de Israel, Deus os livrou desse predador (124:6a). O Senhor também exerce domínio sobre as feras, como Daniel viu claramente (Dn 6:17-23).

A última imagem é a de um *pássaro* sendo solto do *laço dos passarinhos* (124:7). Os pássaros são fracos e facilmente atraídos para armadilhas. Deus, contudo, pode romper todos os laços e nos libertar. Ele nos considera mais valiosos que muitos pardais (Mt 10:29-31).

Somos frágeis e não temos nenhuma força para resistir ao poder de enchentes, à ferocidade de animais selvagens ou à astúcia de homens, mas o Senhor é mais forte que todos esses adversários. Diante disso, o salmista convida o povo para louvar a Deus (124:6b)!

O salmo termina com outro eco de Salmos 121:2. Aqui também o salmista percebe que, não obstante as dificuldades e oposições, nosso socorro vem do Senhor. Deus não é um ídolo insignificante, mas o *criador do céu e da terra* (124:8). É nossa esperança para o futuro e fonte de segurança no presente.

### Salmo 125: Fonte de segurança

Este salmo, como os salmos 120 a 134, é um cântico de romagem. Os peregrinos chegaram a Jerusalém em segurança e olham ao redor do alto do monte Sião ou cantam enquanto caminham em procissão ao redor dos muros da cidade. No salmo 124, eles refletiram sobre como Deus os havia protegido no passado e agora expressam confiança na proteção divina no futuro.

#### 125:1-2 Confiança na proteção de Deus

Quando vemos montes como o Quênia, o Kilimanjaro ou o Camarões, eles nos parecem imutáveis e inabaláveis. Apesar de o monte Sião ser bem menor que essas montanhas, parecia igualmente sólido e permanente para o povo de Jerusalém e os peregrinos. Não havia meio de abalá-lo, e

ele permaneceria *para sempre*. O salmista resolve usá-lo, portanto, como ilustração. *Os que confiam no SENHOR* são tão firmes e inabaláveis quanto o monte Sião (125:1; cf. tb. 16:8). A confiança dos judeus na estabilidade do monte Sião era ainda maior porque eles sabiam que Deus não apenas havia criado o monte, mas também o escolhido como local onde seu templo seria edificado. Havia colocado sua bênção sobre aquele lugar e o faria permanecer. Os cristãos de hoje podem ter certeza semelhante de que Deus os escolheu para abençoá-los e de que também permanecerão para sempre.

Em seguida, o salmista olha para os outros montes ao redor de Jerusalém, como o Scopus, o monte das Oliveiras e as colinas da Judeia. Para sua próxima ilustração, lembra aos ouvintes que *Como em redor de Jerusalém estão os montes, assim o SENHOR, em redor do seu povo, desde agora e para sempre* (125:2). Uma imagem e tanto da segurança de Israel! A proteção do Senhor é tão permanente quanto os montes.

### 125:3 Confiança na promessa de Deus

A história de Israel não foi tranquila. Em diversos períodos, a nação sofreu opressão tão severa quanto a dos africanos durante a escravidão. Os israelitas foram escravos no Egito e voltaram a sofrer no tempo dos juízes, quando o Senhor os entregou nas mãos de seus inimigos até se arrependerem e voltarem para ele. Ainda hoje, há quem negue o direito de Israel existir.

Este salmo nos lembra, porém, que, enquanto Israel confiar no Senhor, Deus cumprirá suas promessas, e o *cetro dos ímpios não permanecerá sobre a sorte dos justos* (125:3a). Aqui, o “cetro” representa o governo dos “ímpios”, provavelmente povos gentios que atacaram Israel, uma nação chamada para ser o povo justo de Deus. Essas nações talvez dominem Israel por algum tempo, mas, ao contrário do monte Sião, não permanecerão. Os justos não precisam preocupar-se (37:5-7; 112:6-8). Deus não permitirá que os ímpios fiquem no poder indefinidamente, pois do contrário até os justos podem corromper-se e começar a seguir o exemplo de seus opressores (125:3b). Tiranos como Tombalbaye no Chade, Idi Amim em Uganda e Abacha na Nigéria, que governaram por meio da violência e matanças e destruíram a economia de suas nações, foram removidos do poder. A preocupação de Deus nos lembra a promessa de que nosso Senhor fiel pode permitir que passemos por tribulações intensas, mas jamais deixará que sejamos tentados além das nossas forças (1Co 10:13).

### 125:4-5 Confiança na oração

Quando o salmista pede ao Senhor: *Faze o bem, SENHOR, aos bons e aos retos de coração* (125:4), fala daqueles que têm uma atitude correta em relação aos outros e a Deus. São os mesmos indivíduos chamados de “justos” em 125:3. Temem ao Senhor e desejam andar em seus caminhos (119:1-3). Deus os tratará com misericórdia e bondade.

Os perversos, por outro lado, são aqueles que se recusam a andar pelos caminhos retos definidos por Deus (125:5a). O salmista adverte que, no final, eles serão julgados e banidos da presença de Deus juntamente com todos os outros *malfeitores*. Esses também não permanecerão.

Depois de contrastar o destino dos justos e dos perversos, o salmo termina com uma súplica por *paz sobre Israel!* (125:5b). Sem paz, nenhuma nação ou povo pode desenvolver-se adequadamente e prosperar, e, a fim de fazer o bem a Israel, o Senhor também precisa conceder-lhe paz. Os escritores do NT sabiam muito bem disso, daí incluírem a paz em suas bênçãos às jovens igrejas (Rm 1:7; Gl 6:16; 2Pe 1:2) e instarem os cristãos a viver em paz (Mt 5:9; Rm 12:18; 1Co 7:15; Hb 12:14; Tg 3:18).

### Salmo 126: Restauração da sorte de Jerusalém

O salmo 126 faz parte do grupo de salmos 120 a 134 conhecidos como cânticos de romagem. Esses salmos eram entoados por peregrinos ao se aproximarem de Jerusalém e celebrarem as festas dentro da cidade. No salmo anterior, eles foram lembrados de que Deus é tão confiável quanto o monte sólido sobre o qual Jerusalém havia sido edificada e de que as tristezas da cidade não durariam para sempre. Agora, ouvimos um cântico jubiloso que celebra o livramento da cidade.

### 126:1-4 Cântico de ação de graças

A NVI traduz o início do salmo 126 por: “Quando o SENHOR trouxe os cativos de volta a Sião”, sugerindo que o salmista escreve acerca do regresso de Israel do exílio na Babilônia. É bem provável, contudo, que a referência seja mais ampla. A RA deixa mais claro o significado original: *Quando o SENHOR restaurou a sorte de Sião* (126:1a). Jerusalém havia passado por muitas dificuldades, de modo que não precisamos restringir a restauração a um único acontecimento.

Tamanha era a importância de Jerusalém para o pensamento judeu que, nas lamentações em momentos de aflição, até se dizia: “Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita” (137:5). Neemias inquiriu com grande ansiedade acerca das condições de Jerusalém e ficou arrasado quando soube de seu estado (Ne 1:1-4). Estava ciente de que, quando as coisas iam bem na cidade santa, o povo e a terra também estavam bem.

Qualquer que tenha sido a calamidade que sobreveio a Jerusalém, o povo pode ter começado a imaginar que sua aflição não teria fim. Quando Deus mudou a situação repentinamente, eles ficaram atônitos. Pensaram estar sonhando (126:1b). Parecia bom demais para ser verdade! Jó deve ter sentido algo semelhante quando o Senhor lhe restaurou a sorte (Jó 42:10). Nesse caso, porém, o Senhor não livrou da opressão apenas um indivíduo, mas uma nação inteira.

Os israelitas não foram os únicos a se surpreender com essa reviravolta. Até as nações gentias comentaram: *Gran-*

*des coisas o SENHOR tem feito por eles (126:2).* Os israelitas concordam: *Com efeito, grandes coisas fez o SENHOR por nós e acrescentam: Por isso, estamos alegres (126:3)!*

Os incrédulos notam quando Deus faz algo extraordinário por seu povo. Os cristãos também devem reconhecer os grandes feitos do Senhor. Uma das maneiras pelas quais podemos expressar nossa alegria é o cântico. Os israelitas cantavam esse salmo, e nós podemos entoar hinos como “A Deus seja a glória”.

O tempo jubiloso de restauração que esse salmo recorda ficou no passado, daí o povo pedir a Deus que continue a agir em favor deles e os restaure novamente (126:4; cf. tb. Hc 3:2). Eles desejam que a bênção ou sorte de Jerusalém seja *como as torrentes do Negebe*. O Negebe fica na região sul de Israel, onde a terra é extremamente árida e os rios são sazonais. Quando vêm as chuvas, porém, os rios transbordam, as plantas florescem e a terra se cobre de verde. As plantações voltam a produzir alimentos para o povo. O salmista observou esse ciclo na natureza e vê algo semelhante acontecer na vida de Israel. Pede que Deus volte a derramar suas bênçãos sobre a nação.

### 126:5-6 Promessa de fartura

A oração de 126:4 é seguida de uma promessa de bênção, pronunciada por um profeta ou sacerdote ou pelo próprio salmista. O locutor reconhece que não é fácil cultivar a terra. Os agricultores precisam limpar o terreno, arar o solo, semear, remover as ervas daninhas e cuidar das plantações. Não é uma ocupação para os preguiçosos! Na verdade, o trabalho é tanto que se pode até dizer que os agricultores *com lágrimas semeiam (126:5)*. Quando a colheita é boa, porém, eles esquecem o sofrimento e celebram *com júbilo (126:6)*.

Em 126:5, a promessa é aplicada ao povo em geral (“os que”), mas em 126:6 o pronome “quem” deixa claro que a mesma verdade se aplica a indivíduos. Podemos dizer ainda que vale tanto para o antigo Israel quanto para a igreja. Como indivíduos e igrejas, muitas vezes nos parece árduo o trabalho de educar os filhos nos caminhos do Senhor, procurar ensinar a palavra de Deus, pastorear congregações e alcançar os perdidos. Podemos derramar lágrimas de frustração e exaustão. O Senhor prometeu, contudo, que colheremos os frutos de nosso trabalho e nos regozijaremos (Is 55:10-13; Mt 13:8; Jo 12:24; 2Co 9:6-8; Gl 6:7-9). Enquanto trabalhamos, somos encorajados pelas lembranças das grandes coisas que Deus fez no passado, certos de que ele pode realizá-las novamente.

### Salmo 127: Sem Deus, tudo é em vão

O salmo 127 é mais um cântico de romagem. O título também indica que é de Salomão, significando que pode ter sido escrito por Salomão ou por Davi como conselho para seu filho Salomão. A ligação com Salomão é fortalecida pelo fato de o termo traduzido por *seus amados (127:2)* es-

tar estreitamente relacionado ao nome Jedidias, ou “amado do Senhor”, nome dado pelo profeta Natã a Salomão (2Sm 12:25). De acordo com este salmo, sem Deus todos os esforços humanos são vãos.

### 127:1-2 Construções e segurança

Por onde quer que andemos, vemos casas em construção. Algumas são mansões, outras são residências menores, e outras, ainda, não passam de choupanas. Todas têm em comum, porém, o fato de os proprietários estarem usando os melhores materiais de construção que seu orçamento permite. Todos esperam ter uma residência sólida e duradoura que suprirá as necessidades de sua família. Por mais caros que sejam os materiais usados e por mais habilidosos e diligentes que sejam os construtores, a casa não será abençoada se o Senhor não estiver envolvido em sua construção (127:1a). Os construtores da torre de Babel descobriram isso do modo mais difícil (Gn 11:1-9). Salomão precisava lembrar esse fato ao dar início ao seu ambicioso programa de construção (1Rs 9:10-24).

Salomão observou, porém, que, quando algo é dedicado à glória de Deus, o Senhor abençoa e provê recursos de fontes inesperadas. Até mesmo o rei pagão de Tiro se dispôs a ajudar Salomão a construir o templo (1Rs 5:1-10).

Ao nos envolvermos com qualquer projeto de construção, de uma casa, igreja ou nação, precisamos buscar em oração e com sinceridade a ajuda e a direção de Deus. Precisamos pedir que o Senhor nos mostre como usar os recursos que ele nos dá. Se não o fizermos, veremos que, como mostram esse versículo e Levítico 26:20, nossos esforços serão inúteis. Salomão aprendeu essa lição, conforme vemos em suas meditações em Eclesiastes e na descrição do final de seu reinado em 1Reis 11:1-12.

Habitação é uma das principais preocupações do ser humano; e outra é segurança. Compramos portas maciças para nossa casa e colocamos grades nas janelas. Levantamos muros altos ao redor de uma propriedade, contratamos guardas para ficarem junto aos portões e equipamos o carro com travas e alarmes. Em viagens, somos lembrados da necessidade de segurança quando precisamos parar em postos de fiscalização nas estradas ou deixar que examinem nossa bagagem no aeroporto. Ainda assim, em grande parte do mundo, a violência e a criminalidade são um problema generalizado e crescente. Não podemos negar que, *se o SENHOR não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela (127:1b)*. Nenhuma de nossas medidas de segurança se equipara à proteção que Deus provê.

A lembrança de que é inútil trabalhar dia e noite sem parar (127:2) não deve ser entendida como desculpa para a preguiça ou o ócio. Conforme inúmeras evidências da Bíblia indicam, Deus deseja que trabalhemos. Deus poderia prover maná miraculosamente para todos nós, mas espera que plantemos ou cacemos o alimento, ou que trabalhemos para ter dinheiro para comprá-lo. Paulo incentiva os cristãos a



trabalhar a fim de não se tornarem um peso para outros (2Ts 3:8-10).

Existe uma diferença, porém, entre trabalhar e se extenuar sem ter tempo para o descanso ou para Deus. Se temos a tendência de trabalhar excessivamente, precisamos parar e refletir se nosso trabalho não se está tornando um ídolo no qual confiamos mais do que em Deus. Em última análise, é Deus quem provê para nós e ele sabe que uma de nossas necessidades é o descanso (Mt 6:25-34). Jesus chegou a dizer para seus discípulos exaustos irem “repou-sar um pouco, à parte, num lugar deserto” (Mc 6:31). É significativo, portanto, o salmista afirmar em 127:2b que Deus provê aos seus amados *enquanto dormem*.

### 127:3-5 Vida em família

As casas que construímos não estão completas sem famílias para habitá-las. Por isso, as orações pedindo as bênçãos de Deus em cerimônias de casamento quase sempre incluem filhos para o casal. Os filhos são *herança e galardão* de Deus, e não um fardo (127:3). Isso não significa que será fácil educá-los nos caminhos do Senhor, pois as bênçãos do Senhor também acarretam responsabilidades.

Na África, há quem interprete a palavra *filhos* em 127:3a como indicação de que os filhos do sexo masculino são uma bênção específica. Alguns pedem que Deus lhes dê *filhos* em vez de filhas. Em lugares como a Índia e a China, a preferência por filhos do sexo masculino leva alguns pais a abortar ou matar meninas recém-nascidas. A referência a “filhos” em 127:3b, porém, indica que o salmista tem em mente filhos de ambos os sexos. Eles são iguais diante de Deus, pois foram criados à imagem de Deus e estão sob seus cuidados (Gn 1:27; Gl 3:28). Não devemos jamais supor que um sexo tem mais valor que o outro. Como cristãos, devemos aceitar o filho que Deus nos der. Não podemos dar ordens nem conselhos a Deus (Jó 38—40:5). A insensatez dessa mentalidade fica evidente na dificuldade de muitos rapazes indianos e chineses encontrarem uma esposa.

Existem algumas vantagens de ter filhos na *mocidade*, o que na cultura judaica correspondia ao final da adolescência até 20 e poucos anos (127:4). De acordo com essa linha de raciocínio, é importante que os filhos estejam crescidos antes que os pais fiquem idosos demais para se sustentar. No devido tempo, os filhos serão responsáveis por cuidar de seus pais e protegê-los. Esse conceito explica por que o salmista compara os filhos a *flechas*. As flechas são usadas para a caça ou para a defesa contra inimigos. Semelhantemente, os filhos podem prover as necessidades materiais de seus pais e guardá-los de perigos. A imageria bélica é apropriada, pois a vida é uma batalha constante.

Os filhos podem defender seus pais *à porta* (127:5b). De acordo com algumas interpretações, o salmista se refere a batalhas jurídicas ou físicas junto à porta da cidade. O contexto sugere, porém, que ele tem em mente a porta de acesso à casa dos pais. Se inimigos ou ladrões aparecem

na entrada da casa, os idosos se veem indefesos. Os filhos adultos, contudo, podem ser como guerreiros que defendem a casa dos pais.

Da mesma forma que distorcem o sentido de “filhos” em 127:3, algumas pessoas também interpretam equivocadamente o significado de ter a *aljava* cheia (127:5a). Há quem considere essa imagem um incentivo para as famílias terem mais filhos do que são capazes de sustentar. Os tempos mudaram, e o número de flechas necessárias na aljava diminuiu. Ter uma família muito grande não é sábio por vários motivos. Com a orientação de Deus e os recursos da medicina, hoje podemos controlar o tamanho de nossas famílias.

As bênçãos que os filhos trazem se tornam mais evidentes para aqueles cujos filhos andam com o Senhor. Como pais, temos a grande responsabilidade de cuidar de nossos filhos e instruí-los segundo os princípios bíblicos que devem nortear nossa vida familiar.

### Salmo 128: Cântico de bênçãos

O salmo 128 também é um cântico de romagem (Sl 120—134). Como o salmo 127, fala das bênçãos de Deus sobre a família, porém em outro contexto. O salmo 127 se refere aos filhos como flechas que defendem seus pais de inimigos, enquanto o salmo 128 mostra a família desfrutando prosperidade numa nação pacífica.

#### 128:1-2 Bênçãos individuais

Como no salmo 1, a primeira palavra aqui é *Bem-aventurado* (128:1a), expressão que significa “feliz”. Ao ler o salmo, vemos que essa felicidade não exige superabundância de bens materiais, posição social elevada ou sucesso espetacular. Nem quer dizer que não teremos de trabalhar (128:2). Antes, a felicidade que vem de Deus consiste na capacidade de desfrutar tranquilamente daquilo pelo que trabalhamos: o pão nosso de cada dia e nossa família.

Infelizmente, nem todos desfrutam essa bem-aventurança. Deus a concede àquele *que teme ao SENHOR*, ou seja, àquele que o honra como Criador e Senhor. Este faz isso não apenas com palavras, mas também em suas atividades diárias, pois *anda nos seus caminhos*, isto é, em obediência às suas leis (128:1b). Sua atitude é semelhante à do autor do salmo 119, que ama a lei de Deus e pede repetidamente para ter maior entendimento a fim de ser mais obediente a ela.

#### 128:3-4 Bênçãos familiares

Deus abençoa não apenas nosso trabalho (128:2), mas também nossa vida em família. Israel era uma sociedade rural, de modo que o salmista usa com frequência imagens agrícolas para descrever prosperidade (cf., p. ex., 52:8; 80:8-11). Neste salmo, a esposa é vista *como a videira frutífera* (128:3a): dá à luz filhos assim como a videira produz muitos cachos de uvas. A imagem traz à memória a bênção

proferida às noivas do povo atyap na Nigéria: “Que seus filhos sejam tão numerosos a ponto de você não ter onde se assentar para comer”. Outra bênção proferida a ela é: “Da próxima vez que a virmos, que suas mãos estejam nas costas”, ou seja, que ela esteja carregando um bebê nas costas.

A referência a filhos como sinal da bênção do Senhor não deve ser interpretada como indicação de que pessoas sem filhos são amaldiçoadas por Deus ou desobedientes a ele. Ter filhos é a forma normal como Deus abençoa um casamento, mas ele nem sempre segue o mesmo padrão. Uma esposa pode não ter filho e, ainda assim, ser produtiva no serviço a Deus ao gerar frutos do Espírito.

Os filhos daqueles que temem ao Senhor são *como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa* (128:3b). A imagem é de brotos novos que saem de uma árvore velha e prometem novas safras de olivas.

Depois de fornecer ilustrações da bênção de Deus, em 128:4 o salmista retoma a asserção que fez em 128:1. Quem tem a própria vinha e oliveira desfruta paz e fartura. Provérbios antigos transmitiam a mesma ideia ao se referir a tempos de bênção como períodos em que cada um se assentaria debaixo de sua videira e sua figueira (1Rs 4:25; Mq 4:4; Zc 3:10).

#### 128:5-6 Bênçãos nacionais

O monte Sião era o lugar da casa do Senhor, o santuário onde a nação se reunia nas grandes festas anuais e recebia a bênção dos sacerdotes (Nm 6:24-26). Era considerado o centro do qual as bênçãos fluíam (128:5).

Uma vez que Sião ficava em Jerusalém, a capital nacional, a *prosperidade de Jerusalém* estava estreitamente associada à prosperidade do templo e à facilidade de acesso a ele. Não surpreende, portanto, esse salmo incluir uma oração pela cidade. O salmista sabia que a prosperidade pessoal não pode ser separada da preocupação com a prosperidade dos outros, inclusive de nossos contemporâneos e das gerações por vir (128:6). Conclui, portanto, com a bênção: *Paz sobre Israel!* Devemos seguir seu exemplo ao orar por nossa família, país e continente. Que também possamos viver em paz e ver *os filhos de* [nossos] *filhos* andar nos caminhos do Senhor.

#### Salmo 129: Perseguido, porém não destruído

O salmo 129 também faz parte dos cânticos de romagem (Sl 120—134). Reflete com seriedade não sobre o que Israel conquistou, mas sobre o que sofreu.

#### 129:1-4 Perseguição passada

As palavras iniciais do salmo 129 seguem o mesmo padrão do salmo 124, no qual o locutor faz uma declaração, depois convida o povo a repeti-la (129:1b; 124:1b). Os dois salmos falam da oposição a Israel, mas, enquanto o salmo 124 focaliza o livramento concedido por Deus, o 129 se

concentra na opressão que Israel sofreu. O salmista nem se dá ao trabalho de relacionar os opressores; refere-se a eles apenas na terceira pessoa do plural (129:1a). É bem provável que a lista incluisse os egípcios (Êx 3:7,9), os filisteus (Jz 10:7-8), os siros (1Rs 20:26-27), bem como a Assíria, a Babilônia, a Pérsia, a Grécia e Roma.

Com tantos inimigos, é impressionante que Israel ainda possa dizer: *Não prevaleceram contra mim* (129:2). Esse versículo e o anterior usam a primeira pessoa do singular, mas fica evidente que o salmista vê a nação como uma pessoa. Continua a usar essa personificação ao dizer que a nação é como alguém que os inimigos lançaram ao solo e depois passaram o arado sobre suas costas, deixando cicatrizes profundas (129:3; cf. tb. Is 51:23). A mesma imagem poderia ser usada para descrever o Servo Sofredor em Isaías (Is 50:5-6; 53:4-5) e as costas rasgadas de Cristo depois de sofrer o açoite dos soldados romanos (Jo 19:1).

O povo de Deus sobreviveu a todos esses ataques porque o Senhor os protegeu e defendeu. Era como se a nação tivesse sido levada cativa por seus opressores, mas *o SENHOR [...] cortou as cordas dos ímpios* (129:4).

#### 129:5-8 Oração pelo futuro

Os últimos versículos do salmo 129 são uma súplica confiante pelo julgamento de Deus sobre *todos os que aborrecem a Sião* (129:5b). Tendo em vista que Sião era o local do templo do Senhor, o salmista não está se referindo apenas a inimigos nacionais, mas também àqueles que se opunham a Deus. Os inimigos não haviam conseguido conquistar o povo de Deus (129:2), ainda que temporariamente os houvessem mantido cativos (129:4). Agora, porém, o salmista pede uma derrota definitiva, para que os adversários *sejam envergonhados e repelidos* (129:5a). Ele deseja que *sejam como a erva dos telhados das casas* (129:6). As sementes que caem no telhado às vezes germinam durante a estação das chuvas, mas os brotos murcham quando começa a estação seca, pois não possuem raízes em solo profundo. Essas sementes não produzem nada. O ceifeiro não tem o que colher num telhado (129:7). A erva seca contrasta com a vinha fértil e os rebentos fortes da oliveira com os quais Deus abençoa quem anda nos seus caminhos (128:1-3).

A bênção final do salmo 128 começava com as palavras: “O SENHOR te abençoe” (128:5). No salmo 129, por outro lado, o salmista termina sua oração com a esperança de que nenhuma bênção desse tipo seja proferida sobre aqueles que *aborrecem Sião* e seu Senhor (129:8).

#### Salmo 130: Das profundezas

Este salmo é outro cântico de romagem (Sl 120—134). Enquanto vários dos cânticos foram compostos com o claro propósito de serem entoados pela comunidade, a primeira parte deste salmo parece ser uma súplica pessoal por perdão. Consequentemente, *ele também faz parte do grupo dos*

salmos penitenciais (Sl 6; 32; 38; 51; 102; 130; 143). Entre outros motivos, é possível que seja associado aos cânticos de romagem porque as palavras e a atitude do salmista espelham o que Deus pediu de seu povo ao prometer durante a dedicação do templo: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2Cr 7:14).

### 130:1-6 Culpa e perdão

O salmista está se afogando nas *profundezas* do desespero (130:1). Muitos de nós podemos identificar-nos com sua situação, pois às vezes também nos sentimos oprimidos pela culpa de algum pecado, por tristezas, dificuldades em nosso casamento ou com nossos filhos. Em momentos como esses, temos a impressão de que estamos afundando num mar de problemas.

Do meio de seu desespero, o salmista clama ao Senhor. Sentimos a urgência da súplica no modo repetitivo de ele se expressar em 130:2: *Escuta, SENHOR, a minha voz; estejam alertas os teus ouvidos às minhas súplicas*. O salmista segue o exemplo de Jonas quando clamou “do ventre do abismo” (Jn 2:2). Quando invocamos a Deus em circunstâncias impossíveis, demonstramos que ainda confiamos nele e estamos pedindo que intervenha. Observamos a mesma confiança em pessoas como o cego Bartimeu, que rogou a Jesus: “Tem compaixão de mim!” (Mc 10:46-48).

O salmista está ciente de que não tem nenhum direito de exigir a intervenção divina em seu favor. Reconhece humildemente que pecou e diz que, se Deus guardasse um registro de todos os seus pecados, ele seria inevitavelmente condenado ao se apresentar diante do Senhor em um tribunal (130:3). Sua situação não seria melhor que a dos perversos em Salmos 1:5 (cf. tb. 143:2).

Deus, nosso Rei e Juiz, não é, contudo, um tirano. O salmista sabe que *contigo [...] está o perdão* (130:4a). Essa verdade é celebrada em Salmos 32:1-2, que também é um salmo penitencial, e em Salmos 103:12, um magnífico cântico de louvor ao Senhor que afasta de nós as nossas transgressões “quanto dista o Oriente do Ocidente”. Ao ler o salmo 103 junto com esse salmo, entendemos o que o salmista tem em mente quando diz: *Para que te temam* (130:4b). Não se trata do medo de serem castigados ou da preocupação de serem perdoados. Também não é simples respeito ou reverência por aquele que tem direito de castigar ou perdoar. Antes, é uma atitude de profunda gratidão ao único que pode perdoar os pecados (Lc 5:21). É a atitude da mulher que lavou e ungiu os pés de Jesus (Lc 7:37-50).

O salmista aguarda ansiosamente o cumprimento da promessa de Deus (130:5; 2Cr 7:14). Mais uma vez, usa a repetição para enfatizar como a espera parece demorada. No entanto, assim como o guarda sabe que o romper da manhã virá, por mais longa que seja a noite, ele sabe que, no devido tempo, Deus o socorrerá, mesmo que tudo ainda

esteja escuro ao seu redor (130:6). Mesmo que se encontre nas “profundezas”, sabe que Deus o levantará (40:2; cf. tb. Lm 3:55-57).

### 130:7-8 Expectativa jubilosa

Até aqui, o salmo foi uma oração pessoal. Agora, porém, o salmista se dirige a toda a nação. Esses versículos podem ter sido acrescentados por outro poeta que observou que, como o indivíduo da seção anterior, a nação precisava voltar-se para Deus. Nesse caso, a segunda parte é uma lembrança de que nosso testemunho daquilo que o Senhor fez pode incentivar outros a confiar e esperar nele.

O salmo 129 falou da opressão sofrida por Israel. Às vezes, a nação como um todo pode ver-se nas profundezas do desespero. Este salmo, contudo, oferece-lhes esperança, não apenas como um sonho de dias melhores, mas como confiança na *misericórdia* do Senhor (130:7). Quando se sentirem tentados a confiar em alguma outra coisa, devem voltar-se para Deus e esperar nele. É possível que a nação tenha realmente cometido muitos pecados, mas o Deus que perdoa indivíduos também pode perdoar uma nação. Ele está pronto a redimir Israel *de todas as suas iniquidades* (130:8). O termo “todas” abrange todos os pecados, por maiores ou menores que sejam suas consequências.

### Salmo 131: Esperança no amor de Deus

O salmo 131 é outro cântico de romagem (Sl 120—134). De acordo com o título, foi escrito por Davi. Sem dúvida, sua imagem apresenta a mesma combinação de simplicidade e profundidade que a imagem do pastor no salmo 23.

#### 131:1 Rejeição da soberba

É extremamente fácil ser *soberbo*. Podemos orgulhar-nos de nossas realizações acadêmicas, riquezas, aparência, antepassados, país, cor da pele, cultura, trabalho ou posição social. Esse orgulho vem do *coração*, que para os judeus era o centro do ser e das decisões. Quando o orgulho está presente no coração, afeta todas as áreas da vida. O salmista se dá conta, porém, de que não tem nenhum motivo do qual se orgulhar (cf. a confissão em 129:3) e diz ao Senhor: *Não é soberbo o meu coração* (131:1a).

Muitas vezes, expressamos nosso orgulho na maneira de olhar para outras pessoas e seus pertences, de modo que Davi acrescenta: *Nem [é] altivo o meu olhar* (131:1b). Talvez ele queira dizer também que não olha para as coisas com cobiça nem compara aquilo que vê com aquilo que tem, de maneira que seus olhos não alimentam orgulho no coração.

Davi declara que *não anda à procura de grandes coisas* (131:1c). Isso não significa que ele nunca pense em questões importantes; antes, não se intromete em assuntos que não lhe dizem respeito. Não se esquivava de suas responsabilidades, mas reconhece que não tem direito de estar

inteiramente a par de todas as coisas. Vê sua posição de forma realista e não demonstra presunção.

### 131:2 Aceitação da humildade

Davi usa o exemplo de uma criança e sua mãe para ilustrar a humildade, o oposto da soberba. Os bebês recebem alimento e carinho da mãe e aprendem a amá-la e nela confiar. Sabem que a mãe os protegerá e suprirá suas necessidades. Por volta de 2 ou 3 anos de idade, porém, as crianças são desmamadas. Apesar de a mãe não lhes suprir mais o leite, continua sendo a pessoa em quem buscam consolo quando algo dá errado. Desejam ficar perto dela e desfrutar seu amor e proteção.

Davi descreve seu relacionamento com o Senhor da mesma forma. Certa do amor e proteção do Senhor, faz sua alma *calar e sossegar* (131:2). Pode surpreender-nos o fato de o salmista ver Deus como se fosse uma mãe, mas a Bíblia usa essa imagem com frequência ao falar do amor e cuidado de Deus por seu povo (Is 46:3; 49:15; Os 11:3-4). Como uma mãe, Deus cuida de nós quando somos bebês espirituais, nos protege e provê tudo aquilo de que precisamos. Espera, contudo, que crescamos na fé e, à medida que nos desenvolvemos, ele nos desmama e permite que experimentemos as dificuldades da vida e aprendamos mais a seu respeito (1Co 3:1-2; Hb 5:12-14; 1Pe 2:2). Infelizmente, alguns cristãos querem continuar a ser bebês. Não é isso o que o salmista deseja. Ele foi desmamado, mas não esqueceu que sua mãe o ama e o protege e que ele pode contar-lhe todos os seus problemas. Diante disso, pode descansar em paz na presença de Deus. Seu corpo talvez esteja passando por dificuldades, mas sua *alma* continua em paz.

### 131:3 Incentivo à esperança

O salmista deseja que Israel tenha a mesma paz. Sabe que a única forma de obtê-la é esperar no Senhor. Essa esperança não deve ser inconstante, mas firme: *Desde agora e para sempre* (131:3). Em termos estritos, “para sempre” é na verdade “enquanto viver aqui na terra”. Este é o lugar onde temos de enfrentar problemas como aquecimento global, HIV/aids, guerras civis e religiosas, terrorismo, secas, assaltos armados, corrupção e tráfico humano. Quando chegarmos ao céu, porém, estaremos com Cristo, nossa esperança. Todas as nossas expectativas se concretizarão.

### Salmo 132: A arca, o templo e a promessa

O salmo 132 é outro cântico de romagem (Sl 120—134). Focaliza três coisas extremamente importantes para a fé e o culto em Israel: a arca da aliança, o templo no monte Sião e a promessa do trono aos descendentes de Davi (2Sm 7:11-16). É possível que este salmo tenha sido escrito para comemorar a ocasião em que Davi levou a arca da aliança para Jerusalém (2Sm 6:12-15) ou para dedicação do templo de Salomão (1Rs 8). Talvez fosse usado também em cerimônias de coroação, quando um novo descendente

de Davi subia ao trono. O salmista reflete sobre o voto de Davi de construir uma casa para Deus e sobre a aliança do Senhor com Davi e seus descendentes.

### 132:1-9 A arca e o templo

O salmo começa com uma oração para que Deus se lembre de Davi, *de todas as suas provações* (132:1). A Bíblia relata algumas dessas provações em 1 e 2Samuel, mas deve ter havido muitas outras, resultantes de enfermidades e inimigos do rei. Tendo em vista, porém, os versículos subsequentes, o salmista se refere acima de tudo às tribulações que Davi sofreu ao trabalhar incansavelmente a fim de encontrar *lugar para o SENHOR* (132:5a). É provável que a promessa de não entrar em seu lar nem dormir enquanto não houvesse encontrado esse lugar não deva ser interpretada de forma literal (132:3-4; cf. Pv 6:5). Ele simplesmente prometeu que não ficaria tranquilo enquanto não cumprisse seu voto.

Por certo, Davi se empenhou nessa tarefa, pois num período de quatro meses organizou duas grandes procissões para levar a arca a Jerusalém. A primeira terminou em tragédia quando Uzá foi morto (2Sm 6:1-11; 1Cr 13). A segunda, planejada com mais cuidado, foi bem-sucedida (2Sm 6:12-19; 1Cr 15), mas teve repercussões sobre o casamento de Davi (2Sm 6:16,20-23).

Davi fez seu voto ao *Poderoso de Jacó* (132:2,5b), uma forma incomum de se referir a Deus. Antes desse salmo, ocorre apenas quando Jacó, à beira da morte, abençoa José (Gn 49:24). Depois desse salmo, aparece somente em Isaías. Esse nome lembra a longa história de fidelidade do Senhor ao seu povo.

Durante muitos anos, o símbolo da fidelidade e presença de Deus com seu povo foi a arca da aliança. No tempo de Eli, os filisteus capturaram a arca (1Sm 4), mas logo em seguida foram obrigados a devolvê-la a Israel (1Sm 5—6). Depois desses acontecimentos, a arca foi levada para uma casa em Quiriate-Jearim, onde ficou praticamente esquecida (1Sm 7:1-2). No reinado de Saul, não havia um centro de adoração em Israel e nenhum lugar especial para abrigar a arca (1Cr 13:3). Davi estava ansioso para mudar essa situação. Seu zelo e sua determinação de obedecer a Deus devem servir de modelo para nós.

Nos versículos anteriores, ouvimos a voz de Davi ao fazer seu voto. Agora, somos informados da busca pela arca esquecida. O povo não havia visto a arca, mas tinha ouvido dizer que *se achava em Efrata*, antigo nome de Belém, a cidade natal de Davi, ou de uma região próxima a Quiriate-Jearim (1Cr 4:4; 2:24,50). Por fim, a arca foi encontrada *no campo de Jaar* (132:6). “Jaar” é o singular de “jearim”. Significa “bosque”, daí a expressão ser traduzida, às vezes, por “campos do bosque”. Tratava-se, portanto, de uma comunidade rural, e não de uma cidade ou santuário central.

Agora que a arca está de volta ao seu devido lugar no centro de Israel, o salmista convida o povo a acompanhá-lo

ante o estrado de seus pés, ou seja, diante de Deus (132:7). O louvor era parte essencial da vida de Israel, o modo pelo qual o povo expressava fé, amor e reverência a Deus.

A convocação para adorar é seguida de um cântico enquanto a arca é levada com todo o cuidado ao seu lugar. As palavras do cântico formam um paralelo próximo com o discurso de Salomão na dedicação do templo (2Cr 6:41-42). As palavras iniciais, *Levanta-te, SENHOR* (132:8a), são as mesmas que Moisés proferia sempre que os levitas carregavam a arca do Senhor adiante de Israel para conduzir o povo pelo deserto (Nm 10:34-35). Em ambos os casos, a arca é identificada com a presença de Deus. A entrada da arca num edifício correspondia, portanto, à entrada de Deus naquele local.

Depois de ser capturada pelos filisteus, a arca vagou de um local para outro, mas finalmente encontrou um *lugar de repouso* (132:8b). Esse lugar é para o Senhor e para a *arca de tua fortaleza* (132:8c), uma lembrança de que a arca havia de fato mostrado o poder do Senhor ao fazer o ídolo filisteu cair diante dela (1Sm 5) e convencer os governantes filisteus a devolvê-la a Israel (1Sm 6). Não admira, portanto, o povo desejar que esse símbolo do poder de Deus permanecesse com eles. Mas eles também lembram que a arca foi removida de seu antigo lugar em Siló devido à corrupção dos sacerdotes (1Sm 3:11-13). Por isso, oram para que os sacerdotes encarregados de servir junto à arca *vistam-se de justiça* (132:9a), coloquem suas vestes santas e estejam preparados para ministrar na casa de Deus.

Quando os sacerdotes servem corretamente e a arca se encontra no meio do povo, a congregação exulta (132:9b). Pode-se sentir o clima de regozijo ao ler as palavras desse hino. Nossa alegria deve ser igualmente intensa, pois temos o grande Sumo Sacerdote que é justo em todos os sentidos e ministra para sempre na casa de seu Pai!

### 132:10-18 A promessa de Deus a Davi

Em 132:1, o salmista pediu ao Senhor que se lembrasse de Davi. Agora, volta a essa memória e ora: *Por amor de Davi, teu servo, não desprezes o rosto do teu ungido* (132:10). O “ungido” era o rei, aquele que havia recebido a unção e sido separado para seu papel especial como líder do povo de Deus (1Sm 10:1; 16:13; 1Rs 1:39; 2Rs 11:12).

Davi fez um voto a Deus (132:2-5) e o cumpriu. Agora, vemos o voto correspondente de Deus ao seu servo: *O SENHOR jurou a Davi com firme juramento* (132:11). Davi se mostrou digno de confiança quanto ao cumprimento de seu voto, mas o Senhor é ainda mais confiável: *não se apartará* de sua promessa de colocar um dos descendentes de Davi no trono. Deus fez essa promessa ao rei de Israel depois de recusar outra oferta que Davi lhe desejava entregar. Após levar a arca a Jerusalém, Davi quis construir um belo templo para abrigá-la (2Sm 7:1-2). Deus lhe enviou uma mensagem, porém, dizendo que essa tarefa estava reservada a seu filho, a quem Deus daria o trono (2Sm 7:12-13).

Deus não é um ser inconstante. Jamais quebra suas promessas (Nm 23:19; Ml 3:6). Por vezes, contudo, as promessas são condicionais. Nesse caso, a condição para o cumprimento de seu juramento aos descendentes de Davi era que eles guardassem a *aliança* e vivessem em obediência a ela (132:12; 2Sm 7:14). Se cumprisse essa condição, a linhagem davídica se assentaria *para sempre no [...] trono*. Salomão, o construtor do templo, tinha pleno conhecimento dessa promessa (1Rs 8:23-26).

Além de escolher os descendentes de Davi, Deus havia escolhido a *Sião* como lugar para sua casa e para o povo adorá-lo (132:13-14). O Senhor promete que a cidade receberá muitas bênçãos de todos os tipos. Haverá comida suficiente para todos (132:15). Deus também responderá à oração em 132:9. *Seus sacerdotes* serão vestidos não apenas de justiça, mas também de *salvação*, e aqueles que vivem na cidade e amam a Deus *de júbilo exultarão* (132:16).

O salmo termina com a promessa de que o Senhor fará *brotar a força de Davi* (132:17a). O termo traduzido aqui por “força” significa literalmente “chifre”, imagem que simboliza força, orgulho, salvação e um rei (18:2; 75:4-5; Lc 1:69). Deus promete que os descendentes de Davi serão reis fortes. O Senhor também preparará *uma lâmpada para o meu ungido* (132:17b). No AT, a imagem da lâmpada se refere por vezes ao rei (2Sm 21:17) ou aos descendentes de alguém que mantém vivo o seu nome (1Rs 11:36; 2Rs 8:19). Os inimigos dessa dinastia real serão cobertos *de vexame*, mas o rei que Deus ungiu *florescerá* (132:18).

As imagens do chifre e da luz apontam não apenas para um rei forte, mas para o maior de todos os descendentes de Davi, o qual Zacarias descreve como “poderosa salvação” (Lc 1:69), aquele que é a verdadeira “luz do mundo” (Jo 8:12). Sua luz resplandece sobre Israel e as nações (Is 42:6; 49:6).

Como cristãos, não precisamos procurar a arca da aliança nem ir ao templo de Deus em Jerusalém. Jesus nos ensinou que Deus não está apenas em Sião; está conosco sempre, pois nosso corpo é seu santuário (1Co 3:6-16; 2Co 6:16-18; Ef 2:19-22; 1Pe 2:4-5). Assim como Israel esperava ansiosamente pela entrada da arca no templo, devemos esperar pela vinda de nosso Rei, Jesus Cristo. Devemos estar preparados para exultar de júbilo com todos os santos.

### Salmo 133: Benefícios de viver em harmonia

Aproximamo-nos do final dos cânticos de romagem. O primeiro (Sl 120) fala de guerras, hostilidade e daqueles que “odeiam a paz” (120:6-7). O penúltimo, pelo contrário, fala de paz e harmonia.

O salmo anterior (Sl 132) trata da aliança davídica com o rei, enquanto este fala de Israel como um todo. A peregrinação pode estar chegando ao fim, mas a imagem de tantas pessoas de todas as tribos de Israel reunidas em Jerusalém (122:4) causa forte impressão. Este salmo celebra, portanto, as alegrias da união. É provável que a união fosse

particularmente preciosa para Davi, o autor deste salmo, pois ele conhecia por experiência própria as agruras da desunião familiar (2Sm 13) e nacional (2Sm 15—18,20).

A união é descrita pelos adjetivos paralelos *bom e agradável* (133:1), que também descrevem o óleo usado para ungir os sacerdotes, uma mistura perfumada de azeite puro de oliva e especiarias como a mirra, o cinamomo, o cálamô e a cássia (Êx 30:23-25). Ao ser derramado sobre a cabeça do sacerdote, o óleo aromático escorria pela barba e perfumava suas vestes (133:2). Tanto ele quanto aqueles que estavam ao redor sentiam o perfume. Semelhantemente, a união e a paz causam admiração em outros e promovem comunhão, compreensão, amor e preocupação uns pelos outros.

As bênçãos da paz criam um ambiente propício para outras bênçãos. Davi as compara, portanto, ao *orvalho do Hermom* (133:3a). Parte considerável de Israel é seca e improdutiva, mas o monte Hermom, junto à costa, é regado por orvalho e chuva em abundância, e nele nascem as correntes que mais adiante formam o rio Jordão. Quando há união, o monte Sião no interior árido parece ser abençoado de modo semelhante e se tornará a mesma fonte de bênçãos. O orvalho da união *que desce sobre os montes de Sião* formará um rio que correrá para aqueles que se encontram ao redor e trará refrigério, consolo e encorajamento para que vivam em paz uns com os outros.

O versículo 3 menciona os montes de Sião de forma específica, pois eram o local do templo onde as tribos se reuniam. Constituíam não apenas um local de culto, comunhão, harmonia e união, mas também o local onde Deus derramava suas bênçãos sobre Israel. É ali que a vida flui *para sempre* (133:3b; Dt 30:15-16).

Apesar de este salmo tratar da harmonia entre as tribos de Israel, o mesmo princípio se aplica a nossa família, sociedade e igreja (2Co 13:11; Ef 4:1-6; Fp 2:2-8; Cl 3:14-15). Ao nos esforçar para obter união, devemos lembrar que toda harmonia terrena é apenas um antegoço do amor, da harmonia e união que desfrutaremos na eternidade.

### **Salmo 134: Louvar e receber bênçãos de Deus**

Este é o último cântico de romagem. A série começa (Sl 120) no ambiente estrangeiro de Meseque e Quedar e termina com os peregrinos partindo e despedindo-se dos sacerdotes e levitas que servem no templo.

#### **134:1-2 Bendizeis ao Senhor**

O salmo se inicia com o convite: *Bendizeis ao SENHOR* (134:1a). Bendizer significa falar bem de alguém. Nesse caso, corresponde a louvar ao Senhor e reconhecer seus atributos com gratidão.

Quem deve bendizer ao Senhor são *todos servos* que assistiam *na Casa do SENHOR* (134:1b), ou seja, os sacerdotes e levitas que trabalhavam no templo dia e noite (1Cr 9:25-27,33). Davi havia encarregado alguns deles de

“estar presentes todas as manhãs para renderem graças ao SENHOR e o louvarem; e da mesma sorte, à tarde” (1Cr 23:30). Além das responsabilidades regulares, eles também eram incumbidos de tarefas em noites especiais de louvor durante as grandes festas anuais (Is 30:29). É possível que levantassem as mãos (134:2) enquanto louvavam a Deus e apresentavam as ofertas.

Como cristãos, nosso corpo é o templo de Deus (1Co 6:19; 2Co 6:16) e somos todos servos e sacerdotes (1Pe 2:5,9). Logo, devemos louvar e agradecer a Deus individual e coletivamente a todo tempo (Ef 1:5-6,12,14).

#### **134:3 Que o Senhor te abençoe**

Nos dois primeiros versículos, o salmista convida os adoradores a bendizer ao Senhor. No versículo final, ele inverte a direção da bênção de Deus, que passa a ser proferida pelos sacerdotes e levitas sobre aqueles que saem do templo (134:3; cf. tb. Nm 6:24-26). A bênção será concedida pelo *SENHOR, criador do céu e da terra*, que controla todas as bênçãos de que precisamos.

No AT, os sacerdotes abençoavam os adoradores. Agora, Cristo, nosso Sumo Sacerdote, nos abençoa com misericórdia e perdão (Hb 4:14-16).

### **Salmo 135: Louvor à bondade de Deus**

Enquanto no salmo 134 os levitas do turno da noite são chamados para louvar a Deus (134:1), no salmo 135 a injunção é ampliada a fim de abranger a nação como um todo.

Um aspecto que chama a atenção neste salmo é o fato de ele consistir quase inteiramente em citações de outras partes do AT entretecidas para criar um cântico novo. Fica evidente que o compositor conhecia bem as Escrituras e era capaz de usá-las de modo eficaz. Posteriormente, Cristo indicaria que o mesmo se aplicava a ele (Mt 4:1-11). Nós também precisamos estudar e conhecer as Escrituras (119:11).

#### **135:1-4 Chamado para louvar a Deus**

O salmo começa com um chamado grandioso: *Louvai o nome do SENHOR* (135:1a). Essas palavras são seguidas de outra exortação para louvar, esta extraída de Salmos 134:1. A única diferença significativa entre aquele versículo e 135:1b-2 é que no salmo anterior somente os sacerdotes do turno da noite são chamados a louvar. Agora, a convocação se estende a todos os *servos do SENHOR*, ou seja, todos os sacerdotes e levitas que serviam no templo.

O salmista apresenta dois motivos para louvar a Deus. Primeiro, porque *o SENHOR é bom* (135:3a). Devemos louvá-lo por seu caráter, por quem ele é, e cantar *louvares ao seu nome, porque é agradável* (135:3b). “Agradável” pode referir-se ao caráter de Deus (sua bondade), porém parece mais provável que o próprio louvor seja agradável (cf. 147:1). Não há necessidade de discutir essas interpretações, pois ambas são verdadeiras! O segundo motivo para louvar a Deus é seu amor, o qual ele demonstrou ao escolher *para si a Jacó*

(135:4). O patriarca *Jacó* também havia recebido o nome de “Israel” (Gn 32:28), adotado pela nação constituída de seus descendentes. Quando o salmista cita Deuteronômio 7:6 e diz que Deus escolheu *Israel*, *para sua possessão*, refere-se, portanto, à nação inteira escolhida por Deus.

### 135:5-12 O Deus da criação e da história

Na sequência, o salmista oferece confirmação pessoal daquilo que acabou de dizer: *Com efeito, eu sei que o SENHOR é grande e que o nosso Deus está acima de todos os deuses* (135:5). Cita aqui a declaração de Jetro em Êxodo 18:11. Jetro se admirou do modo pelo qual Deus livrou os israelitas do Egito. O mesmo tema é retomado em 135:8-9, em referência às pragas que Deus enviou sobre o Egito. O salmista, porém, sabe mais sobre a história de Israel do que Jetro, de modo que também menciona outros episódios, inclusive a derrota de *poderosos reis* como *Seom* e *Ogue*, cujos reinos ficavam do lado leste do Jordão (Nm 21:21-35) e de *todos os reinos de Canaã*, do lado oeste do Jordão, conforme o relato de Josué 12:7-24 (135:10-11). O Senhor que escolheu Israel para ser sua “propriedade peculiar” deu a terra dos cananeus como *herança a Israel* (135:12). Salmos 136:10-22 também celebra essas vitórias.

A história mostra como é verdadeira a declaração em 135:6: *Tudo quanto aprouve ao SENHOR, ele o fez*, uma citação de Salmos 115:3. No entanto, Deus age não apenas na história, mas também na natureza. Como Criador, controla os céus, a terra, os mares e as condições meteorológicas (135:6-7). As palavras de 138:7 são citadas em Jeremias 10:13, quando o profeta reafirma que o Senhor é maior do que todos os outros deuses (135:5).

### 135:13-18 O caráter de Deus

O salmista já proclamou a bondade de Deus pelo fato de este adotar Israel (135:4) e por sua generosidade ao lhes dar a terra (135:12). Agora, ressalta que o caráter de Deus (seu nome) *subsiste para sempre*. Ele não muda, e a lembrança de seus atos poderosos será preservada *de geração em geração* (135:13). O próprio Deus proclamou esse fato em Êxodo 3:15.

Não é a fidelidade dos israelitas que garante a lembrança do nome de Deus, mas o fato de que o *SENHOR julga ao seu povo* (135:14a) ou “o SENHOR defenderá o seu povo” (NVI). Caso se entenda o verbo como “defender”, isso significa que Deus provará a outros que as crenças de Israel a respeito dele são verdadeiras. Se, porém, considerarmos que o verbo é “julgar”, como em Deuteronômio 32:36, temos outro sentido. Israel desfrutava grandes privilégios e, portanto, também tem grandes responsabilidades. Consequentemente, Deus os julga por seus pecados. Quando eles se humilham, se arrependem e pedem perdão, porém, o Senhor os perdoa e sara sua terra (2Cr 7:14), pois não é um tirano cruel que se apoderou de uma nação, mas um Senhor que *se compadece dos seus servos* (135:14b).

Todos os outros deuses que as pessoas adoram são incapazes de ter compaixão. Não passam de objetos esculpados de *prata e ouro* (135:15). Embora pareçam seres viventes, com boca, olhos e ouvidos, não são dotados de nenhum dos sentidos associados a esses órgãos (135:16-17a). Nosso Deus possui vida dentro de si e concede vida a outros (Gn 2:7), mas esses ídolos não têm absolutamente nenhum fôlego (135:17b). Ao falar contra os ídolos, o salmista repete as palavras de Salmos 115:4-6,8. Não admira, portanto, o Deus vivo proibir o culto a esses objetos (Êx 20:3-5) e os profetas os condenarem (Is 44:9-20; Hc 2:18-20). Quem confecciona e adora ídolos se torna tão morto e inútil quanto os deuses aos quais presta culto (135:18). O princípio se aplica, quer adoremos um ídolo antigo, quer algum dos ídolos modernos como dinheiro, trabalho, bens ou prazer. Como Jacó (Gn 35:4), devemos livrar-nos de todos esses deuses que não nos podem ajudar e então voltar-nos para o Senhor, aquele que nos ouve quando clamamos, nos vê a todo tempo e está conosco em toda parte. Ele merece toda a nossa adoração.

### 135:19-21 Último chamado para louvar

O salmo termina com uma convocação final para louvar que ecoa a convocação tripla e a bênção em Salmos 115:9-13. O chamado é para a nação toda (*Casa de Israel*), para os sacerdotes (*casa de Arão*) e para os levitas (*casa de Levi*) que serviam no templo. Em última análise, é para todos os que temem ao Senhor, e não aos ídolos (135:19-20). Eles devem louvar a Deus em seu templo no monte Sião, e o cântico de louvor deve espalhar-se sobre a cidade que Deus escolheu: *Aleluia!* (135:21).

### Salmo 136: Louvor sem fim

O salmo 136 é chamado, por vezes, de Grande Hallel (“o Grande Salmo de Louvor”), pois consiste exclusivamente em louvores a Deus por quem ele é e por aquilo que fez. Sem dúvida, foi escrito para ser um hino em que um grupo de vozes canta a primeira parte de cada versículo e a congregação responde vinte e seis vezes: *Porque a sua misericórdia dura para sempre*. Esse mesmo refrão acompanhou os cânticos na dedicação do templo de Salomão (2Cr 7:3,6). Também foi entoado quando o Senhor livrou Josafá (2Cr 20). Devemos esforçar-nos para louvar a Deus de todo o coração e de forma tão completa quanto o salmista faz nesse cântico.

### 136:1-9 Louvor ao nosso Criador

Várias coisas despertam a gratidão dos seres humanos. Agradecemos a nossos pais e a outras pessoas que fazem algo por nós, e ficamos felizes quando outros nos agradecem por termos feito algo por eles. Nunca somos velhos demais para ser gratos. Por que, então, hesitamos tanto em render *graças ao SENHOR* (136:1)? Se demonstramos gratidão a nossos benfeitores, devemos ser gratos, acima de



tudo, àquele que *é bom* e nos concede todas as boas dádivas. Além disso, ele é a fonte suprema de bem, muito mais exaltado que todos os deuses e senhores (136:2-3). Como tal, é o *único que opera grandes maravilhas* (136:4).

Na sequência, o salmista fornece alguns exemplos das “grandes maravilhas” que o Senhor operou. Primeiro, focaliza as maravilhas da criação e as considera na mesma ordem que Gênesis 1:1-19 as descreve. Os céus que Deus criou revelam sua sabedoria (136:5). Pode-se dizer o mesmo da terra, separada dos mares ao seu redor (136:6). Deus também colocou em seu devido lugar *os grandes luminares*, o sol, a lua e as estrelas que até hoje contemplamos com admiração (136:7-9). Desse modo, ele nos deu o dia para o trabalho e a noite para o descanso.

Aquele que opera maravilhas como nenhum outro fez todas essas coisas para que as desfrutássemos e glorificássemos seu nome. Ninguém é capaz de reproduzi-las. A admiração diante da obra de Deus na criação constitui um tema frequente nas Escrituras. É enfatizado várias vezes em Jó (9:4-10; 38:4—41:6) e tratado em Provérbios 3:19; 8:22-31; Isaías 40:12-14 e Jeremias 10:12.

Que contraste com os deuses impotentes feitos por mãos humanas que o salmista descreve em 135:15-17!

### 136:10-22 Louvor ao nosso Libertador

O salmista passa da maravilha do mundo que Deus criou para a maravilha daquilo que ele fez por seu povo, Israel. O ato mais marcante foi a libertação de Israel da escravidão no Egito. A morte dos *primogênitos* do Egito (136:10) foi o ponto culminante de uma série de milagres que Deus realizou a fim de obrigar os opressores de Israel a libertá-los. Não admira o salmista dizer que Deus os livrou *com mão poderosa* (136:11-12). Quando os inimigos tentaram capturá-los novamente, Deus mostrou seu poder sobre as águas que ele mesmo criou, separou-as para que seu povo pudesse passar em segurança e afundou *Faraó* e [...] *seu exército* (136:13-15).

Deus não livrou os israelitas e depois os entregou à própria sorte. *Conduziu o seu povo pelo deserto* (136:16) e lutou ao seu lado como guerreiro (136:17-20; cf. Nm 21:21-35; Js 12:7-24). Por fim, deu a Israel sua terra *em herança* (136:21-22).

Os cristãos podem louvar a Deus não apenas por aquilo que ele fez no tempo do êxodo, mas também por tudo o que ele realizou desde então. Sobre tudo, podemos louvá-lo por nos ter livrado do pecado e nos incluído em sua família, na qual somos herdeiros com Cristo (Rm 8:17).

### 136:23-26 Louvor ao nosso Provedor

Deus se lembrou do povo em seu *abatimento* (136:23), ou seja, sua condição humilde como seres criados e como escravos no Egito. Libertou-os de seus *adversários* (136:24) e lhes mostrou claramente que *a sua misericórdia dura para sempre*. Essa misericórdia pode ser vista em toda a criação,

pois ele *dá alimento a toda carne* (136:25). Assim como proveu alimento para os israelitas no deserto, também sustenta todos os animais, aves, répteis e insetos, ou seja, todo ser que respira.

Depois de lembrar a maravilha e a variedade da criação de Deus e o modo extraordinário de o Senhor se preocupar com ela, o salmista conclui com outro brado de louvor *ao Deus dos céus* cuja misericórdia dura para sempre (136:26).

### Salmo 137: Os cativos se lembram de Sião

Muitos africanos sabem o que significa ter de deixar sua amada terra natal. Em séculos passados, muitos foram capturados e deportados como escravos. Outros foram obrigados a fugir por causa de guerras que devastaram suas terras, destruíram seus lares e desintegraram a economia. Quem passou por experiências desse tipo entende bem as emoções que o salmo 137 expressa.

Durante muitos anos, os profetas advertiram que Israel seria castigado, caso não se arrependesse. Em 587 a.C., conforme Jeremias e outros haviam avisado, os babilônios invadiram Judá, tomaram Jerusalém e destruíram grande parte da cidade, inclusive o templo no monte Sião. Depois de testemunhar a destruição da cidade e do centro de sua fé, o povo foi obrigado a caminhar cerca de 1.500 quilômetros até a Babilônia, onde seus captores o forçaram a se assentar.

A tristeza dos judeus pelas trevas que sobrevieram à sua terra é semelhante à daqueles que viram calamidades sobrevir à sua própria família, congregação ou denominação.

### 137:1-6 Tristeza e recusa

Os babilônios assentaram os judeus deportados junto ao rio Quebar (Ez 1:1). O “rio” provavelmente era um grande canal de irrigação próximo da cidade de Nipur. É bem possível, portanto, que os *rios da Babilônia* (137:1a) fossem uma rede de canais que forneciam água para essa região árida, na qual só era possível cultivar plantações por meio da irrigação. A região também era plana e, portanto, completamente diferente dos montes que cercavam Jerusalém (125:2).

Oprimidos por sua perda, os cativos dizem: *Nós nos assentávamos e chorávamos*. A primeira pessoa do plural indica que eles não choravam sozinhos, mas se reuniam em pequenos grupos para conversar sobre o passado e lamentar o que havia acontecido a *Sião*, o monte do templo (137:1b). O que lhes causou mais tristeza foi a destruição da casa de Deus, o centro da vida nacional. Como cristãos, devemos ter a mesma preocupação com a igreja de Deus e chorar e lamentar quando ela é perseguida ou profanada.

Os deportados não tinham vontade de entoar nem mesmo cânticos tristes. Guardaram seus instrumentos musicais e penduraram suas *harpas* nos galhos de árvores que cresciam junto ao rio (137:2). Não era a hora de cantar nem dançar. Era um momento de tristeza e introspecção.

É uma pena que, hoje em dia, esquecemos que precisamos de momentos como esses. Por vezes, membros da igreja prosseguem com a rotina como se nada estivesse errado, quando na verdade há problemas sérios na congregação local. Ao mesmo tempo que devemos cuidar para não sermos fofoqueiros nem excessivamente exigentes, não podemos ignorar problemas sérios. Antes, precisamos lembrar que somos membros da Igreja de Cristo, a qual ele redimiu com seu sangue precioso, e devemos lamentar a destruição de nossa comunhão.

Seus opressores, porém, não demonstraram nenhum remorso pelo sofrimento que causaram. Desejavam que os cativos os divertissem e pediam insensivelmente: *Entoai-nos alguns dos cânticos de Sião (137:3)*. Não se contentavam, porém, com cânticos de arrependimento e lamentação; queriam que os cativos indefesos entoassem canções *alegres*. Não apenas canções alegres, mas “cânticos de Sião”, ou seja, hinos de louvores que os israelitas haviam entoado no templo cuja destruição lamentavam.

A resposta dos cativos mostra que seu espírito não havia sido inteiramente subjugado, pois eles se recusaram a *entoar o canto do SENHOR em terra estranha (137:4)*. Penduraram as harpas (137:2) e não as tirarão do lugar para agradar os escarnecedores. Também não permitirão que cânticos cujo propósito é adorar a Deus sejam tratados como simples entretenimento.

Até aqui, o salmista usou a primeira pessoa do plural. Agora, emprega a primeira pessoa do singular e permite que cada cantor expresse com veemência sua recusa em cantar: *Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita (137:5)*, ou seja, que minha mão fique paralisada de modo que eu não possa mais tocar a harpa nem o tambor. *Apegue-se-me a língua ao paladar (137:6)*, isto é, que eu fique mudo e não possa mais cantar nem falar. Essas declarações de recusa também podem ser consideradas um juramento de lealdade a Deus e a Jerusalém que sempre seriam a *maior alegria*.

### 137:7-9 Súplica por vingança

Apesar de os babilônios terem levado o povo para o exílio, o primeiro inimigo que o salmista pede para Deus castigar é *Edom*. O fato de essa nação ter incentivado os invasores babilônios a destruir a cidade de Jerusalém (137:7) foi particularmente ofensivo, pois os edomitas eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó. Seus atos foram considerados o equivalente a uma traição entre parentes numa família que se desentendia com frequência, mas que ainda assim deveria ter-se unido contra os estrangeiros. O profeta Obadias também expressou seu espanto com o comportamento dos edomitas (Ob 10-14).

O lindo salmo termina com um terrível pedido de vingança, enquanto o povo sofredor abençoa aqueles que farão os babilônios sentir o que seus cativos sentiram: *Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra (137:8-9)*.

A Babilônia era uma superpotência, mas seu poder não perduraria. Deus a castigaria por sua brutalidade e desumanidade. De fato, a nação foi derrubada por Ciro, rei da Pérsia (Dn 5:30-31).

Como cristãos, podemos identificar-nos com as emoções da primeira metade desse salmo, mas o que fazer com os dois últimos versículos? É certo buscar vingança contra aqueles que nos perseguem e nos ridicularizam? Não. Devemos seguir o exemplo de alguns dos primeiros cristãos da África, que foram perseguidos por renunciar à religião tradicional africana na qual foram criados. Em vez de pedir que Deus destruísse seus inimigos, oraram por eles. Sua atitude corresponde ao que Cristo nos ensina nos evangelhos (Mt 5:44; Lc 23:34).

### Salmo 138: A bondade e grandeza de Deus

O autor deste salmo sofreu ameaças de seus inimigos, mas Deus o protegeu. Agora, ele louva a bondade e grandeza do Senhor.

#### 138:1-3 Louvor pessoal

O salmo começa com as palavras *Render-te-ei graças, SENHOR (138:1a)*. O original hebraico, porém, não traz o termo “SENHOR”. Diz apenas: “Render-te-ei graças”. Na verdade, o nome de Deus não é mencionado nos três primeiros versículos do salmo. O salmista está tão envolvido na meditação e louvor a Deus que só se refere a ele pelos pronomes “teu” e “te”. Essa forma de expressão não deve ser considerada desrespeitosa. Em certas partes da África, ninguém se dirige aos mais velhos pelo nome. Em vários lugares de nosso continente, marido e esposa nunca pronunciavam o nome um do outro em público ou quando o cônjuge está presente. Nesses casos, a omissão do nome próprio é um sinal de respeito. É possível que o salmista demonstre seu respeito pelo nome de Deus ao omiti-lo nesses versículos.

A sinceridade de seu louvor fica evidente na promessa de render graças *de todo o [...] coração (138:1b)*. É esse tipo de louvor que o Senhor deseja ouvir (Dt 6:4-5; 10:12; 11:13); é o verdadeiro louvor, e não apenas ritual vazio.

O salmista também se compromete a cantar louvores a Deus *na presença dos poderosos* (ou “deuses”, NVI), um sinal de sua determinação de não louvar a nenhum deus senão o Deus de Israel (138:1c). Os “poderosos” ou “deuses” em questão podem ser outros deuses ou governantes, pois o termo *elohim* (traduzido normalmente por “Deus”) é usado desse modo algumas vezes nas Escrituras (cf. 82:6-7 e o modo de Jesus usar esse versículo em Jo 10:34).

O salmista tem coragem de proclamar Deus mesmo em seu ambiente hostil, pois o Senhor acudiu e alentou a *força de [sua] alma (138:3)*. Não hesita, portanto, em declarar que Deus é misericordioso e fiel à sua palavra (138:2b).

O autor do salmo antevê o tempo em que louvará ao Senhor e contará à congregação as boas-novas daquilo que

o Senhor fez por ele (138:2a; 40:10). Sua adoração não consistirá apenas em rejeitar outros deuses; também se voltará para o templo do Senhor em Sião e louvará a Deus no lugar que ele separou para seu culto.

Admiramos a ousadia do salmista e observamos atitude semelhante nos cristãos da igreja primitiva que, ao serem perseguidos, pediram coragem para continuar a proclamar a verdade de Deus. Também viram Deus agir quando o invocaram e não tiveram dúvida de que ele os socorreria novamente (At 4:29-30). Podemos ter a mesma certeza de que Deus nos ouvirá quando o invocarmos de todo o coração, com sinceridade e verdade. Jesus prometeu: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será feito” (Jo 15:7). Se cumprirmos essas condições, Deus nos ouvirá.

#### 138:4-5 Louvor dos reis

Poucos líderes mundiais conhecem nosso Deus, aquele que possui todo poder e autoridade. Normalmente, não se preocupam em ouvir *as palavras da [...] boca* do Senhor (138:4). Preferem governar como se eles próprios fossem deuses, em vez de adorar humildemente aquele que está acima dos céus. O salmista pede que essa situação se inverta sem demora e que *os reis da terra* ouçam Deus falar com autoridade. Quando o fizerem, começarão a cantar *os caminhos do SENHOR* (138:5), em vez de seguirem seus próprios caminhos. A Bíblia nos garante que virá um dia em que governantes, deuses e reis se curvarão diante de Deus em louvor e adoração (Rm 14:11).

#### 138:6-8 Confiança em Deus

Pessoas importantes, ricas e poderosas costumam desprezar os outros, especialmente os pobres. Devem comparar sua atitude com a do Todo-Poderoso, aquele que é tão rico que possui o universo. Deus não despreza *os humildes*, mas se afasta dos *soberbos* (138:6). Preocupa-se com as necessidades dos humildes e demonstra cuidado e interesse por aqueles que confiam nele (138:7).

As demonstrações da proteção de Deus testemunhadas pelo salmista lhe dão segurança. Ele sabe que Deus é o oleiro e nós somos o barro que ele molda segundo seus propósitos bondosos. Ora humildemente, portanto, para que Deus não desampare *as obras das [suas] mãos* (138:8; Jr 18:1-10). Uma vez que a misericórdia de Deus *dura para sempre*, não há nenhuma possibilidade de ele abandonar seu servo fiel.

#### Salmo 139: Meu Deus maravilhoso

Algumas pessoas são ateístas e negam a existência de Deus. A Bíblia considera tais indivíduos insensatos (14:1). Outros perguntam: “Como sabe Deus? Acaso, há conhecimento no Altíssimo?” (73:11). Imaginam que podem agir como bem entenderem, pois Deus está alheio aos acontecimentos. O Senhor, porém, conhece os segredos do coração

(44:21). Este salmo expressa claramente a profundidade de seu conhecimento.

#### 139:1-6 O conhecimento pleno de Deus

O Ser supremo da religião tradicional africana é considerado grande e poderoso, porém distante do mundo que criou. Retirou-se dele e não tem mais nenhum contato com os seres humanos. De acordo com uma tradição do povo akan (de Gana), ele deixou o mundo porque uma mulher que amassava inhame acertava repetidamente sua face com um pilão. O povo ibo da Nigéria tem uma tradição diferente. Diz que as mulheres costumavam tirar pequenos pedaços do céu para adoçar as sopas que preparavam. Quando Deus percebeu que, mais cedo ou mais tarde, elas acabariam com o céu, moveu-o para um lugar mais alto, fora do alcance dos humanos.

A Bíblia, pelo contrário, mostra um Deus Criador que se compadece de seu povo e não se afasta dele, mesmo quando este lhe causa dor. Tem um envolvimento íntimo e conhece todos os detalhes de sua vida. O escritor desse salmo pode, portanto, expressar-se em termos bastante pessoais: *Tu me sondas e me conheces* (139:1). Os pronomes da primeira pessoa do singular aparecem com frequência ao longo de todo o salmo.

Deus nos conhece de modo tão íntimo que sabe de todas as nossas ações (*quando me assento e quando me levanto*) e *pensamentos* (139:2). Sabe onde estivemos e onde dormimos (139:3). Mais que isso, sabe o que vamos dizer antes de abrimos a boca (139:4).

A ideia de que alguém possui um conhecimento tão detalhado a nosso respeito pode fazer-nos sentir presos ou cercados (139:5). Não gostamos quando alguém deseja saber todos os detalhes da nossa vida e pede que prestemos conta de cada minuto do nosso dia. Mas Deus já está a par de tudo isso. Não surpreende, portanto, a exclamação do salmista: *Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim* (139:6)!

#### 139:7-12 A presença ilimitada de Deus

O conhecimento de Deus é tão abrangente e ilimitado que o salmista se sente ameaçado, como um homem que fez um inimigo político poderoso ou cometeu um crime e sabe que a polícia quer prendê-lo. Agitado, ele pergunta: *Para onde fugirei [...]?* (139:7). Aquele de quem deseja fugir, porém, é não apenas onisciente e, portanto, sabe para onde ele irá, mas também onipresente, ou seja, estará onde quer que ele vá. Na verdade, a onipresença é uma decorrência lógica da onisciência de Deus. É necessário que ele esteja em toda parte a fim de saber todas as coisas.

Como Adão, Eva e Caim em Gênesis 3 e 4, o salmista reconhece que não pode escapar de Deus. Pensa em fugir para os esconderijos mais impossíveis: poderia subir aos céus; descer ao mais profundo abismo; ir para o leste em direção à aurora; ou para o oeste, atravessando o grande

mar com o qual Israel fazia fronteira; sabe, contudo, que nem assim escaparia da presença de Deus (139:8-10). Não adianta tentar esgueirar-se pelas trevas ou ocultar-se na mais escura das cavernas, pois para Deus não há escuridão (139:11-12). Distância e trevas não fazem diferença para o Senhor. Sua visão e conhecimento são muito mais poderosos que qualquer tecnologia moderna usada para rastrear pessoas.

Tendo em vista a extensão do conhecimento divino, é espantoso haver quem ainda tente ocultar-se do Senhor hoje; e não são apenas os incrédulos. Alguns cristãos tentam esconder-se de Deus ao decidir por conta própria como e onde o servirão. Jonas tentou fazer isso, mas Deus sabia de tudo e estava com ele até mesmo dentro do ventre do grande peixe (Jn 1:3; 2:1-2).

Quando nos enchemos de temor e nos sentimos tentados a fugir de Deus, precisamos parar e lembrar que ele não é um tirano que usa seu conhecimento para nos fazer mal. Antes, ele nos acompanha a fim de nos guiar e proteger. É como uma mãe atenta, pronta para segurar o filho se ele correr para a rua sem nenhum cuidado.

### 139:13-18 O amor criador de Deus

O conhecimento de Deus a nosso respeito é tão completo que começa antes de nosso nascimento. Deus cuidou de cada um de nós enquanto crescíamos no ventre de nossa mãe (139:13,15). Ele nos formou e protegeu ali enquanto esperávamos pelo dia de entrar neste mundo.

Todo ser humano é formado de *modo assombrosamente maravilhoso* (139:14). Aqui, o termo “assombroso” não se refere a terror, mas a admiração diante da complexidade de nosso corpo. Hoje em dia, os cientistas criam bebês de proveta e clonam embriões na tentativa de reproduzir aquilo que Deus faz. Apesar de toda a sua habilidade, porém, não são capazes de criar vida. Esse poder pertence exclusivamente ao Senhor.

Deus criou não apenas o nosso corpo, mas toda a nossa vida. Conhecia *todos os meus dias* [...] *quando nem um deles havia ainda* (139:16). Nada o pega de surpresa.

Certo de que Deus o ama ainda mais do que sua mãe, que lhe deu à luz, o salmista deixa de temer a onisciência divina e se admira do cuidado do Senhor por ele: *Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos!* (139:17). Tentar contar tudo o que Deus fez por nós e sabe a nosso respeito é tão impossível quanto contar os *grãos de areia* (139:18a). Ao contar, o salmista *jamais chegaria ao fim* (RA), o que a NVI traduz por “Se terminasse de contá-los, eu ainda estaria contigo”, e a RC apresenta como “quando acordo, ainda estou contigo” (139:18b). O significado exato dessas traduções não é claro. Parecem referir-se a algo mais que apenas acordar de um sono normal. Assim, esse versículo é por vezes tomado como prova de que mesmo os crentes do AT tinham alguma esperança de vida após a morte. O salmista está

seguro de que, após esta vida, ele ainda estará com Deus (cf. tb. Jó 19:25-26).

### 139:19-24 O julgamento de Deus

Até aqui, o salmista se regozija com a maravilha do que Deus fez. Agora, percebe repentinamente que o fato de Deus conhecer todas as coisas e pessoas significa que ele também sabe tudo acerca dos perversos. Conhece pelo nome aqueles que perseguem a igreja, matam os cristãos e queimam os templos e está a par de seus planos. O salmista não consegue se conter: *Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso*. Suas palavras expressam a frustração de ver que os perversos continuam a agir. O salmista deseja manter-se afastado dos *homens de sangue* (139:19; Rm 1:29-31; 3:15-18), indivíduos que não dão nenhum valor à grandeza de Deus; antes, falam mal do Senhor (139:20). O salmista se mostra fiel aos votos feitos nos salmo 101. Os inimigos de Deus são seus inimigos (139:21-22b).

Talvez nos espantemos com a franqueza do salmista em sua declaração: *Aborreço-os com ódio consumado* (139:22a). Será que é certo odiar as pessoas? Ao responder a essa pergunta, precisamos lembrar duas coisas. Primeiro, a raiz do ódio do salmista não é egoísta. Ele não está irado porque essas pessoas o prejudicam, mas porque prejudicam os outros e afrontam o nome e a glória de Deus. Em outro salmo, o salmista orou para que os “reis da terra” rendessem graças ao Senhor (138:4). Ele anseia pelo dia em que todos se curvarão diante de Deus em louvor e adoração (Fp 2:10).

Segundo, precisamos lembrar que esse salmo foi escrito no tempo do AT, e o salmista ainda não entendia que o Senhor ama até mesmo seus inimigos. Esse amor só foi revelado plenamente em Jesus Cristo. Jesus nos ensinou que, em vez de odiar nossos inimigos, devemos amá-los, orar por eles e oferecer-lhes alimento (Lc 6:27-28).

O salmista não se imagina inocente enquanto condena outros. Quando Isaías viu a glória de Deus, reconheceu claramente sua própria pecaminosidade: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Is 6:5). Semelhantemente, o salmista viu a glória de Deus e se deu conta de que Deus sabe tudo a seu respeito. Também reconhece a possibilidade de ofender a Deus de forma não intencional (139:24a). Enquanto anteriormente pensou em fugir do escrutínio divino, agora se volta para o Senhor e pede: *Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me* (139:23). A honestidade do salmista deve servir de exemplo para nós. Muitas vezes, relutamos em permitir que Deus sonde nosso coração, mas não hesitamos em julgar o coração dos outros.

Anteriormente nesse salmo, o salmista disse que Deus conhece suas idas e vindas (139:2-3) e o guia, independentemente de seu próprio desejo (139:10). A princípio, a ideia

o assusta. Ao compreender que Deus é seu Pai amoroso, porém, o salmista recebe de bom grado a orientação divina e se abre para ela: *Guia-me pelo caminho eterno (139:24b)*. Como o salmista, devemos pedir que Deus nos conduza em seus caminhos de glória.

### **Salmo 140: O libertador dos oprimidos**

O salmo 140 é uma sequência apropriada para 139:19, com sua oração: “Tomara, ó Deus, desses cabo dos perversos”. Aqui, somos lembrados do motivo pelo qual o salmista estava tão atento aos “homens de sangue” a ponto de eles figurarem em seu salmo de louvor. Neste salmo, ele condena seus inimigos e apela para o Deus que sabe todas as coisas a respeito deles e do salmista. É possível que Davi o tenha escrito quando Saul o perseguia. Muitos leitores de hoje, porém, podem identificar-se com suas palavras, uma vez que os cristãos são alvo de perseguição em diversas partes do mundo.

#### **140:1-5 Meus perseguidores**

O salmista fala francamente sobre seu adversário. Descreve-o como *homem perverso* e não procura nenhuma explicação ou justificativa para suas ações. Em três ocasiões nesse salmo, chama-o de *homem violento (140:1,4b; 11)*. Em várias partes da África, conhecemos pessoas assim e entendemos por que é necessário pedir a Deus que nos proteja delas.

O homem perverso está sempre tramando *iniquidades e vive forjando contendas (140:2)*. Não tem interesse em negociações pacíficas, pois se beneficia da instabilidade e das guerras. Seu discurso espalha ódio e incentiva a violência, daí ele ser tão perigoso quanto uma cobra venenosa e ter *sob os lábios [...] veneno de áspide (140:3; cf. tb. Ef 4:29; 5:4; Tg 3:1-12)*.

A essa altura do salmo, encontramos o termo *Selá*, usado pela última vez no salmo 89 e omitido na RA. Trata-se provavelmente de uma instrução para o leitor ou cantor fazer uma pausa a fim de que a congregação possa refletir sobre o que foi dito. Quem é o “homem violento” de nossa comunidade? Se temos a felicidade de viver em paz, há outras pessoas pelas quais devemos orar, como aquelas que estão sofrendo em Darfur ou em outras regiões e cidades assoladas pela violência.

Depois da pausa, Davi volta à descrição dos *ímpios* e do homem violento (140:4a). Agora, porém, acrescenta uma nova característica: esses indivíduos também são *soberbos (140:5)*. Orgulham-se de sua violência e astúcia e imaginam que suas “iniquidades” (140:2) lhes trarão vantagens sobre todo mundo. Não caçam a presa abertamente. Antes, usam cordas, redes e ciladas para pegar suas vítimas.

O original traz outro *Selá* no final do versículo 5, convidando a uma pausa para refletir sobre essa situação menos visível, porém tão perigosa quanto a violência direta. Saul

preparou várias armadilhas para Davi, mas Deus o guardou de todas elas (1Sm 18:12-25). Nosso caminho também é cheio de laços, alguns preparados por inimigos humanos que desejam desabonar nosso testemunho cristão, e outros preparados pelo inimigo supremo, Satanás, com o mesmo objetivo. Não é de admirar que Jesus nos tenha ensinado a orar: “Não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mt 6:13).

#### **140:6-11 Minha oração**

O poder, as táticas e planos desse “homem violento” são assustadores, pois podem facilmente ser bem-sucedidos. A primeira linha de defesa do salmista contra eles, porém, não é acumular mais poder. Ao contrário de muitos líderes modernos, ele não confia em mais armas, mais tecnologia de segurança, mais seguidores, mais conhecimento ou mais dinheiro. Sabe que nenhum desses recursos oferece segurança total. Podem mudar temporariamente o equilíbrio do poder, mas o salmista não deseja viver em conflito para sempre. Volta-se, portanto, para Deus, o único que possui poder absoluto e ilimitado: *Tu és o meu Deus; acode, SENHOR, à voz das minhas súplicas (140:6)*. Sabe que Deus é a força da [sua] salvação e o protetor supremo quando estamos em perigo (140:7; cf. Ef 6:10-17).

O salmista não ora desse modo apenas porque teme perder a própria vida. Preocupa-se ainda que, se Deus conceder *ao ímpio os seus desejos*, ele se tornará arrogante (140:8). Seus adversários já são soberbos (140:5) e se tornarão ainda mais presunçosos e pretensiosos.

No final do versículo 8, outro *Selá* no original nos convida a fazer mais uma pausa e refletir sobre nossa necessidade de depender de Deus.

Na segunda metade de sua oração, o salmista profere imprecações com as quais os cristãos, chamados a amar e orar por seus inimigos, podem ter dificuldade de se identificar. É importante lembrar que, em síntese, ele pede para que os perversos caiam em suas próprias armadilhas. Usaram a língua para criar confusão (140:3); podem acabar descobrindo que, na verdade, causaram problemas para si mesmos (140:9). Prepararam covas e armadilhas para os outros (140:5); que *sejam lançados em abismos (140:10b)*. Procuraram causar tragédias aos outros (140:2,5); que eles próprios sofram calamidades (140:11). Como diz o povo hausa da Nigéria: *In za ka haka ramin mugunta, haka ta gajere* (“Se você planeja fazer o mal contra alguém, reduza seu plano, pois no final talvez você mesmo acabe sofrendo”).

O salmista também pede a destruição de seus inimigos. Os “abismos” em 140:10 podem referir-se não apenas às covas profundas preparadas por caçadores, mas também à sepultura ignóbil dos perversos. O salmista deseja que Deus lance *sobre eles brasas vivas (140:10a)*. Essa imagem é usada com frequência para o julgamento

divino sobre o mal, como vemos na destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19:24-25) e dos israelitas desobedientes no deserto (Nm 11:1; 26:10). Davi pede que Deus julgue todos os perversos.

### 140:12-13 Minha confiança

Nos dois últimos versículos, o salmista reafirma sua fé e confiança no Senhor. Seus opressores não triunfarão. O Senhor providenciará para que a justiça prevaleça e não abandonará o *necessitado* (140:12). Assim, os justos renderão graças ao teu nome; os retos habitarão na tua presença (140:13). O Senhor tomará conta de tudo, e daremos graças a ele.

### Salmo 141: Oração urgente por socorro

Como os três salmos anteriores, o salmo 141 combina louvores a Deus com súplicas por proteção contra o mal. O salmista tem duas grandes necessidades: vitória sobre as tentações que o cercam e livramento das armadilhas que os ímpios prepararam para ele. Uma vez que temos essas mesmas necessidades, Jesus nos instruiu a orar: “Não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mt 6:13).

### 141:1-2 A natureza da oração

Nos últimos versículos do salmo anterior (140:12-13), o salmista expressou sua confiança na vitória de Deus sobre os iníquos. Em 141:1, clama ao Senhor: *Dá-te pressa*. Não deseja, porém, que sua oração seja apenas uma súplica desesperada. Quer expressar também sua adoração. Compara-a, portanto, ao *incenso*, a substância de aroma adocicado que era queimada no templo como símbolo de adoração a Deus (Êx 30:7-8). No NT, o incenso simboliza “as orações dos santos” (Ap 5:8). Usando uma metáfora correlativa, o salmista diz: *Seja o erguer de minhas mãos como oferenda vespertina* (141:2; Êx 29:38-43). Tanto o incenso quanto o sacrifício vespertino eram oferecidos diariamente. Nossa adoração e comunhão com Deus devem ter a mesma regularidade (Hb 13:15).

### 141:3-5a Protege minha boca e meu coração

O salmista pediu que Deus ouvisse sua voz (141:1). Sabe, contudo, que não usa sua voz apenas para se dirigir a Deus, mas também para fins que não honram ao Senhor. Tiago trata do mesmo problema ao falar sobre a língua: “Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim” (Tg 3:9-10).

Como nós, muitas vezes o salmista não planeja fazer o mal. Há ocasiões em que fala sem pensar. Só depois que as palavras saíram de sua boca, ele percebe que são falsas ou ofensivas. Ciente de como é difícil controlar a língua (Tg 3:8), pede: *Põe guarda, SENHOR, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios* (141:3). Devemos seguir seu exem-

plo e orar para que, a cada dia, todas as nossas palavras sejam motivo de alegria, e não de desonra, para Deus (cf. tb. Sl 34:13; Pv 13:3; 21:23; Mt 12:34-37). A boca pode ser difícil de controlar, mas não fala de forma independente de nosso ser interior. Como Jesus nos lembra: “O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração” (Lc 6:45-46). O salmista ora, portanto, a respeito do seu *coração*, ou seja, de sua mente e vontade (141:4). Não deseja ser atraído pelo *mal*. Sabe que essa atração o afastará de amigos piedosos e o levará a andar *na companhia de homens que são malfeteiros*. Ele não quer ser levado a compartilhar de seus prazeres e presença, de modo que pede forças para não comer *das suas iguarias*. Um ditado hausa da Nigéria expressa a mesma verdade: *Wanda ya ci kayan kuturu, shi zai yi masa aski* (“Aquele que comer ou aceitar o presente de um leproso será aquele que raspará sua cabeça”). Uma vez que desenvolvemos amizade íntima com outras pessoas, sua influência sobre nós é inevitável.

Diante da escolha entre iguarias e golpes, normalmente preferiríamos as primeiras. O salmista reconhece, porém, que as iguarias são oferecidas pelos perversos (141:4) e que os golpes vêm do *justo* (141:5a). Sabe qual grupo de pessoas se preocupa verdadeiramente com seu bem-estar no longo prazo. O justo o disciplina como uma mãe ou um pai amoroso disciplina um filho (Hb 12:4-6). Pode, portanto, aceitar o golpe do justo como uma *mercê* e comparar sua repreensão à honra de ser ungido com óleo.

O salmista demonstra humildade ao reconhecer sua tendência de pecar ou ser atraído para o pecado e sua disposição em aceitar a disciplina. Devemos ter a mesma humildade em nossos relacionamentos dentro da igreja.

### 141:5b-10 Oração contra os malfeteiros

Até aqui, o salmista orou para Deus preservá-lo de pecar com a boca, os pensamentos e os desejos. Agora, muda o foco e diz: *Continuarei a orar enquanto os perversos praticam maldade* (141:5b). Ressalta o fato de que o julgamento inevitável sobrevirá aos ímpios. A declaração *Os seus juízes serão precipitados penha abaixo* não precisa ser entendida de forma literal. Significa que eles serão removidos de seus cargos elevados onde se sentiam seguros. Seus seguidores reconhecerão que as palavras daquele que se recusou a acompanhá-los eram *agradáveis* (ou “verdadeiras”, cf. NVI, nota) (141:6). A mudança da sorte de Saul mostra a veracidade dessa asserção. Foi rei de Israel e considerou Davi seu arqui-inimigo, mas depois de sua morte a nação buscou a liderança de Davi, filho de Jessé (2Sm 5:1-3).

O significado da referência aos ossos espalhados em 141:7 não é claro. Talvez indique o que acontecerá aos ímpios. Deixar um corpo insepulto era considerado uma desgraça terrível e, portanto, seria um castigo apropriado

para a perversidade. Para alguns comentaristas, porém, esse versículo indica que os justos sofreram nas mãos dos ímpios, como os sacerdotes de Nobe, nas mãos de Saul (1Sm 22:6-19). Associam essa referência aos ossos com o versículo seguinte, no qual o salmista pede a proteção de Deus e diz: *Não desampares a minha alma (141:8)*. É possível que ele esteja à beira da morte e seus inimigos talvez até acreditem tê-lo matado, mas Deus ainda pode trazê-lo de volta à vida, pois é capaz de vivificar até ossos secos (Ez 37:1-14).

Não obstante qual interpretação de 141:7 consideremos correta, a mensagem geral do salmista é clara. Ele pediu para não ser tentado a acompanhar os perversos (141:4) e agora pede que não o apanhem em suas armadilhas (141:9). Usa a imagem de caçadores que escondem laços e armadilhas com cuidado para pegar um animal. O salmista suplica, portanto, para que Deus o ajude a permanecer *incólume (141:10b)*. Hoje em dia, ao pedir proteção, podemos usar a imagem de minas terrestres em vez de armadilhas ao longo do caminho.

O salmista ora ainda para que os perversos que estão tentando pegá-lo *caiam [...] nas suas próprias redes (141:10a)*. Foi o que aconteceu com Saul, que teve inveja de Davi, o comandante mais competente de seu exército, e preparou armadilhas, obrigando-o a fugir. Como resultado, porém, quando os filisteus se reagruparam e atacaram, teve de enfrentá-los sem a ajuda de Davi. Saul temeu ser derrubado por Davi, mas no final foi derrubado justamente pelos inimigos que Davi poderia tê-lo ajudado a derrotar.

### **Salmo 142: Desesperadamente necessitado de socorro**

De acordo com o título deste salmo, Davi o compôs *quando estava na caverna*. O salmo 57 foi escrito em circunstâncias semelhantes. É possível que o local seja a caverna de Adulão (1Sm 22:1) ou os “lugares seguros de En-Gedi” (1Sm 23:29). Davi se refugiou nessa região quando Saul o estava perseguindo. Temos aqui uma súplica desesperada de alguém que se encontra em grande perigo e precisa de ajuda urgente. Muitas pessoas conhecem bem esse tipo de situação.

O salmo é escrito na primeira pessoa do singular, e o uso constante de pronomes como *minha*, *mim* e *me* deixa claro que se trata de uma súplica extremamente pessoal do salmista.

#### **142:1-4 Clamor por socorro**

A urgência da oração do salmista e sua necessidade de se comunicar com Deus são enfatizadas pelo uso repetido de verbos correlatos nos primeiros versículos: *Ergo a mina voz [...] clamo [...] suplico [...] derramo perante ele a minha queixa [...] exponho minha tribulação (142:1-2)*. Na escuridão e solidão da caverna, Davi não precisa orar silenciosamente.

Pode relatar em alta voz e com franqueza todos os seus problemas a Deus.

Está desesperado porque seus inimigos *ocultam armadilha (142:3)* exatamente no caminho em que ele anda, um lugar que normalmente seria seguro. É como se alguém colocasse uma mina terrestre num caminho que ele percorre com frequência. Apesar de saber que o Senhor conhece a sua *vereda*, não é de admirar que Davi diga: *Dentro de mim me esmorece o espírito*.

O salmista está sozinho. Não há ninguém à sua *direita (142:4)*, a posição ocupada normalmente por um amigo e conselheiro de confiança, o tipo de pessoa que chamamos de “meu braço direito”. O salmista, porém, não tem para onde ir, e ninguém se importa com o que lhe acontece. Sente-se esmagado por suas tribulações.

#### **142:5-7 A ajuda solicitada**

Em 142:4, o salmista disse que não tinha onde se refugiar. Agora, porém, percebe que a situação não é exatamente essa. Clama ao Senhor: *Tu és o meu refúgio (142:5)*. Ao usar o verbo “clamar” pela segunda vez nesse salmo (cf. 142:1), apela para aquele que é seu *quinhão na terra dos viventes*, tudo o que ele possui. Suplica: *Atende o meu clamor, pois me vejo muito fraco (142:6)*. Pede especificamente para que o Senhor o livre dos seus *perseguidores*. No caso de Davi, os perseguidores são Saul e seu exército (1Sm 24:2).

Para Davi, a caverna devia parecer uma prisão. Era um espaço escuro e confinado, e ele estava longe de seus amigos e sua vida normal. Ele roga, portanto, ao Senhor: *Tira a minha alma do cárcere (142:7a)*. Não deseja que toda a sua comunicação com Deus tenha o tom de queixa; prefere muito mais louvar o nome de Deus.

Quando for libertado, não estará mais sozinho, daí dizer: *Os justos me rodearão (142:7b)*. Juntos, eles celebrarão a bondade de Deus.

Como o salmista, também podemos ver-nos em situações nas quais tudo parece ter dado errado. Estamos presos, sozinhos e só conseguimos enxergar problemas pela frente. O Senhor permite que passemos por circunstâncias desse tipo para que possamos crescer em nosso relacionamento com ele. Quando estivermos em dificuldades, devemos considerar as palavras desse salmo como estímulo para contar a Deus todos os nossos problemas, lembrar que ele conhece nossas circunstâncias e confiar que ele nos livrará.

### **Salmo 143: Perdoa, protege e guia**

Diz-se que o salmo 143 é o último dos sete salmos penitenciais (Sl 6; 32; 38; 51; 102; 130; 143). Não fica muito claro por que faz parte desse grupo, pois não contém uma confissão pessoal de pecado. Antes, é outra súplica para que o Senhor livre seu servo de dificuldades e inimigos. O salmista pede perdão, proteção e direção.



### 143:1-2 Pedido de perdão

Seu primeiro pedido a Deus é: *Atende e dá ouvidos (143:1a)*. As duas expressões são praticamente sinônimas. O salmista deseja que Deus não apenas ouça sua oração, mas também a considere com seriedade e faça algo a respeito.

Faz suas *súplicas* com confiança, pois sabe que Deus é fiel (143:1b). A fidelidade do Senhor é celebrada nos salmos por meio do refrão: “A sua misericórdia dura para sempre” (p. ex., em Sl 136). O salmista pode confiar em Deus porque ele é fiel e misericordioso.

Deus também é justo. Sua justiça significa que ele defende os oprimidos e julga o pecado. O salmista sabe que é pecador, como todo mundo, de modo que ora: *Não entres em juízo com o teu servo (143:2)*. Às vezes, passamos por dificuldades devido ao castigo de Deus. O salmista sabe que cometeu pecados e que Deus poderia legitimamente remover sua presença e deixá-lo indefeso diante de seus inimigos. Por isso, confessa seus erros e pede misericórdia.

Estamos na mesma situação que o salmista. Nenhum de nós pode dizer que não tem pecado. Nossa única esperança é a graça e o perdão de Deus. É maravilhoso ler no NT, porém, que, se nos voltarmos para Deus e “confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados” (1Jo 1:9).

### 143:3-7 Pedido de proteção

Alguns de nós podemos identificar-nos com o salmista quando ele diz que seus inimigos o estão esmagando e a vida parece ter chegado ao fim (143:3). As palavras *Dentro de mim esmorece o meu espírito, e o coração se vê turbado* revelam seu completo desânimo (143:4).

Quando nos sentimos aflitos, muitas vezes pensamos em como eram boas as coisas do passado. O salmista faz o mesmo. Seus pensamentos sobre os *dias de outrora*, porém, também o lembram daquilo que Deus fez no passado (143:5). Deus não agiu apenas na vida do salmista, mas na vida de Israel como nação. Resgatou seu povo do Egito, guiou-o em segurança pelo deserto e levou-o à terra prometida. É possível que a lembrança daqueles dias no deserto leve o salmista a dizer: *Minha alma anseia por ti, como terra sedenta (143:6)*. Num gesto de impotência, ele estende suas mãos vazias em direção às mãos poderosas de seu grande Deus.

Sabe que seu tempo está esgotando. Se Deus continuar a ocultar sua face e não agir em seu favor, ele será *como os que baixam à cova (143:7)*, ou seja, como os que estão mortos e sepultados. Não admira ele suplicar que o Senhor se apresse.

### 143:8-12 Pedido de direção

As coisas podem estar escuras como a noite ao redor do salmista, mas ele ora para que chegue a manhã e, com ela, a lembrança da *graça* de Deus (143:8). Semelhantemente,

no que se refere a seus inimigos, ele sabe que Deus é o refúgio mais seguro (143:9).

A prova maior da confiança do salmista e da nossa confiança em Deus é o pedido: *Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus (143:10a)*. Quando fazemos a oração do Pai-nosso, pedimos a mesma coisa: “Faça-se a tua vontade” (Mt 6:10). Declaramos nosso desejo de que não apenas Deus nos ouça (143:1), mas que estejamos prontos a ouvi-lo e obedecê-lo. Quando somos conduzidos pelo Espírito de Deus, andamos com facilidade *por terreno plano (143:10b)*. Não caímos em armadilhas preparadas por nossos inimigos nem tropeçamos devido à nossa própria pecaminosidade.

No começo da oração do Pai-nosso, pedimos que o nome de Deus seja santificado (Mt 6:9). O salmista termina sua oração com o mesmo pedido: *Vivifica-me, SENHOR, por amor do teu nome (143:11)*. Ao fazê-lo, Deus demonstrará sua fidelidade e *misericórdia (143:12)*. Revelará também sua justiça ao livrar aquele que nele confia e o serve, e ao calar seus inimigos.

Como cristãos, não devemos orar para que nossos inimigos sejam destruídos, mas para que se voltem para Deus com arrependimento e sejam salvos. Devemos cuidar ainda de não pressupor que somos os únicos servos verdadeiros de Deus. O salmista fala como se pensasse desse modo, mas devemos lembrar suas palavras em 143:2: “À tua vista não há justo nenhum vivente”. Se mantivermos isso em mente, poderemos escapar da armadilha do farisaísmo.

## Salmo 144: Preservação e paz

Parte do conteúdo é emprestado de outros salmos que o autor adaptou para usar neste cântico novo. O cântico louva a Deus por preservar um soldado e conceder prosperidade à nação. Também podemos cantar ao Senhor ao refletir sobre sua bondade ao nos preservar e suprir todas as nossas necessidades.

### 144:1-10 Louvor pela vitória

De acordo com o título, o autor desse salmo é Davi, que aqui fala como guerreiro, e não como pastor ou fugitivo. Talvez nos espantemos com as palavras: *Bendito seja o SENHOR, rocha minha, que me adestra as mãos para a batalha e os dedos, para a guerra (144:1; cf. tb. 18:34)*. Não são coisas pelas quais costumamos louvar a Deus. Precisamos lembrar, porém, que esse salmo foi escrito numa época em que Israel estava sob a ameaça de vários inimigos. Foi preciso travar diversas batalhas para preservar a nação. Aqui, um indivíduo agradece a Deus por lhe dar forças para lutar e sobreviver.

Nem todos somos convocados para lutar em batalhas físicas. Na verdade, somos chamados a ser pacificadores e procurar viver em paz com todos (Mt 5:9; Rm 12:1-18). Ainda assim, todos nós enfrentamos batalhas espirituais (2Co 10:4-5). Precisamos que Deus nos treine e nos for-

taleça para que possamos fazer bom uso das armas e da armadura espiritual que ele nos fornece (Ef 6:10-18).

Deus não apenas dá mãos e dedos fortes para o guerreiro empunhar a espada ou atirar flechas, como também provê um lugar seguro onde ele pode lutar e no qual pode abrigar-se. O autor apresenta, portanto, uma série de metáforas para descrever o Senhor: *rocha minha* [...], *fortaleza minha, meu alto refúgio e meu libertador, meu escudo* (144:2). Davi emprega as mesmas metáforas em Salmos 18:2, que escreveu logo depois de Deus o livrar de Saul e seus inimigos. Muitas vezes, os governantes confiam em seus guardacostas e seguranças. A nação confia em exércitos fortes e armas avançadas. Precisamos lembrar, contudo, que Deus oferece a melhor proteção.

Muitas vezes, o rei ou guerreiro poderoso que venceu uma batalha exagera sua própria importância. É um alívio, portanto, ouvir o salmista citar Salmos 8:4 e expressar admiração diante do fato de Deus se interessar pelos seres humanos (144:3). Admite que, apesar de toda a sua força aparente, a vida *é como um sopro* [...] *como a sombra que passa*. Está aqui por apenas um momento e depois desaparece (144:4; cf. tb. 39:5-6; 62:9; 102:11). Apesar de nossa insignificância, Deus cuida de nós (Mt 6:25-32).

Temos aqui um contraste e tanto entre nossa vida, tão frágil quanto um sopro, e a grande visão do Deus que *abaixa* [...] *os seus céus e desce; toca os montes, e fumejarão* (144:5)! O salmista talvez tenha em mente a primeira aparição de Deus a seu povo no monte Sinai (Êx 19; cf. tb. Sl 18:14; 104:32). Que chance os inimigos humanos têm contra esse Deus poderoso que controla as forças da natureza? Sem dúvida, eles serão dispersados (144:6; cf. tb. 18:14).

Esse Deus pode livrar com facilidade de uma tempestade aqueles a quem ama, por mais altas que sejam as águas (144:7; cf. tb. 18:16). O salmista pede, portanto, que o Senhor o socorra e o livre de seus inimigos, que são como enchentes ameaçando levá-lo embora. Os inimigos são traiçoeiros, pois sua *boca profere mentiras*. Mesmo quando levantam a mão direita para fazer um juramento solene, não são dignos de confiança, pois sua *direita é [...] de falsidade* (144:8). O salmista diz que seus adversários são *estranhos* (144:7), mas não devemos usar esse versículo para inferir que todos os estrangeiros são mentirosos e hostis, como alguns pensam, às vezes, quando ondas de xenofobia varrem partes da África.

Alegre porque Deus o livrou no passado e continuará a fazê-lo no futuro, o salmista dá início a um cântico de louvor acompanhado do *saltério de dez cordas* (144:9). Davi era um músico habilidoso que, pelo visto, tocava saltério e harpa, dois instrumentos de cordas (1Sm 16:18). Usa esse dom concedido por Deus para louvar aquele que *dá aos reis a vitória e livra da espada maligna a Davi, seu servo* (144:10).

#### 144:11-15 Perspectiva de paz

O salmista refaz sua súplica para ser salvo dos mesmos inimigos descritos em 144:7b-8 (144:11). Em seguida, reflete sobre como seria viver em tempos de paz. Os jovens que representam o futuro de sua nação teriam a oportunidade de amadurecer. Os rapazes não morreriam nem seriam mutilados nas guerras, mas permaneceriam fortes *como plantas viçosas*. As moças teriam uma postura reta e elegante, *lavradas como colunas de palácio* (144:12). Como os rapazes, não levariam as marcas do sofrimento e privação. Abençoadas com a paz de Deus, as crianças de Israel chegariam à idade adulta e contribuiriam orgulhosamente para o bem-estar, crescimento e desenvolvimento da nação. Uma visão e tanto para as crianças da África, muitas das quais têm a vida abreviada pela pobreza, fome e guerra! Precisamos orar pela paz de Deus, para que a África se encha de jovens saudáveis, instruídos e com bom comportamento. Então, nosso continente será forte como um homem com a aljava cheia de flechas (127:3-5).

Em tempos de paz, a nação também desfruta prosperidade material. A economia não se esgota com os custos de manter um exército grande, e os campos não são destruídos por soldados ou abandonados porque não é mais seguro cultivá-los. Os *celeiros* ficam *atulhados de toda sorte de provisões* (144:13). Os rebanhos se multiplicam *a milhares e a dezenas de milhares* de ovelhas. As ovelhas eram uma das medidas de riqueza no antigo Israel, como é o gado em algumas regiões da África. A frase *Que as nossas vacas andem pejadas* (144:14a) denota a saúde e a prosperidade dos rebanhos de gado. Essa parte do versículo também pode ser traduzida por: “Para que os nossos bois sejam fortes para o trabalho” (RC). Nesse caso, a imagem é de bois que puxam carros repletos de uvas, azeitonas, centeio e outros produtos agrícolas.

Quando houver paz, terminarão os pesadelos de invasores que rompem as defesas da cidade e levam o povo cativo, deixando apenas alguns sobreviventes a lamentar pelas ruas (144:14b). É possível que o texto hebraico se refira ainda à ausência de calamidades nacionais.

Todos nós ansiamos pela visão de paz que o salmista apresenta aqui. Não é de admirar que ele exclame: *Bem-aventurado o povo a quem assim sucede! Sim, bem-aventurado é o povo cujo Deus é o SENHOR* (144:15; cf. tb. 33:12).

Nenhuma nação pode alcançar a prosperidade que esses versículos descrevem se não andar com retidão e justiça diante de Deus. Pelo contrário, o povo sofre em vários países por falta de bons governos. A corrupção é desenfreada, até mesmo entre nossos líderes. Pobres, viúvas, crianças e órfãos são esquecidos. Os estrangeiros sofrem abusos e não recebem seus direitos. Muitos líderes se preocupam apenas consigo mesmos, e não com o povo que governam. Somos lembrados diariamente de que “a justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34).

### Salmo 145: A grandeza de Deus

O salmo 145 é um cântico magnífico de louvor a Deus. Como o salmo 119 e vários outros salmos, é um acróstico no qual cada versículo começa com uma letra do alfabeto hebraico. Um motivo de perplexidade para os estudiosos durante longo tempo foi o fato de o acróstico parecer pular uma das letras do alfabeto. O mistério foi resolvido com a descoberta dos papiros do mar Morto, que inclui uma cópia desse salmo com um versículo começando com a letra ausente. Daí 145:13 ser bem mais longo nas traduções realizadas ou revisadas após a descoberta dos papiros.

#### 145:1-7 A grandeza e a reputação de Deus

No salmo anterior, o salmista louvou a Deus como seu libertador pessoal: “Quem livra da espada maligna a Davi, seu servo” (144:10). Agora ele amplia a abrangência de seu louvor para abarcar a grandeza e o cuidado universal de Deus. Apesar de esse salmo ser pessoal, como fica evidente pelo uso da primeira pessoa do singular em 145:1-2, muitas gerações se juntaram ao salmista para louvar a Deus (145:4a).

A determinação de Davi de louvar a Deus é expressa na conjugação verbal dos dois primeiros versículos, apesar de podermos perguntar como ele pretende louvar a Deus *para todo o sempre*, expressão que ocorre duas vezes nesses dois primeiros versículos. O objetivo não é fazer uma asserção exagerada, mas demonstrar fidelidade ao louvar o Senhor *todos os dias* (145:1-2).

Por que Deus merece ser louvado para sempre? De acordo com o salmista, porque ninguém pode sondar *sua grandeza* (145:3). Uma vez que sua grandeza é infinita, o louvor também não deve ter fim.

Deus demonstrou essa grandeza em suas obras. Cada geração deve passar à geração seguinte a memória desses *poderosos feitos* (145:4b), que incluem a criação, a libertação de Israel do Egito, a proteção de seu povo e a escolha de Jerusalém como lugar para seu templo. Temos ainda mais motivos para louvar a Deus, pois sabemos o que ele fez ao enviar seu Filho para morrer a fim de nos dar a salvação eterna (Jo 3:16; Ef 1:7-8). Essa é a boa notícia que devemos passar de geração em geração.

É interessante observar a interação entre o indivíduo e o grupo em 145:5-7. Muitos falarão *do poder dos feitos* de Deus e *divulgarão a memória* da sua *bondade*. O salmista, por sua vez, meditará nessas coisas e contará a *grandeza* do Senhor e, sem dúvida, estará entre aqueles que *com júbilo celebrarão sua justiça* (145:7). Semelhantemente, quando adoramos e louvamos a Deus e falamos sobre o que ele fez, outros devem ser incentivados a conhecê-lo melhor e a juntar-se a nós para proclamá-lo a quem ainda não o conhece.

#### 145:8-10 A bondade de Deus

A descrição de Deus como *benigno e misericordioso* [...], *tardio em irar-se e de grande clemência* (145:8-9) é semelhante

à descrição que Deus faz de si mesmo em Êxodo 34:6-7 em resposta ao pedido de Moisés para ver a glória de Deus (cf. tb. Nm 14:18; 2Cr 30:9; Ne 9:17,31-32; Sl 86:15; 103:8; Jl 2:13; Jn 4:2). Essas características são a glória de Deus e, na revelação a Moisés, também são chamadas de “nome” de Deus. Devemos louvá-lo por sua bondade e porque ele é misericordioso e fiel; e, como seus filhos, devemos demonstrar as mesmas características. Uma vez que *o SENHOR é bom para todos*, devemos cuidar de outras pessoas sem favoritismo e, tendo em vista que *suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras*, também devemos cuidar dos animais e do ambiente que faz parte da criação de Deus a nós confiada.

Diante do cuidado de Deus por tudo o que ele fez, não é de surpreender que todas as suas obras o louvem. Os *santos*, o povo que Deus escolheu, devem louvá-lo de maneira especial e falar dele a outros (145:10).

#### 145:11-13a O reino de Deus

Aqueles que verdadeiramente louvam a Deus desejam que outros saibam como seu reino é muito maior que qualquer reino humano. O termo “reino” ocorre três vezes nesses três versículos (145:11-13a). É um reino de *glória* e *majestade*, governado por um rei de grande *poder*. Acima de tudo, porém, seu reino é *o de todos os séculos*, ou seja, é eterno. Não se pode dizer o mesmo de nenhum reino terreno. Os impérios egípcio, assírio, babilônico, persa, grego, romano e britânico foram poderosos e gloriosos em suas respectivas épocas. O mesmo se aplica aos impérios mali, songhai e benin, ao reino baganda de Uganda e a muitos outros reinos na África. Todos eles, porém, foram extintos. O reino de Deus permanece. O universo todo é seu império.

#### 145:13b-16 A providência de Deus

Governantes e políticos são conhecidos por quebrarem suas promessas. Deus é diferente. Ele é *fiel em todas as suas palavras e santo em todas as suas obras*. (145:13b). Alguns governantes humanos desprezam seus súditos ou se preocupam apenas com seus parentes, homens fortes que podem ajudá-los a obter poder, e com seus exércitos. O rei divino, porém, cuida dos mais fracos dentre seus súditos: *O SENHOR sustém os que vacilam e apruma todos os prostrados* (145:14). Os “prostrados” podem estar encurvados sob o peso da opressão, mas esse Rei não é opressor. Expressa seu cuidado de forma prática na maneira com que provê ao povo o alimento de que ele precisa (145:15). Não são rações parcas, pois quem as supre afirmou: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome” (Jo 6:35). O salmista pode louvar a Deus, portanto, porque o Senhor *satisfaz de benevolência a todo vivente* (145:16). Deus provê até para os animais e aves.

Com um Rei assim, não admira orarmos: “Venha o teu reino” (Mt 6:10).

**145:17-21 A justiça benigna de Deus**

O reino de Deus será justo, daí o salmista enfatizar: *Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras* (145:17). Este salmo destaca repetidamente a abrangência do domínio de Deus pelo uso de “todos(as)”. Nesses quatro versículos, o termo ocorre quatro vezes: *todos os seus caminhos [...] todas as suas obras [...] todos os que o invocam [...] todos os que o amam* (145:18-20). Nesses contextos, Deus é justo, benigno, está perto, acode e guarda. As únicas pessoas que precisam temê-lo são os perversos, ou seja, aqueles que se opõem ao seu governo e oprimem os fracos. Esses serão destruídos (145:20), mas aqueles que procuram servir e andar com Deus recebem seu cuidado fiel.

No versículo final, o salmista volta ao ponto de partida em 145:1. Ele acompanhará todas as criaturas no louvor ao nome santo de Deus para todo o sempre (145:21).

**Salmo 146: Louvor ao caráter de Deus**

Os cinco últimos capítulos do Saltério começam todos com a palavra hebraica *Aleluia*, que significa “louvai ao Senhor”. O salmista está decidido a continuar louvando ao Senhor enquanto tiver fôlego.

**146:1-4 Em quem não confiar**

O *Aleluia* inicial usa um verbo no plural, pois o salmista convida todos a participar de seu cântico de louvor. Na repetição, porém, o convite não é dirigido a todos, mas a *minha alma* (146:1). Temos aqui, portanto, um chamado para o louvor conjunto e individual. O salmista expressa sua decisão pessoal de louvar a Deus continuamente: *Louvarei [...] durante a minha vida; cantarei louvores [...] enquanto eu viver* (146:2).

Esse clamor de louvor é seguido de uma advertência para não confiar em seres humanos. Os *príncipes* representam os poderosos e influentes que em geral desejamos ter do nosso lado. Sua influência, porém, é extremamente limitada e, no longo prazo, neles *não há salvação* (146:3). Na verdade, não são capazes nem de salvar a si mesmos. Podem cair mortos a qualquer momento e levar para a cova seus planos e influência (146:4). Quem esperava seu apoio ficará decepcionado.

Mais adiante no AT, Jeremias afirma a mesma coisa, de modo ainda mais enérgico, ao dizer: “Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR” (Jr 17:5).

**146:5-10 Aquele que é digno de confiança**

O oposto de ser amaldiçoado é ser abençoado. Essa é a situação daqueles que se voltam para o único apoio confiável, o *Deus de Jacó* (146:5). Aqueles que buscam sua ajuda são bem-aventurados.

A ênfase sobre a bênção ou bem-aventurança nesses versículos nos traz à memória o primeiro salmo que co-

meça com as palavras “Bem-aventurado o homem” (1:1). O tema do que traz a bênção ou bem-aventurança aparece vinte e três vezes no Saltério, e sua última ocorrência é nesse salmo.

Deus é bem diferente dos auxiliadores humanos nos quais “não há salvação” (146:3). Ele *fez os céus e a terra* e tudo mais que existe (146:6). Não é um Criador ausente que esquece as obras de suas mãos; antes, *mantém para sempre a sua fidelidade*. Vemos um exemplo disso nas palavras de Paulo ao descrever sua tribulação: “Todos me abandonaram [...] Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças” (2Tm 4:16-17).

A descrição daquilo que Deus faz em 146:7-8 é bastante parecida com a descrição que Jesus faz sobre sua missão em Lucas 4:18, apesar de Jesus citar Isaías 61:1. O caráter de Deus não muda. Ele ainda se preocupa com os oprimidos, famintos, prisioneiros, inválidos e desanimados. Precisamos ter a mesma preocupação e esforçar-nos para aliviar o sofrimento dessas pessoas. Não importa se os sofredores são compatriotas ou estrangeiros (*o peregrino*), membros de nossa família ou órfãos e viúvas que não têm ninguém para ampará-los (146:9a). Deus cuida de todos, e devemos fazer o mesmo.

Enquanto alivia a frustração dos oprimidos e sofredores, porém, Deus aumenta a frustração dos perversos (146:9b). Os planos desses ímpios não darão em nada.

Deus é Rei, e seu reino jamais terá fim. Podemos, portanto, dizer como o salmista: *O SENHOR reina para sempre* (146:10). Louvado seja o nome do Senhor!

**Salmo 147: Louvor às obras de Deus**

Este salmo não contém nenhum pedido. É apenas um convite para louvar ao Senhor. O convite é repetido três vezes, cada uma delas seguida de motivos para louvar. Os motivos são semelhantes aos do salmo 146 e de outras passagens do AT. Encontramos paralelos com as magníficas celebrações do poder de Deus na criação em Jó 37—38 e Isaías 40:21-31.

**147:1-6 Restauração e bênção**

Os exilados israelitas cujo cântico encontra-se registrado no salmo 137 estavam repletos de lamentações. Que contraste entre aquele salmo e esse! Enquanto os exilados perguntaram, em seu desespero: “Como, porém, haveríamos de entoar o canto do SENHOR em terra estranha?” (137:4), o salmista pode declarar como é bom, agradável e apropriado *cantar louvores ao nosso Deus* (147:1). A diferença se deve ao fato de Deus ter edificado Jerusalém e congregado *os dispersos de Israel* (147:2). Ele sarou o *coração quebrantado* dos cativos e tratou-lhe *as feridas* (147:3).

Na sequência, o salmista oferece os motivos pelos quais é apropriado louvar a Deus. Um deles é o fato de o Senhor não apenas ser o grande restaurador de corações e nações, mas também o grande matemático que *conta o*

*número das estrelas, chamando-as todas pelo seu nome* (147:4; cf. tb. Jó 38:31-32). Os astrônomos não conhecem nem metade das estrelas que existem no céu. Mas Deus, aquele que criou todas as estrelas, conhece o nome e a posição de cada uma. Prova ainda maior da grandeza inimaginável de seu poder e entendimento é o fato de que o Deus que conhece o universo também conhece e protege os *humildes* (147:5-6; cf. tb. 146:9). Ele também sabe tudo a respeito dos ímpios e certifica-se de que, no longo prazo, não prosperem.

### 147:7-11 A providência de Deus

O grande Deus descrito em 147:1-6 tem todo o poder e entendimento necessários para solucionar os problemas de seu povo, que deve, portanto, cantar *ao SENHOR com ações de graças* (147:7). Em seguida, o salmista apresenta mais motivos de louvor. Focaliza como Deus cuida de todas as coisas criadas. Envia a chuva que dá vida e sustenta animais e aves (147:8-9), bem como aos seres humanos. Fazemos bem em agradecer-lhe diariamente pelo alimento.

Quando admiramos o mundo natural que Deus criou, porém, precisamos lembrar que ele se interessa não apenas por questões físicas como a força, velocidade e resistência de suas criaturas (147:10), mas também, e principalmente, por seu coração. *Agrada-se o SENHOR dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia* (147:11; 20:7).

### 147:12-14 A obra de Deus

Se depositamos nossa esperança em Deus (147:11), confiamos que ele proverá a todas as nossas necessidades, inclusive a necessidade de segurança física que nos leva a construir muros e colocar guardas nos portões para proteger nosso lar. Deus sabia que Israel precisava de segurança, de modo que enviou Neemias para reconstruir os muros de Jerusalém e consertar suas portas (147:13; Ne 2:17; 6:15). Em última análise, porém, a segurança não vem dos muros, mas do Deus que os fortalece. Precisamos lembrar que Deus é a única segurança inexpugnável.

Paz e prosperidade não são adquiridas por grandes quantidades de armas para nos proteger. São dádivas de Deus, que estabelece a *paz* e provê o alimento de que necessitamos (147:14). Hoje em dia, as nações só poderão desfrutar bênçãos como as que esse salmo descreve se confiarem em Deus e andar em seus caminhos.

### 147:15-20 A palavra de Deus

Como conhecer, porém, os caminhos de Deus? A única maneira é ouvir a palavra de Deus, que cria, sustenta e constitui o meio pelo qual ele se revela a nós.

Em Gênesis 1, Deus cria o mundo apenas por meio de ordens (Gn 1:3,6,9; Sl 33:6). Semelhantemente, sua palavra controla todos os acontecimentos da natureza. Faz

cair a *neve*, branca e fofa como *lã*, *espalha a geada* como a *cinza* branca da lenha queimada, e *arroja o seu gelo em migalhas* (147:16-17). Todos esses acontecimentos sucedem no inverno, mas, quando chega a primavera, Deus envia os ventos quentes que derretem os mananciais congelados no monte Hermom para que a água possa correr (147:18). Poucos na África já viram neve; aqui, Deus envia a estação das chuvas e a estação seca. Não obstante as condições meteorológicas, porém, é o Senhor quem as controla (cf. Gn 8:22).

A palavra de Deus não apenas opera na natureza, mas também é pronunciada diretamente a nós por meio de *leis* e [...] *preceitos* que ele deu ao seu povo (147:19) e que representavam uma grande honra para Israel. Outras nações tinham leis, mas não haviam sido entregues por Deus da mesma forma que as leis de Israel que faziam parte da aliança de Deus com Moisés, Abraão, Isaque e Jacó. Deus não tinha esse relacionamento especial com outras nações (147:20). Amós 3:1-2, porém, nos lembra que o relacionamento especial implicava também responsabilidade singular. Israel foi chamado para ser “luz para os gentios” (Is 42:6; 49:6), assim como nós, cristãos, somos chamados a ser a luz do mundo e compartilhar as boas-novas da redenção que Jesus oferece (Mt 5:14; 1Pe 2:9). As palavras de 147:20 não são, portanto, motivo de autocongratulação para os israelitas ou para nós mesmos; antes, constituem uma exclamação de maravilha diante daquilo que Deus fez por nós. É apropriado o salmo terminar com *Aleluia!*

### Salmo 148: O grande coro

O salmo 148 segue o padrão dos cinco últimos salmos, pois começa e termina com *Aleluia!*, que significa *Louvai ao SENHOR*. O salmista convida tudo o que há nos céus e na terra a participar do grande coro de louvor a Deus. O salmista se dirige primeiramente aos habitantes dos céus e então convoca todas as coisas e pessoas na terra a acompanhá-lo no cântico.

### 148:1-6 O coro celeste

Como a maioria dos povos, os israelitas dividiam o universo em duas partes, a terra e a esfera acima da terra, à qual chamavam *céus* (148:1). Os seres humanos vivem na terra, mas os céus estão repletos de seres angelicais que servem na presença de Deus. Todos esses seres são convocados a louvar ao Senhor (148:2). Os céus contêm ainda corpos que Deus criou, como o sol, a lua e as estrelas (148:3). Também são o lugar onde a chuva fica guardada na forma de *águas que estão acima do firmamento*, conforme os israelitas as chamavam (148:4). Todos esses elementos devem louvar a Deus.

Nenhum dos objetos ou seres é apresentado como algo digno de adoração; todos são adoradores. Esses versículos refutam, portanto, aqueles que adoram anjos (Cl 2:18), ou

o sol, a lua e as estrelas (Dt 4:19; 17:3; 2Rs 23:5). Quem o faz adora e serve “a criatura em lugar do Criador” (Rm 1:25). Até mesmo alguns cristãos podem cair nesse erro ao orar a anjos ou profetas, e não a Deus.

O salmista enfatiza o poder de Deus ao afirmar que todos esses seres e objetos nos céus foram criados por decreto divino e continuam a existir apenas porque ele ordenou que se mantenham em seu devido lugar (148:5-6). Foi Deus quem estabeleceu as leis da natureza (cf. Gn 8:22; Jr 33:25-26).

#### 148:7-14 O coro terreno

Agora, o salmista se volta para a terra e convoca todos os seus elementos a louvar ao Senhor (148:7). Começa com as partes mais profundas da terra, os *abismos* do mar e todas as criaturas marinhas, como baleias, tubarões e milhões de peixes. As condições meteorológicas, que representam todas as forças naturais, também devem louvar a Deus, pois o salmista fala à tempestade, aos ventos e à chuva (148:8). Os lugares mais altos da terra devem louvar ao Senhor, pois o salmista se dirige às montanhas e montes. O Kilimanjaro, o monte Camarões, a cordilheira de Drakensberg, o monte Ararate, na Turquia, o monte Everest, no Nepal, todos devem louvar a Deus. O mesmo vale para toda a vegetação, desde as árvores frutíferas cultivadas até os cedros nativos. Também a fauna, desde os animais selvagens, como o leão e o hipopótamo, até os animais domésticos, como o gado e os cabritos, e os pequenos insetos e as aves, devem louvar a Deus (148:9-10). Os louvores devem ser entoados por todos os seres vivos em todos os cantos do planeta.

Os seres humanos não são excluídos do cântico, e o *status* pessoal não é desculpa para não participar. O salmista convoca *reis, povos, príncipes e todos os juízes da terra* para participar (148:11). Eles devem louvar a Deus juntamente com *rapazes e donzelas. Velhos* respeitados devem louvar a Deus lado a lado com *crianças* (148:12). Ambos os sexos e todas as faixas etárias devem participar do coro.

Por fim, o salmista fornece os motivos de louvor. Primeiro, o *nome* (caráter e reputação) de Deus é exaltado acima de todas as nações (148:13a). Existem muitas pessoas famosas no mundo, mas sua fama não se compara ao renome do Senhor. O segundo motivo para louvá-lo é o fato de *sua majestade ser acima da terra e do céu*, as duas esferas convocadas para louvá-lo (148:13b). O terceiro e último motivo de louvor é que ele *exalta o poder do seu povo* (148:14a), literalmente “exalta o chifre do seu povo”. O chifre era um símbolo de força e salvação, dádivas que Deus concedeu aos seus filhos.

Um Deus tão poderoso e amoroso merece o *louvor de todos os seus santos* (148:14b). No tempo do salmista, os “santos” eram o povo de *Israel*, mas pela obra de Cristo podemos juntar-nos a esse grupo e receber do Senhor “o

poder de [sermos] feitos filhos de Deus” (Jo 1:12; cf. tb. Ef 2:13-18). Também podemos ser *povo que lhe é chegado* (cf. tb. Lv 10:3; Sl 65:4; 73:28; 1Pe 2:9-10).

O salmo termina com um *Aleluia!* É difícil imaginar o volume do louvor que ecoará desses dois coros grandiosos.

#### Salmo 149: Júbilo e batalha

O salmo 148 convocou toda a criação a adorar, mas no último versículo se referiu especificamente a “Israel, povo que lhe é chegado” (148:14). Agora, no salmo 149, o próprio Israel é conclamado a louvar. Como os salmos que o cercam, este também começa e termina com *Aleluia!*, isto é, “Louvai ao Senhor”.

#### 149:1-5 O júbilo dos santos

O salmista chama o povo de Deus para entoar *um novo cântico* (149:1), convite repetido em vários salmos (cf. 33:3; 96:1; 98:1). Parece referir-se a novos cânticos que celebram coisas novas que Deus fez. O cântico deve ser entoado *na assembleia dos santos*, onde todo o povo de Deus se reúne.

O povo de Deus deve regozijar-se *no seu Criador*, ou seja, naquele que os criou como indivíduos e como nação, e deve alegrar-se porque ele também é *seu Rei*, aquele que governa sobre eles (149:2). Seu louvor não deve ser estático, mas expresso com todo o corpo enquanto dançam, cantam e tocam instrumentos musicais (149:3). Observamos cenas semelhantes de júbilo quando os israelitas foram salvos do exército egípcio (Êx 15:20) e quando as mulheres saudaram Davi depois de uma vitória militar (1Sm 18:6).

O motivo do regozijo é o extraordinário fato de que o Senhor não apenas tolera Israel, mas ativamente *se agrada do seu povo* (149:4), como um pai muitas vezes sente prazer ao ver seus filhos. A celebração também não é apenas uma reunião de ricos e famosos; é para todos, pois o anfitrião concede dádivas em abundância e *de salvação adorna os humildes*. Devemos regozijar-nos com os fiéis nessa *glória* (149:5).

Quando os adoradores voltarem para casa e se deitarem, ainda estarão cantando. Não haverá medo nem pranto durante a noite (como em Os 7:14). Em vez disso, eles se prepararão alegremente para descansar, gratos pela segurança e paz que seu rei provê.

Como cristãos, somos instados a sempre nos regozijar no Senhor (Fp 4:4), pois Cristo fez por nós muito mais que merecemos e já somos mais que vencedores (Rm 8:37). O grande júbilo descrito nesse salmo prenuncia o júbilo que experimentaremos quando Cristo voltar para estabelecer seu reino na terra, um acontecimento verdadeiramente digno de um novo cântico (Ap 5:9; 14:3).

#### 149:6-9 Uma séria batalha

Em 149:6, o foco do salmo muda repentinamente da celebração para a guerra. É assustador ver o povo louvar a

Deus enquanto tem *nas suas mãos, espada de dois gumes* (149:6). Será que retrata uma dança de vitória, na qual brandir espadas era o equivalente a atirar para o alto? Ou os israelitas estão prestes a se vingar de outra nação por todo sofrimento que lhe causaram? Afinal, os reis e nobres de Israel foram levados em cadeias pelas *nações*, inclusive pelos assírios e babilônios (149:7-8; 2Rs 17:6; 24:12-16). A ação não é, contudo, em primeiro lugar, um gesto de vingança; antes, Israel cumpre a *sentença escrita* contra esses povos (149:9a). Eles executam o julgamento de Deus, como fizeram quando entraram na terra prometida.

A imagem de julgamento apresentada aqui é semelhante àquela do NT, quando os anjos, as hostes celestiais, acompanharão o Senhor no julgamento dos perversos (Mt 13:40-42). O julgamento será mundial e, de fato, envolverá todas as nações.

Os cristãos não devem interpretar esses versículos como permissão bíblica para lutar em nome de Deus durante crises e revoltas religiosas. “Nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra [...] as forças espirituais do mal” (Ef 6:10-12). Em vez de tentar capturar governantes, devemos esforçar-nos para levar “cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (cf. 2Co 10:5). A espada que empunhamos deve ser a palavra de Deus (Ef 6:12; Ef 4:12), que proclama o julgamento divino sobre “o príncipe deste mundo” (Jo 16:11).

O modo em que isso *será honra para todos os santos* (149:9b) é revelado em Apocalipse 12:10-12 e 2 Tessalonicenses 2:14. Somos honrados com a permissão de participar da vitória e da glória de Deus.

## Salmo 150: O auge do louvor

Assim como o salmo 1 serve de introdução para o Saltério, este salmo serve de conclusão. Tem o mesmo número de versículos do primeiro salmo, mas, enquanto aquele focaliza a pessoa que Deus abençoa, este se concentra exclusivamente em Deus. Entre os dois pontos extremos, os salmos expressaram muitas das alegrias e tristezas da existência humana e de nosso relacionamento com Deus. O ponto culminante de tudo o que passou é esta manifestação exultante de louvor.

### 150:1 Onde devemos adorar a Deus

Devemos adorá-lo *no seu santuário*, ou seja, no seu templo, e *no firmamento, obra do seu poder* (150:1). Isso não significa que nós aqui na terra podemos adorar a Deus somente no templo. Antes, o salmista apresenta o céu e a terra como dois polos e convida tudo o que há entre eles para louvar a Deus.

Ainda que restringíssemos o significado somente ao templo de Deus, teríamos de louvar ao Senhor onde quer que estivéssemos, pois agora nosso corpo é seu santuário (1Co 3:16). Devemos, portanto, louvá-lo em nosso lar, no escritório, na cidade ou no campo. Podemos estar certos de que o céu o louva conosco.

### 150:2 Por que devemos louvar a Deus

Devemos louvar a Deus primeiramente *pelos seus poderosos feitos* (150:2), ou seja, por tudo o que ele fez ao criar e preservar o universo. Outro motivo de louvor é sua obra grandiosa de redenção, que torna possível conhecê-lo e louvá-lo. Também devemos louvá-lo *consoante a sua muita grandeza*. Ele é mais do que qualquer coisa que podemos imaginar. Sua verdade e retidão excedem em muito a nossa, assim como sua santidade, sabedoria, poder e justiça. Devido aos seus poderosos feitos e ao seu grande amor e misericórdia, porém, nossa reverência diante de sua grandeza não nos faz estremecer e calar, mas nos inspira a irromper em cânticos de júbilo.

### 150:3-5 Como devemos louvar a Deus

Não há nação que não tenha música. Por todo o mundo, a alegria inspira as pessoas a cantar e acompanhar seus cânticos com instrumentos musicais. Em 150:3-5, encontramos uma lista com alguns dos instrumentos musicais tocados no antigo Israel: *trombete, saltério, harpa, adufes, instrumentos de cordas, flautas e címbalos sonoros e retumbantes*. A lista não é completa e não devemos hesitar em acrescentar instrumentos a essa orquestra. Todos os instrumentos tradicionais africanos devem ser usados para louvar a Deus. Pode-se dizer o mesmo de instrumentos modernos como o piano, o teclado, a gaita, o acordeão e a guitarra.

Além de fazer parte da orquestra, a trombeta era associada a grandes acontecimentos e proclamações. No antigo Israel, o *shofar*, uma trombeta feita de chifre de carneiro, era associada a acontecimentos como a entrega da lei e a coroação de reis. O som da trombeta também é associado à segunda vinda de Cristo (1Co 15:52).

Outro instrumento usado era o corpo humano. Somos convidados a louvar ao Senhor com *danças* (150:4). Nosso coração, mente, voz e corpo devem ser usados para expressar louvor. Estamos certos, portanto, ao cantar e dançar durante o culto, desde que o façamos como um sacrifício de louvor a Deus em verdadeiro espírito de adoração.

### 150:6 Quem deve louvar a Deus?

O livro de salmos é dividido em cinco partes. As quatro primeiras subdivisões terminam com palavras de louvor a Deus (41:13; 72:18-19; 89:52; 106:48). É apropriado, portanto, que as últimas palavras do livro sejam um salmo inteiro constituído exclusivamente de louvor e que o último versículo do Saltério convoque todas as criaturas, *todo ser que respira*, para louvar ao Senhor (150:6). Todas as pessoas e criaturas, em todos os continentes, devem adorar e louvar a Deus (cf. 148:7-12), todo joelho deve dobrar-se diante dele e toda língua deve confessar que ele é Senhor e Rei (Is 45:23; Fp 2:10-11).

A única passagem comparável com o louvor apresentado aqui é a visão do apóstolo João da grande multidão, “cujo número era de milhões de milhões e milhares de



milhares” entoando um novo cântico no céu: “Digno é o Cordeiro [...] de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5:11-13). O último salmo nos convida a participar desse coro. *Aleluia!*

Salmos 1—50 Nupanga Weanzana

Salmos 51—72 Samuel Ngewa

Salmos 73—89 Tewoldemedhin Habtu

Salmos 90—150 Zamani Kafang

### Leituras adicionais

KIDNER, Derek. *Psalms*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1981.

MURPHY, Roland E. *The Gift of the Psalms*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 2000.

OKOROCHA, C. e FOULKES, F. *Understanding the Psalms: A Devotional Guide. Vol. 1: Psalms 1-41*. Achimota, Ghana: Africa Christian Press, 1995 (vols. 2 e 3 serão publicados em [www.ffoulkes.org](http://www.ffoulkes.org)).

WILCOCK, Michael. *The Message of Psalms 73-150*. BST. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2001.

# PROVÉRBIOS

Quando lemos Provérbios, sentimo-nos próximos e, ao mesmo tempo, distantes de sua realidade: próximos porque os provérbios são um fenômeno universal, presente em várias culturas e sociedades, e especialmente em sociedades tradicionais; distantes porque vivemos em tempos e culturas diferentes. Não obstante, como africanos, podemos contribuir para uma compreensão mais precisa da mensagem de Provérbios, pois mantemos alguns aspectos de uma comunidade tradicional e, portanto, preservamos em nossas línguas um vasto conhecimento proverbial.

O fato de afirmarmos que os provérbios são um fenômeno humano universal não significa que não há distinção entre os provérbios bíblicos e os provérbios resultantes da graça comum concedida à humanidade em geral. Embora a tônica do conhecimento proverbial seja a vida de sabedoria no contexto em que nos encontramos, os provérbios bíblicos são transmitidos no contexto das Escrituras e, conseqüentemente, da revelação especial de Deus à humanidade. A sabedoria bíblica só pode ser devidamente compreendida quando a associamos à relação de aliança entre Deus e seu povo. O mesmo vale para as “afirmações absolutas” que encontramos em Provérbios, os conflitos de Jó diante da aparente injustiça de Deus, os questionamentos de Salomão em Eclesiastes ao observar as inúmeras contradições e injustiças da vida. Todas essas questões aparentemente insolúveis precisam ser relacionadas ao Criador e Senhor soberano do universo e a suas formas misteriosas de interagir com sua criação e seu povo da aliança.

## Contexto

Quando lemos Provérbios, especialmente os capítulos 10—29, nossa tendência é nos sentirmos perdidos num “cipoal de ditados individuais” (TOT). Entendemos a frustração de David Atkinson, quando diz: “Quanto mais exploro essa parte da literatura sapiencial da Bíblia hebraica, mais me impressiono com o topicidade que caracteriza grande parte dos ensinamentos, e maior é minha frustração ao tentar organizar de modo mais acessível o conteúdo aparentemente caótico” (BST). A frustração mencionada é um dos motivos pelos quais Provérbios muitas vezes é esquecido nos cultos e no ensino do povo de Deus.

Outro motivo para a falta de interesse pelo livro é o tom moralista de vários provérbios. “A ênfase maior parece ser sobre como devemos agir, e não sobre aquilo que Deus fez por nós” (CC). Mas esse comentário não

leva em consideração um ponto importante: “Aquilo que Deus fez por nós” deve resultar em transformação de vida, e os provérbios fornecem orientação sobre como devemos agir ao viver essa nova vida.

A acusação de desorganização também não é inteiramente fundada. De fato, o livro apresenta uma estrutura peculiar que pode ser observada nos cabeçalhos em 1:1; 10:1; 22:17; 24:23; 25:1; 30:1 e 31:1. Essas subseções constituem o ponto de partida da estrutura deste comentário. Conforme mostraremos, alguns temas comuns ligam grupos de provérbios que, à primeira vista, podem parecer uma combinação aleatória.

Os provérbios individuais possuem uma estrutura característica baseada na forma clássica da poesia hebraica. Aparecem em parênteses de versos ou linhas, uma disposição conhecida como paralelismo, especialmente clara nos capítulos 10—29 do livro. Quando o paralelismo expressa a mesma ideia de modo ligeiramente diferente, é chamado de paralelismo sinônimo (cf., p. ex., 18:18). Encontramos também o paralelismo antitético, no qual a segunda parte da parêntese contrasta com a primeira (cf., p. ex., 10:9); o paralelismo sintético, quando a segunda linha desenvolve a ideia da primeira (cf., p. ex., 10:10); e o paralelismo comparativo, quando uma coisa é comparada com outra.

## Esboço

### 1:1-7 Introdução

1:1 Título e autor

1:2-6 Propósito

1:7 Lema

### 1:8—9:18 Reflexões sobre a sabedoria

1:8-19 Advertência acerca de companheiros perversos

1:20-33 O apelo fervoroso da sabedoria

2:1-22 Os frutos da sabedoria

2:1-8 A busca e a aquisição de sabedoria

2:9-11 Os resultados de encontrar sabedoria

2:12-19 Proteção proporcionada pela sabedoria

2:20-22 Conclusão

3:1-35 Bênçãos da obediência e devoção

3:1-12 Ações e conseqüências

3:13-20 Prazeres que a sabedoria proporciona

3:21-26 Benefícios práticos da sabedoria

3:27-32 Generosidade e relacionamentos amigáveis

3:33-35 Resumo final

4:1-27 Um compromisso vitalício

- 4:1-4 Um assunto de família
- 4:5-9 Buscar a sabedoria
- 4:10-19 Escolher a sabedoria
- 4:20-27 Concentrar-se na sabedoria
- 5:1-23 Advertência acerca do adultério
  - 5:1-6 Descrição da adúltera
  - 5:7-14 Perigos do adultério
  - 5:15-20 Louvor ao casamento
  - 5:21-23 Consequências do adultério
- 6:1-35 Ciladas para os incautos
  - 6:1-5 Fiança
  - 6:6-11 Preguiça
  - 6:12-19 Perturbadores
  - 6:20-35 A mulher imoral
- 7:1-27 Mais advertências acerca do adultério
- 8:1-36 A excelência da sabedoria e seu papel na criação
  - 8:1-5 Introdução
  - 8:6-21 A excelência da sabedoria
  - 8:22-31 O papel da sabedoria na criação
  - 8:32-36 Conclusão
- 9:1-18 Banquetes rivais
  - 9:1-6 O convite da sabedoria
  - 9:7-12 Possíveis convidados
  - 9:13-18 O convite da loucura

## 10:1—22:16 Coletânea de provérbios de Salomão

### 22:17—24:34 Coletânea de ditos dos sábios

- 22:17—24:22 Preceitos e admoestações dos sábios
- 24:23-34 Mais alguns provérbios dos sábios

## 25:1—29:27 Provérbios transcritos pelos homens de Ezequias

### 30:1-33 Palavras de Agur, filho de Jaque

- 30:1-9 Reflexões acerca do conhecimento de Deus
- 30:10-33 Reflexões acerca da criação

### 31:1-31 Instruções ao rei e louvor à esposa virtuosa

- 31:1-9 Instruções maternas ao rei Lemuel
- 31:10-31 Poema de louvor à esposa virtuosa

## Conclusão

# COMENTÁRIO

## 1:1-7 Introdução

### 1:1 Título e autor

O título é sugerido pela apresentação do livro: *Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel (1:1)*. É importante

definir o significado do termo “provérbio”. Nos dias de hoje, entende-se que um provérbio é um ditado de sabedoria expresso em poucas palavras. Ao ler Provérbios, contudo, observamos que o termo possuía um significado bem mais abrangente para os israelitas da Antiguidade. A palavra hebraica usada no original quer dizer “uma comparação”, como, por exemplo, 11:22 e 12:4. Aos poucos, no entanto, seu significado se ampliou para incluir máximas ou observações como as que encontramos nos capítulos 10 a 22, sermões como os do capítulo 5, ditos jocosos como o de Ezequiel 18:2 e até mesmo revelações doutrinárias (Sl 49:4).

A introdução indica a autoria de Salomão, mas os títulos de várias seções mostram claramente que o rei não foi a única fonte de conteúdo do livro. Alguns provérbios são atribuídos aos “sábios”, a Agur e a outros indivíduos. Apenas 10:1 a 22:16 e os capítulos 25 a 29 são atribuídos especificamente a Salomão. Alguns estudiosos argumentam, portanto, que a menção do nome do rei em 1:1 é um acréscimo posterior ou uma indicação antecipada dessas seções. Não há motivo, contudo, para duvidar das tradições judaica e cristã segundo as quais Salomão foi o homem mais sábio de toda a história da humanidade (1Rs 3:4-28; 4:29-34) e teve uma contribuição importante na forma atual de Provérbios.

### 1:2-6 Propósito

Depois de apresentar o nome do livro, o autor explica seu propósito por meio de uma sequência de infinitivos precedidos de “para”. Os benefícios proporcionados pelo estudo de Provérbios são a aquisição de *sabedoria e ensino*, bem como a compreensão de *palavras de inteligência* (1:2), a instrução para um *bom proceder* no qual se pratica a *justiça, o juízo e a equidade* (1:3). Os ditos sábios também ensinam *prudência, conhecimento e bom senso* aos *simples* e aos *jovens* (1:4). A sucessão de verbos que fornecem os motivos para estudar o livro é interrompida em 1:5 por uma observação parentética de que os jovens não serão os únicos a se beneficiar com esse estudo. Em 1:6, o autor volta à relação de motivos e fala da necessidade de entender *provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios*, ou seja, as formas literárias empregadas pelos mestres para transmitir sabedoria.

Hubbard comenta acerca desses versículos: “A palavra predominante [...] é ‘sabedoria’, e os oito ou mais substantivos usados para explicá-la visam mostrar que a despesa da sabedoria é repleta de provisões” (CC). Kidner segue uma linha semelhante, ao dizer: “Provérbios se inicia com a decomposição do resplendor da sabedoria [...] no arco-íris das cores que a constituem” (TOT).

Todas as classes de pessoas são convidadas a receber o ensino da sabedoria. Dentre os beneficiários, encontramos o *sábio* (1:5), que é exortado a ouvir e crescer em conhecimento. Aliás, o sábio é propenso a receber mais sabedoria e se tornar mais sensato do que os escarnekedores e per-

versos (9:7-9). Até mesmo reis e príncipes são convidados a se valer daquilo que a sabedoria tem para oferecer (8:15-16). Convém observar, porém, que os primeiros capítulos de Provérbios são dirigidos especificamente aos *simples* (ou inexperientes) e aos *jovens* (1:4), os dois grupos mais necessitados devido às tentações com as quais se deparam ao tomar decisões formativas para seu caráter.

### 1:7 Lema

Depois de apresentar o título da obra e dar aos leitores os motivos para estudá-la, o autor apresenta um lema que, na verdade, expressa a temática de Provérbios como um todo. A RA segue corretamente o texto hebraico e apresenta o versículo como um parágrafo separado entre a introdução e o início da primeira divisão principal do livro. Para enfatizar sua importância, o tema é repetido posteriormente com pequenas variações no final da “Reflexão sobre a sabedoria” (9:10) e no final do livro propriamente dito (31:30).

O versículo 7 resume as características das duas categorias de pessoas retratadas em Provérbios, a saber, os sábios e os loucos. Os sábios ficam implícitos na primeira parte do versículo acerca do que constitui o *princípio do saber*. Na segunda parte, os loucos são descritos como indivíduos que *desprezam a sabedoria e o ensino* (ou “disciplina”, NVI, e “instrução”, RC). O mesmo dito aparece com pequenas variações em Jó 28:28 e Salmos 111:10.

A expressão *temor do SENHOR* ocorre com frequência ao longo de Provérbios (cf., p. ex., 8:13; 10:27; 14:26-27; 15:16,33; 16:6; 19:23; 23:17 e, de forma modificada, 14:2; 24:21). Evidentemente, nesse caso “temor” não significa medo de algo desconhecido ou misterioso, nem pavor da ira de Deus. Antes, refere-se à submissão reverente e humilde à vontade revelada de Javé, acompanhada de adoração ao Senhor. “Apesar de incluir a adoração, não se atém a ela. Irradia da adoração e devoção para nossa conduta diária que considera cada minuto um momento pertencente ao Senhor, cada relacionamento uma oportunidade concedida pelo Senhor, cada dever uma ordem do Senhor e cada bênção uma dádiva do Senhor” (CC).

O significado da expressão “o princípio do saber” é controverso. Para alguns intérpretes, refere-se ao primeiro passo da sabedoria, o ponto de partida para obter mais sabedoria. É mais provável, contudo, que indique o temor do Senhor como elemento fundamental e parte principal da sabedoria.

### 1:8—9:18 Reflexões sobre a sabedoria

Essas reflexões acerca da sabedoria constituem a primeira grande divisão de Provérbios e estabelecem o tom da instrução do restante do livro. Enquanto as outras seções trazem ditos curtos e independentes, encontramos aqui alguns discursos mais longos. Ao compreendê-los, os leitores terão mais facilidade em se situar e entender os ditos individuais em 10:1 a 22:16.

O texto de 1:8 a 9:18 pode ser dividido em dez exposições ou discursos (TOT): 1) Advertência acerca de companheiros perversos (1:8-19); 2) apelo fervoroso da Sabedoria (1:20-33); 3) frutos da sabedoria (2:1-22); 4) bênçãos da obediência e devoção (3:1-35); 5) compromisso vitalício (4:1-27); 6) advertência acerca do adultério e louvor ao casamento (5:1-23); 7) ciladas para os incautos (6:1-35); 8) lição prática sobre os perigos do adultério (7:1-27); 9) excelência da sabedoria e seu papel na criação (8:1-36); 10) banquetes rivais (9:1-18).

Todas as lições são dirigidas ao *filho meu*, termo usado em quinze ocasiões (1:8,10,15; 2:1; 3:1,11,21; 4:10,20; 5:1,20; 6:1,3,20; 7:1; cf. tb. 8:4) e repetido mais vezes nessa seção do que em qualquer outra parte de Provérbios. A preocupação com os simples e os jovens indicada na introdução ao comentário motiva “os detalhes vívidos, o zelo paterno e a insistência em encarar o resultado final” (TOT).

Se o filho é o aprendiz, quem é o mestre? Por vezes, a admoestação ao filho parece vir de seus próprios pais (p. ex., em 1:8). Em outras ocasiões, um mestre sábio transmite a instrução. Em três discursos, o texto indica de forma clara que o ensino é proveniente da sabedoria personificada (1:20-33; 8:1-36; 9:1-12). Podemos perguntar, porém, se o relacionamento pai/filho se restringe apenas ao nível humano. Temos a impressão de que a verdadeira fonte das instruções transcende o âmbito humano. Provérbios 3:11 parece indicar que o ensino não vem apenas dos pais ou sábios, nem mesmo da sabedoria personificada, mas do próprio Javé.

#### 1:8-19 Advertência acerca de companheiros perversos

No primeiro discurso, os pais exortam o filho: *Ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe* (1:8). O termo “ensino” também pode ser traduzido por “disciplina” tanto aqui quanto na declaração do propósito dos provérbios (cf. 1:2). Nestes versículos, é associado ao pai, enquanto “instrução”, uma tradução do termo hebraico para “lei”, é associado à mãe. A menção de pai e mãe aqui (e em 6:20) é um tributo ao importante papel das mães na família israelita, algo incomum nas culturas do antigo Oriente Médio.

O motivo pelo qual o filho deve dar ouvidos é fornecido em 1:9: Os ensinamentos *serão diadema de graça para a tua cabeça e colares, para o teu pescoço*. A imagem lembra ao filho a beleza e o prazer de ser obediente aos pais em seu contexto imediato e, de modo mais amplo, de ser obediente ao Senhor. Trata-se de um princípio praticamente desconhecido nos dias de hoje, nos quais toda geração se sente obrigada a repudiar as crenças de seus pais.

Os pais sabem muito bem que seus filhos serão influenciados por outras pessoas. Fazem, portanto, uma advertência específica que contrasta nitidamente com as palavras anteriores (1:10-19). Tudo indica que o contexto social é urbano e que as influências vêm de membros de uma gangue. Procuram convencer o rapaz a se tornar parte do seu

grupo (1:10), a se envolver com suas atividades (1:11,14a) e desfrutar de parte dos despojos (1:13-14b) a serem obtidos por meio de emboscadas preparadas para *inocentes* (1:11) e ao tragá-los vivos, como o abismo, e inteiros, como os que descem à cova (1:12). Esse tipo de pressão de colegas justifica o comentário de que “a insensatez não é apenas um problema individual, mas também social” (CC).

Por mais empolgantes que sejam os convites e por mais sedutoras que sejam as promessas, a consequência de acompanhar os malfetores é nada menos que a morte. Os pais não se contentam em proibir a amizade com esse grupo (*não o consintas*, 1:10; *não te ponhas a caminho com eles; guarda das suas veredas os pés*, 1:15), mas também revelam de forma categórica o destino final desses pecadores. Eles são dominados de tal modo pela cobiça que nada os detém (1:16). São tão tolos quanto pássaros que se deixam apanhar pela rede que viram ser estendida, ou mais tolos ainda, pois o pássaro atento evita a rede (1:17). “Encontram-se tão cegados pelo mal que não reconhecem a armadilha” (EBC). Em que consiste a armadilha? Na intenção de emboscar *para derramar sangue inocente* (1:11), quando, na verdade, *emboscam contra o seu próprio sangue* (1:18). Dizem: *Espreitemos [...] os inocentes* (1:11), mas sua própria vida espreitam (1:18). Provérbios 26:27 mostra a mesma realidade: “Quem abre uma cova nela cairá”. Por fim, os pais advertem: *Tal é a sorte de todo ganancioso; e este espírito de ganância tira a vida de quem o possui* (1:19).

### 1:20-33 O apelo fervoroso da sabedoria

Enquanto na passagem anterior os pais se dirigem ao filho, aqui é a sabedoria personificada quem fala. *Grita na rua e nas praças, levanta a voz* (1:20); *do alto dos muros clama, à entrada das portas e nas cidades profere suas palavras* (1:21). Enquanto os pais transmitem sabedoria na privacidade do lar, a sabedoria clama em lugares públicos. O autor enfatiza que a sabedoria se posiciona de forma estratégica onde sua mensagem possa ser ouvida com clareza pelo maior número possível de pessoas. A imagem nos lembra os evangelistas de rua na África, que pregam suas mensagens em pontos estratégicos da cidade.

É interessante observar que o termo traduzido por *Sabedoria* em 1:20 é plural no hebraico. Na opinião da maioria dos estudiosos, trata-se de um plural de intensidade que aponta para seu “caráter multifacetado e majestoso” (CC), uma referência à mesma diversidade retratada nos conjuntos de palavras que descrevem a sabedoria na seção introdutória (1:2-6).

O conteúdo da mensagem da sabedoria é apresentado em 1:22-23. A pergunta inicial: *Até quando [...]?*, repetida três vezes em 1:22, sugere que ela espera uma resposta de seus ouvintes há algum tempo. Em 1:23, a sabedoria fala daquilo que acontecerá se seus ouvintes atentarem para sua repreensão. A resposta produzirá um resultado positivo: *Eis que derramarei copiosamente para vós outros o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras*.

As palavras aqui registradas se destinam aos *néscios*, *escarnecedores* e *loucos* (1:22). Em Provérbios, esse conjunto de palavras descreve os “insensatos”, o oposto dos “sábios”.

Apesar de a sabedoria exortá-los a ouvir sua “repreensão”, ao que parece, a pergunta “Até quando?” já foi respondida. Ao rejeitar a repreensão e os conselhos da sabedoria, os néscios, os escarnecedores e os loucos encontram suas devidas consequências: *Mas, porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a mão, e não houve quem atendesse; antes, rejeitastes todo o meu conselho e não quisestes a minha repreensão; também eu me ri na vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei, em vindo o vosso terror como a tempestade, em vindo a vossa perdição como o redemoinho, quando vos chegar o aperto e a angústia* (1:24-27). A sabedoria descreve como os rejeitará: *Então, me invocarão, mas eu não responderei; procurar-me-ão, porém não me hão de achar* (1:28). A paciência da sabedoria e sua oferta de instrução têm limite, e quem excedê-lo terá de arcar com a consequência descrita nos versículos seguintes: *Não quiseram o meu conselho e desprezaram toda a minha repreensão. Portanto, comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios conselhos se fartarão* (1:30-31). Ao descrever o estilo de vida equivocado dos insensatos, a sabedoria repete o tema do livro (1:29; cf. 1:7).

O discurso termina com uma declaração resumida dos destinos resultantes de aceitar ou recusar a sabedoria: *Os néscios são mortos por seu desvio, e aos loucos a sua impressão de bem-estar os leva à perdição. Mas o que me der ouvidos habitará seguro, tranquilo e sem temor do mal* (1:32-33; cf. tb. 2:21-22; 3:33-35; 4:18-19; 8:35-36).

### 2:1-22 Os frutos da sabedoria

O capítulo 2 constitui a unidade mais organizada de todo o livro. Consiste em apenas um poema. No original hebraico, pode ser descrito até mesmo como uma única frase!

O discurso poético se inicia com as mesmas palavras de 1:10: *Filho meu, se...* (2:1). A tônica da seção, porém, é bem diferente. Os conselhos que até este ponto foram negativos adquirem tom positivo. Enquanto a passagem anterior enfatiza o perigo de ser seduzido pelo mal, esta mostra os benefícios proporcionados pela aquisição da sabedoria. O mestre se refere à busca bem-sucedida pela sabedoria (2:1-8), aos resultados de encontrá-la (2:9-11), fornece dois exemplos para ilustrar seu argumento (2:12-15 e 16-19) e apresenta uma conclusão (2:20-22).

#### 2:1-8 A busca e a aquisição de sabedoria

Na passagem anterior, a sabedoria grita na rua (1:20); aqui, quem busca a sabedoria é instruído a clamar e alçar a voz (2:3). Os quatro primeiros versículos explicam a intensidade da busca. A expressão *Filho meu* é seguida por três declarações condicionais: *Se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos* (2:1); *se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz* (2:3); e, por fim, *se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a*

*procurares* (2:4). De maneira tipicamente hebraica, o autor usa uma sequência de verbos para enfatizar a intensidade necessária: “aceitar”, “esconder”, “clamar”, “alçar [a voz]”, “buscar” e “procurar”. A ordem na qual os verbos são apresentados também indica um aspecto da busca. Não se trata de uma especulação informal, mas de uma busca cujo ponto de partida é a revelação constituída de informações específicas (*palavras*) e instruções práticas (*mandamentos*) (TOT). Aquele que procura a sabedoria explora e guarda os ensinamentos encontrados a fim de entender e aplicar seus princípios subjacentes. Seu objetivo é espiritual, e não acadêmico. Os resultados dessa busca séria, com base naquilo que Deus já revelou, é garantido: *Então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus* (2:5).

O fato de o “temor do Senhor” e o “conhecimento de Deus” serem paralelos confirma nossa interpretação anterior da expressão (cf. comentário sobre 1:7). Aqui, “o temor do SENHOR” é a recompensa da busca por sabedoria. Não constitui, porém, apenas o resultado da busca humana, pois o autor enfatiza que *o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento* (2:6). Quem procura a sabedoria a encontra, não necessariamente em decorrência da busca, mas porque Deus concede sabedoria e conhecimento. Como ressalta o provérbio umbundu de Angola: *Uloño wosi wo manu lu kulihiso vitunda tunda ku Suku* (“Toda sabedoria provém de Deus, e todas as coisas residem em Deus”).

Além de conceder sabedoria àqueles que nele confiam, Deus também oferece proteção: *Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos; é escudo para os que caminham na sinceridade* (2:7). De que maneira Deus serve de “escudo” para os justos? A resposta se encontra em 2:8: *Guarda as veredas do juízo e conserva o caminho dos seus santos*.

### 2:9-11 Os resultados de encontrar sabedoria

Não apenas Deus oferece proteção àqueles que buscam sabedoria, como a própria sabedoria se torna fonte de proteção. Em 2:5, o advérbio “então” indica que a pessoa em busca de sabedoria a encontrará; em 2:9, o mesmo advérbio se refere aos resultados de encontrá-la: *Então entenderás justiça, juízo e equidade, todas as boas veredas* (2:9). Os benefícios da sabedoria correspondem ao que é prometido na seção introdutória (cf. 1:3). A explicação dos benefícios da sabedoria prossegue com a conjunção *porquanto* em 2:10, que se aplica também a 2:11. Primeiro, o autor declara o fato: A sabedoria e o conhecimento se tornaram parte integrante da vida do discípulo (2:10). Em decorrência, *o bom siso te guardará, e a inteligência te conservará* (2:11).

### 2:12-19 Proteção proporcionada pela sabedoria

O primeiro exemplo da proteção que a sabedoria oferece é relacionado ao livramento *do caminho do mal* (2:12). Segue-se uma descrição detalhada daqueles que andam por esse caminho. São homens que dizem *coisas perversas* [...] *deixam as veredas da retidão, para andarem pelos caminhos das trevas;*

*que se alegram de fazer o mal, folgam com as perversidades dos maus, seguem veredas tortuosas e se desviam nos seus caminhos* (2:12-15). No primeiro discurso, o filho é avisado para não se relacionar com pessoas desse tipo. No segundo discurso, recebe a garantia de que Deus e a sabedoria o protegerão delas.

O segundo exemplo de proteção é relacionado a mulheres perversas (2:16-19). O autor descreve de forma específica a *mulher adúltera* [...] *estrangeira* (ou “pervertida”, NVI) que *deixa o amigo da sua mocidade e se esquece da aliança do seu Deus* (2:16-17). O fato de ser chamada de “estrangeira” e descrita como alguém que “esquece da aliança do seu Deus” não significa que a mulher não seja israelita. É estrangeira quanto ao seu comportamento inapropriado para alguém que faz parte do povo de Deus. Na opinião de alguns estudiosos, trata-se de uma referência tanto à aliança nacional de Israel com Deus quanto à aliança firmada no matrimônio. Para outros, o versículo descreve apenas o rompimento do pacto matrimonial (cf. tb. Ml 2:14), rompimento que também envolve Deus e o cônjuge. Mas ela não se contenta em quebrar seu voto e procura atrair o jovem *com palavras* sedutoras (2:16). Relacionar-se com ela, porém, corresponde a atravessar o limiar para a morte: *Porque a sua casa se inclina para a morte, e as suas veredas, para o reino das sombras da morte; todos os que se dirigem a essa mulher não voltarão* (2:18-19). O tema desses versículos é repetido várias vezes nos discursos subsequentes (5:3-6,20; 6:23-35; 7:1-27; 9:13-18).

### 2:20-22 Conclusão

Ao adquirir sabedoria e evitar as armadilhas de mulheres e homens perversos, o jovem preservará sua vida: *Assim, andarás pelo caminho dos homens de bem e guardarás as veredas dos justos* (2:20). A recompensa final dos justos e o julgamento dos perversos são retratados claramente. Enquanto *os retos habitarão a terra* (2:21) que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem, *os perversos serão eliminados da terra e desarraigados* (2:22). No contexto do povo da aliança, a terra em questão pode ser a terra prometida. Para os cristãos, porém, pode ser a terra como um todo. Não obstante a referência exata, há um contraste inequívoco entre os destinos que reaparecerá diversas vezes nos discursos seguintes.

### 3:1-35 Bênçãos da obediência e devoção

Essa seção é constituída de um discurso relativamente longo que pode ser dividido em cinco subseções.

#### 3:1-12 Ações e consequências

O mestre sábio admoesta seu aprendiz. Descreve o mundo como um lugar racional, onde se pode esperar que ações específicas acarretem consequências específicas. Apresenta seis ações e as respectivas consequências.

O primeiro par ação-consequência aparece logo no início: *Filho meu, não te esqueças dos meus ensinamentos, e o teu*

*coração guarde os meus mandamentos (3:1).* O resultado ou consequência de obedecer é descrito em seguida: *Porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz (3:2).* Quem obedece aos ensinamentos do sábio desfruta longevidade e prosperidade. Daí o conselho do mestre ao aprendiz: *Não te desamparem a benignidade e a fidelidade; ata-as ao pescoço; escreve-as na tábua do teu coração (3:3).* Os termos desta frase nos trazem à memória a lealdade existente entre Deus e seu povo na aliança. A ordem para atar as virtudes ao pescoço lembra o diadema e os colares de 1:9 e as instruções de Deuteronômio 6:4-9. Se o aprendiz seguir o conselho do mestre, encontrará *graça e boa compreensão diante de Deus e dos homens (3:4).*

O assunto do par seguinte (3:5-8) é a confiança no Senhor. Quem confiar no Senhor e não se apoiar no próprio entendimento (3:5) receberá a direção de Deus: *Ele endireitará as tuas veredas (3:6).* Encontramos um conselho parecido em 3:7: *Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal,* e o respectivo resultado: *Será isto saúde para o teu corpo e refrigério, para os teus ossos (3:8).* A sabedoria é descrita, por vezes, como a arte de seguir um curso ao longo da vida. Essa descrição pode sugerir, contudo, que nossa capacidade humana de encontrar o caminho no meio das complexidades deste mundo nos proporcionará as bênçãos de uma vida bem-sucedida e repleta de sentido. Os versículos citados afirmam categoricamente que o bem-estar e a plenitude de vida não podem ser obtidos com base em nossa própria habilidade ou engenhosidade, mas somente por meio da confiança no Senhor.

O grupo final de pares constitui uma justaposição interessante. A primeira instrução ao jovem é: *Honra ao SENHOR com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda (3:9).* O resultado é descrito em seguida: *E se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares (3:10).* Esse versículo pode dar a impressão de que corrobora o evangelho da prosperidade, mas Kidner nos lembra: “A generalização de que a piedade traz abundância concorda com grande parte das Escrituras [...] e da experiência. Se [no entanto] constituísse mais do que uma generalização [como acreditavam os amigos de Jó], nossas ofertas a Deus não seriam uma forma de honrá-lo, mas, sim, um investimento financeiro” (TOT). O par seguinte, portanto, serve para contrabalançar essa declaração: *Filho meu, não rejeites a disciplina do SENHOR, nem te enfades da sua repreensão (3:11),* e é acompanhado pelo motivo da instrução: *Porque o SENHOR repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem (3:12).* O autor de Hebreus cita essa passagem para encorajar os cristãos que estavam passando por provações intensas (Hb 12:4-6).

### 3:13-20 Prazeres que a sabedoria proporciona

Esta seção trata da bem-aventurança dos sábios. De fato, *feliz é o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento (3:13).* O autor ilustra com esmero o motivo

dessa felicidade. Em primeiro lugar, *melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino (3:14).* A sabedoria é *mais preciosa [...] do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela (3:15).* A sabedoria é incomparável, pois suas dádivas àqueles que a buscam são mais valiosas que os tesouros mencionados nos versículos anteriores. Na sequência, encontramos a descrição dessas dádivas: *O alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda, riquezas e honra (3:16).* Ademais, *os seus caminhos são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz (3:17).* E, ainda, *é árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm (3:18).* A imagem da árvore traz à memória a descrição do justo, que é “como árvore plantada junto a corrente de águas” (Sl 1:3). Ao contrário de algumas opiniões, portanto, existe um paralelismo entre a literatura sapiencial e o restante da Bíblia, como essa e outras passagens deixam claro.

A declaração final acrescenta uma dimensão teológica às asserções dos versículos anteriores acerca dos benefícios da sabedoria. O autor louva o valor da sabedoria ao associá-la à obra de Deus na criação (3:19-20). Esta relação, mencionada apenas de passagem aqui, é explicada melhor em 8:22-31.

### 3:21-26 Benefícios práticos da sabedoria

O conjunto seguinte de admoestações também se inicia com “filho meu” e volta ao padrão de causa e consequência seguido em admoestações anteriores: *Filho meu, não se apartem estas coisas dos teus olhos, guarda a verdadeira sabedoria e o bom siso (3:21).* O resultado é descrito em detalhes em 3:22-24: *Porque serão vida para a tua alma e adorno ao teu pescoço (3:22).* A vida, em toda a sua plenitude, foi associada à sabedoria anteriormente e a imagem de ornamentos (“diadema” e “colares”) aparece em 1:9. *Então, andarás seguro no teu caminho, e não tropeçará o teu pé (3:23).* Quem anda nas veredas que o Senhor endireita não tropeça (cf. 3:6). A segurança, contudo, estende-se a outras ocasiões: *Quando te deitares, não temerás; deitar-te-ás, e o teu sono será suave (3:24).* Depois dessas garantias, o discípulo é admoestado novamente: *Não temas o pavor repentino, nem a arremetida dos perversos, quando vier (3:25),* pois, se der ouvidos aos conselhos aqui apresentados, *o SENHOR será a tua segurança e guardará os teus pés de serem presos (3:26).*

### 3:27-32 Generosidade e relacionamentos amigáveis

As próximas admoestações tratam da generosidade e das boas relações com o próximo. São apresentadas na forma de proibições: *Não te furtas a fazer o bem a quem de direito, estando na tua mão o poder de fazê-lo. Não digas ao teu próximo: Vai e volta amanhã; então, to darei, se o tens agora contigo (3:27-28).* No original hebraico, a expressão traduzida por “a quem de direito” significa, literalmente, “a quem pertence”. Pode parecer estranho, mas Deus está dizendo que os necessitados têm direito à nossa assistência caso sejamos



capazes de oferecê-la. A procrastinação não é, portanto, apenas insensível, mas também incorreta! Observamos uma ideia semelhante no provérbio latino: “Quem dá prontamente dá em dobro”.

O conjunto seguinte de admoestações (3:29-32) trata de como manter a paz na vizinhança. É impossível existir comunidade onde há intriga em vez de confiança, acusações em vez de amizade, violência em vez de pacificação. Não é de admirar que o Senhor abomine o *perverso*, mas honre o justo, a quem ele *trata com intimidade* (3:32).

### 3:33-35 *Resumo final*

O contraste entre dois estilos de vida em 3:32 fica ainda mais claro nas linhas antitéticas dos versículos finais, em que a segunda linha de cada parêntese apresenta o oposto daquilo que é descrito na primeira linha. Um estilo de vida é amaldiçoado pelo Senhor, enquanto o outro recebe sua bênção (3:33); de um ele escarnece, mas ao outro ele concede graça (3:34); e, por fim, *os sábios herdarão honra, mas os loucos tomam sobre si a ignomínia* (3:35). O contraste entre sábios e insensatos é enfatizado repetidamente ao longo de todo o livro de Provérbios.

## 4:1-27 Um compromisso vitalício

### 4:1-4 *Um assunto de família*

Essa é uma das poucas passagens em Provérbios que se dirige aos *filhos* (4:1). Na primeira seção (4:1-9) desse discurso, o mestre recorda aquilo que seus pais lhe ensinaram. Ao ligar três gerações, ressalta o fato de estar transmitindo algo que ele próprio recebeu. Atkinson comenta: “Este parágrafo curto, porém rico, gira em torno da questão central de que, no processo de educação, aprendemos mais com aqueles que se encontram ao nosso redor, especialmente os membros de nossa família. O pai (4:1), que aprendeu com seus pais (4:3), agora transmite a sabedoria aos seus filhos (4:1)” (BST). A passagem também mostra de forma vívida uma família israelita seguindo as instruções de Deuteronômio 6:7.

Essa maneira ideal de transmitir sabedoria às gerações mais jovens se encaixa no contexto africano, especialmente quando a família mais ampla se encontra preservada. A desintegração provocada pela modernidade e o surgimento da família nuclear, porém, tornam necessário às famílias cristãs africanas reavaliar seus princípios. Temos encarado o desafio de instruir nossos pequeninos e jovens nos caminhos do Senhor, ou delegamos essa tremenda responsabilidade às igrejas ou mesmo às instituições de ensino?

Nessa passagem, o pai sábio admoesta seus filhos: *Ouvi [...] a instrução do pai [...] para conhecerdes o entendimento* (4:1). Uma vez que recebeu e se apropriou dessa instrução para si mesmo, o pai fala com autoridade e segurança: *Porque vos dou boa doutrina; não deixeis o meu ensino* (4:2). As gerações e os ensinamentos parecem sobrepor-se. O pai se

dirige inicialmente aos seus *filhos* (4:1), mas no decorrer do discurso passa a falar ao seu *filho* (4:10,20), talvez concentrando sua atenção no filho mais velho. Assim como não há indicação de mudança do público-alvo de vários filhos para apenas um filho, também não há nenhuma indicação de onde termina o ensinamento de seu pai e começa o seu próprio. A ênfase é sobre o fato de que o pai não cria ensinamentos novos, mas apenas transmite a tradição que recebeu. A educação que se reflete nesses capítulos deve ser entendida, principalmente, em seu contexto israelita no que diz respeito não apenas ao formato, mas também ao conteúdo.

### 4:5-9 *Buscar a sabedoria*

O pai começa com a instrução para o filho buscar sabedoria: *Adquire a sabedoria, adquiere o entendimento e não te esqueças das palavras da minha boca, nem delas te apartes* (4:5). Quando recebê-la, não deve abandoná-la, pois ela o guardará; deve amá-la, e ela o protegerá (4:6). Passagens anteriores mostram que o único refúgio seguro na vida é a busca incessante por sabedoria. Os versículos seguintes explicam melhor: *O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquiere o entendimento* (4:7). Como vimos no discurso do capítulo 3, o valor da sabedoria é incalculável (3:13-18). *Estima-a, e ela te exaltará; se a abraçares, ela te honrará* (4:8). De fato, conforme 1:9 indica, *ela dará à tua cabeça um diadema de graça e uma coroa de glória te entregará* (4:9). Aquele que possui sabedoria divina é reconhecido até mesmo pela sociedade secular por sua dignidade e honra. Os ovimbundu de Angola, cujo provérbio citamos anteriormente, acreditam não apenas que Deus é a fonte de toda sabedoria, mas também que a sabedoria é inestimável. Valorizam-na acima de toda beleza e força e consideram-na um bem extremamente precioso.

### 4:10-19 *Escolher a sabedoria*

Mais uma vez, o pai admoesta: *Ouve, filho meu*. Em seguida, apresenta dois modos de vida: o caminho da retidão e o da perversidade. O aprendiz pode amadurecer em segurança ao escolher o primeiro e rejeitar o segundo. Se fizer a escolha certa, *se te multiplicarão os anos de vida* (4:10). Primeiro, o mestre apresenta a opção que proporciona vida: *No caminho da sabedoria, te ensinei e pelas veredas da retidão te fiz andar* (4:11). Promete ao discípulo que, *em andando por elas, não se embarçarão os teus passos; se correres, não tropeçarás* (4:12). O caminho do discípulo não terá armadilhas ocultas ou obstáculos, como o outro caminho, pois ele será conduzido “pelas veredas da retidão”. Daí, a exortação adicional do pai antes de descrever o caminho dos perversos: *Retém a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida* (4:13).

O aprendiz é advertido acerca da escolha incorreta: *Não entres na vereda dos perversos, nem sigas pelo caminho dos maus* (4:14). Ele não deve nem sequer cogitar esse

caminho e, muito menos, andar por ele: *Evita-o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo* (4:15). Na sequência, o mestre fala de um estilo de vida com valores invertidos: *Pois não dormem, se não fizerem mal, e foge deles o sono, se não fizerem tropeçar alguém* (4:16). Quanta depravação! A advertência continua: *Porque comem o pão da impiedade e bebem o vinho das violências* (4:17). A frase pode indicar que a “impiedade” e as “violências” são o pão de cada dia dos perversos, ou pode mostrar que obtêm seu sustento por meio delas. Mais uma vez, lembramos a violência cada vez maior que as gangues espalham por nossos centros urbanos. O que deu errado em nossas sociedades? Está cada vez mais difícil viver uma vida decente e segura, não apenas aqui na África, mas até mesmo nos países com mais riquezas e poderio militar, pois a humanidade deu as costas para o plano perfeito de Deus. Eis um desafio monumental para a igreja!

O pai conclui com um resumo que se aplica ao discurso todo e no qual contrasta o destino final dos dois caminhos: *Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. O caminho dos perversos é como a escuridão; nem sabem eles em que tropeçam* (4:18-19). Vemos aqui um contraste “entre perigo e confusão constantes e segurança e certeza crescentes” (TOT).

#### 4:20-27 Concentrar-se na sabedoria

A seção final traz outra série de exortações e promessas. Depois de novamente aconselhar o discípulo a dar ouvidos às suas instruções e lembrá-lo dos benefícios da obediência (4:20-22), o mestre diz: *Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida* (4:23). Nos versículos anteriores, o mestre explicou como fazê-lo, a saber, guardando as palavras do sábio no mais íntimo do coração (4:21). Sua orientação concorda com a do salmista: “De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra” (Sl 119:9) e “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119:11). *Desvia de ti a falsidade da boca e afasta de ti a perversidade dos lábios* (4:24), diz o mestre, e admoesta o aprendiz a concentrar-se no rumo que deve seguir: *Os teus olhos olhem direito, e as tuas pálpebras, diretamente diante de ti* (4:25). O segredo é focalizar com determinação o caminho que conduz à vida eterna. Apesar de já haver recebido a promessa de que será conduzido por veredas de retidão (4:11), o discípulo deve cooperar: *Pondera as veredas dos teus pés, e todos os teus caminhos sejam retos* (4:26). Ademais, os olhos do discípulo devem estar sempre voltados firmemente para o céu. O lema é: “Não se distrai nem se desvie!” (4:27). Encontramos o mesmo princípio no provérbio zaonde (Zâmbia) que aconselha o líder a manter o foco: “Quem entra no matagal não deve preocupar-se com os ruídos que ouve ao seu redor”. Em outras palavras, não deve permitir que as queixas ou críticas de outros se tornem empecilhos para o seu trabalho.

#### 5:1-23 Advertência acerca do adultério

Na passagem de 2:16-19, vimos uma advertência sucinta acerca da adúltera e da esposa inconstante. Aqui, a advertência é explicada. Trata-se de um assunto ao qual o mestre voltará repetidamente (6:20-35; 7:1-27; 9:13-18).

##### 5:1-6 Descrição da adúltera

Como na advertência anterior, em 5:1 o sábio exorta os ouvintes a atentar para sua sabedoria e inclinar os ouvidos para sua inteligência. Em 5:2, o sábio justifica seu conselho: *Para que conserves a discrição, e os teus lábios guardem o conhecimento*. O motivo de enfatizar os lábios fica claro quando o mestre descreve a *mulher adúltera* (5:3-6). Trata-se de uma figura sedutora, com lábios que *destilam favos de mel e palavras [...] mais suaves do que o azeite* (5:3). A doçura e suavidade de suas palavras podem enganar aqueles cujos lábios não são guardados pelo conhecimento. *Mas o fim dela é amargoso como o absinto, agudo, como a espada de dois gumes* (5:4). As palavras “o fim” são cruciais. Quem não se prepara com a sabedoria só percebe a armadilha quando é tarde demais. Além de suas palavras que mutilam como a violência de uma espada de dois gumes, *os seus pés descem à morte; os seus passos conduzem-na ao inferno* (5:5). Os termos “morte” e “inferno” podem ser considerados sinônimos. Nesse caso, ambos representam destruição. Uma vez que os pés da mulher adúltera conduzem à morte, não é de surpreender que *ela não pondere a vereda da vida* (5:6), pois, se o fizesse, mudaria seu modo de viver. Falta-lhe, contudo, a percepção de que *anda errante nos seus caminhos*. Uma tradução mais adequada seria: “Seus caminhos são instáveis”.

##### 5:7-14 Perigos do adultério

Depois das preliminares habituais (5:7), o mestre adverte: *Afasta o teu caminho da mulher adúltera e não te aproximes da porta da sua casa* (5:8). Nada mais lógico do que instruir os jovens a manter-se afastados do caminho da adúltera que conduz à morte.

A essência da admoestação encontra-se nas orações iniciadas com *para que* (5:9-10) e nas palavras atribuídas ao discípulo arrependido. A primeira consequência de não dar ouvidos à advertência é o desperdício de sua *honra* e de seus *anos*. Outra tradução possível é: “Para que você não entregue aos outros o seu vigor nem a sua vida a algum homem cruel” (NVI), uma referência à força da juventude. Era nessa fase que o jovem construía sua reputação e carreira (como diríamos hoje em dia), ou iniciava qualquer outra atividade à qual dedicava seus anos de maior vigor. Caso desperdiçasse esses anos, *os estranhos* se fartariam dos seus bens, e seu trabalho enriqueceria a *casa alheia* (5:10). Ross comenta: “O preço da infidelidade pode ser alto; tudo aquilo pelo qual o indivíduo trabalha — *status*, poder, prosperidade — pode perder-se em razão das exigências insaciáveis da mulher ou do clamor da comunidade por restituição” (EBC).

Antes das palavras do discípulo arrependido, o mestre fornece o motivo das advertências anteriores: [Para que não] *gemas no fim da tua vida, quando se consumirem a tua carne e o teu corpo (5:11)*. “Desprovido de tudo o que sustenta a vida, tanto da autoestima quanto dos bens materiais, não lhe resta outra coisa a fazer senão lamentar, literalmente ‘gemar’ ou ‘rosnar’ como uma fera mortalmente ferida cuja carne e corpo foram consumidos” (CC). Na sequência, temos as palavras repletas de remorso do discípulo: *Como aborreci o ensino! E desprezou o meu coração a disciplina! E não escutei a voz dos que me ensinavam, nem a meus mestres inclinei os ouvidos! Quase me achei em todo mal que sucedeu no meio da assembleia e da congregação (5:12-14)*. Hubbard comenta: “O mestre emprega uma técnica poderosa: põe uma série de expressões sombrias de arrependimento nos lábios de seu aprendiz, lábios que deveriam ter guardado a sabedoria (5:2). Quando o discípulo atenta para a instrução, é tarde demais” (CC). Com essa impressionante imagem, o mestre grava na mente e no coração dos aprendizes a importância de dar ouvidos hoje para evitar humilhação pública “no meio da assembleia e da congregação”.

A que se refere essa expressão? Em geral, os termos “assembleia” e “congregação” estão associados a Israel como povo de Deus (Êx 12:3, RA; Dt 31:30, NVI). A ligação se torna ainda mais próxima quando lembramos como a lei de Moisés trata do adultério: “Se um homem for achado deitado com uma mulher que tem marido, então, ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher e a mulher; assim, eliminarás o mal de Israel” (Dt 22:22). O homem arrependido reconhece que foi um elemento nocivo no meio de seu povo.

#### 5:15-20 Louvor ao casamento

Depois da longa advertência sobre o perigo de se tornar vítima da sedução da mulher adúltera, o mestre elogia o casamento com fervor. Em vez de se envolver com relacionamentos promíscuos, o jovem deve satisfazer seus desejos sexuais no contexto do matrimônio. O sábio instrui: *Bebe a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço (5:15)*. Enquanto a adúltera destilava mel que se tornava amargo quando provado, a esposa aparece como uma cisterna e um poço que constituem fontes contínuas e abundantes de água refrescante. Em seguida, o autor aplica a imageria da água ao homem: *Derramar-se-iam por fora as tuas fontes, e, pelas praças, os ribeiros de águas? (5:16)*. A pergunta retórica dá a entender que o homem não deve desperdiçar seu vigor e potência sexual em relacionamentos promíscuos. Antes, *sejam para ti somente e não para os estranhos contigo (5:17)*.

Na sequência, o mestre faz uma oração na qual expressa o tipo de relacionamento conjugal que almeja para seu filho: *Seja bendito o teu manancial, e alegre-te com a mulher da tua mocidade (5:18)*. Retrata a esposa como uma *corça de amores e gazela graciosa* antes de pôr de lado a imageria e descrever uma pessoa real: *Saciem-te os seus seios em todo*

*o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias (5:19)*. A frase de erotismo poético descreve a beleza e bem-aventurança do amor no contexto do casamento. Não é de admirar que o mestre pergunte ao seu “filho”: Por que desperdiçar o vigor sexual, “que deveria ser reservado para a mulher com a qual ele se comprometeu e os filhos que ela lhe dará” (CC), com a mulher devassa, chamada aqui de *estranha* pois é esposa de outro homem (5:20)?

#### 5:21-23 Consequências do adultério

O discurso termina com o destino infeliz do homem perverso. Todos os atos de um homem, até mesmo aqueles praticados supostamente em mais absoluto segredo, *estão perante os olhos do SENHOR, e ele considera todas as suas veredas (5:21)*. Daí, o julgamento: *Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido. Ele morrerá pela falta de disciplina, e, pela sua muita loucura, perdído, cambaleia (5:22-23)*. Como diz Hubbard, o resultado de ser “cativado” pela adúltera (5:20, RC), em vez de ser “embriagado” pelo amor da esposa, (5:19) é “fatal” (CC).

#### 6:1-35 Ciladas para os incautos

A seção não começa com as exortações habituais para dar ouvidos às instruções do mestre. Essa injunção aparece no meio do discurso (6:20). É possível que se trate de um recurso literário para enfatizar a urgência de evitar os perigos aqui descritos.

#### 6:1-5 Fiança

É extremamente perigoso ser fiador de alguém, como fica claro pela forma condicional que o autor emprega para a decisão e suas consequências: *Se ficaste por fiador do teu companheiro e se te empenhaste ao estranho, estás enredado com o que dizem os teus lábios, estás preso com as palavras da tua boca (6:1-2)*. As declarações dizem basicamente a mesma coisa, mas a repetição lhes confere um tom de urgência e indica a precariedade da situação de quem se tornou fiador. O indivíduo afiançado (o devedor) é descrito como “estranho”. Em seu desejo de ajudar o outro, o fiador parece ter tomado a decisão de forma apressada, sem pensar nas possíveis consequências.

O mestre aconselha o fiador a se humilhar diante do credor (“teu companheiro”) e sair dessa situação o mais rápido possível: *Agora, pois, faze isto, filho meu, e livra-te, pois caíste nas mãos do teu companheiro: vai, prostra-te e importuna o teu companheiro (6:3)*. Não há tempo para perder! *Não dês sono aos teus olhos, nem repouso às tuas pálpebras (6:4)*. A imageria usada na argumentação é dramática: *Livra-te, como a gazela, da mão do caçador e, como a ave, da mão do passarinho (6:5)*. O conselho do mestre é prático e realista.

#### 6:6-11 Preguiça

Em versículos anteriores, o aprendiz é chamado repetidamente de “filho meu” (6:1,3). Aqui, porém, o mestre o cha-

ma de *preguiçoso* (6:6,9). Além dessa designação vexatória, o mestre usa outras humilhações para tratar da diligência e da indolência. Com sarcasmo, aconselha o preguiçoso a aprender com as formigas. “Um indivíduo com a dádiva da fala e um cérebro do tamanho de um formigueiro inteiro é instruído a se curvar, olhar para baixo e aprender com meros insetos” (CC).

A lição é simples: Apesar de as formigas não terem um líder, fato ressaltado pelo uso de três sinônimos para cargos de liderança (*chefe, oficial, comandante*), sua diligência se evidencia na maneira pela qual elas armazenam provisões no tempo certo (6:7-8). Em seguida, o mestre exorta: *Até quando ficarás deitado? Quando te levantarás do teu sono?* (6:9) e avisa o preguiçoso de que a pobreza lhe sobrevirá *como um ladrão* (ou “como um homem armado”, NVI) se ele não aprender a lição e mudar de atitude (6:10-11).

### 6:12-19 *Perturbadores*

A advertência acerca daqueles que causam desordem e dissensão no meio da comunidade é dada de duas formas. A primeira parte da passagem (6:12-15) descreve o perturbador, enquanto a segunda parte (6:16-19) repete as informações em ditos numéricos. A maneira em que o dito é introduzido: *Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima a sua alma abomina* (6:16), mostra que o autor não pretende fornecer uma lista completa. Listas de ditados como essa são estruturadas a fim de enfatizar o último item e sugerem que ele expressa a essência dos seis itens anteriores.

Várias coisas mencionadas na primeira passagem descritiva voltam a ser mencionadas na segunda. Provérbios 6:14b é repetido em 6:19 de modo ligeiramente modificado. Ademais, dois termos hebraicos sinônimos, ambos traduzidos por “coração”, ocorrem em 6:14a e 6:18a, e a mesma palavra hebraica é usada em 6:12 e 6:18a (a RA traz *homem de Belial e iníquos*; a NVI traz, mais corretamente, “perverso” e “perversos”). Outros paralelos são *os olhos* (6:13) e *olhos altivos* (6:17); *com os pés* (6:13) e *pés* (6:18b); *o mal* (6:14) e *para o mal* (6:18). O destino do perturbador da ordem é descrito em termos que mostram a repentividade do seu julgamento: *Pelo que a sua destruição virá repentinamente; subitamente, será quebrantado, sem que haja cura* (6:15).

### 6:20-35 *A mulher imoral*

Na segunda metade do capítulo, o mestre volta a advertir acerca da mulher imoral. O aviso é precedido da exortação habitual para obedecer às instruções dos pais (6:20-21; cf. tb. 1:8-9), mas aqui o autor emprega uma imagem diferente. Em 6:22-23, o mandamento e a instrução do sábio são descritos como *lâmpada* e *luz*, respectivamente. A comparação sugere que possuem a mesma autoridade que a lei divinamente revelada (cf. Sl 119:105).

De acordo com o mestre, o propósito do mandamento, da lei e das correções disciplinares é guardar o jovem *da vil*

*mulher e das lisonjas da mulher alheia* (6:24). A admoestação para manter distância dela começa com as palavras: *Não cobices no teu coração a sua formosura, nem te deixes prender com as suas olhadelas* (6:25; uma tradução mais precisa seria “os seus cílios”). A cobiça não é apenas o primeiro passo para cair em pecado; Jesus ensinou que a própria cobiça é pecado (Mt 5:27-28).

O mestre explica por que o jovem deve evitar essa mulher: *Por uma prostituta o máximo que se paga é um pedaço de pão, mas a adúltera anda à caça de vida preciosa* (6:26). Isso não significa que ter relações com uma prostituta é um mal menos grave que ter relações com uma adúltera. Não se trata de contraste ou comparação, mas de um paralelismo sinônimo no qual a segunda linha reforça a ideia da primeira.

Em seguida, o mestre sábio usa perguntas retóricas e uma analogia para ressaltar a loucura do adultério (6:27-28). A resposta óbvia às duas perguntas é “não”. É impossível colocar fogo no peito sem incendiar as vestes ou andar sobre brasas sem queimar os pés. *Assim será com o que se chegar à mulher do seu próximo; não ficará sem castigo todo aquele que a tocar* (6:29). A mensagem é inequívoca! “Não precisamos de aids e outras doenças sexualmente transmissíveis para lembrar como a promiscuidade é destrutiva” (BST).

O autor faz uma comparação (talvez o termo mais apropriado seja “contraste”) entre o ladrão que rouba para saciar a fome (6:30-31) e o adúltero (6:32-33). Não devemos imaginar, contudo, nenhuma aprovação ao pecado de roubar. Os Dez Mandamentos o condenam claramente (cf. Êx 20:15; Dt 5:19). A reparação *sete vezes maior* (6:31) excede a restituição prevista por lei (Êx 22:1) e parece ser uma hipérbole cuja intenção é deixar claro que o roubo é um crime sério. O ponto de contraste é a insensatez de quem comete adultério, assim como a vergonha, estigma, ignomínia e insegurança decorrentes.

Depois de descrever a situação do ladrão, o mestre diz: *O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa* (6:32). Além de não ter senso e cometer um ato que destrói sua vida presente e futura, o adúltero *achará açoites e infâmia, e o seu opróbrio nunca se apagará* (6:33). Os versículos seguintes explicam o que causa esse fim triste: *Porque o ciúme excita o furor do marido; e não terá compaixão no dia da vingança. Não se contentará com o resgate, nem aceitará presentes, ainda que sejam muitos* (6:34-35). O autor adverte que o adúltero vive à beira da morte, pois o marido ofendido não descansará enquanto não se tiver vingado.

### 7:1-27 *Mais advertências acerca do adultério*

Encontramos aqui o primeiro capítulo dedicado inteiramente à instrução contra o adultério. Trata-se, basicamente, de uma lição prática apresentada “não por meio de generalizações, mas de forma dramática” (TOT).

As exortações que antecedem o ensino são mais numerosas (7:1-5) do que as de outras passagens. Além da admoestação habitual: *Guarda as minhas palavras e conserva dentro de ti os meus mandamentos (7:1)*, o mestre ordena: *Ata-os aos dedos, escreve-os na tábua do teu coração (7:3)*, uma injunção conhecida (cf. 3:3). De acordo com o mestre sábio, as instruções devem ser tratadas da mesma forma que a lei mosaica (cf. Dt 6:8).

Em 7:4, o mestre recomenda ao discípulo: *Dize à Sabedoria: Tu és minha irmã; e ao Entendimento chama teu parente*. A relação próxima que o aprendiz deve ter com a sabedoria o guardará de se ligar à adúltera: *Para te guardarem da mulher alheia, da estranha que lisonjeia com palavras (7:5)*. (A NVI se refere a essa mulher como *leviana*.)

Depois dos comentários introdutórios, temos a lição propriamente dita (7:6-23). Uma vez que os sábios são observadores perspicazes das interações humanas, o autor começa com uma descrição daquilo que observou: *Porque da janela da minha casa, por minhas grades, olhando eu, vi entre os simples, descobri entre os jovens um que era carente de juízo (7:6-7)*. A descrição dos jovens é neutra. São rapazes simples, ingênuos e inexperientes. Aquele que chama a atenção do sábio, porém, é um jovem sem juízo. O motivo dessa caracterização se torna evidente logo em seguida. Observe os passos do rapaz. Primeiro, ele se separou do grupo e veio *pela rua junto à esquina da mulher estranha (7:8)*. Segundo, caminha *à tarde do dia, no crepúsculo, na escuridão da noite, nas trevas (7:9)*. O comentário de Kidner é apropriado: “Caminha para a tentação, na qual o espaço (7:8) e o tempo (7:9) se unem contra ele; e, enquanto ele anda a esmo, sua tentadora tem um objetivo definido” (TOT).

Os versículos seguintes descrevem a adúltera. *Eis que a mulher lhe sai ao encontro, com vestes de prostituta e astuta de coração (7:10)*. Trata-se de um confronto injusto no qual o rapaz carente de juízo (literalmente “desprovido de coração”) se depara com uma mulher “astuta de coração”. O rapaz sai perdendo. Depois de descrever a inconstância e o comportamento atrevido da mulher (7:11-12), o texto diz: *Aproximou-se dele, e o beijou (7:13a)*. Os passos da sedutora são calculados com cuidado para enredar o jovem inexperiente. Em seguida, a sedutora profere suas palavras com o mais absoluto despudor (7:13b): *Sacrifícios pacíficos tinha eu de oferecer; paguei hoje os meus votos. Por isso, saí ao teu encontro, a buscar-te, e te achei (7:14-15)*. Os comentaristas que a consideram uma mulher israelita associam os “sacrifícios pacíficos” aos sacrifícios descritos em Levítico 7:16-18 e observam em suas palavras uma “secularização sutil de sua religião” (TOT). Aqueles que a consideram uma estrangeira relacionam os sacrifícios e votos às suas obrigações religiosas pagãs e, mais especificamente, à prostituição que fazia parte dos cultos de fertilidade cananeus. Sejam quais forem suas origens, a mulher procura seduzir o jovem com promessas de luxúria: *Já cobri de colchas a minha cama, de linho fino do Egito, de várias cores; já perfumei o meu*

*leito com mirra, aloés e cinamomo (7:16-17)*. Desfere, então, seu golpe final (7:18), acompanhado da garantia de que seu marido *não está em casa, saiu de viagem para longe* e só retornará *por volta da lua cheia (7:19-20)*. É interessante observar que o original hebraico traz “o homem”, enquanto a RA usa “meu marido”. Um ditado luganda (Uganda) ilustra bem esse aspecto da natureza humana. Quando alguém pergunta ao marido desconfiado quando pretende voltar, ele responde: “Quem viaja vê (o que acontecerá)”, ou seja, “Não posso dizer de imediato”. Ele não especifica quando voltará, a fim de manter sua esposa num estado de suspense para que ela não possa dizer, como a mulher nesta passagem: “Só por volta da lua cheia ele tornará”. Um provérbio amárico (Etiópia) mordaz reforça o argumento: *Yalteretere temeneter* (“Quem não é desconfiado é destruído”).

O plano de seduzir o rapaz é bem-sucedido, pois, de acordo com o texto, *ele num instante a segue (7:22)*. A descrição do rapaz é dramática: *Como o boi que vai ao matadouro; como o cervo que corre para a rede, até que a flecha lhe atravesse o coração; como a ave que se apressa para o laço (7:22-23)*. Observe a última parte de 7:23: *Sem saber que isto lhe custará a vida*. Para entender o significado dessas palavras no contexto de Provérbios, precisamos apenas nos lembrar de 6:34-35. No AT, o adultério era um crime passível da pena de morte (Dt 22:22).

O mestre sábio conclui com uma exortação dada anteriormente: Em nenhuma circunstância, seus ouvintes devem desviar-se para o caminho da mulher adúltera, pois *a sua casa é caminho para a sepultura e desce para as câmaras da morte (7:27)*. Esta passagem (7:24-27) enfatiza que a decisão de obedecer não deve ser considerada levianamente. É uma questão de vida ou morte. Não há dúvida de que o jovem retratado na lição prática era desprovido de entendimento.

### 8:1-36 A excelência da sabedoria e seu papel na criação

Pode-se ouvir o suspiro de alívio do leitor ao deixar para trás a descrição dos ataques mortais da mulher insensata do capítulo 7 e passar para o capítulo 8, que focaliza os atributos e a excelência da sabedoria que conferem plenitude de vida. Tendo em vista a relevância teológica do discurso, especialmente de 8:22-31, trataremos dele de maneira mais detalhada.

#### 8:1-5 Introdução

Os três primeiros versículos são semelhantes a 1:20-21, exceto pela pergunta retórica que inicia o capítulo 8. Aqui, a sabedoria não apenas *clama*, mas também *faz ouvir a sua voz* (ou “ergue a sua voz”, NVI; 8:1). Está decidida a ser ouvida acima do vozerio dos malfetores gananciosos (1:10-19), dos trapaceiros mentirosos (2:12-15), dos lisonjeadores (2:16-19), dos homens corruptos (4:14-17) e dos perturbadores da ordem (6:12-15). “Na hora de entrar em

combate, um toque incerto da trombeta não basta para reunir os pelotões. A sabedoria não deixa dúvidas acerca da importância e significado de sua conclamação” (CC).

Observe os lugares de onde a sabedoria clama: *No cimo das alturas, junto ao caminho, nas encruzilhadas das veredas [...] junto às portas, à entrada da cidade, à entrada das portas (8:2-3)*, ou seja, todos os locais onde o povo se reúne. “Um capítulo que transcende tempo e espaço começa nas ruas, deixando claro que a sabedoria de Deus é tão relevante nos centros comerciais (8:2-3) quanto no próprio céu (8:22)” (TOT). O chamado da sabedoria é, ao mesmo tempo, público e pessoal. Apesar de começar com o indivíduo, “é a sabedoria no domínio público que molda toda a vida da comunidade” (CC).

### 8:6-21 A excelência da sabedoria

Em sua descrição minuciosa da excelência da sabedoria, o autor focaliza a superioridade de sua instrução moral e seu valor inestimável. A fim de motivar os ouvintes a atentar para suas palavras, a sabedoria informa: *Falarei coisas excelentes; os meus lábios proferirão coisas retas (8:6)*. E prossegue: *A minha boca proclamará a verdade; os meus lábios abominam a impiedade. São justas todas as palavras da minha boca; não há nelas nenhuma coisa torta, nem perversa (8:7-8)*. Tudo isso pode ser experimentado pelos que têm entendimento (8:9). Depois de exortar os ouvintes a escolher o seu ensino, e não a prata, e o conhecimento, antes do que o ouro escolhido (8:10), o sábio afirma: *Melhor é a sabedoria do que joias, e de tudo o que se deseja, nada se pode comparar com ela (8:11)*, uma ideia expressa anteriormente (cf. tb. Jó 28).

A sabedoria começa a relacionar suas qualidades: *Eu, a Sabedoria, habito com a prudência e disponho de conhecimentos e de conselhos. O temor do SENHOR consiste em aborrecer o mal; a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca perversa, eu os aborreço (8:12-13)*. Kidner comenta: “Os dois versículos precisam andar juntos. A verdadeira sabedoria é perspicaz e engenhosa [...] e, no entanto, pelo fato de ser arraigada no temor do Senhor [...] não apresenta as deficiências da sabedoria do mundo” (TOT). Depois de afirmar que *o conselho e a [...] fortaleza lhe pertencem (8:14)*, a sabedoria relaciona alguns de seus beneficiários mais eminentes e poderosos (8:15-16).

A sabedoria tem afeição por seus seguidores: *Eu amo os que me amam; os que me procuram me acham (8:17)*. A segunda metade do versículo lembra as palavras do Senhor em Jeremias 29:13 e a promessa de Jesus em Mateus 7:7-8: *Quem pede recebe; quem busca encontra; a quem bate, abre-se a porta (cf. tb. Tg 1:5)*. Além de amar seus seguidores, como foi dito anteriormente, a sabedoria lhes concede riquezas e os torna sábios (8:18-21).

### 8:22-31 O papel da sabedoria na criação

A segunda parte do discurso da sabedoria trata do motivo pelo qual devemos seguir sua instrução para rejeitar

grande parte daquilo que os outros nos dizem. “Como os profetas clássicos que relatam seu chamado profético aos ouvintes incrédulos, a Sabedoria revela sua procedência ao público-alvo e, com efeito, aponta para o Senhor como sua origem e fonte de autoridade” (ITC).

A passagem a seguir é, de longa data, considerada extremamente controversa. O problema é que Paulo parece aplicar essa personificação a Cristo quando se refere a ele como “sabedoria de Deus” (1Co 1:24) e “primogênito de toda a criação” (Cl 1:15). O papel de Cristo na criação também parece ser paralelo ao papel atribuído à sabedoria nesses versículos. Como entender, porém, a declaração de que o Senhor possuía a sabedoria “no início de suas obras” (8:22; ou a tradução mais complicada da NVI, “o SENHOR me criou como o princípio de seu caminho”)? Significa, como dizem alguns, que Cristo é um ser criado, e não o próprio Deus?

As respostas a essa pergunta exigem o estudo minucioso do significado exato dos verbos empregados em relação à sabedoria em 8:22-25. A sabedoria diz: *O SENHOR me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas (8:22)*. No original, “me possuía” ou “me criou” é um termo único que significa “obter, adquirir”. Quando usado em relação a Deus, pode significar “originar, criar” ou “redimir seu povo de forma vitoriosa”. A tradução da RA, “possuía”, parece mais próxima do significado do termo nesta passagem (TOT). T. T. Perowne comenta acertadamente sobre a controvérsia que envolve o significado exato do termo: “É impossível entender a palavra [...] como uma indicação de que a sabedoria teve um início ou foi, por assim dizer, criada. A sabedoria é inseparável de todo conceito digno daquele que é o ‘único Deus sábio’ (Rm 16:27, NVI) e, portanto, como ele, é ‘de eternidade a eternidade’ (Sl 90:2)” (CBSC).

Em 8:23, a Sabedoria diz: *Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra*. O termo hebraico traduzido por “fui estabelecida” pode ter três significados: o primeiro é “despejar, derramar uma libação ou fundir imagens de metal”; o segundo é “tecer”; e o terceiro, “indicar, nomear ou estabelecer”. O último significado é o mais adequado ao contexto de Provérbios (cf. tb. Sl 2:6).

A descrição prossegue em 8:24: *Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas*. O termo hebraico traduzido por “eu nasci” é originário de uma raiz que pode significar “dançar” ou “contorcer-se de dores (de parto ou agonia intensa), de contrição ou de anseio”, ou “girar, rodopiar”. O significado é “ser levado a contorcer-se” ou “ser gerado” (tradução seguida pela RC). Esta forma do verbo ocorre apenas em Salmos 51:5; Jó 15:7 e aqui, em Provérbios 8:24-25.

Kidner associa os três verbos usados em relação à sabedoria em 8:22-25, ao dizer: “Enquanto 8:22 recebeu a posição de destaque, os verbos adjacentes tratam da questão em termos da investidura da sabedoria em seu cargo (8:23a) e de seu nascimento (8:24-25). De fato, o segundo verbo é, por sua repetição, o predominante, e a passagem

como um todo pode ter a intenção de lembrar o nascimento *de um rei*" (TOT). Os três verbos ressaltam a relação da sabedoria com Javé. Ele a possuía, a estabeleceu e a gerou.

Resta, porém, a questão de o Senhor possuir a sabedoria "no início de sua obra" (8:22). A oração hebraica é constituída de duas palavras: a primeira pode indicar algo que ocupa primeiro lugar em importância ou numa sequência; a segunda, traduzida aqui por "obra", significa "modo" ou "caminho" quando traz a indicação de terceira pessoa singular masculina. A tradução "obra", portanto, é equivocada. A frase da RC "no princípio de seus caminhos" é mais próxima do original. Kidner adverte corretamente de que "'suas obras' em 8:22b não deve ser confundido com 'seus caminhos' em 8:22a" (TOT), como faz a RA. É preciso distinguir entre a sabedoria como o "modo" de Javé fazer as coisas e as "suas obras" que resultam desse modo de agir.

A relação da sabedoria com Javé e a criação também é sinalizada pelos indicadores de tempo empregados na passagem. Depois de afirmar que Javé a possuía no princípio de seus caminhos (8:22a), a sabedoria declara que ele também a possuía *antes de suas obras mais antigas* (8:22b). O autor usa vários indicadores hebraicos para enfatizar que a sabedoria estava presente antes da primeira partícula do universo vir a existir. Na sequência, relaciona as obras de Javé: a *terra* (ou "mundo"), os *abismos*, as *fontes*, os *montes*, os *outeiros*, as *amplidões*, o *pó*, os *céus*, o *horizonte*, as *nuvens*, as *fontes do abismo*, o *mar*, os *fundamentos da terra* (8:23-29).

Pertencente a Javé, estabelecida e gerada por ele, a sabedoria existia antes de todas as suas obras. Daí sua afirmação: *Aí estava eu* (8:27), não no sentido de fazer parte da criação, mas de já estar presente antes de qualquer uma das obras da criação de Deus se concretizar.

A sabedoria também não foi apenas uma observadora passiva da obra criadora de Deus. Estava presente como meio ou instrumento usado por Deus para fazer a criação vir a existir (cf. 3:19-20). Kidner enfatiza que "nem sequer o princípio do pó do mundo" (8:26), nenhum vestígio de ordem (8:29), veio a existir sem a sabedoria" (TOT). Para entender a origem desta interpretação, precisamos esclarecer o sentido das palavras *eu estava com ele e era seu arquiteto* (8:30).

O significado exato do termo hebraico traduzido por "arquiteto" é controverso. Estudiosos propõem nada menos que cinco significados. A maioria concorda que pode haver duas acepções principais. O termo pode referir-se à sabedoria como arquiteto ou mestre de obras por meio do qual Javé executou a atividade criadora. Pode retratar, ainda, a sabedoria como uma criança pequena ainda não desmamada que se deleita e brinca na presença de Deus (8:31).

Os dois versículos finais dessa seção sobre o papel da sabedoria na criação (8:30-31) formam um quiasmo em torno das expressões *regozijando-me* e *achando as minhas delícias*. Essa forma de organização indica que as duas expressões ocorrem em cada versículo, mas em ordem invertida no segundo. O jogo de palavras tem por objetivo enfatizar a

alegria intensa e a diversão da sabedoria em seu relacionamento com Javé e com a humanidade. "A Sabedoria, que encontrou motivo de alegria em todas as partes e estágios da criação à medida que a viu progredir, descobriu regozijo consumado na adaptação da obra completa para servir de lugar de habitação do homem e nos 'filhos dos homens' por amor dos quais ela havia criado o mundo" (CBSC).

### 8:32-36 Conclusão

O apelo da sabedoria em 8:32-36 adquire profundidade e intensidade diante do pano de fundo do seu papel na criação, sobre o qual tratamos anteriormente e, em particular, à luz do seu deleite com a humanidade. Enquanto suas palavras iniciais são dirigidas aos "simples", aos "nécios", aos "homens" e aos "filhos dos homens" (8:4-5), na conclusão ela os chama de *meus filhos* (8:32, NVI). É a primeira vez que a sabedoria personificada se dirige aos seus ouvintes dessa maneira. Insta-os a obedecer a fim de que possam ser abençoados (8:32-33): *Feliz o homem que me dá ouvidos, velando dia a dia às minhas portas, esperando às ombreiras da minha entrada* (8:34). O apelo se encerra com a recompensa suprema de vida para aqueles que encontram sabedoria e a ameaça mais severa de todas: morte para aqueles que pecam contra ela e a aborrecem (8:35-36).

### 9:1-18 Banquetes rivais

O décimo e último discurso dessa seção de Provérbios focaliza nitidamente a escolha entre sabedoria ou loucura, vida ou morte, ao justapor dois banquetes rivais. Os seis primeiros versículos descrevem o banquete preparado pela sabedoria, e os seis últimos, o banquete oferecido pela loucura.

#### 9:1-6 O convite da sabedoria

A sabedoria prepara seu banquete com generosidade e atenta para todos os detalhes: *A Sabedoria edificou a sua casa, lavrou as suas sete colunas. Carneou os seus animais, misturou o seu vinho e arrumou a sua mesa* (9:1-2). Depois de participar da obra de criação em nível cósmico, a sabedoria prepara sua casa entre os seres humanos. As "sete colunas" da casa podem indicar a diligência da anfitriã e a perfeição de sua habitação. Uma vez que a *mesa* está posta e os preparativos foram concluídos, a sabedoria ordena que suas servas chamem os convidados. Percebe, contudo, que seu convite não é suficientemente urgente, e ela própria *convida desde as alturas da cidade* (9:3), dizendo: *Quem é simples, volte-se para aqui [...] Vinde, comei do meu pão e bebei do vinho que misturei* (9:4-5). *Deixai os insensatos e vivei; andai pelo caminho do entendimento* (9:6).

#### 9:7-12 Possíveis convidados

A ligação dessa seção intermediária com o convite anterior da sabedoria e o convite posterior da loucura não fica evidente de imediato. É possível que a melhor maneira de tratá-la seja indicada por Hubbard, que a descreve como



“um parêntese: começa e termina com convites para comer, um feito pela sabedoria, e o outro, pela loucura. Na parte central do parêntese [...] encontram-se as descrições e ordens acerca de como tratar do escarnekedor e do sábio que indicam as duas maneiras de responder aos convites” (CC). Kidner concorda que a seção central nos oferece “esboços de figuras típicas desses campos opostos: o escarnekedor, com sua mente fechada, e o homem sábio, sempre receptivo ao ensino e em constante progresso” (TOT).

O escarnekedor e o perverso são personagens conhecidas, com as quais já nos deparamos em capítulos anteriores. Essa passagem apenas acrescenta a advertência de que não é recomendável corrigir o escarnekedor ou repreender o perverso, pois ele apenas responderá com insultos e provocará aborrecimento (9:7-8a). A reação do homem sábio é diferente: *Repreende o sábio, e ele te amará. Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda; ensina ao justo, e ele crescerá em prudência* (9:8b-9).

O tema geral de Provérbios, *o temor do SENHOR é o princípio da sabedoria*, é repetido exatamente no centro desse capítulo (9:10; cf. 1:7). Em seguida, a sabedoria incentiva aqueles que lhe dão ouvidos: *Porque por mim se multiplicam os teus dias, e anos de vida se te acrescentarão* (9:11). Por fim, como em vários dos discursos, o autor reitera as consequências da sabedoria e da loucura: *Se és sábio, para ti mesmo o és; se és escarnekedor, tu só o suportarás* (9:12).

### 9:13-18 O convite da loucura

Como a sabedoria, a loucura também convida pessoas para seu banquete. Para isso, usa palavras quase idênticas às da sabedoria (cp. 9:4 com 9:16). Apesar de suas tentativas de imitar a sabedoria, porém, ela não faz os mesmos preparativos nem convida com a mesma urgência. Antes, a loucura é descrita como uma mulher desordeira, indisciplinada e desprovida de conhecimento (9:13; cp. descrição da adúltera em 7:11). Simplesmente *assenta-se à porta de sua casa* (9:14), que nem chega aos pés da habitação da sabedoria, onde há sete colunas (cf. 9:1).

O convite da loucura promete: *As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável* (9:17). A julgar pela forma como se expressa aqui e pelo simbolismo de capítulos anteriores (p. ex., 5:15-20), não há dúvida de que o convite da mulher insensata é para desfrutar prazeres sensuais. Outra evidência de sua ligação com a adúltera dos capítulos anteriores é o destino final daqueles que aceitam seu convite (cp. 9:18 com 2:18-29; 7:26-27).

### 10:1—22:16 Coletânea de provérbios de Salomão

O título dessa seção, *Provérbios de Salomão* (10:1), é mais sucinto que o título em 1:1, como também o são as instruções fornecidas nessa parte do livro. Enquanto Provérbios 1—9 registra dez discursos extensos, encontramos aqui uma seção que traz cerca de 370 ditos proverbiais típicos, a maioria deles com apenas duas linhas: “Eis, por fim, os ditos que

conhecemos como provérbios: breves, independentes, apresentados de modo aparentemente aleatório” (TOT).

Como entender o sortimento de provérbios? Estudiosos propõem abordagens diversas. Alguns consideram a sequência dos versículos totalmente aleatória e, portanto, sentem-se à vontade para organizá-los por tópicos a fim de compreender sua mensagem. Outros, contudo, acreditam que a ordem em que os ditos se encontram é intencional e preferem interpretá-los na sequência em que chegaram até nós nas Escrituras.

Hubbard é um dos estudiosos que segue a primeira linha e cuja “abordagem básica consiste em tratar de dois ou três tópicos em cada capítulo usando seus versículos relevantes, bem como ditos pertinentes de outros capítulos”. Ele reconhece que “não há parâmetros fixos para decidir como organizá-los” e que vários provérbios “se encaixam em mais de uma das cerca de trinta categorias de assunto que identifiquei” (CC).

Farmer adota a segunda abordagem. Admite que “as unidades de significado raramente são constituídas de mais de um versículo”, mas afirma que “é possível identificar algumas características de coletâneas” (ITC). Explica essa declaração da seguinte forma: “Apesar de não haver meios de definir uma linha de raciocínio coesa ao longo de um capítulo inteiro, em algumas ocasiões é possível discernir intencionalidade da parte de quem coletou, organizou ou registrou os ditos na presente ordem” (ITC). Para exemplificar essa intencionalidade, cita 10:2-5 e 10:18-21, passagens nas quais encontramos grupos de provérbios que abordam o mesmo assunto. A primeira trata de riqueza e pobreza, e a segunda, da fala. Farmer corrobora sua argumentação, ainda, com uma análise de 18:11 (cf. comentário). Outra evidência de intencionalidade é o tipo de paralelismo observado nesses provérbios. Nos capítulos 10—15, por exemplo, a segunda linha afirma o oposto da primeira.

Também é fato que o conteúdo dos capítulos 1—9 fornece um contexto interpretativo para essa seção do livro e permite “ao leitor [...] nortear-se no emaranhado de ditos individuais pelo qual se encontra cercado ao entrar na Seção II (10:1—22:16) e ver em cada aforismo ponderado e objetivo uma miniatura e uma aplicação particular da sabedoria e loucura cujos caminhos foram traçados diante dele na Seção I” (TOT).

Nada impede de nos beneficiarmos do uso de uma mistura das duas abordagens descritas anteriormente. Podemos começar com uma ênfase sobre a intencionalidade, sem nos sentir impedidos de organizar os provérbios tematicamente a fim de extrair sua mensagem e teologia.

### 10:1-32

A existência de uma forte ligação entre o primeiro provérbio dessa coleção (10:1) e o conteúdo anterior a ele não pode ser acidental. Sua referência ao *pai* e à *mãe* lembra de forma inequívoca a instrução dos pais transmitida em

1:8; 4:3; 6:20. Um vínculo ainda mais próximo é fornecido pelo contraste entre a sabedoria e a loucura, especialmente quando os versículos subsequentes contrastam a justiça e a perversidade. A intenção dos compiladores parece ser de enfatizar o fato de que os capítulos 1 a 9 e 10 a 22 são relacionados e que a justiça e a perversidade são outros termos para os dois caminhos, o da sabedoria e o da loucura, retratados com clareza na seção introdutória do livro.

Tudo indica que os versículos seguintes (10:2-5) formam um conjunto sobre a riqueza e a pobreza. Antes de comentá-los, porém, devemos observar que, no contexto de Provérbios, “riqueza [...] pode não significar uma quantidade exorbitante de bens, mas apenas o suficiente para

ser independente e capaz de ajudar outros” (CC). Em última análise, a riqueza obtida por meios injustos “não tem nenhum valor”, enquanto a justiça é mais valiosa porque o Senhor provê ao justo em tempos de fome e o livra da morte (10:2-3; cf. tb. 14:32). O segredo para adquirir riqueza é a diligência sob a orientação de Deus; o preguiçoso, por outro lado, se encaminha para uma vida de pobreza e envergonha os que vivem ao seu redor (10:4-5). Um provérbio ewe, de Gana, apresenta um princípio semelhante: “O gato preguiçoso come ratos mortos”. O gato diligente tem carne fresca para comer. Em outras palavras, o trabalho árduo traz recompensas, e é necessário aprender a trabalhar com afinco a fim de evitar as consequências da preguiça.

## RIQUEZA E POBREZA

Nossa atitude em relação ao dinheiro, à riqueza e à pobreza revela nossos valores internos, bem como nosso caráter e relacionamento com Deus e com os outros. Pode ser a raiz de todos os males (1Tm 6:10) que nos leva a quebrar o primeiro e o último mandamento (Êx 20:3-17). Dentre os exemplos de indivíduos consumidos pelo amor ao dinheiro, podemos citar Acã (Js 17); Geazi (2Rs 5:20-27); Ananias e sua esposa, Safira (At 5:1-11); Simão, o mágico (At 8:18-23); o rico insensato (Lc 12:13-21) e o jovem rico (Lc 18:18-30). Não obstante, o dinheiro pode ser fonte de bênção, e as Escrituras também mostram homens ricos e santos (Abraão, Isaque, Jacó, Jó, rei Salomão).

A pobreza é um tema recorrente na Bíblia. Ela também faz parte da experiência de muitos africanos, pois quase metade da população da África subsaariana vive com menos de um dólar por dia. Parte considerável da pobreza se deve ao fato de vivermos em um mundo injusto e economicamente tendencioso que impede o acesso à educação, terras e outros meios de melhorar as condições materiais (Tg 5:1-6). Em nenhum momento, as Escrituras equiparam pobreza material com piedade, e os cristãos devem esforçar-se para remover as barreiras que impedem as pessoas de sair da pobreza (Lv 25:38-55; Lc 3:10-14; 18:22; Cl 4:1).

A Bíblia fala com severidade, porém, àqueles que são pobres porque não usam a mente, as forças e os recursos que Deus lhes proveu. Várias passagens condenam a preguiça e indolência (Pv 6:6-11; 10:4-5; 14:23; 20:4,13; 2Ts 3:10). Aqueles que trabalham com afinco, adquirem uma profissão, aprimoram seus conhecimentos e habilidades, são empreendedores, aprendem a economizar e a fazer pequenos investimentos e são fiéis a Deus encontram, com frequência, oportunidades de melhorar suas condições materiais (Pv 21:5).

A orientação bíblica acerca da riqueza pode ser resumida do seguinte modo:

- Nossa vida deve ser centrada em Deus, e não nas coisas (Mt 6:25-34).
- Toda riqueza provém da generosidade de Deus. Tudo pertence a Deus (Sl 24:1), e é ele quem dá a capacidade de produzir riqueza (Dt 8:10-18). Somos mordomos (ou administradores) dos talentos e bens que Deus nos concedeu e prestaremos contas a ele sobre como os empregamos (Lc 16:1-15; 19:11-27).
- Devemos manter uma perspectiva eterna e juntar tesouros no céu “onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam” (Mt 6:19-21).
- As Escrituras aprovam certos meios de obter e gerar riqueza, mas condenam jogos de azar, roubo, exploração de trabalhadores e pobres, bem como negócios desonestos (Lv 19:11-13,35; Pv 1:11-19; 10:2; 11:18; 13:11; 15:27; 21:5; 22:22-23; 28:8). O dinheiro deve ser adquirido por meio do trabalho diligente (Pv 14:23), de herança (Pv 13:22), da prática de poupar sem especular (Pv 6:6-11; 20:21) e de investimentos (Lc 19:11-27).
- O modo de gastarmos nosso dinheiro é importante. Não devemos ser como o filho pródigo (Lc 15:11-32), que desperdiçou seus recursos em bebedeiras e devassidão. Antes, devemos suprir as necessidades de nossa família e deixar uma herança razoável para nossos filhos (1Tm 5:8; Pv 13:22). Também devemos usar o dinheiro para honrar e adorar a Deus (Lv 22:18-23; 27:30; Pv 3:9) com regularidade, generosidade e alegria (2Co 8—9). Os ricos devem ser “generosos em dar e prontos a repartir” (1Tm 6:17-19). Somos instruídos, ainda, a pagar os impostos legítimos devidos ao Estado (Rm 13:6-7).

Em resumo, nas mãos do justo, a riqueza é um instrumento poderoso para servir a Deus e a outros. O dinheiro como propósito de vida não vale a pena, mesmo que se ganhe o mundo inteiro, pois o preço a ser pago é a própria alma (Mt 16:26).

Stephen Adei

Em 10:6-7, o autor contrasta a vida do justo e do perverso: *Sobre a cabeça do justo há bênção*, ou seja, sua recompensa é visível (10:6a). Até mesmo *a memória do justo é abençoada* (10:7a). Por outro lado, *na boca dos perversos mora a violência* (10:6b; cf. tb. 10:11), e seu nome *cai em podridão* (10:7b). Pode causar surpresa a bênção em 10:6 não ser contrastada com uma maldição na segunda parte do versículo. “A ênfase, porém, é sobre o fato de que, por trás das palavras dos perversos, encontra-se ‘violência’ agressiva [...], uma vez que ele não é digno de confiança” (EBC). Como Kidner explica, o contraste é entre a coroa na cabeça do justo e “a perversidade do homem [...] estampada em seu rosto” (TOT).

O contraste em 10:8 é entre o *sábio* e o *insensato*. O *sábio* (termo singular no hebraico, traduzido no plural em algumas versões, p. ex., NVI) obedece às ordens de seus superiores, enquanto o *insensato* está tão ocupado conversando que não presta atenção às instruções que recebe.

No versículo seguinte, o contraste é entre *quem anda em integridade* e *o que perverte os seus caminhos*. O primeiro *anda seguro*, enquanto o outro *será conhecido*, ou seja, seu estilo de vida corrompido virá à tona (10:9; cf. tb. 28:18, descrito por Kidner como “irmão deste versículo”; TOT).

Até aqui, todos os provérbios são antitéticos, isto é, contrastam dois estilos de vida diferentes. Em 10:10, porém, encontramos um exemplo de paralelismo sintético, no qual a segunda linha desenvolve a ideia da primeira. Ao repetir a segunda linha de 10:8, o autor coloca lado a lado a pessoa *que acena com os olhos* e o *insensato de lábios*; ambos no campo oposto ao da sabedoria. O primeiro *traz desgosto*, e o segundo *vem a arruinar-se*.

O grupo seguinte de provérbios é registrado em 10:11-14 e focaliza a fala. Trata-se de um tópico que é tão importante nos dias de hoje quanto o era na Antiguidade. Os dois estilos de vida são representados de várias maneiras — *justo e perversos* (10:11), *ódio e amor* (10:12), *prudente e falto de senso* (10:13), *sábios e néscio* (10:14) —, mas o assunto é o mesmo. O termo “boca” ocorre três vezes na passagem (10:11,14), juntamente com palavras relacionadas como “contendas” (10:12) e “lábios” (10:13). Os provérbios afirmam que *a boca do justo é manancial de vida* (10:11), *o amor cobre todas as transgressões* (10:12), *nos lábios do prudente, se acha sabedoria* (10:13) e *os sábios entesouram o conhecimento* (ao que Ross acrescenta: “em vez de cometerem a tolice de falar prematuramente”; EBC) (10:14). Num contraste nítido, vemos que *na boca dos perversos mora a violência* (10:11), *o ódio excita contendas* (10:12), *a vara é para as costas do falto de senso* (ou, como Kidner expressa: “o homem: porta-voz de Deus ou mula de Deus”; TOT) (10:13) e *a boca do néscio é ruína iminente* (10:14).

Na sequência, o autor trata da questão da riqueza: *Os bens do rico são a sua cidade forte; a pobreza dos pobres é a sua ruína* (10:15). A primeira metade deste versículo é repetida em 18:11, em que o paralelismo é sintético (cf.

14:20; 18:23; 19:7 e 22:7, que também menciona o rico e o pobre). De acordo com esse versículo, assim como uma cidade fortificada protege seus habitantes, a riqueza protege quem a possui. Mas a questão da riqueza apresenta várias facetas, como comentaremos em 18:11. Conforme Kidner nos lembra, porém, não devemos desprezar a riqueza nem romantizar a pobreza (TOT). Tudo depende de como a riqueza é adquirida, como o versículo seguinte mostra: *A obra do justo conduz à vida, e o rendimento do perverso, ao pecado* (10:16). O mesmo fato é ressaltado em 10:17, que fala da bênção da obediência e das consequências negativas da desobediência. Observe, porém, que o perverso prejudica não apenas a si mesmo, como indica a segunda parte do versículo, mas também a outros, como mostra a tradução alternativa “quem ignora a repreensão desencana minha outros” (NVI).

Em 10:18-21, encontramos outro grupo de provérbios sobre a fala. As duas linhas de 10:18 são sinônimas e colocam lado a lado *o que retém o ódio* e *o que difama*. Como 10:19 deixa claro, o muito falar aumenta a probabilidade de pecar, daí o *sábio* ser econômico no uso das palavras. O contraste seguinte é entre *a língua do justo* e *o coração dos perversos*. A primeira é *prata escolhida*, e o último *vale mui pouco* (10:20). *Os lábios do justo apascentam a muitos*, enquanto *os tolos* (uma expressão que neste contraste parece representar suas palavras, pelas quais serão julgados) *por falta de senso, morrem* (10:21). A ênfase sobre o sustento provido pelas palavras dos justos contrabalança o comentário anterior de que o muito falar pode resultar em pecado (10:19).

A riqueza proveniente do Senhor é uma bênção pura que não vem acompanhada de transtornos (10:22; cf. tb. Sl 127:1-3).

O contraste em 10:23 é entre *o insensato* e *o homem inteligente*. Enquanto para o primeiro *praticar a maldade é divertimento*, o prazer do segundo é *ser sábio*. “A pessoa revela o seu caráter naquilo que lhe dá prazer” (EBC).

Os dois versículos seguintes (10:24-25) formam uma unidade e apresentam resultados dramaticamente contrastantes. Aquilo que os perversos temem lhes sobrevém, enquanto os justos terão seus desejos atendidos (10:24). Apesar de não ser dito de forma explícita, é evidente que o resultado deve ser dirigido pelo Senhor. Kidner acredita que, em última análise, aquilo que os perversos temem e aquilo pelo qual os justos anseiam é Deus; o provérbio se cumprirá quando os dois grupos estiverem diante do Senhor (TOT). Quando chegam as dificuldades, representadas pela *tempestade* [...] *desaparece o perverso, mas o justo tem perpétuo fundamento* (10:25).

Encontramos em 10:26 uma comparação. O vinagre é incômodo para os dentes, e a fumaça irrita os olhos. O preguiçoso é igualmente irritante e desagradável para quem o envia numa missão ou o encarrega de uma tarefa.

Ao que parece, o tema do livro, *o temor do SENHOR*, apresenta o justo em 10:27, pois os “perversos” são men-

cionados na segunda parte do provérbio. A justiça *prolonga os dias da vida*, enquanto a ausência de justiça abrevia os dias dos perversos. Num contraste semelhante das duas classes de pessoas, **10:28** diz que a *alegria* está reservada para os justos, *mas a expectativa dos perversos perecerá* (cf. tb. 11:7). A mesma coisa, a saber, *o caminho do SENHOR, é fortaleza para os íntegros, mas ruína aos que praticam a iniquidade* (**10:29**). O motivo é o modo diferente pelo qual cada grupo age em relação a esse caminho: os justos lhe obedecem e andam por tal caminho, mas os perversos se rebelam contra ele. *O justo jamais será abalado*, pois está arraigado no Senhor, *mas os perversos não habitarão a terra* (**10:30**; cf. tb. 10:25). Quanto à conotação de “terra” na primeira seção e aqui, ver o comentário sobre 2:21-22.

Os versículos 31-32 desse capítulo constituem mais uma unidade sobre a fala. *A boca do justo produz sabedoria* (**10:31a**), e *os lábios do justo sabem o que agrada* (**10:32a**), ou seja, sabem o que é apropriado dizer. Nos perversos, por outro lado, há *somente o mal*, inclusive nas palavras que eles proferem (**10:31b, 32b**). Como castigo, sua língua será cortada.

#### 11:1-31

O primeiro provérbio desse capítulo nos transporta para o mundo dos negócios. Contrasta aquilo que o Senhor aborrece com aquilo em que ele se deleita. Como Hubbard comenta, “as palavras são fortes e conferem ao âmbito comercial um tom claramente religioso” (CC). Não há dúvida de que a lei (Lv 19:35-36; Dt 25:13-16), os profetas (Ez 45:9-12; Am 8:4-6) e a literatura sapiencial são unânimes quanto à *balança enganosa* e ao *peso justo* (**11:1**; cf. tb. 20:10,33).

De acordo com **11:2**, a *soberba* é acompanhada de *desonra*, mas o fruto da humildade é a *sabedoria*. Em seguida, o autor contrasta a integridade do justo que *os guia* e a falsidade dos infiéis que *os destrói* (**11:3**). Numa passagem anterior (**10:15**), o autor declarou que as riquezas são como “cidade forte” de quem a possui. Agora, porém, afirma que *de nada aproveitam no dia da ira, mas a justiça livra da morte* (**11:4**). “A retidão agradável a Deus é, portanto, mais valiosa que as riquezas quando se espera justiça divina” (EBC).

Os dois versículos seguintes podem ser considerados uma unidade. *A justiça do íntegro endireita o seu caminho* (**11:5a**); *a justiça dos retos os livrará* (**11:6a**). *Mas pela sua impiedade cai o perverso* (**11:5b**) e *na sua maldade os pérfidos serão apanhados* (**11:6b**).

Encontramos outro exemplo de paralelismo sintético em **11:7**, que parece expandir a segunda parte do paralelismo antitético de 10:28. Ali, a esperança parece ser extinguida enquanto a pessoa ainda está viva; aqui, sua extinção vem com a morte.

A presença da conjunção “e” na segunda parte de **11:8** pode causar confusão. Em seu lugar, deveria ser empregada a conjunção “mas” (presente no texto hebraico) para indicar contraste: *O justo é libertado da angústia*, *mas o perverso a recebe em seu lugar*.

No contraste de **11:9**, enquanto *o ímpio, com a boca, destrói o próximo* [...] *os justos são libertados pelo conhecimento*. Os versículos 10-11 podem ser considerados uma unidade, apesar de o primeiro ser sintético ou contínuo (retoma a ideia de regozijar-se) e o segundo ser antitético. Em essência, **11:10** afirma que *há júbilo* quando a justiça prevalece, como fica implícito na prosperidade do justo e pericimento do perverso. Para expandir essa ideia, **11:11** retrata como o destino da cidade é afetado *pela bênção que os retos suscitam e pela boca dos perversos*. Graças à primeira, *a cidade se exalta* e, em razão da última, *é derribada*.

O contraste de **11:12** é entre *o falto de senso* e *o homem prudente*. O primeiro *despreza o próximo*, enquanto o segundo *se cala* (cf. tb. 10:19). O versículo seguinte volta a tratar da fala. *O mexeriqueiro é alguém que descobre o segredo* (**11:13**, cf. tb. 20:19), *mas o fiel de espírito o encobre*.

O provérbio seguinte trata de questões que afetam a nação, mas o princípio também se aplica a decisões na igreja, nos negócios e na vida pessoal. Contrasta a falta de *sábia direção* com a presença de *multidão de conselheiros*. A primeira situação provoca a queda de uma nação, enquanto a segunda proporciona *segurança* (**11:14**). Kidner resume: “Obtenha todo conselho que puder” (TOT), mas acrescenta uma advertência: “Evite o excesso de opiniões” (TOT). É preciso certificar-se também de que os conselheiros são idôneos, pois, do contrário, pode-se acabar numa situação semelhante à que Nelson Mandela se referiu em seu famoso comentário sobre a política do presidente norte-americano Bush em relação ao Iraque: “É um homem de caráter, mas cercado de dinossauros”. Com referência a **11:15**, ver comentários sobre 6:1-5 (cf. tb. 17:18; 20:16; 27:13).

Encontramos na sequência uma comparação rara entre mulheres e homens: *A mulher graciosa alcança honra, como os poderosos adquirem riqueza* (**11:16**). O termo “poderosos” também pode ser traduzido por “cruéis” (NVI) ou “violentos” (RC). Na opinião de alguns intérpretes, o provérbio significa que o alvo principal da mulher deve ser a obtenção de “honra e respeito que lhe conferirão importância e estima na comunidade” (CC), enquanto o objetivo maior do homem deve ser a obtenção de segurança financeira “que lhe permita cuidar da família, compartilhar seus bens com seu próximo [...] e louvar a Deus, de quem provêm todas as bênçãos” (CC). Mas, ao considerarmos esse versículo em conjunto com o seguinte, *o homem bondoso faz bem a si mesmo, mas o cruel a si mesmo se fere* (**11:17**), parece mais provável que o contraste seja entre “graciosa” e “poderosos” (ou “cruéis”, “violentos”). Pelo visto, Kidner apoia essa ideia quando diz: “A crueldade não é a única maneira de chegar ao poder” (TOT). É possível que também haja um contraste entre “honra” e “riqueza” em **11:16**: “O provérbio sugere a possibilidade de obter riqueza de várias maneiras, mas a honra é a recompensa natural para a pessoa graciosa” (EBC).

O provérbio seguinte trata de um conceito semelhante: *O perverso recebe um salário ilusório* (**11:18**; cf. tb. 10:16), *mas*

*o que semeia justiça terá recompensa verdadeira.* A comparação entre as duas classes de pessoas continua em **11:19**: *Tão certo como a justiça conduz para a vida, assim o que segue o mal, para a sua morte o faz.*

É possível que os versículos 20-21 formem um conjunto: *Abomináveis para o SENHOR são os perversos de coração (11:20a)* e, por esse motivo, *o mau [...] não ficará sem castigo (11:21a).* Mas os que andam em integridade são o seu prazer (**11:20b**) e, portanto, *a geração dos justos é livre (11:21b).* Em hebraico, a expressão traduzida por *é evidente* em 11:21 significa, literalmente, “de mãos dadas” e lembra o aperto de mão entre duas pessoas usado para indicar a conclusão de um contrato. A ênfase é sobre a certeza da retribuição.

Em **11:22**, outro dito comparativo se destaca entre os provérbios antitéticos desses capítulos. Quem seria tolo de colocar uma joia valiosa no focinho de um porco, especialmente no contexto da sociedade israelita que desprezava os porcos por serem animais impuros? A joia perderia seu valor, assim como a beleza é desperdiçada numa *mulher formosa que não tem discrição*. Um provérbio tigrigna da Eritreia expressa a mesma verdade: *‘seeli ab geli* (lit., “uma pintura num caco de cerâmica”). Quando alguém quebra uma vasilha, joga os cacos fora, pois não têm nenhuma utilidade. Fazer uma bela pintura num caco é um desperdício de trabalho e recursos. Uma mulher bonita sem aptidões, tato ou sabedoria é igualmente inútil, no sentido bíblico exato do termo. Como vimos nos capítulos 1 a 9, nada se compara à sabedoria. “Não há beleza física que compense a falta [de sabedoria]. Na verdade, a disparidade entre graça de feições e formas e a grosseria de palavras e comportamentos é tão dissonante quanto o desperdício de um ‘brinco de ouro’ colocado no ‘focinho’ furado de um porco” (CC).

*O desejo dos justos tende somente para o bem, mas a expectativa dos perversos redunde em ira (11:23).* O provérbio mostra como a justiça retributiva se aplica à vida de pessoas de duas categorias.

Na sequência, encontramos outro conjunto de provérbios, desta vez a respeito da generosidade (**11:24-26**). O primeiro deles, em **11:24**, dá a impressão de ser paradoxal. Como é possível a distribuição generosa de bens aumentar a riqueza? O paradoxo é solucionado quando nos lembramos que o Senhor é a fonte de riqueza e aquele que administra a justiça (cf. Mt 16:25; Lc 6:38). Já **11:25** é um provérbio sintético, pois a segunda linha desenvolve a ideia mencionada na primeira. Aqui, o autor elogia a prática de compartilhar recursos com outros, enquanto **11:26** condena o acúmulo de bens e o egoísmo: *Ao que retém o trigo, o povo amaldiçoa, mas bênção haverá sobre a cabeça do seu vendedor.* O verbo “reter” sugere especulação à custa de outros. De acordo com Hubbard: “O dito pressupõe que as práticas comerciais normais foram suspensas devido a propósitos escusos do vendedor” (CC). Apesar de **11:27** não mencionar especificamente a generosidade, princípios semelhantes se aplicam

a este versículo. Como Kidner comenta: “Você obtém para si aquilo que busca para os outros” (TOT).

As riquezas voltam a ser mencionadas em **11:28**: *Quem confia nas riquezas cairá* (fica implícito que a confiança nas riquezas substitui a confiança no Senhor), *mas os justos reverterão como a folhagem* (cf. Sl 1:3). A imagem natural da folhagem verde é substituída por outra imagem da natureza no versículo seguinte: *O que perturba a sua casa herda o vento, e o insensato é servo do sábio de coração (11:29).* Aqui, o “vento” é uma referência ao nada, a algo tão insubstancial quanto o vento. Esse é o primeiro fruto produzido “por um homem avarento que priva sua família do sustento e não lhe proporciona outra coisa além de aflição” (EBC). *O fruto do justo, pelo contrário, é árvore de vida (11:30a).*

O significado da frase *o que ganha almas é sábio (11:30b)* não está claro. De acordo com a interpretação de Kidner, “o homem justo possui uma influência vivificadora, e o sábio conquista outros para a sabedoria” (TOT; cf. tb. Dn 12:3).

O último provérbio do capítulo emprega a forma condicional: *Se o justo é punido na terra, quanto mais o perverso e o pecador! (11:31).* As palavras são tranquilizadoras para os justos e ameaçadoras para os ímpios. Indicam que a retribuição já se evidencia aqui na terra.

## 12:1-28

Ouvimos a mensagem de **12:1** claramente nos capítulos 1 a 9, a primeira grande divisão de Provérbios. A instrução prossegue com o contraste entre *o homem de bem* e *o homem de perversos desígnios* em **12:2**. O primeiro *alcança o favor do SENHOR*, mas Deus *condena* o último. A repetição das declarações negativas em **12:3** é outra forma de dizer que os justos se estabelecem, mas os perversos serão desarraigados (cf. tb. 10:25).

O provérbio seguinte apresenta um esboço da esposa que será descrita em 31:10-31. *A mulher virtuosa é a coroa do seu marido (12:4).* Ao contrário dela, a esposa que *procede vergonhosamente* (quer do modo descrito em 11:22, quer de acordo com a ilustração extrema do capítulo 7) *é como podridão nos seus ossos*. Um contraste e tanto! “O moral do marido é afetado até os ossos (no hebraico, uma representação não apenas da estrutura esquelética, mas de todo o ser interior), que se enfraquecem como se a podridão os tornasse ossos (cf. paralelos em 10:7 e 14:30)” (CC). O salmista também afirma que o sofrimento afeta seus ossos (Sl 32:3).

Em **12:5**, o autor contrasta a retidão dos *pensamentos do justo* com a falsidade dos *conselhos do perverso* sem mencionar as consequências. Em **12:6**, porém, *as palavras dos perversos são emboscadas para derramar sangue*, enquanto *a boca dos retos livra homens*. Como resultado do livramento, *os perversos serão derribados [...] mas a casa dos justos permanecerá (12:7).*

Os dois provérbios seguintes tratam da forma pela qual uma pessoa é avaliada. O primeiro afirma que *segundo o seu entendimento, será louvado o homem (12:8)*, ou seja, em

proporção à sua inteligência, pois esse é o significado literal do termo traduzido por “[mulher] sensata” ou “inteligente” (cf. 1Sm 25:3), que se refere “à capacidade de pensar com clareza” (EBC). *O perverso de coração*, porém, *será desprezado*. O segundo provérbio é comparativo e destaca a futilidade do fingimento: *Melhor é o que se estima em pouco e faz o seu trabalho do que o vanglorioso que tem falta de pão* (12:9).

Os grupos que defendem os direitos dos animais ficarão satisfeitos em saber que a bondade de um homem justo se estende até o cuidado de seus animais (12:10a). A atitude não surpreende, pois o justo dá bom testemunho do cuidado que Deus tem por sua criação (cf. Jó 38:39—39:30; Sl 104). *O coração dos perversos*, pelo contrário, *é cruel* (12:10b).

O contraste entre o homem *que lava a sua terra* e o homem *que corre atrás de coisas vãs* envolve abundância e escassez (12:11) e traz à memória o destino do preguiçoso (6:6-11; 24:30-34). Não temos nenhuma indicação da natureza dessas “coisas vãs” (ou “fantasias”, NVI), mas talvez o versículo seguinte forneça uma pista, ao dizer: *O perverso quer viver do que caçam os maus* (12:12), uma sugestão de que o provérbio anterior se refere àqueles que correm atrás de planos para enriquecer rapidamente.

Todos os provérbios subsequentes (12:13-23) estão relacionados, de uma forma ou de outra, à fala. *Pela transgressão dos lábios o mau se enlaça, mas o justo sairá da angústia* (12:13). O livramento do justo pode ter vários motivos, mas provavelmente inclui o fato de ele saber o que dizer e quando dizê-lo: “O homem prudente [...] se cala” (11:12). Quando fala, sua boca “produz sabedoria” (10:31), e seus lábios “sabem o que agrada” (10:32). Como seus trabalhos físicos, suas palavras certamente produzirão recompensas, pois *cada um se farta de bem pelo fruto da sua boca, e o que as mãos do homem fizerem ser-lhe-á retribuído* (12:14).

O insensato é obstinado e só atenta para suas próprias ideias, *mas o sábio dá ouvidos aos conselhos* (12:15). O contraste em 12:16 se dá entre a natureza volátil de um e a paciência do outro: *A ira do insensato num instante se conhece, mas o prudente oculta a afronta* (cf. tb. 14:29; 16:32; 25:28; 29:11).

Já em 12:17, o contraste é entre *o que diz a verdade* e *a testemunha falsa*. O primeiro *manifesta a justiça*, enquanto a última, *a fraude*. As palavras descuidadas (podemos acrescentar “do insensato”, tendo em vista o paralelismo) são como o golpe de uma espada que fere sua vítima profundamente. A língua do sábio, porém, *é medicina* (12:18; ou “saúde, como diz a RC, ou ainda o que “traz a cura”, NVI). As feridas causadas pelas palavras do insensato podem ser profundas, mas, ao contrário das palavras verdadeiras, não permanecerão, pois *a língua mentirosa dura apenas um momento* (12:19). O termo usado para “um momento” significa, literalmente, “enquanto eu brilharia”, “uma referência ao breve instante em que a luz se reflete na íris e faz o olho faiscar” (CC). Ademais, os homens cheios de dolo *que maquinam o mal* não experimentarão *a alegria*

daqueles *que aconselham a paz* (12:20). O uso inesperado do termo *alegria* em paralelo com *mal* neste versículo enfatiza a tristeza que sobrevirá aos perversos. A sequência, portanto, é apropriada: *Nenhum agravo sobrevirá ao justo, mas os perversos, o mal os apanhará em cheio* (12:21), pois *os lábios mentirosos são abomináveis ao SENHOR, mas os que agem fielmente são o seu prazer* (12:22; cf. tb. 11:20).

Quando o provérbio diz: *O homem prudente oculta o conhecimento* (12:23), “não significa que ele nunca fala, mas, sim, que é criterioso” (EBC). *O coração dos insensatos*, por outro lado, *proclama a estultícia* e, conseqüentemente, “o insensato se entrega e revela seu segredo” (TOT).

Num versículo anterior, vimos que o diligente “será farto de pão” (12:11). Aqui, descobrimos que *a mão diligente dominará* (12:24). *A remissa*, porém, *será sujeita a trabalhos forçados*, “como os homens recrutados por Salomão para se exaurirem em suas obras de construção monumentais” (1Rs 4:6; 5:13-17; 9:15) (CC). O preguiçoso talvez tenha de se sujeitar a “trabalhos forçados” em decorrência da pobreza predita para ele anteriormente em Provérbios (6:9-11).

De fato, a *ansiedade* pesa no coração, mas como é encorajador receber uma *boa palavra* (12:25)! E não há ninguém melhor para levantar o ânimo do que um amigo justo! Por isso, o conselho de 12:26 é que caminhemos com prudência e cuidemos dos amigos que escolhemos. O perverso ignora todas as advertências.

O provérbio seguinte retoma o contraste entre o preguiçoso e o diligente: *O preguiçoso não assará a sua caça, mas o bem precioso do homem é ser ele diligente* (12:27). O termo hebraico traduzido por “assar” é ambíguo, pois pode significar “assar” ou “apanhar”. (A NVI usa a tradução mais ampla “aproveitar” a caça.) É possível, portanto, que o preguiçoso esteja sendo criticado por não apanhar nenhuma caça para si. “Seja ele do tipo que não termina o que começou ou que não tem a iniciativa de começar nada, o homem indolente desperdiça suas oportunidades” (TOT).

A mensagem do último versículo desse capítulo (12:28) ressalta os benefícios incomparáveis da justiça, mencionados várias vezes em passagens anteriores.

### 13:1-25

O primeiro versículo nos lembra mais uma vez da instrução dos pais, apresentada repetidamente nos capítulos que iniciam as seções do livro (13:1). Os dois versículos seguintes também retomam um tema conhecido, a comunicação verbal. *O homem na primeira linha é contrastado com os pérfidos na segunda* (13:2). A julgar pelo contexto dos capítulos 10 a 22, o homem deve ser sábio ou justo para “comer” o bem, enquanto *o desejo dos pérfidos é a violência*. “A violência será seu alimento” (CC). O contraste continua em 13:3: *O que guarda a boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína*.

Em 13:4, o autor volta a contrastar o preguiçoso e o diligente: o primeiro *deseja e nada tem, mas a alma* do segundo

*se farta*. Em consonância com seu caráter, *o justo aborrece a palavra da mentira, mas o perverso faz vergonha e se desonra* (13:5). A última linha pode ser traduzida em linguagem bastante vívida por: “causa fedor e vergonha”.

De acordo com 13:3, o homem justo deve guardar a boca e fim de conservar a alma. Em 13:6, observamos uma inversão: *A justiça guarda ao que anda em integridade*. Trata-se de uma relação de reciprocidade ou cooperação mútua: o homem íntegro se apega à justiça, e a justiça o protege. A proteção “pode ser decorrente de intervenção divina ou de causas naturais” (EBC). *A malícia, pelo contrário, subverte ao pecador*.

Ao retomar o tema da riqueza, 13:7 apresenta uma mensagem semelhante à de 12:9, mas usa outro tipo de paralelismo para falar dos *ricos*. A riqueza dos ricos, descrita como “sua cidade forte” em 10:15, é usada aqui para defendê-los por meio do pagamento de um resgate (13:8), situação que nos faz lembrar os sequestros sobre os quais lemos nos jornais. O pobre, por outro lado, não precisa se preocupar com essas coisas, pois a ele *não ocorre ameaça* (13:8). Convém recordar, porém, que, de acordo com 10:15, a pobreza é sua ruína.

As duas categorias de pessoas, os justos e os perversos, são contrastadas em termos de luminosidade (13:9). Os primeiros são uma *luz que brilha intensamente*, enquanto a *lâmpada dos perversos se apagará*.

O contraste de 13:10 é entre a soberba e a sabedoria. A contenda provavelmente é resultante da postura competitiva e inflexível do orgulhoso. Mas aqueles *que se aconselham* são poupados de tais experiências desagradáveis.

A primeira parte de 13:11 é resumida no ditado: “O que vem fácil, vai fácil”, aplicado com frequência ao dinheiro obtido em jogos de azar. Por outro lado, *o que ajunta à força do trabalho terá aumento*. A expressão hebraica traduzida por “à força” significa, literalmente, “à mão”, uma referência ao trabalho honesto. O dinheiro obtido por meio de trabalho ou investimentos honestos pode demorar a vir, mas certamente aumentará. O conceito de espera paciente pode ser o elo entre 13:12 e o provérbio anterior. Quando, por fim, essa espera for recompensada, será *árvore de vida*.

Em 13:13, os termos *palavra e mandamento* talvez sejam referências implícitas às Escrituras, o que pode explicar o castigo aplicado àqueles que os desprezam e a recompensa reservada para quem lhes obedece. O valor do ensino volta a receber ênfase no provérbio seguinte (13:14), em que o mesmo argumento é apresentado por meio de outra forma literária. Enquanto o provérbio anterior é antitético, este é sintético. Em vez de focalizar o destino daqueles que rejeitam a sabedoria, a segunda linha trata dos benefícios proporcionados pelo ensino dos sábios.

Quem dá ouvidos à instrução obtém *boa inteligência* que, por sua vez, *consegue favor* tanto dos homens quanto de Deus, *mas o caminho dos perversos é intransitável* (13:15). O significado exato do termo hebraico traduzido por “intransitável” não é claro, mas costuma-se considerar que descreve

algo “não duradouro”, perecível, uma ideia trabalhada em versículos anteriores. As pessoas mostram seu caráter na sabedoria ou insensatez de seus atos (13:16; cf. tb. 12:23; 15:2). Os atos em questão podem incluir a transmissão de mensagens. O *mau mensageiro* causa transtornos, mas o mensageiro confiável promove cura (13:17).

As palavras-chave de 13:18 são *instrução e repreensão*, termos inter-relacionados e associados à sabedoria. Atentar para eles ou ignorá-los determina se o indivíduo *será honrado* ou sofrerá *pobreza e afronta*.

Com referência à primeira linha de 13:19, ver o comentário sobre 13:12. O foco do contraste talvez seja a ideia de que a recusa dos insensatos em apartar-se do mal os impede de desfrutar a agradável experiência de ter um desejo atendido. O provérbio seguinte apresenta outra consequência da relutância dos insensatos em deixarem seus caminhos e amigos: *Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau* (13:20). “Diz-me com quem andas, e eu te direi quem és.” Kidner chama isso de “educação pela amizade” (TOT).

A promessa de desventura para o pecador e prosperidade para o justo (13:21) reforça a lei da retribuição. Devemos, porém, usar de cautela ao aplicá-la a situações específicas (cf. o comentário sobre Jó). O mesmo princípio é reiterado em 13:22, uma descrição do paradeiro da herança do justo e do perverso. Ross lembra que “a justiça divina determina a distribuição final da herança de um indivíduo” (EBC). Nem sempre, contudo, essa justiça fica evidente, como vemos no exemplo seguinte, no qual a *falta de justiça* priva o pobre da lavoura que cultivou com esforço (13:23). Mas a que tipo de injustiça o autor se refere aqui? Pode ser o ato de um inimigo, como acontecia no tempo de Gideão (Jz 6:3-5), ou pode ser a injustiça do proprietário que arrendou as terras ao pobre e exigiu uma porcentagem excessiva da colheita.

Para muitos que concordam com o provérbio anterior, talvez seja mais difícil aceitar o dito seguinte, no qual temos um contraste entre dois pais, um que ama o filho e outro que não o ama. O pai que ama o filho *cedo o disciplina*, mas o que não o ama *retém a vara*, ou seja, deixa de discipliná-lo (13:24). No Quênia, a disciplina física de alunos é proibida nas escolas a fim de evitar crueldade, mas os educadores voltaram a discutir o papel desse tipo de correção, pois a indisciplina e rebeldia correm soltas nas escolas. É possível que a correção física tenha sido irresponsável no contexto escolar, mas os pais que disciplinam os filhos no lar de modo responsável demonstram amor por eles (cf. Ef 6:4; Hb 12:5-11).

O último versículo do capítulo traz outro contraste entre o justo e o perverso. O primeiro *tem o bastante para satisfazer o seu apetite*, enquanto o último *passa fome* (13:25).

#### 14:1-35

O capítulo começa com um contraste entre a *mulher sábia* e a *insensata* (14:1) (o original hebraico traz o plural “mulhe-



res sábias”). A primeira *edifica a sua casa*, como a mulher sábia por excelência no capítulo 31. A segunda *com as próprias mãos a derriba*. Este versículo nos lembra as palavras de 9:1: “A Sabedoria edificou a sua casa”.

Em 14:2, encontramos o contraste entre o homem *que anda na retidão* e aquele *que anda em caminhos tortuosos* quanto à sua atitude em relação ao Senhor: um *teme ao SENHOR*, enquanto o outro *o despreza*.

Já 14:3 declara: *Está na boca do insensato a vara para a sua própria soberba, mas os lábios do prudente o preservarão*. A expressão “a vara para a sua própria soberba” pode indicar que as palavras arrogantes do insensato o levam a ser castigado.

A mensagem de 14:4 também não é explícita. A ausência de bois e o celeiro limpo na primeira linha podem indicar que o agricultor não tem o trabalho de cuidar dos animais. A segunda linha o lembra, porém, que *pela força do boi há abundância de colheitas*. O autor diz ao agricultor que vale a pena manter animais em sua propriedade para ajudá-lo na lavoura e prover o sustento de sua família.

Todos os provérbios subsequentes se referem, de algum modo, ao conhecimento. O contraste entre a testemunha verdadeira e a falsa em 14:5 traz à memória 12:17. Quem se interessa apenas em escarnecer dos outros, *procura a sabedoria e não a encontra*, mas quem usa de discernimento descobre que *o conhecimento vem facilmente* (14:6). Na sequência, o autor aconselha o leitor: *Foge da presença do homem insensato, porque nele não divisarás lábios de conhecimento* (14:7), provérbio sintético que interrompe a série de provérbios antitéticos, pois fornece na segunda linha o motivo para o conselho da primeira. O tema do conhecimento e discernimento também está por trás do contraste em 14:8. Enquanto *a sabedoria do prudente* lhe permite refletir seriamente sobre *o seu próprio caminho*, ou seja, sobre sua conduta ou comportamento, *a estultícia dos insensatos é enganadora*, “não apenas fica aquém da verdade, mas também a evita” (TOT). O versículo seguinte desenvolve esse conceito: *Os loucos zombam do pecado, mas entre os retos há boa vontade* (14:9). Além de serem incorrigíveis, os insensatos zombam até da ideia de reconhecerem seus erros, enquanto os justos estão sempre abertos para a correção.

Ross articula a mensagem de 14:10 de forma contundente: “Existem alegrias e tristezas que não podem ser compartilhadas” (EBC). Somente quem experimenta sentimentos profundos de *amargura* ou *alegria* pode entendê-los de fato.

A destruição da casa do perverso e o florescimento da tenda dos retos (14:11) são mencionados repetidamente nessa seção do livro. O mesmo se aplica à mensagem de 14:12 citada com frequência e escolhida como tema de muitos sermões (cf. tb. 16:25). O autor expressa a loucura da rebelião do homem com grande veemência: *Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte*.

Kidner explica a “alegria ao mesmo tempo doce e amarga” de 14:13 da seguinte maneira: “É provável que o sentido seja um destes dois: a) a alegria não traz alívio total ou final das tragédias da vida (cp. Lc 6:21,25; Jo 16:20-22); b) nosso ânimo quase sempre é influenciado por emoções opostas, e nenhuma delas é permanente” (TOT). Hubbard parece mais próximo do sentido original, porém, ao dizer: “Os mestres sabiam que as emoções podem ser mistas, que [...] os sentimentos se mesclam dentro de nós em padrões complexos. O riso e a tristeza podem estar presentes ao mesmo tempo no mesmo coração. E o que começa como alegria pura pode, no final, revelar-se como tristeza” (CC).

Não fica claro no original hebraico se 14:14 é um provérbio sinônimo ou antitético. Afirma que *o infiel* e *o homem de bem* serão recompensados por seus caminhos, mas não especifica a recompensa.

Os versículos seguintes contrastam *o simples* e *o prudente*, e ressaltam pontos observados anteriormente. Enquanto o primeiro *dá crédito a toda palavra*, o outro *atenta para os seus passos* (14:15; cf. tb. 14:8). O *sábio cauteloso* e o *insensato* são contrastados em 14:16. O primeiro *é cauteloso e desvia-se do mal* (cf. tb. 1:7; Jó 1:1; 28:28), enquanto o último *encoleriza-se e dá-se por seguro*. A descrição do homem irascível prossegue: *O que presto se ira faz loucuras* (14:17; cf. tb. 14:29; 15:18; 29:22). Trata-se de um provérbio sinônimo no qual as duas partes descrevem alguém que age de forma indevida. A segunda metade se refere ao *homem de maus desígnios*, cujas emoções talvez não se manifestem tão prontamente, mas que também é *odiado* por seus atos. Como em 14:15, os simples e os prudentes são mencionados lado a lado. Os primeiros herdam *a estultícia*, e os últimos *se coroa de conhecimento* (14:18).

Outro dito sinônimo trata das pessoas que trilham o caminho errado: *Os maus inclinam-se perante a face dos bons, e os perversos, junto às portas do justo* (14:19). Kidner comenta: “O Antigo Testamento, em seus próprios termos, e o Novo Testamento, de modo mais detalhado, prometem vindicação total” (TOT) para os bons e os justos.

Nos versículos seguintes, deparamo-nos novamente com o pobre e o rico. O primeiro *é odiado até do vizinho*, mas o último *tem muitos amigos* (14:20; cf. tb. 19:4,7). O termo “odiado” mostra quanto o pobre é evitado. Hubbard observa: “A riqueza incentiva amizades, não tanto pela generosidade dos ricos, mas porque os ricos não fazem nenhuma exigência material de seus amigos. O oposto se aplica aos pobres” (CC). Outra explicação possível é que as pessoas em situação mais favorável evitam os pobres por causa de sua aparência ou modos, ou porque a companhia deles as faz sentir culpadas por sua riqueza. É importante lembrar, conforme Hubbard acrescenta, que “esses versículos devem ser entendidos como uma descrição do comportamento humano em geral, e não uma prescrição de como as pessoas devem comportar-se” (CC). O versículo seguinte deixa isso claro, pois atribui pecado a quem *despreza ao seu vizinho*,

O elemento novo nas frases contrastantes de 14:22 é a pergunta retórica na primeira linha, cuja resposta esperada é "não". Se o verso seguinte não é uma resposta para os que planejam o bem, considerando-se o paralelismo simétrico, algo terrivelmente estar reservado para os que maquinam o mal e erram.

O provérbio seguinte apresenta um contraste bastante autêntico: *Em todo trabalho há proveito; mas palavras, porém, não são penúria* (14:23). De fato, é o trabalho árduo, e não a conversa fiada, que produz resultado proveitoso. Apesar de nenhum indivíduo específico ser mencionado em 14:23, a referência aos "sábios" e "insensatos" no versículo seguinte concorda com esse provérbio: *Aos sábios a riqueza é coroa, mas a estultícia dos insensatos não passa de estultícia* (14:24). A primeira linha trata da mesma questão de 8:18, enquanto a segunda "ênfatica, com sua tautologia, a improdutividade da estultícia: ela própria é sua repreensão e resultado" (TOT).

Os versículos seguintes contrastam a testemunha que diz a verdade com aquela que mente: *A testemunha verdadeira livra almas, mas o que se desboca em mentiras é enganador* (14:25; cf. tb. 12:6,17; 14:5; 21:28). O que significa, porém, salvar almas (ou "vidas", NVI)? É possível que a vida de inocentes corra perigo em situações nas quais a falsidade impera. Uma testemunha fiel pode, de fato, salvar vidas ao dizer a verdade.

Os versículos 14:26-27 tratam dos benefícios do temor do Senhor. O primeiro versículo fala do refúgio e amparo que o justo encontra para si e sua família por temer ao Senhor. O segundo diz que *o temor do SENHOR é fonte de vida para evitar os laços da morte*.

Em 14:28, encontramos o contraste entre o rei que tem muitos súditos (*multidão do povo*) e o príncipe que não tem povo. Os súditos do primeiro são sua glória, enquanto o último está fadado à ruína.

Com referência a 14:29, ver os comentários sobre 14:17. A impaciência do homem irascível contrasta com o *ânimo sereno* descrito no versículo seguinte (14:30). O povo hebreu reconhecia forte ligação entre a saúde emocional e a física. O coração sereno e a boa saúde andam juntos, enquanto a inveja causa a *podridão dos ossos* (cf. comentário em 12:4).

De volta ao tema dos pobres, dois indivíduos (ou categorias de indivíduo) são contrastados em 14:31 com base em suas atitudes ou ações em relação aos pobres. *O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado*. "O modo pelo qual as pessoas tratam os pobres demonstra sua fé no Criador. Vemos aqui uma aplicação prática da doutrina da criação" (EBC). Tanto os ricos quanto os pobres foram criados à imagem de Deus (Gn 1:27; Jó 31:15). Portanto, quem *se compadece do necessitado* honra a Deus. Que contraste entre esta atitude em relação aos pobres e aquela descrita em 14:20!

Em seguida, o autor contrasta o destino do perverso e dos justos no contexto de calamidades: *Pela sua malícia é*

A tradução do provérbio em 14:33 é controversa. A RA indica antítese: *No coração do prudente, repousa a sabedoria, mas o que há no interior dos insensatos vem a lume*. Os estudiosos debatem quanto ao significado exato da segunda linha. Alguns até mesmo acrescentam a palavra "não", alterando o sentido do provérbio (CC). É como traduz, por exemplo, a RC: *No coração do prudente repousa a sabedoria, mas no coração dos tolos não é conhecida*. Tendo em vista o texto hebraico, porém, uma interpretação mais adequada do significado é: "A verdadeira habitação da sabedoria é com os sábios, mas mesmo entre os insensatos ela não é totalmente desconhecida". O texto da NVI se aproxima desse sentido: "A sabedoria repousa no coração dos que têm discernimento, e mesmo entre os tolos ela se deixa conhecer".

Outro tema frequente de sermões é: *A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio do povo* (14:34; cf. tb. 16:12). Há quem interprete as palavras em termos políticos. Kidner, por exemplo, acredita que se trata "da maneira mais penetrante de testar políticas e realizações" (TOT). Hubbard, porém, argumenta que o termo "povo" descreve principalmente a população de determinada região, e não seu sistema político" (CC). A exaltação mencionada "não é um termo material, mas, sim, moral neste contexto, como seu oposto mostra" (TOT). A referência a questões nacionais é seguida de um provérbio que contrasta dois servos do rei: *O servo prudente que goza do favor do rei, e o que procede indignamente e é objeto do seu furor* (14:35; cf. tb. 16:14; 19:12; 20:2).

## 15:1-33

O capítulo começa com dois provérbios sobre a fala. O primeiro versículo ensina que o modo de respondermos numa situação tensa pode apaziguá-la ou colocar mais lenha na fogueira (15:1). Como mostra o contraste de 15:2, *a língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama a estultícia*. O autor passa da fala à visão e diz que os olhos onipresentes do Senhor observam *os maus e os bons* (15:3; cf. tb. 2Cr 16:9; Sl 33:13-15), uma indicação de que ele julgará corretamente. Já 15:4 volta a tratar da fala: *A língua serena é representada como árvore de vida*. A língua perversa, por outro lado, *quebranta o espírito*, uma indicação do "efeito das palavras sobre o estado de espírito" (TOT). A esta altura, a lição de 15:5 já é bastante conhecida.

Em seguida, vemos lado a lado a *casa do justo* e a *renda dos perversos* (15:6). A primeira contém *grande tesouro*, enquanto a última é retratada como fonte de *perturbação*. A pergunta para nós é: O que estamos armazenando? Aquilo que provém dos dois tipos de pessoas também é diferente: *A língua dos sábios derrama conhecimento, mas o coração dos insensatos não procede assim* (15:7). Os sábios

não acumulam o conhecimento que sua língua adorna em 15:2, mas o compartilham com outros.

Em 15:8, encontramos uma das poucas menções à oração em Provérbios (veremos outra em 15:29) no contraste entre o que é abominável ou agradável ao Senhor. Questões associadas ao culto, a saber, o templo, os sacrifícios, a oração, aparecem apenas raramente em Provérbios. Talvez, como Kidner declara com eloquência, “a função [do livro] nas Escrituras seja vestir a piedade com roupas de trabalho” (TOT).

A abominação do Senhor ao mal constitui o elo com o versículo seguinte. Enquanto em 15:8 o autor diz que o Senhor abomina o sacrifício dos perversos, aqui o caminho do perverso é abominação ao SENHOR (15:9a). Os sacrifícios não têm valor nenhum — e são até mesmo hipócritas — quando a atitude da vida como um todo é de rebelião a Deus. Por outro lado, assim como Deus se deleita na oração dos retos em 15:8, em 15:9b ele ama o que segue a justiça.

A ideia de perigo mortal liga os dois provérbios seguintes. Em 15:10, um provérbio sintético, quem corre esse perigo precisa de disciplina rigorosa. A mensagem da comparação (quanto mais) em 15:11 é semelhante à de 15:3. Deus sabe tudo a respeito dos perversos e dos bons.

O paralelismo sintético de 15:12 não surpreende. Uma vez que o escarnecedor recusa a correção, não é de admirar que não peça conselho aos sábios.

Os provérbios seguintes tratam de atitudes do coração. Tanto o coração alegre quanto o oprimido com a tristeza têm manifestações físicas: o primeiro aformoseia o rosto, o segundo deixa o espírito abatido e (implicitamente) entristece o rosto (15:13). O contraste do coração sábio com a boca dos insensatos traz à memória 14:24, especialmente ao mencionar a estultícia. A alegria do coração em 15:15 tem quase o mesmo significado da expressão traduzida por “aformoseia o rosto” em 15:13. Kidner reúne os dois versículos: “Se o versículo 13 mostra que nossa atitude prevalecente influencia toda a personalidade, este dito também lhe atribui influência sobre toda nossa experiência” (TOT).

Seguem-se dois provérbios comparativos com *melhor é* [...] *do que*. Ambos mostram a superioridade dos valores espirituais em relação ao lucro ou benefício material. O temor do Senhor é melhor do que a riqueza, mesmo quando esta última não é acompanhada de inquietação (15:16). Em 15:17, o contraste é entre o amor e o ódio. Um prato de hortaliças acompanhado de amor é melhor do que o boi cevado e, com ele, o ódio. Os dois provérbios revelam quais devem ser nossas prioridades.

Com referência a 15:18, ver comentários sobre 14:17 e 15:1. O povo akan de Gana também tem consciência dos perigos de ser irascível, como vemos em seu ditado: “O coração mau (dado a ataques de raiva) mata seu dono”. No provérbio seguinte, o obstáculo se encontra na atitude (na mente) do preguiçoso. Uma vez que ele não está disposto a se mover, imagina seu caminho cercado de espinhos (15:19). Os retos estão dispostos a caminhar com o Senhor e, portanto, sua vereda [...] é plana, ou seja, sem obstáculos.

Os provérbios subsequentes tratam da sabedoria e da insensatez. Com referência a 15:20, ver a observação sobre 10:1. Quem se alegra com a estultícia mostra apenas que *carece de entendimento* (15:21). O homem sábio, por outro lado, *anda retamente*, da mesma forma que os retos não encontram obstáculos em seu caminho em 15:19. Com respeito a 15:22, ver os comentários sobre 11:14. O conselho sábio do versículo anterior conduz naturalmente à *resposta adequada* celebrada com a observação: *A palavra, a seu tempo, quão boa é!* (15:23). Em 15:24, o caminho da vida trilhado pelo sábio o leva para cima. Fica implícito, portanto, que somente os insensatos seguem o caminho que conduz à morte, ao inferno, embaixo. O provérbio parece sugerir a possibilidade de vida depois da morte, apesar de essa doutrina só ser desenvolvida posteriormente nas Escrituras.

A reação do Senhor ao mal é o tema dos próximos provérbios. Ele dá ao orgulhoso o castigo merecido, mas protege a viúva indefesa (15:25). Sua reação ao perverso em 15:26 deve ser considerada juntamente com 15:8-9.

Em 15:27, o transtorno que o ávido por lucro causa à sua família deve ser resultante de aceitar suborno, pois a segunda linha diz: *O que odeia o suborno, esse viverá*.

A prudência do justo é um princípio conhecido (15:28); a boca do perverso, porém, *transborda de maldade* (cf. tb. 15:2). Essa maldade é o que determina a reação do Senhor às orações do homem perverso. A declaração: *O SENHOR está longe dos perversos* (15:29) não tem nada que ver com distância física, um fator que não é relevante para Deus. O Senhor está longe dos perversos porque não ouve suas orações, caso cheguem a orar, da mesma forma que ouve a oração dos justos. Os sacrifícios e o modo de vida dos perversos também são abomináveis ao Senhor, como vimos em 15:8-9.

Enquanto 15:13 é antitético e começa dizendo que o coração alegre aformoseia o rosto, 15:30 é sinônimo e amplia a relação: *O olhar do amigo alegre ao coração*, assim como as boas-novas revigoram o corpo.

Os dois versículos seguintes devem ser considerados em conjunto. *Os ouvidos que atendem à repreensão salutar no meio dos sábios têm a sua morada* (15:31), pois os sábios estão dispostos a dar ouvidos à repreensão (cf. 9:8). Na verdade, essa é a base de sua sabedoria. Quem ignora a disciplina não demonstra respeito por si mesmo nem “boa autoimagem”; mostra apenas que *menospreza a si mesmo* (15:32). Por outro lado, aquele que aceita a correção, como o sábio de 15:31, *adquire entendimento*. Eis o tipo de humildade que *precede a honra* (15:33).

O capítulo termina com uma lembrança do tema geral de Provérbios.

### 16:1-33

Desse capítulo em diante, os provérbios deixam de ser antitéticos e assumem formas variadas: sinônimos, sintéticos, antitéticos e comparativos.

O nome de Deus aparece com frequência nesse capítulo, quer na forma usada na aliança e transmitida a Moisés (Êx 3:13-15), representada aqui por “Senhor”, quer em sua forma mais geral, traduzida por “Deus”. Na verdade, os onze primeiros versículos (com exceção de 16:8,10) fazem menção ao nome “Senhor”. Como Hubbard destaca, até aqui o autor focalizou a sabedoria que os sábios acumularam sobre como viver na criação do Senhor. “Até o capítulo 16, porém, a presença divina é, em sua maior parte, implícita, exceto nas passagens que chamam os ouvintes a viver no temor do Senhor. A necessidade e o significado desse temor se tornam bem mais evidentes aqui do que antes” (CC).

O capítulo começa com o dito: *O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR* (16:1). Não há dúvida de que os planos do coração, ou seja, pensamentos acerca do que se deve dizer, são humanos. Apesar de todo esse planejamento, porém, “a resposta certa dos lábios” (ou “resposta da língua”, NVI e RC) vem, em última análise, do Senhor (cf. Mt 10:19). Um provérbio tigrigna (Eritreia) expressa a mesma verdade: *Seb amami Ezghi fetsami* (“O homem começa; Deus completa”), como também o faz o ditado conhecido: “O homem propõe, Deus dispõe”. Ross comenta: “Este versículo pode ser entendido de duas formas: a) os pensamentos e a fala são iguais ou b) a fala difere daquilo que a pessoa pretendia dizer. A segunda ideia é mais condizente com o contraste” (EBC). Este provérbio e o seguinte nos ensinam que, em nossa jornada aqui na terra, devemos depender totalmente do Senhor, e não de nossas próprias habilidades.

Diz 16:2: *Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o SENHOR pesa o espírito* (cf. tb. 21:2). O problema é que até mesmo o caminho do insensato lhe parece correto (12:15). Na realidade, o Senhor onisciente é o Juiz supremo e verdadeiro. Tendo em vista a mensagem dos versículos anteriores, 16:3 revela em que consiste a decisão sábia: *Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos*. Afinal, tudo — até mesmo os perversos e seu destino — servirá, em última análise, para cumprir o plano ou propósito de Deus, apesar de Deus não ser o autor do mal (16:4). Uma vez que o Senhor abomina o arrogante, aquele que prefere fazer as coisas a seu modo, *é evidente que não ficará impune* (16:5; cf. tb. 15:8-9,26; 16:18).

Não devemos entender 16:6 como um contraste entre “expiar a culpa” e “evitar o mal” no sentido de que o primeiro é obra de Deus e o segundo, do homem. Tendo em vista tratar-se de um provérbio sinônimo, as duas linhas falam da responsabilidade humana. *Misericórdia e verdade* (ou “amor e fidelidade”, NVI e RC) caracterizam o Senhor da aliança, mas também devem caracterizar os seres humanos (cf. 3:3-7). Assim como o temor do Senhor leva a pessoa a evitar o pecado, a fidelidade ao Deus da aliança expia a culpa decorrente do pecado (cf. tb. Ross, EBC).

Kidner considera 16:7 um “incentivo à intrepidez” (TOT). Sem dúvida, é um excelente encorajamento e pro-

messa para os membros do povo de Deus que trabalham em condições extremamente hostis.

O provérbio em 16:8 não nega a possibilidade de a riqueza coexistir com a justiça. Afirma, porém, que é melhor ser pobre e justo do que acumular riqueza por meio da injustiça (cf. tb. 15:16-17).

O conceito apresentado em 16:9 é semelhante ao de 16:1.

Na sequência, encontramos um conjunto de provérbios acerca de reis. O primeiro (16:10) é de difícil interpretação. Parece indicar que, pelo fato de um rei em sua função oficial administrar justiça em nome de Deus, sua boca não deve trair a justiça (cf. tb. 31:1-9). Com referência a 16:11, ver os comentários sobre 11:1. A justiça mencionada anteriormente no contexto nacional (14:34) é associada agora ao rei e seu governo (16:12; 20:28; 25:5; 29:14). Depois de declarar que o único alicerce firme para o trono é a justiça, Hubbard prossegue: “Tanto a ordem divina na criação quanto a vigilância divina sobre a história visam destituir, no devido tempo, os reis ímpios de sua posição de autoridade. O cumprimento da justiça é praticamente um ato de autopreservação régia” (CC). O texto de 16:13 aplica ao nível individual a justiça que deve caracterizar o governo dos reis. Oficiais e cidadãos também devem ser honestos.

O furor ou ira de qualquer pessoa pode ser fatal, mas o perigo é ainda maior quando um rei poderoso se enfurece. *O homem sábio, porém, o apazigua* (16:14). Quando, por outro lado, o rei está satisfeito e seu semblante se mostra alegre, o resultado é vida, em vez de morte. A segunda parte do versículo desenvolve essa ideia: *Sua benevolência é como a nuvem que traz chuva serôdia* (16:15).

Ouro e prata não se comparam com a sabedoria, pois ela é muito mais preciosa (16:16). Outra expressão de valor da vida correta pode ser encontrada no provérbio sinônimo em 16:17. Quem segue o caminho dos retos evita o mal e, desse modo, *preserva a sua alma*.

Assim como “a humildade precede a honra” (15:33), também *a soberba precede a ruína* (16:18; cf. tb. 18:12). A mesma ideia se repete na segunda linha paralela: *a altivez do espírito [precede] a queda*. Kidner comenta: “O mal específico da soberba é sua oposição ao primeiro princípio da sabedoria (o temor do Senhor) e aos dois grandes mandamentos. O soberbo opera, portanto, em oposição a si mesmo (8:36), ao seu próximo (13:10) e ao Senhor (16:5). A ruína pode sobrevir de qualquer uma dessas áreas” (TOT). Em 16:19, encontramos uma alternativa melhor, ainda que possivelmente sacrificial.

A bem-aventurança de dar ouvidos ao ensino e confiar no SENHOR volta a ser ressaltada em 16:20. O provérbio antitético de 16:22 contrasta *entendimento e estultícia*. O primeiro *é fonte de vida*, e a última *é castigo*. O sábio é uma das fontes de entendimento. Segue-se, portanto, um pequeno conjunto de provérbios que tratam do conteúdo e da forma do discurso do sábio. Tanto 16:21 quanto 16:23 falam “da impressão que a verdadeira sabedoria inevitavelmente causa” (TOT) e 16:24 explica o efeito prazeroso e curativo das

*palavras agradáveis*. São comparadas ao *favo de mel*, pois são *doces para a alma e medicina para o corpo*.

O texto de **16:25** repete 14:12 e é seguido de um provérbio bastante prático (**16:26**) que identifica um dos motivos pelos quais alguém continua a labutar: a fome! (Outras passagens também tratam deste e de outros motivos para trabalhar; cf. Ef 4:28; 6:7-8 e 2Ts 3:10-13.)

O autor retoma o tema da fala, agora nos lábios do *depravado* e do *perverso* (**16:27-28**), cujo intento é tramar o mal, causar desavença e separar amigos íntimos. As maquinações dos perversos também aparecem nos versículos seguintes: *O homem violento alicia o seu companheiro e guia-o por um caminho que não é bom* (**16:29**). Nas linhas sinônimas de **16:30**, um homem *fecha* (ou “pisca”, NVI e RC) *os olhos*, e outro *morde* (ou “franze”, NVI) *os lábios*. Os dois tramam o mal em silêncio.

O texto de **16:31** não louva a velhice em si, mas focaliza aquilo que as *cãs* simbolizam, a saber, uma vida de justiça.

Em **16:32**, o *longânimo* é paralelo ao homem *que domina o seu espírito*, e o *herói da guerra*, ao homem *que toma uma cidade*. Na comparação, o primeiro par é mais excelente que o segundo (cf. tb. 25:28). Para os mestres sábios, os verdadeiros heróis não são os estrategistas militares e generais que conquistam cidades e nações, mas, sim, os indivíduos que controlam a própria índole.

Lançar sortes, ou seja, tomar decisões lançando dados ou algo semelhante, é o tema de **16:33** (cf. tb. 18:18). O provérbio não diz que devemos buscar orientação em recursos desse tipo. Antes, afirma o controle do Senhor até mesmo no ato aparentemente aleatório de lançar sortes, pois, *do SENHOR procede toda decisão*. Ross resume essa ideia e o restante do capítulo ao comentar: “O capítulo termina como começou, com uma palavra acerca da soberania de Deus” (EBC).

### 17:1-28

Apesar de haver ligeira mudança de vocabulário, a comparação em **17:1** não é inédita (cf. tb. 15:16-17; 16:8). O texto de **17:2** aponta para a inversão de privilégios que pode resultar da sabedoria ou da insensatez. *O escravo prudente governa sobre o filho que causa vergonha* e tem parte na herança como se fosse um dos irmãos, enquanto o filho cuja conduta é vergonhosa será desconsiderado e deserdado.

O fogo prova a pureza dos metais, neste caso do ouro e da prata. O Senhor, porém, prova *aos corações* (**17:3**). A provação é construtiva, e não destrutiva. Enquanto o Senhor se preocupa com a pureza e a verdade, não se pode dizer o mesmo do *malfazejo* descrito de maneira semelhante ao *mentiroso* (**17:4**). Além de usar a língua para mentir, o perverso também *escarnece do pobre* (**17:5**). A primeira linha deste provérbio é semelhante a 14:31. Na segunda linha, a satisfação com a desgraça alheia pode ser outra manifestação do escárnio, se considerarmos *calamidade* uma referência à penúria do pobre. Quem proceder desse modo *não ficará impune*.

Como os cabelos grisalhos (16:31), os netos também são *coroa dos velhos* (**17:6**).

De acordo com **17:7**, se é um disparate o insensato dizer coisas excelentes, é ainda mais inapropriado o governante proferir mentiras. A corrupção do poder também aparece em **17:8**, em que o suborno é descrito como uma *pedra mágica* (ou, como diríamos hoje em dia, uma “vara de condão”) para quem paga: *Para onde quer que se volte terá seu proveito*. Uma vez que não se trata da única observação dos sábios acerca do suborno, deve ser comparada com 17:15,23; 15:27.

O provérbio antitético em **17:9** explica como é possível fortalecer ou destruir o amor e as amizades. A pessoa na primeira linha promove o *amor* ao encobrir uma *transgressão*; a outra *separa os maiores amigos* ao trazer o assunto *à baila*, ou seja, ao falar da transgressão mencionada na primeira linha (cf. tb. 16:28).

Os versículos seguintes enfatizam a incorrigibilidade dos insensatos. Enquanto o *prudente* é sensível à mera *repreensão*, o *insensato* é capaz de ignorar até *cem açoites*, ou seja, uma surra severa (**17:10**). No final das contas, porém, o perverso não ficará impune (**17:11**). O risco que o insensato representa é descrito com uma imagem vívida. Pode-se imaginar que não há nada mais perigoso do que encontrar um animal selvagem que foi separado de seus filhotes, mas o mestre sábio diz: *Melhor é encontrar-se uma ursa roubada dos filhos do que o insensato na sua estultícia* (**17:12**).

Os provérbios subsequentes tratam de atos perversos específicos: **17:13** aplica ao ingrato o princípio de colher aquilo que se semeou, enquanto **17:14** aconselha a não abrir as comportas da discórdia. A perversão da justiça é outra coisa abominável ao Senhor (**17:15**).

Em **17:16**, encontramos uma pergunta retórica. O provérbio não sugere que a sabedoria pode ser comprada com dinheiro. Mesmo que pudesse, porém, o insensato não se daria ao trabalho de adquiri-la, pois não reconhece seu valor!

O provérbio sinônimo em **17:17** mostra como o amor de um amigo verdadeiro é constante e como os laços de família se tornam mais significativos em momentos de dificuldade. Com referência a **17:18**, ver os comentários sobre 6:1-5.

A primeira linha de **17:19** é clara, mas qual é o significado da segunda linha? A construção de uma porta (ou portão) alta, algo aparentemente contrário às normas sociais, talvez reflita os problemas da pessoa briguenta com seus vizinhos. Kidner inclui este provérbio numa seção chamada “À procura de encrenca” e comenta: “A arrogância para com Deus e para com os homens tem o seu preço” (TOT).

O texto de **17:20** trata do homem *perverso de coração* e daquele *que tem a língua dobre*. Assim como o primeiro *jamais achará o bem*, o último *vem a cair no mal*. As consequências da insensatez explicam a tristeza ou falta de alegria experimentada pelo pai do *estulto* (**17:21**), que contrasta com o *coração alegre* mencionado em **17:22** (cf. 15:13,15,30).

Os provérbios seguintes repetem ideias desenvolvidas em passagens anteriores. Mais uma vez, o suborno desvia o curso da justiça (17:23). No provérbio antitético de 17:24, o olhar firme do sábio é contrastado com o movimento dos olhos do insensato. A ideia de 17:21 é repetida em 17:25, que acrescenta, porém, a tristeza da mãe.

Outra manifestação de injustiça é mencionada em 17:26. A partícula do hebraico que pode ser traduzida por “também” ou “até” não aparece na RA, mas está incluída na RC: “Não é bom também punir o justo”.

O capítulo termina com dois provérbios acerca da fala: 17:27 é um provérbio sinônimo no qual *quem retém as palavras* é equiparado ao *sereno de espírito*. O primeiro *possui o conhecimento* tanto quanto o último *é homem de inteligência*. Se um insensato conseguir imitar essas virtudes, outros podem até pensar que ele é sábio (17:28).

### 18:1-24

O provérbio inicial descreve um indivíduo nocivo à comunidade. Além de buscar o *seu próprio interesse*, ele obstinadamente *insurge-se contra a verdadeira sabedoria* (18:1). A pessoa descrita em 18:2 demonstra a mesma falta de senso, pois *não tem prazer no entendimento, senão em externar o seu interior*.

No versículo seguinte, encontramos elementos que Kidner chama de “companheiros de viagem do pecado” (TOT): *Vindo a perversidade, vem também o desprezo; e, com a ignomínia, a vergonha* (18:3).

A interpretação de 18:4 depende de como entendemos as duas linhas do provérbio: se são sinônimas ou antitéticas. Kidner as considera antitéticas, pois imagina que as *águas profundas* da primeira linha escondem algo (cf. 20:5) e conclui que “o provérbio contrasta nossa relutância humana, nossa incapacidade de nos entregar, com a sinceridade e clareza incomuns da verdadeira sabedoria” (TOT).

O sistema judicial mencionado em 18:5 *não é bom* porque se mostra *parcial* em favor do *perverso e contra os justos*.

Os três provérbios seguintes voltam a tratar da fala: 18:6-7 se refere aos *lábios* e à *boca* do insensato (em ordem inversa em 18:7) e ressalta que as palavras desencadeiam *contenda, açoites, destruição* e são um *laço para a alma*. A *fococa* também pode ser um laço, e 18:8 expressa seu caráter diabolicamente atraente: *As palavras do maldizente são doces bocados que descem para o mais interior do ventre* (cf. tb. 26:22). A expressão “doces bocados” vem de uma raiz que significa “engolir com sofreguidão”. Ross comenta: “Quando esses bocados saborosos chegam ao mais íntimo do ser, despertam um desejo ainda maior por eles” (EBC).

O que faz 18:9 é equiparar quem deixa uma tarefa inacabada com o *desperdiçador*. Trata-se de um versículo de grande relevância para o nosso continente repleto de projetos inacabados ou sem a devida manutenção. Quanto desperdício de recursos já escassos! O texto aplica-se também a quem não realiza devidamente um trabalho necessário.

Em 18:10, o nome do Senhor é descrito como *torre forte* [...] *à qual o justo se acolhe e está seguro*. O fato de o versículo seguinte descrever *os bens do rico* como sua *cidade forte* (18:11) corrobora o argumento de Farmer de que os provérbios desse capítulo não são totalmente aleatórios. O contraste com os versículos anteriores indica, porém, que este provérbio não pode ser entendido de forma literal e que a segunda linha usa claramente de sarcasmo quando diz que o rico *imagina* que seus bens são uma *muralha* intransponível. Kidner resume os versículos como um contraste entre uma torre forte e um castelo de areia e diz: “O mundo acredita que o invisível é irreal. Mas não é o homem de Deus (18:10), e sim o homem de posses que precisa valer-se da imaginação a fim de se sentir seguro” (TOT).

Com referência a 18:12, ver os comentários sobre orgulho em 16:18. Devido ao orgulho, quase todos nós temos o hábito de supor que sabemos todas as respostas, de modo que tiramos conclusões precipitadas ou respondemos antes de ouvir o que o outro tem a dizer. Essa atitude é descrita como *estultícia e vergonha* (18:13; cf. tb. 18:2,17).

A prioridade das coisas espirituais em relação às coisas físicas em momentos de crise é ressaltada em 18:14. A vitalidade espiritual interior pode sustentar uma pessoa durante enfermidades físicas, *mas o espírito abatido, quem o pode suportar?* A pessoa desesperada e deprimida é incapaz de lidar com situações difíceis.

Encontramos em 18:15 um dito sintético acerca dos sábios: *O coração do sábio adquire conhecimento*, enquanto seu ouvido *procura o saber*.

A interpretação de 18:16 é um tanto controversa: *O presente que o homem faz alarga-lhe o caminho e leva-o perante os grandes*. A questão é se a palavra traduzida por “presente” difere ou não do termo traduzido por “suborno” em 17:8. Este último também pode significar “presente”, apesar de Kidner asseverar que “nunca é usado para se referir a um presente desinteressado” (TOT). Hubbard argumenta que o presente em questão é “dinheiro, artesanato, especiarias ou perfumes como os presentes dos magos que Mateus descreve”. Sua intenção é simplesmente permitir que o ofertante obtenha acesso a pessoas importantes. Não se trata de “suborno cujo propósito não é encorajar o favor ou a amizade, mas, sim, influenciar decisões judiciais ou administrativas (Êx 23:8; Am 5:12). Presentes como esses eram, sem dúvida, usados de forma indevida, mas a questão tratada pelo mestre aqui é outra” (CC).

Ao que parece, contudo, a distinção entre os dois termos hebraicos não era tão nítida quanto sugerem os dois comentaristas anteriormente. Em 21:14, o autor emprega os dois termos: “O presente que se dá em segredo abate a ira, e a dádiva em sigilo, uma forte indignação”. Além de as duas palavras ocorrerem juntas, as duas linhas do provérbio são sinônimas, ou seja, têm o mesmo significado. Em outras passagens, a tradução alternativa para o termo “presente” é “suborno”. Por exemplo: “O que é ávido por lucro desonesto



transtorna a sua casa, mas o que odeia o suborno, esse viverá" (15:27). Além de ser possível traduzir a mesma palavra por "presente" ou "suborno", o provérbio é antitético, ou seja, a segunda linha apresenta um contraste com a primeira. O homem ávido por lucro na primeira linha, portanto, é contrastado com o homem que odeia suborno, indicando que o primeiro aceitou o suborno devido à sua cobiça. Vemos, portanto, que, apesar de Provérbios ser realista ao reconhecer que presentes podem ajudar o ofertante a obter resultados, o livro não aprova o pagamento de subornos a fim de obter uma decisão favorável para quem paga.

O provérbio seguinte parece remeter à instrução em 18:13 para ouvir antes de falar. Como 18:17 lembra, devemos ouvir os dois lados de um caso antes de chegar a alguma conclusão, não obstante quem fale primeiro ou por último. A segunda linha, *até que vem o outro e o examina*, pode referir-se a um contexto de tribunal onde é necessário ouvir e interrogar as testemunhas antes de chegar ao veredito.

Com referência a 18:18, ver os comentários sobre 16:33. O provérbio seguinte é uma séria advertência para cultivarmos e guardarmos nossos relacionamentos. As imagens da *fortaleza* e dos *ferrolhos de um castelo* (18:19) deixam claro que "as paredes invisíveis da desavença" são "extremamente fáceis de levantar, mas difíceis de derrubar" (TOT).

Tanto 18:20 quanto 18:21 tratam da fala em termos de frutos. Mostram que precisamos ficar atentos para o que dizemos, pois as palavras afetam a qualidade de nossa vida. A língua pode espalhar destruição, mas também pode vivificar e promover cura.

Os três últimos provérbios desse capítulo tratam de relacionamentos. Sem dúvida, *uma esposa* é uma dádiva de Deus e, de fato, quem foi abençoado com essa dádiva já alcançou a *benevolência do SENHOR* (18:22). O relacionamento seguinte é menos afortunado, pois o *rico* faz pouco caso das *súplicas do pobre* (18:23). Jesus se refere a uma situação semelhante na parábola do juiz iníquo e da viúva (Lc 18:1-8). Apesar de o provérbio retratar realidades deste mundo, é necessário considerá-lo juntamente com outros ditos acerca de como o rico deve tratar o pobre (p. ex., 14:21,31). Por fim, vemos o contraste entre muitos amigos e um *amigo verdadeiro* (18:24). Ter muitos amigos não é garantia de sucesso, especialmente quando a amizade deles é por interesse. Relacionamentos desse tipo podem ser destrutivos. É possível, no entanto, descobrir uma joia no meio deles: o *amigo mais chegado do que um irmão* (cf. tb. 17:17).

### 19:1-29

O capítulo começa com uma comparação (*Melhor... do que*) entre o pobre e o perverso tolo (19:1). A primeira linha do provérbio é repetida em 28:6, em que a comparação envolve o rico. Ao juntar a mensagem dos dois provérbios, temos: *Melhor é o pobre que anda na sua integridade do que o perverso nos seus caminhos, ainda que seja rico*, e do que o *perverso de lábios e tolo*.

De nada adianta *proceder sem refletir*; quem age de modo impensado é como o motorista que, em sua pressa, erra o caminho e demora mais a chegar (19:2). Não é raro tomarmos atitudes impensadas e irrefletidas e desperdiçamos energia. Deparamo-nos com dificuldades devido à nossa própria insensatez e depois culpamos Deus pelos problemas (19:3).

Os provérbios seguintes tratam de amizade e veracidade. Devemos considerar 19:4 de acordo com o que já foi dito acerca do rico e do pobre no contexto imediato (cf. 19:6-7; tb. 18:23-24). O texto de 19:5 é repetido quase nas mesmas palavras em 19:9. Os castigos que sobrevêm à falsa testemunha e ao mentiroso são reiterados em várias ocasiões em Provérbios. Há quem conte muitas mentiras para adular *ao generoso* (ou "ao governante", NVI, ou "ao príncipe", RC) e obter seu favor (19:6). Sem dúvida, trata-se de alguém que *dá presentes*, uma questão discutida em detalhes em 18:16. Existe, porém, claro contraste na atitude em relação ao pobre que é desprezado por seus parentes e não tem amigos (19:7). Sua situação é semelhante àquela descrita em 19:4 (para mais comentários cf. 14:20). Observe que se trata de um provérbio incomum, pois apresenta mais de duas linhas.

Em 19:8, temos um provérbio sinônimo: *O que adquire entendimento* corresponde àquele *que conserva a inteligência*. *Ama a sua alma* é paralelo a *acha o bem*. Com referência a 19:9, ver o comentário sobre 19:5.

Encontramos outra comparação com *quanto menos* em 19:10. *Ao insensato não convém a vida regalada*, porque ele não a merece. Mas o versículo prossegue: *Quanto menos ao escravo dominar os príncipes!* Trata-se de mais um caso daquilo que Kidner chama de "absurdos desconcertantes" (TOT). Ross comenta acerca do versículo como um todo: "Nestas inversões, o insensato evidenciaria ainda mais suas qualidades negativas — grosseria, insensibilidade e falta de disciplina — e o escravo se tornaria arrogante e cruel" (EBC). Observamos conceitos semelhantes em 11:22; 17:7; 26:1; 30:21-23.

Pode parecer estranho uma virtude como a longanimidade ser descrita como *glória* em 19:11. De acordo com Kidner, este provérbio "destaca as cores radiantes de uma virtude que, na prática, pode parecer apenas insípida falta de assertividade" (TOT). A virtude oposta é a raiva, tema de 19:12, que reitera de forma sucinta a ideia de 16:14-15.

Um paralelo entre o *filho insensato* e as *contenções da esposa* é traçado em 19:13. O primeiro é *a desgraça do pai*, e as últimas são tão irritantes quanto *um gotejar contínuo* (cf. tb. 27:15). Que contraste com a *esposa prudente* mencionada em 19:14! De fato, ela é uma bênção (ou benevolência) do SENHOR, como diz 18:22.

A preguiça traz não apenas um pouco de sono (6:10), mas *profundo sono* (19:15), e, portanto, as coisas vão de mal a pior. O resultado inevitável é *fome*.

Obediência e desobediência são questões de vida ou morte, como mostram vários provérbios (19:16). Uma das áreas



que requerem obediência é o relacionamento com os pobres. Quem usa de bondade para com eles não apenas honra a Deus (14:31), mas também *ao SENHOR empresta, e este lhe paga o seu benefício* (19:17; cf. Mt 25:31-40). Apesar de ser importante disciplinar o filho *enquanto há esperança*, os pais não devem se exceder a *ponto de matá-lo* (19:18). Por vezes, a fim de disciplinar uma pessoa, é preciso distanciar-se e permitir que ela sofra as consequências de seus atos. Essa é a ideia de 19:19, uma advertência para não tentar consertar as confusões provocadas por alguém que não consegue controlar seu próprio gênio. É quase certo que esse indivíduo perderá a calma outra vez, de modo que, *se tu o livrares, virás ainda a fazê-lo de novo*. Se deixá-lo sofrer as consequências de seus atos, é possível que aprenda a lição e mude de atitude. Uma vez que é melhor evitar medidas tão drásticas, o provérbio enfatiza a importância de dar ouvidos à instrução e os benefícios decorrentes da obediência (19:20).

O ditado popular “o homem propõe, Deus dispõe” resume o teor de 19:21 (cf. tb. 16:1,9). O versículo seguinte trata do valor do amor leal, traduzido por *misericórdia* na RA e como “amor perene” na NVI ou “constante” na RC (19:22). É melhor ser pobre e desfrutar afeto verdadeiro do que fazer falsas declarações de amor e ver-se cercado de pessoas nas quais não se pode confiar. O termo traduzido por “misericórdia” é o mesmo usado em outras passagens para descrever a fidelidade do Senhor ao seu povo na aliança. A mesma fidelidade e honestidade devem caracterizar os relacionamentos interpessoais (cf. tb. 19:1).

Para expandir a ideia da bênção de *vida* resultante do temor do Senhor, a segunda linha de 19:23 a descreve como um estado no qual o indivíduo abençoado *ficará satisfeito, e mal nenhum o visitará*. Existe, porém, uma diferença entre esse contentamento e a inércia do indolente, descrita num provérbio espiritualoso que retrata alguém preguiçoso demais até para levar a comida à boca (19:24).

Apesar de 19:25 parecer antitético, é possível que não seja, especialmente se focalizarmos os resultados das duas linhas em vez do suposto contraste entre *ferires ao escarnecedor e repreende ao sábio*. A disciplina física do escarnecedor não visa beneficiá-lo, mas, sim, ensinar outros a não cometer as mesmas tolices que tornaram a disciplina necessária. Semelhantemente, a repreensão do sábio traz um resultado positivo: *Crescerá em conhecimento* (cf. tb. 21:11).

A situação descrita em 19:26 é contrária não apenas ao ensino dos sábios, mas também ao quinto mandamento (Êx 20:12; Dt 5:16). Não é de surpreender, portanto, que 19:27 seja dirigido ao *filho meu*, exceto pelo fato de que, ao contrário dos capítulos 1 a 9, o autor raramente se dirige ao filho nos capítulos 10 a 22. O provérbio também é incomum porque, em vez da exortação para ouvir, começa com *se deixas de ouvir*. Depois de chamar a atenção do jovem com essa inesperada variação, o sábio apresenta a argumentação habitual: como resultado de não dar ouvidos à instrução, o jovem se desviará *das palavras do conhecimento*.

Em 19:28, temos mais um provérbio sinônimo: a *testemunha de Belial* é paralela à *boca dos perversos*, enquanto *escarnece da justiça* corresponde a *devora a iniquidade*. As consequências desse comportamento zombeteiro são dadas em 19:29: *Preparados estão os juízos para os escarnecedores e os açoites, para as costas dos insensatos*.

## 20:1-30

O capítulo começa com um provérbio sobre os males da bebida. Em 20:1, as substâncias inebriantes, como *vinho* e *bebida forte* (ou “fermentada”, NVI), são personificadas e recebem rótulos que caracterizam os insensatos: *escarnecedor* (cf. 19:29) e *alvoroador* (cf. 15:18, que “provoca brigas”, NVI). Não é de admirar que *todo aquele que por eles é vencido não é sábio* (cf. tb. 23:20-21,29-35; 31:4-7)!

A ira do rei é tão assustadora quanto o *bramido do leão* (20:2). O autor menciona suas consequências fatais em 16:14. Mas os reis não são os únicos a se enfurecer, e o provérbio antitético seguinte contrasta a calma do sábio com a natureza contenciosa do insensato (20:3).

Em 19:24, o indolente tem alimento, mas é preguiçoso demais para comê-lo. É sorte ter algo para comer, pois 20:4 lembra que, por não se dar ao trabalho de arar os campos na primavera, o preguiçoso não terá nada para ceifar.

*Como águas profundas, são os propósitos do coração do homem* (20:5). As palavras do homem são descritas de maneira semelhante em 18:4. Nos dois casos, a expressão parece indicar que tais propósitos são difíceis de interpretar, motivo pelo qual é necessário o discernimento de um *homem de inteligência* para compreendê-los. A disparidade entre aquilo que as pessoas dizem a respeito de si mesmas e seu verdadeiro caráter também aparece em 20:6. Professar e praticar não são a mesma coisa. A segunda parte do provérbio parece considerar impossível encontrar um *homem fidedigno*, mas o pessimismo é contrabalançado pela descrição do amigo verdadeiro em 18:24.

As bênçãos do homem justo são transmitidas à sua descendência (20:7; cf. tb. 14:26).

Os dois versículos seguintes provavelmente devem ser considerados em conjunto. O primeiro se refere ao papel do rei num julgamento: *Assentando-se o rei no trono de juízo, com os seus olhos dissipa todo mal* (20:8; cf. tb. 20:26). O segundo, porém, se refere ao julgamento num tribunal ainda mais elevado: *Quem pode dizer: Purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado?* (20:9). Kidner comenta: “Os olhos experientes do verdadeiro governante separam a palha do trigo; o Espírito do Senhor é ainda mais preciso” (TOT).

Como o autor explicou em 11:1 e reitera em 20:10, Deus abomina negócios escusos (cf. tb. 16:11; 20:23). O advérbio até em 20:11 parece ligar o versículo ao texto anterior e indicar que até uma criança sabe que é errado trapacear nos negócios. Além de afirmar que Deus é o Criador do *ouvido* e do *olho*, 20:12 nos lembra que esses órgãos foram criados com um propósito. A audição e a visão que eles

proporcionam podem ir além do âmbito físico, estendendo-se à dimensão espiritual (Is 6:10; Mt 13:11-17). A seguir, **20:13** volta ao tema do preguiçoso e às consequências do descanso excessivo (cf. tb. 20:4).

Todos conhecem a técnica de pechincha descrita em **20:14**, na qual o comprador menospreza aquilo que deseja comprar a fim de levar o vendedor a baixar o preço: *Nada vale, nada vale, diz o comprador, mas, indo-se, então, se gaba de sua compra.* Ele pode ter feito um ótimo negócio, mas não vale nada quando comparado com a *joia preciosa* de **20:15**, ou seja, a sabedoria, um bem muito mais valioso do que *ouro* e *pérolas* (cf. 8:10-11) encontrados nos *lábios instruídos*.

O dito de **20:16**, repetido em 27:13, parece contradizer a lei de Moisés, que especifica: “Se do teu próximo tomares em penhor a sua veste, lha restituirás antes do pôr do sol; porque é com ela que se cobre, é a veste do seu corpo” (Êx 22:26-27). Aqui, porém, o provérbio diz que o penhor não deve ser devolvido: *Tome-se a roupa àquele que fica fiador por outrem.* Essa medida é recomendada apenas se a pessoa que ofereceu o penhor o fez como garantia *por estrangeiros* (ou “mulher leviana”, NVI). Hubbard discute demoradamente a contradição e considera a medida justificável, pois os atos da pessoa em questão são tão imprudentes que põem em risco não apenas o credor, mas toda a comunidade (CC). Outra possibilidade é que a retenção da veste tomada como penhor durante a noite sirva de castigo para o insensato que se mostrou disposto a ser fiador de “estrangeiros”, ou a acompanhar uma “mulher leviana”, dois atos condenados de forma específica em 6:1-5.

Num provérbio de tom espirituoso, o autor nos lembra que, a princípio, o alimento roubado pode parecer *suave*, mas, depois, a *boca se encherá de pedrinhas de areia* (**20:17**). Encontramos uma ideia semelhante com relação à mulher devassa em 5:3-4; 9:17.

É provável que o conselho de **20:18** seja dirigido ao rei. Nem todos, contudo, servem para ser conselheiros. Daí o autor alertar para que se evite o *mexeriqueiro* caso se deseje manter alguma informação em segredo. É interessante que 11:13-14 (cf. comentários) segue a mesma linha ao tratar da questão de pedir conselho a outros.

Os dois provérbios seguintes voltam a falar de relacionamentos entre gerações. Desta vez, a *lâmpada* do filho infame *apagar-se-lhe-á [...] nas mais densas trevas* (**20:20**; cf. tb. 19:26). Se o filho insensato ou infame herdar a riqueza de seus pais, não se beneficiará dela, como mostra claramente o caso do filho pródigo (Lc 15:11-24). Como o dinheiro desonesto em 13:11, a herança desaparecerá em pouco tempo (**20:21**; cf. tb. 21:6).

Nunca é certo amaldiçoar e ameaçar aqueles que, a nosso ver, nos prejudicaram. Não devemos buscar vingança, mas esperar pelo livramento do Senhor (**20:22**; cf. tb. 17:13; 24:29). Paulo trata da mesma questão em Romanos 12:19, em que cita as palavras do Senhor em Deuteronômio

32:35: “A mim me pertence a vingança”. Com referência a **20:23**, ver comentários sobre 20:10.

Assim como é certo que o Senhor providenciará para que se faça justiça, também *os passos do homem são dirigidos pelo SENHOR* (**20:24**; cf. tb. 16:9). Podemos, contudo, ser guiados por veredas que não compreendemos, daí a pergunta: *Como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?* A resposta é que não precisamos entender tudo, mas, sim, entregar nossos caminhos ao Senhor (Pv 3:5-6; Sl 37:5,23-24). Mas o fato de os caminhos de Deus poderem ser misteriosos não nos isenta da necessidade de cuidado. Anteriormente fomos orientados a não responder apressadamente (18:13). Se a precipitação com respeito aos negócios humanos é loucura, é loucura ainda maior quando se trata de assuntos divinos (**20:25**; cf. tb. Ec 5:1-7). Sobre **20:26**, ver comentários em 20:8. Já o texto de **20:27** é uma grande declaração que nos desafia a nos aproximarmos de Deus em oração, pedindo que ele use sua lâmpada para esquadrihar nosso espírito (Sl 139:23-24).

Numa passagem anterior, vimos que “com justiça se estabelece o trono” (16:12) e, como **20:28** deixa claro, o trono é preservado por *amor e fidelidade*.

Todos os estágios da vida possuem qualidades a serem celebradas. Enquanto os jovens podem orgulhar-se de sua força, os homens mais velhos têm motivo de orgulho em seus cabelos grisalhos, especialmente ao considerar 16:31 (**20:29**).

O último dito desse capítulo é um tanto estranho e levanta a seguinte dúvida: Como é possível *os vergões das feridas purificarem do mal, e os açoites, o mais íntimo do corpo?* (**20:30**). O autor parece fazer referência à disciplina física da criança, tema ao qual Provérbios volta com frequência (cf. 13:24; 22:15; 23:13-14; 29:15). Kidner comenta: “A consciência vagarosa pode precisar desse tipo de estímulo” (TOT).

## 21:1-31

Os quatro primeiros versículos deste capítulo estão relacionados ao coração humano. O primeiro caso se refere ao *coração do rei* (**21:1**). Sob o título “Rei dos reis”, Kidner relaciona vários reis pagãos como “exemplos de autocratas que, ao seguir o curso que traçaram para si mesmos, inundaram ou fertilizaram os campos de Deus conforme ele determinou” (TOT). Com referência a **21:2**, ver os comentários sobre 16:2. O poder divino de ver o que se passa no mais íntimo do coração explica **21:3**, uma declaração exemplificada em 1Samuel 15:20-23. O *olhar altivo* e o *coração do orgulhoso* servem de *lâmpada* para guiar os perversos, mas não os conduzem pelos caminhos certos, pois, como informam as duas últimas palavras de **21:4**, *são pecado*.

Os provérbios seguintes se referem a diversas maneiras de obter sustento e viver. Em **21:5**, o planejamento cuidadoso *do diligente* é comparado com a pressa dos afoitos. O planejamento levará à *abundância*, mas a *pressa excessiva*, à

*pobreza* (cf. Lc 14:28-32). Enquanto os apressados não estão dispostos a realizar o planejamento necessário, outros não estão dispostos a trabalhar honestamente e tentam ganhar dinheiro com uma *língua falsa*. A fortuna adquirida por meios desonestos, porém, é *vaidade* — ou seja, desvanece como vapor — e *laço mortal* (21:6). Os malfetores são destruídos por suas próprias maquinacões (21:7). O versículo seguinte é antitético. *O caminho do homem carregado de culpa* é contrastado com *o proceder do honesto*; o primeiro é *tortuoso*, enquanto o último é *reto* (21:8).

A esposa é uma dádiva de Deus (18:22), mas a comparação (*melhor [...] do que*) em 21:9 (repetida em 25:24; cf. tb. 21:19; 19:13; 27:15-16) enfatiza a dificuldade de conviver com uma mulher briguenta. Em 21:10, temos descrita uma característica assustadora do perverso. Ele não apenas pratica o mal, mas o *deseja*. Em decorrência, *nem o seu vizinho recebe dele compaixão*. Com referência a 21:11, ver comentários sobre 19:25.

Os provérbios seguintes tratam da justiça divina e humana: 21:12 apresenta a justiça retributiva de Deus contra os perversos, enquanto 21:13 mostra a justiça retributiva que recai sobre quem maltrata os pobres (cf. Mt 18:21-35). Com referência a 21:14, cf. os comentários sobre 18:16. Em 21:15, temos duas reações à manifestação da justiça: *É alegria para o justo*, provavelmente porque ele é vindicado, *mas espanto para os que praticam a iniquidade*, pois são condenados.

Não é de surpreender que o *homem que se desvia do caminho do entendimento na congregação dos mortos repousará* (21:16; cf. tb. 14:12). O prazer pode ser uma tentação para se desviar do caminho certo, de modo que 21:17 traz uma advertência. Não condena, porém, os prazeres em si, pois o termo usado aqui é traduzido em 21:15 por “alegria”. O problema é o amor aos prazeres, a busca por eles como objetivo de vida (cf. tb. 21:20-21).

O provérbio sinônimo em 21:18 fala do *perverso* ou *pérfido* e do *justo* ou dos *retos*. O primeiro se torna *resgate* para o segundo. É possível que 11:8 explique essa declaração, ilustrada pelo caso de Hamã e Mordecai no livro de Ester.

O assunto de 21:9, a esposa briguenta, é retomado em 21:19, ao passo que 21:20b talvez remeta a um provérbio anterior. *O homem insensato que desperdiça todos os seus bens* parece equivaler ao homem que busca somente o prazer em 21:17. Por outro lado, apesar de a casa do sábio ter um amplo suprimento de *iguarias e azeite* (21:20a) e de ele encontrar *a vida, a justiça e a honra* (21:21), tais elementos não constituem seu objetivo central na vida. O sábio busca a retidão. Todas as outras coisas são recebidas como bênçãos adicionais (cf. tb. Mt 6:33).

Com referência a 21:22, Kidner comenta: “O fato de a sabedoria ser bem-sucedida em casos nos quais a força bruta não funciona (cf. tb. 24:5-6) tem várias aplicações, sendo uma das mais importantes a guerra espiritual. Mas nesse âmbito [espiritual] a sabedoria humana é inútil (2Co 10:4)” (TOT).

O texto em 21:23 volta a destacar que o sábio mede suas palavras. O *soberbo e presumido*, por outro lado, *procede com indignação e arrogância* (21:24). Quem age desse modo gosta de escarnecer dos outros e, portanto, é chamado de *zombador*. Observe como o autor se vale de vários termos para retratar essa personalidade repulsiva: *soberbo, presumido, zombador* que procede com *indignação e arrogância*.

O preguiçoso é novamente discutido em 21:25. Ele tem uma necessidade, ou melhor, um anseio, mas não trabalha para satisfazê-la. Se ninguém salvá-lo, seu fim certo é a morte. Quem o salvará, senão o *justo* que não anseia por nada para si mesmo, mas *dá e nada retém* (21:26)?

Os provérbios seguintes tratam de pessoas mais interessadas nas aparências do que na verdade. Vimos a primeira parte de 21:27 em várias passagens anteriores, mas o que torna esse sacrifício mais odioso é a *intenção maligna* com a qual ele é oferecido. A falsa testemunha também perverte a verdade com intenção maligna, mas tanto ela quanto quem lhe dá ouvidos perecerão (21:28). Kidner propõe um axioma com base em 21:29: “Um rosto ousado não substitui princípios corretos”.

Hubbard segue a linha de raciocínio do texto ao descrever o significado de 21:30: “Nenhuma habilidade intelectual humana é capaz de garantir o sucesso de um empreendimento quando o Senhor se opõe a ele. Ser sábio e opor-se a Deus é uma contradição” (CC). Ross, por outro lado, expressa a mensagem de forma positiva: “Para ser bem-sucedido, é necessário que a ‘sabedoria’ [...] a ‘inteligência’ [...] e o ‘conselho’ estejam de acordo com a vontade de Deus” (EBC). Kidner estabelece forte ligação entre esse versículo e o seguinte: “Se 21:30 adverte de não lutarmos contra o Senhor, 21:31 adverte de não lutarmos sem ele. Não condena os recursos terrenos, mas sim a confiança neles” (TOT).

## 22:1-16

Como a sabedoria, *mais vale o bom nome do que as muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a prata e o ouro* (22:1). Hubbard chama a atenção para o tema subjacente da sabedoria ao comentar: “A estima da comunidade, um *bom nome* [...], é uma das maiores recompensas da sabedoria” (CC). Essa ideia concorda com a cosmovisão africana, pois, a fim de exercer impacto positivo sobre outros, a pessoa precisa ser aceita pela comunidade.

*O rico e o pobre se encontram; a um e a outro faz o SENHOR* (22:2). Esse enfoque sobre o elemento comum entre o rico e o pobre guarda do orgulho o primeiro e do desespero o último.

Os três provérbios seguintes tratam de como devemos viver. A primeira virtude recomendada é a prudência: 22:3 deixa claro que “o otimismo cego não é fé, e sim insensatez” (TOT). O versículo é repetido em 27:12. Vários provérbios enfatizam as virtudes recomendadas em 22:4 e suas respectivas recompensas. O provérbio antitético de 22:5 nos lembra que o caminho dos perversos é repleto de es-

*pinhos e laços*, mas o homem prudente e justo *que guarda a sua alma retira-se para longe deles*.

A promessa de **22:6** é citada com frequência em sermões e fica implícita na estrutura do ditado: *Se ensinarmos a criança no caminho em que deve andar [...], quando for velho não se desviará dele*. De acordo com algumas interpretações, “o caminho em que deve andar” é uma referência ao caráter e aos dons singulares, de modo que se deve respeitar a individualidade de cada criança ao ensiná-la. O princípio é verdadeiro, mas não parece estar em pauta em 22:6. “No livro de Provérbios, há somente dois ‘caminhos’ que uma criança pode seguir, o caminho dos sábios e justos, ou o caminho dos insensatos e perversos” (EBC). Como Kidner nos lembra, devemos respeitar a individualidade de cada criança, mas não sua obstinação.

O texto de **22:7** apenas apresenta de forma realista a vantagem econômica de um grupo em relação a outro: *O rico domina sobre o pobre, e o que toma emprestado é servo do que empresta*.

Já **22:8** traz uma advertência para *o que semeia a injustiça* e um estímulo para quem sofre: *o perverso segará males; e a vara da sua indignação*, que causou sofrimento a outros, *falhará*. Também **22:9** traz palavras de encorajamento para os justos (cf. comentários sobre 11:25).

Em **22:10**, temos um provérbio sinônimo. Quando o primeiro par, *o escarnecedor* e *a contenda*, não está por perto, o segundo par, *as demandas* e *a ignomínia*, também deixa de existir. Observamos um nítido contraste entre essa instrução para se livrar de alguém cujas palavras causam problemas e a descrição daquele que é bem-vindo na presença do rei (**22:11**; cf. tb. 16:13). O rei se sente atraído por essa pessoa porque *ela ama a pureza de coração e é grácil no falar*.

Os três provérbios seguintes tratam das palavras. Primeiro, **22:12** diz que, segundo a sua superintendência justa sobre suas criaturas, *os olhos do SENHOR conservam aquele que tem conhecimento, mas as palavras do iníquo ele transtornará*. Em seguida, o autor apresenta as palavras do preguiçoso, que usa de qualquer desculpa, por mais absurda que seja, para evitar o trabalho (**22:13**). Por fim, trata da boca da adúltera, cujas palavras e beijos são *a cova profunda* sobre a qual fomos advertidos anteriormente (**22:14**; cf. tb. cap. 7).

Como **22:15** mostra, quem não usa a vara cria um filho mimado (cf. tb. 13:24).

*O que oprime ao pobre e o que dá ao rico* (**22:16**) certamente empobrecerão, pois aquele que enriquece à custa dos pobres será julgado por Deus e aquele que presenteia o rico desperdiça seu dinheiro. No final das contas, portanto, os dois acabarão pobres.

## 22:17—24:34 Coletânea de ditos dos sábios

Encontramos aqui outra coletânea de provérbios, desta vez subdividida em “preceitos e admoestações dos sábios” e “mais alguns provérbios dos sábios”.

## 22:17—24:22 Preceitos e admoestações dos sábios

Essa seção trata de temas quase tão variados quanto os dos capítulos 10 a 22 e 25 a 29. Observamos, porém, a presença de mais conjuntos de provérbios aqui do que na seção anterior, apesar de tais conjuntos serem tão extensos quanto os dos capítulos 1 a 9.

Depois de começar com as exortações habituais para dar ouvidos e após justificar a necessidade dessas admoestações (**22:17-19**), o autor chama o grupo de provérbios de *excelentes coisas* (**22:20a**), expressão que também pode ser traduzida por “trinta ditados”. De acordo com os estudiosos, se a tradução “trinta ditados” estiver correta, deve haver uma relação entre essa seção de Provérbios e o manual de instruções egípcio de Amenemope, constituído de trinta capítulos. A relação é possível, pois Deus concedeu a outras nações a mesma sabedoria prática contida nesses provérbios. O contexto israelita se evidencia, porém, na instrução de 22:19 para confiar no Senhor.

A contagem dos trinta ditados é problemática. Kidner afirma que “a seção pode ser dividida nesse número arredondado de parágrafos” (TOT), enquanto Ross isola trinta ditados ao considerar os provérbios separadamente em algumas ocasiões e, em outras, agrupar dois ou três (EBC). A dificuldade de identificar os trinta ditados pode indicar que essa tradução da expressão não é adequada. Uma pequena mudança numa vogal hebraica muda o sentido para “excelentes coisas” (RA).

Uma vez que o aprendiz tiver assimilado a sabedoria contida nesses *conselhos e conhecimentos* (**22:20b**) e nessas *palavras da verdade*, *poderá responder claramente aos que o enviarem* (**22:21**).

Os ditados começam com exortações quanto a uma questão discutida repetidamente nas seções anteriores, a saber, a justiça social: *Não roubes ao pobre [...] nem oprimas em juízo ao aflito* (**22:22**). Quem proceder desse modo, sofrerá as consequências, pois *o SENHOR defenderá a causa dos necessitados* (**22:23**). O autor também volta a falar da pessoa irascível (**22:24**) e adverte que quem andar com ela adquirirá suas características (**22:25**). A advertência de não ser fiador também é repetida (**22:26-27**; cf. tb. 6:1-5), com a lembrança de que se corre o risco de *perder* até a própria *cama*. Esse perigo talvez remeta à passagem de Êxodo sobre os penhores (Êx 22:26-27).

Em Israel, a terra era uma dádiva inalienável concedida por Deus (**22:28**; 23:10-11). Daí a remoção de marcos de propriedade constituir tamanha violência não apenas contra o indivíduo, mas também contra os direitos de sua família.

O provérbio nos lembra que tanto no passado quanto no presente, o homem habilidoso é sempre requisitado (**22:29**; cf. tb. 22:11).

No capítulo 23, os sábios tratam da questão da cobiça. Primeiro, falam de como ela se manifesta quando alguém faz uma refeição com um governante (**23:1-3**). A cobiça também pode manifestar-se no desejo excessivo de enriquecer

(23:4-5). A sabedoria tem consciência de que a riqueza é instável, pode criar asas como um pássaro e desaparecer. O desejo de iguarias pode gerar problemas, daí a lembrança para controlar o apetite ao se fazer uma refeição com o *invejoso*, da mesma forma que se deve exercer autocontrole ao comer com o rei (23:6-8).

O conselho sábio de 23:9 é repetido na instrução de Jesus para não lançar pérolas aos porcos (Mt 7:6).

Notamos que 23:10-11 remete a 22:28. Algo que merece ênfase é a proteção do Senhor. Como em 22:22-23, o *Vingador* (ou “Defensor”, RC) dos *órfãos* é forte e *lhes pleiteará a causa contra ti*.

Na sequência, encontramos outro conjunto de provérbios que focalizam a importância de obter sabedoria. Eles começam com uma instrução para os aprendizes se concentrarem e ouvirem (23:12). Com referência a 23:13-14, cf. os

## DÍVIDAS

Hoje em dia, as dívidas se tornaram algo comum. Nas economias mais desenvolvidas, espera-se que a pessoa desenvolva um histórico favorável de crédito por meio da contração de dívidas. A Bíblia, contudo, não fala do endividamento de forma positiva. “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros” (Rm 13:8). Apesar de não haver consenso entre os cristãos quanto ao significado exato desse versículo, ou seja, se ele proíbe todo tipo de dívida, as Escrituras deixam claro que Deus não deseja ver seu povo oprimido sob a maldição do endividamento (Dt 28:44-45).

A Bíblia fornece os seguintes princípios acerca desse assunto:

- Tomar dinheiro emprestado conduz à servidão (2Rs 4:1; Pv 22:7).
- O endividamento está associado a situações graves de necessidade, como no caso das viúvas e dos períodos de escassez de alimentos (2Rs 4:1-7; Ne 5:2-12).
- Devemos evitar atitudes que costumam causar pobreza e dívida e caracterizam, por exemplo, o preguiçoso (Pv 6:6-11; 14:23; 20:4,13) e aquele que se oferece para ser fiador de desconhecidos (Pv 6:1-5; 11:15; 22:26-27).
- Devemos evitar ao máximo contrair dívidas e, quando existirem, esforçar-nos para quitá-las (Mt 5:25-26; Rm 13:8). Quem não paga suas dívidas quando tem recursos para fazê-lo é chamado de ímpio (Sl 37:21).
- Quem se encontra em melhores condições financeiras não deve explorar os pobres ao cobrar juros exorbitantes e confiscar a fonte de renda do devedor como pagamento (Dt 24:6; Sl 15:5; Jó 24). Nas regiões rurais da África, muitos agiotas cobram juros altos, com frequência acima de 100% ao ano. Trata-se de usura, uma prática que a Bíblia condena.
- No antigo Israel, todas as dívidas deviam ser perdoadas no sétimo ano (Lv 25; Dt 15:1-18). De acordo com esse princípio, depois de algum tempo, o devedor precisava ter a oportunidade de recomeçar sua vida.
- Jesus nos ensinou a orar: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos

devedores”, um pedido que se aplica tanto a dívidas morais quanto financeiras (Mt 6:12).

Na África, a geração de hoje ampliou os costumes tradicionais, e não é raro as pessoas se endividarem devido a cerimônias sofisticadas associadas a nascimentos, casamentos e funerais, e a pagamentos de dotes exorbitantes. A igreja é responsável por ensinar valores bíblicos e transformar essas práticas culturais (Mc 7:8; Rm 12:2).

Os cristãos precisam entender que o custo da dívida não é apenas financeiro, mas também emocional e psicológico. Mesmo nos casos em que é necessário financiar parte de um bem, como uma casa ou um carro, deve-se evitar a tendência de assumir um compromisso financeiro por vários anos. É importante evitar também o acúmulo de dívidas decorrentes da aquisição de bens de consumo no cartão de crédito.

Apesar de a Bíblia não dizer que é pecado endividar-se, os motivos pelos quais alguém se encontra nessa situação podem ser pecaminosos. Com frequência, as dívidas são resultado de cobiça, de um estilo de vida além das posses, da administração indevida dos recursos que Deus provê, da suposição de que haverá renda suficiente para pagar os empréstimos no futuro e da falta de fé em Deus como provedor. Os cristãos não devem ser caracterizados por atitudes desse tipo.

Trabalhar com afinco e não tentar imitar o estilo de vida de outros são atitudes que podem evitar muitas dívidas. Quem já se encontra endividado deve assumir o compromisso de se livrar das dívidas e viver sem elas. Comece o processo seguindo estes passos práticos:

- Não faça novas dívidas.
- Acelere o ritmo de pagamento da dívida. Venda algum bem não-essencial, trabalhe para aumentar a renda ou corte algumas despesas atuais.
- Comece a economizar e a investir seu dinheiro a fim de ter uma margem de segurança para evitar dívidas futuras.

Essas considerações acerca das dívidas pessoais também valem para as dívidas nacionais. Os líderes de nações não devem pôr em risco o futuro de seus jovens ao fazer empréstimos que o país nunca terá condições de pagar.

Stephen Adei

comentários sobre 13:24 e 19:18. Mais uma vez, como nos capítulos 1—9, o mestre sábio chama o aprendiz de *filho meu* (23:15; cf. tb. 23:19,26; 24:13). Observe o gosto com que ele o incentiva a aplicar o ensino (23:15-16). Admoesta o aprendiz a não ter *inveja dos pecadores*, mas a perseverar *no temor do SENHOR [...] todo dia* (23:17), *porque deveras haverá bom futuro* (23:18). Depois de mais uma exortação para ouvir (23:19), o mestre informa ao aprendiz que não há nada para invejar na vida dos pecadores (23:20-21).

O provérbio seguinte trata do relacionamento do aprendiz com seus pais (23:22,25; cf. tb. 1:8; 6:20). *Compra a verdade e não a vendas; compra a sabedoria* são conselhos que já ouvimos antes (23:23; cf. tb. 4:7). O filho que dá ouvidos a essas instruções é, de fato, motivo de orgulho para os pais (23:24-25).

Na sequência, o mestre adverte o jovem acerca de duas tentações: prostitutas e bebidas alcoólicas. Ele começa com a admoestação: *Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos se agradem dos meus caminhos* (23:26) e prossegue falando sobre a prostituta, mencionada em passagens anteriores, especialmente nos capítulos 1 a 9 (23:27-28). A questão da bebida também não é assunto novo (23:20-21), mas aqui o mestre trata desse tema em mais detalhes (cf. 23:29-35). Ele começa em 23:29 com uma série de perguntas, um tipo de enigma, para o qual fornece a resposta em 23:30. Segue-se uma instrução clara em 23:31, enquanto 23:32 descreve as consequências da desobediência. Em 23:33-34, vemos uma representação vívida de uma pessoa embriagada e, por fim, ouvimos as palavras do bêbado em 23:35. Ross resume a passagem do seguinte modo: “O sábio apresenta um retrato vívido daquele que bebe demais: fala sem parar, provoca discussões e brigas, intoxica seu corpo com álcool, tem olhos vermelhos, perde o controle, mostra-se confuso e, incapaz de falar com clareza, imagina coisas e fica entorpecido” (EBC).

A seção seguinte volta ao ponto de partida com o aviso repetido para não invejar os pecadores nem se associar a eles (24:1-2; cf. tb. 23:9-20; 24:17-21).

Depois de tratar da conduta dos perversos, o sábio celebra a sabedoria. Numa bela passagem, descreve uma casa construída, estabelecida e fartamente abastecida de sabedoria (24:3-4; cf. tb. 9:1-2; 14:1). A sabedoria é força, e o conselho prudente é o segredo da vitória (24:5-6; cf. tb. 11:14; 20:18; 21:22). É impossível o insensato obter sabedoria enquanto sua vida a contradiz (24:7). Consequentemente, ele não tem nada de proveitoso para dizer *no juízo*. É possível que se trate de uma referência às assembleias realizadas à porta da cidade, onde os membros sábios e respeitados da comunidade se reuniam para discutir e decidir questões legais e comerciais.

Todos detestam o *mestre de intrigas* e o *escarnecedor* (24:8-9).

Em 24:10-12, encontramos uma declaração enérgica de nossas obrigações em relação a outros. Kidner comenta: “Pressão intensa (24:10) e responsabilidades que poderiam

ser evitadas (24:11-12) são maneiras justas, e não injustas, de testar o valor de um homem. É o mercenário, e não o verdadeiro pastor, quem alega que as condições são difíceis (24:10), as tarefas são impossíveis (24:11) e a ignorância é desculpável (24:12); o amor não se aquieta com tanta facilidade; tampouco o Deus de amor” (TOT).

A advertência sobre a necessidade de mostrar coragem é seguida da recomendação mais agradável para comer mel e da lembrança de que sua doçura é semelhante à da sabedoria (24:13-14). Quem encontrar a sabedoria desfrutará de um *bom futuro*, e sua esperança *não será frustrada* (24:14; cf. tb. 23:18). A resiliência do justo é mencionada em seguida como advertência para quem trama o mal contra ele e como encorajamento para os retos (24:15-16).

Os quatro versículos seguintes devem ser considerados uma unidade. Enquanto 24:17-18 exorta o justo a não se alegrar quando Deus julga os malfeitores, 24:19-20 enfatiza que o julgamento do perverso é inevitável: *ele não terá bom futuro*, e sua *lâmpada [...] se apagará*.

Apesar de o tema do livro ser o temor do Senhor, pela primeira vez essa passagem menciona explicitamente o temor do rei (24:21-22). O homem piedoso também é um bom cidadão. A passagem adverte ainda sobre a *ruína* súbita *que virá daqueles dois*, o Rei dos reis e o rei humano, contra o rebelde (cf. tb. Rm 13:1-7; 1Pe 2:17).

#### 24:23-34 Mais alguns provérbios dos sábios

O anúncio: *São também estes provérbios dos sábios* (24:23) dá início a uma nova seção. A segunda parte de 24:23 começa com um tema retomado em 24:25: *Parcialidade no julgar não é bom* (cf. tb. 17:15,26; 18:5). O julgamento justo convence o indivíduo da sua culpa em vez de lhe dizer: *Tu és justo*. Consequentemente, quem perverter a justiça será amaldiçoado pelo povo e condenado pelas nações; o paralelismo enfatiza o castigo. *Mas os que o repreenderem se acharão bem, e sobre eles virão grandes bênçãos* (24:25). Kidner associa 24:26 ao versículo anterior e comenta: “A palavra correta serve de selo como um beijo nos lábios” (TOT). De acordo com Heródoto, os persas consideravam esse beijo um sinal de amizade verdadeira, o tipo de relacionamento caracterizado pela verdade (EBC).

O conselho em 24:27 é para que se priorizem as atividades ao planejar a construção de uma casa (cf. tb. 24:3-4). A próxima sequência de versículos se opõe ao desejo de vingança (24:28-29; cf. tb. comentário sobre 20:22). Voltamos, então, ao campo mencionado em 24:27 que, neste caso, pertence ao preguiçoso (24:30-34; cf. tb. 6:6-11). O sábio começa descrevendo o que viu no campo abandonado do preguiçoso (24:30-31), resume a lição que aprendeu (24:32) e, por fim, compartilha sua conclusão com os aprendizes: *Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado* (24:33-34).

## 25:1—29:27 Provérbios transcritos pelos homens de Ezequias

Inicia-se aqui outro conjunto de *provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá* (25:1). Os capítulos 25 a 27 apresentam uma miscelânea de provérbios semelhantes aos de 10:1 a 22:16, apesar de seus ditos serem, em geral, mais longos. Os provérbios dos capítulos 28 e 29 costumam ser mais curtos e, portanto, mais parecidos com os de 10:1 a 22:16 tanto em forma quanto em conteúdo.

### 25:2-28

O capítulo começa com ditos sobre reis (25:2-7). O provérbio antitético em 25:2 contrasta a *glória de Deus* e a *glória dos reis: encobrir as coisas e esquadrinhá-las* (cf. tb. 20:8), respectivamente. Atkinson comenta: “Faz parte das atribuições do rei esquadrinhar os detalhes de uma questão a fim de julgar e tomar decisões com sabedoria, sem desconsiderar, contudo, o mistério dos caminhos de Deus” (25:2) (BST). Apesar de a glória dos reis consistir em sondar questões, *o coração dos reis é insondável* (25:3). O texto em 25:4-5 usa o exemplo da purificação do metal para ilustrar a ordem de remover o perverso *da presença do rei* e, desse modo, *firmar seu trono [...] na justiça* (cf. tb. 16:12; 29:14). O conselho subsequente é dirigido aos membros da corte do rei (25:6-7; cf. tb. Lc 14:7-10).

Não obstante a necessidade de haver uma testemunha ocular para depor no tribunal, ninguém deve apressar-se em testemunhar contra o seu próximo, pois pode entrar *em apuros* (25:8). Semelhantemente, não se deve descobrir o *segredo de outrem* no calor de uma discussão. Quem o faz, pode prejudicar sua própria reputação para o resto da vida (25:9-10). *A palavra dita a seu tempo*, pelo contrário, é como um belo ornamento, apropriado em seu contexto (25:11-12). Dando continuidade ao tema da fala, 25:13 descreve o efeito revigorante do *mensageiro fiel* (cf. com 10:26; 13:17). Por outro lado, *o homem que se gaba de dádivas que não fez é como nuvens e ventos que não trazem chuva* (25:14). *A longanimidade [...] e a língua branda* podem remover obstáculos aparentemente intransponíveis (25:15; cf. tb. 15:1; 16:14).

Em 24:13, o mel simboliza a sabedoria, mas em 25:16-17 ele é usado para destacar outro ponto (cf. tb. 25:27). O excesso de qualquer coisa, até mesmo de mel, pode ser desagradável. Um provérbio tigrigna expressa esse fato: *Me'ar entebzhes yimerir* (“Quando há mel demais, ele se torna amargo”).

Os dois versículos seguintes contêm provérbios de comparação: 25:18 mostra o perigo de levantar *falso testemunho* e provavelmente deve ser considerado em conjunto com 25:9-11. O provérbio subsequente ressalta que *a confiança no desleal, no tempo da angústia*, é tão inútil quanto *o dente quebrado* e *o pé sem firmeza* (25:19). Quando surge a necessidade, não cumprem seu propósito.

A pessoa descrita em 25:20 é absolutamente insensível, pois *entoa canções* para alguém com o *coração aflito*. A mesma ideia é expressa no provérbio oromo (etíope) que diz: *Of argaan/nama hinargu* (“Quem olha para si mesmo não vê os outros”), ou seja, a pessoa egocêntrica não se preocupa com ninguém além de si. Observamos grande contraste na bondade da pessoa descrita no provérbio seguinte, a qual paga o mal com o bem (25:21-22; cf. tb. Rm 12:19-20).

Outro provérbio comparativo, 25:23 indica a certeza de que *a língua fingida* provocará um *rosto irado*. Com referência a 25:24, ver os comentários sobre 21:9.

O restante do capítulo traz outros provérbios de comparação que usam imageria de água e comida. O primeiro declara, acertadamente, que *as boas-novas vindas de um país remoto são como água fria para o sedento* (25:25). Há nítido contraste entre a água potável e refrescante e a água poluída que simboliza os crentes que não praticam o que professam (25:26). O provérbio seguinte volta a se referir ao mel, mas seu significado não é claro. Parece dizer que, apesar de a honra ser algo bom, como o mel, a busca exagerada por honra para si mesmo é tão desagradável quanto o excesso de mel (25:27). O indivíduo sem autocontrole é vulnerável (25:28).

### 26:1-28

Os doze primeiros versículos desse capítulo, talvez com exceção de 26:2, tratam dos insensatos. O primeiro versículo afirma que *a honra não convém ao insensato*, pois é tão inapropriada quanto *a neve no verão* e *como a chuva na ceifa* (26:1). Outra prática inapropriada é citada em 26:2: *a maldição sem causa não se cumpre*. Provérbios 26:3 é uma rima curta sobre formas de controlar animais de carga e inclui os insensatos. (Ao comentar anteriormente sobre 10:13, Kidner chama o insensato de “mula de Deus”).

Parece que 26:4 e 26:5 caem em contradição e causam perplexidade em muitos estudiosos. “Os rabinos [...] solucionaram-na ao afirmar que o v. 4 se refere a coisas seculares, e o v. 5, a controvérsias religiosas [...] em questões insignificantes, o melhor é simplesmente ignorar o insensato; em questões importantes, porém, é preciso lidar com ele, pois, de outro modo, alguém poderá dar crédito ao que ele diz” (EBC).

Enquanto 25:13 tratou da bênção de ter uma mensagem confiável, 26:6 adverte que enviar *mensagens por intermédio do insensato* é como cortar os pés e sofrer dano (“ou beber veneno”, NVI). Imagine amputar um membro ou beber veneno em consequência da transmissão incorreta da mensagem de alguém! Até mesmo o *provérbio* sofre na boca dos insensatos (26:7).

De acordo com 26:1, “a honra não convém ao insensato”, e 26:8 parece dar o motivo: ela é jogada fora *como o que atira pedra preciosa num montão de ruínas*. Semelhantemente, 26:9 talvez justifique o comentário em 26:7. O insensato usa o provérbio sem nenhum escrúpulo e, em vez de trans-



mitir sabedoria, fere outros. Seguindo a mesma linha, *quem assalaria os insensatos e os transgressores* é comparado a um *flecheiro que a todos fere* (26:10).

Os cães eram desprezados na cultura hebraica, e o insensato é tão repulsivo e absurdo quanto um cachorro que volta para comer seu próprio vômito (26:11). Existe, contudo, alguém pior do que o insensato! É a pessoa tão certa de ter todas as respostas a ponto de se negar a aprender com outros (26:12). Existe uma semelhança entre essa pessoa e o preguiçoso infame com suas muitas desculpas (26:13), indolência (26:14-15) e falsa imagem de si mesmo (26:16) que se julga, equivocadamente, mais sábio do que todas as outras pessoas.

A insensatez de *quem se mete* na briga de outros é destacada em 26:17. Na sequência, vemos alguém que engana seu próximo e diz: *Fiz isso por brincadeira* (26:18-19). É comparado a um *louco que lança fogo, flechas e morte*.

Os versículos restantes do capítulo tratam de palavras maliciosas. Mexeriqueiros e briguentos instigam discórdias (26:20-21). Com referência a 26:22, ver 18:8. O homem de *lábios amorosos e coração maligno* é enganoso. Pode parecer agradável, mas *a sua malícia se descobrirá publicamente* (26:23-26). Quem trama o mal cai em sua própria armadilha (26:27). Kidner interpreta 26:28 da seguinte forma: “O cerne da questão (26:20-28) é apresentado em 26:28 com o fato de que o engano, quer magoe, quer acalme, constitui uma demonstração prática de ódio, uma vez que a verdade é vital e o orgulho é fatal para as decisões corretas” (TOT; cf. tb. 27:6).

### 27:1-27

Precisamos viver um dia de cada vez (27:1). Jesus falou sobre o mesmo assunto, mas substituiu *não te glories* por “não vos inquieteis” e *o que trará à luz* pela referência a inquietação e cuidados (Mt 6:34).

Os versículos seguintes falam de emoções. Primeiro, vem o orgulho e a admiração própria, duas atitudes destoantes com a conduta de quem teme ao Senhor (27:2). Em seguida, o autor fala do pesado fardo imposto pela necessidade de reagir corretamente à *ira do insensato* (27:3). Por fim, apresenta a inveja como uma força mais destruidora que o furor incontido (27:4; cf. tb. 6:34-35). O texto em 27:5-6 ensina que *melhor é a repreensão franca* do amigo do que o *amor encoberto* e os *beijos* [...] *enganosos* do inimigo. O inimigo pode esconder suas verdadeiras intenções por trás de uma demonstração de afeição (como quando Judas traiu Jesus; Mt 26:47-49). O verdadeiro amigo não permanecerá calado, mas, quando necessário, repreenderá ou mostrará o erro.

Para quem está satisfeito, até as coisas mais doces causam aversão; para o faminto, porém, até o *amargo é doce* (27:7).

Em 27:8, *o homem que anda vagueando longe do seu lar* é comparado a uma *ave que vagueia longe do seu ninho*. De acordo com a interpretação de Ross, “quem vagueia fica desprovido da segurança de seu lar e não pode mais con-

tribuir para a vida comunitária” (EBC). Trata-se de uma questão contundente, tendo em vista o grande número de refugiados em nosso continente e o fato de que a maioria dos refugiados do mundo é proveniente da África!

Beleza, alegria e confiabilidade na verdadeira amizade são os temas em 27:9-10. As amizades devem, portanto, ser cultivadas com carinho. O filho sábio é, sem dúvida, motivo de alegria e orgulho para seu pai (27:11; cf. tb. 10:1; 15:20; 17:21; 19:13; 23:22-25; 29:3).

Com referência a 27:12, ver comentário sobre 22:3, e, com referência a 27:13, ver comentário sobre 20:16.

Por que o mestre sábio interpreta como maldição o ato de quem *benziz ao seu vizinho em alta voz, logo de manhã* (27:14)? Kidner observa: “Não se trata apenas do conteúdo de suas palavras, mas do modo, da ocasião e do motivo pelo qual as profere” (TOT). Ross concorda, mas acrescenta que bênção e maldição também podem “referir-se à adulação em alta voz de um hipócrita que se esforça para dar a impressão de piedade e amizade, mas é considerada maldição por quem o ouve” (EBC).

A mulher briguenta descrita em 27:15-16 aparece em várias passagens anteriores (p. ex., 21:9). De acordo com 27:17, a crítica construtiva entre amigos constrói o caráter. As recompensas do trabalho honesto e do bom serviço são enfatizadas em 27:18. O ensino em 27:19 é que, ao servir de espelho, a água reflete apenas a aparência exterior, mas o verdadeiro ser se encontra em seu interior.

Sabemos por experiência que os desejos humanos nunca são satisfeitos (27:20; cf. tb. 30:15-16). O anseio por louvor é um de nossos desejos insaciáveis, e o modo de lidarmos com o louvor é uma prova de nosso caráter (27:21; cf. tb. 17:3). Um bom exemplo é 1Samuel 18:7, em que “a proporção de louvores repartidos entre Saul e Davi [...] lançou os dois homens no crisol” (TOT). O crisol pode separar os contaminantes de metais puros como ouro e prata, mas não há como separar o insensato de sua estultícia (27:22). Como indicamos anteriormente em relação à figueira (27:18), quem cuida bem do rebanho desfrutará seus benefícios (27:23-27). O proprietário que se esforça para dar aos seus animais a forragem necessária poderá vendê-los e prover para si mesmo e sua família (27:26).

### 28:1-28

Como mencionamos na introdução a essa seção, os capítulos 28 e 29 são semelhantes aos capítulos 10 a 22, pois consistem em provérbios individuais caracterizados, com frequência, por paralelismo antitético.

A confiança do justo no Senhor o torna *intrépido como o leão*, enquanto *fogem os perversos, sem que ninguém os persiga* (28:1).

Os versículos seguintes se referem a nações e seus governantes. Em 28:2, o contraste é entre a nação justa na qual um governante *sábio e prudente* mantém a ordem e estabilidade, e a terra caracterizada pela *transgressão*, sujeita

à ganância de vários líderes militares. A Somália, que não tem um governo central há mais de uma década, é um bom exemplo dos efeitos trágicos das lutas por poder entre vários governantes.

O governante cruel que oprime o povo sobre o qual governa é tema de **28:3**. Líderes implacáveis, seus partidários e outros homens perversos invertem os padrões estabelecidos pelo Senhor para o seu povo na lei (**28:4**). O provérbio antitético subsequente parece dar o motivo: *Os homens maus não entendem o que é justo, mas os que buscam o SENHOR entendem tudo* (**28:5**).

Os versículos seguintes se referem a formas de riqueza. Com referência a **28:6**, ver comentário sobre 19:1. Em **28:7**, vemos o contraste entre o *filho prudente* e o *companheiro de libertinos*. O primeiro *guarda a lei*, enquanto o último *envergonha a seu pai*. A riqueza obtida por meios injustos, como a cobrança de *juros* exorbitantes sobre empréstimos, acabará nas mãos de outro, a saber, daquele *que se compadece do pobre* (**28:8**).

Sacrifícios e orações sem obediência são abomináveis ao Senhor (**28:9**; cf. tb. 15:8). O autor nos lembra, mais uma vez, que as tentativas de prejudicar o justo serão frustradas. *O que desvia os retos para o mau caminho, ele mesmo cairá na cova que fez* (cf. 26:27), *mas os íntegros herdarão o bem* (**28:10**).

O discernimento do rico e o do pobre voltam a ser contrastados em **28:11**. Kidner ressalta que “a) a sabedoria não faz acepção de nível social; b) a complacência não é sinal de sabedoria; c) os pares de um homem nem sempre são seus melhores juízes” (TOT).

Com referência a **28:12**, ver comentários sobre 11:10-11 (cf. tb. 29:2).

Os dois provérbios seguintes se referem a diferentes atitudes em relação a Deus. Em **28:13**, um indivíduo se recusa a reconhecer seus pecados, e “o pecado enterrado” se torna “pecado arraigado” (TOT). O arrependimento e a renúncia do pecado, porém, trazem perdão e misericórdia de Deus (cf. 1Jo 1:8-9). Outro provérbio antitético, **28:14** contrasta a bem-aventurança do *homem constante no temor de Deus* com a desgraça de quem se recusa a dar ouvidos a Deus e *endurece o coração*.

O tipo de governante descrito como “chuva que a tudo arrasta e não deixa trigo” em 28:3 agora é comparado a um *leão que ruge e urso que ataca* (**28:15**). O mesmo assunto é tratado em **28:16**, que contrasta o *príncipe falto de inteligência* que *multiplica as opressões* com o que *aborrece a avareza e viverá muitos anos*.

O assassino é fugitivo até a morte, pois sua culpa o persegue (**28:17**; cf. tb. 28:1). Esse é o testemunho de Caim, o primeiro assassino e fugitivo, quando diz: “Serei fugitivo e errante pela terra; quem comigo se encontrar me matará” (Gn 4:14). O sábio adverte: *Ninguém o detenha* (ou “Ninguém o proteja”, NVI). Observamos um contraste nítido entre a vida de fugitivo e a segurança daquele *que anda em*

*integridade*. Quem não anda desse modo, mas é *perverso em seus caminhos*, terá um fim trágico (**28:18**; cf. tb. 10:9).

O versículo seguinte contrasta o *que lavra a sua terra* com o sonhador. O primeiro *virá a fartar-se de pão*, enquanto o último *se fartará de pobreza* (**28:19**; cf. tb. 12:11). *O homem fiel será cumulado de bênçãos*, mas a pressa indevida de *enriquecer não passará sem castigo* (**28:20**). A primeira parte do provérbio sintético de **28:21** foi mencionada anteriormente (cf. 18:5). Há quem cometa injustiça por um preço baixo. O sábio dá continuidade à advertência sobre o desejo intenso de enriquecer e adverte acerca de uma das manifestações do anseio por riquezas: a avareza (**28:22**; cf. tb. 23:6). O avarento não percebe *que há de vir sobre ele a penúria*, que pode ser material ou espiritual.

Com referência a **28:23**, ver 27:5-6,14. Quer roube dos pais, quer de outra pessoa, o ladrão transgredir a lei (**28:24**).

Os versículos restantes do capítulo valem-se do paralelismo antitético. O motivo pelo qual o *cobiçoso levanta contendas* pode ser o desejo de obter alguma riqueza de seus competidores ou de seus donos legítimos. Por outro lado, *prosperará* quem confia que Deus proverá às suas necessidades (**28:25**). O conceito de confiança é retomado na primeira linha do provérbio seguinte, que contrasta o insensato *que confia no seu próprio coração* com aquele que desfruta segurança, pois *anda em sabedoria* (**28:26**). O dito seguinte volta à ideia de confiar na provisão de Deus em vez de ser avarento e diz: *O que dá ao pobre não terá falta*. Quem se recusa a ajudar os pobres, por outro lado, *será cumulado de maldições* (**28:27**; cf. tb. 22:9). Aquele que não ajuda os pobres é contado entre os *perversos*, daí a antítese em **28:28** ser, provavelmente, entre sua ascensão ao poder, que leva as pessoas a se esconder, e seu perecimento e a multiplicação dos *justos* (cf. tb. 28:12; 29:2).

## 29:1-27

O capítulo começa com uma declaração objetiva acerca da destruição repentina de quem *endurece a cerviz*. A expressão *sem que haja cura* enfatiza o caráter definitivo da destruição (**29:1**). Para um comentário mais detalhado sobre o significado dessa destruição, ver 1:24-33 (cf. tb. Jr 19:10-11). Com referência a **29:2**, ver comentários sobre 11:10-11 (cf. tb. 28:12,28). Com referência a **29:3**, ver 27:11.

Em **29:4**, o rei justo é contrastado com o cobiçoso. O primeiro *sustém a terra* e lhe dá estabilidade, enquanto o último *a transtorna* (cf. tb. 29:14). A cobiça expressa pelo desejo de receber suborno tem efeito semelhante em nível familiar (15:27). Como os subornos, a lisonja é um instrumento de manipulação. Deparamo-nos com o lisonjeador em várias ocasiões ao longo do texto, mais recentemente em 28:23. A segunda linha de **29:5**, porém, é ambígua. *O homem que lisonjeia arma uma rede* para os seus próprios pés ou para os pés de quem ele cobre de elogios? Sabemos por asserções anteriores que o próprio lisonjeador corre

perigo (cf., p. ex., 28:23). Aqui, porém, parece preparar uma armadilha para a pessoa lisonjeada ao estimular sua autoestima exagerada, daí o uso do pronome *lhe*. A imagem da armadilha prossegue em 29:6, que contrasta o *homem mau* que cai no *laço* do seu próprio pecado (cf. 26:27) com o *justo* que *canta e se regozija* sem impedimento.

Os provérbios seguintes tratam de questões sociais. É natural para o justo certificar-se de que os pobres sejam tratados com justiça, *mas o perverso de nada disso quer saber* (29:7). Os escarnecedores gostam de causar alvoroço, mas o sábio procura abrandar a ira em vez de suscitá-la (29:8; cf. tb. 11:11). A declaração condicional em 29:9 mostra a ambivalência de se lidar com o insensato. Será que vale a pena levá-lo à justiça? (cf. comentários sobre 26:4-5).

*Os sanguinários aborrecem* e procuram matar o *íntegro* e os *retos* (29:10), pois o estilo de vida dos perversos é completamente distinto dos valores dos justos. Com referência a 29:11, ver comentários sobre 12:16.

O líder atrai para si pessoas que são como ele (29:12). O versículo seguinte é um provérbio sintético que reúne o opressor e os pobres: *É o SENHOR quem dá luz aos olhos de ambos* (29:13; cf. tb. 22:2). Mas o que significa essa dádiva comum? Hubbard comenta: “O senso moral ou consciência resulta dessa iluminação: o pobre, que é a vítima, pode ver que pertence a Deus, apesar de ser maltratado; o opressor, que é o culpado, pode ver, por meio das exortações, que transgrediu a vontade de Deus e afrontou uma criatura de Deus” (CC). As consequências de tratar os pobres com justiça são descritas em 29:14 (cf. tb. 16:12; 29:4).

Com referência a 29:15, cf. comentários sobre 13:24. O objetivo da disciplina é guardar a criança da influência dos perversos que incentivam o pecado (29:16). Ninguém deve imitá-los, pois *os justos verão a ruína deles*, e o filho que seguir pelo caminho da justiça *dará descanso e delícias* aos seus pais (29:17). A disciplina dos pais, contudo, não é suficiente. O sábio nos lembra que também é preciso haver revelação (29:18). É interessante observar que este provérbio (parte da literatura sapiencial) se refere aos profetas (que receberam revelação) e à obediência à *lei* de Deus e, portanto, abrange todos os aspectos da revelação divina identificados pelos judeus no AT, a saber, a Lei, os Profetas e os Escritos ou literatura sapiencial (cf. Jr 18:18).

O servo obstinado e amimado que, *por fim* [...], *querá ser filho* é o tema de 29:19 e 29:21. Com referência a 29:20, ver 26:12 e 19:2. Com referência a 29:22, ver comentários sobre 14:17. Em 29:23, o sábio nos informa das muitas inversões que ocorrerão quando Deus pesar todos em sua balança justa.

O dito em 29:24 se refere claramente ao amigo ou cúmplice de um *ladrão*. Ao ser intimado a comparecer ao tribunal para testemunhar no julgamento, jura dizer a verdade. O juramento assume a forma de maldição sobre quem reter ou distorcer a verdade. “Na sequência, ele se recusa a revelar o que sabe e, portanto, se torna culpado de perjúrio

e destinado à ‘maldição’ de Levítico 5:1. Seu silêncio comprova nitidamente que ele ‘aborrece a própria vida’, ameaçada seriamente pela maldição que Deus fará recair sobre o perjuro” (CC). O silêncio da testemunha pode ser motivado por medo do que acontecerá se disser a verdade, mas 29:25 enfatiza a insensatez dessa decisão ao contrastar *quem teme ao homem com o que confia no* [teme ao] *SENHOR*. O primeiro *arma ciladas*, enquanto o último *está seguro* (cf. tb. 16:7; Jr 17:5-8).

Em seguida, temos outro provérbio antitético: O motivo pelo qual *muitos buscam o favor daquele que governa*, por inferência da segunda linha do provérbio, é o desejo de obter justiça; *mas para o homem a justiça vem do SENHOR* (29:26; cf. tb. 16:1,9,33; 19:6).

Essa coleção de provérbios termina com um vívido contraste entre dois grupos de pessoas absolutamente opostas e que, de fato, se abominam: *Para o justo, o iníquo é abominação, e o reto no seu caminho é abominação ao perverso* (29:27). A intensidade do ódio dos perversos é descrita em 29:10.

### 30:1-33 Palavras de Agur, filho de Jaque

Depois do versículo de introdução, que cita o nome do autor e seu público-alvo, o capítulo pode ser dividido em duas seções: as reflexões de Agur acerca do conhecimento de Deus, da palavra, graça e providência divinas (30:2-9) e suas reflexões sobre a criação, obra das mãos de Deus (30:10-33).

#### 30:1-9 Reflexões acerca do conhecimento de Deus

De acordo com 30:1, o autor das *palavras* a seguir é *Agur, filho de Jaque* (cf. tb. 31:1). *Massá* pode ser o nome do lugar ou da tribo de origem de Agur (e do rei Lemuel em 31:1). Um povo ismaelita do norte da Arábia era conhecido por esse nome (Gn 25:13-14; 1Cr 1:30). Farmer comenta: “Uma vez que Ismael era o filho primogênito de Abraão, os sábios de Israel talvez reconhecessem certo parentesco com o povo de Massá” (ITC). Dispuseram-se, portanto, a incluir no livro de Provérbios as palavras de duas pessoas que provavelmente não eram israelitas, a saber, Agur e Lemuel. Embora não sejam mencionados pela RA na abertura do capítulo, “Itiel” e “Ucal”, que também parecem ser nomes de pessoas, são citados na NVI e na RC.

Em 30:2-3, Agur começa a reconhecer humildemente sua ignorância, em especial no tocante ao conhecimento de Deus. Kidner comenta que Agur é “incomumente cômico de sua inadequação para especular sobre Deus” (TOT). Em seguida, Agur afirma a impossibilidade de conhecer a Deus sem revelação (30:4-6). *Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?* (30:4). As palavras finais “se é que o sabes” são uma forma sarcástica de acabar com as asserções humanas de conhecimento, especialmente conhecimento de Deus. A

referência a “seu nome, e [...] o nome de seu filho” é curiosa. No contexto imediato, o filho é Israel (cf. Êx 4:22; Os 11:1), mas à luz da revelação focalizada nessa passagem, o “filho” é, em última análise, uma referência a Jesus Cristo (Mt 2:14-15; cf. tb. Sl 2). Temos aqui, portanto, “um prenúncio sutil da revelação plena do Novo Testamento” (EBC).

Depois da série de perguntas, Agur continua: *Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam* (30:5-6). Conclui essa parte do capítulo com uma oração na qual confessa sua dependência total da graça e providência de Deus. Começa com: *Duas coisas te peço* (30:7), uma introdução que nos prepara para os ditos numéricos do restante do capítulo. O pedido feito em 30:8-9 é típico do equilíbrio retratado nos ensinamentos dos sábios ao reconhecer as tentações específicas tanto das riquezas quanto da pobreza.

### 30:10-33 Reflexões acerca da criação

No restante do capítulo, encontramos vários grupos de ditos com listas de quatro elementos: 30:11-14, 15-16, 18-19, 21-23, 24-28 e 29-31. O primeiro conjunto, 30:11-14, é diferente dos outros, pois não menciona números de forma específica, mas todos os outros começam com *há três coisas* [...] *sim, quatro*, com exceção do último conjunto, 30:24-28, que começa diretamente com *há quatro coisas*. (Pode-se observar um padrão semelhante em 6:16-19.) Os ditos numéricos independentes são intercalados com outros provérbios curtos (30:10, 17, 20, 32-33).

O provérbio curto em 30:10 possui alguma relação com a palavra subsequente sobre arrogância em 30:11-14. Kidner explica a ligação da seguinte maneira: “Encontrase, apropriadamente, entre a oração de 30:7-9 e as descrições de 30:11-14, pois a arrogância (30:11) gera opressão (30:14), enquanto o temor de Deus (30:7-9) produz respeito pelos fracos. Se o servo for inocente, sua maldição terá efeito (cf. tb. 26:2), pois há um juiz” (TOT).

Os ditos numéricos em 30:15b-16 são antecidos de um provérbio curto sobre a sanguessuga e suas duas filhas: *Dá, Dá* (30:15a). É possível que a sanguessuga e suas gêmeas sejam ligadas aos ditos numéricos pela ideia de desejo insaciável.

A advertência severa 30:17 menciona o pai e a mãe e pode ser relacionada aos cruéis e arrogantes de 30:11-14.

O texto em 30:18-19 trata de quatro coisas que causam espanto e perplexidade no mestre sábio. Se, como parece ser o caso em 6:16-19, a tônica da lição nos ditos numéricos recai sobre o último item da lista, então o que causa maior admiração a Agur é *o caminho do homem com uma donzela*. Mas, se o homem pode manipular a mulher, não é de admirar que a recíproca seja verdadeira. O dito é seguido, portanto, de um comentário sucinto sobre a adúltera que nega tranquilamente ter feito algo de errado (30:20). As quatro coisas sob as quais *estremece a terra e não pode subsistir* são: *o servo quando se torna rei; [...] o insensato*

*quando anda farto de pão; [...] a mulher desdenhada quando se casa; [...] a serva quando se torna herdeira da sua senhora* (30:21-23). Tais situações são terríveis, pois “não convém” (cf. 19:10), e as pessoas em questão certamente abusarão de seu novo papel.

As quatro coisas seguintes são *muito pequenas* [...], *porém* [...] *mais sábias que os sábios* e, portanto, têm algo a nos ensinar se nos mostrarmos humildes (30:24-28). Com as minúsculas *formigas*, podemos aprender sobre a necessidade de trabalhar e armazenar suprimentos em tempos de abundância a fim de termos uma reserva em ocasiões de escassez (30:25; cf. tb. 6:6-8). Os *arganazes* (ou “coelhos”, RC e NVI) reconhecem que são fracos e, portanto, procuram um lugar forte e seguro onde morar (30:26). Sozinhos, os *gafanhotos* são fracos, mas, quando se reúnem em bandos numerosos como um exército, são capazes de devastar regiões extensas (30:27). A pequenez do *geco* (ou “lagartixa”, RC e NVI) não é empecilho para entrar sem cerimônia na casa dos poderosos (30:28).

As últimas quatro coisas *têm passo elegante*, ou *andam airoso* (30:29-31). É possível, contudo, que haja aqui uma lembrança sutil “da tênue linha entre imponência e arrogância, na escolha de pelo menos um dos companheiros do rei quanto ao seu modo de andar” (TOT). A ideia continua em 30:32, em que a exaltação própria é destacada como sinônimo de insensatez.

Pôr a mão na boca pode ser uma tentativa de calar a si mesmo ou um gesto de vergonha por algo que já foi dito ou feito. Se a insensatez manifestada na exaltação própria não é contida ou não há arrependimento, resulta em contenda (30:33).

Ao comentar sobre esse capítulo como um todo, Kidner afirma que poderia servir de exemplo para um artista ou jornalista: “Além de nos incentivar a manter um forte interesse pelos seres vivos de todas as formas e tamanhos, combina a curiosidade insaciável com profunda humildade diante do mistério e ênfase clara sobre os valores que nos foram revelados” (TOT).

### 31:1-31 Instruções ao rei e louvor à esposa virtuosa

Podemos dividir o capítulo final em duas seções: 31:1-9 e 31:10-31.

#### 31:1-9 Instruções maternas ao rei Lemuel

As palavras dessa seção não são do rei Lemuel, de Massá, mas de sua mãe (31:1). Contêm as primeiras instruções desse livro dirigido a um líder, no estilo dos manuais de sabedoria do Egito e da Mesopotâmia. A passagem é um discurso direto na voz imperativa, expressa em termos bastante pessoais (31:2). Apesar de exortações anteriores de Provérbios ressaltarem os perigos da devassidão (trata, p. ex., do sexo promíscuo no cap. 5 e da embriaguez em 23:29-35) e o dever universal de compaixão (cf. 24:11-12), nessa

seção os mesmos temas são inseridos no contexto singular do poder e das maiores responsabilidades que ele traz consigo. A mãe instrui Lemuel: *Não dês às mulheres a tua força, nem os teus caminhos, às que destroem os reis (31:3)*. Comenta, ainda: *Não é próprio dos reis [...] beber vinho, nem*

*dos príncipes desejar bebida forte (31:4)* e fornece o motivo: *Para que não bebam, e se esqueçam da lei, e pervertam o direito de todos os aflitos (31:5)*.

As pessoas às quais 31:6-7 se refere procuram afogar seus problemas com a bebida (cf. tb. 23:29-35). O rei,

## DEMOCRACIA

A África testemunhou o surgimento de várias ideologias políticas, como a negritude proposta por Senghor, a personalidade africana promovida por Nkruma, a *ujamaa* (agricultura baseada no sistema de cooperativas) de Nyerere, o *uhuru* (liberdade) de Kenyatta, o humanismo africano de Kaunda e a revolução cultural de Mobutu. Nenhuma dessas ideologias melhorou de forma significativa a situação dos africanos. Ainda enfrentamos várias crises sociais, políticas, religiosas, econômicas e culturais. Há quem argumente que a democracia é a solução para os problemas da África. Outros a veem com suspeita e a consideram mais um instrumento para promover os interesses políticos ocidentais. Como cristãos, qual deve ser nossa atitude nessa discussão?

Uma definição de democracia é “governo do povo, pelo povo e para o povo”. O sistema é associado a governos civis, eleições, liberdade de expressão e direitos humanos. Diz-se, ainda, que a democracia promove a justiça social. As políticas econômicas adotadas por alguns dos partidários mais fervorosos de valores democráticos, porém, contradizem o enfoque sobre o povo e os direitos humanos, pois transferem o poder para corporações e instituições multinacionais.

O cristão precisa entender que, como todos os outros sistemas políticos, a democracia é uma criação humana. O cerne de todos os sistemas é o modo correto pelo qual se deve exercer autoridade política.

Na sociedade africana tradicional, a autoridade tem como base a comunidade e seus antepassados. Uma vez que seu propósito maior é preservar o grupo, tende a ignorar os direitos daqueles que não são considerados parte desse grupo. Nesse contexto, a autoridade política imposta é tida como ilegítima e gera resistência. Durante a era colonial, e desde então, as autoridades políticas têm-se valido de forma seletiva do sistema tradicional para promover suas próprias causas e, com frequência, beneficiar um grupo à custa de outro.

As sociedades modernas, pelo contrário, esperam que as autoridades políticas usem seu poder para preservar e proteger os direitos dos indivíduos, e não de grupos. Considera-se que os direitos dos indivíduos têm precedência.

Ao longo da história, a África foi obrigada a passar de um modelo para outro, e o resultado foi uma grande

confusão e abuso da autoridade política que promoveu ditaduras, militarismo, racismo, questões de etnicidade, tribalismo, corrupção e decadência moral e espiritual.

A África precisa lembrar que a autoridade política provém, em última análise, de Deus e deve ser exercida em sujeição a ele. Uma das maiores falhas da democracia ocidental é o fato de seu conceito de autoridade estar arraigado em leis humanas que desconsideram a autoridade divina. A autoridade e o poder supremo de Deus são desconsiderados. A Bíblia deixa claro, porém, que Deus é o Criador dos céus e da terra (Gênesis 1—3). Como tal, é soberano e fonte suprema de todos os princípios de autoridade e governo competente.

No AT, Deus usou a nação de Israel para mostrar como as pessoas deviam viver num sistema em que ele era a autoridade e o governante supremo. A função das leis estabelecidas pela autoridade política era preservar as leis de Deus, proteger a criação, manter a consideração e a bondade para com os outros e introduzir o conceito de redenção. Quando os governantes esqueceram essas leis, os profetas se pronunciaram e enfatizaram a importância de conservar a justiça, a retidão, a humildade e a bondade de Deus (Jr 9:23; Os 10:12-13; Am 5:24; Mq 4:8). Os sistemas democráticos que não incorporam essas normas e princípios bíblicos universais se tornam injustos.

A Bíblia também deixa claro que toda autoridade e poder humano, mesmo nas mãos de governantes incrédulos, são delegados por Deus (Dn 2:21; 5:26; Mt 28:18; Jo 19:11; Rm 13:1-7; 1Pe 2:13-14). Por esse motivo, todas as instituições humanas de autoridade, leis, decretos, constituições, estatutos etc. devem ser conformes à ordem e às leis universais de Deus.

O fato de os seres humanos terem sido criados por Deus também sugere outro princípio que não pode ser esquecido. Deus criou todos nós à sua imagem (Gn 1:26). Essa imagem sofreu distorções em decorrência da queda, mas ainda assim confere a todo homem e mulher importância, dignidade e valor que excedem os valores do Estado, tribo, raça e de todas as instituições humanas. Deus criou o homem como um ser moral e lhe concedeu o dom da dignidade, justiça, igualdade e liberdade (At 17:26-31; Rm 2:6-11; Gl 3:28). Essas normas universais transcendem a humanidade e suas instituições e foram incorporadas à definição de democracia, apesar de não serem valores exclusivamente democráticos.

Yusufu Turaki

porém, deve agir de modo diferente, como Kidner observa: “Um administrador tem coisas melhores para fazer do que se anestesiar”.

Depois de tratar dos elementos negativos, a mãe de Lemuel o instrui naquilo que ele deve fazer: *Abre a boca a favor do mudo, pelo direito de todos os que se acham desamparados. Abre a boca, julga retamente e faz justiça aos pobres e aos necessitados (31:8-9)*. Estes versículos negam a ideia amplamente difundida em nosso continente de que exercer liderança inclui o direito de buscar benefícios para si mesmo. O líder deve ser exemplo de compaixão e justiça.

### 31:10-31 Poema de louvor à esposa virtuosa

O poema é interessante em vários sentidos, e um estudo detalhado revela sua riqueza. No presente comentário, poderemos fazer apenas algumas considerações superficiais. Trata-se de um poema acróstico em que cada versículo começa com uma letra do alfabeto hebraico em sequência. Em 18:22, quem encontra uma esposa é considerado abençoado. A extensão dessa bênção é expressa com grande beleza em 31:10-12. Ademais, as incumbências da esposa indicam o importante papel das mulheres na sociedade israelita antiga: elas proviam roupas e alimentos para sua família e servos (31:13-15,19,21-22), administravam propriedades (31:16-18,27), cuidavam dos pobres (31:20), vendiam seus trabalhos manuais (31:24) e ensinavam (31:26).

Não é de admirar que seu marido fosse *estimado entre os juízes, quando se assentava com os anciãos da terra (31:23)*! A menção do contexto público também em 31:31 mostra que a honra pública com a qual a esposa coroou o marido também é dela por direito. Não é de surpreender que *levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa*, e seu marido concorda (31:28). Na verdade, ele vai mais longe e acrescenta:

*Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas (31:29)*. Não há palavras suficientes para elogiar a mulher, que, além de todas as considerações anteriores, trabalha arduamente para garantir o futuro de sua família (31:25). Em resumo, como Kidner comenta, o texto apresenta o “abecedário das virtudes de uma esposa” (TOT). Ademais, a mulher virtuosa personifica a maior parte das qualidades da sabedoria descritas em Provérbios e, acima de tudo, o critério ou lema religioso do começo do livro, pois, como 31:30 nos lembra, *a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada*. Vemos aqui “o retrato da piedade extremamente prática, de valores sólidos e benevolentes, e de um sucesso obtido com a mais absoluta diligência” (TOT).

### Conclusão

Provérbios mostra que existem apenas dois caminhos a serem seguidos nesta vida. Um é o caminho da sabedoria e da retidão, recompensado com vida abundante na presença de Deus. O outro é o caminho da insensatez e perversidade, que conduz à destruição e condenação eterna. Tenhamos consciência ou não, estamos trilhando um desses caminhos.

Tewoldemedhin Habtu

### Leituras adicionais

FARMER, Kathleen A. *Who Knows What is Good? A Commentary on the Books of Proverbs and Ecclesiastes*. ITC. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

HABTU, Tewoldemedhin. *A Taxonomy of Approaches of Five Representative Scholars to the Nature of Wisdom in the Old Testament in the Light of Proverbs 1—9*. Dissertação de Ph.D., Trinity International University, 1993.

KIDNER, Derek. *Proverbs*. TOT. Reimpressão. Leicester: InterVarsity Press, 1988.

ROSS, Allen P. *Proverbs*. EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

# ECLESIASTES

Eclesiastes é o livro da Bíblia que apresenta maior dificuldade de entendimento, tanto em termos de sua estrutura quanto de sua teologia. As afirmações aparentemente não ortodoxas e pessimistas encontradas no livro lhe renderam o rótulo de “ovelha negra da Bíblia”. Sua inclusão no cânon das Sagradas Escrituras tem sido tratada com grande suspeita.

A interpretação do livro também tem sido controversa. Muitos comentaristas consideram Eclesiastes produto do trabalho de dois, três e até mesmo nove escritores ou editores. Por exemplo, alguns dizem que certas seções foram escritas por Qohelet, outras por um Homem Piedoso, e outras, ainda, por um Homem Sábio. Esses estudiosos argumentam que Qohelet (o termo hebraico), ou o Pregador ou o Mestre nas versões em português, foi o escritor original responsável pelas insinuações rebeldes e pessimistas do livro. O Homem Piedoso teria acrescentado suas interpolações ortodoxas para contrapor-se às noções não ortodoxas de Qohelet. *Finalmente, sendo fiel à sua tradição, o Homem Sábio* teria salpicado o livro com os provérbios e as máximas que ali encontramos.

Outros estudiosos acreditam que houve apenas um autor. Este comentário se inicia com a pressuposição de que, apesar das aparências, o livro vem das mãos de Qohelet, sendo, portanto, uma composição unificada. Qohelet é identificado com Salomão, que é apresentado como autor do livro (1:1,12). No entanto, mesmo entre os estudiosos que adotam essa posição, há grande variedade de opiniões no que concerne ao tema do livro ou à ênfase principal de sua mensagem. Muitas dessas divergências ocorrem quando se focalizam certas passagens, em vez de considerar o livro como um todo.

Michel A. Eaton afirmou: “A procura por um relato convincente sobre o propósito ou tema de Eclesiastes deve começar com a aceitação da integridade textual do livro como nós o temos” (TOT). Esse processo deveria ser tão natural quanto apanhar qualquer livro e tentar descobrir o que o autor deseja dizer aos seus leitores. Onde procuramos por indícios sobre sua mensagem? Um prefácio, onde o autor explicita aquilo que planeja apresentar no restante do trabalho, é sempre útil. Num livro bem organizado, a conclusão normalmente apresenta um resumo do que o autor tentou comunicar a seus leitores. E, ao lermos o livro, aquilo que ocorre com frequência, como

um refrão num cântico, certamente também será útil para a identificação da mensagem. Aplicando essas técnicas de investigação ao Eclesiastes, descobrimos vários indícios que nos ajudam a revelar o propósito do autor ao escrevê-lo. No prefácio, imediatamente após o versículo-título (1:1), o Pregador faz a seguinte declaração espantosa: “Vaidade de vaidades [...] tudo é vaidade” (1:2). Essas palavras são repetidas em 12:8, no final do livro. Esses dois versículos formam, portanto, o que os estudiosos chamam de *inclusio*, significando que a seção do livro contida entre essas duas afirmações — isto é, o livro todo, com exceção apenas do versículo-título e da conclusão (12:9-14) —, deve ser entendida à luz desse refrão.

Referências à vaidade da vida deste lado da eternidade ocorrem cerca de quarenta vezes ao longo do livro. Esse, no entanto, não é o único refrão repetido. Outras expressões recorrentes são “debaixo do sol” (ao lado de outra semelhante, embora menos frequente: “debaixo do céu”), “correr atrás do vento”, afirmações que se referem a trabalho ou labor, à experiência ou observação do escritor (vi, tenho visto, entendi, considere, apliquei, disse comigo, tudo isto vi), “comer e beber”, “grave mal”, perguntas como “quem sabe que proveito tem o homem?”, ou “quem pode dizer?” e frases relacionadas ao tempo, ao acaso e ao temor a Deus. Chegamos, afinal, à conclusão que mencionamos anteriormente, embora alguns prefiram falar de uma conclusão dupla, ou de duas conclusões (12:9-12 e 12:13-14).

Para o propósito deste comentário, adotarei uma divisão quádrupla, semelhante àquela que tem sido usada por muitos outros. Essa divisão respeita a integridade do texto e parece seguir os indícios mencionados nos parágrafos anteriores.

## Esboço

1:1—2:26 O que significa?

3:1—5:20 Explorando os bastidores

6:1—8:15 Deus é justo?

8:16—12:8 Conselhos finais

12:9-14 Conclusão



## COMENTÁRIO

### 1:1—2:26 O que significa?

Já observamos que a principal mensagem desse livro é a falta de sentido ou de significado da vida terrena. A palavra hebraica *hebel* (1:2) tem sido diversamente traduzida por “sem sentido”, “vazio”, “vaidade”, “futilidade”, “inútil”, “nada”, e assim por diante. Das setenta e três ocasiões em que essa palavra é usada no AT, trinta e oito, isto é, mais da metade, são encontradas em Eclesiastes. A repetição constante dessa palavra demonstra o tema do livro.

Em 1:2 e 12:8, a forma da palavra no original é, na realidade, um superlativo, de modo que a tradução da NVI que traz *Inutilidade! Inutilidade!* não apreende o pleno impacto da palavra. Outras versões chegam mais perto, traduzindo o termo por “Vaidade de vaidades”, em que a frase tem o mesmo sentido superlativo, como no título “Cântico dos Cânticos”, significando “o melhor cântico” (Ct 1:1). O escritor está falando sobre o máximo da falta de sentido. De qualquer forma, a tradução “vaidade” também apresenta problemas, pois a palavra adquiriu novos sentidos em português. Termos como “sopro” ou uma referência à bolha de ar podem captar melhor a transitoriedade de todos os aspectos da vida terrena — seja trabalho, posses, prazer, alegria —; este é o sentido retratado aqui.

O escritor abre a primeira divisão do livro com uma pergunta: *Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?* (1:3). Esse é o único livro do AT em que ocorre a expressão “debaixo do sol”, e ela se repete cerca de trinta vezes. Ao lado de expressões semelhantes como “debaixo do céu” (1:13; 2:3; 3:1), “na terra” (5:2), “sobre a terra” (8:14,16) e “à terra” (11:2) [traduzida em 11:2 por “sobre a terra” pela NVI], a expressão fala a respeito da vida focada unicamente neste mundo.

Como uma forma de responder ao seu próprio questionamento, o Pregador fala de um círculo não permanente, mas sem fim, da natureza e da história (1:4-11): *Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre* (1:4). O Pregador estabelece um contraste entre a brevidade da vida humana e a permanência da terra. Um provérbio tigrínio da Eritreia capta esta verdade: *Meriet ndahrai, qadra nbe'al b'eray* [“A terra para aquele que vem depois; o terreno abandonado para aquele que traz um boi”. A primeira metade significa que, enquanto as gerações vêm e vão, a terra permanece para sempre.] O Pregador, então, avança para focalizar aspectos específicos da criação material visível: *Levanta-se o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, onde nasce de novo* (1:5). Aqui o autor não está preocupado com precisão científica, mas, sim, em se fazer compreendido pelas pessoas comuns. Todos, cientistas ou não, já observaram o nascer e o pôr do sol. Semelhantemente, já terão observado que *o vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; volve-se, e revolve-se, na sua carreira, e retorna aos seus circuitos* (1:6). Da mesma forma, *todos os rios correm para o*

*mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr* (1:7). Há movimento constante, mas nada chega a lugar algum. As palavras de Eaton — “Os ciclos repetitivos do sol, como um corredor numa pista circular; o vento soprando ao redor de seu circuito sem nenhum propósito aparente; as águas jorrando para os mares, sem nunca contemplarem sua tarefa realizada” (TOT) — sublinham a futilidade da vida. Apenas a própria terra “permanece para sempre” (1:4). No que concerne ao Pregador, *todas as coisas são cansadas* (1:8). Não apenas nada encontra sua realização, mas, para o escritor, não existe nada de novo (1:9-11).

Ele ilustra a natureza tediosa da vida natural “debaixo do sol” a partir de sua experiência pessoal. Inicia falando em termos gerais sobre como esquadrinhou intelectualmente a cena humana (1:12-18) e, então, dá informações mais específicas sobre suas tentativas de encontrar realização no prazer e no trabalho criativo (2:1-11).

O Pregador nos diz que se aplicou *a esquadrinhar e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu*. Seu resumo quanto ao que aprendeu: *Este enfadonho trabalho impôs Deus aos filhos dos homens* (1:13). No tocante às coisas que os homens fazem, *tudo era vaidade e correr atrás do vento* (1:14). Isso é verdadeiro até mesmo em relação ao estudo da sabedoria (1:17-18).

Voltando-se para exemplos de sua própria experiência, o Pregador reporta: *Disse comigo: vamos! Eu te provarei com a alegria* (2:1a). Ele experimentou o vinho, grandes projetos, muitos servos, bois e ovelhas, riqueza (prata e ouro), cantores e um harém — de fato, *tudo quanto desejaram os meus olhos* (2:3-8,10a). Era o mais capacitado e favorecido para fazer tudo isso por si mesmo (2:9; cf. tb. 1Rs 3:10-14). Mas *também isso era vaidade* (2:1b-2). Em suas próprias palavras: *Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol* (2:11).

Em 2:12-23, Salomão mais uma vez reflete sobre a sabedoria e a tolice e avalia o resultado de tudo pelo qual trabalhou (cf. 1:12-18). Ele lamenta o fato de que a mesma sorte espera tanto os sábios quanto os tolos (2:12-16). Não apenas as coisas que o Pregador adquirira são insatisfatórias em si mesmas, mas ele só as pode possuir por um breve período de tempo, antes que desapareçam ou que sua vida terrena termine. E a pessoa que as herda pode não ser digna de assumir tudo aquilo pelo qual ele trabalhou (2:17-21).

Muitos provérbios africanos também enfatizam que a morte é o destino de todos os seres humanos, sejam eles sábios ou tolos, ricos ou pobres. Nesse sentido, encontramos ditados como: “A morte não reconhece um chefe” ou “A morte não tem amigos”. A morte vem para todos igualmente e não dispensa nenhum favor. Essa verdade é ilustrada pela morte, no exílio em Marrocos, do ex-presidente

Mobutu, da República Democrática do Congo (antigo Zaire), que, em certa ocasião, foi citado como a quarta pessoa mais rica do mundo.

O escritor do livro de Eclesiastes continua: *Pelo que aborreci a vida, pois me foi penosa a obra que se fez debaixo do sol; sim, tudo é vaidade e correr atrás do vento* (2:17). O autor fecha o círculo fazendo a mesma pergunta com a qual iniciou: *Pois que tem o homem de todo o seu trabalho e da fadiga do seu coração, em que ele anda trabalhando debaixo do sol?* (2:22). A resposta já foi dada, mas, para o caso de que seus leitores não a tenham entendido, ele reitera: *Também isto é vaidade* (2:23).

A seção termina com a primeira recomendação positiva do livro (2:24-26), embora ela pudesse ter sido suspeitada em 2:10b. Esse refrão, insistindo em que a pessoa coma e beba e aprecie o trabalho feito, recorre ao longo de todo o livro (3:12-13,22; 5:18-20; 8:15; 9:7-9; 11:8,9a). A declaração final afirma que a vida é feita para ser apreciada, é um dom de Deus, e as dádivas de *sabedoria, conhecimento e prazer* são para aquele *que agrada a Deus* (2:26a). Embora possamos produzir e acumular as coisas que esperamos nos tragam felicidade, a capacidade de realmente apreciá-las não está em nosso poder; essa capacidade vem de Deus.

Aqui o Pregador apresenta uma alternativa para o quadro desalentador que vinha pintando. Nem tudo o que está acontecendo “debaixo do sol” é tão sem sentido; Deus é visto como aquele que está operando: *Mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, a fim de dar àquele que agrada a Deus* (2:26b). O contraste, nesse caso, se faz entre os resultados de dois estilos de vida diferentes: o “do pecador” e o “daquele que agrada a Deus”. A falta de sentido da vida “debaixo do sol” é o quinhão do pecador, que não tem nenhuma compreensão da vida além da morte. Para tal pessoa, tudo é *vaidade e correr atrás do vento* (2:26c). Essa afirmação final deve relacionar-se ao que foi dito sobre o pecador, e não à declaração conclusiva em sua totalidade.

### 3:1—5:20 Explorando os bastidores

O Pregador continua a amontoar evidências para comprovar seu argumento. Inicia essa seção afirmando: *Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu* (3:1). As quatorze linhas poéticas em 3:2-8 abrangem vinte e oito eventos abarcando o âmbito de ação das atividades humanas, tanto pessoais quanto coletivas. O escritor menciona os pares opostos de nascer e morrer, plantar e arrancar, matar e curar, derribar e edificar, chorar e rir, prantear e saltar de alegria, espalhar pedras e juntar pedras, abraçar e afastar-se de abraçar, buscar e perder, guardar e deitar fora, rasgar e coser, estar calado e falar, amar e aborrecer, guerrear e ter paz. Alguns poderiam argumentar que esses tempos são de tal forma predeterminados por Deus que isso suprime a liberdade humana, mas essa não é a maneira pela qual o Pregador o percebe. Ao contrário, ele

apresenta uma bela descrição do absoluto controle de Deus sobre os eventos “debaixo do céu”.

Apesar do belo plano de Deus que acaba de ser descrito, o escritor retorna à sua pergunta familiar: *Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?* (3:9; cf. 1:3; 2:22). Ele vê labuta e frustração trabalhando sem que haja progresso como *o trabalho que Deus impôs sobre os homens* (3:10; cf. tb. 1:13). Ainda mais frustrante é o fato de que *tudo fez Deus formoso no seu devido tempo* (3:11a), embora esse tempo seja limitado. Os seres humanos aspiram à eternidade, mas não podem descobrir *as obras que Deus fez desde o princípio até o fim* (3:11c), porque são finitos.

Podemos sentir-nos intrigados sobre a maneira pela qual cada evento que Deus permite acontecer em seu próprio tempo e lugar pode ser apresentado como “formoso” (3:11a) — de que forma guerra, lamento, morte (e todas as outras coisas desagradáveis mencionadas em 3:2-8) podem ser fontes de prazer? Podemos não compreender, mas não é nisso que o apóstolo Pedro está pensando quando aconselha os crentes a regozijar-se em seu sofrimento (cf. 1Pe 4:12-16)?

Podemos também sentir-nos confusos quanto ao sentido exato da frase: *Também pôs a eternidade no coração do homem* (3:11b). Eaton sugere que “eternidade” aqui deveria ser tomada em conjunto com *eternamente* em 3:14, e prossegue afirmando que “a eternidade das tratativas de Deus com a humanidade corresponde a algo dentro de nós: temos uma capacidade ou aptidão para as coisas eternas, preocupamo-nos com o futuro, desejamos compreender as coisas ‘do princípio até o fim’ e temos um senso de algo que transcende nossa situação imediata” (TOT).

Wright comenta que esse senso de transcendência explica toda a procura humana por conhecimento, assim como toda a ciência, filosofia e teologia (EBC).

Esse senso de eternidade em nosso coração também pode ter dado origem ao conceito de mortos que vivem, presente na maioria das tradições africanas. A verdade, entretanto, é que a única maneira possível de conhecer a eternidade é por meio de um relacionamento pessoal com o Deus eterno.

Finalmente, a expressão “mesmo assim” (NVI) declara que os humanos não podem descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim (3:11c). Isso é parte da frustração que apenas os seres humanos confinados à vida “debaixo do sol” experimentarão. De acordo com Eaton: “Isso é o mais próximo que (o Pregador) chega da máxima de Agostinho: ‘Tu nos fizeste para ti mesmo, e nosso coração não descansa, enquanto não descansar em ti’” (TOT). Aqueles que se submetem a Deus são capazes de caminhar pela vida, um dia após o outro, e apreciá-la (3:12), embora não possam conhecer os planos de Deus “desde o princípio até o fim”.

A solução do Pregador para o fardo carregado pela humanidade autônoma é voltar-se para Deus e receber a satisfação da vida como uma dádiva que dele provém (3:12-13; 3:22; 5:18-20). Nada pode ser adicionado ao ou subtraído

do que Deus fez (3:14-15); e o propósito de Deus naquilo que faz é *para que os homens tenham diante dele* (3:14). A reverência ou temor a Deus reaparece em pontos cruciais no desenvolvimento do tema do Pregador (cf. 5:7; 7:18; 8:12-13; 12:13).

Em 3:16 a 4:16, o escritor cita vários incidentes que parecem contradizer a ideia de que Deus tem um plano admirável e universal. Temos o que parece ser uma chocante reversão do modo divino de fazer as coisas — maldade reinando *no lugar do juízo e da justiça* (3:16). Outro provérbio tigrínio da Eritreia descreve vividamente essa reversão quando afirma: *Zeben grimbitosh mai n'aqeb* ["No tempo da inversão, as águas correm morro acima", isto é, durante o tempo de calamidade, quando a verdadeira justiça é pervertida, tudo é virado de cabeça para baixo]. Mas, no devido tempo, esse mal será reparado pelo julgamento de Deus (3:17). Como as coisas se apresentam agora, Deus está dizendo aos seres humanos que, enquanto nos tiranizarmos uns aos outros, a morte demonstrará claramente que não somos melhores que os animais que perecem no pó (3:18-21). Esse é o resultado lógico de uma vida vivida unicamente "debaixo do sol".

Os debates se avolumam em torno do argumento exato que o Pregador estaria apresentando nessa passagem. Ele não está afirmando que essa é a maneira em que Deus criou os humanos, nem que esse é o propósito eterno de Deus para a humanidade. Fomos criados à imagem de Deus (Gn 1:26-27). A singularidade humana está clara a partir da afirmação de que "formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gn 2:7), o que estabelece para sempre uma distinção entre humanos e animais. Eclesiastes concorda com o relato da criação, quando diz que o propósito eterno de Deus para a humanidade é singular: "E o pó volte à terra como era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (12:7). Os humanos são *como os animais* (3:18); eles compartilham o mesmo destino dos animais porque *todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais* (3:19), apenas porque se tornaram terrenos — esquecidos de que o controle e a posse de sua vida pertencem a Deus, assim como o propósito que ele tem para cada um deles. As declarações nos versículos 20-21 não brotam da crença, mas da descrença, a qual é resultado de uma vida vivida sem Deus. Para aqueles que creem, a resposta à pergunta *Quem sabe?* (3:21) é que aqueles que creem na revelação de Deus nas Escrituras sabem. Para aqueles que temem a Deus, embora sejam semelhantes aos animais, no sentido de que seu corpo retorna ao pó, seu destino final será com Deus (cf. 12:7; tb. Jo 14:23).

A injustiça mencionada antes é mais severamente descrita em 4:1-3. A frustração da labuta "debaixo do sol" é, então, mais elaborada no restante do capítulo. A motivação do trabalho é a inveja. Conquanto a preguiça do *tolo* que *cruza os braços* não seja recomendada, o Pregador reconhe-

ce que *um punhado de descanso* é melhor que o muito obtido com *ambas as mãos cheias de trabalho* (4:5-6). A não ser que o fruto de nosso trabalho seja para nosso próprio benefício ou de outros, esse trabalho é em vão, e provaremos a verdade do provérbio tigrínio da Eritreia: *Habti, nlebam megelgeli'u n'asha meseyteni'u* ["A riqueza é serva do sábio, mas corrompe os tolos"].

Embora o trabalho possa ser sem sentido, a preguiça é inaceitável para o Pregador, assim como o é para qualquer cultura. O povo da região Eweland de Gana enfatiza a recompensa negativa da preguiça, quando diz: "A fazenda de um preguiçoso é um criadouro de cobras".

O trabalho também não tem sentido para a pessoa que vive sozinha (4:7-8). Dois é melhor que um em todos os aspectos (4:9-11). Três é ainda melhor, pois *o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade* (4:12). Esses versículos contrastam a segurança e as bênçãos da companhia com os riscos e a dor da solidão. A cosmovisão africana baseia-se na vida comunitária. Isso se reflete nas várias versões do adágio: "Eu sou, porque nós somos; e, uma vez que nós somos, então eu sou". Por exemplo, o povo Akan de Gana sublinha a necessidade de cooperação, dizendo: "Uma pessoa sozinha não pode construir uma cidade".

Uma ilustração adicional do que seja "vaidade" e "correr atrás do vento" é o caso do jovem sábio que sucedeu a um rei tolo, mas a cuja sucessão se opuseram os que vieram depois (4:13-16).

Os primeiros sete versículos do capítulo 5 são muito diferentes daqueles que os precedem e daqueles que os seguem, os quais focalizam a falta de sentido. Alguns comentaristas consideram esses sete versículos uma advertência contra a negligência aos deveres religiosos, em resposta ao tipo de situação que o Pregador vem descrevendo. Outros os veem como contrastando a solidão e a amizade humanas mencionadas em 4:7-12 com o incomparável companheirismo de Deus. Qualquer que seja o caso, o Pregador está ensinando a seus leitores algo mais a respeito da vida considerada aceitável e agradável a Deus. Ele já demonstrou que é Deus quem dá a todos a capacidade de desfrutar dos frutos de seu árduo trabalho (3:13). Mas como devemos aproximar-nos de Deus? A resposta é: "com cuidado". Aqueles que desejam estabelecer um relacionamento pessoal com Deus são avisados do seguinte: *Guarda o pé, quando entrares na Casa de Deus; chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal. Não te precipites com tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus* (5:1-2a). Aqui o Pregador nos faz lembrar os padrões de linguagem característicos do sábio e do tolo que são apresentados no livro de Provérbios. Os tolos são rápidos para falar e têm muito para dizer, ao passo que os sábios pensam a respeito do que devem dizer e sobre quando e como dizê-lo às pessoas — quanto mais a Deus. Aí está a propriedade da advertência de que *Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras* (5:2b). Assim

como os sonhos perturbam nosso sono quando temos muitas preocupações, também o balbucio de muitas palavras indica que somos tolos (5:3). As admoestações de *chegar-se para ouvir e sejam poucas as tuas palavras* deveriam ser especialmente lembradas *quando a Deus fizeres algum voto* (5:4-7). Precisamos tornar claro o que queremos dizer e praticar o que dizemos ou, então, manter nossa boca fechada. O fato é que devemos pensar antes de falar — tanto ao fazer um voto quanto em qualquer outra circunstância. Um provérbio da língua luganda, em Uganda, condensa esta sábia verdade: “Aquele que fala, pensa; mas aquele que mantém silêncio, pensa mais”.

O Pregador relembra a seus leitores que a injustiça não deveria vir de surpresa. Há uma hierarquia de autoridades junto às quais se deve procurar reparação (5:8-9; cf. tb. 3:16-17; 4:1-3). Muito acima de todos os sistemas humanos de justiça, está o tribunal de Deus — nosso definitivo e eficiente tribunal de apelação (cf. 3:17).

Trabalho e acumulação de riqueza não podem satisfazer as necessidades mais profundas da humanidade (5:10-17). A vida dos ricos que não estão ligados a Deus é resumida para nós nessa passagem (cf. Mt 16:26). Primeiro, sua riqueza é usufruída por outros (5:11; cf. 2:26). Sua riqueza não lhes permite dormir (5:12). Embora a causa da falta de sono não seja especificada, uma das razões pode ser o medo de que as riquezas *se perdem por qualquer má ventura* (5:13-14). Mesmo que consigam conservar a riqueza, ela é deixada para trás quando morrem (5:15-16). E, finalmente, embora possam gastá-la consigo mesmos, o gasto é realizado *nas trevas* [...] *com muito enfado, com enfermidades e indignação* (5:17). Tais opções não invejáveis do rico iníquo são, em si mesmas, a manifestação da operação da justiça de Deus aqui e agora, quando contrastadas pelo dom divino da alegria pelos frutos do trabalho para aqueles que lhe agradam.

O capítulo termina com a repetição da ordem de *comer e beber* (5:18). Afastando-se da vida amarga e miserável do rico, o Pregador apresenta outro modelo: “Existe outra vida, igualmente visível, real, observável [...] Ela é desfrutável *em trabalho*, não na sua ausência” (TOT). É claro que o Pregador não está condenando a riqueza em si mesma, pois ela também é uma dádiva de Deus (5:19). No entanto, o que é importante para uma vida de contentamento é a “aceitação do estilo de vida com o qual somos aquinhoados por Deus, uma consciência de toda riqueza como dádiva divina [...] o homem deve ter controle de sua atitude para com a riqueza, e não permitir que sua atitude para com a riqueza o controle” (TOT).

## 6:1—8:15 Deus é justo?

Nas primeiras duas seções do livro, o Pregador demonstrou claramente que riqueza acumulada, em si ou por si mesma, não traz alegria, pois é uma dádiva de Deus. Agora ele prossegue para atacar o problema colocado pelas desigualdades da providência divina.

O Pregador inicia dizendo: *Há um mal que vi debaixo do sol e que pesa sobre os homens* (6:1). Embora ele tenha concluído o capítulo 5 afirmando que a alegria é um dom de Deus (5:19-20), aqui insiste em que riqueza, honra e família não são necessariamente portadores de felicidade (6:2-3). De fato, *um aborto* está em melhores condições que uma pessoa que possui todas essas coisas, mas cuja perspectiva na vida é limitada por aquilo que acontece “debaixo do sol” (6:4-6). Alguém que seja pobre, mas sábio, e que esteja satisfeito com aquilo que seus olhos podem ver, está melhor do que aquele para o qual *nunca se satisfaz o seu apetite* (6:7-9). Os humanos não podem mudar ou questionar aquilo que Deus ordenou (6:10-11).

Duas questões são colocadas em 6:12, perguntando sobre quem sabe o que é bom para si e o que acontecerá na terra depois de sua partida. A resposta clara é: “ninguém” — afirmando assim nossa ignorância. Tudo o que sabemos é que quem conhece a Deus está em paz na sua presença (Lc 16:19-31).

Se a prosperidade não necessariamente significa o bem para uma pessoa, o que dizer da adversidade? (7:1-14). Usando ditos proverbiais na forma de “x é melhor que y”, o Pregador contrasta morte e nascimento, luto e banquete, mágoa e riso, repreensão e canção, o fim das coisas e seu princípio (7:1-8). A cada citação, aquilo que é mencionado primeiro é tido como melhor que aquilo que vem em segundo lugar. O formato “x é melhor que y” desses ditos proverbiais é semelhante ao usado nos provérbios tigrínios da Eritreia, tais como: *Kab hamimka hkmna, tekkena-khinka t'ena* (“Estando doente: medicamento; tomando cuidado: saúde”, significando que é melhor cuidar de si mesmo e desfrutar de saúde que ficar doente e precisar de cuidados médicos. Ou, em outras palavras, “prevenir é melhor que remediar”).

Quando olhamos, contudo, para a mensagem do dito proverbial em 7:1-8, podemos ter dificuldade em reconhecer que as coisas mencionadas primeiro sejam, na realidade, melhores em termos humanos. Somos aconselhados, entretanto, a não fazer perguntas sobre por que nossa vida é pior hoje que no passado, *pois não é sábio perguntar assim* (7:10). A sabedoria nos capacita a perceber que pode haver benefícios em acontecimentos desagradáveis (7:11-14). De fato, *a sabedoria protege como protege o dinheiro; mas o proveito da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor* (7:12). Em 7:13-14, o Pregador vai além, insistindo em que Deus nos dá tanto os tempos bons quanto os tempos de aflição, e que é impossível mudar o que Deus ordenou. Não devemos tentar antecipar o futuro, mas, sim, viver “em estado de constante dependência e confiança em Deus em relação a qualquer coisa que esteja além do presente; o que não seria tanto o caso se houvesse regras evidentes para a distribuição do bem e do mal” (Zuck; cf. tb. 1:15). A razão pela qual Deus não nos dá mais informações não é que ele tenha “uma necessidade infantil de manter os

humanos sob controle, negando-lhes a percepção do futuro; ao contrário, é o conceito da graça que dá suporte ao argumento de Qohelet” (ITC). Essa graça permite ao povo de Deus aceitar sua sorte — seja ela prosperidade ou adversidade — sem a necessidade de explicar como as coisas irão, finalmente, resolver-se no futuro.

Refletindo sobre a providência de Deus, deve-se não somente considerar a prosperidade exterior das pessoas, mas também o seu caráter (7:15-29). Novamente, referindo-se à sua própria observação da realidade “debaixo do sol”, o Pregador relata aquilo que testemunhou: *Há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade* (7:15). Um exemplo bíblico disso é encontrado no conflito entre Nabote e Jezabel (1Rs 21; cf. tb. 1Rs 18—19).

No entanto, não é fácil entender o conselho dado ao leitor nesse caso (7:16-18). Conquanto seja fácil compreender que ser demasiadamente perverso pode conduzir à morte prematura (7:17; cf. tb. 1Tm 5:24), como seria possível exagerar a justiça ou ser *exageradamente sábio* (7:16)? Esse versículo tem sido interpretado de várias maneiras, mas, em vista da discussão precedente sobre a providência de Deus, o autor pode estar referindo-se a uma tentativa superzelosa de impressionar Deus com nossa justiça, a fim de receber suas bênçãos e evitar suas punições. O perigo de tal atitude é demonstrado claramente pelo legalismo dos fariseus no tempo do NT. Como contraste, *quem teme a Deus de tudo sai ileso* (7:18; a NVI traz: *quem teme a Deus evitará ambos os extremos*).

## SECULARISMO E MATERIALISMO

A abordagem africana da vida como um todo é profundamente religiosa. Esta atitude está agora sendo ameaçada pela filosofia ocidental do secularismo, que promove um modo de vida e de pensamento preocupado unicamente com este mundo e oposto ao pensamento do que é sagrado e espiritual.

O secularismo teve origem na Europa, em parte como reação contra o controle de todas as áreas da vida por uma igreja que estava permeada de corrupção econômica e política. Havia um crescente desejo de remover a religião da área pública e transformá-la em algo privado. O povo desejava ter uma sociedade secular na qual o Estado não impusesse a religião sobre pessoas que não a aceitavam. Os cristãos podem concordar com isso, pois sabemos que Deus não força ninguém a pertencer ao seu reino e, portanto, não devemos procurar impor religião pela lei. Neste sentido, o cristianismo difere do islamismo, que não pode tolerar secularismo de nenhuma espécie.

Os cristãos, no entanto, se opõem ao aspecto do secularismo que leva as pessoas a deixar de reconhecer Deus na totalidade da vida e a interessar-se somente pela razão humana, pela ciência, tecnologia, história e filosofia. Esse tipo de secularismo questiona a existência de Deus, do sobrenatural, dos milagres, dos seres espirituais e da revelação, e afirma que os humanos são independentes e que não há nenhum Deus criador. Essa abordagem da vida e do conhecimento leva a uma glorificação da sabedoria e das conquistas humanas e à rejeição de Deus (Rm 1:21-23).

Uma forma de secularismo conhecida como materialismo tem infectado até mesmo aqueles que não rejeitam explicitamente a religião. Tal fenômeno tem afetado os cristãos no Ocidente, e sua influência vem-se espalhando até a África, o que deixa muitos cristãos mornos e indiferentes à sua fé. A vida das pessoas é dominada pelo desejo de prazeres mundanos e confortos físicos, e gira em torno de dinheiro, posses e coisas do mundo, em vez

de se basearem em valores espirituais. Esta é uma consequência inevitável do equívoco de não amar a Deus sobre todas as coisas. Jesus advertiu: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?” (Lc 9:25; cf. tb. 1Jo 2:15-17).

Pessoas que dependem apenas de posses e da filosofia humana, filosófica, científica ou material das coisas fizeram da razão humana o seu deus. Tal dependência só pode levar à ruína e à condenação (Sl 14:1). A Bíblia descarta a sabedoria humana e seu corolário, o materialismo, avaliando-a como sem sentido e fútil (Ec 1:12-18; 2:1-11, 17-26; 1Co 2:6-8; Tg 3:13-18).

Alguns africanos responderam ao secularismo rejeitando a educação ocidental. Embora seja verdade que alguns aspectos da educação ocidental contenham valores que são contrários aos ensinamentos da Bíblia, precisamos lembrar que esses valores negativos não são os fatos da educação, mas somente maneiras de ver, interpretar e aplicar o conhecimento. Um cristão verdadeiro, que ama ao Senhor e crê nos ensinamentos da Bíblia, não vê nenhuma contradição entre as verdades filosóficas e científicas e as verdades bíblicas. Toda verdade é verdade de Deus (Jo 1:3-9, 14; 8:32; 14:6; 1Jo 1:5-6). Deus é a fonte do conhecimento e da sabedoria, e, portanto, o verdadeiro conhecimento e a verdadeira sabedoria conduzem a ele e à sua Palavra.

Nossa sociedade é formada de crentes e não-crentes, e precisamos viver todos juntos. A religião oferece valores éticos e sociais que afetam as pessoas em sua vida particular e pública e promovem uma vida responsável. Cristãos que vivem em sociedades seculares e materialistas devem manifestar sua luz e seu sal cristãos (Mt 5:13-16). Devem deixar que suas boas obras brilhem diante dos outros. Cristianismo prático e eficiente é demonstrado em nossa maneira de viver. Esta não deve ser secular nem materialista, mas, sim, demonstrar nosso amor tanto a Deus quanto ao nosso próximo (Mt 22:37-40).

Yusufu Turaki

A necessidade de sabedoria demonstrada em 7:18 é desenvolvida de maneira minuciosa em 7:19-22: ela *fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade* (7:19); ajuda a pessoa a estar consciente de suas próprias limitações e pecados e, portanto, a ser cautelosa (7:20-22).

Os versículos 23-25 mostram que a verdadeira sabedoria não é facilmente acessível. O Pregador pode parecer contraditório ao simultaneamente afirmar: *Tudo isto experimentei pela sabedoria e admitir: mas a sabedoria estava longe de mim. O que está longe e muito profundo, quem o achará?* (7:23-24). O ponto principal é que a verdadeira sabedoria é, ao mesmo tempo, resultado da procura do homem e da dádiva de Deus (cf. tb. Pv 2:1-6).

Tendo mencionado *a mulher cujo coração são redes* e que é *mais amarga que a morte* (7:26; cf. tb. as referências à adúltera em Pv 2:16-19; 5:1-14; 6:20-35; 7:1-27; 9:13-18), o Pregador acrescenta que, apesar de a humanidade ter sido criada reta, em mil homens *achei um como esperava*. Uma pessoa justa e reta é um achado raro (7:27-29; cf. tb. 7:20).

Os comentários sobre as mulheres em 7:28 têm gerado “considerável ansiedade em nossos dias, além de algumas interpretações criativas” (NICOT). Eaton resume a interpretação do Pregador como significando que a sabedoria é rara nos homens e ainda mais rara nas mulheres (TOT). Alguns comentaristas insistem em que esse versículo prova que Salomão era um misógino, ao passo que outros negam tal afirmação. Ao ponderar nossa resposta, devemos examinar tudo o que as Escrituras dizem sobre o assunto antes de podermos chegar a qualquer conclusão. No contexto, entretanto, é provavelmente melhor ler esse versículo à luz da declaração de que *Deus fez o homem reto* (7:29a). No esquema original das coisas (7:25,27), a sabedoria teria sido abundantemente manifestada em ambos, homens e mulheres. Mas a humanidade abandonou o projeto original de Deus e *se meteu em muitas astúcias* (7:29b). A humanidade decaída é responsável por suas próprias dificuldades.

As aparentes injustiças da providência de Deus serão, no devido tempo, compensadas pelo governo — tanto humano quanto divino (8:1-14; cf. tb. 5:8-14 e os comentários pertinentes). A reflexão do Pregador sobre sabedoria continua em 8:1, ajudando-o a fazer uma transição serena para o ponto seguinte.

Após endossar a obediência aos governos humanos (8:2-4), ele afirma que estes abordarão os problemas no devido tempo: *Quem guarda o mandamento [do rei] não experimenta nenhum mal; e o coração do sábio conhece o tempo e o modo. Porque para todo propósito há tempo e modo; porquanto é grande o mal que pesa sobre o homem* (8:5-6; cf. 3:1-8). A despeito da miséria e da ignorância — proveniente do plano eterno de Deus ou do futuro —, a defesa eventualmente virá no seu “próprio tempo e modo” para aqueles que esperam pacientemente. O que tiver de vir, virá — inclusive a morte. Nenhum ser humano tem poder para impedir ou evitar o que virá (8:7-8).

Pode-se até mesmo chegar a compreender que o governo humano, o qual nos versículos precedentes foi retratado como aquele que corrige injustiças, pode, por si mesmo, tornar-se repressor e injusto (8:9-10). Aquele que *tem domínio sobre outro homem* e os que *frequentavam o lugar santo e recebiam louvor na cidade* eram os mesmos que estavam em posição de liderança.

Uma justiça demorada pode encorajar os perversos a continuar seguindo seus estilos rebeldes de vida (8:11). Isso é bem ilustrado pelo colapso geral de respeito à lei na África do Sul, sob o sistema de segregação. O Pregador, no entanto, afirma confiantemente: *Ainda que o pecador faça o mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus* (8:12). Do outro lado, aquele que não teme a Deus *não irá bem*. Embora num nível superficial possa parecer que o homem perverso vive por um longo tempo, na realidade, diz o Pregador, *não prolongará os seus dias; será como a sombra* (8:13).

O sistema humano de justiça pode falhar (8:14), mas essas evidentes inversões da justiça serão algo do passado no porvir. Aqueles que temem a Deus esperam por sua intervenção ou pela manifestação do seu reino, quando as injustiças desta vida serão corrigidas. Novamente a seção conclui com a recomendação, àqueles que conhecem a dádiva de Deus e têm fé para recebê-la e apreciá-la, de que devem *comer e beber e alegrar-se* (8:15a). Essa alegria não é apenas um falatório momentâneo. À pessoa piedosa é prometida uma alegria que *a acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol* (8:15b).

### 8:16—12:8 Conselhos finais

A quarta divisão do livro não se lança necessariamente a novos territórios. Ao contrário, reúne ideias que vimos nas seções anteriores — e, em especial na seção imediatamente anterior, levando-as à sua conclusão lógica. O Pregador gasta a primeira parte dessa seção (8:16—9:9) admoestando seus leitores de que a falta de um conhecimento abrangente do plano eterno de Deus não deveria impedi-los de apreciar suas dádivas. Portanto, em vez de postergar a ordem de “comer e beber” até suas considerações finais, como o fez nas três seções anteriores, ele as coloca logo no início (9:7-9).

Todas as observações do sábio sobre sua experiência e suas observações quanto ao *trabalho que há sobre a terra* (8:16) o levam a afirmar: *o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar* (8:17). A repetição do pronome “a” sem dúvida deve referir-se a *toda a obra de Deus*, mencionada no início do versículo. Apesar da jactância de alguns, estamos presos a uma ignorância invencível. Kaiser comenta: “A percepção, o entendimento e a razão humana, assim como a água, não podem subir mais alto que sua própria fonte ou nível. Assim sendo, na proporção em que

Deus revela seu plano aos crentes, e somente nessa proporção, eles serão capazes de apreender aquele tanto do plano de Deus [...] apenas Deus conhece plenamente”.

Embora possamos sentir-nos encorajados com o fato de que *os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus*, ainda assim permanecemos ignorantes a respeito do que nos aguarda no futuro, se amor ou ódio, prosperidade ou adversidade (9:1; cf. 9:6). Apenas uma coisa é certa, tão certa que o Pregador repete duas vezes: *Tudo sucede igualmente a todos* (9:2) e *a todos sucede o mesmo* (9:3). Não há nenhuma distinção entre o *justo* e o *perverso*, o *bom*, o *puro* e o *impuro*, o que *sacrifica* e o que *não sacrifica* — todos são alcançados por esse “destino comum”. O Pregador caracteriza tal destino como o *mal* que *há em tudo quanto se faz debaixo do sol* (9:3) e o identifica como sendo a morte. Assim como Deus “faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5:45), assim também ele submete todos a esse destino.

De uma perspectiva puramente terrena, a morte é a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa (9:4-6). Aqueles que conservam uma cosmovisão africana tradicional concordarão com isso. Mas ficarão chocados com a declaração em 9:5-6. Em vez de se juntarem aos ancestrais (“os mortos que vivem”) na morte e continuarem a fazer parte da comunidade, os mortos não têm mais nenhuma participação na vida que deixaram — mesmo *a sua memória jaz no esquecimento* (9:5). Além disso, *amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol* (9:6). É importante notar que o Pregador não está negando que haja vida após a morte; mais exatamente, ele está afirmando que a morte põe fim a todo relacionamento com o mundo presente.

Mesmo com esse prospecto escuro de morte pairando sobre eles, aqueles que agradam a Deus são encorajados a ir e comer seu pão *com alegria*, e beber *gostosamente* o seu vinho, *pois Deus já de antemão se agrada das suas obras* (9:7-9). O Pregador lhes diz: *Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol* (9:9). A vida terrena, tanto dos perversos quanto dos justos, é “como neblina que aparece por instante e logo se dissipa” (Tg 4:14). A razão pela qual deveriam gozar a vida é *porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol*. Como afirmou Zuck, os mistérios mais desconcertantes da morte “não deveriam impedir ninguém de gozar a vida com um constante senso de favor divino”.

O Pregador não apenas aconselha seus discípulos a apreciar as dádivas de Deus em meio às perplexidades da vida, mas também os encoraja a se engajar em suas ocupações terrenas com todo o zelo e concentração (9:10; 11:6). Contra o pano de fundo da inevitabilidade da morte, ele lhes diz: *Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças* (9:10). Pode haver frustrações e desapontamentos, pois esse é o modo em que algumas vezes as coisas acontecem nesta vida “debaixo do sol”. O prêmio

pode não ser necessariamente *dos ligeiros*, ou a *vitória, dos valentes* (9:11a). *Nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes a riqueza, nem dos inteligentes, o favor* (9:11b). Em vez disso, como diz o sábio, *tudo depende do tempo e do acaso* (cf. 3:1-8). Preocupado com o mal que aguarda a todos, ele acrescenta: *Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles* (9:12). Essas podem ser catástrofes naturais ou fabricadas pelo homem — por exemplo, a tomada de reféns em nossos dias e a consequente perda de vidas. Mesmo a possibilidade de ocultar-se de morte iminente não deveria ser capaz de quebrar a concentração no cumprimento da vocação de cada um.

A vantagem da sabedoria sobre a estultícia é ilustrada pelo exemplo do homem pobre, porém sábio, que livrou *uma pequena cidade* do ataque de *um grande rei* (9:13-16). Uma vez mais, entretanto, o lado escuro da vida “debaixo do sol” triunfa, pois, apesar do que ele havia feito, *a sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas* (9:16).

O dito proverbial que se segue em 9:17—10:20 expande o tema sobre o benefício da sabedoria e o poder de destruição da insensatez. Aqui, os traços familiares que ligam os livros de Provérbios e Eclesiastes emergem claramente, mesmo no que diz respeito ao conteúdo (cf. 10:8-9 e Pv 26:27).

O contraste entre as bênçãos da sabedoria e a maldição da insensatez aparece nitidamente no nível da liderança nacional: *Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã. Ditosa tu, ó terra cujo rei é filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice* (10:16-17). A terra cujos líderes “se banqueteiavam já de manhã”, em vez de colocar seu coração e mente nos desafios do dia, nada pode esperar, a não ser destruição. Os lugubros do nordeste do Congo (DR) e noroeste de Uganda dizem: “Sem um líder, as formigas ficam confusas” — significando que sem um líder, a comunidade se desintegra. Os kikuyus do Quênia concordam com esse sábio ditado quando dizem: “Cabritos que têm um guia manco não chegam ao pasto” — significando que a comunidade fica indefesa quando não possui um líder. De outro modo, um país cujos líderes se alimentam na hora própria — e não para devassidão, mas para restauração das forças gastas no atendimento de seus deveres — é um país abençoado.

A compostura trazida pela sabedoria é ilustrada por meio das reações do sábio diante do comportamento dos líderes nacionais. Em 10:4, o sábio é aconselhado a permanecer calmo e manter o seu posto mesmo quando o governante está furioso. Conselho semelhante é apresentado num provérbio tigrínio, da Eritreia: *Aqli waga beqli* (“Paciência, o preço de uma mula”: a aquisição de uma mula exige muito dinheiro; portanto, a paciência é um traço precioso, produzindo bom fruto no final). O povo da região Eweland de Gana acrescenta a isso, quando diz: “Se você for suficientemente paciente, pode cozinhar uma pedra, e ela ficará macia”.



Em **10:20**, uma pessoa sábia é aconselhada a não questionar nem amaldiçoar líderes nacionais, mesmo em *pensamento*. Como diz o povo fante de Gana: “O chefe tem orelhas como as do elefante” — isto é, ele ouve tudo o que se diz a seu respeito.

Aproximando-nos dos capítulos finais do livro, é óbvio que o Pregador está enfatizando a consequência prática do comportamento sábio à luz de tudo o que tem sido dito. Em **11:1-16**, generosidade e trabalho duro são novamente recomendados. Somos lembrados de que a “falta de um conhecimento completo não é desculpa para a inatividade” (TOT).

Várias exortações nessa seção tomam a forma de provérbios, como, por exemplo, **11:1**: *Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás*. O que isso significa exatamente? Embora alguns comentaristas concordem que um elemento de fé ou aventura esteja envolvido, não há concordância sobre o significado exato. Alguns dizem que a frase se refere à filantropia ou às boas ações; outros pensam que se refere a uma atividade comercial. Se o entendermos como uma recomendação de generosidade, as águas representam os beneficiários. Os muitos dias nos lembram a necessidade de esperar pacientemente pela recompensa do Senhor.

A mesma ideia é repetida em **11:2**, em que lemos: *Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes que mal sobrevirá à terra*. O hebraico traduzido por “à terra” também pode ser traduzido por “na terra”. É claro que dar é equivalente a investir em Deus, que é a melhor segurança para o futuro. As nuvens cheias e derramando *aguaceiro sobre a terra* (**11:3**) também simbolizam a generosidade mencionada em **11:1-2**. O povo kaonde, de Zâmbia, cristalizou essa ideia em seu provérbio: “Aquilo que você tiver dado, retorna”, isto é, se formos generosos, outras pessoas serão generosas conosco também.

Os próximos três versículos devem ser interpretados juntos, uma vez que todos se referem a trabalho duro. Repetindo seu conselho anterior de não esperar por conhecimento completo ou circunstâncias favoráveis, o Pregador adverte: *Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará* (**11:4**). Embora o fazendeiro não possa saber as *obras de Deus* (**11:5**), deve assumir suas atividades confiando no Autor de todas as coisas. Dessa forma, devemos usar o tempo que temos: *Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão* (**11:6**). Por quê? *Porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas*. Há sempre a necessidade de prosseguir pela fé.

A passagem conclusiva dessa seção do livro (**11:7—12:8**) novamente inclui a recomendação de apreciar a vida (**11:7-10**), embora com o lembrete de que também devemos lembrar do *Criador* (**12:1**). Embora o Pregador pareça estar focalizando os jovens (**11:9-19; 12:1**), os outros não estão excluídos (**11:8**). A descrição da luz como doce e o prazer

de ver o sol (**11:7**) nos relembram as referências anteriores a “debaixo do sol”, isto é, a vida na terra. Mas esse prazer é temperado pela compreensão de que muitos *dias de trevas virão* (**11:8**; cf. tb. **12:1-8**). O encorajamento para ser alegre ainda reverbera: *Alegre-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade* (**11:9a**).

Não está perfeitamente claro o que o Pregador deseja dizer em **11:10**, quando afirma: *Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor*. O “desgosto do teu coração” e a “dor da tua carne” podem referir-se às frustrações e perplexidades gerais da vida sobre a terra que já foram mencionadas ao longo do livro. Podem referir-se, por outro lado, a preocupações próprias da juventude. Afinal, isto se segue ao conselho de: *Anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos*, o qual é colocado ao lado da advertência: *Sabe, porém, de que de todas estas coisas Deus te pedirá contas* (**11:9b** — uma insinuação que prenuncia a conclusão do livro todo). Quaisquer que sejam as dificuldades específicas, elas são obstáculos à felicidade que o Pregador recomendou anteriormente e, portanto, devem ser banidas.

Esse conselho é seguido de uma passagem sóbria e difícil (**12:1-8**). Após exortar os jovens a lembrar-se de seu *Criador nos dias da mocidade* (**12:1**; cf. tb. **11:8; 12:6**), o Pregador prossegue para apresentar uma detalhada descrição poética da velhice e da morte que os espera. A repetição de “antes” (**12:1-2,6**) capta a sensação de morte iminente em sua injunção de “lembra-te”.

Essa passagem é repleta de imagens e metáforas, algumas das quais podem ser facilmente identificadas, enquanto outras simplesmente contribuem para o impacto cumulativo do todo. *Antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida, e tornem a vir as nuvens depois do aguaceiro* (**12:2**) refere-se ao desalento, à diminuição e à perda da alegria que começa a encobrir a pessoa que envelhece e contrasta com a alegria anterior da luz (**11:7**). *No dia em que tremerem os guardas da casa* refere-se aos *braços*, e *se curvarem os homens outrora fortes* (**12:3**), às *pernas*. Os *moedores da boca* que param de funcionar *por já serem poucos* são os dentes, e *se escurecerem os teus olhos nas janelas* fala sobre a visão. Os intérpretes diferem na interpretação das metáforas do versículo 4. Alguns entendem *portas da rua* (**12:4**) literalmente, como se referindo às portas da casa, enquanto outros entendem a expressão em referência à boca e às orelhas. Dependendo do sentido dado a essas “portas”, o som da fala *em alta voz* que diminui ou está associado aos “moedores” de **12:3**, ou ao som de mulheres moendo dentro de casa ou na vizinhança. A *voz das aves* pode referir-se tanto ao velho que se levanta cedo ou ao sono da pessoa idosa que é facilmente perturbado. Também não há mais prazer no canto. *Quando temeres o que é alto e te espantares no caminho* (**12:5a**) pode ser entendido como uma caracterização literal da velhice. A flor branca da amendoeira está associada aos cabelos brancos

da velhice, o gafanhoto arrastando-se fala da dificuldade para caminhar experimentada pelo velho, e a ausência de desejo reporta à perda de apetite de toda sorte.

À medida que a deterioração gradual da velhice atinge sua conclusão inevitável, o homem vai à *casa eterna*, e os *pranteadores* andam *rondando pela praça* (12:5b). A morte chegou. Mas o Pregador utiliza metáforas adicionais para enfatizar a importância do que está acontecendo. E acrescenta: *Antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço* (12:6). O momento da morte é retratado como um vaso dourado sendo separado de um fio de prata e quebrando-se, e como uma roda junto ao poço rompendo-se com estalo e permitindo que um jarro de barro caia no poço e se quebre. Então a linguagem metafórica termina, e a linguagem do Gênesis reaparece: *E o pó volte à terra, como era, e o espírito volte a Deus, que o deu* (12:7; cf. tb. Gn 2:7; 3:19).

A seção conclui com o refrão que enquadra a mensagem do livro todo: *Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade!* (12:8). A morte está chegando, e o tempo para lembrar do Criador são “os dias da tua mocidade”, enquanto ainda existe vigor e entusiasmo!

### 12:9-14 Conclusão

Em alguns dos versículos dessa seção, o Pregador é referido na terceira pessoa. Isso não significa necessariamente que ele não tenha escrito essas palavras. Além do mais, seria muito incomum atribuir a afirmação final — *De tudo o que se tem ouvido, a suma é* (12:13) — a alguma outra pessoa. Podemos, portanto, aceitar que esses versículos representam as últimas conclusões do próprio Pregador.

Ele começa falando sobre si mesmo, quem é, e que contribuições fez: *O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento* (12:9). Ele menciona sua busca, observação e reflexão, mais a organização de tudo o que aprendeu na forma de provérbios, e ainda sublinha seu uso de palavras apropriadas e a veracidade de tudo o que escreveu (12:10). Associando-se a outros sábios, diz: *As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos bem fixados as*

*sentenças coligidas* (12:11), estimulando os discípulos no caminho da obediência e dominando seu coração e mente com o poder da sabedoria acumulada. A menção do *único Pastor* — que deve ser compreendida em referência a Deus — indica que as palavras do Pregador são de origem divina. Daí a ordem: *Filho meu, atenta: não há limites para fazer livros* (12:12). O que se segue neste versículo parece ser semelhante ao que já foi dito pelo Pregador em 1:18.

A mensagem do livro é, portanto, finalmente resumida: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é” (12:13). O que necessitava ser dito, foi dito, e o Pregador chegou à sua conclusão. E qual seria essa conclusão? *Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem*. Embora o temor do Senhor tenha sido mencionado várias vezes ao longo do livro, esta é a primeira menção aos mandamentos de Deus. Ouvimos que guardá-los “é o dever de todo homem”. A razão pela qual devemos guardá-los é que *Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más* (12:14). Tudo o que é feito “debaixo do céu”, quer em segredo quer publicamente, será examinado e recompensado ou punido.

O Pregador nos mostrou as perplexidades e as frustrações de viver a vida com uma perspectiva puramente terrena. Tal vida só pode ser descrita como sem sentido, ou seja, “vaidade”. Aqueles que experimentam alegria com o trabalho de suas mãos são os que aceitam sua vida como uma dádiva de Deus. Mas cada um e todos nós, cada ação e todas elas serão julgadas por Deus quando ele envolver a vida terrena e introduzi-la na eternidade.

Tewoldemedhin Habtu

### Leituras adicionais

EATON, Michael A. *Ecclesiastes*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1983.

FARMER, Kathleen A. *Who Knows What Is Good? A Commentary of the Books of Proverbs and Ecclesiastes*. ITC. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

ZUCK, Roy B. *Reflecting with Solomon*. Eugene, Ore.: Wipf & Stock, 2003.

# CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Uma das consequências da queda, no que diz respeito a nós, seres humanos, é o fato de que achamos difícil descobrir nossa postura e manter nosso equilíbrio. Seja individual ou coletivamente, quando encaramos questões que nos afetam, tendemos a balançar de um extremo ao outro como um pêndulo. Esta tendência se mostra particularmente clara em nossa atitude e prática para com a dádiva divina de nossa sexualidade. De um lado, somos instruídos pela sociedade, pelo menos em suas manifestações tradicionais ou conservadoras, de que é tabu conversar ou falar sobre sexo. De outro lado, somos bombardeados com o fascínio do sexo promovido na mídia eletrônica e impressa. O advento da tecnologia da informação simplesmente tem intensificado o ritmo desse bombardeio e ampliado seu alcance.

Vivemos numa era em que a instituição do matrimônio e da fidelidade matrimonial tem sido atacada de todos os lados, e a promiscuidade sexual, pré ou extraconjugal, tem sido colocada num pedestal. Várias perversões sexuais têm sido atualmente promovidas como sendo nada além de propensões biologicamente herdadas.

Em face da pandemia de HIV/aids que está dizimando nosso continente, assim como grande parte do mundo, a melhor solução oferecida frequentemente tem sido o uso do preservativo para aquilo que se denominou “sexo seguro”.

Em meio à confusão em que nos encontramos, Cântico dos Cânticos vem como uma advertência para retornarmos ao que é básico no que concerne ao entendimento e expressão da sexualidade humana. É verdade que o livro tem sido mal compreendido e mal interpretado, mesmo pelas próprias comunidades de fé às quais ele foi entregue por Deus. Mas uma leitura natural e não preconceituosa do livro revela a mensagem de que o desejo sexual é uma dádiva de Deus e é belo quando praticado no contexto de um relacionamento heterossexual comprometido e amoroso.

## História da interpretação

A primeira pergunta que nos vem à mente quando lemos esse livro é: Por que um poema descritivo do amor entre um homem e uma mulher, escrito numa linguagem altamente erótica, teria sido incluído na Bíblia? Tal pergunta tem desconcertado os intérpretes do livro ao longo dos séculos e ainda intriga alguns leitores em nossos dias.

Alguns estudiosos judeus e cristãos resolveram o problema decidindo que o livro deveria ser interpreta-

do alegoricamente. Isto é, para os judeus o livro fala do relacionamento de amor que Deus estabelece entre ele mesmo e seu povo da aliança, Israel. Para os cristãos, ele simboliza o relacionamento de amor entre Cristo, o noivo, e sua igreja, a noiva — ou com os crentes individualmente. Embora os estudiosos debatam sobre quem teria iniciado a interpretação alegórica, se judeus ou cristãos, não pode haver dúvida de que um dos primeiros cristãos a usar o método alegórico de interpretação foi Hipólito, que morreu em 235 d.C. Entretanto, foi Orígenes, no terceiro século de nossa era, quem deu a essa interpretação sua formulação clássica e influenciou a compreensão do livro por parte da igreja, durante gerações.

Ao longo dos séculos, pessoas que têm advogado uma interpretação literal de Cântico dos Cânticos algumas vezes pagaram um preço alto por suas opiniões. A igreja insistiu na interpretação alegórica até a Reforma do século XVI. Entre os reformadores, Calvino adotou uma interpretação alegórica, ao passo que Lutero tentou seguir o sentido literal, embora não consistentemente. Somente a partir do final do século XVII é que vemos uma predominância da interpretação literal.

O consenso atual entre os estudiosos bíblicos é que devemos estudar seriamente o que o texto bíblico diz, tentando compreendê-lo literalmente primeiro, pois não há nada errado com a atração sexual ou com a expressão e a prática do amor sexual dentro do contexto de um compromisso permanente entre duas pessoas. Afinal, o desejo sexual é criação de Deus, e ele declarou que aquilo era muito bom, quando criou os humanos como homem e mulher (Gn 1:27,31). O tema do jardim, que frequentemente vem à tona nas trocas românticas entre os dois amantes, de fato, lembra o jardim do Éden onde Adão e Eva foram colocados. No entanto, embora o sentido literal seja a principal ênfase de Cântico dos Cânticos, isso não é tudo o que existe a esse respeito. Como diz Murphy: “Devemos estar abertos à possibilidade de que nossos predecessores, apesar de seus pontos fracos, talvez tenham captado um lampejo de realidade teológica que não é exaurida pelo sentido literal da poesia de Cântico dos Cânticos.

A interpretação do livro em seu contexto bíblico, sem dúvida, comunica profundas e ricas lições aos leitores. Afinal, há muitas passagens, tanto no AT quanto no NT, em que os relacionamentos de Deus com Israel e de Cristo com a igreja são comparados àqueles existentes entre marido e mulher.

### Autor

Trabalhamos com base na pressuposição de que o livro foi escrito por Salomão, e que ele é também o protagonista masculino. Isso, sem dúvida, dá origem à pergunta de como um homem que praticava a poligamia e tinha setecentas mulheres e trezentas concubinas (1Rs 11:3) poderia escrever tal livro.

A resposta pode estar numa consideração sobre o estágio da vida em que ele o escreveu. A tradição diz que Salomão escreveu Cântico dos Cânticos na juventude, Provérbios durante a maturidade, e Eclesiastes na velhice. Se isso é verdadeiro, então o livro foi escrito, provavelmente, antes que ele se tornasse rei, naquele que pode ter sido o estágio mais inocente de sua vida. O livro certamente não oferece nenhum apoio para aqueles que advogam um estilo de vida polígamo.

Pelo contrário, a referência ao amante pondo sua amada “como selo sobre seu coração e sobre seu braço” (8:6) e a alegação exclusiva de ciúme no mesmo versículo indicam que o verdadeiro regozijo conjugal só pode ser encontrado quando dois indivíduos estão exclusiva e permanentemente ligados um ao outro em amor.

A igreja na África vem há muito tempo lutando com questões ligadas à poligamia e precisa manter os ensinamentos bíblicos sobre a exclusividade do casamento entre seus membros, se deseja ser vibrante. Nosso Senhor sabia que o AT se refere a muitos indivíduos polígamos, mesmo entre o povo da aliança de Deus, mas ainda assim sustentou a ordenança divina da criação de “os dois se tornarem uma só carne” (Mt 19:4-6).

### Esboço

É difícil colocar títulos nas seções deste poema. Eles serão, portanto, identificados por algarismos romanos.

1:1—2:7 Seção I

2:8—3:5 Seção II

3:6—5:1 Seção III

5:2—8:4 Seção IV

8:5-14 Seção V

## COMENTÁRIO

### 1:1—2:7 Seção I

O livro é apresentado como *Cântico dos cânticos de Salomão* (1:1), imediatamente associando Cântico dos Cânticos com

o mais sábio e um dos maiores reis de Israel. A forma hebraica “Cântico dos cânticos” é um superlativo, indicando que este é o melhor ou o maior dos cânticos.

Nesse belo poema de amor, é a moça que fala primeiro (1:2-4). Dos 117 versículos de Cântico, metade é dita por ela (55 versículos são claramente falados por ela, e, em outros 19, é ela provavelmente quem fala). Para os ouvidos africanos, parece irreal e inaceitável a moça tomar a iniciativa de um relacionamento de amor. Cântico, entretanto, coloca a mulher numa posição pelo menos igual à do homem no que diz respeito à expressão de seu amor. “Esta é muito mais a história de amor dela do que dele, embora não haja, da parte dele, nenhuma deficiência em declarar seu amor e admiração por ela” (EBC). Nesse sentido, Cântico dos Cânticos complementa o relato de Gênesis, onde ouvimos o homem dizer: *Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne* (Gn 2:23).

Nos versículos de abertura, a jovem deseja ardentemente que seu amado expresse fisicamente seu amor por ela. Assim, nós a ouvimos dizer: *Porque melhor é o teu amor do que o vinho* (1:2). As mudanças de tratamento no texto original, passando da terceira para a segunda pessoa, depois para a primeira do plural, todas num espaço de três versículos, podem parecer confusas para alguns, mas tais variações não são incomuns na poesia hebraica. A referência ao *nome* (1:3) mostra ser o amado uma pessoa de boa reputação. Na verdade, ao elaborar seu intenso desejo de estar com ele nas *suas recâmaras*, a amada nos diz que seu amado é um rei (1:4a; cf. tb. 1:12; 3:9,11; 7:5).

As *filhas de Jerusalém* mencionadas em 1:5 começam a falar como “nós” em 1:4b e expressam sua admiração pelo amado da jovem (o pronomes da segunda pessoa nesse caso é masculino). Esse grupo é novamente mencionado em 2:7; 3:5,10; 5:8,16; 8:4; e em 3:11 elas são chamadas *filhas de Sião*. Podem ser amigas da jovem enamorada ou um grupo específico de moças da cidade de Jerusalém.

Em vez de responder diretamente às moças, ela se volta para o seu amado e diz: *Não é sem razão que te amam* (1:4c). Ela se mostra tanto como quem se justifica, quanto como alguém confiante ao falar de si mesma às outras. Menciona Salomão ao descrever seu complexo por ser *morena e formosa* [...] *como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão* (1:5).

Com a atenção fixada em seu amado, ela pergunta onde ele apascenta seu rebanho (1:7a). A mudança de rei para pastor tem levado alguns estudiosos a pensar que a jovem estava dividida entre dois amores: um pastor e um rei. Entretanto, durante o período no qual esse livro provavelmente foi escrito, os reis eram frequentemente referidos como pastores. Mesmo o Rei dos reis é conhecido como “pastor” no salmo 23. A razão de ser da pergunta da jovem é que ela deseja estar onde seu amado está, *para que não ande eu vagando* (1:7b) junto ao rebanho dos teus companheiros. A NVI menciona “uma mulher coberta com véu”. A mulher

## CASAMENTO E LOBOLO

Lobolo é uma palavra sul-africana que significa “riqueza da noiva”, ou presentes que a família do homem dá à família da mulher com quem ele pretende casar-se. Esse costume antigo de dar presentes à noiva foi praticado também nos tempos bíblicos (Gn 24:53). Embora o tipo de presentes, o montante da dádiva e o processo a ser seguido sejam diferentes de uma cultura africana para outra, o sentido da prática é o mesmo: une as duas famílias e legitima o casamento. Também transfere a mulher de sua família para o lar de seu futuro marido e dá ao marido a propriedade legal sobre os filhos gerados na união.

Algumas culturas africanas matrilineares não praticam o lobolo. Nessas culturas, pequenos presentes são trocados como símbolos do vínculo formado entre as duas famílias, mas tais presentes não envolvem a transferência da propriedade das crianças para a família do marido, nem a transferência da esposa para o lar de seu marido.

Onde o lobolo é praticado, acredita-se que tenha um efeito estabilizador, pois, se uma mulher decide terminar o casamento e voltar para sua família, espera-se que ela devolva tudo, ou pelo menos uma porção da riqueza da noiva. (Isso apresenta problemas para os que defendem que o lobolo seja uma dádiva, e não um preço da noiva, pois por que se devolveria um presente?)

Tradicionalmente o processo de negociação da riqueza da noiva também tinha aspectos espirituais, pois envolvia rituais para informar os ancestrais de ambas as famílias a respeito das relações do casamento e buscar sua proteção. Essa prática continua, mesmo em algumas famílias cristãs. Casamentos civis e religiosos são realizados somente depois que as negociações tradicionais

tenham sido completadas e que todos, ou pelo menos alguns presentes, tenham sido entregues.

As igrejas têm assumido posições variadas com respeito a esse costume. Algumas se recusam a fazer o casamento de um casal se o lobolo não tiver sido pago. Outras baniram a prática por causa de suas ligações com a religião tradicional africana e porque os pais da noiva em perspectiva abusaram do sistema, exigindo grandes donativos. Algumas famílias calculam o valor da moça em termos de sua educação e conquistas no mundo secular. Quanto mais educada a moça, mais alto o preço dela como noiva. Isso resultou em casamentos religiosos sendo adiados e até mesmo em membros da igreja coabitando antes do casamento, nos casos em que o homem não poderia arcar com a proibitiva riqueza da noiva. Nos casos em que o homem levanta empréstimo com parentes para pagar o lobolo, a mulher algumas vezes é tratada como uma escrava por aqueles que se sentem à vontade para abusar dela, pois contribuíram para o seu preço.

Algumas mulheres queixam-se também de não terem condição de negociar sexo seguro com um marido infiel, porque eles pagaram lobolo por elas. Elas estão, portanto, em perigo de contrair HIV/aids.

O pagamento do lobolo, no entanto, não é a única razão pela qual casais cristãos adiam o casamento religioso. A comercialização dos casamentos significa que há uma ênfase indevida sobre ter uma grande festa nupcial, roupas caras e uma grande recepção.

As igrejas deveriam encorajar seus membros a focar no sentido do casamento cristão e a planejar cerimônias menos dispendiosas.

Isabel Apawo Phiri

coberta com véu podia ser uma prostituta (cf. Gn 38:14-15), mas essa jovem não deseja ser suspeita de tal comportamento. Ela está comprometida com seu amado e deseja apenas estar com ele.

Primeiro ela recebe uma resposta das filhas de Jerusalém (1:8). Esse grupo usa regularmente a expressão *mais formosa entre as mulheres* quando se dirige à jovem amante (cf. 5:9 e 6:1). Então, seu amado responde (1:9-11). Ele também elogia sua beleza física, dirigindo-se a ela como *querida minha* (1:9; cf. tb. 1:15; 2:2,10,13; 4:1,7; 5:2; 6:4) e lhe promete joias que aumentarão sua beleza.

A jovem responde com sua própria admiração por seu amado (1:12-14). Ao pensar sobre o relacionamento de ambos, a cena pastoril rapidamente muda para a de um banquete real, no qual a jovem medita: *o meu nardo exala seu perfume* (1:12) E, então: *O meu amado é para mim um saquitel de mirra, posto entre os meus seios. Como um racimo de flores de hena nas vinhas de En-Gedi* (1:13-14). A percepção

que ela tem de seu amado é tão real, encantadora e envolvente quanto a fragrância de um sachê de perfume.

Em 1:15—2:3, os amantes trocam palavras de carinho e apreço. *Eis que és formosa, ó querida minha*, diz o homem (1:15). *Como és formoso, amado meu*, responde a mulher (1:16). *Qual o lírio entre os espinhos, tal é a minha querida entre as donzelas*, diz o amado (2:2). *Qual a macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os jovens*, responde a bem-amada (2:3).

A jovem conclui essa seção com um anseio ainda maior de estar na presença do seu amado e aquecer-se com a expressão física do seu amor (2:4-7). Em seu arroubo de transparência, ela afirma: *Desfaleço de amor* (2:5; cf. tb. 5:8). Antes ela havia desejado que ele a beijasse “com os beijos da sua boca” (1:2); agora ela deseja que ele a abrace (2:6).

A tradução desse versículo na NVI insinua que ele já a está abraçando, mas o sentido original é mais próximo a outras versões e à RA: *A sua mão esquerda esteja debaixo da*

*minha cabeça, e a direita me abraça*, expressando um sentimento de desejo.

É difícil determinar quem está falando em 2:7, se a jovem ou o amado. A tradução da NVI, assim como a da RA, parece indicar que é a jovem quem fala: *Não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira*. (Por outro lado, a NASB, ao traduzir *Não acordeis, nem desperteis o amor, até que ela o queira*, apresenta o amado como o que fala.) Os comentários se mostram igualmente divididos, mas no final muitos assumem que, à luz de exortação semelhante às “filhas de Jerusalém” em 5:8 e 5:16, nesse caso, é a jovem quem está falando. Ela suplica às filhas de Jerusalém “que não encorajem o amor além do que é certo e no lugar próprio”. Ela pede limite e controle, em vez de uma expressão desenfreada do seu amor (EBC).

## 2:8—3:5 Seção II

A injunção para não acordar o amor parece marcar uma pausa temporária nas trocas amorosas. A cena muda repentinamente, e a jovem está de volta à casa de seus pais (2:9a). De repente, ela vê seu amado pulando sobre os outeiros (2:8), correndo em direção a ela e, finalmente, parando junto à parede da casa, olhando pelas janelas, espreitando pelas grades (2:9b). Não podemos ter certeza se isso está acontecendo literalmente ou se a jovem está recordando algum encontro passado. Seja como for, ela recita para nós o que lhe disse o seu amado (2:10). Os versículos que se seguem expressam o anelo do amado por ela (2:10-13).

Ele a convida: *Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem* (2:10). Encorajando-a a sair, ele descreve a beleza romântica da natureza que deseja compartilhar com ela (2:11-13). Diz ele: *Porque eis que passou o inverno, cessou a chuva e se foi; aparecem as flores na terra, chegou o tempo de cantarem as aves* (2:11-12a). Ele continua mencionando a voz da rola e a figueira dando seus primeiros frutos, enquanto as vides em flor espalham seu aroma (2:12b-13). Kinlaw, citando Gordis, diz que esta pode ser a mais bela expressão de amor na primavera encontrada em toda a literatura (EBC). O amado reforça seu convite (2:13).

A jovem deve ter feito uma retirada cautelosa, como sugerem suas palavras em 2:7 (cf. tb. 3:5 e 8:4). Do contrário, por que seu amado se referiria a ela como: *Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas* (2:14a)? Ela notoriamente não está acessível a ele, pois o amado lhe suplica que mostre sua face e o deixe ouvir sua voz. Pois ele diz: *A tua voz é doce, e o teu rosto, amável* (2:14b). Em 2:15, os dois juntos pedem que aqueles que sinceramente procuram o bem de ambos removam os obstáculos ao relacionamento que se está desenvolvendo entre eles.

No restante da Escrituras, as convenções sociais relacionadas ao casamento tendem a obscurecer a expressão do amor romântico ao qual, nesse caso, são dadas rédeas livres. Esses amantes, no entanto, não estão praticando

“amor livre”, como alguns gostariam de acreditar. Apesar de suas expressões de amor livres, apaixonadas e recíprocas, eles não estão isolados, pensando apenas em si mesmos. São observados pelas “filhas de Jerusalém” (2:7; 3:5; 8:4) e encontram os “guardas” (3:3; 5:7). “Duas vezes a jovem se refere aos embaraços que seus irmãos tentaram impor às suas ações (1:6; 8:8-9). E ela reconhece que seria indiscreto cumprimentar seu amado em público com um beijo (8:1)” (Murphy). Em razão desses constrangimentos, os amantes evidentemente não estão pensando em termos de “amor livre”.

É claro que o contexto social proporcionado pelas sociedades africanas tradicionais tem muitos elementos positivos que desencorajam o amor livre. Mas a falta de equilíbrio mencionada na introdução a esse comentário, como resultado da queda do ser humano, ainda se manifesta de outras maneiras. O controle da sociedade nas culturas africanas tradicionais pode ser tão enérgico que o tipo de amor equivalente e mútuo que vemos em Cântico dos Cânticos, o qual é a base para um relacionamento matrimonial forte e permanente, não encontra ambiente apropriado no qual possa florescer.

Um elemento da tradição africana que pode atuar contra o estabelecimento de relações matrimoniais fortes e plenas é a prática segundo a qual as famílias do casal arranjam o casamento. Pode-se entrar em casamentos como esses por várias razões — por riqueza, como pagamento de dívidas, por motivos políticos ou para assegurar outros tipos de pacto. As perguntas mais importantes, relacionadas a se o homem e a mulher se amam e consentem no casamento, são colocadas de lado. Com a invasão da modernidade, essa prática pode mudar.

A pergunta, entretanto, permanece: Isso mudará para melhor? E a resposta é não, a menos que a igreja arque com a tremenda responsabilidade de preparar os jovens para que sejam parceiros de vida comprometidos e amantes, como os celebrados por essa belíssima canção. Em 2:16, a mulher fala novamente e afirma que o relacionamento deles está mais forte do nunca: *O meu amado é meu, e eu sou dele* (2:16). Ela compara seu amor ao *gamo ou ao filho das gazelas* (2:17; cf. tb. 2:9) — uma referência à energia e paixão com que ela deseja que ele a busque.

O tema de esconde-esconde ou, como diriam alguns, de “perdido e achado” ou “presença e ausência” no andamento da relação entre os amantes continua em 3:1-5. A maioria dos comentaristas considera que aquilo que a jovem está relatando nesse momento deve ter acontecido em sonho, indicando que seu amado permanece em seu pensamento dia e noite. Embora profundamente adormecida em seu quarto, ela continua a procurar por seu amado: *De noite*, ela diz: *Busquei o amado de minha alma* (3:1a). O plural hebraico traduzido por “a noite toda” (NVI) e a repetição *busquei-o* (3:1b) enfatizam a intensidade da busca. Mas não o achi. Ela, portanto, resolve procurar por ele ao redor da cidade,

*pelas ruas e pelas praças*. Sua determinação é expressa pelas palavras — *Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade* — e por sua atitude — *Busquei-o* (3:2). Mas o resultado não foi diferente da busca efetuada em sonho: *Não o achei*.

Recusando-se a desistir de sua incansável busca, ela encontra os guardas fazendo sua ronda noturna na cidade. Talvez pareça tolice para nós, mas ela pergunta: *Vistes o amado da minha alma?* (3:3). Um comentarista observa: “Não ocorre a ela que os guardas locais não teriam nenhuma ideia de quem ela estava procurando — ela conhece seu amado, portanto o mundo inteiro também deveria conhecê-lo!” (TOT). Ouçamos, porém, sua surpresa e reação quando encontra o amado: *Mal os deixei, encontrei logo o amado da minha alma* (3:4a).

Ela continua: *Agarrei-me a ele e não o deixei ir embora* (3:4b). Tendo-o encontrado após uma busca tão árdua, ela está tanto aliviada quanto determinada a não permitir que ele saia de sua vista.

“Ela se agarra a ele e se recusa a afrouxar seu abraço” (TOT) *até que o fiz entrar em casa de minha mãe e na recâmara daquela que me concebeu* (3:4c). Ao levá-lo para o quarto de sua mãe, ela deixa claro que não o estava levando para sua própria cama. O mesmo sentido tem a repetição da passagem exigindo limites em 3:5 (cf. tb. 2:7). Kinlaw comenta: “Ela não está buscando uma consumação ilícita do amor que os une. Consumação é o que ela deseja, mas até mesmo em seus sonhos quer que essa consumação seja correta. Onde, na literatura humana, poderíamos encontrar um texto tão erótico e, ainda assim, tão moral quanto este?” (EBC).

### 3:6—5:1 Seção III

Esta seção é o coração do livro. Tudo o que aconteceu antes conduz a ela, e tudo o que se segue dela se irradia.

Em 3:6-11, temos aquilo que os comentaristas chamam de a canção matrimonial ou o cortejo nupcial de Salomão. Quem quer que tenha feito a pergunta sobre quem está vindo (3:6), parece responder a ela no versículo seguinte com o grito de reconhecimento: *É a liteira de Salomão* (3:7). O que eles veem chegando é o cortejo, à medida que o noivo e seus companheiros, que são *sessenta valentes* (3:7), escoltam a noiva desde a casa de sua mãe até a cidade para o casamento. O grupo que se aproxima é descrito como: *O que sobe do deserto, como colunas de fumaça, perfumado de mirra, e de incenso, e de toda sorte de pós aromáticos do mercador* (3:6). Esta descrição parece pôr em evidência a noiva perfumada como centro de atração — como em qualquer casamento. No entanto, também é possível que a alusão à coluna de fumaça se refira a um elaborado cerimonial de queima de incenso ao longo da caminhada. A palavra hebraica traduzida por isso no versículo 6 está no feminino singular e, portanto, pode referir-se tanto à jovem quanto à liteira de Salomão.

Ao que parece, o próprio Salomão teve uma supervisão pessoal na elaborada construção de sua *carruagem*, ou *li-*

*teira* (NASB). As filhas de Jerusalém também tiveram sua parte, pois foram elas que estofaram o assento da carruagem com *púrpura*, e tudo foi, por elas, *interiormente ornado com amor* (3:10). Sob seu outro nome, *filhas de Sião*, elas recebem o convite: *Sai [...] e contemplai ao rei Salomão com a coroa com que sua mãe o coroou* (3:11a). Essa coroa não deve ser confundida com a coroa real (cf. 2Rs 11:12), que é colocada sobre a cabeça do rei pelo sumo sacerdote, como representante de Deus. Aqui é a coroa do noivo, a qual, na tradição israelita, lhe foi dada por sua mãe. Esse aspecto da cultura não é exclusivo de Israel, pois mesmo na África a noiva e o noivo podem ser saudados como rainha e rei durante o período de sua lua-de-mel.

É instrutivo o fato de que o texto põe em paralelo *no dia do seu desposório, no dia do júbilo do seu coração* (3:11b). É evidente que esse casamento foi iniciado livre e alegremente.

Em 4:1-15, ouvimos o noivo admirar a beleza de sua noiva usando a linguagem mais extravagante e erótica que já testemunhamos até aqui. Iniciando com as palavras: *Como és formosa, querida minha, como és formosa!* (4:1; cf. 1:15; 2:13; 6:4), ele admira seus olhos, cabelos, dentes, lábios, boca, faces, pescoço e seios (4:2-5). Quando ele diz: *Irei ao monte [...] e ao outeiro de incenso* (4:6), não se refere a nenhuma viagem, mas à sua noiva. Ele está ansioso por fazer que essa mulher sem defeitos seja sua sem nenhuma restrição (4:7).

Nos versículos restantes dessa passagem (4:8-15), o noivo a convida a juntar-se a ele com as repetições de: *Vem comigo do Líbano* (4:8; note-se a repetição de “Líbano” em 4:15). Além disso, ele a convida para descer do Amana, do Senir e do Hermom — diferentes picos das montanhas ao norte de Israel.

Durante sua virgindade, a noiva havia estado tão distante e inatingível quanto aqueles picos, mas agora é hora de ela *vir comigo*. Ele lhe diz que ela arrebatou seu coração e se dirige a ela como *minha irmã, noiva minha* pela primeira vez (4:9). O noivo repete essas palavras de carinho quatro vezes (4:9,10,12; 5:1) e novamente se refere a ela como “minha noiva” em 4:11. No antigo Oriente Médio, “irmã” era uma expressão de amor. É claro que a consumação do casamento é iminente. Até esse momento, a amada tem sido *um jardim fechado [...] um manancial recluso, uma fonte selada* (4:12). Mas dentro em breve ela se entregará completamente ao seu noivo.

Mesmo a estrutura literária de Cântico dos Cânticos confirma que a passagem em 4:16-17, que celebra a consumação do amor dos noivos, é central. Esses versículos se encontram exatamente no meio do texto hebraico com 111 linhas que os precedem e 111 linhas que os seguem. Como escreve Carr: “Todos os acontecimentos até aqui se dirigiam para essa consumação. Desse momento em diante, tudo se move em direção à consolidação e à confirmação do que foi prometido aqui. A irmã/noiva agora se torna a



'consumada' (cf. a seguir 6:13—7:5) quando amante e amada oferecem um ao outro a plenitude de si mesmos" (TOT).

Em resposta aos louvores do noivo e ao seu convite para descer e juntar-se a ele, a noiva ordena ao *vento norte* e ao *vento sul*: *vem [...] assopra no meu jardim, para que se derramem os seus aromas (4:16)*. Numa linguagem metafórica, ela está entregando-se à paixão e convidando seu amado a vir com ela, como ele já a tinha convidado a vir com ele.

Continuando a metáfora do jardim que foi apresentada em 4:12, ela convida o seu amor: *Venha o meu amado para o seu jardim e coma os seus frutos excelentes!* O amado responde: *Já entrei no meu jardim, minha irmã, noiva minha; colhi a minha mirra com a especiaria, comi o meu favo com o mel, bebi o meu vinho com o leite (5:1a)*. Esta imagem retórica de um comer e beber prazeroso proclama a consumação de seu casamento numa belíssima linguagem que "se ajusta ao mais santo de todos os relacionamentos humanos" (EBC). Tais deleites são celebrados pelos sábios autores de Provérbios 5:15,18-19 e contrastados com o fascínio de mau gosto do sexo ilícito (Pv 7:18; 9:17).

Alguns comentaristas sentem-se frustrados quanto a quem estaria falando com quem no convite: *Comei e bebei, amigos; bebei fartamente, ó amados (5:1b)*. Afinal, se o comer e beber se referem à consumação do amor entre a noiva e o noivo, isso não pode ser compartilhado com mais ninguém — é exclusivo deles! A NVI está correta ao identificar aqueles que falam como sendo os amigos que vieram testemunhar e participar do casamento. Eles se dirigem ao noivo e à noiva. Os amigos os encorajam a deleitar-se com a consumação física de seu amor. As palavras hebraicas traduzidas por "bebei fartamente, ó amados", de fato, poderiam ser facilmente traduzidas por "intoxiquem-se de fazer amor".

## 5:2—8:4 Seção IV

O que se segue é a realização prática da "vida de amor" celebrada na cerimônia nupcial e selada pela consumação sexual. Como acontece tão frequentemente na vida real, momentos de alegria e união são seguidos por mal-entendidos que precisam ser resolvidos. Em 5:2-8, testemunhamos um momento de maré baixa no relacionamento e a repetição do episódio de esconde-esconde relatado em 3:1-4. A maioria dos comentaristas uma vez mais entende o episódio como uma sequência de sonho. Meio dormindo, meio acordada, a amada ouve seu amado batendo à porta e dizendo: *Abreme, minha irmã, querida minha, pomba minha, imaculada minha (5:2)*. Sonolenta e relutante em sair da cama, a despeito da torrente de palavras afetuosas ditas pelo amado, ela se desculpa e demora em abrir a porta (5:3). O homem tenta abri-la por si mesmo (5:4), e a mulher de súbito está completamente acordada. Cheia de desejo, ela se levanta e abre a porta (5:5), mas é tarde, seu amado desistiu e se foi (5:6a).

Ela o chama pelo nome, mas não ouve resposta alguma e, de novo, sai à sua procura (5:6b).

De novo, ela encontra os vigias noturnos, que desta vez a espancam e ferem, roubando-lhe o manto (5:7). Novamente, ela se volta para suas amigas: *Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém* — mas desta vez a exortação é diferente de outras ocasiões em que ela usou essa fórmula (2:7; 3:5; 8:4) pedindo que não despertassem o amor. Desta vez, ela pede: *Se encontrardes o meu amado, que lhe direis? (5:8)*, e ela mesma responde à sua pergunta: *Que desfaleço de amor*.

As "filhas de Jerusalém" respondem com seu próprio conjunto de perguntas, basicamente indagando o que tornava seu amado tão especial, a ponto de fazê-las agir como suas mensageiras (5:9). Em resposta, ela se lança numa louvação da beleza física de seu amado (5:10-16), que constitui um paralelo à descrição que ela própria fizera em 4:1-7. Após a introdução com as palavras *O meu amado é rosado, o mais distinguido entre dez mil (5:10)*, ela fala sobre sua cabeça, cabelos, olhos, faces, lábios, braços, corpo, pernas, aparência geral e boca (5:11-15). A jovem conclui — como começara — admirando sua estatura, comparando-o aos belos cedros do Líbano. Então, simplesmente acrescenta: *Tal é o meu amado, tal, o meu esposo, ó filhas de Jerusalém (5:16)*.

Essa descrição do jovem desperta o interesse de outras, que agora se oferecem para ajudar na procura (6:1). Mas a mulher parece desconfiar daquele súbito interesse e responde de forma ambígua. Anteriormente, ela havia descrito a si mesma como seu jardim (4:16), e agora retorna a essa imagem em 6:2. Quando ela lhes diz que *Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu (6:3)*, está relembrando-as de que "ele se interessa por mim e somente por mim".

Repentinamente, o amado aparece em cena e, por sua vez, louva a beleza de sua esposa (6:4-9). Ele a compara com Tirza, uma bela e importante cidade situada na extremidade do vale fértil no norte de Israel, e a Jerusalém, que também é famosa por sua beleza (6:4-9). Sua beleza é tão formidável como a parada de *um exército com bandeiras (6:4; cf. tb. 6:10)* — uma visão que o poeta grego Safo, escrevendo no século VI a C, expôs como algo que as pessoas consideravam "a coisa mais brilhante vista sobre a terra escura". Seu olhar repousa longamente sobre os olhos, os cabelos e as faces da amada (6:5-7), e ele afirma que sua amada é incomparável — sem equivalente (6:9).

A menção de *sessenta rainhas [...] oitenta concubinas e virgens sem número (6:8)* não é, necessariamente, uma referência ao harém de Salomão. Pode ser tomado como uma declaração geral significando que todas as mulheres, quaisquer que sejam o seu número ou *status*, não se comparam à amada. Ao contrário, todas terão de admirá-la e chamá-la *ditosa (6:9)*.

Os circunstantes — mais provavelmente as filhas de Jerusalém — retomam o tema da beleza da amada e perguntam: *Quem é esta que aparece como a alva do dia, formosa como a lua, pura como o sol, formidável como um exército com bandeiras? (6:10)*.

Em vários exemplos nesse livro, é difícil dizer quem está falando. Seria o homem ou seria a mulher quem fala em 6:11-12? Se tomarmos esses versículos em conexão com a pergunta das filhas de Jerusalém em 6:10 e com o apelo delas à mulher para que retorne, depois da referência ao carro em 6:13, faz mais sentido que a mulher seja quem fala nesse caso.

Ela vai ao bosque ou *jardim* para examinar os *renovos* e para ver se brotavam as vides (6:11). Isso pode ser uma referência metafórica à renovação do relacionamento de amor depois de ter ele passado por um período de frieza. Subitamente, ela é de novo elevada a uma posição de honra e privilégio que lhe foi conferida por seu casamento e diz às donzelas: *Não sei como, imaginei-me no carro do meu nobre povo!* (6:12; cf. tb. 3:6-11).

As filhas de Jerusalém imploram que ela voltasse para que *nós te contemplemos* (6:13a) e *admiremos tua beleza*. Este versículo é o único, na Bíblia inteira, em que aparece a palavra “sulamita”. Há certa discussão quanto ao que exatamente o termo significa, mas uma interpretação possível é que a palavra seja uma forma feminina de Salomão, indicando que ela é “a esposa de Salomão”. O amado, que presumivelmente está com ela na carruagem real (6:12), responde aos seus apelos com: *Por que quereis contemplar a sulamita na dança de Manaïm?* (6:13).

Ele pode estar referindo-se ao nome de alguma dança nupcial. A referência a dançar pode ser o que mais uma vez o faz voltar a atenção para a beleza física de sua esposa (7:1-9a). Começando com os pés que usam sandálias, ele move os olhos por seu corpo, admirando suas pernas, umbigo, seios, pescoço, olhos, nariz, cabeça e cabelos (cf. a descrição que ele fez a respeito dela em 4:1-5). E termina, dizendo: *Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delícias* (7:6). Maravilhado, ele procura abraçá-la e beijá-la, dizendo: *Os teus beijos são como o bom vinho* (7:8-9a). Está claro que o amor foi novamente restaurado e floresce outra vez.

A amada responde a ele em 7:9b—8:4. Ele falou dos beijos dela como vinho e ela responde com: *Vinho que flui suavemente para o meu amado, escorrendo suavemente sobre os lábios* (7:9b) (NVI). E novamente confirma seu compromisso mútuo: *Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim* (7:10). Ela oferece ao seu amado o que Carr descreve como “consumação — outra vez”. *Vem, ó meu amado, ela diz, convidando-o a sair pelos campos — nas aldeias e para ir às vinhas* (7:11-12). Na linguagem mais explícita usada até aqui, ela promete: *Dar-te-ei, ali, o meu amor* (7:12).

Entre as frutas que ela menciona em 7:12-13, estão as *mandrágoras*. Elas são conhecidas, também, como “maças do amor” e são os frutos da planta de mesmo nome, há muito conhecidas no Oriente Médio como afrodisíacas. Carr comenta: “Não que esses amantes precisassem de qualquer estimulação adicional, mas o uso de tais artigos por um longo tempo tem sido parte das tradições sobre a ‘arte de amar’” (TOT).

A amada elabora sobre a oferta de amor feita por ela: *As nossas portas há toda sorte de excelentes frutos, novos e velhos; eu tos reservei, ó meu amado* (7:13). Ela de fato o abraçaria e o beijaria abertamente ali mesmo, não fossem as restrições da convenção social (8:1). Além disso, ela fala em levá-lo à *casa de minha mãe e em lhe dar a beber vinho aromático e mosto das minhas romãs* (8:2). Mais uma vez, ela se imagina nos braços de seu amado (8:3) e termina com o refrão costumeiro (8:4), mas está claro que o tempo de restrição terminou, e o tempo de o amor florescer chegou. Ao repetir o refrão, ela nos relembra o longo período de espera e termina apropriadamente a estrutura literária do Cântico.

### 8:5-14 Seção V

Não é fácil extrair sentido dessa última seção do livro. Vários agrupamentos de versículos têm sido propostos. O que se pode afirmar é que as muitas ligações com tudo aquilo que já passou indicam que essa seção faz parte do texto principal. Kinlaw está provavelmente certo quando relaciona essa parte com a que imediatamente a precede, dizendo: “O drama está quase terminado. O casal seguiu os desejos dela e agora retorna da viagem aos campos e às vilas” (EBC). As filhas de Jerusalém veem o casal retornando e perguntam: *Quem é esta que sobe do deserto e vem encostada ao seu amado?* (8:5a; cf. 3:6).

A mulher ignora a pergunta enquanto fala com seu amado em 8:5b-7. Ao que parece, eles haviam estado no local onde o amado tinha sido concebido, continuando o ciclo de vida e amor. Ela pede ao amado que a coloque *como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço* (8:6a). Tanto em tempos passados quanto agora, um selo indica propriedade. Portanto, ter um selo que representa a noiva *sobre o teu coração* e também *sobre o teu braço* é uma indicação de que eles pertencem um ao outro. Em seguida, ela se lança numa das mais importantes passagens sobre compromisso e sobre a natureza absorvente do amor verdadeiro, indicando que ele *é forte como a morte* (8:6b). Esta verdade se reflete nos votos proferidos no casamento, os quais ligam o casal “até que a morte nos separe” — apontando para o compromisso de toda a vida assumido pelos dois. Ela insiste também em que o ciúme do amor *é duro como a sepultura* (8:6c). Esse ciúme não deve ser interpretado como a emoção negativa que pode destruir os relacionamentos, porque os cônjuges não confiam um no outro. Ao contrário, é o ciúme semelhante ao de Deus, que descreve a si mesmo como um “Deus zeloso”, isto é, como quem sustenta seu direito de reclamar a posse. Esse laço é fortalecido pelo fato de que a frase traduzida por *veementes labaredas* (8:6d) termina com a expressão *yah* em hebraico. Alguns comentaristas interpretam essa expressão como a primeira menção do nome de Deus em Cântico dos Cânticos, e algumas versões (NASB) apoiam o argumento traduzindo a frase por: “as próprias labaredas do Senhor”.

A força do amor e seu poder de resistência são resumidos em 8:7: *As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado.*

Sabemos de 1:6 que a mulher tem irmãos, e, ao que parece, são eles que estão falando em 8:8-9. Os irmãos a protegeram durante sua mocidade. Agora que ela está amadurecida e, na realidade, está nos braços de um marido amoroso, a irmã expressa sua apreciação pelo fato de eles terem sido como torres de guarda na muralha da cidade nos dias em que ela ainda não tinha seios (8:8). Agora, ela insiste: *Eu sou um muro, e os meus seios, como as suas torres (8:10).* Em vez de ser a pessoa de quem outros devam cuidar, agora ela tem algo a oferecer ao seu amado: *Assim me tornei aos olhos dele como alguém que inspira paz* (NVI) — uma belíssima afirmação da realização que o casal experimenta em seu casamento.

A imagem em 8:11-12 também é difícil de interpretar. Anteriormente, a imagem retórica de vinhas e jardins simbolizava a interação sensual entre os amantes, mas este não parece ser o modo em que elas estão sendo usadas aqui. Ao contrário, o que a noiva parece estar dizendo é que o importante, o que tem valor permanente, não é a riqueza (a vinha de Salomão), mas a autodoação mútua e o compromisso expresso em suas palavras: *A vinha que me pertence está ao meu dispor* (8:12; cf. 1:6).

O livro conclui com o casal trocando amor — tanto em palavras quanto em ação —, como vimos várias vezes ao longo do livro (8:13-14). O amado diz à sua amada: *Faze-me, pois, também ouvi-la [a tua voz] (8:13).* Ela responde: *Vem depressa, amado meu, faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela, que saltam sobre os montes aromáticos (8:14).* A esta altura, já estamos à vontade com essa linguagem metafórica e compreendemos o que ela está convidando seu amado a fazer: “Ela insiste em que ele se apresse e retome as delícias do amor” (EBC).

### Conclusão

Ao concluir o estudo dessa canção superlativa, devemos lembrar que a sexualidade humana é uma dádiva de Deus

e é bela quando praticada dentro dos parâmetros ordenados por Deus — isto é, dentro do contexto de um relacionamento amoroso e comprometido entre marido e mulher. Cântico dos Cânticos não endossa promiscuidade sexual, mas afirma a alegria pura do amor conjugal divinamente instituído.

Também devemos lembrar o significado teológico mais amplo do amor conjugal que foi mencionado na introdução desse comentário. Numerosas passagens no AT apresentam os relacionamentos de Deus com seu povo do pacto em termos do relacionamento entre marido e esposa (p. ex., Is 54:5-8; Jr 3:1-10; Ez 16; 23; Os 1—3). O NT se refere a Cristo como noivo, e à igreja, como noiva (2Co 11:23; Ap 19:7-9). Murphy faz uma boa colocação, quando diz: “Dentro das próprias tradições bíblicas, o conhecimento e a experiência de Deus que nutrem a fé estão sempre inter-relacionados. Entre as muitas maneiras pelas quais essa inter-relação se expressa nas Escrituras, está o reconhecimento de que o amor humano e o amor divino espelham um ao outro” (HC).

O reconhecimento de que o amor dentro de nosso casamento pode espelhar o amor de Deus é extremamente significativo e generoso, especialmente quando olhamos para a consumação de todas as coisas. O apóstolo João escreve: “Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro!” (Ap 19:9). O anelo que testemunhamos na relação de amor dos dois amantes do livro de Cântico dos Cânticos deveria estar ardendo dentro de nós num sentido mais puro e profundo, levando-nos a clamar junto com o autor de Apocalipse: “Vem, Senhor Jesus”.

Tewoldemedhin Habtu

### Leituras adicionais

CARR, G. Lloyd. *The Song of Songs*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1984.

KINLAW, Dennis F. *Song of Songs*. EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

MURPHY, Roland E. *The Song of Songs*. HC. Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 1990.

## INTRODUÇÃO AOS PROFETAS

Os dezesseis livros proféticos do AT abrangem grande parte da Palavra de Deus. Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel são conhecidos como “profetas maiores”, enquanto Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias são conhecidos como os doze “profetas menores”. Essa classificação baseia-se apenas na extensão dos livros e não deve ser interpretada no sentido de que alguns são mais importantes que outros.

Esses livros não estão organizados em ordem cronológica na Bíblia. Alguns foram escritos provavelmente antes da queda do Reino do Norte (Isaías, Oseias, Joel, Amós, Jonas e Miqueias), outros provavelmente próximos à época da queda do Reino do Sul e do exílio (Jeremias, Ezequiel, Naum, Habacuque, Sofonias e Obadias) e alguns após o exílio (Ageu, Zacarias e provavelmente Malaquias).

Esses livros não foram escritos apenas para o povo da aliança (Israel e Judá), mas também para as nações estrangeiras. Obadias foi escrito para o povo de Edom; Naum escreveu para os habitantes de Nínive, capital da Assíria. Extensas seções de Isaías, Jeremias, Ezequiel e Sofonias são dedicadas a outras nações.

Ao estudarmos os profetas do AT, é importante lembrar que não são apenas esses dezesseis autores que podem ser chamados de profetas. Na verdade, a tradição judaica considera os livros de Isaías a Malaquias como “profetas posteriores”, e os livros de Josué a 2Reis como “profetas anteriores”, em razão de esses livros conterem histórias de profetas importantes como Samuel, Natã, Elias e Eliseu.

Os livros proféticos geralmente são considerados os livros bíblicos mais difíceis de traduzir e interpretar. Contudo, se compreendermos os profetas e sua mensagem e propósito, aprenderemos a apreciar a relevância deles para nós hoje.

### Quem eram os profetas?

Deus escolheu várias pessoas, homens e mulheres, para serem profetas (exemplos de profetas do sexo feminino, cf. Êx 15:20; Jz 4:14; 2Rs 22:14; Is 8:3; Lc 2:36). Embora inseridos em condições sociais, econômicas e culturais diversas (p. ex., Elias parece ter pertencido a uma classe social sem importância, enquanto Isaías provavelmente era um alto oficial da corte em Judá), tinham em comum o fato de terem sido escolhidos por Deus; nenhum deles presumiu ser profeta por sua própria iniciativa (Êx 3:1-6; Is 6:1-7; Jr 1:4-5; Ez 1:3; Os 1:1-2; Am 7:14-15; Jn 1:1).

Os profetas do AT não profetizavam por meio do Espírito Santo (Ez 11:5; Mq 3:8; Zc 7:12), conforme se percebe no início da maioria dos livros: “Palavra do SENHOR, que foi dirigida a ...” (Os 1:1; Jl 1:1; Mq 1:1). De modo semelhante, suas profecias geralmente iniciavam com: “Assim diz o Senhor ...” (Jr 27:2,4,11; Am 1:3). Enfim, os profetas agiam e falavam com autoridade divina, e não pessoal.

Os profetas receberam mensagens divinas de várias maneiras. Alguns ouviram a voz de Deus (Êx 3:4), outros tiveram visões e sonhos (Am 7:1-9; Zc 1:8; 2:1) ou receberam mensagens escritas diretamente por Deus (Êx 24:12; Dn 5:22-28). Em muitas ocasiões, simplesmente foram constrangidos a falar (Am 3:7-8).

As mensagens proféticas geralmente eram comunicadas ao povo em locais religiosos durante as festividades (Am 7:13). Após transmitir a mensagem oralmente, os profetas as registravam por escrito, algumas vezes de próprio punho, outras vezes por meio de escribas (Jr 36:4).

### Qual era a mensagem dos profetas?

Os profetas eram porta-vozes de Deus ao povo (2Rs 17:13) agindo como mensageiros autorizados a transmitir as palavras exatas de Deus. Duvidar da palavra do profeta era o mesmo que duvidar de Deus; desobedecê-lo era o mesmo que desobedecer a Deus.

Geralmente pensamos nos profetas como pessoas que prediziam o futuro. Contudo, também eram divulgadores, isto é, chamavam o povo ao arrependimento e obediência à palavra de Deus. Protestavam repetidas vezes contra as injustiças de seu próprio tempo: idolatria, ganância, opressão dos pobres pelos ricos, corrupção no governo e imoralidade generalizada. Enfatizavam que Deus pune o pecado e exortavam as pessoas ao arrependimento, porém ao mesmo tempo reafirmando o amor imutável de Deus por seu povo, sua compaixão e espírito perdoador (cf. Is 54:7).

A mensagem dos profetas incluía predições sobre acontecimentos iminentes (cf., p. ex., Êx 7:1-5; 2Sm 24:11; 1Rs 11:29-32), acontecimentos num futuro próximo, como ataques estrangeiros e exílio (cf. Am 3:11; Mq 1:6-7), e profecias sobre acontecimentos muito distantes no futuro, como o retorno dos judeus à terra prometida (Jr 25:12-14; 30:1-3).

A profecia possui um significado único, porém seu cumprimento pode estar próximo e distante ao mesmo tempo. As profecias de Malaquias, por exemplo, falam da vinda de Elias antes do dia do Senhor (Mt 4:5-6). Jesus ensinou que a vinda de Elias se cumpriu em João Batista (Mt 11:14; Mc 9:11-13). Contudo, Apocalipse relata que Elias, o profeta, retornará novamente no final dos tempos (Ap 11:3-6). Portanto, não devemos presumir que Malaquias predisse apenas um desses cumprimentos. Antes, precisamos enxergar cada profecia num contexto mais abrangente de acontecimentos interconectados de tal modo que constituem uma única revelação.

### Como transmitiram a mensagem?

Os profetas comunicaram a mensagem divina de várias formas com o objetivo de atrair a atenção do povo para o que Deus tinha a dizer. Algumas vezes, a apresentaram

por meio da imagem de um tribunal onde Deus preside como juiz e seu povo comparece como réu. Quando o profeta emprega essa forma de apresentação, sua profecia geralmente vem acompanhada de intimações, denúncias, evidências e veredicto (Is 3:13-26).

Outras vezes, a mensagem era entregue na forma de oráculo de calamidade. Esses oráculos eram caracterizados por anúncio de catástrofes, declaração dos motivos dessas desgraças vindouras e predição de destruição (Mq 2:1-5; Hb 2:6-8; Sf 2:5-7).

Outras vezes, ainda, a mensagem de Deus tomava a forma de promessas de bênçãos futuras (Jr 31:1-9; Os 2:16-20; Am 9:11-15). Essas bênçãos geralmente estavam ligadas ao estilo de vida, saúde, segurança e abundância agrícola estipuladas na aliança.

Alguns profetas encenaram suas mensagens e assim as tornaram memoráveis. Percebemos isso especialmente em Ezequiel (p. ex., Ez 4 e 5).

Os profetas geralmente apresentavam suas mensagens em forma de poesia, tornando-as mais fáceis de serem lembradas pelo público. Contudo, isso significa que algumas mensagens podem ser difíceis de interpretar se desconsiderarmos o estilo poético hebraico empregado pelo autor.

Outra dificuldade para compreender os profetas se refere ao contexto religioso, histórico e cultural no qual a

mensagem foi transmitida, geralmente caracterizado por perturbações políticas, militares, econômicas e sociais, além de infidelidade religiosa. A fim de compreendermos adequadamente os profetas, não podemos simplesmente lê-los, mas precisamos considerar o contexto no qual transmitiram suas mensagens. Este é o motivo pelo qual devemos estudar livros como este *Comentário Bíblico Africano*, outros comentários detalhados, dicionários bíblicos e livros especializados.

### **Qual a relevância da mensagem dos profetas atualmente?**

Deus, por meio de seus profetas, condenou a idolatria, prometeu punição aos que o desobedecem e consolo aos que confiam nele. Os livros proféticos comunicam essa mesma mensagem para o ser humano moderno, pois Deus continua condenando a idolatria, prometendo punição aos desobedientes e consolo aos que confiam nele de todo o coração. A mensagem dos profetas é digna de confiança, pois Deus fará tudo que prometeu.

Os livros proféticos nos ajudam a redescobrir os padrões pelos quais Deus deseja que vivamos. Além disso, lembram-nos constantemente que Deus está no controle da história.

Yoilah Yilpet

## PROFETAS DE ISRAEL E JUDÁ

Deus providenciou para seu povo reis que seriam administradores políticos e também profetas para serem seus conselheiros espirituais. Os profetas serviram de porta-vozes de Deus aos reis em questões ligadas à justiça e

à conduta correta, embora ao mesmo tempo tivessem uma mensagem para todo o povo. O gráfico a seguir é uma tentativa, com os limites de dados disponíveis, de relacionar os reis de Israel e Judá aos profetas que ministraram durante o reinado de cada rei.

Profetas de Israel	Reis de Israel	Datas (a.C.)	Profetas de Judá	Reis de Judá	Datas (a.C.)
Aias (1Rs 11:29-30; 12:15; 14:4-6)	Jeroboão (1Rs 14:20)	933-912	Semaías (1Rs 12:22)	Roboão (1Rs 14:21)	933-917
	Nadabe (1Rs 15:25-26)	912-911	Azarias (2Cr 15:1)	Abias (1Rs 15:1-2)	917-915
Jeú, filho de Hanani (1Rs 16:1,7,12)	Baasa (1Rs 15:33-34)	911-888		Asa (1Rs 15:9-10)	914-874
	Elá (1Rs 16:8)	888-887			
	Zinri (1Rs 16:15)	887			
	Tibni (1Rs 16:21)			Josafá (1Rs 22:42)	874-850
	Onri (1Rs 16:23)	887-876			
Elias (1Rs 17—19)	Acabe (1Rs 16:29-33)	876-854			
	Acázias (1Rs 16:52-53)	854-853			
Eliseu (1Rs 19:19-21; 2Rs 3:13-15)	Jorão (2Rs 3:1-2)	853-842		Jeorão (2Rs 8:16-17)	850-843
Eliseu (2Rs 9:1)	Jeú (2Rs 10:36)	843-816	Joel	Acázias (2Rs 8:26)	843-842
				Atalia (2Rs 11:3)	842-837
Eliseu, Jonas	Jeoacaz (2Rs 13:1)	816-800		Joás (2Rs 12:1)	837-798
Eliseu (2Rs 13:14)	Jeoás (2Rs 13:10)	800-785		Amázias (2Rs 14:1-2)	798-770

Profetas de Israel	Reis de Israel	Datas (a.C.)	Profetas de Judá	Reis de Judá	Datas (a.C.)
Amós	Jeroboão II (2Rs 14:23)	785-745	Isaías	Azarias (2Rs 15:1-2)	792-740
Oseias	Zacarias (2Rs 15:8)	744	Isaías Miqueias	Jotão (2Rs 15:32-33)	740-735
	Salum (2Rs 15:13)	744			
	Menaém (2Rs 15:17)	743-735			
	Pecaías (2Rs 15:23)	735-734		Acáz (2Rs 16:1-2)	735-720
	Peca (2Rs 15:27)	734-730			
	Oseias (2Rs 17:1)	730-722		Ezequias (2Rs 18:1-2)	720-692
				Manassés (2Rs 21:1)	692-638
			Naum Sofonias	Amom (2Rs 21:19)	638
			Jeremias Sofonias Profetisa Hulda (2Cr 22:14)	Josias (2Rs 22:1)	638-608
			Jeremias	Jeoacaz (2Rs 23:31)	608
			Jeremias Habacuque Sofonias	Joaquim (2Rs 23:36)	608-597
				Joaquim (2Rs 24:8)	597
			Ezequiel	Zedequias (2Rs 24:18)	597-586



# ISAÍAS

Pouco se sabe sobre o profeta Isaías, exceto que ele viveu durante o reinado de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá entre 767 e 687 a.C., aproximadamente (1:1). Seu talento para escrever (8:1), seu conhecimento sobre os livros do AT, seu interesse na política judaica (caps. 30—31) e seu acesso aos reis (7:3; 38:5) sugerem que ele era uma pessoa culta e influente em Jerusalém, capital de Judá. Sua mensagem é dirigida principalmente ao povo dessa cidade. Parece que Isaías era um homem sinceramente devotado ao Senhor e profundamente preocupado com o destino de seus companheiros (1:15; 6:5,8; 64:7-11).

Isaías viveu durante um período tumultuado. Já se haviam passado 150 anos desde a divisão do povo judaico em dois reinos: Israel ao norte e Judá ao sul (1Rs 12:1-24), reinos que estavam sempre em conflito (7:1). Além disso, a Assíria, nação dominante na época, impôs pesados tributos aos judeus. Com isso, ambos os reinos foram tentados a revoltar-se e a formar coalizões com a Síria ou o Egito. Durante o reinado de Ezequias, o Reino do Norte foi destruído pelos assírios. Em seguida, foi a vez de Judá. Jerusalém escapou por pouco de ser capturada (2Rs 18—19).

A situação religiosa também era confusa. Influenciados por tendências políticas e religiosas da época, os judeus passaram a idolatrar deuses das nações vizinhas (2Cr 28:22-24). De modo geral, Deus era considerado apenas mais um entre vários deuses.

Foi nesse contexto que Isaías protestou contra a corrupção moral e religiosa do povo e anunciou o julgamento de Deus às nações. Contudo, também proclamou salvação para os fiéis e arrependidos, e prometeu a restauração de Jerusalém no futuro.

O tema central do livro gira em torno do escolhido de Deus, o Messias, aquele que trará a salvação. O livro de Isaías registra as profecias messiânicas mais claras de todo o AT. Talvez a mensagem messiânica mais famosa de Isaías seja as quatro passagens conhecidas como “canções do Servo” (42:1-9; 49:1-6; 50:4-9; 52:13—53:12). Algumas dessas canções talvez se refiram a Ezequias, rei de Judá, ou a Ciro, rei da Pérsia; talvez falem do povo de Israel ou até mesmo do próprio Isaías. Está claro, contudo, que se tratava de canções messiânicas que apontavam para Jesus Cristo. Isaías concentra-se tanto em Cristo que às vezes é chamado de o quinto evangelista. A importância do escritor foi reconhecida pelos autores do NT, resultando no fato de que as cita-

ções das profecias de Isaías no NT excedem a soma de todas as outras citações de profetas do AT.

O livro pode ser dividido em três partes. A primeira (caps. 1—39) consiste principalmente em profecias de curto prazo relacionadas ao período em que o profeta viveu, isto é, entre 767 e 687 a.C. A segunda (caps. 40—55) contém profecias de médio prazo relacionadas ao final do período de exílio na Babilônia por volta de 539 a.C. A terceira parte (caps. 56—66) trata de profecias de longo prazo, anunciando a salvação que será oferecida a todas as nações e a instauração de um reino de paz permanente em Jerusalém.

Os acontecimentos relatados neste livro, portanto, abrangem um período histórico muito maior que o tempo de vida normal do ser humano. Contudo, o texto é notavelmente específico em algumas passagens. Em 45:1, por exemplo, Ciro é apontado como rei da Pérsia, acontecimento que se cumpriu cerca de duzentos anos após a morte de Isaías. Detalhes como esse levaram muitos comentaristas a considerar que o livro foi escrito por pelo menos dois autores em períodos diferentes. É por essa razão que as divisões do livro às vezes são chamadas de primeiro, segundo e terceiro Isaías. Entretanto, a essência do livro mostra que Deus não está preso ao tempo, sendo capaz de anunciar acontecimentos distantes no futuro (44:6-7; 46:9-10). Leitores africanos não terão problemas em aceitar esse fato, pois em nossa cultura o passado, o presente e o futuro estão intimamente ligados.

Na verdade, há várias semelhanças entre a cultura africana e a época de Isaías, e entre as condições econômicas, políticas e religiosas de Judá. A igreja africana deve demonstrar às pessoas a mesma preocupação que o profeta Isaías mostrou por seu povo.

## Esboço

### 1:1 Introdução

### 1:2—39:8 Parte 1: Profecias sobre a época de Isaías

1:2-31 Oráculo de abertura: o julgamento de Judá

2:1—6:13 Profecias durante o reinado de Jotão

2:1-4 A restauração de Jerusalém

2:5-22 Somente Deus é digno de confiança

3:1-15 Caos político e religioso

3:16—4:1 Mulheres escandalosas

- 4:2-6 A glória dos redimidos
- 5:1-7 A canção da vinha
- 5:8-30 Julgamento sobre os negligentes
- 6:1-13 Deus se revela a Isaías
- 7:1—10:4 Profecias durante o reinado de Acáz
- 7:1-25 O desafio de Acáz
- 8:1-22 Várias formas de revelação divina
- 9:1-6 A vinda da luz
- 9:7—10:4 A destruição de Efraim
- 10:5—39:8 Profecias durante o reinado de Ezequias
- 10:5-34 A orgulhosa Assíria
- 11:1—12:6 Renovação da linhagem de Davi
- 13:1—14:23 Profecia contra a Babilônia
- 14:24-27 Profecia contra a Assíria
- 14:28-32 Profecia contra os filisteus
- 15:1—16:14 Profecia contra Moabe
- 17:1-14 Profecia contra Damasco e Efraim
- 18:1-7 Profecia contra a Etiópia
- 19:1-25 Profecia contra o Egito
- 20:1-6 A queda da Etiópia e do Egito
- 21:1-10 A queda da Babilônia
- 21:11-17 Profecia contra Edom e Arábia
- 22:1-25 Profecia contra Jerusalém
- 23:1-18 A queda de Tiro e Sidom
- 24:1—27:13 Profecias sobre o final dos tempos
- 24:1-23 A destruição da terra
- 25:1—26:21 A canção dos remidos
- 27:1-13 O Senhor peleja contra as forças do mal
- 28:1—35:10 Profecias sobre Israel e Judá
- 28:1-29 Profecia contra Efraim
- 29:1-24 Profecia contra Jerusalém
- 30:1—31:9 Denúncias de aliança com o Egito
- 32:1-20 O retorno da justiça
- 33:1-24 Jerusalém protegida
- 34:1-17 Punição de Edom
- 35:1-10 O período messiânico
- 36:1—39:8 O reinado de Ezequias
- 36:1-22 A ameaça assíria
- 37:1-38 A reação de Ezequias
- 38:1-22 Doença e cura de Ezequias
- 39:1-8 Os emissários babilônicos
- 40:1—55:13 Parte 2: A era da consolação**
- 40:1-31 O livramento do Senhor
- 41:1-29 Confiança em Deus
- 42:1-25 O servo de Deus
- 43:1-28 A redenção de Israel
- 44:1-28 O Senhor é o único Deus
- 45:1-25 Ciro, o messias do Senhor
- 46:1-13 A humilhação dos deuses babilônicos
- 47:1-15 A humilhação da Babilônia
- 48:1-22 Deus é o único Senhor

- 49:1-26 A luz dos gentios
- 50:1-11 A fidelidade do Senhor
- 51:1-23 A libertação dos filhos de Abraão
- 52:1-12 A purificação de Jerusalém
- 52:13—53:12 O sofrimento do Servo
- 54:1-17 Aliança de paz com Israel
- 55:1-13 A salvação é oferecida a todos

### **56:1—66:24 Parte 3: Exortação e promessas**

- 56:1-12 Um povo unido
- 57:1-21 Deus, os justos e os idólatras
- 58:1-14 O verdadeiro jejum
- 59:1-21 Os pecados do povo
- 60:1-22 A nova glória de Jerusalém
- 61:1-11 O mensageiro da salvação
- 62:1-12 Jerusalém, a noiva do Senhor
- 63:1—64:12 O dia da vingança e da redenção
- 63:1-6 O dia da vingança
- 63:7—64:12 Oração por redenção
- 63:7-14 Lembranças do passado
- 63:15—64:7 Súplica a Deus
- 64:8-12 Arrependimento
- 65:1-25 A promessa do Senhor
- 66:1-24 A verdadeira adoração

## **COMENTÁRIO**

### **1:1 Introdução**

Semelhantemente a outros livros proféticos, o livro de Isaías apresenta muita informação nos versículos introdutórios. Começa revelando a forma pela qual Deus falou ao profeta, a saber, por meio de uma visão (**1:1a**).

Em seguida, o texto fornece breve nota biográfica declarando que o profeta é filho de *Amoz*, mas não menciona o nome de sua mãe. Com relação ao local de seu ministério, somos informados de que se trata da região de *Judá e Jerusalém*; em outras palavras, o Reino do Sul, que permaneceu fiel à dinastia de Davi (1Rs 12:1-20). O texto também traz os nomes dos reis que governavam durante o ministério de Isaías (**1:1b**): *Uzias* (também conhecido como *Amazias*; 2Rs 15:1-7; 2Cr 26:1-23), *Jotão* (2Rs 15:32-38; 2Cr 27:1-9), *Acáz* (2Rs 16:1-20; 2Cr 28:1-27) e *Ezequias* (2Rs 18:1—20:21; 2Cr 29:1—32:33). Esses detalhes auxiliam o leitor a compreender o contexto político e religioso do ministério de Isaías.

### **1:2—39:8 Parte 1: Profecias sobre a época de Isaías**

A primeira parte do livro de Isaías trata principalmente das profecias de curto prazo relacionadas aos contemporâneos do profeta.

### 1:2-31 Oráculo de abertura: o julgamento de Judá

A revelação inicial comunica os assuntos que o profeta desenvolverá posteriormente. Essa visão é declarada na forma de uma disputa judicial em que Deus apresenta seu caso diante de duas testemunhas, os céus e a terra (1:2; cf. tb. Dt 30:19). Deus relata o caso em primeira pessoa e demonstra estar magoado (1:2-3) com a ingratidão e os crimes cometidos por seu povo (1:4).

Para Deus, essa situação não é inédita. Suas palavras o apresentam como pai e senhor bondoso que repetidas vezes tenta corrigir o comportamento de seu povo, mas sem sucesso, pois eles não aceitaram sua disciplina (1:5-6). Por causa disso, sua paciência se esgotou, e agora ele passou a julgar seu povo por meio de invasões estrangeiras, permitindo que Judá fosse consumida *pelo fogo* e que suas lavouras fossem devoradas (1:7; cf. 2Rs 15:37; 16:5; 18:13,17). Somente Jerusalém (*filha de Sião*) escapou (1:8).

O discurso de Deus é interrompido bruscamente por vozes humanas em 1:9. Os poucos sobreviventes reconhecem que o *SENHOR dos Exércitos* os protegeu. A menção de *Sodoma* e *Gomorra* indica que o povo estava ciente de suas ações, pois Deus poderia tê-lo destruído completamente como fez a essas duas cidades (Gn 18:20—19:29).

Quando volta a falar, Deus mostra que há semelhanças entre Judá e as cidades de Sodoma e Gomorra. O Senhor destruiu essas duas últimas por causa do pecado, e Jerusalém é tão pecadora quanto elas (o Senhor inclusive se refere a Jerusalém como *Sodoma e Gomorra*; 1:10). A única saída para Jerusalém é arrepender-se e voltar para Deus, atitude que envolve muito mais que simples ritual religioso (1:11-15). Esses rituais talvez enganem os outros, levando-os a pensar que temos um relacionamento com o Senhor. Deus, porém, percebe a hipocrisia interior. No lugar de rituais, Deus nos pede uma vida santificada, atitude que se manifesta no amor ao próximo. Esse amor deve ser demonstrado em nosso comportamento político, econômico e religioso (1:11-17).

A frase *vinde, pois, e arrazoemos* (1:18) é um convite para o povo encontrar-se com Deus, o único que pode perdoar seus pecados. O povo é convidado a debater as bênçãos da obediência (1:19) em contraste com as desastrosas consequências de persistir na rebeldia (1:20).

Deus vocifera contra a mudança de comportamento que ocorreu em Jerusalém. Fiel no passado, a cidade agora passou a se prostituir com outros deuses (1:21a; cf. Ez 16:15-43; 23:22-49; Os 2:4-8). A *justiça* e a *retidão* foram substituídas por assassinatos, corrupção e indiferença moral (1:21b-23).

Mudança similar ocorreu na África por meio de ditadores como Mobutu Sese Seko, na República Democrática do Congo (RDC), e Idi Amin Dada, em Uganda. Vemos com frequência indivíduos que amam o poder e exigem devoção incondicional, atitudes que justificam quaisquer meios para alcançar ou manter o poder, incluindo corrupção, sexo e violência. Disfarçadas de falso patriotismo e cristianismo superficial, atitudes semelhantes se infiltraram em vários

círculos religiosos e políticos na África. Esse tipo de pensamento é responsável por grande parte da miséria e de sordem presentes na África atualmente, constituindo séria ameaça à igreja em nosso continente. Vivemos uma situação semelhante àquela do povo em Jerusalém.

Deus não fica impassível diante dessas circunstâncias. Não mais falando como um pai ferido (1:2-4), Deus se apresenta agora como o *SENHOR dos Exércitos*, o *Poderoso de Israel*, pronto para confrontar seus inimigos (1:24). Sua intenção, contudo, não é destruir Jerusalém, mas restaurá-la (1:25-26). Mais uma vez, Deus afirma que os arrependidos poderão contar com seu perdão, mas os rebeldes enfrentarão humilhação e morte (1:27-31).

### 2:1—6:13 Profecias durante o reinado de Jotão

As profecias dessa seção provavelmente foram pronunciadas durante o reinado de Jotão, filho de Uzias (2Rs 15:32-38). Contudo, é possível que algumas delas tenham sido proferidas durante os anos em que Uzias esteve enfermo de lepra e Jotão governava como regente responsável pela maioria das decisões (2Rs 15:5). Essa seção inicia com outra série de visões (2:1) e termina com um relato do chamado de Isaías no ano da morte do rei Uzias (6:1).

#### 2:1-4 A restauração de Jerusalém

A visão de Isaías trata da situação ideal que Jerusalém experimentará *nos últimos dias* (2:1-2). O texto emprega palavras que nos fazem lembrar os dias de Salomão, quando representantes de países estrangeiros vinham a Jerusalém ouvir a sabedoria do rei (2:3; 1Rs 4:29-34). Haverá paz nos últimos dias, exatamente como havia no reino de Salomão (2:4; 1Rs 5:4-5). No entanto, a condição de Jerusalém será ainda melhor, pois o próprio Senhor substituirá o rei Salomão, ensinando sua lei e exercendo justiça.

#### 2:5-22 Somente Deus é digno de confiança

Diante dessa perspectiva, o autor convida o povo a refletir seriamente sobre em quem confiar, pedindo que andem *na luz do SENHOR* (2:5). Mas, em vez de seguir esse caminho, Jerusalém preferiu confiar em ídolos, dinheiro e poderio militar (2:6-8). Enquanto o texto anterior diz que o povo pecava contra seus vizinhos (1:17), agora declara que eles estão pecando orgulhosamente contra Deus e, portanto, pagarão caro por essa atitude: serão humilhados e destituídos, e tudo aquilo em que confiavam será destruído (2:9-21).

O último versículo desse capítulo resume bem essa passagem: *Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz. Pois em que é ele estimado?* (2:22). Mais tarde, Jeremias salientou essa mesma questão, dizendo: “Maldito o homem que confia no homem” (Jr 17:5).

#### 3:1-15 Caos político e religioso

O que Jerusalém esperava alcançar sem o auxílio de Deus? O texto é claro: nada. Além de perder o sustento e o apoio

(3:1), Jerusalém ficará sem líderes capacitados, pois perderá seus comandantes militares, políticos e religiosos, além dos artesãos (3:2-3; cf. 2Rs 24:14). Os líderes que permanecerem serão inexperientes ou cruéis (3:4-5). A situação que Isaías descreve é muito parecida com a que vivemos na África hoje, frequentemente assolada por oportunistas arrogantes e inexperientes que decidem o destino de pessoas melhores que eles próprios.

Desesperado por liderança, o povo não escolherá líderes religiosos e políticos levando em consideração sua competência ou carisma. Antes, escolherá em função de relações tribais ou étnicas e por conseguirem amealhar ao menos algumas posses mais que eles próprios (3:6).

Entretanto, a pessoa que o povo escolher para governar sobre a *ruína* em que se transformou Jerusalém não aceitará o desafio, pois reconhecerá que não tem condições de fazer nada pelo povo faminto (3:7). Como seria bom se os líderes africanos agissem como essa pessoa e relutassem governar sobre a ruína política e religiosa que assola nosso continente. Com frequência, somos liderados por pessoas desejosas de governar, mas sem condições de fazê-lo.

Deus punirá Jerusalém porque *as suas obras são contra o SENHOR* (3:8). Como se não bastasse, o povo nem mesmo se envergonhava do que fazia. Pelo contrário, *publicam o seu pecado e não o encobrem*, seguindo o exemplo de Sodoma; consequentemente, terão de enfrentar os previsíveis desastres resultantes (3:9-11; Gn 19:4-11).

Isaías volta a falar sobre a falta de liderança mencionada em 3:1-7. Os líderes que assumiram o governo estão desviando a nação dos caminhos do Senhor e permitindo que mulheres e jovens incompetentes controlem os negócios do Estado (3:12). Esse versículo não deve ser utilizado para impedir as mulheres de ocupar posições de liderança, pois a Bíblia apresenta exemplos de piedosos líderes do sexo feminino (Jz 4—5). O protesto de Isaías se refere ao fato de que os líderes de Jerusalém não estavam governando com responsabilidade.

Deus também reprovou os *anciãos* e os *príncipes* (isto é, a liderança) do seu povo pela opressão aos mais pobres (3:14-15). Deus não desaprova o fato de eles ocuparem posições de liderança, mas condena a forma de tirarem proveito de seus cargos a fim de explorar os outros. Esses versículos devem despertar a igreja para a ação. O evangelho pregado na África quase não se preocupa com a opressão e a miséria social. Deus, porém, condena veementemente a injustiça social, e, portanto, sua igreja deve fazer o mesmo.

### 3:16—4:1 Mulheres escandalosas

Após reprovar o comportamento irresponsável dos líderes de Jerusalém, o profeta trata da conduta das mulheres que viviam na cidade. Reprova-as pelo orgulho (3:16) e pelo excesso de *ornamentos* (3:18-23). O único interesse dessas mulheres era flertar e seduzir. Aqui o profeta comenta um

assunto que o livro de Provérbios trata em mais detalhes (Pv 6:20—7:27; 31:3). Deus não condena o desejo da mulher de parecer atraente, conforme demonstra o livro de Cântico dos Cânticos. Antes, o mais importante é que a mulher persevere naquele tipo de amor que se traduz em reverência ao Senhor e desenvolvimento do caráter (Pv 11:22-23; 31:30; Mt 19:3-6). Ou seja, a mulher não deve buscar ser o centro das atenções e rivalizar com o Criador.

Infelizmente, muitas mulheres africanas são vistas apenas como objetos de adoração e desejo. Além disso, são encorajadas à indiferença moral e a vestir roupas caras; muitas ostentam joias de marfim e diamantes, pintam as unhas e usam perucas. Contudo, não percebem seu valor intrínseco como ser humano. Esse comportamento vem arruinando a cultura africana tradicional, na qual as mulheres têm importante papel para a preservação dos valores morais da comunidade.

As mulheres de Jerusalém eram orgulhosas, porém Deus as humilhará e as reduzirá à pobreza e *calvície* (3:17,24). Para a mulher, a calvície era sinal de desgraça, e vestir pano de saco (“cilício”) era sinal de lamentação (cf. Gn 37:34; Am 8:10). Em breve, essas mulheres orgulhosas lamentarão a morte de seus filhos e maridos (3:25-26; 13:11-12).

A situação será tão desesperadora que, a fim de evitar a vergonha de permanecerem solteiras, farão qualquer coisa para arranjar um marido: recorrerão à poligamia enquanto disputam os poucos homens disponíveis (4:1). Esse versículo faz paralelo com 3:6-7, em que se menciona que os homens estarão tão desesperados atrás de um líder que até mesmo algumas peças de roupas a mais tornarão um indivíduo apto a governar, de modo que eles forçarão a primeira pessoa que encontrarem a salvá-los daquela situação.

### 4:2-6 A glória dos redimidos

Essa seção inicia com a importante expressão *naquele dia* (4:2a), repetida cerca de trinta vezes em Isaías. Os poetas e profetas bíblicos costumavam utilizá-la para proclamar a esperança da intervenção de Deus. Embora “aquele dia” traga desgraça para os perversos, para os justos e oprimidos será um dia de consolo e renovação (2:17; 11:10; Jr 30:8; Ez 20:6; Jl 3:18). Em tempos difíceis, o cristão precisa agarrar-se a essa esperança e fugir do fatalismo.

O profeta volta a falar em nome da minoria que reconhece Deus como salvador (4:2b; cf. 1:9) e anuncia novamente que o Senhor intervirá a favor desse restante. Deus os transformará de modo semelhante a uma linda árvore frutífera que causará inveja a todos ao redor (cf. tb. Sl 1). O Senhor lhes dará *beleza* e *glória* naturais, muito mais valiosos que os ornamentos e penduricalhos que caracterizam a nobreza idólatra (3:16-23).

O restante da passagem é uma bela descrição da restauração do povo de Deus. Começa com o dom de uma nova identidade e nova santificação (4:3-4; 2Co 5:17-19). Em

seguida, Deus confirma que estará para sempre ao lado dos remanescentes (4:5; Mt 18:20). A *fumaça* e *resplendor de fogo* que simbolizam a presença do Senhor provavelmente lembraram ao povo o êxodo do Egito e a consagração do templo de Salomão (Êx 13:21; 24:16-17; 2Cr 5:13). Ao final, Deus garante paz e consolo, apesar das circunstâncias (4:6).

Essa última consequência da intervenção divina representa tanto um sonho quanto uma necessidade real para a África. Ao buscar prosperidade, não devemos esquecer que esta ocorre por meio da purificação e do constante empenho para permanecer na presença de Deus. Precisamos buscar em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e então todas essas coisas nos serão acrescentadas (Mt 6:33).

### 5:1-7 A canção da vinha

Isaías entoia uma canção referindo-se a Deus como *meu amado* (5:1). Como na seção anterior e 1:9, o profeta volta a apresentar o Senhor como alguém que anseia por seu povo (cf. Tg 1:16-17). Contudo, o povo magoou Deus profundamente. Uma vez que o Senhor não deseja expressar-se diretamente, o profeta assume a tarefa de falar em nome de Deus.

A canção descreve o relacionamento entre Deus e seu povo de modo semelhante a uma videira e seu proprietário. Este se dedicou inteiramente à vinha, empregando todos os esforços ao seu alcance a fim de protegê-la e dar-lhe condições de produzir. Apesar disso, a vinha produziu apenas *uvas bravas* (5:2, 4b). A vinha deveria produzir *juízo* e *justiça*, mas ocorreu apenas *quebrantamento da lei* e *clamor* (5:7).

Em um tempo posterior, Jesus usa a mesma imagem de Deus como proprietário de uma vinha para enfatizar a infidelidade da nação (Mt 21:33-41). Ele apresenta a si mesmo como a videira verdadeira à qual seus seguidores precisam estar atados se quiserem produzir frutos bons (Jo 15:1-8).

Deus pede que os *moradores de Jerusalém* e *homens de Judá*, a quem a canção é dirigida, analisem os fatos e julguem por si mesmos (5:3-4a). Deus não os trata como traidores, apenas apresenta seu caso. Podemos imaginá-lo falando respeitosamente diante dos anciãos no portão da cidade (onde se realizavam os negócios e se discutiam as causas judiciais), como fez Boaz (Rt 4:1-12). A justiça de Deus não é incompreensível aos homens. Podemos entender seus princípios e expressá-la com nossas próprias palavras (2Sm 12:1-7; Mt 7:2; 21:40-41). Portanto, não há desculpa para considerar a corrupção algo inevitável, e a justiça, um ideal inatingível. Honestidade e justiça são realidades que precisamos defender e praticar.

A condenação de Deus é proporcional ao crime. O povo o rejeitou; portanto, o Senhor deixará de protegê-lo e abençoá-lo (5:5-6). As consequências desse abandono mútuo, entretanto, levariam o povo a cair e sofrer ameaças externas.

### 5:8-30 Julgamento sobre os negligentes

Continuando o mesmo tema proposto na canção da vinha, Isaías reprova o povo por não perceber *os feitos* ou *obras* que o Senhor realizou a favor dele (5:12b, 19). Em outras palavras, será punido *por falta de entendimento* (5:13a).

O profeta lista as atitudes pecaminosas que impedem as pessoas de perceber as obras do Senhor, incluindo acumulação ilícita de propriedades (5:8-9), bebedeira (5:11, 22; Pv 31:4-5; Am 2:11-12), mentiras e manipulação moral (5:18, 20), sabedoria fingida (5:21; 1Co 1:18-31) e perversão da justiça (5:23). A raiz desse comportamento está na rejeição à *lei* e no desprezo à *palavra do Santo de Israel* (5:24).

O povo yombe (República Democrática do Congo) tem uma expressão que diz *kambu lumbu*, isto é, as pessoas fazem o que querem, mas um dia sofrerão as consequências de suas ações. É exatamente o que acontece aqui. O povo vivia e festejava sem nenhuma preocupação (5:12a), mas o julgamento de Deus os alcançará (Mt 24:36-44). Quem acumula terras e casas acabará perdendo colheitas e verá seu lar destruído (5:10, 17; cf. tb. Am 3:15); quem só pensa em banquetear passará fome e sede (5:13b). Todos serão engolidos pela morte (5:14), e o orgulho será subjugado (5:15, 25-30).

A punição aqui não é apenas abandono (5:5-6): o próprio Deus estenderá a mão para feri-los (5:25). E mais: o Senhor convocará países estrangeiros para atacá-los (5:26), nações que o profeta descreve como se possuíssem atributos divinos, pois não se cansam nem dormem (5:27; cf. Sl 121:3-4). Além disso, esses povos estrangeiros contam com as bênçãos de Deus, pois seus instrumentos de guerra funcionam perfeitamente (5:28), e suas tropas são ferozes como o leão e poderosas como o mar (5:29-30).

### 6:1-13 Deus se revela a Isaías

O capítulo 6 contém um relato do chamado de Isaías ao ministério. Jeremias e Ezequiel receberam chamados semelhantes (Jr 1:1-10; Ez 1:1—3:3). Eles também tiveram um vislumbre da corte celestial, visão que descreveram como se estivessem fisicamente presentes diante do Senhor. O diálogo entre Deus e seus profetas nesse momento especial é registrado com mais intimidade que em outras partes da mensagem. Porém, enquanto o chamado de Jeremias e Ezequiel ocorre na abertura dos respectivos livros, como era de esperar, o chamado de Isaías aparece seis capítulos depois. A razão para isso pode estar na morte do rei Uzias. Após cinquenta e dois anos de reinado, a partida do rei marcou o final de uma era e veio acompanhada de aumento nas tensões internacionais. Por causa disso, as responsabilidades de Isaías também aumentaram.

A *morte do rei Uzias* (6:1a) adquiriu notável importância se considerarmos o contexto de condenação do comportamento pecaminoso do povo no capítulo 5 e a falta de fidelidade do rei na segunda parte de seu reinado (2Cr 26:16-23). Como sabemos por nossa própria experiência com ditaduras no continente africano, a morte de um líder pode fazer que as coisas permaneçam exatamente como estavam antes, ou pode propiciar mudanças radicais para melhor ou pior.

Foi num momento difícil como esse que Deus apareceu a Isaías. A morte do rei não deixou um vácuo na liderança, pois o Senhor, que anteriormente se manifestara como pai (1:2) e agricultor (5:1), agora surge como o único rei verdadeiro *assentado sobre um alto e sublime trono (6:1b)*, comandando as forças cósmicas. Todas as criaturas celestiais reconhecem a glória e santidade do Senhor (6:2; 40:25-26). Deus exige o mesmo de seu povo.

O clamor dos anjos, *Santo, santo, santo*, em 6:3a é interpretado como uma alusão velada à Trindade. Contudo, é mais provável que essa repetição represente uma forma hebraica de atestar a importância de algo. A santidade de Deus é a essência de seu caráter. Refletir sobre isso, como fazem os anjos, conduz à adoração.

A frase *toda a terra está cheia da sua glória (6:3b)* refere-se claramente à inteireza da criação, cuja beleza deve levar-nos a glorificar a Deus. Há, no entanto, uma parte da criação que não louva o Senhor, a saber, a humanidade (1:2).

A adoração angelical vem acompanhada de demonstrações de poder: a voz dos anjos estremeceu *as bases do limiar [...], e a casa se encheu de fumaça (6:4)*. Esse fenômeno está associado à presença e intervenção de Deus (4:5; cf. tb. Js 6:1-20; 1Rs 8:10).

Isaías sabe que nenhum pecador pode sobreviver à presença de Deus e, portanto, abala-se profundamente com a experiência, assim como acontece a Moisés e Gideão em circunstâncias parecidas (6:5; Êx 3:6; 33:20; Jz 6:22). Contudo, seus pecados foram perdoados por meio do ato simbólico em que o anjo lhe toca a boca com *brasa viva* que tirou do altar. Essa brasa pode ter sido retirada do sacrifício de arrependimento ou de adoração que Isaías acabou de oferecer (6:6-7).

Deus fala em seguida e chama Isaías ao ministério. É importante observar que o profeta não foi escolhido por acaso. Isaías era um homem que adorava a Deus (mesmo em épocas de crise), preocupava-se com seu povo e estava disposto a ouvir o que Deus tinha a dizer. Logo, quando Deus o chamou, Isaías se dispôs prontamente e disse: *Eis-me aqui, envia-me a mim (6:8)*.

A mensagem que o Senhor entregou ao profeta para comunicar ao povo é um exemplo do duplo papel que a palavra de Deus exerce no mundo: salvação e destruição (Hb 4:12). A mensagem de Deus é planejada para que a maioria das pessoas a rejeite ou se recuse a compreendê-la (6:9-10). Deus não anulará seu julgamento (6:11-12), mas esta palavra proclama a salvação para uma minoria (6:13). Deus cumprirá sua palavra e preservará um remanescente fiel (4:2).

Jesus citou 6:9-10 para explicar por que falava por meio de parábolas (Mc 4:12).

## 7:1—10:4 Profecias durante o reinado de Acaz

O primeiro grupo de profecias parece ter sido pronunciado durante o reinado de Jotão, sucessor de Uzias. Contudo,

Jotão já estava morto na ocasião dos acontecimentos registrados no capítulo 7, e foi substituído por seu filho Acaz.

### 7:1-25 O desafio de Acaz

O reinado de Acaz foi marcado por instabilidades decorrentes do ataque da coalizão Síria-Israel (7:1). De acordo com os livros de Reis e Crônicas, essa invasão representou uma punição aplicada por Deus em decorrência da infidelidade do rei e do povo (2Rs 16:2-5; 2Cr 28:1-5).

A invasão é certa, e Acaz e o povo estão apavorados (7:2). Antecipando um cerco, Acaz decide inspecionar os suprimentos de água da cidade, o *aqueduto do aqude superior*. Enquanto verifica essa situação, o Senhor envia Isaías a dizer-lhe: *Acautela-te e aquieta-te; não temas (7:3-4a)*. Acaz não precisa temer ser deposto nem substituído por Ta-beal (7:5-6). Os reis da Síria e Israel eram meros homens e possuíam autoridade apenas sobre seus próprios reinos (7:8-9). O Senhor do universo, portanto, descarta esses reis, considerando-os apenas *dois tocos de tições fumegantes (7:4b)*, homens corroídos pelo mal e que logo desaparecerão, assim como o fogo consome um pedaço de madeira.

O profeta convida Acaz à fé em Deus: *Se o não crerdes, certamente, não permaneceréis (7:9)*. Acaz não precisa recorrer à perigosa atitude de confiar em países estrangeiros como a Assíria (2Rs 16:7). A história do reino de Judá mostra repetidamente que a fé em Deus é mais importante que o poder militar (2Cr 13:2-18). Acaz, porém, esqueceu-se disso, ou atreveu-se a duvidar. Conforme diz o provérbio yombe (República Democrática do Congo), *Uzola vanda tua-ma tsembo* ("Sem coragem, o amuleto não funciona"; em outras palavras, um amuleto só produz resultados se o indivíduo acreditar em seu poder). Sentimento de inferioridade, medo (Jz 7:3; 2Rs 6:15-16; Jr 1:7-8; Lc 12:32) e dúvida (Jz 6:36-40; 2Rs 7:1-2, 18-20; Lc 1:18-20) são os três principais inimigos dos servos de Deus, pois demonstram falta de confiança e nos impedem de agir corajosamente em nome do Senhor. É por isso que esses sentimentos às vezes são tratados como sinônimos de pecado.

Isaías pede ao rei que escolha um sinal a fim de confirmar que a mensagem provém do Senhor (7:10-11), mas Acaz, embora não andasse com Deus, responde citando a lei de Moisés: *Não o pedirei, nem tentarei ao SENHOR (7:12; Êx 17:2, 7; Dt 6:16)*. Pedir sinais a Deus geralmente é visto como falta de fé (Mt 12:38-42; Hb 11:1-2). A resposta do rei demonstrou sua confiança na mensagem do profeta.

Diante da recusa de Acaz em pedir um sinal, o Senhor mesmo lhe concedeu um sinal para confirmar sua palavra: uma criança nascerá (7:14). Em algumas culturas africanas, o nascimento de uma criança sempre é considerado uma mensagem. Aqui a mensagem se refere à destruição dos inimigos de Judá (7:16). Essa criança terá comida suficiente à sua disposição e, antes mesmo que saiba distinguir o certo do errado, Deus informa que *será desamparada a terra ante cujos dois reis tu tremes de medo (7:15-16)*.

Considerando o contexto histórico desse encontro de Isaías com Acáz, essa criança pode ter sido um dos filhos de Acáz, possivelmente Ezequias, seu sucessor, um dos reis mais fiéis ao Senhor (cf. 2Rs 23:25). Nesse caso, a profecia garantiu a continuidade da linhagem de Davi (1Rs 2:4).

A longo prazo, contudo, essa profecia se refere a Jesus Cristo. Mateus e Lucas registram que Jesus nasceu da virgem Maria (Mt 1:18; Lc 1:26-35). Mateus inclusive o chama de Emanuel (Mt 1:23).

Deus utilizará a *Assíria* e o *Egito* contra os inimigos de Judá (7:17-20). Mais tarde, esses dois reinos deportarão os habitantes do reino de Israel durante o reinado de Ezequias (2Rs 18:9-12) e causarão tamanha devastação que a agricultura será substituída pela criação de animais, e os grandes rebanhos serão reduzidos a não mais que uma vaca e duas ovelhas (7:23-25).

### 8:1-22 *Várias formas de revelação divina*

Sob inspiração divina, Isaías emprega várias maneiras para advertir Acáz de que a Assíria invadirá Judá durante seu reinado e o de seu sucessor, Ezequias (2Rs 18:13—19:37).

Para começar, o Senhor pede que Isaías escreva numa pedra as palavras: *Rápido-Despojo-Presa-Segura* (8:1) (o original hebraico traz *Maher-Shalal-Hash-Baz*). A expressão é uma advertência de julgamento vindouro. Depois disso, Isaías chama duas *testemunhas fidedignas* a fim de confirmar a data e o registro da mensagem (8:2). Esse era o procedimento-padrão para registrar documentos legais naquela época (Dt 19:15-17; Jr 32:10-12).

Isaías e sua esposa (referida aqui como *profetisa*) conceberam um filho, a quem chamaram de *Rápido-Despojo-Presa-Segura*, conforme informava o documento (8:3; cf. tb. Os 1:4-8). O nome de seu irmão, *Um-Resto-Volverá* (7:3) (o original hebraico traz *Shear-Jashub*), também tinha significado profético: um remanescente voltará. Os nomes desses dois jovens resumem a mensagem do profeta até aqui: a destruição está a caminho; contudo, alguns sobreviverão. Emanuel ainda será muito jovem quando Rezim e Peca forem derrotados (7:16), e Rápido-Despojo-Presa-Segura ainda será criança pequena quando Israel e Judá forem saqueados (8:4).

Isaías utiliza a ilustração da água para explicar o que acontecerá a Judá. Em vez de confiar em Deus e desfrutar das *águas de Silóé, que correm brandamente* próximo a Jerusalém (8:6a), Acáz e o povo pediram ajuda ao rei da Assíria a fim de repelir a invasão da Síria e Israel. A Assíria assolará esses dois países como as águas fortes e impetuosas do rio Eufrates (8:7). O povo de Judá se alegrará quando os assírios atacarem seus inimigos (8:6b), porém não perceberá que essa nação poderosa também inundará seu território. Judá não se afogará, mas ficará imersa até o pescoço (8:8a).

A imagem dessa inundação termina com a declaração: *As alas estendidas do seu exército cobrirão a largura da tua ter-*

*ra,   Emanuel* (8:8b). Emanuel nasceu como sinal da graça do Senhor oferecida a Ac z (7:14). Emanuel significa *Deus conosco*, e Isaías utilizou esse nome para assegurar a Ac z que os *projetos e ordens* da Assíria não prevalecerão contra Judá (8:9-10), pois este pertence a Emanuel, não   Assíria! A promessa da presença de Deus   parte da aliança entre o Senhor e o povo de Israel (Gn 28:15,19-20;  x 3:12; Js 1:5,9; Jr 1:8). As palavras de Jesus que afirmam sua presença com os discípulos em Mateus 28:20 são, portanto, confirmação de seu *status* divino e da introdução de uma nova aliança.

A presença de Deus traz consequências práticas. Embora Isaías habite com o povo e se preocupe com ele (6:5), não deve seguir *pelo caminho deste povo* (8:11; Jo 17:15-17). Deus pede a Isaías e seus contemporâneos que não sejam influenciados pela agitação popular de seu tempo, isto é, que não deem ouvidos   *conjun a  o* do povo nem *temais o que ele teme* (8:12). Antes de tudo, eles devem temer aquele que é santo (8:13). Deus é o único que lhes oferece *santuário* (8:14a). Contudo, caso essa oferta seja recusada, o Senhor se tornará *pedra de tropeço*, e muitos dentre o povo *tropear o e cairão* (8:14b). Essa mesma imagem aparece em Salmos 118:22, passagem que Jesus menciona quando fala de seu ministério (Mt 21:42-44; Lc 20:17-18).

Percebendo a aproximação do julgamento de Deus e o quebrantamento do povo (8:15), Isaías assevera o mandamento do Senhor escrito no *testemunho* e na *lei* (8:16,20a). Ele tinha ouvido as instruções de Deus sobre sua missão e seus filhos, de modo que tanto esses como o profeta estão preparados para servirem de *sinais e maravilhas em Israel* a fim de que a palavra de Deus não seja esquecida (8:18). Isaías contrasta sua dedicação ao Senhor com aqueles que desobedecem explicitamente à lei de Deus ao consultarem os mortos (8:19).

A questão de consultar os mortos é um problema delicado em nosso continente. Embora a lembrança e o respeito por nossos antepassados sejam importantes para crescermos na fé ( x 20:12; Dt 32:7), devemos ser honestos e admitir que a Bíblia condena consultar os mortos a respeito do futuro ou a fim de prevenir calamidades (Dt 18:10-13). Algumas vezes, a Bíblia mostra os mortos interagindo com os vivos, mas isso só acontece quando Deus permite aos primeiros agir como servos dos últimos, e não quando os humanos os procuram por iniciativa própria (1Sm 28; 2Rs 13:20-21; Mt 27:51-53; Mc 9:2-9; Lc 16:27). Em vez de buscar conselho com os mortos (8:19), os vivos devem prestar atenção à palavra do Senhor (8:20b; Lc 16:16-31; Hb 1:1-4) e buscar auxílio somente com o Deus vivo (Jr 33:3).

Aqueles que não buscarem luz na palavra do Deus serão condenados a vagar na escuridão (8:21-22).

### 9:1-6 *A vinda da luz*

Deus, porém, é capaz de alterar as circunstâncias (9:1). A *Gal leia dos gentios*, área situada na fronteira do reino



que seria a primeira a ser invadida pela Assíria, desfrutará honras no futuro quando a *sombra da morte* der lugar à *luz* (9:2). Essa luz será fonte de fertilidade, abundância e alegria (9:3). Os opressores serão vencidos tão facilmente quanto Gideão derrotou os midianitas (9:4; Jz 7:9-22). Batalhas sangrentas deixarão de existir, e até mesmo as roupas dos soldados serão descartadas e queimadas (9:5).

Essa reviravolta se deve ao nascimento do *menino* “Emanuel”, aquele destinado a reinar (9:6), conforme anunciado em 7:15 e referido em 8:8. Embora o texto possa estar referindo-se a Ezequias, quando seus atributos humanos de sabedoria, paz, retidão e justiça são combinados às qualidades divinas, passa a referir-se somente àquele aclamado como *Deus Forte, Pai da Eternidade* (9:6-7). Não admira que esta passagem seja entendida em referência ao Messias, o único digno de ser tratado nesses termos (Mt 1:23; 4:14-16).

#### 9:7—10:4 A destruição de Efraim

A casa de Davi subsistirá (9:7), mas o Reino do Norte, Israel (aqui chamado de *Jacó* e *Efraim*; 9:8-9), desaparecerá (cf. 7:4-8, 17-20). O Reino do Norte despreza o Senhor e confia apenas em sua própria força (9:10), mas descobrirá a insensatez desse orgulho quando for sobrepujado pelo inimigo que atacará do leste e do oeste (9:11-12a). Aí pensará estar em segurança, mas acabará levado em grilhões para o cativeiro.

Contudo, ainda não é punição suficiente, uma vez que o Senhor continua irado: *Com tudo isto, não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida* (9:12b). Essa frase é repetida várias vezes nessa seção (9:17b, 21b; 10:4b). Embora Deus seja compassivo e misericordioso por natureza (Sl 86:15), não deixará impune a teimosia do povo e a recusa em se arrepender (9:13).

A punição de Deus também alcançará os líderes religiosos e políticos que desviaram o povo (9:14-16). O Senhor julgará todos eles, desde o maior (*cabeça* e *palma*) até o menor (*cauda* e *junco*). O Senhor declara que os removerá, fato que se cumpriu quando eles foram deportados pela Assíria. Por causa da impiedade e perversidade dos líderes e do povo, Deus agirá contra sua própria natureza e não demonstrará sua habitual compaixão pelos jovens, órfãos e viúvas (9:17a; Sl 68:5; Os 14:3).

Isaías utiliza a metáfora do fogo para ilustrar a condição do reino. Por um lado, o fogo representa a perversidade do povo que se espalha e destrói tudo ao redor (9:18). Mas o fogo também representa a ira de Deus por causa do pecado (9:19). Assim como o fogo devora tudo o que toca e está sempre procurando mais coisas para queimar, do mesmo modo a perversidade do povo acabará levando-os a consumir uns aos outros. Num círculo vicioso de ganância e desespero, o crime e o tribalismo alimentarão guerras civis e guerras constantes com seus vizinhos (9:20a-21a).

Mesmo assim, a punição ainda está longe de acabar (9:20b). Em épocas de estabilidade, os poderosos procuram consolidar suas posições dominantes aumentando as injustiças sociais em benefício próprio. Essas pessoas negam *justiça aos pobres [...] a fim de despojar as viúvas e roubar os órfãos* (10:1-2). O Senhor observa o comportamento dessas pessoas e as punirá pela forma de tratarem os desamparados.

Infelizmente, a situação descrita por Isaías é semelhante a muitos regimes autoritários na África. O espírito de comunidade, tão estimado em nosso continente, é desprezado por alguns líderes, seus seguidores e seus profetas mentirosos (9:15). Essas pessoas estão interessadas apenas em promover seus próprios interesses durante os momentos de crise. É preciso muita coragem para resistir à violência dessas pessoas e assumir papel de profeta em defesa dos oprimidos. Alguns que optaram por esse caminho pagaram com a própria vida ou estão apodrecendo em prisões. De fato, a política não necessariamente caminha de mãos dadas com os valores morais. Não surpreende, portanto, que Paulo peça para orarmos por nossos líderes e governantes (1Tm 2:1-2).

Por meio do profeta, Deus avisou que os governantes perversos um dia serão chamados a prestar contas de suas ações. O poder intoxica e geralmente cega quem oprime o povo. Essas pessoas acreditam que suas leis injustas as protegerão, porém tais maquinações serão inúteis *no dia do castigo*. Tendo destruído a comunidade em que viviam, acabaram isolados, sem ninguém a quem buscar para *obter socorro* (10:3). Excelente lembrança sobre a futilidade da glória humana.

O opressor será confrontado com duas situações humilhantes: *Nada mais vos resta a fazer, senão dobrar-vos entre os prisioneiros e cair entre os mortos* (10:4a). O rei Davi soube buscar o arrependimento e evitar essas consequências (2Sm 24:14). Outros, como Saul e Acabe, porém, permaneceram rebeldes ou tentaram enganar o Senhor a fim de evitar a punição. Não escaparam do julgamento de Deus (1Sm 31:1-10; 1Rs 22:1-39).

#### 10:5—39:8 Profecias durante o reinado de Ezequias

As profecias de Isaías se cumpriram: o reino de Israel foi invadido pelos assírios, e o povo foi deportado durante os primeiros anos do reinado de Ezequias (2Rs 18:9-12). Depois disso a Assíria voltou suas atenções para Judá (10:11).

#### 10:5-34 A orgulhosa Assíria

Em sua profecia anterior, Isaías proclamou um “Ai” à nação de Israel, particularmente em relação a seus líderes (10:1). Em 10:5a, o profeta retoma o assunto, porém desta vez o “Ai” foi dirigido não a Israel, mas aos invasores assírios.

Os assírios eram culpados de imaginar-se superiores a Deus. Naquela época, as batalhas não eram consideradas apenas combates humanos, mas também lutas entre os

## VIÚVAS E ÓRFÃOS

O AT mostra claramente a compaixão de Deus pelas viúvas e os órfãos. Várias passagens alertam expressamente contra o abuso dessas pessoas (Êx 22:22). Deus se declara defensor (Dt 10:18) e pai amoroso que cuida delas e as protege (Sl 68:5; 146:9). Malaquias esclarece que quem oprime as viúvas e os órfãos não teme a Deus (Ml 3:5). Deus declara que a viúva e seus filhos podem contar com a proteção divina (Jr 49:11). As maldições de Deus sobrevêm àqueles que maltratam as viúvas e os órfãos (Dt 27:19), mas o Senhor promete bênçãos para quem os protege (Jr 7:5-7).

Percebemos no NT que a igreja primitiva designou diáconos para assistir as viúvas de forma justa e adequada (At 6:1). As viúvas que não tinham família que as sustentasse eram colocadas sob a assistência da igreja e ficavam sujeitas a certas condições com relação à idade e estilo de vida (1Tm 5:3-14). Essas viúvas faziam votos de não se casar novamente e de permanecer castas para o resto da vida.

Além disso, as viúvas participavam extensamente do ministério da igreja primitiva: visitavam lares, levavam comida aos necessitados, cuidavam dos doentes, consolavam os enlutados, jejuavam, oravam e auxiliavam no ensino. Timóteo até mesmo providenciou para que recebessem compensações pelos serviços prestados à igreja (1Tm 5:9-10). O apóstolo Paulo considerou a viuvez oportunidade ideal para promover a obra de Deus sem distrações (1Co 7:32,34-35). Aconselhou as viúvas a não

se casar novamente (1Co 7:8,17-24), porém encorajou o casamento para as viúvas mais jovens a fim de evitar os perigos da imoralidade (1Co 7:9; 1Tm 5:11-14).

As viúvas têm muito para compartilhar, especialmente suas experiências sociais, financeiras, jurídicas, emocionais e espirituais resultantes da perda do cônjuge. Quando fortalecidas pelo estudo e assimilação da palavra de Deus, essas experiências trazem à viúva uma base sólida para ajudar pessoas em dificuldades.

O termo hebraico para “viúva” tem origem num radical que significa “incapaz de falar” e revela o *status* jurídico da viúva no mundo antigo: não havia ninguém que intercedesse por ela. O termo grego para “viúva” tem origem num radical indo-europeu que significa “deixar vazio”. Dessa forma, a mulher que perde o marido é “deixada vazia”. Em muitas partes do mundo, a viúva corre o risco de perder *status*, auxílio financeiro, propriedades, saúde e até mesmo a própria identidade após a morte do marido. Essa situação ocorre de modo praticamente regular no continente africano. No passado, porém, as viúvas africanas não sofriam o isolamento e a solidão das viúvas atuais. Quando o marido falecia, a família dele encarregava-se de cuidar da viúva, inclusive de suas necessidades sexuais e procriadoras. A viúva era valorizada e considerada um membro distinto da comunidade. Com a chegada do cristianismo, alguns aspectos da cultura africana foram abandonados. A igreja deve voltar às raízes africanas e resgatar práticas admiráveis como o cuidado às viúvas e aos órfãos oferecido pela antiga comunidade.

Mae Alice Reggy-Mamo

deuses das nações. Deus concedeu vitória aos assírios sobre Samaria (10:6), e com isso o rei da Assíria acreditou que poderia atacar quem bem entendesse (10:7). Ele se gaba de seu poder militar e da quantidade de territórios conquistados (10:8-9,14). Presume ser mais forte que os deuses de Jerusalém e imagina que estes não lhe poderão resistir (10:10-11). Além disso, vangloria-se de sua força física, sabedoria e inteligência (10:13). Ao falar de si mesmo como *valente* ou “poderoso” (NVI), eleva-se quase ao mesmo nível de Deus. Nabucodonosor, rei da Babilônia, era culpado do mesmo orgulho excessivo (Dn 4:25-30).

O profeta chama a atenção para o fato de que Deus é senhor da história (Dn 2:21-23) e agirá depois que os assírios tiverem cumprido seu papel como instrumentos do furor de Deus (10:5b,15). O Senhor tolerará a *arrogância do coração do rei da Assíria* até que tenha *acabado toda a sua obra no monte Sião e em Jerusalém* (10:12).

Um provérbio yombe (República Democrática do Congo) diz: *Mvuala mfumfu i mfumu* [“O mensageiro do rei é o próprio rei”]. Esse provérbio, contudo, somente é verdadeiro quando o mensageiro é humilde e fiel ao executar as ordens do rei. O servo de Abraão negociou como seu representante

(Gn 24:32-50), e Paulo falou como embaixador de Cristo (2Co 5:20), mas nenhum dos dois se vangloriou da autoridade recebida; antes, ambos serviram a seus senhores.

O sábio ensinou que o orgulho precede a queda (Pv 16:18-19; 17:19), e Isaías proclamou que o Senhor humilhará o orgulhoso exército assírio: eles serão completamente destruídos, assim como a doença destrói o corpo, o fogo destrói o campo ou o machado derruba a floresta (10:15-19,33-34). Daniel falou em termos semelhantes sobre a capacidade do Senhor para derrubar árvores poderosas (Dn 4:17-22). Deus enfatizou o aspecto milagroso da humilhação que os aguarda: aquele poderoso exército será derrotado *num só dia* (10:17).

No entanto, o profeta adverte seus companheiros israelitas de que os assírios chegarão até os portões de Jerusalém, após tomarem várias cidades de Judá pelo caminho (10:28-32). O Senhor utiliza os assírios como instrumento para alcançar seu objetivo: executar seu justo julgamento sobre os pecados de Judá (10:23; cf. 3:1-26). Mas Deus também usa essa invasão para trazer o povo de Jerusalém (*os restantes de Israel*) para junto de si (10:20a). Jerusalém pediu ajuda aos assírios, mas estes se voltaram

contra e os feriram (10:20b). Deus, porém, prometeu que *os restantes se converterão* (10:21-22), expressão que o hebraico registra como “Shear-Jashub” (Um-Resto-Volverá), o mesmo nome dado ao filho de Isaías (7:3). Essa confiança renovada no Senhor significa que *nunca mais se estribarão naquele que os feriu* (10:20b; 2Rs 18:13—19:19).

Essas palavras deveriam mexer com o povo africano. Apesar da luta pela independência, permanecemos estranhamente fascinados por aqueles que nos escravizaram. Ainda não nos libertamos dos laços financeiros e emocionais que nos prendem a nossos antigos colonizadores. Já é hora de o continente africano assumir a iniciativa e trabalhar por seu próprio desenvolvimento.

Deus intervirá depois que o remanescente retornar ao Senhor. Os assírios que empunharam *vara e bastão* (10:24) sofrerão repentinamente sob o *flagelo* e a *vara* de Deus (10:26). Deus os derrotará completa e facilmente como fez quando concedeu a Gideão vitória sobre os midianitas junto à *penha de Orebe* (cf. tb. 9:4; Jz 6:25). O Senhor mostrará seu poder contra os assírios da mesma forma que fez quando resgatou os israelitas do Egito (Êx 14). Em seguida, Isaías anuncia uma época de abundância na qual o povo engordará e não mais será escravo de outros (10:27).

#### 11:1—12:6 Renovação da linhagem de Davi

A intervenção do Senhor é representada como um machado derrubando as árvores altas da floresta (10:33-34), incluindo Assíria e Samaria. Judá também sofrerá destruição, mas *de Jessé sairá um rebento* (Jessé, pai de Davi; Rt 4:22; 1Sm 16:1), isto é, as raízes de Judá não morrerão. Antes, delas brotará um *renovo* que crescerá com vigor e produzirá um líder legítimo e digno da linhagem de Davi (11:1). Nesse contexto histórico, o “renovo” aqui representa o rei Ezequias, que demonstrou confiança em Deus durante a invasão dos assírios (37:1-20; 2Rs 19:1-19).

A descrição profética do reinado perfeito desse rei, contudo, deixa claro que não se trata de um governante humano. Esse renovo deve referir-se ao messias prometido. Para os cristãos, é bastante significativo que o original hebraico traduzido por “renovo” seja *netzer*, a mesma palavra que originou o adjetivo “Nazareno” (Mt 2:23).

Esse rei receberá o *Espírito do SENHOR*, sinal de que foi especialmente escolhido por Deus (11:2; cf. tb. 1Sm 10:6; Lc 3:21-22). Essa passagem apresenta três características de uma pessoa cheia do Espírito Santo: *sabedoria e entendimento* (Gn 41:39; Êx 31:2-3; 1Rs 3:12; Ec 2:26), *conselho e fortaleza* (Jz 15:14; Dn 5:14), e *conhecimento e temor do SENHOR* (Sl 111:10).

A presença do Espírito e especialmente o *temor do SENHOR* e a fidelidade a Deus resultarão em equidade e compromisso com a *justiça* (11:3-5). Esse rei não estará sujeito às deficiências do sistema judiciário que enfraquecem os regimes políticos, nem será distraído por aparências e rumores, mas *julgará com justiça os pobres*.

O profeta Oseias descreveu nitidamente um mundo no qual as pessoas não conhecem o Senhor (Os 4:1-6). No reino do messias, porém, a presença do Espírito e particularmente o *conhecimento do SENHOR* trarão paz (11:9). O “conhecimento” aqui referido é apresentado como sendo tão profundo quanto o mar, imagem que expressa a formidável intimidade do relacionamento com Deus.

Isaías utiliza outras imagens impressionantes para ilustrar a paz desse reino. Descreve predadores como lobos, leopardos, leões e ursos convivendo pacificamente com suas presas habituais, ovelhas, cabritos e bezerras. As crianças brincarão em segurança entre animais ferozes e cobras venenosas (11:6-8). Essa situação é tão idílica que muitos comentaristas a consideram símbolo da reconciliação que Cristo nos trouxe e do paraíso vindouro (Mc 1:13; Lc 2:14; Jo 20:19; Ap 21:1-4).

*Naquele dia* (cf. comentário em 4:2), Israel (por meio da *raiz de Jessé*; 11:10) voltará a ser refúgio e testemunho às nações. Mais uma vez, somos lembrados da época de Salomão, quando as pessoas empreendiam longas viagens a Jerusalém a fim de ouvir sua sabedoria (cf. comentários em 2:1-4). O rei será ponto de reunião (11:11-12) e mediador (11:13). Atrairá pessoas de todas as nações e por fim à feroz rivalidade entre as tribos de Efraim e Judá (11:14; Os 1:10-11). Se considerarmos essa profecia interpretável em mais de um nível, poderemos argumentar que ela está sendo cumprida pela igreja, na qual não deve haver distinção de raças, tribos e nações (Gl 3:28).

Um provérbio yombe (República Democrática do Congo) diz: *Tukula kumbusa mvilasananga* [“A união faz a força” ou “Dois valem mais que um”] (Ec 4:9-12). Restabelecer a união proporciona fronteiras seguras. Os tradicionais inimigos de Israel serão conquistados (11:14). Israel e Judá geralmente reconheciam a fidelidade a Deus como fonte de segurança (2Sm 7:18—8:18; 2Cr 17:3-11).

A memória tem papel importante na edificação da comunidade. Dessa forma, Isaías compara as futuras providências do Senhor para trazer de volta seu povo disperso com as antigas providências que ajudaram o povo a cruzar o mar Vermelho durante o êxodo (11:15-16; Êx 14:21-31). Assim como Moisés cantou de alegria após o milagre (Êx 15:1-18), também o povo cantará de alegria sobre os feitos do Senhor (12:1). Essa tradição de cânticos estava profundamente enraizada no coração do povo de Israel (Jz 5:1-31; 2Sm 6:14-15; Lc 1:46-55,67-69). É também bastante comum na cultura africana, que geralmente expressa seus sentimentos por meio de cantos e danças.

A canção de ação de graças serve a dois propósitos. Primeiro, demonstra fé em Deus como fonte de salvação (Jo 4:14; 1Co 10:4; Ap 7:17). Isaías utilizou o nome de seus filhos para transmitir uma mensagem (7:3; 8:3; 10:21), porém agora fala sobre o significado de seu próprio nome, “Isaías”, que significa: *Deus é a minha salvação* (12:2).

Em segundo lugar, a canção de ação de graças serve de testemunho. Em regiões áridas, a descoberta de uma fonte de água representa excelente notícia (12:3), fato que não deve ser egoisticamente ocultado. Por meio de suas canções, portanto, o povo torna conhecido *entre os povos* e *em toda a terra* o nome do Deus da salvação (12:4-6). A missão do povo de Deus é testemunhar às nações. Por meio de uma nova aliança e um novo povo, Jesus encorajou seus discípulos a ir a todas as nações (Mt 28:19-20; At 1:8; 9:15), conforme o exemplo que ele mesmo deixou ao descer à terra para viver entre suas criaturas (Jo 1:10-12; Fp 2:5-8).

Terminada a canção, o profeta passa a falar verdadeiramente às nações.

### 13:1—14:23 Profecia contra a Babilônia

O livro inicia uma nova seção a partir da repetição da informação registrada em 1:1, exceto pelo fato de que desta vez a profecia não se refere exclusivamente ao destino de Judá e Efraim, mas ao destino do mundo conhecido naquela época. O estilo formal da introdução dessa seção salienta a seriedade de seu conteúdo.

Os contemporâneos de Isaías talvez se tenham surpreendido com uma profecia *contra a Babilônia* (13:1), pois naqueles dias era a Assíria, e não a Babilônia, que representava ameaça direta a Israel (39:1-9; 2Rs 20:12-19). Contudo, foi revelado ao profeta que a Babilônia se tornaria uma nação tão poderosa e arrogante quanto haviam sido os assírios (13:11b). Além disso, ele também previu que o povo de Israel seria deportado, mas o Senhor teria compaixão dele e o traria de volta a “sua própria terra” (14:1-2).

Deus está ajuntando um exército invasor diante dos portões da Babilônia (13:2). Esse exército vem *de um país remoto* (13:5), e seus componentes são chamados por Deus de *meus consagrados* (13:3). Isso não quer dizer que esses soldados fossem pessoas idôneas; antes, significa que o exército foi separado como instrumento para executar a vontade santa de Deus. Mais adiante, Isaías identifica os medos como responsáveis pela queda do Império Babilônio (13:17; Dn 5:25-31).

O Senhor se coloca como o general desse exército chamado para executar a sua ira (13:3-4). *Já se ouve [...] o ruído como o de muito povo, o clamor de reinos e de nações já congregados* (13:3-4). O povo da Babilônia ficará aterrorizado antes mesmo de a guerra começar (13:6b-8).

Infelizmente, o povo africano está bastante familiarizado com esse tipo de terror causado por rebeldes e ditadores que utilizam milícias contra alvos civis. Contudo, ao contrário desses, Deus não oprime o fraco a fim de consolidar seu poder. Antes, executa justiça a fim de punir o arrogante e o perverso (13:11a). Aqui Deus está fazendo o papel de vingador do sangue (Gn 9:5; Nm 35:16-19).

Isaías volta a falar sobre o *Dia do SENHOR* (cf. comentários em 4:2), e, mais uma vez, trata-se de um dia terrível contra os culpados (13:6a,9,13), porém um dia de alegria para o povo de Deus (14:1).

O cessar da luz dos corpos celestes representa um ataque direto ao orgulho político, religioso e científico da Babilônia, conhecida por sua ciência e adoração às estrelas (Dn 2:27-28; 4:3-6). O Senhor demonstra que é soberano sobre sua criação, o único capaz de controlar e destruir se assim decidir (13:10-11).

Isaías adverte os babilônios sobre as calamidades que acompanham as guerras. Primeiro, repete o principal ponto de 4:1: a guerra sempre destrói mais homens que mulheres e crianças, de modo que os homens se tornam mais escassos *do que o ouro puro* (13:12). Dispersão, assassinatos e estupros são outras mazelas ligadas à guerra (13:14-15,16b).

Os medos, conquistadores da Babilônia, não farão caso de prata, tampouco desejarão ouro (13:17). Consequentemente, não poderão ser corrompidos ou persuadidos com subornos para interromper o ataque. Que tremendo contraste com a cobiça dos babilônios pela riqueza dos palácios e do templo em Jerusalém! (39:1-6; 2Rs 20:13; 25:13-17; Dn 5:1-4). Além disso, os medos são impiedosos, até mesmo com as crianças (13:16a,18).

A cidade da Babilônia era chamada de *joia dos reinos* por causa de sua magnífica arquitetura, incluindo os jardins suspensos, uma das sete maravilhas do mundo antigo (13:19; Dn 4:28). Contudo, essa beleza arquitetônica não tem nenhum valor diante do Senhor. Deus destruirá a Babilônia da mesma forma que destruiu Sodoma e Gomorra, cidades sem apelo cultural ou arquitetônico (1:9-10; Gn 19:1-29). Assim como a antiga Jericó (Js 6:26), a Babilônia será abandonada, e ninguém jamais voltará a habitá-la (13:20-22).

A razão para a queda da Babilônia se deve à compaixão de Deus por Israel. O Senhor ficou comovido com o arrependimento da geração exilada (Sl 103:13-14; Lm 3:22-23). A frase *E ainda elegerá a Israel* (14:1a) refere-se à primeira aliança entre Deus e seu povo (Dt 7:7-8). Também introduz a ideia de uma nova aliança que veio a ser proclamada por Jeremias e cumpriu-se totalmente em Jesus Cristo (Jr 31:31-34; Mt 26:27-28; Jo 4:22-24; Hb 8:8-13). Essa nova aliança incluirá estrangeiros que *se achegarão à casa de Jacó* (14:1b). Os antigos opressores tornar-se-ão servos de Israel (14:2).

Por motivo de sobrevivência étnica, os judeus que retornaram do exílio não receberam estrangeiros; pelo contrário, foram expulsos (Ed 10:10-12; Ne 13:23-31). Contudo, os estrangeiros finalmente vieram a fazer parte da aliança por meio da obra de Jesus Cristo (Rm 1:14-17; 3:21-31; Ef 2:11-18).

É muito importante lembrarmos o que Deus fez por seu povo. O melhor momento para isso geralmente ocorre durante o descanso (uma das razões para Deus ter instituído o sábado; Dt 5:15). Quando entrar no descanso de Deus após a libertação do cativeiro na Babilônia, o povo deverá lembrar que o Senhor o resgatou da tirania. É por isso que proferirá *este motejo contra o rei da Babilônia* (14:3-4a).

O fim dessas *angústias e dura servidão* [é caracterizado por exclamações de surpresa e alegria: *Como cessou o opressor! Como acabou a tirania!* (14:4b,12). Geralmente essas expressões significam sinal de tristeza (2Sm 1:25,27; Lm 1:1), porém ninguém chora a queda de quem oprimiu *toda a terra* (14:7). O opressor, inflado com poder e sucesso, talvez nunca tenha imaginado que pudesse acabar dessa maneira. O Senhor, porém, pode quebrar aqueles que *dominavam as nações* (14:5-6). Somente o reino de Deus é eterno (35:10), reino que se manifesta na terra por meio da igreja (Mt 16:17-19; Jo 18:33-37) e será caracterizado por *descanso* das *angústias* (14:3), sossego (30:15) e alegria (12:1-6), todos sinalizando a intervenção e a presença de Deus. A igreja africana deve personificar esses três benefícios em nossos países quase sempre atormentados.

Para descrever o fim da tirania, Isaías retorna à imagem do lenhador na floresta utilizada em 10:33 e também empregada em Daniel 4:4-27. Os *ciprestes* e os *cedros* (14:8) simbolizam os reis que outrora sofreram sob o machado da Babilônia. Mais uma vez, o instrumento de Deus, depois de cumprido seu propósito, é posto de lado (10:15).

Cultivar a lembrança de nossos ancestrais é parte importante de nossa vida espiritual (cf. comentários em 8:19-21; Hb 11:4—12:1), mas não é o caso lembrarmos dos tiranos que sobreviveram por meio da eliminação de seus opositores. A morte é considerada lucro para o cristão (Fp 1:21), mas não para o tirano. Quando este entra no reino dos mortos, suas vítimas se alegram com sua queda. Saúdam-no e julgam-no da mesma forma que aldeias africanas julgam alguém que se considera muito importante para unir-se a eles (14:9-10). O tirano é um homem mortal como qualquer outra pessoa (14:11). Por essa razão, não devemos confiar nos tiranos nem temê-los (2:22; 7:4-5; Sl 103:13-16; Mt 10:28).

Alguns comentaristas argumentam que Isaías interrompe a profecia sobre a queda da Babilônia terrena e passa a descrever em 14:12-15 a queda de Satanás. A fim de sustentar esse ponto de vista, relacionam a expressão *estrela da manhã* (“Lúcifer”, uma referência a Satanás em latim; 14:12) com o comentário de Paulo afirmando que Satanás pode disfarçar-se de “anjo de luz” (2Co 11:14) e também com as palavras de Jesus narrando a expulsão de Satanás do céu (Lc 10:18). Contudo, é preciso apontar que “estrela” não é necessariamente um símbolo do demônio, uma vez que a mesma imagem é utilizada para o messias judeu (Nm 24:17), para os crentes judeus (Dn 12:3) e para Cristo (Lc 1:78-79; 2Pe 1:19). Além disso, os cristãos são chamados para alumiar (Mt 5:14-16; Fp 2:15).

Parece mais provável que Isaías esteja falando sobre a Babilônia. Os babilônios adoravam corpos celestes (cf. 13:10) e depositavam muita fé nos astrólogos (Dn 4:3-7). Esse homem, ao exaltar-se *acima das estrelas de Deus*, imagina-se como um dos deuses de seu panteão, talvez até superior a eles, e exclama: *Exaltarei o meu trono e no mon-*

*te da congregação me assentarei* (14:13). Entretanto, não existe ninguém *semelhante ao Altíssimo* (14:14). Imaginar que alguém pode ser igual a Deus é o exemplo máximo de orgulho e loucura idólatra.

A fim de tornar evidente a estupidez de tal pensamento, Isaías fala novamente dos mortos recebendo aquele novo morador que se considerava Deus e parecia invencível (14:16-17; cf. 14:9-10). Se esses mortos conhecessem a música do compositor congolês Luambo Makiadi Franco, talvez o tivessem recebido com a expressão: *Ba botoli ye tonga* [“A agulha do poder foi-lhe retirada”].

Esse rei nem sequer receberá sepultura digna de sua posição (14:18-20a), destino comum dos reis pérfidos (cf., p. ex., 2Cr 28:27). Sua perversidade causou a destruição do país e de seus habitantes, que poderiam ter pranteado sua morte. Isaías teria concordado com o escritor malinês Moussa Konate: “Desde que você chegou ao poder, nada mais funciona. Você nos enganou com palavras doces [...] nos trouxe a noite”. Líderes que trabalham apenas em favor de seus próprios interesses e prejudicam seus liderados terão um fim trágico.

Os pecados dos babilônios alcançarão seus filhos. Isso pode parecer uma contradição do princípio de responsabilidade individual anunciado por Jeremias e Ezequiel (Jr 31:29-30; Ez 18:1-3). Aqui, contudo, Deus tem um objetivo claro: exterminar de uma vez por todas o espírito conquistador dos babilônios (14:20b-22). Os filhos herdaram consequências boas e ruins do comportamento de seus pais. É nesse sentido que nos ensina o sábio: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34).

Deus decidiu exterminar a Babilônia: *Varrê-la-ei com a vassoura da destruição* (14:23; cf. tb. 13:20-22). A natureza oficial e irrevogável dessa sentença é salientada por meio da repetição da frase: *diz o SENHOR dos Exércitos* (14:22-23).

#### 14:24-27 Profecia contra a Assíria

A profecia contra a Assíria é mais curta que a proferida contra a Babilônia, possivelmente porque Isaías já havia tratado anteriormente da queda da Assíria (14:24; 10:5-34). O profeta volta a utilizar a imagem do *jugo* quebrado para simbolizar o livramento da opressão (14:25; 10:27). Essa profecia foi cumprida durante o reinado de Ezequias (37:36-38).

A principal ênfase dessa passagem está na insistência do firme propósito de Deus. As palavras do Senhor dizem respeito a *toda a terra e todas as nações* (14:26). Ninguém frustrará seus planos (14:27), e suas decisões são definitivas (Pv 16:1-2). Por causa disso, e porque sabemos que Deus cumprirá suas promessas, confiamos em sua aliança conosco. A fidelidade de Deus garante que sua palavra sempre será cumprida (cf. Mt 5:17-18).

#### 14:28-32 Profecia contra os filisteus

O rei Acaz guerreava com os filisteus, povo que conseguiu invadir Judá algumas vezes (2Cr 28:18). Os filisteus

alegrar-se-iam com a morte de seu inimigo (14:28), porém Isaías os adverte de que o próximo rei Ezequias, “rebento” do “tronco” (11:1), será mais forte que Acáz e dominará completamente os filisteus (2Rs 18:8). Pode parecer estranho Isaías utilizar a imagem da *serpente* para representar a linhagem de Judá (14:29), pois a cultura cristã considera a serpente uma representação do mal, conforme a narração da queda (Gn 3:1-16). Contudo, a Bíblia também representa a serpente como símbolo da salvação (Nm 21:6-8; Jo 3:14-15).

Devemos ter cuidado para não transformar símbolos ou animais em ídolos. Ezequias estava ciente desse perigo quando destruiu a serpente que Moisés havia esculpido, porque ela se havia transformado em objeto de culto (2Rs 18:4). Às vezes, a tradição africana contribui para isso quando permite ao povo transformar certos animais em totens e utilizar suas características com o objetivo de controlar os outros. Nesse sentido, Jonas Savimbi, em Angola, era conhecido como “o galo que voa”, e o presidente Mobutu, no Zaire (hoje República Democrática do Congo), como *nkoyi mobali* [“homem-leopardo”].

Os *primogênitos dos pobres* e os *necessitados* são o povo de Judá. Quando a paz for restaurada, os jovens de Judá não precisarão servir no exército e poderão dedicar-se, agora livres de perigos, à criação de rebanhos (14:30a). Mas, os filisteus, pelo contrário, passarão fome e morrerão (14:30b). Nenhum filisteu escapará, quer líderes que se reuniam à *porta* da cidade em tempos de paz (Gn 19:1; Rt 4:1-2; Jó 29:7-25), quer o povo da *cidade*. Os assírios virão *do Norte* e destruirão os filisteus (14:31).

Isaías então encoraja Judá a não compor alianças com os filisteus quando os assírios invadirem. Os *mensageiros* filisteus devem ser informados de que Judá está mais segura confiando no Senhor do que fazendo alianças com nações pagãs (14:32).

### 15:1—16:14 Profecia contra Moabe

A repetição da expressão *numa noite* em 15:1 indica que as duas cidades principais dos moabitas (Ar e Quir) sofrerão o mesmo destino: rápida destruição. O povo moabita será humilhado e lamentará, conforme a descrição de sua aparência física e choro (15:2-4a; Gn 37:33-34). A desgraça súbita deixará o exército amedrontado, e o povo fugirá (15:4b, 5b).

O secar das águas e das plantas (15:6-7) lembra a descrição no livro de Salmos quanto ao destino dos perversos e a futilidade da vida humana (Sl 37:2; 103:15). Entretanto, a imagem pode representar uma descrição literal do desastre ambiental que sucederá à invasão.

As *águas de Ninrim desaparecem*, e as *águas de Dimom estão cheias de sangue* (15:6, 9a). O sangue é resultado do massacre, mas também chama a atenção dos israelitas para a intervenção divina em Êxodo 7:17. É possível que Dimom seja o mesmo lugar referido como *Dibom* em 15:2.

Isaías talvez esteja propondo um trocadilho entre o nome do lugar e a raiz hebraica *dam*, que significa sangue.

A última desgraça a sobrevir a Moabe serão os *leões*, que provavelmente representam Judá (15:9b; Gn 49:9). Isso explicaria o envio de *cordeiros* (alimento para os leões) como tributo à *filha de Sião* (16:1). Todavia, a oferta de cordeiros também simboliza a necessidade de salvação (53:6-7; cf. Lv 9:3; Jo 1:29).

Enquanto a “filha de Sião” parece confiante, as *filhas de Moabe* (semelhantemente às mães africanas, que são símbolos de vida, identidade, segurança e carinho) parecem um *pássaro espantado, lançado fora do ninho* (16:2; cf. tb. Pv 27:8), agora à mercê dos homens.

Por meio de Isaías, Deus sente compaixão dos moabitas devido à desgraça que lhes sobrevirá: *O meu coração clama por causa de Moabe* (15:5a; 16:11). O Senhor pede ao rei de Judá que acolha os refugiados de Moabe (16:3-4). Falando sobre o *tabernáculo de Davi* (16:5), Deus pode estar lembrando ao rei que o avô de Davi era filho de uma refugiada moabita (Rt 1:16; 4:13, 17). Esse pedido de acolhimento nos lembra que o povo judeu encarava a hospitalidade como dever sagrado (Gn 18:1-5; Êx 22:21-23; 23:9; Mt 11:28; Lc 24:28-29). Os cristãos africanos também devem acolher os estrangeiros, pois, além de ser parte de nossa tradição, a prática da hospitalidade é fortemente recomendada pelo apóstolo Paulo (Hb 13:1-3).

O Senhor considera mesmo os moabitas, a quem descreve como *meus desterrados* (16:4a, RC). Independentemente do estado emocional das pessoas, o Senhor permanece um pai compassivo (Sl 68:6; Lc 15:11-32). Deus comunica ao rei que não há razão para temer os moabitas desterrados, pois o *homem violento* que os castigava não existe mais (16:4b). Provavelmente Deus se refere ao exército assírio, que será destruído diante dos portões de Jerusalém (10:5-34).

O rei deveria mostrar evidências de sua bondade e não procurar vingança, como fez Lameque contra seus inimigos (Gn 4:23-24). Deus exorta-o a obedecer a princípios morais, e não a princípios maquiavélicos de derramamento de sangue como forma de consolidar seu trono aos olhos do povo. É obedecendo a Deus que o rei será abençoado, de modo que o Senhor o *firmará* e o tornará como Salomão, alguém que *julgue, busque o juízo e não tarde em fazer justiça* (16:5).

Moabe, porém, não deve alimentar esperanças de que escapará do julgamento. Há uma lição para aprendermos aqui: foi a *soberba de Moabe* que causou sua queda (16:6-7). O rei de Judá deve observar os motivos do julgamento vindouro sobre os moabitas e precaver-se. O orgulho conduz à queda (Dn 4; 1Pe 5:5-6), e tem sido assim com muitos governantes, particularmente na África, onde líderes facilmente incorrem em megalomania.

Entretanto, apesar dos pecados de Moabe, o Senhor não rejeitou a nação. Talvez Deus tenha se lembrado da oração de Abraão por seu sobrinho Ló (Gn 18:20-33), ancestral dos moabitas (19:15-38), ou talvez tenha se lembrado de

Rute, a moabita, bisavó de Davi (Rt 4:13-17). Seja como for, esse povo, assim como Judá, teve direito a uma canção semelhante à da vinha (16:8-10; cf. 5:1-7). Mais uma vez, o texto fala sobre o pranto do viticultor pelos maus frutos que sua vinha produziu. Todavia, todas as lágrimas e orações foram em vão, pois Moabe insistiu em permanecer idólatra (16:12).

Apesar de sentir afeição e tristeza pelo sofrimento dos moabitas, o Senhor decidiu puni-los. No entanto, como sinal adicional de sua consideração, concedeu-lhes uma data exata para o cumprimento dessa profecia. Os moabitas que prestassem atenção à mensagem do profeta de Deus teriam tempo para escapar da desgraça vindoura. Os *três anos* contados *como os de jornalheiros* representam uma intimação jurídica, não se referindo a um período aproximado ou simbólico, mas medido conforme o calendário humano (16:14a).

Haverá sobreviventes em Moabe, mas esse *restante será pouco, pequeno e débil* (16:14b). Em contraste, o remanescente de Israel se tornará forte (14:1-2,30; 15:9). O destino desses dois povos está ligado à lógica bíblica: os fiéis a Deus desfrutam as bênçãos do Senhor e se fortalecem (Gn 1:28; 17:1-2; At 2:47).

### 17:1-14 Profecia contra Damasco e Efraim

Isaías volta a falar sobre a aliança vergonhosa entre o Reino do Norte (*Efraim*) e a Síria (*Damasco*) e sobre a destruição dessas duas nações pelos assírios (cf. comentários em 7:1-25). Ambas sofrerão o mesmo destino (17:1-3).

Contudo, o profeta se concentra no futuro de Efraim. Ainda que o Reino do Norte tenha se tornado igual às nações idólatras estrangeiras, continuam descendentes de Jacó (17:4). O uso do nome de Jacó, porém, chama a atenção para o caráter ambivalente do ancestral de Israel: ele roubou a primogenitura (Gn 25:29-34) e a bênção (Gn 27:1-40) de seu irmão, Esaú, além de ter enganado seu sogro, Labão (Gn 30:25-43). Apesar disso tudo, Deus foi gracioso com Jacó (cf. tb. Os 12:3-8,13-14).

Precisamos olhar nossos ancestrais com a mesma honestidade e reconhecer suas fraquezas intelectuais, espirituais e talvez até defeitos morais, ao mesmo tempo que cultivamos profundo respeito por eles.

Assim como ocorrerá em Moabe (16:14), somente uns poucos sobreviverão em Efraim. Isaías comunica essa mensagem ao povo por meio de três ilustrações (17:5-6) retiradas do cotidiano. O profeta falava com seus contemporâneos assim como Jesus falava com o povo por meio de parábolas (cf. Mt 20:1-16).

Os moabitas buscarão ajuda com os ídolos durante a calamidade (16:12), mas, quando a desgraça atingir o remanescente de Israel, estes abandonarão seus ídolos e correrão *para o seu Criador [...] para o Santo de Israel*, aquele que não tolera impureza (17:7-8; Êx 33:20; 2Sm 6:6-7; Ap 4:8). O sofrimento traz lições que podem fazer indivíduos e até mesmo nações inteiras voltarem ao caminho certo.

As *cidades fortes*, orgulho do Reino do Norte (9:9-10), ficarão abandonadas (17:9). Essas fortalezas foram construídas sem levar em consideração a verdadeira fonte de proteção: *Deus da tua salvação [...] Rocha da tua fortaleza* (17:10a). Conforme ensinam claramente a lei e os salmos, aqueles que esquecem o Senhor (51:13; Dt 8:11; 32:15; Ez 22:12) e não depositam nele sua confiança (26:1-4; Sl 18:3,32) estão fadados ao desastre. Os cristãos também precisam tomar cuidado com isso e lembrarem de incluir Deus em seus planos; conforme diz o dito popular: “O homem põe, e Deus dispõe” (cf. tb. Pv 16:9; Tg 4:13-16).

Isaías volta à ilustração do campo, quando fala de Israel trazendo *mudas de fora* para demonstrar a inutilidade de confiar nas nações pagãs e seus ídolos (17:10b-11). Israel não soube precaver-se do joio e, portanto, não colherá aquilo que esperava (Mt 13:24-30). Apesar disso, os israelitas não devem temer as nações estrangeiras que *bramam e rugem*, pois Deus pode afugentá-las facilmente como pó levado pelo vento (17:12-14; cf. tb. Sl 1:4).

### 18:1-7 Profecia contra a Etiópia

A Etiópia referida aqui (às vezes, chamada de Cuxe) não corresponde à moderna Etiópia. Naquela época, cobria uma área muito maior, abrangendo desde a bacia do Congo até o Egito; algumas vezes, esteve sob domínio de Cuxe. Pode-se dizer sem exagero, portanto, que Isaías está referindo-se a toda a África negra, profetizando que o futuro da Etiópia será semelhante ao futuro do povo de Deus.

Isaías inicia mostrando um quadro impressionante da Etiópia daquela época, descrevendo por duas vezes seu meio ambiente, características físicas, povo e poder econômico e militar (18:1-3,7; cf. tb. 2Cr 14:9). Que contraste entre o poder econômico e militar daquela época com a África de hoje! Mesmo assim, embora haja boas razões para nos entristecermos com a devastação causada pelo imperialismo, precisamos lembrar que não foram apenas os brancos que praticaram a opressão. As palavras de Isaías mostram que negros altos e musculosos foram opressores muitos séculos atrás. Precisamos trabalhar para construir aquela África que existia no passado, porém sem utilizar as mesmas táticas.

O Senhor não se impressiona com poder humano; antes, permanece calmo e impassível (18:4). No devido tempo, Deus *podará* o Império Etíope tão facilmente quanto o viticultor poda sua vinha (18:5). Os etíopes perderão sua soberania e serão oprimidos e explorados por outros povos, exatamente como ocorre na África atualmente (18:6).

Entretanto, a Etiópia não está acabada, e a segunda referência é ainda mais importante que a primeira: assim como os israelitas (17:7), a África retornará a Deus (cf. comentários em 4:2), e sua glória passada será restaurada (18:7). Que mensagem de esperança para nosso continente!



### 19:1-25 Profecia contra o Egito

O Senhor retornará ao Egito de modo semelhante ao que ocorreu no êxodo, quando ele guiou e protegeu seu povo por meio de uma coluna de nuvem. Desta vez, Deus retornará numa *nuvem ligeira* (19:1; Êx 13:21-22), situação que provocará más lembranças daquele episódio aos egípcios, de modo que o coração *se derreterá dentro deles*. Os ídolos egípcios continuam tão impotentes como na confrontação entre Moisés e os magos de Faraó (Êx 8:16-19) e por isso *estremecerão* diante do Deus verdadeiro. A diferença entre o encontro anterior e este é que no primeiro Deus falou por meio de Moisés e Arão; agora, o Senhor falará diretamente.

O primeiro passo da estratégia militar divina é destruir a união do Egito (cf. Mc 3:24) por meio de uma guerra civil (19:2). Isso os deixará enfraquecidos e sem saber o que fazer, uma vez que Deus anulará o seu *conselho* (19:3). Em vez de voltarem para Deus, recorrerão a seus ídolos e práticas ocultas. Africanos sensatos que habitam Madagascar, Congo ou Costa do Marfim sabem que essas coisas são inúteis e não têm poder para apaziguar guerras civis. Deus é o único capaz de unir os africanos (18:7).

Fracos e divididos, os egípcios não terão forças para resistir à invasão do feroz rei dos assírios, instrumento da ira de Deus (19:4; 10:5-6; 20:1-4).

Depois disso, o Senhor atacará o coração do Egito, o Nilo, fazendo-o secar (19:5-6). Toda a economia egípcia dependia desse rio, que era adorado como um deus. A seca, porém, destruirá a produção de fazendeiros (19:7), pescadores (19:8) e tecelões (19:9) que dependiam do rio, gerando uma crise econômica que deixará sem salário os trabalhadores e sem lucro os negociantes (19:10).

Deus repreende os conselheiros de Faraó por não perceberem que esses desastres são obras do Senhor (19:11-12). O Senhor emprega palavras semelhantes àquelas utilizadas para denunciar os líderes de Efraim por desviarem o povo (19:13,15; cf. 9:13-15). Desta vez, porém, o Senhor os empurra para a perversidade, embebedando-os com insensatez (19:14). Deus pode interferir nos recônditos da personalidade humana a fim de orientar os homens com sabedoria (Gn 28:10-22) ou induzir à iniquidade a índole daqueles que endureceram o coração contra Deus (Êx 4:21; 1Rs 12:15-16; 22:15-23).

Esse julgamento, contudo, não se refere ao dia do juízo final. Após pregar sobre a situação geopolítica de sua época, Isaías prossegue falando sobre “aquele dia” futuro em que Deus mostrará sua graça ao Egito (19:16,18-19,23-24; cf. comentários sobre 4:2).

A declaração *os egípcios serão como mulheres; tremerão e temerão* não se refere a detalhes adicionais sobre o julgamento, como parece ser o caso a princípio (19:16). Antes, diz respeito ao primeiro passo da restauração, pois “O temor do SENHOR é o princípio do saber” (Pv 1:7). Precisamos admitir que as mulheres geralmente são mais sábias que os homens nesse aspecto.

Esse temor do Senhor desenvolve-se em temor e submissão de Judá, símbolo da presença de Deus (19:17). A fim de demonstrar a extensão da restauração, Isaías emprega a ilustração de uma conquista militar, em decorrência da qual o povo conquistado adota a linguagem de seus conquistadores e estes constroem um monumento para comemorar sua vitória (19:18-19). Essa conquista, contudo, não significa opressão, pois o Senhor *lhes enviará um salvador e defensor* (19:20).

O uso do termo “conhecer” em *O SENHOR se dará a conhecer ao Egito, e os egípcios conhecerão o SENHOR* (19:21a) é bastante significativo, pois o verbo hebraico “conhecer” era algumas vezes empregado para se referir ao relacionamento sexual entre homem e mulher (“coabitou”, Gn 4:1). Logo, Isaías pode estar sugerindo que os egípcios se casarão com o Senhor. Mais tarde, Paulo utilizou essa mesma imagem para descrever o relacionamento entre Jesus Cristo e a igreja (2Co 11:2). O casamento implica reciprocidade, pois cada cônjuge contribuiu para o relacionamento. Nesse caso, os egípcios trarão sacrifícios e farão votos sinceros (19:21b), e o Senhor os curará (19:22).

A reconciliação vertical com Deus leva à reconciliação horizontal com os homens (19:23-24). O Senhor confirma essa profecia ao declarar publicamente que adotará o Egito, chamando-o de *meu povo*, mesma expressão utilizada para se referir a Israel (Os 11:1-3). Naquele dia, Deus não verá mais a Assíria como simples instrumento (10:5-6), mas a chama de *obra de minhas mãos* (19:25).

### 20:1-6 A queda da Etiópia e do Egito

Após profetizar o retorno do povo etíope para Deus e sua restauração (18:7), além de falar sobre a graça de Deus demonstrada para com o Egito e a reconciliação com a Assíria (19:21-25), Isaías retorna à realidade da situação presente. Ele usa o ataque dos assírios contra *Asdode*, cidade filisteia aliada ao Egito (20:1), como oportunidade para anunciar a iminente vitória da Assíria sobre o Egito e a Etiópia, assim como a sucessiva deportação desses dois países (20:4).

Cumprindo ordens de Deus, Isaías comunica essa mensagem por meio de uma encenação: ele se despe de sua roupa de profeta e anda descalço como se fosse um prisioneiro (20:2; cf. 8:1-4), semelhantemente àqueles que serão deportados e humilhados (20:2-3). Isaías não agiu como alguns na África que afirmam ser profetas e utilizam esse prestígio para acumular riquezas com pouco esforço. A realidade da vida de profeta é muito diferente. Deus pediu a seu *servo* Isaías que participasse do sofrimento de seus contemporâneos (20:3), assim como pediu a Oseias e Ezequiel que participassem do sofrimento do Senhor (Os 1:2-3; Ez 24:16-24). Todavia, o exemplo supremo de serviço a Deus ocorreu na pessoa de Cristo, ao identificar-se com seu povo e sofrer por ele (Jo 1:29).

Aqueles que prestassem atenção à humilhação de Isaías perceberiam que não fazia sentido confiar em nações estrangeiras para obter proteção (20:5-6).

### 21:1-10 A queda da Babilônia

A Assíria localizava-se no norte da Mesopotâmia, e a Babilônia situava-se no sul. Apesar de a cidade ficar longe do mar (golfo Pérsico), toda a região era considerada *deserto do mar* (21:1a). Isaías havia predito a destruição da Babilônia (13:1—14:23) e aqui repete resumidamente os crimes de que ela é acusada: crueldade e idolatria (21:2a,9b). Isaías volta a anunciar o inevitável avanço dos medos e persas, com seus exércitos bem equipados, organizados e indomáveis tais quais *tufões* (21:1b,2b,7,9a).

Essa seção, semelhantemente à anterior (20:1-6), esclarece melhor o papel do profeta: representar o sofrimento de Deus com aquela situação (21:3-4). Isaías não se alegra com a violência vindoura; apenas obedece ao chamado de Deus. Na verdade, a ordem *Vai* (21:6a) lembra o chamado de Isaías em 6:9, quando Deus o enviou a proclamar sua mensagem de salvação e julgamento. Deus deu a mesma ordem a Abraão (Gn 12:1), Balaão (Nm 22:20), Oseias (Os 1:2) e Jonas (Jn 1:2; 3:2). Essa ordem tinha de ser obedecida, mesmo que a soberania de Deus trouxesse sofrimento, pois as consequências da desobediência seriam muito mais terríveis.

Essa seção apresenta Isaías como *atalaia*, isto é, guarda, vigia (21:6b; Ez 3:17). É uma ocupação bastante cansativa, pois requer vigilância constante a fim de observar o que se passa ao redor (21:8; cf. tb. 20:1-6). Como representante de Deus, Isaías concentrou-se em apenas duas coisas: considerar as palavras de Deus, tanto aquelas transmitidas no passado como as do presente (21:10; 8:20; Dt 27—28), e entender como os acontecimentos e comportamento de seu tempo se relacionavam com essas mensagens de Deus. O foco de Isaías na palavra de Deus poderia surpreender seus leitores (Mc 6:2-6; Jo 7:45-46), e, como resultado, o profeta se tornou amado pelos oprimidos (Mc 6:30-34) e odiado pelos opressores (1Rs 18:1—19:18; Mc 6:14-29).

### 21:11-17 Profecia contra Edom e Arábia

Depois desse adendo falando sobre o papel do profeta, Isaías volta a tratar das nações estrangeiras. Essa profecia é introduzida como *sentença contra Dumá* (21:11a). Há dúvidas sobre a localização de Dumá ou se o termo se refere apenas a um trocadilho com a semelhança das palavras “silêncio” e “Edom”, no original. Contudo, *Seir* é facilmente identificável e indica que essa profecia se refere aos edomitas, povo descendente de Esaú (Gn 32:3). Os edomitas também são mencionados no livro do profeta Obadias.

De acordo com o texto, os edomitas perguntam a Isaías, atalaia de Deus (21:6), quando essas desgraças (*a noite*) acontecerão (21:11b). O infortúnio previsto pode referir-se à invasão dos assírios (8:1—10:34). O profeta responde que *vem a manhã, e também a noite*. Para desfrutar o dia, contudo, os edomitas precisam voltar (*voltai, vinde*) para Deus; isto é, precisam converter-se (21:12; 37:15-38). Não há outra forma de escapar da *noite* (cf. 38:16).

A profecia contra Edom vem acompanhada de uma profecia contra a Arábia (21:13-17). A menção dos *dedanitas*, a *Tema* e a *Quedar* (21:13,14,16) refere-se claramente às tribos que viviam naquela região (Gn 25:3,13,15). Essa mensagem é semelhante àquela profetizada contra Moabe (21:16-17; 15:1—16:14). Mais uma vez, outra referência a *um ano, tal como o de jornaleiro*, implica exatidão técnica no decurso do julgamento divino, porém permite ao leitor atento preparar-se para o que sucederá. Os arábios também recebem confirmação de que um pequeno grupo sobreviverá, sinal implícito de decadência, mas também sinal da misericórdia de Deus (cf. 16:13-14).

### 22:1-25 Profecia contra Jerusalém

Judá aparece no mesmo nível de julgamento das outras nações profetizadas por Isaías. Nessa profecia contra Jerusalém, porém, Isaías refere-se à cidade como *o vale da Visão* (22:1a). Isso traz certa confusão porque Jerusalém na verdade se situa numa colina e tem sido descrita repetidas vezes na Bíblia como um monte (p. ex., 2:3). Talvez Isaías esteja dizendo que, em sua condenação da cidade, ela não se encontra no topo de uma montanha de onde poderia avistar tudo ao redor, mas num vale, onde a “visão” (a cidade orgulhosa) não percebe o perigo que se aproxima. Outra interpretação é que Isaías tem em mente os vales que circundam a colina onde Jerusalém está situada.

Outras nações enfrentam desgraças, porém Jerusalém descansa e se regozija. Deus questiona esse comportamento com ironia, sabendo que a confiança deles será envergonhada (22:1b-2a). Quando a cidade estiver cercada, seus príncipes fugirão da batalha, como de fato ocorreu quando os babilônios cercaram Jerusalém (22:2b-3; 2Rs 25:4).

O texto contrasta a celebração do povo com a tristeza de Deus, que já lamenta a *ruína da filha do meu povo* (22:4b). O livro de Jeremias apresenta lamento semelhante por Jerusalém (Jr 8:19-23). Deus considera os habitantes de Judá como seus “filhos” (1:2) e tem afeto especial por Jerusalém, a qual chama de “filha”.

A tristeza de Deus é tão grande que ele prefere isolar-se a fim de lamentar (22:4a). É uma atitude surpreendente, pois na cultura judaica daquela época, assim como na cultura africana atual, a perda de um ente querido é lamentada junto com toda a comunidade.

Apesar do carinho e da tristeza que sente por seu povo, o Senhor precisa agir a fim de punir o pecado deles (22:5,14). O povo retornará a Deus somente quando os muros de Jerusalém estiverem derribados (2Rs 25:10). O *clamor que vai até aos montes* (22:5) lembra o salmo 121 e sua insistência de que Deus é o nosso único socorro. O povo, porém, esqueceu-se disso e, quando ocorreu a invasão vinda da Mesopotâmia, referida aqui como *Elão* (22:6-8a), preferiu confiar em sua própria força (22:8b). Correram para a *Casa do Bosque*, o local onde ficavam guardadas as armas dentro do palácio do rei (1Rs 7:2; 10:16-17). Eles

havam esquecido que não poderiam vencer por meio da força e do poder (Zc 4:6).

O povo confiava não apenas em suas próprias armas, mas também em seus muros e reservatórios de água (22:9-11a). Eles estavam inclusive dispostos a destruir casas a fim de preservá-los. Deus descartou essas precauções humanas, pois *há muito* seu plano soberano de destruição estava pronto (22:11b). O Senhor observou precauções semelhantes implementadas pelo povo de Samaria (9:8-10).

Deus vinha lamentando sozinho a destruição da cidade, porém agora convocou o povo para fazer o mesmo e arrepende-se de seus pecados (22:12). Mas os habitantes de Jerusalém permaneceram despreocupados e continuaram festejando (22:13; cf. 22:2). Como não pode haver perdão sem arrependimento, o Senhor perseverou em seu plano contra Jerusalém (22:14).

Dois oficiais de alto escalão a serviço do rei Ezequias (36:11,22) são tomados como exemplo das atitudes que Isaías vem denunciando e do comportamento aprovado por Deus. O primeiro é *Sebna*, homem que procura apenas seus próprios interesses e cujo poder e prestígio são demonstrados pela construção de uma magnífica sepultura e pelo acúmulo de riquezas (22:15-16,18b). (Nisto seu comportamento se assemelha ao daqueles que hoje desfilam com seus carros luxuosos.) Percebe-se claramente que Sebna não está preocupado com o bem-estar do povo. Por causa disso, Deus o punirá: ele será retirado de seu posto e perderá todos os seus bens (22:18a,19).

*Eliaquim* é um governante muito diferente (22:20). O texto o descreve como homem preocupado com o povo, além de ser chamado por Deus de *meu servo*, como Isaías (22:20; 20:3). Veste uma *túnica* com *faixa*, semelhante à utilizada por Arão, o sumo sacerdote (Lv 8:7; Is 11:5). Da mesma maneira que o Senhor, Eliaquim será como um pai para o povo (22:21; 1:2). A *chave* é um símbolo de autoridade para governar (22:22; cf. Mt 16:19). Ao seu porte quase messiânico, é adicionada a descrição de ser como um *lugar firme*, isto é, ao qual muitas outras coisas estão sujeitas (22:23-24).

Entretanto, nem mesmo um homem como Eliaquim conseguirá evitar a punição de Deus pelos pecados do povo. O povo dependerá de Eliaquim, mas, como este é humano, e não Deus, ele também cairá (22:25).

### 23:1-18 A queda de Tiro e Sidom

As cidades de Tiro e Sidom foram edificadas pelos descendentes dos cananeus e estavam situadas na região conhecida hoje como Líbano. Seus habitantes eram famosos por navegarem habilmente, de modo que controlavam todo o comércio marítimo e, por conseguinte, todo o comércio dos países ao longo da costa do Mediterrâneo (23:1-2,8). Até Salomão negociou com essas cidades a fim de obter material para a construção do templo (2Cr 2:2-16). Elas estavam intimamente associadas ao Egito, de onde partiam

os produtos agrícolas comercializados por Tiro e Sidom (23:3,5,10).

Parece que os habitantes de Tiro e Sidom adoravam o mar, de onde tiravam seus rendimentos. Contudo, foi o Senhor quem criou o mar, de modo que o profeta fala como se o oceano estivesse discursando a Tiro e Sidom, negando os poderes que a essas cidades eram atribuídos (23:4). Isaías falou de modo semelhante contra o culto às estrelas dos babilônios (cf. 13:10).

Considerados os banqueiros e negociadores da época, os habitantes de Tiro e Sidom geralmente decidiam o rumo dos acontecimentos naquela região, ou pelo menos tinham poder suficiente para influenciar assuntos geopolíticos. Deus, porém, faz pouco caso do poder financeiro dessas cidades e de seus *príncipes* e *nobres* (23:8a). O Senhor planeja *denegrir a soberba de toda beleza* a fim de lembrar a essas cidades quem é Deus (23:8b-9,11-12). E os assírios, que recentemente haviam derrotado os babilônios (23:12-14), foram o meio escolhido por Deus para humilhar os habitantes de Tiro e Sidom (muitos anos depois, os babilônios voltariam ao poder e destruiriam Tiro novamente; Ez 26—28). Em vez de um lugar cheio de palácios e príncipes, Tiro se transformaria em *deserto* e *ruínas* (23:13).

O profeta Ezequiel também escreveu uma canção fúnebre sobre a queda de Tiro e Sidom, declarando que essas cidades caíram por cauda da sua arrogância (Ez 27—28; cf. Pv 16:18). Suas palavras, bem como as de Isaías, chamam a atenção para a inutilidade de confiar em bens materiais (cf. tb. Lc 12:13-21).

Os africanos geralmente expressam suas ideias e sentimentos por meio de ritmo e acompanhamento musical. A história africana foi registrada dessa forma. Como um contador de histórias africano, Isaías compõe uma música para contar o destino de Tiro (23:16). Parece que, de várias maneiras, o destino de Tiro assemelha-se ao de Jerusalém, pois esta também foi chamada de meretriz (1:21; Os 1—3). Da mesma forma que fez com Jerusalém, Deus demonstrará misericórdia a Tiro ao final de setenta anos (23:15,17; Jr 25:11; Dn 9:1-2). Apesar da gravidade e persistência do pecado, o Senhor permanece misericordioso. É possível que desta vez o termo “meretriz” não se refira a um comportamento pecaminoso, mas ao comércio de Tiro com várias cidades. É por isso que o Senhor se alegra ao prever que a riqueza dessa cidade será utilizada para demonstrar a glória de Deus (23:18).

### 24:1—27:13 Profecias sobre o final dos tempos

Após tratar do destino de Judá e seus vizinhos num futuro próximo e demonstrar como Deus utiliza outras nações para realizar seus propósitos, Isaías passa a falar de um período mais distante, quando o Senhor agirá de modo direto e pessoalmente.

Os quatro capítulos seguintes apresentam certas semelhanças com a chamada literatura apocalíptica. Esse tipo

de literatura utiliza imagens vívidas e perturbadoras para revelar verdades sobre o futuro e o plano de Deus, prevenindo tempos de grande aflição antes do julgamento final. Os principais livros apocalípticos são Daniel e Apocalipse, mas também há trechos apocalípticos em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Os capítulos de Isaías discutidos nessa seção muitas vezes são chamados de “pequeno apocalipse”.

**24:1-23 A DESTRUIÇÃO DA TERRA.** A ideia de final dos tempos, ou julgamento final, não se manifesta com frequência no pensamento de líderes religiosos e políticos. Contudo, Deus anuncia o fim de quase toda a vida humana e do próprio planeta (**24:1-4**). Essa destruição é resultado da desobediência da humanidade às leis de Deus (**24:5,20b**).

O pecado causou a *maldição que consome a terra* (**24:6a**), conforme pronunciado em Deuteronômio 28:15-68, e aqui observamos os efeitos dessa maldição. Mas Deus é misericordioso, de modo que uns *poucos homens restarão* (**24:6b**). Essa é a mensagem central de Isaías (1:9; 4:2; 11:11,16; 16:14; 21:17).

As cidades estão em ruínas; o vinho e a cerveja, símbolos de prosperidade e comemoração, secaram, e já não há sinais da alegria que os acompanha (**24:7-13**). Surpreendentemente, porém, há outro tipo de alegria, mais elevada, no pequeno grupo que sobreviverá (**24:14-16a**). A verdadeira alegria é dom de Deus e é utilizada para louvá-lo (Gl 5:22).

Isaías, porém, não participa dessa alegria. Em vez disso, exclama *Ai de mim!* por causa dos horrores, traições e sofrimentos que precederão esse dia de louvor (**24:16b-20a**).

Por meio da destruição da terra, o Senhor mostra a superficialidade dos poderes humanos; nenhum deles está além do alcance de Deus. O Senhor pune os poderes religiosos (as hostes celestes; cf. comentários em 13:19; 34:4; Sl 36:9; Mt 24:29). Os poderes políticos (os reis da terra) terão de prestar contas de suas ações na história da humanidade (**24:21-22**). A *lua* e o *sol* empalidecerão diante da glória do Senhor dos Exércitos (**24:23**). Ao ler essas palavras, precisamos lembrar que todos esses poderes foram entregues a Cristo (Fp 2:9-11).

**25:1—26:21 A CANÇÃO DOS REMIDOS.** O relato do justo julgamento dos pecadores e da preservação de um pequeno grupo de fiéis é seguido de uma canção de gratidão dos crentes. A canção inicia com uma declaração de fé, reconhecendo: *Ó Senhor, tu és o meu Deus* (**25:1a**). Essas palavras ecoam Êxodo 20:2-3: “Eu sou o Senhor, teu Deus [...] Não terás outros deuses diante de mim”. Isaías afirma seu compromisso com Deus, e isso o faz louvar o nome do Senhor, isto é, o caráter de Deus, o único digno de ser exaltado.

Duas coisas específicas justificam esse louvor: as maravilhas que Deus fez e sua fidelidade no cumprimento de sua palavra (**25:1b**). Essa fidelidade traz confiança ao crente quanto à salvação e realização do ministério ao qual Deus o chamou (Jr 1:2-10; cf. Rm 8:28-30).

Em seguida, o Senhor é louvado por seu poder singular. Deus despreza e confunde outros poderes (**25:2-3**). Ao con-

trário dos poderosos deste mundo, o Senhor não protege apenas os que estão perto dele, mas provê aos pobres e necessitados (**25:4-5**). É característica de Deus acolher e prestar assistência aos desvalidos, conforme se percebe claramente na encarnação de Cristo (Dt 10:17-19; Sl 68:6; Mt 8:2-3; 19:14; 2Co 1:3).

Quando o julgamento dos opressores terminar, os remidos entoarão uma canção de louvor e em seguida haverá uma festa de alegria regada a muito vinho (sinal de prosperidade) (**25:6-7**; cf. 24:11) pela vitória do Senhor (24:14). Jesus também falou sobre vinho e festa em seu reino (Mt 22:1-4; Lc 22:18; Jo 2:1-11).

Além disso, o medo da morte será removido, pois o Senhor *tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará [...] as lágrimas de todos os rostos* (**25:8**). Essas palavras sugerem a crença na vitória da vida sobre a morte e a possibilidade de ressurreição para os justos. A fé israelita tendia a presumir que não havia vida após a morte (38:18-19; Sl 6:5). Contudo, os profetas (cf. Os 13:14; 1Co 15:54-57), os fariseus (cf. At 23:6-8) e por fim Jesus, além de todas as testemunhas de sua ressurreição, trabalharam arduamente para mudar essa concepção (cf. Mt 28; Mc 16:1-8; Lc 24; Jo 11:21-26).

Retornando à proclamação de sua fé (25:1), Isaías fornece outra razão para louvar o Senhor: a vitória de Deus sobre a morte nos trouxe salvação (**25:9**). Ademais, todos os inimigos do povo de Deus foram derrotados, vitória simbolizada no destino de Moabe (**25:10-12**; cf. tb. Nm 22—25).

Os muros de Moabe serão destruídos, mas Judá possuirá uma *cidade forte*, protegida com *muros e baluartes* (**26:1**). Essa declaração não deve ser interpretada como evidência de orgulho nacionalista. Conforme dissemos, Moabe é representada aqui mais como símbolo, e não no sentido de nação propriamente dita. Além disso, devemos interpretar essas palavras de acordo com o pensamento contemporâneo de Isaías. Naquela época, as pessoas não encaravam a guerra como um simples conflito humano; cada exército representava um deus, de modo que, quando as nações guerreavam, cada povo imaginava seu deus pelejando por meio dos homens que o representavam. A vitória ou derrota dependia do grau de poder de cada deus. Os israelitas também pensavam assim, pois carregavam a arca da aliança quando saíam a guerrear (1Sm 4:1-11). Desse modo, quando Isaías comemora a glória de Judá, vê isso como representação da vitória de Deus sobre outras divindades. É por isso que Isaías não descreve os muros como feitos de tijolos ou pedras, mas feitos da *salvação* oferecida por Deus (26:1).

O banquete iniciado em 25:6 é comemorado com a entrada triunfal dos justos (os quais o Senhor manteve a salvo) na cidade (**26:2**; cf. 24:12). A característica dessa *nação justa* é sua *fidelidade*. Em outras palavras, é o *propósito firme* de confiar em Deus, apesar das provações (**26:3**; 7:9; Jr 1:17-19;

Mt 26:36-44; At 20:22-24). Essa atitude é evidência dos que vivem conforme a imagem de Deus, aquele que cumpre suas promessas e é digno de confiança (26:4; 25:1).

Essa comemoração representa, em primeiro lugar, uma vitória moral, pois destruiu o sistema de valores perversos e elevou os oprimidos acima daqueles que *habitam no alto* (26:5-6). Isaías se regozija com isso, pois reconhece a necessidade de justiça e sabe que Deus é o único capaz de implementá-la (26:7-11; 33:22; Sl 63:2).

Qualquer bem praticado pela humanidade provém de Deus (26:12-15). Apesar de intensos esforços, comparáveis ao trabalho de parto, o ser humano não consegue criar uma sociedade justa ou salvar o mundo (26:17-18). Tampouco conseguiu conquistar a morte; mas o Senhor pode fazer isso (26:19). Com essas palavras, Isaías retorna ao tema da ressurreição (cf. 25:8).

A África possui curandeiros, bruxas e feiticeiros macabros que tentam convencer suas vítimas de que possuem poderes de vida e morte. Precisamos aprender com Isaías e perceber que somente o Senhor tem poder para fazer morrer o pecador e restaurar vida aos mortos. Deus é senhor da história, o verdadeiro salvador dos inocentes (Jó 19:25). O profeta chama a atenção de seus leitores para essa verdade ao fornecer ao povo instruções que lembram a Páscoa no Egito, durante a qual Deus protegeu seu povo enquanto punia os egípcios (26:20-21; cf. Êx 12:21-30).

**27:1-13 O SENHOR PELEJA CONTRA AS FORÇAS DO MAL.** Isaías continua seu relato sobre o final dos tempos e fala da punição de Deus ao *dragão* (27:1). O termo hebraico original registra *leviatã* (monstro marinho), criatura mencionada na mitologia de vários países do antigo Oriente Médio. Isaías parece mencionar essa criatura porque sabia que seus leitores a reconheceriam como símbolo da vitória de Deus sobre as forças do mal (cf. tb. Gn 3:1-6; Ap 12:7-9). Por outro lado, também é possível que o dragão (*leviatã*) fosse um animal conhecido na época (como em Jó 41, em que parece referir-se ao crocodilo). Nesse caso, o profeta está aludindo aqui à destruição dos navios inimigos que atacarão Judá. O monstro marinho, portanto, simboliza os navios, assim como atualmente um trem poderia ser chamado de “monstro de ferro”.

Qualquer que seja a explicação de 27:1, fica clara a repentina mudança de tom, pois Deus deixa de agir como juiz e passa a agir como protetor, atitude que é festejada na segunda canção da vinha (27:2-6). A vinha da primeira canção (5:1-7) simboliza Judá e era fonte de frustração para seu dono, o Senhor. Deus decidiu, portanto, abandoná-la aos espinhos e até mandou interromper a chuva. Nesta segunda canção, Deus apresenta-se como viticultor fiel, sempre vigilante e lutando contra aqueles que tentam causar dano à vinha (27:2-4). Esse viticultor está disposto até mesmo a ser misericordioso para com os *espinheiros e abrolhos* (27:4) caso eles *façam paz* com Deus. A sinceridade do Senhor transparece na repetição da proposta (27:5). Essa paz com Deus ocorre por meio da fé em Jesus Cristo (Rm 5:1).

Judá e os “espinheiros e abrolhos” se beneficiarão do trabalho do viticultor. Contudo, Israel (o Reino do Norte) também será beneficiado (27:6). Durante o reinado de Ezequias, Samaria foi conquistada, e o povo de Israel foi deportado (2Rs 17:5-6). Esse acontecimento, sem dúvida, transformou o Senhor em carrasco aos olhos do povo, conforme evidenciam as perguntas formuladas pelo profeta (27:7).

É difícil traduzir a resposta dada em 27:8 a essas perguntas. O texto pode ser interpretado como descrição de como o julgamento de Deus sobreveio a Israel. Por outro lado, também pode ser traduzido como: “com medida contendeste com ela quando a rejeitaste” (RC). Caso essa tradução esteja correta, Isaías está dizendo que o julgamento de Deus foi cuidadosamente controlado, isto é, o Senhor não destruiu Israel, apenas o dispersou (27:8). Esse tratamento moderado corresponde ao dito popular: “Quem ama, disciplina”. O propósito dessa disciplina rígida é separar Israel da idolatria e tornar possível o perdão (27:9-10).

A compaixão de Deus parece estar ligada ao *entendimento* da humanidade (27:11). “Entendimento”, nesse contexto, significa conhecer a Deus e fazer o que é certo (Jó 28:28; Jr 9:23-24). A desobediência aos mandamentos de Deus atrofia nossa capacidade de reagir à mensagem de Deus.

Isaías anunciou que Judá será restabelecida, porém não prometeu a mesma coisa a Israel, embora tenha dito que haveria alguns sobreviventes no Reino do Norte (17:3-14; cf. 14:1). Isaías anuncia que Deus os trará de volta *um a um* (27:12). Percebe-se a preocupação de Deus com relação a cada um de seus filhos. É por essa razão que Cristo se comparou a uma galinha desejosa por ajuntar seus pintinhos debaixo das asas (Lc 13:34).

Os israelitas remidos retornarão para adorar em Jerusalém, promessa que implica a reunificação religiosa dos dois reinos (27:13; 10:20-23).

### 28:1—35:10 Profecias sobre Israel e Judá

Após essa visão sobre os redimidos e a futura reunificação de Judá e Israel (24:1—27:13), Isaías volta a falar sobre os acontecimentos correntes e a situação atual dos dois reinos. **28:1-29 PROFECIA CONTRA EFRAIM.** A primeira parte dessa profecia (28:1-8) utiliza imagens fortes e contrastantes a fim de mostrar a diferença entre Deus e o Reino do Norte.

As primeiras imagens falam dos símbolos de poder. Coroas e flores eram usadas pelos ricos e poderosos quando festejavam, de modo que a cidade de Samaria é descrita como sendo uma guirlanda a coroar o monte onde ela está edificada (28:1). Mas uma tempestade arrancará a guirlanda de sua cabeça e a lançará *por terra* para ser *pisada aos pés* (28:2-3); suas flores murcharão e cairão, sendo facilmente apanhadas por qualquer um (28:4).

Em contraste, Deus é representado como *coroa de glória* imarcescível (28:5), *formoso diadema para os restantes*

de seu povo (provavelmente referindo-se ao povo de Judá). Chamado para ser semelhante a Deus, o cristão deve viver de forma que expresse as mesmas características em termos de visibilidade e permanência (Mt 5:15-16; 13:20-23).

O segundo conjunto de imagens se refere à competência dos governantes. Os líderes políticos e religiosos de Efraim andam bêbados, possivelmente por causa das orgias associadas à adoração a Baal ou outros ídolos. O *vômito* e a *imundícia* observados pelo profeta explicam tanto o resultado da bebedeira quanto o que Isaías pensa sobre esses ídolos (28:8). O profeta apresenta uma lista de várias palavras que caracterizam a incompetente liderança do país: *cambaleiam, erram na visão, tropeçam no juízo* (28:7; cf. Pv 31:4-5). Deus, contudo, não cambaleia; antes, é justo e presta assistência (28:6). O Senhor reage à embriaguez e imundícia de Efraim dizendo que enviará um mensageiro de purificação semelhante a *uma tempestade de impetuosas águas que transbordam* (28:2).

Em seguida, o texto apresenta a resposta dos líderes. Eles estão indignados com Deus, pois o Senhor está tentando corrigir o comportamento deles e tratando-os como crianças de colo (28:9). Os líderes pensam que sabem o que estão fazendo e acham que têm a situação sob controle, porém seu comportamento e atitudes com relação a Deus provam que o Senhor estava certo quando disse que esses líderes não têm “entendimento” (27:11). O hebraico em 28:10 é difícil de traduzir. Pode ser que a reclamação quanto a *regra sobre regra* se refira aos vários princípios que Deus está tentando ensinar-lhes por meio do profeta. Por outro lado, o texto hebraico *sav lasav sav lasav / kav lakav kav lakav* (cf. nota NVI) pode significar apenas uma imitação pejorativa da voz de uma criancinha.

Deus responderá a esses líderes no mesmo tom: eles acusaram o profeta de tagarelar sem sentido; logo, serão forçados a ouvir a incompreensível linguagem das nações estrangeiras enviadas para governar sobre eles (28:11). Escrevendo aos coríntios sobre a questão do falar em línguas, Paulo cita esse versículo a fim de mostrar que, de modo geral, Deus normalmente comunica sua mensagem ao povo usando um discurso inteligível (1Co 14:21).

O profeta não se abala com a provocação de ser considerado professor de crianças. Antes, insiste que o povo deve confiar em Deus e buscar *descanso* no Senhor (28:12). Eles tropeçarão e cairão se não prestarem atenção à *palavra do SENHOR* (28:13). Deus espera que seu povo ouça atentamente sua palavra e esteja disposto a compreendê-la (Dt 6:4-6; Mc 4:9).

O profeta se dirige àqueles com quem está falando como os que dominam *este povo que está em Jerusalém* (28:14), o que a princípio parece estranho, pois esta profecia foi dirigida ao Reino do Norte, cuja capital era Samaria. Entretanto, o comentário faz sentido quando se percebe que o reino de Israel tinha muita influência sobre Judá, especialmente até a queda de Samaria durante o sexto ano de reinado de Eze-

quias (7:1-9; 2Rs 18:10). Por causa dessa influência, era importante que eles também ouvissem a palavra de Deus.

Os líderes de Israel declararam estarem protegidos contra o *açote*, a invasão profetizada por Isaías. Essa proteção provavelmente se referia a alguma espécie de *aliança* com forças ocultas, sem dúvida ligada à idolatria (28:15). Os africanos estão familiarizados com a ideia de buscar proteção no mundo espiritual. Líderes políticos como Mobutu, e até mesmo alguns líderes da igreja, procuraram espíritos a fim de obter ou preservar seu poder. Essas práticas ocultistas, contudo, são condenadas por Deus (Lv 19:31). Além disso, o sentimento de imortalidade e invulnerabilidade resultante dessas proteções não promove misericórdia e compaixão para com o próximo. Antes, devemos agir como Paulo, que preferiu alegrar-se em sua fraqueza e amar ao próximo (2Co 11:29-30).

O rei da Babilônia também se considerava invulnerável, mas Isaías já havia profetizado sua queda (14:11-17). Feitiços podem parecer funcionar por algum tempo, mas a verdade é que todos nós vamos morrer. Somente Deus tem poder sobre a morte e pode permitir aos seres humanos dela escapar (cf. 26:19).

Os líderes de Israel haviam posto sua confiança numa aliança ilusória. Deus, por outro lado, está construindo Jerusalém com materiais que inspiram segurança (28:16-17a). O apóstolo Pedro cita essa passagem com referência a Cristo, a pedra angular, aquele em quem podemos ter absoluta confiança (1Pe 2:6).

Isaías demonstra claramente a inutilidade dos líderes de Israel ao retornar à imagem da destruição utilizada no começo de sua profecia, quando ele falou sobre “as águas que transbordam” (28:17b; cf. 28:2). O *açote* não pode ser evitado, não importa quanto se escarneça da profecia (28:18-22).

O principal versículo desse capítulo é 28:23, no qual o profeta, de modo solene, pede quatro vezes para ser ouvido. Seu apelo é mais intenso que o demonstrado em 28:14, pois a sobrevivência de Efraim corre perigo! O povo precisa captar a mensagem que o profeta está prestes a comunicar por meio de duas ilustrações.

A primeira ilustração mostra que o agricultor deve respeitar a ordem lógica da natureza se quiser obter colheita (28:24-25). Essa ordem própria das coisas da natureza provém de Deus e não pode ser ignorada (28:26). Isaías utilizou imagem semelhante quando falou sobre o boi e o jumento que conhecem seu dono (1:3). A lição aqui é que os líderes de Israel estão falhando em reconhecer a ordem divina e obedecer a ela sobre todas as coisas.

A segunda ilustração utiliza a moagem de diferentes tipos de grãos e sementes. Cada uma deve ser moída de forma apropriada para que possa ser aproveitada pelo ser humano (28:27-28). Do mesmo modo, os líderes não deveriam iludir-se com respeito a Deus. O Senhor é o autor da vida, mas também pode usar o sofrimento e a morte para realizar seus propósitos (45:7-8).

O mistério do sofrimento e da morte está no âmago do cristianismo. Jesus explicou sua morte e seu papel de salvador por meio da ilustração de uma semente que morre a fim de produzir vida (Jo 12:23-33). Assim como Cristo, os cristãos enfrentarão tempos de sofrimento tendo em vista a glória de Deus (Rm 8:18-39; 1Pe 4). O sofrimento, porém, não pode ser considerado um fim em si mesmo. Pensar assim é cair na armadilha do ascetismo (1Tm 4:1-8).

Isaías afirma que foi Deus quem estabeleceu as leis a que lavradores e debulhadores obedecem, mas não presume saber por que Deus trabalha dessa forma. Isaías se contenta em admirar o *conselho* e a *sabedoria* do Senhor (28:29). 29:1-24 PROFECIA CONTRA JERUSALÉM. Após condenar Israel, Isaías dirige-se a Judá e, mais especificamente, a Jerusalém, sua capital, aqui chamada de *Lareira de Deus* (29:1). Deus permitiu que Judá capturasse Jerusalém, cidade em que Davi assentou o seu arraial (29:1; 2Sm 5:6-10). Tratava-se, portanto, de uma cidade que desfrutava do favor de Deus. Contudo, essa situação não duraria muito tempo, pois Jerusalém queimar-se-á como uma lareira (29:2). O Senhor cercará e julgará a própria cidade que havia ajudado Davi a capturar (29:3).

Isaías chama a atenção do povo da cidade para a supremacia do Criador em relação à sua criação. Por meio de sua palavra, Deus criou o ser humano do pó da terra (Gn 2:7). A humanidade se cala diante da voz de Deus, e as declarações orgulhosas de Jerusalém afirmando desfrutar do favor de Deus tornar-se-ão sussurros no pó (29:4; Gn 3:19).

Judá será lançada por terra; contudo, seus atacantes serão *como o pó miúdo e palha* que o Senhor assopra (29:5). O barulho que acompanha a chegada de Deus em 29:6 contrasta com a voz abafada da cidade em 29:4. Esse episódio lembra a manifestação da presença de Deus no monte Sinai (cf. Êx 19:16-18). Os agressores, que pareciam tão poderosos, desaparecerão da mesma forma que esvaece o sonho quando alguém acorda (29:7-8; cf. 2Rs 19:35).

Embora o inimigo possa estar sonhando, Jerusalém não deve orgulhar-se de estar desperta, pois se encontra em estado de cegueira e embriaguez espiritual (29:9). O pecado cego, e às vezes Deus aumenta essa cegueira como parte da punição. O Senhor permitiu que seus *profetas* e *videntes* se tornassem tão cegos quanto o povo (29:10; Êx 7:13; 9:12).

Era justamente por causa dessa cegueira que o povo não conseguia compreender a mensagem que Deus lhes estava enviando. Para eles, as palavras do Senhor pareciam *um livro selado* (29:11a). Até mesmo aqueles que demonstraram interesse em ouvir não as receberam: foram impedidos de ouvir por algum obstáculo físico (*Não posso, porque está selado*) ou por falta de entendimento (*Não sei ler*) (29:11b-12).

A África tem o mérito de possuir sede espiritual. Infelizmente, a falta de demanda por materiais para treinamento teológico, assim como o analfabetismo, têm aberto as portas da igreja para a pregação comercializada por charlatões, trazendo resultados desastrosos à religião, à

sociedade e à economia. A prosperidade não provém de experiências pessoais ou visões, mas da meditação nas Escrituras (Js 1:7-8).

A falta geral de ênfase na palavra escrita na África se deve em parte ao fato de que a cultura africana continua fortemente influenciada por emoções e tradições orais. Embora precisemos continuar respeitando a tradição oral africana como fonte de conhecimento, é hora de apreciar os grandes escritores tanto quanto valorizamos os grandes oradores. Como demonstrou Isaías, o verdadeiro profeta nasce da combinação do ensino das Escrituras com a inspiração do Espírito Santo. A igreja deve, portanto, encorajar a alfabetização e insistir para que seus líderes obtenham treinamento teológico, na África mesmo ou no exterior.

Isaías conecta o conhecimento de Deus com a sinceridade do coração. A pessoa que não busca ao Senhor com seriedade por meio das Escrituras vive uma religião superficial (29:13).

O Senhor não se impressiona com aqueles que se consideram sábios e inteligentes (29:14; 1Co 1:20-25). Antes, o que faz o indivíduo destacar-se é a sabedoria e a inteligência que provém do conhecimento de Deus (Pv 8). Percebemos isso em pessoas como José (Gn 41:39-40), as parteiras hebreias no Egito (Êx 1:15-20), Bezalel (Êx 31:2-5), Abigail (1Sm 25:18-25), Salomão (1Rs 3:9,28), Daniel (Dn 2:46-49) e Esdras (Ed 7:10,25). Quando Deus diz: *Continuarei a fazer obra maravilhosa no meio deste povo*, lembramo-nos da reação do povo à sabedoria de Jesus Cristo (Mc 6:2; Lc 2:46-47; 7:34-35).

Deus pronunciou dois “ais” contra Jerusalém: o primeiro contra a falta de conhecimento em relação ao Senhor (29:1), e o segundo contra aqueles que escondem seus planos de Deus (29:15). Não se pode esconder nada de Deus, pois seu entendimento abrange todas as coisas (1Rs 3:9; Pv 7—8). A onisciência do Criador é enfatizada por meio da imagem do pote de barro que estupidamente acredita ser mais sábio que o oleiro (29:16). Jeremias e Paulo utilizaram essa ilustração quando falaram sobre o relacionamento entre Deus e suas criaturas (Jr 18:1-6; Rm 9:20-21).

A insensatez do barro é salientada pela ênfase na onipotência de Deus em 29:17 (cf. tb. Lc 1:37). Deus pode fazer qualquer coisa, até mesmo o unimaginável, como transformar as moléculas de água em vinho (Jo 2:1-11). As montanhas do Líbano eram famosas por suas florestas (2Cr 2:7-8), porém Deus pode transformar essa região em um pomar, e vice-versa. Mais uma vez, somos lembrados do poder de Deus para exaltar e humilhar (cf. 29:4).

Por meio da expressão *naquele dia*, Isaías interrompe os acontecimentos presentes e passa a contemplar um futuro distante (cf. comentários em 4:2). Naquele dia, Deus mostrará misericórdia àqueles que não podem ver e ouvir *as palavras do livro* e, conseqüentemente, são incapazes de viver de acordo com os padrões nele contidos (29:18; cf. 29:11-12). Deus curará a doença espiritual que os impede



de conhecê-lo. Versículos como esses apoiam a expectativa de que a vinda do Messias estaria associada a curas físicas (cf. 32:3-4; 35:5-6). É por essa razão que Jesus se referiu a passagens semelhantes quando respondeu ao questionamento de João Batista sobre se Cristo era ou não o Messias esperado (Lc 7:18-23).

Naquele dia, *os mansos terão regozijo sobre regozijo no SENHOR (29:19)*. Os povos da terra tendem a exaltar o arrogante, e alguns pensam inclusive que podem fazer alianças com a morte (cf. 28:15). Contudo, tanto o AT quanto o NT afirmam que o reino de Deus será herdado pelos humildes (Jó 22:29; Sl 147:6; Mq 6:8; Mt 5:3; 1Pe 5:5). Qualquer pessoa que deseja andar com Deus precisa adquirir humildade. Mas isso não se obtém facilmente: é necessário ser flexível, abnegado e estar preparado para abandonar os próprios interesses. Cristo é o exemplo supremo de humildade (Mt 11:29; Fp 2:1-8), tendo inspirado Mahatma Gandhi a dizer que somente o humilde pode orar “Pai, perdoa-lhes” e ser respondido (Lc 23:34). Cristo provou à África e ao mundo que um espírito humilde pode sujeitar uma índole beligerante.

Serão *eliminados* todos os opressores e aqueles que servem exclusivamente a seus próprios interesses (29:20-21). Estes desperdiçarão as estratégias que usam para se manter no poder: falsas acusações e perversão da justiça. Devemos levar a sério as palavras de Deus aqui, pois na África esse tipo de coisa com frequência ocorre em uma escala menor. A cada ditador que cai, seus seguidores compartilham seu destino, seja o exílio ou a morte. É inútil dizer que estavam apenas obedecendo a ordens.

A reabilitação do povo judeu é atestada como proveniente do *SENHOR, que remiu a Abraão (29:22)*. Três fatos importantes resultam dessa alusão a Abraão. Primeiro, Isaías lembra seus leitores sobre o poder de Deus para transformar uma pessoa em instrumento de salvação (Gn 12:2-3; Js 24:2-3). Segundo, o profeta chama a atenção do povo para a fidelidade do Senhor quanto ao cumprimento de suas promessas ao patriarca. A referência a Jacó mostra que a promessa de bênção de Deus acompanhou as gerações descendentes (Gn 32:10). Terceiro, o profeta pode estar indicando a possibilidade de o Senhor, que fez aliança com Abraão (Gn 17:1-11), vir a estabelecer uma nova aliança com seu povo.

Em 29:23-24, percebemos o povo experimentando uma espécie de Pentecostes (At 2:1-4), um despertamento espiritual e uma restauração da adoração e do conhecimento sobre o Senhor. É interessante observar que o profeta considera aqui as reclamações anteriores contra Deus como resultado da ignorância do povo.

30:1—31:9 DENÚNCIAS DE ALIANÇA COM O EGITO. Após falar brevemente sobre a época futura do messias (29:17-24), o autor retorna à condenação de Judá e exprime um terceiro “ai” (30:1a; 29:1,15). Mais uma vez, Isaías denuncia a atitude dos líderes ao elaborarem planos sem consultar

Deus, e volta a descrever o relacionamento entre o povo e o Senhor em termos de *filhos rebeldes* que se revoltam contra o pai (cf. 1:2). Essa rebelião produz *pecado sobre pecado (30:1b)*. A situação poderia ser resumida nesta frase: “Perto do Pai, longe do pecado; longe do Pai, perto do pecado”. Esse veio a ser o principal tema de Jesus ao falar sobre o arrependimento e a reconciliação com o Pai (Lc 15:11-32).

A denúncia específica contra Judá aqui se refere à aliança com o Egito (30:2). A Assíria havia invadido Israel e agora ameaçava Judá, de modo que alguns conselheiros devem ter pressionado o rei para buscar proteção no Egito e para lá se dirigiram a fim de negociar os termos da aliança (2Rs 18:9-21). Eles queriam um refúgio seguro *à sombra do Egito*.

No entanto, o único que oferece refúgio seguro e proteção verdadeira é o Senhor, “a rocha eterna” (26:4). Embora o governo egípcio aparentasse poder com sua estrutura de oficiais e emissários espalhados nas cidades que se estendiam pelo delta do Nilo, na verdade aquela era uma força ilusória (30:4). Em vez de proteção, o Egito trouxe apenas *vergonha e opróbrio (30:3,5b)*. Apesar de os israelitas enfrentarem animais selvagens a fim de levar ao Egito o tributo exigido em troca de proteção (30:6), isso *de nada lhes valerá; será inútil (30:5a,7a)*. Eles alimentaram esperanças de que o Egito emergiria como o monstro marinho dos mitos cananeus conhecido como Gabarola (ou Raabe) que faria os assírios correr, mas Deus afirmou que o Egito seria *Gabarola que nada faz (30:7b)*, ou seja, não ajudaria em nada (49:4).

Nós, africanos, também temos de aprender a confiar em Deus como nosso pai, em vez de correr para pedir ajuda à Europa e à América cada vez que enfrentamos crise política ou religiosa. Esse comportamento demonstra imaturidade. Nosso Pai nos chama a assumir a responsabilidade por nosso próprio país, a buscar com o Senhor as soluções para nossos problemas e a prosseguir nele confiando.

Deus fala como verdadeiro rei e ordena a Isaías que escreva suas palavras. Essa era a forma pela qual os reis daquela época registravam suas decisões, e tudo o que escreviam tinha força de lei irrevogável (Êx 31:18; Et 8:7-8; Dn 6:9; Mt 5:18). Conforme diz um provérbio francês: “As palavras voam, mas o texto permanece”. São as palavras escritas que resistem ao tempo (30:8; cf. comentários em 29:11-12).

Isaías volta a falar sobre os filhos rebeldes (30:9a; cf. 30:1) e menciona três características específicas da rebelião dos israelitas. Primeiro, declara que eles recusaram ouvir as instruções de Deus (30:9b; Dt 28:1,15). Ouvir é fundamental na vida do crente.

Segundo, eles queriam uma religião que não impusesse obrigações ou restrições. Desejavam as bênçãos de Deus, mas não estavam dispostos a viver em santidade (30:10-11). Isso tem ocorrido constantemente ao longo da história. O apóstolo Paulo também denunciou essa atitude equivocada com relação à graça de Deus (Gl 5:13-26).

O terceiro componente dessa rebelião refere-se a como Judá reage diante da iminência de perigo. Ameaçada pelos assírios, Judá não procurou auxílio de Deus; antes, recorreu à *opressão e perversidade* (30:12). Ao pedir ajuda ao Egito, Judá escolheu a lógica da guerra e do poder. Contudo, esse desejo de confrontação e superioridade não produzirá os resultados desejados. O muro que Judá ergueu para proteção pode até parecer firme, mas na verdade está rachado e ameaça cair com facilidade (30:13-14). Diante do perigo, a solução não é atacar ou fugir, mas confiar em Deus. A confiança no Senhor é essencial para obter paz (5:15; 7:9; 26:4; Mt 11:28; Mc 5:36; Hb 4:3-6).

Ao ouvir a mensagem de Isaías, entretanto, o povo preferiu fugir em vez de permanecer calmo. Deus fará conforme desejam: se querem fugir, então o Senhor os colocará para correr. Na verdade, fugirão até mesmo quando não houver necessidade disso (30:16-17a). Judá ficará deserta; apenas Jerusalém sobreviverá *como o mastro no cimo do monte* (30:17b; cf. 1:7-8; 2Rs 18:13; 19:15-20; 35).

Deus, porém, não pune imediatamente; antes, *espera, para ter misericórdia de vós*, caso o povo decida confiar nele. Aqueles que fazem isso são chamados *bem-aventurados* (30:18). A misericórdia de Deus é a única razão para o povo ser chamado dessa maneira (Sl 1:1).

Existem muitas semelhanças entre os “bem-aventurados” aqui e as bem-aventuranças registradas em Mateus 5:1-11. Ambas as passagens interessam às necessidades particulares da África: 30:19 e Mateus 5:4 falam sobre secar as lágrimas (cf. tb. Is 25:8; Ap 21:4); 30:20a e Mateus 5:6 tratam da fome e sede (Mateus trata do assunto no contexto da injustiça social); e 30:20b-21 e Mateus 5:8 se referem à comunhão do Senhor com aqueles que buscam a pureza. Essa pureza e comunhão com Deus inevitavelmente andam de mãos dadas com a atitude de afastamento de qualquer contaminação relacionada a ídolos estrangeiros (30:22). O sincretismo que percebemos na África nunca teve aprovação de Deus. O Senhor sempre insistiu numa clara distinção entre si mesmo e todos os outros deuses (Êx 20:1-3).

A referência de Jesus a esses temas de Isaías quando fala sobre as bem-aventuranças, além da situação idílica descrita em 30:23-25 e da revolta cósmica registrada em 30:26, sugerem que estes versículos não se referem inteiramente ao livramento de Jerusalém sob o comando de Ezequias, mas ao completo livramento futuro por ocasião do retorno do Senhor (Ap 21:1-4,23).

Entretanto, o profeta logo interrompe essa visão futura para falar sobre a intervenção de Deus contra a Assíria, depois que Ezequias abandonou a ideia de buscar ajuda no Egito e se voltou para o Senhor (2Rs 19:19,35).

A forma de Isaías apresentar o Senhor nessa passagem comunica uma poderosa mensagem aos líderes africanos. O profeta começa declarando: *Eis que o nome do SENHOR vem de longe* (30:27a). Na África, o nome de uma pessoa transmite uma mensagem, geralmente referindo-se à origem dos

ancestrais, pois estes são reverenciados. Isaías apresenta Deus como o ancestral supremo.

Os africanos também ficam perplexos com o fato de Deus demonstrar seu poder por meio de sua *respiração*. O Senhor causa destruição pelo mero falar (30:27b-28). Muitas culturas africanas atribuem autoridade semelhante às palavras de seus anciãos. Na verdade, os africanos quase nunca temem alguém por causa do que essa pessoa sabe ou possui (como fazem os ocidentais), mas pelo efeito produzido por suas palavras. É por isso que mágicos e feiticeiros, geralmente os mais pobres da comunidade, são os mais temidos, uma vez que se acredita que tenham poder de vida e morte. Isaías, entretanto, indica que Deus é o único que possui esse poder.

O Senhor convida seu povo a regozijar-se quando ele intervier contra a Assíria (30:29,32). Embora seja verdade que as Escrituras nos ensinem a amar nossos inimigos e não nos alegrarmos com a ruína deles (Ob 12; Mt 5:43-45), Deus permite que nos alegremos quando ele intervém para nos salvar.

As ações de Deus revelam ao povo de Jerusalém que o Senhor é a verdadeira rocha, o único em quem confiar (26:4). Mais tarde, Jeremias denunciara aqueles que confiam no homem em vez de confiar em Deus (Jr 17:5).

A imagem utilizada para descrever a punição dos assírios em 30:30-31 lembra ações anteriores de Deus. As *chuvas torrenciais* lembram o dilúvio (Gn 6—9), e a *pedra de saraiva* lembra uma das dez pragas do Egito (Êx 9:13-35). Isaías utiliza imagens vívidas para recordar ao povo esses acontecimentos.

O profeta apresenta Deus como aquele que dá a última palavra com relação ao mal. Às vezes, duvidamos diante do sofrimento e exclamamos: “Até quando?”, como fez Habacuque (Hc 1:2). Deus, contudo, afirma que há muito vem preparando seu julgamento. O destino final e inevitável do rei da Assíria será a *fogueira [...] profunda e larga* (30:33). Isso nos lembra o “lago de fogo” do julgamento final, onde serão jogados todos aqueles que se opuseram a Deus (Ap 20:10,14; 21:8). Nessa passagem, o fogo também está associado ao enxofre.

A expressão “ai” em 31:1a sinaliza o retorno à questão daqueles que não *buscam ao SENHOR* e preferem fazer alianças com o Egito (29:15). Isaías fala sobre os *carros e cavalos* do Egito, lembrando sutilmente a seus leitores o destino dos carros e cavalos do Egito quando tentaram cruzar o mar Vermelho durante o Êxodo (Êx 14:28; 15:1,19). Toda a história do reino de Judá chama a atenção para o fato de que o poder militar é inútil quando comparado com a confiança no Senhor (31:1b; 1Sm 17:45-47; 2Cr 13:3-18; 20:1-24).

Isaías contrasta a sabedoria humana dos que procuram auxílio em aliados poderosos com a sabedoria de Deus, que consiste em procurar justiça (31:2a). Isaías traz à memória o relato da criação ao insistir que os egípcios e seus cavalos são feitos de carne e inúteis sem o “espírito”, isto é, o

sopro de vida dado pelo Criador (31:3; Gn 2:7). Essa oposição entre *carne* e *espírito* será desenvolvida em mais detalhes pelo apóstolo Paulo (Gl 5:16-28). Isaías, assim como Paulo, denuncia a transigência com o pecado. A pessoa que faz aliança com o perverso se expõe ao risco de participar do mesmo destino (31:2b).

Os gritos de uma *grande multidão* podem impressionar (31:4), pois geralmente presumimos que a presença de muitas pessoas ou de um grande público é sinal de sucesso. Deus, porém, não se impressiona com quantidade ou barulho. Ele é poderoso demais para sentir-se ameaçado com quem lhe faz oposição (Êx 4:10-12; 1Sm 16:7).

No entanto, além de se referir a si mesmo como um *leão* no versículo anterior, Deus também se apresenta como uma ave que cuida e protege seus filhotes (31:5; Dt 32:11; Mt 23:37). É impressionante perceber nesses versículos Deus se apresentando como pai e mãe. O contraste entre os verbos proteger e salvar, paralelos a poupar e livrar, salienta essa mistura de qualidades tradicionalmente atribuídas ao homem e à mulher. A combinação dessas qualidades em Deus fica implícita na declaração de que homem e mulher são formados à imagem do Criador (Gn 1:27).

Se o povo quiser o favor de Deus, divino guerreiro e protetor, deverá converter-se ao Senhor (31:6). Em outras palavras, as pessoas devem abandonar seus caminhos perversos (Sl 7:12), o que nesse caso particular implica abandonar a idolatria. Na verdade, objetos feitos de *prata* e *ouro* não são maus em si mesmos (Êx 31:1-6). Nesse sentido, não precisamos colocar para fora da igreja toda arte africana que nossas *mãos fabricaram*, mas devemos tomar cuidado para não adorar objetos fabricados pelo homem (31:7).

Em seguida, Isaías reforça o chamado ao arrependimento com outra promessa de intervenção miraculosa pelo Senhor (31:8-9; 37:36-38).

**32:1-20 O RETORNO DA JUSTIÇA.** A vida moral e espiritual de Judá ficava corrompida sempre que o povo de Deus fazia aliança com alguma nação poderosa como o Egito ou a Assíria. É por isso que com frequência os profetas exortavam o povo sobre essas alianças (1:21-23; 31:2-3). Mas, quando o povo voltar a confiar no Senhor, Deus fará retornar a justiça e a retidão (32:1). O contrato social entre o povo e seus líderes que foi rompido em 1:23 será restabelecido. Esse povo temente a Deus passa a ser descrito em termos que em geral são empregados exclusivamente em referência a Deus (32:2; cf. 4:6; 26:4; Sl 1:3).

O retorno da justiça trará completa renovação a todos os aspectos da vida. A percepção humana será regenerada (32:3-4; cf. 29:18; 35:3-6), e todos enxergarão claramente. Essa transformação é um sinal da era messiânica, parcialmente cumprida quando nos convertemos a Cristo (ocasião em que é removido o véu que encobria nosso coração e nosso rosto) e passamos a ser cada vez mais parecidos com Jesus (2Co 3:15-18).

Uma das primeiras consequências que a humanidade experimentará quando a justiça retornar envolverá sermos conhecidos como realmente somos, e cada um terá seu lugar de direito na sociedade (32:5; cf. 3:1-7; 5:20). Os perversos serão condenados pelo mal que fizeram aos mais fracos da sociedade (32:6-8). Na África, é comum deixarmos que o tribalismo e outras formas de discriminação distorçam o modo pelo qual escolhemos os líderes de nossos países. Relacionamentos familiares e interesses próprios têm precedência sobre competência e integridade. Sob esse aspecto, a igreja deve posicionar-se firmemente a favor da justiça, pois não apenas representa uma virtude bíblica, como também está em conformidade com a tradição africana, que costumava favorecer o sábio e o experimentado.

Há muitas semelhanças entre esse capítulo que fala sobre o restabelecimento da justiça e a passagem em 3:1 a 4:6. Mais uma vez, após denunciar a forma como o povo é governado (3:1-15), Isaías volta a falar sobre a atitude despreocupada das mulheres em relação à situação do país (32:9; 3:16). Devemos observar que o profeta não reprovava todas as mulheres, apenas algumas. A preocupação de Isaías com essas mulheres sugere que elas tinham o poder de influenciar o restante da cidade.

A complacência dessas mulheres será substituída por humilhação e pranto (32:11-12; 3:17—4:1). Os lugares mais altos da cidade (32:14,19b) e as floretas (32:19a; cf. tb. 10:12,17-19), símbolos de poder, serão humilhados. Essa humilhação, contudo, tem a função de preparar a vinda do Espírito. O povo deixou de buscar o Espírito de Deus (30:1), porém, quando o Espírito for derramado, fará uma limpeza e infundirá uma nova criação (cf. 4:4; Gn 2:7; Ez 37:1-14; At 2:1-4; 2Co 5:5,17). Esse derramamento provocará uma reação em cadeia, e toda a criação será transformada: os desertos se tornarão campos, e os campos se tornarão florestas (32:15). O fruto do reino do Espírito será justiça, paz, segurança e tranquilidade (32:16-19; Gl 5:22-23).

Essa seção começou com um “ai” dirigido àqueles que procuravam resolver seus problemas formando alianças com o Egito (31:1) e termina com o retrato das bênçãos que serão desfrutadas por aqueles que confiam em Deus (32:20).

**33:1-24 JERUSALÉM PROTEGIDA.** *Ai de ti*, Isaías volta a exclamar em desespero (33:1; cf. 29:1,15; 30:1) contra o *destruidor* que procede *perfidamente* (33:1a). Isaías descreveu os babilônios nestes termos anteriormente (21:2), mas a referência ao livramento em 31:3 sugere que Isaías está falando aqui dos assírios (2Rs 18:17; 19:35). Os assírios foram descritos como pérfidos porque não cumpriam sua parte do acordo quando faziam alianças (33:8). Além disso, estavam indo longe demais na tarefa que Deus lhes designara (subjugar Israel) (10:5-15). Os assírios expuseram-se à destruição e perfídia ao alegrar-se com o massacre e atribuir toda a glória da conquista a si mesmos (33:1b). Sem a graça de Deus, o mal sempre retorna àquele que o comete (Gl 6:7).

Os habitantes de Judá são intimados a clamar a Deus em oração e pedir que o Senhor seja misericordioso para com eles (33:2). Nessa oração, reconhecem a soberania de Deus e o exaltam sobre as nações, dizendo que o *SENHOR é sublime* (33:3-5; Mt 6:9-10). A proteção do Senhor caminha de mãos dadas com a *sabedoria*, o *conhecimento* e o *temor do SENHOR*. Essas qualidades geralmente aparecem juntas na Bíblia (Sl 111:10; Pv 1:7). A sabedoria provém de Deus e é concedida àqueles que o temem e o buscam (Ec 2:26; Tg 1:5). Essas qualidades são fontes de bênçãos (Êx 1:20-21; Jó 1:1-3) e salvação e são mais preciosas que as riquezas, pois o dinheiro não pode comprá-las (33:6).

O povo sente a necessidade de salvação, pois os invasores devastaram a terra (33:7-9). Até mesmo os heróis choram (embora no hebraico a palavra “herói” seja difícil de interpretar, podendo também referir-se a Jerusalém, cf. 29:1).

É nesse contexto que o Senhor decide intervir (33:10). Ele mostrará a inutilidade dos planos humanos, que nada mais são que palha e restolho (33:11; Sl 1:4). Depois, mostrará sua soberania e poder representados pelo *fogo* que consome os *espinhos* (33:12-13).

Isaías emprega a arte de chamar a atenção por meio da memória e da cultura de seus contemporâneos. Desse modo, ao descrever o Senhor como fogo, Isaías recordou a seus ouvintes acontecimentos parecidos com os descritos em Juízes 6:20-22, além do encontro de Elias com os profetas de Baal no monte Carmelo (1Rs 18:36-39; 2Rs 1:10). Essas imagens certamente eram bastante familiares aos judeus, pois voltam a aparecer em Lucas 9:54.

Os habitantes de Jerusalém estão apavorados com esse fogo e perguntam quem sobreviverá diante de um Deus irado (33:14). A resposta exige extraordinário compromisso moral. A fim de sobreviver, todo o modo de proceder do indivíduo deve estar de acordo com os padrões de Deus (33:15-16; 32:3-5; cf. Sl 15:2-5). Nossa reação natural seria dizer que isso é algo inatingível. Contudo, é um objetivo realista para o cristão, pois este conta com a ajuda de Deus por meio da graça manifestada em Jesus Cristo (33:2; Dn 3:8-30; Mt 19:25-26; Rm 6:1-14).

É interessante observar a ênfase para evitar a corrupção (33:15). A praga da corrupção está corroendo nosso continente, destruindo a sociedade. Nossos líderes políticos e religiosos precisam ouvir a voz do profeta. Afinal, a lei de Deus afirma explicitamente que os governantes devem recusar suborno se quiserem manter a integridade (Êx 23:8; Dt 10:17). Não devemos fazer da riqueza nossa maior ocupação, como fez Judas Iscariotes (Mt 26:14-16). Antes, apesar de nossas dificuldades econômicas e sociais, precisamos seguir o exemplo de José (Gn 39:7-12) e Daniel (Dn 5:17). Se fizermos isso, desfrutaremos da glória vindoura (Fp 3:17—4:1).

Aqueles que sobreviverem ao fogo da ira de Deus receberão a graça e o privilégio de ver o renascimento do país.

Assim como na época de Davi, o rei será símbolo de unidade e objeto de grande consideração e admiração (33:17; 2Sm 5:1-3). O povo olhará para a época em que tinha medo de seus opressores e era forçado a pagar tributo. Eles compararão aquela situação passada com a cidade atual, que pode ser descrita como *a cidade das nossas solenidades* (33:18-20). Vagaram como nômades durante o êxodo e o exílio, porém agora possuem um lugar de onde jamais sairão. Tudo isso é obra do Senhor, pois ele é o *grandioso* que protege a cidade de todos os ataques (33:21).

A fim de comunicar uma ideia completa daquilo que o Senhor faz por Israel, Isaías mostra como Deus reúne em si mesmo os poderes judiciário (*nosso juiz*), legislativo (*nosso legislador*) e executivo (*nosso Rei; ele nos salvará*) (33:22). O Senhor se equipara aos monarcas absolutistas daquela época, porém pode fazer muito mais do que eles, porque também é o salvador de seu povo. O Senhor pode curar doenças físicas (33:23-24a) e espirituais, além de perdoar pecados (33:24b). Nenhum dos reis de Israel ou Judá pôde curar o povo dessa forma (2Rs 5:7-8; 2Cr 7:14). Mas Deus cumpriu esse papel por meio de Cristo, que curou e perdoou pecados, conforme relatam os evangelhos (Mc 2:9-12; 3:7-10; Jo 1:29; 8:1-11). (É preciso tomar cuidado para não vincular de modo automático doença e pecado, como geralmente fazem os feiticeiros, mágicos e charlatões em nossa cultura; Jo 9:1-3.)

**34:1-17 PUNIÇÃO DE EDM.** Após apresentar-se como um Deus de misericórdia no capítulo anterior, o Senhor agora se mostra terrível ao julgar Edom. Essa nação será tratada de modo bastante severo. O livro de Obadias dedicou-se inteiramente à condenação de Edom. Os descendentes de Esaú são acusados de trair seus irmãos, os descendentes de Jacó, pois participaram do saque de Jerusalém (34:8; Ez 35:5; Ob 10-11), provavelmente durante a captura dessa cidade pelos babilônios (2Rs 25:1-21).

O Senhor inicia afirmando sua soberania. Não é um deus limitado, mas um Deus que fala a todas as *nações* e *povos*, isto é, a toda a *terra* (34:1). Deus é poderoso e senhor dos *céus* (34:4-5a).

Deus *destinou para a destruição* todo o povo de Edom (34:2; Js 6:17,21), indicando que matará todos os habitantes e animais da região (34:3,5b-7). A descrição desse massacre scandaliza nosso senso moral cristão e nossa visão do Senhor como um Deus de amor. Textos como este chamam nossa atenção para a gravidade do pecado e sua respectiva consequência: a morte (Rm 6:23), mas também nos conduzem a Cristo, aquele que nos salvou da ira divina por meio de seu sofrimento e morte como substituto (Jo 1:29). Pregar essa graça é nossa responsabilidade (Mt 28:19-20). Contudo, não devemos utilizar passagens como esta para justificar a limpeza étnica.

Quando uma cidade era entregue à destruição, o povo não deveria jamais voltar a viver ali (34:9-10,12-13). Foi o que aconteceu com Jericó no passado (Js 6:24,26)

e agora será o destino de Edom. O Senhor reservou aquela terra para os animais viverem e se reproduzirem em paz (34:11,14-15). Essa decisão vem carimbada com um selo real: todas as espécies de animais que vivem ali são contadas e registradas num livro, e os limites territoriais são demarcados com exatidão (34:16-17). Isaías desafiou seu público a verificar o cumprimento da profecia (*buscai [...] lede*) a fim de que eles reconhecessem a fidelidade do Senhor na execução de suas decisões (25:1).

**35:1-10 O PERÍODO MESSIÂNICO.** O tom da narrativa muda repentinamente após a descrição da ruína de Edom no capítulo anterior. Isaías já não fala mais de um território transformado em deserto (34:9-10), mas, ao contrário, de um deserto que floresce (35:1-2a). Os territórios de Israel e do Líbano que foram transformados em deserto, conforme 33:9, voltarão a seu antigo *esplendor* (35:2b).

Também mudou o tom da mensagem profética. O texto já não fala mais de misérias (29:1,15; 30:1; 31:1; 33:1), mas encoraja e transmite segurança ao povo de Deus (35:3). O escritor da epístola aos Hebreus utilizou esse versículo para encorajar os cristãos a perseverar na santificação e na graça (Hb 12:12-15).

A mensagem do profeta anuncia salvação e a vinda de Deus em pessoa (35:4; Jo 1:1-18). Sua chegada será acompanhada de curas (35:5-6a). Naquele tempo, a cura era prerrogativa de Deus e, portanto, sinal de sua presença (cf. 29:18; 33:23-24).

A natureza, que também sofre as consequências da queda, conforme afirmou Paulo (Rm 8:20,22), será regenerada (35:6b-7). Deus, a humanidade e a natureza serão reconciliados (cf. 11:6-9). Na verdade, estaremos lá quando Deus restaurar o cosmo. Uma estrada chamada *Caminho Santo* permitirá ao *resgatados do SENHOR* entrar em Sião, a cidade ideal (35:8-10; Ap 21:2-4). Os cristãos primitivos podem ter-se apropriado desse versículo quando se referiram aos seguidores de Jesus Cristo como aqueles que eram do “Caminho” (At 9:2; 22:4; 24:22; cf. tb. Jo 14:6).

### 36:1—39:8 O reinado de Ezequias

Os capítulos 36 a 39 são muito semelhantes a 2Reis 18:13 a 20:19. Esse trecho conclui as profecias de Isaías com relação à sua própria época e pretende validar a concepção do profeta sobre Deus e demonstrar a veracidade de suas previsões. Mais especificamente, esses capítulos mostram que a Assíria não conseguiu capturar Jerusalém. Também insinuam a ameaça da Babilônia.

**36:1-22 A AMEAÇA ASSÍRIA.** Nos dias de Isaías, a Assíria era a nação mais poderosa da região, e seu exército era famoso por sua crueldade. Conforme profetizado por Isaías (8:7-8; 10:24), os assírios invadiram Judá e avançaram sobre Jerusalém. Senaqueribe, rei da Assíria naquela ocasião, enviou representantes para exigir a rendição da cidade (36:1-2). Ao registrar o fato, Isaías não menciona o tributo que Ezequias pagou a Senaqueribe (2Rs 18:14-17). A razão para

isso é que Isaías estava mais interessado no conteúdo teológico do discurso de Rabsaqué (este nome, na verdade, refere-se a um título militar que significa “comandante de campo”).

Entre os oficiais superiores enviados para se encontrarem com os emissários assírios, encontravam-se Eliaquim e Sebna, homens que Isaías considerava bom e mau exemplos de liderança, respectivamente (36:3; cf. tb. 22:15-25).

*Rabsaqué* inicia o discurso com uma pergunta a Ezequias: *Que confiança é essa em que te estribas?* (36:4-5). Em seguida, traça um esboço das coisas em que Jerusalém talvez estivesse confiando e, na sequência, põe-se a refutar cada uma delas. Algumas partes de seu discurso assemelham-se à opinião de Isaías. Contudo, há diferenças importantes entre a compreensão pagã de Rabsaqué sobre o papel de Deus nessa história e aquilo que Isaías apresentou em sua mensagem.

Rabsaqué considera inútil a aliança entre Judá e Egito (36:6). Nesse sentido, Isaías concorda plenamente com ele (30:1—31:9). De fato, o Egito não socorreu seus aliados quando a Assíria atacou.

Depois, Rabsaqué declara que o rei de Judá não deve esperar ajuda do Senhor, pois Ezequias deve tê-lo enraivecido quando removeu os objetos de adoração pagã que estavam no templo, destruiu os lugares altos em Judá e insistiu que o único lugar correto para oferecer sacrifícios era o templo de Jerusalém (36:7; 2Rs 18:4; 2Cr 29; 31:1-2). Como pagãos, os assírios acreditavam que, quanto mais lugares houvesse para ofertas e quanto mais rituais fossem realizados, tanto maior as chances de obter favor divino. Isaías, porém, declarou que o mais importante para Deus é a santidade, a justiça e praticar o que é certo (1:11-17).

Em seguida, o comandante assírio passa a fazer comentários irônicos sobre a fragilidade do exército de Judá: ainda que recebessem cavalos para se defender, não teriam homens suficientes para conduzi-los em batalha (36:8-9). Isaías também condenou ideias que levassem o povo a confiar em números e no poderio militar a fim de se proteger (cf. 31:1; 1Sm 17:45-47; 2Cr 13:3-18; 20:1-24).

Além disso, Rabsaqué declara que foi o próprio Senhor que enviou os assírios contra Judá (36:10). Isaías certamente considerava a invasão assíria um julgamento do Senhor, mas condenou a crueldade e o orgulho daquele povo que estava excedendo à tarefa que lhe fora designada (10:5-15). O mensageiro de Deus não deve ir além daquilo que lhe for ordenado (Mt 5:17-20).

Por fim, Rabsaqué ignorou os emissários de Ezequias e passou a falar diretamente com o povo (36:11-13). Sua intenção era desacreditar Ezequias, que vinha encorajando o povo a confiar somente no Senhor (36:14-15). Para isso, Rabsaqué utilizou dois argumentos a fim de persuadir o povo a rebelar-se contra o rei.

Primeiro, ele promete uma situação fantástica caso optem pela rendição. Sua descrição do lugar para onde serão

deportados é uma espécie de paródia com a terra prometida pelo Senhor (36:16-17; Êx 3:17). Aqui percebemos um desejo latente de retornar ao Egito em vez de confiar em Deus (Êx 16:3). Nosso continente está familiarizado com políticos dessa natureza, que enganam o povo com promessas semelhantes a respeito de um paraíso terreno. A realidade, contudo, é tão diferente que leva as pessoas a sonhar com a antiga era colonial. A igreja deve cumprir seu papel profético fielmente e ajudar os cristãos africanos a buscar a verdadeira esperança: a terra prometida representada pela nova Jerusalém (Mt 6:24-33).

Em seu segundo argumento, Rabsaqué declara que o Senhor, em quem Ezequias escolheu confiar, é muito fraco para protegê-los (36:18-20). Se nem os deuses da Síria e de Israel foram capazes de livrar seus respectivos países das mãos dos assírios, por que esperar que o Deus de Judá pudesse fazer isso? Isaías lutou contra esse erro de considerar o Senhor um deus regional limitado a Judá. Insistiu que o Senhor é o Criador de todas as coisas e o soberano sobre todas as nações (cf. 34:1).

Ezequias ordenou ao povo que permanecesse calado, apesar das provocações de Rabsaqué (36:21), e com isso demonstrou sinal de maturidade. “O discurso é como a prata, mas o silêncio é como o ouro”, diz o provérbio. Diante da arrogância, o silêncio é sinal de sabedoria e confiança em Deus (Êx 14:13-14; Pv 17:28; Mt 7:6).

Apesar de aparentarem bravura enquanto ouviam o discurso de Rabsaqué, os representantes de Ezequias estavam aterrorizados com aquelas palavras, como mostra a sua atitude antes de entregarem a mensagem ao rei: eles rasgaram as vestes em sinal de lamentação (36:22).

**37:1-38 A REAÇÃO DE EZEQUIAS.** O rei de Judá ficou tão aterrorizado quanto seus emissários. Ele não apenas rasgou suas vestes, como também vestiu panos de saco. Mesmo assim, demonstrou coragem e discernimento, pois não desistiu de confiar no Senhor, apesar da situação desesperadora. Sua reação imediata foi dirigir-se ao templo, sem dúvida para orar (37:1).

Ezequias também enviou mensageiros para consultar Isaías, verdadeiro homem de Deus. A essa altura, provavelmente Ezequias percebeu que as admoestações de Isaías sobre a invasão dos assírios e a inutilidade de compor aliança com o Egito provinham de Deus (30:1—31:9). O envio de líderes como *Sebna* (37:2), um dos adversários de Isaías (22:15-19), além de outras autoridades religiosas, foi uma maneira de o rei reconhecer Isaías como verdadeiro profeta. Ezequias está confiante naquele que anunciou a intervenção de Deus contra os invasores e pede *orações pelos que ainda subsistem* (37:3-5). Essa referência aos que “ainda subsistem” sugere que o rei se lembrou do que Isaías havia dito anteriormente (1:9; 30:27-33).

O profeta entrega aos mensageiros a resposta de Deus à sua oração: Deus fará Senaqueribe *ouvir certo rumor* que o fará retornar para casa, onde morrerá (37:6-7). Esse

“rumor” foi o anúncio de que um exército etíope avançava contra os assírios (37:8-9a). Os etíopes eram africanos negros que viviam no sul do Egito. Percebe-se claramente que os exércitos africanos eram temidos na Antiguidade (cf. comentários em 18:1-7).

Mesmo assim, Senaqueribe não abandonou seus planos de atacar Jerusalém; após ouvir esse rumor, enviou a Ezequias uma carta na qual repete suas ameaças contra Jerusalém e continua tratando o Senhor como mais um deus entre os povos conquistados (37:9b-13).

Ezequias, ainda enfrentando ameaças, decide perseverar na fé e retorua ao templo com a carta que Senaqueribe lhe enviou (37:14). Pronuncia outra oração (37:15), porém desta vez o texto registra suas palavras que, além de ricas em conteúdo teológico, também mostram um rei bastante familiarizado com o Pentateuco. Ezequias reconhece Deus como Criador de todas as coisas e, portanto, como Senhor soberano (37:16; Gn 1:1). Mais que isso, ele afirma que o Senhor é o único Deus (Êx 20:1-3). Além do Senhor, não existem outros deuses, apenas projeções humanas de divindades (37:19). O Senhor, por outro lado, é um Deus vivo que pode ver e ouvir (37:17). Parece que o pedido de Ezequias para livrar Jerusalém não é tanto para salvar o rei, mas para que a glória de Deus seja reconhecida pelas outras nações (37:20).

Em seguida, Isaías apresenta a segunda resposta de Deus. Percebe-se o caráter solene dessa resposta por meio do emprego do título completo do mensageiro: *Isaías, filho de Amoz* (37:21). O Senhor reitera sua soberania (37:22-24a). Deus é o autor das maravilhas da natureza que o rei da Assíria alega ter conquistado (37:24b-25). Além disso, o Senhor planejou toda a história humana e concedeu vitórias a Senaqueribe (37:26-27). O rei da Assíria deve, portanto, encarar a realidade: ele é apenas mais uma criatura entre tantas outras. Deus pode conduzi-lo para onde bem quiser, como se fosse um boi ou jumento (37:28-29).

Isaías anuncia a Ezequias que o rei da Assíria não conquistará Jerusalém e que os sobreviventes voltarão aos poucos à vida normal (37:30-34). Deus intervirá não apenas por causa da glória de seu próprio nome, como orou Ezequias (37:20), mas também porque Ezequias provou ser um rei digno da linhagem de Davi; e Deus se lembrou de sua promessa a Davi (37:35; 1Rs 2:2-4).

O Senhor prometeu que os assírios não iriam atirar nem mesmo uma *flecha* contra Jerusalém (37:33). Essa promessa cumpriu-se quando Deus atingiu o exército assírio com uma praga. A menção do *Anjo do Senhor* lembra a praga que atingiu Israel no reinado de Davi (2Sm 24:15-17). Senaqueribe abandonou seus planos de atacar Jerusalém e retornou para seu país, onde morreu, conforme Isaías havia profetizado (37:36-38). Essa intervenção divina deve ter impressionado os sobreviventes em Jerusalém e atribuído considerável credibilidade às profecias posteriores de Isaías.

38:1-22 **DOENÇA E CURA DE EZEQUIAS.** O rei da Assíria não conseguiu escapar de seu destino (37:7,38), mas o que dizer do rei de Judá? No episódio seguinte, Ezequias é acometido de uma doença que o levará à morte, conforme lhe informou Isaías (38:1). A primeira reação do rei é orar a Deus, como vem fazendo (38:2; 37:1,15). Em suas orações anteriores, Ezequias colocou a glória de Deus acima de seu desejo de obter livramento (37:20). Aqui, entretanto, colocou em primeiro lugar sua fidelidade, *inteireza de coração* e bom comportamento (38:3). Ezequias se considera digno de suceder Davi e de herdar as promessas feitas a ele (cf. 37:35).

No AT, algumas vezes encontramos pessoas que afirmam caminhar com fidelidade e integridade diante de Deus (1Rs 19:14; 1Cr 29:17-18; Ne 13:14). Precisamos lembrar que o AT considera justo o indivíduo cujas ações e comportamentos agradam a Deus. Entretanto, isso não é o mesmo que dizer que essa ou aquela pessoa não pecava. Cristo é o único que não pecou e, portanto, pode desafiar: “Quem dentre vós me convence de pecado?” (Jo 8:46). Somente Cristo em sua impecabilidade conseguiu conquistar a morte (Rm 5:18-19).

O Senhor respondeu à oração de Ezequias e concedeu-lhe uma prorrogação de quinze anos de vida (38:4-5). Além disso, garantiu que esses anos extras seriam de paz, a despeito da ameaça que ainda pairava sobre Jerusalém (38:6). Ter comunhão com Deus não garante que o Senhor atenda a pedidos de oração como este, porém esse versículo e outros semelhantes nos encorajam a viver em intimidade sincera com o Senhor.

O anúncio dessa prorrogação no livro de 2Reis vem acompanhado da forma pela qual a doença foi curada e do pedido de Ezequias por um sinal de confirmação (2Rs 20:7-8), mas em Isaías esses acontecimentos estão registrados no final do capítulo (38:21-22).

A cura do rei ocorreu por meio da aplicação de uma  *pasta de figos*, conforme instruções de Isaías (38:21). Naquele tempo, a ciência medicinal era pouco desenvolvida, de modo que apenas aqueles mais próximos de Deus conheciam a cura para algumas doenças. Religião e medicina caminhavam juntas (cf. 29:18; 2Rs 5:7-8), como ainda hoje se vê com frequência nas cidades e vilas de nosso continente.

A fim de confirmar a cura anunciada por Deus, Ezequias pediu (38:22) e recebeu (38:7-8) um sinal do Senhor. Esse sinal é semelhante àquele concedido a Josué (Js 10:12-14). A Bíblia mostra que Deus raramente atendia a pedidos de sinais, e quando estes ocorriam era somente para confirmar que uma mensagem ou missão provinha realmente de Deus (Êx 4:1-5; Jz 6:36-40). A função dos sinais é confirmar a fé existente, e não produzi-la (Mt 12:38-39).

Seguindo a tradição judaica daquela época, semelhante à africana, Ezequias compôs uma canção de louvor após sua cura (38:9-20; cf. tb. 12:1-6). Contudo, as semelhanças param por aqui. Na cultura tradicional africana, a morte representa uma passagem para outro mundo. A vida conti-

nua, porém sob outra forma, e é possível haver comunicação entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Mas Ezequias considerava a morte o encerramento da vida, momento em que as pessoas perderiam toda ligação com a *terra dos vivos* (38:10-11,18). Há, porém, um elemento messiânico subentendido nessa passagem: Deus pode salvar-nos da morte e perdoar nossos pecados (38:15-17; cf. tb. 25:8; 26:19).

39:1-8 **OS EMISSÁRIOS BABILÔNICOS.** O relato da vida de Ezequias termina com uma nota sombria. Apesar de evitar a aliança com o Egito, confiando em Deus durante o cerco de Jerusalém e experimentando a cura divina, Ezequias caiu na armadilha de aliar-se a uma nação pagã.

Os babilônios (também inimigos dos assírios, assim como Judá) foram aos poucos crescendo em poder. Sob pretexto de fazer uma visita de cortesia a Ezequias após sua recuperação, aproveitaram para preparar um inventário das riquezas do rei. Aliás, o próprio Ezequias os acompanhou numa excursão de reconhecimento por todo o seu palácio (39:1-2). Encantado com a visita, parece que Ezequias agiu com ingenuidade e não percebeu a real motivação dos babilônios. Embora seja necessário confiar em Deus e permanecer calmo diante da adversidade (30:15), isso não é desculpa para nos eximirmos de nossa responsabilidade de vigiar e nos manter íntegros. Precisamos refletir atentamente sobre as pessoas a quem pretendemos abrir nosso coração e nossa casa (Jz 16:17-21). A prudência é fundamental na condução de assuntos administrativos, tanto em nossos lares como no governo do país.

Isaías respondeu imediatamente ao erro de Ezequias e informou ao rei sobre a futura invasão dos babilônios, o saque aos tesouros do palácio e a deportação de alguns de seus descendentes para a Babilônia (39:3-7; 2Rs 24:8—25:21).

A resposta de Ezequias à profecia de Isaías é ambígua. Por um lado, ele parece continuar preocupado com a segurança imediata de seu povo (37:1,17-20), pois fica feliz com o fato de que essa invasão não ocorrerá durante seus dias na terra (39:8). Mas, por outro lado, não parece preocupado com o destino das gerações seguintes. Um bom líder espiritual deve esforçar-se para deixar as coisas em ordem para aqueles que virão depois, conforme Davi agiu com respeito a Salomão (1Cr 28:9-10), e da mesma maneira que o apóstolo Paulo fez em suas cartas a Timóteo.

## 40:1—55:13 Parte 2: A era da consolação

Com exceção de alguns trechos messiânicos como 35:1-10, até aqui Isaías estava interessado no destino de Israel e Judá a curto prazo. O profeta tratou da invasão dos assírios, do fim do reino de Israel e do livramento de Jerusalém sob o comando de Ezequias (entre 722 e 704 a.C.). A partir desse momento, Isaías passa a pronunciar profecias de longo prazo que serão cumpridas após sua morte e a complementar o que disse em 13:1 a 14:2 e 21:1-10 sobre a captura da Babilônia pelos persas (539 a.C.) e o retorno dos exilados.



O servo de Deus, o messias, é o principal tema dessa seção do livro, representado aqui principalmente por Ciro, rei da Pérsia, libertador de Israel. Contudo, o profeta vai além e concebe outro servo de Deus que dará início a uma nova e eterna aliança entre Deus e a humanidade (55:3).

#### 40:1-31 O livramento do Senhor

Dirigindo-se aos habitantes de Jerusalém, Isaías, sem dúvida está falando sobre o retorno dos exilados (40:9). A mensagem de Deus transmite consolo à cidade e seu povo (40:1). Como cristãos perdoados por Cristo, nossa missão também é consolar as pessoas (2Co 1:3-5).

A palavra *Consolai* é repetida duas vezes em 40:1, possivelmente para equilibrar a declaração de que o povo recebeu punição *em dobro* por seus pecados. Deus castigou seu povo, formado por aqueles que deveriam representá-lo ao mundo, para servir de exemplo (Dt 4:5-8, 23-24). Contudo, o Senhor também é um Deus misericordioso (40:2). Durante o exílio, os judeus perceberão que aquela situação ocorreu por causa de seus pecados e clamarão pelo livramento prometido por Isaías (Ed 9:6-8; Ne 1:5-10; Dn 9).

Os exilados ouvirão um arauto ordenando a construção de uma estrada *no deserto* (40:3). O deserto geralmente simboliza ruína e punição divina (34:8-15; Nm 32:13), porém paradoxalmente também se refere ao lugar onde Deus pode ser encontrado ou onde as pessoas retornam para Deus (Êx 3:1-2; Os 2:14). Os africanos, vivendo literal ou metaforicamente à margem do deserto, têm a maravilhosa oportunidade de desenvolver intimidade com Deus e dependência profunda do Senhor.

Esse mensageiro parece preparar um caminho no deserto para o segundo êxodo, isto é, o retorno dos exilados da Babilônia para Jerusalém (40:3; Êx 16:10). Será um caminho plano, sem obstáculos (40:4). Mas a imagem desse caminho ideal também tem implicações messiânicas (cf. 35:8-10). Desse modo, os escritores do evangelho perceberam que esse anúncio também se aplicava ao papel de João Batista, que preparou o caminho para a vinda de Cristo (Mc 1:3; Lc 3:4; Jo 1:23). O livramento do povo de Deus (ou a vinda de Deus para habitar com seu povo) revela a glória do Senhor (40:5).

Isaías volta a afirmar que a vontade de Deus será cumprida, pois seus planos não são efêmeros como os da humanidade, que se assemelham a *erva e flores* (40:6-7; cf. tb. Sl 103:15). Os seres humanos vivem e morrem conforme o sopro do Senhor que está neles (Gn 2:7). Em contraste, *a palavra de nosso Deus* é absolutamente confiável (40:8; cf. 25:1) e tem valor eterno.

Por causa da fidedignidade de Deus, sua mensagem de salvação pode ser proclamada corajosamente do alto dos montes (40:9). Deus entregou aos judeus, desde o princípio, a missão de proclamar a salvação ao mundo (Gn 28:14; Jo 4:22). Essa missão cumpriu-se totalmente na vinda de Cristo para habitar com seu povo. Cabe à

igreja dos dias atuais proclamar essa mensagem de *boas-novas* (cf. Mc 16:15).

Esse libertador divino cuja vinda está sendo proclamada a Jerusalém é representado como um homem de braço forte (40:10; Êx 6:6; Sl 79:11) e um pastor bondoso e manso (40:11; Sl 23; Jo 10:11). Seu imenso poder e sabedoria são celebrados num magnífico poema (40:12-17; Jó 38—39) que, por meio de perguntas a respeito de Deus, traz à memória as maravilhas da criação divina e nos conduz a uma fé madura e reflexiva. Em nossas igrejas, muitas vezes a fé ainda continua infantil e relutante ao estudo. Deus nos estimula a utilizar ao máximo nossa capacidade intelectual e nos chama para meditar sobre as maravilhas que ele criou (Pv 1:1-7).

Comparadas à grandeza de Deus, as nações humanas são insignificantes (40:15,17) e nada têm para oferecer ao Senhor. Todas as árvores do Líbano não bastam para queimar uma oferta do tamanho que Deus merece (40:16). Também não há razão para as pessoas se orgulharem de suas nações e líderes (40:21-24; cf. 40:6-8). A seus ouvintes, o autor faz duas perguntas: *Com quem comparais a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele?* (40:18,25). A resposta a ambas as questões salienta a incapacidade do ser humano de compreender totalmente a Deus e demonstra quão ridículos são os esforços humanos em criar representações artísticas da divindade (40:19-20). Alguém que fabrica um ídolo toma precauções para que este *não oscile*; contudo, aquele que se pretende representar é justamente o que equilibra os céus *como cortinas* (40:21-22). Em vez de construir ídolos ridículos ou confiar em autoridades, devemos contemplar as obras da criação de Deus e nelas meditar (40:26; Rm 1:20).

Diante desses lembretes exaltando a grandeza do poder de Deus, talvez sejamos tentados a pensar que somos pequenos demais para que Deus preste atenção em nós (40:27). Os cristãos, porém, não devem desanimar e pensar que Deus nos abandona quando enfrentamos momentos de dificuldade (p. ex., durante o exílio) (40:27). O Senhor nos diz que nunca se cansa e que seu conhecimento é infinito (40:28). Se perseverarmos e confiarmos no Senhor, Deus compartilhará conosco suas características e nos dará força para continuarmos (40:29-31; cf. 2Co 3:17-18).

#### 41:1-29 Confiança em Deus

Isaías 41:1 se assemelha a 1:2 e 34:1, no sentido de que Deus convoca novamente todas as nações para ouvir o que ele tem a dizer. As *ilhas* se referem aos países distantes. À luz do iminente julgamento de Deus, todo ser humano precisa refletir atentamente sobre as palavras do Senhor. Esse julgamento será executado por alguém a quem Deus *suscitou do Oriente* a fim de cumprir seus propósitos (41:2-3). Essa pessoa deve ser Ciro, rei da Pérsia (45:1), que não agirá de modo independente, mas estará sob o controle de

Deus, como todos os outros seres humanos desde o começo da história até o final dos tempos (41:4; cf. tb. Ap 22:13). O Criador eterno é o único elo permanente ao longo das gerações.

Apesar disso, mesmo diante do iminente julgamento de Deus, as nações preferirão apegar-se a seus ídolos, ainda que estes sejam apenas objetos fabricados pelo homem e tão inúteis que precisam ser afixados com pregos para não cair (41:5-7). *Israel*, contudo, deve agir de outro modo. A fim de chamar a atenção do povo, o Senhor recorda os ancestrais de Israel: seu *servo Jacó*, escolhido em detrimento de seu irmão Esaú, e seu *amigo Abraão* (41:8). Os africanos conservam na memória seus ancestrais, bem como a sábia conduta deles, vendo-os como exemplo para as futuras gerações e modelos de comportamento em épocas de crise. O Senhor age da mesma maneira e não esquece sua aliança com as gerações passadas (41:9; cf. Gn 17:7).

Deus instrui várias vezes seu povo a não temer (41:10a, 13-14). Essa insistência é importante porque Deus conhece nossa natureza temerosa. O medo é um mecanismo de defesa diante do perigo ou de um adversário mais forte. Contudo, precisamos aprender a confiar no socorro de Deus (41:10b). O Senhor transformará nossa situação, de modo que sairá humilhado aquele que nos tentava humilhar (41:11). Acontecerá, inclusive, de procurarmos por nossos inimigos e não os encontrar, pois desapareceram (41:12). Através das eras, muitos servos de Deus precisaram ser lembrados dessa instrução (41:13; Js 1:7-9; Jr 1:17-19; Lc 12:32). Deus se agrada de utilizar seu *povozinho de Israel*, um simples *vermezinho*, para mostrar sua glória (41:14). Jeremias e o apóstolo Paulo são exemplos de pessoas completamente cientes dessa verdade (Jr 1:6-10; 2Co 12:7-10). Com o auxílio de Deus, esse “vermezinho” se tornará uma força capaz de destruir até montanhas (41:15-16a).

O povo deve não apenas deixar de temer o adversário, como deve procurar motivos para alegrar-se *no SENHOR* (41:16b). Embora não se possa afirmar que isso represente um mandamento categórico, os cristãos são fortemente instigados a procurar ativamente razões para se alegrar em Deus (Fp 4:4). E o Senhor fornece muitas razões para nos alegrarmos, pois transformará o deserto em mananciais e jardim verdejante (41:17-20; cf. 35:1-2; 40:3).

Deus, por meio de seu profeta, tranquiliza seu povo e desafia abertamente os deuses das outras nações (41:21; cf. tb. 41:6-8) a provar se eles de fato existem. Para isso, sugere dois testes: o primeiro se refere à capacidade de interpretar o passado ou predizer o futuro com exatidão (41:22; cf. Dt 18:22), e o segundo se refere à habilidade para intervir no mundo físico (41:23). Este último lembra o desafio de Elias aos profetas de Baal (1Rs 18:21-39). Assim como na época de Elias, o desafio de Isaías provou que os ídolos são *menos do que nada* (41:24). Por sua vez, o Senhor está mais que disposto a realizar uma predição e fazer com que esta se cumpra: Deus declara que no futuro

suscitará alguém *do Norte*, isto é, o rei da Pérsia, que trará boas notícias a Jerusalém (41:25-27).

Nenhum dos ídolos adorados como deuses pôde fazer algo semelhante. Isaías os descarta como *nada*, *vento* e *vácuo* (41:28-29). O livro de Isaías não reconhece a existência de entidades (nem mesmo espirituais) nos ídolos ou amuletos que tanto amedrontam nossos compatriotas.

#### 42:1-25 O servo de Deus

Essa é a primeira das quatro “canções do Servo” em Isaías (42:1-9; as outras estão em 49:1-6; 50:4-9; 52:13—53:12) e apresenta o servo e sua missão. Em um contexto histórico imediato, o servo refere-se a *Ciro*, rei da Pérsia, que pôs fim ao exílio dos judeus. Se compararmos 42:6 e 45:13, perceberemos nítida ligação entre a missão do servo e aquela confiada a *Ciro* (cf. tb. 41:2-3, 25).

No entanto, esse servo também representa alguém maior que *Ciro*, de modo que Mateus 12:18-21 relaciona o texto de Isaías 42:1-9 a Cristo. Uma das características messiânicas do servo se refere ao fato de que ele não proclamará ter sido enviado, mas sim *escolhido* por Deus (42:1a). Um provérbio yombe da República Democrática do Congo diz: *Kimfumu bika kibiekuanga* (“Nenhuma pessoa seria se autoproclama líder dos outros”). Cristo não foi exceção a essa regra (Mc 1:9-11).

Esse servo de Deus também possui uma vocação universal: *promulgará o direito para os gentios* (42:1b) até os países mais distantes (*as terras do mar*) (42:4b). Será *luz para os gentios* (42:6b-7). A obra da salvação de Cristo possui esse alcance universal (Mt 28:19; At 10:28).

O servo não impõe sua mensagem por meio de alta voz ou eloquência, como fazem muitos profetas assim autoproclamados (e com isso demonstram falta de sabedoria) (Pv 17:28). Antes, ele *promulgará o direito* (42:2-3).

Finalmente, o escolhido de Deus será fiel em seu ministério, exatamente como Cristo quando se ofereceu a si mesmo em sacrifício (cf. 53:7). Além disso, *não desanimará* (42:4a).

Deus se identifica duas vezes de um modo que intensifica a autoridade do servo como seu representante. Primeiro, ele se apresenta como Criador, utilizando uma linguagem semelhante àquela em Gênesis 1:1 e 2:7, e depois especifica que é ele quem conduz seu servo (42:5-6a). Segundo, Deus chama a atenção para o nome pelo qual se revela, *SENHOR* (do hebraico YHWH, ou Javé) (Êx 3:14-15), mostrando com isso que sua glória pertence somente a ele (42:8-9). Mais tarde, Jesus se declarará como único e verdadeiro representante de Deus (Jo 14:6-7).

Essa missão universal de justiça do servo de Deus é motivo de celebração e louvor por um coral universal (42:10-12). O Senhor agirá em breve (42:13). Depois de um período de silêncio, como ocorreu durante o exílio, o Senhor voltará a intervir a favor de seu povo (42:14-15). Deus proclama que curará a cegueira e a surdez de seu povo, consequências da idolatria (42:16-20; 29:18).

Em **42:21-25**, o profeta fala em nome de seu povo. Reconhece que a ruína e o exílio de Israel são punições de Deus por causa do pecado. Esse sofrimento foi planejado para servir de lição às gerações futuras, ensinando-os a prestar atenção à palavra de Deus (**42:23**). Israel precisa ouvir a mensagem de redenção que será proclamada na seção seguinte.

### 43:1-28 A redenção de Israel

No capítulo anterior, Deus chamou a atenção para o fato de que é o Criador dos céus e da terra (cf. **42:5**). No capítulo 43, o Senhor emprega os mesmos verbos utilizados em Gênesis 1:1 e 2:7, *criou* e *formou* (**43:1**), porém aplicados a Israel. Essa nação não existe por acaso, mas é inteiramente obra de Deus.

A exortação *Não temas*, empregada também no capítulo 41 (cf. comentários em **41:1-29**), ocorre duas vezes (**43:1b,5a**). Essa atitude de vencer o medo está fortemente ligada à crescente percepção de pertencer a Deus (**43:1a**).

A promessa de Deus de estar com seu povo quando eles passarem *pelas águas* (**43:2a**) deve ter relembrado o milagre da travessia do mar Vermelho e do rio Jordão (**Êx 14:21-22**; **Js 3:4-17**). A promessa de proteção *quando passares pelo fogo* os encorajaria a demonstrar a mesma confiança que os amigos de Daniel diante da ameaça da fornalha (**43:2b**; **Dn 3:1-30**).

As palavras de Deus em **43:3a** ecoam a magnífica declaração de fé que introduz os Dez Mandamentos (**Êx 20:2**). Aqui, porém, o livramento do povo é apresentado em termos mais abrangentes que aquele primeiro êxodo. O Egito não foi a única nação rica e poderosa a ser sacrificada em benefício da redenção de Israel (**43:3b**).

Aqueles que pertencem a Deus retornarão dos quatro cantos do mundo para Israel (**43:5b-7b**). O livro de Esdras registra o decreto de Ciro permitindo o retorno de todos os judeus, fato que representou cumprimento parcial dessa profecia (**Ed 1:3,5**). O redentor, porém, pastor supremo de Israel, incluirá muitas outras pessoas no rebanho além dos descendentes de Abraão: *todos os que são chamados pelo meu nome* (**43:7a**). Da mesma forma que a nação judaica descrita em **43:1**, Deus também criou e formou todas essas pessoas.

Em **43:8-13**, Isaías retorna ao tema dos capítulos 41 e 42. O livramento de Israel é comparado à cura de uma nação cega e surda, cujas deficiências resultam da idolatria e, portanto, são doenças de caráter mais espiritual que físico (**43:8**; cf. **42:16-20**).

Mais uma vez, o Senhor confronta as nações estrangeiras e seus deuses. Novamente aplica o teste proposto em **41:21-23** e demonstra de modo triunfante que somente Deus pode predizer o futuro e fazer com que ele se cumpra (**43:9**). Sem dúvida, o Senhor é o único Deus, o primeiro ser eterno e todo-poderoso (**43:10-13**; cf. **41:4,24-29**).

Deus fornece aqui mais detalhes que ofereceu em **42:1** sobre o acontecimento que ele predisse e fará acontecer:

a queda da Babilônia (**43:14**). Apesar da arrogância por causa de seus *navios*, que, sem dúvida, lhe traziam riqueza e poder, a Babilônia, a mais rica e poderosa de todas as nações daquela época, será humilhada por Deus.

Deus volta a chamar a atenção de seu povo para o fato de que não será a primeira vez que ele humilhará uma nação poderosa, como quando afogou o poderoso exército egípcio no mar Vermelho durante o êxodo (**43:15-17**; cf. **43:2-3**; **Êx 14:21-31**). Entretanto, o povo não deve concentrar-se no que Deus realizou no passado (**43:18**). Antes, precisa olhar para o presente e perceber que o Senhor está fazendo uma *coisa nova*, isto é, preparando o caminho para um novo êxodo (**43:19**). No passado, o Senhor *preparou um caminho no mar* (**43:16**), mas agora construirá um *caminho no deserto* (**43:19**) com *águas* e *rios* (**43:20**; cf. **tb. 35:1-10**; **40:3-4**; **41:17-19**). Os animais exultarão com isso, porém a finalidade é suprir a necessidade de seu povo, para que eles exaltem ao Senhor (**43:21**; cf. **tb. 42:10-12**).

Da mesma forma que no capítulo 42, aqui o louvor a Deus vem acompanhado imediatamente pela lembrança dos pecados do povo contra o Senhor. O povo não o servia nem o reverenciava. O Senhor lhes deu poucas obrigações para observar, mas o único resultado que obteve foi acumulação de pecados (**43:22-24**; cf. **42:21-25**). Todavia, apesar da desobediência e do desprezo pelos holocaustos, o próprio Deus decidiu perdoá-los! Essa espantosa verdade está salientada na expressão: *Eu, eu mesmo* (**43:25**). Mais tarde, Jesus demonstrará a mesma capacidade de perdoar pecados (**Mt 9:1-8**; **Jo 1:29**).

Deus deixa claro que o povo não tem o direito de receber perdão (**43:26**). O Senhor fala dos pecados do *primeiro pai*, Jacó, que, sem dúvida, não pode ser considerado exemplo de virtude. Também fala dos pecados dos líderes, os *guias* do povo (**43:27**). Esses pecados resultaram na destruição de Israel (**43:28**).

Os africanos devem prestar atenção às palavras sobre os pecados dos ancestrais dos judeus. Procuramos ser tão zelosos na reverência a nossos ancestrais e demonstrar tamanho respeito por nossos líderes que tendemos a ignorar suas fraquezas. Ao mesmo tempo que respeitamos nossos ancestrais e nossos líderes (**Êx 20:12**; **Hb 13:17**), precisamos cuidar para não cairmos em cega admiração (**At 5:29**).

### 44:1-28 O Senhor é o único Deus

Os primeiros oito versículos desse capítulo retornam aos temas do capítulo 40. Ou seja, o Senhor volta a enfatizar que seu povo foi criado e escolhido por Deus (**44:1-2**; cf. **41:8-9**; **43:1**). O povo de Israel é chamado de *amado*, tradução de *Jesurum* (NVI e RC), que significa “o íntegro”, nome poético incomum para Israel que também é empregado em Deuteronômio 32:15. Esse nome evidencia a vocação do povo de Deus.

Também aqui encontramos o tema do deserto que, para aqueles que pertencem a Deus, volta a receber água

(44:3-5; cf. 41:17-20; 43:19-20). O novo elemento que surge nessa passagem é a promessa de que Deus derramará do seu *Espírito* (cf. tb. Jl 2:28). A vinda do período messiânico coincidirá com a vinda do Espírito, um dos temas da pregação de Jesus (Jo 3:5; 7:37-39). É fundamental que o Espírito esteja presente na vida do indivíduo e do povo. O apóstolo Paulo insistiu: “Não apagueis o Espírito” (1Ts 5:19) e apresentou os vários aspectos do fruto do Espírito em Gálatas 5:22.

Mais uma vez, o Senhor desafia outras supostas divindades e insiste que somente ele é Deus, o primeiro e o último, e o único que pode predizer o futuro (44:6-8; cf. 41:21-29; 43:9-13). Sabendo que o Senhor é quem diz ser, os crentes não precisam temer (44:2,8; cf. comentários em 41:1-29; 43:1).

Ainda com referência à singularidade do Senhor, o autor passa a falar detalhadamente sobre a inutilidade dos ídolos, assunto sobre o qual já havia comentado brevemente (cf. 40:18-20; 41:6-7).

O autor inicia chamando a atenção para a insensatez do indivíduo que, não sendo Deus e, portanto, dependendo das coisas criadas por Deus para viver, cria um deus com suas próprias mãos (44:9-12). Na sequência, ele apresenta uma ironia: a madeira usada para fabricar o ídolo provém da mesma árvore que o artífice utiliza para se aquecer e preparar seu alimento (44:13-17,19). Por que idolatrar um pedaço de madeira em detrimento de outro? Considerando que a tendência do adorador é assemelhar-se ao objeto adorado, a pessoa que se prostra diante de ídolos acaba tornando-se igual a eles: *nada veem, nem entendem* (44:9,18-20).

O Senhor, em contraste, é um Deus vivo e não esquece seu povo, o qual é convocado para dele lembrar-se (44:21). Somente o Senhor tem poder para perdoar *transgressões* (44:22; cf. tb. 43:25) e somente ele controla a criação

(44:23-24). Deus confunde os *profetizadores de mentiras* (2Cr 18:19-22), mas cumpre o *conselho dos seus mensageiros* (sem dúvida, incluindo Isaías) que anunciaram a reconstrução de Jerusalém (44:25-27).

Antecipando-se ao próximo capítulo, o autor declara que essa reconstrução será possível por causa de Ciro, rei da Pérsia (Ed 1:1-4), aqui chamado de *pastor* porque ajuntará o povo em Jerusalém (44:28; 40:11; 43:5-7).

#### 45:1-25 Ciro, o messias do Senhor

O rei da Pérsia é descrito como o *ungido* do Senhor; em outras palavras, o messias de Deus (45:1). Ciro tornou-se servo de Deus, assim como Saul e Davi (1Sm 10:1; 16:13). Não é incomum Deus utilizar um rei estrangeiro para realizar seus propósitos (cf. 2Rs 8:7-15). Afinal, o Senhor não é um deus regional, mas aquele que criou todas as coisas (45:6-8; Dn 4:34-37).

Deus não precisa que as pessoas o conheçam ou reconheçam sua existência a fim de que possam servi-lo (45:4-5). Todas as criaturas lhe estão sujeitas. Ciro reconhecerá a mão do Senhor em suas vitórias fáceis (45:2-3). E nem ele nem os israelitas têm o direito de criticar as obras de Deus. Assim como o barro não pode rebelar-se contra o oleiro e as crianças não devem desafiar seus pais, da mesma forma os seres humanos não têm o direito de criticar os planos do Criador do universo (45:9-12). Deus utilizou os assírios para punir Israel e Judá (10:5), e agora conduzirá Ciro conforme sua vontade para que o rei liberte o povo de Israel sem exigir nenhuma compensação por isso (45:13; Ed 1:4,6-11).

Conforme declarado em 43:3, Deus entregará a Ciro os reinos da *Etiópia* e dos *sabeus* (este último talvez localizado na Arábia ou na África) como compensação pela libertação

## IDOLATRIA

A idolatria assume diversas formas nas várias culturas africanas, mas fundamentalmente refere-se a qualquer coisa que ocupe o lugar de Deus na vida das pessoas. A idolatria é claramente proibida nos Dez Mandamentos (Êx 20:1-6), nos quais é descrita como servir, adorar ou cortejar qualquer imagem, espírito, deus ou ídolo que não seja o Deus vivo e verdadeiro.

Apesar desse mandamento, Arão fabricou um bezerro de ouro para o povo adorar (Êx 32; Sl 106:19-20). Mais tarde, eles passaram a adorar outras divindades como o sol, a lua e as estrelas (Jr 8:1-2). Por meio da análise do seu comportamento, percebe-se que abandonar a glória do Senhor em favor da idolatria deteriora todo o sistema de valores, toda a razão e todo o respeito pelo ser humano, resultando em uma sociedade corrompida. Quando o povo adora ídolos, está firmando uma aliança com os

espíritos que aqueles deuses representam (Sl 106:28) e acaba preso à armadilha dos poderes da escuridão, assim como um animal que cai numa cilada fica imobilizado, sofre dores e se torna sujeito a seus predadores (Sl 106:36).

Deus também advertiu a Israel que evitasse os vários aspectos da idolatria: “Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos” (Dt 18:10-11). É perturbador perceber que fazem parte de nossa cultura muitas das práticas listadas aqui. O mesmo pode ser dito com respeito à adoração de uma variedade de criaturas, algumas das quais foram transformadas em totens. Como prova de que essa prática persiste, basta observar a penetração da bruxaria, adivinhações e feitiçarias entre os políticos e jogadores de futebol.

O Senhor se apresenta como Deus zeloso (Êx 20:5), que não tolera o mal representado pelos deuses rivais. Portanto, o Senhor fica irado com a idolatria e distancia-se daqueles que a praticam (Rm 1:21-24). Por causa da idolatria continuada, Deus puniu os israelitas ao permitir que fossem conquistados pelas nações pagãs (Sl 106:40-43).

No NT, Paulo condena categoricamente a idolatria e exorta com veemência os cristãos para que fujam dela (1Co 10:14). Paulo afirma que os sacrifícios dos gentios não são dedicados a Deus, mas aos demônios, e conclui: “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (1Co 10:21). Somos chamados, portanto, a nos afastar totalmente da idolatria.

Os sacrifícios consumidos durante as festas idólatras também corrompiam (Sl 106:28).

Ao contrário de Paulo, alguns teólogos africanos propõem que nos adaptemos às religiões tradicionais africanas, pois afirmam que o Deus adorado nessas religiões é o mesmo Deus da religião judaico-cristã. Alguns até mesmo se referem a Jesus como “supremo ancestral”. Ao fazerem isso, validam crenças religiosas tradicionais e adoram aquilo que a Bíblia condena (Êx 20:3-4; Mt 4:10).

Atualmente há outras formas de idolatria mais sutis. Por exemplo, a obsessão pelo dinheiro e pelos bens materiais equivale à idolatria e é igualmente condenada por Jesus (Lc 16:13). Muitas pessoas, especialmente os mais jovens, veneram a tecnologia moderna, a mídia e o cibe-

espaço, esquecendo que ídolo é qualquer deus fabricado pelo homem (Is 40:19-20).

Nossa reação à idolatria deve ser interceder pelo povo, como fez Moisés (Êx 32:11-13). Precisamos arrependermos de nossas perversidades, desobediência e rebelião, inclusive aquelas que nossos ancestrais praticaram (Ed 9:5-15;

Ne 1:5-11; Dn 9:4-19). A prática da idolatria deve ser abandonada (Ed 10:11-12; At 19:8-9). As alianças envolvidas em barganhas com ídolos e espíritos devem ser rompidas verbalmente, pois os ancestrais ou as pessoas que as instituíram pronunciaram palavras que estabeleceram esse relacionamento.

A própria terra também precisa de redenção, pois o sangue derramado durante os sacrifícios humanos, a construção de altares e a dedicação de certas porções de território a espíritos concede direitos legais para que o demônio tome posse do território. Precisamos, portanto, pôr fim ao arrendamento ao inimigo e invocar a reconciliação com Deus que nos foi providenciada por meio do sangue de Jesus Cristo (Cl 1:19-20).

A idolatria envergonha não apenas a Deus, mas a toda a humanidade. Ao adorar coisas fabricadas, as pessoas abdicam da autoridade que Deus lhes concedeu sobre a criação (Gn 1:26). Os passos esboçados anteriormente ajudam a restaurar essa autoridade após se ter feito paz com Deus por meio do arrependimento.

Emeka Nwankpa

de seu povo (45:14). Essas nações serão confundidas por causa de seus ídolos (45:16), ainda que o nome de Deus não seja claramente reconhecido por eles, pois o Senhor é *misterioso* (45:15). Israel, porém, saberá quem o libertou; não conhecem a face do Senhor, mas pode conhecer a criação, a justiça e a retidão de Deus (45:17-19).

Deus não apenas salva seu povo, contudo; ele também deseja ser Senhor daqueles que escaparam *das nações*, daqueles que vivem nos *limites da terra* (45:20,22). Mais uma vez, o Senhor confronta os ídolos e se apresenta como o único Deus e, portanto, o único capaz de salvar (45:21; cf. 41:21-24; 44:7-8). Ele declara que chegará um tempo em que será adorado e reconhecido não apenas como Deus de Israel, mas como Senhor de todos os povos (45:23-25). O apóstolo Paulo cita 45:23 para mostrar o alcance universal da salvação em Jesus Cristo, aquele que cumpriu essa profecia (Fp 2:10-11).

#### 46:1-13 A humilhação dos deuses babilônicos

O autor volta a falar que “diante de ti se prostrarão” (45:14) e aplica esse tema a *Bel* e *Nebo*, dois deuses adorados pelos babilônios. As imagens desses deuses são ostentadas com orgulho ao redor da cidade, carregadas no lombo de animais. Contudo, quando a Pérsia invadir a Babilônia, essas imagens

serão desmontadas e levadas para longe (46:1-2; 21:9). A Babilônia sofrerá o mesmo destino que infligiu ao templo em Jerusalém. Afora a graça de Deus, “todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (Mt 26:52; cf. Gl 6:7-8).

Após essa profecia, o Senhor pede ao povo que o ouça (46:3a). Os cristãos devem estar dispostos a ouvir a Deus e às outras pessoas (Tg 1:19). Ouvir é fundamental para estabelecer um relacionamento com Deus (Dt 6:4). Desde o princípio, todos aqueles que se recusaram a prestar atenção aos desígnios de Deus acabaram pagando caro por isso (Gn 3:1—4:15). O oposto de ouvir é endurecer o coração (46:12; Êx 7:3-4). A igreja africana deve dedicar-se a essa qualidade e ensiná-la a todas as pessoas, de todas as idades, pois nossa cultura valoriza mais o falar que o ouvir.

Alguns dos judeus exilados na Babilônia, sem dúvida, começaram a pensar que o Senhor era apenas mais um deus do panteão babilônio. Deus vocifera contra essa comparação, como se fosse um objeto imóvel e sem vida (46:5-7; cf. tb. 40:18-20,25-26). Ao contrário dos ídolos, Deus está sempre presente com o cristão, desde o *nascimento* até a *velhice* (46:3b-4; Sl 139:1-18).

Além de ouvir, o povo também deve lembrar (46:8) o que Deus fez no passado, apesar da sua rebeldia contra

o Senhor (46:9a). Acima de tudo, porém, deve lembrar aquilo que Isaías repete várias vezes nessa seção: o Senhor é o único Deus verdadeiro (46:9b). O povo é lembrado, mais uma vez, de que somente Deus pode predizer o futuro e fazer com que este se realize de acordo com sua vontade (46:10). Outra vez ainda, o Senhor diz que tudo isso ocorrerá quando vier a libertação de Israel pelo rei da Pérsia (46:12-13; cf. 41:21-29; 43:9-13; 44:6-8).

#### 47:1-15 A humilhação da Babilônia

Isaías diz à Babilônia: *Desce e assenta-te no pó*, forma comum de se lamentar naquela época (47:1a; cf. Et 4:1-3; Jó 2:8). Enquanto Jerusalém foi chamada de “prostituta” (1:21), a Babilônia é chamada aqui de *virgem*. Com isso, o autor provavelmente intenciona dizer que a Babilônia nunca se submeteu a outra nação. Contudo, esse fato deu à Babilônia um falso senso de importância, conforme se percebe no título que ela atribui a si mesma: *senhora dos reinos* (47:5).

A cidade é comparada a uma madama *mimada e delicada* vivendo luxuosamente à custa dos outros (47:1b). Ela explora com arrogância aqueles que Deus lhe entregou para governar e não usa de *misericórdia* para com Israel (47:6). Tal qual a Assíria antes dela (10:5-7), a Babilônia excedeu os limites que Deus lhe designou.

Deus retribuirá a esses pecados: o Senhor não usará de misericórdia e não poupará *homem algum* (47:3b). A virgem mimada será colocada para moer grãos e trabalhar no campo, como um lavrador. Coberta de véus anteriormente, será desnudada e exposta à vergonha tal qual uma prostituta (47:2-3a).

Além de sua crueldade, a Babilônia também é acusada dos pecados mencionados na profecia anterior sobre sua queda (13:1-22), que incluem complacência e amor à luxúria (47:8a; 13:17,19), além de orgulho e egoísmo extremo, conforme percebido em frases como: *Eu só, e além de mim não há outra* (47:8b,10; 13:11).

O autor passa a expandir agora o tema que mencionou brevemente em 13:10. O Senhor condena a astrologia da Babilônia, sua adoração às estrelas e sua apreciação pela magia (47:9-13). Essas palavras alcançam a África, onde tradicionalmente tentamos proteger-nos da desgraça com amuletos ou rituais de magia (cf. comentários em 28:15). O Senhor condena vigorosamente todas essas práticas, sejam elas usadas na busca de proteção ou na predição do futuro. Essas coisas, além de causarem a ira de Deus, não têm utilidade alguma. Para os babilônios, não servirão para protegê-los do julgamento de Deus (47:14-15).

#### 48:1-22 Deus é o único Senhor

Continuando as denúncias contra a Babilônia, o Senhor volta a pedir que seu povo o ouça (cf. comentários em 46:3a). Eles também precisam mudar de atitude, pois o Senhor não aceita adoração hipócrita (cf. 1:11-17). A religiosidade sem

*verdade e justiça* é inútil (48:1-2; cf. 1Sm 15:22). Não é suficiente participar de uma cultura tradicional que se chama *pelo nome de Israel* e confessa o *Deus de Israel*. É preciso prestar atenção em Deus.

O Senhor chama a atenção do povo para o cumprimento das coisas que há muito vem dizendo que acontecerão (48:3) e fornece duas razões para ter-lhes comunicado seus planos de antemão. Primeiro, Deus sabe que o ser humano é teimoso e inclinado ao mal. Desde o princípio, Israel foi descrito como “povo de dura cerviz” na ocasião do êxodo (Êx 32:9; Dt 9:6.). Desde então, nada mudou. É como se eles tivessem cerviz *de ferro*, e *testa de bronze* (48:4), isto é, continuavam recusando-se a obedecer à lei de Deus.

A segunda razão era que o povo nunca confiou exclusivamente no Senhor. Com frequência, eles o tratavam como se fosse mais um deus entre tantos (17:7-8; 31:7; 40:18-20; 44:9-20; 46:5-7). Esses avisos antecipados deveriam ter-lhes provado que o Senhor é o único Deus verdadeiro (48:5-6).

No entanto, talvez o povo estivesse considerando somente as profecias passadas de julgamento contra Jerusalém e, com indiferença, dissesse: *Eis que já o sabia* (48:7). O Senhor, portanto, passa a ensinar *coisas novas* (48:6). Com isso, o povo não terá desculpas para dizer que está entediado: desta vez, qualquer recusa em ouvir será devida à presunção e rebeldia (48:8).

Deus teria o direito de ficar zangado com essa atitude; contudo, manteve sua ira sob controle e planejou um modo de ação que fará seu povo render-lhe glórias no final (48:9,11). O Senhor os puniu a fim de refiná-los e torná-los melhores, não para destruí-los (48:10).

Se de fato a África foi o berço da humanidade, nossa cultura primitiva estava em comunicação direta com o Criador (Gn 2—4). Contudo, da mesma forma que os israelitas, com frequência permitimos que práticas de feitiçaria se infiltrem em nossa adoração ao Senhor. Precisamos estar atentos à ira de Deus contra essas práticas e considerar seu zelo e paciência para conosco. Nosso compromisso deve ser exclusivamente com o Senhor.

Deus chama a atenção do povo para quem ele é. O Senhor é o Criador, aquele que controla os elementos da natureza que seu povo insensato tanto teme quanto adora (cf. 13:10-11). Somente Deus pode predizer o futuro e, nesse caso específico, a conquista da Babilônia pelos mãos dos persas. Nenhum ídolo é capaz de fazer isso (48:12-15; cf. 39:21-29; 43:9-13; 44:6-8; 46:10-13).

Os versículos 48:16-17 guardam forte semelhança com o poema em Provérbios 8:22-36, que retrata a sabedoria. A sabedoria foi estabelecida por Deus *desde o princípio* e foi ela quem ensinou a humanidade. O autor está destacando que a única fonte de sabedoria é o Senhor (Tg 1:50; 3:13-18).

Caso fosse fiel a Deus, o povo desfrutaria todas as bênçãos da aliança que o Senhor firmou com Abraão (48:18-19; Gn 22:17). Tudo o que resta agora é a vinda de novo exílio, no qual, semelhantemente ao primeiro, Deus suprirá

as necessidades de seu povo e eliminará a tirania (48:20-22; cf. Êx 17:6).

#### 49:1-26 A luz dos gentios

O capítulo 49 trata da escolha, do pecado e da redenção de Israel por meio do escolhido de Deus. O texto inicia com a segunda Canção do Servo, na qual ele fala sobre sua missão (49:1-6; cf. 42:1-9; 50:4-9; 52:13—53:12).

Os primeiros versículos dessa canção são semelhantes ao início da canção anterior em 44:1-2. Deus escolheu Israel como seu servo desde o *nascimento* (49:1; cf. tb. 41:8-9; 43:1). Essa eleição vem acompanhada de uma missão distinta: Israel é o povo por quem o Senhor há *de ser glorificado* (49:3). O servo cumprirá essa missão por meio da pregação da palavra de Deus, a lei do Senhor, simbolizada aqui como *espada aguda* (49:2; Hb 4:12; Ap 1:16; 19:15). Paulo também parece descrever sua missão nos mesmos termos (Gl 1:15).

Em seguida, Isaías fala em nome do povo e responde a Deus admitindo que Israel não cumpriu a missão que lhe fora confiada. Em vez de representar Deus, Israel trabalhou *inútil e vãmente* (49:4a). Arrependido, em contraste com o comportamento em 40:27, Israel admite que, apesar disso, Deus não o abandonou (mesmo no exílio) e que seu *direito está perante o SENHOR* (49:4b).

O Senhor volta a falar depois que o povo demonstrou arrependimento. Deus suscitará outro *servo* para salvar e trazer Israel do exílio (49:5). Essa missão foi confiada a Ciro em 44:28 e 45:13.

Esse servo reconhece que foi honrado por Deus e recebe uma honra maior ainda. Sua missão é *ser luz para os gentios* e levar-lhes a *salvação* de Deus (49:6). Essa luz salvífica também é mencionada na primeira Canção do Servo (42:6). Em nosso comentário sobre aquela canção, indicamos que a profecia tinha duplo cumprimento. O mesmo acontece aqui. Ciro libertou todas as nações que estavam sob domínio da Babilônia. Contudo, ao mencionar a salvação que se estende *até à extremidade da terra*, o texto chama a atenção para a magnífica obra de salvação universal realizada por Cristo (49:6; Jo 1:9,29; At 13:47).

A obra realizada por esse mensageiro de Deus resulta no segundo êxodo de Israel, episódio rico em imagens que remetem ao primeiro êxodo. O *servo* e os *presos* serão libertados do jugo dos tiranos, e estes se curvarão diante de Deus (49:7,9a; Êx 12:31,35-36). Uma nova *aliança* será celebrada entre Deus e seu povo (49:8; Êx 24:3-8). Os judeus que retornaram do exílio de fato celebraram uma nova aliança com Deus (Ne 9:38—10:39). Relembrando as dificuldades enfrentadas no primeiro exílio, Deus garante ao povo que eles terão alimento e bebida em abundância para a jornada de retorno (49:9b-10; Êx 16:4; 17:6). Isaías volta a repetir sua imagem favorita para se referir ao final do exílio: a construção de um caminho aplainado e o ajuntamento do povo de Deus proveniente dos quatro cantos da terra (49:11-13; cf. 40:3-4; 43:6-7).

Depois disso, o autor fala sobre a restauração de Jerusalém. O amor que Deus tem por essa cidade é maior que o amor de uma mãe por seus filhos (49:14-15). O Senhor demonstra que está além da distinção sexual ao apresentar-se por meio de imagens masculinas e femininas (cf. comentários em 31:5; cf. tb. Lc 13:34). Basta lembrarmos que homem e mulher foram criados à imagem de Deus (Gn 1:27).

Muitos dos temas mencionados com respeito à restauração de Jerusalém (49:16-26) também aparecem nos livros de Esdras e Neemias. Percebe-se que há preocupação com a situação da cidade (49:17,19; Ed 3:12; Ne 1:3-4), distanciamento das nações opressoras (49:17; Ed 10:2-3; Ne 13:23-31), repovoamento (49:18-21; Ed 2:1-70; Ne 11:1—12:26) e participação dos reis no restabelecimento da cidade (49:22-23; Ed 1:1-11; 7:12-26; Ne 2:4-8).

O povo não acredita nessas promessas (49:24), porém Deus garante que cumprirá todas elas. Os opressores serão derrotados, e *todo homem saberá que eu sou o SENHOR, o teu Salvador* (49:25-26). Deus será, de fato, glorificado em seu povo (49:3).

#### 50:1-11 A fidelidade do Senhor

No livro de Isaías, percebemos que o povo oscila entre gratidão pela intervenção de Deus e sentimento de abandono (1:9; 40:27; 49:4,14). Aqui, Deus assegura ao povo a sua fidelidade.

Quando Deus pergunta: *Onde está a carta de divórcio de vossa mãe, pela qual eu a repudiei?* (50:1a), parece estar referindo-se à situação apresentada pelo profeta Oseias, o qual compara o relacionamento entre Deus e seu povo como um marido que procura reconciliar-se com sua esposa, ainda que esta seja uma prostituta (Os 1—2). A segunda pergunta de Deus: *Ou quem é o meu credor, a quem eu vos tenha vendido?*, recorda a situação da viúva que estava prestes a perder os filhos a fim de saldar uma dívida do marido (2Rs 4:1-7).

Essas perguntas são retóricas. Deus jamais se divorciou do seu povo, e nunca os vendeu (48:8-11; 49:15). O exílio ocorreu por causa dos pecados do povo (50:1b). Mas Deus os busca e os auxilia (50:2-3).

Em seguida, o autor apresenta a terceira Canção do Servo (50:4-9; cf. 42:1-9; 49:1-6; 52:13—53:12), que, tornando a falar, descreve como é instruído, disciplinado e fortalecido para sua missão. Possuindo *língua de eruditos*, o servo ensina e conforta ao mesmo tempo que presta atenção a Deus (50:4; cf. comentários em 46:3a). Esse servo é um discípulo exemplar, humilde e sempre disposto a ensinar, mas sem se impor como mestre (Jo 13:12-17).

Esse discípulo também não reage com violência ou reclamação diante da adversidade (*não fui rebelde*) (50:5; cf. Mt 5:39) e não se acovarda (*não me retrai*) (50:6). Antes, resiste a todas essas provações enquanto espera auxílio do Senhor (50:7).



Na África, geralmente se presume que o servo de Deus desfruta prestígio e sucesso. Entretanto, o verdadeiro discípulo de Cristo está disposto a sofrer, conforme o exemplo de Jesus (cf. comentários em 20:2-3; cf. tb. Jo 15:20).

Quem é o *Servo* mencionado em 50:10a? Sua missão de ensinar e temer a Deus não corresponde a Ciro (45:1-4). Em 49:3, o servo se refere à nação de Israel, porém aqui a alusão é dirigida claramente a um indivíduo. O texto pode referir-se ao próprio Isaías, mas sua alegação de inocência (50:8-9) e seu poder para condenar (50:11) prefiguram Cristo (cf. Jo 5:22,27; 8:26). Essa prefiguração continua na quarta Canção do Servo (52:13—53:12).

Essa passagem encerra com uma imagem poderosa: aqueles que confiam no Senhor muitas vezes sentem que andam em *trevas, sem nenhuma luz*. Em tais circunstâncias, precisam continuar confiando em o nome do SENHOR e andando à luz da sua palavra, que indica o caminho que deve ser seguido (50:10b; Sl 11:105). Eles não devem buscar outras fontes de luz, pois estas são apenas tochas que em breve se apagarão, mas não antes de queimarem aqueles que as procuram (50:11).

### 51:1-23 A libertação dos filhos de Abraão

Como nação, Israel não cumpriu o propósito de Deus (cf. 49:4). Contudo, alguns permaneceram fiéis à missão de Deus e seu servo (50:4-6); são esses que estão sempre à procura da *justiça* (51:1a). Jesus chamará esses de “bem-aventurados” (Mt 5:6).

O Senhor passa a encorajar essas pessoas, convidando-as a lembrar de Abraão, pai de sua fé, e de sua esposa Sara (51:1b-2a). Como cristãos, devemos considerar Abraão um exemplo, pois ele é descrito como precursor da fé em Cristo (Rm 4:3; Hb 11:8-19; 12:1-2). Assim como Deus abençoou Abraão e o tornou fértil, da mesma forma abençoará Jerusalém e a multiplicará (51:2b-3). Novamente surge a imagem do deserto transformado em *Éden* [...] como o jardim do SENHOR (51:3; cf. 35:1-10; 41:17-20; 43:19b-20; 44:3-5).

O texto apresenta claras indicações de por que a pessoa que procura o Senhor é considerada “bem-aventurada”. Deus promete justiça, retidão e salvação, coisas duráveis. Os céus *desaparecerão*, a terra *envelhecerá como um vestido*, e a humanidade morrerá como *mosquitos*, mas a salvação de Deus *durará para sempre*, e sua justiça *não será anulada* (51:4-6). Quem investe na retidão de Deus investe na eternidade (Mt 6:19-21). Que ânimo maravilhoso para aqueles que vivem rodeados pela corrupção!

Assim como o servo (50:4-9), os fiéis a Deus não devem temer a opinião dos outros por causa da retidão que demonstram (51:7). Seus perseguidores, que parecem tão fortes e confiantes, logo se tornarão frágeis e inúteis como um tecido roído pelas traças (51:8; cf. tb. 50:9; 51:6), ao passo que os justos de Deus permanecerão (Mt 10:28).

Esse mesmo tema retorna em 51:12-16. O texto lembra ao povo de Deus que seus perseguidores são como *erva*,

mas o Senhor a quem eles servem é o Criador do universo (51:12-13). Alguns crentes talvez se curvem diante de seus opressores, mas estes últimos se curvarão diante daquele que controla a força do mar (51:14-15). O povo de Deus recebe consolo ao saber que Deus lhes dirá o que falar e os protegerá com sua mão (51:16; cf. tb. Lc 2:12-19). Mais que isso, o Criador do universo dirá: *Tu és meu povo*.

Essas palavras de encorajamento vêm acompanhadas de dois toques de trombeta: *Desperta, desperta* (51:9). A primeira ordem é dirigida ao *braço do SENHOR*, que simboliza suas ações na terra (Dt 5:15). Com isso, Isaías traz à memória os *dias passados*, quando Deus abateu o monstro marinho que Isaías usou como símbolo do Egito (cf. comentários em 30:7). Assim como Deus construiu um caminho para tirar seu povo da escravidão do Egito (51:10), da mesma forma fará seu povo retornar do exílio.

Já comentamos sobre a importância da memória para a fé (cf. 46:8-9). Em nossa cultura, ainda arraigada na figura dos contadores de histórias, devemos sempre trazer à memória as bênçãos de Deus sobre sua igreja e seu povo na África.

O segundo toque da trombeta convoca Jerusalém a despertar (51:17a). A cidade ainda estava em ruínas, abandonada após a conquista da Babilônia (Ne 1:3). Jerusalém bebeu do cálice da ira de Deus, isto é, sofreu o julgamento do Senhor sobre o perverso (51:17b-20; cf. tb. Sl 75:8). Mais uma vez, Isaías nos faz lembrar da ligação entre o abandono da lei de Deus e a incapacidade de encontrar um bom líder (51:18; cf. comentários em 3:1-7). O Senhor, porém, anuncia uma época de graça e restauração em Jerusalém (51:21-22). A ira de Deus recairá sobre aqueles que a oprimiram (51:23).

### 52:1-12 A purificação de Jerusalém

Jerusalém restaurada é convocada novamente a despertar (cf. 51:17). Desta vez, contudo, deve fazer a mesma coisa que Deus ordenou em 51:9: *Reveste-te da tua fortaleza* (52:1a). A cidade deve vestir *roupagens formosas*, que, de modo equivalente às nossas roupas de festa, simbolizam respeito por Deus e sua santidade (52:1b; cf. Zc 3:1-5; Mt 22:11-14). Logicamente, precisamos lembrar que Deus está falando aqui sobre a atitude do coração, e não sobre uniformes ou trajes que algumas igrejas africanas utilizam (cf. tb. Jl 2:13).

Jerusalém deve também levantar a cabeça, pois não precisará arranjar dinheiro para pagar tributo por sua liberdade. O Senhor a salvará sem cobrar nada por isso (52:2-3; cf. 45:13; 55:1-2; Rm 3:24). Os opressores de Jerusalém, como o Egito e a Assíria, nada pagaram pelo privilégio de conquistar o povo de Deus. Logo, por que Jerusalém deveria pagar alguma coisa para ser libertada? (52:4-5).

Reagindo a esse veredicto, o povo de Jerusalém volta a assumir a missão que lhe foi confiada por Deus: ser mensageiro do Senhor (49:1-4) e trazer *boas-novas* (52:6-10; cf. 40:9). Essas boas-novas incluem três coisas: *paz*, *salvação* e o anúncio de que *Deus reina*. Não é coincidência o fato

de a palavra “evangelho” significar “boas-novas” (Mt 4:23; Mc 1:14-15; Lc 16:16, NVI), e que o evangelho traga paz (Jo 14:27), salvação (Lc 7:76-77) e anuncie: “é chegado o reino de Deus” (Mt 12:28). Embora a igreja africana pregue em clara e alta voz a salvação em Jesus Cristo, geralmente silencia quanto aos outros dois aspectos que afetam nossa sociedade: paz entre grupos sociais ou étnicos e princípios como a justiça, alicerces do reino de Deus. Somente quando pregarmos o conteúdo completo da mensagem das “boas-novas” seremos verdadeiramente sal e luz para nosso continente (Mt 5:13-16).

A purificação de Jerusalém é acompanhada da purificação do povo que retorna do exílio e traz consigo os utensílios sagrados que haviam sido roubados do templo (52:11; cf. Ed 6:5). Assim como ocorreu no primeiro êxodo, Deus seguiu à frente do povo durante a jornada, mas também protegia a retaguarda (52:12; Êx 13:21; 14:13-14, 19-20).

### 52:13—53:12 O sofrimento do Servo

A purificação de Jerusalém é estendida às nações por meio de um servo que prefigura o Messias Jesus (cf. 50:8-11). Essa é a quarta Canção do Servo (cf. tb. 42:1-9; 49:1-6; 50:4-9).

Assim como Israel no exílio, o servo de Deus será humilhado antes de ser exaltado pela salvação de povos que nunca ouviram falar dele (52:13-15; Rm 15:21; Fp 2:6-11), como a África. Na verdade, foi a explicação desse trecho em Isaías que levou o primeiro africano à salvação em Cristo (At 8:26-39).

Em seguida, o autor explica por que será necessário que o servo de Deus sofra essa humilhação. A primeira razão é que Deus não aposta nas aparências para ganhar. Uma vez que as pessoas sempre olham em primeiro lugar para as aparências, o servo de Deus não será aceito de imediato (53:1-2). Os evangelhos não trazem nenhuma informação sobre a aparência de Jesus, mas informam que ele considerava a atitude do coração muito mais importante que qualquer aparência de ostentação (Mc 12:38-44).

O servo também será *homem de dores e que sabe o que é padecer* (53:3). Isaías deixa bem claro que qualquer pessoa fiel a Deus deve aprender a enfrentar a perseguição por causa da justiça (cf. 20:2-3; 50:5-6; 51:7). Contudo, o servo de Deus sofre não apenas por causa da justiça, mas pelos pecados de todos nós (53:4-6). É por causa desses pecados que ele, apesar de inocente, será morto (53:7-9). O conceito da morte de alguém sem pecado a fim de pagar por alguém culpado estava embutido nas regulamentações da *oferta pela culpa* em Levítico 5:15 (53:10a). O sacrifício desse servo trará paz e justificação para muitos (53:5, 11-12).

Por causa de sua obra, o servo será recompensado por Deus. Aquele que esteve na sepultura *prolongará os seus dias*, exatamente como aconteceu a Ezequias na época de Isaías (53:10b; cf. 38:1-20). Essa não é a primeira vez que

o profeta prevê a possibilidade de ressurreição (cf. 25:8; 26:19). Além de receber sua vida de volta, o servo também recebe grande poder de Deus.

As muitas semelhanças entre essa passagem e o ministério, morte e ressurreição de Cristo levaram seus discípulos a identificá-la como uma profecia que se cumpriu naquela época (Mt 8:17; Lc 22:37; Jo 12:38; At 3:26; Rm 15:21; 1Pe 2:22-25).

### 54:1-17 Aliança de paz com Israel

Esse capítulo está repleto de idealizações, todas retiradas do AT, sobre a vida da aliança. Será que essa situação idílica existiu no período pós-exílico de Israel? No contexto histórico de Israel, essa passagem deve ser interpretada como simbolismo literário ou evocação de uma situação, e não como uma descrição detalhada. No entanto, se levarmos em conta que essa profecia surge após o relato da obra de Cristo em 53:1-12, estamos justificados em interpretá-la como uma descrição simbólica da realidade celeste (Gl 4:21-27).

Quando Deus fez aliança com Abraão, prometeu a ele muitos descendentes (cf. comentários em 51:1-3; Gn 17:15-19). Em 54:1, essa promessa é lembrada pela alegria da mulher estéril que recebeu muitos filhos.

Quando o Senhor fez aliança com o povo de Israel, prometeu a eles uma terra (Êx 3:8; 34:10-11). Mas agora a promessa vai muito além da terra prometida, incluindo nações inteiras (54:2-3).

Em seguida, Isaías chama a atenção do povo para outra aliança, semelhante àquela entre marido e esposa (54:4-8). Isaías já havia descrito o relacionamento entre Deus e seu povo nesses termos (50:1-2). Essa imagem, sem dúvida, refere-se ao profeta Oseias, contemporâneo de Isaías, que retratou as lutas e a reconciliação do casamento aqui descrito (Os 3:1).

A última imagem, a mais clara das quatro, recorda a aliança de Deus com Noé, quando o Senhor prometeu nunca mais destruir a terra (Gn 9:8-17). Esse compromisso agora é transformado numa promessa de que Deus jamais destruirá Israel (54:9-10).

A promessa de paz acarreta três consequências. A primeira se refere à prosperidade, simbolizada pelas pedras preciosas utilizadas para reconstruir Jerusalém (54:11-12). Essa imagem voltará a ser utilizada na descrição da Jerusalém celestial em Apocalipse 21:18-21. A segunda consequência se refere à fidelidade do Senhor (54:13-14), e a terceira, à segurança total, pois Deus providenciará para que seu povo tenha uma defesa invencível (54:15-17).

### 55:1-13 A salvação é oferecida a todos

O Senhor convida todos os famintos e sedentos para um banquete. Essa imagem está associada à promessa da vida eterna (25:6-8). A novidade aqui é que esse banquete é gratuito. O fato de sermos convidados para participar deve-se totalmente à graça de Deus (55:1-2).

No entanto, será que a declaração de que todos estão convidados significa que esse versículo pode ser utilizado para ensinar que todos serão salvos? Não, pois logo adiante nessa mesma passagem o profeta fala da necessidade de arrependimento (55:7). Por meio de uma parábola semelhante, Jesus também fala de um convite geral para um banquete, porém adverte às pessoas que há exigências a cumprir (Mt 22:1-14).

A imagem do banquete para ilustrar a salvação é bastante atrativa na África, onde o espírito de comunidade continua forte e a hospitalidade permanece como virtude central (cf. 16:3; Hb 13:1-3). Devemos utilizar essa imagem para apresentar a graça de Deus a nossos contemporâneos.

O Senhor também prometeu realizar uma nova aliança que será uma continuação daquela firmada com Davi (55:3; 1Cr 17:14). Mais tarde, os cristãos perceberiam nesse ato um prenúncio do ministério do filho de Davi, Jesus Cristo (Mt 1:17; Mt 13:34), e também em 55:4-5, em que a pessoa descrita possui os atributos do Messias (cf. 52:15; 53:10b, 12a).

Para participar dessa aliança, é necessário um ato de arrependimento e o abandono da perversidade. Além disso, parece que a oferta está disponível por tempo limitado (55:6). Aproxima-se o dia em que não haverá mais oportunidade para nos entregarmos ao Criador em arrependimento e para recebermos seu perdão e auxílio. Conforme esclarece o livro de Eclesiastes, devemos lembrar-nos de Deus antes de morrermos (Ec 12:1-7).

O perverso que se voltar para Deus será bem recebido. O Senhor se *compadecerá dele*. Nesse sentido, Deus vai muito além do que somos capazes de fazer (55:7-9). Jesus também pregará essa mensagem de perdão (Mt 18:21-35).

A segunda parte do livro de Isaías encerra afirmando que a palavra de Deus é muito mais que apenas palavras (55:10-11): produz fruto e realiza seus propósitos. Os ouvintes de Isaías podem confiar plenamente que a promessa de salvação e celebração será cumprida (55:12-13).

### 56:1—66:24 Parte 3: Exortação e promessas

Na segunda parte do livro, o autor concentrou-se principalmente no término do exílio e no papel de Ciro, embora tenha citado aqui e ali a vinda da era messiânica. A partir do capítulo 56, contudo, o profeta abandona o tema do exílio e concentra-se na nova era, em que haverá salvação para todas as nações e glória extraordinária para Jerusalém. Isaías contrasta as bênçãos futuras prometidas por Deus com as aflições do povo no presente.

#### 56:1-12 Um povo unido

Isaías já havia proclamado salvação para aqueles que buscam a Deus e a sua justiça (cf. 51:1,5), e aqui volta a falar sobre esse assunto, porém desta vez aponta com mais clareza a quem essa salvação está destinada. Enquanto 51:2 pode dar a impressão de que somente os descendentes

históricos de Abraão seriam salvos, aqui a redenção é oferecida a todo ser humano (*filho do homem*) que obedecer à lei de Deus (56:1-2). Esse alcance mais amplo da salvação está de acordo com a missão universal do Deus Messias, Jesus Cristo (cf. 49:6; 50:4-9; 52:15).

Talvez seja por causa dessa abrangência que nesse capítulo Isaías põe tanta ênfase na observância do sábado (56:2,4,6; 58:13). O sábado foi estabelecido durante a criação (Gn 2:2; Êx 20:8-11) e, portanto, aplica-se a toda a humanidade, ao passo que a lei foi entregue mais tarde. Os seres humanos, ao se voltarem para Deus, passam a guardar o sábado do Senhor como expressão de fé no Deus de Israel.

A expressão *bem-aventurado* em 56:2 traz à memória o salmo 1:1 e as beatitudes de Mateus 5:3-12. Essas bênçãos agora são estendidas ao *estrangeiro*, isto é, a todo aquele que não nasceu israelita, e também ao *eunuco*. Tal esclarecimento é revolucionário, pois essas duas categorias foram impedidas de participar da adoração com o povo de Deus (Êx 12:43; Dt 23:1-8).

O eunuco, dependendo da extensão de sua deficiência, não tinha condições de ser circuncidado e obviamente não podia gerar filhos, motivo pelo qual descrevia a si mesmo como *uma árvore seca* (56:3). Ele não apenas era excluído da congregação, como também não podia gerar descendentes, um dos resultados mais concretos da aliança entre Deus e Abraão (Gn 17:6-11). Sem herdeiros, o nome do eunuco seria esquecido. Deus, porém, promete que dará a ele, *dentro dos meus muros [...], um nome eterno* (56:4-5).

Os estrangeiros que amam a Deus e guardam seus mandamentos também serão completamente integrados ao povo de Deus (56:6-7). Versículos como esses levaram o apóstolo Paulo a perceber a dimensão espiritual da aliança do Senhor com Abraão. A partir disso, Paulo enfatiza a fé salvadora do patriarca e a circuncisão do coração, e não a circuncisão física (cf. Rm 2:29; Gl 3:6-14).

Muitos africanos sentem-se excluídos do mundo moderno. A rápida urbanização e a globalização derrubaram a virtude da dependência mútua que havia em suas aldeias, substituindo-a por um individualismo desmedido. Para reverter esse quadro, a igreja africana deve tornar-se mais que um mero ponto de encontro aos domingos: deve ser um lugar onde o espírito de comunidade renasça por meio do acolhimento amável a todas as pessoas; um lugar onde as pessoas possam observar a retidão sendo praticada no dia a dia. A igreja deve tornar-se uma “aldeia” para os perdidos.

Jesus deve ter meditado nesses versículos, pois cita 56:7 quando purifica o templo (Mc 11:17). Cristo visualizou a abertura do templo a todas as nações e o fato de que aquele lugar deveria ser um local de oração.

O Senhor é percebido como um Deus que *congrega* Israel e todos os povos (56:8). É por meio dessa imagem que percebemos a aplicação da figura do bom pastor a Deus e seu messias, aquele que conduzirá seu povo em segurança e o salvará (cf. 40:11; 44:28; Sl 28:9; Jo 10:11-18).

O autor contrasta essa imagem do verdadeiro líder com as deficiências daqueles que se diziam pastores do povo na aquela época (56:11), porém deixavam o rebanho exposto aos perigos externos (56:9). Esses falsos líderes são chamados de *cegos* e *mudos* (56:10a), os mesmos termos utilizados em outras passagens para descrever aqueles que cultuam ídolos e são infiéis a Deus (cf. 42:16-20; 43:8). Esses homens são iguais aos objetos que adoram (cf. 44:9,18).

O profeta acusa esses líderes religiosos, cujo trabalho deveria ser vigiar o povo, de enganarem a si mesmos e desviar o povo. A única preocupação deles é sonhar e beber (56:10b,12; cf. tb. 29:8-10). Não se preocupam em promulgar a justiça e fazer o que é certo, conforme ordenado por Deus no início dessa passagem. Em vez de mostrarem interesse em Deus e no próximo, preferem seguir seu próprio *caminho* (56:11). Essa atitude repercute a situação calamitosa do povo em 53:6.

### 57:1-21 Deus, os justos e os ídólatras

Considerando a ganância e o egoísmo dos líderes políticos e religiosos descritos no capítulo anterior (56:9-12), não surpreende que os justos estejam sendo sacrificados diante do altar da ambição e luta pelo poder. A crítica mais específica aqui se refere à indiferença das pessoas para com essa situação (57:1a). Em muitos países africanos, a vida se transformou em algo sem valor por causa da miséria e da guerra. Muitos se tornaram endurecidos devido à repetida violência. A igreja africana deve proclamar a importância e o valor de cada ser humano aos olhos de Deus.

Graças ao Senhor, o justo não morre em vão. Antes, passa para uma vida melhor e descansa em paz, antes que venha o mal (57:1b-2). O apóstolo Paulo estava ciente desse fato quando afirmou que não precisamos temer a morte, pois ela é lucro para o cristão (Fp 1:21-24).

Isaías contrasta a paz e o descanso do justo com a agitação perversa do ídólatra. Estes fazem coisas horríveis e inúteis uma após outra: sacrifício humano (57:5), oferta a deuses de pedra (57:6), prostituição (57:7-8) e peregrinações frustradas (57:9). Como já foi demonstrado, procurar o apoio de nações estrangeiras é sinal de imaturidade espiritual (cf. 30:2-7). Essa é uma lição que nosso continente precisa aprender.

O descanso do justo é contrastado com o cansaço daqueles que persistem na idolatria (57:10). Para estes últimos, nem mesmo uma *coleção de ídolos* os livrará do julgamento (57:13a). Teria sido muito melhor temer ao Senhor (57:11) e ser por ele justificados (57:12; cf. comentários em 56:1-12).

Os ídolos são inúteis, mas Deus acolhe e provê salvação (57:13b). A ordem para preparar um caminho em 57:14 recorda uma instrução semelhante em 40:1-4, a qual vem acompanhada do anúncio do fim do exílio.

Paradoxalmente, Deus, apesar de santíssimo e inacessível, também está presente entre os humildes e oprimidos

(57:15). Essa maravilhosa verdade é demonstrada claramente na encarnação de Jesus Cristo (cf. Hb 7:26). Percebemos a reação de Deus quando Jesus responde aos gritos do cego Bartimeu: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!” (Mc 10:46-52). Bartimeu, desconhecendo a verdade sobre Jesus, dirige-se a ele pelo nome do rei Davi, outro amigo dos fracos e oprimidos (1Sm 30:11-12; 2Sm 6:18-19; 9:6-13).

O Senhor sabe que, para punir completamente o pecado, como fez na ocasião do dilúvio, teria de exterminar todos os seres humanos (57:16-17; Gn 8:21). Ninguém escaparia de sua ira, pois todos pecaram (Rm 3:22-23). Por isso, Deus decidiu demonstrar misericórdia àqueles dentre seu povo que *choram*, e até mesmo aos de fora. Esses “chorosos” são os arrependidos (57:18-19). Mas o Senhor não terá piedade dos perversos teimosos (57:5-10); esses não terão *paz* (57:20-21). Essas palavras foram ditas quando Deus condenou a crueldade da Babilônia (48:22).

### 58:1-14 O verdadeiro jejum

Isaías, sabendo que para “os perversos [...] não há paz” (57:21) e que Deus mostra misericórdia para quem abandona a perversidade (55:7), tem a obrigação de avisar o povo (58:1). O profeta Ezequiel também salientou essa responsabilidade de advertir o perverso de seu triste destino (Ez 3:17-21). Os cristãos têm igualmente o dever de resgatar seus irmãos e irmãs que tropeçam (Mt 18:15).

No capítulo anterior, Isaías falou aos ídólatras (57:3-13). Agora, fala àqueles que adoram ao Senhor com falsidade. Alguns parecem imaginar que podem ganhar o favor de Deus com jejuns e humilhações autoimpostas, e ficam surpresos quando essas privações não produzem resultado (58:2-3a).

O profeta diz a estes que o jejum é inútil se a pessoa não se abster de praticar o mal. A expressão *No dia em que jejuais* possivelmente se refere ao dia da expiação (Yom Kippur), ocasião ordenada pelo Senhor como um dia especial para jejuar a fim de expiar o pecado (Lv 16:29-34). Era um dia em que as pessoas deveriam humilhar-se e negar a si mesmas. Contudo, agiam com hipocrisia, pois jejuavam apenas uma vez ao ano a fim de obter perdão de seus pecados, mas continuavam a praticar o mal todos os outros dias (58:3b-5).

Humilhar-se é inútil se o objetivo é apenas parecer humilde. Não é suficiente vestir-se aparentando lamentação pelo pecado, mas sem nenhuma tristeza genuína (58:5; cf. tb. 15:3; 35:35-36). Jesus frisou essa mesma questão quando insistiu que, para evitar a hipocrisia diante de Deus, o jejum e a abnegação deveriam ser praticados sem ostentação (Mt 6:5-6,16-18). Deus deve ser adorado “em espírito e em verdade” (Jo 4:24).

O comportamento que o Senhor deseja ver em substituição à prática religiosa hipócrita continua apropriado para a África hoje: opor-se à escravidão (58:6,9) e à miséria (58:7,10). A exortação para acolher o faminto, o desabri-

gado e o nu (58:7) deve encorajar a igreja a praticar a tradicional hospitalidade africana (cf. comentários em 16:3; 55:1-2). Isaías 58:10 pode ser traduzido no sentido de que devemos repartir alimento físico com o faminto. Essa instrução lembra o provérbio yombe (República Democrática do Congo) *Dia lobula*; isto é, devemos dar ao pobre o pão que estamos comendo naquele momento, e não aquilo de que não gostamos. Conforme enfatizou Jesus, devemos tratar os outros como gostaríamos de ser tratados (Mt 7:12).

Aquele que praticar essa instrução e buscar ao Senhor com honestidade será abençoado (58:8,11,13-14) e contribuirá para a reconstrução de seu país (58:12). Esse texto deve ter inspirado Neemias a lutar contra a miséria e a escravidão durante a reconstrução de Jerusalém (Ne 5:1-19). Também deve encorajar-nos a participar ativamente da reconstrução de nossos países, em vez de apenas ficarmos esperando que organizações estrangeiras façam esse trabalho por nós.

### 59:1-21 Os pecados do povo

Por causa de sua situação miserável, o povo de Israel começou a pensar que o Senhor o havia abandonado (40:27; 49:14). Isaías, porém, confirma que Deus permanece disponível para salvar. A mão estendida do Senhor traz à memória intervenções miraculosas no passado (Dt 4:34; 5:15). Seu ouvido pronto a escutar recorda a promessa de ouvir as orações de seu povo quando lhe obedecessem (59:1; 2Cr 7:14-15).

O problema não é Deus, mas os pecados do povo (59:2). A mão do ser humano não consegue encontrar a mão de Deus se estiver coberta de sangue e ocupada em tecer armadilhas como faz a *aranha* (59:3a,5-6). O ouvido santo de Deus não pode suportar as mentiras e maldades que saem da boca dos homens (59:3b-4). A frase *chocam ovos de áspide* nos faz lembrar a língua traiçoeira da serpente no jardim do Éden (59:5; Gn 3:1-5).

A ideia em 59:7a também está registrada em Provérbios 1:16. Os *pés* que *correm para o mal* contrastam com os pés daquele que “anuncia as boas-novas”. O primeiro traz ruína e violência (59:7b-8), porém o segundo anuncia reconstrução e paz (52:7).

O povo está ciente da gravidade de seu pecado, porém reconhece que não consegue evitá-lo (59:9-15a). Há grande diferença entre o que almejam e o que alcançam (59:9,11). Esse trecho nos recorda as palavras do apóstolo Paulo: “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7:19). Paulo percebeu que o livramento procede exclusivamente do Senhor Jesus (Rm 7:24-25).

O Senhor intervém sobre a terra porque não encontra quem faça *justiça* (59:15b-16). Deus pune seus adversários (59:17b-19) e salva aqueles que se *converterem* (59:17a,20-21). Esse mesmo poder para condenar e salvar caracteriza o Messias (cf. comentários em 50:8-11).

Paulo utilizará a imagem militar de 57:17 quando encorajar os cristãos a lutar contra o mal (Ef 6:13-17).

### 60:1-22 A nova glória de Jerusalém

Após comunicar que Deus decidiu usar de misericórdia para quem se convertesse (59:17a,20-21), Isaías passa a falar sobre a restauração de Jerusalém. A estrutura deste capítulo é a mesma utilizada nos capítulos 51 e 52. O primeiro fala sobre a libertação do povo, e o segundo, sobre a renovação de Jerusalém.

O capítulo 60 repete o que já foi dito sobre a renovação da cidade, mas aqui as imagens são mais intensas. Jerusalém é transformada por completo, e a luz da cidade se mistura à glória de Deus para formar uma espécie de sol que afugenta toda a escuridão do mundo (60:1-3,19-20; Sl 36:9).

Temas que foram comentados superficialmente em 49:22-23 são desenvolvidos em detalhes aqui. Primeiro, o anúncio do retorno do povo (60:4); depois, o anúncio de que reis estrangeiros suprirão as necessidades da cidade (60:5b-9). Esses reis são descritos como mães amamentando (60:16; cf. 49:23). Novamente surge a imagem dos reis inclinando-se diante da cidade de Deus (60:14-15). A ideia da participação de tantos reis estrangeiros na reconstrução de Jerusalém é uma expansão do exemplo que encontramos em Ciro (60:10; cf. 44:28; 45:13; Ed 1:4; 6:3-5).

A nova cidade reconstruída, repovoada e reabastecida nunca mais experimentará a miséria causada por invasões (60:18; 54:14-17). Em Jerusalém, somente os fiéis do Senhor viverão, e ali prosperarão (60:21-22; cf. tb. 54:13).

A Jerusalém reconstruída após o retorno dos exilados da Babilônia nunca se igualou à cidade descrita neste capítulo. A única comparação possível é com a Jerusalém celestial descrita no livro de Apocalipse, conforme se percebe ao comparar 60:3-5a,11,19 com Apocalipse 21:23-27 (cf. tb. comentários em 54:1-17).

### 61:1-11 O mensageiro da salvação

Os capítulos 61 e 62 repetem o padrão dos capítulos 51 e 52 e 59 e 60: primeiro fala-se a respeito da salvação de Israel e das nações, e depois da nova glória de Jerusalém.

O tema do capítulo 61, portanto, refere-se à salvação que será realizada por um messias, isto é, por um ungido do Senhor (justamente o significado da palavra “messias”) (cf. 45:1). O indivíduo só pode realizar uma missão em nome de Deus se receber o *Espírito do SENHOR*, pois a unção do Espírito significa que Deus está presente com a pessoa em questão (61:1a; Pv 1:23; Mt 3:16-17; At 4:8-13).

A libertação proclamada aqui é descrita como o *ano aceitável do SENHOR* (61:2). Parece ser uma referência ao ano do jubileu prescrito em Levítico 25: a cada cinquenta anos, os israelitas deveriam dar um ano de descanso total a terra (isto é, deixá-la sem cultivo) e libertar todos os escravos (61:1b-2a). Deus se encarregaria de garantir segurança e alimento para seu povo durante aquele ano. Parece que Israel nunca observou o ano do jubileu; contudo, aqui Deus está dizendo que esse ano já começou.

Jesus comentou essa passagem quando descreveu seu ministério (Lc 4:18-19) e com isso enfatizou a ligação entre a descrição do servo no livro de Isaías e sua obra redentora (cf. comentários em 49:1-6; 50:1-11; 52:13—53:12).

Mais uma vez, a intervenção de Deus traz livramento e julgamento (cf. 59:17-21). Será um dia de libertação, mas também o *dia da vingança* [...] *a consolar todos os que choram* (61:2b; 34:8). O autor desenvolve o tema do “dia do SENHOR” de que trataram outros profetas (cf. comentários em 4:2). Jesus e mais tarde seus discípulos também ensinaram sobre aquele dia em que Deus julgará a humanidade e vingar-se-á dos opressores (Mt 12:36; Lc 21:22; Rm 2:5; 2Pe 2:9). Naquele dia, Jesus será o juiz (cf. 50:11; Jo 5:25-30).

Em 49:1-4, o messias poderia ser interpretado como sendo o povo de Israel, mas a forma pela qual ele é apresentado nos versículos de abertura do capítulo 61 mostra que se trata de uma pessoa que age a favor de outros, concedendo-lhes *óleo de alegria*, o qual simboliza uma recompensa por terem eles buscado a justiça (61:3a; Sl 45:7; Hb 1:9). A *veste* simboliza uma regeneração interna, uma purificação, a qual é manifestada em forma de *louvor* (61:3b; cf. Zc 3:1-5; Mt 22:11-13).

Na sequência, Isaías retoma os temas da reconstrução de Jerusalém e do povo sendo servido pelas nações (61:4-7; 49:22-23; 60:3-11). A passagem explica o propósito desse último tema: liberar o povo para servir a Deus (61:6). Ao que parece, o Senhor insiste em que esse serviço seja pago. Deus não gosta que as pessoas sejam roubadas dos frutos de seu trabalho (61:8a). Por essa razão, a igreja deve pagar adequadamente o pastor de sua congregação (1Tm 5:18), embora não se deva abusar dessa exigência.

As bênçãos de Deus sobre seu povo serão evidentes a todos (61:7,9; Gn 26:12-31; 41:37-41). O Senhor mantém sua aliança eterna com todos que o servem (61:8b).

Depois disso, o autor transcreve uma canção de louvor que deverá ser cantada pelo messias. Se em 59:17 Deus veste armadura para a batalha espiritual (cf. tb. Ef 6:10-17), aqui ele aparece concedendo roupas de festa (vestes adequadas à nova ordem que Deus introduz; 61:10) a seus seguidores a fim de celebrar a salvação e a justiça (61:10). A imagem da semente que produz fruto parece prever o ministério de Jesus, que morreu como uma semente a fim de produzir salvação (61:11; Jo 12:23-24).

### 62:1-12 Jerusalém, a noiva do Senhor

O anúncio de salvação no capítulo 61 vem acompanhado do anúncio da restauração de Jerusalém no capítulo 62 (cf. discussão sobre essa estrutura no comentário em 60:1).

Os versículos de introdução iniciam chamando a atenção para a luz, assunto abordado na seção anterior dedicada a Jerusalém (62:1-2a; 60:1-3,19-20). Mas Isaías muda a imagem logo em seguida e passa a descrever a cidade como uma noiva.

Primeiro, o Senhor promete a Jerusalém *um nome novo* (62:2b). Na África, certos ritos de iniciação podem vir acompanhados da mudança de nome. Tanto na cultura bíblica quanto na africana, a mudança de nome implica um novo caráter e um novo destino (Gn 17:5,15; 35:10-11; Mt 16:17-19). Jerusalém vive essa expectativa conforme o Senhor a torna um de seus ornamentos preciosos (62:3).

Antigamente a cidade era chamada de *Desamparada*, *Desolada* (62:4), nomes que serviam para lembrar a Jerusalém sua semelhança com uma mulher abandonada e estéril numa época em que essas condições causavam vergonha (54:1,7). Deus, porém, já havia dito que não rejeitará sua noiva; pelo contrário, o Senhor a busca quando ela se perde (cf. comentários em 50:1-2; Os 1—2). Jerusalém receberá dois nomes novos: *Minha-Delícia* (em hebraico, Hephzibah) e *Desposada* (Beulah) (62:4). A ideia do casamento de uma cidade (Jerusalém) é interpretada no sentido de que o povo de Deus retorna do exílio e se estabelece na terra (62:5,10; 60:4). Jerusalém também receberá outros nomes: *Procurada* e *Cidade-Não-Deserta* (62:12).

Deus coloca guardas ao redor de Jerusalém a fim de que orem constantemente ao Senhor pelo restabelecimento e glorificação da cidade (62:6-7). Os cristãos também devem orar sem cessar, como os guardas de Jerusalém que nunca descansam (Ef 6:18; 1Ts 5:17).

De modo semelhante a um marido protetor, o Senhor protegerá a cidade de qualquer ataque. Seu *braço poderoso*, que ele utilizou no passado para proteger seu povo (cf. 51:9-10; 59:1), garantirá que Jerusalém nunca mais será invadida e saqueada, e desfrutará dos resultados de seu trabalho (62:8-9).

### 63:1—64:12 O dia da vingança e da redenção

Pode parecer estranho que Isaías faça uma mudança abrupta na narrativa, passando da alegria de ver Jerusalém restaurada e sua glória futura para uma cena de devastação acompanhada de uma oração desesperada. Uma explicação para a ausência de sequência cronológica rigorosa nessa seção do livro está no fato de que esse trecho apresenta uma coleção de profecias que Isaías pronunciou em várias ocasiões. Apesar de o texto dar a impressão de que essas profecias foram pronunciadas uma após a outra, esse não é necessariamente o caso. Outra questão a considerar é que Isaías é um profeta, não um historiador. Logo, não está obrigado a obedecer a uma sequência cronológica rígida ao apresentar as mensagens recebidas do Senhor.

#### 63:1-6 O dia da vingança

O capítulo 34 apresenta imagens horripilantes de um massacre em Edom, região escolhida para representar todos aqueles que oprimiram o povo de Deus. Isaías retoma esse assunto em suas visões sobre o *dia da vingança* (63:1-6; cf. tb. 61:2). O mesmo Deus que salva o justo arrependido

também é juiz inflexível dos perversos teimosos. Muitos de nós, cristãos, ficamos chocados ao ler textos como esse, pois geralmente não pensamos muito sobre essa faceta do caráter de Deus. Contudo, tais palavras chamam a atenção para o ódio que Deus tem do pecado, e para quão gratos devemos ser a Deus por sua salvação.

### 63:7—64:12 Oração por redenção

A violência do julgamento de Deus perturba profundamente o povo, de modo que este expressa sua preocupação por meio de uma longa oração de intercessão e arrependimento (63:7—64:12). Essa oração parece ter impressionado profundamente os judeus eruditos, pois a oração em Neemias 9:5-37 segue o mesmo padrão. Começa lembrando a Deus a razão pela qual ele os libertou no passado (63:7-14; Ne 9:6-15). Depois, enfatiza o poder de Deus, bem como sua *ternura e misericórdias* (63:15—64:4; Ne 9:16-31), e termina com o povo demonstrando arrependimento por seus pecados (64:5-11; Ne 9:32-37).

**63:7-14 LEMBRANÇAS DO PASSADO.** O *Espírito Santo* é a principal personagem dessa seção sobre livramentos passados. A desgraça sobrevém quando entristecemos (“contristamos”) o Espírito (63:10). O apóstolo Paulo empregou essa expressão (“Não entristeçais o Espírito de Deus”) em Efésios 4:30 para exortar os cristãos a viver uma vida santa. Fazer aliança com Deus é convidar o Espírito Santo para habitar conosco (63:11). Ele nos conduzirá a um lugar de *descanso* (63:14).

**63:15—64:7 SÚPLICA A DEUS.** O povo percebeu que somente a graça do Senhor o estimula a interessar-se por eles. Logo, não há como reivindicar direitos com base em ancestralidade. Tendo isso em mente, eles apelam à “ternura” do Senhor e duas vezes o chamam de *nosso Pai* (63:16), pois Deus é o único ancestral digno de ser invocado e capaz de nos salvar (cf. 30:27a; 43:27).

Todavia, Deus parece esconder o rosto do seu povo (64:7) e não aparenta preocupação com o destino de Israel. Age como se estivesse de costas para Israel, por causa dos pecados do povo.

**64:8-12 ARREPENDIMENTO.** A imagem do *barro* e do *oleiro* (64:8) foi utilizada em 29:15-16 para denunciar a intriga política com o Egito que alguns imaginavam passar despercebida pelo Senhor. Aqui, contudo, o foco está na impotência do barro nas mãos do oleiro, pois este pode fazer o que quiser com ele. Talvez seja por isso que em 63:17 o povo reclamou que Deus estava endurecendo o coração deles a ponto de desviá-los do caminho.

Mais uma vez, Deus é chamado de *Pai* (64:8). Jesus também falará sobre Deus como *Pai* que observa o íntimo das pessoas (Mt 6:3,6).

O povo pede que Deus não fique *calado* enquanto eles sofrem (64:11). Para eles, a punição é maior do que podem suportar, portanto clamam para que Deus não os aflija *sobremaneira* (64:9,12).

### 65:1-25 A promessa do Senhor

A acusação de abandono incitou uma resposta de Deus. O Senhor afirma que não se escondeu de todos. Antes, apresentou-se às nações estrangeiras, povos que nem sequer estavam procurando por ele (65:1). O Senhor estendeu a mão para acolher seu povo, mas estes nem se incomodaram em responder, uma vez que estavam muito ocupados *seguindo os seus próprios pensamentos* (65:2). O apóstolo Paulo citará esses versículos em Romanos 10:20-21.

O povo escolheu deliberadamente andar *por caminho que não é bom*, incluindo a prática da idolatria (65:3) e provavelmente alguma forma de ocultismo relacionada ao culto aos mortos, o que explicaria o comportamento deles em morar *entre as sepulturas* e passar as noites *em lugares misteriosos* (65:4a). O povo ignora (ou desconhece) a lei de Moisés sobre a dieta alimentar e ingere alimento “imundo” proibido (65:4b; Lv 11:7). E, como se não bastasse, além de ignorarem a lei de Deus, consideravam-se demasiado santos para serem repreendidos (65:5a).

Pessoas que agem assim estão sempre aborrecendo a Deus; são como fumaça irritante (65:5b). Deus decidiu punir os pecados do povo, bem como os pecados de seus pais (65:6-7). Essas palavras podem indicar que os filhos sofrerão as consequências do pecado de seus pais (Êx 20:5) ou que Deus está fazendo referência ao julgamento final, quando todas as gerações comparecerão diante dele (Mt 12:41-42). Muitos cristãos africanos consideram válida a primeira sugestão e sentem-se amaldiçoados por causa das práticas ocultistas de seus ancestrais. Essa crença atrapalha o relacionamento deles com Deus.

Precisamos lembrar a esses cristãos que o Senhor não amaldiçoa seus *servos*; antes, diz que eles escaparão do julgamento (65:8; Êx 20:6; Jr 31:29-30; Ez 18:1-3). Isaías ilustra essa verdade com outro exemplo tirado da vinha (cf. 5:1-7): o dono está prestes a jogar fora um cacho de uvas que apodreceu, porém alguém chama a sua atenção apontando que algumas uvas não estão estragadas. O dono decide manter as uvas boas.

O destino do fiel e do idólatra aparece em 65:9-14. O fiel terá descendentes e morará numa terra frutífera. Até mesmo o vale de Acor (literalmente, o vale da Desgraça), local da ira de Deus em Josué 7:26, se tornará lugar de repouso (65:9-10). Entretanto, o destino dos que adoram deuses falsos como *Fortuna* e *Destino* será bastante diferente (65:11). Estes se encontrarão com seu “destino”: serão massacrados e destruídos, pois se recusaram a ouvir a Deus (65:12).

Em seguida, Deus pronuncia uma série de pequenas frases contrastantes entre aqueles que desfrutarão suas bênçãos e aqueles que serão punidos (65:13-14). Essa lista termina com a afirmação de que o nome desses idólatras se tornará maldição (como o nome de Judas atualmente), enquanto os servos de Deus receberão um nome digno de honra (65:15). Nessa nova era de paz, serão *esquecidas as angústias passadas* (65:16b).



Os amaldiçoados por Deus tentarão amaldiçoar os eleitos (65:15a). Aqui está outra coisa que muitos africanos temem: que seus inimigos lhe roguem maldições. Entretanto, também aqui o cristão deve demonstrar confiança em Deus, pois as maldições são inúteis contra aqueles que caminham fielmente com o Deus da verdade (65:15b-16a; Mt 28:20).

Deus criará *novos céus e nova terra* para os seus escolhidos (65:17; 2Pe 3:13; Ap 21:1). Essa profecia deve ser lida juntamente com o capítulo 24, no qual Deus anunciou a destruição da terra e o escurecimento dos corpos celestes. Parece que essa nova criação é simbólica. A destruição da terra e dos corpos celestes representa o fim do mal e de toda forma de idolatria (pois o sol e a lua eram objetos de adoração naquela época). A nova criação será um mundo de *alegria*, no qual não haverá nenhuma aflição (65:18-19). Os cristãos são chamados a viver essa realidade hoje mesmo (Fp 4:4-5).

A declaração de que morrer aos 100 anos é morrer ainda jovem faz alusão à futura derrota da morte (65:20; cf. tb. 25:8; 26:17-19; 38:15-17).

A passagem em 65:21-23 é um desenvolvimento da ideia em 62:8-9, indicando que o povo não mais sofrerá invasões e saques, mas viverá em segurança.

O ápice da narrativa dessa nova criação ocorre em 65:24-25. A comunhão entre Deus e seu povo será restaurada (65:24), assim como a comunhão entre o predador e suas vítimas, indicando a reconciliação entre a humanidade e a natureza (65:25; cf. 11:6-9). A declaração de que *não se fará mal nem dano algum* também indica que haverá reconciliação entre os seres humanos (65:25).

## 66:1-24 A verdadeira adoração

Embora seja precipitado afirmar que o último capítulo de Isaías represente um resumo do livro, de fato trata sobre a maioria dos principais tópicos: a denúncia de adoração hipócrita ao Senhor, a restauração de Jerusalém, a intervenção de Deus como juiz e salvador, e a salvação de Israel e das nações.

O capítulo inicia com o tema que vem sendo apresentado desde o início do livro: o chamado à adoração sincera ao Senhor (66:1-6; 1:10-20). Na ocasião da dedicação do templo, Salomão deixou claro que Deus não está confinado a um local específico (66:1; cf. 1Rs 8:27). As pessoas, portanto, não devem imaginar que obterão algum favor de Deus simplesmente por comparecer a um local sagrado. Falando a Salomão após a cerimônia de consagração do templo, Deus salientou que as pessoas devem humilhar-se perante o Senhor (66:2; 2Cr 7:14). Jesus ilustrou essa mesma verdade quando pronunciou a parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lc 18:9-14).

Os sacrifícios mencionados em 66:3-4, sem dúvida, também eram ofertados no templo de Salomão. Infelizmente, a maioria dos ofertantes fingia uma reverência que não possuía no íntimo. Isaías fala desses sacrifícios juntamente com outras ações condenáveis pela lei de Moisés (Êx 20:13; Lv 11:1-7). É possível que o povo estivesse, de fato, cometendo assassinatos e fazendo ofertas imundas aos ídolos. Contudo, também é possível que Isaías estivesse falando de modo simbólico, isto é, que a oferta fingida é tão inaceitável quanto as ofertas imundas.

## RECOMPENSA E PUNIÇÃO

Na cosmovisão africana, a noção de recompensa e punição tem um papel importante na compreensão da natureza e seu equilíbrio. O povo ovimbundu, de Angola, por exemplo, experimenta Deus como um ser gentil e compassivo que se envolve diariamente na vida de seu povo, providenciando-lhes sol e chuva. Assim como outros africanos, eles veem Deus (*Suku*) como um bondoso ser supremo que recompensa ou pune o que as pessoas fazem a si mesmas ou à natureza. O comportamento pecaminoso que demonstre ausência de *ubuntu*, isto é, amor pelo próximo, destrói a vida da comunidade e sempre será punido.

Embora geralmente nos concentremos mais na punição de Deus, há muitas passagens bíblicas nas quais os autores demonstram preocupação em mostrar que agradar a Deus por meio da obediência a suas leis traz recompensas. A teologia da retribuição refere-se à convicção de que a recompensa e a punição ocorrem imediatamente após os eventos precipitadores. O livro de Deuteronômio, por exemplo, enfatiza que a desobediência à lei de Javé trará julgamento e desastre, mas a obediência e a retidão produzirão frutos de paz e prosperidade (Dt 4:1-2; 28:1-68).

A narrativa de Gênesis 1 a 11 tem imensa importância teológica. Apresenta a história do pecado original da humanidade e a punição de Deus a tal anomalia. Tomando por base essa narrativa, pode-se dizer que a Bíblia é o registro do relacionamento entre Deus, a humanidade e o universo. Essa história também deixa claro que o pecado do ser humano não conduz à condenação definitiva. A mesma questão é salientada no livro de Crônicas, onde o autor mostra vários exemplos de como a punição de Deus pode ser moderada pelo arrependimento humano e pela graça do Senhor. O princípio fundamental é que Deus, o Criador do universo, estabeleceu uma aliança com Israel. Essa aliança estipula privilégios e obrigações ao povo da aliança e estabelece a lei eterna pela qual os atos de todos os seres humanos serão julgados. A Bíblia esclarece a natureza e as consequências do pecado ou culpa da humanidade, bem como o papel e propósito da punição, além das condições necessárias para o perdão.

Contudo, a mensagem central da Bíblia é que o perdão e a reconciliação são mais importantes para Deus que a punição. O perdão do Senhor transcende todas as limitações humanas e perdura, apesar da rebelião do homem contra Deus.

Alguém poderia perguntar por que o AT relata mais chamados ao arrependimento que promessas de recompensa. O notável desequilíbrio entre os frequentes avisos de punição e pedidos de arrependimento e as infrequentes promessas de recompensa foi causado pela crise que afeta o relacionamento entre Deus e o povo da aliança. Embora Deus seja infinitamente santo e absolutamente bom, o ser humano é totalmente corrompido. O propósito de Deus ao punir as pessoas é chamar-lhes a atenção para as consequências de suas ações e prepará-las para receber a retribuição. A punição, portanto, é uma característica da graça de Deus.

Todos os escritores bíblicos adotaram uma teologia da retribuição que moldou seu registro da história de Israel.

Contudo, eles não insistiram que o sofrimento é sempre uma prova de punição. Jó é um exemplo de alguém que sofreu mesmo sendo um homem justo.

Os escritores bíblicos também admitem que às vezes os incrédulos parecem desfrutar situação melhor que os crentes (Sl 73). Todavia, a Bíblia deixa claro que o sucesso dos ímpios é apenas temporário. Ainda que eles escapem da punição neste mundo, certamente serão lançados no inferno preparado para todos aqueles que não aceitaram as boas-novas trazidas por Jesus Cristo, Filho de Deus, nosso Salvador. Os cristãos, ao contrário, serão recompensados e desfrutarão da alegria da presença de Deus no céu (1Pe 4—5).

Luciano C. Chianeque

As palavras em 66:1-4 inevitavelmente levarão ao fim do ritual de adoração. Jesus deixará isso bem claro ao afirmar que a adoração não precisa estar associada ao templo e que a verdadeira adoração a Deus ocorre “em espírito e em verdade” (Jo 4:21-24).

As pessoas na época de Isaías eram semelhantes às da época de Jesus. Escarneciam dos verdadeiros adoradores de Deus e lhes pediam sinais a fim de provar que aquela adoração era genuína (66:5). Mas os sinais que elas receberão não serão os que esperavam (66:6; cf. comentários em 38:7-8; Mt 12:38-42).

Em seguida, Isaías retorna ao tema da nova glória de Jerusalém. Anteriormente ele havia falado a respeito da cidade como uma noiva (62:4-5,12), porém agora se refere a Jerusalém como uma mulher grávida. A intervenção de Deus significará que Jerusalém não sofrerá dores de parto prolongadas antes do nascimento da nação (66:7-9). Os judeus receberão repentinamente permissão para retornar a Jerusalém, evento que marcará o fim da aflição e o início da alegria e da prosperidade (66:10-13; cf. 62:5,10; 65:18-19).

Entretanto, Isaías relembra novamente que, embora Deus traga salvação e bênçãos para seus servos, também traz julgamento para o perverso (66:14). Afirma repetidas vezes que o Senhor *virá em fogo* (66:15-16). Embora o fogo possa simbolizar a purificação e santificação dos crentes (Pv 17:3; Mt 3:11), aqui representa um símbolo da destruição dos inimigos de Deus (Mt 3:12; Mc 9:47-48).

O Senhor julgará *toda a carne* (66:16), mas salvará aqueles que nele confiam, incluindo não apenas os judeus, mas pessoas de *todas as nações e línguas* (66:18). Mais que isso, Deus enviará os sobreviventes a proclamar sua glória às nações longínquas. As nações mencionadas em 66:19 estavam espalhadas pelo mundo conhecido daquela época: desde Társis na Espanha (no extremo oeste do mar Mediterrâneo), Pul (Líbia) ao norte da África e Lude (Lídia) na Turquia, até Tubal (situada em algum ponto ao norte), Javã (Grécia) e “às terras do mar mais remotas”, que se referem ao restante do mundo. O povo de Deus viajará a todos

esses lugares proclamando a glória de Deus, assim como fizeram os discípulos na época de Jesus, e como ainda hoje fazem os cristãos quando saem a proclamar as boas-novas de Jesus Cristo.

Os judeus fiéis (*vossos irmãos*) voltarão a Jerusalém (66:20). Parece, porém, que o termo “irmãos” também pode incluir todos aqueles a quem Deus estendeu sua salvação (cf. 49:6; 52:15; 56:2).

Além de os povos de todas as nações virem a Jerusalém, Deus escolherá alguns deles como *sacerdotes e levitas* para servirem no templo (66:21). Em 61:6, esse trabalho parece reservado exclusivamente aos judeus, porém o plano de Deus vai muito além (66:21-23).

Considerando o plano divino em acolher as nações em seu reino, a igreja africana também deve demonstrar ao mundo como será o reino de Deus ao apresentar-se como uma comunidade multiétnica e multirracial (cf. comentários em 3:6; 16:3; 52:6-10).

No mundo novo que o Senhor criará, o sábado e as festas religiosas serão celebrados com alegria pelo verdadeiro povo de Deus.

Isaías conclui sua profecia com uma visão do novo céu e nova terra preparados para os redimidos (66:22-23; cf. Ap 22:12-21). Contudo, como é típico de profecias com respeito ao final dos tempos, Isaías alerta contra o perigo do inferno (66:24; cf. tb. Mt 13:24-30). O objetivo de Isaías ao pedir que as pessoas se afastem do inferno é encorajá-las a escolherem o céu.

Edouard Kitoko Nsiku

### Leituras adicionais

OSWALT, John N. *The Book of Isaiah, Chapters 1—39*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

OSWALT, John N. *The Book of Isaiah, Chapters 40—66*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

WEBB, Barry G. *The Message of Isaiah*. BST. Downers Grove: Intervarsity Press, 1996.

# JEREMIAS

Jeremias nasceu por volta de 645 a.C., oriundo de uma família sacerdotal que viveu na aldeia de Anatote (1:1), um pequeno vilarejo situado a cerca de 6 quilômetros ao norte de Jerusalém, no território da tribo de Benjamim. Era o local para o qual o rei Salomão exilou Abiatar, o sacerdote a quem “removeu do ministério sacerdotal”, cumprindo assim a profecia contra os descendentes de Eli, em Siló (1Sm 2:27-36; 1Rs 2:26-27).

Jeremias recebeu o chamado por volta de 627 a.C., quando tinha apenas 18 anos de idade (1:2), aproximadamente. Ele continuou seu ministério profético até a destruição de Jerusalém, em 587 a.C. Após esse acontecimento traumático, passou algum tempo no Egito (43:1-7). Foi contemporâneo dos profetas Sofonias (Sf 1:1), Habacuque (Hc 1:6) e Ezequiel (Ez 1:2), o último pregou uma mensagem similar dentre os exilados na Babilônia.

A primeira parte do ministério de Jeremias ocorreu durante o reinado de Josias, que ascendeu ao trono após o assassinato de seu pai, o rei Amom, em 640 a.C. Quando livro de Deuterônomo foi descoberto no templo, em 622 a.C. (2Rs 22:8-20), Josias promoveu reformas religiosas para levar o povo a obedecer à lei outra vez. Jeremias pode ter participado ativamente dessas reformas. Entretanto, em 609 a.C. Josias foi morto em Megido, quando lutava contra Faraó Neco. Jeoaquaz, um de seus filhos, reinou em seu lugar, mas em poucos meses foi deposto pelos egípcios e substituído por Jeoaquim, um rei escolhido pelo Egito (2Rs 23:31-34).

Durante o reinado de Jeoaquim, teve início a segunda fase do ministério de Jeremias, e também começaram seus sofrimentos. Jeremias defendeu a submissão à Babilônia, anunciou que o templo não salvaria Judá e denunciou as políticas a favor do Egito e as injustiças do rei (22:13-19). Sua mensagem não agradou ao palácio nem aos profetas ligados à corte.

Em 605 a.C., os exércitos da Babilônia e do Egito se encontraram em Carquemis. O rei babilônico Nabopolassar morreu, e foi substituído por seu filho Nabucodonosor, que obteve uma vitória marcante sobre os egípcios. Os babilônios sitiaram Jerusalém e obrigaram Jeoaquim a render-se. Eles levaram o rei e um grupo de cativos, na sua maioria composto de jovens aristocratas. Desse grupo, faziam parte Daniel e seus três amigos (Dn 1:1).

O rei cativo foi substituído por seu filho Joaquim, cujo reinado foi muito curto. As profecias de Jeremias foram cumpridas, e Jerusalém foi conquistada em 597 a.C. Nabucodonosor designou Matanias rei em lugar de

Joaquim, mudando seu nome para Zedequias. O novo e fraco rei se permitiu influenciar pelos legalistas que apoiavam o Egito e insuflavam a revolta contra a Babilônia. Assim, Jerusalém foi novamente sitiada, derrotada, saqueada e deixada em ruínas. Muitos de seus habitantes foram mortos, e outros, levados em cativeiro. O templo foi queimado (2Rs 25; 2Cr 36:11-21). Após esses dramáticos acontecimentos, Jeremias recebeu mensagens de conforto e de restauração. Essa foi a terceira fase do ministério de Jeremias.

Nabucodonosor nomeou Gedalias governador de Judá. Gedalias tinha as mesmas convicções políticas de Jeremias. Entretanto, o governador foi assassinado. Os judeus, amedrontados, perguntaram a Jeremias o que fazer, mas não deram crédito à sua resposta. Contrariando seu conselho, decidiram fugir para o Egito e forçaram o profeta e Baruque, seu secretário, a acompanhá-los (40—44).

A quarta e última fase do ministério de Jeremias deu-se no Egito. Ali ele proclamou oráculos, denunciou a idolatria de seus compatriotas judeus e anunciou a invasão do Egito pelas tropas babilônicas. A tradição diz que ele morreu no Egito, apedrejado por seus compatriotas, que se recusaram a aceitar sua mensagem.

## A estrutura do livro

Diferentemente dos outros livros proféticos, Jeremias não segue a ordem cronológica da vida do profeta nem dos eventos citados. Em vez disso, é uma coleção de diversos oráculos, intercalados com eventos biográficos e diálogos que o profeta teve com o Senhor. Os diálogos entre Jeremias e o Senhor são chamados “lamentações”.

Muitas profecias aparecem repetidas, por isso a versão hebraica do livro (o texto massorético), que inclui essas repetições, é muito mais longa que a antiga tradução grega do AT, conhecida como Septuaginta.

O tamanho não é a única diferença entre as duas versões. A localização de algumas passagens também é diferente. Por exemplo, na tradução grega, os oráculos contra as nações (46—51) vêm imediatamente após 25:13 e não seguem a mesma ordem do texto massorético.

Essas diferenças levam os teólogos a cogitar a existência de dois textos hebraicos das profecias de Jeremias: uma versão mais longa, representada pelo texto massorético, e outra mais curta, cuja tradução resultou na Septuaginta.

No entanto, convém salientar que as diferenças entre os dois textos em nada alteram o valor ou a qualidade dos ensinamentos do livro. O texto é plenamente satisfatório, apesar das dificuldades relacionadas à sua transmissão.

### A mensagem do livro

A mensagem de Jeremias é, acima de tudo, de renovação, reconstrução e restauração, mas essa renovação precisa ser precedida de uma remoção radical de tudo o que existia anteriormente. Por isso, o chamado de Jeremias é constituído por três pares de verbos, os dois primeiros negativos e o terceiro positivo: ele deve arrancar e derribar, destruir e arruinar, para então edificar e plantar (1:10).

A missão de “arrancar e derribar” teve um papel importante no ministério e na mensagem de Jeremias. Ele denuncia a profunda e irreversível corrupção do povo de Deus, expressa no pecado. O pecado deixa manchas, e a culpa gerada por ele requer julgamento e punição (2:3). Todavia, o pecado também é uma doença incurável, arraigada ao coração humano. Ele torna o ser humano incapaz de se relacionar com Deus e faz toda tentativa humana de retornar a Deus resultar em fracasso (13:23).

Diante do completo fracasso humano, o Senhor anuncia uma nova ordem. Ele firmará uma nova aliança com seu povo (31:31-40), que será caracterizada pela lei escrita no coração, não mais em tábuas de pedra. A nova ordem também será marcada pelo conhecimento que o povo terá do Senhor e finalmente pelo perdão, que alcançará a todos.

### Esboço

#### 1:1-19 Introdução e chamado de Jeremias

1:1-3 Introdução

1:4-19 O chamado de Jeremias

#### 2:1—29:32 Profecias a respeito de Judá e Jerusalém

2:1—4:4 A infidelidade de Judá

2:1-37 A prostituição do povo

3:1-5 A impossibilidade de retorno

3:6—4:4 Convite para retornar a Deus

4:5—6:30 Calamidade no Norte

4:5-31 Soando o alarme

5:1-19 Nem um único justo

5:20-31 Israel possui um coração rebelde

6:1-21 Jerusalém sairá do estado de sítio

6:22-30 O destruidor está aqui

7:1—10:25 A ferida incurável

7:1-11 Ameaças à porta do templo

7:12—8:3 O vale da Matança

8:4-17 A recusa em arrepender-se

8:18—9:6 A dor do profeta

9:7-22 O Senhor ameaça

9:23-26 A verdadeira e a falsa circuncisão

10:1-16 Ninguém se compara ao Senhor

10:17-25 Desolação em Jerusalém

11:1—12:17 Conflito e sofrimento de Jeremias

11:1-17 Uma aliança quebrada

11:18-23 “Um profeta sem honra”

12:1-6 Por que os ímpios prosperam?

12:7-13 O Senhor abandona sua casa

12:14-17 Os vizinhos de Judá

13:1-14 O cinto de linho

13:15-27 Aviso e castigo

14:1-22 Seca e calamidade total

15:1-9 É inútil clamar

15:10-21 As queixas de Jeremias

16:1-15 A solidão do profeta

16:16—17:27 Advertências e castigo

16:16-21 Deus, Judá e outras nações

17:1-11 O pecado de Judá

17:12-18 A oração de Jeremias

17:19-27 Um chamado para respeitar o sábado

18:1—20:18 O simbolismo do oleiro

18:1-17 Jeremias na casa do oleiro

18:18-23 Jeremias é ameaçado novamente

19:1-13 O vale do filho de Hinom

19:14—20:6 Pasur agride o profeta

20:7-18 A queixa de Jeremias

21:1—23:8 Oráculos contra os reis de Judá

21:1-10 Oráculo contra Zedequias

21:11—22:9 Oráculo contra a linhagem de Davi

22:10-12 Oráculo contra Salum (Jeoacaz)

22:13-19 Oráculo contra Jeoquim

22:20-30 Oráculo contra Joaquim (Jeconias)

23:1-8 Promessa de um Renovo justo

23:9-40 Falsos profetas

23:9-12 Profetas malignos

23:13-15 Dois grupos de profetas

23:16-22 Falsas visões

23:23-32 Sonhos *versus* palavras de Deus

23:33-40 A ameaça do Senhor

24:1-10 A visão de dois cestos de figos

25:1-14 Setenta anos de cativeiro

25:15-38 Profecias contra as nações

26:1-24 Oráculo para o templo

26:1-6 O sermão do templo

26:7-16 A prisão de Jeremias

26:17-19 Os anciãos defendem Jeremias

26:20-23 A execução de Urias, o profeta

26:24 Jeremias é protegido por Aicão

27:1-22 Canzais no pescoço

28:1-17 Jeremias e Hananias

29:1-32 Uma carta aos exilados

29:1-3 Entregando a carta  
 29:4-9 Vida na Babilônia  
 29:10-14 Verdadeira esperança para o futuro  
 29:15-19 Um golpe nas falsas esperanças  
 29:20-23 O destino dos falsos profetas  
 29:24-32 Semaías e Jeremias

### 30:1—33:26 O Livro da Restauração

30:1-24 O retorno do cativo  
 30:1-11 Angústia substituída por salvação  
 30:12-24 A cura de um ferimento incurável  
 31:1-30 O restabelecimento de Israel e Judá  
 31:1-2 Encontrando proteção no deserto  
 31:3-14 Amor e regozijo  
 31:15-20 O consolo de Raquel  
 31:21-30 Dias de bênção  
 31:31-40 A nova aliança  
 32:1-44 Jeremias compra uma propriedade  
 32:1-15 A ordem de comprar um campo  
 32:16-25 A oração e o questionamento de Jeremias  
 32:26-44 A resposta de Deus  
 33:1-26 Reconstrução das cidades e casas de Judá

### 34:1—35:19 Várias mensagens

34:1-7 O destino de Zedequias  
 34:8-22 Escravos libertos e reescravizados  
 35:1-19 O exemplo dos recabitas

### 36:1—45:5 Julgamento e sofrimento de Jeremias

36:1-32 A destruição do rolo  
 37:1—39:18 O cerco de Jerusalém  
 37:1-10 Zedequias consulta Jeremias  
 37:11-21 Jeremias é preso  
 38:1-13 Jeremias é lançado numa cisterna  
 38:14-28 Último diálogo com Zedequias  
 39:1-18 Jerusalém é tomada  
 40:1—43:7 Depois do cerco: na Judeia  
 40:1-6 Jeremias é libertado  
 40:7-16 Gedalias governa Judá  
 41:1-18 O assassinato de Gedalias  
 42:1—43:7 O povo consulta Jeremias  
 43:8—44:30 Depois do cerco: no Egito  
 43:8-13 Profecia em Tafnes  
 44:1-30 Discurso aos judeus no Egito  
 45:1-5 Jeremias encoraja Baruque

### 46:1—51:64 Profecias contra as nações pagãs

46:1 Introdução  
 46:2-28 Contra o Egito  
 46:2-12 Oráculo concernente a Carquemis  
 46:13-28 O ataque de Nabucodonosor ao Egito  
 47:1-7 Contra os filisteus  
 48:1-47 Contra os moabitas

48:1-17 A destruição de Moabe  
 48:18-47 Lamentação por Moabe

49:1-6 Contra os amonitas  
 49:7-22 Contra Edom  
 49:23-27 Contra Damasco  
 49:28-33 Contra Quedar e Hazor  
 49:34-39 Contra Elão  
 50:1—51:64 Contra a Babilônia  
 50:1—51:58 O oráculo  
 51:59-64 Entrega do rolo com o oráculo contra a Babilônia

### 52:1-34 Apêndices

52:1-11 O destino de Zedequias  
 52:12-30 O destino de Jerusalém  
 52:31-34 Joaquim é perdoado

## COMENTÁRIO

### 1:1-19 Introdução e chamado de Jeremias

#### 1:1-3 Introdução

Jeremias, cujo nome em hebraico significa “o Senhor é exaltado”, era de linhagem sacerdotal, oriundo da aldeia de *Anatote*, conhecida hoje como Anata (1:1). Sua cidade ficava no território da tribo de *Benjamim*, em terras cedidas aos descendentes de Arão (Js 21:18). O chamado do profeta é datado com precisão: *nos dias de Josias* [...] *décimo terceiro ano do seu reinado*, ou seja, 627 a.C. (1:2). Como foi dito na introdução, Jeremias tinha apenas 18 anos de idade na época, sendo, portanto, muito jovem para exercer esse cargo público. Seu ministério na Judeia durou cerca de quarenta anos, sob diferentes reis até a queda de Jerusalém em 587 a.C. (1:3).

#### 1:4-19 O chamado de Jeremias

O relato do chamado de Jeremias começa com esta afirmação: *A mim me veio, pois, a palavra do SENHOR* (1:4). Essas palavras exatas ou expressões equivalentes ocorrem diversas vezes em Jeremias (p. ex., 7:1; 11:1; 14:1; 16:1; 18:1). As primeiras palavras de Deus a Jeremias revelam que foi iniciativa divina o fato de ele ter sido escolhido para ser profeta. Ele estava predestinado a esse papel. Deus o formou no útero de sua mãe e, antes mesmo de seu nascimento, consagrou-o para essa tarefa (1:5; cf. Gl 1:15). Ele seria um *profeta às nações*, ou seja, primeiramente a Israel e Judá, mas também às nações vizinhas de Israel. Jeremias entregou uma série de profecias a várias outras nações (46—51).

A reação de Jeremias mostra que ele não era voluntário! A tentativa de fugir ao chamado de Deus nos faz lembrar de Moisés (Êx 4:10-13). Enquanto Moisés alegou dificuldade para falar, Jeremias mencionou sua idade, dizendo: *Não*

*passo de uma criança* (1:6). Com isso, ele não quis dizer que era o que hoje chamamos “criança”. Ele estava provavelmente lembrando que ainda não chegara aos 30 anos de idade, que era quando os levitas iniciavam seu ministério oficialmente (Nm 4:46-47; cf. Jz 6:14-16; 1Rs 3:7; Lc 3:23).

A resposta de Deus consiste em uma promessa e de um sinal. Ele promete estar com seu servo e livrá-lo, o que implica que Jeremias enfrentará dificuldades e oposição no exercício de seu ministério (1:7-8; cf. Êx 3:12). Deus então Deus lhe dá um sinal: toca a boca de Jeremias para que ele possa falar *as minhas palavras* (1:9; cf. tb. 11a; Is 6:6-7; Ez 2:8—3:3; Dn 10:16).

O ministério de Jeremias terá dupla natureza. Usando metáforas baseadas na agricultura e na construção, o texto mostra que a destruição (quatro verbos: *arrancares, derribares, destruíres e arruinares*) terá um lugar mais importante que a construção (dois verbos: *edificares e plantares*) (1:10). A catastrófica situação espiritual de Judá requer destruição antes da reconstrução. Contudo, o trabalho de Jeremias se estenderá a reinos e nações estrangeiros (cf. 1:5).

São reveladas então a Jeremias duas visões inaugurais. A primeira é a de *uma vara de amendoeira* (1:11). Em hebraico, a palavra para “amendoeira” (*shaqéd*) e o verbo “observar” (*shaqéd*) têm som semelhante. O Senhor então explica que o significado da visão é que ele está observando para se assegurar de que sejam cumpridas todas as palavras transmitidas em seu nome a Jeremias (1:12). A segunda visão é a de *uma panela ao fogo, cuja boca se inclina do Norte*, de maneira que seu conteúdo se derrama em direção ao sul (1:13). Essa visão indica a invasão babilônica, que virá do norte (20:4). Também do norte virão outros invasores, como os sírios e assírios. O propósito dessas invasões era punir a idolatria de Judá (1:14-16).

É importante observar que o Senhor faz o jovem profeta participar da elaboração da mensagem. Deus não lhe entrega a mensagem toda de uma vez. Jeremias deve olhar, ver e compreender. Deve usar toda a sua capacidade na obra do Senhor. Visões desse tipo são às vezes consideradas parte do treinamento de Deus antes de alguém assumir plenamente o ministério.

Então o Senhor incita Jeremias a se preparar para a batalha. Ele deve ser fiel ao anunciar os oráculos de Deus e não deve temer ninguém (1:17). Sua palavra afetará pessoas de todas as classes sociais em Judá, dos líderes políticos e religiosos até o cidadão comum. Todos se oporão, mas Deus promete estar com ele e protegê-lo (1:18-19; cf. tb. 1:8).

## 2:1—29:32 Profecias a respeito de Judá e Jerusalém

Esta seção do livro inclui algumas das primeiras profecias dadas a Jeremias. As profecias registradas nos capítulos 2 a 6 podem ter sido proclamadas durante o reinado de Josias (3:6). A ordem cronológica é seguida fielmente até o capítulo 20.

## 2:1—4:4 A infidelidade de Judá

### 2:1-37 A prostituição do povo

Em seu primeiro discurso ao povo, Jeremias relembra o tempo em que Judá era uma nação completamente devota da ao Senhor (2:1-2). A nação pertence a Deus, e qualquer um que a prejudique sofrerá castigo (2:3; Sl 105:14-15). Mas agora o povo está afastado do Senhor, seu Deus (2:4-5). Eles esqueceram que Deus os libertou da escravidão no Egito (2:6) e lhes deu a *terra fértil* de Canaã (2:7). Os servos de Deus, *os sacerdotes [...] que tratavam da lei e os profetas* se tornaram rebeldes e idólatras (2:8). Eles, de propósito, esqueceram as maravilhosas obras do Senhor. Essa atitude é passível do juízo divino (2:9).

Israel fizera algo que nenhuma outra nação havia feito, nem mesmo Chipre (a noroeste) e Quedar (a sudeste), cidades que representavam os povos pagãos vizinhos, que não conheciam o Senhor (2:10). Nenhuma outra nação abandonou seus deuses, mesmo sendo esses deuses apenas ídolos (2:11). A gravidade do pecado de Judá revoltou e deixou os céus espantados e horrorizados: *Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos!* (2:12). O povo de fato cometeu um crime duplo: não somente negou ao seu Deus, a fonte de *águas vivas*, mas também confiou em *cisternas rotas, que não retêm as águas* e não têm poder para salvar (2:13).

A consequência desse pecado é que Israel, o povo da aliança, será entregue nas mãos de outras nações (2:14-15). O pecado sempre exerceu um efeito dramático sobre a identidade dos que o cometem. Israel deixou de ser filho legítimo e se tornou escravo.

A nação já havia sido condenada pelo que teve de suportar nas mãos dos *filhos de Mênfis e de Tafnes*, duas cidades egípcias proeminentes (2:16). Jeremias talvez esteja referindo-se à batalha de Megido, em 609 a.C., na qual Josias foi morto pelos egípcios (2Rs 23:29).

A nação abandonou as *águas vivas* que Deus lhe oferecia e recorreu às “cisternas rotas” do Egito e da Assíria, querendo beber *as águas de Sior* (RC), que era um braço do rio Nilo, e do *Eufrates*.

Abandonar ao Senhor é um pecado com amargas consequências (2:19). A Bíblia considera prostituição religiosa e espiritual a troca do Deus vivo pela adoração a ídolos e pelas cerimônias pagãs (2:20a; Is 57:3-13; Ez 16). Baal é adorado *debaixo de toda árvore frondosa* (2:20b). A mancha desse pecado marcou a pele dos que o cometiam, e nem mesmo *salitre* (ou potassa usada como sabão) poderá removê-la (2:21-22). Mesmo que eles tentem negar seu pecado (2:23a), as provas estão por todos os lados. Eles não somente pecam praticando a idolatria *em todo outeiro alto* (2:20b), mas também *no vale* (2:23b), que alguns comentaristas identificam como o vale do filho de Hinom (7:31). A idolatria pode ser atraente para o povo, mas termina em desgraça (2:24-26).

Dizer *tu és meu pai* para a *madeira* e *tu me geraste* para a *pedra* é a suprema rejeição ao Deus Criador (2:27). Mesmo

assim, embora sejam abundantes, a madeira e a pedra não poderão salvar na hora da necessidade (2:28).

O povo, entretanto, declara sua inocência e não reconhece que se afastou de Deus (2:29). Mesmo quando o Senhor os disciplinou, seus filhos não retornaram a ele (2:30). Continuaram a negar que fizeram algo errado (2:31-33), porém as manchas do mal ainda estão em suas roupas (2:34; Lm 1:9). Eles vão mais longe e afirmam que a correção do Senhor é arbitrária (2:35).

Deus os adverte de que, no final, seus aliados não poderão ajudá-los, pois o Senhor os rejeitou. Israel irá para o cativeiro humilhado, com as mãos na cabeça (2:37).

### 3:1-5 A impossibilidade de retorno

A bela época descrita em 2:1-3 se foi há muito tempo. Agora, Israel é como uma mulher divorciada (3:1a). Entregou-se a inúmeros amantes, em todos os lugares do país (3:1b-2). Sua prostituição teve efeitos infelizes nas estações: os céus não dão mais chuva (3:3). Mesmo assim, ela insiste em chamar Deus de *Pai meu*, embora seja tudo fingimento, e qualquer mudança no coração será superficial (3:4-5).

Em algumas ocasiões, o livro de Jeremias estabelece uma ligação causal entre o pecado e mudanças climáticas. A terra em si é afetada pelo pecado humano. O mesmo conceito está presente em algumas culturas africanas. Precisamos atentar para nosso modo de agir, pois nenhuma ação é insignificante. Toda ação digna de culpa terá consequências para quem a praticar, bem como para seus vizinhos e para o ambiente.

### 3:6—4:4 Convite para retornar a Deus

Os adultérios de Israel e sua prostituição levaram a nação ao exílio, mas Judá não aprendeu com os erros de sua irmã. O comportamento do povo não mudou (3:6-10). Na verdade, foi ainda pior que Israel (3:11). Assim, Jeremias deve entregar uma mensagem aparentemente dirigida ao povo do Reino do Norte, que está no exílio (3:12). Mas quem precisa ouvi-la é o povo de Judá, o Reino do Sul. O Senhor está indiretamente convidando Judá a se arrepender e retornar a ele (3:12-13). A ideia de que o povo da aliança deve ser unificado, e não um reino dividido, também está presente. O povo precisa entender que eles não têm outro Deus senão o Senhor e que tudo o que possuem pertencem a um só povo: o povo da aliança (3:14). Se Judá se arrepender, o Senhor lhe dará *pastores* segundo seu coração, *com conhecimento e com inteligência* (3:15). Jerusalém será conhecida como *Trono do SENHOR* e não mais simplesmente como o lugar em que repousa a arca da aliança (3:16-17). O Senhor também promoverá a reunificação de Israel e Judá (3:18; Is 11:12; Ez 37:15-28).

Assim como os habitantes de Judá, nós também temos fracassado, como indivíduos e como nação, em aprender com as experiências dos outros. Tendemos a pensar que as coisas serão diferentes conosco. Mesmo assim, como

o apóstolo Paulo diz aos cristãos de Corinto, é importante aprender com os erros dos que nos precederam (1Co 10:6).

O Senhor sempre deseja o melhor para seu povo: *terra desejável, a mais formosa herança* e um relacionamento estável (3:19). Todavia, a nação israelita tem sido infiel ao seu Deus (3:20). Agora, porém, há lágrimas de arrependimento, e Deus lhes promete restauração e cura (3:21-22). O povo reconhece que a idolatria nunca lhes trouxe bênçãos. Ao contrário, a vergonhosa adoração a Baal os levou à ruína (3:23-25; Dt 4:3).

Assim como Israel, muitos atualmente investem grandes somas em dinheiro para obter proteção, segurança e paz, sem nunca conseguir. Infelizmente, essas pessoas são encontradas principalmente nas igrejas. Elas decerto se perguntam se a proteção que o Senhor promete é realmente eficaz contra todos os perigos. Assim, trocam constantemente de lado, numa procura frenética por mais proteção, sem reconhecer que tudo o que estão fazendo é enriquecer charlatões de toda espécie.

Retornar ao Senhor implica rejeitar inteiramente o pecado (4:1), confessando que não existe outro Deus senão o Senhor (Dt 6:13-15), e seguir a verdade, o juízo e a justiça (4:2). Se Israel retornar ao Senhor com esse propósito, cumprirá seu verdadeiro chamado, e todas as nações serão abençoadas por seu intermédio, como Deus prometeu a Abraão (Gn 12:2-3; 22:18).

O chamado para retornar ao Senhor termina com uma dupla recomendação e uma advertência: *Lavrαι* o campo não lavrado (4:3; Os 10:12) e *circuncidai* o coração. Esses são indícios de sincero e genuíno arrependimento (4:4; Dt 10:16). A circuncisão sempre foi o sinal da aliança (Gn 17:10). Consistia em cortar o prepúcio dos meninos aos 8 dias de vida. Jeremias demonstra que a nação necessita não apenas da circuncisão física do prepúcio, mas também da circuncisão do coração, como símbolo do desejo de obedecer a Deus. Se a nação não aceitar essa atitude, terá de enfrentar o juízo divino.

### 4:5—6:30 Calamidade no Norte

#### 4:5-31 Soando o alarme

Os invasores mencionados nessa seção provavelmente são os babilônios. A trombeta deve ser tocada para avisar a população de que todos devem fugir e assim evitar o desastre iminente (4:5-6). O invasor é comparado a um *leão*, cujo ataque espalha a desolação e a tristeza (4:7-8). Todos serão afetados, especialmente os falsos profetas, que anunciavam ao povo que haveria paz (4:9). De acordo com alguns manuscritos gregos, são esses os profetas que se pronunciavam em 4:10. Eles enganaram o povo e agora querem culpar o Senhor (cf. 6:14; 8:11; 14:13; 23:17). Como tiveram tal ousadia?

A descrição do juízo vindouro continua em 4:11-12, e o invasor com suas armas de guerra é citado em 4:13. O



único caminho para a salvação é que o povo purifique o coração e a mente (4:14).

Sabemos que *Dã* está situada no extremo norte de Israel e que a *região montanhosa de Efraim* fica ao norte de Judá (4:15), tão próxima de Jerusalém quanto Dã. Podemos então crer nos rumores de que os *sitiadores* de uma *terra longínqua* vêm atacar Jerusalém (4:16-17). Todas as dificuldades aqui relatadas são resultado do *proceder* de Judá (4:18).

Ao ouvir o chamado da trombeta, que sinaliza a guerra, o profeta sentiu *dores* (4:19). A insensatez do povo atraiu sobre ele grande calamidade (4:20-22). A destruição causada pelo inimigo leva a terra ao seu estado inicial — *sem forma e vazia* (4:23-24; cf. Gn 1:2). Toda a vida desaparece (4:25), e os pomares e vinhas se transformam em deserto (4:26). Mesmo assim, o Senhor anuncia que a destruição não será completa — algo será preservado (4:27).

Tudo o que o Senhor determinou acontecerá (4:28-29). Mas como Judá reagirá a esses acontecimentos? Eles se lamentarão? Buscarão ao Senhor, seu Deus? Ou persistirão em suas reações superficiais (4:30-31)?

#### 5:1-19 *Nem um único justo*

O foco agora incide sobre a grave corrupção que prevalece em Jerusalém. É impossível encontrar *um homem que pratique a justiça ou busque a verdade* (5:1). Ao ler esses versículos, não podemos deixar de pensar em Abraão, quando ele suplica a Deus que poupe as cidades de Sodoma e Gomorra, caso fossem encontrados dez justos ali (Gn 18). Toda palavra dita pelos habitantes de Jerusalém é mentirosa, mesmo quando eles juram estar falando a verdade (5:2; 4:2).

As provas que enfrentamos quase sempre têm a intenção de nos levar de volta ao Senhor (5:3-5), mas quando rejeitamos a disciplina, quando pagamos com o mal o bem que o Senhor nos faz (5:6-7), quando desejamos cometer adultério (5:8), a punição não pode mais ser evitada (5:9).

Pela segunda vez, o Senhor declara que irá destruir a cidade, *porém não de todo* (5:10; 4:27). As muitas infidelidades de Judá o forçaram a punir seu povo (5:11-17; cf. Lm 3:33), mas ele ainda deixará um remanescente (5:18), esperando que as provações, especialmente o exílio, produzam neles o sincero arrependimento (5:19).

#### 5:20-31 *Israel possui um coração rebelde*

Corrompidos pelo mal, os olhos e os ouvidos de Israel não funcionam mais. O povo se tornou como seus ídolos: *Tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis* (5:21; cf. Sl 115:1-8).

Diante da grandeza da obra de Deus (*o mar*) e da generosidade de suas dádivas (*dá a seu tempo a chuva e a sega*), o povo deveria demonstrar profundo respeito por Deus (5:22-24). Em vez disso, eles se rebelaram, e seus pecados ofendem a bela criação de Deus (5:25-26).

O segredo das riquezas dos israelitas é revelado: suas casas estão cheias de corrupção e injustiça (5:27-28). Eles

pensam que podem esconder seus crimes atrás das paredes de suas habitações, mas o Senhor os vê. Por isso, vingará todo o mal praticado pelos profetas e sacerdotes com o apoio da população (5:29-31).

#### 6:1-21 *Jerusalém sairá do estado de sítio*

O cerco iminente de Jerusalém é anunciado outra vez. Agora, a profecia é dirigida aos membros de uma das maiores tribos do Reino do Norte: *Benjamim*. Jerusalém não oferece segurança, por isso eles devem fugir (6:1). A cidade será destruída (6:2). Antes disso, o profeta avisara que os atacantes cercariam a Cidade Santa (4:17). Em 6:3, ele compara os invasores a *rebanhos* (os soldados) liderados por seus *pastores* (os oficiais do exército babilônico). Eles estão dispostos a atacar a cidade (6:4-5), e o Senhor lhes diz como proceder (6:6).

Como antes, a razão do castigo é declarada: o povo pecou contra Deus. Entretanto, mais uma vez o Senhor anuncia que, embora a cidade esteja doente e ferida, sua condição não é fatal (6:7). Israel ainda pode evitar a punição se decidir abrir os ouvidos para ouvir e compreender a mensagem de Deus e assim abandonar o caminho mau (6:8-10). Se não o fizer, a ira de Deus se abaterá sobre a nação e não poupará ninguém (6:11). Outro povo tomará o que Israel considera mais precioso: *casas, campos e mulheres* (6:12; cf. 8:10). Essa catástrofe acontecerá porque o *profeta* e o *sacerdote*, que são equivalentes aos pastores e líderes de igreja de hoje, estão cheios de ganância (6:13; cf. 1Pe 5:1-3), não cuidam bem do povo que confia neles (6:14; 8:11) e são incapazes de sentir vergonha pelo mal que causam à população (6:15).

Mesmo assim, o Senhor insiste em convidar seu povo a seguir *o bom caminho* (6:16) e a prestar atenção aos *atalaias* que ele providenciou (6:17). Entretanto, pelo fato de a resposta deles ser sempre negativa, o Senhor executará a ameaça prometida (6:18-19). As práticas religiosas do povo, mesmo as que envolviam a queima de um valioso incenso importado de terras distantes, como *Sabá*, na parte sul da Arábia, e a oferta de sacrifícios, não têm significado se o Senhor estiver insatisfeito (6:20). Enquanto o coração do povo permanecer rebelde, eles seguirão em direção do desastre (6:21).

#### 6:22-30 *O destruidor está aqui*

Mais uma vez, somos lembrados de que os invasores vêm do norte e são cruéis e guerreiros (6:22-23; 1:13-14). O aviso da sua chegada deixa o povo aterrorizado (6:24). Eles tentam evitar os lugares em que podem deparar com o inimigo, e há *terror por todos os lados* (6:25). Essa frase é encontrada com frequência nos escritos de Jeremias (cf. 20:4,10; 46:5; 49:29). Contudo, o povo não foge, como o profeta aconselha em 6:1. Em vez disso, eles começam a se lamentar (6:26).

O Senhor fala a Jeremias ao ver o profeta angustiado (6:27). Deus o chamou para modelar seu povo como quem

forja *bronze e ferro* (6:28; 5:3). Eles estão passando por um processo semelhante ao da purificação da prata, mas não poderão ser purificados (6:29). Essa metáfora mostra a seriedade da situação, porque o *SENHOR os refugou*, assim como o depurador refuga material inútil (6:30).

## 7:1—10:25 A ferida incurável

### 7:1-11 Ameaças à porta do templo

A profecia de 7:1-11 também é registrada no capítulo 26. É normalmente citada como o Sermão do Templo, porque o profeta a proclamou nos portões do templo de Jerusalém, em cerca de 609 a.C. (7:2; 26:1). Era o lugar apropriado para denunciar a idolatria no templo. Jeremias adverte o povo: se eles não mudarem radicalmente sua atitude em relação ao Senhor, o templo lhes será inútil. Será apenas mais um ídolo invocado com encantamentos (7:3-4). Se, no entanto, houver real conversão e o povo começar a obedecer às ordens do Senhor de todo o coração, eles não viverão apenas na terra prometida aos seus ancestrais, mas estarão também na presença de Deus (7:5-7).

Entretanto, o povo é incorrigível e comete pecado sobre pecado, tudo isso enquanto acredita que o fato de a Casa de Deus estar entre eles irá salvá-los (7:8-11; cf. Mt 22:12-13).

### 7:12—8:3 O vale da Matança

O santuário de Deus esteve em Siló por muitos anos, desde a época em que Josué conquistou a terra até a época de Eli (Js 18:1; 1Sm 1:3; 3:21; 4:3); porém, nos dias de Jeremias, Siló, o grande centro de adoração israelita, não existia mais. A cidade fora destruída, provavelmente pelos vitoriosos filisteus depois da batalha registrada em 1Samuel 4:10-22. Agora, o Senhor esclarece que a destruição de Siló foi obra dele e ocorreu por causa da maldade de Israel (7:12; 1Sm 2:12-17, 22-25). A mesma causa produzirá o mesmo resultado em Jerusalém, e o templo sofrerá o mesmo destino que o santuário de Siló (7:13-14). A destruição do templo é equivalente à rejeição do povo de Judá (7:15; Lm 2:7). Deus irá tratá-los com justiça, assim como tratou *Efraim*, ou seja, todo o império do Norte de Israel, que foi deportado para a Assíria cerca de um século antes dos tempos de Isaías.

O Senhor proíbe que o profeta até mesmo interceda pelo povo (7:16). A recusa de ouvir qualquer intercessão também pode ser observada em 11:14; 14:11 e 15:1 (cf. tb. Êx 32:10; Lm 3:8, 44). Deus não ouve mais as orações porque todo o povo, desde as crianças até seus pais, se tornou idólatra (7:17-18). Eles preparam *bolos* especiais e os oferecem à *Rainha dos Céus*, a deusa mesopotâmica da fertilidade, também conhecida como Astarote (44:17-19; 1Sm 7:3). Ela era associada ao planeta Vênus. Em alguns manuscritos, como na antiga tradução grega da Septuaginta, a expressão é “o Exército dos Céus”, em vez de “Rainha dos Céus” (cf. 8:2).

O povo não está prejudicando a Deus ao adorar esses ídolos, mas causando danos a si mesmo ao pecar contra o Senhor. Eles é que sofrerão com a *vergonha* (7:19), pois o Senhor derramará sua ira *sobre este lugar*, destruindo-o (cf. 7:3), e também sobre os *homens* e os *animais*, as *árvores do campo* e os *frutos da terra* (7:20). Nada escapará à violência de sua ira.

Em algumas traduções, as palavras em 7:22 sugerem que o Senhor não ordenou nenhum sacrifício no AT, pois o versículo pode ser traduzido por: *Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios*. Contudo, não pode haver dúvida quanto ao mandamento, pois em 7:21 ele sarcasticamente incita o povo a desobedecer às suas instruções, quando ordena que comam a *carne* de seus sacrifícios. Em Levítico 1:6-9, ele deixa claro que nenhuma carne desse tipo de sacrifício deve ser comida (o mesmo não se aplica à carne das ofertas pela culpa e do sacrifício pacífico — Lv 7).

O Senhor tem mais prazer na obediência à sua palavra que em sacrifícios (7:23; 1Sm 15:22). Sim, a obediência a Deus é mais valiosa para ele que grande número de sacrifícios. Estaremos perdendo tempo se servirmos ao Senhor, à igreja ou a outros servos de Deus enquanto vivemos uma vida contrária às Escrituras (7:24). Esse tipo de sacrifício não tem valor algum para o Senhor. Serve apenas para dar ao ofertante a ilusão de que está agradando a Deus, mas em geral só faz aumentar o orgulho de quem procura com isso algum destaque na comunidade. Como o povo dos tempos de Jeremias, nós também precisamos absorver integralmente o ensino de 7:12-18.

Entretanto, o Senhor não se cansou de enviar homens e mulheres para dizer ao seu povo o que esperava dele (7:25). A expressão *todos os dias* enfatiza a regularidade com que Deus enviava seus profetas. Mesmo assim, o povo não ouvia. Ao contrário, comportava-se de maneira ainda pior que seus ancestrais (7:26), portanto não se podia esperar nenhum bem (7:27). A conclusão é que esse povo se distingue por sua recusa em obedecer ao seu Deus (7:28).

Em várias culturas africanas, a cabeça raspada, particularmente da mulher, é sinal de tristeza ou desonra. Era assim também no AT (Jó 1:20; Is 15:2). De fato, os que consagravam a vida a Deus pelo voto de nazireu eram proibidos de cortar o cabelo (Nm 6:5; Jz 16:17). Então Deus dá esta ordem: *Corta o cabelo da tua cabeça, e lança-o fora* (RC). Ele está querendo, portanto, que o povo reconheça publicamente sua vergonha, um reflexo de sua rejeição a Deus (7:29).

O templo foi profanado por *ídolos abomináveis*, especificamente pelo poste-ídolo colocado ali por Manassés (7:30; 2Rs 21:7). O rei Josias, em cujo reinado Jeremias iniciou seu ministério, removeu-o junto com outros objetos pagãos de adoração (2Rs 23:4-7).

A idolatria também é praticada nos *altos de Tofete*, que está no vale do filho de Hinom, situado a sudoeste de Jerusalém (cf. 19:2). Ali eram oferecidos terríveis sacrifícios de

crianças (7:31). Por ser esse lugar um símbolo das piores abominações, o Senhor promete transformá-lo no *vale da Matança*, que ficará cheio até transbordar de corpos de judeus assassinos (7:32-33; 16:4). Os corpos servirão de alimento para os pássaros e as bestas selvagens, porque não haverá ninguém para sepultá-los. Na sociedade judaica, como na maioria das outras sociedades, não ser sepultado é uma terrível maldição. Quem não tem funeral não tem família nem amigos e não tem valor como pessoa.

Os poucos que escaparem da carnificina não conhecerão a alegria de celebrações felizes, como casamentos, e a *terra se tornará em desolação* (7:34).

Outro acontecimento chocante será a remoção dos ossos que estão nas sepulturas (8:1-2). A razão para tal desgraça é que o povo se tornou adorador de ídolos e, portanto, não merece um enterro honroso. Seus ossos ficarão expostos à luz do sol e da lua, astros que eles adoraram e que não têm poder para livrá-los da indignidade. O julgamento de Deus será tão terrível que os vivos, não importando onde estejam, preferirão a morte em vez da vida (8:3).

#### 8:4-17 *A recusa em arrepender-se*

Se alguém cai enquanto caminha, esperamos que se levante. Não podemos imaginar ninguém resignado a permanecer no lugar em que caiu (8:4). Mesmo assim, essa parece ser a atitude do povo de Judá. Trata-se de um povo rebelde, que insiste em criar problemas para si mesmo (8:5). O Senhor espera e deseja que eles mudem, mas nenhum dos habitantes de Jerusalém fala em arrependimento (8:6). Até os animais são mais inteligentes que o povo de Deus, porque pelo menos sabem o suficiente para obedecer às regras que lhes controlam a vida (8:7).

Em vez de voltar para o Senhor e serem salvos, o povo se vangloria e se considera sábio pelo fato de possuir a lei de Deus (8:8; Dt 4:5-8). Essa atitude para com a lei parece ser a mesma em relação ao templo (7:4). Contudo, o povo não percebe que os escribas transmitiram uma interpretação errônea da lei. O resultado é que quem se considera sábio está na verdade confuso e amedrontado (8:9). Por não desejarem obedecer à palavra de Deus, estando mais interessados na busca de riqueza, o Senhor entregará suas mulheres e seus campos aos inimigos (8:10a; 6:12). A passagem de 8:10b-14 é uma repetição de 6:14-15.

Os falsos profetas enganam o povo (8:11), e a paz que eles anunciam não existe (8:15). O *resfolegar dos seus cavalos* pode ser ouvido enquanto o ataque se inicia contra Dã, no Norte (8:16). O Senhor declara que é ele quem está enviando os inimigos contra seu povo, com palavras que lembram aos ouvintes de Jeremias a ocasião em que Deus usou *serpentes* para punir seus ancestrais rebeldes (8:17; Nm 21:5-9).

#### 8:18—9:6 *A dor do profeta*

Jeremias está profundamente perturbado com o castigo que virá sobre o povo. Ele pode até ouvir o choro de seus

compatriotas levados para o exílio (8:18-19). A deportação do povo o faz pensar no afastamento de Deus. Por meio do profeta, o Senhor pergunta por que eles se entregaram à idolatria.

As estações vêm e vão, e mesmo assim não há sinal de salvação. Os exilados estão desesperados (8:20). Ao sofrer com seu povo, o profeta fica *quebrantado* (8:21). Jeremias é um verdadeiro profeta: ele não se alegra ao ver que suas profecias se cumpriram. Não se vangloria diante de fatos que comprovam que ele estava falando a verdade. Pelo contrário, sofre ao ver que o povo, por causa da teimosia, não conseguirá evitar a catástrofe.

A região de *Gileade* era conhecida por seus perfumes, especialmente por seu *bálsamo*, usado para curar feridas (8:22; 46:11; Gn 37:25; Ez 27:17). Contudo, o profeta parece ter entendido que a doença de seu povo é incurável, e chora pelas muitas mortes de seus compatriotas (9:1).

Jeremias deseja estar longe de seus compatriotas (9:2). O pecado deles está relacionado à maneira pela qual usam a língua (5:2; Pv 10:14; 13:3; 18:7; Tg 3:2). Eles não são mais de confiança, pois mentem uns para os outros e se enganam (9:3-6).

#### 9:7-22 *O Senhor ameaça*

O Senhor quer eximir seu povo da decepção e da falsidade de que toma conta da nação (9:7). Mais uma vez, lemos acerca dos enganos da língua (9:8; cf. 9:3-6). A ruína de Jerusalém e da nação é descrita em 9:10-11. A cidade será transformada num montão de ruínas, de modo que apenas os chacais viverão ali, e a terra será desolada.

Em 8:8, o povo se vangloria de ser sábio, mas em 9:12 Deus diz que a verdadeira sabedoria consiste em entender as razões do que está acontecendo com eles. Esse entendimento requer mais que uma releitura intelectual dos fatos: implica a habilidade de aprender por meio do próprio castigo (Os 14:9).

Mais uma vez, as causas dos infortúnios são apresentadas: o povo tem o coração endurecido contra o Senhor, assim como tiveram seus ancestrais (9:13-14). Por isso, o Senhor anuncia que amaldiçoará sua água e seu alimento (9:15; Lm 3:15) e permitirá que eles sejam feitos cativos por outras nações (9:16).

Nesse meio-tempo, o povo deve preparar-se para a lamentação, enviando carpideiras (9:17-18). Eles estão impressionados com a magnitude da devastação vindoura (9:19). As mulheres devem ensinar as filhas a chorar, porque a morte estará em todo lugar (9:20-21). Assim como no vale da Matança (7:32-33), os cadáveres humanos serão espalhados sem que haja ninguém para os recolher (9:22).

#### 9:23-26 *A verdadeira e a falsa circuncisão*

É insensatez depender de possessões, sabedoria, força ou riquezas, pois o profundo sentido da vida não se encontra nessas coisas, mas em conhecer a Deus (9:23-24).

## JAVÉ E OUTROS DEUSES

O Deus da Bíblia se apresenta como Javé, que significa “Eu Sou o Que Sou” (Êx 3:14). Essa declaração implica a negação de todas as outras divindades. O primeiro dos Dez Mandamentos proíbe o povo de Deus de servir a outros deuses ao mesmo tempo que adora a Javé. O segundo mandamento reforça esse ponto, ao proibir a confecção e a adoração de ídolos (Êx 20:3-5). Portanto, assim como Abraão e Jacó, no AT, e Dionísio e Dâmaris no NT, devemos abandonar nossos deuses se quisermos aproximar-nos de Deus (Gn 35:1-4; Js 24:2-3; At 17:16-34).

### Outros deuses na Bíblia

Contudo, quem são esses “outros deuses” de que a Bíblia fala? São deuses das regiões geográficas em que a revelação bíblica foi comunicada: a Mesopotâmia, Canaã e o Egito. Os israelitas estavam cercados de culturas saturadas de politeísmo e, com muita frequência, cediam à tentação de abandonar Javé para servir a esses deuses (cf., p. ex., Jz 2:10-12).

Abraão teve de se separar das divindades mesopotâmias, que em geral eram manifestações de poderes cósmicos. O sol, a lua e as estrelas eram deificados e adorados. Assim, quando Abraão e seus descendentes se estabeleceram em Canaã, depararam com a adoração aos deuses da agricultura, entre eles Baal, o deus do trovão, e Astarote, a deusa da fertilidade (Jz 2:13). Os israelitas também passaram muito tempo no Egito, entre deuses muitas vezes representados na forma de animais. A decisão de fazer um bezerro de ouro provavelmente foi um reflexo da adoração ao deus Ápis, que tinha a forma de um touro, em Mênfis (Êx 32:1-4).

Os escritores do NT viveram no contexto de muitas divindades greco-romanas, como podemos ver na multidão que confunde Paulo e Barnabé com deuses (At 14:11-15) e na introdução do sermão de Paulo em Atenas (At 17:22-23).

### Outros deuses na África

Existem várias similaridades entre as crenças antigas e o sistema tradicional de crença africano, em que muitos deuses e espíritos são invocados. Os africanos, contudo, também reconheceriam o Deus que Paulo revelou aos atenienses, o Deus “que fez o mundo e tudo o que nele existe” (At 17:24). Muitos povos africanos conhecem o conceito de um Ser supremo que criou todas as coisas, inclusive a humanidade, e sustenta o universo. Esse Deus é conhecido por diversos nomes, mas essa identificação nunca muda. O nome que ele usou quando se revelou a Moisés e aos israelitas foi Javé (Êx 3:13-14), mas os escritores sagrados também se referem a ele pelo nome do

deus supremo dos cananeus, El, que pode ser traduzido por “Altíssimo” (Gn 14:18; Dt 32:8). Baseando-nos em seu exemplo, podemos usar o nome do Ser supremo dos povos africanos para nos referirmos a Deus. No entanto, precisamos lembrar que o ponto-chave aqui não é como chamamos o Criador, e sim como ele é representado e como devemos interpretar seu relacionamento com a criação.

Quanto à forma na qual Deus é representado, precisamos lembrar que ele não pode ser descrito por algo feito por mãos humanas. Esse ponto é ressaltado no segundo dos Dez Mandamentos (Êx 20:4) e também pelos profetas (Is 44:9-20).

No que diz respeito ao relacionamento de Deus com sua criação, as religiões africanas antigas e tradicionais acreditavam que o Deus Criador era tão exaltado que estava além do alcance dos seres humanos. Então criaram todo um panteão de deuses para atender a cada necessidade humana. Na África, espíritos e objetos materiais recebiam tanta proeminência que a adoração ao Altíssimo se perdeu na vida cotidiana. Em vez disso, os espíritos eram invocados por possuírem poderes próprios ou por serem capazes de agir como intermediários entre o Altíssimo e sua criação. Entretanto, Deus revelou a nós que o único Mediador de quem precisamos é Cristo, que disse: “Ninguém vem ao Pai [o Altíssimo] senão por mim” (Jo 14:6; cf. 1Tm 2:5).

### O único Deus

Alguns podem perguntar: “Por que devemos adorar somente a Javé, o Deus Criador, e não a outros deuses?”. A resposta é que ele é o único Deus vivo. Todas as outras coisas consideradas deuses são na verdade coisas mortas, quase sempre feitas por mãos humanas (Is 44:6-8). Javé é o Criador de todos os elementos do mundo natural que os outros deuses representam (Gn 1:1-31). Ele é um Espírito vivo que dá vida (Jo 4:24; At 17:24-28). Os outros deuses são apenas produto da imaginação e da criatividade do ser humano (Jr 10:1-16; At 17:29).

Assim como os outros deuses, Javé inspira temor (Gn 28:16-17; Êx 3:6), mas isso não se deve ao fato de ele sujeitar os humanos aos seus caprichos. Nosso temor a Deus pode ser acompanhado de confiança (Sl 40:4; Pv 14:26), porque Deus respeita as alianças que faz com seu povo (Dt 7:9; 2Tm 2:13). Seu favor, diferentemente do favor dos outros deuses, não depende de receber sacrifícios e oferendas. O que ele deseja é uma conduta que o honre (Sl 40:7-9). Embora se pareça com outros deuses ao administrar retribuição (Dt 7:10), distingue-se por sua natureza perdoadora e por sua disposição em salvar os que nele creem (2Cr 30:9).

Abel Ndjerareou

O Senhor é a única segurança para a humanidade. Para conhecer ao Senhor, é preciso entender que somente ele é gracioso, correto e justo. O apóstolo Paulo cita essa passagem em suas cartas à igreja de Corinto (1Co 1:31; 2Co 10:17).

Está chegando a hora em que Deus julgará todos os que vivem de aparência (9:25). Mesmo que sejam circuncidados, sinal da aliança com Deus no corpo (Gn 17:10), não possuem conhecimento íntimo de Deus (Gl 6:13). Essa circuncisão é falsa e sem valor diante de Deus (Fp 3:2-3). O povo de Judá é circuncidado, porém age como se não tivesse conhecimento de Deus e está listado entre as nações pagãs que também praticavam a circuncisão: *Egito, Edom, Amom e Moabe* (9:26a). Algumas traduções, como a NTLH, incluem uma referência a “cortar o cabelo bem curto” em 9:26. Essa prática estava associada à idolatria e por isso era rigorosamente proibida em Israel (Lv 19:27; 21:5).

O capítulo termina com uma declaração sobre um tema que será desenvolvido no decorrer do livro: a circuncisão do coração (9:26b; cf. tb. 4:4).

### 10:1-16 Ninguém se compara ao Senhor

Depois de discorrer sobre a verdadeira e a falsa sabedoria e sobre a verdadeira e a falsa circuncisão, o profeta contrasta o Deus verdadeiro com os ídolos. Ele pede aos israelitas que não se comportem como pagãos. Muitas nações pagãs, os babilônios em particular, eram devotadas à magia, à astrologia e à superstição. Eles consideravam os corpos celestes, como o sol e a lua, seres divinos e sentiam medo quando observavam os *sinais dos céus* (10:1-2). Tais práticas são comuns hoje em dia, mesmo entre cristãos. Não devemos imitar o comportamento nem as práticas daqueles que não conhecem a Deus, que confundem a criatura com o Criador.

Jeremias mostra o absurdo de confiar nos ídolos e em outros amuletos. Eles são feitos por mãos humanas. O ídolo é feito de *um madeiro* por um *artífice* e então é coberto com *prata e ouro* (10:3-4). Jeremias chama a atenção para o fato de que o ídolo precisa ser fixado com *pregos para que não oscile*. Os ídolos são completamente inúteis: não podem *andar nem falar* e não fazem o *bem* nem o *mal* (10:5). Portanto, não existe razão para temê-los.

Em contraste com os ídolos, o Senhor, o Deus de Israel, é grande e poderoso (10:6). É aquele que deve ser temido, porque ninguém é como ele (10:7). Todos os outros são *estúpidos e loucos* (10:8). Os idólatras podem parecer pessoas inteligentes, mas acreditam em madeira inerte! O ídolo na passa de madeira, ainda que esteja coberto com materiais preciosos trazidos de lugares distantes como *Társis*, cidade comercial fenícia provavelmente situada na costa atlântica da Espanha (10:9; Is 23:6; Ez 27:12; Jn 1:3). Não conhecemos a localização de *Ufaz*, porém alguns manuscritos antigos a chamam Ofir, que era uma cidade famosa por seu ouro (cf. 1Rs 9:28; 10:11). Tecidos azuis e púrpura custavam muito caro nos tempos de Jeremias.

Diferentemente dos ídolos, que são mortos por natureza, o Senhor é o *Deus vivo*. É diante dele, e não de suas criaturas, que os humanos devem tremer (10:10; cf. 10:2). Os ídolos nunca criaram nada e por isso não merecem ocupar nenhum lugar debaixo do sol (10:11). O Senhor criou tudo (10:12), e toda a sua criação lhe obedece (10:13).

O início de 10:14 é de difícil compreensão, mas pode ser lido como: “pela falta de saber, todos são estúpidos”; contudo, se o ligarmos aos versículos que o precedem, pode ser traduzido por: *Todo homem se tornou estúpido e não tem saber*. Todos os que fazem ídolos acabarão envergonhados, pois não existe vida neles. Os ídolos não sobreviverão ao castigo divino (10:15), mas o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Israel, é muito diferente! Nada é como ele. Ninguém é como ele. Deus criou todas as coisas e em nada se assemelha aos ídolos (10:16).

### 10:17-25 Desolação em Jerusalém

O exílio é inevitável (10:17). Os habitantes da Judéia serão expulsos de seu país como pedras lançadas da atiradeira (10:18). Para aumentar o efeito, o profeta se entristece por seu povo — a esse mal não se pode resistir, e sua ferida não pode ser curada (10:19; cf. tb. 15:18; 30:12,15). As casas serão completamente devastadas, sem que haja alguém para reconstruí-las (10:20; 4:20; Lm 2:4).

Os pastores não são repreendidos por terem cuidado mal do rebanho, e sim porque *não buscaram ao SENHOR* (10:21). Se tivessem o Senhor como pastor, saberiam cumprir sua missão a contento. Buscar ao Senhor em primeiro lugar é o segredo do sucesso de todo ministério.

A desolação está chegando a Judá, vinda do norte, e o país será em breve transformado em deserto, habitado somente por *chacais* (10:22). Esse panorama leva o profeta a declarar que o ser humano não pode controlar o próprio destino (10:23; Sl 31:15; 37:24; Pv 16:9; 20:24). Reconhecendo que tudo o que está acontecendo ao povo é resultado do pecado, ele pede que a punição não resulte em destruição total, porque então não será possível à nação recuperar-se (10:24; 4:27). Contudo, ele pede um julgamento definitivo sobre as nações pagãs que o Senhor usou para disciplinar Israel (10:25).

### 11:1—12:17 Conflito e sofrimento de Jeremias

#### 11:1-17 Uma aliança quebrada

Jeremias agora começa um novo discurso. Alguns comentaristas acreditam que as profecias dessa seção do livro foram proclamadas após a descoberta do Livro da Lei, nos tempos de Josias (2Rs 22:8-10). Outros as situam no reinado de Jeconias, no tempo em que o povo era infiel à lei.

A *aliança* mencionada por Jeremias em 11:2 é aquela firmada entre o Senhor e seu povo no Sinai (Êx 19:1-8). O rei Josias renovou sua lealdade a essa aliança

(2Rs 22:8—23:25). O profeta está encarregado de anunciar a Judá e aos habitantes de Jerusalém que todo aquele que se recusa a cumprir os termos da aliança é *maldito* (11:3). As penalidades para a violação da aliança estão registradas em Deuteronômio 27:15-26, em que cada versículo começa com a frase: “Maldito aquele...”.

O povo é lembrado do terrível sofrimento de seus ancestrais quando eram escravos na *fornalha de ferro*, que era o Egito (11:4; Dt 4:20). O Senhor tirou Israel do Egito a fim de estabelecer uma aliança, porque desejava fazer deles uma nação especial, da qual ele seria o Deus. Foi por causa dessa aliança que o Senhor prometeu aos antepassados de Israel a terra em que o povo agora vivia (11:5).

O profeta recebe ordem de lembrar a Judá as *palavras desta aliança* e encorajá-lo a cumpri-las (11:6). Essa mensagem é antiga, pois o Senhor nunca deixou de lembrar Israel da importância de obedecer a Deus (11:7; Êx 15:26; 2Cr 36:15). No entanto, o povo endureceu o coração e se recusou a obedecer, obrigando o Senhor a impor *sobre eles todas as ameaças desta aliança* (11:8; Lv 26:14-43).

O povo de Jerusalém juntou-se ao restante do país no retorno às práticas pagãs e à idolatria de seus ancestrais, por isso *violaram a [...] aliança* que os ligava ao Senhor (11:9-10). Consequentemente, o Senhor irá puni-los e tapará os ouvidos diante de suas orações (11:11). Não importa quanto orem aos seus numerosos ídolos, não receberão ajuda (11:12-13; 2:28).

Mais uma vez, o Senhor proíbe o profeta de interceder pelo povo (11:14; cf. tb. 7:16; Êx 32:10). A inconsistência do povo é demonstrada no fato de que eles ainda iam ao templo, mas também praticavam a idolatria (11:15). Não se pode servir a dois senhores (Mt 6:24).

Israel é às vezes comparado a uma vinha (2:21; Is 5:3-7), mas em 11:16 é comparado a uma *oliveira verde* (Rm 11:17-18). Contudo, o Senhor está queimando essa árvore para destruí-la (11:17; cf. tb. Jl 1:6-7). A idolatria de Israel e de Judá era um mal cometido contra eles próprios, assim como os pecados que cometemos afetam primeiramente a nós mesmos (1Co 6:18).

### 11:18-23 “Um profeta sem honra”

Agora chegamos a uma seção que os teólogos denominam “Reclamações de Jeremias”, ou seja, passagens em que o profeta expressa seu sofrimento e as dificuldades enfrentadas em seu ministério (11:18—12:6; 15:10-21; 17:14-18; 18:18-23; 20:7-18). Em alguns trechos, as reclamações tomam a forma de um diálogo entre o profeta e o Senhor.

Assim como nosso Senhor foi rejeitado pelo povo de sua terra natal (Mc 6:4), Jeremias quase foi vítima de uma trama elaborada pelo povo da aldeia de Anatote, onde o profeta nasceu. Se o próprio Senhor não o tivesse alertado, a maquinação poderia ter sido bem-sucedida (11:18). Jeremias teria caído nela como um *manso cordeiro, que é levado ao matadouro* (11:19).

Essas palavras nos fazem lembrar o sofrimento do Servo de Deus em Isaías 53:4-7. É possível que João Batista tivesse em mente passagens como essa quando apresentou Jesus como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29).

A discussão travada entre o povo de Anatote acerca de Jeremias evoca Salmos 83:5. Os compatriotas do profeta queriam silenciá-lo para que ele não profetizasse mais *em o nome do Senhor* (11:20-21). Se ele se recusasse a abandonar o ministério profético, eles iriam simplesmente eliminá-lo. A atitude do povo de Anatote pode ser compreendida à luz de sua história. Como percebemos na introdução, os habitantes de Anatote eram provavelmente descendentes de Abiatar, sacerdote destituído pelo rei Salomão e enviado de volta a Anatote (1Rs 2:26-27). Por isso, todos os profetas daquela região perceberam que eram malvistas. Eles eram rejeitados e praticamente tolerados pelos sacerdotes de Jerusalém. Por esse motivo, não queriam atrair a atenção. Entendiam que, quando um conterrâneo como Jeremias se postava diante do templo e fazia um discurso como o do capítulo 7, ele estava pondo em perigo não apenas a própria família, mas todos os seus parentes.

Havia também suspeitas de que eles tentavam recuperar o poder no templo. Assim, o povo de Anatote não estava rejeitando especificamente a palavra do Senhor quando pediu a Jeremias que não profetizasse. Na verdade, eles estavam com medo de que sua mensagem enfurecesse os que detinham o poder em Jerusalém, provocando represálias contra o povo de Anatote. Eles temiam que a história se repetisse.

O que o povo de Anatote parecia não perceber é que Jeremias não estava expressando uma opinião pessoal. Ele era o porta-voz do Senhor (1:4-19). Por isso, o próprio Senhor assume o caso do profeta (11:22). Ele promete fazer ao povo de Anatote exatamente o que eles pretendiam fazer a Jeremias. O Senhor sempre afirmou que deixaria um remanescente em Israel e em Judá, mas agora não permitiria sobreviventes em Anatote (11:23).

Esse incidente na vida de Jeremias ensina que não devemos atacar um servo de Deus apenas porque a mensagem dele nos incomoda. Se a mensagem divina nos deixa desconfortáveis, não devemos tentar mudá-la. Em vez disso, mudemos a nós mesmos. Deus exige que ouçamos sua palavra e mudemos nossos caminhos.

### 12:1-6 Por que os ímpios prosperam?

Esta queixa começa em 11:18 e continua aqui. Jeremias ressuscita antigas questões, que são sempre relevantes: “Por que os ímpios prosperam?”; “Por que a injustiça parece prevalecer sobre a justiça?”; “Por que aqueles que zombam da lei parecem não ter preocupações?”; “Por que tudo parece ir bem para aqueles que não temem a Deus?”. A escandalosa prosperidade dos ímpios costuma deixar o justo incomodado (Jó 21:7-15; Sl 73; Ml 3:14-15).

Antes de fazer as perguntas, Jeremias lembra que o Senhor é justo (12:1). Ele não está tentando encontrar falhas em Deus quando o questiona. Simplesmente não consegue compreender a relação que percebe entre injustiça e prosperidade. O que mais o incomoda é que o povo a quem ele se refere costuma usar o nome de Deus, mas não tem lugar para ele no coração (12:2).

Jeremias pede que seus inimigos sofram o mesmo castigo que planejaram para ele (12:3). Sua atitude é semelhante àquela que percebemos nos salmos chamados “imprecatórios” (Sl 5:10; 28:4; 31:17-18; 35:8; 40:14-15; 137:8).

A criação sofre as consequências do pecado humano, embora o ser humano insista em que o Senhor não as vê (12:4). Jeremias pergunta por quanto tempo tal situação pode continuar.

Deus não responde diretamente à pergunta do profeta (12:5). Apenas pede a Jeremias que tenha ânimo, pois o profeta enfrentará provas ainda mais duras. Na verdade, ele não deve temer apenas os vizinhos, mas também a própria família (12:6). Em tempos de crises, as traições são comuns.

### 12:7-13 O Senhor abandona sua casa

Agora são pronunciadas terríveis sentenças. O Senhor irá abandonar sua casa (o templo) e entregar seu povo nas mãos dos inimigos (12:7). É difícil para o Senhor fazer tal pronunciamento, pois na época a derrota de uma nação sinalizava a derrota de seu deus, e Deus sabia que seu nome seria desonrado. Além disso, o Senhor ama profundamente seu povo, a ponto de se referir à nação como *a que mais eu amava* (cf. tb. 11:16). É com profunda tristeza que ele pede ao profeta que comunique ao povo a mensagem.

As palavras soam terríveis também para quem as escuta, porque denunciam a ingratidão do povo diante do amor de Deus e sua culpa por tal rejeição. A hostilidade do povo para com Deus é blasfêmia (12:8). Como castigo, eles ficarão expostos ao poderoso e violento ataque de uma nação pagã (12:9).

A vinha do Senhor será inteiramente destruída, e só restará desolação (12:10-11). Contudo, não devemos esquecer que é o próprio Senhor quem está castigando seu povo (12:12). Ele usará as nações pagãs para executar o castigo, mas também expressará sua ira por meio do mundo natural, quando o povo perceber que a terra não produz mais colheitas (12:13).

### 12:14-17 Os vizinhos de Judá

Os quatro últimos versículos do capítulo preocupam os vizinhos de Judá. Eles terão o mesmo destino que os judeus: deportação para a Babilônia (12:14). Todavia, depois que forem levados em cativeiro, o Senhor se compadecerá deles e os fará retornar à sua terra (12:15). Para essas nações, haverá uma chance de conversão e integração com o povo do Senhor, mas elas terão de aprender a viver de acordo

com os princípios da lei divina (12:16). Será essa a única forma de obter a salvação. Se não aceitarem, serão destruídas (12:17).

### 13:1-14 O cinto de linho

O Senhor pede a Jeremias que execute um ato simbólico, a fim de ensinar uma lição ao povo de Judá. Alguns estudiosos chamam a isso “encenação profética” (cf. tb. 27:2; 32:25; 43:9; 51:63-64). O profeta deve comprar um *cinto de linho* e colocá-lo sobre os *lombos*. Depois disso, deve tirá-lo e escondê-lo *na fenda de uma rocha*, perto do *Eufrates*, e mais tarde pegá-lo de volta (13:1-6). Quando o profeta recupera o cinto da fenda, este, obviamente, se acha inutilizável (13:7).

A lição é clara: todos sabem que um cinto apodrecido não pode mais ser usado. Não serve mais à sua função em roupa alguma. Da mesma forma, o Senhor deixará Judá inutilizável (13:9), porque é um povo orgulhoso, que não aprendeu a ser humilde nem renunciou à idolatria (13:10). Portanto, o povo de Israel e de Judá era como um cinto ao redor dos lombos do Senhor (13:11). Deus estava orgulhoso deles, porém eles não conservaram sua condição original. Desobedeceram a Deus e agora não têm mais utilidade.

O fato de o cinto ter sido enterrado perto de Perate (NVI) também pode ser uma indicação de que o povo será levado para a Babilônia através do rio Eufrates, porque no hebraico a pronúncia dessas duas palavras é muito semelhante.

No AT, especialmente em Jeremias, o vinho é muito usado como símbolo da ira do Senhor (cf. 25:15-16; 48:26; 49:12; 51:39,57; cf. tb. Sl 60:3; Is 51:17,22). O profeta anuncia que a ira do Senhor se acendeu contra toda a sociedade judaica, desde os reis da linhagem davídica, até os sacerdotes, os profetas e os cidadãos comuns (13:12-14).

### 13:15-27 Aviso e castigo

O Senhor emite uma advertência final ao seu povo, convocando-o a renunciar ao orgulho e a confessar seus pecados (13:15). Deus aconselha: *Dai glória ao SENHOR, vosso Deus* (13:16). Isso significa concordar em viver de um modo que honre ao Senhor. O castigo está cada vez mais perto, pois as palavras *trevas* e *tenebrosos* indicam a esperança esvaindo-se. Em outras passagens do AT, o “dia da ira do Senhor” é representado como um período de escuridão, choro e terror (cf. Lm 2:22; Ez 22:24; Am 5:18-20; 8:9; Sf 1:14-15).

As lágrimas do profeta expressam a profunda dor sentida pelo Senhor diante do estado lastimável de seu povo (13:17). A nação parece estar cega, impedida de ver que em breve o povo será levado para o exílio.

A ordem seguinte é dirigida às duas figuras principais da corte: o *rei* e a *rainha-mãe*, ou possivelmente “a rainha” (13:18). Jeremias pode estar referindo-se ao rei Joaquim e sua mãe, Neústa, cuja deportação para o exílio na Babilônia é registrada em 2Reis 24:8,15. Os dois recebem a ordem



*Assentai-vos no chão*, indicando que não mais se assentarão no trono. Sentar-se no chão pode ser também sinal de lamentação e vergonha. Eles também não usarão mais a *coroa da vossa glória*, símbolo da realeza. Serão destituídos, como todos os outros, e deportados com o povo de Judá (13:19).

É ordenado a Jerusalém: *Levantai os olhos e vede os que vêm do Norte*, ou seja, seus inimigos (13:20). O povo de Judá está acostumado a se curvar diante da autoridade espiritual de nações estrangeiras e a seguir seus deuses. Agora terá de se submeter a uma severa dominação política e religiosa (13:21). Eles serão tomados de surpresa, como a mulher que de repente entra em trabalho de parto.

As mulheres aprisionadas, em particular, terão de suportar no mínimo dois tipos de tratamento vergonhoso. Primeiro: suas roupas, especialmente suas *fraldas*, serão arrancadas (13:22). Essa punição é citada diversas vezes no AT (Is 47:3; Na 3:5). Segundo: *teus calcanhares sofrem violência*. Alguns acreditam tratar-se de uma referência ao fato de os prisioneiros serem obrigados a andar descalços. Outros, no entanto, acham que Jeremias está insinuando que as mulheres serão estupradas.

Jeremias, por meio de um adágio popular, expressa a impossibilidade de qualquer mudança no comportamento de Judá. O *etíope* não pode mudar a cor de sua *pele*, e o *leopardo* não pode livrar-se de suas próprias *manchas*. São características impossíveis de alterar. De modo semelhante, Judá é caracterizado pelo fato de sempre *fazer o mal* contra o Senhor (13:23). É impossível a nação mudar e começar a *fazer o bem*. Esse ditado expressa uma visão pessimista da situação do povo. Não existe mais esperança para a nação: sua doença é incurável (cf. 10:19).

Assim, o exílio é inevitável (13:24), uma experiência amarga para quem abandonou ao Senhor e confiou nos ídolos (13:25). Eles terão de passar pela humilhação comum aos cativos (13:26; cf. 13:22).

A última parte de 13:27 é difícil de traduzir. O profeta pode estar perguntando: *Até quando ainda não te purificarás?* Ou pode estar dizendo: “Será que vocês nunca serão purificados?”.

#### 14:1-22 Seca e calamidade total

O capítulo inteiro é o relato de uma devastadora seca que assolou Judá, provavelmente durante o reinado de Joaquim. A seca estava entre as maldições resultantes da violação à aliança com o Senhor (3:3; Lv 26:14-20; Dt 28:22-24; Am 4:7-8). Há várias similaridades entre a realidade descrita nessa passagem e a experiência de muitos países africanos.

A primeira coisa que o profeta observa em relação a essa seca é que ela levou Jerusalém e Judá a uma profunda angústia. Ele ouve o som de choro e clamores (14:2). Os que ainda detêm alguma autoridade incumbiram seus subordinados de encontrar água, mas eles não acharam (14:3). Voltaram com os cântaros vazios, cobrindo a cabe-

ça (ou o rosto) em sinal de lamento e desânimo (cf. 2Sm 15:30; 19:4; Ez 24:17).

Quem nunca sofreu com a sede a ponto de pensar na morte, não pode entender o que realmente os judeus passaram durante essa seca. Quem nunca caminhou grandes distâncias sob um sol causticante, procurando água e encontrando apenas poços secos, não pode imaginar a intensidade do desânimo do povo de Jerusalém.

Os lavradores, cuja subsistência depende da chuva, estão desesperados (14:4). A colheita fracassou, e seus animais crescem fracos. Os animais selvagens sofrem tanto quanto os humanos, e até mudam seus hábitos em razão da falta de comida e de água (14:5-6).

Ao relato da calamidade, segue-se o lamento do povo (14:7-9) e a reação de Deus. Falando por meio do profeta, o povo reconhece que seu terrível sofrimento é consequência do pecado. Eles pedem ao Senhor que os ajude não por serem justos, mas pelo amor de seu nome (14:7). Em diversas ocasiões, Deus agiu apenas por amor de seu próprio nome, a fim de levar a cabo seus planos para Israel, a despeito das falhas do povo, ou para evitar que as nações pagãs compreendessem de maneira errada certas circunstâncias na vida da nação (Sl 25:11; Is 48:9-11; Ez 20:9; 36:22-23; Dn 9:19). O mesmo ele tem feito em nossa vida pessoal, assim como na vida de nossas igrejas e das nações!

O Senhor é a *Esperança de Israel*, aquele que sempre os livrou nas horas difíceis. O povo não consegue entender por que ele se mostra indiferente aos clamores (14:8). Parece que Deus está agindo como um estrangeiro ou um viajante, convivendo com eles por um breve período, mas não o suficiente para perceber a angústia de seu anfitrião. Por isso, um ditado atribuído aos baúles, da Costa do Marfim, diz que o estrangeiro tem olhos grandes que não enxergam.

O povo quer saber por que o Senhor está agindo como *valente que não pode salvar* (14:9). Muitas passagens no AT apresentam o Senhor como o vitorioso herói de seu povo (20:11; Is 42:13; Sf 3:17), por isso o povo não consegue entender como Deus pode estar no meio dele sem o ajudar. Eles argumentam: *Somos chamados pelo teu nome*, significando que pertencem ao Senhor. Como pode ele agora abandoná-los?

A única resposta de Deus é que ele está decidido a punir os pecados de Judá (14:10). O povo andou por vários lugares, servindo a vários deuses, e foi infiel a ele.

O profeta intercede pelo seu povo, mas isso não muda a decisão do Senhor. Na verdade, Deus o proíbe de fazer isso: *Não rogues por este povo para o bem dele* (14:11; 7:16). Se eles *jejuarem e trouxerem holocaustos e ofertas de manjares*, nem assim o Senhor lhes dará atenção (14:12). A *espada*, a *fome* e a *peste* serão a única resposta de Deus às práticas religiosas do povo. Nem mesmo a confissão dos pecados e a intercessão de Jeremias poderão mudar a situação.

Jeremias explica a mensagem que acabou de receber, cujo conteúdo é exatamente o oposto do que proclamam os outros

profetas. Eles insistem em que o povo não verá a *espada* nem sentirá *fome* (14:13). Como podem esses profetas, supostamente mensageiros do Senhor, proclamar paz e toda espécie de bem ao povo se sua mensagem contradiz os fatos?

A resposta de Deus é bem clara. Os profetas mentiram. Além disso, ele não os enviou. Eles falam por si mesmos e inventaram sua mensagem (14:14).

Que audácia! Como alguém ousa utilizar o nome de Deus para dizer coisas sem sentido? Como alguém ousa dizer: “O Senhor me disse”, quando na verdade não ouviu coisa alguma da parte de Deus? À semelhança de Judá, nossas cidades, vilas e mesmo igrejas estão cheias de pessoas desse tipo. Todos os dias, inventam uma história, cada uma mais bizarra que a outra. Apressam-se em dar palpites sobre assuntos que desconhecem. Seu objetivo é serem os primeiros a falar. Se alguém estiver passando por dificuldades ou se alguma catástrofe acontecer a uma pessoa, família ou país, esses profetas “já sabiam” porque “o Senhor lhes disse”. Infelizmente, tais pessoas quase sempre estão mentindo, enganando os crentes e fechando as portas da fé para aqueles que realmente buscam ao Senhor.

Os autoproclamados-profetas, que profetizaram paz e fartura em Jerusalém, serão os primeiros a sofrer os tormentos da guerra e da fome (14:15). Os que acreditarem nessas mensagens mentirosas terão o mesmo destino. Haverá cadáveres espalhados por toda a Jerusalém, sem direito a enterro (14:16).

Quanto a Jeremias, ele deve continuar chorando para que o povo veja nele a dor que Deus sente pelo que está acontecendo com Judá (14:17). O Senhor não é um tirano sem coração que tem prazer em ver seu povo sofrer. Ele não se alegra com as calamidades que assolam o mundo, causando sofrimento indescritível. Não, Deus sofre com seu povo sofredor.

O que se segue é uma descrição de cenas terríveis, comuns em situações de guerra e de fome (14:18). Centenas, talvez milhares, de homens perecerão em batalha, mas ninguém terá tempo ou meios de sepultá-los. Os corpos serão deixados nos campos. Enquanto isso, a cidade estará cheia de homens e mulheres ainda vivos, porém às portas da morte por causa da fome.

Essa insuportável visão obriga o profeta a consultar outra vez o Senhor. Será que Deus rejeitou seu povo? Por que o sofrimento não acaba? Por que a miséria substituiu a paz (14:19)? O povo já admitiu que é ímpio e pecador. Até confessou os pecados de seus ancestrais (14:20). Agora o profeta pede que o Senhor faça alguma coisa, por amor de seu nome. Jeremias evoca a aliança que Deus firmou para ser o Deus de Israel (14:21) e confessa que somente ele é Deus e o único benfeitor da humanidade, e de Israel em particular (14:22).

### 15:1-9 É inútil clamar

Apesar do clamor de Jeremias, o Senhor não muda de ideia. Pela quarta vez, ele ordena ao profeta que não ore mais por

Judá (7:16; 11:14; 14:11). Desta vez, entretanto, como para mostrar que a decisão está tomada e nada poderá mudá-la, Deus faz menção de duas importantes personagens da história de Israel: *Moisés* e *Samuel*, declarando que nem mesmo a intervenção deles mudaria a situação (15:1; cf. tb. Ez 14:14,20). Sabemos que esses dois homens tinham uma vida de oração e que suas orações mudaram os rumos da história de Israel em muitas ocasiões.

Algumas passagens no AT mostram Moisés como grande intercessor (Sl 99:6; 106:23). Ele orou na época das pragas no Egito (Êx 5:22-23; 8:12-13; 9:28; 10:17), a favor de sua irmã Miriã (Nm 12:13) e por todo o povo durante a jornada no deserto (Êx 32:11-14,30-32; Nm 11:2; 14:13-19; 16:22; 21:7; Dt 9:25-29).

Samuel também é listado entre os três grandes intercessores mencionados em Salmos 99:6-8. É dito especificamente que ele orou na reunião em Mispa, a qual precedeu a vitória sobre os filisteus (1Sm 7:5-9) e antes de seu discurso de despedida (1Sm 12:18-19), e que prometeu continuar a interceder pelo povo (1Sm 12:23).

Se nem mesmo as orações de homens assim fariam diferença, isso significa que toda a esperança do povo se foi. Eles então pedem conselho a Jeremias: *Para onde iremos?* Todavia, as únicas opções que o profeta lhes apresenta são: *morte, espada, fome e cativo* (15:2). Eles sofrerão todas as calamidades descritas nas maldições como punição por violarem a aliança com o Senhor (15:3; cf. Dt 28:25-26). Tudo o que lhes está acontecendo se deve aos pecados de *Manassés, filho de Ezequias* (15:4). Esse homem subiu ao trono muito cedo, com 12 anos de idade, e reinou em Jerusalém por cinquenta e cinco longos anos (2Cr 33:1). Seu pai, Ezequias, e seu neto, Josias, eram reis justos, porém Manassés foi um dos piores reis de Judá. Foi especialmente idólatra (2Rs 21:1-18; 23:26-27; 24:3-4; 2Cr 33:1-20). A cidade de Jerusalém está sofrendo as consequências das abominações que Manassés cometeu ali.

Ninguém terá pena da cidade (15:5). O povo deverá suportar o castigo de Deus, porque não conhece o Senhor o bastante para retornar a ele e mudar de comportamento (15:6-7).

O versículo seguinte pode ser lido tendo-se em mente a promessa do Senhor a Abraão. O Senhor prometeu ao patriarca: “Multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar” (Gn 22:17). Aqui, porém, a promessa é invertida: as viúvas *se multiplicaram mais do que as areias dos mares* (15:8). Os jovens serão mortos em grande número, e as mães ficarão aterrorizadas.

No cântico de Ana, lemos sobre mulheres estéreis dando à luz sete filhos (1Sm 2:5). Ter sete filhos era provavelmente uma das maiores bênçãos que uma mulher podia receber (Rt 4:15). Para a mulher que recebeu essa grande bênção, morrer em tal estado de miséria e vergonha é uma grande desgraça. O fato de tudo ao redor dela parecer sombra,

embora seja meio-dia, mostra que o dia do Senhor já chegou (15:9; Am 8:9). Ela morrerá, e todos os seus filhos sobreviventes serão mortos pelos inimigos.

### 15:10-21 As queixas de Jeremias

Uma nova “queixa” é introduzida. Agora, Jeremias lamenta a própria existência (15:10). À medida que prosseguem os lamentos, fica evidente que a tristeza é motivada por um aspecto particular de sua vida: sua função de profeta. Todos estão contra ele por causa das mensagens do Senhor que está proclamando.

A resposta divina é um lembrete ao seu servo do que o Senhor fez por ele no passado: “Eu certamente o fortaleci para o bem e intervim por você, na época da desgraça e da adversidade” (15:11, NVI). Entretanto, o texto em hebraico é de difícil interpretação. Assim, é possível traduzi-lo no tempo futuro, como na RA: *Na verdade, eu te fortalecerei para o bem e farei que o inimigo te dirija súplicas no tempo da calamidade e no tempo da aflição*. Contudo, sem importar qual seja o tempo das palavras do Senhor, se apontam para livramentos passados ou indicam uma promessa de libertação futura, é evidente que o Senhor está tranquilizando o profeta.

O profeta não pode ficar quieto porque enfrenta oposição. A mensagem deve ser anunciada porque o Senhor fará que seja cumprida, e assim temos outra referência a *Norte*, que sempre indica os invasores babilônios (15:12). A mensagem de Jeremias, que lhe rendeu tantos inimigos, é reafirmada (15:13-14).

O profeta mais uma vez apela ao Senhor: *Lembra-te de mim, ampara-me* (15:15). A frase “lembra-te de mim” é um pedido para que Deus o proteja (cf. Sl 25:6; 106:4). A decisão de continuar proclamando a mensagem do Senhor mostra que Jeremias está disposto a obedecer a Deus, a despeito de toda oposição. Ele confia em Deus.

Quando Jeremias foi chamado, o Senhor lhe disse: “Eis que ponho na tua boca as minhas palavras” (1:9). Agora, o profeta diz que de fato recebeu e comeu essas palavras (15:16a). Seu coração estava cheio de alegria quando o fez. Ezequiel, contemporâneo de Jeremias, também fala de comer as palavras de Deus (Ez 2:8—3:3).

Jeremias pertence ao Senhor desde antes do nascimento, quando Deus o separou para seu serviço (1:5). Em razão dessa escolha especial, ele pode dizer: *Pelo teu nome sou chamado* (15:16b). Contudo, o profeta sabe que esse chamado afetou sua vida. Ele precisa ser cuidadoso com suas companhias (15:17; Sl 1:1). Todo chamado envolve certo grau de solidão, e não levou muito tempo para Jeremias perceber essa realidade (16:1-5). A solidão pode resultar em sofrimento. Jeremias teve amargas experiências e ficou bravo com Deus por ter sido escolhido. Ele chega a perguntar ao Senhor: *Serias tu para mim como ilusório ribeiro, como águas que enganam?* (15:18; cf. tb. Jó 6:15). Ele parece estar perguntando a si mesmo se realmente pode confiar em Deus.

O sofrimento de Jeremias pode tê-lo feito falar demais (15:10,17-18), e agora o Senhor ordena que ele mude sua atitude e volte para Deus (15:19). O povo deve ouvir Jeremias, mas o profeta não deve ouvir o povo. Não deve preocupar-se em agradar o povo, mas, em vez disso, agradar ao Senhor de todas as maneiras.

Depois dessa repreensão, o Senhor renova o chamado profético de Jeremias, repetindo algumas das palavras ditas no primeiro chamado (15:20; 1:18-19). É importante observar que a renovação do chamado de Jeremias envolve a promessa da ajuda do Senhor. O servo nunca é deixado sozinho: seu Senhor estará sempre ao seu lado. O conhecimento desse fato deveria incentivar grandemente todos os homens e mulheres que servem a Deus, mas por alguma razão se sentem sozinhos, abandonados pelo seu povo. O Senhor sempre libertará seus servos *das mãos dos iníquos e das garras dos violentos* (15:21).

### 16:1-15 A solidão do profeta

O celibato é parte da mensagem de Jeremias (16:1-2). Como sinal a Judá, ele não deve ter esposa e, assim, também não terá filhos. Ele jamais terá a oportunidade de constituir uma família. O motivo de lhe ser negada essa alegria é o futuro negro que aguarda todas as esposas e filhos. Nada podem esperar além de doença, espada e fome. Não podem nem ter esperança de que sua morte será lamentada ou que terão um sepultamento digno, pois os cadáveres servirão de alimento para os animais selvagens e de fertilizante para a terra (16:3-4; cf. tb. 7:33; 15:2-3).

Como se a solidão de viver sem uma esposa e filhos não fosse suficiente, o Senhor pede que Jeremias se distancie dos principais eventos sociais. Ele deve ficar longe dos funerais (16:5). Não deve *lamentá-los* nem chorar por aqueles que estão sofrendo, porque o próprio Senhor não mais será benigno nem misericordioso para com o povo de Judá. Além disso, a recusa do profeta em participar de funerais combina com sua profecia, segundo a qual haverá tantos mortos que não haverá como sepultá-los. O povo também não realizará mais os rituais de lamentação, como cortar o próprio corpo ou rapar a cabeça (16:6). Embora fossem proibidos pela lei (Lv 19:28; 21:5; Dt 14:1), esses costumes pagãos eram praticados pelo povo de Israel (cf. tb. 41:5).

Como ainda é costume em várias partes da África hoje, servia-se comida aos parentes e vizinhos que vinham consolar a família em seu lamento (Ez 24:17,22; Os 9:4). Num futuro próximo, porém, essa prática também desaparecerá em Judá, como tudo mais que esteja associado aos funerais (16:7).

Jeremias também está proibido de participar de todas as festas e celebrações (16:8). Ele não deve participar da alegria do povo. Em breve, não haverá mais alegria, porque o Senhor porá termo a ela (16:9; 7:4). Não haverá mais celebrações e casamentos.

O povo contestará a mensagem. Pedirão que o profeta explique qual falha ou pecado específico eles cometeram para

merecer tamanho castigo (16:10). Jeremias deve lembrá-los da idolatria de seus ancestrais (16:11), que rejeitaram a lei do Senhor, preferindo a adoração a ídolos. Contudo, não é esse o único motivo da aflição que lhes sobrevirá.

Além dos pecados de seus ancestrais, existem os pecados dos próprios judeus (16:12). Sua situação é ainda mais séria, porque eles não aprenderam com a experiência dos que vieram antes. É como se as práticas dos ancestrais tivessem força de lei na vida de seus descendentes, uma inclinação natural para repetir os atos de seus ascendentes. O texto, porém, insiste na responsabilidade pessoal dos judeus dos tempos de Jeremias, pois o ciclo de culpa poderia ter sido quebrado. Infelizmente, os compatriotas do profeta não o quebraram. Por isso, o Senhor os enviará para o exílio (16:13). Deus ironiza a situação, dizendo que eles terão maior liberdade para adorar os ídolos nas terras estrangeiras para onde serão levados.

Entretanto, há também boas notícias! A profecia do exílio é acompanhada da profecia do retorno do povo à terra (16:14-15). Depois desse retorno, o êxodo do Egito não será mais o principal ponto de referência quando o povo mencionar as grandes coisas que Deus fez por eles. Em vez disso, o segundo êxodo, o retorno do exílio, será citado para demonstrar a grandeza do poder do Senhor.

Como diz o ditado: “Não importa quão longa seja a noite, o dia sempre vem”. O Senhor fará um novo dia nascer em Judá.

### 16:16—17:27 Advertências e castigo

Essa longa passagem contém muitos avisos, uma descrição do pecado de Judá, reflexões sobre a insensatez dos que confiam no ser humano e um convite a respeitar o sábado.

#### 16:16-21 Deus, Judá e outras nações

Não existe lugar em que se possa esconder dos olhos do Senhor (16:17; 32:19; Sl 139), e nenhuma ação humana lhe escapa (Jó 34:21-22). O Senhor pode invocar *muitos pescadores e muitos caçadores* (16:16). A metáfora do pescador também é utilizada pelo profeta Habacuque para descrever os babilônios (Hc 1:15). Os caçadores e pescadores do Senhor encontrarão o povo escondido *nas fendas das rochas*. Em Isaías 2:10, o povo se esconde nelas para escapar ante o “terror do SENHOR e a glória da sua majestade”.

No original de 16:18, o texto diz: *Primeiramente, pagarei em dobro a sua iniquidade*. O advérbio “primeiramente” é considerado uma indicação de que o castigo relatado aqui precederá a libertação citada em 16:15.

Nesse versículo, aprendemos que a prática da idolatria degrada o país e transtorna a terra. Esse aviso deve ser levado a sério, pois muitos parecem não entender que os numerosos infortúnios que causam tanta tristeza nos países africanos resultam de nossa rejeição a Deus e da difusão de práticas ocultistas. Nenhuma prática de ocultismo está livre de consequências. Elas afetam os praticantes, assim como as famílias e o ambiente que os cerca.

O reconhecimento das nações de que idolatria são *mentiras e coisas vãs* começa com uma confissão de fé que é comum nos Salmos (16:19; cf. Sl 18:3; 46:1-2). As nações abandonarão seus *deuses*, que *não são deuses*, e começarão a buscar o Senhor (16:20). Jeremias já anunciou a salvação das nações pagãs (3:17; 12:15-16). Com uma demonstração de sua *força e poder*, o Senhor provará a todas as nações que somente ele é Deus (16:21). A palavra traduzida aqui por “poder” é literalmente “mão” (como na RC). No AT, são comuns as referências ao “braço” e à “mão” de Deus (cf. Êx 6:6; Nm 11:23; Dt 4:34; 5:15; 1Rs 8:42).

#### 17:1-11 O pecado de Judá

A gravidade do pecado de Judá é expressa pelos termos *escrito e gravado* (17:1a), que nos fazem lembrar que a lei do Senhor foi gravada em tábuas de pedra (Êx 32:15-16). Aqui é o pecado do povo que está gravado, não na pedra, mas no coração. O uso de um *ponteiro de ferro* e de um *diamente pontiagudo* para fazer as gravações mostra quanto é duro o coração do povo! Mais tarde, Jeremias mencionará algo mais que estará gravado no coração deles — a lei do Senhor (31:33-34).

Nas *pontas dos altares*, era borrifado o sangue dos animais sacrificados como ofertas de pecado (17:1b; Êx 30:10; Lv 16:18). Também era costume segurar nelas para clamar ao santuário (1Rs 1:49-53; 2:28). Entretanto, nesse versículo e no seguinte, a palavra *altares* parece não se referir aos altares presentes nos santuários em que o povo adorava ao Senhor, mas aos *postes-ídolos* (17:2a; Êx 34:13; 1Rs 14:15; 2Rs 23:6). Jeremias está aludindo aos altares nos quais o povo de Judá oferece sacrifícios aos ídolos, embaixo das *árvores frondosas* e nos *altos outeiros* (17:2b; Dt 12:2-3; 2Rs 17:9-10). Ele está denunciando outra vez a idolatria do povo.

O texto de 17:3-4 é bem semelhante ao de 15:13-14. A herança do povo passará a outras mãos, e Judá se tornará escravo de seus inimigos numa terra estrangeira. A ira do Senhor é comparada a um fogo que Judá acendeu com seu mau comportamento, um fogo que *ardará para sempre* (17:4).

O salmo 1 nos vem à mente quando lemos 17:5-8, que determina as consequências da fidelidade e da infidelidade ao Senhor. Não apenas é insensato confiar na capacidade humana, como também essa atitude traz maldição, pois é sinal de que a pessoa se afastou do Senhor (17:5). Os que agem assim jamais conhecerão a felicidade. Em vez disso, terão uma vida comparável à de uma planta que luta para sobreviver numa terra árida e inabitável (17:6).

Já aquele que deposita sua confiança no Senhor é abençoado (17:7; Sl 125). Como lemos no salmo 1, quem age assim é como a árvore que nunca fica sem água e não conhece a seca. Nenhuma estação a preocupa, ela nunca *deixa de dar fruto* (17:8a,c).

A palavra traduzida por “receia” na frase *não receia quando vem o calor* (17:8b) significa literalmente “vê”, com

encontramos em algumas Bíblias em língua inglesa. Essa tradução destaca o paralelo entre o amaldiçoado, que não vê a prosperidade, e o abençoado, que não vê o calor chegando. Isso não quer dizer que a pessoa amaldiçoada não nota quando vem a prosperidade e que o abençoado não percebe o calor. Não! O significado é que o amaldiçoado jamais conhecerá a prosperidade e que o calor jamais perturbará o abençoado.

Agora Jeremias volta a comentar a gravidade da condição humana (17:9). *Enganoso é o coração humano*, não se pode confiar nele (cf. 9:3-5). O engano é parte de sua natureza. Nenhum ser humano pode sondar as profundezas do coração do próximo. Somente o Senhor é capaz de ler o *coração humano* como um livro aberto (11:20; Jó 34:21-22; Hb 4:12-13). Como nada está oculto aos olhos de Deus, somente ele pode recompensar cada um conforme merece, de acordo com seu comportamento (25:14; 32:19; Ap 2:23). As palavras *coração* e *pensamentos*, ou *mente* e *coração*, aparecem juntas muitas vezes na Bíblia (17:10; 20:12 (RC); Sl 7:9; 26:2) e indicam a parte mais profunda do ser humano, a camada mais interna de seu ser.

Jeremias em seguida cita o que deve ter sido um provérbio bem conhecido, pois tem o mesmo teor de Provérbios 10:2: “Os tesouros da impiedade de nada aproveitam”. O dono desses tesouros pode perdê-los tão rapidamente quanto os adquiriu, e então perceberá quão inúteis foram suas ações (17:11).

### 17:12-18 A oração de Jeremias

Os versículos seguintes constituem uma oração, uma queixa do profeta. O *Trono de glória enaltecido desde o princípio* é o trono do Senhor (17:12; 14:21; Is 6:1). Ao chamá-lo de *lugar do nosso santuário*, Jeremias está provavelmente pensando no monte Sião (8:19; 31:6; 50:5).

Algumas traduções de 17:13 juntam a voz do profeta à voz do Senhor. Jeremias exclama: *Ó SENHOR, Esperança de Israel! Todos aqueles que te deixam serão envergonhados*, e o Senhor responde afirmando que *o nome dos que se apartam de mim será escrito no chão; porque abandonam o SENHOR*. No entanto, fica claro que todos os que se distanciam dele conhecerão a vergonha e a morte (17:13; cf. 2:13; 14:8). Abandonarão aquele que é a *fonte das águas vivas* (cf. 2:13; cf. tb. Jo 7:37-38).

Jeremias prossegue com sua oração em 17:14 e mais uma vez suplica por cura e salvação (cf. tb. Sl 103:2-3; 147:2-3). Sabe que não há salvação fora do Senhor. O final do versículo lembra 9:23-24, em que todos os que desejam glorificar a si mesmos são convidados a ter o bom senso de reconhecer que o Senhor é o Deus de “misericórdia, juízo e justiça na terra”.

Mais uma vez, ouvimos a voz dos inimigos de Jeremias, em 17:15. Eles o acusam de ser um falso profeta por ter anunciado coisas que não aconteceram (17:15; cf. Is 5:19; 2Pe 3:4). Em resposta, Jeremias simplesmente afirma sua

fidelidade ao ministério que Deus lhe confiou (17:16). Ele não deseja presenciar as calamidades que profetizou, mas tem de passar adiante o que o Senhor mandou dizer (1:1). Ele tem sido obediente e em 17:17 pede que o Senhor não cumpra a ameaça que lhe fez no momento de seu chamado: “Não te espantes diante deles, para que eu não te infunda espanto na sua presença” (1:17).

A oração de Jeremias termina como um salmo imprecatório, no qual ele pede que o Senhor julgue os que o *perseguem* (17:18; 15:15; Sl 35:4; 40:15). O profeta pede que eles sejam duplamente punidos, como se enfatizasse a intensidade do desastre que deseja que lhes sobrevenha.

### 17:19-27 Um chamado para respeitar o sábado

A mensagem acerca do sábado deve ser proclamada num local específico, provavelmente a porta que liga o templo ao palácio. Deve então ser repetida nos outros portões da cidade (17:19). Todos precisam ter a oportunidade de ouvi-la (17:20).

Jeremias pede ao povo uma cuidadosa observação do sábado, sinal da aliança entre o povo e o Senhor (Êx 20:8-11; Is 58:13-14). A palavra “sábado” deriva de uma raiz que no original significa “parar” ou “ficar inativo” (Êx 16:29-30; 34:21). Era um dia de descanso que deveria ser observado uma vez por semana em dedicação ao Senhor, que descansou no sétimo dia da criação (Gn 2:2-3). Textos como Êxodo 23:12 e Deuteronômio 5:14 mostram que, além do aspecto puramente religioso, como dia dedicado a Deus, o sábado tinha também uma função social. Ele permitia que todos (filhos e filhas, servos, machos e fêmeas, estrangeiros) descansassem do trabalho semanal. A lembrança da escravidão no Egito devia motivar os israelitas a não exigir que seus servos e filhos trabalhassem num ritmo que lhes fosse prejudicial (Dt 5:15).

Jeremias aponta o transporte de cargas *pelas portas de Jerusalém* — onde ele está postado — como um exemplo da quebra do sábado (17:21-22). Todavia, é possível que o profeta tenha em mente não o simples carregamento de mercadorias, e sim o comércio que está acontecendo no sábado. Neemias 13:15-21 descreve uma cena semelhante à que o profeta denuncia aqui.

Santificar o sábado significa separá-lo, consagrá-lo a Deus. Ainda que os cristãos não precisem celebrar o sábado como os judeus, com suas estritas regras e rituais, é fundamental que observem esse princípio estabelecido pelo Senhor. Precisamos parar de vez em quando, deixar de lado os afazeres e os outros assuntos que tomam nosso tempo para lembrar que o Senhor é Deus e que devemos tudo a ele. O propósito geral da adoração pública deriva da necessidade de voltarmos nossa atenção para Deus na reunião semanal da comunidade e assim demonstrar nosso reconhecimento de que ele é o Senhor. O sábado também é um dia de descanso. Infelizmente, para muitos cristãos o domingo é o mais longo e cansativo dia da semana. As

cerimônias de adoração às vezes são exaustivas, e as reuniões complementares, à tarde e à noite, não nos dão oportunidade de descanso! O Senhor quer que o celebremos, mas também que descansemos nesse dia. Ele não instituiu o descanso como uma opção sobre a qual podemos ponderar, mas como uma lei de vida. Se não o respeitarmos, enfrentaremos as consequências, que normalmente se manifestam no cansaço e culminam em diversos tipos de doenças. Contudo, ao mesmo tempo que devemos observar o princípio do sábado, precisamos cuidar para não cair no legalismo, motivo pelo qual Jesus repreendeu seus contemporâneos (Mt 12:1-8; Lc 13:10-16; 14:1-6).

Os ancestrais de Israel, de quem o Senhor exigiu o sábado, não o respeitaram (17:23). Agora o Senhor volta a recomendá-lo e promete ao povo muitas bênçãos se ele obedecer (17:24). A primeira bênção será a estabilidade política (17:25a). Se *reis e príncipes [...] se assentarem no trono de Davi*, isso significa que a família real sobreviveu e que a sucessão ao trono continuará sem interrupções. Nós, africanos, apreciamos de modo especial esse tipo de bênção, pois conhecemos por experiência que as crises nacionais acontecem geralmente diante da troca de liderança.

A segunda bênção, consequência da primeira, é a paz social. Jerusalém será habitada, e seus habitantes serão governados por líderes judeus, não por estrangeiros (17:25b).

A terceira bênção é religiosa e espiritual (17:26). A paz permitirá que pessoas de todas as partes do país façam peregrinações a Jerusalém a fim de oferecer sacrifícios ao Senhor. A retomada da adoração significa que o relacionamento entre eles e o Senhor está restaurado.

Entretanto, se o povo desobedecer ao Senhor e continuar ignorando o sábado, os resultados serão catastróficos. O Senhor acenderá um *fogo nas suas portas, o qual consumirá os palácios de Jerusalém e não se apagará* (17:27; 4:4; 15:14; 17:4; 21:12).

## 18:1—20:18 O simbolismo do oleiro

### 18:1-17 Jeremias na casa do oleiro

Muitos elementos nessa seção lembram o relato do chamado de Jeremias, no capítulo 1. Para começar, há o convite para que o profeta contemple uma cena com o propósito de captar a mensagem que ela transmite (1:11-15). Há também o uso de três verbos negativos que caracterizam a missão de Jeremias (“arrancar”, “derribar” e “destruir”). Por fim, há o uso de dois verbos positivos (“edificar” e “plantar”) que igualmente caracterizam o ministério profético de Jeremias (1:10).

A cena que o Senhor pede que Jeremias observe é bem comum: um oleiro trabalhando em sua oficina (18:1-3). Como sempre, ele está fazendo vasos. Não é o fato de ele estar confeccionando as vasilhas que é importante, e sim o significado que Jeremias captará à medida que concentrar sua atenção na tarefa.

Jeremias observa que um dos vasos que o oleiro está fabricando não apresenta a forma perfeita que deveria. Então o oleiro amassa outra vez a flexível argila e, com o material informe, fabrica outro vaso (18:4).

Jeremias de repente percebe a analogia entre o trabalho do oleiro e o relacionamento entre o Senhor e Israel. Não há necessidade de responder à pergunta retórica de 18:6, pois a resposta é óbvia. O Senhor é o oleiro, e Israel, a argila. Assim como o oleiro pode fazer o que quiser com a massa de argila, o Senhor pode moldar o povo de Israel da maneira que bem desejar. Seu propósito é constituir uma nação de acordo com seu desígnio.

A lição ensinada em 18:7-10 foi importante para Judá na época e é importante para nós hoje em dia. O Senhor está pronto a retirar sua ira. Basta que o povo se arrependa de seus caminhos maus e volte para ele, reconhecendo-o como o Deus único e verdadeiro. Como já dissemos, os verbos *arrancar, derribar e destruir* foram usados para descrever a atividade profética de Jeremias (18:7; 1:10). Essa mensagem, dirigida especialmente a Judá, significa que o exílio iminente do povo pode ser evitado sob uma condição. Se eles se arrependerem, Deus abrandará a situação (18:8). Em algumas traduções, Deus diz: “Eu me arrependerei”, frase que causa certa confusão, pois Deus não se arrepende como nós, humanos. O que ele faz é “abrandar” o castigo, amenizar ou deixar de fazer o que pretendia.

Essa promessa significa que nenhuma nação está inevitavelmente condenada. Há sempre uma rota de escape. Para nós, individualmente, significa que, enquanto vivermos, Deus sempre nos oferecerá a possibilidade de mudarmos nossa atitude, para assim escaparmos ao julgamento que aguarda os que se afastam do Senhor e passam a confiar em ídolos.

Entretanto, nenhuma nação é necessariamente abençoada. A desobediência e a idolatria podem levar à perda de todas as bênçãos que o Senhor prometeu (18:9-10). Deus não se arrepende como nós, humanos. O que ele faz é “abrandar”, desistindo do que planejava fazer (26:3,13,19; 42:10; Ez 18:21-23; Jl 2:13).

O Senhor avisa Judá: *Eis que estou forjando mal e formo um plano contra vós outros* (18:11). No hebraico, a palavra “forjando” tem a mesma raiz da palavra “oleiro”, o que indica estar esse aviso intimamente relacionado à cena que Jeremias acabou de presenciar. Não é que o Senhor esteja fazendo planos malignos contra seu povo. O desastre iminente é o infeliz resultado da desobediência deles aos mandamentos de Deus. O Senhor deseja que os judeus mudem de comportamento, mas o povo deliberadamente escolheu outro caminho (18:12).

A ostensiva recusa em ouvir ao Senhor e abandonar seus caminhos é quase inacreditável (18:13). É tão antinatural como não nevar no topo das montanhas do Líbano ou a água deixar de correr nos rios (18:14). Entretanto, esse versículo é de difícil tradução e pode ser interpretado de outra maneira.

ra. Talvez esteja transmitindo a ideia de que o Senhor é como uma rocha ou uma fonte de águas refrescantes (cf. 2:13), da qual Judá se afastou para adorar os ídolos (18:15). A consequência dessa idolatria, condenada com veemência pelo profeta, será a devastação do país. A nação será desprezada pelos outros povos (18:16; 48:27; Sl 22:7; Jó 16:4).

O povo virou as costas para o Senhor, e ele também virará as suas para o povo (18:17; 2:27; 2Cr 29:6; Pv 1:24-32). Quando o Senhor mostra seu rosto, é sinal de graça e bondade (Nm 6:24-26; Sl 21:1-7; 31:16; 67:1), mas, quando o esconde, a desgraça acontece (Sl 13:1; 27:9; 30:7).

### 18:18-23 Jeremias é ameaçado novamente

Agora vemos a segunda trama elaborada contra Jeremias (a primeira está registrada em 11:18-23). Em busca de apoio, seus oponentes usam como lema o que parece ser um adágio popular acerca das três principais formas de ministério conhecidas nos tempos do AT (18:18). Mencionam o *sacerdote*, que era responsável por ensinar e explicar a lei (cf. Ne 8:13); o *sábio*, que dava *conselho* sobre como atingir uma vida social e política harmoniosa (cf. tb. Ec 12:11); e o *profeta*, que fazia que a mensagem de Deus, sua *palavra*, fosse conhecida entre o povo (Am 3:7).

Jeremias insiste em proclamar que esses grupos serão julgados (cf., p. ex., 13:13; 14:18), mas seus inimigos se recusam a admitir o castigo iminente. Eles o atacam com a *língua*, ou seja, com suas palavras, e rejeitam todas as suas profecias (9:3; cf. tb. 1Co 4:13).

O apóstolo Tiago compara a língua ao fogo (Tg 3:5-6,8) por causa do enorme dano que pode causar. Ela pode ser usada para difamar, dar falso testemunho e espalhar rumores sem a devida verificação. Esse tipo de discurso destrói a confiança e a harmonia nas comunidades cristãs.

Na oração que se segue, o profeta começa pedindo ajuda do Senhor contra seus adversários. Ele está surpreso por eles pagarem com o mal o bem que ele lhes fez. Jeremias ora fervorosamente pelo povo de Judá (14:7-9), mas eles o querem morto (18:20,22). A declaração de que eles *abriram uma cova para a minha alma* significa que seus inimigos tentaram capturá-lo (cf. Sl 57:6).

Jeremias reage a esse plano pedindo a Deus que seus acusadores (homens, mulheres e crianças) sejam afligidos por várias pragas (fome, espada, esterilidade, e assim por diante) e que Deus não perdoe o pecado do povo (18:21,23). Talvez achemos as palavras de Jeremias duras demais. Elas com certeza revelam a profundidade do sofrimento do profeta nas mãos de seus compatriotas.

### 19:1-13 O vale do filho de Hinom

Esse capítulo começa de maneira semelhante ao anterior, quando o Senhor instrui o profeta a se dirigir a determinado lugar (19:1; cf. 18:1-2). Ao chegar ao lugar indicado, ele deverá agir conforme as instruções que lhe foram passadas, como fez na dramatização profética que envolvia o cinto de linho (13:1-11).

Nesse caso, Jeremias recebeu ordem de comprar uma *botija de oleiro* e levar *alguns dos anciãos do povo e dos anciãos dos sacerdotes ao vale do filho de Hinom*, perto da *Porta do Oleiro* (19:1-2; cf. 7:31). Essa porta não é mencionada em nenhum outro lugar das Escrituras. Alguns comentaristas acreditam que seja a Porta do Lixo (ou do Monturo) (Ne 2:13).

O oráculo do *SENHOR dos Exércitos* é dirigido aos *reis de Judá e moradores de Jerusalém* (19:3). Anuncia um desastre tão estorrecedor que quem o ouvir terá dificuldade para acreditar nos próprios ouvidos.

O desastre virá porque o povo do Senhor o abandonou e profanou a cidade de Jerusalém com sua idolatria e seus crimes. Eles derramaram o *sangue de inocentes* nos sacrifícios de crianças praticados no vale do filho de Hinom, onde Jeremias está agora (19:4; 7:31; 32:35). Esse tipo de sacrifício era condenado com veemência pela lei (19:5; Lv 18:21).

O texto de 19:6 é quase idêntico ao de 7:32. A mudança no nome do vale anuncia o que acontecerá ali. O Senhor frustrará todos os planos de Judá e de Jerusalém e fará que seus habitantes morram e os cadáveres sejam dados como alimento aos pássaros e animais selvagens (19:7; 7:33).

O texto de 19:8 parece repetir o que é dito em 18:16 sobre o destino da cidade, mas dessa vez o canibalismo é mencionado — uma atrocidade associada a tempos de grande crise, como a que acontece quando uma cidade é sitiada ou enfrenta uma guerra civil (19:9). Em Lamentações, há também referência à prática do canibalismo na época da queda de Jerusalém (Lm 2:20). Existem testemunhos escandalosos dessas práticas em países africanos que passaram por guerras civis em anos recentes. Nesses casos, porém, os envolvidos não comeram carne humana pressionados pela fome, e sim como parte de um ritual de ocultismo, cujo objetivo é a obtenção de um poder que os torne invencíveis na batalha. Jeremias apresenta o canibalismo como resultado da maldição do Senhor sobre o povo.

Depois de proclamar sua mensagem, Jeremias deverá quebrar a botija que comprou (19:10). Esse ato significa que Jerusalém e a nação de Judá serão quebradas, sem nenhuma esperança de salvação (19:11-12). A mensagem será bem compreendida, pois a palavra para “botija” é semelhante ao termo hebraico para “ruína”.

Tofete ficará impura pela presença de cadáveres insepultos, e o mesmo destino aguarda as casas de Jerusalém e até o palácio dos reis de Judá. Todos esses lugares estão contaminados pela idolatria praticada neles (19:13). O *exército dos céus* são os mesmos deuses falsos denunciados em 8:2.

### 19:14—20:6 Pasur agride o profeta

Até agora, o profeta Jeremias faz referência aos seus inimigos de forma coletiva. Até mesmo o povo de Anatote é citado como um grupo (11:21). Aqui, pela primeira vez, o texto revela a identidade de um inimigo particular, e também pela primeira vez Jeremias sofre violência física por causa de sua mensagem. A cena acontece enquanto Jeremias



profetiza no átrio do templo depois de retornar de *Tofete* (19:14). Ele está alertando o povo de que todas as misérias profetizadas contra Jerusalém realmente acontecerão (19:15).

O inimigo do profeta é o sacerdote *Pasur, filho do sacerdote Imer* (20:1). Talvez seja um descendente de Imer, mencionado em 1Crônicas 24:14. Como o *presidente na Casa do SENHOR*, Pasur era encarregado da “polícia” e responsável por manter a ordem nos átrios do templo (29:26).

Pasur ordena que Jeremias seja agredido (20:2a). Esse é o primeiro registro de violência física sofrida pelo profeta, mas ele sofrerá outras no decorrer de seu ministério (26:7-11; 36:26; 37:11-16; 38:4-6). Depois da punição, Jeremias é colocado *no tronco*.

A palavra hebraica traduzida por “tronco” sugere algum tipo de mecanismo que forçava a vítima a sentar-se ou ficar de pé numa posição curvada. Jeremias é obrigado a permanecer assim num lugar público, a *porta superior de Benjamim, na Casa do SENHOR* (20:2b). Essa não é a Porta de Benjamim, no muro da cidade (cf. 37:13; 38:7).

No dia seguinte, assim que se livrou do tronco, Jeremias enviou uma mensagem ao seu torturador (20:3), anunciando uma mudança no nome dele. Ele não deveria mais se chamar Pasur, e sim *Terror-Para-Todos-os-Lados* (Magor-Missabib), expressão usada com frequência por Jeremias (20:4a, 10; 46:5; 49:29). O novo nome de Pasur indica seu destino pessoal, bem como o destino de Judá. Ele e seus amigos se tornarão vítimas de seus adversários. Judá será entregue a *Babilônia* e levado em cativeiro (20:4b). Essa é a primeira vez que o nome do inimigo de Judá é dito claramente no livro (cf. tb. 25:9).

Toda a riqueza de Jerusalém e dos reis de Judá será entregue aos babilônios (20:5). Pasur e toda a sua casa serão levados para o exílio na Babilônia. Ali Pasur morrerá e será sepultado, ele e todos aqueles que não deram ouvidos ao profeta (20:6).

A maneira de agir de Jeremias nos ensina uma grande lição. O texto não menciona nenhuma reação da parte dele quando Pasur o feriu por proclamar a mensagem do Senhor. Ao que parece, o profeta não tentou defender-se, preferindo entregar seu destino nas mãos daquele que o enviou e em nome de quem falava. Como servo de Deus, ele não estava mais vivendo por si mesmo. Sua única preocupação era fazer o que o Senhor pedia. Ele confiava na própria vida e sua segurança física a Deus, e o Senhor tomou as devidas providências a seu favor. Ao agir dessa maneira, Jeremias é um precursor do sofrimento de Cristo (Is 53:3-7; Mc 14:34-36; At 8:32).

### 20:7-18 A queixa de Jeremias

Essa é uma das mais íntimas reclamações que Jeremias registrou em seu livro. Expressa sua profunda solidão e seu sofrimento. Ele começa lastimando que o Senhor não lhe deu escolha quanto à sua vocação profética (20:7) e chega a ponto de dizer que foi *persuadido*. Ele não pôde resistir ao chamado de Deus e era obrigado a dizer tudo o que

Deus colocava em sua boca. Todavia, em vez de insistir em que seu mensageiro fosse honrado, Deus permitia que fosse ridicularizado, pois *cada um deles zomba* do profeta pelo conteúdo de suas mensagens (15:17; Lm 3:14).

Jeremias gostaria muito de anunciar algo que não fosse o exílio e a destruição (20:8). A mensagem que ele proclama isola-o da sociedade. Ninguém está interessado em ouvir o que ele tem a dizer. Ele está o tempo todo na contramão da sociedade judaica.

Ele chega a ponto de não querer mais falar em nome do Senhor (20:9). Tenta renunciar à sua missão, mas não pode. Todos os seus esforços para não anunciar a mensagem de Deus estão destinados a falhar. A palavra do Senhor é como um fogo queimando dentro dele, de modo que é melhor entregar a mensagem que ser consumida por ela. Paulo expressa quase o mesmo sentimento quando diz que lhe foi imposta a obrigação de pregar o evangelho (1Co 9:16; cf. tb. Am 7:14-16).

Os ouvintes de Jeremias riam dele. Até repetiam suas palavras: *Há terror por todos os lados*. Contudo, o faziam em tom de zombaria (20:10). Mesmo aqueles com quem o profeta tivera um relacionamento amigável agora procuravam uma oportunidade para fazê-lo tropeçar.

No entanto, das profundezas de seu sofrimento Jeremias sabia que a coisa mais importante para qualquer ser humano, particularmente para um servo de Deus, é que o Senhor esteja com ele. O profeta expressa essa confiança em Deus, comparando o Senhor a um *poderoso guerreiro* (20:11; 32:18; Êx 15:3; Is 42:13). Ele acredita que o Senhor o protegerá e frustrará o plano de seus inimigos, deixando-os confusos. Afinal, ele é o *SENHOR dos Exércitos*, ou, como lemos na NTLH, o “SENHOR Todo-Poderoso” (20:12; cf. tb. 19:3; Is 1:9). Deus é capaz de sondar *os afetos e o coração* humanos (cf. tb. 17:10).

A confiança do profeta em Deus leva-o a convidar todo o povo a louvar ao Senhor (20:13). Ele sabe que Deus é o único a quem ele pode recorrer para escapar daqueles que desejam prejudicá-lo (Sl 59:10). O Senhor irá libertá-lo; ele irá salvá-lo (Sl 18:20; 31:8; 118:5).

Mesmo assim, essa confiança no auxílio do Senhor não é suficiente para remover todos os traços de desespero, e Jeremias retorna ao tema da fadiga e do sofrimento. Lamenta ter nascido (20:14). Ele já se pronunciou sobre isso em 15:10, mas aqui expressa a ideia com mais ênfase ainda, amaldiçoando o dia de seu nascimento. Amaldiçoa até mesmo a pessoa que informou seu pai a respeito de seu nascimento (20:15-16). Quem dera tivesse morrido enquanto ainda estava no útero (20:17)!

O desespero de Jeremias tem como fonte seu ministério e a certeza de que o exílio e todas as outras calamidades profetizadas realmente acontecerão (20:18). Ele não é o tipo de profeta que não se importa com o povo. Não sente prazer em anunciar os infortúnios e sente pena daqueles cuja incredulidade os levará à desgraça. Ele sofre por aqueles a quem ama, pois lhes deseja a felicidade.

### 21:1—23:8 Oráculos contra os reis de Judá

Analisaremos agora seis oráculos referentes aos reis de Judá. São mensagens dirigidas a Zedequias (597-587 a.C.), a todos os herdeiros de Davi, a Joás (609 a.C.), a Jeoaquim (609-598 a.C.) e a Jeconias (598-597 a.C.). Elas terminam com a promessa de um líder justo.

#### 21:1-10 Oráculo contra Zedequias

O primeiro oráculo é a resposta do Senhor, por meio do profeta, a um pedido de Zedequias (21:1). Esse pedido foi entregue por duas pessoas que não devem ser confundidas com outras de mesmo nome. *Pasur, filho de Malquias*, não deve ser confundido com “Pasur, filho de Imer” (20:1; 1Cr 24:14), e o *sacerdote Sofonias, filho de Maaséias*, não deve ser confundido com Sofonias, o profeta, filho de Cusi (Sf 1:1).

A ideia de consultar o Senhor era comum para os cren-tes do AT. Lemos em Êxodo 33:7-11 que Moisés ergueu uma tenda, a qual chamou “tenda da congregação”, para atender a qualquer um que desejasse consultar o Senhor, tendo Moisés como intermediário. Entretanto, a prática de consultar o Senhor era anterior à época de Moisés. Rebeca, esposa de Isaque, consultou o Senhor a respeito dos filhos que trazia no ventre (Gn 25:22).

O povo consultava o Senhor por muitas razões, desde assuntos pessoais e privados, como no caso de Rebeca (cf. tb. Saul, em 1Sm 9:6), a situações concernentes a toda a nação (Jz 20:18; 2Rs 22:13). Portanto, não é de surpreender que Zedequias faça uma pergunta a Jeremias (cf. tb. 37:3).

Zedequias quer saber se o Senhor agirá a favor de Judá, contra os babilônios. Essa é a primeira vez que o nome de *Nabucodonosor*, rei da Babilônia, aparece no livro de Jeremias (21:2). Ao fazer esse pedido, Zedequias menciona os livramentos efetuados pelo Senhor no passado (cf. Sl 44:1-8). Isso nos lembra que jamais devemos esquecer a bondade do Senhor, mas alimentar nossa fé com os testemunhos de seus grandes feitos (Sl 77:12; 103:2; 145).

Jeremias recebe a resposta do Senhor (21:3), que não é aquela que o rei esperava, pois é devastadora. A resposta está dividida em três partes.

Na primeira parte, o Senhor diz que impedirá qualquer tentativa de luta contra os babilônios fora dos muros e que os defensores judeus de Jerusalém serão encurralados dentro da cidade (21:4). O Senhor lutará, mas contra seu povo, como se fosse um aliado da Babilônia (21:5; cf. tb. Is 63:10). A expressão *com braço estendido e mão poderosa* é uma referência à força utilizada pelo Senhor. A mesma expressão ocorre diversas vezes em Deuteronômio, para indicar a maneira poderosa pela qual o Senhor libertou seu povo da escravidão no Egito (Dt 4:34; 5:15; 7:19; 26:8). Agora, porém, a mesma força será usada contra o povo de Deus, pois sua infidelidade acendeu no Senhor a *ira*, a *indignação* e *grande furor*. O pecado nunca é sem importância ou sem consequências. É sempre algo grave, porque desonra ao Senhor e suscita sua ira.

*Homens e animais* perecerão sob o juízo divino, que não virá somente por meio do exército hostil, mas também de *grande pestilência*, outro meio que Deus costuma usar para punir as nações (21:6; cf., p. ex., Êx 5:3; Lv 26:25; Nm 14:12; Dt 28:21; 2Sm 24:15). Jeremias também faz menção da pestilência como instrumento do castigo divino (cf. 14:12; 21:6-9; 24:10; 27:8,13; 29:17-18).

A segunda parte da resposta do Senhor é motivo de grande preocupação para Zedequias, bem como para os que escaparão à pestilência. Eles cairão nas mãos de Nabucodonosor, que irá matá-los (21:7). Essa profecia será repetida a Zedequias (37:17), e seu cumprimento está registrado em 39:5-7.

A terceira parte da resposta de Deus é dirigida ao povo, uma expressão da misericórdia divina, mesmo em circunstâncias nas quais ele teria motivos para destruí-los completamente. A eles é oferecida uma opção entre o *caminho da vida* e o *caminho da morte* (21:8; cf. Dt 30:15). Da mesma forma que Josué apresentou uma escolha ao povo de Israel (Js 24:15), eles agora precisam decidir entre acreditar no Senhor e rejeitar sua mensagem insistindo em confiar nos ídolos.

A escolha não é fácil. Se eles quiserem salvar a própria vida, o caminho é render-se ao inimigo, os babilônios (21:9). A rendição é inadmissível para a maioria dos judeus, mas quase sempre o caminho para a salvação parece incompreensível, até mesmo ridículo. O apóstolo Paulo se mostra ciente desse fato quando diz aos coríntios que “a palavra da cruz é loucura para os que se perdem” (1Co 1:18,23). Mesmo assim, é sempre melhor ouvir o Senhor que simplesmente acreditar na razão humana, não importando quão sábia ela pareça (17:5,7).

A mensagem a Zedequias termina com a reafirmação do que foi dito em 21:5 acerca da determinação do Senhor em executar o juízo sobre seu povo. A frase *Voltei o rosto contra esta cidade, para mal e não para bem* (21:10) mostra uma perspectiva assustadora (Sl 13:1; 27:9; 30:7).

#### 21:11—22:9 Oráculo contra a linhagem de Davi

O oráculo contra Zedequias é seguido por outro, agora dirigido a todos os reis da linhagem de Davi, ou seja, os que eram descendentes diretos do rei Davi. Esses reis são também conhecidos como a *casa do rei de Judá* (21:11; cf. tb. 22:2) e a *casa de Davi* (21:12a, cf. tb. 22:4).

O Senhor exige que os reis da linhagem de Davi criem e mantenham uma sociedade em que reine a justiça. Suas diretrizes econômicas, sociais e políticas devem promover o bem-estar de todo o povo. Essa é sua responsabilidade específica (1Rs 3:9,28). O Senhor ameaça puni-los se falharem nessa missão, o que indica sua preocupação com o bem-estar do povo e dos oprimidos da sociedade (21:12b). Tais palavras devem ser levadas a sério por todos os governantes. Deveriam causar impressão nos líderes africanos de hoje, que em geral parecem estar trabalhando em prol de um grupo específico, em vez de cuidar de todos os que estão sob sua liderança.



## VERDADE, JUSTIÇA, RECONCILIAÇÃO E PAZ

Em 1995, a África do Sul criou a Comissão de Verdade e Reconciliação para investigar as violações dos direitos humanos durante o *apartheid*. Os que confessaram seus crimes foram perdoados, e os que sofreram violência receberam compensação. Enfrentar a verdade sobre o que aconteceu resultou em progresso na direção da cura da sociedade, da reconciliação e da paz. Nigéria, Gana e outros países africanos seguiram o padrão, criando também suas comissões de direitos humanos.

Ruanda preferiu o caminho do litígio após o genocídio de 1994. Todavia, depois de dez anos de batalha em tribunais, com poucos resultados, adotou a atitude da África do Sul, permitindo que as pessoas admitissem seus crimes.

### Os conceitos

Temas como verdade, justiça, reconciliação e paz têm prioridade na agenda ética e política da África hoje, e é importante que os cristãos pensem neles em conformidade com a Bíblia.

A *verdade* não é meramente um conceito abstrato, mas o atributo de uma pessoa. O caráter de Deus é o estandarte da fé. Os seres humanos devem ser confiáveis, fiéis e justos, como Deus é. Isso se reveste de especial importância no caso dos governantes e líderes, que são os representantes de Deus na terra. Quando eles falham em manifestar o caráter de Deus, sua falha se torna mais evidente num mau governo e numa liderança ruim.

*Justiça* e *juízo* são usados alternadamente na Bíblia, e o adjetivo "justo" é considerado equivalente à palavra "íntegro". A justiça pode ser então interpretada como se trouxesse o reino de Deus à sociedade humana, isto é, como se revelasse o caráter de Deus e sua vontade à sociedade humana. No AT, a Lei e os Profetas tinham muito que dizer sobre o reino de Deus e sua demanda por justiça. A justiça divina requer que sejamos punidos pelos pecados particulares que tenhamos cometido, o que é em si mesmo evidência de nossa natureza pecaminosa. Todavia, Cristo pagou toda a penalidade por nós na cruz (Is 53:3-6; 2Co 5:21). Em termos humanos, é como se um juiz amável tivesse de sentenciar o filho à prisão, mas então cumpre ele mesmo a pena, para que o filho possa ser libertado. Todo pecador que se aproxima de Deus, por intermédio de Cristo, será perdoado e justificado (Rm 5:9,18-19).

A *reconciliação* consiste em acabar com as inimizades e juntar outra vez grupos anteriormente hostis entre si. Como resultado da queda (Gn 3), vivemos num mundo que clama por uma urgente reconciliação entre Deus e a humanidade (Rm 5:8-11; 2Co 5:18-19; Cl 1:19-22)

e entre os seres humanos (Ef 2:11-22). Existe também necessidade de uma reconciliação cósmica, ou seja, a redenção da criação decaída (Rm 8:18-22; Cl 1:19-22; 2Co 5:19). Nossa esperança de reconciliação está vinculada à obra de Cristo na cruz, que põe de lado a ira e o juízo de Deus sobre a humanidade. Consequentemente, os seres humanos agora têm acesso a Deus e podem receber sua paz e seu perdão quando se arrependem e creem em Jesus Cristo (Rm 5:1,2; 5:8-11; 8:1). A cruz de Cristo também promove uma reconciliação horizontal com nossos companheiros humanos. Quebra barreiras e reconcilia grupos que antes eram inimigos, fazendo deles um só em Cristo (Ef 2:11-22). Essa unidade elimina todas as barreiras criadas por egoísmo, avareza, etnia, tribalismo, racismo e nacionalismo humanos. Não deixa espaço para inimizades, ódio, preconceito, discriminação ou qualquer atitude exclusivista (Cl 3:28).

A *paz* deve ser compreendida no contexto da reconciliação, e reconciliar é fazer paz. A palavra hebraica *shalom*, traduzida por "paz", significa o perfeito bem-estar do indivíduo, cidade ou país, abrangendo a prosperidade material e a segurança física. Paulo constantemente faz saudações e orações pelos crentes com a expressão "graça e paz". Ele relaciona a paz de Deus ao fato de Cristo ter "feito a paz pelo sangue da sua cruz" (Cl 1:20) e enfatiza que a paz está fundamentada na obra redentora de Cristo (Rm 5:8-11; 2Co 5:18-21; Ef 2:14-15; Cl 1:19-22).

### A tarefa da Igreja

A Igreja de Cristo tem ordem de viver e proclamar a missão e mensagem de Jesus, o Messias, a todo o mundo. Cristo confiou a ela um ministério de reconciliação (2Co 5:18-21), de modo que a Igreja deve preocupar-se com assuntos relativos à justiça e à paz. Essas virtudes precisavam estar visíveis primeiro dentro da comunidade cristã, a qual deve caracterizar-se por amor, companheirismo, afeição, misericórdia, boas intenções, concordância, altruísmo e humildade (Fp 2:1-8).

Todavia, a Igreja deve sempre lembrar que a verdade de Deus, a paz e a justiça reveladas na cruz de Cristo visam não somente a Igreja e os crentes, mas o mundo inteiro. Somos chamados não apenas para acreditar na paz e na justiça, mas também para trabalhar a fim de poder proporcioná-las a todos, sem distinção ou discriminação. A pacificação, portanto, é uma importante virtude cristã.

A exemplo de seu Senhor, a Igreja deve realizar obras de amor e misericórdia e procurar levar a justiça a todos, não importando o custo (Is 11:1-5; 61:1-3; Lc 4:18,19). Deve sentir compaixão, de maneira que veja e ouça o choro dos oprimidos e dos rejeitados, e deve identificar-se com causas justas e nobres. A avareza e o egoísmo de indivíduos e grupos precisam ser denunciados e condenados à luz dos ensinamentos bíblicos.

Yusufu Turaki

A palavra “Jerusalém” não aparece no texto hebraico de **21:13a**, que contém apenas a expressão *Moradora do vale, ó Rocha da campina*. Muitos estudiosos, no entanto, concordam com a NVI, que adiciona o nome da cidade, pois Jerusalém está situada numa campina perto de um vale. Outros, entretanto, acreditam que o profeta está referindo-se ao palácio real, que foi construído no monte Sião, o ponto mais alto da cidade. Os líderes da cidade tinham orgulho de sua posição elevada e se consideravam a salvo de qualquer ameaça (**21:13b**). Todavia, o orgulho é algo que o Senhor odeia (Am 6:8). É listado como a primeira das “seis coisas [que] o SENHOR aborrece, e a sétima [que] a sua alma abomina” (Pv 6:16). O motivo de Deus odiar o orgulho é que o orgulhoso se vê como um modelo de todas as coisas e confia nas próprias habilidades e nos bens materiais. Consequentemente, torna-se arrogante e altivo e passa a menosprezar todos os outros. Contudo, o orgulho pode desaparecer num instante. Por isso, “a soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18). Citando Provérbios 3:34, o apóstolo Tiago escreve que “Deus resiste aos soberbos” (Tg 4:6).

O Senhor punirá os reis de Judá por sua conduta indigna e sua injustiça (**21:14**). Mais uma vez, faz menção do *fogo* como instrumento de disciplina ao povo (cf. 21:10; 52:13; 2Cr 36:19). O fogo aparece associado à punição em outras passagens do AT (Gn 19:24; Lv 10:2; Nm 11:1; 16:35; 2Rs 1:10) e no NT (2Ts 1:7-8; 2Pe 3:10).

Jeremias se dirigia aos reis de Judá (21:11), mas agora recebe ordem de ir à *casa do rei de Judá* entregar uma mensagem profética ao rei, aos oficiais e a todo o povo (**22:1-2**). Nessa mensagem, ele amplifica e esclarece o que foi dito em 21:12b, em que faz menção dos oprimidos em termos genéricos. Agora, ele fala do *estrangeiro* (ou seja, os imigrantes que residem em Israel), do *órfão* e da *viúva* (**22:3a**). Os três grupos eram os mais fracos e mais vulneráveis na sociedade israelita. O estrangeiro não tinha apoio, a viúva não tinha marido e o órfão não tinha pais. O Senhor insiste em que ninguém tire vantagem dele nem lhes negue seus direitos (Êx 22:21; Dt 14:29; 24:17,19; 26:12; Pv 23:10; Is 1:17).

O Senhor não somente exige que os direitos do estrangeiro, da viúva e do órfão sejam respeitados, como também dá um exemplo de como agir em sua defesa (Dt 10:18). O NT diz que a religião pura e sem falhas é aquela que tem cuidado com “os órfãos e as viúvas nas suas tribulações” (Tg 1:27). A sociedade em geral, e a igreja africana em particular, teria grande vantagem ao ponderar sobre qual tem sido nossa atitude em relação a esses grupos. Em muitos países nos dias de hoje, os estrangeiros, apenas por não serem nativos, se tornam bodes expiatórios aos olhos da população. Eles são culpados pelo crescimento da criminalidade ou de qualquer infortúnio que venha a atingir a nação. São alvos fáceis

de abuso. Contudo, a palavra de Deus nos convida a reconsiderar tais atitudes.

Como veremos mais adiante, a Bíblia também pede que os estrangeiros se empenhem pela paz no país que os acolheu porque seus destinos estão ligados (29:7). É triste e surpreendente ver pessoas que, depois de viver muitos anos em determinado país, devendo tudo a ele, se tornam o pior inimigo da nação que as acolheu. Assim que uma crise toma conta do país, elas lembram que ali não é sua terra natal, que pertencem a outro lugar. Essa atitude é irresponsável e demonstra ingratidão.

A ordem de não derramar sangue inocente (**22:3b**; 7:6) evoca a morte de Abel, assassinado por seu irmão Caim (Gn 4:8), e ordens similares encontradas em outras partes do AT (Dt 19:10,13; 21:8,9; 1Sm 19:5). Acima de tudo, lembra a morte de Jesus de Nazaré, cujo sangue era ao mesmo tempo inocente e purificador (Mt 27:4,31-35; Hb 12:24).

Aqueles que derem ouvidos à mensagem profética e puserem seu conselho em prática têm a promessa de estabilidade política (**22:4**). A mesma promessa é feita aos que observarem o sábado como ordenado (17:24-25). Entretanto, o resultado da desobediência à palavra do Senhor será o caos político (**22:5**).

O palácio real é comparado a *Gileade*, a fértil região montanhosa, semelhante às montanhas do *Líbano* (**22:6**). A comparação sugere que o palácio estava situado em lugar elevado e seguro como essas montanhas. Entretanto, se os ocupantes do palácio não derem ouvidos à voz do Senhor, essa estabilidade não lhes servirá de nada. O palácio deixará de ser uma fértil montanha e ficará parecido com um *deserto* inabitado.

Além disso, o Senhor já está preparando aqueles que executarão o juízo sobre a casa do rei: *Designarei contra ti destruidores* (**22:7**). É como se o Senhor os estivesse separando para um ministério. Esses homens *cortarão os teus cedros escolhidos*. Os “cedros” aqui citados nos remetem à referência ao Líbano, no versículo anterior, que era famoso por seus cedros, ainda hoje representados na bandeira do país (1Rs 5:13-14; 2Rs 14:9; 2Cr 2:8; Sl 29:5; 92:12; Os 14:6). Jeremias declara que os melhores cedros de Judá serão cortados e queimados (novamente ele utiliza a metáfora do fogo). A tradução da NTLH interpreta a referência aos cedros mais literalmente, como se Deus estivesse dizendo que as “colunas de madeira de cedro” do templo serão cortadas. Sabemos que foi essa a madeira utilizada na construção, pois o palácio construído por Salomão era chamado “Casa do Bosque do Líbano” (1Rs 7:2; cf. tb. Jr 22:14-15,23).

A ruína de Jerusalém será tão grande que todos perguntarão por que o Senhor permitiu tamanha calamidade sobre ela (**22:8**). A resposta é simples: a cidade está desolada por causa da infidelidade e da idolatria de seus reis e seus habitantes (**22:9**). Eles violaram a aliança com o Senhor e passaram a adorar ídolos.



**22:10-12 Oráculo contra Salum (Jeoacaz)**

O oráculo contra Salum é claro e conciso e serve para acentuar a severidade do julgamento. O *morto* que não deve ser lamentado é o rei Josias, assassinado na batalha em Megido, em 609 a.C. (22:10a; 2Rs 23:29-30; 2Cr 35:20-25).

O rei que deve ser lamentado é o que foi levado cativo pelos estrangeiros (22:10b). Esse rei é Jeoacaz, aqui referido por seu outro nome: Salum (22:11; 2Rs 23:30,34; 2Cr 36:1). Ele deixou o país natal definitivamente e morrerá em terras estrangeiras. A terra, no caso, é o Egito (2Rs 23:30), onde Joás de fato morreu depois de ter sido capturado por Faraó Neco.

**22:13-19 Oráculo contra Jeoaquim**

O nome Jeoaquim aparece apenas no final do oráculo, mas não há dúvida de que é a ele que o oráculo se aplica. Ele é acusado de não se preocupar com a justiça. Temos um exemplo disso em seus projetos de construção.

Mesmo sendo obrigado a pagar tributos ao Egito e depois à Babilônia (2Rs 23:35—24:1) e não sendo tão rico quanto seus predecessores, o rei Jeoaquim não desistiu de seus sonhos de grandeza (22:14). Recusando-se a admitir que os tempos haviam mudado, empenhou-se em construir para si uma casa luxuosa, embora não tivesse dinheiro para pagar os construtores. Então, forçou-os a trabalhar *sem paga*, contrariando as claras instruções de que ninguém devia reter o pagamento de um trabalhador nem mesmo por um dia (22:13; Lv 19:13; Dt 24:15).

A semelhança de Jeoaquim, muitos dos que hoje ocupam o poder não compreendem a época que estão vivendo e põem-se a executar projetos que colocam o povo em grande risco e causam sofrimento.

Em 22:15, Deus se dirige a Jeoaquim diretamente. O rei pode estar pensando que, ao sobrepujar seus predecessores com a magnificência de seu palácio, estará consolidando seu reinado. Já seu pai, Josias, foi um rei que entendeu que o mais importante não era o luxo de seus aposentos, e sim a fidelidade ao Senhor (2Rs 22:1—23:28). A última metade de 22:15 resume sua vida: *Acaso não [...] exercitou o juízo e a justiça?*

Para Josias, fazer o correto e praticar a justiça implicava defender a *causa do aflito e do necessitado*, exatamente o que 22:3 exige dos reis descendentes de Davi (22:16a). Zedequias agiu como verdadeiro rei, e suas ações provaram que ele conhecia o Senhor (22:16b). Essa aclamação ao rei Josias sugere que Jeremias apreciou profundamente as reformas iniciadas por esse rei em 605 a.C.

Seja como for, o versículo nos ensina o verdadeiro significado de conhecer a Deus. Conhecer a Deus é levar sua palavra a sério e pô-la em prática (Os 6:6; Mq 6:8; Tt 1:16). Como o apóstolo Tiago dirá, séculos depois, declarar que conhecemos a Deus não vale coisa alguma sem obras como prova (Tg 2:14,17). Os países, cidades e igrejas da África estão cheios de pessoas que afirmam conhecer e amar a Deus. Contudo, não vemos mudanças na sociedade. En-

tão, qual a influência dessas pessoas sobre a nação? Por que não vemos os resultados de sua fé nas comunidades nem nos locais de trabalho? Recentemente, alguém chamou minha atenção para o fato de conhecer um grande hospital em que os médicos e quase todo o corpo administrativo são ouvintes assíduos de programas de rádio cristãos. Contudo, são as mesmas pessoas que vendem medicamentos do mercado negro às famílias dos pacientes. Sem dúvida, algo está muito errado. Inúmeras pessoas já morreram por causa dessa prática. O roubo de medicamentos por parte do corpo médico e administrativo resulta em diminuição da quantidade de remédios para quem mais precisa.

Como Josias fez o que era justo e correto, *tudo lhe sucedeu bem* (22:15,16). Jeoaquim é muito diferente. Ele é orgulhoso e violento, um rei que pensa apenas em si mesmo e está pronto a maltratar o inocente para conseguir o que deseja (22:17). Seu coração é inclinado a *levar a efeito a violência e a extorsão*. Esses dois substantivos enfatizam sua crueldade (26:20-23). Infelizmente, percebemos a mesma índole em muitos líderes de Estado hoje em dia.

O nome de Jeoaquim é mencionado pela primeira vez em 22:18a. É como se o profeta não quisesse deixar dúvidas de que ele é o homem sobre o qual está profetizando. A principal consequência das práticas malignas de Jeoaquim será que ninguém poderá dar-lhe um enterro decente. Em vez disso, seu corpo será jogado ao relento, fora da cidade, como o de um animal (22:18b-19; cf. 36:30). Se esse destino já é maldito para o cidadão comum, que dirá para o rei!

Alguns leitores podem ficar confusos pelo fato de 2Reis 24:6 sugerir que Jeoaquim teve um sepultamento normal, pois o texto diz: “Descansou Jeoaquim com seus pais”. Todavia, é mais provável que essas palavras sejam uma expressão comum para indicar o final de um reinado (cf., p. ex., 1Rs 2:10; 11:43; 14:20; 2Rs 8:24; 10:35; 15:22; 21:18). Portanto, não existe nenhum conflito com a profecia em 22:19 ou 36:30.

**22:20-30 Oráculo contra Jeoaquim (Jeconias)**

As primeiras palavras desse oráculo são dirigidas à cidade de Jerusalém, mas o oráculo em si é para Jeconias (Joaquim), filho e sucessor de Jeoaquim. Ele reinou apenas três meses, e durante todo esse período Judá esteve sitiada pelos babilônios (2Rs 24:8).

O *Libano*, ao norte, e *Basã e Abarim*, a leste do Jordão, eram regiões montanhosas de onde se podia ver todo o território de Israel (22:20). Em Abarim, está situado o monte Nebo, de onde Moisés contemplou a terra de Canaã, o país que o Senhor prometeu dar ao seu povo, Israel (Nm 27:12; Dt 32:49). Era também a terra da qual o Senhor iria removê-los. Judá não deve contar com a ajuda de nenhum de seus *amantes*, ou seja, as nações com quem fez aliança contra os babilônios. Esses aliados — Egito, Assíria, Edom, Amom e Fenícia — serão todos derrotados e subjugados pela Babilônia (22:20; 27:1-7; 28:14).

O destino de Judá não é mera consequência de seu comportamento em tempos recentes. As raízes estão no passado, pois a nação se recusou a ouvir o Senhor desde o início, no tempo do êxodo do Egito (22:21). Desde então, a nação tem sido insubordinada e rebelde (Dt 31:27). O Senhor foi paciente com eles por muito tempo, mas agora a paciência acabou. Devemos notar que é sábio interpretar a paciência de Deus como uma oportunidade de retorno a ele, em vez de considerá-la um sinal da fraqueza em cumprir seu propósito (2Pe 3:9).

Deus enviará um vento sobre os *pastores* da nação, título que em geral indica os que estão em posição de liderança no país: reis, sacerdotes e profetas (22:22; 2:8,26; 5:31; 23:1). Aqui, entretanto, parece referir-se particularmente aos reis. Eles serão como palha levada pelo vento. Os aliados de Judá terão o mesmo destino. Sem ninguém que os acuda, a nação de Judá será confundida e envergonhada. Essas são emoções que a Bíblia usa para descrever o domínio dos ímpios (17:13; Sl 25:3; 119:78; Is 26:11; 45:16,24; Ez 16:61; 43:10; Os 4:19; 10:6). Eles sentirão vergonha quando finalmente tiverem consciência da insensatez de sua rebelião contra o Senhor.

Jeremias agora se dirige ao rei como *tu que habitas no Líbano e fazes o teu ninho nos cedros* (22:23). Não devemos cometer o erro de achar que ele está referindo-se ao rei do Líbano. Ele fala do rei judeu, cujo palácio é sólido como as montanhas do Líbano (22:6) e forrado com a cara madeira de cedro (cf. 22:6,14). Nada disso, porém, garantirá a segurança do rei. Pelo contrário, ele será atacado de repente com *as dores e as angústias como da que está de parto*, uma analogia bíblica comum para a dor súbita e aguda (4:31; 13:21; 49:24; Is 13:8; 26:17; Os 13:13; Mt 24:8; Mc 13:8; 1Ts 5:3; Ap 12:2).

O juramento *Tão certo como eu vivo* (22:24a) lembra o bem conhecido “EU SOU O QUE SOU”, a resposta de Deus a Moisés quando este quis saber o nome de quem o estava enviando para libertar os filhos de Israel (Êx 3:13-14). Essa frase é usada com frequência nos livros proféticos para apresentar os oráculos (Is 49:18; Ez 5:11; 14:16,18,20; 16:48; 17:16; 18:3; 20:3,31,33; 33:11,27). Ela serve para garantir a veracidade do oráculo e o cumprimento de tudo o que é dito, pois o oráculo vem do Deus vivo.

O nome daquele a quem o oráculo se dirige é revelado em 22:24: Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, cujo nome significa “o que Deus elevou”. Ele também é chamado Jeconias (Mt 1:11). Para o Senhor, ainda que Jeconias seja um bem precioso como o *anel do selo*, será rejeitado (22:24b). O “anel do selo” trazia a marca da pessoa e era usado para autenticar documentos oficiais (1Rs 21:8; Et 8:8) e para identificar a pessoa (Gn 38:25). Esse selo pessoal era pendurado num fio ou numa corrente em volta do pescoço (Gn 38:18) ou, como aqui, usado no dedo. Ninguém ficaria tranquilo diante da perda de seu anel do selo! Por isso, é extraordinária a revelação de que o Senhor pode até se livrar de seu anel do selo (cf. Ag 2:23).

A punição do rei Jeconias implica que ele será entregue nas mãos dos inimigos, que são descritos de quatro maneiras: *nas mãos dos que procuram tirar-te a vida e nas mãos daqueles a quem temes, a saber, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e nas mãos dos caldeus* (22:25). Ele será deportado com sua mãe, Neústa, filha de Elnatã, de Jerusalém (22:26; 2Rs 24:8). Esse oráculo foi cumprido com exatidão (2Rs 24:12,15). Jeconias rendeu-se a Nabucodonosor, que o deportou para a Babilônia. Apesar de seu desejo, ele não terá a oportunidade de retornar do cativeiro na Babilônia — nem ele nem seus companheiros de exílio (22:27).

As duas perguntas feitas em 22:28 ressaltam a rejeição do Senhor a Jeconias com a menção de fatos a ela relacionados no AT. A referência a ele como *coisa quebrada* lembra a ordem de Deus para Jeremias quebrar uma botija diante de testemunhas. A dramatização profética declarava que o povo de Judá seria quebrado de modo semelhante, e ninguém poderia fazer nada para consertar a situação (19:10-11). Em seguida, o rei é comparado a um *objeto de que ninguém se agrada*, o que nos lembra Oseias 8:8: “Israel foi devorado; agora, está entre as nações como coisa de que ninguém se agrada”. A declaração seguinte, *Foram lançados fora, ele e os seus filhos, e arrojados para a terra que não conhecem*, é uma clara referência ao exílio que os aguarda.

A terra (ou nação) é agora convidada a ouvir o que o Senhor tem a dizer (22:29). É como se o Senhor estivesse chamando toda a terra para ser testemunha no caso contra seu povo (Dt 4:26; 30:19; Sl 50:4). Palavras semelhantes são usadas em Deuteronômio 32:1 e Isaías 1:2. Agora a terra deve ouvir a sentença de Jeconias: ele não terá filhos e será um fracasso, pois nenhum de seus descendentes o sucederá no trono (22:30).

Uma leitura superficial desses versículos pode levar à suspeita de uma contradição entre o que Deus diz aqui e o que está registrado em 1Crônicas 3:17-18, em que lemos que Jeconias tem no mínimo sete filhos, cujos nomes são citados. Todavia a ideia de 22:30 é mais bem captada na RA: *Registrai este como se não tivera filhos*. Não significa que ele não terá filhos, mas que nenhum deles será rei de Jerusalém. Foi exatamente o que aconteceu. Jeconias foi sucedido por Matanias (também conhecido como Zedequias), que não era seu filho, mas seu tio (2Rs 24:17).

Para as famílias reais do AT, tanto as mais antigas quanto as de algumas sociedades atuais, a sucessão natural era e é de pai para filho (2Sm 7:12-13,16; 2Rs 10:30). A Davi foi prometida uma sucessão ininterrupta, se seus filhos fossem justos diante do Senhor (1Rs 2:3-4). A quebra na linha da sucessão era vista como maldição na casa real (2Sm 3:9-10). Os que eram excluídos do poder faziam qualquer coisa para recuperar sua posição, que acreditavam ser deles por direito (cf. 41:1-3). Muitas rebeliões nasceram da frustração, legítima ou não, de pessoas que se sentiram injustamente excluídas da administração dos assuntos do país, como o demonstra Jeremias 40 e 41.



**23:1-8 Promessa de um Renovo justo**

O sexto e último oráculo a respeito dos reis de Judá contrasta dois tipos de pastores. Existem os malignos, que são rejeitados pelo Senhor. Existem os bons, que o Senhor exalta. O oráculo começa anunciando a desgraça que sobrevirá aos pastores que negligenciam seu rebanho. Eles destroem e espalham as ovelhas, em vez de cuidar delas (23:1-2). O Senhor rejeita esses pastores e, em razão das circunstâncias, cuidará de seu povo ele mesmo. Ele anuncia as providências que serão tomadas para recolher *o restante das minhas ovelhas* (23:3). Esse recolhimento contrasta com a dispersão causada pelos pastores maus. Ele promete trazer o povo de volta do exílio (Dt 30:1-3; Is 11:11; Sf 3:20; Zc 10:10) e afirma que eles viverão em condições favoráveis, representadas na promessa de fertilidade e de crescimento da população. A ideia de que um remanescente retornará também é apresentada em outros livros proféticos no AT (cf. 31:8-9; Is 10:20-21; Mq 2:12; Sf 2:7).

Depois de reunir o que sobrou de seu povo, o Senhor dará a eles pastores de outra índole (23:4). Uma das primeiras ações desses pastores será despertar a confiança no povo, de modo que eles *jamais temerão, nem se espantarão*. Além disso, nenhuma das ovelhas ficará perdida (Jo 6:39; 10:28).

O pastor definitivo, que o Senhor exaltará para cuidar de seu povo, é chamado *Renovo justo*, expressão usada no AT como título messiânico (23:5; 33:15; Is 4:2; 11:1; Zc 3:8; 6:12). A associação do Renovo com Davi é crucial, pois indica que, apesar de toda a infidelidade dos reis e do povo de Judá, o Senhor cumprirá a promessa que fez a Davi: “A tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre” (2Sm 7:16).

O “Renovo justo” cumprirá todos os requisitos exigidos de um verdadeiro rei. Ele reinará com sabedoria e justiça (Is 9:6-7; 11:1-5; 32:1; 42:1-7). Durante seu reinado, Judá será libertado, e Israel será novamente um lugar *seguro*. Além de ser chamado de “Renovo justo”, o futuro pastor será chamado *SENHOR, Justiça Nossa* (23:6). Esse nome é semelhante ao do sucessor de Jeconias, Zedequias, que significa “o Senhor é minha justiça”.

Contudo, essa passagem não pode ser uma referência ao rei Zedequias, pois sua vida não condiz com a do rei descrito aqui (cf. 2Rs 24:18-19). É possível, entretanto, que o profeta Jeremias use deliberadamente essa similaridade para enfatizar a grande diferença entre o Zedequias que ele e seus contemporâneos conheciam e o justo rei que virá.

O retorno do exílio é mais uma vez citado como um novo êxodo em 23:7-8, que repete as palavras de 16:14-15.

Os oráculos contra os reis de Judá finalizam com a proclamação da chegada do Messias, uma clara referência a Jesus Cristo, a quem o Senhor Deus enviará para libertar, salvar e oferecer salvação a Israel e a todo o mundo.

**23:9-40 Falsos profetas**

Deparamos agora com uma extensa denúncia contra os falsos profetas de Judá, contra quem Jeremias falou no passado (cf. 2:8; 4:9-10; 5:30-31; 6:13-15; 14:13-15; 26:8,11,16). Esta seção pode ser dividida em cinco subseções.

**23:9-12 Profetas malignos**

No início da primeira parte, ouvimos a voz de Jeremias, que expressa grande aflição diante do que o Senhor lhe revelou acerca dos profetas de Judá (23:9). O país está infestado de *adúlteros* (23:10). Embora essa palavra em geral seja usada para indicar a infidelidade espiritual de Israel, aqui parece expressar seu significado natural, ou seja, o de relacionamentos sexuais ilícitos, condenados com veemência na palavra de Deus (Êx 20:14,17; Dt 5:8). A *maldição* mencionada aqui provavelmente é resultado dos atos pecaminosos cometidos no país, onde todos se comportam de maneira errada, vivendo na maldade (8:5-6).

O pecado dos líderes religiosos, profetas e sacerdotes é denunciado em 23:11. O pecado deles é o pior de todos, pois lhes foi confiada a palavra do Senhor. Eles deviam ensinar a lei, e não passar por cima dela! O NT condena com veemência a hipocrisia dos que fingem conhecer a palavra de Deus e até a ensinam, mas deliberadamente a desobedecem no dia-a-dia (Rm 2:18-23).

Caminhos *escorregadios* aguardam os servos negligentes (23:12; cf. Sl 35:6; 73:18; Pv 11:5; 29:1). Não serão caminhos agradáveis de trilhar e terminarão em *escuridão*, característica associada ao Dia do Senhor, que é um dia de juízo (Jl 2:2; Am 5:18,20; Sf 1:15; 2Pe 2:4).

**23:13-15 Dois grupos de profetas**

Jeremias prossegue e compara os profetas de Judá aos profetas de Samaria, a capital do Reino do Norte, mais conhecido como Israel. Os profetas de Samaria praticavam a adoração idólatra e outras abominações (1Rs 16:32; 2Rs 13:6; Am 8:14; Mq 1:5-7). O pior crime deles foi terem abandonado o Senhor para se tornar profetas de Baal (23:13). Esses profetas foram varridos pela invasão assíria de Israel em 721 a.C.

Infelizmente, os profetas de Jerusalém não aprenderam nada com o destino de seus predecessores e se comportam de maneira ainda pior que os profetas de Samaria. São adúlteros que praticam e incitam a mentira (23:14). Sua atitude é um incentivo para que os outros continuem a viver em pecado. Eles não fazem nada para levar seus compatriotas a abandonar o pecado e são comparados ao povo de *Sodoma e Gomorra*, considerados os mais pecadores (Gn 18:20-21; cf. Is 3:9; Lm 4:6; Ez 16:46-49). Os nomes dessas cidades se tornaram sinônimo dos piores infortúnios e dos castigos mais terríveis (49:18; 50:40; cf. Gn 19:24-25; Dt 29:23; Is 1:9; 13:19; Am 4:11; Sf 2:9).

O resultado dos pecados dos profetas e sacerdotes é que o Senhor dará a eles *absinto* para comer e *água venenosa* para beber (23:15; cf. 8:14; 9:15).



### 23:16-22 Falsas visões

Jeremias agora enfatiza as falsas visões dos falsos profetas (23:16). O *SENHOR dos Exércitos* adverte os judeus de não ouvirem esses profetas porque a mensagem deles não provém de Deus. Eles mesmos as inventam (14:14). A prova é que estão proclamando que o Senhor dará *paz* a um povo que vive abertamente de modo contrário à sua lei (23:17). Eles até prometem que *não virá mal sobre* aqueles cujo coração está endurecido e que não ouvem nem obedecem a Deus. Esses profetas desviam o povo, talvez para esconder os próprios erros.

Todavia, eles não têm acesso às profundezas do pensamento de Deus, pois nunca estiveram *no conselho do SENHOR* (23:18), ou seja, no lugar em que Deus toma suas decisões e apresenta seus planos, o centro das deliberações divinas. O pensamento divino é profundo demais para o ser humano penetrar (cf. Is 40:28; 1Co 2:16). Os que afirmam falar em nome dele, mas não o escutam, estão limitados à mentira e ao engano.

Uma resposta parcial à pergunta feita em 23:18 é encontrada em 23:20. Os profetas que declaram falar em nome do Senhor não foram enviados por ele (14:14-15; 23:32). Com isso, entendemos que o verdadeiro profeta é alguém enviado pelo Senhor e a quem o Senhor Deus falou; alguém em cuja boca o Senhor pôs suas palavras (1:9; Ez 2:8—3:3). Entretanto, a mensagem autêntica é ouvida apenas no conselho divino, ou seja, na mais íntima e genuína comunicação com o Senhor. Se esses profetas estivessem de fato na presença de Deus, anunciariam a palavra do Senhor. A pregação deles deveria reforçar a mensagem de Jeremias, e o povo por certo já se teria arrependido e mudado o modo de viver (23:22). Essas palavras nos lembram que a palavra de Deus transforma o ser humano. Os pregadores e os métodos que eles utilizam não podem fazer isso por si mesmos. A palavra verdadeiramente transformadora tem de vir do Senhor.

O castigo que o Senhor aplicará aos profetas infiéis é declarado em 23:19-20 e repetido em 30:23-24. Ele deixa claro que nada aplacará sua ira, a qual seguirá o curso determinado (Is 14:27). Nos *últimos dias*, o povo perceberá que a promessa de paz dos falsos profetas não se cumpriu. Os “últimos dias” não significam necessariamente o fim do mundo (23:20). Trata-se de um tempo que não tardará a chegar, quando as profecias de Jeremias serão cumpridas e o povo finalmente compreenderá o que ele está falando.

### 23:23-32 Sonhos versus palavras de Deus

A quarta parte desta seção contrasta os sonhos dos falsos profetas com as palavras verdadeiras do Senhor. Começa com a pergunta de 23:23, que pode ser interpretada de várias maneiras. Alguns acreditam que o Senhor está declarando não ser uma divindade local, manipulável conforme a vontade humana, mas o Deus de todo o universo, que se revela a quem quer revelar-se. Outros acreditam que o

Senhor afirma aqui sua capacidade de estar presente em todos os lugares e por isso vê tudo o que acontece, seja perto, seja longe. Outros ainda veem nesses versículos uma referência ao tempo. Assim, o Senhor estaria afirmando que é o Deus do presente imediato e também o Deus da eternidade (Dt 32:17).

A onipresença do Senhor é afirmada em 23:24. Ninguém pode esconder-se do Senhor (cf. Sl 11:4; 14:2; 139:7-12). Sua presença preenche a terra e o céu, o universo que ele mesmo criou (Êx 31:17; Js 2:11; 1Cr 16:30; Sl 33:6,13; Hc 3:3). O Deus onipresente ouviu tudo o que foi dito pelos profetas que falsificaram sua mensagem (23:25).

Em Números 12:6, o Senhor afirma que ele se revelaria e falaria aos seus profetas em uma visão e em sonhos. Os falsos profetas por certo tinham essa promessa em mente quando declararam ter tido um sonho, mas o sonho não veio do Senhor. Por isso, o Senhor pergunta por quanto tempo as *mentiras* e o *engano* dos falsos profetas continuarão. As mentiras provêm do *coração* deles (23:26). O coração corrupto não pode produzir nada além de ideias corruptas (Mt 12:34; Tg 3:11).

Os falsos profetas mantêm uma atitude que herdaram de seus predecessores (23:27). Assim como os profetas de Samaria afastaram o povo do Senhor, induzindo-o a adorar Baal, os profetas de Judá querem levar o povo para longe do Senhor.

O Senhor usa uma metáfora para mostrar a diferença entre as palavras mentirosas dos falsos profetas e as palavras do verdadeiro profeta (23:28). As primeiras são como *palha* — leve e sem valor (13:24; Jó 21:18; Ml 3:18); as últimas são como *trigo* — o que há de mais importante na plantação (Lc 3:17).

Dois símiles são usados em relação à palavra do Senhor (23:29). Ela é como *fogo* (cf. 5:14; 20:9). O fogo tem a capacidade de revelar a verdadeira natureza das coisas (1Co 3:12-13) e serve para purificar (Zc 13:9). A palavra do Senhor é também considerada *um martelo que esmiúça a penha*, a união de poder e eficácia. Desde o início do ministério de Jeremias, o Senhor vem dizendo que vela para que sua palavra se cumpra (1:12). Esse cumprimento é a prova de que a mensagem de Jeremias é uma palavra profética autêntica (Dt 18:21-22). Muito tempo depois de Jeremias, o autor da epístola aos Hebreus declarará que a palavra de Deus é “viva, e eficaz”. Ela julga as intenções humanas e seus mais profundos segredos (Hb 4:12; cf. tb. Jo 12:48; 1Ts 2:13).

Em 23:30-31, o Senhor repete sua forte oposição aos falsos profetas, que alteram sua palavra. Essa mesma oposição é registrada em 14:15. A palavra de condenação é salientada pela combinação de duas expressões: *Eis que eu sou contra...* e *diz o SENHOR*, prova de que tudo que é dito aqui é de grande importância. Observamos a mesma construção em 23:32, que conclui essa subseção e repete o que foi dito em 23:25-26. Ela enfatiza continuamente o argumento de que os falsos profetas não foram enviados pelo

Senhor. Consequentemente, tudo o que eles dizem é falso e pode levar o povo a se desviar. Profetas desse tipo causam grande estrago entre o povo de Deus.

### 23:33-40 A ameaça do Senhor

A última parte dessa seção é construída com um jogo de palavras no hebraico. A palavra hebraica *massa* significa “peso” e “sentença”. É usada no sentido de “oráculo” em muitas passagens bíblicas (Is 13:1; 14:28; 15:1; 17:1; 19:1; 23:1; Zc 12:1; Ml 1:1).

Jeremias é informado de que, quando alguém (um profeta, um sacerdote ou um cidadão comum) lhe perguntar: *Qual é a sentença pesada do SENHOR?*, deve responder que o “peso” do Senhor é aquele que ele rejeitará, ou: *Vós sois o peso, e eu vos arrojarei* (23:33). São muitas as declarações falsas feitas por falsos profetas, de maneira que o Senhor não quer mais que ninguém diga *Sentença pesada do SENHOR*. Na verdade, quem disser essas palavras e fingir anunciar o oráculo do Senhor será punido, com toda a sua família (23:34). O que eles precisam fazer é procurar compreender o que o Senhor disse realmente (23:35). Para tanto, devem escutar o verdadeiro profeta (33:3; 42:4), em vez de fingir que são profetas, quando é evidente que não foram enviados por Deus.

Os que arriscam dizer “Sentença pesada do SENHOR” descobrirão que o oráculo que proclamam se tornará seu fardo, pois o falso profeta nunca pára de distorcer o significado da palavra do Senhor (23:36; At 13:10; 2Pe 3:16). Ele não compreende nada do que o Senhor diz, e tudo o que deseja é se fazer ouvir.

A ideia expressa em 23:35-36 é repetida em 23:37-38. Trata-se de uma proibição formal. Ninguém mais deve dizer “Sentença pesada do SENHOR”. Qualquer um que insistir em falar no nome do Senhor, sem ter recebido uma mensagem dele, será esquecido e expulso da presença divina (23:39). Não apenas tais profetas serão rejeitados, mas também a herança que o Senhor lhes deu.

A seção sobre os falsos profetas é concluída com uma terrível mensagem: o Senhor fará recair *perpétuo opróbrio e eterna vergonha* sobre os que insistirem nos falsos oráculos (23:40). O que torna esse castigo aterrorizante é sua duração: ele será eterno. Vergonha e humilhação serão a herança dos ímpios e dos injustos, particularmente dos que se afastaram do Senhor para adorar os ídolos (6:15; 20:11; 48:13; Is 42:17; 44:9,11).

### 24:1-10 A visão de dois cestos de figos

O contexto histórico da visão dos cestos de figos é a primeira deportação do povo de Judá, em 597 a.C. (cf. 2Rs 24:10-17). A cidade de Jerusalém foi sitiada pelos babilônios, e Nabucodonosor em pessoa veio comandar o ataque. Jeconias, o filho e sucessor de Jeoaquim, rendeu-se aos atacantes e foi deportado para a Babilônia, com sua mãe, seus oficiais e os dignitários do reino. Nabucodonosor tam-

bém levou grande número de artesãos e homens capazes de lutar.

Alguns tempo depois desses acontecimentos, Jeremias teve uma visão (24:1), em situação semelhante à das duas primeiras visões que ele teve imediatamente após seu chamado para o ministério de profeta (1:11,13). O que temos aqui não são oráculos (mensagens dirigidas ao profeta), e sim imagens que lhe são reveladas. A mensagem flui do que o profeta está vendo. Nesse caso, ele vê *dois cestos de figos*, mas a qualidade dos figos em cada cesto é muito diferente. Um cesto contém figos belos e saudáveis, mas os figos do outro cesto são tão ruins que não podem ser comidos (24:2; 29:17). Os figos são os frutos da figueira, tantas vezes mencionada na Bíblia. Aquele que cuida da figueira come de seus frutos (Pv 27:18). Mateus e Marcos relatam o incidente em que o Senhor amaldiçoa uma figueira (Mt 21:19-20; Mc 11:13-14). Lucas conta a parábola da figueira (Lc 21:29-30). João informa que Natanael estava sentado debaixo de uma figueira quando Filipe o chamou (Jo 1:48).

A pergunta do Senhor a Jeremias em 24:3 é exatamente a mesma de 1:11,13. Convém observar a importância da observação do profeta. O ministério profético não é apenas uma questão de repetir palavras, como muitos consideram hoje em dia. Envolve todas as habilidades do profeta. Significa olhar deliberadamente para poder enxergar. Não é à toa que o profeta era chamado de “vidente” (1Sm 9:9). O profeta precisa olhar para compreender. Precisa usar sua inteligência para conseguir comunicar-se.

O que Jeremias entende da visão é muito claro. Os figos bons são excelentes, e os estragados são muito ruins. Depois de ter visto isso, o profeta recebe a mensagem que explica o que lhe foi mostrado (24:4).

Os figos bons representam os judeus deportados para a Babilônia (24:5). O Senhor anuncia que ele olhará para os exilados de modo favorável, assim como alguém tem prazer em olhar para figos bons (24:6). Essa atenção favorável aos exilados levará a uma ação específica: o Senhor trará os exilados de volta à terra natal. Mais uma vez, são mencionados os verbos que caracterizam o ministério de Jeremias (1:10). Quatro deles são repetidos aqui, e a ênfase recai nos aspectos positivos: edificar e plantar, e não destruir e arrancar. A nação será novamente edificada e plantada.

As palavras de 24:7 estão associadas a um dos temas importantes do livro de Jeremias, bem como do livro de Ezequiel: a nova aliança. No cerne da nova aliança, está a dádiva de um coração disposto a conhecer ao Senhor (cf. tb. 31:31-32; Ez 11:19; 36:26). É no coração que se verifica a existência do conhecimento de Deus (cf. Dt 5:29). É com o coração que buscamos ao Senhor ou nos recusamos a fazê-lo (2Cr 11:16). A nação será o povo do Senhor, e o Senhor será seu Deus, declaração característica da aliança entre o Senhor e seu povo (30:22; 31:33; 32:38; Ez 11:20).



Entretanto, é importante observar que essa promessa também requer que eles voltem *para mim de todo o seu coração* (24:7). O Deus de Israel não quer que seu povo o ame apenas com parte do coração ou com um coração dividido (1Cr 28:9; 29:9; Os 10:2; 1Co 7:37). Devemos pertencer a Deus de todo o coração. Se o coração não é inteiramente do Senhor, então não é dedicado a ele.

Os figos estragados representam Zedequias, tio e sucessor de Joaquim, os que o servem, a população restante na Judeia e todos os que pensaram ser uma boa ideia refugiar-se no Egito (24:8; 42:13-17; 44:12-14). Eles não apenas serão amaldiçoados, mas se tornarão fonte de maldições para outras pessoas e nações (24:9-10). Serão insultados e se tornarão alvo de zombaria das outras nações. Além disso, enfrentarão a guerra (Lv 26:25,33; Ez 32:11), a fome e as pragas (14:12; 15:2; 27:8; Ez 5:17; 28:23). Essas calamidades irão levá-los para longe, e nenhum deles permanecerá na terra que o Senhor lhes deu.

### 25:1-14 Setenta anos de cativo

Alguns teólogos consideram que o texto de 25:1-14 corresponde ao conteúdo do pergaminho que Jeremias ditou a Baruque, seu secretário, em 605 a.C. (25:1; cf. 36:1-4). O fato de as palavras serem datadas do quarto ano do reinado de Joaquim parece apoiar essa teoria, pois foi no mesmo ano que esse pergaminho foi lido para o rei, que o queimou (36:1-26; mais tarde, o pergaminho foi reescrito; cf. 36:27-32). Entretanto, uma vez que o pergaminho contém tudo o que o Senhor revelou a Jeremias durante seus vinte e três anos de ministério (36:2), essa seção só pode representar parte do pergaminho.

A seção inicia com um sumário do ministério de Jeremias, desde a época de seu chamado ao ofício profético até o vigésimo terceiro ano de seu ministério (25:1-3). Durante esse longo período, Jeremias nunca deixou de proclamar a palavra do Senhor a Judá. Que exemplo de fidelidade e perseverança! Vinte e três anos de pregação da mesma mensagem, para um público que se recusava a ouvir! Poucos missionários ou pregadores hoje em dia teriam essa persistência. Depois de um ou dois anos de ministério infrutífero, muitos deles começam a questionar seu chamado e tudo mais. Em nosso mundo, no qual as estatísticas são da maior importância, Jeremias nos ensina que o verdadeiro sucesso no ministério não é medido por resultados visíveis, e sim pela fidelidade com que o servo do Senhor cumpre a tarefa que lhe foi confiada.

Apesar de Jeremias ter perseverado em proclamar sua mensagem, o povo não o escutava, ou seja, recusava-se a obedecer. Jeremias não foi o primeiro profeta que o Senhor enviou para falar ao povo (25:4; cf. 2Cr 36:16; Is 48:16). Na verdade, ele lhes enviou profetas *começando de madrugada* (cf. tb. 25:3), palavras que em hebraico significam literalmente “levantar cedo para fazer alguma coisa”. Não somente o idioma insinua que a mensagem foi repetida,

mas também dá testemunho de sua importância. Quando alguém levanta cedo pela manhã para fazer algo, dedica a essa tarefa absoluta prioridade. Por isso, em muitas culturas africanas, os negócios importantes e os assuntos familiares são discutidos pela manhã.

O fato de a palavra do Senhor ter sido proclamada regularmente enfatiza a culpa do povo, que nunca se dignou ouvi-la. Trata-se de um povo obstinado, que tapa os ouvidos para não ouvir a mensagem de Deus. Essa atitude é representada no AT pela expressão “dura cerviz” (Êx 32:9; 33:3,5; 34:9; 2Rs 17:14). A Bíblia contém várias advertências contra esse tipo de teimosia (cf. Sl 32:9; 78:8; Is 46:12; 48:4).

A mensagem dos profetas anteriores a Jeremias é resumida em 25:5. Eles insistiam em que o povo mudasse radicalmente de comportamento e abandonasse as práticas condenadas pelo Senhor (Is 1:10-20). É o que a Bíblia quer dizer quando convoca ao arrependimento (Ez 33:11; Jl 2:12; Mt 3:2; At 3:19; 8:22; 17:30). O chamado para retornar ao Senhor é acompanhado de uma promessa. Os que se comprometerem em amar e obedecer somente ao Senhor viverão em segurança na terra que ele lhes deu (Êx 20:3-5).

Os que estão comprometidos com o único Deus verdadeiro devem demonstrar seu comprometimento de maneira prática, recusando-se a praticar a idolatria (25:6; 1Ts 1:9; 1Jo 5:21). Fabricar ídolos e prestar culto a qualquer divindade que não seja o Senhor faz acender a ira divina (8:19; Is 42:8). Essa ira não deve ser interpretada como a reação frustrada de alguém que foi abandonado. Não, o Senhor se enfurece com a idolatria porque sabe que os ídolos são inúteis e não podem fazer nada para ajudar os que dependem deles (10:14; cf. tb. Is 42:17; 44:9; 45:16,20; At 14:15). Assim como o versículo anterior, esse também encerra com uma promessa: o Senhor concederá sua graça àqueles que abandonarem a idolatria.

Apesar desse apelo, eles não ouviram a voz do Senhor (25:7). Em vez disso, seu comportamento provocou a ira de Deus (Nm 14:11; Dt 9:7; 31:20; Ed 5:12). O povo contribuiu, portanto, para o próprio infortúnio (44:8). As calamidades que lhes sobrevirão estão discriminadas na longa lista que segue 25:8.

Os instrumentos do julgamento de Deus serão as *tribos do Norte* e *Nabucodonosor*, rei da Babilônia. Não é à toa que o inimigo do povo de Deus é também considerado um *servo* (25:9a; 27:6). Há referências similares em relação aos assírios, em Isaías 10:5, e Ciro também é considerado um servo do Senhor (Is 41:2; 45:1).

Os babilônios não atacarão apenas Judá, mas também os países vizinhos (25:9b). Essa mensagem provavelmente visa deixar os judeus cientes de que não receberão nenhuma ajuda de seus aliados (22:20,22).

A palavra traduzida por “destruirei” em 25:9c é a mesma utilizada quando algo é consagrado ao Senhor (Lv 27:28). Pode ser usada para seres humanos (Dt 7:1-2), animais ou

cidades (Dt 2:34). Qualquer ser humano que fosse consagrado ao Senhor tinha de ser morto (Lv 27:29; Dt 13:15-16). A única exceção eram os primogênitos, que eram libertados por meio de um resgate (Êx 13:2,12-15). O pronunciamento de que Judá e seus vizinhos serão dessa maneira consagrados ao Senhor mostra a extensão da tragédia que se abaterá sobre eles. O país e as nações vizinhas ficarão desolados e serão motivo de escárnio de todos os povos (18:16).

Todo *folgado* e toda *alegria* desaparecerão de Judá (25:10). Não haverá mais eventos comuns de celebração, como festas, noivados e casamentos (cf. tb. Lm 5:15). Não haverá mais a rotina diária de colher grãos para alimentar a família nem de acender lâmpadas. A luz que simboliza a vida foi apagada.

Esses tempos difíceis durarão *setenta anos* (25:11). Alguns veem aqui uma figura de linguagem, já que a dominação babilônica e o exílio duraram apenas 67 anos, se contarmos desde a primeira deportação dos judeus, em 605 a.C., até a conquista dos babilônios pelos medos e persas, em 539 a.C. Entretanto, se considerarmos a época em que os primeiros exilados retornaram para Jerusalém, completaremos os setenta anos (536 a.C.).

Daniel estava ciente da profecia segundo a qual o exílio duraria setenta anos. Ele diz que tomou conhecimento disso após ter lido a profecia de Jeremias (Dn 9:2). Seu exemplo nos lembra que os profetas não trabalham isoladamente, mas exercem seu ministério à luz do ministério de seus predecessores. Assim como Daniel, os outros profetas liam os escritos dos que vieram antes deles, quando tinham acesso a esses documentos. Essa atitude demonstra sabedoria e humildade. Existe sabedoria em procurar entender como o Senhor usou os que já se foram e por que eles foram bem-sucedidos ou não em seu ministério. Existe humildade na firme convicção de que não conhecemos tudo e de que precisamos aprender com os outros. Muitos jovens servos de Deus, especialmente os que são bem preparados em termos de treinamento intelectual, poderão beneficiar-se dessa lição. A formação que recebemos nos seminários teológicos ou o fruto que Deus nos dá nos primeiros meses de nosso ministério não nos isentam de ouvir os que serviram antes de nós.

Assim que se completarem os setenta anos, o Senhor porá termo à dominação babilônica e ao exílio (25:12). Ele punirá os babilônios, da mesma forma que puniu Judá. Os babilônios, como os assírios antes deles, pecaram por não reconhecer que estavam extrapolando o castigo que o Senhor programara para seu povo (Is 10:6-7). Eles ultrapassaram o que lhes fora permitido, em busca da satisfação de seus desejos e interesses egoístas (Zc 1:12-15). Por isso, o país deles também será destruído.

Em 25:13, Deus confirma todas as profecias proclamadas contra a Babilônia no livro de Jeremias. A profecia de 25:14 cumpriu-se em 538 a.C, quando os medos e persas destruíram o Império Babilônico. No ano seguinte, Ciro

deu permissão para que os judeus retornassem a sua terra (29:10; 2Cr 36:22-23; Ed 1:1; Dn 9:2).

### 25:15-38 Profecias contra as nações

Uma das maiores diferenças entre o antigo texto grego de Jeremias na Septuaginta e o texto hebraico ocorre neste ponto. Na Septuaginta, 25:13 é seguido das profecias contra as nações pagãs, registradas nos capítulos 46 a 51 em nossas Bíblias. Este comentário seguirá o texto hebraico, anunciando aqui uma seção profética contra as nações pagãs que será registrada mais tarde (46—51). Isso nos lembra o alcance universal do ministério profético de Jeremias, conforme predito na época de seu chamado (1:5,10).

Quem está falando a Jeremias é o *Deus de Israel* (25:15), com frequência denominado *SENHOR dos Exércitos* ou, como na NTLH, “Senhor Todo-Poderoso” (25:27,28,29,32; cf. tb. 2:19; 5:14; 6:6; 7:3,21; 8:3).

O Senhor entrega a Jeremias o cálice de sua ira, que é o símbolo do juízo divino. Esse cálice é mencionado não somente no livro de Jeremias, mas também em Isaías 51:17, Lamentações 4:21, Ezequiel 23:32-34 e Habacuque 2:16. Jeremias deve oferecer o cálice a todas as nações às quais for enviado, a fim de que bebam do cálice e enfrentem as consequências de bebê-lo (25:16). O profeta obedece à ordem do Senhor (25:17).

O julgamento começa na própria cidade do Senhor, Jerusalém, e algumas outras cidades de Judá (25:18). Os reis e seus oficiais estão incluídos, e o castigo é declarado nos mesmos termos de 25:9. A expressão *como hoje se vê* pode indicar que a profecia começa a se cumprir enquanto Jeremias escreve essas palavras. Entretanto, alguns comentaristas sugerem que a expressão foi acrescentada por um escriba depois que a profecia se cumpriu.

O cálice de julgamento é em seguida oferecido ao Egito e a Faraó, seu rei, e também a toda a sua população (25:19; 46:2-28; cf. tb. Is 19—20; Ez 29—32). O castigo também recairá sobre todo *misto de gente* (estrangeiros) que vive no Egito para se beneficiar de suas riquezas, especialmente suas riquezas agrícolas (25:20a).

Muitos outros lugares são mencionados em 25:20b: *Uz*, situada a leste do Jordão (Jó 1:1; Lm 4:21); *Asquelom*, *Gaza*, *Ecrom* e *Asdode*, quatro cidades que pertenciam aos *filisteus* (cf. Js 13:3; Am 1:8). Por algum motivo, a quinta cidade dos filisteus, *Gate*, é omitida na lista. Os historiadores acreditam que a cidade de Asdode foi derrotada e destruída por Faraó Psamético I, pai de Faraó Neco, depois de um cerco que durou quase trinta anos.

*Edom*, *Moabe* e *Amom* (cf. tb. 48:1—49:22), bem como os *reis de Tiro* e *Sidom*, são mencionados em 25:21-22. Em Jeremias 27, o profeta dirige um oráculo aos embaixadores dessas nações que vieram visitar Zedequias em Jerusalém. A mensagem pode ser assim resumida: embora essas nações se oponham à Babilônia, serão derrotadas. Alguns consideram que as *terras além do mar* sejam a ilha de Chipre.



Em 25:23-24, o juízo divino recai sobre os reis da região desértica do norte da península Arábica: *Dedã* (Gn 10:7), *Tema* (Gn 25:15) e *Buz* (Gn 22:21). Algumas versões, como a RA, acrescentam a frase: *e todos os que cortam os cabelos nas têmporas*. Na NVI, essa frase só é mencionada no rodapé (cf. tb. 9:26). O corte mencionado aqui está provavelmente relacionado à nota sobre 9:26, em que é sugerida a vinculação a uma prática relacionada à idolatria.

A localização de *Zinri* é desconhecida (25:25), *Elão* (Ez 32:24) e a *Média* estão situados a nordeste da Babilônia. Os elamitas estavam entre as nações presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes (At 2:9).

Finalmente, são citados *todos os reis do Norte* (25:26a; cf. tb. 25:9; 50:9). Em resumo, a mensagem é dirigida a *todos os reinos do mundo sobre a face da terra*. A última pessoa a beber do cálice da ira do Senhor será o *rei da Babilônia* (25:26b; 51:41).

Depois de mencionar todos os que receberão a mensagem profética, o texto apresenta agora o conteúdo da mensagem em si. Eles devem beber o cálice da ira do Senhor, que os deixará embriagados, de maneira que irão vomitar e cair, sem poder se levantar outra vez (25:27). As nações não têm escolha: todas terão de beber o cálice (25:28).

Como já vimos, o juízo divino começa por Jerusalém, a cidade do Senhor (25:29,18). Pedro manifesta conceito semelhante em 1Pedro 4:17. O julgamento que começa pelo próprio povo de Deus prova a justiça do Senhor. Ele primeiro chama para prestar contas os que alegam pertencer-lhe, antes de seguir em frente e tratar do caso dos que não lhe deram atenção e não podem ser inocentados (Êx 20:7; Nm 14:18).

O texto lembra as profecias de Joel e Amós, pois apresenta o Senhor rugindo como um leão, em 25:30 (cf. Jl 3:16; Am 1:2). O rugido é dirigido contra seu povo, mas o estrondo da voz do Senhor chega até a *extremidade da terra* (25:31), o que faz muito sentido porque o Senhor pretende julgar todas as nações (Jl 3:2). Ele informa que o *mal passa de nação para nação, e grande tormenta se levanta dos confins da terra* (25:32; 2Cr 15:6; Is 34:1-2). O furacão de intensidade crescente simboliza a ira vindoura e o juízo divino (30:23; Is 17:13; 29:6; 41:16; 66:15).

Mais uma vez, a ausência de funerais para as vítimas da catástrofe é acrescentada ao terror (25:33). Os que forem mortos não serão lamentados nem sepultados. Em vez disso, os corpos *se estenderão de uma a outra extremidade da terra*, onde entrarão em decomposição e se tornarão *como esterco* (cf. 16:4,6; 22:18; 34:20). Hoje, nos países africanos em guerra (e também em outros), essa cena é vista com frequência. Corpos em decomposição podem ser vistos em toda parte, porque ninguém tem tempo ou disposição para sepultá-los.

Diante da catástrofe iminente, ordena-se aos líderes do povo que comecem a lamentar (25:34a; 6:26). No AT, e também hoje em muitas regiões da África, é comum ver nos funerais o cumprimento da ordem: *Uivai, clamai e revolvei-*

*vos na cinza*. Contudo, são raros os líderes que lamentam seus erros dessa forma, e, se os líderes estão fazendo isso, é porque a situação do país é desesperadora.

Os líderes do povo devem chorar por si mesmos, pois *já se cumpriram os vossos dias de matardes*, e agora eles serão dispersos. Além disso, se não lamentarem por si próprios, ninguém o fará (25:33). A queda deles é comparada a *jarros preciosos* que caem e se quebram em tantos pedaços que ninguém pode consertá-los (25:34b).

Os líderes do povo não terão chance de escapar ao castigo. Não encontrarão lugar para se esconder nem haverá quem os proteja (25:35). Tudo o que poderão fazer é chorar amargamente por seu país — seu *pasto* — que será destruído pelo Senhor (25:36). Não restará nada vivo no que foi antes um abundante pasto, pois a poderosa ira do Senhor varreu tudo (25:37). Ele abandonou sua terra e a destruiu completamente. Sua ira não deixou nada intacto: tudo é desolação e ruína (4:7; Os 5:14).

### 26:1-24 Oráculo para o templo

O oráculo (26:1-24) para o templo data do início do reinado de Jeoaquim, que governou Jerusalém de 609 a 598 a.C. (2Rs 24:1-7; 2Cr 36:5-8).

Esta seção relativamente longa pode ser dividida em quatro partes principais: o Sermão do Templo (26:1-6), a prisão de Jeremias (26:7-16), a defesa dos anciãos da cidade (26:17-19) e a execução do profeta Urias (26:20-23). É possível que 26:24 deva ser posicionado logo após 26:19.

#### 26:1-6 O sermão do templo

O Senhor pede que o profeta permaneça no *átrio* do templo para proclamar a mensagem a todos os passantes, oriundos tanto de Jerusalém quanto de todas as outras cidades de Judá (26:1-2). Jeremias recebeu uma missão semelhante no passado, mas na época a ordem era para ficar à porta do templo (7:2). Dessa vez, Jeremias não se dirigirá apenas aos passantes, mas aos que estão vindo adorar ao Senhor. O profeta deve anunciar fielmente toda a mensagem, sem omitir uma palavra.

O Senhor anseia por ver seu povo levar sua palavra ao coração de modo que abandone o pecado (26:3). O Senhor não tem prazer em punir seus filhos (Lm 3:33). Quando fala de julgamento, é sempre com a esperança de que o povo compreenda a gravidade de seus pecados, renuncie a todo mal e volte para ele. Se eles se arrependerem, o Senhor retirará o castigo. Deus sempre mostra grande amor e paciência quando apela a seu povo (Gn 18:32; Ne 9:30; At 17:30; Rm 2:4).

A mensagem a ser comunicada ao povo é um comovente pedido para que ouça as palavras que o Senhor confiou aos seus *servos, os profetas* (26:5a). O povo nunca esteve desinformado da vontade do Senhor. Ele a revelou por meio de servos enviados e também por meio da lei (26:4; 11:8; Êx 20; 1Rs 9:6). Os profetas foram enviados a Judá *começando*

de madrugada (26:5b; 7:13,25; 11:7; 25:3-4), mas o povo não os ouviu. Se o povo continuar recusando-se a obedecer à palavra do Senhor, ele destruirá o templo, assim como amaldiçoou o santuário em Siló, a casa da arca da aliança (26:6; cf. tb. 7:12,14; 1Sm 4:10-11). A catástrofe em Siló foi tão chocante e a tristeza que causou foi tão grande que o povo de Judá evitava falar no assunto. O fato de Salmos 78:60 e o livro de Jeremias serem os únicos lugares da Bíblia nos quais esse fato é mencionado parece confirmar essa ideia.

### 26:7-16 A prisão de Jeremias

As palavras de Jeremias são ouvidas pelos líderes religiosos (os sacerdotes e os profetas) e por aqueles que vinham adorar no templo em Jerusalém (todo o povo). Todos ouviram a Jeremias, quando proferia estas palavras (26:7). A presença dos profetas nessa audiência confirma que Jeremias não é o único a exercer um ministério profético na época. A presença deles no templo provavelmente indica que alguns estavam intimamente associados com esse centro de adoração.

Assim que Jeremias finaliza seu sermão, é capturado por seus ouvintes, que exigem sua morte (26:8; 11:19; Am 5:10; Mt 27:20). Eles o acusavam de ser hostil ao templo e à cidade de Jerusalém (26:9). Essa acusação sugere que eles ouviram apenas a parte ameaçadora da mensagem. Não parecem ter compreendido que o Senhor lhes está dando a oportunidade de escapar do destino que Siló sofreu. Eles estavam preocupados apenas com o que iria acontecer ao templo (as consequências), sem pensar a respeito ou compreender por que iria acontecer (a causa), que era de fato o ponto mais importante. Eles precisavam saber por que estão em perigo, bem como o que precisariam fazer para evitar o cumprimento dessa ameaça.

As pessoas hoje não são muito diferentes do povo da época de Jeremias. Apressamo-nos em encontrar a solução dos problemas, sem parar para analisar e descobrir as causas. Precisamos aprender a procurar as causas do que acontece em nossa vida pessoal e na vida da nação.

Notícias do alvoroço no templo chegam enfim aos líderes políticos (26:10a). Eles imediatamente deixam o palácio e vão ao templo investigar o tumulto. Assentam-se em seus lugares na porta do templo chamada *Porta Nova* (26:10b; 36:10), provavelmente a mesma Porta de Cima, mencionada em 2Reis 15:35, e perguntam o que aconteceu. Os líderes políticos adotam uma atitude mais sábia e controlada que a dos líderes religiosos e da multidão de adoradores. Eles querem ouvir e compreender a situação antes de decidir qualquer coisa.

As atitudes diferentes dos religiosos e dos políticos nos faz lembrar dos fatos relacionados à paixão de Cristo. Uma grande multidão de religiosos e seus líderes pediam sua morte, enquanto Pilatos, um líder político, parou e questionou Jesus para descobrir se as acusações contra ele eram realmente legítimas. Pilatos descobriu que Jesus não era culpado de crime algum (Mt 27:22-25; Lc 23:4).

Depois de relatar sua versão dos fatos, os sacerdotes e profetas mais uma vez pedem a pena de morte para Jeremias, por ele ter profetizado contra a cidade de Jerusalém (26:11; 38:4; cf. tb. Mt 26:66). Curiosamente, não mencionaram mais ameaça alguma contra o templo, apenas contra a cidade. Estariam mudando o foco para o aspecto político, na tentativa de persuadir os líderes políticos a concordar com eles e a executar Jeremias? É bem provável. Outra vez, deparamos com o padrão de julgamento semelhante ao de Jesus, em que seus acusadores tentam persuadir as autoridades romanas de que a declaração feita por Jesus de ser o Rei dos judeus fazia dele um perigoso agitador, um rebelde que deveria ser executado para manter a paz social (Mt 27:11).

Até aqui, Jeremias não tinha reagido a seus acusadores. Agora ele fala, mas não para implorar por sua vida diante dos que querem sua morte. Ele simplesmente diz que o Senhor o enviou para entregar a mensagem que havia transmitido (26:12). Ele pede aos ouvintes que mudem seu modo de viver, que passem a se portar com honestidade e justiça (26:13). Se ouvirem a voz do Senhor e obedecerem, o Senhor suspenderá a decisão de destruir o templo, a cidade e seus habitantes.

Jeremias demonstra pouca preocupação com a própria vida (26:14). Tudo o que deseja é anunciar plena e fielmente a mensagem a ele confiada. O povo pode tratá-lo da maneira que quiser. Entretanto, ele lembra aos líderes políticos e religiosos e também ao povo reunido no templo que, se decidirem tirar sua vida, serão culpados de derramar sangue inocente e enfrentarão o juízo divino (26:15; 7:6; 22:3; 2Rs 24:3-4).

Jeremias se mostra corajoso nesse episódio e prova para si mesmo que é um verdadeiro profeta do Senhor, não mais apegado à própria vida, porém ansioso por servir ao Senhor Deus, seja qual for o custo. Ele exemplifica o que Jesus mais tarde identificará como uma das características do verdadeiro discípulo: a disposição de perder a vida e morrer para si mesmo a fim de poder seguir ao Senhor (Mt 10:38-39; 16:24-26). A atitude de Jeremias é semelhante à de Estêvão, no NT, que ora por seus perseguidores enquanto eles o apedrejam até a morte (At 7:59-60).

O exemplo de Jeremias desafia aqueles que servem ao Senhor hoje a examinar seus motivos para servir a Deus. Desejamos declarar plena e fielmente a mensagem que ele nos confiou, de acordo com nosso chamado? Ou tentamos adaptar nossa mensagem às atitudes de nosso público-alvo, favorecendo alguns, poupando outros? Tememos tanto por nossa vida e nossa reputação que não pregamos mais na íntegra a mensagem que nos foi confiada?

Depois de ouvir o relato dos líderes religiosos e o resumo da mensagem, da boca do próprio Jeremias, os príncipes e todo o povo chegaram à conclusão de que Jeremias dissera a verdade e o Senhor estava de fato falando por meio dele (26:16). Assim, os políticos e a multidão divergiram



dos sacerdotes e profetas e se recusaram a permitir que Jeremias fosse executado. O papel deles é similar ao de Gamaliel, membro do Sinédrio, no tempo dos apóstolos. Quando a multidão furiosa queria matar Pedro e os apóstolos, esse homem foi sábio o bastante para convencê-los de que o tempo revelaria a verdadeira natureza da ação dos apóstolos (At 5:17-42).

### 26:17-19 *Os anciãos defendem Jeremias*

Além dos líderes políticos, alguns anciãos da terra surgiram para interceder a favor de Jeremias e defender a mensagem profética (26:17). Esses homens baseiam sua causa no que aconteceu a *Miqueias*, que profetizou cerca de um século antes de Jeremias (Mq 1:1) durante o reinado de *Ezequias, rei de Judá* (26:18). É dito que Miqueias proclamou uma mensagem idêntica à que Jeremias acabara de declarar a respeito do templo e da cidade de Jerusalém (Mq 3:12). Essa harmonia entre profecias de diferentes épocas é sinal de que elas são confiáveis (Dt 13:2-5).

Miqueias também profetizou destruição, mas não foi morto pelo rei Ezequias nem pelo povo (26:19). Pelo contrário, Ezequias e seu povo reconheceram e aceitaram a palavra do Senhor. Arrependeram-se de seus pecados, e o Senhor não os puniu. Os anciãos do povo aprenderam com a experiência passada que um profeta não pode ser morto por convocar ao arrependimento. Em vez disso, as profecias devem ser ouvidas com atenção a fim de se verificar se vêm do Senhor. Se vierem, devem ser obedecidas (1Ts 5:20-21).

### 26:20-23 *A execução de Urias, o profeta*

O episódio da morte do profeta *Urias*, um homem que *profetizava em nome do SENHOR*, não deixa dúvida de que Jeremias enfrenta um perigo real (26:20). Urias era originário de *Quiriate-Jearim*, cidade próxima de Jerusalém (Js 15:60; 18:14; 1Sm 6:21). Esse profeta não é mencionado em nenhuma outra parte do AT. Somos informados de que ele pregou mensagem idêntica à de Jeremias. Quando Jeoaquim e sua corte ouviram a mensagem de Urias, quiseram silenciá-lo, matando-o (26:21). Amedrontado, o profeta fugiu para o *Egito*, mas não contava com a determinação assassina de Jeoaquim, que enviou um grupo para trazê-lo de volta (26:22). O rei então o matou. Seu corpo foi provavelmente jogado numa cova coletiva. Em todo caso, a ideia que nos é passada é de um sepultamento vergonhoso para o profeta (26:23).

### 26:24 *Jeremias é protegido por Aicão*

Quanto a Jeremias, ele acaba beneficiando-se da proteção de *Aicão, filho de Safã*, secretário do rei (26:24; 2Rs 22:3,9,10). Ele fazia parte da delegação que o rei Josias enviou para consultar o Senhor a respeito do conteúdo do livro descoberto no templo (2Rs 22:8-20). Em 39:14, outro membro da mesma família virá em socorro de Jeremias.

### 27:1-22 *Canzís no pescoço*

Existe uma dificuldade textual em 27:1. O hebraico tradicional diz que o nome do rei é Jeoaquim, porém outros manuscritos hebraicos e a versão em aramaico antiga dizem que o nome é *Zedequias*. Em todos os manuscritos, o nome *Zedequias* é usado na sequência do texto (27:3,12; 28:1). A RA então está correta ao interpretar 27:1 como uma referência a *Zedequias*.

O Senhor novamente pede que Jeremias faça uma dramatização profética, ou seja, encene um ato que ilustre a mensagem que deve ser comunicada (cf. tb. 13:1-14; 32:25; 43:9; 51:63-64). Ele agora deve fabricar algo que se pareça com os canzís que são colocados no pescoço dos bois para que sejam controlados no trabalho do campo e em outras tarefas (27:2). Jeremias deve colocar os canzís no próprio pescoço.

Essa dramatização profética visa os reis de *Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom*, cujos embaixadores estão em Jerusalém (27:3). Esses diplomatas estrangeiros talvez estejam tentando persuadir *Zedequias* a se juntar a eles numa revolta contra a dominação babilônica. O profeta deve transmitir-lhe a mensagem do Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel (27:4; 25:8; Is 1:9).

A mensagem de Jeremias começa com uma declaração da soberania do Senhor (27:5), para lembrá-los de que toda a criação — terra, pessoas, animais — pertence a ele (Ne 9:6; Sl 8:3; 33:6-9). Foi por meio do poder do Senhor que tudo veio à existência. Tudo pertence a ele, e ele dá o que lhe apraz a quem quiser. Por ser o dono de todas as coisas, o Senhor diz aos representantes dos reis que ele subjugou seus países a *Nabucodonosor, rei da Babilônia*, a quem o Senhor novamente chama de *meu servo* (27:6; cf. tb. 25:9; 43:10). Tudo será entregue nas mãos de Nabucodonosor, até mesmo os animais.

Todas essas nações terão de servir a Nabucodonosor, depois ao seu filho *Evil-Merodaque* e finalmente ao seu neto *Belsazar* (27:7; 2Cr 36:20; Dn 5:22). Esse detalhe é uma indicação precisa do tempo da dominação babilônica. O Senhor especifica que ele mesmo usará *muitas nações e grandes reis* para dar fim à Babilônia. Essas palavras são uma clara referência a *Ciro* e seus aliados (25:14).

As nações são advertidas de não tentar escapar da dominação babilônica, simbolizada nos canzís usados pelo profeta (27:8). Qualquer um que recuse submeter-se será atingido por três calamidades: *espada, fome e peste* (21:7; 24:10), até ser completamente eliminado.

Os receptores da mensagem profética são exortados a não ouvir seus muitos profetas, adivinhos, intérpretes de sonhos, sacerdotes e similares (27:9). Esses cruéis charlatões dizem que eles não precisam submeter-se à Babilônia. Todavia, não são capazes de prever o futuro: estão dizendo apenas o que seus ouvintes querem ouvir. Vemos a mesma situação hoje. São muitos adivinhos que enganam o povo na África. Infelizmente, esses adivinhos não se



encontram apenas nos locais tradicionais de consulta. Podem ser encontrados até em nossas igrejas! Qualquer um que se apresse a anunciar coisas que não recebeu do Senhor é equivalente a um bruxo, um adivinho e um mentiroso.

As mentiras contadas pelos charlatões da época de Jeremias expunham o povo à mesma calamidade que tentavam evitar (27:10). Ao encorajar o povo a não se submeter à Babilônia, estavam criando uma situação em que a submissão seria ainda mais brutal, pois resultaria no cativeiro do povo. Entretanto, se eles se submetessem à Babilônia, poderiam ficar em seu país e cultivar sua terra (27:11).

A mensagem entregue aos embaixadores dos aliados de Judá também se aplica a Judá e seu rei, Zedequias (27:12). Ele também deve submeter-se à autoridade política de Nabucodonosor e servir à Babilônia. Esse é o preço para salvar a própria vida e a vida do povo. Caso ele se recuse, o povo enfrentará a *espada*, a *fome*, e a *peste*, e eles serão destruídos (27:13).

Os judeus também recebem ordem de não ouvir os falsos profetas, que anunciam que eles não irão para o exílio (27:14). A mensagem deles é falsa, enganosa. Nenhum deles foi enviado pelo Senhor (27:15; 23:21; 29:9). Eles estão errados em usar o nome de Deus e, sem saber, contribuem para a ruína do povo.

Na primeira deportação, em 597 a.C., os babilônios também levaram objetos usados na adoração no templo (2Rs 24:13). Os falsos profetas estão dizendo aos sacerdotes — particularmente afetados pela remoção dos objetos — e ao povo que os utensílios sagrados logo retornarão a Jerusalém (27:16). Da parte do Senhor, Jeremias denuncia que essas mensagens são mentirosas. O povo não deve ouvi-las, e sim servir ao rei da Babilônia, se quisesse escapar com vida (27:17).

Os verdadeiros profetas intercedem pelo povo (27:18). Assim, os profetas a quem Jeremias fala são convidados a fazer um teste. Se são mesmo enviados pelo Senhor, devem orar para que os poucos objetos usados na adoração no templo que restaram, os bens do palácio real e os pertences do restante dos judeus não sejam levados para a Babilônia. Se o Senhor responder a essa oração, então eles são verdadeiros profetas, mas, se esses bens forem levados, estará provado que eles são falsos profetas. Esse teste é semelhante ao que Elias propôs aos profetas de Baal (1Rs 18:16-39). Na ocasião, os profetas deveriam orar a Baal, e Elias, ao Senhor, e o primeiro que enviasse fogo do céu seria reconhecido como o verdadeiro Deus, e seus servos, verdadeiros profetas.

As palavras de Jeremias em 27:19-22 são uma revelação do que aguarda os judeus que ainda estão em sua terra natal e uma resposta aos falsos profetas. A segunda deportação está por vir, e tudo o que restou no templo, no palácio e nas casas será levado para a Babilônia. Todos esses pertences ficarão na Babilônia com as coisas tomadas anteriormente, até o Senhor decidir que é hora de retornarem à terra de Judá.

## 28:1-17 Jeremias e Hananias

O relato do confronto entre Jeremias e Hananias indica que ele aconteceu no mesmo ano que a mensagem do capítulo 27 (28:1). Esses dois capítulos estão assim em sequência cronológica.

*Hananias, filho de Azur*, era profeta de *Gibeão*, umas das cidades concedidas aos levitas (Js 21:17), situada a cerca de dez quilômetros ao norte de Jerusalém (Js 9:3). Foi ali que Josué pediu que o sol parasse (Js 10:12-14) e também foi ali que o Senhor apareceu a Salomão num sonho, convidando-o a pedir o que desejasse (1Rs 3:5). Alguns acreditam que o santuário de Gibeão substituiu o de Siló, que foi destruído pelos filisteus (1Rs 3:4-15; 1Cr 16:39; 21:29; 2Cr 1:3).

O confronto entre Hananias e Jeremias provavelmente ocorreu no átrio do templo, presenciado por sacerdotes e pelo povo. Hananias apresenta sua mensagem como palavra do Senhor. Nada em suas profecias a difere das mensagens que Jeremias entregou. Ele até usa expressões similares às de Jeremias quando declara que está falando em nome do *SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel* (28:2).

No entanto, o conteúdo da mensagem de Hananias é o extremo oposto do conteúdo da mensagem do capítulo 27. Hananias insiste em que o Senhor quebrará os canis da Babilônia. Ele prediz que exatamente *dentro de dois anos* o Senhor trará de volta a Jerusalém todos os utensílios do templo que foram levados por Nabucodonosor (28:3). Prediz ainda o retorno de *Jeconias (Joaquim)* e de todos os que foram deportados de Judá com ele (28:4).

Suas palavras apresentam um sério problema. Como podem dois profetas, cada um alegando falar em nome do mesmo Deus e a seu favor, compreender um fato de maneiras tão diferentes? Será que Deus se contradiz? Será que algum dos profetas não entendeu o que lhe foi dito? Ou será que um dos profetas simplesmente inventou a mensagem? O que se segue nos dá a resposta.

Todos os presentes devem ter esperado ansiosamente a resposta de Jeremias ao desafio (28:5). É tudo muito simples. Ele começa com *Amém!*, significando “que assim seja!”. Parece estar concordando com Hananias (28:6), pois ficará satisfeito se a profecia se realizar. Entretanto, convida Hananias a ouvir o que ele tem a dizer (28:7). Sua mensagem será dirigida não somente ao profeta de Gibeão, mas também a todo o povo de Judá e, mais especificamente, aos que estão ali presentes no templo, naquele dia.

Jeremias se expressa como se Hananias fosse um autêntico profeta, como ele. Ele fala *de mim* e *de ti*, referindo-se a si mesmo e a Hananias, como se ambos fossem sucessores dos profetas que falaram a Israel anteriormente (28:8). Recorda que todos os profetas que já se foram profetizaram *guerra*, *mal* e *peste*. Jeremias parece estar dizendo que sua mensagem não é incomum.

Contudo, Hananias anuncia a *paz*. Para ser considerado verdadeiro profeta do Senhor, a palavra que ele declara

falar em nome do Senhor deve cumprir-se (28:9; Dt 18:22). É o cumprimento da profecia que revela se quem a proferiu foi verdadeiramente enviado por Deus.

Após a declaração de Jeremias, Hananias, que sem dúvida quer mostrar que acredita firmemente que sua profecia será cumprida em breve, *tomou os canzís do pescoço de Jeremias, o profeta, e os quebrou* (28:10). Esse ato deve ser interpretado como símbolo do fim da dominação babilônica, simbolizada pelos canzís que Jeremias usava. Hananias explica esse simbolismo em 28:11a e insiste em que o Senhor anuncia que em dois anos porá fim ao poder da Babilônia e libertará todas as nações oprimidas.

Depois que Hananias quebrou os canzís e falou pela segunda vez, *Jeremias, o profeta, se foi, tomando o seu caminho* (28:11b). Sua reação é instrutiva. Diante de uma situação em que uma palavra do Senhor parece conflitar com outra palavra do Senhor, ele decide não entrar em debate com Hananias. Ele pode ter ficado perplexo com a situação, mas preferiu manter a paz.

Jeremias parece perceber que não é sua honra pessoal que está em jogo, por isso não procura justificar sua posição a qualquer custo. Seu silêncio indica que ele confia totalmente no Senhor. Ele sabe que Deus é poderoso para revelar qual mensagem de fato enviou. Jeremias permanece quieto até que o Senhor fale com ele outra vez, mostrando ser um homem humilde e um servo obediente, que fala apenas o que ouve de seu Amo.

A atitude de Jeremias nos ensina que o silêncio vale mais que longos discursos para justificar a palavra do Senhor como verdadeira. Geralmente, em casos assim, aquele que busca com todo empenho ser convincente mostra que não está realmente convencido da veracidade da palavra do Senhor e acredita que perderá o respeito se não conseguir provar que ela é verdadeira.

Algum tempo depois, o Senhor novamente fala a Jeremias e orienta o profeta sobre o que dizer a Hananias (28:12). Hananias conseguiu quebrar os canzís de madeira que Jeremias carregava, mas não quebrará os canzís de ferro que o Senhor colocará no pescoço de todas as nações mencionadas no capítulo 27 (28:13). A submissão a *Nabucodonosor, rei da Babilônia*, será tão completa que se estenderá até aos *animais do campo* (28:14; 27:6).

Depois de refutar a profecia de Hananias, o Senhor tem uma mensagem para o próprio Hananias. Primeiro, ele o declara um falso profeta (28:15). Assim como todos os outros falsos profetas, Hananias não foi enviado pelo Senhor e, assim como os outros, proferiu mentiras e criou falsas esperanças em seus ouvintes. O estilo do discurso profético não é o bastante para provar sua autenticidade.

Então a mensagem do Senhor anuncia a morte iminente de Hananias. Ele será removido da *face da terra* (28:16). Será a punição não somente por ter mentido, mas também por sua oposição a uma palavra profética autêntica, o que equivale a iniciar uma revolta contra o Senhor.

Dois meses após o confronto com Jeremias, Hananias estava morto, como o Senhor previu (28:17; cf. 28:1). Essa triste história serve de advertência para muitos que hoje se declaram profetas. Temos ouvido muitas profecias, todas proferidas por pessoas que declaram estar falando a palavra do Senhor. A história de Hananias mostra que quem usa o nome do Senhor em vão sofrerá as consequências. É melhor ficar em silêncio, se não recebemos nada da parte de Deus, que mentir e trazer o juízo divino sobre nós.

## 29:1-32 Uma carta aos exilados

### 29:1-3 Entregando a carta

O capítulo 29 contém a carta que Jeremias escreveu aos judeus exilados na Babilônia, capturados em 597 a.C. (29:1). Entre eles, está Joaquim (cujo nome alternativo em hebraico é Jeconias), sua mãe, os oficiais de alto escalão da corte de Judá, bem como numerosos artesãos (29:2).

Jeremias aproveita uma missão diplomática do rei Zedequias a Nabucodonosor para enviar sua carta. Ele a confia a dois enviados de Zedequias (29:3). O primeiro é *Elasa, filho de Safã*, irmão de Aicão, que apoiou Jeremias no episódio do Sermão do Templo (26:24). O segundo é *Gemarias*, que também estava entre os que apoiaram Jeremias (36:25). Fica evidente que Jeremias tinha amigos poderosos em Judá. Apesar de oferecerem tão valiosa ajuda, nenhuma dessas amizades induziu o profeta a se desviar de seu ministério. Ele não se comprometeu de maneira alguma.

### 29:4-9 Vida na Babilônia

A carta que Jeremias escreveu é uma profecia na qual o Senhor transmite uma mensagem aos exilados. Ela começa exatamente da mesma maneira que todas as outras mensagens que Jeremias entregou oralmente ao povo de Judá: *Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel* (29:4; 24:5). Em seguida, a carta diz que foi o Senhor quem deportou os destinatários para a Babilônia. Eles devem então prestar muita atenção ao que está sendo dito, pois o Senhor que fala com eles é o mesmo Deus que dirige a história do mundo e, especificamente, a de Judá.

Os exilados talvez tenham ficado surpresos com a primeira parte das instruções contidas na carta, pois são muito diferentes do que os outros profetas disseram. O Senhor ordena aos exilados: *Edificai casas e habitai nelas; plantai pomares e comei o seu fruto* (29:5). Essa instrução contém dois dos verbos ("edificai" e "plantai") citados no chamado de Jeremias, em 1:10, mas aqui têm significado literal, e não figurativo.

Os exilados também são instruídos a estabelecer um estilo de vida normal: *Tomai esposas e gerai filhos e filhas*. Deviam também arranjar casamentos para seus filhos (29:6). Aos judeus na Babilônia é ordenado: *Multiplicai-vos aí e não vos diminuais*. A ordem de se multiplicarem lembra o mandamento do Senhor a todas as criaturas que ele criou e ao



primeiro casal humano (Gn 1:22,28), bem como a Noé e seus filhos, após o dilúvio (Gn 9:1).

As duas primeiras instruções na carta de Jeremias aos exilados indicam claramente que o Senhor os está aconselhando a se estabelecer na Babilônia por um longo tempo. Quando não temos certeza se vamos ficar num lugar muito tempo, não construímos casa ali. Tentamos viver com amigos ou com familiares por um tempo ou alugamos uma casa. Construir, plantar, casar e oferecer em casamento são sinais de que uma comunidade normal está sendo estabelecida.

O versículo seguinte é ainda mais surpreendente que os dois anteriores. Os exilados recebem a seguinte ordem: *Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei* (29:7). A eles é ordenado até que orem pelo país. O Senhor deseja que os judeus exilados encarem a situação de outra maneira. Eles não devem mais considerar os babilônios seus piores inimigos. A razão desse conselho é esclarecida no final do versículo: se a Babilônia tiver paz, *vós tereis paz*.

Assim como os habitantes de Judá, os exilados também convivem com profetas mentirosos. Eles também anunciam que o final do exílio é iminente, mas a carta de Jeremias denuncia esses falsos profetas e adivinhos (29:8). Eles não foram enviados pelo Senhor, portanto suas profecias são mentiras (29:9).

#### 29:10-14 Verdadeira esperança para o futuro

O Senhor confirma que se passarão *setenta anos* inteiros antes que ele mude o curso da história da Babilônia e de Judá. Somente após esse longo período, ele cumprirá a promessa que fez ao povo de Judá e os levará de volta à sua terra (29:10; 25:11-12; 2Cr 36:21; Ed 1:1).

As palavras do Senhor em 29:11 demonstram seu perfeito controle sobre a história de Judá. Ele sabe o que está fazendo e que seus planos para Judá trarão paz, não infortúnio. Ele está preparando um futuro cheio de esperança para seu povo. Mesmo sendo verdade que os exilados não considerem a experiência uma bênção, o Senhor diz que o sofrimento deles não é o destino final. Com isso, o Senhor está preparando algo fundamentalmente diferente e agradável para Judá, seu povo.

■ Nesse tempo futuro de esperança, Judá poderá ter outra vez um relacionamento normal com Deus (29:12). Eles poderão orar ao Senhor, e ele lhes responderá. Orações respondidas são sinal de um bom relacionamento entre Deus e o povo. Significam que Deus os está ouvindo e que eles o estão agradando (Sl 6:9; 1Rs 9:3). A época em que o Senhor impediu Jeremias de interceder por seu povo será definitivamente esquecida (7:16; 11:14; 14:11; 15:1).

■ O povo encontrará o Senhor porque o buscará de todo o coração (29:13). Deus se deixará encontrar por seu povo quando o procurarem com essa disposição (29:14; cf. Is 65:1). Esses dois versículos mostram que haverá uma mudança radical na atitude do povo. O exílio transforma-

rá o coração deles. Assim que essa mudança acontecer, o Senhor cumprirá sua promessa e trará os exilados de volta para Judá. Ele os recolherá de *todas as nações e de todos os lugares* para onde os enviou. O fato de poder fazer isso mostra que o Senhor sabe tudo sobre seu povo. Ele cuida de cada judeu. Sabe onde cada um deles está e pode procurar por eles e levá-los de volta a Judá. Ele é como o bom pastor, que sai à procura de sua ovelha perdida (Mt 18:12).

#### 29:15-19 Um golpe nas falsas esperanças

Apesar das maravilhosas promessas do Senhor e da garantia de que ele irá cumpri-las, os cativos preferem ouvir os profetas que estão entre eles, na Babilônia (29:15). Eles estão convencidos de que tais profetas foram enviados pelo Senhor, embora isso não seja verdade (29:21,24).

Então o profeta diz aos exilados o que acontecerá com seus compatriotas que não foram capturados, especificamente o rei e seu povo (29:16). O Senhor diz que eles passarão pela *espada*, pela *fome* e pela *peste*: essas terríveis maldições quase sempre aparecem juntas (cf. 24:10; 38:2). A situação do povo será como a dos figos ruins, que não podem ser comidos (29:17; cf. 24:3-8). Consequentemente, eles serão *objeto de espanto, e de assobio, e de opróbrio* (29:18; 15:4; 24:9; 26:6).

Todos esses terríveis infortúnios se abaterão sobre eles porque o povo não deu crédito às mensagens que o Senhor enviou por meio de seus servos, os profetas (29:19). Mais uma vez, é dito que Deus enviou seus profetas *começando de madrugada*, acentuando assim a culpa do povo, que teimosamente se recusa a ouvir.

#### 29:20-23 O destino dos falsos profetas

O profeta volta a falar da situação dos exilados, introduzindo a mudança com a expressão *todos os do exílio*. Eles se recusaram a ouvir no passado, mas agora devem agir de modo diferente de seus compatriotas que ainda estão em Judá. Devem ouvir a palavra que o Senhor lhes envia por intermédio de Jeremias (29:20).

Os falsos profetas estão manipulando os exilados na Babilônia. Entre eles, estão *Acabe, filho de Colaías, e Zedequias, filho de Maaseias*. Esses profetas, que não são citados em nenhuma outra parte do AT, estão dizendo ao povo que o Senhor está prestes a libertá-los. Todavia, os falsos profetas serão entregues a Nabucodonosor, que irá eliminá-los *diante dos vossos olhos* (29:21).

Os nomes desses dois homens a partir daqui serão usados como um tipo de maldição. Quando alguém quiser amaldiçoar outra pessoa, usará o nome dos dois falsos profetas e evocará o destino deles (29:22; Is 65:15). O uso do *fogo* para matar os dois falsos profetas lembra a experiência dos três amigos de Daniel que foram jogados na fogueira (Dn 3:6,21). Entretanto, a comparação não vai muito longe, pois as razões de serem condenados às chamas e as consequências são completamente diferentes.

Acabe e Zedequias foram condenados por dois sérios erros cometidos. O primeiro foi que a vida deles conflitava com o fato de se proclamarem profetas. Eles *cometeram adultérios com as mulheres de seus companheiros* (29:23a). Esse tipo de comportamento é condenado e considerado loucura (cf. tb. Js 7:15). Em outras palavras, o comportamento deles era desonroso e vergonhoso.

Talvez esses homens se aproveitassem do respeito que o povo tinha por eles, por serem “profetas”, para realizar atos repreensíveis. Infelizmente, alguns líderes de igreja e obreiros cristãos hoje entregam-se à mesma tentação: usam sua posição para fazer o que é errado, ou para que o façam por ele. O erro pode não ser tão escandaloso quanto o adultério, mas pode envolver qualquer uma das áreas em que não temos permissão para agir conforme desejarmos. O apóstolo Pedro condena severamente os líderes culpados de comportamento antiético (2Pe 2:12-14). Deve haver consistência absoluta entre a mensagem pregada pelo servo de Deus e seu estilo de vida.

O segundo motivo pelo qual os dois homens foram condenados é o fato de terem usado o nome do Senhor enquanto proferiam mentiras. Eles eram falsos profetas, aos quais o Senhor não enviou. Eles podiam até conseguir esconder sua vida dupla do povo, mas Deus tudo vê. Nenhuma de suas ações podia ficar oculta ao Senhor (29:23b).

### 29:24-32 Semaías e Jeremias

Quando soube da carta que Jeremias escreveu aos exilados, Semaías, um dos falsos profetas, escreveu uma carta em resposta. É dito que esse homem era *neelamita*, oriundo de um lugar desconhecido para nós hoje (29:24). Ele enviou cartas da Babilônia a *Sofonias, filho de Maaseias, o sacerdote, e a todos os sacerdotes* (29:25).

Pelo conteúdo da carta, podemos dizer que Sofonias sucedeu a Pasur (20:1) e Joiada como líder da guarda do templo em Jerusalém. Seu trabalho era manter a ordem no templo, especialmente quando alguém aparecia alegando ser profeta (29:26). A referência a um *homem fanático* indica que na época o transe místico estava intimamente ligado ao ministério profético (1Sm 10:10-11; 2Rs 9:11; Os 9:7; Jo 10:20).

O propósito da carta de Semaías é exigir uma explicação do motivo pelo qual Sofonias não prendeu Jeremias, mas permitiu que ele declarasse seu oráculo em Jerusalém (29:27). Em apoio à sua queixa, Semaías cita parte da carta de Jeremias enviada aos judeus exilados na Babilônia (29:28; 29:5).

Quando recebe a carta, Sofonias a mostra a Jeremias (29:29). Mais uma vez, o Senhor diz a Jeremias como agir (29:30).

O Senhor pede a Jeremias que profira uma mensagem a respeito de Semaías a todos os exilados da Babilônia (29:31). A mensagem é semelhante à que foi proclamada acerca de Hananias, outro falso profeta (28:15). É dito cla-

ramente que Semaías não foi enviado pelo Senhor e está inspirando falsas esperanças no povo. Assim, o Senhor agirá contra ele: esse homem e sua família não serão contados como parte do povo de Judá. Quanto a Semaías, por causa de sua incredulidade, não verá o cumprimento das promessas do Senhor para seu povo (29:32). Como no caso de Hananias, as palavras de Semaías são consideradas uma revolta contra o Senhor.

A condenação à descrença de Semaías lembra um incidente nos tempos de Eliseu, quando Ben-Hadade, rei da Síria, sitiava a cidade de Samaria (2Rs 7). Eliseu anunciou o final da fome que acompanharia o fim do estado de sítio, mas um dos servos do rei de Israel se recusou a acreditar nele. Pior ainda, zombou do profeta. Eliseu retrucou que o que disse se tornaria realidade e aquele homem iria vê-la com os próprios olhos, mas não se beneficiaria dela. Essa profecia foi cumprida quando o cerco foi subitamente suspenso, e o descrente servo do rei morreu esmagado na luta por comida que se seguiu.

### 30:1—33:26 O Livro da Restauração

A primeira grande divisão do livro de Jeremias fala de seu chamado (cap. 1). Segue-se uma longa seção (2—29) de profecias dirigidas aos contemporâneos do profeta e às questões de sua época. Agora, na terceira seção do livro, o tema das profecias é alterado. O assunto aqui é a restauração do povo de Judá.

Os capítulos 30 a 33 de Jeremias consistem numa coleção de textos em torno de um único tema — restauração —, que também pode ser entendido como consolação. Por esse motivo, os teólogos costumam chamar a essa parte do livro de Jeremias “Livro da Restauração” ou “Livro da Consolação de Israel”.

De acordo com a informação em 32:1, os capítulos 32 e 33 foram escritos nos meses finais do reinado de Zedequias, ou seja, poucos meses antes da queda de Jerusalém. Assim, podemos datar esses escritos de 587 a.C. (cf. 39:1; 52:4,12-13). Os capítulos 30 e 31 não estão datados, mas provavelmente foram escritos no mesmo período dos dois capítulos seguintes. Uma vez que os nomes Israel e Judá são usados com frequência de forma intercambiável, talvez essa explicação seja dispensável, mas por causa do uso do nome Israel nos capítulos 30 e 31 alguns estudiosos acreditam que as profecias neles contidas foram originariamente dirigidas a Israel e então mais tarde aplicadas também a Judá, o Reino do Sul.

O capítulo 31 é considerado pela maioria dos estudiosos da Bíblia o coração, isto é, o ponto alto das profecias do homem de Anatote. Embora sua profunda mensagem esteja direcionada ao retorno dos cativos, encontramos aqui a profecia a respeito da nova aliança que o Senhor faria com seu povo. Essa profecia é repetida e ampliada em várias passagens do NT e aplicada ao Senhor Jesus Cristo.



### 30:1-24 O retorno do cativo

#### 30:1-11 *Angústia substituída por salvação*

O Senhor pede a Jeremias que escreva todas as palavras que lhe foram ditas (30:1-2; 36:2). Essa ordem é semelhante à que Moisés, outro servo do Senhor, recebeu em outra época importante da história de Israel (Êx 17:14). Escrever as palavras do Senhor era de importância vital para Jeremias, não apenas pelo valor da mensagem, mas também para que elas fossem preservadas até o dia de seu cumprimento, num futuro distante. Deus quer preservar a memória dos feitos realizados no passado (Is 46:9), mas também deseja relembrar todas as promessas feitas até que sejam cumpridas, no tempo determinado (Hc 2:3).

Num futuro ainda distante, o Senhor iria resgatar do cativo e trazer seu povo, *Israel e Judá*, de volta para casa (30:3; 29:14). Eles seriam trazidos de volta para a terra que Deus dera por herança aos seus ancestrais: a terra de Canaã. Eles tomariam posse dela, exatamente como seus ancestrais haviam feito muito tempo antes (Gn 15:7; 17:8; 48:3-4).

A voz de *temor*, em vez de um som de *paz*, em 30:5, remete-nos ao “grande tumulto” de 10:22, causado pela chegada dos babilônios à terra de Judá. Contudo, também nos lembra de 8:15, em que o povo expressa sua decepção ao ver que tudo o que está acontecendo é justamente o contrário do que esperava (4:10).

A imagem de *homens com as mãos no estômago, como uma mulher em trabalho de parto* (30:6, NVI) indica a intensidade do sofrimento do povo (4:31). Por isso, o rosto deles está pálido. Essa grande dor será sentida no dia do juízo divino (30:7; 13:16; Jl 1:1-2). Apesar de tudo, o importante é saber que o juízo precederá a libertação, assim como a noite precede e proclama o nascimento de um novo dia. O Senhor proclama que *Jacó [...] será livre dela*. A nação de Israel aqui é identificada pelo nome de seu grande ancestral (Gn 32:28).

Ao dia da angústia, seguir-se-á o dia da salvação. Nesse jubiloso dia, o Senhor quebrará *seu jugo de sobre o teu pescoço*, ou seja, o domínio dos babilônios sobre seu povo chegará ao fim (30:8; cf. tb. 25:12-14; 27:22). Os *estrangeiros* que os escravizaram são os babilônios. Livre da dominação deles, o povo de Israel e de Judá *servirá ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei* (30:9; Is 55:3). O “Davi” mencionado aqui não pode ser a personagem histórica que conhecemos do Texto Sagrado, pois ele morreu muitos anos antes da época de Jeremias. Pelo modo que a passagem se refere a ele, especialmente pela declaração de que o Senhor irá elevá-lo a essa posição, evoca a imagem do “Renovo justo”, como lemos em 23:5. Portanto, o “Davi” aqui é o Messias, que assume o nome do rei de Israel para provar que faz parte da notável dinastia que governou o povo de Deus (Ez 34:23). De modo semelhante, todos os reis do Egito se chamavam faraó.

Israel é mais uma vez identificado pelo nome de seu ancestral Jacó, em 30:10. A nação é informada de que não deve temer nem desfalecer, porque o Senhor está vindo para salvá-la (Is 41:10-14). Uma vez que o Senhor trouxe seu povo de volta do cativo, garantirá sua segurança contra qualquer invasor. O cumprimento dessa promessa, naturalmente, está condicionado à obediência a Deus, como nos mostra a história.

O anúncio da presença do Senhor no meio do povo é a garantia da salvação. Quando Deus diz: *Eu sou contigo*, é o mesmo que afirmar: “Estou aqui *para salvar-te*” (30:11a). Ele salvará seu povo, por isso *darei cabo de todas as nações inimigas*.

Embora o povo de Deus esteja seguro de que não será destruído, não pode ter a mesma segurança em relação ao castigo de Deus pelos pecados cometidos (30:11b; 10:24). Contudo, a disciplina que eles receberão será como aquela aplicada a um filho ou a um amigo que alguém ama e deseja ver melhorar (Jó 5:17; Sl 141:5; Hb 12:6-7; Ap 3:19). Em qualquer circunstância, a correção é uma bênção, pois ensina ao castigado o melhor comportamento naquela situação (Dt 8:5; Pv 29:17). O apóstolo Paulo tem esse tipo de disciplina em mente quando diz que “somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo” (1Co 11:32).

Antes de encerrar o comentário de 30:11, vale ressaltar que muitas das palavras e expressões que aparecem nesse versículo se repetem por todo o livro. Assim, a frase “Eu sou contigo [...] para salvar-te” é também encontrada em 1:8 e 15:20; “de ti [...] não darei cabo” aparece em 4:27; 5:10,18; 46:28; “as nações entre as quais te espalhei” repete-se em 9:16; “castigar-te-ei em justa medida” pode ser lido também em 10:24.

#### 30:12-24 *A cura de um ferimento incurável*

A magnitude do consolo a ser ministrado ao povo é salientada no contexto de sua situação desfavorável. Eles são lembrados de que seu *mal é incurável* e sua *chaga é dolorosa* (30:12). Essa ilustração é utilizada em outras ocasiões (8:21-22; 10:19; 14:17). O ferimento (ou chaga) simboliza o castigo que Deus inflige a uma nação ou a um indivíduo por causa do pecado (cf. Êx 11:1; Nm 11:33). A mesma ideia aparece nos escritos proféticos, como em Naum 3:19 e Zacarias 14:12,18.

Para piorar a situação, ninguém se preocupa com o que acontece a Israel (30:13). Ninguém se interessa em curar a ferida da nação, e, mesmo que alguém se importasse com eles, não faria diferença, pois não há remédio para um ferimento tão grave (46:11).

A nação de Judá já teve aliados — ou *amantes* (30:14; cf. 3:1; 22:20,22). Contudo, o mundo inteiro parece ter percebido que não há vantagem nenhuma em fazer aliança com Israel. Além disso, os antigos aliados também os abandonaram. A situação de Israel é semelhante à de muitos países hoje, que não atraem aliados por causa de sua

insignificância. Judá não era mais considerada uma nação de importância estratégica por nenhuma das grandes potências da época.

Todos abandonaram Israel porque Deus o castigou. O castigo foi severo, mas também apropriado, em razão de seus graves pecados, e, uma vez que a punição foi merecida, o povo não tinha de que se queixar (30:15; Lm 3:39).

No entanto, como vimos na seção anterior, o castigo será seguido de consolo. Depois da enfermidade e da chaga, virão a cura e a restauração (30:16). Os inimigos de Jerusalém passarão pelo mesmo sofrimento que causaram ao povo de Deus. É o perfeito reverso da fortuna. Os que devoraram serão devorados; os que enviaram o povo para o exílio serão eles mesmos exilados; os que saquearam serão da mesma forma saqueados.

O Senhor proporcionará uma nova vida a seu povo e curará a chaga incurável (30:17). A primeira parte do versículo significa literalmente implantar nova carne em Sião. Essa imagem evoca a cena em que tendões e carne crescem em torno dos ossos secos pela palavra de Ezequiel (Ez 37).

O retorno dos cativos é mais uma vez anunciado, em 30:18, mas dessa vez a ênfase recai sobre a compaixão que o Senhor demonstra por Israel e Jerusalém. Novas estruturas serão erguidas sobre as ruínas da cidade arrasada. (A palavra hebraica para *ruínas* nos deu a palavra *tel*, que os arqueólogos utilizam para indicar a elevação formada por repetidas destruições e reconstruções de uma cidade no mesmo lugar.)

Para ter uma ideia de como a situação do povo mudará, no início o Senhor havia predito que faria cessar em Judá as vozes de alegria e regozijo, bem como as canções das noivas e dos noivos (7:24; 16:9; 25:10). Agora, no entanto, lemos que o povo de Judá erguerá a voz em *ações de graças e júbilo* (30:19a). As ações de graças serão dirigidas ao Senhor como reconhecimento pela grande libertação que ele concedeu ao seu povo. O regozijo será o indício de que a vida retornou ao normal e que o povo se sente seguro outra vez (cf. 23:6; 31:13; 32:37).

Na carta que Jeremias enviou aos exilados na Babilônia, ele os aconselha a se casar e a dar seus filhos em casamento, de modo que se tornem uma nação numerosa (29:6). Aqui ele repete o conselho, dizendo que Deus irá multiplicar seu povo (30:19b; cf. 33:22; Gn 15:5; 22:17), ou seja, a nação continuará a crescer. O Senhor enviará para longe deles a vergonha, e ninguém mais os desprezará. A comunidade israelita será restabelecida, e sua vida será como antes do exílio (30:20). Alguns teólogos veem na expressão *na antiguidade* uma alusão aos tempos de Davi e Salomão, quando Israel era uma nação unida, antes da divisão entre os reinos do Norte e do Sul.

Em 30:21, é prometida uma coisa que todas as nações do mundo valorizam: independência política. Quando a pessoa escolhida para liderar uma nação é um nativo eleito de forma livre e satisfatória, podemos dizer que essa nação

é de fato politicamente independente. Nenhuma nação no mundo se regozijará com líderes impostos por alguém de fora. Quando isso acontece, a população demonstra seu descontentamento de várias maneiras — até mesmo por meio da violência.

Em muitos países africanos, o povo se sente frustrado diante da percepção, que pode ser certa ou errada, de que não tem voz para escolher seus líderes, os quais sempre lhe são impostos por alguém. Afinal, sabe-se que as eleições nem sempre expressam a real vontade do povo. Por isso, a declaração de que *seu príncipe procederá deles* é uma poderosa confirmação de que Israel desfrutará independência política outra vez (30:21a).

A declaração de que o líder se chegará ao Senhor talvez indique alguém que exerça uma função sacerdotal (30:21b). A explicação pode ser a sequência do versículo na RA: *Fá-lo-ei aproximar, e ele se chegará a mim; pois quem de si mesmo ousaria aproximar-se de mim?* Ninguém arriscara uma aproximação do Deus vivo e todo-poderoso, a menos que o próprio Senhor o convide a fazê-lo (Êx 33:20; Jz 6:22-23; 13:22; Is 6:5).

A frase *Vós sereis o meu povo, eu serei o vosso Deus* é bastante usada para indicar a aliança entre o Senhor e seu povo. Esse é o propósito por trás de tudo que Deus fez. Ele sempre desejou que seu povo lhe pertencesse de fato e não servisse a nenhum outro deus (30:22; 24:7; cf. Êx 20:2-3).

Os dois versículos finais do capítulo (30:23-24) repetem, palavra por palavra, 23:19-20 (cf. o comentário sobre essa passagem).

### 31:1-30 O restabelecimento de Israel e Judá

#### 31:1-2 Encontrando proteção no deserto

A fórmula-chave da aliança, usada em 30:22, é repetida na introdução do capítulo 31. A única diferença é que dessa vez o Senhor especifica que *todas as tribos de Israel* serão seu povo (31:1). Jeremias está preparando seus ouvintes (e leitores) para entenderem que tudo o que se segue diz respeito a Israel e Judá, não apenas a Judá.

A referência ao *deserto*, em 31:2, remete ao êxodo e à libertação dos israelitas das mãos de Faraó, cujas tropas pereceram no mar Vermelho (Êx 14:5-23). Israel não mais servirá a outros deuses, porém seguirá ao Senhor fielmente, como na época em que marchava para a terra prometida (Os 2:16-17). Foi um tempo em que Israel e Moisés, seu líder, desfrutaram a *graça* do Senhor. Na passagem em que Moisés intercede a favor do povo, depois do incidente do bezerro de ouro, a expressão “achar graça” ocorre cinco vezes (Êx 33:12-17). A figura do deserto é também utilizada muitas vezes pelo profeta Oseias (Os 2:14; 13:5,15). O tempo passado no deserto é considerado um período ideal de relacionamento entre o Senhor e seu povo (Os 12:9).

Contudo, no contexto de Jeremias, o deserto talvez simbolize o exílio na Babilônia. Por meio dessa terrível



experiência, Deus encontrou um meio de demonstrar o grande amor que sentia por seu povo, exatamente como fez durante os quarenta anos no deserto, sob a liderança de Moisés. Israel marchará através do deserto babilônico em direção ao lugar onde encontrará descanso.

### 31:3-14 Amor e regozijo

Existe uma pequena diferença entre o texto hebraico e o grego, em relação a 31:3. O texto hebraico diz: ... *o SENHOR me apareceu* (RC), enquanto no texto grego lemos: ... *o SENHOR lhe apareceu* (NVI). O importante é que o Senhor *apareceu* e declarou seu amor eterno ao povo. Esse amor é constante, e nenhuma experiência, por mais terrível, como a do exílio, irá afetá-lo. Na verdade, ocorre o contrário, pois o Senhor declara: *com benignidade te atraí*.

O resultado desse amor é que Deus mudará radicalmente a situação de seu povo. Ele irá reedificá-lo sem que ninguém consiga impor obstáculo (31:4a). A expressão no original hebraico indica que essa reconstrução será definitiva.

Pelo menos aqui, vemos o lado positivo do ministério de Jeremias. Por muitos anos, sua mensagem não prenunciava outra coisa senão o banimento e a ruína, mas agora brotam de seus lábios palavras de restauração. Ele fala de reconstrução em 31:4 e de plantação em 31:5 (cf. 1:10).

A vida voltará ao normal, e haverá momentos de júbilo entre o povo. O povo de Israel, comparado aqui a uma mulher jovem, tocará outra vez seus *tamborins* (NTLH), instrumentos musicais comuns nas ocasiões festivas da nação (31:4b; Êx 15:20; Jz 11:34; 1Sm 18:6; Sl 68:25). Israel novamente terá motivos para celebrar.

Os israelitas também voltarão a habitar Samaria, a capital do Reino do Norte (Israel), que fora conquistada pela Assíria entre 722 e 721 a.C. (2Rs 17:6,24). O profeta anuncia que os israelitas outra vez plantarão *vinhas*, e *gozarão dos frutos* (31:5).

Jeoroboão I, o primeiro rei de Israel após a divisão do reino entre Norte e Sul (1Rs 11:29-32), entendeu que era um risco político permitir que seus súditos continuassem a adorar a Deus em Jerusalém. Por isso, lançou uma campanha para que se dirigissem aos santuários estabelecidos em Betel e Dã (1Rs 12:26-33). A peregrinação a Jerusalém, a capital do Reino do Sul, seria interpretada como ato de insubmissão ao rei, ainda que o propósito da viagem fosse unicamente a adoração a Deus. Assim, o anúncio dos atalaias, em *Efraim* (no Reino do Norte), de que havia chegado a hora de empreender a peregrinação anual a Jerusalém para adorar ao Senhor, é muito significativo (31:6). É a indicação de que os dois reinos, Israel e Judá, estão novamente unidos (cf. tb. 23:6).

Segue-se um chamado para celebrar ao Senhor pelo fato de ele ter concedido salvação a seu povo (31:7). Essa celebração é a resposta do povo de Deus às ações divinas de 31:2-6.

O Senhor promete que trará seu povo de volta da terra do Norte, que em Jeremias significa sempre a Babilônia (31:8a; 1:13-15; 3:12; 4:6; 6:1,22; 10:22). Esse retorno é ainda mais surpreendente e miraculoso porque inclui até aqueles em geral considerados incapazes de empreender longas jornadas: *os cegos e aleijados, as mulheres grávidas e as de parto* (31:8b).

A multidão de ex-exilados voltará chorando, de acordo com o texto hebraico de 31:9a, mas serão lágrimas de alegria pela forte emoção de retornar à sua terra. Já no texto grego lemos que os cativos chorarão de alegria por terem deixado o cativeiro. Não há dúvida de que as lágrimas brotarão pelos dois motivos.

O restante do versículo usa a linguagem paternal. O Senhor é um pai para Israel, o qual também é identificado pelo nome Efraim. Foi o amor paternal que fez Deus levar seu povo *aos ribeiros de águas*, de modo que pudessem refrescar-se, e os conduzir *por caminho reto em que não tropeçarão* (31:9b).

Todas as nações são convidadas a ouvir, para testemunhar a países distantes a obra extraordinária que Deus está realizando (31:10). Aquele que espalhou Israel pelo mundo agora o traz de volta e cuida dele como um bom pastor.

O livramento outorgado ao povo de Israel assemelha-se à história da redenção. É como se o Senhor tivesse pago o resgate pela libertação de seu povo (31:11), mas é óbvio que se trata de uma figura de linguagem, pois ele não deu nada aos babilônios para persuadi-los a libertar Israel. Pelo contrário, o Senhor puniu as nações que levaram Israel para o cativeiro, como a Assíria e a Babilônia (25:12; 50:1-3).

Os *bens* mencionados em 31:12a correspondem a tudo o que o Senhor prometeu ao seu povo, se este se mantivesse fiel à aliança (Dt 7:12-13; 11:13-15). A comparação da alma com *um jardim regado* evoca uma imagem de grande beleza e profundidade, uma expressão de paz, quietude (31:12b) e plena satisfação. Por esse motivo, podemos entender a ausência da tristeza na parte final do versículo. Em tais condições, todos os que formam a nação nada poderão fazer senão alegrar-se (31:13). O júbilo terá substituído o pranto e o regozijo, a tristeza. O povo se sentirá confortado com o perfeito consolo que vem do Senhor.

Os sacrifícios serão restabelecidos, e os sacerdotes poderão receber a parte das ofertas que lhe é devida (31:14; cf. Lv 7:33-35; 10:13). Embora algumas traduções expressem a ideia de abundância, a palavra hebraica indica um animal gordo. Naqueles dias, diferentemente de hoje, os animais gordos eram considerados a melhor parte da refeição (Lv 3:3).

### 31:15-20 O consolo de Raquel

Um choro é ouvido em Ramá, a alguns poucos quilômetros ao norte de Jerusalém. Uma vez que a rota para a Babilônia é na direção norte, Ramá deve ter sido a primeira parada dos prisioneiros que estavam sendo levados para o exílio



(40:1). Ramá era também parte da herança de Benjamim, o lugar em que Jeremias fora criado (1:1). Em suas adjacências, *Raquel*, mãe de Benjamim e José, foi sepultada, e agora sua voz é ouvida, quando ela chora por seus filhos (31:15; Gn 35:19; cf. tb. Mt 2:17-18). Entre eles, estão seus netos Manassés (Gn 41:51) e Efraim (Gn 46:20), que nasceram de José. O povo das tribos de Manassés, Efraim e José foi levado para o cativeiro.

O Senhor se dirige a *Raquel* e diz que ela deve parar de chorar porque seus filhos retornarão do exílio (31:16). O retorno do cativeiro será como uma recompensa pelo trabalho que ela teve em criá-los. Ela não havia criado seus filhos por nada. Eles teriam um propósito na vida outra vez. O retorno do cativeiro é tão certo que o Senhor repete a promessa (31:17). Ancorada nessa esperança, Raquel pode encerrar sua lamentação.

O Senhor declara que ouviu o clamor de Efraim para ser trazido de volta do exílio (31:18). Efraim reconhece que o exílio foi resultado de seus pecados (31:19) e parece ter entendido que a verdadeira reconciliação com Deus só é possível mediante uma ação do próprio Deus. Na verdade, o Espírito de Deus é o único que age no coração da pessoa para conduzi-la a Deus (Jo 6:44). Efraim admite seu pecado e confessa que se desviou. Ele sente remorso (como indica a declaração *bati no peito*) e volta para o Senhor, seu Deus. Sua experiência é semelhante à do filho pródigo da parábola de Jesus (Lc 15:11-24).

Podemos sentir a extensão e a profundidade do amor de Deus por seu povo (31:20; cf. tb. Os 11:8; Mq 7:18-20). O NT registra testemunho semelhante, quando o apóstolo Paulo escreve que nada o separará do amor de Deus (Rm 8:38-39). O coração ("entranhas", na RC) é considerado a fonte dos sentimentos (cf. 4:19; Is 16:11; 63:15). Nele se concentram todos os grandes sentimentos de alegria e tristeza.

### 31:21-30 Dias de bênção

Depois de citar Efraim, o texto retorna a Israel, dirigindo-se à nação como *virgem de Israel* e aconselhando-a a observar o caminho por onde passará em sua jornada de regresso (31:21). Isaías, em diversas ocasiões, utiliza a figura de um caminho para o povo de Deus (cf. Is 35:8; 40:3-5; 42:16; 43:1-7; 49:9-13). O povo não foi chamado a andar sem rumo e sem um destino certo. Não, eles retornarão para tomar posse das cidades que lhes pertenciam.

Os anos de peregrinação estão chegando ao fim. A rebelião deve cessar. Para fazer isso, o Senhor criará *coisa nova na terra: a mulher infiel virá a requestar um homem* (31:22). Essa declaração pode ser interpretada de várias maneiras, porém a mais simples e direta é que se trata de uma figura do casamento, na qual o Senhor é o marido, e Israel, a esposa. Por um longo tempo, a esposa esteve afastada do marido, mas agora Deus operará profunda mudança no coração de Israel, para que ela (a esposa) tome a iniciativa de procurar

seu Senhor (o marido). Se isso nos parece novo e surpreendente, é porque em geral é o homem que procura a mulher.

Quando o Senhor os trouxe de volta do exílio, a terra de Judá será outra vez abençoada. O Senhor declara que Judá será novamente *morada de justiça* e que ali estará o *santo monte* — uma referência direta ao templo que será reconstruído (31:23; Sl 2:6; Is 2:2-3). Assim como os israelitas haviam retornado para reclamar suas propriedades (31:21), o povo de Judá também será reassentado em seu território (31:24).

A metáfora de 31:25 lembra 31:12b e mostra quão profunda será a obra do Senhor em benefício de seu povo. A RA apresenta uma tradução mais literal para o versículo: *Satisfiz à alma cansada, e saciei a toda alma desfalecida*. A palavra "alma" refere-se à pessoa inteira — o emocional, físico e intelectual —, e a promessa indica que o Senhor porá termo ao cansaço e ao desespero. O povo desfrutará total satisfação e viverá em perfeita paz.

Jeremias desperta de seu *sono* (31:26). As visões que ele teve enquanto dormia foram mais que simples sonhos. O Senhor usou-as para revelar o futuro que está preparando para seu povo. Agora que está acordado, Jeremias pode ouvir a voz de Deus, que confirma e repete a mensagem que lhe fora enviada durante o sono.

A metáfora da sementeira é apresentada em 31:27, e Deus diz: *Semearei a casa de Israel e a casa de Judá com a semente de homens e de animais*. Durante o exílio, a população de Judá havia diminuído de maneira considerável, e os animais domésticos foram tomados por seus captores ou mortos para alimentar o povo que havia ficado na terra. O Senhor anuncia que resolverá a situação. Ele semeará e multiplicará pessoas e animais (cf. Os 2:23).

O texto de 31:28 é de importância capital. É o único versículo que faz referência ao chamado profético de Jeremias, pelo uso dos seis verbos que caracterizam seu ministério em 1:10. Decreta-se aqui que o tempo da destruição e da subversão chegou ao fim. Agora é tempo de reconstruir e plantar, mas um detalhe importante deve ser observado. Ambos os períodos são controlados pelo Senhor. É ele quem decide o tempo de agir. Como disse a Jeremias no início de seu ministério, Deus vela para que sua palavra seja cumprida.

A seção encerra com o anúncio de um novo estado de coisas. A restauração que está por vir não afetará apenas os aspectos físicos da vida, mas operará uma profunda mudança no relacionamento entre Deus e seu povo (31:29-30). O texto paralelo de Ezequiel 18:2 mostra que o provérbio citado em 31:29 expressa uma queixa dos contemporâneos de Jeremias. Eles estavam convencidos de que o castigo que sofriam era resultado dos erros de seus antepassados (cf. Lm 5:7). Todavia, Deus deixa claro que eles mesmos haviam cometido os pecados que precipitaram o juízo divino. Nenhum filho mais se queixará de estar pagando o preço dos pecados cometidos pelos pais (31:30; Ez 18:20).

■ Ao ler passagens como essa, devemos atentar para distinguir entre responsabilidade pelo pecado e consequência do pecado. O foco aqui incide sobre a responsabilidade pessoal. Todavia, apesar de nenhum filho ter responsabilidade pelo pecado dos pais, é certo que o comportamento dos pais pode ter consequências de longo prazo que afetem a vida de seus descendentes. Desse modo, embora não sejam punidos pelo pecado dos pais, os filhos poderão sofrer as consequências daqueles atos pecaminosos ou de práticas espirituais que contradizem a palavra de Deus.

### 31:31-40 A nova aliança

Ao que parece, as expressões “naqueles dias” (31:29) e *eis aí vêm dias* referem-se ao mesmo período. A nova ordem anunciada em 31:29-30 será agora descrita em detalhes: é a *nova aliança* que o Senhor firmará com seu povo, isto é, com Israel e Judá (31:31).

A palavra “aliança” refere-se a um relacionamento especial entre Deus e seu povo. Não se trata de um conceito novo, pois no passado o Senhor estabeleceu diversas alianças com pessoas e grupos. Entre eles, podemos mencionar Noé e seus filhos (Gn 6:18; 9:9), Abraão (Gn 15:18; 17:2,4,19), Moisés e o povo de Israel, no monte Sinai (Êx 19), Fineias (Nm 25:10-13) e Davi (2Sm 7:5-16). Contudo, essa é a primeira e a única vez que o AT menciona especificamente a “nova aliança”, embora sua realidade possa ser percebida em muitas outras passagens do AT (cf. Is 42:6; 55:3; 59:21; Ez 34:25; 36:24-28; 37:26; Os 2:18-22).

O NT se apropriará do tema da nova aliança, do qual fará extenso uso. Por isso, na última ceia, quando o Senhor Jesus Cristo passa o cálice aos discípulos, ele faz referência à “nova aliança no meu sangue”. Ao discorrer sobre a celebração da comunhão, o apóstolo Paulo, inspirado na tradição dos evangelhos, relembra aos coríntios as palavras de Cristo (1Co 11:25). O próprio Paulo se identifica como alguém a quem Deus fez ministro da nova aliança (2Co 3:6). Finalmente, o autor da carta aos Hebreus cita a profecia de Jeremias (Hb 8:8-12; 10:16). Também diz que Jesus Cristo é “o Mediador da nova aliança” (Hb 9:15; 12:24).

A nova aliança será radicalmente diferente daquela que o Senhor firmou com seu povo quando o libertou da escravidão no Egito (31:32a). Algumas traduções dizem “quando”, em vez de “no dia”; “quando” é tradução mais correta, pois o hebraico não está querendo dizer que a aliança foi feita no mesmo dia da libertação do povo do Egito. O momento exato não é especificado, apenas se está dizendo que a aliança foi feita logo após eles terem partido do Egito.

A afirmação de Deus de que tomou Israel *pela mão* para tirá-lo do Egito enfatiza sua iniciativa pessoal, bem como o extremo cuidado do Senhor para com a nação. Ainda assim, Israel quebrou a aliança. Eles não levaram em conta nem mesmo o fato de Deus *os haver desposado* (31:32b).

O Senhor havia declarado que a nova aliança seria diferente da que foi firmada no Sinai e agora diz quais são

as diferenças. Para começar: *Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei* (31:33a). A ideia central aqui é como a lei é escrita. Nos tempos de Moisés, o Senhor havia escrito os mandamentos em tábuas de pedra (Êx 34:1). A lei também tinha um significado mais externo para o povo. Agora, porém, o Senhor está dizendo que ele mesmo escreverá a lei no coração do povo. Portanto, o sistema externo será substituído por um sistema interno. Em 2Coríntios 3, o apóstolo Paulo apresenta exatamente o mesmo contraste entre a antiga aliança, escrita em tábuas de pedra (isto é, os Dez Mandamentos), e a nova aliança, escrita no coração.

Uma vez que a lei estará escrita no coração do povo, haverá mudanças no relacionamento com Deus. Todavia, antes de falar sobre isso, o Senhor mais uma vez repete a fórmula da aliança: Israel será seu povo, e ele será seu Deus (31:33b; cf. tb. 30:22; 31:1).

A explicação da nova aliança continua em 31:34a. Nesse novo tempo, todos conhecerão a Deus (Is 11:9; 54:13). Esse não era o caso no AT, em que as pessoas precisavam incentivar umas às outras a aprender do Senhor. Essa era a obra que os profetas se empenhavam em realizar (Is 55:6; Am 5:4,6; Sf 2:3). Na nova ordem, porém, todos irão conhecer a Deus (1Jo 2:27). O próprio Deus tornará esse conhecimento possível, depois de remover o maior obstáculo — o pecado (31:34b; v. tb. 33:8).

A nova aliança será mantida. O Senhor é aquele que controla os grandes astros celestes, como o sol e a lua, e as grandes forças terrestres, como o mar (31:35). Ele estabeleceu leis imutáveis, que governam sua criação (Sl 148:6). A escolha de Israel tem a mesma estabilidade das leis que governam e preservam a ordem cósmica (31:36; Is 54:10). Contudo, embora a nova aliança apresente profundas alterações, não anulará as promessas que Deus fez ao seu povo no passado. Haverá uma continuidade entre passado e futuro. O Senhor jamais rejeitará seu povo (31:37).

A nova aliança requer uma nova Jerusalém, por isso os versículos seguintes falam da reconstrução de partes específicas da cidade. O Senhor diz que ela *será reedificada* para ele (31:38). Os vários nomes aqui mencionados referem-se a partes da cidade que eram bem conhecidas dos ouvintes de Jeremias. O uso do *cordel de medir* indica que a cidade aumentará muito em tamanho e precisará de novos edifícios (31:39). Até mesmo lugares contaminados, como *o vale dos cadáveres e da cinza* (o vale do filho de Hinom; cf. 7:31-32; 19:2,6; 32:35), serão restaurados para o Senhor, em cujo reino haverá absoluta segurança (31:40).

### 32:1-44 Jeremias compra uma propriedade

#### 32:1-15 A ordem de comprar um campo

Após essa maravilhosa visão do futuro, Jeremias retorna ao presente. É o ano 587 a.C. (32:1), e Jerusalém está cercada pelo exército babilônico. É evidente que ela em breve



sucumbirá (cf. 32:24). Nesse meio-tempo, Jeremias é preso e *encarcerado no pátio da guarda que estava na casa do rei de Judá* (32:2; cf. tb. 33:1). O rei Ezequias está transtornado e se sente ofendido com as profecias de Jeremias, segundo as quais a cidade está prestes a ser conquistada e o rei será aprisionado e exilado na Babilônia. Ele então ordena a prisão de Jeremias com o objetivo de silenciá-lo (32:3-5).

Enquanto Jeremias estava na prisão, o Senhor revelou que seu primo *Hananel* irá procurá-lo para sugerir que o profeta compre um campo de sua propriedade perto do vilarejo deles (32:6-7). Hananel explica a Jeremias que *a ti, a quem pertence o direito de resgate, compete comprá-lo*. Ele está referindo-se às leis que regulavam as questões de venda de terra. Quando a terra de Israel foi dividida entre as doze tribos, nenhuma propriedade foi cedida aos levitas nem aos sacerdotes. No entanto, alguns campos em torno das cidades foram separados para eles, um dos quais era Anatote (Nm 35:4; Js 21:18). Eles não podiam vendê-los a ninguém que não fosse um parente próximo (Lv 25:32-34). O objetivo dessa restrição era evitar que a família perdesse a terra e com isso fosse reduzida à pobreza (Lv 25:26-34). A posse de terra, na época, também significava que a terra podia ser cultivada, para aumentar o valor, e que se prestava à colheita.

As palavras do Senhor a Jeremias se cumprem em seguida. Seu primo vai visitá-lo na prisão e lhe sugere a compra do campo (32:8). Reconhecendo a mão do Senhor nessa transação, Jeremias concorda em comprá-lo ao preço de *dezessete siclos de prata* (32:9). “Dezessete siclos” não é o equivalente a dezessete moedas ou a certo número de cédulas bancárias, como nos dias de hoje. O siclo era uma unidade de medida, equivalente a cerca de doze gramas. Jeremias, portanto, pagou pelo campo cerca de duzentos gramas de prata. É por isso que o texto diz: *Pesei-lhe o dinheiro numa balança* (32:10). Jeremias também segue todos os trâmites legais da época para garantir que a propriedade seja transferida de forma inquestionável. Por isso, ele assina *a escritura*, fechando-a *com selo* na presença de testemunhas que também são a prova de que o preço foi pago integralmente. Os documentos são entregues a Baruque, secretário de Jeremias, para que sejam guardados em segurança (32:10-12a).

O comportamento de Jeremias nesse episódio é um importante exemplo para nós. Devemos lembrar que toda a transação teve lugar num cárcere, dentro de uma cidade sitiada. Definitivamente, não são circunstâncias normais. Apesar disso, o profeta cumpre todos os requisitos legais. Ele não se aproveita das circunstâncias especiais para passar por cima da lei. Pelo contrário, submete-se às exigências legais, cumprindo-as rigorosamente. Se todos os servos de Deus e todos os cristãos do continente africano decidirem agir desse modo, a corrupção será praticamente extinta de nossos países. A economia melhorará, e os que proclamam o evangelho terão mais credibilidade.

Jeremias instrui Baruque, seu secretário, a guardar os documentos em lugar seguro, onde pudesse ser conserva-

dos por muito tempo (32:13-14). Então revela o motivo de tudo o que está fazendo. Pode parecer um despropósito alguém comprar uma propriedade quando a população inteira do país está prestes a ser dizimada e deportada, mas o ato do profeta indica que a vida um dia voltará ao normal: *Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra* (32:15). A compra de um campo efetuada por Jeremias é outro caso de dramatização em que ele teve de atuar (cf. 13:1-7; 27:2).

Esse ato de Jeremias também deve ter tido implicações políticas. O tom da pregação do profeta pode ter levado o povo a pensar que ele era favorável aos babilônios. O apelo para que o povo se submetesse ao rei da Babilônia deve ter-lhe rendido o rótulo de colaborador dos inimigos de Judá. A compra do campo em tais circunstâncias mostra o apego de Jeremias a sua terra natal. Essa deve ter sido a razão de o profeta insistir na necessidade de assinar a escritura na presença de tantas testemunhas (32:12b).

### 32:16-25 A oração e o questionamento de Jeremias

Depois que o profeta entregou o contrato de venda a Baruque para que este o guardasse em lugar seguro, ele volta a orar ao Senhor (32:16). O questionamento que apresenta ao Senhor é simples e direto (32:25), contudo é precedido de uma longa oração explicativa.

A oração começa com um relato de coisas que Deus fez (32:17). Ele demonstrou seu insuperável poder na criação dos céus e da terra (Gn 1:1). Seu braço estendido é símbolo de seu poder (Êx 6:6; 15:16). Toda a criação dá testemunho de que nada é difícil demais para o Senhor. Jeremias então passa a falar sobre o caráter de Deus. Ele demonstra amor e compaixão *para com milhares*, o que mostra a extensão de sua misericórdia (32:18). Todavia, o Deus misericordioso é também um Deus justo, que pune o pecado.

Em seguida, Jeremias faz menção da soberania e da onisciência de Deus (32:19). O Senhor vê tudo o que acontece em todos os lugares do mundo. Nada fica oculto aos seus olhos. Ele conhece todos os atos de todos os seres humanos e trata cada um conforme o merecimento de seus atos.

Depois disso, Jeremias relembra a obra mais maravilhosa que Deus fez a favor de Israel: a libertação da escravidão no Egito. Ela foi acompanhada de sinais e maravilhas, na forma de pragas que se abateram sobre os egípcios (32:20; Êx 7—11). Outros milagres marcaram a longa jornada de quarenta anos no deserto (Nm 14:11,22), e o Senhor continua a fazer milagres desde aqueles dias. Todas essas obras contribuíram para aumentar ainda a reputação do Senhor.

Finalmente, Jeremias menciona o cumprimento da promessa do Senhor, feita aos ancestrais dos israelitas quando lhes deu a terra de Canaã (32:22-23). O povo havia deixado o Egito para tomar posse de sua terra.

Todavia, a despeito das coisas que o Senhor fez por eles e da misericórdia que sempre lhes demonstrou, os israelitas se recusaram a obedecer. Em vez disso, tornaram-se rebeldes e rejeitaram sua lei. O resultado é o estado de

miséria que o povo agora experimenta. A cidade de Jerusalém está cercada, e em breve seus habitantes serão levados para o cativeiro. Todos os sinais de uma queda iminente podem ser percebidos: as *trincheiras* já atingem a cidade, e os inimigos armados com *espadas* estão prestes a romper os muros. Além disso, a *fome* e a *peste* estão fazendo seu trabalho dentro da cidade. A palavra do Senhor está sendo cumprida (32:24).

Mesmo assim, enquanto tudo isso acontece, o Senhor ordena que o profeta adquira uma propriedade (32:25). Jeremias parece estar pensando: “Por que um prisioneiro compraria um campo? Por que comprar um campo num país que está sob ocupação estrangeira? Por que comprar um campo, se não existe a menor garantia de que ele poderá ser aproveitado de alguma maneira? Por quê?”.

Mais uma vez, Jeremias nos ensina importantes lições. Ele mostra que a obediência a Deus deve sempre ter precedência sobre nossos questionamentos, não importa quão legítimos sejam. Jeremias cumpriu a ordem divina de comprar o campo antes de perguntar a Deus o motivo daquela transação comercial aparentemente sem sentido. Além disso, teve o cuidado de cumprir todos os trâmites legais relativos à compra, a despeito de querer perguntar a Deus por que estava fazendo aquilo.

Jeremias também nos ensina que ninguém pode considerar-se mensageiro do Senhor, a menos que a mensagem transforme seu modo de viver. O profeta poderia simplesmente ter continuado a proclamar que o Senhor traria os cativos de volta e que a vida normal então prosseguiria na terra. O povo talvez ouvisse suas palavras. Entretanto, quando alguém vê um homem comprando uma propriedade num país cuja ruína é iminente, o que ele diz parece ter muito mais credibilidade.

Por fim, Jeremias nos ensina que Deus é o Senhor do tempo, um ponto que é esclarecido na resposta de Deus aos questionamentos de Jeremias. O Senhor faz tudo no tempo certo, de acordo com seus propósitos. O cronograma de alguma de suas ações pode parecer-nos equivocado, mas é sempre melhor obedecer a Deus que confiar em nossa inteligência.

### 32:26-44 A resposta de Deus

A resposta do Senhor é dirigida a Jeremias, mas não é a decifração direta do questionamento multifacetado do profeta (32:26). Uma vez que Jeremias havia prefaciado seu questionamento com uma longa introdução, o Senhor também se detém num longo argumento antes de dar sua resposta. Ele começa com a afirmação simples de que é o Senhor que reina sobre todas as coisas e não existe nada que ele não possa fazer (32:27,17; Mt 19:26). O restante da resposta se divide em duas partes: a confirmação do castigo que Jeremias proclamou e a garantia da libertação, também proclamada pelo profeta.

A cidade será entregue *nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia* (32:28). Os babilônios entrarão na cidade e

queimarão as casas. O fogo será a punição pelos atos de idolatria cometidos na cidade, os quais provocaram a ira de Deus (32:29). Israel é acusado de ter feito o oposto do que o Senhor desejava *desde a sua mocidade*, ou seja, desde que deixara o Egito (32:30). A longa prática de cultos idolátricos em Jerusalém transformou definitivamente a cidade em abominação aos olhos de Deus e objeto de sua ira (32:31). Por isso, ela será destruída.

Toda a população está envolvida nessas práticas repulsivas que atraíram o juízo divino sobre a cidade. Reis, príncipes, sacerdotes, profetas, o povo: todos são culpados (32:32). Os políticos e os religiosos não se portaram como bons líderes e ainda desencaminharam o povo, tanto quanto eles mesmos estão desviados. Como pode um cego ser um bom guia para outros cegos (Mt 15:14; Lc 6:39)?

O povo se mostrara determinado a se afastar do Senhor. As insistentes lições que lhe eram ensinadas não surtiram efeito (32:33). A frase *começando de madrugada* é repetida aqui para lembrar as diversas ocasiões em que o Senhor advertiu seu povo. Eram tão rebeldes que *puseram as suas abominações* no próprio templo (32:34), situação que o profeta já havia denunciado (7:30). O rei Manassés havia colocado um poste-ídolo de Aserá na Casa de Deus (2Rs 21:7), e o rei Jeoaquim agiu de maneira idêntica. Mais ou menos na mesma época, Ezequiel pregava contra a presença de ídolos no pátio do templo (Ez 8:3,5-6).

A mais horripilante forma de idolatria a que os israelitas se haviam entregado era a prática de sacrifícios humanos *no vale do filho de Hinom*, que ficava perto de Jerusalém (32:35). Ali, eles ofereciam seus filhos às divindades estrangeiras. A palavra *Moloque* parece ser de origem fenícia e originariamente se refere a uma espécie de sacrifício em que seres humanos eram queimados vivos. Mais tarde, a palavra para esse tipo de sacrifício passou a ser usada para designar uma divindade (Lv 18:21; 2Rs 23:10; At 7:43).

A razão da queda iminente de Jerusalém e do exílio de seus habitantes é a extensa lista de pecados e abominações apresentados nos versículos precedentes (32:36). O Senhor confirma o castigo que Jeremias, por sua ordem, havia anunciado ao povo.

Todavia, o anúncio do castigo é seguido pela mensagem de libertação. As promessas dos capítulos 30 e 31 são repetidas em 32:37. A grande indignação pelos muitos pecados de Israel levou o Senhor a espalhar seu povo pelo mundo, porém ele assumiu consigo mesmo o compromisso de trazê-los de volta, prometendo fazer que *habitem seguramente* em sua terra. Deus fará uma aliança com eles, como indica a fórmula citada em 32:38 (cf. tb. 24:7; 30:22; 31:1,33).

A menção da fórmula da aliança nos remete a uma das características da nova aliança: a renovação do coração (31:33). O Senhor já havia declarado que daria a seu povo um coração capaz de conhecê-lo (24:7). Aqui, ele diz que dará a ele *um só coração e um só caminho* (32:39). Um coração sem divisões não tem lugar para duplicidade e guiará



aquele que o possui a um comportamento honesto. Com o coração assim renovado, o povo terá temor a Deus, e a situação deles e de seus filhos melhorará.

A aliança do Senhor com seu povo é chamada *aliança eterna* (32:40). A estabilidade dessa aliança é também mencionada em 31:35-37 (cf. tb. Is 24:5; 55:3; Ez 16:60). Com base nessa aliança, o Senhor proporcionará benefícios ao seu povo. O temor do Senhor será implantado no coração deles — um temor que os fará capazes de agradá-lo como filhos obedientes e evitará que sejam outra vez enviados para longe dele.

É digna de atenção a ênfase ao *bem* que o Senhor deseja fazer ao seu povo (32:39-41). Podemos ver que o Senhor tem prazer em fazer o bem. Depois de tê-los desarraigado e enviado para o exílio, Deus irá outra vez plantá-los e restaurá-los completamente.

Só em 32:42 o Senhor começa a responder aos questionamentos de Jeremias. Assim como trouxe *grande mal* sobre eles, ele também lhes trará *prosperidade* (NVI). O Senhor já havia previsto ambas as coisas, e agora eles verão a profecia cumprida (31:28). O verdadeiro significado da venda do campo está aqui delineado. O país pode estar desolado, desprovido de gente e de animais, porém chegará o dia em que a vida voltará ao normal (32:43-44a; cf. tb. 32:15). Todos os procedimentos legais seguidos por Jeremias na compra do campo serão repetidos indefinidamente quando as transações de compra e venda se tornarem novamente comuns. Um dia, o país voltará à normalidade.

A restauração não ocorrerá apenas em Jerusalém. A terra de Benjamim, onde estão situados Anatote e o campo comprado por Jeremias, também é mencionada, assim como vários outros lugares de Judá, desde as imediações de Jerusalém até as cidades distantes (32:44b). Antes disso, o Senhor já havia anunciado que o povo viria de todos esses lugares para adorar no templo em Jerusalém (17:26).

### 33:1-26 Reconstrução das cidades e casas de Judá

Este capítulo relata a segunda revelação que Jeremias recebeu ainda *no pátio da guarda*, onde o rei Zedequias o havia aprisionado (33:1). A primeira revelação foi dada no capítulo 32.

O texto hebraico de 33:2 diz que o SENHOR [...] *faz estas coisas*, sem especificar o que são “essas coisas”. O texto grego, todavia, diz o SENHOR [...] *fez a terra* (NTLH). Essa tradução parece a mais correta, pois o versículo é muito semelhante a 32:17, que fala sobre a criação dos céus e da terra.

O Senhor aconselha Jeremias a clamar por ele, pois está pronto a revelar coisas que o profeta não terá condições de saber por nenhum outro caminho (33:3). Os versículos que se seguem indicam que essas “coisas grandes” estão relacionadas com o castigo de Deus aplicado ao povo (33:4-5) e ao seu plano de consolá-lo e restaurá-lo (33:6-26).

Mais uma vez, Deus insiste em que Jerusalém será tomada pelos babilônios e que é inútil resistir (33:4-5). As

casas de Jerusalém ficarão cheias de corpos, daqueles que os babilônios irão matar. Essa calamidade acontecerá porque o Senhor virou as costas para a cidade.

Contudo, a história não termina com a matança. Deus restaurará a cidade e dará saúde ao povo (33:6-7). Como em 30:17, há indícios aqui de que essa cura envolve a implantação de nova carne no povo. A *paz e a segurança* que eles desfrutarão serão caracterizadas pela *abundância* (cf. 31:12). O tempo de restauração será marcado pela purificação e pelo perdão dos pecados (33:8). Essas promessas estão relacionadas com 31:34, em que o Senhor fala do novo relacionamento estabelecido com seu povo.

A cidade de Jerusalém, que se transformou em abominação por causa das práticas idolátricas de Judá (24:9), tornar-se-á motivo de alegria para o Senhor (33:9). As outras nações serão obrigadas a crer em tudo o que o Senhor fez pela cidade, tão maravilhosa será a transformação (Is 60). A cidade verdadeiramente desfrutará *paz e prosperidade* (NVI).

Os babilônios transformarão a cidade num montão de ruínas, mas um dia as canções de júbilo e de alegria serão novamente ouvidas (33:10-11). Haverá casamentos outra vez, celebrações no templo, sacrifícios a Deus. Tudo isso acontecerá depois que o Senhor trouxer seu povo de volta do cativeiro.

A restauração também afetará os animais. Rebanhos e apriscos serão vistos outra vez nos campos de Judá (33:12; cf. 17:26). Pastores terão novamente a alegria de contar seus rebanhos (33:13; Lv 27:32).

A *boa palavra* (ou *promessa*, NVI) que o Senhor diz que cumprirá em 33:14 é a profecia de 23:5, concernente ao *Renovo de justiça* proveniente da casa de Davi (33:15). O reinado do Renovo de justiça é apresentado da mesma forma que em 23:5, e o versículo seguinte é igual a 23:6, com uma diferença. Naquela referência, o Renovo de justiça é chamado “SENHOR, Justiça Nossa”; nesta, o nome é dado a Jerusalém (33:16).

A menção do nome de Davi lembra o profeta de outra antiga promessa feita ao grande rei de Israel, segundo a qual *nunca faltará a Davi homem que se assente no trono da casa de Israel* (33:17; cf. 2Sm 7:16; 1Rs 2:4). Segue-se agora uma promessa semelhante, porém aplicada a um grupo muito maior que os descendentes de Davi: os *sacerdotes levitas* (33:18). A presença permanente deles significa que não mais haverá interrupções na adoração oferecida ao Senhor. Essa profecia se cumpriu perfeitamente em Jesus Cristo, o perfeito sacerdote (Sl 110:4; Hb 5:6-10; 6:19-20; 7:11-25).

As leis que governam o sol e a lua são apresentadas como cláusulas de uma aliança que o Senhor firmou com esses grandes corpos celestes — um pacto que nunca será quebrado (33:20-21; cf. tb. 31:35-37). As alianças que o Senhor estabeleceu com Davi e com os levitas são tão estáveis quanto as que governam o mundo natural. Os descendentes de Davi e os levitas serão tão numerosos quanto a

descendência prometida a Abraão, Isaque e Jacó (33:22; cf. Gn 13:16; 15:5; 22:17; 26:4; 32:12).

As *duas famílias* em questão podem ser tanto as nações de Israel e Judá quanto Davi e os levitas, mencionados nos versículos anteriores (33:23-24). O que fica claro aqui é que determinadas pessoas estão escarnecendo do povo de Deus, alegando que o Senhor os rejeitou e que eles não constituem mais uma nação. O profeta repete as palavras de 33:20 para afirmar que o Senhor não rejeitou seu povo (33:25).

O Livro da Restauração encerra com duas expressões referentes ao povo de Deus (33:26). Na primeira, a referência é ao reino dividido, representado pela menção dos descendentes de Jacó (a nação de Israel) e dos descendentes de Davi (Judá). Na segunda, ele recua ainda mais no tempo e identifica ambos os grupos na pessoa de seus ancestrais comuns: Abraão, Isaque e Jacó. Com isso, Jeremias está ressaltando que a restauração definitiva do povo de Deus será vista também em sua reunificação.

### 34:1—35:19 Várias mensagens

#### 34:1-7 O destino de Zedequias

Nabucodonosor e os babilônios não agem sozinhos no cerco a Jerusalém. Eles contam com o reforço de seus aliados, ou seja, *todos os reinos da terra que estavam debaixo do seu poder*. Além disso, Jerusalém não é a única cidade que está sendo atacada: *todas as suas cidades* estão cercadas pelo inimigo (34:1). Entre essas cidades, estão Laquis (distante vinte quilômetros) e Azeca (distante trinta quilômetros), a sudoeste (34:7; cf. tb. Ne 11:30; 2Cr 11:9). A cidade de Laquis é bem conhecida por sua resistência a Senaqueribe, rei da Assíria (2Cr 32:9).

Em algum momento durante o cerco de Jerusalém, provavelmente no início, o Senhor enviou Jeremias para relatar a *Zedequias, rei de Judá*, o que acontecerá à cidade e ao seu monarca (34:2a). A cidade será conquistada por Nabucodonosor, que a *queimará* (34:2b; cf. tb. 21:10; 32:3,29). Zedequias será aprisionado, se encontrará com Nabucodonosor *face a face* e será levado para o exílio na Babilônia (34:3; cf. tb. 32:4-5). No entanto, não morrerá de modo violento, mas terá uma morte natural e um sepultamento semelhante ao de seus predecessores, os reis de Israel (34:4-5; 2Cr 16:14).

Jeremias transmitiu fielmente todas essas palavras ao rei, a despeito do risco natural que representa anunciar a um soberano não apenas o fim de sua carreira política, mas também seu exílio e sua morte (34:6). Como acontecera em outras ocasiões, a obediência de Jeremias à ordem do Senhor custou-lhe a liberdade: logo depois que o profeta entregou a mensagem, o rei mandou lançá-lo na prisão.

#### 34:8-22 Escravos libertos e reescravizados

A lei de Moisés prescrevia que o hebreu, homem ou mulher, só poderia ser mantido como escravo por seis

anos. No sétimo ano, tinha de ser libertado (Êx 21:2-6). Aparentemente, o rei Zedequias e todo o povo haviam feito um acordo, comprometendo-se em obedecer a essa lei (34:8-10). O texto não diz por que o rei decidiu de súbito aplicar essa lei nem por que o povo concordou com ele. Ao que parece, eles foram motivados unicamente pelo desejo de obedecer ao Senhor. Contudo, várias outras possibilidades são sugeridas. Alguns acreditam que Zedequias estava tentando fazer algo que o tornasse aceitável diante do Senhor para assim conquistar o favor divino e resolver a crise que assolava a nação. Não é incomum o ser humano submeter-se a Deus na esperança de receber em troca algum benefício ou algum livramento. Talvez o rei estivesse disposto a libertar os escravos com o propósito de utilizá-los na defesa da cidade contra os babilônios. O exército aumentaria seu efetivo se os escravos se juntassem a ele. Outros pensam também que os escravos foram libertados por estarem impedidos de realizar suas tarefas usuais, principalmente os que trabalhavam fora dos portões da cidade. Com a libertação dos escravos, seus senhores ficariam livres da responsabilidade de alimentá-los e cuidar deles. Essa opção é particularmente interessante, porque em situação de cerco os estoques de alimento tendem a escassear.

Qualquer que tenha sido a razão, todos os escravos hebreus foram libertados. Mas isso não resultou de alguma convicção ou da firme determinação de obedecer à lei do Senhor. Por isso, eles não tardaram a mudar de ideia e *os fizeram voltar, e os sujeitaram por servos e por servas* (34:11).

Em resposta ao que esse comportamento revela acerca do caráter dos habitantes de Judá, o Senhor lhes envia uma mensagem por meio de Jeremias (34:12). Eles são lembrados do contexto no qual foi promulgada a lei concernente à libertação dos escravos, bem como da desobediência de seus ancestrais (34:13-14). Deus deve ter-se agradado quando os contemporâneos de Jeremias decidiram pela observância da lei (34:15), porém ao voltar atrás em sua decisão eles incorreram numa grave ofensa contra o Senhor (34:16). Eles haviam prometido a Deus que libertariam seus escravos. Foi como se o tivessem convidado a ser testemunha de seu desejo de obedecer à lei. Agora, sem aviso, quebram a promessa. É um claro ato de deslealdade, e por isso o Senhor irá puni-los com a *espada*, a *peste* e a *fome* (34:17). Esse castigo tem em mira principalmente aqueles que não cumpriram a aliança firmada segundo o costume de dividir um animal ao meio e passar pelas duas partes (34:18-19).

O povo conhecerá a derrota e será governado por uma nação inimiga. Os que forem mortos não terão direito a sepultamento. Os pássaros e os animais se alimentarão dos cadáveres. O Senhor fará que o exército babilônico, que havia desistido de sitiar Jerusalém, cerque a cidade novamente. Dessa vez, eles tomarão a cidade e a queimarão (34:20-21; 32:29).



## SINCRETISMO

A palavra “sincretismo” deriva de um termo grego que significa “misturar, unir uma coisa a outra”, e nem sempre esse significado é negativo. A palavra é usada por Paulo em relação às diferentes partes do corpo humano que funcionam como um todo (1Co 12:24). Ela também ocorre em Hebreus 4:2, em que lemos que a maioria dos santos do AT não desfrutou o prometido descanso na terra de Canaã porque, embora tivesse ouvido a mensagem que lhe fora comunicada, tal mensagem não foi misturada com a fé e a confiança em Deus.

Hoje, o sincretismo é definido como a mistura de diversas crenças e sistemas religiosos. Muitos movimentos religiosos da África são considerados religiões sincretistas, uma vez que seus adeptos integram elementos tradicionais às religiões importadas, como o cristianismo e o islamismo.

Historicamente, os escritores e líderes de igrejas ocidentais se mostram hostis ao sincretismo e usam a palavra de modo pejorativo quando se referem a algumas das inovações e iniciativas das igrejas autóctones africanas. Essas igrejas são acusadas de distorcer ou contaminar os princípios fundamentais da fé cristã. No entanto, um exame mais cuidadoso dos motivos por trás da integração de temas e elementos tradicionais africanos à fé cristã revelará que é um equívoco rotular de sincretistas os movimentos religiosos nativos, embora alguns de fato o sejam.

A questão aqui é se a fidelidade às crenças ortodoxas cristãs impede alguém de adaptar algum elemento que torne essa fé culturalmente mais relevante. Os cristãos às vezes esquecem que os costumes e as culturas vêm modelando a mensagem cristã através dos séculos. A igreja, de maneira consciente ou inconsciente, sempre aceitou alguma forma de sincretismo cultural, desde seu início em Jerusalém e pelo vasto mundo greco-romano. Podemos citar como exemplo as raízes pagãs presentes em algumas tradições cristãs, como a Páscoa e o Natal, a arquitetura dos templos e as cerimônias fúnebres e matri-

moniais. Muitos dos hinos contidos no NT são, na forma, claramente judaicos ou influenciados pela cultura helenística, embora seu conteúdo seja cristão (cf. Fp 2:6-11 e Cl 1:15-20; cf. tb. o poema do Logos em Jo 1:1-16).

A liderança da igreja primitiva, sem dúvida, levou em conta a cultura dos cristãos gentios quando se reuniu para definir as diretrizes missionárias a respeito da espinhosa questão de exigir ou não dos cristãos gentios a adoção de práticas judaicas, como a circuncisão (At 15:1-35).

Desde então, a mensagem cristã tem sido moldada não apenas pelas Escrituras, mas também pelos concílios e credos da Igreja, por acontecimentos históricos, bem como pelos escritos e pela vida de santos e teólogos.

Todas essas influências levaram teólogos como Wolfhart Pannenberg a declarar que, mais importante que a existência de uma clara linha divisória entre a revelação especial de Deus em sua Palavra e a revelação geral nas diversas culturas, é o fato de Deus trabalhar em ambas as áreas, para que uma influencie a outra.

A criativa diversidade expressa na fé cristã leva-nos à conclusão de que a igreja precisa relacionar-se com o mundo, que é inerentemente religioso e culturalmente pluralista. A igreja na África pode aprender com o Islã e com as religiões africanas tradicionais como tornar sua fé mais sólida e mais relevante no âmbito de nossa cultura. Os evangélicos não devem permitir que o medo do sincretismo os impeça de contextualizar a fé para permitir expressões locais significativas. No entanto, toda contextualização deve ser acompanhada do sólido fundamento da mensagem do evangelho absoluto. Precisamos ser zelosos em nos resguardar de toda forma de paganismo; porém, teológica e missiologicamente, não há nada errado na integração da cultura com o evangelho, desde que o propósito e a supremacia de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, não sejam sacrificados no altar multicultural e religioso do relativismo.

Lawrence Lasisi

### 35:1-19 O exemplo dos recabitas

O incidente descrito no capítulo 35 ocorre durante o reinado de Jeoaquim, um dos predecessores de Zedequias (35:1), e envolve um grupo conhecido como recabitas (cf. 2Rs 10:15-23; 1Cr 2:55). Eles se refugiaram em Jerusalém quando a terra foi invadida pelos babilônios e seus aliados (35:11).

O Senhor ordenou que Jeremias se reunisse com os recabitas em uma das câmaras do templo e lhes oferecesse vinho (35:2). O profeta seguiu as orientações do Senhor e fez um convite a *Jazánias, filho de Jeremias*, e à sua família (35:3). Esse Jeremias, pai de Jazánias, não é o profeta.

Os recabitas compareceram na hora e local combinados, e Jeremias colocou vinho diante deles e insistiu em que o bebessem, exatamente como lhe fora solicitado (35:4-5).

Observe que o profeta não se limitou a oferecer-lhes o vinho, mas de fato serviu a bebida a eles, seguindo a ordem do Senhor ao pé da letra. Os recabitas recusaram-se a beber, porque seu ancestral, *Jonadabe, filho de Recabe*, havia ordenando que eles se abstivessem do vinho (35:6). Ele estabeleceu também outras regras sobre seu estilo de vida. Eles não podiam construir casas, mas deviam habitar *em tendas*. Não podiam plantar grãos nem vinhas, nem mesmo cultivar o campo ou os vinhedos (35:7).

Os recabitas seguiam à risca a tradição (35:8-10). Eles haviam renunciado à vida sedentária, optando resolutamente pelo estilo de vida nômade. Suas tradições faziam deles um grupo distinto, embora isso não os impedisse de se relacionar com outros povos, como o demonstra sua decisão de



buscar refúgio em Jerusalém (35:11). Seus costumes não tornavam esse povo superior ou inferior a outros: apenas faziam dele um povo único, com identidade bem definida. É lamentável ver quantos grupos hoje perderam a identidade e se tornaram algo que realmente não são.

O sólido compromisso dos recabitas com sua tradição proporcionou a Jeremias uma vívida ilustração para sua mensagem aos habitantes de Judá (35:12-13). Os recabitas se mantiveram leais às determinações de seu ancestral, seguindo-as ao pé da letra. Mas os filhos do Senhor, os judeus, não primavam por esse tipo de obediência (35:14). Além disso, o Senhor já estava cansado de enviar profetas para alertá-los. Deus transmitira ordens muito claras (arrependimento, mudança de vida, abandono da prática da idolatria), mas o povo não lhes deu atenção (35:15). Os recabitas tinham muito que ensinar aos judeus. Sabiam como obedecer aos ensinamentos de um pai não apenas por certo tempo, mas por longos anos. Criaram uma identidade ao seguir as regras estabelecidas pelo seu ancestral. Os judeus, porém, não haviam feito nada disso (35:16). Sua recusa em obedecer ao Senhor atrairá a desgraça sobre eles: a captura da cidade e o exílio de seus habitantes (35:17).

Pelo fato de obedecerem fielmente às determinações de seu ancestral, os recabitas receberam do Senhor a promessa de que seus descendentes sempre serviriam no templo (35:19; cf. tb. 33:18).

### 36:1—45:5 Julgamento e sofrimento de Jeremias

Os dez capítulos seguintes de Jeremias relatam os dolorosos momentos da vida do profeta durante o cerco de Jerusalém e depois da queda da cidade. Alguns dos fatos ocorridos após a queda de Jerusalém tiveram lugar em Judá, e outros, no Egito.

#### 36:1-32 A destruição do rolo

Esse fato aconteceu durante o reinado de Jeoaquim, rei de Judá (36:1). O Senhor ordena a Jeremias: *Toma um rolo*. O profeta deverá escrever nele todas as mensagens que Deus lhe transmitiu, desde o início de seu ministério (36:2; 30:2). Nos tempos de Jeremias, costumava-se escrever em peles de animais especialmente preparadas para esse fim. Depois que a pessoa escrevia, a pele era enrolada, por isso esses livros são chamados “rolos”.

O propósito do Senhor ao solicitar ao profeta que registrasse todas as mensagens comunicadas era possibilitar que outros as conhecessem por meio da leitura, tomassem consciência do próprio pecado e assim mudassem de atitude. O Senhor estava tentando conduzir o povo ao arrependimento, a fim de que lhes pudesse perdoar os pecados (36:3).

Baruque, secretário de Jeremias, escreveu todas as palavras de seu amo num rolo (36:4). Jeremias ordenou a Baruque que fosse ao templo e ali procedesse à leitura do livro, uma vez que o profeta estava encarcerado (36:5). Ainda que a palavra “encarcerado” seja a mesma utilizada

em 33:1, não se deve presumir necessariamente que Jeremias estava na prisão nessa época. Na verdade, 36:19 e 36:26 deixam claro que ele estava livre.

Baruque leu em público as palavras que Jeremias lhe havia ditado (cf. tb. Êx 24:7; Ne 8:8). A leitura foi feita durante um jejum, ocasião em que o povo de várias partes do país se reuniu para orar ao Senhor (36:9; cf. Lv 16:29-31; 23:27-32; Nm 29:7). O objetivo da leitura era levar o povo ao arrependimento (36:7).

Baruque obedeceu a Jeremias tão fielmente quanto o profeta obedecia ao Senhor (36:8). No dia do jejum, ele leu o livro em voz alta na câmara de *Gemarias*, irmão de Aicão (26:24), no átrio superior, à entrada da *Porta Nova*. A Porta Nova foi o local onde as autoridades se assentaram para ouvir o caso apresentado contra Jeremias, depois de ele ter profetizado no templo (36:10; 26:10).

A exemplo de seu amo, Baruque demonstrou grande coragem. Ele estava a par do conteúdo do rolo e também sabia que seus ouvintes não aprovariam a mensagem. Além disso, ao que parece, o povo se havia reunido para jejuar porque desejava ficar livre dos inimigos. Manifestar-se em público em tal ocasião e anunciar exatamente o oposto do que o povo esperava ouvir era expor-se a um grande perigo.

Um dos que estavam na câmara ouvindo a leitura de Baruque, chamado *Micaías*, filho de Gemarias e neto de Safá, correu ao palácio real tão logo o secretário de Jeremias acabou de ler o livro (36:11). Procurou as principais autoridades (36:12) e *anunciou-lhes todas as palavras que ouvira* (36:13).

Os oficiais do rei mandaram buscar Baruque (36:14) e lhe ordenaram que lesse na presença deles o rolo que havia lido diante do povo no templo. Baruque fez o que lhe mandaram (36:15). Ao ouvir com os próprios ouvidos, as autoridades ficaram com medo. Aqueles homens se aperceberam do grande perigo que ameaçava a cidade e seus habitantes. A reação foi informar ao rei imediatamente, sem dúvida na esperança de fazer algo para evitar a tragédia (36:16).

Antes de ir à presença do rei, entretanto, as autoridades quiseram saber mais a respeito daquele rolo. Descobriram que o autor era Jeremias e indagaram de Baruque como ele tivera acesso às palavras do profeta, para escrevê-las (36:17). Ingenuamente, Baruque informou-lhes que Jeremias havia ditado as palavras e assim ele as escrevera no livro com tinta (36:18).

Os oficiais do rei estavam cientes do perigo a que Baruque e seu amo se haviam exposto ao proceder à leitura pública de um texto com aquele conteúdo. Ao que parece, não eram totalmente contrários a Jeremias e seu secretário, mas estavam inquietos com alguma coisa — talvez com a reação do rei à mensagem do rolo. Por isso, aconselharam Baruque e Jeremias a se esconder (36:19). Em circunstâncias semelhantes, Elias fugiu para um lugar próximo da margem oriental do Jordão logo após ter comunicado uma terrível mensagem da parte de Deus ao rei Acabe (1Rs 17:3).

Depois de recomendar a Baruque e Jeremias que se escondessem, as autoridades procuraram o rei, mas tomaram o cuidado de deixar o rolo na câmara de *Elisama*, um dos secretários reais (36:20). Então eles mesmos revelaram o conteúdo do livro ao rei.

O rei mandou um homem chamado Jeudi buscar o rolo que as autoridades haviam deixado na câmara de *Elisama* (36:21). Esse Jeudi é o mesmo que as autoridades enviaram à procura de Baruque quando souberam da leitura pública do rolo no átrio do templo (36:14). Jeudi retornou com o rolo e o leu diante do rei e das autoridades.

Em 36:22, temos a informação de que esse episódio ocorreu no inverno. Por essa razão, o rei estava no palácio de inverno, onde costumava passar a estação (cf. Am 3:15), sentado perto do fogo, para se aquecer.

Assim que Jeudi terminou a leitura, o rei Jeoaquim tomou o rolo, cortou-o em tiras e lançou-o no fogo (36:23). Num gesto de extrema arrogância, desprezou as palavras do Senhor. Sua atitude foi bem diferente da de seu pai, o rei Josias, quando Safã, o secretário (cujo filho e neto agora apoiavam Jeremias — 36:10-11), leu na presença dele o Livro da Lei, que havia sido encontrado no templo. O rei Josias rasgou as próprias roupas, em sinal de lamentação e arrependimento (2Rs 22:10-13). Jeoaquim não se arrependeu. Em vez disso, tratou a palavra de Deus com desdém. Sua atitude contagiou seus servos (Sl 64:5-6). Eles se mostraram temerosos quando Baruque leu o livro diante deles, mas agora seguiam o exemplo de Jeoaquim. Eles poderiam ter rasgado a própria roupa em sinal de lamentação, mas 36:24 diz que não o fizeram.

No entanto, nem todos os oficiais do rei se mostraram indiferentes ou zombaram da profecia. Alguns deles — *El-natã, Delaiás e Gemarias* — tentaram persuadir o rei a não queimar o rolo (36:25), porém seus protestos foram ignorados. Não satisfeito em ter lançado no fogo o livro da profecia, Jeoaquim ordenou que seus oficiais prendessem Baruque e Jeremias. No entanto, eles não foram encontrados, porque o Senhor os havia escondido (36:26).

Depois desse incidente, o Senhor falou a Jeremias e ordenou que o profeta tomasse outro rolo e reescrevesse tudo o que estava no rolo que Jeoaquim havia destruído (36:27-28). Jeremias também entregou uma nova mensagem ao rei, que o havia criticado por profetizar a destruição da terra dos judeus e o exílio da população (36:29; cf. 26:9). A mensagem informava Jeoaquim de que, por causa de seu orgulho e incredulidade, nenhum de seus descendentes reinaria em Judá. O próprio rei seria morto, e seu corpo ficaria exposto aos elementos. Ele não teria túmulo nem funeral, talvez a pior desgraça para um rei (36:30). O Senhor também agiria de maneira implacável contra os descendentes de Jeoaquim e os servos do rei. Eles seriam punidos por seus pecados, pois fizeram pouco caso de todas as ameaças contidas no livro que fora lido diante deles (36:31).

Alguns argumentam que a profecia de 36:30 não se cumpriu, pois Joaquim, filho de Jeoaquim, o sucedeu no trono. No entanto, ele reinou apenas três meses (2Rs 24:8), o que dificilmente pode ser classificado como um reinado nos termos do AT. Joaquim foi levado cativo para a Babilônia, onde morreu (2Rs 24:15; 25:27-30).

Jeremias tomou outro rolo, entregou-o a Baruque e, juntos, eles produziram uma nova compilação dos oráculos de Jeremias. Esse segundo livro de profecias continha textos que não constavam do primeiro (36:32).

### 37:1—39:18 O cerco de Jerusalém

#### 37:1-10 Zedequias consulta Jeremias

A história agora se concentra no reinado de Zedequias, que Nabucodonosor designou para o trono de Judá, após o breve reinado de Joaquim (37:1; 2Rs 24:17-18). Seu reinado é definido nas seguintes palavras: *Nem ele, nem os seus servos, nem o povo da terra deram ouvidos às palavras do SENHOR que falou por intermédio de Jeremias, o profeta* (37:2).

Todavia, quando a cidade foi cercada pelos babilônios, Zedequias enviou alguns homens para consultar Jeremias. Ele queria que o profeta orasse a favor de Judá (37:3). O sacerdote *Sofonias, filho de Maaseias*, já mencionado anteriormente, estava entre os enviados do rei (cf. 21:1-2; 29:25-29). Essa visita ocorreu antes de o profeta ser lançado na prisão (37:4).

Zedequias parece ter solicitado a oração pelo sucesso de uma estratégia combinada com Faraó Hofra (44:30). O Egito era aliado de Judá, e, a pedido de Zedequias, o exército egípcio estava a caminho para prestar auxílio aos judeus. Quando os babilônios souberam que o exército do Egito marchava contra eles, o cerco a Jerusalém foi suspenso (37:5; 34:21-22).

O rei de Judá tinha esperança de que os egípcios derrotassem os babilônios e os expulsassem da terra, mas a resposta do Senhor a Zedequias indica que as coisas não tomaram o rumo que o rei previu ou que pelo menos estava esperando (37:6-7). O Senhor informa-o de que o exército do Egito fará meia-volta e voltará para casa. Qualquer esperança que a notícia de sua aproximação tenha criado evaporará. Judá se encontrará exatamente na mesma situação de antes. Os babilônios retornarão e reassumirão as posições que abandonaram (37:8). Eles tomarão a cidade e a queimarão, exatamente como Jeremias havia anunciado por ordem do Senhor (34:22).

Por essa razão, o Senhor aconselha o rei e o povo de Judá a não comemorar a vitória cedo demais. Não há um indício sequer para alimentar a ilusão de que a crise está chegando ao fim. Os babilônios não irão embora (37:9).

O Senhor também adverte Zedequias da inutilidade de combater os babilônios. Ele pode decidir atacar de ímpeto as tropas babilônicas que abandonaram o cerco à cidade. No entanto, mesmo que vença uma batalha e alguns feridos



sobrevivam, isso não salvará Jerusalém, pois, estando eles feridos ou não, os soldados de Nabucodonosor destruirão a cidade (37:10).

A mensagem é clara para quem se dispõe a ouvir. Não há nada mais que se possa fazer. O destino de Judá está selado. A cidade será conquistada e queimada, e seus habitantes serão feitos prisioneiros e levados para longe de sua terra. Os que ficarem no país sofrerão com a fome e a vergonha. É o Senhor quem está falando.

### 37:11-21 *Jeremias é preso*

A notícia da aproximação do exército egípcio e da partida dos babilônios cria certa agitação entre o povo, que considera a possibilidade de reiniciar as atividades que eles foram obrigados a interromper durante o cerco (37:11). Jeremias decide ir ao seu local de nascimento, na *terra de Benjamim*, tratar de assuntos pessoais e familiares (37:12). O que exatamente ele pretende fazer lá não está claro no texto bíblico, mas é provável que seja algo relativo a alguma propriedade sua. Pode ser até mesmo para discutir o negócio do campo que ele mais tarde comprará de seu primo, por ordem do Senhor (32:6-15 — o livro de Jeremias não está organizado em ordem cronológica). Qualquer que seja o motivo, está claro que o profeta pretende ficar um período fora de Jerusalém. Por certo, ele deseja resolver seus assuntos num curto espaço de tempo e retornar em seguida à capital.

No entanto, quando já está no portão da cidade, Jeremias é preso pelo capitão da guarda, que é o responsável pela vigilância naquele ponto (37:13). Esse soldado, chamado *Jerias*, acusa-o de estar deixando a cidade para se juntar ao inimigo. Podemos entender a razão dessa suspeita. Jeremias vinha aconselhando o povo de Judá a render-se a Nabucodonosor, rei da Babilônia. Ele também anunciava que Nabucodonosor tomaria a cidade e a queimaria, e agora, no momento em que o exército egípcio se põe em marcha para ajudá-la e que os babilônios batem em retirada, o profeta tentava deixar a cidade. As ações de Jeremias pareciam contradizer suas palavras. Teria ele percebido que o vento agora soprava em outra direção? Estaria deixando a cidade para juntar-se aos babilônios, a quem parecia apoiar? Para Jerias, é o que parecia estar acontecendo.

Jeremias afirma sua lealdade a Judá, mas é ignorado. Jerias não acredita nele. Ele prende o profeta e o entrega aos oficiais de Zedequias (37:14), que interpretam a situação da mesma forma. Enfurecidos com o que imaginam ser os motivos do profeta, mandam açoitá-lo e o lançam no cárcere, na *casa de Jônatas*, secretário do rei (37:15). Eis como Jeremias foi parar na prisão, e ali ficou muitos dias (37:16).

O rei Zedequias aproveitou-se do fato de Jeremias estar na prisão e mandou buscá-lo em segredo para uma conversa. O rei queria saber se o profeta havia recebido outras revelações. Jeremias respondeu que a única mensagem que o Senhor tinha para Zedequias é que este seria entregue

nas mãos do rei da Babilônia (37:17). Jeremias não mudou o discurso só porque estava sendo interrogado na privacidade do palácio. Não se deixou influenciar com o esplendor da casa real nem com o privilégio de estar na presença do rei. O profeta não fez nenhum esforço para se expressar de maneira politicamente correta. Tão somente proclamou o que o Senhor lhe havia revelado. Nada mais!

Então, Jeremias pergunta ao rei por que foi lançado na prisão, pois nada havia feito que merecesse aquele tratamento (37:18). Na verdade, o povo agora talvez o escute, porque os acontecimentos mostraram que ele estava certo e que os profetas que haviam afirmado que os babilônios nunca atacariam Jerusalém estavam errados (37:19; 23:16-17). Os babilônios haviam cercado a cidade. Se os fatos confirmavam sua mensagem, por que o rei se recusava a ouvi-lo? Por que ele estava sendo tratado como um criminoso?

Jeremias pede para ser libertado (37:20). Ele não está solicitando um favor, embora seu pedido seja descrito como uma *súplica*. Ele apenas pede justiça e a restauração de seus direitos, pois nada que tenha feito justifica o fato de ser submetido às terríveis condições do cárcere. Ele morrerá se continuar preso muito tempo.

O rei Zedequias não atende ao pedido de Jeremias, mas toma providências para melhorar sua estada na prisão: transfere-o do calabouço para o pátio da guarda e ordena que o alimentem com pão diariamente, até que acabe todo o pão na cidade (37:21). Essas medidas provam que Zedequias tinha certo respeito por Jeremias. Talvez ele não tenha concedido a liberdade ao profeta por temer a reação de seus aliados políticos (38:5). Jeremias, de sua parte, não se queixa do Senhor. Ele não se arrepende por ter obedecido ao Senhor e transmitido sua mensagem. Em tais circunstâncias, a intervenção do rei parece ter-lhe proporcionado alívio suficiente.

### 38:1-13 *Jeremias é lançado numa cisterna*

Embora estivesse na prisão, Jeremias continuava a proclamar sua mensagem (38:1). Ao que parece, ele entendia que o motivo de sua prisão era a oportunidade de proclamar a mensagem do Senhor aos presos e aos oficiais (cf. At 16:23-32; Fp 1:12-14). Deus às vezes nos faz passar por situações que não entendemos, mas a experiência de Jeremias prova que o Senhor sempre tem um propósito nas diversas circunstâncias de nossa vida (cf. Rm 8:28).

A mensagem do profeta é resumida em 38:2: *O que ficar nesta cidade morrerá [...]; mas o que passar para os caldeus viverá*. A cidade sucumbirá definitivamente diante dos babilônios (38:3). Jeremias não altera um ponto sequer de sua mensagem, mesmo que suas palavras, diante de seus detratores, sejam evidência suficiente para que o acusem de traidor que passou para o lado do inimigo.

Uma vez que a prisão não conseguiu silenciar Jeremias, os oficiais do rei tomaram uma medida mais radical. Foi

sugerida a pena de morte (38:4). A justificativa para tal ato era que o profeta representava um perigo, porque estava desmotivando as tropas e o povo. Ele estava prevendo destruição, em vez de paz e prosperidade, portanto era culpado de alta traição e devia ser executado.

A réplica de Zedequias diz muito sobre o caráter desse rei. Ele perdeu a autoridade. À semelhança de muitos líderes políticos de hoje, ele se tornou refém dos desejos de seus oficiais e conselheiros. Ele não se opõe a que seus oficiais tratem Jeremias conforme desejem. Não pode haver maior evidência de perda de autoridade (38:5).

Os inimigos de Jeremias então o prenderam numa cisterna que pertencia a *Malquias*, um dos filhos do rei (38:6). A cisterna era um tanque subterrâneo construído para armazenar a água da chuva, e aquela era tão profunda que tiveram de descer o profeta por meio de cordas. Embora não houvesse água na cisterna, Jeremias ficou atolado numa grossa camada de lama. Tal situação nos faz lembrar as palavras de Lamentações: “Para me destruírem, lançaram-me na cova e atiraram pedras sobre mim. Águas correram sobre a minha cabeça; então, disse: estou perdido!” (Lm 3:53-54).

Os inimigos de Jeremias estão convencidos de que essa medida decretou o fim do profeta. Ninguém mais ouvirá falar de suas profecias, e agora eles poderão incentivar o povo a defender corajosamente a cidade dos ataques dos babilônios.

No entanto, há um homem em Jerusalém que não pensa assim. Não sabemos seu nome, porque o texto sagrado o identifica como *Ebede-Meleque*, que quer dizer “servo do rei”. Tudo o que sabemos a seu respeito é que ele é africano, mais especificamente um etíope, que serve ao rei Zedequias (38:7). Também sabemos que ele presenciou o que foi feito a Jeremias. Ele não pode erguer a voz em protesto nem fazer coisa alguma no momento porque há homens poderosos envolvidos na questão. Quem iria ouvi-lo? Algum daqueles homens ao menos se dignaria de escutá-lo? Além disso, espera-se dos anônimos que mantenham silêncio, que permaneçam calados. Acredita-se que é do interesse de todos que eles continuem assim. Pelos menos é dessa forma que muitos pensam.

Ebede-Meleque, todavia, não ficou calado. Ele foi falar ao rei, que estava assentado à Porta de Benjamim, no mesmo lugar em que Jerias havia capturado Jeremias quando este se dirigia à sua cidade natal (38:8; 37:13). Ele não pretendia conquistar um lugar ao sol com essa atitude. Tudo o que desejava era ser uma voz a favor de alguém que agora estava em silêncio no fundo de uma cisterna (Sl 82:4; Pv 14:25; 31:8-9).

O etíope não faz um longo discurso a favor de Jeremias. Simplesmente declara que outros servos do rei *agiram mal* em relação ao profeta. Não era correto prendê-lo numa cisterna. Dessa vez, o rei intervém, mostrando que está mudado, e toma providências para que Jeremias seja tirado da cisterna antes que morra de fome (38:9).

O rei talvez já soubesse o que havia acontecido a Jeremias. Permitiu aquela situação porque era fraco. Foi preciso que um servo sem nome o lembrasse de que ele, de forma indireta, porém não sem culpa, havia agido mal para com o profeta. Zedequias sabe que Jeremias é um homem íntegro e fala aquilo que interessa ao Senhor. O rei também sabe que não protegeu o profeta como devia, nem lhe fez justiça. Foi necessário que um africano anônimo chamasse sua atenção para a injustiça que havia perpetrado, a fim de que a corrigisse.

Agindo dessa forma, o servo sem nome tornou-se um porta-voz e um intercessor. O restante da história mostra que ele foi bem-sucedido em sua missão. Não houve necessidade de uma identificação por nome: apenas suas ações foram necessárias. O anonimato não é algo negativo em si mesmo: o que é vergonhoso é a inércia. Ela pode matar, mas a ação salva vidas. Isso compensa qualquer nome. Assim, através dos séculos, milhares e milhares de leitores da Bíblia tomaram conhecimento desse importante etíope que não tinha nome! Da mesma forma, muitas gerações de leitores e ouvintes do evangelho tomaram conhecimento da mulher anônima que derramou um perfume caríssimo sobre a cabeça de Jesus (Mt 26:6-13).

O rei não só concordou com a intervenção e a intercessão do etíope, como também o incumbiu da tarefa (38:10). O servo do rei recebeu ordem de tomar *trinta homens* e libertar Jeremias. O etíope tomou todas as providências necessárias e cumpriu sua missão muito bem (38:11). Então, depois de cumprir a missão, o anônimo sai de cena, e não ouvimos mais falar dele até a queda da cidade. Entretanto, o Senhor se lembrou dele e lhe enviou uma mensagem de salvação por meio do profeta Jeremias (39:16-18). De maneira semelhante, o Senhor salvou a prostituta Raabe, que havia ajudado o povo de Deus (Js 6:25).

### 38:14-28 Último diálogo com Zedequias

Como da outra vez (37:17), o rei Zedequias ordena que tragam o profeta em segredo à *terceira entrada na Casa do SENHOR* — talvez a entrada com ligação direta ao palácio real. Também como da outra vez, ele pergunta se Jeremias tem alguma mensagem da parte do Senhor (38:14). No entanto, o profeta se recusa a responder, porque não está convencido de que o rei deseja sinceramente ouvir a mensagem (38:15). O rei mandará matá-lo se a mensagem for desfavorável? Se o profeta entregar a mensagem, o rei a levará a sério? Só depois de o rei jurar que não fará nenhum mal a Jeremias, o profeta concorda em revelar a mensagem recebida da parte do Senhor (38:16).

O Senhor ofereceu a Zedequias uma oportunidade de escapar ao castigo. O rei poderia evitar o pior para sua família, cidade e habitantes. Tal solução, no entanto, implica sua rendição aos babilônios (38:17; 38:2). Se ele insistir em ficar na cidade e recusar render-se aos babilônios, eles irão tomar a cidade, queimá-la e levá-lo prisioneiro (38:18; 27:8; 37:8).



O rei Zedequias parece disposto a fazer o que o profeta aconselha, porém há um obstáculo: ele teme os judeus *que se passaram para os caldeus*. Teme que os babilônios o entreguem na mão deles e assim eles o humilhem e dele *escarneçam* (38:19). É espantoso que, numa situação de vida ou morte, Zedequias ainda esteja preocupado com a própria reputação. Jeremias oferece-lhe ainda garantias da parte do Senhor. Se ele se render, ninguém lhe fará mal, nem os babilônios, nem os judeus (38:20). Contudo, se o rei não der crédito à mensagem do Senhor, há um recado de Deus para ele (38:21).

Na Antiguidade, quando um rei perdia a guerra, todas as mulheres do palácio passavam a pertencer ao conquistador (38:22; cf. 2Sm 16:21-22). Se Zedequias não se render aos babilônios, todas as mulheres do palácio serão levadas para o acampamento dos babilônios e se tornarão propriedade dos oficiais de Nabucodonosor. Pior ainda, elas zombarão de Zedequias. Se o rei teme ser insultado pelos judeus que passaram para o lado dos babilônios, como se sentirá quando for insultado pelas mulheres de sua casa?

A ameaça é repetida em 38:23, para ressaltar que, se o rei não se render, não apenas ele será entregue nas mãos dos babilônios, mas também suas mulheres e seus filhos, e a cidade será incendiada.

Ao ouvir essas palavras, Zedequias tenta fazer um trato com o profeta (38:24). Ele pede a Jeremias que não conte a ninguém sobre a conversa que estão tendo. O rei sabe que seus oficiais tomarão conhecimento do encontro e interrogarão Jeremias acerca do que foi dito (38:25). O rei sugere que, se alguém lhe perguntar sobre o que conversaram, Jeremias deve responder que foi implorar ao rei que não o mandasse de volta à prisão onde esteve da primeira vez (38:26). A desculpa é plausível, pois, embora Jeremias esteja confinado ao átrio da guarda (38:12-13), o incidente da cisterna pode tê-lo levado a temer ser encarcerado num lugar pior. Se Jeremias concordar em não dizer nada, o rei salvará sua vida: *Ninguém saiba estas palavras, e não morrerás* (38:23).

Os oficiais do rei de fato interrogaram Jeremias, e o profeta deu-lhes a versão combinada (38:27). Ele pode ter feito isso para salvar a própria vida, ou talvez na esperança de que o rei, com mais tempo para pensar e sem que os oficiais soubessem de suas intenções, decidisse render-se aos babilônios. Qualquer que tenha sido a razão, o profeta não revelou o conteúdo da conversa que tivera com o rei. Essa não é primeira vez no AT que alguém decide não revelar a verdade quando indagado (Js 2:5; 1Sm 20:6).

Depois da conversa com o rei, Jeremias permaneceu detido no átrio da guarda até a queda da cidade (38:28). Zedequias fez sua última consulta ao profeta. Teria ele consciência disso? Teria percebido ser aquela a última oportunidade de salvar seu reinado, sua família e a própria vida?

### 39:1-18 Jerusalém é tomada

A parte inicial do capítulo registra as datas precisas do cerco de Jerusalém. O cerco teve início no *ano nono de Zede-*

*quias, rei de Judá*, no décimo dia do *mês décimo* (39:1; 2Rs 25:1; Ez 24:1-2). Essa data corresponde a janeiro/fevereiro de 588 a.C. A cidade caiu no *undécimo ano de Zedequias, no quarto mês, aos nove do mês*, data que corresponde ao mês de julho de 587 a.C. (39:2). O cerco à cidade durou algo em torno de dezoito meses.

Tão logo *se fez uma brecha na cidade*, os oficiais de Nabucodonosor ocuparam posições estratégicas, mais especificamente na *Porta do Meio*. Embora saibamos pouca coisa a respeito dessa porta, a declaração de que eles *se assentaram* ali indica que agora eram as autoridades de Jerusalém, pois ocupavam o mesmo lugar em que os juízes julgavam as causas do povo (39:3). Nesse versículo, lemos o nome dos líderes babilônicos.

Zedequias e os soldados remanescentes tentaram uma fuga. Na calada da noite, deixaram a cidade por um caminho que havia no jardim do rei, ao lado do vale do filho de Hinom (39:4). Infelizmente para eles, o plano deu errado, porque os fugitivos foram interceptados pelos babilônios que os perseguiam (39:5). Zedequias foi capturado na planície de Jericó e conduzido ao rei da Babilônia, que estava acampado em *Ribla* (cf. 2Rs 23:33; 25:6), na terra de *Hamate*, que é a Síria nos dias de hoje. Nabucodonosor ali mesmo decretou a sentença de Zedequias. Matou todos os *filhos* à vista do rei de Judá (2Rs 25:7) e executou todos os *príncipes* de sua corte (39:6). Quanto ao próprio Zedequias, Nabucodonosor mandou que lhe vazassem os olhos (2Rs 25:7) e o prendessem com correntes, preparando-o assim para a deportação (39:7). Dessa forma, todas as predições a respeito de Zedequias e sua família se realizaram (34:3-5; 37:17; 38:18,23).

Os babilônios atearam fogo ao palácio real e a todas as casas de Jerusalém. Eles também puseram abaixo os muros da cidade (39:8). Nebuzaradã, o chefe da guarda de Nabucodonosor, deportou os sobreviventes que ainda estavam na cidade (39:9). Somente os pobres e os fracos tiveram permissão para permanecer em Judá. Foram assentados nos campos e vinhedos, a fim de cultivá-los para sobreviver (39:10).

A essa altura, descobrimos que os novos donos da cidade sabiam acerca de Jeremias, que não havia fugido de Jerusalém. Nabucodonosor deu instruções precisas a Nebuzaradã com relação ao profeta (39:11). Nenhum mal lhe foi feito. Pelo contrário, Jeremias foi até bem tratado, contudo mantinham vigilância cerrada sobre ele (39:12). Podemos deduzir, portanto, que os babilônios alimentavam certa suspeita de Jeremias.

As maiores autoridades babilônicas da cidade de Jerusalém foram buscar Jeremias, que ainda estava confinado ao átrio da guarda (39:13-14). Eles o entregaram aos cuidados de Gedalias, filho de Aicão, filho de Safã. Jeremias, portanto, não fazia parte dos deportados.

Enquanto estava preso no átrio da guarda, Jeremias recebeu outra mensagem do Senhor (39:15). Dessa vez, não havia nenhuma revelação a respeito da situação do país

nem da casa real de Judá. Em vez disso, o Senhor lembrou-se do etíope anônimo que havia ajudado o profeta depois que este foi lançado numa cisterna pelos oficiais de Zedequias (38:10-13). O Senhor avisou o etíope do julgamento iminente sobre a cidade de Jerusalém (39:16). Jeremias deveria dizer a Ebode-Meleque que este não precisava temer o ataque dos babilônios (39:17). O próprio Senhor protegeria o etíope, para que ele não acabasse morto por alguma espada babilônica. Sua recompensa foi similar à de Raabe, a prostituta que acolheu os espiões enviados por Josué para investigar o país (Js 2:1; 6:17,23-25).

#### 40:1—43:7 Depois do cerco: na Judeia

Os capítulos 40 a 44 contêm a última parte do registro cronológico dos acontecimentos do livro de Jeremias. Todas as profecias registradas no capítulo 45 em diante, em nossa Bíblia, referem-se a eventos ocorridos antes dos fatos citados no capítulo 40, com exceção das palavras finais do capítulo 52 (52:31-34).

##### 40:1-6 *Jeremias é libertado*

Deve ter havido alguma interrupção na cadeia de comando das autoridades babilônicas, pois, a despeito das ordens de Nabucodonosor (39:11-14), Jeremias aparece no meio da multidão de judeus deportados de Jerusalém. Ele já estava na estrada a caminho do exílio na Babilônia quando Nebuzaradã o libertou, em Ramá (40:1). Ele comentou com o profeta a previsão do Senhor sobre a calamidade que agora se abateria sobre seu povo (40:2). O que aconteceu a eles foi um castigo por causa dos pecados cometidos contra Deus (40:3).

Nebuzaradã liberta o profeta de suas cadeias e lhe oferece uma escolha: ele pode ir para a Babilônia, onde será bem tratado, ou pode permanecer em Judá, se desejar viver ali (40:4). A frase *Toda a terra está diante de ti* lembra o que Abraão disse a Ló, seu sobrinho, quando sugeriu que deviam separar-se, pois seus pastores não estavam mais se entendendo (Gn 13:9).

Mesmo antes de Jeremias dar a resposta, Nebuzaradã sugere que ele retorne a Gedalias, neto de Safã, a quem o rei da Babilônia nomeou governador das cidades de Judá, embora o profeta esteja livre para se estabelecer em qualquer lugar, conforme for seu desejo. Nebuzaradã então abastece o profeta com mantimentos e o deixa ir (40:5).

Jeremias decide procurar Gedalias, em Mispa, cidade situada a trinta quilômetros de Jerusalém, a qual por um tempo acolheu o santuário da nação (Jz 20:1; 1Sm 7:5). Ali o profeta passou a residir entre o povo de Judá que havia ficado na terra (40:6).

##### 40:7-16 *Gedalias governa Judá*

A notícia de que Gedalias fora designado governador de Judá se espalhou (40:7). Os sobreviventes do exército judeu, homens que não estavam em Jerusalém quando a ci-

dade foi tomada, reuniram-se em Mispa e declararam sua lealdade a ele (40:8). Gedalias os tranquilizou e lhes entregou uma mensagem muito semelhante à que Jeremias havia proclamado antes da queda de Jerusalém: se eles permanecessem no país e servissem ao rei da Babilônia, não haveria nada a temer (40:9).

Não há dúvida quanto ao cargo que Gedalias ocupa. Ele é um sobrevivente radicado em Mispa, à disposição de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Sabe que o país não é mais independente e que a melhor opção é colaborar com os novos ocupantes da terra (40:10). Esse é o preço que o povo que permaneceu no país terá de pagar pela paz. Se eles forem submissos, poderão comer do fruto da terra. Ele pede que os soldados reunidos diante dele retornem às cidades que ocuparam e vivam ali uma vida normal.

A notícia de que Gedalias fora nomeado governador do país também alcançou os judeus que haviam fugido para os países vizinhos de Amom, Moabe e Edom (40:11). Com as notícias tranquilizadoras que chegavam de seu país, eles decidiram voltar para casa. Assim, estabeleceram-se perto de onde estava Gedalias (40:12). Naquele verão, a colheita nos campos e nos vinhedos foi abundante.

Nesse ínterim, os oficiais do exército judeu que se haviam reunido com Gedalias em Mispa vieram ao governador outra vez, com seu líder, Joanã, alertá-lo da existência de uma trama contra ele (40:13-14). Eles o informaram de que um judeu que havia retornado do país dos amonitas, chamado *Ismael, filho de Netanias*, regressara a Judá com más intenções. Ele estava a serviço de *Baalis, rei dos filhos de Amom*, que desejava matar Gedalias. O governador, porém, não levou a sério a ameaça. Ele a descartou e se recusou a acreditar nos oficiais.

No entanto, Joanã insistiu em declarar suas suspeitas. Ele implorou a Gedalias que não assumisse riscos desnecessários nem para si nem para os que o serviam, deixando Ismael viver. Pediu ao governador permissão para matar Ismael em segredo, porém Gedalias não concordou. Ele não acreditou em Joanã quando este lhe informou que havia traidores à volta do governador.

##### 41:1-18 *O assassinato de Gedalias*

Gedalias cometeu um erro em não ouvir Joanã. No sétimo mês, isto é, setembro/outubro de 587 a.C., *Ismael, filho de Netanias*, da linhagem real, veio à procura de Gedalias em Mispa (2Rs 25:25), acompanhado de dez homens (41:1). Algumas traduções identificam esses homens como *capitães do rei*, enquanto outras aplicam o título apenas a Ismael. O rei em questão não é identificado, tampouco existe a indicação exata do grau de parentesco de Ismael com a família real. Seus companheiros provavelmente eram homens que apoiavam o rei Zedequias e agora se agrupavam em torno de outro membro da família real.

Gedalias, governador de Judá, recebeu seus convidados com deferência e, como era o costume, ofereceu-lhes comida



(Gn 18:6-8). Enquanto estavam à mesa, porém, Ismael e seus homens assassinaram Gedalias (41:2). Embora não tenhamos nenhuma explicação para esse assassinato, podemos fazer algumas conjecturas. O crime não aconteceu apenas por haver Baalis, rei dos amonitas, corrompido Ismael, como Joanã temia (40:13-14). Por certo, Baalis manipulou a crença de Ismael, pelo fato de este ser *de família real* (41:1), alegando que poderia ser o sucessor de Zedequias. Gedalias era de família nobre, mas não tinha sangue real, e Ismael talvez o considerasse um usurpador. Além disso, é provável que Ismael tivesse Gedalias na conta de traidor, pois estava a serviço dos inimigos de Judá. Esse assassinato foi um crime político, motivado por ciúmes e insuflado pelo rei dos amonitas.

Na mesma ocasião desse crime brutal, Ismael assassinou também vários judeus que haviam retornado ao país depois da indicação de Gedalias. Ele e seus homens também mataram *os soldados babilônios que estavam lá* (41:3, NTLH). Eles tomaram todas as precauções para que a notícia de seu crime não vazasse (41:4). Por causa disso, um grupo de oitenta pessoas que chegou a Mispa no dia seguinte não fazia ideia do que acontecera no dia anterior (41:5). O grupo era proveniente de cidades importantes de Israel: Siquém (Gn 33:18; 37:13), Siló (Js 18:1) e Samaria (1Rs 16:24). Eles tinham tomado conhecimento da calamidade que se abateria sobre Jerusalém e, particularmente, sobre o templo e vieram a Mispa lamentar pela cidade e pela Casa de Deus, como se podia ver pela barba rapada e as roupas rasgadas. Eles também tinham o corpo retalhado em sinal de lamentação. Embora essa prática fosse proibida pela lei (Lv 19:27-28; Dt 14:1), muitos israelitas a adotavam (16:6; Is 3:24). Eles também tinham vindo para oferecer e queimar incenso.

Ismael, mais uma vez, mostra sua hipocrisia e seu espírito traiçoeiro. Age como se Gedalias estivesse vivo e se oferece para promover o encontro entre eles (41:6). Sua intenção, porém, é simplesmente ganhar a confiança daqueles homens para poder matá-los também, pois foi o que ele e seus homens vieram fazer na cidade. Setenta deles foram mortos imediatamente. Dez deles, porém, tiveram a vida poupada pelos assassinos em troca de provisões que haviam escondido no campo (41:7-8).

Os setenta cadáveres foram lançados num fosso que havia sido escavado por ordem de Asa, rei de Judá, na defesa contra Baasa, rei de Israel (41:9; 1Rs 15:17-22; 2Cr 16:6).

Ismael fez prisioneiro o restante da população de Mispa e os levou cativos na direção do país dos amonitas, de onde viera para cometer aqueles crimes (41:10). Entretanto, Joanã e outros oficiais do exército, que estavam espalhados em várias partes do país, ficaram sabendo do que Ismael fizera e organizaram um contra-ataque (41:11-12). Eles o encontraram em Gibeão, a poucos quilômetros ao norte de Jerusalém. Talvez Ismael ainda estivesse tão perto em razão da rapidez com que Joanã e seus homens tinham reagido.

O povo que Ismael tomara como refém deu as boas-vindas a seus libertadores, porém Ismael e oito de seus homens conseguiram escapar. Eles retornaram ao país dos amonitas, de onde haviam sido enviados para semear destruição em Judá (41:15).

Joanã e seus homens agora precisam lidar com as consequências da morte de Gedalias. Eles estão diante de uma séria crise política. Assassinar um representante do governo babilônico é o equivalente a declarar guerra contra o poder que o estabeleceu. Embora Joanã e seus homens não pudessem fazer nada em relação ao assassinato de Gedalias, temiam a retaliação que seria inevitável da parte dos babilônios. Por isso, decidiram fugir para o Egito, a fim de evitar a tragédia que se abateria sobre eles (41:16-18).

#### 42:1—43:7 O povo consulta Jeremias

Antes de pôr em ação o plano de fuga para o Egito, Joanã e outro oficial do exército tiveram o bom senso de consultar o Senhor por meio do profeta Jeremias (42:1-2).

O capítulo 42 reintroduz Jeremias na história. Ele não é mencionado em parte alguma do capítulo 41, que relata o assassinato de Gedalias e os fatos subsequentes. Assim, não sabemos qual foi a reação de Jeremias diante do episódio, contudo é fácil deduzir que ficou profundamente angustiado com a situação. O profeta conhecia Gedalias muito bem (39:14; 40:6). Antes disso, conhecera o avô dele, Safã (26:24), e também o pai, Aicão, além de outros membros de sua família, como Elasa (29:3; 40:5). Jeremias também escolhera ficar com Gedalias em Mispa, em vez de ir para a Babilônia com Nebuzaradã (40:6). Tudo isso mostra que Jeremias tinha grande apreço por Gedalias.

*Os capitães dos exércitos*, liderados por Joanã, que haviam desempenhado um papel importante de 40:7 a 41:18, e também todo o povo se apresentam a Jeremias com uma *súplica* (42:1-2). Essa palavra ocorre várias vezes em Jeremias (cf. tb. 36:7; 37:20; 42:9). Trata-se de um pedido urgente feito com um espírito submisso. O grupo deseja saber se o Senhor aprova seu plano de fuga para o Egito (42:3). É louvável que eles estejam interessados em conhecer a vontade do Senhor. O rei Zedequias também agiu assim em 21:2. Contudo, não é o bastante conhecer a vontade de Deus: é preciso também se submeter a ela. O povo parece entender isso. Assim, antes que Jeremias receba a resposta da questão apresentada ao Senhor (42:4), eles se comprometem em obedecer a tudo que o Senhor lhes ordenar por meio do profeta (42:5).

Ao evocar o Senhor como testemunha de seu juramento, o povo o está convidando a testemunhar contra eles e até mesmo atraindo maldição sobre si, caso deixem de cumprir o juramento de obediência, qualquer que seja a resposta de Deus (42:6; cf. Gn 31:50; Jz 11:10; Ml 3:5). Temos a impressão de que o povo falou demais e cedo demais. Eles não parecem ter consciência de quão perigoso é assumir compromissos impensados diante do Senhor (Ec 5:2), prin-



principalmente quando já se decidiu o que fazer, como nos informa 41:17-18. Está correto o provérbio: à mesa do rei, devemos ficar calados, para não dizermos nenhuma tolice ou prometermos o que não podemos cumprir.

Jeremias então consulta o Senhor e fica esperando a resposta. Há nessa espera uma importante lição aos crentes em geral e aos servos de Deus em particular: não podemos agendar a hora em que Deus falará conosco. Deus não é um ídolo, para que possa ser manipulado até produzir uma revelação. Deus é Senhor do céu e da terra. É ele quem decide como e quando falar.

Numa alteração anterior com o falso profeta Hananias, Jeremias mostrou que podia ficar em silêncio quando o Senhor nada lhe dizia (28:11-12). Ele fez exatamente a mesma coisa aqui e ficou à espera de uma mensagem do Senhor antes de dizer alguma coisa. Dessa vez, a espera durou dez dias (42:7). Durante esse tempo, Joanã e seus homens devem ter procurado diversas vezes o profeta para saber se ele já havia recebido a resposta de Deus. O povo talvez estivesse impaciente e já começasse a pressionar Jeremias. Contudo, o profeta esperou até o Senhor falar.

Quando finalmente chegou a resposta do Senhor, Jeremias convocou todos os que o haviam procurado, *desde o menor até ao maior*, isto é, todos os que estavam envolvidos, não apenas os líderes (42:8; cf. tb. 42:1). Então comunicou ao povo a resposta de Deus (42:9). E a resposta era que eles deviam permanecer na terra de Judá. Essa mensagem é idêntica à que o profeta havia proclamado por muitos anos. Para o bem do povo, a melhor atitude era submeter-se aos babilônios (27:11). A mensagem contém os mesmos verbos que caracterizaram o período inicial do ministério de Jeremias: *edificarei [...] derribarei [...] plantar-vos-ei [...] vos arrancarei* (42:10; cf. tb. 1:10; 24:6; 31:28). O Senhor promete que, se eles permanecerem em Judá, irá reconstruí-los e plantá-los.

O Senhor aponta a principal razão de os judeus desejarem ir para o Egito: temem a reação dos babilônios ao assassinato de Gedalias. Contudo, eles não devem temer os babilônios (42:11). A presença do Senhor ao lado deles é garantia de total segurança. Os babilônios não lhes farão nenhum mal. O Senhor sente compaixão pelo seu povo (42:12; Os 11:8; Ml 3:17; Tg 5:11) e fará que o rei da Babilônia também sinta compaixão por eles.

Se o povo decidir não obedecer à ordem do Senhor (42:13) e insistir na fuga para o Egito (42:14), enfrentará a mesma situação da qual tenta fugir (42:15-16). Parece que os judeus desejam fugir para o Egito por medo não apenas da represália dos babilônios, mas também da fome. A fome costuma levar as pessoas a cometer atos desesperados. Por causa dela, homens e mulheres abandonam suas aldeias, cidades e países de origem e partem em busca de uma vida melhor em outro lugar. É como diz o adágio popular: "O grama do vizinho é sempre mais verde". Temos um exemplo disso nos africanos que correm riscos inimagináveis para chegar à Europa ou à América por vias ilegais. Perguntamos

se tal sacrifício vale a pena. A salvação deve ser encontrada no lugar em que nos encontramos. Talvez a solução esteja em apenas olhar a situação de maneira diferente.

O Senhor deixa claro que o povo deve permanecer em Judá, pois o que o aguarda no Egito é a *espada*, a *fome* e a *morte* (42:17). Eles depararão com a mesma calamidade que se abateu sobre Jerusalém (42:18; 24:9). Essa é a primeira vez, desde a queda e destruição de Jerusalém, que o Senhor adverte seu povo com tantos detalhes.

Jeremias faz uma clara e solene advertência em 42:19. A solenidade é ressaltada pela construção formal da mensagem, com a identificação dos destinatários e a emissão do aviso. Contudo, a própria advertência já é solene por si mesma: *Não entreis no Egito* (cf. tb. Is 30:1-7).

O povo é avisado de que sua hipocrisia recairá sobre eles mesmos. São muito tolos se imaginam que podem manipular o Senhor. Uma vez que procuraram saber a vontade do Senhor e ela lhes foi revelada, agora devem submeter-se. Se não o fizerem, enfrentarão as duras consequências. Nesse caso, não faz sentido querer saber a vontade do Senhor e se comprometer em cumpri-la, como eles fizeram (42:20; 20:5), e então voltar atrás, como se ela não tivesse a menor importância (42:21). Essa desobediência tem um custo. O remanescente de Judá descobrirá que a recompensa pelo pecado é a espada, a fome e a praga, e não a paz, a fartura e a vida melhor que eles esperam encontrar (42:22).

A reação do povo à resposta do Senhor é surpreendente. Eles de imediato acusam Jeremias de mentiroso (43:1-2). Azarias é quem toma a dianteira, mas Joanã e os demais também rejeitam a mensagem de Jeremias. Todavia, para não parecer que se trata de uma resistência direta ao Senhor e ao seu profeta, acusam Baruque de incitar o mal contra eles e de influenciar a resposta de Jeremias (43:3). No entanto, isso não faz nenhuma diferença: a rejeição ao servo de Deus equivale a rejeitar o próprio Senhor.

Tal atitude demonstra que os oficiais do exército e o restante do povo já haviam decidido o que fazer antes de consultar o Senhor. De que outra maneira podemos interpretar sua recusa imediata em obedecer à mensagem de Deus, mesmo depois de jurarem pública e solenemente que iriam respeitá-la (43:4-5)? Eles estavam o tempo todo determinados a ir para o Egito (41:17-18). Consultaram o Senhor apenas para dar um tom espiritual à decisão que já haviam tomado. Contudo, antes de nos declararmos chocados com tal hipocrisia, precisamos olhar para nós mesmos. Quantas vezes, mesmo depois de ter uma ideia definida do que desejamos fazer, buscamos ao Senhor para saber a vontade dele?

Joanã é mencionado outra vez, em 43:4 e 43:5, o que dá a entender que ele desempenha importante papel de liderança nesse momento da história de Judá. Infelizmente, não é o tipo de líder que conduz o povo à obediência ao Senhor (43:4-5). Entre os que ele conduz ao Egito, estão *homens*, *mulheres*, *meninos* e as *filhas do rei* (43:6). As "filhas do rei" são também mencionadas em 41:10. Ao que parece, são mulheres

que pertenceram à corte do rei Zedequias. Jeremias e seu secretário, Baruque, são forçados a acompanhá-los.

A ressalva em **43:7**, de que eles empreenderam essa jornada porque não obedeceram à voz do Senhor (cf. tb. 43:4), dá a entender que se trata de um ato flagrante de desobediência, o qual será punido.

### 43:8—44:30 Depois do cerco: no Egito

#### 43:8-13 Profecia em Tafnes

Jeremias e Baruque não foram de livre vontade para *Tafnes*, no Egito. Foram forçados a acompanhar o remanescente de Judá e, em particular, os líderes militares. Mesmo estando eles além das fronteiras de Judá, o Senhor continuou a falar a Jeremias (**43:8**). Os servos de Deus podem continuar a servi-lo onde quer que estejam, mesmo quando têm a impressão de que sua presença em determinado lugar não passa de um lamentável engano.

Mais uma vez, Jeremias é convocado a transmitir uma palavra profética por meio da dramatização. Dessa vez, deverá enterrar grandes pedras à *entrada da casa de Faraó* (cf. 27:2; 32:25). Essa casa não deve ser o palácio principal do rei do Egito, e sim sua residência na cidade de Tafnes (**43:9**). Jeremias deve enterrar as pedras à vista de todo o povo de Judá que se refugiou no Egito. Depois deverá explicar o que fez.

Jeremias informa ao povo que Nabucodonosor, rei da Babilônia, é um *servo* do Senhor, no sentido de que cumpre os propósitos de Deus (**43:10**; cf. 25:9; 27:6). Deus o fará atacar o Egito, assim como atacou Jerusalém. Ele será vitorioso e estabelecerá seu trono à entrada do palácio do faraó, exatamente no local em que Jeremias enterrou as pedras. O trono situado ali era sinal de que Faraó fora substituído como autoridade no Egito.

Os atos de Nabucodonosor no Egito são descritos em termos semelhantes aos utilizados na previsão da catástrofe que sobrevirá a Judá (**43:11**; 15:2). Como fizeram em Jerusalém, os babilônios queimarão as casas de adoração (**43:12-13**). Com esse ato, queriam demonstrar que os deuses dos conquistadores haviam derrotado os deuses da nação conquistada. A mesma ideia está presente na declaração de que Nabucodonosor *levará cativos os ídolos*. Depois de subjugar o povo, ele levará os deuses deles para sua casa.

No entanto, Deus vê os acontecimentos como algo mais que uma simples derrota dos deuses de uma nação pelos deuses de outra. Na verdade, ele está aplicando sua sentença às nações e condenando a idolatria onde quer que ela seja praticada. Seja na Judeia, seja além de suas fronteiras, a idolatria é uma abominação aos olhos do Senhor, e ele está pronto para agir severamente contra qualquer um que a pratique, onde quer que se encontre. Não é a primeira vez que Deus executa juízo contra os deuses do Egito. Ele fez a mesma coisa na noite de Páscoa, a noite que precedeu o êxodo do povo de Israel, quando este saiu do Egito (Êx 12:12).

A declaração metafórica de que Nabucodonosor *ornará a terra do Egito* indica a invasão que ele comandará ao território egípcio (**43:12**, RC) e que chegará à grande cidade de Heliópolis, o local do templo do sol.

#### 44:1-30 Discurso aos judeus no Egito

Os judeus que migraram para o Egito foram viver em diferentes cidades do país. Alguns passaram a habitar Migdol, a leste do delta do Nilo e próximo da fronteira (Êx 14:2). Outros se estabeleceram em Tafnes e Mênfis, no delta do Nilo (2:16). Outros ainda fixaram residência na *terra de Patros*, isto é, na região ao sul de Mênfis (**44:1**).

Segue-se um pronunciamento acerca de tudo o que aconteceu ao povo de Judá. O Senhor traz os fatos à lembrança, mas tem o cuidado especial de explicar as causas da calamidade que se abateu sobre seu povo. Os refugiados judeus no Egito testemunharam a ruína de Jerusalém (**44:2**). A ruína foi consequência de sua idolatria (**44:3**). Eles foram desobedientes não por ignorância, mas a despeito de o Senhor lhes enviar profetas regularmente para revelar a vontade divina (**44:4**). Apesar de todos os esforços empreendidos pelo Senhor para afastar seu povo dos falsos deuses, eles insistiram na prática da idolatria (**44:5**). Por esse motivo, a ira do Senhor se acendeu contra o povo, para que tudo fosse destruído, restando apenas ruínas, como os judeus puderam ver com os próprios olhos (**44:6**).

Toda a desobediência ao Senhor e todos os pecados cometidos resultaram unicamente em desgraça (cf. Pv 8:36; 11:3,19; Is 3:9). Essa verdade se torna evidente quando comparamos algumas traduções de **44:7**. Na RA, lemos: *Por que fazeis vós tão grande mal contra vós mesmos?* Na NVI, o texto diz: *Por que trazer uma desgraça tão grande sobre si mesmos?* O fato de a mesma palavra ser traduzida por “mal” e “desgraça” indica que o pecado é uma tragédia para quem o comete. Ao que parece, os refugiados judeus ainda não entenderam o que aconteceu ao seu país e à população de Jerusalém. Ainda não perceberam que suas práticas idolátricas foram a causa da destruição levada a cabo pelos babilônios (**44:8**). Por não terem parado para refletir sobre a situação, esqueceram todos os pecados que seus pais e seus reis haviam cometido. Parece que até as mulheres haviam desempenhado um papel de liderança nos cultos pagãos celebrados em Jerusalém. Assim, tão logo chegaram ao Egito, eles cometeram os mesmos pecados que haviam sido responsáveis por aquele terrível castigo sobre Judá (**44:9**).

A ausência de reflexão sobre os fatos passados, a incredulidade, o orgulho e a dureza de coração causarão a destruição do povo, pois ele atraiu outra vez sobre si o juízo divino. A declaração do Senhor: *Estou decidido a trazer desgraça* (NVI) reflete a obstinada atitude dos judeus que tinham “o firme propósito de entrar no Egito”, num ato de total desrespeito à vontade divina (**44:10-11**; 42:15).

Em consequência, como o Senhor adverte em 42:16, *todos morrerão no Egito* (**44:12a**, NVI). Muitas coisas



evidenciam a seriedade desse castigo. Primeira: a insistência no fato de que todos morrerão, *desde o menor até ao maior*. Segunda: a ênfase na *espada* e na *fome* em **44:12b**, imediatamente repetida em **44:13**, agora mencionando a *espada*, a *fome* e a *peste*. São instrumentos de juízo já usados pelo Senhor anteriormente (11:22; 14:12; 15:2; 21:7). Terceira: acúmulo de adjetivos negativos na descrição de como eles serão vistos pelos outros povos: *serão objeto de maldição, espanto, desprezo e opróbrio* (43:12; cf. tb. 18:16; 24:9).

O Senhor tratará os judeus no Egito exatamente como tratou a população de Judá (44:13). A integralidade do juízo, ressaltada em 44:12, é reiterada em **44:14a**, com destaque para o fato de que ninguém escapará nem conseguirá retornar à terra de Judá. Em **44:14b**, existe a menção de *alguns fugitivos* que voltarão. A ideia de que o Senhor sempre preserva um remanescente de seu povo é importante aqui e se repete em 44:28.

A reação do povo à profecia de Jeremias é surpreendente e incompreensível. A primeira surpresa é a extensão da idolatria e o número de seus praticantes: grande multidão de homens e mulheres (**44:15**). O papel destacado das mulheres nos cultos pagãos é outra vez enfatizado (cf. tb. 44:9). Todavia, elas não se entregam a essas práticas sem o conhecimento dos maridos. Os homens estão a par da situação e com certeza aprovam o comportamento delas. Estão todos, homens e mulheres, envolvidos na prática do mal (cf. Rm 1:32).

O povo deixa muito claro que não pretende obedecer à ordem do Senhor (**44:16**; cf. Zc 7:11-12). Eles a rejeitam abertamente e declaram que continuarão a praticar a idolatria (**44:17**). A divindade que eles adoram é a *Rainha dos Céus*, ou seja, a deusa mesopotâmica da fertilidade, também conhecida como Astarote (cf. tb. 7:18; 1Sm 7:3). Essa divindade estava associada ao planeta Vênus. O povo queimava incenso à deusa e lhe oferecia bebida. Arão e seus filhos foram instruídos a oferecer incenso ao Senhor (Êx 30:1-11; Lv 2:1-2). As libações, em geral de vinho (Lv 23:13; Nm 28:14; Dt 32:38), também estavam associadas com os sacrifícios ao Senhor (Nm 29:6,11,19). Contudo, essas práticas agora fazem parte da adoração a ídolos.

Os judeus e seus ancestrais, reis e príncipes haviam praticado a idolatria por toda a terra de Judá. Atribuíam todas as suas riquezas e as muitas bênçãos recebidas (alimento e prosperidade) à deusa Astarote, a quem adoravam. Agora, os judeus atribuem as calamidades que lhes sobrevieram ao fato de terem deixado de adorá-la (**44:18**). Essa atitude é semelhante à dos israelitas que haviam deixado o Egito sob a liderança de Moisés. Sempre que deparavam com alguma dificuldade, logo começavam a suspirar pelas coisas boas que desfrutavam no Egito (Nm 11:4-6). Chegavam mesmo a esquecer que haviam sido escravos dos egípcios. Agora seus descendentes que retornaram ao Egito se comportam da mesma maneira. Sentem remorso de ter abandonado a idolatria. Estão convencidos de que são os ídolos que suprem suas necessidades.

As mulheres mais uma vez afirmam que agem com a cumplicidade dos maridos (**44:19**). Eles não se limitam a queimar incenso e oferecer libações à Rainha dos Céus: também assam *bolos que a retratam*, ou seja, bolos que representam a deusa Astarote nua e são oferecidos nos cultos idolátricos.

Jeremias retruca que não foi por terem abandonado a idolatria que lhes sobreveio a desgraça (**44:20**). Ocorreu justamente o oposto! Foi antes de tudo por praticarem a idolatria que o castigo do Senhor veio sobre eles (**44:21**). Deus estava tão cansado da idolatria que destruiu a terra, transformou-a em ruínas e retirou dela o povo (**44:22**; 22:6; 25:11). A situação em que eles se encontram é, portanto, resultado da idolatria, da desobediência e da negligência para com a lei do Senhor (**44:23**).

Jeremias continua a falar ao povo, em particular às mulheres. Ele as incentiva a ouvir a palavra do Senhor (**44:24**). O profeta reconhece a determinação delas em persistir na idolatria (**44:25**, 16-17), mas informa que o Senhor jurou por si mesmo, pelo seu *grande nome*, que não permitirá que nenhum judeu estabelecido no Egito volte a *invocar* (NVI) seu nome (**44:26**). Essas palavras indicam que o povo continuava invocando a Deus enquanto oferecia sacrifícios à deusa Astarote. Eles não terão mais permissão para usar a antiga fórmula que estão acostumados a pronunciar ao fazer um voto: *Tão certo como vive o SENHOR Deus* (22:24; 38:16).

Se eles tivessem obedecido ao Senhor e permanecido em Judá, Deus estaria com eles e os protegeria (42:11-12). No entanto, com o resultado da desobediência, o Senhor agora olhará *sobre eles para mal e não para bem* (**44:27**; cf. tb. 1:12; 31:28). Mais uma vez, o profeta faz menção da espada e da fome como meios de exterminar o povo. A destruição, porém, não será total. O Senhor preservará um remanescente. Um pequeno grupo retornará a Judá. Todo o restante morrerá no Egito. Todos agora saberão que a palavra do Senhor é fiel e sempre será cumprida (**44:28**).

O Senhor encerra a mensagem com a promessa de enviar a eles um sinal de que sua palavra será cumprida (**44:29**). O sinal é que *Faraó Hofra* será entregue nas mãos dos inimigos (**44:30**; cf. 46:25-26). Esse sinal deve ter deixado os judeus apreensivos, pois Deus fora o único a auxiliar Judá quando os babilônios cercaram Jerusalém (37:5). Sua iminente derrota é comparada à queda do rei Zedequias, a quem o Senhor entregou nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia (39:5). Essa profecia se cumpriu em 569 a.C., quando Hofra (ou Apriés) foi assassinado.

#### 45:1-5 Jeremias encoraja Baruque

Pelo que lemos em **45:1a**, fica claro que esse capítulo pode ser situado logo após 36:8, quando o Senhor ordenou que Jeremias escrevesse todas as palavras que havia dito ao profeta. Jeremias então ditou as profecias a Baruque.

Na maior parte do livro, deparamos com mensagens do Senhor enviadas ao povo e aos líderes políticos e religiosos de Judá por meio de Jeremias, seu profeta. Aqui, todavia, o Senhor entrega a Jeremias uma mensagem direta para Baruque, secretário do profeta (45:1b-2). Baruque compartilhou o sofrimento de Jeremias no exercício de seu ministério e agora parece cansado e desanimado: *Estou cansado do meu gemer* (45:3). Então o Senhor se expressa de uma maneira que o faz lembrar o chamado de Jeremias, pois volta a mencionar ações destrutivas (45:4; 1:10). Baruque tem grandes planos para sua vida, porém as atuais circunstâncias não lhe permitem concretizá-los (45:5a). O Senhor lhe pede que examine a questão e desista desses planos. A única coisa que Baruque pode salvar é a própria vida. O Senhor irá preservá-la, a despeito de tudo e de todos (39:16-18). Diz o Senhor: *Eu te darei a tua vida como despojo, em todo lugar para onde fores* (45:5b).

As palavras do Senhor a Baruque assemelham-se à advertência de Jesus de que perderemos nossa vida se tentarmos salvá-la. Somente quando estivermos dispostos a perder nossa vida na obra de Deus é que iremos de fato salvá-la. A exemplo de Baruque, devemos pensar em Deus antes de tudo (Mc 8:35).

## 46:1—51:64 Profecias contra as nações pagãs

### 46:1 Introdução

Chegamos agora à seção do livro composta inteiramente por profecias contra as nações pagãs (46:1). A lista começa com o Egito e se encerra com a Babilônia. Entre as profecias dirigidas a essas duas potências mundiais, encontramos mensagens endereçadas às seguintes nações: Filístia, no Ocidente; Moabe, Amom e Edom, no Oriente; Síria, Pérsia e grupos nômades do Oriente Médio.

Na Septuaginta, a antiga tradução grega do AT, essas profecias são inseridas depois de 25:13 e apresentadas numa ordem diferente da que encontramos aqui.

### 46:2-28 Contra o Egito

A primeira seção traz um título muito simples: *A respeito do Egito* (46:2a). Dois oráculos são pronunciados contra essa nação. O primeiro diz respeito à grande e histórica batalha de Carquemis, quando o Egito e a Síria foram derrotados pelos babilônios comandados por Nabucodonosor, e o segundo diz respeito à invasão posterior de Nabucodonosor ao Egito.

Parte substancial desses oráculos é apresentada em forma de poesia.

### 46:2-12 Oráculo concernente a Carquemis

O contexto histórico do oráculo contra o Egito na época da batalha de Carquemis pode ser conferido em 2Reis 23:29—24:1 e 2Crônicas 35:20—36:4. A batalha aconteceu no ano quarto de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá (46:2b).

O oráculo começa na parte em que os egípcios se preparam para a batalha (46:3-4; cf. tb. Jl 3:9; Na 2:1). Podemos ouvir a voz dos oficiais do exército egípcio passando as ordens a suas tropas. Contudo, ocorre uma mudança que deixa o narrador espantado, e ele pergunta: *Mas o que estou vendo?* (46:5, NTLH). Ele está vendo soldados muito bem preparados para a guerra paralisados pelo medo. Eles estremece e fogem. Até mesmo os mais fortes, os *valentes*, estão fugindo. A expressão *Há terror ao redor* ocorre diversas vezes em Jeremias (6:25; 20:4,10; 49:29). Indica tanto a extensão da ameaça quanto a intensidade do pânico que toma conta do povo. O fato de os soldados caírem *junto à borda do rio Eufrates* nos lembra que essa batalha aconteceu num local distante, ao norte de Israel e Judá (46:6; cf. tb. 46:2).

O Egito havia feito corajosas declarações antes da batalha. Eles consideravam a capacidade invasora de seu exército tão irresistível quanto as cheias do Nilo, capazes de destruir cidades inteiras e seus habitantes (46:7-8). Também recrutaram mercenários estrangeiros para lutar lado a lado com as tropas egípcias (46:9). Esses mercenários eram provenientes de lugares como *Etiópia* (NTLH), *Pute* (região ao sul do mar Vermelho) e *Lídia* (ou Lude — Ez 27:10; 30:5). Os estudiosos estão divididos quanto à localização da Lídia. Alguns acreditam que seja a cidade de Lídia, situada na Ásia Menor (Is 66:19). Outros creem que esse nome se refere ao norte da África (Gn 10:13). Outros ainda sugerem a leitura intercambiável de “lídios” e “líbios”, com base em Naum 3:9, que registra uma coalizão formada por Etiópia (Cuxe), Egito, Pute e Líbia.

O dia da batalha é chamado aqui “dia de vingança” do Senhor (46:10a), mas o motivo dessa vingança não é especificado. É possível que Deus esteja vingando a morte do rei Josias, que foi morto pelo exército egípcio quando marchava em direção a Carquemis. Contudo, está claro que o Senhor busca vingança contra seus inimigos, os egípcios. O sangue derramado será como o de um sacrifício oferecido a ele (46:10b; cf. tb. 34:6).

A recomendação de que os egípcios se dirijam a Gileade (lugar famoso por seu bálsamo medicinal) a fim de encontrar um remédio para as feridas da nação prova que o exército egípcio estava bastante debilitado (46:11). Aqui a nação é chamada *virgem filha do Egito*, em contraste com a “virgem de Israel” (cf. 18:13; 31:4,21). No entanto, de nada adiantará ir a Gileade, pois a ferida do Egito é incurável (cf. 15:18; 30:12,15).

A derrota do Egito será vergonhosa, desonrosa e humilhante (46:12). A vergonha será grande, porque até seus soldados mais valentes, em vez de enfrentar os inimigos, fugirão e cairão uns sobre os outros (ver Is 19:2).

### 46:13-28 O ataque de Nabucodonosor ao Egito

A batalha de Carquemis aconteceu mais ao norte, junto ao rio Eufrates (46:2), mas agora Jeremias se detém no



momento em que Nabucodonosor, rei da Babilônia, marchava para o sul a fim de atacar os egípcios (46:13; cf. tb. 42:10-11).

As cidades que foram alertadas a se preparar para o pior são as mesmas nas quais os judeus encontraram refúgio (46:14; cf. 44:1). O próprio Senhor lutará contra os soldados egípcios (46:15). Deus semeará o medo entre eles, até que eles percam todo o interesse em lutar e desejem apenas voltar para casa e fugir da guerra (46:16).

Um brado de entusiasmo a *Faraó, rei do Egito* (46:17), havia saudado a chegada de Hofra, e seu poder e sua glória tinham sido celebrados. No entanto, Faraó não conseguiu demonstrar seu poder. Ele não teve a chance de mostrar o que podia fazer. Todo aquele alvoroço em torno de sua pessoa não era indicação de poder: não passava de alarido vazio e vaidade humana (cf. tb. Êx 15:9-10).

Já o Todo-Poderoso, o *SENHOR dos Exércitos*, diferentemente de Faraó Hofra, é o verdadeiro *Rei* (46:18). Ele é saudado como “Rei” em muitas passagens de Jeremias (cf. 8:19; 10:7,10; 48:15; 51:57). Ele enviará um conquistador contra o Egito, que se engrandecerá na terra tanto quanto os montes *Tabor* e *Carmelo* se sobressaem na Galileia. O Egito deve preparar-se para o exílio (cf. Is 20:4). A grande cidade de Mênfis ficará em ruínas (46:19).

O Egito é comparado a uma *novilha mui formosa*. Alguns estudiosos acreditam que seja uma referência à adoração ao bezerro de ouro, praticada no Egito. Já a *mutuca do Norte*, um pequeno e mordente inseto, irá atacar a novilha e colocá-la em fuga (46:20). Em várias passagens da Bíblia, os insetos aparecem como ilustração de ataques inimigos (cf., p. ex., Êx 23:28).

Os mercenários contratados pelo Egito, bem tratados e admirados como *bezerros cevados*, estão destinados à ruína e fugirão diante dos babilônios (46:21). *O dia da sua ruína e o tempo do seu castigo* é uma expressão que nos faz pensar no “dia de vingança” (46:10).

A coroa do Egito traz a imagem de uma serpente, portanto esse réptil está intimamente associado àquela terra. Contudo, o som sibilante que se ouvirá não será o de uma serpente posicionada para o ataque, mas o de uma *serpente que foge* (46:22). A serpente fugirá daqueles que se aproximam dela *como machados, quais derribadores de árvores*. O bosque parece ser denso, mas as árvores não conseguirão resistir, pois o número dos lenhadores é tão grande que tudo na terra será abatido. A metáfora é alterada outra vez: agora os atacantes *se multiplicaram mais do que os gafanhotos* (46:23; ver Jz 6:3-5). O Egito será derrotado, por isso a nação *está envergonhada* (46:24).

*Amom*, o chefe dos deuses do panteão egípcio, era adorado em *Nô*, cidade do Alto Egito (Tebas, na NTLH; 46:25). O Senhor anuncia que porá termo à idolatria ali existente e julgará Faraó, seu país e seus deuses, bem como todos os que depositaram sua confiança no soberano do Egito. Eles serão entregues nas mãos de seu inimigo

comum: Nabucodonosor, rei da Babilônia (46:26). Entretanto, o Senhor garante que a história do Egito não chegará ao fim com a derrota para a Babilônia. Ele promete que, após essa amarga experiência, o Egito será outra vez habitado. Essa promessa é uma evidência adicional de que o destino de todas as nações do mundo está nas mãos do Senhor. Ele está no controle da história e de todos os povos da terra.

O oráculo concernente ao Egito encerra com palavras de ânimo dirigidas a Israel. Assim como em 30:10-11, é dito ao povo (aqui chamado *Israel*): *Não temas [...] nem te espantes*, porque o Senhor os fará viver outra vez em segurança em sua terra (46:27). Aqui é anunciado o retorno dos exilados na Babilônia.

Os exilados não precisam temer porque o Senhor está presente no meio deles (46:28). Ele destruirá as nações que levaram seu povo para o cativeiro. Israel sofrerá o castigo que merece, mas a nação tem a garantia de que não será exterminada.

#### 47:1-7 Contra os filisteus

O oráculo contra os filisteus foi comunicado a Jeremias *antes que Faraó ferisse a Gaza* (47:1). Não sabemos exatamente a que Faraó se refere o versículo. Talvez seja Faraó Neco, que lutou em Carquemis e é mencionado no oráculo contra o Egito (46:2). Pode ser também Faraó-Hofra (44:30; 46:17). A cidade de Gaza que ele atacou é uma das cinco cidades filisteias — as outras são Asdode, Asquelom, Gate e Ecrom (cf. Js 13:3).

Embora a visão esteja datada com base num ataque empreendido pelo Egito no sul, a visão de Jeremias parece ser a de uma invasão no norte, na direção de onde vieram os babilônios (47:2; cf. 1:14; Is 14:31). Os sons da guerra são descritos de maneira muito viva, como o *ruído* das patas dos cavalos e o *barulho* dos carros de guerra (47:3a; 8:16). Aterrorizado, o povo nem mesmo tentará salvar os membros da família. Ficarão paralisados de medo, a ponto de *afrouxarem as suas mãos* (47:3b).

Ao que parece, os filisteus eram aliados dos fenícios, os quais habitavam *Tiro* e *Sidom* (47:4). Eles devem ter enviado mercenários como reforço, mas coisa alguma nem povo algum poderão resistir ao Senhor. Ele destruirá o *resto de Cafôr da terra do mar*. Essa expressão pode ser uma referência ao fato de que os filisteus chegaram a Canaã provenientes da ilha de Creta (Gn 10:14). Os filisteus serão totalmente destruídos.

A Filístia será deixada em estado deplorável, como vemos pelos indícios tradicionais de lamentação: calvície (Gaza), silêncio (Asquelom) e pessoas retalhando a si mesmas (47:5). O Senhor, o Deus que reina sobre todas as nações da terra, está executando seu juízo sobre a Filístia. A espada do Senhor não tem descanso (Ez 21:9; Ap 19:15). Estará em ação até que a tarefa seja concluída (47:6-7).

## 48:1-47 Contra os moabitas

## 48:1-17 A destruição de Moabe

Os moabitas são fruto de um relacionamento incestuoso entre a filha mais velha de Ló e seu pai (Gn 19:37). Junto com Amom, Tiro e Sidom, Moabe era a nação a cujo rei Jeremias entregou uma mensagem da parte do Senhor: ele devia submeter-se à autoridade de Nabucodonosor, rei da Babilônia (27:1-11).

Essa passagem se assemelha em muitos pontos aos capítulos 15 e 16 de Isaías, os quais também fazem parte de uma seção de profecias proferidas contra diversas nações. Analisaremos algumas dessas semelhanças à medida que comentarmos a profecia.

Os oráculos contra o Egito e a Filístia iniciam com a expressão: “Palavra do SENHOR que veio a Jeremias, o profeta...” (46:1; 47:1). Aqui, no entanto, o Senhor fala diretamente a Moabe: Jeremias nem é mencionado (48:1a). Isso não significa, porém, que o texto tenha sido escrito por outra pessoa.

O Senhor anuncia a destruição de Moabe e apresenta a relação dos lugares que serão destruídos:

Nebo é o nome de uma cidade situada no território de Rúben (Nm 32:3,38), porém é mais provável que o nome em 48:1b se refira à montanha com esse nome situada a nordeste do mar Morto. Foi nesse lugar que Moisés morreu (Dt 32:49).

Quiriataim é uma cidade (Js 13:19; Ez 25:9). Trata-se provavelmente da mesma cidade chamada Misgaba em algumas traduções (48:1c). Sua localização exata é desconhecida.

Hesbom é a capital de Seom, rei dos amorreus (Nm 21:26), que Moisés deu como herança à tribo de Gade (Js 13:24-27). O nome Hesbom tem um som semelhante ao da palavra hebraica para “trama”, por isso o profeta aqui faz uso de um trocadilho: *em Hesbom tramaram contra Moabe* (48:2a).

Madmém é outra cidade cuja localização é desconhecida. Aqui há também um jogo de palavras. Madmém tem um som semelhante ao da palavra hebraica para “seja silenciado”, e Jeremias faz um trocadilho: *Madmém, será reduzida a silêncio* (48:2b). Tudo o que Moabe valoriza será destruído pela *espada*.

Horonaim é um lugar mencionado outras vezes nesse capítulo (48:3,5,34). Grande lamentação acompanhará a destruição dessa cidade, e 48:4 especifica que o lamento partirá de *seus filhinhos*. Existe aqui uma diferença entre o texto hebraico e a tradução grega. O texto grego é lido como Isaías 15:5, que diz: “Vão até Zoar”.

Luite também é uma cidade de localização desconhecida, mas não devia ficar longe de Horonaim (48:5). As coisas que lhe sucederão são quase idênticas ao quadro apresentado em Isaías 15:5. A população de Moabe ir-

romperá em gritos angustiosos por causa dos males que sobrevirão ao país.

De repente, a cena em que os refugiados se lamentam pelas estradas muda para uma cena de verdadeiro pavor. É anunciado ao povo que eles devem fugir para o deserto, se quiserem salvar a vida (48:6). Eles serão como o arbusto que cresce no deserto. Entenderemos melhor o significado disso se nos reportarmos a 17:6, em que a mesma palavra é usada em relação àquele que não confia em Deus: ele “será como o arbusto solitário no deserto e não verá quando vier o bem”. Uma tradução alternativa é: “como um jumento selvagem no deserto” (NTLH), que transmite a ideia de um animal tentando sobreviver num ambiente hostil.

Moabe deposita sua confiança em suas obras e em seus tesouros (48:7; 17:5; 49:4). Contudo, o Senhor declara que essas coisas não lhes serão de nenhuma ajuda, porque o povo *sairá para o cativoiro*. A prova de sua completa ruína residirá no seguinte fato: *Quemos*, o deus de Moabe, será levado para o exílio, *com os seus sacerdotes e os seus príncipes juntamente*.

Mais uma vez, a magnitude da destruição de Moabe é ressaltada na destruição de todas as cidades do país: *cada uma das cidades* será destruída (48:8). A referência ao *vale* e à *campina* descreve a geografia de Moabe, sendo o vale provavelmente o Arnom, e a campina, o restante de Moabe (cf. Js 13:9). Tudo será destruído conforme a palavra do Senhor.

O texto hebraico de 48:9 é de difícil compreensão e é traduzido de várias maneiras nas diferentes versões da Bíblia que conhecemos. Uma tradução possível é: *Dai asas a Moabe*, como na RA. Outra pode ser: *Ponham sal sobre Moabe*, como na NVI. Qualquer que seja a interpretação, a ideia parece ser uma só: a destruição de Moabe é iminente. O *destruidor* mencionado em 48:8 irá conscientemente executar a sentença contra Moabe e abatê-lo sem nenhuma hesitação (48:10; cf. 46:10).

Até agora, Moabe nunca havia enfrentado um sofrimento associado ao exílio (48:11). É uma próspera nação com exuberantes vinhedos (Is 16:8). Jeremias fala do sabor e do aroma do vinho produzido ali, mas essa existência pacífica terá um fim. Se toda a vida do país pode ser comparada a um bom vinho, o fim dele pode ser comparado à borra desse vinho, depositada no fundo do jarro em que é armazenado (48:12). O despejamento da nação pode também significar a transferência do povo para o exílio. O deus deles, *Quemos*, nada poderá fazer para salvá-los. O povo ficará envergonhado por ter depositado nele sua confiança (48:13). Essa reação é semelhante à dos israelitas quando perceberam a insensatez de sua idolatria em Betel (1Rs 12:32; 13:1-3; 2Rs 10:29; 23:15; Os 6:10).

Os habitantes de Moabe se vangloriam de que seus guerreiros são *valentes e homens fortes para a guerra* (48:14). Contudo, nem mesmo *os seus jovens escolhidos* poderão ajudar o país (48:15). Há um amargo jogo de palavras nesse



versículo: *Moabe está destruído e subiu [...] e os seus jovens escolhidos desceram...*

Mais uma vez, o Senhor é chamado de *o Rei* (8:19; 10:7,10; 51:57). Ele anuncia que a destruição de Moabe se *apressa* (48:16) e ordena às nações vizinhas que lamentem a desgraça desse país (48:17). A lamentação começa com o advérbio *como*, o mesmo com que inicia o livro das Lamentações. A *vara forte* e o *cajado formoso* que Moabe costumava brandir agora estão quebrados. O contraste entre o que Moabe fez antes de enfrentar o juízo divino e sua situação no presente deixa atônitos os observadores.

#### 48:18-47 Lamentação por Moabe

Antes da chegada do destruidor, o Senhor aconselha Moabe a abandonar seu orgulho (ou glória) e assentar-se no pó, sobre a *terra sedenta*. Um convite semelhante é endereçado à Babilônia em Isaías 47:1, onde a nação é chamada “virgem filha de Babilônia”. Aqui, a nação de Moabe é chamada *filha de Dibom* (48:18). Essa cidade também é mencionada em 48:22 (cf. tb. Nm 21:30; Is 15:2).

Moabe em seguida é chamado de *moradora de Aroer*, em referência a uma das cidades situadas no centro do país (48:19; Dt 2:36; 4:48). Moabe é comparado a uma sentinela que se põe *no caminho e espia*. Os sobreviventes da catástrofe serão indagados acerca do que aconteceu em seu país.

A ideia da vergonha retorna em 48:20 (cf. 48:1). A vergonha parece estar vinculada ao fato de Moabe estar *destruído*. Ele já teve uma “vara forte” e um “cajado formoso” (48:17), mas agora ambos estão despedaçados. A notícia da queda de Moabe será anunciada em Arnôm, um ribeiro que atravessa o território de Moabe (Nm 21:13), significando que a novidade se espalhará com rapidez.

Mais uma vez, são mencionados nomes de lugares sobre os quais se abaterá o juízo divino (48:21-24). As cidades aqui relacionadas representam todo o país. São elas: *Holom* (Js 15:51; 21:15), *Jasa* (1Cr 6:78), *Mefate* (Js 13:18; 21:37), *Dibom* (48:18; Nm 21:30), *Nebo* (48:1), *Bete-Diblataim* (Nm 33:46-47), *Quiriataim* (48:1; Js 13:19), *Bete-Gamul* (que alguns estudiosos situam nas imediações de Dibom), *Bete-Meom* (Js 13:17), *Queriot* (Am 2:2) e *Bozra* (Am 1:12).

O profeta anuncia que *está eliminado o poder* [no hebraico, “chifre”] *de Moabe* (48:25). No AT, “chifre” é símbolo de poder e às vezes também de orgulho (1Sm 2:1,10; Sl 75:5,10). O braço também é um símbolo de força (Êx 15:16; Dt 7:19; 33:27). Quando o braço de alguém é quebrado, essa pessoa fica indefesa.

Moabe beberá o cálice da ira do Senhor (48:26; 25:15-16,27). Isso o fará ficar bêbado, e assim ele *se revolverá no seu vômito* e será *objeto de escárnio*. Haveria imagem mais clara da degradação e da humilhação? A situação de Moabe é semelhante à de Israel, e o ato de menear a cabeça é sinal do espanto e desgosto de Moabe (18:16; Sl 22:7). Agora aquele que zombava dos outros também será alvo de zombaria (48:27; 2:26).

A rapidez com que chegará o castigo implica que nenhuma cidade está a salvo (48:28), e os moabitas são aconselhados a abandoná-las e buscar refúgio *no rochedo [...] como as pombas que se aninham nos flancos da boca do abismo* (cf. Nm 24:21; Jó 39:28; Ob 4).

O orgulho de Moabe já foi mencionado várias vezes nesse capítulo (48:14,18,26), mas agora é explicitamente condenado, quando o profeta faz menção *do seu orgulho, da sua sobranceira e da altivez do seu coração* (48:29-30a). O Senhor conhece a jactância de Moabe, mas sabe também que *as suas gabarolices nada farão* (48:30b).

O profeta se coloca no lugar das vítimas do castigo do Senhor e chora por elas (48:31). Ele lamenta por *Quir-Heres*, também chamada Quir de Moabe, que é a capital do país (Is 15:1; 16:7,11). A palavra traduzida por *gemerei* (RC) sugere que a aflição e a dor serão tão intensas que ele não pode nem mesmo mencionar em voz alta o destino de seus habitantes.

O profeta usa ainda outro nome para se referir a Moabe. Dessa vez, o país é representado na *vide de Sibma* (48:32; cf. Js 13:19; Is 16:8-9). Sibma estava situada entre Hesbom e Nebo, provavelmente na mesma região de Jazer. O versículo lembra aos leitores a exuberância dos vinhedos de Moabe, porém todos eles serão destruídos. A obra de destruição será o oposto do trabalho do vinhateiro. Então a alegria e a felicidade irão embora, e o vinho não mais fluirá. Os brados que se ouvirão não serão de alegria (48:33). Na verdade, gritos de desespero serão ouvidos no país, de uma extremidade a outra (48:34; Is 15:4-6).

A destruição não somente dissipará as riquezas materiais de Moabe (os vinhedos), mas também afetará aquilo que os moabitas consideram seu tesouro espiritual, pois todos os ídolos e a idolatria desaparecerão (48:35).

O profeta começou seu lamento em 48:31, e agora seu coração geme *como flautas*, instrumento tradicionalmente associado à lamentação (48:36; Is 16:11). Ele lamenta pelos habitantes de Quir-Heres, que perderam tudo o que possuíam.

Outros quatro sinais de lamentação podem ser percebidos (48:37-38): a cabeça rapada (7:29); a barba cortada; as incisões nas mãos do povo (41:5); o pano de saco como vestimenta (4:8; 49:3). Haverá funerais por toda a terra, porque o Senhor atingiu Moabe. Essa situação pode ser comparada a um vaso quebrado que ninguém consegue restaurar (19:10).

O lamento em 48:39 reflete a ordem de gritar e uivar em 49:20. Parece evocar o espanto pelo que aconteceu a Moabe, que agora é ridicularizado pelas nações vizinhas. Moabe não os olhará mais no rosto: *de vergonha, virou [...] as costas!*

A imensa águia que estende as asas contra Moabe é Nabucodonosor, rei da Babilônia (48:40). Ele será o responsável por toda a destruição na terra dos moabitas (e também em Edom; cf. 49:22). Queriot, que é mencionada em 48:24,



e todas as outras cidades importantes do país cairão nas mãos dos invasores. Os guerreiros moabitas serão desbaratados. Subjugados, não terão condições de fugir, como uma mulher em trabalho de parto (48:41; cf. tb. 49:22; Is 13:8; 21:3).

O orgulho e a presunção de Moabe são outra vez apresentados como a causa do castigo da parte do Senhor, que resultará na destruição do país e na dispersão de seus habitantes (48:42). Ninguém escapará. Tudo o que os aguarda é *terror, cova e laço* (48:43). No original hebraico, a ameaça é ressaltada pela repetição, pois as três palavras hebraicas começam com a mesma letra. Assim, o povo é informado de que o que os aguarda é *pahad, pahat e pat*.

O significado da ameaça é explicado em 48:44. Eles não podem fugir ao perigo. Serão como o homem citado pelo profeta Amós, que foge do leão e é atacado pelo urso e, quando se refugia numa casa e encosta a mão na parede, é mordido por uma cobra (Am 5:19).

As palavras de 48:45-46 são quase idênticas às de Números 21:28-29. Trata-se de uma antiga canção que celebra a vitória de Seom, rei dos amorreus, sobre Moabe (Nm 21:26), na época em que Hesbom era a capital de Moabe, antes de Israel ocupar a região. A referência ao fogo e à labareda evidência o pavor causado pelo castigo infligido ao país, aqui chamado *povo de Quem* (48:46).

A mensagem não termina em tom de ameaça, contudo. O Senhor anuncia que o povo de Moabe retornará a sua terra (48:47). O exílio não decretará o fim dos moabitas. A mesma coisa é dita a respeito do Egito (46:26), dos amonitas (49:6) e dos elamitas (49:39).

#### 49:1-6 Contra os amonitas

Os amonitas descendem do relacionamento incestuoso entre a filha mais nova de Ló e seu pai (Gn 19:38). Seu território ficava a leste do Jordão e ao norte de Moabe (Dt 2:19).

Depois da conquista de Israel pelos assírios e da deportação de seus habitantes, por volta de 722 a.C. (2Rs 17), os amonitas tomaram o território de Gade (49:1; Js 13:24-28). O salmista pergunta: *Por que será então que Moloque se apossou de Gade?* (NVI) Moloque era o Deus adorado pelos amonitas. A palavra traduzida nessa versão por “Moloque” é na verdade *Milcom* em hebraico, que também significa “seu rei”.

*Rabá* é a capital de Amom (49:2; 2Sm 12:26), hoje situada na Jordânia e conhecida como Amã. O Senhor anuncia que lutará contra a cidade e contra *suas aldeias (suas filhas, na BJ)*. Ele devolverá a Israel as terras tomadas por Amom.

*Hesbom* também é mencionada no castigo de Moabe (48:2). Talvez essa cidade estivesse sob a posse dos amonitas na época dos acontecimentos relatados nessa profecia (49:3; 48:34; Jz 11:26; Is 15:4-5). Hesbom lamentará a destruição de Ai, cidade amonita que não deve ser confundida com a cidade cananéia de mesmo nome (Js 7:2; 8:1).

As cidades dependentes da capital dos amonitas recebem ordem de se lamentar, porque seu rei será levado cativo (sobre *Milcom*, ou Moloque, ver comentário de 49:1). Embora a Bíblia não relate a destruição de Amom, o historiador judeu Flávio Josefo afirma que Nabucodonosor destruiu o país dos amonitas no vigésimo terceiro ano de seu reinado (582 a.C.). O rei de Amom irá para o cativeiro com seus sacerdotes e oficiais.

Não sabemos exatamente por que Amom era tão orgulhoso de seus vales (49:4). Podemos, no entanto, fazer algumas conjecturas. A referência à exuberância dos valores e o fato de estarem associados aos *tesouros* sugerem que os vales desempenhavam um papel importante na economia do país. As colheitas produzidas ali deviam gerar muita riqueza para Amom. No mesmo contexto, é feita a pergunta: *Quem virá contra mim?* Isso pode indicar que os vales de Amom eram também locais estratégicos de operações militares.

A despeito de toda a confiança que Amom depositava em seus recursos econômicos e militares, o Senhor declara que enviará terror por todos os lados. Esses recursos de nada servirão, e a população fugirá (49:5).

Contudo, o Senhor promete restaurar Amom (49:6). Uma promessa idêntica é feita ao Egito (46:26) e a Moabe (48:47). Essa promessa dá testemunho da bondade de Deus para com as nações e de sua soberania sobre os destinos do mundo.

#### 49:7-22 Contra Edom

O oráculo contra Edom é semelhante ao que encontramos no pequeno livro de Obadias. A tradição bíblica apresenta uma imagem muito negativa de Edom. Por ocasião da queda de Jerusalém, em 587 a.C., os edomitas, embora aparentados dos israelitas e dos judeus, ficaram do lado dos inimigos de Judá e saquearam a cidade. Esse comportamento levou todos os profetas e outros escritores sagrados a denunciar Edom (Lm 4:21-22; Sl 137:7; Ez 25:12; 35:15).

A região de *Temã*, em Edom, desfrutava a reputação de ter um povo sábio (49:7). Um dos amigos de Jó é identificado como temanita (Jó 2:11). Portanto, o fato de que *já não há sabedoria em Temã*, ou seja, de seu conselho ter sido desfeito, é uma indicação da tragédia que sobrevirá ao país de Edom.

*Dedá* parece ter sido o nome de uma pessoa antes de se tornar o nome de uma cidade edomita (49:8; 25:23). Em razão do iminente desastre, seus habitantes fugirão e procurarão refúgio nas cavernas (cf. Is 2:19). A tragédia se abaterá sobre *Esau*, o ancestral de Edom (Gn 25; 36:1,8).

A metáfora em 49:9 indica que ninguém sobreviverá ao castigo de Edom. Esse versículo é quase idêntico a Obadias 5 e 6.

Embora o povo de Edom tente esconder-se, esse plano será frustrado, pois o Senhor diz: *Eu despi a Esau, descobri os seus esconderijos* (49:10). A exemplo do que aconteceu

com as nações vizinhas, a descendência de Edom será *destruída*. A referência aos órfãos e viúvas que buscam proteção em Deus é uma afirmação indireta de que todos os homens do país foram mortos (49:11).

A figura do cálice da ira do Senhor aparece outra vez, em 49:12 (cf. 25:15-29; 48:26). Como Edom espera escapar ao juízo divino, se nem mesmo Judá, o povo de Deus, foi poupado? (Existe aqui um elemento de ambivalência, pois é sabido que Judá merecia a punição que recebeu.)

A capital de Edom é *Bozra* (Is 34:6; outra cidade com o mesmo nome, porém relacionada a Moabe, é mencionada por Jeremias em 48:24). Como todas as outras cidades de Edom, Bozra será reduzida a ruínas (49:13; cf. tb. Am 1:12).

Edom tem orgulho de ser uma terra bem protegida, situada entre as *rochas* e nas *alturas dos outeiros*. No entanto, o Senhor anuncia que, a despeito de quão inatingível e segura Edom considere sua posição, ele irá derrubá-los (49:14-16; cf. tb. Jó 39:27; Is 14:13-15). Esses versículos são idênticos a Obadias 1-4.

A degradação de Edom e sua humilhação serão tão grandes que todo aquele que passar por ali se espantará (49:17; 18:16). Seu destino será o mesmo de Sodoma e Gomorra, que ficaram desabitadas depois que Deus as castigou (49:18). É a segunda vez que o profeta usa o nome das duas cidades que sofreram pavorosa destruição (23:14), e falará delas ainda outra vez (50:40).

O texto de 49:19-20 é idêntico a 50:44-45. O Senhor virá como um leão. Afugentará Edom de sua terra e estabelecerá alguém em seu lugar para governá-la. Ele faz três perguntas, e a resposta demonstra sua posição de domínio (49:19). Sua supremacia lhe permite tomar decisões acerca de Edom, e então ele anuncia o que decidiu: Edom será subjugado, e seu território sofrerá devastação (49:20). Sua queda resultará num clamor que será ouvido a grande distância, em lugares remotos como o mar Vermelho (49:21).

A primeira parte de 49:22 é idêntica a 48:40, exceto pelo fato de que aqui o invasor *estenderá as suas asas* contra Edom. A figura de uma mulher em trabalho de parto expressa a profunda dor e angústia associadas ao risco de dar à luz (cf. 48:41). Os valentes de Edom não terão mais disposição para a guerra.

#### 49:23-27 Contra Damasco

O oráculo contra Damasco é o mais conciso dentre os que foram proferidos contra as nações pagãs. Nenhuma menção é feita do motivo (ou dos motivos) para o castigo que se abaterá sobre a cidade, mas uma comparação com a profecia de Amós nos dá uma ideia da culpa de seus habitantes (Am 1:3,5).

Damasco, hoje a capital da Síria, era a capital da terra dos arameus (2Sm 8:5; 1Cr 18:6). A cidade também é mencionada no NT, particularmente em relação ao episódio da conversão do apóstolo Paulo (At 9; 22:5-11; 26:12-20; Gl 1:17).

O oráculo começa com o anúncio de que *Hamate e Arpade* receberão *más novas* (49:23). Hamate era uma cidade situada ao norte de Damasco e algumas vezes citada como um país (39:5; 2Cr 8:4). Arpade também era uma cidade, talvez situada ao norte de Alepo (2Rs 19:13). O que acontecerá a essas cidades pode ser comparado a um mar turbulento cujas ondas nunca se aquietam.

Damasco encontra-se na mesma situação das duas cidades mencionadas no versículo precedente (49:24). Ela tenta fugir, mas está paralisada pelo medo e pela angústia. Está sentindo o mesmo tipo de dor que os guerreiros de Edom, no oráculo anterior (49:22; cf. tb. 6:24; Is 13:8).

A observação em 49:25 parece partir de um habitante da cidade, ou mesmo do rei de Damasco. Ele está espantado com a calamidade que sobreveio à cidade que, em outros tempos, era seu orgulho e sua alegria.

As *praças* de Damasco ficarão atulhadas com os cadáveres de seus jovens. Quanto aos guerreiros, que deveriam proteger e, se necessário fosse, libertar a cidade, serão reduzidos ao silêncio, prova de que perderam sua força (49:26).

O oráculo termina com o anúncio de que a cidade de Damasco e os castelos do rei da Síria serão incendiados (49:27; Am 1:4). O nome Ben-Hadade não se refere a uma pessoa em particular: era um título que designava qualquer rei da Síria (1Rs 20:1-2; 2Rs 6:24).

#### 49:28-33 Contra Quedar e Hazor

O oráculo seguinte é dirigido a *Quedar* e aos reinos de *Hazor*. Quedar é o nome de um dos filhos de Ismael, ou seja, um neto de Abraão e Agar (Gn 25:13). Nesse oráculo, todavia, o nome se refere a uma tribo nômade da Arábia que vivia no deserto da Síria (2:10). Essa tribo é mencionada muitas vezes no AT (Sl 120:5; Ct 1:5; Is 21:16-17; 42:11; 60:7; Ez 27:21).

Hazor não deve ser confundida com a cidade de mesmo nome situada ao norte do mar da Galileia (Js 11:1; 1Rs 9:15; 2Rs 15:29; Ne 11:33). Aqui, Hazor representa um grupo de tribos árabes seminômades, entre elas Dedã, Tema e Buz (25:23-24).

Esse grupo de tribos foi exterminado por Nabucodonosor (49:28a). De acordo com os registros babilônicos, o extermínio desses árabes ocorreu em 599-598 a.C.

O oráculo começa com uma instrução específica do Senhor para que se destrua Quedar, também denominada os *filhos do Oriente* (49:28b). Essa expressão (ou “povos do Oriente”) é comum no AT (Gn 29:1; Jz 6:3,33; 7:12; 8:10; Jó 1:3; Is 11:14; Ez 25:10). Refere-se às tribos que viviam no deserto a leste do Jordão. Esses povos são às vezes mencionados junto com os midianitas e os amalequitas (Jz 6:3).

Os babilônios tomarão tudo o que o povo de Quedar possui. Na lista, estão incluídos: *tendas*, *rebanhos*, *lonas*, *bens* e *camelos*, o que indica que eles eram pastores seminômades (49:29a).



Mais uma vez, ouvimos falar de *horror por toda parte* (49:29b; cf. 20:4,10; 46:5). O terror sentido pelo povo de Quedar tem relação com a trama do rei da Babilônia contra os habitantes de Hazor. Por isso, o povo de Hazor é aconselhado a fugir e se esconder (49:30a; 48:6; 49:8).

Enquanto 49:20 registra que o Senhor traçou um plano contra Edom, o texto em 49:30b afirma que é o rei da Babilônia quem faz planos contra Hazor. Todavia, tudo isso faz parte do julgamento do Senhor (49:28).

Os babilônios deverão atacar um país que vive com certa despreocupação. Como todos os que habitam em tendas no deserto, os lares não possuem portas nem trancas (49:31). A riqueza deles está concentrada na *multidão* de seus gados e de camelos, mas eles serão levados pelos conquistadores (49:32). A ação do Senhor contra eles é comparada à do agricultor que lança o trigo para o alto a fim de separar a casca (cf. Mt 3:12). No contexto desse versículo, a ideia de eles serem lançados ao vento, em todas as direções, sugere que irão para o exílio. Eles experimentarão *ruína [...] de todos os lados*, expressão que nos lembra o “horror por toda parte” citado em 49:29. Hazor ficará desolada, um lugar habitado apenas por chacais (49:33; 9:11; 10:22; 51:37).

#### 49:34-39 Contra Elão

Diferentemente dos quatros últimos oráculos — contra Moabe, Amom, Edom e Quedar, o oráculo contra Elão está datado. O Senhor o comunicou a Jeremias no início do reinado de Zedequias, rei de Judá (49:34). Assim, podemos datá-lo em cerca de 597 a.C.

Elão estava situado a leste da Babilônia (25:25; Is 21:2). Sua capital era Susã (Ed 4:9; Dn 8:2). Os elamitas estavam entre os representantes de nações presentes no dia de Pentecostes (At 2:9).

A primeira coisa dita de Elão é que o Senhor quebrará o *arco* do país, que é um símbolo de poder (49:35). Para entender o que essa ameaça representa, importa saber que os arqueiros de Elão eram famosos na Antiguidade (Is 22:6). Quebrar o arco de uma nação como essa significa não apenas destruir seu poderio militar, mas também atingir seriamente seu orgulho.

Elão sofrerá ataques dos *quatro ângulos do céu* e será espalhado pelos *quatro ventos* (RC), uma imagem comum no AT (49:36; Ez 37:9; Dn 8:8; Zc 6:1-8). Os habitantes do país serão espalhados pelas nações vizinhas. Elão será consumido pelos efeitos do *brásme* da ira do Senhor (49:37).

A destruição de Elão está expressa de forma eloquente em 49:38. Outro trono será estabelecido ali, evidência incontestável de submissão a uma potência estrangeira (1:15; 43:8-13). Os reis e príncipes da nação serão mortos.

Todavia, o Senhor promete que permitirá aos elamitas o retorno do exílio (49:39). A mesma promessa é feita ao Egito (46:26), a Moabe (48:47) e a Amom (49:6).

#### 50:1—51:64 Contra a Babilônia

O oráculo contra a Babilônia encerra a seção de oráculos contra as nações pagãs. Essa profecia é a mais longa de todas, ocupando dois capítulos inteiros do livro de Jeremias. Mostra a importância da Babilônia no tempo de Jeremias e a grande culpa da nação, que pecou contra o Senhor. Dois temas são predominantes: a queda da Babilônia e o retorno dos exilados de Israel e Judá.

#### 50:1— 51:58 O oráculo

Depois do versículo que serve de título e indica que o oráculo é a respeito da Babilônia (50:1), há um extenso convite para que as notícias sobre a queda da Babilônia sejam publicadas (50:2a). Nada menos de cinco verbos expressam o convite do Senhor: *anunciai; fazei ouvir; arvorai estandarte; proclamai, não encubrais; dizei*. O fato é tão importante, e talvez tão surpreendente, que todo o mundo deve tomar conhecimento dele. Babilônia caiu nas mãos daqueles que são mais fortes que ela.

O deus babilônico, conhecido como *Bel* ou *Merodaque*, e todas as divindades secundárias serão confundidos, envergonhados e aterrorizados pela derrota da Babilônia (50:2b; 51:44; Is 46:1). A aversão do profeta a esses deuses é clara pelo fato de a palavra traduzida por *ídolos* significar literalmente “lixo”.

O motivo de as imagens estarem *cobertas de vergonha* é que uma nação vinda do Norte destruirá a Babilônia (50:3). O país será transformado num deserto, de maneira que animais e humanos não saberão para onde ir. Essa nação vinda do Norte não é identificada, mas no livro de Jeremias as calamidades em geral vêm do Norte (1:14; 4:6; 6:1; 15:12; 46:20; 47:2).

Enquanto a Babilônia sofre, os israelitas e os judeus expressam sua gratidão (50:4). Antes de tudo, haverá um renascimento espiritual. As duas nações, juntas, derramarão lágrimas de arrependimento e buscarão ao Senhor, seu Deus. Eles procurarão o caminho para *Sião, de rostos voltados para lá* (50:5). Incentivarão uns aos outros a firmar uma aliança eterna com o Senhor (31:31; 32:40; Is 55:3; 61:8; Ez 37:26).

Antes da intervenção divina descrita no oráculo, os pastores (ou seja, os líderes políticos e religiosos) haviam falhado em sua responsabilidade de guiar o povo de acordo com as instruções do Senhor (2:8; 5:31). Em vez disso, guiaram-nos pelo caminho da idolatria, que os afastou do conhecimento de Deus (32:32). Consequentemente, o povo foi entregue nas mãos de seus inimigos, que o dominou (50:6-7). Agora, no entanto, prevendo a destruição que acontecerá na Babilônia e a salvação que virá a Judá, o Senhor convida o povo a deixar a terra da Babilônia (50:8; 51:6). Depois da primeira deportação, foi dito a Jeremias que os exilados deveriam estabelecer-se na Babilônia e viver normalmente ali (29:5-7), mas esse tempo acabou. Chegou a hora de partir.

O conjunto de grandes nações da terra virá do Norte contra a Babilônia, enviado pelo Senhor (50:9). Eles formam, na verdade, uma coalizão de medos, persas e seus aliados (51:27-28). Essas nações conquistarão a Babilônia e tomarão todas as riquezas que ela acumulou (50:10).

Os adversários de Judá se haviam alegrado diante da maldade praticada contra o povo de Deus (50:11). Saquearam a herança do Senhor, ou seja, a terra de Israel, o povo de Deus. Essa terra era propriedade de Deus (10:16; 16:18). Todavia, apesar de agora se alegrarem e rincharem como cavalos fogosos, o dia de a mãe deles sofrer desgraça está chegando. Essa mãe é a Babilônia (50:12). Ela é a mãe de todos os inimigos de Judá, por isso será a última das nações da terra. Ela acendeu a indignação do SENHOR e assim ficará inabitável e será transformada em objeto de escárnio (50:13). Na verdade, ela será deixada no mesmo estado em que deixou outras cidades (34:22; 44:6). Seu estado lastimável chocará todos os que passarem por ela (cf. tb. 49:17).

Os que foram atacados pela Babilônia recebem ordem de não se reprimir. O Senhor ordena: *Não poupeis as flechas* (50:14). A cidade se renderá, embora a expressão traduzida por *rendeu* queira dizer literalmente “já deu sua mão”, como se pedisse ajuda (cf. Lm 5:6, NTLH: *Para termos o que comer, precisamos de pedir, estendendo as mãos aos egípcios e aos assírios*). Contudo, os pedidos de ajuda serão inúteis. Os fundamentos da cidade serão corroídos, e seus baluartes e muros cairão por terra (50:15). Haverá provavelmente uma época de fome, pois as plantações não serão semeadas nem colhidas (50:16). Diante do problema duplo de fome e *espada*, todos aqueles a quem a Babilônia capturou e levou para o exílio fugirão e tentarão retornar a seu país de origem.

Caso tenhamos esquecido o motivo de a Babilônia estar sofrendo esse castigo, somos lembrados dos sofrimentos de Israel, aqui considerado parte de todo o povo escolhido de Deus. A nação é comparada a um *cordeiro desgarrado*, e os que a perseguem são *leões* (50:17). O primeiro “leão” que devorou parte do rebanho foi o rei da Assíria. Esse rei era Tiglate-Pileser, que em 722 a.C. derrubou o rei Peca, de Israel, capturou sua capital Samaria e deportou os habitantes do Reino do Norte para o seu país (2Rs 15:29; 17:1-6). O último “leão” que se alimentou de Israel foi a Babilônia e Nabucodonosor (2Rs 24:1). O Israel desossado é uma alusão à queda de Jerusalém, a capital de Judá, em 587 a.C.

O SENHOR dos Exércitos declara que intervirá para vingar seu povo (50:18). Na verdade, ele já vingou Israel contra os assírios. Nínive, a capital da Assíria, caiu em 612 a.C. (Na 3:1-7; Sf 2:13-15). Assim como a Assíria, a Babilônia será punida e também cairá. Nos dois casos, o rei representa toda a população de seu país. Então não é somente o rei que será o alvo do julgamento do Senhor, mas todo o país.

Os inimigos do povo de Deus serão punidos, mas Israel será restaurado (50:19). O rebanho negligenciado, desgarrado e caçado (50:6-8,17) retornará à sua morada. Os dois primeiros lugares mencionados nesse versículo, *Carmelo* e

*Basã*, eram regiões férteis, boas para criar animais (cf. Is 35:2; Mq 7:14). *Efraim* e *Gileade* também eram áreas que pertenciam a Israel. O retorno de Israel a essas regiões será prova de que o exílio terminou e de que o povo ganhou de volta sua independência política.

Essa época de restauração política também será de renovo espiritual, pois o Senhor perdoou a *iniquidade de Israel* e os *pecados de Judá* (50:20; 31:34; 33:8; 36:3). A imagem de alguém procurando pela culpa, mas sem poder encontrá-la, é uma bela ilustração do que significa o perdão do Senhor. Seu perdão é completo. Ele não se lembra mais do que perdoou (Sl 103:12; Mq 7:18-20).

O texto retorna ao tema de julgamento contra a Babilônia com outra mensagem dirigida a seus inimigos. Eles recebem ordem de atacar *Merataim* (RC), cujo nome significa *a terra duplamente rebelde* (50:21a). O profeta provavelmente faz um jogo de palavras ao combinar a rebelião contra Deus com o nome de uma região ao sul da Babilônia. Pode haver também um jogo de palavras na referência a *Pecode* (RC), nome que significa “castigo” e lembra Puqudu, nome de uma nação situada perto do rio Tigre. Mais uma vez, os atacantes recebem ordem de não se deter. Em vez disso: *Assola irremissivelmente, destrói tudo após eles* (50:21b). Haverá grande destruição (50:22).

Ouvimos exclamações de espanto diante da queda da Babilônia (50:23). Os babilônios foram como um *martelo*, um poderoso implemento usado como arma de guerra pelo Senhor para punir seu povo, Israel, e outras nações (51:20-23; Is 10:5; 14:5-6).

A Babilônia caiu na armadilha que o Senhor lhe preparou (50:24). Essa figura parece indicar a maneira repentina de sua captura pelos medos e persas (51:8; Is 47:11). Parece que os babilônios não entenderam que estavam agindo a favor de Deus quando atacaram Judá. Cumpriram sua tarefa com orgulho e crueldade e, ao fazer isso, extrapolaram sua missão e acabaram por atacar ao próprio Senhor. Deus agora precisa tratar com aqueles que antes foram seus instrumentos. Assim, conclama o povo dos confins da terra para vir e completar a ruína da Babilônia (50:25-26). Como em 50:21, os atacantes recebem uma ordem: *Destruí-a de todo* (cf. os comentários sobre 25:9c).

Os *toros* que devem ser mortos provavelmente representam os príncipes da Babilônia ou seus melhores guerreiros (50:27). Seu destino é semelhante ao dos jovens de Moabe (48:15). O dia deles pode ter chegado, mas não é um dia de conquista. Pelo contrário, é um dia de morte e punição para eles.

Os que fugiram da Babilônia espalharão a notícia de sua queda por todo o caminho até Jerusalém. Ouvindo-os, os judeus compreenderão que o Senhor vingou todos os males que os babilônios infligiram a eles (50:28). Em particular, ele vingou a pilhagem e a queima do templo pelas tropas de Nabucodonosor, quando capturaram Jerusalém (2Rs 25:13-17; 2Cr 36:18-19).



A arrogância e o orgulho da Babilônia são a causa do castigo que o *SENHOR, o Santo de Israel* (50:29; cf. Is 1:4), trouxe sobre o país de Nabucodonosor. Seu povo sofrerá o mesmo mal que ele impôs a outras nações (Ap 18:6). O julgamento de Deus será implacável, e ninguém poderá escapar, nem mesmo os *jovens* e os *homens de guerra*. Os corpos dos primeiros serão jogados nas *praças*, enquanto os dos últimos serão *reduzidos a silêncio*, absolutamente aterrorizados pelo que está acontecendo (50:30). Eles passarão pela mesma experiência dos habitantes de Damasco (49:26).

O Senhor declara sua oposição ao povo da Babilônia por causa de seu orgulho (50:31). Consequentemente, a Babilônia cairá com tanta intensidade que nunca mais se levantará. *Ninguém haverá que a levante*. Suas cidades serão queimadas assim como ela queimou tantas outras cidades (50:32).

Agora retornamos à situação em Israel e Judá. Como o profeta diz, eles ainda são oprimidos e prisioneiros (50:33). Seus captores não os libertarão nem permitirão que retornem para casa (Is 14:17). A esse respeito, sua situação é similar à de seus distantes ancestrais, a quem Faraó recusou permitir que deixassem o Egito (Êx 7:14,22; 8:28; 9:2,7; 10:20). Contudo, os israelitas foram libertados do Egito, e o responsável por essa libertação agora trabalha a favor dos israelitas e dos judeus exilados. Ele é chamado *Redentor*, aquele que os salvará e será bondoso com eles (50:34). Ele é *forte*, o que significa que é capaz de forçar os opressores a libertar seu povo. Seu nome é *SENHOR dos Exércitos*. Ele será o advogado de defesa do povo no tribunal — e vencerá o caso. Libertará seu povo do exílio, assim como o salvou na época da escravidão no Egito (32:21), e semeará confusão entre os babilônios, que mantinham os israelitas prisioneiros.

A seção seguinte, 50:35-38, consiste em frases curtas e poderosas, quase todas contendo a palavra *espada*, com exceção de 50:38, em que a palavra “espada” é substituída por *seca* (RC). A espada destruidora é direcionada em primeiro lugar aos habitantes da Babilônia, *sobre os seus príncipes, sobre os seus sábios* (50:35). Ela então ataca os *gabarolas* (Is 47:12-13), que se tornarão *insensatos*. A espada também atingirá os *valentes*, que ficarão *aterrorizados* (50:36). As armas de guerra, os *cavalos* e *carros*, não serão poupadas, pois a espada também as atingirá. Alcançará ainda todos os estrangeiros na Babilônia, que se portaram como mulheres, fugindo da batalha (51:30; Is 19:16; Na 3:13). A espada levará todas as riquezas da Babilônia (50:37). Para completar a devastação, a seca assolará a terra (50:38). As fontes de água secarão, tornando inviáveis a agricultura e a criação de animais. Os vários ídolos que infestavam a terra da Babilônia nada poderão fazer para salvar os babilônios. As pessoas *enlouquecem* diante da completa falta de poder.

A destruição da Babilônia será tão grande que nenhum ser humano conseguirá mais habitá-la. Apenas animais

selvagens viverão ali (50:39). A comparação com *Sodoma, Gomorra e suas cidades vizinhas* dá uma clara ideia da extensão da catástrofe que se abaterá sobre a Babilônia (50:40). Essa é a terceira vez que o profeta compara uma situação com a de Sodoma e Gomorra, mas as razões não são as mesmas nos três casos. Em 23:14, a comparação é entre a quantidade de pecados dos profetas de Judá e dos pecados do povo das duas cidades. Já em 49:18 e aqui, é o nível de devastação das cidades e suas consequências que são comparados.

O que foi dito em 6:22-24 é repetido em 50:41-43a, mas dessa vez os invasores atacarão a Babilônia, não Sião. Eles são identificados como uma *grande nação* que *vem do Norte*. Tudo aponta para uma coalizão entre medos, persas e seus aliados (cf. 50:9; 51:27-28). Eles são habilidosos no uso de armas de guerra, como o *arco* e a *lança*, (6:23; Jó 39:23; Ne 4:11,17). Não têm *compaixão*, e o som de sua aproximação é como o barulho das ondas do mar. Montados em cavalos e posicionados numa compacta *ordem de batalha*, avançam contra a Babilônia.

Quando o rei da Babilônia descobrir que eles se aproximam e entender o que acontecerá a ele e a seu país, sua força falhará, e uma terrível angústia e *dores, como as da mulher que está de parto*, se apossarão dele (50:43b).

A profecia contra Edom, registrada em 49:19-21, é agora repetida em 50:44-46. Todavia, enquanto a queda de Edom provocou um clamor que foi ouvido até o mar Vermelho, a queda da Babilônia causará um clamor ainda maior, que será ouvido em todas as nações. Podemos especular que em Israel e Judá esse clamor será ouvido como a proclamação de que em breve eles serão libertados pelo Senhor (50:28).

Outra referência em código é usada em relação aos babilônios: *Lebe-Camai*, que em hebraico significa “o coração de meus inimigos”. O Senhor enviará um vento destruidor sobre eles (51:1). A metáfora dos padejadores expressa a sentença (51:2; 15:7) que será implementada por estrangeiros chegando de todos os lados para destruir a Babilônia.

O início de 51:3 é traduzido de várias formas nas diversas versões, o que demonstra que o texto apresenta algumas dificuldades. A ideia na NVI é de que não haverá resistência da parte dos babilônios. Apesar disso, a ordem aos inimigos é não ter *compaixão* dos jovens soldados e exterminar o exército (cf. tb. 50:21). Os guerreiros babilônicos serão mortos, e os corpos serão jogados nas ruas (51:4).

O profeta retorna à situação de Israel e Judá. Apesar da culpa deles diante dos olhos do Senhor, as duas nações não foram abandonadas pelo seu Deus (cf. tb. Is 54:4-8). Entretanto, é possível também que a *terra*, em 51:5, seja uma referência ao território dos babilônios. Nesse caso, o versículo contém uma comparação da situação da Babilônia, culpada e julgada, com a de Israel e Judá, que são apoiados e libertados pelo Senhor.

O profeta incita os israelitas a deixar a Babilônia rapidamente, para que não sejam apanhados pela desgraça que o Senhor está enviando sobre os babilônios (Ap 18:4). Esse mesmo chamado para sair da Babilônia pode ser ouvido em 50:8. É chegada a hora da *vingança do SENHOR*. Israel não deve arriscar-se a ficar no país e ter o mesmo destino da Babilônia (51:6).

A metáfora do copo é novamente utilizada para representar a ira do Senhor (51:7; 25:15; 49:12). Babilônia era um *copo de ouro na mão do SENHOR*, que ele forçou as nações a beber. Judá e Jerusalém, em particular, tiveram de beber desse copo (13:12-13; 49:12-13). Depois de ter sido usada como instrumento do juízo divino, a Babilônia será julgada. Ela também beberá do copo da ira do Senhor. Assim, subitamente, *caiu Babilônia e ficou arruinada* (51:8). O convite para que lamentem sobre ela e tentem curar suas feridas mostra que a situação é realmente séria.

A identidade de quem age e fala em 51:9 não é clara. Talvez sejam israelitas que desejavam curar a Babilônia, mas descobriram ser impossível. O caso dela é insolúvel: *o seu juízo chega até ao céu*. A única coisa a fazer é abandonar o país e retornar à terra natal.

Em 51:10, entretanto, é evidente que a voz é dos judeus que retornaram do exílio na Babilônia. Ao julgar seus velhos inimigos, o Senhor fez justiça ao seu povo (cf. 50:28; Sl 37:6). Ele os vingou e lhes deu um motivo para agradecer. O povo é convidado a anunciar *em Sião a obra do SENHOR* (51:10; Sl 105:1-3).

O foco volta a incidir sobre o ataque à Babilônia (51:11). O Senhor está determinado a destruir o país. Essa destruição será sua vingança pelo templo que os babilônios destruíram (cf. 50:28). Para cumprir essa tarefa, Deus escolheu e preparou os *reis dos medos*. O uso do plural aqui não significa que os medos tivessem vários reis de uma vez ou que a ação será realizada por vários monarcas em sucessão. É tão somente uma referência ao fato de que muitos reis eram aliados dos medos (cf. 50:41). O mais proeminente deles na época da queda da Babilônia era o rei da Pérsia. É possível que os persas não tenham sido mencionados aqui porque na época de Jeremias eles não eram muito poderosos.

Podemos observar a preparação para o último ataque contra a Babilônia (51:12). A *guarda* é reforçada para assegurar que a ação será bem-sucedida. As *sentinelas* devem ficar alertas, a fim de que possam perceber qualquer movimento estranho na cidade. Várias *emboscadas* serão preparadas para apanhar qualquer um que tente fugir.

A Babilônia é visualizada como se estivesse sobre *muitas águas* (51:13). As águas são o rio Eufrates e os inúmeros canais de irrigação que cortam a cidade (Sl 137:1). A Babilônia é também *rica de tesouros*. Partes dessas riquezas já eram suas, mas boa parte foi conseguida por meio da pilhagem a outras nações. Vemos isso especialmente em relação a Judá e Jerusalém (52:12-13, 17-23; 2Rs 24:13; 25:13-17;

Dn 5:2-4). Agora, a vida de luxúria da cidade e sua legendaria ganância terão um fim. A cidade será invadida por inimigos tão numerosos e destrutivos quanto um enxame de *gafanhotos* (51:14; cf. tb. Na 3:15). Eles dominarão a cidade e darão seu grito de vitória dentro dela. Não há dúvida de que isso acontecerá, pois o Senhor jurou por seu próprio nome (cf. tb. 49:13).

Aqui encontramos outro exemplo de textos similares em diferentes lugares do livro de Jeremias, pois 51:15-19 repete 10:12-16 (cf. o comentário sobre esses versículos).

A Babilônia foi anteriormente comparada a um “martelo” (50:23), e agora a comparação é com as *armas de guerra* (51:20a). Informações precisas são então passadas sobre as várias coisas que o Senhor destruiu com suas “armas de guerra” ou “martelo”: *nações, reis, o cavalo e o seu cavaleiro, o carro e o seu cocheiro* (51:20b-21; cf. Is 41:15-16); também *homem e mulher, velho e moço*, todos vítimas das barbaridades cometidas pela Babilônia (51:22; cf. 2Cr 36:17). O *pastor e o seu rebanho*, o *lavrador e a sua junta de bois*, *governadores e vice-reis*, todos foram igualmente atingidos pelas armas da Babilônia (51:23, 57). Ninguém escapou ao terrível tratamento infligido pelos babilônios, não importando idade, sexo ou classe social, mas todos esses detalhes servem para definir a culpa das próprias “armas de guerra”. Por isso, o Senhor fará a Babilônia e seus habitantes pagarem pelo sofrimento que causaram a Sião (51:24).

A Babilônia é agora comparada a um *monte que destróis* (51:25; cf. Zc 4:7). A ideia é a mesma encontrada em 51:20-23. Essa nação esmagou muitas outras nações na terra, mas agora será ela mesma destruída. O “monte que destróis” será queimado. O Senhor irá queimá-lo, e de modo tão intenso que nada poderá ser recuperado, nem mesmo uma rocha poderá ser usada como pedra angular numa casa (51:26).

A convocação para guerra contra a Babilônia é reeditada (51:27). É dirigida a vários reinos e nações. *Ararate* era um reino ao norte da Mesopotâmia, a leste de onde hoje fica a Turquia. Alguns o identificam como a Armênia (Gn 8:4). *Mini* fica a noroeste do Irã, e *Asquenaz*, o reino dos citas, ao norte e a leste do mar Negro (Gn 10:3). Todas essas nações se unirão contra a Babilônia. Oficiais serão contratados a fim de recrutar guerreiros para a guerra. A lista dos adversários da Babilônia é concluída com os *medos* e todos os seus aliados (51:28; cf. 51:11).

À medida que o plano do Senhor contra a Babilônia se torna evidente, a própria terra treme. *Estremece a terra e se contorce em dores* (51:29; cf. 10:10). A Babilônia em breve será transformada numa imensa desolação, na qual ninguém poderá viver. Seus guerreiros perderam a coragem e permanecerão em suas fortalezas (51:30). Eles se comportam como mulheres, que não têm papel na batalha (cf. 50:37). Atrás deles, a cidade abandonada está em chamas. Vemos mensageiros indo a todas as direções informar ao rei da Babilônia que sua cidade caiu (51:31; 50:2). Eles



também informam que os *vaus* foram *ocupados*, as *defesas* foram *queimadas* e que todos os seus soldados estão *ame-drontados* (51:32).

Em 51:33, a cena muda. As vívidas imagens da guerra dão lugar a duas metáforas que descrevem o que está acontecendo. A cidade da Babilônia está sendo aplainada (cf. tb. 51:2) e ceifada (Jl 3:13; Mq 4:12-13; Mc 4:29; Ap 14:15-16).

Os habitantes de Sião agora se pronunciam a respeito do mal que o rei da Babilônia causou a Jerusalém quando capturou a cidade e deportou todos os que ali viviam (51:34; cf. 50:17). É como se os que foram levados para a Babilônia tivessem sido engolidos por um monstro. Os judeus exigem que os babilônios sejam punidos pelo mal que lhes fizeram (51:35), o qual é expresso como a *violência que se me fez a mim e à minha carne e meu sangue*.

Em resposta ao pedido de Sião, o Senhor promete vingar seu povo e julgar a Babilônia, castigando-a com a seca (51:36). O *mar* da Babilônia, o grande rio Eufrates, irá secar na nascente. Por causa disso, o país será transformado em deserto, *morada de chacais*, sem nenhum ser humano. As testemunhas ficarão espantadas e zombarão dos babilônios (51:37; 25:9).

Os babilônios são comparados a filhotes de leões que rugem e rosnam de fome (51:38; 2:15). Entretanto, o Senhor está preparando um banquete para eles. O que lhes será dado a comer, ou melhor, a beber, contudo, é um copo com sua ira. Quando o beberem, ficarão bêbados e dormirão seu sono final (51:39). Nunca acordarão. O Senhor os conduzirá ao abatedouro para que sejam mortos como *cordeiros*, *carneiros* e *bodes* (51:40; 48:15; 49:27).

Mais uma vez, o profeta expressa o espanto que a queda da Babilônia causará (51:41). Aqui a cidade é novamente apresentada com o codinome *Sesaque* (RC), também usado em 25:26 (RC). A Babilônia se considerava o centro do universo, a glória de toda a terra, fato evidenciado por seu orgulho e sua insolência (49:25), porém ela caiu, completamente destruída. Duas metáforas aparentemente opostas expressam essa condição: por um lado, ela é uma vítima das águas, coberta pelas ondas do mar (51:42; 46:7; 47:2; Is 8:7); por outro, tornou-se deserta (51:43). O que as duas ilustrações têm em comum é que ambas representam locais em que *ninguém habita*. Tanto o afogamento quanto o deserto evocam devastação e morte.

*Bel* é outro nome para o deus babilônico Merodaque (51:44; 50:2), que engoliu o povo que a Babilônia tomou em cativeiro, até mesmo Judá (cf. tb. 51:34). Ele será forçado a mandar de volta as pessoas que capturou e as riquezas que tomou do templo em Jerusalém (2Cr 36:18-19).

O povo de Deus é aconselhado a sair imediatamente da Babilônia para evitar o juízo vindouro (51:45; cf. 50:8; 51:6). Aparentemente, a queda da Babilônia arrastará o país a um período de instabilidade política. Rumores correrão, a violência se espalhará e haverá lutas internas pelo poder (51:46).

O castigo sobre a Babilônia também visa a idolatria ali praticada (51:47). A derrota de seus ídolos trará vergonha para todo o país, quando virem que seus guerreiros não conseguem resistir ao invasor e estão morrendo no meio da cidade. Essa derrota, imposta pelas tropas do Norte, resultará numa comemoração universal (51:48). *Os céus, e a terra, e tudo quanto neles há* se alegrarão diante da queda da Babilônia, como se todo o mal praticado por ela também os tivesse afetado.

O Senhor fala aos exilados de Judá na Babilônia e informa-os de que a cidade que causou tantas mortes em Israel cairá, assim como ele fizera outras nações cair e causara tantas mortes em *toda a terra* (51:49). Então o Senhor apressa os que sobreviveram às guerras a sair da Babilônia e a não ficar nas vizinhanças. Entretanto, assim que estiverem a uma distância segura da Babilônia, eles devem lembrar-se do *SENHOR* (51:50).

A reação dos exilados de Judá ao Senhor revela algo do seu sofrimento na condição de escravos na Babilônia. Eles se sentem *envergonhados* e ofendidos, porém sua maior *vergonha* é a lembrança da captura e destruição do templo pelos pagãos (51:51).

Deus responde e anuncia outra vez o castigo que trará sobre a Babilônia (51:52). É como se o Senhor quisesse atestar que não existe absolutamente nenhuma dúvida de que tudo o que ele disse acontecerá. Mesmo sendo um julgamento contra os ídolos babilônicos, também haverá muitas vítimas humanas. Isso será inevitável, não importa quais precauções tome a Babilônia para evitá-lo. Não fará diferença se ela tentar reerguer-se em direção dos céus (cf. Gn 11:4-9). Também não adiantará nada aumentar a altura dos muros e das torres, para tornar a cidade impenetrável. Nada deterá os destruidores enviados pelo Senhor (51:53).

Agora passamos à descrição final da catástrofe que aguarda a Babilônia nesse livro (51:54-58). Começa com *gritos*, provavelmente pedidos de ajuda, seguidos de um *ruído de grande destruição* (51:54). Os destruidores chegaram e estão trabalhando. O som que fazem é semelhante ao bramar das ondas do mar (51:55; cf. 51:42). Os soldados de elite do exército babilônico são capturados, e seus arcos são quebrados. Não terão mais nenhuma utilidade. O Senhor está fazendo aos babilônios o que eles fizeram a outros (51:56).

Não são apenas os soldados que sofrem. Deus também obriga as autoridades da Babilônia a beber do copo de sua ira. Eles ficam bêbados e dormem o sono da morte (51:57; 51:39). Não têm mais o direito de falar. O único que ainda pode falar é o *Rei, cujo nome é SENHOR dos Exércitos*. Ele anuncia que os *muros* da Babilônia serão destruídos e que suas impressionantes *portas* serão queimadas, reduzindo a nada o esforço realizado pelos trabalhadores da cidade (51:58).

**51:59-64 Entrega do rolo com o oráculo contra a Babilônia**  
No quarto ano do reinado de Zedequias (594 a.C.), ele foi chamado à Babilônia por Nabucodonosor, provavelmente



por existirem dúvidas quanto à sua lealdade, em razão da última rebelião contra a Babilônia (51:59; cf. 27:3-12). Entre os que deveriam acompanhá-lo, estava um homem chamado *Seraías, filho de Nérias, filho de Maaseias*. Antes de empreender essa jornada, Jeremias chamou Seraías e entregou-lhe um pergaminho contendo todas as profecias contra a Babilônia (51:60). Foi pedido a Seraías que lesse o pergaminho em voz alta quando chegasse à Babilônia (51:61-62). Depois de ler, ele deveria completar a profecia com uma dramatização, semelhante àquelas que Jeremias representava durante seu ministério em Jerusalém (27:2; 32:25; 43:9). Seraías deveria atar o livro a uma pedra e lançá-lo no meio do *Eufrates*, para que afundasse (51:63). O significado desse ato é claro. É uma mensagem para a Babilônia. Assim como o peso da pedra leva o livro para o fundo do rio, a Babilônia seria engolida e jamais teria forças para se recuperar da queda (51:64).

É impressionante que o profeta Jeremias tenha escrito e publicado essa declaração cerca de cinquenta anos antes do cumprimento de sua profecia sobre a queda da Babilônia.

### 52:1-34 Apêndices

O capítulo final de Jeremias é como uma repetição de 2Reis 24:18-20 e 25:1-21, 25-30. Relata o estado de sítio e a captura de Jerusalém, a prisão do rei Zedequias e a reabilitação de Joaquim. Muitos comentaristas consideram esse capítulo uma adição ao livro, com o propósito de mostrar que as profecias de Jeremias se cumpriram. Jerusalém foi tomada e queimada, como Jeremias anunciou. O rei Zedequias foi preso, e seus filhos foram mortos, como Jeremias profetizou. A reabilitação de Joaquim pode ser vista como resultado da restauração de Israel e de Judá, também preditas pelo profeta.

### 52:1-11 O destino de Zedequias

Zedequias foi conduzido ao trono de Judá por Nabucodonosor para substituir Joaquim, a quem havia deportado (2Rs 24:17). O nome de sua mãe era Hamutal (2Rs 23:31). Seu avô por parte de mãe tinha o mesmo nome de Jeremias (52:1).

Seu reinado recebe uma avaliação negativa do autor, o qual afirma que suas ações lembravam as de Jeoaquim (52:2). Esse tipo de avaliação, negativa ou positiva, do reinado de uma autoridade é comum em Reis e Crônicas (1Rs 15:11, 26, 34; 16:25, 30; 22:53; 2Rs 3:2; 8:18, 27; 24:19; 2Cr 14:2; 22:4; 24:2; 25:2; 36:12-13).

Os muitos pecados do povo de Judá e de Jerusalém acenderam a ira do Senhor (52:3), e isso resultou em calamidade para eles. O ato que precipitou o desastre foi a rebelião de Zedequias contra o rei da Babilônia (cf. tb. 2Rs 24:20; 2Cr 36:13). Ao que parece, ele acreditava que Faraó se juntaria a ele e o ajudaria a desfazer a dominação babilônica (37:5-8).

Temos detalhes muito precisos (dia, mês e ano) do início do cerco de Jerusalém pela Babilônia e de sua duração (52:4-5; 2Rs 25:1). As táticas empregadas pelo exército babilônico são mencionadas também em 32:24.

No nono ano do reinado de Zedequias, aos dez dias do décimo mês, os soldados babilônios conseguiram fender o muro de Jerusalém e entrar na cidade, que estava bastante enfraquecida pela fome (52:6-7; 39:1-10). Sabendo que a cidade agora estava perdida, o rei, seus filhos, seus conselheiros mais próximos e seu exército tentaram fugir da cidade, acobertados pela noite, esperando escapar aos olhos vigilantes das sentinelas babilônicas. Infelizmente, foram localizados. O rei foi capturado, e seus soldados se dispersaram antes de chegar a Jericó (52:8).

O rei da Babilônia armou seu acampamento em *Ribla*, no sul de *Hamate*, para onde Zedequias foi levado a fim de ouvir de Nabucodonosor a sentença que receberia por haver tentado escapar da dominação babilônica (52:9; 39:3-8). Zedequias foi obrigado a ver a execução de todos os seus filhos e oficiais (52:10). Nabucodonosor também assegurou que esse terrível quadro fosse a última coisa que Zedequias veria, pois ele foi cegado, acorrentado e deportado para a Babilônia, e ali acabou lançado na prisão (52:11).

### 52:12-30 O destino de Jerusalém

Jerusalém foi entregue a *Nebuzaradã, o chefe da guarda*. O relato de suas ações nesse capítulo vão do décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor (586 a.C.) ao vigésimo terceiro ano (582 a.C.).

Nebuzaradã entrou em Jerusalém em julho de 586 a.C. e iniciou a demolição da cidade, queimando todas as construções (52:12; 2Rs 25:8-21). Ele começou pela *Casa do SENHOR* (cf. Sl 74:7; Is 64:11; Mq 3:12). Depois queimou a *casa do rei* e, por fim, todas as casas e edificações menos importantes de Jerusalém (52:13). Enquanto isso, o restante de suas tropas demolia os muros que cercavam a cidade (52:14; 39:8; Ne 1:3).

Depois que essas tarefas foram cumpridas, Nebuzaradã capturou a maioria do povo que ainda estava na cidade e a levou para o exílio (52:15; 39:9; 2Rs 25:11). Ele deixou apenas os mais pobres dentre o povo, *para vinheiros e para lavradores* (52:16).

Não somente as pessoas foram levadas: Nebuzaradã levou consigo também muitas coisas retiradas do templo do Senhor, entre elas as duas *colunas de bronze* que ficavam diante do templo, os *suportes* e o grande tanque de *bronze* (utilizado na limpeza ritual), conhecido como *mar*, e os *touros de bronze* em que se apoiava (52:17, 20a; 1Rs 7:15-24). Também foram levados todos os utensílios de *ouro, prata e bronze* (52:18-19; 1Rs 7:49-50). O rei Salomão teve muito trabalho e enormes gastos para confeccioná-los. Chegou a importar um habilidoso homem de Tiro para trabalhar o bronze (1Rs 7:13-51). Essa perda deve ter sido muito dolorosa para o povo de Judá. Todavia, além do valor dos objetos levados, o que causou mais sofrimento ao povo foi ver os descrentes destruindo a Casa de Deus (51:51).

Ninguém tinha ideia de quanto bronze fora usado na fabricação dos utensílios do templo (52:20b). O rei nunca

os pesou, apenas quis providenciar o melhor possível para a Casa de Deus. No entanto, a quantidade devia ser enorme. Por exemplo, cada uma das colunas ocas postadas diante do templo media cerca de oito metros de altura, com uma circunferência de cinco metros e meio. O bronze com que foram fabricadas tinha oito centímetros de espessura (52:21). Cada uma das colunas possuía um capitel na parte de cima, também feito de bronze, com mais de dois metros de altura. Os capitéis eram decorados com um enfeite rendilhado de romãs, havendo noventa e seis romãs em cada um (52:22-23).

Temos agora informações de pessoas importantes que foram capturadas: *Seraías*, o *sumo sacerdote*, e *Sofonias*, seu assistente. Também mencionados, mas sem serem nomeados, há três sacerdotes que eram *guardas da porta* (52:24). Nebuzaradã também levou *um oficial, que era comandante das tropas de guerra*, sete conselheiros reais, o *escrivão-mor* responsável pelo alistamento do exército judeu e *sessenta homens* encontrados na cidade (52:25). O comandante babilônio levou esse grupo à presença de Nabucodonosor, em Ribla (52:26). O rei matou todos eles (52:27,10).

Em seguida, o texto registra o número de pessoas tiradas de Judá durante as várias deportações ocorridas no reinado de Nabucodonosor (52:28). No sétimo ano de seu reinado (598 a.C.), 3.023 judeus foram deportados. Esse número é menor que o registrado em 2Reis 24:14,16. É possível que o número aqui represente apenas os homens e que 2Reis inclua suas famílias. No décimo oitavo ano (587 a.C.), 832 pessoas foram levadas (52:29). No vigésimo terceiro ano (582 a.C.), foram 745 pessoas (52:30).

### 52:31-34 Joaquim é perdoado

A última seção do livro de Jeremias descreve alguns acontecimentos durante o reinado de *Evil-Merodaque*, filho e sucessor de Nabucodonosor, que reinou apenas dois anos (561-559 a.C.). O exílio de Joaquim na Babilônia foi predito pelo profeta Jeremias em 22:24-30, e o cumprimento dessa profecia está registrado em 2Rs 24:12-15.

A restauração dos privilégios reais de Joaquim (mesmo permanecendo no exílio) aconteceu no primeiro ano do reinado de Evil-Merodaque (52:31). Pode ter sido uma daquelas anistias que os reis costumam conceder quando sobem ao trono. O mais surpreendente é que Joaquim (Jecônias) é ainda chamado *rei de Judá*, mesmo havendo se passado quase quarenta anos desde que fora removido do trono em Jerusalém.

O novo soberano babilônico tratou Joaquim de maneira particularmente gentil. Não somente o libertou da prisão, mas também lhe concedeu uma posição mais elevada que a dos outros reis cativos na Babilônia, a ponto de convidá-lo a sentar-se à mesa real. Esse tratamento favorável continuou até o fim da vida de Joaquim. Como sabemos que o sucessor de Nabucodonosor reinou apenas dois anos, podemos concluir que seu sucessor teve a mesma atitude gentil para com o antigo rei de Judá (52:32-33). A liberdade concedida a Joaquim deve ter sido bastante para que ele pudesse suprir suas necessidades pessoais e sustentar membros de sua família ou servos que estavam com ele na Babilônia. Suas necessidades domésticas eram mantidas à custa da corte babilônica (52:34).

A parte final da vida de Joaquim deve ter sido vista como uma ilustração de como seria o renascimento de Israel e Judá. O povo sofreu o castigo causado pelos seus muitos pecados contra o Senhor, seu Deus. O país deles foi subjugado e entregue a uma potência estrangeira, suas cidades foram tomadas, e o templo em Jerusalém foi saqueado e queimado. Os reis e o povo foram levados para o cativeiro. Todas essas calamidades correspondem ao primeiro aspecto do ministério de Jeremias, que era arrancar, destruir e derrubar (1:10).

Assim que tudo isso foi realizado, o ministério de Jeremias voltou-se para a edificação e a plantação. Ele então proclamou a restauração do país e a nova aliança com o Senhor, que seria firmada com seu povo (30—33). A restauração de Joaquim confirma essas promessas. O profeta faz algumas declarações, expressas de forma ainda mais intensa em Lamentações. Primeira: o Senhor não está rejeitando seu povo para sempre, e sua disposição natural não é de humilhar e afligir (Lm 3:31,33). Segunda: a bondade do Senhor não tem fim, e sua compaixão jamais falhará (Lm 3:22). Terceira: assim como ele aflige seu povo por causa dos pecados que cometeram, também lhes mostrará sua grande bondade e misericórdia (Lm 3:32).

Issiaka Coulibaly

### Leituras adicionais

CRAIGIE, Peter C. et al. *Jeremiah 1—25*. WBC. Dallas: Word, 1991.

GUEST, John. *Jeremiah, Lamentations*. CC. Waco, Word, 1988.

KEOWN, Gerald L. et al. *Jeremiah 26—52*. In: WBC. Dallas: Word, 1995.

THOMPSON, John A. *The Book of Jeremiah*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.



# LAMENTAÇÕES

Na maioria de nossas Bíblias, Lamentações encontra-se entre os Livros Proféticos, logo após Jeremias. Na Bíblia hebraica, porém, localiza-se na terceira parte do cânon, chamada Escritos. Era um dos cinco livros lidos na sinagoga durante as festividades anuais. O livro de Rute era lido durante a Festa da Colheita (também conhecida como Festa das Semanas); Cântico dos Cânticos era lido na Páscoa; Eclesiastes, na Festa dos Tabernáculos; Lamentações, no aniversário da destruição do templo (587 a.C.); e Ester, na Festa de Purim.

## Circunstâncias e data

Os cinco poemas que compõem Lamentações revelam as circunstâncias em que foram escritos. Após a morte do rei Josias, o reino de Judá passou por um período de crescente instabilidade. Uma revolta inicial contra a soberania babilônica, em 597 a.C., resultou no primeiro cerco a Jerusalém. A cidade caiu, e sua elite foi deportada para a Babilônia. Uma segunda revolta, em 589 a.C., provocou novo cerco, levando ao assalto e à destruição da cidade santa. Muitos de seus habitantes foram mortos, a maioria dos sobreviventes foi levada em cativeiro e, o pior de tudo, o templo foi queimado (2Rs 25; 2Cr 36:11-21).

Lamentações provavelmente foi escrito logo após 587 a.C. A entonação indica que o autor ainda possuía lembranças vivas das atrocidades que testemunhou.

## Forma literária: lamentação ou queixa?

Na Bíblia hebraica, esse livro, assim como os livros do Pentateuco, tem seu título derivado de sua primeira palavra, *eyka*, que significa “como” ou “oh!”. É um clamor que mistura espanto e sofrimento. O livro recebeu o nome Lamentações porque foi escrito no estilo hebraico de lamento ou elegia. Esses lamentos muitas vezes eram compostos na ocasião da morte de uma pessoa importante (cf., p. ex., 2Cr 35:25), embora a Bíblia também contenha traços de lamentos fúnebres para comunidades personificadas, cidades e até países. O problema é que, em nosso idioma, a “lamentação” não é um estilo literário, e sim uma palavra associada a lágrimas de autocompaixão e gemidos de alguém desesperado. Os cinco poemas que formam esse livro, porém, estão longe do desespero. Ao contrário, nessas páginas é conhecido o sofrimento e o infortúnio, buscam-se e descobrem-se suas causas e prevê-se um futuro feliz após o arrependimento e o retorno para Deus.

O livro de Lamentações consiste em cinco poemas, dos quais quatro são acrósticos ou alfabéticos, isto é, cada verso começa com uma letra do alfabeto hebraico (que possui 22 letras), utilizadas na ordem. Consequentemente, os capítulos 1, 2 e 4 possuem 22 versículos. O capítulo 5 também possui 22 versículos, porém, diferentemente dos demais, não está em ordem alfabética. A construção do poema alfabético alcança um nível mais elevado no capítulo 3, em que três versículos consecutivos começam com a mesma letra, o que significa que o capítulo possui 66 versos (3 x 22).

Os poemas alfabéticos também são encontrados nos salmos 9, 10, 25, 34, 37, 111, 112 e 119 e em Provérbios 30:10-31.

## Autor

Uma tradição muito antiga preservada nas traduções grega (a Septuaginta) e latina (a Vulgata) da Bíblia atribui a autoria do livro a Jeremias. Hoje, muitos teólogos importantes discordam de que Jeremias seja o autor, apesar de admitir a grande influência do profeta sobre o livro. Argumentam que o profeta não teria escrito um clamor por vingança, como em 3:59-66, nem teria pedido ajuda ao Egito, como em 4:17, pois recomendava a submissão à Babilônia.

Outros, no entanto, citam as semelhanças entre o conteúdo de Lamentações e o de Jeremias: ideias, estilo e expressão. Por exemplo, as referências à virgem oprimida (Lm 1:15; Jr 8:21), aos olhos se desfazendo em água (1:16; 2:11; Jr 9:1,18), aos que amavam a cidade e dela esqueceram (1:2; Jr 30:14), ao costume de caçar e balançar a cabeça (2:15; Jr 18:16), ao sofrimento do autor diante do escárnio do povo (3:14,63; Jr 20:7) e ao cálice do julgamento divino (4:21; Jr 49:12). Os mesmos estudiosos argumentam que não existe nada em 3:59-66 que contradiga o que Jeremias diz em seus escritos. Às vezes, ele via os babilônios como um instrumento de Deus para punir seu povo. Em outras ocasiões, considerava-os apenas inimigos cruéis. Com relação a 4:17, os estudiosos ressaltam que o texto fala de “uma nação”: não menciona o Egito explicitamente.

Mesmo que não haja provas conclusivas de que Jeremias seja o autor de Lamentações, são poucos os motivos para que não se atribua o livro a ele.

### A mensagem de Lamentações

O livro de Lamentações não contém apenas queixas. O autor percebe a importância de refletir sobre o próprio sofrimento e sobre a dor de seu povo. Ele busca — e encontra — as razões do sofrimento e do infortúnio. Portanto, o livro serve de modelo para meditação sobre o sofrimento ou durante um momento difícil, para que se possa entender a razão da dor no esquema das coisas e tomar a atitude correta, reconhecendo que o sofrimento não é o fim de tudo. Ao fazer isso, o autor de Lamentações trabalha com duas questões importantes.

A primeira questão está relacionada ao sofrimento, seja individual, seja coletivo. A questão não é a origem do sofrimento, mas como encará-lo quando ele surge. Lamentações nos ensina a expressar nossa dor e nossa agonia nas palavras que dirigimos ao Senhor em oração.

A segunda questão é o propósito do sofrimento. Mesmo nas profundezas da dor, é possível enxergar uma luz de esperança. O sofrimento pode ser um meio de Deus nos levar de volta para ele. Portanto, existe um futuro pelo qual esperar. Devemos apossar-nos dessa esperança por um ato de fé e pela disposição da vontade (3:21). Precisamos de uma mudança em nossa maneira de pensar, a fim de tomarmos uma decisão firme sobre nosso objetivo. Embora pareça contraditório, o autor sabe que as misericórdias do Senhor nunca falham — “renovam-se cada manhã” (3:23). Contudo, precisamos apegar-nos a elas, concentrar nossas atenções nelas e enxergar tudo o que acontece à nossa volta pelo prisma dessa verdade.

### Esboço

#### 1:1-22 Primeira lamentação: Jerusalém nas mãos dos inimigos

- 1:1-11 Jerusalém: a viúva de luto
- 1:12-22 “Não tenho quem me console!”

#### 2:1-22 Segunda lamentação: o Senhor está irado

- 2:1-12 O Senhor: um inimigo?
- 2:13-22 A cidade está quebrantada

#### 3:1-66 Terceira lamentação: esperança para o futuro

- 3:1-18 “Sou o homem que viu a aflição”
- 3:19-39 Misericórdias renovadas cada manhã
- 3:40-47 “Fomos rebeldes”
- 3:48-56 “Ouviste a minha voz”
- 3:57-66 “Tu lhes darás a paga”

#### 4:1-22 Quarta lamentação: o impensável aconteceu!

- 4:1-11 O ouro refinado e os objetos de barro
- 4:12-16 O inimigo em Jerusalém
- 4:17-22 A ajuda não chegou

#### 5:1-22 Quinta lamentação: pedindo para voltar

- 5:1 “Lembra-te”
- 5:2-18 Um escravo nos governa
- 5:19-22 Pedindo para voltar

## COMENTÁRIO

### 1:1-22 Primeira lamentação: Jerusalém nas mãos dos inimigos

Este capítulo serve de introdução ao livro e apresenta seu contexto e situação. O desastre atingiu o reino de Judá em 587 a.C. Nenhum súdito do reino havia imaginado que tal coisa pudesse acontecer. A catástrofe suscitou uma pergunta crucial: a destruição do templo e o exílio da nação significavam o fim da aliança entre o Senhor e seu povo?

O capítulo pode ser dividido em duas partes (cf. 1:11 e 12-22). Na primeira parte, o autor descreve a situação da cidade personificada. Na segunda, é a própria cidade que fala para expressar sua dor e fazer uma confissão.

#### 1:1-11 Jerusalém: a viúva de luto

A primeira palavra de Lamentações expressa surpresa e sofrimento: *Eyka!* Em hebraico (1:1a), corresponde à exclamação: *Como!* Esse espanto e a lamentação constituem uma resposta à situação de Jerusalém. A cidade é como uma viúva que acabou de perder o marido (o Senhor) e seus filhos (os habitantes). Mesmo assim, ninguém chora com ela: a viúva foi abandonada e amarga solidão e infortúnio.

Há enorme contraste entre a situação atual e a passada. Antes, a cidade era populosa e afamada e tinha *amantes* (1:2, NVI). Esse termo se refere às nações com quem Judá firmara aliança em sua luta contra a dominação babilônica, em vez de se voltar para o Senhor, seu marido. Entre essas nações, estavam o Egito, a Assíria, Edom, Moabe e Amom (Jr 2:36; 22:20; 27:3). No entanto, nada restou do passado. Hoje, a cidade não passa de uma escrava que procura paz e descanso, sem encontrar (1:1b,3; Dt 28:65).

Nenhuma das festividades religiosas é comemorada, pois os babilônios destruíram o templo (1:4; 2Rs 25:13-17; Jr 52:13,17). A notícia chocou a comunidade judaica, pois o povo acreditava que o templo era indestrutível. Na verdade, eles o consideravam um seguro contra todos os riscos (Jr 7:4). Era inconcebível que estrangeiros colocassem o pé no lugar santo, quanto mais o destruíssem (1:10; Jr 51:51)!

Em seguida, vem a primeira revelação, que depois será esclarecida na história: a aflição da cidade é obra do Senhor e consequência do pecado de Sião (1:5). Os babilônios eram apenas instrumentos de Deus (Hc 1:6).

Um provérbio da África Ocidental diz: “A felicidade só é apreciada quando é perdida!”. A verdade desse ditado é ilustrada em 1:6-7. Parece que só após a captura da cidade seus habitantes perceberam que seus tesouros estavam



perdidos para sempre. Jerusalém se lembrou disso, porém agora era tarde demais. A mão do inimigo tirou-lhes tudo o que possuíam. É até possível, como se diz em alguns países da África e em outros lugares, que os filhos e as filhas de Judá tivessem contribuído para que o inimigo saqueasse e destruísse sua terra natal.

O autor outra vez faz menção do motivo da desgraça: *Jerusalém pecou gravemente (1:8)*. Por causa disso, tornou-se *repugnante*. Esse termo também é usado como referência à impureza menstrual da mulher. Nesse período, as mulheres de Israel eram afastadas da vida conjugal, social e cultural (Lv 12:2,5; 15:19-30). Não há ilustração melhor para o isolamento da cidade. Jerusalém tentava disfarçar, mas era uma causa perdida, pois sua impureza era óbvia: *A sua imundícia está nas suas saias (1:9a)*.

A solidão e a dor da cidade abandonada são ressaltadas pela frase *não tem quem a console (1:9b)*. Esse tema se repetirá mais adiante. Por enquanto, Sião se volta para Deus, suplicando que olhe para ela (1:9c; 11b). Infelizmente, não é um espetáculo bonito, nem mesmo para Deus, pois envolvia sacrifício. Os incircuncisos, chamados *blakoro* na língua djula da África Ocidental, adentraram o santuário (1:10). O espetáculo também não é bonito para a cidade: os habitantes chegavam a trocar seus tesouros por pão (1:11a). O autor faz referência à fome que assolou Sião (Jr 52:6). Na hora de escolher entre a dignidade (mesmo despojada de todo o resto) — uma dignidade fortemente ligada a valores sociais, culturais e religiosos — e a sobrevivência a qualquer preço, a decisão foi tomada rapidamente. Não se come dignidade!

### 1:12-22 “Não tenho quem me console!”

A cidade, que já havia interrompido o narrador duas vezes (1:9,11), agora fala por si. Ela se reaproxima dos que passam pelo caminho e não se detém para confortá-la no sofrimento (1:12a). Ela se queixa da indiferença e dos indiferentes.

A cidade reconhece mais uma vez que a desgraça vem do próprio Deus (cf. 1:5). A referência ao *dia do furor da sua ira (1:12b)* lembra-nos as constantes menções ao “Dia do Senhor” na literatura profética do AT (Is 13:6,9; Jr 46:10; Ez 30:1-26). Esse dia é o dia do juízo.

Em 1:13-15, temos a descrição do “furor da sua ira” demonstrado em Jerusalém. Três ações descrevem a severidade do juízo de Deus: *Lá do alto enviou fogo a meus ossos (1:13)*; ele colocou um jugo pesado sobre o pescoço de sua vítima (1:14); e ele esmagou os habitantes de Judá *como num lagar (1:15)*. O refrão *Não tenho quem me console* (e suas variações) é repetido diversas vezes no capítulo (1:2,16,17,21). A cidade não está buscando consoladores, pois *estende Sião as mãos (1:17)*, mas agora não possui mais amigos, nem aliados, nem consoladores. A miséria e a repugnância da cidade parecem ter afastado a todos. A expressão *coisa imunda*, em 1:17, corresponde à mesma pa-

lavra encontrada em 1:8, em referência à impureza sexual da mulher.

Além da indignação da cidade diante da atitude dos indiferentes, há uma dupla confissão de fé e de pecados: *Justo é o SENHOR, pois me rebeleí contra a sua palavra (1:18)*. Deus é justo porque seus atos estão em perfeita conformidade com quem ele é. Não foi por um ato cruel de Deus que a cidade chegou a esse estado. Pelo contrário, a cidade é que se rebelou contra a palavra do Senhor. Jerusalém tentou resolver seus problemas por meios errados. Quis solucioná-los por si mesma, porém seus aliados, velhos amigos e ex-amantes a traíram (1:19). A consequência de seu crime foi ver seus jovens, o futuro da nação, sendo levados para o exílio (1:18) e os sacerdotes e anciãos morrendo em sua busca por alimento (1:19)!

O primeiro lamento termina com a cidade clamando a Deus outra vez, convidando-o a considerar sua agonia (1:20). A confissão dos pecados não lhe aliviou a miséria. O mal afetou-a por dentro e por fora. Os que não foram mortos pela espada do inimigo estão sendo aniquilados pela fome (e também pela praga).

Como se estivesse cansada de implorar, a cidade sucumbe entre suspiros e gemidos (1:21-22). Por fim, ela pede que Deus faça justiça no *dia que apregoaste*, ou seja, o dia do julgamento das nações. Parece compreender que o instrumento que Deus utiliza contra ela hoje não escapará do juízo divino amanhã (Jr 51:24,35-37).

### 2:1-22 Segunda lamentação: o Senhor está irado

Como o capítulo anterior, esse capítulo se divide em dois (cf. 1-12 e 13-22). E também começa com a palavra *eyka*. Essa repetição deixa claro que o autor ainda não se recuperou do choque da destruição da cidade e do templo e que o sofrimento e as lágrimas ainda não terminaram.

#### 2:1-12 O Senhor: um inimigo?

A primeira lamentação indicava que o Senhor estava por trás do ataque dos babilônios (1:12). A segunda é mais explícita: a atitude do Senhor para com seu povo é a de um inimigo. Essa seção descreve os atos hostis e destrutivos de Deus contra Sião. As palavras usadas trazem muitas das expressões do AT referentes ao julgamento de Deus, como *dia da sua ira (2:1)*, *furor da sua ira e fogo (2:3)*.

A ira divina não poupa coisa alguma. Ela cobriu com *nuvens*, ou seja, com sombras, a cidade que foi amada (2:1a). Até o templo, orgulho de Israel, foi atingido. O monte Sião, local da cidade de Jerusalém onde ficava o templo (1Rs 8:1; Sl 20:2; 74:3), foi devastado, e o *estrado* dos pés do Senhor (a arca da aliança — 1Cr 28:2; Sl 132:7) foi destruído. Nada escapou à sua ira.

O Senhor começou a se separar do seu povo. A decisão de não se lembrar deles (2:1b) significa que ele os abandonou e, portanto, estava disseminando a morte. A mesma ideia é expressa pelo verbo “devorar” (2:2,5). O rompimento

é percebido mais claramente na destruição do *lugar da sua congregação*, o templo (2:6). Com esse ato, o Senhor pôs termo a toda vida cultural da nação: não haveria mais festas nem sábados. O rei e os sacerdotes, responsáveis por orientar e manter a vida de Israel, foram rejeitados.

No entanto, o autor esclarece um ponto importante: Deus é o dono de tudo o que ele decidiu destruir — o lugar da congregação, o altar e o santuário são dele (2:7). É como se o principal sacerdote de alguma religião ancestral atesse fogo ao santuário do deus local e num instante pusesse fim a toda a vida religiosa de um povo.

O ato final de ruptura é uma não-ação. É o silêncio. O Senhor não fala, e seus profetas não recebem *visão alguma* (2:9). O silêncio é de desolação e tristeza (2:10). A cidade continua chorando. Até os inocentes, criancinhas e bebês, sofrem com a fome (2:11). Somente as perguntas quebram o silêncio e quebrantam o coração das mães (onde estavam seus pais: mortos ou levados ao exílio?).

Pode parecer estranho as crianças pedirem vinho: *Onde há pão e vinho?* (2:12). No AT, o vinho é símbolo de alegria (Is 24:11; 25:6; Jr 48:33). No entanto, nesse caso, o que as crianças estão pedindo é o alimento cotidiano. Em termos africanos, as crianças estão pedindo peixe e *attiéké* (prato feito com mandioca moída), ou pão e queijo. São alimentos que se comem juntos. “Pão e vinho” é o maior desejo dessas pequenas vítimas da política dos adultos, e elas morrem sem realizar esse sonho.

### 2:13-22 A cidade está quebrantada

Na miséria, às vezes buscamos consolo ao pensar em alguém cuja situação é pior que a nossa. Parece ser isso o que o autor faz em 2:13. Ele está procurando alguém que sirva de consolo para Sião, mas não encontra, porque o desastre que atingiu a cidade é de grande proporção. A referência ao mar acentua a imensidão da catástrofe.

A tragédia é que os profetas de Jerusalém não haviam cumprido seu papel de sentinela. Em vez de revelar o pecado, preferiam dizer apenas o que o povo queria ouvir (Jr 23:14,17). A situação era exatamente igual àquela na qual Paulo alertou o jovem Timóteo muitos anos depois (2Tm 4:3-4).

As *visões* desses profetas eram *falsas e absurdas*. Seus oráculos anunciavam *sentenças falsas, que te levaram para o cativo* — uma repetição que remete a seus erros (2:14). Infelizmente, o mesmo acontece em muitos países africanos devastados por guerras civis e calamidades naturais. Muitas das “profecias” são contraditórias (o que prova que alguns profetas mentem), e muitos estão apenas procurando fama, para que possam assim ter seu sustento! Essa situação dramática destaca a falha da Igreja em ser o farol que toda nação procura.

Em 2:15, temos um quadro da triste realidade que alguns ousaram encarar. A miséria de pessoas importantes acalma os cidadãos comuns: “Pensávamos que essas coisas

só aconteciam com os pobres!”. Quando cidadãos importantes são rebaixados, ficam reduzidos à condição de seres humanos normais. Portanto, a *perfeição da formosura* pode tornar-se apenas uma boa lembrança, e o desaparecimento da *alegria de toda a terra* faz crescer o valor de outras alegrias, por isso os que passavam pelo caminho tinham motivo para rir.

No entanto, a alegria dos inimigos de Jerusalém revela séria falta de compreensão. Eles consideram a situação desastrosa uma vitória pessoal. Agem como se fossem responsáveis pela derrota de Sião: *Este é o dia que esperávamos; achamo-lo e vimo-lo* (2:16). No entanto, 2:2 e 2:5 deixam claro que é o Senhor quem os devora. O autor corrige o erro, dizendo “Não foram vocês, foi Deus”: *Fez o SENHOR o que intentou* (2:17; 2:8; Jr 18:11). A frase *cumpriu a ameaça que pronunciou desde os dias da antiguidade* é uma referência aos avisos anteriores contra a desobediência aos mandamentos divinos (Dt 28:15-45).

Ao cumprir o que prometera, destruindo tudo sem misericórdia, o Senhor deu prazer aos inimigos de seu povo, mas não era essa sua intenção. Conforme ele esclarece mais tarde, sua vontade não era afligir nem humilhar seus filhos (3:33). Apesar das aparências, o Senhor não está do lado do inimigo, e sim de seu povo. Ele sempre foi o Emanuel. A vitória aparente do inimigo sobre o povo de Deus é temporária; não perdurará.

A cidade e seus habitantes são convocados a orar. Eles não podem deixar-se abater pelo sofrimento, mas precisam levantar-se e orar. A oração não é uma saída fácil, como às vezes pensamos. Ao contrário, é uma batalha — uma luta a favor de Deus, não contra ele. Por isso, eles deveriam orar todos os dias, sem descanso (2:18). O chamado à oração *no princípio das vigílias* (2:19a) nos faz lembrar que os israelitas dividiam a noite em três vigílias: a primeira terminava à meia-noite; a segunda continuava até as 3 horas da madrugada; e a terceira terminava às 6 da manhã. (Nos tempos do NT, havia quatro vigílias na noite: a primeira, das 6 às 9 horas da noite; a segunda, das 9 à meia-noite; a terceira, da meia-noite às 3; e a quarta, das 3 às 6.)

Os habitantes de Sião deveriam orar *no princípio das vigílias*, isto é, durante cada vigília, o que significa orar a noite inteira (cf. tb. 2:18). Logo, não existe uma hora específica da noite que seja mais favorável à oração, como muitos pregam. A ordem aqui é orar sem cessar, o dia inteiro e a noite inteira. Eles deveriam exercer a vigilância de uma sentinela.

Em Israel, era comum orar com as mãos levantadas (2:19b; Êx 9:29; Sl 28:2; 63:4; 141:2; Ed 9:5). Quem ora está comprometendo-se com Deus. O mesmo gesto é utilizado em diversas partes da África, com diferentes significados. As mãos podem ser levantadas para o céu em expressão de desamparo, como o choro num funeral. Entretanto, também levantamos as mãos ao céu para expressar alegria e ação de graças a Deus por suas respostas a nos-



sos anseios e orações. O NT exorta o cristão a orar “levantando mãos santas” (1Tm 2:8).

Em **2:20a**, a oração se torna um questionamento diante de Deus. São agora clama: *Vê, ó SENHOR* (cf. tb. 1:9,11). Ela convoca Deus a testemunhar e lastimar as terríveis consequências da fome: mães devorando os próprios filhos (2Rs 6:28-29; Jr 19:9); o massacre dos sacerdotes e profetas no santuário de Deus; o assassinato de crianças, rapazes e moças (**2:20b-21**). Deus está permitindo um genocídio (**2:22**)! A cidade parece perguntar a Deus: “É tão irracional tua ira que esqueceste que estás tratando assim teu povo escolhido?”.

### 3:1-66 Terceira lamentação: esperança para o futuro

Com essa lamentação, chegamos à essência do livro, atingindo as profundezas mais íntimas de quem conhece o sofrimento. O autor escreve de forma pessoal, usando pronomes na primeira pessoa. Percebe-se que ele deixa de falar de sua profunda dor para expressar uma grande esperança no Senhor e convocar o povo a voltar para Deus com confissão de pecado e ação de graças por ter a vida poupada. Por fim, o Senhor é convidado a olhar não apenas para Jerusalém, mas também para o inimigo, a fim de exterminá-lo.

#### 3:1-18 “Sou o homem que viu a aflição”

Essa lamentação não começa com o *eyka* presente nos capítulos 1 e 2. Nesse poema, encontramos o *homem* que fala do sofrimento pelo qual passou, que conta suas experiências pessoais, não a de outros (**3:1**). Quem é esse homem? Seria o narrador, falando em defesa da cidade e de seus habitantes? Seria o sumo sacerdote Seraías, citado em Jeremias 52:24? Seria o próprio profeta Jeremias? Existem semelhanças marcantes entre o que está escrito aqui e o sofrimento que Jeremias suportou. Na verdade, essas semelhanças constituem um argumento a favor de Jeremias como autor de Lamentações.

Não importa quem seja esse homem, ele conta seu sofrimento em detalhes, mas primeiro identifica o responsável por toda a violência sofrida com apenas um pronome: *ele*. Estaria o autor hesitando em citar um nome? Isso se deveria ao fato de as ações aqui descritas não se encaixarem na imagem que ele faz de tal pessoa? Só em 3:18 ele identifica a pessoa que o maltrata: o Senhor.

O autor mostra um contraste surpreendente e assustador. Por um lado, existe a presença poderosa do Senhor, que é mencionado mais de vinte vezes na terceira pessoa e uma vez na segunda pessoa. Por outro lado, temos a impressão de que sua presença serve apenas para destacar o fato de ele recusar qualquer contato com o sofrimento. Ele obriga suas vítimas a *andar em trevas* (**3:2,6**), constrói paredes para isolá-las ainda mais (**3:5,7**), não ouve suas orações (**3:8**), bloqueia todas as rotas de fuga (**3:9**), e assim por diante. Ficamos espantados ao constatar quanto

a presença de Deus pode ser negativa. Ele está presente, mesmo estando ausente. Virou as costas para seu povo, e sua presença amedronta em vez de consolar.

As pobres vítimas têm de suportar o escárnio de todos (**3:14**; Jr 20:7). Seu único alimento são ervas amargas e absinto (**3:15**; Jó 9:18; Jr 9:14), tornando a vida insuportável. Ele não tinha paz e havia muito tempo esquecera o bem (**3:17**). Exaustos, todos os homens podiam dizer: *Já pereceu a minha glória, como também a minha esperança no SENHOR* (**3:18**). Mas o que esse quadro tão dramático representa, afinal de contas?

#### 3:19-39 Misericórdias renovadas cada manhã

Mergulhado nas profundezas do desespero, o homem implora: *Lembra-te da minha aflição* (**3:19-20**), mas essa não é a única coisa lembrada. Ele também se lembra do SENHOR (**3:21-22**). O primeiro grupo de lembranças lhe traz aflição e sentimento de derrota; o segundo tem o poder de transformá-lo. Ele logo percebe que não deve desistir da luta e recusa-se a acreditar que tudo esteja perdido. Nada é mais pesado que a própria cabeça quando se está em dificuldade. Levantar os olhos requer grande esforço. E é esse esforço que é exigido aqui. O homem cuida de si mesmo. Ele toma uma decisão, afirmando voluntariamente sua fé, e age com determinação. Ergue os olhos e vê além da situação em que se encontra. Então concentra o pensamento em Deus, cuja bondade e misericórdia nunca falham (**3:22**). Mais que isso, *renovam-se cada manhã* (**3:23**). As circunstâncias mudam, mas Deus não! Quanto mais o autor pensa a respeito, mais ele reconhece que o Senhor é o tesouro verdadeiro, mais precioso que as riquezas do templo e a cidade que ele ama, e toma uma decisão: *Esperar nele* (**3:24**). Lembra-se então de que *bom é aguardar a salvação do SENHOR* (**3:26**).

A confiança em Deus nos ajuda a aceitar o que virá. Essa atitude não é fatalismo: é fé. Ficamos em silêncio não porque não há o que dizer, mas porque sabemos que Deus nos atenderá a seu tempo e a seu modo (**3:26,28**). Sim, há uma razão para ter esperança! Na verdade, Deus não tem prazer no sofrimento (**3:33**), e seu juízo é repleto de compaixão (**3:31-32**). Ele vê todo mal que acontece debaixo do sol, até mesmo o que foi causado pela Babilônia (**3:34-36**). Ele fará justiça, porque é o verdadeiro governante (**3:37-38**). Portanto, chegou a hora de cessar com as reclamações. Parece correto reclamar quando a vida de alguém é poupada, apesar de seus muitos pecados (**3:39**)?

#### 3:40-47 “Fomos rebeldes”

A redescoberta da bondade de Deus resulta numa exortação para que toda a cidade faça duas coisas relacionadas entre si: voltar-se para Deus e confessar os pecados. O autor inclui-se entre as pessoas a quem apela, usando a primeira pessoa do plural quando fala sobre a necessidade de uma reviravolta e do regresso ao SENHOR (**3:40**).

Ao fazer isso, eles deverão erguer *o coração, juntamente com as mãos* (3:41). Seus compatriotas deverão admitir com sinceridade que a situação resulta da infidelidade e da rebeldia da nação (3:42). Ao reconhecer a culpa da nação, o narrador também menciona o juízo de Deus exercido sobre ela, bem como a ira do Senhor (3:43), sua recusa em ouvir as orações (3:44) e a destruição do povo (3:45-47).

### 3:48-56 “Ouviste a minha voz”

A prova é tão grande que, à simples lembrança dela, os olhos do narrador derramam *torrentes de águas* (3:48-49). A situação descrita em 3:52-56 é semelhante à experiência do profeta Jeremias (Jr 38:1-13). Seus inimigos o lançaram numa cisterna (tanque de água subterrâneo) sem nenhum alimento. Ele afundou na lama e quase morreu, mas foi salvo pela intervenção de um servo etíope do rei. O pretérito perfeito em 3:56 nos dá motivo para acreditar que o autor se refere a uma experiência passada para ilustrar seu pedido por libertação.

### 3:57-66 “Tu lhes darás a paga”

Após diversas referências a *ele* — Deus —, a lamentação termina com um apelo a *tu*. A mudança de pronome é prova de que a situação entre Deus e o homem foi suavizada. É como se a intimidade tivesse sido restaurada. Deus respondeu à oração, aproximando-se do autor e acalmando-o (3:57). O Senhor agora é um defensor, o salvador (3:58-59) e o confidente daquele que não tinha mais esperança (3:61-63). Confiante em Deus, o homem convida-o a amaldiçoar os inimigos, como retaliação por aquilo que eles fizeram (3:64-66).

## 4:1-22 Quarta lamentação: o impensável aconteceu!

A quarta lamentação é semelhante às duas primeiras, por conter 22 versículos e começar com a palavra *Eyka!* Não se destaca mais a invasão do inimigo, e sim as consequências da invasão para os que ainda vivem na cidade. Eles esperavam ajuda humana, que não se concretizou, mas agora tinham a promessa de que o Senhor, o verdadeiro libertador, *nunca mais te levará para o exílio* (4:22).

### 4:1-11 O ouro refinado e os objetos de barro

Para expressar seu espanto e sua agonia em relação a tudo o que está acontecendo, o autor usa a palavra *Eyka!* duas vezes (4:1-2). O ouro estava escurecendo! Alguns comentaristas acham que as *pedras do santuário* (pedras preciosas) representam os tesouros do templo tomados pelos conquistadores. Em 4:2, porém, percebemos que essas pedras simbolizam o povo de Sião. Na verdade, em hebraico, o mesmo adjetivo, “refinado”, é usado antes da palavra *ouro* e da expressão *filhos de Sião*. A comparação é entre a situação anterior, em que eram *ouro refinado*, e a de agora, em que são *objetos de barro*. A menção aos objetos de barro e ao

oleiro lembra Jeremias 18:1-10, que nos ensina que Deus (o oleiro) pode fazer o que desejar com Israel (o barro).

O autor retorna ao sofrimento das crianças que não recebem mais o cuidado das mães. O chagal tem algo a ensinar às mães de Sião, que estão enlouquecidas de fome. Elas se tornaram como as avestruzes, conhecidas pela crueldade (4:3-4; Jó 39:13-17).

O rico não escapou ao desastre (4:5). A cama dele agora era monturo, e as esquinas, seu túmulo. O contraste entre a *escarlata* e os *monturos* ressalta a grande mudança. O luxo de outrora deu lugar à miséria. A princesa também passa fome. Aquela que antes era “gente bonita”, agora não é mais reconhecível, pois está desfigurada pela sujeira, pela fome e pela miséria. Eles ficaram reduzidos a pele e osso — e *sua pele se lhes pegou aos ossos, secou-se como uma madeira* (4:7-8). (Observe que algumas traduções falam em “nazireus” em vez de “príncipes”. Os nazireus eram pessoas que faziam votos de total consagração a Deus — Nm 6:1-21; Jr 35.)

Em 4:6, o autor relata que o povo se envolvia com um pecado maior que o de Sodoma, que sua *maldade* era maior que o *pecado de Sodoma*. Pelos menos, os moradores de Sodoma morreram rapidamente. Como 4:9 nos lembra, é preferível a morte rápida pela espada que a destruição lenta e dolorosa da fome, observando-se o próprio declínio moral e físico. Todos os campos de refugiados que surgiram no continente africano (como os da República Democrática do Congo, da Libéria e do Sudão) registram histórias terríveis sobre a desolação causada pela fome. A fome pode transformar mães *compassivas* que amam seus filhos em canibais (4:10; 2:20). Essas mulheres foram vistas cozinhando e comendo os próprios filhos! O impensável aconteceu!

Pela primeira vez nessa quarta lamentação, o nome do Senhor é mencionado (4:11). Foi ele quem, no *ardor da sua ira*, ateou o fogo que incendiou os fundamentos da sociedade, levando as mães a comer os próprios filhos. Não há como descer mais.

### 4:12-16 O inimigo em Jerusalém

Em 1:10, a cidade lamenta por ter visto o inimigo no santuário. Agora, percebemos que ninguém acreditava que *entrasse o adversário e o inimigo pelas portas de Jerusalém* (4:12). As expressões *reis da terra* e *moradores do mundo* indicam que tal ocorrência era impensável. Acreditava-se que isso era impossível, porque o próprio Senhor vigiava a cidade, e o local onde se situava Jerusalém era uma fortaleza natural, robustecida com muralhas (2Sm 5:6; 2Cr 26:9; 27:3).

Mais uma vez, o narrador explica a presença de adversários na cidade santa como consequência do pecado dos profetas e sacerdotes (4:13). Ele destaca a responsabilidade dos líderes espirituais. Hoje, pastores, evangelistas e professores de Bíblia estão na mesma condição. Assumem uma responsabilidade maior que a maioria por causa de



seu conhecimento e da importância do ministério que exercem (Lc 11:46,52; Rm 2:17-24; Tg 3:1).

A referência a Sodoma, em 4:6, pode indicar que o pecado do povo era similar ao de Sodoma, provavelmente por terem cometido adultério contra o Senhor, seu marido. Outro pecado é mencionado: *o das maldades dos seus sacerdotes que se derramou no meio dela [Jerusalém] o sangue dos justos* (4:13). Não sabemos exatamente de quem é esse sangue, mas sabemos que no AT o termo “justos” também pode ser traduzido por “crentes”. O que está claro no texto é que o próprio Senhor defende o inocente. Ele castigou a cidade por causa desses dois pecados.

Em 4:14-16, o sujeito são os profetas e sacerdotes infiéis, não os justos. Esses versículos descrevem as misérias dos chamados “homens de Deus”. Os infiéis haviam derramado o sangue dos justos e agora estavam *contaminados de sangue* (4:14; cf. Nm 35:33). Eles deveriam ser respeitados como homens consagrados a Deus, mas agora estavam isolados, como leprosos (4:15-16; Lv 13:45-46). O impensável aconteceu!

#### 4:17-22 A ajuda não chegou

Agora, o autor retorna ao “nós”, a fim de falar da inútil esperança de obter ajuda. A aliança não deu certo! Seu aliado, uma nação da qual eles esperavam socorro em caso de agressão externa, os decepcionou (4:17). Os que acreditam que o aliado aqui é o Egito argumentam ser essa uma prova de que Jeremias não é o autor de Lamentações, pois ele se opunha a qualquer aliança com o Egito (cf. Jr 37:7). Contudo, o texto não afirma que essa nação é o Egito.

Abandonada por seu aliado, a cidade caiu. O inimigo ocupou-a, e era chegado *o nosso fim* (4:18). O povo já não tinha para onde ir e estava perturbado, abatido, derrotado (4:19; 5:4-5).

Essa lamentação já mencionou o destino dos cidadãos comuns, da aristocracia judaica e dos profetas e sacerdotes, e agora fala do destino do rei, aqui chamado *ungido do SENHOR* (4:20). Por ter sido ungido pelo Senhor, o rei desfrutava uma proteção especial de Deus (1Sm 2:10). Por isso, o povo confiava nele.

O rei é também chamado *o fôlego da nossa vida* (4:20), ou seja, aquele que dá vida. Essa designação provavelmente foi emprestada de outra cultura, pois trata o rei como uma espécie de divindade. O autor esclarece que as pessoas confiavam demais no soberano, porém este foi também capturado pelo invasor e era incapaz de salvar seu povo e a si mesmo. Essa referência ao rei e a perseguição citada em 4:19 parecem corresponder com o destino do rei Zedequias, capturado pelos babilônios enquanto tentava fugir da cidade sitiada (2Rs 25:1-7; Jr 39:4-7; 52:6-11).

A lamentação se encerra com duas mensagens, uma dirigida a Edom, e a outra a Sião (4:21-22). Edom é o nome dos descendentes de Esaú, enquanto Sião compreende os descendentes de Jacó (Israel). Os descendentes dos dois

irmãos eram inimigos havia muito tempo. A queda de Jerusalém suscitou o escárnio dos edomitas. Eles até ajudaram a saquear a cidade (Ob 12-14). O narrador lembra o povo de que “quem ri por último, ri melhor”. Ele anuncia que Edom também será punido (Is 21:11-12; Ez 25:12-14; Am 1:11-12). Os edomitas provarão o cálice da ira e do juízo de Deus (4:21).

Deus promete a Sião o fim do sofrimento e do exílio (4:22). Todas as alianças políticas e humanas falharam. O rei não conseguiu ser salvo. O Senhor então é apresentado como o verdadeiro libertador de seu povo. Ele é o único capaz de pôr fim ao desastre e ao sofrimento.

#### 5:1-22 Quinta lamentação: pedindo para voltar

Este quinto e último capítulo pode ser classificado como lamentação? Não se trata de um acróstico, como os outros, embora tenha 22 versículos. Parece mais uma oração na qual o autor fala na primeira pessoa do plural. Ele clama ao Senhor, traz à lembrança a miséria do povo e pede que ele intervenha e crie algo novo. No entanto, não se esquece de confessar os pecados do povo. Suas últimas perguntas correspondem a uma expressão de sua fé e de sua profunda esperança.

#### 5:1 “Lembra-te”

Pedidos para “olhar e ver” estiveram muitas vezes nos lábios do povo nessas lamentações (1:9,11,12,18; 2:20; 3:63). Aqui, o pedido é acompanhado de outra súplica: *Lembra-te* (5:1). Não se trata de uma ordem ao Senhor. Longe disso! É a oração de um povo que decidiu comprometer-se inteiramente com aquele cujos olhos percorrem toda a terra e veem todas as coisas (Sl 139). Essa oração é dirigida ao único que é digno de guardar nossa história pessoal e a história de nossa nação.

Pedimos a Deus que se lembre porque, apesar das sombras e da miséria de hoje, continuaremos no caminho amanhã, com todos os que estão ao nosso redor. O assassino de hoje pode não estar longe de nós. Talvez more na casa ao lado. Precisamos aprender a conviver com a lembrança do que sofremos.

Devemos esquecer? Conseguimos esquecer?

Senhor, ajuda-nos, com teu justo juízo, a conviver com a memória daquilo que nem tu nem nós podemos esquecer!

#### 5:2-18 Um escravo nos governa

Essa passagem revela mais uma vez o sofrimento e a miséria do povo que permaneceu no país após a deportação. Dessa vez, porém, são ressaltadas as frustrações da vida durante a ocupação.

A herança referida em 5:2 não diz respeito apenas às propriedades do povo de Judá, mas também à cidade e ao país como um todo que o Senhor dera ao seu povo (Dt 1:25; Jr 3:18). Essa herança *passou a estranhos e a estrangeiros* — pessoas que não eram da Judeia. Não sabemos quem

(no hebraico literal) “derramou” a propriedade sobre os estrangeiros. O autor talvez estivesse pensando no Senhor, mas também é possível que tivesse em mente os invasores babilônios, que tomaram a terra.

Os *órfãos* e as *viúvas* (5:3) foram deixados para trás após a morte e o exílio da maioria dos homens saudáveis, mas o autor também pode estar pensando na cidade como uma viúva (cf. 1:1-2) e em seus habitantes como órfãos. Talvez ele considere a nação órfã por causa da deportação do rei, o pai da nação (4:20).

Uma vez que não mais possuíam terras, o povo de Judá era obrigado a pagar por tudo, até mesmo pelas necessidades básicas, como água e madeira (5:4). Tornaram-se escravos em sua própria terra e eram obrigados a trabalhar sem descanso (5:5).

Durante a tribulação, lembraram que se haviam submetido voluntariamente a outros quando a nação fez alianças com o Egito e com a Assíria (5:6). O Senhor havia condenado essas alianças (Jr 2:17-18, 36-37), por isso 5:7 se refere a eles como pecadores. Eles conhecem o princípio da responsabilidade coletiva, da solidariedade no erro. Esse princípio é encontrado em Jeremias 31:29 (cf. tb. Ez 18:2), embora o profeta anuncie que esse princípio logo não se aplicará mais (Jr 31:30).

Ser governado por escravos (5:8), o mais insignificante membro do exército de ocupação, era a maior humilhação possível.

Impelido pela fome e pela pobreza, o povo tinha de se arriscar (5:9). Se eles entrassem no campo para colher lenha ou plantar alimentos, eram atacados pela *espada do deserto* (5:9), provavelmente grupos de bandidos que se aproveitavam da situação para agredir as pessoas indefesas que permaneciam na cidade. A situação era semelhante à de alguns lugares na África, como Angola, Moçambique e Darfur, no Sudão Ocidental, que conviveram com a guerra. O conflito leva à proliferação de bandos armados, estupros e mortes. Hoje, homens, mulheres e crianças correm risco de morte e dizimação pelas minas espalhadas em áreas nas quais se veem obrigados a entrar para buscar comida.

Jerusalém foi palco de muitas atrocidades: mulheres e moças eram estupradas (5:11), príncipes eram enforcados (5:12), talvez como aviso para quem tentasse reconquistar o poder. Os velhos não eram respeitados (os saqueadores não obedecem nenhuma regra de conduta social). Os jovens

eram rebaixados à escravidão (5:13). Todas as atividades oficiais do governo cessaram, pois os invasores se assentavam no portão da cidade (5:14). Parece que a vida se tornou um castigo (5:15).

Os sobreviventes sabiam o motivo da desgraça: *Pecamos!* (5:16). A expressão *caiu doente o nosso coração* revela profunda dor emocional, assim como a declaração *se escureceram os nossos olhos* (5:17). Além do sofrimento imediato, a razão do desespero é que o monte Sião, mais precisamente o templo ali localizado, havia sido *assolado* (5:18). Com o templo destruído, eles não tinham outro lugar onde adorar a Deus. O Senhor parecia muito distante!

### 5:19-22 Pedindo para voltar

O tom muda repentinamente na última parte dessa lamentação, que também é a conclusão do livro. O autor logo se lembra de que o simples fato de o templo ter sido destruído não significa que o Senhor deixou de reinar! Pelo contrário, seu trono e seu reino jamais terão fim (5:19). Eles não dependem de nenhuma referência geográfica.

As perguntas em 5:20 ressaltam que o Deus de quem o livro fala jamais esquecerá ou abandonará seu povo. Se o fizesse, significaria um fracasso em sua escolha. Por isso, o autor diz: *Converte-nos a ti* (5:21; Jr 31:18). Esse versículo deixa claro que qualquer movimento em direção a Deus não depende apenas da decisão humana. Esse retorno deve ser ordenado e acompanhado pelo Senhor. Nesse sentido, qualquer retorno a Deus é consequência de graça pura. É dom de Deus.

As cláusulas condicionais de 5:22 antecipam a resposta negativa. Reforçam a ideia expressa em 5:21 — tanto que, quando o texto era lido em sinagogas, o leitor repetia 5:21 após a leitura de 5:22. O livro não encerra com uma nota de dúvida, mas com uma certeza expressa nas palavras de 3:22-23: “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade”.

Issiaka Coulibaly

### Leituras adicionais

ELLISON, H. L. “Lamentations” in *Isaiah, Jeremiah, Lamentations, Ezekiel*. In: Frank E. GAEBELEIN (Org.). EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

GUEST, John. *Jeremiah, Lamentations*. CC. Waco, Texas: Word Book Publishers, 1988.



# EZEQUIEL

Profetas e profecias não são elementos exclusivos da Bíblia. Desde tempos remotos, as sociedades reconheciam os profetas como um tipo de autoridade religiosa. A profecia era amplamente difundida no antigo Oriente Médio, nas sociedades africanas e nas religiões africanas tradicionais. Os profetas eram e ainda são alguns dos líderes religiosos mais criativos e dinâmicos da África. Podemos mencionar nomes de indivíduos originários de várias partes do continente, como, por exemplo, Ngundeng e seu filho no Sudão, Gwek dos nuers e Ariandhit das tribos dinkas. Em Uganda, temos Rembe dos lugbaras; no Quênia, Mugo wa Kiburu dos kikuyus e, na República Democrática do Congo, Simon Kimbangu. As igrejas fundadas por obreiros africanos e em alguns movimentos carismáticos usam o termo “profeta” para designar seus fundadores ou líderes atuais.

Existem algumas questões importantes das quais precisamos tratar quando estudamos profetas ou profecias. De onde provém a mensagem? De que maneira o suposto profeta a recebeu? Qual é o conteúdo da mensagem? A quem e com que propósito foi transmitida? Em vez de procurar responder a essas perguntas de modo abstrato, trataremos da vida e obra de Ezequiel, um profeta do Deus vivo e eterno. O estudo minucioso de sua mensagem nos ajudará a formular respostas mais adequadas para as questões associadas ao tema da profecia.

## Autor e data

Ezequiel era de família sacerdotal (1:3). Consequentemente, é provável que, em outras circunstâncias, ele se teria tornado parte do sacerdócio do templo. Seu nome significa “que Deus fortaleça” ou “Deus fortalece”. Tendo em vista sua mensagem profética e o público que teve de confrontar, sem dúvida Ezequiel precisou de grande fortalecimento! Como mensageiro, sujeitou-se de tal modo ao controle do Espírito que, por vezes, é difícil fazer distinção entre o profeta e a mensagem.

Ezequiel nasceu e recebeu o chamado para ser profeta de Deus em um momento conturbado política e socialmente. Os assírios foram, por muito tempo, a potência dominante no antigo Oriente Médio. Invadiram o Reino do Norte (Israel) e deportaram seu povo em 721 a.C. (cf. 2Rs 17:1-6). Sob o domínio de Nabucodonosor, porém, os babilônios conseguiram derrotar uma coalizão de assírios e egípcios em Carquemis, em 605 a.C. (cf. Jr 46:2), vitória que levou à destruição do Im-

pério Assírio. Perseguidos tenazmente pelos babilônios, os aliados egípcios foram obrigados a recuar. Durante o processo de consolidação de sua autoridade sobre a região, a Babilônia deportou jovens do reino de Judá, dentre eles Daniel (Dn 1:1-5).

Posteriormente, ao se rebelar contra os invasores, o Reino do Sul voltou a ser atacado pelos babilônios. Em 597 a.C., a Babilônia levou o rei Joaquim e vários de seus súditos, incluindo Ezequiel, para o cativeiro (1:2). (A última deportação ocorreu dez anos depois, em 587 a.C.). Quando recebeu o chamado de Deus para o ministério profético, Ezequiel encontrava-se, portanto, no cativeiro.

Como exilado, Ezequiel profetizou principalmente aos seus companheiros de exílio na Babilônia. É possível, contudo, que seu ministério não ficara restrito a eles, mas se estendera até Judá e o Egito, outras duas regiões onde havia judeus na época (2Rs 25:25-26). Não há como afirmar categoricamente, porém, se sua mensagem chegou ao Egito.

O ministério de Ezequiel se estendeu por vinte e dois anos, de 593 a.C. a 571 a.C. (1:2; 29:17), como indicam as quatorze referências datadas (1:1-2; 3:15-16; 20:1; 24:1; 26:1; 29:1,17; 30:20; 31:1; 32:1,17; 33:21; 40:1). As datas costumam ser calculadas tomando-se por base a deportação do rei Jeoaquim em 597 a.C.

O fato de quase todos os relatos do livro, com exceção de um ou dois incidentes, se encontrarem na primeira pessoa (“eu”), aponta para a autoria do próprio Ezequiel. Uma vez que sua mensagem sofreu intensa oposição do povo e de falsos profetas, é provável que ele tenha procurado preservá-la a fim de que gerações posteriores a reconhecessem como oráculos divinos.

## A mensagem

O livro de Ezequiel é considerado, com frequência, um texto estranho e complicado. Um comentarista chegou a dizer que “confunde muitos leitores e os desanima de prosseguir com o estudo dessa profecia” (EBC). Ao ler Ezequiel pela primeira vez, é possível que muitos de nós tenhamos a mesma impressão. Não se trata, porém, de um texto desorganizado. Consiste em uma série de visões concedidas ao profeta e na proclamação das verdades que lhe foram reveladas. Três dessas visões se destacam no relato: a visão que marcou seu chamado inicial (cap. 1—3), a visão na qual a glória de Deus deixa o templo (cap. 8—11) e a visão da restauração da

terra e do templo (cap. 40—48). O livro também traz uma seção de oráculos contra nações vizinhas de Israel (cap. 25—32).

A mensagem de Ezequiel é, em essência, de julgamento e restauração com base na relação de aliança entre Deus e seu povo. O julgamento sobreveio como resultado de uma tragédia dupla: a rebelião do povo contra a vontade revelada de Deus e a falsa convicção de que eles desfrutavam segurança eterna. Os contemporâneos de Ezequiel estavam certos de que, mesmo que não cumprissem os preceitos da aliança, Deus era obrigado a salvá-los. Fiavam-se na relação de aliança do Senhor com Israel e, mais especificamente, com a casa de Davi e no fato de Deus possuir a terra e ter escolhido Jerusalém e o templo como local permanente de habitação.

Apesar de os falsos profetas alimentarem essa esperança infundada, o julgamento era inevitável. Os exércitos de Nabucodonosor devastariam a terra, destruiriam Jerusalém e o templo, e enviariam parte considerável da população e seus líderes para o cativeiro. Deus cumpriu sua palavra e vindicou a mensagem que havia transmitido por meio de seus profetas.

O povo da aliança de Deus precisava aprender que devia cumprir suas obrigações pactuais a fim de continuar a desfrutar as bênçãos de Deus. Ezequiel também deixou claro, porém, que o Senhor julgaria as nações que se regozijassem e contribuíssem com a destruição de Israel. Javé não é apenas o Deus da aliança com Israel, mas também Senhor Soberano do universo.

Ezequiel trata, portanto, da natureza de Deus, do propósito e da natureza dos julgamentos divinos, da responsabilidade individual, da história ética, religiosa e moral de Israel e da natureza da restauração de Israel, bem como do culto no novo templo.

## Esboço

### 1:1—3:27 A primeira visão e o chamado de Ezequiel

#### 1:1-28 A visão da glória de Deus

##### 1:1-3 Introdução

##### 1:4-28 A visão

##### 1:4-14 Os seres viventes

##### 1:15-21 As rodas

##### 1:22-28 O trono

#### 2:1—3:27 O chamado para o ministério profético

##### 2:1-5 O público-alvo de Ezequiel

##### 2:6-7 Deus encoraja Ezequiel

##### 2:8—3:3 O ministério de Ezequiel

##### 3:4-11 Deus repete a incumbência

##### 3:12-15 A reação de Ezequiel

##### 3:16-21 “Atalaia sobre a casa de Israel”

##### 3:22-27 Atado e mudo

### 4:1—24:27 Profecias contra Israel e Judá

#### 4:1—5:17 Encenação de profecias contra Jerusalém

##### 4:1-3 Sitiar o tijolo

##### 4:4-8 Deitar-se de lado

##### 4:9-17 Racionar alimentos impuros

##### 5:1-4 Raspar e queimar o cabelo

##### 5:5-17 O significado dos atos simbólicos

#### 6:1—7:27 Julgamento sobre toda a terra

##### 6:1-7 Julgamento sobre locais de idolatria

##### 6:8-10 Julgamento abrandado por misericórdia

##### 6:11-14 Resultados do julgamento

##### 7:1-14 Iminência do julgamento

##### 7:15-22 Outros resultados do julgamento

##### 7:23-27 Sumário

#### 8:1—11:25 Julgamento sobre a cidade e o templo

##### 8:1-18 Motivos para o julgamento

##### 8:1-6 “Imagem dos ciúmes”

##### 8:7-13 A idolatria dos anciãos

##### 8:14-15 A idolatria das mulheres

##### 8:16-18 Culto idólatra ao sol

##### 9:1—10:8 O castigo de Jerusalém

##### 9:1-11 Os executores da cidade

##### 10:1-8 Brasas espalhadas sobre a cidade

##### 10:9—11:25 A partida da glória de Deus

##### 10:9-22 Os querubins

##### 11:1-12 O julgamento dos líderes de Israel

##### 11:13-21 Encorajamento para os exilados

##### 11:22-25 A partida final da glória de Deus

#### 12:1—19:14 Profecias e objeções

##### 12:1-28 Profecias do exílio

##### 12:1-16 Deportação

##### 12:17-20 Medo

##### 12:21-28 Negação

##### 13:1—14:11 Falsos profetas

##### 13:1-16 Condenação dos falsos profetas

##### 13:17-23 Condenação das falsas profetisas

##### 14:1-11 Impacto sobre os líderes

##### 14:12-23 Justiça pessoal

##### 15:1—16:63 Retratos de Jerusalém

##### 15:1-8 Uma videira inútil

##### 16:1-63 Uma mulher infiel

##### 17:1-24 A parábola das duas águias e da videira

##### 17:3-10 A parábola

##### 17:11-21 A interpretação

##### 17:22-24 Futuro glorioso

##### 18:1-32 Responsabilidade individual

##### 18:1-4 A resposta de Deus a um provérbio

##### 18:5-18 O princípio divino

##### 18:19-32 Mais explicações acerca do princípio

##### 19:1-14 Uma lamentação pelos líderes de Israel

#### 20:1—23:49 O povo segue o exemplo dos líderes

##### 20:1-44 Uma história de rebelião

##### 20:1-4 Prólogo à história



- 20:5-9 Rebelião no Egito  
 20:10-26 Rebelião no deserto  
 20:27-29 Rebelião na terra prometida  
 20:30-44 Rebelião nos dias de Ezequiel  
 20:45—21:32 Julgamento sobre os contemporâneos de Ezequiel  
 20:45—21:7 O incêndio no bosque do Sul  
 21:8-17 O cântico da espada  
 21:18-27 Indicação do caminho para os babilônios  
 21:28-32 O julgamento sobre Amom é adiado  
 22:1-31 A liderança idólatra de Jerusalém  
 22:1-16 Desobediência à lei mosaica  
 22:17-22 O efeito purificador do julgamento  
 22:23-31 A perversidade dos líderes  
 23:1-49 Duas irmãs adúlteras  
   23:1-4 Oolá e Oolibá  
   23:5-10 A prostituição de Samaria  
   23:11-34 A prostituição de Jerusalém  
   23:35-49 O julgamento divino  
 24:1-27 A execução do julgamento  
   24:1-14 A parábola da panela  
   24:15-27 Dois sinais
- 25:1—32:32 Profecias contra as nações**  
 25:1-7 Julgamento contra Amom  
 25:8-11 Julgamento contra Moabe  
 25:12-14 Julgamento contra Edom  
 25:15-17 Julgamento contra a Filístia  
 26:1—28:19 Julgamento contra Tiro  
   26:1-21 Profecia contra Tiro  
   27:1-36 Lamentação sobre Tiro  
   28:1-10 Profecia contra o governante de Tiro  
   28:11-19 Lamentação sobre o rei de Tiro  
 28:20-26 Julgamento contra Sidom  
 29:1—32:32 Julgamento contra o Egito  
   29:1-16 Oráculo introdutório  
   29:17-21 Compensação por um cerco dispendioso  
   30:1-19 Nabucodonosor invade o Egito  
   30:20-26 Os braços quebrados de Faraó  
   31:1-18 O destino da Assíria e do Egito  
     31:2-9 A magnificência da árvore  
     31:10-18 A queda da árvore  
   32:1-16 Lamentação sobre Faraó e o Egito  
   32:17-32 A destruição do Egito e de outras nações
- 33:1—48:35 Restauração depois do julgamento**  
 33:1—39:29 Restauração à terra prometida  
   33:1-33 Transição para um mundo novo  
   34:1-31 Os pastores de Israel  
   35:1—36:38 Restauração da terra e do povo
- 35:1—36:15 Restauração da terra  
 36:16-38 Restauração do povo  
 37:1-28 A restauração continua  
   37:1-14 O vale dos ossos secos  
   37:15-28 Uma nação renovada e unida  
 38:1—39:29 Sete oráculos contra Gogue  
   38:1-2 Introdução aos sete oráculos  
   38:3-9 Primeiro oráculo  
   38:10-13 Segundo oráculo  
   38:14-16 Terceiro oráculo  
   38:17-23 Quarto oráculo  
   39:1-16 Quinto oráculo  
   39:17-24 Sexto oráculo  
   39:25-29 Sétimo oráculo  
 40:1—48:35 O retorno da glória de Deus  
   40:1-4 Introdução  
   40:5—42:20 O novo templo  
     40:5 O muro do templo  
     40:6-47 Os átrios do templo  
     40:48—41:26 O santuário e as câmaras anexas  
     42:1-14 As câmaras dos sacerdotes  
     42:15-20 Medidas de todo o recinto do templo  
   43:1-12 O retorno da glória de Deus ao templo  
   43:13—46:24 Prescrições do novo templo  
     43:13—44:31 Os serviços dos sacerdotes  
     45:1—46:24 O papel do príncipe na terra restaurada  
   47:1—48:35 A divisão da terra entre as doze tribos  
     47:1-12 O rio do novo templo  
     47:13—48:29 Distribuição da terra  
     48:30-35 A nova Jerusalém e suas portas

## COMENTÁRIO

### 1:1—3:27 A primeira visão e o chamado de Ezequiel

#### 1:1-28 A visão da glória de Deus

A primeira de três visões que se destacam em Ezequiel pode ser descrita como “visão do chamado”. A manifestação esplendorosa da glória de Deus que precede a comissão de Ezequiel para o ministério profético indica que o profeta falará e agirá com base na iniciativa de Deus. O restante do livro não deixa dúvidas a esse respeito.

#### 1:1-3 Introdução

As palavras iniciais do livro servem de introdução não apenas à primeira visão, mas também ao livro todo. O texto menciona duas datas. A primeira é o *trigésimo ano* (1:1a). O

trigésimo ano em relação a quê? Muitos estudiosos adotam a sugestão de Orígenes, um dos pais africanos da igreja, de acordo com o qual a referência é ao trigésimo ano da vida do profeta. Caso Ezequiel tivesse permanecido em Jerusalém, seria o ano em que começaria a exercer plenamente funções sacerdotais no templo. Naquele momento, porém, ele se encontrava *no meio dos exilados*. Foi nessa situação que Ezequiel teve um encontro extraordinário com o Senhor no qual *se abriram os céus* e ele recebeu *visões de Deus* (cf. também 8:3; 40:2).

A segunda data é o *quinto ano de cativo do rei Joaquim* (1:2). É a primeira de várias datas que o texto relaciona ao rei Joaquim com o objetivo de situar o profeta historicamente.

Na sequência, a introdução fornece mais detalhes acerca do jovem ao qual *veio expressamente a palavra do SENHOR* (1:3a). Para apresentar sua condição social, ele indica seu nome, família e vocação (1:3b). Em termos geográficos, informa que ele vivia *junto ao rio Quebar* (1:1b), *na terra dos caldeus* (1:3). O rio Quebar provavelmente era um dos vários canais da bacia do Tigre-Eufrates que irrigavam a terra ao redor da antiga cidade de Nipur, não muito longe da atual Bagdá. O texto informa posteriormente que os exilados se assentaram em Tel-Abibe (3:15). Ezequiel, porém, estava junto ao canal quando recebeu a visão. Foi *ali* (um termo enfatizado por sua posição no original hebraico) que Deus lhe falou. A repentina manifestação de Deus em um ambiente estrangeiro e politeísta deve ter causado forte impacto. Talvez Ezequiel e seus compatriotas judeus houvessem perdido todas as esperanças ao se verem longe do templo de Deus, mas, para sua alegria, descobriram que, mesmo na Babilônia, Deus continuava “ali”! Por mais desesperados que estivemos, devemos lembrar que não existe lugar ou situação na qual Deus não possa manifestar-se.

A declaração *esteve sobre ele a mão de Deus* (1:3b; cf. tb. 3:14,22; 8:1; 33:22; 37:1; 40:1) é a terceira asserção nesses três versículos de que Ezequiel recebeu uma revelação especial (as outras duas são a referência à sua visão em 1:1 e a “palavra do SENHOR” em 1:3a). Trata-se de uma declaração veemente de que todos os atos e palavras do profeta estão sob total controle de Deus.

### 1:4-28 A visão

Como Isaías (Is 6), Ezequiel foi chamado para o ministério depois de receber uma visão gloriosa do Senhor. Isaías não descreve de forma minuciosa sua visão de Deus e os anjos que o acompanhavam. Os detalhes que Ezequiel fornece, por sua vez, são difíceis de compreender. A obscuridade dos pormenores da visão faz parte do paradoxo da revelação divina: Deus se mostra e, ao mesmo tempo, se oculta. É evidente, porém, que a disposição de Deus de se revelar a um ser humano não deve ser menosprezada nem banalizada: “O Deus que, com graça extraordinária, escolhe viver numa relação de amizade com os humildes, é o ocupante

transcendente do trono do universo” (BST). A ideia da incompreensibilidade de Deus retratada nessa visão também é expressa no provérbio akan de Gana: *Onyame bo pow a, odasani ntumi nsan* (“Quando Deus ata um nó, o ser humano não é capaz de desatá-lo”, ou seja, a sabedoria e o poder de Deus excedem de tal modo as nossas faculdades que ninguém consegue desatar um nó feito por ele).

1:4-14 Os SERES VIVENTES. O texto não informa se Ezequiel estava sozinho junto ao rio ou se havia alguém por perto quando ele recebeu a visão. Também não diz o que ele estava fazendo, mas é possível que estivesse orando. A experiência de Ezequiel não foi um transe, um sonho ou uma alucinação (como dizem alguns). Ele estava totalmente acordado quando teve a visão, pois diz: *Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do Norte* (1:4a). A princípio, a visão pareceu um fenômeno natural. Mais de perto, porém, revelou-se *uma grande nuvem, com fogo a revolver-se, e resplendor ao redor dela* (1:4b), e podia-se ver *uma coisa como metal brilhante, que saía do meio do fogo* (1:4c). A essa altura, a descrição da experiência de Ezequiel passa gradativamente do universo conhecido e natural para elementos espetaculares e sobrenaturais.

Quando o objeto da visão se aproximou, o profeta observou que *do meio dessa nuvem saía a semelhança de quatro seres viventes* (1:5; cf. tb. Ap 4:6-8). Apesar de a forma predominante parecer humana (1:5), os seres não eram pessoas, pois cada um tinha *quatro asas* (1:6,8). Duas das asas encontravam-se levantadas de modo que tocavam as asas da criatura ao lado, enquanto as outras duas asas cobriam o corpo (1:9a,11). Debaxo das asas, contudo, os seres tinham *mãos de homem* (1:8). A característica mais espantosa são os *quatro rostos*, a saber, de homem, de leão, de boi e de águia (1:6,10). Encontramos as mesmas criaturas ao redor do trono de Deus na visão de Apocalipse 4:7. É possível que esses rostos tenham sido escolhidos para representar os seres vivos mais poderosos da criação de Deus, pois os rabinos consideravam a águia a mais poderosa das aves, o boi o mais poderoso dos animais domésticos, o leão o mais poderoso dos animais selvagens, e o homem o mais poderoso de todos.

Os quatro seres viventes podiam mover-se em qualquer direção sem se virar (1:9b,12a). Ao que parece, seu movimento era impellido e dirigido pelo *espírito* (1:12b). O termo hebraico traduzido por “espírito” apresenta ampla gama de significados: vento, sopro e o Espírito de Deus. É provável que, nesse caso, o texto se refira ao Espírito de Deus.

Os seres viventes são descritos como criaturas flamejantes, cuja aparência *era como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre os seres, e deles saíam relâmpagos* (1:13). Até mesmo em sua movimentação eles *zigzagavam à semelhança de relâmpagos* (1:14).

Quem eram essas criaturas? Mais adiante, Ezequiel as chama de “querubins” (10:1,6-8), designação que as identifica com os seres posicionados na parte superior da arca



na tenda da congregação. Deus disse a Moisés: “Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel” (Êx 25:18-22). Em Salmos, Deus com frequência é descrito como “entronizado acima dos querubins” (Sl 80:1; 99:1). Trata-se, portanto, de criaturas apropriadas para anunciar a visão do Senhor a Ezequiel.

Outra pista sobre a identidade dos seres é a repetição do número quatro. Havia quatro criaturas, cada uma com quatro asas e quatro rostos voltados para quatro direções. O número nos traz à memória “os quatro confins da terra” (Is 11:12) e sugere, portanto, que esses seres representavam também a criação como um todo. É possível que tivessem a função de apontar para a autoridade soberana de Deus sobre sua criação, um tema que se tornará mais forte no desenrolar do capítulo.

**1:15-21** AS RODAS. Depois de observar a velocidade e a mobilidade dos seres viventes (1:9,12,14) Ezequiel fala de outro elemento que intensifica essa impressão: *Eis que havia uma roda na terra, ao lado de cada um deles (1:15)*. Havia, portanto, uma roda em cada um dos lados do quadrado formado pelos querubins com suas asas estendidas que se tocavam. As rodas eram de aparência idêntica, *brilhantes como o berilo*, mineral que pode ter várias cores (1:16). A semelhança com uma pedra preciosa, bem como a altura das rodas e o fato de suas bordas serem *cheias de olhos ao redor (1:18)*, conferiam às rodas uma aparência impressionante, daí Ezequiel dizer que *metiam medo*. É possível que os “olhos” simbolizassem a natureza onividente de Deus ou simplesmente indicassem que as rodas estavam engastadas de pedras de berilo em forma de olhos (1:16).

As rodas se movimentavam em sincronia com os quatro seres viventes (1:17; 19-21). O fato de estarem *na terra (1:15)* e terem *uma roda dentro da outra (1:16; cf. tb. 10:10-11)* pode dar a impressão de que ajudavam os seres viventes a se mover nas quatro direções. A passagem não corrobora, contudo, essa interpretação. Antes, a descrição mostra que as rodas acompanhavam os seres por toda parte e paravam quando eles paravam (1:19,21a). Ademais, **1:21b** diz: *Elevando-se eles [os seres viventes] da terra, elevavam-se também as rodas juntamente com eles e, nesse caso, perdiam sua utilidade. Em vez de constituírem meio mecânico de propulsão, as rodas, a exemplo dos seres viventes (1:12), eram impelidas pelo espírito: Para onde o espírito queria ir, iam [...] porque o espírito dos seres viventes estava nas rodas (1:20-21)*. A expressão “o espírito dos seres viventes” também pode ser traduzida por “o Espírito da vida”, uma ideia que concorda com a referência aos “sete Espíritos de Deus” em Apocalipse 4:5, passagem que também menciona os seres viventes.

**1:22-28** O TRONO. Ezequiel prossegue com sua descrição: *Sobre a cabeça dos seres viventes, havia algo semelhante ao firmamento, como cristal brilhante que metia medo (1:22)*. O

termo “firmamento” pode dar a impressão de que Ezequiel se refere à grande curvatura do céu, como é o caso em Gênesis 1:6. Tudo indica, porém, que o profeta não está falando do céu, mas de uma espécie de plataforma acima dos seres viventes, algo semelhante à “pavimentação de pedra de safira” sob os pés de Deus em Êxodo 24:10 ou ao “mar de vidro, semelhante ao cristal” diante do trono de Deus em Apocalipse 4:6.

O fato de as asas estendidas dos quatro seres viventes se encontrarem embaixo da plataforma não significa que a sustentem. Provavelmente, não era o caso, pois Ezequiel fala do *tatar das suas asas (1:24a)*, indicação de que elas se movimentavam, e não apenas serviam de apoio para uma estrutura. Ademais, o profeta informa que eles *abaixavam as asas (1:24c)*, gesto que teria deixado a plataforma sem apoio caso fosse sustentada pelas asas.

Para descrever o movimento das asas dos seres viventes, o autor usa três símiles: *Era como o rugido de muitas águas, como a voz do Onipotente e como o tropel de um exército (1:24b)*. O barulho estrondoso cessou, porém, quando outra voz se fez ouvir *de cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça (1:25)*. Sem dúvida, a voz vinha de alguém mais impressionante que os querubins a seu serviço.

Ao tentar descobrir de onde vinha a voz, Ezequiel viu que *por cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça, havia algo semelhante a um trono, como uma safira (1:26)*. O termo hebraico traduzido por “safira” pode significar lápis-lazúli, uma das pedras mais preciosas do antigo Oriente Médio. Ezequiel usa os elementos mais belos que consegue imaginar para explicar a magnificência daquilo que lhe está sendo revelado na visão.

Ao se aproximar do ponto culminante da visão, o profeta observa: *sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem (1:26)*. Valendo-se extensamente de linguagem figurativa, Ezequiel procura fornecer detalhes: *Vi-a como metal brilhante, como fogo ao redor dela, desde os seus lombos, e daí para cima; e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela (1:27)*. O resplendor ao seu redor é *como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia de chuva (1:28a)*.

Ezequiel usa de grande cautela em sua descrição. Ao empregar linguagem figurativa, ressalta com frequência que se trata de algo semelhante, porém não perfeitamente igual àquilo que ele descreve. Usa o termo “como” ou correlativos em 1:4-5,7,10,13,16,22,24,26-27, enfatiza a ideia de “semelhança” ou “aspecto” em 1:5,13,16,26 e combina os dois termos na expressão “como o aspecto” em 1:28a. Seu cuidado se deve ao fato de estar descrevendo a *aparência da glória do SENHOR (1:28b)*. O profeta se mostra profundamente cômico da impossibilidade de descrever Deus em forma humana, mesmo com linguagem metafórica, e sua tentativa de fazê-lo “foi extremamente ousada. Afinal, Javé não é invisível e, portanto, indescritível?” (TOT).

Sobrepujado, Ezequiel caiu *com o rosto em terra* diante daquele que se revelou na visão (1:28c). Essa deve ser nossa postura como seres humanos diante de nosso Criador e Redentor glorioso. Mas Deus não nos deixa prostrados. Ele concedeu essa revelação gloriosa a Ezequiel a fim de prepará-lo para o ministério. Logo em seguida, Ezequiel percebeu *a voz de quem falava* (1:28d). Não obstante o que lhe acontecesse no futuro, o profeta jamais esqueceria essa primeira visão maravilhosa (cf. 3:13,23; 8:4; 10:1-22; 11:22-23; 43:3).

## 2:1—3:27 O chamado para o ministério profético

Depois de experimentar a glória do Senhor, Ezequiel é chamado para servir ao rei celestial que se revelou na visão do capítulo 1. Enquanto o primeiro capítulo é repleto de imagens, essa seção focaliza aquilo que Ezequiel ouviu, ou seja, as palavras de Deus ao profeta. O texto nos informa o conteúdo da mensagem de 1:28 dirigida especificamente a Ezequiel.

### 2:1-5 O público-alvo de Ezequiel

O profeta encontra-se prostrado com o rosto em terra diante de Deus (1:28). O Senhor se dirige a ele como *Filho do homem*, talvez para reforçar que sua postura física é apropriada (2:1). Não se trata de uma referência à figura magnífica do “Filho do homem” que se revelou a Daniel (Dn 7:13-14), mas de ênfase sobre a natureza meramente humana de Ezequiel, não obstante as visões ou o chamado sublime que o profeta estava prestes a receber. A lembrança é repetida ao longo de todo o livro, pois o Senhor se dirige a Ezequiel dessa forma com frequência.

Deus não deseja, porém, que Ezequiel simplesmente permaneça prostrado em adoração. Pretende dar-lhe uma incumbência e ordena que Ezequiel se levante para receber a comissão. O profeta só consegue obedecer à instrução com a ajuda do Espírito de Deus: *Então, entrou em mim o Espírito [...] e me pôs em pé* (2:2).

Somente depois de preparar e fortalecer seu servo, é que Deus lhe diz: *Eu te envio* (2:3a). As palavras indicam uma das distinções críticas entre o verdadeiro e o falso profeta: o verdadeiro profeta é enviado por Deus, enquanto o falso profeta fala por iniciativa própria. Ao cumprirem a missão profética, Ezequiel e Jeremias, seu contemporâneo mais idoso, tiveram de combater falsos profetas em várias ocasiões (Ez 13; Jr 23:9-32; 28:1-17; 29:30-32).

Quando ficou sabendo qual seria o público-alvo de sua mensagem, Ezequiel provavelmente considerou sua tarefa impossível. Como bem sabemos, contudo, e conforme o ministério de Ezequiel mostra claramente, aquilo que é irrealizável para os seres humanos é totalmente possível para Deus.

O Senhor envia Ezequiel *aos filhos de Israel*, que ele inclui entre as *nações rebeldes que se insurgiram contra mim*. A história do povo da aliança não se resume à graça redentora

de Deus; também é uma história de rebelião e desobediência que se repetiu ao longo dos séculos, daí Deus afirmar: *Eles e seus pais prevaricaram contra mim, até precisamente ao dia de hoje* (2:3b). Os israelitas são descritos como *de duro semblante e obstinados de coração* (2:4a). O segundo adjetivo é semelhante à frequente descrição de Israel como “povo de dura cerviz” (Êx 32:9).

O profeta deve comunicar a esse povo: *Assim diz o SENHOR Deus* (2:4b). Ezequiel usa em várias ocasiões a designação “SENHOR Deus”, um título que comprova a grande autoridade divina sobre todos os governantes e a importância de cada mensagem dele proveniente. O restante do livro trata dos detalhes da mensagem de Deus e da reação do povo.

Deus não garante a Ezequiel que o povo dará ouvidos à mensagem. Apenas o instrui a falar *quer ouçam, quer deixem de ouvir* (2:5). Na verdade, a reação negativa parece esperada, pois o Senhor volta a descrever Israel como *casa rebelde*. Serão indesculpáveis, porém, quando lhes sobrevier o julgamento divino que paira no horizonte, pois *hão de saber que esteve no meio deles um profeta*.

### 2:6-7 Deus encoraja Ezequiel

Depois de apresentar a perspectiva de um público hostil e insensível, em 2:6 o Senhor prepara seu servo para os confrontos espirituais vindouros ao encorajá-lo e exortá-lo três vezes com a expressão *não temas*. Ezequiel não deve temer as pessoas nem o que elas dirão a seu respeito. Ele terá motivos para temer, pois o ambiente adverso no qual realizará seu ministério o fará sentir-se como se estivesse cercado de *sarças e espinhos* e vivendo *com escorpiões*. Enfrentará toda a oposição que o porta-voz do Deus verdadeiro pode esperar de um povo *rebelde*, adjetivo repetido três vezes em 2:3-6.

O chamado de Ezequiel para servir ao Senhor causaria, sem dúvida, solidão. “Daqui em diante, ele é separado do resto do povo [...], algo terrivelmente doloroso numa cultura em que a identidade pessoal era moldada de forma predominante pelo fato de pertencer a uma comunidade” (BST). Qualquer discípulo de Jesus Cristo pode experimentar esse tipo de solidão, mas é provável que os discípulos africanos a sintam de modo mais intenso que os ocidentais, pois a comunidade exerce forte influência na África. Não é raro ouvirmos variações do ditado: “Eu sou, porque nós somos e, uma vez que nós somos, eu sou”. O povo akan de Gana, por exemplo, costuma dizer que “uma pessoa não constrói uma cidade”, provérbio que ressalta a necessidade de cooperação. Para eles, é somente na comunidade que a pessoa é capaz de se realizar. Apesar de seus vários aspectos positivos, o senso de comunidade também pode exercer influência negativa. Os “Ezequieis” que ministram num contexto africano precisam lutar contra a tentação de ignorar o chamado de Deus ou atenuar a mensagem divina em favor da identificação com a comunidade. Precisamos



revesti-los “de toda a armadura de Deus” (Ef 6:11) e ouvir a voz de Deus que nos diz “não temas”, a fim de permanecermos fiéis ao Senhor e à sua mensagem.

### 2:8—3:3 O ministério de Ezequiel

Deus também adverte seu servo da necessidade de permanecer vigilante a fim de não ser contaminado pelo mesmo vírus de rebelião que infectou o povo: *Não te insurjas como a casa rebelde (2:8b)*. O profeta deve ouvir o que o Senhor lhe diz (2:8a). O verdadeiro servo de Deus não é caracterizado pelo sucesso com seu público-alvo, mas pela obediência fiel àquilo que Deus revelou.

A primeira prova da obediência de Ezequiel vem logo em seguida, quando Deus ordena: *Abre a boca e come o que eu te dou (2:8c)*. Ezequiel não tem chance de apresentar desculpas ou alegar que não é a pessoa certa para a missão, como fizeram Moisés e outros profetas (Êx 3:11—4:17; Jr 1:6). O texto só nos permite um vislumbre dos sentimentos de Ezequiel em 3:14.

O profeta vê *certa mão* estendida segurando um rolo (2:9). Trata-se, sem dúvida, da mão de Javé, pois é ele quem fala nesses versículos (3:3). Enquanto Ezequiel observa, o rolo se estende diante dele e revela que seus dois lados se encontram preenchidos. O profeta consegue ler a escrita e vê que ela consiste em *lamentações, suspiros e ais (2:10)*. O rolo contém a mensagem a ser pregada por Ezequiel, a qual não será uma palavra de consolo para seu povo. O profeta de Deus não escolhe o público nem a mensagem; apenas obedece ao Senhor e proclama a mensagem dele recebida.

Ezequiel ouve mais duas vezes a ordem para comer o rolo (3:1,3a). Na verdade, é instruído a encher suas entranhas com ele (3:3b). O rolo encontra-se repleto de palavras de Deus, e o profeta também deve encher-se com elas de modo que não reste espaço para suas próprias palavras.

Ezequiel obedece à ordem de Deus, por mais estranha que pareça: *Eu o comi, e na boca me era doce como o mel (3:3c)*. As palavras no rolo expressavam profunda tristeza, mas, quando recebemos a palavra divina em obediência, ela é sempre doce (cf. Sl 19:10; Jr 15:16).

### 3:4-11 Deus repete a incumbência

Deus torna a comissionar Ezequiel: *Filho do homem, vai, entra na casa de Israel e dize-lhe as minhas palavras (3:4)*. Qual o motivo da repetição, se o profeta já recebeu sua incumbência em 2:3-4; 3:2? Talvez se trate de uma segunda comissão depois da visão do rolo, ou talvez Deus soubesse da necessidade de Ezequiel receber mais encorajamento tendo em vista o público rebelde a enfrentar.

Fica evidente que Deus prepara seu servo para conflitos, pois ele descreve mais uma vez a dureza do coração do povo. Lembra a Ezequiel que o povo não recusará a mensagem por falta de compreensão (3:5-6), mas por pura rebeldia. Como diz o provérbio: “Não há ninguém mais surdo que aquele que não quer ouvir” (cf. tb. 12:2). O povo tigrigna

da Eritreia tem um ditado parecido: *Felitu zedeqese, harmaz neynnqo* (“Nem um elefante é capaz de acordar quem faz questão de dormir”, ou seja, as pessoas podem recusar-se a despertar para a realidade ao seu redor). “A indiferença inatural de Israel não resultaria de falta de compreensão, mas de uma barreira espiritual, uma recusa deliberada” (WBC). Deus garante a Ezequiel, portanto: *A casa de Israel não te dará ouvidos, porque não me quer dar ouvidos a mim (3:7)*.

O segundo passo na preparação de Ezequiel é uma promessa: *Eis que fiz duro o teu rosto contra o rosto deles e dura a tua frente, contra a sua frente (3:8)*. Ezequiel fará jus ao nome que seus pais lhe deram, que significa “Deus fortalece” ou “Deus endurece”. Ele será firme, pois Deus diz: *Fiz a tua frente como o diamante, mais dura do que a pedrneira (3:9)*. Ezequiel não se deixará intimidar!

Por fim, em 3:10-11, Deus admoesta o profeta a ouvir com atenção aquilo que ele continuará a revelar e o dirige ao seu público-alvo: *Vai aos do cativeiro, aos filhos do teu povo, e [...] fala com eles*.

### 3:12-15 A reação de Ezequiel

Quando o chamado e a comissão de Ezequiel chegam ao fim, o Espírito de Deus não apenas o coloca em pé (2:2), mas o eleva e transporta para seu lugar de ministério (3:12a,14a, cf. tb. 8:3; 11:1; 37:1; 43:5). Ao deixar o local da visão, porém, o profeta é lembrado da glória que testemunhou: *Ouvi por detrás de mim uma voz de grande estrondo, que, levantando-se do seu lugar, dizia: Bendita seja a glória do SENHOR (3:12b)*. O clamor de adoração é relacionado à visão inicial, pois o profeta ouve o *tatar das asas dos seres viventes, que tocavam umas nas outras, e o barulho das rodas juntamente com eles e o somido de um grande estrondo (3:13)*.

O texto informa que Ezequiel foi *amargurado na excitação do [...] espírito (3:14b)*. O significado das palavras é claro, mas por que o profeta ficou amargurado e agitado? A NVI registra “com meu espírito cheio de amargura e de ira” (NVI). É possível que Ezequiel se tenha “identificado com a ira justa de Deus contra seu povo” (TOT). Na opinião de alguns comentaristas, porém, ele “se enfureceu com a imposição divina em sua vida e as implicações da comissão recebida de Javé” (NICOT). Jonas tentou evitar o ministério em Nínive (Jn 1:3), e, por motivos diferentes, é possível que Ezequiel não tenha gostado de ser chamado para pronunciar julgamento sobre seu próprio povo, sabendo que não lhe dariam ouvidos (2:8). É pouco provável, contudo, que Ezequiel tenha sido colocado no ministério contra sua vontade e, portanto, estivesse irado e amargurado. Não há nenhuma indicação de que Deus o chamou ao arrependimento, como fez com o obstinado Jonas.

Talvez a agitação de Ezequiel se devesse a uma combinação de motivos. Sem dúvida, ele ficou profundamente abalado devido ao encontro com o Deus vivo e à incumbência de profetizar em um ambiente tão hostil. De volta a

Tel-Abibe, no meio de seus compatriotas exilados, Ezequiel levou uma semana para assimilar as implicações de seu chamado (3:15).

### 3:16-21 “Atalaia sobre a casa de Israel”

Terminados os sete dias de reflexão, a palavra de Deus veio novamente a Ezequiel (3:16). Ao que parece, Deus desejava fornecer-lhe mais pormenores acerca de sua função profética. Essa função é apresentada aqui, mas descrita em detalhes nos capítulos 18 e 33:1-20.

O Senhor informa a Ezequiel que o constituiu *atalaia sobre a casa de Israel* (3:17a). O atalaia era um guarda escolhido para manter uma casa, uma cidade ou uma fortaleza informada sobre acontecimentos externos e alertar sobre perigos, de modo que os moradores tivessem tempo de tomar providências para se salvar (cf. 2Sm 18:24-27; 2Rs 9:17-20; Is 56:10-12). Como atalaia, Ezequiel não alertará a “casa de Israel” sobre ameaças humanas comuns; antes, transmitirá a advertência de Deus: *Da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte* (3:17b; cf. tb. Jr 6:17-21; Os 9:8; Hc 2:1). Ele deve advertir os pecadores acerca das consequências de seus atos. Alguns escolherão ignorar a admoestação e morrerão, mas a culpa será deles próprios. O atalaia não será culpado de não tê-los avisado (3:18-19).

Mesmo quem parece estar vivendo de modo justo precisa ser advertido, pois há sempre a possibilidade de cair em pecado, que conduz à morte. A queda pode ocorrer quando Deus coloca *um tropeço* no caminho (3:20a; cf. tb. Is 8:14; Jr 6:21). Deus não está dizendo que é responsável pelo pecado humano, mas, sim, que não impede as pessoas de exercer sua volição. Mesmo quem cai em pecado, porém, pode ser salvo se der ouvidos à advertência do atalaia sobre o perigo que corre, arrepender-se e voltar para Deus (3:20b-21).

Essa passagem traz lições evangelísticas e pastorais: evangelísticas no sentido de advertir os pecadores acerca do julgamento e mostrar-lhes o caminho para Cristo, e pastorais ao advertir os cristãos dos perigos da apostasia.

### 3:22-27 Atado e mudo

Na sequência, Ezequiel é instruído a sair *para o vale*. Apesar de *a mão* sempre presente *do SENHOR* estar sobre ele (3:22), desta vez o profeta não foi transportado pelo Espírito, pois informa: *Levantei-me e sai para o vale* (3:23a). Quando chegou ao local indicado, sua devoção foi renovada pela breve manifestação da mesma visão da glória do Senhor revelada *junto ao rio Quebar* (3:23b). É possível que Deus tenha usado a mudança de cenário para lembrar a Ezequiel que a presença divina não se limitava a um único lugar. Deus podia ser encontrado junto aos rios da Babilônia e em seus vales, bem como em Jerusalém. Mais uma vez, Ezequiel se prostrou *com o rosto em terra*. E, também nessa ocasião, *entrou em mim o Espírito, e me pôs em pé* (3:24a; cf. 2:2,12-14).

Depois de toda a preparação para o ministério profético, Ezequiel recebe, por fim, sua primeira missão, uma tarefa completamente inesperada! O Senhor o instrui: *Vai e encerra-te dentro da tua casa* (3:24b), continuando: *Eis que porão cordas sobre ti e te ligarão com elas; e não sairás ao meio deles* (3:25). As palavras seguintes do Senhor são ainda mais surpreendentes: *Farei que a tua língua se pegue ao teu paladar, ficarás mudo e incapaz de os repreender, porque são casa rebelde* (3:26).

O profeta será confinado, imobilizado e calado! A primeira pergunta que nos ocorre é “Por quê?”. Apesar de Deus prometer que Ezequiel falará em nome dele (3:16) e de garantir que abrirá a boca do profeta, a promessa só se cumprirá depois de um longo período de sete anos e meio (3:27; cf. tb. 29:21; 33:21-22). Ezequiel se fecha em casa por ordem de Deus, mas é amarrado por outras pessoas, apesar de ser possível que Deus estivesse envolvido (4:8). Também é Deus quem o torna mudo, mas não de todo, pois em algumas passagens vemos Ezequiel falar a outras pessoas (11:25; 14:1-5; 20:1-3; 24:18-24). Ao que parece, o profeta ficou mudo no sentido de apenas falar quando o Senhor desejava e servir exclusivamente como porta-voz de Deus.

O texto também dá a entender que a mudez do profeta é um sinal para Israel (4:1-3; 12:3-6; 24:21-24,27). Deus usa Ezequiel para advertir que ele próprio deixará de falar com o povo. O silêncio de Deus indica que o julgamento está a caminho. O confinamento e a imobilidade de Ezequiel também podem ser prenúncios do cerco que os babilônios levantarão ao redor de Jerusalém.

## 4:1—24:27 Profecias contra Israel e Judá

Nesta seção, Ezequiel transmite profecias de julgamento contra a nação judaica. O julgamento focaliza Jerusalém, o centro político, religioso e social do reino. No entanto, o profeta também pronuncia julgamentos sobre o templo, a terra e o povo.

Como atalaia, Ezequiel era responsável por advertir a nação (3:16-21), um ministério que ele começa a realizar quando encena de modo vívido as parábolas que avisam seus companheiros de exílio sobre dois acontecimentos futuros: o cerco a Jerusalém (caps. 4—5) e a desolação da terra (caps. 6—7).

### 4:1—5:17 Encenação de profecias contra Jerusalém

Por ordem de Deus, Ezequiel se manteve calado e confinado em sua casa (3:24-26). Ainda assim, o Senhor instruiu o profeta a transmitir uma mensagem ao povo por meio da encenação do cerco a Jerusalém. Para isso, Ezequiel realizou quatro atos simbólicos, descritos em 4:1 a 5:4 e interpretados de modo mais detalhado em 5:5-17.

#### 4:1-3 Sitiar o tijolo

O primeiro ato simbólico envolve uma imagem de Jerusalém. Deus diz a Ezequiel: Toma um tijolo, põe-no diante de ti e



grava nele a cidade de Jerusalém (4:1). É possível que o profeta tenha usado argila para moldar os contornos da cidade sobre o tijolo ou um objeto afiado para gravar um desenho de Jerusalém.

Em seguida, Ezequiel recebe a instrução de levantar cerco contra a cidade. Para isso, segue quatro procedimentos comuns nos cercos de sua época (4:2). Primeiro, edifica [...] fortificações ou muros ao seu redor. Os muros visavam proteger os invasores dos contra-ataques dos defensores da cidade e impediam os habitantes de fugir. Em seguida, levanta [...] tranqueiras, ou seja, rampas que permitiam aos invasores aproximar-se do alto dos muros e pelas quais se poderiam levar as armas de ataque. Depois, põe contra ela arraiais, uma representação das tendas dos soldados inimigos posicionadas de forma estratégica ao redor da cidade. Por fim, monta aríetes, armas usadas para abrir brechas nos muros que cercavam as cidades antigas. O texto não informa se Ezequiel desenhou tudo isso na areia ao redor do tijolo ou se representou esses elementos com modelos de argila.

A parte final da primeira encenação profética é inquietante: Ezequiel deve tomar uma assadeira de ferro e colocá-la por muro de ferro entre ele e a cidade, dirigindo para ela o rosto (4:3a). O gesto de colocar um muro impenetrável de ferro entre o profeta (o representante de Deus) e Jerusalém simboliza Javé separando-se de sua cidade. Na verdade, a expressão “dirige para ela o rosto” sugere que Javé se tornou inimigo. Para selar o ato simbólico, o Senhor declara: *e assim será cercada, e a cercarás*, e explica que tanto o profeta quanto seu gesto servirão de sinal para a casa de Israel (4:3b).

#### 4:4-8 Deitar-se de lado

A fim de realizar o segundo ato simbólico, Ezequiel recebe a seguinte instrução: *Deita-te também sobre o teu lado esquerdo e põe a iniquidade da casa de Israel sobre ele* (4:4a). Ezequiel deve fazê-lo por *trezentos e noventa dias* (4:5). Em seguida, deve deitar-se sobre o seu *lado direito* e levar sobre si *a iniquidade da casa de Judá* (4:6) por *quarenta dias* (4:6). Ao que parece, Ezequiel deitou-se desse modo pouco depois dos sete dias durante os quais meditou sobre seu chamado até a visão seguinte (8:1), um período de aproximadamente quatorze meses, quase quatrocentos e trinta dias.

Qual é o significado do sinal? O texto diz que os dias representam *os anos da sua iniquidade* (4:5), mas não fornece detalhes. Trata-se de uma referência aos anos passados de rebelião de Israel e Judá, quando existiam como Reino do Norte e Reino do Sul, ou representam um período futuro no qual Israel e Judá serão castigados por sua rebelião contra o Deus da aliança? Também não há consenso entre os estudiosos quanto à contagem dos quarenta dias. São concomitantes com a parte final dos trezentos e noventa dias ou Ezequiel deve deitar-se sobre o lado esquerdo durante trezentos e noventa dias, seguidos de quarenta dias do lado direito, num total de quatrocentos e trinta dias?

Uma vez que não temos espaço aqui para tratar dos vários argumentos, simplesmente apresentarei minha interpretação da passagem. A meu ver, os dias (que representam anos) não se referem aos anos passados de transgressões do povo da aliança, mas ao futuro no qual terão de sofrer o castigo por seu pecado. Quando o profeta é instruído a levar sobre si *a iniquidade da casa de Israel* (4:4b), trata-se de uma referência ao castigo que se iniciou com o cativeiro. Uma vez que considero os dias como consecutivos, interpreto o sinal como uma indicação de que o castigo se estenderia por quatrocentos e trinta anos. O período em questão se iniciou em 597 a.C., quando a monarquia davídica chegou ao fim com a deportação de Joaquim, e se encerrou em 167 a.C., quando os macabeus restabeleceram um reino judeu independente. (Durante esse tempo, os judeus voltaram do exílio, mas Israel permaneceu sob o domínio de governantes estrangeiros como os persas e os macedônios.)

A importância do cerco simbólico de Jerusalém encenado pelo profeta (4:1-3) é ressaltada pela instrução para Ezequiel profetizar contra a cidade (4:7). Ele segue a instrução por meio dos atos e palavras descritos em 5:5-27.

Mais uma vez, o Senhor diz que o profeta será atado (4:8). Em 3:25, é o povo quem o amarra, mas aqui Deus o prende a fim de certificar-se de que o ato simbólico descrito será seguido à risca e Ezequiel não se virará acidentalmente enquanto dorme.

#### 4:9-17 Racionar alimentos impuros

Alguns comentaristas veem aqui dois atos simbólicos, e não apenas um. Para eles, 4:9-11 trata do racionamento de comida na cidade sitiada, enquanto 4:12-19 trata de alimentos impuros ou contaminados. Partirei do pressuposto de que a passagem descreve somente um ato simbólico que retrata as condições durante o cerco e no exílio.

O profeta recebe ordem de tomar *trigo e cevada, favas e lentilhas* (4:9) e usá-los para preparar pão a ser consumido durante todo o tempo do exílio. Apesar de a mistura de ingredientes ser nutritiva, a receita incomum indica que durante o cerco o povo ficaria tão desesperado por alimento que misturaria qualquer coisa que encontrasse para fazer pão. A ideia é ressaltada pela medida e pesagem minuciosa das pequenas porções de alimento e água a serem consumidas a cada dia (4:10-11). Ezequiel poderia ingerir apenas vinte siclos (225 gramas) de pão e beber apenas duas xícaras de água por dia.

O profeta devia assar o pão *sobre esterco de homem, à vista do povo* (4:12) como sinal de que *os filhos de Israel* comeriam *o seu pão imundo, entre as nações para onde Deus os lançaria*. Há controvérsias entre os estudiosos quanto ao motivo pelo qual o alimento é considerado imundo. Pode ser em função da mistura de cereais e leguminosas (cf. Lv 19:19; Dt 22:9) ou do modo como devia ser cozido. O povo de Israel comeria “pão imundo” porque seria difícil observar as leis alimentares

prescritas em Levítico enquanto estivessem sitiados ou sob domínio estrangeiro.

Como judeu devoto e sacerdote, Ezequiel fica horrorizado com a ordem para assar o pão sobre excremento humano (4:14) e explica que sempre observou as leis alimentares com grande zelo. O Senhor se mostra compreensivo e permite que o profeta substitua o excremento humano por esturme de vaca, combustível usado com frequência até hoje em regiões áridas (4:15).

Depois de transmitir ao profeta a importante mensagem de julgamento, Deus conclui explicando que o racionamento simbólico de comida representa a punição vindoura pela qual o Senhor tirará o sustento de pão em Jerusalém (4:16-17).

#### 5:1-4 *Raspar e queimar o cabelo*

O quarto ato simbólico de Ezequiel, realizado por ordem de Deus, consiste em tomar uma *espada afiada* e usá-la *como navalha de barbeiro* para raspar o cabelo e a barba (5:1a). Apesar de a espada ser afiada, deve ter sido estranho e incômodo para o profeta seguir essa instrução. Depois de se raspar, Ezequiel pesa o cabelo removido e o divide em três partes iguais (5:1b).

Quando os dias de seu cerco, ou seja, os dias em que ficar deitado de lado, chegarem ao fim, o profeta deve queimar a primeira porção de cabelo dentro da cidade, ferir a segunda com uma espada para dispersá-la ao redor da cidade e espalhar a terceira ao vento (5:2). Deve mostrar claramente que Deus fará o mesmo com os habitantes de Jerusalém.

Por fim, o profeta deve recolher alguns dos cabelos espalhados ao vento e prendê-los *nas abas da sua veste* (5:3). Esses cabelos representam o remanescente que constitui a comunidade do exílio. O simbolismo não deve, contudo, torná-los presunçosos. Ainda estão sob julgamento divino, pois o Senhor instrui Ezequiel a pegar alguns desses cabelos, lançá-los *no meio do fogo* e queimá-los (5:4). O destino do remanescente poderia afetar todo o povo da aliança, pois Deus os adverte acerca do fogo que sairá *contra toda a casa de Israel*.

#### 5:5-17 *O significado dos atos simbólicos*

Os atos de Ezequiel não devem ser considerados uma forma de magia simpática (imitativa), na qual um gesto feito a um modelo ou representação de alguém ou alguma coisa terá efeito semelhante sobre a pessoa ou objeto representado. A magia simpática era comum no antigo Oriente Médio e ainda é praticada em religiões tradicionais africanas na forma de bruxaria, adivinhação e feitiçaria. Em momento nenhum, porém, Ezequiel afirma que suas encenações com o modelo de Jerusalém ou as porções de cabelo provocariam o sofrimento vindouro de Jerusalém. O profeta estava apenas ilustrando de forma vívida aquilo que Deus pretendia fazer com a cidade. Esse fato se torna ainda mais evidente na interpretação dos atos simbólicos em 5:5-17. A expressão

*assim diz o SENHOR Deus* deixa claro para o povo que Ezequiel não fala por sua própria conta (5:5a, 7a, 8).

O Senhor pretendia usar Jerusalém para mostrar sua grandeza e sabedoria ao colocá-la *no meio das nações e terras que estão ao redor dela* (5:5b; Dt 4:5-8). Mas a cidade se tornou perversa e rebelde, um lugar onde os *juízos e estatutos* de Deus eram desprezados (5:6). Ficou aquém até dos padrões das nações vizinhas (5:7b).

Deus pronuncia, portanto, julgamento sobre a cidade. Em vez da promessa da aliança: “Estarei convosco”, o Senhor diz: *Eis que eu, eu mesmo, estou contra ti* (5:8a). O nome santo de Deus havia sido tratado com descaso diante das nações vizinhas, de modo que o castigo seria aplicado *à vista das nações* (5:8b). A punição seria severa e sem precedentes, como ressalta a solene declaração de Deus: *Farei contigo o que nunca fiz e o que jamais farei* (5:9).

A descrição que Deus fornece em 5:10-12 de como a encenação de Ezequiel reflete o que acontecerá no cerco a Jerusalém é tão terrível que somos tentados a considerar o julgamento divino excessivo. Devemos lembrar, porém, que, ao pregar a graça de Deus, talvez tenhamos esquecido de “levar em consideração a severidade de seu furor. Sempre há o perigo de observarmos apenas uma faceta de Deus, e o resultado pode ser uma visão romântica de nosso relacionamento com ele. Mas Deus não faz vista grossa à infidelidade, rebelião, perversidade e abominações” (NICOT).

O castigo será tal que Israel e as nações *saberão que eu, o SENHOR, falei no meu zelo* (5:13). Em vez de ser uma vitrina da sabedoria de Deus, a nação se tornará uma vitrina de sua ira; em vez de ser admirada, ela se tornará *desolação* (5:14) e *objeto de opróbrio entre as nações vizinhas* (5:15).

O julgamento da cidade termina com uma lista de calamidades que Deus fará sobrevir: *Fome e bestas-feras [...]; a peste e o sangue* (5:16-17).

#### 6:1—7:27 *Julgamento sobre toda a terra*

Enquanto os capítulos 4 e 5 focalizam a cidade de Jerusalém, os capítulos 6 e 7 tratam da terra toda. O capítulo 6 fala do julgamento dos montes de Israel, e o capítulo 7 anuncia a iminência do julgamento terrível.

#### 6:1-7 *Julgamento sobre locais de idolatria*

Mais uma vez, *veio [...] a palavra do SENHOR* a Ezequiel (6:1; cf. tb. 7:1). Assim como havia profetizado anteriormente contra Jerusalém, agora Ezequiel recebe ordem de profetizar aos *montes, aos outeiros, aos ribeiros e aos vales* de Israel (6:2-3a; cf. 4:7). Seu julgamento se deve ao fato de serem lugares onde o povo realizava cultos a outros deuses e onde havia colocado seus *altos* (6:3b). Os “altos” eram centros locais de adoração dedicados, por vezes, ao culto a Javé (1Sm 9:14). Depois da construção do templo, contudo, os altos se tornaram centros de adoração a ídolos. Os profetas os condenaram, e reis piedosos como Ezequias e Josias os removeram na tentativa de promover um reaviva-



mento religioso. Não obstante, os santuários clandestinos continuavam a ser influentes, e os israelitas rebeldes se recusavam a abrir mão deles. Deus pronunciou, portanto, julgamento terrível sobre esses locais. Como povo de Deus, também precisamos ter o cuidado de nos examinar e averiguar se não há em nossa vida algum pecado ao qual nos temos apegado e que nos tem privado das bênçãos de Deus. Ao identificar o pecado, devemos humilhar-nos e removê-lo de nosso meio.

Tanto os altos quanto a parafernália associada aos cultos a ídolos serão destruídos. Os ídólatras serão mortos, e seus *cadáveres* e ossos serão espalhados nesses locais (6:4-6; cf. Lv 26:30). A presença de ossos humanos profanaria os santuários e os tornaria impróprios para a adoração no futuro (cf. 2Rs 23:14,19).

Quando vir esse julgamento lhes sobrevir, o povo saberá de fato *que eu sou o SENHOR* (6:7).

#### 6:8-10 *Julgamento abrandado por misericórdia*

O Senhor não é apenas um Deus de julgamento, mas também um Deus de misericórdia. Por isso, encontramos na sequência a conjunção *mas*. Os versículos anteriores dão a impressão de que a ira divina não deixará sobreviventes, mas Deus promete: *Deixarei um resto* (6:8). Os exilados considerarão o pecado que provocou seu sofrimento e cativeiro sob uma ótica diferente e *terão nojo de si mesmos, por causa dos males que fizeram em todas as suas abominações* (6:9b). *Então, se lembrarão* de Deus (6:9a) e *saberão que eu sou o SENHOR* (6:10a). Saberão que a disciplina aplicada por Deus não será em vão, pois os conduzirá de volta ao Senhor em arrependimento (6:10b).

#### 6:11-14 *Resultados do julgamento*

O texto oferece apenas um vislumbre de misericórdia, pois logo em seguida descreve o julgamento que provocará a devastação da terra e exterminará a população *à espada, e de fome, e de peste* (6:11b). Ninguém poderá escapar do *furor* de Deus (6:12). Não é de admirar que o profeta receba a ordem de pronunciar essas coisas terríveis batendo palmas, batendo com o pé e com um grito de *Ah!* (6:11a).

A terra será devastada por causa da idolatria do povo. Mas esse não será o único resultado do julgamento. Outra consequência mencionada repetidamente indica o propósito maior de Deus ao julgar seu povo, seu desejo de que saiba quem ele é (6:13-14).

#### 7:1-14 *Iminência do julgamento*

Ezequiel não foi o único profeta a advertir sobre a iminência do julgamento. Amós havia proclamado a mesma mensagem antes da queda do Reino do Norte (Am 8:2). Agora, porém, o atalaia clama com urgência e frequência alarmantes: *Haverá fim! O fim vem sobre os quatro cantos da terra* (7:2-3a). O Senhor diz: *Enviarei sobre ti a minha ira*, como quem envia um cão de caça (7:3b). O motivo do julgamento volta a ser

mencionado: *Os teus caminhos, e as tuas abominações*, expressão repetida várias vezes (7:3c-4,8-9a). Como resultado do julgamento, o povo reconhecerá o Senhor (7:4,9).

O profeta dispara outra salva de advertências sobre o julgamento iminente em 7:5-7a: *Mal após mal, eis que vêm. Haverá fim, vem o fim, despertou-se contra ti; vem a tua sentença [...]. Vem o tempo*. O pânico toma o lugar da alegria sobre os montes (7:7b; cf. tb. 6:2). A paciência do Senhor se esgotou, e ele está prestes a derramar sua ira. Não poupará ninguém nem terá piedade. O povo saberá, sem sombra de dúvida, que o golpe mortal foi desferido pelo Senhor, e não pelos babilônios (7:9b).

O atalaia volta a tocar sua trombeta com urgência: *Eis o dia, eis que vem; brotou a tua sentença, já floresceu a vara, reverdeceu a soberba* (7:10). É pouco provável que essa “vara” seja uma referência à vara de Arão, a qual floresceu para confirmar seu sacerdócio (Nm 17:10). A frase seguinte fornece uma pista: *Levantou-se a violência para servir de vara perversa* (7:11). A vara que brotou e floresceu é Nabucodonosor da Babilônia, o instrumento que Deus usará para castigar seu povo.

Uma vez que o julgamento está às portas, não faz sentido comprar ou vender propriedades, pois os babilônios destruirão tanto bens materiais quanto vidas. Não haverá vencedores, mas apenas vencidos (7:12-13).

A advertência do atalaia e o toque da trombeta convocando o povo para a batalha serão em vão, pois o medo paralisante os impedirá de atender à convocação (7:14; cf. tb. 7:17).

#### 7:15-22 *Outros resultados do julgamento*

A natureza abrangente e devastadora do julgamento volta a receber ênfase, como em 6:11-14. Ninguém escapará (7:15). Até mesmo os que parecerem ter-se livrado da espada ao fugir para as montanhas não conseguirão proferir mais que alguns gemidos fracos, como arrulhar de pombas, por causa da calamidade que seus pecados fizeram sobrevir (7:16). Ficarão apavorados e cobertos de vergonha e, se tiverem acumulado alguma riqueza, de nada servirá para ajudá-los em circunstâncias tão terríveis (7:17-19). Na verdade, ela lhes parecerá repulsiva, pois os lembrará de que a usaram para honrar ídolos (7:20). Deus entregará todos os seus bens como despojo aos vitoriosos (7:21). Não apenas os israelitas perderão sua riqueza pessoal, como os estrangeiros invadirão e saquearão o *recesso* de Deus, ou seja, seu templo (7:22).

#### 7:23-27 *Sumário*

A derrota e o cativeiro são tão certos que o povo pode até fazer cadeias para si de antemão (7:23). *Os piores de entre as nações* estão preparados para devastar a terra (7:24). Não adiantará buscar a paz, pois será tarde demais (7:25-26).

Quando Jeremias prenunciou uma calamidade semelhante, o povo rebelde rejeitou suas palavras e disse:

“Não há de faltar a lei ao sacerdote, nem o conselho ao sábio, nem a palavra ao profeta” (Jr 18:18). Ezequiel, porém, deixa claro que os profetas, sacerdotes e anciãos não terão nenhuma palavra de sabedoria para oferecer em face da catástrofe iminente (7:26). A liderança política se desintegrará diante da ameaça, pois eles próprios não terão como escapar (7:27).

### 8:1—11:25 Julgamento sobre a cidade e o templo

Quatorze meses depois da primeira visão (8:1; cf. 1:3), Ezequiel continuava confinado a sua casa. É possível que ainda passasse a maior parte do tempo deitado de lado. As cordas que o prendiam, contudo, não o impediram de exercer seu ministério, pois *os anciãos de Judá* foram visitá-lo, possivelmente para buscar uma palavra do Senhor (20:1; cf. tb. 14:1-3). A visão que, em termos humanos, talvez tenha sido desencadeada por essa visita também mostra que, apesar de o corpo de Ezequiel estar confinado, Deus ainda podia levar seu servo para onde desejasse.

Não sabemos quanto tempo Ezequiel e os anciãos assentados diante dele tiveram de esperar pela visão. O episódio aqui descrito indica que “um verdadeiro profeta como Ezequiel jamais daria uma resposta impulsiva, como era, e ainda é, a tendência de alguns profetas menos dignos. Antes, esperaria por uma palavra de Deus” (TOT).

### 8:1-18 Motivos para o julgamento

A visão mostra a Ezequiel o progressivo afastamento da glória do Senhor, sugerido em 5:11, no contexto de uma descrição detalhada de inomináveis abominações dentro do próprio templo.

**8:1-6 “IMAGEM DOS CIÚMES”.** Como das outras vezes, *ali a mão do Senhor Deus caiu sobre o profeta (8:1)*, ou seja, na casa de Ezequiel, enquanto os anciãos de Judá se encontravam assentados diante dele. A *figura* é tão semelhante àquela assentada no trono em sua primeira visão que podemos supor que é o próprio Javé, e não um anjo intérprete, quem o levanta pelos cabelos, o transporta para Jerusalém e o leva até o templo (8:2-3a; cf. 1:27).

Em Jerusalém, o Espírito deixa o profeta na *entrada da porta do pátio de dentro do templo (8:3b)*, o mesmo lugar chamado de *porta do altar* em 8:5a. Nessa porta, havia uma *imagem dos ciúmes (8:3c,5b; cf. 2Rs 21:5; 23:12)*. Entre as duas referências ao ídolo em 8:3 e 8:4, Ezequiel relata que viu novamente a *glória do Deus de Israel (8:4; cf. 1:15-28; 3:23)*. A justaposição dessa glória com o ídolo focaliza nitidamente a incongruência dos acontecimentos no templo, descritos por Deus como *grandes abominações* que o afastarão do seu santuário (8:6a). Mas o profeta continua em pé à entrada do templo. Deus o informa de que coisas piores ainda estão por vir (8:6b; cf. tb. 8:13,15).

**8:7-13 A IDOLATRIA DOS ANCIÃOS.** Nessa visão, Ezequiel passa pela porta e entra no pátio interior, onde vê *um buraco na parede (8:7)*. Por ordem de Deus, aumenta o buraco ou faz

outro ao lado dele e descobre *uma porta* por onde é instruído a passar (8:8-9).

Ao entrar numa câmara, vê as *terríveis abominações* sobre as quais Deus o advertiu. As paredes da câmara encontram-se cobertas de pinturas de *toda forma de répteis e de animais abomináveis e de todos os ídolos da casa de Israel (8:10)*. Diante dessas imagens, há *setenta homens dos anciãos da casa de Israel (8:11a)*. O número “setenta” traz à memória os setenta homens escolhidos para ajudar Moisés governar o povo (Êx 24:1,9) e, portanto, indica que se trata de um grupo de líderes da comunidade. Eles realizam rituais idólatras, cada um oferecendo incenso aos animais e ídolos retratados nas paredes (8:11c). Oferecem às imagens a adoração devida ao único Deus verdadeiro (Êx 20:3-4). *No meio deles*, talvez liderando-os no culto, há um homem que Ezequiel reconhece: *Jazánias, filho de Safã (8:11b; cf. 2Rs 22:3)*.

Ezequiel recebe a informação de que esses são os atos realizados pelos líderes *nas trevas (8:12a)*, possivelmente na ilusão de que o Deus onividente não enxerga no escuro, prova do quanto a mente desses homens se tornou obscura. Suas palavras *O SENHOR não nos vê* talvez devam ser interpretadas à luz da frase seguinte: *O SENHOR abandonou a terra (8:12b; cf. 9:9)*. Afirmam que Deus não se importa mais com eles e, por isso, buscam a ajuda de ídolos. Sua idolatria, porém, é a causa do afastamento de Deus. Eles não reconhecem o próprio pecado e suas consequências.

Por mais estarrecedora que seja a imagem, Deus garante a Ezequiel: *Tornarás a ver maiores abominações que eles estão fazendo (8:13)* e conduz o profeta à cena seguinte.

**8:14-15 A IDOLATRIA DAS MULHERES.** Não são apenas os homens que estão envolvidos com práticas idólatras. As mulheres também foram corrompidas, como mostra o grupo de mulheres que Ezequiel vê *à entrada da porta da Casa do Senhor, que está no lado norte (8:14a)*. As mulheres estão *assentadas chorando a Tamuz (8:14b)*, deus da vegetação e fertilidade cujo banimento do mundo dos espíritos por seis meses todos os anos era lamentado por sua esposa, sua irmã e sua mãe, bem como pelas mulheres que o adoravam. Tratava-se de um culto semelhante à adoração a Baal e estava sendo realizado em público, na entrada do templo!

Por mais terrível que seja a cena, Ezequiel é avisado de que ainda há outras coisas por vir (8:15).

**8:16-18 CULTO IDÓLATRA AO SOL.** A idolatria ostensiva no templo invade o mais interior do santuário, como Ezequiel observa quando é levado para o *átrio de dentro da Casa do Senhor (8:16a)*. *E eis que estavam à entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens (8:16b)*. O que esses homens estavam fazendo? O texto revela: *De costas para o templo do Senhor, com o rosto para o oriente; adoravam o sol, virados para o oriente (8:16c)*.

Além de transgredirem instruções expressas de Deus ao adorarem o sol (Dt 4:19), os homens tinham as costas voltadas para o templo. A própria postura é um insulto ao



Senhor da aliança. “Ao se prostrarem para o sul, os homens literalmente levantaram as nádegas para Deus [...] O insulto é ostensivo e espantoso” (BST).

A ira de Deus contra esses homens não se deve apenas à idolatria, pois ele acrescenta que também enchem de violência a terra (8:17) e diz que fazem chegar o ramo ao seu nariz. O significado da última expressão é obscuro, mas talvez represente um gesto obsceno.

Diante dessa provocação quádrupla, a punição divina é inevitável. O Senhor diz ao profeta: *Pelo que também eu os tratarei com furor; os meus olhos não pouparão, nem terei piedade. Ainda que me gritem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei* (8:18).

A esta altura, convém fazer uma pausa e perguntar-nos se, por vezes, não ofendemos nosso Criador e Redentor todo-poderoso com deuses substitutos e soluções alternativas para nossos problemas. Não é raro cristãos africanos recorrerem a práticas tradicionais como, por exemplo, consultar curandeiros em momentos de crise, como se Deus não fosse suficiente em todas as ocasiões e circunstâncias. Precisamos afirmar e reafirmar que ele é onipotente, onisciente e onipresente.

### 9:1—10:8 O castigo de Jerusalém

Depois de testemunhar a abominável idolatria que atraiu o julgamento de Deus sobre Jerusalém e seu povo em 8:5-18, Ezequiel observa a execução desse julgamento no castigo de Jerusalém. Os executores do Senhor matam os habitantes impenitentes e espalham fogo pela cidade (10:1-8). Um julgamento ainda pior seguirá, quando a glória de Deus se retirar progressivamente da cidade.

9:1-11 OS EXECUTORES DA CIDADE. Agora, Deus ordena: *Chegai-vos, vós executores da cidade* (9:1). O termo traduzido por “executores” na RA, “guardas” na NVI e “intendentes” na RC pode significar, literalmente, “visitantes oficiais”. Deus pode visitar seu povo para abençoar ou castigar. No caso de Jerusalém, os visitantes oficiais têm a função de executar o julgamento divino.

Há sete executores. Seis deles carregam armas mortais, enquanto o sétimo se encontra *vestido de linho* e *carrega um estojo de escrevedor* (9:2a). Aproximam-se pela *porta superior, que olha para o norte*, a mesma porta pela qual Ezequiel entrou no templo e que dá acesso ao átrio interior. Sua posição *junto ao altar de bronze* (9:2b) é significativa, pois era nesse local que os líderes do povo realizavam o culto aos ídolos (cf. 8:16) e por ali começaria o julgamento (cf. 9:6b).

Enquanto os homens estavam diante do altar, *a glória do Deus de Israel se levantou do querubim sobre o qual estava* (9:3). Os querubins eram figuras esculpidas que guardavam a arca da aliança no Santo dos Santos. A glória de Deus deixa, portanto, o Santo dos Santos e vai para a *entrada da casa*, isto é, do templo. O castigo da cidade e a remoção da glória de Deus começam ao mesmo tempo.

Em seguida, Deus dá instruções aos executores. Dirige-se primeiro ao homem vestido de linho e ordena: *Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela* (9:4; cf. tb. Ap 7:3; 9:4; 14:1). A marca identifica aqueles que não apenas permaneceram fiéis ao Senhor, mas também se entristeceram profundamente com os tipos de pecados que trariam o julgamento divino sobre a cidade. Todos que receberem a marca serão livrados do julgamento iminente.

Os outros seis executores devem seguir o primeiro enquanto este se move pela cidade e mata seus habitantes sem mostrar compaixão por aqueles que não receberam a marca, não obstante o sexo ou a idade (9:5-6a). A identificação com a marca e a matança devem começar *pelo meu santuário* (9:6b; cf. 1Pe 4:17). Afinal, é o lugar onde os líderes estavam participando de cerimônias abomináveis. Como resultado da matança, até mesmo o lugar de habitação do Deus santo será contaminado pelos cadáveres (9:7; cf. 6:4-5,13).

Sozinho no meio de um mar de corpos trucidados, Ezequiel não pode mais suportar a visão. Apesar de Deus ter toruado a fronte do profeta “mais dura do que a pederneira” (3:9), seu coração não se endureceu. Ainda era sensível e o levou a suplicar ao Senhor: *Ah! SENHOR Deus! Dar-se-á o caso que destruas todo o restante de Israel, derramando o teu furor sobre Jerusalém?* (9:8). Os habitantes do Reino do Norte foram deportados pelos assírios em 721 a.C. O Reino do Sul teve o mesmo destino em 605 a.C. e 597 a.C., quando muitos de seus habitantes foram enviados ao cativeiro na Babilônia. Havia um remanescente em Jerusalém, mas agora a visão mostrava o seu extermínio!

Deus não abrandou o julgamento, contudo, pelo menos não de imediato (cf. 11:16-20). Ele lembra a Ezequiel que *a iniquidade da casa de Israel e de Judá é excessivamente grande* (9:9a). Eles cometeram abominações no templo, matanças na terra e injustiças na cidade. Abandonaram a Deus e depois disseram: *O SENHOR abandonou a terra, o SENHOR não nos vê* (9:9b; cf. 8:12). Diante dessa atitude, o Senhor os abandonará de fato e não terá misericórdia deles (9:10).

Nesse momento, o homem vestido de linho volta para comunicar: *Fiz como me mandaste* (9:11). Essa informação pode representar uma resposta à súplica de Ezequiel. O homem marcou os servos fiéis de Deus para que sejam livrados da matança. Um remanescente sobreviverá. Israel não será inteiramente destruído.

10:1-8 BRASAS ESPALHADAS SOBRE A CIDADE. Mais uma vez, Ezequiel tem um vislumbre da primeira visão (10:1; 1:22,26) e é lembrado pela repetição de 9:3 em 10:4 de como Deus se afasta da cidade. Desta vez, porém, o relato não focaliza os detalhes, mas a continuidade do julgamento sobre Jerusalém quando Deus ordena ao homem vestido de linho (cf. 9:2-3,11): *Vai por entre as rodas, até debaixo dos querubins, e enche as mãos de brasas acesas dentre os querubins, e*

*espalha-as sobre a cidade (10:2)*. Depois da morte de seus habitantes, a cidade será completamente queimada. O incêndio não será iniciado pelos invasores estrangeiros, mas enviado de debaixo do trono de Deus como indicação de que também faz parte do seu julgamento.

Um dos querubins entrega brasas acesas ao homem misterioso, que sai e cumpre sua missão (10:6-8), mas o texto não descreve o acontecimento em si.

### 10:9—11:25 *A partida da glória de Deus*

O elemento final do julgamento de Deus sobre a cidade é seu afastamento gradual. A partida da glória de Deus, sugerida em 9:3 e 10:3-5, se concretiza. A descrição detalhada dos querubins ao redor do trono de Deus ressalta a glória que a cidade perde quando Deus se retira do templo.

**10:9-22** Os **QUERUBINS**. A descrição dos querubins e dos seres viventes nesse capítulo é semelhante ao relato de Ezequiel sobre sua primeira visão em 1:6-21. Essa seção tratará, contudo, de detalhes novos que surgem na descrição.

O pormenor que mais chama a atenção é o fato de Ezequiel identificar como *querubins* as criaturas chamadas anteriormente de “seres viventes” (10:9; cp. 1:15). A identificação é explícita: *São estes os seres viventes que vi debaixo do Deus de Israel, junto ao rio Quebar, e fiquei sabendo que eram querubins (10:20)*. É possível que a visão do templo o tenha lembrado dos querubins acima da arca da aliança, permitindo-lhe reconhecer as criaturas da primeira visão.

Outra diferença entre as duas visões se refere às rodas que, agora, são chamadas *rodas [...] girantes (10:13)*. O texto informa, ainda, que um dos *quatro rostos* de cada um dos querubins não é mais rosto de boi, porém *rosto de querubim (10:14; cp. 1:10)*.

A diferença mais importante entre os dois relatos é que, no capítulo 1, Ezequiel observa a visão aproximar-se e os querubins são associados à manifestação da glória de Deus. Agora, eles são associados ao afastamento dessa glória do templo e da cidade quando Deus executa seu julgamento (10:18-19).

**11:1-12** O **JULGAMENTO DOS LÍDERES DE ISRAEL**. O capítulo 10 termina com os querubins em pé à entrada da porta oriental do templo, prontos para partir (10:19). O relato de Ezequiel os deixa nesse ponto e abre um parêntese com informações importantes que também fazem parte do relato da partida da glória do Senhor. As informações dizem respeito ao povo de Jerusalém (11:1-13a) e aos exilados (11:13b-21).

Ezequiel é levado à *porta oriental da Casa do SENHOR, a qual olha para o oriente (11:1)*, o mesmo lugar onde os querubins pararam. Ali, o profeta vê um grupo de *vinte e cinco homens*, diferente daquele descrito em 8:16. O grupo é constituído de *príncipes do povo*. Ezequiel reconhece dois deles do tempo anterior ao exílio: *Jazânias, filho de Azur, e Pelatias, filho de Benaías* (cf. 8:11).

O Senhor diz a Ezequiel que os homens *maquinam vilezas e aconselham perversamente nesta cidade (11:2)*. Menciona

dois exemplos de seu discurso. O primeiro é: *Não está próximo o tempo de construir casas (11:3a)*. A frase também pode ser traduzida na forma interrogativa, como faz a NVI. Nesse caso, as palavras indicam que os homens escolheram ignorar completamente as advertências de Deus acerca do julgamento iminente e pretendem continuar vivendo como de costume.

O segundo exemplo de sua perversidade é a declaração: *Esta cidade é a panela, e nós, a carne (11:3b)*. Trata-se de uma frase de difícil interpretação, pois o contexto parece indicar que os líderes incentivam uma sensação falsa de segurança. Mas como alguém pode sentir-se seguro em uma panela? De acordo com alguns comentaristas, o original na verdade se refere a uma vasilha usada para armazenar, e não cozinhar, alimentos. É possível, porém, que os homens estejam simplesmente afirmando que são carne seleta, a nata da sociedade, e que sua situação é tão segura quanto a carne numa panela bem fechada. Apesar das advertências dos servos de Deus, talvez imaginem que Israel seja inexpugnável e jamais cairá.

Deus instrui Ezequiel: *Profetiza contra eles, profetiza, ó filho do homem (11:4)*. A repetição de *profetiza* pode refletir a intensidade da provocação e a urgência da mensagem. Deus transmite a Ezequiel uma mensagem que começa com a refutação das palavras desses indivíduos: *Assim tendes dito [...] Temestes a espada, mas a espada trarei sobre vós (11:5,8)*. *Esta cidade não vos servirá de panela, nem vós servíreis de carne no seu meio (11:11)*.

A contradição da ideia equivocada de segurança é seguida de uma revelação dos seus pecados. O pecado fundamental é a negligência no cumprimento das obrigações da aliança: *Não andastes nos meus estatutos, nem executastes os meus juízos; antes, fizestes segundo os juízos das nações que estão em redor de vós (11:12)*. O Senhor também se refere a pecados específicos: *Multiplicastes os vossos mortos nesta cidade e deles encheistes as suas ruas (11:6)* e usa a mesma imagem sugerida pelos líderes: *Os que vós matastes e largastes no meio dela [da cidade] são a carne, e ela, a panela (11:7)*. Os líderes galgaram seus cargos elevados à custa da vida de outros. Devem, portanto, esperar o julgamento certo de Deus. Podem imaginar que estão seguros na cidade, mas Deus diz: *Tirar-vos-ei do meio dela [...] e executarei juízos entre vós (11:9)*.

**11:13-21** **ENCORAJAMENTO PARA OS EXILADOS**. Ezequiel ainda está profetizando quando, para seu horror, vê cair morto Pelatias, um dos líderes que ele conhece (11:13a). A morte autentica a origem divina da profecia, mas perturba profundamente a Ezequiel, que profere *em alta voz* sua segunda oração de intercessão (11:13b; cf. 9:8): *Ah! Senhor Deus! Darás fim ao resto de Israel?* Em 9:9, o Senhor não atendeu ao pedido de Ezequiel, mas desta vez a resposta é positiva. Haverá um remanescente.

O povo de Jerusalém, representado pelos líderes descritos na seção anterior, desprezou os exilados, inclusive



Ezequiel. Imaginou que eles estavam *longe do SENHOR* e se apropriou da terra, como se lhes tivesse sido concedida *em possessão* (11:14-15). Consideravam-se carne seleta, enquanto os exilados eram carne estragada que havia sido jogada fora.

O Senhor mostra que a realidade é outra. Ao se referir aos exilados, afirma: *Todavia, lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo, nas terras para onde foram* (11:16). Somente nesta passagem do AT, a palavra “santuário” é usada fora do contexto da tenda da congregação no deserto ou do templo em Jerusalém. A declaração de que o Senhor é “santuário” para o seu povo no exílio deve ter proporcionado grande consolo aos exilados.

A promessa divina de restauração lembra a mensagem do evangelho. Em vez de abandonar os exilados, o Senhor promete: *Hei de ajuntá-los do meio dos povos, e os recolherei das terras para onde foram lançados, e lhes darei a terra de Israel* (11:17). Deus não apenas lhes restituirá a terra, mas também os restaurará para si: *Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne* (11:19; cf. 32:36). Como resultado, andarão *nos meus estatutos*, e guardarão *os meus juízos* (11:20a). Por isso, depois de voltar à terra, *tirarão dela todos os seus ídolos detestáveis e todas as suas abominações* (11:18) que provocaram o cativeiro.

Apesar de a passagem não usar em nenhum momento o termo “aliança”, temos aqui uma declaração magnífica de renovação da aliança: *Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus* (11:20b). Mas aqueles cujo coração se compraz em seus ídolos detestáveis e abominações, esses serão destruídos (11:21).

11:22-25 A PARTIDA FINAL DA GLÓRIA DE DEUS. Depois de Ezequiel transmitir a mensagem de julgamento e receber palavras de consolo, a glória de Deus se retira completamente do templo e da cidade. Afasta-se, porém, apenas até o monte que está ao oriente da cidade (11:22-23), a saber, o monte das Oliveiras.

A visão se aproxima do final, e o mesmo *Espírito de Deus* que levou Ezequiel a Jerusalém em 8:3 o transporta de volta à sua casa na Babilônia (11:24). O profeta indica o final da visão com as palavras: *E de mim se foi a visão que eu tivera*. De volta à Babilônia, ele relatou com precisão *aos do cativeiro todas as coisas que o SENHOR havia me mostrado* (11:25).

### 12:1—19:14 Profecias e objeções

Não há nenhuma indicação de data para os atos proféticos e oráculos registrados nos capítulos 12 a 19. Uma vez que são imediatamente posteriores à visão descrita nos capítulos 8 a 11, pode-se supor que ocorreram logo depois de o profeta relatar essa visão.

#### 12:1-28 Profecias do exílio

É possível que os exilados não estivessem dispostos a ouvir a mensagem divina de julgamento. Por isso, Ezequiel

recebe instruções de encenar o exílio e suas implicações da mesma forma que encenou o cerco de Jerusalém nos capítulos 4 e 5.

12:1-16 DEPORTAÇÃO. O Senhor lembra a Ezequiel mais uma vez que o profeta habita *no meio da casa rebelde* (12:2a). O adjetivo “rebelde” aparece várias vezes nesse capítulo (12:3,9,25). De acordo com a descrição subsequente, o povo *tem olhos para ver e não vê, tem ouvidos para ouvir e não ouve* (12:2b; cf. tb. Is 6:9-10; Jr 5:21). Não é de admirar que Deus peça a Ezequiel para dramatizar sua mensagem! Jesus adotou uma técnica semelhante ao empregar parábolas para se comunicar com os judeus de sua época e explicou: “Porque, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem” (Mt 13:10-17).

Numa tentativa de levar o povo a assimilar a mensagem, Ezequiel deve agir como alguém a caminho do exílio. Durante o dia, deve preparar uma bolsa com seus pertences e carregá-la nas costas, como se estivesse sendo obrigado a deixar seu lar. À noite, deve agir como se estivesse tentando fugir de algo e, em vez de usar a porta, deve fazer *um buraco na parede* de sua casa (12:3-5). Além disso, é instruído a cobrir o rosto para não ver a terra (12:6a). Todos esses atos visam servir de *senal* para a *casa de Israel* (12:6b). Ezequiel relata sua reação: *Como se me ordenou, assim eu fiz* (12:7).

Obviamente, quem observou o comportamento do profeta perguntou: *Que fazes tu?* (12:8-9), e, no dia seguinte, o Senhor forneceu a resposta: *Esta sentença refere-se ao príncipe em Jerusalém e a toda a casa de Israel, que está no meio dela* (12:10). Eles terão o mesmo destino que Ezequiel encenou e *irão para o exílio, para o cativeiro* (12:11).

O “príncipe” é Zedequias, que ainda governava em Jerusalém nessa época. A profecia, apresentada em mais detalhes em 12:12-14, se cumpriu quando, posteriormente, Zedequias tentou fugir da cidade sem que os inimigos percebessem, mas eles o capturaram, o cegaram e o levaram para o exílio (cf. 2Rs 25:4-7; Jr 39:2-7; 52:7-11).

Quando virem a profecia se cumprir, aqueles que a ouviram *saberão que eu sou o SENHOR* (12:15). Mais uma vez, Deus se lembra da misericórdia em meio ao julgamento, pois um remanescente sobreviverá para reconhecer a soberania do Senhor (12:16).

12:17-20 MEDO. Para encenar o medo que virá sobre a terra, Ezequiel treme enquanto come pão e estremece enquanto bebe água (12:17-18; cf. 4:16). Comer e beber são atos normais; a anormalidade se deve ao fato de serem acompanhados de medo (12:19). O povo da terra sofrerá desse modo *por causa da violência de todos os que nela habitam*. Os violentos e opressores descobrirão como suas vítimas se sentem!

Infelizmente, há quem precise passar por tragédias para reconhecer *que eu sou o SENHOR* (12:20).

12:21-28 NEGAÇÃO. Ao que parece, dois ditados circulavam no meio do povo. O primeiro rejeitava a profecia em geral:

*Prolongue-se o tempo, e não se cumpra a profecia? (12:22).* Estas palavras lembram a zombaria de quem rejeita a verdade da volta do Senhor (2Pe 3:3-4). A resposta incisiva de Deus mostra que, na realidade, é exatamente o oposto: *Os dias estão próximos e o cumprimento de toda profecia (12:23).* Outros profetas talvez anunciassem *visão falsa e adivinhação lisonjeira (12:24)*, mas as palavras de Ezequiel se cumpriram antes de morrerem aqueles que o haviam desprezado (12:25).

Tudo indica que o segundo provérbio se refere especificamente a Ezequiel: *A visão que tem este é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão mui longe (12:26-27).* O Senhor responde com a reiteração de que todas as suas palavras se cumprirão sem demora (12:28).

As pessoas podem inventar muitas desculpas para não ouvir a palavra de Deus, mas aquilo que ele diz se cumpre no devido tempo. Devemos lembrar nossos ouvintes desse fato ao falarmos do dia da volta de Cristo e do julgamento divino.

### 13:1—14:11 Falsos profetas

O provérbio citado na seção anterior e a referência à “visão falsa” em 12:24 fazem uma transição natural para a questão da verdadeira e falsa profecia, tema que se estende até 14:11. Deus havia fornecido orientações sobre como distinguir entre verdadeiros e falsos profetas (Dt 13:1-5; 18:20-22), mas o povo se mostrou incapaz de fazê-lo (cf. p. ex., 1Rs 22:1-28). Ao que parece, Jeremias e Ezequiel foram os dois profetas que tiveram mais dificuldades com falsos profetas, talvez por terem falado em épocas particularmente críticas da história do povo de Deus. Os capítulos 13 e 14 concentram-se, portanto, na atitude de Deus em relação aos falsos profetas que se opuseram a Ezequiel. O Senhor começa condenando dois grupos de impostores: os profetas em 13:1-16 e as profetisas em 13:17-23.

**13:1-16** CONDENAÇÃO DOS FALSOS PROFETAS. A acusação contra os profetas é apresentada em 13:1-7. Eles profetizam *o que lhes vem do coração* e, no entanto, dizem: *Ouvi a palavra do Senhor*, como se Deus os tivesse enviado (13:2). Em vez de serem conduzidos pelo Espírito de Deus, *seguem o seu próprio espírito*. Enquanto Ezequiel recebeu visões, os falsos profetas falam *sem nada ter visto!* (13:3).

Deus descreve esses homens *como raposas entre as ruínas* que buscam seus próprios interesses sem se preocupar com os outros (13:4). Se tivessem verdadeiro interesse pelo povo ao qual se dirigiam, procurariam reparar os erros, e não ignorá-los (13:5; cf. tb. 22:30). Antes, propagavam *visões falsas e adivinhação mentirosa* (13:6a; cf. Jr 23:16).

Uma vez que os falsos profetas proclamam: *O SENHOR disse; quando o SENHOR não os enviou (13:6b)*, o Senhor os tratará como inimigos: *Eu sou contra vós outros (13:8)*. Observe o julgamento triplo que sobrevirá aos falsos profetas: *Não estarão no conselho do meu povo* (isto é, não serão mais respeitados como líderes), *não serão inscritos nos registros da*

*casa de Israel* (não serão mais considerados parte do povo da aliança), *nem entrarão na terra de Israel* por ocasião da restauração (13:9a). Que perspectiva assustadora! Em seguida, Deus declara: *Sabereis que eu sou o SENHOR Deus (13:9b)*.

Os falsos profetas desencaminharam o povo, dizendo: *Paz, quando não há paz (13:10a)*. Enquanto Ezequiel, o verdadeiro servo de Deus, profetizava julgamento iminente a fim de conduzir o povo ao arrependimento, os impostores faziam falsas promessas de segurança que serviriam apenas para tornar o povo presunçoso.

Outra metáfora descreve a atividade destrutiva dos falsos profetas: *Quando se edifica uma parede, e os profetas a caíam [...] ela ruirá (13:10b-11a)*. Seus pronunciamentos dão a impressão de que Jerusalém está segura, cercada por seus muros, e de que não há nenhum julgamento a caminho (13:16). Em vez de condenarem o povo rebelde, como Ezequiel fazia, os impostores encobriam a realidade para dar ao povo uma falsa sensação de segurança. Mas o Senhor promete desmascará-los (13:11b-15).

Mestres e pregadores devem proclamar a verdade com precisão, não obstante aquilo que seu público deseja ouvir. Em algumas ocasiões, terão de dizer coisas que não serão bem recebidas.

**13:17-23** CONDENAÇÃO DAS FALSAS PROFETISAS. O AT menciona a presença de profetisas no meio do povo da aliança (Êx 15:20-21; Jz 4:4; 2Rs 22:14; Is 8:3; cf. tb. Ne 6:14). No entanto, uma vez que as referências são raras, a condenação nessa passagem causa certa surpresa.

Como os falsos profetas da seção anterior, as profetisas, chamadas de *filhas do teu povo* em 13:17, *profetizam de seu coração*. A acusação contra elas começa com um *Ai* e prossegue: *Cosem invólucros feiçiceiros para as articulações das mãos e fazem véus para cabeças de todo tamanho, para caçarem almas! (13:18)*. Apesar de se dizer que essas mulheres “profetizam”, suas atividades sugerem que elas praticavam bruxaria e feitiçaria. O texto não mostra claramente para que serviam os amuletos e véus, mas diz que eram usados para “caçarem almas”.

A magia não é uma prática inofensiva, mas, sim, uma questão de vida ou morte para quem nela crê: *Vós me profanastes entre o meu povo [...] para matardes as almas que não haviam de morrer e para preservardes com vida as almas que não haviam de viver*. Tudo isso em troca de alguns *punhados de cevada e pedaços de pão* (13:19).

Como fez com os falsos profetas, Deus declara: *Eis aí vou eu contra vossos invólucros feiçiceiros*. Ele livrará seu povo ao arrancar os amuletos e véus com os quais haviam sido presos (13:20-21). O Senhor lembra as profetisas do motivo pelo qual estão sendo julgadas: *Visto que com falsidade enristecestes o coração do justo, não o havendo eu enristecido, e fortalecestes as mãos do perverso para que não se desviasse do mau caminho e vivesse (13:22)*. Essas mulheres serão obrigadas a interromper suas práticas malévolas e reconhecer a soberania do Senhor (13:23).



**14:1-11** IMPACTO SOBRE OS LÍDERES. Os anciãos de Israel haviam visitado Ezequiel anteriormente para buscar uma palavra do Senhor (8:1), e tornariam a fazê-lo (20:1). A aparição dos líderes nesse momento (14:1) parece dizer ao profeta: “Você denuncia os falsos profetas e profetisas, mas qual alternativa oferece?”.

O Deus que perscruta os recônditos do coração humano sabia que, apesar de seu comportamento exterior, tanto os anciãos quanto o povo que representavam eram idólatras (14:2-3). Por isso, trata-os como tais ao lhes falar por meio de seu servo: *Qualquer homem da casa de Israel que levantar os seus ídolos dentro do seu coração, e tem tal tropeço para a sua iniquidade, e vier ao profeta, eu, o SENHOR, vindo ele, lhe responderei segundo a multidão dos seus ídolos (14:4)*. A pessoa receberia aquilo que merecia! O Senhor responderia com acusações ou castigos, pois desejava recuperar o coração de seu povo (14:5), daí a conclamação: *Convertet-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos (14:6)*. Em seguida, Deus repete as palavras de 14:4 e adverte sobre as consequências sofridas por aquele que não se arrepende da idolatria: *Voltarei o rosto contra o tal homem, e o farei sinal e provérbio, e eliminá-lo-ei do meio do meu povo (14:7-8)*.

Falsos profetas e profetisas podem ser persuadidos a pronunciar mensagens que não vêm de Deus. Apesar de tais profecias serem falsas e de os indivíduos que as profetizam serem responsáveis por suas palavras, em certo sentido, Deus também pode afirmar que ele próprio os enganou (14:9). Isso não significa que Deus levou o profeta a pecar, mas que permitiu as circunstâncias nas quais o profeta pôde escolher entre agir a fim de honrar a Deus ou de modo contrário a ele. A escolha feita pelos impostores revela sua falta de disposição de servir a Deus. Tanto o falso profeta quanto a pessoa que buscou a profecia seriam castigados (14:10).

Depois que Deus aplicar o castigo, virá um tempo de grande restauração e renovação da aliança, no qual os israelitas sobreviventes *serão o meu povo, e eu serei o seu Deus (14:11)*.

A repreensão dirigida aos anciãos nos lembra que, se estamos buscando a direção de Deus ou um tempo de refrigério e renovação, não devemos aproximar-nos do Senhor com uma mente dobre ou um coração dividido, mas com nosso ser inteiramente submisso a ele e à sua vontade (Tg 1:6-8).

#### **14:12-23** Justiça pessoal

Ao considerar o julgamento prestes a sobrevir a Jerusalém, os exilados talvez tenham perguntado: “Deus não pode perdoar a cidade por amor aos poucos justos que ainda restam entre seus habitantes? Nosso pai Abraão não intercedeu de maneira semelhante pela perversa Sodoma? Até mesmo o justo Daniel encontra-se em nosso meio, servindo na corte do rei babilônio!” (cf. Dn 1:3-6).

Numa palavra profética, em resposta às esperanças infundadas do povo, Deus descreve uma situação hipotética: *Quando uma terra pecar (14:13a)*. Na sequência, relaciona quatro castigos comuns que costuma aplicar como julgamento pelo pecado: *fome (14:13b)*, *bestas-feras (14:15)*, *espada (14:17)* e *peste (14:19)*.

Deus chega ao cerne da questão ao falar sobre o que aconteceria se três dos homens mais justos da história do povo de Israel, *Noé, Daniel e Jó*, intercedessem pela cidade ou país em pecado (14:14; cf. tb. 14:16,18,20). Assevera que, mesmo se esses homens *estivessem no meio dela, [...] pela sua justiça, salvariam apenas a própria vida*. Não há esperança para a cidade. A firmeza da decisão de Deus é ressaltada pela tripla repetição da fórmula de juramento: *Tão certo como eu vivo*.

O Senhor passa do exemplo hipotético para o caso real de Jerusalém e declara: *Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, a fome, as bestas-feras e a peste, contra Jerusalém (14:21)*. Seu julgamento é inevitável; nem incontáveis orações poderão detê-lo.

Como os ouvintes de Ezequiel, é provável que nos surpreendamos com a declaração de Deus: *Mas eis que alguns restarão*. Esse grupo de sobreviventes não corresponde ao remanescente justo que voltará à terra depois do cativeiro. Antes, são aqueles que, de algum modo, escaparão das calamidades que sobrevirão a Jerusalém e se juntarão aos exilados na Babilônia (14:22). Deus permite que sobrevivam principalmente para que, quando os exilados virem *o seu caminho e os seus feitos*, sejam consolados, por saberem que o Senhor estava certo quando julgou a cidade: *Sabeis que não foi sem motivo tudo quanto fiz nela (14:22-23)*. Estas palavras sugerem que, ao encontrar com os recém-chegados, os exilados ficariam estarecidos com seu modo de vida ímpio.

Quando testemunhamos catástrofes naturais e injustiças na sociedade, nossa tendência é culpar Deus. Precisamos lembrar que, apesar de não sermos capazes de compreender por que ele permite esses acontecimentos, o Senhor é justo em tudo o que faz e, de uma forma ou de outra, seus propósitos sempre se cumprem.

#### **15:1—16:63** Retratos de Jerusalém

Os capítulos 15 e 16 focalizam Jerusalém não apenas como capital, mas como a cidade que representa a nação inteira. **15:1-8** UMA VIDEIRA INÚTIL. Antes do tempo de Ezequiel, Israel já havia sido descrito como uma videira (cf. Gn 49:22; Sl 80:8-16; Is 5:1-7). Mas a ênfase, em geral, era sobre seus frutos. Ezequiel nem sequer menciona frutos. Antes, a passagem focaliza exclusivamente a madeira do tronco que serve apenas para ser queimada, uma referência ao julgamento prestes a sobrevir à cidade.

O Senhor faz uma série de perguntas retóricas sobre a videira. As respostas são todas negativas e ressaltam a inutilidade da videira. Em que *o sarmento de videira* é su-

perior ao das outras *árvores do bosque?* (15:2). Resposta: Em nada. *Toma-se dele madeira para fazer algum objeto útil?* (15:3). Resposta: Não. *Eis que é lançado no fogo, para ser consumido.* Depois de queimado, *serviria, acaso, para alguma obra?* (15:4). Resposta: Não.

A última questão nos leva a imaginar por que alguém lançaria a madeira no fogo e a removeria depois que estivesse chamuscada. Deus diz: *Ora, se estando inteiro, não servia para alguma obra, quanto menos sendo consumido pelo fogo ou sendo queimado, se faria dele qualquer obra?* (15:5). Esta situação é mencionada, porém, devido ao que aconteceu a Jerusalém. A cidade foi queimada (parcialmente incendiada) pelos babilônios em 597 a.C., mas sobreviveu. O fogo vindouro de julgamento em 586 a.C., porém, a consumiria completamente (15:7).

A interpretação da parábola é fornecida em 15:6-8. *Como o sarmento da videira entre as árvores do bosque, que dei ao fogo para que seja consumido, assim entregarei os habitantes de Jerusalém* (15:6). Duas vezes é mencionado que Deus voltaria o rosto contra eles (15:7). O Senhor esclarece aquilo que a imagem da videira sugeriu: *Tornarei a terra em desolação* (15:8). Mais uma vez, como resultado, *sabereis que eu sou o SENHOR* (15:7).

**16:1-63 UMA MULHER INFIEL.** Este longo capítulo alegórico com sua imagem sexual explícita apresenta várias dificuldades para tradutores e comentaristas. Em várias ocasiões, as Escrituras se referem à idolatria como adultério espiritual. Nesse capítulo, porém, o adultério e a idolatria são praticamente amalgamados. A união é menos surpreendente quando descobrimos que as religiões cananeias de fertilidade, às quais Israel sucumbiu, envolviam, com frequência, a prostituição cultural. Javé se apresenta como marido fiel cujo amor foi desprezado por sua esposa promíscua (Israel). Seu comportamento é descrito “com termos extremamente vívidos, de modo que, quando sobrevier o julgamento, todos que o testemunharem reconhecerão a justiça de Deus” (NICOT).

O Senhor instrui Ezequiel: *Faze conhecer a Jerusalém as suas abominações* (16:1-2). Para isso, será necessário contar a história da cidade, começando por suas origens.

Tendo em vista o papel dos patriarcas como antepassados de Israel (cf. Dt 26:5), é estranho Ezequiel falar de raízes cananeias: *Teu pai era amorreu, e tua mãe, heteia* (16:3). É possível que o profeta focalize aqui as origens cananeias de Jerusalém como cidade dos jebuseus (Js 15:8,63). Descreve-a como uma filha indesejada, abandonada às intempéries logo depois do nascimento para morrer (16:4-5).

Foi nesse estado que Deus encontrou Jerusalém/Israel. Seu relacionamento com Deus começou quando, *passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: Ainda que estés no teu sangue, vive* (16:6). A chegada providencial do salvador divino e sua ordem “vive” suspenderam a sentença de morte da criança e deram início à jornada de sua vida. O Senhor também providenciou todo

o necessário para que ela crescesse saudável e bela, até se tornar uma moça de *grande formosura* (16:7), ou “a mais linda das joias” (NVI).

Quando a jovem chegou à idade de casar, o Senhor a tomou para si como esposa: *Estendi sobre ti as abas do meu manto* (16:8a; cf. Rt 3:9). O casamento foi confirmado por um *juramento* solene, e o Senhor entrou *em aliança* com ela (16:8b). Em termos históricos, esse acontecimento é associado à instituição da aliança no monte Sinai.

Depois de tomar a criança abandonada para si, Deus continuou-a a cobri-la de provas do seu amor, a ponto de ela chegar a *ser rainha* (16:9-13). *Correu a tua fama entre as nações, por causa da tua formosura, pois era perfeita, por causa da minha glória, que eu pusera em ti* (16:14). Como Ana deu testemunho, por certo Deus é aquele que “levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória” (1Sm 2:8; cf. Lc 1:52-53).

Aqueles que têm maturidade espiritual se recordam de onde Deus os tirou e são gratos a ele por sua graça redentora.

Como a palavra *mas* no início de 16:15 indica, a situação mudou radicalmente para pior. Jerusalém/Israel usa contra Deus os presentes com os quais ele a cobriu: *Confiaste na tua formosura e te entregaste à lascívia* (16:15-19). “A tentação de confiar nas dádivas de Deus em vez de confiar no Doador foi um laço constante para o povo de Deus ao longo da história e continua sendo uma armadilha fatal para muitos de nós nos dias de hoje” (BST). Se não tivermos cuidado, a idolatria pode lançar-nos de volta à sarjeta.

A adoração a deuses de outras nações também levou ao sacrifício de crianças (16:20-21). Tudo isso aconteceu porque Israel se esqueceu daquilo que Deus havia feito por ela: *Em todas as tuas abominações e nas tuas prostituições, não te lembraste dos dias da tua mocidade* (16:22).

Na sequência, Deus introduz a descrição detalhada da prostituição de Israel com um *Ai* duplo (16:23) e o acusa de exercer sua ocupação *por todas as praças* e com todas as nações: *Abriste as pernas a todo que passava, e multiplicaste as tuas prostituições* (16:24-26). Israel é descrito repetidamente como uma mulher *insaciável* e que nunca se farta (16:28-29). A referência aqui é às alianças políticas que Israel firmou com outras nações, preferindo confiar nelas, e não no Senhor, e adorando seus deuses em sinal de subserviência. Segue-se, portanto, o julgamento: *Por isso, estendi minha mão contra ti e diminuí a tua porção* (16:27).

A perversidade dessa prostituta fica evidente não apenas no fato de preferir estranhos *em lugar de seu marido* (16:32), mas também de não ser atraente para eles. Outras prostitutas recebem por seus serviços, enquanto esta mulher tem de pagar para que seus amantes venham até ela (16:33-34).

Apesar de 16:27 mencionar o julgamento de Deus, aqui a sentença é pronunciada por inteiro, depois de uma intro-



dução solene: *Portanto, ó meretriz, ouve a palavra do SENHOR (16:35)*. Depois de recapitular os crimes de sua esposa (16:36), Deus declara que aplicará o mesmo castigo reservado a todas as adúlteras e assassinas (16:38). Seus antigos amantes executarão a sentença. Demolirão seus santuários, tomarão suas riquezas, queimarão suas casas, a despirão e a despedaçarão e, desse modo, darão fim à sua prostituição (16:39-41). Esse será seu destino terrível por não se ter lembrado daquilo que o Senhor havia feito por ela (16:43; cf. 16:22).

Depois de cobrar a restituição justa, o Senhor declara: *Os meus ciúmes se apartarão de ti, aquietar-me-ei e jamais me indignarei (16:42)*.

Agora, Deus menciona o provérbio: *Tal mãe, tal filha (16:44)*. A conduta de Jerusalém é semelhante à de sua mãe e irmãs, que também *tiveram nojo de seus maridos e de seus filhos (16:45; cf. tb. 16:3)*. Israel desprezou seu marido (Javé) e seus filhos (o povo), uma atitude demonstrada no fato de oferecer seus filhos como sacrifício em cultos a ídolos (cf. 16:20).

As irmãs de Jerusalém são Samaria ao norte e Sodoma ao sul (16:46; cf. tb. 23:1-49). Os termos hebraicos para “norte” e “sul” são idênticos às palavras “esquerda” e “direita”, uma indicação de que as irmãs andavam lado a lado e agiam do mesmo modo. As outras duas cidades já haviam sofrido o julgamento de Deus e eram desprezadas pelos judeus (cf. 2Rs 17; Gn 19), mas, aos olhos de Deus, Jerusalém era mais corrompida *do que elas (16:47-48)*. Deus descreve os pecados das duas cidades irmãs em 16:49-51, mas insiste que eles são ofuscados pelas transgressões de Jerusalém (16:52; cf. tb. Mt 11:23-24).

O Senhor restaurará, porém, a sorte das três irmãs. Cada vez que faz essa promessa, contudo, Deus cita Jerusalém por último (16:53,55). As outras serão restauradas primeiro *para que leves a tua ignomínia e sejas envergonhada por tudo o que fizeste, servindo-lhes de consolação (16:54)*. A presunçosa Jerusalém nem sequer mencionaria Sodoma nos dias da tua soberba, antes que se descobrisse a tua maldade. Agora, porém, todos sabem da maldade de Jerusalém, e as nações vizinhas também a desprezam (16:56-58). Uma reviravolta e tanto!

Depois da lembrança daquilo que Israel merece por ter rompido sua aliança com Deus (16:59), deparamo-nos repentinamente com a conjunção *mas*, que introduz a promessa de uma inversão gloriosa no futuro, quando Deus estabelecer com seu povo *uma aliança eterna (16:60; cf. tb. Jr 31:31-34)*. Nessa nova aliança, as cidades chamadas anteriormente de irmãs de Israel lhe serão entregues como *filhas (16:61b)*. Serão uma dádiva concedida pela graça, e não algo que lhe é de direito com base na aliança.

Deus declara que, depois da restauração, ela se lembrará dos seus caminhos e se envergonhará (16:61a,63). Isso significa que Deus age de má vontade quando restaura seu povo, e que o povo jamais poderá desfrutar plenamente a

redenção, pois estará sempre ciente de sua vergonha? Não, pois nossa vergonha apenas nos proporcionará “a consciência de que o julgamento de Deus é justo e a salvação é concedida inteiramente em razão de sua graça maravilhosa, e não de nossos méritos” (BST).

### 17:1-24 A parábola das duas águias e da videira

A parábola das duas águias e da videira pode ser descrita como um enigma, uma parábola, uma alegoria ou uma fábula (17:1-2). Não obstante o rótulo que usamos, fica evidente que a passagem deve ser lida no contexto de acontecimentos específicos da história passada, presente e futura de Israel.

17:3-10 A PARÁBOLA. A história começa com a descrição de uma águia majestosa que pousou no alto de um cedro no Líbano (neste contexto, deve ser entendido como a terra de Canaã ou Judá; cf. Js 1:4; 2Rs 14:9). A águia quebrou a *ponta mais alta dos seus ramos e a levou para uma terra de negociantes* (a terra da Babilônia; cf. 16:29), onde a plantou *na cidade de mercadores* (a cidade da Babilônia; 17:3-4). A águia também levou uma *muda da terra e a plantou num campo fértil [...] junto às muitas águas [...]* Ela cresceu e se tornou videira mui larga, de pouca altura (17:5-6a), que virou *para a águia os seus ramos, porque as suas raízes estavam debaixo dela (17:6b)*.

Outra águia apareceu, mas não era tão majestosa quanto a primeira. A vinha ignorou o fato de que havia sido plantada num lugar perfeito, onde tinha tudo de que precisava para crescer de forma extraordinária e *lançou para ela [a outra águia] as suas raízes e estendeu para ela os seus ramos, desde a cova do seu plantio, para que a regasse (17:7-8)*. A decisão de considerar a segunda águia sua fonte de sustento terá consequências terríveis, pois a águia *arrancará [...] as raízes da videira e [...] cortará o seu fruto para que sequem todas as folhas de seus renovos (17:9a)*. Por mais cuidados que receba, a videira não mais vicejará e, em breve, morrerá (17:9b-10).

17:11-21 A INTERPRETAÇÃO. O Senhor instrui Ezequiel a interpretar a parábola *à casa rebelde (17:12)*, pois trata da questão da rebelião e, especificamente, da rebelião de Zedequias contra o rei da Babilônia (2Rs 24:20; Jr 37—39). É possível que rumores desse acontecimento tenham gerado entre os exilados falsas esperanças de que voltariam em breve para sua terra.

Ezequiel explica que a primeira águia é Nabucodonosor, aquele que deportou para a Babilônia em 597 a.C. “a ponta mais alta”, ou seja, o rei Joaquim de Judá e seus nobres (17:12; cf. 2Rs 24:8-17). Em seguida, Nabucodonosor colocou Matanias (o tio de Joaquim) no trono de Judá, depois de mudar seu nome para Zedequias (2Rs 24:17-20). Zedequias era a muda plantada em solo fértil que cresceu e se transformou numa videira com muitos frutos (17:5).

Quando Nabucodonosor nomeou Zedequias governante de Judá, *tomou dele juramento*. A intenção era manter Zedequias subserviente à Babilônia, *para que o reino ficasse*

*humilhado e não se levantasse, mas, guardando a aliança, pudesse subsistir (17:13-14).* Zedequias foi atraído, porém, pela segunda água, o Egito, e violou o tratado enviando os seus mensageiros ao Egito, para que lhes mandassem cavalos e muita gente (17:15). Os resultados da rebelião foram desastrosos. Por algum motivo, o exército egípcio não chegou quando Zedequias precisou dele (17:17). Conforme o Senhor predisse, a rebelião de Zedequias fracassou, e ele morreu *no lugar em que habita o rei que o fez reinar, cujo juramento desprezou e cuja aliança violou, sim, junto dele, no meio da Babilônia (17:16,20-21; Jr 52:3-11).*

É interessante observar que Deus responsabiliza Zedequias por violar seu tratado com o rei da Babilônia (cf. 17:18; cf. 17:15-16). O Senhor Soberano da criação e redenção espera que indivíduos, famílias, comunidades e nações cumpram suas promessas (Nm 30:2; Dt 23:21-23; Ec 5:4-7). Salmos 15:4 louva aquele “que mantém sua palavra, mesmo quando sai prejudicado” (NVI).

Deus chega a dizer que Zedequias desprezou o meu juramento e violou a minha aliança (17:19). Na verdade, a violação se referia ao tratado firmado entre Nabucodonosor e Zedequias! Mas Zedequias havia jurado “por Deus” (2Cr 36:13), de modo que Deus considerou o juramento uma promessa feita a ele.

**17:22-24 FUTURO GLORIOSO.** As potências terrenas (as duas águas) tentaram reinar sobre o povo de Deus, mas Deus não permitiu. De volta à parábola, o Senhor declara: *Também eu [observe a ênfase] tomarei a ponta de um cedro e a plantarei [...] sobre um monte alto e sublime (17:22).* É possível que o *monte alto de Israel (17:23a)* seja o monte Sião, o qual o profeta identifica como centro do reino messiânico (20:40; cf. tb. Sl 2:6; Mq 4:1).

O cedro que Deus plantou florescerá e servirá de abrigo para *aves de toda espécie (17:23b)*. Não haverá dúvidas de que foi obra do Senhor, pois ele realizará uma inversão na qual abaterá a *árvore alta* e elevará a *baixa* (cf. 17:14); secará a *árvore verde* e fará *reverdecer a seca (17:24)*. A árvore alta e verde talvez represente as potências políticas que tentaram subjugar o povo de Deus. Quando ele as abater e exaltar o povo de Israel, *todas as árvores do campo* saberão que, de fato, ele é o Senhor. Esta magnífica passagem de esperança e restauração conclui com a declaração: *Eu, o SENHOR, o disse e o fiz.*

### 18:1-32 Responsabilidade individual

Existe, de longa data, uma controvérsia entre os estudiosos da Bíblia acerca da relação entre a responsabilidade conjunta e individual na vida do povo da aliança. Esse capítulo, usado com frequência nos debates sobre o tema, mostra que a responsabilidade individual e a responsabilidade conjunta de uma nação diante de Deus não são contraditórias. Antes, indica que os israelitas são responsáveis conjunta e individualmente diante do Senhor da aliança.

**18:1-4 A RESPOSTA DE DEUS A UM PROVÉRBO.** As palavras iniciais do capítulo deixam claro que há uma discussão em andamento entre Deus e seu povo exilado: *Que tendes vós, vós que, acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? (18:1-2).* O fato de Jeremias 31:29 mencionar o mesmo ditado mostra que tal provérbio era corrente no meio dos exilados naquela época. Era uma forma de alegarem que estavam sofrendo as consequências dos pecados de seus antepassados. Como dizem em Lamentações 5:7: “Nossos pais pecaram e já não existem; nós é que levamos o castigo das suas iniquidades”. Tais palavras sugerem que Deus se mostra injusto ao permitir certos acontecimentos.

A resposta de Deus por meio de seu mensageiro é simples: *Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, jamais direis este provérbio em Israel (18:3).* Em seguida, Deus declara duas verdades fundamentais que corroboram seu pronunciamento real. A primeira é: *Eis que todas as almas são minhas.* Ele criou todos nós, de modo que todos pertencemos a ele. A questão da hereditariedade não se aplica, pois *como a alma do pai, também a alma do filho é minha*, individualmente (18:4). A segunda verdade fundamental é: *A alma que pecar, essa morrerá.* Somos individualmente responsáveis diante de Deus por nossos atos e conduta. Não nos podemos esconder atrás de justificativas e culpar nossos antepassados, pais, criação, pobreza, ignorância, ambiente ou qualquer outra coisa por nossa situação.

**18:5-18 O PRINCÍPIO DIVINO.** O destino dos ouvintes de Ezequiel está nas mãos de cada um deles, e o mesmo se aplica a nós. A escolha entre vida e morte é deles. Para ressaltar essa verdade, Deus apresenta os casos de três indivíduos hipotéticos: pai, filho e neto.

Deus começa com o pai *justo* que revela seu juízo e justiça naquilo que faz (18:5). Seus atos são relacionados numa clássica lista de virtudes associadas a práticas religiosas e sexuais (18:6) e a relações econômicas, financeiras e legais (18:7-8). São apresentados de forma positiva e negativa, ou seja, abrangem coisas que o justo faz e não faz. **18:9a** resume como esse homem vive: *Andando nos meus estatutos, guardando os meus juízos e procedendo retamente.* O veredicto de Deus a seu respeito é claro: *O tal justo, certamente, viverá (18:9b).*

O pai justo tem um filho muito diferente dele, *um filho ladrão, derramador de sangue (18:10).* A lista de coisas que o filho faz ou deixa de fazer em **18:11-13a** é semelhante à lista de virtudes em 18:6-8, mas o filho procede de modo exatamente oposto ao do pai. A semelhança entre as listas nos lembra que Deus, “o Juiz de toda a terra” (Gn 18:25), não usa medidas diferentes para cada pessoa. Os princípios fundamentais de sua justiça são os juízos e estatutos mencionados em 18:9.

Assim como Deus garante que o pai justo viverá (18:9), declara de modo igualmente inequívoco que o filho morrerá (18:13b). O filho não pode culpar ninguém por sua situação: *O seu sangue será sobre ele.*



Por fim, chegamos ao neto da família hipotética. Ele vê todos os pecados que seu pai fez, e, vendo-os, não comete coisas semelhantes (18:14). O filho não imita cegamente o mau exemplo do pai. Exercita o poder de escolha que Deus lhe deu e resolve “não cometer coisas semelhantes”. A relação completa de virtudes não é repetida em 18:15-17a, mas vários itens aparecem nessa passagem. Deus pronuncia seu veredicto e descreve o resultado da vida desse filho de forma positiva e negativa: *Se fizer os meus juízos e andar nos meus estatutos, o tal não morrerá pela iniquidade de seu pai* [as uvas verdes que o pai comeu não farão os dentes do filho se embotarem]; *certamente viverá* (18:17b; cf. 18:9).

Deus parece colocar as consequências dos dois modos de vida lado a lado, pois lembra: *Quanto a seu pai, porque praticou extorsão, roubou os bens do próximo e fez o que não era bom no meio do seu povo, eis que ele morrerá por causa da sua iniquidade* (18:18).

18:19-32 MAIS EXPLICAÇÕES ACERCA DO PRINCÍPIO. O povo fica curioso e pergunta: *Por que não leva o filho a iniquidade do pai?* (18:19a). Afinal, os israelitas pressupõem que estão sofrendo pelos pecados de seus pais (18:2). Assim, por que Deus poupa esse filho do destino a ele reservado?

Deus responde com um resumo de acontecimentos passados e uma reafirmação do princípio: *Porque o filho fez o que era reto e justo, e guardou todos os meus estatutos, e os praticou, por isso, certamente, viverá. A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este* (18:19b-20).

Em seguida, Deus explica o princípio por um ângulo ligeiramente diferente ao tratar não do castigo pelos pecados dos pais, mas do castigo pelos pecados do próprio indivíduo. Apresenta o caso hipotético de um homem perverso que se arrepende verdadeiramente de seus pecados, é reconciliado com Deus e procura obedecer-lhe. Deus anuncia que esse homem também viverá (18:21). Informa ainda que o homem não apenas escapará da morte, mas *de todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou, viverá* (18:22).

Deus esclarece o veredicto em termos de uma verdade fundamental a respeito de sua natureza: *Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso?* [...] *Não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?* (18:23; cf. 33:11). Deus não pode permitir a falta de arrependimento e castigo pelo pecado, mas não tem prazer em aplicar o castigo. “O que lhe dá prazer é o momento de arrependimento e mudança verdadeira da parte do pecador que libera Deus para exercitar sua singular e suprema capacidade divina de conceder vida. Vida é dádiva de Deus. Vida é sua criação. Vida é seu desejo. Vida é seu prazer” (BST).

Na sequência, Deus descreve a situação oposta, na qual o justo cai em pecado, e pergunta: *Acaso, viverá?* A resposta é: *Morrerá* (18:24).

Os ouvintes de Ezequiel reagem: *O caminho do Senhor não é direito* (18:25). Em resposta, Deus afirma que opera com justiça perfeita; os caminhos da casa de Israel é que são injustos. Reitera os casos do justo que cai em pecado e do perverso que se arrepende (18:26-28) e depois repete a acusação dos israelitas e sua resposta (18:29).

O apelo final e enérgico de Deus aos israelitas para se arrependerem é dirigido à casa de Israel como um todo, mas também enfatiza a responsabilidade individual, pois Deus promete julgar a cada um segundo os seus caminhos (18:30a). Insta seu povo com veemência a se arrepender: *Convertei-vos e desviái-vos de todas as vossas transgressões [...] Lançai de vós todas as vossas transgressões [...] por que morrirei, ó casa de Israel?* (18:30b-32). Enquanto em 36:26 é Deus quem lhes dá um “novo coração” e coloca dentro deles “um espírito novo” (cf. 11:19), aqui ele os instrui: *Criai em vós coração novo e espírito novo*. O contraste entre 18:31 e 36:26 nos lembra da “misteriosa interação entre aquilo que os seres humanos devem fazer e aquilo que só Deus pode fazer por eles” (BST).

#### 19:1-14 Uma lamentação pelos líderes de Israel

O poema é chamado claramente de *lamentação* (19:1,14). Tanto a forma quanto o conteúdo trabalham em conjunto para transmitir a mensagem. É possível que Ezequiel não se tenha desfeito em lágrimas pela morte dos últimos reis perversos de Judá, e menos ainda de Zedequias, mas, sem dúvida, se entristeceu profundamente com o fim da dinastia davidica.

A lamentação se divide em duas partes, e a divisão é marcada pela mudança de imageria da leoa e seus filhotes (19:1-9) para a videira (19:10-14).

A representação de indivíduos, nações ou reis como um leão era um recurso conhecido no meio dos israelitas (cf. Gn 49:8-10; Nm 23:24; Mq 5:8). Nessa passagem, a leoa representa a nação como um todo, e não apenas uma mãe. *Criou um dos seus filhotinhos, o qual veio a ser leãozinho* (19:1-3). Quando *aprendeu a apanhar a presa, e devorou homens* (19:3), outras nações ouviram falar dele, e foi ele *apanhado em cova que elas fizeram e levado com ganchos para a terra do Egito* (19:4). O leão provavelmente representa Jeoacaz de Judá, capturado pelo Faraó Neco em 609 a.C. e levado para o Egito, onde morreu (cf. 2Rs 23:31-35).

Quando a leoa percebeu que não havia esperança de o primeiro leãozinho forte voltar, *tomou outro dos seus filhotes e o fez leãozinho* (19:5). Ao que parece, o segundo leão se tornou mais forte que seu antecessor, pois, além de *apanhar a presa* e *devorar homens*, andava *entre os leões* (19:6). *Aprendeu a fazer viúvas e a tornar desertas as cidades deles*, de modo que *ficaram estupefatos a terra e seus habitantes, ao ouvirem o seu rugido* (19:7). *Então, se ajuntaram contra ele as gentes das províncias em roda, vieram e estenderam sobre ele a rede, e foi apanhado na cova que elas fizeram [...] meteram-no em jaula, e o levaram ao rei da Babilônia* (19:8-9).

Não há consenso entre os estudiosos quanto à identidade do segundo leão. Alguns dizem que representa Joaquim, deportado para a Babilônia em 597 a.C. Outros afirmam que representa Zedequias, o último rei de Judá, cego e levado para a Babilônia depois da queda de Jerusalém em 586 a.C. (cf. 2Rs 25:1-7).

A videira também era um símbolo bastante conhecido em Israel (15:1-6; 17:1-10; cf. tb. Sl 80:8-16; Is 5:1-7; 27:2-6). A mãe que representa a nação é descrita, portanto, como *videira plantada junto às águas que frutificou e se encheu de ramos (19:10)*. Os ramos são *forte para cetos de dominadores (19:11)*, uma sugestão de realeza. Em geral, porém, a videira não é uma planta alta, de modo que a descrição: *Elevou-se a sua estatura entre os espessos ramos* talvez sugira que o orgulho contribui para a queda. De qualquer modo, *foi arrancada com furor e lançada por terra (19:12a)*.

A menção do *vento oriental (19:12b)* e o replantio da videira *no deserto, numa terra seca e sedenta (19:13)*, podem apontar para a Babilônia que fez murchar os ramos fortes e os consumiu com fogo (19:12c). É impressionante que um dos ramos da videira tenha contribuído para sua destruição: *Dos galhos dos seus ramos saiu fogo que consumiu o seu fruto (19:14)*. Entende-se que o ramo é uma referência a Zedequias, o último rei de Judá, cuja rebelião precipitou o cativeiro na Babilônia. Agora, o profeta lamenta *que não há [...] galho forte que sirva de cetro para dominar*.

Muitas instituições humanas destroem-se a si mesmas dessa maneira. Até mesmo a igreja precisa ficar atenta para elementos autodestrutivos que podem surgir em seu meio.

## 20:1—23:49 O povo segue o exemplo dos líderes

Os anciãos de Israel foram até Ezequiel e assentaram-se diante dele para ouvir uma palavra do Senhor (20:1; cf. 8:1; 14:1). O texto não informa exatamente quais foram as questões que apresentaram, mas os capítulos 20 a 23 registram a resposta do Senhor.

### 20:1-44 Uma história de rebelião

20:1-4 PRÓLOGO À HISTÓRIA. Nos versículos introdutórios do capítulo 20, Deus se manifesta quanto à presença dos anciãos de Israel que *vieram [...] para consultar ao Senhor (20:1)*. Sua resposta define o tom das declarações subseqüentes: devido à sua rebelião, eles não têm direito nenhum de consultar ao Senhor (20:2-3).

Deus interroga seu profeta com severidade: *Julgá-los-ias tu, ó filho do homem, julgá-los-ias? Faze-lhes saber as abominações de seus pais (20:4)*. Ezequiel recapitula a desanimadora história do povo, como fez anteriormente no capítulo 16 e tornará a fazer no capítulo 23. O objetivo do profeta é ajudar os exilados a refletir sobre sua situação e a voltar para Deus. “A intenção de Ezequiel é obrigar os exilados a olhar novamente para a história que pensavam conhecer, a história que lhes dava uma sensação tão equivocada de

confiança [enquanto Jerusalém ainda estava em pé] e de injustiça [quando finalmente caiu]” (BST). Nos capítulos 16 e 23, Ezequiel apresenta a história em metáforas e alegorias, mas aqui no capítulo 20 o profeta faz um relato direto. Divide a história em quatro períodos: no Egito (20:1-9), no deserto (20:10-26), na terra prometida (20:27-29) e nos dias de Ezequiel (20:30-44). Pode-se observar um padrão claro nos três primeiros períodos: a graça de Deus, a rebelião do povo, a ameaça de julgamento e a compaixão que Deus demonstra por amor do seu nome.

Alguns estudiosos consideram erroneamente que Ezequiel apresenta a história ao povo de forma “reviscionista” ou “distorcida”. Rótulos como esses ignoram o fato de que é perfeitamente aceitável interpretar a história tornando-a relevante para seus ouvintes. Ademais, se há algum “revisionismo”, Deus deve ser responsabilizado, e não Ezequiel, pois o profeta apenas transmitiu a mensagem que recebeu de Deus.

20:5-9 REBELIÃO NO EGITO. Numa lembrança da abundante graça demonstrada para com eles, Deus diz: *No dia em que escolhi a Israel [...] jurei tirá-los da terra do Egito para uma terra que lhes tinha previsto, a qual mana leite e mel, coroa de todas as terras (20:5-6)*. É espantoso que Deus se recorde de ter escolhido Israel quando o povo estava no Egito, e não no tempo dos patriarcas. Também causa surpresa a informação de que a primeira rebelião aconteceu durante o êxodo, antes do episódio do bezerro de ouro no Sinai. Diz-se que o povo desobedeceu à ordem divina de se livrar das *abominações de que se agradam os seus olhos, e não se contaminar com os ídolos do Egito; eu sou o Senhor, vosso Deus (20:7)*. A intenção talvez seja deixar claro que Israel se mostrou rebelde desde o princípio.

O povo não demonstrou a atitude correta diante da bondade de Deus. Rebelou-se contra ele, recusou-se a ouvi-lo e não abandonou *os ídolos do Egito*. O que Deus devia fazer diante de tamanha rebelião? *Eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir minha ira contra eles, no meio do Egito (20:8)*, no tempo do êxodo! Mas Deus não cumpriu a ameaça e explica o motivo: *O que fiz, porém, foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações no meio das quais eles estavam, diante das quais eu me dei a conhecer a eles, para os tirar da terra do Egito (20:9)*.

20:10-26 REBELIÃO NO DESERTO. O padrão que observamos na seção anterior — a manifestação da graça de Deus, a rebelião do povo, a ameaça do julgamento de Deus e a compaixão que ele demonstra por amor do seu nome — repete-se aqui com referência à primeira (20:10-17) e à segunda geração (20:18-26).

Não por merecimento da geração do êxodo, mas pela misericórdia eterna de Deus, ele os tirou *da terra do Egito* e os levou *para o deserto (20:10)*. Depois disso, seu próximo feito grandioso a favor deles consistiu em lhes dar seus *juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles (20:11)*. Ademais: *Também lhes dei os meus sábados para servirem de*



*sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o SENHOR que os santifica (20:12).* O sábado, quer em sua forma semanal (Êx 20:8-11; Dt 5:12-15), quer anual (Êx 23:10-11; Lv 25; Dt 15:1-18), possuía um significado muito mais forte do que costumamos perceber, pois era profundamente arraigado na aliança do Deus criador e redentor.

Qual foi a atitude do povo para com esse Deus bondoso da criação e redenção? O povo *se rebelou contra mim no deserto (20:13)*. Além de rejeitarem a lei divina, os israelitas *profanaram grandemente os [...] sábados do Senhor*. Por esse motivo, Deus desejou derramar sobre eles o seu *furor no deserto, para os consumir*. Mais uma vez, porém, suspendeu o julgamento por amor do seu nome (20:14). Não obstante, com a mão levantada, um gesto que costumava acompanhar juramentos, Deus jurou que a primeira geração do deserto não entraria na terra prometida (20:15). Duas declarações mostram que o Senhor se refreou: *Pois o seu coração andava após os seus ídolos (20:16) e, não obstante, os meus olhos lhes perdoaram, e eu não os destruí, nem os consumi de todo no deserto (20:17)*.

Deus instruiu a segunda geração do deserto: *Não andeis nos estatutos de vossos pais, nem guardeis os seus juízos, nem vos contamineis com os seus ídolos (20:18)*. A primeira geração havia rejeitado as leis de Deus, substituindo-as por seus próprios estatutos e juízos! Para reforçar sua admoestação aos filhos da geração rebelde, Deus diz: *Eu sou o SENHOR, vosso Deus; andai nos meus estatutos, e guardai os meus juízos, e praticai-os (20:19)*. Repete, ainda, a instrução acerca dos *meus sábados* e declara sua finalidade: *Para que saibais que eu sou o SENHOR, vosso Deus (20:20)*.

Infelizmente, o relato informa na sequência: *Mas também os filhos se rebelaram contra mim e não andaram nos meus estatutos, nem guardaram os meus juízos (20:21a)*. O resultado é introduzido novamente pelo advérbio *então (20:21b)*. Mais uma vez, porém, o Senhor deteve a mão (20:22). Como o Senhor da aliança é longânimo! Deus se refreou diante do pecado da segunda geração e a preservou, permitindo que entrasse na terra prometida, mas jurou *espalhá-los* posteriormente *entre as nações e derramá-los pelas terras (20:23)*.

Em seguida, Deus volta à questão da desobediência e acrescenta detalhes a esse respeito e acerca do seu julgamento. Uma vez que *os seus olhos se iam após os ídolos de seus pais (20:24)*, Deus os entregou a *estatutos que não eram bons e juízos pelos quais não haviam de viver (20:25)* e *permitiu que eles se contaminassem com seus dons sacrificiais, como quando queimavam tudo o que abre a madre, ou seja, todos os primogênitos (20:26)*.

Ao observar as duas últimas declarações, podemos perguntar como Deus lhes deu “estatutos que não eram bons e juízos pelos quais não haviam de viver” e como permitiu que se contaminassem com o sacrifício de seus primogênitos.

Encontramos a resposta à primeira parte da questão ao lembrar que, de acordo com 20:18, a primeira geração do deserto instituiu seus próprios estatutos e juízos. Não é de

admirar que a segunda geração, cujos “olhos se iam após os ídolos de seus pais”, seguiu, semelhantemente, os estatutos e juízos de seus pais. Foi o próprio povo, e não Deus, quem criou os “juízos pelos quais não haviam de viver”. Onde a RA traz “lhes dei estatutos que não eram bons”, a NVI traz, mais corretamente, portanto, “os abandonei a decretos que não eram bons”.

Na segunda parte da questão, devemos considerar que Deus condena expressamente o costume cananeu de sacrificar crianças (Lv 20:2-5). É inadmissível imaginar, portanto, que ele incentivasse essa prática. O Senhor permitiu *que eles se contaminassem (20:26)*, assim como os “abandonou” aos seus próprios decretos (20:25). Encontramos o mesmo sentido em Romanos 1:24,26,28, em que Paulo diz: “Por isso, Deus entregou”. Deus não incentivou nem fez vista grossa a essa prática, mas não interveio a fim de impedir que o povo sofresse as consequências humanas de sua rebelião.

20:27-29 REBELIÃO NA TERRA PROMETIDA. Mesmo depois de herdar a terra, o povo continuou a se rebelar. Não encontramos aqui nem na seção seguinte o mesmo padrão observado na descrição de rebeliões anteriores, uma possível indicação da iminência do julgamento. Deus afirma que não apenas *blasfemaram vossos pais e transgrediram contra mim (20:27)*, mas também, depois de o Senhor tê-los introduzido na terra, a qual *levantando a mão, jurara dar-lha, onde quer que viam um outeiro alto e uma árvore frondosa, aí ofereciam os seus sacrifícios, apresentavam suas ofertas provocantes, punham os seus suaves aromas e derramavam as suas libações (20:28)*.

Deus os havia advertido de não se entregarem a essas práticas. Antes de entrarem na terra, lhes havia dito que destruíssem completamente os altos (Dt 12:2-4,29-31). Deus perguntou com desdém por que eles continuavam a se dirigir ao *alto* que não havia sido destruído, a despeito da condenação de tais lugares pelos profetas e das reformas que reis piedosos procuraram realizar (20:29; 1Rs 3:2-3; 12:31-32; 22:43; 2Rs 18:1-4). A persistência do povo em adorar nesses locais foi um dos fatores que desencadeou o julgamento graças ao qual eles foram levados ao cativeiro. 20:30-44 REBELIÃO NOS DIAS DE EZEQUIEL. Deus se volta, em seguida, para os anciãos na casa de Ezequiel e os lembra de que seus pecados são semelhantes aos de seus antepassados: *Vós vos contaminais a vós mesmos, à maneira de vossos pais, e vos prostituís com as suas abominações (20:30)*. Ao que parece, na mesma época em que eles foram buscar uma palavra do Senhor, continuavam sacrificando crianças! Deus volta, portanto, ao argumento do início da reunião: *Porventura, me consultariéis, ó casa de Israel? Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, vós não me consultareis (20:31; cf. 20:3)*. Eles não podem esperar receber orientação de Deus enquanto desejam ser *como as nações, como as outras gerações da terra, servindo às árvores e às pedras (20:32; cf. tb. 1Sm 8:4-5)*.

Deus não permitirá, contudo, que eles sejam “como as nações”. O Senhor tem um plano mais sublime para eles e

persistirá até sobrepujar sua rebelião pertinaz. Em sua imensa graça, Deus não desistirá deles, como seríamos tentados a fazer. Antes, o Senhor diz: *Com mão poderosa, com braço estendido e derramado furor, hei de reinar sobre vós (20:33)*. Podemos não gostar do “derramado furor” e imaginar que isso não tem nenhuma relação com a graça divina, até lembrarmos que Deus é um pai amoroso. O propósito de seu julgamento não é castigar e destruir, mas disciplinar seu povo e levá-lo de volta para ele: *Tirar-vos-ei dentre os povos e vos congregarei das terras nas quais andais espalhados (20:34)*. Deus os levou para o *deserto dos povos*, ou seja, para o exílio no deserto babilônico, onde eles foram obrigados a se encontrar com ele *face a face*, sem terem onde se esconder (20:35).

Até mesmo essa promessa de julgamento, contudo, é atenuada pelas palavras: *Como entrei em juízo com vossos pais, no deserto da terra do Egito, assim entrarei em juízo convosco (20:36)*. Mesmo quando julga, Deus se lembra da misericórdia e, nesse caso, parece oferecer a esperança de outro êxodo, bem como de outro julgamento! Essa esperança fica mais clara no versículo seguinte: *Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado e vos sujeitarei à disciplina da aliança (20:37)*. Mas, primeiro, eles terão de ser purificados: *Separei dentre vós os rebeldes e os que transgrediram contra mim (20:38)*. Ao que parece, assim como morreram no deserto os membros da primeira geração que se rebelou contra Deus, também aqueles que persistirem em sua rebelião no “deserto dos povos”, ali perecerão. Não voltarão a entrar na terra na companhia dos “purificados que reconhecem Javé e com os quais ele poderá recomeçar” (NICOT).

Deus diz à *casa* ainda rebelde de Israel que se encontra reunida diante dele: *Ide; cada um sirva aos seus ídolos [...], mas não profaneis mais o meu santo nome (20:39)*. A segunda parte da frase, “mas não profaneis mais”, pode ser traduzida de outra forma: “Mas depois disso, certamente me ouvirão e não profanarão mais o meu santo nome” (NVI), uma maravilhosa promessa de restauração. O Senhor confirma acerca do futuro: *No meu santo monte, no monte alto de Israel [...], ali toda a casa de Israel me servirá*, exatamente no mesmo local onde o povo se entregou a práticas detestáveis (20:40; cf. 6:1-3). Aqueles que Deus removerá *dentre os povos* e levará de volta à terra são descritos como *aroma suave*. Não apenas saberão que *eu sou o SENHOR*, mas a santidade do Senhor também será vindicada (20:41-42). Aquilo que 20:43-44 diz acerca do povo que regressará pode não agradar o orgulho humano, “mas as boas-novas do evangelho não consistem ‘no fato de que Deus nos ama e nos aceita tão prontamente porque há algo maravilhoso em nós’, mas no fato de que há algo maravilhoso em Deus!” (NICOT).

#### 20:45—21:32 Julgamento sobre os contemporâneos de Ezequiel

No original hebraico, essa passagem constitui um único capítulo. Pode ser dividida em quatro seções. Três começam com a fórmula profética: *Veio a mim a palavra do SENHOR*

(20:45; 21:8,18), e uma com: *E tu, ó filho do homem, profetiza e dize (21:28a)*. Todas elas são unidas pelo tema da espada como instrumento de julgamento divino. Apesar de a profecia em 20:45-49 falar de fogo, 21:1-7 a explica com referência à espada.

20:45—21:7 O INCÊNDIO NO BOSQUE DO SUL. Depois de recapitular a história de rebeldia do povo da aliança, Deus indica a iminência do julgamento ao ordenar que seu mensageiro profetize voltado para a região sul de Judá, onde fica Jerusalém (20:46). Ele deve prenunciar um grande incêndio que consumirá todas as árvores dessa região (20:47) com fogo enviado pelo Senhor (20:48).

Na sequência, ouvimos o próprio Ezequiel falar por um momento e exclamar: *Ah! SENHOR Deus!* Sua exclamação pode indicar surpresa, mas, tendo em vista o que segue, é mais provável que expresse frustração acerca do modo pelo qual o povo reagiu à sua palavra: *Eles dizem de mim: Não é ele proferidor de parábolas? (20:49)*. É possível que o povo tenha desprezado suas profecias ou simplesmente não tenha conseguido compreendê-las. Deus faz questão, porém, de esclarecer o significado, pois em 21:1-7 interpreta a parábola do incêndio no bosque.

Apesar de a seção começar com a informação *Veio a mim a palavra do SENHOR* e, portanto, parecer o início de outro oráculo (21:1), não a consideraremos como tal, tendo em vista o grande número de semelhanças com o oráculo contra o bosque do Sul. No primeiro caso, Ezequiel recebeu a instrução: *Volve o rosto para o Sul (20:46a)*; agora, a ordem é: *Volve o rosto contra Jerusalém (21:2a)*. Antes, o profeta devia derramar suas *palavras contra ele (20:46b)*; agora, deve pregar *contra os santuários (21:2b)*. Antes, devia profetizar *contra o bosque do campo do Sul (20:46c)*; agora, *contra a terra de Israel (21:2c)*.

Antes, o fogo consumiria *toda árvore verde e toda árvore seca (20:47a)*; agora, Deus diz: *Tirarei a minha espada da bainha, e eliminarei do meio de ti tanto o justo como o perverso (21:3)*. Antes, o fogo queimaria *todos os rostos, desde o Sul até ao Norte (20:47b)*; agora, o Senhor informa: *Minha espada sairá da bainha contra todo vivente, desde o Sul até ao Norte (21:4)*. Antes, Deus disse acerca do incêndio: *Todos os homens verão que eu, o SENHOR, o acendi; não se apagará (20:48)*; agora, declara: *Saberão todos os homens que eu, o SENHOR, tirei da bainha a minha espada; jamais voltará a ela (21:5)*. Existe alguma dúvida de que 21:1-7 interpreta 20:45-49? A única diferença diz respeito ao tipo de julgamento. Na primeira seção, é por meio do fogo, enquanto nesta é pela espada.

O julgamento nos causa inquietação, pois consome de forma indiscriminada toda árvore verde e toda árvore seca, tanto os justos quanto os perversos (20:47; 21:3). É o que acontece quando toda a terra, *todo vivente, desde o Sul até ao Norte*, é tragada pelo juízo divino. Como o provérbio tigrigna da Eritreia nos lembra: *Besenki nequts yinedid rhus* (“Por causa da madeira seca, a madeira verde é queima-



da"). O castigo que sobrevém aos perversos também afeta os justos.

Em seguida, Ezequiel recebe instruções de dramatizar o terrível julgamento que sobrevirá ao povo. Deus ordena ao profeta: *A vista deles, suspira de coração quebrantado e com amargura (21:6)*. Quando o povo lhe perguntar por que está suspirando, Ezequiel deve dizer: *Por causa das novas*. As novas são tão assustadoras que *todo coração desmaia, todas as mãos se afrouxam, todo espírito se angustia, e todos os joelhos se desfazem em água (21:7)*. Não há dúvida quanto à sua concretização, pois o Senhor declara: *Eis que elas vêm e se cumprirão*.

**21:8-17 O CÂNTICO DA ESPADA.** Essa profecia é dada na forma de poema ou cântico, com alguns comentários em prosa (21:10b,13). De acordo com alguns comentaristas, é possível que o profeta brandisse uma espada de verdade enquanto proferia essas palavras.

O cântico se inicia com o anúncio repetido da vinda da espada: *A espada, a espada está afiada e polida; afiada para matança, polida para reluzir como relâmpago (21:9-10a; cf. tb. 21:11, 15b)*. A espada está pronta para o uso e é brandida para conduzir o povo ao arrependimento antes de entrar em ação. Deus afirma que a colocou *junto a todas as portas (21:15a)*.

O indivíduo que empunha a espada (identificado posteriormente como o rei da Babilônia; 21:18,21) recebe a instrução de multiplicar a matança: *Duplique a espada o seu golpe, triplique-o (21:14b)*. A espada propriamente dita é personificada e recebe instruções de Deus: *Ó espada, vira-te com toda a força, para a direita, vira-te para a esquerda, para onde quer que o teu rosto se dirigir (21:16)*.

Tanto o profeta quanto o Senhor batem palmas numa confirmação física de que Deus está operando em julgamento (21:14a,17). Nenhum dos dois, porém, se regozija com os acontecimentos. Na verdade, o profeta deve gritar, gemer e dar pancadas na coxa, um sinal físico de tristeza e sofrimento (21:12).

Os dois trechos em prosa que interrompem o cântico em 21:10b e 21:13 são bastante difíceis de interpretar, daí as diferenças nas versões da Bíblia. A NVI procura resolver o problema com o acréscimo de *Judá*, um termo que não se encontra no original hebraico. Na sequência, pressupõe que os versículos mostram a espada desprezando o cetro. Para justificar essa interpretação, remete à profecia messiânica acerca do cetro de Judá em Gênesis 49:9.

A RA permanece mais próxima do hebraico, pois não acrescenta nenhuma palavra, mas diz: "Alegre-mo-nos! O cetro do meu filho despreza qualquer outra madeira" (21:10b) e: "Que haverá, se o próprio cetro que desprezou a todos não vier a subsistir?" (21:13). Apesar de as frases refletirem o original com mais precisão, o significado ainda é extremamente obscuro.

Os termos parecem indicar, porém, que, apesar do julgamento iminente, os judeus ainda se apegavam à convicção

de que, em razão de sua aliança com Davi em 2Samuel 7, Deus salvará Jerusalém, e o rei da dinastia de Davi continuará a reinar na cidade. É possível que usassem as palavras "o cetro [ou vara] do meu filho" como lema. Deus pergunta com sarcasmo: O que acontecerá se o cetro *não vier a subsistir?* (21:13).

**21:18-27 INDICAÇÃO DO CAMINHO PARA OS BABILÔNIOS.** Nesse oráculo, Deus parece instruir o profeta a desenhar um mapa para o rei da Babilônia a fim de que ele possa vir e cercar Jerusalém: *Tu, pois, ó filho do homem, propõe dois caminhos por onde venha a espada do rei da Babilônia; ambos procederão da mesma terra (21:19)*. O rei provavelmente virá do norte. Logo depois que sai de Damasco, na Síria, a estrada em direção ao sul se abre numa bifurcação. Nesse ponto, Ezequiel deve colocar *marcos indicadores* para mostrar qual das estradas leva a Jerusalém e qual chega à *Rabá dos filhos de Amom (21:20)*.

Ao que parece, o rei da Babilônia ainda não havia decidido qual cidade atacaria. Buscava, portanto, orientação para saber contra qual delas devia investir primeiro (21:21). Lançar *flechas*, interrogar *ídolos* e examinar o *figado* de um animal sacrificado eram procedimentos comuns de adivinhação no antigo Oriente Médio. Deus afirma que fará todas essas formas de adivinhação apontarem para Jerusalém (21:22). A história registra que, de fato, Nabucodonosor buscava orientação por meio dos expedientes registrados em 21:22.

O povo de Jerusalém, sob a liderança de Zedequias, se fiará numa sensação ilusória de segurança. Depois de ignorarem Deus, considerarão falso o vaticínio recebido por Nabucodonosor (21:23) e o desprezarão da mesma forma que desprezaram o tratado no qual juraram fidelidade ao rei da Babilônia e buscaram a ajuda do Egito (cf. 17:16). Em termos humanos, esse foi o ato que desencadeou o cerco (21:24).

O Senhor envia uma mensagem pessoal ao rei Zedequias, chamado aqui de *profano e perverso, príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo do seu castigo final (21:25)*, e ordena: *Tira o diadema e remove a coroa*, dois adornos que simbolizavam sua posição (21:26).

Ouvimos a trombeta dar o toque de julgamento: *Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei, e ela já não será (21:27)*. O mais impressionante, porém, é que a trombeta também sinaliza esperança. A coroa será restaurada quando vier *aquele a quem ela pertence de direito*, ou seja, o Messias (cf. Gn 49:10) que dará início ao reino eterno de Deus.

**21:28-32 O JULGAMENTO SOBRE AMOM É ADIADO.** Os amonitas que viviam em Rabá também se haviam envolvido na rebelião contra a Babilônia (Jr 27:1-3) e poderiam ter sido o alvo de Nabucodonosor (21:20). Aliviados por saberem que o julgamento recairá sobre Jerusalém, voltam-se contra seu aliado e insultam a capital de Judá. Mais uma vez, porém, o cântico da espada é entoado (21:28; cf. 21:8-17), indicando que o julgamento também sobrevirá aos amonitas.

*Visões falsas* e adivinhações enganosas não poderão impedi-lo (21:29). Como Jerusalém, os amonitas também sentirão a espada junto ao pescoço.

Porém, ainda não é chegada a hora do seu julgamento, de modo que Deus ordena: *Torna a tua espada à sua bainha* (21:30a; cf. tb. 21:5). Os babilônios, instrumentos de julgamento divino sobre essas nações, não devem atacar os amonitas de imediato. Devem concentrar-se na campanha contra Jerusalém. Por enquanto, Deus poupará os amonitas, mas no devido tempo a avidez com que se dirigem contra o povo da aliança fará a indignação divina voltar-se contra eles (21:30b-32; cf. tb. 25:1-7). Essas palavras nos trazem à memória o provérbio: “Quem abre uma cova nela cairá; e a pedra rolará sobre quem a revolve” (Pv 26:27).

### 22:1-31 A liderança idólatra de Jerusalém

Este capítulo volta a falar da iminência do julgamento de Jerusalém, a sede nacional do poder. A fórmula profética *Veio a mim a palavra do SENHOR* (22:1,17,23) divide o capítulo em três partes.

22:1-16 DESOBEDIÊNCIA À LEI MOSAICA. A condenação começa com o chamado de Ezequiel para julgar *a cidade sanguinária* (22:1-2). A matança é um tema que se repete nessa seção (22:3-4,6,9,12-13). Trata-se, porém, de apenas uma das *abominações* da cidade (22:2; cf. tb. 20:4). Jerusalém também é culpada de idolatria (22:3-4). Apressou o julgamento e encurtou sua vida graças a essas violações da lei de Deus. Quando o juízo divino recair sobre a cidade, todas as nações, *as que estão perto de ti e as que estão longe*, dela escarnecerão (22:5).

Os pecados relacionados em 22:6-12 constituem transgressões da lei de Moisés com relação a respeito pelos pais, cuidado dos estrangeiros e pobres, pureza ritual, observância dos sábados do Senhor, veracidade, pureza sexual, cobiça e usura. Todas as infrações ocorreram *no meio de ti* (22:6-7,9-12), envolvendo a cidade nos pecados de seus habitantes.

Deus indica que o julgamento da cidade é inevitável: *Eis que bato minhas palmas* (22:13) e a desafia a se levantar contra sua ira (22:14). O Senhor dispersará o povo *entre as nações* (22:15). Além de se tornar *objeto de opróbrio* (22:4), Jerusalém será *profanada, à vista das nações* (22:16). Os habitantes humilhados se lembrarão, então, *que eu sou o SENHOR*.

22:17-22 O EFEITO PURIFICADOR DO JULGAMENTO. Nesses versículos, Deus emprega o vocabulário da metalurgia, mais especificamente, do processo de refinação de minério, para ilustrar o pecado de seu povo e o método pelo qual ele o purificará. Ele condena a natureza rebelde do povo, dizendo: *A casa de Israel se tornou para mim em escória; todos eles são cobre, estanho, ferro e chumbo no meio do forno* (22:17-18). Mesmo depois do processo de refinamento pelo qual a nação havia passado em julgamentos anteriores, resta apenas *escória* e nenhum metal puro. Portanto, o Senhor

declara: *Eis que vos ajuntarei no meio de Jerusalém. Como se ajuntam a prata, e o cobre, e o ferro, e o chumbo, e o estanho no meio do forno, para assostrar o fogo sobre eles, a fim de se fundirem, assim vos ajuntarei na minha ira e no meu furor, e ali vos deixarei, e fundirei* (22:19-20). Ao se refugiar na cidade fortificada, o povo estará apenas entrando no forno de refinação de Deus, onde perceberá sem demora que o Senhor está derramando sua ira sobre eles (22:22).

22:23-31 A PERVERSIDADE DOS LÍDERES. Depois de condenar a terra como um todo (22:23-24), o restante do capítulo (exceto 22:29) trata dos líderes que deram as costas para Deus e para o povo. Primeiro, o Senhor acusa os falsos *profetas*: *Como um leão que ruge, que arrebatou a presa, assim eles devoram as almas* (22:25). Tomam do povo *tesouros e coisas preciosas*. O fato de multiplicarem as *viúvas no meio da cidade* aponta para o derramamento de sangue associado às atividades dos falsos profetas.

Deus também acusa os *sacerdotes* de negligenciarem seus deveres e transgredirem a sua lei. Eles deixaram de cumprir as responsabilidades descritas explicitamente nas Escrituras (Lv 10:10-11) ao profanarem as *coisas santas* de Deus, não fazerem distinção *entre o santo e o profano* e não ensinarem o povo a discernir *o imundo do limpo* (22:26). Também violaram a lei de Deus ao esconderem *os olhos* dos seus *sábados*. Em vez de santificarem o nome do Senhor no meio do povo, permitiram que fosse *profanado no meio deles*.

Enquanto os profetas em 22:25 são comparados a um leão, os *príncipes* em 22:27, talvez membros da família real e/ou oficiais administrativos, são comparados a *lobos*. A matança subentendida em 22:25 é mencionada explicitamente neste versículo: *Arrebatam a presa para derramarem o sangue, para destruírem as almas e ganharem lucro desonesto*.

Como os falsos profetas do capítulo 13, seus *profetas* ajudam a encobrir atos perversos *com cal por visões falsas, predizendo mentiras* (22:28). O versículo seguinte descreve alguns dos atos perversos: *Contra o povo da terra praticam extorsões, andam roubando, fazem violência ao aflito e ao necessitado e ao estrangeiro oprimem sem razão* (22:29). Esqueceram-se do provérbio: “O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou” (Pv 14:31).

Deus diz: *Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse* (22:30). Em duas ocasiões, Moisés exerceu essa função (Êx 32:11-14; Nm 14:11-19; cf. tb. Sl 106:23). Num ambiente de apostasia universal, porém, Deus não conseguiu encontrar ninguém que desempenhasse a mesma função.

Alguém pode perguntar: “Jeremias, que ainda se encontrava em Jerusalém, não era um homem justo?”. Sem dúvida, mas, como ninguém se dispôs a ouvi-lo e aceitar sua liderança, todos sofreriam o julgamento divino (22:31). “A nação desprovida de liderança temente a Deus, como era o caso de Israel na época, certamente está prestes a desaparecer” (TOT).



**23:1-49 Duas irmãs adúlteras**

A história de Israel já foi recapitulada em duas ocasiões (16:1-63; 20:4-44), mas Deus a repete aqui pela terceira vez. Quando sobrevier o julgamento, o povo não poderá acusar o Senhor de não tê-lo advertido. Como o capítulo 16, este capítulo é uma alegoria que focaliza o adultério de Jerusalém.

**23:1-4 OOLÁ E OOLIBÁ.** Em 16:44-48, lemos sobre três irmãs. Aqui, o texto fala de duas. No capítulo 16, a história começou em Canaã. Aqui, a exemplo do capítulo 20, a história começa no Egito. A prostituição das duas irmãs se iniciou *no Egito [...] na sua mocidade (23:2-3)*. Os nomes das irmãs são *Oolá* (a mais velha, Samaria) e *Oolibá* (a mais jovem, Jerusalém) (23:4). Apesar de os nomes significarem “sua tenda” e “minha tenda nela”, respectivamente, não parecem ter nenhum outro significado além de seu uso na alegoria. Deus diz: *Foram minhas e tiveram filhos e filhas* (ou seja, os habitantes das duas cidades).

**23:5-10 A PROSTITUIÇÃO DE SAMARIA.** Deus focaliza Oolá/Samaria e a acusa de inflamar-se *pelos seus amantes, pelos assírios*, enquanto ainda era dele (23:5). Além de se prostituir com os jovens atraentes da Assíria, *com todos os seus ídolos se contaminou (23:6-8)*. Consequentemente, Deus usou o próprio povo pelo qual ela se inflamou para castigá-la e torná-la *falada entre as mulheres (23:9-10)*. Como no capítulo 16, a prostituição simboliza o culto prestado por Samaria a outros deuses, mas enfatiza sua prostituição política, ou seja, “sua busca por segurança na força de outras nações, e não na proteção do Deus onipotente” (EBC).

**23:11-34 A PROSTITUIÇÃO DE JERUSALÉM.** A condenação abrange tanto Samaria quanto Jerusalém, mas essa passagem focaliza Jerusalém. Apesar de Jerusalém saber do julgamento divino que sobreviera a Samaria pelas mãos dos assírios em 721 a.C., a cidade não aprendeu a lição. Nós, seres humanos, dificilmente aprendemos com a experiência; se o fizéssemos, a história não precisaria repetir-se. Na verdade, *as suas devassidões foram maiores do que as de sua irmã (23:11)*. *Inflamou-se pelos filhos da Assíria*, como sua irmã (23:12-13), e também pelos *caldeus* (babilônios; 23:14-17a). E, no entanto, *após contaminar-se com eles* [os babilônios], *enojada, os deixou (23:17b)*. Essa declaração “reflete o movimento pendular que passou da posição pró-babilônica para a posição antibabilônica que caracterizou a história política de Judá no último século antes do exílio” (TOT). Além de tudo, Jerusalém teve um relacionamento repulsivamente promíscuo com os egípcios (23:19-21).

Depois de informar: *A minha alma se alienou dela, como já se dera com respeito à sua irmã (23:18)*, Deus descreve os pormenores do julgamento de Jerusalém. Sofrerá a mesma sorte que sua irmã mais velha. Deus voltará seus amantes, os babilônios e os assírios, contra ela (23:22-24). Cortar o nariz e as orelhas (23:25) era um castigo por adultério aplicado também a prisioneiros de guerra pelos assírios e

babilônios. A intervenção do Senhor fará cessar a *luxúria e [...] prostituição, provenientes da terra do Egito (23:27)*.

Deus prossegue com a ameaça de entregar Jerusalém *nas mãos daqueles que, enojada, tu deixaste (23:28-31; cf. 23:17)*. Ademais, ele a fará beber do *copo de tua irmã*, ou seja, ela sofrerá o mesmo castigo que a irmã, Samaria (23:32). Terá de beber todo o conteúdo do copo, até a última gota, por mais amargo que seja (23:33-34).

**23:35-49 O JULGAMENTO DIVINO.** Essa passagem mostra as irmãs juntas. Por meio de seu mensageiro, Deus lembra a cada uma novamente: *Como te esqueceste de mim e me viraste as costas, também carregará com a tua luxúria e as tuas devassidões (23:35)*. A acusação de que o profeta recebe ordens de proferir contra elas passa do derramamento de sangue associado ao adultério que cometeram *com seus ídolos* — a ponto de sacrificarem *até os seus filhos*, para a contaminação do santuário do Senhor e a profanação dos seus sábados (23:37-38). As palavras seguintes revelam o desgosto de Deus: *Pois, havendo sacrificado seus filhos aos ídolos, vieram, no mesmo dia, ao meu santuário para o profanarem; e assim o fizeram no meio da minha casa (23:39)*.

A recapitulação da luxúria e promiscuidade das irmãs parece focalizar Jerusalém. No original hebraico, portanto, os verbos em 23:40-41 encontram-se no singular feminino, e 23:42-44 se refere à “mulher e sua irmã” (NVI; daí a contração “delas” empregada pela RA no versículo 42).

Os *homens justos* que Deus usa para julgar as irmãs devem ser os assírios e babilônios (23:45). Não são “justos” no sentido de que se encontram num relacionamento de aliança com o Senhor, mas no sentido de que fazem a vontade de Deus. Depois que os “homens justos” executarem o julgamento, por meio de *grande multidão* enfurecida, Jerusalém e Samaria saberão *que eu sou o SENHOR Deus (23:46-49)*.

Ao chegarmos à conclusão desse capítulo, ou mesmo antes disso, podemos perguntar por que o texto se vale de um vocabulário sexual tão repugnante. O fato é que Deus e seu profeta desejaram transmitir a mensagem dessa forma. “Não devemos culpar o autor do capítulo nem o conteúdo pela sensação de náusea que provoca, mas, sim, a conduta que teve de ser descrita em termos tão repulsivos” (TOT).

**24:1-27 A execução do julgamento**

As mensagens verbais e não-verbais de julgamento chegam ao seu ponto culminante. Ademais, uma vez que contém a predição e o cumprimento (24:12-18), este capítulo vindica o Senhor e seu servo Ezequiel.

**24:1-14 A parábola da panela**

Deus parece atribuir grande importância à data aqui indicada, pois, além de Ezequiel observar o ano, o mês e o dia em que veio a ele a *palavra do SENHOR (24:1)*, o próprio Deus ordena: *Escreve o nome deste dia, deste mesmo dia*. A data é tão importante *porque o rei da Babilônia se atira contra Jerusalém neste dia (24:2)*. Em seguida, o Senhor instrui

o profeta a comunicar, por meio da parábola da panela, o que acontecerá *à casa rebelde* (24:3). Depois de descrever uma tarefa do cotidiano, o Senhor a aplica à cidade em dois estágios, cada um começando com: *Ai da cidade sanguinária* (24:6a,9a).

Num contexto absolutamente comum, Ezequiel recebe a instrução de tomar uma *panela*, enchê-la de *água* e de *pedaços de carne e ossos* e empilhar *lenha debaixo dela*, como se estivesse preparando uma refeição (24:3-5). A instrução talvez reflita em tom agourento as palavras de 11:3,7-11 ao falar da panela e dos pedaços de carne dentro dela, especialmente de *todos os bons pedaços, as coxas e as espáduas*, bem como *ossos escolhidos* (24:4-5).

A primeira aplicação segue de imediato a referência à “cidade sanguinária”, que deve ser Jerusalém. Diz-se que a *panela* está cheia de *ferrugem que não foi tirada dela* (24:6b).

A ordem para esvaziar a panela *pedaço por pedaço* (24:6c) se refere à dispersão dos habitantes da cidade, e a ordem para *fazê-lo sem escolha* (24:6d) sugere que isso se dará sem discriminação. A culpa de sangue da cidade é ressaltada em 24:7, que fala do sangue derramado *sobre penha descalvada* e revela a ousadia com que o povo cometeu o pecado. A provocação intensificou a ira de Deus (24:8).

A fórmula de “ai” precede a declaração do Senhor: *Também eu farei pilha grande* (24:9b). Na dramatização da parábola, Ezequiel recebeu instruções de empilhar lenha debaixo da panela; aqui, o próprio Deus a empilha. As palavras *ardam os ossos* parecem indicar que os ossos são assados diretamente sobre o fogo, e não na panela (24:10). Em seguida, a *panela vazia* é colocada *sobre as brasas, para que ela aqueça, o seu cobre se torne candente, funda-se a sua imundícia dentro dela, e se consuma a sua ferrugem* (24:11; cf. 24:6). Todas essas tentativas de purificar o metal da panela, contudo, são malogradas (24:12).

Na sequência, Deus associa a panela explicitamente a Jerusalém ao dizer que, assim como a panela não pode ser limpa, a cidade não poderá ser purificada nem mesmo pelo fogo do julgamento que já a queimou (24:13). O Senhor conclui essa seção declarando: *Será assim, e eu o farei; não tornarei atrás, não pouparei, nem me arrependerei* (24:14). “O oráculo se encerra com a afirmação mais enfática de determinação divina no livro” (NICOT).

### 24:15-27 Dois sinais

O Senhor oferece dois sinais para corroborar a mensagem acerca da destruição de Jerusalém, a saber, a morte súbita da esposa de Ezequiel (24:15-24) e o fim da mudez do profeta (24:25-27).

A *palavra do SENHOR* acerca da esposa de Ezequiel deve ter sido um choque para o profeta: *Eis que, às súbitas, tirarei a delícia dos teus olhos* (24:15-16a). As especulações sobre o estado de saúde da esposa de Ezequiel são irrelevantes. O anúncio divino de que a morte se dará “às súbitas” é ca-

tegórico. Como se as dificuldades que Ezequiel suportou em quatro anos e meio de ministério não fossem suficientes, Deus remove sua única fonte humana de consolo.

O profeta recebe instruções específicas de não observar os rituais de lamentação costumeiros da época: *Não faças lamentação pelos mortos, prende o teu turbante, mete as tuas sandálias nos pés, não cubras os bigodes e não comas o pão que te mandam* (24:16b-17). Ele deve apenas gemer *em silêncio*. As palavras do Senhor se cumpriram, conforme o profeta relata: *Falei ao povo pela manhã, e, à tarde, morreu minha mulher* (24:18). Em sinal de sujeição total à vontade de Deus, Ezequiel informa: *Na manhã seguinte, fiz segundo me havia sido mandado*.

Como sempre, o comportamento estranho de Ezequiel despertou a curiosidade do povo. O profeta perde de forma repentina a esposa tão amada (ela era “a delícia dos seus olhos”) e não segue os rituais de lamentação! Levando em consideração experiências anteriores, os exilados suspeitam que a atitude do profeta expresse uma mensagem para eles, de modo que perguntem a Ezequiel: *Não nos farás saber o que significam estas coisas que estás fazendo?* (24:19).

O profeta lhes diz exatamente aquilo que o Senhor desejava comunicar: *Eis que eu profanarei o meu santuário, objeto do vosso mais alto orgulho, delícia dos vossos olhos e anelo de vossa alma* (24:20-21a). Ademais, *vossos filhos e vossas filhas, que deixastes, cairão à espada* (24:21b). E, uma vez que *servirá Ezequiel de sinal* (24:24,27; cf. 4:3; 12:6,11), devem comportar-se como ele: *Não lamentareis, nem chorareis* (24:23). O Senhor instruiu o profeta a gemer “em silêncio”, mas aqui diz ao povo: *Definhar-vos-eis nas vossas iniquidades e gemereis uns com os outros* (24:23). *Quando isso acontecer, sabereis que eu sou o SENHOR Deus* (24:24).

O segundo sinal é associado à remoção da mudez de Ezequiel. Ocorrerá *no dia em que* o mensageiro trouxer notícias de que o primeiro sinal se cumpriu (24:25-26). Além de testemunhar a vindicação de suas predições, finalmente Ezequiel poderá falar, depois de permanecer mudo durante a maior parte do período correspondente à proclamação verbal e não-verbal dos oráculos de julgamento (24:27; cf. 3:26). *Assim, lhes servirás de sinal, e saberão que eu sou o SENHOR* (24:27).

Desse momento em diante, Ezequiel proclamará mensagens de esperança e restauração, e não de julgamento, com exceção dos oráculos contra as nações estrangeiras que se regozijaram com a destruição de Israel. “A boca de Ezequiel se abriria, e ele teria liberdade de se movimentar no meio de seu povo e proclamar continuamente a mensagem de esperança para o futuro” (EBC).

### 25:1—32:32 Profecias contra as nações

Ezequiel não foi o único profeta a pronunciar oráculos de julgamento contra as nações (cf. Is 13—23; Jr 46—51; Am 1—2; Sf 2). Mas por que esses oráculos foram inseridos entre a profecia da vinda do mensageiro com a notícia de



que Jerusalém caiu (24:26) e o cumprimento dessa profecia com a chegada do mensageiro em 33:21?

É possível que sua posição tenha por objetivo aumentar a tensão dramática. Nossa vontade é passar diretamente ao momento da chegada do mensageiro “e ver a reação que as notícias provocaram. Em vez disso, porém, tais como os exilados, precisamos esperar” (BST). Além do mais, as profecias contra as nações são “mensagens negativas de esperança” para o povo desesperado no exílio (NICOT). O fato de Deus julgar os inimigos de Judá pelo modo com que trataram o Reino do Sul em seu momento de maior necessidade mostra à comunidade do exílio que há uma luz no fim do túnel.

Os oráculos são organizados com precisão. O primeiro se dirige a Amom, a nordeste. O autor se move, então, em sentido horário e fala de Moabe e Edom ao sul, e de Filístia, Tiro e Sidom ao norte. Depois, inverte a direção e termina com uma grande nação ao sul, o Egito. Há noventa e sete versículos sobre o Egito, e noventa e sete versículos sobre outras nações. Os dois blocos de texto encontram-se contrabalançados dos dois lados de 28:24-26, que alguns comentaristas descrevem como o fulcro ou “chave que abre a seção como um todo” (NICOT).

### 25:1-7 Julgamento contra Amom

O capítulo 25 traz oráculos curtos contra quatro vizinhos próximos de Judá. Na verdade, são tão próximos que, “em um dia claro, os quatro países podiam ser vistos a olho nu de determinado ponto em Jerusalém” (BST). Não nos causa surpresa, e provavelmente também não causou aos exilados, que os primeiros da lista de oráculos de julgamento sejam os amonitas, uma vez que seu julgamento foi adiado no capítulo 21. Os oráculos seguem um padrão que consiste em introdução, acusação e veredicto.

Ezequiel faz duas acusações *contra os filhos de Amom*. A primeira é decorrente de suas palavras: *Bem feito!* (25:3), e a segunda, de seus atos: *Visto como bateste as palmas, e pateaste* (25:6; cf. tb. 6:11; 21:14,17). Nos dois casos, os amonitas expressam exultação maligna pela destruição de Jerusalém e pela deportação do povo da aliança.

Como castigo pelas palavras pecaminosas, Deus os entregará *ao poder dos filhos do Oriente* (25:4-5). Os “filhos do Oriente” podem ser os babilônios ou, talvez, grupos nômades do deserto árabe. “Convém observar que, pouco tempo depois, Amom e Moabe foram invadidos por membros da tribo dos nabateus e deixaram de existir de forma independente como nações” (TOT). Como castigo pelos atos pecaminosos, Deus devastará a terra de Amom e o eliminará *dentre os povos* (25:7).

O resultado desse julgamento é declarado duas vezes: *Sabereis (Saberás) que eu sou o SENHOR* (25:5,7). Mas como reconhecerão Deus depois de terem sido exterminados? Trata-se de um “conhecimento do Senhor que será experimentado apenas na calamidade da destruição final”? (TOT). Em tom mais positivo, alguns comentaristas sugerem que

é possível ver no texto alguns indícios da salvação futura das nações sob julgamento (cf. Is 19:23-25; Jr 12:14-17; 48:47; 49:6).

De qualquer modo, não há dúvida de que “ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24:1). Tudo o que ocorre no âmbito internacional está sujeito à vontade de Deus e amplia o conhecimento a seu respeito. “Para Ezequiel, importava apenas que tanto em Israel quanto no restante das nações do mundo, a glória de Deus seria revelada, a honra do nome de Deus seria restaurada e a verdade acerca da identidade de Deus seria conhecida” (BST).

### 25:8-11 Julgamento contra Moabe

O oráculo contra Moabe é curto (cf. Jr 48:1-47). A nação concordou com *Seir* (outro nome para Edom) que *a casa de Judá é como todas as nações* (25:8). Além de negar a posição especial de Judá entre as nações, essa declaração afronta diretamente ao próprio Javé, pois foi ele quem conferiu essa posição ao seu povo. Por isso, Deus abrirá *o flanco de Moabe*, ou seja, deixará exposto a ataques seu terreno montanhoso outrora inexpugnável (25:9). As três cidades fronteiriças mencionadas eram cidades com grandes fortificações alinhadas no sentido norte—sul. A expressão *a glória da terra* evidencia sua importância. Como no caso dos amonitas, os instrumentos do juízo divino são os *povos do Oriente*. Além do julgamento já anunciado, não haverá *memória dos amonitas entre as nações* (25:10), e Deus executará *juízos contra Moabe* (25:11).

### 25:12-14 Julgamento contra Edom

Os amonitas e moabitas eram parentes do povo da aliança por parte de Abraão. Seu antepassado Ló era sobrinho de Abraão (cf. Gn 12:4-5). A relação entre Edom e Judá era ainda mais próxima, pois seu antepassado Esaú era irmão gêmeo de Jacó (cf. Gn 25:23-26). O conflito que havia começado com os irmãos, porém, se estendeu ao longo da história das nações em questão, apesar das instruções claras de Moisés acerca desses povos enquanto os israelitas se encaminhavam para a terra prometida (cf. Dt 2:2-6; 23:7).

Edom recebeu o veredicto de culpado, pois *se houve vingativamente para com a casa de Judá* (25:12). Deus afirma, portanto: *Também estenderei a mão contra Edom e eliminarei dele homens e animais* (25:13a). *Torná-lo-ei deserto [...] desde Temã até Dedã* (25:13b). Essa expressão, que representa a terra como um todo, é o equivalente edomita de “desde Dã até Berseba”. O instrumento do julgamento divino sobre Edom será seu próprio povo (25:14). A profecia se cumpriu muitos anos depois, nos dias dos macabeus.

### 25:15-17 Julgamento contra a Filístia

Apesar de as “filhas dos filisteus” serem mencionadas em 16:27,57, essa é primeira vez que Ezequiel se refere aos filisteus como nação. Não se sabe com certeza quais são

suas origens, mas eles são classificados entre os povos dos mares que apareceram na região leste do Mediterrâneo no século XIII a.C. De acordo com Amós 9:7, os filisteus vieram de Caftor, local identificado como a ilha de Creta. Quando o povo da aliança entrou na terra sob o comando de Josué, os filisteus encontravam-se concentrados em cinco cidades costeiras, a saber, Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ecrom (Js 13:2-3). Davi desferiu sobre eles um golpe devastador (cf. 2Sm 5:17-25), mas, pelo visto, continuaram a representar uma ameaça constante para Israel.

Como os edomitas, os filisteus também *se houveram vingativamente*. E o fizeram *com desprezo de alma [...] para destruírem com perpétua inimizade (25:15)*. O julgamento de Deus é semelhante àquele proferido contra os edomitas: *Eis que eu estendo a mão contra os filisteus, e eliminarei os queretitas, e farei perecer o resto da costa do mar (25:16-17)*. A designação “queretitas” indica uma relação com os cretenses e parece referir-se a um grupo dentro do povo filisteu. Os queretitas e peletitas, dois grupos filisteus, faziam parte da guarda pessoal de Davi (2Sm 8:18; 20:23).

### 26:1—28:19 Julgamento contra Tiro

Tiro era uma cidade conhecida na costa do atual Líbano. De acordo com relatos bíblicos e extrabíblicos, os fenícios que viviam em Tiro eram excelentes marinheiros. O comércio marítimo de Tiro chegava até Társis, uma cidade há milhares de quilômetros na Espanha. Consequentemente, seu povo adquiriu fama e riqueza lendárias. Comparada ao leste da África moderna, seria equivalente a Dubai em termos de riqueza e influência.

Os oráculos contra Tiro consistem em uma profecia de julgamento contra a cidade (26:1-21); uma lamentação sobre a cidade (27:1-36); uma profecia de julgamento contra seu governante (28:1-10); e uma lamentação sobre seu rei (28:11-19).

#### 26:1-21 Profecia contra Tiro

Essa profecia pode ser dividida em quatro partes, separadas pelas palavras: *[Porque] assim diz o SENHOR Deus (26:7,15,19)*. A primeira parte (26:1-6) é semelhante aos oráculos de julgamento contra as quatro nações mencionadas anteriormente. Segue o mesmo padrão de acusação e julgamento. O *Bem feito!* em 26:2a lembra o “Bem feito!” proferido aos amonitas (25:3). O Senhor acusa Tiro de se regozijar com a queda de Jerusalém. Sua alegria era absolutamente egoísta: *Está quebrada a porta dos povos; abriu-se para mim; eu me tornarei rico, agora que ela está assolada (26:2b)*. Tiro se regozijou com a queda de um concorrente comercial, pois Jerusalém se encontrava estrategicamente localizada nas rotas comerciais internacionais.

Deus diz: *Eis que estou contra ti, ó Tiro, e farei subir contra ti muitas nações (26:3)*. Ele expressa a ideia numa linguagem que o povo ligado ao mar compreenderá quando diz que essas nações virão *como faz o mar subir as suas ondas*.

As nações invasoras *destruirão os muros de Tiro e deitarão abaixo as suas torres*. Para enfatizar sua preeminência, o Senhor acrescenta: *Eu varrerei o seu pó, e farei dela penha descalvada (26:4)*. É possível que se trate de um trocadilho, pois o nome da cidade é relacionado ao termo hebraico que significa “penha”.

A cidade de Tiro era dividida em duas partes. A parte principal ficava numa ilha rochosa no Mediterrâneo, e a outra parte ficava no continente. Por isso, Deus afirma que, depois do julgamento, a cidade se tornará *um enxugadouro de redes (26:5)*. Tiro *servirá de despojo para as nações* que Deus usará para castigá-la, e suas filhas, ou seja, seus assentamentos, *que estão no continente, ele as matará à espada (26:6)*.

Deus usará várias nações para castigar Tiro, mas a primeira será a Babilônia. *Nabucodonosor, rei da Babilônia, virá com seu exército poderoso: com cavalos, carros e cavaleiros e com a multidão de muitos povos, levantará baluarte contra ti (26:7-8)*. Deus diz: *Disporá os seus arietes contra os teus muros, e com os seus ferros, deitará abaixo as tuas torres (26:9)*. A descrição dos cavalos, carretas e carros em 26:10-11 visa inspirar terror. Eles espalharão devastação e saquearão a cidade abastada (26:12). Tiro e sua alegria festiva deixarão de existir! (26:13). Esta parte da profecia termina repetindo a declaração de que Tiro será reduzida a uma *penha descalvada (26:14; cf. 26:4-5)*, “sem construções e sem solo cultivável” (TOT). A queda de Tiro causará impacto internacional. Apesar de Ezequiel registrar uma lamentação mais longa na seção seguinte (27:1-36), na passagem em consideração relata de forma sucinta a reação das terras do mar à notícia chocante. As *terras do mar* provavelmente eram cidades-satélites e vilas que faziam parte da grande rede comercial de Tiro (26:15). Essas cidades dependentes e seus príncipes estremecerão de pavor com a queda de Tiro (26:16). Perguntarão: “Se tamanha destruição sobreveio a Tiro, o que será de nós?” e expressarão esse medo em *lamentações* pela cidade (26:17-18).

Apesar de Deus usar agentes humanos de julgamento, é ele quem dirige suas ações. O Senhor repete a imageria empregada anteriormente: *Quando eu fizer vir sobre ti as ondas do mar e as muitas águas te cobrirem (26:19; cf. 26:3)* e adverte: *Então, te farei descer com os que descem à cova, ao povo antigo*. Em outras palavras, o povo de Tiro irá para junto daqueles que já morreram (26:20). A declaração seguinte ressalta essa ideia: *Quando te buscarem, jamais será achada (26:21)*. Que final terrível para uma *afamada cidade* (26:17)!

#### 27:1-36 Lamentação sobre Tiro

Em seguida, o Senhor orienta Ezequiel: *Levanta lamentação sobre Tiro (27:1-2)*. Em geral, a lamentação é uma canção triste sobre alguém que morreu. Tradicionalmente, começa com um relato do tipo de vida que a pessoa teve e, em



seguida, fala das circunstâncias de sua morte. A mesma forma de canto é usada, por vezes, para cidades e nações, como o profeta faz nessa passagem.

Deus descreve Tiro como uma cidade *que habita nas entradass do mar (27:3a)*. A descrição lembra o modo de Tiro se referir a Jerusalém, sua concorrente: “porta dos povos” (26:2). Deus também diz que a cidade *negocia com os povos de muitas terras do mar*. Ezequiel usa esse tema em sua lamentação, a qual pode ser dividida em três partes: Tiro como um navio magnífico (27:3-11), a vasta rede comercial da cidade (27:12-25) e o naufrágio do navio, com sua tripulação e carga (27:26-36).

Ezequiel mostra como Tiro exalta a si mesma: *Eu sou perfeita em formosura (27:3b)* e indica os motivos pelos quais a cidade se engrandece. Para isso, o profeta a retrata como um navio mercante. Descreve uma embarcação magnífica, feita de materiais cuidadosamente selecionados, provenientes de vários lugares, usados pelos construtores que *aperfeiçoaram* a sua *formosura (27:4)*. O madeiramento do navio era feito de *ciprestes de Senir*, outro nome para o monte Hermom. Para os *mastros*, os construtores utilizaram a famosa madeira de *cedros do Líbano*, e os *remos* eram de *carvalhos de Basã*. Os *bancos* (ou “convés”, conforme a NVI) eram de *pinho das ilhas dos quiteus*, isto é, de Chipre, revestidos de *marfim*. A vela do navio era de *linho fino bordado do Egito* e servia de *estandarte* para identificar a embarcação. O *toldo* que fazia sombra para a tripulação era *azul e púrpura das ilhas Elisá*, localizadas em Chipre ou na Síria (27:5-7). Tratava-se, portanto, de um navio extremamente valioso e belo.

A tripulação também havia sido escolhida a dedo por suas habilidades. Os *remeiros* eram da cidade vizinha, *Sidom*, e de *Arvade*, uma ilha pequena a pouco mais de cento e cinquenta quilômetros ao norte. Esses marinheiros hábeis eram comandados por *pilotos* competentes (*sábios*) de Tiro. Homens experientes de *Gebal*, a cidade de Biblos, perto de Tiro, cuidavam da manutenção do navio durante as viagens (27:8-9a).

Não é de admirar que *todos os navios do mar e os marinheiros* negociassem com essa magnífica embarcação e sua tripulação excelente (27:9b).

A linha que separa cidade e navio se torna indistinta quando Ezequiel descreve os soldados que guardam ambos. São *persas* vindos do leste (atual Irã), *lídios* vindos do norte (atual Turquia) e *os de Pute*, ao sul (atual Líbia ou Somália). Nos muros da cidade, encontram-se soldados de *Arvade* e *os gamaditas* (da Fenícia) (27:10-11). Os *escudos* e as *armaduras* desses homens acrescentavam força e beleza à cidade e *aperfeiçoavam* a sua *formosura*.

Os materiais usados na construção do navio de Tiro provinham de várias nações, como também seus construtores e defensores. O mesmo se aplica aos parceiros comerciais e aos bens que a cidade negociava. De acordo com o texto, Tiro negociava com *Társis* (na Espanha), *Javã*, *Tubal* e *Meseque* (na Ásia Menor), *os da casa de Togarma* (na Armênia),

*os filhos de Dedã*, a *Síria*, *Judá* e a *terra de Israel*, *Damasco*, *Dã* e *Javã de Uzal* (no Iêmen ou Ásia Menor), a *Arábia* e *todos os príncipes de Qedar* (na Arábia), *os mercadores de Sabá* e *Raamá* (no Iêmen), *Harã*, *Cane* e *Eden*, *Assíria* e *Quilmade* (todos na Mesopotâmia) (27:12-24).

A variedade de bens comercializados também era grande. Incluía metais e *pedras preciosas*, *escravos* e *objetos de bronze*, animais (*cavalos*, *ginetes* e *mulos*, *cordeiros*, *carneiros* e *bodes*), *marfim* e *madeira de ébano*, tecidos e *tapetes*, produtos agrícolas (*trigo*, *azeite*, *mel*, *vinho*), especiarias e perfumes (27:12-24). Alguns desses bens eram transportados em navios de Tiro, enquanto outros eram levados ao mercado da cidade e ali negociados. Alguns produtos também eram levados de e para Tiro por *navios de Társis (27:25a)*.

É a própria cidade/navio de Tiro, porém, que se encontra repleta das *mercadorias* relacionadas anteriormente e que se tornou *mui famosa no coração dos mares (27:25b)*. Nesse mesmo local, no entanto, sobrevém a calamidade: *Os teus remeiros te conduziram sobre grandes águas; o vento oriental te quebrou no coração dos mares (27:26)*. O navio e todas as pessoas, animais e carga a bordo *afundarão no coração dos mares no dia da tua ruína (27:27)*.

Não há consenso entre os comentaristas quanto ao “vento oriental” em 27:26. Pode ser uma tempestade natural, já que não há nenhum sinal da intervenção direta de Deus. Mas também pode indicar o instrumento de castigo usado por Deus, a saber, os babilônios vindos do oriente. O Senhor já informara que usaria Nabucodonosor da Babilônia para castigar Tiro (26:7). Não obstante a interpretação, o Deus da natureza e da história possui, sem sombra de dúvida, autoridade sobre o que acontece às nações.

Não fica claro se a catástrofe ocorre quando o navio está deixando o porto ou chegando. O tumulto nas *praias (27:28-31)* sugere que o navio havia acabado de partir. Quem estava na praia, portanto, pôde vê-lo afundar. É possível ainda que outros navios o tenham visto afundar e informado ao povo em terra firme. A notícia do naufrágio do navio de Tiro repercute por toda a região e por todo o comércio internacional. Todas as atividades são interrompidas enquanto se lamenta a perda do navio, tripulação e carga.

Segue-se uma lamentação dentro da lamentação. Depois de expressar tristeza do modo costumeiro na época (27:30-31), *todos os que pegam no remo, os marinheiros, e todos os pilotos do mar (27:29) levantarão lamentações sobre Tiro* e perguntarão: *Quem foi, como Tiro, como a que está reduzida ao silêncio no meio do mar? (27:32-34)*. Os marinheiros não estão dizendo que nunca viram um navio afundar. Antes, expressam espanto pela calamidade que sobreveio a um navio tão forte e rico quanto o de Tiro e pela rapidez com que o naufrágio ocorreu. *Todos os moradores das terras dos mares e os seus reis* também manifestam sua tristeza e horror (27:35). Tendo em vista o contexto de lamentação, o assobio em 27:36a não indica escárnio, mas, sim, uma reação involuntária de choque.

Esse capítulo ensina duas lições. Primeiro, o orgulho contém a semente da destruição (Pv 16:18). A cidade que se orgulhava de ser “perfeita em formosura” (27:3) foi destruída e não mais existirá (27:36b). Segundo, o destino das nações se encontra nas mãos de Deus. “Em sua aparente invencibilidade, Tiro representava o ápice da realização humana. Mas, uma vez que seu sucesso era impulsionado pela avareza e perseguido em oposição a Deus, seria impossível a cidade permanecer. A última palavra é sempre do Senhor da história” (NICOT).

### 28:1-10 Profecia contra o governante de Tiro

A primeira parte do capítulo é um oráculo de julgamento contra o *príncipe de Tiro*, possivelmente Etbaal II. Como de costume, o primeiro item é a acusação. O príncipe reflete a soberba da cidade sobre a qual governa quando diz: *Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares* (28:2a). Deus afirma que esse homem possui *sabedoria e entendimento* e que a *extensão da sua sabedoria no [...] comércio* o ajudou a acumular muitas *riquezas*, inclusive *ouro e prata* (28:4-5a). Ao ouvir suas asserções de divindade, porém, o Senhor diz: *Não passas de homem e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus* (28:2b). Apesar de ser sábio, o governante de Tiro não chega aos pés de Daniel, o servo de Deus que fazia parte da corte da Babilônia naquela época e, muito menos, ao pés de Deus (28:3). Sua declaração insensata de divindade tem apenas um motivo: *Aumentaste as tuas riquezas; e, por causa delas, se eleva o teu coração* (28:5b). Tiro será julgada por causa do orgulho de seus homens.

Na sequência, Deus anuncia o veredicto sobre o *príncipe de Tiro*. O governante afirma ser Deus, mas somente o Senhor controla tudo o que acontece no mundo e, portanto, informa: *Eis que eu trarei sobre ti os mais terríveis estrangeiros dentre as nações* (28:7a). O julgamento de Deus será executado pelos babilônios (26:7). Sua *espada* se voltará *contra a formosura da [...] sabedoria* de Tiro, e eles *mancharão* o seu *esplendor*, ou seja, todas as qualidades que iludiram o príncipe e o levaram a imaginar que era Deus (28:7b).

Em contraste com a declaração do governante: “Sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares” (28:2a), Deus diz: *Morrerás da morte dos traspassados no coração dos mares* (28:8). Em vez de ser o lugar onde governará, o “coração dos mares” será o lugar onde o governante morrerá. Em seguida, Deus pergunta com sarcasmo: *Dirás ainda diante daquele que te matar: Eu sou Deus?* (28:9a). Para enfatizar sua mensagem, o próprio Deus responde: *Não passas de homem e não és Deus, no poder do que te trespassa* (28:9b).

Os fenícios praticavam a circuncisão, mas os babilônios não tinham esse costume, daí o texto destacar: *Da morte de incircuncisos morrerás, por intermédio de estrangeiros*. Morrer nas mãos de um estrangeiro incircunciso seria uma tragé-

dia dupla (28:10), uma morte vergonhosa e “bárbara” até para os padrões fenícios (EBC).

### 28:11-19 Lamentação sobre o rei de Tiro

Essa seção “é uma das criações artísticas mais intrigantes de Ezequiel e um dos textos mais difíceis do livro todo” (NICOT). Existem diferenças gritantes entre a interpretação tradicional da igreja e o modo pelo qual os estudiosos bíblicos modernos a entendem. A questão é se o texto se refere apenas ao rei histórico de Tiro ou se apresenta também outro nível de significado.

Dois fatores linguísticos contribuem para que se observe uma transição temática nessa passagem: a mudança de designação de “príncipe de Tiro” na seção anterior para “rei de Tiro” nessa seção e o fato de a maioria dos verbos dessa passagem aparecer no pretérito, enquanto na seção anterior o julgamento de Deus é proclamado no futuro.

Mais uma vez, *veio [...] a palavra do SENHOR a Ezequiel* e lhe disse: *Levanta uma lamentação contra o rei de Tiro* (28:11-12a). Também aqui a lamentação descreve a vida do rei e seu destino final (cf. comentários sobre 27:1-2). Podemos dizer que a vida desse “rei” foi perfeita, até chegarmos ao versículo que serve de divisor de águas: *Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti* (28:15). A preposição *até* marca o “antes” e o “depois” de sua vida e carreira. O “antes” é descrito em 28:12b-15, e o “depois”, em 28:15-19.

Um versículo anterior fala da “sabedoria” e da “formosura” do governante de Tiro (cf. 28:7). Aqui, porém, Ezequiel usa superlativos: *Era cheio de sabedoria e formosura*. Na primeira parte de sua vida, era o *sinete da perfeição* (28:12b). Em outras palavras, era tão perfeito quanto um ser humano pode ser.

Na sequência, Ezequiel apresenta referências do AT que reforçam essa imagem de perfeição. Fala do *Éden, jardim de Deus*, e do *dia em que foste criado* (28:13; cf. Gn 2—3). Na opinião de alguns comentaristas, o profeta se refere aqui a Adão antes da queda. Mas o texto traz outras alusões. Ezequiel o descreve adornado com *todas as pedras preciosas*, uma possível referência às pedras preciosas engastadas no peitoral que fazia parte das vestes do sumo sacerdote (28:13; cf. Êx 28:15-20).

O indivíduo em questão também recebeu grande responsabilidade, pois foi *ungido* e estabelecido por Deus para ser um *querubim da guarda* (28:14; cf. comentário sobre 1:4-14). Além de estar presente no Éden, também estava *no monte santo de Deus*, o lugar onde Deus habita, quer no céu, quer na terra (Sl 15:1; 24:3). O *brilho das pedras* (28:14) no qual andava pode ser uma referência às pedras preciosas que reluziam em suas vestes (28:13), mas também nos traz à memória a associação entre os querubins que guardavam o trono de Deus e o fogo (1:13). Como ponto culminante de sua glória, diz-se que era *perfeito* nos seus *caminhos, desde o dia em que foi criado* (28:15a).



É possível que o rei de Tiro estivesse acostumado a receber elogios exagerados de seus contemporâneos, mas é difícil imaginar que Deus descreveria um governante pagão com tanto entusiasmo.

Ao chegar às palavras solenes *Até que se achou iniquidade em ti* (28:15b), o poema muda de tom. O que até aqui era um cântico de louvor se transforma não em lamentação, mas em oráculo de julgamento. A referência à *multiplicação do teu comércio* (28:16a) sugere que o “rei de Tiro” é, de fato, o mesmo governante chamado de “príncipe de Tiro” em 28:1-10. Sua cobiça o levou a encher o seu interior de violência e a pecar.

Deus contrasta o estado do rei “antes” e “depois” do pecado, dizendo: *Pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras* (28:16b; cf. tb. 28:14). Ainda que se refira à queda do rei histórico de Tiro, o texto também parece falar de alguém maior que ele. Alguns comentaristas argumentam, portanto, que essa passagem se refere à expulsão de Adão do jardim do Éden. A descrição em 28:12b-15 e o papel de “querubim da guarda” parecem apontar, porém, para alguém ainda maior que Adão. De acordo com a interpretação tradicional, a pessoa em questão é Satanás.

A raiz de sua desgraça (e de grande parte da desgraça humana) é o orgulho (28:17a). Em vez de ser grato pela *formosura, sabedoria e esplendor* que Deus lhe deu (cf. tb. 28:7), ele se ensoberbeceu ou, conforme a expressão hebraica, *elevou-se o teu coração*. Deus o castigou por esse orgulho: *Lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemples* (28:17b).

Caso nos perguntemos de onde Deus o lançou “por terra”, podemos encontrar a resposta numa passagem de Isaías associada com frequência a esse trecho de Ezequiel: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra” (Is 14:12). A mesma passagem em Isaías também atribui a queda ao orgulho: “Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14:13-14). Pode-se entender que a passagem de Isaías descreve o destino do rei histórico da Babilônia, da mesma forma que essa seção de Ezequiel trata do rei de Tiro. Caso desejemos encontrar um referente além de Etbaal II de Tiro ou Nabucodonosor da Babilônia, porém, podemos citar Apocalipse 12:9, que fala da “antiga serpente, que se chama diabo e Satanás [...] atirado para a terra”.

Os santuários em 28:18 podem ser locais de adoração em Tiro ou a habitação de Satanás no céu. O fogo que os consumiu é de origem interna e pode ser o fogo da rebelião na forma de perversidade autodestrutiva (28:15) ou orgulho (28:17). A conclusão é clara: *Vens a ser objeto de espanto e jamais subsistirás* (28:19; cf. 27:36).

## 28:20-26 Julgamento contra Sidom

Como Tiro, Sidom era uma cidade rica ligada a atividades marítimas. Considerando que os três últimos versículos dessa seção tratam do povo de Deus, apenas três versículos falam, de fato, de Sidom (28:21). Não causa surpresa, portanto, o oráculo não fornecer os motivos do julgamento, mas passar diretamente ao castigo.

O Senhor ordena ao profeta: *Volve o rosto contra Sidom, profetiza contra ela* (28:21). Depois de obedecer a essa instrução, Ezequiel deve transmitir a mensagem do Senhor: *Eis-me contra ti, ó Sidom, e serei glorificado no meio de ti* (28:22). Deus receberá glória quando executar juízos na cidade e nela se santificar. O castigo assumirá a forma de peste e derramamento de sangue nas suas ruas (28:23). O propósito do castigo é ressaltado pela repetição da fórmula *Saberão que eu sou o SENHOR* em 28:22-23. O intento de Deus é levar as pessoas a conhecê-lo como soberano Senhor da criação e redenção.

Os versículos restantes, dirigidos ao povo da aliança, são como um oásis nesse deserto de julgamento. Deus promete à *casa de Israel* que os vizinhos que a tratam com desprezo, a saber, as nações que estão sendo julgadas, não serão mais um espinho na carne dos israelitas (28:24). O Senhor os congregará na terra prometida, *dentre os povos entre os quais estão espalhados* e viverão em paz. *Edificarão casas e plantarão vinhas* (28:25-26a). Deus realizará essa obra *perante as nações* (28:25), e tanto seu povo quanto as nações *saberão que eu sou o SENHOR* (28:26b).

## 29:1—32:32 Julgamento contra o Egito

O Egito, a sétima nação à qual o profeta se refere, era uma das principais figuras no cenário internacional da época e possuía envolvimento considerável nas questões de Judá. Talvez isso explique por que quatro dos oito capítulos sobre julgamentos contra as nações tratam do Egito. Ezequiel dirige sete oráculos a essa nação.

### 29:1-16 Oráculo introdutório

O oráculo introdutório foi proferido quase um ano depois do segundo cerco a Jerusalém (29:1-2; cf. 24:1-2). Focaliza Hofra, o *Faraó, rei do Egito* na época (29:3-6a) e *todos os moradores do Egito*, ou seja, o país como um todo (29:6b-16).

Faraó é comparado a um grande crocodilo deitado no rio Nilo (29:3). Ele afirma confiantemente: *O meu rio é meu*, e não podemos discordar, pois, de fato, ele era seu governante. Seu erro foi não reconhecer que seu poder lhe havia sido concedido pelo Senhor, aquele que é soberano sobre a história (Rm 13:1). É na segunda parte da declaração, porém, que o orgulho aparece de forma inequívoca e repulsiva: *Eu o fiz para mim mesmo*. Faraó se apropria da prerrogativa divina da criação. O Senhor não tolera tamanha arrogância e a menciona especificamente como um dos motivos do julgamento de Faraó (cf. 29:9).

“A soberba precede a ruína” (Pv 16:18), mesmo no caso de Hofra, rei do Egito (29:4-5). “Apesar de toda as suas pretensões arrogantes, o glorioso senhor do Nilo não é páreo para Javé, que o apanha como um pescador pega seus peixes e depois o lança fora como carcaça imprópria para o consumo humano” (NICOT).

Mais uma vez, como resultado do julgamento divino, *saberão todos os moradores do Egito que eu sou o SENHOR (29:6a)*.

O julgamento divino não se atém, contudo, ao líder. Nesse caso, pode-se dizer que “tal líder, tal povo”. O Egito, coletivamente como nação e representado por seu governante, devia estar envolvido no pecado que atraiu o julgamento divino. Ademais, tanto o líder quanto o povo do Egito se mostraram inconfiáveis quando *a casa de Israel (29:6b; 2Rs 18:21; Is 36:6)* precisou de sua ajuda. Um pedaço de cana seca não serve para nada: *Tomando-te eles pela mão, tu te rachaste e lhes rasgaste o ombro; e encostando-se eles a ti, tu te quebraste, fazendo tremer os lombos deles (29:7)*. A avaliação do Egito pelo Senhor se dá com base no contexto histórico. Ao que parece, Faraó Hofra mobilizou seu exército para ajudar o rei Zedequias quando os babilônios sitiaram Jerusalém, mas não tomou nenhuma outra atitude (Jr 37:4-8).

O julgamento divino sobre o Egito é resumido em duas declarações: *Eis que trarei sobre ti a espada (29:8)* e *Tornarei a terra do Egito deserta, em completa desolação (29:10)*. Como resultado da primeira medida, homens e animais serão mortos, e *a terra do Egito se tornará em desolação e deserto (29:9)*. Como resultado da segunda medida, a terra ficará desolada de um extremo (*Migdol*) a outro (*Sevene, até às fronteiras da Etiópia*) e o povo será dispersado entre as nações por quarenta anos (29:10-12). A dispersão dos egípcios traz à memória a dispersão dos israelitas, apesar de a duração corresponder mais precisamente à jornada pelo deserto, e não ao cativeiro na Babilônia. A comparação se torna ainda mais interessante devido à promessa de restauração em 29:13-16. Numa linguagem que repercute a promessa de restauração feita ao povo da aliança, Deus afirma: *Ao cabo de quarenta anos, ajuntarei os egípcios dentre os povos para o meio dos quais foi espalhado [...] e os farei voltar à terra de Patros, à terra de sua origem (29:13-14a)*. Apesar de o texto não especificar, a promessa de restauração talvez incluísse até a possibilidade de eles conhecerem ao Senhor e serem salvos (cf. Is 19:19-25).

O Egito não será restaurado, porém, à sua condição de potência imperial. Será um *reino humilde (29:14b)*. Depois que Deus o humilhar, o Egito nunca mais voltará a se exaltar sobre as nações e não mais será fonte de segurança para o povo de Israel (29:15-16a). Tanto os egípcios quanto os israelitas *saberão que eu sou o SENHOR Deus (29:16b)*.

#### 29:17-21 *Compensação por um cerco dispendioso*

Essa profecia acerca de Nabucodonosor é uma das mais curtas nos oráculos de Ezequiel. Sua posição fora de sequência

cronológica talvez seja intencional, para mantê-la próxima dos oráculos contra Tiro, aos quais está relacionada. Apesar de sua brevidade, trata-se de uma passagem polêmica entre os comentaristas, pois parece indicar que a profecia segundo a qual os babilônios destruiriam Tiro e saqueariam a cidade não se cumpriu (26:7-14). Ao avaliar essa questão, devemos lembrar que muitas profecias não se cumprem inteiramente em apenas um incidente. A destruição final de Tiro se deu durante a campanha de Alexandre, o Grande, no século IV a.C. e, de fato, ele lançou a cidade ao mar.

O cerco que Nabucodonosor levantou contra Tiro foi, sem dúvida, custoso e exaustivo, tendo perdurado por trinta anos. Não é de surpreender, portanto, que Ezequiel o descreva como um *grande serviço* (ou “dura campanha”; NVI), durante o qual *toda cabeça se tornou calva* pelo atrito dos capacetes, e *de todo ombro saiu a pele* de tanto carregar os materiais usados para construir torres de cerco e rampas junto aos muros da cidade (29:18; 26:8). Por fim, Tiro se entregou e se tornou vassalo da Babilônia, mas a riqueza obtida com essa conquista ficou muito aquém dos custos de um cerco tão difícil e longo. Uma vez que Deus usou a Babilônia como instrumento para castigar o povo da aliança e as nações vizinhas, permitiu que *Nabucodonosor, rei da Babilônia, tomasse o Egito: Tomará o seu despojo, e roubará a sua presa, e isto será a paga para o seu exército. Por paga do seu trabalho, com que serviu contra ela, lhe dei a terra do Egito, visto que trabalharam por mim (29:19-20)*. O Senhor castigou o faraó do Egito e, ao mesmo tempo, compensou os babilônios.

Apesar de o povo da aliança ter buscado o auxílio do Egito repetidamente, aqui o Senhor declara: *Farei brotar o poder na casa de Israel (29:21a)*. Essa promessa se cumprirá quando os egípcios forem castigados pelos babilônios. O povo da aliança não será socorrido por suas próprias maquinacões, mas no tempo e à maneira de Deus. Até mesmo o servo de Deus, que talvez estivesse descorçoado por não ver o cumprimento de sua profecia contra Tiro, receberá um novo pronunciamento, pois o Senhor promete: *Tu darei que fales livremente no meio deles*.

O propósito maior de Deus em todos esses acontecimentos é reiterado: *Saberão que eu sou o SENHOR (29:21b)*.

#### 30:1-19 *Nabucodonosor invade o Egito*

Uma vez que essa profecia não é datada, podemos supor que é uma continuação do oráculo acerca do Egito em 29:1-16, interrompida por um breve prenúncio a respeito de Tiro (29:17-21).

Ezequiel é instruído a profetizar e anunciar: *Assim diz o SENHOR Deus (30:2a)*. Ele não menciona o Egito de imediato, mas profetiza que *está perto o Dia do SENHOR (30:2b-3a)*. É possível que se refira ao Dia do Senhor no final da história humana, quando ele virá para julgar. Devemos lembrar, porém, que qualquer dia pode ser Dia



## GUERRA

Existe alguma ocasião em que a guerra pode ser justificada? Essa pergunta representa um desafio enorme para a consciência cristã. O desafio se torna ainda maior quando consideramos que a Bíblia descreve Deus como um guerreiro que lança os carros de Faraó e seu exército no mar e os afoga (Êx 15:3-5). Deus é louvado por adestrar as mãos de seu povo para a batalha e a guerra (Sl 144:1). Também elabora estratégias e planos que permitem derrotar o inimigo (1Cr 14:8-17). Por outro lado, no NT, Jesus instrui seus seguidores a não resistir ao mal, mas a voltar a outra face quando um inimigo os ferir (Mt 5:39; 26:52).

### A guerra no Antigo Testamento

A Bíblia aceita a guerra espiritual e física como um aspecto inevitável de nossa existência humana. A violência entrou no mundo pouco depois que Adão e Eva desobedeceram a Deus no Éden, quando a inveja de Caim o levou a matar seu irmão, Abel. Gênesis 14 traz o primeiro registro escrito de um conflito armado em grande escala. Nessa guerra, quatro reis sob o comando de Quedorlaomer se reuniram para lutar contra uma coalizão de cinco reis liderados por Bera, rei de Sodoma. Depois de passarem doze anos sob o domínio de Quedorlaomer, os cinco reis se rebelaram (Gn 14:4). Ló, sobrinho de Abraão, foi capturado quando Quedorlaomer derrotou os rebeldes, e Abraão teve de salvá-lo. Derrotou Quedorlaomer e seus aliados e “trouxe de novo todos os bens, e também a Ló, seu sobrinho, os bens dele, e ainda as mulheres, e o povo” (Gn 14:16). Depois da vitória de Abraão, Melquisedeque, rei de Salém, foi ao encontro do patriarca, o abençoou e atribuiu a vitória ao Deus Altíssimo (Gn 14:20).

A guerra entre as duas coalizões apresenta algumas das características fundamentais dos confrontos no restante do AT, onde diversas vitórias são atribuídas a Deus. Em alguns casos, Deus também sanciona a guerra, ordena que seu povo saia para lutar e estabelece reinos conquistados por meio de combates travados sob seu comando (Êxodo 14—15; 17:8-16; Nm 21:34-35; 31:1-18; Js 5:13; 6:1-27; 12:1-24; Jz 4:1-24; 6:11-24; 7:1-25; 1Sm 15:1-3; 17:1-58; 2Sm 5:17-21; 2Cr 17:1-19; 20:1-30). Nesses conflitos, os inimigos de Israel também são inimigos de Deus (Sl 139:19-22).

Algumas das guerras no AT se iniciaram em resposta a leis injustas e decretos opressores ou a políticas que privavam o povo de seus direitos e lhes negavam justiça. O próprio Deus declara guerra contra nações, inclusive Israel, que adotam políticas desse tipo (Is 10:1-14; Am 5:1-4). Deus também declara guerra contra nações que se entregam à idolatria e outras práticas pa-

gãs, pois abomina o pecado incessantemente. Também neste caso, Deus não faz distinção entre Israel e outras nações. Quando o transgressor é Israel ou Judá, Deus envia inimigos como os assírios ou babilônios contra o seu próprio povo, na esperança de que os israelitas se arrependam e voltem para ele (Dt 4:23-31; Is 10:5-6; Jr 21:5-7; Hc 1:5-11).

Em algumas circunstâncias, numa guerra declarada como “santa”, Deus condenava os bens e as propriedades do povo ou nação derrotada. Nesse caso, os bens deviam ser separados para Deus, e ninguém tinha o direito de tomá-los para uso pessoal. Quem desrespeitava esse procedimento era castigado com severidade, como aconteceu com Acã e Saul (Js 7:1-26; 1Sm 15:1-35).

O envolvimento de Deus nos conflitos de seu povo ia além da elaboração de estratégias e provisão de forças para usar armas físicas. Também exigia que orassem e se mantivessem em sintonia espiritual com ele (Êx 17:8-13). As batalhas que o povo travava refletiam, por vezes, conflitos mais amplos no âmbito espiritual (Dn 10:10-21).

Apesar de o AT sancionar a guerra, algumas passagens nos escritos proféticos apontam claramente para um tempo em que tal prática será totalmente erradicada da existência humana. O rei davídico trará paz a todos os povos da terra (Is 9:2-7; 11:1-9; Mq 4:1-3).

### A guerra no Novo Testamento

O NT não incentiva o uso da força bruta, violência e guerra para estabelecer o reino de Deus. Quando Jesus foi preso e Simão Pedro feriu o servo do sumo sacerdote com sua espada, Jesus instruiu o apóstolo a guardar a arma (Jo 18:11). Quando Pilatos o interrogou acerca do seu reino, Jesus respondeu: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus” (Jo 18:36). Estas palavras apontam para os meios pacíficos como opção cristã e, portanto, condenam as cruzadas medievais e quaisquer outras guerras travadas para promover o reino de Deus.

Os cristãos são chamados, porém, a lutar na guerra espiritual. Jesus travou diversas batalhas desse tipo e deu poder e autoridade aos seus discípulos para destruir as fortalezas de Satanás. O apóstolo Paulo afirma que, por meio da morte de Cristo na cruz, Deus “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do filho do seu amor” (Cl 1:13). Ao lutar nas batalhas espirituais em favor do reino de Deus, devemos usar “toda a armadura de Deus” (Ef 6:10-18; cf. tb. Lc 10:1-23).

A principal questão que confronta os cristãos é determinar se as palavras de Jesus a Pedro e Pilatos significam que o pacifismo deve ser a única escolha em todas as circunstâncias. Não podemos evitar essa questão, pois os cristãos,

como outros cidadãos, vivem em Estados nos quais a “autoridade é ministro de Deus” e “não é sem motivo que ela traz a espada” (Rm 13:4). Essas palavras sugerem que, por vezes, o Estado pode usar a força ou guerrear de forma legítima para proteger seus cidadãos e manter a paz.

Argumenta-se, com frequência, que era necessário o AT apoiar o uso de força militar, uma vez que Israel teve de guerrear a fim de cumprir a promessa de Deus a Abraão de lhe dar a terra e fazer surgir uma nação. Depois da conquista, Israel precisou lutar para se defender e manter a terra obtida à força e pela promessa. No NT e no mundo de hoje, porém, os cristãos se encontram espalhados entre as nações e, portanto, não devem participar de guerras nem se envolver com nenhuma forma de violência. Esse argumento gera uma série de dificuldades. Como conciliá-lo, por exemplo, com Lucas 22:36, em que Jesus instrui os discípulos a comprar uma espada? Os cristãos devem ser proibidos de seguir carreiras militares como forma de defender seu país ou manter a paz? É preciso observar que, quando os soldados procuraram João Batista, ele não pediu que deixassem sua carreira, mas os admoestou a trabalharem com honestidade e a se contentarem com seu soldo (Lc 3:14). O próprio Jesus elogiou um oficial do exército romano por

sua fé (Mt 8:10-12). Em Atos, a fé e as boas obras de outro oficial são reconhecidas e ele recebe o Espírito Santo da mesma forma que os apóstolos haviam recebido (At 10:1-48). Nenhum desses soldados foi instruído a deixar o serviço militar.

A aceitação da carreira militar não nos deve levar a concluir, porém, que Jesus apoiaria as guerras travadas pelos soldados. A guerra é um mal necessário que entrou no mundo em decorrência de pecados individuais, corporativos e estruturais (cf. Tg 4:1-3). Uma vez que a liberdade é preferível à escravidão, por vezes as pessoas precisam lutar para não perder a liberdade e a paz. Alguns soldados talvez precisem entregar a vida para que outros militares e civis possam viver em paz. Muitos cristãos assumiram essa postura ao lutar nos movimentos que visavam libertar a África da opressão colonial.

A fim de que pudéssemos viver, Jesus, o “Supremo Pastor”, teve de travar a maior batalha de todas contra o pecado no Calvário. Como cristãos, aguardamos ansiosamente o dia em que o Senhor virá montado em “um cavalo branco” para julgar com justiça, lutar contra o pecado e a morte e nos conduzir aos novos céus e nova terra (Ap 19:11-16; 21:1-4).

Robert Aboagye-Mensah

do Senhor se ele realizar uma obra específica nesse dia. Aqui, o contexto parece indicar que o Dia do Senhor “está relacionado particularmente ao julgamento de Deus sobre o Egito por meio da Babilônia” (EBC). Assim, esse dia também é chamado de *dia do Egito* (30:9) ou “dia em Tafnes” (30:18, NVI).

Como o dia escatológico do Senhor, esse dia será de escuridão, *dia nublado* (30:3b,18). Será uma ocasião de julgamento não apenas para o Egito, mas para todas as nações ao seu redor, incluindo provavelmente os judeus que moravam nessas nações e não serviam ao Senhor (referidos na NVI como “povo da terra da aliança”) (30:3b-5). Quando os inimigos do Egito o derrotarem e saquearem, *haverá grande dor na Etiópia*, a região que hoje corresponde à Eritreia, Etiópia e Sudão (30:4). (A *Etiópia* também aparece em 30:5 e 30:9.) Outras nações mencionadas são *Pute* (possivelmente a Líbia), *Lude* (na atual Turquia) e *toda a Arábia* (30:5). Esses povos *que sustentam o Egito*, e provavelmente o apoiaram contra os babilônios, cairão (30:6). Serão exterminados de uma extremidade à outra do país, ou, como diz Ezequiel, *desde Migdol*, na região norte do delta do Nilo, *até Sevene*, na fronteira sul com o Sudão. Seguindo essa mesma linha, o profeta acrescenta: *Serão desolados no meio das terras desertas; e as suas cidades estarão no meio das cidades devastadas* (30:7). A Etiópia se sentia segura por ter um vizinho poderoso entre ela e os babilônios, mas as notícias que chegarão com as embarcações que sobem o

Nilo espantarão a *Etiópia descuidada*; e [...] *haverá angústia no dia da destruição do Egito* (30:9).

Mais uma vez, como resultado do juízo divino, os povos julgados *saberão que eu sou o SENHOR* (30:8).

O texto focaliza, agora, o agente desse julgamento, *Nabucodonosor, rei da Babilônia* (30:10-11; cf. tb. 28:7; 31:12). Assim como devastarão as nações-satélites e transformarão suas cidades em ruínas, os babilônios também assolarão o Egito e destruirão suas cidades. Apesar de Nabucodonosor ser seu instrumento, em última análise é Deus quem executa o julgamento. O Senhor declara, por exemplo: *Secarei os rios* (30:12a), uma imagem que impressiona ainda mais quando lembramos que em 29:3 Faraó se apresenta como criador do Nilo.

A declaração enfática *Eu, o SENHOR, é que falei* indica o poder da mera palavra de Deus (30:12b). Sua palavra se cumprirá!

Na sequência, o profeta descreve o impacto do Dia do Senhor sobre várias regiões do Egito. O Senhor começa dizendo: *Destruirei os ídolos e darei cabo das imagens de Mênfis* (30:13a). É possível que Ezequiel comece seu levantamento da devastação da terra em Mênfis porque “era o centro do culto a Ptah, uma das duas divindades mais importantes do Egito” (NICOT; cf. tb. Êx 12:12).

O restante do versículo destaca a estreita relação entre os deuses egípcios e Faraó: *Já não haverá príncipe na terra do Egito, onde implantarei o terror* (30:13b). Ezequiel menciona



a desolação de *Patros* (ou Alto Egito), o fogo que consome *Zoã* (ou Tânis) e o *juízo em Nô* (ou Tebas) (30:14). O alvo seguinte do castigo de Deus é *Sim* (ou Pelúcio), cidade na costa do Mediterrâneo, próxima ao porto de Said. Apesar de ser descrita como *fortaleza do Egito*, quando o Senhor derramar sua ira, *Sim terá grande angústia* (30:15-16). *Áven* (ou Heliópolis) era uma das cidades mais antigas do Egito e centro do culto ao deus-sol. Jeremias a chama de Bete-Semes (Jr 43:13). *Pi-Besete* (ou Bubastis) talvez seja a atual Basta, a nordeste do Cairo. Deus afirma que *os jovens* das duas cidades *cairão à espada*, enquanto elas *cairão em cativo* (30:17). Por fim, o profeta menciona *Tafnes*, onde Deus quebrará *os jugos do Egito* e fará cessar *o orgulho do seu poder* (30:18). O Senhor termina essa seção com as palavras *Assim, executarei juízo no Egito* e, como em ocasiões anteriores, com a declaração de que seu julgamento obrigará o Egito a reconhecê-lo (30:19).

### 30:20-26 Os braços quebrados de Faraó

Esse oráculo é datado de um ano depois da queda de Jerusalém (30:20). Deus faz um anúncio dramático: *Eu quebrei o braço de Faraó, rei do Egito* (30:21). Ao que parece, trata-se de uma referência à tentativa malograda de Hofra libertar Jerusalém do cerco de Nabucodonosor no ano anterior. O dano causado ao braço de Faraó é permanente, pois Deus diz: *Eis que não foi atado, nem tratado com remédios, nem lhe porão ligaduras, para tornar-se forte e pegar da espada*. Não se trata apenas de um dos braços, pois Deus enfatiza: *Quebrarei-lhe os braços, tanto o forte como o que já está quebrado, e lhe farei cair da mão a espada* (30:22). As palavras do Senhor são particularmente significativas, pois era costume retratar Faraó com o braço flexionado, pronto para empunhar a espada. Essa imagem constituía um símbolo comum de sua força (EBC). O rei egípcio ficará incapacitado de lutar, mas seu inimigo, o rei da Babilônia, será fortalecido, como o Senhor declara: *e lhe porei na mão a minha espada* (30:24). De fato, Hofra foi morto numa guerra civil antes de Nabucodonosor invadir o Egito depois do cerco à cidade de Tiro.

Em decorrência da ação dupla de Deus ao enfraquecer o Egito e fortalecer a Babilônia (30:24-25), os egípcios serão dispersados *entre as nações* (30:23,26). Mais uma vez, como resultado, os povos reconhecerão que o Senhor da aliança é o único Rei Soberano sobre a criação e a história (30:25-26).

### 31:1-18 O destino da Assíria e do Egito

Nessa seção, Ezequiel recapitula a queda do rei do Egito e do seu reino usando a metáfora de uma árvore magnífica. Essa profecia foi pronunciada dois meses antes do oráculo anterior (31:1).

**31:2-9 A MAGNIFICÊNCIA DA ÁRVORE.** A descrição da majestade de Faraó começa com uma pergunta retórica: *A quem és semelhante na tua grandeza?* (31:2). Em seguida, Deus sugere a *Assíria* como elemento de comparação e a descreve como

*um cedro do Líbano* (31:3a), a árvore mais alta e frondosa conhecida na época. O cedro que representa a Assíria possuía *lindos ramos, de sombrosa folhagem* (31:3b,7,9a). *As águas o fizeram crescer, as fontes das profundezas da terra o exalçaram* (31:4). O suprimento abundante e incessante de água é descrito em mais detalhes: *Fizeram correr as torrentes no lugar em que estava plantado, enviando ribeiros para todas as árvores do campo*. É possível que se trate de uma referência aos rios Tigre e Eufrates, mas o profeta os descreve em termos edênicos.

Não surpreende, portanto, a menção nesse contexto dos *cedros no jardim de Deus* e a *todas as árvores do Éden* (31:8,9b,18). Graças à fartura de sustento, a árvore *se elevou [...] sobre todas as árvores do campo, e se multiplicaram os seus ramos, e se alongaram as suas varas* (31:5). Uma vez que era frondosa, *todas as aves do céu se aninhavam nos seus ramos, todos os animais do campo geravam debaixo da sua fronde, e todos os grandes povos se assentavam à sua sombra* (31:6). A referência às “nações” mostra que o profeta não fala apenas de um simples cedro. Era tão majestoso e belo que nenhuma outra árvore *se assemelhava a ele na sua formosura* (31:8). Deus expressa prazer em sua própria habilidade criadora ao afirmar: *Formoso o fiz com a multidão dos seus ramos; todas as árvores do Éden, que estavam no jardim de Deus, tiveram inveja dele* (31:9). A Assíria era semelhante ao cedro descrito anteriormente (observe o uso do pretérito em 31:3: *Eis que a Assíria era*), pois, antes de sua queda em 612 a.C., constituía o maior império da época.

A clara admiração por essa árvore majestosa permite observar que “poder e império não são conceitos intrinsecamente maus; encaixam-se de forma legítima na permissão soberana do Senhor da história” (BST).

**31:10-18 A QUEDA DA ÁRVORE.** O belo cedro foi corrompido, porém, por sua própria beleza e estatura, e Deus tomou as devidas providências: *Como sobremaneira se elevou, e se levantou o seu topo no meio dos espessos ramos, e o seu coração se exalçou na sua altura, eu o entregarei nas mãos da mais poderosa das nações, que lhe dará o tratamento segundo merece a sua perversidade* (31:10-11). Deus entregou a Assíria aos babilônios, que se tornaram, então, a potência mundial dominante.

Os babilônios *cortaram o cedro e o deixaram* (31:12). Os *ramos da árvore derrubada ficaram espalhados sobre os montes e por todos os vales*. Os *povos da terra*, que outrora viam à sua sombra, desertaram dela (31:12). Um provérbio tigrina (Eritreia) expressa o destino dessa árvore: *Zwe-deqe gereb msar yibezho* (“Uma árvore caída é cortada por muitos machados”). Quando a sorte dos poderosos, ricos ou famosos muda para pior, o povo se volta contra eles ou os despreza.

As aves e animais, por outro lado, se acomodaram junto à árvore caída e permaneceram *entre os seus ramos* (31:13). “A queda do cedro também sinaliza o fim de seu papel benéfico como protetor [...] Em vez de construírem

seusinhos nos galhos e gerarem seus filhotes debaixo da fronde, as aves e os animais se encontram expostos junto aos restos caídos” (NICOT). Pode-se imaginar, ainda, que as aves e os animais se alimentam dos cadáveres, uma vez que a árvore caída também representa um império humano (cf. 32:4).

Deus deseja que outras árvores (ou nações) aprendam com o destino da árvore magnífica (Assíria) e, em particular, que o Egito observe o que sucedeu com ela. Deus tem prazer em ver uma nação crescer e prosperar, mas não deseja que os povos se exaltem na sua estatura, nem levantem o seu topo com arrogância. Eles devem permanecer conscientes de que a morte é o seu fim. A ideia da morte como destino final de toda a humanidade é repetida várias vezes: *Porque todos os orgulhosos estão entregues à morte e se abismarão às profundezas da terra, no meio dos filhos dos homens, com os que descem à cova* (31:14).

Uma vez que o cedro magnífico *passou para o além*, as fontes que o sustentavam deixaram de fluir: *Fiz eu que houvesse luto; por sua causa, cobri a profundidade da terra, retive as suas correntes, e as suas muitas águas se detiveram* (31:15). A floresta inteira (todas as nações) lamentou a destruição da árvore frondosa. O estrondo de sua queda e sua passagem para o além repercutiram por todo o mundo conhecido em sua época (31:16a).

O texto informa que *todas as árvores [...] se consolavam nas profundezas da terra* (31:16b). Que consolo há, porém, em descer à cova? O versículo seguinte ajuda a explicar: *Também estas, com ele, passarão para o além, a juntar-se aos [...] que estavam assentados à sombra no meio das nações* (31:17). O consolo encontra-se no fato de eles estarem juntos com a nação que os aterrorizou e subjugou. A morte é, de fato, o grande nivelador.

O Egito se corrigiria? Aprenderia com o destino da Assíria? O Senhor começa e termina o oráculo com uma pergunta (31:2), agora para o Egito: *A quem, pois, és semelhante em glória e em grandeza entre as árvores do Éden?* (31:18a). Lembra ao Egito que seu destino será igual ao da Assíria e de outras nações que ele fez descer às profundezas da terra.

Os egípcios eram conhecidos por seus preparativos minuciosos para a vida depois da morte, como vemos pelas pirâmides. Ser entregue à cova *no meio dos incircuncisos*, portanto, sem um sepultamento digno, era algo impensável para o povo comum, que dirá para Faraó. É exatamente esse, porém, o julgamento aplicado ao Faraó e toda a sua pompa (ou “e todo o seu grande povo”; NVI; 31:18b).

### 32:1-16 Lamentação sobre Faraó e o Egito

O Senhor ordena ao profeta: *Levanta uma lamentação contra Faraó, rei do Egito* (32:2a) exatamente um ano e nove meses depois do oráculo de julgamento registrado no capítulo 31 (32:1) e cerca de dois meses depois de o profeta e os outros exilados receberem a notícia da destruição de

Jerusalém (33:21). Na verdade, Jerusalém havia caído quase cinco meses antes de a notícia chegar aos cativos na Babilônia.

Em Ezequiel, é comum uma lamentação ser seguida de um oráculo de julgamento. A lamentação começa com um contraste entre a imagem que outros têm de Faraó e as palavras do Senhor a seu respeito: *Fostes comparado a um filho de leão entre as nações, mas não passas de um crocodilo nas águas* (32:2b; cf. tb. 29:3).

Deus diz o que fará ao crocodilo: *Estenderei sobre ti a minha rede [...] te deixarei em terra; no campo aberto, te lançarei* (32:3-4). Lá, Faraó e seu povo serão devorados pelas *aves do céu; e se fartarão de ti os animais de toda a terra* (32:4). Existem várias semelhanças entre as palavras do profeta acerca da árvore caída em 31:12-13 e do destino de Faraó em 32:4-6. Quando Deus julgar Faraó, haverá sinais nos céus semelhantes aos sinais associados ao Dia do Senhor (32:7-8; cf. Is 13:10; Jl 2:31; 3:15; Am 8:9; Mt 24:29). O julgamento contra Faraó repercutirá entre as nações (32:9). Os povos não apenas ficarão *pasmosos* com o que sucedeu a Faraó, mas também *estremecerão a cada momento, cada um pela sua vida* (32:10).

A partir de 32:11, a lamentação passa de Faraó para o Egito e também deve ser entoada pelas *filhas das nações* (32:16). Deus volta a dizer que enviará *os mais terríveis dos povos*, os babilônios, contra o Egito (32:11-12). Serão instrumentos de Deus para executar seu julgamento sobre os egípcios, pois *destruirão a soberba do Egito*. Como resultado do juízo divino, as águas não se *turbarão* mais com os movimentos do crocodilo (32:13; cf. tb. 32:2); antes, Deus fará *correr os seus rios como o azeite* (32:14). Quando sucederem esses acontecimentos *na terra do Egito [...] todos os que nela habitam, então, saberão que eu sou o SENHOR* (32:15).

### 32:17-32 A destruição do Egito e de outras nações

A data da profecia menciona apenas o ano e o dia (32:17). Se o mês é o mesmo de 32:1, esse oráculo foi proferido duas semanas depois daquele que se encontra registrado na primeira metade do capítulo. A seção começa com uma continuação do lamento pela *multidão do Egito* (32:18).

O Egito talvez tivesse uma imagem exaltada de si mesmo e desprezasse outras nações, mas Deus ordena: *Desce e deita-te com os incircuncisos* (32:19). Portanto, *os mais poderosos dos valentes, juntamente com os que o socorrem, lhe gritarão do além: Desceram e lá jazem eles, os incircuncisos, traspassados à espada* (32:21). “Como aconteceu com Tiro (cf. 28:8-9), a tão alardeada grandeza do Egito parecerá ínfima quando a nação se vir na entrada do reino dos mortos e for levada a se deitar com os incircuncisos” (TOT).

Em seguida, Ezequiel relaciona as nações na companhia das quais o Egito se encontra nas profundezas da terra: *Assíria* (32:22-23); *Elão*, a sudeste da Assíria (32:24-25); *Meseque e Tubal*, no leste da Anatólia (atual Turquia; 32:26-27); *Edom* (32:29); *os príncipes do Norte, todos eles, e todos os si-*



*dônios (32:30)*. Com a possível intenção de ressaltar a morte vergonhosa dos egípcios, o profeta os menciona entre essas nações: *Também tu, Egito, serás quebrado no meio dos incircuncisos e jazerás com os que foram traspassados à espada (32:28)*. Todos esses povos haviam, em algum momento, *causado espanto na terra dos vivos (32:23,25,27,32)*. Agora, porém, *jazem incircuncisos com os que foram traspassados à espada e levam a sua vergonha com os que descenderam à cova (32:30)*. O único consolo que Faraó terá em sua descida ao reino dos mortos será o fato de não estar sozinho (32:31-32).

As profecias contra as nações nos capítulos 25—32 ensinam três verdades importantes. Primeiro, a soberania do Senhor sobre os acontecimentos internacionais. Segundo “a transitoriedade de toda glória e poder humano, seja político, militar ou econômico”. Terceiro, “o objetivo de todos os atos de Deus: levar as nações a saber que ele é o Senhor” (BST). Temos aqui verdades que, como cristãos bíblicos, precisamos afirmar repetidamente no mundo contemporâneo.

### 33:1—48:35 Restauração depois do julgamento

No que diz respeito à divisão temática, entramos em um universo completamente diferente. Até agora, o tema predominante do livro foi o julgamento. Daqui em diante, porém, Ezequiel tratará da restauração ou esperança mencionada de passagem anteriormente.

#### 33:1—39:29 Restauração à terra prometida

O povo que foi quebrantado e expulso de sua terra recebe a promessa de cura, restauração e regresso à terra ancestral.

##### 33:1-33 Transição para um mundo novo

Esse capítulo faz a transição entre a situação atual e a mensagem divina de esperança nos capítulos subsequentes. É estreitamente ligado, porém, aos capítulos anteriores. Ao chamar Ezequiel, o Senhor o colocou como atalaia de seu povo (3:16-21) e o lembra dessa incumbência em 33:1-9. Ele havia advertido o povo acerca de sua responsabilidade pessoal com referência à perversidade e à justiça (18:21-29); em 33:10-20, o Senhor o instrui a adverti-los novamente. A passagem mais importante no que se refere à renovação do chamado de Ezequiel, porém, é 33:21-22. Esses versículos marcam um ponto crítico do ministério do profeta.

Os deveres do atalaia descritos em 33:2-6 eram suas obrigações comuns em tempo de guerra. Ele assumiria seu posto na torre de uma cidade murada e esquadriharia o horizonte à procura de sinais do inimigo. Assim que o visse, devia *tocar a trombeta e avisar o povo (33:2-3)*. Quem estava nos campos se refugiava na cidade e quem estava na cidade se preparava para defendê-la. Se alguém ignorava o aviso e era morto pelo inimigo, a culpa era da própria pessoa, e não resultado de negligência por parte do atalaia (33:4-5).

Se, contudo, o atalaia não soava o aviso e, em decorrência disso, alguém morria, ele era responsabilizado pelo sangue da pessoa (33:6). As palavras *este foi abatido na sua iniquidade* indicam que o Senhor não está falando apenas de refúgio físico do ataque e servem de preparativo para as considerações a seguir.

A reiteração da incumbência de Ezequiel como atalaia do seu povo traz à memória os acontecimentos passados, pois ele havia profetizado a destruição de Jerusalém (33:7-9; cf. comentários sobre 3:16-21) e afirma a continuidade do seu ministério.

Desse momento em diante, contudo, Ezequiel passa a proclamar uma mensagem positiva de restauração. Vemos a primeira indicação da mudança em 33:10, que também sinaliza a possibilidade de o ministério fiel e persistente de Ezequiel estar dando frutos. Ouvimos as palavras do povo: *Visto que as nossas prevaricações e os nossos pecados estão sobre nós, e nós desfalecemos neles, como pois viveremos?* Esta confissão é bem diferente da citação anterior do provérbio: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram”, o qual sugeria que eles estavam sofrendo pelos pecados de seus antepassados (cf. comentários sobre 18:2). O Senhor aproveita a oportunidade para lembrá-los de que ele é misericordioso e não tem *prazer na morte do perverso*. Antes, insta-os: *Convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel? (33:11; cf. tb. 18:32)*. Então, em 33:12-20, ele repete a instrução acerca do arrependimento e obediência dada em 18:19-32.

Essa instrução é seguida de dois versículos críticos que indicam uma mudança na vida e no ministério de Ezequiel (33:21-22). O profeta estava mudo desde o momento de seu chamado (cf. 3:24-27). O Senhor lhe havia prometido, porém, que, quando um fugitivo chegasse para informar os exilados a respeito da queda de Jerusalém, o profeta não ficaria mais mudo; sua boca se abriria para falar com aquele que escapasse (24:26-27). A profecia se cumpre, por fim, *no ano duodécimo de nosso exílio, aos cinco dias do décimo mês (33:21)*. O Senhor havia falado ao seu servo claramente sobre a iminência da chegada desse homem, pois Ezequiel diz: *A mão do SENHOR estivera sobre mim pela tarde, antes que viesse o que tinha escapado; abriu-se-me a boca [...] e, uma vez aberta, já não fiquei em silêncio (33:22)*.

No entanto, a mensagem ainda não é inteiramente positiva no que se refere às poucas pessoas que restaram em Judá. Depois da deportação do rei Joaquim e de seu grupo (que incluía Ezequiel), os judaítas que restaram no Reino do Sul se haviam apossado da terra e dito: “Apartai-vos para longe do SENHOR; esta terra se nos deu em possessão” (11:15). Deus relata que o mesmo estava ocorrendo depois da destruição da cidade: *Os moradores destes lugares desertos da terra de Israel falam, dizendo: Abraão era um só; no entanto, possuiu a terra; ora, sendo nós muitos, certamente, esta terra nos foi dada em possessão (33:24)*. Tenham os judaítas

se referido a Abraão para justificar seu direito sobre a terra por causa da aliança ou apenas para destacar o número de sobreviventes, fica claro que seu único interesse era tomar posse das propriedades daqueles que haviam sido deportados. Infelizmente, esse comportamento era comum naquela época e ainda pode ser observado com frequência nos dias de hoje.

A resposta de Deus a esse povo insensível e egoísta é rápida e firme. Ele não lhes deu a terra, pois continuavam a transgredir suas leis. Em **33:25-26**, o Senhor fornece exemplos de leis específicas às quais eles estavam desobedecendo: a proibição do consumo de *carne com sangue* (Lv 17:10-14), da idolatria (Êx 20:3), do homicídio (Êx 20:13) e do adultério (Êx 20:14). Foi justamente por causa desse tipo de desobediência que o Senhor entregou a terra aos babilônios e enviou a maior parte do povo para o exílio (cf. 22:6-12). O povo desobediente que permaneceu na terra não a possuirá; antes, será destruído (**33:27-28**).

Como sempre, quando sobrevier o julgamento divino, *saberão que eu sou o SENHOR* (**33:29**).

A esperança de restauração encontra-se nos exilados, e não no remanescente na terra (11:18-20). É aos exilados que Deus se refere quando diz a Ezequiel: *Os filhos do teu povo falam de ti junto aos muros e nas portas das casas* (**33:30a**). Depois de ficarem sabendo que a predição da queda de Jerusalém em 24:25-27 se cumpriu (cf. 33:21-22), falam uns com os outros: *Vinde, peço-vos, e ouvi qual é a palavra que procede do SENHOR* (**33:30b**). Eles agora reconhecem que Ezequiel é um verdadeiro profeta de Deus.

Se Ezequiel fosse como alguns evangelistas modernos que glorificam a si mesmos em lugar de glorificar a Deus, esse reconhecimento lhe teria subido à cabeça e feito o profeta gabar-se de seu sucesso. Ezequiel, porém, se mostra realista diante da reação do povo à mensagem. Sabe que eles são apenas ouvintes, e não praticantes (**33:31**; Tg 1:22-25). Na verdade, são culpados de dissimulação e cobiça: *Com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro*. Não sabemos que tipo de lucro eles ambicionavam, mas, ao que parece, “como Simão, o Mágico (At 8:18), a recepção da palavra de Deus foi distorcida por uma preocupação com o benefício que a mensagem traria para eles próprios” (TOT).

Ezequiel se tornou pouco mais do que fonte de entretenimento para aquela gente: *Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra* (**33:32**). Chegará um dia, porém, em que se darão conta de *que houve no meio deles um profeta* (**33:33**).

### 34:1-31 Os pastores de Israel

No antigo Oriente Médio, era comum governantes ou reis serem chamados de pastores. Hamurabi e seus sucessores assírios e babilônios “definiam seu papel com uma série

de títulos pastorais, e um provérbio babilônio dizia: ‘Um povo sem rei (é como) um rebanho sem pastor’” (NICOT). Um provérbio luganda (Uganda) expressa a mensagem de Zacarias 13:7, “Fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas”, da seguinte forma: “Quando o galo morre, há confusão entre as galinhas”.

Na Bíblia, não apenas os líderes do povo de Deus são chamados de pastores (cf. tb. Jr 23:1-6), como também alguns dos líderes mais proeminentes como Moisés e Davi trabalharam, de fato, como pastores de ovelhas. O próprio Deus é descrito como pastor (Sl 23), e Jesus se apresenta como “o bom pastor” (Jo 10:1-18).

Nesse capítulo, Deus condena os pastores negligentes de Israel, promete reunir e cuidar de suas ovelhas dispersas e fala de um tempo de paz sob um governante davídico.

O Senhor instrui Ezequiel: *Profetiza contra os pastores de Israel* (**34:2**). Deus usou essas mesmas palavras ao confrontar Jerusalém e seus habitantes (5:8; 15:7) e as nações estrangeiras (caps. 25—32). Agora, está prestes a confrontar os *pastores de Israel*. O Senhor se tornou seu inimigo porque eles *apascentam a si mesmos* em vez de cuidarem das ovelhas.

Usavam o rebanho em benefício próprio. Comiam a *gordura* das ovelhas, vestiam-se *de lã* e degolavam o *cevado* para usar sua carne (**34:3**). Não se preocupavam se as ovelhas estavam enfraquecidas, doentes ou feridas. Não faziam nenhum esforço para recuperar as que se separavam do rebanho ou se perdiam. Em vez de cuidar das ovelhas, dominavam *sobre elas com rigor e dureza* (**34:4**). Em decorrência desse comportamento egoísta e irresponsável, as ovelhas se encontravam *desgarradas* e eram presa fácil *para todas as feras do campo* (**34:5**). O rebanho que esses pastores maltratavam nem sequer lhes pertencia, pois Deus chama os animais de *minhas ovelhas* e deixa claro que ele era o dono das ovelhas abandonadas e perdidas (**34:6**).

Infelizmente, essa descrição dos pastores negligentes se aplica não apenas ao comportamento dos últimos reis de Israel e Judá, mas à igreja cristã. “Aqueles que foram incumbidos de liderar o povo de Deus sempre se viram expostos à tentação de ‘tosquiar o rebanho’ a fim de se beneficiar em termos de dinheiro ou *status*, em vez de realizar o verdadeiro e custoso trabalho de cuidar das ovelhas perdidas, feridas e desgarradas” (BST)

Terminada a acusação, segue-se o veredicto. Depois de convocar os *pastores* para ouvir a *palavra do SENHOR* (**34:7,9**), Deus volta a descrever seus erros em **34:8** e anuncia que os responsabilizará pelos danos sofridos por seu rebanho. Não apenas isso, mas também não os empregará como pastores, de modo que não *se apascentarão mais a si mesmos* à custa de seu rebanho (**34:10**).

A boa notícia é que Deus assumirá, ele próprio, o lugar dos pastores infieis. Ele promete: *Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei* (**34:11**). Será um pastor verdadeiro e compassivo que cuidará de suas ovelhas e as



resgatará de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvem e de escuridão (34:12).

Numa clara referência ao povo da aliança e à sua restauração depois do cativeiro na Babilônia, o Senhor faz mais uma promessa: *Tira-lás-ei dos povos, e as congregarei dos diversos países, e as introduzirei na sua terra* (34:13). Sua descrição de como cuidará das ovelhas restauradas traz à memória o salmo 23 (34:14-15). Como bom pastor, ele fará o oposto dos pastores negligentes: *A perdida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei* (34:16a; cf. 34:4).

Com a gorda e a forte, porém, Deus não será igualmente brando, mas as destruirá (34:16b) a fim de preservar a justiça. Além de os líderes abusarem do rebanho, algumas das ovelhas abusam uma das outras. O Senhor diz, portanto: *Julgarei entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e bodes* (34:17). A série de perguntas retóricas em 34:18-19 deixa claro que algumas ovelhas se preocupam apenas consigo mesmas, não se importam com as necessidades das outras e tentam monopolizar o melhor alimento e água. Deus condena esse comportamento egoísta e insensível (34:20-21) e promete: *Livrarei as minhas ovelhas, para que já não sirvam de rapina* (34:22).

Deus livrará seu rebanho a fim de instituir um reino de paz e harmonia sob o pastor davídico: *Suscitarei para elas um só pastor [...]; o meu servo Davi é que as apascentará* (34:23). O governante que Deus suscitará é o Messias.

A declaração *Eu, o SENHOR, lhe serei por Deus* (34:24) focaliza a relação de aliança entre Deus e seu povo (cf. tb. 34:30-31). Em seguida, o Senhor explica a essência da aliança. Chama-a de *aliança de paz* (34:25). O povo viverá em paz e segurança, pois Deus livrará a terra de todos os perigos, quer de *bestas-feras* (34:25), quer de outras nações (34:27b-28). Não haverá medo nem fome, pois o Senhor enviará *chuvas de bênçãos*, que trarão colheitas abundantes (34:26-27a). Numa terra que ficará conhecida por sua *plantação memorável*, as ovelhas *nunca mais serão consumidas pela fome* (34:29).

Como bênção suprema, o povo compreenderá de fato o significado da relação de aliança mencionada anteriormente: *Saberão, porém, que eu, o SENHOR, seu Deus, estou com elas e que elas são o meu povo, a casa de Israel, diz o SENHOR Deus* (34:30-31). A fonte de segurança e de todas as bênçãos associadas à relação de aliança é o próprio Deus.

**35:1—36:38 Restauração da terra e do povo**

Deus não apenas permitirá que o povo volte à terra de seus antepassados, mas também transformará seu coração de modo que cumpram de bom grado os preceitos da aliança. Antes disso, porém, Deus proverá “consolo pastoral enquanto o povo readquire respeito próprio ao se valer da fé no Deus poderoso da aliança” (BST).

**35:1—36:15 RESTAURAÇÃO DA TERRA.** Tendo em vista a profecia positiva e amável do capítulo 34, causa espanto a presença de outra profecia contra Edom (*monte Seir* é outra

designação para a terra de Edom; 35:2) no capítulo seguinte. Afinal, os edomitas já foram mencionados, ainda que de forma sucinta, nos oráculos contra as nações (25:12-14). Por que dedicar um capítulo inteiro a eles a esta altura do livro? A resposta é dada em duas partes. Primeiro, os israelitas provavelmente estavam a par do modo pelo qual os edomitas haviam tratado os refugiados de Jerusalém depois da queda recente da cidade. Segundo, tendo em vista a promessa de que o Israel restaurado seria um lugar de paz, do qual o Senhor removeria todos os inimigos que ameaçavam seu povo (34:25), seria necessário tratar de seus vizinhos hostis antes que a promessa se cumprisse.

O Senhor anuncia que transformará Edom em *desolação e espanto* (35:3-4) e então lhes dá os motivos do julgamento. Em primeiro lugar, os edomitas guardaram *inimizade perpétua* e abandonaram os *filhos de Israel à violência da espada, no tempo da calamidade* (35:5). “Talvez mais que qualquer outra nação, Edom havia odiado e se ressentido de Israel continuamente” (EBC). Os edomitas demonstraram sua hostilidade no momento *do castigo final*, ou seja, na queda de Jerusalém em 586 a.C. (cf. Ob 10-14).

O Senhor jura que, tão certo quanto ele vive, o julgamento está a caminho e será à altura do crime (cf. Êx 21:24-25): *Visto que não aborreceste o sangue, o sangue te perseguirá* (35:6). Em 6:3, Deus traz a espada sobre os montes, outeiros, ribeiros e vales de Israel; agora, a mesma espada vem sobre Edom: *Encherei os seus montes dos seus traspassados; nos teus outeiros, nos teus vales e em todas as tuas correntes* (35:8). As cidades edomitas ficarão desertas. Como resultado do julgamento, saberão que *eu sou o SENHOR* (35:9; cf. tb. 35:4,15).

O segundo motivo para o julgamento divino é a declaração dos edomitas de que Israel e Judá seriam deles (35:10). Ávidos por expandir suas fronteiras à custa dessas duas nações, não tinham sequer levado em consideração que o Senhor, o verdadeiro Deus vivo, estava presente com seu povo. “É interessante observar que mesmo na hora do julgamento de Judá ainda se fala da presença de Deus na terra e de sua identificação com seu povo” (TOT). Mais uma vez, o Senhor parece aplicar um castigo apropriado para o crime (35:11). Uma vez que estava presente, ouviu *todas as blasfêmias* que os edomitas proferiram *contra os montes de Israel* (35:12). As “blasfêmias” incluíam comentários como: *Já estão desolados, a nós são entregues por pasto*. O Senhor também ouviu quando os edomitas se engrandeceram e contra ele multiplicaram suas palavras (35:13).

O Senhor repete as palavras de 35:9 acerca da *desolação* de Edom, mas acrescenta que deixará a nação nesse estado *ao alegrar-se toda a terra* (35:14). A emoção contrastante também está à altura do crime. Os edomitas chorarão enquanto outros se regozijam, pois se alegraram *com a sorte da casa de Israel, porque foi desolada* (35:15).

As palavras de Deus nessa passagem servem de advertência para vigiarmos nossas próprias palavras e atos e

para não nos alegrarmos com as calamidades de outros, nem mesmo de nossos inimigos. Se o fizermos, é possível que o Senhor dirija a nós as mesmas palavras que proferiu a Edom.

Uma vez removidos os vizinhos hostis de Israel, representados aqui por Edom, é hora de falar da restauração da terra propriamente dita. Apesar de Ezequiel dirigir sua profecia *aos montes de Israel* (36:1), a primeira parte do oráculo volta-se para os inimigos que assolaram a terra e infamaram o povo. “A acusação serve de base para Deus encorajar a ‘terra’ de Israel” (EBC).

Depois de convidar os montes para ouvir a *palavra do SENHOR* (36:1), Deus repete as expressões de exultação maligna proferidas pelo inimigo acerca de Israel (36:2; cf. tb. 35:10). Sabe que as outras nações *assolaram* e *cercaram* Israel *de todos os lados*, tomaram a terra e infamaram o povo. Esses atos foram realizados com *alegria de todo o coração e com menosprezo de alma*, num espírito de cobiça, buscando *despovoá-la e saqueá-la* (36:3-4,5b). A menção específica de *Edom* ressalta o fato de que essa nação liderou a tentativa de outras nações se apossarem dos “montes de Israel”.

Deus responde a esse comportamento desdenhoso com *zelo ardente* (36:5a) e *furor* (36:6). Jura solenemente *levantando* [...] a mão, gesto que simboliza sua força e compromisso. Em 20:5, ele menciona o mesmo gesto com referência à sua promessa de resgatar a nação do Egito no tempo do êxodo. Deus jura que as nações inimigas, representadas por Edom, pagarão na mesma moeda por aquilo que fizeram. *Levarão sobre si o opróbrio das nações* (36:7).

Os montes, porém, podem ignorar as ameaças de Edom e serão transformados em lugares férteis enquanto esperam a volta do *povo de Israel*, o qual *está prestes a vir* (36:8). A misericórdia revigorante de Deus vem à tona quando ele diz: *Porque eis que estou convosco; voltar-me-ei para vós outros, e sereis lavrados e semeados* (36:9).

O Senhor multiplicará não apenas os frutos da terra, mas também o povo, e cidades em ruínas serão reconstruídas para abrigar *toda a casa de Israel* (36:10). Desta vez, é no contexto de bênção que a terra reconhecerá *que eu sou o SENHOR* (36:11).

É estranho ouvir o Senhor dizer à terra que ela jamais desfilhará seu povo (36:12). Mas a ideia é repetida em 36:13-14, com a promessa: *Tu não devorarás mais os homens, nem desfilharás mais o teu povo*. Ezequiel parece fazer referência aos temores expressos pelos espias acerca da terra prometida (Nm 13:32). Desta vez, contudo, os israelitas não têm motivo para temer, pois a terra não ouvirá mais a *ignomínia dos gentios*, nem levará *sobre si o opróbrio dos povos* (36:15).

36:16-38 RESTAURAÇÃO DO POVO. Não há como estabelecer uma divisão clara entre as profecias acerca da restauração da terra (36:1-15) e as profecias acerca da restauração do povo (36:16-38), pois a seção anterior também fala do povo (36:10-11) enquanto essa seção fala da terra (36:30,34-

36). Trata-se, provavelmente, de um reflexo do caráter inseparável da terra e do povo em Israel. Não obstante, essa seção focaliza a restauração do povo à terra de seus antepassados. A fim de refrescar sua memória e ressaltar a misericórdia de Deus na restauração, o profeta lembra aos exilados o motivo pelo qual eles foram dispersos (36:16-21). A explicação é seguida de um belo relato da restauração propriamente dita (36:22-32) e da bem-aventurança futura do povo e da terra (36:33-38).

Deus começa lembrando o povo do pecado que levou ao cativeiro na Babilônia. Diz ao profeta: *Quando os da casa de Israel habitavam na sua terra, elas a contaminaram com os seus caminhos e as suas ações* (36:17a). Sua conduta foi semelhante à *imundícia de uma mulher em sua menstruação* (36:17b). Em outras palavras, eles tornaram a terra cerimonialmente impura, como uma mulher durante sua menstruação (Lv 15:19-30). Não havia nada de pecaminoso na mulher menstruada, assim como não havia nada de pecaminoso na terra em si. A terra se tornou impura em razão do que nela sucedia. Por meio de seu comportamento, os israelitas colocaram em perigo seu relacionamento com o Senhor e atraíram sua ira sobre si *por causa do sangue que derramaram sobre a terra e por causa dos seus ídolos com que a contaminaram* (36:18). Como castigo por esses pecados, Deus os dispersou *entre as nações* (36:19).

Apesar de a dispersão ter sido o julgamento justo executado por Deus pelos pecados do povo, teve efeito negativo sobre a reputação de Deus. Os invasores e inimigos de Israel escarneceram não apenas dos israelitas (35:11-13; 36:3-7), mas também do Deus do povo da aliança. Uma vez que Deus, o povo e a terra estavam intimamente ligados no pensamento do antigo Oriente Médio, os outros povos imaginaram que Javé não havia tido poder suficiente para manter seu povo na terra (36:20) e, consequentemente, profanaram o nome santo de Deus. As repetidas referências à profanação do nome do Senhor nessa seção (cf. 36:20-23) indicam a seriedade que ele atribui a esse pecado. Wright (BST) exemplifica essa profanação na reconstituição imaginária de um diálogo entre dois babilônios que veem os cativos chegarem à Babilônia:

— Quem são essas pessoas?

— São israelitas da terra de Judá. Nabucodonosor capturou sua cidade e deportou os sobreviventes.

— Como se chama o deus desse povo?

— Ouvi dizer que o nome dele é Javé.

— Quer dizer que são o povo de Javé e foram expulsos da terra de Javé! Pelo visto, Javé não é grande coisa, não? Não é melhor que os deuses de outras nações que o nosso grande rei conquistou. Glorificado seja Marduque!

O comandante de campo assírio usou palavras parecidas quando se dirigiu ao rei Ezequias e ao povo de Jerusalém mais de um século antes (2Rs 18:33-35; cf. tb. Is 36:18-



20). Não é de admirar que Deus expresse ira e zelo por sua reputação ao ouvir os babilônios louvando o deus Marduque e injuriando o nome de Javé.

Essa passagem nos lembra que nossas palavras e ações também representam, perante nossa comunidade, o Senhor a quem servimos. Precisamos examinar se o testemunho da igreja entre as nações da África tem glorificado ou envergonhado o nome do Senhor. Devemos avaliar se a igreja mundial tem falado e se comportado de modo que a terra possa encher-se “do conhecimento da glória do SENHOR” (Hc 2:14). Será que estamos vivendo, de fato, para a glória de Deus?

Deus afirma que restaurará Israel, mas deixa claro que não o fará por mérito de Israel, e sim por amor ao seu próprio nome (36:22). Deus está decidido a vindicar a santidade do seu *grande nome* para que as nações saibam *que eu sou o SENHOR* (36:23). Realizará essa obra por meio da restauração do seu povo à vista das nações.

A abrangência da restauração é detalhada em 36:24-30. Depois de tomá-los *de entre as nações* e levá-los de volta à sua terra (36:24), Deus aspergirá *água pura* sobre eles para que sejam *purificados* de todas as suas *imundícias* e *ídolos* (36:25). Em linguagem semelhante à do NT (cf. Cl 3:10), o Senhor promete: *Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo* (36:26). Não terão mais um coração endurecido para Deus, mas, sim, *coração de carne*. A obediência que era impossível para um *coração de pedra* se tornará possível quando o *Espírito* de Deus habitar em seu interior (36:27; cf. tb. 37:24; Jr 31:31-34). O Senhor renovará a relação de aliança com seu povo: *Vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus* (36:28). Esse relacionamento renovado redundará em bênçãos sobre os campos e colheitas, de modo que a fome será coisa do passado (36:29-30).

A celebração do favor e restauração de Deus é interrompida de forma súbita pela lembrança do povo de seus *maus caminhos* e a aversão de si mesmos pelos *feitos que não foram bons* (36:31). Mais uma vez, Deus os lembra de que eles têm razão de se envergonharem e não têm direito de esperar as bênçãos que estão recebendo (36:32). Fica claro que as bênçãos concedidas em 36:28-30 não devem levar “a novas demonstrações de presunção e a uma volta ao esquecimento e rebelião que antecederam o exílio; antes, devem gerar uma consciência salutar de vergonha pelo fato de poderem desfrutar dessas bênçãos mesmo em vista de um passado tão infame” (BST). Todos nós somos lembrados da importância de ter sempre em mente que não passamos de pecadores salvos pela graça e não devemos deixar de nos maravilhar com o favor extraordinário e imerecido que Deus nos concedeu com tanta generosidade.

Os versículos restantes do capítulo tratam em mais detalhes da restauração. Cidades arruinadas serão reconstruídas, e terras desertas serão lavradas (36:33-34). A restauração será como um regresso ao Éden, e observadores expressarão seu espanto: *Esta terra desolada ficou como*

*o jardim do Éden* (36:35). É provável que os observadores sejam os mesmos indivíduos que anteriormente se regozijaram com a calamidade que sobreveio ao povo da aliança e sua terra (36:5). Depois de testemunharem a maravilhosa transformação que o Senhor realizará na terra e no meio de seu povo, saberão que, de fato, foi obra do Senhor (36:36).

Além de revigorar a terra e reconstruir as cidades, Deus multiplicará o povo (36:37) e o tornará numeroso *como um rebanho de santos, o rebanho de Jerusalém, nas suas festas fixas* (36:38). É possível imaginar se Ezequiel “não pensou além da mera semelhança numérica e vislumbrou um povo disposto a ser oferecido, como as ovelhas, em sacrifício vivo a serviço de Deus” (TOT). A ideia não é absurda, tendo em vista que as nações e o povo da aliança voltarão a reconhecer o Senhor.

### 37:1-28 A restauração continua

O tema da restauração do povo da aliança continua nesse capítulo bastante conhecido que se vale de uma imageria dramática. Devemos cuidar para que a familiaridade da passagem não nos impeça de entender seu verdadeiro significado. Também devemos atentar para o contexto mais amplo da visão, tanto na história quanto no livro de Ezequiel.

37:1-14 O VALE DOS OSSOS SECOS. A esta altura, a declaração com a qual Ezequiel começa o capítulo não nos é estranha: *Veio sobre mim a mão do Senhor* (37:1). Deus o *levou pelo poder do Espírito do Senhor* e o *deixou no meio de um vale*. É possível que se trate do mesmo lugar onde Ezequiel recebeu seu chamado (cf. 3:22). O *vale estava cheio de ossos*. Depois que o Espírito o *faz andar ao redor deles*, o profeta diz: *Eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos* (37:2). Deve ter sido uma experiência extremamente forte para Ezequiel, não apenas por causa do grande número de ossos humanos, mas porque ele era um sacerdote, e o contato com cadáveres o tornaria cerimonialmente impuro (Lv 21:1-4; 22:4).

O Senhor pergunta ao seu servo: *Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos?* (37:3a). Ezequiel provavelmente sabia da ressurreição de alguns mortos: o filho da viúva de Sarepta (1Rs 17:17-24), o filho da sunamita (2Rs 4:18-37) e o homem que foi lançado na sepultura de Eliseu (2Rs 13:20-21). Mas a ideia de um vale inteiro de ossos secos, ou melhor, *sequíssimos* (37:3), voltar à vida excede a capacidade intelectual humana. Qual deveria ser a resposta de Ezequiel à pergunta do Senhor? Dizer “sim” seria presunção. Dizer “não” equivaleria a limitar o poder de Deus. O profeta responde, portanto: *SENHOR Deus, tu o sabes* (37:3b).

A resposta humilde de Ezequiel conduz à ordem seguinte de Deus: *Profetiza a estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR* (37:4). Ezequiel deve contribuir para a revivificação dos ossos. Deve proclamar-lhes aquilo que ouviu do Senhor: *Eis que farei entrar o espírito em vós [...] Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis* (37:5-6). Esta passa-

gem destaca a cooperação entre o divino e o humano. Deus ordena, e o profeta obedece, apesar de não entender o que se passa: *Profetizei segundo me fora ordenado (37:7a,10)*.

O resultado da cooperação é espantoso: *Enquanto eu profetizava, houve um ruído, um barulho de ossos que batiam contra ossos e se juntavam, cada osso ao seu osso (37:7b)*. Ezequiel prossegue com a descrição: *Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles (37:8a)*, exatamente como ele havia profetizado (37:6). “Foi um procedimento simples. Ele apenas falou em voz alta, com palavras comuns. Nada de magia ou encantamentos secretos. Nada de truques de conjuração com ossos. Apenas o poder vivo da palavra do Deus vivo que invadiu o vale da sombra da morte” (BST).

Os corpos mortos foram reconstituídos, *mas não havia neles o espírito (37:8b)*. Ezequiel é instruído, então, a profetizar novamente: *Profetiza ao espírito [...] e dize-lhe: [...] Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam (37:9; cf. tb. 37:5)*. O mesmo termo hebraico pode ser traduzido por *Espírito* (37:1,14), *espírito* (37:5-6,8-10) e *ventos* (37:9). A variedade de traduções possíveis indica a riqueza de significado da palavra. Sua acepção básica é “ar em movimento”, daí a ideia de vento ou fôlego. “Adquire o sentido de espírito ou disposição humana e também de qualidades emocionais como vigor, coragem, impaciência e êxtase. Abrange não apenas o fôlego de vida do ser humano que lhe é concedido no nascimento e o deixa com o suspiro da morte, mas também o Espírito de Deus que concede esse fôlego” (TOT). O efeito mais importante das atividades do Espírito nessa passagem de Ezequiel “é vida, vida que sai de onde havia morte absoluta” (BST). Mais uma vez, o texto revela a eficácia da palavra profética: *E o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso (37:10)*.

O significado dos dois estágios da revivificação dos ossos secos gera várias perguntas e um número igualmente considerável de respostas. Um fato claro, porém, é que a passagem encena a criação da humanidade em Gênesis 2:7. Ezequiel vê Israel (e a humanidade) ser tirado de sua condição de morte e recriado!

Deus explica a visão ao profeta (37:11-14) e lhe diz: *Fi-lho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel (37:11a)*. Os exilados consideravam-se inúteis, tão desprovidos de perspectivas e vida quanto ossos secos (37:11b). Assim como Ezequiel profetizou aos ossos da visão, também deve profetizar ao seu povo. Os cativos não devem imaginar que chegaram ao fim da linha, pois o Senhor declara: *Eis que abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel (37:12-13)*. O mesmo Espírito que concedeu a visão a Ezequiel e o “deixou no meio de um vale” (37:1) estabelecerá o povo em sua *própria terra (37:14)*.

As expressões conhecidas *Sabereis que eu sou o SENHOR e sabereis que eu, o SENHOR, disse isto e o fiz* enfatizam a natureza miraculosa da revivificação (37:13-14).

37:15-28 UMA NAÇÃO RENOVADA E UNIDA. O Senhor almeja para seu povo não apenas a revivificação, mas também a união. “Assim como a morte, a divisão também pode ser revertida” (BST). Por isso, Deus instrui Ezequiel a realizar um último ato simbólico: *Toma um pedaço de madeira e escreve nele: Para Judá e para os filhos de Israel, seus companheiros (37:16a)*. Em seguida, o profeta deve tomar outro pedaço de madeira e escrever nele: *Para José, pedaço de madeira de Efraim, e para toda a casa de Israel, seus companheiros (37:16b)*. E, por fim, o Senhor ordena: *Ajunta-os um ao outro, faze deles um só pedaço, para que se tornem apenas um na tua mão (37:17)*. O termo hebraico traduzido por *pedaço de madeira* pode indicar uma tábuas, ou seja, uma superfície apropriada para escrever e que poderia ser facilmente colada a outras tábuas para cumprir a ordem final. Não obstante o formato do pedaço de madeira, o mais importante é a mensagem transmitida por essa ilustração, a saber, a união do povo renovado.

Os nomes *Judá* e *Efraim* ou *José* escritos em dois dos pedaços de madeira lembram o período do reino dividido antes do exílio. Cada nome é acompanhado, porém, de uma referência aos *filhos de Israel/casa de Israel, seus companheiros* (37:16). A referência ressalta que os dois grupos eram constituídos de israelitas e, portanto, apontam para a união de Israel como nação depois do exílio. A ilustração mostra que todos se tornarão um só povo. Essa é a mensagem que Ezequiel proclama quando os exilados desejam saber o significado daquela lição (37:18-19). A passagem fala do regresso do povo à terra (37:21), da união sob um só governante (37:22) e da purificação do pecado (37:23a), culminando com uma aliança renovada: *Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus (37:23b)*.

Parte dessa unificação ocorreu com o regresso dos exilados depois do édito de Ciro em 538 a.C. É evidente, porém, que Ezequiel aponta para uma realidade que se concretizará apenas no futuro, muito tempo depois da volta do exílio sob a liderança de Zorobabel, Esdras e Neemias (e até mesmo muito tempo depois da fundação do Estado de Israel em 1948).

Deus esclarece que a mensagem se refere ao reino messiânico: *O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor (37:24a)*. O Senhor lembra o que disse anteriormente (36:27) e a nova aliança descrita em Jeremias 31:31-34 ao declarar: *Andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão (37:24b)*. Quando Davi se tornar *príncipe eternamente*, Deus fará *com eles aliança de paz; será aliança perpétua (37:25-26)*. A tônica de Ezequiel “não é tanto étnica e geográfica, mas, sim, teológica [...] Assevera que o futuro do povo de Deus é para um povo. Um Deus, um povo, uma aliança” (BST). A fim de que essa união do povo de Deus se concretize, os judeus terão de aceitar a nova aliança formada em caráter definitivo por todas mediante o sacrifício de Jesus Cristo, o filho encarnado de Deus (cf. Rm 11:25-27). Só então eles verão o cumpri-



mento da promessa de Deus: *O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (37:27)*. Nessa ocasião, *as nações saberão que eu sou o SENHOR que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles (37:28; cf. Ap 7:15; 21:22-27)*.

### 38:1—39:29 Sete oráculos contra Gogue

Pode parecer estranho que os capítulos 38 e 39 interrompam de forma repentina a linha de raciocínio que poderia ser ligada aos capítulos 40 a 48. Os dois capítulos descrevem a ameaça proveniente de um inimigo aparentemente invencível depois que Deus restaurar seu povo e lhe der paz e tranquilidade na terra. É evidente que “uma enorme batalha escatológica entre as forças do mal [...] e o povo fiel de Deus” não deve ser novidade para quem estuda as Escrituras (TOT).

**38:1-2 INTRODUÇÃO AOS SETE ORÁCULOS.** Quando observamos sua estrutura, vemos que esses dois capítulos formam uma unidade dividida em sete oráculos. Depois de instruir Ezequiel a profetizar contra aquele que é identificado como o objeto da profecia (**38:1-2**), todos os oráculos começam com a declaração: *Assim diz o Senhor Deus (38:3,10,14,17; 39:1,17,25)*. Ao estudar os sete oráculos na sequência em que se encontram, entenderemos a mensagem da profecia. O conteúdo dos oráculos deve ser “inteiramente integrado” em nosso coração e mente “para criar uma sequência de acontecimentos cujo impacto total é muito maior que a soma” de suas partes (NICOT).

Em primeiro lugar, porém, devemos identificar quem é *Gogue* (38:2). As únicas referências a esse nome nas Escrituras encontram-se em 1Crônicas, Ezequiel e Apocalipse. Crônicas o identifica como um descendente de Rúben, o primogênito de Jacó (1Cr 5:4).

O texto que estamos estudando o identifica como um indivíduo e acrescenta que é *da terra de Magogue*. Gênesis 10:2 e 1Crônicas 1:5 indicam que Magogue é um dos filhos de Jafé. Nessa passagem de Ezequiel, trata-se, evidentemente, do nome de uma região onde ficam *Meseque e Tubal*. Acredita-se que esses dois lugares se localizavam numa região correspondente à atual Turquia, a sudeste da Rússia e noroeste do Iraque (cf. tb. 27:13; 32:36). Quanto a *Rôs*, até hoje não foi possível identificar um local com esse nome. A NVI traduz “príncipe de Rôs” como “príncipe maior”, e a RC, como “príncipe e chefe”.

Em Apocalipse 20:8, Gogue e Magogue são apresentados como nações que Satanás engana e reúne para combate a fim de cercar “o acampamento dos santos e a cidade que-rida” depois do milênio.

Comentaristas ainda se valem de várias outras fontes antigas na tentativa de identificar Gogue. Ao ler especulações a esse respeito, devemos lembrar, contudo, que “a origem do nome é menos importante que aquilo que ele simboliza, a saber, o líder personificado das forças do mal que estão decididas a exterminar o povo de Deus” (TOT).

**38:3-9 PRIMEIRO ORÁCULO.** O primeiro oráculo fala de uma coalizão de nações do norte e do sul, do leste e do oeste (**38:5-6**) sob a liderança de *Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal (38:3)* contra o povo de Deus. Essa reunião de exércitos envolve tanto a vontade humana quanto a soberania de Deus. Gogue e sua *multidão* estão preparados e prontos para lutar (**38:7**), *empunhando todos a espada (38:4b)*, mas, na verdade, é Deus quem os leva à terra onde seu povo restaurado vive em paz e tranquilidade (**38:8**). O Senhor diz a Gogue: *Far-te-ei que te volvas, porei anzóis no teu queixo e te levarei a ti e todo o teu exército (38:4a)*. Em sua magnitude, a invasão é *como tempestade, [...] como nuvem que cobre a terra (38:9)*. Apesar de o contexto histórico desse ataque ser o período seguinte à restauração do cativo babilônico, as expressões *depois de muitos dias e nos últimos dias (38:8,16)* apontam para um tempo indefinido no futuro. As palavras “depois de muitos dias”, em particular, são usadas “para abranger o período que vai até o fim dos tempos” (EBC). Temos aqui, portanto, “uma visão escatológica, e não uma predição histórica precisa, exceto no sentido de que se espera que ocorra muito tempo depois da volta do exílio e do reassentamento da terra” (BST).

**38:10-13 SEGUNDO ORÁCULO.** O segundo oráculo fala do *mau desígnio* de Gogue (**38:10**). A segurança do povo de Deus (38:8,14) fica evidente no modo de Gogue o descrever: *Vivem na terra das aldeias sem muros [...] vivem seguros, [...] habitam, todos, sem muros e não têm ferrolhos nem portas (38:11)*. “Em momento nenhum, Israel desfrutou essa tranquilidade idílica [...] fato que sugere que Ezequiel tem em vista um período áureo futuro” (EBC). A observação de que o povo *habita no meio da terra* nos lembra da centralidade de Jerusalém no pensamento judaico (**38:12; cf. 5:5**). Escritores rabínicos chegavam a se referir à cidade como “o umbigo da terra” (TOT).

Não há como dizer ao certo qual é a intenção de *Sabá e Dedã, e os mercadores de Társis, e todos os seus governadores rapaces* quando perguntam a Gogue: *Vens tu para tomar o despojo? Ajuntaste o teu bando para arrebatara a presa, para levar a prata e o ouro, para tomar o gado e as possessões, para saquear grandes despojos? (38:13)*. É possível que essas perguntas retóricas sejam motivadas por interesses egoístas. “A campanha de Gogue despertou a cobiça de outras nações e seu desejo de ter parte nos despojos ou de traficar bens roubados. Eles são um exemplo típico daqueles que não tomam a iniciativa de cometer transgressões, mas se mostram ansiosos por explorar seu lucro” (TOT). Nossa natureza humana corrompida ainda procura tirar vantagem da vulnerabilidade de outros, como mostram os saques depois do tsunami no oceano Índico e após o furacão Katrina nos EUA. Saquear e roubar também são práticas comuns nas sociedades africanas quando ocorrem tumultos ou acidentes de trânsito.

**38:14-16 TERCEIRO ORÁCULO.** O oráculo seguinte trata de uma questão mencionada no primeiro oráculo, a saber, a

participação dos seres humanos e de Deus na campanha de Gogue. O Senhor diz: *Virás, pois, do teu lugar, dos lados do Norte (38:15)*. Essa declaração se aplica apenas ao líder da coalizão, pois as outras nações participantes vêm dos quatro cantos da terra. Gogue subirá contra Israel, mas em última análise a iniciativa será de Deus: *Hei de trazer-te contra a minha terra (38:16)*. Com que propósito? *Para que as nações me conheçam a mim, quando eu tiver vindicado a minha santidade em ti, ó Gogue, perante elas*. “A vitória que Gogue imagina ter conquistado para si mesmo, o Senhor transforma em oportunidade de ser glorificado” (TOT).

**38:17-23** QUARTO ORÁCULO. O quarto oráculo proclama o julgamento de Gogue e seus exércitos. Encontrarão em Deus “alguém que é muito mais do que páreo para eles” (BST). Nessa ocasião, o Senhor lhe perguntará se não são aqueles de quem ele falou *nos dias antigos, por intermédio dos meus servos, os profetas de Israel... (38:17)*. Mais uma vez, somos lembrados de que Deus não apenas está no controle dos acontecimentos, mas os conhece muito antes que eles se realizem. Seus profetas predisseram havia muito tempo o ataque de Gogue. Apesar de Gogue não ser mencionado de forma específica, as Escrituras trazem várias profecias acerca da destruição final dos inimigos do povo de Deus (Dt 30:7; Is 26:20-21; 34:2-4; Jr 30:18-24; cf. Ap 16:13-16; 19:17-19; 20:7-10).

O ataque de Gogue ao povo da aliança provoca a ira de Deus e desencadeia o julgamento divino contra Gogue e suas tropas (38:18). O julgamento se manifestará na terra, no mar e no ar, e *todos os homens que estão sobre a face da terra tremerão diante da [...] presença do Senhor (38:19-20)*. A fim de proteger seu povo indefeso do ataque implacável de Gogue, Deus voltará a *espada de cada um [...] contra o seu próximo (38:21)*. Também usará doenças e forças da natureza para castigar Gogue e *os muitos povos que estiverem com ele (38:22)*. Por meio desse julgamento, Deus declara: *Assim, eu me engrandecerei, vindicarei a minha santidade, e as nações [...] saberão que eu sou o SENHOR (38:23; cf. tb. 38:16)*.

**39:1-16** QUINTO ORÁCULO. O NICOT dá aos capítulos 38 e 39 os títulos “A derrota de Gogue” e “A eliminação de Gogue”, respectivamente. A julgar pela semelhança entre eles, espera-se que o segundo capítulo repita parte do que foi dito no capítulo anterior (cf., p. ex., 39:1-2 e 38:1-4,15).

Esse oráculo também trata da destruição total dos exércitos invasores de Gogue. Primeiro, ele será desarmado: *Tirarei o teu arco da tua mão esquerda, e farei cair as tuas flechas da tua mão direita (39:3)*. O povo de Israel poderá usar essas armas descartadas como lenha por longos *sete anos (39:9-10a)*.

Gogue e suas tropas servirão de alimento para as *aves de rapina* e os *animais selvagens nos montes de Israel (39:4-5)*. Sua terra natal, *Magogue*, será incendiada para que seus habitantes saibam que *eu sou o SENHOR (39:6)*. A honra do *santo nome* de Deus volta a ser enfatizada em **39:7-8** (cf.

tb. 38:23). O Senhor inverterá a situação daqueles que se imaginaram capazes de saquear Israel (**39:10b**).

Gogue e suas tropas não apenas serão destruídos nos montes de Israel, como seus corpos ficarão na terra que tentaram invadir. Os cadáveres dos soldados serão sepultados no *vale dos Viajantes, ao oriente do mar (39:11)*, que ficará conhecido, desse dia em diante, como *vale das Forças de Gogue*. É provável que o vale fique situado “a leste do mar Morto” (TOT).

Os israelitas levarão *sete meses* para sepultar todos os corpos e *limpar a terra (39:12)*. Será *memorável o dia em que* o povo testemunhar o Senhor glorificar-se desse modo e remover o inimigo para sempre! Depois que todos os corpos visíveis forem sepultados, *serão separados homens que, sem cessar, percorrerão a terra [...] para a limpar (39:14)*. Sua tarefa consistirá em procurar ossos humanos que não tenham sido enterrados. Quando os localizarem, marcarão o lugar para que *enterradores* sepultem esses restos mortais junto com os outros no *vale das Forças de Gogue (39:15)*. Uma cidade chamada *Forças* será construída perto do local de sepultamento (**39:16**).

A limpeza meticulosa da terra é necessária porque, “a fim de que Deus possa voltar a habitar em plena harmonia com seu povo, o local de sua habitação deve estar limpo e santo. Não restará nenhum vestígio de seus inimigos” (BST).

**39:17-24** SEXTO ORÁCULO. Deus disse em 39:4 que os cadáveres de Gogue e suas tropas serviriam de alimento para aves de rapina e animais selvagens. Aqui, trata desse tema em mais detalhes. Instrui Ezequiel a chamar *aves de toda espécie e [...] todos os animais do campo* para uma grande festa de sacrifícios (**39:17**). Em vez de sacrifícios de animais, porém, eles comerão a carne dos seres humanos como se fossem *dos carneiros, dos cordeiros, dos bodes e dos novilhos, todos engordados em Basã (39:18)*. Haverá tantos corpos para comer que os animais ficarão fartos (**39:19**). Caso enjoem de apenas um tipo de carne, Deus promete: *A minha mesa, vós vos fartareis de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os homens de guerra (39:20)*.

Apesar de encontrarmos em outros textos proféticos a mesma ideia dos mortos como sacrifício grandioso (Is 34:6-7; Jr 46:10; Sf 1:7-9), nenhuma outra passagem da Bíblia descreve um acontecimento semelhante a este, exceto Apocalipse 19:17-21. Pode-se argumentar plausivelmente que a mensagem de João acerca da restauração e do reino messiânico harmoniza com a de Ezequiel. A invasão de Gogue e suas tropas aponta para a ocasião em que Satanás reúne os exércitos de “Gogue e Magogue” contra “o acampamento santo e a cidade querida” no final do milênio (Ap 20:7-10).

Nos versículos restantes desse oráculo, Deus afirma, em primeiro lugar, que manifestará sua *glória entre as nações*, as quais *verão o juízo* que ele lhes fez sobrevir (**39:21**). Ao testemunhar esse juízo, o povo da aliança também saberá que *eu sou o SENHOR, seu Deus (39:22)*. As nações saberão



ainda que os da casa de Israel, por causa da sua iniquidade, foram levados para o exílio (39:23-24), e não porque o Senhor não teve poder para livrá-lo de seus inimigos. O escândalo que o exílio trouxe sobre seu santo nome será esquecido (cf. 39:7; 36:20-21).

39:25-29 SÉTIMO ORÁCULO. O último oráculo retrata uma maravilhosa inversão da vergonha de Israel e da profanação do nome santo de Deus devido ao pecado de seu povo, que os levou a serem exilados entre as nações. Esse oráculo parece representar “uma tentativa deliberada de concluir os oráculos de Gogue e relacionar sua mensagem às necessidades imediatas da geração de exilados no período posterior a 587 a.C.” (TOT). Preocupado com seu povo e com seu nome, o Senhor declara: *Agora, tornarei a mudar a sorte de Jacó e me compadecerei de toda a casa de Israel; terei zelo pelo meu santo nome (39:25)*. Quando Deus realizar a restauração do seu povo (39:27-28), *esquecerão a sua vergonha e toda a perfídia com que se rebelaram contra mim (39:26)*. Não apenas saberão que ele é, de fato, o Senhor, seu Deus (39:28), mas também voltarão a ver sua face, pois o Senhor diz: *Já não esconderei deles o rosto (39:29; cf. 39:4; cf. tb. 36:25-27)*. Ademais, Deus promete: *Derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel*. Quão maravilhosa será a restauração!

#### 40:1—48:35 O retorno da glória de Deus

A datação minuciosa de 40:1 indica que o versículo inicia uma nova seção do livro, aliás, a seção final. Vemos aqui a volta do Senhor ao seu templo e a habitação permanente em sua cidade, no meio do povo da aliança. Essa parte da profecia de Ezequiel deve ter permitido à comunidade do exílio respirar aliviada e vislumbrar um futuro glorioso de paz e tranquilidade.

Ao ler o relato da visão do templo, porém, talvez fiquemos perplexos quanto ao seu significado para nós, cristãos. Como sabemos, o templo que Ezequiel vê não é o templo reconstruído pelos exilados (Ed 6:14-15), pois as palavras de profetas do período posterior ao exílio, como Malaquias, mostram que a promessa: “Os da casa de Israel não contaminarão mais o meu nome santo” (Ez 43:7), ainda não se cumprira completamente (Ml 1:6-13).

O templo da visão também não corresponde ao templo de Herodes, do qual Jesus expulsou os cambistas (Mt 21:12-13; Mc 11:15-17; Lc 19:45-46; Jo 2:13-22). O gesto de Jesus, chamado com frequência de “purificação do templo”, não foi tanto um ato de purificação, mas um sinal profético que apontou “para a destruição vindoura do templo propriamente dito e o fim de tudo o que ele representava para a teologia e a política judaicas da época” (BST). Não se tratou, porém, de um sinal inteiramente negativo, pois também apontou para a mensagem positiva de que Jesus é a personificação messiânica do templo (Jo 2:18-22). As palavras de Hebreus 10:19; 12:22 e 13:10 indicam que “em Jesus temos tudo o que o templo significava para Israel e,

de fato, tudo o que indicava a visão de Ezequiel com respeito à restauração” (BST). Ademais, a imagieria do templo se aplica não apenas a Jesus, mas também àqueles que estão nele, tanto de forma individual (1Co 6:19-20) quanto de forma conjunta (Ef 2:19-22; 1Pe 2:4-5). Na magnífica visão de João acerca da nova Jerusalém, não há templo (Ap 21:22) e, no entanto, “Deus finalmente habitará com a humanidade redimida” (BST).

Ao ler sobre a visão do templo em Ezequiel 40:1—42:20, devemos pensar naquilo que o edifício revela acerca da santidade de Deus. E, ao ouvirmos Deus prometer que estará com seu povo (43:1-12), devemos dar graças porque essa promessa foi e será cumprida em Cristo, e devemos assumir o compromisso de viver em santidade.

#### 40:1-4 Introdução

De acordo com as indicações de data<sup>8</sup> fornecidas nessa passagem (*no ano vigésimo quinto do nosso exílio [...] catorze anos após ter caído a cidade; 40:1a*), esse é o penúltimo oráculo que Ezequiel recebeu (cf. 29:17). Há uma lacuna de mais de dez anos entre os oráculos de restauração registrados nos capítulos 33 a 37 (cf. 33:21) e a gloriosa culminância do destino do povo de Deus que essa seção descreve.

Ezequiel diz: *Nesse mesmo dia (isto é, no décimo dia do primeiro mês) [...] veio sobre mim a mão do SENHOR, e ele me levou para lá (40:1b)*. Uma vez que a cidade é mencionada em relação à segunda data, *lá* deve significar Jerusalém. É possível que, mais uma vez, Deus tenha transportado Ezequiel da Babilônia para Jerusalém (cf. 8:1-4).

Na sequência, o profeta fornece mais detalhes: *Em visões, Deus me levou à terra de Israel e me pôs sobre um monte muito alto; sobre este havia um como edifício de cidade, para o lado sul (40:2)*. A menção de “um monte muito alto” e de “um como edifício de cidade” (ou “prédios que tinham a aparência de uma cidade”; NVI) talvez sugira que essas visões se referem à situação predominante no fim dos tempos.

Ezequiel viu *um homem cuja aparência era como a do bronze; estava de pé na porta e tinha na mão um cordel de linho e uma cana de medir (40:3)*. O anjo que ele descreve será seu guia e intérprete durante a visão. Na verdade, “a coesão da unidade como um todo” se deve à menção da cidade no início e no final (40:2 e 48:35) e “ao guia que acompanha o profeta no conjunto de edifícios do templo” (NICOT).

O anjo instrui o profeta: *Vê com os próprios olhos, ouve com os próprios ouvidos; e põe no coração tudo quanto eu te mostrar, porque para isso foste trazido para aqui (40:4)*. Ordena, ainda: *Anuncia, pois, à casa de Israel tudo quanto estás vendo*. Ezequiel deve receber a mensagem e, em seguida, compartilhá-la com o povo de Deus.

#### 40:5—42:20 O novo templo

Ezequiel é levado para conhecer os edifícios do novo templo. 40:5 O MURO DO TEMPLO. A visita começa com uma vista panorâmica da área do templo: *Vê um muro exterior que rodeava*

*toda a casa*, separando “a área sagrada do mundo secular do lado de fora”. Esse muro possuía a mesma medida de espessura e altura: *Ele mediu a largura do edifício, uma cana; e a altura, uma cana (40:5)*. De acordo com as informações fornecidas nessa seção, a *cana de medir* tinha cerca de 3,5 metros de comprimento. À medida que acompanhamos Ezequiel nessa visita, a separação dessa área sagrada se torna cada vez mais evidente.

**40:6-47** Os ÁTRIOS DO TEMPLO. O templo possuía dois átrios, um interior e outro exterior. A visita começa com a porta oriental do átrio exterior (40:6). O anjo que conduzia Ezequiel chegou *à porta que olhava o oriente e subiu pelos seus degraus*. O texto não diz quantos degraus havia, mas pela descrição das portas do norte e do sul, podemos deduzir que eram *sete* (40:22,26). “Pode-se observar que a área do templo era ampla e edificada, elevando-se acima do solo ao seu redor” (TOT). Trata-se de mais um elemento que lembra o caráter sagrado da construção.

Enquanto conduzia Ezequiel pelo templo, o anjo media várias partes de seus recintos, como: *O limiar da porta [...] o vestíbulo [...] os seus pilares [...] a largura da entrada da porta [...] as janelas (40:7-16)*.

Na sequência, o profeta focaliza o átrio exterior propriamente dito e observa: *Havia nele câmaras e um pavimento feito no átrio em redor (40:17)*. Depois de especificar que havia *trinta câmaras*, Ezequiel explica que elas estavam construídas *defronte deste pavimento*. O pavimento é chamado de *pavimento inferior* (40:18), pois se encontra abaixo do nível do átrio interior (cf. 40:31,34,37), apesar de ser *sete degraus* (40:22) mais alto do que a área fora dos recintos do templo.

Então, o anjo mediu *a largura desde a dianteira da porta inferior até a dianteira do átrio interior* (cf. o “pavimento inferior” mencionado em 40:18). A distância registrada é de *cem côvados* (40:19). O côvado longo, a medida usada aqui, equivalia a cerca de 50 centímetros, de modo que a distância total era de aproximadamente 50 metros. Ainda no átrio exterior, o anjo conduziu Ezequiel até as portas norte (40:20-23) e sul (40:24-27). As medidas dessas portas são iguais à da porta oriental (40:21-22,24). O profeta também menciona as *palmeiras esculpidas* e os *sete degraus* (40:26) citados anteriormente (40:22).

Apesar de o *átrio interior* aparecer em 40:19,23,27, sua descrição detalhada é fornecida apenas em 40:28-47. Nessa passagem, Ezequiel descreve as portas interiores (40:28-37), os vestíbulos e mesas usados para os sacrifícios (40:38-43) e as câmaras reservadas para os sacerdotes (40:44-47).

O profeta entrou no átrio exterior pela porta oriental, mas chegou ao átrio interior *pela porta do sul (40:28)* e, na sequência, fala das três portas interiores e suas medidas.

“Apesar de o texto não especificar, podemos supor que o átrio interior era cercado por outro muro” (TOT). Quando levamos em consideração também os *oito degraus* que

conduziam do *pavimento inferior* às três portas interiores (40:31,34,37), percebemos que o profeta ressalta a santidade do local. Quanto mais elevados e mais próximos do centro, mais sagrados se tornam os recintos.

Ao que parece, havia uma *câmara* usada para lavar o *holocausto* perto dos *pilares dos vestíbulos* (ou seja, voltada para o átrio exterior) em cada uma das portas interiores (40:38). Havia também *duas mesas* de cada lado *para nelas se degolar o holocausto e a oferta pelo pecado e pela culpa* (40:39). Outras duas mesas ficavam *do lado de fora da subida para a entrada da porta norte*, de cada lado dos degraus (40:40). O texto resume, portanto: *Quatro mesas de um lado, e quatro do outro; junto à porta, oito mesas sobre as quais imolavam (40:41)*. Não fica claro se havia oito mesas junto a cada uma das portas interiores, ou apenas junto à *porta do norte* (40:40; cf. 46:19-20), ou ainda junto à porta oriental (cf. 46:2), ou junto às portas do norte e oriental. Se a câmara para lavar o holocausto ficava *junto aos pilares* de cada um dos *vestíbulos* (40:38), é bem provável que houvesse mesas em cada uma das três portas interiores. “Não é impossível que cada uma das três portas tivesse seus aparatos para os sacrifícios, e que os adoradores pudessem usar qualquer uma das três entradas” (TOT).

Havia ainda *quatro mesas para o holocausto feitas de pedras lavradas (40:42)*. O texto explica para que serviam: *Sobre elas se punham os instrumentos com que imolavam o holocausto e os sacrifícios*. A seção termina repetindo: *Sobre as mesas estava a carne da oblação (40:43)*.

Duas câmaras eram reservadas para os sacerdotes: *Uma, do lado da porta do norte [...] outra, do lado da porta do sul (40:44)*. Cada uma delas era usada por um grupo específico de sacerdotes (40:45). Todos os sacerdotes eram *filhos de Zadoque, os quais, dentre os filhos de Levi, se chegam ao SENHOR para o servirem (40:46; cf. tb. 44:10-16)*. O *átrio* (40:47) em questão é o átrio interior, no centro do qual se encontra o *altar [...] diante do templo*.

**40:48—41:26** O SANTUÁRIO E AS CÂMARAS ANEXAS. O profeta foi levado, então, à entrada do templo propriamente dito. Depois de informar as dimensões de várias partes do *vestíbulo*, Ezequiel menciona que *era por degraus que se subia ao templo (40:48-49)*. Alguns comentaristas sugerem que provavelmente se tratava de dez degraus e que a planta geral do templo era semelhante à dos templos de Salomão, Zorobabel e Herodes. O número exato de degraus é menos importante que o fato de o centro do templo situar-se num plano ainda mais elevado em relação ao pátio exterior e ao interior, simbolizando um grau ainda maior de santidade.

O anjo levou o profeta *ao templo* ou “santuário externo” (NVI), a parte conhecida como Santo Lugar (41:1). Como sacerdote, Ezequiel tinha permissão de entrar nesse local, mas só o anjo que o guiava *penetrou* (41:3), ou seja, entrou no “santuário interno” (NVI), conhecido como *Santo dos Santos* (41:4). Somente o sumo sacerdote podia entrar nessa parte do santuário, e apenas uma vez por ano (Lv 16).



Enquanto o Santo Lugar tinha *quarenta côvados* (20 m) de profundidade por *vinete côvados* de largura (10 m; 41:2), o Santo dos Santos media *vinete côvados* (10 m) de cada lado (41:4). À medida que Ezequiel se aproximava da parte mais interna do santuário, as aberturas das portas tornavam-se mais estreitas: *dez côvados* (5 m; 41:2) para *sete côvados* (3,5 m; 41:3), o que é também símbolo da santidade crescente.

Havia *câmaras laterais* ao redor do templo *em três andares, câmara sobre câmara, trinta em cada andar*, num total de noventa câmaras (41:6). As *câmaras laterais aumentavam em largura de andar para andar* [...]; *daí ter o templo mais largura em cima* (41:7). Apesar de cercarem o templo de três lados, as *câmaras laterais* não tinham ligação direta com ele. *As estradas das câmaras laterais estavam voltadas para a área aberta: uma entrada para o norte e outra para o sul* (41:11). O texto não especifica a finalidade dessas câmaras, mas é possível que fossem “depósitos para utensílios e mobília do templo e para os dízimos e ofertas pagos àqueles que serviam no templo (cf. Mt 3:10)” (TOT). Podem ser comparadas às *câmaras laterais* do templo de Salomão (1Rs 6:5-10).

Outra construção medindo 90 côvados por 70 côvados (45 m por 35 m) ficava numa *área separada, do lado ocidental* do templo (41:12). O templo e seu pátio, incluindo os muros, media 100 côvados quadrados (50 m; 41:13-15a). *O templo propriamente dito, o Santíssimo e o vestibulo do átrio eram apainelados*, ou seja, revestidos de madeira (41:15b-16). Os átrios exterior e interior eram decorados, em intervalos regulares, com *querubins e palmeiras* (41:17-18a). Ezequiel diz que *cada querubim tinha dois rostos, a saber, um rosto de homem olhava para a palmeira de um lado, e um rosto de leãozinho, para a palmeira do outro; assim se fez pela casa toda ao redor* (41:18b-20). Tanto o templo quanto o Santo dos Santos possuíam *ombreiras* [...] *quadradas* e portas de *duas folhas decoradas com querubins e palmeiras* (41:21-25).

A descrição das portas é interrompida por uma descrição do altar de madeira. O anjo explica ao profeta: *Esta é a mesa que está perante o SENHOR* (41:22). Os doze pães colocados sobre essa mesa todo sábado (Êx 25:23-30; Lv 24:5-9) serviam de oferta a Deus e também de lembrança de que é ele quem provê todas as coisas necessárias para sustentar a vida. Não sabemos por que essa é a única parte da mobília que Ezequiel menciona. Os entalhes em *ambos os lados do vestibulo* representavam apenas *palmeiras* (41:26) que, ao contrário da decoração do templo propriamente dita, não eram intercaladas com querubins.

**42:1-14 AS CÂMARAS DOS SACERDOTES.** Em seguida, o anjo conduz Ezequiel para fora do átrio interior e o leva *às celas que estavam para o norte, opostas ao edifício na área separada, edifício que olha para o norte* (42:1). Nesse local, havia dois conjuntos de câmaras para os sacerdotes do lado norte (42:1-9) e dois do lado sul (42:10-12) do pátio do templo, voltados para o átrio exterior. Ezequiel fornece as medidas do edifício do lado norte onde ficavam as câmaras (42:2-3) e descreve o *passeio* e as *entradas* (42:4). As câmaras eram

distribuídas em três andares (42:5-6), como as câmaras laterais descritas anteriormente (41:5-11). Uma vez que estavam dispostas num retângulo, havia uma fileira de câmaras junto ao átrio externo e outra fileira do lado mais próximo do santuário (42:7-8). Ao que parece, era possível chegar até esses cômodos pelo norte e pelo leste (42:4,9).

Ezequiel volta sua atenção para o edifício do lado sul e suas respectivas câmaras (42:10), ressaltando a semelhança dos dois conjuntos de câmaras: *Tinham a feição das celas que olhavam para o norte, e o mesmo comprimento, e a mesma largura, e ainda as mesmas saídas, e o mesmo arranjo* (42:11-12). O anjo diz que essas câmaras eram para os sacerdotes, *que se chegam ao SENHOR* (cf. 40:46). Informa-o de que ali *comerão* [...] e *depositarão as coisas santíssimas, isto é, as ofertas de manjares e as pelo pecado e pela culpa*, todas elas descritas como *coisas santíssimas* (42:13).

As câmaras também deviam servir para os sacerdotes trocarem de roupas, pois, *quando os sacerdotes entrarem, não sairão do santuário para o átrio exterior, mas porão ali as vestiduras com que ministraram, porque elas são santas* (42:14). Em outras palavras, os sacerdotes não devem usar as vestes do templo ao se aproximarem dos lugares abertos para o povo. A troca de roupas é um ritual exterior que lembra tanto aos sacerdotes quanto ao povo a diferença entre o santo e o profano. Conforme mostram os capítulos seguintes, a negligência do povo em geral e dos sacerdotes particularmente em distinguir entre o santo e o profano (ou comum) foi um dos fatores que levou ao cativeiro. No futuro, porém, os sacerdotes ensinarão essa distinção e servirão de exemplo para o povo (44:5-23).

**42:15-20 MEDIDAS DE TODO O RECINTO DO TEMPLO.** Quando o anjo terminou de *medir o templo interior*, fez Ezequiel sair *pela porta que olha para o oriente; e mediu em redor* (42:15). Ezequiel começou e terminou sua visita à área do templo na *porta que olha para o oriente* (cf. 40:6). O anjo mediu o muro ao redor da área do templo (40:5) *pelos quatro lados*, a saber, *o lado oriental* [...] *o lado norte* [...] *o lado sul* [...] *o lado ocidental* (42:16-19). O muro media *quinhentas canas de comprimento e quinhentas canas de largura*. Não se conhece ao certo a medida apresentada nesses versículos, pois, em vez de “côvados”, o profeta fala de *canas*. Parece mais apropriado considerar a “cana” um “instrumento de medição”, e não uma “unidade de medida”, e traduzir o termo nas quatro vezes que é usado nessa passagem como “quinhentos côvados, em canas, usando a cana de medir”.

Mais uma vez, somos lembrados de que o propósito do muro que cercava os recintos do templo era *separação entre o santo e o profano* (42:20).

#### 43:1-12 O retorno da glória de Deus ao templo

Ezequiel havia visto, com o coração profundamente entretido, a glória do Senhor deixar o templo (10:4-5, 18-19; 11:22-23). Agora, dezenove anos depois (cf. 8:1; 40:1), o profeta testemunha o retorno do Senhor “para ocupar e

consagrar esse novo edifício como seu santuário sagrado” (TOT). Temos a impressão de que “todo o processo anterior de inspeção e medição foi como uma visita acompanhada com um guia a um palácio vazio antes da chegada majestosa do rei” (BST).

Ezequiel testemunha a volta gloriosa do Senhor junto à *porta que olha para o oriente* (43:1). O profeta informou na passagem anterior que o anjo o conduziu para fora *pela porta que olha para o oriente* (42:15). A repetição de *porta que olha para o oriente* nesta passagem talvez tenha o propósito de ressaltar que Ezequiel se encontrava estrategicamente posicionado para testemunhar o magnífico espetáculo do regresso da *glória do Deus de Israel* ao templo. O Senhor do céu e da terra não entra furtivamente no templo que deixou anos antes. A chegada é estrondosa: sua voz e glória radiante proclamam seu regresso (43:2; cf. tb. 1:4,24; 3:12).

Há uma ligação entre essa visão e a visão que Ezequiel recebeu por ocasião de seu chamado (43:3; caps. 1—3). Também há uma relação entre essa visão e aquela da partida do Senhor do templo devido às abominações ali praticadas (caps. 8—11). Mais uma vez, em resposta à manifestação da glória de Deus, Ezequiel se prostra com o rosto em terra, pois “nem anos de reflexão ou décadas de serviço ao Senhor o tornaram insensível à reverência e ao terror que a visão da glória de Deus inspira” (NICOT).

Deus não deseja que Ezequiel permaneça com o rosto em terra e deixe de ver o que está acontecendo, de modo que, mais uma vez, *o Espírito* o levanta (43:5a; cf. tb. 1:28; 2:1-2) e proporciona “uma vista aérea do *átrio interior* no momento em que *a glória do SENHOR* percorre majestosamente uma linha reta que passa pela porta oriental do muro exterior, pela porta oriental para o *átrio interior* e pela grande porta oriental do templo propriamente dito [...], chegando, por fim, ao Santo dos Santos” (BST). Como havia ocorrido na consagração da tenda da congregação erigida por Moisés (Êx 40:34-35) e no templo construído por Salomão (1Rs 8:10-11; 2Cr 7:1-3), *eis que a glória do SENHOR encheu o templo* (43:5b).

É interessante observar que Ezequiel ouviu *uma voz* se dirigir a ele *do interior do templo* enquanto o anjo ainda estava ao seu lado (43:6). O profeta percebeu que quem estava falando com ele era o Senhor, e não *o homem* [...] *de pé junto dele*, pois o Senhor o chamou de *filho do homem*, designação que, a esta altura do livro, tanto o profeta quanto seus leitores conhecem bem (43:7a).

Depois de ocupar seu devido lugar no templo, o Senhor Soberano do universo começa a proferir palavras tranquilizadoras ao seu servo fiel, de um lugar que descreve como *lugar do meu trono, e o lugar das plantas dos meus pés* (43:7b). A forma de ele se expressar nos traz à memória as palavras proferidas na dedicação do templo de Salomão: “Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei” (1Rs 8:27) e as palavras de Deus a

Isaías: “O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis vós? E qual é o lugar do meu repouso?” (Is 66:1). Uma “simples habitação terrena, por mais simétrica e bela que fosse, não poderia abrigar o trono do soberano de todo o universo” (BST). E, no entanto, em sua graça, Deus promete: *Este é o lugar [...] onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre* (43:7c). É Deus quem vem até nós; não somos nós que construímos uma casa para ele.

A presença de Deus no meio do seu povo sempre foi o elemento que distinguiu Israel dos outros povos da terra. Moisés estava plenamente cômico desse fato: “Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o teu povo, de todos os povos da terra?” (Êx 33:16).

Há uma semelhança espantosa entre a proclamação de Ezequiel nessa passagem e o anúncio triunfante dos últimos capítulos de Apocalipse: “Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21:3). A presença de Deus no meio de seu povo “continua sendo a visão suprema da nova criação” (BST).

O “para sempre” da presença de Deus é contrabalançado pelo “não [...] mais” da parte seguinte do versículo: *Os da casa de Israel não contaminarão mais o meu nome* (43:7d). A contaminação resultou das *prostituições* de Israel, ou seja, de seu adultério espiritual e da prática da prostituição cultural, descritos nos capítulos 8 a 11.

O acréscimo das palavras *nem eles nem os seus reis* sugere que os reis haviam cometido algum pecado específico. Esse pecado é chamado em duas ocasiões de *cadáver dos seus reis* (43:7,9). De acordo com 1 e 2 Reis, vários monarcas de Judá haviam sido sepultados na Cidade de Davi, a região de Jerusalém adjacente ao templo (cf. p. ex., 2Rs 8:24; 15:7). A lei dizia, porém, que o contato com cadáveres provocava impureza cerimonial (Nm 19:11-16). Deus ressaltava, portanto, que ao sepultar seus reis *pondo o seu limiar junto ao meu limiar e a sua ombreira, junto à minha ombreira, e havendo uma parede entre mim e eles* (43:8), eles não haviam “demarcado de forma clara a linha divisória entre o sagrado [...] e o profano” (TOT).

Depois de voltar a enfatizar sua presença definitiva com o povo, Deus instrui Ezequiel a lembrá-los de suas responsabilidades. O profeta deve mostrar *à casa de Israel este templo* (43:10a; cf. tb. 40:4). Mas por que a descrição visa provocar vergonha (43:10b-11a)? É possível que a visão do novo templo desperte lembranças vergonhosas do antigo templo e de como Israel o havia contaminado.

Deus reitera a ordem para instruir o povo e diz a Ezequiel: *Escreve isto na sua presença para que observem todas as suas instituições e todos os seus estatutos e os cumpram* (43:11b). Na sequência, reforça a importância daquilo que



foi dito: *Esta é a lei do templo [...] eis que esta é a lei do templo (43:12)*. A repetição é um recurso pedagógico eficaz, as palavras incisivas do provérbio tigrina (Eritreia) nos lembram: *Temhertn 'awdn degagimka* ("Aprender e debulhar envolvem repetição"). Os bois que debulham cereais percorrem um caminho circular ao redor da eira várias vezes até que se possa separar totalmente a palha do grão. De modo semelhante, o mestre deve repetir a mesma matéria várias vezes a fim que os alunos dela se lembrem.

### 43:13—46:24 Prescrições do novo templo

Deus voltou à sua habitação terrena, e sua glória encheu o templo outra vez. De que modo, porém, o povo deve adorar ao Senhor nesse templo? Que tipo de adoração será aceitável e agradável a ele? A seção a seguir responde a esse tipo de pergunta ao tratar primeiro do papel dos sacerdotes (43:13—44:31) e, depois, do papel do príncipe na terra restaurada (45:1—46:24).

43:13—44:31 Os SERVIÇOS DOS SACERDOTES. No novo templo, o altar ficava "diante do templo" (40:47b). Seu formato era semelhante ao de um zigurate babilônico, constituído de três blocos quadrados de tamanho decrescente, um sobre o outro. Cada bloco era dois côvados menor que o bloco abaixo. Ao que parece, o espaço ao redor da base do altar era contornado por uma *borda*. O nível superior do altar é chamado de *lareira*, da qual se projetavam *quatro chifres*, ou seja, uma protuberância em cada extremidade (43:13-17a).

A altura desse altar de três degraus era comparável à altura do altar do templo de Salomão (2Cr 4:1). O altar do tabernáculo era bem menor (Êx 27:1-2), possivelmente porque precisava ser fácil de transportar durante a jornada pelo deserto. Apesar de Êxodo 20:24-26 proibir especificamente o uso de degraus junto ao altar, o tamanho do novo altar exigia que fosse escalonado. Os degraus olhavam *para o oriente* (43:17b).

Depois de descrever o altar propriamente dito, Ezequiel recebe instrução acerca das *determinações [...] para oferecerem sobre ele holocausto e para sobre ele aspergirem sangue* (43:18). A maior parte da passagem, porém, fala da dedicação do altar em si. Mais uma vez, enfatiza-se a ideia de purificação (43:20,22,26). Primeiro, os sacerdotes devem sacrificar *um novilho para oferta pelo pecado* (43:19-21). O *bode sem defeito* também servirá de *oferta pelo pecado* (43:22).

Os sacerdotes devem repetir essa oferta *por sete dias*. Desse modo, *expiarão o altar e o purificarão; e, assim, o consagrarão* (43:25-26). Esta passagem nos lembra a consagração do altar que Moisés erigiu (Êx 29:36-37), do tabernáculo (Êx 40) e do templo de Salomão (1Rs 8).

As instruções para a purificação meticulosa, em especial do altar, podem parecer-nos estranhas. Para alguns comentaristas, isso se deve ao fato de "todas as coisas associadas ao homem compartilharem do seu pecado e, portanto, precisarem ser purificadas, especialmente quando reservadas

para o uso no culto ao Senhor" (EBC). Outros vão ainda mais longe e argumentam que não se tratava apenas de pecado humano comum, mas que "as memórias da contaminação do altar anterior e todas as práticas detestáveis que haviam ocorrido no templo tinham de ser removidas por meio da purificação" (BST).

Somente depois que os sacerdotes tivessem purificado o altar por uma semana, o povo poderia levar *holocaustos e [...] ofertas pacíficas* (43:27b). Então, ouvirão as maravilhosas palavras de reconciliação proferidas pelo Senhor: *Eu vos serei propício*. O Senhor se expressa aqui na "linguagem do amor, da aceitação, do afeto e do convite" (BST). Deus oferece a mesma aceitação a todos aqueles que creem por meio da cruz de Cristo.

Uma leitura superficial do texto pode dar a impressão de que *os sacerdotes levitas, que são da descendência de Zadoque*, são responsáveis por dirigir os sacrifícios (43:19,26; cf. tb. 40:46; 44:15-16). Sem dúvida, essa é sua incumbência *ao oitavo dia, dali em diante* (43:27a). Durante os sete dias de purificação do altar, porém, tudo indica que Ezequiel, o sacerdote-profeta, também deve participar dos rituais. O Senhor o instrui: *Aos sacerdotes [...] darás um novilho para oferta pelo pecado* (43:19). Essa não é, porém, sua única incumbência: *Tomarás do seu sangue [do novilho] e o porás sobre os quatro chifres do altar, e nos quatro cantos da fiada, e na borda ao redor; assim, farás a purificação e a expiação* (43:20). Deve, ainda, oferecer *um bode sem defeito, oferta pelo pecado; e purificarão o altar, como o purificaram com o novilho* (43:22). Em 43:23-24, Ezequiel parece seguir essas instruções junto com os sacerdotes zadoquitas. Temos a impressão de que o profeta assume "o papel de segundo Moisés que marca o recomeço do culto de Israel, como Moisés havia feito por meio da purificação e consagração do primeiro altar em Êxodo 29:36ss" (BST). Essa visão deve ter sido particularmente significativa para Ezequiel, pois ele havia sido levado para o exílio ainda jovem, antes de ter a oportunidade de servir como sacerdote no templo em Jerusalém. Quando os babilônios destruíram o templo, o profeta deve ter perdido todas as esperanças de oferecer sacrifícios a Deus. Em sua graça, porém, o Senhor lhe permitiu fazê-lo numa visão.

Depois da consagração do altar, o anjo que acompanhava Ezequiel *o fez voltar para o caminho da porta exterior do santuário, que olha para o oriente* (44:1). Trata-se da mesma porta pela qual Ezequiel entrou no templo em 40:6. Agora, porém, ele observa que ela se encontra *fechada*, impedindo a entrada de qualquer pessoa. O Senhor lhe diz: *Esta porta permanecerá fechada [...] porque o SENHOR, Deus de Israel, entrou por ela* (44:2; cf. 43:4). Nenhum ser humano pode usar uma porta que se tornou santa ao ser usada por Deus. A porta fechada também pode indicar que Deus está dentro do templo e não voltará a deixá-lo (43:7,9).

O Senhor abre exceção à ordem para que ninguém se aproxime da porta somente para o *príncipe*, mas nem mes-

mo ele pode passar por ela. O máximo que lhe é permitido é entrar *pelo vestibulo* junto à porta e assentar-se no pórtico *para comer o pão diante do SENHOR* (44:3), uma refeição sacrificial semelhante à descrita pela lei de Moisés (p. ex., Dt 12:5-7).

Em seguida, o anjo conduz Ezequiel de volta *pela porta do norte, diante da casa* (44:4), pois o profeta também não pode mais usar a porta pela qual havia passado antes. Ezequiel informa: *Olhei, e eis que a glória do SENHOR enchia a Casa do SENHOR* e, mais uma vez, *caí com o rosto em terra*.

Com palavras semelhantes às do anjo em 40:4, o Senhor fornece, na sequência, mais instruções acerca *de todas as determinações a respeito da Casa do SENHOR* (44:5). A primeira diz respeito às *abominações* praticadas pelos *rebeldes da casa de Israel* (44:6), mais especificamente o fato de terem introduzido *estrangeiros, incircuncisos de coração e incircuncisos de carne, para estarem no meu santuário*, dessa forma profanando a casa do Senhor e violando sua *aliança* (44:7-8). Ao que parece, os israelitas usaram “estrangeiros cativos para servir no templo como ajudantes dos sacerdotes” (EBC). A Bíblia registra uma ocorrência desse tipo no caso dos gibeonitas, no tempo de Josué (Js 9:23,27). É possível, ainda, que os cários mencionados em 2Reis 11:4 e os servidores do templo em Esdras 8:20 fossem estrangeiros. Conforme esses versículos indicam, trata-se de uma prática inaceitável que não deve ter continuidade no novo templo: *Nenhum estrangeiro que se encontra no meio dos filhos de Israel, incircunciso de coração ou incircunciso de carne, entrará no meu santuário* (44:9). O resultado dessa instrução pode ser observado claramente na placa que Herodes colocou no templo para avisar aos gentios que, se ultrapassassem o átrio exterior, poderiam ser mortos. Essa instrução não significa, porém, que os estrangeiros não serão aceitos no meio de Israel na nova era do templo (cf. 47:22-23).

Os servidores do templo devem ser levitas. Dentre as consequências de sua *iniquidade*, terão de realizar tarefas servis (44:10-12) e *não se chegarão a mim* [ao Senhor] *para me servirem no sacerdócio* (44:13). Os levitas devem estar perante o povo para servi-lo (44:11), mas os sacerdotes devem estar diante do Senhor (44:15b). Apesar de terem recebido incumbências triviais, não devemos menosprezar esses levitas, pois lhes coube a honra de receber tarefas específicas de Deus (44:14). Pessoas comuns nem sequer podiam realizar essas tarefas. Semelhantemente, muitos membros de nossas igrejas realizam tarefas humildes, mas prestam serviço valioso e consideram “um privilégio servir o povo de Deus nos detalhes mais corriqueiros de sua religião” (TOT).

O restante do capítulo 44 trata das responsabilidades dos sacerdotes. Os sacerdotes escolhidos para esses deveres sagrados devem ser *levitas* [...] *filhos de Zadoque* (44:15-16; cf. 40:46; 43:19). O Senhor repreendeu os levitas por sua infidelidade (44:10-14), mas louvou os sacerdotes zadoquitas por terem cumprido com dedicação as *prescrições do meu santuário*,

*quando os filhos de Israel se extraviaram de mim* (44:15a; 48:11). A linhagem de Eli foi desqualificada para o sacerdócio no tempo de Samuel (1Sm 2:30-36). Abiatar e Zadoque tomaram seu lugar nos dias de Davi (2Sm 8:17; 15:24-29), mas, quando Salomão subiu ao trono, “expulsou [...] a Abiatar, para que não mais fosse sacerdote do SENHOR” e colocou Zadoque em seu lugar (1Rs 2:26-27,35). O Senhor especifica, portanto, que somente os sacerdotes filhos de Zadoque entrarão no meu santuário, e se chegarão à minha mesa, para me servirem, e cumprirão as minhas prescrições (44:16).

Os sacerdotes recebem instruções específicas acerca do tipo de vestuário que devem usar ao servir no átrio interior ou dentro do templo. Suas *vestes* devem ser feitas de *linho*. Eles são proibidos de usar roupas de *lã* que podem fazê-los transpirar e contaminar o lugar santo (44:17-18). Quando tiverem concluído o serviço, devem remover essas vestes, deixá-las nas santas câmaras e usar outras vestes (44:19; cf. 42:14). O motivo da ordem é explicado: *para que, com as suas vestes, não santifiquem o povo*. Vemos, portanto, que “usar vestes sagradas no meio do povo profanaria o caráter sagrado do templo ao distribuir sua santidade” (NICOT). A propriedade contagiosa da santidade era um conceito comum na época.

Em 44:20-27, encontramos várias outras prescrições referentes ao comportamento dos sacerdotes. *Não raparão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo* (44:20; cf. Lv 21:5); *nenhum sacerdote beberá vinho quando entrar no átrio interior* (44:21; cf. Lv 10:8-11); casarão apenas com *virgens da linhagem da casa de Israel ou viúva que o for de sacerdote* (44:22; cf. Lv 21:7-15); *ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o puro* (44:23; cf. Lv 10:10-11). Deverão servir de juízes *quando houver contenda* (cf. Dt 17:9) e *guardar as festas fixas* (44:24). Nenhum sacerdote deve contaminar-se ao se aproximar de *pessoa morta*, exceto no caso de *pai, ou mãe, ou filho, ou filha, ou irmão, ou [...] irmã que não tiver marido* (44:25; cf. Lv 21:1-4). Caso se contamine numa dessas situações excepcionais, deve ser *purificado* e, no dia em que ele entrar no lugar santo, apresentar sua oferta pelo pecado (44:26-27). O propósito dessas prescrições era permitir que os sacerdotes ensinassem o povo, por palavras e atos, a distinguir entre o santo e o profano. Espera-se que os líderes espirituais sirvam de exemplo de santidade para o povo naquilo que dizem e fazem e em todos os aspectos de seu estilo de vida. Ademais, devem depender inteiramente do Senhor para seu sustento. Deus deve ser a única *herança* dos sacerdotes (44:28-31; Nm 18:23-24). A oferta de manjares, e a oferta pelo pecado, e a pela culpa [...] e toda coisa consagrada em Israel lhes servirão de sustento.

45:1—46:24 O PAPEL DO PRÍNCIPE NA TERRA RESTAURADA. O capítulo 45 começa com uma descrição da *porção santa da terra* separada para o Senhor (45:1-8; cf. tb. 48:8-22). Essa porção ocupará apenas a região central da terra e não substituirá as divisões tribais descritas nos capítulos 47 e 48.



A porção santa abrange uma área de 25.000 côvados por 10.000 côvados (12,5 km por 5 km), que se estende de norte a sul e é entregue aos levitas (45:5). Outra área do mesmo tamanho é separada para o santuário e as casas dos sacerdotes (45:3-4), e uma área de 25.000 côvados por 5.000 côvados (12,5 km por 2,5 km) é designada para a cidade (45:6).

Não há consenso entre os comentaristas acerca do formato dessa porção de terra, se é um quadrado grande com 25.000 côvados de cada lado, ou um retângulo como especifica 45:1: *o comprimento desta porção será de vinte e cinco mil côvados e a largura, de dez mil*. Podemos visualizar um quadrado caso incluamos à porção santa a área reservada para a cidade; se, porém, excluirmos a cidade e considerarmos apenas a área separada para os servidores do templo, temos um retângulo. O santuário propriamente dito ocupava uma área de 500 côvados quadrados (228 m) na porção separada para os sacerdotes (45:2; cf. 42:15-20). Devia ter em redor uma área aberta de cinquenta côvados (25 m) “para proteger a santidade absoluta do santuário propriamente dito” (NICOT).

A terra adjacente, que se estende para leste e oeste de cada lado da área formada pela porção santa e pela porção da cidade, é reservada para o príncipe (45:7-8a). O profeta o menciona ao falar da porta oriental (44:3) e se refere a ele com frequência nos capítulos restantes do livro. Mas quem é o príncipe? Por certo não é o Messias, pois recebe uma herança no meio do povo e tem sua própria família (46:16-18). A menção de outros príncipes em 45:8 indica que é apenas “o primeiro entre iguais” (cf. Dt 17:14-20). O Senhor promete que esses príncipes *nunca mais oprimirão o meu povo; antes, distribuirão a terra à casa de Israel, segundo as suas tribos* (45:8b; cf. 46:18).

Em seguida, Deus os exorta: *Afastai a violência e a opressão e praticai juízo e justiça* (45:9), o que inclui o uso preciso de pesos e medidas (45:10-12).

Ao que parece, no templo de Ezequiel, o príncipe é responsável por fornecer as ofertas que fazem *expição pelo povo* apresentadas em *todas as festas fixas da casa de Israel* (45:15,17), a saber, *os holocaustos, e as ofertas de manjares, e as libações*. Para ajudá-lo nessa incumbência, o povo fará *contribuição [...] ao príncipe de Israel* (45:13,16).

Na sequência, Ezequiel fornece uma descrição das festas especiais e das ofertas associadas a essas ocasiões. Menciona especificamente o Ano Novo (45:18-20), a Páscoa (45:21-24) e a Festa dos Tabernáculos (45:25). É surpreendente que não faça menção da Festa das Semanas, apesar de ser uma das três principais festas de acordo com a legislação mosaica (Dt 16:9-12).

A porta oriental do átrio exterior foi fechada em caráter permanente (44:2); a *porta do átrio interior, que olha para o oriente*, porém, *estará fechada durante os seis dias que são de trabalho; mas no sábado ela se abrirá e também no dia da Festa da Lua Nova* (46:1). O príncipe entrará de fora pelo vestibulo

da porta e permanecerá junto da ombreira da porta (46:2a). Não poderá entrar no átrio interior, mas, ao permanecer junto à porta, poderá observar a cerimônia enquanto os sacerdotes apresentarem as ofertas que ele trouxe para si mesmo e para o povo (46:4-7). O povo também *adorará na entrada da mesma porta [...] diante do SENHOR* (46:3). Uma vez que o príncipe tiver adorado e comido das ofertas (44:3), *sairá pelo mesmo caminho* que entrou, ou seja, *pelo vestibulo da porta* (46:8). À noite, depois que o príncipe e o povo tiverem completado o culto, a porta será fechada (46:2b).

Em seguida, o texto traz instruções acerca de como o povo deve mover-se nos recintos do templo, especialmente na época das *festas fixas* (46:9). Quem *entrar pela porta do norte* deve sair da área do templo *pela porta do sul*, e quem *entrar pela porta do sul* deve sair *pela porta do norte*. O profeta não dá o motivo pelo qual o povo *não tornará pela porta por onde entrou, mas sairá pela porta oposta*. É provável, contudo, que essa medida visasse controlar a movimentação do povo durante as festas. “A instrução para sair pela porta oposta àquela pela qual se havia entrado regulava o fluxo da multidão festiva e eliminava a confusão” (EBC). Essa prescrição pode ser descrita como “o primeiro sistema conhecido de mão única” (BST).

A declaração: *O príncipe entrará no meio deles, quando eles entrarem; em saindo eles, ele sairá* (46:10) indica que o príncipe deve entrar no templo junto com o povo, ou que, “em todos os dias não-festivos, o príncipe deve ser considerado parte do povo e entrar e sair da mesma forma que os outros” (TOT). Sem dúvida, nos dias de *festas fixas*, o príncipe deve sair *pelo mesmo caminho* que entrou, ou seja, *pelo vestibulo da porta* (45:8).

Em seguida, vemos prescrições acerca da *oferta de manjares* a ser apresentada *nas solenidades e nas festas fixas* (46:11), da *oferta voluntária* feita pelo príncipe (46:12) e do *holocausto* diário (46:13-15). Conforme 44:3 indica, o príncipe tem acesso privilegiado à *porta que olha para o oriente* quando apresenta *oferta voluntária ao SENHOR*. Nos dias da semana, a porta permanecerá fechada (46:1), mas será aberta para o príncipe quando ele vier para fazer sua *oferta e se fechará [...] depois de ele terminar e sair* (46:12).

É estranho que o *holocausto* diário seja oferecido apenas uma vez por dia, *manhã após manhã* (repetido três vezes em 46:13-15). De acordo com a lei mosaica, os sacerdotes deviam apresentar o holocausto duas vezes por dia, pela manhã e no final da tarde (Êx 29:38-41). Não encontramos aqui nenhuma explicação para a mudança. O profeta descreve a oferta como *estatuto perpétuo e contínuo*, uma lembrança diária do compromisso do povo com o Senhor da aliança (46:14).

Em seguida, Ezequiel retoma a questão da terra discutida em 45:1-8: O príncipe pode dar *um presente de sua herança a alguns de seus filhos* (46:16). Não pode, porém, dar uma propriedade em caráter permanente *a algum dos*

*seus servos*. Uma vez que a terra faz parte da herança de seus filhos, deve ser devolvida a eles *no ano da liberdade* (46:17). É provável que se trate de uma referência ao Ano do Jubileu especificado em Levítico 25, no qual todas as dívidas eram canceladas e toda a terra era devolvida aos seus proprietários originais. O príncipe também não tem direito de entregar a terra de outros a seus filhos ou a outras pessoas, *para que o meu povo não seja retirado, cada um da sua possessão* (46:18; cf. 45:9).

O anjo volta a conduzir Ezequiel em sua visita ao templo. Leva o profeta às câmaras santas dos sacerdotes, as quais olhavam para o norte. Ao chegar aos fundos extremos que olham para o ocidente, o anjo lhe mostra as cozinhas onde os sacerdotes cozerão a oferta pela culpa e a oferta pelo pecado e onde cozerão a oferta de manjares, para que não a tragam ao átrio exterior e assim santifiquem o povo (46:19-20; cf. 44:19). Em seguida, chama sua atenção para átrios menores localizados nos quatro cantos do átrio exterior (46:21-22). Havia um muro ao redor dos átrios [...] e havia lugares para cozer ao pé dos muros ao redor, indicando sua função como cozinhas, onde os ministros do templo cozerão o sacrifício do povo (46:23-24). A presença dessas cozinhas nos lembra que o templo não era apenas um lugar de oração, mas também um local onde se preparavam e se consumiam refeições comunitárias. Observamos, portanto, no templo de Ezequiel, uma fusão de atividades espirituais e sociais. “A igreja cristã sofreu uma grande perda quando traçou uma linha divisória rígida entre a vida espiritual e as atividades sociais” (TOT).

#### 47:1—48:35 A divisão da terra entre as doze tribos

A seção final do livro trata da divisão da terra entre as doze tribos. O tema não surpreende, tendo em vista a ênfase de Ezequiel sobre o fato de que Deus restaurará a terra e seu povo (cap. 36) e de que “a terra desempenhava um papel importante na história do povo de Deus” (EBC). A seção trata, ainda, dos outros dois elementos da visão de Ezequiel, a saber, o templo e a cidade.

47:1-12 O RIO DO NOVO TEMPLO. Antes de falar da divisão da terra, Ezequiel descreve a visão de um rio que nasce no templo e corre pela terra. O rio traz cura e purificação a uma terra que havia testemunhado grande perversidade a ponto de “não poder mais suportar sua contaminação e vomitar” o povo para o exílio” (BST).

O anjo fez Ezequiel voltar à entrada do templo, onde o profeta viu que saíam águas de debaixo do limiar do templo, para o oriente (47:1a). Mais especificamente, as águas vinham de baixo, do lado direito da casa, do lado sul do altar (47:1b). O rio nascia, portanto, no templo, ou seja, na presença de Deus.

Ao sair do templo, o rio corria para leste e depois para o sul, cortando o deserto da Judeia até chegar ao mar Morto. O mais espantoso é que, apesar de o texto não mencionar afluentes, o rio aumenta em volume e profundidade. Eze-

quiel sabe disso porque seu guia mediu repetidamente mil côvados (500 m) de extensão e fez o profeta passar pelas águas para sentir a profundidade (47:3-5). Da primeira vez, as águas davam pelos tornozelos; da segunda vez, pelos joelhos; da terceira vez, pelos lombos e, da quarta vez, era já um rio que eu não podia atravessar. A pergunta do anjo: *Viste isto, filho do homem?* (47:6a) talvez tivesse o objetivo de verificar a compreensão do profeta acerca daquilo que estava sendo experimentado.

Em seguida, o anjo levou Ezequiel de volta à margem do rio (47:6b), e o profeta testemunhou o poder purificador, curativo e vivificador do rio sobre a grande abundância de árvores que havia de um e de outro lado (47:7). Seu guia explicou que o rio corria para o mar Morto (47:8). O mar recebe esse nome porque abriga poucas formas de vida capazes de sobreviver em suas águas extremamente salgadas e impotáveis. Mas, quando o rio desembocar no mar Morto, suas águas ficarão saudáveis. O mar Morto se tornará um mar vivo, repleto de peixes e outras criaturas (47:9b). Os peixes serão tão abundantes que farão prosperar a indústria da pesca: *Junto a ele se acharão pescadores; desde En-Gedi até En-Eglaim haverá lugar para se estenderem redes* (47:10). En-Gedi fica “no meio da costa oeste do mar Morto” (TOT). Ainda não se identificou a localização exata de En-Eglaim, mas é provável que ficasse ao norte de En-Gedi. O peixe apanhado no mar Morto, segundo as suas espécies, será como o peixe do mar Grande [mar Mediterrâneo], em multidão excessiva.

Os efeitos vivificadores da água ficarão evidentes na presença copiosa de toda criatura vivente que vive em enxames (47:9a). Parte do mar, porém, não sofrerá alterações. Os charcos e pântanos ao redor do mar Morto não serão feitos saudáveis (47:11). Sua situação inalterada não se deverá a uma falta de poder de Deus de transformá-los, mas sim, a um motivo prático, a saber, o fato de serem uma fonte valiosa de sal. Deus garantirá “a possibilidade de continuar a explorar esses depósitos ricos de minerais, supostamente para uso doméstico e litúrgico (43:24)” (TOT).

Ezequiel volta a falar das árvores que viu à beira do rio (47:7) e informa que elas não apenas serão numerosas, mas também de toda sorte [...] que dá fruto para se comer [...] nos seus meses (47:12). Ademais, não fenecerá a sua folha, e o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio. A árvore é extremamente produtiva porque é regada pelas suas águas que saem do santuário (47:1). O conceito do rio e de árvores que sustentam a vida e curam traz à memória o jardim do Éden (Gn 2:8-10) e o rio que corre pela nova Jerusalém (Ap 22:1-2). A única diferença entre o rio na visão de Ezequiel e o rio em Apocalipse é que este último “sai do trono de Deus e do Cordeiro”, e não do templo, uma vez que a cidade eterna não terá templo “porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro” (Ap 21:22).



47:13—48:29 DISTRIBUIÇÃO DA TERRA. Nessa parte final do livro, Ezequiel volta à questão da terra. Começa com a apresentação de orientações gerais para sua divisão (47:13-14, 21-23) e uma descrição de seus limites (47:15-20).

A terra deve ser dividida entre as doze tribos *em heranças iguais* (47:14), com exceção de *duas partes* a serem entregues a José (47:13). As tribos descendentes dos dois filhos de José, Manassés e Efraim, receberão, portanto, uma porção completa como tribos individuais (cf. 48:4-5). A distribuição é semelhante àquela descrita na lei mosaica e realizada por Josué. Fica evidente que Deus favorece “uma distribuição ampla e equitativa da terra” (BST).

O plano de distribuição descrito por Ezequiel apresenta, porém, uma característica singular, a saber, a inclusão de *estrangeiros* na divisão equitativa da terra (47:21-23). Apesar da instrução para os israelitas amarem ao estrangeiro como a si mesmos e o tratarem “como o natural” (Lv 19:33-34), a lei não especificava se ele devia receber terras. A posição de Ezequiel pode ser descrita como “um exemplo interessante de liberalidade” (TOT). “O estrangeiro residente deve participar dos direitos de herança do bem mais precioso de Israel — a terra — fato que assegura sua cidadania” (BST).

Em seguida, o Senhor define os limites da terra a ser distribuída. Não é possível identificar claramente todos os lugares mencionados. A descrição começa ao norte, se move no sentido horário e termina a oeste. A fronteira norte começa em um ponto do *mar Grande* (mar Mediterrâneo) e termina em *Hazer-Haticom* (possivelmente na região conhecida como Cesareia de Filipe no tempo do NT; TOT) (47:15-17). A fronteira leste se estende de *Haurã*, e *Damasco*, ao norte, até o *mar do oriente* (ou seja, o mar Morto) (47:18). A fronteira sul vai de *Tamar*, na extremidade sudoeste do mar Morto, até o mar Mediterrâneo (47:19). E, por fim, o próprio mar Mediterrâneo forma a fronteira da terra a oeste (47:20). (Podemos comparar esses limites com os de Nm 34:3-12, apesar de a descrição em Números começar com a fronteira sul.)

A descrição geral dos limites da terra é seguida de informações acerca da divisão propriamente dita entre as doze tribos. As tribos são separadas em dois grupos: sete tribos ao norte (48:1-7) e cinco ao sul (48:23-29), com a *região que haveis de separar ao SENHOR* (48:8-22) interposta entre os dois grupos.

Dã recebe a primeira porção da divisão setentrional, a terra no extremo norte (48:1). Na sequência, Aser (48:2), Naftali (48:3), Manassés (48:4), Efraim (48:5), Rúben (48:6) e Judá (48:7) recebem suas porções.

A divisão da terra entre as tribos é interrompida por uma longa seção que fala da *região sagrada que haveis de separar* (48:8). As informações desta passagem complementam 45:1-8. A região sagrada é uma área quadrada de 25.000 côvados (12,5 km) (48:20). Subdivide-se em três partes, sendo a última ligeiramente mais estreita do que as outras:

- uma região para os sacerdotes [...] filhos de Zadoque (48:9-12). O santuário do SENHOR estará no meio dela (48:10; cf. tb. 45:2).
- uma região do mesmo tamanho para os levitas (48:13-14), que recebem uma instrução específica: *Não venderão nada disto, nem trocarão, nem transferirão a outrem [...] porque é santo ao SENHOR.*
- uma região ligeiramente menor para o uso civil da cidade, para habitação e para arredores (48:15-19). A cidade estará no meio dessa região (48:15). Os “arredores” devem ser cultivados por trabalhadores [...] provindos de todas as tribos de Israel, e a colheita será para o sustento daqueles que trabalham na cidade (48:18-19). A população da cidade será, portanto, um microcosmo de sua nação. Logo, a região toda será de vinte e cinco mil côvados em quadrado (48:20).

A centralidade da porção especial separada para o Senhor é ressaltada de várias maneiras. Primeiro, encontra-se interposta entre as porções entregues às sete tribos do Norte e as porções entregues às cinco tribos do Sul. A terra a leste e a oeste dessa porção *será para o príncipe* (48:21; cf. 45:7-8). Mais uma vez, somos lembrados de que a *região sagrada e o santuário do templo estarão no meio* (ou seja, na parte central da porção do príncipe). Esse fato volta a ser enfatizado em 48:22, em que se diz que a cidade [...] *está no meio daquilo que pertence ao príncipe*. Em outras palavras, a porção sagrada não apenas se encontra interposta entre as porções das tribos do Norte e do Sul, mas entre as porções do príncipe a leste e oeste. Acrescentando-se a isso o fato de o santuário estar no meio da porção separada para os sacerdotes (48:10) e de a cidade estar no meio da terra separada para o uso civil (48:15), observamos a ênfase inequívoca sobre a centralidade e sua respectiva mensagem. “O Deus que havia sido marginalizado por seu povo e, por fim, havia abandonado sua terra em julgamento destruidor, volta a ocupar o centro; o centro da terra que, conforme Ezequiel já havia ressaltado, também era o ‘meio das nações’ (5:5)” (BST).

Em seguida, Ezequiel trata das porções entregues ao segundo grupo de tribos. A primeira porção ao sul da região sagrada é separada para Benjamim (48:23), seguida de porções para Simeão (48:24), Issacar (48:25), Zebulom (48:26) e Gade (48:27-28), nessa sequência. Como foi indicado anteriormente, a terra deve ser dividida *em heranças iguais* entre as tribos (47:14).

Fica evidente que a distribuição é feita de acordo com linhas que cortam a terra, sem levar em consideração os territórios ocupados historicamente pelas tribos. Judá e Benjamim são a única exceção, pois recebem as terras mais próximas a Jerusalém, um reflexo de seus vínculos históricos com a cidade. Os filhos de Israel (Jacó) com suas duas esposas (Lia e Raquel) recebem porções mais próximas da região sagrada (quatro de cada lado), enquanto as tribos

descendentes dos filhos de servas das esposas recebem porções no extremo norte e sul.

A divisão da terra termina com uma declaração do *SENHOR Deus*: *Esta é a terra que sortearéis em herança às tribos de Israel; e estas, as suas porções (48:29).*

**48:30-35 A NOVA JERUSALÉM E SUAS PORTAS.** Os seis últimos versículos do livro voltam a focalizar a cidade e, mais especificamente, *três portas* (48:31) ou *saídas da cidade* (48:30), num total de doze portas, três de cada um dos quatro lados da cidade. As portas recebem *os nomes das tribos de Israel*. As portas *do lado norte* são chamadas de Rúben, Judá e Levi (48:31); as *do lado oriental* levam o nome de José, Benjamim e Dã (48:32); as *do lado sul*, Simeão, Issacar e Zebulom (48:33); e as *do lado ocidental*, Gade, Aser e Naftali (48:34).

No NT, a Cidade Santa, a Jerusalém celestial que João descreve, também tem doze portas com “os nomes das doze tribos dos filhos de Israel” inscritos sobre elas (Ap 21:12-13). A cidade de Apocalipse apresenta, contudo, uma característica adicional: “Os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro” (Ap 21:14). Ao mencionar esse fato, João nos lembra que há duas alianças, mas somente um povo de Deus.

A cidade sobre a qual Ezequiel fala é, sem dúvida, Jerusalém, mas recebe um novo nome: *E o nome da cidade desde*

*aquele dia será: O SENHOR Está Ali (48:35).* O novo nome destaca a ideia enfatizada anteriormente pela centralidade da região sagrada, do templo e da cidade. As palavras finais de Ezequiel “encerram de modo grandioso seu livro e ministério. Em seus vinte e cinco anos de exílio e nos quarenta e oito capítulos de seu livro, Ezequiel viu o Senhor deixar o templo por causa dos pecados cometidos ali [...] Agora, por fim, o Senhor estaria presente com seu povo para sempre” (TOT).

Nós, cristãos, aguardamos o dia em que nos encontraremos nessa mesma cidade (Ap 21:3) e estaremos com o Senhor para sempre.

Tewoldemedhin Habtu

### Leituras adicionais

ALEXANDER, Ralph H. *Ezekiel*. EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

BLOCK, Daniel I. *The Book of Ezekiel*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

TAYLOR, John B. *Ezekiel*. Reimp. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 2003.

WRIGHT, Christopher J. H. *The Message of Ezekiel: A New Heart and a New Spirit*. BST. Leicester: InterVarsity Press, 2001.



# DANIEL

O livro de Daniel une a história dos judeus e dos gentios do século VII a.C. até o final de toda a história e governo humanos — quando “o reino do mundo se tornar de nosso Senhor e do seu Cristo” (Ap 11:15). Suas profecias detalhadas com respeito ao programa de Deus nos dão uma prévia de como o reino do Messias acabará com os poderes do mundo (7:17-18,21-22) e nos ajudam a interpretar o livro de Apocalipse.

Por todo o livro, é demonstrado tanto implícita quanto explicitamente “que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer” (4:17; cf. tb. 2:28; 4:25; 5:26 e 7:26). Não importa quão terríveis sejam alguns dos regimes despóticos que a África tem suportado, Deus não abdicou de sua autoridade sobre os assuntos humanos.

De modo suplementar, o livro demonstra poderosamente que os crentes podem servir em excelência sob regimes ateus sem se comprometer com as convicções deles. Daniel oferece à igreja na África um modelo de líder servo desesperadamente necessário nos dias de hoje.

## Autor e data

A precisão das predições em relação ao reinado de Alexandre, o Grande, cerca de duzentos anos mais tarde, tem levado alguns a duvidar de que esse livro foi escrito no século VI a.C. Esses céticos afirmam que a segunda metade do livro, pelo menos, deve ter sido escrita no século II a.C. por um historiador fingindo ser Daniel. Entretanto, a recusa em aceitar elementos proféticos nas Escrituras não implica apenas negar a Bíblia, mas também duvidar da existência de um Deus pessoal todo sábio que tem poder para predizer e revelar minuciosos acontecimentos futuros. De acordo com o povo ioruba da Nigéria, os sacerdotes de seus deuses podem prognosticar o futuro e desvendar segredos. Portanto, não é impossível que o Deus Altíssimo revele os segredos do passado, do presente e do futuro a seus servos como fez a Daniel.

Daniel reivindica pessoalmente a autoria desse livro em 7:1,28; 8:2; 9:2; 10:1-2 e 12:4, e a primeira pessoa autobiográfica é usada de 7:2 em diante. Jesus Cristo também identifica Daniel como autor (Mt 24:15). O testemunho de Josefo, historiador judeu secular, também apoia a autoria de Daniel.

Segue-se a cronologia do livro:

605 a.C. — Nabucodonosor subjuga Jerusalém. Daniel, junto com milhares de outros, é deportado para a Babilônia (Dn 1:1).

597 a.C. — Segundo grupo de deportados, incluindo o profeta Ezequiel, é levado para a Babilônia (Ez 1:1).

586 a.C. — Judá cai, e Jerusalém é destruída. Terceiro grupo de judeus é deportado (Jr 52). Fim do ministério de quarenta e um anos de Jeremias.

539 a.C. — Babilônia é derrubada por uma coalizão dos medos e persas (Dn 5:25-30). Daniel é lançado na cova dos leões (Dn 6).

538 a.C. — Permissão para o retorno dos primeiros exilados a Judá por um decreto de Ciro, rei da Pérsia (Ed 1:1; Is 44:24—45:7). Por esse tempo, Daniel estava com 84 anos e, provavelmente, muito velho para viajar.

536 a.C. — Fim dos setenta anos de ministério profético de Daniel (Dn 10:1; 12:4,13).

535 a.C. — Composição do livro de Daniel.

## Estilo literário

O livro foi escrito originalmente em dois idiomas. Os capítulos 1:1—2:4a e os capítulos 8—12 foram escritos em hebraico, a língua da aliança de Deus com seu povo Israel. A mensagem aqui é amplamente apocalíptica, mostrando o plano futuro de Deus para seu povo. Os capítulos 2:4b—7:28 foram escritos em aramaico, a língua corrente do mundo gentio nos dias de Daniel. A mensagem desses capítulos (exceto o capítulo 7) é amplamente histórica e apresenta o tratamento de Deus em relação ao impérios gentios.

Apesar da mudança de linguagem, o livro continua a ser uma unidade. A notável imagem humana do capítulo 2 (hebraico) é quase um paralelo da visão dos quatro animais do capítulo 7 (aramaico). O contraste entre o reino de Deus e os reinos deste mundo percorre todo o livro. O registro afirma quatro vezes na primeira metade que o reino de Deus é eterno (2:44; 4:3,34; 6:26) e três vezes na segunda metade (7:14,18,27). Mas o agente unificador mais poderoso é o próprio Daniel: ele é o intérprete dos sonhos na primeira metade e o sonhador na segunda.

## Esboço

**1:1-21 Tempos violentos não permanecem, pessoas violentas, sim**

1:1-7 O cativo

1:8-10 A separação de Daniel e seus amigos

1:11-16 O sacrifício que restitui

1:17-21 O dom espiritual de Daniel e seus amigos

**2:1-49 O reino de Deus em meio a uma crise**

- 2:1-13 A crise de um sonho oculto
- 2:14-23 O conselho de Daniel
- 2:24-45 O significado divino dos impérios mundiais
- 2:46-49 Honra para Daniel

**3:1-30 Fé sob fogo**

- 3:1-7 Ordem para adorar um ídolo
- 3:8-12 Acusação contra os amigos de Daniel
- 3:13-18 A coragem dos amigos de Daniel
- 3:19-25 A fornalha aquecida sete vezes mais
- 3:26-30 A admiração pelos amigos de Daniel

**4:1-37 A humilhação do rei Nabucodonosor**

- 4:1-18 A declaração e o sonho de Nabucodonosor
- 4:19-27 Daniel decifra o sonho
- 4:28-33 O transtorno de Nabucodonosor
- 4:34-37 A decisão e a restauração de Nabucodonosor

**5:1-31 Deus remove um rei blasfemo**

- 5:1-4 A blasfêmia do rei Belsazar
- 5:5-9 A escrita na parede
- 5:10-17 Recompensa rejeitada
- 5:18-24 Tal pai, tal filho
- 5:25-31 Mensagem de juízo

**6:1-28 A perseguição do justo Daniel**

- 6:1-3 A posição de Daniel sob um novo regime
- 6:4-9 Conspiração contra Daniel
- 6:10-11 A oração de Daniel
- 6:12-15 A execução de Daniel
- 6:16-17 O dilema do rei Dario
- 6:18-23 A proteção de Daniel
- 6:24 A punição dos detratores de Daniel
- 6:25-28 A prosperidade de Daniel

**7:1-28 Reinos em conflito: os quatro animais**

- 7:1-8 A sequência dos impérios mundiais
- 7:9-14 A soberania do Ancião de Dias
- 7:15-20,23-24 A luta da besta contra os santos
- 7:21-22,25-28 Derrota e triunfo dos santos

**8:1-27 Impérios em guerra; batalha pela terra santa**

- 8:2-4,20 A conquista pelo carneiro
- 8:5-8,21 O desafio do bode
- 8:9-14 O aparecimento do pequeno chifre
- 8:15-19,22-27 A interpretação da visão

**9:1-27 Examinando as Escrituras, buscando Deus**

- 9:1-2 O anelo de Daniel pela verdade
- 9:3-19 A oração de Daniel pela misericórdia de Deus
- 9:20-23 O auxílio do enviado Gabriel
- 9:24-27 O programa profético de Deus em setenta semanas

**10:1—11:1 A guerra espiritual no mundo invisível**

- 10:1-9 Uma visão do Cristo pré-encarnado
- 10:10-13 A batalha dos anjos
- 10:14-21; 11:1 Perplexo pela visão

**11:2-45 Profecias de um futuro sombrio**

- 11:2 A Pérsia em declínio
- 11:3-4 Ascensão e fragmentação do Império Grego
- 11:5-20 Luta de poder entre o Sul e o Norte
- 11:21-35 A perseguição dos judeus
- 11:36-45 O voluntarioso rei do final dos tempos

**12:1-13 Profecias de um glorioso final**

- 12:1 A importância e a função do arcanjo Miguel
- 12:2-4 A ressurreição dos justos e dos ímpios
- 12:5-12 A duração da grande tribulação
- 12:13 Descanso, ressurreição e recompensa

## COMENTÁRIO

**1:1-21 Tempos violentos não permanecem, pessoas violentas, sim**

A África tem sido descrita de maneiras variadas, como “um continente atrasado” por Ali Mazrui; “um continente perdido” pelo Banco Mundial; “um continente sem esperança” pela revista *Time*; e “um continente sangrento” pelo presidente Moi do Quênia. Os africanos do século XX tiveram de lutar para recuperar sua dignidade e reafirmar sua identidade após cruel deportação, comércio desumano de escravidão global, desarticulação cultural e ocupação forçada pelos poderes das colônias estrangeiras. Foi um século violento.

O século XXI tampouco vislumbra esperanças. Os problemas da África incluem a epidemia do HIV/aids, fomes e secas constantes, disputas por títulos de posse de terra, corrupção e escravidão recente no sul do Sudão. Mais de 50% dos 15 milhões de refugiados no mundo são africanos. Muitos deles são cristãos. Não é de surpreender que a história de Daniel e de seus três amigos, que, ainda jovens, sabiam o que era estar exilado e sujeito a remoções forçadas, seja para nós exemplo de como triunfar nas provas e permanecer firmes em meio a tempos difíceis.

**1:1-7 O cativo**

O livro de Daniel inicia com história: a captura da capital de Judá, Jerusalém, pela superpotência de seus dias, o Império Babilônico, sob o governo do rei Nabucodonosor (1:1-2). Isso aconteceu *no terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá* aproximadamente em 605 a.C. (cf. tb. 2Rs 24:1-2; 2Cr 36:5-7).

A apostasia moral e a idolatria das dez tribos do Reino do Norte, Israel, já haviam levado à queda pelos assírios

em 722 a.C. (1Rs 11:5; 12:28; 16:31; 18:19; 2Rs 21:3-5; 2Cr 28:2-3). O Senhor avisara a Judá, o Reino do Sul, que eles enfrentariam destino semelhante. Jeremias lamentou: “O pecado de Judá está escrito com um ponteiro de ferro [...] Seus filhos se lembram dos seus altares e dos seus postes-ídolos [...] Far-te-ei servir os teus inimigos” (Jr 17:1-4). Mais tarde, Jeremiasalaria de Nabucodonosor como o inimigo de cujas mãos o Senhor livraria seu povo, dizendo que seriam cativos por setenta anos (Jr 25:8-11). Daniel não tinha dúvidas de que a queda de Judá representava o juízo divino: *O SENHOR lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e alguns dos utensílios da Casa de Deus* (1:2).

O próprio Jeoaquim ficou em Jerusalém como vassalo (ou escravo) do rei Nabucodonosor (2Rs 24:1). mas 3.023 judeus nobres (Jr 52:28) foram deportados para a Babilônia. Oito anos depois, mais 832 judeus foram deportados, incluindo o rei Joaquim, filho de Jeoaquim, e o profeta Ezequiel (2Rs 24:8-15; Jr 52:29; Ez 1:1). A terceira e última deportação, junto com a destruição de Jerusalém, aconteceu em 586 a.C. durante o reinado do rei Zedequias (2Rs 25:1-12; 2Cr 36:20).

Quando os deportados chegaram à Babilônia, os melhores judeus exilados foram selecionados e treinados para servir no palácio do rei. O padrão era alto: seus pais deveriam ser de linhagem real ou membros da nobreza; fisicamente, precisavam ser jovens sem nenhum defeito; politicamente, deveriam ser bem informados, diplomáticos e sábios; e, publicamente, formosos, educados e persuasivos. Teriam de estudar rigorosamente *a cultura e a língua dos caldeus* por três anos, enquanto vivessem na corte do rei e comessem sua comida (1:4-5). Moisés experimentou um programa semelhante na corte de Faraó (At 7:22).

Não nos é dito imediatamente porque os quatro moços hebreus, Daniel, Hananias, Misael e Azarias, são mencionados de modo específico (1:6). Mas a informação que temos é que seus captores logo iniciaram um processo de despersonalização, começando pela mudança do nome dos jovens. Para os semitas, os nomes não são meras insígnias. Da mesma forma que os nomes africanos ligam as pessoas a seus ancestrais, a seus valores tribais e a seu destino coletivo, assim era para aqueles hebreus. *Daniel* significa “Deus é meu juiz”. *Hananias* significa “aquele a quem Javé demonstra graça”. *Misael* é uma pergunta: “Quem é como Deus?”, e *Azarias* significa “aquele a quem Javé ajuda”. Esses jovens foram educados em lares judeus piedosos. Daniel pode até ter sido um descendente do rei Ezequias, um rei que temia a Deus (cf. 2Rs 20:17-19; Is 39:6-7).

Com o propósito de desligá-los de seus antepassados, de sua aliança com o Senhor e de seu destino coletivo como povo, Aspenaz, o chefe dos eunucos, deu-lhes nomes derivados de divindades babilônicas. *Beltessazar* significa “Príncipe de Bel”, conforme Bel, deus patrono da Babilônia (Is 46:1; Jr 51:44). *Sadraque* significa “inspirado pelo deus-sol, Aku”. *Mesaque* significa “quem pode ser comparado a

Shak?”, nome dado à deusa Vênus, a quem os babilônios adoravam. *Abede-Nego* significa “servo do fogo resplandecente”, alusão ao deus-fogo ou uma corrupção do nome Nebo.

Os africanos também tiveram seus nomes mudados. Alguns recebem ou tomam o nome de suas colônias principais. Outros são forçados a deixar seu nome por causa de sua conversão ao cristianismo (ou ao islamismo) e o substituem pelos assim chamados nomes cristãos, que nada mais são que nomes europeus. Entretanto, recentemente, alguns cristãos cujo nome familiar tem uma ligação com divindades tradicionais o substituíram por títulos como “Oluwa”, que significa “Senhor”, ou simplesmente “Jesus”. Daniel e seus amigos não tiveram escolha quanto a seus nomes, e tanto um grupo de nomes quanto o outro são usados de modo passível de mudança no livro. Contudo, onde tivessem de fazer uma escolha e onde isso tivesse maior significado, mais eles optavam pelo Senhor.

### 1:8-10 A separação de Daniel e seus amigos

*Daniel assentou no seu coração não se contaminar* (1:8, RC). Na Bíblia, o coração é o ponto de conexão com Deus, onde o mortal encontra o imortal. É o que determina nosso sistema de fé, dita nossos valores morais e direciona nossas ações. Sempre que Deus procura por um homem ou uma mulher para usar, ele examina o coração (1Sm 16:7; 1Cr 28:9). Nosso Senhor identificou o coração como o centro gerador de pensamentos, atitudes e comportamentos maus (Mc 7:20-23).

Daniel decidiu disciplinar seu coração e seu corpo (1:8). Há extrema carência desse domínio próprio entre os líderes espirituais de nossos dias. O problema que Daniel teve de enfrentar foi que tanto a comida babilônica quanto os meios pelos quais ela era preparada não se adequavam à lei de Moisés (Lv 7:11; Dt 14:3-21), e mais, a comida e o vinho eram oferecidos aos deuses babilônicos. Participar desses alimentos resultaria em contaminação religiosa. Por essa razão, Davi recusou conformar-se. O chamado do NT para que os crentes se separem deste mundo é, de modo semelhante, uma convocação para a não conformidade (Rm 12:1-2; 2Co 6:14-18; 1Jo 2:15-17).

Liderança é a habilidade de influenciar outras pessoas. Embora se mencione especificamente que só Daniel decidiu não comprometer sua dieta, a reação do oficial ao seu pedido é dirigida a ele e a seus companheiros (1:10). É digno de nota que essa reação é condicionada por Deus, que está trabalhando por trás das cenas (1:9). Permanece válido o princípio de que Deus honra aos que o honram (cf. 1Sm 2:30).

### 1:11-16 O sacrifício que restitui

Parece que o chefe dos eunucos transferiu equivocadamente a vigilância de Daniel e seus três amigos para um oficial mais jovem com o título *melzar*, que é traduzido por “chefe



dos oficiais” (NVI), “chefe dos eunucos” (RC) ou mesmo “cozinheiro-chefe” (1:11, RA). Daniel, muito educadamente, pediu para que ele e seus amigos pudessem fazer um teste de dez dias só com uma dieta vegetariana e água (1:12-13). Os rapazes não boicotaram a comida do rei, pois ainda aceitaram vegetais e água. Também não exigiram tratamento especial, mas solicitaram isso de modo cortês. (Note que esse incidente não pode ser usado para discussões sobre vegetarianismo. Daniel não estava preocupado em não comer carne, mas em evitar contaminação religiosa. Os quatro jovens estavam fazendo um sacrifício, por isso os oficiais hesitaram em conceder-lhes o pedido.)

O responsável consentiu com o pedido de Daniel (1:14), sem dúvida, devido ao favor de Deus, embora isso não seja declarado de modo explícito. *No fim dos dez dias, a sua aparência (de Daniel e seus amigos) era melhor; e estavam eles mais robustos* que os outros companheiros (1:15). Para que um efeito desse tipo seja notado em apenas dez dias, deve ter havido intervenção divina.

### 1:17-21 O dom espiritual de Daniel e seus amigos

Deus abençoou a aparência exterior de Daniel e de seus amigos e também manifestou dons espirituais invisíveis de sabedoria, conhecimento, entendimento e habilidade sobre eles, que escolheram honrá-lo ao não se comprometer com os manjares do rei (1:17). Esse é o modo de Deus honrá-los como recompensa e é compatível com seu caráter e com a maneira de fazer as coisas. Sempre que Deus chama alguém para alguma tarefa, ele equipa essa pessoa com os instrumentos apropriados na forma de talentos, treinando e concedendo os dons espirituais necessários para realizar a obra (cf. Êx 31:1-6; Lc 4:18-10; At 10:38).

O fato de Deus conceder dons espirituais não elimina a necessidade de um rigoroso treinamento humano. Daniel e seus amigos não se afastaram da faculdade, mas estudaram muito e completaram os três anos do programa determinado pelo rei (1:18; 1:15). Ainda que os quatro fossem privilegiados com a inteligência e o conhecimento da literatura dos caldeus (como exigido por seu currículo — 1:4) e fossem capazes de distinguir o verdadeiro do falso, somente Daniel tinha entendimento das visões e sonhos. Deus o estava equipando para a função que ele iria desempenhar anos mais tarde.

Nos dias atuais, a África inteira necessita desesperadamente de líderes servos que atuem piedosamente na igreja e na sociedade. Daniel nos deu exemplo de por onde começar — por uma fé pessoal em Cristo — e de como continuar — com um comprometimento inflexível a Cristo e ao serviço diligente.

O rei Nabucodonosor não só era inteligente e capaz o bastante para entrevistar seus cidadãos eruditos, mas também de mantê-los sob controle e exigir-lhes prestação de contas. O Estado sob sua liderança havia investido pesadamente nesses estudantes. Ao final da instrução e trei-

namento dos jovens, o rei os examinou minuciosamente (1:19-20). Isso contrasta com a atitude de muitos chefes de Estado africanos que, na melhor das hipóteses, colocam os intelectuais em segundo plano ou, na pior, os eliminam. Nabucodonosor não investiu neles para seu próprio entretenimento, mas para que pudessem ajudá-lo a solucionar difíceis problemas que envolviam o governo da nação. O bem maior de qualquer nação é um povo bem treinado, bem capacitado e bem educado.

Ao finalizar o cansativo exame, o rei descobriu que Daniel, Hananias, Misael e Azarias eram *dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino* (1:20). Isso significa que o rei ficou surpreso com quão inteligentes e afáveis eram os jovens hebreus ao responderem a cada pergunta que lhes era feita. Esse foi um claro sinal da bênção de Deus sobre a vida deles. No capítulo 2 do livro, vemos evidências concretas dessa sabedoria.

Alguns argumentam que 1:21 não pertence ao capítulo 1. Isso é possível. É evidente que o livro não está na ordem cronológica exata, pois nesse caso os capítulos 7 e 8 deveriam preceder o 5 e o 6. Todavia, tais detalhes não afetam a precisão do registro de Daniel.

### 2:1-49 O reino de Deus em meio a uma crise

Os mortais anseiam crer que por trás do visível existe o invisível, por trás do tangível reside o intangível e por trás do natural se encontra o sobrenatural. Acreditam que o poder e o conhecimento disponíveis no mundo invisível são bem maiores que os do mundo visível. Consequentemente, os governantes têm-se cercado de adivinhadores, conselheiros e homens sábios que, segundo eles acreditam, possuem conhecimento esotérico que pode ser usado para decifrar os enigmas da vida. Na época de Moisés, Faraó tinha seus sábios, feiticeiros e mágicos, da mesma forma que Nabucodonosor no tempo de Daniel. Tal como o rei Saul consultou a médium de Endor em seus dias de tribulação (1Sm 28:7-19), muitos líderes políticos africanos nos dias de hoje se voltam para médiuns e bruxarias, especialmente quando as eleições se aproximam.

#### 2:1-13 A crise de um sonho oculto

O rei Nabucodonosor teve o sonho aqui registrado *no segundo ano de seu reinado* (2:1), embora a impressão é de que Daniel já havia terminado os três anos do programa de treinamento. A explicação para o desencontro nas datas é que, durante um ano, Nabucodonosor reinou junto com seu pai, Nebopolassar, que morreu em setembro de 605 a.C. No sistema de cálculo dos caldeus, esse primeiro ano não foi creditado ao reinado de Nabucodonosor. Portanto, seu segundo ano coincidiu com o terceiro e o último ano do treinamento de Daniel.

Visões, sonhos e profecias são meios de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material e podem

## SONHOS

Passamos mais de um terço de nossa vida dormindo, e durante esse período temos muitos sonhos, a maioria dos quais não conseguimos lembrar. Esses sonhos têm várias funções. Alguns, como os que expressam ansiedade, refletem apenas nosso estado mental. Outros podem revelar ou esconder segredos. Vítimas de guerra frequentemente revivem suas experiências traumáticas em pesadelos.

Na África, também se acredita que sonhos importantes são um meio de comunicação entre este mundo e o mundo espiritual dos antepassados, das divindades e do Deus Altíssimo. Os vivos se comunicam com seus ancestrais por meio de sacrifícios e profecias, e esses respondem por intermédio de sonhos e visões, e às vezes com o auxílio de médiuns.

Os sonhos podem ter efeitos tanto no âmbito nacional como global. No século XIX, o rei Mswati I da Suazilândia sonhou que um visitante estrangeiro estava chegando, segurando nas mãos um pergaminho e um disco de metal. O pergaminho foi interpretado como sendo uma Bíblia, e o disco, como uma moeda. Ao acordar, o rei avisou a seus súditos para darem as boas-vindas ao visitante e aceitarem o livro, que traria paz e prosperidade à nação. Mas eles deveriam rejeitar a moeda, que causaria miséria e ambição. Logo após esse fato, missionários brancos da África do Sul vieram a Suazilândia para fundar igrejas. Hoje, mais de 83% da população desse país se declaram cristãos.

Os cristãos não se surpreenderão com essa história, pois a Bíblia reconhece que Deus pode usar sonhos como meio de comunicação. Os sonhos podem revelar os planos de Deus, ou podem revelar o futuro como aconteceu no caso de José (Gn 37:5-10; 41:1-7). Com Abimeleque, rei de Gerar, Deus usou um sonho para impedir o mal, avisando-o de que Sara era uma mulher casada (Gn 20:1-7). Deus revelou sua aliança a Jacó no sonho da escada que chegava ao céu (Gn 28:10-22). E revelou a Daniel seu plano redentor para o estabelecimento de seu reino na terra (Dn 2:4,7). Por meio de sonhos, Deus deu

instruções a José (Mt 1:20; 2:12,13,19,22) e um aviso a Pilatos (Mt 27:13,19).

Parece que os sonhos, assim como as visões, comunicam dois dos principais atributos de Deus: sua presença e seu poder. São usados com frequência quando Deus ou seu reino irrompem no mundo gentio. Com a vinda do Espírito Santo para assumir sua residência permanente nos crentes, diminuí o uso dos sonhos como agentes de revelação. Desse modo, enquanto os livros de Gênesis e Daniel têm setenta e oito referências a sonhos (isto é, cerca de 65% de referências a sonhos na Bíblia), há somente nove referências no NT: seis em Mateus, duas em Atos e uma em Judas. Todavia, como profetizado por Joel, o Espírito Santo ainda se serve de sonhos para se comunicar com os crentes e direcionar seus ministérios (Jl 2:28).

Os sonhos podem ser audíveis (Jó 33:15-17) e são geralmente simbólicos (Gn 41:8; Dn 2:2). O simbolismo significa que eles nem sempre são fáceis de interpretar. Como Nabucodonosor, os sonhadores se tornam ansiosos na ausência de interpretações (Dn 2:1-12). Tanto José como Daniel sabiam que essa interpretação pertence a Deus (Gn 41; Dn 2:24-45).

Como qualquer outro dom, os sonhos podem ser falsificados ou corrompidos. Por conseguinte, Deus providenciou dois testes para os sonhos: a Palavra e o Espírito. Qualquer sonho que contradiga as Escrituras, não é de Deus (Dt 13:1-5). Um crente cheio do Espírito pode usar o dom de discernimento para diferenciar entre os sonhos verdadeiros e os falsos (cf. Jr 23:25-32; 29:8-11; 1Ts 5:21).

Muitas igrejas africanas nativas se originaram dos sonhos dos seus fundadores. A maioria afirma que doutrinas, liturgias e práticas estranhas foram reveladas em sonhos. Sem levar em consideração o sucesso que tais grupos alcançam (Dt 13:1-2), suas práticas devem ser julgadas por sua consistência ou contradição com respeito à Bíblia.

Tokunboh Adeyemo

revelar realidades presentes e futuras (cf., p. ex., Gn 37:41). Nabucodonosor perturbou-se quando teve uma série de sonhos (2:1-2), incluindo um em particular que lhe trouxe maior preocupação (2:3). Então, convocou seus especialistas espirituais — mágicos, adivinhadores, feiticeiros e a distinta casta sacerdotal chamada de “caldeus” no texto original (2:2) — e pediu-lhes para explicar o sonho.

Ao falar em favor de todos os adivinhadores, os caldeus (“astrólogos” na NVI) responderam ao rei *em aramaico* (2:4). O hebraico e o aramaico eram línguas irmãs. Os judeus falavam principalmente o hebraico, enquanto os babilônios e os persas falavam o aramaico, que era a língua diplomática e comercial do império. Daniel era fluente

em ambas. De 2:4 a 7:28, ele escreveu em aramaico, parcialmente porque a população babilônica usava essa língua livremente.

Os caldeus esperavam que as coisas fossem fáceis: “*Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação*” (2:4). Mas o rei não estava interessado nisso. Ele queria que os caldeus lhe falassem qual havia sido o sonho e lhe dessem a interpretação. Eles morreriam se falhassem, mas seriam graciosamente recompensados se fossem bem-sucedidos (2:5-6).

O rei estaria retendo o sonho deliberadamente ou de fato tinha esquecido o que sonhara? É possível que ele não tenha sido capaz de recordar todos os detalhes, mas o que



parece é que lembrava o suficiente para dizer se os caldeus estavam mentindo (2:9).

Os conselheiros ficaram em estado de choque, e o rei se horrorizou com o fracasso do grupo. Ele exigiu uma resposta imediata, lembrando-os da ameaça que fizera de matá-los e destruir suas casas (2:5,8-9). Os caldeus recusaram-se a assumir o risco de adivinhar errado o teor do sonho. Em desespero, declararam: *Não há mortal sobre a terra que possa revelar o que o rei exige; [...] e ninguém há que a possa revelar diante do rei, senão os deuses, e estes não moram com os homens* (2:10-11). A resposta deles ajustava-se à crença de que há coisas que os deuses sabem, mas que para os humanos permanecem desconhecidas. Todavia, irritado, o rei rejeitou a resposta, pois aqueles homens eram tidos como representantes dos deuses e haviam recebido treinamento para revelar segredos. Furioso, o governante ordenou sem demora que *matassem a todos os sábios da Babilônia* (2:12). Provavelmente, a severidade da sentença se deveu ao fato de que os comentários em 2:10-11 não foram formulados de maneira diplomática.

Daniel e seus companheiros não estavam entre os convocados pelo rei, mas seu edito se aplicava também a eles. Os executores enviados para matar os sábios foram buscar Daniel e seus amigos (2:13).

### 2:14-23 O conselho de Daniel

Arioque, o capitão da guarda do rei, não demorou muito para localizar Daniel. De maneira cortês, fazendo uso da sabedoria que Deus lhe dera, Daniel conseguiu obter informação sobre o que estava acontecendo, marcou uma audiência segura com o rei e adiou a execução (2:14-16). O texto não fala de quanto tempo lhe foi dado, mas pode não ter sido um período muito longo devido ao desespero e à ira do rei. Embora seja possível que o pedido de Daniel tenha sido apenas atendido em parte porque a ira do rei já havia diminuído, não se pode negar que a mão de Deus estava sobre ele. “Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, ele reconcilia com ele os seus inimigos” (Pv 16:7).

Imediatamente, Daniel convocou seus colegas para orar fervorosamente (2:17-18). Provérbios diz: “A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las” (Pv 25:2). Sabendo disso e confiando no convite que Deus nos faz — “Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes” (Jr 33:3) —, Daniel e seus companheiros se voltaram para a oração. Suas orações foram dirigidas *ao Deus do céu* (2:18-19), um tipo de referência a Deus encontrado somente em três outros livros da Bíblia: Ezequiel, Neemias e Apocalipse. As orações dos moços foram diretas, específicas e desesperadas. Eles sabiam que o fracasso em dar uma resposta significaria a morte. Sabemos que Deus não responde a qualquer tipo de oração; em vez disso, ele responde a orações intensas feitas de acordo com sua vontade.

Fiel à sua promessa, Deus revelou o sonho do rei *numa visão* (2:19). Em sonhos, que geralmente acontecem à noite, o sonhador é passivo, e somente o subconsciente está envolvido. Em contraste, uma visão pode ocorrer a qualquer hora do dia ou da noite, e é frequentemente interativa e participatória. Quando Saulo de Tarso viu o Senhor na estrada para Damasco, ele falou com Jesus. Semelhantemente, houve interação entre o Senhor e Ananias quando este recebeu uma visão que o instruiu a dispor-se e orar por Saulo (At 9:10-17).

A reação de Daniel ao receber a visão foi adorar e louvar o revelador (2:20-23). O conceito que ele tinha de Deus incluía sua poderosa sabedoria, onisciência e onipotência. Deus tem poder para reajustar tempos e estações, estabelecer e remover reis, revelar coisas profundas e secretas e, é claro, redimir seu povo da morte e da destruição, dando a Daniel o conhecimento que os deuses dos caldeus não podiam revelar (2:23). Não temos nenhum registro dessa oração, mas seu louvor permanece indelével. Esse é o caminho para todos os crentes: mais louvores, menos petições!

### 2:24-45 O significado divino dos impérios mundiais

Confiante de que o Senhor respondera às suas orações, Daniel solicitou imediatamente que a execução dos sábios fosse suspensa (2:24). Arioque rapidamente o levou ao rei, anunciando: *Achei um dentre os filhos dos cativos de Judá* (2:25). Ele dá a impressão de que não fora permitido a Daniel ver o rei antes (cf., porém, 2:16). Entretanto, a maneira com que o rei se dirigiu a Daniel, usando provavelmente seu nome babilônico, Beltessazar, mostra que ele percebeu isso mediante a pronta apresentação de Arioque (2:26).

A humildade com que Daniel se dirigiu ao rei também contrasta com a arrogância de Arioque. Evidentemente, ele começou declarando que ninguém na Babilônia ou em qualquer lugar do mundo poderia revelar o sonho secreto do rei, *mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios* (2:27-28). Esse é um poderoso testemunho público da grandeza de nosso Deus. Lembre-se de que naquela época Daniel deveria ter cerca de 20 anos e recentemente acabara seus estudos. Ele defendeu seus colegas babilônicos, ressaltando suas limitações humanas (e as suas próprias — 2:30), atribuindo, dessa forma, toda a glória a Deus.

A seguir, Daniel procedeu à descrição do que Nabucodonosor havia visto em seu sonho (2:31-35). O rei deve ter ficado horrorizado enquanto Daniel relatava cada detalhe da estátua. Era feita de metal, com a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro, e os pés de uma mistura de ferro e barro. Havia, portanto, uma nítida deterioração de qualidade desde o ouro até os pés de barro. Havia uma redução semelhante em peso, mas um aumento em dureza do alto até a base (exceto em relação aos pés de barro). Daniel continuou então a revelação, dizendo que uma pedra cortada sem auxílio de mãos humanas atingiu a imagem no



ponto mais fraco e a esmiuçou, transformando-a em pó, que foi levado pelo vento, sem deixar nenhum sinal da grande estátua. A pedra, porém, se transformou em uma grande montanha que encheu toda a terra (2:35).

Daniel não perguntou ao rei se a descrição do sonho estava correta (2:36). A fonte da revelação não pode mentir (Tt 1:2). Assim, ele passou diretamente à interpretação do sonho (2:36-45) com respeito a cinco impérios diferentes:

- **A cabeça de ouro** representava o reino babilônico de Nabucodonosor. Ele mesmo é descrito como *rei de reis*, título que indica domínio e supremacia. Daniel imediatamente o faz lembrar de que ele não alcançou posição por sua força militar, mas por designação do *Deus do céu*, o rei supremo que reina no céu e na terra. Por ora, Nabucodonosor reina na terra com autoridade delegada: *a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória* (2:37).
- **O peito e os braços de prata** representam um reino que Daniel não menciona, mas descreve como *inferior ao teu* (2:39). Esse reino é identificado mais tarde com sendo o medo-persa, que conquistou a Babilônia em 539 a.C. (5:26-31). A dupla origem desse reino se refere aos dois braços.
- **O abdome e os quadris de bronze** representam um reino que também não é identificado senão mais tarde (8:20-21), em que é referido como "o reino da Grécia". Alexandre, o Grande, levou o exército grego a uma série de avanços militares que começaram em 334 a.C. e invadiram o reino medo-persa.
- **As pernas de ferro e os pés em parte de ferro e em parte de barro** representam o quarto império mundial, que é um reino em forma, mas que diverge em composição (ferro e barro) e substância (dez dedos). Dos quatro metais, o ferro é o mais forte, e, *como o ferro quebra todas as coisas, assim ele fará em pedaços e esmiuçará* (2:40). Isso não deve ser interpretado como se significasse que o quarto reino ainda encontrará os três reinos anteriores existindo, pois de acordo com o texto o primeiro foi destruído pelo segundo, e o segundo, pelo terceiro. Particularmente, os materiais dos dois primeiros reinos foram incorporados ao terceiro e são destruídos junto com ele. Contudo, esse reino de ferro que brutalmente esmaga tudo em seu caminho é caracterizado por divisão e incoerência. Isso fica claro a partir do fato de que ferro e barro não se misturam bem, assim como a partir da presença dos dois pés e dos numerosos dedos (2:41-42). A discordância interna também é complicada pelo fato de que *misturar-se-ão mediante casamento* (2:43). Essa expressão pode ser traduzida literalmente por "misturarão com a semente dos homens" e tem sido objeto de inúmeras interpretações. Alguns a aceitam como se referindo à união política dos governantes,

enquanto outros a descrevem como uma forma de governo democrático em oposição a ditadura, ou a uma tentativa de misturar o domínio da lei com o domínio pela violência. Em qualquer caso, o quarto reino não conseguirá verdadeira unidade.

- **O reino de pedra** é aquele que destruirá todos os demais reinos, incluindo o de ferro (2:44-45). A enorme estátua humana será despedaçada por uma pedra cortada sem auxílio de mãos, a qual se transformará numa grande montanha e cobrirá toda a terra. Daniel identificou esse quinto reino como o governo estabelecido pelo *Deus do céu*, que nunca *passará a outro povo*, e como sendo indestrutível e eterno. Mais tarde, na própria visão de Daniel, esse quinto reino é dado aos santos do Altíssimo (7:18).

As considerações finais dos três primeiros reinos ficam claras a partir da própria profecia e da história. O Império Babilônico sucumbiu ao Império Medo-Persa em 539 a.C., e este caiu nas mãos dos gregos entre 334 a.C. e 331 a.C. O Império Grego esfacelou-se sob o domínio do Império Romano em 146 a.C. A data do fim do quarto reino é menos clara. No sonho, ele acaba com o repentino e catastrófico impacto de uma pedra seguido do estabelecimento do reino de Deus. Mas, uma vez que isso ainda não ocorreu na história, "os tempos dos gentios" não acabaram, e o governo mundial continua operando sob a égide do quarto reino com todas as suas forças, diversidade e fraquezas. O quarto reino ainda está por chegar (cp. 2:38).

## 2:46-49 Honra para Daniel

Impressionado pela capacidade de Daniel de revelar e interpretar o sonho, Nabucodonosor prostrou-se diante dele (2:46), mas exaltou e louvou o Deus de Daniel (não Daniel) como o grande e supremo rei e revelador de segredos (2:47).

Diante do mais poderoso rei da época, Daniel, em seu compromisso piedoso e construtivo, provou que seu Deus reinava. Examinando as crises conflitantes da África hoje, é preciso mais que cartazes de beira de estrada para convencer o mundo de que Cristo é a resposta. Precisamos de Josés e Daniéis que sejam capazes de revelar segredos, interpretar sonhos e solucionar enigmas.

Daniel não somente promoveu a glória de Deus, mas ele mesmo foi promovido à posição de governador de toda a província da Babilônia, bem como oficial chefe executivo de todos os sábios (2:48). Diferentemente de Josés, a quem foi dada uma esposa egípcia (Gn 41:45), as dadas de Daniel não incluíam uma esposa. De modo apropriado, ele se lembrou de seus três parceiros de oração. Seu pedido para que eles também recebessem posições de autoridade e influência na província foi atendido pelo rei. Muitos que recebem autoridade esquecem aqueles que os ajudaram a adquiri-la. Daniel não esqueceu.

### 3:1-30 Fé sob fogo

Nabucodonosor pode ter construído uma imagem de ouro nos meados de seus quarenta e um anos de reinado, quando estava no apogeu de seu poder. Ou, mais provavelmente, pode ter sido inspirado pela interpretação que Daniel deu a respeito de seu sonho, fato que teria acontecido anteriormente.

#### 3:1-7 Ordem para adorar um ídolo

Nabucodonosor celebrou as novas de que o Deus do céu lhe havia concedido um reino, poder, força e glória (2:37-38) ao erigir uma imponente imagem de ouro como objeto de adoração. A imagem tinha 60 côvados (27 m) de altura, tão alta quanto um edifício de nove andares, e 6 côvados (2,7 m) de largura. Não poderia ser de ouro maciço, pois tal peso e tal custo teriam sido proibitivos, mas a imagem recebera uma camada de ouro reluzente. Foi levantada no campo de Dura, a cerca de 9 milhas (15 km) da capital Babilônia (3:1).

Tem havido muita especulação quanto ao motivo que levou Nabucodonosor a erguer a estátua. Parece provável que ele estivesse tentando impor uma nova religião. Como despota, considerava culpado de traição e passível de punição pela morte quem não aceitasse essa religião (3:6). Entre os akans de Gana e os iorubas da Nigéria, o rei tradicional supremo também é considerado uma divindade imortal e todo-poderosa, a quem se considera o segundo dos deuses em comando. Quando ele morre, é adorado como um dos ancestrais. Entretanto, esses reis diferem de Nabucodonosor pelo fato de não obrigarem seus súditos a adorá-los.

#### 3:8-12 Acusação contra os amigos de Daniel

Os caldeus, cuja vida Daniel e seus amigos haviam salvo (2:24), ficaram ressentidos com a promoção de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Então os acusaram de desrespeitar o rei (*ó rei, não fizeram caso de ti*), deslealdade (*a teus deuses não servem*) e desobediência (*nem adoram a imagem de ouro*) (3:12).

A primeira acusação era claramente falsa, pois eles tinham obedecido à ordem de estar presentes na cerimônia de dedicação (3:2-3). As outras duas acusações eram parcialmente verdadeiras, na medida em que eles se recusaram a violar o primeiro mandamento (Êx 20:3). Mas nos outros aspectos os jovens eram leais à terra e serviam ao rei fielmente.

Por que Daniel não foi acusado também? Ele pode ter sido afastado dos assuntos oficiais ou ficado de fora porque a inveja estava focada exclusivamente nos responsáveis pela província da Babilônia (3:12).

#### 3:13-18 A coragem dos amigos de Daniel

Diz-se que o medo entregue em oração pode ser chamado de coragem. Os três rapazes devem ter ficado aterrorizados com a ameaça do furioso rei (3:13-15), mas se recusaram

a comprometer-se e demonstraram uma fé pura em Deus. Não eram supersticiosos nem fanáticos (3:17-18), mas possuíam uma fé confiante em Deus e se sujeitaram humildemente à vontade divina. Não tinham dúvidas de que Deus era capaz de livrá-los. Também estavam convencidos de que Deus faria isso (3:17), visto que Nabucodonosor o havia desafiado publicamente (3:15). Estavam, porém, cientes de que a batalha não era deles, mas do Senhor (2Cr 20:15). O Senhor poderia escolher não livrá-los da morte, então que assim fosse (3:18). Eles preferiam ser queimados a se curvar diante de ídolos! Seu exemplo heroico tem inspirado a igreja através da história (Hb 11:34). Isso fortaleceu os noventa e nove mártires ugandenses torturados até a morte porque se recusaram a renunciar Jesus como Senhor. Estamos diante da mesma exigência: senhorio absoluto exige rendição absoluta.

#### 3:19-25 A fornalha aquecida sete vezes mais

A resposta polida mas arrojada dos jovens só acendeu a ira do rei. Em consequência, ele ordenou que a fornalha fosse aquecida ainda mais que o costume. Os cristãos às vezes enfrentam provas extremas, principalmente no mundo islâmico. Recentemente, no norte da Nigéria, prédios de igrejas foram destruídos e cristãos ex-muçulmanos morreram por sua fé.

A fornalha de Nabucodonosor estava tão quente que o fogo queimou os soldados que ali lançaram os jovens. Esse foi um ato do juízo de Deus diante dos olhos do rei. Mas havia mais. O rei havia lançado no fogo três homens amarrados; agora, porém, ele podia ver quatro homens caminhando por entre as chamas, soltos e sem nenhum dano, e o quarto tinha a aparência de *um filho dos deuses* (3:25). Nabucodonosor não podia reconhecer a pré-encarnação do Filho de Deus, por isso o descreveu como um anjo ou um ser divino (3:38).

O Senhor aqui cumpriu sua promessa: “Quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu sou o SENHOR, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador” (Is 43:2-3).

#### 3:26-30 A admiração pelos amigos de Daniel

Nabucodonosor estava aterrorizado quando chamou por Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, dirigindo-se a eles como *servos do Deus Altíssimo* (3:26). Ele havia encontrado esse Deus “como revelador de mistérios” antes (2:47), mas agora ele o vê como libertador (3:28-29). Infelizmente, Nabucodonosor não aceitou esse Deus em seu coração. Apenas declarou que ele era o único ser capaz de salvar seus servos e proibiu que lhe dirigissem, sob pena de morte, qualquer insulto.

Os três jovens hebreus ganharam o respeito do rei e foram promovidos (3:30). É interessante notar que depois do milagre eles não repreenderam o rei nem alardearam sua fé, como muitos fariam nos dias de hoje. A batalha foi



iniciada pelo Senhor, e seu oponente, Nabucodonosor, teve de admitir a derrota. O que mais poderia ser dito? Não sabemos nada mais sobre esses homens no restante do livro.

#### 4:1-37 A humilhação do rei Nabucodonosor

As histórias a respeito de Nabucodonosor no livro de Daniel se estenderam pelos quarenta e três anos de seu reinado, desde a subida ao poder, passando pela queda por causa de seu orgulho, até o conseqüente arrependimento, seguido de salvação e restauração. O seu caso fala da longanimidade e misericórdia de Deus, cujo desejo é que todos sejam salvos (1Tm 2:1-7). Também fala da fé e tenacidade de Daniel, que se recusou a comprometer seus princípios, mas não deixou de servir ao rei. Os acontecimentos descritos nesse capítulo referem-se ao fim da vida de Nabucodonosor.

#### 4:1-18 A declaração e o sonho de Nabucodonosor

O rei Nabucodonosor registra um testemunho de sua conversão e faz um relato do sonho que Deus usou para alcançá-lo. Daniel pode ter sido o escriba do rei, pois foi o evangelista que proclamou o caminho da salvação: *Põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranquilidade* (4:27). Precisamos desesperadamente de um testemunho profético ousado como este na África hoje. Embora tenha levado cerca de oito anos para que o rei compreendesse esse chamado ao arrependimento, finalmente se rendeu e humildemente tornou pública sua história por meio do decreto registrado aqui.

Os primeiros três versículos desse quarto capítulo são a introdução formal ao decreto. Eles registram o nome do remetente, *rei Nabucodonosor* (4:1a), explicando quem é o sujeito das frases seguintes. A seguir os versículos declaram a quem o decreto é enviado, a saber, a seus próprios súditos e a outros fora do reino (4:1b). A saudação formal traduzida como *Paz vos seja multiplicada* (4:1c), era na verdade *Shalom*, expressão comum para votos de felicidade nas línguas semíticas (cf. tb. 6:25). O rei então declara o propósito para o qual está escrevendo, a saber: compartilhar os impressionantes sinais e maravilhas forjados em sua vida pelo Deus Altíssimo (4:2-3).

Nabucodonosor descreve seu reino enquanto desfrutava de paz e prosperidade (4:4). Por esse tempo, ele tinha subjugado a Síria, a Fenícia, o Egito e a Arábia, e havia acumulado riqueza suficiente para fazer da Babilônia uma das cidades mais fabulosas do mundo antigo. (Semelhantemente, os recursos minerais da África foram saqueados pelos poderes colonizadores e usados para desenvolver as grandes capitais de Londres, Paris e Lisboa.) Sua fartura era uma fonte de orgulho (4:30).

Nesse ponto do curso de sua vida, ele teve outro sonho do qual se lembrou. E mais uma vez os *experts* babilônicos não conseguiram interpretá-lo para o rei (4:5-7; cf. tb. cap. 2). É possível ainda que estivessem receosos de interpre-

tar, temendo a reação do rei quando conhecesse o significado do sonho.

Daniel finalmente foi chamado. Nabucodonosor dirigiu-se a ele por seu nome babilônico, mas reconhecia que havia nele um espírito diferente (4:8). Embora o rei ainda fosse politeísta nessa época, sua referência a “deuses” mostra que ele diferenciou o espírito que era a fonte da sabedoria de Daniel como “santo” (4:8,9,18). Em 2:47, ele fala do Deus (singular) de Daniel, de modo que é possível que tenha usado aqui uma forma plural como uma maneira de expressar respeito).

A observação de Nabucodonosor ao dizer que *nenhum mistério te é difícil* (4:9,18) fixa um alvo para os verdadeiros servos de Deus. Eles devem ser solucionadores de problemas, e não causadores. Deus designou essa função aos profetas tanto no AT como no NT. Eles eram mensageiros de esperança em todas as situações difíceis (Dt 13; 1Rs 17—18; Lc 4:18-19; At 10:38).

Nabucodonosor sonhou com uma árvore enorme que fornecia alimento e abrigo para todos (4:10-12). No sonho, ele viu um mensageiro divino emitindo uma ordem para que a árvore fosse derrubada, seus ramos cortados, suas folhas removidas e seus frutos espalhados. Seu tronco e as raízes foram deixados na terra, atados com cadeias de ferro e de bronze (4:13-15a). Então, numa dramática mudança, a imagem da árvore se transformou em um homem molhado de orvalho e ali deixado para viver entre os animais do campo (4:15b). Pior que isso, ao homem foi dada a mente de um animal por um período de sete anos (4:16). Ainda no sonho, foi dito ao rei a razão pela qual isso fora feito: *A fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens* (4:17).

Poucos questionam o fato de que Deus reina supremo sobre os assuntos humanos em geral. O que muitos acham difícil entender é por que um Deus bom permite que líderes notoriamente ímpios detenham o poder sobre tantas nações africanas. Nem mesmo os africanos veem seus chefes, reis e presidentes como “os mais humildes dos homens”.

#### 4:19-27 Daniel decifra o sonho

Nesse momento, o Espírito do Deus santo deu a Daniel entendimento instantâneo a respeito do sonho. Daniel, porém, ficou inquieto pelo que fora profetizado ao rei a quem servira por mais de trinta anos e por cuja salvação havia orado. Diplomáticamente, começou sua apresentação desejando que o sonho fosse para os inimigos do rei (4:19). Então, sem medir as palavras, decifrou o sonho: *Es tu, ó rei* (4:22). A árvore representava Nabucodonosor no apogeu de sua glória. O Altíssimo decretou que Nabucodonosor ficaria louco por sete anos até que reconhecesse Deus como soberano Senhor (4:24-25). Quando ele se arrependesse e fizesse isso, o reino lhe seria restaurado (4:26).

Daniel concluiu sua interpretação com um convite: *Põe termo, pela justiça, em teus pecados (4:27)*. Isso é compatível com as denúncias proféticas através dos séculos: Natã diante do rei Davi (2Sm 12:7); Elias diante de Acabe (1Rs 18:18); e João Batista diante de Herodes (Lc 3:19-20). A igreja na África precisa de uma voz profética hoje. Na luta contra a *apartheid* na África do Sul, o arcebispo Desmond Tutu era essa voz. Nos dias de Idi Amin em Uganda, o falecido arcebispo Janani Luwum foi essa voz.

#### 4:28-33 O transtorno de Nabucodonosor

O juízo não aconteceu imediatamente, e por isso Nabucodonosor ignorou o sonho. Doze meses mais tarde, ele passeava no terraço do palácio, admirando seus feitos. A informação que temos é que o muro externo do palácio tinha 9.600 metros de extensão. Havia duas outras muralhas do lado de dentro, uma grande torre e três portões de bronze. Nabucodonosor atribuía tudo quanto tinha alcançado ao seu poder e viu que todas essas coisas contribuíam para a própria glória, sem nenhum reconhecimento de Deus. Como Lúcifer, seu orgulho o levou à queda (Is 14:12-15). De repente, o veredicto veio do céu: *A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Já passou de ti o reino (4:31)*. Não poderia haver dúvida quanto à ligação entre o crime e a punição.

Imediatamente, Nabucodonosor ficou louco, foi separado de seu povo e comia grama como gado. Ele não mais atentou para sua higiene pessoal, seu cabelo cresceu selvagem como penas de águia e suas unhas se tornaram como garras de pássaros (4:33). Parece que, embora tenha sido privado de suas obrigações reais, Nabucodonosor foi protegido e guardado nos jardins do palácio, longe dos insultos de pessoas comuns.

Essa doença que faz uma pessoa pensar que é um animal é conhecida como zoantropia, ou boantropia quando alguém pensa ser um boi. Um caso semelhante ao de Nabucodonosor foi observado em uma instituição mental britânica em 1946. Casos similares existem hoje, mas agora há tratamento disponível para os portadores.

Durante o período de insanidade de Nabucodonosor, seu filho, Evil-Merodaque, governou como regente (Jr 52:31). Daniel continuou a servir como chefe dos sábios e deve ter trabalhado a fim de assegurar tratamento de qualidade para Nabucodonosor à luz da interpretação do sonho e da esperança de restauração do rei.

#### 4:34-37 A decisão e a restauração de Nabucodonosor

A salvação envolve convicção e arrependimento pessoal, mesmo para Nabucodonosor. Após sete anos de humilhação, Deus o trouxe ao ponto no qual ele não mais elevaria seu coração soberbo; ao contrário, levantaria seus olhos ao céu em humilde rendição (4:34). Deus manifestou misericórdia e restaurou sua sanidade. Consequentemente, o rei explodiu em louvor e adoração, não a Daniel, como acontecera trinta e sete anos atrás (2:46), mas a Deus, a quem ele

descreveu como Altíssimo, um nome que deve ter conhecido dos mensageiros divinos em seu sonho (4:17,25). Já se disse que nada é mais doentio que o orgulho humano, e nada é mais sóbrio que louvar a Deus. Aquele que uma vez fora um rei arrogante se curva e humildemente adora *ao que vive para sempre (4:34)*, evidencia uma transformação interior.

A honra e o esplendor real de Nabucodonosor retornaram a ele, seus conselheiros e nobres (incluindo Daniel) o procuraram, e ele foi restaurado ao trono com uma glória ainda maior (4:36).

Nabucodonosor concluiu seu testemunho com a mais poderosa declaração de fé em Deus registrada nas Escrituras: *Eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu (4:37)*. Suas palavras refletem o fruto da influência e da oração de Daniel por ele. Orar nunca é em vão!

#### 5:1-31 Deus remove um rei blasfemo

Daniel não era um historiador e não fingiu ser ao registrar a história do império. Era profeta e estadista. O motivo que o levou a incluir este capítulo foi mostrar que a profecia referente à queda da Babilônia (2:32,39) se cumpriu em outubro de 539 a.C. A mudança resultante no governo afetaria seu povo.

#### 5:1-4 A blasfêmia do rei Belsazar

Belsazar é apresentado como rei da Babilônia (5:1) e filho de Nabucodonosor (5:2). Os críticos usaram essas duas afirmações para desafiar a precisão histórica do livro de Daniel, alegando que nenhum rei chamado Belsazar jamais reinou na Babilônia, muito menos sendo filho de Nabucodonosor. Entretanto, a descoberta do Cilindro de Nabonido e escritos extrabíblicos por Beroso e Heródoto, historiadores babilônico e grego respectivamente, providenciaram suporte arqueológico para o registro bíblico.

Nabucodonosor morreu em 562 a.C., e foi sucedido por seu filho, Amel-Marduque (562-559 a.C.), também conhecido como Evil-Merodaque (2Rs 25:27-30; Jr 52:31-34). Morreu assassinado por seu cunhado, Neriglissar (559-555 a.C.). O filho de Neriglissar, Labashi-Marduque (555 a.C.), reinou por somente nove meses antes de ser assassinado e substituído por Nabonido (555-539 a.C.), que era casado com uma irmã ou viúva de Nabucodonosor chamada Nitocris. Belsazar era o filho mais velho. Embora Nabonido não procedesse da linhagem real de Nabucodonosor, Belsazar era seu descendente por parte de mãe. Assim como Davi é chamado de pai — no sentido de ancestral — de Jesus em Lucas 1:32, Nabucodonosor poderia ser chamado de pai de Belsazar.

Nabonido reinou por dezessete anos. Treze deles governou com seu filho Belsazar, a quem deixou na Babilônia enquanto ele mesmo vivia em Teima, na Arábia. Essa coregência explica o modo de Daniel se referir a Belsazar e também explica por que a recompensa oferecida em 5:7 era para ser o terceiro no reino — já havia dois governadores.



De acordo com Heródoto, os eventos descritos nesse capítulo ocorreram em um dos grandes dias festivos dos babilônios. Ciro, o persa, já sitiava a cidade por cerca de três meses, e a esperança se fora. Nabonido tentara ajudar a cidade, mas fora golpeado pelo exército persa. Como acontece com frequência em tempos de crise, ele se voltou para um misto de religião e liberdade a fim de tentar incentivar a ética moral. Convidou mil de seus nobres, suas esposas e concubinas para um grande banquete. Então, provavelmente para expressar sua fé nos deuses babilônicos que, supostamente, lhe tinham concedido vitória no passado contra os judeus, o rei ordenou que fossem trazidas e usadas as taças de ouro e prata que seu pai havia capturado setenta anos antes em Jerusalém (5:2). Assim, os convidados beberam dos vasos do templo sagrado de Deus enquanto louvavam seus *deuses de ouro, de prata [...] e de pedra* (5:4). Belsazar estava desafiando o Deus santo de Israel.

À semelhança de Belsazar, na África contemporânea frequentemente nos voltamos para bebidas, mulheres e bruxarias quando chega uma crise. Nada disso nos oferece soluções.

### 5:5-9 A escrita na parede

Deus não permitiu que o desafio de Belsazar ficasse sem resposta. De repente, uma mão sobrenatural apareceu, escrevendo um veredicto na parede onde o rei pudesse ver. Embora o rei fosse capaz de fingir que não estava com medo da guerra do lado de fora da cidade, não pôde esconder o horror daquela visão. Ficou pálido, enquanto sua coragem sustentada pelo vinho o abandonava, e os seus joelhos batiam um no outro (5:6).

O rei chamou em voz alta por seus encantadores (5:7), que entraram depressa. Eles haviam falhado com seu avô Nabucodonosor quando este passou por uma crise (caps. 2 e 4), e também com Belsazar, intensificando a perplexidade e o medo do rei (5:8-9).

### 5:10-17 Recompensa rejeitada

Ao ouvir o alvoroço, a mãe do rei adentrou o recinto (5:10). (Ela é mencionada como a *rainha-mãe*, visto que a rainha, a esposa de Belsazar, já estava presente na festa — 5:2-3.) A senhora falou calmamente e lembrou seu filho acerca dos incríveis feitos de Daniel nos dias de Nabucodonosor (5:11-12). O rei a ouviu e imediatamente chamou Daniel, pedindo-lhe para interpretar o escrito na parede (5:13-15). Se Daniel fosse bem-sucedido, seria recompensado com dinheiro, fama e posição como o terceiro no reino (5:16; cf. comentários em 5:1-2).

Muitos ministros do evangelho em nações africanas venderam seu direito de primogenitura e comprometeram a verdade por luxo e posição. Mas Daniel rejeitou a oferta do rei em termos diretos (5:17). No entanto, ele estava preparado para ler e interpretar a escrita na parede.

### 5:18-24 Tal pai, tal filho

Antes de interpretar a inscrição, Daniel trouxe à memória de sua apavorada audiência o modo pelo qual Nabucodonosor havia sido destituído de sua honra por sete anos — fato conhecido por todos os membros da família real —, até que ele se humilhou diante do Deus Altíssimo (5:18-21). Então Daniel apontou o âmago da questão, dizendo: *Tu, Belsazar, que és seu filho, não humilhaste o teu coração, ainda que sabias tudo isto* (5:22). A blasfêmia e a estupidez de Belsazar foram denunciadas. *E te levantaste contra o Senhor do céu* (5:23), significando que o rei estava em rota de colisão com o Senhor Deus, que tinha a vida dele em suas mãos.

Uma canção popular na Nigéria tem um tema semelhante. A letra fala de um chefe de Estado recente que desafiou toda autoridade constituída dentro e fora do país. Mas, quando Deus disse: “Basta!”, seu poderio militar não pôde evitar sua morte.

### 5:25-31 Mensagem de juízo

Eis a nota de Deus a Belsazar: *MENE, MENE, TEQUEL, PARSIM*. *Mene*, repetido duas vezes para ênfase, significa “contado”. Deus estava dizendo a Belsazar: “O seu tempo acabou!”. A palavra *tequel* significa “pesado” e tem um segundo significado de “achado em falta”. Deus encontrou Belsazar sem peso moral e espiritual (5:27). A palavra *parsim* significa “quebrado” ou “dividido” e tem plural no fim para indicar a natureza plural do poder de conquista: *Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas* (5:28).

Alguns perguntam: “Por que medos e persas”, quando os persas eram os mais fortes nessa coalizão? A resposta pode ser encontrada no conhecimento que Daniel tinha das profecias de Isaías e Jeremias muitos anos antes (Is 13:17-22; 21:1-10; Jr 51:33-58). Daniel teria se lembrado da sua interpretação do sonho de Nabucodonosor, em que a cabeça de ouro foi sucedida pelo peito e braços de prata (2:32,39).

Belsazar cumpriu sua promessa de honrar e recompensar Daniel e o nomeou o terceiro maior líder no reino. Aparentemente, não estava esperando o cumprimento imediato da mensagem. Muitas pessoas em nossos dias cometem o mesmo erro. No entanto, *naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus. E Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino* (5:30-31).

### 6:1-28 A perseguição do justo Daniel

“Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12), e Daniel não foi exceção. “Não é o servo maior que o seu senhor”, disse Jesus. “Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros” (Jo 15:20). Infelizmente, somos bombardeados por uma teologia antibíblica sem dor (ou sem custo) que quer uma coroa sem uma cruz. Todavia, a importância da perseguição é confirmada pelo tamanho de espaço dado a ela tanto no AT como no NT, e igualmente no livro de Daniel.

### 6:1-3 A posição de Daniel sob um novo regime

Dario, o medo, levou a culpa pela morte de Belsazar. Entretanto, o problema é que não há registro de nenhum rei da Babilônia com esse nome, e parece haver confusão no registro de Daniel entre Dario e Ciro (1:21; 6:28). Eruditos evangélicos oferecem três soluções possíveis: a) Dario é outro nome para Ciro, o persa; b) Dario era, na verdade, Cambises, filho de Ciro; e c) Dario é outro nome para Gubaru, o governador que Ciro designou sobre a Babilônia imediatamente após a queda da cidade.

A última explicação tem apoio majoritário. A linguagem de 5:31 e 9:1 sustenta a interpretação de que Dario era um sub-rei sob o comando de Ciro. Ele é descrito como “governador do reino babilônio” (isto é, da Babilônia — 9:1, NVI), embora Ciro seja mencionado como *rei da Pérsia* (isto é, do império — 10:1). Tal como Belsazar foi corregente ao lado de Nabonido, seu pai, da mesma forma Dario, o medo, foi corregente ao lado de Ciro, o persa, o parceiro superior na coalizão.

Dario possuía vasta habilidade administrativa. Rejeitou o governo despótico dos babilônios e introduziu um sistema baseado no poder distribuído. O motivo que o levou a fazer isso foi primeiramente econômico: *para que o rei não sofresse dano* (6:2). Ele nomeou cento e vinte assistentes distritais supervisionados por três governadores provinciais, um dos quais era Daniel. Nessa época, Daniel já ultrapassara os 84 anos de idade, com mais de sessenta anos de serviço público acumulados. Todo o seu conhecimento a respeito da Babilônia e o registro de sua integridade significavam que não levou muito tempo para que Dario reparasse em Daniel. Como resultado, o rei *pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino* (6:3). “Vês a um homem perito na sua obra? Perante reis será posto; não entre a plebe” (Pv 22:29).

Daniel foi um estadista que serviu a três diferentes regimes com integridade. Devemos imitar suas qualidades enquanto aspiramos a ser sal e luz para nossa geração. Alguém já disse: “Os cristãos devem ser tão parecidos com Daniel a ponto de não serem ignorados”.

### 6:4-9 Conspiração contra Daniel

O fato de o rei favorecer Daniel despertou o ciúme de seus colegas oficiais, homens provavelmente mais jovens e ansiosos por alcançar um cargo de liderança. O que começou como ciúme se transformou em inveja; a inveja se tornou ódio racial (cf. a acusação em 6:13), e o ódio se converteu em conspiração.

A credibilidade de Daniel não permitia que ele fosse acusado de corrupção (6:4). Mas sua virtude o deixou vulnerável, pois significava que seus inimigos poderiam prever como ele reagiria em determinadas circunstâncias. Então decidiram usar *a lei do seu Deus* para apanhá-lo (6:5). Eles devem ter pensado no segundo mandamento (Êx 20:4). Daniel não era um discípulo secreto de Javé. Seus inimigos

sabiam que ele não se curvaria a nenhum outro deus senão ao seu Deus.

Atraídos pela noção prevalente de que os reis eram divinos, os conspiradores pediram ao inocente soberano que assinasse um edito, declarando que somente a ele deveriam ser feitas orações (6:6-8). O rei poderia ter perguntado: “Por que limitar o decreto até os próximos trinta dias?”. Mas não o fez. O decreto massageava seu ego. Esse foi outro caso de um homem que queria ser deus.

### 6:10-11 A oração de Daniel

A despeito da reivindicação dos administradores de que se tratava de uma decisão unânime (6:7), Daniel obviamente não estava presente quando a conspiração foi planejada ou quando o decreto foi apresentado ao rei. Tão logo soube disso, deve ter percebido o que estava acontecendo. Agora, encontrava-se diante não de uma escolha, mas de um desafio à sua fé. Se tivesse sido simplesmente uma escolha, ele poderia ter resolvido a questão decidindo simplesmente não orar mais. Visto que o decreto não impedia que alguém orasse, não orar seria considerado uma ofensa.

O que significava orar ao rei? Possivelmente, ele esperava ter uma imagem representando Dario ou que o nome Dario fosse invocado em busca de ajuda clamando (cf. tb. 1Rs 18:26-29). Mais provavelmente, a julgar pelo comportamento de Daniel, ele poderia ter pensado que, ao orar, teria de se voltar para o palácio do rei (como os muçulmanos fazem em relação a Meca). A reação de Daniel é clara. Ele ora três vezes ao dia com sua janela aberta para os lados de Jerusalém (6:10). A prática de orar na direção de Jerusalém foi adotada por Davi, o homem segundo o coração de Deus (Sl 5:7; 28:2), e institucionalizada por seu filho, Salomão (1Rs 8:33,35,38,44,48; 2Cr 6:34-39). O profeta Jeremias havia encorajado os exilados a buscar o Senhor (Jr 29:1,12). A adoração do templo centralizada se tornara vital para os judeus que muitos anos mais tarde perderiam totalmente a referência quando Jesus disse: “Destruí este santuário e em três dias o reconstruirei” (Jo 2:19-21; cf. tb. Jo 4:21-24).

Daniel encarou o desafio tão corajosamente quanto seus companheiros tinham feito no capítulo 3. Ele orou com toda a liberdade a Javé, como sempre fizera. Sua persistência e fidelidade são um desafio para todos os crentes, e particularmente para os profissionais cristãos e a geração *Internet*. O segredo da força de Daniel era a oração em secreto!

### 6:12-15 A execução de Daniel

Os inimigos de Daniel não perderam tempo em informar ao rei o seu comportamento. De modo hábil, tiveram o cuidado de não mencionar seu nome imediatamente. Em vez disso, pediram ao rei para confirmar o que ele havia dito (6:12). Ao obter reafirmação quanto ao conteúdo do decreto, prosseguiram para revelar que Daniel não estava obedecendo à lei. O rei ficou em agonia quando ouviu isso e fez o melhor que pôde para proteger Daniel (6:14). Então os conspiradores



procuraram o rei uma terceira vez para lembrá-lo de que seu decreto não podia ser revogado (6:15). A incapacidade de Dario em reverter o decreto foi usada por alguns para apoiar o argumento de que ele estava subordinado ao rei Ciro.

### 6:16-17 O dilema do rei Dario

Quando o rei soube que havia sido enganado, não ficou irado com Daniel, mas consigo mesmo. Depois de tentar tudo o que podia fazer dentro da lei para resgatar Daniele fracassar, ordenou relutantemente que Daniel fosse lançado na cova dos leões (6:16). (Diferentemente dos babilônios, os persas eram zoroastrianos de religião. Por considerarem o fogo sagrado, não o utilizavam para executar ofensores.)

Ao despedir-se de Daniel, o rei orou: *O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que ele te livre* (6:16). Seria isso apenas o desejo frustrado de um rei pagão? Devido à influência que Daniel exercia sobre o rei (revelada por seu comportamento — 6:18), parecia provável tratar-se de uma oração genuína. Daniel havia causado profundo impacto no arrogante Nabucodonosor, e aparentemente também em Dario.

Então Daniel foi lançado na cova dos leões, que talvez fosse um poço profundo com uma tampa. Quando ela foi recolocada no lugar, o rei selou-a com o carimbo de seu anel, e seus nobres se certificaram de que ela não poderia ser aberta (6:17).

### 6:18-23 A proteção de Daniel

Naquela noite, o rei jejuou: não comeu nada, não quis saber de música, nem de entretenimento, e ainda perdeu o sono

(6:18). Bem pode ser que ele tenha orado a noite inteira, pois como explicar sua pressa em chegar à cova bem cedo pela manhã para ver se Daniel ainda estava vivo? (6:19).

Na cova, o rei chamou por Daniel, dirigindo-se a ele como *servo do Deus vivo!* (6:20). Dario reconhece que Daniel servia a seu Deus continuamente, e que Deus é “vivo” em oposição aos ídolos “mortos”. Está claro também que ele tinha, pelo menos, alguma expectativa de que Daniel seria livrado dos leões (6:20). O rei ficou extremamente feliz quando Daniel respondeu (6:23).

Daniel não tinha dúvidas de que fora o Senhor que o havia protegido (6:22). Sua fé heroica é elogiada no NT (Hb 11:33).

### 6:24 A punição dos detratores de Daniel

Daniel havia ensinado a Nabucodonosor que seu Deus é um Deus de justiça (4:27). Dario aprendeu a mesma lição. Por essa razão, o rei puniu aqueles que conspiraram contra Daniel, ordenando que os tais, suas mulheres e crianças fossem lançados na cova dos leões (6:24a). Como diz o provérbio *Eniti o ba da eru, ni eru nto* [povo ioruba, da Nigéria: “As cinzas seguem aqueles que as lançam no ar”]. O texto não diz como muitas pessoas foram executadas. Dada imediata destruição (6:24b), provavelmente a ordem tenha atingido somente os chefes do grupo mais os outros dois governadores, em vez dos cento e sessenta assistentes. A morte deles mostra que Daniel não sobreviveria simplesmente pelo fato de os leões não estarem com fome, mas por causa da miraculosa intervenção de Deus.

## OS CRISTÃOS E A POLÍTICA

Muitos cristãos não participarão da política, alegando que “bebida e direção não se misturam, nem religião e política”. Eles se referem à política como um jogo sujo que deve ser evitado. Essa atitude está arraigada em nossa história colonial e no fracasso em distinguir entre partidarismo político e participação política. A participação política inclui exercer o direito de votar e ser votado, denunciando qualquer erro cometido por aqueles que estão no poder e apoiando os líderes responsáveis por suas ações. Tal comportamento tem profundas raízes na orientação conjunta da sociedade tradicional africana, em que a decisão tomada se alicerçava nos princípios democráticos que formavam a base das relações da comunidade. Essa tradição se ajusta bem aos valores democráticos ocidentais.

Enquanto a tendência dos cristãos é evitar participação na política, os muçulmanos compreendem sua importância. Consequentemente, controlam o poder político em muitos Estados africanos, mesmo aqueles que são a minoria. Diferentemente dos cristãos, não acredi-

tam na separação entre igreja e Estado porque isso encoraja o secularismo.

Jesus também não separou religião e política. Ao anunciar sua missão no evangelho de Lucas 4:18-19, ele declarou que seu ministério era para os que sofriam de várias formas de escravidão e opressão, incluindo opressão econômica (pobreza), física (doenças e deficiências), política (injustiça e governo opressivo) e demoníaca (várias formas de práticas ocultistas). Esses mesmos males atormentam a África hoje.

Outros exemplos bíblicos de participação política incluem José no Egito, que salvou a muitos da fome e da escassez (Gn 41); Amós, que preveniu os líderes políticos do seu tempo contra a injustiça (Am 4, 7); e Daniel e seus três amigos, que mudaram a equação política na Pérsia (Dn 3, 5-6). Neemias também fez um sacrifício pessoal para servir a seu povo (Ne 1—2, 5). No NT, Paulo recusou-se a abdicar de seus direitos como cidadão quando as autoridades políticas o colocaram na prisão e o açoitaram sem dar a ele um julgamento justo (At 16:37-38; 22:25).

Por toda a história, pessoas comuns se voltaram para a igreja em tempos de necessidade. A igreja segue a Cristo ao reconhecer seu sofrimento e dar a elas uma voz contra a injustiça e a opressão. Falência moral, corrupção, pobreza, doença e ignorância, tudo isso é uma clara convocação para a participação dos cristãos na política. Alguns líderes cristãos africanos responderam ao chamado. Sir Francis Akanu Ibiam da Nigéria liderou protestos contra a rainha Elizabeth II da Inglaterra durante a guerra civil nigeriana. O presidente Matthew Kereku de Benin reuniu uma conferência de reconciliação para pedir desculpas aos afro-americanos pelo papel dos líderes africanos no comércio de escravos no século XIX. O arcebispo Desmond Tutu desempenhou importante papel na libertação da África do Sul do regime *apartheid* e continua a trabalhar pela reconciliação.

Outros líderes cristãos tais como o ex-presidente Frederick Chiluba da Zâmbia e o presidente Olusegun Obasanjo da Nigéria, entretanto, decepcionaram seus companheiros cristãos por suas ações ou ausência de ações com respeito à corrupção na política. Uma das razões de seu fracasso pode ter sido a falta de apoio de seus correligionários cristãos, expondo-os desse modo à influência corrupta dos não-cristãos.

Os cristãos africanos precisam entender que o destino de suas nações repousa sobre sua participação política. A Bíblia diz: "Quando se multiplicam os justos, o povo se alegra, quando, porém, domina o perverso, o povo suspira" (Pv 29:2). O povo pode desfrutar a vida quando os justos exercem autoridade, mas sempre sofrerá sob regimes maus.

James B. Kantiok

### 6:25-28 A prosperidade de Daniel

Muito impressionado, Dario emitiu um decreto para o povo em todos os domínios de seu reino: *Tremam e temam perante o Deus de Daniel* (6:26). Isso era equivalente a legalizar a adoração a Javé. O rei descreveu o Deus de Daniel em termos quase idênticos aos que foram usados por Nabucodonosor depois de sua libertação (4:34-37). A similaridade dos dois decretos sugere que o próprio Daniel pode tê-lo redigido.

Daniel não apenas triunfou sobre a perseguição; ele prosperou. Não só desfrutou de sucesso material, mas se regozijou ao ver o temor de Deus lançar raízes no coração de reis pagãos. Numa terra estranha, Daniel tornou o seu Deus conhecido, temido e adorado. Javé se tornou conhecido como o *Deus de Daniel* (6:26). Nós, cristãos, estamos diante de desafio semelhante na África. Precisamos mostrar que há uma diferença entre nosso Deus (Jesus Cristo) e todos os outros deuses.

Outro motivo para a alegria de Daniel é encontrado nas palavras finais do capítulo, com uma referência ao *reinado de Ciro, o persa* (6:28). Depois de orar por cerca de setenta anos, Daniel deve ter testemunhado a libertação de seu povo do cativeiro pelo decreto de Ciro em 538 a.C. (Ed 1:1-4; Dn 1:21).

### 7:1-28 Reinos em conflito: os quatro animais

Até aqui, o livro de Daniel foi principalmente histórico e escrito na terceira pessoa; daqui para a frente, é escrito na primeira pessoa e de forma essencialmente profética. Embora Daniel tenha interpretado os sonhos de outros, de agora em diante é um anjo que interpreta as visões. O foco também é transferido dos poderes do mundo gentio para Israel e como esse povo será afetado pela história mundial.

No geral, foram dadas quatro visões (caps. 7—12) a Daniel durante um período de cerca de dezesseis anos em

sua velhice (552-536 a.C.) As primeiras duas lhe foram dadas durante o reinado de Belsazar (7:1 e 8:1), enquanto as últimas duas vieram depois da queda da Babilônia (9:1 e 10:1). Cronologicamente, os capítulos 7 e 8 deveriam, desse modo, vir antes do capítulo 5. Todas as visões retratam o derradeiro triunfo do reino de Deus na terra contra o pano de fundo dos esforços aparentemente inúteis.

Quando interpretou o primeiro sonho de Nabucodonosor (cap. 2), Daniel tinha 21 anos de idade. Ele já havia completado 70 anos quando recebeu a visão descrita nesse capítulo. Contudo, a despeito do intervalo de cinquenta anos, essas duas visões-sonho comunicam basicamente a mesma mensagem. Ambas descrevem quatro grandes impérios mundiais entre o século VI a.C. e o clímax da história mundial, quando Jesus Cristo retorna e o reino eterno de Deus é inaugurado na terra.

### 7:1-8 A sequência dos impérios mundiais

Daniel recebeu essa visão *no primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia* (7:1). Este foi o período mais aflitivo para os cidadãos babilônicos e seus estrangeiros cativos. O Império Babilônico declinou excessivamente, e Nabonido, embora um líder competente, não vivia na Babilônia (cf. comentários em 5:1-2). Deus encontrou aqui o momento adequado para assegurar a seu povo que ele ainda estava no controle e que eles não tinham sido esquecidos, ainda que o próprio Daniel tenha considerado suas visões profundamente perturbadoras (7:15,28).

Em sua visão, Daniel viu *os quatro ventos do céu* (7:2), representando os quatro pontos cardeais da bússola e, dessa forma, o mundo inteiro, agitando o mar Mediterrâneo, o qual simboliza aqui a humanidade (Is 17:12,13; 21:1; 57:20; Ap 17:15). A ênfase em "do céu" implica que forças sobrenaturais estão usando meios naturais para causar tumulto entre as nações.



Então, aparecem em sucessão quatro grandes animais, cada um diferente dos outros em aparência e comportamento (7:3). O primeiro animal era como um *leão com asas de águia* (7:4). Em outro lugar, Nabucodonosor é comparado a um leão em sua força (Jr 4:7; 5:6) e uma águia em rapidez e agilidade (Jr 48:40; 49:22; Ez 17). Daniel o havia identificado como a cabeça de ouro que representava o reino da Babilônia (2:38), e aqui esse leão também representa a Babilônia. As mudanças pelas quais passa essa fera simbolizam a humilhante insanidade do rei e a consequente salvação — quando lhe foi dada *mente de homem* (7:4). No contexto africano, quando um líder se comporta inconvenientemente, é chamado de *eranko* (besta ou animal), mas quando faz justiça chamam-no de *malaika* (anjo).

O segundo animal tinha a semelhança de um *urso*; comparava-se ao leão somente em força e ferocidade, como foi o Império Medo-Persa que sucedeu o Império Babilônico na história (Is 13:17-18). Os dois lados desse urso eram nitidamente diferentes, um era mais forte que o outro, assim como os persas sob o comando de Ciro eram a parte mais forte na coalizão com os medos. (Essas duas forças são também representadas pelos dois braços da estátua no cap. 2 e os dois chifres no cap. 8.) As três costelas na boca do urso e a ordem *Levanta-te, devora muita carne* (7:5) refletem a conquista do Império Medo-Persa que se estendia desde o rio Indo a leste até o Egito e o mar Egeu a oeste.

O terceiro animal tinha a aparência de um *leopardo com quatro asas* como de pássaro e *quatro cabeças* (7:6). Leopardos são caracterizados pela agilidade, pela velocidade e por um apetite por sangue, e o fato de o animal ter asas significa que pode agir com excepcional rapidez. Esse terceiro animal foi identificado como o Império Grego que sucedeu o Medo-Persa. Sob o comando de Alexandre, o Grande, as fronteiras da Grécia se expandiram rapidamente. As quatro cabeças simbolizam os quatro generais que dividiram o reino de Alexandre depois de sua morte.

Ao quarto animal é dada uma cobertura mais extensa que aos outros três juntos (7:7-8,11,19-25). Além de não ser comparado a nenhum outro animal, dele se diz ser *terível, espantoso e sobremodo forte* (7:7). Com seus dentes de ferro, ele *devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava*. Espantosamente, *tinha dez chifres*. De repente, outro chifre surgiu dentre os dez e, embora fosse menor do que os outros, arrancou três deles. O animal ainda tinha olhos como de homem e *uma boca que falava com insolência* (7:8). Tudo nele inspirava medo.

Daniel ficou tão perturbado com toda aquela visão e especialmente com os quatro animais que pediu ajuda para interpretar (7:15-16,19-20).

Visto que o quarto animal surgiu depois do terceiro e que o Império Grego foi conquistado pelos romanos, esse quarto animal deve simbolizar o Império Romano, que destruiu sem misericórdia as civilizações e povos anteriores. O império matou milhares e vendeu muitos mais à escravidão.

Roma tinha pouco interesse em elevar aqueles que conquistavam a algum nível mais alto de desenvolvimento, assim como o quarto animal pisava aos pés as suas vítimas (7:7). Infelizmente, está vivo na memória africana como alguns poderes coloniais trataram suas colônias de modo semelhante.

Os dez chifres representam dez reis reinando como contemporâneos durante o Império Romano. A história não tem nenhum registro desses dez reis, nem apontou o surgimento de algo equivalente ao pequeno chifre (7:7-8,20-25). Além disso, visto que nenhum outro animal se ergueu do mar depois do quarto, seu domínio parece ser ilimitado (estendendo-se e englobando a história contemporânea), até ser morto e destruído pelo Ancião de Dias (7:11,22,26). Desse modo, o ato final do drama envolvendo o quarto animal situa-se no futuro, uma posição que é, do ponto de vista das Escrituras, confirmada pelas profecias do final dos tempos no NT (Ap 13; 17; Mt 24; 2Ts 2).

### 7:9-14 A soberania do Ancião de Dias

De repente, a cena muda dos animais para um ser sobre-humano, de um comandante militar para um monarca juiz, e do plano terrestre para o celestial. As personagens centrais são Deus, o Pai, e seu Filho, remetendo respectivamente ao *Ancião de Dias* (7:9) e ao *Filho do Homem* (7:13). O título “Ancião de Dias” refere-se a alguém muito velho. É usado somente nesse capítulo (7:9,13,22), e não pode dizer respeito a nenhum outro senão ao “Alto, o Sublime, que habita a eternidade” (Is 57:15). Aqui, sua idade fala de sua existência eterna, enquanto suas vestes e seu cabelo falam de sua pureza. Embora existam muitos tronos, provavelmente ocupados por anjos, só o Ancião de Dias é o juiz. Seu juízo é rápido, verdadeiro e justo, comparando-se a um rio de fogo que transborda sobre os ímpios, especialmente sobre o quarto animal e o pequeno chifre, o anticristo (7:10,11). Embora os livros tenham sido abertos, o juízo aqui não se baseava nos livros, como será o caso mais tarde (Ap 20:12).

Imediatamente depois do juízo, Daniel viu alguém *como o Filho do Homem*. Nos evangelhos, Jesus usa esse termo com frequência para se referir a si mesmo (Mt 8:20; 9:6; 10:23; 11:19). A esse Filho do homem foi dado um reino que *não passará* (7:13-14). Será universal, alcançando todos os povos, nações e homens, será eterno e incontestável, pois *jamaiz será destruído* (cf. tb. Sl 2:6-9; Is 11).

### 7:15-20,23-24 A luta da besta contra os santos

Perturbado pela visão, Daniel pediu a um dos seres angelicais (provavelmente o anjo Gabriel — 8:16; 9:21) uma explicação sobre o que iria acontecer. O anjo identificou os quatro grandes animais como quatro impérios mundiais que se levantariam e cairiam, mas o quinto reino, que não declinaria, seria o reino dos *santos do Altíssimo* (7:18). Esses são os santos introduzidos no quinto reino do Filho do

homem para servi-lo (7:14). Eles são citados seis vezes no trecho entre 7:18 e 7:25, sempre no contexto de luta seguida de vitória.

As Escrituras revelam que as pessoas só podem tornar-se santas pela fé em Jesus Cristo e sua obra expiatória na cruz (At 4:12; Rm 5:1-5; Ef 2:8-10; 1Pe 1:18-19). A cruz de Cristo é o meio inegociável de salvação e santificação. Visto que Cristo é o cordeiro que foi “foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8) e o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29), não importa em que período histórico alguém se tornou santo — se antes ou depois da crucificação de Jesus. O que importa é a realidade disso e seus privilégios exclusivos. Cristo declara: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14:6).

Essa afirmação é contestada pela besta que exige adoração até mesmo dos santos e pune os inflexíveis com a morte (Ap 13:3-9).

### 7:21-22,25-28 Derrota e triunfo dos santos

Os pregadores às vezes declaram que os cristãos sempre triunfam, mas a visão mostra Deus permitindo que seus santos (à semelhança de seu Filho) sejam vencidos pelo pequeno chifre da besta, que travou guerra contra eles e prevaleceu até que o próprio Deus interveio (7:22). Embora o período de sucesso dos inimigos não esteja claro em 7:22, é mais tarde definido como três anos e meio (*um tempo, dois tempos e metade de um tempo* — 7:25). Esse mesmo período é mencionado três vezes no capítulo 12 (12:7,11-12), em que o arcanjo Miguel o descreve como um tempo de intensa perseguição, sem precedentes na história (12:1).

A guerra contra Deus e seu povo assumirá a forma de blasfêmia, injustiça política, perturbação social, escassez econômica, zombaria e tortura física (Zc 13—14; Ap 13:1-18). Algumas ou todas essas táticas são usadas em perseguição dos crentes hoje, especialmente no mundo muçulmano.

Quando a perseguição se tornar insuportável, o soberano Senhor intervirá para libertar seu povo no tempo determinado (1Co 10:13). A corte será reunida, e o poder do anticristo será tirado e completamente destruído pelo Ancião de Dias (7:22,26). *O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo* (7:27). Essa apresentação dos reinos é a mesma que foi feita ao Filho do homem na visão anterior (7:14). Daniel não está vendo dois reinos, e os santos não reinam como reis. O que ele vê é um reino, o reino de Deus na terra, no qual Jesus reina como rei e os santos são seus súditos. Este será um reino eterno (7:27, cf. tb. 7:14).

### 8:1-27 Impérios em guerra; batalha pela terra santa

Dois anos depois de sua primeira visão, foi dada a Daniel uma segunda visão (8:1), a qual apresentou mais detalhes

sobre o segundo e o terceiro reinos que ele já havia visto. Dessa vez, em lugar de um urso e um leopardo, Daniel viu um carneiro e um bode. Viu também outro chifre pequeno semelhante ao do quarto animal no capítulo 7, exceto pelo fato de que esse chifre cresceu na cabeça do animal representando o terceiro reino. O comportamento desse chifre prenuncia as atividades do outro chifre. Comentaristas concordam que o pequeno chifre do capítulo 8 representa o anticristo do AT e conseqüentemente da história, enquanto aquele do capítulo 7 é o anticristo do NT e, portanto, da escatologia. Um prefigura o outro, mesmo que quando a visão foi dada a Daniel ambos estivessem ainda no futuro.

### 8:2-4,20 A conquista pelo carneiro

O cenário para essa segunda visão foi *Susã* (8:2), cidade a cerca de 450 quilômetros a leste da Babilônia e 200 quilômetros ao norte do golfo Pérsico. Era pouco conhecida no tempo de Daniel; contudo, em sua visão, ele a viu como um palácio fortificado. A visão era profética, pois Ciro fez de Susã uma de suas cidades reais. Foi o lar da rainha Ester e de Neemias, e foi ali que os arqueólogos encontraram o famoso código de Hamurabi em 1901.

O incommum a respeito do carneiro com dois chifres, que simbolizava a coalizão medo-persa (8:20), é que o chifre surgido depois acabou crescendo mais que o outro (8:3). A Pérsia era o poder menor, e a Média, o maior, em 612 a.C., quando esta ajudou a Babilônia a derrotar a Assíria. Mas em 550 a.C. Ciro, o persa, havia obtido controle sobre a Média. Suas conquistas estenderam o Império Medo-Persa para o ocidente (Babilônia, Síria, Ásia Menor), para o norte (Armênia e região do mar Cáspio) e para o sul (Egito e Etiópia). Um século e meio antes, o profeta Isaías havia predito as vitórias de Ciro (cf. Is 45:1-3) e a relativa tranquilidade com que seriam efetuadas. A visão de Daniel confirmava que esse era o momento (8:4).

### 8:5-8,21 O desafio do bode

No apogeu do Império Medo-Persa, um bode representando o reino da Grécia (8:21) veio do ocidente tão rapidamente *sobre toda a terra, mas sem tocar no chão* (8:5). Ele atacou o carneiro e quebrou-lhe os dois chifres. O chifre que se sobressaiu no bode representa Alexandre, o Grande, notável estrategista militar cujos exércitos avançaram com rapidez. Ele derrotou os persas e avançou na direção da Índia. Ao retornar do ocidente para a Babilônia, adoeceu e morreu em junho de 323 a.C. aos 33 anos de idade. Assim foi quebrado o chifre proeminente (8:22).

Em seu lugar, *saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu* (8:8). Após prolongada luta de poder, o grande império de Alexandre foi dividido entre seus quatro generais. Cassandro recebeu a Macedônia e a Grécia a oeste; Lisímaco, a Trácia e mais da Ásia Menor ao norte; Seleuco, a Síria e vastas regiões a leste; e Ptolomeu, o Egito ao sul.



### 8:9-14 O aparecimento do pequeno chifre

O Espírito Santo agora dá a Daniel uma informação adicional sobre um dos quatro fragmentos do império de Alexandre e sobre o fim dos tempos. O pequeno chifre cresceu de um dos quatro chifres que sucederam Alexandre e se tornou ainda maior, expandindo-se na direção do sul, do leste e para Israel, que é descrito como *a terra gloriosa* (8:9). Ele oprimiu e perseguiu o povo de Deus, descrito como *o exército dos céus* (8:10), e em sua arrogância blasfemou de Deus, que é o *príncipe do exército* (8:11). Profanou o santuário (8:11) e instituiu uma lei mosaica e a verdadeira religião disfarçadas (8:12). Havia sido dito a Daniel que a opressão de seu povo duraria 2.300 dias, depois dos quais o santuário seria limpo e restaurado (8:14).

### 8:15-19,22-27 A interpretação da visão

Mais uma vez, Gabriel interpretou o que Daniel tinha visto (8:15-16). Começou enfatizando que a visão se referia *ao tempo do fim* (8:17), *ao tempo determinado* (8:19), *a dias ainda mui distantes* (8:26). Alguns comentaristas interpretam isso como uma referência à época em que Antíoco IV Epifânio tiranizou a terra santa e cumpriu as profecias com respeito ao pequeno chifre, resultando na revolta dos macabeus no segundo século a.C. O problema com essa concepção é que a tirania de Antíoco não marcou o fim do sofrimento dos judeus, nem levou a efeito a vinda de Cristo e sua crucificação, que é outra interpretação da frase. Parece que é melhor ver a tirania de Antíoco como cumprimento parcial da visão na história, enquanto seu pleno cumprimento aguarda um futuro anticristo (Ap 11:2-3; 13:3-9; 17:7-14) que atacará Israel como nação, seu príncipe, o Senhor Jesus Cristo, e seu templo no tempo final.

Gabriel explicou o simbolismo do carneiro e do bode (8:20-22). A seguir, dedicou quatro versículos (8:23-26) para descrever o pequeno chifre, que é tanto o Antíoco IV Epifânio da história como também o anticristo do futuro.

Antíoco (175-164 a.C.) foi o oitavo governante da dinastia síria que descendia de Seleuco, um dos generais de Alexandre. Desse modo, ele cumpriu a profecia de que chegaria ao poder *no fim* do reinado dos quatro reinos (8:23a). Não há dúvida de que era um *especialista em intrigas* (8:23b). Por ocasião da morte de seu irmão, Seleuco Filópato, Antíoco usou de bajulação e suborno para chegar ao trono (8:24; 11:21), embora não fosse o herdeiro legal. Uma vez coroado, deu a si mesmo o nome Epifânio, que significa “ilustre”, e começou a destruir o judaísmo e substituir a adoração do Senhor Deus em Jerusalém pela adoração a Zeus Olímpico. Ele se identificava com Júpiter e desejava também ser adorado. Estava tão enlouquecido em relação a isso que foi chamado de Epimânio, significando “louco”. Essas características são preditas em 8:24-25 (cf. tb. 11:36).

Nenhum daqueles que anteriormente conquistaram os judeus (Nabucodonosor — 4:31-34; Dario — 6:27-28; Ciro — Ed 1:2-4; ou Artaxerxes Longimano — Ed 1:11) se

opuseram sistematicamente à religião judaica. Assim, os judeus precisavam ser prevenidos dos que estava por vir a fim de que pudessem preparar-se para a luta contra Antíoco. A revolta do macabeus lançou faíscas pela profanação do templo por Antíoco em 171 a.C. e foi fruto da profecia de Daniel (1Mac 2:59). Sob o comando de Judas Macabeu o templo foi purificado e restaurado em 25 de dezembro de 165 a.C. (cf. os 2.300 dias de 8:14).

Daniel predisse que esse rei *será quebrantado sem esforço de mãos humanas* (8:25). Diz-se que Antíoco morreu de tristeza e remorso na Babilônia (1Mac 6:8-16). O futuro anticristo também será destruído sem intervenção humana (Ap 19:20-21).

Daniel ficou tão impressionado com a visão que adoeceu por vários dias antes de se restabelecer e retomar sua obra (8:27).

### 9:1-27 Examinando as Escrituras, buscando Deus

A Babilônia tinha caído. Nabucodonosor morreu em idade avançada. Mas Judá permanecia no cativeiro. Daniel deve ter desejado saber qual era o próximo item na agenda de Deus. Como homem de oração, ele sabia que era tempo de examinar as Escrituras e buscar o Senhor.

#### 9:1-2 O anelo de Daniel pela verdade

O primeiro ano de Dario, o medo (538 a.C.), foi um período de transição (9:1). O Império Babilônico tinha acabado e se iniciava o Medo-Persa. Ciro, o persa, governando de seu posto de comando em Ecbatana, designou Dario governador da Babilônia. Dario, por sua vez, nomeou Daniel para o seu gabinete (6:1-2). Mas Daniel tinha interesses fora da Babilônia e estava interessado no destino de seu povo. Então, começou a examinar as Escrituras. Ele estudou a profecia de Jeremias e orou por isso para que Deus punisse a Babilônia depois que os setenta anos de cativeiro acabassem (9:2; cf. tb. Jr 25:11-12 e 29:10).

Daniel dá exemplo do que significa orar de acordo com a vontade divina. Tal oração envolve conhecer a Palavra de Deus e fazê-la retornar ao Senhor pela citação das promessas de sua aliança em oração. Infelizmente, para muitos crentes na África, a Bíblia é, para muitos, um livro fechado. Alguém disse: “Se você quiser esconder algo de um africano, coloque-o dentro de um livro”. A igreja na África deve dar fim a esse adágio! Precisa ensinar e pregar a Bíblia, e nossas orações devem ser inspiradas pela Palavra.

#### 9:3-19 A oração de Daniel pela misericórdia de Deus

Daniel permitiu que o que ele ouvira na Palavra de Deus o capacitasse enquanto se aplicava a buscar Deus em fervente oração e jejum (9:3). Ele não via o assunto como algo que afetasse apenas a nação, e não ele próprio, mas o tomou como de interesse pessoal, a despeito de ter quase 83 anos. Embora tivesse habitado a Babilônia pelos últimos

setenta anos, não se esquecera de Jerusalém nem da lei do seu Deus. Sabia que Judá estava no cativeiro por causa do pecado (9:5-15). Sabia também que o Senhor era amável, compassivo, bom e cheio de misericórdia (9:4,9,18). Entendia a aliança de Deus que diz: “Se o meu povo [...] se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdorei os seus pecados e sararei a sua terra” (2Cr 7:14). Não foi emoção que levou Daniel a orar, foi o conhecimento da Palavra de Deus. Quase podemos ouvir Daniel dizer: “Senhor, dá-me Judá, ou morrerei!”.

Quantos cristãos africanos carregam esse tipo de carga por sua nação? Nossa tendência é culpar os outros, especialmente os líderes, e desculpar a nós mesmos. Entretanto, Daniel não diz: “Eles pecaram”, mas *temos pecado* (9:5-8,15). Essa atitude é a mesma daquele verdadeiro africano que diz: “Eu sou porque nós somos!”. Ele reconhece que “Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1Pe 5:5; cf. Pv 3:34). Na sua agenda, Deus é o centro: *Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor atende-nos e age; não te retardes por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome* (9:19).

Quando uma oração não diz respeito a outra coisa senão aos próprios interesses de Deus, não pode ficar sem resposta.

### 9:20-23 O auxílio do enviado Gabriel

Daniel, sem dúvida, foi um homem de oração. Quatro dos doze capítulos registram sua prática de oração. Um total de 125 dos 356 versículos do livro tratam da oração de Daniel. No capítulo 2, ele orou até que Deus lhe revelou o sonho. No capítulo 6, ele orou, e o anjo fechou a boca dos leões. Não é de surpreender que sua oração tenha sido usada contra ele próprio por seus inimigos no capítulo 6, ou que tenha sido *muito amado* na sala do trono celestial (9:23; 10:11,18). Para Daniel, orar era uma obra! Deve ser assim conosco também. Daniel orava até ocorrer uma ruptura. Ele nunca desistia!

Aqui Daniel continuou a orar, até que um anjo, Gabriel, lhe trouxe a resposta na forma de uma terceira visão, o escopo que nos dá um vislumbre do coração de Daniel para com Deus. De modo interessante, foi dada a Daniel percepção para entender a visão antes mesmo que ela fosse revelada (9:22-23).

### 9:24-27 O programa profético de Deus em setenta semanas

Essa porção da visão de Daniel fala de *setenta “semanas”* (9:24a), cujos dias são interpretados como anos; assim, uma semana se iguala a sete anos. Na Bíblia, o número sete representa término e perfeição. É o número para a divindade, enquanto seis é o número para a humanidade. Esse número lembra-nos que, na economia de Deus, as coisas não apenas acontecem: elas acontecem no tempo

perfeito de Deus. “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho” (Gl 4:4). “Até que haja entrado a plenitude dos gentios”, Israel retornará a Deus para a salvação (Rm 11:25). Conhecendo todas as coisas, Deus consegue ser exato ao predizer acontecimentos futuros.

Todos os sonhos e visões que Daniel recebeu anteriormente haviam sido simbólicos, mas nessa visão o significado é mais direto. A origem, o conteúdo e o benefício da mensagem não são ambíguos (9:23). Gabriel deixou claro que o que estava sendo revelado era um decreto divino, querendo dizer que não havia como mudá-lo e que ele se aplicava especificamente ao povo de Daniel e a sua santa cidade Jerusalém (9:24b). Deus tem seis alvos em mente, que podem ser subdivididos em duas categorias. Os primeiros três (*fazer cessar a transgressão, dar fim aos pecados, expiar a iniquidade*) tratam da retirada do pecado e, desse modo, apontam o lado negativo da libertação. Os três restantes (*trazer justiça eterna, selar a visão e a profecia, e ungir o Santo dos Santos*) tratam do estabelecimento da justiça e, assim, apontam o lado positivo da libertação.

Os primeiros três foram cumpridos, em princípio, na primeira vinda de Cristo. Seu cumprimento em relação a Israel como nação acontecerá na segunda vinda, quando a nação se voltará verdadeiramente para Deus e os últimos três itens também se cumprirão.

Gabriel se refere a um decreto para a restauração e reconstrução de Jerusalém (9:25). Esse pode ser o decreto de Ciro emitido em 538-537 a.C. (Ed 1:1-4; 6:3-5), ou aquele que Artaxerxes emitiu a Neemias em 445-444 a.C. (Ne 2:5-8,17-18). Dadas a data dessa visão (no primeiro ano do reinado de Dario), a urgência da oração de Daniel e a promessa de Deus de fazer retornar o povo à sua terra após setenta anos, a referência está provavelmente relacionada ao decreto de Ciro.

Há duas lacunas de um número não especificado de anos dentro da estrutura das setenta semanas dispostas aqui. A primeira lacuna está entre a sétima semana e a sexagésima segunda (9:25), e a segunda lacuna está entre a sexagésima nona semana e a septuagésima (9:26-27). A primeira lacuna oculta a data exata da primeira vinda de Cristo, e a segunda, a data da segunda vinda. Seja como for, é seguro reconhecer a ampla linha do tempo estabelecida pelas Escrituras, mas precisamos ficar em silêncio quando as Escrituras fazem silêncio.

Ao usar a ampla linha do tempo, segue-se a agenda profética observada por Daniel. Primeiro, haverá um decreto para a reconstrução de Jerusalém (9:25a — cf. tb. Ed 1:1-4; Is 44:28—45:7). Depois, *o Ungido, o Príncipe, virá* (9:25b). A data refere-se ao que pode ser o anúncio angelical do nascimento de Cristo, ou sua confirmação como filho pelo Pai na ocasião de seu batismo, ou ainda seu primeiro ensinamento público em Nazaré (Lc 4:14-21), ou então sua entrada triunfal em Jerusalém. Depois



das sessenta e duas semanas, o Messias é crucificado (9:26a). Após sua morte, segue-se outra destruição de Jerusalém e do templo (9:26b). Eruditos evangélicos geralmente consideram que essa profecia foi cumprida em 70 d.C., quando as legiões romanas destruíram Jerusalém. Finalmente, durante a septuagésima semana, o anticristo se levantará (9:27). As principais características do regime do anticristo serão uma aliança com duração de uma semana (isto é, um dos últimos sete anos), a quebra dessa aliança no meio da semana, o fim da adoração no templo, a instituição da abominação da desolação (cf. Mt 24:15) e a derrota e destruição do anticristo. Esse cenário é compatível com as atividades do pequeno chifre descrito no capítulo 7 e em 11:36-45.

### 10:1—11:1 A guerra espiritual no mundo invisível

Paulo identifica a verdadeira natureza dos conflitos dos cristãos: “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12). Essas forças do mal se utilizam de agentes humanos, assim como Deus capacita os crentes a cumprir sua vontade. Por essa razão, Daniel dedicou os últimos três capítulos desse livro a uma série de conflitos espirituais entre inteligências sobre-humanas — boas e más — que aspiram a controlar os negócios das nações e a decidir o destino humano.

#### 10:1-9 Uma visão do Cristo pré-encarnado

Foi durante o terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia (536 a.C.), que Daniel recebeu sua quarta e última visão, a qual ocupa os capítulos 10 a 12 de seu livro (10:1). A restauração e a reconstrução do templo já começara (Ed 1—3), mas foi interrompido por pressão dos inimigos (Ed 4:4-5). Tais notícias devem ter ferido o coração de Daniel, estimulando-o a buscar a face de Deus uma vez mais. Ele jejuou e pranteou, não comeu manjar desejável, carne ou vinho, nem se ungiu com óleo por três semanas (10:2-3). Que homem persistente era Daniel! A disciplina do jejum, o exame das Escrituras, a busca de Deus que ele desenvolvera quando jovem (cf. caps. 1—2) permaneceram com ele até a velhice. Por esse tempo, Daniel provavelmente já alcançara cerca de 85 anos de idade, mas, em vez de fazer um retiro espiritual ou esperar pela morte, Daniel provou que a velhice pode ser um tempo de intensa atividade e realização espiritual (cf. tb. Lc 2:36-37). Deus o recompensou, permitindo-lhe vislumbrar a dinâmica espiritual do grande conflito que acontecia nas invisíveis regiões celestiais pelo controle de sua nação e de seu povo, um conflito que continuará até o final da história da humanidade.

Primeiro, foi mostrado a Daniel quem estava e ainda está no comando: *um homem vestido de linho* (10:5). Este

não era o anjo Gabriel com quem Daniel falara antes por duas vezes. Parece provável que esse homem era o Cristo pré-encarnado, pois a linguagem é semelhante à usada em Daniel 7:13, Ezequiel 1:26 e na visão que João teve de Cristo (Ap 1:12-20). Ele está “sobre as águas do rio”, separado, onde nem mesmo os anjos ousam estar, e os anjos proclamam que ele tem todo o conhecimento (12:6; cf. tb. Hb 1:2-8). Os efeitos da visão sobre Daniel e seus companheiros também apoiam essa identificação. Ainda que aqueles que estavam com Daniel nada viram da visão, sabiam que algo estava acontecendo. Fugiram aterrorizados, como fizeram os companheiros de Paulo na estrada de Damasco (10:7; At 9:6-7). O próprio Daniel ficou dominado pelo pavor, e suas forças o abandonaram (10:8). O Senhor entendia a dor e pânico de Daniel e acalmou-o com um sono profundo (10:9).

Quão terrível e majestosa é a presença de Deus! Ele reina supremo no céu e sobre a terra.

#### 10:10-13 A batalha dos anjos

Uma mão tocou Daniel, que estava deitado no chão completamente exausto, e o pôs sobre seus joelhos e sobre as palmas das mãos, tremendo (10:10). A visão que o deixou sem fôlego havia solapado sua força. Então uma voz conhecida dirigiu-se a Daniel com um título que já ouvira antes: *Daniel, homem muito amado* (10:11; cf. tb. 9:23). Encorajado e confortado, Daniel estava apto a se levantar sobre seus pés ainda vacilantes.

Aquele que o havia tocado revelou que esteve envolvido numa guerra espiritual durante vinte e um dias — desde que Daniel começara a orar (10:12). Todo o tempo em que Daniel ficou lutando com Deus em oração, o mensageiro angelical enviado para liberar a resposta foi impedido por alguém conhecido como o *príncipe do reino da Pérsia* (10:13). Visto que o texto se refere a Miguel como o *vosso príncipe* (de Daniel) (10:21), e outro anjo aparece como *príncipe da Grécia* (10:20), o príncipe da Pérsia devia ser um anjo especialmente designado para esse reino. Pelo fato de ter afrontado o mensageiro de Deus, conclui-se tratar-se de uma entidade satânica, um anjo caído, um demônio. Satanás envia emissários especiais para influenciar os governos contra o povo de Deus.

Ao redor do mundo, prédios de igrejas têm sido incendiados e cristãos têm sido mortos por nenhum outro crime senão por sua fé em Jesus. Tal comportamento desafia a lógica. É satânico, demoníaco. Os cristãos devem reagir do mesmo modo? Não, pois fazendo isso violariam o evangelho de Cristo, que é amor e não estimula a retaliação (Mt 5:38-48). Quando os crentes deixam a vingança para Deus, ele envia reforços se a situação assim o exigir, como fez no caso de Daniel. O enviado para ajudar aqui foi o arcanjo Miguel, que é mencionado somente três vezes no AT (10:13,21; 12:1) e duas vezes no NT (Jd 9; Ap 12:7). É identificado como o *grande príncipe*, indicando sua alta posição.

Era o anjo designado para ser o príncipe de Israel, o povo escolhido de Deus (12:1).

A experiência de Daniel não justifica orar a anjos ou buscar a ajuda deles, como geralmente muitas igrejas africanas fazem. Daniel orou a Deus, e ele respondeu, enviando seus anjos com uma mensagem para seu servo. Isso é oportuno, pois os anjos são “espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hb 1:14).

Na batalha dos anjos, os santos anjos de Deus sempre vencem (Ap 12:7-12). Deus nunca perdeu uma batalha para Satanás.

### 10:14-21—11:1 Perplexo pela visão

Foi dito a Daniel que essa visão, assim como todas as outras, *se refere a dias ainda distantes* (10:14). Todas as suas visões ensinam que no final os santos do Altíssimo herdarão o reino depois de uma prolongada e amarga guerra.

Daniel ficou sem fala. Entretanto, depois que seus lábios foram tocados, ele reuniu força suficiente para dizer como se sentia: *Por causa da visão me sobrevieram dores [...] Não me resta já força alguma, nem fôlego ficou em mim* (10:16-17).

O anjo tocou-o pela terceira vez (10:18), dando-lhe forças. Daniel foi também encorajado ao ouvir novamente *muito amado* e ser-lhe dito *Não temas [...]* *Paz seja contigo! Seja forte* (10:19). Vezes sem conta, Deus fala de paz aos seus servos quando eles estão perplexos e atribulados (cf. tb. Mt 14:27; Jo 20:19-21).

Fortalecido por essas palavras, Daniel estava pronto para receber outras duas revelações. A primeira dizia que mais duas batalhas angelicais estavam por vir, incluindo uma contra o príncipe da Grécia, o reino que sucederia o Império Medo-Persa (10:20). A segunda é assinalada por engano como o primeiro versículo do capítulo seguinte, mas é, na verdade, parte da conclusão do capítulo 10. Gabriel diz a Daniel que ele e Miguel ajudam um ao outro. Aqui Miguel auxilia Gabriel (10:13), mas no passado, durante o primeiro ano de Dario, as funções eram invertidas (11:1). Parece que Gabriel se refere a acontecimentos do tempo do retorno dos judeus a Judá sob o comando de Sesbazar (cf. Ed 1:1-11).

### 11:2-45 Profecias de um futuro sombrio

Daniel orou e jejuou pelo futuro do povo recentemente emancipado (10:2-3). Em resposta, Gabriel foi enviado para dizer a Daniel o que está escrito no Livro da Verdade (10:21; 11:2). A mensagem é, ao mesmo tempo, amarga (cap. 11) e doce (cap. 12). Parte dela trata de acontecimentos históricos imediatamente após o tempo de Daniel, uma porção maior trata de acontecimentos futuros, e uma parte menor trata do fim do mundo.

O capítulo 11 de Daniel tem sido combatido por muitos críticos há séculos. Eles afirmam que o capítulo mostra ser o livro uma ficção histórica escrita em cerca de 165

a.C. para motivar os judeus a resistir a Antíoco IV Epifânio. O motivo para afirmarem isso é que os primeiros 35 versículos desse capítulo contêm, pelo menos, 135 profecias que foram cumpridas literalmente na história. Mas, segundo Walvoord, “o assunto é uma questão que define bem a onisciência de Deus a respeito do futuro. Se ele é onisciente, a revelação pode ser exatamente tão detalhada quanto Deus decidir que seja, e a profecia detalhada não se torna mais difícil ou mais incrível do que as predições genéricas”.

### 11:2 A Pérsia em declínio

Foi dito a Daniel que mais quatro reis governariam sobre a Pérsia depois de Ciro, antes que o império caísse nas mãos dos gregos (11:2a). A história provou que esses reis eram Cambises, Pseudo-Smerdis, Dario Hystaspes e Xerxes I (provavelmente, o Assuero de Ester). O foco aqui está no quarto rei, do qual se diz ser *cumulado de grandes riquezas mais do que todos* (11:2b). Xerxes I (486-465 a.C. — Ed 4:6) liderou um exército de 2.641.000 homens contra a Grécia. Levou quatro anos para organizar esse imenso exército, que só poderia ser sustentado à custa de outros interesses nacionais. Sua ambição provou-se contraproducente, e, de fato, foi exatamente o tamanho de seu exército que o derrotou. Na batalha de Salamina em 480 a.C., Xerxes I foi derrotado pelos gregos e levado de volta à Ásia.

A história da África, desde a independência nos anos de 1960, está manchada por líderes ambiciosos como Xerxes I, que destruíram suas nações, saquearam os recursos nacionais e mergulharam seu povo em guerras absurdas.

Que todos aprendamos da história “pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (Mt 26:52). Ao mesmo tempo que Xerxes representava o apogeu do poder persa, também apontava o começo de sua dissolução.

### 11:3-4 Ascensão e fragmentação do Império Grego

Gabriel continua a anunciar o surgimento de *um rei poderoso* (11:3a) que reinará com grande poder. A descrição se compara à carreira de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), conhecido por sua impressionante força e esplendor militar. Conforme descrito em Daniel 8:5-8, ele conquistou toda a Pérsia numa campanha contínua.

A profecia dizia que o rei *fará o que lhe aprouver* (11:3b). Alexandre impôs sua vontade sobre seu exército e sobre o povo que conquistou. Foi bem-sucedido em manter intacto seu exército por milhares de quilômetros na viagem durante a campanha, e seu império se expandiu da Grécia a oeste para a Índia a leste. Entretanto, quando morreu prematuramente em 323 a.C., no apogeu do poder (8:8), a profecia se realizou: *No auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu* (11:4). Os dois filhos de Alexandre foram mortos, e seu poderoso império foi dividido entre quatro de seus generais. Daniel profetizou tudo isso em 539 a.C.



### 11:5-20 Luta de poder entre o Sul e o Norte

Das quatro divisões do império de Alexandre, Gabriel só falou de duas, as quais se situam ao sul e ao norte da Palestina. Fica claro que o reino do Sul é o Egito (11:8), e o reino do Norte, a Síria. A Síria não era tão conhecida quanto o Egito e, por isso, é descrita em termos de localização. Durante cerca de 150 anos depois da morte de Alexandre, esses dois reinos estiveram em guerra, e a Palestina era seu campo de batalha.

Fica claro que o *rei do Sul* (11:5a) é Ptolomeu I Soter, um dos generais de Alexandre, que se tornou sátrapa do Egito em 323 a.C. e se proclamou rei em 304 a.C. Ele continuou a reinar até 283 a.C. Seu comandante, que *será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio* (11:5b), foi identificado como Seleuco I Nicator, um general pouco abaixo de Alexandre. Enviado como sátrapa para a Babilônia em 321 a.C., foi forçado a fugir para o Egito por causa de outro general, Antígono. Com a ajuda de Ptolomeu, Seleuco voltou e lutou, derrotando Antígono. Ele não só retomou o controle da Babilônia, como também se tornou mais forte que Ptolomeu. Rapidamente expandiu seu reino para incluir a Síria e a Média, e assumiu o título de rei no mesmo ano de Ptolomeu.

Os descendentes desses dois reis tentaram fortalecer sua amizade por meio de um casamento político (11:6). Ptolomeu II Filadelfo deu sua filha Berenice a Antíoco II Theos, forçando-o a se divorciar de sua esposa síria, Laodiceia. Em poucos anos de casamento, Ptolomeu II morreu. Antíoco II, então, tomou de volta sua primeira esposa, que se vingou por sua humilhação anterior, assassinando o marido, sua esposa egípcia e seu filho ainda bebê.

Muitos africanos que lutam pela liberdade, incluindo Kwame Nkrumah, Kamuzu Banda, Daniel Arap Moi e Nelson Mandela, também se envolveram com casamentos políticos e divórcios para fortalecê-los na luta pela independência nacional. A igreja ficou em silêncio sobre o assunto, em vez de confrontar esses líderes como Natã fez com Davi.

Em 246 a.C., o irmão de Berenice, Ptolomeu III, sucedeu seu pai, Ptolomeu II (11:7). Invadiu a Síria para se vingar do assassino de sua irmã e obter o espólio que incluía 40.000 talentos de prata e 2.500 imagens de ídolos que haviam sido anteriormente retiradas do Egito e levadas para a Grécia por Cambises (11:8). O jovem rei sírio, Seleuco II Calínico, sobreviveu a essa invasão por estar numa parte remota da Ásia Menor. Depois que Ptolomeu retornou do Egito, Seleuco recuperou grande parte do território perdido e também estava apto a reconstruir e fortalecer seu exército, pronto para começar o contra-ataque profetizado em 11:9. No entanto, foi forçado a *retornar para a sua terra*.

Seleuco Calínico tinha dois filhos (11:10). O mais velho se tornou Seleuco III Cerauno, mas morreu quatro anos depois e foi sucedido por seu irmão mais jovem, Antíoco III, o Grande. Os filhos continuaram a guerra de seu pai com

o Egito, e, finalmente, o exército com 70.000 soldados de Antíoco recobrou o controle da Palestina.

O rei do Sul nessa época era o tranquilo Ptolomeu IV Filópato (221-204 a.C.). Seu exército teve uma surpreendente vitória sobre Antíoco na batalha de Ráfia, região meridional da fronteira palestina, capturando o enorme exército sírio (11:11). Mas o sucesso produziu orgulho e letargia em Ptolomeu. Ele não mais perseguiu sua vitória por meio de novos ataques. Desse modo, cumpriu-se a profecia: *Porém não prevalecerá* (11:12). Nesse caso, ele foi como muitos cristãos contemporâneos, que celebram suas vitórias passadas sobre o diabo enquanto esquecem que Satanás se afasta apenas para retornar no momento oportuno (Lc 4:13).

Alguns anos depois, aliado a Filipe V da Macedônia, Antíoco, o Grande, retornou com um vasto exército para compensar a guerra contra o filho de Ptolomeu IV Filópato, que morrera em 203 a.C. (11:13). O novo rei do Egito, Ptolomeu V Epifânio, não somente era jovem, mas também inexperiente em assuntos de guerra. Segundo a profecia, *não haverá força para resistir* (11:13-16). Os judeus auxiliaram os sírios, expulsando os egípcios da terra santa (11:14). Não perceberam o que os sírios lhes fariam mais tarde sob o reinado demoníaco de Antíoco IV Epifânio (11:16).

Outro casamento diplomático foi arranjado entre as duas dinastias combatentes. Esperando ganhar controle absoluto sobre o Egito, Antíoco, o Grande, deu sua filha Cleópatra como esposa a Ptolomeu V em 192 a.C. (11:17). O truque fracassou, pois, em vez de apoiar os planos de seu pai, Cleópatra permaneceu fiel a seu marido. Decepcionado, mas não desencorajado, Antíoco retornou às suas campanhas nas regiões costeiras do mar Egeu (11:18). Ele se apoderou de uma quantidade de ilhas e teria ocupado a Grécia se não tivesse sido impedido pelo crescente poder de Roma sob o comando de Cipião (11:18), que traçou a rota do exército de Antíoco em Magnésia no ano 190 a.C. Ao retornar completamente desgraçado para sua terra, Antíoco III foi morto enquanto saqueava um templo em Elá (11:19).

Ele foi sucedido por seu filho, Seleuco VI Filópato, que herdou uma grande dívida para com Roma. A fim de receber os enormes pagamentos anuais, enviou coletores por todo o reino (11:20). Seu primeiro ministro, Heliodoro, enviado para saquear o tesouro do templo de Jerusalém, foi impedido por intervenção divina (2Macabeus 3). Seleuco reinou por onze anos e morreu de forma misteriosa, provavelmente assassinado por Heliodoro.

Os africanos estão bem familiarizados com problemas causados por dívidas nacionais. Empréstimos excessivos do Ocidente, especialmente das principais ex-colônias, significa que o jugo do imperialismo colonial não foi completamente quebrado. Muitos pensadores africanos concordam com o falecido Nkrumah em que a liberdade política sem emancipação econômica é temporária.

### 11:21-35 A perseguição dos judeus

Seguiu-se um terrível período para os judeus. Quinze versículos são dedicados ao reinado de Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C.), o filho de Antíoco III e irmão de Seleuco IV. Ele é apresentado como *um homem vil* (11:21), alguém em quem não se pode confiar, um maquinador e um impostor. É o “pequeno chifre” de Daniel 8:9-27 (cf. comentário dessa passagem). É chamado de o anticristo do AT e é visto prefigurando o anticristo do fim dos tempos. Aqui, as histórias dos dois anticristos são colocadas de costas uma para a outra, não simplesmente por ênfase, mas porque ambas envolvem o ódio aberto contra Deus e a perseguição aos judeus.

O aumento do poder de Antíoco encontrou resistência por parte das forças leais a Heliodoro (11:22); ele, porém, reagiu a isso com auxílio estrangeiro e intrigas. Matou o sumo sacerdote em Jerusalém, Onias III, a quem a profecia se refere como o *príncipe da aliança* (11:22). (Em 11:28,30 e 32, a palavra “aliança” é usada para se referir ao Estado judeu, que era uma teocracia naquele tempo, tendo o sumo sacerdote como seu líder.)

A política estrangeira de Antíoco para o Egito começou positivamente (11:23-24). Sua irmã Cleópatra havia estado na poderosa posição de rainha-mãe desde a morte de seu marido em 181 a.C. Desse modo, foi fácil para Antíoco e seu sobrinho Ptolomeu Filômetro conseguirem um acordo dos aristocratas (11:23). Mas Antíoco sempre tinha segundas intenções em todos os seus atos, pois acreditava que o fim justifica os meios. Fazendo e quebrando alianças e usando de suborno, ele estendeu seu poder por toda a Síria, Palestina, Edom, Amom e Moabe (11:24).

Sua amizade com o Egito logo se desgastou. Antíoco atacou seu sobrinho e o derrotou na fronteira do Egito em 170 a.C., ajudado por uma rebelião dentro do próprio exército de Ptolomeu (11:25-26). Os dois reis concordaram com uma trégua, mas, embora conversassem sobre a paz, o coração deles estava empenhado em *fazer o mal* (11:27). Frequentemente, a África tem testemunhado tais negociações de paz hipócritas. Temos observado isso repetidamente nas longas e destrutivas guerras entre o governo em Cartum, no norte do Sudão, e o Exército de Libertação do Povo Sudanês, no sul. Enquanto milhões morrem, os líderes de ambos os lados se encontram e assinam acordos de cessar fogo nas capitais vizinhas como Nairóbi e Kampla. Semelhantemente, as partes combatentes da Libéria se encontraram em Accra, Gana, para discutir a paz, ao mesmo tempo que eram travadas batalhas ao redor da Monróvia, a capital. Se o comportamento de Antíoco é típico do anticristo, então as Escrituras estão certas quando dizem que há já muitos anticristos no mundo (1Jo 2:18).

Ao retornar do Egito, Antíoco roubou o templo em Jerusalém e sufocou ali uma pequena insurreição. Como predito, ele retornou à Síria com muitos despojos (11:28).

Não chegou a ser surpresa o ataque de Antíoco ao Egito novamente dois anos depois, em 168 a.C. (11:29-30).

Nesse tempo, entretanto, seu ataque foi anulado porque os egípcios foram bem-sucedidos em obter apoio dos romanos (11:30). Humilhado e frustrado, ele voltou sua ira contra os judeus no seu retorno para casa, em ações registradas em 1 e 2Macabeus. Em cumplicidade com judeus apóstatas (*aos que tiverem desamparado a santa aliança* — 11:30), Antíoco profanou o altar santo, oferecendo um porco sobre ele, proibiu os sacrifícios diários, erigiu uma imagem do deus grego Zeus Olimpo, e declarou serem ilegais as cerimônias mosaicas. Essas atitudes foram descritas como o estabelecimento da *abominação desoladora* (11:31). A profecia paralela em Daniel 8:23-25 cobre a mesma história, e Cristo se refere a ela em Mateus 24:15.

Esse foi um tempo de grande tribulação para os judeus. As ações de Antíoco precipitaram a revolta dos macabeus, que foram cruelmente reprimidos, fazendo perecer dez mil de judeus (11:33-34). Sabendo que os judeus não lutariam no sábado, os soldados sírios deliberadamente atacaram naquele dia. Eles massacraram, queimaram e capturaram muitos e pilharam suas possessões. Matatias Macabeu e seus cinco filhos, juntos a um grande número de outros que verdadeiramente conheciam o Senhor, ficaram firmes à custa da própria vida (11:32). Como os três jovens hebreus em Daniel 3, recusaram-se a comprometer sua fé ou adorar um ídolo.

A totalidade dessa história prefigura o surgimento do futuro anticristo durante a grande tribulação. Todavia, o chamado para seguir a Jesus Cristo em qualquer época implica carregar a cruz e pode trazer aos cristãos uma séria perseguição, como muitos muçulmanos descobriram quando se converteram a Cristo. Surpreendentemente, perseguições como a descrita aqui têm um efeito purificador e fortalecedor, fazendo daqueles que sobrevivem a ela cristãos melhores em termos de retidão moral, comprometimento espiritual, efetividade no testemunho e estabilidade (11:35).

### 11:36-45 O voluntarioso rei do final dos tempos

A profecia se move rapidamente para uma história ainda mais horrenda de um homem que a si mesmo se fará deus, adorará a si próprio e exigirá adoração de seus súditos, travará guerra e conquistará muitas nações, mas, finalmente, o seu fim chegará. Descrito como rei que *fará segundo a sua vontade* (11:36a), é o anticristo de Daniel 7:24-27; 8:23-25; 9:26-27 e Apocalipse 13 e 17.

Nada é dito sobre de onde virá esse rei voluntarioso (11:36). Fica claro que ele não é do Sul nem do Norte, pois os dois rivais tradicionais se unem para se opor ao recém-chegado (11:40). Embora seja semelhante a Antíoco IV Epifânio em alguns aspectos, tem um caráter distinto. Como Lúcifer de Isaías 14:13-14, reivindicará supremacia sobre todos os deuses e blasfemarà do Deus verdadeiro (11:36b; cf. tb. 2Ts 2:4; Ap 13:6). Embora aja independentemente e prospere no que faz, o texto deixa claro que seu poder não é infinito. Seu sucesso e liberdade durarão somente sete anos (9:27).



Por causa da declaração de que ele *não terá respeito aos deuses de seus pais* (11:37), alguns teólogos africanos têm argumentado que o anticristo não pode ser africano. Os africanos veneram seus antepassados e gostam de adorar divindades tradicionais. Aquele que também não terá respeito *ao desejo de mulheres* (11:37) é o Messias, a quem toda mulher judia anseia dar a luz. O principal ponto desse versículo, entretanto, é que o anticristo virá de um ambiente religioso, mas voltará as costas para ele. Ele será ateu, sem sentimentos e absolutamente cheio de si. Seus gastos dispendiosos em ferramentas militares parecerão oferendas religiosas. Suas ideias serão estranhas em comparação às de seus ancestrais (11:38).

O tempo no qual o anticristo vai operar é descrito como *o tempo determinado* (11:35), *até que se cumpra a indignação* (11:36) e *o tempo do fim* (11:40). Comentaristas concordam que isso marcará o fim da história mundial como a conhecemos. Haverá dois tipos de guerra: uma humana (11:40-45), a outra angélica (12:1). No *front* humano, será “a mãe de todas as guerras” com os dois archi-inimigos, o rei do Sul e o rei do Norte, lutando em coalizão contra o anticristo. Ele lutará na terra e no mar (e, em tempos modernos, no ar) (11:40), algo que recorda as guerras do Golfo contra Saddam Hussein do Iraque. Contudo, apesar de seu poder militar e de seu armamento sofisticado, as forças de coalizão não serão bem-sucedidas. O anticristo obterá amplo sucesso em muitas nações, incluindo a terra santa, o Egito, a Líbia e a Etiópia, mas não alcançará o controle absoluto sobre todo o mundo (11:41-43). Edom, Moabe e Amom, todos na parte sudeste da Palestina (atual Jordânia), estão entre as nações não entregues a ele (11:41).

Enquanto estiver ocupado em despojar a África, o anticristo receberá informações de uma nova coalizão se formando contra ele no leste e ao norte (possivelmente uma coalizão chinesa e russa). Ele reagirá rapidamente, contratacando com força devastadora (11:44). Então estabelecerá seus postos de comando *entre os mares contra o glorioso monte santo* (11:45), provavelmente em Jerusalém, situada entre o mar Mediterrâneo e o mar Morto. No entanto, a despeito de suas vitórias militares, esse último governador mundial *chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra* (11:45). Isso é assustador! Como pode um grande guerreiro ficar sozinho, ter um fim silencioso sem uma espetacular batalha final? A resposta já foi dada: “mas será quebrantado sem esforço de mãos humanas” (8:25). O capítulo 12 continua a descrever a intervenção divina.

### 12:1-13 Profecias de um glorioso final

Certa vez, um leão quis provar sua supremacia. Então, dirigiu-se a vários grupos de animais, perguntando:

— Quem é o rei dos animais?

Tremendo, todos reconheceram:

— És tu, certamente.

Contudo, quando ele se aproximou de um elefante com a mesma pergunta, este não respondeu. Então o leão fez a pergunta pela segunda vez e pela terceira. Nesse ponto, o elefante enroscou sua tromba em volta do leão, levantou-o no ar e atirou-o no chão. Humilhado, o leão, bamboleando, resmungou:

— Você não precisa ficar irado só porque não sabe a resposta.

Essa história é uma metáfora para a humilhação que aguarda Satanás em sua guerra contra o Senhor e a humanidade em geral.

### 12:1 A importância e a função do arcanjo Miguel

O capítulo abre com referências repetidas a *nesse tempo* (12:1 — mais duas variações somente em 12:1, e de novo em 12:4,7,9,11). Parece que Miguel não só aparece num momento específico, mas há um tempo em que ele será ativo, um período que coincidirá com a época do anticristo (11:45). Miguel também se levantará quando o anticristo começar sua carreira (11:36), ou, mais provavelmente, no meio da carreira do anticristo, quando ele volta sua atenção para a terra gloriosa (11:41). Inúmeras profecias se referem ao tempo do anticristo como um período de aflição, trevas e tristeza (9:27; cf. tb. Dt 4:30; Jr 30:7; Jl 2:2). Durará sete anos a semana de anos de Daniel. Durante a primeira metade desses anos, o anticristo fará amizade com Israel, mas depois quebrará a aliança (9:27) e se voltará contra Israel. Jeremias descreve isso como “tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7). Os serviços de Miguel serão necessários!

Miguel ajudará Gabriel quando este estava sendo impedido de entregar sua mensagem (10:13,21). Aqui o texto se refere a ele como anjo guardião encarregado de proteger o povo de Daniel, a nação de Israel. Ele está pronto para lutar, pois é um momento crítico para Israel. O agente de Satanás, o anticristo, está prestes a desatar o mais horrendo genocídio jamais experimentado na história da humanidade.

Os detalhes sobre o que Miguel fará são revelados em Apocalipse 12:1-9. A batalha será final e decisiva. Parece, entretanto, que essa vitória precipitará a ira do anticristo, popularmente conhecida como a grande tribulação (cf. Mt 24:21-22). Esse tempo de angústia durará três anos e meio (12:7,11; Ap 12:12-14). Infelizmente, nem todos os israelitas desfrutarão de proteção e livramento, mas somente aqueles cujo nome for encontrado no livro. O texto imediato não nos fala do critério para inclusão nesse livro, mas a partir de uma revelação anterior (7:13-14) sabemos que isso é um reconhecimento de Jesus Cristo como Messias.

Certa vez, um rabi comentou com um clérigo protestante:

— Vocês, cristãos, estão esperando a segunda vinda do seu Salvador, mas nós, judeus, procurando pela primeira vinda do nosso Messias.

O clérigo perguntou:

— Como vocês o reconhecerão?

Enquanto o rabi ponderava, o clérigo citou o profeta Zacarias:

— “Olharão para aquele a quem traspassaram” (Zc 12:10).

Há somente um caminho de salvação para todos os povos: a cruz de Jesus Cristo.

### 12:2-4 A ressurreição dos justos e dos ímpios

Milhares, tanto justos quanto ímpios, morrerão durante a tribulação. Milhões (incluindo Daniel — 12:13) morrerão antes que ela comece. Mas há vida além da sepultura (12:2a), uma vida de bênção ou de desprezo eterno (12:2b). Aqueles judeus e gentios cujo nome está no livro participarão da vida eterna com Cristo, seu Salvador e Senhor. Aqueles cujo nome não for achado no livro acabam longe de Cristo, sofrendo vergonha eterna.

Apocalipse 20:4-6 declara que aqueles santos que morreram durante a tribulação por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus “viveram e reinaram com Cristo durante mil anos”, mas “os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos”. Gabriel estava satisfeito em contar a Daniel sobre a verdade da ressurreição, sem entrar nos detalhes de quando ela aconteceria.

Aqueles que investiram em compartilhar o evangelho com outros reinarão com Cristo. Serão recompensados pelo fato de *a muitos conduzirem à justiça* (12:3) e são descritos como sábios, cuja sabedoria é aqui definida como “ganhadora de almas” (cf. Pv 11:30). Eles brilharão com o resplendor de um céu estrelado, manifestando, assim, a glória do Senhor (Sl 19:1). Um notável cristão africano colocou isso dessa maneira: “Você não será um discípulo de Cristo até que tenha discipulado outro discípulo”.

A Daniel agora fora dito para selar as palavras com segurança e preservar o que havia sido escrito para as gerações vindouras (12:4). Seria relevante para todas as épocas, mas particularmente durante a grande tribulação. Instrução semelhante lhe fora dada na época da segunda visão (8:26).

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3:16-17). A revelação dada a Daniel aumenta nosso entendimento a respeito dos acontecimentos do tempo final. A criação do Estado de Israel em 1948 conduziu a um renascimento de interesse pela profecia, com numerosas conferências sendo realizadas e milhares de livros publicados. Alguns têm sido rápidos em estabelecer datas ou rotular líderes proeminentes como Anwar Sadat, dizendo ser o anticristo. Os acontecimentos no Oriente Médio, as guerras do golfo, a introdução de uma moeda comum para a União Europeia, a transformação da OAU (Organization of African Unity — Organização da Unidade Africana) em União Africana, o

terrorismo global e outros acontecimentos mundiais têm aumentado a ansiedade das pessoas em relação ao futuro e à proximidade do fim dos tempos. Até Daniel ficou perturbado diante das expectativas futuras!

### 12:5-12 A duração da grande tribulação

Quando Gabriel acabou de falar, Daniel olhou de onde estava para a borda do rio Tigre (10:4) e viu dois outros anjos e o *homem vestido de linho* (12:5-6). Esse homem era definitivamente o Cristo pré-encarnado de 10:6. Um dos anjos perguntou por quanto tempo duraria a grande tribulação (12:6). O Senhor jurou solenemente que duraria *um tempo, dois tempos e metade de um tempo* (12:7). Essa resposta, que significa três anos e meio, é constante em todo o livro (cf. tb. 7:25; 12:11; Ap 12:14).

Como se antecipasse a próxima pergunta (12:8), o Senhor também explicou que, *quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão* (12:7). Em outras palavras, o Senhor permitirá que a perseguição de seu povo dure o tempo necessário para quebrar sua autossuficiência e fazê-lo confiar em Cristo como seu rei legal. Não é o anticristo, mas o Senhor, quem determina o programa.

Como Habacuque, que não entendeu por que o Senhor usou uma nação ímpia para punir seu povo (Hc 1:12—2:1), Daniel ficou desconcertado. Então perguntou: *Meu senhor, qual será o fim destas coisas?* (12:8). O Senhor respondeu, assegurando a Daniel que aquilo que havia sido dito aconteceria indubitavelmente (12:9). Daniel não precisava preocupar-se com os detalhes. Então o Senhor expande o propósito que já mencionara em 12:7 e diz que o alvo do sofrimento é deixar seu povo pronto para encontrar-se com ele (12:10). Em todo sofrimento cristão, duas forças invisíveis estão agindo: o diabo e o Senhor. O diabo usa táticas para tentar quebrar e destruir os crentes (Jó 1), mas o Senhor as utiliza para nos refinar, transformar e reavivar espiritualmente (Sl 119:67,71). Assim, o Senhor declara de modo inequívoco que o sábio entenderá o que ele está fazendo (cf. tb. Rm 8:28).

O Senhor repete então o informe sobre a grande tribulação que havia sido dada em 8:11; 9:27 e 11:31. O número de dias é semelhante ao que é mencionado em 7:25, em que três anos e meio é equivalente a 1.260 dias (usando-se o calendário judaico, que tem 30 dias em cada mês). O texto aqui fala de 1.290 (12:11) dias, significando que este adicional de 30 dias é acrescido ao tempo em 7:25, bem como um adicional de 75 dias para alcançar os 1.335 dias mencionados em 12:12. Esses dias extras podem ser exigidos para logística e causas administrativas na limpeza pós-guerra e no estabelecimento do reino milenar de Cristo.

### 12:13 Descanso, ressurreição e recompensa

O livro termina com uma gloriosa declaração da soberania do Senhor e do destino final de Daniel. Ele e todos os que



confiam no Senhor não enfrentarão a morte e a destruição, mas a vida abundante. A respeito de Daniel, é dito: *Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim (12:13)*. Em outras palavras, Daniel não precisa ter medo, mas deve viver a vida em plenitude! Como em 12:9, em que a mesma expressão ocorre, o Senhor está dizendo a Daniel para deixar de se preocupar com essas visões confusas de acontecimentos futuros. O Senhor está no controle.

O Senhor então assegura a Daniel que ele descansará na morte e, no devido tempo, se levantará na companhia dos justos mencionados em 12:2. Gravamos “Descansa em Paz” sobre as lápides, mas nem todas as pessoas descansam em paz. A história do rico e Lázaro (Lc 16:19-31) e outras parábolas demonstram claramente que os ímpios não descansam nem estão em paz.

Daniel não somente desfrutará do descanso pacífico, mas também de uma herança no reino milenar do Senhor. Assim como Daniel serviu fielmente a Nabucodonosor, Belsazar, Dario e Ciro, do mesmo modo servirá a Cristo, o Rei dos reis (cf. Ap 5:10). Daniel nos confronta com um desafio: O que importa não é começar bem uma corrida, mas completá-la bem! Certifique-se de que você completará bem a sua.

Tokunboh Adeyemo

#### Leituras adicionais

LUCK, G. Coleman. *Daniel*. EvBC. Chicago: Moody, 1958.

WALVOORD, John F. *Daniel: The Key to Prophetic Revelation*. Chicago: Moody, 1971.

WOOD, Leon. *A commentary on Daniel*. Grand Rapids, Zondervan, 1973.

# OSEIAS

Oseias é o primeiro dos doze Profetas Menores. Eles não recebem esse nome por serem menos importantes do que os Profetas Maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel), mas porque seus livros são bem mais curtos.

Oseias escreveu pouco antes de os assírios conquistarem o Reino do Norte em 722 a.C. Como Amós, Miqueias e Isaías, Oseias profetizou quase oitocentos anos antes do nascimento de Cristo.

Enquanto Miqueias e Isaías exerceram seu ministério profético no Reino do Sul (Judá), Oseias e Amós profetizaram ao Reino do Norte (Israel). Ao contrário de Amós, um profeta “estrangeiro” originário do Sul (Am 7:10-15), Oseias nasceu no Reino do Norte. O profeta chama o Reino do Norte de “Efraim” (4:17; cf. tb. Is 7:8-9,17) e o Reino do Sul, de “Judá” (6:4).

## O profeta

Oseias, cujo nome significa “Javé salva”. Suas emoções profundas se revelam nas passagens sobre seu casamento e no uso amplo de imagéria incomum para descrever seu relacionamento com Deus, com sua esposa e filhos e com Israel, bem como o relacionamento de Israel com Deus. Além dos paralelos entre o casamento de Oseias e o relacionamento de Deus com seu povo, a nação é comparada a uma vaca rebelde (4:16; ou bezerra domada em 10:11), um pão (7:8), uma pomba (7:11), um jumento montês (8:9), uvas e uma figueira (9:10), uma vide luxuriante (10:1; 14:7), um lírio e um cedro (14:5). Deus se compara a uma traça (5:12), um leão (5:14; 11:10; 13:7), um leopardo e uma urso (13:7-8), e um cipreste verde (14:8).

## A época de Oseias

Oseias viveu numa época agitada e caótica. Os quarenta anos do reinado de Jeroboão II sobre Israel foram seguidos de grande instabilidade política e social. Poderíamos equiparar esse momento do Reino do Norte à situação que vemos com frequência na África de hoje, quando longos períodos de governo ditatorial são seguidos de inquietação política e social. Num dado momento da guerra civil da República da Libéria, o país teve, ao mesmo tempo, três chefes de Estado, cada um no controle de uma parte da pequena capital do país. Semelhantemente, o Israel do tempo de Oseias testemunhou uma sucessão de golpes e contragolpes num curto período de tempo (2Rs 14—15). Oseias 4:1-3 mostra parte da deterioração da vida social, política e comunitária.

A esfera religiosa encontrava-se em estado igualmente precário. Desde o início do livro, Oseias acusa Israel de se afastar do Senhor e servir a falsos deuses (1:2). O povo havia esquecido a lei de Deus e sua provisão e proteção desde que o Senhor os havia tirado do Egito. E, pior de tudo, eles haviam esquecido próprio Deus!

Oseias considerou toda a liderança e todo o povo de Israel culpados de apostasia e degeneração espiritual. Eles deturparam o culto a Deus ao inserir elementos da adoração a Baal. Os sacerdotes deixaram de ensinar a lei (4:6) e, em vez de confiarem na proteção de Javé sobre Israel, os reis buscaram ajuda da Assíria e do Egito (7:8).

## A mensagem de Oseias

De acordo com Oseias, o problema fundamental de Israel é seu afastamento do Senhor. As duas palavras usadas com mais frequência no livro são “retornar” e “conhecer”, termos que resumem a mensagem de Oseias: “retornar ao Senhor” e “conhecer ao Senhor”. O retorno deve ser genuíno, pois Deus não tem nenhum interesse no arrependimento superficial e cerimonial (6:1-6). Ele deseja que o arrependimento conduza a uma vida caracterizada pela integridade de coração, mente e atos.

O conhecimento do Senhor é, em primeiro lugar e acima de tudo, relacional. Significa ter um relacionamento espiritual ativo, vital, saudável e pleno com Deus. É conhecer a Deus com o coração. Mas o conhecimento de Deus não consiste apenas em um relacionamento emocional. Possui também uma dimensão intelectual ou cognitiva, pois implica estudar e lembrar-se da lei divina, bem como das histórias e tradições que relatam a fidelidade do Senhor no passado. Por fim, o conhecimento de Deus também resulta em integridade no modo de agir e conduz a um relacionamento saudável entre as pessoas. Apresenta, portanto, uma dimensão social e ética.

A preocupação de Oseias é que Israel se encontra tão preso ao pecado que não pode escapar. Mas Deus não abandonou seu povo. Antes, como o “cão de caça do céu” no poema homônimo de Francis Thompson, persegue as nações que fogem dele. Oseias expressa o horror de ser perseguido por um Deus de justiça e, no entanto, insiste que a justiça de Deus não é apenas retributiva, mas também restauradora. Deus vai atrás de seu povo porque o ama e o deseja, anseia por recebê-lo

de volta, da mesma forma que o pai recebeu de braços abertos o filho pródigo (Lc 15:11-32). O profeta reconhece que seu povo só pode ser restaurado ao Senhor pela compaixão e pelo perdão bondoso de Deus.

### Estrutura

O livro de Oseias pode ser dividido em duas partes. Os capítulos 1 a 3 apresentam o casamento e os filhos de Oseias como uma alegoria para o relacionamento de Israel com o Senhor. Os capítulos 4 a 14 consistem em uma série de profecias transmitidas por Oseias em diversas ocasiões. É difícil datar todas essas profecias com precisão e definir se o profeta as proferiu na ordem em que estão registradas. Não obstante, elas fazem sentido da forma em que se encontram organizadas e expressam verdades eternas acerca do relacionamento entre o povo de Deus e o Senhor.

### Esboço

#### 1:1 Introdução

#### 1:2—3:5 A família de Oseias

- 1:2—2:1 A ordem de Deus e a atitude de Oseias
- 1:2-3 O casamento com Gômer
- 1:4-9 Os nomes dos filhos de Gômer
- 1:10—2:1 A promessa de Deus
- 2:2-23 O relacionamento de Deus com Israel
- 2:2-5 Casamento destruído
- 2:6-13 Marido irado
- 2:14-23 Relacionamento restaurado
- 3:1-5 Amor renovado

#### 4:1—14:9 A infidelidade de Israel

- 4:1-19 A acusação de Deus contra Israel
- 4:1-9 Fracasso em obter conhecimento
- 4:10-15 Fracasso moral
- 4:16-19 Fracasso emocional
- 5:1-15 O julgamento divino
- 5:1-4 Julgamento das ações
- 5:5-7 Julgamento das atitudes
- 5:8-12 Julgamento da injustiça
- 5:13-15 Deus se retira
- 6:1-11 Arrependimento superficial
- 6:1-3 Chamado ao arrependimento
- 6:4-11 A resposta do Senhor
- 7:1-16 Pecado paralisante
- 7:1-7 Engano e intrigas
- 7:8-16 Alianças políticas inúteis
- 8:1-14 A certeza do julgamento
- 8:1-3 A rebelião de Israel
- 8:4-6 A corrupção da realeza e do culto

- 8:7-10 Alianças políticas perigosas
- 8:11-14 A deturpação da religião
- 9:1-17 O terror do julgamento
- 9:1-4 Ameaça de exílio
- 9:5-17 Três lições históricas
- 10:1-15 Ilustrações do campo
- 10:1-8 A vide e a erva venenosa
- 10:9-15 A bezerra domada
- 11:1-11 Um Deus que não desiste
- 11:1-4 Um Deus de amor e graça
- 11:5-7 Um Deus de justiça
- 11:8-11 Um Deus de justiça redentora
- 11:12—12:14 Volta para o Senhor
- 11:12—12:6 O exemplo de Jacó
- 12:7-14 Injustiça, orgulho e destruição
- 13:1-16 A loucura da ingratidão
- 13:1-8 O Senhor: leão, leopardo e urso
- 13:9-16 Último anúncio de julgamento
- 14:1-9 Israel será um jardim
- 14:1-3 Exortação final
- 14:4-8 O Senhor será “como orvalho”
- 14:9 Conclusão

## COMENTÁRIO

### 1:1 Introdução

O livro de Oseias começa com a fórmula profética tradicional, cuja função é indicar que a mensagem do profeta é inspirada e não provém dele, mas do Senhor (1:1). Na sequência, o texto identifica Oseias como *filho de Beeri* e especifica o período histórico em que o profeta ministrou. Os reinados dos monarcas aqui mencionados são descritos em 2Reis (Jero-boão: 2Rs 14:23-28; Uzias [Azarias]: 2Rs 15:1-7; Jotão: 2Rs 15:32-38; Acáz: 2Rs 16:1-19; Ezequias: 2Rs 18:1—20:21).

### 1:2—3:5 A família de Oseias

#### 1:2—2:1 A ordem de Deus e a atitude de Oseias

O primeiro capítulo introduz os temas centrais desenvolvidos no restante do livro: a decisão de Israel de se afastar do Senhor, o julgamento resultante, a restauração, a graça e misericórdia de um Deus que se mostra fiel mesmo diante da infidelidade do seu povo.

Não há um consenso entre os comentaristas quanto aos detalhes do casamento de Oseias. Alguns consideram ofensiva a ideia de o profeta ter-se casado com uma prostituta e insistem que se trata apenas de uma alegoria. Outros argumentam em favor da impossibilidade de Gômer ser uma prostituta quando Oseias se casou com ela. Neste comentário, supomos que Gômer provavelmente já era uma prostituta quando se casou com Oseias.



### 1:2-3 O casamento com Gômer

A oração inicial, *Quando, pela primeira vez, falou o SENHOR por intermédio de Oseias (1:2a)*, lembra que a mensagem transmitida na sequência provém do Senhor e que Oseias é apenas seu porta-voz. Lembra também que o profeta age em obediência à palavra de Deus. Seu exemplo nos desafia a ouvir a mensagem do Senhor e obedecer a ela.

A primeira ordem que Oseias recebe do Senhor é escandalizante: *Vai, toma uma mulher de prostituições. A injunção visa mostrar que Israel se prostituiu, desviando-se do SENHOR (1:2b)*. A vida pessoal e o casamento de Oseias estão ligados, portanto, à história mais ampla de Israel. Sua situação serve de breve introdução para o restante do livro: Israel abandonou o Senhor, mas o Senhor suplica para que a nação volte a ele e o conheça.

Oseias obedece sem questionar: *Foi-se, pois, e tomou a Gômer (1:3)*. Em contextos africanos tradicionais, nos quais o parentesco rege o matrimônio, o casamento com uma mulher como Gômer seria motivo de grande vergonha e desonra para toda a família. É possível que a situação não fosse diferente no tempo de Oseias, o que torna a obediência do profeta ainda mais impressionante.

Gômer simboliza o terrível pecado de Israel e, o que é mais importante, o fato de Oseias se casar com ela retrata o amor de Deus e sua recusa em abrir mão de Israel. Deus procura seu povo infiel e rebelde e o traz de volta para junto de si.

### 1:4-9 Os nomes dos filhos de Gômer

Deus volta a falar a Oseias quando Gômer dá à luz um filho. Desta vez, a mensagem diz respeito ao nome da criança (cf. tb. Mt 1:21; Lc 1:13,31). Apesar de os povos africanos terem formas diferentes de escolher o nome dos filhos, o ato de dar nome é importante em todas as culturas do continente. O pai quase sempre opina nessa escolha.

Para entender o peso do nome *Jezreel (1:4a)*, podemos imaginar uma mãe de Ruanda chamar seu filho de Genocídio, um queniano chamado Mau Mau, um garoto de Serra Leoa chamado FRU (Frente Revolucionária Unida), ou um sul-africano chamado Sharpeville! Jezreel havia se tornado sinônimo de carnificina. Assim como *Jeú* matou Jorão e, portanto, acabou com a casa de Onri (1:4b; cf. 1Rs 21; 2Rs 9), Deus destruiria a casa e linhagem de Jeú e, com elas, o restante de Israel.

As palavras *quebrarei o arco de Israel* são uma advertência sinistra de que, em vez de lutar em favor de Israel, o Senhor será seu inimigo (1:5; cf. 5:14; 13:7-8).

Depois do nascimento de Jezreel, Gômer deu à luz uma menina e um menino. É impossível determinar se Oseias era o pai dessas duas crianças (cf. 2:5). Como no caso do primeiro filho, o Senhor escolheu o nome das crianças: *Desfavorecida (1:6a)* e *Não-Meu-Povo (1:9a)*.

Juntos, os nomes dos três filhos retratam um julgamento cada vez mais severo. O Senhor destruirá o rei e a nação.

Não demonstrará amor por Israel (1:6b) e, por fim, rejeitará ou deserdará seu povo (1:9b). O julgamento supremo é o total rompimento das relações familiares e dos laços de parentesco.

Judá será salvo do julgamento iminente, talvez por não ter pecado tanto quanto seus parentes em Israel (1:7).

### 1:10—2:1 A promessa de Deus

Depois das severas advertências de julgamento nos versículos anteriores, Deus profere uma palavra final de salvação. Promete reverter o julgamento e restaurar a nação. Ao falar da reversão do julgamento, o Senhor volta à antiga promessa feita a Abraão (1:10; Gn 22:17). A promessa de que o povo de Judá e o povo de Israel serão unidos sob um só cabeça aponta para um ideal futuro (1:11; cf. Ez 37:15-22). O Senhor restaurará a nação e voltará a chamá-la de *Meu-Povo (2:1)*. Paulo aplica a mesma promessa à inclusão dos gentios no povo de Deus (Rm 9:25-26).

A promessa de Deus nessa passagem também comprova que “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Como diz o provérbio krio de Serra Leoa: *Famble tik go ben bot ee nor go broke* (“Ainda que sofram grande tensão, os laços de família nunca se romperão”).

### 2:2-23 O relacionamento de Deus com Israel

O relacionamento entre Oseias e Gômer serve de pano de fundo para o forte poema que descreve a relação entre um homem e sua esposa. O capítulo começa com o rompimento da relação, mas termina com sua restauração. A prostituição da esposa contrasta nitidamente com as tentativas de seu marido ter um casamento restaurado e harmonioso. Seu relacionamento simboliza a relação entre Israel e Deus.

De acordo com o argumento central do capítulo, a nação de Israel é culpada de romper sua relação de aliança com Deus. Ainda assim, Deus não rejeita a nação, mas a procura. O foco dos atos disciplinares é a ligação de Israel com seus amantes (outros deuses) e os aspectos emocionais, religiosos e éticos de sua conduta, bem como sua visão distorcida da realidade. O Senhor combina severidade e ternura em seu chamado à nação para voltar a uma união fiel e amorosa com ele.

### 2:2-5 Casamento destruído

Para alguns comentaristas, essa seção corresponde ao conjunto de provas apresentadas pelo pleiteante no tribunal em que ele procura divorciar-se de sua esposa. É mais provável, contudo, que se trate da descrição poética de um casamento que desandou. Para todos os efeitos, a relação conjugal morreu. O marido divino fala à sua família, e não a um tribunal de justiça. Por isso, os filhos desse casamento recebem a instrução: *Repreendei vossa mãe (2:2a)*. Eles precisam entender que o comportamento dela ameaça a união de toda a família e atrai a disciplina.

A repreensão se deve ao adultério da esposa (2:2b). Foi sua infidelidade, e não alguma falta por parte do marido, que destruiu o casamento. O fato de o marido considerar que vale a pena repreender a esposa sugere, porém, que talvez seja possível alimentar esperanças.

A repreensão que visa mudar o comportamento da esposa é acompanhada de uma ameaça do castigo que sobrevirá não apenas à mãe, mas também aos seus filhos (2:3-4). O destino dos filhos encontra-se intimamente ligado ao da mãe, o que lhes serve de incentivo adicional para confrontá-la.

O marido passa da acusação geral para duas incriminações mais específicas. Primeiro, sua esposa vinha sendo promíscua. Seu comportamento sexual pecaminoso era destrutivo para o relacionamento. A observação de que a mulher *houve-se torpemente* ao conceber os filhos pode indicar que ela não os gerou com o marido (2:5a; cf. comentário em 1:6-8). A esposa envergonhou e desonrou o marido, a família e a comunidade. No antigo Israel, como em vários lugares da África hoje em dia, desgraças desse tipo causavam forte impacto sobre a comunidade.

De acordo com a segunda acusação, o raciocínio da esposa é equivocado. Ela atribui aos amantes, e não ao Senhor, a provisão de tudo o que é necessário para uma vida confortável (2:5b). A acusação se torna ainda mais severa quando nos lembramos de que o deus cananeu Baal era o deus da fertilidade. Os israelitas estavam agradecendo a Baal por suas colheitas de cereais e uvas e pelo crescimento dos rebanhos. Na realidade, porém, é Deus quem concede ou retém a prosperidade.

### 2:6-13 *Marido irado*

O Senhor descreve em detalhes as atitudes que tomará diante do comportamento descrito nos versículos anteriores. A primeira atitude será negativa: ele castigará a esposa por aquilo que ela fez. Esse castigo assume duas formas, e cada uma delas é apresentada numa seção que começa com a conjunção *portanto* (2:6,9; cf. tb. 2:14).

Na primeira fase do castigo, Deus trata da imoralidade da esposa e de seu desprezo pelo casamento. Para isso, ele coloca obstáculos em seu caminho, frustra seus planos e mostra que ela estava errada ao pensar que seus amantes a sustentariam (2:6-7a). O Senhor espera que a frustração conduza a esposa de volta ao seu primeiro amor. O plano é apenas parcialmente bem-sucedido. A esposa infiel volta, mas apenas porque as tentativas desesperadas de buscar seus amantes e supostos presentes se mostraram inúteis (2:7b). Ela ainda não reconhece o verdadeiro Doador e usa as dádivas de Deus para adorar a Baal (2:8).

A fim de corrigir o modo de pensar da esposa, o Senhor anuncia que tomará mais uma providência. Ele não apenas criará empecilhos e a frustrará, mas também removerá as dádivas que ela atribui a Baal e usa para adorar a esse deus cananeu (cf. comentário em 3:5). O Senhor tomará de volta tudo o que torna a vida dela confortável e cobre sua

nudez (2:9; cf. 2:5). A nação de Israel se verá descoberta *aos olhos dos seus amantes* (2:10; cf. 2:2). Suas celebrações, que se transformaram em rituais religiosos vazios, cessarão (2:11). Deus tomará da esposa dois presentes que ela tanto apreciava: a *vide* e a *figueira* (2:12), e deixará a mulher desprovida tanto de seus amantes quando das dádivas que supostamente lhe concediam.

O ponto culminante das acusações é 2:13. Além de tomar outros amantes para si e iludir-se de modo deliberado acerca de quem provê as dádivas que ela desfrutava, a esposa comete o erro ainda mais grave de esquecer inteiramente seu verdadeiro marido e benfeitor, identificado aqui como o Senhor.

### 2:14-23 *Relacionamento restaurado*

Apesar de seu castigo, a resposta de Israel é, na melhor das hipóteses, indiferente e, na pior delas, egoísta. Ao que tudo indica, se a nação de Israel for deixada por sua própria conta, não se mostrará desejosa nem capaz de responder positivamente ao Senhor. Mas, para Deus, não se trata de algo impossível.

*Portanto*, ele muda de tática. Deixa de lado os desestímulos e fala agora dos incentivos de um novo amor. Atrai Israel falando-lhe *ao coração* com ternura e procurando restabelecer o relacionamento de aliança. No êxodo, Deus fez a primeira aliança com a nação no deserto, daí a razão de levá-la de volta para lá (2:14; Êx 24:1-8). O Senhor cuidará dela e restabelecerá o relacionamento amoroso que havia entre eles quando Israel *subiu da terra do Egito* (2:15). O Senhor reverte as medidas anteriores e devolve a Israel as vinhas que havia tomado (2:12,15). O *vale de Acor*, lugar de ira e julgamento divino contra o pecado (Js 7:25-27), se tornará *porta de esperança*.

No relacionamento restaurado, a esposa não chamará mais o seu marido de *meu Baal*, o termo hebraico para “senhor” (2:16-17). Antes, o chamará carinhosamente de *meu marido*.

Essa seção culmina com a renovação completa do relacionamento de aliança, expressa na declaração do Senhor: *Desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao SENHOR* (2:20). O verbo “desposar” indica que Deus não apenas aceita de volta a esposa infiel, mas inicia o casamento novamente. Ele oferece à sua amada presentes de núpcias como *justiça*, [...] *juízo*, [...] *benignidade*, [...] *misericórdias* e *fidelidade* (2:19-20), características que definirão o novo relacionamento. São atributos de Deus que ele instilará em seu povo e espera que por ele sejam demonstrados.

A restauração prometida será abrangente e completa e envolverá até mesmo os animais e o meio ambiente (2:18,21-23). Oseias indica, desse modo, que o ideal para o povo de Deus consiste em se relacionar corretamente com ele, uns com os outros e com seu ambiente.

Como no caso do antigo Israel, nosso relacionamento com o Senhor é restaurado não por mérito nosso, mas, acima de tudo, pela graça de Deus.



### 3:1-5 Amor renovado

Terminada a poesia do capítulo 2, no capítulo 3 o profeta fala de sua própria família. Ao contrário do primeiro capítulo do livro, aqui Oseias oferece um relato pessoal de seu casamento. A realidade que os dois capítulos descrevem, porém, é a mesma: o difícil relacionamento conjugal do profeta com sua esposa infiel.

De acordo com o importante teólogo judeu Abraham Heschel, “ser profeta era, ao mesmo tempo, uma honra e uma desgraça”. Sem dúvida, esse foi o caso de Oseias. Sua mensagem e ministério se entreteceram com sua vida pessoal e familiar, como fica evidente quando ele recebe de volta sua esposa infiel e expressa amor por ela, da mesma forma que o Senhor fez com Israel (3:1). O relacionamento entre Oseias e Gômer é uma demonstração concreta do relacionamento entre Deus e Israel.

A descrição de Gômer como *uma mulher, amada de seu amigo e adúltera* (3:1a), sugere que, desde o capítulo 1, Gômer não apenas teve uma relação extraconjugal, mas também saiu de casa para viver com outro homem. É possível que isso explique a necessidade de comprá-la de volta (3:2).

O gesto de Oseias ao comprar Gômer e retomá-la para si representa a redenção e restauração dos israelitas infiéis que adoraram outros deuses e participaram de festividades pagãs (3:1b). Tanto o amor de Deus quanto o amor de Oseias envolvem disciplina que não é aplicada com espírito de vingança nem para dar cabo do casamento, mas com o propósito de restaurá-lo. Gômer é sujeita à disciplina restauradora e recebe a instrução de abandonar suas práticas adúlteras e ser fiel a Oseias, que agora é não apenas seu marido por direito, mas também seu resgatador (3:3).

A mesma disciplina restauradora se aplica à nação. Como Gômer, Israel será disciplinado por algum tempo. A nação irá para o exílio (3:4) e perderá suas instituições e símbolos políticos, religiosos e nacionais. O exílio não romperá, contudo, a aliança de Deus com seu povo. Ele será fiel à promessa que fez a Davi e restaurará seu povo (3:5). No final, *tremendo*, os israelitas *se aproximarão do SENHOR* e reconhecerão: “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (Lm 3:22-23).

A exemplo de 1:11, esta promessa é para o povo, e não para a nação. Apesar de a nação de Israel não ter voltado do cativeiro assírio, parte dos habitantes se misturou com o povo de Judá durante o exílio e, posteriormente, regressou à sua terra.

### 4:1—14:9 A infidelidade de Israel

Enquanto os capítulos 1 a 3 tratam do casamento de Oseias, os capítulos 4 a 14 focalizam Israel e seu relacionamento, ou a ausência de relacionamento, com Deus. As dificuldades dos relacionamentos pessoais do profeta dão lugar às dificuldades do relacionamento público entre Deus

e Israel. Nessas profecias, Oseias se refere com frequência a acontecimentos da história de Israel, especialmente da história de Jacó (12:2-4,12), ao relato da libertação da escravidão no Egito e aos anos em que Israel vagou pelo deserto (9:5-17; 11:1-4; 12:9-10,13; 13:4-6).

### 4:1-19 A acusação de Deus contra Israel

Oseias sabe que o conhecimento de Deus não é apenas uma fonte de moralidade, mas a própria essência da moralidade. Ao desprezar o conhecimento de Deus, Israel estava desprezando a conduta ética que acompanha esse conhecimento. Seu interesse numa revelação falsa resultou em promiscuidade sexual e injustiça.

A fim de crescer e amadurecer, o cristão precisa desenvolver-se no conhecimento, na conduta moral e no compromisso interior. A falta de desenvolvimento nessas áreas afeta seriamente o discipulado, como mostram as experiências dos israelitas.

### 4:1-9 Fracasso em obter conhecimento

As palavras iniciais anunciam o pleito do Senhor contra Israel. Segundo sua acusação, a vida nacional e social de Israel encontra-se desprovida de virtudes fundamentais: *Verdade [...] amor e conhecimento de Deus* (4:1. cf. 2:19-20). A sociedade israelita é caracterizada por vícios como *perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar* (4:2). O resultado é o caos, a anarquia e a desintegração completa da sociedade: *A terra está de luto, e todo o que mora nela desfalece* (4:3). Essa desintegração não se limita à sociedade humana, mas abrange toda a criação (4:3; cf. Gn 1:20-24). Vícios desse tipo e uma desintegração semelhante da comunidade, da vida nacional e do ambiente são comuns na África de hoje. Aqui também o resultado é desordem política e social.

A presença desses vícios na comunidade se deve, essencialmente, à *falta de conhecimento de Deus* (4:6a). Os sacerdotes, cujo principal dever era ensinar a lei de Deus ao povo, não cumpriram sua missão (4:6b-7), de modo que eles, o povo e a nação tropeçariam e pereceriam (4:4-5). Tanto para Oseias quanto para os outros profetas, a lei ia além do código legal rígido e abarcava a revelação divina como um todo e todas as instruções que os israelitas haviam recebido para orientá-los em seu relacionamento com Deus e uns com os outros. Semelhantemente, o conhecimento de Deus ia além da compreensão intelectual de sua palavra. Envolvia uma relação profunda com o Senhor e um compromisso de coração e mente. A igreja cristã e os cristãos como indivíduos são chamados a desenvolver um conhecimento semelhante de seu Senhor.

As consequências da falta de conhecimento da palavra de Deus e da desobediência foram trágicas. Os líderes religiosos não cumpriram suas responsabilidades, abusaram de seus cargos e mostraram-se mais preocupados em beneficiar a si mesmos que em seguir sua vocação. Em vez de glorificar e honrar ao Senhor, envergonharam-no e desonraram-no. Por

fim, Deus rejeitou tanto os sacerdotes quanto o povo e lembrou a Israel que a última palavra pertence ao Senhor (4:9).

#### 4:10-15 *Fracasso moral*

A moralidade que segue os princípios da aliança, mas está desvinculada do Senhor da aliança não passa de ilusão, pois existe uma relação entre conhecimento e comportamento moral. Talvez Israel tenha imaginado equivocadamente que poderia entregar-se à idolatria e, ainda assim, manter relacionamentos pessoais e sociais saudáveis. Mas Oseias sabe que isso não é possível. Os lapsos morais de quem ignora a Deus obscurecem a mente e entorpecem o *entendimento* moral (4:11). O povo se entrega ao álcool e à prostituição. Numa busca ilegítima e inútil por revelação, volta-se para ídolos e adivinhações (4:12-13a). O culto a falsos deuses é inspirado por um *espírito de prostituição*, pois resulta em infidelidade ao verdadeiro Senhor. Uma vez que a adoração a Baal enfatizava a fertilidade e sexualidade, não nos surpreendem os fatos de que os comportamentos licenciosos são amplamente difundidos e de que suas *filhas se prostituem* (4:13b).

A atitude de Deus diante dessa imoralidade é espantosa. Ele anuncia que não aplicará nenhum castigo específico às mulheres promíscuas. Afinal, os homens não se comportaram com mais propriedade e abriram precedentes para essa conduta pecaminosa! Todos se perderão, pois são *povo que não tem entendimento* (4:14). O uso de padrões diferentes para avaliar homens e mulheres não é novo, mas o Senhor julga ambos de modo imparcial. As tentativas de explicar e justificar nossa conduta moral também não são novidade, mas tais justificativas não resistem ao julgamento divino.

O Senhor não deseja que a idolatria de Israel contagie o reino de Judá: *Não se faça culpado Judá* (4:15a), apesar de outras passagens sugerirem que a contaminação é inevitável (cf. 5:12,14; 6:4,11). Os lugares que o profeta insta Israel a não visitar abrigavam santuários idólatras que podiam ser fonte de tentação (cf. tb. Am 4:4). *Bete-Áven* (4:15b), “casa de perversidade”, é uma designação sarcástica para “Betel”, que significa “casa de Deus”. Revela a verdadeira natureza da adoração realizada naquele local (1Rs 12:28-33).

#### 4:16-19 *Fracasso emocional*

A julgar por seu comportamento, Israel não se arrepende. Antes, persiste na promiscuidade, embriaguez e idolatria (4:18-19). O povo não tem conhecimento de Deus e não está disposto a aprender nada a respeito do Senhor. É apropriado, portanto, que o Senhor o chame de *rebelde* (4:16) e aconselhe outros a evitar sua companhia (4:17).

### 5:1-15 O julgamento divino

#### 5:1-4 *Julgamento das ações*

Essa seção começa com três imperativos divinos: *Ouvi isto*, [...] *escutai*, [...] *dai ouvidos* (5:1a), que refletem a autori-

dade daquele que os profere. As ordens são para os líderes (*sacerdotes e casa do rei*) e para o povo (*casa de Israel*). Todos são convocados para o *juízo*. O Senhor apresenta dois motivos para julgar Israel. O primeiro é a idolatria do povo nos santuários em *Mispa e Tabor*. Os termos *laço* [...] e *rede* sugerem a armadilha de um caçador (5:1b). O segundo é a rebelião do povo (5:2). O povo pode não conhecer a Deus (4:6), mas, como seu Criador e Senhor, Deus sabe tudo a respeito deles (5:3a). Sua acusação é verdadeira, pois ele tem todas as provas. Não há como o povo se justificar. Deus sabe da promiscuidade e da corrupção que se infiltraram na vida moral e religiosa de Israel (5:3b; 4:11-19).

A corrupção e a maldade se apoderaram dos israelitas de tal modo que eles perderam a capacidade e o desejo de voltar ao Senhor. Esses versículos retratam uma servidão cíclica. A apostasia permite e incentiva o *espírito de prostituição* (5:4). O espírito de prostituição promove atos perversos que, por sua vez, impedem uma resposta adequada às admoestações do Espírito. Essa seção termina, portanto, com a acusação: *Não conhecem ao SENHOR*. Como o capítulo 4, o texto adverte os cristãos acerca do conceito equivocada de que a vida espiritual e a adoração não têm nenhum vínculo com a integridade moral.

#### 5:5-7 *Julgamento das atitudes*

Essa passagem focaliza a *soberba de Israel* (5:5a). O povo está à *procura do SENHOR*, ou seja, realiza rituais religiosos, com espírito de arrogância e autoconfiança, certo de que tudo está bem (5:6).

Eles não se deram conta, porém, de duas verdades importantes. Primeiro, que a corrupção já se havia instalado, de modo que *Israel e Efraim cairão por causa da sua iniquidade* (5:5b). Segundo, que o julgamento já se havia iniciado: *O Senhor se retirou deles* (5:6; cf. 5:13-15).

#### 5:8-12 *Julgamento da injustiça*

O capítulo começou com três imperativos para ouvir (5:1) e, agora, registra três ordens para soar a trombeta a fim de anunciar a chegada do rei ou alertar sobre algum perigo iminente (5:8; cf. tb. 8:1). O profeta anuncia: o rei está a caminho e vem para julgar! Adverte especificamente de que Judá invadirá o território de Benjamim.

As cidades mencionadas em 5:8, *Gibeá, Ramá e Bete-Áven*, faziam parte do território de *Benjamim*. Situadas próximo à fronteira entre Israel e Judá, eram, portanto, objeto de constantes conflitos entre os dois reinos. Devido a essas lutas contínuas, o Senhor julgará e castigará Israel e Judá.

As tentativas dos líderes de Judá de estender a fronteira norte ao anexar à força o território de Benjamim equivale a mover os *marcos* (5:10). Os marcos delimitavam a extensão da propriedade de uma família, e movê-los correspondia a roubar terras, o que privaria outros da capacidade de sustentar-se. Por isso, a prática de mover os marcos é conde-



nada com tanta veemência em Deuteronômio 19:14 e 27:17 e, no presente caso, faz despertar a ira de Deus.

Israel (Efraim) sofrerá porque *foi do seu agrado andar após a vaidade* (5:11). Essas palavras podem referir-se à aliança improfícua que Israel fez com a Síria contra Judá, a qual resultou na conquista e opressão da nação pelo exército invasor assírio (2Rs 16:5-9).

O Senhor dá um grito de guerra (5:8-9), mas seu juízo está em andamento desde antes da dramática devastação de Israel e Judá e dos acontecimentos da guerra siro-efraimita e seus resultados. Nos dias e anos que conduzirem a esses acontecimentos, Deus se encarregará pessoalmente da destruição. Será *como a traça* ou *como a podridão* que corrói a sociedade e enfraquece a nação (5:12).

### 5:13-15 Deus se retira

Os líderes de Israel reconheceram a fraqueza de sua nação. Também admitiram que se tratava do primeiro sinal do julgamento de Deus. Em vez de se voltarem para o Senhor arrependidos, porém, buscaram a ajuda da Assíria (5:13; cf. 2Rs 16:7), expediente político que se mostrou inútil. Em resposta, o Senhor declara: *eu mesmo os despedaçarei e ir-me-ei embora*, como de fato aconteceu quando tanto Israel quanto Judá foram exilados (5:14; 2Rs 17:6; 25:11).

O Senhor removerá sua presença e deixará o povo no cativeiro *até que se reconheçam culpados* e o busquem ativamente (5:15), uma indicação do propósito restaurado de seu julgamento. Quando o povo se voltar para o Senhor com sinceridade, ele o restaurará à sua terra.

### 6:1-11 Arrependimento superficial

Ao ouvir a ameaça do Senhor de se retirar (5:6,15) e a condenação da aliança com a Assíria (5:13), o povo volta a buscar ao Senhor e tenta aliar-se a ele (6:1-3). Não percebe, contudo, que não poderá ficar apenas no discurso, daí a reação de Deus diante do arrependimento de Israel (6:4-11).

#### 6:1-3 Chamado ao arrependimento

Deus afirmou que sairia de cena até que Israel o buscasse (5:15), e por essa razão o povo se convoca mutuamente a retornar *para o SENHOR* (6:1a). Eles admitem que Deus está executando o julgamento anunciado em 5:11-14. Reconhecem, porém, que apesar de o Senhor tê-los atacado “como um leão”, também cuida deles como pastor dedicado ao rebanho ferido (6:1b-2).

O chamado para retornar ao Senhor é repetido: *Conhecamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR* (6:3). Em 4:1, os israelitas são condenados por não reconhecerem o Senhor, e então eles procuram corrigir esse erro. Estão convictos de que, se o fizerem, o Senhor responderá revelando-se a eles e abençoando-os. Tão certo quanto a *alva* e quanto a *chuva serôdia que rega a terra*, o Senhor se revelará, renovará e refrigerará àqueles que por ele anseiam. O comportamento divino é tão previsível quanto as estações do ano.

Como a esposa rebelde em 2:9, Israel admitiu a futilidade de seus caminhos. Como a esposa, o povo foi obrigado a reconhecer a verdadeira fonte de bênçãos e aflições, e confessar que seu companheiro de outrora ainda se importa com eles. Nas duas crises, porém, o motivo para o regresso foi egoísta. Nem a esposa nem a nação de Israel demonstraram amor por aquele a quem voltavam. Não reconheceram sua culpa, mas estavam interessadas apenas nos benefícios que poderiam colher do relacionamento.

#### 6:4-11 A resposta do Senhor

Em resposta à invocação do povo, o Senhor suspira: *Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá?* (6:4a). Deus procura estabelecer um relacionamento fiel e amoroso, como o que é celebrado nas núpcias (2:19). Tudo o que Israel procura, por outro lado, é aproveitar-se da natureza misericordiosa do Senhor.

O povo declara que o Senhor é fiel (6:1-3), mas Deus sabe que eles são inconstantes. Ele pode vir como as chuvas sazonais (6:3), mas a reaproximação de Israel não durará mais que *a nuvem da manhã e o orvalho da madrugada* (6:4b). Contrariamente à certeza dos israelitas, o Senhor rejeita seu pedido, pois sabe que eles são insinceros e não assumiram o compromisso sério e duradouro de conhecê-lo (6:5). Deus não se impressiona com o fato de eles terem voltado a orar e a lhe oferecer sacrifícios (6:6). Não é como os deuses do culto a Baal, os quais se contentam com sacrifícios que meramente reconhecem sua existência, mas não exigem nenhum relacionamento pessoal ou conduta moral da parte dos adoradores. Deus busca, mas não encontra em Israel *misericórdia [...] e o conhecimento de Deus* (6:6). Ele não se refere apenas ao reconhecimento verbal de sua existência, mas ao tipo de conduta esperada daqueles que o conhecem. Insiste em que a conduta ética deve ter precedência sobre os rituais religiosos (cf. tb. Mt 9:13; 12:7).

Mais uma vez, Deus se vale das metáforas da aliança e do casamento para descrever o problema. Os israelitas *transgrediram a aliança [...] e se portaram aleivosamente contra mim* (6:7). Na sequência, o Senhor apresenta os pormenores da acusação de transgressão da aliança. Descreve Gileade como *a cidade dos que praticam a injustiça, mancha de sangue* (6:8; cf. tb. 12:11). Os homens dessa cidade se haviam envolvido no assassinato do rei Pecaías (2Rs 15:25). Até mesmo os *sacerdotes* se comportavam como *hordas de saqueadores que espregitam* suas vítimas e cometem assassinato (6:9). Ademais, a promiscuidade ainda era amplamente difundida (6:10). A época de Oseias caracterizou-se por grande instabilidade política, a qual contribuiu para a violência descrita pelo profeta. Não é de admirar que ele lamenta a ausência de virtudes da aliança, como misericórdia e conhecimento de Deus.

Apesar das palavras de Israel em 6:3, a nação ainda é culpada das acusações feitas em 2:10-13 e 4:1. O povo não conhece o Senhor nem entende o que significa conhecê-lo.

O Senhor só tornará a eles quando se arrependerem verdadeiramente do pecado. Esse arrependimento conduzirá à adoração genuína, baseada numa experiência real de Deus e numa vida de obediência à sua palavra.

### 7:1-16 Pecado paralitante

Oseias apresenta uma acusação devastadora contra Israel e, num relato nada agradável, fornece os detalhes das transgressões e injustiças que seus líderes cometeram.

#### 7:1-7 Engano e intrigas

O Senhor almeja socorrer Israel, mas declara que a nação se tornou incapaz de se arrepender e mudar: *Quando me disponho a mudar a sorte do meu povo e a sarar Israel, se descobre a iniquidade de Efraim (7:1a)*. Não se pode fazer nada por uma nação que não aceita reconhecer seus pecados.

Os israelitas entregam-se ao engano, ao furto e ao banditismo (7:1b). Acreditam que podem escapar impunes, mas estão errados, pois o Senhor se lembra *de toda a sua maldade* e os julgará (7:2). A memória de Deus não é uma vaga lembrança de acontecimentos passados, mas um estímulo vívido que o leva a agir, pois *os seus próprios feitos [...] acham-se diante da minha face*.

O povo, no entanto, está simplesmente seguindo o exemplo de seus líderes na corte real, um antro de perversidade, mentiras e adultério (7:3-4a). A ênfase não é apenas sobre as atividades dos líderes, mas sobre as intrigas, maquinacões, conluios e planos que ocorrem durante a noite e de dia (7:4b-6). Líderes como esses não se preocupam em praticar a justiça, mas, sim, a injustiça. A imagem do forno ardente descreve sua ambição desenfreada e perversa (7:6).

#### 7:8-16 Alianças políticas inúteis

Israel é condenado porque *se mistura com os povos (7:8a)*. Torna-se semelhante a eles e, desse modo, transige em seu testemunho e deixa de ser canal de bênção (cf. Gn 12:1-3). Lembramos da oração de Jesus para que seus seguidores estejam no mundo, mas não sejam do mundo (Jo 17:11-16). Devido à sua transigência e falta de discernimento, Israel é como *um pão que não foi virado*, queimado de um lado e cru do outro e, portanto, inútil, pois desperdiçou todo seu potencial de fazer o bem (7:8b).

Ainda que superficialmente tudo pareça estar bem, na realidade a corrupção já se instalou, a vida está esvaindo-se, mas a nação ainda não se deu conta disso. Para quem vê de passagem, uma árvore podre por dentro pode ter aparência saudável. O observador mais experiente, porém, consegue enxergar sinais de decomposição (7:9). Apesar da negação arrogante de Efraim, o profeta vê sinais de corrupção e morte (7:10).

As alianças políticas que esgotaram as forças e recursos de Israel são o motivo de seu julgamento (7:13; cf. 8:7-10). Preso entre duas grandes potências da época, o *Egito* ao sul e a *Assíria* ao norte, Israel era leal ora a um, ora a outro.

Embora seus líderes se considerassem bem-sucedidos nos jogos de sobrevivência política, para Deus eles não tinham mais juízo que uma *pomba* facilmente enganada (7:11).

Apesar de todas as manobras políticas, Israel não conseguiria salvar-se. Aqueles que deveriam livrá-los acabariam capturando-os, e a nação seria objeto de *escárnio* dos povos com os quais havia procurado fazer alianças (7:16b). Muitas situações semelhantes ocorreram no continente africano, onde os supostos salvadores políticos se revelaram ditadores e assassinos da pior espécie.

O cativeiro de Israel não seria um acidente infeliz, mas, sim, o julgamento de Deus sobre o Reino do Norte (7:12). Seria especialmente trágico porque poderia ter sido evitado. O Senhor almejava redimir Israel (7:13). Em vez de retornar a Deus, porém, a nação alternou entre murmuração e excessos à mesa (7:14). Recusou-se a voltar para aquele que os havia estabelecido no princípio (7:15-16a).

A nação e seus líderes se encontram de duas maneiras paralisados pelo pecado. Primeiro, seu vício de cometer injustiça e praticar o mal os torna incapazes de fazer o que é certo e bom. Segundo, e ainda mais grave, seus caminhos pecaminosos os impedem de tornar ao Senhor.

### 8:1-14 A certeza do julgamento

#### 8:1-3 A rebelião de Israel

Mais uma *trombeta* soa, anunciando o julgamento iminente (8:1a; cf. 5:8). Uma *águia* representando os assírios paira sobre a nação, pronta para apanhá-la em suas garras (8:1a). O juízo predito no capítulo anterior está próximo.

O motivo do julgamento é a transgressão da *aliança* e a rebelião contra a *lei* de Deus (8:1b). A aliança e a lei constituíam o cerne do relacionamento entre Deus e Israel. Definiam os requisitos para essa relação, que, como qualquer outra, implicava privilégios, responsabilidades e compromissos.

Israel volta a ser acusado de fazer declarações de lealdade superficiais e insinceras (cf. 6:1-3). Apesar de afirmar com loquacidade: *Nosso Deus! Nós, Israel, te conhecemos*, continua a rejeitar o bem, ou seja, a aliança e a lei (8:2-3).

É possível que Israel afirmasse conhecer o Senhor com base em sua história e suas tradições. Jeremias 7:3-8 registra uma demonstração semelhante de insensatez por parte do povo de Judá, que aparentemente acreditava que a presença do templo entre eles os salvaria da destruição. De maneira semelhante, entramos em território perigoso quando permitimos que a tradição tome o lugar do relacionamento contínuo com o Deus vivo.

#### 8:4-6 A corrupção da realeza e do culto

Mais uma vez, Oseias passa do geral para o específico e censura o sistema político e religioso. Sua crítica à realeza provavelmente está relacionada à mudança frequente de monarcas em sua época (8:4). Por meio de golpes e con-



tragolpes, nomeavam-se novos líderes sem que o Senhor fosse consultado.

A separação entre igreja e Estado nas democracias modernas é relativamente recente. Em muitas sociedades tradicionais, nas quais os diversos âmbitos da vida estão integrados, as instituições políticas e religiosas se apoiam mutuamente. O risco nessas sociedades é de a política e a religião se corromperem e se tornarem ditatoriais. Pelo visto, foi o que aconteceu em Israel (cf. tb. Am 7:10-17). O fato de tanto a realza quanto o culto serem mencionados em 8:4 pode sugerir que eram as duas esferas mais atuantes na época.

O ídolo em 8:5-6 provavelmente é a imagem que o rei Jeroboão I erigiu em Betel (1Rs 12:28-30), o santuário mais próximo de Samaria. Ao chamá-lo de *bezerro de Samaria*, a intenção de Oseias não é indicar o local exato onde o ídolo ficava, mas, sim, o culto que o povo de Samaria lhe prestava. É bem possível que Israel tenha incorporado a idolatria ao culto a Deus, como ocorreu no Sinai (Êx 32). Oseias insta o povo de Israel a se livrar desse ídolo que corrompeu seu culto.

O sincretismo é um perigo constante, e a igreja deve estar sempre alerta para sua influência perniciosa.

### 8:7-10 Alianças políticas perigosas

Em 7:8-16, vimos a insensatez das inconstantes alianças políticas de Israel. Agora, o profeta volta a tratar desse tema usando metáforas que expressam a inutilidade dos expedientes políticos de Israel. Fazer aliança com a Assíria é como semear vento, o qual crescerá e renderá uma colheita abundante de *tempestades* devastadoras (8:7a). Em resposta às ofertas de Israel, a Assíria destruirá a terra.

A segunda metáfora diz que *não haverá seara*, pois a *erva não dará farinha* (8:7b). A aliança com os assírios não trará nenhum benefício. Mesmo que trouxesse, não seria para Israel, mas para *os estrangeiros* (8:7c). Na verdade, Israel será *devorado* por estrangeiros e se tornará alvo de escárnio (8:8; cf. tb. 7:16).

Ao buscar a Assíria, Israel se mostrou semelhante ao *juumento montês* que *anda solitário* (8:9), separado do rebanho e sem ter quem o guie. Se possuísse algum juízo, voltaria para o Senhor. Em vez disso, porém, sofrerá sob o jugo de *opressão do rei e dos príncipes* assírios, nos quais depositou sua esperança (8:10; cf. 5:13). A política do pragmatismo termina em desastre político. Oseias não deixa nenhuma dúvida de que este é o julgamento de Deus sobre Israel.

### 8:11-14 A deturpação da religião

O capítulo termina com outras observações acerca do culto corrompido. Oseias vê um abismo entre a atividade religiosa e a verdadeira adoração. O número de santuários se multiplicou, mas seu propósito é distorcido. Em vez de serem locais de adoração, tornaram-se antros de pecado (8:11). O profeta não especifica a natureza das práticas religio-

sas pecaminosas. Fica evidente, porém, que elas não se baseiam no conhecimento da lei de Deus, pois a lei parece *coisa estranha* para o povo (8:12). Também fica claro que Deus não aceita seus sacrifícios (8:13a) e que a nação esqueceu quem ele é de fato (8:14). Oseias o descreve como *Criador* de Israel, pois foi ele quem criou a nação ao tirá-la do Egito no êxodo. Mas, uma vez que se esqueceram do Senhor e da libertação que ele lhes concedeu, os israelitas voltarão ao cativeiro e à escravidão que sofreram no Egito séculos antes (8:13b).

Fervor religioso não é, necessariamente, sinônimo de vitalidade espiritual. “Um dos males que acometem os adoradores parece ser um interesse maior pelos procedimentos do que pelo seu significado e uma preocupação maior em realizá-los de maneira correta do que em viver corretamente” (BST). Paulo adverte acerca de se ter uma forma de piedade, mas negar seu poder (2Tm 3:5).

### 9:1-17 O terror do julgamento

Nesse capítulo, o mais sombrio do livro, o profeta apresenta várias imagens de julgamento. Israel será privado de tudo que o torna um povo, uma comunidade, uma sociedade, uma nação. Perderá suas principais instituições políticas, religiosas, familiares e econômicas. Deserdado e expulso da presença de Deus, sofrerá vergonha, rejeição e separação (9:17).

#### 9:1-4 Ameaça de exílio

Os festivais de colheita, ocasiões alegres e importantes em todas as nações, especialmente naquelas que adoravam a Baal, eram acompanhados, com frequência, de orgias e outras comemorações licenciosas. Israel recebe ordem de não se alegrar (9:1). É possível que tenha o desejo de ser *como os povos*, mas não é essa a sua vocação (cf. tb. 7:8). Foi chamado para ser uma nação santa, diferente de todas as outras nações, e para agradecer a Deus por suas dádivas. Em vez disso, porém, mostrou-se desejoso de cometer adultério espiritual seguindo outros deuses.

As consequências do comportamento adúltero de Israel se sucederão rapidamente. A falta de colheitas acabará com a economia (9:2). O julgamento final será o exílio e o cativeiro na Assíria, onde Israel perderá tudo o que lhe é familiar e constitui sua identidade. Será separado da terra, do templo, dos alimentos puros e do culto (9:3-4).

#### 9:5-17 Três lições históricas

As privações mencionadas anteriormente significam que os dias festivos de Israel se transformarão em períodos de lamentação, e não de regozijo (9:5). Oseias não se atém a anunciar o julgamento, mas também declara sua inevitabilidade: até mesmo aqueles que escaparem perecerão em terras estrangeiras (9:6). Além da certeza do julgamento, o profeta anuncia sua iminência; *os dias do castigo* não estão vindo; já *chegaram* (9:7a). O motivo do julgamento é o



pecado e a hostilidade do povo não apenas contra Deus, mas também contra *seu profeta* que é considerado *um insensato* (9:7b). Não é de hoje que os ouvintes maldizem o mensageiro quando não gostam da mensagem por ele transmitida. O chamado para ser profeta implicava (e ainda implica) grande honra e ao mesmo tempo aflição. Quando outros nos tratam com desrespeito ou fazem pouco de nossas palavras, devemos cuidar para que a causa dessa perseguição seja a própria mensagem do evangelho, e não uma apresentação insensível ou descuidada, ou mesmo uma atitude incorreta de nossa parte.

Oseias mostra a profundidade do pecado de Israel ao se referir a três acontecimentos históricos ocorridos em Gibeá, Baal-Peor e Gilgal. Afirma que o povo se encontra tão corrompido quanto *nos dias de Gibeá* (9:9), o local do estupro e assassinato repulsivo da concubina do levita (Jz 19).

Quando Deus fundou a nação de Israel, amou-a e se deleitou nela, mas esse leite se transformou em repulsa em *Baal-Peor*, onde os homens de Israel se entregaram à imoralidade sexual com mulheres moabitas, e o povo ofereceu sacrifícios e adorou aos deuses de Moabe (9:10; Nm 25:1-18). O comportamento atual de Israel é tão terrível quanto o de seus antepassados em Baal-Peor. O problema em questão, porém, é ainda mais grave. Israel desprezou e deu as costas para o amor divino. Rejeitou a graça de Deus, preferindo adorar falsos deuses. Em sua *vergonhosa idolatria*, o próprio povo de Israel se tornou vergonhoso.

Oseias usa a honra e a vergonha, dois valores comunitários, para descrever os atos de Israel e suas consequências. Os atos do povo trouxeram vergonha e desonra sobre Israel e seu Deus. Consequentemente, Deus envergonhará a nação e removerá a *glória de Efraim*, ou seja, o povo (9:11). Como castigo, Israel perderá sua população, fato ilustrado de forma vívida pelas palavras: *Dá-lhes um ventre estéril e seios secos* (9:12-14). O julgamento terrível é o oposto da promessa de bênção registrada em Gênesis 12:1-3.

A terceira e última referência histórica diz respeito a *Gilgal* (9:15; cf. 1Sm 15). O texto não especifica o pecado cometido nesse lugar, mas Gilgal já foi mencionada no contexto da imoralidade em 4:15. É provável, portanto, que o foco aqui sejam os atos imorais praticados nos centros de adoração (cf. tb. Am 4:4; 5:5). A reação de Javé diante dessa perversidade é expressa de forma inequívoca no contraste entre “aborrecer” e “amar”: *Ali passei a aborrecê-los e Já não os amarei* (9:15). Em decorrência, Israel é expulso da casa do Senhor. Suas famílias não prosperarão (9:16). Com efeito, o Senhor deserda Israel, rompe a relação de parentesco e revoga os privilégios reservados para os membros de sua família.

Oseias usa essas três referências históricas para enfatizar como Israel tem uma tradição de pecar e afastar-se do Senhor. Ao mesmo tempo, contudo, a menção do amor de Deus por eles no deserto (9:10) os faz lembrar da graça do Senhor e do fato de ele ter escolhido Israel.

## 10:1-15 Ilustrações do campo

### 10:1-8 A vide e a erva venenosa

Israel é comparado com frequência a uma vide (cf. p. ex., Is 5:1-7). Oseias emprega a imagem da *vide luxuriante* para descrever a prosperidade material de Israel (10:1). Essa prosperidade veio acompanhada de uma expressão maior de zelo religioso que se traduziu na multiplicação de altares. Mas os altares eram apenas uma forma de as pessoas ostentarem sua riqueza e sua confiança nas próprias forças e habilidades. Eles não comprovavam que o povo atribuía sua prosperidade ao Senhor. Na verdade, a maioria dos altares provavelmente era dedicada a Baal.

Zelo e fervor religioso não são o mesmo que adoração sincera e verdadeira ao Deus vivo, de modo que Oseias afirma acerca do povo: *O seu coração é falso* (10:2). Em decorrência disso, *o SENHOR quebrará os seus altares*.

Mais cedo ou mais tarde, o orgulho e a idolatria de Israel resultarão na destruição do Reino do Norte (o que de fato ocorreu perto do final do ministério de Oseias). As palavras do povo: *Não temos rei* (10:3; cf. 10:7,15), refletirão a realidade de sua situação. Identificarão corretamente o motivo de sua situação aflitiva, a saber, a falsa adoração. Os israelitas ficarão desiludidos com os governantes humanos e perguntarão o que o rei poder fazer por eles. Sentimos a decepção e depressão de quem passa por sérias dificuldades políticas e sua resignação ao destino. Tudo isso, porém, os aguarda no futuro.

No presente, o culto do povo é hipócrita, como também o é seu discurso: *Falam palavras vãs, juram falsamente e fazem alianças que não pretendem cumprir*, daí os processos legais se terem multiplicado *como erva venenosa nos sulcos dos campos* (10:4). A falta de honestidade nos negócios e na vida social rompe os vínculos que mantêm a comunidade unida e resultam em injustiça e caos por toda parte.

O *bezerra* é o símbolo supremo da futilidade da adoração e das palavras do povo (10:5; cf. 8:5-6). O Senhor levará tanto os israelitas quanto o objeto de seu culto sincrético para o exílio na distante *Assíria* (10:6). E até seus santuários, *os altos*, serão destruídos (10:8a). Em vez de serem como uma vide firmemente arraigada, o rei e a nação serão *como lasca de madeira* que é levada pela correnteza (10:7). Israel perderá suas instituições políticas e religiosas.

Em desespero, o povo clamará *aos montes e aos outeiros: Caí sobre nós!* (10:8b). Não terá para onde fugir nem encontrará quem o socorra. Eis o que sucede quando o Senhor remove de nós tudo aquilo ao qual nos apegamos e quando revela como é insensato depositarmos nossa confiança em pessoas e coisas em vez de confiarmos nele.

### 10:9-15 A bezerra domada

Oseias volta a falar do pecado de Israel em *Gibeá* (10:9; cf. 9:9). Lembra-os do que aconteceu nesse local (Jz 19) e os acusa de agirem com o mesmo espírito. Assim como Deus

castigou o povo de Gibeá ao formar uma coalizão de tribos que quase exterminou a comunidade (Jz 20), também *congregar-se-ão contra Israel os povos* para castigá-lo (10:10).

Oseias descreve a nação como *uma bezerra domada, que gostava de trilhar* (10:11). Nesse tipo de debulha, o animal pisava sobre o cereal e o separava da palha. Era um trabalho fácil, que não exigia grande esforço. Mas Deus quer usar o potencial dessa bezerra de forma positiva e produtiva. Colocará, portanto, um *jugo* sobre ela e a guiará com firmeza enquanto lavra o solo, de modo que possa semear *em justiça*, ceifar *segundo a misericórdia* e buscar ao **SENHOR** (10:12). É evidente que a iniciativa de buscar ao Senhor deve estar acompanhada de justiça e misericórdia. Expressões semelhantes (“misericórdia” e “conhecimento de Deus”) são usadas em 6:6 para indicar o tipo de conduta justa que o Senhor deseja e espera daqueles que afirmam relacionar-se com ele e amá-lo. Miqueias, profeta contemporâneo de Oseias, aborda a mesma questão: “Ele te declarou [...] o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6:8).

Uma vez que só plantou *malícia*, Israel colheu *perversidade* (10:13a; cf. tb. 8:7). O Reino do Norte só produziu frutos de impiedade e injustiça (10:14). O contraste entre o que o Senhor espera e a realidade em Israel é descrito de maneira semelhante em Isaías 5:1-7. Como em 6:1-6, Israel fica aquém da expectativa divina. Os prazeres iniciais do pecado logo dão lugar à escravidão que enfraquece a força de vontade e a capacidade de praticar o bem e a justiça.

No restante do livro, Oseias voltará a tratar da recusa persistente de Israel em se arrepender e voltar para o Senhor. Por ora, o profeta encerra o capítulo com o anúncio de julgamento sobre a nação (10:15). A força e o poderio militar dos quais os israelitas se orgulhavam serão os meios que o Senhor usará para julgá-los e destruí-los (10:13b-14a). Não sabemos exatamente quem foi *Salmã*, mas fica evidente que a cidade de *Bete-Arbel* teve um fim terrível nas mãos dele (10:14b). Israel não deve esperar um destino melhor. Seus homens serão derrotados na batalha, e suas mulheres e crianças serão levadas para o cativeiro.

### 11:1-11 Um Deus que não desiste

Nos três primeiros capítulos de seu livro, Oseias empregou a metáfora do casamento para descrever o relacionamento de Israel com Deus. Agora, o profeta se vale de outra imagem do cotidiano em família para descrever o Deus que não será infiel às promessas de sua aliança e que não desistirá de seu povo.

#### 11:1-4 Um Deus de amor e graça

O profeta usa duas imagens distintas para retratar o amor de Deus. A primeira é a do relacionamento entre uma mãe ou pai e seu filho. Deus se tornou pai de Israel quando chamou a nação do *Egito* (11:1). Como pai, ensinou e guiou

seu filho: *Eu ensinei a andar a Efraim* (11:3a). A segunda imagem do amor de Deus se baseia no relacionamento entre um bom fazendeiro e seus animais: *Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor; fui para eles como quem alivia o jugo de sobre as suas queixadas e me inclinei para dar-lhes de comer* (11:4).

O fato de Deus ser aquele que chama seu filho para si (11:1) e lhe ensina tudo o que ele precisa saber nos lembra que a única base para o chamado e a eleição dos santos é o amor de Deus. Não somos chamados e salvos por algum mérito próprio. É sempre Deus quem toma a iniciativa. Como Paulo nos lembra, nossa salvação depende inteiramente da graça de Deus (cf. Ef 2:4-9; Rm 5:6-10).

O amor piedoso de Deus brilha com resplendor ainda maior diante da resposta de Israel. O povo rejeitou esse amor de modo deliberado e consciente. Observe o lamentto divino: *Quanto mais eu os chamava, tanto mais se iam da minha presença; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura* (11:2). *Não atinaram que eu os curava* (11:3b). Além de dar as costas para o Deus vivo, Israel se voltou para falsos deuses. Parafraseando o Livro de Oração Comum da Confissão Anglicana, podemos dizer que eles “fizeram o que não deveriam ter feito e deixaram de fazer o que deveriam ter feito”. Identificamo-nos com Israel quando dizemos “não há nenhum bem em nós”.

C. S. Lewis observou que o amor profundo traz consigo a possibilidade de dor profunda. Essa é a experiência de Deus. O amor manifestado na graça de Deus contrasta nitidamente com a atitude obstinada de Israel. Oseias responde à pergunta “Que tipo de Deus é o seu deus?” dizendo: “É um Deus bondoso e amoroso que foi rejeitado pelo seu próprio povo”.

#### 11:5-7 Um Deus de justiça

O Senhor não é apenas um Deus de amor, mas também um Deus de justiça. Seu julgamento sobre Israel é iminente e certo. O Reino do Norte será enviado para o cativeiro e a escravidão (11:5), e suas cidades serão destruídas (11:6).

Hoje em dia, está fora de moda falar sobre pecado e julgamento. Mas, para sermos fiéis às Escrituras, precisamos tratar de seus ensinamentos a esse respeito. Somos chamados a lembrar ao mundo um paradoxo: os seres humanos são criados à imagem de Deus, mas também são decaídos e estão propensos a cometer atos de perversidade indecritível. Devemos proclamar que Deus abomina o mal e a injustiça.

#### 11:8-11 Um Deus de justiça redentora

De que maneira, porém, o amor de Deus se relaciona com sua justiça? Na última seção desse capítulo, Oseias mostra a tensão entre esses dois aspectos fundamentais da natureza divina. Mais uma vez, Deus fala como um pai, ao exclamar: *Como te deixaria, ó Efraim?* [...] *As minhas compaixões, à uma, se acendem* (11:8). Sentimos a tensão que



todos os pais conhecem tão bem entre o amor e a disciplina. Para Deus, essa tensão é muito mais que uma questão acadêmica e, portanto, não devemos tratá-la como tal. Ela é de suma importância para nossa adoração, estudos, vida familiar e pessoal. Como Oseias, devemos reconhecer que a resposta não consiste em escolher entre o amor e a justiça de Deus; não se trata de uma coisa ou outra, mas de ambas ao mesmo tempo. Deus é justo e Deus é amor.

Sem dúvida, Israel merecia o julgamento, e Deus estava decidido a fazer justiça. Precisamos declarar a verdade de que Deus julga e julgará o pecado. Mas devemos lembrar também que seu amor o levou a pagar o preço de nossos pecados. A cruz de Cristo é o lugar em que a justiça encontra o perdão. Não ousemos, portanto, proclamar uma graça barata.

Graças ao seu amor, Deus se encontra comprometido com seu povo de modo irrevogável e profundo. A base desse compromisso é a natureza divina: *Eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti* (11:9). Uma vez que ele é “o Santo”, trará restauração depois da devastação. Será como um leão no julgamento (5:14), mas seu rugido também anunciará restauração e convocará seu povo para junto dele (11:10). Depois do exílio, Deus constituirá uma nova comunidade que o seguirá; ele os fará *habitar em suas próprias casas*. Essa promessa se reflete na declaração de Jesus: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18).

Para Oseias, a imagem de Deus abrange justiça arraigada no amor. O Deus de Oseias não é um Deus inconstante e vingativo, que tem prazer em julgar. Seu julgamento é certo, mas contrabalançado pelo “amor que não desiste”. Em tudo o que pensamos, dizemos e fazemos, portanto, somos chamados a pôr em prática a tensão entre o amor e a justiça de Deus.

### 11:12—12:14 Volta para o Senhor

Depois de revelar o coração de Deus, Oseias torna a falar da rotina de desobediência humana e da realidade presente de Israel em seu distanciamento de Deus. Vários aspectos da condenação do Reino do Norte nesse capítulo são paralelos às palavras do profeta nos capítulos 7 a 9.

### 11:12—12:6 O exemplo de Jacó

Israel encontra-se cercado por engano, mentiras e violência e pode-se dizer que *Judá é rebelde contra Deus, a saber, contra o Santo fiel* (11:12, NVI). Mais uma vez, Oseias trata das intrigas políticas improficuas e das alianças inconstantes com a Assíria e o Egito (12:1; 7:11).

O que fazer com um parceiro infiel como esse? Oseias comunica que Deus tem uma acusação a apresentar contra o Reino do Norte e *castigará Jacó segundo o seu proceder* (12:2). Aqueles a quem Israel jurou fidelidade se tornarão seus opressores. Ao procurar viver de modo independente de Deus, o povo acabará sob jugo de servidão. Foi o que

aconteceu com Adão e Eva no jardim, e é o que acontece conosco nos dias de hoje. O pecado resulta em separação e numa relação rompida.

Oseias olha além do castigo e oferece a opção de restauração. Ao instar Israel a tornar ao Senhor, o profeta se baseia em três acontecimentos da vida de Jacó. O primeiro é seu nascimento. Jacó nasceu segurando o calcanhar de Esaú (12:3; Gn 25:26). Havia um lado negativo no caráter do jovem Jacó. Ele era um suplantador, um enganador e um intriguista que tomava para si o que não lhe pertencia. Oseias parece dizer aos israelitas: “Vocês são exatamente como seu pai, Jacó!”.

Contudo, Jacó também lutou com o anjo de Deus no vau do ribeiro de Jaboque (12:4a; Gn 32:22-32). Este segundo acontecimento foi um ponto crítico. Em Jaboque, Jacó encontrou alguém capaz de detê-lo, assumiu um compromisso com Deus e nunca mais foi o mesmo.

O terceiro acontecimento ocorreu em Betel (12:4b; Gn 28:10-22; 35:15), onde Jacó se encontrou com ninguém menos que o *SENHOR, o Deus dos Exércitos* (12:5).

Esses três acontecimentos abrangem a vida de Jacó. Oseias suplica ao povo: “Considerem seu antepassado Jacó. Ele começou mal, mas teve um encontro com Deus, deixou seus maus caminhos e terminou bem. Sigam o exemplo dele, abandonem seus maus caminhos, guardem o amor e o juízo e em Deus esperem sempre” (12:6).

### 12:7-14 Injustiça, orgulho e destruição

Qual é a atitude de Israel diante da súplica de Oseias? Volta a expressar arrependimento superficial e hipócrita (6:1-6)? Pelo visto, desta vez o povo nem se dá ao trabalho de parecer contrito. Continua desonesto, arrogante e impenitente. Como o comerciante desonesto que gosta de enganar e extorquir, Israel pratica a injustiça social e se orgulha disso (12:7-8). O apelo para guardar o amor e o juízo (12:6) certamente caiu em ouvidos moucos, pois os ricos e poderosos se gabam de sua riqueza adquirida de modo injusto e oprimem os pobres e desamparados.

Israel parece ter esquecido o Deus do êxodo (12:9; Êx 20:2). O Senhor ordenou que os israelitas morassem em “tendas de ramos” durante a Festa dos Tabernáculos a fim de se lembrarem de como ele os havia conduzido pelo deserto (Lv 23:40-43). Os israelitas continuavam a observar essa data, mas haviam esquecido seu significado, assim como seu Criador (8:14). Logo, o Senhor os fará viver em tendas novamente, como refugiados, até que dele relembrem.

Deus usou os profetas como mensageiros para falar ao seu povo (12:10), mas Israel se recusou repetidamente a dar ouvidos ao apelo deles para tornarem ao Senhor. O povo de *Gileade* e *Gilgal* é apresentado novamente como exemplo dos resultados desse comportamento (12:11a; 6:8; 9:15). Gileade será reduzida a nada, e seus muitos altares de falsa adoração serão transformados em montões de pedras (12:11b).

Assim como Jacó teve de se esforçar para obter sua esposa, o Senhor se esforçou para conquistar Israel. Enquanto Jacó cuidou de ovelhas para esse fim, o Senhor enviou profetas, homens como Moisés e Samuel (12:12-13). Israel se recusou a ouvi-los e persistiu em sua desobediência (12:14). O Senhor de Israel deixará, portanto, de ser seu aliado e se tornará seu inimigo, como veremos no capítulo seguinte.

### 13:1-16 A loucura da ingratidão

Em sua última acusação, Oseias volta ao início da história de Israel para lembrar os atos poderosos de livramento realizados pelo Senhor e contrastar a fidelidade de Deus com o pecado de seu povo.

#### 13:1-8 O Senhor: leão, leopardo e urso

A ingratidão de Efraim ao se afastar de seu Criador e seguir falsos deuses é um tema conhecido. A insensatez do povo é acentuada por sua crescente propensão a pecar e pelo culto prestado a ídolos confeccionados com suas próprias mãos (13:2). Eles deixaram de adorar o Deus vivo para prestar culto a coisas vãs! Não é de admirar que sua reputação assustadora (*havia tremor* quando falavam) e sua posição elevada tenham desaparecido (13:1). Serão tão efêmeros quanto *nuvem de manhã*, [...] *orvalho que cedo passa*, [...] *palha que se lança da eira e fumaça que sobe* (13:3). Sua própria existência será tão passageira quanto seu amor por Deus (6:4).

A insensatez e a ingratidão de Israel contrastam nitidamente com o amor e a fidelidade de Deus. Como em 11:1-3 e 12:9, Oseias volta ao êxodo e ao tempo de Israel no deserto. A referência histórica destaca a iniciativa, o livramento, o sustento e o amor de Deus (13:4-6). Foi o Senhor, e não Baal, quem livrou Israel da escravidão no Egito (Êx 20:2). Foi o Senhor, e não Baal, quem proveu para Israel no deserto durante quarenta anos. Foi o Senhor, e não Baal, quem livrou Israel repetidamente de todo tipo de perigo. Israel deve tudo a Deus, seu Criador e Libertador.

Em vez de demonstrar gratidão e fidelidade, porém, a nação se mostra orgulhosa, ingrata e imoral. A sequência *Eles se fartaram* [...], *ensoberbeceu-se-lhes o coração* [...] e *se esqueceram de mim* (13:6) nos traz à memória a esposa infiel do capítulo 2. Ela atribuiu suas bênçãos equivocadamente à generosidade de Baal e se esqueceu do Senhor, a verdadeira fonte de libertação e bênção.

A tragédia sobreveio a Israel porque o povo permitiu que a prosperidade gerasse orgulho e ingratidão que, combinados com a insensatez, resultaram na perda de sua situação favorável. Lembremo-nos de Provérbios 16:18: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda”. A auto-exaltação implica voltar-nos para nós mesmos em vez de olhar para o Senhor. Paulo também comenta sobre esse tipo de orgulho: “Pois quem é que te faz sobressair? E que

tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1Co 4:7).

A ira de Deus e a destruição total de Israel dela resultante são expressas em quatro referências a feras em 13:7-8: *leão*; [...] *leopardo*, [...] *ursa*, [...] *leão*. Essas imagens são lembranças vívidas do terror do juízo divino e de seu caráter definitivo. Trazem à memória a descrição assustadora do Dia do Senhor, feita por Amós, profeta contemporâneo de Oseias: “Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se, entrando em casa, encostando a mão à parede, fosse mordido de uma cobra” (Am 5:19).

#### 13:9-16 Último anúncio de julgamento

A ruína de Israel (13:9) é a sua rebelião contra Deus. Ao se voltar contra seu único libertador, o Reino do Norte atraiu sobre si o julgamento divino.

Em outros tempos, Israel havia pedido um rei (1Sm 8:6), mas os monarcas não foram capazes de salvar a nação (13:10-11). O perigo de depositar toda a confiança em coisas e pessoas, especialmente nos supostos salvadores políticos, em vez de confiar no Deus vivo, não se limita a Israel. Devemos lembrar as palavras sábias de Salmos 20:7: “Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus”.

A culpa e o pecado de Israel são inegáveis; as evidências se encontram preservadas e registradas para todos verem (13:12). A metáfora de um parto possivelmente fatal combina a promessa de nova vida com uma tragédia que não precisava ter ocorrido (13:13). Em sua insensatez, a nação recusa a possibilidade real de livramento e a salvação que o Senhor oferece.

Israel só não perecerá em sua insensatez por um motivo: devido à sua graça e promessa, o Senhor trará restauração e vida (13:14). Paulo aplica a promessa deste versículo à ressurreição (1Co 15:55). Conforme o capítulo seguinte deixa claro, por fim, o Senhor restaurará o povo por amor do seu nome.

A restauração será precedida, contudo, do julgamento. A analogia vem da natureza: devido ao *vento* quente do *leste*, haverá seca, e as plantações morrerão (13:15). A próspera terra de Efraim será saqueada e perderá toda a sua riqueza. É provável que essa profecia se tenha cumprido quando o exército assírio veio do leste e invadiu Israel em 721 a.C., espalhou morte e destruição e deu cabo do Reino do Norte. O trágico destino de Samaria, a capital outrora arrogante, é retratado em 13:16 (cf. tb. 9:14-17; 2Rs 17:5), uma lembrança séria do quanto o Senhor abomina o pecado.

#### 14:1-9 Israel será um jardim

O Deus de Oseias é o Deus das segundas chances. Suas palavras finais ao povo são, portanto, palavras de esperança, e não de julgamento.



### 14:1-3 Exortação final

A mudança radical de tom entre 13:16 e 14:1 chama a atenção do leitor para a inesperada exortação ao arrependimento. Ao longo de todo o livro, o profeta suplicou a Israel que retornasse ao Senhor e fosse restaurado. Aliás, “retornar” ou “voltar” e seus correlatos são os termos usados com mais frequência em Oseias. Expressam tanto o problema de Israel quanto a respectiva solução.

O problema, apresentado no capítulo 1, é que a nação de Israel deu as costas para o Deus que a criou, chamou e redimiu, e se voltou para falsos deuses. A solução é: *Volta [...] para o SENHOR (14:1a)*. Não se trata apenas de mudar de rumo. Ao longo do livro, os requisitos para esse regresso ficam cada vez mais evidentes. Voltar significa conhecer o Senhor de todo o coração (2:20) e mente (4:6). Significa viver de acordo com esse conhecimento (6:6) e seguir o exemplo de Jacó (12:3-6). Significa reconhecer o Senhor como único Deus. A exortação é exigente e exclusiva. Não há meio-termo.

A razão para a exortação é simples: *Pelos teus pecados, estás caído (14:1b)*. O tempo verbal usado no hebraico sugere que esse se tornou o estado permanente de Israel. A nação é lembrada de sua conduta passada e de sua falta de arrependimento sincero (cf. 5:4; 7:10; 11:5). Tendo em vista a intransigência de Israel diante dos chamados ao arrependimento em 6:1 e 12:7, duvidamos de que a resposta será diferente desta vez.

As palavras de confissão que Oseias insta Israel a proferir refletem vários elementos dos capítulos 1—3. A súplica para que o Senhor perdoe todos os seus pecados lembra o compromisso divino de perdoar e demonstrar compaixão (14:2). Pede que ele cumpra a promessa feita em 2:1 e cancele a ameaça simbolizada pelo nome “Desfavorecida” (1:6-7). A confissão também inclui a renúncia dos pecados de alianças políticas inadequadas, dependência de poderio militar e idolatria (14:3). A súplica pelo perdão do Senhor se baseia em sua compaixão.

### 14:4-8 O Senhor será “como orvalho”

A mudança dramática em 14:4 é semelhante àquela de 2:13 para 2:15. O Senhor responde às palavras de confissão com uma proclamação que expressa sua graça: *Curarei a sua infidelidade, eu de mim mesmo os amarei, porque a minha ira se apartou deles*. A declaração cancela a sentença severa proferida anteriormente, “Por causa da maldade das suas

obras, os lançarei fora de minha casa; já não os amarei” (9:15), e reafirma as palavras bondosas de 11:8-9.

Devemos observar que o povo não havia feito nada que o tornasse merecedor do perdão de Deus. O perdão foi concedido gratuitamente. A restauração final depende, em todos os sentidos, do Senhor. Israel não tem nada que possa fazer e, na verdade, não é capaz de fazer nada.

O perdão do Senhor restaura completamente o povo de Deus. Ele promete: *Serei para Israel como orvalho* que traz bênçãos e fertilidade (14:5a). A imagem é de um jardim luxuriante. O povo restaurado de Deus, como uma árvore bem regada, será vicejante, frutífero, estável e vigoroso (14:5b-8; cf. tb. Sl 1:1). Israel habitará em segurança e sua reputação será restaurada (14:7). A rica imagem desses versículos lembra a promessa de restauração feita no cântico de amor do Senhor (2:14-23). O Senhor de Israel é o motivo e a base da condição restaurada. Responderá ao seu povo, cuidará dele e o tornará frutífero (14:8).

### 14:9 Conclusão

O livro termina com uma exortação final. Desta vez, o profeta dirige o apelo não apenas a Israel, mas a todos que, ao longo das eras, lerão essas palavras e desejarem seguir ao Senhor. O ouvinte e leitor contemporâneo é chamado a atentar para o desafio permanente que se estende do passado até os dias de hoje.

A exortação une os âmbitos intelectual e prático ao asseverar que a compreensão da mensagem profética não consiste apenas em ser estimulado intelectualmente, mas também em praticar a mensagem por meio de uma conduta sábia e apropriada. Nosso conhecimento de Deus deve refletir-se em nossa obediência e prática dos caminhos de Deus.

A base para o apelo é a justiça de Deus, cujos *caminhos [...] são retos*. Todos os que verdadeiramente tornam ao Senhor e o conhecem experimentarão essa realidade de forma pessoal.

Douglas Carew

### Leituras adicionais

KIDNER, Derek. *The Message of Hosea*. BST. Leicester: InterVarsity Press, 1981.

McCOMISKEY, Thomas E. ed. “Hosea”, in *Hosea, Joel, Amos*. Vol. 1 de *The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary*. Grand Rapids: Baker, 1992.



# JOEL

“Joel” (“Javé é Deus”) parece ter sido um nome comum, pois o AT menciona treze indivíduos com esse nome. O autor deste livro era um profeta proveniente de Judá, no Reino do Sul, e provavelmente morava em Jerusalém e era filho de Petuel (1:1).

O fato de o livro não mencionar um rei específico em Judá ou Israel sugere que foi escrito num período no qual a monarquia não exercia controle político. Foi o que aconteceu no século IX a.C., ocasião em que Joás ainda era criança e o governo estava sob o comando de Joiada, sumo sacerdote e marido da tia do rei (2Rs 11—12; 2Cr 22:10—24:16). Caso o livro tenha sido escrito nessa época, Joel foi o primeiro profeta a falar sobre “o Dia do SENHOR” e o remanescente (traduzido por “sobreviventes” em 2:32).

Outros estudiosos acreditam que o autor de Joel escreveu o livro no século IV a.C., muito depois do exílio, época em que já não havia reis em Israel. Caso essa data esteja correta, então é Joel quem cita Amós e Isaías, e não Isaías e Amós que citam Joel.

Penso que as evidências a favor da primeira data são mais convincentes. Felizmente, o ensino imutável do livro não é afetado pela incerteza quanto à data de sua composição.

## Ocasão e propósito

O livro foi escrito pouco depois que uma seca e uma praga de gafanhotos arruinaram as plantações e, conseqüentemente, a vida do povo. Joel predisse que esse desastre seria lembrado pelas gerações futuras. O profeta está convencido de que o Senhor puniu seu povo pelo fato de eles terem desprezado Deus e suas bênçãos. Adverte que a praga de gafanhotos representou apenas um aviso de um julgamento ainda maior no porvir e insiste em que eles retornem para Deus. A praga foi terrível, porém a vinda do Dia do Senhor será muito pior (2:1-11).

Joel não menciona pecados específicos dos quais o povo deveria se arrepender. Antes, enfatiza que, no Dia do Senhor, Deus virá pessoalmente com seu exército para travar uma guerra santa contra o mal. A santidade de Deus é a força motriz de seu juízo definitivo contra o pecado. Entretanto, Deus também é misericordioso e livrará aqueles que retornarem para ele em arrependimento e fé.

## Harmonia do texto

Alguns estudiosos argumentaram que o livro possui mais de um autor. Afirmaram que a maior parte de 1:1 a 2:27 foi escrito por um profeta pré-exílico após uma praga de gafanhotos, e mais tarde outro profeta pós-exílico complementou a obra com as seções sobre o Dia do Senhor (2:28—3:21). Estudiosos mais recentes, contudo, consideram o livro como obra de um único autor.

## Esboço

### 1:1—2:27 Juízo e bênçãos em andamento

1:1-20 Sinais do Dia do Senhor

1:1-4 A invasão de gafanhotos

1:5-12 Os resultados da destruição das plantações

1:13-14 Convocação à oração e ao jejum

1:15-18 Mais detalhes sobre a destruição

1:19-20 Clamor ao Senhor

2:1-17 A vinda do Dia do Senhor

2:1-11 A invasão futura

2:12-17 Apelo ao arrependimento sincero

2:18-27 A resposta de Deus ao arrependimento

### 2:28—3:21 Bênçãos e julgamento futuros

2:28-32 Bênçãos espirituais no futuro distante

2:28-29 A promessa do Espírito Santo

2:30-31 Promessa de sinais e prodígios no Dia do Senhor

2:32 Promessa de salvação para o remanescente

3:1-17 O futuro julgamento das nações

3:1-8 Os princípios que regem o julgamento de Deus

3:9-13 As nações se preparam para a guerra

3:14-17 Sinais cósmicos do julgamento final

3:18-21 As bênçãos no Dia do Senhor

## COMENTÁRIO

### 1:1—2:27 Juízo e bênçãos em andamento

#### 1:1-20 Sinais do Dia do Senhor

##### 1:1-4 A invasão de gafanhotos

Joel se apresenta e declara que a fonte de sua mensagem (1:1) provém do SENHOR (Javé); portanto, deve ser consi-

derada atentamente. Todos (tanto anciãos quanto o povo) estão convocados a ouvir sua mensagem.

Os anciãos devem ser os primeiros a refletir sobre o significado da recente invasão de gafanhotos. A pergunta de Joel em 1:2 chama a atenção para o fato de que essa praga é a pior coisa que aconteceu a Judá. O episódio será lembrado pelas gerações futuras como um aviso para que não desobedeçam a Deus e venham a sofrer o mesmo destino (1:3; cf. tb. Êx 10:2,6,14).

Os quatro termos utilizados para descrever o gafanhoto em 1:4 podem referir-se a estágios sucessivos do ciclo de vida do inseto ou, mais provavelmente, a quatro variedades da espécie. Cada enxame consumia o que havia restado da invasão anterior, criando uma vasta nuvem que cobria e destruía tudo o que encontrava pelo caminho. Em pouco tempo, as paisagens verdejantes se haviam transformado em deserto.

A destruição das plantações produz fome e miséria. Nós, africanos, sem dúvida, somos capazes de compreender o desespero que uma praga como essa causaria.

#### 1:5-12 Os resultados da destruição das plantações

A invasão de gafanhotos afetou todo o povo, desde a liderança (sacerdotes e anciãos) até as classes mais simples (agricultores e ébrios), porém Joel dirige sua mensagem a alguns grupos específicos. Começando com os *ébrios* (1:5a), escreve que a destruição das vinhas implica a interrupção da produção de vinho (1:5b). Em vez de serem os últimos a perceber o que está acontecendo, os embriagados acordarão rapidamente de sua embriaguez para lamentar a falta de álcool (cf. tb. Pv 23:35). A praga era um alerta convocando o povo à lamentação e ao arrependimento.

Os gafanhotos pareciam um poderoso exército invasor (1:6a; cf. tb. Pv 30:27) e possuíam dentes fortes como os do leão (1:6b). Não apenas destruíram as vinhas ao devorar as folhas, como também roeram a casca das figueiras até aparecer a cor branca do tronco por baixo (1:7). O figo era um dos principais produtos da economia de Israel, de modo que sua destruição sinalizava calamidade. Os países africanos devastados por gafanhotos sofrem sérias consequências econômicas. Nessas situações, o alimento se torna muito caro para os mais pobres, de modo que a reserva monetária do país tem de ser gasta com importação de alimentos em vez de ser direcionada para melhorias à população.

A praga de gafanhotos também afetou o culto no templo, e por isso o segundo grupo abordado por Joel é formado pelos sacerdotes (1:8-10). As plantações, agora dizimadas, supriam alimento para os sacerdotes (cf. Êx 29:27-28; Lv 1—2; Nm 28:5-8) e as ofertas a Deus. A destruição foi tão violenta que o profeta convida o povo a lamentar como uma jovem (*a virgem*) cujo noivo (*marido de sua mocidade*) falecesse antes da celebração do casamento. No lugar da alegria de preparar-se para a cerimônia, ela chora e veste

panos de saco (1:8). Do mesmo modo, a alegria pela colheita é substituída por tristeza, panos de saco e aflições.

A falta de grãos, vinho e azeite (representando todos os produtos agrícolas disponíveis) abalou o culto no templo (1:9-10), uma vez que a adoração a Deus exigia que esses produtos fossem ofertados diariamente no altar, conforme Levítico 6:14-18 e 7:11-18. Como receber bênçãos se não havia como oferecer os sacrifícios prescritos na lei?

Fazendeiros e viticultores formam o último grupo (1:11). Geralmente, eram arrendatários e trabalhadores rurais, e pertenciam às classes mais pobres (2Rs 25:12; Is 61:5; Jr 40:7-10; 52:16). Esses agricultores sofriam os efeitos da falta de água, pois tudo havia ressecado (1:10,12a). Além de perderem toda a plantação, eles não tinham como pagar o arrendamento da terra. Leitores africanos se identificarão com o desespero desses agricultores e compreenderão a declaração de Joel afirmando que a alegria do povo secou juntamente com as plantações (1:12b).

#### 1:13-14 Convocação à oração e ao jejum

A praga de gafanhotos era uma indicação do desgosto de Deus (cf. tb. Os 4:1,3) e, por essa razão, todos os habitantes deviam clamar ao Senhor. Israel só voltaria a desfrutar as bênçãos de Deus quando se arrependesse e abandonasse o pecado. Os sacerdotes são convocados a conduzir o país em lamentação (1:13). Para isso, eles devem substituir seus mantos ornamentados (Êx 28:39-43) por panos de saco, simbolizando tristeza e arrependimento (cf. tb. Am 8:10), orar a noite inteira, instituir um jejum sagrado e convocar uma assembleia solene no templo a fim de clamar ao Senhor (1:14). No AT, o povo geralmente jejuava em momentos de calamidade (cf., p. ex., Jz 20:26; 1Rs 21:27; Ed 8:21), isto é, eles deixavam de consumir alimentos a fim de prestar atenção ao Senhor enquanto se aproximavam dele com humildade e tristeza pelo pecado, e também com pedidos urgentes.

Muitas igrejas na África praticam regularmente a oração e o jejum. Essa prática é importante para o reavivamento espiritual de cada pessoa, de cada igreja local e de cada país (cf. 2Cr 7:13-14; Jn 3:7).

#### 1:15-18 Mais detalhes sobre a destruição

Joel menciona brevemente o *Dia do SENHOR* (1:15), assunto que desenvolverá com mais detalhes no capítulo 2. A praga de gafanhotos foi apenas o presságio de um juízo ainda mais severo no futuro. Depois desse breve comentário, Joel volta a descrever a situação em que se encontrava o país.

O povo passa fome por causa dos gafanhotos e da seca (1:16); o templo não recebe ofertas, e, portanto, não há alegria e contentamento ali; as sementes secaram embaixo do solo endurecido (1:17a), e os armazéns encontram-se assolados e derribados (1:17b); bois e ovelhas gemem e perecem por falta de pasto (1:18). Enfim, a terra de onde



fluía leite e mel tornou-se árida, destruída pelos gafanhotos que a assolaram como um exército invasor (Jz 6:3-6).

### 1:19-20 *Clamor ao Senhor*

Em vez de entrar em desespero, Joel deu o exemplo e clamou a Deus (1:19a). Identificando-se com seus contemporâneos aos quais recebera a incumbência de ministrar, Joel irrompe em lamentação diante de Deus e relata o desastre que lhes sobreviera: o pasto e as árvores tinham sido destruídos, e os rios estavam agora secos. Até os animais selvagens clamavam a Deus, pois toda a criação partilha do sofrimento causado pelo pecado (1:19b-20; cf. tb. Gn 3:17-18; Jr 12:4; Sf 1:2-3; Rm 8:20-22).

Assim como Joel, os cristãos precisam tornar-se exemplos da reação que o Senhor espera das pessoas. Algo semelhante ocorreu numa aldeia na Nigéria: por causa do atraso das chuvas, não foi possível realizar o plantio, de modo que a seca e a fome eram iminentes. O povo reuniu-se na igreja para pedir chuva ao Senhor, porém somente o líder local teve fé suficiente para levar um guarda-chuva. Quando Deus respondeu imediatamente às orações fervorosas, esse líder foi o único que voltou para casa sem se molhar.

### 2:1-17 A vinda do Dia do Senhor

#### 2:1-11 *A invasão futura*

A destruição causada pelos gafanhotos é insignificante se comparada ao dia do juízo final que se aproxima (2:1; cf. tb. Ap 9:3-11). O toque da trombeta alerta o povo sobre esse *dia de escuridade e densas trevas* (2:2) acerca do qual Joel e outros profetas vêm advertindo com frequência (2:11; 3:14; cf. tb. Is 13:6-10; Ez 30:2-3; Am 5:18-20; Ob 15; Sf 1:14-17; Zc 14:1-3). Geralmente, tem-se a impressão de que os profetas se referem tanto ao dia do julgamento num futuro próximo (a captura de Jerusalém e a destruição do templo pelos babilônios) como também no futuro distante (o dia do julgamento final). Da mesma forma, as profecias de Cristo sobre os últimos dias combinam acontecimentos associados à destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. e acontecimentos que serão cumpridos no final dos tempos (Mt 24).

Joel desenvolve a analogia entre o exército invasor e o enxame de gafanhotos. Embora a terra seja *como o jardim do Éden*, os invasores a transformarão em *deserto* (2:3). Semelhantemente aos gafanhotos, esse exército destruirá toda a terra, avançando rápido como cavalos (2:4) e produzindo um som tão estrondoso como o dos carros de batalha (forma de combate mais temida na época de Joel) (2:5). O violento ataque desse exército deixará aterrorizados os adversários (2:6). Eles vencerão facilmente os muros da cidade e dominarão as defesas (2:7-8). Depois disso, correrão pelos muros e entrarão pelas janelas das casas (2:9).

Esse exército não se parece com um exército humano, pois virá acompanhado de sinais cósmicos (2:10). A terra e o céu tremerão; o sol, a lua e as estrelas escurecerão (cf. tb. Is 13:10,13; Mt 24:29-31; Mc 13:24-25; Lc 21:25-26). Como se não bastasse, o próprio Deus estará à frente desse exército (2:11; cf. tb. Zc 14:3). A vitória do Senhor, portanto, está garantida.

A pergunta retórica *Quem o poderá suportar?* (2:11) exige claramente uma resposta negativa: ninguém (cf. tb. Mt 3:2). Ninguém será capaz de resistir ao Senhor quando ele vier julgar o mal e a desobediência. A igreja africana precisa avisar e preparar o povo para a vinda do Senhor, estimulando-o a estar ao lado de Deus na batalha final.

#### 2:12-17 *Apelo ao arrependimento sincero*

Essa destruição futura é pior que a praga dos gafanhotos e torna mais urgente a necessidade de arrependimento (cf. 1:13-14). O Senhor apela às pessoas com expressões como *ainda assim*, indicando que ainda há tempo de apelar a Deus em busca de perdão (2:12). Joel também convida o povo a arrepender-se.

Naquele tempo, as pessoas geralmente demonstravam remorso rasgando suas vestes. Deus, porém, não quer apenas manifestações externas de arrependimento, e diz: *Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes* (2:13a; cf. tb. 1Sm 16:7; Mt 23:1-36; 1Jo 3:18).

O arrependimento é possível porque Deus é *misericordioso, e compassivo* (2:13b). Esse é um dos temas mais magníficos do AT: o Deus santo que julga o pecado também é um Deus compassivo e misericordioso (cf. tb. Êx 34:6-7; Nm 14:18; Sl 103:8; 145:8; Jn 4:2; Na 1:3,7). Joel lembra ao povo que Deus é *tardio em irar-se*. Isto é, o Senhor tem compaixão de todos aqueles que o buscam em arrependimento, e pode prorrogar seu julgamento e impedir que a catástrofe profetizada se concretize (cf. Zc 1:3; Mt 3:6-7). Se isso acontecer, o Senhor restaurará a fertilidade da terra, e as ofertas de manjares e libação serão reiniciadas (2:14).

Nós também seremos julgados por Deus, a menos que mudemos de atitude e confessemos nossos pecados. O coração quebrantado e a vida transformada certamente resultarão em reavivamento espiritual (cf. tb. 2Cr 7:14).

A trombeta que antes soa o alarme do ataque iminente (2:1) agora convoca o povo a arrepender-se, orar e jejuar (2:15; cf. tb. 1:13-14). A urgência do chamado fica evidente pelo fato de que ninguém está dispensado dessa assembleia solene e desse jejum santo, nem mesmo as crianças de peito, as mães que amamentam ou os recém-casados (estes últimos geralmente dispensados dessa obrigação) (2:16; Dt 20:7; 24:5). Os noivos devem até mesmo adiar a consumação de seu casamento.

Os sacerdotes, como líderes espirituais, são chamados a servir de exemplo, conduzindo o povo aos caminhos do arrependimento. Eles devem orientar a adoração litúrgica de Javé e clamar ao Deus de toda a graça que tenha miseri-

córdia do povo e o trate com indulgência, não apenas para o bem do povo, mas também para sua própria honra. Eles devem implorar a Javé que não permita que seu povo se torne objeto de zombaria (2:17; cf. tb. Sl 44:14; Dt 28:37). As nações não deveriam ter a oportunidade de insinuar que Deus havia perdido a capacidade de salvar seu povo.

Quando o Senhor julga seu povo no AT, esse fato é geralmente descrito como motivo de humilhação e horror para o povo de Deus (2Cr 7:20; 29:8; Sl 79:4; Jr 18:16; 19:8; Ez 5:14-15). Nós também precisamos lembrar que o pecado trará vergonha sobre nós mesmos e sobre o nome do Senhor, a quem representamos perante o mundo. Somente experimentaremos as bênçãos de Deus e a cura de nossa terra quando abandonarmos nossos pecados em arrependimento, oração e jejum.

### 2:18-27 A resposta de Deus ao arrependimento

Joel altera repentinamente a narrativa do tempo verbal presente para o pretérito a fim de indicar que o povo havia respondido ao seu apelo. O texto hebraico emprega três verbos no pretérito: [Deus] *se mostrou zeloso, compadeceu-se e disse* (2:18-19a). Esses três verbos indicam que o povo havia de fato reagido ao apelo de Joel sobre os problemas espirituais da época com verdadeiro arrependimento.

A frase *o SENHOR se mostrou zeloso* indica o intenso compromisso de Deus com seu povo (2:18). Deus se preocupa conosco e está interessado em como vivemos. O resultado desse cuidado é que o Senhor nos pune quando pecamos e interrompe sua comunhão conosco. Deus, porém, também nos abençoa quando nos arrependemos e respondemos ao seu conselho. Essa bênção produz resultados materiais imediatos (2:19-27) e resultados espirituais no porvir (2:28-32).

O primeiro ato de Deus foi restaurar as bênçãos materiais destruídas pelos gafanhotos (2:19b). A produtividade da terra será restaurada, e os campos, vinhas e pomares voltarão a produzir cereais, vinho e azeite. Não haverá mais fome; pelo contrário, o povo se fartará (cf. tb. Dt 6:10-11; 8:7-10; 11:13-15). Entretanto, nem todas as bênçãos de Deus serão totalmente efetivadas no presente. A promessa de que seu povo nunca mais será motivo de escárnio pelas nações ainda aguarda cumprimento na segunda vinda de Cristo (cf. comentários sobre 2:1).

Deus também prometeu segurança e proteção conforme fizer retroceder *o exército que vem do Norte* (2:20), anteriormente descrito em comparação aos gafanhotos. O texto pode estar referindo-se aos inimigos históricos de Israel, como os babilônios e assírios, ou ao exército que virá do norte no momento da batalha final da humanidade (cf. tb. Ez 38—39, especialmente 39:2). Deus removerá esses inimigos para uma terra deserta e seca, onde eles serão destruídos. Alguns serão destruídos no mar oriental (mar Morto) e outros no mar ocidental (mar Mediterrâneo).

A terra, os animais e o povo são convocados a exultar diante da intervenção de Deus: a alegria e o regozijo foram

restaurados (2:21; cf. 1:16); os animais do campo em breve terão pasto em abundância (2:22a; cf. 1:18-20), e a figueira e a videira produzirão frutos (2:22b; cf. 1:7,12). O povo da aliança deve juntar-se aos animais e plantas em comemoração, pois o Senhor restaurou a terra (2:23a).

Em meio à alegria desses efeitos restaurados produzidos imediatamente por Deus em resposta ao arrependimento do povo, encontramos uma profecia surpreendente dizendo que o Senhor não apenas providenciará prosperidade material, mas também um *ensinador de justiça* (2:23b, RC). Aqui o profeta faz um trocadilho com as palavras “chuva” (*yôreh*) e “ensinador” (*môreh*), utilizando a chuva como metáfora para descrever a vinda da justiça divina sobre a terra (cf. tb. Sl 72:5-7). A vinda desse ensinador de Deus será acompanhada de chuvas *temporã e serôdia* (2:23b), e mais tarde pelo derramamento do Espírito (2:28-29). Mais uma vez, a terra produzirá em abundância, e tudo o que foi devorado pelos gafanhotos será restaurado (2:24-25). Esse ensinador de justiça deve ser o Messias, aquele que personificará e ensinará a justiça de modo que o povo possa experimentar transformação interior e viver em santidade.

Deus prometeu a seu povo que este nunca mais verá destruição semelhante àquela praga de gafanhotos (2:26-27). Essa promessa é semelhante àquela em 2:19, a qual será cumprida no Dia do Senhor. Entretanto, com base em outras passagens bíblicas, está claro que essa promessa só é válida se o povo de Deus se arrepender verdadeiramente, permanecer fiel e perseverar obedecendo ao Senhor (Dt 28:15-48). Somente após o dia do julgamento final é que o povo de Deus deixará de experimentar esse tipo de desastre (Zc 14:9-11; Ap 21:4).

A bondade e o livramento de Deus devem estimular seu povo ao louvor e adoração ao Senhor (2:26). Eles perceberão que o Senhor está com eles (cf. tb. Jr 31:33-34) e que além dele *não há outro* (2:27; cf. tb. Dt 4:35; Is 45:5-6,18,22; 46:9; Ez 36:11). Não deve haver lugar para a idolatria entre o povo de Deus. Devemos ser leais e adorar ao Senhor por causa da compaixão e misericórdia de Deus ao enviar Jesus Cristo para nos salvar. Tal como o povo de Israel, devemos testemunhar a bondade e as maravilhas de Deus às pessoas ao nosso redor.

### 2:28—3:21 Bênçãos e julgamento futuros

#### 2:28-32 Bênçãos espirituais no futuro distante

Joel 2:19-27 trata da primeira bênção de Deus em resposta ao arrependimento do povo. Contudo, em 2:28 a 3:21 lemos sobre as bênçãos que virão *depois* (2:28a), isto é, num futuro distante. Joel começa falando sobre três promessas de Deus para o futuro.

#### 2:28-29 A promessa do Espírito Santo

As chuvas que virão com o ensinador de justiça serão acompanhadas do derramamento do Espírito Santo *sobre*



*toda a carne (2:28b)*, incluindo escravos gentios em lares judaicos (2:29). Ele será derramado sobre filhos e filhas, homens e mulheres, indicando que ambos os sexos têm participação no ministério cristão. O Espírito Santo pode capacitar qualquer cristão a profetizar, sonhar e receber visões, independentemente de idade, sexo ou condição social (cf. tb. Nm 12:6).

Tanto no AT quanto no NT, o Senhor encheu e capacitou pessoas por meio do Espírito Santo para que elas pudessem participar da obra de Deus (Êx 31:2-3; Nm 11:29; 1Sm 19:20-23; Sl 51:11). Não há como exagerar a importância do Espírito Santo na vida do cristão e da igreja: ele nos regenera, habita conosco, nos torna parte do corpo de Cristo (1Co 12:13) e nos capacita a viver uma vida santa e cumprir os propósitos de Deus para nossa vida.

Pedro entendeu que o dia de Pentecostes cumpriu a promessa do derramamento do Espírito profetizado por Joel (At 2:16-21); o apóstolo interpretou o termo “depois” como equivalente a “nos últimos dias” (At 2:17; cf. tb. 1Pe 1:5,20) e percebeu o derramamento do Espírito em medida muito maior que a chuva prometida (cf. 2:22-26). Mesmo assim, foi apenas um cumprimento preliminar e parcial da profecia de Joel. O cumprimento definitivo aguarda a segunda vinda de Cristo (cf. Is 32:15).

### 2:30-31 *Promessa de sinais e prodígios no Dia do Senhor*

Joel também prediz que sinais terríveis acompanharão o Dia do Senhor (2:30-31). Deus provocará mudanças extraordinárias na natureza (relembrando as pragas do Egito) e destruirá totalmente o céu e a terra.

O Espírito foi derramado no dia de Pentecostes, porém esses acontecimentos cósmicos aguardam cumprimento no final da história, conforme está claro no livro de Apocalipse (Ap 6:12-13,17; 8:8-9; 14:14-20; 15:8; 16:4-9; 19:1-18). Todavia, ao citar Joel 2:30-31 em seu discurso no dia de Pentecostes (At 2:19-20), Pedro não tem a intenção de sugerir que a profecia tinha sido cumprida; antes, deseja alertar seus ouvintes a se voltarem para Deus em arrependimento (At 2:40). O Dia do Senhor é descrito como *grande e terrível* para os inimigos de Deus, pois terão de enfrentar a ira e o julgamento divinos.

### 2:32 *Promessa de salvação para o remanescente*

Em meio a julgamentos e catástrofes, Deus promete que *todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo (2:32a)*. A expressão “todo aquele” significa que tanto judeus como gentios podem participar das bênçãos da redenção (cf. tb. Rm 10:12-13). É por isso que a igreja na África atualmente é formada de cristãos de todas as tribos do continente.

A frase “invocar o nome do SENHOR” significa clamar ao Senhor com fé e sinceridade (Sl 99:6; 145:18; Rm 10:13). Precisamos confiar em Deus e aceitar a salvação que ele nos oferece; caso contrário, morreremos juntamente com os condenados. O apóstolo Pedro esclarece que “invocar o

nome do Senhor” significa invocar o nome de Jesus, o único nome “pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:9-12; cf. tb. At 9:14,21; 22:16; 1Co 1:2; 2Tm 2:22).

Os arrependidos que invocam o nome do Senhor também são descritos como *sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar (2:32b)*. O povo de Deus é formado pelos eleitos, mas estes têm a opção de aceitar ou rejeitar a salvação. Aqueles que invocarem o Senhor serão renovados e transformados no futuro.

## 3:1-17 O futuro julgamento das nações

### 3:1-8 *Os princípios que regem o julgamento de Deus*

A frase *naqueles dias e naquele tempo* refere-se ao dia futuro do Senhor, quando Deus mudará a sorte de Judá e de Jerusalém (3:1; cf. tb. Jr 30:18; 31:23; 33:15-18). A prosperidade do povo será renovada, e Jerusalém será reconstruída e protegida. Essa prosperidade está diretamente relacionada à mudança do coração das pessoas, conforme registrado em 2:12-13 e 2:32.

Além disso, Deus exigirá prestação de contas às nações que oprimiram seu povo (3:2-8; cf. tb. Is 13:9; 26:20-21; Sf 1:15-18), reunindo-as (cf. tb. Is 66:18a; Sf 3:8) e julgando-as no *vale de Josafá (3:2a)*. Esse vale pode referir-se a um local geográfico (cf. 2Cr 20) ou talvez seja simplesmente o lugar onde “Javé julga” (significado da palavra “Josafá”). Em 3:14, esse vale é chamado de “vale da Decisão”.

As nações serão julgadas por maltratarem o povo de Deus; o texto relata os crimes dos quais elas são acusadas: espalharam o povo de Deus entre as nações (3:2b; cf. tb. Zc 1:18-21), repartiram entre si a terra que pertencia a Deus (3:2c), venderam o povo de Deus à escravidão, desprezando-o a ponto de lançar sortes sobre eles (3:3). A gravidade desses crimes aparece no tratamento dispensado às crianças. Existe uma percepção de que qualquer sociedade pode ser avaliada pela forma de tratar as crianças.

Tiro, Sidom e Filístia eram antigos inimigos do povo de Deus (3:4; cf. tb. Ez 25:15-17), mas aqui representam todos os inimigos de Deus através da história. Javé fala sobre *meu povo e minha terra (3:2)*, deixando claro que os crimes cometidos contra seu povo são também crimes cometidos contra Deus (cf. tb. Mt 25:31-46). Ao roubar a prata e o ouro do povo de Deus, eles na verdade estavam roubando o próprio Senhor (3:5). Além disso, ao vender os judeus como escravos aos mercadores gregos, espalharam o povo de Deus para longe da terra que lhes pertencia (3:6).

Deus pagará na mesma moeda essas nações que oprimiram seu povo (3:7-8a; cf. tb. Is 24:14-23; 2Ts 1:6-8): as crianças dos mercadores de escravos serão vendidas ao povo de Deus, que por sua vez as venderá a outras nações que as levarão para muito longe. O princípio subjacente a essa passagem é que devemos tratar os outros da mesma forma que gostaríamos de ser tratados.



O julgamento conclui com a frase *porque o SENHOR o disse*, confirmando a autoridade e a infalibilidade da profecia de Joel (3:8b).

### 3:9-13 As nações se preparam para a guerra

Deus desafia as nações para uma guerra final contra seu povo no vale de Josafá (3:9-12a; cf. tb. Sl 2:1-2; Is 13:3; Jr 6:4; 46:3; 51:27-28). Essas nações pensarão ter sido chamadas para uma guerra, mas na verdade terão sido convocadas para o julgamento. E ninguém deve imaginar que conseguirá sair vencedor de uma luta com Deus. Essa ideia de um grande confronto final ocorre em outros livros (cf. tb. Is 17:12; Mq 4:11-13; Zc 12:2-3; Ap 16:14-16).

Todos os segmentos da sociedade devem preparar-se para esse confronto. Os valentes serão convocados para a batalha, e instrumentos agrícolas serão transformados em armamento (3:10). Esse trecho contrasta com a promessa de Deus em outras passagens que falam de um futuro de paz e prosperidade no qual o Senhor acabará com as guerras e as nações “converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras” (Is 2:4; Mq 4:3).

Os exércitos celestes são convocados a executar o julgamento de Deus sobre as nações (3:11). Imaginando que vieram pelejar, as nações na verdade foram chamadas para serem pisadas no lagar de Deus (3:12b-13), conforme a imagem do texto que mostra Deus, em sua ira, pisando uvas no lagar do julgamento (cf. tb. Is 63:3; Ap 14:14-20). As nações estão maduras para o julgamento, e sua perversidade é tão grande que chega a transbordar o lagar.

### 3:14-17 Sinais cósmicos do julgamento final

Joel vê multidões aguardando no vale da Decisão (3:14), também conhecido como “vale de Josafá” (3:2,12). Essas multidões imaginam que vieram pelejar e derrotar o Senhor, porém Deus planejou a ocasião para executar seu julgamento contra a rebelião da humanidade.

Precisamos lembrar que o Dia do Senhor se aproxima. O dia de hoje é o melhor momento para nos arrependermos e nos prepararmos para o dia do julgamento. Caso compreendamos a gravidade da situação, consideraremos com seriedade esse aviso e passaremos a exortar os outros para que aceitem a salvação de Deus.

Os sinais cósmicos que acompanham essa batalha final marcarão o final dos tempos: o sol e a lua escurecerão, e as estrelas desaparecerão (3:15; cf. 2:10); o Senhor virá a Sião como um leão rugindo em busca da presa (3:16a; cf. tb. Is 29:6-8; 30:30-31; Zc 14:3-7; Am 1:2; Ap 16:16-18); e a terra e o céu tremerão (3:16b; Is 13:13). Em meio a isso tudo, porém, o SENHOR será o refúgio do seu povo (3:16c; cf. tb. Na 1:7), de modo que seus filhos serão salvos do julgamento dos perversos. O povo de Deus, tanto judeus quanto gentios, experimentará a eterna compaixão do Senhor que os libertou e com eles habitará (3:17; cf. tb. Is 60:16; Ez 34:30).

### 3:18-21 As bênçãos no Dia do Senhor

Embora terrível para os inimigos, o Dia do Senhor trará bênçãos sobre o povo de Deus. A terra será restaurada e transformada (3:18a). Onde havia fome e seca, florescerá vegetação, e as montanhas e colinas destilarão vinho e mel (cf. tb. Am 9:13). Água em abundância e colheitas fartas simbolizam as bênçãos da era futura.

Joel prossegue falando sobre a água, com a terra restaurada em termos que lembram o jardim do Éden, referindo-se inclusive a um rio que a rega (3:18b; cf. tb. Gn 2:10). Esse rio que provém da Casa do Senhor representa as bênçãos que fluem de Deus (cf. tb. Ez 47:1-12; Zc 13:1; 14:3-8). Apocalipse 22:1-2 também fala de um rio vivificante que parte de um lugar frutífero onde jamais haverá seca ou morte. O povo de Deus nunca mais carecerá de coisa alguma; eles viverão satisfeitos e realizados para sempre.

Todavia, enquanto a terra do povo de Deus se tornará um paraíso restaurado, a terra dos inimigos do Senhor, como o Egito e Edom, se transformará em *desolação*, assim como Judá após a invasão dos gafanhotos (3:19). As nações que derramaram sangue inocente não encontrarão refúgio quando Deus se vingar e vindicar seu povo (cf. tb. Dt 32:35; Rm 12:19; Ap 6:10).

A terra do povo de Deus, por outro lado, será *habitada para sempre* (3:20). Deus assegura vitória e paz aos que lhe pertencem.

A maior bênção do Dia do Senhor, entretanto, é esta: Deus, com toda a sua glória, habitará para sempre no meio de seu povo em Sião (3:21b; cf. tb. 3:17; Ez 48:35; Zc 8:3-8). Antes disso, porém, Deus precisa perdoar os pecados de seu povo (3:21a), pois o Senhor é santo e não pode conviver com a iniquidade.

O povo de Deus pode extrair consolo do fato de que seremos vindicados no Dia do Senhor. Deus jamais deixará de cumprir a promessa de que o arrependimento traz perdão. A mensagem de Joel para nós hoje declara que ainda há tempo para invocarmos o nome do Senhor e sermos perdoados e salvos (cf. 2:12-14,32). Aqueles que se voltam para Deus receberão perdão e desfrutarão das bênçãos descritas na profecia de Joel, incluindo a alegria de viver eternamente na presença de Deus (cf. Ap 21:2-3). Todavia, aqueles que rejeitarem a Deus sofrerão punição e destruição.

Yoilah Yilpet

### Leituras adicionais

ALLEN, Leslie C. *The Books of Joel, Obadiah, Jonah and Micah*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.

DILLARD, Raymond. “Joel” in *The Minor Prophets: An Exegetical & Expository Commentary*. EC. Ed. por Thomas Edward McComiskey. Grand Rapids: Baker, 1993.

PATTERSON, Richard D. “Joel” in *Daniel and the Minor Prophets*. EBC. Ed. por Frank E. Gaebelin. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

# AMÓS

Amós era natural de Judá, Reino do Sul, mais especificamente de Tecoa (1:1a), cidade situada numa região montanhosa a cerca de vinte quilômetros ao sul de Jerusalém. Entretanto, suas profecias foram endereçadas principalmente a Israel, Reino do Norte. Amós disse que não nasceu numa família de profetas, porém recebeu esse chamado de Deus. Antes disso, Amós criava gado e cultivava figos (sicômoros) (7:14-15). A árvore que produz o sicômoro, cujos frutos só aparecem a cada três meses, não cresce na região montanhosa ao redor de Tecoa, de modo que Amós também deve ter trabalhado nas fazendas da planície, de clima mais ameno, e nos férteis vales do vale do rio Jordão, próximo ao mar Morto.

Amós declara que recebeu sua profecia “dois anos antes do terremoto” (1:1c), que provavelmente alcançou grande magnitude, uma vez que Zacarias, escrevendo dois séculos e meio mais tarde, se refere a esse acontecimento como algo que ainda estava na memória do povo: “Fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá” (Zc 14:5). Arqueólogos encontraram evidências de terremotos em Israel que datam da época de Amós. Esse acontecimento deve ter tido importância adicional para Amós porque representava confirmação de suas profecias (8:8; 9:1).

A referência a Uzias no livro de Zacarias conecta as datas registradas em Amós 1:1b: “nos dias de Uzias, rei de Judá” (i. é., 790 a 739 a.C.) e “nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel” (isto é, 793 a 753 a.C.). Naquele tempo, a Assíria (ao norte) e o Egito (ao sul) eram nações fracas, e, portanto, os reis de Israel e Judá desfrutaram longos reinados caracterizados por estabilidade e prosperidade econômica. Além disso, Israel e Judá empreenderam campanhas militares bem-sucedidas e expandiram seus territórios. A campanha de expansão de Jeroboão II em direção ao norte, especialmente até Hamate (2Rs 14:23-29), deu a Israel controle sobre as rotas comerciais que traziam riquezas e prosperidade ao Reino do Norte, que naquela época atingia seu ápice.

Uzias contraiu lepra nos últimos anos de sua vida, porém essa doença sobreveio muito tempo após a morte de Jeroboão; portanto, anos depois do terremoto.

## Esboço

### 1:1-2 Introdução

### 1:3—2:16 Julgamento de Deus

1:3—2:5 Julgamento contra outras nações

2:6-16 Julgamento contra Israel

### 3:1—6:14 As razões para o julgamento de Deus

3:1-15 O pecado de Israel

4:1-13 O pecado de toda uma sociedade

5:1-27 Apelo ao arrependimento

6:1-14 Julgamento por causa da soberba

### 7:1-9 Visões sobre gafanhotos, fogo e prumo

### 7:10-17 Amós sofre oposição

### 8:1-14 A visão das frutas e da fome

### 9:1-10 A destruição de Israel

### 9:11-15 A restauração de Israel

## COMENTÁRIO

### 1:1-2 Introdução

Amós é apresentado como um dos *pastores de Tecoa* (1:1). A palavra hebraica traduzida por “pastores” era utilizada para se referir aos criadores de ovelhas, gente que provavelmente possuía grandes rebanhos de ovelhas e cabras e supervisionava outros pastores. A mesma palavra, traduzida por “criador de gado” (RA) ocorre em 2Reis 3:4 para se referir ao rei de Moabe. A cidade de Tecoa situava-se na região montanhosa da Judeia.

As primeiras palavras de Amós apresentam o Senhor como um leão que *rugirá de Sião* (1:2). Sião, ou Jerusalém, era o lugar de onde Deus reinava e o rugir do leão é um símbolo da ira de Deus. A maioria das pessoas a quem Deus governava eram fazendeiros que perceberiam a ira de Deus por meio da sequeidão nos pastos e até mesmo no topo das montanhas, como o monte Carmelo. Os ouvintes de Amós certamente compreenderam a gravidade da mensagem.

### 1:3—2:16 Julgamento de Deus

Amós trata de uma série de denúncias contra várias nações. Todas essas denúncias seguem o mesmo padrão: primeiro, uma declaração da infalibilidade do julgamento de Deus; depois, uma declaração dos pecados específicos que levaram Deus a intervir; e, por último, Deus revela a respectiva punição para cada nação transgressora.

Cada uma das denúncias começa com as palavras: *Por três transgressões de [...] e por quatro, não sustarei o castigo* (1:6,9,11,13; 2:1,4,6). Essa forma de expressão era



comum na época do AT (Jó 5:19). Três e quatro somam sete, número que simboliza perfeição, completude. Portanto, a expressão representa uma forma poética de declarar que as nações não poderiam fazer nada para impedir o julgamento inevitável de Deus pronunciado por meio de Amós.

### 1:3—2:5 Julgamento contra outras nações

O profeta Joel predisse o julgamento de Deus sobre Tiro e Sidom (consideradas uma única nação), Filístia (Gaza) e Edom, por causa dos maus-tratos dispensados a Judá. Além disso, Joel predisse que Deus deixaria o Egito desolado (Jl 3:1-8,19). Amós anuncia julgamento sobre essas mesmas nações (exceto o Egito) e adiciona Damasco, Amom, Moabe e Judá, num total de sete países. Amós pode ter escolhido esse número para indicar que todas as nações estão sob o julgamento de Deus, ou talvez esteja simplesmente se referindo às nações que eram particularmente inimigas do povo Deus. Embora Judá tivesse a missão de representar o povo de Deus, acabou alienando-se do Senhor e, de modo semelhante às outras nações, rebelou-se contra ele.

A lista de atrocidades registradas nesse capítulo lembra acontecimentos semelhantes na África de hoje, onde mulheres são estupradas, crianças são raptadas e forçadas a lutar, comunidades inteiras são massacradas ou forçadas a viver em acampamentos de refugiados, milhares morrem de fome por causa das guerras civis e minas terrestres impedem a agricultura e a distribuição de alimentos. A ira de Deus se acende contra aqueles que praticam tais coisas.

Ao apresentar sua mensagem de julgamento, Amós se refere às nações mencionadas nos livros históricos de Reis e Crônicas e declara as razões da condenação de cada país:

- Os sírios, cuja cidade mais importante era *Damasco*, foram condenados por sua crueldade. Após derrotarem seus inimigos, os sírios os torturavam com instrumentos utilizados para debulhar grãos (1:3-5). A crueldade deles é mencionada em 2Reis 8:7-15 e 13:3-4. A profecia de destruição e exílio em Quir cumpriu-se por meio do rei assírio Tiglate-Pileser (2Rs 16:9).
- Os filisteus, cujas cidades mais importantes eram *Gaza*, *Asdode* e *Ecrom* (1:6-8), foram condenados por praticarem comércio de escravos. Deus detesta esse tipo de coisa, pois odeia qualquer prática que reduza o ser humano a um objeto de exploração lucrativa. As profecias contra os filisteus cumpriram-se quando essas cidades foram conquistadas pelos assírios: Gaza foi conquistada por Tiglate-Pileser em 734 a.C., Asdode foi conquistada por Sargão em 711 a.C., e Ecrom, por Senaqueribe em 701 a.C.
- *Tiro* era culpada do mesmo pecado cometido pelos filisteus: participar do comércio de escravos. O pecado de Tiro foi agravado pelo fato de que essa prática violava uma aliança de amizade estabelecida anteriormente. Anos atrás, Davi e Salomão desfrutavam bons relacionamentos com Hirão, rei de Tiro. Este providenciou para Davi e Salomão materiais e trabalhadores para ajudar na construção do templo e dos palácios reais (2Sm 5:11-12; 1Rs 5:1-7). Hirão também parece ter conhecido a ascensão de Davi e Salomão ao trono de Israel como obra de Deus, como se percebe na carta que escreveu a Salomão: “Bendito seja, hoje, o SENHOR, que deu a Davi um filho sábio sobre este grande povo” (1Rs 5:7). Salomão e Hirão assinaram um tratado de paz (1Rs 5:12), algo que envolvia muito mais que colocar duas assinaturas numa folha de papel: implicava uma aliança solenizada por meio de rituais religiosos e acompanhada de sacrifícios. Ao desprezar essa aliança, o povo de Tiro pecava contra suas próprias leis. Essa *aliança de irmãos* foi ignorada quando *entregaram todos os cativos* (1:9), vendendo como escravos todos os judeus que caíam em suas mãos. A colíça de Tiro alimentava a crueldade de Edom. Deus prometeu puni-los, promessa que se cumpriu quando Tiro foi conquistada por Nabucodonosor após um longo cerco e, mais tarde em 332 a.C., quando a cidade foi destruída por Alexandre, o Grande.

• O texto fala de *Edom* como *irmão* (1:10) de Israel porque Jacó, pai dos israelitas, e Esaú, pai dos edomitas, eram filhos gêmeos de Isaque (Gn 25:24-30). Apesar disso, os edomitas odiavam os israelitas (1:11) e os compravam como escravos dos filisteus (1:6) e dos habitantes de Tiro (1:9). Deus puniu essa falta de misericórdia com a destruição da cidade de Bozra (1:12).

- O povo de *Amom* também tinha parentesco com os israelitas por meio de Ló, sobrinho de Abraão (Gn 12:5; 19:30-38). Os amonitas cometeram atrocidades enquanto guerreavam contra os israelitas em Gileade a fim de expandir seus limites territoriais (1:13). Deus observou o comportamento deles e punirá esse pecado (1:14-15). Essa mensagem deve servir de alerta a todos os que se apoderam de terras que pertencem a outros.
- O povo de *Moabe* era culpado de profanar uma antiga lei oral, quase universal, sobre o respeito ao corpo (2:1). Deus declarou que esse pecado também será punido (2:2-3).
- Judá é a última nação (com exceção de Israel) a ser julgada. O povo de Judá é culpado de rejeitar as leis de Deus e retornar à idolatria (2:4-5).

### 2:6-16 Julgamento contra Israel

Os israelitas provavelmente sorriam enquanto ouviam as condenações impostas a seus antigos inimigos, como os sírios e os filisteus. Entretanto, devem ter começado a se preocupar quando ouviram as denúncias contra Tiro, antigo aliado, e contra seus parentes de sangue, Edom e Amom, por violarem as leis da irmandade. E provavelmente ficaram bastante perturbados quando ouviram uma série de acusações contra Judá. Há um ditado na língua hausa, falada na Nigéria, que diz: “Quando vir a barba do seu irmão

pegando fogo, jogue água na sua". Sem dúvida, Israel era o próximo da fila.

Na verdade, Israel era o principal alvo da pregação de Amós, cuja missão era avisar ao povo que eles também estavam sob julgamento de Deus. As outras nações comercializavam escravos, mas os israelitas eram tão maus e insensíveis quanto os outros: *vendem o justo por dinheiro e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias (2:6)*. Essas expressões podem referir-se a subornos com o intuito de persuadir os juizes a emitir sentenças desfavoráveis aos inocentes, ou pode referir-se a uma comunidade ou sociedade tão gananciosa que literalmente vendia pessoas à escravidão por um preço não maior que um par de sandálias (cf. 8:6). Havia uma injustiça social claramente desenfreada, oprimindo o pobre e invalidando a justiça (2:7a).

Como se não bastasse, a sociedade declinava moral e socialmente. Pai e filho coabitavam com a mesma prostituta cultural e assim profanavam a lei de Deus (2:7b-8; Lv 18). A existência de prostitutas culturais era sinal de que o povo havia trocado o culto ao Deus dos seus ancestrais pela idolatria. Ao praticar a imoralidade sexual, o povo também violava as leis de Deus quanto à compaixão, pois se deitava *sobre roupas empenhadas (2:8)*, apesar de a lei estipular que essas roupas deveriam retornar ao seu dono original antes do anoitecer (Êx 22:26-27). O desprezo quanto à justiça e à verdadeira religião também transparece nas festas que eles organizavam em seus templos, nas quais bebiam *o vinho dos que foram multados*.

A punição das sete nações foi mencionada imediatamente após as denúncias. Contudo, no caso dos israelitas, a intensidade da culpa fica mais evidente porque o texto menciona esses pecados no contexto daquilo que Deus fez por Israel no passado (2:9-16). O Senhor os protegeu e os supriu durante quatro décadas de andanças pelo deserto (2:10). Mais tarde, ajudou-os a vencer as tribos poderosas que viviam em Canaã, povos que certamente os teriam destruído não fosse o auxílio de Deus (2:9). Os espias salientaram essa questão quando se referiram aos israelitas como "gafanhotos" se comparados aos homens que habitavam Canaã (Nm 13:28,33). Deus também lhes enviou bons líderes para orientá-los, na forma de profetas e nazireus, pessoas totalmente consagradas ao Senhor (2:11; cf. Nm 6:1-21).

Os israelitas não apenas esqueceram a fidelidade de Deus e violaram suas leis, como também amordaçaram os mensageiros de Deus, proibindo os profetas de falar e forçando os nazireus a beber vinho, anulando assim seus votos (2:12).

Deus enviará julgamento por causa dessas transgressões. Embora desfrutassem um período de prosperidade, uma imagem mostra a intensidade do julgamento: a carroça carregada de grãos será destruída (2:13). A declaração de que nem mesmo os fortes, os rápidos (inclusive os montados a cavalo) e os valentes escaparão mostra o alcance da destruição (2:14-16).

A demora de Deus em aplicar seu julgamento não significa que não haverá punição. É tolice presumir que Deus, por ser amoroso e compassivo, deixará de punir o pecado. A única forma de escapar é arrepender-se com sinceridade.

### 3:1—6:14 As razões para o julgamento de Deus

#### 3:1-15 O pecado de Israel

Entre todas as nações da terra, Deus escolheu os israelitas. Protegeu-os e supriu-os de modo extraordinário; abençoou-os e revelou-se especialmente a eles. Logo, deveriam ter reagido com lealdade, amor e obediência. Mas fizeram justamente o contrário: quebraram a aliança que tinham com Deus repetidas vezes, de modo que em breve conheceriam a verdade do provérbio: "Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão" (Lc 12:48). Deus os punirá por causa da opressão que infligiram a outros e pela violação de sua aliança (3:2).

Em 3:1-8, Amós emprega sete exemplos retirados do cotidiano para ilustrar a relação de causa e efeito que resultou na condenação de Israel. As ilustrações iniciam apontando os efeitos e depois tratam da causa. Por exemplo, quando duas pessoas andam juntas por uma estrada, pode-se deduzir que concordaram em viajar na companhia uma da outra (3:3). Do mesmo modo, um leão rugindo indica que está protegendo a presa que apanhou (3:4); deduz-se de um pássaro preso numa armadilha que alguém preparou a cilada; o disparo do laço implica que algo caiu na armadilha (3:5). O nível de violência aumenta gradativamente à medida que Amós apresenta as ilustrações e chega ao ápice nos dois exemplos finais: o toque da trombeta indica emergência militar; o desastre é evidência de que o Senhor está julgando a cidade (3:6). Apesar de amoroso e paciente, Deus julga e traz calamidades sobre Israel.

Esse desastre, contudo, não era surpresa para ninguém, pois o Senhor nunca fez coisa alguma dessa natureza sem antes revelar aos seus servos, os profetas (3:7). Essas revelações predizem coisas que acontecerão em breve ou talvez muitos séculos no futuro, mas que acontecerão com toda a certeza. Conforme costuma dizer o povo hausa, da Nigéria: "Não importa quão alto se atire uma pedra, ela sempre cairá", e: "Não importa quão longa pareça a noite, o amanhecer sempre surgirá".

O povo deve prestar atenção à mensagem e temê-la, pois Amós comunica as palavras do *SENHOR Deus (3:8)*.

Em seguida, Amós convoca dois especialistas na prática da injustiça: os filisteus de Asdode e os egípcios. Essas nações devem ir a Samaria a fim de testemunhar as injustiças cometidas por Israel (3:9). Esses inimigos de longa data de Israel ficarão surpresos em verificar como a opressão e a violência praticadas contra o povo e suas propriedades tornaram-se tão comuns que pareciam estar incorporadas ao caráter dos israelitas. Israel perdeu a noção do correto e do justo (3:10).



Os israelitas confiavam em suas fortalezas e não imaginavam que alguém pudesse capturá-las. Deus, contudo, afirma que fará justamente isso (3:11). O leão mencionado em 3:9 devorará a nação israelita de tal modo que restará apenas alguns fragmentos inúteis (3:12).

Não apenas suas fortalezas serão destruídas, como também suas casas luxuosas (3:15) e os altares em Betel. Esses altares foram erigidos como alternativas ao templo em Jerusalém e tornaram-se lugares de idolatria (3:14; cf. comentários sobre 5:5; cf. 1Rs 12:25-33). A destruição desses locais foi profetizada em 1Rs 13:2 por um profeta anterior a Amós, cuja profecia se cumpriu por meio do rei Josias, de Judá, muito depois de Amós (2Rs 23:15).

As advertências de Amós sobre o julgamento iminente de Deus não surtiram efeito. Os israelitas sentiam-se seguros e acreditavam que o Senhor os resgataria no caso de ameaças. Esqueceram, porém, que o Senhor somente faria isso caso agissem em conformidade com as leis de Deus.

#### 4:1-13 O pecado de toda uma sociedade

As mulheres de Samaria engordavam à custa dos pobres (4:1). Pareciam-se com as vacas que pastavam nas férteis terras de Basã. Por causa disso, seriam levadas como gado para o cativeiro, com anzóis nos lábios e nariz (4:2-3). Os assírios geralmente tratavam seus prisioneiros dessa forma.

Deus odeia a hipocrisia dos israelitas, pois eles mantinham uma fachada de religiosidade. Como se diz, a hipocrisia e o hipopótamo têm algo em comum: ambos mostram somente o rosto, mas não a verdadeira aparência. Os israelitas se orgulhavam de sua obediência aos rituais prescritos na lei à medida que traziam sacrifícios, dízimos e ofertas voluntárias aos santuários em Betel e Gilgal (4:4-5). Entretanto, oprimiam os pobres e ignoravam as leis que prescreviam proteção e tratamento especial aos necessitados (Dt 26:12; 27:19).

O bom pai disciplina seus filhos em amor a fim de corrigi-los (Hb 12:4-11). Por ocasião da celebração das alianças em Levítico 26 e Deuteronômio 28, Deus advertiu seu povo de que os disciplinaria dessa mesma maneira. Assim como qualquer aliança celebrada na Antiguidade, a aliança de Deus estipulava claramente as maldições e punições decorrentes em caso de descumprimento das obrigações. Os infiéis e desobedientes enfrentariam seca, fome, pragas, derrota para os inimigos e devastações. De fato, todos esses desastres sobrevieram a Israel (4:6-11). O relato de cada desgraça termina com as palavras: *contudo, não vos convertestes a mim, disse o SENHOR* (4:8-10). Deus esperava que os israelitas reagissem em arrependimento, mas eles decidiram continuar no pecado.

Esgotados todos os esforços para persuadi-los, Deus promete que virá pessoalmente para julgá-los, de modo que Israel deve se preparar para encontrar-se com o Criador, o *SENHOR, Deus dos Exércitos* (4:12-13). A única saída possível é o arrependimento; caso contrário, a destruição será total. Que situação!

#### 5:1-27 Apelo ao arrependimento

Amós não deseja a destruição de Israel e, portanto, lamenta as desgraças que cairão sobre o povo (5:1-2), lembrando aos israelitas que o Senhor prometeu destruí-los (5:3). Apesar dessa promessa, não é isso o que Deus deseja, de modo que o Senhor apela, por meio de Amós, para que Israel se arrependa e se salve (5:4).

Por que Deus pede ao povo para não ir a Betel, Gilgal e Berseba? (5:5a). Uma das razões diz respeito ao fato de que essas cidades se situavam em pontos estratégicos e, portanto, seriam os primeiros alvos num ataque a Israel e Judá (5:5b). Mas havia outra razão: Betel abrigava um dos bezerros de ouro fabricados por Jeroboão I (1Rs 12:28) e um santuário pertencente ao Reino do Norte (7:13). Todavia, o deus adorado ali não era o Senhor. Logo, havia incompatibilidade de adoração em Betel. Quem buscasse o Senhor, não o encontraria ali. Amós apresenta essa verdade por meio de um trocadilho, dizendo que, caso fossem a Betel ("casa de Deus"), encontrariam apenas Bete-Áven ("casa de iniquidade", ou casa de vaidade, inutilidade), conforme nota na NVI; a RA omite esse jogo de palavras.

Berseba era o local onde Abraão "invocou [...] o nome do SENHOR, Deus Eterno" (Gn 21:33) e onde Deus se revelou a Isaque e Jacó (Gn 26:23-24; 46:1), mas tornou-se lugar de idolatria (cf. 8:14; 2Rs 23:8). Havia certa ironia no fato de o povo buscar a Deus em Berseba, pois Jeroboão I colocou o bezerro de ouro em Betel sob pretexto de que a viagem a Jerusalém era muito longa. Entretanto, a distância entre Samaria e Berseba era quatro vezes maior que a distância entre Samaria e Jerusalém!

Amós não estava apenas exortando o povo a parar de peregrinar aos falsos santuários em Betel ou Berseba, mas que, ao contrário, fosse adorar em Jerusalém. O que Deus desejava é que o povo se arrependesse e o buscasse em sinceridade de coração. Essa era a única forma de sobreviver, conforme afirma o texto por três vezes nesse capítulo (5:4,6,14-15). Ainda que Deus estivesse julgando Israel como nação, havia oportunidade para que os indivíduos se arrependessem e vivessem.

Buscar ao Senhor implicava transformação total na maneira de eles adorarem e se comportarem na vida pública e particular. Deus volta a denunciar a perversão do juízo, que deixa um gosto amargo na boca (conforme sugere o termo *alosna*), e da justiça, o desprezo pelas pessoas que falavam a verdade, a opressão ao pobre e o costume de oferecer e aceitar suborno (5:7,10-11a,12b-13). Uma vez que os tribunais não faziam justiça adequadamente, o pobre, o necessitado e aqueles que não tinham riquezas ou influência viviam à mercê dos opressores.

Esses opressores desprezavam os padrões divinos, mas o Senhor chama a atenção deles para os fatos da vida: o Senhor é quem controla as estações (simbolizadas pelas constelações de Órion e Plêiades [Sete-estrela]) e os períodos de dia e noite (5:8a). Mais que isso: o Senhor controla



as forças da natureza, como as águas do mar e o fogo, que podem destruir facilmente fortalezas e cidades inteiras, nas quais o povo confiava mais que em Deus (5:8b-9). O Senhor conhece o pecado dos opressores, de modo que eles não deveriam presumir que Deus lhes permitiria desfrutar tranquilamente suas belas casas e vinhas (5:11b-12a).

O fato de 5:14 (*Buscai o bem e não o mal, para que vivais*) ser tão parecido com 5:6 (*Buscai ao SENHOR e vivei*) enfatiza a conexão entre a adoração adequada e uma vida correta. Devemos seguir o exemplo do Senhor: aborrecer o mal, amar o bem e estabelecer a justiça (5:15).

Deus promete que haverá pranto, lamentação e angústias quando vier para julgar (5:16-17). O texto mostra que alguns aguardavam a vinda do *Dia do SENHOR*. Entretanto, imaginavam que nesse dia Deus julgaria os inimigos de Israel e exaltaria a nação (5:18a). Amós insiste em que essa não será uma ocasião de alegria e livramento, mas de punição, por causa da perversidade de Israel (5:18b,20). Amós 5:19 ilustra como será esse dia por meio da ideia contida no provérbio: “Escapar da panela para cair no fogo”.

O Senhor estava farto daquela adoração hipócrita do povo. As expressões em 5:21-23 (*Aborreço, desprezo [...] não tenho nenhum prazer [...] não me agradarei [...] afasta de mim [...] não ouvirei*) enfatizam a intensidade dos sentimentos de Deus. O Senhor não aceita adoração de gente que não tem interesse na justiça e na retidão (5:24). Os israelitas esqueceram o Deus que adoraram no deserto e passaram a adorar ídolos que eles mesmos fabricaram (5:25-26). Como punição por essa idolatria e hipocrisia, Deus declara: *... vos desterrarei para além de Damasco* (5:27).

### 6:1-14 Julgamento por causa da soberba

Os seres humanos geralmente são acometidos por um falso senso de segurança quando se tornam ricos e passam a viver confortavelmente, produzindo um estilo de vida que os isola dos fatos do mundo real. O Senhor odeia essa atitude de arrogância, autoconfiança, complacência, materialismo e orgulho que assolava Israel (*monte de Samaria*) e Judá (*monte Sião*) (6:1). Os líderes de Israel consideravam suas cidades superiores às cidades estrangeiras como *Calné* e *Hamate* (ambas possivelmente localizadas ao norte de Israel, na Síria) e *Gate* (a oeste, na Filístia) (6:2). Esse senso de superioridade era infundado, contudo, resultando da riqueza material que levou o povo a confiar em coisas erradas. Na verdade, eles deveriam preocupar-se com a vinda do *dia mau* e a chegada do *trono de violência*, ambos consequências de suas próprias ações (6:3). Em vez disso, os ricos habitantes de Samaria ignoravam completamente as advertências sobre o julgamento iminente de Deus e gastavam suas energias aproveitando as coisas boas da vida: casas luxuosas, gastronomia, música, perfumes, cremes e vinho em abundância (6:4-6). O completo descaso com o bem-estar do país levou Deus a garantir que esses ricos complacentes seriam os primeiros a sofrer quando o julgamento chegasse (6:7).

A soberba de Jacó levou o Deus dos Exércitos a declarar sua destruição por meio de um juramento solene. A partir de agora, não haveria mais volta (6:8). É inútil confiar em fortalezas e cidades; o julgamento destruirá famílias inteiras. Seja por meio de cercos, fome ou praga, a situação será tão horrível que qualquer sobrevivente que disser expressões como “pelo amor de Deus” ou “Deus permita que” receberá a seguinte advertência: *Cala-te, não menciones o nome do SENHOR*, por medo de atrair ainda mais julgamento (6:9-10). Ninguém escapará; até mesmo as construções, desde a maior à menor, serão completamente destruídas (6:11).

Israel inverteu completamente a ordem natural das coisas. Era como se um cavalo se pusesse a correr nas rochas tal qual um cabrito montês, ou como se um boi pudesse lavar pedras. Israel transformou o *juízo*, que deveria ser remédio, em *veneno*; e o *fruto da justiça*, que deveria ser paz e prosperidade, em *amargura* (*alosna*) (6:12).

Israel exultou ao conquistar lugares como *Lo-Debar* e *Carnaim*, que ficavam a leste do rio Jordão (6:13). Contudo, foram conquistas vazias, como demonstra o próprio nome da cidade de Lo-Debar, que significa “nada”. Carnaim significa “chifre”, símbolo de força. Ou seja, Israel alegava ter conquistado essa “força” com suas próprias forças. Deus, porém, é muito mais forte que Israel e preparava uma nação para destruí-los (6:14a). Ao longo da história, Deus chamou vários indivíduos para realizar sua vontade, incluindo juizes, profetas, nazireus, sacerdotes e reis que se dispuseram a servi-lo. Entretanto, também chamou outros como Faraó (Êx 9:16) e a nação a que Amós se refere aqui; essa nação imaginará atuar de modo independente, mas na verdade estará a serviço de Deus, a fim de punir seu povo e levá-lo, no final, ao arrependimento.

Israel sofrerá opressão desde a entrada de *Hamate* até ao ribeiro da *Arabá* (6:14b). *Hamate* era uma cidade fortificada ao norte de Israel que havia sido reconquistada por Jeroboão II (2Rs 14:25,28). O ribeiro de *Arabá* refere-se ao vale ao sul do mar Morto. Essas duas referências geográficas representam os limites territoriais de Israel e Judá. Ou seja, Deus está dizendo que ambas as nações sofrerão. O que antes eles consideravam uma conquista triunfal tornar-se-á motivo de aflições e lamentos.

Essa profecia cumpriu-se quarenta e cinco anos mais tarde quando Tiglate-Pileser invadiu Israel. Se recusarmos os apelos de Deus para nos arrependermos e voltarmos para ele, o Senhor inevitavelmente trará julgamento, ainda que não imediatamente.

### 7:1-9 Visões sobre gafanhotos, fogo e prumo

Amós registra duas visões recebidas do Senhor com relação ao destino dos israelitas. A primeira se refere a um enxame de gafanhotos que destruirá o restante das plantações depois que grande porção da colheita for paga ao rei como imposto (7:1). Para evitar que o país seja devastado pela fome, Amós implora a Deus que poupe seu povo; e Deus

atende (7:2-3). Em seguida, Deus mostra a Amós a visão de um fogo tão intenso que chega a secar o mar (*o grande abismo*) e queimar a terra (*a herança do SENHOR*) (7:4). Amós volta a interceder por seu povo em oração (7:5; cf. Ez 22:30). Devemos seguir o exemplo de Amós e orar por nosso país.

Deus atende à oração de Amós e se arrepende (7:6). “Arrepende” significa que Deus mudou de ideia misericordiosamente e poupou seu povo desobediente por causa da oração de Amós.

Na visão seguinte, o Senhor pergunta: *Que vês tu, Amós?* (7:8). Essa abordagem pessoal (como se falasse a um amigo) chama a atenção para o fato de que o Senhor nos conhece. Deus disse a Moisés: “Eu te conheço pelo teu nome” (Êx 33:17), e Paulo nos diz: “O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2Tm 2:19). Ele diz também: “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13:8). Enfim, Deus nunca muda. Portanto, não devemos ficar magoados quando as pessoas esquecem nosso nome, apesar de o repetirmos várias vezes. Não importa quantos nomes ou apelidos tenhamos, Deus sabe exatamente quem somos.

A intercessão de Amós persuadiu Deus por duas vezes. Todavia, o Senhor precisa julgar o pecado, de modo que mostra a Amós uma terceira visão cujo significado não está claro à primeira vista: Amós viu o Senhor sobre um muro com um prumo na mão (7:7). Como todos sabem, o prumo é um instrumento constituído de um peso amarrado a uma linha e utilizado na construção civil para verificar o alinhamento vertical da edificação. Se uma parede não estiver perfeitamente alinhada com o prumo, terá de ser reconstruída. O padrão de Deus, portanto, mostra que Israel não era uma nação aprumada. Apesar de a nação ter recebido fundamento sólido e obedecido a Deus no início, com o passar do tempo os muros começaram a inclinar conforme aumentavam. Como construtor, Deus não tem outra opção senão derrubar o muro e no processo destruir a estrutura política e econômica de Israel. Esse é o julgamento que Deus pronuncia em 7:7-8 e concede a Amós oportunidade para apelar contra o veredicto.

Deus utiliza essa imagem de construtor no livro de Isaías quando diz: “Farei do juízo a régua e da justiça, o prumo” (Is 28:17). Conforme Amós descreve, Israel apresentava defeitos graves em relação à justiça e retidão de Deus.

Nesse julgamento, assim como no dia do julgamento final, Deus deixa claro que a condenação de Israel não é arbitrária, mas merecida. O prumo *no meio* de seu povo serve para mostrar que o Senhor julgará todas as nações na exata proporção da culpa de cada uma delas.

### 7:10-17 Amós sofre oposição

*Amazias, o sacerdote de Betel*, provavelmente era uma imitação do sumo sacerdote da ordem de Arão (cujo cargo fora designado por Deus) que servia no templo em Jerusalém. Uma vez que o altar em Betel pretendia imitar o templo de

Jerusalém, não surpreende que possuísse cargos semelhantes. Amazias talvez estivesse preocupado que a pregação de Amós, “Não busqueis a Betel” (5:5), afetasse sua influência e poder (como aconteceu com Demétrio, o ourives; At 19:23-27). Contudo, não foi essa preocupação que Amazias apresentou ao rei Jeroboão. Antes, disse que o profeta era uma ameaça política, alegando que *Amós tem conspirado contra ti* (7:10-11). Essa tática foi empregada pelos adversários de Jesus perante Pilatos: “Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!” (Jo 19:12) e também contra Paulo (At 16:20-21; cf. tb. 17:6-7).

A oposição de Amazias sugere que a mensagem de Amós era poderosa e atraía atenção, conforme se percebe no emprego do verbo “conspirar”, implicando que Amós não agia sozinho. Juntando isso às advertências de Amazias para que Amós voltasse ao lugar de onde saiu, isto é, voltasse a Tecoa, em Judá (7:12a; cf. 1:1), temos um quadro sugerindo que Amazias suspeitava que Amós estivesse a serviço do rei de Judá e defendesse os interesses de Judá. Embora fosse uma alegação falsa, o simples fato de que poderia ser formulada sugere que alguns israelitas refletiram sobre a mensagem de Amós, corrigiram sua vida e agora adoravam a Deus juntamente com o profeta.

Além de falsificar a mensagem de Amós ao sugerir que ele participava de uma conspiração, Amazias também omitiu parte da mensagem e relatou somente as palavras de julgamento, deixando de fora as razões que ocasionaram o julgamento pronunciado por Amós: a injustiça que prevalecia em Israel. Ele também omitiu a possibilidade de evitar a destruição, implícita no chamado ao arrependimento, e as declarações de que Deus os salvaria caso o buscassem (5:4). Além disso, não mencionou a intercessão de Amós pelo povo. Esse modo de apresentar a verdade não difere de uma mentira descarada.

Aparentemente, Jeroboão não deu atenção ao relatório de Amazias, talvez em respeito à memória do profeta Eliseu, que profetizou o sucesso militar de seu pai (cf. 2Rs 13:14-25). Amazias, portanto, decidiu confrontar Amós pessoalmente. Como muitos hoje em dia, Amazias presumiu que as pessoas só trabalham na obra de Deus para obter ganho financeiro e pediu que Amós fosse ganhar a vida em outro lugar (7:12b).

Amós respondeu de imediato e disse que não era profeta, mas boieiro e colhedor de sicômoros (7:14; cf. introdução a esse comentário em 1:1), trabalho que ainda estaria exercendo não fosse o fato de o Senhor tê-lo chamado para profetizar em Israel (7:15). É por isso que Amós sempre introduzia suas profecias com frases: “Assim diz o SENHOR” (cf., p. ex., 1:3,6; 2:1). Tendo recebido autoridade de Deus para comunicar a mensagem, Amós não podia ser silenciado, e qualquer oposição à sua mensagem seria punida. Amazias morrerá no exílio, e o exército invasor abusará de sua esposa, matará seus filhos e tomará posse de suas terras (7:16-17).



### 8:1-14 A visão das frutas e da fome

A última visão de Amós apresenta *um cesto de frutos de verão* (isto é, frutos de fim de estação, inteiramente maduros) (8:1). Frutos maduros apodrecem rapidamente; portanto, a imagem das frutas revela que Israel está pronto para a destruição (8:2-3). O Senhor não deu oportunidade para Amós interceder pelo povo. O julgamento chegou!

Deus se preocupa especialmente com os pobres, de modo que sua ira é dirigida particularmente àqueles que abusam dos miseráveis (8:4). Os opressores se preocupavam tanto em ganhar dinheiro que consideravam empecilhos as festas religiosas instruídas por Deus, pois elas interferiam em seus negócios. Em particular, protestavam contra a festa da lua nova e o sábado. A primeira festa celebrava Deus como Criador de um universo cuidadosamente ordenado. Essa celebração acontecia no primeiro dia de cada mês e era acompanhada de ofertas especiais (Nm 28:11-15). Vender e trabalhar eram atividades proibidas nesse dia e também no sábado, dia de descanso decretado pelo Senhor (Êx 20:8-11; Dt 5:12-15).

Amós denunciou aqueles que consideravam esses festivais rituais sem sentido. Embora participassem das festas, demonstravam má vontade e impaciência para que elas terminassem logo (8:5a), pois para eles esses momentos interrompiam seus negócios corruptos e gananciosos. Não admira a denúncia de Deus: “Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29:13).

Eles oravam a Deus no sábado, mas fraudavam os pobres em todas as transações comerciais nos outros seis dias: trapaceavam nas medidas, cobravam a mais e usavam *balanças enganadoras* (8:5b). Deus proibiu expressamente esse tipo de coisa quando ordenou: “Na tua bolsa, não terás pesos diversos, um grande e um pequeno. Na tua casa, não terás duas sortes de efa, um grande e um pequeno. Terás peso integral e justo, efa integral e justo; para que se prolonguem os teus dias na terra que te dá o SENHOR, teu Deus” (Dt 25:13-15).

A opressão dos ricos foi tão grande que os pobres, após perderem todo seu dinheiro e até mesmo suas terras, tiveram de vender a si mesmos como escravos aos ricos, condição que violava claramente o mandamento de Deus (Lv 25:39-42). O texto registra que os pobres eram vendidos pelo preço de *um par de sandálias* (8:6a; 2:6). Que desprezo por um ser humano criado à imagem de Deus! É possível que a frase não se refira tanto ao preço das sandálias, mas à forma pela qual as pessoas se tornavam escravas. Por exemplo, se um homem pobre comprasse um par de sandálias a crédito e não conseguisse realizar o pagamento no dia marcado, o credor poderia vendê-lo (ou vender algum membro de sua família) como escravo a fim de pagar esse pequeno débito (cf. 2Rs 4:1). O abuso demonstrado aqui é semelhante àquelas empresas inescrupulosas que incitam as pessoas a comprar coisas caras e depois fixam parcelas

exorbitantes que levam o comprador a pagar uma quantia muito superior ao valor do produto.

Eles não apenas trapaceavam nas balanças ao vender grãos em menor quantidade e por um preço inflacionado, mas também vendiam produtos de qualidade inferior; isto é, grãos misturados com *refugo* de trigo (8:6b). Esse refugo se refere aos grãos que deveriam ser descartados ou utilizados para alimentar os animais, mas em vez disso eram misturados aos grãos e vendidos.

Essas práticas comerciais não existiram somente na época de Amós. Alguns comerciantes locais atualmente ainda encontram jeitinhos para elevar o fundo das balanças a fim de fraudar consumidores desatentos. Outros ajustam a balança de forma que não mostre o peso verdadeiro. Ao vender sacos de batatas, laranjas, tomates e outras frutas, alguns comerciantes colocam produtos menores, de má qualidade ou defeituosos no fundo do saco, afirmando que todos os produtos têm a mesma qualidade dos que se veem em cima. Azeite bom é misturado a outros produtos mais baratos ou de baixa qualidade. Algumas dessas trapagens não apenas roubam dinheiro dos consumidores, como também podem causar males à saúde. A condenação de Amós contra essas práticas desonestas ainda repercute em nossos dias. Precisamos levar a sério essa profecia.

Por fim, além de levar a pior com essas práticas desonestas, os pobres eram menosprezados pelos mercadores como seres insignificantes. Todavia, não é dessa forma que Deus os vê. Trapagens na venda de produtos ou em qualquer outra forma de negócios não é um pecado sem importância que passa despercebido, pois o Senhor observa e conhece todas as coisas (Sl 139:7-12) e não há nada que possamos esconder dele. Sobre essas coisas, Deus prometeu: *Eu não me esquecerei de todas as suas obras, para sempre!* (8:7).

Parte do julgamento de Deus virá na forma de um terremoto que *enlutará* toda a região (8:8). Devemos lembrar que a profecia de Amós foi pronunciada “dois anos antes do terremoto” (1:1). Deus dará outro sinal de seu julgamento naquele dia: *Farei que o sol se ponha ao meio-dia e entenebreçerei a terra em dia claro* (8:9). Não houve nenhum eclipse solar anterior que pudesse ter sugerido essa imagem ao profeta, de modo que se tratou de uma revelação direta do Senhor. Essa profecia se cumpriu no eclipse de 784 a.C., alguns anos depois, no ano da morte do rei Jeroboão II. Diz-se que esse eclipse alcançou seu ponto máximo em Jerusalém, logo após o meio-dia. Houve um segundo eclipse vários anos depois.

Os céticos talvez questionem por que um fenômeno natural como um eclipse solar haveria de ter alguma conexão com um julgamento moral de Deus. A resposta é que Deus pode utilizar esse tipo de acontecimento quando associado às predições de um profeta, como no caso de Amós. Além disso, precisamos lembrar que na época de Amós muitas pessoas adoravam o sol e a lua como deuses. A aparente derrota do sol poderia ser interpretada em termos religiosos.

Seria um tempo não apenas de escuridão literal, mas também de luto e tristeza em todos os lares. As festas religiosas seriam substituídas por um terrível jejum: *Enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR (8:10-11)*. Caso eles não prestem atenção às palavras de Deus por meio de seus profetas, como Amós, o Senhor deixará de falar com o povo. Eles procurarão suas palavras em todos os lugares, *de mar a mar* (o mar Morto, ao sul, até o mar Mediterrâneo, a oeste) *e do Norte até o Oriente* (leste), cobrindo toda a extensão da bússola, mas o Senhor não será encontrado (8:12).

Até os jovens desmaiarão e morrerão de exaustão, ainda tragicamente buscando falsos ídolos enquanto morrem (8:14). Os anciãos são culpados pela morte desses *jovens e virgens formosas*, pois nunca deram atenção às palavras de Deus no passado, e agora era tarde demais. E se até os jovens morrem, que esperança há para os mais velhos?

### 9:1-10 A destruição de Israel

É horrível quando Deus precisa destruir seu povo em vez de abençoá-lo. Quando o povo age corretamente, espera ser abençoado pelo Senhor (5:14). Mas, quando decide pecar, não deveria surpreender-se com a punição. Quem coloca a mão no fogo sabe que ela sairá queimada.

Um provérbio de nossos anciãos africanos diz: “Se você se recusa a ouvir, não se recusará a ver”. Quando a ira de Deus se acende a ponto de levá-lo a castigar seu povo (9:1), não há como escapar (9:2-3). Até mesmo as pessoas que serão levadas cativas para terras estrangeiras perceberão que nenhum ídolo ou rei estrangeiro poderá protegê-las do Deus que *fixou os olhos sobre eles, para o mal e não para o bem* (9:4). Eles não deveriam surpreender-se com o alcance do poder do Senhor, pois ele *é o SENHOR dos Exércitos*, aquele que controla os céus, a terra e o mar (9:5-6).

A profecia de Amós começou com a condenação das nações vizinhas a Israel (1:3—2:5), e agora o profeta volta a falar delas, destacando que Deus, em sua justiça, julga Israel do mesmo modo que julga as outras nações. O povo de Israel está errado em achar que Deus os considera mais valiosos que os *etíopes* que vivem no norte da África. É verdade que Deus tirou os israelitas do Egito; contudo, não foram os únicos que Deus tirou de um lugar e levou para outro: o Senhor trouxe os filisteus de um lugar chamado Caftor (que pode referir-se à ilha de Creta ou Chipre) e trouxe os siros (também chamados de arameus) de Quir (mesmo lugar ao qual os siros retornarão sob julgamento de Deus; 1:5) (9:7). Israel saberá que *os olhos do SENHOR Deus estão contra este reino pecador* e que Deus os destruirá por causa de seus pecados (9:8a).

No entanto, embora Deus vá julgar Israel da mesma forma que julga as outras nações, também é verdade que Israel tem um relacionamento especial com o Senhor como

povo escolhido, e, portanto, Deus não destruirá *de toda a casa de Jacó (9:8b)*. Em 5:14-15, há indicações de que Deus, mesmo em meio ao julgamento, terá misericórdia daqueles que o temem. Quando Deus sacudir Israel *como se sacode trigo no crivo*, os grãos bons passarão pela peneira, mas os *pecadores do meu povo*, aqueles que não se arrependem, serão destruídos (9:9-10).

### 9:11-15 A restauração de Israel

Todas as referências anteriores a “naquele dia” ou “no dia em que” em Amós (2:16; 3:14; 8:3) falam de um dia de escuridão e destruição; agora, porém, o texto muda de tom, e aquele dia passa a ser representado como um dia de renovação para o povo de Deus (9:11). Israel é chamado então *de o tabernáculo caído de Davi* que será reconstruído *como fora nos dias da antiguidade*. Essa menção a Davi indica que Deus não esqueceu sua promessa de estabelecer o trono de Davi eternamente (2Sm 7:10-16). Também indica que Israel e Judá voltarão a ser um único reino. O povo de Israel restaurado cumprirá a promessa de Deus a Abraão (Gn 12:3): “Todas as famílias da terra” serão abençoadas por meio do patriarca e seus descendentes.

A promessa de que o povo de Israel restaurado possuirá *o restante de Edom* refere-se ao que foi dito anteriormente sobre a destruição de Edom em 1:12. Haverá um remanescente de Edom, assim como haverá um remanescente de Israel. No entanto, Edom deixará de ser uma nação hostil e será incorporada a Israel (9:12), juntamente com todas as outras nações *chamadas pelo meu nome*, isto é, os gentios que serão salvos ao invocar o nome do Senhor nos últimos dias.

Quanto às maldições anteriores trazendo secas, ressecamento sobre a terra (4:6-9), doenças e exílio sobre o povo, além de impedi-los de aproveitar os frutos de seu trabalho (4:10; 5:11), elas serão removidas e substituídas pelas bênçãos da aliança. A terra produzirá em abundância, a tal ponto que o lavrador que sair a semear uma nova colheita ainda encontrará pessoas colhendo os frutos da colheita anterior (9:13). Toda gente viverá em segurança e terá uma vida produtiva, desfrutando os resultados de seu trabalho (9:14). É uma promessa de paz e abundância.

O livro conclui com Deus pronunciando uma promessa solene de que, após a tempestade de seu julgamento, plantará Israel na terra que lhes deu, de onde nunca mais serão arrancados (9:15).

Daniel Bitrus

### Leituras adicionais

CRIPPS, Richard S. ed. *A Critical & Exegetical Commentary on the Book of Amos*. London: SPCK, 1969.

McCOMISKEY, Thomas Edwards. ed. *Hosea, Joel, Amos*. Vol. 1 de *The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary*. Grand Rapids: Baker, 1992.



# OBADIAS

## COMENTÁRIO

Tudo o que sabemos sobre o autor de Obadias é seu nome (que significa “aquele que serve a Deus”). O significado de seu nome é importante, pois, assim como os nomes africanos, os nomes hebraicos são mais que mera identificação: podem expressar uma oração, honrar uma divindade ou referir-se a algum acontecimento.

Obadias parece utilizar elementos de outras fontes em sua visão (cf. 1-9 e Jr 49:7-22). Da mesma forma que a tradição oral africana, as mensagens transmitidas por meio de visões tornavam-se propriedade da comunidade; o mais importante era a mensagem, não a pessoa que a comunicava.

A alusão à captura de Jerusalém nos versículos 10-14 auxilia na datação do livro, pois os babilônios capturaram a cidade ao redor de 587 a.C. Outros registros mostram claramente a participação dos edomitas naquele período (Sl 137:7; Lm 4:21-22; Ez 25:12-14; 35:1-15).

Assim como Naum e Habacuque, Obadias enfatiza o governo universal de Deus ao pronunciar o julgamento divino sobre Edom: os edomitas não escaparão ilesos após o que fizeram a Israel. A intensidade com que o autor exprime o desejo de vingança contra os inimigos de Israel ocorre somente em alguns salmos (p. ex., Sl 139:19-22). O texto não trata dos pecados de Israel que resultaram na queda de Jerusalém.

A resposta de Javé às ações de Edom é tranquilizadora e trata de algo maior que mera vingança. Como Senhor soberano da história, Deus está sempre trabalhando para implementar seus propósitos por meio de acontecimentos passados, presentes e futuros. Sua mensagem de justiça é direcionada tanto aos edomitas como aos israelitas.

### Esboço

#### 1 Introdução

#### 2-9 A destruição de Edom

#### 10-14 As razões para a destruição de Edom

#### 15-16, 18 O terrível Dia do Senhor

#### 17, 19-21 A restauração de Israel

### 1 Introdução

Trata-se de uma *visão* (1a), termo empregado aqui para se referir à revelação de Deus sobre algo que acontecerá no futuro. O indivíduo que recebeu essa visão enxerga coisas além das aparências superficiais e percebe o significado real por trás dos fatos.

A fonte da revelação de Obadias era o *SENHOR Deus* (1b). *SENHOR* aqui se refere ao nome de Deus, Javé, indicando sua soberania, isto é, sua autoridade ilimitada para julgar. Portanto, o texto desde o início chama a atenção para o fato de que estamos lidando com o Deus da história e que essa visão se encaixa nos propósitos do Senhor para o mundo.

Na África, adivinhadores ou videntes exercem forte influência. Contudo, a maioria dessas pessoas não conhece o Deus que falou com Obadias, Deus cujo poder é muitíssimo superior ao deles. Os africanos precisam conhecer esse Deus, Senhor da história e juiz do mundo, a fim de serem libertados da influência desses videntes.

A visão que Obadias recebeu tratava de Edom (1b). No AT, o termo Edom às vezes é empregado para se referir a Esaú (Gn 25:30; 36:1,19). Outras vezes, refere-se à tribo de Edom (Nm 20:18,20-21; Am 1:6,11; 9:12; Ml 1:4) e à região habitada por essa tribo (Gn 32:3; 36:31; Nm 24:18), que se estendia 160 km a partir do ribeiro de Zeredé, ao norte (demarcando a fronteira com Moabe) até o golfo de Ácaba, ao sul (onde começava o território dos midianitas). É uma região de relevo acidentado, e seu solo, embora não muito fértil, favorece algumas atividades agrícolas. Os vários significados de “Edom” refletem a compreensão hebraica sobre o conceito de personalidade, em que um indivíduo compartilha a personalidade corporativa da tribo e é identificado com uma porção específica do território.

A maioria das referências a Edom no AT diz respeito à tribo e ao país de mesmo nome. Contudo, o relacionamento histórico entre Esaú e Jacó (filhos de Isaque) não foi esquecido pelos israelitas (Dt 23:7-8) e representa um elemento importante no livro de Obadias.

O livro de Deuteronômio promove uma atitude de tolerância para com Edom (Dt 23:8). Alguns dos amigos de Jó talvez fossem edomitas. Entretanto, havia hostilidades constantes entre Israel e Edom (2Sm 8:13-14; 1Rs 11:15-16; 2Rs 14:7; 2Cr 25:11-12). Muitos profetas israelitas consideravam os edomitas um povo que não conhecia a Deus e, portanto, sujeito ao julgamento divino (Is 11:14; 34:5-17; Jr 49:7-22; Ez 35). Amós condena repetidas vezes



o comércio de escravos (Am 1:6,9) e a crueldade dos edomitas (Am 1:11-12).

Nesse momento, a visão é interrompida por um interlúdio que parece envolver um relatório elaborado por meio de um serviço de inteligência. A fonte dessas informações é bastante clara: *Temos ouvido as novas do SENHOR (1c)*. Quem é o sujeito oculto dessa frase? Talvez se refira a alguma escola ou associação de profetas a quem Deus transmitiu essas informações. Seja como for, a ideia do texto é que a mensagem foi ouvida por muitos, e não apenas por Obadias.

As sociedades humanas se desenvolvem a partir de informações recebidas por notícias, fofocas, relatórios e discursos. Em particular, relatórios de guerra provocam inquietações e induzem à necessidade de proteção coletiva. Esse tipo de relatório deve ser levado a sério quando comunicado por Deus.

A composição da aliança mencionada no texto envolve um grupo de nações que lançará um ataque sobre Edom. O mensageiro diz: *Levante-nos contra Edom, para a guerra (1d)*.

## 2-9 A destruição de Edom

Em seguida, Deus decreta seu julgamento sobre Edom: *Eis que te fiz pequeno entre as nações (2)*. Edom será humilhado e reduzido à insignificância, isto é, diminuirá em tamanho e perderá sua honra, conforme enfatiza o texto: *Tu és muito desprezado*. As nações, assim como os seres humanos, possuem um senso próprio de valor e autoestima. Esse senso de dignidade baseia-se em poderio militar, comércio, ciência, união e harmonia cultural, sistema econômico, área territorial e densidade populacional. Todas essas coisas geram orgulho e ambição, especialmente entre as classes dominantes, e podem produzir conflitos em um país. É importante compreender as diversas características do caráter de uma nação, assim como lidar com as pessoas que tendem a enfraquecer sua verdadeira grandeza.

O senso de valor próprio levou à *soberba do coração (3)*. O coração é considerado a sede de nossa personalidade e pensamentos; consequentemente, a soberba nacional tem sua origem no coração das pessoas, o verdadeiro centro da personalidade individual e nacional. A soberba leva à auto-decepção, distorcendo nossa autoestima como indivíduos e grupos e incentivando ambições exageradas. Edom tinha ambições territoriais e econômicas e queria expandir suas riquezas à custa das outras nações. Era dessa forma uma ameaça à paz e segurança das demais nações.

Edom se considerava invencível por causa de suas poderosas defesas naturais, daí a menção às *fendas das rochas* (v. 2), onde pássaros e animais se refugiavam de caçadores e predadores. Nós também confiamos em certas coisas para nos proteger, incluindo amuletos, força militar, identidade étnica, bruxarias, ideologias culturais de dominação masculina e influência política. Precisamos refletir sobre a razão

de procurarmos refúgio nessas coisas em vez de confiarmos em Deus.

A pergunta retórica: *Quem me deitará por terra?* (v. 3) espera uma resposta negativa e salienta o orgulho de Edom e a confiança em suas próprias forças; para eles, não havia força capaz de derrotá-los. Todavia, muitas vezes o poder é ilusório e transmite um falso senso de segurança. Edom desafiou (ou quem sabe se esqueceu de levar em consideração) o poder do Senhor sobre a história. Discordando de Edom, Deus diz: *Se te remontares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derribarei, diz o SENHOR (4)*. A águia alçando voo e observando a terra com sua visão aguçada é um símbolo de orgulho. Edom talvez tivesse algum poder, porém lhe faltava visão. Eles não perceberam que Javé, Senhor soberano sobre o universo (e não um mero deus tribal), destruirá seu orgulho extremado.

O tema da revelação profética muda do orgulho para a crueldade (5). O ladrão não consegue carregar muita coisa, de modo que tem de selecionar o que deseja levar e abandonar o restante. Seguindo a mesma analogia, os vindimadores não conseguem colher todas as uvas, e sempre havia a possibilidade de deixarem deliberadamente alguns cachos para os pobres, conforme exigia a lei mosaica (Dt 24:21). Entretanto, nada será poupado em Edom: *Como foram rebuscados os bens de Esaú! (6a)*. Todas as riquezas serão roubadas ou destruídas, e o país ficará em ruínas. Até mesmo seus *tesouros escondidos* serão saqueados (6b). Edom, além de situar-se numa importante rota comercial, também minerava ferro e cobre. Desse modo, os edomitas acumularam riquezas que, de acordo com o historiador grego Diodoro Sículo, eram guardadas em cofres escondidos em rochas. Nem mesmo esses tesouros ocultos escaparão da pilhagem.

A exclamação *Como estás destruído!* (5) salienta a intensidade da calamidade que aguarda os despreocupados edomitas (cf. tb. Jr 49:8).

Apesar de ricos e orgulhosos, Edom não era uma nação militar poderosa. A fim de evitar ataques e garantir paz e segurança interna, contavam basicamente com suas excelentes defesas naturais e com alianças militares e políticas com outros países. Obadias, porém, informa que Edom será traído por seus aliados e amigos, isto é, aqueles *que comem o teu pão (7)*. Os aliados de Edom não apenas romperam o pacto, como também conspiravam secretamente contra Edom. De modo geral, os indivíduos também se envolvem em alianças com amigos, cônjuge, partidos políticos e sistemas econômicos. Trair uma aliança é um crime gravíssimo. Porém, quantos de nós e de nossos líderes africanos levamos em consideração o poder de Deus em nossas alianças? Será que somos fiéis a essas alianças?

Em seguida, a visão avança da destruição das riquezas para a destruição do povo. A expressão *naquele dia*, empregada para introduzir essa seção, representa um oráculo profético comum para se referir a algo que acontecerá num

## VIOLÊNCIA

Violência é uso da força (não necessariamente da força física) para ferir ou ofender alguém. Ela pode ser cometida por indivíduos, grupos ou instituições. As pessoas são tratadas com violência quando não lhes é permitido acesso a justiça, igualdade, liberdade e dignidade humana. Esse tipo de violência geralmente tem origem em tribalismo, colonialismo, discriminação sexual e intolerância religiosa, mas também pode ser provocada por ganância (Jr 22:17). A violência individual origina-se na maldade do coração, ao passo que a violência institucional resulta de todo um sistema social imerso em maldade.

A Bíblia deixa claro que Deus odeia a violência (Gn 6:11,13; Mt 2:16) e nos instrui a evitá-la: “Afastai a violência e a opressão e praticai juízo e justiça” (Ez 45:9; cf. tb. Jr 22:3). Jesus pronunciou uma bênção especial para aqueles que puseram fim à violência: “Bem-aventurados os pacificadores” (Mt 5:9).

Os seres humanos geralmente reagem à violência com violência, à espada com espada, ao mal com mal. Contudo, a violência não pode ser vencida pela violência. Tudo o que regimes revolucionários conseguiram foi instaurar regimes mais violentos que seus predecessores. A Bíblia confirma essa questão quando diz: “Sobre a própria moileira desce a sua violência” (Sl 7:16) e “Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (Mt 26:52).

Em contraste, Jesus nos pede para vencer a violência com a paz (Rm 12:17-21), a espada com o perdão, o mal com o bem (Lc 6:27-31) e o ódio com o amor. Jesus e seus apóstolos exemplificaram essa atitude de não-violência ao optarem por não retaliar o mal recebido (1Pe 2:20-24).

A atitude de Jesus com relação à violência baseava-se em seu conhecimento da natureza de Deus, soberano juiz e governante, e da natureza de sua missão. Jesus deixou de retaliar não porque era fraco, mas porque escolheu deliberadamente demonstrar o poder de Deus sobre todas as circunstâncias humanas. Cristo também tratou da raiz da violência humana, isto é, o mal e o pecado no co-

ração. Com isso em mente, Jesus suportou pacientemente a violência do Sinédrio judaico e do governo romano até o momento de sua ressurreição dos mortos, quando derrotou ambos. O caminho da cruz traz libertação eterna e erradicação do mal.

Os cristãos são chamados a imitar Cristo com relação à violência. Entretanto, para atingir esse objetivo é necessário estabelecer profunda disciplina espiritual. Nossa paciência e perseverança devem estar firmemente baseadas na soberania de Deus, na vinda de seu reino e em seu poder para transformar as pessoas. Por meio da obra redentora de nosso Senhor Jesus Cristo, podemos contar com a graça do Espírito Santo que nos capacita a ir muito além das exigências da justiça humana. Fazer isso libertará um poder moral e espiritual incrível.

Contudo, seguir a Jesus implica que o cristão nunca deve utilizar a força? Santo Agostinho debateu-se com esse problema e argumentou que, embora não devamos usar a força para reparar injustiças e violências cometidas contra nós, é possível fazer uso controlado da violência para desafiar um agressor, pôr fim a suas agressões e defender ou libertar os oprimidos. Esse ensinamento se aplica tanto à violência física quanto institucional.

A efetividade do modelo de Jesus pode ser percebida na influência duradoura de seu exemplo. Os movimentos modernos de não-violência, como os liderados por Gandhi e Martin Luther King Jr., basearam-se nos ensinamentos cristãos de mansidão, paz, amor, paciência, graça, justiça e dignidade humana. Movimentos como a teologia da libertação na América Latina, a teologia negra nos EUA, a teologia feminista e a teologia cultural também se fundamentam na Bíblia, embora incluam outras fontes, como as teorias marxistas sobre a sociedade. Por outro lado, Nelson Mandela e seu partido, o Congresso Nacional Africano, não adotaram o método da não-violência, pois empreenderam luta armada contra o *apartheid*. Entretanto, após sua libertação da prisão, Mandela aplicou o perdão incondicional e o poder do amor para desarmar aqueles que ainda apoiavam o *apartheid*.

Yusufu Turaki

futuro indefinido. No momento oportuno, o Senhor fará *percecer os sábios de Edom* (8). A classe intelectual sempre foi um segmento importante de qualquer sociedade, liderando e indicando o caminho à civilização e à cultura. Uma nação desprovida de liderança intelectual está condenada à pobreza cultural, espiritual, econômica, social e política. Contudo, nem mesmo toda a sabedoria dos sábios de Edom será capaz de compreender os sinais dos tempos.

*Temã* (9) era uma das cidades mais importantes de Edom. Apesar disso, seus guerreiros serão atemorizados e massacrados junto com todos os outros. A função do exército é proteger o povo e seus líderes políticos, de modo

que uma nação não pode prosperar sem a presença de um exército para defendê-la de agressões externas. As perspectivas do futuro de Edom após o julgamento de Deus são desanimadoras.

### 10-14 As razões para a destruição de Edom

Finalmente, o texto informa a razão de todas as desgraças que aguardam Edom: *Por causa da violência feita a teu irmão Jacó* (10). A Bíblia muitas vezes se refere a uma nação como se fosse uma pessoa, de modo que Jacó se refere a Judá (Israel), assim como Esaú, nos versículos 6, 8 e 9, se refere a Edom. Ambas as nações experimentaram as



consequências da vida de seus progenitores. O relacionamento de Edom e Esaú prenunciava o relacionamento histórico de seus descendentes: “Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço” (Gn 25:23; cf. tb. Gn 27:39-40).

Houve períodos em que Edom foi dominado por Israel. Contudo, em sua busca por independência, Edom empregou violência desmedida, conforme denuncia o profeta por meio de um resumo das evidências contra Edom. Se essas crueldades fossem praticadas hoje, seriam consideradas crime contra a humanidade. Edom não interveio a favor de Jacó quando Jerusalém foi saqueada por estrangeiros; pelo contrário, até mesmo participou da pilhagem (11). Desprezava Judá e se alegrava com as desgraças que atingiram Jerusalém. Além disso, orgulhava-se de sua segurança e exultava com a destruição de seu irmão vizinho (12). Edom tomou parte na pilhagem de Jerusalém (13), matou os fugitivos de Judá (inclusive devolvendo alguns destes aos inimigos) (14). Enfim, Edom não demonstrou misericórdia para com Judá; pelo contrário, contribuiu para seu sofrimento.

Orgulho e desejo de vingança motivaram o comportamento de Edom, assim como ainda hoje contaminam muitas guerras na África. Orgulho e alianças tribais têm gerado conflitos e movimentos de purificação étnica que ameaçam a paz e a estabilidade no continente africano. Ninguém demonstra preocupação com a condição dos refugiados e exilados políticos. Precisamos empenhar-nos no bem-estar dos outros e encorajar nossos líderes a fazer a mesma coisa, ao mesmo tempo que nos arrependemos e pedimos perdão a Deus por nosso próprio orgulho.

A hostilidade contínua entre Edom e Israel contrasta de maneira notável com a reconciliação entre Esaú e Jacó (Gn 33:10-11), que decidiram pôr de lado as mágoas do passado. A história de Esaú e Jacó chama a atenção para o fato de que nosso destino não está selado; maldições podem ser quebradas e relacionamentos podem ser restaurados. Provavelmente, algumas pessoas, tanto em Edom quanto em Israel, fomentaram os aspectos negativos da história entre os irmãos e com isso trouxeram consequências desastro-

sas para ambas as nações. A África precisa precaver-se contra aqueles que perpetuam mágoas históricas.

### 15-16, 18 O terrível Dia do Senhor

Obadias deixa claro que o julgamento do *Dia do SENHOR* (15) se aplica a todas as nações, incluindo Edom. Naquele dia, prevalecerá o antigo princípio “olho por olho”. Edom receberá o que mereceu e sofrerá o mesmo destino que infligi aos outros. *Serão como se nunca tivessem sido* (16), tal qual palha no fogo (18, NVI). A frase *porque o SENHOR o falou* deixa claro que essa sentença é irrevogável. Edom deve preparar-se para encontrar-se com o seu Deus.

### 17, 19-21 A restauração de Israel

Edom será destruído, mas Israel sobreviverá (17-18). O território dos edomitas será ocupado por outros povos (entre os quais, israelitas sobreviventes<sup>da</sup> dispersão). Uma vez que Edom era parte de uma coalizão, o território filisteu também será ocupado. O povo de Neguebe habitará em Edom, ao passo que os habitantes das colinas a oeste de Hebrom se deslocarão para o território filisteu (19). Os israelitas dos reinos do Norte (*Israel*) e do Sul (*Jerusalém*) que retornarão do exílio assentar-se-ão numa faixa de terra que abrange desde o Neguebe, ao sul, até Sarepta, ao norte, em território sidônio (20). Edom será governado por Jerusalém (21). Os líderes de Jerusalém serão chamados *salvadores* e estarão a serviço de Javé, pois o reino lhe pertence. Quando as nações não agem com justiça, Deus as remove a fim de estabelecer seu governo divino (cf. Ez 34:11-16; 36:1-7).

Augustine Musopole

#### Leituras adicionais

ALLEN, Leslie. *Joel, Obadiah, Jonah and Micah*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.

EATON, J. H. *Obadiah, Nahum, Habakkuk and Zephaniah*. TBC. London, SCM, 1961.

WATTS, John D. W. *Joel, Obadiah, Jonah, Nahum, Habakkuk and Zephaniah*. CBC. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

# JONAS

O livro de Jonas conta a história de um homem chamado “Jonas, filho de Amitai” (1:1). Parece ser a mesma pessoa que profetizou durante o reinado de Jeroboão II (c. 793-753 a.C.) e predisse prosperidade econômica e política (2Rs 14:25). Jonas era contemporâneo de Amós e Oseias, profetas que também atuavam durante o reinado de Jeroboão II. Nasceu na Galileia, proveniente de uma aldeia chamada Gate-Hefer, que pertencia à tribo de Zebulom. Seu nome significa “pomba”.

Não sabemos se foi o próprio Jonas quem escreveu o livro. Alguns estudiosos argumentam que o texto foi escrito por um autor anônimo depois do exílio, sustentando esse argumento com base no fato de o texto mostrar Deus incluindo gentios em seu plano de salvação e também no emprego de conjugações no pretérito em 3:3. Para eles, isso demonstra que Nínive era apenas uma recordação na ocasião em que o livro foi escrito, e que um ou dois séculos se passaram desde a destruição da cidade em 612 a.C.

Outros argumentam de modo convincente que o livro foi escrito pelo próprio Jonas muito antes do exílio e próximo ao período dos acontecimentos registrados. Estes estudiosos chamam atenção para o fato de que a inclusão dos gentios no plano de salvação aparece em outras passagens do AT (Gn 9:17; 12:3; 26:4; Lv 19:33-34; 1Sm 2:10; Is 2:2-3; Jl 3:1-5). Além disso, Jonas 3:3 isoladamente não apoia a ideia de uma data posterior. E a descrição do tamanho da cidade (tão grande que a tradução literal do versículo diz que eram necessários três dias para percorrê-la) não sugere que Nínive fosse apenas uma lenda. De acordo com Diodoro Sículo, historiador do primeiro século, o nome Nínive se referia a toda a região que hoje chamamos de triângulo assírio e incluía as cidades de Calá (hoje Ninrode) ao sul, Nínive (hoje Kuyunjik) a oeste, e Dur Sharrukin (hoje Khorsabad) ao norte.

O tema do livro trata da misericórdia universal de Deus demonstrada sem favoritismo tanto a judeus como a gentios. Jonas foi um instrumento de Deus para proclamar essa mensagem a todas as nações.

## Esboço

### 1:1-17 A fuga de Jonas revela Deus aos marinheiros

### 2:1-10 O arrependimento de Jonas e a resposta de Deus

### 3:1-10 A pregação de Jonas e o arrependimento de Nínive

### 4:1-11 O descontentamento de Jonas e a resposta de Deus

## COMENTÁRIO

### 1:1-17 A fuga de Jonas revela Deus aos marinheiros

O início do livro apresenta Deus entregando uma missão a Jonas: avisar a cidade de Nínive sobre a vinda de uma calamidade (o texto não fornece detalhes sobre essa mensagem) (1:1-2). Esse é o único caso em que um profeta do AT foi enviado diretamente a uma nação gentia.

Jonas partiu, mas, em vez de dirigir-se para o leste, na direção de Nínive, fugiu para o oeste, em direção a Tár-sis, provavelmente uma colônia fenícia na costa sudoeste da Espanha (1:3). A intenção de Jonas era fugir de Deus, mas ele esqueceu que, conforme diz um provérbio africano, “não há lugar na terra onde o vento não sopra” (cf. tb. Sl 139:7-10). Uma das razões de sua desobediência pode ter sido a crença de que os judeus, o povo escolhido, eram os únicos autorizados a desfrutar a misericórdia de Deus.

A desobediência de Jonas levou Deus a enviar uma tempestade (1:4) contra o barco e, por meio disso, os marinheiros vieram a descobrir que também podiam beneficiar-se da graça do Senhor. Os marinheiros foram os heróis dessa segunda parte do capítulo. A frase *clamavam cada um ao seu deus* (1:5) sugere que eles provinham de países diferentes e adoravam deuses diferentes. O desespero daqueles homens também indica que eles perceberam, por meio de toda aquela desordem cósmica, que alguém havia cometido um pecado que irritara os deuses. Como seus deuses não responderam às orações, eles começaram a procurar alguém que não estivesse orando, isto é, Jonas, que dormia profundamente (1:6).

A tripulação recorreu a uma prática comum naquele tempo: lançaram sortes a fim de identificar o responsável pela situação (1:7; Js 7:14-19; Pv 16:33), de modo que a culpa caiu sobre o servo de Deus. Apesar de ter sido realizada entre gentios, Deus utilizou aquela prática a fim de forçar o teimoso Jonas a reconhecer seu pecado e revelar o Senhor àqueles marinheiros (1:8). O fato de a sorte apontar o verdadeiro culpado argumenta a favor da soberania de Deus, que pode usar instrumentos ilimitados para

realizar seus propósitos. O Senhor pode usar um jumento (Nm 22:28-30), um peixe (Mt 17:27) e a sorte como parte de seu plano para demonstrar misericórdia aos gentios.

A mensagem do profeta aos gentios revelou que aquela situação fora causada pelo Deus que criou o céu e a terra (1:9). O Senhor demonstrou ser mais poderoso que os deuses a quem os marinheiros pediam auxílio, pois estes não foram capazes de salvá-los. Saber da existência desse Deus poderoso deixou-os apavorados e levou-os a exclaimar: *Que é isto que fizeste!* (1:10). De onde Jonas tirou a ideia de que poderia escapar de Deus?

Jonas lhes disse como acalmar a ira de Deus, porém os marinheiros hesitaram em obedecer às instruções (1:11-13). Contudo, conforme a tempestade aumentava, deixaram de clamar a seus deuses e passaram a clamar ao Senhor por meio do mesmo nome santo que Jonas utilizou para se referir a Deus (1:14a). A essa altura, os marinheiros perceberam que, como Jonas não se lançava ao mar por conta própria, eles mesmos teriam de jogá-lo conforme a sentença. Antes disso, porém, decidiram orar para que Deus os salvasse e para que não os culpasse pela morte de Jonas. A frase *porque tu, SENHOR, fizeste como te aprouve* (1:14b) mostra que os marinhos confiaram na soberania de Deus, o único que poderia salvar o profeta.

Deus atendeu de imediato ao primeiro pedido deles e fez cessar a fúria do mar (1:15). Em seguida, eles ofereceram sacrifícios a fim de mostrar admiração pelo Senhor e prometeram tornar-se seus servos e confiar somente nele dali em diante (1:16).

Lançado ao mar, a única esperança de Jonas agora era aguardar que Deus interviesse a seu favor. A soberania de Deus, conforme os marinheiros haviam acabado de confessar, mostrou-se por meio de um grande peixe, possivelmente uma baleia ou um tubarão, que engoliu o profeta (1:17). Uma vez que os judeus consideravam parte de um dia como um dia inteiro, a declaração *Esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe* não exige que consideremos esse período como três dias inteiros (isto é, 72 horas). É possível que, no total, tenha transcorrido apenas um dia inteiro (isto é, vinte e quatro horas, já incluindo parte dos outros dois dias).

Em Mateus 12:40, Jesus compara a duração de seu iminente sepultamento ao tempo que Jonas permaneceu no ventre do peixe, confirmando assim a veracidade da história de Jonas.

Tem havido muito debate entre os comentaristas sobre a história de Jonas ser engolido por um peixe e sobreviver de maneira miraculosa. Alguns encaram o relato com ceticismo e propõem tratar-se de uma fábula planejada para transmitir uma mensagem aos judeus. Outros aceitam cada detalhe como fato histórico, inclusive apontando precedentes históricos. Não faz sentido aqui fornecer uma explicação detalhada de cada ponto de vista, pois ambos partem de uma perspectiva e interpretação literária que di-

vergem da tradição oral africana, na qual o mais importante é considerar o significado espiritual dos acontecimentos e perceber o Criador revelando-se a si mesmo por meio do relacionamento entre os seres humanos e a natureza. Os africanos, portanto, não veem nenhum problema no fato de Deus utilizar um animal (cf. tb. Nm 22:28-30; 1Rs 17:3-6) para realizar seus propósitos e estão mais interessados na reação de Jonas à experiência, conforme o profeta expressa em sua oração.

## 2:1-10 O arrependimento de Jonas e a resposta de Deus

O fato de Jonas orar *do ventre do peixe* (2:1) salienta a ideia de que Deus está presente em todos os lugares, e, portanto, podemos falar com ele onde quer que estejamos (cf. Sl 139:7-12). Não há necessidade de subirmos alguma montanha especial para orar em momentos de crise. Também não precisamos consultar videntes e feiticeiros, como fazem muitos africanos. Além disso, não devemos imaginar que nossos problemas são tão grandes que nem a oração pode resolvê-los. Jesus nos ensinou que devemos orar sempre e nunca desistir (Lc 18:1).

Jonas estava tão angustiado que sentiu como se estivesse dentro de uma sepultura. Ainda assim, clamou *ao SENHOR* (2:2), da mesma forma que fariam os discípulos de Jesus durante a tempestade (Mt 8:23-27). Deus ouviu o clamor do profeta, pois o Senhor raramente deixa de responder a uma oração de desespero.

Em 2:3,5-6, Jonas descreveu vividamente sua experiência antes de ser engolido pelo peixe. Para ele, aquilo era um castigo de Deus, de modo que só lhe restou lamentar: *Lançado estou de diante dos teus olhos* (2:4a). Jonas fugiu obstinadamente da presença do Senhor (1:2), e Deus respondeu expulsando-o, por assim dizer, de sua presença. Essa é uma das consequências amargas do pecado na vida do cristão (cf. tb. Sl 51:11). Contudo, assim como Davi, Jonas esperava voltar ao *santo templo* de Deus em Jerusalém (2:4b; cf. Sl 5:7; 42:1-5), pois sabia que Deus é misericordioso e nos recebe quando nos voltamos a ele verdadeiramente arrependidos (Lc 15:11-24; 1Jo 1:9; 2:1-2). E foi exatamente o que Jonas fez. Em vez de revoltar-se com a punição, declarou: *Eu me lembrei do SENHOR; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo* (2:7). O termo “templo” nessa frase se refere ao santuário celestial de Deus, enquanto a referência em 2:4 se refere ao templo em Jerusalém. A oração de Jonas estava carregada de esperança e expectativa. Ao contrário daqueles que abandonam a graça de conhecer o único Deus verdadeiro e se apegam aos ídolos vãos (2:8), Jonas prometeu trazer sacrifícios de gratidão à casa do Senhor (2:9a; Sl 56:12-13).

O ápice da oração de confissão, esperança e fé de Jonas aparece na afirmação: *Ao SENHOR pertence a salvação!* (2:9b). Essa declaração é às vezes chamada de segunda declaração confessional de Jonas (a primeira está em 1:9).



O termo “salvação” aqui é mais bem compreendido como livramento da morte.

O cessar da tempestade mostrou a misericórdia de Deus aos marinheiros, e o peixe fez o mesmo por Jonas; isto é, em vez de morte, trouxe salvação (2:4,7). Assim como haviam feito os marinheiros (1:16), Jonas também ofereceu um sacrifício para celebrar a renovação de seu relacionamento e compromisso com Deus (2:9).

Em resposta à oração de arrependimento de Jonas, Deus ordenou ao peixe que vomitasse Jonas na terra, provavelmente na costa da Palestina (2:10). Todas as criaturas obedecem ao Senhor, exceto os seres humanos, que geralmente voltam as costas para ele (cf. Is 1:2-3).

### 3:1-10 A pregação de Jonas e o arrependimento de Nínive

Os mandamentos de Deus são sempre cumpridos, de uma forma ou de outra, como fica claro em 3:1-3. É também o que diz o provérbio: “O quiabo não cresce mais que quem

o plantou: ou acaba na panela, ou fica seco para a próxima sementeira”. Jonas é como a planta que Deus fez secar a fim de ser semeado em Nínive e produzir o fruto do arrependimento.

Deus está sempre pronto para recomeçar de onde paramos quando nos arrependemos de nossos pecados. É por isso que 3:2 repete a instrução do versículo 1:2: *Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e proclama contra ela a mensagem que eu te digo*. A mensagem permaneceu a mesma a fim de salientar o caráter imutável de Deus e a transformação de Jonas, que, ao contrário da desobediência em 1:3 e após experimentar a onisciência e misericórdia de Deus, dessa vez *foi a Nínive, segundo a palavra do SENHOR (3:3a)*.

O texto informa que Nínive era uma cidade muito grande (3:3b) (cf. comentários na introdução do livro). A mensagem de Jonas aos ninivitas informava não apenas o julgamento que os aguardava, mas também que lhes seria concedido um período de quarenta dias para que se arrependessem (3:4).

## PODER E RESPONSABILIDADE

Pode-se definir poder como a capacidade de exercer influência e autoridade na esfera física, mental ou espiritual. Alguns sinônimos incluem força, vigor, potência, prosperidade, recursos, solidez, robustez, dominação, energia, autoridade e majestade. Já autoridade se refere ao direito de agir ou utilizar poder (Mc 3:15; At 4:33).

A Bíblia fala claramente sobre a fonte do poder: “Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra” (1Cr 29:11). Jesus Cristo salienta esse fato na oração do Pai-nosso (Mt 6:13). Os cristãos precisam lembrar essa verdade atualmente quando tantos reivindicam poder.

As pessoas tendem a considerar o poder um recurso finito (tal qual a energia) e, portanto, objeto de competição acirrada (isto é, algo a ser conquistado, e não compartilhado). Jesus, contudo, demonstrou claramente que o poder pode ser compartilhado, sem que isso implique perda de autoridade (Lc 10:1-22; Mc 16:15-18). Paulo também agiu dessa forma em seu relacionamento com Timóteo, Silas, Tito e Apolo (p. ex., cf. 1Ts 1:1).

Deus manifesta seu poder a fim de motivar as pessoas a adorá-lo (1Cr 29). Seu poder dá sentido e vida à adoração. Deus não se satisfaz com aparência de poder, de modo que os cristãos são instruídos a fugir daqueles que demonstram piedade exterior, mas negam o poder de Deus (2Tm 3:5).

Na África, assim como em outras partes do mundo, o poder de Deus tem restaurado a saúde de várias pessoas. Contudo, nossa pregação não deve concentrar-se no poder divino, mas em seu amor, grandeza e santida-

de, e também em sua obra na vida das pessoas (Mt 10:1; Rm 15:18-19).

O poder de Deus habilita seu povo para testemunhar às nações (At 1:8); também transforma e capacita os cristãos a fazer a diferença em sua comunidade e em seu país, bem como em sua profissão ou vocação. Além disso, o poder de Deus está transformando congregações entorpecidas em todas as partes da África, criando vibrantes movimentos missionários.

No entanto, as pessoas podem abusar do poder, inclusive dentro da igreja, e, quanto maior o poder exercitado pela liderança de uma congregação ou agência missionária, tanto maior a necessidade de utilizá-lo com responsabilidade. A responsabilidade pelo exercício do poder se baseia no fato de que Deus é a fonte de todo poder e controla a vida e os recursos da humanidade (Sl 24:1; Ez 18:4). A mordomia no serviço a Deus exige que prestemos contas do poder que cada um de nós recebeu.

Assim como qualquer ser humano, os líderes cristãos são pessoalmente responsáveis diante de Deus (Rm 14:12; 2Sm 12:1-24) e não devem usar o poder para promover seus próprios interesses ou os interesses egoístas de seus liderados. Estar ciente dessa responsabilidade é o que diferencia a liderança casual da liderança firme e duradoura. Aqueles que não possuem esse senso de responsabilidade são meros seguidores.

Aqueles que seguem os líderes também são responsáveis pela decisão de reconhecer essa liderança. A prosperidade de Israel oscilava conforme quem estivesse liderando o povo (p. ex., cf. Jr 29:15-23).

Somos responsáveis tanto diante de Deus quanto perante os outros (2Co 8:20-21). O padrão do NT para

outorgar autoridade aos cristãos e liberá-los para missões e ministérios vem acompanhado de obrigações e responsabilidade, pois poder sem a respectiva responsabilidade gera irresponsabilidade.

É importante observar que responsabilidade significa mais que estar sujeito a formas de controle; também é mais que apenas prestar contas: prestar contas é algo que se *faz*, enquanto responsabilidade é tanto algo que se *faz* quanto quem se *é*.

O padrão bíblico de responsabilidade implica utilizar as pessoas certas (Ed 8:24,30) que obedecem a procedimentos corretos (Ed 8:24-34); além disso, elas devem

manter registros idôneos de todas as ações (Ed 8:34). Redes de contatos apostólicos e conselhos administrativos funcionais são algumas das estruturas organizacionais adotadas para promover responsabilidade bíblica.

Líderes cristãos que aderirem ao padrão bíblico de responsabilidade estarão promovendo restauração e intensificação da confiança e do interesse das pessoas em assuntos relacionados ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. A igreja cristã terá um impacto transformador na vida das pessoas ao seu redor quando utilizar o poder concedido por Deus para promover os propósitos de Deus.

Remi Lawanson

O resultado da pregação foi imediato. Começando com o rei, todo o povo decidiu arrepende-se de seus pecados e pedir perdão a Deus. A fim de demonstrar a sinceridade do arrependimento, eles interromperam todas as atividades cotidianas a fim de jejuar e orar a Deus, e também vestiram panos de saco, como fazem os pranteadores (3:5-8). Além disso, o rei pronunciou uma frase comovente: *Quem sabe se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos?* (3:9). Essas palavras, expressas de forma simples e humilde, são um apelo indireto por misericórdia. Deus não pode recusar um apelo como esse e decidiu suspender o julgamento que havia planejado (3:10).

Esse ato de misericórdia levanta uma questão interessante: Deus pode arrepende-se? Alguns argumentam que Deus não é “filho de homem, para que se arrependa” (Nm 23:19). Outros afirmam que a relação contratual de Deus com indivíduos ou nações inclui tanto uma cláusula de misericórdia quanto uma cláusula de justiça (cf. Ez 33:13-16). O aparente arrependimento de Deus não se baseia em mudança de ideia, mas é parte de sua intenção original quando suas condições são cumpridas.

É surpreendente que os ninivitas tenham acreditado em Jonas, um desconhecido falando de um Deus desconhecido. O que despertou a fé dos ninivitas? É possível que eles tenham ouvido falar de Jonas antes da chegada do profeta. Aqueles marinheiros podem ter retornado a Jope e contado o que havia ocorrido no barco, de modo que essas notícias podem ter-se espalhado até Nínive. O reaparecimento de Jonas, nesse caso, teria causado comoção entre os habitantes de Nínive, e isso os levou a prestar atenção à mensagem do profeta. Outra possibilidade mais plausível provém da natureza multicultural da sociedade gentia e suas profundas superstições religiosas. Considerando esse ambiente cultural, o aparecimento de um estranho afirmando ter sido enviado por Deus para avisá-los sobre uma calamidade iminente poderia produzir profunda impressão na consciência do povo e de seus líderes. Além disso, as pessoas supersticiosas respeitam a arte da adivinhação. Os habitantes de Nínive,

portanto, podem ter demonstrado respeito por um profeta desconhecido que afirmasse conhecer a perversidade deles. Contudo, além desse raciocínio humano, também devemos considerar que Deus estava realizando uma transformação no coração dos ninivitas, pois o Senhor não tem “prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva” (Ez 33:11).

#### 4:1-11 O descontentamento de Jonas e a resposta de Deus

Jonas ficou irado, pois sua profecia não foi cumprida. Ele acreditava que somente os judeus desfrutavam misericórdia divina, ao passo que os gentios deveriam sofrer julgamento e punição (4:1). Essa convicção era tão poderosa que Jonas preferiu morrer a viver e presenciar a misericórdia de Deus sendo estendida ao cruel povo de Nínive (4:2-3).

Essa atitude ainda é bastante comum em alguns círculos cristãos africanos e pode estar por trás de abusos e pronunciamento de maldições contra feiticeiros e criminosos. Cristãos que agem dessa maneira têm dificuldade de acreditar que esses aparentes inimigos também estão entre as criaturas de Deus. Ao contrário de Jonas, porém, esses cristãos se alegram quando feiticeiros e criminosos se convertem a Cristo.

Deus respondeu a Jonas primeiro em palavras e depois em ações. Para começar, fez uma pergunta com o intuito de levar Jonas a refletir sobre o amor de Deus e descobrir esse verdadeiro mistério (4:4). Mas Jonas não quis ouvir e persistiu em sua ira, acusando Deus de mudar de ideia e não cumprir com suas ameaças. O fato de o profeta retirar-se para o leste (4:5) a fim de observar a cidade pode inclusive ter sido uma tentativa de chantagear Deus a destruir a cidade.

Em seguida, o Senhor decidiu comunicar-se com Jonas por meio de uma lição prática, técnica comum empregada em histórias africanas: fez crescer uma planta durante a noite (4:6), mas no dia seguinte permitiu que ela secasse enquanto Jonas sofria com o calor e o vento seco que soprava do leste (4:7). A morte repentina da planta tinha o objetivo de ensinar a Jonas que, assim como o profeta



teve compaixão da planta, Deus teve compaixão dos ninivitas. Contudo, Jonas teve compaixão da planta somente porque estava com pena de si mesmo. A planta lhe trouxera alegria e desejo de viver, mas sua destruição lhe causou desgosto, pois Jonas se apegou demasiadamente à planta (4:8-9).

Jonas e a planta fornecem uma imagem de Deus e a humanidade: quando as pessoas prosperam, Deus fica feliz; quando morrem, Deus se entristece. Uma vez que Deus é cheio de compaixão e amor, não tem prazer em nos punir (4:10-11).

Jonas foi forçado a abandonar a zona de conforto da fé. Será que ele entendeu a lição? A história termina sem fornecer detalhes adicionais, de modo que resta ao leitor a tarefa de completar a história. Para aqueles que não conhecem o Senhor, o livro os convoca ao arrependimento a fim de escaparem do julgamento final de Deus. O julgamento de Nínive foi suspenso, mas apenas temporariamente, pois, quando o arrependimento da cidade se mostrou superficial, Deus enviou Naum para profetizar sentença contra Nínive,

a qual foi destruída em 612 a.C. Se rejeitarmos o chamado de Deus ao arrependimento, nós também não escaparemos do julgamento divino.

O livro desafia os servos de Deus a aceitarem as incumbências que o Senhor nos designa e a amar as pessoas a quem ele nos envia. Não devemos ser servos murmuradores que têm de ser obrigados a obedecer às ordens de Deus; também não devemos deixar de obedecer aos mandamentos de Cristo para amarmos até mesmo nossos inimigos. Devemos esforçar-nos para que, no final da corrida, quando comparecermos diante de Cristo, possamos receber a aprovação do Senhor: “Muito bem, servo bom e fiel” (Mt 25:21).

Cossi Augustin Ahoga

#### Leituras adicionais

ALEXANDER, T. Desmond, David W. BAKER e Bruce WALTKE. *Obadiah, Jonah, Micah* (TOT). Downers Grove: InterVarsity Press, 1988.

ELLISON H. L. “Jonah” in *Expositors Bible Commentary*, vol. 7. Ed. Frank E. Gaebelein. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

STUART, Douglas. *Hosea-Jonah*. WBC. Waco: Word, 1987.

# MIQUEIAS

Miqueias era um nome comum, e não devemos confundir o autor deste livro com Micaías, filho de Inlá (1Rs 22:6-28; 2Cr 18:3-27), que profetizou no Reino do Norte durante o reinado de Acabe um século antes.

Miqueias viveu entre c. 735 a.C. e 690 a.C. e profetizou principalmente no Reino do Sul. Moresete, sua cidade natal, ficava a pouco mais de trinta quilômetros a sudoeste de Jerusalém, perto da cidade filisteia de Gate. Isaías era da mesma região. O fato de Miqueias ser identificado pela sua cidade, e não pelo nome de seu pai, pode indicar que sua origem era humilde. Sem dúvida, é um profeta que fala aos pobres explorados.

Miqueias ministrou em Judá, o Reino do Sul, durante os reinados de três monarcas (1:1) e também em Samaria, antes de o Reino do Norte ser conquistado pela forças assírias em 722 a.C. (1:6).

## Ocasão e propósito

No tempo de Miqueias, a riqueza e o poder se encontravam concentrados nas mãos de uns poucos, resultando em injustiça social. A cobiça e a corrupção corriam soltas, e não faltavam falsos profetas. Ainda assim, o povo se julgava no direito de receber as bênçãos e a proteção de Deus. Como Isaías, Oseias e Amós, Miqueias enfatiza que a fé verdadeira produz justiça social e santidade prática. Ele advertia acerca do julgamento vindouro e chamava o povo ao arrependimento. Como Isaías, seu contemporâneo, Miqueias também ofereceu esperança de restauração futura com a vinda do Messias divino. O livro pode ser dividido em três seções que se iniciam com o imperativo “Ouvi” (1:2; 3:1; 6:1), seguido de duas mensagens, a primeira de julgamento e a segunda de esperança e salvação. Esses temas se refletem no nome de Miqueias, que significa “Quem é como Javé?”, uma pergunta que ecoa em 7:18: *Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade e te esqueces da transgressão do restante da tua herança?*

Miqueias prenunciou a queda de Samaria, capital do Reino do Norte, e viveu para ver o cumprimento de sua profecia em 722 a.C. (1:6-7; 2Rs 17:1-6). Predisse também a invasão de Judá por Senaqueribe (1:9-16), mas o arrependimento de Ezequias adiou a queda de Jerusalém para 586 a.C. (3:12; 7:13). Miqueias profetizou, ainda, sobre o exílio na Babilônia (4:10), o regresso do cativo e a futura paz e supremacia do povo remanescente de Deus (4:1-8,13; 7:11,14-17). Acima

de tudo, prenunciou o nascimento do rei messiânico em Belém (5:2), que será um governante misericordioso, reunirá o povo em uma só nação e estabelecerá seu reino (2:13; 7:18-20).

Em várias ocasiões, Miqueias interrompe disputas e questionamentos de forma dramática (2:5,12; 3:1-3; 6:6-8; 7:14-15) e emprega a imagem de um pastor (2:12; 4:6; 5:4-5; 7:14), bem como referências históricas (1:13,15; 5:5; 6:4-5,16; 7:20). Também se vale de diversas figuras de linguagem, como símiles (1:8,16; 2:12-13; 4:9) e trocadilhos (1:10-15).

## Esboço

### 1:1 Epígrafe

#### 1:2—2:13 Primeiro sermão

1:2-16 Denúncia de Samaria e Jerusalém

1:3-7 Julgamento vindouro sobre Samaria

1:8-16 Lamentação pelo julgamento vindouro sobre Judá

2:1-11 Motivos do julgamento

2:1-5 Cobiça

2:6-11 Falsos profetas

2:12-13 Uma mensagem de esperança

#### 3:1—5:15 Segundo sermão

3:1-12 Denúncia da pecaminosidade do povo

3:1-4 Acusação contra os líderes

3:5-8 Acusação contra os falsos profetas

3:9-12 Destruição de Jerusalém

4:1-13 Promessa de restauração

4:1-8 O monte do Senhor

4:9-13 O remanescente será salvo

5:1-15 Um novo rei e um novo reino

5:1-4 O Messias

5:5-6 Seu reinado de paz

5:7-9 O remanescente reinará com o Messias

5:10-15 A remoção da idolatria

#### 6:1—7:20 Terceiro sermão

6:1-16 A queixa de Deus contra seu povo

6:1-8 A ira de Deus

6:9-16 Motivos para o julgamento divino

7:1-20 Lamentações e promessas

7:1-6 A lamentação do profeta

7:7-10 A promessa de salvação

7:11-20 A graça gloriosa de Deus

## COMENTÁRIO

### 1:1 Epígrafe

A declaração de que o livro contém a *palavra do SENHOR* (1:1a) lhe confere autoridade e poder que contrastam com as asserções dos falsos profetas. Eles apenas fingiam transmitir mensagens de Deus, com a intenção de enganar o povo (2:11; 3:5,8).

A *visão* de Miqueias (1:1b) compreende o livro todo. Trata de Samaria, a capital do Reino do Norte, e de Jerusalém, a capital do Reino do Sul, pois seus líderes foram responsáveis por uma parte considerável da idolatria e das injustiças sociais nos dois reinos.

Miqueias é identificado como autor do livro. Seu ministério profético é associado a três reis de Judá (1:1c). *Jotão* (750-732 a.C.) em termos gerais foi um bom rei, mas não removeu os santuários idólatras (2Rs 11:32-38). *Acáz* (732-716 a.C.) foi um rei perverso que adotou uma política estrangeira pró-assíria. Colocou ídolos pagãos no santuário de Deus e, por fim, cerrou as portas do templo. Durante seu governo, o Reino do Norte foi conquistado pelos assírios (2Rs 16). *Ezequias* (715-686 a.C.) foi um dos melhores reis de Judá. Adotou uma política antiassíria e, em 701 a.C., Deus o livrou miraculosamente de Senaqueribe (2Rs 18—19).

### 1:2—2:13 Primeiro sermão

#### 1:2-16 Denúncia de Samaria e Jerusalém

Miqueias convoca não apenas Israel e Judá, mas todos os povos do mundo para ouvir as palavras de Deus na condição de promotor que denuncia seu próprio povo (1:2; cf. tb. Dt 31:28; 32:1).

#### 1:3-7 Julgamento vindouro sobre Samaria

O sermão se inicia de forma dramática com Deus descendo de seu lugar de habitação no céu (1:3a; cf. tb. 1Rs 8:30; Sl 11:4). Ele é tão temível que até mesmo os *altos da terra* não podem resistir-lhe (1:3b). Os “altos” eram locais onde havia altares dedicados a ídolos (cf. 2Rs 9—11), mas o termo também se refere a *montes* que *se derretem* com a ira ardente de Deus contra o pecado (1:4; cf. Êx 20:18-21). Quando Deus se manifesta em poder, toda a criação reconhece sua presença (cf. tb. Jz 5:4-5; Sl 18:7-15; 65:9-13; 68:8; 97:5; 114:3-8; Is 64:1-3).

Deus está irado com as transgressões de Israel e Judá. O julgamento sobrevirá primeiro à cidade de Samaria, capital das dez tribos do norte de Israel, chamada aqui de *Jacó* (1:5a). Judá também não escapará, devido à idolatria em Jerusalém (1:5b; cf. tb. 2Rs 12:3; 14:4).

O castigo de Samaria está relacionado a pecados específicos. O Senhor transformará a próspera cidade no alto do monte num campo com vinhas plantadas entre as ruínas (1:6; cf. Os 12:11). Despedaçará os ídolos que o povo de

Samaria adorava e as ofertas que lhe traziam (1:7a). Julgará todos os idólatras da mesma forma.

Samaria imitou seus vizinhos e permitiu a prostituição que fazia parte do culto a certas divindades (1:7b; cf. tb. Êx 34:15; Jz 2:17; Is 23:17; Ez 23:30; Os 9:1), prática proibida por Deus (Dt 23:17-18). As ofertas que os adoradores deixavam no templo eram *preço da prostituição*, ou seja, pagamentos pelos serviços de prostitutas. Como castigo divino, o povo se voltaria para a prostituição não por causa de sua religião, mas por causa de sua pobreza.

Os ídolos são atraentes porque não fazem nenhuma exigência moral. Os israelitas trocaram de bom grado, portanto, o culto ao Deus verdadeiro pela licenciosidade da prostituição cultural. Talvez nós também estejamos permitindo que outras coisas nos seduzam e nos afastem do Senhor. Devemos lembrar que o julgamento começará pelo povo de Deus (1Pe 4:17).

O culto a ídolos e falsos deuses ainda é uma prática comum em algumas regiões da África. Precisamos pedir a Deus que elimine a idolatria por meio da pregação do evangelho, para que essas pessoas possam escapar de seu julgamento.

#### 1:8-16 Lamentação pelo julgamento vindouro sobre Judá

A mesma devastação está reservada para Judá caso o Reino do Sul não se arrependa, de modo que Miqueias lamenta o cativo vindouro de seu povo. Como sinal de aflição, o profeta anda descalço e nu (1:8a; cf. tb. 2Sm 15:30; Is 32:11; Ez 24:17,23; Am 5:16). Seus clamores evocam medo e solidão, como os uivos de chacais ou o *pranto* [...] *de aves-truzes* (ou “filhote de coruja”; NVI), símbolos de crueldade e impureza (1:8b). É apropriado entristecer-se, até mesmo por aqueles que merecem o castigo que recebem.

O fim de Samaria era inevitável, pois seus pecados eram como *feridas* [...] *incuráveis* (1:9a; cf. tb. Jr 8:22). Jerusalém também havia sido infectada, e o julgamento chegaria à sua *porta* (1:9b). É provável que Miqueias se refira à invasão de Senaqueribe, rei da Assíria, que em 701 a.C. capturou várias cidades de Judá, mas foi detido pouco antes de tomar Jerusalém (2Rs 18—19; Is 36:1—37:37).

As palavras do profeta, *Não o anuncieis em Gate* (1:10a), podem ser uma advertência para o povo não chorar a fim de não informar os filisteus daquilo que está para acontecer, ou podem ser uma expressão proverbial, como é o caso na lamentação de Davi por Saul (2Sm 1:20). Na sequência, Miqueias relaciona várias cidades pelas quais Senaqueribe passará a caminho de Jerusalém. Todas ficavam próximas de Moresete-Gate, sua cidade natal. O profeta faz trocadilhos com os nomes hebraicos desses locais.

- *Bete-Leafra* significa “casa do pó”, e seus habitantes devem se revolver no pó (1:10b) em sinal de luto, tristeza e derrota vergonhosa (Gn 3:14; Js 7:6; 1Sm 4:12; Jó 16:15; Jr 6:26; 25:34; Ez 27:30).



- *Safir* quer dizer “bela” ou “agradável”, mas seu povo sofrerá *vergonhosa nudez*, uma experiência extremamente desagradável (1:11a; cf. tb. Dt 28:48; Is 47:3; Lm 4:21). Eles serão levados para o cativeiro, e sua perversidade será exposta a todos (cf. Ez 16:37; Os 2:10).
- *Zaanã* significa “sair”, mas seus habitantes não sairão da cidade por medo dos invasores (1:11b; cf. tb. Jr 6:25).
- *Bete-Ezel* quer dizer “casa de tirar” (1:11c) e, porque *tira de vós o vosso refúgio*, seus cidadãos serão levados embora por Senaqueribe.
- *Marote* significa “amargura” (1:12). Os habitantes sofrerão a amarga sorte de esperar em vão por socorro. Nenhum exército sairá da capital para salvá-los, pois as forças assírias chegarão *até à porta de Jerusalém*.
- *Laquis* era uma cidade fortificada que protegia o sul da Judeia. Seus habitantes devem preparar os carros não para guerrear, mas para fugir (1:13). Senaqueribe conquistou Laquis e a transformou em seu quartel-general (2Rs 18:14,17; Jr 34:7). Miqueias a destaca como *o princípio do pecado para a filha de Sião*, sugerindo que seus cidadãos foram os primeiros em Judá a adotar as práticas pecaminosas do Reino do Norte e influenciaram muitos outros a seguir seu mau exemplo.
- *Moresete-Gate* tem um som semelhante ao termo hebraico para “noiva” (1:14a). Era costume o pai dar presentes de despedida à sua filha quando ela se mudava para a casa do marido. A cidade natal de Miqueias será entregue como noiva aos assírios, que deportarão seus habitantes.
- *Aczibe* significa “engano”, “decepção”. A cidade que supostamente poderia socorrer os *reis de Israel* (1:14b) se verá incapaz de fazê-lo.
- *Maressa* tem um som semelhante ao termo hebraico para “conquistador”, mas, por ironia, será conquistada (1:15a; cf. tb. Jr 8:10).
- *Adulão* era conhecida por suas cavernas, onde, em outros tempos, Davi se havia escondido de Saul (1Sm 22:1; 2Sm 23:13). Em breve, a *glória de Israel*, ou seja, o povo e seus príncipes (Os 9:11-13), seria obrigada a usar esses esconderijos (1:15b).

O profeta encerra com a instrução para o povo de Judá cortar o cabelo em sinal de luto tão profundo quanto o de uma jovem mãe por seus filhos (1:16; cf. tb. Ez 9:3; Jó 1:20). Em pouco tempo, seus filhos seriam *levados para o cativeiro*. O Reino do Norte foi exilado em 722 a.C. e, em 701 a.C., Senaqueribe levou mais de 200 mil pessoas do Reino do Sul.

A desobediência a Deus traz julgamento, destruição, tristeza e humilhação.

## 2:1-11 Motivos do julgamento

### 2:1-5 Cobiça

Em 1:5-7, Miqueias denunciou os pecados de rebelião e idolatria. Agora, volta-se para os pecados sociais, a co-

meçar pelas práticas corruptas dos proprietários de terra abastados que tomam as terras e os bens de outros. Ficam acordados à noite tramando formas de defraudar os pobres e acordam cedo para executar seus planos perversos (2:1). Pensamentos maus produzem atos maus.

Esses indivíduos agiam sem nenhum escrúpulo (cf. tb. 7:3). Quando cobiçavam campos, terras e casas, tomavam-nos para si, mesmo que tivessem de defraudar outros (2:2; cf. tb. 1Rs 21; 2Rs 9:21-37). Aqueles que perdiam suas terras eram condenados à pobreza, pois sua sobrevivência dependia da agricultura.

Os Dez Mandamentos condenam a cobiça (cf. Êx 20:17; Dt 5:21; Rm 7:7-8). A lei também proíbe especificamente que se tomem as terras ou bens de outras pessoas (Lv 6:2-5; 19:13; Dt 27:17). Deus é o verdadeiro proprietário da terra, e é seu desejo que cada família tenha uma parte dela (Lv 25:14-34).

Enquanto os perversos tramam o mal, Deus lhes prepara uma calamidade da qual não poderão escapar (2:3). Os arrogantes serão alvo de escárnio e humilhação (2:4). Suas terras serão confiscadas e entregues a outros. As propriedades de Israel serão transferidas para seus inimigos.

Deus pode entregar a terra a quem ele quiser (2:5; cf. tb. Dn 4:34-35). Os opressores não terão voz nem voto nas decisões posteriores acerca da divisão das propriedades. Jesus diz que, no final, apenas os mansos herdarão a terra (cf. tb. Sl 16:6; Mt 5:5).

### 2:6-11 Falsos profetas

Falsos profetas, que proclamavam mensagens de acordo com os interesses daqueles que os pagavam, se opuseram aos prenúncios de julgamento de Miqueias e o proibiram de profetizar (2:6a; cf. tb. 3:5,11). Imaginaram que Deus estava incondicionalmente do lado deles (2:6b). Ainda hoje, existem falsos mestres que não pregam todos os preceitos de Deus; proclamam apenas o seu amor, nunca seu juízo.

Os falsos profetas alegavam pertencer à *casa de Jacó* (2:7a). Acreditavam que, por causa das promessas da aliança, Deus não amaldiçoaria Jacó e, portanto, perguntavam: *Está irritado o Espírito do SENHOR? São estas as suas obras?* (2:7b). Esqueceram-se de que a verdadeira aliança é de ordem espiritual, com base na fé e na obediência (Rm 9:6) e imaginaram que não fazia parte da natureza de Deus castigar seu povo. Um entendimento equivocado do caráter de Deus provoca um entendimento equivocado de seus atos.

Miqueias responde que as palavras de Deus beneficiam apenas aqueles que nele creem e a ele obedecem (2:7c). Aqueles que rejeitaram Deus e a aliança perderam sua posição privilegiada e se tornaram inimigos de Deus (2:8a), e também inimigos dos pobres. Como soldados hostis, atacam viajantes indefesos e roubam suas roupas (2:8b). Também privam mulheres e crianças, dois grupos que são objeto da proteção especial de Deus (2:9a; cf. tb. Êx 22:21-24), de seus lares e da bênção de Deus. As crianças sofrem a indig-

nmidade de serem vendidas como escravas (2:9b; cf. tb. Am 1:6,9). Deus julga aqueles que participam dessa corrupção e ordena que deixem a terra prometida, a qual contaminaram (2:10; cf. tb. Lv 18:24-28; Sl 95:11).

O povo prefere o profeta que anuncia mensagens agradáveis (2:11; cf. tb. Jr 5:31). Os falsos profetas prenunciam riqueza e prosperidade, representada pela abundância de vinho e bebida forte (Is 28:7; Am 2:12).

Hoje em dia, alguns pastores pregam uma mensagem semelhante de saúde, riqueza, lucro financeiro e felicidade sem considerar se seus ouvintes estão vivendo de acordo com os padrões de Deus. Essas meias-verdades conduzem o povo à destruição e à morte. Devemos estar preparados para dizer verdades que nem sempre serão bem aceitas e proclamar o julgamento de Deus sobre aqueles que são dominados pelo materialismo e oprimem os pobres em troca de lucro financeiro.

### 2:12-13 Uma mensagem de esperança

Miqueias conclui sua mensagem com uma promessa de salvação. Deus precisa punir seu povo desobediente e impenitente, mas afirma: *Certamente, te juntarei todo, ó Jacó, e certamente, congregarei o restante de Israel*, duas expressões que enfatizam a certeza do cumprimento da promessa. Miqueias usa a imagem conhecida do povo de Deus como ovelhas e do Senhor ou do Messias como o Bom Pastor que ajunta seu rebanho disperso (2:12).

Quando chegar a hora de o rebanho ser levado para fora do aprisco, não ficará desprovido de alguém que o conduza, pois 2:13 traz três promessas de liderança. Assim como Deus libertou seu povo da escravidão no Egito e o conduziu pelo deserto, também irá diante dele e o salvará (cf. Êx 13:21; Dt 1:30,33; Is 52:12).

Aquele que guiará o povo é descrito como *o que abre caminho* (2:13a). Seguindo o paralelismo hebraico, *o que abre caminho* e *o seu Rei* se referem à mesma pessoa (2:13b), Javé (2:13c). Aquele que irrompe pela porta e liberta seu povo é o Messias, nosso Senhor Jesus Cristo. Vai adiante para remover obstáculos e prepara o caminho para o seu povo.

Se nos arrependermos, também poderemos fazer parte do rebanho do Messias quando o Senhor Jesus Cristo voltar. Essa perspectiva deve dar-nos esperança e motivar-nos a deixar o pecado.

## 3:1—5:15 Segundo sermão

### 3:1-12 Denúncia da pecaminosidade do povo

#### 3:1-4 Acusação contra os líderes

O segundo sermão de Miqueias começa com uma denúncia contra os líderes por serem negligentes em seu dever (3:1; cf. tb. 3:9). Ao contrário do rei-pastor em 2:12-13, eles detestam o bem e amam o mal (3:2a; cf. tb. Am 5:14-15). O

profeta os descreve como se fossem canibais que despedaçam a carne de suas vítimas e a cozinham como alimento (3:2b-3). Assemelham-se a lobos que atacam o povo, e não a pastores que cuidam do rebanho de Deus. As autoridades corruptas tomam aquilo que pertence a pessoas comuns e usam em benefício próprio (cf. Sl 14:4; Pv 30:14). Não demonstram compaixão nem respeito por aqueles aos quais deveriam servir.

No dia em que esses líderes perversos precisarem da ajuda de Deus, não devem esperar recebê-la (3:4). Não deram ouvidos às súplicas por misericórdia daqueles a quem maltrataram (cf. tb. Pv 21:13; Mt 6:14-15; Gl 6:7). Como podem esperar que Deus ouça seu clamor? Seu rosto não resplandecerá sobre eles (Nm 6:25), mas permanecerá oculto.

Muitos países africanos também sofrem sob o governo de líderes corruptos, egoístas e tiranos. As autoridades se deixaram corromper pelo amor ao dinheiro, e é preciso suborná-las para que façam seu trabalho. Empregadores não pagam os funcionários na data correta. A injustiça impera nos tribunais, onde aceitar suborno é lugar-comum. Até mesmo líderes cristãos se mostram mais interessados em ganhar dinheiro que em servir a Deus e ao povo.

Precisamos de profetas e ministros como Miqueias para ensinar e pregar a verdade da Palavra de Deus. Todos os que ocupam cargos de liderança devem ser admoestados a servir a Deus e a se conscientizar de que, em última análise, terão de prestar contas a ele. Caso não se arrependam de suas injustiças, serão entregues à condenação, ao sofrimento e à morte eterna.

#### 3:5-8 Acusação contra os falsos profetas

Motivados exclusivamente pela ganância, os falsos profetas desencaminharam o povo e o afastaram do Senhor. Quem lhes dá uma refeição farta recebe profecias de paz e de um futuro promissor (3:5; cf. tb. Jr 6:14; 2Tm 4:3). Quem é pobre e não tem como satisfazer sua ganância, porém, recebe apenas insultos. Não apenas aceitam subornos, mas também os exigem. Usam um dom divino em benefício próprio.

Como julgamento, o dom de profecia lhes será tirado (3:6). Não terão mais visões nem revelações; verão apenas treva. Serão envergonhados, pois suas profecias não se cumprirão (3:7a; cf. tb. Pv 29:18). Consequentemente, serão considerados impuros (Lm 4:13-15) e serão calados quando cobrirem o rosto em sinal de vergonha e luto (3:7b; cf. tb. Lv 13:45; Ez 24:17,22). Deus não responderá às suas orações.

Ao contrário dos falsos profetas silenciados, Miqueias, um profeta verdadeiro, está cheio do poder do Espírito do SENHOR (3:8). Ele não se vangloria de seu ministério, pois é o Espírito de Deus quem lhe dá poder para proclamar fielmente a mensagem de Deus. Miqueias não ilude o povo quanto à sua condição espiritual, mas defende a justiça



com palavras enérgicas (cf. tb. Is 11:2-5; 61:1) e adverte acerca das consequências do pecado. Declara o santo juízo divino com ousadia e imparcialidade, na esperança de que o povo se arrependa.

Poder e coragem moral são sinais da presença do Espírito na vida de um profeta verdadeiro (cf. tb. At 4:13; 2Tm 1:7). Deus espera que seus servos transmitam a mensagem e cumpram a missão que lhes foi dada. Quando líderes religiosos fazem vista grossa à corrupção e ao mal, tornam-se parcialmente responsáveis por esses problemas.

### 3:9-12 Destruição de Jerusalém

Miqueias convoca os líderes, governantes, sacerdotes e profetas corruptos de Israel para ouvirem o veredicto de Deus a respeito deles. Abominaram o juízo e perverteram tudo o que é direito (3:9; cf. tb. Lv 19:13,15; Dt 16:19; Am 5:10; 6:12). O mandamento diz: “Não matarás”, mas eles derramaram sangue inocente (3:10; cf. Gn 9:6; Êx 20:13; Dt 19:13; 21:9; 1Rs 21; 2Rs 9:7). O abuso da justiça resulta, com frequência, na morte de inocentes (2Sm 3:31-34; 4:11; 2Cr 19:10; Hc 2:12).

Todos eles aceitam subornos (3:11). Os governantes, que atuam como juízes, baseiam suas decisões em propinas, uma prática expressamente proibida (Êx 23:8; Dt 16:19; Pv 17:23; Is 33:15). Os sacerdotes, que deveriam ensinar a lei de Deus ao povo, exigem pagamento por seu serviço. Os profetas transmitem uma mensagem favorável em troca de uma boa gratificação. Essas pessoas usam suas funções para beneficiar a si mesmas, em vez de servirem a Deus e aos outros. E, no entanto, asseveram que a presença de Deus está com elas! Acreditam que Deus protegerá seu povo escolhido, não obstante como este se comporta.

Deus, porém, exige obediência, e, uma vez que não a encontra, ele próprio destruirá Jerusalém (3:12). A cidade se tornará em montões de ruínas, e até mesmo o templo, sinal visível da presença de Deus, será demolido. O monte sobre o qual se encontra será coberto de mato. O público de Miqueias deve ter-se espantado com a notícia de que teria o mesmo fim de Samaria.

O povo sob o governo de Ezequias deu ouvidos a Miqueias e se arrependeu. Em decorrência, o julgamento só ocorreu cem anos depois, em 586 a.C. (2Rs 25; cf. tb. Jr 26:18-19; 18:8-10). Nessa ocasião, Jeremias lamentou: “Pelo monte Sião, que está assolado, andam as raposas” (Lm 5:18; Ne 2:17; 4:2).

### 4:1-13 Promessa de restauração

#### 4:1-8 O monte do Senhor

Miqueias passa abruptamente de uma mensagem de julgamento para outra de esperança. Além da escuridão do futuro imediato, ele tem uma visão gloriosa dos últimos dias (4:1), quando o Senhor, o Messias, virá (cf. tb. Dn 10:14; Os 3:5). Naqueles dias, o monte Sião, o local do templo, se

tornará o centro de todas as atividades políticas e religiosas da terra. Ficará acima de todos os outros montes, não em razão de características geográficas, mas porque Deus o escolheu para ser seu lugar de habitação na terra (4:1a; cf. tb. Is 2:2-4).

Sião será como um ímã que atrairá todos os povos da terra ao Senhor (4:1b-2a). Um fluxo constante de pessoas se dirigirá a Jerusalém para aprender a lei de Deus. As nações gentias convertidas incentivarão umas às outras a peregrinar até o templo do Senhor e aprender a viver de acordo com sua lei (4:2b; cf. tb. Sl 122:1,4). De Sião procederá a palavra de Deus, pois os visitantes a levarão consigo ao voltar para seus lugares de origem, onde a porão em prática. Todas as nações se terão tornado parte do verdadeiro Israel que desfruta as bênçãos da nova aliança por meio de Jesus Cristo, seu Mediador (Gl 3:26-29; cf. tb. Jr 31:31-34; Ez 36:24-31; Hb 8:6). Essa profecia se cumpriu parcialmente na igreja, constituída de cristãos de todas as partes do mundo.

Ao seguir a lei de Deus, as nações serão abençoadas com paz. O Messias será o árbitro que resolverá todos os conflitos com base naquilo que é correto (4:3; cf. tb. Is 11:3-4; Hc 1:12). Uma vez que não haverá guerras, as armas se tornarão desnecessárias. Espadas e lanças, as principais armas da época (cf. 1Sm 17:47), serão transformadas em implementos agrícolas como relhas de arados e podadeiras. Também não haverá mais necessidade de treinar soldados.

A paz do reino messiânico contrasta com o desafio de Joel às nações para forjar espadas das suas relhas de arado a fim de lutar contra Deus e seu povo (Jl 3:10). Se alguém rejeita Deus e seu Messias, a única opção que lhe resta é lutar contra o Senhor e sofrer derrota vergonhosa.

A paz dessa era também é descrita com a imageria do campo. Indivíduos viverão em prosperidade, assentados confortavelmente em seus lares, debaixo de suas próprias vinhas e figueiras (4:4a; cf. tb. 2Rs 18:31; Is 36:16; Jl 2:22; Zc 3:10). Viverão sem medo (cf. 1Rs 4:25; Is 65:20-25; Os 2:18).

A obediência à palavra de Deus afeta todas as áreas da sociedade, inclusive o sistema educacional, político e econômico, e promove paz em nossa vida e comunidade. A África já experimentou guerras, matanças e insegurança demais e aguardamos ansiosamente o estabelecimento do reino de paz e segurança do Messias.

O Senhor soberano garante esse futuro pacífico (4:4b) que só se concretizará, contudo, quando o reino de Deus vier em sua plenitude (Ap 21—22). Entrementes, ainda que todos os outros continuem seguindo seus próprios falsos deuses, o remanescente fiel deve reafirmar seu compromisso de andar em nome do SENHOR, nosso Deus (4:5). Deve tomar a natureza e o caráter de Deus como padrão para o que é certo. Nós também devemos confiar no Senhor e obedecer-lhe, mesmo quando outros ao nosso redor não o seguem. Certos de que nossa adoração a Deus continuará

para todo sempre, devemos ser fiéis até o fim (2Pe 3:11-13; 1Jo 3:3).

A expressão *naquele dia* (4:6a) remete aos “últimos dias” mencionados em 4:1 e nos lembra que Miqueias continua a focalizar o futuro. Também remete ao rei-pastor de 2:12-13, descrito mais uma vez como aquele que ajuntará o remanescente disperso e ferido depois que Deus castigar o povo (4:6b-7a). Deus transformará o remanescente numa *poderosa nação* (4:7b) e estabelecerá seu reino *sobre eles no monte Sião* (4:7c). O reino restaurado por Jesus Cristo permanecerá *para sempre* (cf. Is 9:6-7; Dn 7:14,27; Ap 11:15). Quem se tornar parte dele jamais perecerá.

Ao descrever esse reino, Miqueias faz referência a dois lugares simbólicos. Um deles é uma *torre* perto de Belém, a cidade natal de Davi. Da torre, o pastor podia guardar seu rebanho e protegê-lo de animais selvagens e ladrões (4:8a). Esse lugar simboliza, portanto, o reino futuro do Messias que virá da casa real de Davi e será o Bom Pastor que vigiará, protegerá e guardará o remanescente para sempre.

O segundo lugar é o *monte da filha de Sião* (4:8b; ou “fortaleza da cidade”; NVI), nome dado à parte fortificada da cidade antiga de Jerusalém (2Rs 5:24; 2Cr 27:3; 33:14), usada para representar a cidade toda. *Filha de Sião* é uma referência aos habitantes da cidade. Miqueias afirma que, nos últimos dias, Belém e Jerusalém serão restauradas à proeminência que desfrutavam no tempo de Davi e Salomão.

#### 4:9-13 O remanescente será salvo

Antes de o reino de Deus ser estabelecido, o povo de Deus terá de passar por profunda humilhação. Clamarão de aflição quando vier o julgamento que será tão inevitável quanto as dores da mulher em trabalho de parto. A nação de Israel sentirá *dor* antes de *dar à luz* o rei messiânico e a nova era (4:9; 5:2-3). Seu rei e os respectivos conselheiros serão mortos ou levados para a Babilônia (4:9). O povo será arrastado para o exílio, onde permanecerá até Deus livrar o remanescente da Babilônia (o termo “ali” é usado duas vezes para dar ênfase a esse local) e ajudá-lo a voltar à sua terra (4:10; cf. tb. 2Cr 36:9-23; Ed 1—2).

Deus fortalecerá os salvos para derrotarem seus muitos inimigos. Não se trata de uma referência aos assírios ou babilônios, mas àqueles que se reunirão para atacar Jerusalém antes da segunda vinda de Cristo (cf. Ez 38—39; Jl 3; Zc 12; 14). A intenção dessas nações é profanar a cidade santa e alegrar-se perversamente com sua aflição e vergonha (4:11). Elas não sabem, contudo, que sua união contra o povo de Deus faz parte do plano divino. Deus está no controle e reúne esses povos *como feixes na eira* (4:12; cf. tb. Is 21:10; 41:15-16; Jr 51:33; Os 13:3). Tornará seu povo tão poderoso que esmagará essas nações debaixo de seus pés, como os debulhadores esmagam os feixes até separar o cereal da palha (4:13a; cf. tb. Is 41:15; Hc 3:12).

Toda a riqueza das nações derrotadas deverá ser consagrada ao Senhor, isto é, completamente destruída (Js 6:17;

2Sm 22:43; 2Rs 23:6,15). Tudo isso será obra do *Senhor de toda a terra* (4:13b).

#### 5:1-15 Um novo rei e um novo reino

##### 5:1-4 O Messias

Nesta seção, Miqueias aborda de forma sucinta o cerco de Senaqueribe, uma ameaça tão real que o profeta fala como se já estivesse acontecendo. O povo deve reunir seus soldados para enfrentar o inimigo. Uma vez que o rei Ezequias se arrependeu, o Senhor o poupou da humilhação de ser ferido *com a vara na face* (5:1; cf. tb. 1Rs 22:24; Jó 16:10; Sl 3:7). Um século depois, em 586 a.C., o rei Zedequias, o último monarca da dinastia de Davi, foi humilhado publicamente depois que Nabucodonosor tomou Jerusalém (2Rs 25:1-21).

Miqueias anuncia, porém, a vinda de um novo governante davídico de *Belém-Efrata* em Judá (5:2a). “Efrata” era o nome antigo da cidade de Belém e também o nome da região (cf. Gn 35:16,19; 48:7; Rt 4:11). Apesar de ser um local de pouca importância, e não uma cidade governada por um clã forte e numeroso, Belém era a cidade natal do rei Davi (1Sm 16:1; 17:12) e também seria a cidade natal do Messias, Jesus Cristo (Mt 2:3-6; Lc 2:4-7). Miqueias é o único profeta a identificar o local do nascimento de Cristo.

Apesar de a cidade ser humilde, o governante que sairá de lá será singular, pois virá em nome do Senhor (5:2b). Servirá a Deus, e não a si mesmo, e será alguém *cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade* (5:2c). Os seres humanos começam a existir quando são concebidos, mas esse padrão não se aplica ao Messias. Encontramos aqui uma referência à encarnação e divindade de Jesus, indicando que ele é, ao mesmo tempo, humano e divino (cf. tb. Sl 2:7; 45:7; 110:3; Is 9:6; Jo 1:1-3).

O Messias não trará livramento imediato; eles terão de esperar *até ao tempo em que a que está em dores tiver dado à luz* (5:3a), ou seja, até o tempo em que o sofrimento chegar ao fim determinado. Até então, Deus entregará seu povo aos inimigos. O nascimento do Messias marcará apenas o início do fim dos dias de sofrimento (cf. tb. Os 1:9; 3:4-5). Quando vier pela segunda vez, porém, o libertador originário de Belém estabelecerá seu reino glorioso e conduzirá *o restante de seus irmãos* de volta a Deus (5:3b; cf. tb. Rm 11:26-27). O Messias trará união ao seu povo ao viver e reinar em seu meio.

O Messias começará a reinar na segunda vinda. Será um pastor que governará, conduzirá e protegerá o povo de Deus com forças concedidas por Deus. Levará o *nome do SENHOR, seu Deus*, e seu governo permanecerá para sempre, *até aos confins da terra* (5:4; cf. tb. Sl 72:8; Is 9:16; 10:21; Mq 4:1-4). Seu povo desfrutará grande segurança.

Deus costuma escolher os pequenos e fracos do mundo para cumprir seus desígnios poderosos (1Co 1:26-31). A África já foi chamada de “continente escuro”, mas Deus escolheu



muitos de seu povo para levar luz a outros pela pregação do evangelho de Jesus Cristo. Tudo isso se dá pelo poder de Deus. Ainda assim, restam muitos problemas de liderança inadequada e corrupção, e precisamos voltar-nos para o Messias, Jesus Cristo, como nosso pastor, guia e protetor.

### 5:5-6 *Seu reinado de paz*

Quando o Messias voltar, estabelecerá um reino pacífico, pois será a paz de seu povo (5:5a; cf. tb. Jo 14:27; Ef 2:14). Isaías o chama de “Príncipe da Paz” (Is 9:6). Em sua segunda vinda, todas as guerras cessarão e todas as armas serão destruídas (4:3-5).

Miqueias prediz os ataques que Israel sofrerá da *Assíria* (5:5b) e da *terra de Ninrode* (Babilônia; Gn 10:8-12; 1Cr 1:10; 5:6a). Serão precursores do ataque final contra o povo de Deus que se dará no fim dos tempos (Is 13; 14:1-23; Jr 50—51).

Os profetas com frequência se referem a acontecimentos que serão cumpridos tanto no futuro próximo quanto no futuro distante. É como se olhassem por um longo túnel do tempo e vissem acontecimentos presentes e futuros tão intimamente ligados a ponto de seus contornos se sobrepor e de os profetas não conseguirem determinar a distância entre eles.

Os exércitos do Messias terão um número mais que suficiente de líderes para defender seu reino, pois levantarão *sete pastores e oito príncipes* (5:5c). As forças inimigas serão destruídas e expulsas da terra (5:6b).

Cristo ainda não estabeleceu a paz mundial, mas já nos deu paz com Deus e paz em nosso coração, apesar do tumulto ao nosso redor. Também nos concedeu a espada viva e efetiva que é a palavra de Deus (Ef 6:17; Hb 4:12) e prometeu que nem mesmo as portas do inferno prevalecerão contra aqueles que o confessam como Filho de Deus (Mt 16:16-18).

### 5:7-9 *O remanescente reinará com o Messias*

Os seguidores fiéis de Deus que aguardam a vinda do Messias são chamados de *restante de Jacó* (5:7a; 8a). Esse remanescente é constituído dos fiéis de Israel e de todos os que creem verdadeiramente em Cristo. Eles serão instrumentos das bênçãos de Deus e também de seu julgamento no final dos tempos, assim como Cristo é “o Cordeiro de Deus” (Jo 1:29) e também o “Leão da tribo de Judá” (Ap 5:5).

Primeiro, Miqueias compara o remanescente ao *orvalho* no calor do verão e a *chuvisco* sobre a terra seca (5:7b). Assim como a chuva traz vida e bênção, o remanescente trará refrigério e renovação àqueles que têm sede de Deus e atrairá as nações para Jerusalém a fim de receberem salvação (4:1-4). Não o fará com suas próprias forças, pois o profeta diz que o orvalho vem *do SENHOR*. Os seres humanos não são capazes de manipular a bênção fiel e bondosa de Deus, pois ela *não espera pelo homem* (5:7c).

O remanescente também será *como um leão* (5:8b), animal que supera todos os outros em altivez, bravura e fero-

cidade, e que não foge de ninguém (Pv 30:30). Conforme descobrirão aqueles que rejeitarem o Messias, o remanescente é tão perigoso quanto um leão ao capturar suas presas *sem que haja quem as livre* (5:8c; cf. tb. Zc 8:13). Serão uma nação forte no meio de nações poderosas, *como um leão entre os animais das selvas*. Que contraste entre essa imagem e o povo fraco que o Messias teve de resgatar das mãos dos inimigos (5:5b). Agora, a nação poderá resistir-lhes. A *mão* de Javé estará erguida em sinal de vitória (5:9a; cf. tb. Êx 15:6; Sl 89:13; Is 26:11). Deus lutará na batalha (cf. tb. Êx 13:9; 14:8,13-14), e *todos os seus inimigos serão eliminados* (5:9b).

Somente Deus pode revigorar-nos e usar-nos como instrumentos de bênção e salvação para outros. Talvez estejamos sofrendo no presente, mas, por fim, Cristo governará sobre toda a sua criação.

### 5:10-15 *A remoção da idolatria*

*Naquele dia*, quando estabelecer seu reino (5:10a; cf. 4:1,6), o Messias destruirá tudo em que seu povo poderia confiar: armas e poderio militar, representados pelos *cabalos* e [...] *carros de guerra* (5:10b; cf. tb. Dt 17:16; Is 2:7; Zc 9:10); sistemas de defesa, como as *cidades* fortificadas e as *fortalezas* (5:11; cf. tb. Dt 29:23; Is 6:11; Lm 2:2; Os 10:14; Am 5:9); as *feiticeiras*, ou seja, a prática de consultar feiticeiros ou *adivinhadores* (5:12; cf. tb. Êx 22:18; Ml 3:5; Ap 21:8; 22:15); e, por fim, os ídolos pagãos, como as *imagens de escultura* e as [...] *colunas*, isto é, imagens de madeira da deusa Aserá (5:13-14; cf. tb. Êx 20:4; 34:13; Dt 5:8; 7:25; 16:21-22). O povo de Deus costumava depositar mais confiança nessas coisas do que no Senhor, e este havia sido um dos motivos de sua ruína (2Rs 13:6; 23:6).

Alguns membros de igrejas africanas ignoram os ensinamentos das Escrituras e procuram a ajuda de curandeiros, feiticeiros e adivinhadores (Lv 19:26; Dt 18:9-14). Deus deseja que confiemos nele, e não em nossas religiões tradicionais. Devemo-nos preparar para o reino de Deus levando uma vida purificada e santa (Ef 5:26-27).

Uma vez que Deus tiver purificado seu próprio povo, ele os usará para castigar aqueles que não se sujeitarem ao seu governo (5:15; cf. tb. Is 65:12). Miqueias fala da *vingança* de Deus. A vingança humana é uma mistura perniciosa de inveja e ressentimento, mas a vingança divina é o ato por meio do qual Deus preserva e defende a honra do seu nome diante daqueles que recusam seu senhorio e profanam sua santidade (cf. tb. Ez 20:41; 28:22; 36:21-24).

## 6:1—7:20 *Terceiro sermão*

### 6:1-16 *A queixa de Deus contra seu povo*

#### 6:1-8 *A ira de Deus*

Agora, Miqueias fala como se estivesse em um tribunal, participando de uma audiência na qual o Senhor é o plei-



teante, o promotor público e o juiz, e Israel é o réu. Os montes e outeiros antigos são convocados a servir de testemunhas, pois *o SENHOR [...] com Israel entrará em juízo* (6:1-2; cf. tb. Os 4:1; 12:2). Esses montes estavam presentes quando o Senhor e Israel firmaram aliança no Sinai (Dt 4:26; 30:19; 31:28; cf. tb. Gn 31:43-50; Js 22:21-28) e foram testemunhas silenciosas da ratificação dessa aliança (cf. tb. Dt 32:1; Sl 50:4; Is 1:2). O Senhor acusa o povo de prometer obedecer à lei divina (cf. tb. Êx 24:7), mas quebrar essa promessa repetidamente.

No início da audiência, Deus pergunta por que se voltaram contra ele e quer saber se os enfadou com um número excessivo de exigências (6:3). Eles não têm como responder a essas perguntas, pois o Senhor foi bom para o povo e não o sobrecarregou. Esqueceram-se daquilo que o Senhor fez por Israel, de modo que ele os lembra de seus feitos. Se não fosse pelo miraculoso livramento concedido por Deus, eles ainda seriam escravos no Egito (6:4; cf. tb. Am 2:10). O Senhor lhes deu líderes piedosos durante a jornada de quarenta anos pelo deserto: Moisés, o legislador que lhes ensinou a lei (Êx 18:20); Arão, o sumo sacerdote que lhes trouxe reconciliação (cf. tb. Êx 28:1-3; Nm 17—18); e Miriã, a profetisa que os conduziu em cânticos de louvor a Deus (Êx 15:20-21). Ademais, Deus transformou em bênçãos sobre Israel as maldições que Balaque encomendou ao profeta Balaão (6:5a; cf. tb. Nm 22—24). Também secou o rio Jordão de modo miraculoso para que o povo pudesse atravessar em terra seca de Sitim, em Moabe, do lado leste do rio, para Gilgal, na terra prometida, do lado oeste (6:5b; cf. tb. Js 2:1; 4:19).

Deus se indignou porque seu povo se esqueceu dele e transgrediu a aliança, mas a ira não apaga seu amor, pois ele ainda se dirige a Israel ternamente e o chama de *povo meu* (6:3,5; cf. tb. Is 1:2; Os 11). Deus deseja que o povo a ele retorne.

O povo reconhece que desagradou a Deus, mas alega que não sabia exatamente o que Deus desejava. Como sua pergunta indica, o povo não entendeu que Deus está mais interessado no coração deles que em seus sacrifícios (6:6). Acreditam que podem compensar pelos pecados por meio da oferta de sacrifícios ainda mais grandiosos (6:7; cf. tb. Is 1:11). Estão prontos até a sacrificar seus filhos primogênitos, oferta que revela sua ignorância acerca da aliança. Somente deuses pagãos exigiam esse tipo de sacrifício cruel (2Rs 3:27; 16:3; 21:6; Jr 32:24; Ez 16:20-21). Javé o havia proibido explicitamente (Lv 18:21).

Miqueias ressalta que não há necessidade de oferecer mais sacrifícios (cf. tb. Am 5:21-22). Antes, Israel precisa arrepender-se de sua incredulidade e injustiça e obedecer às leis da aliança. Deus já lhes disse o que deseja (6:8a; cf. tb. Dt 10:12). O Senhor requer deles *o que é bom* e proíbe o que é mau. Somente Deus é bom (Sl 100:5; 136:1; Mc 10:18) e deseja que seus seguidores ajam de acordo com o caráter dele e pratiquem a *justiça*, [...] a *misericórdia* e a

humildade (6:8b; cf. tb. Is 1:17; Os 6:6; Mt 23:23). De nada adianta seguir as prescrições da lei acerca dos sacrifícios (Lv 1—7), mas ignorar sua exigência de uma vida justa (Lv 19:18; Dt 11:1,13,22).

Quando nos sentimos culpados por causa de algum pecado, é inútil tentar obter o perdão de Deus por meio de boas obras, participação em atividades da igreja ou realização de rituais tradicionais. Esses esforços são tão fúteis quanto a oferta dos contemporâneos de Miqueias de oferecer seus filhos como sacrifício. Deus requer que nossa vida reflita virtudes cristãs de retidão, amor e humildade. Ser humilde inclui reconhecer que Jesus Cristo realizou o sacrifício final e completo, aceitável a Deus, e que nossos pecados só podem ser perdoados e nossa culpa só pode ser removida quando cremos nele.

#### 6:9-16 *Motivos para o julgamento divino*

Miqueias chama a atenção do povo de Jerusalém: *Ouvi* (6:9a). Aconselha-os a mostrar *sabedoria* temendo a Deus (6:9). É perigoso e insensato tratar o Senhor com desdém, pois ele tem nas mãos a vara da disciplina (6:9b, RC).

O profeta assevera ao povo que eles podem ter esquecido Deus, mas Deus não esqueceu o que eles fizeram. É absurdo eles esperarem que Javé esqueça seus próprios padrões. O Senhor condena a riqueza obtida por meio de práticas comerciais desonestas, como fraudar os fregueses pelo uso de medidas falsas (6:10). Um *efa minguaço* é um recipiente cuja suposta capacidade é um efa, mas que, na verdade, tem uma capacidade menor. O uso de medidas desse tipo atrairá o julgamento divino. O mesmo se aplica ao uso de pesos falsos para enganar compradores e vendedores (6:11; cf. tb. Lv 19:35-36; Dt 25:13-16; Ez 45:10; Os 12:7). Aqueles que usaram de força ou práticas corruptas para enriquecer são *cheios de violência*, e [...] *falam mentiras* (6:12).

Deus não pode fazer vista grossa a crimes e pecados no âmbito comercial; ele julgará do modo adequado aqueles que procedem desse modo (6:13; cf. Gl 6:7). Os corruptos perderão exatamente aquilo que os motivou a fazer o mal. Comerão, mas não se fartarão (6:14a; cf. tb. Dt 28:30-31; Os 4:10). Não terão uma reserva financeira, pois gastarão tudo em guerras (6:14b; cf. tb. Lv 26:16; Dt 28:40,51). O julgamento afetará a produtividade do solo. Eles plantarão sementes, mas haverá pouca ou nenhuma colheita. Onde ainda for possível colher azeitonas ou uvas, outros virão e tomarão o azeite e o vinho (6:15; cf. tb. Dt 28:38-40). Por mais árduos que sejam seus esforços, não redundarão em prosperidade material. O Senhor aplicará as maldições da aliança ao seu povo desobediente (cf. tb. Lv 26:26; Dt 28:15,18).

O povo também seguiu as práticas religiosas pagãs de Onri (1Rs 16:21-26) e de seu filho Acabe, o rei mais perverso de Israel (6:16a; cf. tb. 1Rs 16:29-33). Esses reis eram conhecidos por terem apoiado o culto a Baal no Reino do

Norte. Acabe também tomou ilegalmente a propriedade de outro homem (1Rs 21). Uma vez que o povo de Judá adotou as mesmas práticas ímpias, será destruído como Samaria. Deus o entregará à *desolação* e ao *opróbrio* (cf. Dt 28:15), e eles serão desprezados por outras nações (6:16b).

Devido à difícil situação econômica de vários países africanos, algumas pessoas afirmam que precisam usar de todos os meios possíveis para obter riqueza material. Mostram-se dispostas a enganar, mentir e até mesmo usar de violência para ser bem-sucedidas. Mas nenhuma sociedade caracterizada por práticas imorais prosperará. Semelhantemente, nenhum indivíduo que considera os negócios mais importantes que o relacionamento pessoal com Deus será verdadeiramente bem-sucedido.

## 7:1-20 Lamentações e promessas

### 7:1-6 A lamentação do profeta

Miqueias ama seu povo (cf. 1:8) e lamenta sua pecaminosidade e o castigo que o aguarda. O profeta se compara a alguém que anseia por uma fruta, mas se decepciona terrivelmente quando não encontra nada na árvore (7:1; cf. tb. Is 24:13; Os 9:10). Almeja, semelhantemente, encontrar pessoas piedosas, mas *não há entre os homens um que seja reto* (7:2a; cf. tb. Jr 5:1; Ez 22:30). Ninguém deseja seguir e obedecer a Deus (cf. Is 57:1).

De acordo com a descrição do profeta, sua sociedade não tem nenhuma preocupação com a vida humana, pois todas as pessoas são como caçadores à procura de presas (7:2b; cf. tb. Gn 4:9). *Suas mãos* entregam-se ansiosamente à prática do mal. Esmeram-se em agir com maldade (7:3; cf. tb. Is 1:23; Os 4:18). Aqueles que ocupam cargos de poder só precisam dizer o que querem, e seu desejo é atendido. Contribuem para perverter a justiça em troca de dinheiro. Até mesmo aqueles que não parecem ser tão perversos quanto os outros assemelham-se a *um espinheiro* e a *uma sebe de espinhos* que ferem todos os que se aproximam (7:4a).

Os profetas, comparados aqui a *sentinelas*, advertiram sobre a iminência do castigo a ser aplicado por Deus (7:4b; cf. tb. Is 10:3; Jr 6:17; Ez 3:17; Os 9:7). O juízo divino sobrevirá de forma repentina, pois o povo desconsiderou completamente as advertências e os preceitos da aliança.

A sociedade se corrompeu de tal modo que é imprudente confiar em amigos ou vizinhos, ou mesmo em pessoas mais próximas, como a esposa (7:5), pois até ela pode usar informações contra seu marido. Também não se pode confiar nos líderes, e todos suspeitam uns dos outros. Em vez de honrar seus pais (Êx 20:12; Lv 19:3), os filhos os tratam com desprezo. Familiares são hostis uns com os outros, de modo que *os inimigos do homem são os da sua própria casa* (7:6; cf. tb. Jr 9:4-5). O enfraquecimento da família, o elemento fundamental da sociedade, pela falta de autoridade e disciplina, torna a própria sociedade instável (cf. tb. Êx 21:15,17; Lv 20:9).

A desobediência à palavra de Deus e a falta de valores éticos trazem caos e anarquia às comunidades. A desonestidade e o engano proliferam, e, em pouco tempo, torna-se impossível confiar em qualquer pessoa que seja. A igreja africana precisa conscientizar-se de que essa degeneração moral já está em andamento. Será que sentimos a mesma tristeza que Miqueias diante da falência espiritual do povo? Preocupamo-nos, verdadeiramente, com a situação moral e espiritual de nossa sociedade? Tememos o juízo divino que virá se não nos arrependermos e mudarmos nossos caminhos?

### 7:7-10 A promessa de salvação

Miqueias não sucumbe ao desespero absoluto. Conhece o caráter de seu Salvador e, portanto, está certo de que Deus responderá à sua oração (7:7). A declaração de fé do profeta é seguida de uma confissão de pecado pelo remanescente arrependido. Uma vez que eles enxergam além do juízo divino e veem um tempo de restauração, podem dizer confiantemente ao inimigo que não se alegre com o sofrimento deles, pois voltarão a se levantar (7:8a). É possível que, no momento, eles estejam morando *nas trevas*, expressão que manifesta sua aflição sob a *ira do SENHOR* (7:8b, 9a), mas, uma vez que o *SENHOR será a sua luz*, as trevas não permanecerão para sempre (7:8c; cf. tb. Sl 27:1). Eles reconhecem, portanto, seu pecado, bem como a justiça do castigo divino. Sabem que, no devido tempo, Deus julgará sua *causa* e lhes será propício (7:9b). O Senhor agirá em favor de Israel, e eles verão sua salvação justa.

Deus inverterá as posições do remanescente e seus inimigos. Aqueles que escarneceram do povo de Deus serão cobertos de vergonha. O Senhor vindicará seu povo à vista daqueles que perguntaram: *Onde está o SENHOR, teu Deus?* (7:10; cf. tb. Jl 2:17). Aqueles que disseram que Deus é impotente serão pisados *aos pés como a lama nas ruas* (cf. tb. Is 10:6; Zc 10:5).

Deus julgará os pecados de indivíduos e nações que o rejeitam, mas também concederá salvação àqueles que se arrependem. Por meio de Cristo, podemos ter um relacionamento com Deus que nos dá segurança semelhante à de Miqueias, de que Deus está conosco mesmo em meio às dificuldades e que, por fim, teremos vitória sobre todos os nossos inimigos.

### 7:11-20 A graça gloriosa de Deus

O remanescente tem diante de si um futuro glorioso. Miqueias se refere três vezes ao *dia* vindouro (7:11-12a) e enfatiza a certeza de que Deus restaurará o seu povo. A reconstrução dos *muros* e a expansão dos *limites* (7:11) não se refere apenas à reconstrução que ocorreu sob a liderança de Neemias; antes, simboliza a restauração do remanescente em Sião (Sl 51:18; 69:35; 102:16; 147:2; Is 60:10; Jr 31:38-40), que abrangerá judeus e gentios.

Como sugere o afluxo de pessoas das nações gentias à nova Jerusalém, Miqueias se refere à segunda vinda do



Messias para estabelecer seu reino poderoso, pois nessa ocasião os gentios farão parte do remanescente justo (7:12b; cf. tb. 4:1-4; Zc 14:16; Rm 4:16-17; 9:30; Gl 3:6-9). Dentre aqueles que irão a Jerusalém, estão a Assíria e o Egito, inimigos de longa data de Israel, símbolos de todas as nações gentias que virão dos lugares mais remotos da terra e se unirão ao povo de Deus nesse dia final (cf. tb. Is 19:23-25; 60:3; Am 9:11; Zc 10:11).

A salvação dos justos será acompanhada de julgamento sobre toda a terra. O reino do Messias substituirá nosso mundo, o qual se tornará desolado em decorrência de seus pecados (7:13; cf. tb. Is 24:1,3; 34-35; 1Ts 5:1-11; 2Pe 3:10-13).

O profeta pede a Deus que pastoreie seu povo, oração que traz à memória a profecia do rei-pastor messiânico (7:14a; 5:4). O Senhor é o Bom Pastor que governa, guia, conduz, alimenta e protege seu povo (Sl 23; 95:7; 100:3; Jo 10:1-16). Com seu *bordão*, Deus restaurará o remanescente justo que é o *rebanho da sua herança* e derrotará seus inimigos (7:14b; cf. tb. Sl 28:9; 74:1; 80:1). Como povo de Deus, eles viverão separados das nações pagãs que os rodeiam (cf. Dt 33:28; Nm 23:9; Jr 49:31). Miqueias pede que o rebanho seja conduzido aos pastos verdejantes de *Basã e Gileade* (7:14c; cf. tb. Nm 32:1,26; Dt 32:14; Jr 50:19). O profeta deseja que o Senhor os restaure à prosperidade e bênção que eles desfrutavam *nos dias de outrora*.

Em resposta à oração de Miqueias, Deus promete salvar e operar *maravilhas*, como quando livrou seu povo da escravidão no Egito ao enviar pragas sobre aquela nação, abrir o mar Vermelho e conduzir seu povo pelo deserto (7:15; cf. tb. Êx 12:50-51; 13:3,9,14,16). O fato de esses milagres poderem ser repetidos revela a grandeza do poder de Deus (Os 11:11; 12:9; Zc 10:10). O Senhor demonstrará o mesmo poder em favor do remanescente justo no final dos tempos (cf. tb. 1Co 10:1-4).

Nações hostis descobrirão que suas forças serão como nada em comparação com o poder de Deus (7:16). Só lhes restará pôr a *mão sobre a boca* em sinal de temor e reverência (7:16a; cf. tb. Jó 29:9-10; Is 52:15). Não blasfemarão mais contra Javé, não zombarão de seu povo nem darão ouvidos às expressões de presunção (7:16b). Antes, serão humilhados de tal modo que *lamberão o pó como serpentes* (7:17a; cf. tb. Is 65:25), o que representa um sinal de derrota (cf. 1:10; Is 49:23). Essa imagem nos traz à memória a maldição proferida contra a serpente no jardim do Éden (Gn 3:14), que Deus cumprirá quando esmagar Satanás debaixo dos pés da igreja (Rm 16:20).

As nações derrotadas, *tremendo, sairão dos seus esconderijos* e se apresentarão perante o Senhor (7:17b; cf. tb. 2Sm 22:46; Sl 18:45; Is 19:16; 33:14). Ao serem confrontadas com o poder de Deus, *terão medo* do povo de Deus (7:17c).

Miqueias encerra sua profecia com o cântico triunfante de louvor a Deus que o remanescente entoia. A pergunta: *Quem, ó Deus, é semelhante a ti [...]?* é um trocadilho com o

nome do profeta, pois Miqueias significa “Quem é como o Senhor?” (7:18a; cf. tb. Êx 15:11) e lembra o caráter singular e incomparável de Deus (cf. tb. Is 40:9-31).

Deus perdoa o pecado daqueles que confessam a culpa e pedem perdão (7:18b; cf. tb. Êx 34:6-7; 1Tm 1:15-17). Quem procede desse modo é chamado de *restante da tua herança*, uma indicação de que Deus os herdou. Eles são sua propriedade especial. *O SENHOR não retém a sua ira para sempre*, pois é um Deus que se compraz na misericórdia (cf. tb. 6:8; Sl 103:9-10; Jr 9:24). Ainda que seu povo seja desleal, o Senhor permanece fiel (cf. tb. 2Tm 2:13).

Quando o povo de Deus confessar seus pecados, o Senhor terá compaixão deles, apesar de não a merecerem. Deus *pisará aos pés* os pecados de seu povo (7:19) e, assim como lançou os carros de Faraó no mar Vermelho, *lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar* (cf. tb. Êx 15:4-5). Todos os nossos pecados foram removidos e sepultados pela graça de Deus por meio da cruz de Jesus Cristo (cf. Cl 2:13-15).

A esperança de salvação de Miqueias e do povo se baseia na graça e fidelidade de Deus à sua aliança com Abraão e Jacó (7:20; cf. tb. Gn 12:1-3; 22:15-18; Dt 30:1-10; Sl 105:8-11). Podemos estar seguros, pois o Deus que não mente cumpre suas promessas (cf. tb. Hb 6:18).

Somente o reino do Messias permanecerá para sempre, e somente aqueles que recebem o Messias e vivem em santidade e piedade terão parte nesse reino. Ainda que falhemos ocasionalmente, se nos voltarmos para Deus, obedecermos à sua palavra e vivermos de acordo com a sua vontade para nossa vida, experimentaremos sua graça e misericórdia (Dt 30:1-3; Lc 1:72-73; 1Ts 5:24).

Aqueles que continuam a rejeitar o Messias precisam estar cientes de que sofrerão o mesmo destino das nações inimigas. Mas Jesus Cristo pode absolver, perdoar e esquecer nossos pecados. Se o aceitarmos e crermos nele, Deus terá prazer em nos conceder a mesma misericórdia, fidelidade e compaixão que oferece a todos os que o buscam (Gl 3:26-29; Ef 2:18-19).

Os cristãos em alguns países da África enfrentam inimigos e oposição ao evangelho. Se permanecerem fiéis, Deus no devido tempo os vindicará e triunfará sobre seus inimigos. O Senhor prometeu tirar todo o seu povo (incluindo os africanos) das trevas do pecado e conduzi-lo para sua luz. A vitória é daqueles que creem em Cristo!

Yoilah Yilpet

#### Leituras adicionais

ALLEN, Leslie C. *The Books of Joel, Obadiah, Jonah and Micah*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

SMITH, Ralph L. *Micah-Malachi*. WBC. Waco, Tex.: Word, 1984.

WALTKE, Bruce K. “Micah”, in *The Minor Prophets: An Exegetical & Expository Commentary*. Ed. Thomas Edward McComiskey. Grand Rapids: Baker Book House, 1993.

# NAUM

Sabemos muito pouco sobre Naum, autor deste livro. O texto apenas informa que o profeta nasceu na cidade de Elcos (1:1), possivelmente localizada na Galileia. Naum certamente era um nome bastante conhecido naquela região, pois a cidade de Cafarnaum, mencionada nos evangelhos, é grafada em hebraico Cafar-Naum, que significa “aldeia de Naum”. Um homem chamado Naum também é mencionado na genealogia de Jesus em Lucas 3:25, mas talvez não se refira ao profeta Naum.

O nome “Naum” provém de um verbo hebraico que significa arrepende-se, consolar, confortar, apaziguar, satisfazer ou vingar-se. Judá, nação à qual o livro é dirigido, precisa de tudo isso. Naum, o “consolador”, consolou Judá e todos aqueles que confiavam no Senhor. No entanto, o profeta também proclamou a ira de Deus contra a injustiça.

## Data

Provavelmente, o livro foi escrito após a destruição de Tebas (Nô-Amom), no Egito, em 663 a.C., por Assurbanipal, rei da Assíria (3:8-10). Além disso, percebe-se claramente que o texto foi escrito antes da destruição de Nínive pelos babilônios e medos em 612 a.C. Portanto, a data de composição do livro deve situar-se entre 663 e 612 a.C.

## Tema

Naum anuncia a queda iminente de Nínive, capital da Assíria e a maior cidade daquela época. Nínive era capital de um império famoso pela crueldade com que tratava os povos conquistados.

Jonas alertou o povo de Nínive sobre a ira de Javé, mas em seguida eles também aprenderam que o Senhor é “tardio em irar-se” (Jn 4:2). Arrependeram-se com a pregação de Jonas, porém essa mudança durou apenas uma ou duas gerações, e eles logo voltaram a praticar os pecados anteriores. Caso permanecessem no pecado, os ninivitas saberiam, por meio de Naum, que Deus não reterá sua ira para sempre, pois “o SENHOR é Deus zeloso e vingador” (1:2), “não inocenta o culpado” (Êx 34:7) e tem compaixão daqueles que sofrem. Deus não poupará Nínive dessa vez. Essa mensagem trouxe consolo a Judá, que presenciou a deportação de seus vizinhos israelitas pelos assírios (2Rs 17:3-6) e depois foi atacado pelos próprios (2Rs 17:13-19).

A profecia de Naum com respeito a Nínive mostra a ira de Deus contra os poderosos que oprimem os fracos.

Conforme diz o provérbio: “Deus espanta as moscas do hírax [espécie de roedor], pois este não tem cauda”. Deus controla acontecimentos e governos, traz ruína para o destruidor e esperança para o desesperado.

## Esboço

### 1:1 Introdução

### 1:2-15 A majestade de Deus em seu julgamento e em sua misericórdia

1:2-8 A ira de Deus

1:9-15 Aplicação a Nínive

### 2:1-13 Captura e destruição de Nínive

### 3:1-19 Os motivos da queda de Nínive

## Conclusão

# COMENTÁRIO

### 1:1 Introdução

O primeiro versículo apresenta o autor e descreve o conteúdo do livro como uma *visão*, que na verdade é uma manifestação diferente do sonho, o qual geralmente ocorre à noite, e na maioria das vezes o sonhador se encontra em estado passivo. Em contraste, a visão pode ocorrer a qualquer hora, e o receptor geralmente está consciente. A visão de Naum se refere ao destino da famosa cidade de Nínive.

### 1:2-15 A majestade de Deus em seu julgamento e em sua misericórdia

#### 1:2-8 A ira de Deus

No hebraico original, 1:2-8 representa um salmo ou poema em três estrofes descrevendo a majestade de Deus quando ele se manifesta na terra.

Naum escreveu a primeira estrofe (1:2-3a) como se estivesse respondendo à pergunta: “Quem é Javé?”. A resposta enfatiza dois aspectos inseparáveis do caráter de Deus, a saber, que o Senhor é ao mesmo tempo Deus terrível e bondoso. Naum fornece quatro razões para temermos a Deus: ele é zeloso, vingador, cheio de ira e não esquece o mal que seus adversários praticaram (1:2). A reação de



Deus ao mal é semelhante à do marido traído que reage com ciúmes, furor e vingança (Pv 6:34).

O zelo (ou ciúme) de Deus está relacionado ao seu direito como criador dos seres humanos. Logo, o Senhor tem prerrogativa sobre todas as pessoas, especialmente sobre seus eleitos. Deus reage vigorosamente contra qualquer violação de sua autoridade. Deus também é zeloso no sentido de que não tolera insultos (cf. Êx 20:5). No entanto, no que diz respeito à característica de vingador, não devemos interpretá-la como mera reação emocional punitiva. Deus é vingador no sentido de que não cede em sua obrigação de defender o que é justo e preservar os interesses de seu povo. Deus se vinga quando é insultado (cf. Rm 12:19). A ira de Deus é uma “ira santa”, isto é, uma reação à injustiça e à violação do direito divino.

A ira de Deus não se manifesta imediatamente, pois o Senhor é tardio em irar-se (1:3). Há uma relação entre poder e paciência: quanto mais forte uma pessoa se torna, mais é capaz de mostrar bondade e paciência. Contudo, o fato de os inimigos de Deus desfrutarem paz no presente não deve ser considerado garantia de paz futura, pois a paciência de Deus tem limites, e sua indignação se manifesta na tempestade que começa a se formar no horizonte.

A segunda estrofe (1:3b-6) descreve uma teofania, isto é, uma manifestação de Deus neste mundo. O texto descreve os efeitos da ira de Deus em termos gerais; a aplicação dessa ira a Nínive virá mais tarde. A imagem utilizada é familiar ao AT, em que Deus é associado ao impressionante poder das tempestades e tormentas (1:3b; cf. tb. 2Rs 2:1; Jó 9:17; 38:1; Sl 18:6-15; 29:3-10; Is 39:6; Os 13:15; Am 1:14). Os homens levantam nuvens de poeira quando viajam, mas Deus agita as nuvens do céu quando se move (Sl 68:4). A tempestade que acompanha sua vinda é tão violenta que causa perturbação no mundo natural: o mar seca, as montanhas murcham e a terra treme (1:4-5). Não há como escapar da ira de Deus, que se espalha como um rio de lava vulcânica (1:6; cf. tb. Dt 4:24).

Os lugares mencionados no texto (Basã, Carmelo e Líbano) indicam que Naum conhecia muito bem a geografia da Palestina. Basã era uma planície fértil a leste do rio Jordão, e o Carmelo e o Líbano eram montanhas conhecidas por sua rica vegetação. Contudo, todas as plantas murcham diante da ira de Deus.

A terceira estrofe (1:7-8) apresenta Javé como aquele que protege seu povo e destrói os inimigos. Essa interrupção abrupta na descrição da ira de Deus revela que sua ira não é uma força cega que ataca sem distinção. O Senhor conhece aqueles que lhe pertencem e serve de refúgio para seu povo (1:7). Conforme lemos em muitas orações e hinos de louvor, Deus é o único refúgio em meio ao terror do julgamento. Os inimigos de Deus, contudo, serão destruídos (1:8). O julgamento do Senhor não será apenas um procedimento temporário seguido de uma pausa; antes, implicará a destruição total de seus adversários.

### 1:9-15 Aplicação a Nínive

Um provérbio senegalês expressa muito bem a atitude do povo de Nínive nesses versículos: “O caranguejo pensa ser rei na água, mas o crocodilo está logo atrás dele”. Nínive se considerava uma cidade poderosa e *maquinava o mal contra o SENHOR (1:9a,11)*, mas Deus afirma que ela será destruída. É inútil resistir ao Senhor. *Não se levantará por duas vezes a angústia*, diz o texto; isto é, o Senhor destruirá a cidade completamente, de modo que não sobrará nada para restaurar (1:9b). Os ninivitas serão destruídos como palha seca (1:10).

O exército de Nínive atacou e escravizou o povo de Judá (1:12-13; cf. 2Rs 17:13-19). Apesar da força do opressor, Deus garante que as profecias serão cumpridas e que o exército será destruído. Judá ficará livre desse *jugo*. Além disso, o Senhor *deu ordem que não haja posteridade que leve o teu nome (1:14)*. Embora algumas versões bíblicas traduzam essa frase dando a entender que a ordem foi proferida contra os ninivitas, muitos comentaristas concordam em que a ordem é contra aquele que *maquina o mal em 1:11*, podendo referir-se a Assurbanipal, rei da Assíria. Deus coloca uma maldição sobre esse governante: além de não gerar descendentes, seus deuses serão destruídos e o próprio Senhor cavará sua sepultura.

Jerusalém se localiza numa região montanhosa; daí o motivo de o povo de Judá olhar para as montanhas à espera de mensageiros que tragam boas notícias sobre a queda de Nínive (1:15a; cf. tb. Is 52:7). Será um momento de celebração e cumprimento de promessas feitas a Deus quando eles oraram por libertação (1:15b).

### 2:1-13 Captura e destruição de Nínive

O Senhor reuniu uma coalizão de medos e babilônios para destruir o opressor de seu povo. Sarcasticamente, o profeta adverte a cidade do ataque iminente e dá conselhos sobre como eles devem preparar-se (2:1). Apesar disso, a cidade não conseguirá resistir ao exército enviado por Deus. Nunca haverá um único governo humano eternamente poderoso ao qual todos os outros se submeterão para sempre. Isso serve de advertência a todos os governos terrenos: o poder humano é apenas temporário. Conforme diz o provérbio: “A grande e nova *daba* (enxada) que sulca a terra transformar-se-á numa pequena enxada a capinar entre os sulcos”.

A referência a Jacó e Israel em 2:2 chama a atenção para o fato de que em 722 a.C. os assírios destruíram a nação de Israel (o Reino do Norte), saquearam os tesouros, acabaram com as vinhas e deportaram o povo. A iminente destruição da Assíria é apenas uma questão de justiça em troca da restauração de Israel e libertação de Jerusalém. Naum, entretanto, não prevê a restauração física de Israel, mas a glorificação de Judá (cf. 1:15), o que implica também a glorificação de Jacó/Israel. Israel, originariamente conhecido como Jacó (Gn 35:10), era ancestral comum das nações de Israel e Judá. Logo, a mensagem de restauração



anuncia simultaneamente perdão para Israel e consolo e esperança para Judá, algo que ainda não se cumpriu.

Naum descreve a queda de Nínive em linguagem poética, concentrando-se em detalhes específicos de cores, luzes e brilho para criar a imagem vívida de um campo de batalha (2:3-4) e dessa forma transportar o leitor para um cenário de atividade frenética com ênfase no fim da ameaça ninivita.

Não está claro o significado de 2:5. Uma possibilidade é que o profeta esteja descrevendo a chegada do exército babilônio diante dos portões de Nínive. Outra interpretação refere-se às tropas assírias que correm a defender os muros, mas chegam tarde demais.

A frase *As comportas dos rios se abrem* (2:6) pode referir-se aos portões que se abrem em direção aos rios Tigre e Khoser, ou, conforme sugestão de alguns, à inundação da cidade pelo irrompimento de represas que ficavam nesses rios e que haviam sido dominadas pelos aliados. Contudo, muitos comentaristas interpretam essa frase num sentido figurativo, referindo-se à abertura das portas do caos, isto é, da morte.

Sem fornecer detalhes sobre a batalha propriamente dita, Naum nos leva para dentro da cidade destruída onde somente as mulheres foram poupadas e se encontram em estado de confusão e lamento (2:7). A cidade transformou-se num *açude* que se esvazia. Impedir a perda de seus habitantes e riquezas é tão difícil quanto impedir a vazão de um reservatório rachado (2:8-9). Não causa admiração o relato de que o *coração se derrete, os joelhos tremem, em todos os lombos há angústia, e o rosto de todos eles empalidece* (2:10).

Em seguida, Naum relata a destruição de Nínive de acordo com o que a arqueologia demonstrou ter sido a atividade favorita dos reis assírios: a caça aos leões. A Assíria agia como um leão cruel e invencível (2:11-12), mas a situação mudaria em breve. Agora é Deus quem os está caçando: *Eis que eu estou contra ti* (2:13). Após essas palavras assustadoras, Naum descreve o que acontecerá com a Assíria, famosa por sua crueldade: seu exército formidável será totalmente destruído.

A destruição da cidade de Nínive pode ser interpretada como garantia de que um dia Deus destruirá as fortalezas de seus outros inimigos: Satanás e o anticristo. Além disso, Deus tem poder para destruir a fortaleza de Satanás em nosso coração.

### 3:1-19 Os motivos da queda de Nínive

Naum resume as causas da punição de Nínive: aquela era uma cidade sanguinária, cheia de mentiras, roubo e ganância (3:1). O profeta descreve as conquistas cruéis de Nínive por meio de uma série de imagens que captam os ruídos e toda a confusão das batalhas em progresso, em que carros, espadas, lanças, cenas de carnificina e milhares de cadáveres encham as ruas da cidade (3:2-3).

Essas coisas sobrevirão por causa dos caprichos de uma cidade que Deus compara a uma prostituta cujo esplendor

deslumbrou as nações vizinhas (3:4). É até possível que esse poder de sedução tivesse origem em feitiçarias. Contudo, embora *encantadora*, Nínive também era cruel; não apenas encorajava as descrições relatadas em 3:3-4, mas também escravizava os povos conquistados.

*Eis que eu estou contra ti* (3:5), declara o Senhor novamente, afirmando que essa prostituta será presa e levada à humilhação pública. Nínive será escarnecida pelos transeuntes, que lhe atirarão *imundícias* (3:6). Ninguém terá compaixão da cidade, e todos a abandonarão (3:7).

Nínive mereceu esse castigo por causa de sua cruel dominação e especialmente por causa da escravidão. Seu destino é uma mensagem a todas as nações poderosas que abusam dos direitos humanos e não percebem que a balança do poder costuma desequilibrar-se. Se Deus está realmente no controle da história, o que aconteceu com Nínive pode repetir-se. Essa mensagem traz esperança aos fracos e oprimidos.

Nínive participará do mesmo destino de Tebas (Nô-Amom, “cidade do deus Amom”, conforme algumas traduções) (3:8; cf. tb. Ez 30:14). Apesar de protegida pela marinha egípcia e circundada pelo Nilo e seus canais, Tebas, famosa capital do Alto Egito, foi saqueada em 663 a.C. por Assurbanipal, rei dos assírios. O rei de Tebas era um núbio que comandava os exércitos do Egito e da Etiópia (ou Cuxe, atual Sudão) e possuía fortes aliados na Líbia e em Pute (provavelmente a moderna Eritreia e Somália). No entanto, todo esse poderio militar não foi suficiente para proteger a cidade (3:9). O destino de Tebas é descrito em detalhes: o povo foi levado para o cativeiro, suas crianças foram assassinadas, e seus nobres e grandes foram vendidos como escravos (3:10).

Naum relembra o destino de Tebas a fim de enfatizar que não há desculpas para o comportamento de Nínive. Os ninivitas precisam reconhecer que os ímpios serão punidos, pois Deus não pode ser parcial em seu julgamento e ao mesmo tempo permanecer fiel à sua santidade. Se Deus não poupou Tebas, certamente não poupará Nínive. A destruição será tão grande que o povo andarão como se estivesse embriagado (3:11; cf. tb. Is 51:15,21-23; Jr 25:15-28; Lm 4:21; Ez 23:33-34; Ob 16; Hb 2:16).

O autor emprega humor sarcástico para descrever as fortalezas de Nínive como *figueiras* cujos frutos caem facilmente quando se sacode a árvore (3:12), e escarnece dos guerreiros ninivitas chamando-os de *mulheres* (3:13a). Com defesas fracas como essas, os inimigos não terão dificuldades em tomar a cidade. *As portas do teu país*, isto é, os portões da cidade, estão abertas aos inimigos, e não há como fechá-las, pois *o fogo consome os teus ferrolhos* (3:13b), fogo que se espalhará e consumirá a cidade.

Qualquer tentativa de defender a cidade será vã, pois o ataque é julgamento de Deus. Percebe-se ironia quando Naum recomenda que o povo de Nínive se prepare para receber seus inimigos: será necessário prover água e

trabalhar energeticamente para produzir tijolos a fim de fortalecer e reparar os muros da cidade (3:14). Entretanto, não importa quanto eles trabalhem ou quanta ajuda consigam, o fogo e a espada destruirão a cidade (3:15a).

Nínive era um próspero centro comercial e possuía tantos mercadores quanto *as estrelas do céu*. Mas esses mercadores desaparecerão, e tudo o que eles acumularam será entregue aos inimigos, que saquearão a cidade como gafanhotos. Nínive não desfrutará nenhum benefício de sua prosperidade econômica (3:15b-16). Essa referência, no entanto, não deve ser entendida como indicação de que Nínive sofrerá apenas um colapso econômico por causa de sua luxúria e decadência; antes, significa que sua riqueza será entregue nas mãos de seus inimigos.

Enxames de gafanhotos ainda causam devastações na África atualmente, da mesma forma que ocorreu na Assíria em tempos antigos. Os africanos estão familiarizados com a imagem de Naum ao comparar os príncipes, chefes e nobres de Nínive a gafanhotos assentados nos muros. Parecem uma vasta multidão, mas levantarão voo e desaparecerão como uma nuvem de insetos a fim de escapar da ruína de Nínive (3:17).

A profecia se encerra com um poema satírico: os governantes da cidade dormem, e o povo está espalhado e sem liderança, enquanto a nação morre de uma chaga incurável (3:18-19a); ou seja, a cidade está paralisada diante da desgraça que se aproxima, e nada pode ser feito para salvá-la. Os povos dominados pelo jugo ninivita receberão essa notícia com alegria e aplaudirão a punição de Nínive (3:19b).

## Conclusão

O livro de Naum, cuja mensagem principal se refere à destruição de Nínive, encerra com a triste observação de que o povo da cidade se espalha *pelos montes, e não há quem o ajunte* (3:18). Isso nos lembra Jesus descrevendo o povo de Israel como multidões “aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36). Naum não profetizou sobre a vinda do Messias, mas demonstrou essa necessidade.

A notícia de que o Senhor eterno não se esqueceu de seu povo e irá restabelecê-lo (1:13,15) ainda hoje representa boas-novas para o continente africano, carente da lembrança de que Deus se preocupa com aqueles que sofrem opressão. Essa mensagem de esperança ao oprimido também é uma advertência: Deus punirá o opressor.

A mensagem de consolo de Naum pode ter poderoso impacto na vida dos novos cristãos na África. Deus observa atentamente nossa situação, e a salvação de nosso continente é certa. O Deus que governou Jerusalém é o mesmo Senhor que governa toda a África, e um dia todos os seus filhos confessarão que ele é Deus.

Cossi Augustin Ahoga

## Leituras adicionais

BAKER, D. *Nahum, Habakkuk, Zephaniah*. TOT. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1988.

FEINBERG, Charles L. *The Minor Prophets*. Chicago: Moody Press, 1990.

ROBERTSON, O. Palmer. *The Books of Nahum, Habakkuk, and Zephaniah*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

# HABACUQUE

## COMENTÁRIO

Há pouca informação a respeito do profeta Habacuque, cujo nome aparece duas vezes no livro (1:1; 3:1) e não é mencionado em nenhum outro livro da Bíblia. *Bel e o Dragão*, um livro apócrifo, registra que Habacuque era contemporâneo do profeta Daniel. Também há uma tradição rabínica sugerindo que Habacuque era o garoto cuja vida foi restaurada por Eliseu em 2Reis 4:32-36. Todavia, não temos evidências para nenhuma dessas hipóteses.

Tudo o que se pode deduzir sobre Habacuque é que era um profeta que falou a Judá e que talvez tenha sido um dos cantores do templo (3:19) (nesse caso, pertenceria à tribo de Levi). Sabemos que seu nome provém de um radical hebraico que significa “abraçar”. A profecia de Habacuque mostra que o profeta agiu de acordo com esse significado e abraçou com firmeza a fé em Javé (3:17-19).

O principal acontecimento em Habacuque é a invasão de Israel pelos babilônios em 605 a.C. O texto faz várias referências aos livros de Salmos e Isaías. Há também formas de pensar muito semelhantes às do livro de Jeremias. Todos esses fatores sugerem que Habacuque provavelmente foi escrito no século VII ou VI a.C.

O livro foi redigido na forma de um diálogo entre Deus e o profeta e trata de um dos maiores mistérios que atormentam o ser humano: o aparente triunfo do mal num mundo criado e governado por um Deus bom, amoroso e soberano. Poderá o bem triunfar em situações nas quais o mal parece reinar soberano? Será que Deus realmente intervém?

Adepto da justiça social, Habacuque questionou e discutiu com Deus sobre essas questões por meio de orações ousadas, mas sempre com fé inabalável em Deus. A África necessita desesperadamente desse tipo de servo.

### Esboço

**1:1-4 Habacuque questiona: Até quando? Por quê?**

**1:5-11 A resposta de Deus**

**1:12—2:1 Habacuque questiona: Mas por que os babilônios?**

**2:2-20 A resposta de Deus**

**3:1-19 A oração de Habacuque**

### **1:1-4 Habacuque questiona: Até quando? Por quê?**

O livro inicia afirmando tratar-se do registro de uma revelação concedida *ao profeta Habacuque (1:1)*, título que o coloca no mesmo nível de outros profetas bíblicos. A revelação é chamada de *sentença*, palavra hebraica para “peso” ou “carga” (cf. Êx 23:5), termo geralmente empregado em declarações proféticas de julgamento no AT (cf. Is 13:1; 15:1; 17:1; Na 1:1). A palavra traduzida por *revelada* significa literalmente “viu” (cf. Is 1:1; RC). A combinação dos termos “carga” e “viu” nessa profecia sugerem que houve uma dimensão visual na comunicação entre Deus e seu profeta.

Habacuque reclama que os perversos impõem injustiça e sofrimento a seu país enquanto Deus permanece calado e passivo. A pergunta *Até quando?* indica que aquela situação ocorria havia muito tempo e persistia (1:2a; Sl 6:3; 13:1-2; 94:3). A exclamação *Violência!* (1:2b) descreve com exatidão a situação social, política e religiosa dos séculos VII e VI a.C., período de grande instabilidade (cf. 2Rs 23:31—25:7). Os profetas Jeremias e Ezequiel advertiram seus contemporâneos de que Deus os puniria por causa dessa violência (Jr 6:6-7; Ez 7:23).

O paralelismo em 1:2 associa os verbos “escutar” e “salvar”. Isto é, o bom ouvinte, seja humano, seja divino, é aquele que presta atenção às necessidades dos outros e lhes traz salvação. Homens e mulheres de Deus devem demonstrar essa qualidade (Êx 2:23-25; 1Sm 25:24,33).

As palavras de Habacuque sugerem que o profeta recebeu compreensão especial de Deus sobre a situação de seu país, o que o motivou a perguntar: *Por que me mostras a iniquidade?* (1:3). Habacuque vê claramente a opressão e a perversão da justiça. O perverso obstrui a lei, de modo que o judiciário não consegue julgar com justiça. A situação que Habacuque observa é bastante semelhante à nossa hoje, em que o perverso cria leis injustas e ignora as leis que promovem justiça. Nosso mundo precisa de homens e mulheres que amem a justiça e estejam dispostos a sofrer e morrer para que o direito prevaleça.

Nesse sentido, Habacuque estava sintonizado com o profeta Jeremias, que também sofreu por causa dessa situação, pois suas ideias sobre justiça se chocavam com as da sociedade em que vivia. Entretanto, Jeremias persiste confiando em Deus e acreditando que o Senhor intervirá (Jr 20:7-10).



Ainda hoje, a vida social, espiritual e política de muitos países é caracterizada por violência, injustiça, corrupção, ódio e imoralidade, tudo isso utilizado para obter e manter o poder. Acaso possuímos olhos para ver e autoridade moral para denunciar essa tirania do mal? Habacuque nos convida a uma atitude de indignação saudável e fervoroso clamor a Deus, o único que nos pode salvar.

### 1:5-11 A resposta de Deus

Em resposta às perguntas de Habacuque (e de todos aqueles que compartilham sua tristeza e raiva), Deus disse que está preparando um julgamento sem precedentes. Há momentos em que a violência reina soberana, mas será punida com violência maior ainda (1:9). Governantes que seguem a filosofia “o mais forte tem sempre razão” enfrentarão pessoas ainda mais poderosas, *cujo poder é o seu Deus* (1:11).

A resposta do Senhor à pergunta de Habacuque apresenta uma sequência de verbos no imperativo: *Vede [...] olhai, maravilhai-vos e desvanecei* (1:5a). Ou seja, Deus já estava realizando no meio do povo *obra tal, que vós não creiais* (1:5b). Em outras passagens bíblicas, Deus exorta o povo por não perceber o que o Senhor estava fazendo (Is 5:12; Mt 16:2-3). Em Atos 13:41, Paulo cita esse versículo de Habacuque quando adverte seus ouvintes sobre o perigo de ignorar a obra que Deus vem fazendo por meio de Jesus Cristo.

Habacuque reclama do silêncio e da passividade de Deus diante do mal. Deus responde lembrando-o de que é Senhor soberano do universo, Deus santo e justo, e não necessita do relatório de Habacuque sobre a situação ou de suas súplicas para agir. Na verdade, Deus vem implementando um plano de ação muito antes de o profeta reclamar sobre a situação. Quando Deus parece distante das circunstâncias, o texto sugere que oremos: “Deus, abre meus olhos para que eu possa ver as obras que o Senhor está realizando agora” (cf. tb. 2Rs 6:17).

Deus informa ao profeta que está realizando uma *obra* (1:5b), termo empregado para se referir às ações poderosas de Deus (Sl 46:8 78:11). Deus revela mais detalhes dessa obra: *Pois eis que suscito os caldeus* (1:6) (isto é, os babilônios). Palavras semelhantes ocorrem em outras profecias bíblicas referindo-se ao poder de Deus para transformar povos em seus instrumentos de ação (cf. tb. Jr 5:15; Am 3:11; 6:14). Deus anuncia que levantará os babilônios para punir o mal que o profeta vem apontando.

Deus não ignora o caráter daqueles a quem emprega como seus agentes de julgamento, conforme se percebe pela descrição dos babilônios em 1:7-11: *pavorosos e terríveis*, rápidos, arrogantes e gananciosos como águias, comparados aos maiores predadores do mundo animal (1:8). Além disso, não reconhecem nenhum outro tipo de lei, exceto a que eles mesmos criam, de acordo com sua própria vaidade (1:7). O poder é a única coisa em que confiam (1:11). Habacuque não consegue entender por que Deus decidiu utilizar esse povo.

Essa terrível imagem dos babilônios salienta uma lição importante: apesar de poderosos, orgulhosos e cruéis, os babilônios continuam sujeitos ao poder de Deus, Senhor todo-poderoso, santo e justo, e que pode empregar até mesmo o ímpio para realizar seus propósitos. Precisamos confiar no Deus de Habacuque quando enfrentamos circunstâncias difíceis, e não nos desesperar com a tirania do pecado e injustiça ou com seres humanos pervertidos e poderes espirituais, pois todos esses poderes ainda permanecem sujeitos ao Senhor. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31-39).

### 1:12—2:1 Habacuque questiona: Mas por que os babilônios?

Conforme Deus previu (1:5), Habacuque ficou admirado com a resposta e questionou: Por que o Senhor, Deus, santo e justo, utilizará os perversos babilônios para punir um povo *mais justo* que eles (1:13)? Afinal, os babilônios são guerreiros insaciáveis, cujo poder, estratégias e recursos de destruição se assemelham ao anzol, ao *arrastão* e à *rede* do pescador (1:15), instrumentos de pesca que visam apanhar qualquer peixe em seu raio de ação. Em outras palavras, um ataque dos babilônios prejudicaria todos os povos da região, fossem eles justos ou ímpios. Além disso, em vez de reconhecerem que o Senhor é quem lhes concedia vitórias, os babilônios atribuirão a conquista a si mesmos, ou louvarão e sacrificarão aos deuses que eles mesmos fabricaram (1:16).

No entanto, apesar de consternado com os métodos de Deus, Habacuque permanece humilde e deseja confiar em Deus. Reconhece que o Senhor é eterno e, portanto, possui a última palavra. Além disso, Habacuque tem certeza da salvação final do povo de Deus: *Não morremos* (1:12), diz, expressão que transmite o mesmo significado que a confiança de Jacó registrada em Gênesis 42:2 e 43:8, “para que vivamos e não morramos”, espécie de confiança que prosseguiria através da história de Israel. Habacuque está até mesmo disposto a reconhecer que o inimigo participa de uma missão divina. Contudo, ainda não entendeu por que Deus decidiu utilizar um povo tão terrível. Com isso em mente, passou a imaginar-se como um dos vigias que guardavam os muros da cidade e pôs-se a observar de que modo Deus responderia a seus questionamentos (2:1). Talvez Habacuque tenha lembrado a passagem em que Isaías menciona um atalaia ao profetizar a queda futura da Babilônia (Is 21:6-9).

A atitude de Habacuque serve de exemplo para os cristãos, pois demonstra fé e esperança, dois fundamentos da vida cristã (Rm 5:1-2). Além disso, Habacuque foi honesto ao expressar suas dúvidas, demonstrando dessa forma que sua fé não era cega e irracional (cf. tb. At 17:10-12).

### 2:2-20 A resposta de Deus

Deus volta a responder a Habacuque por meio de uma ordem: *Escreve [...] grava-a* (2:2), pois o Senhor queria que

sua palavra também ajudasse outras pessoas. A segunda parte desse versículo é mais difícil de traduzir. Em nota sobre esse versículo, a NVI oferece a tradução alternativa: “para que todo o que a ler, corra”. Considerando que o hebraico original emprega dois verbos, “ler” e “correr”, a tradução proposta na NVI parece mais próxima do original. Ou seja, a ideia é que a visão fosse escrita de modo tão claro que qualquer pessoa que lesse a mensagem reconheceria imediatamente a necessidade de fugir para salvar sua vida. Habacuque deve cumprir essa ordem a fim de salvar a vida do povo, pois o julgamento de Deus é inevitável e está próximo (2:3).

Em seguida, Deus responde a duas perguntas de Habacuque: por que o justo participará do julgamento divino e por que escolher uma nação ímpia para executar a punição (cf. tb. comentários sobre 1:15-16). Primeiro, Deus contrasta o perverso, cuja alma está cheia de soberba (2:4a), com o *justo*. O primeiro não escapará do julgamento, *mas o justo viverá pela sua fé (2:4b)*. Além de endossar as palavras de Habacuque em 1:12, Deus aponta a quem o profeta se referiu exatamente na frase “não morreremos”; isto é, não será todo o povo que sobreviverá, mas somente os justos. Deus, portanto, afirma que não fará perecer o justo com o ímpio (cf. tb. Gn 18:20-33).

Este é o principal versículo do livro: *mas o justo viverá pela sua fé (2:4b)*, citado três vezes no NT (Rm 1:17; Gl 3:11; Hb 10:38). Para entender seu significado, precisamos examinar cada uma das palavras em seu contexto.

Primeiro, quem é “o justo”? No AT, a palavra “justo” é utilizada como sinônimo para “inocente” e “reto” em oposição a “ímpio” (Gn 18:23; Sl 37:21). O ímpio está associado a violência, injustiça, iniquidade, discórdia, entorpecimento e perversão da lei, opressão, destruição, orgulho e idolatria (1:1-4, 13-17; 2:4a, 5, 6-18). Esse contraste entre o justo e o ímpio nos permite concluir que “o justo” se refere aqui a qualquer pessoa que viva de acordo com a vontade de Deus manifesta na lei mosaica.

Em Habacuque, o termo “justo” é empregado para se referir ao povo de Judá em oposição aos caldeus (babilônios), os executores do julgamento de Deus (1:13). Contudo, em 1:4 e 2:4b, o termo é utilizado apenas em alusão ao remanescente fiel de Judá, isto é, aqueles que ainda obedecem aos mandamentos de Deus. Esses justos viverão “pela sua fé”, que aqui significa “por sua fidelidade”, isto é, aquela atitude de confiança inabalável no Deus da Bíblia. A palavra “viverá” transmite esperança de salvação num contexto de destruição, sugerindo a libertação tanto da invasão dos caldeus no presente como do mal no futuro, além de se referir às bênçãos da terra prometida.

Habacuque 2:4b pode ser interpretado de duas maneiras:

- Se focalizarmos a relação entre os conceitos de fé e justiça, então o versículo está dizendo que os justos, por causa de sua fé, viverão. Essa interpretação nos levaria

a considerar que o versículo ensina a justificação pela fé. Contudo, isso implica atribuir ao texto um sentido cristão. A mensagem de Habacuque, porém, trata da sobrevivência a um acontecimento específico, e não de uma reflexão sobre a salvação no sentido cristão.

- Se focalizarmos a relação entre os conceitos de fé e vida, então o versículo está dizendo que os justos continuarão a viver por sua fé. Essa interpretação se encaixa à gramática e ao contexto, pois Habacuque não contrasta a justiça legal com a justiça que provém da fé. Isto é, ele não trata da questão de como alguém é justificado, mas do que o crente deve fazer para sobreviver em tempos de angústia: perseverar em Deus e continuar fiel, apesar da adversidade.

O apóstolo Paulo citou duas vezes o versículo 2:4b: em Romanos 1:17, para enfatizar o poder do evangelho para salvar todo aquele que crê; e em Gálatas 3:11-12, para contrastar dois modos de justificação e argumentar sobre a impossibilidade de ser justificado pela lei. Paulo utilizou o mesmo versículo em dois contextos diferentes porque o conceito de fé, ou fidelidade, é a condição que torna possível a justiça e, portanto, a salvação. Paulo entende que esse versículo se aplica à obra de Cristo, o único que, por meio de sua perseverança na justiça até o final (Hb 12:1-2), tornou possível a justificação total pela fé (Gl 3:11-14).

Em 2:5-20, Deus responde ao segundo questionamento de Habacuque: Por que utilizar um povo perverso para executar seus propósitos? A resposta apresenta cinco “ais” e deixa claro que os babilônios também serão punidos. Essa passagem ilustra o princípio do duplo significado, isto é, um mesmo acontecimento pode alcançar dois objetivos distintos: o objetivo de Deus e o objetivo de seus agentes. Deus estava usando os babilônios para julgar a perversidade de seu povo; os babilônios, porém, tinham outras motivações em mente. Era justamente por causa dessas motivações que Deus puniria os babilônios.

A motivação perversa dos babilônios é relatada nos primeiros quatro “ais” (2:5-17): povo sedento de poder, glória, esplendor e iniquidade. Esses mesmos motivos ainda causam numerosos assassinatos entre os africanos. Contudo, o texto adverte: a violência sempre se volta contra o agressor (2:8, 16), de modo que Deus diz aos babilônios: *destruindo tu a muitos povos, pecaste contra a tua alma (2:10)*. Essa frase lembra uma declaração de Jesus: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16:26).

O “ai” final relata a idolatria dos babilônios (2:18-19), culpados de se autoiludir em relação a seus deuses, pois sabem que confiam em imagens de pedra e madeira em que *não há fôlego nenhum*, objetos incapazes de fornecer orientação (cf. tb. Sl 115:4-8; 135:15-18). Que contraste entre esses ídolos inertes e a soberania e transcendência do Deus verdadeiro! Ao contrário daqueles, o Senhor fala, e toda a sua criação se cala diante dele (2:20).



**3:1-19 A oração de Habacuque**

O texto muda de tom no capítulo 3 quando Habacuque deixa de questionar a Deus e passa a orar (3:1). O profeta satisfaz-se com a promessa divina de esperança e justiça em 2:2-20, de modo que agora pronuncia uma oração de louvor.

Habacuque inicia com a frase *Tenho ouvido, ó SENHOR, as tuas declarações, e me sinto alarmado; aviva a tua obra, ó SENHOR (3:2a)*. A palavra “obra” chama a atenção para o que Deus estava fazendo nos dias do profeta Habacuque, isto é, levantar os babilônios para executar seu julgamento (cf. 1:5-6). Habacuque também pede ao Senhor que se lembre *da misericórdia (3:2b)*; isto é, que preserve a vida do justo, conforme havia prometido (cf. 2:4).

O profeta exalta a Deus como guerreiro invencível. Toda a criação e todas as nações (não apenas os babilônios) estão sujeitos a Deus (3:3-15). A oração de Habacuque é um salmo recheado de influências de outros salmos e de declarações proféticas anteriores proclamando Deus como defensor do povo de Israel (Êx 15:1-18; Dt 33:1-29; Sl 18; 68; 77).

Apesar de temer a invasão iminente (3:16-17), Habacuque encerra com uma percepção positiva: *todavia, eu me alegro no SENHOR (3:18)*. Ele decidiu confiar plenamente em Deus e dele extrair a força para perseverar, reconhecendo que Deus é a fonte da salvação (3:18-19). Que estímulo para a África! Em meio a guerras, fome e injustiça social, ainda assim podemos alegrar-nos por causa de nossa confiança no Deus soberano. O Senhor está realizando grandes obras em nosso continente e procura homens e mulheres para reparar o muro e se colocar na brecha a favor do continente africano para que Deus não precise destruí-lo (Ez 22:30).

Youssef Dembele

**Leituras adicionais**

BAKER, D. *Nahum, Habakkuk, Zephaniah*. TOT. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1988.

FEINBERG, Charles L. *The Minor Prophets*. Chicago: Moody, 1990.

ROBERTSON, O. Palmer. *The Books of Nahum, Habakkuk, and Zephaniah*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

# SOFONIAS

Sofonias era descendente de quarta geração do rei Ezequias e provavelmente também tinha descendência africana (1:1a). Nasceu na época de Manassés (695-642 a.C.), o mais perverso rei da história de Judá, e talvez tenha recebido o nome *Sofonias* (que significa “o Senhor escondeu ou protegeu”) como declaração do poder de Deus para protegê-lo da perseguição (2Rs 21:16). Todavia, não se tratava de um nome comum.

Manassés e seu filho Amom (642-640 a.C.) incentivaram a idolatria e toleraram sacrifício de crianças, feitiçarias, prostituição cultural e violência (2Rs 21; 2Cr 33). Havia uma desconsideração generalizada por Deus e sua palavra. Mais tarde, esses governantes foram substituídos por Josias (640-609 a.C.), o mais justo dos reis de Judá (2Rs 21:26—23:30; 2Cr 33:25—35:27), que ascendeu ao trono aos 8 anos de idade. Sofonias já profetizava em 630 a.C. quando o rei ainda era adolescente. A denúncia de Sofonias quanto à depravação moral e religiosa e seus pedidos urgentes de “Buscai o Senhor” podem ter lançado as fundações do grande reavivamento ocorrido mais tarde no reino de Josias, quando o rei buscou a Deus de todo o coração e alma. Sofonias, assim como seu contemporâneo Naum, também declarou que o Império Assírio seria destruído.

Infelizmente, após a morte do rei Josias os líderes e a maioria do povo voltaram a praticar suas antigas perversidades, conforme se percebe nas profecias de Habacuque e Jeremias.

Sofonias apresenta duas seções: a primeira trata da vinda iminente do Dia do Senhor (1:1-18), e a segunda traz exortações ao arrependimento e busca de salvação em Deus (2:1—3:20).

## Esboço

### 1:1 Epígrafe

#### 1:2-18 A vinda do Dia do Senhor

- 1:2-3 O julgamento universal
- 1:4-6 O julgamento de Judá e Jerusalém
- 1:7-13 Descrição do julgamento de Jerusalém
- 1:14-18 O grande Dia do Senhor

#### 2:1—3:20 Arrependam-se e busquem a salvação de Deus!

- 2:1—3:8 Exortação ao arrependimento
- 2:1-3 Sofonias estimula o povo a buscar a Deus

- 2:4-15 O julgamento de Deus sobre as nações
- 3:1-8 O julgamento de Deus sobre Judá
- 3:9-20 Deus promete salvação a judeus e gentios
- 3:9-10 As nações voltarão para Deus
- 3:11-13 Salvação e transformação do remanescente de Israel
- 3:14-17 A alegria do remanescente
- 3:18-20 Vindicação e restauração do remanescente

## COMENTÁRIO

### 1:1 Epígrafe

O texto fornece a genealogia de Sofonias até a quarta geração, possivelmente com o intuito de mostrar seu parentesco com o rei Ezequias, e possivelmente porque seu pai, Cusi, não era judeu, mas africano, já que Cusi significa “etíope”. Cusi pode ter chegado a Israel vindo do Egito, nação governada pelos etíopes entre 712-663 a.C. Sofonias precisava estabelecer a linhagem judaica pura de sua mãe até a quarta geração para que ele e seu pai pudessem ser aceitos na comunidade do Senhor (Dt 23:7-8).

### 1:2-18 A vinda do Dia do Senhor

#### 1:2-3 O julgamento universal

Sofonias proclamou a vinda do julgamento de Deus não apenas a Judá, mas a toda a terra. Deus agirá como nos dias de Noé e destruirá *todas as coisas sobre a face da terra* (1:2; cf. Gn 6:7), incluindo animais e pessoas (1:3a). O alcance da destruição demonstra a fúria de Deus contra o pecado e o mal. Também revela que toda a criação sofre por causa do pecado dos seres humanos (cf. Rm 1:18-20; 8:20-22).

A África não será poupada quando a ira de Deus varrer o planeta. Logo, nossa missão, conforme o evangelho, é advertir as pessoas sobre o julgamento de Deus e estimulá-las ao arrependimento, caso queiram escapar da destruição. Essa mensagem não é fruto da nossa imaginação, mas provém do próprio Deus (1:3b).

#### 1:4-6 O julgamento de Judá e Jerusalém

O profeta inicia falando do mundo inteiro e depois focaliza apenas o povo de Judá e Jerusalém (1:4a), pois eles deixaram *de seguir ao SENHOR* (1:6). Deus esperava mais fidelidade de Judá, uma vez que eles foram escolhidos como povo de sua aliança e receberam revelação especial do Senhor.

O julgamento de Deus, portanto, começa em sua própria casa (1Pe 4:17).

Os israelitas não destruíram os ímpios que habitavam Canaã, conforme Deus havia ordenado (Dt 7). Pelo contrário, passaram a adorar os deuses dos cananeus, cuja principal divindade era Baal (1:4b; cf. tb. Jr 9:13-14; 32:29). Algumas pessoas subiam nos telhados a fim de adorar objetos criados, como o sol, a lua e as estrelas (1:5a; cf. tb. Dt 4:19; 2Rs 23:5,11; Jr 8:2; Ez 8:16), em vez de adorar o Criador (cf. Gn 1:14-17; Rm 1:25).

O povo também passou a misturar religiões, combinando a adoração ao Senhor à de outros deuses, especialmente Moloque (1:5b; cf. tb. Lv 18:21; Jr 5:7), ídolo amonita a quem o povo oferecia sacrifícios humanos (1Rs 11:5,33; 2Rs 23:10,13; Jr 32:35). As Escrituras proíbem explicitamente a adoração a ídolos (Êx 20:3; Lv 20:2-5; Dt 12:31; Js 23:7; Jr 2:11).

Infelizmente, alguns africanos ainda misturam crenças religiosas tradicionais africanas com crenças cristãs. Alguns chegam a matar membros da família a fim de cumprir rituais religiosos ou obter riquezas. Outros afirmam crer em Cristo e vão à igreja regularmente, porém participam de sociedades secretas que invocam outros poderes além do único Deus vivo. O Senhor exige lealdade absoluta e condena toda hipocrisia e mistura de nossa fé com outras crenças e práticas.

A igreja africana deve ensinar a buscar o Senhor e confiar somente nele. Embora devamos tolerar outras religiões em nosso país, precisamos rejeitar com firmeza o sincretismo da fé cristã com outras crenças religiosas.

### 1:7-13 Descrição do julgamento de Jerusalém

Considerando a destruição vindoura, Sofonias pede silêncio na presença do *SENHOR Deus* (1:7a; cf. tb. Am 8:3; Hc 2:20; Zc 2:13). Todos devem prestar atenção e se preparar, pois o dia do julgamento de Deus se aproxima rapidamente (1:7b; cf. tb. Is 13:6; Ez 7:7; 30:3; Jl 1:15; 2:1; 3:14; Ob 15). O Senhor preparou Judá como sacrifício e utilizará os babilônios (povo a quem Deus consagrou para essa ocasião) como instrumento de invasão e matança (1:7c; cf. tb. Is 13:3; Jr 46:10; Ez 39:17) a fim de executar seu julgamento, que é apenas uma amostra do juízo final no Dia do Senhor (Mt 24:6,36-39).

Os líderes de Judá (incluindo a nobreza, os filhos do rei e os membros da corte) serão punidos (1:8a). As *vestiduras estrangeiras* simbolizam a forma pela qual esses líderes levaram o povo a adotar um estilo de vida pagão e idólatra (1:8b; cf. tb. Nm 15:38-39).

O povo também demonstrava idolatria ao “subir o pedestal dos ídolos” (literalmente, “pular a soleira da porta”), isto é, quando entravam nas casas para roubar, saltavam a soleira a fim de não provocar os deuses que supostamente guardavam a casa (1:9a; cf. tb. 1Sm 5:1-5). Em outras palavras, eles não confiavam em Deus para protegê-los.

Os templos pagãos estavam cheios de *violência e engano* (1:9b), pois muitas ofertas que o povo entregava nesses lugares eram obtidas por meio de opressão aos pobres. Adorar ídolos é errado e produz violência, pois se recorre ao engano e à opressão, em vez de revelar a verdade e trazer libertação.

Quando os babilônios invadirem, haverá gritos em vários pontos da cidade. O inimigo virá do norte, e por isso os gritos começarão na *Porta do Peixe*, situada no muro norte (1:10a; cf. tb. 2Cr 33:14; Ne 3:3; 12:39). Próximo à Porta do Peixe, situava-se a *Cidade Baixa* (tb. conhecida como segunda parte ou novo distrito), uma área residencial que se expandia além dos muros antigos (1:10b; cf. tb. 2Rs 22:14; Ne 11:9) e onde moravam os ricos. Contudo, suas riquezas e lares luxuosos não poderão salvá-los. Também se ouvirão gritos de horror em Mactés (bairro onde havia muitos comerciantes) quando começar a matança (1:11).

Sofonias apresenta Deus andando pelas ruas de Jerusalém com *lanternas* à procura de perversos e pecadores para puni-los (1:12a; cf. tb. Jr 5:1). Os insensatos e negligentes serão punidos (cf. tb. Is 32:9; Jr 48:11; Ez 30:9; Am 6:1). Estes imaginavam que o comportamento do indivíduo não tinha importância, pois presumiam que Deus não se importava com a forma de as pessoas agirem (1:12b).

O rico verá suas riquezas saqueadas, seus lares assolados e suas vinhas destruídas quando Deus trouxer sobre ele as maldições previstas na aliança (1:13; cf. tb. Lv 26:32-33; Dt 28:30,39; Am 5:11). Não haverá onde se refugiar do julgamento de Deus.

Nós também devemos arrepender-nos de nossos caminhos perversos se quisermos desfrutar as bênçãos de Deus. Nenhuma classe social será poupada; todos serão julgados.

### 1:14-18 O grande Dia do Senhor

A descrição da vinda do *Dia do Senhor* é semelhante àquela registrada em Amós 5:18-20 e Joel 2:11. O texto declara que não será um dia de alegria, mas de amargura, pois o Senhor virá guerrear contra a humanidade (1:14; cf. tb. Jr 20:11; Ez 30:4-5), com trombetas e gritos de guerra, ferindo as nações do mundo como um inimigo invadindo uma cidade (1:16; cf. tb. Nm 10:9; Jr 4:19; Jl 2:1; Zc 14:3).

A paciência e a longanimidade de Deus ultrapassam a compreensão humana. Todavia, o Senhor não pode ignorar o pecado, pois é Deus santo e justo, de modo que sua ira contra o pecado será demonstrada naquele *dia de indignação* (1:15a; cf. tb. 1:18; 2:2-3; Jr 4:8; 12:13; Ez 7:3-19; Os 5:10). As pessoas sofrerão *angústia* (1:15b) e *desolação* (1:15c; cf. tb. Jr 16:19; Ob 12,14; Hc 3:16). Será um *dia de escuridão e negrume* (1:15d), acrescido de *nuvens e densas trevas* (1:15e; cf. tb. Is 13:10; Ez 34:12; Jl 2:2,10,31; Am 8:9). Em termos físicos e psicológicos, será um momento traumático.

Os horrores do Dia do Senhor estão além da imaginação. Até mesmo os poderosos chorarão de medo (1:14b). Haverá



tamanha angústia que todos *andarão como cegos*, isto é, tropeçando e caindo na escuridão de sua própria desobediência (1:17a; cf. tb. Dt 28:29; Is 59:10). Esse terrível julgamento ocorrerá *porque pecaram contra o SENHOR* (1:17b); e, como o Senhor é um Deus santo, não pode inocentar o culpado.

O sangue da humanidade *se derramará* como se fosse pó (1:17c; cf. tb. Lv 17:11; 2Rs 13:7), e haverá cadáveres espalhados como se fossem esterco (1:17d; cf. tb. Sl 83:10; Is 5:25; Jr 8:2; 9:22; 16:4; 25:33).

Os ricos não devem presumir que o dinheiro lhes permitirá escapar do julgamento de Deus (1:18a; cf. tb. Jó 20:20; Pv 11:4; Ez 7:19). Eles talvez tenham sido capazes de comprar segurança e poder no passado. Deus, porém, não aceita suborno.

Não há como escapar: o Senhor consumirá o mundo inteiro *pelo fogo do seu zelo* (1:18b; cf. tb. 1:2-3; Dt 4:24; 2Pe 3:10-12). Essa destruição será rápida e universal e virá sem avisos (1:18c; cf. tb. Jr 46:28; Ez 11:13).

Não devemos presumir que o ataque dos babilônios a Judá cumpriu o julgamento apresentado aqui. Ainda há um julgamento aguardando o retorno do Senhor no final da história da humanidade. Os profetas geralmente combinavam acontecimentos semelhantes em uma única profecia, de modo que o Dia do Senhor chegou para Judá, mas ainda não chegou para nós. O mundo sofrerá o mesmo destino do povo de Judá. A riqueza não salvará as pessoas quando Cristo vier para julgar (2Ts 2:1-2; Ap 20:12-15).

Embora o dinheiro e o poder não possam salvar, existe algo que pode: a morte de Cristo na cruz por nós (1Ts 1:10; 2Tm 1:12). Se nos entregarmos a Cristo, o Dia do Senhor se transformará em dia de salvação quando Jesus vier buscar seu povo (Mt 16:27; Jo 6:39-40,54; 1Jo 4:17; Ap 22:12).

## 2:1—3:20 Arrependam-se e busquem a salvação de Deus!

### 2:1—3:8 Exortação ao arrependimento

#### 2:1-3 Sofonias estimula o povo a buscar a Deus

Por causa de seu comportamento, Judá é descrito como *nação que não tem pudor. Concentra-te e examina-te*, diz Sofonias ao povo, antes do dia do juízo que se aproxima rápido como palha jogada ao vento (2:1-2). A palavra “antes” é empregada três vezes a fim de constrangê-los a se arrependerem imediatamente: “antes” que o decreto seja publicado, “antes” que venha o furor de Deus, “antes” do dia da ira do Senhor.

O versículo seguinte apresenta a principal ideia do livro: Sofonias pede ao povo que aproveite o pouco tempo restante para buscar ao Senhor (2:3a; cf. tb. 2Cr 7:14; Am 5:4-6,14). Eles deixaram de seguir a Deus no passado (1:6), e agora é necessário arrepender-se, buscar o Senhor e cumprir o seu juízo. Aquele que busca o Senhor com sinceridade deve estar disposto a obedecê-lo.

Além disso, o povo também precisa buscar *justiça e mansidão* (2:3b). A pessoa que busca a justiça está comprometida em fazer o que é correto e, desse modo, participa do estabelecimento de uma sociedade justa; além disso, comporta-se de acordo com os padrões de Deus e presta atenção à sua palavra (cf. tb. Dt 30:16,20). A mansidão se refere à humildade e dependência de Deus, de modo que manso é aquele que abdica do orgulho e confia em Deus (cf. tb. 1:12; Pv 15:33). O humilde reconhece que somente Deus é digno de obediência e adoração. Essa atitude agrada o Senhor (Sl 51:17; Is 57:15; 66:2; Mt 5:5; 1Pe 5:6).

Caso o povo se arrependa de sua maldade e autoconfiança, Deus, sempre misericordioso e compassivo, talvez suavize seu julgamento (2:3c; cf. tb. Jn 3:9).

A instrução de Sofonias para que o povo busque a Deus, a justiça e a mansidão implica compromisso sincero. Jesus afirmou que nossa prioridade principal na vida é buscar essas coisas (Mt 6:33). Logo, devemos buscá-las em Jesus Cristo, o único capaz de nos abrigar da ira de Deus. Jesus, contudo, não oferece “graça barata” (cf. Rm 6:1-2). Muitos cristãos consideram sua cultura, tradições, amigos, dinheiro e negócios como coisas mais importantes que Deus. Isso também é uma forma de idolatria. Apenas Deus deve ser o centro de nossos desejos; devemos depender inteiramente dele e obedecer a seus mandamentos.

#### 2:4-15 O julgamento de Deus sobre as nações

Sofonias comunica a mensagem de julgamento de Deus às nações situadas ao redor de Israel: Filístia, a oeste (2:4-7); Moabe e Amom, a leste (2:8-11); Etiópia, ao sul (2:12); e Assíria, ao norte (2:13-15). Essas quatro nações eram tradicionais inimigos de Israel e Judá, mas também simbolizam todas as nações que se opõem ao governo de Deus.

Sofonias profetizou em primeiro lugar a destruição das famosas cidades-Estado da Filístia: Gaza, Asquelom, Asdode e Ecrom (2:4). Não menciona Gaza, a quinta cidade, porque provavelmente ela já estava destruída (2Cr 26:6). Os filisteus eram inimigos de Israel desde a época de Josué; habitavam a costa do Mediterrâneo (sudoeste de Judá) e também eram conhecidos como quereitas (2:5-6a; cf. tb. 1Sm 30:14; 2Sm 8:18; Ez 25:16). O julgamento de Deus transformará as cidades dos filisteus em pastagens (2:6b). Com a destruição dessas cidades, o remanescente de Judá criará seus rebanhos ali e desfrutará paz, abundância e proteção de Deus (2:7).

Moabe e Amom, vizinhos do lado oriental, viviam em conflito com Judá desde a época de Moisés (Nm 22—24). Apesar de compartilharem um ancestral comum com Judá, pois descendiam de Ló, sobrinho de Abraão (Gn 19:30-38), odiavam e ridicularizavam Judá (2:8; Dt 23:3-6; Jz 3:12-30; 1Sm 11; 2Sm 8:2; 10:1-19; 2Rs 3:5-27; 13:20-21). Deus mantém sua promessa a Abraão, “Amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” (Gn 12:3), e punirá essas duas nações por seu orgulho (2:10; cf. tb. Is 16:6; Jr 48:29-30).

Moabe e Amom serão destruídos como Sodoma e Gomorra (2:9b), cidades transformadas em deserto por causa de sua perversidade (cf. Gn 19:24-26; Dt 29:23; Is 1:9-10; 13:19; Jr 23:14; 49:18; 50:40; Am 4:11). A destruição será tão grande que nada de produtivo crescerá ali; será uma terra totalmente estéril, transformada em *campo de urtigas, poços de sal* (2:9c). A infalibilidade da punição tem o selo do juramento solene de Deus (2:9a; Is 15—16; Jr 48:1—49:6; Ez 25:1-11; Am 1:13-15; 2:1-3).

Os sobreviventes de Judá herdarão a terra dos moabitas e amonitas (2:9c; cf. tb. 2:7). Deus faz coisas grandiosas e terríveis quando se levanta para auxiliar seu povo (2:11a). Os deuses das nações serão aniquilados (2:11b). Somente Deus tem o verdadeiro poder e, portanto, somente ele deve ser adorado. O profeta prevê uma época quando o paganismo, as falsas religiões e a idolatria serão substituídos pela adoração universal ao único Deus verdadeiro (2:11c; cf. tb. MI 1:11; Jo 4:23).

Em seguida, Sofonias profetiza o julgamento de Deus sobre a Etiópia (ou Cuxe) ao sul (2:12), que aqui se refere a uma região maior que a atual Etiópia e inclui também o Egito, pois os etíopes governaram o Egito durante muitos anos. A região da antiga Etiópia incluía a Núbia, a região do Alto Nilo e partes da Arábia às margens do mar Vermelho. Deus destruirá essas regiões da mesma forma que destruiu Moabe e Amom. A espada será o instrumento da punição do Senhor (cf. tb. Is 34:5-6). Esse julgamento possivelmente se identifica com a conquista do Egito pelos babilônios em 605 a.C. (cf. Ez 30:24-25). Contudo, uma punição em maior escala aguarda os ímpios africanos no dia do julgamento final (cf. Is 18; Ez 30).

Por fim, Sofonias fala da Assíria e declara o julgamento de Deus contra essa nação. A Assíria era o poder dominante havia três séculos e o pior inimigo de Judá. Seu poder, todavia, apresentava sinais de declínio nos dias de Sofonias, ainda que continuasse a maior força militar daquela época. Deus, porém, *estenderá [...] a mão contra a Assíria e a destruirá*. A capital dos assírios, Nínive, notável por seus sistemas de irrigação e muros invencíveis, tornar-se-á *uma desolação e terra seca como o deserto* (2:13). Somente animais e pássaros habitarão os escombros dessa cidade famosa (2:14; cf. tb. Is 34:9-15; Sl 102:6).

Nínive cairá por causa de seu orgulho, pois dizia: *Eu sou a única, e não há outra além de mim* (2:15a; cf. tb. Is 36:4-10, 13-20; 47:8). Somente Javé pode pronunciar essa declaração (cf. Is 43:10-11; 44:6; 45:5-6, 18, 21-22; 46:9). Como punição pela arrogância de Nínive, Deus transformará essa cidade em ruínas, pousada de animais e motivo de desprezo para quem a atravessar (2:15b; cf. tb. Jr 19:8).

Naum também predisse a destruição de Nínive, captura da pelos babilônios em 612 a.C., cerca de dez anos após a profecia de Sofonias.

Essas mensagens de julgamento mostram que Deus cuida de seu povo e luta a favor dele, destruindo seus ini-

migos para que possa adorar e servir somente ao Senhor. Esse fato deveria servir de consolo para a igreja africana ao enfrentar perseguições e escárnio nos Estados nigerianos controlados pela xariá, pois Deus observa tudo e, no momento oportuno, agirá a favor de sua igreja.

A destruição dessas nações serve de advertência para não nos julgarmos autossuficientes e pensarmos que não precisamos de Deus (Ap 3:17). Devemos rejeitar nossos deuses tribais, pois estes não têm existência real além da devoção dos que os servem (cf. 1Co 8:4-6), e precisamos reconhecer e adorar o único Deus verdadeiro revelado por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

### 3:1-8 O julgamento de Deus sobre Judá

Após tratar das nações vizinhas, Sofonias passa a falar sobre Judá e sua capital, Jerusalém. O profeta declara o juízo de Deus contra Jerusalém, *que se tornou cidade opressora*, desrespeitando o direito dos pobres, órfãos e viúvas (3:1a). Jerusalém corrompeu-se em rebeldia, manchou-se de sangue e recusa-se a submeter-se à vontade de Deus (3:1b; cf. tb. Is 59:3; Jr 4:17; Lm 4:14; MI 1:7, 12).

Sofonias apresenta algumas das denúncias contra o povo: eles não obedecem aos profetas (3:2a; Is 30:8-12); não aceitam a disciplina de Deus (3:2b; cf. tb. Jr 5:3); não confiam no Senhor (3:2c); e não querem aproximar-se de Deus (3:2d). Antes, confiam em deuses pagãos e estabelecem alianças com nações estrangeiras.

Sofonias exorta especialmente a liderança política, social e religiosa de Judá. Seus *príncipes* (governantes e nobres da corte) deveriam servir ao povo, mas se tornaram *leões rugidores* que devoram tudo o que o povo produz (3:3a; cf. tb. Ez 22:25). A ganância pessoal levou os *juizes* a perverter a justiça; eles se tornaram *lobos* da noite, perambulando à espreita de vítimas para devorar-lhes os bens (3:3b; cf. tb. Ez 22:27). Seus *profetas* são levianos e traiçoeiros (3:4a); afirmam ser profetas de Deus, mas na verdade são impostores; não há veracidade em seu falar, pois dizem apenas o que o povo quer ouvir (cf. tb. Jr 23:28, 32; Ez 22:28). Finalmente, seus *sacerdotes* não sabem distinguir entre o santo e o profano, ou entre o limpo e o imundo (cf. tb. Ez 22:26), e com isso levaram o povo a desonrar a Deus e profanar o templo (3:4b; cf. tb. Ez 8:5-18; MI 1:6-14). Além disso, *violam a lei*, distorcendo-a para servir a seus próprios interesses (3:4c; cf. tb. Ez 22:26). Em vez de obedecerem à palavra de Deus, ignoram-na ou distorcem-na para que ela se adapte às suas interpretações.

Ainda hoje, há ministros que desonram a mensagem do evangelho, não vivem de acordo com a Palavra de Deus nem exigem isso de seus seguidores. Estes últimos também enfrentarão o juízo de Deus por não representá-lo adequadamente perante o mundo. Ao contrário dos perversos, Deus é santo, justo, fiel (3:5a; cf. tb. Lv 19:2) e não comete iniquidade (3:5b). Ao contrário dos “lobos” que devoram tudo antes do amanhecer (3:3), o Senhor toda manhã



demonstra sua justiça infalível (3:5c). Deus mostra seus padrões morais de modo visível para que todos sejam avaliados por eles. Contudo, o perverso endurece seu coração a tal ponto que não sente vergonha nem culpa por seus pecados (3:5d).

O povo de Judá deveria aprender observando o que aconteceu às nações corrompidas que negligenciaram Deus e sua palavra (3:6). Eles já tinham percebido os efeitos do julgamento de Deus no Reino do Norte (Israel) quando foram levados ao cativeiro em 722 a.C. Mesmo assim, Judá recusou-se a temer a Deus e buscar sua misericórdia (3:7a), a única forma possível de suspender o julgamento vindouro (3:7b). Pelo contrário, eles *se levantaram de madrugada e corromperam todos os seus atos* (3:7c). Uma vez que rejeitaram a disciplina, Deus não teve outra saída senão puni-los (cf. tb. Dt 28:15-26).

Deus juntará todas as nações da terra para o grande Dia do Senhor (3:8a), ocasião em que os ímpios sofrerão a fúria santa de Deus. O Senhor será juiz, promotor e testemunha contra todos os povos da terra (3:8b; cf. tb. Jr 29:23; Jl 3:2; Mq 1:2; Zc 12:3; 14:3) e consumirá todo o planeta com fogo ao executar sua sentença (3:8c; 1:2-3; cf. tb. Dt 4:24; Sl 97:3; Is 33:14; Hb 12:29). A justiça prevalecerá, e todos os perversos serão punidos (cf. tb. 2Ts 1:5-10).

Sábios são aqueles que refletem seriamente sobre os avisos do juízo vindouro sobre os pecadores. Deus julgará todas as pessoas de acordo com o que cada um fez (cf. Ap 20:12). Quando não nos arrependemos, a única opção que resta a Deus é nos punir com a “eterna destruição”, banindo-nos da “face do Senhor” (2Ts 1:9).

### 3:9-20 Deus promete salvação a judeus e gentios

#### 3:9-10 As nações voltarão para Deus

Após enfrentar terrível julgamento, o mundo entrará numa era de restauração total. Começando em 3:9, Sofonias apresenta várias promessas de bênçãos nesse período, quando judeus e gentios se converterão a Deus. Uma dessas promessas diz que Deus purificará os lábios de seu povo, de modo que eles falarão palavras puras provenientes de um coração puro que ama a Deus (cf. tb. Is 6:5-7). O mundo reunificado invocará o nome do SENHOR (3:9a) e o servirá de comum acordo (3:9b; cf. tb. Jr 32:39).

Os fiéis espalhados serão congregados dalém dos rios da Etiópia (naquela época considerada a região mais longínqua da terra) (3:10a; cf. tb. Is 2:1-4) e virão adorar a Deus juntos, trazendo-lhe ofertas de gratidão pela salvação (3:10b; cf. tb. Sl 72:10).

Os cristãos devem aguardar esse momento de união quando a igreja se tornar verdadeiramente uma, sem denominações, servindo ao mesmo Senhor e chamando-o pelo mesmo nome (Zc 14:9). Alguns sugerem que falaremos a mesma língua em adoração a Deus. Contudo, considerando os acontecimentos em Pentecostes (At 2:4-12), também é

possível dizer que manteremos nossas linguagens, sem que isso cause barreiras entre nós. Estaremos todos unidos em amor e serviço a Deus.

**3:11-13 Salvação e transformação do remanescente de Israel**  
Naquele dia, o Dia do Senhor, Deus removerá todo o mal e todo motivo de vergonha do remanescente. Também removerá todos os orgulhosos, perversos e pecadores da cidade, pois estes não entrarão no paraíso (3:11). Sião, a cidade santa, será habitada por pessoas humildes que temem ao Senhor e nele confiam (3:12; cf. tb. Is 66:2). Como afirmou Jesus, os mansos herdarão a terra (Mt 5:5).

Deus também transformará radicalmente o caráter de seu novo povo, a quem Sofonias se refere como o *remanescente* (NVI; “os restantes”, RA), isto é, um pequeno grupo que sobreviverá à destruição dos pecadores. A antiga natureza pecaminosa desses sobreviventes será removida; eles não mais farão o que é errado, e a mentira e o engano desaparecerão (3:13a). Viverão em perfeita paz, tranquilidade e segurança, pois *não haverá quem os espante* em Sião (3:13b; cf. tb. Mq 4:4). Eles *serão apascentados, deitar-se-ão* no jardim do Éden restaurado.

Muitos podem confirmar que Deus já está transformando a vida daqueles que aceitaram Jesus, o Messias, e que estes estão dispostos a permitir que Deus os transforme. Contudo, essa transformação não será completada neste mundo, pois ainda possuímos uma natureza pecaminosa que nos faz pensar que a humildade e a mansidão são sinais de fraqueza, o que nos leva a admirar os autoconfiantes e arrogantes. Deus, porém, se opõe ao orgulhoso e ao arrogante; antes, busca aqueles que o temem e vivem em humildade e dependência exclusiva dele. Além disso, o Senhor nos intima a evitar a mentira e o engano, e a ser sinceros em tudo o que dizemos e fazemos.

#### 3:14-17 A alegria do remanescente

Nesse momento, Deus permite que Sofonias vislumbre o futuro distante, época em que o remanescente será abençoado. Anteriormente, Sofonias referiu-se ao povo de Deus como “nação que não tem pudor” e “cidade opressora”. Agora, porém, chama-o de *filha de Sião, Israel, filha de Jerusalém* (3:14), e por meio de quatro verbos no imperativo insiste em que ela se alegre: *Canta, rejubila, regozija-te, exulta*, pois acabou o período de punição e começou a era de salvação e restauração.

As razões para alegria são listadas em 3:15-16. Primeiro, não é preciso temer a punição, pois o julgamento contra eles foi afastado (3:15a). Segundo, seus inimigos foram lançados fora, isto é, foram derrotados e banidos (3:15b), conforme a punição descrita no capítulo 2. Terceiro, o Senhor Deus, o único e verdadeiro rei de seu povo, veio habitar com eles (3:15c). O Senhor sempre reinou sobre seu povo, mas não o reconheceram como rei. Agora, porém, Javé os protegerá de todo mal (3:15d).

Sofonias **3:16a** enfatiza o lado positivo do Dia do Senhor. Quando aquele dia chegar, o povo não terá motivos para temer coisa alguma. *Não afrouxem os teus braços (3:16b)*, diz Sofonias, referindo-se àquela atitude de medo e desespero paralisante (cf. tb. Ne 6:9; Is 13:7; Jr 6:24; Hb 12:12). Os inimigos de Deus certamente experimentarão esse tipo de medo, mas Sofonias conforta o povo de Deus, dizendo: *O SENHOR, teu Deus, está no meio de ti (3:17a; cf. tb. 3:15b)*. Que contraste entre o relacionamento implícito na expressão “teu Deus” e a denúncia anterior contra o povo impenitente (1:4-13).

Mais uma vez, Deus é apresentado como *poderoso para salvar-te (3:17b)*. Embora tenha lutado contra Judá no passado (1:14), agora o Senhor luta a favor do remanescente e institui um novo relacionamento como libertador de seu povo. Vitorioso, Javé recebe seu povo como esposa a fim de demonstrar seu amor (**3:17c**; cf. tb. Is 49:18; 61:10; 62:5). O Senhor regozijará com seu povo da mesma forma que o noivo se alegra com sua esposa. Deus transbordará nosso coração de alegria e nos renovará por meio de seu amor e comunhão conosco. Haverá alegria mútua entre Deus e seus filhos. Sofonias informa, de modo surpreendente, que Deus se alegrará tanto em se relacionar conosco que exultará com júbilo (**3:17d**).

O profundo amor de Deus por nós e sua promessa de salvação nos pertencem tanto agora como no futuro. Deus é poderoso e nos dará vitória sobre nossos inimigos. O Senhor colocará à nossa disposição todo o seu poder e amor, capacitando-nos a reagir com alegria diante das provações e a professar nossa esperança nele em meio às circunstâncias da vida. Todavia, somente aqueles que aceitarem a salvação em Cristo nesta vida poderão desfrutar comunhão eterna com Deus na extraordinária era messiânica vindoura.

### **3:18-20 Vindicação e restauração do remanescente**

Disperso devido ao julgamento, o povo andava triste e saudosos dos cultos e festas solenes (**3:18**). Deus, porém,

mudará essa situação: restaurará a adoração e removerá toda tristeza e opróbrio de seu povo. Parte dessa tristeza deve-se aos opressores, mas Deus os destruirá (**3:19a**; cf. tb. Is 59:17-21; 66:15-16).

O remanescente estava em condições lastimáveis: aflitos, mancos e dispersos (**3:19b**; cf. tb. Mq 4:7). Deus, porém, os recolherá. O que anteriormente fora considerado uma minoria insignificante, agora se torna motivo de louvor e honra nos países em que eles foram humilhados (**3:19c**).

A promessa de restauração é repetida em 3:20, em que o pronome *eu* ocorre duas vezes a fim de enfatizar o compromisso de Deus com sua promessa. No Dia do Senhor, Deus recolherá os dispersos (**3:20a**), mas não apenas isso: também lhes dará *um nome e um louvor entre todos os povos da terra (3:20b)*. Ou seja, eles serão vindicados, e sua sorte será restaurada (**3:20c**). O remanescente saberá que Deus é verdadeiramente poderoso e capaz de salvar.

A promessa de plena vindicação e restauração deve servir de encorajamento e consolo ao povo de Deus, pois o Senhor trabalhará a nosso favor e nos dará alegria. Contudo, essa alegria indizível de viver na presença de Deus no paraíso é somente para aqueles que aceitarem a obra de salvação de Deus nesta vida. Para aqueles que rejeitarem Jesus Cristo, o Messias, o “Dia do Senhor” será de desespero, e não de esperança.

Yoilah Yilpet

### **Leituras adicionais**

BARBER, Cyril. *Habakkuk and Zephaniah*. EvBC. Chicago: Moody, 1985.

ROBERTSON, O. P. *The Books of Nahum, Habakkuk and Zephaniah*. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

WALKER, Larry Lee. “Zephaniah”, in *Daniel and the Minor Prophets*. Ed. Frank E. Gaebelstein. EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

# AGEU

Ageu significa “festival”, sugerindo que o profeta nasceu no dia em que o povo celebrava alguma festa judaica, possivelmente antes da destruição do templo de Salomão (2:3). Se isso for verdade, Ageu tinha idade avançada em 520 a.C. quando comunicou as profecias registradas nesse livro. Esdras 5:1-2 e 6:14 mencionam os ministérios de Ageu e Zacarias.

Ambos os profetas preocuparam-se profundamente com o fato de que as obras de reconstrução do templo estavam abandonadas havia dezoito anos (sobre esse assunto, cf. Ed 3—4). A mensagem de Ageu declarava que o povo precisava assumir o compromisso de viver de acordo com os padrões de Deus, e que a edificação do templo simbolizava esse compromisso. A pregação dessa mensagem resultou na retomada da reconstrução do templo em 516 a.C. (1:14-15; cf. tb. Ed 6:14-16).

Adaptamos as datas do texto de Ageu ao calendário moderno, uma vez que o profeta utilizou o calendário judaico.

## Esboço

### 1:1-15 Convocação para reconstruir a casa do Senhor

- 1:1-6 Prioridades distorcidas
- 1:7-11 Exortação para construir a casa do Senhor
- 1:12-15 O povo obedece ao Senhor

### 2:1-9 A glória futura da nova casa do Senhor

- 2:1-5 Encorajamento
- 2:6-9 A glória futura

### 2:10-19 Bênçãos ao povo

- 2:10-14 As profanações do passado
- 2:15-19 Bênçãos futuras

### 2:20-23 O reino messiânico

- 2:20-22 Os reinos do mundo serão destruídos
- 2:23 O reino inabalável do Senhor

## COMENTÁRIO

### 1:1-15 Convocação para reconstruir a casa do Senhor

#### 1:1-6 Prioridades distorcidas

Ageu comunicou sua primeira mensagem em 29 de agosto de 520 a.C., dia do festival da lua nova, data em que os judeus congregavam em Jerusalém para adorar o Senhor (Nm 10:10; 28:11; Sl 81:3; Is 1:13-14; Os 2:11; Am 8:5). A mensagem era urgente e impositiva, entregue diretamente por Deus a Ageu, *profeta* (1:1,3; 2:1,10) e *enviado do SENHOR* (1:13). Os destinatários da mensagem eram Zorobabel, governador de Judá, e Jesua, sumo sacerdote (Ed 5:2).

Pouco tempo depois de retornarem em 537 a.C., os exilados reconstruíram o altar das ofertas e lançaram a fundação do novo templo (Ed 3:1-3,8,10). Contudo, abandonaram o projeto por dezesseis anos. Por causa disso, Deus manifesta seu desgosto com os israelitas ao chamá-los de “este povo” em vez de meu povo (1:2a). O Senhor não aceitou a desculpa do povo de que *Não veio ainda o tempo* (1:2b). Nunca haverá tempo favorável para fazer a obra de Deus, pois sempre enfrentaremos oposição.

A pergunta retórica em 1:4 expõe as prioridades distorcidas do povo: estavam mais preocupados com o conforto e acabamento de suas casas que com o templo do Senhor (cf. atitude de Davi em 2Sm 7:2; 1Cr 17:1-2; Sl 132:1-5). Deus não precisa de uma casa. O templo, porém, era o lugar onde prometeu encontrar-se com seu povo (Nm 14:10; 16:19; 1Rs 8:10-13). Ao negligenciarem a reconstrução do templo, demonstravam que a presença de Deus não era importante.

Ageu chamou a atenção do povo várias vezes para como viviam (1:5; 1:7; 2:15; 2:18; cf. tb. Lm 3:40). Por causa de prioridades distorcidas, sofriam as calamidades que Deus mencionou em Deuteronômio 28:38-45 (cf. tb. Am 4:6-10): trabalhavam muito, mas colhiam pouco (1:6a; cf. tb. Mq 6:15); não havia alimento e água suficientes (1:6b; cf. Os 4:10); as roupas não aqueciam (1:6c); e sempre faltava dinheiro, pois o salário do povo desaparecia como quem coloca moedas em bolso furado (1:6d).

Devemos examinar nossa vida a fim de nos certificar de que caminhamos conforme a vontade de Deus. O Senhor não aceita desculpas por atrasos em sua obra e uma vida espiritual apática. Não devemos colocar os bens materiais ou interesse próprio acima do Senhor e sua obra. Quando estabelecermos o Senhor como prioridade principal, ele suprirá todas as nossas necessidades físicas, espirituais e materiais (Mt 6:33), e nos dará as colheitas que a África desesperadamente necessita a fim de evitar a fome.

#### 1:7-11 Exortação para construir a casa do Senhor

Ageu convoca o povo para retomar o trabalho de reconstrução do templo e declara que esse ato demonstrará o



arrependimento deles e também agrada e glorificará a Deus (1:7-8). Esse deve ser o objetivo principal do povo de Deus.

O Senhor explica que enviou infortúnios econômicos a fim de chamar a atenção do povo. Perderam as três colheitas principais (grãos, uvas e azeitonas), e até mesmo o pouco que conseguiram colher sumiu (1:9); trabalharam muito e em vão. Deus apresenta seu julgamento na forma de um trocadilho: por causa do templo em ruínas (*chareb*), o Senhor fez vir uma seca (*choreb*) (1:10-11; cf. tb. Dt 28:22-24).

Nossos pecados e ações afetam a produtividade da terra e da economia (cf. tb. Gn 3; Rm 8:20-22). Precisamos manter um relacionamento correto com Deus se quisermos desfrutar suas bênçãos.

### 1:12-15 O povo obedece ao Senhor

O povo ouviu a mensagem do Senhor e obedeceu (1:12). A expressão *temeu diante do SENHOR* não se refere a um sentimento de pavor, mas à atitude de abandonar a maldade e servir a Deus (Sl 2:11; Pv 8:13; 9:10). Esse arrependimento foi demonstrado por meio de ações, e não em palavras: os líderes e o povo retomaram as obras de reconstrução da casa do Senhor em 21 de setembro de 520 a.C., vinte e três dias após a primeira mensagem de Ageu (1:14-15). Que bom seria se o povo de Deus respondesse com esse mesmo entusiasmo à mensagem do Senhor! Precisamos orar para que o Espírito Santo nos estimule à ação (Zc 4:6), de modo que possamos servir ao Senhor com entusiasmo e objetivos em comum.

Deus se agradeu da atitude e enviou uma mensagem de consolo e encorajamento, prometendo que estaria presente com seu povo: *Eu sou convosco* (1:13). O Senhor prometeu estar sempre presente com seus filhos, independente das circunstâncias e oposições que enfrentamos (Mt 28:20). Além disso, para Deus tudo é possível (Mt 19:26).

## 2:1-9 A glória futura da nova casa do Senhor

### 2:1-5 Encorajamento

A segunda mensagem de Ageu foi comunicada em 17 de outubro de 520 a.C., último dia da Festa dos Tabernáculos (2:1-2; cf. Lv 23:39-44). Apesar de a festa estar relacionada à celebração da colheita, a produção foi escassa naquele ano (1:6,11).

Após quase um ano trabalhando na reconstrução do templo, o povo começou a desanimar porque o novo templo era muito inferior ao templo de Salomão (cf. 1Rs 6; Ed 3:8-13). Ageu pergunta: *Quem dentre vós, que tenha sobrevivido, contemplou esta casa na sua primeira glória?* (2:3a). O templo permaneceu em ruínas durante sessenta anos, de modo que somente as pessoas acima de 70 anos de idade tinham alguma lembrança do templo anterior. Comparando o antigo templo com o novo, os mais idosos consideraram este último pequeno e sem valor, quase *nada* (2:3b).

Essa atitude negativa produziu um efeito desencorajador nos trabalhadores mais jovens. Ageu, portanto, passou a encorajá-los e a exortar os líderes e todo o povo, dizendo: *sê forte* (2:4a; cf. tb. Dt 31:7,23; Js 1:6-9,18; 1Cr 22:13; 28:10,20). O profeta lembrou-os três vezes de que o Senhor lhes disse para não desanimarem e que estava presente com eles (cf. tb. 1:13). Deus os protegerá e sustentará, dando-lhes a energia necessária para completar a obra (cf. tb. 2Co 12:9; Hb 13:21).

Essa promessa da presença de Deus está ligada à aliança com seu povo no monte Sinai (2:5a; cf. Êx 19:5-6; 29:45-46; 33:14), onde o Senhor assumiu um compromisso com os ancestrais dos israelitas e seus descendentes. Além disso, o Espírito do Senhor habitava no meio deles (2:5b; cf. tb. Sl 51:11; Is 63:11; Zc 4:6), de modo que não havia nada a temer (2:5c).

Há vários projetos de construção abandonados na África. Não podemos deixar que isso aconteça com a obra de Deus. O Senhor nos dará força e os recursos necessários para completar a obra de que nos encarregou. Ademais, Deus sabe que às vezes desanimamos e, por isso, nos concedeu o Espírito Santo. Sem a presença e auxílio do Espírito, estamos condenados ao fracasso.

### 2:6-9 A glória futura

Deus declara que fará maravilhas *dentro em pouco*, expressão que enfatiza sua soberania no controle da história. Quando chegar o momento, Deus fará *abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca e todas as nações* (2:6-7a; cf. tb. Êx 19:16-19; Jz 5:4-5; Sl 68:7-8; 114:1-7; Hc 3:6). O Senhor está se referindo aqui ao final dos tempos, quando Cristo retornar (Mt 24:7,29,31; 1Co 7:31; 2Pe 3:10; Ap 16:20; 20:11) para julgar todas as nações (Hb 12:26). Com isso em mente, devemos viver em santidade e servir a Deus com reverência (Hb 12:28; 2Pe 3:11). As únicas coisas que têm valor eterno são o reino de Deus e a alma do ser humano (Dn 2:44; Hb 12:28-29).

Deus promete que trará *as coisas preciosas de todas as nações* (2:7b), referindo-se ao Messias, Jesus Cristo, ou aos tesouros que as nações trarão ao templo como oferta. A interpretação messiânica parece mais favorável. Jesus Cristo é o único que pode satisfazer o anseio de todas as nações por um Salvador.

O novo templo é parte do plano de Deus para estabelecer sua presença na terra a fim de abençoar todas as nações. Encherá o templo com sua glória, como fez com o templo de Salomão (2:7c; 1Rs 8:11; 2Cr 5:14). Essa glória representa a presença real do Senhor e será revelada na segunda vinda de Cristo (Ml 3:1).

O povo não precisava se preocupar com a aparência do novo templo, pois, se Deus quisesse um templo igual ao de Salomão, poderia facilmente arranjar as condições necessárias para isso, pois todas as riquezas do mundo lhe pertencem (2:8; cf. tb. Jó 41:11; Sl 24:1; 50:12). Logo, não

devemos usar a pobreza como desculpa para não fazer a obra de Deus. Nossas igrejas são mais pobres que as igrejas ocidentais, mas, se estivermos dispostos a fazer a obra de Deus, ele providenciará tudo o que for necessário.

Deus prometeu que, por causa da presença do Messias, construirá um templo ainda mais glorioso que o templo de Salomão (2:9a; cf. tb. 2Co 4:6; Hb 1—2), dizendo que esse novo templo será um lugar de paz (2:9b; cf. tb. Sl 85:8,10; Is 9:6-7). O Messias é o príncipe da paz, e Jesus trouxe a paz por meio de seu sangue derramado na cruz (cf. tb. Rm 5:1; 2Co 5:18-19; Cl 1:20).

## 2:10-19 Bênçãos ao povo

### 2:10-14 As profanações do passado

A terceira e quarta mensagens de Ageu foram comunicadas em 18 de dezembro de 520 a.C. (2:10,20) ocasião em que o povo aguardava a chegada das chuvas. A essa altura, passaram-se três meses desde o início das obras de reconstrução do templo.

O Senhor precisava ensinar outra lição sobre ser e permanecer santo e fez isso por meio de algumas perguntas aos sacerdotes, considerados especialistas nos detalhes da lei (2:11; Lv 10:10-11; Dt 33:10; Ez 44:23; Ml 2:7). A primeira questão se referia a alguém carregando *carne santa* na orla da roupa: se a orla tocasse alguma outra comida, esta ficaria automaticamente santificada (2:12)? *Não*, responderam, pois, embora a carne sagrada santifique as vestes diretamente em contato com ela, as vestes por sua vez não transferem essa santidade para outras coisas (Lv 6:27); ou seja, a santificação é transmitida apenas por contato direto (cf. tb. Êx 29:37; Ez 44:19; Mt 23:19). Da mesma forma, manter relacionamento com alguém em comunhão direta com Deus não torna ninguém santo, pois somente Deus pode fazer isso.

A segunda questão indagava se uma pessoa impura, por ter tocado um cadáver, poderia transferir essa impureza para outras coisas (2:13). *Sim*, responderam, pois a impureza é contagiosa (Lv 22:4-6; Nm 19:11-22). Resumindo: a santidade ou pureza não pode ser transferida, mas o pecado contagia.

Outro exemplo: uma fruta sadia não tem nenhum efeito num cesto de frutas podres. Contudo, uma fruta podre pode contaminar facilmente um cesto cheio de frutas boas. Do mesmo modo, o doente não obtém cura simplesmente tocando alguém saudável; ao contrário, o saudável pode adoecer se tocar alguém doente.

Deus está dizendo ao povo que a desobediência e prioridades distorcidas implicavam que tudo que realizavam, incluindo os sacrifícios ofertados, estava contaminado aos olhos do Senhor (2:14; cf. tb. Hb 12:15). Não mereciam o título de povo de Deus, de modo que o Senhor se refere a eles como *este povo*.

Há africanos que consideram atividades religiosas ou objetos “santos” como formas de magia para dar sorte. Al-

guns colocam a Bíblia embaixo do travesseiro imaginando que a Palavra de Deus automaticamente os protegerá ou os tornará mais santos. Outros pensam que podem herdar benefícios espirituais de seus pais ou avós santos. Contudo, o bem não é contagioso. Portanto, cada pessoa deve viver em santificação por meio de Jesus Cristo e demonstrar arrependimento verdadeiro e obediência sincera (1Sm 15:22; Sl 66:18; Jr 7:21-23).

### 2:15-19 Bênçãos futuras

Ageu volta a convocar o povo para refletir atentamente e comparar a situação deles antes de obedecerem à primeira mensagem e *tudo o que está acontecendo desde aquele dia* (2:15; cf. tb. 2:18; 1Sm 16:13; 30:25). Durante o período em que negligenciaram o templo, suas colheitas produziam apenas a metade (2:16) e também sofreram secas, ferrugem e saraiva, catástrofes enviadas por Deus para destruir as safras (2:17a; cf. tb. Êx 9:25; Dt 28:15-26; 1Rs 8:37). Apesar disso, o povo se recusou a voltar para Deus (2:17b; cf. tb. Jr 3:6-10; Am 4:9), e só retornou quando ouviu a pregação de Ageu.

O pior pecado é recusar-se a se arrepender, pois essa atitude impede o perdão e a salvação de Deus. O arrependimento, por outro lado, faz toda a diferença do mundo! O Senhor suprirá todas as nossas necessidades físicas e espirituais quando o colocarmos em primeiro lugar em nossa vida (Mt 6:33). O povo perceberá isso por si mesmo quando Deus o abençoar com colheitas abundantes de figos, uvas e azeitonas (2:18-19).

Deus quer nos abençoar, mas nossos pecados e desobediência o impedem de fazer isso. Por isso, muitas vezes o Senhor precisa trazer sofrimento a fim de nos lembrar que devemos colocá-lo em primeiro lugar em nossa vida.

## 2:20-23 O reino messiânico

### 2:20-22 Os reinos do mundo serão destruídos

A quarta e última mensagem de Ageu foi comunicada no mesmo dia que a terceira (2:20; cf. tb. 2:10) e descreve os acontecimentos que ocorrerão “naquele dia” (2:23a), isto é, o dia do julgamento do Senhor quando Cristo retornar.

Essa mensagem é destinada a Zorobabel, governador de Judá. Deus afirma novamente que estremecerá o mundo antes de estabelecer seu reino (2:21; cf. tb. 2:6-7): *derribarei o trono dos reinos e destruirei a força dos reinos das nações* (2:22a). O termo hebraico traduzido por “derribarei” geralmente é empregado para descrever a destruição de Sodoma e Gomorra (Dt 29:23; Is 13:19; Jr 20:16; Am 4:11). Deus está dizendo que a destruição dos reinos do mundo será rápida e total, como ocorreu àquelas duas cidades.

A frase *destruirei o carro e os que andam nele; os cavalos e os seus cavaleiros* (2:22b) lembra a destruição do exército de Faraó (Êx 15:1,4-5). Haverá tanta confusão e terror que os inimigos de Deus se voltarão contra si mesmos, exata-



mente como ocorreu quando Gideão atacou os midianitas (2:22c; cf. tb. Jz 7:22; 2Cr 20:23-24). O comportamento dos exércitos das nações ilustra o poder autodestrutivo do pecado: aqueles que se opõem a Deus acabam destruindo a si mesmos. Somente aqueles que confiam em Cristo e obedecem a ele escaparão do juízo final e herdarão o reino eterno do Messias (Dn 2:44).

### 2:23 O reino inabalável do Senhor

Ageu empregou linguagem simbólica ao comunicar sua profecia a Zorobabel, que aqui é representado como o Messias vindouro que governará o reino de Deus “naquele dia” e será descendente de Davi (cf. Mt 1:12-13; Lc 3:27). Quando Deus diz: *tomar-te-ei*, indica que Zorobabel foi escolhido de modo especial (cf. tb. Êx 6:7; Js 24:3; 2Sm 7:8), assim como Jesus Cristo foi escolhido antes da fundação do mundo (1Pe 1:20). A descrição de Zorobabel como *servo meu* lembra um dos títulos mais utilizados para se referir ao Messias (Is 41:8; 42:1; 49:5-6; 50:10; 52:13; 53:11; Ez 34:23; 37:24).

Zorobabel é descrito como *filho de Salatiel* (2:23a), seu pai legal (provavelmente devido a um casamento de levirato) (Dt 25:5-10). Contudo, seu pai biológico era Pedaiás, descendente de Natã, filho do rei Davi (1Cr 3:19). Apesar de pertencer à linhagem de Davi, Zorobabel não era rei, pois o exílio pôs fim à monarquia de Davi. Deus, porém, mantém sua promessa a Davi (2Sm 7:8-11).

O Senhor prometeu que seu Messias será como um anel de selar (símbolo da autoridade do rei) (2:23b; cf. tb. 1Rs 21:8; Et 8:8; Dn 6:17). O rei Jeoaquim (também chamado de

Jeconias) foi rejeitado como anel do selo de Deus (Jr 22:24), porém essa honra foi restaurada a Zorobabel. Esse anel simboliza honra e autoridade do Messias como representante pessoal do Senhor, posição mais tarde ocupada por Jesus Cristo (Mt 28:18; Jo 5:22-23).

Essa profecia sobre Zorobabel é semelhante àquela entregue a Davi, que planejou construir uma casa para o Senhor (2Sm 7:1-3), mas no final foi Deus quem lhe prometeu uma casa (2Sm 7:8-11). Enquanto Zorobabel edifica a casa do Senhor (1:1-4,8), Deus reafirma seu compromisso em construir a casa de Davi. A esperança messiânica de Israel está garantida e aguarda seu cumprimento em Jesus Cristo, que um dia retornará para exercer a autoridade de Deus sobre a terra, destruir as nações inimigas e estabelecer seu reino inabalável (cf. tb. Sl 2).

Os fiéis em Cristo possuem todos os motivos do mundo para viver com ânimo, pois Jesus Cristo reinará como Rei dos reis e Senhor dos senhores sobre todos aqueles que confiam nele. Nossa tarefa é perseverar na obra que ele nos chamou para realizar.

Yoilah Yilpet

### Leituras adicionais

ALDEN, R. L. “Haggai”, in *Daniel and the Minor Prophets*. EBC. Ed. Frank E. Gaebelin. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

BALDWIN, Joyce G. *Haggai, Zechariah, Malachi*. TOT. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1981.

MOTYER, J. A. “Haggai”, in *The Minor Prophets*. Ed. T. McComiskey. Grand Rapids: Baker Book House, 1998.

# ZACARIAS

Zacarias é o livro mais longo e mais messiânico dos doze Profetas Menores e é citado com frequência no NT. Como Apocalipse, livro sobre o qual exerceu grande influência, faz parte do gênero de literatura apocalíptica e, portanto, lança mão de grande quantidade de símbolos, números significativos e imagens vívidas. Zacarias apresenta as predições nas formas de discurso profético direto, relatos de visões e atos simbólicos.

## Contexto histórico, ocasião e propósito

Em 538 a.C., Ciro da Pérsia (538-530 a.C.; cf. Is 45:1) conquistou o Império Babilônico e, em seguida, publicou um edito que permitiu aos exilados regressar à sua terra natal (cf. 2Cr 36:22-23; Ed 1:1-4). Para os judeus, o edito representou o final de setenta anos de exílio na Babilônia, e muitos regressaram a Jerusalém sob a liderança de Zorobabel.

Os exilados que regressaram encontraram Judá devastado e Jerusalém em ruínas, mas nem por isso perderam as esperanças de se reassentar na terra e reconstruir as cidades. Pouco depois de sua volta, lançaram os alicerces do templo (Ed 3:8-10). Deparam-se, porém, com diversos obstáculos que arrefeceram seu entusiasmo e interromperam as obras por cerca de dezesseis anos (Ed 4:1-5).

Foi nesse contexto que os profetas Ageu e Zacarias confrontaram o povo e o incentivaram a concluir o trabalho. Zacarias foi um profeta de esperança e encorajamento em tempos difíceis. Por fim, em 516 a.C., o povo concluiu e dedicou o templo, uma indicação de que Deus voltara a habitar no meio de seu povo (1:17; 2:10,12; 8:8). Zacarias convocou o povo a retornar ao Senhor e a não seguir os caminhos de seus antepassados. Lembrou-os da fidelidade de Deus e garantiu-lhes que o reino viria em sua plenitude depois que os inimigos de Deus tivessem sido completamente destruídos. Também desafiou o povo a ter uma vida caracterizada por justiça e retidão.

## Data

Zacarias recebeu suas visões em estágios. As visões dos capítulos 1 a 8 têm data. Sua primeira revelação veio “no oitavo mês do segundo ano de Dario” (1:1), ou seja, em novembro de 520 a.C. Seu ministério profético iniciou-se, portanto, três meses depois que Ageu proferiu sua primeira mensagem (Ag 1:1). As mensagens nesses capítulos incentivam os exilados que regressa-

ram a abandonar o pecado e retomar a reconstrução do templo.

É difícil determinar com precisão a data das profecias dos capítulos 9 a 14, mas fica evidente que Zacarias as pronunciou vários anos depois, quando o templo já havia sido concluído e dedicado (cf. Ed 6:15-18). O tema das últimas profecias é o julgamento e a salvação que o Messias trará.

É possível que o ministério profético de Zacarias se tenha estendido por cerca de cinquenta anos, até 470 a.C., e, portanto, tenha sido bem mais longo do que o ministério de Ageu.

## Unidade e temas

Para alguns estudiosos, Zacarias 9 a 14 não foi escrito pelo mesmo autor dos capítulos 1 a 8. A tradição antiga do judaísmo e do cristianismo corrobora, contudo, a unidade do livro, e todos os manuscritos hebraicos existentes o consideram um todo unificado.

## Esboço

### 1:1 Epígrafe

### 1:2-6 Chamado ao arrependimento

1:2-3 A necessidade de arrependimento

1:4 As lições da história

1:5-6 A inevitabilidade da palavra de Deus

### 1:7—6:15 Oito visões noturnas

1:7-17 Um homem montado num cavalo vermelho

1:18-21 Quatro chifres e quatro ferreiros

2:1-13 Um homem com um cordel de medir

3:1-10 As vestes do sumo sacerdote

4:1-14 O candelabro de ouro

5:1-4 O rolo voante

5:5-11 A mulher dentro do efa

6:1-8 Quatro carros

6:9-15 A coroação do sumo sacerdote

### 7:1—8:23 Jejum e moralidade

7:1-3 Uma pergunta acerca do jejum

7:4-7 Jejum sem obediência

7:8-14 Verdadeira obediência

8:1-13 A nova Jerusalém

8:14-17 O passado e o futuro

8:18-23 Anseio universal por Deus

## 9:1—14:21 O governo universal do Messias

- 9:1—11:17 A primeira vinda do Messias e sua rejeição
  - 9:1-8 Vitória sobre as nações
  - 9:9-10 O rei montado em um jumento
  - 9:11—10:1 Livramento e bênção
    - 9:11-13 Convite a regressar
    - 9:14—10:1 Javé livra e abençoa
  - 10:2-3 Castigo dos pastores perversos
  - 10:4-12 Vitória do povo de Deus
    - 10:4-5 O povo vitorioso e seu Messias
    - 10:6-12 Um novo êxodo
  - 11:1-17 Rejeição do Rei-Pastor
    - 11:1-3 O destino dos falsos profetas
    - 11:4-14 Rejeição do verdadeiro pastor
    - 11:15-17 A substituição do verdadeiro pastor
- 12:1—14:21 A segunda vinda do Messias em glória
  - 12:1-9 A vitória de Sião
    - 12:1-3 O cerco a Jerusalém
    - 12:4-9 Livramento e proteção divinos
  - 12:10—13:9 Purificação do pecado
    - 12:10-14 O Messias crucificado
    - 13:1 Uma fonte de água purificadora
    - 13:2-6 Remoção dos falsos profetas e da idolatria
    - 13:7-9 O pastor ferido e o rebanho disperso
  - 14:1-21 O Messias regressa a Sião
    - 14:1-5 A vitória do Messias
    - 14:6-9 A nova criação
    - 14:10-15 A destruição dos inimigos
    - 14:16-21 Adoração universal ao Rei

## COMENTÁRIO

### 1:1 Epígrafe

O livro começa com a fórmula profética tradicional que informa a data e o nome do profeta. A data corresponde a dezoito anos depois que Ciro da Pérsia publicou o edito (538 a.C.) que permitiu aos judeus regressar a Jerusalém para reconstruir o templo. O nome do profeta, *Zacarias*, significa “Javé se lembra” (1:1; cf. tb. 1:7; 7:1,8). Encontramos 31 pessoas com esse nome no AT. Este Zacarias era *filho de Baraquias, filho de Ido*, um dos chefes das famílias sacerdotais que regressaram da Babilônia com Zorobabel e Josué (Ne 12:4,16). Zacarias pertencia, portanto, à tribo de Levi e, como Jeremias e Ezequiel, era sacerdote e profeta (Jr 1:1; Ez 1:3). É provável que seu pai tenha morrido jovem, pois Zacarias sucedeu o avô, Ido, como chefe de sua família sacerdotal (Ne 12:16). O próprio Zacarias era jovem quando iniciou seu ministério (2:4).

A *palavra do SENHOR* é uma expressão técnica que se refere ao assunto da profecia como um todo e indica a origem divina da mensagem do profeta. É Deus quem profere e

concede os oráculos. Não devemos entender o verbo *veio* como uma sugestão de que o profeta não passou de um recipiente passivo da palavra de Deus. Zacarias relata aquilo que ouviu ativamente. O verbo mostra a vitalidade da palavra divina que não apenas “vem”, mas também se cumpre (cf. Is 55:8-11).

### 1:2-6 Chamado ao arrependimento

O livro se inicia com uma declaração enérgica da ira e da misericórdia de Deus. Zacarias fala do motivo do exílio e do plano de Deus de restaurar seu povo no futuro. Também chama o povo a se arrepender. Esses versículos são uma lembrança solene de que, para desfrutar a bênção de Deus, é preciso relacionar-se com ele.

### 1:2-3 A necessidade de arrependimento

Zacarias começa declarando que Deus *se irou em extremo contra os [...] pais* do povo (1:2). A ira faz parte do caráter santo de Deus. Uma vez que é santo e justo, ele se ira contra o pecado e a rebelião (Êx 34:6-7; Dt 7:7-11; Jo 3:36). A ira divina contra o pecado é, na verdade, um sinal do amor divino.

O termo *portanto* (1:3a) conduz à reflexão sobre os pecados de seus pais que levaram ao exílio e à destruição do templo. Também convida a meditar sobre o fato de que Deus é misericordioso e colocará sua ira de lado se os rebeldes se arrependerem. Ele chama a geração presente de seu povo: *Tornai-vos para mim*. “Tornar” implica arrependimento, uma atitude que vai além do pesar por aquilo que aconteceu. Envolve a escolha de mudar de rumo e seguir a direção de Deus de todo o coração.

O Senhor promete que, se o povo se arrepender, ele tornará para eles (1:3b). Há, portanto, motivo para esperança no presente e no futuro (cf. Is 55:6-7; Jl 2:12-13; Mt 3:2; 4:17; At 2:38; 3:19; 20:21).

A fim de desfrutar comunhão com Deus, nós também precisamos de arrependimento. Não podemos experimentar a alegria de andar com Deus sem confessar nossos pecados e nos arrepender (1Jo 1:6).

### 1:4 As lições da história

A maioria das pessoas às quais Zacarias se dirige havia nascido na Babilônia e estava habituada a uma cultura estrangeira. Elas não tinham vivido no Israel pré-exílico, onde seus pais se recusaram a dar ouvidos aos *profetas* de Deus e a deixar os *maus caminhos* e as *más obras* (1:4b). “Maus caminhos” é uma expressão que denota uma mentalidade ou tendência de escolher o mal, enquanto “más obras” se refere à prática do mal propriamente dita. Zacarias ordena que sua geração aprenda com a história: *Não sejais como os vossos pais* (1:4a). Os antepassados haviam rejeitado os profetas de Deus, o que equivale a rejeitar o próprio Deus e atrair o seu julgamento. Ao contrário deles, a nova geração deve dar ouvidos ao chamado para retornar ao Senhor.



Só podemos colher os benefícios do presente se aprendermos com os erros do passado.

### 1:5-6 A inevitabilidade da palavra de Deus

Duas perguntas retóricas lembram aos ouvintes de Zacarias as limitações e a mortalidade dos seres humanos (1:5). Nem os pais nem os profetas viveram *para sempre*. Todos morreram. Contudo, num contraste nítido, as palavras e os estatutos de Deus são imutáveis e eternos (1:6a; Is 40:6-8; 1Pe 1:25). Apesar de os profetas terem morrido, a palavra de Deus permanece para sempre e será plenamente cumprida. Os “estatutos” de Deus são requisitos específicos da lei e, em caso de transgressão, incluem penas que sempre alcançam os transgressores (1:6b; cf. Dt 28:15,45; Jr 23:29). O exílio é prova da efetividade eterna da palavra de Deus.

Os membros da geração de Zacarias levaram a palavra de Deus a sério, pois *se arrependeram* (1:6c). Aprenderam as lições que a história lhes ensinou. Seu exemplo deve servir de motivação para que nós nos arrependamos e obedecemos a Deus, cômicos de que suas promessas certamente se cumprirão e de que ninguém poderá frustrar sua vontade.

### 1:7—6:15 Oito visões noturnas

Em fevereiro de 519 a.C., cerca de três meses e meio depois da primeira profecia e exatamente cinco meses depois de o povo retomar os trabalhos de reconstrução do templo (Ag 1:14-15; 2:10,18,20), Zacarias recebeu uma série de oito visões em uma noite (1:7-8). As visões devem ser interpretadas como um todo, pois cada uma delas contribui para a imagem total do papel do povo de Deus na nova era vindoura. Elas deixam claro que a atividade de Deus não se restringe apenas à terra de Judá. Sua abrangência é cósmica, pois o Senhor é soberano sobre o mundo inteiro (cf. Ez 40—48). As visões revelam os propósitos graciosos de Deus para o povo e lhe dão esperança e ânimo para concluir a reconstrução do templo.

### 1:8-17 Um homem montado num cavalo vermelho

O *homem montado num cavalo vermelho* (1:8a) também é chamado de *anjo do SENHOR* (1:11a), um ser identificado no AT como a segunda pessoa da Trindade (cf. Êx 23:20-21). Aqueles que o acompanham e aos quais Zacarias se dirige são apenas anjos (1:8b-10). Os seres angelicais comunicam ao anjo do Senhor, Jesus Cristo: *Toda a terra*, isto é, todas as nações que oprimiram o povo de Deus, *está, agora, repousada e tranqüila* (1:11b). O fato de as nações que exploraram e oprimiram o povo estarem em paz ofende a justiça de Deus. Fica evidente que, apesar de as nações perversas prosperarem, sua situação favorável não será duradoura. Deus lhes fará sobrevir o castigo merecido.

O Senhor se mostra particularmente irado contra as nações usadas como vara para castigar seu povo, pois elas extrapolaram os limites por ele estabelecidos e *agravaram*

*o mal* (1:15). Agora, essas nações não têm motivo para viverem *confiantes*, pois, apesar de Israel ter desobedecido e se rebelado contra o Senhor, ele declara: *Estou zelando por Jerusalém e por Sião* (1:14). O zelo de Deus é diferente dos ciúmes humanos e mostra a intensidade de seu amor por seu povo. O Senhor declara: *Voltei-me para Jerusalém com misericórdia* (1:16a) e promete restaurar a sorte de sua nação. Deus preservará a aliança que fez com seu povo e julgará seus inimigos. A glória da terra de Israel será restabelecida: *Minha casa nela será edificada e Minhas cidades ainda transbordarão de bens* (1:16b-17).

Hoje em dia, podemos estar igualmente certos de que a igreja triunfará sobre todos os obstáculos e derrotará seus inimigos. No momento mais tenebroso, de maior força dos adversários, Deus intervirá para julgá-los e demonstrar misericórdia para com sua igreja.

### 1:18-21 Quatro chifres e quatro ferreiros

A visão dos *quatro chifres* e *quatro ferreiros* complementa a primeira visão e reforça as confortadoras palavras divinas de vindicação e vingança em favor de seu povo. No AT, chifres simbolizam poder e autoridade (cf. Sl 75:4-5, em que o termo hebraico é traduzido como “força”, e Dn 8). Os quatro chifres representam os reinos que dispersaram Judá, Israel e Jerusalém (1:18-19). O fato de serem quatro pode indicar que os inimigos vieram de todas as direções.

Não obstante, Deus planejou a atitude que tomará em relação aos reinos que oprimiram seu povo e escolheu o mesmo número de ferreiros para derrotá-los (1:20-21). Essa passagem nos lembra que Deus toma uma providência específica para cada inimigo que enfrentamos. Ainda que cerquem a igreja de Deus, os adversários não prevalecerão. O Senhor os destruirá e, no lugar deles, estabelecerá o seu próprio reino.

### 2:1-13 Um homem com um cordel de medir

A visão seguinte acerca da prosperidade futura de Jerusalém amplia a palavra divina de conforto registrada em 1:14-16. Nessa terceira visão, Zacarias observa *um homem que tinha na mão um cordel de medir* e estava prestes a averiguar a *largura* e o *comprimento* de Jerusalém (2:1-2; cf. Ez 40:2-3). Outro anjo chega para informar-lhe que não é necessário tirar as medidas, pois a cidade não terá *muros* devido ao grande número de habitantes (2:3-4). No mundo antigo, as cidades eram cercadas por muros de proteção e, como os contemporâneos de Zacarias sabiam por experiência própria, uma cidade sem muros era sinal de desgraça (Ne 1:3). No reino futuro de Deus, porém, a ausência de muros não será sinal de fraqueza, mas da bênção de Deus sobre a cidade. Ele próprio será *um muro de fogo em redor* (2:5). O Senhor promete: *Eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória*, garantindo sua proteção, direção e presença.

Zacarias admoesta os membros do povo de Deus que ainda se encontram na Babilônia a regressar prontamente

para reconstruir Jerusalém, pois a Babilônia será destruída em breve (2:6-7). Deus cuida de seu povo e os chama de *menina do seu olho* (2:8; cf. tb. Dt 32:10; Sl 103:13; Mt 25:34-46). Em outras palavras, eles são como a pupila do olho, a parte que instintivamente protegemos. Deus levantará sua mão para castigar todas as nações que saquearam e oprimiram seu povo (2:9). O Messias e seus servos serão os agentes da destruição dos adversários.

Deus promete ao povo de Jerusalém: *Habitarei no meio de ti* (2:10; cf. Jo 1:14; Ap 21:3) e afirma que muitas nações virão a conhecê-lo (2:11). Esse cumprimento da promessa de Deus a Abraão (Gn 12:3) deve ser motivo de grande alegria. Desde que Jesus Cristo veio, povos de todas as nações chegaram a Deus por meio dele (cf. Is 2:2-4; 60:3). Os povos se tornarão herança de Deus e participarão das glórias da nova terra. Jerusalém será o centro da presença de Deus na terra (2:12; cf. Mq 4:1-3) e atrairá outras nações para si.

A visão termina com uma referência ao julgamento universal que ocorrerá na segunda vinda do Messias. *Toda a carne* deve calar-se *diante do SENHOR*, pois seu julgamento está prestes a começar (2:13; cf. Hc 2:20; Sf 1:7).

### 3:1-10 As vestes do sumo sacerdote

As três primeiras visões trataram da operação de Deus em favor de seu povo. Essa e a quinta visão focalizam o ministério de Deus no meio do povo propriamente dito. O profeta vê o *sumo sacerdote Josué* que regressou a Jerusalém com o remanescente e começou a reconstruir os muros (cf. Ag 1:1,12; 2:4). Josué *estava diante do Anjo do SENHOR*, e *Satanás estava à sua mão direita* para acusá-lo (3:1). O nome "Satanás" significa "adversário" ou "acusador" (cf. Jó 1:6-10; 2:1-7; Ap 12:10). Ele é o grande inimigo de Deus e de seu povo e está sempre à procura de oportunidades para se opor a eles. Os pecados do povo, simbolizados pelas *vestes sujas* de Josué (3:3), dão motivo para Satanás acusá-los.

O Senhor rejeita as acusações do Adversário, o repreende duas vezes e defende o povo de Deus (3:2). Lembra Satanás que Deus escolheu Jerusalém e o povo (cf. Lv 26:42-45; Jr 32:38-40; Rm 11:1-5). Josué e o povo foram tomados como *um tição tirado do fogo*. O "fogo" representa o cativeiro na Babilônia. Deus castigou o povo por meio do fogo do exílio, mas livrou um remanescente para realizar seus desígnios. Essa imagem de ser tirado do fogo remete à ocasião em que o Senhor redimiu seu povo do Egito (Dt 4:20; Jr 11:4) e denuncia o livramento da tribulação vindoura (Jr 30:7; Ap 12:13-17). Quando Satanás acusa o povo de Deus, o próprio Deus responde (Is 50:8-9; Rm 8:33-34). As tentativas de Satanás de destruir os salvos não terão êxito contra o poder e os propósitos fiéis de Deus.

As vestes sujas de Josué são trocadas por *finos trajes* limpos. A ordem *Tirai-lhe as vestes sujas* mostra que o Senhor detém em suas mãos o poder de justificar (3:4). As vestes contaminadas pelo pecado são substituídas pelas

vestes puras da justiça e salvação concedidas por Deus (Is 61:10; Ap 7:9,14; 22:14). Essa visão nos lembra que não podemos fazer nada para obter a purificação senão confessar nossos pecados a Deus e receber sua misericórdia e perdão (Ez 36:25-32; 1Jo 1:9). Cristo removeu nossos pecados e, em seu lugar, colocou a justiça de Deus (2Co 5:21; Ef 4:24; 1Jo 2:1-2). Essa visão mostra que nossas falhas pessoais não nos impedem de receber a misericórdia de Deus. Aceitamos sua misericórdia não pela justiça pessoal, mas pela justiça que nos é imputada. As vestes de justiça são obtidas pela fé.

O *turbante limpo* que Josué recebe indica autoridade e acesso direto a Deus (3:5; cf. Êx 28:36-38; Jó 29:14). Dá testemunho público da nova condição de justiça da pessoa salva diante de Deus.

O sacerdócio se viu impossibilitado de atuar durante o exílio e teve de ser reinstituído quando o povo regressou à terra. Nessa visão, o próprio Deus reinveste Josué na função de sumo sacerdote (3:5; cf. tb. Ag 1:1,12,14; 2:2). Josué deve servir de mediador entre Deus e o povo. O anjo do Senhor faz uma promessa com três partes para Josué e o povo. Se eles obedecerem aos mandamentos de Deus, serão seus representantes na terra e: a) julgarão a *casa* de Deus, ou seja, governarão sobre o povo de Deus (3:6-7a; Nm 12:7; Hb 3:2,6; 1Pe 2:9; Ap 5:10); b) exercerão autoridade sobre o templo e seus *átrios*, a fim de protegê-los da contaminação e idolatria (3:7b); c) terão o privilégio de servir diante de Deus no céu, trabalhar com os anjos e desfrutar *livre acesso* ao Senhor (3:7c; cf. tb. Hb 4:14-16).

Josué e seus *companheiros* [...] *são homens de presságio*, isto é, representam o que há vir, a saber, o futuro sumo sacerdote apontado como *um servo*, o *Renovo* (3:8), dois títulos bastante conhecidos para o Messias no AT (6:12-13; cf. Is 4:2; 11:1; 42:1; 49:6; 50:10; 52:13; Jr 23:5; 33:15). Josué e seus companheiros prenunciam, portanto, a vinda de Jesus, o Messias, o sumo sacerdote que verdadeiramente purificará seu povo (Hb 4:14-16; 10:8-22).

*Pedra* (3:9a) é outro título para o Messias (cf. Sl 118:22-23; Is 8:13-15; 28:16; Dn 2:35,44-45; Mt 21:42; Ef 2:19-22; 1Pe 2:6-8). Essa pedra tem *sete olhos*. Uma vez que o número sete representa inteireza, os sete olhos simbolizam os olhos de Deus que vigiam tudo o que acontece na terra por meio de seus sete espíritos (3:9b; cf. 4:10; Ap 5:6).

Há uma inscrição gravada na pedra: *Tirarei a iniquidade desta terra, num só dia* (3:9c). Essa tarefa foi realizada inicialmente por Jesus Cristo no Calvário, num só dia, em sua primeira vinda (Hb 7:27; 9:12; 10:10; 1Pe 3:18), mas a purificação espiritual e o perdão se concretizarão definitivamente em sua segunda vinda (12:10; cf. Rm 11:26-27).

A visão termina falando da paz, contentamento e descanso que o povo de Deus desfrutará *naquele dia*, quando todos poderão assentar-se *debaixo* de sua própria *vide* e [...] *figueira* (3:10; cf. 1Rs 4:25; Mq 4:4), pois seus pecados



terão sido perdoados e o Messias governará supremo em seu reino.

Esse capítulo mostra que a paz e a prosperidade devem ser precedidas da purificação moral; e a purificação espiritual deve anteceder as bênçãos espirituais. Deus não derramará suas bênçãos sobre os impuros. Se nos arrependermos agora e aceitarmos o Messias, nossos pecados serão perdoados e teremos um lugar em seu reino.

#### 4:1-14 O candelabro de ouro

A interpretação da quinta visão de Zacarias exige que examinemos outras passagens das Escrituras. Cada uma das passagens nos ajuda a interpretar a outra, mas nenhuma contradiz as demais.

O primeiro objeto que o profeta vê é um *candelabro todo de ouro* com um recipiente na parte superior, onde há *sete lâmpadas*. O candelabro permanece aceso continuamente, pois é abastecido por um suprimento ilimitado de azeite (4:1-2). Em cada lado do candelabro, encontra-se uma oliveira (4:3). Zacarias fica perplexo com a visão e pergunta: *Meu senhor, que é isto?* (4:4).

A resposta do Senhor à pergunta do profeta é a mensagem central dessa visão: *Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito* (4:6b). Os contemporâneos de Zacarias devem ter percebido a ligação entre o candelabro que aparece na visão e os candelabros do templo de Salomão, que simbolizavam a presença de Deus (2Cr 4:7). Também há um paralelo entre esse candelabro e aquele que João vê em Apocalipse 1:12, o qual representa a abundância do poder de Deus refletida na luz fornecida pelo Espírito Santo. Os *dois tubos de ouro, que vertem de si azeite dourado*, denotam o poder abundante do Espírito que flui para os servos de Deus (4:12). A visão mostra que Deus proverá o poder e os recursos divinos necessários para a realização de sua obra. O objetivo é encorajar *Zorobabel*, o governador de Jerusalém, que iniciou a reconstrução do templo (4:6a; Ed 3:2; Ag 1:1; 2:23). A tarefa talvez pareça um *grande monte*, impossível de mover por meras forças ou recursos humanos, mas Zorobabel pode estar certo de que nenhum monte é grande demais para que o Senhor o nivele (4:7a). Com a ajuda do Espírito de Deus, o governador cumprirá sua missão, apesar de todas as dificuldades e oposição diante dele (Ed 4:4-24). Ouvirá os brados de júbilo e louvor quando os construtores colocarem a última pedra, a *pedra de remate*, em seu lugar para manter unidas as outras pedras do edifício (4:7b). *As aclamações Haja graça e paz para ela!* reconhecem que o favor de Deus está por trás do sucesso em concluir o edifício (4:7c). Essa profecia se cumpriu, pois o povo terminou de reconstruir o templo em 516 a.C., enquanto Zorobabel ainda era vivo (Ed 6:14-18). O cumprimento da profecia comprova que o Senhor falou por intermédio de Zacarias (4:8-9).

A mensagem de Deus a Zorobabel também nos lembra que os esforços humanos sem o Espírito Santo são vãos.

Somente o Espírito pode conceder poder à igreja. Sem ele, é inútil tentar realizar o ministério cristão. Ademais, a imagem do candelabro nos lembra que nossa luz deve brilhar para o mundo em redor ao testemunharmos de Cristo (Mt 5:16; Ap 1:20; 2:5).

Comparado com o edifício grandioso de Salomão, o novo templo era relativamente insignificante (Ed 3:12; Ag 2:3), fato que causou desânimo em alguns e os levou a expressar descontentamento com o templo de Zorobabel. Em resposta a essas atitudes, porém, o Senhor declara: *Quem despreza o dia dos humildes começos, esse alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel* (4:10). Algo que parece pequeno e desprezível se tornará grande e bem-sucedido se Deus estiver presente. Se estamos trabalhando de acordo com a vontade de Deus, não devemos desprezar os começos humildes.

Em seguida, Zacarias pergunta ao anjo sobre o óleo que corre das oliveiras, por seus ramos, até os tubos de ouro e o candelabro, provendo combustível para as lâmpadas (4:11-13). O anjo responde que os dois raminhos da oliveira *são os dois ungidos que assistem junto ao Senhor de toda a terra* (4:14). No momento da visão, os dois ungidos eram Josué e Zorobabel, o sumo sacerdote e o governador da linhagem real. Posteriormente, sob Jesus Cristo, os dois ofícios foram combinados no Messias, que é, ao mesmo tempo, sacerdote e rei (6:13; Sl 110:4; Hb 7).

Em Apocalipse 11:3-4, as duas oliveiras também são associadas às duas testemunhas que virão para profetizar às nações no fim dos tempos.

#### 5:1-4 O rolo voante

Em seguida, Zacarias vê um enorme *rolo voante com vinte côvados de comprimento e dez de largura* (5:1-2). O texto não indica a relevância específica dessas medidas. Mostra apenas que o rolo era grande e se encontrava aberto para todos poderem ler suas palavras. O rolo voante é a *maldição de Deus que sai pela face de toda a terra* (5:3a; cf. Ez 2:9-10). Representa a lei e a aliança de Deus com seu povo e evidencia a condenação do pecado. Dois exemplos de transgressão encontram-se registrados no rolo, um de cada lado: furto e falso juramento. Os dois pecados representam toda a lei de Deus, pois quem furta peca contra o seu próximo (cf. Êx 20:12-17; Dt 5:16-21) e quem jura falsamente peca contra a santidade de Deus (cf. Êx 20:3-11; Dt 5:6-15). O castigo para essas transgressões é a expulsão dos culpados do meio do povo de Deus (5:3b).

Todos os que transgridem a lei de Deus estão sujeitos a essa maldição, que entrará em suas casas e os destruirá (5:4). A devastação total indica a severidade do julgamento divino sobre os pecadores impenitentes.

Casa um é responsável por seus próprios atos e será julgado por eles. Todos nós receberemos o castigo de Deus. A única maneira de escaparmos da maldição de Deus é pelo arrependimento e fé em Jesus Cristo.

### 5:5-11 A mulher dentro do efa

Na visão anterior, Deus remove os pecadores impenitentes. Nessa visão, que é a sétima, o Senhor elimina o princípio em si do mal ou pecado que corrompe as pessoas.

Zacarias vê uma mulher dentro de um cesto de medida, chamado *efa*. O cesto e a mulher representam a *iniquidade em toda a terra* (5:6-8; cf. Pv 9:13-18; Ap 17:3-5). O fato de a mulher estar dentro de um *efa* indica que a medida do pecado está cheia e pronta para o julgamento. A mulher é banida para a *terra de Sinar*, ou seja, a Babilônia, que representa o centro de idolatria e impiedade (5:10-11a; cf. Gn 11:1-9; Ap 14:8; 16:19; 17:5) e o lugar do exílio. A mulher tenta escapar, mas é impedida e empurrada de volta para dentro do cesto (5:8), uma demonstração de que Deus exerce controle absoluto sobre o pecado e o mal.

As *duas mulheres* com *asas* são agentes escolhidos por Deus para levar embora a iniquidade do povo (5:9). Diz-se que possuem *vento em suas asas*. O termo “vento” também pode ser traduzido por “Espírito”. As duas mulheres recebem, portanto, a ajuda do Espírito de Deus, o que mostra que é ele quem remove o pecado. Quando Cristo voltar, a iniquidade e o pecado serão removidos do povo de Deus e, de fato, de toda a terra.

A Babilônia simboliza o lugar daqueles que rejeitaram a adoração ao Deus verdadeiro. Será o lar permanente da iniquidade, onde se construirá um templo para o efa e seu conteúdo (5:11b). Por fim, contudo, a Babilônia e toda a sua impiedade serão completamente destruídas, pois a vitória pertence a Deus. Ele purificará do pecado o coração humano, a fim de prepará-lo para a verdadeira adoração a Deus. Entrementes, devemos purificar-nos de todas as formas de idolatria e servir somente ao Senhor.

### 6:1-8 Quatro carros

Na oitava e última visão, o profeta vê carros e cavalos que correspondem aos cavalos e cavaleiros da primeira visão (1:7-17). Na primeira visão, os cavalos levam homens que esquadrinham a terra e se reportam ao anjo. Na oitava visão, os cavalos puxam carros de guerra que executam o juízo divino.

Os *quatro carros* e *cavalos* de cores diferentes (cf. Ap 6:1-8; 19:11,14) surgem *dentre dois montes* [...] *de bronze* (6:1-3). São extremamente *fortes* e subjugarão as nações que afligiram o povo de Deus. O anjo os descreve como *os quatro ventos* [ou espíritos] *do céu* (6:5a; cf. Jr 49:36; Ap 7:1), que são mensageiros de Deus (cf. 2:6; Sl 104:4). Trata-se de seres angelicais, agentes da justiça divina, que o Senhor emprega para executar sua vontade e propósitos. Os seres angelicais vêm diretamente da presença de Deus, *o Senhor de toda a terra* (6:5b), e saem para destruir os reinos deste mundo.

Os cavalos e carros são enviados para direções diferentes. O texto focaliza os *cavalos pretos* e seu *carro* que são enviados *para a terra do Norte* (6:6,8a). O norte é destacado por ser a direção de onde vinha a maioria dos inimigos

do povo de Deus. O anjo do Senhor diz que esse carro fez *repousar o meu Espírito na terra do Norte* (6:8b). O Espírito de Deus se satisfaz e repousa, pois os carros de guerra realizaram seu trabalho no Norte. Deus finalmente expressa sua ira justa. Podemos supor que o mesmo se aplica aos outros cavalos e carros que percorrem o mundo para executar julgamento. As nações são julgadas. A última batalha é travada contra o mal que se encontrava entrenchado ao norte, e o Senhor triunfa.

### 6:9-15 A coroação do sumo sacerdote

Depois da destruição dos reinos perversos deste mundo, Deus colocará o Messias no trono de seu reino glorioso. A sequência de oito visões termina com a extraordinária coroação de Josué, simbolizando a coroação do Messias, o rei e sacerdote. Essa passagem não descreve uma visão, mas um fato histórico.

O Senhor instrui Zacarias a ir à casa de *Josias, filho de Sofonias*, e recolher *prata e ouro* de alguns exilados que regressaram *da Babilônia* (6:9-10). Com esses presentes, Zacarias deve fazer *coroas* e colocá-las na *cabeça de Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote* (6:11). O plural, “coroas” (ou “diademas”, cf. Ap 19:12), enfatiza o esplendor do adorno e aponta para o duplo ofício de sacerdote e rei daquele que o utiliza, ou seja, Josué.

Josué prefigura o *Renovo* messiânico, o rei davídico que governará no novo reino de Deus (6:12a; cf. 3:8; Is 4:2; Jr 23:3-6; 33:14-26). O *Renovo brotará do seu lugar*, isto é, de suas origens humildes e pouco notáveis (Is 53:2; Mq 5:2), e Deus o exaltará (cf. 2Sm 23:1; Sl 89:18-20). *Ele mesmo edificará o templo do SENHOR* (6:12b-13a). A expressão “ele mesmo” denota ênfase. Não se trata do mesmo templo que Zorobabel está reconstruindo, mas de um novo templo a ser edificado pelo Messias na era messiânica (cf. Is 2:2-4; Mq 4:1-5; Ag 2:7-9).

O Messias *será revestido de glória*. O termo “glória” também pode ser traduzido por “majestade” (NVI) e, nesse caso, é usado para descrever a majestade de Deus como rei (6:13b; Sl 96:6). Terá esplendor, glória, honra e autoridade reais. *Assentar-se-á no seu trono, e dominará*. Um dia, o Messias outrora desprezado será reconhecido universalmente como o rei eterno. Reinará para todo o sempre.

O *Renovo será sacerdote no seu trono* (6:13c). A expressão deixa claro que o Messias vindouro será, ao mesmo tempo, rei e sacerdote (cf. Sl 110:4; Hb 5; 7). É possível que a *perfeita união entre ambos os ofícios* parecesse improvável no tempo de Zacarias. O Messias trará paz, pois, como rei, governa com justiça e, como sacerdote, purifica seu povo do pecado (3:8-9). Ele promove a comunhão das pessoas com Deus e umas com as outras. O povo de Deus aguarda ansiosamente por esse dia, mas, por enquanto, a coroa deve permanecer *no templo* como lembrança da futura união dos dois ofícios em um só indivíduo (6:14). A função desse símbolo é manter viva a esperança messiânica.



Quando o sacerdote real governar, *aqueles que estão longe* [os gentios] *virão e ajudarão no edificar o templo do SENHOR* (6:15a; cf. 2:1; 18:22; Is 2:2-4; 56:6-7; Mq 4:1-4; At 2:39; Ef 2:13). A profecia se cumpriu parcialmente no NT, quando Jesus estabeleceu sua igreja como uma comunidade ativa constituída de membros de todos os povos.

A fim de participar do reino vindouro do Messias, precisamos assumir o compromisso de obedecer ao Senhor nosso Deus (6:15b). Do contrário, não poderemos ter parte em sua bênção (Dt 28:1). Se obedecermos, certamente seremos incluídos no reino de Deus.

## 7:1—8:23 Jejum e moralidade

Essa seção expande a anterior ao tratar da relação entre jejum e moralidade. O Senhor diz ao povo que seus jejuns e festas se tornaram meros rituais desprovidos de conteúdo espiritual. Seguem o exemplo de seus antepassados que rejeitaram a mensagem dos profetas anteriores. Zacarias busca promover a renovação espiritual e a reforma moral no povo de Deus. A seção termina, porém, oferecendo esperança ao prometer que o Senhor dos Exércitos voltará a habitar em Jerusalém, que se tornará o santuário central de todas as nações.

### 7:1-3 Uma pergunta acerca do jejum

Cerca de dois anos depois do primeiro oráculo, Zacarias recebe uma mensagem *no quarto ano do rei Dario* [...] *no dia quarto do nono mês, que é quisleu* (7:1), ou seja, em dezembro de 518 a.C. Uma delegação de *Betel*, situada no antigo Reino do Norte, Israel, foi a Jerusalém a fim de suplicar *o favor do SENHOR* (7:2). Os membros da delegação *perguntaram aos sacerdotes e profetas se deviam continuar a chorar, com jejum, no quinto mês* (7:3), uma vez que a reconstrução do templo estava quase no fim. Deus havia ordenado apenas um jejum, a saber, no Dia da Expição (Lv 16:29-31; 23:27-32). Depois da destruição de Jerusalém e do templo, porém, o povo havia instituído outros jejuns para recordar esses acontecimentos. A pergunta da delegação sugere que o jejum se havia tornado cansativo para eles e perdido seu significado espiritual. Nos últimos setenta anos, eles vinham observando esse ritual em agosto, mas será que precisavam continuar a segui-lo, tendo em vista o novo templo estar quase pronto?

### 7:4-7 Jejum sem obediência

O profeta responde com uma repreensão *a todo o povo desta terra e aos sacerdotes* (7:5a). Eles jejuavam por causa da destruição do templo no *quinto mês* (2Rs 25:8-9) e da morte de Gedalias no *sétimo mês* (7:5b; 2Rs 25:25; Jr 41:1-3). Os jejuns, contudo, serviam apenas para lembrar tragédias passadas e não expressavam nenhum desejo de obedecer a Deus e à sua palavra. Deus pergunta: *Foi para mim que jejuaste, com efeito, para mim?* (7:5c). A resposta é “não”, da mesma forma que eles não celebravam a bondade de Deus em suas festas (7:6).

Os *profetas que nos precederam* condenaram a inutilidade dos jejuns rituais e da adoração que não nascessem de um desejo autêntico de mudança interior (7:7; Is 58:1-7). Naquele tempo, a terra ainda era próspera, mas o povo ignorou os profetas, e foi levado para o cativeiro.

### 7:8-14 Verdadeira obediência

Se desejamos agradar a Deus, e não a nós mesmos, precisamos tomar a decisão de fazer as coisas à maneira de Deus, identificando-nos com seus propósitos, desejos e interesses (1Sm 15:22-23; Mq 6:6-8). O interesse maior de Deus é que seu povo se abstenha não de alimentos, mas do mal. Na sequência, o Senhor relaciona os atos que considera importantes: *Executai juízo verdadeiro, mostrai bondade e misericórdia, cada um a seu irmão; não oprimeis a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente cada um, em seu coração, o mal contra o seu próximo* (7:9-10; cf. 8:16; Êx 22:21-22; Dt 22:1; Is 1:17,23; Jr 22:3; Os 12:6; Mq 6:8; Tg 1:27). Viúvas, órfãos, estrangeiros e pobres são as vítimas mais comuns de opressão e os mais desprotegidos em qualquer sociedade. Deus se preocupa com esses indivíduos e deseja que seu povo faça o mesmo, em vez de focalizar a observância do jejum memorial.

Os antepassados do povo *não quiseram atender* os profetas e *fizeram o seu coração duro como diamante* (7:11-12; cf. Dt 9:13; Ne 9:29; Jr 17:23; Ez 3:7-9; At 28:27). Sua desobediência e rebelião suscitaram a ira de Deus. Uma vez que eles se recusaram a atender ao Senhor, ele se recusou a ouvir suas orações (7:13; cf. Is 1:15; Jr 14:12; Mq 3:4), os espalhou *com um turbilhão por entre todas as nações* (cf. Sl 44:11; Dt 4:27) e tornou a terra [...] *assolada atrás deles* (7:14; cf. Dt 28:41-42; Jr 44:6).

Os requisitos de Deus não mudaram de lá para cá. O Senhor não deseja que nos concentremos em realizar atos religiosos em vez de fazer aquilo que é certo. Devemos permitir que outras pessoas experimentem o amor de Deus por meio de nossas demonstrações de misericórdia e compaixão. Se não dermos ouvidos a Deus e não demonstrarmos compaixão, ele pode enviar um julgamento semelhante sobre nós no presente. Por isso, é importante aprendermos com os erros do passado e atentarmos na palavra de Deus.

### 8:1-13 A nova Jerusalém

Apesar de Jerusalém ter sido destruída e desolada, Deus deseja restaurar sua sorte. Seu anseio por promover restauração espiritual e física não é menos intenso que o julgamento que sobreviera à cidade (8:1-2). O Senhor garante a Zacarias que, um dia, o próprio Deus voltará e habitará pessoalmente na nova Jerusalém (8:3a; cf. 1:16; 2:10; Is 52:8; Ap 21:1-3). A habitação de Deus com seu povo é a bênção suprema que virá com o governo messiânico de Cristo em seu reino na terra. Graças à presença de Deus em Jerusalém, a sociedade será justa. A cidade e seus habitantes serão caracterizados por verdade, fidelidade, justiça

e santidade (14:20-21), e pela ausência de medo, abuso, insegurança e inquietação. Jerusalém será chamada de *cidade fiel e monte santo* (8:3b; cf. Is 1:26; Jr 33:16).

Na nova Jerusalém, *velhos e velhas*, bem como *meninos e meninas*, os dois grupos mais vulneráveis em tempos de guerra, viverão na mais completa paz, prosperidade e segurança (8:4-5; cf. tb. Is 65:20). Ninguém será oprimido, vitimado ou desprezado na nova sociedade. A descrição que Zacarias apresenta pode parecer impossível para o povo de seu tempo, tendo em vista suas experiências recentes, mas nada é difícil demais para Deus (8:6; cf. Gn 18:14; Jr 32:17; Mt 19:26). Também pode parecer impossível para nós, devido às nossas experiências, mas, para Deus, é plenamente possível.

O Senhor promete reunir seu povo de todos os lugares da terra. Eles virão a Jerusalém, e a presença, de Deus os restaurará física e espiritualmente. Essa promessa de perdão e restauração se aplica a todos os membros do povo de Deus, onde quer que eles se encontrem (cf. Is 11:11-12; 43:5-7; Jr 31:7-8). O Senhor declara: *Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus* (8:8; cf. Gn 17:7-8; Êx 6:6-7; Dt 7:6; Jr 31:33). Deus se revela aqui como aquele que ama, salva, perdoa e restaura quem crê nele até o fim (cf. Os 2:19-20).

O povo ouviu as palavras de encorajamento de Deus proferidas por meio dos *profetas* [...] *nos dias em que foram postos os fundamentos do novo templo* (8:9b; cf. Ed 5:1-2). Agora, eles são incentivados a terminar o trabalho que começaram alguns anos antes: *Sejam fortes as mãos de todos vós* (8:9a; cf. Ag 2:4). Entreguemo-nos ao Senhor, e ele nos fortalecerá pelo Espírito Santo a fim de realizarmos sua obra até o fim.

A situação atual do povo é comparada com suas condições anteriores. *Antes daqueles dias*, ou seja, antes de 520 a.C., quando eles ainda não haviam obedecido à ordem de Deus para reconstruir o templo (8:10; cf. Ag 1:6-11; 2:15-19), não havia estabilidade, segurança nem prosperidade para pessoas e animais. Mas, agora, ocorreu uma mudança (8:11). Isso aponta para um futuro econômico melhor com paz e segurança para o povo, como se vê pela fertilidade e produtividade extraordinárias da terra e pelas condições climáticas favoráveis (8:12a).

A mudança resultará do arrependimento e obediência do povo (cf. Lv 26:3-10; Dt 28:11-12). Deus dará toda essa prosperidade como herança ao remanescente (8:12b). O grupo é constituído por aqueles que retornaram genuinamente para o Senhor e cujo coração está com ele. Eles formam o povo redimido.

Eles desfrutarão essa prosperidade futura na presença de Deus, quando seu povo deixar de ser *maldição entre as nações* (8:13a; cf. Dt 28:15-19). A referência tanto a *Judá* quanto a *Israel* mostra que, no final, Deus salvará e reunirá todo o seu povo, que será *bênçãos* para outros (8:13b). Diante de tal promessa futura, o povo não deve temer, mas se animar e permanecer firme em sua obediência a Deus (8:13c).

## 8:14-17 O passado e o futuro

Assim como Deus se mostrou firme na decisão de disciplinar seu povo por causa da desobediência (8:14), também está decidido a *lhes fazer bem* (8:15a). Deus é fiel à sua palavra e certamente cumprirá seus propósitos e promessas (cf. Nm 23:19). Como seu povo, não temos motivo para temer que ele nos abandone (8:15b). Deus deseja que obedecemos à sua palavra, para que, desse modo, ele possa nos abençoar e nos renovar espiritualmente. Tendo em vista que seremos cidadãos da nova Jerusalém, devemos portar-nos de modo honesto e justo desde já.

Zacarias apresenta duas injunções afirmativas: *Falai a verdade cada um com o seu próximo e executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade* (8:16; cf. 7:9; Am 5:15; Ef 4:25), e duas negativas: *Nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso* (8:17; cf. 5:3-4; 7:10; Pv 3:29). Como filhos de Deus, nossas atitudes e ações devem refletir o caráter de Deus. Uma vez que Deus é verdade, a mentira é inaceitável, e devemos ser honestos ao nos relacionarmos uns com os outros. Devemos odiar a corrupção e a injustiça presentes em nossos tribunais e que destroem a sociedade. Também devemos manter nosso coração puro (cf. Gl 5:19-21).

## 8:18-23 Anseio universal por Deus

Quando Deus habitar no meio deles, o remanescente não precisará mais observar os jejuns. Essa prática será substituída por alegres festividades (8:19a). Os jejuns lembravam infortúnios passados: a brecha aberta pelo inimigo nos muros da cidade no *quarto mês* (2Rs 25:3-4), a destruição do templo no *quinto mês* (2Rs 25:8-9), o assassinato de Gedalias no *sétimo mês* (2Rs 25:25) e o cerco a Jerusalém no *décimo mês* (2Rs 25:1-2). Devido à bênção de Deus, seu povo não precisará mais lembrar as desgraças de outrora. Antes, ele se regozijará nos benefícios da graça divina. O profeta insta o povo a amar a verdade e a paz (8:19b), de modo que o comportamento presente reflita as realidades futuras.

A predição de que *virão muitos povos e poderosas nações buscar* [...] *ao SENHOR dos Exércitos* encerra a primeira parte (caps. 1—8) das profecias de Zacarias (8:20-22; cf. 2:11; Is 2:1-5; Mq 4:1-5). Haverá um tempo em que o anseio por Deus será universal e Jerusalém será o centro e o local de encontro. Não-cristãos finalmente perceberão a verdade da palavra de Deus, e o povo de Deus terá um relacionamento especial com ele. Várias pessoas segurarão a *orla da veste de um judeu* a fim de acompanhá-lo a Jerusalém, pois saberão que Deus está com os judeus (8:23; cf. Is 45:14). O Senhor vindicará sua santidade.

A vida piedosa do cristão pode levar não-cristãos a buscar um novo modo de viver e a ser incluídos nas bênçãos maravilhosas de Deus. Ao receber as bênçãos de Deus, seu povo se voltará para outros a fim de abençoá-los. O Senhor estará na nova Jerusalém, e todos os povos se reunirão lá para buscá-lo.



## 9:1—14:21 O governo universal do Messias

Enquanto os capítulos 1 a 8 apresentam o rei como sacerdote, 9 a 14 o descrevem como pastor. A segunda parte do livro contém dois oráculos ou mensagens de Deus. Os capítulos 9 a 11 descrevem a primeira vinda do Messias, e os capítulos 12 a 14 falam de sua segunda vinda. Voltará para estabelecer seu reino, subjugará todos os seus inimigos e reinará sobre toda a criação para sempre. Antes disso, porém, virá para morrer e resgatar seu povo do pecado.

### 9:1—11:17 A primeira vinda do Messias e sua rejeição

Apesar de essa seção de Zacarias tratar principalmente da primeira vinda do Messias, alguns dos acontecimentos aqui descritos ainda não se realizaram. Ocorreram acontecimentos semelhantes a algumas dessas profecias, mas elas ainda não se cumpriram de todo em escala mundial.

#### 9:1-8 Vitória sobre as nações

O profeta começa mostrando o povo de Deus cercado por seus inimigos, as nações incrédulas. Deus defenderá seu povo e destruirá as nações hostis: Síria, Fenícia e Filístia. Zacarias menciona as cidades mais importantes a fim de representar as nações pagãs e idólatras de nosso mundo que se opõem a Deus e ao seu povo. O julgamento começará no norte, na *terra de Hadraque*, com *Damasco*, a capital da Síria, e *Hamate* (9:1-2a). Prosseguirá em direção ao sul, rumo a *Tiro* e *Sidom*, as grandes cidades fenícias na costa do Mediterrâneo (9:2b; cf. Ez 28:1-24). Apesar de serem potências marítimas abastadas, não escaparão do julgamento de Deus, mas serão completamente destruídas (9:3-4).

O Senhor prossegue a marcha para o sul contra quatro cidades filisteias: *Asquelom*, *Gaza*, *Ecrom* e *Asdode* (9:5-6; cf. Am 1:6-8), inimigas tradicionais do povo de Deus. Essas cidades se enchem de medo depois da queda de Tiro e Sidom, pois também serão destruídas. O rei de Gaza será morto, e estrangeiros habitarão em Asdode (9:5-6). O “eu” sujeito oculto de *exterminarei*, em 9:6, é o Senhor. Ele explica o que fará com os filisteus obstinados e orgulhosos que se entregavam a diversas práticas idólatras e costumes impuros proibidos por Deus (9:7a; cf. Lv 3:17; Is 65:4; 66:3,17). Aqueles que sobreviverem serão adotados como parte do povo de Deus, como os jebuseus que Davi não exterminou ao conquistar Jerusalém (9:7b; cf. 2Sm 24:16; 1Cr 21:18-19). Alguns dos filisteus remanescentes chegarão até a liderar o povo de Deus, fato que indica a aceitação total desses indivíduos pelo Senhor e exemplifica a conversão de incrédulos no AT.

Deus destruirá as cidades relacionadas anteriormente e as deixará em ruínas, mas defenderá seu povo e Jerusalém (9:8). As palavras *não passe mais* (ou “nunca mais [...] passará”, NVI) prenunciam o cumprimento dessa promessa na segunda vinda do Messias. Nesse tempo futuro, o povo de Deus não terá mais de se preocupar com inimigos invasores, pois Deus vigiará a cidade e o seu povo a fim de pro-

tegê-los (9:8; cf. tb. 4:10; 12:4; Is 26:1; 54:14; Jl 3:17). O Senhor certamente será vitorioso sobre as nações inimigas, e preservará e livrará seu povo a fim de que possa adorar o Rei universal que está vindo (cf. 14:16-19).

### 9:9-10 O rei montado em um jumento

A profecia da chegada do rei tem como contexto a bênção de Jacó sobre a tribo de Judá, na qual o patriarca falou da vinda de um governante dessa tribo que empunharia um cetro, mas amarraria “o seu jumentinho à vide” (Gn 49:10-11). Essa pessoa seria o Messias.

O povo de Deus deve alegrar-se muito com a chegada do rei há tanto esperado (9:9a; cf. 2:10; Sf 3:14-15). As expressões *filha de Sião* e *filha de Jerusalém* se referem ao povo de Deus como um todo, que deve exultar, pois *eis aí te vem o teu Rei* (9:9b; cf. Sl 24:7). Ao contrário dos monarcas perversos do passado, esse rei é *justo* (cf. 2Sm 23:3-4; Sl 72:1-3; Is 9:7) e *salvador* (cf. Sf 3:17), pois vem para livrar seu povo. Ele também é *humilde*, sem a pompa e arrogância que costumam estar associadas aos reis (cf. Is 53:2-7; Mt 11:29).

O Rei-Messias virá ao seu povo *montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta* (9:9c). No antigo Oriente Médio, os jumentos eram um meio de transporte bastante comum (cf. Jz 5:10; 10:4; 12:14). O Messias não vem montado em um cavalo, animal associado à guerra (cf. Dt 17:16; 20:1; Ez 26:10). Não se apresenta como conquistador, mas como servo humilde e pacífico de Deus.

Essa profecia se cumpriu na primeira vinda de Cristo, quando ele entrou em Jerusalém “montado em jumento” (9:9c; cf. Mt 21:5; Mc 11:1-10; Lc 19:28-38; Jo 12:12-15). Nessa ocasião, ele mostrou todas as características do rei ideal descrito por Zacarias. Morreu para proporcionar salvação do pecado e para conferir justiça a todos aqueles que nele crerem.

Uma vez que os detalhes da chegada de Cristo em Jerusalém foram preditos com tanta precisão mais de quinhentos anos antes desse acontecimento, podemos estar certos de que Deus cumprirá sua palavra a respeito da segunda vinda de Cristo. Nessa ocasião, ele virá como guerreiro divino, para reinar em justiça e livrar seu povo dos adversários (cf. Jr 23:5-6). Destruirá todas as armas de guerra, tanto as antigas, como os *carros* [...] e os *cavalos*, e o *arco de guerra*, quanto as modernas (cf. Is 2:4; Os 2:18; Mq 4:3). *Ele anunciará paz às nações*, e não apenas à terra de Israel (9:10; cf. Is 9:5-7). Seu domínio será universal, *de mar a mar e desde o Eufrates até às extremidades da terra* (Sl 72:8-11). O mundo só terá paz duradoura quando o Messias, o Príncipe da Paz, vier para estabelecer seu reino universal e pacífico.

### 9:11—10:1 Livramento e bênção

Antes de dar paz ao seu povo no fim dos tempos, contudo, o Senhor terá de subjugar todos os seus inimigos (cf. Sl 110:5-7). Só então o reino de paz poderá concretizar-se.



9:11-13 **CONVITE A REGRESSAR.** Deus convida seu povo a regressar para ele tanto espiritual quanto fisicamente. Exilados na Babilônia por causa de seus pecados, agora eles podem voltar à *fortaleza* de Sião (9:12a). Já chegamos a Sião em Cristo (Hb 12:22; cf. Ap 21:2), a única fonte de verdadeira paz e segurança. A base da libertação é o *sangue da [...] aliança* (9:11a). No AT, a aliança era confirmada por sacrifícios de sangue (Gn 15:9-11; Êx 24:3-8; 29:38-46), mas todos esses sacrifícios apontam para o sangue que Cristo derramou na cruz e que selou a nova aliança para os salvos (Mc 14:24; Hb 13:20). Por meio desse sangue, os *presos de esperança* (ou “prisioneiros da esperança”, NVI), que creram no Senhor e em suas promessas, são unidos a ele (9:12a).

Quando o Messias regressar, os presos serão salvos física e espiritualmente *da cova em que não há água*, a saber, das prisões deste mundo (9:11b; cf. Jr 38:6-13). Deus promete restaurar completamente seu povo e derramar bênçãos sobre todos os remidos (9:12b). Eles serão instrumentos de Deus para derrotar seus inimigos (9:13). É possível que a referência à *Grécia* como um dos inimigos prenuncie a vitória dos macabeus sobre Antíoco Epifânio cerca de duzentos anos depois. No devido tempo, os oprimidos serão vitoriosos.

9:14—10:1 **JAVÉ LIVRA E ABENÇO.** O profeta descreve o Senhor vindo como um guerreiro para livrar seu povo (9:14-15a; 2Sm 22:8-18; Sl 18:7-15). Ele o defenderá e protegerá nas batalhas. Com o Senhor ao seu lado, a vitória dos remidos é certa.

Quando chegar a hora de comemorar a vitória, o povo de Deus realizará um grande banquete, no qual haverá comida e bebida em abundância (9:15b). O povo expressará toda sua alegria pela poderosa salvação oferecida por Deus.

Nesse dia futuro, eles serão seu *rebanho*, e ele será seu pastor (9:16a; cf. Sl 100:3). Não é de admirar, portanto, que eles viverão na mais absoluta segurança. Zacarias também descreve os remidos como *pedras de uma coroa* (9:16b). Deus cuidará deles como um tesouro precioso (cf. Êx 19:5-6; Is 61:6). Resplandecerão de alegria e glória ao viver com Deus. Não haverá mais pobreza nem humilhação, apenas fartura de cereais e vinho (9:17). As colheitas serão certas, pois Deus controlará a natureza para que funcione com perfeição. Até a *chuva* cairá no tempo certo (10:1). Existe, de fato, uma bendita esperança para o povo de Deus. Se buscarmos ao Senhor e nele confiarmos, ele nos salvará e nos fará prosperar. Ao buscar produtividade para o solo e pedir chuvas durante as estações de cultivo, devemos voltar-nos para o Senhor, e não para deuses da fertilidade.

### 10:2-3 *Castigo dos pastores perversos*

Zacarias usou a metáfora do bom pastor para se referir a Deus como líder de seu povo (9:16). Agora, porém, compara os líderes do povo a pastores perversos. Deus julgará os líderes egoístas, corruptos e falsos, e cuidará de seu povo, restaurando-o completamente.

Em vez de obedecerem à palavra de Deus, os pastores perversos confiam em *ídolos* e *adivinhos* (10:2a), cujas visões enganam o povo e cujos *sonhos* são produto de sua própria imaginação, e não mensagens de Deus (10:2a; cf. Jr 23:30-32; 27:9-10; 29:21-23). Os adivinhos também *oferecem consolações vazias* ao fazer falsas promessas de paz e de coisas boas por vir (cf. Jr 6:14; 8:11; 14:22; 23:25-26; Ez 13:6-12).

A palavra de Deus proíbe que se busque a orientação de adivinhos (Dt 18:9-14; Js 13:22; 1Sm 15:23). Deus proveu profetas verdadeiros para informar e guiar seu povo de acordo com sua vontade. Não há necessidade nenhuma de consultar adivinhos (cf. Jo 6:14).

Algumas das religiões africanas tradicionais usam a adivinhação para revelar o futuro. A igreja deve opor-se energeticamente a esse tipo de prática. Devemos ensinar os membros da igreja a pôr o futuro nas mãos de Deus e confiar somente em suas promessas registradas na Bíblia. Também devemos ensinar-lhes que os ídolos modernos do dinheiro, poder, fama, prazer ou realização jamais nos satisfarão ou nos darão paz e segurança.

Graças à liderança incompetente, *anda o povo como ovelhas, aflito, porque não há pastor* (10:2b; cf. Mc 6:34). Os líderes fizeram o povo de Deus desgarrar-se por falta de orientação espiritual adequada. Deus declara, portanto: *Castigarei os bodes-guias*, ou seja, os líderes. O Senhor cuida de seu rebanho e o transformará em *cavalo de glória na batalha* (10:3). Deus suprirá todas as necessidades físicas e espirituais de seu povo, e não deixará impunes os líderes incompetentes, quer de igrejas, quer de nações.

### 10:4-12 *Vitória do povo de Deus*

10:4-5 **O POVO VITORIOSO E SEU MESSIAS.** O profeta anuncia a vinda de um líder novo e bom para o povo de Deus. A liderança virá do Senhor que cuida de seu rebanho, e não de *Judá*, como a RA traduz. Como líder, o Messias será a “pedra angular”, “a estaca da tenda” e “o arco de guerra”.

A *pedra angular* (10:4a) é a pedra mais importante de qualquer edifício. Posicionada no alicerce ou no alto de um arco, é ela que garante a coesão da estrutura. Simboliza, portanto, a estabilidade e a confiabilidade de um líder. A descrição do Messias como pedra angular mostra que ele se encontra no alicerce e no alto do reino de Deus. Jesus descreve a si mesmo como pedra que inicialmente foi rejeitada, mas, por fim, se tornará a pedra angular (Mt 21:42; cf. tb. Sl 118:22; Is 28:16).

A *estaca da tenda* (10:4b) mantém a tenda armada e também pode ser usada para afixar as abas da porta em posição aberta ou fechada. Simboliza a autoridade do Messias, sobre cujos ombros Deus põe as responsabilidades do seu reino (cf. Is 22:22-24; Ap 3:7).

O *arco de guerra* (10:4c) é a arma de um guerreiro e protetor (cf. Sl 45:5). Na segunda vinda, o Messias destruirá todos os seus inimigos (Sl 2:9; Is 63:1-6; Ap 6:2; 19:11-21). Todos os povos a ele se sujeitarão e obedecerão.

Todas essas metáforas mostram que o Messias vindouro será forte, estável, compassivo, vitorioso e confiável. *Dele* virão todos os futuros governantes fiéis e compassivos (10:4d). Esses enfrentarão e derrotarão seus inimigos, *porque o SENHOR estará com eles* (10:5).

10:6-12 UM NOVO ÊXODO. A vitória do Messias resultará em um novo êxodo, por meio do qual seu povo será levado de volta para casa. O Messias promete ter compaixão da *casa de Judá* e da *casa de José*, que representam todo o povo de Deus nesse dia futuro do Senhor (10:6). Uma vez que se compadece deles, o Senhor os fará *voltar*, e será como se ele nunca os tivesse *rejeitado* (10:6). Deus fortalecerá seu povo. Torná-los-á *como um valente* e os encherá de alegria (10:7). Quando temos comunhão íntima com o Senhor, ele promete fortalecer-nos para fazermos sua vontade e encher-nos de alegria por meio de seu Espírito.

Somente Deus pode ajuntar e unir todo o seu povo. Ele lhes assobiará e os ajuntará, tornando-os tão fortes e numerosos que *não se achará lugar para eles* (10:8,10; cf. Is 35:10; 49:19-21). O povo de Deus foi amplamente dispersado devido ao exílio e à perseguição, mas ainda se lembra de Deus e o adora em terras distantes (10:9).

O Egito e a Assíria, duas nações que representam todos os inimigos passados do povo de Deus, serão subjugados (10:11b; cf. Ez 29:15-16; Sf 2:13). Eles escravizaram e exilaram o povo de Deus, mas o Senhor organizará um novo êxodo e levará os cativos de volta à sua terra (10:11; cf. Is 11:11; 27:13; Ez 39:27-29; Os 11:11). Ele removerá todas as barreiras para facilitar sua jornada. *Passarão o mar de angústia, as ondas do mar...*, mas Deus os secará para que o povo atravessasse em segurança, como aconteceu com o mar Vermelho no início do primeiro êxodo e com o rio Jordão ao final (10:11a; cf. Êx 14:21-31; Js 3:14-17; Is 11:15; 51:10).

Essa seção termina com uma repetição da promessa divina de fortalecer seu povo na jornada (10:12; cf. 10:6). Diante dessas palavras, permaneçamos no Senhor para desfrutar suas bênçãos e receber seu poder, pois nossa força vem do alto. Deus nos protegerá por seu poder miraculoso, como fez no passado. Andemos continuamente nos caminhos do Senhor, em obediência à sua palavra (10:12; cf. Mq 4:5). Com Deus ao nosso lado, teremos vitória sobre nossos inimigos e faremos parte da multidão que deixa as terras do pecado e se encaminha para a nova Jerusalém.

### 11:1-17 Rejeição do Rei-Pastor

Zacarias prediz que o Messias será rejeitado por seu próprio povo na primeira vinda. Ele sofrerá e morrerá para salvar aqueles que o receberem. Mas aqueles que o rejeitarem terão de arcar com consequências terríveis.

11:1-3 O DESTINO DOS FALSOS PROFETAS. O relato da rejeição do Messias começa com um breve poema sobre o julgamento vindouro dos falsos líderes (10:2-3). Por causa deles, o fogo destruirá a terra. O profeta compara os líderes a ár-

vores consumidas por um incêndio. Todos cairão, desde os poderosos *cedros do Líbano* (11:1) até a “rica floresta do Jordão” (11:3; NVI). Os falsos pastores que abandonaram suas ovelhas uivarão (11:3; cf. Jr 25:34-38), e os que encheram a terra de temor como *leões* se verão expostos, pois seu habitat será destruído.

11:4-14 REJEIÇÃO DO VERDADEIRO PASTOR. Em seguida, o profeta retrata a ascensão e rejeição do bom pastor escolhido por Deus para cuidar de seu rebanho. As *ovelhas* desse rebanho estão *destinadas para a matança* (11:4). Embora Deus, como proprietário do rebanho, seja o único que pode ordenar seu abate, ele sabe que os pastores ímpios já venderam as ovelhas para serem abatidas por outros. O único interesse desses pastores é usar as ovelhas em benefício próprio (11:5; Jr 50:6-7; Ez 34:2-3). Deus condena, portanto, o abuso de pessoas, quer na forma de tráfico humano, quer na forma de comércio de escravos (cf. Añ 1:6).

Representando o Messias, Zacarias usa *duas varas* para cuidar das *ovelhas destinadas para a matança*. Uma vara se chama *Graça*, e a outra, *União* (11:7). O Senhor deseja que o povo experimente a graça divina e viva em harmonia e união. Aguardamos o dia em que todas as divisões dentro da igreja cristã serão removidas, e o povo de Deus viverá em união e harmonia.

O pastor escolhido pelo Senhor remove os pastores perversos *num mês* (11:8a). Não sabemos a identidade dos *três pastores* dos quais ele dá cabo, mas é possível que representem os três ofícios: profeta, sacerdote e rei, agora combinados e unidos no único líder perfeito, o Messias. Somente ele é o verdadeiro pastor do rebanho, e não dividirá essa função com ninguém. O Senhor pode substituir a liderança incompetente de qualquer igreja ou nação. Oramos para que ele conceda bons líderes para as igrejas e países africanos.

Seria de esperar que as ovelhas oprimidas recebessem de bom grado o verdadeiro pastor e se mostrassem gratas por seu cuidado, mas não é o que acontece. Elas o detestam, pois se preocupam apenas com sua própria cobiça e desejos perversos (11:8b). O pastor não pode realizar seu trabalho sem a cooperação do rebanho que ele procura liderar e servir, de modo que esse pastor diz: *Perdi a paciência com as ovelhas* (11:8c; cf. Is 1:13-14) e decide deixá-las seguir seus próprios caminhos, ciente de que destruirão umas às outras (11:9). Quando Deus deixa de ter  *piedade dos moradores desta terra* e retira sua presença e cuidado, as pessoas se voltam umas contra as outras (11:6; cf. tb. 14:13; Dt 28:54-57). O resultado é confusão e opressão espiritual e política, pois a rebelião contra Deus e sua palavra sempre traz julgamento.

O pastor escolhido pelo Senhor quebra a *vara chamada Graça* e anula sua aliança com todos os povos, a qual os impedia de destruir o povo de Deus (11:10; Ez 34:25; Os 2:18). De fato, a nação foi destruída em 70 d.C., quando os romanos cercaram Jerusalém depois de os judeus rejeitarem Jesus Cristo (Mt 27:19-26). Somente *as pobres do*



*rebanho* entendem que o povo será julgado por ter rejeitado o Messias (11:11). Essas ovelhas constituem o remanescente fiel, o qual aceita e compreende a palavra de Deus e vê que ela está sendo cumprida.

O profeta pede para ser pago por seu trabalho como verdadeiro pastor. O povo decide dar-lhe *trinta moedas de prata*, o mesmo preço estipulado pela lei para um escravo morto por um boi (11:12; cf. Êx 21:32). Essa avaliação do pastor escolhido pelo Senhor é um insulto e uma rejeição vergonhosa. Judas recebeu essa quantia para trair Jesus Cristo (Mt 26:15; 27:9). Os líderes judeus calcularam que o Messias valia o mesmo que um escravo!

O Senhor instrui Zacarias a lançar as trinta moedas de prata *ao oleiro* (11:13a). Naquela época, os oleiros faziam parte da classe mais baixa da sociedade. A referência à soma como um *magnífico preço* é cheia de ironia e sarcasmo, pois o valor é desprezível. O profeta obedece e lança as moedas *ao oleiro, na Casa do SENHOR* (11:13b; cf. Jr 18:1-6).

Seu gesto profético se cumpriu plenamente quando Judas lançou na casa do Senhor o dinheiro que havia recebido para trair Jesus (Mt 27:5). Por ser “preço de sangue”, o dinheiro foi considerado impuro, não podendo, portanto, ser guardado no tesouro do templo (cf. Dt 23:18). Os sacerdotes usaram-no, portanto, para adquirir o campo de um oleiro e transformá-lo em cemitério para estrangeiros (Mt 27:6-10). É impressionante como todos os detalhes dessa profecia se cumpriram. Zacarias prenunciou com exatidão quinhentos anos antes os tristes acontecimentos associados à traição de Jesus.

O profeta também quebrou a *segunda vara, chamada União*, para mostrar que não haveria união nem harmonia no meio do povo de Deus que, naquela época, consistia nas nações de *Judá e Israel* (11:14). Uma vez que o povo rejeitou o verdadeiro pastor, Deus também o rejeitará. No futuro, porém, Deus reunirá todo o seu povo (Ez 37:16-28). O povo de Deus já constituiu uma só igreja em Cristo. Sua coesão, harmonia e unidade serão muito maiores, porém, quando o Messias voltar para governar sobre seu reino. Enquanto aguardamos sua volta, devemos trabalhar para promover a paz e união dentro da igreja neste mundo.

**11:15-17 A SUBSTITUIÇÃO DO VERDADEIRO PASTOR.** O bom pastor rejeitado é substituído por um *pastor insensato*. Na Bíblia, o termo “insensato” descreve alguém moralmente deficiente (11:15; cf. Pv 1:7, NVI). Esse pastor *não cuidará das ovelhas que estão perecendo, não buscará a desgarrada, não curará a que foi ferida, nem apascentará a sã* (11:16; cf. Ez 34:3-4; Jo 10:12-13); antes, as oprimirá com a mais absoluta crueldade. O povo será terrivelmente afligido e maltratado sob a liderança desse pastor.

O capítulo 11 começou com um poema de lamentação (11:1-13) e termina agora com outro poema que pronuncia um ai sobre esse *pastor inútil* (11:17; cf. tb. Jr 23:1; Jo 10:12). Além de ser egoísta, corrupto e ganancioso, o pastor inútil *abandona o rebanho*. Como castigo, a *espada* de

Deus *lhe cairá sobre o braço e sobre o olho direito*. Não poderá mais lutar, pois *o braço, completamente, se lhe secará, e o olho direito, de todo, se escurecerá* (11:17). Ele sofrerá os mesmos tormentos que infligiu a outros.

O líder inútil e perverso prefigura o anticristo, que oprimirá o povo de Deus e exercerá terrível poder no fim dos tempos (Dn 7:25-27; 11:36-45; Ap 13:1-10).

Devemos estar cientes de que, ao rejeitarmos Jesus Cristo, o pastor escolhido pelo Senhor, rejeitamos também o socorro e salvação que Deus concede. Não podemos, portanto, esperar receber suas bênçãos; antes, sofreremos as consequências de viver sem o benefício de sua presença em nossa vida.

A descrição do pastor insensato deve lembrar-nos, ainda, que muitos líderes das igrejas de hoje também são pastores insensatos e inúteis. Em vez de cuidarem de suas ovelhas, delas se aproveitam. Não levam a sério a responsabilidade de seu ministério nem se preocupam, por exemplo, com aqueles que se encontram espiritualmente perdidos. Não procuram os jovens para fortalecê-los e corrigi-los, não ajudam a cuidar dos enfermos e feridos, nem proveem alimento espiritual para o povo. Deus responsabilizará esses pastores pela condição espiritual de seu povo e os removerá de seus cargos (Ez 34:10).

Como pastores, cabe a nós seguir o exemplo do Bom Pastor, Jesus Cristo. A igreja africana precisa de pastores bons e fiéis que cuidem do rebanho para a glória de Deus.

### 12:1—14:21 A segunda vinda do Messias em glória

A segunda grande profecia de Zacarias trata da vinda gloriosa do Rei-Messias “naquele dia”. O profeta descreve a batalha final na qual os inimigos do povo de Deus são derrotados e destruídos e depois da qual o Messias pode finalmente estabelecer seu reino eterno.

#### 12:1-9 A vitória de Sião

**12:1-3 O CERCO A JERUSALÉM.** No fim dos tempos, o povo de Deus se verá envolvido numa terrível guerra sem paralelos históricos. Jerusalém será alvo de hostilidade mundial, mas o Senhor, que *formou o espírito do homem dentro dele* (12:1), promete intervir diretamente em favor de Sião. Deus, que tem capacidade e poder absolutos como criador e doador da vida, neutralizará todos os ataques contra a cidade. Parará as nações beber do *cálice* de sua ira (12:2). *Naquele dia*, o dia da grande batalha final, ele intervirá pessoalmente para proteger seu povo e conquistar a vitória decisiva. Tornará *Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos*; quem tentar movê-la será esmagado (12:3; cf. Lc 20:18).

No final, Deus realizará seus desígnios, pois não há poder no céu nem na terra que possa detê-lo. As nações não têm como vencer a guerra contra Jerusalém e o povo de Deus.

**12:4-9 LIVRAMENTO E PROTEÇÃO DIVINOS.** Zacarias descreve a grande vitória resultante da poderosa intervenção de Deus.

*Naquele dia*, Deus ferirá os inimigos de seu povo de *espanto* [...] e de *loucura* [...] e de *cegueira* (cf. Dt 28:28), e vigiará a *casa de Judá* para proteger e guardar seu povo justo (12:4). Os líderes do povo de Deus perceberão que o Senhor está ao seu lado, e que eles *têm a força do Senhor dos Exércitos* (12:5).

Com o apoio do Senhor, os justos serão como fogo que queima *lenha ou palha*, e consumirão todos os seus inimigos (12:6; cf. Is 10:17-18; Ob 18). Ao salvar as regiões mais afastadas (*Judá*), antes da capital (*Jerusalém*), Deus mostra que a vitória é inteiramente dele; ninguém tem motivos para se vangloriar (12:7; cf. Jr 9:23-24; 1Co 1:29-30; 2Co 10:17). O Senhor será seu escudo e concederá ao seu povo força sobrenatural, de modo que *até o mais fraco* [...] *será como Davi* (Is 60:22), e os líderes serão *como Deus, como o Anjo do SENHOR* (12:8). O Anjo do Senhor, que é o próprio Deus, irá à frente deles na batalha final (cf. Êx 14:19). *Naquele dia*, o Senhor pretende julgar e destruir todas as nações que se reuniram para atacar seu povo (12:9; Is 29:7-8; Mq 4:11-12). No final da história, Deus destruirá todos os perversos e acabará com a dor e a opressão de uma vez por todas, mas salvará todos aqueles que nele confiam.

### 12:10—13:9 *Purificação do pecado*

12:10-14 O MESSIAS CRUCIFICADO. Depois de retratar a salvação física do povo de Deus, Zacarias descreve a salvação espiritual, decorrente do arrependimento sincero. O Messias, o verdadeiro pastor, foi rejeitado por seu povo, uma rejeição que teve consequências terríveis (11:1-17). Aqui, o Senhor promete derramar o *espírito da graça e de súplicas* sobre seu povo (12:10a). Trata-se do Espírito Santo que concede graça a pecadores rebeldes para que se arrependam e supliquem por perdão e absolvição. Em sua bondade e compaixão, o Senhor perdoa os pecados quando há arrependimento sincero. Mas é o Espírito Santo que nos convence inicialmente do pecado e mostra o padrão divino de justiça e juízo (cf. Is 44:3; 59:21; Ez 36:26-27; 39:29; Jl 2:28-29; Jo 16:8; At 2). Também é o Espírito que nos enche e nos ajuda a orar (cf. Rm 8:26).

Os pronomes usados em 12:10 podem ser traduzidos de duas maneiras. Enquanto a RA traz: *Olharão para aquele a quem traspassaram*, na RC e na NVI, Javé declara acerca de si mesmo: “Olharão para mim” e, em seguida, diz: *Prantearão* (“o prantearão”, RC; “chorarão por ele”, NVI), indicando o Messias. Nessas duas versões, o versículo identifica Javé e o Messias como a mesma pessoa e, portanto, corrobora as asserções de Jesus acerca da sua divindade.

O Espírito de Deus fará o povo ver que o Senhor, *aquele a quem traspassaram* e mataram, é, de fato, seu Messias (12:10b). João destaca o impressionante cumprimento desse versículo quando relata que um soldado traspassou o lado de Jesus com uma lança (Jo 19:34-37; cf. tb. Is 53:5). Fica evidente também que o AT ensina as duas vindas do Messias. Na primeira vinda, ele será traspassado e morto;

na segunda vinda, os seres humanos reconhecerão o que fizeram.

Quando finalmente perceber e aceitar que Cristo é o Messias, o povo chorará *por ele como se chora amargamente pelo primogênito* (12:10c). A profunda tristeza indica a autenticidade de sua conversão. A imensa sensação de perda que se apossará do povo quando eles perceberem o que fizeram provocará um lamento semelhante ao *pranto de Hadade-Rimom, no vale de Megido* (12:11). É provável que Zacarias se refira ao pranto pela morte do rei Josias na batalha contra Faraó Neco em Megido (2Rs 23:29; 2Cr 35:22-24). O falecimento de Josias representou uma perda enorme para a nação, e seus súditos expressaram grande lamento.

*Cada família pranteará à parte* [...] e *suas mulheres à parte*. Não será apenas um rito formal observado pela nação como um todo; envolverá cada família e cada indivíduo em profundo arrependimento. Afetará todo o povo de Deus, desde a casa real de Davi até as pessoas comuns (12:12-14). Vemos aqui, portanto, uma expressão universal e, ao mesmo tempo, individual de perda e tristeza profunda.

13:1 UMA FONTE DE ÁGUA PURIFICADORA. Depois do lamento do povo, Deus promete realizar uma obra de purificação e restauração. O Senhor, que é bondoso e compassivo para perdoar até mesmo o pecado de o Messias ter sido morto e traspassado, responderá ao arrependimento de seu povo. Declara: *Naquele dia, haverá uma fonte aberta* (13:1). A imagem da fonte simboliza a interminável abundância do perdão que Deus oferece ao seu povo (cf. 3:4,9; 14:8; Ez 36:25-28; 47:1-2). A água da fonte removerá o *pecado e a impureza*. “Pecado” refere-se a tudo o que fica aquém da vontade e das exigências de Deus, enquanto “impureza” diz respeito às impurezas cerimoniais e sexuais que, segundo a lei mosaica, impediam as pessoas de entrar na presença de Deus.

A igreja de hoje bebe dessa fonte e recebe perdão e purificação por meio da morte expiatória de Cristo (cf. Mt 26:28; Lc 22:20; Jo 4:13-14; 7:37-39; 1Co 11:25-26). O povo judeu, contudo, só desfrutará essas bênçãos quando se arrepender na segunda vinda de Jesus Cristo (Rm 11:25-32).

13:2-6 REMOÇÃO DOS FALSOS PROFETAS E DA IDOLATRIA. No fim dos tempos, a idolatria, os falsos profetas, o culto a demônios e o anticristo exercerão grande atração. Quem inspira todas essas influências e práticas idólatras é o próprio Satanás (Mt 24:4-5, 15, 23-26; 1Tm 4:1; Ap 9:20; 13:4-15). Mas, quando Cristo vier, as destruirá de todo, pois somente ele será exaltado e governará em seu reino. Por isso, a nova terra não terá lugar para falsos profetas. Eles, bem como o *espírito imundo* por trás deles, serão removidos (13:2; cf. Is 2:18-20; Jr 23:30-32).

Nesse dia futuro, a oposição à falsa adoração será tão forte que até mesmo os pais de um falso profeta se voltarão contra ele por proferir *mentiras em nome do SENHOR*, e o matarão (13:3; cf. Dt 13:1-11; 18:20; Jr 23:34; Ez 14:9).



Zacarias emprega novamente o verbo “traspassar”, usado em 12:10. Enquanto no capítulo anterior se referia ao Messias, aqui descreve o destino dos falsos profetas.

Aqueles que proferiram oráculos falsos *se sentirão envergonhados de sua visão* profética (cf. Jr 6:15) e hesitarão em revelar sua ocupação. Não *se vestirão* com a roupa característica dos profetas *para enganarem* (13:4; cf. 2Rs 1:8; Mt 3:4). Em vez de se identificarem como profetas, afirmarão ser lavradores (13:5). Tentarão justificar as marcas que receberam em rituais extáticos, proféticos e idólatras, dizendo: *São as feridas com que eu fui ferido na casa dos meus amigos* (13:6; cf. Lv 19:28; 1Rs 18:25-28).

Os profetas mentirão acerca de suas atividades. Como líderes que ensinam a Bíblia ou cristãos envolvidos na disciplina de outros, devemos cuidar para não fazer o mesmo. Não devemos ser como os falsos profetas, que distorcem as palavras de Deus ou chegam até a mentir a seu respeito. As questões espirituais com as quais lidamos dizem respeito à vida eterna daqueles que estão sob nossos cuidados.

**13:7-9 O PASTOR FERIDO E O REBANHO DISPERSO.** Zacarias volta ao tema do pastor ferido e rejeitado sobre o qual discorreu no capítulo 11, encerrando esse capítulo com um poema. No fim dos tempos, o Senhor dará ordem para ferir seu pastor querido, a mesma pessoa traspassada pelo povo em 12:10. As ovelhas rejeitaram esse pastor e foram destinadas para a matança (11:4,7). Consequentemente, foram entregues a um pastor insensato e inútil, o qual Javé e seu Messias feriram (11:15-17).

Agora, porém, Javé volta a pedir que se use a *espada*, não contra o pastor inútil, mas contra *o meu pastor e o meu companheiro* (13:7a). Esse pastor é o Messias, ao mesmo tempo humano (“o homem”) e divino (pois Deus afirma que ele é “meu companheiro”). Trata-se de Jesus Cristo, o igual do Senhor (cf. Jo 1:1-2; 10:30; 14:9-14).

O pastor será ferido por ordem do Senhor (13:7b; cf. Is 53:4-10). Sua morte não será um erro ou acidente; antes, fará parte do plano de Deus (cf. At 2:23) e será o meio de salvação para todas as pessoas.

Quando o pastor for ferido, *as ovelhas ficarão dispersas* (13:7c). *Os pequeninos* correspondem aos “pobres do rebanho”, parte do remanescente (11:11). Jesus citou esse versículo pouco antes de ser preso para mostrar seu cumprimento nele e em seus discípulos (Mt 26:31-32,56; Mc 14:27,49-50). Ele sabia de antemão que os discípulos o abandonariam quando fosse preso, pois é necessário que se cumpram as Escrituras. De fato, a morte do pastor dispersou o rebanho (cf. Jo 10:11). De todas as passagens do AT sobre ovelhas e pastores, essa é a que parece ter exercido maior influência sobre Jesus.

A morte do pastor resultará não apenas na dispersão de seus seguidores, mas também em sofrimento, dor e morte para muitos na terra. No entanto, o Senhor preservará um remanescente: *Em toda a terra, [...] dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela* (13:8;

cf. Ez 5:2-4,12). Ao que parece, trata-se de uma mudança de foco da morte de Cristo para o fim dos tempos, quando a terça parte que sobreviverá corresponde ao remanescente justo. Eles estarão sob os cuidados de Deus, mas serão refinados e purificados, como *prata* e *ouro*, no crisol do sofrimento (13:9a; cf. Sl 66:10; Is 1:25; Ez 22:20-22; Dn 11:35; 1Pe 1:6-7). Esse processo os preparará para receber o Messias. Eles invocarão o seu nome, e ele responderá às suas orações. O Senhor dirá: *É meu povo*, e eles dirão: *O SENHOR é meu Deus* (13:9b; cf. 8:8; 10:6; Lv 26:12; Sl 50:15; Is 30:19; Jr 30:22; Os 2:23).

Certifiquemo-nos de que faremos parte do povo remanescente no fim dos tempos. Tomemos o firme propósito de obedecer e seguir ao Senhor, não obstante as dificuldades, tribulações e problemas que venhamos a enfrentar. As dificuldades devem fortalecer-nos e confirmar nossa fé em Cristo. Permanecemos espiritualmente puros e corramos com persistência até o final.

#### 14:1-21 O Messias regressa a Sião

**14:1-5 A VITÓRIA DO MESSIAS.** Esse capítulo descreve a segunda vinda de Jesus, o Messias, como poderoso guerreiro que dará cabo de todos os inimigos de Deus (cf. Ap 19—20). Encontramos aqui mais profecias acerca do *Dia do Senhor* (14:1; cf. tb. Is 13:6), o dia vindouro que só Javé conhece (14:7; cf. Mt 24:36).

Nesse dia, o Senhor ajuntará *todas as nações para a peleja contra Jerusalém* (14:2a; cf. 12:3; Ez 5:8; Ap 16:13-21). A coalizão de “todas as nações” sugere que, nessa época, haverá um sistema político mundial.

A princípio, as nações inimigas serão vitoriosas. Elas tomarão a cidade, saquearão as casas e violentarão as mulheres. Metade da população de Jerusalém *sairá para o cativoiro* (14:2b). Será um dia de trevas para seus habitantes. Mas Deus tem o controle absoluto e usa a perversidade humana para realizar seus propósitos. Ao que parece, é nessa ocasião que dois terços da população serão destruídos (13:8).

A batalha aqui descrita é a mesma que, de acordo com Joel, ocorrerá no vale de Josafá (Jl 3:2,12,14) e que, na profecia de João, é travada num lugar chamado Armagedom (Ap 16:16). É o meio usado por Deus para levar as nações a julgamento, a guerra final na terra que encerrará a história humana.

Depois do sucesso inicial das nações, o Senhor lutará pessoalmente contra elas e salvará o remanescente justo (14:3; cf. 9:14-15; 12:9). Ele virá como guerreiro divino, como fez no passado (cf. Js 10:14).

O Messias estará em pé no *monte das Oliveiras* (14:4a). A glória de Deus partiu desse monte antes de o templo ser destruído em 586 a.C. (Ez 10:18-19; 11:22-24) e nele Jesus falou aos seus discípulos acerca do fim dos tempos (Mt 24). Desse monte, Jesus subiu ao céu (At 1:12, NVI) e para ele voltará em sua segunda vinda. Nessa ocasião, o monte *será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá*



*um vale muito grande (14:4b)*. O vale servirá de rota de fuga por meio da qual o povo poderá escapar dos inimigos, como seus antepassados escaparam do terremoto no tempo do rei Uzias (cf. Am 1:1; Ap 16:18-19).

O Senhor virá, então, com *todos os santos*, ou seja, com seus santos e anjos, para destruir os inimigos (14:5; Is 66:15-16; Mt 16:27; 24:30-31; 25:31).

**14:6-9 A NOVA CRIAÇÃO.** A vinda de Cristo será verdadeiramente gloriosa e maravilhosa para aqueles que o aceitarem e crerem nele como Senhor e Salvador, pois eles participarão da nova era que se iniciará nessa ocasião. Na nova era, a luz dos corpos celestes não será mais necessária (14:6). Nesse *dia singular*, a presença da glória de Deus iluminará todo o universo, e não haverá mais diferença entre dia e noite (14:7; cf. Ap 21:23-25).

Na nova criação, *correrão de Jerusalém águas vivas (14:8a; cf. tb. 13:1; Jr 2:13; Ez 47:1-12; Jo 4:10-14; 7:37-38; Ap 22:1-2)*. As águas vivas saciarão e refrigerarão o povo remido de Deus física e espiritualmente. Como Jesus disse, quem beber dessa água “nunca mais terá sede; pelo contrário [...] será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:14). O constante suprimento de água formará um rio que correrá da nova Jerusalém *para o mar oriental* (o mar Morto) e *até ao mar ocidental* (o mar Mediterrâneo) *no verão*, a estação seca, bem como *no inverno*, a estação das chuvas (14:8b).

Nesse dia, *o SENHOR será Rei sobre toda a terra [...]; um só será o seu nome (14:9; cf. 9:9; Sl 47:7-8; Ob 21; Ef 4:5-6; Ap 17:14)*. Lembramo-nos das palavras do *Shemá* judaico: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt 6:4). Jesus Cristo será Senhor sem rivais. Todas as formas de idolatria e politeísmo serão eliminadas.

**14:10-15 A DESTRUIÇÃO DOS INIMIGOS.** Depois da última batalha aqui descrita, o Senhor estabelecerá seu reino universal. Haverá guerras na terra, mas antes, em decorrência de um grande terremoto (14:4), o cenário geográfico mudará desde *Geba*, a cerca de dez quilômetros ao norte de Jerusalém, até *Rimom*, a cerca de cinquenta quilômetros ao sul de Jerusalém, e *se tornará como a planície* extensa do vale do Jordão (14:10a). A terra ao redor de Jerusalém se transformará, portanto, numa grande planície, ao passo que a cidade será elevada, mas permanecerá no mesmo lugar (14:10b; cf. 12:6; Is 2:2). *Será exaltada* e honrada como capital do novo mundo, cidade de Deus e santuário central de culto ao Senhor para todas as nações. Além de ser exaltada, a cidade também *habitará segura (14:11; cf. 2:4; Sl 48:8; Jr 23:6; Ap 22:3)*.

Cristo julgará os exércitos inimigos que atacaram Jerusalém e os ferirá com uma praga devastadora: *A sua carne se apodrecerá, [...] apodrecer-se-lhes-ão os olhos [...] e lhes apodrecerá a língua (14:12)*. Ele também os encherá de *grande confusão* (cf. Gn 35:5). Como no tempo de Gideão, em meio ao pânico e confusão, as tropas inimigas atacarão umas às outras (14:13; cf. Jz 7:22; 1Sm 14:15-20; 2Cr 20:22-23). *Naquele dia*, o Senhor fará distinção entre os fiéis e os

incrédulos, como fez no Egito quando as pragas afetaram apenas os egípcios (cf. Êx 9:7). O povo de Deus lutará contra os exércitos inimigos na batalha final para defender Jerusalém (14:14a; cf. tb. 12:2), os derrotará completamente e juntará os espólios da batalha. Reunirá e dividirá toda a riqueza das nações inimigas, *ouro, prata e vestes em grande abundância (14:14b; cf. Is 23:18)*. Jerusalém havia sido saqueada pelos exércitos inimigos (14:1-2), mas agora se enriquecerá com os bens deles.

A praga também ferirá todos os animais dos acampamentos inimigos (14:15).

**14:16-21 ADORAÇÃO UNIVERSAL AO REI.** Apesar do combate atroz, haverá sobreviventes *de todas as nações (14:16a)*. Esse remanescente se arrependerá, voltará para Deus e se sujeitará ao reino milenar do Messias. O Messias se assentará em seu trono em Jerusalém, e todos os fiéis subirão à cidade anualmente para adorá-lo na Festa dos Tabernáculos (14:16b; cf. 8:21-22; 14:9; Is 60:3,6-9). Será um tempo de grande alegria e celebração.

A Festa dos Tabernáculos, como todas as grandes comemorações observadas em Israel, teve origem no êxodo, quando o Senhor tirou os israelitas do Egito (Lv 23:33-34). A festa era um tempo de regozijo, na qual os israelitas acampavam em abrigos frágeis a fim de se lembrarem do período em que vagaram pelo deserto e da necessidade de dependerem do cuidado divino (Dt 16:13-15). Devido à época do ano em que era realizada, a festa também comemorava a colheita (Lv 23:34,39). Prefigurava, portanto, o dia em que o Senhor realizará sua colheita mundial e ajuntará todos os cristãos de todas as nações no reino de Deus. Aqueles que estão em Cristo aguardam ansiosamente a ocasião na qual todas as famílias da terra se reunirão em Jerusalém para comemorar.

Convém lembrar que a visão de Zacarias sobre Jerusalém não se restringe à cidade geográfica. O profeta já a descreveu como “aldeia sem muros” (2:4), constituída de “muitas nações [que] se ajuntarão ao SENHOR” (2:11). Usa Jerusalém como símbolo da realidade do reino de Deus que, nas palavras de Jesus, “não é deste mundo” (Jo 18:36). Em Cristo, já chegamos à cidade de Sião, a nova Jerusalém (Hb 12:22), que descerá do céu no fim dos tempos (Ap 21:2). É a essa cidade que Zacarias se refere.

Durante o reino milenar de Cristo, *não virá [...] a chuva sobre aqueles que se recusarem a reconhecê-lo e adorá-lo (14:17)*. O profeta menciona o Egito como exemplo de nação que pode recusar-se obstinadamente a ir a Jerusalém. Se, porém, ele não comparecer à festa, sofrerá estiagem e enfrentará novamente a praga que o Senhor enviará àqueles que não lhe obedecerem (14:18; cf. 14:12,15). Deus humilhou o Egito no tempo do êxodo e pode proceder da mesma forma com o Egito ou qualquer outra nação que se mostrar desobediente e obstinada no fim dos tempos, para que “se dobre todo joelho” e “toda língua confesse” que ele é Senhor (Fp 2:10-11).

Os cristãos devem levar a sério a adoração a Cristo na presente geração. Infelizmente, nosso culto ao Senhor é, por vezes, negligente. Precisamos mudar e tornar-nos sérios e constantes para a glória de Deus. Precisamos reconhecê-lo como Senhor e Salvador a cada dia, onde quer que estejamos, pois somente ele é digno de louvor e adoração como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

A santidade de Deus é o atributo supremo de seu ser e o fundamento de sua existência eterna. Tudo em Deus leva a marca de sua santidade, que jamais diminui. Uma vez que é santo, Deus está inteiramente separado do pecado. Em seu reino vindouro, todas as coisas serão caracterizadas pela santidade do Senhor. Na ordem presente, ninguém pode ver Deus e viver. Naquele dia, porém, até mesmo objetos comuns como as *campainhas dos cavalos* [...] e as *panelas* levarão a inscrição *Santo ao SENHOR*, as mesmas palavras inscritas no turbante do sumo sacerdote (14:20; cf. Êx 28:36-37). Panelas e vasilhas sagradas usadas no templo serão *santas ao SENHOR dos Exércitos*, e toda pessoa que for adorar ao Senhor será santa e pura (14:21a). Não será mais possível distinguir entre o sagrado e o secular.

A nova Jerusalém contrasta com a antiga, pois não haverá necessidade de nenhum *mercador*, provavelmente uma referência aos indivíduos que vendiam objetos sagrados aos peregrinos que iam adorar no templo em Jerusalém

(14:21b). A cidade, seu povo e todos os seus objetos serão santos e puros. Zacarias conclui sua profecia magnífica, portanto, com uma imagem da santidade de Deus em seu reino, triunfante sobre todo pecado e mal.

O autor garante que Deus conhece e controla o futuro e o revelou ao seu profeta, Zacarias. Suas palavras nos incentivam a abandonar o pecado e realizar a obra de Deus para sua glória. Precisamos viver em santidade hoje a fim de desfrutar a bênção de Deus no presente e nos lembrar que a santidade caracterizará nossa vida no futuro reino de Deus. A profecia nos dá a esperança de que Cristo voltará para estabelecer seu reino e governar como Rei dos reis e Senhor dos senhores sobre o mundo inteiro (Ap 11:15; cf. tb. 19:16). Diante disso, devemos cultivar uma atitude de adoração e louvor diário a ele por seu caráter e atributos. Adoremos e nos curvemos diante de Cristo, nosso Rei presente e futuro.

Yoilah Yilpet

### Leituras adicionais

BAKER, Kenneth L. *Zechariah*. EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

BALDWIN, Joy G. *Haggai, Zechariah and Malachi*. TOT. Leicester: InterVarsity Press, 1972.

KAISER Jr., Walter C. *Micah-Malachi*. CC. Dallas: Word, 1992.

# MALAQUIAS

Malaquias, o último dos profetas do AT, profetizou depois de Ageu e Zacarias. Suas palavras podem ter sido proferidas cerca de 516 a.C., imediatamente após a reconstrução do templo, ou por volta de 444 a.C., no tempo de Esdras e Neemias.

O povo e os sacerdotes na época de Malaquias se haviam tornado desobedientes, infiéis e arrogantes. Malaquias, cujo nome significa “meu mensageiro” ou “meu anjo”, preveniu-os do juízo e chamou-os ao arrependimento.

O livro de Malaquias se divide em seis partes. Cada uma começa com uma declaração, seguida de uma objeção na forma de pergunta introduzida por “vós dizeis”/ “perguntais” (1:2; 1:6; 2:14; 2:17; 3:7; 3:13), para depois refutar a objeção. As primeiras três seções focalizam a aliança quebrada entre Deus e seu povo. As últimas três focalizam a intervenção de Deus para restaurar a aliança.

## Esboço

### 1:1 Introdução

#### 1:2—2:16 A aliança quebrada

- 1:2-5 Em que Deus nos tem amado?
  - 1:2a-2b Duvidando do amor de Deus
  - 1:2c-4 Evidência do amor de Deus
  - 1:5 Aceitando o amor de Deus
- 1:6—2:9 Em que temos falhado como sacerdotes?
  - 1:8-10 Oferecendo sacrifícios inaceitáveis
  - 1:11-14 Negando a glória de Deus
  - 2:1-9 Negligenciando os deveres sacerdotais
- 2:10-16 Em que temos falhado como povo de Deus?
  - 2:10-12 Pela prática da idolatria
  - 2:13-16 Pela infidelidade conjugal

#### 2:17—4:6 A restauração da aliança de Deus

- 2:17—3:6 Deus é justo?
  - 2:17 Uma ideia distorcida da justiça de Deus
  - 3:1-4 A vinda do mensageiro da justiça
  - 3:5 O julgamento do mal
  - 3:6 A natureza de Deus não muda
- 3:7-12 O que significa arrependimento
  - 3:7 Um chamado ao arrependimento
  - 3:8-9 Parem de roubar a Deus
  - 3:10-12 Obedeçam e desfrutem bênçãos
- 3:13—4:6 Qual a medida para servir a Deus?

3:13-15 Servindo a Deus com falsidade

3:16-18; 4:2 O destino dos fiéis

4:1,3 O destino dos perversos

4:4-6 A lei e os profetas como guia

## COMENTÁRIO

### 1:1 Introdução

A mensagem de Malaquias para *Israel*, isto é, para toda a comunidade judaica após o retorno do exílio, é descrita como *uma sentença* (“advertência”, na NVI, ou “oráculo”, na RC), palavra hebraica usada com frequência nas profecias de juízo (1:1; cf. tb. Zc 9:1; 12:1). Por ser *pronunciada pelo Senhor* de autoridade, é digna de confiança.

### 1:2—2:16 A aliança quebrada

Os israelitas são herdeiros de todas as promessas da aliança, mas o fracasso em cumprir as obrigações dessa aliança proporciona à mensagem de Malaquias um senso de compulsão, de urgência e mesmo de temor.

#### 1:2-5 Em que Deus nos tem amado?

##### 1:2a-2b Duvidando do amor de Deus

Deus começa afirmando seu amor: *Eu vos tenho amado* (1:2a). Foi por isso que ele escolheu Israel para ser seu povo e receber grandes bênçãos (Dt 7:7-9; 10:15; 33:3). E esse amor continua. Não está baseado na grandeza ou na justiça humana, mas na promessa de bênçãos garantida por Deus mediante seu juramento a Abraão, Isaque e Jacó (Dt 9:4-6). Esse amor é demonstrado até mesmo quando o povo se rebela contra ele (Am 3:2).

Em vez de responder ao amor de Deus com confiança e obediência, o povo murmura: *Em que nos tens amado?* (1:2b). Eles esqueceram o que o Senhor havia feito por eles e seus antepassados. Desviaram-se para longe de Deus e agora o acusam de estar longe deles. Muitas pessoas cometem o mesmo erro hoje.

##### 1:2c-4 Evidência do amor de Deus

Deus responde ao ceticismo de seu povo apresentando-lhes duas evidências de seu amor: ele havia escolhido especificamente Jacó e tinha punido seus inimigos.

Jacó e Esaú eram irmãos, mas Deus diz: *todavia, amei a Jacó* (1:2c). O raciocínio humano não pode explicar a escolha de Deus. Não estava relacionada com a ordem do



nascimento ou com alguma coisa errada que Jacó tivesse feito, pois ele era o irmão mais jovem e fora escolhido antes de nascer (Gn 25:23). Foi um exemplo do amor e da graça de Deus (cf. Rm 9:11-16).

Quando Deus diz *porém aborreci a Esaú (1:3a)*, não está expressando uma antipatia pessoal, mas simplesmente declarando que havia escolhido os descendentes de Jacó (os israelitas) em vez dos descendentes de Esaú (os edomitas — Gn 36) para a tarefa especial de abençoar todas as nações. Os edomitas se tornaram inimigos de Israel, alegrando-se e ajudando ativamente os babilônios quando estes invadiram a terra em 587 a.C. Os edomitas ainda molestaram os israelitas fugitivos (Sl 137:7; Ez 35:15; Ob 8-16).

Deus também pune os inimigos de seu povo. Ele havia prometido destruir os edomitas e dar o território deles a Israel (cf. Jr 49:7-22; Ez 25:12-14; Jl 3:19; Am 1:11; Ob 8-10, 18-19, 21). Essa promessa ainda não se havia cumprido, mas Malaquias afirma que Edom não escapará do justo juízo de Deus, e seu fim será irreversível (1:3b). A terra será destruída; ficará deserta e inabitada. Os sobreviventes não serão capazes de reconstruí-la (1:4). O Senhor cumpriu sua promessa, e Edom não mais existe como nação.

### 1:5 Aceitando o amor de Deus

Os efeitos desse amor serão sentidos *fora dos limites de Israel (1:5)*. O Senhor quer que seu povo fale ao mundo inteiro acerca de sua bondade e grandeza. A oferta de salvação que veio por meio dos descendentes de Jacó é para todos. Em vez de duvidar do amor de Deus por nós, devemos aceitá-lo para que possamos ser testemunhas e dar-lhe glória em nossas comunidades, tribos e nações.

### 1:6—2:9 Em que temos falhado como sacerdotes?

Em vez de honrar a Deus como Pai e respeitá-lo como seu Mestre (Êx 20:12; Lc 6:46), eles não demonstraram temor (1:6). Os sacerdotes protestaram contra a declaração de Deus, dizendo *Em que desprezamos nós o teu nome?* e *Em que te havemos profanado?* (1:7).

### 1:8-10 Oferecendo sacrifícios inaceitáveis

Os sacerdotes eram servos de Deus e líderes espirituais do povo.

A resposta é que eles mostraram falta de temor ao oferecer sacrifícios inaceitáveis (1:8). A lei mosaica proibia especificamente a oferta de animais cegos, aleijados ou doentes e insistia em que qualquer animal oferecido para cobrir pecados e culpa deveria ser sem nenhum defeito (Êx 12:5; Lv 22:17-25; Dt 17:1). Todavia, esses sacerdotes ofereciam ao Senhor animais que seriam considerados um insulto se oferecidos a algum líder humano! Tais ações mostram que eles nunca respeitaram nem temeram a Deus. Não é de estranhar que o Senhor não tenha prazer neles (1:10b). Deus prefere nenhuma adoração a uma adoração irreverente ou hipócrita. Então ele sugere que

os sacerdotes fechem *as portas* do templo, *para que não acendêsseis debalde o fogo do [...] altar (1:10a; cf. tb. Is 1:11-15; 29:13)*.

Como africanos, honramos e respeitamos nossos pais e anciãos. Deus merece ainda mais honra e respeito. Algumas igrejas, porém, tornaram-se meros locais de encontro onde a adoração perdeu completamente o significado (Ap 3:15-16). Aqueles que frequentam tais igrejas devem arrepender-se e retornar a adorar a Deus em espírito e em verdade.

### 1:11-14 Negando a glória de Deus

Os sacerdotes podem insultar o grande nome de Deus, mas Deus pode e irá levantar verdadeiros adoradores em qualquer outro lugar. Os gentios em todo o mundo virão para exaltar o nome de Deus (1:11; cf. tb. Is 66:19, 20; Sf 2:11; 3:9; At 10:34-35). Eles oferecerão *incenso*, que simboliza as orações dos crentes subindo a Deus (cf. Sl 141:2; Ap 8:3). *Ofertas puras* serão oferecidas *em todo o lugar*, e não mais somente em Jerusalém (cf. Dt 12:11; Jo 4:20-24; Ef 2:11-22). O reino do Senhor se estenderá de leste a oeste (cf. tb. Sl 113:3; Is 45:6; 59:19).

Os sacerdotes também mostram descaso pelo Senhor, desprezando sua mesa, dizendo que ela está *imunda* e que sua comida é *desprezível* — a despeito da insistência deles de que não a tinham manchado (1:12; 1:7). Eles estão enfadados de sua vocação e consideram seu trabalho fatigante (1:13).

Deus rejeita seus sacrifícios inaceitáveis e pronuncia uma maldição adicional sobre os embusteiros que fazem voto com ele e deliberadamente falham em cumpri-lo (1:14). Tais votos eram voluntários, de modo que o engano era inescusável.

### 2:1-9 Negligenciando os deveres sacerdotais

Se os sacerdotes não se arrependerem, o Senhor tornará as bênçãos em maldição (2:2). Eles insultaram a Deus, e, desse modo, também sofrerão insultos. O conteúdo do intestino dos animais sacrificados será lançado em seu rosto, e eles serão expulsos da presença de Deus (2:3b). Quando isso acontecer, eles se lembrarão de que Deus assim o profetizou (2:4a; cf. tb. Ez 15:7).

A maldição de Deus se estenderá à sua descendência (2:3a). Os sacerdotes ocuparam essa posição porque o serviço zeloso de Fineias, neto de Arão, havia levado Deus a fazer uma *aliança [...] de vida e paz* com seus descendentes (4b-5a; Nm 1:47-54; 25:11-13). Mas eles não continuariam nessa posição se fossem infiéis a Deus e às suas leis (Dt 4:40; Os 4:6). Além disso, para oferecer sacrifícios, deveriam também guardar e ensinar a lei de Deus, lembrando ao povo as promessas de Deus e suas maldições (Dt 31:9-13). Não poderiam fazer isso se eles mesmos não vivessem na prática da verdade. Como seus antepassados, deveriam temer (isto é, respeitar profundamente) ao Senhor, e a ninguém mais (2:5b; cf. tb. Sl 2:11; Pv 9:10; Lc 12:4-5).

Um verdadeiro sacerdote ensina a verdade de Deus sem distorcê-la ou torná-la mais popular (2:6a; cf. tb. Lv 19:15; Dt 33:9-10; Pv 8:7; Os 4:6; Mq 3:11). Os que fazem isso caminham com Deus *em paz e em retidão* (2:6b). Vivem de acordo com a vontade divina e as Escrituras. Seu exemplo mostra aos outros como andar no mesmo companheirismo com Deus. O alvo de todo ensino fiel e proclamação da palavra de Deus é fazer que as pessoas se convertam de seus caminhos errados (2:6c; cf. tb. Jr 23:22; Ez 18:21,23; 33:8-11; Tg 5:19-20).

O conhecimento que os sacerdotes *devem guardar* não é um segredo conhecido apenas deles. É o conhecimento de Deus que conduz ao desejo de fazer a sua vontade e obedecer a seus mandamentos (2:7a). Sendo todo sacerdote um *mensageiro do SENHOR dos Exércitos* (2:7b), o povo tem o direito de esperar deles uma *instrução na Lei* (NVI). Eles são intérpretes e mestres da vontade de Deus. Na verdade, eram embaixadores, assim como os crentes o são hoje (2Co 5:20). Dessa forma, devemos ter cuidado para que nossa vida demonstre o que significa obedecer a Deus e trazer honra ao seu nome.

Contudo, em vez de fazer que as pessoas se convertessem de seu pecado, os sacerdotes, nos dias de Malaquias, as incentivavam a pecar. Eles quebraram a aliança e levaram o povo a fazer o mesmo (2:8; cf. tb. Ne 13:29). Não somente isso, mas eram culpados de favoritismo (2:9b), ainda que o mandamento fosse para que não aceitassem suborno e não fizessem discriminação entre rico e pobre, jovem e velho, forte e fraco (Dt 10:17; 16:18-29; 17:8-13).

A punição de Deus para os sacerdotes que negligenciam seus deveres se ajusta a seus crimes. Visto que desprezaram e desonraram seu nome, eles perderão todo o respeito que desfrutaram e serão desqualificados para servi-lo (2:9a).

## 2:10-16 Em que temos falhado como povo de Deus?

O povo também é repreendido por sua infidelidade. O fracasso dos sacerdotes em ensinar a verdade conduziu a um colapso devastador da vida conjugal e familiar.

### 2:10-12 Pela prática da idolatria

Dessa vez, é Malaquias que faz a pergunta: *Não nos criou o mesmo Deus?* (2:10a). Aqui ele não está falando como o Criador de toda a humanidade, mas como Pai de Israel, o povo da aliança (2:10b; cf. tb. 1:6; Is 43:1; 60:21). Deus os criou para que fossem seu povo especial, separado do resto do mundo (Êx 19:5-6; Lv 20:24,26). Por pertencerem à mesma família divina, não deveriam agir traiçoeiramente uns com os outros — mas isso é o que eles têm feito (2:10c).

Em várias ocasiões, o povo havia prometido obedecer ao mandamento de Deus e não casar com incrédulos (p. ex., em Ne 10:30). Mas essa promessa foi quebrada (2:11). Deus não se opõe a casamentos inter-raciais e intertribais, mas a casamentos entre crentes e incrédulos. Tais matri-

mônios geraram idolatria no coração de Israel, uma vez que o povo aceitava os deuses de suas mulheres (Ed 9:1-2,14; Ne 10:30; 13:23-30). Deus havia previsto esse perigo, e essa é a razão pela qual ele proibira tais uniões (Êx 34:11-16; Lv 21:6-8,14-15). Ele quer que seu povo seja distinto (2:11). Uma das razões de Israel ter sido enviado para o exílio foi o povo ter aceitado os deuses de outras nações. Agora, a comunidade que retornou do exílio estava cometendo os mesmos pecados!

Deus leva esses pecados tão a sério que insiste em que o ofensor deve ser excomungado (2:12). Seria hipocrisia fazer uma oferta enquanto fosse flagrante a desobediência a Deus.

Os cristãos também são proibidos de casar com descrentes (2Co 6:14-16). Aqueles que o fazem devem ser repreendidos por sua deslealdade a Deus e a seus irmãos de fé. A falha em distinguir entre cristãos e incrédulos é equivalente a negar a diferença entre Cristo e as divindades pagãs.

### 2:13-16 Pela infidelidade conjugal

O divórcio é tão abominável para Deus quanto os casamentos mistos. Parece que essa prática corria desenfreada no tempo de Malaquias, a ponto de o altar do Senhor ter ficado inundado de lágrimas derramadas pelas esposas abandonadas. Consequentemente, Deus se recusa a reconhecer os sacrifícios feitos pelos maridos que delas se divorciaram. Ele os renegou e não responderá a suas lágrimas ou orações por bênçãos (2:13).

Quando os maridos perguntam *por que* Deus rejeita as ofertas deles (2:14), Malaquias os faz lembrar de que a aliança foi quebrada. O casamento envolve um voto solene que é testemunhado por Deus (cf. Ez 16:8). A lealdade à esposa é exigida, e Deus pune a infidelidade. Ninguém pode simplesmente descartar sua esposa por outra mulher.

Malaquias 2:15 é um forte argumento contra o divórcio, mas é também um dos versículos mais difíceis do AT. Várias e diferentes traduções têm sido apresentadas, mas a única que parece mais adequada, e que é adotada pela NVI, usa a palavra “ele” referindo-se a Deus, e “um só” referindo-se a “uma só carne” de Gênesis 2:24. Na relação do casamento, Deus faz que duas pessoas (isto é, o homem e a mulher) se tornem um, assim como ele criou as duas partes do indivíduo, carne e espírito (cf. Mt 19:4-6; Mc 10:7-9). Duas pessoas no casamento se tornam uma.

Por que Deus quis que o homem tivesse só uma mulher? Porque queria famílias que criassem filhos piedosos (2:15). Poligamia e divórcio não são propícios à educação dos filhos no temor do Senhor. O profeta admoesta a que *ninguém seja infiel* à sua esposa, antes cuide de si mesmo.

A intensa repulsa que Deus tem com relação ao divórcio não contradiz o ensino de Deuteronômio 24:1-4. O divórcio foi permitido por causa da dureza do coração humano, mas não significa que Deus o aprova (Mt 19:3-8). Além disso, o principal assunto discutido naquela passagem de



Deuteronômio é de um homem casando-se novamente com sua primeira esposa após se ter divorciado dela, e depois que tanto um quanto o outro se haviam casado com terceiros nesse ínterim.

Deus odeia não somente o divórcio, mas também *aquele que cobre de violência as suas vestes (2:16)*. Estender as vestes sobre a mulher de outro homem era uma maneira de reivindicá-la como sua esposa (cf. Rt 3:9; Ez 16:8). Um homem que “se cobria de violência” era alguém que não estendia suas vestes sobre sua esposa para protegê-la, mas, em vez disso, a tratava com violência.

O profeta conclui essa seção repetindo o aviso dado em 2:15 e 2:16: ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade.

## 2:17—4:6 A restauração da aliança de Deus

### 2:17—3:6 Deus é justo?

O povo havia anteriormente questionado o amor de Deus. Agora, questiona a sua justiça.

#### 2:17 Uma ideia distorcida da justiça de Deus

O povo enfadou o SENHOR com sua hipocrisia e pecado. Eles afirmam que Deus não faz diferença entre o mal e o bem e até favorece quem pratica o mal (2:17a; cf. tb. Is 1:14; 5:20; 43:24).

Essas declarações são um ataque direto ao caráter de Deus. A Bíblia deixa claro que Deus aborrece aqueles que praticam o mal (Êx 23:6-7; Sl 94:21-23; Pv 17:15), mas tem prazer naqueles que guardam sua lei e praticam misericórdia e justiça (Is 56:1-8; Os 6:6; Mq 6:8). Todavia, o povo questiona essa verdade, perguntando: *Onde está o Deus do juízo? (2:17b)*. Eles desobedeceram a Deus, por isso não receberam sua bênção, e ainda consideram que o Senhor fracassou ao intervir para resolver seus problemas, como se isso indicasse que ele não é justo!

#### 3:1-4 A vinda do mensageiro da justiça

O Senhor responde dizendo que, como o Deus da justiça, ele lhes enviará dois mensageiros. O primeiro preparará o caminho para o Messias (3:1a; cf. tb. Is 40:3-5). Esse mensageiro é identificado mais tarde como João Batista, que veio no espírito e poder de Elias e cuja obra era chamar o povo ao arrependimento e prepará-los moral e espiritualmente para a chegada do Messias (Mt 3:1-3; 11:11-14; Mc 1:2-3).

O segundo mensageiro será o Senhor mesmo (3:1b). A palavra “Senhor” é singular e é precedida pelo artigo definido, deixando claro que a pessoa a quem se refere é o divino Senhor (cf. Is 1:24; 3:1). Ele virá ao seu templo, do qual é o legítimo dono (3:1c; cf. tb. Ez 43:1-5; Ag 2:9). Mas “o Senhor” é também aquele que recebe o título de Messias esperado (Sl 110:1) e que será o Anjo da Aliança (3:1d), assim como o anjo em Êxodo 23:20-23. Ele vem para inaugurar a nova aliança, a qual tomará o lugar da antiga aliança

que o povo quebrou ou violou (Hb 8:8-13; 12:24). O Deus da justiça está a caminho!

Quando ele vier, será para julgar (Am 5:18-20), causando assombro em Malaquias: *Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda?* Aquele dia também é conhecido como “o Dia do SENHOR” (3:2a; cf. Jl 2:11; Sf 1:15). A segunda pergunta de Malaquias, *E quem poderá subsistir quando ele aparecer?*, enfatiza o ponto em que poucos estão prontos moral e espiritualmente para encarar o juízo do Messias (4:5; Ap 6:16-17).

Em vez de aprovar aqueles que praticam o mal (2:17), o Messias purificará o povo de Deus. Um ourives purifica a prata aquecendo-a até que ela derreta e toda impureza possa ser retirada. Quando as impurezas desaparecem, o refinador consegue ver o reflexo do próprio rosto na superfície lisa do metal. Do mesmo modo, seremos purificados por Deus até que seu reflexo resplandeça em nós (3:2b-3a; cf. Rm 8:29). O processo de purificação também é comparado à maneira de o lavandeiro esfregar as roupas com sabão para remover a sujeira (3:2b). Ambas as imagens deixam claro que o processo não será prazeroso (Is 48:10; Ez 22:18-22; 1Pe 1:7).

Todavia, Deus quer que estejamos abertos para o seu processo de purificação e permitamos que o fogo de sua santidade destrua o pecado em nossa vida (cf. Hb 12:7-11; 1Pe 4:17-18). Povo e sacerdotes purificados cumprirão sua obra com espírito reto, e Deus aceitará suas ofertas (3:3b-4). Malaquias descreve aqui a verdadeira adoração a Deus ao usar a linguagem e os termos da sua época (cf. tb. Os 14:2; Rm 12:1-2; Hb 13:15). Para aqueles que verdadeiramente confiam em Deus e obedecem a ele, a vinda do Messias trará salvação e alegria.

### 3:5 O julgamento do mal

Quando o Messias voltar para julgar, será uma testemunha que testifica contra os que praticam o mal e os pune (3:5a; cf. tb. 10:14-15; 73; 17-20; 94:23). A lista desses malfeitores inclui *feiticeiros, adúlteros, os que juram falsamente*, aqueles que trapaceiam seus trabalhadores defraudando-os no salário que lhes é devido, aqueles que oprimem as viúvas e os órfãos e aqueles que negam justiça aos estrangeiros. Todos esses pecados se originam de pessoas que carecem do temor de Deus (3:5b). Esse temor é “o princípio da sabedoria” (Pv 1:7).

### 3:6 A natureza de Deus não muda

A natureza de Deus, seus atributos, seu caráter moral e sua determinação para punir o mal e recompensar o bem não mudam (3:6a; cf. tb. Nm 23:19; Sl 102:26-27; Tg 1:17). Ele havia prometido que nunca violaria sua aliança com Abraão, Jacó e Davi (Gn 28:12-15; 35:9-13; Sl 89:34) e mantém sua promessa, a despeito de Israel não ter guardado a sua (2:10) e ter-se enfadado dele (2:17). Eles merecem ser destruídos, mas o Senhor os preservou porque ele não muda (3:6b). Que conforto para todos os crentes!

### 3:7-12 O que significa arrependimento?

#### 3:7 Um chamado ao arrependimento

Por toda sua história, o povo de Israel desobedeceu a Deus, rebelando-se contra seus mandamentos, e falhou em aprender com os juízos que o Senhor lhe infligiu (3:7a). Mas Deus se manteve fiel à sua promessa a fim de receber aqueles que o buscam de todo o coração (3:7b; cf. tb. Jr 29:13; Zc 1:3-4).

Ele tem estado sempre disposto a aceitar aqueles que se arrependem e a manifestar suas bênçãos sobre eles.

No entanto, a resposta do povo a esse chamado equivale a uma negativa de algo errado que eles cometeram: *Em que havemos de tornar?* (3:7c). Evidentemente, eles não ouviram a Malaquias para reconhecer o que precisava mudar na sua sociedade.

#### 3:8-9 Parem de roubar a Deus

Deus responde focalizando um exemplo da desobediência deles: negligência em dar seus *dízimos e ofertas*. Essas ofertas foram exigidas desde os tempos antigos (14:20) e estão especificadas na lei (Lv 27:30-33; Nm 18:24-28). Elas forneceram sustento prático que capacitava sacerdotes e levitas a concentrar-se no serviço a Deus e supriam alimento para os que estivessem em necessidade, tais como órfãos, viúvas e estrangeiros (Êx 29:27-28; Nm 5:9; Dt 14:22-29). Espiritualmente, elas representavam um reconhecimento de que tudo o que possuímos pertence a Deus. Reter os *dízimos* equivale a roubar ao Senhor, pois estamos recusando-nos a dar a ele o que lhe é de direito (3:8; cf. tb. Ne 10:32-39; 13:10-13; At 5:1-11). A falha em obedecer à palavra de Deus sempre traz uma maldição que afeta toda a terra (3:9; cf. tb. Ag 1:5-11; Zc 5:1-4). Portanto, roubar a Deus é prejudicar a si mesmo (Pv 11:24).

#### 3:10-12 Obedeçam e desfrutem bênçãos

Para ensinar a seu povo que a obediência deles faz diferença, Deus os desafia a provar sua generosidade (3:10). Se eles obedecerem e trouxerem *todos os dízimos* ao lugar onde os *dízimos* são depositados, ele os inundará de bênçãos (Dt 28:12; 2Cr 31:10; Pv 3:9-10). A terra deles que, de modo evidente, havia sofrido com a seca será revitalizada (3:11). As pestilências e os fracassos nas colheitas cessarão (cf. tb. Am 4:9; Ag 2:19; Zc 8:12). Ele fará prosperar a obra deles e manterá longe os gafanhotos. Além disso, eles serão chamados *felizes* em todos os lugares (3:12a; Is 61:9). Sua terra será um deleite para quem a contemplar (3:12b; cf. tb. Is 62:4; Dn 8:9).

Note que qualquer desafio para provar o Senhor deve estar relacionado a um chamado para arrependimento. Deus promete bênçãos superabundantes se for obedecido.

### 3:13—4:6 Qual a medida para servir a Deus?

#### 3:13-15 Servindo a Deus com falsidade

A pergunta em 3:14 revela que essas pessoas somente estavam interessadas em obedecer a Deus se houvesse algum ganho imediato. Pensavam que tudo de que precisavam era uma demonstração exterior de arrependimento, de modo que se cobriram de saco e cinzas e fingiram tristeza por seus pecados. Deus não abençoaria um arrependimento superficial, por isso eles declararam que Deus falhara na prova (cf. 3:10) e reclamaram: *Felizes os soberbos; [...] os que cometem impiedade prosperam, sim, eles tentam ao SENHOR e escapam* (3:15; cf. tb. Sl 73:12; 95:9). Eles representavam Deus como injusto, e o obedecer à sua palavra como algo inútil.

É errado pensar que servir a Deus pode trazer riqueza e felicidade, e que o culto exterior é tudo o que o Senhor exige. Aqueles que pregam o evangelho da prosperidade cometem o mesmo erro. Deus não está interessado na busca egoísta pelo trabalho arraigado no desejo por ganhos lucrativos. Ele sonda o coração.

#### 3:16-18; 4:2 O destino dos fiéis

Nem todos eram falsos. Alguns *temiam ao SENHOR* e honravam seu nome (3:16). Também somos apresentados *ao justo* e *ao que serve a Deus* (3:18). Esses crentes se arrependeram de seu pecado, amaram e obedeceram ao Senhor, e o adoraram com coração puro (cf. Rm 11:4). Assim como o Senhor ouviu as blasfêmias dos céticos, ele escuta as palavras dos crentes fiéis.

Os piedosos decidiram confiar no Senhor, a despeito das circunstâncias (cf. Sl 73). Deus os conhece e mantém um registro escrito do que eles fazem (3:16; cf. tb. Êx 32:32-33; Sl 56:8; Dn 12:1; 2Tm 2:19; Ap 20:12). O reconhecimento de que serão seu *particular tesouro* produz grande encorajamento e conforto (3:17a; cf. tb. Êx 19:4-5; Tt 2:14; 1Pe 2:9). Eles são separados como membros do sacerdócio real, para compartilhar da bênção especial de Deus, tanto agora como no glorioso futuro que ele preparou para os que são seus (cf. Is 62:2-3).

Quando Deus executar seu juízo final, mostrará compaixão àqueles que o serviram fielmente e cuidará deles como um pai orgulhoso (3:17b; cf. Sl 103:13). Naquele dia, todos serão capazes de ver a diferença *entre o justo e o perverso* e todos reconhecerão que Deus julga com justiça e faz distinção *entre o que serve a Deus e o que não serve* (3:18; Sl 58:11; Dn 12:2).

A noite do mal acabará e *nascera o sol da justiça* (4:2a). Esse “sol” é o Messias, Jesus Cristo (cf. Is 9:2; 49:6; Lc 1:76-79). A “justiça” que ele traz é muito mais que apenas perdão de pecados; é vitória também, restituição e glória daqueles que temem o nome de Deus (cf. tb. Is 51:6-7; 62:1-2). Esse sol não arderá, mas trará cura física e espiritual para os justos (cf. Sl 107:20) à medida que eles andarem na bendita luz da eternidade (cf. tb. Is 50:10; 60:20;



Ap 21:23-24). A alegria deles será como a dos bezerros quando são libertados dos limites de seus currais (4:2b; cf. tb. Mq 2:12-13).

Em nossos sofrimentos presentes, podemos aguardar com antecipação a luz e cura de Deus. O nascer do “sol da justiça” marcará o começo de um dia totalmente novo para o povo de Deus.

#### 4:1,3 O destino dos perversos

Tão certo quanto o justo pode esperar para se regozijar, assim o perverso pode esperar para experimentar o Dia do Senhor como o terrível dia do juízo (4:1a). Esse dia é anunciado repetidamente no AT (cf. Is 13:6; 30:27; Jr 21:14; 46:10; Ez 30:3; Sf 1:7-18; 3:8). Será um dia em que *todos os soberbos e todos os que cometem perversidade* serão queimados como *restolho* ou palha na *fornalha* da ira de Deus (4:1b; cf. tb. Sl 21:9; Is 5:24; Ob 15,18; Rm 2:5; 2Pe 3:7,10; Ap 16:14). A frase *não lhes deixará nem raiz nem ramo* indica que a destruição será completa (4:1c; cf. tb. Am 2:9; 2Ts 1:6-9).

Os perversos que prosperaram no tempo de Malaquias não serão invejados no dia do juízo. Então, ficarão sem saída e serão pisados sob os pés como cinza (4:3; cf. tb. 2Sm 22:43; Is 63:1-6; Mq 7:10; Rm 16:20; 1Co 6:2).

Em que grupo você está: no grupo que Deus designou como seu particular tesouro ou no grupo que ele destinou à destruição?

#### 4:4-6 A lei e os profetas como guia

O único caminho para evitar o juízo vindouro é ter como guia a lei de Deus e sua mensagem por meio dos profetas. A lei foi dada por Moisés no monte Horebe (outro nome para o monte Sinai) (4:4) e reflete o caráter moral de Deus. Aplica-se a todas as gerações, pois Jesus deixou claro que toda palavra da lei é importante e será cumprida (Mt 5:17-18; Rm 3:31). Se o povo de Deus não obedece à sua lei, sofrerá o juízo.

Malaquias encerra seu livro com uma predição de que Elias virá e preparará o povo de Deus para o *grande e terrível Dia do SENHOR* (4:5b). Elias foi um dos maiores profetas do AT e representa aqui todos os outros profetas e seus ensinados, assim como faz no monte da transfiguração (Mt 17:3). Do mesmo modo que Deus prometeu enviar seu mensageiro como precursor do Messias (3:1), ele

promete enviar Elias antes da vinda do Messias (4:5a). João Batista veio “no espírito e poder de Elias” (Lc 1:17; cf. tb. Mt 17:10-11; Mc 9:11-12) como um precursor de Jesus Cristo que, corajosa e inflexivelmente, denunciou o pecado e instou o povo a se arrepender. Parece haver também uma insinuação de que Elias voltará antes do Dia do Senhor para restaurar todas as coisas. Ele pode ser identificado como uma das duas testemunhas descritas em Apocalipse 11:3-12, pois um dos milagres que aparece em Apocalipse 11:6 é idêntico ao milagre de Elias (cf. tb. 1Rs 17:1; Tg 5:17). É provável que a outra testemunha seja Moisés.

O ministério de Elias preparará o povo de Deus para o juízo vindouro e primeiramente converterá o coração dos pais e dos filhos ao Senhor e então uns aos outros (4:6a). As pessoas precisam reconciliar-se com Deus antes de se reconciliarem entre si. Essa era uma parte do ministério de João Batista (Lc 1:16-17).

Se as pessoas se recusarem a voltar para Deus, ele ferirá a *terra com maldição* (4:6b). A palavra traduzida por “maldição” refere-se à prática de dedicar certas coisas ou pessoas ao Senhor, frequentemente por significar destruição total (cf. Js 6:21). Indica que, na segunda vinda de Cristo, Deus destruirá completamente aqueles que o rejeitarem, mas derramará suas bênçãos sobre os que se arrependerem e se entregarem a Cristo (cf. tb. Jo 1:11-13).

Somos inclinados aos mesmos pecados do povo no tempo de Malaquias. Mas o amor imutável de Deus ainda nos chama ao arrependimento e nos oferece salvação. O tema central tanto do AT como do NT é a redenção. Aqueles que amam a Deus e estão comprometidos com ele serão conduzidos à presença de Deus pela eternidade no Dia do Senhor. Mas os que se recusarem a abandonar seus pecados e a voltar para Deus, esses serão destruídos.

Yoilah Yilpet

#### Leituras adicionais

- BALDWIN, Joyce G. *Haggai, Zechariah and Malachi*. TOT. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1981.
- FEINBERG, Charles. *The Minor Prophets*. Repr. Chicago: Moody, 1990.
- KAISER, Walter C. Jr. *Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Zechariah, Malachi*. PC. Nashville: Nelson Reference, 2002.

## O PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO

O período intertestamentário cobre cerca de 450 anos entre a escrita do último livro do AT (Malaquias em 435 a.C.), e a escrita do primeiro livro do NT, em cerca de 45 d.C. (alguns argumentam que o período termina com o surgimento de João Batista por volta de 30 d.C., ou com o nascimento de Cristo).

Entre os grupos religiosos que surgiram nesse período, estavam os fariseus, cuja principal característica era a rígida aderência à lei. Eles aguardavam o Messias cuja vinda conduziria à ressurreição dos mortos e ao reino de Deus. Em contraste, os saduceus desfrutavam de sua posição como sacerdotes no templo e não estavam interessados particularmente no Messias. Seu poder político ocasionalmente os levava a observar a lei. Eles não criam na ressurreição dos mortos (Mt 22:23). Os essênios parecem ter praticado o asceticismo e a vida monástica. O estilo de vida de João Batista (Mc 1:4-6) pode indicar que ele estava associado a esse grupo. A comunidade de Cunrã (que também pode ter sido dos essênios) via a si mesma como defensora da causa de Javé nos últimos dias. Os zelotes eram um grupo cujo zelo pela lei acabou por conduzir a uma guerra contra aqueles que estavam associados a Roma, resultando na destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Durante o período intertestamentário, os judeus ficaram sujeitos aos impérios persa, grego e romano. Os gregos, sob o governo de Alexandre, disseminaram a cultura grega pela maior parte do mundo conhecido da época. Um dos sucessores de Alexandre, Antíoco Epifânio, perseguiu severamente os judeus. A profanação do templo em 167 a.C. provocou a luta dos judeus contra os inimigos do Senhor. Embora estivessem divididos em diferentes partidos religiosos, eles se juntaram ao comando dos macabeus para combater um inimigo comum. Seu comportamento contrasta com o da África, onde as divisões de partidos políticos e ideológicos são permitidas a fim de reunir esforços para enfrentar desafios como HIV/aids, pobreza, guerras e fome.

A recusa dos judeus em se desesperar, a despeito das ameaças e perseguições, serve de modelo para os crentes africanos. Eles viam suas tribulações como uma nuvem passageira, além das quais estava a vinda do Messias, que os ajuntaria e os conduziria à vitória contra seus inimigos.

Durante esse período, setenta eruditos traduziram o AT para o grego. Ainda que algumas partes tenham sido traduzidas muito livremente, a Septuaginta (que signifi-

ca “setenta” em latim) ainda é um valioso instrumento para reconstruir e interpretar as seções difíceis ou perdidas do texto do AT.

O período também vivenciou a produção dos quatorze livros apócrifos, expressão derivada da palavra grega que significa “escondido” ou “espúrio” e refere-se à dúvida de se esses livros são verdadeiramente parte das Escrituras. Eles lançam luz sobre os acontecimentos no tempo dos macabeus e sobre as crenças religiosas da época. Uma série de outros livros conhecidos como pseudoepígrafos (com nomes falsos do autor) também foram produzidos. Afirma-se que esses livros tenham sido escritos por personagens bíblicas famosas, mas na verdade eles foram escritos entre 250 a.C. e 200 d.C.

Os pergaminhos do mar Morto, que são resquícios da biblioteca da comunidade de Cunrã, datam de aproximadamente 250 a.C. a 68 d.C. Os cerca de 870 pergaminhos deram uma importante contribuição ao estudo do texto do AT e do pano de fundo do NT. Eles mostram que o evangelho de João não é um livro grego escrito mais que um século depois da morte de Jesus, como alguns eruditos sugerem, mas se encaixa no pensamento judaico. Os pergaminhos também ajudaram com a data das epístolas pastorais, mostrando que, bem antes de 68 d.C., Cunrã tinha uma estrutura organizacional na qual um administrador governava os anciãos.

Os escritos do período mostram que o nome de Deus era altamente honrado. Alguém que falasse seu nome em voz alta em Cunrã era expulso da comunidade, e o autor de 1Macabeus faz um esforço deliberado para não mencionar o nome de Deus.

Os judeus daquela época também criam numa hierarquia do mal no mundo espiritual, encabeçada pelo príncipe das trevas chamado por vários nomes, incluindo Masteba, Belial (2Co 6:15) e Samael. Esses nomes (juntos com Belzebu — Mt 10:25; 12:24,27) podem ser trocados pelo termo Satanás. O sistema do mal sofreu a oposição de anjos com os nomes Uriel, Rafael, Miguel e Gabriel, que tiveram uma função ativa na vida do povo.

A crença profunda de que a obediência à lei e especificamente aos regulamentos concernentes ao sábado era uma maneira de alcançar o favor de Deus significava que o estudo da lei desfrutava da mais elevada prioridade nesse período.

Samuel Ngewa

# O NOVO TESTAMENTO







## PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

Para que a comunicação seja eficaz, não basta que o orador expresse bem seus pensamentos: os ouvintes também devem interpretá-los de maneira correta. Essa reciprocidade é ainda mais importante durante a leitura da Bíblia. Deus usa as Escrituras para comunicar seus pensamentos a nós, e precisamos ter todo o cuidado para interpretar corretamente suas palavras. Com o passar do tempo, os cristãos vêm desenvolvendo certas diretrizes que os ajudam a compreender a mensagem divina.

A primeira coisa que precisamos lembrar é que, embora a Bíblia proceda de Deus e não contenha erros por causa disso (2Tm 3:16; 2Pe 1:21), Deus usou seres humanos como seus escritores. Esses homens tinham temperamentos e estilos de redação diferentes. Eles mantiveram suas características naturais, embora o Espírito Santo inspirasse o que escreviam. Esses escritores usaram a linguagem do cotidiano, utilizada pelas pessoas ao redor: não era uma “linguagem santa”, concedida por Deus de algum modo misterioso. Como eles, nós também pregamos a Palavra de Deus de diferentes maneiras e devemos esforçar-nos para comunicá-la ao povo na linguagem do dia-a-dia, de modo que ele possa entender com clareza a mensagem de Deus.

### Questões de cultura

Deus enviou suas mensagens a pessoas e povos específicos, em situações históricas e culturais distintas. Podemos perceber essa característica nos livros históricos, mas também quando Paulo instrui o povo a orar com as mãos levantadas (1Tm 2:8) e ordena que as mulheres cubram a cabeça (1Co 11:5-6). Na cultura à qual Paulo se dirigia, essas ações tinham significados específicos e comunicavam mensagens específicas. Se, em nossa pregação, insistirmos em impor à África um comportamento que era adequado à antiga Grécia, talvez deixemos de comunicar a mensagem correta.

Outra maneira de dizer isso é declarar que devemos ser sensíveis à diferença entre um mandamento absoluto e uma ordenança ditada pela cultura. Embora haja discordância de interpretação em torno de passagens como 1Timóteo 2:12 (“Não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio”), não há dúvida de que a instrução foi dada no contexto da cultura dos efésios. Ser sensível ao sentido do texto nos fará sábios e eficazes em sua aplicação às situações atuais.

Uma vez que a Bíblia foi escrita a determinadas pessoas em situações específicas, precisamos inteirar-nos dessas situações tanto quanto possível, se quisermos entender a mensagem que o autor de determinado texto pretendeu comunicar aos seus leitores originais. Essa ta-

refa, porém, não é fácil, pois estamos separados daqueles leitores por milhares de anos. Por isso, é fundamental extrair o máximo de informação que pudermos dos crentes fiéis que estudaram o passado e escreveram livros que nos ajudam a compreendê-lo.

### Estilos de redação

Os escritores sagrados não só viveram em épocas diferentes, como também produziram obras de estilos distintos. Alguns registraram histórias, outros explicaram doutrinas, outros, ainda, compuseram poesia. Também houve os que escreveram acerca das últimas coisas, como os autores de Daniel (caps. 7—12) e Apocalipse. O estilo desses escritos, repletos de linguagem simbólica, é também chamado “literatura apocalíptica”.

Precisamos lembrar que, embora algumas passagens da Bíblia devam ser entendidas de forma literal, outras devem ser compreendidas de maneira simbólica. É preciso ler cada passagem das Escrituras do modo em que o autor pretendia que ela fosse entendida. Por exemplo, ao deparar com a narrativa de um acontecimento histórico, provavelmente nos deteremos numa passagem mais longa e tentaremos distinguir nesse fato algum ensinamento moral. Já quando lemos uma das cartas de Paulo, por certo atentaremos para o significado teológico de algumas palavras e frases. De modo semelhante, se estivermos lendo uma seção histórica, pensaremos na Babilônia como a capital do antigo Império Babilônico, enquanto em Apocalipse a Babilônia representa um inimigo de Deus ou de seu povo.

Ao mesmo tempo que tentamos identificar o tipo de texto que estamos lendo, precisamos considerar aquilo que não encontramos nas Escrituras. A Bíblia não é um tratado de ciências, nem um livro-texto de geografia, astronomia, política ou qualquer outra matéria que nos possa interessar. Temos na Bíblia uma revelação de Deus sobre o caminho da redenção, como a salvação pode ser alcançada e como devemos proceder em relação a ela. Tudo o que se encontra fora desse núcleo é secundário. Assim, quando a Bíblia diz que o sol nasce e se põe, não está fazendo uma declaração científica. Na verdade, sua mensagem é comunicada nos termos que seus leitores podiam entender, de modo que não se distraíssem com questões menos importantes, mas se concentrassem no tema principal da salvação.

### Orientação ou descrição

Outro fato que devemos ter em mente é que às vezes a Bíblia ordena coisas e outras vezes apenas as descreve. Não devemos imaginar que somos obrigados a imitar todos os comportamentos registrados nas Escrituras. Algumas

ações são inquestionavelmente erradas: a Bíblia apenas informa que elas foram praticadas. Não devemos nem mesmo pensar que temos o dever de reproduzir todos os atos praticados pelos homens e mulheres de Deus dos tempos bíblicos. Com a narrativa dos acontecimentos, devemos tão-somente procurar aprender um princípio, não imitar a ação. Por exemplo, o episódio em que Eliseu devolve a vida do filho da sunamita deitando-se sobre ele (2Rs 4:34) não é um manual de instrução sobre como ressuscitar pessoas. O que essa passagem nos ensina é que nosso Deus é capaz de fazer coisas maravilhosas por meio de seus servos.

Embora a Bíblia seja uma unidade, está dividida em duas seções: o Antigo e o Novo Testamentos. Deus nunca muda, mas, nos tempos bíblicos, a maneira pela qual ele interagia com o ser humano variava conforme o conhecimento que a humanidade tinha dele em determinado momento da história. Assim, encontramos no AT passagens como Salmos 3:7, na qual se pede que Deus fira “nos queixos a todos os meus inimigos e aos ímpios [quebre] os dentes”. Com o advento de Cristo, Deus nos ensinou mais acerca da graça e do perdão, e são essas virtudes que agora governam nosso comportamento. De modo semelhante, a ressurreição de Cristo e a vitória sobre a morte que ele oferece aos crentes descortinam uma nova perspectiva a respeito dos milagres. Os pastores de hoje não devem pensar que são capazes de ressuscitar alguém. Em vez disso, devem proclamar a mensagem de que a morte já foi vencida, de uma vez por todas.

No parágrafo anterior, ressaltamos que devemos interpretar as passagens considerando o contexto, isto é, se elas estão localizadas no AT ou no NT. No entanto, esse princípio tem sempre uma aplicação mais ampla. Devemos ler cada passagem da Bíblia atentando para o contexto imediato (as palavras em torno dela) e também para o conteúdo doutrinário de toda a Bíblia. Agindo dessa maneira, evitaremos alguns erros, como o de presumir que a frase “Pedi, e dar-se-vos-á” (Mt 7:7) é uma promessa encerrada em si mesma.

Um meio de não nos distanciarmos do contexto da passagem que estamos lendo é fazer perguntas como: “Quem está dizendo isto? Para quem? Em que circunstâncias? Que condições são explicadas ou podem ser inferidas?”. Sempre que possível, devemos dar preferência ao significado mais simples e mais óbvio de uma palavra, em vez de tentar descobrir algum sentido obscuro para mostrar quanto somos instruídos e originais.

### **Impacto da informação**

O orgulho representa um grande perigo na tarefa de interpretar a Bíblia. Devemos estar dispostos a ouvir a interpretação de outras pessoas. Da mesma forma que o ferro afia o ferro, ouvir o que outra pessoa tem a dizer a respeito de determinada passagem ajudará a moldar nosso pensamento. É animador quando alguém concorda com nossas ideias, mas, se isso não acontecer, somos desafiados a observar com mais atenção nossas convicções e assim poderemos reafirmar ou modificar nosso ponto de vista.

Precisamos ouvir com muita deferência as interpretações de nossos amigos e pastores, mas eles não constituem a única fonte de auxílio. A interpretação da Bíblia é tão antiga quanto a própria Bíblia. Os escritores do NT interpretavam o AT enquanto escreviam. Existem inúmeros comentários sobre cada um dos livros da Bíblia. Embora nem todos sejam confiáveis, são ferramentas que ajudam a modelar nossa compreensão.

Finalmente, é imprescindível lembrar que a informação contida na Bíblia não tem como propósito apenas nutrir nossa mente, mas também transformar nosso coração. Embora tenhamos a necessidade de procurar entender o que o autor pretendia comunicar aos leitores originais, nosso objetivo principal é descobrir como o texto bíblico se aplica aos dias de hoje. Cada passagem das Escrituras, portanto, deve ser aplicada com correção (em termos de significado) e relevância (em termos das necessidades dos ouvintes dos dias de hoje).

**Samuel Ngewa**

# MATEUS

Os quatro evangelhos contam a história da vida de Jesus na terra. Os cristãos primitivos tiveram de criar um novo tipo de literatura para contar essa história. Esse novo tipo de literatura chama-se evangelho. Os três primeiros evangelhos são similares e têm muitos pontos comuns. Por isso, são conhecidos como evangelhos “sinóticos”, pois podem ser vistos em conjunto (sinopticamente). As diferenças entre os quatro evangelhos refletem as diferenças entre os quatro evangelistas e seus diferentes leitores. Mateus está voltado para os ensinamentos de Jesus e sua criação judaica. Marcos apresenta Jesus como servo de Deus. Lucas concentra-se no lado humano de Jesus. João oferece-nos uma visão do Jesus divino. Juntos, os quatro evangelhos criam, sob diversos ângulos, uma visão mais completa sobre quem Jesus é.

Os quatro autores ocupam grande parte de seus escritos relatando os acontecimentos da última semana de Jesus. Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão obviamente são a parte mais importante de sua missão na terra.

## Data e autor

O evangelho de Mateus provavelmente foi escrito antes da destruição do templo, no ano 70 d.C. Mateus foi testemunha ocular de muitos fatos por ele relatados. Era coletor de impostos antes de ser chamado por Jesus e possuía talento para escrever e conhecimento sobre o judaísmo. Escreveu para um público judaico-cristão. Seu propósito era enfatizar a herança judaica de Jesus e mostrar como ele cumpriu as profecias do AT acerca do Messias.

## Estrutura

O evangelho de Mateus é didático, contendo cinco grandes blocos divididos por narrativas sobre as atividades do ministério de Jesus. Alguns estudiosos atribuem importância ao fato de que são cinco livros de Moisés e cinco blocos de ensinamento. Os blocos são: o Sermão do Monte (5:1—7:29); a missão dos doze (9:35—10:42); as parábolas do reino (13:1-52); a comunidade do reino (18:1-35); e, por fim, os problemas da religião legalista e os sinais do fim (23:1—26:25).

## Relevância para a África

O evangelho de Mateus contém muitas lições para a África hoje:

- **Liderança:** Mateus apresenta Jesus como o perfeito mestre e líder. Os que desejam segui-lo devem colocar as necessidades dos liderados acima das próprias necessidades. Na igreja, a liderança deve ser caracterizada pelo serviço.
- **Missão:** Mateus destaca a importância da missão cristã que Jesus iniciou. Jesus conclama a igreja africana a levar seu amor aos povos da África e a todos os povos do mundo. As igrejas africanas devem aprender a ser mais ativas na missão e a deixar de ser meramente receptoras passivas do evangelho.
- **Vivendo em comunidade:** Mateus mostra-nos como deve ser a convivência entre irmãos. Todos os seguidores de Jesus são iguais perante ele, e os africanos devem aprender a abandonar sua preocupação com títulos e posições sociais. Os pobres, os incapazes, os oprimidos, refugiados e portadores do HIV são nossos irmãos e irmãs perante Cristo. A humildade é a base para as relações adequadas na igreja.
- **Valores cristãos:** Se a igreja africana quer desafiar a corrupção, o fatalismo, a preguiça, o tribalismo, a desunião e as práticas culturais e religiosas pagãs, precisará demonstrar comprometimento com a verdade de Jesus refletida em padrões de pensamento, trabalho e estilo de vida que sejam claramente distintos daqueles aos quais estamos acostumados.
- **Custo do discipulado:** Mateus ensina que, muitas vezes, seguir a Jesus pode levar ao sofrimento. O “evangelho da prosperidade” tem dominado a mente de muitas pessoas na igreja africana durante as duas últimas décadas. Contudo, qualquer pregação do evangelho que nega que os discípulos de Jesus sofrerão é deficiente.

## Esboço

### 1:1—4:11 O princípio

1:1-17 Ancestrais de Jesus

1:18-25 O nascimento de Jesus

2:1-11 A chegada dos magos

2:1-2 Jesus Cristo, o Rei dos judeus

2:3,7-8 O ódio de Herodes

2:4-6 A indiferença dos líderes religiosos

2:9-11 A adoração dos magos

2:12-23 A fuga para o Egito e o retorno a Nazaré

2:13-15 Um novo êxodo e uma nova salvação

2:16-18 Outro massacre



- 2:19-23 De volta a Nazaré
- 3:1-12 João Batista: o precursor de Jesus
- 3:13-17 Jesus é batizado
- 4:1-11 Jesus é tentado no deserto

#### **4:12-25 O início do ministério de Jesus**

- 4:12-17 Jesus começa a pregar
- 4:18-22 Os primeiros discípulos são chamados
- 4:23-25 Outros seguidores de Jesus

#### **5:1—7:29 Primeiro ensinamento: o Sermão do Monte**

- 5:1-12 As bem-aventuranças
  - 5:3 Os humildes de espírito
  - 5:4 Os que choram
  - 5:5 Os mansos
  - 5:6 Os que têm fome e sede de justiça
  - 5:7 Os misericordiosos
  - 5:8 Os limpos de coração
  - 5:9 Os pacificadores
  - 5:10-12 Os perseguidos
- 5:13-16 Sal e luz
- 5:17-20 Jesus e a Lei
- 5:21-48 A aplicação da Lei
  - 5:21-26 Homicídio, litígio e julgamento
  - 5:27-30 Luxúria e adultério
  - 5:31-32 Divórcio e novo casamento
  - 5:33-37 Juramentos
  - 5:38-42 Retaliação
  - 5:43-48 Inimigos
- 6:1—7:29 Deveres religiosos
  - 6:2-4 Caridade
  - 6:5-15 Oração
    - 6:5-8 Princípios da oração
    - 6:9-15 A oração do pai-nosso
  - 6:16-18 Jejum
  - 6:19-24 Riqueza
  - 6:25-34 Ansiedade e confiança
  - 7:1-6 Julgando os outros
  - 7:7-11 Oração perseverante
  - 7:12 A Regra de Ouro
  - 7:13-29 O verdadeiro e o falso discipulado
    - 7:13-14 Duas portas
    - 7:15-23 Fruto bom e fruto mau
    - 7:24-29 Construtor prudente e construtor insensato

#### **8:1—9:34 O ministério de Jesus: parte 1**

- 8:1-4 A cura de um leproso
- 8:5-13 A fé de um centurião
- 8:14-17 Curando muitos
- 8:18-22 Sobre o custo de seguir Jesus
- 8:23-27 Acalmando a tempestade

- 8:28-34 A cura de dois endemoninhados
- 9:1-8 A cura de um paralisado
- 9:9-13 O chamado de Mateus, o cobrador de impostos
- 9:14-17 Respondendo às perguntas sobre o jejum
- 9:18-26 Demonstrando poder sobre a morte
- 9:27-34 Cura de um cego e de um mudo

#### **9:35—10:42 Segundo ensinamento: a missão dos discípulos**

- 9:35-38 Os trabalhadores são poucos
- 10:1-15 A primeira missão
  - 10:1-4 Os primeiros trabalhadores
  - 10:5-6 O alvo de sua missão
  - 10:7-15 Sua comissão
    - 10:7-8a Pregação e cura
    - 10:8b-10 Provisões
    - 10:11-15 Hospitalidade
- 10:16-42 A missão em geral

#### **11:1—12:50 O ministério de Jesus: parte 2**

- 11:1-19 A pergunta de João Batista
- 11:20-24 Lamento pelas cidades que não se arrependeram
- 11:25-30 Sabedoria e descanso
- 12:1-45 Cresce a oposição
  - 12:1-14 Jesus é Senhor do sábado
  - 12:15-21 Jesus, o Servo do Senhor
  - 12:22-37 O reino de Deus e Belzebu
  - 12:38-45 Os fariseus pedem um sinal
- 12:46-50 A verdadeira família de Jesus

#### **13:1-52 Terceiro ensinamento: as parábolas do reino**

- 13:1-23 O semeador
- 13:24-30, 36-43 O trigo e o joio
- 13:31-35 A semente de mostarda e o fermento
- 13:44 O tesouro escondido
- 13:45-46 A pérola
- 13:47-50 A rede
- 13:51-52 Escribas do reino

#### **13:53—17:27 O ministério de Jesus: parte 3**

- 13:53-58 Um profeta sem honra
- 14:1-12 João Batista é degolado
- 14:13-21 Alimentando cinco mil
- 14:22-36 Jesus anda sobre as águas
- 15:1-20 Pureza interna e externa
- 15:21-28 A fé da mulher cananeia
- 15:29-39 Alimentando quatro mil
- 16:1-4 Os fariseus e saduceus pedem um sinal
- 16:5-12 O fermento dos fariseus e saduceus
- 16:13-20 “Tu és o Cristo”
- 16:21-28 Jesus profetiza sua crucificação
- 17:1-13 A transfiguração



17:14-21 Curando um menino endemoninhado  
 17:22-23 A segunda profecia acerca da morte de Jesus  
 17:24-27 Jesus e os impostos

### 18:1-35 Quarto ensinamento: a comunidade do reino

18:1-5 Liderança na comunidade  
 18:6-9 Fazendo que outros tropecem  
 18:10-14 A parábola da ovelha perdida  
 18:15-20 Relações interpessoais  
 18:21-35 O servo infiel

### 19:1—22:46 O ministério de Jesus: parte 4

19:1-12 O divórcio  
 19:13-15 Jesus e as crianças  
 19:16-26 Um homem rico procura Jesus  
 19:27-29 Renúncia às riquezas e recompensas  
 19:30—20:16 Os trabalhadores na vinha  
 20:17-19 Jesus profetiza sua morte pela terceira vez  
 20:20-28 Tiago, João e sua mãe  
 20:29-34 A cura de dois cegos em Jericó  
 21:1-11 Entrada triunfal em Jerusalém  
 21:12-17 A purificação do templo  
 21:18-22 Jesus amaldiçoa uma figueira  
 21:23-27 Questionando a autoridade de Jesus  
 21:28-32 A parábola dos dois filhos  
 21:33-46 A parábola dos lavradores maus  
 22:1-14 A parábola das bodas  
 22:15-46 Perguntas capciosas  
 22:15-22 Pagando impostos  
 22:23-33 Após a ressurreição  
 22:34-40 O maior mandamento da Lei  
 22:41-46 Filho de quem?

### 23:1—26:1 Quinto ensinamento: aís e sinais

23:1-39 Jesus rejeita o judaísmo oficial  
 23:1-12 Falência espiritual  
 23:13-34 Sete aís  
 23:13-14 Ai dos que fecham a porta do reino  
 23:15 Ai dos que facilitam o caminho para o inferno  
 23:16-22 Ai dos que fazem falsos juramentos  
 23:23-24 Ai dos que confundem as prioridades  
 23:25-26 Ai da moralidade superficial  
 23:27-28 Ai dos que mantêm um falso exterior  
 23:29-34 Ai dos que matam os profetas  
 23:35-39 Profecia contra a nação  
 24:1-35 Sinais do fim dos tempos  
 24:1-14 A destruição do templo  
 24:15-31 “O abominável da desolação”  
 24:32-35 O sinal da figueira  
 24:36-51 Ninguém sabe quando ele voltará  
 25:1-13 A parábola das dez virgens

25:14-30 A parábola dos talentos  
 25:31—26:1 A parábola das ovelhas e dos cabritos

### 26:2-46 O fim do ministério de Jesus

26:2-5 O plano para matar Jesus  
 26:6-13 Jesus é ungido com perfume  
 26:14-16 Judas promete trair Jesus  
 26:17-30 A ceia da Páscoa  
 26:31-35 Jesus profetiza a negação de Pedro  
 26:36-46 O jardim de Getsêmani

### 26:47—28:15 Julgamento, morte e ressurreição de Jesus

26:47-68 Jesus é preso e julgado  
 26:69-75 Pedro nega a Jesus  
 27:1-10 A morte de Judas  
 27:11-26 O julgamento diante de Pôncio Pilatos  
 27:27-56 A crucificação de Jesus  
 27:57-66 Jesus é sepultado  
 28:1-15 A ressurreição de Jesus

### 28:16-20 “Ide, fazei discípulos”

## COMENTÁRIO

### 1:1—4:11 O princípio

#### 1:1-17 Ancestrais de Jesus

O evangelho de Mateus começa com o livro da *genealogia de Jesus Cristo* (1:1). A genealogia é uma lista dos ancestrais ou descendentes de uma pessoa. A importância de um registro assim é clara se considerarmos o papel que as genealogias desempenham na política africana. Por exemplo, desde 1991 todos os candidatos à presidência da Zâmbia tiveram de apresentar provas, pela genealogia, de que pelo menos as duas últimas gerações viveram naquele país. Essa regra foi estabelecida para impedir o autocrático Kenneth Kaunda, primeiro presidente da Zâmbia (1964-1991), de exercer o cargo mais uma vez, pois seus pais haviam emigrado do Malawi para o nordeste da Zâmbia. Apesar de originariamente visar um único homem e suas aspirações políticas, essa provisão hoje afeta talvez um terço dos zambianos e tem causado certa inquietação social no país. Isso porque a Zâmbia foi criada pela união de grupos distintos em torno de uma nação-Estado durante o progresso da África no século XIX.

As genealogias também eram importantes para situar um indivíduo na sociedade judaica. Logo, as pessoas muitas vezes são apresentadas na Bíblia com uma fórmula semelhante à utilizada pelo pai de Samuel: “Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Zufe, efraimita”

(1Sm 1:1). Estas fórmulas são particularmente importantes para exigir a condição de participantes em Israel ou o direito de exercer uma das funções especiais do povo de Deus. Por exemplo, no século VI a.C., os filhos de Habaías, Coz e Barzilai foram “tidos por imundos para o sacerdócio”, pois não puderam provar a pureza de sua linhagem com base nos registros familiares (Ed 2:61-62). Herodes, o Grande, também se ressentiu do fato de que, embora fosse rei, seu nome não fazia parte de nenhuma genealogia oficial de Israel porque era meio judeu e meio edomita. Ele ordenou a destruição dos registros, para que ninguém pudesse alegar uma linhagem mais pura para o trono de Judá.

Enquanto as outras grandes genealogias da Bíblia consistem em listas de descendentes de uma pessoa (cf. Gn 5:1-32; 10:1-7, 13-18, 21-26, 32), no evangelho de Mateus temos uma lista dos ancestrais de Jesus. Mateus mostra como a história de Israel e a vida de pessoas como Abraão e Davi somente fazem sentido no contexto de Jesus e de sua vida. É por isso que a lista de Mateus começa com Abraão (1:2), e não com Adão, como a genealogia de Lucas (Lc 3:23-38). Jesus é o herdeiro das promessas de Deus a Abraão para trazer bênção sobre todas as famílias da terra (Gn 12:1-3). Mateus quer deixar claro desde o início que a vocação de Jesus está relacionada com a intervenção de Deus nos assuntos de todos os seres humanos. As bênçãos de Deus, as provisões que ele preparou para a humanidade em crescimento, foram prometidas a Abraão. O povo de Israel, descendente de Abraão, tentava cumprir essa ordem. Jesus Cristo, descendente de Abraão, veio concluir o que seu ilustre ancestral havia começado.

Outras diferenças entre as genealogias de Jesus escritas por Mateus e Lucas podem ser explicadas no contexto das intenções particulares de cada escritor ao selecionar o material que entraria no evangelho.

Mateus organiza sua lista em três grupos de catorze nomes (observe que o último grupo contém apenas treze nomes — o que indica que Mateus não criou um novo material para completar seu desejo por simetria). Entretanto, ele cita outros nomes ou reduz a lista a fim de atingir o número desejado de gerações: catorze. Por exemplo, nos cinco séculos entre Zorobabel e José, Mateus cita nove nomes, comparados aos dezoito de Lucas.

O foco de Mateus no número catorze, sem dúvida, auxilia na memorização, mas não é seu único propósito ao dividir assim os nomes. Ele provavelmente faz uso da *gematria*, isto é, a prática de dar valor numérico a nomes e palavras hebraicas e derivar significado desse número. Como os hebreus não possuíam símbolos separados para numerais, cada letra do alfabeto hebraico também representava um número (em nossa língua, seria A = 1, B = 2, e assim por diante). Em hebraico, somando os números associados às letras, o nome “Davi” dá um total de catorze. Sete é o número da perfeição, e duas vezes sete significa perfeição total. Isso obviamente ajudava a memorizar a genealogia;

porém, mais que isso, indica que Mateus viu em Jesus o Messias, o perfeito, o real Filho de Davi, o justo herdeiro do trono de Israel e Rei dos judeus (27:11,37; 1Cr 17:11-12). Em Jesus, o tempo de preparação encontrou seu objetivo conforme indicado pela unificação artificial de toda a história israelita nessa divisão em três partes.

É interessante a forma em que Mateus inclui cinco mulheres. A princípio, as mulheres não eram incluídas nas genealogias, pois não desfrutavam posição social independente. Além disso, Mateus incluiu alguns nomes inesperados. *Tamar* (1:3) foi uma mulher forçada a se prostituir a fim de obrigar Judá, seu sogro, a cumprir a obrigação legal de arranjar seu casamento com o filho dele, Selá (Gn 38:11-30). *Raabe* (1:5a) era a prostituta da sitiada cidade cananeia de Jericó que ajudou os espias israelitas (Js 2:1,4-9). *Rute* (1:5b) também era gentia de Moabe (Rt 1:4). *A mulher de Urias* (1:6) foi Bate-Seba. Era provavelmente judia, filha de Amiel (1Cr 3:5), porém seu marido Urias era gentio, o que a tornava uma gentia na época em que cometeu adultério com o rei Davi antes de se casar com ele (2Sm 11:3).

Mateus deliberadamente ignora outras mulheres importantes do AT, como Sara, Rebeca, Lia, Raquel, Débora e Ana. Ele fez isso para destacar a aplicação universal do evangelho até na história do povo de Israel. Somente entre os ancestrais do perfeito Deus constavam os marginalizados e menosprezados gentios. Em Jesus, caem as barreiras humanas: prostitutas e gentios são bem-vindos, mulheres desprezadas são vistas com respeito, pecadores e santos são atraídos a ele. O evangelho que Mateus anuncia é verdadeiramente maravilhoso!

### 1:18-25 O nascimento de Jesus

Os relacionamentos descritos nessa passagem são difíceis de compreender sem algum conhecimento das tradições que permeavam a condução de casamentos em sociedades como a israelita há dois mil anos e se assemelham às tradições de muitas sociedades africanas atuais.

Tradicionalmente, em algumas comunidades africanas, o jovem que deseja casar-se declara aos pais sua intenção. Ele já pode ter uma jovem em vista ou pode pedir aos pais que escolham uma companheira apropriada. Em seguida, os pais indicam um amigo de confiança ou um parente para servir de “intermediário”. Essa pessoa visitará os pais da jovem escolhida para informá-los das intenções do jovem. A notícia pode ser ou não uma surpresa para os pais da moça. Em seguida, eles procuram saber se a moça está interessada na proposta e investigam o histórico familiar do rapaz. Se todas as partes estiverem satisfeitas, eles consentem no casamento.

O intermediário oferece uma pequena quantia de dinheiro que, se for aceita, indica boa vontade da família da moça. O ato de aceitar o dinheiro é o noivado oficial, que pode ou não ser seguido pelo estilo das festas de noivado ocidentais, com alianças. A partir de então, os familiares da



moça não têm mais liberdade de recepcionar outros pretendentes, a não ser que desmanchem o noivado e devolvam o dinheiro que aceitaram. O intermediário será informado sobre o dote, que o rapaz deverá pagar integralmente antes de dar início aos procedimentos do casamento. No entanto, com a discrição da família da moça, a permissão para os preparativos do casamento pode ser garantida pelo ajuste de certa quantia de dinheiro.

Em Israel, três estágios eram necessários até chegar ao casamento. Havia o compromisso, que muitas vezes era firmado quando o casal em questão ainda era criança. Em seguida, acontecia o noivado, uma confirmação do compromisso. Durante os doze meses de noivado, o casal atingia o estado de casamento, mas sem os direitos matrimoniais. Eles poderiam ou não desfrutar certa privacidade um com o outro. Romper o noivado era considerado algo sério, semelhante ao divórcio. Os bembas dizem *Nkobekela: te cupo* ("Um compromisso não é casamento"), mas os israelitas insistem que *Nkobekela: cupo* ("Noivado é casamento").

No casamento, os plenos direitos do matrimônio são conferidos ao casal, e a partir de então eles estão livres para consumir o casamento com a relação sexual. Se uma jovem noiva estivesse grávida e seu pretendente não fosse o responsável, como é o caso de Maria (1:18), ela sofreria humilhação pública e seria executada por apedrejamento (Dt 22:23-24). Todavia, no tempo de José a execução era uma prerrogativa romana e, portanto, não era uma opção fácil.

Sabemos muito pouco sobre José, e ele sai de cena muito cedo. Podemos concluir que era um jovem da idade entre 18 e 20 anos. Se, como muitos acreditam, ele veio da Galileia, o costume ali, diferentemente da Judeia, era a reprovação a casais de noivos que passassem algum tempo juntos a sós. O conhecimento de José acerca de Maria, portanto, era baseado apenas no testemunho da família e na reputação de Maria. Ele vivia numa cultura machista e baseada na honra, na qual a reputação manchada era vingada em público.

O que Mateus quis dizer quando escreveu que José era *justo* (1:19)? "Justo" pode ter pelo menos dois significados. Existe o sentido cristão, usado quando a pessoa, por meio da fé em Jesus, é aceita por Deus e é declarada justa (Rm 1:17; 3:22). Certamente não é esse o sentido aplicado aqui. A palavra também pode ser usada no sentido ético e moral, que significa "justo, honesto, bom e de acordo com as leis de Deus e dos homens". Que provas da justiça de José vemos nessa passagem?

Para começar, vemos que José exerceu excepcional autocontrole em relação ao sexo. Ele não teve relações com Maria antes do compromisso, durante os doze meses de noivado nem até o nascimento de Jesus (1:25). Sua autodisciplina se compara à de outro jovem chamado José, na casa de Potifar, no Egito (Gn 39:7-10). As palavras de Mateus sobre o comportamento de José também destacam a ação do Espírito Santo na criação de um corpo para o

Messias. Não houve intervenção humana nessa concepção (1:18,20).

A justiça de José também é demonstrada por sua decisão de se divorciar de Maria secretamente. Ele não ficaria feliz em ver a mulher que amava ser humilhada em público. Em circunstâncias tão difíceis, o divórcio seria uma saída relativamente fácil, sancionada pelas leis romana e judaica. Não optar pelo divórcio seria mais difícil e desagradável para ele porque o marido, além do sofrimento pessoal, estaria colocando a própria reputação em risco. Ele poderia ser acusado de violar a lei, de indisciplina, de explorar a esposa como prostituta, de trazer censura à família ou de falta de pulso. Se eles se divorciassem em segredo, José também sofreria perda econômica, pois não poderia arcar com a devolução do dote. As negociações para o reembolso do dote inevitavelmente envolveriam a ajuda dos anciãos da localidade, e isso tornaria pública a questão.

O divórcio era oficializado por um simples documento, chamado "carta de divórcio", e por duas testemunhas. Portanto, podia ser negociado com discrição. José estava disposto a perder a honra, a reputação e alguns benefícios econômicos para minimizar o sofrimento de outra pessoa, mesmo que ela o tivesse magoado com traição sexual. Nesse pensamento, a justiça e a misericórdia andam juntas.

A justiça de José também é demonstrada quando ele obedece à palavra de Deus (1:24). Um *anjo do Senhor* apareceu a ele em sonho dizendo: *Não temas receber Maria, tua mulher* (1:20). Os sonhos eram reconhecidos como canal de revelação no AT (Gn 37:5-11; Dn 1:17; 2:19-45). Mesmo hoje, os sonhos exercem grande influência em certas culturas. Boa parte dos nomes das crianças na Zâmbia é determinada pela constante aparição de ancestrais em sonhos nas últimas fases da gestação. Muitos cristãos africanos conheceram a Cristo por meio de sonhos. Sem dúvida, em nossos dias, a influência dos sonhos não pode superar a palavra de Deus como revelação e orientação. Mesmo no sonho de José, estava clara a ligação entre palavra e sonho, pois o anjo do Senhor fez referência direta a um texto bíblico (1:23; cf. Is 7:14).

Então, José casou-se com Maria e se tornou o pai adotivo legal de Jesus. José era descendente de Davi, por isso Jesus se tornou descendente legal do maior rei de Israel. A vontade de Deus e a obediência de seu povo têm a capacidade de mudar a vida de indivíduos e a história do mundo.

José realmente foi um jovem justo. Percebemos em seu caráter uma perfeita combinação de senso de certo e errado, disciplina, moderação, justiça com misericórdia e obediência à palavra de Deus. Que desafio marcante para um jovem de 18 anos! É uma pena que nossa compreensão geral sobre a fé seja fortemente ilustrada pelas rixas entre Jesus e os fariseus. Não vemos o suficiente sobre os homens e mulheres simples, mas cheios de princípio, de Israel.

No capítulo 1, Mateus utiliza três títulos para descrever a vocação de Jesus: *Jesus, Cristo e Emanuel* (1:18,23).

- *Jesus* é a tradução de um nome judeu comum, Josué. Significa “Deus é salvação”, e a obra de Jesus era salvar *seu povo dos pecados deles* (1:21). O cerne da mensagem do cristianismo é a provisão de Deus para cuidar do pecado humano. O pecado não é constituído apenas de atos individuais de engano, imoralidade, e assim por diante, tampouco da soma dessas ações. O pecado consiste na tendência natural à rebeldia contra a vontade de Deus. Essa rebeldia separa o ser humano de Deus (Is 59:2; Rm 3:23; 6:23; Ef 2:1-3) e repousa no coração de toda má conduta e conflito social. Jesus veio ao mundo para libertar o ser humano do pecado e da consequente ira de Deus, cuja natureza é contrária ao pecado em todas as formas (Hc 1:13).
- *Cristo* é a tradução grega da palavra *messiah*, que significa “pessoa ungida para uma tarefa específica”. Mateus usa esse título quatro vezes nos primeiros 18 versículos de seu evangelho (1:1,16,17,18), o que sugere ser o título escolhido para designar Jesus e sua missão. Jesus incorpora a plenitude das expectativas judaicas quanto à vinda daquele que Deus escolheu para libertar seu povo dos inimigos e para estender as bênçãos de Deus aos gentios.
- *Emanuel* é uma palavra grega que significa *Deus conosco* (1:23; cf. tb. Is 7:14). Não parece ter sido um dos nomes de Jesus, porém Mateus o utiliza para indicar que Jesus é Deus. Deus não atribui o ministério de salvar seu povo do pecado a ninguém mais: ele mesmo assume essa responsabilidade.

No capítulo 1 de Mateus, Jesus Cristo é apresentado como parte do povo de Deus, os judeus, por causa de sua genealogia e da ligação com Abraão. Ele pertence à linhagem real de Davi e, portanto, é o nobre Messias. Também é Deus em pessoa lidando com o maior problema humano, o pecado. Seu nascimento foi sobrenatural, embora, como todos os milagres de Deus, não foi uma aberração, mas estava de acordo com a natureza. Ele é o Messias de toda a humanidade, pois mesmo com seu judaísmo alguns de seus ancestrais foram gentios. O evangelho é universal.

## 2:1-11 A chegada dos magos

Em seguida, Mateus apresenta três tipos de pessoas e suas reações à notícia do nascimento de Jesus, descrito como Rei dos judeus: o rei Herodes, então governador dos judeus (2:3,7-8); os principais sacerdotes e os escribas (2:4-6); o grupo de visitantes estrangeiros chamados “magos” ou “sábios” (2:1,7,9-12). Evidentemente, e talvez surpreendentemente, tendemos a nos identificar com os magos estrangeiros, em vez de com a elite governamental judaica do rei Herodes e dos líderes religiosos. Isso é espantoso, uma vez que Mateus era judeu, e seu público original, em sua maioria, também o era.

## 2:1-2 Jesus Cristo, o Rei dos judeus

Os sábios, ou magos, eram importantes na maioria das administrações imperiais do Oriente Médio (2:1). Na Pérsia, de onde provavelmente veio esse grupo, pertenciam a uma classe sacerdotal especializada em astrologia, magia e adivinhação (cf. Dn 2:2). Às vezes, suas previsões se mostravam corretas. Muitos judeus, apesar de serem oficialmente contrários à astrologia e à magia, reconheciam que essas forças eram muito influentes, como de fato ainda são em nosso mundo.

Esses sábios são apresentados aqui de uma perspectiva favorável, e somos incentivados a nos identificar com eles. Pode parecer estranho para nós, pois a Bíblia condena a prática da adivinhação (Dt 4:19; 18:9-14; Is 47:11-14). Também destaca a impotência religiosa de tais atividades diante da plenitude da revelação de Cristo (Cl 2:16-19). Mateus, porém, não está sugerindo que o horóscopo é uma forma natural de buscar a Deus. Em vez disso, o que a passagem mostra é que Deus se revela onde quer que haja alguém a buscá-lo. Muitos muçulmanos se converteram ao cristianismo porque tiveram um sonho, frequentemente durante a oração, no qual eram orientados por Alá a procurar os cristãos, sendo conduzidos a Cristo e à sua Palavra. Além disso, os magos precisavam confirmar suas revelações por meio da palavra de Deus revelada, que apenas os judeus possuíam. Devemos concluir que qualquer revelação extra (em forma de palavras, imagens, sonhos, visões e profecias) é apenas parcial e deve estar em conformidade com a palavra de Deus revelada no AT e no NT. Assim, o que a passagem está dizendo é que Deus se reserva o direito de se revelar no lugar em que ele escolher. As pessoas podem achá-lo quando o buscam no Alcorão, nos horóscopos, na adoração ancestral, e assim por diante, mas essa revelação inicial deve ser confirmada pela verdadeira revelação da palavra de Deus escrita e da Palavra Viva — Jesus Cristo, o Salvador.

A chegada de um grupo que tradicionalmente se informa ser composto por três magos, sem dúvida acompanhado por seus criados e uma caravana de animais, teria sido impressionante e causaria tumulto em Jerusalém.

Era comum para os magos visitar terras estrangeiras, principalmente no nascimento ou na coroação de um rei. Para eles, era natural acreditar que, quando um rei nascia, ele deveria ser encontrado no palácio. Por isso, foram a Herodes e pediram para ver o *Rei dos judeus* (2:2). Esse título aparece apenas nos evangelhos e se aplica unicamente a Jesus. Não é um título político, pois Jesus não buscou nem aceitou cargos políticos no governo judaico de sua época. Ele não desafiou a carreira política de Herodes nem a de César. O título “Rei dos judeus”, relacionado a Jesus, tem conotação estritamente messiânica. O termo remonta ao pacto que Deus fizera com Davi (2Sm 7:10-16). Na época, Deus prometeu suscitar um rei que ocuparia o trono de Davi num reino eterno. Essa passagem recebeu interpretação messiânica desde o princípio (Hb 1:5). Depois, o



título atingiria o ápice em Apocalipse 19:16, em que Jesus é aclamado “REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES”.

Quando Herodes e os principais sacerdotes foram informados de que “o Rei dos judeus” havia nascido, sabiam que se tratava do *Cristo*, aquele que os profetas disseram ser o Messias de Deus (2:4-5). Ele sentaria no trono de seu pai Davi, e a pacata cidade de Belém seria erguida para os altos da glória, conforme afirmara o profeta Miqueias (2:6, Mq 5:2). Então, como o povo reagiu a esse “Rei dos judeus”, que um dia seria conhecido como Rei dos reis e Senhor dos senhores?

### 2:3,7-8 O ódio de Herodes

Herodes não era judeu, e sim nativo da Idumeia (anteriormente conhecida como Edom). Político astuto, ele convenceu os romanos a torná-lo rei da Galileia em 47 a.C. Sete anos depois, a Judeia foi incluída em seu reino. Para que ele e seus descendentes fossem mais aceitáveis ao povo judeu, casou-se com a filha de um importante sacerdote e construiu o templo de Jerusalém como presente para a nação.

De acordo com o texto, Herodes *alarmou-se* com a chegada dos magos (2:3), o que é confirmado pela palavra profética (2:6). Logo tratou de eliminar a concorrência indesejada. Discretamente, procurou extrair dos magos informações que o ajudassem a calcular a idade da criança (2:7). Sua esperança era que, ludibriados por suas suaves palavras, eles o ajudassem a localizar a criança, para que pudesse matá-la (2:8).

### 2:4-6 A indiferença dos líderes religiosos

Os principais sacerdotes eram os guardiões da palavra de Deus e estudavam com os teólogos da época. Sabiam exatamente o que a Bíblia dizia sobre cada assunto. De fato, a educação que recebiam era completa. Começando aos 5 anos de idade, seguiam os rabis mais cultos, até cerca de 30 anos, quando eram reconhecidos como rabis por direito e se qualificavam para educar discípulos. Apesar de conhecerem as Escrituras e de poderem orientar os magos na viagem a Belém (2:5-6), esses especialistas não se interessaram em segui-los para adorar a Jesus. É por isso que João diz: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1:11).

Na verdade, os sucessores desses especialistas discordariam do Jesus adulto e, ao final, conspirariam para levá-lo à morte. Muitas vezes, entre os mais cultos da igreja estão aqueles que menosprezam Jesus. É uma situação perigosa. Não é um pecado menor que o ódio de Herodes, pois leva ao mesmo destino (onde Herodes falhou em matar o menino Jesus, os sacerdotes conseguiram). Nosso orgulho a respeito do conhecimento sobre Cristo, a Bíblia e a igreja pode ser uma cilada.

### 2:9-11 A adoração dos magos

A adoração dos magos no momento em que encontram a Jesus apresenta três características. Primeira: alegria (2:10),

como é vista no AT, quando os reis subiam ao trono (Salomão, 1Rs 1:40; Joás, 2Rs 11:20); segunda: humildade ao se curvarem diante do bebê, cientes de que ele era rei (2:11a); terceira: a oferta de alguns dos presentes mais caros da época: *ouro, incenso e mirra* (2:11b; cf. tb. Ap 18:12-13). A adoração é a única reação adequada à revelação de Deus. Deve ser alegre e caracterizada pelo oferecimento de presentes a Deus.

Essa passagem deixa claro que a adoração que Jesus receberia dos gentios foi antecipada e aprovada. As nações um dia trarão ofertas a ele. Essencialmente, existem apenas duas atitudes possíveis diante de Jesus. Você pode corresponder com amor e devoção, ou com contenda, ódio e rejeição. A última reação gera o desejo de destruí-lo. Ninguém pode ficar indiferente, em cima do muro. Quem parece estar em cima do muro acaba caindo para um dos dois lados. Aquele que, diferentemente dos magos, rejeita ao Messias, em vez de adorá-lo, tentará levá-lo à morte e desejará também a morte dos que o seguem. Herodes não foi o único a rejeitar o menino Jesus e buscar sua morte. Na Etiópia da década de 1970, o regime comunista de Mengistu rejeitava ao Senhor e por isso perseguia seus seguidores.

### 2:12-23 A fuga para o Egito e o retorno a Nazaré

O AT relata diversas tentativas de frustrar o plano divino de estabelecer uma coexistência harmônica entre ele e o povo que criou.

- No Éden, Satanás tentou causar inimizade entre Deus e suas criaturas, Adão e Eva, quando os induziu a desobedecer à vontade expressa de Deus (Gn 3:1-7). Sua atitude de desobediência fez que eles fossem expulsos do jardim do Éden. A comunhão com Deus foi quebrada, e eles perderam a capacidade de interagir livremente com o Senhor. O pecado entrou na experiência e na natureza humana por meio de um ato de rebelião (cf. Rm 5:18-19).
- No Egito, os egípcios tentaram destruir a nação de Israel, matando todos os meninos nascidos de israelitas (Êx 1:22). Se essa política fosse mantida por trinta anos ou mais, não haveria homens para dar continuidade à nação de Israel, e, portanto, o caminho escolhido por Deus para a vinda do Messias seria anulado. Entretanto, Deus interveio miraculosamente e salvou Moisés (e a muitos outros).
- No livro de Ester, somos informados de que Hamã tentou destruir todos os judeus do mundo porque Mordecai recusou curvar-se diante dele. Se Hamã conseguisse seu intento, o caminho do Messias seria interrompido, mas Deus interveio e frustrou os planos de Hamã.

Agora, no NT, Satanás tenta frustrar os planos de Deus mais uma vez, usando Herodes como instrumento, mas seu plano foi frustrado quando os magos ouviram a mensagem de Deus



e não lhe revelaram a localização do Messias (2:12). Satanás tentou mais uma vez impedir o plano divino quando se dispôs a persuadir Jesus Cristo a não ir para a cruz (4:8). Ele imaginou que, se Cristo evitasse a cruz, não apenas estaria obedecendo ao diabo, como fizeram Adão e Eva, mas também os seres humanos estariam sob o comando dele, Satanás. Jesus foi à cruz para destruir o pecado e libertar o ser humano da tirania do mundo, do pecado e de Satanás.

### 2:13-15 *Um novo êxodo e uma nova salvação*

O êxodo do Egito foi um grande ato de salvação e conquistou um lugar na memória da nação judaica. Mateus apresenta Jesus como o novo Moisés, que vem para inaugurar uma nova era de salvação: a era do Messias. Mateus por certo quer que façamos um paralelo entre Moisés e Jesus. Os dois vieram do Egito como grandes libertadores do povo e derrotaram governadores assassinos. O povo de Deus foi levado ao Egito por meio de José; agora outro José levaria o Filho de Deus para o Egito (2:13-14).

A ordem da fuga para o Egito dada por Deus a José não é surpreendente, pois na época o Egito possuía grande população judaica, principalmente em Alexandria, onde a primeira tradução grega do AT fora elaborada, duzentos anos antes. Além disso, o Egito serviu como lugar de refúgio econômico e político para israelitas, como Abraão (Gn 12:10), Jacó (Gn 46:6), Jeroboão (1Rs 11:40), o remanescente do assassinato de Gedalias (2Rs 25:25-26) e o profeta Urias (Jr 26:21).

Mateus cita o profeta Oseias: *Do Egito chamei o meu Filho* (2:15; cf. tb. Os 11:1). Esse versículo não é profético por predizer o futuro, mas por explicar as origens de Israel. Assim como Israel era filho de Deus, Jesus também o é. De fato, Jesus veio para cumprir, em sua pessoa e vocação, o chamado de uma nação inteira. Ele é o verdadeiro Israel que por meio do novo êxodo inaugura a era messiânica. Ele salvará seu povo das armadilhas do pecado e de Satanás.

O fato de Jesus ser um refugiado em solo africano deveria ensinar-nos muitas lições. Deus não tinha vergonha de permitir que seu Filho experimentasse a condição de refugiado. Ao participar da luta dos cidadãos sem pátria, Jesus honrou todos os que sofrem por não ter onde morar em razão da guerra, da fome, da perseguição e de outros desastres. Existem milhões de refugiados no continente africano, e muitos levam uma vida miserável. Na Zâmbia, há três gerações de refugiados angolanos morando no campo de refugiados de Meheba. Nem o governo zambiano nem o angolano estão preparados para reconhecê-los como cidadãos. O resultado são pessoas sem pátria, condenadas a viver como prisioneiros virtuais num pedaço de terra no nordeste da Zâmbia.

O triste é que muitos cristãos não se preocupam com o assunto, ou acreditam na mentira de que todo refugiado causa problemas, mas a Bíblia está repleta de homens e mulheres que sabiam o que era ser refugiado: Abraão, Moisés e José, bem como toda a nação de Israel no Egito e na Babilônia. Deus não apenas se identifica com aqueles que

vivem nessa condição, mas também usa pessoas que não têm morada nem país. Não devemos desprezar os refugiados nem os que vivem à margem da sociedade. Os sinais já demonstram que a Europa será salva, principalmente do cumprimento lógico do secularismo humanístico, pelas levadas de imigrantes dos países em desenvolvimento. Em grandes cidades, como Londres, a maioria dos membros de igreja é formada por imigrantes recentes do hemisfério sul. Deus defende os órfãos, as viúvas e os alienados. Onde está o povo de Deus para demonstrar sua compaixão?

### 2:16-18 *Outro massacre*

Assim como Faraó tentou matar Moisés e todos os outros meninos israelitas, Herodes tentou matar Jesus e os outros meninos de Belém quando percebeu que os magos não haviam retornado para dar-lhe informações que identificariam o Cristo menino (2:16). Os líderes, até mesmo os líderes de igreja, ficam assustados diante de uma possível oposição. Usam o poder do cargo para infringir cruéis punições aos opositores e também a pessoas inocentes.

Embora aqui Herodes seja instrumento de Satanás para destruir o menino Jesus e assim impedir o plano de Deus para a salvação da humanidade, não foi um instrumento inútil. Ele já era assassino em massa. O historiador judeu Josefo, do século I, relata que Herodes estrangulou a própria esposa e executou três de seus filhos, além de eliminar muitos grupos suspeitos de conspiração. Em seu leito de morte, ordenou a execução de diversos nobres para assegurar que as pessoas chorariam em seu funeral. Os nobres, porém, foram libertados, o que causou comemoração, em vez de choro. O assassinato de trinta a quarenta crianças é apenas um dos muitos ultrajes de seu reinado sangrento.

Mateus relaciona o pranto das mães de Belém com o *clamar em Ramá* (2:18a), lugar que distava cerca de nove quilômetros de Jerusalém. Depois que os babilônios derubaram Jerusalém, os cativos ficaram presos em Ramá antes de percorrermos seiscentos quilômetros até o exílio (Jr 40:1). Jeremias disse que Raquel, mãe de José e Benjamim, chorou quando seus descendentes saíram de sua terra (Jr 31:15). Raquel é ainda relacionada a Belém, pois foi sepultada ali (Gn 35:19). Não é surpresa que Mateus se lembre de *Raquel chorando por seus filhos* (2:18b).

A citação de Jeremias também oferece esperança após a injustiça e o sofrimento. As deportações para a Babilônia (Jr 31:15-17) precederam um novo êxodo e uma nova esperança: o regresso do povo à terra prometida sob a liderança de Esdras e Neemias. Da mesma forma, esse sofrimento e a mudança forçada de José, Maria e Jesus para o Egito resultariam na segurança de Jesus, a fonte de salvação e alegria de todos os que dele se aproximam.

### 2:19-23 *De volta a Nazaré*

Jesus nasceu em 6 a.C., e Herodes morreu cerca de dois anos depois, em 4 d.C. (2:19). Agora os exilados poderiam

regressar com segurança a Israel (2:20), porém o caráter do sucessor de Herodes, *Arquelau*, era apenas um pouco melhor que o de seu pai. Assim, a família de Jesus não voltou para Belém, mas retornou a *Nazaré* (2:21-23a), onde José e Maria viviam antes de se dirigirem a Belém para participar do censo ordenado por César Augusto (cf. Lc 2:1-4).

O nome *Nazareno*, atribuído a Jesus (2:23b), pode ser um jogo de palavras com o termo “nazireus”, que eram pessoas dedicadas ao Senhor (cf. Nm 6:1-21). Isso também serve para demonstrar que Jesus era natural de uma cidade insignificante, cheia de gentios (cf. comentário sobre 4:15). Portanto, ele não foi o nobre Messias esperado por muitos, mas alguém que convivia com o sofrimento (cf. Is 53; Sl 22).

Ao longo de todo este capítulo, vemos Deus tomando ativamente a iniciativa. Ele orientou os magos e José por meio de sonhos e visões (2:12,13,20,22). Os acontecimentos que vieram após esses sonhos e visões estão de acordo com a Bíblia, por isso há continuidade entre os fatos que Mateus relata e a história do povo de Deus. O nascimento de Jesus e toda sua vida foram planejados por Deus. A igreja gentia não deve esquecer que Israel ainda faz parte do propósito divino.

Também devemos perceber que Deus não teme correr riscos. Ele confiou seu Filho a um casal de adolescentes e não o protegeu dos males da vida política. Contudo, sua vontade foi cumprida em todas essas coisas. Deus pode estar trabalhando em seus propósitos, mesmo em atos de nossa vida que consideramos insignificantes.

### 3:1-12 João Batista: o precursor de Jesus

Mateus ignora trinta anos da vida de Jesus e se concentra nos três importantes anos de seu ministério caracterizado por ensino, curas, discipulado e a morte na cruz. A narrativa desse período começa com o batismo de Jesus por João.

Os quatro evangelhos mencionam João e seu ministério e destacam o fato de o ministério de João estar subordinado ao de Jesus (Mc 1:2-8; Lc 3:1-10; Jo 1:19-28). O fato de Mateus se referir a ele como *João Batista* (3:1a) pode induzir alguns a pensar que seu principal ministério era o batismo. Ele veio para chamar a nação de Israel ao arrependimento, preparando o caminho para o Messias que viria. Ele realmente deveria ser chamado João, o precursor de Jesus, o pregador do batismo de arrependimento de Israel!

Essa passagem de Mateus está cheia de alusões ao AT. Uma delas é o fato de que João apareceu no *deserto da Judeia* (3:1b). A nação de Israel foi formada em Israel sob a liderança de Moisés. Portanto, o êxodo do Egito e sua associação com o deserto estavam tão arraigados à memória nacional que os movimentos de renovação que vieram em seguida, tanto os verdadeiros quanto os falsos, eram sempre associados ao deserto (cf. Is 40:3; Os 2:14-15; At 21:38).

A citação de Isaías 40:3 em 3:3 refere-se a um movimento de renovação em que a nação retornava do exílio para ser reconstruída sob a liderança de pessoas como Zorobabel, Esdras e Neemias. Mateus estava convencido

de que as palavras de Isaías também seriam aplicadas a João em seu papel como precursor de Jesus, o Messias. Um movimento infinitamente maior estava tendo início. A renovação não seria uma fuga do Egito, um retorno do exílio na Babilônia ou uma libertação da dominação política romana. Seria a libertação de todos os povos do mundo de um cativo maior: a escravidão ao pecado e a Satanás.

Em Isaías 40:3, a renovação é descrita como uma obra de Javé, e Mateus aplica essas palavras a Jesus. Ele está dizendo nas entrelinhas que Jesus é igual ao Pai.

A mensagem de João é quase idêntica à de Jesus. Os dois pregavam o arrependimento *porque está próximo o reino dos céus* (3:2; cf. 4:17; 10:7). Na essência da mensagem de arrependimento, está o chamado para concentrar o pensamento em Deus. Em Israel, os profetas conclamavam o povo a abandonar a adoração aos ídolos estrangeiros e retornar a uma vida de compromisso com Deus (cf. Jr 3:7,10,14; 4:1-2). Arrependimento não é apenas pedir desculpas em público para se safar após ser pego fazendo algo errado. Arrependimento é mudança de pensamento. O verdadeiro arrependimento é uma reorientação interna que afeta todos os pensamentos e se expressa em atitudes externas. Quem se arrepende fica livre da idolatria, do pecado, do mal, das injustiças e de qualquer outra prática que seja contrária à Palavra de Deus, a qual passa a ser tratada como “lâmpada para os meus pés [e] luz para os meus caminhos” (Sl 119:105). O arrependimento é pré-requisito para entrar no reino dos céus. João e Jesus estão unidos pela mensagem. Não eram rivais: complementavam um ao outro. Jesus construiu sobre a fundação que João estabeleceu. João apareceu no deserto da Judeia usando as roupas e comendo a comida remanescentes de outro grande profeta: Elias (3:4; cf. tb. 1Rs 17:2-6; 2Rs 1:8). Sua aparição e seu estilo de vida desafiaram os poderosos da época. Durante os dias dos reis divinos, os profetas trabalhavam nos palácios (p. ex., Natã na corte de Davi, 2Sm 12:1-25). Nos dias dos reis malignos, porém, a maioria dos profetas, como Elias, se retirava para o deserto. Da mesma forma que Elias se desentendeu com o rei da época, Acabe, e sua mulher, Jezabel (1Rs 17:1; 18:17; 19:1-3), João censurou Herodes, o que lhe causou a morte (14:1-12). O exemplo desses dois grandes profetas, e de muitos outros em Israel, indica que o ministério da igreja cristã deve ser sempre profético e também desafiar os poderes e as normas da época. Sua mensagem deve ser contracultural. João mostrou como isso pode ser feito por aquilo que ele pregava e principalmente pela forma em que vivia. Nós também precisamos ter certeza de que nosso estilo de vida combina com nossas palavras.

As principais atividades de João no deserto da Judeia eram a pregação e o batismo. É claro que seu ministério foi importante e afetou muita gente por longo tempo (3:5-6; cf. tb. At 19:3-4). Sua pregação não era novidade, embora ninguém ouvisse um profeta havia quatrocentos anos. Da mesma forma, seu batismo não era estranho, embora os



judeus não costumassem passar pelo batismo, exceto os membros da comunidade de Cunrã (movimento separatista que romperia com a sociedade e vivia no deserto da Judeia para evitar a contaminação). O batismo era reservado aos gentios que se convertiam ao judaísmo. Era um ritual que demonstrava uma mudança radical na lealdade aos antigos deuses de Israel. Ao convocar os judeus para serem batizados da mesma maneira, João os estava tratando como gentios espirituais. Eles também precisavam entrar no reino dos céus por meio do arrependimento e do batismo.

João lançou diversos desafios à nação de Israel. O povo não conseguiria esconder-se sob a capa de espiritualidade que deveria cobrir os membros da nação eleita. Eles eram de fato filhos de Abraão, a rocha da qual fora cortado o povo da fé (Is 51:1-2), porém não poderiam apoiar-se nisso, pois Deus era capaz de *suscitar filhos a Abraão* de qualquer fonte (3:9). Essa declaração deve ter irritado os fariseus e saduceus que o haviam procurado, talvez impelidos por um desejo genuíno de ouvir sua mensagem ou verificar a legitimidade do movimento. João atacou-os ferozmente, chamando-os *raça de víboras* (3:7). A mensagem de João sobre arrependimento exigia uma resposta pessoal.

Na verdade, toda a nação estava em perigo, como indica a ilustração da árvore (3:8,10). O julgamento começaria em casa. O público de João precisava ouvir essa mensagem, e nós também. A mensagem de João é um corretivo necessário aos que usam sua posição na igreja e na sociedade como distintivo de reconhecimento e importância. Paulo faz um veemente discurso contra essa tendência quando escreve aos coríntios (1Co 1:26-31). A posição social humana não serve de nada perante Deus. Temo que a popularidade e a multiplicidade de títulos, como pastor e reverendo (até mesmo bispo, em igrejas que não têm estrutura episcopal) sejam simplesmente um pretexto para explorar status. Isso não soa bem para a igreja num continente já deteriorado pela consciência de posição social.

João refere-se a Jesus como *aquele que vem depois de mim* (3:11a). “Vir depois de alguém” pode significar ser discípulo dessa pessoa, pois tanto no sentido literal quanto no figurado a maioria dos discípulos andava atrás de seus mestres. Aqui, porém, significa simplesmente que o ministério de Jesus era mais poderoso que o dele. Os discípulos agiam como servos ou escravos virtuais de seu mestre. Contudo, a tarefa de retirar e carregar as sandálias do mestre era destinada aos subalternos. Era trabalho de escravo. Assim, em 3:11b, João declara que não serve nem mesmo para ser escravo de Jesus.

João vai além, dizendo que até seu batismo, um símbolo externo, logo abriria caminho para o batismo de Jesus *com o Espírito Santo e com fogo*, que representam uma limpeza verdadeira, como haviam anunciado os profetas (3:12; cf. tb. Ez 36:26-27; Jl 2:28-29). O dia do Pentecostes preencheria a realidade e as imagens.

### 3:13-17 Jesus é batizado

O movimento de João causou grande alvoroço. As pessoas chegavam, de perto e de longe, confessando pecados pessoais e nacionais, e eram batizadas no rio Jordão (3:5). Nessa etapa, apareceu Jesus, dando início a seu ministério. Como primeiro ato, ele foi até o Jordão *a fim de que João o batizasse* (3:13). João protestou, dizendo que era ele quem precisava do batismo de Jesus, e não o contrário (3:14). Jesus respondeu que o batismo de João era necessário para *cumprir toda a justiça* (3:15).

Esse ato tem muitos significados. Jesus queria identificar-se inteiramente com o remanescente de Israel e confirmar a mensagem de João. Ele pode até ter querido demonstrar que, diferentemente do Israel sem fé, os verdadeiros israelitas preenchiam todos os requisitos da justiça. Com essa atitude, Jesus não estava apenas se submetendo a João, mas também se comprometendo com a total consagração em vida e santidade de caráter conforme as exigências da lei. A submissão de Jesus a João, o superior se submetendo ao inferior, é um exemplo que todos deveríamos seguir. Orgulho e a arrogância não são qualidades de uma vida consagrada a Deus.

Em seu batismo, o Espírito Santo desceu sobre Jesus *como pomba* (3:16). O simbolismo faz-nos recordar a pomba de Noé, outro sinal do início de uma nova era no plano de Deus (Gn 8:6-12). Mateus deixa claro, porém, que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo (1:18). Já se presume com isso que ele vivia no poder do Espírito. Então, por que a demonstração pública na forma de pomba?

A resposta é que receber o batismo tinha múltiplos significados para Jesus. Representava a certeza da justa missão da qual fora incumbido. Era o sinal externo do preenchimento interno do Espírito. Isso marcou a chegada da era messiânica anunciada pelos profetas (Jl 2:28-29). Também era prova do envolvimento da Trindade na obra de Jesus na terra. Assim, na ocasião do batismo, ele foi cheio do Espírito e ouviu o Pai confirmar seu chamado: *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* (3:17; cf. tb. Sl 2:7; Is 42:1). Jesus é Rei, o Filho de Deus. Ele é o legítimo herdeiro do trono de Davi que estabelecerá a justiça na terra. Contudo, ele é também o Servo de Deus chamado para sofrer a favor da humanidade.

Hoje, para nós, o batismo simboliza o arrependimento de nossos pecados e nosso desejo de obedecer a ele. É uma declaração pública de nossa posição como filhos de Deus.

### 4:1-11 Jesus é tentado no deserto

Imediatamente após o batismo, Jesus *foi levado pelo Espírito Santo ao deserto, para ser tentado pelo diabo* (4:1). A princípio, pode parecer estranho que a primeira parada após a consagração ao ministério seja o deserto. A experiência de muitos cristãos, porém, diria que é comum passar por tentações imediatamente após uma experiência espiritual rica e repleta de alegria. A verdadeira obra de Deus pode atrair

a atenção nociva de Satanás, o inimigo de Deus. Ao mesmo tempo, as maiores experiências espirituais precisam ser testadas para que possamos sair da névoa de euforia e enxergar a dura realidade por trás da experiência.

As tentações de Jesus foram interpretadas em pelo menos três maneiras. Alguns sugerem que elas mostram Jesus como o verdadeiro israelita que venceu onde Israel falhou (cf. Dt 6:16; 8:1-20). Outros alegam que as tentações revelam que tipo de Messias Jesus foi: nem milagreiro nem revolucionário político. Outros ainda afirmam que essa passagem é um exemplo de como os seguidores de Jesus devem lidar com as tentações. Não é preciso escolher entre as três interpretações: todas são lições válidas e apropriadas.

Jesus passou *quarenta dias* no deserto (4:2a). Esse período traz imediatamente à memória os quarenta anos de peregrinação no deserto do Sinai antes que Israel entrasse na terra prometida (Dt 8:2). O período que Jesus passou no deserto preparou o caminho da era messiânica. Os quarenta dias também nos lembram o período que Moisés passou no monte Sinai (Êx 34:28), onde jejuou e recebeu os Dez Mandamentos. Jesus é o novo Moisés que traz o cumprimento da lei de Deus, transmitida por Moisés e pelos profetas (5:17-20).

Essa passagem descreve três tentações:

**Usar o poder espiritual para suprir necessidades pessoais** (4:3-4). Após passar quarenta dias sozinho no deserto com pouquíssima ou nenhuma comida, Jesus *teve fome* (4:2b). Ele tinha necessidades humanas reais. Também tinha o poder de saciá-las miraculosamente (4:3b). Esse poder foi usado em duas ocasiões para suprir a necessidade de outras pessoas (14:15-21; 15:32-38), mas o uso desse poder para suprir necessidades pessoais, como Satanás estava sugerindo, seria, na melhor das hipóteses, uma perigosa distração e, na pior, uma demonstração egoísta e indisciplinada de poderes mágicos. Jesus sabia que usar seus poderes dessa forma seria um desvio perigoso do caminho da obediência a Deus. Não devemos ser confundidos pelo *se* em 4:3a. Satanás sabia que Jesus é o Filho de Deus (3:17). Devemos entender que o “se” não expressa dúvida, mas um desafio que diz: “Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”. Para Jesus, no entanto, existem coisas mais importantes que a comida: *Não só de pão viverá o homem* (4:4).

**Demonstrar seu poder de forma sensacionalista.** Satanás lembrou a Jesus que Deus não deixaria seu Filho ferir-se (4:6; Sl 91:11-12) e enviaria anjos para garantir sua segurança. Deus está comprometido com a proteção dos que nele confiam. De fato, o próprio Jesus mais tarde afirmaria ter autoridade para ordenar aos anjos que o ajudassem a qualquer momento (26:53), mas Satanás queria causar uma crise artificial, instigando Jesus a os-

tentar seu poder para autogratificação. Com essa atitude, Jesus estaria tentando a Deus (4:7; cf. tb. Dt 6:16). Podemos confiar na segurança que Deus proporciona aos que lhe são obedientes, mas às vezes seus propósitos se cumprem plenamente quando seus servos enfrentam sofrimento. O próprio compromisso de Cristo com a cruz é um grande exemplo disso. Muitos de seus seguidores o honram com o sofrimento e até com a morte.

- **Usar seu poder político em benefício próprio.** Satanás sabia que Jesus viera a terra para estabelecer o reino de Deus, isto é, exercer poder sobre todos os reinos do mundo. Então, ele levou Jesus *a um monte muito alto*, real ou imaginário, e mostrou-lhe *todos os reinos do mundo* (4:8). Satanás prometeu entregar todos esses reinos a Jesus se ele, *prostrado*, o adorasse. Jesus, na verdade, alcançaria esse propósito, mas seria por meio da cruz. Esse *caminho* causaria muito sofrimento a ele e aos seus discípulos, mas no fim o mundo inteiro reconheceria que ele é o Senhor (Fp 2:10-11; Ap 20:11—21:4). Satanás quis tornar o processo mais fácil, eliminando a cruz e o sofrimento. Jesus alcançaria o poder político sem experimentar o julgamento, a humilhação e a morte pelas mãos daqueles que ele mesmo criou.

Talvez Satanás não estivesse mentindo quando disse que tinha poder para entregar todos os reinos do mundo a Jesus, pois algumas passagens da Bíblia indicam que ele tem poder na esfera política — apenas na esfera política e por tempo limitado (Lc 4:6; Jo 12:31; 2Co 4:4). Se tivesse concordado com a sugestão de Satanás, Jesus estaria aceitando a idolatria e colocando Satanás como líder logo abaixo de Deus (4:10). Além disso, a vitória de Jesus seria superficial e não resolveria o problema do pecado humano, pois a única solução era pela cruz.

Quando a tentação terminou, os anjos vieram servir a Jesus. Saciaram suas necessidades físicas (cf. 1Rs 19:5-9) e confirmaram que ele havia feito a coisa certa.

Comprometer-se com Satanás em troca de ganhos temporários, embora fosse uma proposta atraente, não era um modo de cumprir o chamado de Deus. A passagem também sugere que pode ser perigoso usar o poder político para cumprir a vontade de Deus. Líderes que experimentaram impressionante queda da graça, como Frederick Chiluba, e o consequente declínio do país como nação cristã constituem um alerta contra o perigo de combinar sistemas políticos contemporâneos com o estabelecimento do reino de Deus. A vontade de Deus deve ser cumprida pelos meios adequados.

As tentações acontecem. Não podemos nem devemos evitá-las, pois é preciso seguir o exemplo de Jesus e resistir a elas. Uma das armas mais poderosas contra a tentação é a “espada do Espírito”, a palavra de Deus (Ef 6:17). Jesus respondeu a cada tentação com a Bíblia: *Está escrito...*



(4:4,7,10). Paulo também declara: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10:13). O conhecimento que Jesus tinha das Escrituras, seu compromisso absoluto em cumprir a vontade do Pai e a ajuda fiel de Deus àqueles que são tentados deram-lhe a vitória. É por isso que precisamos ter a capacidade de dizer, como o salmista: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119:11). Toda tentação deve ser combatida com a Bíblia, com oração e com determinação.

Embora essa seja a única passagem que diz explicitamente que Jesus foi tentado, as tentações o acompanharam por todo o ministério (16:23; 26:36-46). Portanto, apesar de Satanás ter deixado Jesus (4:11), foi por pouco tempo. Ele voltaria a atacar, sempre tentando fazer Jesus contrariar a vontade do Pai.

## 4:12-25 O início do ministério de Jesus

### 4:12-17 Jesus começa a pregar

A prisão de João Batista por Herodes pôs fim ao seu ministério (4:12a). Ele nunca mais viu a liberdade e acabou executado (14:1-12). Sua prisão parece ter sido o sinal para Jesus iniciar seu ministério na Galileia (4:12b), onde conquistou muitos seguidores. Na verdade, a maior parcela do sucesso de Jesus foi alcançada na Galileia, e quase todos os seus adversários e provocações vieram de Jerusalém, onde ele morreu (2:12,14,22; 12:15; 14:13; 15:21).

Sabemos, por João 3:22, que Jesus realizava batismos (por meio de seus discípulos — Jo 4:2) na Judeia, perto de onde João exercera seu ministério. Agora, porém, ele se transferiu das margens do rio Jordão para a Galileia e trocou um ministério centrado no batismo por outro baseado na pregação e na cura. Apesar da ruptura com o ministério de João, a mensagem que Jesus pregava era exatamente a mesma. Ele continuou a convidar a nação ao arrependimento, pois estava próximo o reino dos céus (4:17).

Jesus não baseou sua obra em Nazaré, para onde fora levado, e sim na cidade de *Cafarnaum* (4:13), localizada nos confins de *Zebulom* e *Naftali*, porque Josué havia entregado esse território a essas duas tribos (Js 19:10-16,32-39). A população judaica da região havia sido deportada pelos assírios e substituída por povos de outras partes do império (2Rs 17:23-24), por isso Isaías se refere a ela como *Galileia dos gentios* (4:15; Is 9:1). Muitos judeus, porém, estabeleceram-se na Galileia após o exílio na Babilônia, e, no século II a.C., os reis hasmoneus conseguiram repovoar a área com judeus. De modo geral, a Galileia era desprezada pela hierarquia de Jerusalém (Jo 7:52), mas Isaías teve a visão profética de uma grande luz que apareceria na Galileia, e Jesus foi o cumprimento dessa profecia (4:16; cf. tb. Is 9:1-7).

Um provérbio bamba, da Zâmbia, alerta contra o desprezo a qualquer ser humano: *Ako usulile: e kopa noko* (“A pessoa que você despreza pode casar-se com sua mãe”). Assim, a pessoa que você despreza pode tornar-se alguém que você terá de respeitar. O tão esperado Messias dos judeus não surgiu em palácios nem no templo de Jerusalém, mas na Galileia, região desprezada do país. É o que acontece hoje com a África Subsaariana, que, economicamente insignificante e marginalizada, está tornando-se a bigorna sobre a qual será moldado o cristianismo mundial do século XXI!

### 4:18-22 Os primeiros discípulos são chamados

Os quatro evangelhos relatam a vocação dos primeiros discípulos logo no início do ministério de Jesus e mostram que permaneceram ao lado dele até o fim de seus dias na terra. Esses homens foram treinados para sucedê-lo e continuar a obra que ele iniciara. No tempo de Jesus, era comum ver um rabi com um grupo de discípulos na Palestina, mas havia grande diferença entre Jesus e os outros rabis. Na verdade, é discutível que Jesus tenha sido chamado de rabi. Diferentemente dos outros rabis, Jesus tomou a iniciativa de convocar seus discípulos. Além disso, não os encaminhou a uma autoridade maior que ele e desqualificou a Torá como livro-texto, e sua escola não concedia graduação.

Os primeiros discípulos, dois irmãos, eram pescadores galileus (4:18,21). A simples ordem *Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens* (4:19) causou uma crise na vida deles. Os dois abandonaram seu meio de sobrevivência e seguiram a Jesus (4:20,22).

Existem semelhanças entre o chamado dos discípulos e o chamado de Abraão (Gn 12:1-4). Nos dois casos, é prometido aos convocados um poder que eles jamais possuíram. Abraão daria origem a uma grande nação, e todas as famílias do mundo seriam abençoadas por meio dele e de seus descendentes. Da mesma forma, os discípulos receberiam poder para conduzir a humanidade ao reino de Deus. O resultado é o mesmo. Abraão seria um missionário, assim como os discípulos. A fé cristã sempre foi e sempre será uma fé missionária. Existe para enviar seguidores de Jesus pelo mundo a proclamar as boas-novas ao povo, anunciando que Jesus é o Salvador do mundo enviado por Deus, o qual morreu para que possamos ter vida eterna.

### 4:23-25 Outros seguidores de Jesus

Apesar de Jesus ser acompanhado por um grupo próximo de discípulos, muitos outros ouviram sua pregação e experimentaram ou testemunharam a cura e o seguiram (4:25). Seu ministério seria desenvolvido e caracterizado pelo ensino e pela cura (4:23). Esse dois componentes de seu ministério também devem fazer parte de nossa vida.

Os últimos versículos do capítulo 4 são os primeiros de muitos dos versículos de Mateus sobre a fama de Jesus que se espalhava pela região (8:16; 12:15; 14:25-36; 15:30-31:



19:1-2). A região onde ele pregava localizava-se em uma importante rota que ligava Damasco, ao norte, com o Egito, ao sul. Todas as vilas e cidades eram razoavelmente populosas, assim como os arredores de *Decápolis* e Pereia, por onde sua fama se espalhou (4:24-25). Até os não-judeus que habitavam a região tinham ouvido falar de Jesus (cf. 15:21-28).

No início do capítulo, Jesus está sozinho no deserto, jejuando e sendo tentado por Satanás, mas no final está rodeado por seus discípulos no meio de uma grande multidão de seguidores que ouviu sua pregação sobre o reino dos céus e dá testemunho ou é beneficiada pelo seu ministério de cura.

### 5:1—7:29 Primeiro ensinamento: o Sermão do Monte

O Sermão do Monte é o primeiro dos cinco grandes blocos de ensinamento de Mateus (cf. a introdução a este comentário). Aqui, Jesus mostra como a vida deve ser “no reino dos céus”, que é o termo usado por Mateus em referência ao reino de Deus. Esse reino é abrangente: nada em todo o universo escapa à sua autoridade. Foi afetado, porém, pela rebelião insuflada no mundo pelo pecado. O povo de Deus estava consciente de que um dia, no futuro, o reino de Deus, anunciado pelo Messias, romperia com a História para dar fim à rebelião e apresentar a era que está por vir. É isso o que Jesus faz quando anuncia que o reino dos céus está próximo, mas ainda não se manifestou em sua plenitude. Está restrito à vida dos que aceitaram a Jesus como Messias e se tornaram seus discípulos. Esses discípulos têm a responsabilidade de viver de acordo com os valores que prevalecem no reino dos céus. Devem demonstrar que a vida cristã é contracultural, não importa de qual cultura se tenham originado.

#### 5:1-12 As bem-aventuranças

Jesus sentou-se para expor suas ideias, de acordo com o verdadeiro estilo judaico de ensinar. Os ouvintes sentavam-se aos seus pés (5:1-2). As bem-aventuranças a seguir são apresentadas seguindo a fórmula com a expressão *Bem-aventurados*.

Muitos africanos usam a expressão “abençoar” para se referir àquilo que um superior, normalmente um pai ou avô, faz para demonstrar sua boa vontade a um filho ou neto. Esse tipo de bênção geralmente é ministrado pouco antes de um pai idoso morrer ou quando um jovem parte para uma viagem longa e talvez perigosa. A palavra bamba *uku-pala* (“abençoar”) sugere a ação de cuspir suavemente na pessoa que será abençoada. A pessoa que está ministrando a bênção evoca os maiores poderes espirituais que conhece para perto da pessoa que está sendo abençoada, a fim de lhe dar proteção, orientação, segurança e ajuda em tempos de necessidade. O que vem após a bênção é o *umutende* (“bem-estar”), que os judeus denominam *shalom* — um rico conceito que engloba paz interior e harmonia externa com os mundos material e espiritual.

No entanto, as bem-aventuranças não falam desse tipo de bênção! Jesus não está ensinando uma recepção passiva da aprovação de Deus. As bem-aventuranças são exclamações que expressam congratulações, algo como: “Oh, a bênção dos pobres de espírito!”. Elas ensinam que a bênção resulta da adoção de certas atitudes no presente. Todos os discípulos devem desejá-las e alcançá-las, mesmo que elas floresçam apenas no futuro. A bênção e a alegria que elas proporcionam têm raízes profundas e não são afetadas pelos altos e baixos da vida.

#### 5:3 Os humildes de espírito

A expressão *humildes de espírito* tem suas raízes na pobreza material (5:3a). O pobre não tem influência, poder ou prestígio. Naquela época, como agora, eram explorados. Esse estado de desamparo e destituição pode levar a uma profunda dependência de Deus (Lc 6:20). Em muitas cidades africanas hoje, certas pessoas usam a expressão “pela graça de Deus” para explicar como sobrevivem com muito menos de um dólar por dia, valor estabelecido pelas Nações Unidas como o mínimo absoluto para a sobrevivência.

Os “humildes de espírito” são, portanto, aqueles que perceberam seu total desamparo por conta do pecado em sua vida e reconhecem a completa dependência a Deus, tanto para as necessidades espirituais quanto para as materiais. Essa pessoa desenvolve desapego às coisas materiais e se apegar a Deus. Os ocidentais precisam aprender a se desapegar das coisas materiais, porém a maioria dos africanos precisa desapegar-se dos espíritos a fim de desenvolver uma confiança saudável e apegar-se ao verdadeiro Espírito, o Espírito Santo! Quem possui esse atributo é o povo de Deus: *porque deles é o reino dos céus* (5:3b). O versículo pode também significar que pessoas com essa característica são encontradas no reino dos céus. Nesse reino, não existe competição de interesses. Os que pertencem a ele aprenderam o segredo da total dependência a Deus, o que leva à total obediência à sua vontade.

#### 5:4 Os que choram

O termo *choram* (5:4a) é bastante associado à dor e ao sofrimento causados pelo luto, mas o choro também pode ser causado pelo reconhecimento do pecado e de suas consequências. É por isso que o choro está relacionado ao arrependimento. O choro vem com o verdadeiro reconhecimento do pecado cometido por uma pessoa ou pela sociedade. Esse reconhecimento pode ser despertado pelo ensinamento correto, por um bom exemplo, pelas consequências trágicas de um estilo de vida ou pelo toque da pureza e da santidade de Deus. Isaías viu o Senhor e clamou com amargura: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios” (Is 6:5).

As experiências pessoais e sociais combinadas lembram-nos da gravidade do pecado. Existe pecado em nossa vida,

em nossa cultura, em nossas estruturas econômicas e em tudo o que tocamos. O aquecimento global tem consequências trágicas e ameaça a sobrevivência humana. O mesmo acontece com a purificação étnica, que traz consequências devastadoras para qualquer país. As escolhas e atitudes pessoais produzem um catálogo de atividades humanas que nos fazem chorar de tristeza. Isaías tremeu de tristeza quando viu a pureza do Senhor, e nós sentiremos o mesmo pesar quando olharmos para a pureza de Jesus e para o desafio da crucificação. Deus, entretanto, vê esse pesar e retribui com consolo. Ele perdoa o pecado pessoal e seca o chão lavado pelo sangue de Jesus. Deus, no entanto, também inspira e fortalece os que choram, a fim de que possam remover as transgressões que levam ao pecado pessoal e estrutural. É isso o que significa a palavra “consolo”, pois deriva de um termo do latim que significa “fortalecer” (5:4b).

### 5:5 *Os mansos*

Temos a tendência de confundir mansidão com fraqueza. A fraqueza é caracterizada por indecisão, ausência de moral ou força física, medo ou baixa autoestima. Contudo, não são essas as características que Jesus aprecia. Ele está falando da mansidão (5:5a) que caracterizava Moisés (Nm 12:3) e o próprio Jesus (Mt 12:15-21). Ninguém pode acusar esses dois homens de fraqueza ou de indecisão! Mansidão é a capacidade de controlar e usar o poder apenas em benefício de outros. É o contrário das emoções arrogantes, egoístas, autoafirmativas e descontroladas. O manso fica zangado, mas no tempo certo, e não por causa do orgulho ferido. Ele coloca todas as suas habilidades e emoções sob o controle de Deus e não permite que circunstâncias pessoais adversas perturbem sua paz.

A recompensa dos mansos é que eles *herdarão a terra* (5:5b). Deus pode confiar a terra a pessoas assim, ou seja, a terra do futuro (Ap 21:1). Sabe que os mansos não irão destruí-la com desejos egoístas (cf. Sl 37:9-11), pois já possuem tudo em Cristo (2Co 6:10). Essa bem-aventurança será cumprida literalmente na plenitude dos tempos.

### 5:6 *Os que têm fome e sede de justiça*

Fome e sede sinalizam que precisamos de mais alimento ou de líquido. Se não atendermos a esse alerta, ficaremos famintos ou desidratados. As duas condições ameaçam a vida, mas podem ser facilmente corrigidas com a quantidade certa de comida ou de bebida. Contudo, as vontades naturais podem crescer e tornar-se finalidades em si mesmas. As pessoas podem encantar-se pela comida e pela bebida não porque precisam comer ou beber mais, e sim pelo amor absoluto à comida e à bebida. Desejos desse tipo tendem a se intensificar. São desejos enganadores, pois prometem muito, mas concedem pouco (Ef 4:22).

Sentir fome e sede por justiça é seguro, pois Deus sacia quem tem esse tipo de desejo (5:6). A bem-aventurança

nos desafia a buscar avidamente a justiça, a buscar a Deus e sua justa instrução da mesma forma que o faminto e o sedento buscam algo para comer e beber (Sl 42:1; 119:40). Essa busca não engana nem decepciona.

### 5:7 *Os misericordiosos*

Uma das parábolas de Jesus serve de comentário a essa bem-aventurança (18:21-25). Os que demonstram misericórdia serão alvo de misericórdia (5:7; 6:12-15; cf. tb. Tg 2:13). A misericórdia é uma resposta de amor a quem nos ofende, o qual pode ou não perceber a ofensa. Pela misericórdia, Deus retém coisas boas para os pecadores, enquanto pela graça estende seu amor aos que não merecem. A misericórdia implica a capacidade de entrar no mundo miserável de outra pessoa, sentir o que ela sente e agir para aliviar sua miséria. É uma compreensão intensa do próximo e de seus problemas. O samaritano demonstrou misericórdia quando cuidou de um homem abandonado à morte por ladrões, sem se preocupar com a própria segurança ou com o que lhe era conveniente (Lc 10:37).

A misericórdia nos convida a exercitar o perdão com mais frequência. Não podemos viver distantes e desapegados das outras pessoas nem de seus problemas. Deus, em Cristo, não permanece distante nem alienado. Ele sentiu nossa dor e entrou em nosso mundo com uma solução que jamais imagináramos. Quando exercemos a misericórdia, os outros nos tratam da mesma forma, e o próprio Deus, que já nos mostra misericórdia em Cristo, mostrará misericórdia ainda maior.

### 5:8 *Os limpos de coração*

O metal puro é aquele que não apresenta impurezas. O coração puro é aquele sinceramente dedicado a Deus (Dt 6:5). Quem é puro não possui motivos obscuros. Vemos os efeitos dessa pureza quando duas pessoas sofrem o mesmo desastre natural e perdem tudo, menos a vida. Uma amaldiçoa a Deus, enquanto a outra louva ao Senhor. Os que têm coração puro *verão a Deus*, isto é, contemplarão a ação de Deus no presente e o verão com os próprios olhos no futuro (5:8).

### 5:9 *Os pacificadores*

O Sudão, principalmente na região de Darfur, é hoje o lugar da África que mais precisa de pacificadores. No passado recente, presenciamos conflitos no Congo, em Uganda, em Angola, na Etiópia, em Serra Leoa, na Libéria, na Costa do Marfim, no Saara Oriental, em Ruanda e no Burundi. A África é um continente sangrento. Conflitos já destruíram a paisagem, e a devastação continua em escala alarmante. Ah, se Deus levantasse um exército de pacificadores! Mas quem são esses pacificadores e por que serão chamados “filhos de Deus”? (5:9)

“Paz seja com você” é uma saudação comum em muitas culturas. (Os bembas, p. ex., dizem *Mutendepo mukwai* ao saudar um desconhecido.) Quando Jesus apareceu aos dis-



cípulos após a ressurreição, usou a tradicional saudação hebraica para desejar paz (Jo 20:19). Sua saudação, porém, era diferente, pois ele era o Príncipe da Paz, o maior pacificador entre Deus e os seres humanos (Ef 2:14-18). Onde quer que seus discípulos preguem o evangelho, a fim de reconciliar as pessoas com Deus, eles trabalham como pacificadores e atuam como os filhos e filhas de Deus que realmente são. A pacificação, no entanto, é mais que reconciliação espiritual entre Deus e os seres humanos. Exige o trabalho atuante entre facções hostis. A África precisa desesperadamente de homens e mulheres de paz, filhos e filhas de Deus que façam da pacificação uma prioridade, para que o continente viva em paz. Os pacificadores são corretamente chamados *filhos de Deus* porque demonstram não apenas o relacionamento que têm com Deus, mas também a participação em sua obra mais característica. Agindo assim, criam esferas nas quais o reino dos céus se mostra eficaz.

### 5:10-12 *Os perseguidos*

Nos últimas duas décadas, na África e em outros lugares, constatou-se um aumento fenomenal da popularidade das igrejas pentecostais e carismáticas, principalmente das que pregam o chamado “evangelho da saúde e da prosperidade”. De acordo com esse evangelho, todos os filhos de Deus podem e devem pedir saúde e prosperidade como uma questão de direito. Apesar de sua popularidade, esse evangelho é inadequado porque lhe falta uma teologia do sofrimento. O sofrimento não é uma virtude em si, embora muitos — se não a maioria — dos profetas do AT tenham sofrido. Alguns até perdiam a vida quando comunicavam a mensagem de Deus a Israel. Jerusalém ganhou a reputação de matar os profetas (23:37-38). O próprio Jesus morreu em Jerusalém nas mãos dos que o perseguiam. Em diversas ocasiões, Jesus alertou seus discípulos a estar preparados para morrer em seu nome (Mc 8:34-35).

Essa bem-aventurança não diz que todo sofrimento leva à bênção. Há sofrimento que nos sobrevém por motivos alheios à justiça, mas os que sofrem por seguir a Jesus são abençoados, e o reino dos céus a eles pertence (5:10).

Os primeiros leitores de Mateus tinham muita experiência com o sofrimento. O cristianismo era uma religião nova e alvo de perseguição na família, no trabalho e principalmente por parte do governo. Os imperadores romanos consideravam-se divinos. Todo cidadão deveria, uma vez por ano, queimar um pouco de incenso a uma estátua do imperador e declarar: “César é senhor”. Os cristãos declaravam: “Jesus é Senhor”. Muitos morriam por não reconhecer o senhorio de César. Esse sofrimento é meritório e se compara ao sofrimento dos antigos profetas (Sl 44:22).

A perseguição é inevitável a quem vive uma vida justa (2Tm 3:12), pois a vida de justiça desafia a maldade nos indivíduos e na sociedade e perturba sua consciência. A retaliação é a tentativa de calar a fonte de perturbação da consciência, o que os leva a perseguir os cristãos. A per-

seguição aos cristãos é parte do significado da igreja, mas Deus recompensará os que sofrem pela causa de Cristo (5:11-12).

### 5:13-16 *Sal e luz*

Os discípulos que demonstram as qualidades citadas em 5:1-12 desempenham um papel importante na sociedade. São como sal, que purifica, preserva e acentua o sabor da comida, e irão influenciar a sociedade e transformar a terra num lugar mais agradável e salutar.

O sal que deixar de ser salgado perde essas características e se torna inútil (5:13). Normalmente o cloreto de sódio — o sal comum — não perde a salinidade, mas o sal usado na Palestina do século I era um pouco diferente. Era como o sal Cibwa, produzido nas vilas do distrito de Mpika, na Zâmbia. Era feito da queima de um tipo especial de capim que crescia nas salinas de Lwitikila. Filtrava-se a água através das cinzas, e a mistura era deixada ao sol para que evaporasse. Se a bola de sal resultante apanhasse chuva, o sal poderia ficar lixiviado. A bola perderia a salinidade e assim se tornaria inútil. O mesmo acontece com os discípulos que se recusam a viver segundo o chamado de Cristo. Eles não terão influência e se tornarão imprestáveis, pior que inúteis.

Os discípulos de Jesus também devem ser como a luz (5:14a). Os israelitas deviam estar familiarizados com essa imagem, pois tanto a nação de Israel quanto sua capital, Jerusalém, eram “luz para os gentios” (Is 42:6). Jesus, porém, declarou-se “a luz do mundo” (Jo 9:5). A luz que brilhará em seus discípulos não será uma luz própria, mas refletirá a verdadeira luz, Jesus, seu Senhor. Eles precisam estar ligados a ele da mesma forma que a lâmpada precisa estar conectada para funcionar, ou seja, iluminar.

A luz serve para iluminar, indicar a direção no escuro. De igual modo, o discípulo precisa ser visível. O discipulado secreto não é bíblico (5:14b-16a).

Se os cristãos são chamados para ser sal e luz, então o mundo ao qual são enviados necessita dessas virtudes. O mundo é um lugar de moralidade insípida, declínio e escuridão. O discípulo traz luz ao mundo por meio do testemunho que indica aos seres humanos a origem da luz e os atrai para ela: *vosso Pai que está nos céus* (5:16b).

### 5:17-20 *Jesus e a Lei*

No judaísmo, “a Lei” era, inicialmente, o Pentateuco, isto é, os cinco livros de Gênesis a Deuteronômio. O termo, entretanto, abarca também os Profetas e os Escritos. Portanto, todo o AT era a lei. Os líderes judeus estudavam o AT com muita atenção, porém muitas vezes se concentravam apenas nas regras e esqueciam o principal. Jesus quebrou essas regras, mas isso quer dizer que ele desrespeitou a lei? Não, na verdade a confirmou, dizendo: *Não vim para revogar, vim para cumprir* (5:17; cf. tb. Lc 16:16-17). Não existe divisão entre as duas partes da Bíblia. Jesus cumpre

os ensinamentos do AT. Ele fez tudo conforme a palavra de Deus. Sua vida e sua doutrina expressavam o significado das Escrituras (5:18-19).

A instrução de ser mais justos que os *escribas e fariseus*, dada por Jesus aos seus seguidores, era amedrontadora (5:20). Os fariseus eram especialistas na Lei. Passavam parte da vida estudando cada detalhe e aperfeiçoando suas regras. Eram admirados como pilares da sociedade. Jesus, porém, ensinou que somos salvos e justificados pela graça de Deus, não pela obediência a regras. Essa foi uma lição que Paulo, ex-fariseu, entendeu perfeitamente.

### 5:21-48 A aplicação da Lei

Depois de afirmar que viera para cumprir a Lei, Jesus mencionou seis passagens da Lei e revelou a verdade por trás delas. Em cada exemplo, ele citava um trecho das Escrituras e então, utilizando um método comum de ensino, explicava o significado mais profundamente. Dessa forma, conclamou o povo a uma justiça maior que a dos escribas e fariseus e estabeleceu sua autoridade não apenas sobre aqueles líderes religiosos, mas também sobre todo o AT. Foi além da compreensão legal e literal dos textos e revelou a essência e a inspiração por trás dos escritos sagrados. Jesus podia ir além dos feitos dos escribas, pois sua autoridade era maior. Assim, ao fazer uso da expressão *eu, porém, vos digo*, não estava contradizendo as Escrituras, mas condenando qualquer interpretação falsa (5:22).

### 5:21-26 Homicídio, litígio e julgamento

Jesus começa com o sexto mandamento (5:21; cf. tb. Êx 20:13) e observa que o pecado não é somente o ato de tirar a vida de um ser humano, mas também a ira que leva à ação destrutiva. É a mesma ira expressa em palavras quando rotulamos alguém de *toló*. Esse insulto é semelhante à expressão “filho de um cão”, comum na África. Alguns judeus levavam os insultos tão a sério que as pessoas que os proferiam eram encaminhadas ao Sinédrio (o conselho judaico), porém Jesus diz que todos os insultos dirigidos a irmãos e irmãs têm como penalidade o *inferno de fogo* (5:22). É errado insultar os outros, e Deus julgará quem o fizer.

A palavra grega traduzida por “inferno” vem do nome do vale de Hinom — uma profunda ravina do lado de fora de Jerusalém. Ali reis malévolos como Acáz queimavam seus filhos em sacrifício (2Rs 23:10; Jr 7:31-32), mas no tempo de Jesus era um depósito de lixo, onde o fogo queimava dia e noite. Era um símbolo apropriado para o inferno.

Jesus vai além e diz que a ira não pode levar ao homicídio nem ao insulto e que ignorar a raiva ou controlar o temperamento não é o bastante. Ele insiste em que lidemos com nossa raiva, buscando a reconciliação completa (5:23-26). Aqueles cujo coração arde em rancor não podem oferecer a verdadeira adoração. A raiva destrói a fibra moral.

### 5:27-30 Luxúria e adultério

O sétimo mandamento — *Não adulterarás* (5:27; cf. tb. Êx 20:14) — proibia o relacionamento sexual entre pessoas que não eram casadas. A compreensão geral da sociedade judaica era de que a mulher deveria ser casta antes do casamento e fiel depois dele. O homem, porém, era livre para ter relações sexuais, desde que fosse discreto e não envolvesse uma mulher casada, o que infringiria os direitos de outro homem. O povo dos tempos de Jesus era bem “moderno” nessa questão.

Jesus não faz distinção entre homens e mulheres, e seus ensinamentos vão além do ato físico do sexo ilícito para a lascívia interior que pode levar ao ato físico. O desejo interior pode ser tão perigoso quanto o pecado físico externo (5:28). Logo, é preciso ser radical ao lidar com os desejos (5:29-30). Jesus não está ordenando que mutilemos nosso corpo, mas dizendo que não devemos usar nossos sentidos (visão, olfato, paladar, tato e audição) para estimular a lascívia proibida. O cristão deve escolher cuidadosamente o que vê, cheira, prova, sente e ouve.

### 5:31-32 Divórcio e novo casamento

No passado, as mulheres não eram muito respeitadas e estavam sempre à mercê do pai, dos irmãos ou do marido. Moisés havia criado uma lei para proteger a mulher do marido inconstante, a fim de que, após o divórcio, ele não mais exercesse autoridade sobre ela (5:31; 19:8; cf. tb. Dt 24:1-4). A carta de divórcio protegia o direito de casar-se outra vez, sem a interferência do ex-marido. Estudiosos judeus usavam essa lei como base para longas discussões sobre quais eram as bases legítimas do divórcio. Alguns diziam que o único fundamento do divórcio era a infidelidade sexual, enquanto outros permitiam o divórcio por qualquer motivo — como a opção de uma mulher mais bonita, a falta de habilidade culinária e brigas.

As palavras de Jesus reafirmam o verdadeiro significado do compromisso do casamento e a solenidade da união matrimonial (5:32; para mais ensinamentos acerca do divórcio, cf. 19:1-12).

### 5:33-37 Juramentos

Os zambianos costumam usar os juramentos para afirmar a verdade do que estão dizendo ou a certeza das promessas feitas. O juramento significa que Deus é testemunha do que foi dito e, se estou mentindo, que eu morra atingido por um raio. Os judeus também faziam muitos votos, alguns deles para Deus. As Escrituras exigiam que os votos fossem cumpridos (5:33; cf. tb. Nm 30:2; Dt 23:21; Sl 50:14). Negativamente, Jesus diz que é errado usar o juramento para criar uma impressão (possivelmente falsa) de compromisso. Numa situação em que, por exemplo, a necessidade de proteger um ser amado estiver em conflito com a obrigação de falar a verdade, devemos decidir se a fidelidade ao nosso amado é prioridade em relação a outros valores. Tais



situações, porém, são muito raras. Na maioria dos casos, o discipulado cristão exige sinceridade, por mais que lhe seja custoso.

### 5:38-42 Retaliação

*Olho por olho, dente por dente* (5:38; cf. tb. Êx 21:24) foi um grande avanço legal na época, pois significava que a justiça não dependia da capacidade da pessoa de se vingar, e a punição não excedia o crime. O juiz usaria essa diretriz para avaliar os danos e, portanto, a punição. Muitas vezes, esses danos eram convertidos em pagamentos em dinheiro. Jesus não pede que seus discípulos ignorem os princípios básicos da justiça, mas procura uma atitude que acabe com a vingança; uma atitude de quem *dá a quem te pede e não volta as costas ao que deseja que lhe empreste* (5:39-42). Os cristãos devem ser generosos, mesmo com os que aparentam ser opressores.

O que permeia esse argumento é a ideia de que a pessoa prejudicada não deve entregar sua liberdade ao opressor. É preciso manter a iniciativa e agir de modo que o surpreenda, fazendo-o, arrepender-se de seus atos (Rm 12:20).

### 5:43-48 Inimigos

Em Levítico 19:18, o mandamento *Amarás o teu próximo* se referia ao irmão israelita (5:43a). As atitudes para com os estrangeiros e os israelitas que abandonaram a fé eram bem diferentes (Êx 34:12; Dt 7:2; 23:3-6; Sl 139:21-22). Apesar de *Odiarás o teu inimigo* (5:43b) não ser um mandamento no AT, pode ser deduzido com base nas passagens citadas. Jesus ordenou que seus seguidores amassem os inimigos (5:44). A palavra traduzida por “amar” é *ágape*, que significa um forte comprometimento de boa vontade em relação a outra pessoa, independentemente de ela o merecer ou não.

Nossa atitude em relação a estrangeiros, os que não são amáveis e os que não amam, e mesmo em relação àqueles que nos perseguem, não deve ser de ódio, rejeição ou indiferença.

### 6:1—7:29 Deveres religiosos

O tema do sermão passa agora das relações humanas para as obrigações religiosas, como a caridade, a oração e o jejum, e para afirmações sobre a ansiedade. A seção começa com um conselho (6:1). O objetivo de *exercer a vossa justiça* é atender a uma necessidade, e deve-se evitar chamar atenção para si. A pessoa que pratica a caridade, ora ou jejuia a fim de atingir a reputação de piedosa cai na armadilha da hipocrisia.

#### 6:2-4 Caridade

A maioria dos habitantes do planeta é pobre. Por isso, precisamos ser generosos em nossas ofertas. Na verdade, os judeus consideravam a caridade um dever sagrado (Dt 15:7-11; Sl 112:9). Os rabis ensinavam que é melhor ofertar em segredo. Ao rabi Eliézer (séc. II) é atribuída a

autoria desta frase: “Aquele que oferta em silêncio é maior que Moisés”. Esse conselho, entretanto, nem sempre foi seguido. As esmolas aos pobres eram recolhidas nas reuniões da sinagoga, e muitas vezes os doadores contribuíam com somas substanciais apenas para serem notados. Ostentavam sua riqueza numa atitude prepotente a fim de chamar a atenção para si. Era equivalente a anunciar suas esmolas com *trombeta* (6:2a).

Essas pessoas são *hipócritas*, ou atores (6:2b). Os elogios e a admiração que recebem do povo é todo seu pagamento. É melhor ofertar em segredo para que o beneficiado não fique constrangido e que apenas *teu Pai, que vê em secreto*, saiba (6:3-4). A recompensa ao doador será muito maior e mais significativa, pois suas consequências são eternas. Essa recompensa será dada pelo próprio Deus.

#### 6:5-15 Oração

6:5-8 PRINCÍPIOS DA ORAÇÃO. A oração era parte importante da vida religiosa judaica. Os judeus devotos oravam três vezes por dia: ao amanhecer, ao meio-dia e ao anoitecer (Dn 6:10; At 3:1). Apesar de não termos provas históricas da oração ostensiva nas ruas, é provável que algumas pessoas organizassem sua rotina para que o período de oração coincidissem com a hora em que estivessem na esquina (6:5). Jesus questiona os motivos daqueles que oram para impressionar os outros.

Jesus também condena as orações que são meras repetições (6:7). Aparentemente, as orações dos gregos eram extensas e incluíam diversos títulos para o deus a quem oravam, a fim de chamarem sua atenção, mas não precisamos fazer isso para que Deus nos note. Deus sabe a respeito de que estamos orando antes mesmo de pedirmos (6:8).

Então, como devemos orar? Jesus não decretou nenhuma postura particular para o ato da oração nem condena a oração pública em si. Entretanto, se tal oração for necessária, deve ser direcionada a *teu Pai*, não aos que estão à nossa volta. A maior parte de nossa oração deve ser feita na privacidade, pois expressa o relacionamento entre a pessoa que está orando e *teu Pai, que vê em secreto* (6:6).

6:9-15 A ORAÇÃO DO PAI-NOSSO. A maioria das pessoas que oram na Bíblia começa dirigindo-se a Deus (6:9; cf. tb. Dn 9:4; Ne 1:5). Tanto Daniel quanto Neemias começam suas orações com algum aspecto de Deus, que logo se torna o foco da oração e a partir do qual surgem outros assuntos. Jesus faz o mesmo em sua oração, ao se dirigir a Deus como *Pai nosso, que estás nos céus* (6:9).

A paternidade Deus era muito apreciada no pensamento judaico (Dt 32:6; Is 63:16; 64:8). Os judeus, porém, não usavam o termo *Aba* [Papai] que Jesus usa em Marcos 14:36. Os cristãos adotaram *Aba*, que expressa um relacionamento de intimidade, como forma de dirigir-se a Deus em oração (Rm 8:15). Devemos chegar a Deus com a confiança de uma criancinha que se aproxima de seu pai. Os pais humanos às vezes rejeitam os filhos, mas Deus nunca o fará.



Em muitos lugares da África, o relacionamento entre pais e filhos tende a ser tradicionalmente formal. Da mesma forma, os judeus respeitavam a Deus como seu Pai. Na África, porém, o relacionamento entre gerações alternadas é mais íntimo. O neto se relaciona com os avós em completa liberdade e informalidade. É esse tipo de relacionamento íntimo que Jesus nos encoraja a estabelecer com Deus.

A intimidade, todavia, não significa desrespeito, como fica claro nos primeiros pedidos dessa oração. Tudo é dirigido a Deus: seu *nome*, seu *reino* e sua *vontade* (6:9-10).

- O *nome* de Deus deve ser sempre honrado e nunca usado de maneira casual. Ao orar *Santificado seja o teu nome* (6:9), estamos pedindo que nós, os seguidores de Jesus, tratemos seu nome como santo, fazendo que os outros também o tratem assim. Usar o nome de Deus de outra forma é errado. O nome de Deus não é um xingamento nem uma exclamação. Devemos usá-lo com temor e reverência, apesar da intimidade de nosso relacionamento.
- O *reino* de Deus já está estabelecido em Jesus e onde estiverem seus seguidores, mas, ainda assim, devemos orar pelo dia em que todo o mundo conhecerá sua lei (6:10a).
- A *vontade* de Deus é algo pelo qual devemos orar a fim de que seja seguida por todas as pessoas do mundo (6:10b).

A preocupação com o “nome”, o “reino” e a “vontade” de Deus servem de base para o segundo grupo de petições, as quais falam das necessidades humanas: alimento, perdão e orienta;’ao.

- Somos motivados a pedir *o pão nosso de cada dia*, ou seja, as provisões materiais (6:11).
- Temos propensão ao pecado, o que prejudica nossa relação com Deus. Por isso, precisamos constantemente restaurar esse relacionamento por meio do perdão. A palavra *dívidas* nos lembra que devemos a Deus muito mais que dinheiro. A frase *assim como nós temos perdoado aos nossos devedores* (6:12) não se aplica apenas a quem nos deve dinheiro. Nosso devedor é qualquer pessoa que nos tenha ofendido. Essa frase não significa que Deus esteja condicionado ao perdão que concedemos aos outros. É apenas um lembrete de que devemos perdoar da mesma forma que buscamos o perdão do Senhor (6:14-15). Os que sabem perdoar serão mais abertos ao perdão de Deus e dos outros.
- Entregamos nosso futuro a Deus quando pedimos que ele nos oriente a fim de livrar-nos da *tentação* e das armadilhas do *mal* (6:13). Deus não tenta a ninguém, mas Satanás nos tenta, pois deseja que os seguidores de Cristo fracassem na fé.

### 6:16-18 Jejum

O jejum não é ordenado no AT, exceto no Dia da Expição (Lv 16:29; 23:26-32), embora a prática fosse comum entre os judeus nos tempos de tristeza, penitência ou julgamento (Jz 20:26; 2Sm 3:35; Ne 1:4-7; Zc 7:5). Indivíduos (Sl 35:13) e nações inteiras jejuavam (Et 4:16; Jn 3:4-10). Às vezes, o jejum era feito como parte da preparação de um encontro com Deus (Êx 34:28), como intensa oração (Jr 14:11-12), em tempos de crise (Jl 1—2), para proteção em jornadas perigosas (Ed 8:21-23) e em casos de morte (2Sm 1:12).

No NT, está escrito que Jesus jejuou quarenta dias e quarenta noites antes de começar seu ministério público (4:2). Os discípulos de João Batista e os fariseus jejuavam regularmente (Lc 5:33; 18:12). Jesus parece sugerir que seus discípulos não tinham motivo para jejuar enquanto estivessem com ele (9:14-15; Mc 2:19-20).

Para muitos, o jejum era simplesmente um meio de parecer puro, sendo destituído de qualquer significado (6:16). Jesus ensina que o jejum, assim como as esmolas e a oração, não deve ser ostentoso. Deve, isso sim, ser um período de tempo em que se tenha uma conversa mais íntima com Deus, *que vê em secreto* (6:17-18). As palavras do profeta Isaías são tão importantes hoje quanto o eram em sua época (Is 58:2-8).

### 6:19-24 Riqueza

A abundância material está associada ao materialismo. Mesmo que a maioria dos africanos seja pobre, não significa que estamos livres do materialismo. Muitos de nós ansiamos pelo conforto material que vemos nas revistas. Um dos problemas da África é o incentivo aos padrões ocidentais de consumo sem a disciplina econômica para atingi-los. Esse anseio por riquezas materiais serve de combustível para o evangelho da prosperidade em muitas partes da África.

Jesus alerta sobre o grande perigo espiritual nesse caminho: *Ninguém pode servir a dois senhores* ou, literalmente, Mamom, o deus cartaginês da riqueza (6:24). O anseio pelos bens materiais pode transferir nossa devoção a Deus para o deus da riqueza. Paulo, acertadamente, diz que “o amor do dinheiro é raiz de todos os males” (1Tm 6:10). Os cristãos devem cultivar o desapego aos bens materiais. O dinheiro deve ser nosso servo a serviço de Deus, não um deus que nos escravize.

Os tesouros da terra costumam decepcionar seus donos. Eles não oferecem segurança permanente. Roupas, até mesmo as mais caras, ficam velhas e comidas de traça. A ferrugem destrói metais, e existe sempre o perigo do roubo (6:19). Até o dinheiro pode deteriorar-se por causa da inflação. Em 1986, adotei uma política de poupança segundo a qual após trinta anos eu teria juntado 45 mil kwachas zambianos, o suficiente para comprar uma casa de campo. Cinco anos depois, o salário de uma professora primária era de 110 mil kwachas por mês! Minha política de poupança mostrou-se inútil!

O dinheiro e as riquezas são úteis como meios de sustento, mas não devemos confiar neles. Apenas os tesouros guardados no céu são de fato seguros. Eles não perdem o valor porque estão guardados contra a depreciação e a deterioração (6:20). Esses tesouros são adquiridos pela obediência a Deus em todas as áreas da vida.

A referência aos olhos bons que resultam num corpo luminoso e aos olhos maus que resultam num corpo cheio de escuridão (6:22-23) esclarece que a devoção sincera a Deus e as atitudes generosas para com os outros produzem riqueza espiritual e material. No entanto, a má vontade e a falta de generosidade conduzem a uma espécie de cegueira, que levará ao estado de escuridão e materialismo egoísta, que não mostrará a luz no futuro.

#### 6:25-34 *Ansiedade e confiança*

É importante tomar a atitude correta em relação os bens materiais. A instrução de Jesus *Não vos inquieteis com o dia de amanhã* (6:34) não proíbe o cuidado, a sensatez e a provisão para o futuro, pois são qualidades positivas, mas proíbe a preocupação exagerada com roupas, comida e futuro que consuma a pessoa de forma que não haja mais alegria em viver. O discípulo deve unir trabalho e confiança em Deus em relação ao futuro. O rico não deve concentrar-se em sua riqueza, nem o pobre em sua miséria.

*As aves do céu* trabalham duro para alimentar os filhotes. Mesmo assim, não se consomem de preocupação quanto ao alimento que darão às suas crias. O Deus que alimenta as aves é o Pai celeste dos discípulos. Proverá aos seus filhos da mesma forma que provê aos filhotes das aves (6:26).

A preocupação não ajuda em nada (6:27-28). É absolutamente inútil. Absorve tanta energia que a pessoa fica paralisada, incapaz de agir. Precisamos reconhecer que as necessidades da vida são importantes, mas não devem tornar-se uma paixão destruidora. O vestuário de Salomão torna-se insignificante diante da simples beleza de uma flor (6:29). A flor tem vida curta, mas Deus a enche de beleza mesmo assim. Quanto mais ele pode oferecer em roupas e comida às criaturas feitas à sua imagem (6:30-32)? Ele conhece nossas necessidades e irá supri-las, embora não nos conceda necessariamente tudo o que desejamos. Em vez de nos preocupar, devemos aprender a servir ao Senhor de todo o coração, fazendo o melhor e descansando nele (6:33).

#### 7:1-6 *Julgando os outros*

Jesus é o único que julgará os vivos e os mortos (Jo 5:22,29; 2Tm 4:1) e os segredos do coração do povo (Rm 11:33). Ele pode condenar o ser humano à punição eterna (Rm 5:16; Hb 6:2). No entanto, somente Deus e seu Cristo podem fazer isso, não os discípulos, que devem passar a Deus a tarefa de julgar os outros (7:1-2).

Mais um motivo pelo qual buscamos não participar do julgamento de outras pessoas está ilustrado na imagem do *argueiro* e da *trave* (7:3-5). É fácil pôr a culpa em outra

pessoa enquanto estamos cegos pelas nossas falhas. Além disso, jamais estamos em posição de compreender realmente todos os fatos e somos propensos à parcialidade e ao preconceito. Existe apenas um ser que não erra: Deus. Só ele, portanto, é capaz de julgar. Os discípulos que usurpam essa prerrogativa por ele serão julgados.

Mesmo não julgando nem condenando os outros, ainda devemos exercer o discernimento. O que Jesus quer dizer com a citação das pérolas e dos porcos pode ser ilustrado por um conto popular bamba. Um perigoso leopardo vivia numa árvore muito alta. As pessoas tentaram atraí-lo de cima da árvore, mas nunca conseguiram, até que um dia um homem levou um cachorro e uma cabra à árvore. Ele os amarrrou e deu-lhes comida. Colocou *nshima* (comida para humanos que os cachorros comem, mas as cabras não) na frente da cabra e deu capim para o cachorro. Os dois recusaram a comida, mas o homem continuou insistindo em dar capim para o cachorro e *nshima* para a cabra.

O leopardo, que observava tudo, disse ao homem que este devia dar *nshima* ao cachorro e capim para a cabra. O homem respondeu com um provérbio: *Kalangilala wa muntu: alapalama* ("Aquele que quer orientar um homem deve aproximar-se"). Se o leopardo quisesse realmente ajudá-lo, então que descesse da árvore e lhe mostrasse o que fazer. O homem continuou tentando alimentar os animais com a comida errada. Finalmente, o leopardo não aguentou tanta estupidez e desceu da árvore, colocou o *nshima* diante do cachorro e o capim diante da cabra. Enquanto fazia isso, porém, o homem apanhou um machado e matou o leopardo.

O elemento-chave desse conto é a estupidez de tentar dar boa comida a um animal que não irá comê-la. Todos sabem que isso é inútil e que o único resultado é a frustração de todas as partes interessadas. A mesma ideia está por trás da frase de Jesus: *Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas* (7:6). Cães e porcos comem qualquer coisa e eram considerados impuros. Seria perverso sugerir que eles poderiam comer coisas santas, como ofertas de sacrifício, ou ser alimentados com pedras preciosas. Da mesma forma, os discípulos não deveriam oferecer o evangelho aos que não lhe dariam valor ou o trariam com desdém. A igreja primitiva entendia que quem não era batizado e, portanto, era impuro não deveria participar da mesa do Senhor (a Santa Ceia). O contexto, porém, parece sugerir que Jesus está aconselhando seus discípulos a distinguir entre os que sinceramente honram a palavra de Deus e os que irão tratá-la com desdém ou usá-la como ferramenta para atingir objetivos pessoais.

#### 7:7-11 *Oração perseverante*

Jesus volta ao assunto da oração, sobre o que já havia comentado em 6:5-15. (Isso pode indicar que o texto do Sermão do Monte não foi pregado numa única ocasião e que Mateus compilou seu texto usando diversas fontes.) *Pedi, buscai e batei* (7:7) são metáforas para a oração. Os



discípulos têm confiança suficiente para persistir na oração. Como os seres humanos respondem positivamente aos apelos repetidos, também o Pai celestial responderá à oração persistente (7:8).

Apesar da tendência humana para o mal, os pais não dão pedras aos filhos quando estes lhes pedem pão, nem uma cobra quando lhes pedem peixe (7:9-10). Ora, o ser humano não pode ser mais generoso que Deus: *quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?* (7:11). A passagem paralela de Lucas sugere que a dádiva mais importante que recebemos de Deus é o Espírito Santo (Lc 11:9-13).

### 7:12 A Regra de Ouro

O ensinamento ético de Jesus até aqui pode ser resumido nesta declaração: *Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles* (7:12; cf. tb. Lv 19:18). Essas palavras resumem a vontade de Deus revelada por meio da *Lei* e dos *Profetas*, isto é, todo o AT (cf. 22:37-40). A frase ressalta a importância do povo e de suas relações. Não basta evitar fazer o mal aos outros, embora isso seja muito importante: devemos também deixar o que estamos fazendo para ajudá-los em tempo de necessidade. A exemplo do bom samaritano, não devemos comemorar a desgraça dos inimigos. Em vez disso, devemos dispor-nos a ajudá-los, mesmo que isso implique muitos riscos e gastos (Lc 10:25-37). Temos a responsabilidade de pôr a necessidade de outras pessoas acima da nossa. O tribalismo não seria essa praga no cenário social e político africano se grupos como os tutsis tratassem os hutus dessa maneira, e vice-versa. Talvez somente o Espírito Santo possa dar-nos a capacidade de viver de forma altruísta.

### 7:13-29 O verdadeiro e o falso discipulado

Portas, frutos e construções são as metáforas utilizadas nessa seção para distinguir entre o verdadeiro e o falso discipulado. Os verdadeiros discípulos entram pela porta estreita, produzem bom fruto e constroem sua vida sobre a rocha, que é a sabedoria proveniente das palavras de Jesus. Os falsos discípulos entram pela porta larga, geram mau fruto e constroem sua vida sobre a areia, ou seja, sobre a sabedoria mundana, que não condiz com as palavras de Jesus.

7:13-14 DUAS PORTAS. Jesus deixa claro que existem apenas dois caminhos diante de nós, e que é fundamental escolher sabiamente (Dt 30:19-20; Js 24:14-15; Sl 1:6; Jr 21:8). O caminho largo é bem espaçoso e fácil de encontrar. Não é preciso parar e pensar antes de entrar nele, pois ele chega naturalmente. Sua porta é larga, mas leva à destruição (7:13).

O caminho estreito, ao contrário, é inconspícuo e leva a uma porta pequena, mas é o caminho para a vida (7:14). Os que desejam seguir esse caminho devem procurar com atenção. Não é uma forma fácil nem natural de viver. Como Jesus já deixou claro, a vida de discípulo não é fácil, mas imensamente compensadora, e é o único caminho.

7:15-23 FRUTO BOM E FRUTO MAU. Em 5:11-12, a igreja, representada pelos discípulos, está sujeita a ataques externos, pois muitos são perseguidos por causa do amor à justiça. Nessa passagem, a ameaça é interna, vinda dos líderes eclesiais.

O ministério profético do AT contava com grandes profetas, como Elias, Isaías e Jeremias. Alguns deles, como Elias (e João Batista), vestiam roupas iguais à dos povos mais pobres, ou seja, pele de ovelha ou de camelo do avesso com o pelo costurado contra o corpo (3:4; cf. tb. 1Rs 19:19; 2Rs 18:1).

Nos tempos do NT, também havia os que doavam todos os seus bens e dedicavam a vida para andar pelo mundo pregando a palavra de Deus. Alguns deles, porém, embora parecessem profetas (metaforicamente *disfarçados em ovelhas*), eram na verdade falsos profetas. Eram como lobos famintos por sua presa (7:15; cf. tb. Ez 22:27; At 20:29). Citavam frases de efeito que se adequavam ao gosto do público, mas não à palavra de Deus. Jeremias disse que eles ofereciam paz quando não havia paz (Jr 6:14; 8:11).

Os falsos profetas haviam descoberto um jeito fácil de viver bem. Sob o pretexto de um ministério respeitado, comunicavam a mensagem de Deus e, em troca, recebiam boa hospitalidade. Ainda hoje, pode-se dizer que em economias pobres existem apenas dois bons empregos: tornar-se ministro do governo ou ministro de igreja! Muitos ministros eclesiais têm como único interesse levar uma vida fácil. Estão preocupados com o próprio bem-estar, e não com o da congregação. Como seus equivalentes do AT, pregam um evangelho fácil e atraente, que despreza as exigências mais difíceis do verdadeiro evangelho impostas aos seguidores de Jesus.

Os falsos profetas serão facilmente identificados por seu fruto (7:16-18). A palavra “fruto” é usada de diversas formas na Bíblia. Quando se refere ao fruto de uma árvore (12:33; 21:19) ou a uma prole (Êx 1:7; Mq 6:7), indica algo que cresce naturalmente. Também pode significar crescimento espiritual. Plantar a semente da palavra de Deus produz naturalmente uma seara de almas para o reino dos céus (Mc 4:13-20). Qualquer obra verdadeira do Espírito produz fruto no caráter humano: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5:22-23).

Os falsos profetas podem ser convincentes ao clamar em nome de Jesus (7:21) e são capazes de profetizar, realizar milagres e expulsar demônios (7:22). Devemos ter discernimento e observar seu caráter para não sofrermos engano. A vida deles demonstra o fruto do Espírito? Felizmente, um dia ficará claro quais profetas são verdadeiros e quais são falsos, pois a vida de todos será exposta pelo Senhor (7:19,23).

7:24-29 CONSTRUTOR PRUDENTE E CONSTRUTOR INSENSATO. Devemos tomar cuidado para não nos decepcionarmos com as aparências. Duas casas, assim como dois cristãos, podem parecer iguais por fora, mas a diferença entre elas (e entre

o cristão falso e o verdadeiro) será revelada quando vierem as provações. Uma casa construída na areia, apesar de bonita, não terá firmeza suficiente nos alicerces para resistir à força das águas (7:26-27).

O construtor sábio lança os fundamentos na rocha sólida. A rocha a que Jesus se refere aqui é o ensino (7:24-25) — o firme fundamento sobre o qual as verdadeiras igrejas e os verdadeiros cristãos devem construir sua vida.

Ficamos alegres por saber que muitas igrejas da África — talvez a maioria — estão lotadas. Causa forte impressão o fato de que muitas escolas de ensino fundamental e médio, hotéis, faculdades e restaurantes transformam-se em igrejas aos domingos. O crescimento da igreja na África é fenomenal. Mas seria tudo o que parece ser? Se o povo está apenas ouvindo as palavras de Jesus, sem no entanto cumpri-las, a igreja está construída sobre a areia. O conhecimento deve ser traduzido em ação, e a teologia, em vida.

Jesus era, sem dúvida, um mestre singular. *Ele as ensinava* [as multidões] *como quem tem autoridade* (7:29). Suas palavras eram a base do julgamento. Sua autoridade não era baseada na reinterpretação dos textos antigos, e sim na autoridade pessoal de quem era o Criador. As multidões, sempre presentes no cenário do ministério de Jesus, reconheciam essa realidade.

## 8:1—9:34 O ministério de Jesus: parte 1

Nos capítulos 8 e 9, Jesus demonstra seu senhorio sobre diferentes aspectos da criação. Seus atos revelam que o reino de Deus já está presente, embora não em sua plenitude.

### 8:1-4 A cura de um leproso

Em todas as sociedades, há pessoas portadoras de deficiências físicas. Por esse motivo, elas se sentem excluídas, isoladas ou algo pior. Nas culturas budistas e até em algumas culturas africanas, qualquer espécie de incapacidade é vista como punição por maldades ou contravenções numa vida passada e, portanto, como motivo de rejeição. Os orfanatos estão repletos de crianças deficientes abandonadas. Milhões com HIV/aids na África recebem tratamento de renegados.

Em Israel, o *leproso* era rejeitado (8:2). Provavelmente, não se tratava da doença conhecida como lepra nos dias de hoje, e sim de uma variedade de problemas de pele, como sarna, lúpus e dermatofitoses. O leproso era oficialmente impuro e excluído da sociedade. Quando se aproximava de alguém saudável, era obrigado a dizer: “Imundo! Imundo!”, para que os outros pudessem evitar a contaminação por contato (Lv 13:45-46).

Essa passagem mostra que Jesus tinha poder para curar doenças aparentemente incuráveis e compaixão para restaurar os que lutavam desesperadamente com algum estigma social, isolamento e solidão.

O *leproso* aproximou-se de Jesus de forma corajosa, porém humilde (8:2). Não foi enxotado pela multidão, apesar

de correr o risco da humilhação ou coisa pior. Em sua mente, a questão não era se Jesus era capaz de curar, mas se desejava fazê-lo. Ao longo da história, Deus mostrou-se capaz de debelar qualquer doença incurável (2Rs 5:1,7-15). O leproso, no entanto, não agiu com presunção. Humildemente ajoelhou-se diante de Jesus e pediu o que só o Senhor pode fazer. Jesus, por sua vez, curou o homem. Estendeu a mão e tocou o leproso, coisa que ninguém saudável ousaria fazer (8:3; cf. tb. Lv 5:3)! Jesus também demonstrou seu respeito pela lei e orientou o homem a procurar o sacerdote para restaurar sua condição social (5:17-20).

Jesus instruiu-o: *Olha, não o digas a ninguém*. Isso nos lembra que Jesus não se preocupava em chamar atenção para si, mas se concentrava nas necessidades do ser humano em desespero (8:4).

### 8:5-13 A fé de um centurião

Racismo, nepotismo, sexismo, tribalismo e outras formas de egoísmo são escândalos que incomodaram a igreja africana. O sistema de *apartheid* da África do Sul foi uma expressão especialmente brutal de racismo, enquanto o genocídio de Ruanda mostrou o poder maligno do tribalismo. Nos dias de Jesus, a segregação era baseada na religião (os judeus menosprezavam os gentios), no poder (os romanos menosprezavam os povos conquistados) e no gênero (os homens menosprezavam as mulheres).

O *centurião* de 8:5 era um gentio, um oficial romano que comandava até cem soldados (8:9). As tropas romanas eram odiadas pelos judeus, por serem representantes dos colonizadores e adoradores de outros deuses, inclusive do imperador “divino”.

O centurião reconhecia que, apesar de ser uma pessoa influente, Jesus era ainda mais influente em relação à cura. Então, aproximou-se do Senhor com respeito (8:6). A passagem paralela de Lucas 7:1-10 indica que ele usou um intermediário, em vez de falar com Jesus pessoalmente. Mateus não menciona isso. Precisamos aprender muito sobre humildade com esse centurião. Muitos de nós aproveitamos da nossa posição social como se ela fosse um valor permanente. Esse tipo de atitude leva à arrogância, mesmo entre pastores e bispos.

Jesus consentiu em ir à casa do centurião curar o servo (8:7), mas o centurião protestou, dizendo que não merecia que Jesus entrasse em sua residência (8:8a). Essa objeção pode ter evitado que Jesus ficasse cerimonialmente impuro por entrar na casa de um gentio. O centurião, porém, tinha uma impressionante visão da autoridade de Jesus. Utilizando uma expressão derivada de sua autoridade militar, alegou que Jesus era um homem sujeito a autoridade (autoridade de Deus) e, portanto, poderia simplesmente ordenar a cura de uma doença, mesmo longe do enfermo (8:8b-9).

O centurião espelhou-se num aspecto da organização militar, com a qual estava familiarizado, para demonstrar sua fé em Jesus. Se sua cultura gentia militar permitia



determinada forma de expressar fé em Jesus, então algumas culturas africanas são capazes de fazer o mesmo. Não precisamos tomar por empréstimo metáforas e categorias de outras culturas. Devemos valer-nos de nossos próprios padrões e processos de pensamento para tornar a fé cristã compreensível aos africanos.

Outra verdade importante que o centurião reconheceu é que a autoridade sempre é derivada. Existe apenas um soberano no universo, e é Deus. Todos os outros líderes possuem autoridade delegada, com permissões e limitações. Um provérbio bamba diz: *Umulilo ucingile abakalamba: ta oca* (“O fogo protegido pelo ancião não é perigoso”). A liderança pode tornar-se perigosa, a menos que seja “protegida”, isto é, regulada por aqueles com maior autoridade, como a que usufruem os anciãos nas comunidades africanas.

A autoridade do centurião era limitada e regulamentada pelo Império Romano. Da mesma forma, a autoridade de Jesus era limitada e regulamentada por Deus. Qualquer pastor, bispo, evangelista ou apóstolo deve exercer liderança com a compreensão de que todos estão sob a autoridade máxima de nosso Senhor. A igreja é dele, assim como seu povo. Exercemos nela uma função modesta, como líderes comprometidos com a obra, para glória e alegria do Senhor.

O centurião também demonstrou grande discernimento em relação à natureza da fé. Pela perspectiva humana, ele reconheceu que o poder reside na pessoa. Uma ordem proferida por alguém com autoridade tem efeitos poderosos. A ordem de Jesus podia fazer que as pessoas o seguissem (9:9), podia acalmar mares agitados (8:26; cf. tb. Mc 4:39) e trazer o universo à existência (Jo 1:3; cf. Hb 11:3). As palavras do centurião nos fazem lembrar que a fé é a crença ou a confiança não em um sistema, mas na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Jesus elogiou o centurião por sua grande fé (8:10) e disse o impensável: alguns gentios entrarão no reino de Deus à frente dos israelitas (8:11-12). Não devemos considerar a fé em Deus equivalente às distinções que o ser humano costuma fazer de seus semelhantes. A igreja não pode colocar barreiras aos que querem aproximar-se de Jesus. O exercício de autoridade e da fé deve estar sempre concentrado em Jesus e em nenhuma outra pessoa ou programa, nem mesmo na própria igreja.

#### 8:14-17 Curando muitos

O ministério de cura de Jesus não estava restrito aos lugares oficiais de adoração. Ele podia curar onde houvesse necessidade. Assim, foi à casa de um discípulo e encontrou sogra de Pedro *acamada e ardendo em febre* (8:14). Imediatamente, ele a curou com um toque, apesar das restrições de tocar alguém com febre. A cura foi instantânea, e instantes depois a sogra de Pedro estava servindo a Jesus (8:15). Esse episódio simboliza a sequência do discipulado. A pessoa que serve a Jesus é aquela que foi curada, física ou espiritualmente.

A sogra de Pedro não foi a única pessoa que Jesus curou na ocasião. Outras foram levadas até ele, e Jesus as curava e expulsava demônios (8:16). A possessão demoníaca é a invasão do corpo humano por espíritos malignos com a intenção de controlar a vida da pessoa. Os espíritos podem ser “benignos” e apenas viver dentro da pessoa. Alguns possuídos por espíritos viram curandeiros ou adivinhos; outros ficam doentes e até morrem. A possessão demoníaca pode manifestar-se de formas bizarras.

Jesus reconhecia a realidade da possessão demoníaca e sempre expulsava os demônios de seus hospedeiros. Na África, existe a necessidade premente de um ministério que demonstre com clareza o poder de Jesus sobre os espíritos que aprisionam as pessoas. Esse ministério libertará os que tiveram a personalidade e o caráter destruídos pela opressão demoníaca.

Com seu poder sobre as doenças físicas e espirituais, Jesus cumpriu a profecia de Isaías segundo a qual o Servo do Senhor *carregou com as nossas doenças* (8:17; cf. Is 53:4).

#### 8:18-22 Sobre o custo de seguir Jesus

As passagens sobre o discipulado costumam mostrar Jesus em ação. Às vezes, ele está no meio de uma viagem ou caminhando na praia (9:9; Mc 1:16-19; 2:13-14). Talvez por isso o discipulado seja tantas vezes descrito como uma viagem com Jesus.

Nessa passagem, Jesus ordenou *que passassem para a outra margem* e, em seguida, conversou com dois aspirantes a discípulos sobre o custo de segui-lo.

Jesus diz ao primeiro aspirante que seu ministério não terá o conforto das sinagogas e dos templos. Em vez disso, ele estará onde houver gente sofrendo, não importa quão desconfortável seja. Essa é a questão destacada por Jesus quando usa seu título favorito, *Filho do Homem* (cf. Dn 7:13-22). Jesus teve de sofrer antes de ser glorificado. (Mc 8:31-33). O discípulo deve comprometer-se em seguir a Jesus mesmo que isso lhe cause sofrimento ou mesmo resulte em morte (8:19-20).

O aspirante a discípulo está desejoso de seguir a Jesus, mas precisa cuidar de alguns compromissos na família primeiro (8:21). Os parentes são muito importantes na África, assim como o eram em Israel. Para os israelitas, dar um bom enterro aos pais fazia parte da honra que os filhos deveriam demonstrar (Êx 20:12). Ao que parece, o homem estava pedindo permissão para esperar até que o pai morresse, e só então seguiria a Jesus. Para ele, as obrigações sociais e familiares tinham maior prioridade que o discipulado. A resposta de Jesus deixa claro que segui-lo é mais importante que qualquer outro relacionamento (8:22). Suas palavras dão testemunho de sua igualdade com Deus, pois somente a honra de Deus pode ser colocada acima da honra de um pai.



### 8:23-27 Acalmando a tempestade

A principal questão nessa passagem é revelada no fim: *Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?* (8:27). A história em si traz a resposta a essa pergunta. Ele é um homem com força sobrenatural. O cão feroz e forte o bastante para matar obedece ao seu dono. Os ventos e os mares reconhecem que são propriedades de Jesus. Ele os criou e tem poder de controlá-los.

O mar da Galileia é como um funil. Ao norte, ficam o monte Hermom e as montanhas do Líbano, que se elevam cerca de 3 mil metros acima do nível do mar. O leito do lago fica 200 metros abaixo do nível do mar. Ventos impetuosos descem das montanhas e percorrem o estreito vale do Jordão. Quando os ventos atingem o lago, agitam as águas de tal forma que ameaçam a vida de quem estiver navegando, como sugere o clamor desses homens: *Senhor, salva-nos! Perecemos!* (8:24-25). O perigo físico era real, e os discípulos estavam apavorados.

Jesus, pelo contrário, logo adormeceu. Ou ele estava tão exausto que nada podia perturbar seu sono, ou tão somente descansava na certeza de estar seguro. Quando os discípulos o acordaram, ele os repreendeu pela falta de fé (8:26a). Se soubessem quem estava dormindo no barco, não teriam tanto medo. Ter fé é depositar toda a confiança em Jesus, mesmo nas situações mais difíceis — espirituais, físicas, emocionais ou mentais.

O segundo ato de Jesus foi ainda mais marcante. Ele ordenou que os ventos e as ondas se acalmassem (8:26b). Em mares fechados, as ondas continuam perigosas mesmo depois que o vento cessa. Mateus, porém, registra que o vento e as ondas cessaram imediatamente. Somente o criador do vento e das ondas poderia exercer tamanho controle e realizar esse milagre (Jó 38:8-11; Sl 65:5-8). *Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem* (8:27)? Ele é Jesus, a Palavra de Deus, o Senhor da criação.

### 8:28-34 A cura de dois endemoninhados

O ministério de Jesus estava delimitado à terra de Israel (15:24). Contudo, a cura de dois endemoninhados descrita aqui (e em Lc 8:26-39) aconteceu fora dos limites de Israel, na *terra dos gadarenos* (8:28a). Essa região está localizada a leste do mar da Galileia, no território chamado Decápolis. Era um território gentio, daí a presença de porcos. Esse incidente nos lembra que, se a igreja pretende cumprir a Grande Comissão e anunciar as boas-novas ao mundo, é preciso acabar com a superioridade racial, tribal ou sexual.

Jesus chegou à região com os discípulos e foi interpelado por dois endemoninhados (8:28b). Os demônios haviam isolado os homens da sociedade, reduzindo-os ao estado de desumanidade. Dotaram-nos com força sobrenatural, e os dois homens se tornaram tão violentos *que ninguém podia passar por aquele caminho* (8:28c).

A possessão demoníaca é muito comum na África hoje. Influenciados por séculos de racionalismo, muitos euro-

peus e americanos relutam em aceitar a possibilidade da possessão demoníaca. Explicam o fenômeno por meio das teorias modernas da psicologia e da psicanálise. Nós, na África, não temos nenhuma dificuldade com a ideia da possessão, e, aparentemente, Jesus e seus discípulos também não tinham, pois reconheciam que algumas pessoas eram escravas de espíritos (At 16:16). Grande parte da missão de Jesus e de seus discípulos foi expulsar demônios.

Os demônios reconheciam que Jesus era o rei por meio do qual havia chegado o reino de Deus, embora não em sua plenitude. Por isso, referiram-se a ele como *Filho de Deus*. Consideravam-no um juiz que poria fim às atividades deles (8:29). Eles sabiam que o *tempo* do tormento era o fim dos tempos (Ap 14:10; 20:10).

Aparentemente invencíveis, os demônios humilharam-se a ponto de pedir permissão para entrar nos porcos (8:30-31). Jesus deu-lhes permissão, e toda a manada de porcos correu em direção ao mar e se afogou (8:32). O valor da manada devia ser considerável, e isso representou grande perda para a comunidade. Para Jesus, no entanto, a vida dos dois homens era infinitamente mais valiosa que os porcos. A graça é extravagante. Quando Jesus salva, ele não faz contensões.

Ao contrário de Jesus, a comunidade dava mais valor aos bens que aos parentes e mandou Jesus embora (8:33-34). Da mesma forma, quando Paulo e Silas libertaram um homem da possessão demoníaca, eles foram torturados e jogados na prisão (At 16:16-24).

Deus dá mais valor à vida humana que às posses materiais. Por isso, seus discípulos deveriam aprender valorizar o ser humano e fazer o que fosse preciso para libertá-lo de qualquer tipo de algema.

### 9:1-8 A cura de um paralítico

Esta passagem demonstra a autoridade de Jesus sobre outro aspecto da criação, ou seja, o pecado. A Bíblia é clara quando afirma que o pecado entrou na humanidade por ocasião da queda (Gn 3:6-7). Desde então, o pecado faz parte da raça humana, e toda a humanidade é pecadora (Rm 3:23; Sl 51:5) e está sujeita à ira de Deus (Ef 2:3). Não existe problema mais intratável na experiência humana que o pecado, pois ele vence em qualquer contexto humano. Nem educação, uma boa família, as riquezas, a higiene ou mesmo a religião conseguem erradicar o pecado.

A cura do *paralítico* aconteceu em Cafarnaum, que é a *própria cidade* de Jesus (9:1-2; cf. Mc 2:1). Apesar de Jesus ter crescido em Nazaré, mudou-se para Cafarnaum quando iniciou seu ministério público, sediado na casa de Pedro. Ao ouvir que Jesus havia retornado, muitas pessoas se dirigiram à sua casa para serem curadas (Mc 2:1-3). Entre elas, quatro amigos que carregavam um paralítico. Eles acreditavam que Jesus podia curá-lo. *Vendo-lhes a fé*, Jesus curou o amigo deles (9:2a). Jesus corresponde à fé, mesmo quando ela é exercida a favor de outra pessoa. A

intercessão é uma arma poderosa. Por meio da intercessão, os cristãos podem afetar outras pessoas e os sistemas para o bem e para Deus.

O problema imediato era a necessidade de cura física, mas Jesus quis tratar de outro assunto antes: o pecado, que julgava ser a raiz do problema físico. Suas palavras *Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados (9:2b)* não significam que toda doença física seja consequência do pecado (Jo 9:2-3). Nesse caso particular, Jesus percebeu que as duas coisas estavam ligadas, ou talvez simplesmente que o homem tinha outros problemas além da deficiência física.

Muitos de nós carregamos o peso da culpa, que nos torna depressivos ou menos atentos aos processos naturais de cura. Tiago deixa claro que pode haver relação entre a cura interior e a cura física (Tg 5:14-16). Qualquer que fosse o caso, Jesus achou que o homem precisava da libertação de um pecado, além da cura física da paralisia.

Em suma, somente Deus pode perdoar pecados (Jr 31:34), e ele o fará no fim dos tempos. Jesus, entretanto, agiu no presente para mostrar que também tinha essa autoridade. Suas palavras fizeram que *alguns escribas* o acusassem de blasfêmia, ou seja, de usurpar as prerrogativas divinas (9:3; Mc 2:7). Afinal, somente Deus podia perdoar pecados — apesar de alguns judeus acreditarem que as autoridades religiosas podiam conceder perdão e providenciar a expiação adequada. Quem era aquele pregador para assumir o papel de Deus, ignorando até os procedimentos do templo quanto ao perdão dos pecados? É a primeira vez no evangelho que Jesus entra em conflito com a instituição religiosa. A fissura aumentaria até que eles clamassem por sua morte (27:22-23).

Jesus logo percebeu a contrariedade dos escribas, embora eles não houvessem dito nada. Contudo, ele tinha conhecimento sobrenatural (9:4; 12:25; 22:18). Jesus era definitivamente um especialista em milagres; porém, mais que isso, era Deus. Então, em vez de se desculpar pelo que dissera, Jesus agiu com toda a ousadia na esfera física e também curou o paralítico, demonstrando assim seu poder (9:7). O *Filho do Homem* (9:6; Dn 7:13) tinha autoridade na terra, delegada por Deus, tanto para realizar cura física quanto para perdoar pecados.

O milagre de cura encheu a multidão de *temor*, que expressava em si adoração a Deus (9:8). Os milagres nunca devem ser tratados como fins nem usados para impressionar o público. Jesus atendeu a uma necessidade, e com isso deu glória a Deus.

### 9:9-13 O chamado de Mateus, o cobrador de impostos

Assim como as outras narrativas de chamado (4:18-22; 8:18), Jesus estava em ação quando encontrou Mateus (9:9). Mateus era um judeu requisitado pelas forças romanas para coletar os impostos imperiais de seus compatriotas israelitas. Sua posição na sociedade era, portanto, semelhante à de africanos que, por causa de seu emprego

nas unidades da sanção da lei colonial, como força policial e dos sistemas judiciais, eram tidos por renegados e traidores. Mateus era, portanto, odiado e temido.

Além de apoiar os colonialistas, Mateus e seus colegas agiam de forma particularmente corrupta, enchendo os bolsos à custa de seus compatriotas (Lc 19:8). Eram, portanto, objetos de um ódio especial. Sua moralidade era tão questionável que sua profissão, a de *publicanos*, era associada a *pecadores* como termo pejorativo para tudo o que havia de errado na sociedade (9:10-11; Lc 15:1-2). Eram considerados indignos de salvação, e nenhum profeta podia socializar com eles. Como mantinham contato constante com os gentios, estavam sempre cerimonialmente impuros. “Amigo de publicanos e pecadores” não era um desígnio santo para Jesus: era um insulto (11:19).

Portanto, é marcante o fato de Jesus ter chamado Mateus para segui-lo, apesar de a sociedade em geral e os líderes da nação acharem que os publicanos não eram dignos de salvação! Jesus, porém, está interessado no ser humano, independentemente de sua formação. Por causa disso, muitos publicanos e pecadores seguiam Jesus. O chamado de Mateus proporcionou uma oportunidade para que seus colegas se aproximassem de Jesus (9:10).

Jesus reagiu às críticas dos fariseus deixando claro que, às vezes, os bons são impedidos pela própria bondade de perceber que também são pecadores (9:12). Todo ser humano é pecador e, portanto, precisa de salvação. Os coletores de impostos estavam dispostos a admitir que eram maus e espiritualmente doentes (9:13; Lc 18:13). Por isso, tinham prazer em ouvir Jesus. Quem reconhece a própria necessidade tem acesso direto ao reino.

### 9:14-17 Respondendo às perguntas sobre o jejum

A mensagem de João Batista era semelhante à pregação de Jesus. Os discípulos de João não entendiam algumas coisas que Jesus e seus discípulos faziam. *Por que [...] teus discípulos não jejuam? (9:14)*. Jesus agora complementa seus ensinamentos sobre o jejum de 6:16-18 e declara que seus discípulos jejuarão nos dias *em que lhes será tirado o noivo (9:15)*. Enquanto Jesus estiver com eles, não será preciso muito esforço para buscar sua presença!

Os exemplos do *pano novo em veste velha (9:16)* e do *vinho novo (9:17)* expressam a ligação de Jesus com o passado, mas também que ele traz algo radicalmente novo e diferente.

### 9:18-26 Demonstrando poder sobre a morte

Mateus não identifica o *chefe (9:18)*, embora Marcos e Lucas o chamem de “um dos principais da sinagoga, chamado Jairo” (Mc 5:22; Lc 8:41). A morte havia ceifado a vida de sua preciosa filha, deixando-lhe um imenso vazio, mas ele sabia que Jesus podia reverter os efeitos da morte. Então, ajoelhou-se em público num gesto de adoração, mas também por reconhecer que somente alguém com poderes sobre-humanos



seria capaz de algo assim. Para um homem adulto e líder ajoelhar-se diante de um pregador itinerante desconhecido, era preciso humildade, fé, coragem e convicção.

Jesus concordou em ir à casa de Jairo e impor as mãos sobre a criança a fim de livrá-la da morte (9:19). No percurso, porém, foi interrompido por outra pessoa desesperada: *uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia* (9:20). A hemorragia fazia que ela e todos os que a tocavam se tornassem cerimonialmente impuros (Lv 15:25-27), e por essa razão a mulher vivia isolada da sociedade. Casamento estava fora de questão e, sem o apoio de um marido e dos filhos, provavelmente a mulher passava necessidades. Ela também precisava arcar com as despesas médicas e os custos da lavagem contínua de seus pertences e roupas. O desespero e a necessidade levaram-na até Jesus, porém o medo de ser rejeitada fez que ela se aproximasse do Senhor por trás (9:21). Ela parecia ter mais fé em algum poder natural que na pessoa de Jesus. Contudo, Jesus lhe disse: *A tua fé te salvou* (9:22). Ele não tinha vergonha de ser visto com uma mulher naquelas condições. Os discípulos de Cristo também não devem ter vergonha de prestar auxílio às pessoas rejeitadas por causa de deficiências, distúrbios mentais e doenças como lepra e HIV/aids.

Jesus acompanhou o homem que estava de luto pela filha até o velório, onde os tocadores de flauta já haviam começado a lamentar da forma tradicional (9:23). Na Zâmbia, a comunidade reúne-se na casa em que alguma pessoa acabou de morrer e há pranto em voz alta, principalmente quando chegam mais pessoas para o luto. Em Israel, contratavam-se pessoas para lamentar. Uma família pobre podia contratar apenas uma mulher e dois tocadores de flauta, mas uma pessoa rica como Jairo podia pagar por um séquito maior.

Os pranteadores zombaram de Jesus quando ele disse que a menina estava dormindo (9:24). Era um eufemismo comum para a morte (1Ts 4:14), mas o eufemismo se torna verdadeiro quando Jesus está presente. Ele ignorou os que o ridicularizavam e gentilmente tomou a mão da menina nas suas e a resgatou da morte (9:25)!

No final da década de 1990, na Zâmbia, era comum a oração pela ressurreição de um irmão ou irmã. Embora esse tipo de fé seja recomendável, o cristão deve reconhecer que a morte é o fim natural de todo ser humano.

### 9:27-34 Cura de um cego e de um mudo

Dois cegos seguiam a Jesus, clamando por misericórdia. Eles o chamavam de *Filho de Davi* (9:27), título que Jesus não utilizava, por causa das conotações nacionalistas e políticas. O Messias davídico, entretanto, também seria alguém que demonstraria misericórdia (Is 35:5-6; 61:1), e assim Jesus atendeu aos anseios deles e os curou. Mateus pode ter situado a cura dentro de casa para destacar o desejo de Jesus de evitar publicidade indesejada (9:28-30). A estratégia não funcionou, porque, depois da cura, aqueles homens saíram e divulgaram-lhe a fama por toda aquela terra (9:31).

A cura de *um mudo endemoninhado* também causou grande espanto, embora seus inimigos, os fariseus, atribuíssem a Jesus a obra de ação demoníaca (9:32-34).

### 9:35—10:42 Segundo ensinamento: a missão dos discípulos

O segundo bloco de ensinamentos de Mateus começa no capítulo 10, em que Jesus comissiona seus discípulos e lhes dá instruções para a missão em Israel. Mais tarde, eles receberão a ordem de levar o evangelho a todas as gentes, de todas as idades (28:18-20). O próprio evangelho de Mateus é resultado de uma missão dos discípulos e um documento missionário; o evangelho surgiu de uma missão e deve ser usado na missão.

Inúmeras pessoas têm viajado para fazer missões, e muitas igrejas, como a Igreja Evangélica da África Ocidental, enviaram vários missionários. Recentemente, a igreja da Nigéria fez grandes esforços para comandar uma força-tarefa missionária que proclamasse o evangelho ao mundo inteiro. Mesmo assim, em algumas áreas do continente a igreja africana criou poucas estratégias e quase não se envolveu. Um dos motivos dessa situação é o fato de as igrejas estarem acostumadas a ser eternas receptoras de missionários, mas os escritores dos evangelhos, principalmente Mateus, não incentivam os seguidores a estar sempre em posição de receber. Jesus ordenou que seus discípulos fossem “pescadores de homens” (4:19).

Os que seguem a Jesus devem engajar-se em missões a favor daqueles que nunca ouviram falar de Cristo e de seu reino. A igreja africana deve obedecer à ordem de Jesus e empreender missões além das fronteiras, a fim de demonstrar seu amor a pessoas que não possuem laços sanguíneos conosco. A igreja senegalesa deve amar os somalianos e os eritreus o suficiente para conduzi-los ao evangelho. Da mesma forma, os zulus e os africâneres devem amar os zandes suficientemente para levar o evangelho a eles; os luos devem amar os iaos. Por todo o continente, e fora dele, Jesus pede que a igreja africana alcance todos os povos do mundo com seu amor. Esse chamado é fundamental porque, se a tendência atual continuar, a liderança da igreja mundial passará às mãos dos africanos, latino-americanos e asiáticos pelos próximos cinquenta anos. Então, precisamos atentar para o que Jesus ensina aqui sobre a missão imediata dos doze discípulos e sobre a natureza da missão cristã no mundo.

### 9:35-38 Os trabalhadores são poucos

Antes de embarcar no ensinamento sobre missões, Jesus explicou por que elas eram necessárias. Intimou seus discípulos a orar ao Pai para que mais obreiros fossem enviados a fim de cumprir essa tarefa (9:37-38). Na época, assim como hoje, há uma necessidade desesperada de seguir os passos de Jesus a fim de proporcionar o alívio que o povo procura. Jesus esteve *em todas as cidades e povoados* (9:35)

e conhecia, por experiência própria, tudo o que tornava a vida difícil para a gente comum. De fato, o povo parecia tão vulnerável quanto *ovelhas que não têm pastor* (9:36).

Nessas condições, qualquer um tirava vantagem do povo. Politicamente, eles suportavam o peso dos altos impostos, da servidão e das violações aos direitos humanos. Os líderes religiosos não proporcionavam ensinamento, cuidado pastoral nem provisão para as necessidades materiais. Sofriam com lepra, febres, doenças crônicas, possessão demoníaca, cegueira, paralisia e muitos outros problemas. Jesus demonstrou-lhes compaixão. Cristo curou as enfermidades e pregou as boas-novas do evangelho (Is 61:1-3).

O compromisso missionário exige uma resposta misericordiosa em relação ao espiritual e ao material. Precisamos de uma abordagem integral que atenda plenamente às necessidades do povo perturbado. Essa obra, porém, é espiritual e exige oração, a fim de que Deus possa enviar seus escolhidos para a *sara* (9:37).

### 10:1-15 A primeira missão

#### 10:1-4 Os primeiros trabalhadores

A missão dos doze (10:1) é uma solução prática para a necessidade de trabalhadores expressa por Jesus. Os doze aparecem aqui como um grupo estabelecido. Mateus não dá detalhes do chamado de cada um (Mc 3:13-15; Lc 6:13), porém nos informa especificamente seus nomes (10:2-4; cf. tb. Mc 3:16-19; Lc 6:14-16; At 1:13). As listas de apóstolos citadas por Marcos e Mateus falam de um homem chamado Tadeu, enquanto Lucas faz referência a um Judas, filho de Tiago. Trata-se provavelmente da mesma pessoa, conhecida por dois nomes diferentes. Em todas as listas, Pedro é mencionado em primeiro lugar, talvez para indicar que era o líder do grupo, e Tiago, João e Judas Iscariotes aparecem em destaque.

Nenhum dos escritores dos evangelhos oferece informações biográficas sobre os *doze discípulos*, mas não há dúvida de que eram homens comuns. Não havia entre eles líderes acadêmicos ou religiosos. Em vez de discorrer sobre sua personalidade, os evangelhos falam de suas atividades, principalmente com relação a Pedro, Tiago e João. Sabemos muito pouco acerca dos outros apóstolos. Mateus era coletor de impostos, empregado pelas odiadas forças de ocupação, enquanto Simão, o zelote, era um nacionalista radical. Em Jesus, eles encontravam unidade.

O número doze era importante. Jesus estava dizendo conscientemente que essa nova ordem sucederia as doze tribos de Israel, não no sentido político ou geográfico, mas como veículo primário para as bênçãos de Deus ao mundo. Esta tarefa foi dada originariamente a Abraão, descrito como o pai de todos os que creem (Gl 3:7). Os doze constituirão o novo Israel.

Os doze discípulos também são chamados apóstolos (10:2). A palavra “apóstolo” é derivada de um termo grego

que significa “enviar”. Assim, apóstolo é alguém que foi enviado em missão. O papel do apóstolo é semelhante ao dos “intermediários” que arranjam casamentos em muitas sociedades africanas. O intermediário não age a favor dos próprios interesses, pois é agente (*apóstolo*) de uma família que é enviado a outra família com a missão de acertar um casamento. O intermediário não tem liberdade com a noiva, ou, como dizem os bembas: *Inkombe: taikata pa cinema* [“Um mensageiro não coloca a mão na parte mais baixa do abdome”]. Da mesma forma, os apóstolos devem preocupar-se em levar a missão ou entregar a mensagem a uma pessoa de confiança. No NT, “apóstolo” não é um título que confira *status*, e sim uma descrição de tarefa. O apóstolo não é maior que o pastor ou o bispo, apenas exerce uma função diferente na missão de Cristo. Os apóstolos de hoje devem estar na linha de frente da missão. Sua tarefa é persuadir o povo a seguir a Cristo e a entrar em seu reino.

#### 10:5-6 O alvo de sua missão

Os doze não foram enviados aos gentios nem aos samaritanos, mas apenas às *ovelhas perdidas da casa de Israel* (10:5-6). Esse particularismo ou favoritismo pode a princípio parecer ofensivo, mas a ordem deve ser entendida dentro de seu contexto. O próprio Jesus disse que fora enviado “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (15:24). Contudo, apesar dessa esfera de atuação limitada, um vasto material nos mostra que a missão de Deus é para todos os povos do mundo.

Deus por certo tinha um objetivo universal quando prometeu que todas as famílias da terra seriam abençoadas por Abraão (Gn 12:3). Isaías teve uma visão de todos os povos do mundo sendo abençoados (Is 19:23-25). O evangelho de Mateus contém a prova da preocupação de Deus com o mundo. O centurião demonstrou uma fé maior que a de qualquer cidadão de Israel (8:5-13), e Jesus afirmou que muitos gentios “virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus” (8:11). Ele curou a filha de uma mulher cananeia (15:21-28), alimentou quatro mil pessoas fora dos limites de Israel, no lado oriental do mar da Galileia (15:29-38) e deixou claro que, se a nação de Israel não adotasse seus ensinamentos, seu reino seria tirado deles e dado “a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (21:43). Antes do fim do mundo, o evangelho será pregado a todas as nações (24:14) e finalmente o mundo inteiro se reunirá diante de Jesus para que todos sejam julgados (25:32).

Assim, deve-se compreender que esse particularismo é estratégico e limitado à época do ministério de Jesus, que estava direcionado à nação de Israel. A missão dos doze, e subsequentemente a da igreja, abrangeria o mundo inteiro (28:16-20; At 1:8). As aparentes restrições devem ser compreendidas quando Paulo diz: “... primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1:16; 2:9-10; cf. At 13:46).



### 10:7-15 Sua comissão

Os discípulos tinham instruções específicas sobre como agir nessa missão especial.

**10:7-8a** PREGAÇÃO E CURA. A pregação e a cura consistiam em partes inseparáveis da missão. A mensagem era simples: *está próximo o reino dos céus* (10:7). Era a mesma mensagem que Jesus e João Batista pregavam (3:2; 4:17). Jesus ordenou também: *Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios* (10:8a). Esse ministério de cura repetia os milagres que Jesus realizou nos capítulos 8 e 9. Tal fato, aliado à restrição de anunciar apenas a Israel que o reino estava próximo, indica que essa fase do ministério dos discípulos era uma extensão do ministério do próprio Cristo. O ministério deles começaria depois do Pentecostes.

**10:8b-10** PROVISÕES. Os discípulos tinham instruções para não cobrar pelo trabalho, pois a capacidade recebida para realizá-lo também não lhes custara nada. Sua mensagem e a autorização para curar lhes foram concedidas gratuitamente, portanto eles não deveriam cobrar os serviços prestados (10:8b). O ministro do evangelho não pode ser como o advogado, que cobra por tarefa ou pelas horas gastas em preparação. Orações, batismos e sermões devem ser gratuitos, pois esses homens e mulheres não estão no ministério por dinheiro.

Os apóstolos também não podiam levar muito dinheiro (10:9-10a). Precisavam viajar com pouco peso, a fim de que pudessem cumprir suas tarefas, e não deviam preocupar-se com a provisão material. Essa noção de urgência pode ter vindo da ideia do próprio Jesus acerca da brevidade de sua estada na terra. Os que participam da obra missionária devem ter o mesmo senso de urgência, pois não sabemos quando chegará o fim.

Os doze não precisavam preocupar-se com as necessidades materiais, pois os que fossem beneficiados com o ministério deles iriam sustentá-los, fornecendo o que precisassem, e assim eles poderiam concentrar-se na obra (10:10b). Esse princípio se aplica ainda hoje.

**10:11-15** HOSPITALIDADE. Os discípulos deveriam escolher com cuidado onde se hospedar: a casa de uma pessoa de boa reputação. Foram advertidos de não ficar trocando de casa, em busca de melhores condições (10:11). A saudação "Paz!" era uma verdadeira bênção, e o efeito dependia não apenas de quem saudava, mas também da dignidade do receptor (10:12-13). Se a mensagem e os mensageiros fossem rejeitados, os discípulos deveriam sacudir o pó dos vossos pés quando saíssem da casa ou da cidade (10:14). Esse gesto seria um sinal para o julgamento no último dia (10:15).

### 10:16-42 A missão em geral

A missão cristã é perigosa. Para os doze, o perigo vinha principalmente da parte dos fariseus, que Jesus rotulou de *lobos* (10:16a). Contudo, qualquer obreiro que Jesus enviar para o campo missionário encontrará perigos a cada esquina e

precisará tomar as atitudes corretas para sobreviver. Os discípulos foram aconselhados a ter prudência e sabedoria (*prudentes como as serpentes*) e transparência (*símplices como as pombas*) (10:16b). Com essas medidas, evitariam contrariar desnecessariamente os inimigos e não fariam nada de errado. Qualquer acusação feita contra eles seria sem motivo.

Entre os inimigos dos seguidores de Cristo, estavam os oficiais das *sinagogas* (10:17), *governadores e reis* (10:18), mas, quando eles encarassem esses inimigos poderosos, teriam consolo, pois Jesus estaria ao seu lado, por meio do Espírito Santo, que agiria em defesa dos seus (10:19-20). Muitos interpretam de maneira equivocada essa promessa: acreditam que os pregadores não precisam preparar seus sermões nem estudar. Alegam que tudo o que precisam fazer é abrir a boca e deixar o Espírito falar por meio deles. Sabemos que, de fato, o Espírito trabalha por meio de nós e até apesar de nós, mas isso não nos isenta da responsabilidade de nos prepararmos. A promessa de Jesus aqui é a de prestar auxílio aos discípulos que fossem presos e obrigados a se defender diante de um tribunal hostil.

A perseguição também virá de membros da família, como irmãos e irmãs, pais e filhos (10:21). Na África, isso acontece quando um membro de uma família muçulmana se torna cristão. O convertido sofre intensa perseguição, mas todo crente deve considerar previsível o ódio dos que não creem (10:22a).

Essa oposição feroz pode levar ao desespero, mas Jesus oferece a esperança de que *aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo* (10:22b). Ninguém está isento de perseguição, mas estará a salvo da ira de Deus quando os perseguidores forem punidos. Jesus não diz aqui que atingiremos a salvação apenas pela perseverança, tampouco afirma que quem não perseverar não será salvo. (Essas questões teológicas serão tratadas em outras passagens.) Ele apenas aconselha seus fiéis a perseverar porque existe uma esperança.

Diante da possibilidade de perseguição, os discípulos deveriam procurar uma área mais segura assim que os ataques se intensificassem (10:23). Haveria cidades seguras o suficiente em Israel *até que venha o Filho do Homem*. Muitos relacionam essa frase à destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., mas isso requer uma interpretação incomum para o texto. Outros a relacionam com a segunda vinda de Cristo (cf. tb. 24:30; 25:31; 26:64). Mas por que Jesus faz referência aqui apenas às *cidades de Israel*? Talvez porque não esteja preocupado com a cronologia ou com a geografia, mas com a segurança dos que enfrentam perseguição por causa dele. Ao interpretar essa frase, devemos levar em conta que, além de voltar nas nuvens de glória no fim dos tempos, Cristo também olhará para cada cristão com base na sua própria experiência. A morte humilhante do Filho do Homem e sua gloriosa ressurreição acabaram com o poder da perseguição. A morte não é mais uma ameaça para o crente.



Quando encararmos a perseguição e, possivelmente, a morte por causa de nossa fé, precisamos ter em mente que Jesus nunca pediu que seus discípulos façam algo que ele mesmo não tenha feito. Ele suportou a difamação dos fariseus (9:34) e foi morto por causa de sua obra. Seus discípulos devem esperar o mesmo tratamento (10:24-25), pois a morte é o fim lógico dos seguidores de Jesus. No entanto, devem ter coragem, pois Deus está no controle e fará justiça (10:26-31).

Os discípulos podem descansar na certeza de que sua devoção, ainda que os leve à morte, será recompensada (10:38). Jesus honrará seus verdadeiros discípulos diante do Pai (10:32). Nossa devoção a Jesus deve exceder nossa dedicação a qualquer outro relacionamento, mesmo com os mais próximos e mais queridos (10:37). A missão de Jesus separa os que creem dos que não creem, independentemente dos laços naturais (10:34-36). Na verdade, devemos amar a Jesus mais do que amamos a nós mesmos (10:39). É esse o discipulado radical.

Todo aquele que honrar os servos de Cristo será honrado pelo próprio Cristo. Existem três níveis de receptividade envolvidos aqui. Receber um servo de Cristo é receber o próprio Cristo, e receber a Cristo é receber o Pai (10:40). Essas palavras ressaltam a importância de ser hospitaleiro para com os que estão a serviço de Cristo. Na verdade, a questão sobre receber o galardão de profeta e acolher um homem justo, em 10:41, mostra que quem for hospitaleiro receberá o mesmo galardão que o servo de Cristo acolhido por ele.

## 11:1—12:50 O ministério de Jesus: parte 2

### 11:1-19 A pergunta de João Batista

Depois da missão aos doze, Jesus passou a visitar algumas cidades a fim de pregar e ensinar (11:1). A narrativa retorna a João Batista (cf. Mc 6:14-29). Jesus fala sobre perseguição, e o exemplo de João demonstra até que ponto essa perseguição pode chegar. João foi preso e, por fim, executado por causa de suas corajosas afirmações sobre a imoralidade do rei Herodes (14:1-12). Todos os que invocam o nome de Jesus estão sujeitos a perseguição (2Tm 3:12).

O exemplo de João demonstra também que quem prega a mensagem de Cristo pode sofrer por isso. Até determinado momento, João tinha certeza de que Jesus era o Messias (3:11-13), mas agora, talvez por causa de sua prisão e dos relatos de uma crescente oposição por parte dos líderes judaicos, enviou seus discípulos a fim de perguntarem se Jesus era *aquele que estava para vir* (11:2-3).

Jesus não afirmou com palavras que era o Messias, mas com o único teste verdadeiro: seus atos (11:4-5). Ele citou seus próprios milagres: o cego recebeu a visão (9:27-31), o paralítico andou (9:1-7), os leprosos foram curados (8:1-4), o surdo ouviu (embora não seja especificamente mencionado, podemos deduzir que esteja incluso em 8:16-17), o mor-

to ressuscitou (9:18-26), e as boas-novas foram pregadas aos pobres (5:3; 9:35; 11:1).

O ataque de Jesus aos inimigos naturais e espirituais dos seres humanos reflete o que Isaías escreveu acerca da ação divina por meio do Servo (Is 29:18; 35:5-6; 61:1-2). Jesus incentivou João e seus discípulos a ler no AT o que estava escrito a respeito do papel do Messias. Jesus completou sua exortação abençoando os que o aceitaram e não tropeçaram (11:6). Não é errado duvidar, mesmo de Jesus, mas, quando as dúvidas chegam, precisamos voltar-nos para as palavras de Cristo e para o que a Bíblia diz acerca de sua pessoa. Não podemos encaixar Jesus no que achamos que ele deve ser. Jesus disse que João era *profeta* (11:9a). O lugar de João na tradição dos grandes profetas de Israel foi confirmado por seu estilo de vida e sua mensagem radical no deserto, que cumpriram a profecia de Isaías (11:7-8; 3:3). João, porém, era  *muito mais que profeta* (11:9b), pois apresentou o êxodo final do pecado, este conduzido por ninguém menos que o Messias de Deus. De fato, foi a respeito dele que Malaquias profetizou (11:10; Ml 4:5).

Em seguida, Jesus faz uma afirmação um tanto enigmática: o “menor” no reino dos céus é maior que João (11:11). Aqui, Jesus vê João Batista como o marco da transição entre o AT e o NT. A principal característica do AT era o papel profético relatado nos Profetas e na Lei (11:13). Esses livros profetizavam a vinda do Messias e o ministério de João, que era preparar o caminho para o Messias e, portanto, anunciar o reino dos céus (3:3). Por causa do poderoso ministério de João (3:5-6) e do ministério de Jesus, o reino de Deus estava avançando (11:12). Ainda mais intrigante é a declaração de que *o reino dos céus é tomado por esforço*. Nesse contexto, parece que Jesus está dizendo a João Batista que homens de valor como João podem igualar-se ao profeta Elias (11:14) e que o reino anunciado está em plena atividade, recrutando homens poderosos. Ainda sobre a grandeza de João, os que creem são ainda maiores que ele, pois é como se João estivesse segurando uma porta para que os crentes possam entrar. Depois de falar sobre o privilégio de pertencer ao reino, Jesus exorta seus ouvintes: *Quem tem ouvidos* [para ouvir], *ouça* (11:15). Devemos entrar nesse reino.

Não podemos alegar que somos maiores que João por sermos mais devotos que ele. Somos maiores que ele porque tivemos uma revelação mais completa acerca de Cristo e sabemos o que aconteceu na primeira Páscoa. Observe como todas as coisas convergem para Cristo! Conhecer a Cristo é fundamental para termos um cristianismo vigoroso!

A geração de Jesus foi culpada por rejeitar a evidência. Eles rejeitaram João e agora estavam rejeitando a Jesus (11:16-19). Devemos estar predispostos para a verdade, por mais que ela seja diferente de nossas crenças tradicionais. Essa lição pode ser aplicada à África de hoje, de muitas formas. Por exemplo, a igreja africana, como outras igrejas no mundo, é bastante fragmentada em linhas deno-

minacionais. Muitos pertencem a determinadas igrejas por acaso ou por afiliação tribal. As denominações, porém, se tornaram barreiras, impedindo a interação entre cristãos de perspectivas diferentes. Considero um grande privilégio ter trabalhado com a União Bíblica, organização interdenominacional que me apresentou a um grupo de cristãos de outras denominações. Descobri incríveis riquezas da graça de Deus concedidas àqueles meus irmãos.

Ficamos mais pobres e empobrecemos nossa denominação quando impomos limites ao que Cristo pode fazer com a igreja. As principais denominações devem interessar-se pelo que Deus tem feito nas igrejas independentes, até mesmo nas African Initiated Churches.<sup>3</sup> Jamais devemos condicionar o poder de Cristo à nossa imperfeita compreensão. Os bembas costumam dizer: *Amano ya bu weka: tayashingauka ikoshi* (“A sabedoria de uma pessoa não é suficiente para todos os desafios da vida”). Quando todo o povo de Deus compartilhar o que entende a respeito de Deus, compreenderemos o bastante para conhecer a Cristo plenamente (Ef 3:10-11).

#### 11:20-24 Lamento pelas cidades que não se arrependeram

Os profetas do AT denunciaram muitas cidades e nações que se recusaram a aceitar os padrões de Deus. Israel e Judá não estavam imunes a essas denúncias (Am 1—2). A denúncia de Jesus contra as cidades de *Corazim*, *Betsaida* (11:21a) e *Cafarnaum* (11:23) usam a mesma fórmula (cf. Is 14:12-15). Os pecados pelos quais essas cidades foram condenadas são maiores que os de *Tiro* e *Sidom* (11:21b-22; cf. Is 23) e de *Sodoma*, famosa pelo pecado (11:24). O que essas cidades fizeram para que Jesus as condenasse dessa forma?

Em todos esses lugares, o povo testemunhou o poder de Deus nos milagres realizados por Jesus, e mesmo assim não creu. Essas cidades rejeitaram a prova que o Espírito colocou diante de seus olhos. Todos nós seremos julgados por nossos pecados e transgressões, mas também por desprezarmos a prova do poder de Deus demonstrado por meio de sua obra. O povo de Deus não pode fechar o coração para as obras dele, ou teremos o mesmo destino que Corazim, Betsaida e Cafarnaum, porque Deus julgará pessoas e grupos.

#### 11:25-30 Sabedoria e descanso

A sabedoria humana não é suficiente para compreender a Deus. O conhecimento da salvação de Deus vem somente dele. Os *sábios e instruídos* foram cegados pelo próprio conhecimento, por isso Deus revelou *aos pequeninos* (uma analogia aos humildes e marginalizados) as verdades acerca de Jesus e sua missão (11:25). A maior tragédia nessa passagem é que a sabedoria dos instruídos de Israel era baseada na palavra de Deus, ou seja, na lei. Ter familiaridade com as questões relacionadas a Deus não significa ser receptivo à sua palavra.

Mateus ressalta que o único caminho para conhecer a Deus é por meio de Jesus (11:27). Nestes dias de pluralismo, quando é politicamente incorreto alegar qualquer *status* especial para o cristianismo, é importante afirmar que somente em Jesus encontramos o verdadeiro conhecimento a respeito de Deus Pai.

Jesus convida os aflitos e exaustos (9:36) a *aproximar-se* dele, pois seu fardo é leve, e nele encontrarão *descanso*, em vez de exploração e condenação. Os fariseus *criaram* um legalismo religioso demasiado pesado. Jesus queria libertá-los, substituindo aquela carga pesada por um *fardo* leve (11:28-30).

#### 12:1-45 Cresce a oposição

Jesus e sua missão agora enfrentam crescente oposição da parte dos fariseus. Eles põem Jesus à prova por causa de certas atitudes que entendem como grosseira violação do sábado (12:1-14), atribuem falsamente seus exorcismos ao poder de Satanás (12:22-37) e exigem um sinal miraculoso da parte dele, apesar de tudo o que já haviam presenciado (12:38-45). Mesmo com a oposição, a fama de Jesus continua a crescer à medida que o povo começa a associar suas atividades com a promessa do Servo do Senhor no AT (12:15-21).

#### 12:1-14 Jesus é Senhor do sábado

Os discípulos não estavam errados em colher algumas espigas quando passaram pelo campo. A lei especificava que uma pessoa faminta tinha liberdade de colher grãos e comê-los, desde que não usasse foice (Dt 23:25). O problema foi esse fato ter ocorrido no sábado. Durante as vinte e quatro horas do sábado, o povo do Senhor era proibido de realizar qualquer trabalho. Esse descanso honrava o sétimo dia da criação, quando o Senhor descansou depois de concluir sua obra (Gn 2:2; cf. tb. Êx 20:11; 31:13-15; 35:2; Dt 5:13-15; Ez 20:20). O sábado também permitia que todos, até os escravos e animais, tivessem um dia de descanso do trabalho regular.

Se ninguém podia trabalhar, o povo precisava saber o que era considerado trabalho. Os fariseus identificaram trinta e nove ações que seriam proibidas no sábado, entre elas colher, selecionar e separar grãos. Com base nessa regra, os discípulos, por serem flagrados na plantação *a colher espigas e a comer* (12:1), foram acusados de colher (arrancar as espigas), selecionar (esfregar os grãos para tirar a casca) e separar grãos (retirar a palha). Além disso, todo o processo representava o preparo de uma refeição no sábado, o que também era proibido (Êx 16:22-30; 35:3). De acordo com essas regras, portanto, era justificável que os fariseus condenassem os discípulos por fazerem *o que não é lícito [...] em dia de sábado* (12:2) e condenar a Jesus por permitir ou incentivar aquela prática. Os fariseus, entretanto, corriam o risco de transformar a observação da lei num fim em si mesmo. Havia esquecido o propósito original



do sábado e se preocupavam apenas com o cumprimento meticuloso das regras estabelecidas. Jesus mostrou-se incomodado com essas regras, pois eram rigorosas demais e se afastavam da intenção original da lei.

Jesus rejeitou a interpretação dos fariseus acerca da lei e mostrou que as necessidades humanas e a alimentação dos famintos tinham prioridade sobre a obediência rígida da lei. Ele dá o exemplo dos companheiros de Davi, que, numa emergência, comeram o pão que era exclusivo dos sacerdotes (12:3-4; 1Sm 21:1-6). Jesus acrescenta que sempre existe alguma obra que precisa ser feita no sábado. Por exemplo, os sacerdotes e levitas do templo acendiam o fogo, sacrificavam animais, limpavam o recinto e exerciam muitas outras atividades. Não podiam ser condenados por tais violações ao sábado (12:5). As necessidades do templo superavam as prescrições da lei. Ao citar o profeta Oseias (12:7; cf. Os 6:6), Jesus ressalta que a necessidade humana é mais importante que os rituais. Fomos chamados para amar ao Senhor de todo o coração, mente e alma, mas também para amar nosso próximo (22:37-38).

Jesus é muito maior que o sábado ou que o templo e, portanto, pode cancelar suas regras (12:6). Acima de tudo, como *senhor do sábado* (12:8), tinha autoridade para regular o que é ou não permitido no sábado. Sua autoridade pessoal está acima do código farisaico.

Os motivos secretos dos fariseus foram desmascarados quando, mais tarde, eles acusaram Jesus de haver desobedecido à lei por curar no sábado um homem cuja mão era ressequida (12:9-14). Antes de curar o homem, Jesus percebeu que a intenção deles era encontrar uma forma de acusá-lo de desobediência (12:10). Em vez de discutir a lei, ele preferiu atender a uma genuína necessidade humana e demonstrou que é permitido fazer o bem no sábado (12:11-13).

Os fariseus acharam a cura no sábado tão grave que começaram a planejar a morte de Jesus (12:14). Não pararam para se perguntar se era lícito planejar a morte de um inocente no sábado (ou em qualquer dia)! A ironia é evidente: religiosos dispostos a matar pelo fato de alguém ter prestado auxílio a um necessitado!

Ao reagir a algo que acreditamos ser ilícito, devemos ter certeza de que nossos pensamentos e ações estão de acordo com a intenção da lei de Deus. Esse alerta é bem abrangente e diz respeito até mesmo à nossa reação diante de alguém que trabalha no domingo ou com relação ao uso de certas vestimentas.

### 12:15-21 *Jesus, o Servo do Senhor*

Em diversas ocasiões, Jesus retirou-se estrategicamente de situações complicadas. Chegou a fugir de uma multidão que queria forçá-lo a ser rei (Jo 6:15). Nesse contexto, um confronto com os fariseus teria posto termo à sua missão de resolver o problema do pecado. Por isso, ele se afastou de seus antagonistas (12:15). Como homem de paz, Jesus não

usaria linguagem nem assumiria postura de guerra para confrontá-los, pelo menos não naquele momento. Como dizem os bembas, não se aproxime de um cachorro que late para que o cachorro não o morda.

A passagem citada de Isaías 42:1-4 destaca o caráter pacífico do Senhor (12:18-21). Essas palavras originariamente se referiam ao imperador persa Ciro. Embora de modo inconsciente, o monarca foi o servo do Senhor que trouxe a restauração de Israel e em quem o mundo inteiro encontrou auxílio. Sua política colonial permitiu que muitos povos conquistados voltassem a seus respectivos países de origem e vivessem conforme as antigas tradições, muitas vezes à custa do tesouro imperial. No entanto, o pleno cumprimento dessa profecia apontava, além de Ciro, para Israel e finalmente para Jesus como o Servo do Senhor. Este servo é em quem a alma do Pai *se compraz* (12:18a). O servo é favorecido pelo Espírito do Senhor, *e ele anunciará juízo aos gentios* (12:18b). Em vez de vociferar, *ele não contenderá, nem gritará* (12:19). Em vez disso, incentivará todos os que estão fracos a ponto de morrer. *E, no seu nome, esperarão os gentios* (12:21).

### 12:22-37 *O reino de Deus e Belzebu*

O inegável poder miraculoso de Jesus fez que as pessoas comuns se perguntassem se ele era o Messias prometido, *o Filho de Davi* (12:23). Embora o Filho de Davi fosse, a princípio, um conquistador, também se acreditava que ele realizaria curas (Is 35:5-6; 61:1-3). Os fariseus não podiam negar as curas, então tentaram tirar o crédito de sua obra, atribuindo seu poder ao mal e à feitiçaria, sob a alegação de que ele estava associado a *Belzebu, maior dos demônios* (12:24). Eles acusavam Jesus de ser um instrumento de Satanás. Os demônios sabiam que isso não era verdade e jamais haviam feito algo em nome de Jesus. Eles o conheciam como Filho de Deus (8:29; Mc 1:24).

Jesus rebate as acusações dos fariseus com poderosos argumentos:

- **Satanás não pode lutar contra si mesmo (12:25-26).** Os fariseus estavam certos em manter um saudável respeito pelos demônios. Sabiam que os demônios podem às vezes se apossar dos seres humanos e afetar a condição humana. Jesus concordou com eles quanto à existência de um reino de Satanás, assim como existe o reino de Deus. Os demônios de fato se apossam das pessoas e conseguem realizar ações sobre-humanas por meio delas. Muitos dos que são possuídos por demônios podem prever o futuro e se tornam adivinhadores e curandeiros. Mas os fariseus erraram ao associar Jesus com o poder de Satanás. Se o poder de Jesus visse do diabo, isso significaria que os agentes de Satanás estavam guerreando entre si. Jogadores do mesmo time disputando o mesmo jogo não jogam uns contra os outros. Se o fizessem, estariam facilitando o trabalho do

- opponente. Satanás sabe muito bem disso. Do contrário, seu reino não subsistirá.
- O Espírito de Deus expulsa demônios (12:27-28).** Jesus não era o único a expulsar demônios. Outros judeus tinham o mesmo ministério (At 19:13). Expulsavam demônios por meio de rituais mágicos, enquanto Jesus usava o *Espírito de Deus*. O caráter do exorcismo de Jesus era forte evidência da chegada do reino de Deus que destruiria o reino de Satanás. Muitos dos que vivem na África Subsaariana sofrem dores de origem espiritual e podem encontrar alívio e vitória em Jesus. O nome de Jesus é poderoso, e sua palavra de ordem é eficaz.
- Jesus é mais poderoso que Satanás (12:29).** Satanás alega ser dono dos reinos da terra (4:8-9), mas Jesus demonstra que é mais forte que ele. Jesus é como alguém que entra *na casa do valente* e o amarra para que possa roubar seus pertences (12:29). Jesus veio para amarrar Satanás e libertar todos os que estão sob seu poder e influência maligna. Não podemos atribuir a obra de Deus à fonte errada, ou estaremos em oposição a Deus. Não existe terreno seguro nessa guerra (12:30).

O pecado imperdoável é a rejeição deliberada à obra de Deus (12:31-32). Parece que os fariseus cruzaram a linha do ceticismo a ponto de não acreditarem numa evidência inegável. Corremos o risco de cometer o pecado imperdoável quando nos recusamos a aceitar a clara evidência da obra de Deus (Nm 15:30-31; Is 22:14).

As habilidades físicas e mentais podem ser perdidas pela falta de uso. Os músculos perdem tônus com a falta de exercício. O idioma estrangeiro aprendido na escola pode ser esquecido se não for praticado. O mesmo acontece com as habilidades espirituais. Se alguém se recusa constantemente a aceitar a ajuda do Espírito Santo para reconhecer a verdade e atribui a verdade de Deus a Satanás, tal pessoa pode vir a perder a capacidade de se arrepender e toda chance de ser perdoada. Somente Deus sabe quando alguém atinge esse estado de rejeição irreversível.

Talvez se referindo às autoridades judaicas, Jesus declarou que elas haviam tomado um caminho sem volta. Só produziam fruto ruim, como atribuir os atos de Jesus a Belzebu (12:33,35). Suas palavras eram tão venenosas que Jesus os chamou *raça de víboras* (12:34). Seu veneno era capaz de matar qualquer um que o tocasse, a não ser que recebesse o tratamento adequado. Tais líderes prestavam um grande desserviço ao reino dos céus e serão julgados por isso (12:36-37).

#### 12:38-45 Os fariseus pedem um sinal

Paulo comenta que os judeus costumavam exigir “sinais” (12:38; cf. tb. 1Co 1:22). Os que pediam um sinal a Jesus já haviam presenciado muitos sinais por meio dos milagres que o Senhor realizara. Eles se recusavam a aceitar, mas pareciam ter um apetite insaciável. Jesus disse que tudo o

que teriam era o sinal do *profeta Jonas* (12:39b; 16:4). Esse sinal seria a ressurreição do Filho do Homem (12:40). Se eles aceitassem e se arrependessem, como os homens de Nínive se arrependeram com a pregação de Jonas, também seriam salvos, da mesma forma que os *ninivitas* (12:41a). Contudo, a infidelidade deles era tão grande que bem mereciam o título de *geração má e adúltera*, incapaz de reconhecer a verdade (12:39a). Jesus é *maior do que Jonas* (12:41b), do mesmo modo que é maior do que Salomão (12:42b). Ainda assim, seu público não queria reconhecê-lo.

Os exemplos que Mateus apresenta aqui indicam que até no AT a graça de Deus foi reconhecida por não-israelitas, como os “nínivitas” (12:41a) e a *rainha do Sul* (12:42a), quando os próprios israelitas pareciam incapazes de reconhecê-la.

Então Jesus lhes conta uma história, ligada à cura do endemoninhado (12:22). É importante expulsar maus espíritos (12:43), mas, se os que presenciam o exorcismo se mostrarem obstinados, estarão rejeitando o único Deus verdadeiro e, portanto, abrindo caminho para um envolvimento maior e mais perigoso com *outros sete espíritos* (12:44-45). Seus ouvintes, e não Jesus, é que estavam envolvidos com o Maligno.

#### 12:46-50 A verdadeira família de Jesus

Na época do ministério público de Jesus, sua família biológica não acreditava nele (Mc 3:21; Jo 7:5). O evangelho de Marcos revela que sua família achava que Jesus estava louco e tentou retirá-lo do meio do povo, talvez para evitar que envergonhasse a família. Jesus aproveitou a oportunidade dessa visita para afirmar que seus seguidores podem ter pouco apoio de seus parentes sanguíneos (12:46-49). Mais importante, ressalta que cumprir a vontade do Senhor tem prioridade sobre todos os outros relacionamentos humanos (12:50). Esse fato, entretanto, não dá ao cristão justificativa para fugir às responsabilidades familiares, mas o relacionamento com Deus deve estar acima de todos os outros.

#### 13:1-52 Terceiro ensinamento: as parábolas do reino

As parábolas dão forma concreta a verdades abstratas. Transformam verdades em imagens, de forma que os ouvintes possam associá-las e lembrar-se delas com facilidade. A mentalidade do Oriente Médio baseia-se em termos concretos, em imagens e histórias. O pensamento africano é similar. Por isso, tanto as parábolas bíblicas quanto as histórias locais são importantes recursos para transmitir a mensagem bíblica.

As parábolas utilizam aspectos da experiência diária dos ouvintes para explicar verdades que não são óbvias. Dada a sua natureza fortemente ilustrativa, prendem a atenção dos ouvintes e fazem que eles entendam as verdades ensinadas: *Quem tem ouvidos* [para ouvir], ouça (13:9). Elas podem causar grande impacto. Um famoso exemplo é



a parábola que Natã contou ao rei Davi (2Sm 12:1-6). As parábolas podem ocultar a verdade dos que não se interessam por ela. Para esses, trata-se apenas histórias interessantes, porém sem sentido (13:13).

As parábolas eram contadas num contexto cultural e histórico específico. A interpretação correta das parábolas bíblicas deve levar em conta o contexto palestino. O pano de fundo desse conjunto de parábolas é o crescente conflito entre Jesus e as autoridades que resistiam à sua mensagem. Jesus não era mais bem-vindo nas sinagogas e, portanto, pregava em campo aberto, na praia e nas casas. Ele se preocupava em ensinar seus discípulos longe das multidões que os seguiam (13:1-2). As parábolas eram contadas na presença da multidão, enquanto as explicações eram dirigidas somente aos discípulos (13:10,36).

### 13:1-23 O semeador

Os dois principais elementos nesta parábola são o semeador, o mensageiro que enfrenta a oposição e percebe algumas sementes lançadas fora, e o solo, representando os que ouvem a mensagem e precisam tomar a atitude correta que os conduza a uma vida frutífera como discípulos de Jesus.

A parábola mostra as práticas de semeadura na Palestina da época, quando o plantio era incerto, pois a semente era lançada manualmente, e o solo era lavrado depois. O solo da fazenda provavelmente não era virgem, mas uma terra de família lavrada ano após ano. Durante o período entre a colheita e o plantio, algumas partes do campo eram tão pisoteadas que formavam um caminho. A semente que caiu nesse caminho ficou exposta e foi facilmente devorada pelos pássaros (13:3-4). Outra semente caiu numa parte do chão onde uma fina camada de solo depositada sobre a rocha tornava impossível o crescimento das raízes (13:5-6). Algumas sementes caíram numa parte onde cresciam espinhos, o que dificultava o florescimento (13:7). Já as sementes que caíram na terra boa produziram fruto abundante (13:8).

A interpretação é dada particularmente aos discípulos (13:11,16-17). A semente é a palavra de Deus, que é plantada por seu Filho, Jesus, depois pelos discípulos e, em seguida, por todos os que pregam a palavra em qualquer época.

- A semente que caiu *à beira do caminho* representa os ouvintes que têm a mente fechada. A falta de compreensão, o preconceito e até a imoralidade permitem que Satanás retire a palavra antes que ela crie raiz (13:19). Jesus descreve essas pessoas com as palavras de Isaías 6:9-10 (13:14-16).
- A semente que caiu *em solo rochoso* representa o cristão que recebe a mensagem com entusiasmo e começa a crescer, mas a superficialidade não permite que a palavra seja cultivada, e seu crescimento logo cessa. Quando o verdadeiro custo do discipulado se torna evi-

dente, o preço lhe parece alto, e o aspirante a discípulo se afasta (13:20-21).

- A semente que caiu *entre os espinhos* representa aqueles que têm capacidade e são promissores como discípulos, mas ficam tão envolvidos com as seduções deste mundo que permitem que sua espiritualidade potencial seja sufocada (13:22).
- A semente que caiu *em boa terra* representa aqueles que estão predispostos à palavra, têm capacidade de cultivá-la no coração, cultivam-na apesar da oposição, levam uma vida disciplinada e condenam a imoralidade. Tais ouvintes prosperarão e darão muitos frutos (13:23).

A parábola do semeador pode ser adaptada ao contexto da zona rural da Zâmbia. Em termos zambianos, os quatro tipos de solo são os seguintes:

- *Pa lubansa*: área que cerca uma casa, varrida pelo menos uma vez por dia. Com o tempo, toda a terra que está por cima é varrida, fazendo restar uma terra tão dura que não serve para plantio. Qualquer semente que cai nesse solo atrairá imediatamente galinhas e outras aves. Essas sementes não têm a menor chance de germinar.
- *Ulupili*: parte lateral de uma colina, onde uma fina camada de solo repousa sobre a rocha. A semente pode criar raiz, mas não consegue crescer.
- *Pa chisonso*: local onde se joga o lixo. É uma área que produz um adubo muito bom. Durante as chuvas, crescem diversos tipos de planta: mangueiras, pés de abóbora, ervas fortes. Entretanto, como ninguém cuida dessa área, a boa semente não sobrevive.
- *Ubukula*: jardim recém-preparado, pronto para receber a semente de painço. Os bombas preparam esse jardim cortando galhos de árvores, juntando-os e queimando-os quando estão secos. As cinzas são lançadas ao solo antes do plantio da semente. Esses jardins são muitos frutíferos, e sua fertilidade se estende a duas ou três estações.

A parábola do semeador ressalta que proclamar o reino dos céus é como cultivar sementes. O semeador não pode sentir-se desestimulado pelas sementes desperdiçadas nem pelas plantas que não crescem, pois no final haverá grande colheita. Se a colheita não for vista nesta vida, certamente o será no fim dos tempos, pois a colheita pode ser a última reunião do povo de Deus quando Jesus voltar (13:39; cf. tb. Jr 51:33; Mq 4:12-13).

Jesus explicou que a parábola era uma referência aos diferentes tipos de ouvintes e que o solo bem preparado pode ser fértil (13:18-23). O semeador deve plantar indiscriminadamente, mas os ouvintes devem assegurar-se de serem solo fértil, capaz de receber e cultivar a semente, que é a palavra de Deus.



### 13:24-30,36-43 O trigo e o joio

Os três principais elementos da parábola do joio e do trigo são o dono do campo, a boa semente que foi plantada e o joio. Um inimigo tenta sabotar a plantação do dono de um campo, plantando sementes de uma planta que se parece com o trigo, mas pode ser venenosa. A tática do inimigo só é descoberta quando o trigo cresce, pois o joio aparece junto, e a diferença entre os dois tipos de planta é óbvia (13:24-27).

Nesse ponto, os trabalhadores revelam sua intenção de arrancar a erva, que pode ser nociva, mas o dono da terra os aconselha a ter cuidado e paciência. Qualquer tentativa de separar o joio do trigo nesse estágio poderá causar dano ao bom fruto, pois suas raízes estão entrelaçadas (13:28-29). A separação dos dois frutos será feita, com muito trabalho, durante a colheita, quando será mais fácil distingui-las. O joio então será lançado no fogo (13:30).

Essa parábola mostra o desenvolvimento do reino dos céus em três fases: plantio, crescimento e colheita final. A sabotagem do inimigo parece eficaz, mas, apesar da competição, o trigo sobrevive e cresce. Na colheita, a última separação acontece quando o senhor destrói o joio e ajunta o trigo.

Jesus interpreta essa parábola em 13:36-43, explicando seu sentido individual e coletivo. No sentido individual, é importante reconhecer que somos influenciados por Jesus, que planta a boa semente, e pelo Maligno, que planta o joio. Precisamos ter consciência da existência das forças do mal. Para os africanos, o mundo espiritual está vivo entre todas as pessoas com quem interagimos, e nossa cultura é baseada nessa interação. Alguns desses espíritos provêm do inimigo e têm planos destrutivos para nossa vida. Portanto, tenhamos cuidado!

Ao interpretar essa parábola no sentido coletivo, precisamos lembrar que o reino dos céus não é somente a igreja, mas a lei soberana de Deus em todo o universo, no qual a igreja está incluída. A parábola não ensina o triunfo imediato dos cristãos e da igreja pura, e sim a paciência de esperar até que os propósitos de Deus sejam alcançados e ele conclua a história do mundo.

Essa parábola particular deixa claro que é impossível buscar a congregação ou a denominação perfeita. Sempre haverá joio na plantação. Além disso, às vezes é muito difícil distinguir entre os que fazem parte do reino e os que não fazem. Portanto, não devemos ser precipitados em julgar, pois podemos errar e danificar a boa semente. É preciso exercitar a paciência e a precaução até que Deus, o único juiz, finalmente decida encerrar a história e fazer a distinção final entre os que são dele e os que não são. Só ele sabe quem de fato professa seu nome (2Tm 2:19). Assim, os líderes eclesiais devem ser muito cuidadosos no exercício da disciplina.

### 13:31-35 A semente de mostarda e o fermento

Entre a parábola do joio e do trigo (13:24-30) e sua interpretação (13:36-43), Mateus insere duas pequenas parábolas:

a do grão de mostarda (13:31-32) e a do fermento (13:33). As duas mostram o início modesto do reino — inaugurado na vinda relativamente inconspícua de Jesus e no primeiro grupo de discípulos — e seu crescimento vagaroso, porém constante, até atingir a plenitude. A obscuridade inicial resultará em grandeza no futuro. Em tempos de desânimo por causa da fraqueza ou do aparente declínio da igreja, é importante ressaltar as lições básicas das duas parábolas: no fim, o reino dos céus terá um lugar acima de todos os reinos. Da mesma forma, devemos reconhecer que, assim como os grandes rios nascem de uma fonte pequena, os grandes movimentos históricos muitas vezes começam com um pensamento acanhado, uma palavra ou uma atitude: uma jovem, talvez ainda adolescente, dá à luz seu primogênito durante o domínio de um poderoso império e lhe põe o nome de Jesus; um desconhecido monge alemão, Martinho Lutero, prega suas noventa e cinco teses à porta de uma igreja; o escritor dividido por Gaur Radebe e Nelson Mandela apresentou este último à política da África do Sul. Esse princípio de vida é demonstrado plenamente no crescimento e no desenvolvimento do reino dos céus.

Embora o fermento também seja usado como uma metáfora para o mal (16:6; Mc 8:15; 1Co 5:6,8; cf. tb. Êx 12:15), essa parábola destaca a qualidade transformadora do fermento. O poder transformador do reino pode ser visto em indivíduos que mudam radicalmente após a conversão. Tal transformação atinge até mesmo as atitudes dos marginalizados, incluindo mulheres, crianças, doentes e oprimidos.

Apesar de alguns missionários cristãos do período colonial terem agido como homens ambiciosos, racistas e exploradores imperialistas, proporcionaram oportunidades de educação, saúde e comércio para os “nativos” oprimidos. Até 1945, toda a educação da população negra nativa na Rodésia do Norte (atual Zâmbia) esteve nas mãos dos missionários. As oportunidades educacionais proporcionadas por eles ergueram a plataforma que resultou na conquista de muitas liberdades para os zambianos. Todo o primeiro gabinete (1964) estudou em escolas de missionários. Mesmo hoje, após quatro décadas de independência, muitas escolas missionárias ainda oferecem boa educação.

### 13:44 O tesouro escondido

A extração de cobre em grande escala em Copperbelt, na Zâmbia, começou em 1922. Dizem que uma das maiores minas, a Luanshya, começou quando um explorador atirou em um antílope e descobriu sinais escritos com cobre numa rocha próxima ao corpo do animal. Grandes esforços foram empreendidos para remover os proprietários originais do local e abrir caminho para a instalação da nova mina. O explorador percebeu o valor dos depósitos de cobre e vislumbrou a possibilidade de grandes riquezas, por isso ele e seus associados fizeram de tudo para adquirir a terra e os direitos de exploração sobre ela.

A parábola do tesouro enterrado num campo é a versão palestina do século I para a história dos depósitos de cobre na Zâmbia. O tesouro oculto claramente não pertence ao dono da terra, pois, se pertencesse, ele jamais a venderia. Ao encontrar o tesouro, o homem vendeu tudo o que possuía para comprar a terra, sabendo que havia algo muito mais valioso enterrado ali (13:44).

O reino dos céus é infinitamente mais valioso que o cobre e o ouro. Existe onde a vontade de Deus é obedecida perfeitamente. Logo, quando alguém descobre a vontade de Deus, é necessário sacrificar tudo. Essa obediência exige mudança de ambições e de estilo de vida, e até a negação de si mesmo (Mc 8:34). Contudo, o reino de Deus vale a pena! Paulo confirma essa verdade quando diz que “o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo [...] Considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo” (Fp 3:7-11). Nos dias de Jesus, e em nossos próprios dias, o reino está escondido, mas aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, irão encontrá-lo.

### 13:45-46 A pérola

Nos dias de Jesus, como em nossos dias, as pérolas são belos acessórios de moda, muito valiosos e bastante procurados (13:45). Mergulhadores as procuram no mar Vermelho e em outros mares. Dizem que a princesa egípcia Cleópatra usava um colar que valia 25 milhões de denários — o denário era o pagamento diário de um trabalhador na época. Na parábola, o mercador dedicara toda a sua vida a buscar aquela joia preciosa. Quando a encontrou, vendeu alegremente tudo o que possuía para adquiri-la (13:46).

Como na parábola anterior, o reino dos céus é retratado como algo belo, valioso e infinitamente mais compensador que qualquer outra coisa. Vale a pena sacrificar-se pelo reino.

Observe que a parábola não diz que a entrada no reino dos céus pode ser conquistada com riqueza. A Bíblia afirma que é pela graça, por meio da fé, que ingressamos no reino (Ef 2:8-9).

### 13:47-50 A rede

Esta parábola é muito semelhante à parábola do joio e do trigo (13:24-43), mas é ilustrada com a pesca. Uma rede lançada no mar da Galileia apanhava peixes comestíveis e não comestíveis, limpos e imundos. Por isso, os pecadores tinham de separar o que pescavam (13:47-48). Da mesma forma, o mundo no qual os “pescadores de homens” trabalhavam produzirá redes cheias de peixes bons e peixes ruins. No dia do reconhecimento, o Senhor irá separar o bom do ruim, distinguindo os filhos da luz dos filhos das trevas. Os bons usufruirão suas bênçãos, enquanto os ruins serão lançados na *fornalha acesa* (13:49-50).

### 13:51-52 Escribas do reino

Mateus ressalta a continuidade entre o AT e as palavras e atos de Jesus (13:52). Um bom mestre devia unir as duas coisas e construir um novo ensinamento sobre o que recebera de Moisés e dos profetas. Os discípulos entendiam os ensinamentos de Cristo (13:51), pois o que haviam aprendido a respeito dele fora construído sobre a bela herança do AT. O que eles já possuíam antes de ir a Cristo lhes fora útil para complementar o novo conhecimento que estavam adquirindo.

Aquele que se chegava a Cristo tinha muita coisa a desaprender, como padrões de discurso, hábitos e sentimentos, porém muitos de seus dons, habilidades e talentos não precisavam ser descartados, e sim dedicados a Cristo e reinterpretados para benefício e serviço dele. Por exemplo, aprendi a tocar guitarra quando esse instrumento estava associado a um estilo de vida imoral. Quando me tornei cristão, levei minha guitarra para a igreja e usei-a para tocar um estilo de música completamente diferente. Deus transformou minha guitarra numa parte importante de meu ministério entre os jovens.

O que acontece individualmente também acontece com culturas inteiras. Do interior de velhos depósitos, saem tesouros nunca imaginados (13:52).

## 13:53—17:27 O ministério de Jesus: parte 3

### 13:53-58 Um profeta sem honra

Segundo um provérbio inglês, “a familiaridade gera contenda”. Isso significa que, quando as pessoas se conhecem bem, já não se respeitam tanto. Muitos turistas desembolsam um bom dinheiro para visitar as cataratas Vitória, no rio Zambeze, na fronteira entre a Zâmbia e o Zimbábue. Entretanto, milhões de zambianos e zimbabuanos nunca visitaram essa maravilha do mundo que está à sua porta.

Jesus obteve a reputação de eficaz pregador itinerante e de ministro de cura pela fé, um rabi seguido por uma profusão de discípulos. As multidões o seguiam e escutavam com alegria e expectativa o que ele dizia. No entanto, quando voltou a Nazaré, *sua terra* (13:54), não foi honrado pelos conterrâneos nem pelos amigos. Com desprezo, referiam-se a ele como *o filho do carpinteiro* (13:55) e ergueram uma espessa barreira de descrença que impediu à mensagem do reino chegar até eles.

No contexto atual, muitas mensagens são menosprezadas não por culpa do pregador (embora muitos precisem, sem dúvida, melhorar a pregação), mas pelas atitudes da congregação, dos familiares e dos contemporâneos que conhecem bem o pregador. Ao ouvir a exposição da palavra de Deus, devemos criar uma expectativa, ignorando a pessoa que naquele momento se tornou um instrumento de Deus.

### 14:1-12 João Batista é degolado

O registro de Mateus sobre a morte de João é importante não apenas porque relata o fim da missão de João, mas



por mostrar que, assim como a missão de João precedeu a missão de Jesus, sua morte também precedeu a morte de Jesus e talvez daqueles que o seguiam.

Mateus utiliza o relato da reação de Herodes Antipas à crescente fama de Jesus para contar a história da morte de João. Quando Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C., os romanos dividiram seu território entre os filhos sobreviventes, Arquelau (cf. 2:22), Herodes Antipas e Filipe. Arquelau ficou com a Judeia, mas era tão cruel que logo foi deposto, e seu território foi governado por uma sucessão de procuradores romanos. Herodes Antipas recebeu os territórios de Samaria (sua mãe era samaritana), Galileia e Pereia. Antipas nunca recebeu o título de rei, mas era oficialmente chamado *tetrarca Herodes*, um pequeno governador local (14:1).

Herodes Antipas prendeu João por este tê-lo criticado publicamente por imoralidade (14:3). Herodes casou-se por conveniência com uma princesa nabateia, mas se divorciou dela para casar com Herodias, esposa de seu meio-irmão. O divórcio fez que Aretas, rei da Nabateia, guerreassem contra Herodes e o derrotasse. João, contrário a toda essa imoralidade pública, diante do ensinamento bíblico, disse: *Não te é lícito possuí-la* (14:4; 5:31-32; cf. tb. Lv 18:16; 20:21). A crítica de João foi interpretada como sedição, e Herodes mandou prendê-lo. Herodias guardava rancor de João e gostaria de vê-lo morto, mas não queria causar ressentimento entre seus súditos, *porque o tinham como profeta* (14:5).

Nas comemorações de seu aniversário, Herodes promoveu uma festa para a qual convidou os grandes e os poderosos. Essas festas eram marcadas por bebedeira e orgias (Et 1:11). Salomé, a filha de Herodias, dançou para os convidados e para Herodes, que, provavelmente bêbado, gostou tanto da dança da jovem que jurou dar o que ela lhe pedisse (14:6-7). Ela pediu conselho à mãe, e esta exigiu a cabeça de João Batista (14:8). Herodes ficou constrangido com a promessa (14:9). Ele não podia voltar atrás num compromisso firmado publicamente diante dos convidados, de modo que ordenou a execução de João Batista, embora isso o entristecesse (14:9-10).

Ao matar João sem julgamento, Herodes quebrou a lei judaica — e também precedeu a morte de Jesus sem um julgamento justo. A decapitação não era uma punição aprovada pela lei judaica. A consciência de Herodes ficou tão perturbada que ele começou a atribuir os poderes miraculosos de Jesus a João, imaginando que João voltara a viver, talvez para assombrá-lo (14:1-2).

Mesmo depois de morrer, João ainda apontava para Jesus. Seus discípulos, arriscando a vida, foram buscar seu corpo para sepultá-lo e, em seguida, comunicaram a morte dele a Jesus (14:12). O movimento de João foi cumprido em Jesus. Na vida e na morte, João permaneceu fiel, fazendo que Jesus crescesse e ele diminuísse (Jo 3:30).

#### 14:13-21 Alimentando cinco mil

A provisão para cinco mil pessoas (na verdade, o número era muito maior, pois a contagem não incluiu mulheres e

crianças) contrasta com a festa mundana da corte de Herodes Antipas na passagem anterior. Essa festa ao ar livre era espontânea e aconteceu graças à compaixão de Jesus pelo povo (14:14a).

Jesus era agora extremamente conhecido e não conseguia mais retirar-se para o silêncio. Aonde quer que fosse, grandes multidões o reconheciam e começavam a segui-lo (14:13,35). Jesus curava os doentes (14:14b), mas os discípulos perceberam outra necessidade, ou seja, a necessidade de comer.

A área era remota, e não havia comida para a multidão. Então, os discípulos pediram que Jesus dispensasse o povo, a fim de que pudessem suprir suas necessidades físicas (14:15). Em vez disso, Jesus ordenou que os discípulos dessem de comer à multidão (14:16). A ordem era um desafio para ver se eles sabiam quem de fato era Jesus, mas a resposta dos discípulos mostrou que não tinham condições de cuidar das necessidades materiais do povo e talvez também fosse uma indicação de sua pouca fé (14:17). O milagre aconteceu: Jesus partiu o pão e distribuiu comida para todos (14:18-19). A multidão toda foi alimentada até saciar-se, e ainda sobraram doze cestos cheios, representando as tribos de Israel (14:20; 15:29-39; 16:5-12). De acordo com João, o povo começou a dizer que Jesus poderia ser “o profeta que devia vir ao mundo” (Jo 6:14).

Esse milagre se assemelha à época de Moisés, quando Deus providenciou o maná no deserto (Êx 16), e à época de Elias, que alimentou uma centena de homens com vinte pães de cevada (2Rs 4:42-44). Se Moisés e Elias podiam realizar tais milagres, certamente isso podia acontecer com os discípulos capacitados por Jesus.

Se as ações de Jesus eram simbólicas, então esse milagre pode não apenas demonstrar a compaixão de Deus, mas também antecipa a última reunião de pessoas no banquete do reino (8:11). A fé reconhece a pobreza dos homens, mas também confia na grandeza de Deus.

#### 14:22-36 Jesus anda sobre as águas

Jesus enviou os discípulos num barco *para o outro lado* (14:22), a *Genesaré* (14:34). Mateus informa que Jesus pediu aos discípulos que saíssem enquanto ele dispensava a multidão. Talvez isso tenha sido necessário por causa da situação perigosa que surgia, da qual Jesus deveria cuidar sozinho. João conta que o povo queria forçar Jesus a se tornar rei, pois percebeu que ele poderia ser o Profeta que Moisés prometeu (Jo 6:15). Esse rebuliço político prematuro prejudicaria a missão de Jesus e confundiria seu chamado para a cruz. Jesus então se retirou para o monte, a fim de orar sozinho (14:23). Os evangelhos mostram que ele era uma pessoa de oração (Mc 1:35; Lc 3:21).

Enquanto os discípulos atravessavam o lago, uma tempestade lhes dificultou a passagem (14:24). *Na quarta vigília da noite*, isto é, entre as três e seis horas da manhã, *foi Jesus ter com eles* (14:25). Os discípulos confundiram-no

com *um fantasma* (14:26). Deveriam ter imaginado que aquele que alimentou uma multidão bem poderia andar sobre as águas para resgatá-la numa tempestade! Quando o reconheceram, acabou o medo.

A identificação de Jesus — *Sou eu* — era impositiva (14:27). Essa frase é usada em ocasiões de revelação (cf. Mc 14:62; Jo 8:58) e pode até refletir o nome divino: “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3:14).

Pedro sempre foi o discípulo que falava pelos outros. Dessa vez, perguntou a Jesus se também poderia andar sobre as águas (14:28). Jesus permitiu, e Pedro conseguiu repetir o milagre de Jesus, porém logo se desconcentrou e se deu conta da circunstância aparentemente impossível. Ele teve medo e começou a *submergir* (14:30). Em meio à calamidade e ao perigo, Pedro clamou a Jesus, e foi salvo.

Jesus usa o incidente como lição. Se Pedro houvesse mantido sua fé, não teria afundado (14:31). Então, Jesus ajudou-o, e juntos eles se dirigiram ao barco. O vento cessou, e veio a bonança (14:32). O restante dos discípulos reconheceu Jesus como Senhor da natureza. Eles o adoraram, dizendo: *Verdadeiramente és Filho de Deus!* (14:33).

Logo que chegaram a terra, os habitantes do distrito reconheceram Jesus, *trouxeram-lhe todos os enfermos*, e ele os curou (14:35-36). Sua compaixão pelo povo não tinha limites. Seus discípulos deveriam demonstrar a mesma compaixão por toda a humanidade.

### 15:1-20 Pureza interna e externa

Enquanto Jesus se dedicava a um ministério de compaixão com os oprimidos e indefesos, os *fariseus e escribas* tinham preocupações e prioridades bem diferentes. Os membros da elite religiosa saíram de Jerusalém para discutir suas preocupações com Jesus, o que indica que havia algum desconforto na capital em relação às atividades do desconhecido pregador itinerante da Galileia (15:1).

Os líderes judeus concentravam-se no cumprimento e no policiamento da etiqueta religiosa judaica, conforme a *tradição dos anciãos* (15:2). Essa tradição ultrapassava os livros do AT e abrangia todas as adições e elaborações exegeticas criadas ao longo dos séculos pelos anciãos, que mais tarde foram codificadas na *Mishnah*. Tais acréscimos muitas vezes ultrapassavam as prescrições da lei. A Torá estipulava que os sacerdotes lavassem as mãos em certas ocasiões, como antes de entrar na tenda da congregação para ministrar diante do Senhor (Êx 30:18-21; Dt 21:6). A demorada lavagem de mãos mencionada por Marcos (Mc 7:3-4) era uma prática relativamente nova, talvez surgida da crescente aversão a qualquer contato com os gentios.

Jesus foi questionado mais uma vez a respeito do comportamento de seus discípulos (15:2; 9:14). Seus adversários alegavam que, se Jesus era um verdadeiro rabi, deveria ter ensinado seus discípulos a se comportar melhor. Jesus não rejeitou a acusação; em vez disso, procurou definir as prioridades. A ordem de Deus precede a *vossa tradição*

(15:3,6). As questões de autoridade e prioridade devem ser definidas.

Jesus escolheu o tema da honra aos pais como argumento. A Torá ordenava claramente que os filhos obedecessem aos pais (15:4-5; Êx 20:12). Os próprios fariseus destacavam a obediência e a honra aos pais, até mesmo pelo apoio financeiro, mas a ordem de Deus não estava sendo cumprida por quem se aproveitava da tradição, jurando que todo dinheiro e propriedade que poderiam ser usados para o sustento dos pais eram *Corbã* (cf. Mc 7:11), isto é, oferta dedicada a Deus, e portanto não estava disponível aos pais. Assim, esses bens continuariam à disposição de quem fez o juramento por toda a vida. Aqui, a tradição dos anciãos ignorou claramente a palavra de Deus e permitiu que filhos inescrupulosos fugissem aos deveres para com os pais. Jesus não tinha tempo para uma tradição que invalidava a *palavra de Deus* (15:6).

Essa tradição, que permitia tamanha desobediência a Deus, era sustentada por homens que, na aparência, honravam a Deus, mas na verdade eram hipócritas cujo coração estava longe do Senhor (15:7-9; cf. tb. Is 29:13). A religião formal que tão-somente adere a rituais e à obediência formal de regras está distante do sentido da Torá e do coração de Deus.

Voltando à questão da lavagem das mãos, Jesus explicou que o que se come entra pelo sistema digestivo, portanto não tem o poder de tornar a pessoa impura. O que sai da boca da pessoa, o que ela diz, é o indicador de seu estado de santidade (15:10-11). O ambiente físico no qual a pessoa vive pode influenciá-la de forma negativa, mas o interior é uma fonte de influência ainda maior. Com esse argumento, Jesus talvez estivesse fazendo uma referência oblíqua ao pecado original.

As palavras de Jesus abalaram as estruturas do elaborado sistema de observâncias de rituais que caracterizavam o judaísmo farisaico. Foi por essa razão que os fariseus ficaram chocados e ofendidos com a resposta de Jesus (15:12). Jesus, porém, insistiu, declarando que os fariseus e escribas eram *cegos, guias de cegos* — um perigo para si mesmos e para aqueles que os seguiam (15:13-14).

A explicação detalhada de Jesus (15:15-16) muda o foco da religião de fora para dentro, do exterior para o interior, do como para o porquê. No pensamento judaico, o *coração* é o centro das emoções, da motivação e do pensamento (15:18). O que sai do coração, por meio do que se fala, revela o estado do interior humano e sua fonte de motivação. Se o coração revela *maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias* (15:19), a pessoa está contaminada. Não importa quanto se lave por fora, nada muda esse estado (15:20). A pureza de coração está longe das atividades físicas que realizamos a serviço de Deus.

### 15:21-28 A fé da mulher cananeia

Mateus descreve a mulher que procurou a ajuda de Jesus com o adjetivo *cananeia*, e não pelo nome mais comum na



época, siro-fenícia (15:22; cf. Mc 7:24-26). Essa palavra destaca as tensões raciais que existiam entre os judeus e gentios, como os fenícios de *Tiro e Sidom* (15:21). Os judeus ansiavam por um Messias que, como Josué, peregrinasse pela terra dos gentios. Muitos consideravam os siro-fenícios uma espécie de remanescente das sete nações cananeias que os israelitas tiveram de expulsar quando Josué morreu (Dt 7:1; Js 13:1-7).

A mulher dirigiu-se a Jesus como *Senhor, Filho de Davi* (15:22; 1:1), o que pode significar uma fé em Jesus semelhante à de Raabe, que ajudou os espias de Josué e salvou a própria família (Js 2:8-13). De fato, por ser cananeia, essa mulher lembra as outras mulheres gentias da genealogia de Jesus: Raabe, Rute e Bate-Seba (cf. comentário sobre 1:3,5,6).

No início, a mulher foi ignorada por Jesus, mas não aceitou a resposta negativa. Ela persistiu, incomodando os discípulos, que pediram que Jesus a mandasse embora (15:23). Jesus repetiu que sua missão estava limitada às *ovelhas perdidas da casa de Israel* (15:24; 10:6,23). Então, fez outra observação: *Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos* (15:26). “Cachorrinhos” era uma forma de tratamento pejorativa que os judeus dispensavam aos gentios. Tal palavra saía da boca de Jesus é surpreendente, mas talvez tenha sido dita com uma dose de humor.

À semelhança de Raabe, a mulher cananeia era corajosa e não estava disposta a ceder. Sua resposta indica que, assim como Josué não quebrou a lei de Deus ao salvar Raabe, Jesus poderia fazer uma exceção à regra sem contrariar o objetivo de sua missão (15:27). Talvez a persistência da mulher também signifique que o evangelho deve ir além de Israel. Jesus, o filho de Abraão, deve levar as bênçãos de Deus a todos os povos do mundo.

### 15:29-39 Alimentando quatro mil

Vemos uma prova maior da extensão da missão de Jesus para o mundo nas *muitas multidões* que *vieram a ele* na montanha, onde ele curou a todos os que lhe pediam a cura (15:29-30). Nessa multidão, por certo havia gentios, pois sua reação à cura era glorificar *ao Deus de Israel* (15:31). A multidão permaneceu com Jesus três dias, então ele tomou a iniciativa de alimentá-la e pediu aos discípulos que lhe fornecessem comida (15:32).

A pergunta dos discípulos diante desse pedido — *Onde poderíamos encontrar, neste lugar deserto, pão suficiente para alimentar tanta gente?* (15:33, NVI) — pode revelar algo sobre seu nível de compreensão a respeito de Jesus. Apesar de terem testemunhado a provisão miraculosa para as cinco mil pessoas (14:13-21), os discípulos ainda buscavam fontes normais de alimento. Essa reação demonstra que eles ainda consideravam Jesus uma pessoa comum, mas também é possível que o uso da primeira pessoa do plural na pergunta dos discípulos seja enfático. Nesse caso, a reação deles confirmava sua incompetência e era um apelo

para que Jesus fizesse o que só ele podia fazer. Tudo o que eles podiam fornecer eram sete pães e alguns peixinhos (15:34). Jesus orou sobre a comida e pediu que os discípulos a distribuíssem à multidão (15:36). Todos comeram, ficaram satisfeitos e ainda foram recolhidos sete cestos de sobras, número que representa as sete nações cananeias (15:37; 14:13-21; 16:5-12). Esse milagre, entre outras coisas, é sinal da remoção da barreira de hostilidade entre o povo de Deus e os gentios.

### 16:1-4 Os fariseus e saduceus pedem um sinal

Em circunstâncias normais, não havia concordância entre fariseus e saduceus. Os fariseus constituíam uma importante seita religiosa que seguia rigorosamente a lei e as tradições dos anciãos. Os saduceus eram uma pequena aristocracia que rejeitava as tradições dos anciãos e colaborava ativamente com os romanos. Os dois grupos, porém, pareciam ter feito um pacto. Os fariseus não confiavam no liberalismo de Jesus, e os saduceus temiam que alguma represália romana resultasse em apoio popular à liderança de Jesus que lhe conferisse importância política.

O pedido de um sinal era, sem dúvida, uma armadilha (16:1). Eles sabiam que Jesus não o concederia, pois já havia recusado um pedido semelhante numa ocasião anterior (12:38-40).

Jesus respondeu lembrando que eles eram especialistas em interpretar os sinais do tempo. Se o pôr-do-sol estava vermelho, provavelmente o dia seguinte seria ensolarado. O céu avermelhado pela manhã significava que uma tempestade se aproximava (16:2-3). Eles deveriam ter a mesma competência para ler os sinais espirituais. É estranho que o povo comum tirasse conclusões da missão de Jesus que os líderes ignoravam ou não enxergavam (15:21-39).

A vida de Jesus era o sinal que eles estavam buscando, e o único outro sinal que receberiam era o *de Jonas* (16:4). Assim como Jonas levou a mensagem transformadora à cidade de Nínive, Jesus trouxe uma mensagem transformadora à casa de Israel. Os três dias de Jesus no túmulo (que fazem um paralelo com os três dias de Jonas no ventre do peixe) seriam o sinal definitivo que eles estavam buscando. Desse modo, se eles não acreditassem em Jesus, em suas palavras e obras, nada mais os convenceria a acreditar.

### 16:5-12 O fermento dos fariseus e saduceus

Jesus aproveitou um momento em que faltou o pão para alertar os discípulos sobre o *fermento dos fariseus e dos saduceus* (16:5-6). Esse fermento era uma massa de farinha levedada, usada para fazer o pão crescer. Uma pequena quantidade poderia ter um efeito poderoso (cf. 13:33). Os discípulos pensavam apenas no sentido literal. Preocupados com o pão, esqueceram que Jesus poderia facilmente providenciar todo o pão de que precisassem e que a preocupação dele era espiritual, não física. Eles ainda não compreendiam quem Jesus era (16:7-8).



Então Jesus mencionou as duas ocasiões em que havia suprido o povo com comida mais que suficiente para todos (16:9-10; 14:13-21; 15:29-39). Jesus era o único que, sozinho, possuía a verdade de Deus. O ensinamento dos fariseus era perigoso como o câncer que destrói o corpo. À semelhança do fermento, a influência maligna de alguns podia impregnar um grupo muito maior.

### 16:13-20 “Tu és o Cristo”

Mateus deixa claro desde o começo quem era Jesus (1:1). O Pai o confirmou em seu batismo (3:17), e os demônios davam testemunho dele (8:29). No entanto, a multidão e os próprios discípulos ainda tentavam identificá-lo (7:28-29; 9:33; 13:54). O segundo pedido de sinal da parte dos fariseus indica que eles também buscavam descobrir quem era Jesus (16:1). O próprio Jesus retornou ao assunto quando estava sozinho com os discípulos, fora de Israel, em *Cesareia de Filipe*, próximo à nascente do rio Jordão. Jesus os questionou usando seu título preferido: *Quem diz o povo ser o Filho do Homem?* (16:13).

Os discípulos relataram que a opinião pública dizia que ele era *João Batista* que voltara da morte (cf. 14:2). Outros citavam *Elias* e *Jeremias* ou *algum dos profetas* (16:14). Jesus, porém, não era um profeta comum. Então, quem ele era? Jesus estava perguntando aos discípulos o que eles haviam feito com suas parábolas e seus ensinamentos.

A resposta correta veio de Pedro, como sempre o porta-voz do grupo: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo* (16:16). Jesus confirmou que era o Filho de Deus, o Messias de Israel e do mundo inteiro. Deixou claro que Pedro não havia chegado a essa conclusão pelo raciocínio humano, mas por revelação direta do Deus Pai (16:17). Toda vez que alguém recebe a Cristo, há uma revelação direta pela qual Deus lhe abre os olhos interiores de modo que o convertido possa enxergar a verdade espiritual.

Jesus também disse a Pedro que *sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela* (16:18). O nome Pedro significa “pedra”, em grego, e a Igreja Católica Romana argumenta que Jesus estava dizendo que construiria sua igreja sobre Pedro, uma posição que leva ao domínio do papado. Os estudiosos evangélicos preferem interpretar que a pedra à qual Jesus se referia não era Pedro em si, mas a confissão que ele fez. É válida a elevada consideração dispensada à afirmação de Pedro, mas também é importante saber que o próprio Pedro teve um papel especial na história da igreja. Ele foi o chefe dos apóstolos em Jerusalém e o primeiro a pregar no Pentecostes, iniciou a missão samaritana e sofreu perseguição por causa do Senhor. Pedro e os outros discípulos receberam autoridade para edificar a igreja. A igreja sofrerá forte oposição, mas no fim será bem-sucedida (16:18).

Pedro e, por extensão, os outros apóstolos que agiam a favor e pela vontade de Deus também tinham autoridade para estabelecer regras para a igreja. “Ligar” e “desligar”

eram termos técnicos para descrever a autoridade dos rabis e determinar quais condutas eram proibidas e quais eram permitidas. Pedro recebeu autoridade de Deus para essa tarefa. Suas decisões na terra poderiam transmitir sanções celestiais, ou seja, como indica o uso do tempo verbal (“terá sido ligado”), o que Pedro autorizasse ou permitisse na terra já havia sido decidido no céu (16:19).

Depois dessa revelação marcante, Jesus pediu que seus discípulos não contassem a ninguém que ele era o Cristo. Numa atmosfera politicamente carregada, essa afirmação poderia ser mal interpretada (16:20).

Essa passagem marca o ponto de virada do evangelho. A partir de então, o ministério de Jesus concentrou-se mais nos discípulos e passou a enfrentar forte oposição, culminando com sua morte fora de Jerusalém.

### 16:21-28 Jesus profetiza sua crucificação

Agora que os discípulos sabiam que Jesus era o Cristo, ele começou a falar sobre a cruz, revelando que seria rejeitado pelas autoridades e depois morto e ressuscitado no terceiro dia (16:21; 17:22-23; 20:17-19). Para Pedro, essas ideias pareciam contraditórias. O Cristo não poderia morrer! O discípulo esperava que Jesus fosse reconhecido pelo povo judeu e recebesse o trono de Davi (16:22). Então, Jesus subjugaria o mundo, começando com os romanos, e governaria a terra para Deus com base em Sião. Pedro não aceitava o conceito de um Messias sofredor e chamou Jesus de lado para repreendê-lo.

Jesus entendeu a repreensão de Pedro como uma tentação do diabo e lhe dispensou o mesmo tratamento que daria a Satanás (16:23; 4:10). A cruz não era opcional: fazia parte da missão de Cristo. Não haveria glória sem a cruz. Sua atitude contrasta com a de muitos líderes africanos que se aproveitam de qualquer cargo de responsabilidade para obter ganhos pessoais. Jesus, porém, estava preparado até para morrer a fim de que o mundo inteiro pudesse ganhar algo.

Ele espera o mesmo de todos os seus discípulos. Um seguidor de Cristo deve fazer três coisas: *a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me* (16:24).

- Negar a si mesmo significa abandonar o direito à autodeterminação. Somente a vontade de Deus importa para a vida aqui na terra e para a eternidade.
- Tomar a cruz requer entregar até mesmo a própria vida a fim de cumprir o chamado.
- Seguir a Jesus é andar nos seus passos, fazendo o que ele veio fazer.

Vale a pena perder tudo para ganhar a aprovação de Cristo (16:25-26).

A afirmação sobre a futura vinda do *Filho do Homem* é complexa, pois abrange sua ressurreição, ascensão e posição de autoridade à destra do Pai, de onde ele virá para jul-

gar o mundo (16:27-28). As palavras em 16:28 — *Alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino* — podem ser uma referência à transfiguração, que acontece logo em seguida. Ao mesmo tempo, Jesus também pode estar falando da ressurreição, do Pentecostes ou da expansão da igreja, conforme relatado em Atos. Contudo, o melhor é não ver essa declaração como referência a um acontecimento. A frase abrange toda a manifestação da glória do Cristo ressurreto em sua pessoa e em seu poder demonstrado por meio dos apóstolos. A última demonstração de sua autoridade acontecerá na segunda vinda.

### 17:1-13 A transfiguração

A insistência de Jesus em sua morte e na necessidade de seus seguidores estarem preparados para morrer pode ter abalado a fé incipiente dos discípulos no Messias. A transfiguração, que aconteceu logo depois, confirmou que ele era verdadeiramente o Filho de Deus. Para Jesus, a transfiguração confirmava que ele estava cumprindo a vontade do Pai. O fenômeno foi testemunhado por Pedro e pelos irmãos Tiago e João (17:1a). Mais tarde, Jesus pediria aos três que o acompanhassem numa hora de agonia, na qual ele precisava ter certeza da vontade de Deus (26:36-46). Os três discípulos seguiram Jesus até *um alto monte* (17:1b), que provavelmente ficava na cordilheira do Hermom. A cena seguinte remonta ao diálogo entre Moisés e o Senhor no monte (Êx 24:15-18). Aqui também há um monte, uma nuvem luminosa, Moisés e a voz do Senhor.

A face de Jesus resplandecia *como o sol* (17:2). O rosto de Moisés também resplandecia depois que ele esteve com Deus (Êx 34:29-35). O rosto de Moisés, porém, mostrava apenas uma glória refletida, enquanto o brilho de Jesus vinha de dentro. Jesus, portanto, aparece como alguém superior a Moisés, pois tem a mesma natureza que Deus.

A presença de *Moisés e Elias* era importante (17:3). Os dois haviam estado com Deus no monte Sinai (também conhecido como monte Horebe — Êx 34:27-28; 1Rs 19:8-9), era esperado que eles retornassem na era messiânica (Dt 18:15; Ml 4:5) e ambos tiveram morte misteriosa. Elias não morreu na verdade, mas foi levado diretamente para o céu (2Rs 2:11). Moisés morreu, mas ninguém sabe onde ele foi sepultado (Dt 34:5-6). Juntos, eles representam “a Lei e os Profetas”, representando todo o AT. Ambos sofreram perseguição por desejarem cumprir a vontade de Deus, como aconteceria com Jesus em pouco tempo.

Pedro, sempre o primeiro a reagir, talvez tenha dito a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Sua sugestão pode ter sido apenas prática, pois eles estavam no alto da montanha e, com tanta luz em volta, uma tenda não seria má ideia. Entretanto, em vez de permitir que Pedro fizesse *três tendas* (17:4), Deus os cobriu com uma *nuvem* (17:5). Essa nuvem é a mesma glória que encheu a tenda da congregação (Êx 40:34-35) e o santuário do templo de Salomão (1Rs 8:10-11).

Deus falou através da nuvem, como fizera no batismo de Jesus (3:17), confirmando que Jesus era seu Filho e que os discípulos deveriam escutá-lo conforme Moisés ordenara (Dt 18:15). A voz de Deus deixou os discípulos apavorados, e eles caíram prostrados de medo, em atitude de adoração (17:6). Jesus estendeu a mão e ajudou-os a levantar (17:7).

Jesus pediu que os discípulos não contassem a ninguém o que haviam visto (17:9), mas eles tinham muitas perguntas para Jesus. A aparição de Elias lembrou-lhes o ensinamento de que ele voltaria antes que o Messias inaugurasse o reino dos céus (17:10). Jesus respondeu que a profecia já se havia cumprido, pois *João Batista* era o Elias que viria antes do Messias para restaurar todas as coisas (17:11-13; cf. Ml 4:5-6), e ele, Jesus, era o Messias. João fora martirizado, e o Messias teria um destino semelhante (17:12).

A glória que era natural para Cristo deveria ser misturada com a humilhação da cruz: as duas deveriam ficar juntas. Seus discípulos também deveriam enfrentar a cruz para conquistar a glória. Qualquer teologia que negue que os discípulos de Jesus devam sofrer é problemática e se opõe à vida terrena de Jesus, aos ensinamentos bíblicos e à experiência humana.

### 17:14-21 Curando um menino endemoninhado

Quando Moisés voltou da montanha, encontrou um tumulto no acampamento (Êx 32:15-17). O mesmo aconteceu com Jesus. Ele voltou do monte da transfiguração e encontrou uma multidão ao redor dos discípulos. Depois dos acontecimentos gloriosos no alto da montanha, ele e seus discípulos foram lançados no mar da necessidade humana. Foram confrontados pela ação demoníaca, como para lembrar que a guerra espiritual é uma realidade constante. Aqui, há uma lição para todos nós: os vislumbres de glória que Deus ocasionalmente nos permite servem para confirmar nossa fé, enquanto continuamos a atender às diversas necessidades das pessoas ao nosso redor.

Um homem saiu da multidão, aproximou-se de Jesus e pediu que ele curasse seu filho, que era *lunático* por força de ação demoníaca (17:14; cf. Mc 9:17-18). Isso não significa que todos os ataques desse tipo sejam causados por demônios (cf. 4:24, em que há distinção entre lunáticos e endemoninhados). O homem trouxera seu filho para os discípulos, mas eles não conseguiram expulsar o demônio (17:16). Ele se aproximou com reverência e ajoelhou-se. Naquela cultura, ajoelhar-se simbolizava respeito e, muitas vezes, súplica. O gesto tem o mesmo significado em muitas culturas africanas hoje. O homem orou: *Compa-dece-te de meu filho* (17:15). Jesus aceitou a fé daquele homem a favor do menino. Muitos outros que demonstraram fé foram da mesma forma honrados (p. ex., os quatro homens em 9:2 e a mulher cananeia em 15:28). A fé a favor de outra pessoa reforça a oração intercessora. Deus é movido quando oramos uns pelos outros, e ele honra essa fé.



Com um ar de irritação e impaciência, Jesus rotulou seus contemporâneos de *geração incrédula e perversa* (17:17). Suas palavras se aplicavam à multidão, mas principalmente aos discípulos, que, tendo saído em missão, já deveriam ser capazes de resolver o problema (10:8). Eles não conseguiram por falta de fé (17:20a).

Jesus explicou-lhes, em particular, que a fé deles era menor que um grão de mostarda. Se fosse *como um grão de mostarda*, além de expulsarem demônios, eles também moveriam montanhas (17:20b). Não é apenas a quantidade de fé que importa, mas também o fato de a fé estar no poder de Deus. Somente Deus pode agir na realização de curas miraculosas. A fé não é um consentimento intelectual: é confiança prática em Deus.

### 17:22-23 A segunda profecia acerca da morte de Jesus

Mais uma vez utilizando seu título preferido, *o Filho do Homem* (17:22a), que implica sofrimento, Jesus profetiza que será *entregue* (17:22b) e morrerá, mas ressuscitará *ao terceiro dia* (17:23; cf. tb. 16:21-28; 20:17-19).

### 17:24-27 Jesus e os impostos

O *imposto das duas dracmas* correspondia a meio siclo e era pago anualmente pela maioria dos homens adultos. O dinheiro era usado inicialmente para a manutenção da tenda da congregação (Êx 30:11-16) e depois para o templo (17:24). Após a destruição do templo, no ano 70 d.C., os romanos usaram esse imposto para erguer o templo de Júpiter, em Roma. Logo, esse acontecimento indica que o evangelho de Mateus foi escrito antes da destruição do templo, pois a questão do imposto deixou de ser importante depois disso.

Não havia um acordo entre os judeus a respeito da legitimidade do imposto. Os saduceus aparentemente não o aprovavam, enquanto os membros da seita de Cunrã pagavam o tributo uma vez na vida, o que parece ser mais próximo da prescrição do AT. Em razão da controvérsia a respeito, qual foi a atitude de Jesus em relação ao imposto? Pedro confirmou que Jesus pagava o imposto, talvez porque o pagasse regularmente (17:25).

Onde fui criado, havia dois tipos de imposto: o imposto cobrado pelo governo colonial britânico de cada homem adulto, chefe de família, e o imposto anual tradicional pago ao palácio local do governo, geralmente na forma de trabalho, doações de comida ou taxas. O imposto colonial nos lembrava que estávamos sujeitos a um poder estrangeiro, enquanto o imposto local era uma questão de orgulho. O tributo tradicional não era pago pelos filhos do chefe, mas por aqueles que eram governados pelo chefe. Da mesma forma, Jesus argumenta que, como Filho de Deus, ele não precisava pagar o imposto, pois o templo era a Casa de Deus. O imposto do templo visava a manutenção dos serviços que oferecia. Entretanto, para não ofender ninguém ou colocar uma pedra de tropeço diante deles, Jesus pagou o tributo

(17:26-27). Os cristãos são chamados a cumprir todas as regras e obrigações da sociedade em que vivem, para que não cometam alguma transgressão. Devemos obediência ao governo.

### 18:1-35 Quarto ensinamento: a comunidade do reino

Esse é o quarto dos cinco grandes blocos de ensinamento em Mateus e versa sobre o relacionamento na comunidade dos seguidores de Jesus, podendo ser corretamente chamado “Manual de discipulado”. Toda comunidade deve ter valores básicos e limites específicos que definam seu caráter e a distingam das outras comunidades.

A comunidade cristã é centrada em Jesus, que é “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16:16). Ele é nosso Mestre: seus ensinamentos cumprem o AT (5:17) e baseiam-se em sua vida e em suas palavras.

### 18:1-5 Liderança na comunidade

A posição social era de grande importância na cultura mediterrânea do século I. Em vinte séculos, não houve grandes mudanças! No mundo atual, homens e mulheres de posição social elevada podem usar sua influência para conseguir o que querem. É comum, em algumas partes da África, que pessoas com poder na sociedade ou ligadas a líderes ou políticos assumam cargos de responsabilidade para os quais não estão preparados. A igreja também foi afetada: muitos líderes citam seu cargo antes do nome. A preponderância de títulos como bispo, arcebispo e apóstolo é outro indicador dessa doença presente no Corpo de Cristo. A atração pelo *status* é fácil de entender, pois ele muitas vezes caminha lado a lado com o respeito e as oportunidades. É por isso que os discípulos discutiram sobre quem era o maior (18:1; Mc 9:34). Mas quais são as qualidades de grandeza e liderança na comunidade de Jesus?

A resposta de Jesus a essa pergunta convida-nos a reavaliar nossa compreensão do que seja liderança. Os líderes devem ser como criancinhas (18:2-5). Segundo alguns comentaristas, isso significa que eles devem apresentar características infantis, como inocência, deslumbramento, dependência, confiança e capacidade de perdoar. Embora essas qualidades sejam importantes, a principal virtude das crianças nessa história é que elas não possuem *status* social e dependem de quem cuida delas. Tornar-se como criança é, portanto, renunciar a qualquer noção de importância e adotar a insignificância. Essa é a verdadeira humildade (Fp 2:6-11), a principal característica daqueles que seguem a Jesus. Não temos o direito de estabelecer hierarquias na igreja, separando quem é e quem não é importante (cf. Tg 2:1-4). Devemos tratar-nos bem no ambiente da igreja, como pessoas que possuem o mesmo *status*, ou seja, nenhum *status*. A falta de poder é uma boa qualidade no reino dos céus. Ser cidadão dos céus significa abandonar seus direitos e viver para servir, não para adquirir poder.

### 18:6-9 Fazendo que outros tropecem

Podemos tropeçar fisicamente por um motivo interno, como falta de concentração, ou por um fator externo, como algo que esteja em nosso caminho. Muitas vezes, o tropeço nos faz cair. O que acontece fisicamente também acontece espiritualmente. Podemos *tropeçar*, isto é, pecar, ou fazer que outros tropecem, ou pequem (18:6). Aquele que faz alguém pecar sofrerá graves consequências, pior que *se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho* (18:6b). Tendemos a aplicar esse versículo apenas na forma pela qual tratamos as crianças, mas em 18:6a *pequenos* se refere a todos os discípulos, não apenas às crianças no sentido literal (11:25; 25:40).

Jesus afirma que o pecado e as tentações para o pecado continuarão por toda a vida (18:7). Seus discípulos, como todos os seres humanos, estarão expostos à pressão externa para o pecado, mas o desejo de pecar também pode vir de dentro (18:8-9; cf. 15:11). Nossos olhos, mãos, nariz, língua e ouvidos podem tornar-se avenidas por onde a tentação passe e nos leve ao pecado. Nossos olhos podem ver algo que desperte fortes paixões que culminem em pecado. Hoje isso é ainda mais frequente, graças ao acesso que temos às informações dos livros, da televisão e da Internet. Mãos ociosas sempre foram e continuarão sendo ferramentas do diabo. Podemos usar nosso nariz para cheirar cola ou inalar drogas mais potentes. A língua pode ser mortal como o veneno (Tg 3:8-9). Devemos evitar que nossos ouvidos ouçam o que não edifica. O corpo do cristão deve ser disciplinado para não brincar com a maldade e não cair em pecado.

É necessária uma ação drástica para lidar com qualquer uma dessas fontes de tentação (18:8-9). Não precisamos tomar essas palavras ao pé da letra, mas é necessário atentar para a mensagem essencial. Devemos discernir o que vemos, tocamos, cheiramos, ouvimos e dizemos. É preciso saber a que estamos expondo nosso corpo, pois essa exposição pode levar ao pecado. Também precisamos estar cientes de que nosso pecado faz que outras pessoas tropecem, o que implica ser duplamente cuidadosos na maneira de agir.

Para algumas pessoas, as ações drásticas sugeridas em 18:8-9 referem-se a pessoas fora da comunhão que são fontes de tropeço para o corpo de Cristo, a igreja. O assunto aqui, porém, é a vida cristã.

### 18:10-14 A parábola da ovelha perdida

Lucas junta essa parábola com outras duas: a da dracma perdida e a do filho pródigo, pois as três versam sobre o coração pastoral e seu cuidado com os *pequenos* (18:10; Lc 15). Os “pequenos” têm acesso direto à sua presença, e, se eles são iludidos por alguém ou por alguma coisa e se desviam, o Pai não descansa até que estejam a salvo de novo no aprisco.

As noventa e nove ovelhas deixadas para trás não foram abandonadas (18:12). Nos dias de Jesus, os pasto-

res trabalhavam em grupos, e o pastor dedicado as teria deixado aos cuidados de outro pastor — com o rebanho comunal.

Lucas destaca a alegria que sucedeu a recuperação da ovelha perdida (Lc 15:1-7), enquanto Mateus ressalta a preocupação com que nenhum daqueles membros vulneráveis *pereça* (18:14). As duas perspectivas são verdadeiras, pois a mesma preocupação que leva à busca dedicada também expressará grande alegria se a busca der resultado. O coração pastoral do Pai não somente busca e restaura, mas também comemora quando uma ovelha desviada é recuperada e conduzida em segurança para o aprisco.

Essa parábola se aplica, entre outras coisas, aos pais, que devem ter a mesma preocupação que Deus pelos filhos. Os filhos tendem a se rebelar, magoando os pais. Contudo, os pais devem prudentemente procurar o filho e reintegrá-lo à família. Como dizem os bembas: *Umwana kaseembe: kakukoma wa bwela wa kobeka* (“A criança é um machado: mesmo que o corte, você ainda a leva nos ombros para usar outra vez”).

Da mesma forma, pastores e anciãos (a quem Pedro se refere como “pastores” — 1Pe 5:1-2) devem cuidadosamente buscar os membros da igreja que correm o perigo de se desviar ou de ser enganados, ou que estejam desanimados a ponto de desistir do compromisso com Cristo. A busca deve continuar até que eles sejam encontrados e restaurados à comunhão. Fazendo assim, os pastores e anciãos não podem ser severos, e sim gentis e receptivos. O Pastor-Chefe, o próprio Cristo, recompensará esse cuidado.

### 18:15-20 Relações interpessoais

O lar dividido contra si mesmo não sobreviverá (12:25), pois a desarmonia é o câncer que devora o coração da comunidade. Mesmo assim, em qualquer comunidade, existem irmãos e irmãs que lutam uns contra os outros (18:15). Como dizem os bembas: *Imiti ipalamene: taibula kushenkana* (“Duas árvores muito próximas podem criar atrito entre si”). Os pecados envolvidos não são citados. Pode ser até o pecado de consentir que outros se desviem. Qualquer que seja o caso, não se pode permitir o pecado, que deve ser evitado a qualquer custo. A comunidade não pode tolerar desunião, rancor nem mágoa, porque prejudicam a saúde e o testemunho do Corpo.

Jesus cita três passos para restaurar a harmonia, a união e o amor:

- O primeiro passo deve ser tomado pela pessoa ofendida, que deve apontar a ofensa ao ofensor. O ofensor pode não ter percebido ainda que disse ou fez algo ofensivo. Isso facilita a reconciliação (18:15). Manter o assunto entre os dois apenas é importante, principalmente em algumas culturas, como na Zâmbia, onde ser constrangido em público é considerado pior que a ofensa original. A privacidade preserva o senso de unidade e



elimina as fofocas, que são sempre um empecilho à solução dos problemas.

- Se a primeira tentativa de reconciliação não der certo, aquele que foi ofendido deve recorrer a *uma ou duas pessoas* (18:16). Essas testemunhas independentes devem ouvir a explicação do que aconteceu, para ver se as partes estão tentando reconciliar-se sinceramente ou estão determinadas a obstruir o caminho da harmonia.
- O último passo é levar a questão diante de toda a assembleia (18:17). Se o ofensor ignora o veredicto do grupo, deve ser publicamente desligado da comunidade. No judaísmo, isso significava considerar o excluído impuro e, portanto, alguém que devia evitado por todos. Em suas cartas, Paulo sugere como medida drástica a excomunhão (cf. 1Co 5:5; 1Tm 1:20; Tt 3:10-11).

A referência a “ligar e desligar”, em 18:18, dá ideia de que a comunidade tem a autoridade, sancionada pela corte celestial, de se pronunciar sobre o que é certo e errado, sobre o que é ou não pecado. Essa autoridade deve ser levada a sério. Jesus concedeu-a a Pedro (16:19), mas hoje ela abrange toda a comunidade messiânica, a qual deve estar comprometida com a oração e participar da comunhão do Senhor (18:19).

### 18:21-35 O servo infiel

A hostilidade entre membros de uma comunidade pode resultar em frustração, paralisia, moral baixo e perda de visão. O antídoto para essa desarmonia é o perdão, que proporciona paz, harmonia, união e aceitação. Entretanto, o perdão pode ser difícil quando alguém está habituado a causar desunião, por atos e palavras ofensivas. Existe um limite de vezes para perdoar? Pedro perguntou a Jesus se o número mágico seria sete vezes (18:21). O número sete representava a perfeição, de modo que Pedro pode ter pensado que, após perdoar alguém sete vezes, a pessoa ofendida teria cumprido sua parte. A resposta de Jesus deixa claro que não há limites para o perdão. Lameque não impôs limites à sua vingança, dizendo que se vingaria setenta vezes sete (Gn 4:24). Da mesma forma, Jesus não estabeleceu limites para o perdão (18:22). Ele ilustrou a questão com a parábola de um rei e seus servos (termo usado para descrever os altos oficiais de um reino). Alguns desses oficiais tomavam dinheiro emprestado do rei. O rei, com certeza muito rico, emprestava quantias grandes e pequenas, e um dia resolveu cobrar de seus devedores chamando-os para prestar contas (18:23-24).

Isso não se aplica à grande dívida da África e à necessidade de amenizar o débito, mas é importante esclarecer que quem pede dinheiro emprestado tem a obrigação de pagar. O agiota tem o direito de cobrar de todos aqueles para os quais emprestou dinheiro. As nações credoras devem fazer o possível para aliviar o sofrimento de milhões que sofrem por causa da dívida africana, enquanto a África

deve encarar suas responsabilidades, a despeito de qualquer ação dos países credores.

O primeiro servo devia 10 mil talentos (18:24) — dez vezes o imposto arrecadado pelo país nos tempos de Herodes, o Grande. O número provavelmente não deve ser considerado como valor nominal, mas serve para ressaltar a diferença entre essa quantia, equivalente a 100 milhões de denários, e os 100 denários mencionados depois (18:28). Como um oficial pôde contrair dívida tão imensa? Quem seria ingênuo a ponto de emprestar tanto dinheiro? Talvez fossem dívidas acumuladas, como aconteceu com a dívida africana — juros sobre juros, e assim por diante! Talvez o oficial fosse um cobrador de impostos que não conseguia arrecadar dinheiro suficiente. O rei percebeu que seu servo, apesar das promessas, jamais seria capaz de pagar a dívida. Então, exerceu misericórdia, cancelou a dívida e deixou seu servo ir embora (18:25-27).

No caminho, o devedor recém-perdoado encontrou alguém que lhe devia 100 denários e chamou-o para prestar contas (18:28). O devedor não tinha como pagar e pediu mais um prazo (18:29), porém o agiota não teve piedade e levou o devedor à corte para que fosse lançado na prisão (18:30). É revoltante ver uma pessoa tratada com tamanha deferência ser tão mesquinha para com o próximo.

Por fim, a cena se volta para o tribunal. Outros servos do rei, que testemunharam a demonstração de misericórdia do soberano e o ato desumano do servo infiel, relataram o fato ao monarca (18:31). O rei convocou então o servo infiel e aplicou-lhe a merecida punição (18:32-34).

Essa parábola lembra que nossa dívida moral com Deus é incalculável. Todo pensamento, palavra ou ato humano, por mais nobre que seja, está corrompido pelo pecado (Gn 6:5-6, 11-13; Sl 51:5), o que significa que violamos a lei moral de Deus, mesmo quando não temos consciência disso. Deus, porém, em Jesus Cristo, providenciou uma maneira de perdoar todos os pecados. Não importa quanto as pessoas nos devam, nada se compara à dívida que temos para com Deus, a qual ele já perdoou. Devemos seguir esse exemplo de graça e aprender a perdoar.

## 19:1—22:46 O ministério de Jesus: parte 4

### 19:1-12 O divórcio

Cerca de um a cada dois casamentos no Reino Unido e nos Estados Unidos acaba em divórcio. As estatísticas africanas são mais difíceis de levantar. O divórcio também era comum nos tempos de Jesus. Apesar disso, é uma violação do propósito original de Deus para o casamento, como Jesus dá a entender quando responde à seguinte pergunta dos fariseus: *É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?* (19:3).

O pano de fundo dessa questão era o debate entre duas escolas de pensamento teológico, ambas tendo Deuteronômio 24:1-4 como ponto de partida. O rabi Shammai ensinava que um homem podia divorciar-se da mulher se ela fosse infiel,



pois interpretava que a expressão “coisa indecente” em Deuteronômio se referia à infidelidade conjugal. Já o rabi Hillel interpretava a expressão mais amplamente e entendia que um homem podia divorciar-se da mulher por qualquer motivo, mesmo por algo trivial como um pão queimado. Em termos atuais, podemos dizer que um homem poderia pedir o divórcio se a mulher colocasse muito sal na comida, ou (na Zâmbia) por deixar que outro homem usasse seu *akatemba cupo*, uma panelinha especialmente separada para que o marido esquentasse a água para lavar o rosto. Essa discussão teológica ganhou proporção por causa do famigerado caso de Herodes Antipas, o tetrarca, que se divorciou da esposa nabateia para casar com Herodias, que havia sido esposa de seu irmão Filipe. Esse casamento levou João Batista à morte (14:9-11).

Os fariseus tentavam criar uma armadilha para Jesus. Se ele dissesse que o divórcio era legal *por qualquer motivo* estaria contradizendo Moisés, que o permitia somente por indecência (Dt 24:1). Se dissesse que era ilegal, ficaria mal visto pelo povo, pois o divórcio era prática comum entre eles.

Jesus percebeu a intenção dos fariseus e, com sabedoria profética, evitou uma discussão superficial, bem como as infames maquinações políticas, indo diretamente à autoridade original. Em vez de argumentar sobre Deuteronômio, destacou outras duas passagens bíblicas: Gênesis 1:27 e 2:24 (19:5). Ele não afirma que a prescrição mosaica era nula ou vã. Em vez disso, prefere analisar a questão no contexto da intenção original de Deus.

## CASAMENTO, DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO

Por tradição, o casamento envolve a comunidade. Na verdade, porém, é uma instituição divina, pois Deus criou Eva para ser auxiliadora idônea somente de Adão. As exortações do NT acerca do casamento dizem respeito ao marido e à esposa. Apesar de a união ocorrer dentro do contexto da comunidade, portanto, não se dá entre a comunidade e a esposa, mas, sim, entre o marido e a esposa. O papel da comunidade consiste em ajudar o casal a ser bem-sucedido em seu relacionamento.

Lemos em Gênesis: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2:24). O mesmo conceito é reiterado por Jesus ao responder a uma pergunta sobre o divórcio (Mt 19:5; Mc 10:7) e por Paulo ao tratar do papel dos cônjuges no casamento (Ef 5:31). De acordo com o princípio bíblico para o casamento, o homem que se casa concorda em reorganizar suas prioridades para colocar a esposa em primeiro lugar em sua escala de relacionamentos humanos, posição ocupada até então pelos pais. A tônica não é o distanciamento físico (apesar de ser apropriado viver fisicamente separado dos pais), mas, sim, a pergunta: “Quem é minha melhor amiga?”. A resposta correta é: “Minha esposa”. Essa resposta não deve ser apenas uma afirmação teórica, mas a prática constante de todo marido cristão. O princípio se aplica a ambos os cônjuges, de modo que a esposa deve ter o marido como seu melhor amigo.

Adão entendeu corretamente que Eva era “osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2:23). Consequentemente, o casamento envolve não apenas deixar os pais, mas unir-se de fato à esposa e tornar-se “uma só carne” com ela. O matrimônio confere à esposa uma posição na qual nada mais é “seu” ou “meu”; tudo que temos é “nosso”, pois somos uma só carne. Isso vale não apenas para bens materiais, mas também para as bênçãos e dificuldades da vida.

Jesus reitera o princípio de “deixar” e “unir-se” em Mateus 19:1-12 e Marcos 10:1-12. Os fariseus lhe perguntaram: “É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?” (Mt 19:3). Na cultura judaica, o divórcio era uma prerrogativa masculina. Dentro da cultura romana mais ampla, contudo, a esposa também podia se divorciar do marido, como a resposta de Jesus em Marcos 10:11-12 deixa claro.

A resposta de Jesus ressalta quatro pontos importantes:

- Deus criou um indivíduo do sexo masculino (Adão) e um indivíduo do sexo feminino (Eva), de modo que, de acordo com o desígnio de Deus, o casamento deve unir um homem e uma mulher. Por implicação, qualquer outro padrão é humano, e não divino.
- É da vontade de Deus que o homem deixe pai e mãe e se una à sua esposa. A ordem para “deixar” e “unir-se” indica que o casamento liga os cônjuges numa aliança matrimonial. A forma verbal “tornando-se” enfatiza a certeza de que isso acontecerá. A certeza não se baseia no desejo do casal, mas no decreto divino.
- No casamento, Deus “ajunta”. Pelo ato espontâneo de entrar na aliança de casamento, os dois são feitos uma unidade por Deus e, portanto, devem andar na mesma direção a fim de chegarem a algum lugar. As pessoas de fora não devem interferir, pois farão frente a Deus se tentarem separar quem ele juntou.
- Ninguém deve tentar separar duas pessoas que Deus juntou. Nenhum homem ou mulher pode desfazer aquilo que Deus fez. É possível, contudo, causar confusão na obra divina. É o que acontece quando um casamento se desintegra. O trabalho de Deus ao juntar o casal não é desfeito. Homens e mulheres pecaminosos (ou Satanás, que está sempre ansioso para deturpar a beleza da criação de Deus), podem, contudo, causar confusão a ponto de, por vezes, parecer que anularam a união realizada por Deus.

Os fariseus entenderam muito bem o que Jesus disse: uma vez que o homem e a mulher entram no relacionamento matrimonial, o contrato é permanentemente indissolúvel em todas as situações. Daí indagarem: “Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?” (Mt 19:7), uma referência a Deuteronômio 24:1-4. De acordo com essa passagem, o homem que estivesse insatisfeito com sua esposa por ter encontrado “coisa indecente nela” podia se divorciar. Se, contudo, ela se casasse com outro homem, o primeiro marido não podia desposá-la novamente, pois ela havia sido “contaminada”.

Em sua resposta, Jesus trata, ainda, de outras três questões acerca do divórcio:

- A permissão de Moisés não se baseava no ideal de Deus, mas na fraqueza humana. Nesse caso, Deus não está sendo transigente, mas, sim, misericordioso. Não é do feitio de Deus destruir quem demora a aprender, mas lhe dar mais tempo para entender seus caminhos maravilhosos e, por fim, amadurecer o suficiente para seguir sua vontade. A resposta de Jesus concorda com o significado da passagem de Deuteronômio. Moisés desejava mostrar que o homem precisava pensar muito bem antes de se divorciar de sua esposa, pois, se mudasse de ideia mais adiante, não poderia desposá-la novamente caso ela houvesse se casado com outro homem. A passagem de Deuteronômio enfatiza, portanto, a seriedade do relacionamento conjugal.
- A permissão de Moisés se deveu à dureza do coração dos seres humanos refletida em seu relacionamento uns com os outros.
- O divórcio e o novo casamento constituem adultério, a menos que o divórcio tenha sido provocado por infidelidade. Os mestres da lei, contudo, estavam permitindo o divórcio por motivos triviais. Jesus, pelo contrário, assevera que não há justificativa para se divorciar, exceto a imoralidade. A exceção provavelmente deve ser interpretada no contexto de Deuteronômio 24:4, em que Moisés diz que a mulher envolvida com outro homem foi contaminada e, nesse caso, é lícito o marido se divorciar dela. Essa exceção não significa que o adultério deve resultar em divórcio. Tendo em vista a graça clemente de Deus para conosco, precisamos estar preparados para perdoar outros.
- A exceção é mencionada em Mateus 5:31-32, mas não nas passagens paralelas em Marcos 10:11-12 e Lucas 16:18. Mateus escreveu para pessoas que estavam lidando com as prescrições judaicas. Para outros, porém, divórcio e novo casamento são apresentados categoricamente como adultério. Ao combinarmos os relatos das palavras de Jesus, parece claro que Deus não aprova nenhuma justificativa

para o divórcio. A exceção mencionada em Mateus ressalta a seriedade do casamento, mas não serve de permissão para o divórcio.

Paulo emprega a imagem do casamento para ensinar sobre o relacionamento do cristão com a lei (Rm 7:1-6). Argumenta que somente a morte dissolve os laços matrimoniais. Em 1 Coríntios 7, fala da necessidade de o casal permanecer unido como marido e esposa, mas acrescenta: “Se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz” (1Co 7:15). O ponto principal é o significado da expressão “não fica sujeito à servidão”. Paulo não explica em que consiste a servidão. A pessoa está livre do relacionamento, mas não deve se casar novamente, ou a liberdade inclui a dissolução dos laços matrimoniais e, portanto, a permissão para se casar novamente? Ao que tudo indica, o tema central do argumento de Paulo é a necessidade de os cristãos cultivarem o relacionamento conjugal mesmo quando se encontram casados com não-cristãos. Não obstante, parece haver espaço para, em casos especiais e sob a direção do Espírito Santo, a igreja aplicar essa liberdade não apenas ao relacionamento, mas também aos votos e, desse modo, permitir que o indivíduo divorciado se case novamente. Mateus 18:15-17 apresenta os parâmetros a serem seguidos nesses casos, e a igreja deve participar plenamente do processo.

Uma das questões mais importantes no aconselhamento para casais é a identificação de casos especiais aos quais a liberdade de 1 Coríntios 7:15 é aplicável. É extremamente fácil abrir cada vez mais a porta para o divórcio e esquecer que Jesus o limitou à ocorrência de adultério e que Deus deseja que todos os casais mantenham seus votos matrimoniais para a vida toda. Não devemos, porém, ignorar o fato de que “Deus [nos] tem chamado à paz”. A paz resulta de os dois cônjuges cumprirem sua parte dos votos. Há casos em que o marido tortura a esposa, quer por violência física, quer por negligência financeira, quer por ausência. Quando esse comportamento não muda mesmo depois de aconselhamento repetido e especialmente quando a vida da esposa corre perigo, ela tem o direito de deixar o marido. A esposa também pode ser o cônjuge em pecado quando, por exemplo, abandona o lar para morar longe do marido sem lhe prestar contas. Nas situações mencionadas anteriormente, depois de tentativas enérgicas de ajudar a parte errada a corrigir sua conduta, o pastor e a igreja devem tomar partido do cônjuge lesado e buscar maneiras de ajudá-lo a dar prosseguimento à sua vida. Ao reconhecer tais situações como casos especiais, a igreja pode dar à parte vitimada a opção de se separar, divorciar e casar novamente.

Samuel Ngewa



Deus criou os seres humanos “à sua imagem”, *homem e mulher* (19:4; Gn 1:27). Em parte, isso significa que temos a capacidade de nos comprometer com um casamento caracterizado por amor, segurança, harmonia e confiança — as mesmas virtudes que distinguem o relacionamento entre a Trindade. O fato de serem *os dois uma só carne* (19:5b; cf. tb. Gn 2:24) indica que o casamento é um relacionamento exclusivo e idealmente indissolúvel (19:6). Como seria de esperar, surge a questão: se Deus quis que o casamento fosse indissolúvel e não permitia divórcio, por que Moisés o permitiu (19:7)?

Em sua resposta, Jesus afirmou que a provisão de Moisés em torno do divórcio não anulava a intenção original de Deus. Moisés permitira o divórcio porque alguns casamentos eram cheios de sofrimento devido ao pecado e à dureza do coração humano (19:8). O casamento deveria permitir que os cônjuges experimentassem a riqueza do relacionamento que existe entre Pai, Filho e Espírito Santo. Infelizmente, para muitos casais, a iniquidade, a dureza de coração, a infantilidade e a falta de empatia, simpatia, amor, cuidado, confiança, respeito e compromisso indicam que seu casamento é mais infernal que celestial.

Jesus permite o divórcio, e consequentemente o segundo casamento, quando há infidelidade conjugal (19:9). Essa concessão é um ato de redução de danos, assim como as regras de Moisés. Exceto em casos de infidelidade conjugal, casar pela segunda vez enquanto a outra parte está viva é adultério (cf. tb. 5:32), pois substitui por outra união sexual o primeiro casamento sancionado por Deus, pelos pais e pela sociedade (Mt 2:15-16).

Portanto, temos uma tensão na qual a realidade do divórcio e do segundo casamento não cumpre a ideia original. Devemos resistir à tentação de reduzir nossos princípios à realidade, como se fossem um padrão. Em vez disso, precisamos esforçar-nos para cumprir a intenção do Senhor expressa em Gênesis (cf. Ef 5:31).

Muitos, até mesmo os discípulos, achavam que era difícil permanecer no casamento e que a opção do divórcio e do segundo casamento era uma saída necessária. Os discípulos reagiram à interpretação severa de Jesus sugerindo que talvez fosse melhor que o homem não se casasse (19:10). O celibato é comum entre homens e mulheres na Europa e na América do Norte, o que não se aplica à África. Aqui, mesmo quando o celibato é imposto por superiores, como acontece em algumas denominações, muitos pastores violam essa exigência. A pressão da sociedade para casar ou para ter filhos é tão forte que muitos africanos, principalmente homens, não aceitam uma vida sem casamento ou, para sermos mais precisos, sem sexo regular.

Jesus reconhecia a dificuldade de manter-se fiel aos votos de casamento ou de manter uma união dolorosa. Ele entendia que as exigências do casamento cristão só podem ser cumpridas por aqueles que têm um relacionamento de apoio com Deus (19:11). Se Cristo é o dom que capacita

seus discípulos a permanecer fiéis no casamento, então as duas partes devem professar fé a ele.

Cristo, porém, não considera o celibato superior ao casamento. O casamento heterossexual continua sendo o ideal de Deus para os seres humanos em geral (19:3-9). O celibato é possível, mas, assim como o casamento, é um dom. Eunucos e pessoas que, como Jesus, foram escalados para ministérios especiais, em que o casamento é uma impossibilidade, são chamados a viver nessa condição (1Co 7:7-9,32-35).

Embora seja normal casar e ter filhos, Jesus ensina que não é algo obrigatório a todos. Devemos honrar e respeitar cada ser humano, até mesmo aqueles que, por algum motivo, não foram capazes de ter filhos ou de construir um casamento.

### 19:13-15 Jesus e as criancinhas

Esse episódio destaca a importância de demonstrar respeito e honra por aqueles que não são respeitados pela sociedade. As crianças não costumavam receber muita atenção (cf. 18:1-5), e os discípulos acharam que um mestre como Jesus era ocupado demais para perder tempo com elas (19:13). Jesus, porém, teve tempo para demonstrar sua preocupação especial com as crianças e reafirmou a importância das virtudes que os pequeninos possuem, *porque dos tais é o reino dos céus* (19:14). Ele também demonstrou sua preocupação com os grupos marginalizados e desprezados, como os publicanos, os pecadores, os gentios e os leprosos. Na África, há muitas pessoas desprezadas pela sociedade: portadores de deficiência ou do HIV/aids, órfãos, pessoas não casadas, pessoas sem filhos, membros de tribos desprezadas. Como seguidores de Jesus, devemos dirigir-lhes a mesma preocupação.

### 19:16-26 Um homem rico procura Jesus

A história do jovem rico que perguntou a Jesus: *Que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?* (19:16) também é relatada por Marcos e Lucas (Mc 10:17-31; Lc 18:18-30). Nesses evangelhos, o jovem rico se dirige a Jesus chamando-o “bom Mestre”. Esse tratamento era muito respeitoso e pode indicar a estima que o povo sentia por Jesus. Mateus, porém, utiliza o adjetivo “bom” em relação ao que o jovem deveria fazer para *alcançar a vida eterna*.

Jesus respondeu que somente Deus é bom. A “bondade” era uma virtude que os judeus associavam comumente a Deus e aos seus mandamentos. Da mesma forma, Jesus mostrou ao jovem as boas leis daquele que é *bom* (19:17) e sugeriu que ele lhes obedecesse. O jovem pensava na bondade como ação humana, enquanto Jesus destacava a bondade de Deus e de suas boas obras. É isso que interessa para a entrada no reino dos céus. O profeta Isaías comparou as atitudes humanas a um trapo de imundícia, o que não qualifica ninguém a entrar no reino dos céus (Is 64:6).

Os mandamentos que Jesus citou em **19:18-19** estão na segunda metade dos Dez Mandamentos e dizem respeito ao relacionamento com o próximo (Êx 20:12-16; Lv 19:18; Dt 5:16-20). O homem afirmou que guardava os mandamentos havia anos, mas ainda lhe parecia faltar algo (**19:20**). Jesus não duvidou da resposta do jovem, mas em seguida citou o mandamento sobre amar a Deus de todo o coração, mente e alma (22:37). O jovem também cumpria esse mandamento? Ele amava ao Senhor com toda a sua riqueza? Jesus testou-o, ordenando que vendesse seus bens, doasse aos pobres e o seguisse (**19:21**).

Entrar no reino dos céus ou herdar a vida eterna requer mais que realizar certas ações, mesmo que sejam boas e maravilhosas. É necessária uma entrega total a Jesus: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (16:24; cf. Mc 8:34). O jovem queria alguém que lhe ensinasse algo que ele pudesse fazer, mas não estava preparado para aceitar o senhorio de quem exigia o sacrifício. Então, *retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades* (**19:22**).

Jesus testou se esse aspirante a discípulo estava preparado para entregar a si mesmo e tudo o que possuía. A pobreza em si não é uma virtude nem uma qualificação para a entrada no reino de Deus, embora os pobres tenham um lugar especial no pensamento de Deus (Lc 6:20). No entanto, a pobreza material faz a pessoa depender inteiramente da misericórdia dos outros. Essa qualidade é importante para quem quer seguir a Jesus e entrar no reino de Deus. Jesus é Senhor de todas as coisas, portanto devemos estar preparados para dar-lhe o primeiro lugar em nossa vida.

Os ricos têm mais dificuldade para se entregar a Deus. As riquezas proporcionam uma falsa sensação de segurança, que pode torná-los orgulhosos e arrogantes. Elas podem absorver toda a energia da pessoa, não deixando espaço para Deus. Essa lição é reforçada por uma ilustração que parece absurda. *É mais fácil passar um camelo [ou um elefante, ou um hipopótamo] pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus* (**19:24**). Na África, existem muitos pobres, o que — associado à receptividade africana com relação às questões espirituais — significa que temos uma grande janela de oportunidade para pregar o evangelho a pessoas que possuem menos barreiras para a fé que os povos no mundo ocidental.

Os discípulos ficaram espantados com as palavras de Jesus, pois, como o povo da época, achavam que a riqueza era um sinal da bênção de Deus e que a pobreza era indício do descontentamento divino. Então, se não havia salvação para os ricos, *quem pode ser salvo?* (**19:25**). A resposta de Jesus indica que os ricos não serão afastados e que a riqueza em si não é pecado, embora seja perigosa para a fé. Alguns seguidores de Jesus eram ricos, como Nicodemos (Jo 3:1-8), Zaqueu (Lc 19:1-9) e José de Arimateia (27:57-61).

### 19:27-29 Renúncia às riquezas e recompensas

Os discípulos perguntaram sobre a própria condição, pois haviam abandonado tudo, até mesmo o trabalho e a família, para segui-lo (**19:27**). A resposta de Jesus mostra que Deus se importa com aqueles que se sacrificam por ele. A família é algo precioso demais para ser abandonada. Na África, somos definidos pela extensão de nossa família ou clã. Desistir da família é como se perder. Ser rejeitado pela família é uma grande tragédia, o que muitas vezes acontece quando um muçulmano decide seguir a Jesus.

Jesus diz que devemos estar preparados para a rejeição, se o seguirmos. O discipulado exige disposição para renunciar aos relacionamentos familiares e aceitar pessoas que não são parentes, se for esse o preço de seguir a Jesus. Deus não deve nada ao ser humano, e é impossível dar mais que Deus. Ele não pede nada que ele mesmo não esteja preparado para fazer. Ricos galardão no tempo presente e no futuro aguardam os que estão dispostos a seguir a Jesus a qualquer preço. Os doze terão o privilégio de se sentar em *doze tronos* ao lado dele — um verdadeiro lugar de honra (**19:28**). Todos os outros serão mais que compensados de acordo com aquilo que tiveram de renunciar pela causa de Deus (**19:29**).

### 19:30—20:16 Os trabalhadores na vinha

A parábola dos trabalhadores na vinha é permeada pelo ensinamento que diz: *Muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros* (**19:30**; cf. 20:16). Essa citação adverte-nos da possibilidade de que Deus tenha padrões diferentes dos nossos em relação à forma pela qual trata seu povo.

A parábola ilustra a verdade sobre o *reino dos céus* (**20:1a**). Em alguns aspectos, é semelhante à parábola do filho pródigo (Lc 15:11-32), que também versa sobre a inveja e a raiva em face da generosidade imerecida. A generosidade deve ser motivo de alegria, não de ressentimento. Essa é uma lição de grande importância para os que são cristãos há muito tempo e começam a ver homens e mulheres mais jovens sendo abençoados por Deus material e espiritualmente ou empreendendo um ministério bem-sucedido. Ah, se pudéssemos ser tão generosos quanto Deus, que é totalmente justo com quem merece, mas também generoso com quem não merece!

Usando imagens comuns, a parábola representa Deus como *dono de casa* e Israel como sua *vinha* (**20:1b**; cf. Is 5:1-7; Jr 12:10). O dono saiu de madrugada a fim de contratar trabalhadores para a jornada diária. Essa é uma prática comum no Oriente Médio até hoje, e também em outras partes do mundo. Em cidades zambianas, muitos rapazes e moças ainda se reúnem do lado de fora dos locais de trabalho logo de manhã cedo. Seus possíveis empregadores vão a esses locais e recrutam trabalhadores diariamente.

O dono da vinha recrutou o primeiro grupo de trabalhadores por volta das 6 horas da manhã. Provavelmente, eram os únicos trabalhadores necessários para o dia, mas



ele recrutava um novo grupo a cada três horas, até *na hora undécima*, isto é, às 5 horas da tarde, uma hora antes do término do trabalho (20:2-7). Os últimos grupos foram contratados não porque o dono da vinha estava desesperado por mais trabalhadores, mas porque eles estavam procurando trabalho (20:3). A necessidade dessas pessoas e a generosidade do dono da casa determinaram o emprego.

Os trabalhadores ocupavam os degraus sociais mais baixos. Até os escravos estavam em situação melhor, pois seus amos proporcionavam tudo aquilo de que precisavam, enquanto os trabalhadores não tinham segurança e estavam à mercê dos empregadores, que poderiam explorá-los com facilidade.

Quando o dono da vinha recrutou o primeiro grupo, assegurou-se de que os trabalhadores tinham entendido que receberiam *um denário*, que era o salário médio de um trabalhador (20:2). Mais tarde, quando os outros foram recrutados, o pagamento não foi especificado, mas eles provavelmente imaginaram que receberiam menos por menos trabalho. Quando chegou a hora do pagamento (esse proprietário era correto, não deixava o pagamento para o dia seguinte; cf. Lv 19:13), o dono da vinha instruiu seu administrador a pagar primeiramente os últimos (20:8). À primeira vista, a expressão *Os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos* (19:30; cf. 20:16) pode referir-se apenas à ordem estabelecida aqui, porém existe um significado mais profundo.

Todos os trabalhadores receberam exatamente a mesma quantia. Os que trabalharam mais tempo tinham visto os que trabalharam menos receber um denário por seus esforços e concluíram que deveriam receber mais (20:9-10). Achavam que mereciam mais. Então, quando receberam a mesma quantia que os outros, reclamaram, alegando que haviam sido tratados injustamente (20:11-12). O dono da vinha, porém, mostrou que não os tratara injustamente, pois eles haviam concordado com o salário e foram pagos conforme o combinado (20:13-14). O salário era justo, não generoso, mas também não era miserável.

O povo bamba diz: *Umupashi wa mubiyo: tawendelwa* (“A sorte de seus amigos não deve fazer você esperar os mesmos resultados”). O fato de seu amigo ser afortunado não é motivo para você esperar boa sorte. Esse provérbio ressalta a singularidade de cada indivíduo e das circunstâncias que o afetam. Também esclarece que os padrões de Deus são justos e generosos, mas nem sempre correspondem ao que nós consideramos justo. Deus sempre tende para o lado generoso quando cuida de seus filhos. Devemos aprender a fazer o mesmo, sem sucumbir ao ressentimento quando vemos a generosidade de Deus em ação. É tudo pela graça, não por merecimento. Assim, a igreja deve aprender a celebrar a graça e a generosidade de Deus onde ela for evidente e a não guardar ressentimentos contra Deus ou contra os que recebem sua graça.

### 20:17-19 Jesus profetiza sua morte pela terceira vez

Jesus, então, profetiza sua morte mais uma vez (cf. 16:21-28; 17:22-23). Ele se dirigia a Jerusalém com os discípulos, onde seria traído pelas autoridades judaicas, condenado à morte, zombado, flagelado e por fim crucificado (20:17-19). Agora o modo de sua morte é revelado sem nenhuma sombra de dúvida. Jesus não previu uma morte tranquila, mas uma forma de execução horrível, lenta, extremamente dolorosa e brutal. Contudo, essa morte trágica precederia uma gloriosa ressurreição. A estrada para a glória tinha de passar pelo Calvário. Para quem segue a Cristo, o sofrimento precede a glória. Esse é um corretivo necessário ao “evangelho da prosperidade”, comum em algumas igrejas carismáticas. O sofrimento fazia parte da obra do Messias. Na verdade, o sofrimento definia quem era o Messias. Assim, o discípulo que sofre não pode desistir. Em vez disso, deve querer andar pelo vale da morte por amor a Jesus. O sofrimento faz parte do “tome a sua cruz e siga-me” (16:24).

### 20:20-28 Tiago, João e sua mãe

Em muitas ocasiões, os discípulos demonstraram não reconhecer a necessidade da cruz. Quando Jesus profetizou seu encontro marcado com a morte pela primeira vez, Pedro chamou-o à parte e o repreendeu (16:22). A morte não estava nos pressupostos teológicos dos discípulos sobre a missão do Messias. A terceira profecia é seguida por um pedido que mais uma vez destaca a incompreensão dos apóstolos acerca da natureza messiânica e, consequentemente, da natureza do discipulado.

A mãe de Tiago e João, que talvez fosse parente da mãe de Jesus, tentou garantir-lhes lugares especiais no reino de Jesus (20:20-21). Ela deve ter pensado que, se Jesus era o Messias, ele certamente tomaria o lugar de seu pai Davi em Jerusalém. A posse do trono seria aceita pelos guardiões das promessas de Deus, e ele comandaria a Palestina dos romanos. Tiago e João queriam participar e tentaram, por meio de sua mãe, garantir posições de autoridade no reino dos céus.

Os outros discípulos não tinham melhor discernimento sobre a missão de Jesus, pois, quando descobriram o que Tiago e João tentavam fazer pelas costas deles, *indignaram-se contra os dois irmãos* (20:24). A mente deles estava concentrada num possível senhorio, ou autoridade, *status* social e riqueza. Para lhes fazer justiça, eles podem ter tentado entender quando e como se sentariam nos “doze tronos” ao lado de Jesus para julgar as doze tribos de Israel (19:28)! A teologia deles podia estar correta, mas não a cronologia.

Se o Messias deveria sofrer, então os discípulos que o seguissem também deveriam sofrer. Eles beberiam de seu cálice (20:22-23), uma metáfora para o sofrimento. Tiago e João afirmaram que estavam prontos para dividir esse cálice. Tiago foi executado pelo rei Herodes (At 12:2), e



João foi banido para a ilha de Patmos, onde teve as visões registradas no livro de Apocalipse (Ap 1:1).

Ser o primeiro no reino não era resultado de ambição, mas de uma concessão divina. Somente Deus pode decidir quem receberá qual posição. Jesus aproveitou a oportunidade para ensinar mais uma lição a seus discípulos sobre as qualidades da liderança no reino dos céus. No mundo, os subordinados servem e obedecem à ordem dos líderes. A liderança é uma relação de poder e exploração de poder (20:25). No reino de Jesus, porém, os líderes devem servir (20:26-27). É o contrário do que acontece na sociedade humana. No reino de Jesus, o líder deve ser um auxiliador, no sentido bíblico da palavra, isto é, alguém que anda ao lado para ajudar os outros a atingir o que precisa ser alcançado.

A mãe que alimenta e conduz seus filhos é um bom exemplo de liderança. Está sempre servindo. Mesmo assim, a boa mãe não é aquela que serve aos filhos, mas a que também os conduz à maturidade. Os líderes cristãos devem imitar a boa mãe, servindo a seus seguidores enquanto ensinam os valores do reino de Deus. Jesus não pede que ninguém faça algo para o qual não esteja preparado. Ele veio a este mundo como Filho de Deus, e não explorava os atributos e as vantagens de ser líder. Na verdade, ele deu *sua vida em resgate por muitos* (20:28). Morreu para que tivéssemos a chance de ser redimidos. A ideia de resgate vem do conceito do AT de pagar resgate pela libertação de um escravo (Lv 25:47-52; 27:1-8). Essa substituição era uma característica importante da vocação de sofrimento do Servo em Isaías 53.

A exploração por meio do poder arruinou o continente africano. Alguns governantes poderosos não tiveram o menor respeito por seus governados e enriqueceram a si mesmos e aos parentes à custa do povo. O estilo de vida das elites governantes é muito diferente do padrão de vida dos governados. Na maioria dos casos, cumpre-se o ditado: “O poder corrompe”. O líder nunca deve usar seu cargo em benefício próprio. Em vez disso, deve colocar as necessidades dos liderados em primeiro lugar e esforçar-se para tornar a vida do povo não apenas tolerável, mas agradável.

### 20:29-34 A cura de dois cegos em Jericó

A cegueira pode isolar uma pessoa num mundo particular de sombras e sons, tornando-a dependente da ajuda de outros para se orientar fisicamente. Muitas vezes, se ela quiser sobreviver, a única saída para o cego é a mendicância. A cegueira rouba a dignidade e a possibilidade de independência. Infelizmente, em muitos lugares da África, o povo zomba dos cegos e os desrespeita. Com algumas exceções, eles são marginalizados e não têm oportunidades na vida. Assim como as crianças (19:13-15), os cegos não eram valorizados na Palestina do século I, pelo menos não a ponto de se imaginar que o Messias se importasse com eles.

Os *dois cegos* do lado de fora de Jericó ouviram um rebuliço e descobriram que Jesus estava indo para Jerusalém (20:29-30a). Eles sabiam que aquele homem era o *Filho de Davi*, o justo herdeiro do trono davídico e o Messias do povo de Deus. Eles tinham fé e acreditavam em Jesus. Então, buscaram seu favor e sua misericórdia para serem curados da cegueira (20:30b).

Os dois cegos devem ter gritado muito para que a voz deles fosse ouvida acima da barulheira dos peregrinos que empreendiam sua viagem anual a Jerusalém. Os que estavam mais próximos tentaram aquietá-los, pois eles estavam perturbando o povo e incomodando desnecessariamente o Messias, que tinha coisas mais importantes em mente. Sem dúvida, Jesus estava prestes a enfrentar uma semana agitada em Jerusalém. Seus pensamentos estavam ocupados com questões da maior importância, como a salvação de toda a humanidade e o sacrifício que teria de fazer! O que eram as necessidades de um mendigo cego diante de tal situação? Os cegos, porém, não se acovardaram e clamaram ainda mais alto, pedindo misericórdia a Jesus (20:31).

A despeito da imensa responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros, Jesus interrompeu sua caminhada e foi suprir a necessidade daqueles homens. Deu prioridade ao problema dos cegos naquele momento e perguntou o que queriam que ele fizesse (20:32). Eles responderam, sem hesitação: queriam enxergar (20:33). Jesus teve compaixão deles (cf. 6:8; 9:36; 14:14; 15:32). Ele *tocou-lhes os olhos*, e eles *recuperaram a vista* (20:34). Então, os dois homens, agora videntes, começaram a segui-lo, o que sugere que quem recebia sua misericórdia se tornava seu discípulo.

Os marginalizados estão próximos do coração de Deus. Muitos dos que foram curados por Jesus estavam à margem da sociedade. Jesus se importa com os pobres e oprimidos. Os líderes cristãos devem seguir seu exemplo, no cuidado e na defesa daqueles que são incapazes de ajudar a si mesmos.

### 21:1-11 Entrada triunfal em Jerusalém

A Páscoa era uma das maiores festas anuais de Jerusalém. Nessa época do ano, as ruas da cidade ficavam lotadas de judeus provenientes do mundo inteiro. Muitos judeus da Galileia faziam essa viagem. Atravessavam o Jordão ao sul do mar da Galileia para evitar a passagem por Samaria e então reentravam em Israel por Jericó, para a última etapa da caminhada. A partir de Jericó, eram apenas doze quilômetros morro acima. *Betfagé, ao monte das Oliveiras* (21:1) distava três quilômetros da cidade. Dali, Jerusalém (separada pelo vale do Cedrom) era a primeira coisa que avistavam. Os peregrinos certamente ficavam mais emocionados à medida que se aproximavam da cidade.

Jesus pediu a dois de seus discípulos que fossem buscar uma *jumenta* e um *jumentinho* (21:2). Era importante enviar dois discípulos, não apenas pela companhia, mas porque todos os acontecimentos deveriam ser testemunhados por duas pessoas (18:16; cf. Dt 19:15).

Como Jesus sabia que os animais estariam lá? Seria por conhecimento sobrenatural? Alguns comentaristas acreditam que Jesus já havia preparado os animais com antecedência e que a frase *o Senhor precisa deles* era um código, uma espécie de senha (21:3). Essa explicação é pouco plausível, pois, se Jesus quisesse preparar alguma coisa, os discípulos teriam ajudado e saberiam a respeito. Outra possibilidade é que Jesus, como Senhor, estivesse pedindo os animais para uso temporário. Da mesma forma, quando a Zâmbia ainda era Rodésia do Norte, vi policiais requisitar bicicletas do público para resolver emergências.

Contudo, a explicação mais aceitável é que Jesus tinha visão divina e sabia que os animais estariam lá. Ele já havia revelado sua capacidade sobrenatural de ler a mente das pessoas (9:4) e viu uma moeda na boca de um peixe no mar (17:27). Por isso, é possível afirmar que ele tinha, sim, conhecimento sobrenatural sobre a localização dos animais da região. Além disso, sua palavra é capaz de convencer as pessoas que ele conchama a obedecer à sua vontade (4:18-22; 9:9-13). Sem dúvida, foi o que aconteceu nesse caso. Não sabemos se o dono dos animais era um discípulo, mas, não importa de quem se tratava ou qual era seu relacionamento com Jesus, com a ordem do Senhor ele permitiu que os discípulos tomassem a jumenta e seu filhote emprestados para que Jesus pudesse usá-los.

Mateus narra a entrada triunfal com referências ao AT (21:4; Is 62:11; Zc 9:9). Esperanças nacionalistas de liberdade, contra a ocupação, eram temas muito comentados durante as festas de Jerusalém. A chegada de um profeta da Galileia, associado a declarações messiânicas e atos como a multiplicação dos pães (14:19-21), por certo fortaleceria as expectativas de independência. A multidão em Jerusalém provavelmente preferiria que o Messias chegasse sobre um cavalo de guerra. Jesus, porém, mesmo declarando ser o verdadeiro rei de Israel, entrou na cidade não em um cavalo de guerra nem comandando um exército, mas sentado sobre uma jumenta, um animal de carga. Ele era manso e veio para servir, em vez de ser servido (20:28). Entrou em Jerusalém, sua cidade, como um rei humilde e gentil, montado numa jumenta.

Os peregrinos cortavam as roupas e colocavam no chão em homenagem a Jesus, seu rei. Eles também pegavam galhos de palmeira e os estendiam pelo chão para que a jumenta passasse por cima (21:8). O uso da palma talvez lembrasse alguns da comemoração triunfante quando Simão Macabeu, após derrotar Antíoco Epifânio, entrou em Jerusalém, dois séculos antes, purificou o templo e restaurou a independência judaica.

A multidão clamava *Hosana ao Filho de Davi* e cantava as palavras do salmo 118, que celebra uma libertação nacional (21:9). A palavra “hosana”, que literalmente significa “Deus nos salva”, expressava a voz de um povo oprimido clamando pela ajuda de seu rei (21:10). A multidão festiva alvoroçou-se com a chegada do cortejo a Jerusalém, fazendo

que algumas pessoas perguntassem quem era o centro do espetáculo. A resposta foi: *Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia!* (21:11).

### 21:12-17 A purificação do templo

A primeira ação de Jesus após entrar na cidade foi enfrentar a autoridade dos saduceus e as práticas que comprometiam a pureza da adoração a Deus no templo, motivo pelo qual o santuário fora construído. Todo judeu era obrigado a pagar o imposto do templo. Durante o ano, esse imposto podia ser pago em tendas especiais construídas por toda a nação. Perto da Páscoa, porém, o dinheiro tinha de ser levado a Jerusalém. Por isso, os cambistas abriam um estabelecimento no pátio dos gentios e cumpriam uma função necessária, a qual permitia que viajantes com qualquer tipo de moeda pagassem o imposto.

Alguns estudiosos afirmam que o sistema de troca de dinheiro era corrupto, e a ação de Jesus visava a correção desse abuso. A referência de Jesus a um *covil de salteadores* sugere que o argumento da corrupção não é infundado (21:12-13). A igreja não pode, em nenhuma circunstância, ser utilizada para propósitos outros que adorar e servir a Deus. A atitude de Jesus também foi poderosamente simbólica. Ele mostrou que todo o sistema de sacrifícios estava obsoleto e não era mais aceito como forma de adoração a Deus.

Acima de tudo, Jesus tinha um ministério com os cegos e coxos (21:14). Esse fato é importante porque, graças a uma interpretação das palavras enigmáticas de 2Samuel 5:8, os “cegos e coxos” eram excluídos do templo. Jesus mostra que a velha ordem, repleta de obstáculos, estava desaparecendo sob a nova ordem do Filho de Davi.

As crianças que ouviram e participaram do cântico de “Hosana” recitaram o coro mais uma vez, agora louvando a Jesus no templo, para desgosto das autoridades religiosas, que tentaram envergonhar Jesus silenciando-as (21:15). Jesus, porém, observou que as crianças são capazes de entender uma verdade espiritual que os adultos parecem ter esquecido. Seu louvor era ordenado por Deus e não deveria ser silenciado (21:16).

Depois disso, Jesus retirou-se para o vilarejo de Betânia, onde seus discípulos armaram acampamento para a Festa da Páscoa (21:17).

### 21:18-22 Jesus amaldiçoa uma figueira

Pelo fato de Jesus e seus discípulos terem saído da cidade cedo de manhã, ele teve fome (21:18). Isso indica que o acampamento deles não estava equipado para preparar refeições. Eles comiam na cidade. No caminho de volta, passaram por uma figueira. Jesus procurou um fruto para saciar a fome, mas não encontrou, e a árvore foi amaldiçoada (21:19a). Essa atitude é estranha e difícil de entender, pois destoa do comportamento normal de Jesus. Desde seu batismo, Jesus se recusara a utilizar seus poderes em benefício próprio. Satanás o incentivara a transformar



pedras em pão, mas ele resistiu à tentação (4:1-4; cf. 26:51-54). Logo, a maldição da figueira parece conflitar com seu caráter.

O segundo problema da história é que a figueira não deveria dar fruto em abril, época da Páscoa. Ela até poderia produzir algum fruto ruim antes da época. Logo, se ela não tinha nada *senão folhas*, provavelmente era uma árvore estéril. Mesmo assim, procurar figos em abril era tão irracional quanto um zambiano procurar mangas nessa época. É inútil tentar colher mangas fora do período apropriado. Amaldiçoar uma mangueira por não dar fruto fora de época seria duplamente irracional. Então, como entender esse ato de Jesus? Teria sido um súbito ataque de mau humor de sua parte, ou ele estava compondo uma parábola acerca do julgamento sobre Israel e Jerusalém?

A figueira era símbolo da abundância e prosperidade de Israel (1Rs 4:25; Mq 4:4; Zc 3:10). A destruição dessa árvore representava o julgamento da nação (Jr 5:17; Os 2:12; Jl 1:7,12). A forma dramática em que a figueira secou mostra a iminência do juízo divino (21:19b). Por mais que seja difícil de entender a história, a maldição da figueira mostra o julgamento de Deus sobre o templo e sobre a nação de Israel, pois nenhum dos dois reconheceu o Messias quando ele veio procurar o fruto espiritual de seu povo. A igreja, com todos os seus membros, corre o risco de se tornar tão preocupada consigo mesma a ponto de não cumprir sua função diante de Deus: produzir o fruto da justiça para seu Mestre e Senhor.

Na natureza, muitas árvores secam e morrem, mas o processo leva tempo, às vezes anos. Como em muitos dos milagres de Jesus, sua ordem resumiu um longo processo a um breve momento. Os discípulos ficaram maravilhados com o poder da palavra de Jesus, mas não deveriam ter agido assim, pois já haviam testemunhado diversos milagres realizados (21:20). Naquele momento, já deveriam saber que ele era o Senhor do universo e podia agir com absoluta liberdade sobre todas as coisas.

Jesus aproveitou a oportunidade para ensinar a lição de que a fé trata do impossível. *Em verdade vos digo* (21:21a) é uma fórmula parecida em força com a profética “Esta é a palavra do Senhor”. Ambas as expressões servem de introdução a uma mensagem divina. O monte (21:21b) pode ser entendido de maneira simbólica, como em Zacarias 4:6-9, em que Zorobabel depara com obstáculos que são como montes intransponíveis. A fé é a confiança ativa em Jesus e em sua capacidade de realizar o que é aparentemente impossível. Humanamente falando, esses feitos seriam impossíveis, mas em Jesus as limitações humanas não contam. Sua palavra de poder é capaz até de alterar a ordem natural. A fé não está no pensamento positivo, mas na confiança em Deus. A intercessão, a súplica e o pedido são importantes, pois relacionam nossa fraqueza com as infinitas possibilidades do Senhor (21:22). O exercício da fé deve estar de acordo com a vontade de Deus revelada.

### 21:23-27 Questionando a autoridade de Jesus

No interior da liderança da nação, existiam diferentes grupos de poder, todos citados ao longo de uma série de confrontos ocorridos durante a semana da Páscoa, que culminou com a morte de Jesus. Nesses grupos, havia os principais sacerdotes e os escribas (21:15), os principais sacerdotes e os anciãos (21:23), os principais sacerdotes e os fariseus (21:45), os fariseus e os herodianos (22:15-16), e os saduceus (22:23).

Aparentemente, Jesus e seus discípulos passavam a noite no acampamento, no monte das Oliveiras, próximo a Betânia, e durante o dia iam para os pátios do templo, onde Jesus pregava a quem quisesse ouvir. Ali, ele foi desafiado pelos *principais sacerdotes e os anciãos do povo* (21:23a), que eram líderes políticos e religiosos da nação sob o domínio romano. Eles tinham poderes judiciais, mas não podiam ordenar a pena de morte. Também eram responsáveis por manter a tranquilidade em Israel e tentavam evitar qualquer perturbação da frágil paz com as autoridades romanas.

A pergunta *Com que autoridade fazes estas coisas?* (21:23b), a princípio, refere-se à atitude que Jesus tomou ao purificar o templo (21:12-17). Eles queriam saber se Jesus era um rebelde que deveria ser contido antes que chamasse a atenção dos romanos, com consequências adversas para toda a nação. Também podem tê-lo desafiado por causa da inveja e da perda de lucros decorrente da purificação do templo.

Jesus respondeu à pergunta deles com outra pergunta: *Donde era o batismo de João, do céu ou dos homens?* (21:24). Se o batismo de João fosse dos céus, que era o que o povo acreditava, e João dera testemunho de que Jesus era o que viria depois dele para batizar com o Espírito Santo, então certamente a autoridade de Jesus vinha dos céus. Assim, se os principais sacerdotes e anciãos respondessem que a autoridade de João Batista vinha dos céus, seriam obrigados a crer em Jesus. Sem dúvida, eles não estavam preparados para isso. Reconhecendo que Jesus havia sido mais inteligente que eles, preferiram não responder (21:25-27). A consequência de admitir a verdade era insuportável para eles. A hipocrisia e a prudência fizeram-nos que evitassem responder a Jesus. Essa passagem nos convida a reconhecer a verdade sempre, por mais desconfortável que seja. Uma coisa é a ignorância, mas negar a verdade é hipocrisia!

### 21:28-32 A parábola dos dois filhos

Após um intervalo com os principais sacerdotes e os anciãos, Jesus continuou a ensinar. Contou uma parábola sobre a natureza da verdadeira obediência. A parábola tem três personagens principais: um pai e dois filhos. O pai representa Deus (21:28). O primeiro filho, que parece desobediente, representa os *publicanos e meretrizes*. O estilo de vida desse grupo demonstrava que eles não aceitavam a instrução de Deus para uma vida boa (21:29), mas, por terem prontamente atendido ao chamado de João e de Jesus

para o arrependimento, entrariam no reino dos céus à frente ou no lugar do segundo filho (21:31-32).

O segundo filho representa os principais sacerdotes e os anciãos. Eles pareciam acatar a instrução de Deus, mas seu comportamento demonstrava que não se conformavam à vontade divina e viviam de maneira contrária à justiça (21:30). Na prática, formavam um grupo rebelde, apesar das aparências.

A vinha é o símbolo comum da nação de Israel como povo de Deus (cf. 21:33-46). João Batista e Jesus vieram para convocar a nação ao arrependimento. Os atos de Jesus tinham a intenção de convencer o povo, até mesmo os líderes da nação, mas eles rejeitaram a evidência e preferiram continuar negando. Sua obstinada recusa ao arrependimento significava que o juízo de Deus sobre eles era iminente.

### 21:33-46 A parábola dos lavradores maus

A imagem da vinha reaparece na parábola seguinte, que representa uma situação comum na Galileia. Muitos proprietários ricos alugavam suas fazendas aos lavradores e exigiam parte da colheita como pagamento. Não era incomum os lavradores causarem aborrecimentos ao dono da terra. O senhor da parábola envia seus servos para cobrar o aluguel, mas os lavradores se recusam a pagar e espancam os servos (21:34-35). Outros mensageiros são enviados, e recebem o mesmo tratamento (21:36). Algum tempo depois, o senhor envia o próprio filho, na esperança de que os lavradores o respeitem (21:37), mas os lavradores, encorajados pelas ações anteriores, matam o rapaz (21:38-39). Qualquer proprietário que receba esse tratamento irá pessoalmente tomar providências contra os lavradores maus. Não apenas irá puni-los, como entregará a vinha a outros lavradores, mais fiéis (21:40-41).

Essa parábola, como a anterior e a seguinte, era uma referência direta à intransigência dos líderes judeus, representados pelo primeiro grupo de lavradores. Deus entregou sua vinha a eles, isto é, à nação de Israel (cf. Sl 80:8; Jr 2:21; Ez 19:10). Quando Deus enviou os profetas para ver se a nação estava vivendo de acordo com sua justa vontade, os líderes os maltrataram. João Batista foi apenas o último na longa sucessão de servos de Deus que foram vítimas da violência. A paciência de Deus é demonstrada nas diversas vezes em que ele se dispôs a enviar seus servos. Por fim, Deus enviou seu Filho, que recebeu o mesmo tratamento e foi assassinado.

A mensagem dessa parábola é que as oportunidades estavam acabando. Os líderes judeus já haviam demonstrado grande desrespeito pelo Filho de Deus e em breve o matariam fora da cidade, assim como o filho do proprietário foi morto fora da vinha. A paciência de Deus, porém, chegara ao fim, e ele logo julgaria aqueles que rejeitaram e maltrataram seus servos e seu Filho. A desobediência dos lavradores não frustrará os propósitos de Deus: ele oferecerá a vinha a outro grupo, que produzirá o fruto da obediência à

sua vontade (21:43). O novo grupo que respeitará os desejos do proprietário não será necessariamente composto de gentios, pois contará também com os discípulos de Jesus, que se tornarão líderes do novo Israel, uma entidade inclusiva constituída tanto de judeus quanto de gentios.

Jesus esclarece o destino dos lavradores, lembrando a seus ouvintes as palavras de Salmos 118:22-23 (21:42). A pedra angular de uma construção é aquela da qual depende toda a obra. Sem essa pedra, a construção cederia. Trata-se de uma grande pedra posicionada sobre uma porta, ou usada para ancorar e alinhar o canto da parede, ou ainda posicionada para fortalecer uma abóbada. No salmo 118, simboliza o rei ou a nação de Israel. Apesar de o rei e a nação serem desprezados pelos poderes do mundo, Deus usou essa pedra angular desprezada como base para a nova ordem das coisas do mundo. Lucas (Lc 20:18, At 4:11) e Pedro (1Pe 2:4-7) repetem a ilustração usada por Jesus como referência ao próprio Cristo, a pedra angular rejeitada pela nação de Israel que se tornou o centro da nova ordem mundial de Deus. Jesus foi justificado por Deus por meio da ressurreição. Os que o rejeitaram são como vasos de barro que se despedaçam quando caem sobre a pedra (21:44).

O significado da parábola da vinha não passou despercebido aos principais sacerdotes e seus colaboradores. Eles procuraram uma forma de se livrar de Jesus que não contrariasse o povo nem arriscasse a ira das autoridades romanas (21:45-46).

### 22:1-14 A parábola das bodas

Esta é a terceira parábola na qual Jesus aponta o destino dos principais sacerdotes e líderes da nação de Israel. A parábola tem três grupos de personagens: o rei e seu filho; o primeiro grupo de convidados, que despreza o convite com desculpas tolas e maltrata os servos; o segundo grupo de convidados, que recebe o convite inesperadamente.

Ao que parece, era costume no Oriente Médio da época fazer dois convites. O primeiro convite permitiria ao anfitrião calcular o número de convidados e, portanto, quanta comida deveria preparar. Se viesse pouca gente, ele prepararia uma galinha ou duas. Se houvesse mais de quarenta convidados, mataria um bezerro. Quando a carne estivesse quase pronta, o anfitrião mandaria seu servo chamar os convidados (22:1-3). Esperava-se que os convidados que confirmassem a presença no primeiro convite comparecessem ao banquete. Recusar um convite após a confirmação da presença era um insulto ao anfitrião.

Da mesma forma, na Zâmbia não é necessário enviar convites escritos para casamentos. Qualquer parente ou amigo já é convidado por conta do relacionamento. Mesmo assim, os membros mais velhos e mais distintos da comunidade, parentes ou não, recebem convites especiais. Recusar o convite com uma desculpa banal é um insulto grave.

O anfitrião da parábola ficou surpreso porque seus convidados não chegaram, mas achou que eles não haviam en-



tendido o convite. Por isso, enviou seus servos mais uma vez para ter certeza de que a mensagem seria entregue (22:4). Dessa vez, além de recusarem o convite, os convidados tratam os mensageiros de forma insolente. Voltaram atrás no compromisso que haviam assumido e ainda maltrataram e mataram os servos do rei (22:5-6).

A mensagem é clara. Os convidados cometeram um crime terrível. Ofenderam o rei e despertaram sua ira. Sabemos que essa parábola é dirigida à hierarquia política e religiosa judaica que, embora seja oficialmente a guardiã do povo de Deus, não o reconheceu quando Cristo esteve com eles. O fim deles foi terrível, e 22:7 pode muito ser uma predição dos acontecimentos do ano 70 d.C., quando Jerusalém e o templo foram queimados pelos romanos.

Como o banquete já estava servido, o rei pediu a seus servos que buscassem outros convidados (22:8-10). As duas parábolas anteriores terminam com uma nova opção para o povo de Deus — não exclusivamente os gentios, mas principalmente eles, assim como a igreja hoje é aberta tanto aos judeus quanto aos gentios (21:31,41).

Aparentemente, os convidados para o casamento, como acontece hoje, usavam suas melhores roupas. Na verdade, às vezes é ridículo o que se faz para conseguir um traje. Nos casamentos zambianos, gasta-se mais com as roupas da noiva e do noivo e de seus criados que na preparação de uma grande festa. Essa parábola não incentiva tais excessos, mas parece que um dos convidados não se esforçou para se apresentar limpo e bem vestido. Suas roupas eram inapropriadas para um casamento (22:11-12). Em razão disso, foi expulso da festa. O significado é claro. Embora o convite seja gratuito, os convidados não estavam livres para quebrar as regras da hospitalidade. A salvação de Deus em Cristo é oferecida gratuitamente, mas, quando se entra reino de Deus, é preciso exibir um comportamento adequado. A mesma lição foi ensinada na parábola anterior, pois os lavradores tinham de produzir os frutos para satisfazer o proprietário. Os que assumem a graça de Deus sem verdadeiramente honrar seu Filho serão lançados nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes (22:13; 13:42; 24:51; 25:30).

### 22:15-46 Perguntas capciosas

O restante do capítulo registra alguns diálogos entre Jesus e seus oponentes, nos quais eles tentam armar ciladas para incriminá-lo ou expô-lo como antipatriota ou irreligioso. As perguntas eram ciladas, elaboradas de tal modo que, independentemente da resposta, Jesus se veria preso numa armadilha. Se Cristo escapasse da frigideira, com certeza cairia no fogo. No entanto, os oponentes de Jesus precisavam aprender o significado do provérbio bembá: *Muteya iciliba cenjela: nga cakufwanta wilila* ("Tenha cuidado quando preparar uma armadilha: não chore se ela cair sobre você") (cf. tb. Pv 26:27).

Jesus respondeu às perguntas de tal forma que seus oponentes "se admiraram" (22:22) e "se maravilhavam"

(22:33). Por fim, "ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém [...] fazer-lhe perguntas" (22:46). Parece-nos um exemplo claro do cumprimento da promessa que Jesus fizera aos discípulos: "Quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer" (10:19).

### 22:15-22 Pagando impostos

Essa é a primeira das quatro perguntas que versam sobre as obrigações para com o Estado. Os fariseus, seus discípulos e os herodianos reuniram-se para tentar apanhar a Jesus. Tratava-se de uma poderosa coalizão de forças políticas e religiosas. Os fariseus eram líderes religiosos conhecidos, e os herodianos pertenciam à aristocracia pró-romana que buscava a plena restauração dos poderes do reinado que antes pertencera a Herodes, o Grande (22:15-16a).

A pergunta foi elaborada para forçar Jesus a tomar partido numa questão política controversa. A importância política desse assunto pode ser comparada à questão referente aos africanos da África do Sul durante o *apartheid*, ou ao fato de na Zâmbia e no Zimbábue pré-independentes se carregar ou não a caderneta do banco que, entre outras coisas, era um registro do pagamento de um odiado imposto. Essa caderneta era vista como instrumento e símbolo de opressão. Em protesto, muitos queimavam o objeto e se recusavam a pagar o imposto, mas quem queimasse as cadernetas ou incentivasse outras pessoas a fazê-lo atrairia sobre si a ira dos governantes. Milhares de pessoas foram presas por ridicularizar as leis, e o Massacre de Sharpeville, em 1960, próximo a Johannesburg, foi a consequência de um protesto contra a odiada lei do passe.<sup>8</sup>

Depois de fazer alguns comentários que pretendiam parecer elogiosos (22:16b), os acusadores de Jesus pediram que ele julgasse a seguinte questão: *É lícito pagar tributo a César ou não?* (22:17). Por motivos religiosos, todo judeu era convencido a rejeitar os impostos de César, porém isso poderia acarretar graves consequências. Qualquer que fosse a resposta, Jesus ficaria em má situação. Humanamente falando, ele estava entre a cruz e a espada. Se favorecesse o pagamento dos impostos coloniais, alienaria seus seguidores que odiavam a imposição de taxas por um exército de ocupação estrangeiro. Se adotasse uma postura contrária aos impostos coloniais, seria acusado de sedição e incitaria outros judeus a desonrar a César.

Jesus rotulou seus oponentes de *hipócritas*, por um bom motivo (22:18). Os judeus eram avessos às imagens dos imperadores, a ponto de nem mesmo permitirem que estandartes com a efígie imperial fossem carregados por Jerusalém. A moeda de prata usada para pagar o tributo tinha uma imagem do imperador, seu nome e seu título de sumo sacerdote. Contudo, os judeus não precisavam carregar a moeda, pois havia outras disponíveis para o comércio regular. O fato é que um dos interrogadores de Jesus tinha consigo uma moeda de prata com a imagem de César, o que



significava que, embora demonstrassem sua aversão pela moeda romana e seu significado, eles a usavam em segredo como moeda corrente (22:19-20). Eram hipócritas, portanto. Se usavam a moeda de César, deviam pagar impostos a ele. Além disso, se eram criados à imagem de Deus, deviam entregar-se inteiramente a Deus (22:21).

### 22:23-33 *Após a ressurreição*

A segunda pergunta foi sobre a validade do casamento após a ressurreição. À semelhança da primeira pergunta, essa também era uma armadilha para Jesus. Os saduceus não acreditavam na doutrina da ressurreição (22:23; cf. Lc 20:27; At 23:6-8); porém, para enganar a Jesus, valeram-se de uma história do folclore judaico (do livro apócrifo de Tobias 3:8). Em Israel, o cunhado deveria casar-se com a viúva do irmão. Da mesma forma, em algumas culturas africanas, existe a prática da herança de viúvas (cf. o artigo neste comentário). Essa prática existe para garantir o sustento da viúva e a criação dos filhos do falecido, assegurando que o nome do morto não seja esquecido (22:24; Gn 38:8-26; Dt 25:5-6).

A cena hipotética apresentada pelos saduceus envolvia uma mulher que se casara com sete irmãos, um após a morte do outro. Qual deles, perguntaram, seria o marido dela após a ressurreição (22:25-28)?

Jesus mostrou quanto os saduceus desconheciam a Bíblia em geral e principalmente a doutrina da ressurreição. Ele disse que erravam porque não conheciam *as Escrituras nem o poder de Deus* (22:29). Não se trata aqui de dois erros, pois o segundo é consequência do primeiro. Quem possui apenas um conhecimento superficial da Bíblia não conhece o poder de Deus.

Alguns estudiosos afirmam que os saduceus aceitavam todo o AT, mas outros discordam, alegando que eles se limitavam ao Pentateuco. Sem dúvida, no argumento registrado aqui, Jesus cita apenas o Pentateuco para combater essa posição. Embora o Pentateuco não seja uma revelação plena como todo o AT, ainda é a Palavra de Deus. Um bom entendimento da revelação de Deus e de suas atividades deve permitir o conhecimento de seu poder.

Parte do problema dos saduceus talvez fosse o fato de eles acharem que tinham autoridade para escolher as partes das Escrituras que se enquadravam às suas ideias. Eles eram os equivalentes antigos dos secularistas modernos. A igreja africana pode considerar sua perspectiva da ressurreição menos atraente que a contrapartida ocidental, pois a cultura africana não vê uma divisão clara entre as esferas naturais e espirituais e sempre acreditou que os mortos podem viver.

Então, qual era a natureza da ressurreição? Jesus responde a essa pergunta usando uma analogia com os anjos. Os anjos não se casam, nem se dão em casamento (22:30). São criaturas imortais e, portanto, não procriam. Da mesma forma, após a ressurreição, os seres humanos no céu não precisarão casar nem ter filhos.

Sobre a ressurreição, Jesus volta ao Pentateuco, no qual o Senhor se declara *o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó* (22:31-32; Êx 3:6). Esses três ancestrais já estavam mortos havia muito tempo quando Deus proferiu tais palavras a Moisés, mesmo assim o Senhor os mencionou como se ainda mantivesse um relacionamento vivo e um zeloso cuidado com eles. O amor de Deus por eles dura para sempre, assim como seu amor por nós! O relacionamento que Deus estabelece com o ser humano aqui na terra não termina com a morte.

O que a Bíblia ensina e Jesus demonstra é que quem morre na fé se relacionará eternamente com Deus. Os que rejeitaram a fé em Deus não terão a mesma oportunidade. Deus não terá um relacionamento com alguém que deixou de existir. A vida após a morte é uma realidade.

A questão fundamental é: quais relacionamentos são importantes após a morte? Essas decisões são tomadas deste lado da vida. A doutrina da ressurreição de Jesus deve estimular-nos ao evangelismo, para que muitas pessoas possam aproveitar os prazeres de continuar um relacionamento com Deus, o qual não é limitado pela morte.

A lógica do argumento de Jesus calou os saduceus e maravilhou a multidão (22:33).

### 22:34-40 *O maior mandamento da Lei*

Os fariseus devem ter gostado de ver seus maiores rivais, os saduceus, sendo silenciados por Jesus em relação a uma das pedras fundamentais da fé. Eles se reuniram, ansiosos por triunfar onde seus adversários haviam falhado (22:34; 16:1; 19:3; 22:15-18). O teste veio na forma de uma pergunta que, em si, é legítima: *Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?* (22:35-36). Essa pergunta busca a mensagem principal do AT. Embora não pareça uma armadilha, foi uma tentativa de envolver Jesus em seus argumentos teológicos. Eles esperavam que a resposta abrisse caminho para outro ataque.

Ao responder, Jesus citou Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18. Os dois versículos usam o verbo “amar”, um em referência a Deus, e o outro, aos seres humanos. A primeira citação é da *Shemá*, o credo de Israel: *Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento* (22:37; cf. tb. Dt 6:5). A segunda é: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo* (22:39). Os líderes de Israel sempre ensinaram que o amor era a chave para a obediência e a ética. Os dois mandamentos não diminuem os outros mandamentos nem os reduzem a números, mas formam a pedra fundamental da construção.

### 22:41-46 *Filho de quem?*

Depois de silenciar os inimigos, Jesus fez uma pergunta aos fariseus: *Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?* (22:42) A resposta deles estava pronta: Cristo é o Filho de Davi. Muita gente sabia disso. Mateus confirma isso em várias ocasiões, como quando o povo saudou a Jesus como Filho

de Davi (9:27; 12:23; 21:9,15). Mas poderia ele ser o Cristo? Se fosse, como estava relacionado a Davi, seu ancestral? O objetivo da pergunta de Jesus não era reafirmar que ele era o Filho de Davi, mas mostrar que Cristo é maior que Davi (22:43). Se Davi, profeticamente falando, chama o Messias de *meu Senhor* (22:44; cf. tb. Sl 110:1), então o Messias deve ser maior que Davi. De fato, Jesus é maior que Salomão (12:42), Jonas (12:41), o templo (12:6) e Davi.

### 23:1—26:1 Quinto ensinamento: aís e sinais

Os capítulos 23 a 25 contêm o quinto e último bloco de ensinamentos. Cada bloco encerra com palavras semelhantes a estas: “Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos...” (26:1; cf. 7:28; 11:1; 13:53; 19:1).

#### 23:1-39 Jesus rejeita o judaísmo oficial

Jesus não aceitava o judaísmo oficial de sua época. O motivo dessa atitude negativa era que o judaísmo se tornara apenas um sistema de leis, que, apesar do rigor, não permitia que o povo tivesse um relacionamento de salvação com Deus. Nesse capítulo, Jesus explica a falência espiritual da religião (23:1-12), denuncia a situação com os sete aís (23:13-36) e, por fim, profere maldição contra todo o país (23:37-39).

#### 23:1-12 Falência espiritual

Para Jesus, o judaísmo era desprovido de credibilidade espiritual. Segundo ele, os mestres da lei, os escribas e os fariseus eram responsáveis diretos pela triste situação. As palavras de Jesus se dirigiam às *multidões e aos seus discípulos* (23:1), que corriam o risco de obedecer cegamente a uma religião que não cumpriria sua promessa — um relacionamento de salvação com Deus. As palavras de Jesus servem para convencer aqueles na multidão que ainda duvidavam da justiça do caminho alternativo de Jesus.

Os *escribas* (23:2b) eram muito estimados, pois com a morte dos profetas e a diminuição do poder político dos judeus a lei ganhou destaque no judaísmo. Esses mestres eram especialistas nas questões que diferenciavam os judeus das demais nações do mundo.

Os *fariseus*, grupo que surgiu no século II a.C., estavam tão preocupados em preservar a lei que se afastavam das pessoas que não a cumpriam. Além da lei de Moisés, também seguiam a lei oral, que continha milhares de regras com o intuito de aplicar a lei de Moisés às situações da vida cotidiana.

Esses dois grupos sentaram-se na *cadeira de Moisés* (23:2a). Como sucessores do legislador, eles tinham o dever de explicar a lei para que os ouvintes pudessem andar nos caminhos do Senhor (Dt 10:12-13). Assim como Moisés, deviam conduzir o povo no caminho da luz, ensinando os Dez Mandamentos, o Pentateuco e os Profetas ao povo, mas tudo o que pregavam era o legalismo abrangente da lei oral. Com isso, transformaram a religião num fardo insuportável, que não trazia alívio nem salvação (23:4). Cair nas

redes do legalismo era o caminho mais fácil para o inferno (23:15). Os líderes judaicos deixaram de ser verdadeiros pastores e agiam como lobos em pele de ovelha.

Quando a liderança e o ensino cristão são eficazes, o povo vive um relacionamento saudável com Deus. As palavras de Jesus aos escribas e fariseus são pertinentes a todos os líderes cristãos.

Uma vez que a religião era ensinada com base na obediência externa, Jesus disse que eles *praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens* (23:5). A instrução de Moisés aos judeus em Êxodo 13:9 era interpretada ao pé da letra, por isso amarravam filactérios (caixas de couro contendo versículos bíblicos) nos braços e na testa. Moisés também ordenara que as roupas diferenciassem o povo de Deus. Esses símbolos, porém, viraram fetiches e amuletos como os que muitos africanos usam. As franjas, que deveriam ser apenas um auxílio à memória, ficaram maiores e mais visíveis. O que deveria ser apenas um memorial da lei de Deus se tornou uma forma de chamar atenção para a santidade das pessoas que os usavam.

Os escribas e fariseus também gostavam de ser honrados. Num banquete, procuravam os lugares mais próximos do anfitrião e na sinagoga sentavam-se onde a congregação pudesse vê-los a fim de exibir sua santidade (23:6).

Muitos líderes cristãos na Zâmbia são consumidos pelo símbolo de sua posição: títulos como apóstolo, bispo, reverendo e pastor são muito procurados. Nos dias de Jesus, o termo de honra era *rabi* (23:7, RC, ou *mestre*, RA), que representava a pessoa que tinha sabedoria e conhecimento da palavra de Deus e sabia ensinar. Os fariseus exigiam ser tratados dessa forma. Filactérios e franjas, lugares de honra e títulos aumentavam o prestígio dos escribas e fariseus.

O seguidor de Jesus, em vez disso, concede a Deus o primeiro lugar em sua vida e usa todas as suas fontes intelectuais e espirituais a serviço do próximo. A ordem é: Deus em primeiro lugar, o próximo em segundo e ele mesmo por último. Jesus é o único Mestre verdadeiro, o justo sucessor de Moisés. Todos os seus seguidores são irmãos e irmãs, na mesma condição diante dele (23:8-10). O antídoto para o egoísmo dos escribas e dos fariseus está em suas citações sobre serviço e humildade (23:11-12; cf. 18:4; 20:26-27).

#### 23:13-34 Sete aís

Os sete aís são o oposto das bem-aventuranças (5:3-12). Enquanto as bem-aventuranças mostram a verdadeira forma de agradar a Deus, os aís descrevem o caminho errado e proferem a sentença sobre os que o seguem. Uma das principais ideias nessa seção é a inconsistência ética da vida dos escribas e dos fariseus, que muitas vezes são citados como *hipócritas*, palavra que originariamente se referia a um ator, mas depois passou a significar a pessoa que age com falsidade (23:13,15,23,25,27,29). A outra ideia central é que a religião legalista não conduz a Deus.



**23:13-14** **AI DOS QUE FECHAM A PORTA DO REINO.** O sistema farisaico, um sistema humano baseado em centenas de leis, fechava a porta do reino dos céus na cara do povo e impedia a entrada no reino de Deus (**23:13**; 5:20; 7:21; 18:3; 19:23-24). Isso impossibilitava ao povo cumprir a vontade de Deus. Esta é a falha básica de qualquer sistema religioso humano: ser incapaz de estabelecer um relacionamento de salvação com Deus. Somente a religião revelada por Deus pode fazer isso. O legalismo tira a atenção do que é real e se concentra no que não é essencial. (Observe que **23:14** não aparece nos manuscritos antigos, por isso algumas versões trazem esse versículo entre colchetes. As mesmas palavras, porém, aparecem em Mc 12:40.)

**23:15** **AI DOS QUE FACILITAM O CAMINHO PARA O INFERNO.** A religião dos escribas e dos fariseus não conduzia ao reino de Deus, mas ao inferno. Infelizmente, isso significava que seus zelosos convertidos também iriam para lá. Os missionários devem sempre pregar o nome de Deus para levar homens e mulheres ao Senhor, não para estabelecer o presbiterianismo, o anglicanismo ou qualquer outra denominação.

**23:16-22** **AI DOS QUE FAZEM FALSOS JURAMENTOS.** No AT, os juramentos eram compromissos (Dt 6:13). Originariamente, serviam para declarar fidelidade ao Senhor, e não aos ídolos. Deus fez juramentos (Gn 22:16), da mesma forma que alguns servos do Senhor como Abraão (Gn 24:3-4), José (Gn 47:31) e os espias de Josué (Js 2:14). No entanto, alguns faziam juramentos demais, alegando que o juramento só seria um compromisso se incluísse determinadas frases. O ensinamento dos fariseus capacitava o povo a jurar sem a intenção de manter a palavra. Qualquer um poderia alegar que, apesar de ter jurado pelo templo, pelo altar ou por Jerusalém, não havia invocado o nome de Deus (**23:16,18**). Isso era puro engano, disfarçado na pele da honestidade (**23:17,19**).

**23:23-24** **AI DOS QUE CONFUNDEM AS PRIORIDADES.** Os escribas e os fariseus eram especialistas em ninharias. Eram meticulosos em obedecer a cada detalhe da lei oral e fariam de tudo para não engolir acidentalmente um mosquito ao beber um copo de água, o que os tornaria ritualmente impuros. Entretanto, disse Jesus, usando uma hipérbole, eles estavam tão ocupados observando o inseto que não percebiam engolir um camelo, um animal grande e impuro (**23:24**). Da mesma forma, obedeciam às leis do AT (Lv 27:30; Dt 14:22) e davam dizimos de sua colheita, *da horta-lã, do endro e do cominho*, plantas cultivadas em pequenas quantidades para uso doméstico (**23:23**). Jesus observou, no entanto, que a essência da religião do AT não estava nas coisas pequenas, e sim nas questões importantes, como *a justiça, a misericórdia e a fé* (Mq 6:8).

**23:25-26** **AI DA MORALIDADE SUPERFICIAL.** Os fariseus exigiam que todos os recipientes fossem cerimonialmente limpos, porém o maior problema estava no conteúdo dos recipientes. Eles eram condenados por sua negligência em questões como inveja e adultério. Antes de ser externada, a moralidade é interna.

**23:27-28** **AI DOS QUE MANTÊM UM FALSO EXTERIOR.** Jesus comparou os fariseus a *sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia!* (**23:27**). A religião dos fariseus criava belos exteriores, que não correspondiam a realidades internas. A moralidade fora reduzida à obediência externa de certos rituais. As atitudes pecaminosas e os maus pensamentos estavam disfarçados em uma impecável aparência exterior.

Alguns aspectos do cristianismo africano são similares ao que Jesus criticava nos fariseus. Males como o tribalismo, o nepotismo e a corrupção se escondem sob um cristianismo cheio de vida. A condenação de Jesus também se aplica aos dias de hoje.

**23:29-34** **AI DOS QUE MATAM OS PROFETAS.** Agora Jesus passa a discorrer sobre o destino dos profetas. Os fariseus diziam honrar os profetas de Deus que haviam sido mortos em Israel (**23:29-30**). A primeira pessoa a morrer por essa causa foi *Abel*, assassinado por seu irmão Caim (23:35a; cf. Gn 4:8). Muitos outros vieram depois, como *Zacarias*, que foi morto pelo rei Joás (23:35b; cf. tb. 2Cr 24:20-22). Tanto Abel quanto Zacarias foram mortos porque os assassinos não suportavam ver sua iniquidade exposta. Jesus seria o próximo na longa lista de justos servos de Deus que morreram em Jerusalém (**23:34**). Por toda a história da igreja, muitos discípulos do Senhor pagaram sua fé com o próprio sangue.

### **23:35-39** *Profecia contra a nação*

A terrível sentença proferida em **23:35-36** parece apontar para a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. Mesmo assim, o coração pastoral de Jesus ainda oferece amor à cidade rebelde (**23:37**). Ele espera pacientemente pela reação do povo e não obriga ninguém a aproximar-se dele. Contudo, essa paciência acabará um dia, e chegará o tempo de prestar contas, com terríveis consequências para quem rejeitou sua oferta de amor.

### **24:1-35** *Sinais do fim dos tempos*

O capítulo 24 de Mateus e as passagens paralelas de Marcos 13 e Lucas 21:5-36 apresentam um panorama do período entre a destruição do templo e o início da era cristã e da volta de Jesus. Mateus e Marcos contam a história no estilo profético, no qual dois ou mais acontecimentos são vistos através das mesmas lentes. O ambiente no qual os discípulos viveriam seu discipulado está entre esses dois acontecimentos. É um ambiente essencialmente hostil, por isso os discípulos devem estar preparados para a perseguição.

Muitos dos temas do capítulo foram retirados do livro de Daniel. Por exemplo, a destruição do templo (24:1-3) é mencionada em Daniel 9:26; rumores de guerra (24:6) em Daniel 11:44; “o abominável da desolação” (24:15) em Daniel 9:27, 11:31 e 12:11; o “Filho do Homem” (24:30) em Daniel 7:13.

### 24:1-14 A destruição do templo

As primeiras palavras do capítulo são ameaçadoras: *Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando... (24:1a)*. Jesus jamais voltaria a entrar, fisicamente, no templo, que dentro de quarenta anos seria demolido. Porém, simbólica e mais significativamente, Jesus estava dando as costas ao judaísmo. Ele deixava de lado todo o sistema de sacrifício para o qual o templo foi erguido. O tema principal é o juízo. Isso marca o início de uma nova fase da missão em que os discípulos de Jesus, e mais tarde a igreja, se tornariam o cerne da obra de Deus no mundo e o elemento-chave no avanço da missão de Deus.

O discurso começa com a consciência dos discípulos sobre a beleza e a magnificência do templo (24:1b). O historiador judeu Flávio Josefo descreve o templo como “recoberto de todos os lados de espessas placas de ouro [...] Para os estrangeiros que chegavam, parecia ao longe uma montanha coberta de neve, porque, onde não era coberto de ouro, brilhava de brancura”. Os fundamentos desse colossal edifício foram lançados por Herodes, o Grande, em 20 a.C., e só ficaria pronto no ano 64 d.C., seis anos antes de ser destruído pelos romanos. Seu tamanho e beleza existiam porque o judaísmo, diferentemente das outras religiões antigas, tinha um sistema de adoração centralizado no templo. O tamanho também pode ser explicado pelo orgulho e pelas ambições políticas de Herodes, pois muitas de suas criações, entre elas a cidade de Cesareia, eram construídas em grandes proporções.

Os romanos destruíram o templo por motivos políticos, numa tentativa de reprimir a insurreição judaica que começou em 66 d.C., mas há também um motivo religioso para a destruição: Deus rejeitou a adoração realizada no templo de Jerusalém. Muito tempo antes, Miqueias (Mq 3:12) e Jeremias (Jr 7:12-14) profetizaram a destruição do templo de Salomão, que ocorreu em 587 a.C. Também Jesus, o Filho de Deus, que foi desprezado por sua geração, da mesma forma que Jeremias fora rejeitado por seus contemporâneos, profetizou contra o templo de Herodes. A destruição completa é simbolizada pela frase hiperbólica *não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada (24:2)*. Essa profecia cumpriu-se no ano 70 d.C. A adoração em Jerusalém se tornara uma pedra de tropeço para os judeus, pois havia uma falsa segurança por causa da insensibilidade ao pecado. Se o templo sobrevivesse, seus seguidores poderiam sentir-se tentados a ter fé naquilo que permaneceu, não em Cristo. Jesus era maior que o templo, e, depois de sua vinda, o templo já não era mais necessário.

Esta questão deve ser destacada. Cristo cumpriu os anseios religiosos de todos os habitantes da terra. Pôs fim a todas as religiões criadas pelos homens. Ninguém precisa mais adorar de acordo com os costumes antigos. Não temos mais de venerar nossos ancestrais como intermediários entre nós e Deus. Podemos respeitar, honrar e aprender com nossos ancestrais, mas não devemos venerá-los nem atribuir a eles poderes divinos.

Em Cristo, nossas raízes culturais não dão origem a objetos de adoração, e sim a formas singulares de honrar a Deus por meio de Cristo. O objeto de nossa devoção deve ser sempre Cristo, e não nossa herança, por mais devota que ela seja. Os cristãos devem concentrar-se na edificação do reino de Deus, em vez de erguer edifícios que tomem o lugar do verdadeiro objeto de nossa adoração: o próprio Deus. Igrejas tribais, igrejas confessionais, todas as igrejas precisam ter certeza de que o objeto de nossa existência é Deus, e não nossa história, nosso senso de propósito ou nossa missão.

Quando os discípulos perguntaram sobre a data da destruição do templo (24:3), Jesus aconselhou-os a evitar a ilusão religiosa (24:4-5,11) e as falsas interpretações de catástrofes humanas e naturais como sinais do fim dos tempos (24:6-8). Os discípulos seriam *atribulados* e também conviveriam com a apostasia causada pela perseguição (24:9-12; 5:11-12; cf. 1Tm 4:1-4; 2Pe 3:3). Mas, apesar dessa perseguição, o evangelho será pregado até os confins da terra (24:14). Muitos desses acontecimentos, entre eles a chegada do evangelho a Roma — o centro do mundo então conhecido —, foram testemunhados antes da destruição do templo, no ano 70 d.C.

Assim como os discípulos, não devemos preocupar-nos com rumores sobre a segunda vinda do Senhor. Em vez disso, todos os seus seguidores estão convocados a envolver-se ativamente na divulgação do evangelho a todos os povos do mundo. A igreja africana deve participar como igreja missionária, enviando mensageiros a outras partes do mundo e não se contentando em ser uma igreja que apenas recebe missionários.

### 24:15-31 “O abominável da desolação”

Essa misteriosa passagem sobre o juízo de Deus contra a cidade evoca diversas imagens. Logo, é importante interpretá-la com base nos livros do AT, como Daniel, e de acordo com os acontecimentos históricos do cerco de Jerusalém, no ano 70 d.C. Do contrário, poderemos chegar a interpretações levianas e irreais.

O *abominável da desolação* originariamente era uma referência à estátua pagã que Antíoco Epifânio, governador grego da Síria no século II a.C., mandou erigir no templo (gr. Dn 9:27; 11:31; 12:11). Jesus afirmou que algo semelhante voltaria a profanar o templo, provavelmente durante a guerra que causou a destruição de Jerusalém e do templo (24:15; Mc 13:14). Também pode ser uma referência a acontecimentos que precedem a segunda vinda de Cristo (cf. comentário sobre 24:29).

Conforme Jesus profetizou, o cerco de Jerusalém foi caracterizado por grande crueldade. Os sábios atentaram para esse conselho e deixaram a cidade antes que ela fosse destruída (24:17-22). A população deveria fugir porque a sobrevivência é mais importante que o conforto — coisa que os refugiados sabem muito bem.



Os judeus esperavam que Deus protegesse sua cidade e seu templo, mas, quando Deus retira sua generosidade, toda a proteção se vai. Os símbolos religiosos não podem livrar o povo do decreto de Deus, mas felizmente, mesmo durante uma tribulação onde reina a impiedade, Deus cuida dos seus e toma medidas para salvá-los (24:22).

Após a dolorosa experiência do cerco de Jerusalém, ocorrerá a volta de Cristo (24:36-41). O período entre os dois acontecimentos será de tumulto e tribulação, no qual operarão muitos charlatões religiosos. Por isso, Jesus alerta seus seguidores de serem vigilantes e de não se deixarem enganar por *falsos cristos e falsos profetas* (24:23-26). Quando Cristo voltar, sua vinda se tornará tão óbvia que será impossível não reconhecê-lo. Os sinais serão cósmicos: não será preciso ficar atento aos canais de notícias para saber o que está acontecendo. Será como um raio visível e espetacular cortando o céu negro (24:27). Será tão inegável quanto é inegável a presença de cadáveres (24:28).

Conforme o que foi exposto até aqui, as palavras apocalípticas em 24:27-29 referem-se ao que acontecerá na volta do Senhor. Contudo, 24:29 repete o texto de Isaías 13:10 e 34:4, que profetiza a queda de grandes poderes políticos como a Babilônia e Edom. Por isso, alguns comentaristas sugerem que o que foi profetizado aqui é a destruição de Jerusalém pelos romanos. É possível que Jesus esteja mencionando os dois acontecimentos, pois numa típica interpretação profética 24:15 e 24:29 podem ter sido vistos pela mesma perspectiva e também descrever acontecimentos que não ocorrem simultaneamente.

As nações ficarão aterrorizadas com a volta de Jesus (24:30). Ele reunirá *seus escolhidos* [...] *de uma a outra extremidade dos céus* e de todas as partes do mundo (24:31). Nesse tempo, a igreja atingirá sua completude sob a liderança visível do Filho do Homem.

### 24:32-35 O sinal da figueira

Os invernos de Israel eram brandos, por isso as árvores não perdiam as folhas, como acontece em regiões onde essa estação se apresenta mais rigorosa. As figueiras, no entanto, perdiam as folhas e ficavam descobertas durante o inverno. O florescimento da figueira no final da primavera é sinal de que o verão está chegando (24:32). Se analisarmos o capítulo historicamente, Jesus está dizendo que os acontecimentos de 24:15 serão os sinais indicando o fim da existência do templo de Jerusalém. Nesse caso, é fácil explicar a referência a “esta geração” em 24:34. Todavia, se o capítulo está falando da segunda vinda de Cristo, a destruição de Jerusalém é o primeiro sinal do retorno iminente do Senhor. Nesse caso, fica muito difícil de explicar o que Jesus quis dizer com “esta geração”.

Jesus afirma que essas palavras são mais reais que os céus e a terra. Nada poderá mudá-las. Sem dúvida, elas serão cumpridas (24:35).

### 24:36-51 Ninguém sabe quando ele voltará

A data da volta de Cristo é um segredo bem guardado: ninguém a conhece nem pode conhecer (24:36). Quando chegar o tempo, ele será revelado a todos. Todas as profecias que procuram adivinhar a data da volta de Cristo são inúteis. A vida continua em sua normalidade (24:37-41), e todos os servos do Senhor devem estar a postos cumprindo suas obrigações (24:42-44). Agindo assim, não precisarão preocupar-se com a data de seu retorno. Devemos viver cada dia como se fosse o último, para que não vivamos em injustiça e como injustos (24:45-51).

Herodes e os religiosos da Palestina no século I sabiam que o Messias estava chegando, mas foram apanhados de surpresa quando Jesus veio ao mundo como um bebê. Somos advertidos de não proceder como eles. Em vez disso, devemos nos comprometer com um ministério frutífero, para honra do Senhor, de forma que possamos alegrar-nos quando ele vier buscar seus escolhidos.

### 25:1-13 A parábola das dez virgens

A parábola das virgens continua falando sobre a necessidade de os discípulos se prepararem para sua vinda (cf. 24:42,43,46,50-51). Usa a imagem dos costumes matrimoniais da época. Apesar de alguns detalhes dessa passagem representarem verdades e realidades maiores (p. ex., o noivo é Cristo, as virgens prudentes são as pessoas espiritualmente preparadas e as virgens néscias são as que não se prepararam), nem todos os detalhes têm valor simbólico.

Na maioria das culturas, os casamentos são ocasiões importantes, mas apresentam muitas dificuldades. Como fui padrinho de nove casamentos antes de me casar, posso dizer que algo sempre dá errado. Certa ocasião, em vez de estar ensaiando para minha função de padrinho no grande dia, eu estava no alfaiate, tentando terminar meu traje a tempo.

Nos casamentos judaicos do tempo de Jesus, a festa acontecia à noite, após um dia de danças e outro de entretenimento. Ao final do dia, o noivo levava os amigos para a casa dos pais da noiva, onde ele encontraria as virgens (25:1-7). Era imprescindível que todas as partes estivessem prontas para desempenhar sua função no tempo certo, mesmo que não se soubesse a hora. As virgens néscias não estavam prontas e perderam a oportunidade (25:8-12).

A parábola avisa que o retorno de Cristo está próximo, embora o tempo não seja especificado. Todos os seguidores de Jesus devem estar prontos para quando ele voltar. Para os que ignorarem o alerta, será tarde demais (25:13). É terrível chegar depois que a oportunidade passou. Nesse caso, não se pode depender do mérito de outras pessoas. Cada um de nós deve estar pronto individualmente, se quiser entrar nas bodas do Cordeiro e sua Noiva (Ap 19:7).

### 25:14-30 A parábola dos talentos

Essa parábola, como a anterior, fala da segunda vinda de Cristo e do acerto de contas entre o Senhor e cada um de



seus discípulos, os quais deverão prestar contas de como usaram seus talentos. Segundo a parábola, o período entre a ascensão e a segunda vinda de Cristo é um tempo de oportunidades, no qual seus seguidores devem usar os “talentos” de forma produtiva. Essa parábola é muito semelhante à parábola das dez minas (Lc 19:12-27). Existem, porém, algumas diferenças marcantes, as quais encerram lições diferentes. Jesus pode ter contado variações da mesma história em ocasiões distintas.

Nessa parábola, o “talento” não se refere a uma habilidade natural, como a aptidão para a música ou a liderança, e sim a uma grande soma de dinheiro. Um talento equivale a 6 mil denários — o pagamento diário de um trabalhador. O senhor distribuiu quantias diferentes de acordo com as habilidades de cada um (25:14-15).

Após um longo período de ausência, o senhor — que representava Jesus — voltou para a prestação de contas (25:19). Ele pediu que cada servo relatasse o que havia feito com a quantia recebida. Os dois primeiros servos entenderam que o senhor queria que usassem o dinheiro da forma mais lucrativa. Então, fizeram bom uso dos talentos (25:16-17). Esses servos que lucraram foram recompensados com responsabilidades maiores (25:20-23). Conseguiram lucrar porque foram corajosos o bastante para assumir riscos com o investimento que o senhor fez.

O terceiro servo não entendeu a natureza de suas responsabilidades. Não assumiu nenhum risco porque teve medo (25:18). Pensando que sua função era simplesmente não fazer coisa alguma, desperdiçou a oportunidade que o senhor lhe deu. Então, o senhor tomou o talento dele e entregou-o a outro, que usara seus talentos com sabedoria (25:24-30).

Deus beneficiou seu povo ricamente com dons, os quais não devem ser ignorados nem usados para ostentação. Em vez disso, o cristão deve considerar esses dons um investimento a ser usado para a glória do Senhor. Devemos colocar nossa fé em ação, assumindo riscos que proporcionem bons resultados.

Um dia, Deus chamará cada um de nós para lhe prestar contas. Se tivermos usado os dons de maneira proveitosa, Deus nos recompensará com abundância. Se não tivermos alcançado produtividade, o investimento original será perdido ou nos será tomado.

### 25:31—26:1 A parábola das ovelhas e dos cabritos

A parábola das ovelhas e dos cabritos (ou bodes) é o ápice dos ensinamentos de Jesus sobre o juízo final. O Filho do Homem, sentado em seu trono e cercado por seus santos anjos, conduzirá o julgamento (25:31). Todos os habitantes de todas as nações serão divididos em dois grupos, *como o pastor separa dos cabritos as ovelhas* (25:32-33). De um lado, estarão os *justos* (25:37), e do outro lado, os *malditos* (25:41a). Os justos receberão a herança que o pai prepa-

rou desde a criação do mundo (25:34). Os malditos serão lançados no inferno, o lugar de *fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos* (25:41b). Quando essa separação acontecer, será o fim.

O critério para o julgamento é a bondade *a um destes meus pequeninos irmãos* (25:35-40), mas sempre houve muita discussão sobre quem são os “pequeninos”. Alguns interpretam como sendo todos os necessitados, pois esse grupo, sem dúvida, ocupa um lugar especial no coração de Deus (cf. Êx 22:22-27; Lc 16:19-25). Outros acreditam que os “pequeninos” são mensageiros especiais de Cristo (12:50; 28:10), alegando que o julgamento é baseado na forma pela qual as pessoas tratam esses irmãos. Cristo enviou-os sem comida e sem provisão (10:9-10), e eles foram perseguidos, até mesmo presos. Rejeitar algum desses irmãos é o mesmo que rejeitar ao próprio Cristo (25:45).

Entretanto, não precisamos escolher entre as duas opiniões, pois devemos atender ao clamor de toda necessidade humana, pois é isso o que o amor faz. Essa parábola, porém, não deve fazer-nos pensar que para ser salvo basta demonstrar amor aos necessitados. Outras passagens deixam claro que a fé e a confiança em Deus também serão importantes no juízo final (10:32-33). A maneira pela qual as pessoas correspondem ao evangelho determinará quem passará a eternidade entre os benditos na herança que Deus preparou desde a criação do mundo (25:34) ou no fogo eterno (25:41).

O fim do quinto e último grande discurso de Jesus é indicado pela seguinte frase: *Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos...* (26:1; 7:28; 11:1; 13:53; 19:1). A frase aqui marca também o fim do ministério público de Jesus. Mateus quer lembrar-nos as palavras ditas pouco antes da morte de Moisés (Dt 32:45). Quando terminou de ensinar, Moisés seguiu para a morte, e o mesmo aconteceu com Jesus. Os leitores originais de Mateus também sabiam que a passagem de Deuteronômio funcionava como um lembrete de que as palavras de Moisés não eram “coisa vã; antes, é a vossa vida; e, por esta mesma palavra, prolongareis os dias na terra à qual, passando o Jordão, ides para a possuir” (Dt 32:47). Essas palavras servem de introdução à narrativa da paixão de Cristo. Jesus é maior que Moisés, e suas palavras contêm muito mais vida que as palavras do legislador.

### 26:2-46 O fim do ministério de Jesus

Duas verdades dominam as narrativas da paixão. A primeira é que Jesus não era uma vítima relutante e estava no controle total dos acontecimentos que o levaram a cruz. A segunda é que os principais sacerdotes, a multidão, Pilatos e Judas participaram da morte de Jesus e prestarão contas de seus atos. Esses capítulos demonstram a execução do plano divino na história. A obra de Deus não pode ser frustrada pela maldade humana e é sempre cumprida, a despeito da intenção dos homens.

## 26:2-5 O plano para matar Jesus

A menção da Páscoa e da morte de Jesus em 26:2 é significativa. A Festa da Páscoa celebrava o êxodo original, quando Deus interveio em favor de seu povo, libertando-o da escravidão do Egito e conduzindo-o à terra prometida. A morte do cordeiro pascal no Egito indicava o início do êxodo, mas também era um sinal do juízo divino sobre todos os que não estavam cobertos pelo sangue do cordeiro. Da mesma forma, a morte de Jesus abriria caminho para um novo êxodo, que libertaria o povo de Israel e todas as nações, escravos do pecado, e os conduziria ao reino dos céus. Sua morte também resultaria no juízo de Deus sobre os que rejeitaram o sangue derramado por eles e separaria as ovelhas dos cabritos (25:31-46).

Os *principais sacerdotes e os anciãos do povo* reuniram-se para encontrar um modo de se livrar de Jesus (26:3-4). Ele poderia ser preso sem dificuldades porque estava em Jerusalém, não muito longe da Galileia. No entanto, seria difícil prendê-lo durante a festa. A prisão deveria ocorrer de uma forma que não alvoroçasse a multidão, que ouvia seus ensinamentos com alegre interesse (26:5). Judas daria a solução ideal a esse dilema.

Os “principais sacerdotes e os anciãos do povo” eram representantes oficiais da nação de Israel. Seu envolvimento com a morte de Jesus demonstra que, para Mateus, a nação de Israel se voltara contra o Messias.

## 26:6-13 Jesus é ungido com perfume

Jesus e seus discípulos foram bem recebidos no lar de um homem chamado *Simão, o leproso*, no vilarejo de *Betânia* (26:6). Em refeições como essa, o anfitrião ungia com óleo a cabeça dos convidados mais importantes, porém Simão não realizou esse ato de hospitalidade (Lc 7:46).

No meio da refeição, uma mulher entrou e derramou um *precioso bálsamo* sobre a cabeça de Jesus (26:7). A unção é importante porque a palavra *Messias* ou *Cristo* se refere a alguém que foi ungido para sua missão. Jesus considerou a atitude da mulher uma preparação de certa forma prematura, mas não inconveniente, para seu sepultamento (26:12).

Mateus pode estar comparando seus discípulos do sexo masculino com as contrapartidas femininas. Pedro foi contrário à ideia de que o Filho do Homem devia morrer (16:22), porém uma mulher entendeu a importância do que aconteceria com Jesus e tomou a atitude correta ao demonstrar sua devoção. Jesus a elogiou por seu ato (26:10,13).

O episódio, narrado nos quatro evangelhos, contém variações. Marcos 14:3-9 apresenta detalhes muito semelhantes aos de Mateus. Lucas 7:36-50 omite Betânia e diz que Simão era fariseu. Informa ainda que a mulher era pecadora e ungiu os pés de Jesus em gratidão por ele ter perdoado seus pecados. João 12:1-8 situa a história em Betânia, na casa de Lázaro, onde Maria ungiu os pés de Jesus, em preparação para sua morte.

É difícil dizer com certeza se as quatro narrativas se referem a acontecimentos distintos ou a um único episódio narrado de diferentes maneiras. As diferenças nos detalhes, porém, não tiram o valor simbólico da ação. A mulher é um modelo de total devoção a Jesus. Sua história é contada, em sua honra, sempre que se narra a morte de Jesus (26:13). Esse é um privilégio que a maioria dos discípulos não possui — o nome de alguns deles só aparece nas listas oficiais. Essa mulher, como Lúcia (At 16:14-15), colocou todos os seus recursos à disposição do Senhor.

Mateus relata a indignação dos discípulos diante do que eles consideraram um desperdício de recursos, que poderiam ser doados aos pobres (26:9; cf. tb. Mc 14:5). Alguns, com exceção de Judas Iscariotes (Jo 12:6), talvez estivessem sinceramente preocupados com os pobres, mas sua reação revelava a falta de compreensão sobre quem era Jesus e a importância da ocasião no plano redentor de Deus. A resposta de Jesus não diz que a preocupação com os pobres era equivocada, apenas que o tempo era curto. Eles poderiam fazer donativos aos pobres quando bem entendessem, pois sempre haveria alguém necessitado perto deles (26:11).

## 26:14-16 Judas promete trair Jesus

A história de Judas é uma das mais trágicas já contadas. Seu nome virou sinônimo de traição. Ele foi um amigo próximo, um compatriota, um companheiro por três anos, além de ser o tesoureiro do grupo. Tudo isso torna sua traição ainda mais terrível. É verdadeiro o provérbio que diz: *Ici-kupempula: e cikulya* (“Aquele que o visita é o mesmo que o devora”), ou seja, a pessoa que o prejudica pode ser um amigo próximo.

O problema de Judas foi seguir a Jesus com objetivo de lucro. Seu alvo era conseguir um cargo no “alto escalão” do reino de Deus. Hoje, na África, muitos entram para o serviço público e ocupam cargos na igreja pelo mesmo motivo. Para Judas, foi uma política desastrosa, pois ele demonstrou compromisso superficial e ambição desavergonhada por ganhos materiais. Traiu seu Mestre pelo valor de um escravo (26:15; cf. tb. Êx 21:32).

A história de Judas serve de advertência para quem se propõe a seguir Jesus com intenção de lucro. Jesus alertou que quem quiser salvar sua vida irá perdê-la (16:24-27), e foi o que aconteceu com Judas (27:1-10).

## 26:17-30 A ceia da Páscoa

O primeiro homicídio do mundo aconteceu no contexto de um sacrifício a Deus e envolveu a traição de um parente próximo (Gn 4:4-8). Da mesma forma, Jesus e seus companheiros sentaram-se à mesa para uma ceia que envolvia um sacrifício, e Cristo foi traído por um amigo próximo (26:18-21), traição que resultou em morte.

Ao que parece, Jesus participou da refeição tradicional da Páscoa vinte e quatro horas antes do horário indicado



(sem o sacrifício do cordeiro, que só estaria pronto à tarde). Ele usou um antigo ritual para explicar o significado de sua morte aos discípulos e apresentou-lhes uma forma de apreciar mais plenamente os propósitos de Deus.

Os detalhes da antiga história da Páscoa, a amargura da escravidão, o sacrifício do cordeiro da Páscoa e a libertação do Egito constituíram o cenário no qual Jesus apresentou o novo Cordeiro da Páscoa e seu sangue, que seria o novo vinho do êxodo (26:26-28). O simbolismo é poderoso e chegou a nós na forma do culto da Santa Ceia (cf. 1Co 11:23-26).

O livro de Hebreus apresenta Jesus como o último mediador entre Deus e os homens (Hb 9:15), e sua morte foi o sacrifício que eliminou todos os sacrifícios (Hb 9:26). Meu avô materno mantinha um local de sacrifício num formigueiro atrás da casa de sua primeira esposa. Ali, ele oferecia cerveja, farinha e sangue de animais para os espíritos de seus antepassados, que eram os mediadores entre Deus e os seres vivos. Esses atos de devoção e formas de mediação tornaram-se desnecessários com a morte de Cristo. Essa é a mensagem essencial da última ceia. Jesus era o Cordeiro sacrificial e o Mediador de uma nova aliança para todos nós, não importa onde vivamos.

Quando Jesus anunciou que um dos doze o trairia, os discípulos, acreditando que a traição ainda não havia acontecido, perguntaram ao Senhor qual deles o faria (26:22). Até Judas entrou no clima e fez a mesma pergunta (26:25), mas, enquanto os outros chamavam Jesus de *Senhor*, Judas usou o termo *Mestre*. A diferença entre os dois títulos pode indicar o nível de intimidade que Judas acreditava ter em seu relacionamento com Jesus.

Sobre a traição, Jesus afirma que morrerá em cumprimento às Escrituras, mas ao mesmo tempo diz que Judas pagará pela traição (26:23-24). O paradoxo se explica porque os planos de Deus não podem ser frustrados pela maldade humana. Ele cumprirá seus propósitos mesmo por intermédio das atitudes crueis dos seres humanos.

### 26:31-35 Jesus profetiza a negação de Pedro

O tema da ação soberana de Deus continua sendo abordado por Jesus. Ele declara aos discípulos que escandalizará a todos e que essa é a consequência de um ato divino. O Senhor ferirá o *pastor*, e as ovelhas do rebanho ficarão *dispersas* (26:31; cf. Zc 13:7). Zacarias viu na dispersão das ovelhas uma imagem messiânica, a qual mostrava como Deus iria refinar e restaurar seu rebanho. Assim, apesar de a ação de Deus ter causado um efeito devastador entre seu povo inicialmente, com o tempo formaria a comunidade do povo do Messias.

Jesus promete: *Irei adiante de vós para a Galileia* (26:32). Essa promessa nos lembra que, nos evangelhos, a Galileia é mostrada como local de novos começos e de um ministério produtivo e bem-sucedido, enquanto Jerusalém é um lugar de onde provêm os inimigos de Jesus e onde ele morreu.

A profecia da falha dos discípulos não agradou a Pedro, que protestou, afirmando que ele, Pedro, jamais tropeçaria (26:33). Isso fez que Jesus predissesse a maneira e a hora em que Pedro o negaria (26:34). Pedro continuou discutindo as profecias de Jesus, e os outros fizeram o mesmo (26:35). Poucas horas depois, todos estariam no deserto, e Pedro negaria três vezes conhecer a Jesus (26:56,69-75).

### 26:36-46 O jardim de Getsêmani

O Getsêmani, que significa “prensa de óleo”, pode ter sido um jardim no alto do monte das Oliveiras (26:36; cf. tb. Jo 18:2). Serviu de acampamento para Jesus e seus discípulos durante a Festa da Páscoa, e Judas conhecia bem o jardim. Jesus poderia ter escolhido outro lugar para passar a noite, evitando o futuro embate com as autoridades, mas ele não fugiria de seu destino.

Jesus, porém, sentiu necessidade de uma companhia para orar e convidou Pedro, Tiago e João para apoiá-lo naquele momento importante (26:37-38). No monte da transfiguração, os três discípulos haviam contemplado a glória de Jesus e se prostrado diante da voz de Deus (17:1-5; cf. Lc 9:28-36). Dessa vez, foi Jesus quem se prostrou, pois sua alma estava muito perturbada.

Ao orar, Jesus não lutava contra as forças impessoais do universo: ele falava com o Pai. O horror dos acontecimentos que sucederiam era tão grande que Jesus chegou a perguntar se o Pai tinha outro plano que não envolvesse tamanho sofrimento. Contudo, mesmo ao fazer esse pedido, ele expressou sua submissão à vontade do Pai (26:39b). A oração deve sempre estar sujeita à vontade do Pai. A expressão “se for da tua vontade” não é cláusula de escape. Por causa da submissão de Cristo, o triunfo do Calvário foi confirmado no jardim de Getsêmani! Jesus orou três vezes perguntando a mesma coisa: “Existe um plano B?” (26:39a,42,44). Entretanto, ele sempre se sujeitou à vontade do Pai.

Os discípulos não vigiaram nem oraram (26:40,43), e o preço dessa falha foi demonstrado no teste de fé dos discípulos. Jesus orou, passou no teste e se manteve submisso à vontade do Pai até a morte. Os discípulos não oraram e, quando veio a crise, fugiram, em vez de tomar a cruz e segui-lo (16:24). Quem quiser ter um discipulado produtivo, precisa disciplinar o corpo para não ceder às paixões. Também precisamos vigiar em oração.

Depois de alcançar um estado de paz, superar suas dúvidas e temores e decidir que seguiria a vontade do Pai, Jesus foi majestosamente ao encontro de seus perseguidores e repreendeu aos discípulos por terem dormido (26:46). Seu exemplo nos mostra que devemos enfrentar as consequências de cumprir a vontade do Pai. O sofrimento não pode distrair-nos de cumprir sua vontade, mas precisamos estar firmes para enfrentá-lo em constante oração.

## 26:47—28:15 Julgamento, morte e ressurreição de Jesus

### 26:47-68 Jesus é preso e julgado

Jesus foi traído por um amigo. Tempos de perseguição podem fazer-nos querer trair outros cristãos. Seria bom examinar os registros do genocídio de Ruanda para ver exemplos de traição. No entanto, esse exercício, embora instrutivo, pode ser devastador para a alma. Nessa história, um discípulo traiu seu Mestre. Para isso, ele usou um sinal de devoção e afeição: um beijo (26:48-49).

Um dos discípulos levantou-se em defesa de Jesus com uma espada e cortou a orelha do *servo do sumo sacerdote* (26:51), mas não era isso o que Jesus queria (26:52)! Mesmo sendo preso injustamente, abusado e humilhado, ele estava atendendo à necessidade de seu inimigo. O martírio sem resistência é o caminho de Jesus e de seus seguidores.

Jesus não morreria por falta de apoio, pois Deus poderia ordenar que exércitos de anjos viessem resgatá-lo (26:53), mas sua morte era necessária por um motivo maior: o cumprimento das Escrituras (26:54). Todavia, ele não teve apoio humano, porque *os discípulos todos, deixando-o, fugiram* (26:56).

O primeiro julgamento de Jesus aconteceu na casa de Caifás, o sumo sacerdote, diante do Sinédrio, uma autoridade legal composta pelos escribas e anciãos do povo (26:57). Era incomum reunir-se todo o Sinédrio, mas se esperava uma boa participação por causa da ameaça representada por Jesus à aristocracia política. O julgamento serviria para obter um veredicto sobre a condenação à morte, que já estava determinada (26:59).

É claro que, apesar de constituir uma corte de justiça, o Sinédrio cometeu várias irregularidades no caso de Jesus. Primeira: o julgamento aconteceu à noite. Segunda: a sentença foi determinada no mesmo dia do julgamento. Terceira: a reunião do Sinédrio deveria acontecer na Câmara das Pedras Talhadas, no monte do templo, e não na casa do sumo sacerdote. Quarta: eles desobedeceram à lei, dando falso testemunho (Dt 19:16-21). O julgamento de Jesus foi uma ironia da justiça. Foi irônico ver o Filho de Deus, que é justo, ser injustiçado. É ainda mais irônico que, no Sinédrio, os guardiões da verdade de Deus tenham criado falsas evidências (26:59).

Em seguida, o sumo sacerdote obrigou Jesus a jurar que era o *Cristo, o Filho de Deus* (26:63). Jesus então confirmou as palavras do sumo sacerdote e, para demonstrar que seu lugar era exaltado, acrescentou que sentaria à *direita do Todo-Poderoso* (26:64). Essa declaração ressalta que o poder de Jesus não era terreno e por isso não ameaçava os governantes do mundo. Eles até poderiam considerar a alegação ridícula, uma piada, porém Jesus tinha muitos seguidores, e isso poderia dificultar a situação das autoridades. Além disso, sua alegação foi tão grandiosa que poderia ser considerada uma séria ofensa, se não uma blasfêmia. Sem dúvida, o Sinédrio declarou blasfêmia (26:65-66).

### 26:69-75 Pedro nega a Jesus

A figura desolada de Pedro é vista seguindo a multidão que prendeu e levou Jesus à casa do sumo sacerdote (26:58). Ele não quer chamar a atenção para não ser identificado, porém uma mulher que o viu no Getsêmani o reconhece na multidão (26:69). Pedro então nega conhecer a Jesus (26:70). Segunda delação, e ele nega *com juramento* (26:71-72). Terceira delação, e Pedro começa a *praguejar e a jurar* (26:73-74) — talvez contra Jesus, para mostrar que não o conhecia nem se importava com ele. Então, o galo canta, e sua memória lança uma flecha que lhe atinge a consciência. Ele *chorou amargamente* (26:75). É difícil imaginar o que passou pela cabeça de Pedro naquele momento, mas deve ter sido difícil de suportar.

### 27:1-10 A morte de Judas

Judas se deu conta de sua traição quando ouviu que Jesus havia sido condenado à morte e estava sendo levado a Pilatos para confirmar a sentença. (Essa etapa era necessária, porque somente o governador romano podia decretar a sentença de morte em Judá — 27:1-2.)

Nesse ponto, é interessante comparar Pedro e Judas. Essa comparação pode ser o motivo de Mateus ter interrompido o fluxo da história para relatar o fim de Judas. Pedro “chorou amargamente” (26:75), e Judas ficou *tocado de remorso* (27:3). Lágrimas de amargura levam ao arrependimento, à restauração ou, como nesse caso, ao suicídio (27:4-5). Pedro não tentou desfazer seu erro, mas depois se submeteu à vontade de Jesus. Judas, por outro lado, tentou desfazer o mal que praticara, mas, quando descobriu que não conseguiria, decidiu tirar a própria vida.

Os discípulos erraram muitas vezes, como Pedro ao negar a Jesus, e nós também erramos. O erro, porém, não precisa ser uma condição permanente. Ao falhar, não devemos tentar recuperar a graça de Deus por esforço próprio. É preciso reconhecer que somente Deus pode conceder perdão e que, por ser um Deus de graça, tem misericórdia suficiente para cobrir todas as nossas fraquezas. O erro pode ser útil para nos mostrar que, no fundo, não há nada em nós mesmos que possa manter nossa honra de discípulos. Em todo o tempo e em todas as situações, devemos depender inteiramente de Deus e de sua misericórdia.

### 27:11-26 O julgamento diante de Pôncio Pilatos

Pilatos era o governador da Palestina. O Sinédrio poderia montar os casos e fazer acusações, mas a sentença era prerrogativa do governador. Ele representava os altos ideais do Império Romano e parecia ter o poder de determinar o que era certo ou justo. Jesus se pronunciou apenas uma vez diante dele, para confirmar sua identidade, embora sua resposta demonstre que Cristo não estava satisfeito com a maneira em que o título foi mencionado (27:11). No mais, ele ignorou inteiramente o julgamento, *vindo com isto a admirar-se grandemente o governador* (27:12-14). Jesus não



tentou provar que era inocente porque o julgamento era um acontecimento secundário. O motivo pelo qual ele morreria não estava ligado diretamente aos principais sacerdotes nem ao Sinédrio. Ele veio para dar a vida em resgate de muitos (20:28; cf. Mc 10:45).

Pilatos percebeu que não havia crime em Jesus, muito menos passível da pena de morte. Notou que o motivo daquelas acusações infundadas era a inveja (27:18, 23), e a esposa do governador confirmou suas suspeitas por meio de um sonho (27:19). Há ironia nesse testemunho, pois vemos uma mulher pagã ouvindo a voz de Deus em sonho, enquanto o povo de Deus era incapaz de ver o que acontecia diante de seus olhos.

Assim, Pilatos tentou libertar a Jesus, apresentando a chance de o povo escolher entre um prisioneiro famoso, chamado *Barrabás*, e Jesus (27:15-17). Depois tentou a persuasão (27:22-23) e, por fim, livrou-se de qualquer responsabilidade daquele sangue inocente (27:24-25). A verdade, porém, é que ele se mostrou fraco diante das exigências do sumo sacerdote. Então, libertou Barrabás, que provavelmente era uma ameaça real ao poder político romano e uma moléstia social. Jesus foi entregue para ser açoitado e crucificado (27:26). É provável que Jesus tenha recebido “uma quarentena de açoites menos um” (2Co 11:24; cf. tb. Dt 25:3), que pode deixar um homem quase à morte.

Esse episódio revela que Jesus estava inteiramente disposto a cumprir o que entendia ser a vontade de Deus e não se distraiu com tecnicidades irrelevantes. Teve tempo de curar o servo do sumo sacerdote enquanto estava sendo preso (26:51), mas não abriu a boca para se defender. Assim como Jesus, devemos defender os direitos dos outros, mas precisamos ir com calma em nossa defesa. Deus é capaz de inocentar os que sofrem a seu serviço.

### 27:27-56 A crucificação de Jesus

Depois do açoitamento, o Filho de Deus foi maltratado e humilhado por soldados, e apareceu em público vestindo um *manto escarlata*. Puseram-lhe na cabeça uma *coroa de espinhos*, que destaca a intenção de escarnecer dele (27:27-29). Deram-lhe um grande pedaço de madeira, que deveria ser levado até o lugar da execução. Ali, os soldados prenderiam a madeira numa das estacas fixas preparadas para esse fim.

Jesus, enfraquecido pelo açoitamento, não conseguiu carregar o braço da cruz, e um transeunte, Simão, de Cirene (atual Líbia), foi obrigado pelos soldados romanos a carregá-lo (27:32). Os discípulos deveriam estar ali para ajudar seu Senhor pela última vez, porém falharam de novo, deixando a responsabilidade — ou talvez o privilégio — para um transeunte. O nome de Simão ficou bastante conhecido entre os cristãos por causa dessa tarefa.

O Gólgota era um lugar proeminente fora de Jerusalém onde os criminosos eram crucificados. O corpo deles

era deixado ali para servir de advertência ao povo. Jesus foi crucificado, com uma frase sobre sua cabeça. A frase dizia: **ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS (27:37)**. Sem dúvida, tratava-se de uma zombaria, mas expressava a verdade. Deus escolhe a forma pela qual seu povo dará testemunho dele, e essa forma pode ser incômoda e comprometer nossa segurança.

Jesus resistiu o máximo à dor, recusando-se a aceitar bebida para aliviar a dor (27:34). A multidão que assistia à crucificação, entre eles *os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos*, proferia insultos a ele, assim como os *ladrões* que estavam crucificados com ele (27:38-44). Eles usavam títulos de majestade em tom de escárnio. A rejeição a Jesus foi total: ele sofreu nas mãos do povo e até dos discípulos, que o abandonaram por um tempo.

Há nas Escrituras várias referências a esses versículos, indicando que Mateus estava interessado em contar a morte de Jesus como cumprimento da vontade e do propósito de Deus expressos no AT. A escuridão que cobriu a terra é uma referência a Amós 8:9 e mostra o descontentamento do Senhor (27:45). *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* é uma citação de Salmos 22:1, em que um homem justo sofre injustiça (27:46). As vestes repartidas para sorteio (27:35) remetem a Salmos 22:18. O vinagre oferecido reflete os sentimentos de Salmos 69:21, em que o sofrimento injusto é aliviado (27:48).

Jesus manteve o controle até o fim quando, numa demonstração de força, clamou em voz alta e *entregou o espírito (27:50)*. Ninguém lhe tirou a vida: ele mesmo a ofereceu em resgate de muitos. O véu do templo, rasgado provavelmente por causa do terremoto (27:51), tinha importância simbólica para os escritores dos evangelhos. O véu separava o santuário do restante do templo. Seu rompimento marcou a abertura do caminho entre os homens e Deus por meio de Jesus e a rejeição ao antigo sistema de sacerdotes e sacrifícios, que dominava o templo e suas atividades.

Mateus é o único que menciona, após a morte de Jesus, um terremoto e a ressurreição de *muitos corpos de santos, que dormiam (27:52-53)*. Alguns comentaristas acham que ele está falando de algo que aconteceu, enquanto outros acreditam que ele está apenas querendo dizer que a morte e a ressurreição de Jesus fariam o povo santo ressuscitar. Sabemos, pela história de Lázaro, no evangelho de João, que Jesus era capaz de trazer pessoas de volta à vida. Essa história diz o mesmo.

Os fenômenos naturais que aconteceram durante a morte de Cristo fizeram que os soldados — os mesmos que o haviam crucificado — afirmassem: *Verdadeiramente este era Filho de Deus (27:54)*. Pouco antes, esse título fora usado em tom de sarcasmo, mas agora era empregado com o devido respeito. Muitas pessoas, entre elas algumas mulheres, testemunharam essas coisas. Apenas três são mencionadas pelo nome, mas fica claro que muitas outras permaneceram junto de Jesus até o fim (27:55-56).



### 27:57-66 Jesus é sepultado

*José de Arimateia* obteve permissão para sepultar o corpo de Jesus, a fim de que ele não fosse lançado numa vala comum, como se fazia com o corpo dos criminosos (27:57-60). José, além de franquear seu túmulo para Jesus, correu o risco de se tornar ritualmente impuro no sábado por haver tocado um morto, mas ele quis demonstrar seu amor e seu respeito pelo Mestre. As mulheres continuaram ali, observando o que acontecia (27:61).

Os principais sacerdotes lembraram-se de que Jesus dissera que ressuscitaria após três dias (27:63). Para prevenir qualquer tentativa de “ressurreição”, pediram a Pilatos que mandasse uma escolta das tropas auxiliares para guardar o túmulo de Jesus (27:64-65).

### 28:1-15 A ressurreição de Jesus

O testemunho das mulheres era pouco valorizado em Israel, sendo inadmissível na corte. Nem o apóstolo Paulo cita mulheres como testemunhas da ressurreição (1Co 15:5-6). Por isso, é surpreendente que os evangelhos relatem que as primeiras testemunhas da ressurreição tenham sido mulheres, *Maria Madalena e a outra Maria* (28:1). Mateus não poderia inventar esse detalhe, pois os homens não aceitariam. A história é contada dessa forma porque é verdadeira.

A aparição dos anjos e a reação dos guardas (28:2-4) caracterizam o que chamamos “teofania”, quando Deus aparece ao povo na forma humana (cf. Jz 13:6,20-22; Dn 7:9-10). Isso explica o medo das mulheres de ficar na presença do anjo do Senhor (28:5). O anjo ignorou os guardas e falou apenas com as mulheres. Ele as tranquilizou e disse para não terem medo. O anjo sabia que elas estavam procurando por Jesus e mostrou a tumba vazia (28:6).

A ressurreição em si não teve testemunhas. Para ser direto, o que as testemunhas viram foi um túmulo vazio e os lençóis que mostravam o formato de um corpo (Jo 20:6-7). Jesus já havia ressurgido dos mortos, cumprindo sua promessa (16:21; 17:22-23; 20:17-19; 26:32). O anjo confirmou que Jesus havia ressuscitado, conforme prometera, e as encontraria na Galileia, local de novos começos e de um ministério próspero (26:32). Ali, ele daria uma nova comissão e inauguraria a nova fase de sua missão.

As mulheres foram tomadas por todo tipo de emoção, e então Jesus apareceu a elas em pessoa (28:9) e as saudou, como se nada tivesse acontecido. Elas imediatamente demonstraram a reação correta: caíram aos pés do Senhor e o adoraram. Alguns dos discípulos duvidaram da ressurreição de Jesus (28:17), mas elas não tinham nenhuma dúvida. Tal testemunho elevou essas mulheres, e as mulheres em geral, a um lugar de honra aos olhos dos apóstolos e, portanto, diante do mundo.

O Senhor repetiu a ordem dada pelo anjo, ordenando também que elas fossem contar aos homens que Cristo estava vivo (28:10). A missão delas não terminaria com a entrega da mensagem nem seria substituída pela Grande

Comissão (28:16-20). As mulheres devem continuar dizendo ao mundo que Jesus ressuscitou dos mortos e está vivo.

Os acontecimentos da primeira manhã da Páscoa mudam a perspectiva de que a verdade chega primeiro aos homens e eles devem repassá-la às mulheres. Elas foram as primeiras a ver que Jesus ressuscitou e foram contar aos homens, que só viram o Senhor para confirmar o testemunho feminino. As mulheres que testemunharam a ressurreição são um exemplo de discipulado por sua devoção, lealdade e obediência. Mesmo assim, os homens dificilmente confiam nas mulheres ou lhes permitem atuar na igreja. Deus não tem esse problema. Ele ignora as convenções para mostrar sua soberania e honrar todos os seus servos.

Ao recuperar a consciência, os soldados correram para contar aos principais sacerdotes o que havia acontecido. Os sacerdotes subornaram os guardas com uma *grande soma de dinheiro* para que espalhassem o boato de que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus (28:12-15). Pilatos provavelmente também foi subornado para acreditar na história (28:14). É difícil imaginar que alguém acreditasse que uma unidade de guardas profissionais dormiria durante o roubo de uma sepultura sem ouvir algum barulho. É ainda mais impressionante os guardiões da verdade de Deus apelarem para a fraude a fim de manter as aparências!

O roubo de túmulos é bastante comum na história da humanidade. As pirâmides egípcias foram profanadas por muitos ladrões, alguns disfarçados de historiadores! Nos dias de hoje, em muitos lugares da Zâmbia, é costume envolver o caixão em uma estrutura de concreto para impedir ladrões de túmulo. Esses ladrões quase sempre estão interessados em objetos que podem ser roubados, não no corpo, embora em alguns lugares da África os corpos também sejam objeto de roubo. Contudo, a tumba vazia não significava roubo. A ressurreição de Jesus foi um ato de Deus, e nenhum esforço humano poderia impedi-la.

### 28:16-20 “Ide, fazei discípulos”

O cena em que Jesus declara a Grande Comissão é fortemente influenciada por Daniel 7:14, em que o Filho do Homem recebe autoridade do Ancião de Dias, todos os povos do mundo o adoram, e seu reino não tem fim. A Grande Comissão tem o objetivo de cumprir a visão de Daniel a tempo. Jesus tem autoridade sobre a natureza e sobre a igreja, porque criou ambas (Cl 1:15-18). Não importa como as pessoas o vejam, Jesus é a maior autoridade nos céus e na terra. Satanás tentou subornar Jesus com autoridade sobre todas as nações do mundo (4:8), mas, como Jesus foi obediente ao Pai, agora ele tem autoridade não apenas sobre a terra, mas também sobre o céu (28:18). Jesus, portanto, tem autoridade de comissionar seus seguidores a ir pelo mundo e cumprir sua ordem.

A promessa de fazer dos discípulos “pescadores de homens” (4:19) agora assume sua forma concreta, e os levará a muitos lugares que estão longe de seus barcos, redes e

peixes (28:19). As palavras da comissão estão concentradas em dois verbos ativos, *ide* e *fazei*. Na comissão anterior (10:1-10), a palavra “ide” designava um lugar específico. A Grande Comissão com certeza intensifica o “ide” que faz parte da natureza do discipulado. Devemos ir às nações e fazer discípulos.

Essa é a mensagem que a igreja africana precisa ouvir alto e bom som. Somos receptivos aos benefícios do evangelho há muito tempo e, com algumas exceções, são poucas as igrejas da África que tomam a iniciativa de participar de algum empreendimento missionário. Não entendemos que é nosso dever ir e espalhar as boas-novas aos habitantes de todos os países do continente africano e além das nossas fronteiras. Essa omissão é desobediência à ordem do Senhor dos céus e da terra. Devemos arrepender-nos de nossos pecados e atender ao chamado de fazer discípulos em todas as nações.

Jesus nos ordena que façamos *discípulos*, não apenas convertidos. O discipulado exige que sejam abandonadas a identidade e a segurança, para que todos se coloquem sob o senhorio de Cristo. Essa entrega exige mais que a simples conformidade com uma religião: deve afetar o interior. A tarefa de converter *nações* significa que temos de nos dirigir a tudo o que faz um povo ser uma nação, até os elementos mais arraigados de sua cultura.

O batismo é o primeiro passo a ser dado no início do discipulado, mas *ensinar todas as coisas que vos tenho ordenado* (28:20a) é uma ordem bem mais abrangente.

Por fim, Jesus garante sua presença com os apóstolos (28:20b). A presença de Deus com seu povo sempre exerceu poder transformador na história. Moisés passou de criminoso e fugitivo a profeta e líder; Josué assumiu o cargo de Moisés e estabeleceu o povo de Deus na terra prometida. A presença do Senhor significa pelo menos duas coisas: julgamento e bênção. Deus julga o pecado, e precisamos lembrar constantemente nossas falhas para sermos renovados por seu perdão. A presença de Deus é uma bênção porque ele nos dá poder e recursos que nos capacitam a realizar sua obra.

A Grande Comissão nos foi dada pela maior autoridade do universo e se destina a todos os discípulos de Jesus, de todas as épocas. Não há outra obra com a mesma autoridade, o mesmo objetivo e as mesmas consequências eternas. Ir pelo mundo e fazer discípulos de todas as nações é a tarefa mais emocionante, urgente e necessária do mundo.<sup>8</sup> A medida que o número de cristãos cresce na África, permita que a igreja do continente seja fiel, avançando as fronteiras da missão, para honra e glória de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Joe Kapolyo

#### Leituras adicionais

BARCLAY, W. *The Gospel of Matthew*. DSB. Rev. ed. Edinburgh: Saint Andrew Press, 1975.

FRANCE, R. T. *Matthew*. TNT. Leicester: InterVarsity Press, 1985.

KEENER, C. S. *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids Mich: Eerdmans, 1999.

# MARCOS

Esse evangelho não dá nenhuma indicação a respeito do nome de seu autor. Tradicionalmente, no entanto, tem sido atribuído a João Marcos, o primo de Barnabé (Cl 4:10). João era seu nome judeu, enquanto Marcus, ou Marcos, seria seu nome romano. Aparentemente, ele cresceu em Jerusalém e era ainda um rapaz bem jovem durante o período do ministério público de Jesus. É possível, inclusive, que seja o rapaz mencionado em Marcos 14:51-52. Ainda jovem, Marcos acompanhou Paulo e Barnabé durante parte de sua primeira viagem missionária (At 13:13). Mais tarde, tornou-se assistente de Paulo (Cl 4:10; 2Tm 4:11) e de Pedro (1Pe 5:13), enquanto ambos estavam em Roma.

A evidência-chave para nossa identificação do autor é uma declaração feita por Eusébio, historiador do início do século II. Eusébio cita Papias (um bispo cristão que escreveu por volta de 110 d.C.) como tendo afirmado que Marcos era o intérprete (ou explanador) de Pedro, que registrou acuradamente o relato de Pedro sobre as palavras e feitos de Cristo. A associação de João Marcos com Pedro deve ter-lhe dado a oportunidade de ouvir sobre as palavras e feitos de nosso Senhor durante o tempo em que Pedro pregou em Roma. Portanto, o relato que Marcos escreveu posteriormente vem diretamente dos apóstolos.

## **Público-alvo**

O público-alvo era, sem dúvida alguma, gentio e, especificamente, romano. A evidência disso é o fato de que Marcos fornece à sua audiência, que aparentemente não falava o aramaico, interpretações de palavras aramaicas (ou hebraicas, Mc 5:41), e também se dá ao trabalho de explicar tradições judaicas, tais como “lavagem de copos, jarros e vasos de metal” (Mc 7:4).

Tais explicações não teriam sido relevantes para um público judeu. Outros exemplos disso podem ser encontrados em Marcos 3:17; 7:11,34; 14:12; 15:22,34,42. O uso de palavras latinas no texto grego original (Mc 5:9; 12:15,42; 15:16,39) também aponta para um público romano.

## **Propósito**

O propósito desse evangelho pode ser deduzido de sua afirmação inicial.

Destina-se a anunciar a mensagem do evangelho, ou boas-novas, sobre Jesus Cristo (1:1). Para provar o seu arauento, Marcos usa três vezes nesse primeiro

capítulo a palavra grega para evangelho (1:1,14,15). Esse é o único dos quatro evangelhos que enfatiza essa palavra logo no início. Mas os outros relatos evangélicos de modo nenhum deixam de apresentar as boas-novas sobre Jesus Cristo. Assim sendo, por que Marcos é diferente?

Não há dúvida de que Marcos é diferente. Há muito tempo, a igreja tem reconhecido as dificuldades de tentar reconciliar o relato de Marcos com o dos outros dois evangelhos sinópticos (Mt e Lc). Numerosas questões se apresentam: Por que o relato de Marcos é mais curto que os outros? O que teria levado Marcos a selecionar os incidentes que ele registrou? Por que ele não se interessou pela cronologia dos eventos como os autores dos outros evangelhos? Por que seu relato algumas vezes difere dos outros, mesmo quando se trata dos mesmos dados? Todas essas indagações podem ser resumidas em uma pergunta: Por que Marcos adota uma abordagem incomum para um relato comum?

Ao longo dos anos, os estudiosos chegaram à conclusão de que a organização adotada em cada um dos evangelhos é ditada, em larga medida, pelo propósito de seu autor. Marcos não estava disposto a escrever um relato cronológico das palavras e dos feitos de Jesus na sequência correta, nem a fazer uma descrição completa de sua vida. Ao contrário, seu objetivo era apresentar um esboço fiel da pregação e do ensino de Pedro sobre as boas-novas de Cristo a um público gentio em Roma. Ele utilizou, portanto, o material de ensino e pregação usado por Pedro em Roma, de acordo com as necessidades do público de Pedro.

O fato de que os três evangelhos sinópticos apresentavam narrativas semelhantes dos eventos não significa que seus autores humanos dependeram dos escritos uns dos outros, como alegam alguns estudiosos (cf. TOT para uma discussão mais completa sobre essa questão). Obviamente, havia uma tradição apostólica oral comum por trás das suas narrativas. As diferenças entre eles podem ser explicadas em termos dos propósitos diversos de cada um, bem como das personalidades singulares dos autores humanos. O evangelho de Marcos, por exemplo, é especialmente breve e transmite um senso de urgência. Isso é ilustrado pelo uso constante de expressões como: “logo a seguir”, “sem demora”, “imediatamente”, ao introduzir uma nova seção. Marcos também escreve de uma maneira vívida e descritiva que apela para a imaginação do leitor. Especialistas



em língua grega que examinaram os escritos de Marcos descobriram evidências subjacentes de hebraísmos, isto é, formas hebraicas de pensar em sua escrita grega. Esse fenômeno é semelhante ao modo pelo qual os africanos algumas vezes se expressam em línguas coloniais. Uma pessoa pode pensar em sua língua materna, mas falar em uma língua estrangeira. Essas características do evangelho refletem a personalidade do autor humano.

O papel vital do Espírito Santo auxiliando o processo de rememorar e registrar as Escrituras não deve ser menosprezado. Jesus prometeu aos apóstolos que o Espírito Santo os ajudaria a lembrar suas palavras (Jo 14:26) e lhes daria uma compreensão especial de sua vida e de seu ministério (Jo 16:14). Ao sentir sua partida iminente (ou morte), o apóstolo Pedro relembrou aos crentes que ele e os outros apóstolos eram testemunhas oculares das palavras e das obras de Jesus Cristo (2Pe 1:13-18). João Marcos, sem dúvida nenhuma, tinha ouvido muitas e muitas vezes Pedro descrever tais palavras e feitos durante o tempo que esteve com ele em Roma. Pedro também falou da capacitação especial do Espírito Santo no tocante aos autores humanos das Escrituras. As profecias ou as Escrituras, disse Pedro, não se originaram dos autores individuais, mas o Espírito Santo os capacitou ou conduziu (2Pe 1:20-21). Assim como o Espírito Santo lembrava a Pedro as palavras e feitos de Jesus à medida que o apóstolo pregava o evangelho, o mesmo Espírito Santo deve ter “conduzido” Marcos, quando este, mais tarde, colocou por escrito o que havia ouvido de Pedro. (Cf. TOT para uma discussão mais completa da Questão Sinótica.)

### Data

Em tempos antigos, a igreja sustentou que o evangelho de Mateus, que obviamente foi destinado ao público judeu, teria sido o primeiro a ser escrito. Em tempos modernos, alguns estudiosos têm sugerido que o primeiro evangelho a ser escrito pode ter sido o de Marcos. Uma vez que o próprio evangelho não nos dá nenhuma indicação a respeito de quando teria sido escrito, resta-nos conjecturar baseados em evidências extrabíblicas.

Como vimos, a narrativa de Marcos deve ter sido amplamente baseada na pregação e no ensino de Pedro. A tradição da igreja diz que ambos, Pedro e Paulo, foram martirizados em Roma entre 64-67 d.C. durante a perseguição contra os cristãos empreendida pelo imperador Nero, tendo o martírio de Pedro acontecido ao redor de 64 d.C. e o de Paulo não depois de 67 d.C. A tradição da igreja sugere também que João Marcos morreu logo após o martírio de Pedro e Paulo. Aparentemente, portanto, Marcos escreveu esse registro dos ensinamentos de Pedro logo após a morte do apóstolo, isto é, algum tempo depois de 64 d.C. A data provável do registro seria entre 64 e 67 d.C.

## Esboço

### 1:1-8 Introdução

### 1:9-13 Batismo e tentação

### 1:14—3:12 O ministério inicial na Galileia

- 1:14-15 A mensagem de Jesus Cristo
- 1:16-20 Chamado dos primeiros quatro discípulos
- 1:21-34 Um dia atarefado em Cafarnaum
- 1:35-39 Estabelecendo prioridades no uso do tempo
- 1:40-45 Curando um leproso
- 2:1—3:6 Ministério inicial de Jesus na Galileia
  - 2:1-12 Controvérsia sobre a cura de um paralítico
  - 2:13-17 Controvérsia quanto ao chamado de Levi
  - 2:18-22 Controvérsia a respeito do jejum
  - 2:23—3:6 Duas controvérsias sobre o sábado
- 3:7-12 Fim do ministério inicial de Jesus na Galileia

### 3:13—6:13 O ministério posterior na Galileia

- 3:13-19 A designação dos doze
- 3:20-35 O ministério de Jesus é mal interpretado
- 4:1-34 As parábolas de Jesus
  - 4:3-20 A parábola do semeador
  - 4:21-23 A parábola da candeia
  - 4:24-25 A parábola da medida
  - 4:26-29 A parábola da semente
  - 4:30-32 A parábola do grão de mostarda
  - 4:33-34 Considerações finais
- 4:35—5:43 Jesus demonstra sua autoridade soberana
  - 4:35-41 Acalmando a tempestade
  - 5:1-20 Expulsando demônios em Gerasa
  - 5:21-43 Exercendo autoridade sobre a doença e a morte
- 6:1-5 Jesus rejeitado em sua casa em Nazaré
- 6:6-13 Comissionando os doze

### 6:14—9:29 A retirada da Galileia

- 6:14-16 A fama de Jesus se espalha por toda parte
- 6:17-29 Prisão e morte de João Batista
- 6:30-44 Isolamento e alimentação dos cinco mil
- 6:45-52 Retirada para orar e caminhada sobre o mar
- 6:53-56 Retirada para Genesaré
- 7:1-23 O que torna uma pessoa impura?
- 7:24-30 Retirada para a região de Tiro
- 7:31—8:21 Retirada para a região de Decápolis
  - 7:32-37 Cura de um homem surdo e gago
  - 8:1-10 Segunda alimentação da multidão
  - 8:11-13 Os fariseus exigem um sinal do céu
  - 8:14-21 Advertência quanto aos fariseus e a Herodes
- 8:22-26 Retirada para Betsaida

- 8:27—9:29 Retirada para Cesareia de Filipe
- 8:27-30 A grande confissão em Cesareia de Filipe
- 8:31-33 A primeira predição de sua paixão
- 8:34—9:1 As exigências para um verdadeiro discípulo
- 9:2-13 A transfiguração
- 9:14-29 A cura de um jovem possesso

### 9:30—10:52 A jornada para Jerusalém

- 9:30-32 A segunda predição de sua paixão
- 9:33-37 Quem é o maior?
- 9:38-41 Um direito exclusivo sobre Jesus?
- 9:42-50 Advertência contra ser uma pedra de tropeço
- 10:1-12 Ensino sobre o divórcio
- 10:13-16 Abençoando as crianças
- 10:17-31 O materialismo e o reino de Deus
- 10:32-34 A terceira predição da paixão
- 10:35-45 O pedido dos filhos de Zebedeu
- 10:46-52 A fé do cego Bartimeu

### 11:1—13:37 O ministério em Jerusalém

- 11:1-11 Entrada em Jerusalém
- 11:12-26 Hipocrisia exposta
  - 11:12-14 Hipocrisia e a figueira
  - 11:15-19 Hipocrisia e o sistema religioso
  - 11:20-26 Lições da figueira seca
- 11:27-33 A autoridade de Jesus questionada
- 12:1-12 A parábola dos lavradores maus
- 12:13-17 Fariseus e herodianos tentam armar uma cilada contra Jesus
- 12:18-27 Os saduceus questionam Jesus
- 12:28-34 O maior dos mandamentos
- 12:35-37 Jesus faz uma pergunta
- 12:38-40 Jesus adverte contra a hipocrisia
- 12:41-44 A verdadeira dádiva — o óbolo da viúva
- 13:1-37 Discurso no monte das Oliveiras

### 14:1—15:47 A narrativa da paixão

- 14:1-2 A conspiração contra Jesus
- 14:3-9 Unção em Betânia
- 14:10-11 Traição de Judas
- 14:12-26 Celebração da Páscoa
- 14:27-31 Predição da negação dos discípulos
- 14:32-42 Agonia no Getsêmani
- 14:43-52 Traição e prisão
- 14:53-65 Julgamento diante do Sinédrio
- 14:66-72 Pedro nega a Jesus
- 15:1-15 Julgamento diante de Pilatos
- 15:16-20 Humilhação pelos soldados romanos
- 15:21-32 *Crucificação e zombaria*
- 15:33-41 A morte de Jesus Cristo
- 15:42-47 O sepultamento de Jesus Cristo

### 16:1-8 A ressurreição de Jesus Cristo

### 16:9-20 Aparição, comissionamento, ascensão

- 16:9-14 As aparições de Jesus
  - 16:9-11 Aparição a Maria Madalena
  - 16:12-13 Aparição a dois discípulos
  - 16:14 Aparição aos onze
- 16:15-18 Comissionamento dos discípulos
- 16:19-20 A ascensão

## COMENTÁRIO

### 1:1-8 Introdução

Os evangelhos sempre começam no princípio, e é exatamente isso o que Marcos faz aqui. No entanto, ele não define o princípio em termos de genealogia judaica (como faz Mateus), ou em termos de histórias de nascimento (como Lucas), nem mesmo em termos da preexistência eterna de Jesus (como João). Em vez disso, Marcos fala sobre o *princípio do evangelho* (ou boas-novas) de *Jesus Cristo* (1:1a).

O nome Jesus é a forma grega do hebraico “Josué” ou do aramaico “Jesua”, que significa “Javé é salvação”. Em muitas culturas, o nome é extremamente importante; existe, inclusive, um ditado africano que pode ser traduzido por: “O nome dirige o destino”. A importância do nome é clara no Antigo Testamento (p. ex., nos comentários sobre Nabal em 1Sm 25:25). Em Marcos, fica evidente que o destino das Boas-Novas, o próprio Jesus, é trazer a salvação de Javé ao seu povo (Mt 1:21). As boas-novas são as boas notícias de salvação. *Cristo* é o título associado ao ofício de Jesus como o ungido de Javé. Significa o mesmo que “Messias” (em hebraico).

As boas-novas que Marcos expõe revelam que esse Jesus Cristo é o *Filho de Deus* (1:1b), isto é, ele partilha da natureza e do caráter de Deus, ou, em outras palavras, é Deus. Mas, se ele é Deus, é eterno; assim sendo, o que Marcos quer dizer quando escreve sobre “o princípio do evangelho”? O evangelista está afirmando que Jesus introduz uma nova era para a humanidade. Isso enfatiza a verdade de que abraçar o evangelho de Jesus Cristo é abraçar uma nova vida (2Co 5:17). Jesus é a mensagem do evangelho, e não um ser humano, grupo ou associação. O uso feito por Marcos do termo “princípio”, portanto, serve tanto como um título para seu livro quanto como um sumário do conteúdo que se segue.

O relato de Marcos começa com a manifestação pública de Cristo, que é apresentado ao mundo pelo predecessor, João Batista. Diferentemente de Mateus, Marcos não cita com frequência o AT, mas aqui ele o menciona como apoio ao papel de João. A promessa de enviar *meu mensageiro* (1:2) é extraída de Malaquias 3:1 e pode remeter até mesmo a Êxodo 23:20, e a descrição do mensageiro como a *voz*



do que clama no deserto (1:3) vem de Isaías 40:3. Marcos, no entanto, escreve como se ambas as citações pudessem ser atribuídas a Isaías. A razão pela qual ele o faz é, provavelmente, o fato de que este era um profeta maior, mais conhecido pelos leitores de Marcos, de modo que ele se concentra em Isaías ao citar duas profecias complementares.

A tarefa do predecessor seria ir à frente do Senhor para preparar-lhe o caminho do Senhor. A essência de sua proclamação pode ser encontrada em 1:3. A mensagem deveria apontar para o Senhor que está chegando. Essa é a mensagem que João Batista proclama no restante da introdução ao evangelho de Marcos.

Fiel à profecia, a proclamação de João Batista teve lugar no deserto da Judeia (1:4). O próprio João era, em muitos aspectos, semelhante ao impetuoso profeta Elias de tempos passados. Como Elias, sua vestimenta era feita de peles de camelo amarradas por um cinto de couro (2Rs 1:8), e se alimentava de uma dieta simples de gafanhotos e mel silvestre (1:6). Tudo isso aponta para um estilo de vida simples, que os verdadeiros profetas de Deus deveriam imitar hoje.

Os verbos usados por Marcos deixam claro que as multidões vindas de Jerusalém e da região da Judeia continuavam reunindo-se para ouvir João. Ao confessar seus pecados, os habitantes eram continuamente batizados no rio Jordão (1:5). Esse batismo é descrito como *batismo de arrependimento para perdão de pecados* (1:4). Em outras palavras, o que João estava exigindo era um novo princípio (cf. comentários sobre 1:1). João insistia em uma renovação moral e espiritual que levaria ao perdão dos pecados. Remorso genuíno e confissão do pecado eram um prelúdio necessário para o batismo com água, assim como a disposição para “produzir frutos dignos de arrependimento” (Mt 3:8). Aqueles que eram batizados por João se tinham identificado com seu ministério. Havia assumido uma atitude que simbolizava o raiar de uma nova vida e, portanto, se identificaram com a aurora de uma nova era.

É importante notar que João mesmo não perdoava pecados de quem quer que fosse. Ao contrário, ele apontava para Aquele que é mais poderoso e que viria com a missão de perdoar os pecados e salvar aqueles que genuinamente confessassem seus pecados (1:7). João desviava a atenção de si mesmo para focalizá-la em Jesus. Ele o fazia declarando seu próprio desmerecimento — não apenas por sua incapacidade de igualar os atos poderosos de Jesus (cf. Jo 10:41) e por ser menos que qualificado para curvar-se e servi-lo, mas também em termos da diferença qualitativa entre seus ministérios de batismo (1:8). A água marcava o batismo de João ou, em outras palavras, o batismo com água era necessário para que a pessoa se identificasse com João. Mas, quando viesse o mais poderoso, o Espírito Santo marcaria aqueles que se identificassem com ele. A lição é clara: no novo tempo, já pronto para ser inaugurado por Jesus, os verdadeiros seguidores seriam marcados pelas ati-

vidades do Espírito Santo na plenitude de seu poder. Essa é a marca distintiva de Jesus (Lc 4:18-19) e daqueles que verdadeiramente o seguem.

A cena agora está pronta para a apresentação de Jesus em seu primeiro aparecimento público preparatório para o ministério.

### 1:9-13 Batismo e tentação

Deixando sua cidade natal de Nazaré, Jesus se dirigiu a João para ser apresentado publicamente a Israel por meio do batismo. Ele não procurou João para confessar algum pecado pessoal, pois não tinha nenhum. Porém, humilhou-se para identificar-se com a proclamação de João de um “batismo de arrependimento para remissão de pecados” (1:4).

Não somos informados sobre como exatamente Jesus foi batizado, pois tudo o que o texto nos diz é que João batizou a Jesus (1:9). Alguns argumentariam que a referência a *sair da água* (1:10) implicaria que Jesus teria entrado no rio Jordão. Marcos, no entanto, está muito mais preocupado com o que aconteceu depois.

No momento em que Jesus saiu da água, viu os céus rasgarem-se (1:10). Jesus viu as marcas distintivas de seu ministério: o Espírito Santo descendo sobre ele como pomba, isto é, suavemente. Assim, na aurora de um novo princípio, o tempo da salvação, o Espírito de Deus pairou sobre as águas do Jordão da mesma forma que havia pairado no primeiro princípio, na criação (Gn 1:2). Não nos é dito se apenas Jesus viu os céus se abrindo e a descida da pomba ou se os outros também o viram. Pelo menos João Batista, parece ter visto a pomba, como ele testifica em João 1:32-34. Outros também podem ter testemunhado o acontecido.

Seguiu-se a certificação celestial: *Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo* (1:11). O Pai expressou sua concordância com o que acabara de acontecer e afirmou que Jesus era o Filho amado do Pai. A expressão “Tu és” nos relembra o eterno “Eu Sou” e denota uma ligação eterna. Jesus não se tornou o Filho de Deus nessa ocasião. Ele existe como o eterno Filho de Deus. Aqui, Deus expressa seu regozijo com respeito à disponibilidade de Jesus em rebaixar-se e identificar-se com os seres humanos pecadores para trazer-nos a salvação. A obediência à vontade revelada de Deus em sua Palavra atrai o prazer divino.

A tentação seguiu-se com um senso de urgência divina: *E logo o Espírito o impeliu para o deserto* (1:12). Como primeira tarefa, o Espírito Santo o impeliu para o deserto. Marcos não nos diz o que aconteceu ali, mas está claro que todo o período de quarenta dias testemunhou um vigoroso e intenso encontro com Satanás (1:13). A menção de animais selvagens (*feras*) sugere que Jesus necessitava de proteção contra eles, bem como contra as maquinções de Satanás. O Pai, no entanto, estava com ele, e espíritos ministradores (*anjos*) o ajudaram. Todos os que servem ao Senhor precisam lembrar-se de não se aventurar sozinhos, sem a direção e o controle do Espírito Santo. Enquanto via-

jam por este mundo deserto, enfrentarão forças espirituais muito mais ferozes que os animais selvagens visíveis aos olhos humanos.

Retornando triunfantemente dessa experiência no deserto, Jesus se lançou imediatamente em seu ministério público na Galileia. O extenso relato feito por Marcos desse ministério na Galileia pode ser dividido entre um ministério inicial e um ministério posterior. Cada um deles começa com o chamado de discípulos.

## 1:14—3:12 O ministério inicial na Galileia

### 1:14-15 A mensagem de Jesus Cristo

O ministério de João na Judeia termina quando ele é *preso* (a palavra usada significa literalmente “entregue”) à medida que a pregação de Jesus na Galileia se inicia (1:14). O que aconteceu com João fica reservado para um capítulo posterior (6:14-29). Uma lição vital para nós é compreender que sempre chega um momento em que nosso ministério termina.

Jesus pregou a vinda de uma nova era ou período do governo de Deus, marcado pela proximidade do *reino de Deus*. A própria presença de Jesus trouxe o reino para perto. Ele proclamou que aqueles que desejassem participar do reino de Deus deveriam arrepender-se e crer nas boas-novas que ele estava pregando (1:15). Houve, portanto, continuidade entre a mensagem de João e essa nova mensagem, pois sem arrependimento e fé não é possível abraçar as boas-novas de Jesus.

### 1:16-20 Chamado dos primeiros quatro discípulos

No começo desse ministério inicial na Galileia, Jesus chamou os primeiros quatro discípulos. Por mandado divino, Jesus, caminhando ao longo das praias do mar da Galileia, encontrou os irmãos Simão e André. Ambos estavam cuidando de seu trabalho — a pesca (1:16). Ao seu comando de: *Vinde após mim*, e sua promessa de radical transformação: *e eu vos farei pescadores de homens*, os dois obedientemente abandonaram o trabalho de pesca (1:17-18). Seguindo *pouco mais adiante*, Jesus encontrou os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu (1:19). O chamado de ordem *logo* foi endereçado a esses dois. Eles também obedeceram incondicionalmente, deixando para trás o pai e os empregados, para seguir a Jesus (1:20). Esse relato nos mostra que o trabalho de Jesus é chamar discípulos para si mesmo. Quando ele chama, obediência instantânea é requerida. Tal obediência exige fé absoluta no Deus vivo. O mesmo Senhor ainda chama aqueles que são seus, dos interesses da vida diária, para uma vida de absoluta obediência.

### 1:21-34 Um dia atarefado em Cafarnaum

Nessa seção, Marcos apresenta Jesus em ação, ensinando com autoridade sem paralelos na sinagoga de Cafarnaum

(1:21-22), causando grande confusão no território inimigo e provocando admiração entre seus ouvintes. Nosso Senhor, portanto, estabeleceu um exemplo para todos aqueles que ensinam e pregam as boas-novas de Deus. A palavra deve ser entregue com autoridade divina, de outra sorte ela é esvaziada de seu poder.

*Não tardou* para que, enquanto ensinava, Jesus fosse interrompido por uma confrontação espiritual iniciada pelo inimigo. Um membro da congregação estava possuído por um *espírito imundo* (1:23), isto é, um espírito mau, em total contraste com o Espírito Santo. Ao possuir uma pessoa, o espírito mau assume o controle, agindo e falando por meio daquela pessoa. O espírito mau sustentava que Jesus havia ultrapassado os limites ao vir à sinagoga: *Que temos nós contigo?* (1:24). Alegou também que as atividades de Jesus eram destrutivas, obviamente para o inimigo! O espírito mau declarou saber quem era Jesus — *o Santo de Deus!* Algumas vezes, acreditamos que saber o nome de uma pessoa nos dá poder sobre ela. Se essa era a pretensão do espírito mau, redundou em nada diante da firmeza de Jesus: *Cala-te!* (1:25). Jesus expulsou o espírito mau da pessoa. O demônio saiu gritando (1:26).

Esse episódio enfatiza o fato de que forças satânicas estão presentes até mesmo na assembleia do povo de Deus. A questão crítica é se o povo de Deus pode reconhecer o inimigo dentro de seu próprio território. A resistência à autoridade divina, especialmente quando as boas-novas estão sendo proclamadas com poder, é uma realidade constante.

O ensino de Jesus estava em absoluto contraste com tudo aquilo que sua audiência havia ouvido até então. Era *uma nova doutrina!* E ensinada *com autoridade!* (1:27).

O incidente na sinagoga foi seguido por outras curas, começando com a sogra de Pedro, que, instantaneamente curada de uma febre, se levantou para servi-los (1:29-31). Ao cair do sol, a notícia a respeito de Jesus se espalhara, e pessoas com todos os tipos de doenças foram trazidas à sua porta. Muitos foram curados, inclusive aqueles possuídos por demônios. Mas novamente Jesus não permitiu que os demônios falassem nem testificassem sobre quem ele era (1:32-34).

### 1:35-39 Estabelecendo prioridades no uso do tempo

Duas prioridades são evidentes nesse relato:

- *A prioridade da oração:* Antes que todo o movimento do dia começasse, Jesus reservou algum tempo para comunhão com o Pai (1:35). A escolha tanto do momento e do local dão testemunho de um período ininterrupto de oração. Nosso Senhor estabeleceu um claro exemplo para nós, isto é, que as ocupações do dia não devem nunca ser mais urgentes do que o tempo gasto em comunhão com Deus.
- *Prioridades no ministério:* Embora Jesus procurasse um local e um tempo ininterrupto, seus discípulos ainda

assim conseguiram intrometer-se. Simão assumiu a frente do grupo de intrusos (1:36), com a desculpa de que *todos te buscam!* (1:37). O ministério de Jesus no sábadó tinha sido tão bem-sucedido que os discípulos estavam aparentemente felizes em responder às exigências da multidão que desejava ouvir mais. Jesus pensava de outro modo, contudo! Desejando que muitos outros o ouvissem e recebessem as bênçãos das boas-novas, ele optou por ir a *outros lugares* [...] *a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim* (1:38). Consequentemente, Jesus *foi por toda a Galileia* (1:39). A lição aqui ensinada é que, além do horizonte do ministério atual, frequentemente há muito mais que Deus deseja realizar por meio de seus servos obedientes.

### 1:40-45 Curando um leproso

“Lepra” era o termo usado para descrever várias doenças de pele no tempo de Jesus. De acordo com a lei, um leproso era considerado cerimonialmente imundo. Pela fé, esse leproso aproximou-se de Jesus, dizendo: *Se quiseres, podes purificar-me* (1:40). Movido pela compaixão, Jesus respondeu: *Quero, fica limpo* (1:41), e o homem foi imediatamente curado (1:42). Esse ato de cura se tornaria *um testemunho* (1:44) para os sacerdotes (como fica subentendido na tradução mais coerente da NVI e da RC; a RA traz *testemunho ao povo*). Em outras palavras, o homem que acabara de ser curado não deveria falar a ninguém sobre o acontecido, a não ser aos sacerdotes, e deveria oferecer os sacrifícios prescritos na lei (cf. Lv 14:1-32). A razão para tal conselho talvez fosse levar os sacerdotes a uma conclusão inequívoca a respeito da pessoa de Jesus. Infelizmente, o homem curado desobedeceu e saiu, literalmente, a *propalar muitas coisas e a divulgar a notícia* (1:45). Como resultado, o ministério de Jesus precisou ficar restrito aos arredores das cidades mais populosas. Contudo, mesmo nos lugares ermos, as multidões se aglomeravam ao seu redor.

### 2:1—3:6 Ministério inicial de Jesus na Galileia

Essa seção se refere a uma série de controvérsias com os líderes religiosos da Galileia.

#### 2:1-12 Controvérsia sobre a cura de um paralítico

Jesus está *de novo* (2:1) em casa, em Cafarnaum. Aparentemente, ele havia estabelecido ali um segundo lar, possivelmente com Simão (cf. 1:29), pois Nazaré havia sido o seu lar anteriormente (6:1; Lc 2:51). O evento, ao que parece, ocorreu numa típica casa judaica, com um teto plano, muitas vezes usado como lugar para secar grãos. Quatro homens trouxeram um paralítico para que Jesus o curasse. Sendo impossível chegar até Jesus por causa da multidão aglomerada, os quatro optaram por carregá-lo para cima pela escada externa e, então, baixá-lo através do teto, ilustrando a verdade de que obstáculos não detêm a fé. Jesus reconheceu a fé daqueles homens e declarou perdoados os

pecados do homem doente (2:5). Isso perturbou os mestres da lei (os escribas, especialistas em interpretação) presentes. Em seu íntimo, eles objetavam quanto à possibilidade de algum mero mortal presumir ser capaz de perdoar pecados, considerando *blasfêmia* a alegação de poder fazê-lo, pois apenas Deus pode perdoar pecados (2:7). Jesus os enfrentou trazendo à luz o que eles estavam pensando (2:8) e prosseguiu demonstrando sua autoridade para perdoar pecados como *Filho do Homem* (2:10). O uso do título implicava que ele era o Messias — a figura profética apresentada em Daniel 7:13, capaz de exercitar a prerrogativa divina de perdoar pecados humanos. A palavra de comando (2:9) trouxera cura imediata, de modo que a resposta do povo foi dar glória a Deus e reconhecer que nada igual àquilo havia sido testemunhado antes (2:12).

#### 2:13-17 Controvérsia quanto ao chamado de Levi

Levi, filho de Alfeu, era coletor de impostos. Como tal, era uma das pessoas mais odiadas em Israel, pois os coletores de impostos eram considerados aliados dos opressores romanos. A atitude para com eles não era diferente da atitude assumida por muitas pessoas, em países africanos, em relação aos coletores de impostos nos tempos coloniais. Levi estava no seu posto (2:14) quando Jesus o chamou para o discipulado. Ele respondeu sem nenhum sinal de hesitação. Celebrando sua recém-encontrada liberdade após ter aceitado as boas-novas, Levi ofereceu a Jesus uma recepção, para a qual convidou também seus amigos, que eram coletores de impostos como ele (2:15). Do ponto de vista dos doutores da lei, especialmente aqueles que pertenciam à seita dos fariseus, nenhum homem justo estaria disposto a associar-se aos coletores de impostos ou seus semelhantes — pecadores e proscritos sociais que eram (2:16)! Respondendo à crítica, Jesus falou àqueles fariseus usando o formato de parábola. Ele (o médico espiritual) estava aqui para trazer cura (espiritual) para “pecadores” como Levi e seus amigos. Pessoas como os presunçosos fariseus não podiam ser ajudadas, pois presumiam desfrutar de excelente saúde (espiritual). Jesus inferia que aqueles fariseus estavam desligando-se de seu ministério de graça.

#### 2:18-22 Controvérsia a respeito do jejum

Imediatamente após a controvérsia com os pecadores sobre a recepção de Levi, Marcos introduz uma controvérsia relacionada: Por que Jesus não jejuava com os justos? No tempo de Jesus, as pessoas demonstravam sua piedade observando jejuns semanais regulares. Os discípulos de João Batista faziam isso, assim como os fariseus (2:18). As pessoas que procuraram Jesus para indagar por que seus discípulos não observavam esse ritual não são identificadas, mas poderiam ser muito bem fariseus. A resposta de Jesus foi afirmar que aquela não era a hora apropriada para jejuar (2:19), e ilustrou sua posição com analogias de um casamento, de remendo de roupas e do armazenamento de

vinho (2:19,21-22). A hora própria para jejuar, no entanto, viria brevemente quando o noivo (obviamente o próprio Jesus) seria *tirado* deles (2:20). Jesus estava referindo-se aos eventos relacionados à sua paixão.

### 2:23—3:6 Duas controvérsias sobre o sábado

A primeira das duas controvérsias apresentadas aqui se refere à prática de respigar nas plantações de grãos, prática perfeitamente legal (Dt 23:25). Os discípulos de Jesus, entretanto, foram acusados de quebrar a lei porque estavam respigando no sábado (2:23-24). A objeção dos fariseus, baseada em Êxodo 34:21, consistia em afirmar que aquilo que os discípulos estavam fazendo era equivalente a trabalhar no sábado. A resposta de Jesus estava baseada numa visão holística das Escrituras. Ele os acusou de não atentarem cuidadosamente para as Escrituras, segundo as quais, quando existe uma necessidade humana, uma permissão pode ser conferida (2:25-26). Jesus recorda um incidente ocorrido *no tempo do sumo sacerdote Abiatar*. Esse episódio realmente ocorreu na época do pai de Abiatar (1Sm 21:1-6; 22:20), mas Jesus se referiu aos dias de Abiatar porque ele provavelmente era uma figura muito mais proeminente que seu pai. A interpretação correta da lei seria a de que ela foi instituída, em primeiro lugar, para o benefício dos seres humanos, e não o contrário (2:27). Assim, negligenciar uma necessidade humana para guardar o sábado é deixar de compreender a razão de ser da observância do sábado. Além disso, Jesus ensinou que ele, como *Filho do Homem* ou como Homem Ideal, era Senhor ou proprietário do sábado, aquele que veio para cumprir, não para anular, a lei.

A segunda controvérsia sobre o sábado teve lugar na sinagoga, onde estava presente um homem com a mão deformada (3:1-6). Aqueles que estavam dispostos a apanhar Jesus violando o sábado em 3:2 são provavelmente os mesmos fariseus citados em 3:6. Jesus, portanto, decide usar o homem como uma lição objetiva pedindo que ele se levante e se coloque no *meio*, diante de todos (3:3). Jesus pergunta, então, a seus oponentes o que diria a lei: é melhor *fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?* (3:4). Essa pergunta retórica não necessitava de resposta. Em justa indignação e profunda tristeza diante da atitude daqueles fariseus, Jesus profere a palavra de comando e cura instantaneamente o sofrendor (3:5). Uma coisa é discutir a respeito de palavras, opiniões e interpretações; outra, bem diferente, é encontrar-se face a face com as necessidades humanas. No primeiro caso, podemos permanecer imparciais, mas no segundo precisamos tomar uma atitude que demonstre misericórdia.

O efeito cumulativo dessa série de controvérsias é expresso no versículo final dessa seção. Aqui, com certeza, podemos ver como Jesus se entristeceu ao constatar a *dureza de coração* daqueles que deixaram a sinagoga naquele dia. Eles decidiram forjar uma aliança iníqua com os hero-

dianos secularistas para matar Jesus (3:6). Que maneira de terminar um culto!

### 3:7-12 Fim do ministério inicial de Jesus na Galileia

A ordem dos eventos parece sugerir que Jesus respondeu à conspiração de morte (3:6) retirando-se para a margem do lago, longe dos centros populacionais. Mesmo assim, *grande multidão* o seguiu (3:7). As notícias a seu respeito se haviam espalhado para além da região da Galileia, até a Judeia e Jerusalém (3:8), o centro do judaísmo. Pessoas vinham de tão longe quanto a Idumeia, área ao sul da Judeia, anteriormente conhecida como Edom. (Os Herodes, que governavam Israel nessa ocasião, eram idumeus.) As pessoas também vinham da Transjordânia, assim como de outras regiões a noroeste da Palestina, em particular de centros gentios como Tiro e Sidom, aos quais Jesus visitaria mais tarde (cf. 7:24,31). A multidão era tão grande que, para evitar que o esmagassem, Jesus ensinava de dentro de um pequeno barco que era levemente empurrado para longe da margem (3:9-10).

Ao longo do ministério de Jesus, houve vários encontros com espíritos maus. Esses espíritos imundos, quando o viam, *prostravam-se diante dele*, indicando que o poder de Jesus era maior que o deles, e o reconheciam como *Filho de Deus* (3:11). Jesus consistentemente se recusava a permitir que eles o chamassem por esse nome (cf. tb. 1:25,34) não porque esse não fosse o seu verdadeiro nome, mas porque não desejava receber honra de espíritos imundos que não confessavam seu nome da mesma forma que os crentes o fariam. Ao contrário, parece que esses espíritos eram motivados pela crença de que identificar um espírito pelo nome conferia o poder de controlá-lo. Mesmo prostrados aos pés de Jesus, esses espíritos impuros recusavam submeter-se e chegavam até mesmo a tentar obter controle sobre ele! Satanás e suas coortes não desistiam, mesmo derrotados. Jesus os proibiu de dizer quem ele era, provavelmente para evitar uma identificação pública prematura.

### 3:13—6:13 O ministério posterior na Galileia

O ministério posterior de nosso Senhor iniciou-se com a designação dos doze, os quais continuariam o ministério iniciado por ele.

#### 3:13-19 A designação dos doze

Alguns, senão todos os homens escolhidos como apóstolos, a essa altura já eram seguidores de Cristo (cf. 1:14-20; 2:13-14). E foram, aparentemente, selecionados por ele a partir de um grupo maior de seguidores. Jesus também deixou bem claro o propósito para qual eles haviam sido escolhidos (3:14-15) ao designá-los *apóstolos* (NVI), termo indicativo de que eles seriam seus emissários, enviados como mensageiros para proclamar as boas-novas. Parte da tarefa dos discípulos era *estarem com ele*, isto é, serem seus associados próximos que aprenderiam com ele, e aos quais

Jesus poderia, então, enviar para proclamar as boas-novas e confrontar as forças satânicas, estando eles já armados com sua autoridade.

Os nomes registrados por Marcos em 3:16-19 incluem alguns apelidos, o que pode sugerir que a fonte de informação fosse alguém pertencente ao grupo, sendo o próprio informante um dos apóstolos. Alguns desses apelidos são dados em aramaico. *Pedro* (ou “Cefas”; cf. Jo 1:42), o apelido dado a *Simão* pelo próprio Jesus, significa “rocha”. Aos irmãos Zebedeu, Tiago e João, ele chamou *Boanerges*, ou *filhos do trovão* — uma referência a seu temperamento algumas vezes impetuoso (cf. 9:13; Lc 9:54). O outro Simão foi chamado *Zelote*, provavelmente para indicar uma pessoa cheia de entusiasmo por Deus (possivelmente não fazendo referência a alguma associação com o notório partido político conhecido como “os zelotes”). *Iscariotes*, o apelido de Judas, poderia ser uma referência à sua pequena cidade de origem, ou um trocadilho derivado de uma palavra que significava “assassino”.

A divina providência estava, sem dúvida alguma, atuante na escolha feita por Jesus desse grupo de homens. O Senhor usa traços de caráter diferentes encontrados entre aqueles que são seus, à medida que esses traços são submetidos às suas mãos transformadoras. A razão por trás da escolha de Judas, entretanto, permanece um mistério para nós, embora ele claramente deva ter tido oportunidade de ser transformado sob a orientação do Mestre.

### 3:20-35 O ministério de Jesus é mal interpretado

Todo esse segmento é compilado para demonstrar quão extensa foi a rejeição sofrida por Jesus. A associação entre ser rejeitado pelos membros da família e ser sujeito à denúncia maliciosa de seus adversários enfatiza sua total rejeição.

A rejeição por parte de sua família ocorreu numa casa não identificada da Galileia, onde uma multidão estava reunida, tão ansiosa por sua atenção que ele mal tinha um momento para comer (3:20). Quando as notícias desses acontecimentos chegaram à sua família, eles interpretaram mal o que estava acontecendo. Para eles, Jesus havia ficado louco. Se aparentemente Jesus estava fora de si e não era mais capaz de tomar conta de si mesmo, seus familiares iriam *trazê-lo à força* (NVI), presumivelmente levando-o de volta para casa a fim de cuidar dele (3:21). Mas aquilo que à primeira vista parecia ser um interesse genuíno da família era, de fato, uma manobra para frustrar sua missão. O inimigo estava usando o pouco entendimento de sua família.

Em seguida, Jesus foi confrontado por seus adversários, os mestres da lei vindos de Jerusalém (3:22). Estes pertenciam ao mesmo grupo de pessoas com as quais Jesus já se havia debatido numa série de controvérsias públicas (cf. 2:1—3:6). Esses especialistas haviam sido enviados de Jerusalém para avaliar Jesus e dar um veredicto que resolvesse as controvérsias de uma vez por todas e, assim, determinasse o que as pessoas deveriam fazer a seu respeito. Esses mestres concluíram maliciosamente que todos os

atos poderosos de Jesus haviam sido realizados em aliança com o príncipe dos demônios.

Em sua defesa, Jesus demonstrou o absurdo de Satanás expulsar Satanás, ou de um reino estar dividido contra si mesmo, e até de uma casa dividida estar contra si própria (3:23-27). Ninguém luta contra os próprios amigos. Aquele que está tentando entrar na *casa do valente* (3:27) deve ser forte o bastante para subjugar o proprietário. Jesus havia obviamente subjugado, e não servido, ao homem forte, Satanás.

Em 3:28-30, Jesus pronunciou julgamento sobre esses mestres da lei como sendo culpados de um pecado eterno. Embora todas as categorias de pecado, inclusive a blasfêmia, sejam perdoáveis (3:28), há um pecado imperdoável — o pecado *contra o Espírito Santo* (3:29). Esse pecado é a atribuição maliciosa da obra do Espírito Santo a um espírito maligno. Tal rejeição da obra de graça realizada pelo Espírito Santo equivale a um *pecado eterno* (3:29).<sup>8</sup> Os mestres da lei, no entanto, foram insistentes, pois as palavras usadas por Marcos podem ser traduzidas literalmente como: *Isto, porque diziam: Está possesso de um espírito imundo*. Como declara o verso de um hino: “Descrença cega erra com certeza e em vão examina suas obras”. A descrença obstinada é, frequentemente, acompanhada por uma posição irracional e absurda. Continuar a desacreditar das obras de Deus apenas conduz à destruição eterna.

A linha de batalha estava agora claramente estabelecida. Os membros da família que foram à casa de Jesus para encontrá-lo e assumir controle sobre sua vida (3:21) chegaram pedindo uma audiência particular com ele, de modo que pudessem realizar suas intenções (3:31-32). Ele responde que o verdadeiro teste para determinar se alguém é um parente não é natural, mas espiritual (3:33-35). Se alguém é verdadeiramente parte da família de Deus e compartilha da natureza divina, essa pessoa, como Jesus, age conforme a vontade e a natureza de Deus (3:35). Em muitas partes da África hoje, ter os relacionamentos certos garante o acesso da pessoa às posições mais elevadas. Um “contato” muito mais importante é aquele que temos com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo e nossa obediência à vontade de Deus como membros de sua família.

### 4:1-34 As parábolas de Jesus

O relato de Marcos sobre a rejeição pública de Jesus é seguido por uma série de parábolas, um sinal de que Jesus respondeu à situação modificando a abordagem em seu ministério público. A mudança não se deu no sentido de ter ele, agora, começado a ensinar grandes multidões ou a falar de um barco (4:1) — Jesus já havia agido dessa forma em 3:9. A novidade foi o emprego crescente de parábolas (4:2). Essas parábolas mostravam como o reino de Deus opera. Jesus sistematicamente comparou o reino a sementes (4:11,26,31) e focalizou seu ensino no sentido de como as pessoas ouviam (4:9,23,24) sua mensagem. As parábolas, portanto, eram contadas para testar a sensibilidade



## FAMÍLIA E COMUNIDADE

Uma comunidade é definida como um grupo social cujos membros vivem juntos ou compartilham propriedade e interesses comuns. As famílias são sempre consideradas o coração da vida comunitária. No entanto, um dos aspectos mais característicos da cultura africana é que a família e a comunidade estão totalmente integradas.

A família africana é definida em termos bem amplos e abrange muito mais que a família nuclear de pais e filhos. Qualquer um com quem se possa ter vínculos de sangue, sejam próximos ou distantes, é considerado parte da família. Assim, uma família inclui irmãos e irmãs, tios e tias, primos e sobrinhos, tão distantes quanto se possa lembrar. Em algumas culturas em nosso continente, qualquer adulto que se associe a meus pais é meu parente, e qualquer um que faça parte da mesma geração à qual eu pertença é meu irmão ou irmã.

Nossa ligação emocional com essa família estendida permanece muito forte, a despeito da urbanização e da influência ocidental. Ela influencia muitas de nossas escolhas sobre questões como trabalho, casamento e filiação religiosa. Para um cristão africano, essa compreensão cultural da comunidade é um poderoso instrumento para compreender as Escrituras e para integrar-se à igreja.

As longas genealogias apresentadas na Bíblia nos fazem lembrar que ela é também uma história sobre a família. Começa com um casal criado por Deus como ancestral de todos os seres humanos sobre a terra (Gn 1:27-28; 5:1-32; 10:1-32). A seguir, Deus forma uma família maior, Israel, composta por todos os descendentes de Abraão, destinados a servir de modelo para as outras famílias da terra (Gn 12:2-3). No NT, essa família cresce ainda mais porque a fé na obra de Cristo leva os gentios a juntar-se aos judeus na "família de Deus" (At 13:38-39; Ef 2:19).

A Bíblia ensina que devemos amar, honrar e educar na fé nossa própria família biológica (Êx 20:12; Dt

6:1-9; Ef 5:25—6:4). Mas ela não para aí, pois, de uma perspectiva bíblica, a natureza e qualidade dos laços que unem os cristãos entre si devem ser mais fortes que os laços de sangue. Aquilo que é nascido do Espírito tem maior valor que aquilo que é nascido da carne (Mt 10:35-37; 12:46-50; Jo 3:1-21). Assim, quando a Bíblia fala da igreja como um corpo, do qual cada crente é membro, está soando um chamado a uma forte vida comunitária.

Dentro da família e da comunidade que é a igreja, devemos encontrar evidências abundantes dos pontos fortes da cultura familiar africana: solidariedade, hospitalidade, alegria e atitudes semelhantes. Quando um membro sofre, todos os membros devem sofrer. Os membros devem cuidar uns dos outros. Todos devem trabalhar juntos, cooperando para o interesse comum (Rm 12:4-18; 1Co 12:12-30).

Certamente precisamos exercer sabedoria quanto à incorporação de aspectos de nossa cultura comunitária à igreja. Por exemplo, ao mesmo tempo que estamos certos em demonstrar grande respeito pelas pessoas mais velhas e reconhecer seu papel como líderes, não devemos permitir que nosso respeito pelos idosos dificulte o exercício dos dons pelas gerações mais novas. Precisamos assegurar que o testemunho seja passado de geração a geração dentro da família cristã (1Tm 4:12—5:3). A solidariedade e a acolhida da igreja também não devem ser reservadas aos parentes de sangue, mesmo no sentido mais amplo de todos em nosso grupo étnico. Cristãos de todas as nações são igualmente irmãos e irmãs na família cristã (At 6:1-7; Gl 3:28).

Se conseguirmos aprender a combinar ao ideal bíblico nossa boa família e o espírito comunitário, a família africana será um exemplo para o mundo, um modelo de como viver. E estaremos dizendo ao mundo: *Este é o caminho; andai por ele* (Is 30:21).

Soro Soungalo

espiritual daqueles que as ouviam. Elas ocultavam as verdades do reino para aqueles que estavam *de fora* (4:11,12), enquanto as revelavam aos discípulos (4:10-11,14).

Hoje, no entanto, nós nos esforçamos para tornar a mensagem da palavra tão compreensível quanto seja humanamente possível, em vez de ocultá-la. Nosso Senhor ocultava a mensagem naquela situação, porque não havia chegado o tempo em que o povo em geral pudesse receber a mensagem de que ele era o Messias.

### 4:3-20 A parábola do semeador

Após ouvirem a parábola do semeador (4:3-8), os discípulos precisaram de auxílio para interpretá-la (4:10). Em resposta, Jesus citou Isaías 6:9-10, esclarecendo que a razão

para usar parábolas era ocultar as verdades do reino dos de fora, mas não dos discípulos (4:11-12). Jesus explicou que a parábola ensinava que as diferenças nas condições do coração das pessoas resultam em diferenças de receptividade à mensagem do reino de Deus (4:14-20). Também enfatizou que Deus espera que todos aqueles que verdadeiramente ouvem a mensagem, e a ela respondem, produzam como resultado muitos frutos, embora se possa prever que alguns produzirão mais do que outros.

### 4:21-23 A parábola da candeia

A candeia é obviamente feita para iluminar onde há trevas, revelando assim o que de outra forma estaria escondido. Jesus é a verdadeira candeia cuja vinda revela a escuridão

dos corações humanos. Jesus está enfatizando que, apesar do que foi dito em 4:11-12, seu objetivo é realmente revelar, e não ocultar, a verdade referente ao reino de Deus. São as condições do coração humano que impedem *aos de fora* compreender o que ele diz (4:11). Essa é a razão pela qual Jesus exortou: *Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça* (4:23). Ouvidos espirituais (sensibilidade) são necessários para “ouvir” (compreender) as verdades do reino.

#### 4:24-25 A parábola da medida

Seguindo a advertência expressa em 4:23, Jesus aconselhou seus ouvintes a considerar *atentamente* o que ouviam (4:24, NVI), isto é, a prestar atenção àquilo que escutavam. Então, inesperadamente, Jesus compara a atividade de ouvir com a de medir algo. Provavelmente, o tipo de aparelho de audição, ou *a medida com que tiverdes medido*, determina os dividendos recebidos num caso ou no outro, presumivelmente, no dia do julgamento. Na economia divina, uma pessoa *que tem* (isto é, alguém que é espiritualmente receptivo), receberá mais, ao passo que aquele *que não tem* (isto é, alguém que não é receptivo) sofrerá a perda. Tudo depende da “medida” escolhida (4:25).

#### 4:26-29 A parábola da semente

A parábola do semeador enfatiza vários tipos de solo e as diferentes formas de crescimento das sementes. Essa parábola salienta os diferentes estágios de crescimento da semente, desde o momento em que ela foi semeada até a colheita. A atuação interna da mensagem do reino permanece um mistério.

Ela opera independentemente de qualquer atividade por parte do semeador. Sendo assim, a semente desabrocha, não importa se o semeador durma ou se mantenha acordado, *não sabendo ele como* (4:27). É Deus quem está no controle. Os agentes humanos semeiam a semente, mas não a fazem crescer e não devem tornar-se impacientes quando ela parece não produzir resultados tão rapidamente quanto eles desejariam. O propósito soberano de Deus ainda está trabalhando.

#### 4:30-32 A parábola do grão de mostarda

Esta parábola ilustra uma verdade vital a respeito do reino de Deus — ele ainda não está plenamente manifesto. Jesus o compara a um grão de mostarda, uma semente proverbialmente pequena e insignificante, embora não necessariamente a menor de todas as sementes. O reino parecia pequeno e insignificante no tempo em que Jesus estava pregando. Mas, assim como a minúscula semente de mostarda cresce e se transforma num grande arbusto, da mesma forma o reino crescerá. Sua plena glória será finalmente revelada.

#### 4:33-34 Considerações finais

Marcos obviamente selecionou essas parábolas de uma coleção muito maior, pois ele nos diz que Jesus usou *muitas*

*parábolas semelhantes*, ensinando conforme o permitia a capacidade dos ouvintes (4:33) em cada ocasião. Jesus dava explicações mais completas sobre o sentido das parábolas a seus discípulos, quando conseguia ficar a sós com eles (4:34).

#### 4:35—5:43 Jesus demonstra sua autoridade soberana

Marcos prossegue na apresentação das parábolas sobre o reino, relatando uma série de incidentes que demonstram a autoridade real de Jesus sobre a natureza, os demônios, as doenças e a morte.

#### 4:35-41 Acalmando a tempestade

Naquela tarde, após o que parece ter sido um atarefado dia de ensino por parábolas do tipo que acabamos de narrar, Jesus sugeriu que atravessassem para a outra margem do mar da Galileia (4:35). Ele sabia que uma importante reunião aconteceria naquele lugar (cf. comentários sobre 5:7). O barco usado foi provavelmente o mesmo utilizado em 4:1 como um lugar conveniente de onde ele podia ensinar (4:36). Alguns dos discípulos pilotavam o barco enquanto Jesus descansava. Considerando os compromissos do dia, não é surpresa que ele rapidamente adormecesse *sobre o travesseiro*, embora uma tempestade estivesse esbravejando (4:37-38). A tempestade era suficientemente severa para representar uma ameaça real para Jesus e seus discípulos. A censura dos discípulos, *Mestre, não te importa que pereçamos?*, é a reação natural de homens tomados de pânico. Em situações tempestuosas, tendemos a reagir de forma exagerada, experimentando medo, pânico e até mesmo raiva. Com frequência, nos voltamos contra nosso líder, como se ele fosse uma espécie de bode expiatório, quando as coisas ficam feias. Podemos até mesmo culpar Jesus por não cuidar de nós! Essa forma de reação, contudo, nada faz para acalmar a tempestade.

No meio da crise, Jesus se levantou e falou à tempestade como se fosse uma pessoa, a primeira de uma série de forças que combateria nesse segmento do evangelho de Marcos. Ele repreendeu (uma personificação) o vento e ordenou (outra personificação) ao mar: *Acalma-te! Emudece!* (4:39). O vento e a tempestade imediatamente obedeceram à sua ordem. Então, virando-se para os discípulos, Jesus insistiu na lição: *Como é que não tendes fé?* (4:40). Seu argumento era claro: o medo é um obstáculo à fé; embora os perigos sejam reais, quando Jesus está conosco, podemos experimentar perfeita tranquilidade em meio às tempestades.

#### 5:1-20 Expulsando demônios em Gerasa

Gerasa, ou Gadara, como lemos em algumas traduções, é uma região, e não um vila específica (5:1). O fato de que havia porcos sendo cuidados ali (cf. 5:11) indica que a região era habitada por gentios. Assim que desembarcaram, a razão pela qual Jesus havia pedido para cruzarem o lago se tornou clara. Um homem possuído por um demônio os en-

controu e recebeu Jesus de forma hostil quando ele chegou à praia (5:2). O pobre homem era um perigo para as outras pessoas e para si mesmo por causa da influência de seus dominadores, os espíritos malignos. Ele havia sido afastado do convívio de seu povo para viver isolado entre os túmulos, já que ninguém conseguia mais dominá-lo. O homem havia sido levado por um caminho de autodestruição, pois se cortava com facas afiadas e gritava o dia inteiro (5:3-5). Era um maniaco que todos temiam. Esse é o trabalho do diabo, que se especializa em destruir e matar, e continua a agir dessa forma ainda hoje.

O diálogo que se seguiu deve ter sido entre Jesus e um espírito de liderança dentro da legião (cf. 5:9). Os espíritos maus que habitavam o homem interpelaram Jesus por ter ele invadido seu território: *Que queres comigo?* (5:7, NVI). Jesus tinha chegado àquele território deliberadamente, apesar da hostilidade do mar. Ele tinha ciência do encontro iminente. Os demônios teimosamente resistiram à ordem de sair, pois Marcos nos diz que Jesus continuou dizendo: *Espírito imundo, sai desse homem!* (5:8). No final, os demônios sucumbiram e pediram insistentemente que Jesus os não mandasse para fora do país (5:10). Aparentemente, aquela era uma região na qual habitavam espíritos maus. Em vez de deixar a área, os espíritos maus queriam habitar uma grande manada de cerca de dois mil porcos que se alimentavam ali por perto. Esses espíritos maus pareciam especialistas em provocar devastação e estrago, pois, quando Jesus atendeu ao seu pedido, conseguiram fazer aos porcos o que quase haviam conseguido fazer ao homem (5:12-13). Jesus claramente considerava a alma humana muito mais valiosa que uma manada de porcos, embora permaneça obscura a razão pela qual ele atendeu ao pedido dos espíritos maus.

O homem, anteriormente possuído, estava agora plenamente curado, *vestido e em perfeito juízo* (5:15). Quando, entretanto, os gerasenos ouviram o que havia acontecido (5:14,16), demonstraram estar muito mais preocupados com sua perda econômica que com a libertação do pobre homem e, portanto, não quiseram mais saber de Jesus (5:17).

Num agudo contraste, o homem curado pediu a Jesus que lhe fosse permitido acompanhá-lo quando ele deixasse a região (5:18). Mas Jesus o encarregou de voltar para sua família e contar-lhe as boas-novas de seu livramento como resultado da misericórdia do Senhor (5:19). O homem saiu para pregar as boas-novas na região predominantemente gentia de *Decápolis*, ou Dez Cidades (5:20). Espalhar as boas-novas começa com o relato da história de tudo o que o Senhor fez na vida de cada um. Até que alguém tenha uma história pessoal para contar, ele ou ela não terá nenhuma boa-nova para compartilhar.

#### 5:21-43 Exercendo autoridade sobre a doença e a morte

Marcos, sem dúvida, não estava particularmente preocupado com a cronologia dos eventos, de sorte que não sabe-

mos quanto tempo se passou entre os acontecimentos em Gerasa e os dois incidentes relatados aqui, nos quais Jesus demonstrou sua autoridade sobre a doença e a morte.

Jesus havia acabado de desembarcar de um barco quando um principal da sinagoga, chamado Jairo, o encontrou e lhe implorou que viesse e salvasse da morte sua filha de 12 anos de idade (5:21-23). Jesus consentiu e dirigiu-se à casa de Jairo (5:24).

Enquanto caminhavam, encontraram uma mulher cuja história era profundamente lamentável. Há doze anos, ela vinha sendo afligida por uma hemorragia incurável. Como se isso não bastasse, *muito padecera à mão de vários médicos*, tendo *despendido tudo quanto possuía*, sem nenhum resultado; pelo contrário, sua condição só piorava (5:25-26). Infelizmente, mesmo em nossos dias, muitos sofrendores lutam com condições crônicas semelhantes e muitas vezes acabam presas de “doutores” e curandeiros tradicionais. Ao sofrimento da mulher somava-se ainda o componente de ser ela sempre considerada cerimonialmente imunda, condição suportada pelos últimos doze anos. Isso significava que ela não poderia frequentar a sinagoga e que já teria sido afastada até mesmo pelos membros de sua família, que também seriam considerados imundos se tocassem qualquer lugar onde ela houvesse sentado ou deitado. Pela fé, ela procurou secretamente *apenas tocar as vestes* de Jesus (5:28). Sua fé foi instantaneamente recompensada (5:29). Ali mesmo e *imediatamente*, Jesus reconheceu que *dele saíra poder*, isto é, poder divino para curar. Ele perguntou: *Quem me tocou nas vestes?* (5:30). Os discípulos estranharam a pergunta, pois muitas pessoas o rodeavam. Mas ele estava consciente de um toque especial! Diante de sua insistência, a mulher se apresentou e *declarou-lhe toda a verdade* (5:33). Jesus elogiou sua fé e confirmou sua cura (5:34).

Enquanto a mulher estava recebendo esperança e renovação da confiança, Jairo recebeu a notícia de que toda a sua esperança estava perdida (5:35). Ele pode muito bem ter interpretado a demora no atendimento de Jesus à mulher hemorrágica como uma interrupção quase insuportável. Mas Jesus renovou a confiança de Jairo dizendo-lhe que afastasse o medo e em vez disso abraçasse a fé (5:36). O medo é o adversário da fé. Quando alguém se volta para Deus, recebe dele a esperança em situações nas quais os humanos se encontram absolutamente desesperados e desamparados.

Jesus minimizou a publicidade e continuou seu caminho para a casa de Jairo, seguido de apenas três discípulos — Pedro, Tiago e João (5:37). Lá chegando, verificou que o tradicional ritual de luto já havia começado, muito provavelmente com pranteadores profissionais. Toda a cena era cheia de *alvorço* (5:38). Sua declaração de que a menina não estava morta, mas *dorme* (5:39), foi recebida com risos de escárnio (5:40).

Apenas os pais e os três discípulos foram admitidos no aposento onde estava a menina morta. Jesus se dirigiu a

ela em sua língua mãe: *Talitá cumi!* Marcos traduziu o aramaico para seus leitores: *Menina, eu te mando, levanta-te!* (5:41). A menina morta obedeceu, levantou-se e caminhou pelo aposento, para o completo assombro dos pranteadores reunidos do lado de fora (5:42). Jesus deu ordens estritas para que eles se mantivessem calados a respeito do acontecido, a fim de que não houvesse reações incontroláveis por parte do povo. Essa foi a razão pela qual Jesus os impediu de entrar com ele na casa (5:37). Ele disse, então, aos que estavam na casa, que dessem à menina algo para comer a fim de revigorar sua força física (5:43).

Uma vez mais, como nos outros incidentes descritos nessa seção, Jesus demonstrou sua autoridade sobre todas as condições de vida que tentam aniquilar a segurança humana. Ele mostrou que realmente é Senhor!

### 6:1-5 Jesus rejeitado em sua casa em Nazaré

Nesse capítulo, Jesus havia retornado a Nazaré, sua cidade, com os discípulos (6:1). No sábado, deram-lhe uma oportunidade de ensinar na sinagoga. Seu ensino deixou a audiência local maravilhada, levando-os a perguntar, surpresos, de onde vinham seus ensinamentos, sua sabedoria e os milagres que, segundo diziam, ele havia operado em outros locais (6:2). As pessoas da cidade *escandalizaram-se* em Jesus, porque, segundo sua percepção, nada daquilo que estavam vendo poderia ser explicado com base em sua origem humana (6:3). E nisso elas estavam corretas! Mas não estavam dispostas a ir além e relacionar a fonte de todas aquelas maravilhas a Deus, pois ainda viam Jesus como mero *carpinteiro*. Foram incapazes de ver Deus trabalhando.

Em resposta, Jesus repetiu o provérbio que declara: *Não há profeta sem honra, senão na sua terra* (6:4). Hoje, poderíamos colocar isso nos seguintes termos: “Familiaridade gera desprezo”. Exceto por algumas poucas curas, as bênçãos que Jesus de Nazaré derramou sobre outras vilas infelizmente escaparam aos seus — e tudo por causa de sua descrença. Tudo isso era uma antecipação da rejeição final de Jesus, pois ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam (Jo 1:11). Esse panorama é por demais familiar hoje, embora em microcosmo, à medida que uma pessoa visita toda uma região levando bênçãos aos outros, mas não é considerada muito de grande valor em sua própria casa. A inveja é muitas vezes a maior causa de tropeço nesses casos. A inveja nos cega.

### 6:6-13 Comissionando os doze

Parece que, após a rejeição em casa, Jesus se concentrou por um tempo em aldeias vizinhas (6:6). Ele enviou os doze aos pares para ajudar na tarefa de proclamar as boas-novas, multiplicando assim a eficiência de seu ministério. Jesus lhes deu sua autoridade, particularmente para lutar com espíritos malignos (6:7).

Suas instruções foram específicas: seguir com simplicidade, carregando o mínimo indispensável. Os discípulos

não deveriam mudar-se de uma casa para outra após estarem instalados na cidade, pois isso poderia gerar insatisfação. Eles não deveriam abusar da hospitalidade daqueles que os recebiam. Onde não fossem recebidos, não deveriam forçar sua presença sobre os relutantes (6:8-11). Essa abordagem era um treino necessário para a fé e também tinha o objetivo de proteger a integridade dos discípulos como anunciadores de boas-novas. Embora alguns desses princípios se apliquem a todas as épocas, isso não é verdade para todos. Os princípios que permanecem são aqueles que encorajavam os discípulos em sua missão de pregar e de não abusar da generosidade dos hospedeiros. As ordens em 6:8-9, no entanto, não devem constituir princípios aplicáveis a todas as épocas.

Os doze saíram e pregaram o reino de Deus convocando o povo ao arrependimento (6:12), expulsando muitos demônios e curando doentes (6:13). O uso de óleo de unção para os doentes era conhecido entre os judeus (cf. Tg 5:14-15). Simbolizava o poder do Espírito Santo. Os cristãos hoje, no entanto, deveriam ser cuidadosos para não aplicar o óleo de unção de modo equivocado, usando-o como uma forma de fetiche, como fazem os pagãos.

### 6:14—9:29 A retirada da Galileia

#### 6:14-16 A fama de Jesus se espalha por toda parte

Rumores a respeito de Jesus chegaram até Herodes Antipas, carregando opiniões conflitantes a respeito de sua identidade. Alguns diziam que ele era João Batista que havia ressuscitado (6:14), enquanto outros diziam que ele deveria ser Elias ou um profeta como os dos tempos antigos (6:15). O próprio Herodes, atribulado em sua consciência, pensava que João, a quem ele havia matado, tinha voltado à vida (6:16).

Marcos mencionou anteriormente a prisão de João (1:14) de forma passageira. Agora, em retrospectiva, ele explica por que a consciência de Herodes o estava molestando.

#### 6:17-29 Prisão e morte de João Batista

Herodes havia aprisionado João com a finalidade de silenciá-lo. O ardoroso profeta se pronunciara repetidamente contra o relacionamento incestuoso entre Herodes e Herodias, esposa de seu irmão. João manteve-se firme no ensino da lei, dizendo: *Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão* (6:17-18; cf. Lv 20:21). A lei de Deus não respeita pessoas. Indicia tanto os bem postos quanto os desprovidos. Estamos gravemente necessitados de modernos e destemidos profetas, em vez de bajuladores que pontificam em suas altas posições, pois o servilismo se alastra.

Herodias se ressentia amargamente da pregação de João e nutria um rancor homicida contra ele. Herodes, no entanto, protegia João de suas iras porque tinha ouvido as mensagens de João e o considerava como um *homem justo e santo* (6:20).

Finalmente, Herodias vislumbrou *um dia favorável* (6:21). A festa de aniversário de Herodes seria uma ocasião para diversão e libertinagem diante das pessoas importantes da tetrarquia de Herodes. Herodias seria, então, capaz de flagrar Herodes desprevenido. Sendo assim, quando Herodes embarcou numa viagem egocêntrica pela terra do orgulho, Herodias atacou! Ele havia dito à filha de Herodias: *Pede-me o que quiseres* (6:22-23), e pedir foi o que ela fez, instigada por sua mãe (6:24): *a cabeça de João Batista num prato* (6:25). A ironia é que, nesse caso, Herodes pretendeu ser um homem honrado — alguém em cuja palavra se poderia confiar. Herodes sentiu que seu juramento e a impressão que desejava causar em seus convidados eram mais sagrados que a vida humana, até mesmo a vida de um “homem justo e santo” (6:26). João foi sacrificado sobre um prato de orgulho (6:27-28). Herodias havia conseguido o seu pior intento. Mas, ao olhar para a cabeça de João, deve ter reconhecido que a alma daquele havia ido descansar com o seu Deus. Seus discípulos vieram recolher seu corpo e prestar-lhe o devido respeito (6:29). A vingança, a princípio, pode parecer doce, mas deixa um amargor na boca.

#### 6:30-44 Isolamento e alimentação dos cinco mil

Em seguimento à narrativa sobre a morte de João, Marcos retorna aos doze e à sua missão. Eles deram a Jesus um relatório completo sobre o que haviam feito (6:30). Como havia tantas pessoas indo e vindo e exigindo sua atenção, Jesus pediu aos doze que o acompanhassem até um lugar de retiro onde pudessem revigorar-se (6:31). Jesus, nesse caso, está ensinando uma lição importante, especialmente para aqueles que são muito ativos no ministério. Solidão e repouso são artigos raros para muitas dessas pessoas, mas nosso Senhor reconheceu a necessidade de descanso e o recomendou a seus seguidores (cf. tb. 1:35; 6:31,46).

A tentativa de encontrar um retiro, entretanto, foi frustrada. Uma multidão os esperava em sua chegada (6:32-33). Jesus respondeu e *compadeceu-se deles*, pois *eram como ovelhas que não têm pastor* (6:34). Tal qual o Israel dos tempos antigos (Ez 34), a multidão que procurou Jesus estava numa condição espiritual patética. Para compreender seu apuro, precisamos apenas observar o grupo de líderes ou pastores que eles tinham entre os fariseus e mestres da lei. Os especialistas em Jerusalém os estavam desencaminhando (cf. 3:22-30). Nessas circunstâncias, o Bom Pastor sacrificaria sua necessidade pessoal de descanso para atender o rebanho.

Depois de lhes ter ensinado *muitas coisas* (6:34), começou a anoitecer. Os discípulos sugeriram que a multidão fosse dispersa para que pudesse ir e encontrar alimento (6:35-36). Jesus, entretanto, para grande surpresa dos discípulos, tinha uma ideia diferente — *Dai-lhes vós mesmos de comer* (6:37). Os discípulos rapidamente fizeram as contas e concluíram que seria necessário o salário de oito meses

de um trabalhador para alimentar toda aquela gente! Eles insinuaram que não seria razoável gastar tanto (6:37).

Contudo, outra vez o Mestre tinha uma ideia diferente — *Quantos pães tendes?* (6:38). Jesus usaria qualquer coisa que estivesse à disposição, *erguendo os olhos ao céu* (6:41) e dando *graças* (NVI). Embora os discípulos se concentrassem no problema, nosso Senhor os ensinou a concentrar-se no Pai celestial. Nesse caso, uma lição vital seria aprender a erguer os olhos ao céu não apenas quando nos encontramos sem recursos, mas também quando os temos. Devemos aprender a dar graças tanto pelo pouco quanto pelo muito. O resultado é que *todos comeram e se fartaram* (6:42). A lição sobre fé continuou para os discípulos enquanto eles coletavam o que sobrara (6:43). Eles tinham vindo buscar descanso num lugar solitário, sem saber que o Bom Pastor estava preparando uma mesa sobre a *relva verde* (6:39) para uma multidão de não menos que cinco mil pessoas (6:44) que eram como ovelhas sem pastor.

#### 6:45-52 Retirada para orar e caminhada sobre o mar

Marcos transmite um senso de urgência no que segue à alimentação da multidão. *Logo a seguir*, Jesus compeliu tanto os discípulos quanto a multidão a partir, enquanto ele ficava sozinho para ter comunhão com seu Pai celestial (6:45-46). O senso de urgência, sem dúvida nenhuma, se relacionava à sua necessidade de falar com o Pai.

Enquanto Jesus orava, os discípulos enfrentavam dificuldades para cruzar o mar em sua viagem de retorno. O Mestre viu os discípulos *em dificuldade* para *remar*, pois o vento soprava contra eles (6:47-48a). Isso significava que eles estavam perdendo o controle do barco e sendo desviados do curso. No silêncio da noite, Jesus foi ao socorro deles *andando por sobre o mar* (6:48b). Essa foi uma demonstração de sua majestade divina, com total autoridade sobre as águas (cf. Jó 9:8). Mas a mente dos discípulos tomados de terror não estava voltada para o Mestre. Eles pensaram estar vendo um *fantasma*! Então vieram as palavras tranquilizadoras: *Sou eu. Não temais!* (6:49-50). A questão central, nesse caso, foi a vagareza de sua percepção espiritual. Eles deixaram de perceber a glória do Senhor e o confundiram com um fantasma, apesar de terem visto a multidão ser alimentada, o que os teria feito lembrar como Deus havia alimentado Israel no deserto. Aquele milagre tinha sido uma preparação para essa experiência no mar, mas eles ignoraram ambas as lições porque *seu coração estava endurecido* (6:52).

#### 6:53-56 Retirada para Genesaré

O destino dos discípulos era Betsaida (6:45), mas o vento os levou para o sul. Por isso, eles aportaram em Genesaré (6:53). A história aqui não foi diferente daquilo que acontecera em outros locais. Assim que o reconheciam, Jesus era envolvido por uma multidão — fosse em vilas, cidades, no campo ou nas praças. Um grande ministério de cura foi



testemunhado. Apenas o tocar em seu manto representava cura para muitos (6:54-56).

### 7:1-23 O que torna uma pessoa impura?

Não somos informados sobre quando Jesus se encontrou com essa comissão de inquérito teológica (7:1). É possível que fizesse parte de um grupo anterior de mestres da lei vindos de Jerusalém (cf. 3:22). Qualquer que seja o caso, aqui Marcos relata outra controvérsia com o sistema religioso.

Em algumas partes da África, encontramos o seguinte dito popular: “Caridade começa em casa”. É normalmente utilizado para relacionar o comportamento da criança fora de casa com o tipo de educação que ela deve ter recebido dentro do lar. Nesse caso, os líderes religiosos viram os discípulos comendo com mãos cerimonialmente impuras (7:2) e devem ter-se perguntado que tipo de treinamento teriam eles recebido de seu Mestre. A essa altura, Marcos se detém para explicar algo do que estava envolvido nas abluções cerimoniais judaicas, de acordo com a *tradição dos anciãos* (7:3-4). Esses fariseus, então, confrontaram Jesus diretamente, culpando-o pelos “pecados” de seus seguidores. Eles desejavam saber por que os seguidores de Jesus desdenhavam tão acintosamente a tradição (7:5).

Uma vez que eles o pediram, por assim dizer, Jesus lhes respondeu! Ele não mediu palavras e definiu esses líderes religiosos por aquilo que realmente eram — *hipócritas*. Ele firmou sua posição numa profecia de Isaías, a qual, segundo Jesus, dizia respeito a eles próprios. A essência da hipocrisia é falar “da boca para fora”, observando escrúpulos humanos, e não a lei de Deus, em vez de praticar um bem, que vem do coração (7:6-8).

De que forma eles praticavam tal hipocrisia? Jesus prosseguiu explicando: *feitosamente rejeitais o preceito de Deus* (7:9). A linguagem do evangelho de Marcos é vibrante. Aqueles homens literalmente negligenciavam os mandamentos de Deus, isto é, tornavam-nos inoperantes, enquanto tenazmente se agarravam a tradições humanas. Sua maneira de anular o mandamento de Deus se fazia por meio do uso de subterfúgios. Jesus ilustrou seu ponto referindo-se a Êxodo 20:12 e Deuteronômio 5:16, passagens que ordenavam respeito e cuidado pelos pais (7:10). Os anciãos, entretanto, haviam estabelecido um voto possibilitando que qualquer coisa fosse declarada *Corbã*. Marcos cuidadosamente explica essa palavra aramaica a seus leitores não-judeus. Uma pessoa poderia classificar como *Corbã* qualquer dádiva que deveria ter sido entregue a seus pais, insinuando que ela seria dedicada ao uso de Deus (7:11-12). Na prática, entretanto, essa pessoa não estava obrigada a entregar a dádiva a Deus. Assim, usando um pequeno truque legal, a pessoa poderia escapar de seus deveres tanto para com Deus quanto para com seus pais (7:10-13a). Jesus insistiu em que essa era apenas uma de  *muitas outras coisas semelhantes* (7:13b).

Jesus retorna então à questão inicial de comer sem lavar as mãos e corrige a impressão errada que esses guias cegos — os líderes religiosos — haviam dado ao povo. *O que sai do homem é o que realmente o contamina* (7:14-15). Tanto na RA quanto na NVI a importância dessa admoestação é enfatizada com as palavras: *Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça* (7:16). (Esse versículo é omitido em algumas versões porque os manuscritos antigos não o contêm. Pode ter sido uma exortação escrita na margem por alguém e que, mais tarde, foi incorporada ao texto.)

Mais tarde, em particular, os discípulos pediram a Jesus maiores explicações sobre seu ensino a respeito de coisas puras e impuras (7:17). Com isso, traíram seu próprio embotamento espiritual (7:18; cf. tb. 6:52). Em sua explicação, Jesus faz distinção entre *coração* e *ventre*. Os anciãos e fariseus estavam preocupados com aquilo que é externo — aquilo que entra no sistema digestivo vindo de fora. Tais coisas de forma nenhuma corrompem moralmente, pois são ingeridas e depois excretadas (7:19). Marcos faz nesse ponto uma pausa para explicar que Jesus estava aqui apresentando uma compreensão mais abrangente dos regulamentos dietéticos judaicos. Para estabelecer um contraste, o Senhor focalizou o coração. Jesus esclareceu seu ensino anterior listando os tipos de sentimentos e atitudes que corrompem, coisas que eclodem *de dentro* do indivíduo (7:20-23).

### 7:24-30 Retirada para a região de Tiro

O próximo incidente registrado por Marcos tem lugar numa região gentílica de Tiro e Sidom — além das fronteiras de Israel. Essa deveria ser uma viagem secreta (7:24), mas as notícias sobre Jesus corriam rápido. Um dos que ouviram a seu respeito era uma mulher grega, de origem siro-fenícia. Seu problema era bem familiar para Jesus — sua *filhinha estava possuída de espírito imundo* (7:25). Ela procurou Jesus, implorando-lhe que libertasse a menina (7:26).

Para testar a fé da mulher, Jesus lhe diz que não era apropriado dar aos cachorrinhos o pão que pertence aos filhos! Ao contrário, os filhos deveriam ser servidos primeiro (7:27). Ele estava argumentando que deveria cuidar de Israel primeiro. A hora dos gentios viria mais tarde.

A resposta da mulher foi incisiva. Ela usou a imagem sem hesitação e a levou adiante, argumentando que, afinal, os cachorros sob a mesa comem as migalhas que sobram do pão dos filhos (7:28). Pela fé, ela viu a si mesma como uma gentia, beneficiando-se das bênçãos de Israel.

Jesus sempre responde à fé. Elogiou a mulher *por causa desta palavra* (7:29) e recompensou sua fé atendendo ao seu pedido. Ela retornou a casa para encontrar sua filha curada (7:30).

### 7:31—8:21 Retirada para a região de Decápolis

Depois disso, Jesus se retirou para o norte, em direção a Sidom, e, então, viajou para o sudeste, ao longo do mar da Galileia até encontrar Decápolis, ou Dez Cidades (7:31).

### 7:32-37 Cura de um homem surdo e gago

Em Decápolis, algumas pessoas lhe trouxeram um homem surdo e parcialmente mudo (7:32). Jesus levou o homem à parte para curá-lo em privacidade. Uma peculiaridade desse ato de cura foi o uso de meios físicos (7:33). Depois de olhar para céu, possivelmente em oração, Jesus pronunciou a palavra de comando em aramaico (sugerindo que aquele homem era judeu): *Efatá!* Mais uma vez, Marcos a traduz para seus leitores (7:34). O efeito foi imediato. A língua do homem se desprende, de modo que ele podia falar claramente (7:35). Por mais que tentasse, Jesus não podia evitar que as novas se espalhassem (7:36). Falando sobre ele, o povo exclamava: *Tudo ele tem feito esplendidamente bem* (7:37), ou em outras palavras: ele endireitou o que estava torto! Esse milagre atesta, uma vez mais, sua autoridade divina — ele endireita o que está torto.

### 8:1-10 Segunda alimentação da multidão

Essa segunda multiplicação teve lugar numa região remota de Decápolis (8:4; cf. tb. 7:31). A localização é definitivamente diferente da multiplicação anterior (6:35-44), assim como o são alguns outros detalhes. Marcos enfatiza isso indicando que *outra vez se reuniu grande multidão* (8:1).

Jesus estava motivado pela compaixão por uma multidão que o acompanhava havia três dias. A essa altura, seu suprimento de alimento já se teria esgotado, e alguns deles, especialmente os que vinham de longe, poderiam desmaiar de pura exaustão em sua viagem de volta para casa. Jesus, portanto, aproximou-se dos discípulos e lhes apresentou o problema (8:2-3).

A resposta impotente dos discípulos sugere que eles ainda não haviam compreendido as lições de fé que o Mestre lhes vinha ensinando (8:4). Isso nos faz lembrar os comentários de Jesus a respeito de sua lentidão e inércia espiritual (cf. 6:52; 7:18).

Mais uma vez, Jesus lhes perguntou sobre as provisões de que dispunham (8:5). Tomou então os sete pães e alguns pequenos peixes, deu graças por eles e ordenou que os discípulos os distribuíssem à multidão. O alimento foi multiplicado de tal forma que não apenas uns quatro mil homens foram alimentados, como também sobraram sete cestos cheios (8:6-9). Podemos facilmente nos identificar com a desatenção espiritual dos discípulos e com sua incapacidade de tirar conclusões com base em suas experiências prévias com o poder e a glória do Senhor. As vitórias espirituais de ontem não serão suficientes para hoje, pois cada nova experiência representa um novo desafio para a fé.

Após a grande refeição, Jesus despediu a multidão, e ele e os discípulos tomaram um barco e partiram para a região de Dalmanuta (8:10).

### 8:11-13 Os fariseus exigem um sinal do céu

O contexto desse encontro com os fariseus não é identificável, embora a comparação entre 8:10 e 8:13 sugira que eles

ainda estavam na mesma região, a Dalmanuta. Dessa vez, os fariseus pediram a Jesus que lhes mostrasse um *sinal do céu* como forma de autenticar-se a si mesmo e ao seu ministério.

Dado que Jesus já havia realizado muitos milagres, é possível que eles estivessem pedindo um portentoso dramático nos céus. Mas seu pedido não era genuíno, pois estavam num estado de descrença e apenas desejavam testá-lo (8:11). Jesus foi enfático em sua resposta: *Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum* (8:12). Jesus estava afirmando que o tipo de “sinal” exigido por aquela geração nunca seria atendido! Deus fala aos humanos numa simples linguagem terrena que podemos entender, não em linguagem celestial. A descrença tende a ignorar a linguagem simples e procurar, em seu lugar, o sensacional e o bizarro.

### 8:14-21 Advertência quanto aos fariseus e a Herodes

Logo após o encontro com os fariseus que exigiram um sinal, Jesus advertiu seus discípulos sobre o *fermento dos fariseus e o fermento de Herodes* (8:15). Mas eles entenderam mal sua advertência, pois estavam preocupados com a questão material de falta de pão (8:14,16).

Jesus lhes respondeu com uma série de perguntas, enfocando a condição espiritual dos discípulos: *Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido? Não vedes? E [...] não ouvis? Não vos lembrais?* Jesus lhes recordou que, por duas vezes, alimentou grandes multidões, desafiando os discípulos porque ainda lhes faltava compreensão a respeito de quem ele era (8:17-21).

### 8:22-26 Retirada para Betsaida

O milagre seguinte se deu na vila de Betsaida, isto é, Betsaida Júlia, na parte leste do lago. Os que trouxeram o homem cego imploraram a Jesus *que o tocasse*, isto é, que o curasse (8:22).

Jesus procurou privacidade, levando o homem para fora da aldeia. O processo de cura novamente envolveu meios físicos, como no caso do homem surdo e gago (8:23; cf. tb. 7:33). Naqueles dias, considerava-se que a saliva possuía efeitos terapêuticos. A pergunta feita por Jesus ao homem, sobre se ele havia readquirido sua visão, é incomum, assim como o fato de que a cura se deu em estágios, e não imediatamente. A princípio, a visão do homem continuava embaçada, de modo que as pessoas pareciam árvores, o que indicava uma cura incompleta (8:24). Após um segundo toque em seus olhos, a visão foi completamente restaurada (8:25). Talvez Jesus tenha adotado esses passos pouco comuns para fortalecer a fé daquele homem. O incidente também sugere que o Senhor algumas vezes utiliza meios físicos no processo da cura divina, embora também possa curar sem sua utilização. É claro também que a obra de Deus em nossa vida pode ser instantânea ou ocorrer através de estágios. O que é requerido de nós é a fé básica em Deus.

### 8:27—9:29 Retirada para Cesareia de Filipe

A seguir, Jesus se retira mais para o norte, para as aldeias ao redor da cidade de Cesareia de Filipe. A essa altura, ele e seus discípulos estavam longe da Galileia.

#### 8:27-30 A grande confissão em Cesareia de Filipe

Contra o pano de fundo da persistente lentidão espiritual dos discípulos, apresentava-se agora a oportunidade de Jesus confrontar aqueles homens a respeito da percepção que eles tinham de sua verdadeira identidade. Em várias ocasiões, Jesus lhes havia revelado seu poder e divindade, mas a resposta deles havia sido um aturrido “Quem é este?” (4:41). Agora, nessa região remota onde eles estavam isolados, Jesus lhes perguntou: *Que dizem os homens que sou eu?* (8:27). Os discípulos responderam repetindo as opiniões comuns naqueles dias: *João Batista [...] Elias [...] Algum dos profetas* (8:28; cf. tb. 6:14-15).

Jesus, porém, desejava saber o que os discípulos pensavam a seu respeito, e não o que outras pessoas diziam. Assim sendo, ele lhes perguntou especificamente: *E vocês?* (8:29, NVI). A resposta de Pedro foi exata: *Tu és o Cristo*. Quer dizer, o Messias (em hebraico), ou o Ungido. A confissão de que Jesus é o Cristo é fundamental para desenvolver um relacionamento pessoal que transforma a pessoa num cristão. A lição apresentada aqui é profunda: a visão popular a respeito de Jesus fica aquém da verdade. É necessário que cada indivíduo responda pessoalmente à pergunta que Jesus propôs aos discípulos: “E vocês?”. A pergunta de Jesus permanece hoje e é dirigida especificamente a cada um de nós. Mas, em Cesareia de Filipe, os discípulos foram impedidos de revelar sua identidade, pois ainda não era a ocasião certa para publicá-la (8:30).

#### 8:31-33 A primeira predição de sua paixão

Não sabemos exatamente quando Jesus começou a ensinar a respeito de sua morte, mas pode ter sido logo após a confissão em Cesareia de Filipe. Observe o termo *ensinar*. Ele subentende que, desse ponto em diante, Jesus fez de sua missão um assunto de ensino sistemático. Tal missão envolvia sofrimento, rejeição, morte e ressurreição (8:31).

Esse ensino era comunicado abertamente, em contraste com a abordagem velada que ele havia empregado até então, especialmente ao usar parábolas. Jesus estabeleceu claramente que o plano divino para a carreira do Messias envolvia o fato de que ele *sofresse e fosse morto*. Mas isso era demais para o impetuoso Pedro! Como o Messias poderia ter uma carreira tão desonrosa? A réplica de Pedro foi uma veemente rejeição do plano divino (8:32). Não é de surpreender que Jesus tenha atribuído a declaração de Pedro a Satanás (8:33). Pedro havia sido um brinquedo nas mãos do inimigo, embora estivesse demonstrando genuíno cuidado para com o seu Senhor. Aparentemente, embora desconhecida para Pedro, havia uma contínua batalha, mas não contra carne e sangue.

#### 8:34—9:1 As exigências para um verdadeiro discípulo

Algum tempo depois da primeira predição sobre seu iminente sofrimento, Jesus estabeleceu as exigências para aqueles que desejassem ser membros do reino como verdadeiros seguidores do Messias. Jesus pode ter agido assim porque muitos começavam a segui-lo na esperança de obter ganhos materiais. O Mestre explicou à multidão e aos seus discípulos que era necessário negar a si mesmo, isto é, submeter a vontade e a vida pessoal aos propósitos de Deus e cumprir o que ele deseja. A pessoa também deve tomar a sua cruz, isto é, estar preparada para sofrer por causa do Messias (8:34; cf. tb. Fp 1:29). O ego se interpõe no caminho de um discípulo genuíno e impede a identificação com Jesus, caso o sofrimento se torne necessário.

A explicação de Jesus a respeito dessas exigências só faz sentido dentro da economia divina. Salvar a própria vida (ou recusar-se a morrer para si mesmo) resulta inevitavelmente em morte espiritual; perder a vida (negar-se a si mesmo ou submeter a Deus a vida e a vontade) pela causa de Cristo e do evangelho conduz inevitavelmente à vida espiritual (8:35). Assim sendo, Jesus usa uma analogia comercial: um negociante espera obter ganho ou lucro ao fazer um investimento, em vez de perder o que investiu (8:36). Assim, se um sábio negociante tiver a oportunidade de *ganhar o mundo inteiro e perder sua alma*, ele rapidamente decidirá que essa é uma transação insensata e absurda (8:37). Um negociante tolo será privado de tudo!

Tomar a cruz ou sofrer envolve vergonha de um ponto de vista humano. Mas o verdadeiro discípulo está disposto a sofrer vergonha agora, *nesta geração adúltera e pecadora*, por causa da consequência eterna prometida quando o *Filho do Homem* retornar como juiz (8:38; cf. tb. Dn 7:13-14).

Jesus assegurou a seus ouvintes que a verdade daquilo que ele estava dizendo seria sustentada por algum evento iminente pelo qual eles teriam um antegozo do *reino de Deus* vindo *com poder* (9:1). Marcos imediatamente prossegue para descrever o evento ao qual Jesus se referia.

#### 9:2-13 A transfiguração

A transfiguração deve ter acontecido em algum lugar nas vizinhanças de Cesareia de Filipe, provavelmente no monte Hermom. *Seis dias depois* refere-se à solene promessa feita no versículo anterior, de que “alguns”, os quais são agora identificados como Pedro, Tiago e João, veriam o reino de Deus chegar com poder durante a sua vida. Aqueles três constituíam o círculo íntimo dos seguidores de Jesus (9:2). Enquanto observavam, Jesus foi *transfigurado*, ou metamorfoseado. Sua aparência exterior foi completamente transformada, permitindo que os três tivessem um lampejo de sua glória. Até mesmo suas roupas refletiam insuperável glória, pois pareciam ter uma brancura ou pureza inigualável na terra (9:3). Essa visão foi, sem dúvida, um antegozo do “reino de Deus” vindo “com poder” (9:1). A presença da glória de Deus entre os humanos resulta em transformação.

## ORAÇÃO

Oração é o reconhecimento de que existe um mundo invisível, superior, que afeta o mundo físico e visível. Os cristãos creem que Deus é o soberano Criador e sustentador do universo. Ele não tem necessidade de nossas orações para movê-lo à ação. Então a pergunta é: Por que orar? A resposta depende de nossa compreensão de como Deus realiza sua vontade no universo.

Deus delegou o domínio da terra aos seres humanos (Sl 8:4-8). Confiou-lhes responsabilidade e autoridade, mantidas com linhas de confiança (Mt 12:36-37; Rm 2:6). A governança por delegação assegura iniciativa individual e estimula a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento. No curso da realização dessas responsabilidades dadas por Deus, contudo, achamos necessário consultar-nos com ele para nos assegurar de que estamos agindo de acordo com a sua vontade. O apóstolo Paulo descreve cuidadosamente nosso papel dizendo que “de Deus somos cooperadores” (1Co 3:9).

A situação é semelhante à da sociedade africana, na qual os idosos não tinham de tomar decisões sobre assuntos corriqueiros, mas seus conselhos eram valiosos diante de dificuldades, ou quando decisões sérias tinham de ser tomadas.

No princípio, a comunicação com Deus fluía livremente. A queda, porém, introduziu outro comunicador, cujas ordens contradiziam as de Deus.

Ele não podia mais confiar nos seres humanos para o cumprimento de sua vontade na terra. O AT contém muitos exemplos de pessoas agindo presunçosamente, sem consultar a Deus para direcionamento (cf., p. ex., 2Cr 7:14; 14:4; 15:12). Graves consequências geralmente se seguiram.

No NT, a autoridade delegada foi passada desde o primeiro Adão até o segundo Adão, Jesus Cristo, porque

ele cumpriu inteiramente a vontade de Deus sobre a terra (Mt 28:18; Jo 5:19; 5:30; Ef 1:22-23). Consequentemente, Jesus Cristo agora provê acesso às bênçãos divinas (Jo 14:6; Ef 2:18; 3:12). Ele garante resposta às nossas orações (Jo 14:13-14). Os cristãos não têm nenhum outro meio de comunicar-se com Deus e de receber suas bênçãos e seus benefícios, a não ser por meio de Cristo.

Cristo proveu-nos uma oração-modelo em Mateus 6:9-13. Ele ensina que a oração está enraizada no desejo de glorificar a Deus e que, para ser eficaz, precisa estar em acordo com sua vontade (Mt 6:10; 1Jo 5:14-15). Essa oração nos faz lembrar que Deus é nosso supremo provedor e sustentador, e que os relacionamentos, tanto humanos como divinos, são mantidos pelo perdão. Ela também nos relembra que é Deus quem nos livra e reina sobre todas as coisas.

Em tempos de crise, a oração era frequentemente acompanhada de jejum (Jz 20:26; 1Sm 7:6; Ed 8:21-23). O jejum continuou no NT como um modo de fazer súplicas persistentes com relação a ações importantes (At 13:2-3; 14:23; 23:12; 27:9). Ele expressa humildade, tristeza, arrependimento, ênfase e anseio pela presença manifesta de Deus. Deixa claro, no entanto, que não nos devemos preocupar a ponto de deixar de nos preocuparmos com o provimento das necessidades físicas dos outros (Is 58:6-9).

Nossa comunicação em oração é imperfeita, a não ser que tenha a ajuda do Espírito Santo (Ef 6:18). A oração no Espírito não deve ser considerada um exercício de técnicas de controle mental para alcançar experiências espirituais. Na realidade, ela envolve o cultivo de um relacionamento com o Espírito Santo, permitindo-lhe determinar como devemos orar e pelo que devemos orar.

**Bonifés Adoyo**

Os discípulos viram também dois homens, os quais reconheceram como *Elias* e *Moisés*, representando os Profetas e a Lei, falar com Jesus (9:4). O texto não deixa claro se esses homens foram vistos numa visão, ou se ressuscitaram por alguns momentos, mas o que fica claro é que Jesus, a Lei e os Profetas convergem.

Pedro, com sua impetuosidade característica, sugeriu que aquele seria um bom lugar para permanecer, obviamente sem saber o que dizer ou como reagir (9:5-6). Ele, no entanto, não estava considerando o fato de que “era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas” (8:31). Até mesmo os membros do círculo íntimo de Jesus ainda deixavam de compreender sua pessoa e missão.

No AT, as nuvens com frequência revelavam ou ocultavam a glória de Deus (cf. Êx 16:10; 19:9; 24:15-17;

33:10). Aqui, a nuvem que os envolveu serviu para encobrir a glória que havia sido momentaneamente revelada. A nuvem foi acompanhada por uma confirmação celestial — a segunda nesse evangelho (cf. 1:11) — na qual o Pai corroborou as palavras e os feitos de Jesus e anunciou a única resposta apropriada por parte dos humanos: *A ele ouvi!* (9:7). Obediência é a única resposta apropriada quando a voz de Deus é ouvida: “Tende cuidado, não recuseis ao que fala” (Hb 12:25). Depois que a voz foi ouvida, a glória se ocultou imediatamente (9:8). O reino que alguns tinham visto vir em poder e glória devia ser agora ocultado. Os três discípulos, sem dúvida, formavam um grupo de privilegiados!

Sendo que essa visão foi dada a apenas alguns, Jesus lhes disse para mantê-la em segredo até depois de sua

ressurreição (9:9). Os três, no entanto, após descerem da montanha, continuaram a discutir sobre o que significaria *ressuscitar dentre os mortos* (9:10). Eles não conseguiam reconciliar a promessa de uma futura manifestação da glória do Messias com a igualmente prometida humilhação.

Os discípulos tampouco conseguiam compreender onde Elias se encaixava no esquema dos fatos. Eles haviam aprendido que *era necessário que Elias venha primeiro* (9:11; cf. Mt 3:1; 4:5-6) para restaurar todas as coisas antes do advento do Messias. Elias lhes tinha aparecido, mas deveria aparecer também a Israel? Jesus concordou com os estudiosos no fato de que Elias deveria vir antes do Messias, mas indicou que o ensino dos escribas havia deixado de mencionar a necessidade de um Messias sofredor, assim como de um Elias sofredor (9:12). Isaías 53 menciona o sofrimento do Messias, e 1Reis 19:2-10 fala sobre o sofrimento de Elias. Mas Elias (i. é., João Batista) já tinha vindo para endireitar o que estava torto (1:3-5), embora houvesse sido rejeitado (9:13; cf. 1:14; 6:14-29). Jesus declarou essa verdade com uma afirmação solene de sua veracidade. Israel estava tão despreparado para receber um Elias sofredor quanto para receber um Messias sofredor. Os humanos devem receber o Salvador segundo o modelo do próprio Deus, e não um salvador de sua própria feitura.

#### 9:14-29 A cura de um jovem possesso

Quando chegaram ao sopé da montanha, encontraram discussão e confrontação. A discussão envolvia os discípulos que haviam permanecido para trás e os mestres da lei. Houve grande excitação quando a multidão viu que Jesus estava retornando (9:14-15).

A pergunta de Jesus pode ter sido dirigida aos discípulos (9:16). Quem a respondeu, no entanto, foi o angustiado pai de um menino atormentado por um espírito mau que o impedia de falar (9:17) e ouvir (9:25). O prognóstico era terrível. Havia evidência de epilepsia (9:18), mas essas não eram as únicas coisas que estavam erradas (cf. 9:20,26). O pai desejava que Jesus curasse seu filho (9:17), mas, em sua ausência, ele procurou os discípulos. Expulsar demônios não era novidade para eles (cf. 6:7,13); no entanto, nessa ocasião, *não puderam fazê-lo* (9:18). A resposta de Jesus sugere que a incapacidade dos discípulos era o motivo da discussão que se dava com os mestres da lei. Seriam eles impostores? Seu mestre os tinha abandonado? Havia muito que discutir.

O fracasso dos discípulos se deveu, em parte, à sua falta de fé, embora houvesse outras razões também (cf. 9:29). Jesus expressou impaciência com os discípulos — *Ó geração incrédula [...]. Até quando...?* (9:19), apenas porque o tempo estava terminando. Jesus havia sido paciente com a lentidão espiritual dos discípulos, mas ele não estaria com eles por muito tempo mais. Por enquanto, todavia, interveio para salvar a situação.

O menino não sofria de um tipo comum de epilepsia (9:20). A resposta do pai à pergunta de Jesus sobre o histórico do caso (9:21) mostrou que havia uma manifestação destrutiva *para o matar* (9:22). O pai também demonstrou que fazia parte da “geração incrédula” quando pediu a Jesus que o curasse, se assim pudesse (9:22). Jesus prontamente o corrigiu: *Tudo é possível ao que crê* (9:23). A resposta rápida do pobre homem indica que ele gostaria de ter fé, se Jesus o ajudasse a superar sua descrença (9:24). Enquanto a descrença só vê impossibilidades, a fé enxerga possibilidades, pois a fé recorre aos recursos ilimitados do céu. No presente encontro, Jesus deu ao espírito mudo e surdo o comando de autoridade para que saísse e nunca mais voltasse (9:25). O espírito mau não estava disposto a sair sem lutar. O pobre menino sofreu com sua ira, quando foi atirado numa violenta convulsão que o deixou como morto (9:26). É característica de Satanás matar e provocar estragos. Em contraste, o caráter de Jesus é dar vida. Jesus, portanto, restaurou o menino, e ele foi capaz de ficar em pé (9:27).

Os discípulos sem dúvida estavam cheios de questionamentos: *Por que não podemos nós...?* Essa pergunta ficaria melhor se fosse feita em casa, em particular (9:28), longe dos ouvidos da multidão e dos mestres da lei com quem os discípulos tinham discutido (9:14,16). A explicação de Jesus sobre esse tipo de espírito mau não sugere que os discípulos não tivessem orado antes de tentar expulsá-lo. Em vez disso, o coração dos discípulos não estava preparado. Somente o tempo passado a sós com Deus antes de tais encontros torna a vitória possível. Conquanto o jejum devesse acompanhar importantes sessões de oração, a evidência textual sugere que, nessa ocasião, o Senhor não estabeleceu uma ligação entre os dois (9:29).

A principal lição aqui, além da necessidade de orar, é que, em casos como esse, precisamos ver além do mundo físico. Nos dias de hoje, tendemos a desprezar qualquer explicação que não seja científica. A criança que Jesus curou, todavia, não estava sofrendo unicamente de epilepsia; um espírito mau também estava envolvido. O pensamento materialista é ocidental em sua origem. A cosmologia oriental e asiática é muito mais familiarizada com o velho desafio representado pelo reino espiritual. Uma conscientização a esse respeito está invadindo o Ocidente com o aparecimento de ideias da Nova Era.

#### 9:30—10:52 A jornada para Jerusalém

##### 9:30-32 A segunda predição de sua paixão

Depois disso, Jesus e seus discípulos começaram a caminhar em direção ao sul. Eles teriam de atravessar a Galileia, mas dessa vez o objetivo era não atrair atenções (9:30). Jesus *ensinava os seus discípulos*, pois sabia que o tempo era curto, e eles ainda estavam espiritualmente embotados. Podemos entender que esse ensino, como aqui resumido por Marcos, concentra-se na iminente traição,



morte e ressurreição que o alcançariam (9:31), embora ele também tocasse em outros assuntos.

Essa é a segunda predição registrada a respeito de sua paixão. É impressionante que, nesse ponto do ministério de Jesus, a despeito de tudo o que ele havia dito claramente (cf. 8:32) e apesar de estar sendo conduzido para o confronto em Jerusalém, os discípulos ainda *não compreendiam*. Não é de admirar que eles receassem pedir mais esclarecimentos (9:32).

### 9:33-37 Quem é o maior?

Quando os viajantes chegaram a Cafarnaum, na Galileia, e entraram numa casa para descansar, Jesus confrontou seus discípulos a respeito de um incidente que ocorrera durante a viagem. Perguntou sobre o que eles vinham discutindo, ou, literalmente, brigando (9:33). Os discípulos certamente se sentiram muito envergonhados para responder, pois *haviām discutido entre si sobre quem era o maior* (9:34). Os discípulos sabiam que algo importante aconteceria em Jerusalém, e sua compreensão do reino envolvia poder e prestígio.

Quando o tempo já se esgotava, Jesus lhes ensinou então uma importante lição. *Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos* (9:35). Em outras palavras, eles não deveriam buscar honra, mas ceder uns aos outros. Este é um princípio radical do reino de Deus. A humildade é o caminho para a grandeza no reino. Para ajudá-los a compreender o que queria dizer, Jesus recorreu a uma lição objetiva. Chamou uma criança pequena e *colocou-a no meio deles* (9:36), enfatizando o contraste de *status*. Envolveu, então, a criança em seus braços, ilustrando sua aceitação daqueles pequeninos. Seus verdadeiros seguidores deveriam aceitar o princípio que ele estava estabelecendo. Ninguém pode pretender aceitar o Pai e rejeitar Jesus, o Filho; receber um é receber o outro (9:37).

### 9:38-41 Um direito exclusivo sobre Jesus?

O cenário desse incidente não nos é apresentado, mas faz parte de uma série de oportunidades para ensinar aos discípulos como viver juntos (cf. a instrução final em 9:50). A questão aqui dizia respeito à delegação de autoridade, e não apenas a exorcismo. Impedir alguém de agir em nome de Jesus, só porque essa pessoa *não nos segue*, demonstra um erro fundamental de interpretação (9:38). Os discípulos estavam agindo como se tivessem direitos exclusivos sobre Jesus, de forma muito parecida com o que outros estudantes faziam em relação a seus rabinos. Jesus concentrou-se no fato de que, ao usar o nome de Jesus, esse exorcista estava reconhecendo a autoridade de Jesus e, consequentemente, demonstrando sua fé nele (9:39). Que lição para nós, que tendemos a supervalorizar filiações grupais e denominações. Todos aqueles que genuinamente se colocam sob a autoridade de Jesus Cristo, qualquer que seja sua filiação, constituem um só corpo em Cristo.

Jesus disse enfaticamente a seus discípulos que deixassem de lado aquele homem, pois ele era um amigo, e não um adversário. Jesus usou um provérbio para reforçar seu ponto: *pois quem não é contra nós é por nós* (9:40). O argumento não se aplica apenas a esse exorcista especificamente; Deus recompensará *aquele* que agir de modo bondoso para com os seguidores de Jesus, sob a autoridade de (em nome de) Jesus Cristo (9:41).

### 9:42-50 Advertência contra ser uma pedra de tropeço

A advertência de Jesus a respeito de fazer *tropeçar a um destes pequeninos* crentes (9:42) não se refere apenas às crianças, mas a todos aqueles que são filhos do reino. Desencorajar alguém que crê em Cristo é uma forma de fazê-lo tropeçar. A penalidade de ter amarrada *ao pescoço uma grande pedra de moinho* indica as severas consequências nesta vida, mas não é o equivalente ao sofrimento eterno.

Há um grande número de coisas que podem fazer alguém tropeçar. Aqui Jesus menciona apenas algumas que podem representar obstáculos dentro de nós mesmos e afirma que todas as causas potenciais de pecado devem ser afastadas. Jesus não está falando sobre cortar literalmente, mas figuradamente, isto é, abandonar qualquer coisa que impeça alguém de entrar no reino de Deus. *A mão* (9:43), *o pé* (9:45) e *os olhos* (9:47) são todos ilustrações. Nenhuma dessas possessões terrenas deveria ser capaz de impedir alguém de entrar no reino.

A alternativa de entrar no reino é a condenação eterna no inferno (9:47). Embora hoje em dia seja elegante minimizar a realidade do inferno, o leitor deve atentar para as terríveis características dessa morada final para aqueles que deixam escapar o reino. Jesus a descreve citando Isaías 66:24. (Em alguns manuscritos, as palavras de 9:48 são repetidas em 9:44 e 9:46. A evidência mais forte, contudo, é que a frase ocorra apenas em 9:48.) A descrição sobre *onde não lhes morre o verme* é uma referência à visão de Isaías (Is 66:24), na qual os ímpios jazem mortos, e seus cadáveres produzem vermes perpetuamente. A frase seguinte é uma figura de incineração, na qual o fogo ao redor, em meio aos detritos entre os quais os perversos jazem mortos, nunca se apaga. Esse quadro descreve de modo vívido o horror da ruína espiritual. Os ouvintes (e, posteriormente, os leitores) devem utilizar todos os meios possíveis para evitar compartilhar do destino terminal dos ímpios.

Jesus contrasta, então, o inextinguível fogo do inferno com outro tipo de fogo, aquele que purifica e é usado para testar as obras do filho do reino, o qual é *salgado com fogo* (9:49). Jesus está provavelmente se referindo aos sofrimentos e testes dos últimos dias, os quais Deus usará para purificar os filhos do reino.

O versículo seguinte apresenta um uso bem diferenciado do sal, isto é, do seu uso doméstico. Os filhos do reino constituem o sal da terra (cf. tb. Mt 5:13). Ter sal em si mesmo (9:50) é uma incumbência dada aos filhos do reino

para viverem de acordo com o seu chamado e, portanto, servirem como exemplos vivos (ou “preservadores”) num mundo pecaminoso. As discussões e as rivalidades entre os discípulos (9:33-34) ameaçavam esse caráter típico do sal. Jesus, portanto, ordena-lhes que vivam em paz uns com os outros. A qualidade positiva de vida entre os crentes deve servir como uma esperança, ou “sal”, para o mundo. Facções e divisões entre os crentes em Cristo têm um efeito destrutivo sobre seu testemunho.

### 10:1-12 Ensino sobre o divórcio

O cenário agora é a Judeia, após uma viagem que, com grande probabilidade, envolveu uma volta ao redor da região de Samaria e a necessidade de atravessar o Jordão (10:1). Ali Jesus encontrou alguns fariseus, que tentaram testá-lo perguntando *se era lícito ao marido repudiar sua mulher*. Ou, em outras palavras, se o divórcio era sancionado pela lei (10:2).

A resposta inicial de Jesus foi perguntar-lhes o que, segundo a sua opinião, Moisés *ordenou* a esse respeito (10:3). Em resposta, os fariseus disseram que Moisés *permitiu* o divórcio (10:4; cf. Dt 24:1-4). Atente para os diferentes verbos usados por Jesus e pelos fariseus. Os fariseus aparentemente reconheceram que a lei mosaica havia permitido, mas não ordenado o divórcio.

Jesus então lhes apresentou uma explicação mais clara da lei mosaica sobre esse assunto. Ensinou que essa lei mosaica permitia ou tolerava o divórcio por causa da dureza do coração das pessoas (10:5). Mas prosseguiu citando o Gênesis, o livro dos princípios, para demonstrar que a intenção original do Criador era de que o casamento deveria criar uma união permanente de vida, na qual *já não são dois, mas uma só carne* (10:8; cf. tb. Gn 2:24).

A provisão em Deuteronômio visava claramente minimizar os maus efeitos que o divórcio produziria sobre as mulheres. A emissão de um certificado de divórcio protegia a mulher contra acusações de que ela seria uma prostituta. Era uma prova de que ela havia sido rejeitada por seu marido. Se ela se casasse com outra pessoa, estaria daí em diante proibida de retornar ao primeiro marido. A conclusão de Jesus diz tudo: *o que Deus ajuntou não separe o homem* (10:9). Em outras palavras, Deus reúne, ele não separa.

Os humanos estão, portanto, proibidos de separar o que Deus juntou. Ao fazer tal afirmação, Jesus proibiu o divórcio. Sua resposta à pergunta dos fariseus sobre a legalidade do divórcio foi claramente proibi-lo (10:9).

A assim chamada “cláusula de exceção” em Mateus 5:32 e 19:9 não deveria ser interpretada como se contradisse essa proibição. Ela se refere especificamente à tolerância ao divórcio encontrada no código mosaico e em sua interpretação por parte dos judeus. Não é coincidência o fato de que esse comentário seja encontrado apenas em Mateus — o evangelho escrito para os judeus —, e não em Marcos ou Lucas — ambos endereçados a um público gentílico.

Os discípulos aparentemente sentiram dificuldade com respeito às palavras de Jesus sobre o divórcio, pois voltaram ao tema quando se encontraram a sós com ele (10:10). O relato de Mateus de certa forma esclarece o que os estava incomodando. Eles sentiram que o ensino de Jesus impunha tal cativo que o casamento se tornava indesejável (Mt 19:10). Mas os mandamentos de Deus não são escravizantes; ao contrário, é o nosso pecado que nos leva a pensar que Deus nos coloca sob servidão. A intenção de Deus é que o casamento seja uma união para toda a vida, e não uma servidão ou cilada miserável.

Ao dar um esclarecimento mais amplo aos discípulos, Jesus condenou tanto o divórcio quanto o novo casamento, seja ele iniciado pelo homem (10:11) ou pela mulher (10:12). (Uma vez que a mulher judia podia apenas “separar-se” de seu marido, mas não “divorciar-se” dele, Jesus talvez estivesse pensando nas mulheres geftias ao fazer esse comentário.) O ensino de Jesus coloca com clareza homens e mulheres na mesma situação. Um novo casamento de qualquer um dos dois constitui um *adultério* contra o cônjuge anterior, aparentemente porque o papel que conferia o divórcio não anulava a união aos olhos de Deus. Isso explica a injunção de Paulo em 1Coríntios 7:10-11. Tendo em vista a sólida investida contra a instituição divina do casamento a que assistimos hoje, os filhos de Deus devem ensinar e viver essa questão baseados nas palavras de Jesus.

### 10:13-16 Abençoando as crianças

Os rabinos judeus comumente abençoavam as crianças, por isso as pessoas trouxeram seus filhos pequenos a Jesus para que ele os abençoasse. Uma vez mais, os discípulos traíram sua insensibilidade espiritual, pois repreenderam os que trouxeram as crianças (10:13). Jesus respondeu com uma indignada censura aos discípulos, afirmando que as crianças deveriam ter permissão para vir até ele (10:14). Se há lugar para as crianças no reino, certamente há lugar para elas junto ao Mestre. Além disso, as crianças são uma lição objetiva de humildade para todos aqueles que desejam entrar no reino de Deus (10:15). A narrativa termina com uma imagem vívida e comovente de Jesus embalando as crianças, colocando suas mãos sobre elas e abençoando-as (10:16). Seu exemplo traz uma importante lição para hoje, particularmente em culturas nas quais se espera que as crianças sejam vistas, mas não ouvidas. As palavras de Jesus enfatizam também a importância do ministério dirigido às crianças.

### 10:17-31 O materialismo e o reino de Deus

Certo dia, ao reiniciar sua viagem para Jerusalém, Jesus foi abordado por um jovem rico que tomou a iniciativa de lhe perguntar o que deveria fazer para herdar a vida eterna. Ele se dirigiu a Jesus como *Bom Mestre*, uma fórmula incomum de se referir a alguém (10:17). Jesus respondeu perguntando-lhe por que usara a palavra “bom”, indicando

que ninguém é bom — *senão um, que é Deus (10:18)*. Jesus não estava negando que ele fosse “bom”. Ao contrário, estava pressionando o jovem para que ele percebesse as implicações lógicas de dirigir-se a ele dessa maneira, ou seja, dirigir-se a ele como Deus! Jesus estava afirmando àquele jovem egoísta e autossuficiente (10:19-20) que apenas Deus é verdadeiramente bom.

Então veio o teste amargo. O jovem estaria preparado para deixar suas propriedades terrenas e seguir o Mestre? Ele amaria mais suas posses materiais que a Jesus? O jovem fracassou no teste e se retirou entristecido (10:21-22).

Existe uma tendência a certa crença popular de que os ricos têm mais chances de alcançar a vida eterna, pois possuem mais recursos para dar esmolas ou fazer boas obras. Jesus contestou essa crença com sua afirmação: *Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!* As riquezas são na verdade uma pedra de tropeço potencial ou uma barreira para a salvação (10:23-25). Os discípulos ficaram espantados com isso, exclamando que, se até os ricos fracassam, *quem pode ser salvo?* (10:26). A resposta foi que nenhum ser humano pode conquistar a salvação; apenas Deus pode salvar as pessoas (10:27).

A essa altura, Pedro se pronunciou afirmando que ele e os outros discípulos haviam feito o que o jovem rico se recusara a fazer: abandonar tudo para seguir a Jesus (10:28). Sua pergunta silenciosa era: “Qual será nossa recompensa?”. Em resposta, Jesus reconheceu que o chamado para o discipulado é radical e, algumas vezes, envolve deixar o lar, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por amor a ele e ao reino (10:29). Nada deveria ser difícil demais de renunciar, se é algo que impede alguém de seguir a Jesus. As bênçãos do discipulado, no entanto, incluem múltiplas recompensas que abarcam tanto o tempo quanto a eternidade (10:30).

Jesus conclui com uma solene advertência para os superconfiantes, aqueles que dependem de seus próprios esforços ou bens materiais. Tais pessoas podem ser as primeiras aos olhos humanos. Contudo, Deus valoriza aqueles que são os *últimos*, isto é, aqueles que não contam com seus próprios esforços ou riquezas materiais, mas dependem de Deus, para quem todas as coisas são possíveis (10:31).

### 10:32-34 A terceira predição da paixão

A determinação de Jesus de avançar em direção a Jerusalém espantava os discípulos, enquanto outros entre seus seguidores temiam o confronto iminente (10:32a). Pelo caminho, Jesus continuou a instruir os doze em particular (10:32b; cf. tb. 8:31-32; 9:31). Essa foi a terceira e última predição de sua paixão, e a primeira vez em que ele especificamente identificou Jerusalém como o lugar em que tudo aconteceria. Como havia feito antes, Jesus mencionou a traição que o entregaria nas mãos do sistema religioso, a sentença de morte, o fato de que seria entregue aos gentios, os quais o humilhariam e o matariam, e sua vitória sobre a morte após três dias (10:33-34).

### 10:35-45 O pedido dos filhos de Zebedeu

O *Então...* que introduz esse incidente é significativo, porque deixa claro que essa nova disputa ocorreu imediatamente após Jesus ter predito sua paixão. Disputa semelhante já havia ocorrido após sua menção anterior da paixão (cf. 9:30-33). Dessa vez, os irmãos Tiago e João a iniciaram, tentando em particular roubar a cena antes dos outros. Estavam, por assim dizer, pedindo a Jesus um cheque em branco quando solicitaram que ele lhes concedesse o que iriam *pedir* (10:35). Especificamente, o que os dois desejavam era receber os mais importantes lugares de honra no reino quando Jesus revelasse sua glória, como aparentemente estava prestes a fazer (10:36-37).

Em resposta, Jesus lhes disse claramente que o pedido que eles haviam feito revelava sua ignorância a respeito da verdadeira natureza do reino, o qual estava sendo agora oferecido. Enquanto os dois se concentravam na glória do reino, ignoravam aquilo que Jesus lhes havia dito sobre sua paixão. Havia um cálice para beber e um batismo que viria — ambos simbolizando sofrimento. Mas à pergunta de Jesus: *Podeis vós...?* (10:38), eles prontamente responderam: *Podemos* (10:39). Jesus então revelou que eles, sem dúvida, partilhariam de seu cálice de sofrimento (cf. At 12:2; Ap 1:9). Mas conceder lugares de honra não era competência de Jesus. Além disso, Deus havia preparado aquelas posições para outros (10:40). No reino de Deus, conhecer alguém que pode ajeitar as coisas não é o que determina a honra.

Infelizmente, os outros dez discípulos souberam do pedido e *indignaram-se* com os dois irmãos. A instrução anterior de que eles deveriam praticar uma humildade semelhante à das crianças caiu em ouvidos surdos (10:41; cf. tb. 9:35-37,50b). Jesus deve ter-se sentido angustiado com o fato de que, tão próximo ao final de seu ministério, ele aparentemente não estava chegando a lugar nenhum com esses homens. Eles continuavam lentos para aprender as realidades espirituais. Assim, o Mestre esforçou-se para mostrar-lhes a diferença marcante entre os reinos governados por gentios (ou descrentes) e o reino de Deus. Gentios ou pagãos praticam dois princípios de liderança: eles colocam os outros *sob seu domínio*, isto é, agem arbitrariamente, e *exercem autoridade*, ou, literalmente, fazem o papel de tiranos (10:42-44). No reino de Deus, ao contrário, o primeiro assume a liderança no serviço aos outros. O Filho do Homem é o supremo exemplo a ser seguido, pois ele dá sua vida como resgate (10:43-45).

### 10:46-52 A fé do cego Bartimeu

A viagem para Jerusalém levou Jesus e os discípulos a atravessar a cidade de Jericó, onde um pedinte cego, chamado Bartimeu (Marcos traduziu o nome aramaico para seu público romano) chamou a atenção de Jesus (10:46). Embora tivesse sido informado de que *Jesus, o Nazareno*, passava por ali, Bartimeu demonstrou fé ao usar o título messiânico

de Jesus, *Filho de Davi* (10:47). Alguns na multidão consideraram o cego um inconveniente e tentaram sem sucesso silenciá-lo (10:48), mas sua persistência foi recompensada quando Jesus parou para atendê-lo (10:49-51). Jesus demonstrou que estavam totalmente errados aqueles que pensavam que ele não se incomodaria com um simples pedinte. O Mestre atendeu ao seu pedido de cura, observando que Bartimeu havia exercitado sua fé (10:52). A cegueira física não é obstáculo para a visão espiritual; inversamente, a visão física não é garantia da visão espiritual.

## 11:1—13:37 O ministério em Jerusalém

### 11:1-11 Entrada em Jerusalém

A entrada em Jerusalém foi grandiosa! De Betfagé e Betânia, duas aldeias junto ao monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos não identificados à aldeia mais próxima numa missão de fé, para trazer-lhe de lá um jumentinho especial (11:1-3a). Os dois, provavelmente, não eram conhecidos na área, como veremos em 11:4-5. Embora alguns pudessem argumentar que Jesus pôde ter organizado essas coisas com antecedência, é possível da mesma forma que o episódio ateste sua onisciência. Ele sabia onde os dois encontrariam o jumentinho, sabia que perguntas seriam feitas e sabia qual seria o resultado. *O Senhor precisa dele* (11:3a) seria uma resposta suficiente a todas as perguntas. O dono talvez fosse um simpatizante ou um discípulo, não temos essa informação. Mas o jumentinho era necessário para uma missão temporária, e Jesus *logo o mandará de volta* para o mesmo lugar (11:3b).

A missão foi executada exatamente como Jesus predisse (11:4-6). Os discípulos lhe trouxeram o jumentinho e o prepararam para que ele pudesse montar (11:7). É significativo que Jesus tenha escolhido entrar triunfantemente em Jerusalém, como rei. Desse momento em diante, ele não fez nenhum esforço para encobrir sua identidade como o Messias. A multidão respondeu espontaneamente, estendendo suas vestes e ramos ao longo de seu caminho (11:8).

Gritos de *Hosana* (“Salve, agora”, em hebraico) e *Bendito o que vem em nome do Senhor* (11:9) ecoaram no ar. A multidão citava Salmos 118:25-26, que faz parte dos salmos denominados *Hallel* (113—118) cantados em procissões festivas e por ocasião da refeição pascal (cf. 14:26). O povo fez ouvir uma oração que expressava uma esperança messiânica: *Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai!* (11:10). Eles provavelmente não compreendiam a importância de sua atitude, contudo não havia dúvida com respeito à emoção e à excitação que provocara. A multidão pouco compreendeu que aquilo pelo qual oravam logo se cumpriria.

Tendo entrado em Jerusalém, Jesus foi direto ao templo, inspecionou-o e então saiu para Betânia a fim de passar a noite lá (11:11). Aquela seria sua base ao entrar na semana da paixão.

## 11:12-26 Hipocrisia exposta

### 11:12-14 Hipocrisia e a figueira

Na manhã seguinte, bem cedo, Jesus e seus discípulos voltaram para Jerusalém, aparentemente saindo antes do café da manhã (11:12). Quando Jesus enxergou a figueira que já tinha folhas, um sinal de frutificação, mas nenhum figo, viu uma oportunidade para ensinar uma lição fundamental sobre aparências que não combinam com a realidade. Jesus talvez tenha escolhido uma figueira para ensinar o que queria, porque no AT a figueira é algumas vezes citada como um símbolo de Israel como nação (cf. Mq 7:1; Jr 8:13). O incidente que se segue sublinha seu argumento sobre a decadência interna de Israel.

### 11:15-19 Hipocrisia e o sistema religioso

Ao entrar na área do templo, Jesus descobriu que o pátio dos gentios fervilhava com atividade comercial. Peregrinos que haviam trazido seus sacrifícios de casa tinham de apresentar os animais para serem inspecionados. Se não estivessem de acordo com as normas, o que frequentemente acontecia, os peregrinos precisavam comprar outro animal de um dos mercadores que dirigiam um comércio florescente nos pátios do templo. Outros empreendedores se haviam estabelecido como cambistas, trocando moedas estrangeiras por outras que podiam ser usadas no templo. Outros, ainda, usavam os pátios do templo como passagem ou atalho (11:15-16).

Jesus se sentiu compelido a confrontar essa hipocrisia e a mistura de sagrado e profano em nome da religião. Justificou sua ação baseando-a nas Escrituras, ensinando à multidão que Deus havia planejado o templo para ser uma *casa de oração para todas as nações* (Is 56:7), mas o pátio dos gentios se transformara num mercado, e pior que isso. Ao chamá-lo de *covil de salteadores*, Jesus estava citando Jeremias 7:11, em que Deus condena o culto hipócrita que havia perdido de vista o seu propósito (11:17). Aqueles que tinham permitido que o templo fosse usado dessa maneira não eram melhores que os salteadores.

Infelizmente, a lição ensinada por Jesus ainda é relevante hoje. Práticas originariamente criadas para ajudar os crentes podem tornar-se corruptas e perder o seu sentido.

As atitudes de Jesus não se ajustavam ao sistema religioso da época, cujos representantes passaram a defender que ele ameaçava o *status quo*. Estava na hora de livrar-se dele, antes que perdessem sua influência sobre as massas (11:18).

A purificação do templo e o ensino que se seguiu ocorreram o primeiro dia dessa semana da paixão. Quando a tarde chegou, Jesus deixou a cidade e retornou a Betânia (11:19).

### 11:20-26 Lições da figueira seca

Na manhã seguinte, ao caminhar de volta para a cidade, avistaram a mesma figueira que haviam visto antes

(11:20; cf. 11:11). Pedro lembrou o que Jesus havia dito no dia anterior. O Mestre havia pronunciado julgamento sobre a aparente hipocrisia da figueira, a qual simbolizava a hipocrisia da nação. Ao julgar a árvore, ele demonstrara como a hipocrisia da nação seria julgada. Pedro, contudo, não compreendeu a intenção de Jesus quanto ao julgamento e interpretou o que Jesus havia feito como se tivesse simplesmente amaldiçoado a árvore (11:21). Ele estava surpreso com a rapidez do resultado que a atitude de Jesus provocara.

Em resposta, Jesus indicou que a fé no Deus vivo pode mover montanhas (11:23). Tal fé representa poderosa condição para uma oração eficaz (11:24). Assim como a descrença é uma barreira para a oração eficiente, o mesmo é verdadeiro quanto a um espírito incapaz de perdoar (11:25). Esse espírito será um empecilho tanto para a oração quanto para a fé. O mesmo argumento é repetido em 11:26, mas esse versículo não ocorre em muitas cópias antigas do evangelho de Marcos e pode representar uma duplicação acidental. É omitido na NVI.

### 11:27-33 A autoridade de Jesus questionada

Foi provavelmente no mesmo dia, o segundo dia da semana da paixão, que Jesus encontrou os principais sacerdotes, os mestres da lei e os anciãos (11:27). Esses três grupos eram representados no Sinédrio, a assembleia que governava a vida religiosa judaica e, portanto, representava o sistema tradicional.

O grupo deseja saber quais eram as credenciais de Jesus (isto é, de onde provinha sua autoridade) e quem lhe havia dado autoridade para agir como ele agia. É provável que *estas coisas* (11:28a) se refira ao ministério inteiro de Jesus, que registrava oposição ao *status quo* religioso, enquanto *isso* (NTLH) se refira especificamente à purificação do templo (11:28b). O argumento rabínico permitia perguntas retóricas, e, assim, Jesus virou a mesa contra eles. Se respondessem à sua pergunta sobre a origem do ministério de João (*batismo*), ele responderia à pergunta que lhe haviam feito (11:29-30). Jesus lhes concedeu apenas duas possíveis respostas: *a do céu* ou *a dos homens*. Qual das duas escolheriam? Ao propor essa pergunta, Jesus estava subentendendo uma ligação direta entre a autoridade do seu ministério e a do ministério de João.

Seus oponentes foram encurralados num canto estreito, como demonstra claramente sua discussão sobre as opções. Admitir que o ministério de João havia sido inspirado por Deus se constituiria numa autocondenação, pois eles haviam rejeitado João e, em última análise, o propósito de Deus (11:31). Mas eles não ousavam dizer que havia sido um ministério puramente humano, pois com isso incorreriam na ira do povo (11:32). O povo cria que João havia sido um arauto (*profeta*) de Deus. Assim sendo, esse grupo, de maneira hipócrita, alegou ignorância (11:33). Desde que não haviam cumprido sua parte no trato, Jesus também não

estava obrigado a responder à pergunta que lhe havia sido feita. Os representantes do Sinédrio tinham sido superados em sua astúcia! Jesus não via razão para discutir a respeito de quem ele era com pessoas que estavam determinadas a não crer em nenhuma de suas palavras.

### 12:1-12 A parábola dos lavradores maus

Em vez de responder à pergunta feita por eles, Jesus proferiu uma parábola sobre os lavradores numa vinha. Aqueles referidos como *eles* certamente incluíam os homens do Sinédrio, que teriam facilmente compreendido a parábola sem nenhuma interpretação adicional (12:1).

Nessa parábola, Deus é o homem que *plantou uma vinha*, Israel, e os líderes religiosos são os *lavradores*. Os servos que foram enviados na época da colheita para receber o produto são os profetas que foram enviados em nome do Senhor (12:1-2). Alguns deles os lavradores assaltaram, outros, mataram, até que o proprietário só tinha mais uma pessoa para mandar, um *filho*, uma referência clara ao próprio Jesus (12:3-6). O destino que teve esse filho era profético de como eles tratariam Jesus (12:7-8). A parábola conclui com a descrição da ira de Deus e do julgamento dos lavradores e a certeza de que, após seu extermínio, a vinha seria entregue a outros (12:9).

Jesus apoiou a consequência dessa parábola no testemunho das Escrituras. Citou o mesmo salmo Hallel que a multidão havia cantado na entrada triunfal: *A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra angular* (12:10; cf. Sl 118:22-23). Em outras palavras, no bom propósito de Deus, aquele destinado à rejeição triunfará sobre seus opositores. O resultado só pode ser descrito como algo que vem do Senhor e é *maravilhoso* (12:11).

Um provérbio africano afirma: “Uma pessoa a quem uma parábola é contada sabe exatamente a quem ela é dirigida”. Isso, com certeza, foi verdadeiro nesse caso, e os líderes judeus começaram a arquitetar a prisão de Jesus, pois reconheceram que a parábola tinha sido proferida *contra eles*. Seus planos, todavia, não poderiam ser realizados imediatamente, pois temiam a reação do povo (12:12).

### 12:13-17 Fariseus e herodianos tentam armar uma cilada contra Jesus

Mais tarde, os líderes enviaram outros agentes para tentar armar uma cilada contra Jesus, apanhando-o em suas próprias palavras. Tentavam orquestrar as condições diante das quais ele escorregaria. Os participantes da cilada eram companheiros muito estranhos. Os herodianos formavam um grupo político que apoiava Herodes; em circunstâncias normais, os religiosos fariseus não aceitariam nenhuma proximidade com eles (12:13).

A lisonja macia com que esse grupo introduziu sua pergunta cheirava a intriga política. Disseram-lhe que ele combinava integridade com honrada decisão, de sorte que não era dominado por homens. Além disso, ele era conhecido



por ensinar apenas a verdade. Quais seriam, portanto, suas opiniões sobre o pagamento de tributo a César (12:14-15a)? Se Jesus apoiasse o pagamento de tributos, perderia o apoio do povo, que se ressentia dos dominadores romanos. Se, pelo contrário, dissesse que eles não deveriam pagar o imposto, poderia ser preso pelos herodianos que, por meio de Herodes, eram aliados políticos do imperador romano.

Jesus não se deixou enredar por toda aquela lisonja, pois reconheceu imediatamente que não se tratava de uma pergunta sincera (12:15b). Sua resposta os apanhou de surpresa: *Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*. Qualquer um que usasse as moedas de César implicitamente reconhecia que este possuía alguma autoridade (12:16; cf. tb. Rm 13:1-7). Mas Deus é soberano sobre César e sobre tudo mais. A obrigação para com o Estado, portanto, não é necessariamente incompatível com nossas obrigações para com Deus. No final, as próprias pessoas que esperavam apanhar Jesus numa cilada ficaram aturdidas com suas palavras (12:17). Jesus não poderia ser atacado pelo que dissera.

### 12:18-27 Os saduceus questionam Jesus

Os fariseus e herodianos tentaram e falharam em sua ofensiva de apanhar Jesus numa armadilha. Agora era a vez dos saduceus (12:18), grupo que reconhecia apenas o Pentateuco como inspirado. Eles exerciam considerável influência no Sinédrio e eram também representados entre os sacerdotes. Interrogaram Jesus a respeito de uma controversa questão teológica, especificamente relacionada à existência de vida após a morte. Os saduceus argumentavam que ela não existia e, numa tentativa de ridicularizar a posição daqueles que argumentavam o contrário, esboçaram uma situação que poderia ocorrer com a aplicação de uma lei dada em Deuteronômio 25:5-6 (12:19). Certa mulher sobreviveu a sete irmãos, cada um dos quais se casou com ela sucessivamente: na ressurreição, de qual deles ela seria esposa (12:20-23)?

A primeira resposta de Jesus foi indicar a ignorância deles com respeito ao poder de Deus, pois não criam no mundo dos espíritos e dos anjos. Eram também ignorantes com respeito às Escrituras, como ele demonstraria em seguida (12:24). Nosso Senhor esclareceu então seu ensino anterior sobre o casamento. Ele havia afirmado que o casamento é indissolúvel (10:9), mas destaca agora que o casamento é dissolvido com a morte e não existe em uma vida futura. Após a ressurreição, os humanos são como anjos que não se casam (12:25).

Jesus se voltou então à pergunta sobre ressurreição, que estava subentendida na questão específica sobre casamento. Jesus demonstrou a ignorância daqueles homens sobre as Escrituras citando evidências da ressurreição no *livro de Moisés*, a parte do AT que eles aceitavam (12:26). Moisés escrevera que o próprio Javé havia dito: *Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó* (Êx 3:6). Os patriarcas já haviam falecido muito tempo atrás quan-

do Javé pronunciou essas palavras, mas ainda assim ele sustentava que era o seu Deus. Se Deus continuava a ser o Deus de homens que haviam falecido tanto tempo atrás, eles deveriam continuar existindo (12:27). Jesus citou esse versículo para argumentar que, se a alma continua a existir depois desta vida, não seria exagero sustentar que ela se unirá ao corpo mais tarde, embora numa forma diferente de existência. Jesus concluiu que a posição dos saduceus era terrivelmente falha.

### 12:28-34 O maior dos mandamentos

Um mestre da lei não identificado ouvira o debate anterior. Ele aparentemente concordava com a posição de Jesus e assim fez sua própria pergunta. Desejava saber qual era o mais importante de todos os mandamentos (12:28).

Jesus, citando o Shemá, respondeu que o amor supremo a Deus é o mais valioso de todos os mandamentos (12:29-30; cf. tb. Dt 6:4-5). Contudo, Jesus continuou, este se acha inseparavelmente ligado a Levítico 19:18, que ordena o amor aos outros (12:31). O mestre da lei concordou com Jesus em que o valor de obedecer a esses dois mandamentos superava a importância de cumprir quaisquer outros deveres religiosos (12:32-33).

Jesus considerou que esse judeu piedoso não estava *longe do reino de Deus* (12:34a). O homem havia demonstrado aguda percepção do verdadeiro lugar dos deveres religiosos. Contudo, ainda estava fora do reino, pois sua compreensão alcançava apenas o nível intelectual. Ainda lhe era necessário submeter sua vontade ao Mestre.

Marcos registra que essa foi a última vez que seus oponentes tentaram envolver Jesus num debate (12:34b).

### 12:35-37 Jesus faz uma pergunta

Uma vez que Jesus havia respondido a todas as perguntas feitas por seus adversários, agora ele lhes propunha sua própria pergunta para silenciar totalmente a oposição. Ele questionou qual seria a base para a posição rabínica que identificava o Cristo como filho de Davi (12:35). E citou Salmos 110:1, no qual Davi, o autor, refere-se ao Messias. Davi fala sobre o *Senhor* (Javé) abençoar *ao meu Senhor* (Adonai) (12:36). Como pode o Cristo ser, ao mesmo tempo, filho de Davi e seu Senhor?

Como eles compreendiam esse relacionamento (12:37)? Jesus estava estabelecendo que o Espírito Santo havia falado por intermédio de Davi para indicar que o Cristo não era apenas um filho, mas maior até mesmo do que Davi. O ensino de Jesus foi recebido com alegria pelo povo, embora eles não o compreendessem totalmente nem reconhecessem que o Cristo é, de fato, Senhor de tudo. Nenhuma resposta foi ouvida de seus adversários.

### 12:38-40 Jesus adverte contra a hipocrisia

Passando daquilo que é ensinado para aqueles que ensinam, Jesus exortou o povo a estar alerta em relação aos

mestres da lei. Esses homens apreciavam ser importantes, usar roupas pomposas, ser cumprimentados em público e ser reconhecidos como líderes nas sinagogas em que adoravam e nos banquetes (12:38-39). Na realidade, entretanto, eles oprimiam os inocentes e vulneráveis representados pelas viúvas indefesas. Pior ainda, tentavam mascarar o mal com longas e pretensiosas orações públicas (12:40). Jesus advertiu que as pessoas que agem dessa forma serão severamente julgadas. Infelizmente, essa advertência ainda é válida em nossos dias. Tanto o povo de Deus como os ministros do evangelho deveriam estar alertas para não cair em hábitos como esses que certamente incorrerão na ira divina.

Essa advertência marcou a conclusão do ministério público de Jesus em Jerusalém. Daqui em diante ele focalizou a instrução particular aos seus discípulos.

### 12:41-44 A verdadeira dádiva — o óbolo da viúva

Estando Jesus sentado na área do templo, provavelmente no pátio das mulheres, observou uma viúva pobre entre aqueles que traziam suas ofertas. Marcos deliberadamente justapôs esse incidente à advertência anterior aos mestres da lei, que oprimiam as pobres viúvas. Os mestres da lei representavam os gananciosos que agarravam e devoravam tudo, usando a religião como pretexto. De modo contrário, essa pobre viúva dera tudo, num ato de verdadeiro culto a Deus. Em termos humanos, ela foi a que deu menos, *duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante*, em comparação às *grandes quantias* depositadas pelos ricos (12:41-42). Do ponto de vista de Deus, entretanto, a viúva dera o máximo. Os ricos deram aquilo que podiam facilmente dispensar, mas a pobre viúva deu tudo (12:43-44). A verdadeira dádiva é sacrificial.

### 13:1-37 Discurso no monte das Oliveiras

Muito provavelmente ainda no segundo dia da semana da paixão, quando estava deixando o templo, os discípulos chamaram a atenção de Jesus para as *pedras enormes* que compunham o edifício do templo (13:1, NVI). Josefo, o antigo historiador judeu, confirma que eles tinham razão de ficar impressionados. Herodes Antipas (a Raposa) ainda estava terminando o templo que seu pai, Herodes, o Grande, havia começado. Era um edifício conhecido como uma das maravilhas arquitetônicas do mundo romano. Ainda hoje, aqueles que visitam o monte do Templo podem observar os restos de algumas daquelas grandes pedras. Mas Jesus não estava impressionado. Ele predisse que aquelas pedras seriam *todas derrubadas* (13:2, NVI) em julgamento. Isso indicava destruição total.

A cena agora se move para o monte das Oliveiras, de onde se contempla uma boa visão da cidade e do templo. Os dois pares de irmãos, Pedro e André, e Tiago e João, chegaram particularmente a Jesus e lhe pediram que explicasse seu comentário. Estavam interessados em quan-

do tal destruição aconteceria e que sinais haveria para serem observados (13:3-4). Respondendo à pergunta, Jesus deu início a um extenso discurso sobre os eventos que sucederiam tanto num futuro próximo quando num futuro distante.

Ele começa descrevendo o início dos sinais que se dividem em três categorias: impostores e enganadores pretendendo ser representantes de Jesus (13:5-6); calamidades de origem humana, como *guerras e rumores de guerras* (13:7-8a); calamidades naturais, como *terremotos e fomes* (13:8b). Jesus exortou os discípulos a não se alarmar (13:7) com esses eventos, pois eles representavam apenas o *princípio das dores* (13:8c). Embora tais sinais se tenham iniciado no século I, nenhum deles é estranho para aqueles que vivem no século XXI. Impostores pretendendo representar Cristo estão por todos os lados, enganando os ingênuos. Lutas étnicas, o colapso interno da lei e da ordem, guerras de fronteira, enormes deslocamentos de refugiados, terremotos devastadores e outras situações semelhantes são frequentes. Por mais alarmantes que sejam essas catástrofes, os filhos do reino são estimulados a não se alarmar, pois elas não assinalam o fim dos tempos.

Jesus predisse também, além desses sinais, intensa perseguição aos apóstolos. Eles seriam entregues aos concílios dos judeus e seriam açoitados por causa de Cristo (cf. At 4:5-7; 5:27-29,40; 2Co 11:24). Seriam entregues às autoridades gentias para serem julgados por sua causa (cf. At 22:30—23:10; 24:1-9; 25:1-12; 23—27). Tal perseguição resultaria na disseminação do evangelho (cf. Fp 1:12-14). Observe que as palavras de Jesus de que o evangelho deveria *primeiro ser pregado a todas as nações* (13:10) parece ser uma afirmação sobre o que aconteceria, em vez de uma precondição de seu retorno. Ao comparecer no julgamento, eles não deveriam preocupar-se antecipadamente com o que haveriam de falar. O Espírito Santo, o Advogado, supriria o argumento apropriado de defesa.

Jesus também previu perseguição para todos os que o seguissem. Fidelidade e submissão a Cristo causariam divisões familiares (13:12). Seus seguidores seriam objeto de intenso ódio por parte dos não-crentes. Jesus, todavia, fez uma promessa àqueles que conseguissem *perseverar até ao fim* (13:13). Eles seriam salvos, isto é, entrariam em seu reino. Jesus lhes garantiu que, no fim, os crentes serão vindicados.

Em tudo o que havia dito até agora, Jesus se concentrou na pergunta sobre os sinais, destacando o fato de que a destruição do templo era iminente.

A seguir, ele passa a tratar da questão sobre quando a destruição do templo ocorreria. Seria durante um período de aflição e *tribulação* (13:19). O período seria assinalado *pelo abominável da desolação situado onde não deve estar* (13:14). Jesus tomou emprestada esta frase de uma profecia em Daniel 9:27; 11:31 e 12:11, que representa uma referência velada a um evento histórico.

A profecia de Daniel havia sido parcialmente cumprida em 168 a.C., quando o governante selêucida Antíoco IV Epifânio profanou o templo erigindo um altar a Zeus sobre o altar judaico de ofertas queimadas e oferecendo repetidamente porcos sobre o altar que erigira. Tais atitudes haviam ensejado a revolta dos macabeus (cf. 1Macabeus 1:45-59; 6:7). Jesus estava insinuando que outra parte da profecia seria cumprida brevemente. Isso realmente ocorreu quando, segundo o relato de Josefo, alguns zelotes judeus profanaram o templo. Esse ato foi seguido pelo saque de Jerusalém e pela destruição do templo pelo general romano Tito, em 70 d.C. Josefo descreve como o templo, que havia sido objeto da admiração dos discípulos, estava arrasado.

Jesus os preveniu de que, quando os sinais aparecessem, os fiéis que residiam na Judeia deveriam tentar decifrá-los. Marcos assinala: *quem lê entenda* (13:14). Era uma mensagem cifrada para os fiéis, advertindo-os de que o sinal resultaria no julgamento predito aqui. Quando o vissem, eles deveriam fugir para as montanhas (13:14). Aqueles que estivessem debulhando grãos, descansando no telhado de suas casas ou trabalhando no campo deveriam reconhecer que a sobrevivência é mais importante que os bens materiais (13:15-16). As pessoas mais vulneráveis seriam as grávidas e as mães que amamentam (13:17) — uma verdade que ainda permanece real nos tempos modernos, como demonstrado pelos horrores da guerra e pela situação dos povos deslocados em campos de refugiados na África e ao redor do mundo. Como a hora exata desses acontecimentos é desconhecida (cf. 13:32), o Senhor exortou os fiéis a interceder para que tal não acontecesse numa estação em que o clima também fosse hostil (13:18).

Tendo sido avisados por Jesus, os judeus cristãos realmente fugiram de Jerusalém pouco antes de a cidade ser destruída, e acabaram refugiando-se em Pela, nas montanhas da Transjordânia.

Ao descrever os eventos futuros, nosso Senhor usou uma linguagem muito semelhante à que encontramos em Daniel 12:1, que se refere a um “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo”. O contexto das palavras de Daniel sugere que Jesus não limitou o cumprimento da profecia de Daniel à próxima destruição de Jerusalém. Ele também as considerava aplicáveis à grande tribulação, pois a descreve como um evento inigualável em toda a história do mundo (13:19). Somente a misericórdia de Deus abrandaria a angústia, e ele faria isso por amor aos eleitos, aqueles que havia escolhido como seus seguidores (13:20). O período da grande angústia ou tribulação seria marcado por contrafações religiosas e complicado por rumores confusos de aparições de Cristo. *Surgirão falsos cristos e falsos profetas* com credenciais poderosas para enganar, se possível, os próprios eleitos (13:21-22).

Cristo lhes havia relatado tudo isso *antecipadamente* (13:23, NVI). Tinha respondido às perguntas imediatas dos discípulos sobre a destruição do templo, mas agora pros-

seguiria para lhes revelar como seriam os eventos quando ele realmente viesse outra vez, não secretamente como os falsificadores, mas à plena vista de todos, incluindo seus inimigos.

As calamidades que Jesus havia acabado de descrever serão seguidas por eventos cósmicos associados à sua segunda vinda. Jesus cita Isaías 13:10 e 34:4, passagens que descrevem a dissolução das estruturas cósmicas que os profetas associaram à vinda do Dia do Senhor (cf. tb. Jl 2:10; 3:15). Se fenômenos como o efeito estufa, a chuva ácida e o aquecimento global atraem a atenção mundial, quão mais impressionantes serão os efeitos das mudanças na luz solar e lunar, com estrelas e planetas deslocados de seu curso normal (13:24-25). Todos os seres vivos ouvirão aquilo que o Senhor do universo tem a dizer! A história humana se encaminhará para um clímax diante do retorno do Senhor da história vindo *nas nuvens, com grande poder e glória* (13:26). Esse evento fantástico também é descrito em Apocalipse 1:7 e em 1 Tessalonicenses 4:13-18. O aparecimento do Filho do Homem anunciará a grande colheita, *da extremidade da terra até à extremidade do céu* (13:27), na qual os anjos reunirão aqueles que foram salvos.

A *parábola da figueira* deveria encorajá-los a desenvolver uma sensibilidade espiritual. Assim como o florescimento da figueira assinala a mudança da estação, da mesma forma os eventos certamente indicarão que aquilo que Jesus declarou está próximo (13:28-29). O apavorante sacrilégio no templo indicará que o desastre acontecerá em breve (cf. 13:14), assim como esses fatos demonstrarão que a segunda vinda se aproxima.

Contudo, o que Jesus quis dizer ao afirmar que *não passará esta geração sem que tudo isto aconteça* (13:30)? Alguns comentaristas limitam esses eventos àqueles que Jesus descreve em 13:2-23, excluindo os eventos associados à sua segunda vinda em 13:24-27. Outros argumentam que, em 13:30, a expressão *esta geração* seria mais bem traduzida por “esta raça”, caso em que a raça judaica estaria em questão, e não apenas os contemporâneos de Jesus. Se essa tradução está correta, “tudo isto” se refere tanto aos eventos relativos à destruição do templo quanto aos eventos da segunda vinda. O Mestre solenemente garante a verdade de suas palavras (13:31).

Jesus finalizou seu discurso no monte das Oliveiras com um chamado à constante vigilância, pois ninguém, *nem os anjos no céu*, sabe a ocasião exata dos eventos relativos à segunda vinda. Nem sequer o Filho do Homem está a par do *dia* ou *hora* (13:32) exatos em que tais eventos acontecerão. A ignorância de Jesus, nesse caso, representa uma limitação voluntária que ele aceitou como parte de sua humanidade (Fp 2:8), explicada pela *kenosis* (isto é, a doutrina segundo a qual ele se esvaziou a si mesmo de parte de seus atributos divinos quando se tornou humano).

Jesus ilustra a necessidade de vigilância comparando a fé com os servos fiéis que devem estar preparados para o

retorno do dono da casa a qualquer momento (13:34-36). Está claro que a igreja primitiva acreditava no retorno iminente de Jesus. O chamado à vigilância, no entanto, não foi dirigido apenas a eles, mas a *todos* (13:37), isto é, a todos nós. Devemos todos seguir o conselho de Cristo: *Vigiai!*

## 14:1—15:47 A narrativa da paixão

### 14:1-2 A conspiração contra Jesus

A Páscoa durava do pôr do sol de 14 de nissã (um mês que se aproxima do nosso abril) até as primeiras horas da manhã de 15 de nissã. Era seguida pela Festa dos Pães Asmos, que durava de 15 a 21 de nissã. Marcos nos mostra a data como sendo dois dias antes desses grandes festivais. Os arqui-inimigos de Jesus — os principais dos sacerdotes e os mestres da lei — há muito desejavam livrar-se dele, mas várias circunstâncias o haviam impedido (cf. 3:6; 11:18; 12:12). Com a aproximação dessas festas, eles faziam planos de *como o prenderiam* (14:1). Mas não desejavam que isso fosse feito durante a festa, por temerem um protesto violento do povo (14:2).

### 14:3-9 Unção em Betânia

Jesus estava em Betânia, local que havia servido como sua base desde a chegada a Jerusalém. Nessa ocasião, seu hospedeiro era Simão, o leproso. Não sabemos nada a respeito desse homem, mas é possível que ele tivesse sido curado por Jesus. Como era costume, Jesus, seu hospedeiro e os outros estavam reclinados ao redor da mesa, isto é, descansavam sobre o cotovelo esquerdo enquanto comiam. Certa mulher não identificada chegou carregando um vaso de perfume muito caro e *puro*, isto é, não diluído. Para expressar sua profunda apreciação e devoção a Jesus, ela o derramou sobre a cabeça dele (14:5). Alguns dos convidados ficaram horrorizados, porque identificaram a atitude da mulher como desperdício. Afinal, o perfume custava mais que um trabalhador ganharia em um ano, e ela o tinha despejado todo de uma vez (14:5). A mulher deveria ter vendido o perfume e dado o produto da venda aos pobres. Alguns dos que responderam dessa forma talvez tenham objetado mais porque a honra estava sendo oferecida a Jesus do que por um real interesse pelos pobres. Outros, todavia, podem ter sentido uma preocupação genuína, mas, como Jesus indicou, deixaram de perceber a prioridade do momento. Eles poderiam ajudar os pobres a qualquer hora, mas Jesus não estaria com eles em carne por mais muito tempo. O Mestre reconheceu que *ela praticou boa ação para comigo* (14:6) e havia feito o seu melhor, tudo *o que pôde*, uma atitude proporcional à sua capacidade. Ela havia de fato antecipado o sepultamento de Jesus (14:8). Embora a mulher talvez não o tivesse entendido dessa forma, Jesus conferiu profundo significado à sua ação. Ele declarou que o ato daquela mulher se tornaria parte da história do evangelho que seria pregado muitas e muitas vezes, e assim o tem sido (14:9).

### 14:10-11 Traição de Judas

Em agudo contraste com a “boa ação” praticada pela mulher não identificada, está a atitude covarde assumida por Judas. Marcos enfatiza que ele não era um desconhecido, mas *um dos doze* quando tomou a iniciativa e foi ter com os inimigos de Jesus (14:10). As autoridades estiveram anteriormente inseguras quanto a como e quando agir (cf. 14:2), mas a chegada de Judas talvez lhes tenha dado confiança. Justamente quando estavam a ponto de desistir, surgiu um informante e, ainda mais, alguém que pertencia ao grupo. Eles lhe prometeram dinheiro, e um acordo foi firmado (14:11). Daquele momento em diante — dois dias antes da festa —, Judas procurava uma ocasião oportuna para que eles pudessem capturar Jesus.

### 14:12-26 Celebração da Páscoa

A oportunidade de Judas se apresentou *no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos* (14:12). Isso pode ter sido no dia 14 de nissã, quando o cordeiro pascal era morto, ou no dia seguinte. Ambas as datas são possíveis. Os discípulos perguntaram a Jesus quais eram seus planos para a festa. Esperava-se que os peregrinos que vinham a Jerusalém observassem a festa dentro da cidade, e, portanto, os discípulos desejavam saber onde fazer os preparativos.

Jesus lhes deu instruções que eram reminiscências de suas instruções anteriores à entrada triunfal (cf. 11:2-6). Dois discípulos não identificados foram enviados à cidade e instruídos a procurar por um homem carregando um jarro de água. Quando o avistassem, deveriam segui-lo. Quando o homem entrasse numa casa, deveriam aproximar-se do dono da casa e perguntar: *Onde é o meu aposento no qual hei de comer a Páscoa com meus discípulos?* (14:13-14). É possível que o dono da casa fosse um discípulo fiel com quem Jesus tenha feito arranjos prévios. Mas também é possível que, novamente, Jesus estivesse demonstrando sua onisciência. Na casa, havia um *espaçoso cenáculo mobiliado e pronto* (14:15). Era provavelmente um aposento no andar superior equipado com mobília, utensílios e tudo mais de que precisariam. Foi o único refúgio disponibilizado para Jesus na cidade nessa ocasião e, mais tarde, serviria aos discípulos nos seus dias que se seguiram à sua crucificação (At 1:13).

Os discípulos encontraram *tudo como Jesus lhes tinha dito* (14:16). Completaram, então, os preparativos, o que envolvia conseguir pão, vinho, ervas amargas e molho feito de frutas secas, especiarias e vinho, e assar o cordeiro da Páscoa.

À noite, Jesus e seus discípulos chegaram ao cenáculo (14:17). Durante a refeição da Páscoa, quando estavam reclinados *à mesa* (cf. comentários sobre 14:3), Jesus anunciou que um dos doze certamente o trairia. Suas palavras, *o que come comigo* (14:18), relembram Salmos 41:9. Um amigo íntimo, alguém que desfrutava de sua comunhão, se voltaria contra ele! Um provérbio africano diz: “Um traidor com frequência procede de sua própria casa”.

Compreensivelmente, os discípulos ficaram chocados ao saber que o traidor era um deles; assim, seguiram-se perguntas, por meio das quais, *um após outro*, diziam: *Porventura, sou eu?* (14:19). Mas seus questionamentos tinham laivos de autoconfiança. Na realidade, eles estavam dizendo: “Não posso ser eu, posso?”. Jesus é inflexível quanto ao fato de que o traidor será um deles: *Um dentre vós, o que come comigo, me trairá* (14:18). *É um dos doze, o que mete comigo a mão no prato* (14:20). Naquele exato momento, o traidor não nomeado estava colocando sua mão na mesma travessa que Jesus durante a refeição comunitária.

O sofrimento do Filho do Homem era uma necessidade estabelecida nas Escrituras. Mas o traidor era um agente moral livre cujo caminho para a ruína não estava necessariamente estabelecido pelas Escrituras. O traidor procurou sua própria ruína (14:21). Jesus deve ter feito essa declaração com um profundo sentimento de tristeza pelo traidor. A Bíblia não contesta o livre-arbítrio humano, nem a responsabilidade pessoal, nem sugere que nós nos submetamos ao destino. Mas o exercício do livre-arbítrio humano não nega o propósito soberano de Deus.

A refeição tradicional da Páscoa era sempre celebrada numa atmosfera de culto. Depois que os participantes tomavam seu lugar à mesa, o chefe da família pronunciava a bênção sobre a festa e o vinho. Eles tomavam então a primeira taça de vinho em memória do livramento do Egito. Depois disso, o chefe da família contava a história da redenção do Egito, que era seguida por um canto de louvor e do cântico da primeira parte dos salmos chamados Hallel, ou de louvor (Sl 113—115). Bebiam então a segunda taça de vinho em memória da libertação do jugo egípcio.

Em seguida, o chefe da família abençoava o pão, que era então passado ao redor e comido com ervas amargas e frutas secas. Isso marcava o início da refeição. A refeição principal era constituída de pão sem fermento, simbolizando o pão de aflição no Egito; ervas amargas, simbolizando a amargura da escravidão; frutas secas que se assemelhavam à argila, simbolizando os tijolos feitos durante a escravidão no Egito; e um carneiro assado, relembrando a “passagem sobre” Israel por ocasião da praga.

No final da refeição, o chefe da família abençoava a terceira taça de vinho que era bebida para celebrar os poderosos atos de redenção de Deus. Isso era seguido pelo cântico da segunda parte dos salmos Hallel (116—118). A celebração terminava pouco antes da meia-noite, com a quarta taça de vinho em honra à consumação, quando Deus levará seu povo para estar com ele para sempre. O padrão de quatro taças de vinho era baseado em Êxodo 6:6-7.

Como cabeça que era de sua família de discípulos, Jesus os dirigiu na celebração da Páscoa. Ele, contudo, infundiu um novo sentido ao ritual. Após o cântico da primeira parte dos salmos de louvor, *Jesus tomou um pão e, abençoando-o, o partiu*. Suas palavras, *Isto é o meu corpo*, acrescentaram novo significado ao asseverar que ele mesmo era o pão da

vida (14:22; cf. tb. Jo 6:48,51). Comer dele significa vida eterna (Jo 6:53-54).

O cálice era a terceira taça, bebida logo após o término da refeição ou após a ceia (14:23; cf. tb. 1Co 11:25). Esse cálice havia sido associado à ação de Deus obtendo salvação para Israel. Nessa noite, Jesus dá a ela um novo sentido como *o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos* (14:24). O sangue era usado para selar uma aliança. Nesse caso, o sangue de Jesus, que logo seria derramado, selaria uma aliança que prometia salvação eterna a todos os seus seguidores — os “muitos”.

Com esse novo significado, Jesus garante sua perpétua presença sempre que seus seguidores se reunirem para partir o pão (Lc 22:7; 1Co 11:23-26). A mesa da comunhão ao redor da qual nos reunimos hoje significa assim uma comunhão de mentes que desfrutam de afinidade e cuja fé é colocada no pão da vida. O cálice, de modo semelhante, foi instituído como memorial perpétuo. Fica claro, portanto, que apenas aqueles que se identificaram com Jesus na comunhão de sua graça salvadora podem aproximar-se dessa mesa. É significativo o fato de que Jesus declarou firmemente que *jamais beberei do fruto da videira, até àquele dia [...] no reino de Deus* (14:25). Jesus reinterpreta o terceiro cálice como a celebração da redenção que ele obterá para muitos. Parece que Jesus terminou a refeição da Páscoa com esse terceiro cálice, não prosseguindo até o quarto cálice, associado à reunião do povo de Deus. Esse cálice seria tomado apenas por ocasião de sua segunda vinda. O quarto cálice foi, portanto, posposto. Essa é a razão pela qual a celebração da ceia do Senhor significa a proclamação da “morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11:26). O último cálice será então bebido, *novo, no reino de Deus*, na última grande ceia (14:25; cf. tb. Lc 14:15; Ap 3:20; 19:6-9). Será então um cálice novo ou renovado. A ceia do Senhor deve, portanto, ser celebrada hoje como memória de duas importantes verdades: a alegria da nossa salvação já obtida e a esperança da segunda vinda de Jesus e nossa eterna comunhão com ele.

O *hino* (14:26) que foi cantado no final da última ceia teria sido tirado da última parte dos salmos Hallel. Após cantá-lo, eles se retiraram para a reunião no monte das Oliveiras.

#### 14:27-31 Predição da negação dos discípulos

Não sabemos se a conversa que Marcos relata a seguir ocorreu enquanto eles caminhavam para o monte das Oliveiras ou durante a refeição da Páscoa, pois o texto não traz tal informação. Jesus anunciou como certo o fato de que seus discípulos o negariam e se dispersariam (14:27). Essa afirmação estava baseada numa profecia de Zacarias 13:7, a qual predizia o ataque ao pastor como parte da redenção de Israel. Essa foi a última predição de Jesus a respeito de sua morte. Todavia, ele ofereceu aos discípulos a esperança de sua ressurreição e de sua reunião com eles mais tarde, na Galileia (14:28).



Pedro, com sua autoconfiança, objetou às palavras de Jesus, negando que o deixaria. Comparou-se até mesmo com os outros e sentiu-se confiante de que sairia vencedor, mesmo que os outros caíssem, pois jamais negaria o Mestre (14:29,31). Jesus o contradisse enfaticamente e predisse o devastador tropeção de Pedro naquela mesma noite, quando ele negaria seu Mestre. Sua queda seria total e completa, de tal maneira que aconteceria não apenas uma, mas *três vezes* (14:30). O Senhor estava avisando os discípulos, mas nenhum deles creu em suas palavras. Estavam confiantes de que permaneceriam firmes até a morte, se fosse necessário (14:31).

### 14:32-42 Agonia no Getsêmani

O nome *Getsêmani* significa “prensa de óleo”; assim, é possível que o lugar para onde Jesus e seus discípulos se dirigiram tivesse sido a localização de um pomar de oliveiras ou de uma prensa de óleo. Jesus disse a oito de seus discípulos que permanecessem na orla do jardim, enquanto levou os outros três mais adiante para que partilhassem com ele algo da inimaginável agonia de sua alma (14:32-33). Afinal, Pedro acabara de afirmar que estava pronto para morrer com Jesus se fosse necessário, e Tiago e João disseram anteriormente que tomariam do mesmo cálice de sofrimento que Jesus experimentaria (10:38-39).

Tão profunda foi a agonia de Jesus que ele a descreveu como *profundamente triste até a morte*. Ele insistiu com os três discípulos para que vigiassem, isto é, para que estivessem alertas e em oração (14:34). Obviamente, uma batalha espiritual estava sendo preparada, e a oração era a arma-chave à qual Jesus recorreria (14:32,35). Sua agonia não se referia à martirizante morte física da crucificação que ele enfrentaria. Apresentava raízes mais profundas na perspectiva de alienação do Pai, a qual seria uma consequência inevitável de aceitar a punição pelos pecados de outros (cf. 15:34).

A batalha espiritual teve três etapas. Na primeira etapa (14:35-38), Jesus ficou sozinho, longe dos três, prostrou-se em submissão ao Pai e orou pedindo que, *se possível, lhe fosse poupada aquela hora* e afastado *este cálice*. Aqui a “hora” e o “cálice” se referem ao misterioso período de sofrimento em que ele estaria separado daquele a quem se referia como *Aba, Pai* (14:35-36). O aramaico “Aba”, aqui traduzido por “Pai”, ou mais coloquialmente “Papai”, era a forma pela qual a criança judia se dirigia a seu pai em casa. Um judeu piedoso consideraria desrespeitoso usar essa palavra para dirigir-se a Deus. Seu uso aqui ilustra o profundo elo existente entre Jesus e o Pai. Na oração, Jesus reconheceu a capacidade soberana do Pai de fazer todas as coisas e também sua própria submissão à vontade do Pai. Assim, o objetivo da oração não era mudar a vontade do Pai, mas alinhar a vontade do Filho com a do Pai: *Não seja o que eu quero, e sim o que tu queres* (14:36). No meio da batalha, Jesus voltou até onde estavam os discípulos, preocupado com o bem-estar deles, e encontrou-os todos,

inclusive Simão, o confiante, dormindo, incapazes de *vigiar nem uma hora* (14:37). Se quisessem evitar a queda, deveriam vigiar e orar. Jesus admitiu que, no seu espírito, eles realmente desejavam permanecer com ele, mas estavam propensos ao erro porque o corpo deles era fraco (14:38). A lição permanece: batalhas espirituais são ganhas ou perdidas com base em vigília e oração efetivas e realizadas com antecedência.

Na segunda etapa (14:39-40), Marcos não focaliza Jesus, mas o fracasso dos discípulos. Jesus voltou ao Pai e orou como o tinha feito anteriormente (14:39), mas seus homens continuavam na mesma postura de antes — dormindo, em vez de vigiar e orar (14:40).

Na terceira e última etapa (14:41-42), podemos assumir, com segurança, que Jesus orou como tinha orado anteriormente, enquanto os discípulos permaneciam *outra vez dormindo* e com os *olhos pesados*, até Jesus declarar: *Basta!* (14:41). Agora era muito tarde para vigiar e orar, pois a hora havia chegado...*Eis que o traidor se aproxima* (14:41-42). Os discípulos haviam fracassado três vezes. Demonstraram claramente que não haviam aprendido com a parábola dos servos que deveriam vigiar até o retorno do seu senhor (cf. 13:34-36). Jesus estava agora determinado a enfrentar a hora da provação, dizendo: *Levantai-vos, vamos!* (14:42).

### 14:43-52 Traição e prisão

O bando que efetuariam a prisão teria sido composto pelos guardas do templo, escolhidos entre os levitas. A lista dos que foram enviados não deixa dúvida de que o Sinédrio estava por trás de tudo (14:43). Na frente, vinha Judas, *um dos doze*, alguém de dentro. Seus serviços eram necessários para levá-los ao lugar onde Jesus poderia ser preso com tranquilidade, pois Judas conhecia os movimentos de Jesus. Além disso, àquela hora da noite, era necessário que um membro do grupo identificasse claramente aquele a quem estavam procurando.

A profundidade da traição de Judas fica evidente na senha que ele havia combinado para assinalar quem deveria ser preso (14:44). Judas adiantou-se e, dirigindo-se hipocritamente a Jesus como *Mestre*, o traiu com o sinal de um ato de amor: um beijo (14:45). Jesus foi imediatamente preso (14:46). Uma fútil tentativa de revidar foi feita por *um dos circunstantes*, uma referência velada a Pedro, que era a fonte do relato de Marcos (14:47; cf. Jo 18:10 e a Introdução).

Jesus chamou a atenção dos guardas para o fato de que suas armas eram desnecessárias, pois ele não estava liderando uma rebelião (14:48). Ele não resistiria à prisão, pois esse evento havia sido preordenado (14:49). Ao observar Jesus permitindo que o prendessem, os discípulos se viraram e fugiram (14:50). O abandono que Jesus havia predito em 14:27,30 estava acontecendo.

A prisão foi seguida por um incidente relatado apenas no evangelho de Marcos. Isso tem levado muitos a assumir que o *jovem, coberto unicamente com um lençol de linho*, deve

ter sido o próprio Marcos (14:51). Marcos tinha sua casa em Jerusalém (At 12:2), a qual, segundo sugere a tradição, teria sido o local onde foi celebrada a última ceia. Seria perfeitamente possível que ele tivesse seguido Jesus e os discípulos até o Getsêmani, ou que algum dos discípulos que estavam fugindo lhe tivesse falado a respeito da prisão, de modo que ele correu até o local. O lençol de linho sugere um lar abastado, e ele pode ter permanecido por um pouco, enquanto os onze escapavam. Seguindo o bando que prendera Jesus, ele pode ter sido visto e identificado como simpaticizante, e, como resultado, foi capturado, abandonando o lençol e fugindo desnudo pela noite (14:52).

#### 14:53-65 Julgamento diante do Sinédrio

O Sinédrio foi rapidamente convocado a reunir-se naquela mesma noite na casa do sumo sacerdote (14:53). Isso era contrário à tradição judaica, que insistia em que os julgamentos deviam ser realizados nos recintos do templo ou numa sala de um edifício público. Esse julgamento, no entanto, era tão urgente que não poderia esperar até a manhã seguinte. Atos clandestinos frequentemente acontecem em segredo, sob a capa da escuridão e com um senso de urgência. Enquanto a verdade suporta o tempo de espera, o erro muitas vezes apresenta uma urgência compulsiva e não pode esperar.

Pedro seguiu tudo a distância e acabou no pátio do sumo sacerdote, onde se sentou com os guardas para se aquecer junto ao fogo que haviam acendido (14:54). O julgamento deve ter sido feito no aposento superior da casa, de onde Pedro talvez tenha conseguido ouvir, senão ver, os procedimentos (cf. 14:66).

O julgamento foi uma caricatura de justiça, pois o Sinédrio fazia o duplo papel de promotor e juiz. Não se propunha estabelecer a verdade, o veredicto era conhecido com antecedência e tudo o que se desejava era encontrar evidências que o apoiariam. Mas as evidências que reuniram não conseguiram convencer nem mesmo aos membros do Sinédrio (14:55). As evidências de muitas falsas testemunhas não eram coerentes (14:56). Eventualmente, alguém foi encontrado alegando que ouvira Jesus declarar: *Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e [...] construirei outro, não por mãos humanas* (14:58). Mas estes estavam citando e interpretando erradamente as palavras de Jesus. Ele nunca afirmou que destruiria o templo; ao contrário, desafiou os judeus a destruí-lo e disse que o levantaria novamente em três dias (Jo 2:19). Esse último grupo de testemunhas também falhou, deixando de apresentar uma sustentação convincente (14:59).

Após todas essas tentativas malsucedidas de encontrar evidências suficientes para condenar Jesus, o próprio sumo sacerdote, o juiz da corte, assumiu o papel de promotor. Primeiro, pediu a Jesus que se defendesse das acusações que até mesmo o Sinédrio considerara incoerentes (14:60). Isso era claramente uma tentativa de levar Jesus a cair numa armadilha, mas ele se recusou a responder ao sumo

sacerdote (14:61a). Finalmente, o sumo sacerdote jogou seu naipe de trunfo. Ele perguntou a Jesus: *És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?* (14:61b) A pergunta não apenas o desafiou a alegar ser o Messias, como também a declarar por implicação que ele era o Filho de Deus. Diante disso, Jesus quebrou o silêncio e respondeu invocando o nome sagrado de Deus — *Eu sou* (14:62a; cf. tb. Êx 3:14; Jo 8:58). Suas afirmações seriam provadas quando ele visse o Filho do Homem *assentado à mão direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu* (14:62b). Ele então seria o Exaltado, o juiz que ocupa o mais alto lugar de honra (cf. 13:26). Isso encerrava a questão! O sumo sacerdote, confiante de que havia assegurado uma condenação por blasfêmia, rasgou as roupas, demonstrando simbolicamente sua indignação diante daquilo que Jesus havia dito. Pediu, assim, ao júri que concordasse com seu veredicto — *Que vos parece?* (14:64a). O veredicto deles foi lançado em linguagem legal: ele era *réu de morte* (14:64b). Daquele momento em diante, passaram a humilhá-lo. Cuspiram nele. Colocaram, então, uma venda sobre seus olhos e o agrediram, pedindo sarcasticamente que usasse seus poderes como profeta para adivinhar quem o havia agredido (cf. Lc 22:64). E Jesus também foi espancado pelos guardas (14:65).

#### 14:66-72 Pedro nega a Jesus

A negação de Pedro a respeito de seu envolvimento com Jesus aconteceu de modo claro simultaneamente ao julgamento. Marcos muda o seu foco do aposento alto, onde o julgamento estava ocorrendo, para o pátio abaixo (14:66). Foi ali que uma serva reconheceu a Pedro e o acusou de haver estado *com Jesus, o Nazareno* (14:67), o que equivalia dizer que ele era um discípulo. Pedro imediatamente negou ter qualquer conhecimento sobre o que estava sendo dito pela moça e saiu de perto do fogo, onde se abrigara antes (14:68). Enquanto Jesus era interrogado sobre sua identidade como Filho de Deus, Pedro também enfrentava um tipo de interrogatório quanto a ser, ou não, um discípulo. Ao mesmo tempo que Jesus sustentou sua identidade, Pedro a negou. Essa foi a primeira negação.

Pedro se deslocara para a entrada do pátio, mas ali a mesma serva o acusou novamente, dizendo aos presentes que Pedro era *um deles*, outra alegação de que ele seria um discípulo de Jesus (14:69). Pedro prontamente negou — era a segunda negação (14:70a). Aqueles que estavam ao seu redor, entretanto, não ficaram convencidos e, depois de ouvir seu sotaque, concluíram: *Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu* (14:70b). A terceira negação foi marcada pela desonra completa e total de seu Mestre e Senhor. Praguejando e jurando, Pedro assegurou que não conhecia *esse homem de quem falais* (14:71). Nesse momento, o galo cantou pela segunda vez, e, subitamente, Pedro lembrou a predição de Jesus na noite anterior (cf. 14:30), a qual agora se tornara realidade (14:72). Pedro sentiu-se imediatamente atingido por um profundo remorso e come-

çou a chorar. São as palavras do Senhor que produzem verdadeira convicção de culpa e genuíno remorso.

### 15:1-15 Julgamento diante de Pilatos

Logo cedo na manhã seguinte, o Sinédrio se reuniu novamente e chegou a uma decisão (15:1, NVI). Isto é, confirmou a sentença da noite anterior estabelecendo acusações que fossem admissíveis diante da lei romana, uma vez que a acusação de blasfêmia não seria aceita diante de Pilatos.

Pela pergunta feita por Pilatos a Jesus, fica claro que a acusação que lhe havia sido apresentada era uma acusação política — Jesus era acusado de sedição e de alegar ser o *rei dos judeus*. Jesus não negou sua realeza, mas, a partir do relato que encontramos em João 18:36-37, esse reinado não deveria ser compreendido nos termos deste mundo (15:2). Essa era a “boa confissão” à qual Paulo aludiu mais tarde (1Tm 6:13).

Para se certificarem de que a denúncia seria aceita, os membros do Sinédrio o *acusavam de muitas coisas* (15:3). Algo a respeito da natureza dessas acusações pode ser coligido de Lucas 23:2, em que se registra que eles o acusaram de subversão, alegando que se opunha ao pagamento de tributos ao imperador romano e declarava ser “Cristo, o Rei”. Observe como a denúncia religiosa foi astuciosamente remodelada como uma peça política. Pessoas más são competentes em distorcer, como fica ilustrado aqui.

Sob a lei romana, era dado a um acusado o direito de se defender, mas esse *não respondeu palavra* (15:5), mesmo quando Pilatos insistiu para que ele se defendesse (15:4). Pedro, mais tarde, fez referência a esse fato (cf. 1Pe 2:23).

Existia um costume de conceder uma anistia imperial durante o período festivo, assim como hoje um chefe de Estado pode soltar prisioneiros políticos em feriados nacionais. Assim sendo, uma multidão de judeus nacionalistas chegou para exigir que Pilatos observasse o costume (15:6,8). O prisioneiro que desejavam ver solto era um insurreto chamado *Barrabás*, que havia cometido assassinato (15:7). Esse nome aramaico pode ser traduzido por *bar-Abba*, isto é, “filho do Pai”, nome comum naquela ocasião. Aparentemente, os que apoiavam esse homem teriam vindo ver Pilatos com o pedido de que ele fosse solto, exatamente quando Pilatos estava interrogando Jesus. Pilatos sabia que Jesus era inocente e havia sido acusado por inveja; por essa razão, propôs uma barganha, como forma de escapar de seu dilema (15:9-10). Esse foi um grave erro de cálculo de sua parte, pois o Sinédrio o superou em astúcia e insistiu em que a multidão pedisse Barrabás em lugar de Jesus (15:11). Numa nova tentativa de manipular a multidão, Pilatos tentou transferir a responsabilidade para eles, perguntando-lhes o que fazer com aquele a quem chamavam o *rei dos judeus* (15:12). Ele não esperava a resposta da multidão: *Crucifica-o!* (15:13). Mais uma vez, Pilatos tentou transferir a responsabilidade para a multidão, pedindo-lhe

que decidisse qual seria o crime de Jesus. Recebeu, contudo, a mesma resposta — *Crucifica-o!* (15:14).

Pilatos tinha um caráter moralmente falido. Ele sabia muito bem que Jesus era inocente e qual deveria ser a ação correta, mas deixou de agir porque desejava agradar a multidão, mesmo que isso custasse uma vida inocente. A fraqueza de seu caráter é claramente demonstrada quando ele mandou *acoitar* Jesus e, depois, *entregou-o para ser crucificado* (15:15). O açoitamento romano representava uma terrível provação, pois era feito com tiras de couro sobre as quais lascas de osso ou chumbo eram chapeadas. A entrega era um ato legal que significava um veredicto de culpado. Nesse caso, o magistrado romano declarava: “Eu o entrego à cruz”. Isso foi um completo erro da justiça.

### 15:16-20 Humilhação pelos soldados romanos

As negociações relatadas ocorreram do lado de fora do palácio de Pilatos. Quando terminaram, Jesus foi levado novamente para dentro a fim de ser humilhado por *todo o destacamento* de soldados romanos (15:16-20).

A zombaria dos soldados refletia a acusação pela qual Jesus havia sido condenado. O manto de *púrpura* que puseram sobre ele significava realeza, e *espinhos* foram tecidos para formar uma *coroa* para sua cabeça (15:17). Os soldados então zombavam dele, saudando-o como um rei (15:18). Um rei carregaria um bastão como símbolo de sua autoridade, então eles o agrediam batendo em sua cabeça com um *caniço*. Um rei seria cumprimentado com um beijo de honra, então eles *cuspiam nele* (15:19). Quando já haviam esgotado sua dose de zombaria, o *vestiram novamente com as suas próprias vestes* e o levaram para ser crucificado (15:20).

### 15:21-32 Crucificação e zombaria

Jesus havia sido tão espancado que não conseguia carregar a própria cruz, portanto um homem que voltava à cidade foi abordado e obrigado a carregá-la para ele. O nome do homem era Simão e tinha vindo de Cirene, um porto da Líbia, no norte da África. Ele devia ser bem conhecido dos leitores romanos de Marcos, pois os nomes de seus dois filhos também são mencionados (15:21; cf. tb. Rm 16:13).

O local da crucificação era conhecido como *Gólgota*, que, em aramaico, significa *Lugar da Caveira*. Era provavelmente um morro no formato de uma caveira, e não um nome para o lugar de execução (15:22). A palavra latina para “crânio” é *calvaria*, o que deve ser a razão pela qual o nome Calvário é frequentemente usado para esse local.

Antes de serem executados, normalmente se oferecia aos condenados uma poção narcótica contendo *mirra*, para diminuir a sensibilidade à excruciante dor da crucificação (15:23; cf. comentários sobre 15:44). Jesus recusou-se a tomá-la, provavelmente para enfrentar a morte com a mente alerta. Nenhum outro detalhe sobre a crucificação nos é dado. Condizente com a lei romana e em cumprimento a Salmos 22:18, os soldados tomaram posse das roupas de

Jesus e as dividiram entre eles, jogando dados para determinar o que levaria cada um (15:24). Marcos nos dá a hora da crucificação como tendo sido *a hora terceira* (15:25), o que equivaleria a cerca de 9 horas da manhã.

Uma nota escrita apresentando o crime pelo qual a pessoa estava sendo executada era pregada no topo da cruz. Para Jesus, a nota declarava que ele era acusado de ser *o REI DOS JUDEUS* (15:26). Ele, todavia, morreu como um rei rejeitado. Aqueles que o acompanharam na morte eram ladrões (15:27) — uma ilustração a mais de quanto Jesus havia sido mal interpretado, incorretamente julgado e injustamente condenado. Sua morte ao lado de homens maus cumpriu a profecia de Isaías 53:12. Não fica claro se foi Marcos quem chamou a atenção para esse fato ou se 15:28 representa uma adição posterior, razão pela qual esse versículo é inserido entre colchetes na RA.

Para completar a humilhação de Jesus, os que passavam (15:29-30), seus inimigos e mesmo aqueles crucificados com ele (15:31-32) escarneciam dele e tripudiavam a respeito de suas condições.

### 15:33-41 A morte de Jesus Cristo

A seguir, o céu escureceu, e, por três horas, do meio-dia (*a hora sexta*) até 3 horas da tarde (*a hora nona*), a escuridão cobriu a terra (15:33). As trevas representavam um sinal do céu para ensinar à humanidade pecadora a realidade do julgamento de Deus e o horror do que estava ocorrendo na cruz. O horror é captado no grito desolado do Filho quando o Pai se afastou porque ele estava levando sobre si mesmo a maldição dos pecados do mundo inteiro (15:34; cf. tb. Gl 3:13). A absoluta escuridão era apropriada para aquele evento dramático do Calvário, pois o que acontecia ali permanece um mistério inescrutável para meros mortais. Jesus estava tomando o nosso lugar, suportando a ira de Deus que cada um de nós merece por seus pecados pessoais, uma ira que resulta em separação eterna de Deus.

Conta-se que, quando essa história do evangelho foi contada a um remoto grupo de pessoas que nunca a ouvira antes, o chefe da vila interrompeu o narrador quando este chegou ao ponto em que Jesus estava injustamente pendurado na cruz para morrer. O chefe exclamou: “Tirem-no de lá! Esse é o meu lugar!”. Ele entendeu a mensagem. Cada um de nós deve chegar ao ponto de reconhecer que Jesus tomou o nosso lugar naquela cruz.

Alguns dos circunstantes interpretaram mal o grito de Jesus: *Eloi, Eloi*, em 15:34, como sendo *Elias*, *Elias* (15:35). Um dos soldados correu para buscar uma esponja embebida em vinagre e a ofereceu a Jesus, na ponta de um caniço (15:36). O objetivo pode ter sido mantê-lo consciente por mais algum tempo a fim de prolongar seu sofrimento, ou esperar para ver se Elias responderia.

Reunindo suas forças, Jesus emitiu outro alto grito e *expirou* (15:37). Isso sugere que Jesus não morreu de exaustão, como era comum em casos de crucificação. Sua vida

não foi tomada dele (Jo 10:17-18); ao contrário, ele a deu voluntariamente quando chegou o momento certo de fazê-lo.

Jesus morreu como acontece com todos os humanos; todavia, morreu como nenhum humano jamais morrerá, pois tomou o lugar de todos os que reconhecessem que ele foi pendurado naquela cruz vergonhosa no lugar deles.

A morte de Jesus foi acompanhada de um fato espantoso no interior do templo. A cortina que separava o Santo dos Santos do restante do templo *rasgou-se em duas partes* (15:38), indicando que agora haveria acesso direto a Deus, sem necessidade de outros intermediários humanos.

O centurião que viu Jesus morrer reconheceu que havia presenciado algo absolutamente incomum. Sua afirmação *Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus* (15:39) pode ter sido meramente a expressão de uma crença pagã de que alguns seres humanos possuíam parentesco divino; contudo, Marcos a registra como uma afirmação mais verdadeira do que o centurião possa ter reconhecido.

Numa sociedade dominada pelo sexo masculino, o Espírito Santo inspirou Marcos a sublinhar o papel proeminente das mulheres, tanto as nomeadas quanto as anônimas (15:40), como testemunhas autênticas do evangelho (cf. 1Co 15:3-4). Elas foram testemunhas oculares da morte de Jesus (15:40-41), de seu sepultamento (15:47) e de sua ressurreição (16:1-8). Essas mulheres eram discípulas, pois *acompanhavam e serviam* às suas necessidades materiais (15:41).

### 15:42-47 O sepultamento de Jesus Cristo

Jesus morreu às 3 horas da tarde, o que significava que faltavam apenas três horas para o início do sábado, ao cair do sol (15:42). A lei judaica decretava que qualquer um que fosse executado deveria ser sepultado antes do crepúsculo para evitar a profanação do sábado que se aproximava (Dt 21:22-23). Consequentemente, José de Arimateia adiantou-se e pediu a Pilatos a permissão para sepultar Jesus (15:43). Esta corajosa atitude só pode ser explicada pelo fato de que ele *esperava o reino de Deus*. Como Nicodemos (Jo 19:38), ele também era um discípulo secreto que finalmente traduziu sua fé nesse corajoso ato público.

Pilatos ficou surpreso com o fato de que Jesus houvesse morrido tão rápido (15:44), pois a morte por crucificação era normalmente um processo vagaroso. A vítima, que era presa às traves com cordas, podia sobreviver por três dias antes de morrer de exaustão, à medida que o peso de seu próprio corpo a puxava para baixo, tornando difícil a respiração. Nas ocasiões em que se utilizavam pregos, excruciante dor era experimentada no processo de morte. Se houvesse necessidade de apressar o desfecho, isso podia ser feito quebrando as pernas da vítima, de forma que não pudesse mais suportar o peso do corpo (Jo 19:31-33). Pilatos primeiro certificou-se com o centurião de que Jesus estava realmente morto (15:44) antes de liberar o corpo para José (15:45).

Na preparação para o sepultamento, o corpo era firmemente enrolado em faixas de linho (cf. Jo 11:14) antes de

ser depositado em um *túmulo aberto numa rocha* (15:46). Túmulos como esse não eram comuns naquele tempo e pertenciam apenas aos ricos. A pedra que foi rolada para fechar a entrada provavelmente tinha a forma de disco. Era projetada para manter longe os intrusos e exigiria o esforço de várias pessoas para ser afastada (cf. 16:3).

Marcos é cuidadoso ao registrar que duas mulheres foram testemunhas oculares do sepultamento — Maria Madalena e Maria, mãe de José. Elas observaram a localização exata do túmulo antes de sair apressadamente, como todos os outros, para estar em casa antes do início do sábado.

### 16:1-8 A ressurreição de Jesus Cristo

O sábado terminou com o pôr do sol do dia seguinte ao da crucificação. Isso deu às mulheres apenas o tempo suficiente para preparar os aromas que embalsamariam o corpo antes que a noite caísse (16:1). Elas teriam de esperar até a manhã seguinte para realizar os ritos finais que não tinham podido executar no dia da crucificação por causa do sábado que se aproximava.

Assim sendo, saíram  *muito cedo*, provavelmente entre 3 e 6 da manhã, imediatamente após o nascer do sol, *no primeiro dia da semana*, ou seja, no domingo (16:2). A pergunta que lhes ocupava a mente era como teriam acesso ao corpo: *Quem nos removerá a pedra?* (16:3).

No entanto, elas não tiveram de se preocupar sobre como remover a grande barreira de pedra, pois, quando chegaram ao túmulo, este já estava aberto (16:4). As mulheres foram diretamente ao túmulo para ungir o corpo, porém ficaram chocadas ao encontrar *um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco* (16:5). E não somente isso, pois o “jovem” não era um ser humano comum, mas um mensageiro celestial (cf. Mt 28:23; Jo 20:12) que lhes disse: *Ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto* (16:6). Essas palavras foram ditas para acalmar o medo dessas primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus. Elas confirmaram que o corpo não fora roubado e constataram a evidência visual do túmulo vazio (cf. tb. Mt 28:12-15).

Embora a fé não dependa de evidência física, essas duas coisas não são mutuamente excludentes. O anjo havia mostrado às mulheres a prova da ressurreição ao convidá-las para ver *o lugar onde o tinham posto* (16:6), mas elas ainda precisavam da prova adicional de realmente verem Jesus vivo. O anjo então lhes relembra as predições que o Mestre fizera a respeito de sua ressurreição, bem como sua promessa de que iria adiante dos discípulos para a Galileia (16:7; cf. 14:28). Essa mensagem de alegria era para *seus discípulos* e para *Pedro*. Sem dúvida alguma, representava uma garantia da restauração daqueles homens, particularmente Pedro, depois de eles terem abandonado Jesus (cf. 14:50,66-72).

O medo daquelas mulheres não foi dissipado. *Possuídas de temor e de assombro [...] nada disseram a ninguém* (16:8). Estavam ainda confusas. Nenhuma das palavras tranquilizadoras do anjo lhes havia acalmado a mente. Elas fugiram

da cena em silêncio, nada dizendo enquanto corriam, mas depois contaram claramente aos outros o que haviam visto (Mt 28:8; Lc 24:9; Jo 20:1-2).

A essa altura, o evangelho de Marcos sofre um corte abrupto, sem nenhuma menção das aparições pós-ressurreição de Jesus, a não ser o prometido encontro na Galileia. Sabemos, pelos outros evangelhos, que os discípulos viram o Jesus ressurreto muitas vezes.

Alguém poderia argumentar que o final de 16:8 é adequado porque o evangelho termina em uma nota triunfante com a prova da ressurreição dada pelo túmulo vazio. Outros, no entanto, consideram insatisfatório esse final, e dois finais alternativos têm sido apresentados, conhecidos como “o final mais longo” e o “final mais breve”. O mais breve diz: “Mas elas relataram sucintamente a Pedro e aos que com ele estavam tudo o que lhes havia sido dito. E depois disso o próprio Jesus enviou, por meio deles, do oriente ao ocidente, a sagrada e imperecível proclamação da eterna salvação”. A linguagem usada aqui claramente não é característica de Marcos. O final mais longo igualmente não contém nada que não seja encontrado nos outros evangelhos.

Evidência adicional de que nenhum desses finais faça parte do evangelho original é que eles não aparecem nos dois mais confiáveis e mais antigos manuscritos de Marcos, nem em algumas das traduções latinas e siríacas desse evangelho. Nos primeiros quatro séculos da era cristã, pais da Igreja como Eusébio, Jerônimo, Clemente de Alexandria e Orígenes também testemunharam que esses finais não faziam parte dos manuscritos conhecidos como cópias confiáveis de Marcos. (Para maiores informações, consultar os comentários TOT e NIBC sobre Marcos.)

Neste comentário, enfocaremos o final mais longo.

### 16:9-20 Aparição, comissionamento, ascensão

O final mais longo começa com três relatos das aparições de Jesus, e cada um deles também é relatado em outro lugar. Os relatos parecem seguir o padrão de identificação das testemunhas da aparição, relatando o que aconteceu e registrando reações de descrença.

#### 16:9-14 As aparições de Jesus

##### 16:9-11 Aparição a Maria Madalena

Maria Madalena foi alguém que muito amou, pois pela graça de Deus havia experimentado um grande livramento (16:9). O encontro aqui registrado pode ter sido o mesmo registrado em João 20:1-18, embora Marcos inclua alguns detalhes, sem especificamente mencionar essa aparição. Maria Madalena contou aos *companheiros de Jesus* (16:10), a saber, os discípulos, sobre seu encontro com o Senhor ressurreto. Eles, no entanto, reagiram com descrença (16:11). O registro de João sobre o relato de Maria aos discípulos não menciona a descrença dos discípulos, mas sabemos disso por meio de Lucas 24:11.



### 16:12-13 *Aparição a dois discípulos*

O incidente aqui descrito parece encaixar-se no encontro na estrada para Emaús registrado em Lucas 24:13-35. A descrição de Jesus manifestando-se *em outra forma* (16:12) é provável porque os dois discípulos não o reconheceram logo de início. Os dois *voltaram* (NVI) para contar o que haviam testemunhado. Embora o relato de Marcos afirme que eles também foram acolhidos com descrença (16:13), o relato de Lucas indica que a dúvida havia sido dissipada antes da sua chegada (Lc 24:34).

### 16:14 *Aparição aos onze*

O incidente final descrito difere dos dois anteriores na medida em que não se concentra na descrença dos discípulos, mas na resposta de Jesus a essa descrença. A diferença é justificada porque, enquanto os outros incidentes envolveram relatos trazidos aos onze, aqui os próprios onze encontram o Senhor ressurreto. Tais reprimendas coletivas aos onze são descritas em João 20:26-29 e Lucas 24:36-44. O objetivo da inclusão dessa terceira narrativa parece ser refutar aqueles cujas dúvidas surgiram da *incredulidade e dureza de coração*. A lição é que Deus supre evidência para despertar fé em nós, mas a evidência por si só não gera automaticamente a fé.

### 16:15-18 *Comissionamento dos discípulos*

A designação da tarefa apresentada por Jesus aos discípulos na Grande Comissão é também registrada em Mateus 28:19 e Lucas 24:47-48. A comissão é um mandado para anunciarem as boas-novas a *toda o mundo* e a *toda criatura* (16:15). É dada aos discípulos e a todos os que creem. As boas-novas são o centro da Grande Comissão, tanto quanto a própria missão de Jesus na terra. Eles deviam levar as boas-novas a todas as nações ou a toda criatura. O foco aqui está sobre as criaturas humanas, ou seja, não se visa, estritamente falando, a todas as criaturas existentes. A ênfase em “todo o mundo” e “toda criatura” implica que não deverá haver nenhuma exceção.

As boas-novas terão diferentes efeitos em duas classes de pessoas: crentes e não-crentes (16:16). Os crentes serão salvos do pecado, mas os não-crentes serão condenados por causa de seu pecado. Por mais desagradáveis que possam ser essas opções para as pessoas modernas e pós-modernas, elas são consistentes com o testemunho do restante das Escrituras (Jo 3:18; 1Jo 5:12; Hb 12:29). O destino eterno de cada indivíduo depende de como alguém responde às boas-novas.

Marcos dá uma lista de sinais que acompanharão os que cumprirem a Grande Comissão (16:17-18). Ao longo de todo o ministério de nosso Senhor, houve encontros espirituais com as forças das trevas. A autenticação de poder (Lc 9:1-6; 10:1-20) e autoridade (Mt 10:1-8) para combater as forças das trevas marcou o comissionamento dos doze e dos setenta. Mas em nenhum outro relato evangélico sobre a outorga da Grande Comissão a delegação de poder e autoridade é descri-

ta em termos de sinais que a acompanhariam. Em Mateus, a comissão é entregue com base na autoridade de Jesus (Mt 28:18). Em João, Jesus promete que aqueles que confiam nele farão coisas maiores do que ele havia feito (Jo 14:12). O final mais longo de Marcos inclui cinco sinais que seriam dados *em meu nome*, ou seja, na autoridade de Jesus (16:17-18). O primeiro desses sinais é *expelirão demônios*, o que os discípulos já haviam realizado em Marcos 6:6-13 e voltam a fazer em Atos 5:16 e 19:12. O segundo, *falarão novas línguas*, ocorreu em Atos 2:4 e 10:46. O terceiro, *pegarão em serpentes*, ocorreu apenas uma vez em Atos 28:3-5. Não há relato bíblico da ocorrência do quarto sinal: *se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal*. O terceiro e o quarto sinais evidentemente não devem ser reivindicados presunçosamente, seja para colocar o Senhor em teste, seja para atrair a atenção sobre si mesmos, como alguns fazem hoje em dia. O quinto sinal, *impor as mãos sobre os enfermos* para curá-los, é amplamente atestado em Atos (cf. At 3:18; 5:15-16; 19:11-12) e foi usual ao longo do evangelho de Marcos (6:5; 7:33; 8:23).

A mais importante lição a observar não é sinal específico, mas o fato de que as boas-novas devem ser proclamadas com a autoridade (ou em nome) de Jesus Cristo. Os sinais que as acompanham, os quais Deus pode escolher conceder-nos, não são o foco; Cristo Jesus o é. No processo de autenticação das boas-novas, o mensageiro não deve suplantar a mensagem, que é Cristo. Os sinais que a acompanham apontam unicamente para a mensagem das boas-novas; não são um fim em si mesmos.

### 16:19-20 *A ascensão*

Apenas Lucas (24:50-51) — um evangelho posterior — inclui um relato sobre a ascensão. Os evangelhos mais antigos e os registros das primeiras proclamações do evangelho não a mencionam (cf., p. ex., 1Co 15:3-7). Como Marcos parece ser um evangelho mais antigo, a inclusão da ascensão no final mais longo confere peso ao argumento de que esse final é, ao mesmo tempo, pouco característico do estilo de Marcos e um acréscimo posterior.

A obediência dos apóstolos saindo para levar a mensagem é relatada extensivamente em Atos dos Apóstolos, mas em nenhum outro lugar nos outros registros evangélicos, exceto aqui no final mais longo de Marcos (16:20). Esse versículo atesta a obediência dos apóstolos e o cumprimento da promessa do Senhor de suprir os sinais que autenticariam a mensagem das boas-novas.

Victor Babajide Cole

### Leituras adicionais

COLE, Alan. *The Gospel According to St. Mark: An Introduction and Commentary*. TOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.

HURTADO, Larry W. *Mark*, NIBC. Peabody, Mass: Hendrickson, 1995.

LANE, W. L. *The Gospel of Mark*. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

# LUCAS

A história de Jesus escrita por Lucas tem sido considerada uma das mais belas jamais contadas. É um relato que nos faz crescer no conhecimento de Jesus, dando um pequeno passo de cada vez. Lucas compreendeu um aspecto que apenas recentemente foi redescoberto na teologia acadêmica, isto é, que a verdade é basicamente uma narrativa, não um conceito. No Antigo Testamento e nos evangelhos, a interação entre Deus e seu povo não é comunicada por meio de conceitos abstratos ou filosóficos, mas de narrativas. A Bíblia é uma coleção de relatos sobre indivíduos, famílias, comunidades, nações e eventos, os quais convergem para narrar a história abrangente da redenção da humanidade efetuada por Deus. Ao ler tais narrativas, nosso objetivo deve ser o de perceber como cada uma delas promove nossa fé e boas obras.

Avançando em pequenos passos, a história de Lucas deixa atrás de si profundas pegadas quanto ao significado de sermos filhos de Deus e *ubuntu*, ou seja, verdadeiramente humanos. É, em última análise, uma história de alegria, uma história de boas novas.

## Autor

O autor desse evangelho é tradicionalmente apresentado como Lucas, um médico mencionado três vezes no Novo Testamento. Paulo se refere a ele como “Lucas, o médico amado” (Cl 4:14) e como cooperador (Fm 24). Ele era aparentemente uma pessoa leal e confiável, não hesitando em correr o risco de associar-se a Paulo durante sua prisão (Cl 4:10-14).

O autor desse evangelho não alega ter sido uma testemunha ocular da vida e obra de Jesus, mas declara ter tido acesso a fontes de informação de primeira mão para escrever esse relato. Ele contactou pessoalmente ouvintes e testemunhas oculares que conheciam os esforços já realizados para narrar os fatos relativos a Jesus (1:1-2).

Lucas afirma que investigou cuidadosamente os eventos da vida de Jesus e que estava escrevendo seu próprio relato ordenado de modo que os leitores pudessem “ter plena certeza das verdades em que haviam sido instruídos”. Com base nessas tradições, Lucas criou uma narrativa poderosa, com muitos temas complexos.

## Propósito

A história de Lucas trata de questões referentes ao relacionamento entre a doutrina correta, ou fé, e a ação, ou boas obras. Essa é a mesma questão que deu início à

Reforma. Nossa fé está alicerçada nos atos poderosos de Deus: a encarnação e a humanização, a reconciliação, a ressurreição e a presença de Jesus conosco na pessoa do Espírito Santo. Todos esses fatos fundamentam a nossa fé. Se, de acordo com Lucas, tais fatos fundamentais são genuínos, então darão frutos de boas ações para com os pobres, doentes, oprimidos, rejeitados, portadores de deficiência e pecadores. Em resumo, a fé dará frutos de bondade, generosidade, compaixão e justiça social e econômica. Dizendo isso de modo diferente, se estivéssemos plantando um pomar, o que desejaríamos ter: todas as raízes ou todos os frutos? A questão sobre fé *versus* boas obras é uma pergunta desse tipo. Deus está empenhado na horticultura. Somos criaturas de Deus, e ele deseja que sejamos pessoas integrais com raízes fortes (fé) e frutos saudáveis (boas obras).

Em outras palavras, a narrativa de Lucas pode ser abordada de dois ângulos diferentes, mas complementares. A primeira abordagem foca a atitude de Jesus a respeito de questões sociais e está comprometida com um interesse profético para com o pobre, o oprimido, as viúvas, os órfãos, os doentes, os idosos, as crianças e os portadores de deficiência. Esse evangelho social foi, sem dúvida, um aspecto do ministério de Jesus, como fica claro à luz dos versículos que ele citou da profecia de Isaías quando apresentou seu ministério à sua cidade: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18-19; cf. tb. Is 61:1-2). Lucas também demonstra como Jesus confirmou o valor de vários grupos aos quais era negada completa aceitação por parte da sociedade de seus dias, incluindo mulheres, crianças, samaritanos, gentios, cobradores de impostos e pecadores.

A segunda abordagem do evangelho de Lucas foca a expressão do Espírito Santo como poder. O Espírito de Deus é experimentado como um poder compassivo para curar o doente, expulsar demônios e transformar pessoas a fim de que elas se tornem orientadas para Deus. Junto com tal espiritualidade e a experiência vívida do Espírito, vem uma expressão espontânea de alegria no culto sob a forma de louvores, falar em línguas, ministério de cura, cantos e danças. Mesmo em nossos dias, os testemunhos sugerem que as orações pelo poder do Espírito Santo têm libertado pessoas do vício

das drogas e do alcoolismo, transformando gente má e egoísta, e levando muitos a praticar atos extraordinários de bondade e amor.

Para Lucas, essas duas abordagens são uma só. O mesmo Espírito Santo que transforma a vida espiritual das pessoas também procura transformar sociedades e nações em sua busca pela justiça social. O comportamento associado a esses dois caminhos (fé e boas obras) pode ser resumido no seguinte esboço:

Vida sem fé e boas obras	Vida de fé e boas obras
Coloca os interesses humanos antes de Deus	Coloca Deus em primeiro lugar
Marcada por iniquidades opressivas	Busca sociedades democráticas e livres
Exclui os “pecadores”	Inclui os “perdidos”
Aceita diferenças de riqueza e pobreza	Compartilha os recursos de maneira equânime
Busca ser honrada pelos outros	Honra o humilde
Tem coração duro	Arrepende-se e é perdoada por Deus
Ama o que as pessoas amam	Ama a Deus acima de todas as coisas
Justifica seus próprios caminhos	É justificada somente pela fé
Procura seus próprios interesses	Recebe poder do Espírito de Deus

Seguindo o exemplo de Jesus, a igreja deveria em todas as ocasiões falar a verdade, tal qual ela é informada por nossa fé. Somos chamados a um ministério profético enraizado nas congregações locais e comunidades em luta com grandes problemas sociais. Envolver-se em tal ministério resultará em conflito, repreensões mútuas e amargo debate à medida que se procuram resolver diferenças ou trazer inconsistências à luz. Isso significa que a mudança é algumas vezes vagarosa, como dar à luz. A nova vida está presente, um novo espírito de coexistência racial está presente, a consciência das diferenças de gênero e a sua promoção estão presentes, mas tudo vem à luz com muita dor. Agir com verdade, praticar nossa teologia, implementar a justiça, demonstrar bondade amorosa e andar

com Deus nunca são questões simples. Estamos envolvidos numa luta que se desenvolve de modo constante.

No entanto, não estamos sozinhos nessa luta, pois aquele que lavou os pés dos discípulos está pronto e disposto a lavar os nossos (Jo 13:4-5). A visão do evangelho apresentada por Lucas está firmada numa profunda experiência de espiritualidade, da qual emergiu uma comunidade comprometida em opor-se a todas as formas de injustiça na sociedade e que procurava incorporar o novo mundo de Deus. Essa comunidade reflete a universalidade do evangelho, abrangendo tanto homens quanto mulheres, e povos de muitas raças, etnias, profissões e classes sociais. O compartilhar recursos com os necessitados, as curas e a celebração da eucaristia marcam sua união, seu *ubuntu*.

O conceito *ubuntu* é derivado de um provérbio xhosa [da África do Sul]: *Ubuntu ungamntu ngabanye abantu*, o qual pode ser traduzido por: “A humanidade de cada indivíduo é mais bem expressa em relação com outros indivíduos” ou “Uma pessoa depende de outras pessoas para ser alguém”. Em resumo, aqueles que possuem *ubuntu* cuidam das necessidades mais profundas de outros e observam fielmente todas as suas obrigações sociais. Tais pessoas são conscientes não apenas de seus próprios direitos, mas também de seus deveres para com o próximo. De acordo com Desmond Tutu, *ubuntu* está intimamente relacionado com a cosmovisão africana, segundo a qual ninguém é uma entidade solitária e independente. Uma pessoa é humana precisamente quando está envolvida na comunidade de outros seres humanos, ao ser apanhada no emaranhado da vida. Ser é participar.

Tal interdependência humana é inserida em nossa própria criação por sermos criados à imagem de Deus. Reconhecer nossa identidade na relação uns com os outros demonstra que somos mais que negros ou brancos, com capacidades ou deficiências, mulheres ou homens — somos todos humanos (Gl 3:28). Pessoas com *ubuntu* receberão poderes do Espírito Santo para realizar atos corajosos de boas obras, especialmente para com os pobres e oprimidos.

Esboço

1:1-80 Anúncio do nascimento de Jesus

- 1:1-4 Prefácio
- 1:5-56 Relatos de mulheres
  - 1:5-25 A história de vergonha de uma mulher
  - 1:26-38 Uma virgem grávida
  - 1:39-56 A história de honra de uma mulher
- 1:57-80 Nascimento de João Batista

2:1-52 Nascimento e infância de Jesus

- 2:1-20 A história do Natal

2:21-24 A circuncisão de Jesus  
2:25-40 A chegada de Jesus ao templo  
2:41-52 Jesus descobre sua missão

### **3:1-20 O ministério teológico e ético de João**

3:1-18 A mensagem de João  
3:19-20 A mensagem profética e suas implicações

### **3:21-38 Batismo de Jesus e genealogia**

#### **4:1-22 O papel profético de Jesus**

4:1-13 Ritos de passagem  
4:14-22 Mensagem de libertação

### **4:23—6:16 Um ministério de palavra e de atos**

4:23-44 Ministério iniciado  
5:1-11 O chamado de Simão Pedro  
5:12-26 Credo na cura divina  
5:27-39 A diferença que Jesus faz  
6:1-11 Transgredindo o sábado  
6:12-16 Escolhendo os doze

### **6:17-49 O sermão na planície**

6:17-19 Sermões de hoje  
6:20-26 Um plano de ação  
6:27-49 Comportamento cristão

### **7:1-50 Jesus trata com indivíduos**

7:1-10 O servo do centurião  
7:11-17 A cura do filho de uma viúva  
7:18-35 Uma pergunta de João Batista  
7:36-50 A mulher que era pecadora

### **8:1-56 Histórias de discipulado**

8:1-3 Mulheres discípulas  
8:4-15 De quem é a culpa: do semeador ou do solo?  
8:16-25 A candeia, a família de Jesus e a tempestade  
8:26-39 O endemoninhado geraseno  
8:40-42,49-56 A cura de uma menina de 12 anos  
8:43-48 Jesus, o modelo de cura

### **9:1-20 Jesus, o Cristo**

9:1-9 Os doze e Herodes  
9:10-17 Compartilhando recursos  
9:18-20 Confessando Jesus Cristo

### **9:21—10:24 Discipulado, transfiguração, cura**

9:21-27 Discipulado  
9:28-36 Transfiguração  
9:37-45 Cura  
9:46-50 Quem é o maior  
9:51-62 O custo do discipulado  
10:1-24 O envio dos setenta e dois

### **10:25-42 A conexão entre altar e cozinha**

10:25-37 Companheiros de viagem  
10:38-42 Um lar acolhedor

### **11:1-13 Oração e o reino de Deus**

11:1-4 Lições sobre oração  
11:5-13 O hábito de pedir, buscar e bater

### **11:14-28 Exorcismo, blasfêmia e compromisso**

### **11:29-54 A candeia e os fariseus**

### **12:1-34 Sendo o pequeno rebanho**

12:1-3 Autoengano e hipocrisia  
12:4-12 Intrepidez  
12:13-21 O perigo das riquezas  
12:22-31 As coisas e a vida  
12:32-34 Dinheiro e o reino de Deus

### **12:35-59 Espera atenta**

12:35-40 A necessidade de vigiar  
12:41-48 A pergunta de Pedro e a resposta de Jesus  
12:49-53 A missão de Jesus  
12:54-59 Jesus repreende o povo

### **13:1-21 Cura e crescimento**

13:1-9 Tragédias: quem pecou?  
13:10-17 O curador compassivo  
13:18-21 Parábolas de crescimento

### **13:22-35 A viagem de Jesus a Jerusalém**

### **14:1-24 Histórias à mesa de jantar**

14:1-6 Um plano sinistro  
14:7-14 A escolha dos lugares  
14:15-24 A grande ceia

### **14:25-35 O preço do discipulado**

### **15:1-32 O Deus que busca**

15:1-10 Procurando e descobrindo soluções  
15:11-32 O Deus que espera, corre e abraça

### **16:1-31 As faces da riqueza**

16:1-9 Faça amigos com sua riqueza  
16:10-17 Usos e abusos da riqueza  
16:18 Divórcio  
16:19-31 O homem rico e Lázaro

### **17:1-19 Relatos de cura, fé e salvação**

17:1-10 Fé antes de boas obras  
17:11-19 Um samaritano agradecido

**17:20-37 A segunda vinda****18:1-30 Entrada no reino de Deus**

- 18:1-8 O Deus revelado
- 18:9-14 Quem são os justos e os injustos?
- 18:15-17 Recebidos como crianças e pequeninos
- 18:18-30 Vende, vem e segue-me

**18:31-43 Jesus se aproxima de Jerusalém**

- 18:31-34 Jesus prediz sua morte
- 18:35-43 Aproveitando a oportunidade

**19:1-10 O rico reformado****19:11-27 A parábola das minas****19:28-44 Jesus entra em Jerusalém****19:45-48 Purificação do templo****20:1-47 Ensinando o povo no templo**

- 20:1-8 Pergunta e contrapergunta
- 20:9-19 Que Deus não permita
- 20:20-26 Deus e César
- 20:27-40 Deus dos vivos
- 20:41-47 Mestres da lei e viúvas

**21:1-38 Eventos antes da última ceia**

- 21:1-4 A oferta da viúva
- 21:5-38 Instruções sobre as últimas coisas

**22:1-71 Eventos relativos à Paixão**

- 22:1-13 Os preparativos
- 22:14-20 A última ceia
- 22:21-30 Traição e discussão
- 22:31-38 Simão e as espadas
- 22:39-53 Oração e prisão
- 22:54-71 Dois interrogatórios

**23:1-56 Julgamento e crucificação de Jesus**

- 23:1-25 Julgamento diante de Pilatos e silêncio diante de Herodes
- 23:26-38 Jesus a caminho do Calvário
- 23:39-49 A crucificação
- 23:50-56 O sepultamento de Jesus

**24:1-43 O relato da ressurreição**

- 24:1-12 O papel das mulheres
- 24:13-35 Caminhando e conversando
- 24:36-43 As duas faces da fé

**24:44-53 Ascensão de Jesus****COMENTÁRIO****1:1-80 Anúncio do nascimento de Jesus****1:1-4 Prefácio**

Lucas é o único dos escritores dos evangelhos que não conheceu o Jesus físico. Ele não esteve presente durante os três anos de ministério de nosso Senhor e não testemunhou a morte e a ressurreição de Jesus. Suas fontes para esse evangelho foram testemunhas oculares desses eventos (1:2). Lucas visitou pessoas que verdadeiramente viram o Jesus físico: sua família, seus discípulos e seus amigos.

Ele reconhece não ser o primeiro a tentar fazer um relato da vida de Jesus (1:1). Todavia, sendo um homem instruído, Lucas provavelmente teria começado a tomar notas de tudo o que ouvia de outros imediatamente após ter-se tornado cristão. Com base nessas notas, tradições orais e fontes, ele escreveu seus dois livros: Lucas e Atos. Assim como os outros escritores dos evangelhos, Lucas formula sua apresentação da história de Jesus com o objetivo de salientar o verdadeiro sentido dos eventos que está descrevendo e criar uma história poderosa com muitos temas complexos.

Esse evangelho foi escrito para um amigo grego de alta posição social a quem Lucas se dirige como *excelentíssimo Teófilo* (nome que significa “amigo de Deus”) (1:3). O segredo da autenticidade do evangelho de Lucas pode ser o fato de ter sido escrito para uma pessoa, Teófilo. Ele é simultaneamente o mais universal e o mais pessoal dos quatro evangelhos. Onde o pessoal é universal, o geral é vago. Essa verdade foi ilustrada por um pregador que vi certa vez em pé num mercado, gritando em alta voz a respeito de Jesus para todos os que passavam. Ele fazia um discurso retórico para todo mundo a respeito da salvação, e ninguém o ouvia. Embora estivesse alardeando em alta voz as boas-novas, ninguém parou e prestou atenção a seu discurso. Sua mensagem era tão geral que se transformava em algo sem sentido. Lucas, ao contrário, conhece o segredo da comunicação genuinamente eficaz quando diz: “Escute, Teófilo, isto não é para o mundo, nem para a multidão; isto é especialmente para você”. Tendo a oportunidade de ouvir uma história, o mundo inteiro — garçons, motoristas de táxi, passageiros, trabalhadores e a elite do mundo dos negócios — para. Todos gostamos de escutar uma história ou de conversar. Por meio desse chamado pessoal, embora universal, Lucas procura envolver diversos grupos — ricos, pobres, crianças, mulheres, homens, poderosos e impotentes, a elite e os marginalizados.

**1:5-56 Relatos de mulheres**

O evangelho de Lucas é, com frequência, chamado de “o evangelho dos pobres” e o “evangelho das mulheres”, pois,



é evidente, que Lucas mostrava interesse pelos marginalizados e oprimidos. É ele quem apresenta personagens femininas como modelo de atuação às mulheres leitoras num mundo essencialmente dominado por personagens patriarcais. É aqui que encontramos Isabel, mãe de João Batista, e Maria de Nazaré, mãe de Jesus. Mas por que essas narrativas aparecem somente no evangelho de Lucas? Uma razão poderia ser a de que Lucas tenha tido acesso a fontes femininas — uma coleção de relatos e ensinios preservados pelas mulheres dando esclarecimentos sobre a experiência das mulheres quanto ao movimento de Jesus. Essas histórias apresentam traços de envolvimento e liderança femininos. Por exemplo, Ana é a única mulher nos evangelhos referida como “profetisa” (2:36).

Tanto Ana quanto Simeão são descritos como profetas no templo em Jerusalém. Tanto Isabel quanto Zacarias pertencem a famílias sacerdotais, e *ambos eram justos diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor* (1:5-6). O respeito que Lucas confere a essas histórias a respeito de mulheres poderia ser imitado pela igreja hoje, que necessita ouvir as vozes proféticas e de protesto de mulheres vitimizadas. Na África do Sul de hoje, pelo menos uma mulher é estuprada a cada trinta segundos — mas a igreja se mantém silenciosa quanto à humilhação das mulheres pelos homens.

### 1:5-25 *A história de vergonha de uma mulher*

A história de Isabel se refere a uma mulher piedosa (1:6) que, como Sara, Raquel e Ana no AT, suportou a dor e a vergonha da esterilidade. De fato, Isabel se refere à sua situação como *meu opróbrio perante os homens* (1:25). A esterilidade invalidava aquilo que era considerado a principal função da mulher na vida: dar filhos ao marido. Essa condição negava à mulher o mais alto *status* e segurança que ela poderia atingir. A esterilidade era encarada como uma falha da mulher (como aqui em 1:7), uma punição pelo pecado ou o resultado de Deus ter “esquecido” a mulher (1Sm 1:11).

Situação semelhante prevalece em muitas sociedades nas quais a mulher estéril é negada a condição de pessoa. Isso também é verdadeiro na sociedade africana, na qual dar à luz é visto como uma experiência espiritual e as mulheres são consideradas vasos sagrados de vida. Contudo, quando “muita ênfase é colocada sobre a capacidade reprodutiva das mulheres, a imagem da mulher é distorcida. A impressão dada às mulheres africanas é que elas são valorizadas não pelo que são, mas pelo que podem produzir para a sociedade” (Isabel Phiri, 1997). Além disso, de acordo com as tradições africanas, o “papel mais importante da mulher na sociedade patriarcal africana é a geração de filhos”. Caso a união sexual não resulte em gravidez no prazo esperado, arranjos são feitos para que a esposa mantenha relações sexuais com um dos irmãos de seu marido. Se, após ter tido relações sexuais com o irmão do marido ela ainda não conceber, então se conclui que ela deve ser

a “culpada” (Dora Mbuwayesango, 1997). A mulher estéril é considerada desonrada ou humilhada e em nada melhor que uma menina. Em outras palavras, é negado a ela um lugar na sociedade e o reconhecimento como “digna de honra”. Quer dizer, seu *ubuntu*, ou *khoesib*, ou *menslikheid*, lhe é negado.

Jesus ensina o respeito fundamental pela natureza humana como um todo. Em resumo, o princípio da sociedade cristã nunca deveria ser envergonhar uma mulher, mas honrá-la.

### 1:26-38 *Uma virgem grávida*

Enquanto o fato de não ter filhos significa vergonha e a gravidez remove esse infortúnio, o oposto é verdadeiro para uma mulher não casada. O que seria mais degradante que uma gravidez prematura para aquela que deveria preservar sua virgindade até o casamento? Essa “desonra”, entretanto, é o que o anjo promete a Maria porque ela achou *graça diante de Deus* (1:30). Pois, no caso de Maria, ela não sacrificou sua virgindade; ao contrário, o poder de Deus estava operando nela (1:35).

Na preparação para o nascimento de Cristo, tanto a esterilidade e a idade avançada de Isabel quanto a virgindade de Maria são obstáculos que Deus supera. O milagre de uma virgem dar à luz, entretanto, é maior que aquele de uma mulher idosa e casada viver a mesma experiência. A miraculosa gravidez de Maria tem a intenção de superar a gravidez de Isabel, pois Jesus é maior que João Batista.

Está claro que Lucas verdadeiramente crê numa concepção virginal. Ele considera Jesus como se fosse filho de José (3:23). Podemos, portanto, rejeitar teorias que negam o nascimento virginal, argumentando que Lucas, como grego, não compreendeu os costumes matrimoniais judaicos e não sabia que eles envolviam duas etapas: uma troca formal de consentimentos diante de testemunhas, o que dava ao casal o *status* marital, enquanto a esposa continuava a viver no lar de sua família por cerca de um ano, após o qual a noiva se mudava para o lar de seu marido.

Quando a situação lhe é plenamente explicada, Maria se coloca disponível para Deus (1:38), apesar de se encontrar numa situação na qual uma gravidez não parecia trazer nem felicidade nem bênção, e podia ser vista como uma ofensa moral e legal. Para Lucas, o importante é que o nascimento de Jesus vem de Deus e é realizado pelo Espírito Santo, e que Maria declara sua aceitação voluntária. Em resumo, a virgindade de Maria é vista como uma condição positiva: em vez de ser um empecilho ou um problema moral, é uma expressão da eleição pela graça.

### 1:39-56 *A história de honra de uma mulher*

Onde Isabel é uma mulher cuja dignidade foi desprezada, Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, é uma mulher que compreende a honra. Honra é o valor positivo que uma pessoa tem a seus próprios olhos, o qual é acompanhado de uma

apreciação positiva da pessoa sobre si mesma ou por seu grupo social e pela sociedade. É associada à face (“salvar a aparência” e não ser “envergonhada”) e ao respeito. Está em jogo como os outros nos veem, e, portanto, como nos vemos a nós mesmos. Maria reconhece seu próprio valor quando afirma que, embora ela ocupe uma posição humilde na sociedade, Deus a honra e *desde agora todas as gerações me considerarão bem-aventurada* (1:48). Sua compreensão de si mesma é reafirmada pela exclamação de sua prima Isabel: *Bendita és tu entre as mulheres e Bem-aventurada a que creu* (1:42,45). A sociedade pode não honrar Maria, mas Deus e os crentes o fazem.

O retrato de Lucas honra Maria de Nazaré registrando seu longo poema, o *Magnificat* (1:46-55) (o título vem das palavras que iniciam o poema em sua tradução latina). Essa é a única seção, em todos os evangelhos, na qual se dá às mulheres a oportunidade de fazer longos discursos. Honramos as pessoas ouvindo o que elas têm a dizer. Nas culturas africana e judaica, respeitamos o mandamento de “honrar pai e mãe”, incluindo tanto os ancestrais quanto aqueles que ainda estão vivos. Expressamos essa honra nunca nos dirigindo às pessoas que são mais velhas que nós (inclusive nossos irmãos e irmãs) ou casadas usando o seu primeiro nome. Ao contrário, usamos os títulos que lhes são próprios, em sinal de respeito e honra.

Maria é uma mulher independente que fala de tópicos controversos e delicados a respeito de Deus: ele *derribou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos* (1:46-56). Ela faz essas declarações revolucionárias e fala o que pensa sem ser interrompida ou corrigida.

Karl Max considerava a religião o ópio do povo, mas é claro que ele não prestou a devida atenção ao discurso de Maria, o qual não é apenas pessoal, mas trata também de teologia, ética social, política e economia. Questões éticas e teológicas são tratadas em 1:50-51: *A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem [...] Dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos*. Temas políticos são analisados na afirmação de que Deus *derribou do seu trono os poderosos* (1:52), e as questões econômicas na declaração de que ele *encheu de bens os famintos* (1:53). Esses são os temas-chave que serão desenvolvidos no evangelho, especialmente a proclamação das boas-novas aos pobres (4:18-19).

Reafirmando, o *Magnificat* é o grande cântico de libertação do NT, um documento revolucionário de intenso conflito e vitória, produzido por uma mulher que proclama as virtudes e os valores de paz, justiça, humanidade, compaixão e igualdade da espécie humana. O poema louva as ações libertadoras de Deus em favor das mulheres e de outros explorados cujos direitos são diariamente violados. Na ordem social e economicamente transformada, a violência é superada, e o alimento é fornecido aos famintos. No plano espiritual, o foco está no poder, na santidade e na miseri-

córdia de Deus, o qual prometeu solidariedade para com os que sofrem.

Isabel e Maria tiveram, cada uma, sua própria jornada teológica. Isabel precisou aprender a lidar com a vergonha, e mulheres teólogas africanas precisam tratar de questões que envergonham as mulheres e lhes roubam a honra. Isso inclui a violência sob a forma de estupro, assédio sexual e agressão física às esposas. Tais questões são muito sensíveis, pois tocam o centro do ego masculino. Por exemplo, diz-se que um líder da igreja afirmou ter “disciplinado” a esposa e, mais tarde, recebido dela um agradecimento, enquanto outros tentaram distinguir entre violência que resulta em morte e “apenas bater” (Musimbi Kanyoro, 1995). Mulheres teólogas africanas devem confrontar firmemente essa sensível questão.

Maria se baseou em seu conhecimento das Escrituras (p. ex., o cântico de Ana, 1Sm 2:1-10) ao formular suas considerações no *Magnificat*. Os teólogos africanos precisam de igual modo reler as Escrituras Sagradas e permitir que elas modelem seu pensamento. A história que se segue ilustra o valor de reler um texto bíblico: Nirmala, que havia recebido a oportunidade de servir como pastora, foi repreendida por sua tia devota pelo fato de estar agindo contra a palavra de Deus, uma vez que a Bíblia afirma que “as mulheres devem manter silêncio em público”. Em resposta, Nirmala lembrou à sua tia as palavras do Senhor ressurreto a Maria: “Vai, conta aos meus irmãos que eu ressuscitei”. Ela explicou que, com estas palavras, a missão de proclamar a mensagem da ressurreição foi dada primeiro às mulheres e apenas posteriormente aos homens (Kanyoro, 1997:40).

### 1:57-80 Nascimento de João Batista

Com o nascimento de João Batista, chegamos ao cumprimento das promessas de Deus que ocuparam a primeira metade desse capítulo. As semelhanças entre as promessas dos nascimentos de Jesus e João continuam no relato desses nascimentos e da aclamação que se segue. Lucas enfatiza o modo pelo qual Deus cumpre suas promessas e traz alegria ao seu povo (1:64; cf. tb. 1:13-20). Detalhes sobre como dar nome à criança indicam novamente que ela está destinada a uma carreira significativa no serviço de Deus (1:59-63; cf. tb. 1:13). Mas, ao mesmo tempo, a narrativa aponta para o futuro, para o nascimento de Jesus e a salvação que Deus está preparando para seu povo na casa de Davi (1:76-79).

O hino atribuído a Zacarias, cheio do Espírito Santo, em 1:67-79 é um cântico de louvor a Deus como a canção de Maria em 1:46-56. O assunto de ambos os cânticos é o grande dia de Israel que vem com Jesus. A maior parte do cântico focaliza a redenção do povo operada por Deus, e apenas 1:76-77 se refere propriamente a João, descrevendo-o como *um profeta do Altíssimo*. Combinando as palavras desses versículos com aquelas em 1:14-17, entendemos que João será uma figura profética “cheia do Espírito Santo, já

do ventre materno”, que trabalhará “no espírito de poder de Elias”. Ele irá adiante de Jesus, *preparando-lhe os caminhos*. Vemos essas profecias cumpridas nos eventos narrados em 3:1-6 e 7:26-27. Não é surpresa que seu ministério nessas passagens seja apresentado em termos que nos relembram os profetas do AT: “veio a palavra de Deus a João” (3:2).

## 2:1-52 Nascimento e infância de Jesus

Para os judeus, assim como para os africanos, a família é a unidade fundamental da sociedade. Mas o relacionamento entre Maria e José violaram a compreensão tradicional do padrão que poderia ser considerado uma família “natural”, pois José não era o pai do menino. Também não fica claro se Maria e José já estavam legalmente casados nessa ocasião, pois ela é descrita como alguém que *lhe estava prometida em casamento* (2:5a, NVI). Foi um difícil começo para um casamento, que ficou ainda pior com a perspectiva de uma longa e difícil viagem para uma mulher em final de gestação (2:5b-6).

## 2:1-20 A história do Natal

Lembra-se de como você se sentia, quando criança, na véspera do Natal? A maioria de nós simplesmente não podia esperar pela manhã do Natal quando receberíamos, pela primeira vez no ano todo, novas roupas e talvez um novo par de sapatos. Orgulhosamente usaríamos nossas roupas novas no culto, no qual cantaríamos os hinos de Natal e dramatizaríamos a história do Natal. Ainda sinto aquela mesma excitação e alegria quando considero os tesouros que Deus tem para nós nesse capítulo sobre o nascimento e a infância de Jesus. Essa é uma história em relação à qual deveríamos sempre sentir o desejo de sentar e ouvir, e não meramente analisar.

A história das milícias celestiais e da visita dos pastores à manjedoura talvez seja a mais conhecida de todas as narrativas sobre nascimento. Mas as ricas imagens da história apelam a algum dos sentimentos mais profundos no coração humano: pastores cuidando de suas ovelhas (2:8); a mãe e o pai cuidando de seu recém-nascido (2:7,16,19); o coro de anjos atravessando a noite da terra para anunciar o tão esperado alvorecer, assegurando aos mais humildes que, não importa o que possam estar fazendo os poderosos governantes do mundo, Deus cuida de seu povo; com um coração de pastor, ele decidiu que Jesus não deveria nascer em um palácio, mas em uma manjedoura (2:9-14).

A história do Natal convida todos nós a responder como crianças e a expressar nossa fé de uma maneira completamente pessoal.

## 2:21-24 A circuncisão de Jesus

Os pais de Jesus estavam obedecendo à lei quando o levaram para ser circuncidado no oitavo dia (2:21; cf. tb. Lv 12:3). Da perspectiva africana, a história da circuncisão de Jesus é plena de sentido. Em nossa tradição, alguém

que tenha sido circuncidado é considerado uma pessoa integral, pronta para assumir responsabilidades, exercer autoridade e dirigir outros. A circuncisão de Jesus o marca como alguém qualificado e autorizado a liderar. Ele foi propriamente iniciado na vida e pode guiar-nos e mostrar-nos o caminho da vida e exigir nosso respeito e amor. Ele demonstra sabedoria e experiência sadias.

## 2:25-40 A chegada de Jesus ao templo

Cerca de um mês depois do nascimento de Jesus e em obediência às ordenanças sobre o ritual de purificação das mães após o parto, Maria e José subiram a Jerusalém para oferecer o sacrifício de *um par de rolas ou dois pombinhos* (2:22,24; Lv 12:1-8). Essa oferta prova que eram pessoas pobres que não podiam arcar com a despesa de oferecer um carneiro, a oferta habitual (Lv 12:8). Ao mesmo tempo, eles também obedeceram ao mandamento segundo o qual todo o primogênito masculino pertencia ao Senhor e devia ser redimido (Êx 13:1-2; Nm 18:15-16).

Quando Jesus chegou ao templo, Simeão também irrompeu num cântico cheio de alusões ao AT anunciando que, com a chegada do Messias, a velha ordem seria superada (2:25-28). Simeão faz três notáveis declarações a respeito de Jesus. Primeiro, declara que a salvação chegou com Jesus (2:30). Em seguida, empresta uma expressão tirada de uma das passagens do Servo, em Isaías, e chama Jesus de *luz [...] aos gentios [...] e glória do teu povo de Israel* (2:32; cf. tb. Is 49:6). Finalmente, Simeão profetiza que uma espada traspassaria a alma de Maria, mãe de Jesus, referindo-se à angústia que ela sofreria na Sexta-feira Santa (2:35).

A chegada de Jesus foi também uma resposta às orações da profetisa Ana. Esta havia orado pela vinda do Messias, assim como sua xará do AT havia orado pela vinda de Samuel (1Sm 1). Da mesma forma que Ana apresentara Samuel ao Senhor, e “ele crescia em estatura e no favor do Senhor e dos homens” (1Sm 2:26), também se passou com Jesus (2:40). E, da mesma forma que Ana e Elcana retornaram a seu lar em Rama (1Sm 2:11), Maria e José retornaram para Nazaré (2:39).

## 2:41-52 Jesus descobre sua missão

Na cena final dos capítulos 1 e 2, Lucas traz o leitor de volta ao templo, onde a história da infância começou com Gabriel falando com Zacarias, mais de doze anos antes. Essa cena apresenta a mesma atmosfera de piedade que introduziu a cena anterior do templo (2:41; cf. tb. 2:22-24). Os pais de Jesus continuaram a observar a prática anual de ir a Jerusalém para a Festa da Páscoa, só que agora Jesus já era suficientemente grande para acompanhá-los. A lei exigia que todo judeu do sexo masculino deveria comparecer, todos os anos, a três festivais anuais em Jerusalém. Com judeus espalhados por muitos lugares em todo o Império Romano, a maioria deles ia apenas uma vez por ano. As mulheres não eram obrigadas a ir, mas com frequência o faziam. A Festa da Páscoa,

ocasião dessa viagem em particular, era um evento de sete dias que celebrava a libertação do Egito. Parece natural que famílias inteiras compartilhassem dessa festa de uma semana de duração. Apesar de sua pobreza (cf. comentários em 2:24), a família ali permaneceu pelos sete dias completos. Jesus, entretanto, ficou ainda mais tempo. Ele tinha agora 12 anos de idade, o último ano antes do seu Bar Mitzvah (2:42). Dentro de um ano, ele se tornaria um judeu adulto, responsável por si mesmo e por todo o Israel.

Na segunda visita ao templo, Jesus assume um papel ativo num incidente que prenuncia sua grandeza e mostra sua crescente consciência quanto ao relacionamento especial com Deus e as obrigações que isso envolvia. O incidente está ligado às cenas em Lucas 3 e 4, nas quais, por meio de oração e luta, Jesus chega a uma compreensão clara de sua missão e a aceita como a tarefa que deveria cumprir.

A permanência de Jesus no templo depois que Maria e José partiram para casa enseja uma reunião dramática, depois de eles o terem procurado freneticamente. Essa reunião, que se centraliza numa confrontação entre os pais e o filho, contém as primeiras palavras de Jesus registradas no evangelho de Lucas (2:48-49). Uma vez que Lucas enquadrava a cena com referência à sabedoria de Jesus (2:52; cf. 2:40), não é surpresa que essas primeiras palavras demonstrem a compreensão de Jesus sobre o relacionamento com Deus como seu Pai.

O surpreendente é que seus pais não compreenderam suas palavras (2:50), apesar das revelações anteriores sobre a identidade de Jesus, sobre as quais Maria havia tido doze anos para refletir (1:32-35; 2:11,17,19). E seus pais não apenas desconheciam o paradeiro de Jesus, como também não compreenderam a situação. Tomaram por certo que ele estaria com os parentes, amigos ou conhecidos. Mas Jesus, cuja família maior um dia o observaria de longe (23:49), se firma num relacionamento muito mais íntimo com o Outro, como ele se apressa para informar a seus pais (2:49). Em outras palavras, seus pais precisam aprender a conviver com o fato de que ele, seu filho, é um estranho e hóspede em seu lar, pois está sob as ordens de Outro. Em resumo, aos 12 anos de idade, Jesus descobre, se não o conteúdo, pelo menos a dimensão maior de seu ministério.

Esse incidente em Jerusalém tem um tom revelatório. A resposta de Maria é apropriada: ela *guardava todas estas coisas no coração* (2:51; cf. tb. 2:19). Primeiro, a saudação dos pastores; agora, isto. Em outras palavras, Maria está diante do mesmo problema que confronta todos aqueles que ouvem a palavra de Deus. Fé é o único porto de entrada para o mistério da pessoa de Jesus. Maria não é isentada dessa responsabilidade. Assim, Jesus não tem nenhum consolo especial para aqueles que alegam um relacionamento mais íntimo com ele, inclusive Maria. Os cristãos, portanto, devem fazer como Maria fez e ponderar as palavras de Deus trazidas por Jesus. Uma história a respeito de outra Maria reforçará esse ponto (10:38-42).

### 3:1-20 O ministério teológico e ético de João

#### 3:1-18 A mensagem de João

A narrativa do ministério de João Batista começa com uma impressionante lista de nomes, incluindo políticos, tais como o imperador Tibério, Pôncio Pilatos, Herodes, Filipe e Lisânias, e os sumos sacerdotes Anás e Caifás (3:1-2a). Essa lista tanto data o início do ministério de João como nos ajuda a perceber sua estatura.

Enquanto os políticos e líderes religiosos tinham a mais alta autoridade na arena política e religiosa, João veio com uma autoridade ainda mais elevada. Enquanto esses líderes políticos e religiosos representavam a “situação”, João vinha do deserto.

No entanto, naquele deserto *veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias* — de acordo com o costume do tempo, Isabel não é mencionada como sua mãe (3:2b). Aquela palavra fez dele um profeta como Oseias, Miqueias, Jonas, Sofonias, Ageu, Zacarias, Jeremias, Isaías e Ezequiel, os quais, sob direta inspiração de Deus, haviam aconselhado e, em alguns casos, censurado e denunciado líderes políticos, reis e rainhas, bem como líderes religiosos e até as nações em geral. No tempo divinamente estabelecido, Deus enviou primeiro João e, depois, Jesus ao mundo.

A mensagem de João estava centrada em Jesus Cristo, aquele *que é mais poderoso* (3:16) que qualquer outro líder em quem o povo pudesse ter falsa confiança. Lucas usa uma profecia do AT para descrever o ministério de João e para identificar a pessoa que João anunciava. Ao convocar o povo para preparar *o caminho do Senhor* (3:4), Lucas está afirmando em termos teologicamente claros que o ministério de João era o cumprimento da profecia de Isaías (Is 4:3-50). A voz de João estava destinada a convocar o povo a preparar a estrada de acesso, e o visitante que João anunciava era o mesmo anunciado por Isaías: Deus em Jesus Cristo, por meio do Espírito.

João não via sua própria tarefa como sendo a de preparar a nação para a súbita chegada poderosa de um libertador messiânico; aliás, ele preparava o caminho para Deus, para que este pudesse anunciar salvação a toda carne (3:6). A salvação que *toda carne verá* é Jesus, em cuja pessoa e atividade o perdão dos pecados e a revelação do beneplácito de Deus se tornariam realidade para toda a humanidade.

Uma vez que Jesus não se encaixava na visão messiânica esposada pelos políticos e líderes religiosos, uma profunda revisão do pensamento nacional e religioso seria necessária se o povo quisesse compreender o programa de Deus com referência a Jesus. Assim, João decide destruir a falsa confiança do povo. Ele fala ao povo numa linguagem nada elogiosa, chamando-o de *raça de víboras* (3:7). Eles se comportavam como serpentes fugindo das chamas, mas não tinham a menor intenção de mudar sua natureza má. Eles se comportavam como se tudo o que devessem fazer para escapar da ira vindoura fosse submeter-se ao ritual

exterior do batismo, sem dar nenhuma evidência prática de arrependimento. João não estava ensinando essa graça barata. Nem lhes permitiria esconder-se atrás do fato de serem fisicamente descendentes de Abraão, pois os advertia de que a descendência física de Abraão não era substituta da graça custosa (3:8). O critério para a salvação não é nascimento, nem identidade nacional, nem religião, classe ou condição social.

Ao destruir a falsa confiança, João foi padrão para Martinho Lutero. Lutero insistia em que comprar indulgências não assegurava a salvação, nem garantia a ninguém um lugar no céu. Seu grande texto era “O justo viverá pela fé” (Gl 3:11), e suas palavras deflagraram a Reforma. Isso não estava longe do que João dizia — que, para acertar-se com Deus, era preciso admitir não estar bem com ele. Daí seu chamado ao arrependimento.

Foi assim que Lucas primeiro identificou teologicamente o visitante para quem o caminho seria construído e então mostrou-nos eticamente o que construir o caminho implicava.

Vários grupos se aproximaram de João para perguntar o que o arrependimento significaria no seu caso. Cidadãos comuns foram orientados de que seu esforço de arrependimento seria uma disposição de compartilhar as necessidades da vida, em termos de alimento e roupa, com os necessitados (3:10-11). Os coletores de impostos foram orientados a parar de cobrar mais imposto do que lhes era designado (3:12-13). Aos soldados, foi dito que eles deviam refrear-se de extorquir, pela força, dinheiro ou bens ou acusar falsamente o povo; deveriam contentar-se com o soldo e as provisões que recebiam do Exército (3:14).

Confirmando, a mensagem de João insistia em que precisamos dedicar-nos novamente na presença e atividade de Deus de tal forma que Deus nos desperte espiritualmente. Nossa espiritualidade precisa estar ancorada na palavra e no sacramento, incluindo o culto congregacional, a oração, o estudo bíblico e a compreensão africana do que significa ser humano, a saber, um ser social, um ser em relação com os outros. Em outras palavras, tal espiritualidade está baseada no amor e respeito mútuo, e não em competição, ciúme e ódio. A mão estendida de outra pessoa não deveria tatear no vazio, mas encontrar amizade devotada na minha mão estendida. Em suma, a igreja necessita de uma espiritualidade na qual nos encontramos uns com os outros, nos respeitamos uns aos outros, nos reconciliamos uns com os outros como irmãos e irmãs, colegas, camaradas, familiares e companheiros.

Os aspectos comunitários da vida espiritual incluem a capacidade de perdoar e receber perdão de outros, dar e receber encorajamento e exortação, verbalizar e comunicar nossa fé, e a disposição de adorar juntos, sem estar divididos por língua, etnia e tradição litúrgica.

O povo de Deus, de acordo com as Sagradas Escrituras como interpretadas pela igreja, é chamado a proclamar e viver o evangelho de Jesus Cristo, o Libertador e Salvador

(4:18-19) de todos os seres humanos, em todas as suas diferentes condições de vida. Em outras palavras, todos os cristãos foram chamados e comissionados por meio do batismo para servir a Deus, uns aos outros e a toda a criação (Jo 13:13-14). Assim como as diferentes partes do corpo existem para servir umas às outras e prestar serviço ao todo, o mesmo acontece aos membros do corpo de Cristo. O papel de cada parte é tão vital e essencial para o corpo como o das outras partes. É por meio da multiplicidade que a unidade funciona. Todo o povo de Deus, portanto, com todos os seus diferentes dons, é chamado a administrar a multiforme graça de Deus.

### 3:19-20 A mensagem profética e suas implicações

A mensagem de João levantou questões com implicações políticas. Lucas nos informa que o pregador do arrependimento, o arauto do Messias e o profeta da justiça social logo se meteu em dificuldades com as autoridades políticas.

João não apenas criticou o casamento de Herodes com Herodias, a esposa de seu irmão, mas também o repreendeu por outros males (3:19). Esse profeta do deserto não se ausentara da arena política. Lucas não deixa dúvidas de que João era um crítico enérgico de Herodes em sua qualidade de líder político. O veredicto do próprio Lucas sobre a prisão e o encarceramento de João é que esta foi mais uma das maldades que Herodes cometeu (3:20). Herodes era um assassino, uma “raposa”, um adversário do Messias (9:7-9; 13:31-32; 23:7-12).

O relacionamento entre João e Herodes levanta o debate sobre igreja e Estado, isto é, sobre o papel da religião na vida pública. Na África de hoje, parece que experimentamos uma confusão no que diz respeito ao relacionamento entre a igreja e o Estado. Por exemplo: Quando a igreja deve manter sua autonomia? É certo tomar suas próprias decisões sem interferência do governo? Quando a igreja deve manter sua integridade, ou seja, a necessidade da igreja de ser aquilo que ela é: o corpo de Cristo, em vez de um canal para colocar em prática a política governamental? A igreja precisa ter a liberdade para testemunhar, a necessidade moral de expressar suas convicções internas, mesmo quando elas estão em oposição à conveniência política. Precisamos debater hoje tais questões, pois há um alto preço a pagar se a igreja se tornar muito politizada ou se nossa fé passar a ser muito privatizada.

Pessoalmente, eu argumentaria que as relações entre igreja e Estado deveriam sempre ser caracterizadas por uma separação institucional e uma interação funcional. Com isso, quero dizer que igreja e governo possuem realmente algumas áreas de interesse comum, em geral envolvendo o bem-estar humano, para as quais ambos podem cooperar a fim de alcançar objetivos. Com a crescente complexidade da sociedade moderna, tanto igreja quanto governo têm importante participação na solução de problemas que afetam a vida das pessoas. Contudo, à medida que tratam desses



problemas e questões sociais, a igreja deve permanecer sendo a igreja, e o governo deve permanecer sendo o governo. Colocando de modo diferente, igreja e governo são distintos, mas não divorciados. No lugar de um muro separando igreja e governo, deve haver separação institucional e interação funcional, pois tanto a igreja quanto o governo fazem parte da sociedade. Quando a igreja promove direitos humanos, age em direito próprio, como uma instituição que é parte da sociedade. E não pode, portanto, ser acusada de interferir em negócios de governo.

Por que experimentamos uma crise de identidade como igreja quando se trata de nossa missão no mundo? A resposta pode estar no tipo de experiência pela qual passou a igreja da Namíbia. Durante os anos de colonialismo e opressão, a igreja se recusou absolutamente a cooperar com os regimes coloniais. Era muito fácil inflamar a população para lutar contra os males da exploração política, econômica, racial e sexual. O objetivo era claro. Nós nos opúnhamos à segregação e ao colonialismo na África.

Porém, no dia 21 de março de 1990, a Namíbia obteve sua independência, e chegou a hora de saber dizer tanto “não” quanto “sim” ao governo. As igrejas, no entanto, não sabiam quando dizer “não” e quando dizer “sim”. Não estava claro que, na nova situação, o “não” profético deveria incluir também o “sim” profético para opções que visassem renovação sociopolítica e econômica.

A igreja deve, alto e bom som, apoiar iniciativas que possam conduzir a uma nova ordem social. Mas a tarefa da igreja num Estado democrático e independente é também aprender quando dizer “não”, permanecendo vigilante quanto aos perigos do poder político, especificamente no que diz respeito à capacidade deste de servir aos seus próprios interesses em vez de atender ao bem comum. A luta profética contra a injustiça deve continuar. Esta exige, com frequência, conflito adicional, reprimendas mútuas e duros debates para resolver as diferenças e trazer as inconsistências à luz. O ponto é o seguinte: a mudança é, algumas vezes, uma questão muito vagarosa, semelhante ao nascimento de um bebê. A nova vida está lá, mas muitas vezes vem à luz com muita dor.

A igreja é uma instituição composta de cristãos crentes que vivem em sociedade. Como tal, ela tem o direito de fazer pronunciamentos esclarecendo sua visão a respeito dos debates, engajando-se assim em muitos tipos de atividades. Algumas dessas atividades envolverão a promoção de direitos humanos e liberdades fundamentais, a reconciliação e a construção da nação. A igreja deve defender ciosamente seu direito de expressar-se, e sua voz deve ser ouvida em público, e não secretamente. Em outras palavras, a igreja é livre para apoiar, honesta e serenamente, as causas da sociedade civil.

Ao agir na sociedade, a igreja deve fazê-lo audaciosamente. A criação de Deus é social e cultural, assim como natural e física. Devemos, conseqüentemente, levar a sério

o mundo secular e a sociedade civil. O ministério social da igreja não deve limitar-se a atividades de caridade que meramente enfaixam as feridas das vítimas sociais. Devemos estar ativamente engajados em modelar a sociedade a fim de prevenir tais feridas.

Finalmente, a igreja necessita articular-se quanto à sua posição teológica ao dizer profeticamente “não” ou “sim” dentro do contexto de ser distinta do governo, mas não isolada dele. Sem um claro ponto de vista teológico, todos ficaremos confusos. Se a igreja não for capaz de pôr em ordem essa confusão, muitos permanecerão sem abrigo ou alimento adequado.

### 3:21-38 Batismo de Jesus e genealogia

Em Lucas, o batismo de Jesus é mencionado apenas como pano de fundo para uma oração, uma visão e sua interpretação. Lucas com frequência menciona a vida de oração de Jesus e claramente a considera de grande importância (3:21; 5:16; 6:12; 9:18,28-29; 11:1; 22:32,39-46; 23:34,46). Nesse evangelho, as orações de Jesus são muitas vezes acompanhadas por visões e vozes. Por exemplo, enquanto ele estava orando em 9:8-36, Moisés e Elias apareceram, e uma voz foi ouvida, dizendo: “Este é o meu Filho” (9:35; cf. tb. 22:9-46; At 10; 12:5-10). De igual modo, em 3:21-22, quando Jesus está orando depois de seu batismo, há uma aparição celestial: *O Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba*. A pomba simboliza o caráter amoroso da vida divina. O Espírito Santo vindo a Jesus na forma de uma pomba confirma que Jesus é amado de Deus. A veracidade dessa interpretação é provada pela voz vinda do céu: *Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo* (3:22). Estas palavras são uma adaptação de Isaías 42:1, passagem que também é citada em Mateus 12:18. A passagem fala a respeito do servo de Deus sobre quem o Pai colocou o seu Espírito: Ao Amado de Deus é dado o Espírito Santo de Deus.

As palavras em 3:22 nos fazem lembrar as raízes celestiais de Jesus, a saber, que ele é verdadeiramente o Filho de Deus. Mas Lucas também nos lembra que Jesus era supostamente, filho de José e nos apresenta sua árvore genealógica terrestre (3:23-38). A referência à genealogia celestial demonstra que Jesus Cristo é o Filho de Deus, enquanto a lembrança de sua “genealogia terrestre” enfatiza sua real humanidade. Ela confirma que Jesus era um ser humano entre nós humanos. Para salvar a humanidade, ele se tornou humano no sentido mais real. Lucas destaca esse ponto ligando a humanidade de Jesus a Adão e Eva, os fundadores da raça humana.

### 4:1-22 O papel profético de Jesus

#### 4:1-13 Ritos de passagem

Em todas as religiões, as ocasiões mais importantes na progressão natural desde o nascimento até a morte são mar-

cadadas com cerimônias e celebrações especiais, às quais os sociólogos se referem como ritos de passagem. No cristianismo, esses ritos incluem: batismo, confirmação, casamento e funeral. Na religião africana tradicional, há cerimônias de nascimento e de dar nome, ritos de iniciação e puberdade, festas de casamento e cerimônias fúnebres. Muitas pessoas, mesmo aquelas que alegam não ter convicções religiosas, ainda procuram igrejas, sinagogas, mesquitas e templos para marcar esses ritos.

As cerimônias associadas aos ritos de passagem de um estágio da vida para outro em geral envolvem: o afastamento da pessoa de seu ambiente normal, sua preparação para uma tarefa ou modo de vida na sociedade, e finalmente sua recepção nesse grupo ou comunidade ou sociedade. Durante os ritos de passagem, a pessoa pode ser exposta a perigos, com o objetivo de verificar se ela está madura o suficiente para enfrentar essa nova vida. Uma vez terminado o período de afastamento, é essencial que a pessoa seja iniciada em seu novo grupo ou sociedade o mais rapidamente possível, a fim de que possa novamente ter um lugar normal na comunidade.

Apenas as pessoas que já passaram por todas as fadigas, esforços e problemas da vida e não sentem mais medo de nada, aquelas a respeito de quem poderíamos dizer que estão quase além do medo, estão qualificadas para officiar nesses ritos de passagem. No caso do encontro entre Jesus e o diabo, o único com tal experiência é Deus. O diabo, portanto, testa Jesus diante da face de Deus a fim de determinar se Jesus é verdadeiramente humano e verdadeiramente Filho de Deus.

É claro que 3:21-23 descreve um período de crise na vida de Jesus e um ponto de transição. Nesse sentido, marca um rito de passagem. Em 2:42 e 2:52, Jesus é um menino de 12 anos de idade que está crescendo em sabedoria e em idade. Em 3:21, quando se apresenta para o batismo, ele tem 30 anos, mas ainda é uma pessoa de vida particular. Em 4:14, todavia, após completar os ritos de passagem, ocorre uma dramática mudança: ele se torna uma figura pública, um profeta em Israel com um novo papel e *status* claramente definidos.

Apesar do alto *status* conferido a Jesus nas histórias da infância (1:32-35; 2:11) e de seu alto discernimento quanto ao relacionamento com Deus (Deus como seu Pai, e ele mesmo o Filho e servo de Deus) e quanto à necessidade divina que governava os caminhos de sua vida (2:43,49), Jesus é ainda descrito como um menino (2:43). Ele ainda precisa ser iniciado em seu papel integral como adulto. Tal iniciação se dá num encontro dramático entre astros famosos: Jesus e o diabo (4:2). Durante esse confronto, Jesus demonstra que é digno de assumir os títulos de Salvador, Cristo e Senhor: isto é, ele é totalmente leal aos interesses de Deus e capaz de atuar adequadamente. Portanto, imediatamente após esses ritos de passagem, Jesus abre o rolo, lê Isaías 61:1-2 e declara: *Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir* (4:21).

Em vários estágios da vida e do ministério de Jesus, Lucas mostra que ele exibe profunda consciência do papel único que assumirá na história da salvação. No início e no final de seu ministério, Jesus publicamente aponta a si mesmo como o Messias (4:18) e como o Filho de Deus (20:13). Entretanto, nessa passagem, Jesus é colocado em teste para determinar se possui as qualidades necessárias para ser o Salvador, o Cristo e o Senhor (2:11). O diabo, seu arqui-inimigo, confronta Jesus e tenta humilhá-lo antes do início de seu ministério. Seu objetivo é frustrar o plano de salvação de Deus logo no princípio, induzindo Jesus a faltar com sua palavra para com Deus. Tanto sua proposta a respeito do pão quanto suas citações das Escrituras (4:3) envolvem coisas normalmente consideradas boas em si mesmas. Sob ambas, no entanto, está escondido o veneno do diabo. Mas Jesus, assim como João Batista (3:7-9), é capaz de desmascarar o mal escondido e, portanto, rejeita essas sugestões para permanecer o Santo de Deus e falar em nome de Deus como seu profeta (4:4,8,12). Com todos os seus poderes, Satanás não é páreo para Jesus.

Lucas, então, termina sua história com uma observação que persistirá ao longo de toda a narrativa: *Apartou-se dele o diabo, até momento oportuno* (4:13). No final do livro, leremos que, após Jesus ter completado seu ensino messiânico sobre Israel no templo, "Satanás entrou em Judas [...] que concordou e buscava uma boa ocasião para lho entregar" (22:3-6).

#### 4:14-22 Mensagem de libertação

De início, devemos notar que a linguagem política de Lucas 4:14-44 é inconfundível. Imediatamente após experimentar os ritos de passagem, Jesus anuncia os cinco propósitos para os quais Deus o enviou: *evangelizar os pobres [...] proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor* (4:18-19).

Esse anúncio ocorre durante a visita de Jesus à sinagoga de Nazaré, onde ele se apresenta publicamente à nação como Messias de Deus. Convidado pelo maioral da sinagoga a ler as Escrituras, Jesus se levanta, recebe o rolo e abre-o na passagem desejada. Ele lê a passagem, fecha o rolo novamente, devolve-o ao assistente e se senta para falar, enquanto todos os olhares permanecem fixos em sua pessoa (4:16-20). O interesse dos presentes é intenso, e Lucas prolonga o silêncio que envolve a leitura para deixar claro que os olhos de todos na sinagoga estão fixos em cada movimento de Jesus.

A exposição do texto apresentada por Jesus é profunda em sua brevidade: *Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir* (4:21). Talvez este seja o melhor e mais curto sermão jamais pregado, porque *todos lhe davam testemunho e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios* (4:22).

É claro, do começo ao fim, que Jesus estava direcionado para as necessidades dos pobres, tanto daqueles que eram

pobres internamente quanto daqueles que eram pobres num contexto social, econômico e político. Seus pais não eram abastados (2:24) e viviam numa aldeia desprezada (Jo 1:46). Durante seu ministério público, Jesus viveu pobremente, misturado a pessoas comuns tais como os pobres, os “prisioneiros”, os “cegos” e os “oprimidos” (4:18). Além disso, ele chocou a elite comendo com rejeitados sociais (5:30; 19:7). Agia e falava de maneira tal que o levou a ser visto como uma séria ameaça pelos vários grupos que pertenciam ao sistema oficial em seu país e pelo Império Romano. Por fim, o sistema religioso e o poder colonial romano assassinaram Jesus.

## 4:23—6:16 Um ministério de palavras e de atos

### 4:23-44 Ministério iniciado

Se alguém tem uma mensagem de Deus para entregar, o lugar natural para fazê-lo seria aquele onde as pessoas se reúnem para cultivar e ouvir a palavra de Deus. Foi precisamente isso o que Jesus fez ao iniciar seu ministério numa sinagoga.

Ele descrevera a natureza de seu ministério dizendo que seu conteúdo seria a pregação de boas-novas aos pobres e a libertação dos oprimidos (4:18-19). A base de tal ministério era a unção de Jesus com o Espírito Santo (4:18). Entretanto, Jesus foi claro também com respeito aos resultados de seu ministério (4:23-30). Ele seria rejeitado por seu próprio povo e também insinuou que haveria uma missão mais ampla para todos os tipos de pessoas (4:23-27).

O retrato de Jesus, nessa seção, é o de alguém que recebeu autorização e poder do Espírito Santo. Tal autorização dividia aqueles a quem Jesus encontrava em dois grupos: os que reconheciam Deus nas palavras e atos de Jesus, e os que não o reconheciam (4:28-30).

Lucas prossegue, então, para contar as primeiras histórias sobre o ministério de cura de Jesus. Estas englobam um exorcismo em Cafarnaum (4:31-35) e a história da cura da sogra de Pedro (4:38-39). Tais atividades trouxeram a Jesus uma multidão de seguidores (4:37,42; 5:1-3) e levaram o povo de Cafarnaum a tentar mantê-lo em sua área (4:42). Jesus, no entanto, respondeu como o fizera em Nazaré, indicando que era necessário que ele seguisse adiante (4:43). A palavra de Deus não pode ficar restrita a um único lugar.

### 5:1-11 O chamado de Simão Pedro

Certo dia, Jesus usou o barco de Simão como púlpito do qual poderia pregar um sermão (5:3). Simão assentou-se ao lado de Jesus durante todo o sermão, mas não parece ter sido particularmente tocado por ele. Percebendo essa reação, Jesus disse a Simão que saísse para águas mais profundas e lançasse as redes para pescar (5:4).

De maneira significativa, mesmo expressando suas dúvidas a Jesus, Simão se dirige a ele como Mestre (5:5a).

Este era um termo que os subordinados usavam para se dirigir a um superior. Talvez Simão tenha usado esse termo em razão de sua experiência anterior com o milagre que Jesus realizara ao curar sua sogra com uma febre muito alta (4:38-39). Ou talvez o fizesse apenas para agradar Jesus e demonstrar sua gratidão pela cura; contudo, sem nenhuma esperança de apanhar peixes e ter lucro, Pedro abaixou as redes (5:5b). Subitamente, havia tantos peixes em sua rede que foi necessário acenar para Tiago e João, seus sócios no negócio, para que trouxessem o seu barco e o ajudassem. No final, ambos os barcos estavam tão cheios de peixes que havia perigo de afundarem (5:6-7).

O efeito sobre Simão foi compreensível. Ele não considerou o milagre uma lição sobre melhores técnicas de pescaria que poderiam aumentar seus lucros. Toda a sua atenção estava focalizada na pessoa de Jesus Cristo (5:8a). Seus companheiros e seus dois sócios estavam igualmente boquiabertos (5:9-10a).

Focalizando sua atenção em Simão, Jesus lhe disse que agora ele se juntaria a Jesus em sua própria profissão — que alguém traduziu como *pescador de homens* (5:10b).

Como primeiro discípulo a ser chamado, Simão se torna tanto um porta-voz como um símbolo dos demais em sua fé e fraquezas. Contudo, embora Jesus se concentre em Pedro, também Tiago e João compartilham do comissionamento de Pedro. Respondem às palavras de Jesus exatamente como Pedro o faz: deixando tudo para trás e seguindo a Jesus (5:11). É notável que esses homens tenham abandonado sua profissão e todo o seu equipamento para seguir a Jesus.

Hoje, nós, que há muito tempo conhecemos quem é Jesus e o que ele requer de nós em nosso trabalho diário, tanto secular quanto sagrado, podemos com certeza ter razão para nos sentir ainda mais inseguros do que Simão Pedro quando exclamou: *Sou pecador* (5:8b). Nossa pecaminosidade como cristãos pode ser vista na qualidade inferior de nosso ministério no mundo hoje, em que a pobreza, a desigualdade de gênero, a falta de habitação, a falta de cuidados médicos e muitos outros males sociais prevalecem. Não somos chamados para emprego e serviço no mundo com vistas a lucro material, mas primariamente para agradecer a Deus e estar engajados no ministério da palavra e da ação que “pesca pessoas” e torna a vida digna de ser vivida, humana e santa.

### 5:12-26 Crendo na cura divina

Nesses episódios, Lucas nos dá maiores detalhes sobre o ministério de cura de Jesus, o qual foi mencionado pela primeira vez em 4:31-41, e nos conta a história de duas curas separadas, uma delas relacionada a um leproso e a outra, a um paralítico. O leproso viveu para testificar a respeito do que Jesus lhe havia feito (5:14), e o homem paralítico voltou para casa curado, tanto física quanto espiritualmente — seus pecados foram perdoados, e ele foi justificado diante de Deus (5:20). Para esses indivíduos, ser curado

significava ser restaurado à família estendida, aos amigos e à comunidade. Saúde, portanto, implica uma integração sadia na vida da sociedade. Os africanos há muito tempo estão conscientes disso, razão pela qual cumprimentamos as pessoas indagando sobre sua saúde e a saúde dos membros de sua família, mesmo quando a pessoa cumprimentada é completamente estranha. Não perguntamos apenas: “Como vai você?”, mas também: “Como estão os seus?”. Da mesma forma, sempre que nos despedimos, mesmo num relacionamento casual, enviamos saudações à família.

Essas consequências humanas da cura não devem ser negligenciadas. Nosso coração se emociona diante da figura do homem caindo sobre seu rosto diante de Jesus e implorando: *Senhor, se quiseres, podes purificar-me* (5:12,24; cf. tb. Mc 1:40; Mt 8:2). Também nos emocionamos diante do desespero daqueles que carregaram o homem paralítico até o telhado e o baixaram através das telhas e no meio da multidão, em frente a Jesus (5:19). Jesus responde à fé desesperada do leproso e daqueles que carregaram o paralítico, curando-os. Tais histórias nos levam a refletir sobre o ministério de cura da igreja hoje.

Um desenvolvimento significativo na África é o progresso do grupo Igrejas Instituídas da África (African Instituted Churches — AICs). Essas igrejas florescentes e dinâmicas procuram desenvolver um cristianismo verdadeiramente africano, não importado do Ocidente, e colocam grande ênfase na teologia e ministério de cura. Pregam curas miraculosas e a cura pelo poder do Espírito Santo, reavivando a ligação entre fé e saúde que existia nos tempos bíblicos.

A igreja, como um todo, é chamada a situar sua compreensão de saúde e cura dentro da visão africana de mundo que percebe a saúde como algo mais do que meramente bem-estar físico. A maioria dos africanos, em seu subconsciente, não perdeu o contato com a visão de mundo que encara a doença e o infortúnio como resultado de fatores externos malignos. O medo de bruxaria, feitiçaria, tabus, maldições, maus agouros, espíritos malignos e um exército de outras forças maléficas (muitas vezes provocadas pela interação de religiões tradicionais como o cristianismo e o islamismo com seus diabos, demônios e mitos) é uma realidade para muitos africanos, independentemente de educação, *status* socioeconômico ou credo. Saúde perfeita, portanto, envolve também harmonia espiritual, mental, física, social e ambiental.

Qualquer ministério de cura na África que não leve em conta a cosmologia africana está fadado ao fracasso. As igrejas que pertencem ao movimento AICs reconheceram esse fato, e suas curas não têm o objetivo de suplantiar o tratamento médico, mas de suplementá-lo. Suas orações, sonhos, visões, imposição de mãos, uso de água e óleo consagrados, tambores e outros rituais têm como objetivo lidar com os problemas práticos da vida, assim como a religião africana tradicional o fez e ainda faz. Em outras palavras, nessas igrejas a visão africana de mundo é altamente com-

plementada pela cosmovisão bíblica, e a cura é realizada em nome do Deus Trino e, particularmente, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Nós também precisamos levar em conta o contexto social quando procuramos compreender doença e a mediação da cura.

### 5:27-39 A diferença que Jesus faz

Essa passagem consiste em uma série de acusações por parte dos fariseus sobre o estilo de vida de Jesus e seus companheiros e sobre as respostas dadas por Jesus. A primeira acusação foi a de que eles se associavam às pessoas erradas (5:30). Eles não deveriam comer nem beber com proscritos sociais. Jesus respondeu que são os doentes que necessitam de cura, e, portanto, como anfitrião, convidava os pecadores a comer com ele (5:31-32).

A segunda investida foi a respeito do estilo de vida dos discípulos: não era suficientemente sério. Havia muita comida e bebida e pouco jejum e oração (5:33). Jesus respondeu que jejuar enquanto se proclamam boas-novas é tão sem sentido quanto jejuar numa festa de casamento. É um absurdo (5:34-35).

Jesus, então, conta uma dupla parábola. Um pedaço de tecido tirado de uma vestimenta nova não deve ser usado para consertar uma roupa velha, pois cortar um pedaço estragaria a roupa nova, e as cores brilhantes do tecido novo não combinariam com as cores esmaecidas do tecido velho (5:36). Vinho novo não é colocado em odres velhos, pois estes estão ressecados e estourariam. Ao contrário, vinho novo é armazenado em odres novos (5:37-39). Ele defende que uma nova realidade religiosa interior exige um estilo de vida novo. As marcas dos seguidores de Jesus não seriam a observância do sábado, jejuns e orações e a prática de esquivar-se dos rejeitados, mas a alegria como de um casamento (5:33-35) e uma constante preocupação com as necessidades humanas, tanto espirituais (5:29-32) quanto físicas (6:1-11). Tal estilo de vida tem a autoridade de Jesus atrás de si. O apóstolo Paulo captou esse espírito quando escreveu aos romanos: “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17).

### 6:1-11 Transgredindo o sábado

Provavelmente, não foi por acaso que muitos dos “atos poderosos” de Jesus estiveram associados ao sábado. É provável que Jesus deliberadamente os tenha realizado nesse dia. Dentro do judaísmo, o sábado chegara a ser considerado símbolo da paz, restauração e bem-estar de Israel, e o desfrute pacífico do sábado era um dos sinais de que a era messiânica havia chegado (Is 14:3). As ações de Jesus, para aqueles que estavam prontos a responder, indicavam que sua missão incorporava as marcas do prometido sábado de Israel.

Em 6:6-11, os inimigos de Jesus o observavam para apanhá-lo numa armadilha. Ele curou publicamente um

homem com a mão mirrada, após indagar se era justo curar ou ferir no sábado. Para Jesus, atos humanitários e de fé caminham juntos.

### 6:12-16 Escolhendo os doze

A escolha dos doze discípulos marca uma nova etapa do ministério de Jesus. Uma vez mais, Lucas a coloca dentro de um contexto de oração; dessa vez, uma oração que durou a noite toda (6:12). A escolha de um grupo de doze sugere que Jesus está conscientemente fazendo uma ligação entre o seu trabalho e o trabalho de Deus no AT, quando trouxe as doze tribos de Israel para a terra prometida. Os doze discípulos representam o novo Israel. O quadro do reino em sua glória final apresentado por Jesus mostra os doze assentados em tronos, como juízes das doze tribos de Israel (Lc 22:30). Para os olhos da fé, ele e os doze são sinais da presença do reino.

### 6:17-49 O sermão na planície

#### 6:17-19 Sermões de hoje

Quando o principal dos sacerdotes e fariseus enviaram os guardas do templo para prender Jesus, eles voltaram de mãos vazias. Questionados sobre o motivo, tudo o que puderam dizer foi: “Jamais alguém falou como este homem” (Jo 7:40-47). Eles não podiam deixar de reconhecer a absoluta diferença entre Jesus e todos os outros mestres. Suas palavras eram completamente originais, repletas de autoridade e espantosamente profundas em seu conteúdo. Quando lemos seu sermão na planície, é quase impossível não exclamar, como o fizeram os antigos guardas do templo: “Jamais alguém falou como este homem”.

Contudo, por que o ensino de Jesus provocou tal impacto? E o que dizer dos sermões de hoje — poderiam eles também provocar impacto?

Antes de focalizar esse sermão, pensemos sobre sermões em geral e seu lugar nas igrejas hoje. Por que as igrejas episcopais metodistas na África possuem apenas um grande púlpito, enquanto os templos da igreja luterana têm tanto um altar quanto um púlpito, embora o púlpito seja ligeiramente mais alto que o altar? Nas igrejas católicas romanas, somos imediatamente atingidos pela magnificência, beleza e projeto artístico do altar. Por que essas diferenças entre as várias denominações cristãs?

A resposta poderia ser encontrada no fato de algumas denominações enfatizarem a necessidade de “orelhas grandes” para ouvir a palavra de Deus, isto é, a pregação; outras denominações enfatizam a importância de “olhos grandes” para ver o simbolismo que nos fala do mistério e da fascinação de Deus; e outras, ainda, nos exortam a ter ambos, “olhos grandes” e “orelhas grandes”, mas preferivelmente as últimas. A importância da pregação na vida da igreja é evidentemente determinada por nossas doutrinas teológicas particulares. Para alguns, o sermão é o iniciador

ou aquele que dá a partida antes da eucaristia, enquanto, para outros, é a parte principal do culto dominical. O sermão, no entanto, é sempre importante, pois Cristo não se contentou meramente em operar milagres que abençoaram e maravilharam as pessoas; ele também as ensinou, como vemos aqui.

No que se refere ao conteúdo do sermão, Santo Agostinho assinalou que o ministério da pregação envolve três aspectos: ensinamento, encanto e mudança. Em outras palavras, um sermão deve ser revigorante se deseja ensinar algo; deve ser encantador, fazendo que nos sintamos vivos, pois sem a graça de Deus estamos mortos em nossos caminhos fúteis e em nossas transgressões e pecados; e deve levar à mudança, para nos voltarmos para Deus (conversão). Se um sermão não produz isso, torna-se algo meramente suportado.

A pregação é essencial na vida da igreja porque, pregando, tentamos dar as respostas de Deus às perguntas levantadas pelo povo. Quando um pastor luterano, um padre católico romano, um pastor da igreja reformada holandesa ou um profeta da igreja iniciada africana sobem ao púlpito, o momento mágico se inicia. Nos bancos, estão sentados um estudante universitário especializando-se em ciências bíblicas, um banqueiro que durante a última semana por duas vezes cogitou em suicidar-se, um professor que acabou de receber a informação de que está com aids, uma jovem mãe que acabou de perder seu primogênito, um jovem que descobriu que é homossexual e inúmeros outros: todos ouvindo quando você inicia seu sermão.

No espaço de cinco minutos, no entanto, o pregador pode ter perdido seus ouvintes para os próprios pensamentos deles. Mesmo que muito tempo tenha sido gasto em preparação, um sermão não será ouvido se não for bem transmitido. Isso significa que devemos realmente dizer o que tencionamos dizer, e não esquecer nem confundir os pontos importantes. A voz deve ser clara e variada. Normalmente usamos um tom de voz moderado, mas há ocasiões em que é apropriado reduzir a voz quase ao nível de um sussurro, enquanto em outros momentos é apropriado lançar um apelo apaixonado. De certa forma, a arte de pregar é semelhante à de cantar, que necessita incluir tanto partes suaves quanto altas. O pregador também precisa saber quando dizer “Amém” e parar de pregar, antes que a congregação perca o interesse e se torne distraída e cansada. Outras partes do culto se seguirão ao sermão e é melhor terminar antes, quando o povo ainda gostaria de aprender algo mais, do que muito tarde, quando tudo o que eles desejam é retirar-se.

Apresentar um bom sermão, no entanto, não é apenas uma questão de técnica. É importante também orar antes de iniciar o sermão pedindo a Deus que o transforme num testemunho real de sua mensagem. Quando isso acontecer, você colherá a completa alegria de ensinar e alcançar os ouvintes, a alegria de enlevar outros e não colocá-los para



dormir, e a alegria de conduzir pessoas a Deus. Como pregadores, somos abençoados por Deus para sermos usados como seus instrumentos e agentes no ministério da pregação. Assim, pregue de modo que a Bíblia espalhe vida e torne crível a fé cristã. Dessa maneira, a palavra de Deus se tornará carne e viverá entre nós (Jo 1:14).

### 6:20-26 Um plano de ação

No sermão da planície, Jesus faz uma significativa declaração política sobre o reino de Deus. Seu discurso explica melhor as boas e as más novas que ele anunciou em Nazaré e que havia demonstrado em atos messiânicos por toda a Galileia. Agora ele fala, e a mensagem é revolucionária — uma série surpreendente. As bem-aventuranças viram de cabeça para baixo nossas noções padronizadas sobre o que é aceitável. As pessoas às quais Jesus chama de “bem-aventuradas”, o mundo chamaria de “desgraçadas”; e as pessoas para as quais Jesus profetiza infortúnios são aquelas que o mundo admira. Esse sermão subverte completamente os valores do mundo.

Tais palavras devem ter sido endereçadas às pessoas famintas, pobres e socialmente destituídas que acompanhavam Jesus. Seu anúncio do reino de Deus, com sua promessa concreta de um futuro melhor, deve ter instigado esperanças latentes por um tempo no qual a justiça prevaleceria e os sofrimentos atuais se tornariam passado. Elas veem sua vida e condição presentes como escândalo aos olhos de Deus. Mas verão o futuro mudar isso. A pregação de Jesus revitalizou a esperança messiânica. Foi essa esperança que aqueles que rodeavam Jesus tomaram como pessoal, e assim viram a si mesmos como o “pequenininho rebanho” que herdaria o reino de Deus vindouro (12:32).

As beatitudes, na versão de Lucas, são abruptas, diretas: *Bem-aventurados vós, os pobres* (6:20). Ao longo de todo esse evangelho e em Atos, Lucas incansavelmente nos mostra o foco de Jesus sobre os pobres e revela os primitivos grupos cristãos com a mesma preocupação. Essa imagem hoje tanto nos persegue quanto nos inspira, quando consideramos o que significa ser uma comunidade cristã num mundo assolado pela pobreza.

Quando Jesus afirma que os pobres são bem-aventurados, está estabelecendo um princípio. Somos responsáveis pela formulação de uma ética concreta, e de princípios e políticas que assegurarão a bem-aventurança dos pobres em nossos dias. Teologicamente falando, com as bênçãos de Deus e sob o comando do Deus que coexiste em nós, somos convidados a assumir a tarefa de erradicar a pobreza, ao mesmo tempo que enfrentamos e descobrimos soluções para os desafios que se apresentam na África e no mundo como um todo.

A igreja tem um papel crucial a desempenhar ao assegurar que as vozes dos pobres reverberem nos corredores da política pública. Talvez devêssemos mesmo ir além e dizer que a pregação do evangelho será realmente libertadora

quando os próprios pobres forem os pregadores. A criação de muitas igrejas em meio à pobreza cria uma oportunidade estratégica para que a comunidade da fé trabalhe para a sua erradicação.

### 6:27-49 Comportamento cristão

O próprio Jesus é o modelo que demonstra o sentido de seu ensino no que diz respeito ao comportamento social e ético exigido de seus seguidores. O tratamento feito por Lucas da paixão de Jesus nos mostra como o Mestre viveu seu próprio ensino de amor em 6:27-38, orando por aqueles que o trataram com escárnio (23:34). O cristão que age segundo a maneira aqui apresentada estará apontando na direção de seu Mestre, Jesus Cristo, e seguindo os passos de Estêvão que orou por aqueles que o apedrejavam: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7:60).

Em 6:39-42, Jesus declara sua avaliação sobre o relacionamento entre seus discípulos e ele próprio. Discipulado significa seguir alguém que sabe o caminho, de tal maneira que esse alguém se torne um guia. Estas palavras nos lembram a apresentação feita por João em relação a Jesus como o caminho, ou as descrições de Jesus em Hebreus como o “novo e vivo caminho” (Hb 10:20). Seguindo Jesus, seus discípulos reconhecem que ele não é nenhum guia cego, mas um conhecedor do caminho.

Os temas de senhorio e discipulado são ainda mais enfatizados em 6:46-49. À semelhança de Jesus, que construiu sua casa (a igreja) sobre o firme fundamento da “rocha” representada pelo reconhecimento de Pedro a seu respeito como Messias, o “Cristo de Deus” (9:20; cf. tb. Mt 16:18), o discípulo deve construir sua casa sobre a rocha, que é o próprio Jesus. Como o autor da carta de Tiago, Lucas está interessado em que os discípulos compreendam o que significa chamar Jesus de “Senhor”. A essência do cristianismo não é meramente uma crença e uma confissão (... *me chamais Senhor, Senhor*) que pode ser desvinculada da maneira de andar no mundo (... *e não fazeis o que vos mando*). Quando todo o ser responde com inteireza ao Senhor, o resultado é uma união indissolúvel entre confissão e caminhada ou entre fé e boas obras.

### 7:1-50 Jesus trata com indivíduos

#### 7:1-10 O servo do centurião

A primeira história dessa seção introduz o notável encontro entre o opressor (um centurião romano) e o oprimido (Jesus, um judeu). Durante o século I, um oficial do exército, como, por exemplo, um centurião, simbolizava todo o poderio político e militar de Roma. É impressionante que tal pessoa demonstrasse cuidado tão especial para com um de seus escravos (7:2). O centurião deveria ser elogiado por afirmar a dignidade e humanidade de um de seus semelhantes.

Esse encontro também salienta a condição de Jesus. Vários representantes foram enviados pelo centurião para

pedir a Jesus que viesse e curasse o servo. Os primeiros são alguns dos anciãos dos judeus, os quais descrevem o centurião romano como um amigo genuíno de Israel e apelam insistentemente a Jesus, dizendo: *Ele é digno que lhe façais isto; porque é amigo do nosso povo, e ele mesmo nos edificou a sinagoga (7:3-5)*. Colocando em termos políticos, teríamos: “Nós lhe devemos essa”. Jesus se dispôs a ajudar, mas, quando ele e os anciãos judeus se aproximaram da residência do centurião, este enviou uma segunda delegação composta de amigos pessoais, com a seguinte mensagem: *Manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado (7:6-7)*. O argumento do centurião em 7:8 demonstra profundo respeito pela autoridade de Jesus. Ele afirma que, se as ordens de uma unidade militar são obedecidas sem questionamento, muito mais um comando de Jesus seria obedecido. Até mesmo Jesus ficou impressionado e respondeu com um elogio direto: *Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta (7:9)*. E, sem dúvida, o servo foi curado (7:10).

Resumindo, Lucas conta aqui uma fascinante história de relações transculturais, a interação entre os sistemas militar e religioso e o *ubuntu* do oficial militar que luta pela saúde de um semelhante, embora essa pessoa fosse um dos oprimidos.

### 7:11-17 A cura do filho de uma viúva

Novamente encontramos Jesus como um compassivo curador (7:13). Ele ficou profundamente comovido quando se deparou com uma procissão funeral e viu a angústia da mãe diante da morte de seu único filho (7:12). Imediatamente curou o jovem e *o restituiu a sua mãe (7:15)*. Testemunhando isso, somos lembrados da futura ressurreição de outro Filho de uma pesarosa mãe.

### 7:18-35 Uma pergunta de João Batista

Nessa ocasião, João Batista é apresentado pela primeira vez como alguém conjecturando se Jesus seria aquele que deveria vir (i. e., o Messias) (7:18-19; cf. tb. Is 35:5-6a; 61:1; Mt 3:11; Mc 1:7; Lc 3:16; Jo 1:27). Em sua resposta, Jesus se refere à cura e à ressurreição de mortos (7:22). Não foi por acaso que Lucas colocou os episódios do servo do centurião e do filho da viúva imediatamente antes dessa seção. Essas curas eram sinais que deveriam indicar quem era Jesus.

A resposta pessoal de Jesus a João é um convite para aprofundar-se ainda mais e ver o próprio Jesus como Messias. Mas em que bases João deveria crer nisso? A João Batista, são apresentados os milagres e a proclamação das boas-novas aos pobres, os quais foram profetizados nas Escrituras como eventos pertencentes aos últimos dias. O esperado é que João responda àquilo que seus discípulos viram e ouviram (7:22; cf. tb. 1Jo 1:3).

Jesus convida então a multidão ao redor para refletir mais sobre a missão de João Batista e sua relação com o próprio Cristo. Suas perguntas levam os ouvintes a relem-

brar a firmeza das convicções e da mensagem de João (ele não era nenhum *caniço agitado pelo vento* — 7:24), sua vida de renúncia pessoal (ele não se vestia com roupas finas — 7:25) e seu ministério profético (7:26). De fato, Jesus insiste em que João era mais que um profeta. Os profetas haviam meramente predito que o Messias viria (cf., p. ex., Dt 18:18; Is 9:6-7; Mq 5:1-4). João também o fez, mas foi também o predecessor, preparando o caminho para a vinda do Messias, um ministério que o torna o maior de todos *entre os nascidos de mulher* — (7:28a; cf. tb. Mt 3:1).

A despeito da alta posição de João, entretanto, ele é descrito como estando abaixo daquele que é *o menor no reino de Deus (7:28b)*, um *status* alcançado quando permitimos que Jesus governe nossa vida enquanto esperamos a vinda plena do reino no futuro. A mensagem de Jesus dividiu seus ouvintes em duas categorias: aqueles que *reconheceram a justiça de Deus (7:29)* e aqueles que *rejeitaram, quanto a si mesmos, o designio de Deus (7:30)*. Ironicamente, a primeira categoria incluía *todo o povo que o ouviu e até os publicanos*, e a segunda englobava *os fariseus e intérpretes da lei*. A razão para suas diferentes respostas baseava-se na sua resposta à mensagem de João. Os publicanos e o povo haviam aceitado o batismo de João “de arrependimento para remissão de pecados” (3:3). Estavam preparados para admitir que eram pecadores. O mesmo não aconteceu com os fariseus e intérpretes da lei, os quais a descartaram como se não lhes dissesse respeito. Aproximar-se da palavra de Deus com a atitude “Eu sou perfeito” significa perder a maior das bênçãos.

A razão para a rejeição de Jesus e João não se relacionava à mensagem trazida por ambos, mas à vontade pessoal daqueles que os rejeitavam. Nada os agradava. Eles não se sentiam atraídos nem pela alegria nem pela lamentação (7:32). Reclamavam que João jejuava com muita frequência e se alimentava com uma dieta restrita, e, portanto, *Tem demônio!* — expressão genérica para algo fora do normal (7:33). Mas reclamavam igualmente de que Jesus (aqui referido como Filho do Homem — termo muitas vezes usado por Jesus em referência a si mesmo) não jejuava o suficiente e o chamaram de *glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!* (7:34). Mesmo em nossos dias, é muito difícil trazer pessoas como essas a Cristo. Elas pensam ter todas as respostas. Como Jesus mostrou, entretanto, são tolas quando se recusam a entrar no reino de Deus pelo caminho do arrependimento do pecado e da aceitação de Jesus.

### 7:36-50 A mulher que era pecadora

Relatos sobre uma mulher ungindo a Jesus aparecem nos quatro evangelhos (Mc 14:3-9; Mt 26:6-13; Jo 12:1-8; Lc 7:36-50). Nenhum nome é atribuído à mulher em Marcos e em Mateus; em João, ela é Maria de Betânia. Lucas a menciona simplesmente como *uma mulher da cidade, pecadora (7:37)*. Seu “pecado” específico, no entanto, nunca é revelado. Tentativas para determinar qual seria esse pecado

podem revelar mais os preconceitos do intérprete do que o passado da mulher. A interpretação de Jesus com respeito ao seu ato é tudo o que interessa.

Seu feito, em Lucas, consistiu em trazer um vaso de alabastro com unguento, molhar os pés de Jesus com suas lágrimas, enxugá-los com os cabelos e ungi-los com o unguento (7:38). O foco sobre os pés de Jesus nos lembra os “formosos pés do que anuncia as boas-novas” da salvação (Is 52:7). Embora Lucas não inclua o comentário do Mestre de que onde quer que o evangelho fosse pregado em todo o mundo “será também contado o que ela fez, para memória sua” (Mt 26:13; Mc 14:9), Jesus deixa claro que essa mulher deve ser honrada por demonstrar o seu amor por ele.

Há um contraste marcante entre o amor dessa mulher e a demonstração de frieza de Simão, o fariseu, o anfitrião negligente (7:44-46). Amor, na lógica dessa história e da parábola contada por Jesus em 7:40-43, é tanto a causa quanto o resultado ou sinal do perdão divino. A mulher incorpora esse amor, e Jesus a abençoa com as palavras: *A tua fé te salvou; vai-te em paz* (7:50).

## 8:1-56 Histórias de discipulado

### 8:1-3 Mulheres discípulas

Lucas associa Jesus a vários grupos de discípulos, antecipando a ideia do sacerdócio de todos os crentes. Há discípulas mulheres (8:2-3), os doze discípulos homens (6:14-16), muitos discípulos (6:17), os setenta e dois (10:1), grupos de três discípulos (Simão Pedro, João e Tiago) ou de dois discípulos (Simão Pedro e João; Tiago e João) e discípulos individuais como Levi, que não é um dos doze, e Simão Pedro, João e Judas. O foco principal, entretanto, recai sobre os doze indivíduos escolhidos por Jesus no capítulo 6.

Em Lucas 8:1-13, somos apresentados a *algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades*. Sabemos os nomes de três dessas mulheres: Maria, chamada Madalena, Joana e Suzana (8:2-3). Essas e muitas outras mulheres são mencionadas como aquelas *que lhe prestavam assistência com os seus bens*. A palavra grega usada aqui, assim como em Marcos 15:41 e Lucas 8:3, é *diakoneo*, que significa servir ou ministrar como um diácono. Há muitas opiniões diferentes quanto ao tipo de serviço que essas mulheres prestavam. Alguns teólogos insistem em que, na comunidade cristã primitiva, esse serviço envolvia não apenas trabalhos domésticos, mas também o serviço eucarístico e de proclamação da palavra. Certamente, referências posteriores a Priscila mostram que a mulher podia assumir o papel de mestra (At 18:26).

Talvez em razão de sua estrutura predominantemente patriarcal, as igrejas africanas até hoje não permitem nem encorajam mudanças de atitude em relação às mulheres, especialmente no que diz respeito à ordenação. Mesmo quanto ao proporcionar educação para mulheres, a igreja inclina-se a focar temas considerados apropriados para mulheres. Ao

perpetuar essa atitude preconceituosa, a igreja se coloca contra seu próprio ensino de que, em Cristo, todas as coisas são feitas novas, o que é velho já passou (2Co 5:17; Gl 3:28). Com base nas Escrituras, é claro que as mulheres estão entre os primeiros receptores e mensageiros do evangelho. Elas se mantiveram ao lado de Jesus ao longo de sua vida, e estavam com ele na sua morte sobre a cruz. As mulheres foram os únicos seres humanos que ungiram fisicamente o corpo de Jesus (7:36-50). Entretanto, a igreja hesita em permitir-lhes consagrar o sacramento que simboliza esse mesmo corpo (Hazel Ongayo Ayanga, 1999).

### 8:4-15 De quem é a culpa: do semeador ou do solo?

A parábola do semeador pode ser recontada nos seguintes termos. Certo dia, um fazendeiro saiu para plantar suas sementes. Enquanto as espalhava pelo seu campo, algumas sementes caíram na trilha por onde passavam burros, carros e pessoas. Aquelas plantas morreram (8:5). De quem foi a culpa? Foi do semeador? Por que ele espalhou sementes valiosas numa trilha? Por que expôs as sementes ao perigo? Em nosso texto, o semeador é identificado com Jesus Cristo. Deveríamos culpar Deus?

Seria culpa do solo? Pense num país como a Namíbia. Há grande quantidade de terreno arenoso e de pedras, touceiras e espinheiros, uma população irregularmente espalhada, e diamantes, cobre, ouro e urânio. Entretanto, sempre sofreu com a falta de água. Nas planícies e nos montes, as pessoas são tostadas como pães queimados sob os raios escaldantes de um céu sem nuvens. As grandes rochas são sempre um perigo para as sementes frágeis e vulneráveis, e os espinhos agudos se esparramam, esperando para dificultar o processo de crescimento da semente (8:6-7). De quem é a culpa?

Seria falta do semeador (identificado como Deus) ou do solo e das condições climáticas desfavoráveis? Ou seria culpa do diabo, que *vem a seguir [...] e arrebatava-lhes do coração a palavra, para não suceder que, crendo, sejam salvos?* (8:12).

Em vez de procurar atribuir culpa, tentemos uma abordagem diferente. Em Gênesis 1:28-31, Deus abençoou a raça humana e lhe deu plantas que produziam sementes, animais e pássaros, e os abençoou com as palavras: “Sede fecundos... enchei a terra e sujeitai-a”. Deus, então, declarou boa a sua criação. Deus nos criou como pessoas boas. Ele nos deu uma criação agradável e um universo digno de confiança. Nós, individualmente ou em comunidade, devemos cuidar deste planeta. É nossa responsabilidade evitar que qualquer pessoa caia hoje nas mãos dos espinheiros, isto é, nas mãos de raptos e ladrões, e também de protegê-los dos espinhos do HIV/aids. O ponto de partida de tudo isso é a obediência à palavra de Deus. Quando obedecemos, ela cria em nós um profundo desejo de cuidar da criação de Deus — exercendo honestidade e justiça em nosso relacionamento com os outros e cuidado em nosso relacionamento com o bom planeta de Deus.

### 8:16-25 A candeia, a família de Jesus e a tempestade

Ao contar a história sobre a candeia (8:16-18), Jesus quis deixar claro o seguinte: se, na missão de Jesus, Deus acendeu uma candeia, então podemos descansar seguros de que ela será bem-sucedida em iluminar, mesmo que, no decorrer dessa missão, haja ocasiões em que pareça que vez por outra sua luz foi completamente obscurecida. Aqueles que estão preparados para esquecer a si mesmos descobrirão que possuem o melhor discernimento a respeito da compreensão de Jesus. Agir baseados nesse discernimento leva à mais completa semelhança com Jesus.

O episódio envolvendo a família de Jesus (8:19-21) trata de duas questões: Quem é a mãe de Jesus? E quem são seus irmãos e irmãs? Tais perguntas parecem ter intrigado tanto João (Jo 7:1-10) quanto Lucas, deixando claro que o parentesco mais próximo com Jesus resulta de um discipulado obediente. Jesus e seus verdadeiros discípulos estão intimamente envolvidos na obediência ao Pai.

Tempestades súbitas e violentas são comuns no mar da Galileia, e em 8:22-25 uma dessas tempestades é descrita. O barco dos discípulos estava em grande perigo enquanto Jesus dormia. Lucas (ao contrário de Mateus e Marcos) é cuidadoso ao dizer que Jesus adormeceu antes que a tempestade começasse (8:23a). Ao ser acordado pelos discípulos apavorados, ele trata diretamente da tempestade. Sua repreensão dos elementos foi seguida de uma calma tão repentina quanto a tempestade. Os discípulos responderam com temor. Esse senhorio será demonstrado de forma ainda mais dramática no episódio que se segue, o qual mostra seu domínio sobre as forças demoníacas que atormentam a vida humana.

### 8:26-39 O endemoninhado geraseno

A história do endemoninhado geraseno é estranha e inusitada, e nem sempre temos a linguagem e disposição de espírito corretos para compreendê-la. Eis o relato: Um homem cidadão que não vivia numa casa, mas entre os túmulos, estava possuído por muitos demônios (8:27) e era mantido com *os pés e mãos acorrentados e entregue aos cuidados de guardas* (8:29, NVI). Entretanto, algumas vezes, ele despedaçava essas correntes e era levado, pelo demônio, para o deserto. Para curar esse homem cidadão, Jesus deu permissão aos demônios e, *tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lago, e se afogou* (8:32-33). Após testemunhar o incidente, pessoas *na cidade e pelos campos ficaram dominadas de terror* (8:34-37). Mas o homem *de quem saíram os demônios, estava vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus* (8:35).

A história enfatiza o fato de que a única pertinência realmente importante é a pertinência relativa às profundas necessidades humanas. Em outras palavras, necessitamos reorientar a missão da igreja de volta para nós como conselheiros, teólogos, pastores e leigos cristãos africanos. É importante, em nosso ministério cristão de cura, voltar os olhos para nossa realidade. Mas por quê?

O grande erudito africano John Mbiti conta a seguinte historietinha sobre o retorno de um teólogo africano graduado à África, após muitos anos de estudo na Europa:

Ele aprendeu alemão, grego, francês, latim e hebraico, além do inglês, como parte das exigências para sua pós-graduação. A outra parte, a dissertação, ele a escreveu sobre um obscuro teólogo da Idade Média. Finalmente, conseguiu o que desejava: um doutorado em teologia [...] Sentindo-se ansioso para chegar em casa, ele voou e alegremente pagou pelo excesso de bagagem, que, afinal, consistia apenas em Bíblias nas várias línguas que aprendera, além de Bultmann, Barth, Bonhoeffer, Brunner, Buber, Cone, Küng, Moltmann, Niebuhr e Tillich.

Em casa, parentes, vizinhos, velhos amigos, dançarinos, músicos, tambores, cachorros, gatos, todos reunidos para lhe dar as boas-vindas. As pessoas o ouvem pacientemente enquanto ele se esforça para falar sua própria língua, buscando, ocasionalmente, o auxílio de um intérprete do inglês.

Subitamente ouve-se um grito agudo. Alguém caiu no chão. Foi sua irmã mais velha. Ele corre para ela. As pessoas dão lugar a ele e o observam: “Vamos levá-la para um hospital”, pede ele com urgência. Todos estão aturdidos. Ele se cala. Eles olham para ele curvando-se sobre a irmã. Por que ninguém responde ao seu conselho? Finalmente um menino lhe diz: “Doutor, o hospital mais próximo fica a 100 quilômetros de distância e há poucos ônibus para ir até lá”. Outra pessoa fala: “Ela está possuída. Hospitais não vão curá-la!”. O chefe lhe diz: “Você estudou teologia durante dez anos no estrangeiro. Agora, ajude sua irmã. Ela está atormentada pelo espírito de sua tia”.

Ele olha ao redor. Vagarosamente vai buscar o volume de Bultmann e lê novamente a respeito de possessão de espírito no Novo Testamento. Sem dúvida encontra sua resposta: Bultmann a demitologizou (i. e., de acordo com Bultmann, tais coisas não existem realmente). Ele insiste em que sua irmã não está possuída. As pessoas gritam: “Ajude sua irmã. Ela está possuída!”, enquanto ele grita de volta: “Mas Bultmann demitologizou a possessão demoníaca” (isso não existe).

Essa historietinha reflete a postura básica da igreja cristã africana, seus sacerdotes, pastores e leigos, a teologia cristã africana e o aconselhamento e cura cristãos na África. Sobre tópicos como cura cristã, devemos falar com base na situação interna, procurando satisfazer as necessidades reais em nossas igrejas, se desejamos ser relevantes em nosso próprio contexto.

Precisamos ouvir o que essa situação ensina. Se desejamos falar sobre cura e aconselhamento cristãos, necessitamos praticar esse ministério de cura e aconselhamento em

nosso próprio contexto. Precisamos saber quem somos. Na história, nosso estudante africano só possui livros escritos por teólogos europeus como Bultmann, Tillich e Moltmann. Infelizmente, ele não tem um único livro escrito por um teólogo africano, exceto um, James Cone, teólogo afro-americano. Tais livros não têm nada para oferecer quando se crê que um espírito ancestral derrubou a irmã de um teólogo africano.

Como ele poderá ajudá-la? Como poderá ser um pastor eficiente para ela? Como poderá desempenhar seu ministério pastoral de cura? Bultmann não oferece nenhuma resposta. Outros teólogos ocidentais o aconselhariam a expulsar o espírito. Mas, num contexto africano, no qual se crê que os espíritos dos mortos visitam os vivos, não se supõe que eles devam ser expulsos, mas, sim, que se deva conversar, arrazoar e barganhar com eles.

A teologia de Bultmann não comporta isso. Bultmann encoraja o teólogo africano a negar a realidade africana que o encara de frente. Jesus, no entanto, falou, arrazoou e “barganhou” com os demônios (8:32). Entretanto, não os tratou como iguais, mas como seres que lhe estavam sujeitos. À semelhança de Jesus, devemos exercer autoridade sobre os demônios, e não procurar seu auxílio ou consultá-los como é feito na religião tradicional africana (Dt 18:9-13; Is 8:19).

Necessitamos, hoje, de uma mudança de paradigma no ministério de cura e aconselhamento da igreja. Devemos aprender a arte de ouvir as perguntas que estão sendo feitas *in loco*. Somente então seremos capazes de começar a responder a elas e desenvolver uma teologia prática apropriada para a África.

Para dar outro exemplo: Durante meus estudos teológicos, aprendi que um aconselhamento pastoral apropriado ocorre num escritório para garantir privacidade e tranquilidade e uma atmosfera favorável. Fomos, até mesmo, aconselhados de que o escritório deveria conter uma mesa e, pelo menos, duas cadeiras. Mas, quando comecei meus trabalhos pastorais em Bethanien, na região de Karas, na Namíbia, descobri que muitas pessoas falavam comigo sobre suas provações em lugares públicos ou nas ruas, pedindo, inclusive, que eu orasse com elas na esquina ou na fábrica onde trabalhavam. Consciente de minha formação em aconselhamento pastoral, sempre as convidava a virem ao meu gabinete para o aconselhamento pastoral. A maioria, entretanto, nunca veio. Elas queriam consultar-me a respeito de seus problemas e aflições onde quer que nos encontrássemos, no gabinete, na rua, no campo de futebol ou na igreja.

O fato é que as profundas necessidades das pessoas podem apresentar-se de várias formas, e devemos estar preparados para receber todos. Ao mesmo tempo, porém, nunca devemos esquecer que nosso ministério deve estar sempre centralizado em Deus, pois é apenas pela graça de Deus que somos capazes de cumpri-lo (8:39).

#### 8:40-42,49-56 A cura de uma menina de 12 anos

O episódio do endemoninhado geraseno é seguido pela narrativa da ressurreição de uma menina de 12 anos e da cura de uma mulher que vinha sofrendo de um sangramento anormal havia doze anos. A repetição do número doze é provavelmente deliberada, especialmente porque os episódios que se seguem referem-se ao envio dos doze discípulos e à alimentação dos cinco mil que resultou em doze cestos cheios de sobras (9:17). O simbolismo numérico era importante para Jesus e seus contemporâneos. Na maioria dos casos, como aqui, foi usado para simbolizar a restauração e cura da “filha de Sião” (como Israel era chamado, com frequência, nos livros de Jeremias e Isaías).

O episódio da filha de Jairo evidencia dramaticamente o contraste entre a confiança absoluta de Jesus e a falta de confiança dos discípulos. (Para outras observações, cf. comentários em Mc 5:21-43.)

#### 8:43-48 Jesus, o modelo de cura

Jesus curava os doentes como pessoas integrais: corpo, alma e espírito. A mulher nessa história tinha sua vida inteira afetada pelo sangramento crônico que já durava doze anos (8:43). Seus problemas físicos incluíam anemia, debilidade e infertilidade. Seus problemas sociais eram piores, pois ela era imunda (Lv 15:19-30). Tudo e todos que a tocavam tornavam-se impuros. Provavelmente ela estava divorciada, abandonada pela família e sem amigos. Mágoa, depressão e raiva contra a sociedade e, possivelmente, contra Deus enchiam sua mente. Espiritualmente ela estava separada de Deus, pois nenhuma pessoa imunda podia ir ao templo para adorar ou implorar pela cura.

Quando ouviu falar de Jesus, a mulher decidiu procurá-lo, embora o seu toque o tornasse impuro. Ela estava arriscando-se ao fazer isso, pois, se fosse pega, poderia ser apedrejada até a morte. Jesus, no entanto, era sua única esperança de ser curada e ter novamente um lugar na sociedade. Com grande determinação, a mulher enfrentou a multidão e conseguiu alcançar e tocar Jesus (8:44). Imediatamente soube que estava curada e virou-se para escapar. Mas Jesus a deteve (8:45-46). Chamou a mulher para vir até ele porque, como pessoa, ela ainda não estava curada. O terror encheu o coração daquela mulher, que pensou que Jesus iria condená-la. Cheia de medo, ela lhe contou a história e esperou pela palavra de condenação (8:47). Mas, em lugar disso, o que ela ouviu a curou completamente. Ela ouviu Jesus dizer: *Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz* (8:48). Com os próprios ouvidos, essa mulher ouviu Jesus chamá-la de sua filha! Com o coração, ela o ouviu dizer: “Venha para minha família. Você está limpa e sadia”.

Qualquer verdadeiro ministério de cura envolve o sentir-se tocado pelo sofrimento humano e oferecer um ato e uma palavra de cura.



## 9:1-20 Jesus, o Cristo

### 9:1-9 Os doze e Herodes

Jesus agora chama os doze e lhes dá poder e autoridade para pregar e curar (9:1-2). Essa abordagem prefigura a experiência dos apóstolos em Atos. No final do evangelho de Lucas, eles são instruídos a permanecer em Jerusalém até que sejam “do alto revestidos de poder” (24:49), o que aconteceria quando o Espírito Santo viesse sobre eles (At 1:8). Jesus não designa uma tarefa enquanto não capacita aqueles que devem realizá-la. Veremos isso novamente no envio dos setenta e dois em 10:1-24.

As instruções operacionais dadas por Jesus aos doze são simples e explícitas. Eles não devem levar nenhum cado, nem bolsa, nem pão, nem dinheiro — nem mesmo duas capas (9:3). Ao adotar um estilo de vida assim simples, eles se distinguiriam claramente dos pregadores que esmolavam de porta em porta e que talvez usassem suas bolsas de viagem para carregar o que coletavam. Eles também se identificariam mais intimamente com o povo a quem estavam evangelizando, especificamente os camponeses e artesãos que viviam em zonas rurais. Eles deveriam identificar-se a tal ponto com essas pessoas que compartilhariam de seus lares enquanto estivessem evangelizando na área (9:4). Contudo, embora sua missão e estilo de vida devessem ser simples, não deveriam optar pela dificuldade em si. Isso fica claro na instrução de Jesus: *Na casa em que entrardes, ali permanecei e dali saíreis. E onde quer que não vos recebereis, ao saídes daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra eles* (9:4-5).

Os apóstolos saíram sozinhos pela primeira vez e desempenharam sua tarefa com notável sucesso (9:6). Enquanto esses doze representantes do novo povo de Deus estavam ocupados em seu breve estágio, o narrador desvia sua atenção para Herodes. A inserção da história de Herodes e João Batista nesse ponto nos relembra que Jesus está antecipando uma rejeição ainda mais terrível que a sofrida por João, e essa é a razão pela qual ele está treinando seus seguidores para o futuro ministério. João Batista havia sido o predecessor de Jesus na vida; agora em (9:9) ele é apresentado como seu predecessor na morte.

### 9:10-17 Compartilhando recursos

A história da alimentação da multidão é registrada nos quatro evangelhos (cf. tb. Mt 14:13-21; Mc 6:30-44; Jo 6:1-14). Os discípulos haviam retornado de sua missão e relatado o que haviam realizado (9:10). Jesus, então, retirou-se com eles para Betsaida, mas as multidões, descobrindo onde eles haviam ido, os seguiram. Jesus recebeu a multidão e *falava-lhes a respeito do reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura* (9:11).

Mas o dia começava a declinar (9:12), quer dizer, estava na hora de uma refeição, e os discípulos foram instruídos a alimentar a multidão de mais de cinco mil pessoas. Eles

responderam que não tinham os recursos necessários para atender às necessidades de tantos (9:13). Na opinião de Jesus, entretanto, deveria haver recursos disponíveis. Quando as pessoas nos procuram com suas necessidades, Jesus sugere que devemos crer que temos os recursos para atender a essas necessidades — na esfera espiritual, emocional, econômica, cultural e política.

Em outras palavras, na África você não passa simplesmente ao largo quando algumas pessoas estão construindo uma cabana, pára e contribui atando um ou dois gravetos. Quando estamos dispostos a compartilhar nossos recursos, Deus invariavelmente provê nosso pão de cada dia. Essa história responde às questões: “Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto? Com efeito, feriu ele a rocha, e dela manaram águas, transbordaram caudais. Pode ele dar-nos pão também? Ou fornecer carne para o seu povo?” (Sl 78:19-20).

### 9:18-20 Confessando Jesus Cristo

Cristologia, ou a doutrina de Jesus Cristo, é a doutrina central da fé cristã, e, portanto, a posição que assumimos a seu respeito terá influência decisiva sobre nossa teologia e nossa vida cristã como um todo. Não é, portanto, surpresa que os líderes da igreja, teólogos e pastores ainda estejam tentando analisar as implicações do cristianismo e da crença em Jesus Cristo para seus contextos particulares. Embora todos os cristãos concordem em que Jesus Cristo é o *Cristo de Deus* (9:20), isto é, o Messias, aquele ungido por Deus como meio de redenção, há diferenças em relação a quem ele é hoje.

Temos sido brindados com muitas “imagens” ou “faces” de Jesus Cristo. Há o Jesus curador, o líder espiritual, o ativista político, o operário, o que ama as crianças, o amigo dos pecadores, o exorcista de demônios, e assim por diante. Para responder à questão central de quem é Jesus para nós hoje, é importante levar em consideração o entendimento, entre os teólogos contemporâneos, de que Jesus encontra as pessoas em vários contextos e tem sido apresentado e apropriado numa grande variedade de imagens ou “faces”. A igreja da África tem visto várias dessas faces, mas discutiremos apenas duas percepções de Jesus Cristo entre alguns cristãos africanos.

Primeiro: temos a infeliz imagem de Jesus Cristo como conquistador. Jesus é o guerreiro em cujo nome e bandeira (a cruz) novos territórios foram anexados e subjugados. O objetivo era conquistar aqueles considerados “pagãos” e transformá-los em “cristãos civilizados”. Pessoas de outras religiões ou fé eram consideradas despojos a serem saqueados para Cristo. Essa é a tradição da qual provêm hinos populares como: “Avante, avante, ó crentes, soldados de Jesus! Erguei seu estandarte, lutai por sua cruz”. Essa visão de Jesus como conquistador é imprópria para a vida e a missão da igreja. Apresenta perigosas consequências éticas, pois levou cristãos a guerrear contra outros e até mesmo a matar aqueles a quem consideravam “pagãos” em

seu ímpeto de levar-lhes a salvação. A África deve rejeitar essa perigosa imagem de Cristo.

Segundo: temos a popular imagem de Jesus Cristo como salvador, curador, irmão e amigo pessoal daqueles que nele creem. Em vez de perceber Jesus como alguém que exige sua submissão, seja política, social, cultural ou religiosa, muitos defendem que Jesus Cristo os aceita como eles são e deseja satisfazer suas necessidades num nível muito pessoal. Essa visão de Cristo está quase sempre presente em nossas reuniões de oração.

Alguns líderes da igreja, teólogos e pastores rejeitam essa visão de Cristo, argumentando que ela representa uma espécie de “privatização” da pessoa de Jesus. Embora tal crítica possa ter alguma validade, a imagem de Jesus como um amigo, um curador e um salvador pessoal tem sido popular precisamente porque as pessoas necessitam desse ser próximo. A face do Jesus Cristo que as ajuda a suportar sua tristeza, solidão e sofrimento é uma face bem-vinda, sem dúvida. Foi essa face de Jesus Cristo que sustentou os afro-americanos durante os cruéis dias da escravidão, de tal modo que puderam testificar de sua maravilhosa graça.

Jesus Cristo está ao lado dos marginalizados para lhes dar poder e uma voz que fale por eles. Está ativamente interessado no destino das vítimas de injustiça social e no desmantelamento de estruturas religiosas, governamentais e culturais injustas. É aceitável supor, portanto, que Cristo esteja pessoalmente ao lado do pobre. Em resumo, aceitando a Jesus Cristo como um amigo pessoal, seremos também capazes de confessá-lo como nosso Salvador e libertador.

## 9:21—10:24 Discipulado, transfiguração, cura

### 9:21-27 Discipulado

O padrão de missão de Jesus como *Filho do Homem* (9:22,26) é ser o modelo diário de discipulado. Isso envolve o mesmo caminho de conquista própria e participação no sofrimento. Os seguidores de Jesus são convocados a “tomar sua cruz” dia após dia (9:23). De acordo com Jesus, tomar diariamente a cruz significa que o discipulado é uma tarefa extremamente dolorosa, pois significa uma autodoação e um esquecimento de si mesmo, como arrastar a cruz para sua própria execução. Tomar a cruz quer dizer que a vida cristã é um morrer diário para si próprio, assim como faz Paulo quando diz: “Dia após dia, morro!” (1Co 15:31). Mais tarde, Lucas apresenta Simão de Cirene cumprindo literalmente essa convocação de seu Senhor: “... puseram-lhe a cruz sobre os ombros, para que a levasse após Jesus” (23:26).

Muitos ficam intrigados com as palavras de Jesus: *Alguns há dos que aqui se encontram que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam o reino de Deus* (9:27). Para alguns, isso indica que Jesus planejava expulsar os romanos e instituir um reino judaico, e sua morte marcou o fracasso desses sonhos. Dizer isso, entretanto, é não compreender o Mestre. Outros afirmam que Jesus estava

falando sobre sua segunda vinda —, mas isso não se ajusta à sua promessa de que aqueles que estavam ao seu lado testemunhariam a vinda do reino de Deus.

Para entender o que Jesus quer dizer aqui, temos de compreender a que ele se refere ao usar as palavras “reino de Deus”. Lucas emprega essa expressão do mesmo modo que Mateus usa o termo “reino do céu” em seu evangelho. Em ambos os casos, a expressão significa o reino no qual Deus é o governante. Esse reino, no entanto, é referido de duas maneiras nos evangelhos. Algumas vezes, é relacionado a uma realidade física, um reino ou domínio (Lc 13:28; 22:16). Outras vezes, o reino é relacionado a uma esfera espiritual onde Deus reina, isto é, exerce autoridade. Jesus está claramente pensando em termos da segunda opção quando afirma: “Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós” (11:20) e “O reino de Deus está dentro de vós” (17:21).

Assim, Jesus estava focalizando o reino físico ou o reino de Deus ao pronunciar as palavras em 9:27? No versículo anterior, ele mencionou seu próprio retorno *na glória do Pai e dos seus santos anjos*, de modo que parece que talvez estivesse falando sobre a vinda do reinado de Deus. Nesse caso, o que ele está dizendo é que, num futuro próximo, haveria uma mudança física na qual sua natureza humana (a qual muitos de seus ouvintes eram capazes de ver) seria transformada, e ele possuiria a glória do reino de Deus.

Foi isso o que aconteceu em sua ressurreição, a respeito da qual Jesus acabara de falar em 9:22 (cf. tb. Mt 16:21). Embora a ressurreição não marque a plena vinda de seu reino, assinala o início dessa vinda e é a primeira amostra da glória futura.

A morte e a ressurreição de Jesus, entretanto, também inaugurariam seu reinado no coração dos crentes — um reinado para o qual ele estabelecera o exemplo perfeito de obediência e assegurara que nem mesmo o maior inimigo (a morte) representaria uma ameaça para seus seguidores. A igreja que ele fundou é, portanto, parte fundamental do reino de Deus, enquanto espera pela vinda plena do reino, quando Jesus retornar. Aqueles que interpretam a vinda do reino dessa forma o veem como tendo acontecido no dia de Pentecostes, quando o Espírito veio em poder (At 2:1-4).

### 9:28-36 Transfiguração

Alguns estudiosos sugerem que a transfiguração de Jesus deve ter acontecido após a ressurreição. Lucas, todavia, claramente a registra como tendo ocorrido antes da ressurreição. Os detalhes dessa aparição são também muito diferentes daqueles presentes nas aparições após a ressurreição. Essas últimas invariavelmente se iniciam estando o Senhor ausente. Então, ele chega e fala, revelando-se a si mesmo. No relato da transfiguração em Lucas, no entanto, ele está presente durante todo o evento e não fala com os discípulos, mas apenas com Moisés e Elias (9:30-31). Nenhuma de suas palavras é registrada. Quem fala é Pedro (9:33).

## DISCIPULADO

Por ocasião da Páscoa, vendedores ambulantes na América Latina vendem “cruzes baratas”. Na realidade, entretanto, não existe algo como uma cruz barata, pois, embora a salvação seja gratuita, ela não é barata. Custou a Deus a vida de seu único Filho, e será cara para nós também. Esse custo tem sido esquecido numa época em que se prega perdão sem exigir arrependimento; administra-se o batismo, mas não a disciplina da igreja; participa-se da comunhão sem praticar a confissão; e, em geral, promove-se um cristianismo sem discipulado.

A importância do discipulado é clara: variantes dessa expressão ocorrem mais de 290 vezes apenas nos evangelhos e em Atos. A palavra em si significa literalmente um aluno e faz referência a alguém que segue o ensino de outra pessoa. Assim, nos evangelhos, lemos sobre os discípulos de João (Mt 9:14), de Moisés (Jo 9:28), dos fariseus (Mt 22:16) e de Jesus (Mt 10:1; Jo 6:66).

Embora a palavra “discípulo” seja encontrada apenas duas vezes no AT (Is 8:16; 19:11), o conceito era largamente praticado. Josué foi discípulo de Moisés (Êx 24:13; 33:11), Rute aprendeu com Noemi (Rt 1:16-18), Samuel dirigiu uma escola de profetas (1Sm 19:20) e Eliseu foi discípulo de Elias (2Rs 2:1-15).

### Crescendo como um discípulo

Ser um discípulo envolve mais do que ser um estudante. Implica vinculação pessoal a uma pessoa em particular que molda toda a vida do discípulo. Aproxima-se da prática tradicional africana segundo a qual o aprendiz vive com seu professor, aprendendo ao observar, ouvir e participar de tudo o que o mestre faz. O aprendizado termina somente quando o aprendiz pode fazer o que o mestre faz. Essa transmissão de conhecimento e experiência é essencial, pois não existe sucesso sem um sucessor. Um caminho certo para preparar um sucessor é discipulá-lo (2Rs 2:1-14; 2Tm 1:3-6).

Um equivalente moderno ao discipulado poderia ser o relacionamento entre mentores e protegidos (pupilos). Mentores são conselheiros confiáveis que ajudam seus pupilos a descobrir, desenvolver e usar suas capacidades. Tais relacionamentos também têm o benefício de estabelecer uma responsabilidade mútua entre o mentor e o pupilo (At 20:17-21).

Além disso, sendo *seguidores* e *aprendizes*, os discípulos são *adeptos* que se apegam firmemente e continuam a apoiar a pessoa ou a causa (2Rs 17:34). A palavra “cristão” foi cunhada originariamente por gentios, para se referir àqueles que seguiam a Cristo (At 11:26; 26:28; 1Pe 4:16).

Discípulos são também *imitadores* que tentam agir como seus mestres. Recebemos a ordem de imitar a conduta dos missionários (2Ts 3:7,9), a fé confiante dos guias espirituais (Hb 13:7) e aquilo que é bom (3Jo 11). Paulo encorajou aqueles a quem levou a Cristo a imitá-lo (1Co 4:16; 11:1; Ef 5:1; Hb 6:12).

Podemos aprender mais sobre discipulado observando o relacionamento entre Jesus e seus discípulos. O discipulado dos doze foi uma resposta pessoal ao chamado de Jesus (Mc 1:16-17; Jo 6:60-70) e envolveu o abandono de seus próprios interesses e confortos (Lc 9:57-62). Alguns consideraram esse chamado muito exigente e retrocederam (Jo 6:66-69; 2Tm 1:15; 4:10).

Jesus falou claramente a respeito do custo do discipulado (Mc 8:34-38; Lc 14:25-33), salientando que envolveria sofrimento (Jo 12:24-26). Ele convocou seus seguidores a negar a si próprios, tomar a cruz, colocá-lo acima de todos os outros relacionamentos e assumir uma posição ao seu lado.

### Vivendo como discípulos

Discípulos fiéis se caracterizam por qualidades como: permanecer na palavra de Jesus, demonstrar fé inabalável e lealdade a ele, ter amor uns pelos outros, andar na luz, produzir frutos e prestar serviço humilde uns aos outros (Jo 8:31-36; 13:34-35). O discipulado exige também obediência a suas ordens (Lc 6:46), especificamente às de amar a Deus e ao próximo e fazer discípulos de todas as nações (Mt 22:37-39; 28:18-20).

Os capítulos 2, 4, 6 e 11 do livro de Atos descrevem como a comunidade dos discípulos de Jesus funcionava após sua ascensão.

O grupo experimentava um rápido crescimento e se caracterizava pela pregação, arrependimento, batismo para o perdão dos pecados e pelo encher-se do Espírito Santo. Dedicava-se ao estudo da Bíblia, à fraternidade, à ceia e comunhão, ao amor e *compartilhamento*, ao culto e oração, assim como ao evangelismo.

Tal discipulado trazia os benefícios do apoio mútuo em oração e do cuidado uns pelos outros (Fp 4:18-19; 2Tm 4:9-12), oportunidades compartilhadas de ministério (At 11:25-26; 1Ts 3:1-8) e um ambiente que encorajava o crescimento como o ferro afia o ferro (Pv 27:17).

O discipulado no sentido expresso no NT é raro hoje em dia, em razão de uma pregação de graça barata. O abuso desse conceito tem propiciado o aparecimento de cultos falsos e a privatização da fé. O próprio tamanho das igrejas modernas também trabalha contra qualquer senso de comunidade.

Para contrapor-se a isso, muitas igrejas têm iniciado comunidades nos lares, ou pequenos grupos domésticos. Organizações como vários grupos atuantes na África

ca (Navigators, Life Ministry, Scripture Union, FOCUS, Emerging Young Leaders (EYL) e Mocidade para Cristo) também têm desenvolvido ferramentas especiais para encorajar um verdadeiro discipulado.

A fim de produzir um impacto na sociedade africana de hoje, a igreja deve retornar à Bíblia e redescobrir o

conceito e a prática do discipulado como encontramos no NT. Tornar-se um discípulo de Jesus deve produzir uma transformação no estilo de vida e nas prioridades da pessoa.

Tokunboh Adeyemo

Se a transfiguração pertence ao tempo do ministério terreno de Jesus, a pergunta seguinte seria: Qual teria sido o significado do evento? A resposta seria que ela deixa claro o fato de que a glória vem mediante o sofrimento. No topo da montanha, Jesus estava orando (9:28-29). Enquanto orava, sua face e suas roupas sofreram uma transformação que dava a impressão de glória divina. Moisés e Elias apareceram falando com Jesus a respeito de sua próxima partida em Jerusalém, isto é, a respeito de sua morte (9:31).

### 9:37-45 Cura

A cena seguinte representa um triste contraste com a glória no alto da montanha. A história da transfiguração é seguida pela história do fracasso dos discípulos ao exorcizar um espírito imundo de um menino. A impotência dos discípulos destroça as expectativas do pai. Talvez a condição de seu filho fosse irremediável. Até mesmo Jesus poderia ser incapaz de exorcizar o espírito mau. À beira do desespero, ele roga: *Mestre, suplico-te que vejas meu filho* (9:38). Jesus responde: *Traze o teu filho* (9:41). Mas, enquanto o pai está trazendo seu filho até Jesus, o menino sofre um ataque epilético: *o espírito o atirou no chão e o convulsionou* (9:42). O espírito mau mostra esse terrível poder diante de Jesus para demonstrar o domínio que tem exercido sobre a vida do menino até aquele momento. Na realidade, ele o tem dominado desde o nascimento, inclusive pondo sua vida em risco.

O mesmo Jesus que havia acalmado a tempestade, derrotado uma legião de demônios, ressuscitado o morto, alimentado a multidão e andado sobre o mar não tem nenhuma dificuldade para curar o menino que sofrera o ataque epilético. A fonte de sua competência havia sido demonstrada em sua revelação como filho de Deus na transfiguração (9:35).

### 9:46-50 Quem é o maior

Uma das marcas distintivas do reino de Deus é o modo pelo qual líderes comunitários, políticos e religiosos devem agir. Em Lucas, os discípulos enfrentam vários fracassos que os levam a um conflito com Jesus. Um deles aparece em suas disputas sobre quem seria o maior (9:46). O problema é mencionado aqui e não se resolveu até a última ceia, pois em 22:24 o mesmo tipo de disputa ocorre. Para Jesus, entretanto, ser o maior significa ser aquele que é mais humilde, pronto para receber até o insignificante (9:48). Tal pessoa não se sente ameaçada quando outro assume seu

papel (9:49-50). Mais tarde, Jesus diz aos discípulos: “O maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve”, pois o próprio Jesus assumiu o papel de servo (22:26-27). Em outras palavras, o modelo do servo está permanentemente inscrito em sua identidade, de modo que, quando o Senhor celestial retornar a seus servos fiéis, agirá como o fez antes, assumindo o papel do servo para com os seus servos (12:37).

### 9:51-62 O custo do discipulado

Essa seção começa com um lembrete de que há mais nessa presente viagem de Jesus que uma simples visita a Jerusalém. Sua ida a Jerusalém já é parte de sua ascensão, pois logo ele deveria *ser assunto ao céu* (9:51). As palavras *intrépida resolução* deixam claro que Jesus evidenciou sua convicção de que essa jornada era uma parte essencial do “dever” do Pai em relação a ele. No entanto, mesmo nessa jornada, ele e seus discípulos encontraram dificuldades.

Jesus *enviou mensageiros que o antecedessem* (9:52) a uma vila samaritana a fim de deixar tudo pronto para ele em sua viagem. O caminho direto da Galileia para Jerusalém passava por Samaria, mas a maioria dos judeus o evitava. Havia uma desavença centenária entre judeus e samaritanos (Jo 4:9). Mas Jesus deliberadamente desejava usar essa rota direta. Estava estendendo um gesto de amizade ao povo inimigo. Nesse caso, não apenas a hospitalidade foi negada, mas o gesto de reconciliação e amizade foi tratado com desprezo (9:53). Tiago e João responderam com indignação e, sem dúvida, acreditavam estar fazendo algo muito louvável quando se ofereceram para pedir auxílio divino que aniquilasse a vila (9:54). Mas Jesus se voltou e os repreendeu, de acordo com alguns manuscritos, usando as seguintes palavras: *Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las* (9:55-56).

Tendo acabado de receber uma recusa de hospitalidade por parte da vila samaritana (9:53), Jesus encontrou um homem que expressou seu desejo de segui-lo aonde quer que ele fosse (9:57). Em vez de simplesmente recebê-lo, Jesus o alertou sobre as consequências de segui-lo: Jesus não tinha um lugar de repouso, e segui-lo para onde quer que ele fosse significaria compartilhar dessa mesma situação com o Filho do Homem (cf. 18:28-30). É preciso considerar as consequências do discipulado ao assumir um compromisso.

O mesmo princípio se aplica aos dois incidentes seguintes. Seguir a Jesus não é uma tarefa que pode simplesmente ser adicionada a uma lista de outras tarefas, como, por exemplo, *Permite-me ir primeiro sepultar meu pai* (9:59), ou dizer adeus para as pessoas em casa (9:61-62; cf. 1Rs 19:19-21). O pai a quem a pessoa deseja sepultar não estava necessariamente morto ou mesmo doente. O que o homem estava dizendo é que ele ainda tinha obrigações familiares que precisava cumprir primeiro. A resposta de Jesus significa dizer que nada (nem mesmo o mais importante dever religioso) deve receber prioridade maior que segui-lo. Discipulado requer absoluto desapego à propriedade e à família e devoção única a Jesus, até o fim. Os cristãos de hoje ainda são chamados a esse tipo de compromisso.

### 10:1-24 O envio dos setenta e dois

A missão dos setenta e dois (ou setenta, segundo algumas versões) discípulos foi algo novo nos métodos de Jesus. Foi uma campanha planejada. Nos primeiros três anos de seu ministério, parece haver uma ausência do que poderíamos chamar de organização. Aqui, entretanto, temos o relato de um trabalho cuidadoso e organizado. Jesus comissionou outros setenta e dois e os enviou, de dois em dois, adiante dele *em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir* (10:1).

Essa foi a última atividade de seu ministério, e ele planejou aquilo que hoje poderíamos chamar de “uma campanha intensiva”. Jesus pretendia ir a muitos lugares e os havia selecionado com cuidado. Ficavam provavelmente numa área que ele ainda não havia visitado, do outro lado do Jordão (Mt 19:1; Mc 10:1). A essas cidades selecionadas, ele enviou os setenta e dois homens, dois a dois, em trinta e seis pares que cobririam o território como preparação para o seu último ministério pessoal. A missão específica dos discípulos era dupla: *Curai os enfermos [...] e anuncia-lhes: A vós outros está próximo o reino de Deus* (10:9). Assim, Jesus lhes deu autoridade e poder para pregar e curar os enfermos. Suas demais instruções foram semelhantes àquelas que ele já havia dado aos doze discípulos em 9:1-9.

A história dos setenta e dois é maravilhosa, envolvendo uma campanha intensamente planejada numa área negligenciada, sinais maravilhosos, ensino e instrução dos discípulos para o trabalho e o fato de Jesus tê-los capacitado com autoridade e poder, antes que saíssem para pregar e curar. Os princípios fundamentais permanecem para todos os tempos e comportam uma mensagem viva para nós.

### 10:25-42 A conexão entre altar e cozinha

#### 10:25-37 Companheiros de viagem

Pessoas de países como os Estados Unidos da América, África do Sul, Namíbia, Ruanda e Burundi e outros países atormentados por divisões raciais e étnicas demonstram especial apreciação pela história desses viajantes. Ela trata de harmonia racial e do que significa ser uma pessoa hu-

mana e humanitária, ou alguém com *ubuntu*, isto é, alguém acolhedor, hospitaleiro, caloroso e generoso, com um espírito de serviço que aceita as outras pessoas e diz: “Eu sou porque você é; você é porque eu sou”. Tal pessoa reconhece que somos todos irmãos e irmãs uns dos outros e que Deus nos criou para cumprir os mandamentos: *Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento; e amar o teu próximo como a ti mesmo* (10:27).

Aparentemente, esse pronunciamento não foi autoexplicativo, pois fez surgir a pergunta: *Quem é o meu próximo?* (10:29).

Podia-se esperar que Jesus transformasse o sacerdote ou o levita, em vez do samaritano, no herói da história. Mas Jesus se recusa a fazê-lo. Deliberadamente transforma em herói um samaritano altruísta, para demonstrar o fracasso das autoridades religiosas e de seus associados mais próximos.

Os samaritanos eram um povo racialmente miscigenado, e as relações entre eles e os judeus se haviam deteriorado ainda mais durante o período de vida de Jesus, depois que eles profanaram o pátio do templo durante uma celebração da Páscoa, espalhando ossos de homens mortos no local. Havia uma hostilidade irreconciliável entre os dois grupos. Se o judeu estivesse vivo e bem, em vez de estar despido, espancado e meio morto (10:30), teria rejeitado com indignação até mesmo uma oferta de água por parte do samaritano. Foi, portanto, espantoso o fato de que, quando até mesmo o sacerdote e o levita não se preocuparam em socorrer seu companheiro judeu, um samaritano o fizesse. O samaritano foi movido pela compaixão que superou a animosidade religiosa e racial e tratou o judeu com um senso de *ubuntu*.

A questão da diversidade se apresenta com frequência no ministério de Jesus. Ele estava disposto a se associar com cobradores de impostos (Mt 11:19). afirmou que sua mensagem era dirigida às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 15:24), enviou seus discípulos às “ovelhas perdidas” (Mt 10:6) e disse aos principais sacerdotes e aos anciãos do povo que “publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus” (Mt 21:31).

A acomodação cristã de elementos de diversidade étnica estava fadada a ofender chauvinistas étnicos e parecia extremamente estranha para outras pessoas no século I. Orígenes cita Celso, o sábio oponente romano do cristianismo, descrevendo a abordagem cristã com respeito à diversidade étnica como “uma manifestação que demonstra que eles desejam e são capazes de convencer apenas os tolos e os maus, e os estúpidos, juntamente com mulheres e crianças”. O que Celso considerava uma fraqueza ridícula, no entanto, provo ser a única força do cristianismo. O rápido crescimento e a eventual vitória do cristianismo sobre muitas religiões que competiam no Império Romano se deveram, em parte, à sua abertura em relação à diversidade étnica.



O cristianismo dava as boas-vindas a todas as raças e classes, homens e mulheres, assim como aos oprimidos, rejeitados e pecadores. Dirigia-se a um público muito maior que o formado por elitistas intelectuais e chauvinistas étnicos. A mensagem de Jesus era dirigida a grupos que outros movimentos políticos e religiosos não levavam a sério ou rejeitavam abertamente por considerá-los inferiores racial, intelectual, sexual e socialmente.

Jesus, a autoridade última para toda proclamação cristã, sempre expressara sua preocupação e interesse por esses proscritos.

Segundo os relatos, Jesus afirmara que os pobres e os cegos seriam os convidados no banquete messiânico (14:16-24). A marca de autenticidade do cristianismo é ser aberto para a diversidade étnica e promover a cultura da dignidade humana e da justiça social. Tal abertura demonstra que o encontro com o Cristo vivo trouxe à existência um novo estilo de vida que os cristãos encaravam como uma possibilidade real para todos os seres do mundo: “Porquanto Deus enviou seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3:17).

### 10:38-42 Um lar acolhedor

As duas irmãs, Marta e Maria, são com frequência apresentadas como símbolo do conflito entre vida contemplativa e vida ativa. A vida contemplativa é considerada superior, mais espiritual e mais essencial; a vida ativa, prática, é necessária, mas inferior. Entretanto, é isso o que o texto afirma?

Jesus é apresentado como hóspede na casa de Marta, que estava *ocupada em muitos serviços* (10:40a). Enquanto isso, Maria se senta aos pés de Jesus *a ouvir-lhe os ensinamentos* (10:39). Maria nunca fala, mas Marta irrompe e pergunta: *Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me* (10:40b). Jesus gentilmente repreende Marta e deixa as coisas como estão. Marta é silenciada. Ela é a perdedora, com quem o leitor não deve identificar-se. Lutero certa vez comentou que Jesus na verdade estava dizendo: “Marta, seu trabalho deveria ser punido e considerado inútil [...] Eu não desejo nenhum trabalho senão o de Maria, que é fé”.

Nem todos os comentaristas, no entanto, concordam com Lutero. Eles indicam que o nome Marta é aramaico e significa “senhora soberana”, “senhora dirigente”, ou simplesmente “senhora”. O nome ajuda a enfatizar a posição autônoma, próspera e dominante de Marta. Ela é a mãe hospitaleira da casa que dá as boas-vindas ao pregador e realiza as tarefas práticas que a visita exige. De fato, seu trabalho é repetidamente descrito como *diakonia*, que mais tarde se tornaria uma designação técnica para o ato de servir à mesa do Senhor, proclamar a sua mensagem e prover liderança na igreja. Uma vez que a *diakonia* é apresentada de forma positiva em todos os outros lugares no NT, é difícil pensar que, nesse caso, representasse uma escolha errada.

Ao contrário, o que Jesus desaprova é o modo pelo qual Marta realiza o seu trabalho, com exagerada preocupação e agitação. Não precisamos separar as Marias ouvintes, gentis, submissas, das Martas pragmáticas e ocupadas. Em outras palavras, a Maria em mim não deve reprimir a Marta, e a Marta em mim não deve reprimir a Maria. Somos chamados primeiro a ouvir a palavra de Deus e, sobre esta base, somos instados a nos engajar em serviços sociais.

## 11:1-13 Oração e o reino de Deus

### 11:1-4 Lições sobre oração

A Oração Dominical é encontrada também em Mateus 6:9-13 como parte do Sermão do Monte. Em Mateus, Jesus a pronunciou de sua própria vontade, não em resposta a um pedido, enquanto ensinava um grande número de discípulos a orar. Em Lucas, todavia, Jesus ensina a oração sob circunstâncias totalmente diferentes. É possível que Lucas não relate a oração completa, o que quer dizer que a versão mais longa em Mateus talvez seja mais próxima da forma original. A bem conhecida doxologia no final da oração: “Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre, Amém”, que está incluída em alguns manuscritos em Mateus 6:13, é omitida na versão de Lucas.

Em resposta ao pedido dos discípulos: *Senhor, ensina-nos a orar* (11:1), Jesus lhes ensinou a oração que salientava o que era mais importante e necessário na vida. A versão da Oração Dominical encontrada em Lucas apresenta cinco pedidos. Primeiro, há dois pedidos relacionados aos interesses próprios de Deus: *santificado seja o teu nome* e *venha o teu reino* (11:2). Seguem-se três pedidos relacionados às nossas necessidades, isto é: *o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia*; *perdoa-nos os nossos pecados* [...] *e não nos deixes cair em tentação* (11:3-4). Os interesses de Deus devem ser colocados em primeiro lugar, seguidos dos nossos. Essa obviamente é a verdadeira prioridade na vida de oração de um cristão.

Dirigimo-nos a Deus como um pai pessoal e amado cuja santidade e soberania reconhecemos com gratidão e admiração quando oramos: *Pai, santificado seja o teu nome* (11:2b). Estamos reconhecendo e confessando o nome de Deus e o fato de que estamos em íntima relação com ele.

Quando oramos *venha o teu reino* (11:2c), estamos afirmando que nosso mais profundo anseio é que a honra de Deus seja plenamente vindicada em toda a criação. Pedimos que o reino de Deus possa ser não uma ideia utópica à qual nos apegamos desesperadamente, mas uma realidade manifesta.

Voltando-nos às nossas necessidades: *O pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia* (11:3) é um reconhecimento de que a vida é boa e de que nossas necessidades físicas devem ser atendidas. Nossa petição é mais que pão; inclui todas as necessidades da vida. De acordo com Lutero: “Quando oramos por pão cotidiano, oramos por tudo aquilo que é necessário

para ter e apreciar nosso pão de cada dia, e, ao mesmo tempo, oramos contra tudo aquilo que interfere nessa apreciação. Devemos, portanto, alargar e estender nossos pensamentos para incluir não apenas o forno e a lata de farinha, mas também os campos e toda a terra que produz e fornece para nós o pão diário e todo tipo de sustento [...]. Em poucas palavras, essa petição inclui tudo o que pertence à nossa vida inteira neste mundo” (*Livro de Concordia*).

Quando Jesus nos diz para orar: *perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos* (11:4), não está sugerindo que o perdão de Deus depende de nosso perdão em relação a outras pessoas. Ao contrário, Jesus está simplesmente assumindo que aqueles que procuram aprender a orar com ele, sem dúvida, perdoarão seus inimigos.

O pedido *não nos deixe cair em tentação* também pode ser traduzido por “Não nos leve a um momento de tentação”. Estamos sendo advertidos de qualquer pretensão de sermos santos ou virtuosos. Sem o auxílio de Deus, todos seríamos reprovados no teste. Como amigo de cobradores de impostos e pecadores, Jesus sabia muito bem que a tentação pode simplesmente dominar as pessoas. Aqueles que incorrerem em pecado porque são oprimidos além da resistência pela pobreza, segregação racial, colonialismo, desigualdade de gênero, abuso parental, envolvimento com gangues e drogas são semelhantes a nós.

Além de atentar para a instrução de colocar os interesses de Deus em primeiro lugar, e só então orar por nós próprios, devemos também observar que, das três coisas que Jesus nos orienta a pedir para nosso próprio benefício, apenas uma se refere às nossas necessidades físicas. As outras duas se relacionam às nossas necessidades espirituais e morais. A ordem é significativa: primeiro pedimos por nossas necessidades físicas, porque atender a essas necessidades forma a base necessária para experiências morais e espirituais mais elevadas.

A única petição por nossas necessidades físicas, no entanto, devemos adicionar duas por nossas necessidades morais e espirituais. Como pecadores, necessitamos de perdão todos os dias, assim como precisamos do pão diário. Ao mesmo tempo, a dimensão espiritual está ligada à dimensão moral. Devemos orar para não cair em tentação. As melhores intenções podem não ser alcançadas, como Pedro descobriu com tristeza (22:31-32; 46:61-62).

Finalmente, Donald Dorr escreveu a seguinte adaptação da Oração Dominical que se aplica ao nosso contexto:

Pai nosso [...] Que o teu reino venha, e que possamos ser ativos na sua divulgação — um reino de paz e amor fundado sobre uma justiça verdadeira [...] Dá-nos hoje nosso pão diário, e fortalece nossos esforços para construir um mundo no qual todos tenhamos oportunidade para ganhar nosso pão diário por meio de um trabalho significativo, um mundo no qual ninguém precise passar fome, e nenhum grupo viva no luxo, enquanto outros

morrem de fome. Perdoa-nos nossas transgressões, nosso fracasso em crer no teu reino e no teu chamado a nós para torná-lo realidade, nossa apatia pecaminosa em face da injustiça, nossa incapacidade de trabalhar juntos, nosso desperdício de energia com ressentimentos infrutíferos em vez de empregá-la em desafios corajosos. Não nos induzas à tentação: não nos testes além das nossas forças, deixando-nos em nossa situação desesperada. Mas livra-nos do mal: livra-nos da escravidão como livraste o teu povo no passado, tirando-o da escravidão e levando-o à terra prometida; levanta líderes sobre nós como chamaste Moisés e Débora; inspira-os e fortalece-os para nos levarem à liberdade.

### 11:5-13 O hábito de pedir, buscar e bater

Essa parábola (11:5-8) é encontrada apenas em Lucas. Fala sobre alguém que recebe um visitante à meia-noite, mas não tem comida para lhe oferecer. Vai, então, à casa de um amigo e destemidamente persiste em seu pedido até que o amigo se levanta e lhe dá os suprimentos necessários (11:8). A interpretação disso em 11:9-13 mostra que, se alguém que reluta em ajudar eventualmente o faz em razão da atitude constante do vizinho em sua persistência, muito mais o fará Deus, que está ansioso e desejoso por responder às nossas orações. Os discípulos devem orar porque Deus é um Deus que responde. Devemos cultivar o hábito de pedir, buscar e bater porque Deus certamente responderá às orações (11:9-10).

### 11:14-28 Exorcismo, blasfêmia e compromisso

A despeito de seu íntimo relacionamento com Deus e de seu ataque ao mundo demoníaco expelindo um demônio que emudecera um homem (11:14), Jesus foi acusado por alguém na multidão de estar em aliança com Belzebu, o maior dos demônios, que provavelmente deve ser identificado com o diabo. Em vez de considerar o *dedo de Deus* (11:20) no livramento de alguém que se achava preso por Satanás como um testemunho suficiente de que Jesus não estava do lado de Satanás, a multidão lançou mão da difamação. Eles declararam que o poder de Jesus sobre o demônio se devia ao fato de que ele estava ligado a Satanás. Assim, atribuíram seu poder não a Deus, mas ao diabo. Jesus deu uma resposta esmagadora: *Se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos?* (11:19). Em contraste com as tentativas frustradas dos exorcistas, que utilizavam muita superstição tentando alcançar seu objetivo, Jesus efetuava suas curas com uma única palavra de ordem. Assim, outros exorcistas reconheceriam prontamente seu poder superior (11:21-22).

Não é incomum para pessoas que discordam de outras recorrer à calúnia ou à difamação. É uma medida de desespero quando não há outras razões para contestação. Mas a Bíblia condena firmemente essa posição: “Não dirás falso testemunho contra teu próximo” (Dt 5:20). A calúnia é um

mal que destrói os relacionamentos humanos. Devemos preferir ouvir palavras de louvor, em vez de palavras derogatórias.

Jesus prossegue para sugerir em 11:21-26 que, quando ele expulsa os demônios, há muito mais coisas acontecendo que apenas outra cura espetacular do tipo que outros exorcistas produziam (11:19). Quando Jesus expulsa demônios de uma pessoa, esta tem de tomar uma decisão a favor de Deus. Se ela não fizer isso, os demônios retornarão, e não virão sozinhos, mas trarão outros sete demônios (11:26). Sete era um número que simbolizava completude, ou perfeição, e, portanto, o retorno de sete demônios indica a combinação de todo tipo concebível de iniquidade. A decisão de seguir a Deus e crer no seu poder deve ser mantida firmemente.

O incidente em 11:27-28 relembra 8:19-21, no qual Jesus faz uso de uma referência a seus parentes ao declarar a verdade sobre os relacionamentos com Deus. Quão afortunada é Maria por ter um filho como Jesus! Sim, mas muito mais feliz são aqueles que estão comprometidos com a palavra de Deus e obedecem a ela.

### 11:29-54 A candeia e os fariseus

Apesar de tudo o que Jesus havia realizado, as multidões continuavam a pressioná-lo para realizar mais milagres que servissem como *senal* miraculoso de sua autoridade. Jesus se recusa a fazê-lo, e insiste em que o único sinal que receberiam seria o *senal de Jonas* (11:29-30). Ele contrasta a obsessão do povo por sinais com a reação dos gentios que estavam preparados para simplesmente ouvir a palavra de Deus.

A rainha do Sul veio *dos confins da terra* (11:31 — o ponto mais longínquo do mundo conhecido de então) não para ver sinais miraculosos, mas para *ouvir*. Ela não pediu a Salomão que realizasse sinais como prova de sua sabedoria (11:31; cf. tb. 1Rs 10:1-9 — rainha de Sabá). Os homens de Nínive também *se arrependeram com a pregação de Jonas* (11:32; Jn 3:5). Jesus era muito maior que Jonas, mas o povo não estava preparado para ouvi-lo. Eles podiam desprezar os gentios e pensar que, como povo escolhido de Deus, eram melhores, mas os gentios, assim como a rainha do Sul e os homens de Nínive, *condenarão esta geração* (11:31,32).

No entanto, antes que Jonas chegasse a Nínive, ocorreu um sinal miraculoso. Ele havia passado “três dias e três noites no ventre do grande peixe” (Mt 12:40; cf. tb. Jn 1:7). Foi dado como morto (Jn 2:2), mas Deus o resgatou, devolvendo-lhe a vida (Jn 2:6). O povo da geração de Jesus veria o mesmo sinal quando Jesus morresse e fosse sepultado por três dias, antes de ressuscitar. O triunfo de Jesus sobre a morte seria um prova clara de que ele era o Messias, e muito maior que Jonas, o qual tinha estado apenas perto da morte.

Portanto, esse é o tempo de ouvi-lo e permitir que seu ministério seja como a luz que ilumina a todos que entram

na casa. Não existe nada escondido no que diz respeito à luz. Qualquer falta de iluminação é responsabilidade do recipiente. Se ele tem um olho saudável, a luz inundará todo o seu ser. A tese de Lucas é que o ministério de Jesus é uma luz pública para aqueles que entram no reino de Deus (11:33-36). O fracasso em responder de maneira apropriada é semelhante a deixar de ver claramente por causa de um olho doente ou cego.

Entre aqueles que não viam claramente, estavam os fariseus e os doutores da lei. Jesus lhes faz duas acusações: interpretação equivocada das Escrituras e estilo de vida hipócrita (11:37-54). Eles gostavam de enfatizar sua posição de elite na sociedade, andando com vestes longas, apreciando saudações públicas nas praças, os primeiros lugares na sinagoga e assentos de honra nos banquetes. Mas seus atos não correspondiam àquilo que ensinavam, nem à honra que exigiam como intérpretes da lei de Deus diante dos homens. Tomavam as propriedades das viúvas, ao mesmo tempo que fingiam fazer longas orações. Jesus declara que eles receberão maior condenação (11:50-51).

### 12:1-34 Sendo o pequeno rebanho

Afirma-se que o tema desse capítulo pode ser resumido na maravilhosa afirmação de Jesus: *Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino* (12:32). Quais são, entretanto, as características do reino de Deus? Que tipo de reinado Jesus está estabelecendo? E como devemos viver nele?

#### 12:1-3 Autoengano e hipocrisia

Jesus estava lidando com uma multidão de milhares quando os advertiu do *fermento dos fariseus, que é a hipocrisia* (12:1). Hipocrisia é viver a vida usando um padrão duplo, de forma que existe uma discrepância entre aquilo que a pessoa é e a imagem que ela projeta de si mesma para os outros.

Um relato sobre Mahatma Gandhi talvez nos mostre o que significa viver uma vida sem nenhuma sombra de hipocrisia. Antes de tornar-se ativo na Índia, Gandhi viveu na África do Sul, numa pequena vila habitada por pessoas da Índia. Ele era um magistrado, uma figura de pai na vila, a quem as pessoas levavam grande variedade de problemas. Nessa vila, morava uma viúva que se esforçava para criar um filho adolescente. Na ausência da autoridade do pai, o menino não queria comer nenhum alimento saudável, consumindo apenas doces.

A viúva sabia que, se Gandhi conversasse com o menino, o ouviria. Assim, ela o levou até Gandhi e pediu: “O senhor poderia conversar com meu filho e dizer a ele que pare de comer açúcar?”. Gandhi ficou quieto por um momento e, então, disse: “A senhora poderia trazer novamente o menino dentro de uma semana?”.

Uma semana depois, ela o trouxe e pediu novamente: “Por favor, agora o senhor poderia dizer a meu filho que pare de comer açúcar?”. Mas Gandhi respondeu: “Sinto

muito. Poderia, por favor, trazê-lo novamente aqui na próxima semana?”.

Uma semana se passa, e agora a desesperada mulher volta e novamente pede a Gandhi que fale com seu filho. Dessa vez, Gandhi atende ao pedido da mulher. Resolve o problema conversando com o menino e dizendo-lhe que era imperativo parar de comer açúcar. Quando Gandhi termina, a mulher o chama de lado, agradece e, então, pergunta: “Quando viemos pela primeira vez, o senhor nos pediu que voltássemos dentro de uma semana. Então, quando voltamos, o senhor nos pediu para voltarmos depois de mais uma semana. Por que o senhor fez isso?”.

Gandhi respondeu: “Porque eu não havia percebido como seria difícil para mim abolir o açúcar”.

A integridade de Gandhi era tal que ele não diria a ninguém, nem mesmo a uma criança, que fizesse alguma coisa que ele próprio não estivesse preparado para fazer. Ao contrário, nós, com frequência, estamos absolutamente prontos para aconselhar os outros a fazer aquilo que não faríamos. Os comentários de Jesus a respeito dos fariseus demonstram que ele conhecia a profundidade da fraqueza humana e os jogos que pessoas “boas” costumam aplicar...

Ele, porém, foi absolutamente claro ao afirmar: *Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido [...] O que dissesstes aos ouvidos no interior da casa será proclamado dos eirados (12:2-3)*. Jesus não está condenando as falhas — pois todos falhamos —, mas a hipocrisia que nos faz assumir sermos melhores do que somos. A vida no reino de Deus significa que somos amados e perdoados e que não temos necessidade de nos esconder e fingir.

### 12:4-12 Intrepidez

Antes de abordar a questão de ficar com medo ou ser medroso, Jesus chama seus discípulos de *amigos meus (12:4)*. Por meio dessas palavras, ele expressa sua proximidade e intimidade com os discípulos. É uma mensagem de confiança, antes de prosseguir seu ensino a respeito do medo.

Jesus faz uma distinção entre o medo que aprisiona as pessoas e o medo que as liberta. Tememos os demônios, mas eles não têm o poder de lançar-nos no inferno. É muito mais importante que temamos aquele que, depois de matar, tem poder para lançar-nos no inferno (12:5). O único que tem esse poder é Deus (Tg 4:12), não o diabo. De modo semelhante, tememos perseguição por parte das autoridades (12:11) e podemos hesitar em confessar aquilo que cremos quando estamos diante delas. Mas devemos temer a Deus muito mais que às autoridades (12:8-10).

Deus, entretanto, não é alguém para ser apenas temido; é também um Deus cuidadoso que zela por seu povo (12:6). Deus cuida até dos pássaros e dos cabelos de nossa cabeça. Não é um Deus terrível, mas um Pai amoroso, que estará conosco durante a perseguição (12:12).

### 12:13-21 O perigo das riquezas

O fazendeiro rico, que pensa que por muitos anos não precisará temer a diminuição das colheitas, é um homem que deseja viver sem Deus e sem seus semelhantes (12:19). Contudo, o comentário de Deus a seu respeito é: *Insensato (12:20, NVI)*, lembrando-nos que insensata é a pessoa que vive sem Deus (Sl 14:1). Ele também é insensato porque não vê a morte aproximar-se. Em vez de compartilhar suas bênçãos com Deus e com a humanidade, decide estocar a colheita como segurança para uma aposentadoria antecipada e uma vida de sossego. Sendo assim, destrói seus velhos celeiros e os reconstrói novos e maiores. O tesouro estocado no celeiro seria sua segurança para o resto da vida (12:16-19). Ele se mostra completamente egocêntrico, separado de Deus e dos outros por seu amor aos bens terrenos. Equivocadamente, esse homem assume que a vida humana pode ser medida e assegurada pela riqueza e considera sua vida e propriedades como se fossem suas próprias. Agindo dessa forma, ele deixa de honrar a doutrina segundo a qual árvores, rios, montanhas, florestas, pássaros, dia e noite, e todas as coisas que pertencem à criação, falam uma linguagem divina, louvam a Deus e deveriam ser usadas com admiração e reverência.

Deus nos criou como seres humanos para sermos interdependentes e vivermos em comunhão. Com suas atitudes, esse homem nega tal princípio, que é bem ilustrado na seguinte história:

Houve certa vez um homem que era membro dedicado da igreja, um cristão profundamente comprometido com sua fé. Ele participava da maioria das atividades de sua igreja local. De repente, sem nenhuma razão aparente, deixou de frequentar a igreja e tornou-se apenas um parasita. Seu pastor o visitou numa noite de inverno. Encontrou-o sentado diante de uma esplêndida lareira cheia de brasas vermelhas brilhantes, irradiando um delicioso calor por toda a sala. O ministro sentou-se calmamente com o antigo membro de sua igreja, contemplando o fogo. Então, inclinou-se com a tenaz, removeu do fogo uma daquelas brasas incandescentes e a colocou no chão. O inevitável aconteceu. A brilhante brasa gradualmente perdeu seu calor e se transformou num punhado de cinzas frias. O pastor não disse uma palavra. Levantou-se e saiu. No domingo seguinte, o homem reapareceu na igreja.

Um cristão solitário é uma contradição em termos. Como seres humanos, fomos criados para viver harmoniosamente com Deus, com nossos semelhantes e com o restante da criação. Barreiras artificiais que separam os seres humanos com base em *status* econômico, gênero, raça ou idade são contrárias à vontade de Deus. Nossa alma deve tão somente relaxar, comer, beber e alegrar-se juntamente com todos os outros humanos na presença de Deus.

### 12:22-31 As coisas e a vida

Discorrendo sobre a relação entre “coisas” e “vida”, Jesus primeiro assegura seus discípulos quanto ao cuidado de Deus (cf. tb. 12:4-12). Este tema é introduzido por meio de palavras tais como: *não andeis ansiosos (12:22,29)*, *vosso Pai sabe (12:30)* e *estas coisas vos serão acrescentadas (12:31)*.

Jesus adverte acerca do hábito de colocar as coisas deste mundo em primeiro lugar, enquanto negamos aos outros o direito à vida. Com frequência, estamos preocupados com nós mesmos e nossos interesses mesquinhos e, dessa forma, nos aprisionamos às coisas deste mundo. Essa visão falsa deve desaparecer para que possamos reconhecer que Deus e seu propósito são a única realidade que verdadeiramente importa.

### 12:32-34 Dinheiro e o reino de Deus

Já aprendemos que o reino terá um lugar especial para os marginalizados e os pobres. Jesus acolhe pecadores e cobradores de impostos na sua comunidade. O reinado de Deus restaura e capacita o pobre, liberta os cativos, dá vista aos cegos, libera os oprimidos e proclama um tempo de paz, justiça e reconciliação (4:18-19). O cuidado persistente para com os pobres e o apelo constante para uma mudança radical nos ricos e poderosos são largamente reconhecidos como uma das fortes características de Lucas. Contudo, qual é a perspectiva da igreja sobre religião e dinheiro no contexto de pobreza e riqueza?

Uma das áreas em que o reino de Deus deve ser visível é na economia. Hoje somos dominados pela cultura do dinheiro, mas ainda há áreas da vida humana que resistem a essa cultura. Um dos bolsões de resistência é a religião. A Bíblia, todavia, tem muito a dizer sobre o relacionamento entre dinheiro e espiritualidade humana. No AT, o Senhor diz: “Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares” (Is 55:1-2).

No NT, somos assim lembrados: “Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1:18-19).

Jesus falou mais sobre dinheiro que sobre oração. Seu ato de levantar uma moeda perguntando de que eram a imagem e a inscrição estampadas nela (Mc 12:14-17) pode ser interpretado em termos de um paralelo entre a cunhagem e a personalidade humana.

O ser humano é semelhante à moeda, pois foi estampado com a imagem e a inscrição de Deus. Mas, quando a vida humana é considerada um valor monetário, é relativamente

fácil acontecer de uma imagem e inscrição tomarem o lugar da outra. Quase sem percebermos, a imagem de Deus é substituída pela imagem de César e o caráter monetário da vida humana gradualmente encontra expressão numa cunhagem literal e na cultura do dinheiro. Jesus advoga a adoção de uma cultura de cuidado e sacrifício próprio, dizendo: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos” (Mc 10:45). Os valores da fé, da graça e do amor firmam-se contra os valores corruptores do dinheiro. É-nos oferecida a imagem de um novo tipo de sociedade, na qual o dinheiro se tornará nosso servo para promover solidariedade e liberdade, e não mais para ser nosso senhor e nosso deus de modo a nos refazer à sua própria imagem.

A igreja, entretanto, tem demonstrado uma atitude ambígua em relação ao dinheiro. Deus e o dinheiro são vistos, algumas vezes, quase como equivalentes. Teologias rivais se digladiam no que diz respeito à espiritualidade da cultura do dinheiro. O evangelho da prosperidade nos assegura que as pessoas são ricas porque Deus as recompensa com dinheiro, ao passo que o evangelho que enfatiza a preferência de Deus pelos pobres e necessitados crê que Deus “encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos” (1:53). Qual das duas teologias é a correta?

Enquanto criamos tais ambiguidades, a mensagem de Lucas é clara. Marta não peca por possuir uma casa onde Jesus se sente bem em hospedar-se, tampouco ele está afirmando que é errado para um cristão possuir propriedades ou bens. Pelo contrário. Devemos almejar o poder apreciar a criação de Deus com seu ouro, diamantes, cobre, peixes e gado. Ao mesmo tempo, devemos repartir esses recursos, de tal modo que não permaneçamos ricos enquanto nosso próximo se torna cada vez mais pobre.

### 12:35-59 Espera atenta

Jesus agora muda seu enfoque: em vez de falar sobre nossa atitude para com as coisas no presente, fala sobre nossa atitude para com o futuro, quando ele retornará.

#### 12:35-40 A necessidade de vigiar

Jesus utiliza duas ilustrações vívidas para explicar a atitude que deseja de nós enquanto esperamos por sua volta. A primeira é a atitude dos servos que continuam esperando por seu senhor quando este retorna de um banquete. O senhor não ficará satisfeito se chegar em casa entre 9 horas da noite e 3 horas da manhã e tiver de esperar enquanto seus servos tropeçam no escuro tentando encontrar suas roupas e uma lâmpada para acender antes de lhe abrir a porta. Ele espera que seus servos *estejam prontos para servir, e conservem acesas as suas candelas* até que ele volte (12:35-36, NVI). Quando Jesus os encontrar agindo dessa maneira, expressará sua apreciação pelo que fizeram (12:37-38).

Jesus reforça seu ensino com uma segunda ilustração: nunca sabemos quando os ladrões atacarão, portanto



devemos estar constantemente atentos a essa possibilidade (12:39). Da mesma forma, devemos estar alertas porque *à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá* (12:40).

Em termos africanos, podemos pensar em crianças que esperam seu pai retornar de alguma viagem, sabendo que ele sempre lhes traz algo delicioso quando volta. Elas não sabem exatamente quando ele virá, mas mantêm um olho na estrada, mesmo quando estão brincando. Evitam brigar, discutir ou fazer qualquer coisa que possa desagradar o pai ou estragar a alegria quando ele lhes entregar o que trouxe. Devemos ser assim enquanto esperamos pela volta de Jesus.

### 12:41-48 A pergunta de Pedro e a resposta de Jesus

Pedro tinha ouvido as palavras de Jesus atentamente e pergunta se suas recomendações se aplicam apenas aos discípulos ou a *todos* (12:41). Jesus responde voltando à metáfora do servo. Um senhor que sai de viagem indicará um de seus servos para administrar a casa enquanto estiver fora (12:42). Um servo que cuida bem de tudo será recompensado (12:43-44). Mas um servo que extrapola sua posição, embriagando-se e castigando outros servos, terá um choque quando seu amo voltar inesperadamente (12:45-46a). O amo *castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os infieis* (12:46b). O servo receberá severa punição, pois sua sorte será lançada “com os infieis”. Jesus não está afirmando que os cristãos infieis perderão sua salvação, mas que não receberão a recompensa dada aos servos fieis.

Essa parábola deve ser compreendida como uma advertência a líderes africanos que buscam poder por causa daquilo que podem ganhar, em vez de encará-lo como uma oportunidade para servir o seu povo. O Senhor observará como eles cumprem suas responsabilidades.

Jesus responde então diretamente à pergunta de Pedro. A ordem é dada a todos, mas Deus responsabilizará cada um de acordo com o conhecimento que tem de sua vontade. Todos os que falharem serão punidos, mas aqueles que conheciam melhor o que era esperado deles, e mesmo assim não cumpriram a vontade do Senhor, serão punidos mais severamente que os que conheciam menos a sua vontade (12:47-48). De Pedro e dos outros discípulos, será exigido um padrão mais alto de responsabilidade. Esse mesmo princípio se aplica a pastores, professores, líderes e a todos aqueles em posição de autoridade. Quanto maiores os nossos privilégios, mais Deus espera de nós.

### 12:49-53 A missão de Jesus

Os discípulos de Jesus não devem almejar viver uma vida fácil enquanto esperam por sua vinda. Ele afirma sem rodeios que sua missão é *lançar fogo sobre a terra* (12:49). O Mestre exige mudanças tão radicais no *status quo* que seus seguidores serão inevitavelmente perseguidos por aqueles que desejam manter as coisas como estão. Tais mudanças, no entanto, são tão importantes que aqueles que se identificaram com sua missão não devem desistir, mesmo que

isso os leve a um conflito com aqueles a quem amam. O resultado final de seu relacionamento com Jesus vale todo o desconforto suportado na terra.

### 12:54-59 Jesus repreende o povo

Jesus agora para de falar aos discípulos e se dirige àqueles que não haviam respondido à mensagem. Ele os acusa de demonstrar conhecimento a respeito do tempo, mas não a respeito das coisas que são realmente importantes: *Não sabeis discernir esta época?* (12:56b).

Sabem que a chuva vem do Mediterrâneo, a oeste, e que o vento vindo dos desertos do sul traz calor (12:54-55). Devem aplicar a mesma inteligência para interpretar as coisas espirituais. Se não o fizerem, estarão claramente apenas fingindo estar interessados nelas, e, portanto, podem ser justificadamente chamados de *hipócritas* (12:56a).

Eles precisam demonstrar o mesmo discernimento que aplicam ao tempo e a uma disputa legal (12:57-59), em relação ao julgamento vindouro de Deus na volta de Cristo. Não devem esperar até ouvir o veredicto de Deus para se reconciliarem com ele. Agora é a ocasião de fazer a paz crendo em seu Filho Jesus Cristo.

### 13:1-21 Cura e crescimento

#### 13:1-9 Tragédias: quem pecou?

Se há tragédia na vida de alguém, quem deve ser responsabilizado? Ou de quem é a culpa? Alguém pecou? E se não há tragédias na vida de uma pessoa, ela ainda precisa arrepender-se? Em outras palavras, a ocorrência de uma tragédia na vida de uma pessoa está ou não relacionada ao pecado? Essa passagem responde a perguntas como essas. Refere-se a tragédias com causas humanas (um massacre de galileus por Pilatos — 13:1) e causas naturais (a queda da torre de Silóé — 13:4). Tragédia, diz Jesus, não representa a medida da pecaminosidade de uma pessoa, nem sua necessidade de arrependimento. Os que não experimentam tragédias também necessitam de arrependimento.

Jesus conta, então, uma parábola a respeito de uma figueira que após três anos não tinha dado frutos (13:6-9). Uma vez que a figueira supostamente alcança a maturidade após três anos, a probabilidade era de que nunca daria fruto. O proprietário desejava que a árvore fosse cortada e substituída, mas o viticultor pediu um ano mais para ver se ela daria fruto. O ponto nesse caso seria que a ausência de julgamento aqui e agora não pode ser tomada como sinal de integridade. Ao contrário, se o julgamento não acontece imediatamente, isso seria sinal da misericórdia de Deus, não de sua aprovação.

Em resumo: a tragédia não é um sinal válido de pecado, assim como a ausência de tragédia não significa a certeza de honestidade. Todos — aqueles cuja vida é trágica e aqueles cuja vida é tranquila — são igualmente pecadores e devem arrepender-se diante de Deus (cf. tb. comentários em 8:4-15).

### 13:10-17 O curador compassivo

Certo dia, uma mulher que sofria com uma deficiência arrastou-se até a sinagoga para ouvir a Palavra de Deus, pois era sábado. Por causa de sua enfermidade, ela teria de viver isolada na sociedade de seu tempo. Jesus era o pregador naquele dia (13:10-11). Quando a viu, imediatamente reconheceu sua dificuldade, *chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade* (13:12). Então, ele a tocou. A percepção de Lucas quanto à dimensão humana é fantástica. Enquanto a mulher com o fluxo de sangue o havia tocado (8:44-46), aqui é Jesus quem toma a iniciativa e toca a mulher compassivamente para que ela seja curada. Imediatamente, como era característico das curas de Jesus, ela *se endireitou e dava glória a Deus* (13:13). Quando Jesus curava, não havia nenhuma dúvida quanto ao fato de a pessoa estar ou não curada. Não havia nenhuma demora histórica. Pessoas hoje podem jogar longe suas muletas durante um culto de cura numa noite, para apanhá-las novamente depois de um dia ou dois. Mas, quando Jesus agia, os curados nunca voltavam à condição anterior.

No entanto, nem todos louvavam a Deus. O fariseu encarregado da sinagoga, indignado, tentou fazer uma preleção para o povo a respeito do erro de buscar a cura no sábado (13:14). Jesus não aceitou isso e o interrompeu expondo sua hipocrisia ao perguntar incisivamente: *Cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi e o seu jumento*, apoiados no fato de que esse é um ato de misericórdia (13:15)? Entretanto, aquela que estava presa aqui não era um animal, mas um ser humano; e não apenas um ser humano, mas *uma filha de Abraão* (13:16). Por dezoito anos, Satanás a mantivera presa e dobrada ao meio de forma que ela não podia erguer a cabeça, andar ereta, levantar os olhos para o céu ou olhar direto nos olhos de outros. Aquela mulher estava reduzida a arrastar-se por causa de sua deficiência. Se há misericórdia para os jumentos no sábado, não deveria tal misericórdia ser estendida aos seres humanos? Não teria a mulher direito à cura no sábado? Jesus transformou a vida daquela mulher cruzando as fronteiras criadas pelas tradições culturais e religiosas de impureza e segregação social. Ela foi restaurada ao seu lugar na comunidade do povo de Deus.

Em seu compreensivo cuidado pela identidade religiosa marcada pela observância do sábado, os líderes religiosos perderam de vista a compaixão. Jesus não. Para ele, compaixão não era algo sobre o qual se punha um preço. Ele não cobrava nada por suas curas.

### 13:18-21 Parábolas de crescimento

As parábolas sobre o grão de mostarda e o fermento estão tão intimamente relacionadas quanto ao conteúdo que devem ser estudadas em conjunto. Em ambos os casos, o começo é pequeno. A semente da mostarda é tão pequena que pode ser descrita como “a menor de todas as sementes sobre a terra” (Mc 4:31). O fermento representa apenas uma

pequena porção da massa que a mulher mistura. Ambas, entretanto, crescem: a semente se desenvolve formando uma árvore na qual os pássaros podem refugiar-se (imagem usada também para descrever um reino poderoso que protege seus vassalos). O fermento trabalha em silêncio na massa, que cresce dobrando ou triplicando seu tamanho (13:19,21).

Jesus deixa claro que esses exemplos ilustram como seu reino trabalha (13:18,20). Sua missão tem um início pequeno, com apenas alguns discípulos, muitos dos quais pessoas desacreditadas. Mas, pelo miraculoso poder de Deus, esse pequeno grupo crescerá mais e mais, até que o povo de Deus se espalhasse por todo o mundo.

### 13:22-35 A viagem de Jesus a Jerusalém

Jesus está a caminho de Jerusalém (13:22), decidido a chegar lá (13:33) mesmo que isso signifique sua morte. Enquanto prossegue em direção a Jerusalém, alguém lhe pergunta quantos serão salvos: todos, muitos ou poucos (13:23). A pergunta não é respondida diretamente. Em vez disso, parece que Jesus retrucou: “Não percam seu tempo debatendo essa pergunta. Olhem para si mesmos: Vocês estão salvos?”. Em outras palavras, em vez de especular a respeito do destino dos outros, cada pessoa deve ter certeza de que entrará pela porta, por mais estreita e difícil que seja, pois, no último dia, muitos desejaram entrar, mas descobrirão que deixaram a decisão para muito tarde (13:24-30). Por motivos práticos, Jesus parece estar dizendo: é melhor assumir que poucos serão salvos, e nunca é sábio que as pessoas presumam o contrário, especialmente no que concerne a si próprias.

O tema da viagem de Jesus a Jerusalém aparece num foco mais nítido em 13:31-33. Alguns fariseus aconselham Jesus a fugir, pois Herodes deseja matá-lo (13:31). Jesus responde usando uma expressão de desdém por *essa raposa* (13:32), caracterização de Herodes, o que demonstra que Jesus estava ciente das questões políticas de seu tempo. Jesus tem uma tarefa que deve ser concluída em Jerusalém, e nenhum Herodes seria capaz de afastá-lo dela. Não há, portanto, necessidade de fugir. Se Herodes deseja matá-lo, é melhor que ele vá para Jerusalém. Além disso, Jesus está convencido de que, em Jerusalém, os planos de Deus é que serão estabelecidos, não os de Herodes (13:33).

A partir daí, Jesus focaliza sua atenção em Jerusalém e expressa seu amor pela cidade em termos pungentes: *Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!* (13:34). Neste versículo, podemos sentir o profundo sofrimento de Deus! Não conseguimos lê-lo sem ver as lágrimas de Deus e ouvir de seu amor por essa cidade. O grande coração materno de Deus está lá, especialmente nas palavras: “como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas”.

### 14:1-24 Histórias à mesa de jantar

O capítulo 14, ao que parece, é apresentado como uma série de encontros e discursos no ambiente de um jantar ou banquete (14:1,8,12,15 e 24). Jesus usou a ocasião para ensinar verdades importantes.

#### 14:1-6 Um plano sinistro

Os evangelhos contêm várias narrativas de Jesus curando no sábado. Em Lucas, temos relatos da cura da sogra de Pedro (4:38); do homem com a mão mirrada (6:6); da mulher que vivia encurvada havia dezoito anos (13:14); e do homem que sofria de hidropisia (14:2). João conta a história da cura do paralítico no tanque de Betesda (Jo 5:9) e do homem cego de nascença (Jo 9:14). Marcos inclui a cura de um homem possuído por um demônio na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1:21-25). Com tal variedade de curas no sábado, a visão de Jesus sobre o assunto devia ser bem conhecida.

Suas curas, no entanto, suscitavam oposição. Aos olhos dos fariseus, Jesus era um transgressor da lei. Sua lógica indicava: Jesus curava no sábado, portanto trabalhava no sábado, portanto quebrava a lei e devia ser considerado como um criminoso. Eles, contudo, ainda estavam reunindo provas de seu comportamento.

Nessa ocasião, um fariseu convidou Jesus para uma refeição no sábado. Assim que ele chegou, sem nenhuma explicação, *diante dele se achava um homem hidrópico* (14:2). É improvável que um homem nessa condição tivesse sido convidado para uma refeição, pois o acúmulo anormal de fluidos corporais associados causaria enorme inchaço e desfiguramento. Aos olhos de um fariseu, tal pessoa estaria provavelmente sob julgamento divino. É provável que os fariseus houvessem plantado ali o homem com hidropisia, para ver o que Jesus faria, pois *o estavam observando* (14:1). A palavra traduzida por “observando” é o termo usado para espionar na tentativa de pegar numa armadilha alguém que tinha a reputação de divergir do sistema.

Sem ficar intimidado, Jesus cura o homem. Ao mesmo tempo, assinala que, se uma pessoa, um boi ou um jumento caísse no poço ao sábado, qualquer um deles iria resgatá-lo imediatamente. Entretanto, aqui estava um homem cujo corpo se enchia de água, e eles não estavam preparados para ajudá-lo! Com profundo desdém, Jesus, agora, exige: se é certo ajudar um animal no dia de sábado, seria errado ajudar uma pessoa (14:5; v., tb. os comentários em 13:10-17)?

#### 14:7-14 A escolha dos lugares

Esse relato trata das falsas noções que algumas pessoas de posses, ricos fazendeiros e a classe superior têm a respeito de seu próprio *status* social e econômico. Para eles, um casamento ou um funeral representam oportunidades de apregoar seu mérito e distinção. Recusam-se a esperar por quem quer que seja, tal como o hospedeiro, para conferir-lhes uma distinção inesperada ou um lugar de honra. Ao contrário, avançam na direção dos lugares principais de modo que todos possam ver

quão importantes eles são (14:7). Se não conseguirem esses lugares, não apreciarão a festa de modo algum.

Naquela época, os hóspedes mais importantes chegavam tarde à festa. Essa é razão pela qual aqueles que escolhiam lugares para si mesmos arriscavam passar por uma situação embaraçosa ao ser solicitados a desocupar o lugar quando um convidado mais importante chegasse (14:8-9). Jesus recomendou às pessoas que evitassem tal humilhação, não superestimando seu próprio *status* (14:10-11). Seu conselho se ajusta à passagem em Provérbios 25:6-7: “Não te glories na presença do rei, nem te ponhas no meio dos grandes; porque melhor é que te digam: Sobe para aqui!, do que seres humilhado diante do príncipe”.

A história de Lucas se refere a mais que simples etiqueta social ou comportamento politicamente correto. Sérios problemas econômicos, políticos e religiosos podem estar latentes em rotinas aparentemente inocentes. A experiência demonstra que procurar as posições mais importantes leva à corrupção, com exploração dos pobres e oprimidos. Em vez de procurar tais lugares corruptos, devemos, sim, considerar lugares alternativos.

Vivemos num mundo repleto de desigualdades, que criam cadeiras desiguais nas mesas de jantar de nossos dias. Devemos trabalhar no sentido de garantir não apenas que todos tenham acesso à mesa de jantar (14:12-14), mas também que a própria mesa seja remodelada para acomodar todos os filhos de Deus. Não devemos apenas sair e sentar diante de uma mesa “estrangeira”, mas diante de uma mesa que seja autenticamente nossa, num contexto apropriado ao nosso cristianismo africano. Kanyoro sugere que essa mesa deve ser redonda, sem lados e nenhuma posição preferencial das cadeiras. Nela não existe primeiro ou último e há lugar para todos. A mesa redonda é uma representação visual da igreja em que mulheres e homens participam em total igualdade, cuidando do ministério pastoral ou de cura, como parte do sacerdócio de todos os crentes.

#### 14:15-24 A grande ceia

Jesus constantemente associa o reino de Deus a festas, celebrações e banquetes, isto é, a comida e bebida. Esses símbolos do reino de Deus produzem alegria e cânticos de louvor. Infelizmente, há hoje muitos cristãos aos quais é negado o direito de se alegrar, por causa da pobreza ou da falta de alimento, e somos chamados a interferir nesse escândalo. Mas o reino de Deus exige que os cristãos sejam como as pessoas que estão para sempre numa festa de casamento.

Uma forma de interpretar a parábola da grande ceia é considerar que o anfitrião é alguém parecido com um coletor de impostos que se tornou rico. Ele envia convites esperando que isso o leve a ser bem recebido pela elite. Mas todos, como se houvessem combinado, rejeitam seu convite. Então, com raiva, ele convida as pessoas exploradas e oprimidas, para mostrar aos ricos que não se incomoda e não terá mais nada que ver com eles.

Jesus conta essa parábola para ilustrar tanto a ira quanto a misericórdia de Deus. O veredicto final expressa o desprezo do anfitrião por aqueles que menosprezaram seu convite: *Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia (14:24)*. Em vez disso, “os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos” (14:13) são aqueles abençoados que *hão de comer pão no reino de Deus (14:15)*. Jesus afirma que o futuro é determinado por nossa resposta atual e que os ricos excluam a si mesmos.

### 14:25-35 O preço do discipulado

Para comentários sobre discipulado entendido como carregar a cruz (14:25-27), veja comentários sobre 9:21-45 anteriormente. Em 14:28-33, Deus convida a todos, por meio da atividade de Jesus, a entrar no reino; no entanto, é um convite que não deve ser aceito de modo irrefletido. Exige algo como o orçamento cuidadoso de um projeto de construção (14:28-30) ou a preparação para uma campanha militar (14:31-32). Ninguém deve tornar-se discípulo de Jesus impulsivamente, mas firmar um compromisso cuidadosamente pensado, em completa consciência do que está envolvido (14:33). Aqueles que assumem esse tipo de compromisso serão como sal, permitindo que Deus use essa nova comunidade como tempero no mundo (14:34-35).

### 15:1-32 O Deus que busca

#### 15:1-10 Procurando e descobrindo soluções

Pastores e ovelhas necessitam andar longas distâncias para encontrar grama e água, particularmente em regiões áridas. A parábola da ovelha perdida nos faz recordar esse tipo de caminhada. Se uma ovelha se perde, é possível que o pastor nem saiba por onde começar a procurar, e um dia inteiro pode ser gasto andando e andando à procura da ovelha (15:3-4). Nós, africanos, podemos identificar-nos com tal caminhada, pois aqui a maioria das pessoas caminha em vez de dirigir um carro ou voar. Nosso chamado para o discipulado é um chamado para colocar nossos pés nas pegadas de Cristo.

Andar nas pegadas de Cristo enquanto ele procura pelos perdidos não é fácil, num mundo sobrecarregado de ovelhas perdidas na forma de refugiados e daqueles afetados por escravidão, colonialismo, ditaduras, peso de dívidas, HIV/aids, desemprego, desabrigo, abuso sexual e desigualdade sexual. Enquanto caminhamos e procuramos, não devemos fechar os olhos para as realidades da África.

Em primeiro lugar, nossa busca se faz num território hostil. A África é um continente perigoso. As pessoas são expostas a serpentes, animais ferozes, secas e enchentes devastadoras, doenças, aids, malária e altos índices de mortalidade infantil. É fácil também sucumbir à ansiedade, ao medo e à superstição. Entretanto, os africanos também têm forte senso de sobrevivência e esperança, e vigorosa fé em Deus. Nas palavras do velho hino: “Por muitos perigos,

ciladas e labutas já passei. Até aqui, a graça me trouxe em segurança. E a graça me levará ao lar” (tradução livre).

Devemos também reconhecer que procuramos algo precioso, dispendioso e valorizado, exatamente como a moeda que a mulher havia perdido (15:8-10). Ela possuía dez moedas e valorizava cada uma delas. Ela não argumenta que a perda de uma das moedas não é uma tragédia, pois ainda possui outras nove. Não é a quantidade que conta, mas o valor de cada moeda como peça individual. Não importava se eram moedas grandes ou pequenas. Grandes ou pequenas, todas eram suas moedas.

De modo semelhante, como indivíduos, cada um de nós é valorizado por Deus. Cada um de nós é um ser único em razão da dignidade e do valor que Deus nos confere. Ninguém deve julgar-se como inferior, inútil, corrupto e infrutífero. E, porque cada um de nós é único, significa muito quando um de nós se perde. A perda de um é tão séria quanto a perda de todos! Portanto, devemos permanecer juntos. O fato de pertencermos uns aos outros e sermos relacionados como irmãos e irmãs é que nos faz humanos. Porque cada um de nós é tão precioso, devemos constantemente buscar caminhos para garantir que nenhuma vida humana seja perdida, degradada, explorada, abusada ou violada.

Contudo, o que fazer quando tudo isso já aconteceu? Se uma alma já se perdeu, ou se um corpo já foi violado? O que a mulher fez foi usar uma lâmpada para procurar a moeda perdida. Ela utilizou a lâmpada para providenciar melhor iluminação, aumentando as possibilidades de enxergar a moeda. Utilizou uma vassoura para varrer cuidadosamente a casa toda. Esses objetos foram ferramentas para ajudá-la em sua procura.

Qual é a coisa mais importante, preciosa, querida e cara para nós hoje? Não é a vida? E vidas humanas estão sendo perdidas para o flagelo do HIV/aids. Ao buscar caminhos para salvar os que se perdem, precisamos usar as ferramentas que estão disponíveis, e estas incluem falar abertamente sobre questões sexuais de uma perspectiva bíblica, teológica e pastoral.

Muitos sugerem que os preservativos são os instrumentos que deveriam ser utilizados para combater o HIV/aids. Precisamos, todavia, deixar claro que, de uma perspectiva bíblica, teológica e pastoral, os preservativos não são a única solução. Precisamos estar constantemente enfatizando, alardeando e proclamando uma moralidade cristã, religiosa e cultural baseada na abstinência do sexo antes do casamento e na fidelidade dentro do relacionamento conjugal. Hoje, a promiscuidade e o abuso de drogas são as principais avenidas para propagação do HIV/aids.

Nosso ministério pastoral deve concentrar-se na restauração do profundo sentido e propósito do sexo como a celebração de um amor maduro dentro de um relacionamento comprometido, que proporciona um “ninho” para a futura geração.

O HIV/aids não é mais um problema que possa ser ignorado pelos cristãos. Mais cedo ou mais tarde, teremos de confrontar a realidade desse vírus. Num ambiente social em que a terça parte da população está infectada, é mais que provável que alguns membros de nossas igrejas também estejam infectados. Assumindo seriamente a figura de corpo utilizada por Paulo, podemos dizer que o corpo de Cristo é HIV positivo. Colocado em outros termos, nossa igreja tem aids. O problema se tornou nosso; temos de lidar com ele; temos de nos tornar instrumentos do amor redentor de Deus.

Para nos tornarmos instrumentos de Deus, precisamos retomar o conceito africano de *ubuntu* e reconhecer que a doença não afeta apenas o corpo físico, mas também o “corpo social” e, portanto, nossa existência por inteiro. A primeira parte do corpo social a ser prejudicado é a família. A doença e a perda de um pai ou mãe, de um cônjuge, um irmão ou irmã, um colega ou um aluno, destroem modelos estabelecidos de família e exigem auxílio e ministração por parte de uma comunidade cuidadosa.

Além de proporcionar ajuda por meio de cuidados pelos que estão morrendo e conforto para os sobreviventes, precisamos também encarar o fato de que os funerais se tornam cada dia mais caros. Funerais caros comprometem profundamente o orçamento de famílias pobres. A situação pode tornar-se caótica à medida que os corpos se amontoam nos necrotérios, para serem eventualmente enterrados em filas de sepulturas anônimas porque as pessoas não têm dinheiro para os funerais.

A igreja, com todos os seus membros, é chamada para o ministério de cuidado e solicitude. Isso significa promover a aceitação de pessoas com HIV/aids, lutar contra a discriminação e desenvolver programas que atendam às necessidades daqueles que convivem com a doença.

Buscar os perdidos não significa apenas cuidar daqueles afetados pelo HIV/aids, mas também prevenir sua disseminação. Precisamos promover a fidelidade no casamento, assim como relacionamentos que durem por toda a vida. Mas precisamos também ser realistas e admitir que vivemos numa situação em que o sexo casual de todo tipo é comum. Prostitutas são diferentes apenas porque admitem fazer sexo por dinheiro. Em toda parte, existe sexo pré-marital, sexo recreativo, sexo forçado, sexo coagido, sexo como dádiva, exploração de menores, sexo extraconjugal, segunda família e parceiros múltiplos. O HIV/aids deleita-se com a promiscuidade. Para combatê-lo, precisamos utilizar uma gama de abordagens apropriadas para as situações de diferentes indivíduos, uma moralidade em mudança, rápida urbanização, industrialização, influência da cultura ocidental, atitudes mais “liberais” em relação ao sexo tanto nas cidades grandes quanto nas pequenas e a influência do álcool. Isso significa que teremos também de falar sobre preservativos, sem abandonar nossa pregação sobre moralidade. Precisamos fazer uma distinção entre as regras,

que gostaríamos que todos observassem, e a realidade de que muitos zombarão dessas regras.

Em nosso ensino sobre ética, precisamos emitir um chamado para que todos, cristãos ou não, reconheçam que somos seres sexuais e devemos expressar nossa sexualidade de maneira responsável. Precisamos encorajar uma ética sexual que notabilize a fidelidade. Temos de ensinar às pessoas que estão iniciando sua vida sexual a fazer perguntas tais como: O que vocês realmente desejam um do outro? Que interesse existe entre vocês? Existe uma razão de ser nesse relacionamento? É um relacionamento justificável e promissor por meio do qual vocês estão honesta e resolutamente caminhando para um compromisso pleno que dure a vida toda? Devemos enfatizar o ponto colocado por Barth segundo o qual as pessoas que, ao iniciar suas relações sexuais, não estão preparadas para assumir todas as consequências cometem injustiça umas com as outras e, portanto, com a sociedade.

Além de ensinar ética num tempo de HIV/aids, a igreja necessita embarcar num programa de educação e informação, de modo que a compreensão e a compaixão possam crescer. Ignorância, silêncio, engano, culpa e rejeição — especialmente quando o assunto é sexo — são extremamente perigosos. Apesar das preocupações de alguns de que encorajar o uso de preservativos apenas promoverá maior promiscuidade, a igreja precisa aceitar que, onde a disciplina sexual entrou em colapso, o ensino sobre os preservativos é um mal menor que permitir que as pessoas morram pela exposição ao HIV/aids.

Em algumas circunstâncias, o uso do preservativo é a melhor maneira de obedecer ao mandamento: “Não matarás”. Este é, sem dúvida, o caso em situações nas quais um parceiro está infectado pelo vírus e o outro, que não está infectado, precisa e deseja proteger-se.

Mesmo para os mais espirituais e leais cristãos, o HIV/aids apresenta muitos dilemas morais sérios. Após muita reflexão à luz de perspectivas bíblicas, teológicas e pastorais, uma das diretrizes que foi desenvolvida é o princípio AFPM:

A de *abstinência*, isto é, abster-se completamente de sexo antes do casamento.

F significa *fidelidade* no casamento ou em qualquer relacionamento sexual. Este é o caminho que garante a vida.

Mas, se a pessoa não consegue seguir este ensino, então escolha:

P de *preservativo*, porque a alternativa é

M de *morte*.

Não devemos perder de vista o fato de que “A” (de abstinência) e “F” (de fidelidade no casamento) vêm primeiro. Todos os cristãos são obrigados a seguir essas regras, pois elas estão baseadas nas Sagradas Escrituras. A igreja deveria dedicar-se à difícil tarefa de promover a disciplina sexual



entre os não casados. Deveria afirmar que não tolerará a promiscuidade nem o tipo de comportamento que põe em perigo o bem-estar humano. Tendo dito isso, a pessoa deve ser capaz de parar.

A realidade, no entanto, é que alguns cairão em tentação, e não há cura para a aids. Para evitar que nosso ensino leve à morte, talvez seja necessário afirmar que, se alguém não pode seguir a regra, então deve escolher a opção P (o preservativo).

Ao mesmo tempo que ensinamos isso, também estamos conscientes de que um Deus amoroso está no controle da situação e é a fonte de esperança num mundo de desesperança e desalento. Se Deus é Deus, morte e destruição não podem ter a última palavra. É aqui que a esperança cristã se faz presente. Todos nós devemos envolver-nos nessa luta por nossa herança e nosso futuro.

Se nos recusarmos a fazer uso dos objetos que estão à nossa disposição, então vidas valiosas, preciosas, raras e queridas serão perdidas. E são vidas jovens. Normalmente esperamos que os velhos morram primeiro, mas hoje, em nossas casas, estamos perdendo uma moeda após a outra; um jovem, ou uma jovem, após o outro.

Como professores e líderes religiosos, temos a responsabilidade de ser parte da busca por aqueles que estão perdidos. Jesus disse: "Ide, portanto, fazei discípulos" (Mt 28:19). Sim, o mundo lá fora está esperando soluções e implorando que nada seja perdido. De acordo com 9:17, devemos juntar "o que sobejou", tal como os discípulos encheram doze cestos com pedaços que sobraram dos cinco pães que o povo havia comido. Vamos caminhar juntos na procura da "ovelha perdida". Cada coisa e cada cidadão são uma preciosidade. Façamos uso dos objetos que estão à nossa disposição em nossa procura por soluções. Acendam suas lâmpadas, peguem suas vassouras e saiam à procura de caminhos que tragam cura para um mundo doente!

### 15:11-32 O Deus que espera, corre e abraça

Eis uma paráfrase dessa bem conhecida parábola de uma perspectiva africana: Um homem e sua esposa tinham dois filhos dos quais sentiam muito orgulho. O mais velho arava a terra, plantava, colhia e tomava conta do gado. Trabalhava desde a manhã até a noite. Certo dia, o filho mais novo disse a seu pai: "Dá-me a parte do gado que me pertence. Desejo dirigir a minha própria vida". O pai e a mãe discutiram sobre o que fazer e, então, a mãe disse: "Dê a ele a parte que lhe cabe. Ele é suficientemente adulto. Devemos esperar e ver o que acontece". O pai dividiu o gado e entregou ao mais jovem a sua parte.

O filho mais novo arrebanhou o seu gado, vendeu-o e recebeu muito dinheiro em troca. Então, foi para a cidade para gozar a vida. Finalmente era dono de si mesmo! Passou uma temporada maravilhosa dançando nas discotecas e gastando seu dinheiro com carros, aparelhos eletrônicos e mulheres. Logo ele não tinha mais nem um tostão. Foi,

então, procurar trabalho, mas ninguém o empregava. Ele ficou sozinho. Não tinha um teto sobre sua cabeça e, eventualmente, acabou dormindo na esquina coberto por jornais. Para aliviar sua fome, remexia as latas de lixo.

Todos os dias, seu pai e sua mãe continuavam à espreita para ver quando ele retornaria. Certo dia, eles o viram chegando, rasgado e ferido. Ambos correram para encontrá-lo. O filho mais novo ajoelhou-se diante deles e disse que estava arrependido. O pai e a mãe lhe deram as boas-vindas e o receberam de volta na cabana. Prepararam uma deliciosa refeição e convidaram a vila inteira para a festa. Houve grande alegria na vila, e o povo dançou e cantou. O filho mais velho, então, ficou muito bravo. Seu pai saiu da aldeia e o convidou para participar da festa. O filho mais velho respondeu: "Você sabe quanto eu trabalhei para você todos esses anos. Não pude ter nem uma festa para todos os meus amigos. Mas agora meu irmão voltou, depois de desperdiçar todo o nosso gado, e você prepara uma festa para ele".

O pai o levou para a cabana onde estava sua mãe e lhe disse: "Meu filho, você sempre esteve em casa conosco. Mas seu irmão estava morto e tornou a viver; *estava perdido e foi encontrado*".

Essa parábola pode receber muitos nomes, mas é popularmente conhecida como "o filho pródigo". A NVI se refere a ela como "o filho perdido", deixando claro que a parábola está ligada às duas precedentes: da ovelha perdida e da moeda perdida. Quando o filho é encontrado novamente, as boas-novas chegam com um convite: "Alegrai-vos comigo; porque já achei a minha ovelha perdida" (15:6). Novamente, há "júbilo no céu" (15:7) e "júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (15:10).

O irmão mais velho raivosamente se recusa a participar da festa (15:28). Por essa razão, a parábola também é conhecida como "dos dois filhos perdidos". Ambos são pródigos, pois o mais velho desperdiça sua alegria na presença e com os bens de seu pai e de sua mãe (15:31) e com o convite para a festa com o bezerro cevado (15:23). A parábola começa com o filho mais novo perdido e conclui com o filho mais velho perdido.

Embora o final seja desapontador, a imagem que permanece é a daquele que espera, corre, abraça, beija e festeja, *compadecido* do perdido que *vinha ainda longe* (15:20) e daqueles que sempre estiveram perto (15:31). Um banquete de grande alegria é providenciado por este que espera, o qual não é outro senão o Deus que espera, corre, abraça, festeja e beija. A parábola descreve a bondade, a graça, a misericórdia sem limite e o abundante amor de Deus.

### 16:1-31 As faces da riqueza

#### 16:1-9 Faça amigos com sua riqueza

Muitos comentaristas alegam que o relato do "administrador infiel" é a mais difícil de todas as parábolas, pois incompetência, desonestidade e corrupção parecem estar

sendo recompensadas. No entanto, o foco da narrativa não é a desonestidade, mas a prudência. Vejamos.

A parábola do filho pródigo apresenta um jovem que desperdiçou sua riqueza numa vida dissoluta. Da mesma forma, a parábola do administrador desonesto apresenta um administrador que desperdiçou os bens de seu empregador (16:1). A primeira das duas parábolas ensina que, se pecaminosamente desperdiçarmos nossa vida e, então, na décima primeira hora, nos voltarmos para Deus verdadeiramente arrependidos, encontraremos um Deus que espera, corre, abraça, beija e festeja. A segunda parábola fornece o outro lado da história: quando desperdiçamos nossa vida e o futuro se mostra árido (16:3), então, na décima primeira hora, usamos nossos bens para ajudar a outros, e somos assegurados de que eles nos receberão *nos tabernáculos eternos* (16:9).

Alguns comentaristas têm refutado a pressuposição básica de que a atitude do administrador ao suspender os débitos fosse, em si mesma, imoral. Afirmam que os judeus eram proibidos de emprestar dinheiro a juros, mas contornavam isso emprestando mercadorias como óleo e trigo e cobravam juros sobre elas. Normalmente, o pagamento era feito ao administrador, que, então, pagava ao proprietário o que lhe era devido, mas embolsava a maior parte dos juros. Dessa perspectiva, o que acontece nessa parábola é o seguinte: o administrador, acusado de gerir mal a propriedade de seu empregador e vendo-se despedido, perspicazmente chama os devedores um por um e cancela sua parte nos juros dos empréstimos, permitindo, assim, que os devedores paguem exatamente o que haviam tomado emprestado e nada mais. A atitude sábia louvada na parábola é o fato de que o administrador comprou amigos que poderiam ajudá-lo, uma vez que estava desempregado.

A atitude pronta e perspicaz do administrador para enfrentar sua crise iminente é reinterpretada como um exemplo prudente de usar o próprio dinheiro para assegurar o futuro. Os leitores cristãos devem fazer o mesmo. Devem usar seus bens agora para ajudar a outros, e receberão apoio no futuro. Entretanto, será que a referência a “tabernáculos eternos” significaria que o dinheiro pode comprar um lugar no céu para alguém? A história seguinte pode ser útil para responder a essa questão.

Certo dia, um cobrador de impostos, Ma'jan, morreu e recebeu um esplêndido funeral; o trabalho parou em toda a cidade, uma vez que toda a população desejava acompanhá-lo ao seu último descanso. Ao mesmo tempo, um pobre professor morreu, e ninguém deu atenção ao seu funeral. Como poderia Deus ser tão injusto permitindo isso? A resposta é a seguinte: embora Ma'jan não tivesse de modo nenhum vivido uma vida piedosa, certa vez ele havia praticado uma boa ação [...] Havia convidado os membros do conselho da cidade para jantar, mas nenhum deles compareceu. Então deu ordens para que os pobres entrassem e comes-

sem, de modo que a comida não fosse desperdiçada. Isso explica por que o funeral do pobre professor não recebeu nenhuma atenção, enquanto Ma'jan foi enterrado com grande pompa. Um dos colegas do pobre professor, no entanto, recebeu permissão para ver, em sonhos, o destino dos dois homens no outro mundo. Alguns dias mais tarde, esse professor viu seu colega em jardins de beleza paradisíaca regados por correntes de água. Viu também Ma'jan, o publicano, em pé na borda de um regato, tentando alcançar a água, mas incapaz de fazê-lo (Joachim Jeremias).

### 16:10-17 Usos e abusos da riqueza

Jesus usa o exemplo da riqueza para falar aos discípulos sobre responsabilidade social e mordomia. Eles são advertidos de ser fiéis no uso de sua riqueza terrena, pois ela é um empréstimo de Deus. Se eles não forem confiáveis no trato com as riquezas terrenas, como seria possível confiar-lhes as verdadeiras riquezas da vida eterna (16:10-12)? Nesses versículos, Jesus aplicou a noção de mordomia aos bens materiais. A razão pela qual o uso da riqueza está ligado à vida eterna é o fato de que *não podeis servir a Deus e às riquezas* (16:13). Discipulado significa devoção com um só propósito, isto é, servir a Deus com nossos bens terrenos, enquanto não negligenciamos compartilhar nossa riqueza com a comunidade para resolver necessidades (cf. tb. At 6:1-6; 11:27-30).

### 16:18 Divórcio

O casamento expressa o movimento fundamental projetado por Deus na criação: a união. Aquilo que Deus juntou não deve ser separado por seres humanos. Entretanto, quando tal união é quebrada, aquele que a quebra comete adultério. A vontade original de Deus tem precedência sobre qualquer concessão subsequente feita à fraqueza dos seres humanos como resultado da queda, especialmente se a realidade da lei de Deus deve ser reconstituída. A união era e é, agora mais do que nunca, a ordem natural das coisas. Separação e divórcio são realidades que se originam de um sistema poluído que promove violência e abuso contra o companheiro e os filhos, assim como infidelidade.

### 16:19-31 O homem rico e Lázaro

A historietta esboçada anteriormente sobre Ma'jan, o rico coletor de impostos e o pobre professor, é uma boa introdução para a história do homem rico que, embora sem nome, é comumente chamado Dives (a palavra latina para “homem rico”) e o homem pobre, Lázaro. Foi negado a Lázaro o direito de fazer escolhas, assim como a oportunidade de viver uma vida tolerável. Há milhões de Lázaros neste mundo hoje para quem a vida é difícil, penosa ou perigosa. Eles são privados de conhecimento e comunicação e roubados da dignidade, confiança e respeito próprio. Pobreza significa mais que falta do que é necessário para o bem-estar material. Também pode significar a negação das

oportunidades e escolhas mais básicas para o desenvolvimento humano, isto é, a oportunidade de viver uma vida longa, saudável, criativa e de apreciar um padrão de vida decente, liberdade, dignidade, autoestima e respeito por parte dos outros.

O objetivo dessa parábola não é consolar aqueles semelhantes a Lázaro com algum sonho irreal sobre o céu. Ela não tem o objetivo de consolar o pobre com a esperança de recompensa além-túmulo. Ao contrário, procura incitar os ricos e os pobres a ouvir e agir.

O tópico sobre o relacionamento entre cristãos ricos e pobres é importante, porque Deus está do lado dos desfavorecidos e oprimidos, e espera que seus seguidores permaneçam com ele. A missão da igreja inclui tomar decisões éticas e políticas concretas, pois nossa crença em Deus inclui, em vez de excluir, a criatividade política humana. Fingir estar do lado do pobre sem influir nas condições que propiciam o crescimento da pobreza é mera hipocrisia.

Num extremo dessa história, está um homem rico não identificado, cuja vestimenta, mansão e estilo de vida o marcam como um dos ricos e famosos (16:19). A própria ideia de um estilo de vida como esse pode ter sido espantosa para muitos dos ouvintes originais. Mas, no fundo da noite, quando a fome os mantinha acordados, eles talvez tenham refletido sobre como algumas pessoas apreciam a vida, enquanto outras precisam suar e trabalhar duro para, ao menos, conseguir sobreviver.

No extremo oposto, está um representante das massas, chamado Lázaro (16:20-21). Tudo o que ele tem para si é o fato de ser a única pessoa, em todas as parábolas de Jesus, que possui um nome: Lázaro. Este nome é uma forma latina de Eleazar, que significa “Deus é meu auxílio”. Lázaro é um pedinte, mas tem um nome. Está coberto de feridas abertas, mas tem dignidade. Ele não permanece sem nome.

O pecado do homem rico é que ele não tinha coração. Olhava para um homem que tinha nome, mas não lhe perguntava seu nome. Via a fome e a dor de Lázaro, mas não fazia nada a respeito. Aceitava a pobreza de Lázaro como parte da ordem natural das coisas e achava perfeitamente normal e inevitável que Lázaro permanecesse com fome, dor, sofrimento, doença e, finalmente, morte enquanto chafurdava no luxo. Não existe ninguém tão cego quanto aquele que não deseja ver.

Após sua morte, o homem rico recebeu a punição devida àquele que não praticara *ubuntu* nem reconheceu que Lázaro era um ser humano semelhante a ele (16:23). Ele não reconheceu Lázaro como irmão e companheiro. Apreciando sua riqueza e saboreando a inveja que ela causava nos outros, ele não se deu conta, até que fosse muito tarde, de que a vida caracterizada pelo individualismo e pela recusa em partilhar o pão com o próximo é detestável aos olhos de Deus (16:20-21).

## 17:1-19 Relatos de cura, fé e salvação

### 17:1-10 Fé antes de boas obras

Nessa passagem, Jesus exige a renúncia de toda autojustificação.

Tendo sido ensinados a repreender os ofensores e a perdoar os pecadores arrependidos (17:3-4), os apóstolos compreendem que perdão é algo extremamente difícil e imploram a Jesus: *Aumenta-nos a fé* (17:5). Jesus responde que fé não é uma mercadoria que possa ser medida ou possuída. Em vez de desejar “mais fé”, ou uma “fé poderosa”, o que Deus precisa é de uma fé pura e simples, isto é, fé com integridade (17:6-10). Nossa fé não nos transforma em autoridades poderosas, mas em humildes servos de Deus. É Deus quem capacita esses *pequeninhas* (17:2) a dizer a uma árvore: *Arranca-te e transplanta-te no meio do mar*, e ela os obedecerá (17:6). Aqueles que fazem o que lhes é ordenado não podem gabar-se de suas próprias realizações.

Também não devemos nunca imaginar que servimos a Deus tão bem que agora temos o direito de colocar nossas necessidades antes das exigências de Deus. Jesus expressou vividamente esta verdade: *Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa?* Em vez disso, diríamos: *Prepara-me a ceia [...] e serve-me enquanto eu como e bebo; depois comerás tu e beberás?* (17:7-8).

Os comentários de Jesus aqui levantam a questão de fé e boas obras. Precisamos lembrar que é em nossa existência diante de Deus que obtemos graça e somos justificados. Em nossa existência diante de nossos semelhantes, estamos envolvidos em grandes e genuínas lutas por liberdade e procuramos servir aos outros. A fé não substitui as obras, mas estas se seguem àquela. De acordo com Lutero, quando Cristo é apropriado pela fé, e quando essa fé se torna operosa, então praticamos “boas obras, amamos a Deus, damos graças e praticamos o amor para com o nosso próximo”. Segue-se que a ligação positiva entre fé e boas obras não deve ser ocultada, mas entusiasticamente expressa de maneira concreta e revolucionária.

### 17:11-19 Um samaritano agradecido

Esse relato se inicia com dez homens que precisavam manter-se a distância e gritar para serem ouvidos (17:12-13a). Não era permitido que pessoas com lepra entrassem nas vilas, portanto elas mantinham a distância determinada por Moisés (Lv 13:46). É digno de nota que Jesus não foi até aqueles leprosos, nem os tocou e curou como havia feito com outros leprosos (5:12-13). Ao contrário, manteve a distância e simplesmente lhes disse que fossem e se mostrassem ao sacerdote. Enquanto iam, os leprosos foram curados (17:14). A essa altura, sem dúvida, a distância entre eles e Jesus havia aumentado.

Um dos membros desse grupo era um samaritano (17:6). Como explicado anteriormente (cf. 10:29-37), os judeus não

se comunicavam com os samaritanos; entretanto, nesse grupo, uma doença comum havia derrubado as barreiras raciais e religiosas. Na tragédia comum de sua lepra, eles se lembraram apenas de que eram pessoas doentes que precisavam de ajuda. A necessidade de segregação social, cultural, religiosa e racial desaparecera. Juntos, eles gritaram a uma só voz: *Jesus, Mestre, compadece-te de nós* (17:13b).

É digna de nota a mudança na distância entre Jesus e o samaritano. À medida que o samaritano se aproximou de Jesus e finalmente *prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe* (17:16), a distância física desapareceu, assim como a separação social, racial e religiosa e todo tipo de alienação entre ele e Jesus e entre ele e Deus. Tudo foi removido com a dádiva: *Levanta-te e vai; a tua fé te salvou* (17:19).

O reconhecimento agradecido do homem pelo poder de Deus o levou de volta a Jesus, por meio de quem aquele poder se expressara. Jesus foi capaz de oferecer-lhe não apenas cura física, tal como os outros nove receberam, mas também sua mão de amizade, perdão, reconciliação e salvação, removendo toda a distância e alienação existente entre ele e Deus. A ingratidão dos outros nove parece ainda mais digna de culpa diante da misericórdia de Deus.

A melhor expressão de gratidão que podemos oferecer a Deus é tentar expressá-la como “pequeninhas”: “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum só de seus benefícios. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e de misericórdia, quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia” (Sl 103:2-5).

### 17:20-37 A segunda vinda

A pergunta dos fariseus em 17:20 representa um pedido de sinal que eles imediatamente reconheceriam como demonstrando que a vinda de Deus estava próxima. Mas o reino de Deus não vem de forma que qualquer pessoa possa reconhecer de maneira superficial e sem esforço. Não é nunca esse tipo de fato indiscutível. Ao contrário, se as pessoas souberem olhar, os sinais para os quais estão olhando certamente estão lá. O reino de Deus está entre elas — é o próprio Jesus (17:21). Em suma, o necessário é ser vigilante e observador.

Jesus, então, dá vários exemplos do AT sobre alguns fracassos na prática da vigilância: aqueles que viviam no mundo antes do dilúvio (17:26-27), os cidadãos de Sodoma (17:28-29) e a mulher de Ló (17:32). A segunda vinda acontecerá tão repentinamente quanto os desastres que aconteceram a eles, e será igualmente pouco sábio olhar para trás. A mulher de Ló transformou-se numa estátua de sal porque estava tão ligada aos seus bens terrenos que não pôde deixar de olhar para trás para ver o que estava acontecendo.

A segunda vinda é apresentada em Lucas como ocorrendo à noite, quando as pessoas estão dormindo (17:34), mas

curiosamente também quando as mulheres estão moendo trigo (17:35). Alguns manuscritos adicionam 17:36: *Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro, deixado* (cf. tb. Mt 24:40). Parece que a vinda poderá acontecer quer à noite, quer durante o dia.

Em 17:37, Jesus repete a observação feita em 17:21-31. A segunda vinda do Filho do Homem não é alguma coisa que poderá ser observada com antecedência. O que se deve fazer é ser como os abutres que possuem uma extraordinária visão de longa distância e são rápidos em reconhecer a presença de comida.

## 18:1-30 Entrada no reino de Deus

### 18:1-8 O Deus revelado

Essa parábola é encontrada apenas em Lucas. Certo dia, uma viúva, muito pobre para conseguir influenciar um juiz, aproximou-se dele usando apenas a arma que possuía — uma astuciosa persistência que esgotaria o juiz até que, por absoluto desespero, ele lhe fizesse justiça (18:2-5). Nessa parábola, a viúva era uma jovem mulher a quem havia sido negada a herança, mas ela é um símbolo de todos aqueles que gritam por justiça neste mundo.

Jesus explica a moral da parábola. *Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça* (18:7-8). A parábola ensina tanto a necessidade da persistência de nossa parte quanto a realidade da misericórdia de Deus, pois ele é o Deus do pobre e do necessitado, das viúvas e crianças.

A parábola, no entanto, também levanta uma pergunta em nossa mente. Por que, afinal, Deus permite que as pessoas sofram dessa forma? Por que Deus permite que as pessoas se desesperem, tenham o coração partido e sofram a negação da justiça? Precisamos admitir que muitas dessas coisas que experimentamos parecem contradizer a ideia de que Deus é um Deus de amor. Como poderia um Deus assim permitir tanto mal em seu universo? Algumas vezes, ele se parece mais com um Deus escondido e amedrontador.

Podemos tentar evitar a questão simplesmente atribuindo toda dor ao diabo, mas também sabemos que até mesmo o diabo não poderia existir sem o poder sustentador de Deus. E, com frequência, o diabo trabalha por meio de instrumentos humanos, que também estão sujeitos a Deus. Mesmo na Bíblia, vemos como Deus age de forma que poderíamos considerar encorajadora do mal, quando “endurece” o coração de Faraó ou daqueles que são contra a liberação política e a justiça econômica. Entretanto, também vemos como ele usa esse endurecimento para executar justiça no final.

Vemos ainda um caso em que Deus aparentemente se apresenta como alguém de coração duro, no tratamento de Jesus para com a mulher cananeia (Mt 15:21-28). A princípio, Jesus ignora seus pedidos de misericórdia. Mas

ela ainda crê que Jesus é o Salvador e libertador, embora ele pareça ríspido ao não lhe responder. Quando, diante da solicitação dos discípulos, Jesus afirma que fora enviado apenas à casa de Israel, a mulher não desiste. Quando Jesus lhe diz que o pão não deve ser tirado dos filhos para ser dado aos cachorrinhos, ela não se detém, mas de boa vontade admite ser um cachorrinho, isto é, um dos explorados, oprimidos e humilhados.

Nas circunstâncias extremas em que se encontra, e das quais precisa ser salva e libertada, a mulher insiste em que até mesmo os cachorros comem as migalhas que caem da mesa dos ricos. Jesus então manifesta a humanidade de Deus e declara que ela não é mais um cachorro, mas uma filha de Deus.

A lição aqui é que o caminho para a fé nos leva através das horas mais sombrias de tentação, que não deixam espaço para a autoconfiança. Tais dúvidas e tentações nos ensinam não apenas a conhecer e compreender, mas também a experimentar quão doce, amável e confortadora é a Palavra de Deus. Deus nos faz conscientes de quão extremas são as condições nas quais as pessoas existem, e das quais elas precisam ser salvas e libertadas.

O grito “Deus meu, Deus meu por que me desamparaste” não é proferido pelo insano, mas por aqueles a quem é negada a dignidade humana e a justiça econômica. Ao ouvir o grito de tais pessoas, Deus lhes oferece libertação e salvação eterna. Esse tipo de Deus e esse tipo de atitude constituem o centro do evangelho.

Outro ponto de que precisamos lembrar quando ponderamos sobre o fato de Deus estar oculto é que ele estendeu o seu braço e nos alcançou. Entrou na história humana como o Deus encarnado e humano no útero de Maria de modo que, como disse Lutero, os humanos pudessem “ver o amor, a bondade e a doçura de Deus”.

Consequentemente, incerteza e dúvida quanto à possibilidade de salvação, libertação política, reconciliação e justiça econômica são, claramente, heresia camuflada. A incerteza pode facilmente tornar-se um lugar de refúgio, sob o qual tentamos proteger-nos dos ventos da mudança. Salvação, libertação política e justiça econômica, no entanto, devem ser decisivamente proclamadas. O fato de que Deus se tornou encarnado nos dá a confiança de que ele se coloca ao lado do aflito, do oprimido e do desesperado, e planeja exaltá-los.

### 18:9-14 Quem são os justos e os injustos?

A história do fariseu e do coletor de impostos ou publicano levanta a questão sobre quem são os injustos e quem são os justos e com qual dos grupos nos identificamos. É muito fácil para as pessoas identificar-se exclusivamente com o coletor de impostos e nunca perceber algo do fariseu em si mesmas.

O fariseu nessa parábola tem muitas características positivas: é retratado como um homem muito religioso e

espiritual e devia ser elogiado por sua espiritualidade e compromisso para com a tradição religiosa. Ele jejuava duas vezes por semana e dá o dízimo de toda sua renda para o ministério e a obra de Deus (18:12). Em sua oração, ele agradece a Deus, admitindo que deve ao Senhor o fato de ser uma pessoa melhor, pois foi Deus quem o fez um daqueles que levam a sério seus deveres religiosos. Sua oração é semelhante àquela que encontramos em Salmos 17:4-5: “Quanto às ações dos homens, pela palavra dos teus lábios, eu me tenho guardado dos caminhos do violento. Os meus passos se afizeram às tuas veredas, os meus pés não resvalaram”.

O problema é que, em vez de se contentar em dar graças e observar sua tradição religiosa, o fariseu se nutre de suas virtudes e faz comparações pecaminosas. É um exemplo típico daquelas pessoas religiosas que se consideram mais santas e espirituais e se exaltam acima dos filhos do mundo. Na realidade, o fariseu não hesita nem em agradecer a Deus por ser melhor que os outros homens, quer dizer, os *roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano* (18:11). Seu pecado é sua autoglorificação a expensas de outra pessoa. Tal autoglorificação se reflete nas palavras atribuídas ao rabi Simeon ben Jochai: “E há dois homens justos no mundo, eu e meu filho somos esses dois; se há apenas um, eu sou o próprio!”.

O coletor de impostos também se levanta e se volta diretamente para Deus. Mas onde o fariseu oferece uma oração de gratidão, o outro apresenta uma petição por misericórdia. A oração do publicano é semelhante à do autor de Salmos 34:8, alguém que implora e é ouvido por Deus e salvo de todas as suas aflições. Em pé diante de Deus, o publicano se apresenta como *pecador* profundamente necessitado de justificação e salvação, implorando que Deus seja misericordioso com ele (18:13). Na incondicional admissão de sua pecaminosidade diante de Deus, ele *batia no peito*. O publicano chegara ao verdadeiro arrependimento e se lança numa confissão de pecado sem reservas aos pés de Deus.

Com qual desses dois devemos identificar-nos? Sugiro que devemos ver-nos em ambos. O bom no caráter do fariseu é seu compromisso religioso; o mal é sua autojustificação. O lado negativo do pecador era a exploração de seus semelhantes. Todavia, ele não se contenta em permanecer pecador, mas confessa que pecou contra Deus em pensamento, palavra e ato, tanto pelo que fez quanto pelo que deixou de fazer. Ele chega aos portões do céu, os quais são tão baixos que a única maneira de atravessar é colocar-se de joelhos (18:14).

### 18:15-17 Recebidos como crianças e pequeninos

Ao longo do evangelho de Lucas, encontramos relatos de Jesus tocando ou abençoando crianças ou pequeninos (18:15-17; 17:2; 8:50-56), ou histórias nas quais Jesus é compassivo para com pessoas que vivem à margem da sociedade. Nessas histórias, os “pequeninos” têm aparência



humilde, são tímidos em seus movimentos, inferiores, desfavorecidos e prejudicados em relação aos outros na sociedade. São pessoas constantemente ameaçadas de fazer algo errado em seu trabalho com possibilidade de serem despedidos ou terem desconto em seu salário. Entretanto, de acordo com Mateus 25:31-46, cada um desses pequeninos é um “pequeno Cristo” para nós.

A atitude de Jesus para com aqueles que vivem à margem da sociedade, inclusive as crianças, é expressa em suas palavras: *Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus (18:16)*. Apesar desta ordem e da recomendação explícita de Jesus de que nenhum obstáculo deveria ser colocado no caminho das crianças que se dirigem a ele, na maioria das igrejas as necessidades espirituais e educacionais das crianças são tratadas de forma demasiadamente superficial. Com muita frequência, toda energia, tempo e dinheiro da igreja é empregado para servir os adultos, enquanto as crianças recebem uma parcela insignificante de atenção, especialmente durante a Escola Bíblica Dominical. Serviços e ministérios

eficientes para as crianças, no entanto, fazem parte de qualquer congregação florescente.

Embora nossa tendência cultural seja a de sermos enérgicos, ríspidos, severos e disciplinadores em relação às crianças, devemos seguir o exemplo de Jesus sendo mansos, compassivos e compreensivos para com elas. Jesus, sem dúvida, sempre se interessou pelas crianças e tinha prazer nelas. Vemos isso na referência que faz aos seus brinquedos e jogos na praça, durante casamentos e funerais (7:32), e em sua recusa em ordenar que ficassem quietas quando cantaram “Hosana” em sua honra no templo (Mt 21:15), assim como no incidente relatado aqui. Jesus pode ser, com justiça, aclamado como aquele que ama as crianças.

### 18:18-30 Vende, vem e segue-me

A história do jovem rico é encontrada em todos os evangelhos sinópticos (Mc 10:17-31; Mt 19:16-30). Em cada um deles, a questão da riqueza é enfatizada, e o chamado à renúncia por amor ao reino de Deus é repetido. Lucas, de forma característica, enfatiza o “tudo” em sua versão da

## CRIANÇAS DE RUA

Jesus ama as crianças. Ele ordenou aos seus discípulos: “Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Mc 10:14).

Por toda a África, entretanto, muitas crianças não encontram Jesus porque estão condenadas a viver nas ruas. Algumas dessas crianças permanecem nas ruas durante o dia e à noite voltam para casa, algumas vezes para pais que exigem dinheiro obtido fora do lar.

Outras vivem literalmente nas ruas, onde experimentam adversidade, medo e insegurança. Drogas e solventes as ajudam a enfrentar o escárnio, a rejeição e o abuso de que são vítimas quando ousadamente abordam os adultos pedindo dinheiro. Adultos inescrupulosos as forçam a entrar em atividades anti-sociais e ilegais, como tráfico de drogas e prostituição. Ao atingir a maturidade sexual, muitas delas são infectadas pelo HIV/aids, e a gravidez é comum, dando origem a famílias de rua.

Muitas dessas crianças são levadas às ruas pelo contraste entre a riqueza urbana e a desesperada pobreza das regiões rurais. Outras são forçadas pela morte de seus pais vítimas da aids, pela falta de alimento em casa ou na escola, ou por abuso físico e sexual. A influência do grupo e um desejo de escapar da disciplina imposta pela escola ou pelo lar atraem outros.

É, no entanto, errado assumir que a pobreza sozinha produza crianças de rua. A falta de amor por parte dos pais, membros da família, parentes e comunidades empurra as crianças para as ruas. O amor dá às crianças uma

consciência de pertencer, de fazer parte, o que constrói um senso de valor e identidade pessoal.

Os adultos têm reagido de modo negativo ao afluxo de crianças de rua. Nas áreas rurais, os pais com frequência lamentam a mudança de seus filhos para a cidade. O desafio para a igreja é, em primeiro lugar, impedir que as crianças vão para as ruas, e, quando elas já se encontram lá, reabilitá-las.

Numa família amorosa, os pais planejam seus negócios e outros compromissos de modo que não se negue às crianças a oportunidade de estar com eles. Eles encorajam um saudável crescimento mental, físico, espiritual e social. Sabemos que, quando criança, Jesus cresceu em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens (Lc 2:52).

Pais amorosos e uma comunidade afetuosa ajudam as crianças a se desenvolver normalmente em todas as áreas da vida. A igreja precisa implementar esse amor dentro das comunidades. Também necessita tornar-se um advogado das crianças que já estão nas ruas, trabalhando para que “corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene” (Am 5:24). Os membros da igreja precisam tornar-se conscientes da necessidade de reabilitar essas crianças. Quando as crianças não podem ver a mão do Senhor, devemos estender-lhe nossas próprias mãos. Elas precisam de nossa orientação espiritual, de nossa provisão para suas necessidades básicas, e de acesso a serviços de saúde e educação. A tarefa é urgente, pois a Bíblia nos instrui: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (Pv 22:6).

Solomon Gacece

resposta de Jesus: *Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me* (18:22).

Embora as outras versões sugiram a necessidade de deixar tudo para trás, apenas Lucas especifica que Jesus queria dizer abandonar “tudo”. O jovem rico, no entanto, não estava preparado para fazer o que Jesus lhe pedira (18:23). Seu “Bom Mestre” revelou ser apenas uma forma polida de falar (18:18).

Creio que Jesus foi absolutamente sério quando respondeu à pergunta: “Que farei para herdar a vida eterna?”. A vida eterna em questão é algo que Deus compartilha conosco. Deus é bom porque é um Deus que em tudo compartilha. Na cultura africana, dizemos que uma pessoa boa é aquela que compartilha a si mesma e é útil aos outros. Tal pessoa crê num Deus que compartilha. O jovem rico descrito aqui, entretanto, não tem nenhum senso de *ubuntu*.

Nossos bens materiais devem ser usados para oferecer hospitalidade a todos. Ainda hoje, as pessoas na África não hesitam em promover grandes festas para parentes, amigos e vizinhos e em gastar dinheiro generosamente para manter o contato humano tão próximo quanto possível. Minha experiência do tempo de criança ilustra esse senso de *ubuntu* e de compartilhamento. Minha mãe sempre preparava uma refeição quente para nós aos domingos. Com carnes variadas, arroz, vegetais, torrada e geleia, e às vezes bolo e chá. Sendo crianças, sempre esperávamos ansiosamente a refeição quente num arco-íris de cores. Mas toda semana, após o culto, dois ou três presbíteros permaneciam conversando com meu pai, que era pastor. Muitas e muitas vezes, tínhamos de nos satisfazer com a comida fria, pois a refeição quente que tão ansiosamente esperávamos era servida aos presbíteros da congregação. O pecado do jovem rico era que ele não estava preparado para repartir o que tinha.

Outra experiência que ilustra a necessidade de reparar envolveu dois homens que estavam em pé, na chuva, discutindo sobre um lugar num táxi. Finalmente, aquele que havia chegado primeiro cedeu seu lugar para o outro e caminhou em minha direção. “Por que você lhe deu o seu lugar?”, perguntei. “Bem, a esposa dele está no hospital”, o homem replicou. À medida que compreendemos melhor as necessidades dos outros, nossa agenda pessoal precisa ser reexaminada e revisada.

Como aprendemos no evangelho de Lucas, são os pequeninos e as crianças, os necessitados e os pobres, os doentes e os pecadores que entrarão primeiro no reino de Deus, e são os ricos e famosos que se descobrirão em pé, do lado de fora do portão. Devemos interpretar a afirmação *Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus* (18:27) como indicativo de que apenas pela graça miraculosa de Deus é que o rico entrará no reino de Deus (cf. comentários em 19:1-9). Aqueles que não desejam compartilhar seu *ubuntu* com Deus e seus semelhantes já se excluíram do círculo da família de Deus nesta vida. As riquezas representam uma barreira tal, e são tão difíceis de abandonar, que, na reali-

dade, é um milagre quando uma pessoa rica se desprende e se torna uma irmã ou irmão e um discípulo. A afirmação “Mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20:35) é uma conclusão apropriada à apresentação feita por Lucas sobre a história do jovem rico.

## 18:31-43 Jesus se aproxima de Jerusalém

### 18:31-34 Jesus prediz sua morte

Nessa passagem, a inevitabilidade da morte e ressurreição de Jesus em Jerusalém é comunicada apenas aos doze. Jesus os chama *à parte* (18:31, NVI), antes de falar a respeito, talvez querendo indicar que tratará de um assunto muito importante e grave. A expectativa é que eles transmitam a mensagem a outros quando estiverem prontos a fazê-lo, e, por último, mas não menos importante, que incorporem o exemplo que Jesus está estabelecendo.

Jesus descreve o que acontecerá com ele usando termos vívidos: *será ele entregue aos gentios, que zombarão dele, o insultarão, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. No terceiro dia, ele ressuscitará* (18:32-33, NVI). Mas os doze discípulos parecem ter tido uma compreensão limitada do que Jesus lhes comunicou (18:34). A descrição de sua “cegueira” e a incapacidade de perceber o sentido das palavras de Jesus são seguidas pela história do pedinte cego a quem Jesus devolve a vista por causa da sua fé, e que “seguia-o (Jesus) glorificando a Deus” (18:43).

### 18:35-43 Aproveitando a oportunidade

O homem cego nessa história tem algo importante para nos ensinar. Ele estava desesperado e ouviu um burburinho. Perguntou o que estava acontecendo, e lhe contaram que Jesus de Nazaré estava passando por ali (18:37). Ele percebeu a oportunidade e começou a gritar: *Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!* (18:38). Talvez fosse considerado grosseiro gritar em público, e aqueles que estavam à frente da multidão *o repreendiam para que se calasse*; mas ele os ignorou (18:39). Recusou-se a deixar que a oportunidade fosse perdida. Jesus o ouviu e perguntou ao homem o que ele desejava. *Senhor, que eu torne a ver* foi a resposta (18:40-41). Como no caso do leproso samaritano (17:19), Jesus declara que a fé demonstrada por esse homem o havia curado e recuperado.

A repreensão da multidão ao homem demonstra que, ao contrário do cego, aquelas pessoas não haviam compreendido Isaías 35:5, que afirma que a vista seria restaurada ao cego no dia da salvação do Senhor. O pedido do homem cego para que sua cegueira fosse removida foi um convite a Jesus para validar suas credenciais como Messias. Relatando incidentes como esse, Lucas deseja que seus leitores percebam que Jesus se tornou aquilo que havia dito que seria: um profeta, um mestre e um curador — cumprindo, assim, as Escrituras que havia lido na sinagoga em sua cidade natal de Nazaré, e cujas palavras aplicara a si mesmo.

Ele estava trazendo “boas novas aos pobres” e proclamando “liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos”, fora enviado para “libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor” (4:18-19, NVI, citando Is 61:1-2).

### 19:1-10 O rico reformado

O encontro de Jesus com o jovem rico (18:18-39) havia estimulado a pergunta *Quem pode ser salvo?* (18:26) ou, mais especificamente, “Pode o rico ser salvo?”. Um homem rico pode realmente “vender tudo” e passar pelo buraco da agulha (18:25)? Enfatizando que Zaqueu era rico (19:2), Lucas prepara o leitor para uma história que responderá a essas questões.

O nome Zaqueu significa literalmente “justo” ou “limpo” e é também encontrado no AT na forma de Zacai (Ed 2:9; Ne 7:14). Zaqueu estava extraordinariamente ansioso para ver Jesus (19:3-4), que abruptamente lhe pede hospitalidade (19:5). A atitude de Jesus provoca hostilidade por parte da multidão, sem dúvida porque Zaqueu era um fantoche trabalhando junto com o “inimigo”, participando e beneficiando-se do governo romano. Sob muitos pontos de vista ele não era nem “limpo”, nem um bom judeu (19:7). Era, entretanto, um homem disposto a assumir um risco.

É claro que a pergunta que devemos fazer não é “Pode o rico ser salvo?” ou “Pode tal ou qual pessoa ser salva?”, mas, sim, “Quem pode ser salvo?” (18:26). Os ricos ou os opressores realmente não estão em posição diferente de qualquer outro pecador, apesar das dificuldades extras que enfrentam.

Na história, Zaqueu está disposto a assumir a responsabilidade social para com seus semelhantes ao declarar: *Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais.* (19:8). Sua atitude contrasta com a do jovem rico, que julgou impossível dividir seus bens e “ficou muito triste, porque era riquíssimo” (18:23).

A presença de Jesus torna possível o que é humanamente impossível. Um homem rico passa pelo buraco da agulha porque está disposto a desfazer-se de sua riqueza. Além disso, de uma perspectiva política, não é mais visto como um fantoche do regime romano, mas como um verdadeiro irmão, ou *filho de Abraão* (19:9). Assim sendo, Zaqueu agora vive à altura de seu nome, que significa “limpo” ou “justo”, e se torna a ilustração viva de uma pessoa que está disposta a demonstrar *ubuntu* para com os pobres.

A história de Zaqueu pode ser relacionada à questão da terra em países como Namíbia, África do Sul e Zimbábue, onde antigos opressores não estão dispostos a partilhar a terra com a maioria sem-terra. Apelos têm sido feitos aos proprietários de terra para que sejam mais abertos, de modo que essa questão possa ser resolvida pacificamente e de acordo com as leis. Que maravilha se houvesse mais proprietários como Zaqueu, que voluntariamente declarassem: “Bem, metade da minha terra eu darei aos sem-terra”!

### 19:11-27 A parábola das minas

Enquanto a multidão ainda reflete sobre a afirmação de Jesus de que a salvação chegou a Zaqueu e à sua casa porque Jesus veio “buscar e salvar o perdido” (19:10), o Mestre lhes conta outra parábola (19:11). Essa parábola responde às seguintes perguntas: O que a pessoa deve fazer depois de ser justificada? O que devemos fazer depois de termos assegurada nossa salvação?

A parábola afirma que Deus dá aos pecadores justificadas a possibilidade de ganhar juros ou dar frutos. Cada crente precisa reconhecer que agora faz parte do sacerdócio de todos os crentes, e a expectativa é que cada um sirva à causa de Deus em Jesus Cristo. Aqueles que fiel e diligentemente aproveitarem ao máximo as oportunidades conferidas por Deus para servi-lo em sua causa serão ricamente abençoados (19:17). Aqueles que forem fiéis e diligentes em menor grau também serão recompensados, mas em menor medida (19:19). Entretanto, um pecador justificado que se recusa a fazer qualquer boa obra será repreendido e castigado (19:22-24).

Pela graça de Deus, todos os crentes receberam oportunidades de trabalhar para Deus e de servir a seus semelhantes por meio de palavras e atitudes, em oração, proclamação e de muitas outras maneiras. Aqueles que se mostram dispostos a aproveitar todas as oportunidades que o Senhor lhes confere se tornarão cada vez mais ricos e terão sempre mais e melhores oportunidades de trabalhar para Deus e o próximo, depositando, assim, um tesouro no céu. Aqueles que, no entanto, deixam de louvar a Deus e servir ao seu próximo serão condenados.

### 19:28-44 Jesus entra em Jerusalém

Quando, ao final de uma longa viagem, Jesus finalmente chegou a Jerusalém, deixou bem claro qual era seu objetivo. Zacarias havia profetizado que o rei de Sião viria “justo e salvador, humilde, montado num jumentinho, cria de jumenta” (Zc 9:9). Quando alcançou Betfagé, em Betânia, Jesus mandou buscar um jumento (19:29-30). Montou-o, e sua entrada em Jerusalém transformou-se numa procissão real, com o rei cercado por seus discípulos e saudado por multidões jubilosas.

Há três pontos importantes a observar nessa entrada de Jesus em Jerusalém. Primeiro, Jesus envia seus discípulos a uma vila onde eles poderiam encontrar um jumentinho que nunca fora montado. Eles são instruídos a desamarrá-lo e trazê-lo a Jesus (19:30). Se alguém perguntasse por que faziam aquilo, deveriam simplesmente dizer: *Porque o Senhor precisa dele* (19:31). O fato de que até mesmo um pequeno jumento era útil nos lembra que somos sempre considerados úteis aos olhos de Deus. Somos úteis para Deus, e nossa utilidade nunca expira.

Segundo, quando estamos na companhia de Deus, sempre se espera que façamos alguma coisa. Em nosso texto, as pessoas colocaram suas vestes sobre o jumento para

que Jesus se sentasse (19:35). Cortaram ramos das árvores e os espalharam pelo caminho (Mt 21:8). As pessoas repartiram o que tinham com Jesus.

Finalmente, o texto termina com alegria: *Toda a multidão dos discípulos passou, jubilosa, a louvar a Deus em alta voz [...] dizendo: Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas maiores alturas!* (19:37-38).

Todavia, nem tudo era alegria, pois Jesus chora sobre o futuro destino da cidade que ama, a qual logo o rejeitaria (19:41-44; cf. tb. 13:34).

### 19:45-48 Purificação do templo

Entrando em Jerusalém, o primeiro lugar visitado por Jesus é o templo. Essa visita está de acordo com as palavras de Malaquias 3:1: “Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos”. O que ele encontra no templo é chocante: ladrões tinham infestado o próprio templo de Deus, e havia uma espalhafatosa comercialização dos serviços do templo. Em vez de um lugar consagrado a Deus e onde o Senhor poderia ser cultuado, o templo se tornara uma avenida para todo tipo de transação comercial que degradava a *casa de oração*, transformando-a em *covil de salteadores* (19:45-46). Assumindo uma atitude controversa e talvez violenta, Jesus faz um chicote de cordas, expulsa todos os mercadores, ovelhas e gado, e vira as mesas dos cambistas (Jo 2:15).

A grande maioria do povo provavelmente observou com satisfação o modo de Jesus expor os erros dos líderes religiosos, cujo pesado fardo eles tinham de suportar. A admiração por seu absoluto destemor e coragem ao desafiar todo o sistema religioso pode ter levado o povo a ouvi-lo com mais atenção. Provavelmente, eles conversaram também sobre seus milagres. Muitos poderiam declarar que eles mesmos haviam testemunhado como Jesus tinha curado os doentes, restaurado a vista aos cegos, restabelecido a saúde a leprosos, alimentado cinco mil pessoas e, até mesmo, ressuscitado alguns mortos. Por essas razões, todos ansiavam cada palavra que ele proferia (19:48).

### 20:1-47 Ensinando o povo no templo

Assim que Jesus começou a ensinar e pregar em Jerusalém (19:47—21:38), o ressentimento dos líderes religiosos se aprofundou. Mais intensamente que antes, os principais sacerdotes, escribas e membros do Sinédrio tornaram-se hostis e enganadores. Assim, procuravam desde o início destruí-lo (19:47), enredavam-no em controvérsias e exigiam saber com que autoridade ele pregava e ensinava no templo (20:1-8). Logo depois que Jesus contou a parábola da vinha, eles se tornaram tão hostis que desejaram prendê-lo no local, e não o fizeram unicamente por medo do povo (20:9-19). Empenhavam-se em apanhá-lo numa armadilha,

enviando espias para pegá-lo numa questão sobre Deus e César (20:20-26), tentando também tirar o melhor proveito numa controvérsia sobre a ressurreição (20:27-40). Entretanto, Jesus respondeu tão bem aos seus vários oponentes que reduziu todos ao silêncio.

### 20:1-8 Pergunta e contrapergunta

Enquanto o povo continuava fascinado com as palavras de Jesus, os líderes religiosos se sentiam cada vez mais provocados por seu ensino e pregação. Assim, *num daqueles dias, estando Jesus a ensinar o povo no templo*, os principais sacerdotes, escribas e anciãos vieram a Jesus e exigiram saber com que autoridade ele fazia *estas coisas* (20:1-2). Embora “estas coisas” se referissem à pregação e ao ensino de Jesus, também incluíam sua entrada em Jerusalém, o haver tomado a lei em suas mãos e a purificação do templo. A pergunta deles demonstrava que estavam pensando em termos de uma autoridade oficial. Eles, sem dúvida, pensaram que, se pudessem forçar Jesus a admitir que estava trabalhando para alguém, ou que ele não tinha nenhuma autoridade, isso o desacreditaria junto ao povo, ou, pelo menos, justificaria sua prisão.

Jesus respondeu com uma contrapergunta: Quando batizava, João agia com autoridade divina ou meramente humana (20:3-4)? Imediatamente os líderes religiosos perceberam que haviam sido encurralados. Porque se haviam recusado a submeter-se ao batismo de João (7:30), nesse caso, a única resposta que poderiam dar a Jesus é que João havia agido com autoridade humana. Entretanto, se fizessem tal afirmação, o povo poderia apedrejá-los, pois honravam João como um profeta. Com medo de responder à pergunta de Jesus, os líderes religiosos permaneceram silenciosos (20:5-7). O episódio todo se tornou uma demonstração da habilidade de Jesus em recusar-se a responder a uma pergunta para favorecer seus adversários (20:8). Os líderes religiosos não apenas falharam na tentativa de desacreditar Jesus, como sua incapacidade de responder à pergunta que lhes tinha sido feita representou uma resposta indireta. Teria ficado claro para o povo que a autoridade de Jesus vinha de Deus.

### 20:9-19 Que Deus não permita

Após expor a falta de integridade dos líderes religiosos e recusar-se a responder às suas perguntas, Jesus voltou-se para o povo (20:9) e, diante de seus líderes, contou-lhes uma história formulada para expressar exatamente qual era a sua autoridade como o Filho amado de Deus (20:13). A história também os advertiu de que seus líderes estavam prontos para lançá-lo *fora da vinha* e matá-lo (20:15). Os fatos seriam exatamente como haviam sido no passado, quando Deus havia enviado seus profetas para clamar por arrependimento, reforma e culto verdadeiro por parte do povo. Os líderes religiosos com frequência resistiam às reformas reprimindo, perseguindo e, algumas

vezes, colocando os profetas fora de ação, e assim, como resultado, haviam separado o povo de Deus.

Na parábola da vinha, os líderes são apresentados como estando prontos para assumir uma atitude ainda pior. Segundo a linguagem da parábola, Deus é o proprietário da vinha, os líderes religiosos são os trabalhadores contratados ou lavradores, e Jesus é o filho amado do proprietário. Jesus alegou que o proprietário agora havia enviado seu filho amado, e não há nenhuma dúvida de que ele se referia a si mesmo. A parábola predizia que os trabalhadores contratados estavam prontos para matar o filho, e que a vinha, isto é, o povo, seria entregue a outros. Quando a multidão ouviu isso, ficou chocada e protestou gritando: *Tal não aconteça!* Ou seja: “Que Deus não permita” (20:16).

A exclamação da multidão indica que aquilo que haviam ouvido significavam más notícias. Notícias profundamente desalentadoras estavam a caminho. Os ouvintes assumiram que Deus seria o autor dessas más notícias. A razão pela qual interpretaram a parábola dessa forma foi o fato de que ela está intimamente ligada à canção da vinha de Isaías, uma canção de julgamento (Is 5:1-7). Tanto em Isaías 5 quanto em Lucas 20, o julgamento de Deus repousa sobre Jerusalém (lembre-se de que essa parábola foi precedida pela entrada de Jesus em Jerusalém, seu lamento sobre a cidade e a purificação do templo). Não é de admirar que o povo tenha reagido com horror à ideia! O que Deus faria se a rebelião humana levasse ao assassinato de seu Messias?

Os líderes religiosos, embora rejeitassem a validade da parábola de Jesus, entenderam claramente que Jesus afirmava que Deus estava *contra eles* (20:19, NVI). Compreenderam que estavam ameaçados pela ira de Deus, e Jesus era o ponto decisivo. A resposta a ele determina o destino da pessoa.

A rejeição de Jesus por parte dos líderes, entretanto, não é o fim.

Citando Salmos 118:22, Jesus indicou que a pedra rejeitada se tornaria a pedra ressuscitada. Este tema foi retomado pela igreja primitiva (At 4:11; 1Pe 2:7). Assim como a igreja descobriu, essa pedra tanto esmaga quanto traz vida. “Isto procede do SENHOR” (Sl 118:23), e a pedra rejeitada vem a ser a pedra de esquina e o instrumento da justiça divina (20:17-18).

### 20:20-26 Deus e César

Talvez esses versículos devessem ser lidos à luz das advertências posteriores de Jesus para tomar cuidado com pessoas e instituições que procuram *as primeiras cadeiras e os primeiros lugares* nos eventos econômicos, políticos, religiosos e culturais e que *devoram* os pobres por causa de ganho econômico (20:46-47). Algumas vezes na história do cristianismo, e especialmente onde o colonialismo estava sendo fomentado, as palavras de Jesus *Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus* (20:25) foram interpretadas como se a fidelidade política e secular a Cé-

sar fosse equivalente à fidelidade a Deus. Entretanto, elas não são equivalentes, e a resposta de Jesus sobre obediência a César não é uma aprovação ou endosso geral, como fica claro por sua condenação das autoridades corruptas. Quando atingimos a necessidade absoluta de escolher entre os dois, César não pode ganhar. Isso fica claro com a descrição de César como “a besta” que exige ser adorada por aqueles que foram conquistados (Ap 13:1-7). Resistindo a tais exigências, os cristãos estão certos quando se recusam a sujeitar-se às “autoridades superiores...” que foram instituídas por (Deus) e a pagar “tributos, porque são ministros de Deus” (Rm 13:1-7). Vemos essa mesma tensão em outros lugares no NT, em que os apóstolos resistiram aos líderes religiosos e políticos baseados no argumento de que eram obrigados a obedecer a Deus, e não aos homens. Em situações de tensão, corrupção, nepotismo, opressão, segregação e colonialismo, os cristãos são convocados a obedecer a Deus, e não aos homens (At 4:19; 5:29).

A pergunta, porém, ainda permanece: estaria certo ou errado pagar tributo a César (20:22)? A pergunta foi arquivada para apanhar Jesus numa armadilha e destruí-lo no nível político. Se afirmasse que estava certo pagar tributo, imediatamente alienaria o povo e seria o seu fim. Se, por outro lado, afirmasse que estava certo recusar pagar o imposto, eles o poderiam acusar diante do governador romano, que mandaria executá-lo por subversão política (20:20). Isto, também, seria o fim para Jesus.

Jesus responde pedindo que lhe mostrem uma moeda romana. Eles imediatamente a apresentam, reconhecendo assim tacitamente que faziam uso da moeda romana e era de esperar que pagassem alguma coisa por esse benefício. Eles haviam respondido à sua própria pergunta e fracassado em erguer uma barreira entre Jesus e o povo. No final, não tinham nada para dizer e apenas permaneceram silenciosos (20:26).

### 20:27-40 Deus dos vivos

Assim que todos os outros líderes religiosos, inclusive seus *emissários* (20:20), silenciaram, os saduceus apareceram em cena. No evangelho de Lucas, eles são mencionados apenas aqui. Os saduceus não criam na ressurreição do corpo, alegando que, no livro da lei, o qual, segundo se afirmava, fora escrito por Moisés, não havia informação e muito menos provas a respeito disso. Jesus, entretanto, demonstrou que o próprio Moisés tinha ouvido Deus dizer: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó” (Êx 3:1-6), e que *Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos* (20:38).

O argumento de Jesus foi que, na ocasião em que o livro de Êxodo havia sido escrito, todos esses patriarcas já estavam mortos havia muito tempo. Se Deus, entretanto, afirma que ainda tem um relacionamento com eles, de alguma forma eles ainda estão vivos, pois Deus não é um Deus de mortos, mas de vivos (cf. tb. Is 26:19; Dn 12:2; Ez 37).



Em outras palavras, Deus, como o Deus eterno, não pode ser caracterizado por algo que não existe mais. A ressurreição não é uma fantasia inventada por sonhadores fora da realidade; é uma consequência necessária do caráter e da natureza de Deus.

De uma perspectiva teológica africana, essa discussão naturalmente levanta a questão dos ancestrais. Na visão africana de mundo, a origem da vida é Deus, o qual está relacionado com o povo e com toda a criação. A vida, vindo de Deus, flui para toda a sua criação, isto é, para os ancestrais, para os vivos, e, então, para as árvores, os rios, as montanhas, as florestas, os pássaros, os animais e para toda a criação. A criação inteira compartilha de proximidade e solidariedade.

A união das comunidades é mantida mediante seu relacionamento com um ancestral comum que fundou a comunidade ou o clã, o qual é composto dos vivos e dos mortos. Enquanto todos os mortos compartilham de uma imortalidade coletiva, aqueles ancestrais que ainda são lembrados pelo nome são referidos como os “vivos mortos” e são objeto imediato do culto dos ancestrais. Esses são os ancestrais a respeito dos quais podemos dizer que ainda permanecem conosco. De fato, a presença e a influência dos ancestrais é tão real para a maioria dos africanos que, em muitos aspectos, eles permanecem como parte da comunidade em seu papel de “espíritos dos anciãos”.

O relacionamento com os mortos, no entanto, não se inicia com a morte, mas quando a pessoa está morrendo. Pessoas que estão morrendo não são deixadas sozinhas. Ao contrário, a família, os amigos e os conhecidos se reúnem ao redor para proporcionar assistência e um senso de solidariedade nas horas finais (cf. tb. Mt 26:36-40). Até o último momento, a pessoa que está morrendo deve ter a certeza de que está morrendo dentro da comunidade. Nossa sociedade moderna faria bem em reter esse elemento cultural na religião africana e dar aos que estão morrendo um profundo senso de pertencimento.

### 20:41-47 Mestres da lei e viúvas

Nessa passagem, Jesus comenta sobre dois casos em que a percepção difere da realidade. O primeiro se relaciona à sua identidade. Algumas pessoas esperavam que o Messias não fosse mais que um descendente de Davi. Jesus contesta essa percepção salientando que, em Salmos 110:1, Davi chamara o Messias de seu “Senhor”. Jesus, o Messias, deve, portanto, ser muito mais do que meramente filho de Davi (20:44; cf. tb. comentários em 3:21-28).

Em seguida, ele aponta a disparidade entre aparência e realidade na vida dos escribas. Em sua aparência exterior, eles são muito religiosos, no entanto a realidade de sua vida demonstra que *devoram a casa das viúvas* (20:47) (i. e., usam-nas como penhor de dívidas que não podem ser pagas). Os discípulos devem ficar alertas para tais disparidades entre profissão exterior e realidade interior (20:45-46).

O modelo que devem seguir é encontrado em 21:1-4, onde se estabelece um firme contraste entre a piedade do rico e do pobre (v. comentários sobre os fariseus e os mestres da lei em 11:24-53; 10:1-24; 9:1-9).

## 21:1-38 Eventos antes da última ceia

### 21:1-4 A oferta da viúva

Aqui Jesus comenta com carinho a oferta da viúva pobre. Vemos que muitas e muitas vezes Jesus demonstrou sua compaixão para com pessoas que viviam à margem da sociedade. Pronunciou bênção sobre discípulos que eram pobres, famintos, tristes e excluídos (6:20-23). Aceitou partilhar uma refeição com coletores de impostos e pecadores, agraciando-os com sua presença e oferecendo-lhes o perdão de pecados. Perdoou, curou ou até mesmo devolveu à vida a mulher pecadora (7:36-50), a mulher com hemorragia (8:42-48) e a mulher encurvada (13:10-17). Jesus ignorou as objeções dos discípulos e recebeu as crianças trazidas para que ele as abençoasse (18:15-17). E abriu o paraíso para o criminoso arrependido que foi crucificado com ele (23:40-43).

A viúva pobre é um dos “pequenininhos”: humilde, tímida e desfavorecida em comparação com os ricos. Desfavorecida não apenas por causa de sua pobreza, mas também por sua viuvez. Na cena imediatamente anterior, Jesus havia condenado os escribas porque, entre outras coisas, devoravam a casa das viúvas (20:47). Ela era uma daquelas pessoas que não possuíam quase nenhum *status* legal, religioso, político ou social. Jesus, todavia, reparou quando aquela mulher depositou *duas pequenas moedas* (21:2) no gazofilácio e a louvou: *Verdadeiramente, vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza, deu tudo o que possuía, todo o seu sustento* (21:3-4).

As palavras “todo o seu sustento” implicam que a viúva deu tudo o que possuía. Embora fosse um dos pobres, não reservou nada para si. Assim, sua atitude se torna um exemplo de dádiva sacrificial, a que compartilha incondicionalmente com o pobre. Serve também para salientar o julgamento dos ricos que, embora possam dar de sua abundância, nem mesmo chegam perto do ponto em que a abundância possa ser ameaçada. Apenas a viúva pobre se apropria do espírito de amor e fé ilimitados.

### 21:5-38 Instruções sobre as últimas coisas

Sinais dos tempos nos rodeiam. Lemos a respeito de enchentes, terremotos e furacões, guerras e terrorismo. Há sinais de revoltas da terra e de nações mergulhadas no caos. Jesus discutiu esses sinais em Jerusalém vinte e um séculos atrás, quando falou sobre o fim de Jerusalém e do mundo. Para isso, usou o tipo de linguagem denominada “apocalíptica”, que tradicionalmente inclui referências a catástrofes e perturbações cósmicas.

Seu discurso pode ser dividido em quatro sessões principais. A primeira (21:8-11) profetiza a vinda de falsos profetas e guerras. Jesus afirma que haverá muitos falsos messias, que insistirão em saber quando virá o fim. Não devemos dar ouvidos a eles. Tem havido excesso de falsos messias em todas as gerações. Eles sempre pretendem saber mais do que Jesus sabia.

A segunda: Antes que todas essas coisas aconteçam, haverá perseguição aos discípulos, durante a qual eles devem confiar no auxílio que Jesus lhes dará e perseverar fielmente até o fim (21:12-19). Jesus adverte os discípulos de “vigiar e orar” (21:36), seguros em sua insegurança. Seus amigos podem traí-los, suas esposas podem deixá-los, seus filhos podem desapontá-los, mas Jesus diz: *Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça* (21:18). Esta frase soa como um provérbio e se refere à segurança espiritual. Os discípulos podem sofrer injúria e morte, mas nada poderá realmente prejudicar o âmago de seu ser.

A terceira: O cerco de Jerusalém pelas tropas será o sinal de que seu destino profetizado está às portas (21:20-24). Quarta seção: Haverá portentos no céu e na terra, os quais serão seguidos da vinda gloriosa do exaltado Filho do Homem. Esses eventos assinalarão a chegada da redenção final para o povo de Deus (21:25-28). Essas palavras foram seguidas de uma asseveração de que o fim se seguirá aos sinais de sua vinda e que as palavras de Jesus serão cumpridas.

O primeiro milênio viu o início da igreja na África. No segundo milênio, as igrejas africanas celebraram o crescimento do evangelho na África. Mas agora, neste terceiro milênio, devemos enfrentar o desafio de discernir os sinais dos tempos e enfrentar o futuro. Em vez de sermos apanhados em lemas baratos e modernos, precisamos defender e apoiar a verdade que nunca se esgota.

Ser a igreja hoje neste mundo significa ser uma igreja com voz profética que possa ser ouvida nos lares, vilas, cidades, metrópoles, parlamentos, escolas, hospitais e em qualquer local de trabalho. Ser uma voz assim com frequência envolverá conflito, reprimendas mútuas e debates amargos para solucionar as diferenças ou trazer as inconsistências à luz. O ministério profético é penoso e nunca está completo.

Como devemos caminhar junto com Jesus nestes dias em que vemos os sinais dos tempos ao nosso redor? Ele nos dá alguns conselhos em 21:34-36. Precisamos encontrar exemplos de como isso pode ser implementado e enxergar lampejos de uma esperança que triunfa sobre o desespero. Consideremos dois exemplos. Primeiro, segundo uma lenda popular, quando lhe perguntaram o que faria se soubesse que o mundo terminaria no dia seguinte, Martinho Lutero teria replicado: “Eu plantaria uma macieira hoje”. Ao enfrentar as crises hoje, não devemos entrar em desespero. Devemos agir. Ato simples, como plantar árvores, podem assinalar uma poderosa mensagem para a sociedade sobre

nossa crença num futuro e nossa determinação de torná-lo um futuro saudável. Em resumo, mesmo à parte de quaisquer pensamentos sobre “fim do mundo” enfrentamos o futuro com uma promessa segura e certa: “Lembrem-se, eu andarei sempre com vocês, até o final dos tempos” (cf. Mt 28:20).

O segundo exemplo vem da vida do profeta Jeremias. Sua missão era anunciar o julgamento de Deus sobre Israel por sua deslealdade e predizer a queda de Jerusalém, a capital de Judá, diante de Nabucodonosor. Como sinal de que o fim estava realmente próximo, Jeremias foi instruído a abster-se de casar e ter filhos, e até mesmo de compor funerais e casamentos. Seu comportamento sinalizava que a hora logo chegaria, quando não haveria mais nenhuma oportunidade para lamentos e ritos de alegria. Casamentos e funerais são eventos extremamente importantes na África e não eram menos importantes nos dias de Jeremias. Seu comportamento, sem dúvida, destacou-se como algo dolorido e desagradável.

Contudo, a ordem de Deus “Não tomarás mulher, não terás filhos nem filhas neste lugar” (Jr 16:2) foi ainda mais chocante. Nos dias de hoje, estamos acostumados a sacerdotes celibatários, e a homens e mulheres que se absterem do casamento, mas não existia tal noção em Israel nos tempos de Jeremias. Se alguém não se casava, não era considerado “respeitável e adequado”. Mesmo hoje, em algumas sociedades da África, uma pessoa que não deseja se casar é considerada excêntrica. Jeremias, nesse caso, foi instruído a não se casar como sinal de que o povo estava chegando ao fim. Que sinal!

Contudo, será esse realmente o fim da vida? Será que Deus nos deixará sem filhos, sem lar, sem terra no final dos tempos? Vamos retomar Jeremias. Logo antes da queda final de Jerusalém em 587 a.C., encontramos um ato de esperança. No início daquele ano, quando Jerusalém já estava sob cerco, Jeremias recebeu um recado de seu primo em sua vila natal, de que necessitavam dele para redimir parte da propriedade da família que corria o risco de cair nas mãos de outros donos. Ele se esgueirou de Jerusalém até sua vila natal para comprar a terra (Jr 32:1-5). A explicação para essa ação, aparentemente ilógica dadas as circunstâncias, é a promessa de Deus: “Ainda se comprarão casas, campos, e vinhas nesta terra” (Jr 32:1-15). Não importa quão infundáveis possam ser as noites de medo e morte, sabemos que a vida terá a última palavra e que o sol nascerá.

## 22:1-71 Eventos relativos à Paixão

### 22:1-13 Os preparativos

Jesus e Judas estão ambos ocupados com seus planos por motivos diferentes. Judas está fazendo os arranjos para trair Jesus (22:3-6), enquanto Jesus envia seus discípulos confiáveis, Pedro e João, para preparar a Páscoa (22:7-8). A tensão cresce entre esses dois tipos de preparação.

No relato da Paixão, assim como em fases anteriores da história, todos os discípulos (ou “apóstolos”, 22:14), exceto Judas, continuam a servir aos propósitos de Deus. Eles não quebram seu vínculo de lealdade com Jesus nem o abandonam, embora seu serviço seja limitado por sua falta de entendimento. Por lealdade a Jesus, Pedro e João rapidamente obedecem quando ele os envia para preparar a refeição da Páscoa (22:7-13).

Lucas não deixa dúvidas de que Judas e Satanás deram início aos eventos que levariam à morte de Jesus na cruz. Em 22:3, antes do relato sobre a última ceia, Lucas registra que *Satanás entrou em Judas*. Assim, a traição de Judas diante das autoridades aconteceu de acordo com os planos de Satanás. Jesus sabia que Satanás estava temporariamente no controle e era, portanto, uma ameaça para alguns de seus discípulos, daí a oração do Mestre para que sua fé não desfalecesse. O controle do diabo sobre os eventos da Paixão é novamente reiterado quando Jesus é preso, pois o Mestre declara àqueles que vieram contra ele que “é a vossa hora e o poder das trevas” (22:53). O “poder das trevas” se refere ao diabo. A declaração de Jesus indica que os líderes religiosos estão, como Judas, trabalhando como agentes do diabo.

Para Lucas, era necessário que Jesus sofresse e morresse e, ao terceiro dia, fosse ressuscitado (9:22; 18:31-34; 24:7,26-27,44-47). Apenas morrendo, e então permitindo que Deus quebrasse as algemas da morte, Jesus poderia assumir a liderança da libertação do poderio de Satanás. O diabo orquestrou a morte de Jesus, mas ironicamente essa morte significou o início do fim para o diabo.

### 22:14-20 A última ceia

O relato de Lucas sobre a ceia começa com a descrição de Jesus e os discípulos à mesa (22:14). Jesus expressa quanto desejou comer essa Páscoa com seus discípulos antes de seu sofrimento, uma vez que essa seria a última vez que ele participaria dela até o seu cumprimento no reino de Deus (22:15-16). Do mesmo modo, ele compartilha um cálice de vinho com os discípulos, comentando que não o beberia novamente até que viesse o reino de Deus (22:17-18). Jesus diz aos seus discípulos que essa seria a última refeição que fariam juntos antes de seu sofrimento. A próxima vez que compartilhassem uma refeição seria para celebrar o “cumprimento” de tais refeições após a vinda do reino de Deus.

Além de celebrar a Páscoa, Jesus instituiu uma ordenança completamente nova: a ceia do Senhor (1Co 11:23-26). Ela serviria como um conjunto de símbolos vivos que relembrassem aos discípulos o corpo e sangue dados por eles e para seu livramento, até que Jesus retornasse. Seria também um sinal da nova aliança que ele inauguraria com seu sangue (22:19-20). Em todas as futuras celebrações da Páscoa — tanto de acordo com o ritual judaico quanto nas formas em que ela se desenvolveu nas comunidades cristãs —, eles deveriam repetir esses atos em memória de Jesus, que se entregara em favor deles.

Devemos prestar maior atenção ao significado de partilhar o pão e o vinho em memória de Jesus Cristo. Os países ocidentais tendem a operar segundo o princípio de que aquilo que é escrito permanece, mas palavras faladas são efêmeras. Este princípio não é verdadeiro na África, onde palavras faladas não se desvanecem, mas permanecem para guiar a comunidade através dos séculos. Em muitas comunidades africanas, um homem ou uma mulher mais velhos e sábios podem chamar uma criança ou um jovem e lhes oferecer comida e bebida. Enquanto o jovem come e bebe, a pessoa mais velha narra toda a sabedoria pública e a história da sociedade ou grupo étnico. Essa palavra, que traz sabedoria, deve não apenas ser recebida, mas engolida com o alimento e a bebida — na realidade, deve ser mastigada e comida no sentido bíblico (Sl 1:2). A mensagem deve tornar-se parte e parcela da carne e do sangue do ouvinte, de modo que essa pessoa gere e dê à luz vida abundante.

A palavra que foi ouvida, “comida” e “bebida” dentro da comunidade representada pelos anciãos, deve ser responsavelmente compartilhada, dentro da comunidade, de tal modo que traga vida nova a cada um e a todos os membros. Novamente, *tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim* (22:19).

### 22:21-30 Traição e discussão

Os apóstolos ficaram profundamente entristecidos quando Jesus lhes disse que sofreria traição por parte de um dos seus e perguntavam qual deles seria o traidor (22:21-23). Seu desalento, no entanto, rapidamente se tornou um questionamento sobre quem, entre eles, mereceria o lugar mais alto. Era de esperar que, nesse momento especial, eles devessem celebrar seu sentimento de união; entretanto, enquanto comiam com Jesus e participavam da Santa Comunhão, envolveram-se numa discussão em razão de seu desejo por *status* (cf. tb. 1Co 3:1-4; Jo 13; Mt 23:1-12). A correção para essa discussão se encontra nas palavras de Jesus: *o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve* (22:26). A base para essa reversão de valores é encontrada no exemplo de Jesus: *Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve* (22:27).

### 22:31-38 Simão e as espadas

Jesus prediz um ataque satânico sobre os discípulos (em 22:31, o pronome está no plural: *vos*), mas assegura a Simão Pedro que, em razão de sua oração em seu favor (agora o pronome está no singular: *ti*, 22:32), Satanás não assumiria o controle sobre ele como fez com Judas (22:31-32). Pedro, entretanto, não deveria ficar superconfiante, pois ainda negaria conhecer Jesus (22:33-34), porém, em última instância, sua fé não falharia. Jesus sabia que Pedro se arrependeria. Contemplando esse fato, Jesus diz a Pedro que, depois que ele se arrependesse, deveria fortalecer os irmãos (22:32).

Para os discípulos, uma nova missão se aproxima e, portanto, em **22:35-38** Jesus afirma que as condições impostas por ele para as primeiras missões (9:1-6 e 10:1-16) não mais se aplicam. Eles agora necessitam estar prontos para a luta, ou como indicado em 1Pedro 1:6-7: “Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm [...] é genuína” (NVI). Não compreendendo o significado, os discípulos tomam literalmente as palavras de Jesus e apresentam duas espadas. Frustrado, Jesus encerra a conversação: *Basta!* (**22:38**).

### 22:39-53 Oração e prisão

Jesus havia assegurado aos discípulos sua oração por eles na hora da tentação (22:32). Agora, no monte das Oliveiras, era a vez de orarem por si mesmos. Ordenando-lhes que orassem para que não caíssem em tentação (**22:40**), dominado por profunda tristeza e aturdido pela enormidade do prospecto que o confrontava, Jesus se afastou deles, porque: “A minha alma está profundamente triste até à morte” (**22:41-44**; Mc 14:33-34).

Os discípulos, entretanto, não compreenderam o que estava esmagando Jesus e adormeceram (**22:45**). Jesus os acordou e repetiu as palavras *Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação* (**22:46**).

No momento seguinte, Judas e uma multidão se aproximaram (**22:47**), e Judas identificou Jesus com um beijo traidor. Jesus não ofereceu resistência e foi preso e amarrado para ser entregue ao Sinédrio (Mc 14:14). Um dos discípulos, no entanto, reagiu tirando a espada e cortando a orelha direita do servo do sumo sacerdote. Desaprovando tal violência, Jesus repetiu seu pronunciamento anterior: *Deixai, basta*, tocou a orelha do homem e o curou (**22:51**; cf. 22:38). Ao mesmo tempo que se submete a essa prisão ilegal, Jesus se dirige claramente aos captores que o haviam prendido clandestinamente acobertados pela noite: *Estou eu chefiando alguma rebelião, para que vocês tenham vindo com espadas e varas? Todos os dias eu estive com vocês no templo e vocês não levantaram a mão contra mim. Mas esta é a hora de vocês quando as trevas reinam* (**22:52-53**, NVI).

### 22:54-71 Dois interrogatórios

Colocando o relato do questionamento a Pedro entre os relatos da prisão e do interrogatório de Jesus, Lucas sugere que ambos ocorreram simultaneamente. Enquanto, na sala superior, Jesus era questionado pelo sumo sacerdote a respeito de sua identidade, Pedro, aquecendo-se ao fogo no meio do pátio, enfrentava perguntas semelhantes iniciadas por uma criada (**22:54-56**).

Os servos do sumo sacerdote haviam acendido um fogo no pátio da casa e assentaram-se ao redor dele. Pedro sentou-se com eles. Na semiescuridão, de repente o fogo brilhou e a luz iluminou Pedro, e suas feições o entregaram

(22:56). Ao responder às perguntas, seu sotaque galileu novamente o entregou (**22:59**). Enquanto Jesus afirma bravamente *Eu sou* em resposta às perguntas do sumo sacerdote sobre sua identidade como *Filho de Deus* (**22:70**), Pedro replica: *Homem, não compreendo o que dizes* (**22:57-58,60**). Por três vezes, Pedro negou ser um seguidor de Jesus. Logo depois de ter negado a verdade pela terceira vez, parecendo ter cortado todas as ligações com Jesus, em algum lugar, na escuridão da noite, um galo cantou. Jesus Cristo virou-se e olhou para Pedro, e *Pedro se lembrou das palavras do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo. Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente* (**22:61-62**). No caso de Pedro, ele saiu, chorou amargamente e se arrependeu. No caso de Judas, ele também saiu, chorou amargamente e cometeu suicídio (Mt 27:5).

## 23:1-56 Julgamento e crucificação de Jesus

### 23:1-25 Julgamento diante de Pilatos e silêncio diante de Herodes

No tempo de Jesus, os judeus não tinham autoridade para decretar uma pena capital. Todas as sentenças de morte deviam vir do governador romano e ser executadas pelas autoridades romanas. Esta foi a razão pela qual o conselho de anciãos (também chamado Sinédrio), o qual incluía os principais sacerdotes e escribas (22:66), entregaram um compatriota judeu a Pilatos, que foi governador romano da Judéia de 26 a 36 d.C.

No Sinédrio, a acusação contra Jesus foi de blasfêmia, por ousar chamar a si mesmo de Filho de Deus (22:70-71). Diante de Pilatos, no entanto, essa acusação particular não foi mencionada, pois sabiam que seria descartada como uma disputa meramente religiosa entre os vários grupos judaicos. A acusação foi, portanto, apresentada em termos políticos: *Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, vedando pagar tributo a César e afirmando ser ele o Cristo, o Rei* (**23:2**).

Lucas nem se incomoda de indicar quão infundadas eram tais acusações. Em vez disso, introduz um clímax em **23:4** quando Pilatos, depois de emitir o que parece ser a concessão mais incriminatória, declara seu veredicto: “Inocente!”. E insiste: *Não vejo neste homem crime algum* (23:4). Descobrimos, então, que Jesus era galileu e sabendo que Herodes Antipas estava em Jerusalém para a Festa da Páscoa, Pilatos aproveita a oportunidade de livrar-se de um caso complicado e envia Jesus a Herodes para ser julgado (**23:6-7**).

Herodes era um homem mau (3:19), que havia aprisionado e depois decapitado João Batista (3:19-20; 9:9). Era também aquele que, ao ouvir notícias extraordinárias a respeito de Jesus, havia imaginado quem seria ele (9:7-9). A razão pela qual Herodes desejava “ver” Jesus era presenciar algum milagre (**23:8**). Mas Jesus não fazia sinais ou milagres por encomenda, pois o propósito deles era chamar as pessoas ao arrependimento, e Herodes, naquele momento, não era um candidato provável ao arrependimento.

Parece que Herodes considerava Jesus uma espécie de curiosidade ou fonte de entretenimento. Mas Jesus não estava disposto a desempenhar esse papel. Ele é aquele que tira o pecado do mundo. Portanto, durante seu julgamento diante de Herodes, Jesus permaneceu completamente silencioso. Herodes não recebeu nenhuma resposta para suas perguntas (23:9). Não havia nada a ser dito a Herodes, e este entendeu a mensagem! Sendo assim, enviou Jesus de volta a Pilatos!

Tendo Jesus de volta sob sua custódia, Pilatos reúne tanto os membros do Sinédrio quanto o povo e dirige o que representa a quarta e final fase do julgamento de Jesus (23:13-25). Ele relembra com firmeza que já declarou Jesus inocente das acusações políticas que lhe haviam sido apresentadas pelo Sinédrio e acrescenta que o mesmo fez Herodes (23:14-15). Conclui, portanto, a sessão, anunciando que mandaria que os soldados o açoitassem e depois o soltaria (23:16). Por três vezes, Pilatos declara que Jesus é inocente e que mandaria açoitá-lo e depois o soltaria (23:4,15-22). Mas sem resultado. A cada vez, os líderes religiosos e o povo respondiam com gritos de *Crucifica-o, Crucifica-o* (23:21,23). E então Pilatos soltou *aquele que estava encarcerado por causa da sedição e do homicídio, a quem eles pediam; e, quanto a Jesus, entregou-o à vontade deles* (23:24-25).

### 23:26-38 Jesus a caminho do Calvário

Ao longo de sua carreira, Jesus havia concentrado seu ministério na zona rural. Agora, no final de sua vida, uma pessoa da zona rural, Simão de Cirene, carrega a cruz *após Jesus* (23:26). Esta ação ilustra a natureza do discipulado, que envolve tomar a cruz e seguir a Jesus (9:23; 14:27). Também ilustra quem é Jesus: aquele que vai adiante e abre o caminho para que os outros o sigam. Jesus tinha ido adiante de seus discípulos (19:28); agora, eles deveriam segui-lo pelo caminho aberto por ele. Simão de Cirene é um modelo para os discípulos que compartilham dos sofrimentos de Jesus.

Lucas relata a presença de mulheres entre os lamentadores que acompanhavam Jesus (23:27-31). Enquanto os discípulos haviam dormido durante a agonia de Jesus no Getsêmani (22:39-46), as mulheres o seguem, chorando. Elas são as únicas que ainda estão com ele. Os soldados estão absorvidos lançando sortes e dividindo as roupas de Jesus entre si (23:34), o povo apenas observa, e as autoridades zombam: *Salvou os outros; a si mesmo se salvou* (23:35). Abandonado por todos, exceto pelas mulheres, Jesus está sozinho e desolado.

### 23:39-49 A crucificação

Ironicamente, a inscrição que indicava a acusação contra Jesus, e que foi pregada na cruz acima de sua cabeça, é profundamente verdadeira. Na morte, bem como na vida, ele é o Messias. Ou, à maneira peculiarmente romana, os

executores haviam formulado sua identidade: ele é o *REI DOS JUDEUS* (23:38).

Apenas Lucas relata a conversa entre Jesus e os criminosos ao seu lado, culminando com a declaração de Jesus ao criminoso arrependido: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso* (23:43). Além disso, apenas Lucas registra o grito de Jesus: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito* (23:46).

O criminoso que teme a Deus e sabe que merece morrer (23:40-41) repreende o outro criminoso e suplica a Jesus: *Lembra-te de mim quando vieres no teu reino* (23:42). Jesus responde: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso* (23:43). Até o fim, a missão de Jesus e o seu reino foram estendidos aos rejeitados, aos “publicanos e pecadores” (7:34).

As palavras finais de Jesus morrendo sobre a cruz *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!* também refletem sua fidelidade.

Imediatamente após pronunciar essas palavras, ele *expirou* (23:46). Jesus encerrou seu ministério terreno com uma oração tranquila, extraída de Salmos 31:5: “Nas tuas mãos, entrego meu espírito; tu me remiste, SENHOR, Deus da verdade”. Nesta oração, o crente declara sua absoluta confiança de que Deus o remirá. A versão de Lucas sobre a crucificação insiste em que Jesus confiou e teve fé em Deus até o fim. Após orar essas palavras, ele morreu. Deus nunca o perdeu de vista.

### 23:50-56 O sepultamento de Jesus

Jesus, embora crucificado como um agitador político, não foi sepultado como criminoso. Como o sábado se aproximava, e preparações necessárias deviam ser observadas para sua comemoração, seu corpo foi removido da cruz para evitar a contaminação desse período sagrado (Dt 21:22-23). José de Arimatéia toma a iniciativa de dar a Jesus um enterro honrado. Ele é apresentado como *membro do Sinédrio, homem bom e justo (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros)* (23:50-51). Embora os membros do concílio houvessem condenado Jesus à morte (Mc 14:64), José assume a atitude corajosa de reclamar o corpo de Jesus junto a Pilatos.

Como faltava muito pouco tempo para o início do sábado, José não conseguiu preparar adequadamente o corpo de Jesus para o enterro. Seu corpo nu foi simplesmente envolvido num lençol de linho. As testemunhas desse acontecimento foram as mulheres que haviam seguido Jesus desde a Galileia. Após o enterro, elas voltaram para casa e prepararam especiarias e perfumes para o corpo de Jesus.

### 24:1-43 O relato da ressurreição

#### 24:1-12 O papel das mulheres

Os quatro evangelhos concordam sobre um detalhe vital a respeito da prisão, julgamento, crucificação e ressurreição



de Jesus: as mulheres estavam presentes. Detalhes sobre sua presença podem variar de um evangelho para o outro, incluindo, por exemplo, quantas mulheres estavam no sepulcro, quem as saudou no sepulcro e como elas responderam ao que viram e ouviram, mas a presença feminina é uma constante. Essas mulheres independentes e motivadas são tanto as primeiras testemunhas da ressurreição como as primeiras missionárias da igreja.

A história das mulheres diante do túmulo de Jesus começa com uma pergunta: “Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?” (Mc 16:3). As mulheres ainda hoje continuam fazendo a mesma pergunta quando enfrentam os muitos obstáculos colocados em seu caminho. Contudo, ao recordar a experiência da ressurreição, elas lembram que apenas a fé em Jesus Cristo será capaz de remover as pedras que impedem sua completa obtenção de humanidade e dignidade.

O papel das mulheres no relato sobre a Paixão de Jesus, isto é, sua prisão, julgamento, crucificação e ressurreição, pode ser interpretado como um reflexo da disposição das mulheres em cooperar com Deus e com o próximo. Nas palavras de Oduyoye, “sem a participação das mulheres, a transformação da sociedade humana em direção à justiça, paz e compaixão não acontecerá, porque é necessária a presença de mulheres para insistir em que paradigmas hierárquicos e de centro e periferia devem ceder lugar a uma comunidade cuidadora”.

### 24:13-35 Caminhando e conversando

No primeiro Domingo de Páscoa, dois seguidores de Jesus caminhavam e conversavam, enquanto voltavam para casa, numa vila chamada Emaús, que não ficava longe de Jerusalém. Estes dois seguidores talvez fossem um homem e uma mulher, pois parece que moravam na mesma casa (24:29). Enquanto caminhavam, juntou-se a eles um terceiro viajante, que era, afinal, o Cristo ressuscitado. Ele é apresentado como alguém que viaja com seus seguidores, andando ao lado deles e conversando com eles em sua dor, confusão e medo, e trazendo-lhes cura. Ele é aquele que cria uma oportunidade para que seus seguidores reformulem sua percepção a respeito dos recentes eventos ocorridos em Jerusalém.

Os dois discípulos foram incapazes de reconhecer Jesus, o Cristo ressuscitado, quando este se juntou a eles. Após perguntar por que o rosto deles parecia triste, o Senhor prosseguiu explicando que o fim trágico e aparentemente sem sentido de Jesus era, de fato, o plano de Deus testificado nas Escrituras (24:27). Quando o convidaram para juntar-se a eles em sua refeição da noite, *tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu* (24:30). Este gesto familiar abriu-lhes os olhos para a verdadeira identidade do visitante. Jesus, então, desapareceu, e eles foram capazes de encarar a morte dele sob uma nova perspectiva. Sua crucificação e ressurreição foram agora encaradas como

vitória cabal sobre a doença e a morte, que se apresentam como contrárias ao reino de Deus. Era necessário que Jesus, como o Messias, primeiro sofresse e somente então *entrasse na sua glória* (24:26), e assim será com os seus seguidores.

Encantados com essa nova compreensão e com a nova realidade da fé no Cristo ressurreto, os dois seguidores se levantaram imediatamente e se puseram de volta a Jerusalém, onde *acharam reunidos os onze e outros com eles* (24:33). *Então, os dois contaram o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão* (24:35).

### 24:36-43 As duas faces da fé

Nessa passagem, estamos refletindo sobre dois tipos de fé. Primeiro, existe uma fé que necessita de afirmação, de garantia. Precisamos dessa fé em situações nas quais nos encontramos apavorados com os acontecimentos ao nosso redor. Em tais ocasiões, Jesus se apresenta como a figura da mãe ao nosso lado para nos proteger. Em nossos medos, confusões, ansiedades e pecados, o Cristo ressurreto permanece com os seus e entre os seus. Como uma mãe, Jesus nos toma em seus braços para nos proteger. Tendo Jesus conosco, sabemos que somos abençoados com a paz da sua presença. Nos dias de hoje, o mundo é cruel e, muitas vezes, aterrador. Estamos amedrontados e preferimos permanecer de portas fechadas. Em tais momentos, Jesus Cristo vem a nós, sem ser convidado, e toma o lugar central acalmando as tempestades e declarando: *Paz seja convosco!* (24:36).

Se o primeiro tipo de fé apela a nosso coração, o segundo exige que participemos em primeira mão da experiência do outro. O objetivo é mais que empatia ou “sentir com”; é “sentir dentro” do outro. Nas palavras de Jesus: *Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai* (24:39). Jesus insistiu numa fé de “sentir dentro”. Ele não deseja ser apenas ouvido, mas ser visto e tocado. Jesus não quer ser confundido com falsos messias, falsos mestres ou mesmo fantasmas (24:39). Deseja ser apreendido como o Cristo. O que os outros disseram sobre Jesus não era suficiente; ele desejava ser conhecido e tocado como o Cristo. Aqueles que creem sem ver, no entanto, são verdadeiramente abençoados, embora algumas vezes também sejam iludidos por uma falsa religião ou fé imatura. Fariamos bem se mais pessoas exigissem uma fé que sente dentro do outro. Uma fé que algumas vezes se despe das vestes brancas da religiosidade para encontrar, receber e deparar-se face a face com o Senhor ressurreto em nossa nudez. Sem nossas vestes, seremos como Adão e Eva depois que pecaram e deixaram o jardim do Éden. Ali Deus nos encontrará, nos tocará e fortalecerá a nossa fé vestindo-nos com peles de animais (Gn 3:21). Essa fé lida com o “mundo lá fora”. Lida com o mundo de segunda a sábado. Atraca-se com as questões existenciais de cada dia. Ora e busca decisivamente por soluções. É o tipo de fé que apresenta uma sensibilidade para com Deus e para com as pessoas.

Parafraseando São Paulo, essas duas faces de nossa fé necessitam de leite e carne. A fé que estes produzem é inspirada pela ressurreição, e a mensagem resultante nos discípulos foi estarem *sempre no templo, louvando a Deus* (24:53).

O evangelho de Lucas nos proporciona uma história transformadora de vida à medida que andamos, falamos e caminhamos na trilha da luta, do conflito, da controvérsia, do sofrimento, da opressão, da coragem, da esperança, da liberação e liberdade, da reconciliação e perseverança. Esse é o “caminho”, e para Lucas esse caminho de vida é abençoado (6:20-23). É precisamente por começarmos a andar juntos, falar juntos e seguir juntos nesse caminho — o caminho que a fé conhece pelo nome de Jesus Cristo — que nós, juntamente com nossos companheiros humanos, nos colocamos na trilha da oração, do testemunho e do engajamento pela igualdade de gênero, pela justiça e pela liberdade.

### **24:44-53 Ascensão de Jesus**

Antes de se separar de seus seguidores e ser elevado ao céu, Jesus provê para o futuro deles. Ele os instrui a permanecer em Jerusalém até que *do alto sejais revestidos de*

*poder* (24:49). O dom pentecostal do Espírito Santo é a primeira provisão de Jesus para seus seguidores que devem executar sua diretriz missionária. Em outras palavras, não há nenhum esforço de extensão missionária sem que antes seja conferido o poder.

Em segundo lugar, Jesus não deixa seus discípulos até que os tenha colocado debaixo da proteção de Deus, quer dizer, até que os tenha abençoado: *Enquanto os abençoava, ia se retirando deles* (24:51). Assim como o evangelho de Lucas se inicia com o ministério do sacerdote Zacarias, a última visão de Jesus Cristo nesse evangelho é a do sacerdote impetrando sua bênção: *Erguendo as mãos, os abençoou* (24:50).

Paul John Isaak

### **Leituras adicionais**

GELDENHUYS, Norval. *Commentary on the Gospel of Luke*. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1971.

PILGRIM, W. *Good News To The Poor: Wealth and Poverty in Luke-Acts*. Minneapolis: Augsburg, 1981.

SEIM, T. R. *The Double Message: Patterns of Gender in Luke-Acts*. Edinburgh: T&T Clark, 1994.

TIEDE, D. *Luke*. Minneapolis: Augsburg, 1988.

# JOÃO

O evangelho de João foi escrito por volta do final do século I por alguém referido como “o discípulo a quem Jesus amava” (21:20,24). É provável que essa pessoa seja um dos três discípulos mais chegados a Jesus, ou seja, Pedro, Tiago e João (Mt 17:1; Mt 26:37; Mc 5:37). Pedro com frequência aparece ao lado do discípulo a quem Jesus amava (13:23-24; 20:2; 21:20-21), por isso não pode ser o autor. O autor também não pode ser Tiago, que foi morto por Herodes Agripa I antes do ano 44 d.C. João, portanto, é o candidato mais provável a ser “o discípulo a quem Jesus amava”. Ele mais tarde se define como uma testemunha de tudo o que Jesus fez (1Jo 1:1).

O propósito do livro é declarado em 20:30-31: “Estes [sinais], porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”.

O evangelho é organizado de acordo com sete sinais escolhidos por João dentre muitas outras possibilidades (20:30; 21:25; cf. tb. os milagres relatados nos outros evangelhos). São eles: a transformação de água em vinho (2:1-11), a cura do filho de um oficial do rei (4:46-54), a cura de um paralítico (5:1-9), a multiplicação de pães e peixes, que alimentou mais de 5 mil pessoas (6:1-14), a caminhada sobre a água (6:16-21), a cura de um cego de nascença (9:1-41) e a ressurreição de Lázaro (11:1-46). João considera esses fatos não apenas milagres: são sinais que obrigam os leitores a se perguntar: “Quem é esse homem que pode fazer todas essas coisas? Como ele pode ter domínio sobre a qualidade, a distância, o tempo, a quantidade, as leis naturais, o destino e a morte?”.

João acredita que os sinais provam que “Jesus é o Cristo, o filho de Deus”. O título grego “Cristo” é equivalente ao título hebraico “Messias”, que significa “aquele que foi ungido”. Ungir alguém é separá-lo para um propósito específico. Contudo, enquanto os que foram designados para determinadas tarefas morreram depois que as cumpriram (p. ex., Arão e seus filhos, Êx 28:41), Jesus, o Filho de Deus, foi ungido pelo Pai para cuidar da questão do pecado para todo o sempre (1:29).

Jesus é o Filho de Deus por causa de seu eterno relacionamento com o Pai. O Pai identificou Jesus como seu Filho durante o batismo no Jordão (Mt 3:17; Jo 1:32-34) e durante a transfiguração (Mt 17:5; Mc 9:7; Lc 9:35). João não registra esses dois testemunhos do Pai, mas inclui um incidente similar em 12:27-28. Ali, Jesus

chama a Deus de Pai, indicando ser o Filho de Deus, e Deus o reconhece como tal.

O relacionamento do Filho divino com o Pai é de difícil compreensão para nós. Vale lembrar que Deus nos está apresentando um relacionamento eterno de uma forma que nós, humanos, possamos compreender. Ele decidiu revelar-nos seu plano de salvação de acordo com esta sequência: o Pai envia o Filho, o Filho morre na cruz, e o Espírito Santo aplica tudo isso à nossa vida.

Em 20:31, João também fala sobre a vida, outro tema importante em seu evangelho. A vida eterna é assegurada apenas para os que creem, e eles a recebem imediatamente, quando creem. Todos os que creem têm a garantia de posse dessa vida a partir de então.

## Esboço

### 1:1-51 Introdução

- 1:1-18 No princípio era o Verbo
- 1:19-28 João Batista prepara o caminho
  - 1:19-21 As perguntas dos líderes judeus
  - 1:22-23 João Batista se identifica
  - 1:24-28 João Batista em contraste com Cristo
- 1:29-36 Jesus, o Cordeiro e Filho de Deus
- 1:37-42 Jesus chama os primeiros discípulos
- 1:43-51 O chamado de Filipe e Natanael

### 2:1—12:50 O ministério público de Jesus

- 2:1-11 O milagre de Jesus nas bodas de Caná
- 2:12-22 Jesus purifica o templo
- 2:23—3:21 O diálogo de Jesus com Nicodemos
- 3:22-36 João Batista dá testemunho de Jesus
- 4:1-42 Jesus e a mulher samaritana
- 4:43-54 Jesus cura o filho de um oficial do rei
- 5:1-16 Cura no tanque de Betesda
- 5:17-47 A vida que há no Filho
- 6:1-14 Jesus alimenta milhares de pessoas
- 6:15-21 Jesus anda sobre as águas
- 6:22-59 Jesus, o pão da vida
  - 6:25-27 A primeira pergunta e a resposta de Jesus
  - 6:28-29 Que obras são aceitáveis ao Senhor?
  - 6:30-33 Que sinal fazes?
  - 6:34-40 Queremos desse pão
  - 6:41-51 Murmuração
  - 6:52-59 Uma discussão entre o povo

6:60-71 Jesus é abandonado por muitos discípulos  
 7:1-13 Jesus vai secretamente à Festa dos Tabernáculos

7:14-24 Jesus ensina em público na festa  
 7:25-36 Como pode o Cristo vir da Galileia?  
 7:37-44 A lição final de Jesus no templo  
 7:45-53 Os líderes judeus pensam que Jesus é um enganador

8:1-11 Jesus e a mulher flagrada em adultério  
 8:12-20 Jesus defende seu testemunho  
 8:21-30 Jesus, o caminho que livra da morte  
 8:31-38 Jesus, o verdadeiro libertador  
 8:39-47 Jesus, a base da legitimidade na família de Deus

8:48-59 Jesus faz declarações acerca de si mesmo  
 9:1-41 Jesus cura um cego de nascença  
 9:1-12 A cura  
 9:13-34 Os fariseus interrogam o homem curado  
 9:35-41 Cegueira de espírito

10:1-21 Jesus, o bom pastor, e seu rebanho  
 10:22-42 Jesus, um abrigo seguro para as ovelhas  
 11:1-44 Jesus ressuscita a Lázaro  
 11:45-57 A vida de Jesus é ameaçada  
 12:1-11 Jesus é ungido por Maria  
 12:12-19 A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém  
 12:20-26 Alguns gregos procuram por Jesus  
 12:27-36 O Filho de Deus deve ser exaltado  
 12:37-50 Jesus encerra seu ministério público  
 12:37-43 Um resumo do ministério público de Jesus  
 12:44-50 O apelo final de Jesus aos judeus

### 13:1—17:26 Minистраção final de Jesus aos doze

13:1-20 Jesus lava os pés dos discípulos  
 13:21-29 Jesus prediz que Judas irá traí-lo  
 13:30-38 Jesus prevê que Pedro irá negá-lo  
 14:1-4 Jesus, a fonte de consolo  
 14:5-14 Jesus, o caminho, a verdade e a vida  
 14:15-31 Jesus promete o Espírito Santo  
 15:1-17 Jesus, a verdadeira verdade  
 15:18—16:4 Os discípulos de Jesus serão odiados pelo mundo  
 16:5-15 O Espírito Santo, sucessor de Jesus  
 16:16-33 A partida de Jesus  
 17:1-26 A última oração de Jesus antes de sua prisão  
 17:1-5 A oração de Jesus por si mesmo  
 17:6-19 A oração de Jesus pelos discípulos  
 17:20-26 A oração de Jesus por todos os crentes

### 18:1—20:9 Prisão, crucificação e sepultamento de Jesus

18:1-27 A prisão de Jesus e o tribunal judaico  
 18:28—19:16a Jesus no tribunal romano

19:16b-30 A crucificação de Jesus  
 19:31-42 A morte e o sepultamento de Jesus  
 20:1-9 A ressurreição de Jesus

### 20:10—21:25 O Cristo ressurreto

20:10-29 Jesus — vivo, perfeito e glorioso  
 20:30-31 O propósito do evangelho de João  
 21:1-25 Jesus, o incentivador

## COMENTÁRIO

### 1:1-51 Introdução

#### 1:1-18 No princípio era o Verbo

O evangelho começa mencionando alguém referido como o *Verbo* (1:1,14). No pensamento judaico, o Verbo de Deus era a maneira pela qual Deus se comunicava. No pensamento grego, o Verbo era a ideia central que mantém unido o universo. Está claro, em 1:17, que a pessoa a quem João se refere é Jesus.

A primeira coisa que João diz a respeito do Verbo é que ele é eterno: *No princípio era o Verbo (1:1a)*. O tempo “era” indica que o Verbo já existia num ponto do passado definido como “no princípio”. Alguns comentaristas notam a similaridade entre essa frase e Gênesis 1:1 e afirmam que a expressão significa que o Verbo já existia quando o mundo foi criado. Mesmo sendo verdade, é muito restritivo. João está dizendo que o Verbo existe desde a eternidade.

Em seguida, João define o estado do Verbo na eternidade: *o Verbo era Deus (1:1b)*. O tempo pretérito “era” não indica que seu estado mudou desde então. O propósito é mostrar o contraste entre seu estado na eternidade passada e sua entrada na humanidade, quando *o Verbo se fez carne* (1:14).

Alguns acreditam que João 1:1b deveria ser traduzido por “e o Verbo era um Deus”, argumentando que no grego o substantivo com artigo é definido, enquanto o substantivo sem artigo é indefinido. Contudo, essa regra nem sempre se aplica. Às vezes, o artigo é omitido para ressaltar a qualidade de alguma coisa. Nesse caso em particular, o autor está dizendo que Jesus é Deus, mas não especifica que Deus é. Se João tivesse dito que Jesus era “o Deus” aqui, estaria deixando de fora o Pai e o Espírito Santo, que são as outras pessoas da Trindade.

Aqueles que argumentam a favor da tradução “um Deus” negam a deidade completa de Jesus, mas em seu evangelho João declara firmemente a deidade de Jesus. Em 1:18, ele se refere a Jesus como *o Deus unigênito*, e tanto ele quanto Tomé reconhecem Jesus como “Senhor meu e Deus meu” (20:28). Assim, em três momentos cruciais da existência de Jesus — na eternidade (1:1), em sua encarnação (1:18) e após sua ressurreição (20:28) —, a deidade de Jesus é afirmada.

João também faz menção do relacionamento eterno entre o Verbo e Deus, o Pai. A expressão *com Deus* (1:2) enfatiza o relacionamento face a face entre Jesus e o Pai. Em todo o seu evangelho, João repetidamente afirma que o Pai ama o Filho e que o Filho procura glorificar o Pai. A associação, o companheirismo e a glorificação mútua começam na eternidade.

O Verbo, que é eterno, criou todas as coisas. João afirma essa verdade de maneira positiva e negativa. Positivamente, ele diz: *Todas as coisas foram feitas por intermédio dele* (1:3). Negativamente, declara: *Sem ele, nada do que foi feito se fez* (1:3). No grego, há nítida distinção entre o estado do Verbo e o da criação. Enquanto o Verbo “era” no início (1:1), a criação “foi feita” (1:3). O Verbo existia antes do início mencionado em Gênesis 1:1 e na verdade foi o responsável por tudo o que se fez nesse início.

João não somente apresenta Jesus como o “Verbo”, mas também como fonte de vida e de luz (1:4-5). Jesus proporciona vida e ilumina o caminho para aqueles que o aceitam.

A criação teve um início, assim como o homem chamado João Batista, cujo testemunho, em 1:15, revela que ele estava ciente de que Jesus existia antes dele, mesmo sendo Jesus seis meses mais jovem (Lc 1:26). João Batista reconhecia a diferença de estado entre ele e Jesus. Ele era apenas um *homem enviado por Deus* (1:6); Jesus era o Verbo que estava “com Deus”. Jesus era eterno, enquanto João Batista era temporal.

João Batista também sabia da diferença entre a obra de Jesus e a sua. Tinha consciência de que sua missão era de servo, enviado *como testemunha para que testificasse a respeito da luz* (1:7-8), enquanto a tarefa de Jesus era a de mestre, pois era *a verdadeira luz* (1:9a; cf. tb. caps. 3 e 4). Literalmente, o texto diz que ele era “a luz, a verdadeira”. Jesus é a luz primária. Todas as outras luzes são secundárias e brilham somente quando refletem sua luz.

A *vinda ao mundo* (1:9b) dessa luz verdadeira trouxe pelo menos duas bênçãos. Primeira: uma luz a ser oferecida e compartilhada com toda a humanidade. Segunda: o direito de pertencer a Deus (1:12-13). Embora muitos o rejeitem (1:10-11), seus braços estão abertos para todos os que aceitam sua mensagem. Ele então lhes concede o direito de pertencer à família de Deus na condição filhos. Esse direito não está baseado na raça (descendência judaica ou não) nem em alguma coisa que a pessoa tenha feito. É um dom de Deus, criando uma nova natureza naqueles que recebem a Cristo. Eles são nascidos na família de Deus.

Ainda assim, o mundo que ele mesmo fez tragicamente *não o conheceu* (1:10). Embora “mundo” seja uma referência a toda a criação, o foco primário está no ser humano. Os sistemas e os indivíduos humanos não respeitavam a Jesus. Tratavam-no como um habitante qualquer da Palestina.

Portanto, Jesus não recebia apenas honras: era também rejeitado, pois *os seus não o receberam* (1:11). Os “seus” eram o povo judeu. Embora José não tivesse parte na con-

cepção de Jesus e Jesus transcendesse a existência humana, ele nasceu num lar judeu. Sua mãe, Maria, e o marido dela, José, eram judeus. Mesmo assim, apesar de Jesus ter vindo para seu povo, muitos preferiram manter distância dele. Não devemos ficar surpresos com essa atitude negativa, pois somos culpados do mesmo crime. Ele fez todos nós, e mesmo assim muitos de nós não o reconhecem como Deus, o Criador e o Deus-homem que nos traz a salvação.

Na plenitude do tempo de Deus (Gl 4:4), o *Verbo se fez carne e habitou entre nós* (1:14). Foi ele que veio da eternidade e fez que todas as coisas adquirissem o estado de criatura. A expressão “se fez” na frase “se fez carne” é a mesma usada quando se diz que ele fez todas as coisas, em 1:3. Isso mostra que, embora seu estado de deidade (1:1) não tenha início, seu estado humano tem. Ficamos sabendo desse movimento da eternidade para o tempo em Mateus 1:18-25 e em Lucas 1:26-38. O Verbo eterno\*foi concebido pela mortal Maria, mediante o poder do Espírito Santo. O Verbo “habitou entre nós”, e isso resume toda a sua vida terrena, desde a concepção até a ascensão. Foi uma morada temporária com um propósito: revelar Deus ao mundo (1:18) e morrer no lugar da humanidade (11:50-53).

O que Jesus revelou acerca do Pai foi sua *graça e verdade*. Esses substantivos são mencionados duas vezes (1:14; 1:17), e a graça é citada isoladamente em 1:16. “Graça” significa que algo imerecido é dado sem custo algum e sem reservas, e tudo o que o doador deseja em troca é gratidão. A dádiva que Jesus oferece é o direito de se tornar membro da família de Deus (1:12), e a única retribuição que se espera é que o beneficiado seja um membro grato dessa família. Ninguém pode hesitar em retribuir a Jesus um presente assim!

Esse pertencimento eleva e mantém a pessoa num novo padrão de vida, em que a verdade prevalece. “Verdade” é aquilo que foi testado e considerado certo. No texto, significa a diferença entre o certo e o errado na crença e no comportamento, com base nos padrões de Deus.

As bênçãos da graça e da verdade contrastam com a lei de Moisés (1:17). O contraste não ocorre com a substituição do antigo pelo novo, nem significa que a lei de Moisés não possuísse graça ou verdade. O ponto é que a graça e a verdade que Jesus revela preenchem uma lacuna da lei. A lei era uma sombra da verdade que estava por vir, embora a lei expressasse a vontade de Deus e fosse baseada em sua graça. A revelação completa de Deus por meio de Jesus Cristo revela ainda mais graça. Por isso, João afirma que recebemos *graça sobre graça* (1:16). Chegou agora a verdade anunciada pela lei.

A revelação do Pai feita por Jesus é única, pois *Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou* (1:18). Algumas pessoas no passado tiveram um vislumbre de Deus, como uma sombra (p. ex., Moisés em Êx 33:11 e Nm 12:8; e Is em Is 6:5). Entretanto, ninguém o viu exatamente como ele é, pois Deus mesmo



adverte: “Homem nenhum verá a minha face e viverá” (Êx 33:20). No entanto, Jesus, que é Deus, viveu entre os homens. Aqueles que o viram não estavam vendo a sombra de Deus, e sim o próprio Deus. Ele era verdadeiramente o Deus-homem, em quem uma natureza não eliminava a outra. Ele foi plenamente Deus enquanto era plenamente humano.

Muitos na África rejeitam a doutrina contida nessa passagem. Eles se autodenominam testemunhas-de-jeová, ou representantes de Cristo; porém, a menos que sua mensagem declare que Jesus é Deus, o Criador de todas as coisas e a única base sobre a qual o ser humano pode receber a bênção de Deus, eles serão condenados por blasfêmia. Devemos orar por eles, mas também evitá-los. Falsos ensinamentos encontram solo fértil na África, por causa da religiosidade natural do povo africano, mas está na hora de ter mais discernimento, de aprender a distinguir a verdade da mentira. Devemos preservar as verdades ensinadas nessas passagens com todas as forças de nosso ser, se quisermos estar do mesmo lado que Deus, cuja Palavra nos diz que Jesus é Deus.

### 1:19-28 João Batista prepara o caminho

A especulação acerca de João Batista ser Deus é vagamente mencionada em 1:20, mas explicitamente declarada em Lucas 3:15. Isso levou os judeus de Jerusalém a enviar sacerdotes e levitas a Betânia onde ele estava batizando (1:28), os quais lhe pediram que confirmasse ou negasse o rumor (1:19).

#### 1:19-21 As perguntas dos líderes judeus

A delegação enviada a João Batista fez perguntas que se concentravam nas três possíveis identidades de João: o Cristo, Elias ou o profeta?

Ao perguntar se ele era *o Cristo* (1:20), os judeus expressavam a crença de que o Messias viria em algum momento. Para detalhes sobre o que esse termo significa, veja a Introdução. Era esperado que o Cristo viesse como uma figura sobrenatural enviada diretamente do céu ou que Deus o fizesse surgir do meio do povo. João Batista declarou enfaticamente que não era o Cristo que aguardavam.

Ao perguntar se ele era *Elias* (1:21a), os judeus talvez estivessem pensando nas palavras de Malaquias acerca de um mensageiro que Deus enviaria para refinar a nação, a fim de prepará-la para a vinda do Senhor (Ml 3:1-3). Esse mensageiro foi identificado como o profeta Elias (Ml 4:5). Segundo a interpretação dos judeus para essas passagens, Elias viria antes do Messias, a fim de preparar o povo para a era messiânica. Se João Batista não era o Cristo, então talvez fosse o profeta Elias, enviado para preparar o caminho de Cristo. João, contudo, também negou essa identidade.

A última pergunta — *És tu o profeta?* (1:21b) — por certo foi feita com um profeta em particular em mente, como

fica claro pelo emprego do artigo “o”. Moisés afirmou que o Senhor lhe dissera: “Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos” (Dt 18:18a). Em Atos, Pedro e Estêvão identificam esse profeta como Jesus Cristo (At 3:22; 7:37). Os judeus, entretanto, acreditavam que esse profeta seria alguém diferente do Messias. João Batista insistiu em não ser esse profeta.

#### 1:22-23 João Batista se identifica

As opções dos inquisidores haviam acabado, por isso perguntaram a João Batista: *Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo?* (1:22). Em razão do trabalho que João Batista estava realizando e das multidões que se aglomeravam à volta dele (Lc 3:1-19), ele devia ser alguém importante. João, porém, preferiu identificar-se apenas como uma voz: *Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor* (1:23, citando Is 40:3). João não via a si mesmo como detentor de uma identidade independente. Ele era um simples mensageiro, e sua mensagem era muito mais importante que ele mesmo. Alertava o povo, a fim de que eles se preparassem para receber o ensinamento do Senhor e se arrependessem de seus pecados.

#### 1:24-28 João Batista em contraste com Cristo

A identificação de João Batista como simples mensageiro (uma “voz”) suscitou a questão: *Então, por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?* (1:25). De acordo com os fariseus, esses três eram os únicos que podiam batizar judeus. Normalmente, apenas os prosélitos (gentios convertidos ao judaísmo) eram batizados.

Em vez de dar uma resposta direta à pergunta, João Batista deu mostras de que o assunto era mais profundo do que eles pensavam. Suas palavras podem ser assim parafraseadas: “Eu batizo com água, e vocês ficam admirados que eu não seja o Cristo, ou Elias, ou o profeta. Vou lhes dizer uma coisa: existe alguém realmente grande, e ele, na verdade, já está entre vocês” (1:26-27).

A referência a Jesus como *o qual vem após mim* (1:27a) é a mesma de 1:15 e quer dizer que, historicamente, Jesus vem depois de João Batista. Todavia, no contexto do papel de João Batista, aquele que virá depois é o mesmo para quem João está preparando o caminho, ou seja, o Senhor e Rei. Sua importância é ressaltada quando João diz: *do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias* (1:27b). Desatar as sandálias era trabalho de escravo. João Batista declarava não ser digno de oferecer a Jesus nem mesmo o serviço mais ordinário.

A atitude geral na África é que, quando alguém tem uma função, principalmente política, deve esforçar-se ao máximo, pois pode não haver outra oportunidade semelhante. Muitos cristãos nunca aprendem a ficar satisfeitos com o que o Senhor lhes deu. A mesma atitude é refletida na busca pela fama — o desejo de ser alguém importante. João

Batista teve a oportunidade de ser conhecido como um homem importante, mas se sentia realizado com o ministério que recebera do Senhor. Estava plenamente satisfeito em ser menos que um servo, para que a glória de Jesus pudessem ser contemplada.

### 1:29-36 Jesus, o Cordeiro e Filho de Deus

Em muitas sociedades africanas, qualquer calamidade é tradicionalmente interpretada como consequência de uma ofensa direta contra Deus ou de algo que ofendeu os espíritos que protegem os valores divinos. Um sacrifício é necessário para aplacar a ira de Deus, e no passado esse sacrifício era geralmente um cordeiro. João Batista pensava em termos similares quando, durante dois dias consecutivos, chamou a atenção de seus discípulos em relação a Jesus ao anunciar: *Eis o Cordeiro de Deus (1:29a,36)*. A origem desse Cordeiro é Deus. Quando alguém pecava, um cordeiro tinha de ser sacrificado, porque Deus não podia simplesmente ignorar o pecado. Era preciso fazer expiação (Lv 4:20,26,31,35; 5:10,13). Jesus veio ao mundo como o Cordeiro, providenciado por Deus, *que tira o pecado do mundo (1:29b)*. O “pecado” está aqui no singular, não no plural. É um substantivo coletivo que estaca a desobediência de Adão e Eva, da qual fluem todos os outros pecados. A função de Jesus é libertar o mundo (isto é, a humanidade) desse pecado.

João Batista estava tão consciente da superioridade de Jesus que repetiu a afirmação anterior: *Após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim (1:30)*. João Batista sabia que Jesus era eterno, mas que ele, João, começara a existir apenas quando a sua mãe, Isabel, o havia concebido. Ele sabia que seu ministério de batismo era apenas um meio para um fim, e não um fim em si mesmo: *a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água (1:31)*. Agora que esse fim foi alcançado (1:34), João e seu batismo não eram mais significativos.

Além de ser o Cordeiro, Jesus era também o Filho de Deus cujo ministério era abençoado pelo Espírito Santo (1:32). Ele concede o Espírito a quem batiza com o Espírito Santo (1:33). Esse batismo traz consigo muitas bênçãos, porém a principal é a marca que o Espírito Santo deixa em nós, dando-nos a certeza de que pertencemos a Deus, pois Jesus removeu o pecado de nossa vida (Ef 1:13).

### 1:37-42 Jesus chama os primeiros discípulos

Lembro-me de uma ocasião em que um vaso de argila foi quebrado e uma maldição foi pronunciada: “Que você quebre da mesma maneira!”. Com medo dos efeitos da maldição, procurou-se alguém para removê-la. A pessoa que veio fazer o trabalho era um homem idoso, apoiado em um cajado. Nada mais trazia consigo, mas estava acompanhado por um jovem que carregava uma bolsa, a qual continha tudo aquilo de que o idoso precisava para anular a maldição. O

jovem era o discípulo do idoso e estava ali para fazer tudo o que seu mestre lhe solicitasse. Que metáfora vívida do relacionamento entre um mestre e seu discípulo!

Na passagem de João, vemos Jesus começando a formar um grupo de homens que seriam seus discípulos e aprenderiam com ele. Ao que parece, ele começou com um contato informal, registrado aqui, antes de realizar a convocação formal, registrada em Mateus 4:18-22 e Marcos 1:14-20.

André e o discípulo sem nome (provavelmente João, o apóstolo) estiveram com João Batista por um período não especificado e agora eram contados entre seus seguidores (1:35,40). Eles por certo ouviram João Batista falar a respeito de Jesus (1:15,26-27,29, 32-34). Então, no segundo dia, quando ouviram João Batista identificar a Jesus como o Cordeiro de Deus (1:36), interpretaram corretamente o significado da declaração, deixaram João Batista e *seguiram Jesus (1:37)*. \* \*

A pergunta de Jesus, *Que buscais? (1:38a)*, os desafiava a avaliar o compromisso que estavam assumindo antes mesmo de começar. Se estivessem procurando apenas um mestre diferente, não era o bastante. Se estivessem procurando uma vida mais confortável que a que levavam com João (Mt 3:4), não encontrariam. Eles estavam, no entanto, seguros do que desejavam. Queriam saber onde Jesus estava morando (1:38b), provavelmente com a intenção de visitá-lo mais tarde. O tratamento que dispensaram a Jesus — *Rabi (Mestre)* — mostrava que eles o consideravam alguém capaz de lhes transmitir conhecimento e sabedoria.

A resposta de Jesus foi: *Vinde e vede (1:39a)*. Havia um senso de urgência no convite. O amanhã poderia não chegar. Eles precisavam visitar Jesus naquele dia — na verdade, naquele momento. O que veriam era mais que a casa ou o quarto em que ele vivia: veriam e sentiriam o que significava estar com Jesus.

Os dois discípulos atenderam ao convite de Jesus. Foram e viram onde ele estava morando. Mais que isso, *ficaram com ele aquele dia (1:39b)*. Jesus fez o convite por volta da décima hora, ou seja, por volta das 4 horas da tarde (o método judeu de contar o tempo era do nascer do sol, às 6 horas da manhã, até o pôr do sol, às 6 horas da tarde). Portanto, não faltava muito para o dia terminar, mas Jesus e os dois discípulos abandonaram todos os outros planos que pudessem ter para aquele dia. Jesus ficou à disposição deles como anfitrião, e eles aproveitaram a experiência, ficando até o fim do dia.

Os dois homens agiram de maneira verdadeiramente africana. A agenda deles era flexível o suficiente para acomodar o convite inesperado de Jesus. Não houve necessidade de marcar a visita para mais tarde. Infelizmente, existe algo que estamos perdendo, especialmente nas grandes cidades. Há alguns anos, preguei uma série de mensagens com vinte e cinco minutos de duração cada, como me haviam solicitado. Nos primeiros três domingos, consegui manter esse tempo, mas o tópico da quarta mensagem re-

queria trinta e cinco minutos para ser apresentado de forma adequada. Após o culto, fiquei chocado ao ser abordado por uma senhora do coral: “Seu sermão foi longo demais! Agora estou atrasada e tenho visita chegando!”. A princípio, eu não estava certo se havia escutado direito, até lembrar que os filhos da África adotaram a vida corrida, permitindo que alguns bons valores se perdessem no processo. Ter tempo para os outros, e acima de tudo para Jesus, é uma prioridade de que devemos esforçar-nos para manter.

André, descobrindo como era agradável estar com Jesus, não perdeu tempo e compartilhou sua experiência com Simão Pedro, seu irmão (1:40). Na verdade, João informa que ele [André] *achou primeiro o seu próprio irmão* (1:41a). Isso serve de modelo para o nosso chamado: “Ide [...] fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:19). As palavras de André, *Achamos o Messias (que quer dizer Cristo)* (1:41b), refletiam um conhecimento pessoal de quem Jesus era, assim como a mensagem acerca de Jesus que ele havia ouvido de João Batista (1:29-34). O ato seguinte foi conduzir seu irmão a Jesus (1:42a). André não se limitou a conhecer a Jesus: também agiu com base nesse conhecimento. Muitos crentes na África gostam de estar na presença de Cristo, mas consideram o trabalho de tornar Jesus conhecido tarefa exclusiva dos pastores, e não deles. Contudo, todos são chamados para ser como André e declarar como é bom estar com Jesus.

Jesus olhou para o irmão de André e declarou: *Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas* (1:42b). Cefas é um nome aramaico, traduzido em grego por Pedro, que significa “rocha”. Assim como a maioria dos nomes africanos, esse também possuía um significado. Jesus viu em Simão aquilo em que ele se tornaria: um cristão firme como uma rocha na continuação da obra do reino de Deus depois que Jesus partisse. Simão recebeu um novo nome. Ele seria preparado para o ministério que correspondia ao nome dado por um mestre, alguém que conhecia o futuro perfeitamente, preparava cada obreiro de maneira apropriada e designava cada um para a função que desejava.

### 1:43-51 O chamado de Filipe e Natanael

No dia seguinte ao que André, o discípulo sem nome e Simão Pedro se encontraram com Jesus, também foi convidado a segui-lo Filipe, que como André e Pedro era da cidade de Betsaida (1:43-44). Como André, ele achou que a descoberta era boa demais para ser apenas de seu próprio conhecimento e então foi procurar Natanael. Quando o encontrou, sua mensagem foi: *Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José* (1:45). Como *Jesus, o Nazareno, filho de José*, era como qualquer outro habitante da Palestina, mas o que Filipe e os outros descobriram a respeito dele é que o tornava uma pessoa diferente.

Natanael estava cético acerca de Jesus de Nazaré. Achava que o Messias viria de uma cidade importante, como

Jerusalém (a capital), ou Belém (a cidade de Davi), ou mesmo de sua cidade, Caná (21:2), não de uma vila sem importância como Nazaré. A resposta de Filipe ao ceticismo de Natanael foi: *Vem e vê* (1:46), ou seja: “Não discorde antes de ver a evidência. Venha conhecê-lo antes de formar opinião”.

Foram necessárias apenas duas declarações de Jesus para transformar Natanael de cético em crente. Essas declarações mostraram que Jesus era onisciente e tudo via (um aspecto da onipresença). Sua primeira declaração, assim que Natanael se aproximou, foi: *Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!* (1:47). Natanael foi honesto em expressar suas dúvidas. Admitindo que Jesus fizera uma exata avaliação de seu caráter, Natanael perguntou: *Donde me conheces?* (1:48a). Jesus respondeu: *Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira* (1:48b). Não importa o que ocorreu debaixo da figueira, foi o fato de Jesus saber disso que transformou o ceticismo de Natanael em fé.

Natanael então fez uma das principais declarações a respeito de Jesus no evangelho de João. Ele disse: *Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!* (1:49). É o mesmo que dizer: “Você é o Messias. Você é aquele que Deus escolheu para reinar sobre Israel”. Foi exatamente disso que Natanael duvidou quando ouviu que Jesus viera de Nazaré, mas agora constatava pessoalmente que, apesar da insignificante terra natal, Jesus era o maior de todos os homens que já conhecera. Ele possuía qualidades que somente o Messias poderia ter.

Natanael tornou-se crente por causa da habilidade de Jesus de saber o que se passava no coração e na mente das pessoas e também de enxergar o que ocorria em lugares ocultos. Jesus, porém, lhe disse que sua crença precisava de mais conteúdo. O Filho do Homem era mais que um simples operador de milagres: era também a ligação entre o céu e a terra (1:50-51). Jesus apresentou uma vívida metáfora dessa realidade ao afirmar que Natanael e os outros (“vos”, em 1:51) veriam anjos, os quais são servos de Deus, isto é, mensageiros que trazem as notícias dos céus para a terra. A “escada” que torna tudo isso possível é o Filho do Homem. Jesus exercia o ministério de mediador entre o céu e a terra, entre Deus e o homem. Natanael estava sendo desafiado a acreditar não só num Jesus que operava milagres, mas também num Salvador.

Usando seu título preferido, *Filho do Homem*, Jesus enfatizou sua missão aqui na terra, assumindo uma humilde identificação com a humanidade, com o sofrimento e com a morte na cruz (Mc 10:45). Entretanto, o título também se referia a seu governo como rei, no futuro, depois que ele cumprisse sua missão como Salvador (Mt 24:30; cf. tb. Dn 7:13-14).

A promessa de Jesus aqui foi cumprida quando ele morreu na cruz e saiu do túmulo, o que proporcionou aos discípulos a mensagem básica de que o Jesus crucificado e ressurreto é o único caminho para a salvação.

Muitos africanos acreditam que a maturidade está em se manter firme em suas convicções. Entretanto, existe a maturidade acompanhada de sabedoria e a maturidade que é tola. O sábio é aquele que permanece firme em suas convicções enquanto elas se provarem corretas. Entretanto, quando uma convicção é refutada por uma evidência, é tolice permanecer nela. Natanael foi humilde o suficiente para admitir que seu ceticismo era um erro e para adorar a Jesus. É triste que alguns africanos rejeitem o evangelho de Cristo porque querem passar a ideia de que são fortes. Infelizmente, a força deles também é sua tolice. A evidência do evangelho é forte demais para ser ignorada.

## 2:1—12:50 O ministério público de Jesus

### 2:1-11 O milagre de Jesus nas bodas de Caná

Em algumas partes da África, é comum vermos bêbados cambaleando na estrada, apesar do perigo de serem atingidos por algum veículo. Quando alguém os adverte de que a bebida pode levá-los à ruína, respondem de imediato: “Jesus fez vinho em Caná!”. Eles estão corretos, mas a lição que Jesus ensina nesse episódio não é que nos devemos tornar alcoólatras. A grande lição desse milagre é sobre a iniciativa de Maria em ajudar a resolver o problema de outra pessoa e sobre a capacidade de Jesus em prestar essa ajuda.

Jesus ainda estava na Galileia quando encontrou Filipe e Natanael (1:43-45). Era o terceiro dia (2:1) desde que ele partira para a Galileia (1:43). Ele e seus discípulos foram convidados para um casamento em Caná, ao qual Maria, sua mãe, também compareceu (2:2). Na época, os casamentos duravam sete dias ou mais. Eram períodos de alegria, comida e bebida. O noivo e sua família tinham a obrigação de providenciar comida e bebida, e ficar sem vinho era um tremendo vexame para os anfitriões.

Maria percebeu a falta de vinho e sabia onde conseguir a solução. Ela sabia melhor que qualquer um quem era Jesus, pois o anjo lhe dissera: “O ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1:35). Então ela se aproximou de Jesus e informou: *Eles não têm mais vinho* (2:3). Maria se dirigiu a Jesus como uma mãe ao seu filho. Afinal, mesmo sabendo que ele era especial, tinham uma convivência de trinta anos.

Em sua resposta, Jesus dirigiu-se a Maria chamando-a *mulher* (2:4a). A palavra é equivalente a “senhora” ou “madame”. Ele não a tratou por “mãe”, pois queria que ela percebesse que o estágio de sua vida como filho dela havia terminado. Havia chegado a hora de ele cumprir seu ministério na terra.

Ele se dirigiu a Maria de maneira gentil: *Que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora* (2:4b). Suas palavras indicam que Maria não podia mais dar instruções a ele nem lhe dizer quando agir. É como se dissesse: “Deixe o assunto comigo. Na hora certa, agirei”. Maria desistiu de forçar o filho a agir como ela queria, mas sabia que ele

era capaz de resolver o problema, se assim o desejasse. Por isso, instruiu os servos: *Fazei tudo o que ele vos disser* (2:5).

Na hora em que julgou ser a mais apropriada, Jesus se dirigiu aos servos e ordenou-lhes que enchessem seis jarros grandes com água. Cada um desses jarros podia conter entre 75 e 115 litros de água, e eram usados para lavar as mãos, como parte de um ritual de purificação judeu (2:6-7). Assim que a ordem foi obedecida, Jesus instruiu os servos: *Tirai agora e levaí ao mestre-sala* (2:8). Assim que provou a “água”, o mestre-sala chamou o noivo e o repreendeu por não saber organizar uma festa. O vinho era tão bom que deveriam tê-lo servido em primeiro lugar (2:9-10).

As famílias do noivo e da noiva devem ter ficado muito gratas por Jesus tê-los salvo de um grande vexame — e também muito impressionadas pelo milagre e pela qualidade do vinho que Jesus produziu. A lição que temos aqui não é de pessoas alegrando-se por terem muita bebida, e sim de pessoas felizes por Jesus ter suprido suas necessidades.

João apresenta o incidente como o primeiro sinal miraculoso de Jesus, que teve duas consequências, de acordo com 2:11: *Jesus manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele*. Jesus não era apenas o filho de Maria: era também objeto de fé.

### 2:12-22 Jesus purifica o templo

Quando eu era adolescente, costumava capturar pássaros, montando cuidadosamente minhas armadilhas nos arbustos. Um dia, meus amigos e eu fomos convocados pelo ancião do vilarejo e nos foi dito que havíamos feito nossas armadilhas no local em que os anciãos realizavam sacrifícios, o qual agora estava contaminado. Fomos repreendidos e advertidos de nunca mais violar aquele local sagrado, que era destinado apenas à adoração. Jesus tinha uma concepção similar acerca do local de adoração quando purificou o templo.

Após o casamento em Caná, Jesus, sua mãe, seus irmãos e os discípulos foram para Cafarnaum, que distava cerca de vinte quilômetros de Caná, e ali permaneceram alguns dias (2:12). Então Jesus viajou a Jerusalém. Era quase a época da Páscoa dos judeus (2:13), uma festa anual obrigatória que durava sete dias e tinha como propósito recordar a libertação dos judeus da escravidão no Egito. Acontecia num período correspondente a parte de março e abril de nosso calendário.

Essa importante festa era agora considerada uma oportunidade para negócios à custa dos adoradores. Todos os homens com mais de 20 anos de idade tinham de pagar uma taxa de meio siclo ao templo (Êx 30:13). As autoridades decidiram que o pagamento tinha de ser feito na quantia exata e cobravam muito para converter siclos em moedas de meio siclo. Os que possuíam apenas moeda estrangeira tinham de pagar uma elevada taxa de câmbio, equivalente a um quarto do que recebia um judeu por dia de trabalho.

Era, sem dúvida, um comércio extorsivo. A exigência de que somente animais sem defeito podiam ser sacrificados (Lv 3:6; 4:23,28,32; 6:6) também era usada para tirar vantagem dos adoradores. Os homens que inspecionavam os animais tinham um acordo de não deixar passar animais que não fossem comprados de um grupo conhecido como “filhos de Anás” (Anás era o ex-sumo sacerdote e sogro de Caifás, sumo sacerdote na época). Esses animais custavam cinco ou seis vezes mais que os comprados em outros lugares. Em vez de providenciar um serviço útil aos adoradores, as autoridades os estavam explorando.

Fazer dinheiro, e não adorar a Deus, tornou-se o objetivo da liderança. Assim, quando Jesus *encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas e também os cambistas assentados*, tomou uma atitude enérgica (2:14-16). Ele agiu impulsionado pelo zelo que nutria pela Casa de Deus (2:17, citando Sl 69:9).

Jesus foi prontamente questionado pelo povo, que queria saber que autoridade ele tinha para agir daquela forma, se os líderes, até mesmo o sumo sacerdote, permitiam o comércio no templo. Eles queriam a comprovação dessa autoridade na forma de um sinal (2:18). Então Jesus prometeu a eles um sinal: *Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei* (2:19). Os judeus achavam que ele estava falando do magnífico templo que Herodes começara a construir em 19 a.C. A resposta incrédula deles, *Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário* (2:20), implica que esse episódio ocorreu por volta de 27 a.C.

Jesus não se preocupou em explicar que estava referindo-se ao próprio corpo (2:21), que os judeus mais tarde destruiriam, e predizendo sua ressurreição. Os judeus não estavam prontos para recebê-lo, de qualquer forma. Entretanto, os discípulos não se esqueceram dessas palavras, ainda que não lhes conhecessem o significado, o qual só vieram a entender depois da ressurreição de Jesus. Então eles se maravilharam, pois o que ele havia predito se cumpriu, e *creram na Escritura e na palavra de Jesus* (2:22). Eles viram em Jesus o cumprimento das Escrituras e perceberam, mais uma vez, que a morte de seu Mestre não foi um acidente, e sim parte de um plano eterno.

## 2:23—3:21 O diálogo de Jesus com Nicodemos

A declaração feita em 2:23-25 elucida o contexto em que se deu o encontro de Jesus com Nicodemos. Jesus é apresentado como um operador de milagres e objeto de fé (2:23) e como alguém que sabe tudo a respeito das pessoas (2:24-25).

Foram essas qualidades que provavelmente atraíram a atenção de Nicodemos. Ele estava *entre os fariseus* e era *um dos principais dos judeus*. Também fazia parte do Sinédrio e era um admirador de Jesus (3:1-2). Ele era alguém que compreendia o ditado: *Muulinza si mjinga* (suaáli: “Aquele que pergunta não é tolo”). A humildade de querer aprender até mesmo as coisas mais simples é uma virtude, e não

uma fraqueza. Apesar de Nicodemos ser criticado por marcar o encontro à noite e por não conhecer o significado de “nascer de novo”, uma verdade que ele se tornaria apto a ensinar, temos de admirar sua disposição para fazer perguntas simples.

Nicodemos não ficou parado, mas foi procurar a Jesus, provavelmente com uma visita de cortesia. Entretanto, diante das palavras de admiração do fariseu, Jesus reagiu com uma dura declaração sobre a necessidade que Nicodemos tinha de nascer de novo: *Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus* (3:3). “Nascer de novo” significa reconhecer que é pecador, arrepender-se do pecado e receber a Jesus como Salvador no coração. Deus, em resposta, declara que quem faz isso se torna seu filho.

Nicodemos tomou as palavras de Jesus como se fossem aplicadas ao mundo físico: *Como pode um homem nascer, sendo velho?* (3:4a). Seu ceticismo encontra expressão ainda maior em sua segunda pergunta: *Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?* (3:4b). Em resposta, Jesus explica que o “nascer de novo” implica *nascer da água e do Espírito* (3:5-7). Existe um debate sobre o significado dessa frase, mas Jesus está provavelmente se referindo ao batismo em água ministrado por João Batista e ao batismo com o Espírito Santo. O batismo de João era um batismo de arrependimento. Ele convidava o povo a abandonar os antigos caminhos e se preparar para a vinda de Jesus (Lc 3:7-14). O batismo de Jesus com o Espírito Santo (1:33) resultaria numa renovação do caráter e concederia ao batizado forças para seguir em frente como membro da família de Deus.

O nascer de novo é como o vento (3:8). Podemos ouvir o som que o vento faz e perceber seus efeitos, mas não sabemos de onde ele vem. Da mesma forma, Deus misteriosamente traz o novo nascimento. Não sabemos como ele faz isso, mas quando acontece podemos ver seus efeitos.

Começando a perceber que Jesus não estava falando do nascimento físico, mas do espiritual, Nicodemos fez a simples pergunta: *Como pode suceder isto?* (3:9). A resposta de Jesus revelou três elementos essenciais no nascer de novo, isto é, a morte do Filho do Homem, o amor de Deus, o Pai, e a responsabilidade humana (3:13-18).

*Filho do Homem* era o título preferido de Jesus. Aqui ele diz explicitamente que veio do céu (3:13; cf. tb. 1:1,14). Ele também prediz sua morte: *Do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado* (3:14). A única maneira de os israelitas picados pelas serpentes venenosas escaparem da morte era olhar para a serpente de bronze que Moisés colocara em uma haste (Nm 21:4-9). Jesus também seria levantado, para que todos os que cressem nele pudessem ter a vida eterna (3:15).

O processo de nascer de novo começou no céu, quando o amor de Deus pela humanidade o levou a enviar seu único



Filho, Jesus Cristo, ao mundo para morrer pela humanidade (3:16a). Jesus não veio numa missão de condenação, mas de salvação (3:17). Podemos obter a experiência do novo nascimento simplesmente exercendo a fé (3:16b), ou seja, reconhecendo que Jesus foi enviado por Deus para nos dar o novo nascimento e pedindo-lhe que seja nosso Salvador e líder.

Jesus encerrou o diálogo com Nicodemos afirmando que existem duas esferas da existência: a esfera da luz e a esfera das trevas (3:19-21). A esfera da luz tem Jesus no centro, e a luz veio ao mundo (3:19a; cf. tb. 1:4-5,9). Entretanto, os seres humanos *amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más* (3:19b). Jesus queria que Nicodemos percebesse que o único caminho para ingressar na esfera da luz era acreditar na Luz que veio do céu.

### 3:22-36 João Batista dá testemunho de Jesus

Certa vez, perguntei a um menino africano: “Qual o seu nome?”. Ele respondeu: “Garoto”. Eu sabia que era apenas um apelido, por isso perguntei: “Qual seu outro nome?”. Ele respondeu: “É assim que meu pai me chama”. Fiz então outra pergunta: “Quem é seu pai?”, e ele respondeu: “Papai”. Tentando obter uma informação mais clara, insisti: “Quem é sua mãe?”, e a resposta dele foi: “Mamãe”. Tentei mais uma vez: “A quem Mamãe pertence?”. Ao que ele me respondeu: “A Papai”. Claramente, ele ainda não sabia o nome dos pais, e tentei chegar à informação por outro caminho: “Quem vive na casa vizinha à sua?”. A resposta: “O amigo de Papai”. Aquele menino não tinha uma identidade distinta da de “Papai”. João Batista era assim também. Ele se definia nos termos de seu relacionamento com Deus e Jesus.

Jesus ainda ficou um tempo na Judeia depois da Páscoa (2:13). Contudo, deixou Jerusalém depois da conversa com Nicodemos e foi para o interior (3:22). Enquanto isso, João batizava em Enom, perto de Salim (3:23). A região de Samaria ficava entre a Judeia e Enom (cf. o comentário sobre 4:4). Foi provavelmente alguém que seguia essa rota que entrou em discussão com alguns dos discípulos de João Batista sobre a limpeza cerimonial (3:25). Durante a discussão, ele parece ter mencionado que Jesus estava batizando além do Jordão. Os discípulos de João Batista ficaram incomodados com a notícia, pois era indício de que a influência de João estava diminuindo (3:26).

Quando comunicaram a João Batista sua preocupação, ele respondeu que já fora predito que isso aconteceria (3:28). Deus lhe designara o papel de precursor, e João estava feliz em aceitar o que Deus tinha para ele (3:27). João Batista usou então outra metáfora para explicar seu papel: ele era apenas o amigo do noivo (3:29). No casamento judeu, o papel do amigo era servir ao noivo. Quando as coisas estavam indo bem para o noivo, o amigo se alegrava porque isso significava que ele estava fazendo seu trabalho direito. Jesus era o noivo, e assim a prosperidade de Jesus

era a alegria de João Batista. Era natural que a atenção se concentrasse no noivo, por isso *convém que ele cresça e que eu diminua* (3:30).

No entanto, Jesus era mais que um noivo comum. João Batista declarou que Jesus veio *do céu* (3:31). Assim, Jesus estava acima de todos os meros mortais e podia dar testemunho de sua experiência do céu em primeira mão (3:32a). João Batista, porém, só podia falar daquilo que lhe haviam contado.

Mesmo assim, apesar da posição infinitamente mais elevada de Jesus, *ninguém aceita o seu testemunho* (3:32b). O pronome “ninguém” não deve ser considerado literalmente. É um termo genérico, significando que a maioria do povo o rejeitava. Contudo, a aceitação do testemunho de Jesus é fundamental, pois recusá-lo é negar que é da natureza de Deus ser verdadeiro e falar a verdade (3:33). Uma das verdades que Deus proclama é que ele concederá a bênção da vida eterna a todos os que aceitarem a Jesus. Essa oferta é garantida pela honestidade de Deus, de maneira que pode ser testemunhada pelos que possuem a vida eterna.

Jesus foi enviado por Deus, por isso *fala as palavras dele* (3:34). Rejeitar seu testemunho é rejeitar a palavra de Deus. João Batista podia testemunhar que o Espírito fora concedido a Jesus de maneira plena (3:34; cf. tb. 1:33). Porque *o Pai ama ao Filho* (3:35a), ele sabe quem o aceita ou o rejeita. Na verdade, o amor do Pai por Jesus é tão grande que ele deixou tudo, até mesmo o destino da humanidade, nas mãos do Filho (3:35b). Jesus possui plena autoridade.

A resposta de cada ser humano a Jesus terá consequências. Os que acreditam nele têm a *vida eterna* (3:36a), ou seja, uma vida em paz na presença de Deus, agora e na eternidade. Já os que rejeitam o Filho estão sujeitos à ira de Deus (3:36b). Isso significa que nunca terão paz na presença de Deus.

### 4:1-42 Jesus e a mulher samaritana

Em algumas culturas africanas, as mulheres não podem comer certos tipos de carne, que são reservados apenas aos homens. A exclusão das mulheres se estende a outras áreas da vida. Há suspeitas de que proibições semelhantes foram impostas apenas para beneficiar os homens. Em alguns lugares, as mulheres são excluídas de certas atividades, e as que trazem algum estigma sofrem ainda mais, em termos de isolamento social. Esse era o caso da mulher que conhecemos nessa passagem. A atitude de Jesus em relação a ela demonstra claramente que certas práticas da cultura africana precisam mudar.

Jesus permaneceu algum tempo na Judeia. Em Jerusalém (2:23), entre outras coisas, participou da Páscoa (2:13), purificou o templo (2:14-22) e conversou com Nicodemos (3:1-21). No interior da Judeia, ele e seus discípulos realizaram batismos (3:22), embora 4:2 registre que Jesus mesmo não batizava. O motivo de ele não batizar com água, enquanto permitia que seus discípulos o fizessem, talvez seja não

querer desviar a atenção de sua missão básica de batizar com o Espírito Santo.

Presumivelmente, Jesus não queria atrair muita atenção nessa fase de seu ministério e, ao perceber que os fariseus acompanhavam seus passos (4:1), partiu para a Galileia, viajando pelo caminho de Samaria (4:3-4).

Muitos judeus se recusavam a usar essa rota para ir da Judeia à Galileia. Preferiam tomar um caminho duas vezes mais longo, cruzando o Jordão em outro ponto do território judeu, rumando para o lado leste do Jordão e atravessando outra vez o rio para entrar na Galileia. A hostilidade entre judeus e samaritanos vinha da época em que os assírios estabeleceram estrangeiros na região (2Rs 17:23-41). Casamentos entre os residentes estabelecidos e os israelitas locais contribuíram para a visão judaica de que os samaritanos eram um povo de segunda classe, cujo contato social deveria ser evitado por motivos morais. Muitos incidentes mantiveram viva essa inimizade através dos séculos.

O diálogo entre Jesus e a mulher ocorreu no poço de Jacó, que distava cerca de oitocentos metros da cidade samaritana de Sicar e ficava perto das terras que Jacó comprou para seu filho José (4:5-6; Gn 33:18-19). Era cerca de meio-dia (a *hora sexta*, 4:6), e Jesus estava descansando junto ao poço, quando uma moradora da cidade veio buscar água. Jesus, que conhecia o coração das pessoas (2:25), reconheceu a verdadeira necessidade daquela mulher. Ele usou a água física que ela viera apanhar para estabelecer contato e pediu: *Dá-me de beber* (4:7). Ela se recusou a atender ao pedido porque ele era judeu, e ela, uma samaritana (4:9).

Jesus respondeu que ela estava perdendo uma grande oportunidade, porque ele poderia dar a ela a *água viva* (4:10). Essa água espiritual era muito superior a qualquer outra que pudesse sair do poço. Enquanto a água do poço era um presente de Jacó (4:12), a água viva era presente de Deus, disponível por meio daquele que estava falando com ela. Além disso, a água do poço saciaria a sede apenas temporariamente (4:13), enquanto a água viva tinha a virtude de conceder a vida eterna (4:14).

A samaritana estava pensando na água física (4:11-12) e tinha apenas uma vaga percepção do que Jesus queria dizer. Mesmo assim, pediu: *Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la* (4:15). Ela estava pronta para receber a água viva, porém precisava aprender mais a respeito.

Jesus então conduziu o assunto para a vida pessoal da samaritana: *Vai, chama teu marido e vem cá* (4:16). Jesus sabia tudo sobre seu passado e também o fato de que ela não tinha marido (4:17-18), mas queria lembrá-la disso. Quando ela respondeu: *Não tenho marido* (4:17), Jesus elogiou sua honestidade, mas observou que ela não estava dizendo toda a verdade.

Impressionada por Jesus saber sobre o seu passado, ela concluiu que Jesus era *profeta* (4:19) e aproveitou a oportu-

nidade para consultá-lo a respeito de um assunto que era motivo de acirrados debates entre judeus e samaritanos: Deus deveria ser adorado no monte Sião, na Judeia, ou no monte Gerizim, em Samaria (4:20)? Jesus respondeu que os judeus tinham mais conhecimento de Deus que os samaritanos (4:22), porém a questão em si não era o mais relevante. Mais importante que o lugar em que a adoração acontece é como ela acontece. Os verdadeiros adoradores concentram-se no Pai (4:21) e o adoram *em espírito*, isto é, com sentimento de alma, e *em verdade*, ou seja, com sinceridade, em vez de formalismo (4:23-24). O motivo desse tipo de adoração é que o Pai não é uma pessoa que possa ser encontrada num lugar particular, mas um Espírito que estabelece comunhão com o espírito humano.

A samaritana aos poucos foi entendendo quem era Jesus. No início, viu nele apenas mais um judeu. Em seguida, chegou a considerá-lo um profeta. Finalmente, Jesus se apresentou a ela como o Messias esperado (4:25-26). Emocionada, ela deixou o cântaro ali e correu de volta a Sicar para anunciar ao povo: *Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?* (4:28-29).

Jesus estava sozinho porque seus discípulos haviam ido a Sicar comprar comida (4:8). Quando retornaram, encontraram Jesus conversando com a mulher (4:27). Mesmo depois que ela foi embora, Jesus não parecia estar com pressa de comer, e os discípulos se perguntaram se alguém lhe havia trazido comida (4:31-33).

A resposta de Jesus foi que fazer a obra de Deus era seu alimento (4:34). Assim como sua conversa com a mulher samaritana nos faz lembrar que existe água comum e água viva, sua resposta nos faz lembrar que existe alimento comum e alimento espiritual. Há profunda satisfação em fazer a obra de Deus (4:34).

Jesus viu a cidade samaritana como um campo pronto para a ceifa: a semeadura e a colheita dos frutos das boas-novas aconteceriam ao mesmo tempo (4:35-36). Enquanto colhiam os frutos do ministério, entretanto, os discípulos precisavam ter em mente que outros antes deles (provavelmente João Batista e os profetas do AT) haviam preparado os ouvintes para receber a mensagem (4:37-38).

Os habitantes de Sicar atenderam ao convite da mulher: “Vinde comigo e vede” (4:29) e imediatamente correram até Jesus (4:30). Impressionados pelo testemunho da mulher, muitos creram (4:39). Pediram que Jesus ficasse com eles mais um tempo, e ele concordou, permanecendo dois dias na cidade (4:40). Como a colheita foi farta, Jesus alterou sua agenda para acomodar a tarefa. Os samaritanos agora podiam testemunhar que sua crença não se baseava mais apenas no que a mulher lhes dissera, e sim em sua própria experiência (4:41-42a). Eles estavam convencidos de que Jesus era verdadeiramente o Salvador do mundo (4:42b).

O que teria acontecido se Jesus fosse como seus discípulos e achasse inapropriado um rabi conversar com uma

mulher em público (4:27)? Ou se tivesse antes pedido a opinião do povo de Sicar? Por certo, teriam aconselhado: “Não fale com aquela mulher, seus caminhos são malignos”. Pelo fato de Jesus ter considerado digna de atenção uma mulher estigmatizada, ela se tornou testemunha de Jesus, e toda a cidade de Sicar ouviu a mensagem dele. Quem conhece de verdade o potencial existente nas mulheres que a África rejeita? Talvez elas sejam um instrumento que Jesus pode usar para levar toda a África a ele. Muitas em nossas cidades foram consideradas “mulheres de caminhos maus” e rejeitadas pelas igrejas. Foram deixadas à mercê de homens que procuram apenas prazer, os quais constituem sua única fonte de renda. Muitas dessas mulheres estão condenadas a morrer de aids. A não ser que sigamos o exemplo de Jesus, não seremos bons discípulos.

#### 4:43-54 Jesus cura o filho de um oficial do rei

Ouvimos com frequência rumores de que os cidadãos mais proeminentes da África mantêm algum tipo de associação com Satanás, em geral para obter promoções, riquezas, vitórias eleitorais e coisas semelhantes. Muitos, até mesmo alguns crentes, visitam bruxos e consultam os espíritos em tempos de necessidade. O oficial nessa história, porém, sabia o lugar certo onde procurar ajuda e com fé manteve os olhos fixos nele. No tempo certo, sua oração foi respondida.

Esse milagre aconteceu durante o segundo ministério de Jesus na Galileia, e João afirma que foi seu segundo milagre (4:54a). O primeiro (a transformação de água em vinho, Jo 2; 4:46) aconteceu durante a primeira fase de seu primeiro ministério. Nas duas ocasiões, Jesus foi da Judeia para a Galileia (4:54b) e, no final de cada fase ministerial, retornou para lá (1:43; 5:1). O deslocamento Judeia—Galileia e Galileia—Judeia é importante para João, embora não tenhamos certeza do motivo. É possível que ele esteja querendo mostrar que Jesus dava atenção ao seu país e à capital. A Judeia, especialmente sua capital, Jerusalém, era o lar dos oponentes de Jesus, e mesmo assim foi onde a Igreja teve início. A Galileia era o território natal de Jesus, mas, como ele mesmo disse, *um profeta não tem honras na sua própria terra* (4:44). Jesus realizou milagres e ensinou tanto em lugares que lhe eram hostis quanto em locais em que era bem aceito. Nós, africanos, precisamos nos lembrar das cidades e dos vilarejos. Estabelecer-nos na cidade e esquecer a aldeia natal — não importa quanto ela pareça atrasada — é negligenciar seu fundamento e aqueles que nos tornaram a pessoa que somos hoje.

Após mencionar a calorosa recepção de Jesus pelos galileus (4:45), João se concentra em certo oficial, provavelmente um membro da corte de Herodes Antipas. O filho do oficial estava doente em Cafarnaum, que distava cerca de trinta e dois quilômetros de Caná, onde o homem se encontrou com Jesus.

A resposta de Jesus ao oficial que lhe pedia a cura do filho parece não ser simpática: *Se, porventura, não virdes*

*sinais e prodígios, de modo nenhum creais* (4:47-48). Jesus utiliza o plural em sua resposta, indicando que o oficial era um típico representante dos galileus e, provavelmente, dos judeus em geral. Jesus decidiu, antes de tudo, levar o oficial a enxergar a situação de uma perspectiva em que ele visse a Jesus como Salvador da alma, e não apenas como alguém capaz de curar miraculosamente o corpo.

No entanto, o oficial ficou ainda mais ansioso com sua necessidade: *Senhor, desce, antes que meu filho morra* (4:49), e Jesus respondeu: *Vai [...] teu filho vive* (4:50).

Enquanto o oficial estava a caminho de sua casa, em Cafarnaum, encontrou seus servos que se dirigiam a Caná com boas notícias — seu filho se recuperava (4:51). Quando ele descobriu que o filho havia sido curado instantaneamente à 1 hora da tarde (o momento exato em que Jesus lhe prometera a cura), ele e sua casa creram no Senhor (4:52-53).

#### 5:1-16 Cura no tanque de Betesda

Estamos habituados a ver pessoas sentadas ou deitadas na esquina de um edifício ou à porta de uma loja, pedindo esmolas. Algumas são cegas; outras, paráliticas ou surdas; outras, ainda, aleijadas em razão de um acidente — e algumas são simplesmente preguiçosas. A cena é tão comum que a maioria dos passantes presta tanta atenção aos mendigos quanto a uma pedra ao lado do caminho. No entanto, os mendigos continuam pedindo, tentando atrair a atenção de alguém que pareça próspero o bastante para lhe dar alguma coisa. A maioria dos que pedem esse tipo de ajuda não gostaria de estar ali, e os passantes sensibilizados gostariam que não houvesse mendigos. Eles sabem que alguns pedintes não necessitam realmente de ajuda, mas outros precisam desesperadamente de um auxílio — e não temos recursos para ajudar a todos. O incidente descrito nessa passagem, que é o terceiro milagre registrado por João, adverte-nos da importância de ajudar até mesmo uma única pessoa. Não devemos permitir que o grande número de pessoas necessitadas nos desanime, a ponto de não ajudarmos nenhuma.

Jesus foi a Jerusalém, a *uma festa dos judeus* (5:1). Pode ter sido a Páscoa, a Festa de Pentecostes ou a Festa das Semanas (dos Tabernáculos). Seja lá qual tenha sido a festa, significava que muitas pessoas estariam em Jerusalém. Enquanto estava na cidade, Jesus foi ao tanque de Betesda, localizado na *Porta das Ovelhas* (5:2). Jerusalém era cercada de muros com portas. A Porta das Ovelhas ficava no lado norte da cidade e levava diretamente ao templo. Os animais destinados ao sacrifício passavam por essa porta.

Um dos muitos necessitados que ficavam nos cinco pavilhões ao redor do tanque de Betesda, esperando a água se mover, era um homem que jazia inválido havia trinta e oito anos. Ele, contudo, não tinha perdido as esperanças (5:3-5). Jesus aproximou-se dele e perguntou: *Queres ser curado?* (5:6). A resposta do homem mostrava que a cura era pos-

sível (a água se movia de tempos em tempos) e que ele estava ansioso para ser curado (já tentara entrar no tanque), mas confessou que não conseguia fazer isso sozinho (5:7). Jesus atendeu à sua necessidade, dizendo: *Levanta-te, toma o teu leito e anda* (5:8), e o homem assim o fez (5:9)!

As autoridades judaicas, que não estavam acostumadas a ver os necessitados receber atenção, logo perceberam que algo estava acontecendo. Eles não ficaram felizes de ver alguém curado depois de tantos anos de sofrimento. Em vez disso, acusaram o homem de quebrar a lei por carregar o leito no sábado, pois, como João ressalta, a cura ocorreu nesse dia (5:10).

O fato de o homem ter sido curado no sábado e de estar carregando um leito não podia ser contestado, mas sua defesa tinha por base a autoridade daquele que lhe ordenara carregar o leito, *o mesmo que me curou* (5:11). A atenção dos judeus voltou-se então para esse (5:12), mas o homem não sabia que havia sido curado por Jesus, porque logo após a cura Jesus deixou o local (5:13).

Mais tarde, entretanto, Jesus encontrou o homem no templo e aconselhou-o: *Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior* (5:14). O homem então informou aos líderes judeus que a pessoa que o havia curado era Jesus (5:15). É possível que eles tenham prometido liberar o homem apenas sob a condição de descobrir quem lhe ordenara carregar o leito, a fim de o denunciar. Parece que ele não dera muito valor ao aviso de Jesus, em 5:14. Estava pecando novamente, agora por colaborar com as autoridades judaicas. Jesus devia saber o que o homem ia fazer, mas sabia também que este não o denunciaria de livre vontade. O medo que sentia levou-o a agir de forma incompatível com a maravilhosa misericórdia recebida.

Os judeus começam a perseguir a Jesus. Seu crime era fazer *estas coisas no sábado* (5:16). Os Dez Mandamentos declaravam que o sábado era um dia de descanso (Êx 20:8). Para assegurar que o dia fosse guardado, os judeus expandiram os mandamentos e relacionaram várias ações incluídas como “não descansar”. Consequentemente, a cura era permitida no sábado somente quando a vida da pessoa estivesse em risco. Alguém que carregara uma deficiência por trinta e oito anos não estava em perigo de morte imediata, portanto sua cura devia ser considerada uma violação da lei.

### 5:17-47 A vida que há no Filho

Certa vez, pediram-me para encerrar uma discussão amigável em torno da pergunta: “Quem veio primeiro: o ovo ou a galinha?”. Apanhei minha Bíblia e li Gênesis 1:20-21, que mostra Deus criando as aves, e não ovos. Minha resposta pareceu satisfazer os debatedores, mas eu sabia que isso pressupunha uma criação em dias de vinte e quatro horas e que outras interpretações eram possíveis. Se os “dias” representavam períodos de tempo maiores, haveria mais tempo para os ovos eclodirem. Minha resposta era satisfatória, mas ainda apresentava algumas lacunas.

Enfrentamos desafio semelhante quando tentamos definir a relação entre Deus Pai e Deus Filho. Nenhuma explicação que possamos oferecer será completa, sem nenhuma lacuna, mas existem passagens nas Escrituras, como essa, que podem ajudar-nos a entender algo sobre essa relação.

Os judeus estavam perseguindo Jesus por ter realizado uma cura no sábado (5:16). Em resposta a essa acusação, Jesus apresentou o seguinte argumento: *Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também* (5:17). Embora o Pai tenha finalizado a obra da criação no sétimo dia, nunca descansou da tarefa de cuidar do mundo que criou. Mesmo no sábado, Deus ainda sustenta o mundo, e Jesus moldava seu comportamento pelo comportamento de Deus. Os líderes judeus consideraram as palavras de Jesus o equivalente a declarar ser igual a Deus e ficaram ainda mais determinados a matá-lo (5:18).

Ignorando a ira deles, Jesus fez outras declarações acerca de si mesmo e de seu relacionamento com o Pai e com a humanidade. Seu relacionamento com o Pai é uma igualdade e uma parceria íntima (5:19), caracterizadas por amor (5:20a), transparência (5:20b), igualdade em poder (5:21), verdade no julgamento mútuo (5:22) e honra compartilhada (5:23). Seu relacionamento com a humanidade determina o destino dos vivos e dos mortos. Se os vivos têm fé nele, receberão vida eterna (5:24-25). No tempo certo, os mortos irão reconhecê-lo como seu juiz (5:28-29). O Filho é a fonte de vida (5:26) e o juiz sobre todas as coisas (5:27).

Jesus citou então muitas testemunhas que poderiam confirmar suas declarações (5:32), a saber, João Batista (5:32-35), suas próprias obras (5:36), o Pai (5:37) e as Escrituras (5:39).

Seus ouvintes judeus estavam condenados, pois não queriam vir a Jesus para terem vida (5:40), não honravam o Filho (5:41) e rejeitavam aquele que foi enviado por Deus. Contudo, estavam dispostos a aceitar quem viesse na própria autoridade (5:43) e tinham mais interesse em honrar uns aos outros e ser honrados pelas autoridades judaicas que em ser honrados por Deus (5:44). Eles podiam ter grande consideração pela lei de Moisés (cf. 5:16; 9:28), mas, em vez de estar do lado deles na disputa, Moisés seria o acusador deles (5:45). Ele escreveu sobre Jesus em passagens como Deuteronômio 18:18-22, mas, como eles não acreditaram no que Moisés escreveu, então não acreditavam realmente em Moisés, não importando o que dissessem (5:46-47). Era um beco sem saída. Se rejeitavam as palavras de Moisés, um homem a quem honravam, como acreditariam no que Jesus estava dizendo?

Diante das declarações de Jesus e das testemunhas que as sustentavam, os judeus demonstraram cega obstinação. Acreditavam ser defensores dos interesses de Javé, mas não percebiam que o Filho e o Pai eram tão intimamente ligados que tudo o que se fizesse a um deles era também feito ao outro.

### 6:1-14 Jesus alimenta milhares de pessoas

Por causa de escassez de chuvas na África, certas áreas do continente costumam ser afligidas pela fome. Pedidos de ajuda a nações mais prósperas às vezes provocam comentários depreciativos, como: “A África está sempre morrendo de fome”. Os africanos se esforçam para estocar água em tempos de chuva forte, mas o que eles podem fazer quando a chuva não cai e mendigar comida nada produz senão humilhação? Essa passagem apresenta uma resposta a essa questão. Ela registra uma ocasião em que Jesus alimentou uma multidão com poucos recursos, milagre que é o quarto sinal dos registros de João.

Esse milagre ocorreu em Betsaida, na Galileia (6:1; cf. Lc 9:10). O povo andava atrás de Jesus porque via os milagres que ele realizava (6:2), porém eles estavam mais interessados em seu ministério físico que nas verdades espirituais que ensinava. Mesmo assim, Jesus aproveitou a oportunidade para mostrar-lhes quem ele era, ao atender às necessidades da multidão.

Jesus também usou a oportunidade para testar seus discípulos e descobrir quanto eles haviam absorvido das lições acerca de quem ele era e do poder que detinha. Então Jesus perguntou a Filipe, que, como Pedro e André, era de Betsaida (1:44; 12:21): *Onde compraremos pães para lhes dar a comer?* (6:5-6). Jesus já sabia como resolver o problema, pois podia ver o menino com os cinco pães e dois peixes — assim como pôde ver Natanael debaixo da figueira (1:48) e como conhecia o coração das pessoas (2:23-25) e a história da samaritana (4:18).

A resposta de Filipe mostra que ele estava pensando apenas em termos de dinheiro e mercado, pois disse a Jesus que, mesmo que se desse a cada pessoa apenas um pedaço de pão, o custo de alimentar aquela multidão seria superior a *duzentos denários*. Um denário correspondia à diária de um trabalhador braçal. Assim, custaria o salário de seis meses de uma pessoa (6:7). Uma resposta melhor teria sido: “São muitas pessoas, Senhor, mas nada é difícil para ti”.

André foi além, pois começou a procurar soluções práticas. Entretanto, ele não depositava muita fé na solução que havia encontrado. Segundo ele, não havia como *cinco pães de cevada e dois peixinhos* alimentarem tamanha multidão (6:8-9).

Jesus deu a ordem: *Fazei o povo assentar-se* (6:10), a qual provavelmente dizia respeito a todos os discípulos. João usa aqui a palavra genérica “povo”, mas emprega especificamente o termo masculino quando se refere aos cinco mil homens que se assentaram. Ao que parece, cada um desses homens se assentou com a família à volta de si. Essa organização teria simplificado a distribuição de comida para as mulheres e crianças presentes (Mt 14:21).

Jesus então *tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, quanto queriam* (6:11). A distribuição provavelmente foi feita pelos discípulos (Mt 14:19), mas João destaca Jesus como o distri-

buidor principal, porque associa esse acontecimento com a alimentação espiritual no discurso que se segue (6:26-71). No mundo espiritual, cada indivíduo se alimenta de Cristo, o pão da vida.

Apesar do grande número de pessoas e dos recursos limitados, Jesus alimentou a todos, até se satisfazerem, e não apenas isso, mas cada um dos doze discípulos ainda pôde encher um cesto com a comida que sobrou (6:12-13). Jesus os estava ensinando sobre quem ele era e o poder que possuía. João, entretanto, prefere salientar a reação do povo diante do milagre. Eles concluíram que Jesus era o profeta aguardado e quiseram fazer dele seu rei (6:14; cf. tb. 1:21). Ele conseguira dar a eles tudo de que precisavam sem esgotar os poucos recursos! Não é de admirar que quisessem estabelecer seu reino físico naquele local e naquele momento. O que a multidão não percebia, entretanto, é que o reino de Cristo era espiritual e que ele agia de acordo com o tempo e a vontade de seu Pai espiritual.

O mesmo Jesus cuida dos problemas da África e do mundo em geral, mas quer que cada um de nós acredite, antes de tudo, que ele é o pão da vida. Assim, quando as circunstâncias estiverem além de nosso controle, ele cuidará de nossas necessidades, pois conhece melhor nossa situação. Ele não nos abandonará diante da crise, como fazem algumas nações. Podemos confiar em sua provisão, pois ele é o Senhor que tudo pode.

### 6:15-21 Jesus anda sobre as águas

Dizem que, em longas jornadas, meu bisavô conseguia extrair água dos arbustos. Algumas pessoas ficam impressionadas com esse tipo de história, enquanto outras são céticas, mas nessa passagem temos uma testemunha ocular de um incrível incidente que é o quinto milagre nos registros de João.

Jesus frustrou os planos da multidão de fazê-lo rei ao fugir para as montanhas (6:15). A noite se aproximava, e os discípulos partiram sem ele para Cafarnaum (6:16-17). Era uma noite tempestuosa, e *o mar começava a empolar-se* (6:18).

Os discípulos tinham avançado mar adentro cerca de vinte ou trinta estádios, que é equivalente a pouco mais de cinco quilômetros, quando viram alguém se aproximando do barco (6:19a). Eles não reconheceram Jesus; embora o tivessem visto curar os enfermos com uma palavra e multiplicar comida para alimentar mais de cinco mil pessoas, ele nunca foi visto andando sobre a água. Por isso, *ficaram possuídos de temor* (6:19b).

Jesus acalmou-os, dizendo: *Sou eu. Não temais!* (6:20). Eles não precisavam temer a figura misteriosa que se aproximava do barco nem a possibilidade de se afogar no mar tempestuoso.

Reconhecendo Jesus, os discípulos queriam que ele entrasse no barco (6:21). Jesus, entretanto, não estava ali para pedir carona, e sim para assegurar aos discípulos que



sempre estaria com eles. O barco chegou à costa imediatamente depois de Jesus aparecer a eles.

Quando os discípulos chegaram à praia, não estavam mais com medo. Tinham agora confiança na presença de Jesus. Assim como eles, podemos confiar em suas palavras: “Não temais!”. Ele estará conosco quando atravessarmos as tempestades da vida — falta de dinheiro, escassez de comida, doença, guerras à nossa volta ou qualquer outra calamidade.

### 6:22-59 Jesus, o pão da vida

Tradicionalmente, os africanos eram professores muito bons, com histórias que conduziam suavemente a uma moral apropriada. Jesus, o Mestre dos mestres, usou uma técnica similar quando providenciou alimento para as cinco mil pessoas.

A plateia era a mesma multidão que o seguira até Betsaida. Eles ficaram aguardando ali, depois de Jesus se retirar (6:15), na esperança de que retornasse (6:22). Jesus, porém, não retornou, e seus discípulos foram para o outro lado do lago. Quando a multidão percebeu que Jesus não voltaria, eles tomaram alguns barcos em Tiberíades (6:23) e foram para Cafarnaum à sua procura (6:24). E o encontraram na sinagoga da cidade (6:59).

A interação de Jesus com a multidão é percebida em pelo menos seis seções, cada uma delas introduzida por uma pergunta ou uma reação dos ouvintes. Passo a passo, ele se define como o pão da vida.

### 6:25-27 A primeira pergunta e a resposta de Jesus

A multidão estava curiosa para saber como Jesus fugira deles, e assim a primeira pergunta foi: *Mestre, quando chegaste aqui?* (6:25). Ao dizer “aqui”, eles se referiam a Cafarnaum, onde o encontraram.

Jesus respondeu questionando o motivo de eles o haverem procurado. A razão principal não era por estarem impressionados com o milagre (o que já não é, por si só, um motivo muito bom), mas porque gostaram da comida. A maior preocupação deles era o estômago (6:26).

Jesus queria que eles tivessem motivos mais nobres. Disse-lhes que deviam trabalhar *não pela comida que perece*, como a que ele lhes dera em Betsaida, *mas pela que subsiste para a vida eterna* (6:27a). Uma comida muito mais importante é aquela que *o Filho do Homem vos dará* (6:27b). O verbo “dar” está vinculado ao verbo “trabalhar”. O Filho do Homem dará essa comida aos que trabalharem por ela. A autoridade de Jesus para proporcionar esse alimento é baseada no fato de que *Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo* (6:27c). Jesus está autorizado a prover a comida que nos dá a vida eterna.

A multidão percebeu a importância da palavra “trabalhar”, e isso levou à pergunta seguinte.

### 6:28-29 Que obras são aceitáveis ao Senhor?

Se Jesus queria que a multidão trabalhasse pelas coisas que são corretas, eles precisavam de uma lista dessas coi-

sas, daí a pergunta: *Que faremos para realizar as obras de Deus?* (6:28). Ou seja, que obras farão alguém merecer o favor de Deus?

No entanto, a multidão pensava em “obras”, enquanto Jesus havia mencionado apenas uma “obra”: *A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado* (6:29). Ele estava falando de um estilo de vida, e não de um conjunto de regras a seguir. Essa vida é caracterizada pelo contínuo exercício da fé em Jesus.

A resposta de Jesus surpreendeu a multidão. Tratava-se de um novo ensinamento que os levou a perguntar sobre a autoridade que ele tinha para fazer tal declaração.

### 6:30-33 Que sinal fazes?

A multidão queria que Jesus provasse a veracidade de suas declarações. Talvez o raciocínio deles (6:30-31) fosse este: “Moisés nos deu uma lista de regras para obedecermos, a fim de agradarmos a Deus. Agora você diz que não há regras a cumprir, mas basta acreditar naquele que Deus enviou. Não podemos simplesmente acreditar em você e esquecer Moisés, a não ser que você faça um milagre maior que o de Moisés. Pois bem, Moisés fez cair o maná. E você, o que pode fazer?”.

Jesus imediatamente corrigiu o pensamento da multidão (6:32). Não foi Moisés quem providenciou o pão, e sim o Pai de Jesus (cf. Êx 16), o mesmo Pai que agora dá o verdadeiro pão do céu. Portanto, não há competição entre Moisés e Jesus. Os dois conseguiram o pão da mesma fonte, mas há uma diferença entre o maná que Deus concedeu aos seus ancestrais no deserto e o pão que oferecia agora. O maná servia a um propósito temporário; o que Jesus estava oferecendo agora era o pão verdadeiro. O novo pão é uma pessoa, *porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo* (6:33). Isso descreve Jesus, que costumava ressaltar ter sido “enviado pelo Pai”. Deus quer que a humanidade coma desse pão e viva.

### 6:34-40 Queremos desse pão

O pedido da multidão, em 6:34, baseava-se numa compreensão parcial do que Jesus havia dito (cf. tb. 4:15). Eles entenderam que o pão de que Jesus falava era superior ao maná que seus ancestrais haviam comido, mas não perceberam que o pão da vida não era para alimentar o estômago, e sim a alma.

Percebendo que a multidão tinha dificuldades para entendê-lo, Jesus resolveu falar mais claramente: *Eu sou o pão da vida* (6:35a). Ele é um pão que verdadeiramente concede vida. Mais adiante, ele se define como o pão vivo — o pão que possui vida e compartilha essa vida com a humanidade (6:51). Essa declaração corresponde ao primeiro dos sete “Eu sou” do evangelho de João. (Os outros seis são: “Eu sou a luz do mundo” — 8:12; 9:5; “Eu sou a porta das ovelhas” — 10:7,9; “Eu sou o bom pastor” — 10:11,14; “Eu sou a ressurreição e a vida” — 11:25; “Eu sou o

caminho, e a verdade, e a vida” — 14:6; “Eu sou a videira verdadeira” — 15:1,5.)

A condição para receber a vida desse pão é ir a Jesus, que é o mesmo que acreditar nele. Se essa condição for cumprida, três coisas acontecerão:

- Aquele que vai a Jesus, ou seja, que acredita nele *jamais terá fome e jamais terá sede* (6:35b). O advérbio *jamais* ressalta que Jesus oferece a oportunidade infalível de uma vida espiritual satisfatória. O assunto até aqui foi o pão, mas agora é mencionada a sede, pelo fato de que no deserto os israelitas receberam maná e também água para beber (Êx 17:1-7). Tudo o que o Pai milagrosamente proveu para seus ancestrais no deserto é providenciado agora na pessoa de Cristo.
- Jesus prometeu que *de modo nenhum o lançarei fora* — aquele que vier até ele (6:37b), independentemente de raça, classe e gênero. Alguns podem escolher continuar na incredulidade (6:36), mas Jesus está convencido de que *todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim* (6:37a). O foco dessa afirmação não incide sobre o indivíduo que Deus dá a Jesus, mas sobre o próprio Jesus. Todos os que Deus lhe der irão a ele: nenhum deixará de ir. A mesma questão reaparece em 6:44, mas dessa vez a ênfase é sobre os indivíduos enviados pelo Pai.
- Jesus também não perderá nenhum *de todos os que* [o Pai] *me deu* (6:39). Vivos ou mortos, eles estão seguros no plano de Deus. A base dessa segurança é que 1) Jesus se submete à vontade do Pai (6:38); 2) o que ele está prometendo é a vontade do Pai (6:40). Ele deixa claro que não acreditar nele implica não ser filho de Deus.

Jesus percebeu que a multidão não estava convencida: *embora me tenhais visto, não credes* (6:36). Eles estavam seguindo a Jesus havia algum tempo e o tinham visto em ação. Havia sido alimentados em Betsaida (6:1-15), mas apesar de tudo ainda não acreditavam. Pediram a ele o pão da vida (6:34), mas como Jesus podia dar-lhes o pão se eles não acreditavam?

#### 6:41-51 Murmuração

A multidão começava agora a murmurar a respeito da declaração de Jesus de que ele era o *que desce do céu* (6:33,38). Como Jesus podia fazer tal declaração se eles conheciam suas origens e seus pais (6:41-42)?

Jesus ordenou que parassem de murmurar (6:43) e informou que eles precisavam ser ensinados (trazidos) por Deus, pois só então estariam prontos para aceitar a declaração de que ele era o pão do céu (6:44). A palavra traduzida por “trouxer” comunica a ideia de força de atração. É a mesma palavra que Jesus usa mais adiante, em 12:32. A multidão olhava para Jesus, mas não via nada de atraente nele. Jesus era um homem comum, e eles conheciam seus

pais. Entretanto, à medida que Deus se manifestava por meio do Filho, a glória divina ficava mais evidente, e Jesus se tornava mais atraente para eles.

A ligação entre ser ensinado e ser trazido fica evidente na citação que Jesus faz dos profetas: *Serão todos ensinados por Deus* (6:45a; cf. tb. Is 54:13; Jr 31:33-34). Jesus então acrescenta: *Todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim* (6:45b). O interesse do Pai está em glorificar o Filho, por intermédio das obras que o Filho realiza e das palavras que profere.

Jesus também esclarece: *Não que alguém tenha visto o Pai, salvo aquele que vem de Deus; este o tem visto* (6:46). O fato de Jesus ser o único que já viu o Pai confere às suas palavras a respeito do Pai e a seu plano de salvação autoridade acima de qualquer outro.

Ele então prossegue, reiterando algumas verdades-chave que já havia declarado:

- Aquele que crê tem a vida eterna (6:47).
- Ele (Jesus) é o pão da vida (6:48).
- Os ancestrais da multidão tiveram o maná no deserto como principal fonte de alimento durante quarenta anos (cf. Êx 16). Mesmo assim, apesar de terem comido um alimento providenciado por Deus, eles acabaram morrendo (6:49). Contudo, o suprimento foi tão memorável que ainda é lembrado como um milagre associado a Moisés (6:31).
- O pão oferecido por Jesus é muito melhor que o maná, pois aquele que come do pão do céu jamais morrerá (6:50). Recusar a oferta desse pão vai contra o bom senso.

Finalmente, em 6:51, Jesus resume tudo o que acabou de falar. Ele afirma que: 1) é o pão vivo que veio do céu; 2) aquele que come desse pão vive para sempre; 3) o pão que ele oferece pela vida do mundo é sua carne. Traduzido literalmente, 6:51b diz: *e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne*. Jesus enfatiza que o pão é sua carne, e é ele quem a oferece. Dentro de pouco tempo, ele entregará voluntariamente sua carne para ser crucificada. O propósito disso é que o mundo (a humanidade) obtenha a vida.

#### 6:52-59 Uma discussão entre o povo

Momentos antes, a multidão estava apenas murmurando (6:41), mas agora discutia ativamente a pergunta: *Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?* (6:52). É provável que alguns estivessem começando a compreender o que Jesus dizia, enquanto outros continuavam sem entender.

Em sua resposta, o principal objetivo de Jesus era expandir a ideia central de que o pão vivo do céu que dá a vida é a carne dele. Por isso, declara que é preciso comer da carne do Filho do Homem e beber de seu sangue para ter vida (6:53). Os ouvintes que ainda interpretavam as palavras de Jesus de maneira literal devem ter ficado es-

tarrecidos com o que ele estava dizendo agora, pois Deus proibia o povo de beber sangue (Dt 12:16).

Quem obedecesse à condição declarada em 6:53 teria a vida eterna, e Jesus acrescenta: *Eu o ressuscitarei no último dia* (6:54). Essa é a terceira referência à ressurreição dos crentes nesse discurso (cf. tb. 6:40 e 6:44). Não pode haver dúvidas de que isso acontecerá, pois a carne de Jesus é verdadeira comida e seu sangue é verdadeira bebida (6:55). A palavra traduzida aqui por “verdadeira” evoca o antônimo de “falsa”. Não há nada falsificado no que ele oferece.

A palavra traduzida por “comer”, em 6:54, é repetida em 6:56-58. É um verbo geralmente associado ao ato de comer frutas e vegetais com prazer. Está também no tempo presente, mostrando que a bênção espiritual da vida eterna é recebida por aqueles que adotam o hábito de se alimentar da carne de Jesus com alegria e continuamente bebem de seu sangue. Isso destaca o fato de que aqueles que comem e bebem permanecem em Jesus, e Jesus permanece neles (6:56). Eles estão ligados por um relacionamento íntimo. Na verdade, fazem parte de uma corrente de vida que corre do Pai para o Filho e daí para todos os que se alimentam do Filho (6:57).

Mais uma vez, Jesus contrasta o que está oferecendo com o maná que os ancestrais dos judeus comeram. O maná apenas sustentava a vida por um breve período, e todos os que o comeram já estão mortos, mas o efeito do pão vivo (i. e., a carne de Jesus) é eterno (6:58).

### 6:60-71 Jesus é abandonado por muitos discípulos

Quando Jesus afirmou que sua carne era o pão da vida e declarou a necessidade de comer sua carne e beber seu sangue, estava sendo ouvido pelos doze (6:67), por outros discípulos (6:60-61,66) e por uma multidão de recém-chegados (alguns deles se juntaram à multidão durante a jornada para Betsaida). Os discípulos provavelmente haviam ficado calados enquanto Jesus ensinava a multidão e o povo fazia perguntas. Agora, entretanto, eles se manifestaram.

O círculo mais amplo dos seguidores de Jesus (possivelmente incluindo os doze) reclamava: *Duro é este discurso; quem o pode ouvir?* (6:60). Traduzindo literalmente: “Quem pode concordar com isso?”. Aquelas palavras lhes soaram muito estranhas. Como alguém poderia comer a carne de Jesus e beber seu sangue?

Jesus sabia que os discípulos estavam murmurando (6:61). Nesse evangelho, somos constantemente lembrados de que Jesus é onisciente. Esse atributo mais uma vez é repetido em 6:64. Jesus respondeu às indagações dos discípulos com uma pergunta, que pode ser assim parafraseada: “Já que vocês estão ofendidos com a declaração de que eu sou o pão que veio do céu e de que vocês devem comer minha carne, o que aconteceria se vocês vissem o Filho do Homem voltando ao seu estado original? Vocês seriam capazes de imaginar uma glória maior?” (6:62). A declaração

de ser o pão da vida é pequena se comparada às declarações que ele pode fazer acerca da eternidade.

Jesus prosseguiu, lembrando aos discípulos que suas palavras tinham origem no céu e deviam ser compreendidas no contexto celestial. Se eles consideravam o comer sua carne e beber seu sangue apenas em termos literais, não estavam compreendendo a mensagem. A lógica humana deles (*carne*) não valia nada. O importante era a dimensão espiritual de suas palavras, que são espírito e vida (6:63). Essa divisão entre o espírito e a carne não é novidade em João, pois o mesmo assunto é tratado em 3:6.

Jesus estava ciente de que alguns de seus discípulos não haviam gostado de suas declarações nem acreditavam nelas (6:64), mas os lembrou de que necessitavam da ajuda do Pai para virem até ele (6:65). O “vir” aqui é mais profundo que o “vem” de 6:45. Aqui a pessoa vem com uma expectativa, esperando receber tudo o que Jesus tem a oferecer. Judas e outros discípulos que não acreditaram em Jesus estavam com ele fisicamente, mas o coração deles estava em outro lugar. Só Deus podia mudar aqueles corações indiferentes e levá-los a seguir a Jesus com sinceridade.

João nos diz que *à vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele* (6:66).

Até então, os doze ainda não exerciam um papel proeminente. Provavelmente, observavam e ouviam em silêncio enquanto o Mestre lhes ministrava uma matéria muito difícil. Eles também viram a multidão, que pensavam ser composta por seguidores sinceros de Jesus, abandonar o Mestre. Jesus então indagou deles: *Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?* (6:67). Sem dúvida, Jesus esperava que a resposta fosse “não”. Ele conhecia o coração deles e sabia que todos (exceto, é claro, Judas Iscariotes) eram sinceros. Por isso, esperava mais deles que do círculo mais amplo de discípulos, e eles sabiam disso.

Pedro era o porta-voz dos doze, e o discípulo apresentou três razões pelas quais eles estavam determinados a continuar com Jesus:

- Jesus era incomparável (6:68a).
- Jesus tinha as palavras da vida eterna (6:68b). Outros mestres podiam transmitir a seus discípulos aquilo que haviam aprendido de outros mestres, mas as palavras de Jesus eram especiais. Elas concediam a vida eterna, uma vida de comunhão com Deus.
- Jesus era o Santo de Deus (6:69). Pedro e seus onze colegas de classe observaram, ouviram e chegaram à conclusão de que Jesus era “santo”, ou seja, alguém que foi separado ou consagrado para Deus.

Jesus faz um adendo à resposta de Pedro: *Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo*. Ele estava falando de Judas Iscariotes (6:70-71). A palavra “diabo” significa “acusador”. João a emprega em outras partes do livro em referência a Satanás (8:44; 13:2). Enquanto Sa-

tanás é o próprio diabo, os que tramam maldades, como Judas Iscariotes, são diabos por imitar ou seguir Satanás. Dois provérbios dos akambas (Quênia) dizem: *Kaswii ka ngo katutasya ngo* ("O filhote de leopardo é como sua mãe") e *Kaswii ka nzoka no nzoka* ("A jovem serpente é uma serpente").

### 7:1-13 Jesus vai secretamente à Festa dos Tabernáculos

Jesus continuou sua obra na Galileia e não foi a Jerusalém para a Páscoa mencionada em 6:4. Jesus deliberadamente evitava a Judeia, pois os líderes judeus esperavam por ele, ansiosos por tirá-lo a vida (7:1). Seis meses depois, entretanto, os irmãos de Jesus (Mt 13:55; Mc 6:3) insistiram em que ele fosse a Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos, uma das três festas judaicas mais importantes (7:2-4). A mensagem deles era: "Se você faz essas coisas, manifeste-se ao mundo". Contudo, havia algo mais na mensagem deles. Outro ditado akamba diz: *Itho ithuku iyula ngiti* ("Um cão sempre reconhece um olhar hostil", ou seja, o sábio sempre detecta intenções ruins contra ele). João nos diz que *nem mesmo os seus irmãos criam nele* (7:5). O objetivo deles era expor Jesus ao escrutínio dos renomados sábios de Jerusalém. Ele podia enganar os camponeses ignorantes da Galileia, mas em Jerusalém enfrentaria um teste real.

Jesus respondeu fazendo um contraste entre seu método e o de seus irmãos. Ele se orientava de acordo com o tempo do Pai, que sabia o momento certo ou errado de fazer as coisas. Os irmãos não possuíam tal restrição (7:6). Além disso, não tinham de lidar com a inimizade do mundo (7:7), ou seja, o sistema de descrença que Jesus constantemente enfrentava. Em Jerusalém, ele era odiado por ter curado no sábado e por haver declarado ter íntima ligação com Deus (5:18). Seus irmãos não disseram nem fizeram nada em oposição ao mundo, por isso não havia razão para o mundo tratá-los como inimigos.

Jesus concluiu: *Subi vós outros à festa; eu, por enquanto, não subo, porque o meu tempo ainda não está cumprido* (7:8). Alguns manuscritos gregos antigos incluem o advérbio "ainda" em 7:8, e outros o omitem, motivo de existirem tantas traduções diferentes para o versículo. O fato é que Jesus se recusou a comparecer no tempo definido pelos seus irmãos. De modo semelhante, ele se recusara a permitir que seu tempo fosse determinado por sua mãe no casamento em Caná (2:4). Sua agenda era definida pelo Pai.

Jesus permaneceu na Galileia depois que seus irmãos partiram, porém mais tarde compareceu discretamente à festa. Presumivelmente, o "tempo" certo havia chegado (7:9-10). Sua partida da Galileia deu-se em segredo, assim como sua estada nas cercanias de Jerusalém, até que chegou o momento de ele aparecer em público (7:10,14). Contudo, o fato de Jesus não estar visível não significa que não falassem dele. As autoridades judaicas o procuravam e se perguntavam quando ele viria (7:11). Eles se lembra-

vam da cura miraculosa do homem que estivera doente por trinta e oito anos e da controvérsia que se seguiu.

Os cidadãos comuns faziam a mesma pergunta e discutiam a respeito de Jesus. Alguns afirmavam: *Ele é bom*. Outros retrucavam: *Não, antes, engana o povo* (7:12). Eles discutiam suas opiniões por meio de sussurros, *por ter medo dos judeus* (7:13), ou seja, das autoridades judaicas. Ninguém estava certo de qual era exatamente a opinião da liderança, embora se mostrassem hostis, pois haviam tentado matá-lo. Quem declarasse que Jesus era um bom homem poderia arranjar problemas. Contudo, também era possível que os líderes mudassem de parecer, por isso não era boa ideia dizer em voz alta que Jesus era enganador. Assim, todos preferiram aguardar até que a opinião das autoridades fosse apresentada em público.

### 7:14-24 Jesus ensina em público na festa

Depois de resistir à tentativa de seus irmãos e da multidão de se expor em Jerusalém, Jesus finalmente se apresentou, de modo que não havia mais necessidade de ninguém procurar por ele. No meio da festa, Jesus se dirigiu *ao templo e ensinava* (7:14). Seu ensino deixou os ouvintes maravilhados: *Como sabe este letras, sem ter estudado?* (7:15). Eles o conheciam como um carpinteiro da Galileia, que não tinha instrução formal em teologia, mas suas palavras mostravam que ele sabia do que estava falando.

Jesus respondeu que sua doutrina provinha de Deus (7:16). Os outros mestres podiam citar autoridades humanas como base de suas opiniões, mas o próprio Deus era a fonte do ensino de Jesus. Então, em vez de assimilar os ensinamentos de Jesus de acordo com o que as autoridades tradicionais diziam sobre o assunto, o povo devia considerar o ensinamento de Jesus como relacionado à vontade de Deus. Se eles desejavam realmente fazer a vontade de Deus, seriam capazes de julgar com correção o que Jesus estava ensinando (7:17).

Jesus também sugeriu que fizessem um teste para ver se o ensino dele provinha de Deus ou não. O teste consistia em verificar se o mestre estava buscando a própria glória ou a de Deus (7:18). Jesus buscava a glória de Deus, então seu ensino podia ser considerado verdadeiro. No entanto, enquanto Jesus era verdadeiro, o mesmo não podia ser dito de seus oponentes. Eles não guardavam a lei que declaravam apoiar (7:19). O desejo deles de matar Jesus não estava em conformidade com o mandamento que diz: *Não matarás* (Êx 20:13).

Os judeus ficaram na defensiva, negando a acusação e afirmando que Jesus estava possuído por demônios para fazer tal acusação (7:20). Jesus então lembrou-lhes a razão pela qual estavam querendo matá-lo (5:18). Ele os ofendera por ter curado num sábado um homem que estava doente havia trinta e oito anos (cap. 5). Jesus então se defendeu, usando o argumento da circuncisão. Os judeus não se importavam de circuncidar um jovem no sábado (7:22). Esse

ato dizia respeito a apenas uma parte do corpo, o órgão sexual do menino. Jesus, entretanto, curou um homem por completo. Se os judeus achavam que tinham justificativa por cuidarem de apenas uma parte do corpo, sem dúvida muito mais justificável era uma cura maior. Então por que os judeus insistiam em que seu ato era justificado, mas o ato de Jesus merecia pena de morte (7:23)? Por isso, Jesus advertiu: *Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça (7:24)*.

### 7:25-36 Como pode o Cristo vir da Galileia?

O povo tinha bons motivos para estar confuso acerca de quem Jesus era. Eles sabiam que as autoridades queriam matá-lo (5:18), mas por que então não o impediam de ensinar no templo? Será que as autoridades haviam chegado à conclusão de que Jesus realmente era o Cristo (7:25-26)? Entretanto, se fosse assim, isso não estaria em desacordo com a crença geral de que *quando, porém, vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é (7:27)*? Eles sabiam de onde Jesus viera: ele morava em Nazaré, seus pais eram José e Maria, e ele tinha irmãos e irmãs (Mt 13:55-56; Mc 6:3).

Jesus percebeu a confusão e declarou que o que eles sabiam era verdade, mas havia ainda algumas coisas que eles não sabiam (7:28-29). Eles conheciam seus pais humanos, mas não conheciam a Deus, que enviou Jesus ao mundo. Jesus, entretanto, conhecia a Deus, pois era proveniente de Deus. Na condição de embaixador de Deus, que *é verdadeiro*, ele tem uma missão legítima para a qual todos devem atentar.

Apesar do antagonismo de algumas pessoas (7:27) e das tentativas dos líderes judeus de capturá-lo (7:30), muitos na multidão creram em Jesus (7:31). Eles acreditavam que Jesus fizera o que o Messias faria e que não haveria alguém capaz de realizar *maiores sinais do que este homem tem feito*. Assim, Jesus devia ser o Messias.

As tentativas dos governantes de o *prenderem* (7:33) falharam porque Jesus tinha um caminho predeterminado a seguir, e ninguém poderia detê-lo (7:30). Mas isso não os impediu de fazer outra tentativa, em decorrência da atitude positiva do povo em relação a Jesus (7:32). Jesus anunciou que ficaria com eles apenas mais um tempo e depois retornaria àquele que o havia enviado (7:33). O tempo era de fato curto, pois essa discussão ocorreu cerca de seis meses antes de sua crucificação.

Jesus avisou-os de que, antes de sua partida, eles iriam procurá-lo, mas não o encontrariam (7:34a). Eles podiam tentar prendê-lo agora, mas em pouco tempo já não conseguiriam nem mesmo encontrá-lo para o prender, porque seu estado encarnado logo chegaria ao fim. Jesus iria para um lugar ao qual eles não poderiam chegar. Vale a pena atentar para as palavras de Jesus aqui. Ele diz: *Aonde eu estou, vós não podeis ir (7:34b)*. O verbo no tempo presente, “estou”, enfatiza que Jesus ainda está presente com o Pai. Tem estado com o Pai desde a eternidade passada, no presente está

com ele, enquanto fala, e estará com ele na eternidade futura. Contudo, enquanto Jesus falava de seu retorno à glória, os líderes judeus pensavam que ele simplesmente queria dizer que se esconderia fora da Palestina (7:35-36).

### 7:37-44 A lição final de Jesus no templo

No último e mais importante dia da festa (7:37), que poderia ser o sétimo (Lv 23:34; Dt 16:13,15) ou o oitavo (Lv 23:36) dia, Jesus fez uma declaração: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva (7:37-38)*. Essa declaração pode ter sido baseada na cerimônia que celebrava o milagre da água que saiu da rocha, no deserto (Êx 17:1-7). O sacerdote tirava água da fonte em Gion e a levava em procissão até o templo. Ali, derramava-a num recipiente no altar até que transbordasse. Jesus baseou-se na sede física que seus ancestrais devem ter passado no deserto, antes que Deus miraculosamente lhes providenciasse água, e se ofereceu para saciar a sede espiritual deles, caso buscassem nele a água da vida eterna.

Durante a cerimônia, a água transbordava do recipiente, e Jesus prometeu que quem dele bebesse (nele acreditasse) também seria preenchido até transbordar (7:38). Ele queria dizer que os crentes seriam cheios do Espírito Santo (7:39) e talvez estivesse pensando em passagens como Joel 2:28-29 (tb. citada em At 2:16-21).

As palavras de Jesus dividiram a multidão em pelo menos quatro grupos (7:43):

- Os que diziam que ele era o profeta e pensavam que ele estava preparando o caminho para o Messias (7:40; cf. tb. Dt 18:15).
- Os que diziam que ele era o Cristo, o Messias que estava aguardando (7:41; cf. tb. 7:31).
- Os que diziam que ele não podia ser o Cristo, pois viera de Nazaré, e não de Belém, a cidade de Davi (7:41-42). Esse grupo não conhecia a história de seu nascimento.
- Os que diziam que ele era um homem mau, como demonstra o comentário de que *alguns dentre eles queriam prendê-lo (7:44)*.

### 7:45-53 Os líderes judeus pensam que Jesus é um enganador

Os guardas que foram enviados para prender Jesus (7:32) voltaram de mãos vazias, comentando: *Jamais alguém falou como este homem (7:45-46)*. Os fariseus não se impressionaram e provocaram os guardas com duas perguntas. A primeira foi: *Será que também vós fostes enganados? (7:47)*. Como policiais do templo, os guardas tinham a obrigação de proteger os interesses da Casa de Deus. Ao falar bem de Jesus, eles estavam comportando-se como a multidão. A segunda pergunta foi: *Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus? (7:48)*. A resposta esperada era “não”. Os guardas, portanto, estavam enganados,



pois eram os governantes e os fariseus que determinavam quais crenças e práticas eram corretas. Essa atitude explica o desprezo deles pelas pessoas comuns que reconheciam Jesus como o Cristo (7:41). Os fariseus referiam-se a elas desdenhosamente como *esta plebe que nada sabe da lei*. Eles consideravam desviados e malditos os que não estudavam a lei em suas minúcias (7:49).

Nicodemos, que se encontrara com Jesus anteriormente (3:1-2), perguntava agora a seus compatriotas fariseus: *Acaso, a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?* (7:50-51). Mais uma vez, a resposta esperada era “não”. Nicodemos talvez tivesse citado as Escrituras, como Êxodo 23:1 e Deuteronômio 1:16, para apoiar seu pedido de uma audiência justa antes que se findasse o julgamento.

A pergunta de Nicodemos visava apelar para a consciência dos fariseus, mas eles não cederam. Já haviam tomado sua decisão. Em vez de tentar resolver a questão, eles o ridicularizaram: *Também tu és da Galileia?* (7:52a). Eles sabiam que Nicodemos era da Judeia, mas estavam insinuando que nenhum judeu concordaria com Jesus, que era galileu e somente conseguiria enganar galileus. Os judeus eram espertos demais para acreditar nele!

O desprezo das autoridades pelos galileus também é percebido na declaração: *Examina e verás que da Galileia não se levanta profeta* (7:52b). Os fariseus provavelmente não estavam querendo dizer que era impossível vir algum profeta da Galileia. Afinal, Jonas era natural de Gate-Hefer, situada a apenas cinco quilômetros ao norte de Nazaré. Eles queriam dizer que os galileus não eram o tipo de povo que produzia profetas.

Nicodemos não teve oportunidade de responder ou então decidiu ficar em silêncio, antes que seus colegas suspeitassem de sua contínua oposição aos seus planos.

### 8:1-11 Jesus e a mulher flagrada em adultério

Apesar de haver algum debate quanto a essa passagem ter feito parte do evangelho original de João, o incidente é fiel ao que conhecemos sobre o caráter de Jesus. Aconteceu no templo, durante a Festa dos Tabernáculos (8:1-2). Trazer a mulher a Jesus era parte da estratégia dos doutores da lei (escribas) e fariseus para desacreditar o Mestre (8:3-6a). Eles achavam que as únicas opções que Jesus tinha eram dizer: “Deixem-na em paz” ou: “Apedrejem-na”. A primeira significaria que ele não levava o pecado da mulher a sério, e a segunda (embora prescrita na lei, Lv 20:10; Dt 22:22) levaria o povo a duvidar de que Jesus vivia de acordo com sua mensagem de amor e de misericórdia.

A reação de Jesus foi escrever no chão (8:6b). Não sabemos o que ele escreveu: talvez os pecados de seus acusadores ou textos das Escrituras que falavam de misericórdia e bondade. Talvez fosse algo relacionado à declaração: *Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra* (8:7). Ao dizer isso, Jesus transferiu o foco de si mes-

mo e da mulher para seus acusadores. Não negou a validade da lei nem condenou a mulher à morte. Os acusadores deixaram o local um por um, *a começar pelos mais velhos* — provavelmente por causa de sua experiência de vida e da tentação mais longa (8:9). Diz um ditado akamba: *Undu kikame kiambaa kite kikwatye tiwo kiambaa kyakwatwa* (“O gálago [espécie de primata] tem um grito diferente quando está preso”). Depois que todos os acusadores haviam ido embora, Jesus disse à mulher: *Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais* (8:10-11). Jesus não estava no mundo para condená-lo, mas para salvá-lo (3:17), e dentre os que precisavam ser salvos estava aquela mulher, a quem Jesus ordenou que iniciasse uma nova vida.

### 8:12-20 Jesus defende seu testemunho

Jesus então voltou a ensinar a multidão à qual se dirigira antes de ser interrompido pelos doutores da lei e fariseus. Ele declarou: *Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida* (8:12). Jesus falava logo após o encerramento da Festa dos Tabernáculos, durante a qual toda a cidade de Jerusalém era iluminada por grandes velas, mas afirma que ele próprio iluminava o mundo inteiro, não apenas Jerusalém.

Os fariseus zombaram de sua declaração: *Tu dás testemunho de ti mesmo; logo, o teu testemunho não é verdadeiro* (8:13). O que alguém diz de si mesmo é sempre suspeito, porque tendemos a nos apresentar de maneira favorável, como diz outro ditado akamba: *Mundu avulasya makaa elekelelye ngali iyake* (“Quando as pessoas se aquecem ao fogo, cada uma puxa o carvão para mais perto de si”). Além disso, o sistema legal judaico exigia duas ou três testemunhas para apoiar qualquer declaração (8:17; cf. tb. Dt 17:6; 19:15). Os fariseus estavam dizendo que o testemunho de Jesus não seria válido num tribunal. Jesus já havia enfrentado situação semelhante e então mencionara duas ou três testemunhas (5:31-47).

Nessa ocasião, entretanto, ele não se curvou ao argumento apresentado e corrigiu o raciocínio deles. Ele era diferente dos outros homens, e seu testemunho era confiável. Podia falar com autoridade porque viera do Pai e a ele retornaria (8:14). Não era um homem qualquer falando de si mesmo. Ele é um com o Pai, e seu testemunho está de acordo com a vontade de Deus. Os fariseus (e outros) estavam julgando pelos padrões humanos, que não se aplicavam a Jesus (8:15a; cf. tb. 7:24). Eles achavam que Jesus era apenas o filho de Maria e José, quando na verdade ele estava com o Pai muito tempo antes de estar com eles.

Quando Jesus disse que não julgava ninguém (8:15b), estava pensando no contexto de sua missão na terra. Ele veio para salvar o ser humano, não para julgá-lo ou condená-lo (12:47; cf. tb. 3:17), mas isso não significava que ele jamais faria julgamentos neste mundo. Em sua segunda vinda, ele julgará com base no que cada um fez com a oferta de salvação (5:27; cf. tb. 2Tm 4:1).

Quando Jesus efetuou julgamentos durante sua primeira missão neste mundo, eles foram justos, porque o Pai e o Filho julgam unidos (8:16). Assim, sua resposta aos fariseus em 8:14 estava correta.

Voltando ao ponto original, Jesus disse que, se seus oponentes insistiam na existência de duas testemunhas, ele poderia apresentá-las — o Pai e ele mesmo (8:18). Jesus defendeu seu direito de ser a primeira testemunha, e os fariseus agora o pressionavam sobre a questão da segunda testemunha, perguntando: *Onde está teu Pai?* (8:19a). Eles queriam ver o pai terreno de Jesus porque não compreendiam que Jesus falava do Pai celestial.

Jesus finalizou o debate usando outra vez a prerrogativa de juiz. Disse aos fariseus que 1) eles não o conheciam; 2) eles não conheciam seu Pai (8:19b). Quando olhavam para Jesus, eles viam um homem de Nazaré. Sua falta de conhecimento acerca de Jesus implicava também falta de conhecimento acerca do Pai. Se eles tivessem percebido que o Pai de que ele estava falando era Javé, não precisariam perguntar onde ele estava.

O debate aconteceu na parte do templo onde havia treze gazofilários, nos quais as pessoas lançavam suas ofertas que sustentavam as várias atividades do templo (8:20). Era, portanto, uma área de fluxo constante de pessoas.

### 8:21-30 Jesus, o caminho que livra da morte

Jesus então começou a falar de um assunto do qual tratara anteriormente: *Vou retirar-me, e vós me procurareis, mas perecereis no vosso pecado; para onde eu vou vós não podeis ir* (8:21; 7:33). Como da outra vez, os judeus ficaram confusos com suas palavras. Anteriormente, pensaram que ele pretendia esconder-se no meio dos judeus que viviam fora de Israel (7:33-35). Agora, chegaram a considerar a possibilidade de suicídio (8:22). Eles acreditavam que os que cometiam suicídio iam para o inferno. Então, se Jesus cometesse suicídio, eles não iriam para onde ele iria, pois estavam certos de que iriam para o céu.

Mais uma vez, Jesus teve de enfatizar a diferença entre ele e os demais judeus. Eles vinham de lugares diferentes (8:23). Todos os que faziam parte da multidão nasceram e viviam na terra. Jesus, entretanto, veio à terra de outro lugar. Em razão das origens diferentes, eram governados por princípios diferentes. Eles agiam como pessoas que faziam parte de um sistema maligno. Jesus não fazia parte desse sistema. Na verdade, viera para destruí-lo.

A resposta de Jesus pode ser assim parafraseada: “Vocês vivem apenas neste mundo e não têm como receber o mundo que está acima deste, a não ser por meu intermédio, porque eu vim daquele mundo. Entretanto, a recusa de vocês em aceitar esse fato significa que não podem ser ajudados. Vocês estão vivendo em seus pecados e neles morrerão” (8:24).

Os líderes judeus entenderam que Jesus estava afirmando ser bem diferente deles, e então lhe pediram que

se identificasse (8:25). Que autoridade tinha Jesus? Qual o papel dele nos planos de Deus?

Jesus lembrou à multidão o que dissera em outra ocasião (8:28). Nos discursos registrados nos capítulos 6 e 7 e em 8:1-24, eles o ouviram dizer que era o pão da vida, a luz do mundo, aquele que foi enviado do céu, e muitas outras coisas. Jesus então destacou quatro das características que possuía:

- **Eu sou seu juiz (8:26a).** Ele já havia declarado a sentença de que eles morreriam nos próprios pecados.
- **Eu fui enviado por alguém que é confiável (8:26b).** A questão de Jesus ter sido enviado pelo Pai surge continuamente (cf. 4:34; 8:16; 16:5; 17:3; 20:21).
- **Eu falo as coisas que ouvi do Pai (8:26c).** O que Jesus ensina é a verdade.
- **Eu trabalho em parceria com Deus (8:29).** Ele e o Pai trabalham em completa harmonia.

Alguns judeus só perceberiam a realidade dessas declarações depois de matarem Jesus (8:28). Essa má ação os conduziria a coisas ainda maiores, que iriam convencê-los de que as declarações de Jesus eram verdadeiras.

Embora Jesus tenha predito que eles morreriam em seus pecados, o caminho da fé ainda estava aberto para todos. *Ditas estas coisas, muitos escolheram o caminho da vida e creram nele* (8:30).

### 8:31-38 Jesus, o verdadeiro libertador

Muitos países da África celebram o dia em que deixaram de ser colônias e se tornaram nações livres, mas nem todos produziram os frutos da liberdade. Muitos ainda estão amarrados, sofrendo de males como nepotismo, corrupção, egoísmo, assassinato e semelhantes. A libertação citada nessa passagem torna possível a cada cidadão de uma nação livre colher os frutos de uma independência política.

A passagem tem a forma de um diálogo entre Jesus e os judeus que aceitaram sua mensagem apenas no intelecto. Jesus disse a eles: *Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará* (8:31-32). O verbo “permanecer” aqui implica escutar, aceitar e obedecer ao ensinamento. Não seria o bastante apenas consentir mentalmente com o que ele dizia. Se eles quisessem estabelecer um relacionamento real com Jesus, teriam de começar a viver de acordo com seu ensinamento. Só depois de abrir o coração e a mente para aprender com ele é que experimentariam a verdadeira liberdade.

Os judeus, entretanto, achavam que já eram livres: *Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém* (8:33). Alguns acreditavam numa tradição segundo a qual a descendência de Abraão lhes conferia o *status* de realeza e, embora estivessem politicamente sujeitos a Roma, sua alma continuava a ter um único governante: Javé.

Jesus afirmou que a liberdade mais importante é moral e espiritual: *tudo o que comete pecado é escravo do pecado* (8:34). Assim, todos eles, por serem pecadores, eram também escravos. Ele, entretanto, não era escravo do pecado (cf. 8:46), mas o Filho na família de Deus, e assim tinha o direito de libertar escravos, livrando-os das correntes que os prendiam (8:35-36). Ele podia fazer isso por todos os que lhe pedissem a liberdade por meio da fé. Os que tentavam matá-lo, em vez de pedir-lhe a libertação, mostravam-se claramente inimigos do Pai e, por isso, pertenciam a outro pai (8:37-38).

### 8:39-47 Jesus, a base da legitimidade na família de Deus

Os judeus ficaram indignados com a ideia de eles e Jesus não terem o mesmo pai. Eles insistiam em que Abraão era seu pai (8:39a), no entanto Jesus retrucou que a descendência de Abraão e a vontade de matar a Jesus eram coisas contraditórias. Abraão, o amigo de Deus, que é Pai de Jesus, não faria isso. As ações dos judeus desmentiam a afirmação de que Abraão era pai deles (8:39b-41).

Os judeus objetaram ainda mais intensamente: *Nós não somos bastardos*. Afirmavam ser verdadeiros descendentes de Abraão e ter apenas um Pai superior: Deus (8:41). Entretanto, como dizem os akambas, *Mauta ma kwivaka mai-noasy* ("Aplicar óleo no corpo não deixa ninguém gordo").

Jesus expôs a fraqueza desse argumento, pois, pelo fato de ele ter sido enviado por Deus, a seus oponentes restavam duas alternativas: ou eles aceitavam seu ensino, mostrando assim pertencer a Deus, ou então o rejeitavam, mostrando a ele não pertencer (8:42,47). Aqueles judeus escolheram a segunda opção e por isso deviam ter outro pai, um que se opunha a Deus. Esse pai, anteriormente citado como *vosso pai* (8:38,41), agora é identificado como o diabo (8:44). O plano de matar Jesus, que não era culpado de nenhum crime, e a recusa deles em acreditar na verdade que ele proclamava, era exatamente o tipo de comportamento que se podia esperar do diabo, pois ele sempre foi assassino, um ser que não segue nem fala a verdade (8:43-46).

A atitude de alguém diante de Jesus é o que faz a diferença entre pertencer à verdadeira descendência de Abraão e não pertencer — entre ser um legítimo membro da família de Deus e não ser. Fazer parte dessa família não é algo que se consiga por meio de declarações (como em 8:41b), mas por meio de um relacionamento com Jesus.

### 8:48-59 Jesus faz declarações acerca de si mesmo

O grupo ao qual Jesus se dirigia era o mesmo que havia "crido nele" (8:31). Eles haviam aceitado apenas parte do que ele dissera. Entretanto, quando Jesus desmascarou a falsa segurança deles no privilégio da descendência de Abraão, não tardaram a se mostrar hostis. Afinal, Jesus afirmara que a conduta deles não era condizente com a de Abraão (8:39-40), que Deus não era o Pai deles (8:42) e que o pai verdadeiro deles era o diabo (8:44).

Depois disso, expressaram sua opinião a respeito de Jesus. Já não se referiam a ele como filho de José e Maria (6:42). Agora o chamavam *samaritano* e diziam que ele estava possuído por um *demônio* (8:48). Os samaritanos tinham um pouco de sangue judeu, mas os judeus consideravam impuras suas crenças e práticas. Eram desprezados e não tinham permissão para se tornar doutores da lei. Da mesma forma, qualquer um que fosse possuído por um demônio não seria capaz de ensinar a vontade de Deus, mas somente a vontade do diabo, para quem os demônios trabalham.

Jesus negou a segunda acusação. Em vez de estar sob influência demoníaca, ele procurava honrar o Pai (8:49). O Pai, que é o juiz desses casos, queria que os judeus honrassem a Jesus (8:50). Em outras palavras, não glorificar a Jesus é o equivalente a desobedecer a Deus.

Jesus ampliou o convite: *Se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte, eternamente* (8:51). Ele estava interessado em muito mais que responder às acusações e aos insultos. Queria levar os ouvintes a aceitar sua palavra, que dá a vida eterna. Os judeus, entretanto, pensaram que Jesus falava literalmente e consideraram seu apelo a confirmação de que ele estava louco ou então possuído por um *demônio* (8:52). Afinal, Abraão, o ancestral deles, havia morrido. Depois vieram os profetas, que eram mensageiros escolhidos de Deus (8:52). Ainda que Jesus fosse maior que Abraão, também morreria (8:53). Como ele então ousava dizer que os que guardassem a palavra dele nunca morreriam?

Mais uma vez, Jesus lembrou que era o Pai (a quem os judeus consideravam seu Deus) quem o glorificava (8:54). Assim, os insultos dirigidos a Jesus eram insultos contra Deus também. Se Jesus negasse seu relacionamento especial com o Pai, estaria mentindo (8:55). Além disso, Abraão deu total aprovação ao ministério de Jesus. Uma pessoa que dá alegria a Abraão não pode estar possuída (8:56).

A última declaração provocou ainda mais escárnio: *Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?* (8:57). Abraão vivera centenas de anos antes. Jesus, porém, insistiu em que era ainda mais velho que Abraão (8:58). Os judeus estavam tomando a questão ao pé da letra, considerando a existência humana de Jesus, que teve início em Belém, no ano 4 a.C., mas Jesus estava se referindo à sua existência eterna.

Os judeus tomaram as palavras de Jesus como um insulto a Abraão, seu maior ancestral. Ele não somente se considerava igual a Abraão, como também havia afirmado ser mais velho que o patriarca! Tamanho insulto devia ser punido com a morte (8:59), mas Jesus escapou deles, pois ainda não era a hora de morrer.

### 9:1-41 Jesus cura um cego de nascença

#### 9:1-12 A cura

Jesus não foi se esconder depois que os judeus tentaram apedrejá-lo (8:59). Ele ainda tinha o que fazer em Jerusa-

lém e, enquanto ia *caminhando*, encontrou um homem cego de nascença (9:1).

Os judeus acreditavam que cada forma de sofrimento era consequência de pecado. Então os discípulos perguntaram a Jesus: *Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?* (9:2). Os pais estavam sendo punidos por algum pecado e por isso tiveram um filho cego? Ou o homem cego estava sendo punido por algum pecado cometido antes mesmo de nascer, enquanto ainda estava no útero materno ou em algum estado de preexistência antes de sua alma juntar-se ao corpo?

Jesus rejeitou as duas opções: *Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus* (9:3). Depois de lembrá-los de que era a luz do mundo e de que ainda havia trabalho a ser feito (9:4-5; cf. tb. 8:12), Jesus curou o cego. Para isso, cuspiu no chão, fez um pouco de lama com a saliva e untou com a mistura os olhos do homem cego. Ordenou-lhe então que se lavasse no tanque de Siloé. O homem obedeceu, e teve a visão restaurada (9:6-7). Jesus combinou um ato miraculoso com um toque terapêutico. A cura requeria as instruções de Jesus e a obediência do homem, pois não foi o ato de se lavar no tanque de Siloé que curou o homem, e sim Jesus. Entretanto, se o cego não se lavasse, não teria sido curado.

Os vizinhos do homem e outros que o conheciam estavam confusos. Aquele era realmente o mesmo homem que costumava ficar sentado, mendigando (9:8)? A mudança foi tão grande que alguns duvidaram de sua identidade, mas ele disse: *Sou eu* (9:9). Então queriam saber: *Como te foram abertos os olhos?* (9:10).

O homem relatou o que Jesus dissera e fizera. Ele apenas fora capaz de sentir o que Jesus fez, e não de ver, o que provavelmente justifica o fato de não ter mencionado o cuspe. Ele sentiu que Jesus colocou lama em seus olhos. Ouviu a voz do Senhor ordenando-lhe que fosse ao tanque de Siloé e, depois de obedecer às palavras de Jesus, descobriu que podia enxergar. O homem simplesmente relatou sua experiência (9:11).

Naturalmente, os vizinhos quiseram conhecer o responsável por aquela incrível cura e perguntaram: *Onde está esse homem?* (9:12, NVI). Entretanto, o homem curado não pôde informar, porque depois de instruí-lo a lavar-se no tanque de Siloé Jesus partiu para cuidar de outros assuntos.

### 9:13-34 Os fariseus interrogam o homem curado

Em vez de se alegrar com a cura do homem, seus vizinhos ficaram preocupados com o fato de a cura haver ocorrido no sábado (9:14). Por não terem autoridade para agir no caso, eles levaram o homem aos fariseus (9:13), que provavelmente já haviam escutado a história, mas queriam ouvi-la em primeira mão. Então perguntaram ao homem como havia sido curado, e ele relatou o acontecido (9:15).

Após ouvir esse testemunho, os fariseus tiveram diferentes reações. Alguns destacaram o fato de Jesus ter curado

no sábado e argumentaram que ele não podia vir de Deus, porque então guardaria o sábado. Outros enfatizaram o sinal miraculoso e argumentaram que a cura em si era uma indicação de que ele viera de Deus, porque Deus não daria a um pecador poder de fazer algo assim (9:16).

Depois de alguma discussão, os fariseus decidiram pedir a opinião do cego. A pergunta deles tanto pode ter sido o desejo honesto de saber sua opinião ou uma armadilha para descobrir o que ele pensava, a fim de que pudessem levá-lo a julgamento depois. O homem não hesitou em declarar: *É profeta* (9:17), ou seja, alguém que entrega a mensagem de Deus.

Para eliminar qualquer possibilidade de erro na identificação, os pais do homem curado foram chamados (9:18-19). Os fariseus pediram-lhes que confirmassem a cura e contassem como tudo havia acontecido. Eles confirmaram que o homem era de fato filho deles e cego de nascença (9:20); porém, quanto ao fato de ele estar enxergando agora, limitaram-se a dizer: *Não sabemos* (9:21). João revela que eles estavam mentindo (9:23). O filho com certeza lhes contara que Jesus o havia curado, mas eles tinham medo, pois sabiam que Jesus não era bem-visto pelas autoridades (9:22). Eles não queriam ser expulsos da sinagoga, espaço de adoração e o único lugar onde alguém podia receber as bênçãos de Deus.

Vendo que não chegariam a lugar algum com os pais, os fariseus perguntaram novamente ao homem o que ele tinha a dizer sobre Jesus. Na primeira vez, haviam feito uma pergunta direta, dando ao interrogado liberdade para expressar uma opinião própria (9:17). Dessa vez, porém, fizeram uma simples declaração: *Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador* (9:24). Estavam insinuando que o único estilo de vida que glorificava a Deus era o deles. Dar crédito a Jesus por aquela cura seria o equivalente a aprovar a violação da lei do sábado, outorgada pelo próprio Deus. Assim, o homem devia estar errado ao afirmar que Jesus era profeta (9:17).

O homem desconhecia os argumentos teológicos acerca do sábado, portanto não sabia se era ou não pecado curar nesse dia. Então respondeu: *Não sei se ele é pecador ou não* (9:25a, NVI). O homem certamente sabia que era pecado violar a regra do sábado por qualquer razão que contrariasse os atos aprovados pelo Sinédrio (como a necessidade de circuncidar o menino no oitavo dia após seu nascimento, mesmo num sábado). Todavia, se Deus cooperaria com um pecador para curar no sábado era uma pergunta sem resposta. Havia, entretanto, uma coisa da qual ele tinha certeza e era a que lhe mais importava: *Eu era cego e agora vejo* (9:25b). Ele não tinha dúvida sobre isso. Os fariseus, provavelmente percebendo que o homem estava sendo evasivo e não apenas concordando com eles, fizeram-lhe a última e decisiva pergunta: *Que te fez ele? como te abriu os olhos?* (9:26). Eles provavelmente queriam uma lista completa das violações de Jesus à lei do sábado.

O homem recusou-se a repetir a história porque era óbvio que os fariseus não estavam querendo aceitar sua evidência. Ele o faria de bom grado se eles tivessem uma boa razão para perguntar; por exemplo, se quisessem tornar-se discípulos de Jesus. Contudo, pelo tom da pergunta feita em 9:27, esperava-se que sua resposta fosse “não”.

O homem não apenas estava seguro de si, como também desafiava a autoridade dos fariseus. Como ousava zombar deles, insinuando que poderiam tornar-se discípulos de Jesus? Eles decidiram, então, colocá-lo no devido lugar. Ele podia até ser discípulo de Jesus, mas eles eram discípulos de Moisés (9:28). Em seguida, insinuaram que o homem não era um judeu decente e que estava separado de Deus. Essa ideia mostrou-se bem evidente na declaração seguinte: *Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos donde é* (9:29). Moisés fora o grande profeta de Deus, escolhido para ser o porta-voz de Javé. Quanto a Jesus, não passava de um desconhecido.

O homem respondeu ao ataque com um argumento muito bem escolhido. Jesus lhe abriu os olhos (9:30), e isso havia sido um milagre. Jamais alguém ouvira falar de algo assim. Uma pessoa capaz de tal prodígio não podia ser um ninguém. Então ele declarou o que era a crença judaica universal: *Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende* (9:31-32). Essa citação demoliu o argumento defendido pelos fariseus de que Jesus era um pecador. Finalmente, o homem chegou à conclusão lógica: *Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito* (9:33). Ou seja, se o poder de fazer milagres vinha de Deus, Jesus, assim como Moisés, só podia ter vindo de Deus.

A lógica do homem não podia ser acusada de falha, e os fariseus sabiam disso. Contudo, a lógica não os convenceria. Em vez disso, os fariseus deram vazão a uma raiva mesclada com prepotência: *Tu és nascido todo em pecado e nos ensinas a nós?* (9:34a). Assim como os discípulos (cf. 9:1), os fariseus acreditavam que o pecado do homem ou de seus pais vinha desde antes do nascimento, pois ele nascera cego. Nenhum dos fariseus tinha essa deficiência física. O fato de seus olhos e seu corpo serem sadios era evidência, segundo eles, de que Deus os aprovava. O esforço deles para guardar o sábio e obedecer a todas as regras da lei também era sinal dessa aprovação. Como aquele pecador ousava, então, ensinar-lhes alguma coisa?

Eles tentaram cobrir a fraqueza de seu argumento com uma demonstração de autoridade e assim expulsaram o homem (9:34b). Ou seja, eles o excomungaram da sinagoga. Ao fazer isso, separaram-no de Deus, pelo menos na concepção deles, mas, como diz um ditado akamba, *Kiumo kya nguku kiikwataa mbolesya* (“A maldição da galinha não afeta o gavião”). O fato de o terem excomungado não afastou aquele homem da presença de Deus, como nos mostra a seção seguinte.

### 9:35-41 *Cegueira de espírito*

Quando Jesus soube do que aconteceu com o homem (9:35a), saiu à sua procura. O homem não apenas precisava de incentivo, como também do estabelecimento da fé, que já estava em andamento em sua vida.

Jesus perguntou ao homem: *Crês tu no Filho do Homem?* (9:35b). Ele já havia afirmado confidencialmente que Jesus provinha de Deus. Agora precisava ir além de acreditar nos fatos e acreditar na pessoa, ou seja, o Filho do Homem.

O homem curado respondeu com outra pergunta: *Quem é, Senhor, para que eu nele creia?* (9:36). Ele pode ter ouvido falar de Jesus ou escutado sua voz, mas estava cego quando o encontrou pela primeira vez, por isso não o reconheceu quando o viu. Então Jesus se identificou (9:37). O homem agora não hesitou em responder à pergunta de Jesus e declarou: *Creio, Senhor* (9:38a). Em 9:36, ele se dirigira a Jesus tratando-o por “Senhor”, título que indicava respeito. No segundo encontro, ele usou a mesma palavra em grego, mas dessa vez denotando adoração. Jesus não era alguém que devia ser apenas respeitado, mas adorado (9:38b). O homem fora expulso da sinagoga, o lugar da adoração, mas agora estava face a face com o objeto da adoração propriamente dito.

Alguns fariseus estavam presenciando a cena (9:40a). Talvez não pertencessem ao grupo que havia interrogado o homem e ali estivessem porque estavam curiosos a respeito de Jesus. O Mestre disse de modo audível, para benefício de todos ao redor: *Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos* (9:39). Ao dizer isso, Jesus relacionava a cura física ao mundo espiritual. O homem antes cego fisicamente agora era um crente, pois seus olhos espirituais também foram abertos. Já os fariseus enxergavam fisicamente, mas eram espiritualmente cegos. Não eram capazes de reconhecer que Jesus, o homem, era também o Salvador único, Jesus Cristo.

Os fariseus ficaram chocados com as palavras de Jesus. A pergunta deles: *Acaso, também nós somos cegos?* (9:40b) antecipava a resposta “não”. Eles estavam convencidos de que não eram cegos. Eles conheciam as Escrituras. Eles conheciam a Deus. Eles pertenciam à nação eleita. Como podiam ser cegos? Jesus respondeu: *Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado* (9:41). Eles não eram cegos, ou melhor, não reconheciam a própria cegueira. Se a tivessem reconhecido, teriam visto a necessidade de acreditar em Jesus, a luz do mundo (8:12). Acreditar nele os teria deixado sem *pecado algum*. Entretanto, o fato de não se declararem cegos os impedia de ir a Jesus, por isso permaneciam no pecado.

Enquanto a culpa mencionada aqui se aplicava ao pecado em geral, no caso dos fariseus se aplicava particularmente ao pecado de querer matar a Jesus. Eles não estavam seguindo Jesus porque o amavam, mas porque ele representava um perigo para o grupo. Embora divididos entre si, os



fariseus em geral procuravam algo de que pudessem acusá-lo para justificar-lhe a morte.

### 10:1-21 Jesus, o bom pastor, e seu rebanho

No início do capítulo 10, Jesus ainda está falando com o mesmo grupo de fariseus do final do capítulo 9. Usando metáforas do cotidiano, ele afirma que é a porta das ovelhas (10:1-9) e o bom pastor (10:10-21).

O uso da porta era o que diferenciava o pastor do ladrão. Se alguém, ao se dirigir às ovelhas, era cumprimentado pelo vigia na porta, todos saberiam que se tratava do pastor ou do dono de algumas ovelhas do rebanho. Entretanto, se alguém, evitando ser visto, pulasse a cerca, logo deduziriam que era um ladrão (10:1-3a).

O comportamento das ovelhas à porta também deixaria claro se elas estavam sendo conduzidas por um pastor ou roubadas por um inimigo. Se as ovelhas saíssem pacificamente, seguindo o pastor, é porque eram seu rebanho e reconheciam sua voz. No entanto, quando as ovelhas se mostravam assustadas e corriam de quem tentava conduzi-las, esse alguém era um estranho e provavelmente um ladrão (10:3b-5).

Jesus agora declara seu segundo “Eu sou” (10:7,9 — a primeira declaração desse tipo foi em 6:35). Ele se descreve como *porta das ovelhas*, protegendo-as dos ladrões (messias autoproclamados) que vieram antes dele (10:8). Ao se comparar a uma porta, ele promete três coisas aos ouvintes:

- **Salvação.** Todo aquele que chegar à presença de Deus por meio dele *será salvo* (10:9a).
- **Segurança.** O pastor protege a ovelha enquanto ela pasta e quando retorna ao rebanho (10:9b). Da mesma forma, os que se achegam à presença de Deus por meio de Jesus irão entrar e sair debaixo da proteção de Deus, onde quer que estejam.
- **Satisfação.** Jesus mencionou à samaritana a satisfação proporcionada pela água que ele mesmo oferecia (4:14). Também falou da satisfação proporcionada pelo pão que tinha para oferecer (6:35). Agora promete pastagem para os que entrarem por ele (10:9b), ou seja, alimento que satisfaz todas as necessidades espirituais.

Jesus pede que seus ouvintes comparem a vida que ele oferece com a vida oferecida pelos ladrões mencionados em 10:8. A única motivação deles é o roubo (10:10). O ladrão à vezes mata o animal apenas para poder removê-lo com mais facilidade e é capaz de deixar os filhotes sem a mãe.

Quando se referiu à porta, Jesus já havia mencionado suas responsabilidades como pastor. Não é de surpreender, portanto, que, ao declarar seu terceiro “Eu sou”, ele tenha dito: *Eu sou o bom pastor* (10:11a; 10:14a). Na condição de pastor, ele faz questão de mostrar a diferença existente não apenas entre ele e o ladrão, mas também entre ele e o mercenário.

O mercenário se preocupa um pouco mais com as ovelhas que o ladrão, mas essa preocupação não chega nem perto do cuidado dispensado pelo pastor. As ovelhas da Palestina eram vulneráveis aos ataques de hienas, chacais, lobos e ursos. De todas essas feras, o lobo era o mais perigoso, e, ao ver o lobo se aproximando, o mercenário *abandona as ovelhas e foge* para se salvar (10:12). As ovelhas não lhe pertencem; por isso, não importa quanto saiba a respeito delas, não terá com elas o mesmo comprometimento que o pastor (dono) tem. Ele não sofrerá perda pessoal se alguma ovelha for morta.

Jesus, no entanto, é o “bom pastor”. Não é apenas um bom pastor entre outros bons pastores: ele é *o* bom pastor. A palavra grega traduzida aqui por “bom” também sugere que ele é autêntico e benevolente. Ele cuida das ovelhas com amor e as conhece bem. Ele pode dizer: *Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim* (10:14b). Como o bom pastor, ele conhece as necessidades e a natureza de cada ovelha de seu rebanho, e cada ovelha, da mesma forma, reconhece que ele é seu pastor. Jesus conhece o coração de todos os seres humanos e é capaz de suprir a necessidade de cada um deles. Suas ovelhas o reconhecem como aquele que foi enviado do céu.

Jesus menciona duas ações que ele realizará a favor de suas ovelhas. A primeira é que, como bom pastor, ele *dá a vida pelas ovelhas* (10:11b; 10:15). Embora a morte de Jesus obviamente ainda estivesse por vir quando ele disse essas palavras, a referência à sua morte era inevitável naquele momento. Além disso, toda a sua vida, desde a encarnação até a morte, consistiu de fato em dar sua vida pelos outros.

A segunda ação de Jesus será trazer *outras ovelhas* para que exista apenas *um rebanho* (10:16). Sua missão vai além dos judeus e se estende aos gentios. Essa parte de sua missão foi continuada pelos discípulos, que iniciaram seu ministério em Jerusalém (At 2) e depois foram pregar em Samaria (At 8; cf. tb. Jo 4). Em seguida, alcançaram os gentios de Cesareia (At 10), antes de chegar a um lugar que, para os judeus, ficava nos confins da terra: Roma (At 28). Eles pregaram a mensagem do Cristo crucificado e renascido dos mortos e cumpriram o objetivo de Jesus, que era reunir judeus, samaritanos e gentios num só rebanho, apascentados por um único Pastor.

Jesus afirma que não está sozinho na missão de ser o bom pastor. O Pai está envolvido nela desde o início das Escrituras e estará até seu término. Na verdade, o íntimo relacionamento entre Jesus e o Pai é o padrão de relacionamento entre o pastor e suas ovelhas (10:15). Esse relacionamento é caracterizado por amor (10:17) e obediência (10:18b).

A missão de Jesus terminará em morte, mas isso não quer dizer que seus oponentes terão vencido. Ele entregará sua vida espontaneamente e tem *autoridade para a entregar e também para reavê-la* (10:18a). Ele conhece o plano de

Judas Iscariotes. Os judeus que gritaram “Crucifica-o!” a Pilatos não estavam no controle da situação, tampouco os romanos. Jesus permitiu a si mesmo sofrer humilhação, em obediência ao Pai. Deu a vida pelas suas ovelhas e a tomou de volta a fim de que pudessem viver para sempre como ovelhas do bom pastor.

As palavras de Jesus mais uma vez causaram divisão (10:19). Alguns o rejeitavam, dizendo que ele estava possuído por demônios (10:20), enquanto outros estavam inclinados a acreditar nele, por causa das curas realizadas (10:21).

### 10:22-42 Jesus, um abrigo seguro para as ovelhas

O *Pórtico de Salomão* ficava no pátio dos gentios e era bastante frequentado. João informa que, enquanto Jesus caminhava por ali, os judeus se juntaram à sua volta e indagaram: *Até quando nos deixarás a mente em suspensão? Se tu és o Cristo, dize-o francamente* (10:23-24).

Diante da impaciência deles, Jesus insistiu em que já havia respondido àquela pergunta muitas vezes, mas eles não estavam prontos para aceitar a resposta. Eles o ouviram ensinar, mas continuavam céticos (10:25). Essa era a prova de que não eram suas ovelhas (10:26). As ovelhas de Jesus são aquelas que *ouvem a minha voz*, e delas ele pode dizer: *eu as conheço, e elas me seguem* (10:27). “Ouvir” implica escutar e agir em obediência vinda do coração.

Os que são suas ovelhas se beneficiam por tê-lo como abrigo seguro. Elas desfrutam total segurança, pois Jesus lhes concedeu a *vida eterna*. Elas tomam posse da vida eterna assim que creem. É algo que possuem agora, não algo que só experimentarão no futuro. Assim, mesmo que enfrentem situações difíceis, ou que venham a morrer, *jamais perecerão*. Ladrões, hienas, lobos, chacais e ursos podem tentar capturar as ovelhas que Jesus está pastoreando, mas *ninguém as arrebatará da minha mão* (10:28). Elas podem sofrer todo tipo de ataque, mas há vitória quando o crente está sob a proteção de Jesus.

Jesus pode garantir essa segurança porque *aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo* (10:29). Para roubar as ovelhas de Jesus, é necessário também roubá-las do Pai, o que é impossível, porque ele está no controle de tudo. Além disso, o Pai “deu” as ovelhas a Jesus (cf. 6:37,44), e ele e Jesus são um (10:30). O Pai e Jesus são um em propósito e operação. Os judeus entenderam que, quando Jesus falava de sua unidade com o Pai, declarava igualdade com ele (10:33). Por causa disso, tentaram apedrejá-lo (10:31), assim como na ocasião em que ele declarou ser mais velho que Abraão (8:58-59);

Jesus perguntou-lhes: *Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais?* (10:32). Essa pergunta não significa que Jesus não entendia o motivo de quererem apedrejá-lo. Ele sabia o que se passava no coração das pessoas (cf. 2:25). Sua intenção era fazer com que avaliassem honestamente o que ele havia feito ali

mesmo, em Jerusalém, onde estavam agora. Ele curara um homem que estivera doente por trinta e oito anos (cap. 5) e um cego de nascença (cap. 9). Os judeus retrucaram: *Não é por obra boa que te apedrejam, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo* (10:33). A resposta revelava que eles ainda viam Jesus como o filho do carpinteiro de Nazaré.

Jesus respondeu com um argumento que achamos confuso. Por isso, precisamos levar em conta que essas palavras fazem parte de um argumento particular; não se tratava de sua declaração final sobre o que ele era. Ele disse que os judeus não estavam sendo justos no julgamento e que suas obras apoiavam suas declarações. Também lembrou que o próprio Deus se referiu aos juizes como “deuses” (Sl 82:6), porque eram representantes dele, com a tarefa de administrar a justiça na terra (embora o salmo deixe claro que alguns deles eram injustos) (10:34). Jesus sabia que os judeus não se chocariam por Deus chamar de “deuses” os juizes e aceitariam a declaração, porque ela constava das Escrituras (10:35). Jesus, entretanto, é maior que os juizes, pois ele é *quem o Pai santificou e enviou ao mundo* (10:36). Não estaria então autorizado a se declarar *Filho de Deus*? Acusar a Jesus (que é maior que os juizes) de blasfêmia por se declarar “Filho de Deus” quando os juizes eram chamados “deuses” era no mínimo injusto.

Jesus queria que os judeus compreendessem seu íntimo relacionamento com o Pai e o aceitassem, para que pudessem ser salvos. Ele percebeu que suas palavras não seriam suficientes para convencê-los, ainda que apoiadas por seus milagres (10:37-38). Seus ouvintes perceberam que as obras de Jesus estavam além do que um simples ser humano podia realizar (cf. 9:16,32; 10:21), e o questionamento deles acerca do cego de nascença (9:15,17,24-25) deve tê-los convencido de que não se tratava de uma fraude.

Os judeus não concordaram com os argumentos de Jesus. Novamente, tentaram prendê-lo, e mais uma vez ele *se livrou das suas mãos* (10:39; cf. tb. 7:44; 8:59). Jesus deixou então Jerusalém e foi para *além do Jordão*, retornando ao lugar onde João batizava no princípio (10:40), provavelmente o local em que ele próprio fora batizado (cf. 1:28; Mt 3:5-17; Mc 1:9-11). Jesus pode ter decidido finalizar seu ministério público no mesmo lugar em que o havia iniciado. Enquanto estava ali, *iam muitos ter com ele* (10:41), e *muitos ali creram nele* (10:42). É possível que fossem pessoas que desejavam crer desde o início, mas temessem fazê-lo em Jerusalém devido ao ceticismo dos líderes.

### 11:1-44 Jesus ressuscita a Lázaro

Quando Jesus estava do outro lado do Jordão, ficou doente um homem chamado Lázaro, que vivia a trinta quilômetros de distância, em Betânia, perto de Jerusalém (11:1). As irmãs de Lázaro, Marta e Maria, enviaram uma mensagem a Jesus: *Senhor, está enfermo aquele a quem amas* (11:3). A mensagem era, na verdade, um pedido cortês para que Je-

sus curasse Lázaro. É possível que as duas irmãs tivessem ouvido falar das curas que Jesus realizara em Jerusalém, que ficava a menos de três quilômetros de Betânia (11:18) e da Galileia. As duas estavam confiantes de que Jesus o faria, pois o conheciam bem, e *amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro* (11:5). Mais adiante, Jesus se referiu a Lázaro como *nosso amigo* (11:11). (O famoso incidente mencionado em 11:2, entretanto, ocorre mais tarde, sendo registrado em 12:3.)

Jesus declarou que aquela doença *não é para morte*, mas para glória de Deus e de seu Filho (11:4). Contudo, essa glória só seria alcançada se Lázaro morresse, de outra maneira ele seria apenas mais um enfermo curado por Jesus. Por isso, Jesus permaneceu onde estava por dois dias depois de receber a mensagem (11:6). Finalmente, informou aos discípulos que retornaria à Judeia (11:7).

Os discípulos acharam o plano arriscado demais, pois os judeus haviam tentado apedrejar a Jesus (11:8; cf. tb. 10:31). Jesus lembrou aos discípulos que o tempo de sua morte ainda não havia chegado. Ainda era dia, e ele poderia andar sem preocupação (11:9-10). Os dias de sua vida não estavam nas mãos dos inimigos.

Jesus então explicou aos discípulos por que eles tinham de ir para a Judeia: *Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo* (11:11). Jesus se referiu à morte como um sono porque a ressurreição estava a caminho. Todo o NT usa a mesma expressão para os que morrem em Cristo. A morte deles é apenas um sono (cf. 1Co 15:6,18; 1Ts 4:13,15; 2Pe 3:4).

Os discípulos entenderam de maneira errada as palavras de Jesus, pensando que Lázaro havia dormido um sono natural, sinal de que estava curado, e por isso não aprovaram a ideia da viagem (11:12-13). Jesus então teve de falar claramente: *Lázaro morreu*. Em seguida, explicou que os acontecimentos por vir os ensinariam mais sobre quem era ele, Jesus (11:14-15).

Um dos discípulos que argumentava com Jesus era Tomé. Assim como o outros, ele esperava pelo pior, mas insistiu em que seus companheiros acompanhassem a Jesus (11:16).

Quando Jesus chegou a Betânia, *encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias* (11:17). Existia uma crença popular de que a alma ficava junto do corpo por três dias após a morte, esperando uma chance de retornar. Depois disso, ia embora para sempre, deixando a pessoa irremediavelmente morta. Era de conhecimento geral, portanto, que Lázaro estava verdadeiramente morto. Quando Jesus chegou, foi recebido por Marta, cujas primeiras palavras foram: *Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão* (11:20-21). As mesmas palavras foram ditas por Maria mais tarde (11:32). A declaração provavelmente refletia palavras que as irmãs haviam dito uma à outra enquanto esperavam a chegada de Jesus e choravam a morte do irmão.

A fé de Marta não foi abalada, pois ela declarou: *Também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus te concederá* (11:22). O “tudo” na frase dela não parece incluir a ressurreição de Lázaro. Ela estava pensando nas coisas da vida cotidiana, não em uma passagem da morte para a vida. Entretanto, Jesus assegurou a Marta que seu irmão ressuscitaria (11:23), e ela respondeu: *Eu sei [...] que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia* (11:24).

Jesus então declara seu quarto “Eu sou” em João (cf. tb. 6:35; 10:7; 10:11): *Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá* (11:25-26). Em seguida, perguntou a Marta: *Crês isto?* (11:26b), e ela respondeu: *Sim, Senhor [...] eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo* (11:27). A resposta foi boa, contudo ela ainda não havia compreendido plenamente a declaração de Jesus. Ele não estava perguntando a Marta quem ele era, mas no que ela acreditava em relação à capacidade dele de lidar com a situação. Jesus estava dizendo que possuía autoridade sobre a vida e a morte. Marta então deu a notícia a Maria: *O Mestre chegou e te chama* (11:28). A interação de Maria com Jesus foi semelhante à que ele teve com Marta, exceto pelo fato de que agora havia mais pessoas presentes. O povo que a estivera consolando a seguiu, pensando que ela iria até o túmulo chorar (11:29-31).

Maria chorava, como faziam os judeus que a seguiam. Vendo o sofrimento deles, Jesus *agitou-se no espírito e comoveu-se* (11:33). Ele também chorou (11:35), mas não por considerar a situação irreversível, já que sabia da ressurreição de Lázaro. Chorou porque compartilhava as emoções daqueles a quem amava.

Os que acompanhavam Maria na lamentação notaram o amor de Jesus por Lázaro (11:36). Assim como as irmãs, eles também se lembraram da cura do cego e se perguntaram por que Jesus não havia curado o amigo (11:37).

Jesus se encontrara com as irmãs fora da aldeia (11:20,30) e agora pedia para ser levado até o túmulo (11:34-35). Todos concluíram que ele prestaria um último ato de respeito ao morto. Entretanto, ao chegar diante do túmulo, Jesus ordenou: *Tirai a pedra* (11:39). Isso era fácil de fazer, pois o túmulo era apenas uma gruta com uma pedra na entrada (11:38). No entanto, havia um obstáculo, que Marta destacou: *Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias* (11:39).

Jesus, num tom gentil, lembrou a Marta: *Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?* (11:40). Não há registro de Jesus dizendo essas palavras a Marta anteriormente, mas elas ecoam o que foi dito em 11:25. Crer que Jesus é a ressurreição e a vida, e agir de acordo, nos conduz a ações que honrarão a Deus. Depois dessas palavras, Marta permitiu que o túmulo fosse aberto (11:41a).

Jesus parou de falar com as irmãs para se dirigir ao Pai. Começou agradecendo a Deus por sempre ouvir sua oração (11:41b). Apesar de Lázaro ainda não ter ressuscitado, sua

ressurreição era tão certa que Jesus a tratava como se já tivesse acontecido. Ele tinha confiança de que o Pai o ouviria, porque nunca pedira nada que não fosse da sua vontade (11:42a). A vontade dele e a do Pai eram uma só. Jesus estava certo de que Deus queria que ele ressuscitasse Lázaro. Declarou então o propósito de sua oração pública: *por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste* (11:42b). Jesus poderia ter ressuscitado Lázaro sem mais delongas, porém queria que os presentes percebessem que ele não agia por conta própria. Os judeus estavam divididos acerca da origem de Jesus e seu relacionamento com o Pai (cf., p. ex., 9:16; 10:19-21). Jesus queria que a ressurreição de Lázaro mostrasse a todos que ele era enviado do Pai. Eles ouviram as palavras de Jesus e agora precisavam ser conduzidos ao seu rebanho, isto é, a acreditar nele.

Após a oração, Jesus bradou: *Lázaro, vem para fora!* (11:43). O grito, na verdade, não foi dirigido a Lázaro: ele estava morto e não podia ouvir. Jesus poderia tê-lo ressuscitado com um sussurro, porém o Mestre queria que os vivos à sua volta ouvissem a ordem de ressurreição e o chamado para sair da esfera da morte para a esfera da vida. João, que estava presente, relata que *saiu aquele que estivera morto*, e Jesus ordenou: *Desatai-o e deixai-o ir* (11:44). Lázaro estava vivo e livre da doença que o havia matado! Iremos encontrá-lo novamente em 12:2. Verdadeiramente, Jesus é a ressurreição e a vida.

### 11:45-57 A vida de Jesus é ameaçada

Apesar de muitos judeus que testemunharam a ressurreição de Lázaro terem crido em Jesus (11:45), outros foram procurar os fariseus para contar-lhes o que Jesus fizera (11:46). A notícia fez que os fariseus convocassem uma reunião urgente no Sinédrio, e o tópico principal da discussão foi: *Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais?* (11:47). Ou seja: “Como podemos impedi-lo?”. Essa tradução destaca sua perplexidade. Eles estavam convencidos de que deveriam fazer alguma coisa, mas não sabiam o quê.

Já haviam tentado capturar Jesus. Durante a Festa dos Tabernáculos, enviaram guardas para prendê-lo, mas a tentativa foi inútil (7:32). Tentaram enganá-lo com a mulher apanhada em adultério, mas Jesus foi mais esperto (7:53—8:11). Seus representantes haviam tentado apedrejar a Jesus, mas ele escapara (8:59). A mesma coisa aconteceu quando os judeus tentaram prendê-lo (10:39).

A crescente popularidade de Jesus entre o povo comum também dificultou as ações do Sinédrio contra ele (cf. 7:44; Mt 21:46; Lc 20:19). À medida que a popularidade de Jesus aumentava, a dos líderes judeus diminuía. Jesus tinha potencial para fazer qualquer um acreditar nele (11:48a). Logo os romanos começariam a pensar que o Sinédrio havia perdido o controle, e então *virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação* (11:48b). Com isso, estavam falando de sua posição de liderança e da própria

nação (a Judeia). Nessa época, Tibério (14 a 37 d.C.) era o imperador, e Pôncio Pilatos (26 a 36 d.C.) era o procurador sobre toda a Judeia. Enquanto a ordem fosse mantida, o Sinédrio teria poder para resolver as questões domésticas. A função deles era analisar os casos à luz da lei religiosa judaica. Diante de uma potencial ameaça à sua posição, decidiram tomar uma atitude mais vigorosa.

Caifás (19 a 37 d.C.) era sumo sacerdote e presidente do Sinédrio, embora seu sogro, Anás, de quem herdara o cargo, ainda fosse muito influente (11:49). Caifás sugeriu ao conselho: *Convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação* (11:50). Sua proposta visava os interesses dos membros do conselho. Se a nação percesse, não haveria mais conselho para exercer autoridade, mas Jesus era apenas um homem. Eles poderiam administrar qualquer crise que sua morte ocasionasse. Por interesse próprio, a inocência de Jesus e a verdadeira justiça foram descartadas. A sugestão de Caifás foi votada e aprovada: *Desde aquele dia, resolveram matá-lo* (11:53).

Apesar de Caifás estar falando somente em termos políticos, por interesse próprio, Deus o usou para expressar uma das verdades fundamentais acerca da morte de Cristo. Jesus de fato morreria “pelo povo” (11:50), e não apenas pelo povo judeu, *mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos* (11:51-53). Cristo morreu no lugar e para benefício dos pecadores. Por meio de sua morte e pela fé nele, reuniu todas as ovelhas espalhadas e perdidas num só rebanho.

Jesus já havia enfrentado outras tramas contra sua vida, mas até que chegasse o tempo determinado os planos do Sinédrio falhariam. Nas outras ocasiões, ele havia escapado estrategicamente (8:59; 10:39) ou se mantivera afastado da região que apresentava maior perigo (4:3-4; 10:40), e fazia a mesma coisa agora: *Retirou-se para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali permaneceu com os discípulos* (11:54). Se essa cidade for a mesma citada em 2Crônicas 13:19, estava localizada na área montanhosa, a vinte e dois quilômetros ao norte de Jerusalém. Ali seria mais difícil, humanamente falando, que as autoridades o prendessem, por isso Jesus ficou na cidade com os discípulos até chegar o tempo determinado (11:54).

A Páscoa dos judeus estava próxima (11:55), e muitos deles iriam do campo para Jerusalém a fim de participar, uma semana antes, da purificação cerimonial que a precedia. Durante esses dias, muitos esperavam ver Jesus, que agora era uma importante figura pública. Reunidos na área do templo, discutiam se Jesus compareceria ou não à festa (11:56). De um lado, ficariam felizes de vê-lo ou ouvi-lo, pois sabiam que ele gostava de ensinar as multidões. Por outro lado, sabiam qual seria a atitude das autoridades, pois Jesus era um homem procurado. Teria ele coragem suficiente para comparecer à festa?

Os principais sacerdotes e fariseus também estavam elaborando uma estratégia para prender a Jesus. Estavam

convencidos de que ele viria a Jerusalém para a Páscoa ou estaria em algum lugar próximo. Assim, *tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem* (11:57). Não se tratava de um simples pedido de apoio: era a ordem do dia da suprema corte. Eles esperavam que a mobilização total do povo produzisse resultado. Entretanto, não era a estratégia dos poderosos, e sim o tempo de Deus, o que de fato importava.

### 12:1-11 Jesus é ungido por Maria

Seis dias após a Páscoa, Jesus retornou a Betânia, onde havia ressuscitado Lázaro (12:1), que ficava a menos de três quilômetros de Jerusalém — portanto, uma zona de perigo para Jesus. Um jantar foi oferecido em homenagem a Jesus. Marta o serviu, e Lázaro e outros convidados estavam à mesa com Jesus (12:2). Deve ter sido um maravilhoso momento de confraternização, porém Maria tinha uma contribuição singular a fazer. A última vez que Jesus estivera em Betânia, ela lhe caíra aos pés e dissera: “Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido” (11:32). Até aquele momento, ela havia honrado seu Senhor. Agora, resolveu expressar seu amor e sua gratidão: tomou *uma libra* [500 mg] *de bálsamo de nardo puro* (um perfume caro) e ungiu os pés de Jesus, enxugando-os depois com os cabelos (12:3). O óleo que ela utilizou nesse ritual custava o equivalente a um ano de salário, pois Judas o avaliou em *trezentos denários*, e um denário era a diária de um trabalhador (12:5b). O fato de Maria usar tal produto demonstrava quanto seu Senhor era importante para ela, e a decisão de lavar com o perfume os pés de Jesus indicava o humilde serviço que ela queria oferecer. Na prática judaica, eram os escravos, e nunca os discípulos, que lavavam os pés dos convidados com água. Finalmente, quando Maria usou os cabelos para enxugar os pés de Jesus estava expressando seu desejo de servir ao Senhor. Muitos dos presentes devem ter ficado chocados ao ver uma mulher de respeito expor os cabelos em público!

Judas Iscariotes criticou o gesto de Maria: *Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?* (12:4-5). João, no entanto, informa que Judas não estava preocupado com os pobres. Na época, Judas era o tesoureiro dos discípulos e costumava usar em benefício próprio o dinheiro ofertado ao grupo. Era ladrão, portanto (12:6). Os akambas costumam dizer: *Itho yikatonyeka yambiiaa kuia mana tene* (“Um olho lacrimeja involuntariamente muito tempo antes de ficar cego”). Judas já mostrava sua verdadeira face.

Jesus ordenou-lhe que deixasse Maria em paz e acrescentou: *Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem* (12:7). Esse dia havia chegado. Jesus estava indo para Jerusalém, ao encontro da morte. Da perspectiva de Maria, aquele gesto era apenas uma maneira de dizer ao seu Senhor quanto o admirava. Da perspectiva de Deus, entretanto, o gesto marcava o início da paixão de Cristo. Por isso, Jesus disse: *Os pobres, sempre os tendes convosco, mas a*

*mim nem sempre me tendes* (12:8). Se Maria não tivesse feito o ritual naquele momento, não teria outra oportunidade. Jesus estava a caminho da cruz.

A presença de Jesus em Betânia logo foi descoberta, e muitos judeus se dirigiram aonde ele estava (12:9-10). Eles queriam ver e ouvir Jesus e também estavam curiosos para ver Lázaro, por ele ressuscitado. Um homem capaz de operar tal milagre devia ser muito importante e poderoso. Lázaro também acabou tornando-se uma celebridade por causa de sua ressurreição.

O Sinédrio já havia decidido matar Jesus (11:53), mas agora os principais sacerdotes queriam matar Lázaro também (12:10). É interessante notar que apenas os principais sacerdotes são mencionados aqui. Eles pertenciam ao partido dos saduceus, que não acreditava na ressurreição, e o fato de Lázaro estar vivo contradizia suas crenças. Todavia, o principal motivo de quererem livrar-se de Jesus era que *muitos dos judeus, por causa dele, voltavam crendo em Jesus* (12:11). Lázaro estava conduzindo as pessoas à fé em Cristo.

### 12:12-19 A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém

Faltavam agora cinco dias para a Páscoa. Jesus tinha chegado a Betânia seis dias antes da festa, e o acontecimento narrado aqui ocorreu em Jerusalém, no dia seguinte (12:12). Não deve ter levado muito tempo para a notícia de sua presença percorrer os três quilômetros até Jerusalém.

Enquanto Jesus se dirigia a Jerusalém, o povo na estrada, ao reconhecê-lo, saudava-o com palavras e ações. Era significativo o fato de estarem segurando *ramos de palmeiras* (12:13a) para celebrar sua chegada, pois havia apenas duas ocasiões em que os judeus usavam ramos de palmeiras: durante a Festa dos Tabernáculos (Lv 23:40) e durante as festividades da reedificação do templo, em 164 a.C., depois de sua profanação por Antíoco Epifânio (1Macabeus 12:50-51). Desde a época dos macabeus, o ramo de palmeira parece ter sido usado como símbolo da Judeia — o equivalente à bandeira nacional. Eles não tinham nenhuma função durante a Páscoa, por isso é provável que o povo tivesse em mente os fatos ocorridos em 164 a.C, quando ramos de palmeira agitados celebraram a vitória dos macabeus sobre os sírios. Jesus estava sendo recebido como outro libertador, alguém que podia livrá-los do jugo romano. A ressurreição de Lázaro convenceu-os de que ele era poderoso o bastante para garantir a vitória contra Roma. Assim, eles o saudaram com ramos de palmeira e com gritos de *Hosana*, que significa “Salva-nos, te suplicamos”, ou “Dá-nos a salvação agora”, ou “Dá-nos a vitória agora” (12:13b).

A multidão também gritava: *Bendito o que vem em nome do Senhor* (12:13c). Era o reconhecimento do que Jesus vinha afirmando desde o início, ou seja, que ele era enviado do Pai. Eles por certo não compreendiam que Jesus fora enviado como homem para morrer no lugar da humanidade, mas pelo menos admitiam agora que a autoridade com a qual ele ensinava e agia vinha de Deus.



O último grito deles — *Rei de Israel!* (12:13d) — com-prova a ideia então corrente de que a missão de Jesus era governar Israel e de que sua tarefa imediata era vencer os romanos. Eles estavam prontos para segui-lo em batalha. O Jesus que conhecemos em João até esse momento não recebia ordens de ninguém (nem de sua mãe, Jo 2:4; nem de seus irmãos, Jo 7:6-8; nem de seus amigos, Jo 11:6-15). Certa ocasião, os galileus quiseram fazê-lo rei (6:15), mas Jesus escapou. Agora o povo em Jerusalém (até mesmo os galileus que vieram para a festa) estavam outra vez tentando declará-lo rei, mas ele não estava às suas ordens.

Se Jesus estivesse decidido a liderar um golpe de Estado, teria chegado a Jerusalém montado num cavalo, símbolo da guerra. Em vez disso, entrou na cidade montado num jumentinho (12:14). Ele veio morrer pelos romanos, e não subjugá-los. Sua missão era misteriosa: ele demonstrava ser um homem muito poderoso e ao mesmo tempo se submetia a insultos, maus-tratos e até morte nas mãos dos judeus incrédulos e dos representantes de Roma. A entrada de Jesus montado no jumentinho não foi um acidente, mas o cumprimento das Escrituras (12:15; cf. Zc 9:9). Depois de sua glorificação, os discípulos perceberam que, quando o ajudaram a encontrar o jumento (cf. Mc 11:2-7), estavam participando do cumprimento das Escrituras registradas cerca de quinhentos e cinquenta anos antes (12:16).

Enquanto isso, os que haviam presenciado a ressurreição de Lázaro continuavam a comentar o milagre, e aqueles que os ouviam ficavam curiosos para conhecer a Jesus. Ao tomar conhecimento de que Jesus iria a Jerusalém, *a multidão lhe saiu ao encontro* (12:17-18). À medida que a notícia se espalhava, mais e mais pessoas chegavam para conhecer a Jesus, e sua popularidade explodiu. O povo agora ignorava abertamente a ordem do Sinédrio, segundo a qual qualquer um que encontrasse a Jesus deveria avisar os principais sacerdotes e os fariseus, a fim de que pudessem prendê-lo (11:57). Em vez disso, o povo exaltava a Jesus como Messias. Por isso, os fariseus disseram entre si: *Não conseguimos nada!* (NTLH). O último plano deles havia falhado, e o povo estava a favor de Jesus (12:19).

Foi provavelmente nesse momento que os fariseus tiveram a ideia de usar um dos discípulos do próprio Jesus para conseguir apanhá-lo, pois, como dizem os akambas, *Muthianwa ni mutui ndavita* (“Quem é espionado por um vizinho não tem escapatória”). Os fariseus não podiam prendê-lo sozinhos, pois Jesus sempre escapava. Contar com a ajuda do povo também não daria certo, pois a população estava do lado de Jesus. A melhor opção seria subornar um dos doze homens mais próximos dele.

### 12:20-26 Alguns gregos procuram por Jesus

Os gregos mencionados aqui eram prosélitos gentios que estavam em Jerusalém *para adorar durante a festa* (12:20). Tendo testemunhado a recepção que Jesus tivera, estavam

interessados em ver de perto aquela figura popular, que, segundo rumores, até ressuscitava mortos. Enquanto isso, Jesus falava a uma multidão de judeus que havia visto ou ouvido sobre a ressurreição de Lázaro (12:17).

Os gregos conversaram com Filipe, que era de Betsaida da Galileia (12:21). Devem ter procurado o discípulo por causa de seu nome grego, que significa “aquele que gosta de cavalos”. Pediram a Filipe: *Senhor, queremos ver Jesus* (12:21). O sentido de “ver” aqui é simplesmente “olhar para ele”, sem implicar necessariamente um envolvimento maior.

Filipe não estava certo sobre o que fazer em relação ao pedido dos gregos e então consultou André, um condiscípulo. De acordo com sua experiência, Jesus ministrava apenas aos judeus ou a seus parentes próximos, os samaritanos. O que Jesus pensava dos gregos? Seria esse um pedido importante o suficiente para justificar a interrupção do discurso que Jesus fazia à multidão de judeus? Essas questões deixaram Filipe inseguro, e André parece tê-lo aconselhado a deixar que Jesus decidisse; assim, *André e Filipe o comunicaram a Jesus* (12:22).

Não há registro de que Jesus tenha atendido ao pedido dos gregos, mas podemos deduzir que sua resposta foi motivada por essa solicitação. O pedido deu-lhe a oportunidade de ensinar outra lição aos discípulos, aos judeus que estavam com ele (12:17,34) e provavelmente aos gregos, caso estivessem ouvindo. Jesus informou à multidão que, enfim, *é chegada a hora* (12:23). No início de seu ministério, Jesus havia dito à sua mãe: “Ainda não é chegada a minha hora” (2:4), referindo-se ao tempo de mostrar seu poder em público. Essa hora chegou pouco depois, e durante cerca de três anos Jesus realizou muitos sinais miraculosos. Durante esse tempo, todas as tentativas de matá-lo ou feri-lo não obtiveram sucesso porque seu ministério público ainda não fora concluído (cf., p. ex., 8:20; 10:31,39; 11:53,57). Agora, porém, a hora de sua paixão havia chegado. A jornada final era em direção da cruz.

A “hora” envolve a glorificação do Filho do Homem (12:23). Os judeus pensavam que essa glorificação implicava grandes vitórias, fisicamente evidentes, em especial sobre os romanos. Contudo, Jesus sabia que sua glorificação viria por meio da morte. Para explicar o que queria dizer, usou a metáfora do grão de trigo. Não importa quão saudável seja o grão, a glória está em sua morte, pois quando ele morre produz uma nova planta, com muitas sementes (12:24). Se Cristo não morresse, não haveria novas sementes, pessoas semelhantes ao grão que é Cristo. A salvação só seria possível por meio de sua morte.

Jesus em seguida contrasta dois tipos de pessoas. Uma delas ama sua vida, e a outra a odeia, pelo menos no que diz respeito ao mundo físico (12:25). O que escolhe apegar-se à vida inevitavelmente a perderá, mas aquele que odeia sua vida obterá a vida eterna — o oposto do que em geral imaginamos. É de esperar que alguém que ame sua vida cuide

de si mesmo com um bom sistema de segurança, dieta balanceada, exercícios regulares e outras medidas saudáveis e equilibradas. Da mesma forma, é natural deduzir que, se alguém odeia a própria vida, não se importará com sua segurança pessoal, nem com o que come, nem com outros perigos. Por que as palavras de Jesus vão contra o senso comum? É porque ele é a vida. Os que amam a própria vida e se recusam a morrer com Cristo não enxergam a existência de maneira apropriada. Já os que odeiam a própria vida e escolhem morrer com ele (ou seja, morrer para si a fim de que Cristo possa reinar neles) recebem a vida eterna. Mesmo quando caem no sono da morte, aguardam a ressurreição, pois a morte é incapaz de anular a vida eterna.

A recompensa definitiva está destinada aos que seguem a Jesus e o servem. Eles terão o privilégio da presença de Jesus e da honra do Pai (12:26). Jesus deixa claro que a possibilidade de receber a recompensa se estende a qualquer um, até mesmo aos gregos, cuja curiosidade para ver Jesus o levou a proferir essas palavras. Judeus, samaritanos e gregos, são todos bem-vindos.

A única condição para receber a recompensa é ser servo de Jesus, e essa servidão implica seguir a Cristo. O simples fato de ver Jesus, como os gregos pretendiam, não é o suficiente. É necessário negar a si mesmo e esquecer as preocupações terrenas (o que equivale a odiar a vida, 12:25) e seguir a Jesus. O “siga-me” está no tempo presente para indicar que deve ser um hábito. Não se limita a ocasiões especiais, como a Páscoa, mas deve acontecer o tempo todo.

As duas recompensas (contar com a presença de Cristo e ser honrado pelo Pai) são expressas no tempo futuro. Não porque ocorrerão somente no além-túmulo, mas porque somente ocorrerão depois que for obedecido o chamado de seguir e servir a Jesus.

Da perspectiva humana, Jesus se fez visível para ser rejeitado, pois a morte na cruz estava destinada aos amaldiçoados. De modo semelhante, os servos de Jesus não receberão honras do mundo. Entretanto, assim como o Pai honrará o Filho, ressuscitando-o dos mortos e dando-lhe um nome acima de todo nome (Fp 2:9), os servos também serão exaltados por Deus. A zombaria e até mesmo a morte serão oportunidades para o Pai glorificar os servos de Jesus.

### 12:27-36 O Filho de Deus deve ser exaltado

Jesus era plenamente humano e assim temia o sofrimento e a morte pelos quais teria de passar na “hora” que havia chegado. Ele não escondeu esse fato, mas disse: *Agora, está angustiada a minha alma* (12:27a). Então ponderou se deveria orar para escapar àquela hora. Embora emocionalmente desejasse evitar a situação, Jesus sabia que estaria errado em pedir livramento, pois foi *precisamente com este propósito vim para esta hora* (12:27b). A vida de Jesus foi vivida de acordo com uma agenda. Houve uma hora determinada para ele se tornar humano, houve a hora em que ele iniciou

seu ministério público e nesse momento ele enfrentava a hora de sua paixão.

Rendendo-se à agenda divina, Jesus orou: *Pai, glorifica o teu nome* (12:28a). O que mais importava não era como ele se sentia fisicamente, e sim o que glorificaria o nome do Pai. Seria a morte? Se fosse, então Jesus morreria.

O Pai respondeu do céu: *Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei* (12:28b). A glorificação já realizada consistia em tudo o que o Filho tinha feito em atitude submissa desde que aceitou a proposta de se tornar humano para salvar a humanidade. De certo modo, o Pai está elogiando o Filho pelo trabalho bem-feito. O Pai também responderá à oração na qual Jesus se entrega em suas mãos e dirigirá os acontecimentos de maneira que seu nome fosse glorificado novamente.

Jesus fora cercado por uma multidão desde que saíra de Betânia (12:17). Eles lhe proporcionaram uma entrada triunfal na cidade, digna de um Messias nacionalista, e anteciparam incríveis acontecimentos, embora nunca tivessem compreendido o relacionamento entre Jesus e Deus. Quando a voz ecoou do céu, alguns a confundiram com um trovão, enquanto outros diziam que um anjo havia falado (12:29). O trovão seria um fenômeno extraordinário num dia sem previsão de tempestade, e um anjo falando seria uma comprovação de que Jesus era o Messias esperado. Seja qual for o caso, a multidão o considerou um sinal da aprovação de Deus para que Jesus os liderasse na luta contra os romanos. Jesus, entretanto, esclareceu: *Não foi por mim que veio esta voz, e sim por vossa causa* (12:30). Até onde ele podia perceber, a voz indicava que não havia mais possibilidade de retorno. A terrível morte na cruz teria de ser enfrentada, pois estava prevista no plano eterno. A multidão, entretanto, ainda não havia compreendido que Jesus era o eterno Filho de Deus, que fora enviado do céu. As palavras do Pai a Jesus deveriam tê-los ajudado a entender a situação, mas, em vez disso, eles as confundiram com um trovão e com um anjo.

Jesus começou então a explicar o que a hora significava e revelou de que *gênero de morte estava para morrer* (12:33). A hora que se aproximava, ou seja, a hora da morte, significava o julgamento do mundo, isto é, do sistema que se opunha a Jesus e, por fim, ao Pai que o enviou. O julgamento significava que *será expulso o príncipe deste mundo* (12:31, NVI). A remoção definitiva de Satanás só ocorrerá no futuro (Ap 20:10), mas o processo de expulsão se iniciou na cruz, onde foi estabelecido um limite de tempo para sua influência na história. Jesus abriu a porta para escaparmos à esfera de governo de Satanás. Tudo o que hoje parece ser vitória do inimigo (muitos exemplos podem ser citados no continente africano e em outros lugares) são apenas os esforços do diabo para sobreviver. Seu destino já está selado.

A “hora” se completará no momento em que Jesus for levantado, primeiro numa cruz e depois em sua ressurreição, quando atrairá toda a humanidade para si como consequência do ressurgimento (12:32).

A multidão recebera Jesus como o Cristo (ou seja, o Messias), mas agora ele a confunde ao mencionar alguém chamado “o Filho do Homem”, o qual, ao que parece, morrerá (12:23-24). Para aumentar a confusão, Jesus alterna o título “Filho do Homem” com o pronome “eu”. A multidão havia aprendido que o Cristo viveria para sempre. Portanto, se Jesus era o Cristo, como acreditavam, ele não poderia morrer. Confusos, perguntam: *Quem é esse Filho do Homem?* (12:34).

Jesus não respondeu. Em vez disso, aconselhou a multidão a caminhar um pouco mais e a depositar sua confiança nessa luz enquanto ela ainda existia, pois em breve se apagaria (12:35-36). Poucos dias depois, Jesus seria preso. Era o momento de agirem conforme haviam aprendido de Jesus, pois seu ensinamento traria luz à vida deles.

Jesus então deixou a multidão e *ocultou-se* (12:36). Não fez isso para escapar a um apedrejamento, como acontecera em outras ocasiões (cf. 8:59, 10:31), mas porque, assim como os galileus em 6:15, a multidão queria que Jesus se tornasse seu rei e liderasse uma revolta contra os romanos. Essa era a esperança do povo que se reuniu para vê-lo em Betânia (12:9) e lhe concedeu uma entrada triunfal em Jerusalém. A multidão não havia entendido seu discurso sobre a necessária morte do Messias, muito menos suas implicações. Então era a hora de Jesus seguir em frente e cumprir sua jornada em direção à cruz.

## 12:37-50 Jesus encerra seu ministério público

### 12:37-43 Um resumo do ministério público de Jesus

Jesus estava prestes a encerrar seu ministério público e concentrar-se nas instruções finais aos doze. Antes disso, João apresenta um breve relatório da missão de Jesus.

Os judeus viram ou ouviram falar sobre os muitos sinais que Jesus realizara na Judeia e na Galileia. João não registra todos os milagres (cf. 20:30; cf. tb. 2:23), mas apresenta sete deles em detalhes: a transformação de água em vinho, a cura do filho de um oficial do rei, a cura de um homem que esteve doente por trinta e oito anos, a alimentação de mais de cinco mil pessoas, a caminhada sobre a água, a cura do cego de nascença e a ressurreição de Lázaro. Mesmo assim, apesar de todos esses sinais, os judeus, em geral, *não creram nele* (12:37). Os líderes da nação e aqueles que os apoiavam rejeitaram Jesus, apesar do que viram e ouviram. Mesmo os que admiravam Jesus e achavam que ele era seu Messias nacionalista não estavam preparados para acreditar na mensagem acerca do Filho do Homem que iria morrer.

Essa descrença não foi o resultado da falta de evidências, mas o cumprimento de uma profecia de Isaías (12:38). João cita Isaías 53:1: *Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?* A resposta a essa pergunta retórica é claramente: “Ninguém”, ou pelo menos: “Poucos”. O Servo de Isaías 53 sofreu nas

mãos dos homens que deveriam tentar conhecê-lo melhor, porém escolheram não acreditar e rejeitaram o Servo. Por que fizeram isso? João dá a resposta com as palavras de Isaías 6:10: *Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados* (12:39-40). Mas o que essas palavras querem dizer?

Isaías 6 registra a missão da qual o Senhor incumbiu o profeta: “Vai e dize a este povo” (Is 6:9). A mensagem que Isaías deveria entregar era: “Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebeis”. O povo a quem ele deveria falar era o povo de Deus, especificamente aqueles que pertenciam ao reino de Judá, o Reino do Sul. Eles se tornaram infiéis ao Senhor e, como resultado, foram condenados (cf. Is 1:4). Deus não se referia mais a eles como “meu povo” (como em Êx 3:7; Lv 26:12; Jr 11:4, NVI; 30:3). Em vez disso, passou a chamá-los “este povo” (Is 6:9; cf. tb. Is 9:16; 29:13). O Senhor se afastou por causa da teimosia deles.

O Senhor disse a Isaías qual seria o resultado de seu ministério: “Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos”. Para quê? “Para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo” (Is 6:10). O ministério de Isaías resultaria no endurecimento do coração do povo e em maior insensibilidade à mensagem do Senhor. João relaciona esse padrão de ministério ao que aconteceu na época de Jesus: *Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito* (12:41).

Assim como o povo de Judá, a quem Isaías ministrou, os judeus dos tempos de Jesus eram o povo escolhido de Deus. Eles também ouviram a mensagem do Senhor, mas endureceram o coração — escolhendo deliberadamente não crer. O ministério de Isaías continuaria até que Javé aplicasse o merecido castigo pela dureza de coração do povo, e assim também aconteceria com o ministério de Jesus. Os judeus teimavam em rejeitar as declarações de Jesus, ignoravam a evidência dos sinais miraculosos e até planejavam matá-lo. Eles seriam julgados e estavam no estágio em que o ministério divino lhes cegava os olhos e lhes endurecia o coração.

Mesmo assim, no meio da descrença generalizada, *muitos dentre as próprias autoridades creram nele* (12:42a), mas eles *não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga pelos fariseus* (12:42b). Para eles, a expulsão significava afastar-se da comunhão com Deus e de seus irmãos judeus, porém eles estavam errados ao pensar assim. Crer em Jesus significava crer e ser exaltado por aquele que enviou Jesus (ou seja, Deus). Eles estavam errados, portanto, em optar por se mostrar corretos diante dos fariseus, e não diante de Deus (12:43).

### 12:44-50 O apelo final de Jesus aos judeus

O desejo de que ninguém percesse (2Pe 3:9) parece ter levado Jesus a fazer um apelo final à multidão, antes de sua

iminente partida (12:36). Mais uma vez, Jesus afirmou que ele e quem o enviara eram um só. Crer em Jesus é também crer em Deus, que o enviou (12:44-45). Ver a Jesus é o mesmo que ver o Pai. Consequentemente, rejeitar a Jesus é rejeitar a Deus também. O motivo pelo qual Jesus veio à terra foi para ser a luz do mundo (12:46; cf. tb. 8:12). Quem não o reconhece como Salvador vive na escuridão (3:20), separado de Deus, que é a própria luz (Sl 27:1; 1Jo 1:5). A missão de Jesus era oferecer a todos um meio de sair da escuridão e ir para a luz. Sua principal preocupação era salvar, e não julgar (12:47). Ele será nosso juiz no futuro, mas o objetivo de seu ministério físico era trazer salvação, não exercer juízo.

No entanto, o ensino acerca da salvação que, em submissão ao Pai, Jesus estava oferecendo será inevitavelmente uma evidência contra aqueles que o rejeitaram (12:48). As palavras dele serão usadas no julgamento de seus ouvintes no *último dia*, quando Deus encerrará os governos humanos e distribuirá recompensas e punições. Nesse dia, ninguém poderá fazer escolhas (como os judeus, que optaram por rejeitar a Jesus).

Jesus encerrou seu ministério público com o aviso de que havia transmitido fielmente a mensagem que o Pai lhe mandara entregar (12:49-50). Suas palavras e ações eram controladas pelo Pai. Tudo o que ele lhes dissera era a mensagem do Pai, sem distorção alguma. Assim, rejeitar sua mensagem era o mesmo que rejeitar a mensagem do Pai. Todas as suas palavras e ações tinham um único objetivo: oferecer a vida eterna. Rejeitar sua mensagem, portanto, era rejeitar a vida eterna.

### 13:1—17:26 Ministração final de Jesus aos doze

Os capítulos 13 a 16 registram as palavras finais de Jesus aos doze antes da crucificação, e o capítulo 17 contém sua oração ao Pai a favor deles. Os discípulos estiveram com ele desde o milagre da transformação da água em vinho, em Caná (cap. 2). Presenciaram seus outros milagres e ouviram seus ensinamentos, de modo que haviam adquirido uma boa base para compreender o que Jesus lhes diria agora. Entretanto, eles ainda tinham algo que aprender, e rápido, pois o tempo era curto: a ministração final de Jesus aos doze, sua oração, a condenação subsequente, a crucificação e o sepultamento aconteceriam em menos de vinte e quatro horas. Esses acontecimentos tiveram início na quinta-feira e terminaram na tarde de sexta-feira.

#### 13:1-20 Jesus lava os pés dos discípulos

João não revela o local em que Jesus lavou os pés dos discípulos, mas é provável que tenha sido no cenáculo mencionado em Marcos 14:14-15 e Lucas 22:10-12. João informa apenas que o fato aconteceu *antes da Festa da Páscoa* (13:1a). Naquela Páscoa, o cordeiro pascal não seria o único a morrer: o eterno Cordeiro de Deus também seria sacrificado. Jesus sabia que a hora de sua morte havia che-

gado (13:1b). À volta dele, estavam doze homens por quem ele nutria um amor especial, embora um deles fosse traí-lo (13:2).

Diante da morte iminente, Jesus queria demonstrar que os amava *até ao fim* (13:1c). Expressou esse amor de forma dramática, enquanto a ceia (sua última ceia) era servida. Mesmo estando ciente da grandeza de suas origens, de seu poder e de seu destino (13:3), Jesus humildemente exerceu o papel de servo. Durante a ceia (13:4a), ele se levantou e tirou sua vestimenta de cima (13:4b). Os homens judeus costumavam vestir uma túnica por baixo, uma túnica externa e uma roupa ou capa por cima. Eles tiravam a capa quando estavam dentro de casa, porém mantinham a túnica externa. Jesus removeu a túnica externa e ficou apenas com a túnica de baixo. Então amarrou uma toalha ao redor da cintura (13:4c). Vestido assim, Jesus parecia um escravo, pois essa era a vestimenta-padrão dos escravos.

Jesus encheu uma bacia com água (13:5a) e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha que havia amarrado à cintura (13:5b). Ele não apenas estava vestido como um escravo: estava também fazendo o trabalho de um escravo. Lavar os pés era uma tarefa tão servil que nem os mestres incumbiriam seus discípulos de realizá-la.

João destaca o que aconteceu quando chegou a vez de Pedro. Como era característico desse discípulo, Simão Pedro foi de um extremo (*Nunca me lavarás os pés*, 13:8) a outro (*Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça*, 13:9). Sua primeira reação foi dizer a Jesus: “Tu és o meu mestre; nunca permitirei que me sirvas como um escravo”. Em seguida, sua atitude mudou: “Quero estar associado contigo de todas as maneiras possíveis”. Pedro tinha boas intenções, mas a lição que Jesus estava ensinando exigia apenas que o Mestre lavasse os pés de cada discípulo.

Depois de terminar a tarefa, Jesus *tomou as vestes* e perguntou aos discípulos: *Compreendeis o que vos fiz?* (13:12). Eles estavam certos em chamar Jesus de Senhor e Mestre (13:13), mas nesse caso Jesus é que deveria ter recebido aquele tipo de serviço dos discípulos. Em vez disso, foi ele quem os serviu, realizando a mais humilde das tarefas. Em seguida, deu uma ordem que todos devemos cumprir: *Também vós deveis lavar os pés uns dos outros* (13:14). Esse ato implica reconhecer-se como escravo ou servo daquele cujos pés estamos lavando, mas ninguém deve ser apenas servo. Os discípulos de Jesus devem lavar os pés “uns dos outros”, ou seja, todos devem lavar os pés de todos. Jesus declarou que esse ato era uma obrigação que os discípulos tinham uns para com os outros, e o uso do tempo presente indica tratar-se de uma obrigação contínua, não de algo a ser feito uma única vez. Para prevenir possíveis objeções, Jesus lembra que ele mesmo já deu o exemplo, *para que, como eu vos fiz, façais vós também* (13:15). Nenhum dos discípulos podia argumentar que ficaria desmoralizado ao lavar os pés de alguém, uma vez que Jesus, Mestre e Senhor deles, já o fizera (13:16). Como servos, eles deviam imitar seu Mestre.

Como discípulos de Jesus, cada um seria mestre e servo ao mesmo tempo. Todos realizariam e receberiam o serviço.

O conceito de fazer favores a todos, especialmente aos que estão numa camada inferior da sociedade, é desconhecido na África. Jamais se ouviu falar de um chefe servindo seus subordinados. Mesmo assim, é o que Jesus nos pede para fazer aqui. Se nossos líderes, na África, aprendessem essa lição, mais da metade dos problemas que o continente africano enfrenta cotidianamente seriam eliminados.

A ordem de servir vem acompanhada de recompensas: *Bem-aventurados sois se as praticardes (13:17)*. Deus é a fonte de todas as bênçãos. Quando as recebemos, ficamos felizes porque estamos em paz com Deus e com nós mesmos, e essa felicidade afeta nosso relacionamento com os outros.

Nem todos os presentes, porém, receberiam a bênção, pois um deles se recusaria a servir ou a reconhecer Jesus como Mestre e Senhor. Sem mencionar nenhum nome, Jesus estava referindo-se a Judas Iscariotes ao dizer: *Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi (13:18a)*. Judas Iscariotes era um dos que Jesus havia escolhido (cf. Mt 10:1-4; Lc 6:12-16). Jesus conhecia o coração e a motivação de cada um dos doze homens que escolhera e sabia que Judas cumpriria as Escrituras: *Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar (13:18b)*, uma declaração que expressa brutal violência. Jesus estava citando Salmos 41:9, no qual Davi se refere a uma ocasião em que até seu amigo mais íntimo o havia abandonado, mas o Senhor lhe concedeu livramento.

Comer com alguém, compartilhando o pão, era sinal de amizade. Judas Iscariotes tinha viajado e compartilhado o alimento com Jesus durante três anos. Ele acompanhava seu ministério e desfrutava a amizade de pessoas como Maria, Marta e Lázaro, mas seu coração não estava ali (cf., p. ex., 12:5-6).

Judas foi escolhido para cumprir a profecia segundo a qual Jesus seria tratado brutalmente por um grupo que contaria com um de seus discípulos. Podemos perguntar-nos onde termina a vontade de Deus e onde começa o mal de Judas. Ao ponderar sobre esse assunto, a primeira coisa que devemos lembrar é a ideia principal de João de que a morte de Jesus não foi acidente. Esse fato é declarado em 13:19. O plano de Deus previa não apenas que Jesus viria do céu para morrer como Deus-homem na terra, mas também a maneira pela qual ele morreria. Judas Iscariotes fazia parte do plano de Deus. Mesmo assim, não era Deus quem controlava suas ações, e sim Satanás (13:2; cf. tb. Lc 22:3).

Judas é considerado responsável por trair a Jesus (cf. Mt 26:24; Mc 14:21; Lc 22:22). Parece que, no contexto da vontade diretiva de Deus, Judas foi escolhido para ser discípulo, e ele o foi durante três anos. Entretanto, Judas traiu Jesus no contexto da vontade permissiva de Deus, que permite o mal, porém não o controla. Judas poderia ter agido de maneira diferente. Poderia ter escolhido permane-

cer leal a Jesus, em vez de obedecer aos planos do diabo. Deus sabia o que iria acontecer, do início ao fim. Judas foi introduzido no grupo dos doze para fazer exatamente o que fez, mas não porque Deus o obrigou a isso. Ele agiu por conta própria, mas Deus sabia qual seria sua escolha desde a eternidade.

Jesus lavou os pés dos discípulos, e eles iriam lavar os pés “uns dos outros” (13:14) e também daqueles que por meio deles ouvissem a proclamação do evangelho e aceitassem a Jesus. Jesus enviaria os discípulos às nações. Qualquer um que os aceitasse e lhes permitisse lavar seus pés estaria aceitando Jesus, que os enviou (cf. 13:8). E qualquer um que aceitasse a Jesus aceitaria também a Deus, que o enviou (13:20). Uma corrente de serviço estava criada: de Deus para Jesus, de Jesus para os discípulos, e destes para os que ouvissem a mensagem e a comunicassem ao próximo. Não é de admirar que Jesus tenha dito aos discípulos que eles seriam abençoados se servissem uns aos outros (13:17).

### 13:21-29 Jesus prediz que Judas irá traí-lo

*Ditas estas coisas (13:21)*, ou seja, dado o aviso de que um dos discípulos não estava limpo e não o havia aceitado como Senhor, *angustiou-se Jesus em espírito*. Quando ele explicou a causa de sua infelicidade aos discípulos, eles ficaram chocados (cf. 13:22). Como ele poderia ser traído por alguém que conheceu sua bondade e seu amor durante três anos?

Tentando amenizar a tensão entre esse fato inimaginável e a convicção com que Jesus o mencionara, Pedro pediu ao discípulo amado (provavelmente João) que perguntasse a Jesus a quem ele estava referindo-se (13:23-24). Jesus respondeu: *É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado (13:26a)*. Mesmo com essa declaração precisa e depois de Jesus entregar o pedaço de pão a Judas (13:26b), nenhum dos que estavam à mesa, exceto Jesus e Judas, compreendeu o que estava acontecendo (13:28). No momento em que Jesus disse a Judas: *O que pretendes fazer, faze-o depressa*, este sabia exatamente o que o Mestre queria dizer.

Quando João informa que, *após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás (13:27)*, o apóstolo está descrevendo o curso dos eventos, não insinuando que pegar o pão fez que Satanás entrasse em Judas. João está dizendo simplesmente que não se passou muito tempo entre Judas pegar o pão e cair sob o controle de Satanás.

### 13:30-38 Jesus prevê que Pedro irá negá-lo

Depois que Judas saiu (13:30), Jesus sabia para onde o discípulo estava indo e o que iria fazer. Então começou a falar sobre seu sofrimento e morte iminente como forma de glorificação que o Filho do Homem oferecia a Deus (13:31-32). Jesus então falou de sua partida (13:33), da necessidade que os discípulos teriam de preencher o



vazio, amando uns aos outros de uma nova maneira — à maneira de servos — e dando testemunho desse amor ao mundo (13:34-35).

Falar de partida atraiu a atenção de Pedro, que perguntou: *Senhor, para onde vais?* (13:36). Em sua resposta, Jesus mais uma vez mencionou a impossibilidade de os discípulos o acompanharem naquele momento (cf. tb. 13:33), mas acrescentou a importante informação de que *mais tarde, porém, me seguirás*. Pedro não estava satisfeito por ter de esperar até mais tarde e então declarou: *Por ti darei a própria vida* (13:37), e Jesus retrucou em seguida: *Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes* (13:38). A ênfase aqui não recai sobre a fraqueza de Pedro, pois o Senhor não o encorajou a dar a vida por seu Mestre. O que ele estava destacando era a provação do percurso.

#### 14:1-4 Jesus, a fonte de consolo

Jesus agora garante que não há motivo para os discípulos ficarem perturbados (14:1) — e eles sem dúvida ficaram. Satanás fora bem-sucedido em infundir a inquietação no coração deles. O inimigo plantara dúvidas que só poderiam ser superadas pela obediência: *Credes em Deus, crede também em mim* (14:1b). A fé dos discípulos deveria basear-se no que Deus estava prestes a fazer por eles e sobre o que Jesus havia prometido e iria prometer agora. A promessa de Jesus aqui é a mais reconfortante que se possa fazer a um coração atribulado: *Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar* (14:2). Em razão da fidedignidade do dono da casa (o Pai) e daquele que lhes estava preparando lugar (Jesus), os discípulos podiam ficar confiantes de que havia lugar garantido para cada um deles.

Todavia, é possível haver uma morada esperando por alguém e mesmo assim ela não ser alcançada, por causa dos perigos do caminho. Jesus garantiu aos discípulos que eles não precisavam ter receio quanto a isso, pois ele viria outra vez e iria acompanhá-los pessoalmente até aquele destino (14:3). Para superar as dificuldades, Jesus e seus discípulos se reuniram outra vez. A separação seria apenas temporária.

Jesus refletiu sobre a questão de Pedro — “Senhor, para onde vais?” (13:36) — e declarou aos discípulos: *Vós sabeis o caminho para onde eu vou* (14:4). Embora eles não tivessem estado nem pudessem estar lá agora (cf. 13:36), o caminho que leva a esse lugar lhes era familiar.

#### 14:5-14 Jesus, o caminho, a verdade e a vida

Tomé, entretanto, não ficou convencido com a declaração de Jesus em 14:4 e protestou: *Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?* (14:5). Em resposta, Jesus mencionou o destino da sua jornada e explicou como chegar lá: *Ninguém vem ao Pai senão por mim* (14:6b). Ele tornou explícito o que estava apenas implícito em 13:36 e

14:2: a jornada leva ao Pai. É para onde Jesus está indo e para onde os discípulos seguiriam mais tarde.

Jesus então lhes revelou o caminho para alcançar o Pai: *Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida* (14:6a). Eles chegaram ao Pai se crerem em Jesus. Esse é o sexto grande *Eu sou* dito por Jesus (os anteriores são: 6:35,51; 8:12; 9:5; 10:7,9; 10:11,14; 11:25). As palavras de Jesus deixam muito claro que “nem todos os caminhos levam a Roma”, ainda que acreditemos que isso seja verdade. De igual modo, nem todos os caminhos conduzem à vida eterna. Jesus é o caminho autorizado por Deus.

Essa declaração suscita o debate sobre nossos ancestrais africanos que morreram antes de terem sido apresentados a Cristo. Ao ponderar a questão, devemos ter em mente que há um espaço no tribunal divino para julgar casos com base na resposta individual à revelação geral (Rm 2:12-16). Contudo, está muito claro que nenhum caso será considerado à parte de Cristo. Ele é o Ungido de Deus, e cada um de nós lhe prestará contas, no contexto da revelação geral na criação ou da revelação especial nas Escrituras. Os que tentaram agradar a Deus, a despeito de não terem ouvido falar de Cristo, serão absolvidos, pois Jesus foi enviado por Deus, e aqueles que agradaram ao Pai passaram no teste da obediência à mensagem do Filho.

Apesar disso, para a maioria de nós, o modo pelo qual Deus julgará aqueles que nunca ouviram falar do evangelho não é de grande interesse. A questão para nós é: o que faremos com o Cristo do qual ouvimos falar? Escolheremos a vida ou a morte? A decisão que tomarmos a respeito de Cristo determinará nosso destino.

Jesus conclui sua resposta a Tomé explicando que conhecer o Filho implica conhecer o Pai (14:7). Filipe, depois de refletir sobre o que o Mestre acabara de lhes dizer, pediu: *Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta* (14:8). O verbo traduzido por “mostrar” também significa “falar de”. Filipe queria que Jesus se expressasse de maneira direta, pois assim os discípulos cessariam de fazer perguntas e não mais se perturbariam.

Em resposta ao pedido de Filipe, Jesus fez uma declaração de importância fundamental: *Quem me vê a mim vê o Pai* (14:9). Filipe acompanhava Jesus havia três anos, e o Mestre perguntou-lhe: *Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? [...] como dizes tu: Mostra-nos o Pai?* (14:9). Uma vez que Jesus estava com eles havia tanto tempo, não era necessário pedirem que ele lhes mostrasse o Pai. Se eles acreditassem que Jesus estava no Pai e que o Pai estava em Jesus (14:10), sua necessidade de ver o Pai já estaria satisfeita. Vendo a Jesus, viam o Pai. A pergunta de Jesus não tinha a intenção de fazer Filipe se sentir culpado, mas tinha por objetivo abrir-lhe os olhos para as implicações de sua crença.

Em seguida, Jesus chama a atenção de Filipe e dos outros discípulos para duas evidências de seu relacionamento com o Pai, a saber, suas palavras e suas obras (14:11-12).

Embora pareça mais conveniente acreditar nas palavras de Jesus, pois isso demonstra a fé em Jesus como pessoa, não há dúvida de que os milagres têm sua importância, especialmente na fase inicial do estabelecimento da fé.

Uma consequência de Jesus e o Pai serem um é que tudo o que é pedido ao Pai é pedido ao Filho. O Pai, em última instância, é o dono de todas as coisas. Jesus, como Filho, submete-se a ele; porém, ao mesmo tempo ele e o Pai agem como um só. Qualquer coisa que seja pedida ao Pai ou concedida por ele é também pedida a Cristo e concedida por ele. Assim, Jesus é tanto aquele a quem se deve pedir a bênção (*me pedirdes*) quanto o intermediário que facilita a concessão do que foi pedido (*em meu nome*) (14:13b-14a).

Depois que Jesus for para o Pai, aqueles que tiverem fé poderão pedir qualquer coisa a Jesus ou em nome dele. Os crentes não apenas receberão o que pedirem, mas também serão capazes de realizar as obras que Jesus fez, e outras ainda maiores, de modo que o Pai seja glorificado naquilo que os crentes fizerem. Contudo, devemos observar que o privilégio de pedir qualquer coisa está limitado por uma condição, aqui repetida: “em meu nome” (14:13a-14b). Quando alguém pede uma coisa em nome de outra pessoa, presumimos que há um relacionamento estreito entre o solicitante e aquele em nome de quem é feito o pedido. Também presumimos que a coisa solicitada será usada no interesse daquele cujo nome possibilitou que ela fosse obtida. A frase *Eu o farei* (14:13a-14b) é uma promessa de que os crentes receberão tudo o que pedirem dessa maneira.

Assim como as ações de Jesus mostravam a obra do Pai (14:10), as ações dos crentes mostrarão as obras de Cristo. Os crentes estão, portanto, comprometidos diretamente com aquilo que pedem. Jesus não age no vácuo. Opera por meio dos crentes, o povo que tem interesse em agradá-lo.

O crente será capaz de fazer não apenas as mesmas coisas que Cristo fez, mas *outras maiores fará* (14:12). Por exemplo, o sermão de Pedro no dia de Pentecostes (At 2:41) conduziu mais pessoas à fé do que Jesus com sua pregação. Jesus tinha doze alunos, porém muitos professores de Bíblia ensinam para classes bem maiores. O Cristo ressurreto se apresentará com mais poder que o Jesus encarnado, e fará isso por meio dos crentes submissos a ele.

O propósito das orações respondidas e do poder concedido é a glória do Pai (14:13b). Esse objetivo também serve para limitar o que o crente pode pedir na certeza de que Jesus atenderá à oração. Jesus está dizendo a Filipe que o Pai mostrará, pelas obras do próprio Filipe e dos outros discípulos, quanto eles estão crescendo na fé. Os discípulos não serão apenas aqueles que veem o Pai: serão benfeitores, pois mostrarão o Pai aos outros.

#### 14:15-31 Jesus promete o Espírito Santo

Jesus acabou de falar a respeito de pedidos e agora menciona um pedido que ele mesmo fará ao Pai, para ser concedido aos crentes, a saber, o Espírito Santo (14:16-17).

Aqui, dois títulos são usados para designar o Espírito Santo. Ele é o Espírito da verdade e é o *parackletos*, palavra grega que significa “conselheiro”, “advogado”, “consolador”. Jesus havia sido tudo isso para os discípulos, mas agora deles se separaria. Ele retornará após a ressurreição (14:18; At 1:3), mas enquanto isso eles precisarão de *outro Consolador* que atenda à necessidade de uma presença divina constante.

O ministério do Espírito Santo consistirá em ensinar *todas as coisas* e [...] *fazê-los lembrar de tudo o que vos tenho dito* (14:26). As expressões “todas as coisas” e “tudo” são a tradução da mesma palavra grega, que é empregada duas vezes. Esse ensino seria abrangente, sem excluir nada, mas as coisas de que eles seriam lembrados estariam limitadas ao que Jesus lhes dissera.

Alguns cristãos, com base nesse versículo, argumentam que o Espírito Santo ensinaria a eles *toda* espécie de coisa. No entanto, precisamos considerar se é plausível esse ensino sem determinadas limitações. Antes de tudo, devemos lembrar que o Espírito Santo seria enviado em nome de Jesus (14:26), o que significa que sua vontade e a de Jesus seriam uma só. Assim, ele jamais poderia contradizer algo que Jesus tivesse dito. Ele continuaria a obra de onde Jesus parou. A Trindade estava interessada em cumprir um currículo particular. Jesus havia sido o professor dos discípulos durante três anos e lhes falara tudo o que o Pai mandara dizer (cf. 7:16; 8:26,40,47). No entanto, três anos era muito pouco tempo para os discípulos aprenderem tudo o que precisavam saber. Havia muito mais para aprender, como se pode notar pelo fato de os discípulos fazerem uma pergunta atrás da outra acerca do mistério da salvação (cf. 13:36-37; 14:5,8,22). Esse é o contexto no qual Jesus promete a orientação do Espírito Santo. Assim, *todas as coisas* (14:26) estão vinculadas diretamente ao plano da salvação de Deus e às bênçãos que lhe são inerentes. Jesus lhes havia ensinado muita coisa, e o Espírito Santo os faria lembrar do que fora ensinado. O restante eles aprenderiam por si mesmos. Com a garantia de que Deus tinha um plano maravilhoso para eles, os discípulos se acalmaram (14:27) e puderam regozijar-se com o fato de Jesus ter sido promovido, pois sua partida, seu retorno ao Pai, representava uma promoção (14:28). Sua morte poderia, temporariamente, dar a impressão de que ele fora derrotado por Satanás, mas isso lhes ensinaria de maneira definitiva que Jesus e o Pai estavam agindo unidos num propósito (14:30-31).

#### 15:1-17 Jesus, a videira verdadeira

Jesus encerrou seu discurso dizendo: *Levantai-vos, vamo-nos daqui* (14:31b), mas então parece ter decidido ficar no cenáculo um pouco mais para explicar algumas outras questões aos discípulos, numa espécie de revisão da matéria ensinada nos capítulos 15 e 16.

Jesus inicia com a declaração de seu sétimo e último “Eu sou”: *Eu sou a videira verdadeira* (15:1a; as outras es-

tão em 6:35,51; 8:12; 10:7,9; 10:11,14; 11:25 e 14:6). A palavra traduzida por “verdadeira” destaca a confiança. Jesus não está dizendo que ele é a videira verdadeira e que todas as outras são falsas, mas, sim, que ele é uma videira confiável. Outras videiras (entre elas, religiões africanas tradicionais) podem ter muito para oferecer, mas não são confiáveis. Jesus é o caminho indicado pelo Pai para quem deseja aproximar-se de Deus.

Se Jesus é a videira, então o Pai é o agricultor, e os discípulos, os ramos (15:1b,5). O papel do Pai é, primeiramente, cortar *todo ramo que, estando em mim, não der fruto* (15:2a). O “fruto” mencionado aqui é a santidade na vida dos discípulos e seu trabalho contínuo na obra do Senhor. Um discípulo que não deu fruto foi Judas Iscariotes, o qual deixou de servir a Jesus e abandonou o grupo para concretizar a traição. Os onze discípulos que restaram eram sinceros em seu amor por Jesus, mas não conseguiam ficar indiferentes. Eles deviam seguir o conselho de Jesus: *Permanecei em mim* (15:4), do contrário corriam o risco de seguir o caminho de Judas.

O ramo que não era cortado devia ser limpo, *para que produza mais fruto ainda* (15:2b). Em 15:3, Jesus diz aos onze discípulos remanescentes: *Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado*. Ele usou a mesma palavra, quando descreveu que todos estavam limpos, exceto um (13:10-11). Entretanto, a despeito de seu estado de limpeza, os discípulos não deveriam estranhar se o Pai permitisse que passassem por experiências desagradáveis, a fim de fortalecê-los na fé e no ministério cristão (cf. tb. 1Pe 4:14). Sabemos algo acerca da limpeza de ramo que os discípulos enfrentaram. Pedro, por exemplo, passou por essa “limpeza” ao negar a Jesus e ser então restaurado (18:17,25,27; 21:15-19) e também ao enfrentar a zombaria (At 2:13) e a prisão (At 5:18; 12:1-19). Cada “limpeza” lhe dava mais energia para prosseguir.

Na condição de videira verdadeira, Jesus permitirá que os ramos deem fruto (15:4-5). Para ilustrar uma verdade espiritual, ele usa o princípio biológico de que o ramo que não está ligado à planta não pode beneficiar-se de sua seiva nem produzir fruto (15:4). A exortação *Permanecei em mim* lembra aos discípulos que eles devem desenvolver o hábito de extrair suas energias de Jesus. Permanecer em Jesus é requisito obrigatório para que Jesus permaneça neles. Os discípulos são exortados a manter sua parte no acordo.

Convém esclarecer que a passagem não se refere à perda da salvação pelo crente nem promove a contínua insegurança, mas destaca os crentes que produzem frutos. O ramo “cortado” é Judas Iscariotes, que nem pode ser considerado crente.

Esse conceito é repetido em 15:5: *Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer*. Sem Jesus, não haverá fruto (15:16), mas com ele os discípulos se tornarão não apenas produtivos, mas  *muito* produtivos. Durante os

anos em que esteve com eles, Jesus os preparou para produzir frutos. Eles estabeleceriam a Igreja — nascida no dia de Pentecostes e alicerçada na pregação dos apóstolos. Eles trabalhariam com outros homens, por exemplo: Matias, que substituiu Judas Iscariotes (At 1:26); Paulo, que foi dramaticamente escolhido para ser apóstolo pelo Cristo ressurreto (At 9:1-30; cf. tb. Gl 1:11-24); evangelistas como Estêvão (At 6:5—8:1a) e Filipe (At 8:4-40). Esses homens formaram uma equipe para proclamar a mensagem de Jesus. A razão do chamado deles era: “Ide e produzi muito fruto”.

Nós também fomos chamados para fazer o mesmo e, se não conseguirmos produzir frutos, falharemos em nossa missão. Além disso, devemos dar *muito fruto* (15:5), e que o *vosso fruto permaneça* (15:16). A progressão mostra que dar fruto é um processo e que nossa capacidade de produzi-lo aumenta à medida que amadurecemos.

Em nossa vida pessoal, isso significa que não desenvolveremos apenas uma virtude das nove mencionadas em Gálatas 5:22-23, mas que cultivaremos todas elas. Na evangelização, significa que não ficaremos satisfeitos em salvar apenas uma pessoa, mas que trabalharemos para salvar uma aldeia inteira. No que diz respeito à nossa eficácia, significa que não seremos apenas uma boa influência na igreja local, mas também em toda a nação e no mundo! Muito fruto é a promessa. Muito fruto deve ser o objetivo. Firmar-nos em Jesus e ter Jesus firmado em nós é a chave para alcançar esse objetivo.

Junto com a promessa de capacidade para produzir fruto, está a promessa de poder na oração: *Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito* (15:7; cf. tb. 15:16b). Não haverá limites enquanto a condição de estarmos firmes em Jesus for cumprida. Nada que peçamos poderá ser negado enquanto estivermos firmes em Jesus e trabalhando para a promoção do movimento “Firme-se em Jesus”!

Ao dar fruto, os discípulos iriam glorificar a Deus Pai e provar que eram de fato discípulos (15:8). O único objetivo de Jesus durante seu ministério de três anos tinha sido glorificar o Pai, e esse também seria o objetivo dos onze, em cada palavra que dissessem e em cada obra que realizassem. Além disso, por estarem conectados a Jesus, que é a videira, o fruto deles seria igual ao de Jesus. Não poderia ser de outra forma se eles confessassem ser discípulos de Jesus.

Na condição de ramos (15:2,4,5,6,16), os discípulos teriam outras responsabilidades além de dar fruto. Deveriam também amar o próximo (um assunto de que Jesus tratou em 13:34-35). Em 15:12, ele ordena que *vos ameis uns aos outros*, e a ordem é repetida em 15:17. Mesmo usando a expressão *vos mando*, Jesus lembra aos discípulos que os está exortando como amigos, e não lhes dando ordens como se fossem escravos (15:14-15). Os escravos obedecem por temer seu amo; os amigos obedecem porque

amam seus amigos. Jesus amava seus discípulos, e os discípulos deveriam corresponder a esse amor por meio da obediência (15:10). O fato de os discípulos terem sido escolhidos (15:16) também serviria de encorajamento para eles diante das enormes responsabilidades que em breve seriam suas.

O estilo de vida dos discípulos deveria ser o amor. Eles deveriam amar a todos, o tempo todo. O tipo de amor que Jesus estava recomendando era o mesmo amor que o Pai tinha pelo Filho (15:9) e que Jesus tinha pelos discípulos (15:12-13). O relacionamento entre o Pai e o Filho é de amor desde a eternidade, e o de Jesus com seus discípulos existia desde a época em que ele os havia chamado até o momento em que lhes falava ali no cenáculo. Jesus seguiu o exemplo do Pai e amou seus discípulos tanto quanto o Pai o amava. Os discípulos deviam agora seguir o exemplo de Jesus e amar uns aos outros da mesma maneira.

O amor encontra sua expressão mais elevada quando alguém se dispõe a morrer por um amigo (15:13). Jesus não somente entregou sua vida para que seus amigos se beneficiassem de sua morte, como também morreu no lugar deles (cf. 2Co 5:21; Gl 3:13; 1Tm 2:6; 1Pe 3:18). Ele agora lhes recomendava um amor que não fosse guiado por ambições egoístas nem por más intenções. A ambição egoísta devia ser substituída pelo autossacrifício e pela disposição de servir. Eles deveriam desejar o bem uns dos outros e trabalhar pelo que fosse melhor para o próximo.

### 15:18—16:4 Os discípulos de Jesus serão odiados pelo mundo

Os discípulos têm o dever de amar uns aos outros, mas serão odiados e tratados como inimigos pelo *mundo* (15:18). O “mundo” é o sistema maligno, liderado por Satanás e seus agentes, que se opõe a Jesus e à sua causa.

São apresentadas três razões para a hostilidade do mundo: os discípulos não pertencem ao mundo (15:19); o mundo odeia e persegue Jesus, o mestre deles (15:18); o mundo não tem conhecimento do Pai nem de Jesus (15:21).

Os discípulos pertenciam ao mundo, mas Jesus os escolheu, e agora *não são do mundo* (15:19). O fato de terem sido escolhidos deu aos discípulos um novo *status*. Eles não mais pertenciam ao mundo, e sim a Jesus. O mundo ama apenas a si mesmo, por isso não pode amar os discípulos. Na verdade, o mundo os odeia.

O ódio do mundo por Jesus e a rejeição a seus ensinamentos foram abertamente expressos na perseguição. Houve persistentes tentativas de matá-lo (5:18), prendê-lo (7:30) e apedrejá-lo (8:59; 10:31). O ódio do mundo em breve seria coroado com os gritos: “Crucifica-o! Crucifica-o!” (19:6,15). Uma vez que tratou a Jesus dessa maneira, o mundo trataria os discípulos da mesma forma (15:20).

A hostilidade do mundo aos discípulos se deve inteiramente ao fato de que eles se identificaram com Jesus.

A perseguição mostra que o perseguidor não conhece a Deus, não importa quão religioso ele se apresente (15:21).

Como se houvessem perguntado a Jesus que motivos havia para declarar o mundo culpado, ele apresentou suas provas, declarando que suas palavras (15:22), suas obras (15:24), o Espírito Santo (15:26) e os discípulos (15:27) demonstravam, sem dúvida alguma, que o mundo era culpado.

As palavras de Jesus consistiam em tudo o que ele havia dito às multidões, até mesmo a clara afirmação de seu relacionamento com o Pai e as declarações de que era o pão da vida, a luz do mundo, o bom pastor, o caminho, a verdade e a vida. Suas obras corroboravam suas palavras (15:24; cf. tb. 14:11). Mesmo assim, apesar de seus extraordinários milagres, os judeus endureceram o coração. Entretanto, o ódio do mundo por Jesus não era inesperado, pois fora predito no AT (15:25, citando Sl 35:19; 69:3; 109:3). O ódio a Deus conduz naturalmente ao ódio a Jesus e a seus discípulos.

O Espírito Santo, que não diz nada além da verdade (14:17), testemunhará a favor de Jesus e contra seus perseguidores (15:26). Essa prova sustentará as declarações de Jesus. Finalmente, os próprios discípulos apoiarão as afirmações de Cristo: *vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio* (15:27). Nesse versículo, Jesus não está ordenando que os discípulos testemunhem, apenas está dizendo o que acontecerá. O que eles fizeram e no que se tornaram já é um testemunho contra o mundo. Nos tribunais judaicos, eram necessárias duas ou três testemunhas para iniciar um caso. Temos aqui quatro testemunhas (as palavras de Jesus, suas obras, o Espírito Santo e seus discípulos). O mundo, portanto, é culpado. Sim, o mundo pode sentir-se em vantagem agora, enquanto persegue a Jesus e seus seguidores, mas pagará por seus pecados quando Deus anunciar o veredicto.

O ódio do mundo pelos seguidores de Jesus resultará na sua expulsão da sinagoga (16:2a). Isso significa que eles serão excluídos do único lugar em que Deus mantém comunhão com seu povo, os judeus. Serão, portanto, separados do povo de Deus. Entretanto, a perseguição aos discípulos irá além da expulsão. Sua morte será vista como honra a Deus (16:2b). Sua eliminação será como remover elementos que não glorificam a Deus (como os incidentes registrados em Nm 25:1-9; Js 7; Jz 19 e 20). Esse grave erro acontecerá porque o mundo não entende o relacionamento entre o Pai e Jesus (16:3). Por não perceber que Jesus é o Escolhido enviado por Deus, a ignorância do povo os levará a matar os servos de Jesus, em vez de honrá-los e reconhecer sua ligação com Deus.

Jesus lembrou duas vezes a seus discípulos que não estava dizendo essas coisas para amedrontá-los, mas tinha um propósito positivo. Quando a perseguição chegasse, o conhecimento antecipado desse fato seria a principal arma

para ajudá-los a ficar firmes e não se espalhar (16:1). A fé dos discípulos em Jesus seria fortalecida se relacionassem as palavras de Jesus com os acontecimentos futuros (16:4).

Jesus não lhes falara desses perigos até então porque não era necessário que soubessem disso enquanto estivessem com ele (16:4b). Agora que Jesus estava partindo, porém, era preciso ensiná-los a lidar com o perigo.

### 16:5-15 O Espírito Santo, sucessor de Jesus

Jesus já havia mencionado o Consolador, que viria depois dele e estaria com os discípulos para sempre (14:16,26). Esse Consolador viria após a partida de Jesus (16:7a) e seria enviado por Jesus (16:7b; cf. tb. 14:16). No entanto, lemos que o Pai enviaria o Espírito Santo em nome de Jesus (14:26). Não há, porém, contradição quanto aos papéis do Pai e do Filho. O que o Pai faz, o Filho está fazendo, e o que Jesus faz, o Pai está fazendo. Essa unidade de propósito é um tema recorrente no evangelho de João.

O Consolador ministrará ao mundo (16:8-11) e aos discípulos (16:12-13). Ele *convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo* (16:8). Esses três elementos representam diferentes objetivos para a convicção. O mundo pode ser convencido do pecado porque, pela rejeição a Jesus, permanece no pecado (16:9); da justiça porque não está do lado de Deus, que é justo (16:10); do juízo porque, ao rejeitar a Jesus, ficou do lado do diabo, que já está condenado (16:11).

O ministério do Espírito Santo aos discípulos será bem diferente de seu ministério ao mundo. Para os discípulos, ele será um guia confiável que os levará *a toda a verdade* (16:13a). Sua orientação é confiável porque ele não falará de si mesmo, *mas dirá tudo o que tiver ouvido* (16:13b). O conteúdo de sua mensagem está concentrado no futuro, pois ele *anunciará as coisas que não de vir* (16:13c). A orientação do Espírito Santo abrangerá os primeiros acontecimentos subsequentes à partida de Jesus e tudo mais que acontecer até o fim dos tempos. Isso diz respeito, em primeiro lugar, ao plano de Deus para sua Igreja e depois ao plano divino em relação a cada discípulo, individualmente. Os discípulos não serão orientados à parte da Igreja, e sim dentro de seu contexto.

A obra do Espírito Santo deve ser contemplada no contexto do trabalho conjunto do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Espírito Santo “dirá tudo o que tiver ouvido” (cf. 16:13). No entanto, em 16:14, Jesus explica que ele *há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar*. A mensagem do Espírito Santo provém do Pai e pertence a Jesus, como o próprio Mestre declara em 16:15: *Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar*. A mensagem do Pai é a mensagem de Jesus, e o Espírito Santo transmite a mensagem de Jesus como se fosse sua. Pelo fato de o Espírito Santo suceder a Jesus, sua obra consiste em glorificar o Filho (16:14). O Consolador não opera no vácuo, mas trabalha para edificar

a obra redentora de Jesus. Sua missão é aplicar aquela obra diretamente à nossa vida.

### 16:16-33 A partida de Jesus

Seria questão de horas até Judas Iscariotes e seu bando prenderem Jesus, por isso ele mais uma vez lembra aos discípulos: *Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis* (16:16). Não é a primeira vez que Jesus menciona sua morte e ressurreição nesses termos (cf., p. ex., 13:33). Nas primeiras referências, ele salientou sua partida e apenas deixou subentendida sua ressurreição. Na declaração que faz aqui, contudo, ambas recebem o mesmo destaque.

Os atônitos discípulos (16:5) finalmente conseguem falar e perguntam uns aos outros: *Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis; e: Vou para o Pai?* (16:17). Está claro que eles não sabem o que Jesus está querendo dizer (16:18). Percebendo a confusão dos discípulos, Jesus resolve explicar o significado de sua declaração (16:19-20).

Jesus começa destacando o fato de que a resposta emocional dos discípulos diante de sua partida será bem diferente antes e depois da ressurreição. Ele introduz a expressão hebraica *Amen, amen* (geralmente traduzida por “Em verdade, em verdade” na RA e por “Digo-lhes a verdade” na NVI), para enfatizar o que será dito. Na ocasião de sua paixão e morte, eles chorarão, porque seu Mestre lhes será tirado, e isso os fará sofrer (16:20). Entretanto, a dor será como dor de parto (16:21): intensa, mas logo substituída pela alegria do nascimento da criança. Depois da ressurreição, os discípulos se alegrarão com o fato de Jesus ter retornado à vida (16:21-22) e com a maravilhosa sensação de que o Pai satisfará todas as suas necessidades (16:23-24).

A partida de Jesus terá três consequências na vida dos discípulos, duas positivas (16:25-30) e uma negativa (16:32). As consequências positivas serão: 1) pleno entendimento acerca de Deus e de seus caminhos, pois tudo lhes será explicado claramente, não mais por meio de metáforas (16:25); 2) acesso direto ao Pai, até então só possível por intermédio de Jesus (16:26-27). A consequência negativa será a dispersão dos discípulos (16:32). Para Jesus, a partida significará o retorno a seu lar original e a celebração de um trabalho bem-feito. Sua origem, seu tempo de existência na terra e seu destino estão resumidos nesta declaração: *Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai* (16:28). Sua existência no passado foi eterna; sua existência terrena é temporária; sua existência no futuro com o Pai será eterna.

Jesus então relembra o motivo pelo qual está dizendo essas coisas: *Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim* (16:33a). O propósito desse longo discurso não é provocar ansiedade nos discípulos, e sim conceder-lhes paz, se confiarem nele. Fora de Jesus, não há paz, por isso ele



## A UNIDADE DOS CRENTES

A unidade pode ser definida como a condição em que determinadas coisas formam um todo orgânico. Embora diferentes elementos estejam envolvidos, o todo é caracterizado pela harmonia e pela coerência interna. Essa definição também é aplicada à unidade dos crentes, no sentido de que eles compartilham o mesmo fundamento de fé e prática. Embora a palavra “unidade” seja empregada poucas vezes na Bíblia, o conceito aparece com frequência.

No AT, a unidade do povo de Israel estava baseada no temor de Deus e nos laços familiares. Todavia, a despeito de ter um mesmo pai, Abraão, Israel estava dividido em tribos e, mais tarde, dividiu-se em dois reinos. Apesar de terem a lei de Moisés e de serem constantemente advertidos pelos profetas, o povo de Israel não foi capaz de obedecer a Deus nem de viver como ele desejava. Por essa razão, podemos dizer que eles não alcançaram a verdadeira unidade.

Nas nações e aldeias da África, a unidade depende em grande parte dos laços familiares, do uso de um idioma comum ou de um fato de habitar uma mesma região geográfica. Esse tipo de unidade é vulnerável, porque qualquer um que seja proveniente de outra região ou que não fale o idioma é considerado um intruso, até mesmo um inimigo. Assim, não há unidade envolvendo as várias nações da região.

Em Israel, como na África, a unidade era apenas parcial, limitada a uma tribo ou a uma comunidade fechada. No NT, porém, encontramos uma dimensão universal e ilimitada para a unidade dos crentes. Essa unidade não conhece limites geográficos, administrativos ou universais. É baseada em Jesus. Por sua morte e ressurreição, Cristo abriu caminho para o estabelecimento de novas alianças entre todos os povos, que antes viviam longe da graça divina e eram inimigos de Deus (Ef 2:12-13). Pela fé em Jesus, os crentes agora fazem parte de uma nova nação, reconciliada com Deus e capaz de viver em genuína comunhão — uma unidade visível.

Essa unidade é sustentada pela obra do Espírito Santo, o agente do novo nascimento, a fonte de vida do crente e o doador dos dons e do fruto do Espírito (Jo 3:5; Ef 4:4). O Espírito Santo transforma os crentes em irmãos e irmãs em Cristo e também em relação uns aos outros. Portanto, é a obra do Espírito Santo que une os crentes a Cristo e uns aos outros.

A unidade cristã é mais evidente na igreja local. É por causa dessa unidade que a igreja local é chamada “corpo de Cristo” (1Co 6:17; Ef 5:30). Cada crente é um membro vivo do corpo. Na igreja local, a unidade é expressa acima de tudo pelo ouvir a Palavra de Deus, pela submissão à autoridade da mesma Palavra e pela celebração do batismo e da comunhão por parte da comunidade.

No entanto, a igreja local é apenas um vínculo na unidade da Igreja universal. A unidade promovida por Deus abrange todos os crentes de todas as nações, denominações e épocas. O tribalismo, a etnicidade e o denominacionalismo são obstáculos à unidade do povo de Deus, que deve resistir a eles. Obviamente, cada grupo étnico ou tribo tem seu lugar na Igreja, mas apenas como elo de uma longa cadeia. Não há lugar para ideologias que considerem determinada etnia ou nação superior a outra. De modo semelhante, as igrejas individuais pertencem a diferentes denominações, mas essa divisão não deveria ser permitida, pois constitui um obstáculo para o retorno à unidade e tem sua base na defesa de doutrinas particulares ou no argumento de que a separação é da vontade de Deus.

A unidade é um dos temas principais da Oração Sacerdotal de Jesus. Ele sabia que a unidade iria conferir credibilidade à mensagem da Igreja e que fazia parte da missão a ela confiada (17:21).

Infelizmente, a unidade apresentada na Palavra de Deus ainda não se realizou plenamente. Os crentes devem ser disciplinados e edificados pela Palavra, para que possam alcançar a maturidade e chegar a uma unidade visível. Também devem manter essa unidade por esforço conjunto em áreas como a obra missionária e a evangelização.

Kuzuli Kossé

acrescenta: *No mundo, passais por aflições* (16:33b). O mundo é inimigo deles, portanto não irá tratá-los com deferência. Todavia, existe uma esperança, pois Jesus conclui sua explanação com as seguintes palavras: *Tende bom ânimo; eu venci o mundo* (16:33b). Não deverão ser as circunstâncias favoráveis a fonte dessa boa disposição, e sim um fato histórico: a vitória de Jesus.

### 17:1-26 A última oração de Jesus antes de sua prisão

Jesus encerra seu discurso no cenáculo com uma oração ao Pai. Chegou a hora de Jesus rogar ao Pai, antes de par-

tir, a favor de si mesmo, de seus discípulos e de todos os crentes.

#### 17:1-5 A oração de Jesus por si mesmo

A oração de Jesus por si mesmo concentra-se no tema da glorificação. Ele roga ao Pai: *Glorifica a teu Filho* (17:1a). Cristo entendia sua morte e ressurreição como uma promoção e então as confia às mãos do Pai, para que o Filho possa ressurgir de forma exaltada. Deixa claro que a glória que ele está pedindo é a *glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo* (17:5), e seu propósito é *que o Filho te*

*glorifique a ti (17:1b)*. Jesus será glorificado quando ressuscitar, e o Cristo ressuscitado atribuirá sua ressurreição ao Pai.

A base sobre a qual Jesus assenta seu pedido é a consumação da obra que lhe foi confiada pelo Pai (17:4b). Ele ressalta dois aspectos desse trabalho: a concessão de vida eterna a todos os que o Pai lhe deu (17:2) e a glorificação do Pai (17:4a).

#### 17:6-19 A oração de Jesus pelos discípulos

Depois de orar por si mesmo, Jesus passa a orar pelos discípulos. Como se estivesse justificando suas ações ao Pai, Jesus explica por que decidiu fazer essa oração. Ele menciona o fato de que os discípulos pertenciam ao Pai e lhe obedeciam (17:6,9), o verdadeiro conhecimento que possuíam acerca do Pai e de Jesus (17:7-8), as ações deles, que contribuíam para a glória de Cristo (17:10), e o fato de que em breve ficarão sozinhos (17:12).

A primeira coisa que Jesus pede é que os discípulos sejam protegidos pelo poder do Pai — não tanto fisicamente, porém em termos de unidade (17:11; cf. tb. 15:12). A necessidade da oração de Jesus pode ser percebida por toda a África. Nos conflitos tribais, os crentes traem os irmãos na fé com medo de serem mortos por membros da própria tribo. Jesus ressalta a importância da unidade dos crentes, contudo não garante a possibilidade de mantê-la sem o sacrifício de nossa vida. Uma vez que os discípulos não mais contarão com a presença física de Jesus como fator de unificação (17:2), ficarão expostos à ira do mundo e aos ataques de Satanás, aqui referido como o *mal*, para salientar sua perversidade (17:14-15; cf. 15:18-21).

A segunda coisa que Jesus pede em oração é a santificação dos discípulos (17:17). Ele ressalta que essa santificação ocorrerá pela verdade, ou seja, à medida que eles forem crescendo no conhecimento da palavra de Deus. Os discípulos precisam dessa santificação porque viverão num mundo que não a valoriza e que se opõe à vontade de Deus (17:18). Eles terão, no entanto, um padrão pelo qual se orientar: o próprio Jesus, que se submeteu totalmente à vontade do Pai (17:19).

#### 17:20-26 A oração de Jesus por todos os crentes

Jesus já orou pela unidade dos discípulos (17:11) e agora pede para que todos os crentes (17:20) sigam o padrão de unidade que existe entre o Pai e o Filho (17:21a,22). Contudo, Pai e Filho não apenas servirão de modelo, mas ambos tomarão parte nesse relacionamento (17:21b,23a). A exemplo do Pai e do Filho, os crentes devem ficar unidos no trabalho, a fim de cumprir a meta de levar o mundo a crer no Pai e no Filho (17:21c,23b).

A segunda coisa que Jesus pede em oração é que todos os crentes se reúnam com ele e o contemplem na plenitude de sua glória, a qual não lhes pôde ser mostrada durante seu ministério terreno (17:24). Todos aqueles que o

Pai deu a Jesus participarão dessa reunião. Jesus já havia transmitido sua glória aos crentes (17:22), porém deseja compartilhá-la mais plenamente.

Jesus conclui sua oração reafirmando sua submissão à vontade do Pai. Como resultado, os crentes se tornarão ainda mais unidos e submissos ao Pai e ao Filho (17:25-26).

### 18:1—20:9 Prisão, crucificação e sepultamento de Jesus

#### 18:1-27 A prisão de Jesus e o tribunal judaico

Concluída a Oração Sacerdotal, Jesus deixou o cenáculo e rumou para o jardim das Oliveiras, onde foi preso (18:1). Seus captores eram guiados por Judas Iscariotes. Carregavam tochas e lanternas, para iluminar o caminho, e também traziam armas, para o caso de haver resistência (18:2-3). No entanto, eles não precisariam de armas, pois Jesus não estava escondido no jardim. Ele sabia que a hora de sua prisão havia chegado, por isso caminhou ao encontro de seus captores e calmamente se identificou como Jesus de Nazaré (18:4-5). A frase *Sou eu* (18:6), todavia, retumbou tão poderosa que fez seus captores recuar e cair ao chão — não numa atitude de adoração, mas porque eles foram dominados por essa simples declaração de Jesus (18:6). Depois de confirmar com os captores quem exatamente eles estavam procurando, pela repetição do nome de quem deveriam prender (18:5,7), Jesus lhes disse: *Se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes* (18:8). Seu objetivo era evitar que os discípulos sofressem algum mal.

Pedro dispôs-se a lutar por Jesus e, como resultado, cortou a orelha direita de Malco, servo do sumo sacerdote (18:10). Jesus imediatamente remediou a situação, curando o ferimento de Malco. Em seguida, censurou Pedro e os outros discípulos, dizendo: *Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?* (18:11). Ele então permitiu que o prendessem, atassem suas mãos e o levassem ao tribunal.

Os principais componentes do tribunal judaico eram Anás, Caifás e o Sinédrio. Anás, sogro de Caifás, exerceu o cargo de sumo sacerdote de 6 a 15 d.C., porém sua influência ainda era enorme. Caifás, que foi sumo sacerdote de 18 a 36 d.C., tinha a missão de dar o veredicto do Sinédrio, mas a opinião de Anás teria um peso considerável nessa decisão.

Enquanto Jesus era julgado pelas autoridades judaicas, Pedro era julgado pelo povo. Em três ocasiões, ele foi identificado como um dos prováveis seguidores de Jesus (18:17,25-26), e em cada uma delas negou com veemência esse fato. Jesus havia predito que isso aconteceria (13:38), como Pedro lembrou logo que ouviu um galo cantar.

O tribunal judaico queria saber *dos seus discípulos e da sua doutrina* (18:19). A resposta de Jesus, entretanto, dizia respeito apenas a seus ensinamentos. Ele ressaltou que havia ensinado em público e que seus ouvintes poderiam dar tes-

temunho disso (18:20-21). Jesus estava desafiando Anás pela recusa deste em ouvir seus ensinamentos e também estava estabelecendo um fato. Jesus havia ensinado nas sinagogas e no templo. Seria muito fácil encontrar testemunhas se ele tivesse cometido algum crime do qual pudesse ser legitimamente acusado.

Como a resposta de Jesus não foi a esperada, um dos guardas bate-lhe no rosto (18:22). Anás pareceu ignorar o abuso contra o prisioneiro, porém Jesus quis saber o que havia feito para sofrer aquela agressão (18:23). Naturalmente, ficou sem resposta. Ele não havia feito nada de errado. Da perspectiva humana, os guardas estavam apenas agindo em defesa de seus líderes e afastando alguém que representava uma ameaça.

A hostilidade dos líderes judaicos para com Jesus não era algo novo. Eles já o haviam acusado de violar as leis do sábado (5:16). A isso acrescentaram acusações de blasfêmia (5:18; 10:33). Contudo, nenhuma das acusações impressionou o governador romano. Por isso, se as autoridades que prenderam Jesus quisessem levá-lo ao tribunal romano, teriam de formalizar novas acusações.

### 18:28—19:16a Jesus no tribunal romano

O julgamento de Jesus diante de Pilatos e seu comparecimento à presença de Herodes Antipas (tetrarca da Galileia de 4 a 39 d.C., que estava em Jerusalém na época) constituíram o tribunal romano que julgou o caso de Jesus. Seu comparecimento diante de Herodes está registrado em Lucas 23:6-12. O julgamento de Jesus por Pilatos foi suspenso pelo governador depois que este soube que Jesus era galileu. Jesus não respondeu às perguntas de Herodes, e o tetrarca e seus soldados limitaram-se a zombar dele e a enviá-lo de volta a Pilatos, sem dúvida a peça-chave nesse julgamento. Ele foi governador da Judeia de 26 a 35 d.C., designado para esse cargo por Tibério, imperador de 14 a 37 d.C.

Ao que parece, as autoridades judaicas tinham dificuldades para encontrar um crime do qual Jesus pudesse ser acusado. O interrogatório de Anás mostrou-se infrutífero, e as testemunhas que depuseram diante de Caifás e do Sinédrio não foram convincentes. Por isso, quando Pilatos perguntou qual era a acusação, deram uma resposta vaga, declarando que Jesus era um *malfetor* e por esse motivo deveria ser executado (18:29-30). É óbvio que os acusadores de Jesus não estavam preparados para um julgamento imparcial que seguisse o processo legal apropriado. Queriam apenas que o governador romano confirmasse a sentença que já haviam proferido.

Pilatos sabia que a ausência de acusações não lhe permitiria julgar o caso e então sugeriu que os próprios judeus julgassem Jesus de acordo com sua lei. Eles responderam que não tinham condições de fazê-lo. Já haviam condenado o réu à morte, mas não tinham poder para executar a sentença, uma vez que a lei romana não lhes

permitia aplicar a pena capital (18:31). Outra evidência do desinteresse por um julgamento justo foi que, após a primeira sessão com Pilatos, os principais sacerdotes e seus oficiais não perguntaram ao governador o veredicto dele, apenas lhe informaram a sentença que eles próprios desejavam (19:6a).

Pilatos perguntou a Jesus: *És tu o rei dos judeus?* (18:33). Essa pergunta indica que alguém dissera ao governador que Jesus era o líder de uma rebelião contra a autoridade romana, acusação grave o bastante para forçar Pilatos a levar o caso a sério. A acusação se baseava numa interpretação distorcida das palavras e ações de Jesus. Os líderes judeus provavelmente lembraram a Pilatos o episódio da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém como se fora um rei messiânico (cf. 12:12-15), enfatizaram a lealdade deles próprios a César (cf. 19:12). Todavia, omitiram o fato de que, quando o povo quis fazer de Jesus seu rei (6:15), ele se recusou e se afastou. Jesus havia aceitado a acolhida real que o povo lhe dera em Jerusalém, mas deixara bem claros seus propósitos. Seu reino não era terreno, pois seu desejo era reinar no coração de homens e mulheres.

Ao que parece, Pilatos não estava muito preocupado com o fato de Jesus ser comparado a um rei, cuidando para que o qualificativo “dos judeus” fosse destacado (cf. 19:19). Os judeus tinham autoridade nas questões concernentes à sua religião, por isso pouco lhe importava se chamassem seu líder “rei” ou “sumo sacerdote”, desde que esse líder não abusasse da própria autoridade e prestasse a devida honra a César e ao governador. O tom da pergunta sugere que havia mais interesse em saber quem Jesus realmente era que em descobrir evidências de um crime. Talvez Pilatos tivesse sido informado de alguns milagres que Jesus havia realizado.

A resposta de Jesus à pergunta de Pilatos foi: *Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?* (18:34). Ele estava tentando fazer o governador refletir no que acabara de dizer. Acreditava Pilatos que Jesus era o rei dos judeus? Se acreditasse, estava no caminho certo. No entanto, Pilatos fugiu à pergunta (18:35a). Uma vez que não era judeu, não era obrigado a tomar nenhuma decisão sobre a realeza de Jesus. No que lhe dizia respeito, tudo não passava de uma discussão em torno de um aspecto das crenças religiosas dos judeus, nas quais ele não estava interessado. Assim, ele preferia manter distância daquela celeuma, que ele rotulara de questão religiosa.

Pilatos deixou bem claro que, como governador, não fazia nenhuma objeção a que Jesus fosse o rei dos judeus. O povo judeu (mais especificamente os principais sacerdotes) é que se sentira ofendido com aquela aclamação e lhe trouxera Jesus para que fosse julgado (18:35b). Então, Pilatos quis saber de Jesus o que este havia feito para suscitar tal hostilidade. A pergunta *Que fizeste?* (18:35c) demonstra quão estranho foi esse julgamento. O acusado deveria dizer

o que havia feito, em vez de ouvir a denúncia de seus acusadores! Naturalmente, como se pode constatar em 18:29-30, seus oponentes não tinham uma razão clara para acusá-lo.

Em resposta, Jesus ressaltou: *O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros [discípulos] se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus (18:36a)*. (O fato de Pedro ter cortado a orelha de Malco não contradiz essa declaração, porque esse ato não recebeu a aprovação de Jesus.) Além disso, *meu reino não é daqui (18:36b)*. Suas regras não estão sujeitas a nenhum poder terreno. Jesus era rei porque fora designado como tal pelo Pai, no céu.

Pilatos queria ter certeza de haver entendido o que Jesus dissera acerca de sua realeza, em 18:36, por isso fez outra pergunta: *Logo, tu és rei?* Ainda em sua réplica a Pilatos, no restante de 18:37, Jesus ressaltou que Pilatos estava certo ao dizer que Jesus era rei, e que seu papel como rei era *dar testemunho da verdade*. Todos os que estavam do lado da verdade escutavam o que ele dizia.

Pilatos sabia, por experiência, que a realeza implica poder sobre o povo. Jesus, todavia, falava de uma realeza associada com a verdade, a qual atraía o povo para seu lado. O que isso queria dizer? Então Pilatos perguntou: *Que é a verdade? (18:38a)*. Infelizmente, Pilatos não esperou a resposta de Jesus. João relata: *Tendo dito isto, voltou aos judeus*. O governador perdeu a oportunidade de ouvir a boa notícia até o fim. Seu interesse residia em questões judiciais, não religiosas.

O motivo de Pilatos se dirigir aos líderes judeus era dar seu parecer: *Não vejo nenhum motivo para condenar este homem (18:38b, NTLH)*. Contudo, o julgamento ainda não havia acabado, e Pilatos não se guiou pelo que sabia ser a verdade acerca de Jesus.

Por considerar Jesus inocente, Pilatos sugeriu sua libertação, uma vez que era costume libertar um prisioneiro na Páscoa (18:39). No entanto, os líderes judeus não queriam isso e replicaram: *Não este, mas Barrabás! (18:40)*.

Embora considerasse Jesus inocente, Pilatos ordenou que ele fosse açoitado (19:1), talvez na esperança de que tal punição acalmasse os acusadores de Jesus.

A essa altura, descobrimos outro grupo que participava do julgamento de Jesus: os soldados. Eles provavelmente haviam escutado as respostas às perguntas de Pilatos. Assim, zombavam de sua realeza e lhe puseram uma coroa na cabeça. A coroa, em geral, é símbolo de poder e é confeccionada para se ajustar de maneira confortável à cabeça de seu poderoso usuário, mas a coroa de Jesus foi feita de *espinhos* entrelaçados (19:2a). Usar tal coroa deve ter sido muito doloroso, principalmente se foi feita, como sugerem alguns, de folhas de palmeira. Os longos espinhos no final das folhas chegam a medir 30 centímetros de comprimento.

Os soldados também vestiram Jesus com um manto de púrpura (19:2b). Púrpura era a cor oficial da realeza e um

indicativo de autoridade e riqueza (Êx 28:2,5-6; Lc 16:19; Ap 17:4; 18:16). Uma vez que Jesus era rei, essa era a cor que devia vestir. Os soldados, entretanto, não reconheciam a realeza de Jesus. Estavam, na verdade, escarnecendo dele.

Embora os soldados lhe prestassem honras sarcasticamente, saudando-o e dizendo: *Salve, rei dos judeus! (19:3a)*, estavam dirigindo-se a ele de maneira correta! Jesus era o rei dos judeus e não deveria usar uma coroa de espinhos nem ser prisioneiro de Pilatos. No entanto, Deus permitiu que isso acontecesse (19:11a) para que, por meio do sofrimento de Jesus, os que cressem nele pudessem ser curados (Is 53:5).

Os soldados expressaram seu desprezo por Jesus dando-lhe *bofetadas (19:3c)*. Não imaginavam que aquele a quem espancavam era mais poderoso que Pilatos, até mesmo que Tibério César. Logo esses soldados (ou colegas deles) teriam uma surpresa, pois o serviço de guarda no túmulo de Jesus se tornaria um pesadelo para eles!

Pilatos então apresentou o maltratado e ensanguentado prisioneiro aos líderes judeus e mais uma vez declarou a inocência de Jesus (19:4). Contudo, a única resposta que recebeu dos principais sacerdotes e seus guardas foi: *Crucifica-o! Crucifica-o! (19:6a)*. Frustrado, o governador ordenou que eles mesmos o crucificassem (19:6b). Sem dúvida, Pilatos sabia que os líderes judeus não tinham autoridade para aplicar a sentença (18:31b), mas fez questão de dizer que não tomava parte naquela injustiça e, mais uma vez, reiterou a inocência de Jesus (19:6b).

Percebendo que Pilatos estava indeciso e propenso a inocentar a Jesus, os líderes judeus fizeram então sua primeira acusação, a saber, que o acusado *a si mesmo se fez Filho de Deus (19:7)*. Ao ouvir isso, Pilatos se mostrou ainda mais relutante em decidir o caso e fez outra pergunta a Jesus: *Donde és tu? (19:9a)*. Pilatos estava conduzindo o julgamento de acordo com a lei romana, pois os líderes judeus haviam recusado sua permissão para julgar Jesus conforme a lei judaica (18:31). Agora, porém, os líderes judeus lembravam a Pilatos que, mesmo que a lei romana não visse nenhum crime em Jesus, ele era um criminoso aos olhos da lei judaica, passível da pena de morte. A essa altura, o governador deve ter tentado conciliar sua convicção de que Jesus era inocente com a reivindicação dos líderes judeus, por isso resolveu transferir o caso para outro tribunal.

Segundo o relato de Lucas, Pilatos, depois de se convencer da inocência de Jesus, foi informado de que o acusado era da Galileia e o enviou a Herodes Antipas, que se achava em Jerusalém (Lc 23:4-7). Também João deixa claro que o governador queria ver-se livre da obrigação de julgar Jesus. Ele desejava evitar o conflito entre os termos da lei romana e as alegações dos líderes judeus.

Jesus não respondeu à pergunta de Pilatos (19:9b). Por quê? Estava sendo descortês? Não. Jesus fizera uma boa análise da situação. Sabia que Pilatos queria a todo custo

fugir à responsabilidade de julgar seu caso e estava ciente de que isso não aconteceria. Jesus teria de morrer na cruz por causa do pecado humano e da imutável santidade de Deus (Ef 2:16; Cl 2:13-14). Jesus também teria de morrer na Páscoa, a exemplo do cordeiro que redimiu do pecado o povo no Egito, na época de Páscoa. Uma razão mais imediata para seu silêncio, todavia, era a complexidade da resposta à pergunta de Pilatos. O governador teria ficado feliz se Jesus dissesse que era de Nazaré, mas essa resposta seria incorreta, porque Nazaré foi somente um ponto de parada neste mundo, em sua jornada da eternidade passada para a eternidade futura. Se Jesus tivesse dado a resposta correta: “Eu sou do céu”, Pilatos não entenderia. Se a origem divina de Jesus era incompreensível até para os líderes judeus (que conheciam muito bem as Escrituras), como Pilatos, um pagão, compreenderia essa verdade? A questão não podia ser respondida da perspectiva puramente intelectual. Somente a fé na afirmação de Jesus poderia tornar o conceito compreensível, e o governador não seguia a trilha da fé. Estava interessado apenas nos aspectos legais e políticos da questão.

Pilatos ficou aborrecido por Jesus não ter respondido à pergunta acerca de sua origem: *Não me respondes?* (19:10a). No grego, o pronome “me” (referente a Pilatos) aparece em primeiro lugar para demonstrar que o pronome “tu” (Jesus) é de menor importância. A ideia por trás da pergunta de Pilatos era: “Você não está percebendo quem sou eu. Sou Pilatos, o governador, e você é um prisioneiro que depende de meu favor”. Pilatos interpretou aquele silêncio como grosseria, mas isso não preocupou a Jesus. Poucos dias depois, Pilatos entenderia quem Jesus realmente era e então concluiria que a situação deveria ter sido inversa: Jesus é que tinha o direito de interrogá-lo, e não ele a Jesus!

À pergunta de Pilatos acerca do silêncio de Jesus imediatamente se seguiu uma última questão concernente à sua autoridade: *Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?* (19:10b). Ou seja: “Você não percebe que está totalmente à minha mercê?”. Pilatos não estava exagerando acerca de seu poder como governador. Tibério César não se preocupava com o que acontecia em Jerusalém, desde que a paz fosse mantida. Nenhum prisioneiro que fosse libertado ou condenado à cruz despertava o interesse de Roma. A decisão estava inteiramente nas mãos de Pilatos, que tinha consciência desse fato e queria saber se Jesus também tinha.

A réplica de Jesus à avaliação honesta, porém orgulhosa e equivocada, de Pilatos deve ter deixado o governador pensativo por longo tempo: *Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada* (19:11a). O poder de Pilatos sobre Jesus era uma concessão divina, cuja duração e abrangência não excederiam o que fora determinado. Pilatos não estava em posição de gabar-se de seu poder diante de Jesus. Na verdade, o governador tinha culpa, *embora quem me entregou a ti maior pecado tem* (19:11b). A

culpa de Pilatos não era tão grande. Ele estava conduzindo um julgamento injusto de um homem inocente. No entanto, na condição de representante do governo, era obrigado a assumir essa responsabilidade. Além disso, não fora ele quem mandara prender a Jesus. Uma pessoa — o singular é usado aqui, significando ou Judas Iscariotes ou Caifás — enviara Jesus a Pilatos. Se Judas, Jesus deve ter pensado nos três anos em que o discípulo escutou seus ensinamentos e conheceu a experiência de seu grande amor, mas retribuiu a bondade do Mestre com a traição. Se Caifás, Jesus deve ter considerado que este, na condição de judeu e sumo sacerdote, possuía mais conhecimento que Pilatos. As Escrituras das quais Caifás era guardião condenavam a injustiça e a fraude que caracterizam o julgamento de Jesus.

Pilatos ficou ainda mais ansioso para libertar Jesus, mas tinha diante de si os líderes judeus a lembrá-lo, aos gritos, de que a lealdade do governador a Tibério César seria questionada se ele libertasse a Jesus: *Todo aquele que se faz rei é contra César!* (19:12).

Pilatos finalmente cedeu à pressão das autoridades judaicas, assumiu a cadeia formal de juiz e apresentou o maltratado Jesus à multidão, declarando: *Eis aqui o vosso rei* (19:13-14). Não está claro o que Pilatos pretendia ao se referir a Jesus como rei. Talvez estivesse raciocinando em termos religiosos. Entretanto, os principais sacerdotes reagiram à declaração do governador com esta proclamação: *Não temos rei, senão César!* (19:15).

Percebendo a implacável hostilidade dos líderes judeus para com Jesus e a ameaça contra sua posição, Pilatos decidiu de conduzir um julgamento justo e entregou-lhes Jesus para que fosse crucificado (19:16a).

### 19:16b-30 A crucificação de Jesus

O passo seguinte agora era a cruz, por isso *Pilatos entregou Jesus aos soldados para ser crucificado* (19:16b, NTLH). Mateus e Marcos contam que os soldados conduziram Jesus ao pretório, o palácio no qual residia Pilatos (Mt 27:27; Mc 15:16), e depois de zombarem do prisioneiro cobriram-no com um manto de púrpura. Em seguida, eles “o vestiram com as suas próprias vestes” (Mt 27:31; Mc 15:20). Vestido com as próprias roupas, mas ainda com a coroa de espinhos, Jesus iniciou sua jornada até o local da crucificação, caminhada que lhe infligiu dor psíquica e emocional.

A agonia física ficou por conta do peso da cruz que ele teve de carregar (19:17), da própria crucificação e da sede (19:28). Houve também a dor emocional de ver o povo escolher libertar Barrabás, e não ele (18:40), de ser abandonado por seus discípulos (Mt 26:56), de ser crucificado entre dois criminosos (19:18), de presenciar a tristeza de sua mãe (19:25) e de suportar a zombaria de um dos criminosos ao seu lado (Lc 23:39).

Apesar de todo o sofrimento e de os soldados e as autoridades parecerem controlar a situação, o texto deixa claro



que todos os acontecimentos estavam sob o controle absoluto de Deus. Os soldados não quebraram as pernas de Jesus (19:32-33), mantendo a coerência com o simbolismo do cordeiro pascal (Êx 12:46; Nm 9:12) e cumprindo o que estava predito (Sl 34:19-20). O soldado, mesmo sabendo que Jesus estava morto, furou o lado de Jesus, e do ferimento saiu sangue e água (19:34-37). O sangue purifica do pecado (1Jo 1:7), e a água proporciona refrigério espiritual (7:38).

A despeito da falha de Pilatos em fazer justiça no caso de Jesus e da reclamação dos judeus (19:21), a inscrição que o governador mandou colocar na cruz de Cristo foi uma significativa proclamação acerca de quem Jesus de fato era. Ela foi lida por muita gente, porque fora escrita nos três principais idiomas da época: aramaico, latim e grego (19:19-20).

É notável o fato de que Jesus, em meio a tanto sofrimento, ainda demonstrasse preocupação com sua mãe. Ele a entregou aos cuidados do apóstolo Jesus (19:26-27), que se encontrava ali naquele momento.

O resultado de sua paixão foi glorioso. Depois que Jesus proferiu sua sexta frase na cruz e disse ainda: *Está consumado!* (19:30), a obra da redenção da humanidade estava concluída. A dor e a glória de Deus não são contraditórias. O sofrimento de Jesus, a despeito de ele não ter feito nada errado, tornou-se a mais gloriosa provisão de Deus para toda a humanidade — um sacrifício apropriado pelos pecados de todos os seres humanos de todas as gerações. Períodos de sofrimento como os que experimentamos na África não nos devem fazer desistir. Em vez disso, devemos alimentar a expectativa de que Deus produzirá um resultado glorioso. O sofredor inocente pode não ver esse resultado, mas seus filhos verão.

### 19:31-42 A morte e o sepultamento de Jesus

O corpo de Jesus precisava ser sepultado, e o tempo era curto porque Jesus havia sido crucificado no *Dia da Preparação*, e o dia seguinte seria um sábado (19:31, NVI), a começar com o pôr do sol. Só naquela manhã, Jesus havia sido entregue aos judeus para ser crucificado, à “hora sexta” (6 horas da manhã, 19:14). (Observe que João informa a hora pelo sistema romano, que conta o tempo a partir da meia-noite. Os escritores dos evangelhos sinóticos, todavia, informam a hora pelo sistema judaico.) Jesus foi crucificado às 9 horas da manhã. Assim, em Marcos 15:25, lemos “hora terceira”, pois o evangelista começa a contar o novo dia a partir do nascer do sol. As três horas seguintes transcorreram como as de qualquer outro dia em que um criminoso era crucificado, mas ao meio-dia (“hora sexta”, Mc 15:33; cf. tb. Mt 27:45; Lc 23:44) algo estranho aconteceu: o dia tornou-se noite, e a escuridão durou 3 horas (Lc 23:44). Então, às 3 horas da tarde, Jesus pronunciou suas últimas palavras, na última de suas declarações na cruz. Ele disse: “Está consumado!”. Depois disso, inclinou a cabeça e entregou o espírito (19:30).

Nesse ínterim, no templo, os judeus abatiam seus cordeiros para a ceia da Páscoa, pois às 6 horas da manhã começaria a semana da Páscoa. Jesus ainda permanecia na cruz, mas os judeus não pretendiam deixá-lo no madeiro porque a lei dizia que nenhum corpo podia ficar na forca ou na cruz durante a noite (19:31; cf. tb. Dt 21:22-23). Os discípulos de Jesus não eram encontrados em parte alguma. Se não reclamassem o corpo de Jesus, ele seria lançado no vale de Hinom, onde o lixo de Jerusalém era amontoado.

José de Arimateia e Nicodemos assumiram o funeral de Jesus (19:38-39a). Ambos eram discípulos secretos de Jesus (19:38; cf. tb. 3:1-21; 12:42-43) e membros do Sinédrio (Mc 15:43; Jo 7:50-52). Por ser o Sinédrio a maior autoridade dos judeus reconhecida pelos romanos, seus membros eram os cidadãos mais influentes da nação.

Ao solicitar o corpo de Jesus (Mt 27:58; Mc 15:43; Lc 23:52), os dois homens se expuseram à inimizade dos líderes judeus que haviam causado a morte de Jesus. Infelizmente, é raro presenciarmos uma atitude semelhante a favor de Cristo por parte daqueles que conquistaram posições importantes na sociedade, como ministros de governo, membros de parlamentos e servidores civis. O que José e Nicodemos fizeram equivale a membros de parlamento ou juízes de suprema corte tomarem para si a responsabilidade de garantir um sepultamento decente para alguém. A omissão, nesse caso, corresponde a abandonar o corpo aos abutres, como os romanos faziam com aqueles que eram crucificados.

Hoje, não temos mais o corpo de Jesus para sepultar, mas temos a causa de Cristo para defender. Esse dever não é imposto apenas aos pastores e bispos, mas a todos os crentes em Jesus, sem importar que cargo ocupem. José e Nicodemos nos convidam a despertar e defender a causa de Cristo. Que desculpa temos para não fazê-lo? Alguém pode argumentar: “Nossa constituição separa Igreja e Estado”; ou: “Minha missão é ser representante de todos, não de interesses religiosos”. Contudo, tais argumentos geralmente não passam de desculpas. José e Nicodemos arriscaram a carreira política a fim de prestar um humilde serviço a Jesus. Nós também devemos fazer o mesmo, se nossa convicção a respeito de Cristo for profunda o bastante. Olhe em volta e veja o que você pode fazer, em seu país, pela causa de Cristo!

Esses dois homens não somente arriscaram a carreira pela causa de Cristo, como também doaram recursos materiais para ela. As especiarias trazidas por Nicodemos para preparar o corpo de Jesus não eram produtos baratos, e a quantidade que ele forneceu excedia em muito o necessário para aquele procedimento (19:39b). O túmulo no qual Jesus foi sepultado foi o de José de Arimateia (19:41; Mt 27:60). Eram ambos homens generosos.

As instituições teológicas e os projetos cristãos da África dependem tanto de patrocinadores ocidentais que

somos forçados a perguntar: “Não existe dinheiro na África?”. Sem dúvida, há dinheiro no continente africano. Podemos constatar essa realidade ao ver os “palácios” que alguns presidentes africanos construíram para si, os condomínios de casas para alugar de propriedade de parlamentares e as frotas de veículos ostentadas pelos ricos. O que se perdeu foi a atitude que vemos em José e Nicodemos, que contribuíram generosamente para a causa de Cristo a um alto custo para si mesmos. Onde estão os palácios, as propriedades e as frotas de veículos a serviço de Jesus? Aqueles dois homens, que eram discípulos secretos de Cristo, nos deixam envergonhados, embora proclamemos ao mundo sermos discípulos de Jesus.

Quando José e Nicodemos arriscaram a popularidade que desfrutavam entre seus pares para prestar aquele serviço, pensavam apenas em proporcionar um sepultamento honroso para Jesus. Se fizeram tanta coisa pelo Jesus morto, quanto mais devemos nós fazer pelo Cristo ressuscitado? Os crentes africanos precisam tomar uma atitude!

### 20:1-9 A ressurreição de Jesus

Jesus permaneceu no túmulo durante todo o dia e toda a noite de sexta-feira e sábado. Na manhã do *primeiro dia da semana*, o dia em que agora celebramos a ressurreição, Maria Madalena foi ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus. Aproximando-se do túmulo, ela viu que a pedra estava revolvida (20:1). Percebendo a tumba vazia, correu até onde estavam Simão Pedro e o discípulo que Jesus amava (João, o apóstolo) e informou: *Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram* (20:2). O verbo na primeira pessoa do plural indica que Maria não estava sozinha, mas falando como representante de outras pessoas (cf. tb. Mc 16:1). Já o verbo na terceira pessoa do plural deve ser uma referência aos soldados que haviam crucificado a Jesus ou às autoridades judaicas, particularmente o Sinédrio.

João relata que Pedro e o discípulo amado correram até o sepulcro. O *outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro* (20:3-4). Entretanto, não entrou. Em vez disso, *abaixando-se, viu os lençóis de linho* (20:5). Pedro, quando chegou, entrou no túmulo e *também viu os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus* (20:6-7). Por fim, o outro discípulo seguiu Pedro e também entrou no sepulcro. Ele viu, e creu (20:8). O que ele cria era que o corpo de Jesus não estava mais lá (20:9). Em breve, ambos descobririam a gloriosa verdade de que Jesus havia ressuscitado e vencera a morte (20:19).

### 20:10—21:25 O Cristo ressurreto

#### 20:10-29 Jesus — vivo, perfeito e glorioso

Depois de informar a Pedro e ao discípulo amado que o corpo de Jesus fora retirado do túmulo, Maria Madalena (e provavelmente outra mulher) seguiu os dois homens

enquanto eles se dirigiam ao jardim. Pedro e o outro discípulo, percebendo que o corpo de Jesus não estava na tumba, *voltaram [...] outra vez para casa* (20:10). A “casa” era simplesmente o lugar em que estavam hospedados em Jerusalém. Maria Madalena, entretanto, *permanecia junto à entrada do túmulo, chorando* (20:11). Enquanto chorava, curvou-se e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés (20:12). Os dois anjos perguntaram a Maria por que ela estava chorando, e ela respondeu honestamente: *Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram* (20:13). Dito isso, *voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus* (20:14). Jesus fez a ela a mesma pergunta que os anjos: *Mulher, por que choras? A quem procuras?* (20:15a). Achando que falava com o jardineiro, Maria respondeu: *Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei* (20:15b). Nesse momento, Jesus pronunciou o nome dela: *Maria!* (20:16). Ao ouvir o som de sua voz, ela percebeu que não estava falando com o jardineiro, e sim com seu Senhor! Maria voltou-se para Jesus e disse em aramaico: *Raboni!* (que quer dizer: Mestre!). O momento pedia adoração: não era hora de fazer perguntas. Maria agora compreendia tudo claramente: Jesus estava vivo! Ela foi até onde estavam os discípulos e contou a novidade: *Vi o Senhor!* (20:18).

Jesus apareceu a Maria Madalena na manhã do primeiro dia da semana, domingo, dia 16 de nissã. À noite, ele apareceu também aos discípulos (20:19a), que estavam todos reunidos (exceto Tomé, 20:24). Nenhum deles podia imaginar que era um simples sonho, pois todos o estavam vendo. Sua aparição nem mesmo era aguardada, pois os discípulos, na verdade, estavam com medo dos judeus (20:19a). Jesus não estava limitado a portas trancadas, por isso *veio e pôs-se no meio deles* (20:19b). Ele não estava lá antes. Por esse motivo, João usa o verbo “veio”, mas não há dúvidas de que Jesus agora estava ali.

As primeiras palavras de Jesus aos amedrontados discípulos foram: *Paz seja convosco!* (20:19b). *Shalom*, que significa “paz”, era uma saudação e uma bênção comum entre os judeus, no século I. Era apropriada, se considerarmos as circunstâncias. Os discípulos ainda se recuperavam do que acreditavam ser a perda de seu Mestre.

O mundo, em geral, e o continente africano, em particular, precisam ouvir as palavras de Jesus: “Paz seja convosco!”. Ano após ano, a África continua sendo um continente sangrento. Se não há guerra no sul, há no norte; se não há no leste, há no oeste, e também na região central. Que Jesus envie paz ao nosso continente! Quando disse essas palavras aos discípulos, Jesus estava dando ênfase à paz da mente e do coração. Que essa paz também seja experimentada pelo povo na África, enquanto esperamos a paz no mundo exterior.

Precisamos apegar-nos à pergunta: “Como posso contribuir para a paz de que a África tanto precisa?”. Boa parte

da inquietação autoinfligida na África tem origem na animosidade baseada em diferenças — ideológicas, étnicas ou religiosas. As palavras de Jesus: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10:27b) e sua ilustração do que isso significa (Lc 10:29-37) vão além de qualquer barreira imposta por nossas diferenças. Devemos viver em paz. Os seguidores de Cristo devem promover os ideais de seu Mestre — vivendo juntos em paz e dando conforto aos que não o têm. As viúvas e os órfãos da guerra, aids, fome ou qualquer outra causa precisam ouvir a voz dos seguidores de Jesus (a Igreja) ecoar as palavras de nosso Mestre: “Paz seja convosco!”. Se a Igreja de Cristo vivesse pelo exemplo de seu Mestre, as necessidades do povo, como comida, roupas, aconselhamento, incentivo e senso de união, seriam satisfeitas.

Assim como Jesus enviou seus discípulos (20:21), ele também ordena que saíamos de nossa zona de conforto para ajudar os que precisam de nós. Dessa forma, quando os servirmos, experimentaremos a alegria que os discípulos sentiram ao ver Jesus (20:20).

Jesus encerrou o encontro com os discípulos lembrando-os da promessa do Consolador, pois *soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo* (20:22). Esse gesto simbólico era para lembrar aos discípulos o que ele lhes ensinara acerca do Conselheiro e do que o Espírito Santo faria por eles. A obra do Espírito Santo começaria depois que Jesus retornasse ao Pai (14:16; 15:26; 16:7). Ele então pediu ao Pai que enviasse o Espírito Santo, a fim de que estivesse com eles e os guiasse “a toda a verdade” (16:13), até mesmo nas questões relativas ao pecado (20:23). Nós também precisamos ter isso em mente. Não podemos realizar sozinhos a tarefa que temos diante de nós. Só poderemos mudar a África quando o Espírito Santo permitir. Se combinarmos nossa disposição com o poder ilimitado do Espírito Santo, a África poderá ser salva — não apenas espiritualmente, mas em todos os aspectos.

Na segunda aparição aos discípulos, Jesus deu toda atenção a Tomé, que expressara dúvidas sobre os relatos acerca da primeira aparição (20:24-25). Jesus gentilmente o repreendeu (20:27b, 29), mas também o conduziu, passo a passo, à confissão: *Senhor meu e Deus meu!* (20:28). Com essa atitude, ele oferece um bom modelo para os pastores africanos. Por causa de nossa tradição, que considera todo chefe uma pessoa poderosa, os pastores africanos tendem a se dirigir ao rebanho de modo autoritário. Quando repreendemos o próximo, não devemos desviar-nos do nosso objetivo, que é levar aqueles a quem servimos a confessar a Jesus como seu Senhor e Deus. Jesus deu a Tomé a oportunidade de tocar os ferimentos causados pelos pregos (20:27a), a fim de eliminar toda dúvida. Estamos nós preparados para ensinar aos outros, com toda a paciência, as lições da fé, esclarecendo todas as suas dúvidas? Esse tipo de paciência requer uma concentração nas necessidades das ovelhas, e não na autoridade do pastor.

Podemos intitular-nos “apóstolos” e “profetas”, mas nosso chamado é para ser pastores do rebanho e cuidar de nossas ovelhas. Os “Tomés” da igreja africana precisam de pastores humildes que os conduzam passo a passo à convicção de que Jesus é seu Salvador e Senhor.

### 20:30-31 O propósito do evangelho de João

Nesse ponto, João nos lembra que registrou em seu livro apenas uma pequena parte do que poderia ter contado sobre as maravilhas que Jesus realizou *diante dos discípulos* (20:30). João e os demais discípulos (exceto Judas Iscariotes) tornaram-se testemunhas do que “temos ouvido [...] temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam” (1Jo 1:1). João não está relatando incidentes dos quais apenas ouviu falar, mas fatos que ele mesmo presenciou, estando entre os doze (Mt 10:1-4; Mc 3:16-19; Lc 6:14-16). Seu relato é confiável, porque os fatos descritos aconteceram diante de todos, e ele os testemunhou pessoalmente.

João também é claro quanto a seu objetivo ao escrever: ele decidiu descrever os sete milagres apresentados em seu evangelho (cf. a introdução a este comentário) *para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus* (20:31). Os leitores não são obrigados a acreditar: o autor pede que eles tão somente examinem a evidência das palavras de Jesus e de suas obras, a fim de concluir que Jesus é o que declarou ser — o Cristo, o Filho de Deus.

Todos os que crerem receberão a bênção de ter a *vida em seu nome* (20:31). Observe que a posse dessa vida está condicionada à crença. É necessária uma decisão pessoal: aceitar ou rejeitar a vida que vem por meio da fé. É correto dizer que essa vida “vem por meio da fé”, pois João usa o tempo presente para o verbo traduzido por “crendo” e também para o verbo principal, “tenhais”, o que em grego indica que ambas as coisas acontecem ao mesmo tempo. Quem crê tem a garantia de que receberá a vida a partir desse momento.

A vida pode ser recebida apenas no nome de Jesus. Ele é o único escolhido por Deus para dar a vida no lugar da morte e do pecado (cf. tb. o comentário sobre 14:6).

### 21:1-25 Jesus, o incentivador

No capítulo 20, Jesus ajuda Tomé a vencer a dúvida e no capítulo 21 encoraja outros sete discípulos e ajuda Pedro a se recuperar de sua tripla negação ao Mestre.

Eram sete os discípulos ali reunidos: Simão Pedro; Tomé, chamado Dídimo (nome que significa “o gêmeo”); Natanael de Caná; os filhos de Zebedeu, Tiago e João; e outros dois (21:2). A expressão *mais dois* indica que Jesus não fala apenas com os discípulos bem conhecidos por nós. O grupo decidiu passar a noite pescando no mar de Tiberíades, onde todos provavelmente já haviam pescado (21:3). Naquela noite, porém, eles não pescaram nada. *Mas, ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia, os discípulos não*

*reconheceram que era ele (21:4)*. Jesus perguntou-lhes: *Filhos, tendes aí alguma coisa de comer? (21:5)*. Ao ouvir que não haviam pescado nada, Jesus os instruiu: *Lançai a rede à direita do barco e achareis (21:6a)*. Talvez por pensar que o homem era um pescador mais experiente, os discípulos fizeram conforme ele mandou. O resultado foi que *já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes (21:6b)*. Em 21:11, registra-se que a pesca resultou em 153 peixes grandes.

O discípulo amado foi o primeiro a perceber que a pessoa que os mandara lançar a rede não era um pescador experiente, mas o poderoso e onisciente Jesus. O discípulo amado então disse a Pedro: *É o Senhor! (21:7a)*. Assim que ouviu isso, Pedro *cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar (21:7b)*, enquanto os outros discípulos vieram no barquinho (21:8).

A primeira surpresa foi o grande número de peixes pescados. A segunda foi ver Jesus. Veio então a terceira surpresa: *Viram ali umas brasas e, em cima, peixes; e havia também pão (21:9)*. De onde viera aquela comida? Das mãos de Jesus! Ele preparara miraculosamente um desjejum para os discípulos. Embora tivesse poder para providenciar por meio de um milagre o restante da refeição, preferiu não fazê-lo e disse-lhes: *Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar (21:10)*.

Simão Pedro chegou a Jesus antes dos outros discípulos e foi o primeiro a voltar ao barco quando Jesus lhes pediu que trouxessem um pouco de peixe. Ele *arrastou a rede para a terra (21:11a)*. A quarta surpresa foi que a grande pescaria não arreventou a rede (21:11b). Jesus então convidou os discípulos para comer, convite que todos aceitaram. Eles não ousaram perguntar: *Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor (21:12)*, que tinha conhecimento de todas as coisas (até mesmo de onde estavam os peixes); que podia fazer surgir do nada o fogo, o peixe e o pão; que podia impedir que uma rede abarrotada de peixes arreventasse.

Jesus não era apenas o anfitrião deles, mas também o servo, pois *tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe (21:13)*. Enquanto comiam o peixe e o pão providenciados miraculosamente, os discípulos devem ter lembrado o episódio em que Jesus alimentou mais de cinco mil homens com apenas cinco pães e dois peixinhos (6:5-13).

O que Jesus queria ensinar-lhes agora? A resposta devia estar relacionada ao motivo de os discípulos terem ido pescar. Não era porque eles desejavam retornar à sua profissão original, mas porque precisavam alimentar-se. A fome acomete a todos, até mesmo um discípulo de Jesus! Após várias tentativas fracassadas de apanhar alguns peixes, Jesus apareceu e providenciou muito mais do que eles precisavam para uma refeição satisfatória. Jesus queria lembrá-los de que era capaz de atender às suas necessidades e situações do cotidiano. Ele cuidaria de todas as suas necessidades futuras.

Os teólogos às vezes passam bastante tempo debatendo se os milagres acontecem ou não hoje. Esse debate dividiu a igreja de Cristo na África, pois alguns consideram que, se você acredita que milagres acontecem hoje, então é pentecostal. Caso contrário, você não conhece o poder total de Jesus. Precisamos lembrar que o povo de Jesus é formado por todos os crentes e que as demais classificações humanas não servem para nada. Essa passagem mostra que Jesus é um Salvador surpreendente. As surpresas que ele nos fará dependem totalmente dele. Hoje, ele pode providenciar muitos peixes e amanhã o fogo, mas é o mesmo Jesus ontem, hoje e amanhã. Não devemos concentrar-nos em quem somos, e sim em quem ele é.

Uma vez que Jesus fala a todos, até mesmo aos discípulos inominados (21:2), ele ministra a cada um de acordo com suas necessidades. Pedro havia negado a Jesus e ainda convivía com esse peso. Então Jesus inicia um processo para ajudar Pedro a abandonar o passado e tornar-se a pedra que Jesus, na ocasião em que eles se encontraram pela primeira vez, predisse que Pedro se tornaria.

Quando acabaram de comer, Jesus disse a Simão Pedro: *Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? (21:15a)*. Jesus dirigiu-se a Pedro por seu nome comum (cf. 1:41), e não como Pedro ou Cefas, o nome que dera a ele. A negação de Pedro mostrou que ele ainda não era uma “pedra”. Ainda era o Simão comum. Jesus não estava usando esse nome para condenar Pedro, mas para lembrá-lo de que era tão frágil quanto qualquer outro homem.

A comparação *mais do que estes outros* (21:15) provavelmente se refere aos outros discípulos, apesar de haver certa ambiguidade na palavra traduzida por “estes” — pode ser uma referência aos peixes, que simbolizavam sua vida de pescador. A pergunta remete às palavras de Pedro em 13:37, em que o discípulo diz a Jesus: “Por ti darei a própria vida”. Pedro foi o único a fazer essa promessa. Quando os outros discípulos fugiram (Mt 26:56; Mc 14:50), não estavam quebrando nenhum compromisso. Pedro, entretanto, declarou que seu amor o manteria fiel até a morte. Jesus agora perguntava a Pedro: “Esse compromisso ainda existe, Simão?”.

Após as perguntas, respostas e missão terem sido repetidas três vezes (21:15-17), Jesus disse a Pedro: *Segue-me (21:19b)*. Não é dito de que maneira exatamente Pedro deveria seguir a Jesus, mas fica claro que sua vida e sua morte foram semelhantes às de Jesus. Jesus sabia que Pedro enfrentaria tempos difíceis mais à frente, situações sobre as quais não teria nenhum controle (21:18-19a). Alguns dos primeiros pais da Igreja afirmam que Pedro sofreu martírio no tempo de Nero, em 64 ou 65 d.C.

Jesus respondeu à pergunta de Pedro acerca do discípulo amado: *Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me (21:21-22)*. Isso nos faz lembrar que os planos de nossa vida estão nas mãos do Senhor. O que importa não é o martírio em Cristo ou

servir a Cristo até envelhecer. O que importa é a vontade do Senhor, como dizem os akambas: *Tinda na ukome yumanaa na ula uthokewe* (“É o anfitrião quem decide se o convidado passará a noite com ele ou não”). Ser como Pedro é uma honra e ser como o discípulo amado também é desejável, mas agir de acordo com a vontade de Deus é vantajoso.

Os filhos da África que, por serem cristãos, morrem nas mãos dos “Idi Amins” continuam sendo nosso modelo de vida em Cristo, a despeito das circunstâncias. Nossos motivos não devem irritar as abelhas, porém elas devem ser instigadas pela autêntica apresentação da palavra de Deus, e devemos com fé suportar suas ferroadas. Os planos do Senhor para nossa vida (seja a vida ou a morte por ele) sempre representam ganho para nós. O que acontece

conosco pode servir de estímulo a outros cristãos no presente, e no futuro Deus honrará nossa luta. Por nos ter dado a vida agora, devemos servi-lo fielmente para que o Senhor nos saúde com a frase: “Muito bem, servo bom e fiel”.

Samuel Ngewa

#### Leituras adicionais

CARSON, Donald A. *The Gospel According to John*. PNTC. Grand Rapids: Eerdmans/ Leicester: InterVarsity, 1991.

MORRIS, Leon. *The Gospel According to John*. NICNT. Ed. rev. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

NGEWA, Samuel M. *The Gospel of John: A Commentary for Pastors, Teachers and Preachers*. Nairobi: Evangel Publishing House, 2003.



# ATOS DOS APÓSTOLOS

Atos é o único livro do NT que descreve os primeiros acontecimentos da igreja cristã. Os evangelhos focalizam a história de Jesus até a ascensão. As epístolas e Apocalipse são dirigidos a igrejas já formadas. Sem Atos, seria difícil saber de onde essas igrejas vieram. O livro preenche, portanto, a lacuna entre os evangelhos e o restante dos livros do NT. Lucas associa aquilo que Jesus começou a fazer durante seu ministério aqui na terra, conforme o registro dos evangelhos, com aquilo que ele continua a fazer depois de sua ascensão, indicando, desse modo, que o ministério de Jesus foi o início do cristianismo retratado nas epístolas.

A narrativa de Atos também é singular no sentido de que enfatiza o caráter inclusivo da comunidade de seguidores de Cristo Jesus. O relato deve servir de incentivo para seus leitores buscarem a unidade na igreja, um elemento de grande importância nas sociedades extremamente fragmentadas da África.

## Autor

A tradição atribui a autoria de Atos a Lucas, o médico amado que acompanhou Paulo (Cl 4:14; 2Tm 4:11), um requisito para a redação das passagens na primeira pessoa do plural (“nós”), nas quais o autor se inclui no relato (16:10-17; 20:5—28:31). Essas passagens são claramente distintas daquelas escritas na terceira pessoa do plural (“eles”), nas quais o autor não participou dos acontecimentos descritos.

O autor de Atos também redigiu o evangelho segundo Lucas, pois os prefácios dos dois livros se referem a um homem chamado Teófilo (Lc 1:1-4; At 1:1). O prefácio de Atos menciona ainda uma narrativa anterior (1:1). Para os estudiosos da atualidade, os dois livros constituem uma obra única dividida em duas partes, daí ser chamada com frequência de Lucas-Atos.

## Local e data

Atos provavelmente foi escrito em Roma, durante os dois anos (59-61 d.C.) em que Paulo permaneceu preso na capital do império. Há um consenso de que o livro foi redigido antes do incêndio de Roma, a primeira perseguição da igreja pelo império, e antes da segunda prisão de Paulo em Roma (64-67 d.C.). Sem dúvida, é anterior à revolta dos judeus contra o governo romano (66 d.C.) e à destruição do templo (70 d.C.).

## Gênero e propósito

O estudo de detalhes geográficos e históricos de Atos que podem ser confirmados por outras fontes mostram que Lucas era um historiador minucioso. É provável, portanto, que não tenha escrito Atos para promover as ideias de Paulo (como afirmavam alguns estudiosos no passado), mas para fornecer informações sobre os acontecimentos que Lucas considerou mais importantes nos estágios iniciais da igreja. Uma vez que a interpretação daquilo que era relevante foi influenciada por sua teologia, ao ler Atos devemos focalizar não apenas as questões históricas, mas também as teológicas.

No tocante ao contexto histórico, o livro pode ser considerado uma defesa à fé cristã diante das autoridades romanas ou uma tentativa de conciliar o judaísmo e o cristianismo ao explicar os motivos pelos quais os líderes judeus continuavam a rejeitar a mensagem do evangelho. Atos também possui um propósito evangelístico, pois desvincula o evangelho do judaísmo e anuncia sua propagação a todo o mundo conhecido.

Com referência à sua teologia, Atos instrui a igreja sobre como viver até Jesus voltar e como transmitir a mensagem do evangelho a pessoas que não viram Jesus pessoalmente. Descreve de forma explícita o plano de salvação, a comprovação das profecias e o cumprimento das promessas de Deus, elementos implícitos nos evangelhos. Essa apresentação podia servir não apenas para explicar o significado da morte de Cristo para os incrédulos, mas também para encorajar a fortalecer a igreja ao mostrar que Deus continuava a atuar na história.

Há quem acuse Lucas de encobrir as divisões das primeiras comunidades de cristãos ao deixar de fora os tipos de problemas que Paulo registra em suas epístolas a igrejas como as de Corinto e da Galácia. É provável, contudo, que o objetivo de Lucas não fosse esconder os problemas, mas apresentar um modelo do funcionamento ideal de uma comunidade de cristãos.

## Relevância para a África

Um dos temas centrais de Atos é a inclusão. Lucas apresenta evidências sólidas de que a comunidade dos cristãos transcende todas as barreiras raciais, regionais e sociais. A igreja não deve ser dividida com base em distinções de raça, região ou classe social. Os cristãos são chamados a alcançar todas as pessoas.

No Pentecostes, o Espírito Santo mostra claramente que as novas são para todos, pois revoga as diferenças de linguagem instituídas em Babel (Gn 11:6-9) e permite de modo miraculoso que o povo compreenda todas as palavras dos discípulos (At 2, especialmente 2:39).

O continente africano entrou no século XXI devastado por inúmeros conflitos armados de pequenas e grandes proporções e repleto de ódio e discórdia. A igreja na África precisa ser confrontada com o caráter inclusivo das primeiras comunidades de cristãos a fim de oferecer um modelo alternativo. Ao proclamar o evangelho a todos, podemos opor-nos às forças do mal.

### Esboço

#### 1:1-26 Os evangelhos e a igreja

- 1:1-3a Provas do Salvador ressurreto
- 1:3b-8 Último discurso do Salvador ressurreto
- 1:9-11 A ascensão
- 1:12-26 Antes da vinda do Espírito Santo
  - 1:12-14 O primeiro grupo de oração apostólico
  - 1:15-26 A primeira eleição apostólica

#### 2:1-47 O nascimento da igreja

- 2:1-13 A vinda do Espírito Santo
  - 2:1-4 Os discípulos recebem o Espírito
  - 2:5-13 Muitas nações testemunham sua vinda
- 2:14-41 A poderosa mensagem evangelística de Pedro
  - 2:14-21 A profecia de Joel
  - 2:22-36 Provas de que Jesus é o Cristo
  - 2:37-41 Apelo
- 2:42-47 A comunidade cristã se forma em Jerusalém
  - 2:42-43 Viver em comunidade
  - 2:44-47 Compartilhar em comunidade

#### 3:1—7:60 Testemunho a Jerusalém

- 3:1-26 Pedro e João realizam curas
  - 3:1-10 A cura do mendigo coxo
  - 3:11-26 O discurso de Pedro para a multidão
    - 3:12-16 Jesus é o Salvador
    - 3:17-26 Apelo: Arrependam-se agora
- 4:1-31 O início da luta pelo evangelho
  - 4:5-7 Pedro e João interrogados perante o Sinédrio
  - 4:8-12 O discurso de Pedro ao Sinédrio
  - 4:13-22 A reação do Sinédrio
  - 4:23-31 Resposta de oração
- 4:32—5:11 Testemunho: a comunidade compartilha seus bens
  - 4:32-35 Unidade de coração e mente
  - 4:36-37 José/Barnabé: exemplo positivo de compartilhamento
  - 5:1-11 Ananias/Safira: exemplo negativo de compartilhamento

#### 5:12-42 Testemunho: sinais e prodígios

- 5:12-16 Muitos são atraídos para o Senhor
- 5:17-42 A inveja dos líderes religiosos
- 6:1-7 Testemunho: a comunidade unida
- 6:8—7:60 Testemunho: a morte de Estêvão
  - 6:9-15 Oposição a Estêvão
  - 7:1-53 Esboço histórico
    - 7:2-8a Abraão
    - 7:8b-19 Os patriarcas e José
    - 7:20-45 Moisés, o libertador enviado por Deus
    - 7:46-50 O templo para a arca da aliança
    - 7:51-53 Acusação contra o conselho
  - 7:54-60 O martírio de Estêvão

#### 8:1—12:24 Testemunho às regiões vizinhas

- 8:1-25 Testemunho a toda a Samaria
  - 8:1-3 Perseguição em Jerusalém
  - 8:4-13 A grande dispersão
  - 8:14-17 Inclusão dos cristãos samaritanos
  - 8:18-24 Motivos errados para buscar dons
  - 8:25 Testemunho às vilas samaritanas
- 8:26-40 Testemunho a toda a Judeia: início
  - 8:26-39 Testemunho na estrada do deserto
    - 8:26 Filipe recebe orientação divina
    - 8:27-39 Testemunho ao eunuco etíope
  - 8:40 Testemunho às cidades litorâneas
- 9:1-30 Chamado para testemunhar: a conversão de Saulo
  - 9:3-9 O encontro de Saulo com Jesus, o Cristo
  - 9:10-19 Ananias: elo entre a igreja e Saulo
  - 9:20-25 Saulo: evangelista ardoroso
  - 9:26-30 Barnabé: elo entre os apóstolos e Saulo
- 9:31 Resumo da situação da igreja
- 9:32-43 O testemunho de Pedro aos judeus em Samaria
  - 9:33-35 Testemunho em Lida
  - 9:36-43 Testemunho em Jope
- 10:1—11:18 Testemunho de Pedro aos gentios em Samaria
  - 10:3-8 O Senhor fala a Cornélio numa visão
  - 10:9-23a A visão dos animais impuros
  - 10:23b-33 A visita de Pedro a Cornélio
  - 10:34-43 O sermão de Pedro
  - 10:44—11:1 A conversão dos gentios
  - 11:2-18 Pedro defende a inclusão dos gentios
- 11:19-30 Testemunho aos gentios na Síria
  - 11:19-21 Fim do testemunho discriminatório em Antioquia
  - 11:22-24 Barnabé: elo entre Jerusalém e Antioquia
  - 11:25-26 Barnabé e Saulo em Antioquia
  - 11:27-30 A igreja de Antioquia ajuda a igreja da Judeia
- 12:1-24 A perseguição por Herodes Agripa I
  - 12:2 O martírio de Tiago

12:3-19 A libertação de Pedro

12:20-24 O juízo divino

### **12:25—21:26 Testemunho aos confins da terra**

12:25—14:28 Primeiro testemunho aos confins da terra

12:25—13:3 Comissionamento dos primeiros missionários

13:4-12 Pafos: primeiro encontro dos missionários com uma autoridade

13:13-52 Antioquia da Pisídia: sermão típico numa sinagoga

13:16-22 Histórico sucinto do povo de Israel

13:23-26 A salvação concedida por meio de Israel

13:27-30 O papel do povo de Jerusalém

13:31-37 O testemunho é inegável

13:38-41 Apelo

13:42-52 A reação: rejeição do evangelho

14:1-7 Icônio: mais oposição

14:8-20 Listra: a cura de um coxo

14:21-25 A jornada de volta: a nomeação de líderes

14:26-28 O relatório missionário em Antioquia

15:1-35 O concílio de Jerusalém

15:1-5 O problema: circuncisão

15:6-21 A discussão

15:22-29 Consenso

15:30-35 Reação positiva

15:36—18:22 Segundo testemunho aos confins da terra

15:36-40 Divergências na equipe missionária

15:41 Resumo do segundo testemunho missionário

16:1-3 Timóteo: circuncisão para um missionário?

16:4-5 A equipe missionária retorna às novas igrejas

16:6-12 O Espírito Santo muda a estratégia missionária de Paulo

16:13-40 Filipos: importante cidade da Macedônia

17:1-9 Tessalônica: judeus hostis

17:10-15 Bereia: judeus mais nobres

17:16-34 Atenas: sermão típico aos gentios

17:22-23 Elogio

17:24-29 Transição do desconhecido para o conhecido

17:30-31 Hora de acabar com a ignorância

17:32-34 A reação: alguns atenienses creem

18:1-17 Corinto: uma importante cidade portuária

18:18-21 Éfeso: uma parada rápida

18:22 Jornada de volta a Antioquia

18:23—21:26 Terceiro testemunho aos confins da terra

18:23-28 Apolo: um evangelista eloquente

19:1-41 Éfeso: grandes feitos em nome de Jesus

19:1-7 Os discípulos efésios recebem o Espírito Santo

19:8-22 A escola de Tirano

19:23-41 As consequências do ministério bem-sucedido

20:1-4 Outras viagens

20:5-12 Trôade: a ressurreição de Êutico

20:13-38 Mileto: orientações sobre o presbiterato

20:18-27 O testemunho pessoal de Paulo

20:28-35 A incumbência dos presbíteros efésios

20:36-38 Uma triste despedida

21:1-6 Tiro

21:7-14 Ptolemaida e Cesareia

21:15-26 Jerusalém

### **21:27—28:31 O testemunho supremo de Paulo**

21:27—23:22 Audiência e encarceramento em Jerusalém

21:27-36 A prisão de Paulo

21:37—22:21 A defesa de Paulo diante da multidão irada

22:22-29 Vantagens da cidadania romana

22:30—23:11 A defesa de Paulo perante o Sinédrio

23:12-22 Conspiração para matar Paulo

23:23—26:32 Audiência e encarceramento em Cesareia

23:23-35 A jornada de Paulo a Cesareia

24:1-27 Audiência perante Félix

25:1-12 Audiência perante Festo

25:13-22 Conferência de Festo com o rei Agripa

25:23-27 Audiência perante o rei Agripa

26:1-32 A defesa de Paulo perante o rei Agripa

27:1—28:10 A viagem de Paulo a Roma

27:1-8 Um começo difícil

27:9-12 O conselho de Paulo é ignorado

27:13-26 Tempestade no mar

27:27-44 Naufrágio

28:1-10 Seguros em Malta

28:11-31 A missão em Roma

28:11-16 Enfim, Roma

28:17-31 A pregação de Paulo em Roma

## **COMENTÁRIO**

### **1:1-26 Os evangelhos e a igreja**

Sua conexão com o evangelho de Lucas confere a Atos um posição singular entre os livros do NT. Atos retrata a vida dos discípulos depois que o Mestre não estava mais fisicamente presente. Ele havia prometido enviar um Consolado depois de sua partida, e o livro começa criando uma ligação fundamental entre Jesus e a vinda do Espírito Santo, em cumprimento à promessa do Mestre (1:8). Serve, portanto, de elo entre a narrativa dos evangelhos e a narrativa acerca da igreja.

### 1:1-3a Provas do Salvador ressurreto

Tanto o evangelho de Lucas quanto Atos são dirigidos a um homem chamado *Teófilo* (1:1a). Lucas inicia o relato lembrando a Teófilo o conteúdo da narrativa anterior: *Todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar* (1:1b). Usa o termo “começou” para deixar claro que ainda não tratou de tudo o que Jesus fez e ensinou. Encontramos a mesma ideia em João 20:30.

Na sequência, Lucas enfatiza que Jesus Cristo é o Salvador ressurreto. Registra que Jesus *se apresentou vivo* aos apóstolos, *com muitas provas incontestáveis* (1:3a). “Vivo” é a palavra-chave do relato da ressurreição. Os discípulos testemunharam o sofrimento e a morte de Jesus, e é possível que alguns tenham duvidado da ressurreição. Precisaram de provas convincentes desse acontecimento extraordinário (Mc 16:11-12; Lc 24:36-43; Jo 20:9,26-29). Lucas ressalta esse ponto, pois sem a ressurreição histórica a fé cristã é infundada (1Co 15:1-4; 15:12-19). A fim de testemunhar ao mundo sobre o Senhor, os apóstolos precisavam ter plena convicção de que ele estava vivo.

Assim como foi fundamental para a pregação dos apóstolos (1:22; 2:31; 4:33; 17:18), a ressurreição de Cristo deve ser essencial para nossa pregação nos dias de hoje. O hino “Porque ele vive” expressa nossa convicção de que Cristo está vivo e cuida de nós. Ele é digno de ocupar o centro de nossa vida, lar, igreja e país, ou seja, de todas as coisas. Ao testemunhar para o mundo sobre o Senhor, precisamos lembrar que ele vive e está sempre conosco.

### 1:3b-8 Último discurso do Salvador ressurreto

As últimas palavras de uma mãe ou pai para seus filhos são sempre importantes. Todos os membros da família, especialmente o filho mais velho que assumirá a liderança da família, ouvem com atenção. Os discípulos devem ter feito o mesmo quando Jesus lhes falou pela última vez. O tema de suas palavras finais é o *reino de Deus* (1:3b). Lucas não fornece detalhes acerca do discurso, mas revela que esse tema era crucial em seu ministério (cf. comentários sobre At 8:12; 19:8; 28:23,31).

Jesus reuniu os discípulos para uma última refeição, durante a qual ordenou que, depois de sua partida, os discípulos não deveriam sair de Jerusalém enquanto não tivessem recebido o Espírito Santo, prometido pelo Pai (1:4-5). João Batista havia afirmado que o Messias batizaria com o Espírito Santo e com fogo (Lc 3:16; cf. tb. Mt 3:11; Mc 1:8; Jo 1:33). Jesus lembra a seus seguidores sua promessa de que o Pai enviaria o Espírito (Lc 24:49; cf. tb. Jo 14:16,26). Agora, o Pai estava prestes a cumprir a promessa do Filho. Os discípulos não sabiam, contudo, a ocasião específica de seu cumprimento, nem o que deveriam fazer antes da vinda do Espírito. Sua única incumbência era confiar nas palavras do Senhor e esperar para receber o batismo do Espírito Santo, um acontecimento que sucedeu alguns dias depois (1:5).

A maior preocupação dos discípulos, todavia, era o cronograma para o estabelecimento do reino de Deus (1:6). Eles não desejavam perder a oportunidade de iniciá-lo de imediato e investir a si mesmos como ministros desse reino. Afinal, se Jesus estava vivo e o Espírito Santo viria em breve em poder, não havia motivo para esperar.

Os discípulos estavam certos quanto à disposição de Deus de estabelecer seu reino naquele momento. Seu conceito do tipo de reino que Deus desejava estabelecer, contudo, ainda era muito restrito, pois limitado a Israel. Se Jesus tivesse agido conforme a expectativa dos discípulos, não teria havido espaço para uma igreja universal. A cosmologia de Cristo, porém, abrange o mundo inteiro.

Em resposta, Jesus lembra aos discípulos que é Deus quem determina o futuro. Não rejeita a pergunta, mas lembra aos discípulos e seguidores seu papel e limitações (1:7). Deus tinha planos para Israel e não precisava do estímulo de ninguém. Esse versículo nos traz à memória a pergunta feita anteriormente por Pedro, Tiago, João e André (Mc 13:3-4; cf. tb. Mt 24:3). Naquela ocasião, Jesus também lhes disse que os acontecimentos vindouros eram prerrogativa exclusiva do Pai (Mc 13:32; cf. tb. Mt 24:36). Os interesses egoístas dos discípulos não poderiam influenciar o futuro. Deus estabeleceria seu reino quando lhe aprouvesse.

Não obstante, os discípulos teriam um papel a desempenhar no estabelecimento do reino: deviam ser testemunhas de Jesus no poder do Espírito Santo (1:8). Jesus já lhes havia dito que antes do fim do mundo era necessário pregar a mensagem do evangelho a todas as nações (Mc 13:10). Essa declaração se reflete aqui, já que os discípulos recebem a instrução de ser testemunhas de Jesus, que é o conteúdo do evangelho, entre todas as nações. A fim de estabelecer o reino de Deus, é necessário falar de Jesus a todas as nações, literalmente, *aos confins da terra*.

Costuma-se ressaltar que esse versículo resume todos os acontecimentos de Atos: testemunho a Jerusalém (3:1—7:60), testemunho à Judeia e Samaria (8:1—12:24) e aos confins da terra (12:25—21:26), e o testemunho supremo (21:27—28:31). A organização deste comentário segue um padrão semelhante.

A tarefa que os discípulos têm diante de si é tão grande que eles só serão capazes de realizá-la pelo poder do Espírito Santo. Ele permaneceria com aqueles que o receberiam e lhes daria poder que vem de dentro (o termo grego traduzido por “poder” forma a raiz de palavras como “dinamo” e “dinamite” em nossa língua). O restante de Atos relata os feitos que os discípulos realizaram pelo poder do Espírito Santo. Há quem sugira que o livro deveria se chamar “Atos do Espírito Santo” em vez de “Atos dos Apóstolos”.

### 1:9-11 A ascensão

Os evangelhos que relatam a ascensão de Jesus, o fazem de forma sucinta (Mc 16:19; Lc 24:51). Essa seção deixa

claro que os discípulos estavam presentes, viram Jesus ser elevado ao céu e foram separados de seu Senhor amado por uma nuvem (1:9). É provável que se tenham esforçado para acompanhá-lo com os olhos até que sumisse de vista (1:10).

A aparição repentina de dois homens ao lado deles deve ter causado espanto, mas também os consolou. Os homens eram, na verdade, anjos enviados para confortá-los, pois entraram em estado de choque ao perder o Mestre. É possível que a presença de dois anjos, tanto aqui quanto no túmulo de Jesus (Lc 24:4), se devesse ao fato de a lei determinar que eram necessárias duas testemunhas para comprovar a autenticidade de uma declaração.

As palavras dos anjos foram extremamente importantes para os discípulos. Garantiram que não havia motivo para se preocupar, pois Jesus voltaria e seus seguidores o veriam da mesma forma que o haviam visto subir ao céu (1:11).

### 1:12-26 Antes da vinda do Espírito Santo

#### 1:12-14 O primeiro grupo de oração apostólico

A transição entre a partida de Jesus e essa passagem é abrupta, mas informa que a ascensão ocorreu no *monte chamado Olival* (também conhecido como monte das Oliveiras), nos arredores de Betânia (1:12; cf. tb. Lc 24:50).

Em obediência à ordem de Jesus para aguardarem em Jerusalém, os discípulos voltaram à cidade, onde se reuniram num *cenáculo*, talvez o mesmo lugar onde haviam feito a última refeição com o Senhor (1:13). A relação de apóstolos ali reunidos corresponde à lista que encontramos nos evangelhos (Mt 10:2-4; Mc 3:16-19; Lc 6:14-16). O único nome que falta é o de Judas Iscariotes, que morreu depois de trair seu Mestre (1:18). A observação sobre a presença das *mulheres* confirma que homens e mulheres testemunharam a ascensão de Jesus e a vinda do Espírito Santo (2:1-13). Dentre os presentes, estavam Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele.

O grupo todo estava unido e se dedicava à *oração* enquanto aguardava a vinda do Espírito Santo. A observação *Todos estes perseveravam unânimes* (1:14) ressalta sua unidade nesse importante período em que poderia ter surgido competição entre os discípulos e ocorrido uma crise de liderança. O próprio modo pelo qual Lucas se expressa enfatiza o relacionamento especial entre os membros do grupo. O termo traduzido aqui por “unânimes” ocorre dez vezes em Atos, seis delas com referência à comunhão na comunidade cristã. No NT, a mesma palavra só aparece em Romanos 15:6, em que é traduzida por “concordemente”.

#### 1:15-26 A primeira eleição apostólica

Pedro assume a liderança da jovem igreja e propõe a eleição de um substituto para Judas (1:15). Cerca de cento e vinte pessoas participaram dessa eleição. Convém observar

a inclusão das mulheres, apesar de 1:16 mostrar que Pedro começa seu discurso da forma tradicional judaica, chamando os presentes de *irmãos*. O texto grego deixa claro, porém, que se tratava de um grupo constituído de homens e mulheres.

Pedro prepara o caminho para a substituição de Judas citando as Escrituras para provar que os atos de Judas cumpriram as predições do AT (1:16). Como apóstolo, Judas havia participado plenamente do ministério de Jesus (1:17). O fato de ser apóstolo, contudo, não o tornava imune às tentações. Aqueles que ocupam cargos de liderança precisam lembrar que ninguém está livre das tentações do Maligno.

Em seguida, o narrador insere um comentário sucinto sobre o paradeiro de Judas depois da traição (1:18). Judas morreu no campo que adquiriu com o dinheiro recebido por entregar seu Mestre. Esse relato da morte de Judas difere ligeiramente da narrativa de Mateus 27:3-10. De acordo com Mateus, em vez de comprar um campo, Judas devolveu todo o dinheiro aos principais sacerdotes, que adquiriram uma propriedade e a transformaram num cemitério para estrangeiros. O evangelho diz que Judas se enforcou, enquanto Atos afirma que ele caiu, e seu abdome se rompeu.

Para resolver a aparente contradição, podemos considerar a narrativa de Atos um resumo dos fatos que eram do conhecimento de alguns. Esse resumo deve ser interpretado de acordo com o registro de Mateus. Uma vez que o campo tem o mesmo nome em Mateus e em Atos, trata-se do mesmo lugar. Ao que parece, Judas se enforcou no campo que os principais sacerdotes compraram com o dinheiro que lhe deram. É possível que o corpo não tenha sido encontrado de imediato e tenha começado a se decompor, daí Luas dizer que se rompeu. A notícia se espalhou por toda a Jerusalém, e o campo passou a ser chamado de *Aceldama*, isto é, *Campo de Sangue* (1:19).

É possível até que Judas tenha sido tentado a trair Jesus pelo desejo de obter dinheiro suficiente para comprar um pedaço de terra. Essa motivação não é rara na África, onde parentes, vizinhos e nações lutam e derramam sangue por causa de terras. O destino de Judas é um alerta contra o perigo de valorizar propriedades a ponto de fazer qualquer coisa para obtê-las.

O procedimento para a eleição do substituto de Judas serve de termômetro para a espiritualidade dos cristãos depois da partida do Senhor. Vemos que sua fé não esfriou, pois eles se basearam claramente nas Escrituras para orientar seus atos. Pedro cita Salmos 69:25 e 109:8 para corroborar a necessidade de encontrar um substituto para Judas e argumenta que, de acordo com essas passagens, outra pessoa deveria assumir o *encargo* de Judas. Ao procurar substituir o apóstolo traidor, os discípulos agiram, portanto, em obediência à palavra de Deus (1:20).

A minuciosa descrição das qualificações necessárias tinha por objetivo evitar ambiguidades que poderiam causar



dissensão na comunidade. Em primeiro lugar, o substituto deveria ser alguém que tivesse seguido o Senhor Jesus Cristo ao longo de todo o seu ministério. Para não haver nenhuma confusão, especificou-se o período desde o ministério de João Batista até a ascensão de Jesus (1:21-22). Em segundo lugar, a pessoa adequada se tornaria testemunha da ressurreição de Cristo. As incumbências dos apóstolos descritas em 1:8 também se aplicariam a quem fosse eleito. Não seria fácil ocupar esse cargo.

Como indica a forma verbal *propuseram*, a comunidade toda escolheu dois homens que preenchessem esses requisitos (1:23). Vemos, portanto, que os primeiros cristãos formavam um grupo inclusivo e democrático (cf. tb. 6:1-7). Em seguida, oraram pedindo orientação para escolher entre os dois. O conteúdo da oração mostra o profundo desejo da primeira comunidade cristã de depender da direção de Deus (1:24-25). Eles reconhecem a onisciência de Deus e a possibilidade de engano do coração humano (cf. tb. Jr 17:9-10). Na sequência, afirmam sua confiança em Deus, aquele que escolherá a pessoa certa para preencher a lacuna deixada por Judas.

Para tomar a decisão final, valem-se do método tradicional de lançar sortes. A sorte recai sobre *Matias* (1:26). Desse momento em diante, ele é considerado um dos apóstolos, restaurando o número do grupo a doze, o mesmo que Jesus havia escolhido. Depois desse dia, ninguém mais seria nomeado para a função apostólica. Quando Tiago, filho de Zebedeu, foi morto, portanto, os outros apóstolos não tomaram providências para substituí-lo, pois a morte não podia privá-lo de seu apostolado. Judas, em contraste, perdeu seu lugar permanentemente.

## 2:1-47 O nascimento da igreja

### 2:1-13 A vinda do Espírito Santo

#### 2:1-4 Os discípulos recebem o Espírito

Observamos uma sequência clara de acontecimentos entre a ascensão de Jesus e o advento do Espírito Santo. Não por acaso, a lista minuciosa dos onze apóstolos (1:13) e a substituição de Judas por Matias (1:15-26) preparam o cenário para a vinda do Espírito. O Espírito Santo viria para capacitar os doze apóstolos, representantes das doze tribos de Israel (cf. Ap 21:14), a fim de se tornarem testemunhas de Jesus para Israel e para o mundo.

Ao *cumprir-se o dia de Pentecostes* significa, literalmente, no dia de Pentecostes (2:1). É típico de Lucas procurar situar historicamente os acontecimentos, a ponto de especificar até mesmo datas exatas. Pentecostes era observado cinquenta dias depois do sábado da semana da Páscoa (Lv 23:15-16). O AT chama a data de Festa das Semanas (Nm 28:26; Dt 16:10) e Festa da Segra (Êx 23:16). A observação de que estavam *todos reunidos* nesse dia indica a presença de outras pessoas além dos onze

apóstolos e Matias, o substituto recém-escolhido de Judas. Podemos supor que inclui todos os discípulos mencionados em 1:13-15.

Os discípulos estavam reunidos *no mesmo lugar*, supostamente um local diferente do cenáculo onde os apóstolos estavam hospedados. O mais provável é que os discípulos estivessem nos átrios do templo, para onde devem ter ido a fim de orar e se encontrar com os outros a fim de comemorar o Pentecostes. Nesse caso, explica-se como um número tão grande de pessoas ouviu Pedro pregar.

A vinda do Espírito Santo foi sinalizada por um fenômeno físico: *Um som, como de um vento impetuoso e línguas, como de fogo* (2:2-3). É importante observar que o Espírito Santo foi concedido indiscriminadamente a todos os discípulos: *Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas* (2:4). Observamos aqui um jogo de palavras entre “línguas como de fogo” e o “falar em outras línguas”. O Espírito Santo se manifestou fisicamente na forma de línguas de fogo para realizar uma transformação na língua dos discípulos a fim de que eles pudessem testemunhar aos presentes que não teriam como compreender o evangelho sem esse milagre.

#### 2:5-13 Muitas nações testemunham sua vinda

O milagre das línguas foi necessário porque havia em Jerusalém *judeus [...] de todas as nações debaixo do céu* (2:5). A multidão ouviu aquele som, uma indicação de que seu propósito era atrair as pessoas para junto dos discípulos. Aglomeraram-se para ver o que estava acontecendo, e cada um ouviu os discípulos falando *na sua própria língua* (ou dialeto) (2:6). De acordo com Lucas, os presentes ficaram *atônitos* ao ouvir os discípulos declararem as *grandezas de Deus* (2:11) em sua língua nativa. O texto sugere que os *partos, medos, elamitas, e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabios*, não ouviram a língua dos judeus, mas a língua falada onde cada um havia nascido e crescido (2:7-11). Essa experiência deve tê-los preparado para o sermão evangelístico de Pedro.

Não havia um consenso entre os ouvintes quanto ao que os discípulos estavam dizendo. Alguns se mostraram genuinamente interessados em descobrir o que tudo aquilo significava e perguntaram de modo audível ou para si mesmos: *Que quer isto dizer?* Outros zombavam, dizendo que os discípulos estavam bêbados. Mesmo nos dias de hoje, o evangelho provoca reações parecidas: alguns buscam a verdade com sinceridade, enquanto outros se mostram arrogantes e zombeteiros (2:12-13).

A narrativa de Lucas traz várias perguntas e respostas. A pergunta “Que quer isto dizer?” permeia toda a narrativa de Atos, na qual Lucas relata o início e o crescimento da igreja primitiva.

## 2:14-41 A poderosa mensagem evangelística de Pedro

### 2:14-21 A profecia de Joel

Pedro se levanta para explicar à multidão em torno dos discípulos o que está acontecendo. Fica evidente que havia mais uma vez doze apóstolos, pois Lucas diz que Pedro se levantou *com os onze* (uma referência aos dez apóstolos escolhidos inicialmente por Jesus e a Matias). Pedro chama os presentes de *varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém* (2:14), uma indicação de que a multidão incluía judeus da Judeia e outros que se haviam mudado para Jerusalém. O apóstolo pede para que o povo atente em suas palavras, pois é hora de ele e os onze darem testemunho de seu Salvador ressurreto. Pedro se dirige inicialmente àqueles que sugeriram que os discípulos estavam bêbados e comenta que não era possível alguém estar embriagado tão cedo pela manhã (2:15). Em seguida, introduz sua explicação dos acontecimentos com um *mas* enfático. O que eles estão vendo não é um grupo de bêbados, mas o cumprimento da profecia de Joel (2:16). O profeta se referira a uma ocasião em que Deus derramaria seu Espírito *sobre toda a carne* (2:17), uma referência ao modo pelo qual o Espírito Santo veio sobre todos os presentes, tanto homens quanto mulheres, sem distinção de classe social. Filhos e filhas profetizariam, jovens teriam visões, e velhos teriam sonhos. Servos e servas de Deus receberiam o Espírito Santo prometido e profetizariam (2:18; cf. tb. 21:9-12). Esse versículo parece sugerir que homens e mulheres são qualificados para serem ministros de Deus e indica a necessidade de cautela ao considerar se passagens como 1Timóteo 2:11-13 se aplicam a todas as épocas e circunstâncias.

Joel predisse que Deus revelaria *prodígios [...] no céu e sinais na [...] terra*. Os sinais na terra incluíam *sangue, fogo e vapor de fumaça*, enquanto no céu, *o sol se converteria em trevas, e a lua, em sangue*. Tudo isso deveria ocorrer antes do *grande e glorioso Dia do Senhor* (2:19-20). Os dois versículos parecem referir-se ao que acontecerá nos últimos dias, o período que começa com a vinda do Espírito Santo. O nascimento da igreja cristã faz parte dos preparativos para o fim.

### 2:22-36 Provas de que Jesus é o Cristo

Pedro volta a usar a expressão tradicional *varões israelitas* (2:22a), uma indicação de que seu público é constituído de judeus e prosélitos. Em seguida, apresenta a obra de Cristo e declara: Deus provou que Jesus de Nazaré era o Messias enviando os sinais exigidos de um agente divino (2:22b). Assevera que a crucificação de Jesus não resultou de uma conspiração humana, mas cumpriu os propósitos eternos de Deus (2:23a). A presciência de Deus não inocenta, porém, aqueles que crucificaram Jesus, pois todos são chamados aqui de *iníquos* (2:23b). Eles não foram, porém, os únicos responsáveis pela morte de Jesus. O uso repetido que Pedro faz do pronome *vós* enfatiza que seus

ouvintes também têm sua parcela de culpa (cf. Mt 27:22; Lc 23:18). Apesar de terem matado Jesus, porém, Deus o trouxe de volta à vida. A morte não tinha poder de mantê-lo cativo (2:24). Segundo Pedro, quando o rei Davi proclamou que Deus não deixaria sua alma permanecer na morte, não podia estar referindo-se a si mesmo, pois Davi continuava morto e o povo sabia onde ele estava sepultado (2:25-29). Antes, Davi falou como profeta e prenunciou a ressurreição de Cristo (2:30-31), acontecimento do qual os discípulos foram testemunhas (2:32).

A sequência de acontecimentos desde a ressurreição é apresentada claramente: Jesus foi para o céu, recebeu o lugar de autoridade e, conforme prometido, enviou o Espírito Santo a seus seguidores (2:33). Mais uma vez, Pedro cita Davi: *Davi não subiu aos céus*, mas profetizou acerca do ministério do Salvador ressurreto, que agora está assentado à direita de Deus até que todos os seus inimigos sejam subjugados (2:34-35). Pedro conclui com a asserção enfática: *A este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo* (2:36).

### 2:37-41 Apelo

Desolada com o que havia feito, a multidão desejava saber como reparar seu erro (2:37). Pedro instrui os ouvintes a se arrepender de seus atos e demonstrar sujeição ao senhorio de Jesus por meio do batismo *em nome de Jesus Cristo* (2:38). Que humilhação para um povo que menos de dois meses antes exigira aos brados a crucificação de Jesus!

Caso seguissem as instruções de Pedro, eles também receberiam *o dom do Espírito Santo*. Em Joel, Deus havia prometido esse dom não apenas para o povo de Israel e seus filhos, mas também *para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar* (2:39). O dom é oferecido inequivocamente a pessoas de fora do povo judeu.

O texto não registra o restante do discurso de Pedro, mas informa que o apóstolo instou os presentes a aceitar sua mensagem e a ser salvos *desta geração perversa*. Pedro cumpriu seu chamado de ser pescador de homens, pois nesse dia a comunidade de cristãos teve um acréscimo de mais de três mil pessoas (2:40-41).

## 2:42-47 A comunidade cristã se forma em Jerusalém

### 2:42-43 Viver em comunidade

Com o sucesso da pregação de Pedro, a comunidade cristã reuniu mais de 3.120 pessoas (cf. 1:15). Como esse grupo se organizaria? A comunidade recém-constituída encontrou maneiras de viver em união dedicando-se a quatro atividades: aprendizado da doutrina dos apóstolos, comunhão, partir do pão e oração (2:42). Seu estilo de vida se mostrou tão agradável que atraía outros à fé.

O termo *perseveraram* indica o entusiasmo com que a nova comunidade se dedicou a aprender sobre sua fé. Os

novos cristãos estavam dispostos a aprender, e os apóstolos estavam dispostos a ensinar, pois Jesus os havia incumbido de instruir aqueles que se tornassem seguidores de Cristo (Mt 28:20a). Temos aqui, portanto, o cumprimento dessa ordem.

A fé sem entendimento é instável, pois carece de alicerces firmes. Por isso, os novos cristãos necessitavam entender o objeto e o motivo de sua fé. Os cristãos da África precisam desenvolver a mesma devoção ao ensino. Há quem diga que a igreja africana tem um quilômetro de extensão e um centímetro de profundidade, ou seja, é cheia de membros, mas muitos deles possuem apenas uma compreensão superficial da Palavra de Deus. Os pastores precisam dispor-se a ensinar, e as congregações precisam demonstrar interesse em aprender sobre as doutrinas mais importantes da fé cristã.

A segunda coisa que o narrador informa acerca dessa nova comunidade é que eles se dedicavam à *comunhão*, ou seja, cultivavam uma amigável parceria. Os cristãos de hoje tendem a ser individualistas e precisam ser lembrados de que necessitam uns dos outros ao procurar servir ao Senhor.

A terceira atividade à qual eles se dedicavam não pode existir sem as outras duas: somente uma comunidade que entendeu seu chamado e é caracterizada por um relacionamento próximo de parceria pode compartilhar do pão da vida em conjunto. Celebrar a ceia do Senhor sem ter íntima comunhão mútua é zombar da obra realizada na cruz. Nos evangelhos, a expressão “partir o pão” está sempre associada a Jesus (Mt 14:19; Lc 24:30,35). Agora, passa a ser usada no sacramento que ele instituiu para lembrar sua morte e ressurreição (Mt 26:26-29; Mc 14:22-25; Lc 22:14-20; 1Co 11:23-25). Cristo instruiu a igreja a continuar celebrando essa refeição até que ele volte.

Por fim, mas certamente não menos importante, os primeiros discípulos se dedicavam às *orações*. O verbo associado às orações é o mesmo usado para as outras três atividades: os cristãos se mostraram tão perseverantes nas orações quanto na doutrina dos apóstolos, na comunhão e no partir do pão. A igreja de hoje deve dedicar-se com o mesmo afinho à oração. Se a oração move montanhas, perguntamos por que tantas montanhas continuam a impedir o desenvolvimento da África e a prejudicar a vida dos cristãos africanos. Talvez precisemos dedicar-nos à oração com a mesma perseverança da igreja primitiva. A oração da fé ajudará a trazer paz ao nosso continente amado. A oração, contudo, não é suficiente se praticada de forma isolada; também precisamos dedicar-nos às outras três atividades: o ensino, a comunhão e o partir do pão.

A transformação de vidas e a união da comunidade dos cristãos se tornaram evidentes para outros ao redor. Havia algo de extraordinário naquele grupo de cristãos, pois *muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos*. O texto não fornece detalhes a esse respeito, mas podemos tirar algumas conclusões com base em acontecimentos pos-

teriores descritos em Atos. O mais importante, porém, é observar que, quando uma comunidade de cristãos estiver unida, ocorrerão prodígios e sinais que terão um efeito positivo sobre a comunidade mais ampla.

### *2:44-47 Compartilhar em comunidade*

Ao ler essa seção, não devemos imaginar que os recém-convertidos formaram um grupo monástico ou uma comunidade isolada do mundo, em que não existiam propriedades particulares e todos os bens eram comunitários. Não se tratava de uma comunidade de bens, mas de uma comunidade de cristãos tão dedicados uns aos outros que estavam dispostos a compartilhar tudo o que possuíam a fim de que não faltasse nada a ninguém (2:44).

Para entender por que alguns estavam necessitados, precisamos levar em considerações as circunstâncias de sua conversão. De acordo com a descrição de Lucas, a multidão que ouviu Pedro provinha de todas as partes do mundo conhecido na época (2:5). É provável que muitos deles tivessem peregrinado a Jerusalém para comemorar a Páscoa e planejassem voltar para casa depois da Festa de Pentecostes. O eunuco etíope talvez seja um exemplo de alguém que seguiu esse plano (8:27-28).

É possível também que essas pessoas já tivessem várias coisas em comum antes de sua conversão. Eram de lugares distantes e, durante sua estada em Jerusalém, devem ter-se encontrado com outros compatriotas e compartilhado refeições e acomodações com eles. Talvez já vivessem numa espécie de comunidade na qual juntavam recursos para os cinquenta dias entre a Páscoa e Pentecostes. Talvez alguns tivessem trazido bens para vender a fim de poder comprar alimentos ou animais para os sacrifícios.

Depois de receberem a salvação e se tornarem parte da comunidade dos cristãos, é provável que tenham adiado os planos de voltar para casa e resolvido passar mais tempo em comunhão com seus irmãos. O que há de estranho, portanto, em terem *tudo em comum*?

O pequeno grupo inicial de cento e vinte discípulos (1:15) recebeu o acréscimo de um grande número de novos membros. Enquanto o grupo era pequeno, as famílias podiam revezar-se para oferecer os suprimentos necessários, porém não era mais possível seguir o mesmo sistema com um grupo tão grande. Era necessário identificar os indivíduos que possuíam bens e propriedades e incentivá-los a vender esses bens e dar ofertas aos necessitados segundo a proporção das necessidades específicas (2:45). Vemos esse tipo de procedimento repetir-se ao longo de todo o livro de Atos (4:32-35; 6:1-7; 9:36-41; 11:27-30; 20:34-35; 24:17).

Podemos considerar outras duas questões para mostrar que não se tratava de uma comunidade na qual tudo pertencia a todos. Primeiro, os verbos “vender” e “distribuir” se encontram no tempo verbal imperfeito, uma indicação de que a venda e a distribuição eram ocasionais, e não que

se deram de uma só vez num momento específico. Segundo, os bens eram distribuídos *à medida que alguém tinha necessidade*. Se todas as propriedades pertencessem a todos os membros da comunidade, o texto não mencionaria que alguns tinham bens e outros eram necessitados.

Não devemos entender que, por estarem *juntos*, os cristãos passavam todo o tempo no mesmo lugar, mas que se reuniam com um propósito (2:46). Uma vez que tinham ido a Jerusalém para adorar ao Senhor e não se dedicavam a muitas outras atividades, passavam grande parte do dia no templo. É possível, portanto, que se reunissem lá diariamente para ouvir os apóstolos. Essa prática difere claramente do sistema adotado pelos membros da comunidade de Cunrã, que se desligaram de todos os que não faziam parte do grupo e foram morar no deserto.

Não há nenhum indício de que os apóstolos tenham incentivado a formação de uma comunidade exclusiva. O conselho de Pedro para o povo se salvar “desta geração perversa” (2:40) não sugere a necessidade de formar uma comunidade separada do mundo. Na verdade, o fato de os cristãos contarem *com a simpatia de todo o povo* (2:47a) mostra que eles não viviam isolados. Temos aqui uma nova comunidade cristã cujos membros estão reunidos e, ao mesmo tempo, continuam inseridos na sociedade mais ampla.

A união e o auxílio mútuo dos cristãos eram uma demonstração prática daquilo que o mundo grego considerava o ideal de amizade. Lucas afirma que a comunidade em Jerusalém era caracterizada pela *alegria e singeleza de coração*. A afirmação *Partiam pão de casa em casa* pode indicar que os líderes da comunidade realizavam os cultos em diversos lares.

A nova comunidade crescia rapidamente (2:47b). Lucas fala do acréscimo de recém-convertidos. Sem dúvida, o crescimento é obra de Deus (2:47; cf. tb. 2:41; 5:14; 11:24). Também não há dúvida de que se tratava de uma comunidade inclusiva. Uma vez preenchidos os requisitos básicos de arrependimento e batismo, todos os convertidos se tornavam parte do grupo. Não é de admirar que o número de cristãos tenha crescido rapidamente de cento e vinte no capítulo 1 (1:15) para mais de três mil no capítulo 2 (2:41) e para cerca de cinco mil no capítulo 4 (4:4).

### 3:1—7:60 Testemunho a Jerusalém

Essa seção de Atos trata principalmente de acontecimentos ocorridos em Jerusalém e da primeira oposição expressiva por parte dos líderes religiosos ao testemunho do evangelho.

#### 3:1-26 Pedro e João realizam curas

A cura do mendigo coxo serviu para confirmar a veracidade do evangelho que os apóstolos pregavam. Não é de surpreender, portanto, que o episódio tenha gerado oposição das autoridades religiosas.

#### 3:1-10 A cura do mendigo coxo

Lucas escolheu relatar a história de um dos membros mais carentes daquela sociedade, um homem incapaz de trabalhar para se sustentar, ao qual só restava mendigar a pessoas como Pedro e João, que iam adorar no templo (3:1-2). Ao se deparar com o mendigo, os apóstolos não tinham dinheiro para lhe dar, mas Pedro lhe ofereceu uma dádiva singular: cura imediata em nome de Jesus (3:3-7). Conforme Pedro explica em 4:12, nenhum outro nome pode salvar. Esse fato se aplica tanto aos mendigos quanto aos líderes eminentes do Sinédrio.

A dádiva não apenas curou o homem, mas também restaurou sua identidade e lhe conferiu um lugar na comunidade dos cristãos. A reação do homem, *saltando e louvando a Deus* (3:8), indica a totalidade de sua cura e a alegria incontida ao descobrir que estava são, alegria expressa na forma de louvor público a Deus. *Viu-o toda o povo* (3:9), e todos se admiraram de sua mudança (3:10). Mais que depressa, ele se juntou ao grupo de salvos que estavam ali louvando e se tornou uma testemunha poderosa na comunidade cristã (3:10; 4:14). Um mendigo insignificante assumiu um papel de grande importância no ministério do evangelho. Pode ser que não tenha pregado, pois foi Pedro quem falou ao povo nessa ocasião, mas sua vida restaurada ajudou a chamar a atenção para o poder transformador de Cristo.

#### 3:11-26 O discurso de Pedro para a multidão

Como no dia de Pentecostes (2:6), o povo admirado se reuniu ao redor do apóstolo, atraído pelo milagre do coxo que andou (3:11). Também nessa ocasião, Pedro aproveitou a oportunidade para pregar o evangelho.

3:12-16 JESUS É O SALVADOR. Mais que depressa, Pedro transfere o foco da atenção de si próprio e de João para Jesus (3:12). Não começa, porém, dizendo o nome de Jesus. Antes, fala daquilo que a multidão conhecia: *O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó* e, em suma, *o Deus de nossos pais* (3:13a). Pedro faz bem ao começar com fatos conhecidos antes de tratar de verdades desconhecidas. O Deus conhecido pela multidão havia glorificado seu servo Jesus, o mesmo Jesus que eles haviam negado e entregado a Pilatos, apesar de Pilatos ter *decidido soltá-lo* (3:13b). Como no sermão em Pentecostes, Pedro acusa a multidão de ajudar a matar Jesus.

A pessoa à qual haviam negado era santa e justa, mas preferiram matá-la (3:14). Em vez de castigar *um homicida*, mataram *o Autor da vida* (cf. tb. 5:31; Hb 2:10; 12:2). Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos, fato do qual Pedro e João eram testemunhas (3:15). Agora, o Senhor ressurreto realizou diante do povo um milagre inquestionável. Como Pedro ressalta, o povo conhecia aquele homem, de modo que não podia acusar os apóstolos de serem impostores.

A cura foi possível pela fé no nome de Jesus (3:16). A igreja cristã de hoje precisa ter fé no nome de Jesus a fim

de experimentar no presente século milagres que a ajudaram a dar testemunho de Jesus, o Autor da vida.

**3:17-26 APELO: ARREPENDAM-SE AGORA.** Depois de acusar a multidão, Pedro reconhece que a maioria agiu por ignorância ao pedir a crucificação de Jesus. Seus líderes também não sabiam realmente o que estavam fazendo (3:17). Mas a ignorância não os eximia da culpa e não significava que eles não precisavam de perdão.

Os discípulos e a multidão testemunharam aquilo que Deus havia anunciado por intermédio dos profetas (3:18). A atitude apropriada era arrepender-se e voltar para Deus a fim de que seus pecados fossem cancelados. No sermão anterior, Pedro havia prometido o dom do Espírito Santo àqueles que cressem (2:38), mas agora fala de *tempos de refrigério* que vêm da presença do Senhor (3:19). É possível que ele esteja referindo-se ao Espírito Santo ou a muito mais que o Espírito, pois a fonte de refrigério é a presença do Senhor. Na cura do mendigo coxo, a multidão viu um exemplo daquilo que esse refrigério podia representar.

Pedro prossegue falando de Jesus em termos maravilhosos: ele é o Cristo, que já vos foi designado e agora está no céu até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade (3:20-21). Jesus é o profeta cuja vinda Moisés havia predito (Dt 18:15,18-19). Se o povo se recusasse a ouvi-lo, teria de enfrentar condenação (3:22-23). Não apenas Moisés, mas todos os profetas desde Samuel, o primeiro profeta, haviam predito os acontecimentos que se estavam cumprindo no tempo dos apóstolos (3:24). A declaração de Pedro não deve ser entendida de forma literal, pois Samuel não pronunciou nenhuma profecia messiânica. Pedro enfatiza que todas as profecias focalizavam, em última análise, a vinda de Cristo.

Como o apóstolo lembrou seus ouvintes, apesar de serem culpados, eram também herdeiros dos profetas, ou seja, das promessas transmitidas por eles. Eram herdeiros, igualmente, da promessa feita a Abraão de que, por meio dele, todas as nações da terra seriam abençoadas (3:25; cf. tb. Gn 22:18). Vemos aqui, mais uma vez, a natureza inclusiva do evangelho (cf. tb. 2:39). A bênção será estendida a todos os povos, mas os judeus terão o privilégio de ouvir primeiro e receberão a oportunidade de se arrepender das suas perversidades (3:26).

#### 4:1-31 O início da luta pelo evangelho

O sermão de Pedro foi interrompido pela chegada dos sacerdotes, do capitão do templo e dos saduceus (4:1), que se apressaram em prender Pedro e João, recolhendo-os ao cárcere (4:2-3). Os apóstolos foram presos por ensinar a multidão no templo em nome de Jesus e afirmar que ele havia ressuscitado dentre os mortos, fato que as autoridades negavam. Sua prisão marca o início da perseguição ativa aos apóstolos, a qual, no entanto, não os impediu de colher frutos abundantes. Depois de ouvir a mensagem de

Pedro, muitos creram (4:4). Como esse episódio demonstra, a palavra de Deus tem poder, e até um mendigo pode atrair milhares de pessoas à fé em Jesus.

#### 4:5-7 Pedro e João interrogados perante o Sinédrio

Lucas, o historiador, registra quem estava presente na reunião do Sinédrio no dia seguinte (4:5-6). O conselho era constituído de 71 anciãos, dentre eles Anás, o antigo sumo sacerdote que havia sido deposto pelos romanos, mas ainda contava com o apoio dos judeus, e Caifás, seu genro, que os romanos haviam nomeado para substituí-lo (daí os dois serem chamados de sumos sacerdotes em Lc 3:2). Não temos nenhuma outra informação sobre João e Alexandre, aqui mencionados, mas, sem dúvida, eram homens poderosos, como também o eram os outros parentes do sumo sacerdote (4:6). Uma dupla de pescadores como Pedro e João poderia muito bem ter-se assustado diante de um grupo como esse.

O interrogatório começou com uma pergunta acerca da cura do homem coxo, pois se tratava de um fato inegável. Os líderes desejavam saber *com que poder* ou *em nome de quem* os apóstolos haviam realizado a cura (4:7).

#### 4:8-12 O discurso de Pedro ao Sinédrio

Antes, Pedro se dirigiu a um público interessado (3:12), mas agora se encontra perante um tribunal hostil e orgulhoso. Fica evidente que precisa da ajuda de Deus para declarar o evangelho com firmeza a esse grupo; daí o texto dizer que ele estava cheio do Espírito Santo (4:8a).

Pedro os trata com o devido respeito, chamando-os de autoridades do povo e anciãos (4:8b). Reafirma o motivo pelo qual ele e João estão sendo interrogados e enfatiza que a cura foi um benefício feito a um homem. Eles não haviam curado o mendigo para chamar atenção, mas, uma vez que o conselho deseja saber em nome de quem foi realizado o milagre, tanto eles quanto todo o povo de Israel deviam tomar conhecimento de que foi realizado em nome de Jesus Cristo, o Nazareno (4:9-10). Jesus recebe essa designação em várias passagens de Atos (2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 26:9), e, posteriormente, os líderes judeus chamam os seguidores de Jesus de “seita dos nazarenos” (24:5). O nome mostra que Jesus havia crescido em Nazaré e era associado àquela região.

Dizer que um ato foi realizado em nome de alguém implica que o acontecimento se deu por seu poder. Pedro declara com ousadia o poder curador de Jesus, aquele a quem os líderes crucificaram e Deus ressuscitou dentre os mortos (4:10). O Espírito Santo conferiu a Pedro a coragem necessária para proclamar a verdade diante das autoridades.

Em seguida, o apóstolo declara outro fato. Além de curar, Jesus também é o único que pode salvar. Pedro descreve Jesus como a pedra rejeitada pelos construtores, a qual se tornou a pedra angular (4:11). No mundo antigo, a pedra angular ou de remate era aquela que mantinha a co-



esão do edifício. A primeira referência bíblica a essa imagem se encontra em Jó (Jó 38:6), em que se diz que Deus assentou a pedra angular dos alicerces do mundo. Volta a aparecer em Salmos 118:22, que, de acordo com a interpretação dos judeus, se referia ao fato de o jovem Davi ter sido rejeitado, mas, por fim, ter-se tornado rei, apesar de a passagem também apresentar implicações messiânicas. O próprio Jesus usou a imagem na parábola da vinha (Mc 12:1-12; cf. tb. Mt 21:42). Pedro afirma que Jesus se tornou a pedra sobre a qual a nova comunidade da fé é edificada (cf. tb. 1Co 3:11; Ef 2:20; 1Pe 2:4-5).

A principal incumbência das autoridades e anciãos era edificar a comunidade, mas rejeitaram a pedra e escolheram o homicídio (3:13). Para elas, a pedra angular se tornou “pedra de tropeço e rocha de ofensa” (Is 8:14; 28:16; Rm 9:33). Se a pedra angular não recebe a posição que lhe é devida, transforma-se em pedra de julgamento. Pedro enfatiza esse ponto em 4:12, ao dizer: *Abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos* (cf. tb. 10:43).

#### 4:13-22 A reação do Sinédrio

As autoridades e os anciãos se espantaram com a *intrepidez de Pedro e João* (4:13), dois indivíduos incultos que deveriam ter ficado intimidados pelos homens poderosos e cultos reunidos ali para julgá-los. Seu tempo com Jesus, o Mestre supremo, os havia transformado, e o aprendizado com ele compensava a falta de instrução formal (Mt 7:28-29; 13:54; 22:33; Mc 1:21-22; Jo 7:15). Agora, Pedro e João falavam como se fossem eruditos. Todos os membros da igreja de Cristo devem ter uma experiência semelhante, pois também estão em contato com Jesus.

É provável que parte da intrepidez de Pedro e João se devesse à presença do homem curado. Graças à realidade do milagre, o conselho não teve o que dizer após o discurso de Pedro, pois não havia como negar que o mendigo em pé no meio deles havia sido curado (4:14-16). Em vez de dar ouvidos à mensagem de Pedro, porém, os líderes trataram de administrar os prejuízos. A fim de evitar que o novo movimento se propagasse ainda mais, proibiram os discípulos de continuar a falar em nome de Jesus (4:17-18).

Pedro e João responderam que não podiam acatar essa ordem. Para apresentarem seu dilema ao conselho, perguntaram se não era mais importante obedecer a Deus que a um tribunal humano (4:19). Sabiam o que haviam visto e ouvido (4:20) e, caso se mantivessem calados, estariam não apenas negando os fatos, mas também desobedecendo a uma ordem expressa de Deus (1:8). Sua determinação de continuar falando em nome de Jesus, não obstante o perigo iminente, serve de exemplo para aqueles que ministram em lugares perigosos.

É provável que o conselho tenha ficado confuso diante dessa reação inesperada e, depois de proferir mais algumas ameaças, soltou Pedro e João (4:21a). Não seria apropriado

castigá-los enquanto *todos glorificavam a Deus* pelo grande milagre (4:21b). O homem curado *tinha mais de quarenta anos*. Era um homem maduro que muitos conheciam e que podia dar seu testemunho pessoal acerca do milagre (4:22).

#### 4:23-31 Resposta de oração

Pedro e João voltaram à comunidade dos cristãos e relataram o que havia acontecido, inclusive as ameaças dos líderes (4:23). Ao ouvir o relato, a comunidade se uniu em clamor a Deus (4:24), um reflexo da união pela qual Jesus havia orado (cf. Jo 17:21). O teor da oração é impressionante. Em vez de pedir para Deus castigar seus inimigos, eles oraram acerca do cumprimento da missão de proclamar Jesus a todos. Pediram ousadia e deixaram nas mãos de Deus o destino daqueles que se opunham à propagação do evangelho.

Essa oração pode servir de modelo para os cristãos. Em primeiro lugar, reconhece Deus como Criador de todas as coisas (4:24). Tudo e todos estão sujeitos ao poder criador de Deus, até mesmo os membros do Sinédrio. Muito antes dos primeiros cristãos, Davi expressou o fato de que Deus é maior que qualquer autoridade humana (4:25-26; Sl 2:1-4). O controle de Deus não significa, porém, que seus seguidores jamais sofrerão. Afinal, Deus permitiu que seu Filho sofresse e morresse (4:27-28). Tendo em vista as gloriosas consequências do sofrimento e morte de Jesus, porém, o pedido principal dos cristãos foi para que não se intimidassem com as ameaças, mas continuassem a falar de Cristo com ousadia (4:29). Eles também oraram para que Deus continuasse a realizar *sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus* (4:30; 2:22,43). Não pediram esses milagres para sua própria segurança, mas para confirmar a verdade profetizada (2:19).

Deus ofereceu uma indicação física de que havia ouvido a oração e responderia a ela (4:31). O lugar estremeceu, e os presentes *ficaram cheios do Espírito Santo*, confirmando a promessa de Jesus aos seus seguidores (1:8). Em vez de falar em línguas, como no dia de Pentecostes, eles, *com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus*. Os cristãos haviam pedido intrepidez, e Deus atendeu ao seu pedido.

#### 4:32—5:11 Testemunho: a comunidade compartilha seus bens

Uma vez que o autor já mencionara em 2:44 que a comunidade de cristãos compartilhava seus bens, alguns estudiosos consideram 4:32-35 uma simples repetição desse versículo. Ao confrontar as duas passagens, porém, vemos claramente que ocorreram mudanças nos procedimentos.

#### 4:32-35 Unidade de coração e mente

A comunidade de discípulos crescia rapidamente (2:47). Em 2:41, havia três mil cristãos e, em 4:4, havia cinco mil. Consequentemente, a responsabilidade de suprir suas necessidades econômicas também aumentara.

A afirmação central dessa passagem é: *Da multidão dos que creram era um o coração e a alma* (4:32). Sua unidade de propósito permitiu o compartilhamento extraordinário de tudo o que possuíam. Eles não eram individualistas e não afirmavam que seus bens eram propriedade particular. Esse compartilhamento constitui outra forma de testemunho, pois demonstrava a união entre os cristãos pela qual Jesus orou. Também comprova que Jesus verdadeiramente veio do Pai (Jo 17:21). Entrementes, os apóstolos continuavam a testemunhar *com grande poder acerca da ressurreição do Senhor* (4:33). Tanto o testemunho quanto a união da comunidade eram resultado da graça abundante de Deus.

Os cristãos eram tão generosos que *nenhum necessitado havia entre eles* (4:34a). O uso do termo “necessitado”, em vez de “pobre”, é interessante. Alguns desses cristãos talvez fossem ricos em seus lugares de origem, mas estavam necessitados naquele momento porque se encontravam longe de suas propriedades. Uma vez que não existiam bancos para transferir fundos, mesmo quem possuía bens em outro país precisava de alimento quando suas provisões se esgotaram.

Além do fato de que “tudo [...] lhes era comum” (4:32), não havia nenhum necessitado na comunidade porque *os que possuíam terras ou casas* estavam dispostos a vendê-las e a colocar os *valores correspondentes* à disposição dos apóstolos (4:34b-35). Não se tratava de um sistema no qual as pessoas abriam mão do seu direito de propriedade, mas de uma comunidade na qual os proprietários estavam dispostos a vender seus bens para atender às necessidades de seus irmãos em Cristo. Quando os recursos existentes se mostraram insuficientes para atender às necessidades da comunidade cada vez maior, alguns venderam terras e casas. Essa afirmação não significa que todos os cristãos venderam suas terras e casas. Caso se houvessem desfeito de todas as suas propriedades, teriam sido obrigados a se mudar para regiões rurais, pois não teriam lugar para morar na cidade! Ademais, a observação de que Paulo entrava nas casas dos cristãos (8:3) não faria sentido se todos tivessem vendido suas casas.

Na sequência, Lucas menciona algumas pessoas específicas que venderam casas e terras.

#### 4:36-37 José/Barnabé: exemplo positivo de compartilhamento

Os apóstolos chamavam José de Barnabé por causa de seu caráter encorajador (4:36). Era natural de Chipre, mas possuía uma propriedade em Jerusalém que fazia parte da sua herança de família. Uma vez que era levita, pertencia a uma classe rica, daí possuir terras para vender (4:37).

É possível que Barnabé seja mencionado de forma específica pelo fato de vários membros da igreja primitiva o conhecerem, uma vez que ele viajou para vários lugares sozinho e com Paulo (11:22; 13:2-3). Devemos seguir esse exemplo. Não haveria cristãos necessitados em nossas co-

munidades se seguissemos o exemplo de Barnabé e estivéssemos dispostos a compartilhar nossos bens.

#### 5:1-11 Ananias/Safira: exemplo negativo de compartilhamento

Um incidente associado ao compartilhamento de bens causou espanto na comunidade, e todos ficaram sabendo do acontecimento (5:11). Ananias vendeu *uma propriedade* com o consentimento de *sua mulher Safira* e *reteve parte* do rendimento da venda, também com o conhecimento de sua esposa (5:1-2). Mas, ao entregar sua oferta a Pedro, afirmou que correspondia ao valor total pago pela propriedade. Seu pecado não consistiu em ficar com parte do dinheiro, mas em tentar enganar a Deus (5:3-4). O pecado de Safira não consistiu em não impedir seu marido de mentir, mas em participar voluntariamente desse ato de *tentar o Espírito do Senhor* (5:8-9). É possível que Safira tenha aparecido três horas depois da morte do marido para saber o motivo da demora.

Lucas relata essa história com dois propósitos. Primeiro, enfatiza que o compartilhamento dos bens era voluntário (5:4a). As ofertas deviam ser entregues espontaneamente, como Paulo destaca em 2Coríntios 9:7: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria” (cf. tb. Gl 6:9-10). Não há necessidade de fingir que se está entregando uma oferta maior. Segundo, não há vantagem nenhuma em mentir, pois Deus conhece a verdade (5:4b). Ao que parece, o casal havia permitido que Satanás, o qual é mentiroso por natureza (Jo 8:44), assumisse o lugar do Espírito Santo (5:3,9).

#### 5:12-42 Testemunho: sinais e prodígios

##### 5:12-16 Muitos são atraídos para o Senhor

Apesar do temor causado pela morte de Ananias e Safira (5:11), muitos foram atraídos para o Senhor. Os apóstolos receberam poder para realizar inúmeros *sinais e prodígios* [...] *entre o povo* (5:12a). A comunidade cristã também expressava unidade nos encontros regulares *no Pórtico de Salomão* (5:12b). Sua atitude suscitava reações distintas. Alguns de fora tinham medo de se relacionar com os cristãos, mas não ousavam escarnecer deles (5:13). Grande número de pessoas, contudo, se converteu e se tornou parte da comunidade (5:14). O fato de *tanto homens como mulheres* serem *agregados ao Senhor* indica que se tratava de uma comunidade inclusiva. Os sinais e as maravilhas realizados pelos apóstolos eram tão impressionantes que até mesmo a sombra de Pedro tinha poder de curar (5:15; cf. tb. 19:11-12). Multidões se reuniam para ser libertadas de espíritos malignos, *e todos eram curados* (5:16).

##### 5:17-42 A inveja dos líderes religiosos

O sumo sacerdote e seus companheiros (chamados aqui de *seita dos saduceus*) se encheram de *inveja* (5:17), em parte

devido ao sucesso do ministério dos apóstolos. Também se opuseram à proclamação da ressurreição de Jesus (4:33), pois os saduceus não acreditavam na possibilidade de ressurreição (cf. Mt 22:23; Mc 12:18; Lc 20:27; At 23:8). Lideraram, portanto, a oposição aos seguidores de Jesus nesse estágio inicial (4:1; 23:6-8).

O sumo sacerdote (que, pelo visto, era saduceu) e todos os que estavam com ele conseguiram colocar os apóstolos na *prisão pública* (5:18). Uma vez que Pedro e João haviam desconsiderado as advertências anteriores dos sumos sacerdotes e do Sinédrio (4:1-21), a perseguição se tornou mais ampla e possivelmente incluiu os outros apóstolos. Dessa vez, eles se viram numa situação pior, pois não foram detidos no cárcere particular ligado ao tribunal religioso (4:3), mas na prisão pública.

Diante da maior intensidade da perseguição, o Senhor interveio de maneira mais direta. Usou um anjo para salvá-los e ordenou que fossem ao templo para proclamar o evangelho (5:19-20) sem se intimidar com o perigo. Os apóstolos obedeceram às instruções do Senhor e, *logo ao romper do dia, entraram no templo*, onde começaram a ensinar o povo (5:21a).

Quando o Sinédrio se reuniu e mandou buscar os prisioneiros, descobriu que eles não estavam na cadeia, apesar de as portas continuarem trancadas e guardadas (5:21b-23). Não é de admirar que o *capitão da guarda* e os *principais sacerdotes* tenham ficado *perplexos* (5:24).

Sua perplexidade quanto ao paradeiro dos apóstolos foi solucionada quando alguém avisou que estavam ensinando abertamente nos átrios do templo (5:25). Mais que depressa, o capitão e seus oficiais se dirigiram ao local e convocaram os apóstolos a se apresentar perante o Sinédrio. Cuidaram, porém, de fazê-lo *sem violência*, a fim de não causar tumulto no meio da multidão, pois o povo estava disposto a apedrejar quem maltratasse os servos de Jesus (5:26).

O conselho acusou os apóstolos de desobedecer à ordem expressa de não ensinar no nome de Jesus (4:18) e de encher *Jerusalém de vossa doutrina*, uma indicação de que todos em Jerusalém tinham ouvido os ensinamentos de Jesus. Além de continuar a ensinar, os apóstolos estavam sugerindo que o Sinédrio era responsável pela morte de Jesus (5:27-28). Uma vez que a morte e a ressurreição de Jesus são os elementos centrais da pregação do evangelho, os apóstolos provavelmente falaram do papel dos líderes judeus na rejeição e condenação de Jesus à morte (3:14-17; 4:10).

Pedro falou em nome dos outros ao reiterar sua firme decisão de *obedecer a Deus* mais do que *aos homens* (5:29). Arriscando provocar a ira do conselho, Pedro insistiu em responsabilizar os membros do conselho pela morte de Jesus (5:30). Mas o *Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus*. Os apóstolos não estavam proclamando outro Deus, porém o mesmo Deus que os líderes religiosos afirmavam adorar.

Agora, Jesus se encontra exaltado à destra de Deus, ou seja, à posição de autoridade, e pede que todos se arrependam de seus pecados a fim de serem perdoados (5:31). Jesus se tornou *Príncipe e Salvador* a fim de conceder arrependimento a Israel. Os apóstolos não vacilavam em dar testemunho desses fatos (5:32a). Caso os líderes duvidassem de suas palavras, o Espírito Santo também era testemunha da veracidade daquilo que estavam proclamando. No entanto, o Espírito Santo só é concedido a quem se mostra disposto a obedecer a Deus (5:32b).

Um discurso semelhante dirigido à multidão no dia de Pentecostes havia conduzido muitos ao arrependimento (2:37-41). Dessa vez, porém, as palavras de Pedro suscitaram fúria tão intensa que os membros do conselho quiseram executar os apóstolos (5:33). Foram impedidos, contudo, por *Gamaliel*, um respeitado *mestre da lei* (5:34-39). Gamaliel expressou sua opinião de que o tempo-diria se os ensinamentos dos apóstolos vinham de Deus ou eram um erro humano. Corroborou seu argumento com dois exemplos de homens que, em outros tempos, haviam atraído inúmeros seguidores, mas cuja influência se tinha dissipado. Um deles, chamado *Teudas*, reuniu *cerca de quatrocentos* seguidores que se dispersaram quando seu líder foi morto, de modo que o movimento não deu em nada (5:36). Outro, *Judas, o galileu*, liderou uma revolta no tempo do censo (talvez o censo realizado no ano em que Jesus nasceu; Lc 2:2). Depois que esse líder foi executado, todos os seus seguidores também se dispersaram (5:37). Se Jesus podia ser comparado a esses homens, o movimento que ele havia iniciado não tardaria em desaparecer (5:38). Se, contudo, Jesus era diferente e o movimento possuía a bênção de Deus, o conselho não conseguiria detê-lo (5:39). É perigoso lutar *contra Deus*, como Saulo descobriu no caminho para Damasco (9:5).

O conselho deu ouvidos a Gamaliel e ordenou que os apóstolos fossem apenas *acoitados* e *libertados* em seguida, depois de outra advertência enérgica de não falarem mais *em o nome de Jesus* (5:40).

Em geral, ser *acoitado* em público era motivo de vergonha. Na visão dos apóstolos, porém, sofrer perseguição fazia parte de seu dever como servos de Jesus, como fica evidente em seu regozijo contínuo (5:41). Que privilégio ser considerado digno de enfrentar perseguição por causa do nome de Jesus, segundo o desígnio de Deus! Os apóstolos ignoraram as advertências do Sinédrio e continuaram a ensinar e a pregar, *no templo e de casa em casa*, que Jesus era o Cristo (5:42).

### 6:1-7 Testemunho: a comunidade unida

É errado imaginar que a comunidade de cristãos se fragmentou devido à insatisfação acerca do compartilhamento de bens. Pelo contrário, eles se tornaram ainda mais unidos e perseveraram em cooperar com o número cada vez maior de membros que, a essa altura, já havia ultrapassado em muito os cinco mil (6:1a; cf. tb. 4:4; 5:14).

Com o crescimento da comunidade cristã, tornou-se cada vez mais difícil distribuir os bens de modo eficaz, o que levou algumas *viúvas* a serem *esquecidas na distribuição diária* de alimentos (6:1b). Surgiram queixas de que os *helenistas*, isto é, os judeus de fora de Israel, estavam sendo negligenciados pelos *hebreus*, os judeus nascidos em Israel. Uma vez que os dois grupos eram judeus, não se trata de um incidente de discriminação racial. A comunidade de bens também não havia fracassado, mas seu sistema de distribuição se mostrou falho. Os apóstolos não tinham mais como lidar sozinhos com o numeroso grupo e ainda assim garantir uma distribuição justa. O sistema funcionou, contudo, no sentido de que eles não demoraram a perceber que havia um problema. Quando uma viúva passou fome, a comunidade ficou sabendo e tomou providências para que a situação não persistisse. Fica evidente que a preocupação com as viúvas é um tema importante para Lucas.

Os apóstolos haviam recebido a incumbência de proclamar a palavra de Deus (5:20), mas se viram presos a tarefas administrativas, como servir às mesas (6:2a; cf. tb. 4:35b). Quando Moisés enfrentou um problema parecido, Deus o orientou a nomear setenta assistentes (Nm 11:16-17). Os apóstolos pediram, portanto, que se escolhessem sete assistentes para garantir que todos fossem atendidos (6:3). Como primeira qualificação, deviam ser *homens de boa reputação* (cf. 1Tm 3:2). A função exigia pessoas de confiança. Esse princípio deve ser levado em consideração ao eleger os membros do conselho da igreja, pois muitos líderes eclesiásticos se mostram repreensíveis ao receber a oportunidade de administrar os recursos da igreja, especialmente quando se trata das finanças.

A segunda qualificação consistia em ser *cheios do Espírito*. Mesmo as tarefas administrativas possuíam caráter espiritual, e a plenitude do Espírito era tão essencial para cuidar da distribuição dos alimentos quanto para a pregação da palavra. A unidade dos cristãos, pela qual esses indivíduos deviam zelar, era um testemunho tão importante quanto o ensino em nome de Jesus (cf. tb. Jo 17:21).

Por fim, a fim de realizar sua incumbência com eficácia, eles precisavam ser *homens de sabedoria* para distinguir necessidades genuínas de meros desejos. De acordo com o princípio da distribuição, não devia faltar nada a ninguém, mas isso também significava que ninguém devia receber mais que os outros (cf. tb. 2Co 8:15). Era preciso que os assistentes soubessem avaliar a quantidade exata de que cada pessoa precisava.

Ao delegar essas incumbências a outros, os apóstolos puderam concentrar-se na pregação e oração (6:2b,4). As tarefas dos assistentes, porém, não se restringiam à distribuição de alimentos, pois pelo menos dois deles, Estêvão e Filipe, participavam do ministério evangelístico (6:5; 6:8-7:60; 8:5-40).

Podemos observar a concordância da comunidade no fato de todos aprovarem essa medida e participarem da no-

meação dos líderes (6:5). Não havia facções. O grupo todo elegeu sete homens: *Estêvão*, descrito como *homem cheio de fé e do Espírito Santo*, *Filipe*, *Prócoro*, *Nicanor*, *Timão*, *Pármenas* e *Nicolau*, *prosélito de Antioquia*, isto é, um gentio convertido ao judaísmo (6:5). O fato de todos esses nomes serem gregos indica que a comunidade escolheu pessoas que se identificariam com aqueles a quem deveriam servir. Os cristãos judeus se mostraram prontos a deixar outros cristãos controlar a distribuição de bens ao grupo.

A fim de comissionar esses homens para sua nova função, os apóstolos oraram por eles e *lhes impuseram as mãos* (6:6). Trata-se da primeira ocasião registrada em que a imposição de mãos marca a comissão de servos do Senhor. O gesto se tornou uma tradição continuada pelos presbíteros de Antioquia (13:3). Posteriormente, Paulo advertiu Timóteo de não impor as mãos sobre ninguém sem antes fazer uma avaliação adequada (1Tm 5:22).

Graças à prontidão dos apóstolos em tomar as medidas necessárias, a palavra de Deus continuou a ser disseminada e, em *Jerusalém*, se multiplicava o número dos discípulos (6:7a). Se os apóstolos tivessem continuado excessivamente envolvidos nas tarefas administrativas, a propagação do evangelho, seu principal chamado, teria sido prejudicada. Observamos aqui um princípio importante para as igrejas. Os pastores são chamados a ensinar e pregar a palavra de Deus, e os membros da igreja devem apoiá-los e cuidar de que as necessidades diárias dos irmãos sejam supridas.

A essa altura, a comunidade incluía muitos sacerdotes. Seu crescimento contínuo mostrou inequivocamente que Deus estava operando (5:36-39), e muitos que outrora se haviam oposto ao evangelho abraçaram a fé cristã (6:7b).

### 6:8—7:60 Testemunho: a morte de Estêvão

Além de ser um dos homens escolhidos para administrar a comunidade, Estêvão se dedicou a outras atividades e, como os apóstolos, realizou *prodígios e grandes sinais* (6:8). Ao mencioná-lo inicialmente em 6:5, Lucas o descreve como “homem cheio de fé e do Espírito Santo” e, aqui, afirma que era *cheio de graça e poder*. Não é de admirar que fosse um extraordinário homem de Deus.

Estêvão realizava milagres *entre o povo*, supostamente entre aqueles que não eram cristãos. Encontrava-se, portanto, envolvido ativamente na evangelização dos judeus em Jerusalém, fato que suscitou oposição.

### 6:9-15 Oposição a Estêvão

De acordo com a tradição, Estêvão era um judeu helenista (de fala grega) que exerceu seu ministério entre os judeus helenistas. Por isso, não sofreu oposição dos principais sacerdotes e anciãos do povo que haviam confrontado os apóstolos anteriormente (4:1), mas de outros judeus helenistas, pertencentes à sinagoga *chamada dos Libertos*. Seus opositores eram de Cirene e Alexandria, na África, da *Cilícia* e da província romana da *Ásia*, região que hoje

faz parte da Turquia (6:9). Eles começaram a discutir com Estêvão, mas não puderam *resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava* (6:10). O Senhor instruiu Estêvão quanto ao que ele devia dizer e silenciou seus adversários (cf. tb. Lc 12:12).

Ao se verem incapazes de refutá-lo verbalmente, os inimigos de Estêvão tramaram matá-lo. Instigaram alguns homens a acusá-lo de *proferir blasfêmias contra Moisés e contra Deus* (6:11) e usaram as acusações para incitar o povo, os anciãos e os escribas (6:12). A discussão se transformou num confronto acirrado, e Estêvão foi preso e apresentado perante o Sinédrio. Os opositores repetiram as falsas acusações de que Estêvão falava com frequência contra o templo e a lei mosaica e ensinava que Jesus, o Nazareno, destruiria o templo e modificaria os costumes mosaicos (6:13-14).

Ao se voltar para Estêvão a fim de observar como ele responderia às acusações, todos os presentes se impressionaram com a mudança de sua fisionomia. *Viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo* (6:15). A espantosa transformação do homem diante deles levou o conselho a ouvir suas palavras com atenção. Talvez isso explique por que lhe permitiram discorrer de forma tão demorada antes de silenciá-lo cruelmente (7:54-58).

### 7:1-53 Esboço histórico

O sumo sacerdote perguntou a Estêvão: *Porventura, é isto assim?* (7:1; ou “São verdadeiras estas acusações?”, NVI). Em vez de apenas responder “sim” ou “não”, Estêvão aproveitou a oportunidade para compartilhar a história da salvação com um grupo que, de outro modo, não lhe teria dado ouvidos. Pedro e João lhes haviam apresentado o evangelho de forma sucinta 4:10-12; 5:29-32, mas Estêvão estava decidido a fazer uma apresentação completa, começando com Abraão.

**7:2-8a ABRAÃO.** Sem a iniciativa de Deus, não existiria um povo santo e, muito menos, um lugar santo. Foi Deus quem *apareceu a Abraão nosso pai* (7:2). (Estêvão se refere a si mesmo e a seus ouvintes como filhos de Abraão.) Abraão vivia no meio de um povo que adorava outros deuses na terra da *Mesopotâmia* (mais especificamente, em Ur dos caldeus), mas o *Deus da glória* pretendia conduzi-lo a uma nova terra (7:3).

Abraão obedeceu a Deus, deixou seu lar e seu povo e se mudou para *Harã*. Após a morte de seu pai, Deus ordenou que ele retornasse a Canaã, *a terra em que vós agora habitais* (7:4). (Estêvão não inclui a si mesmo nesse grupo, pois era judeu de fala grega, e não residia na Palestina.) De acordo com o relato de Gênesis, Deus apareceu a Abraão pela primeira vez em Harã, mas a história começa quando Abraão ainda estava na Mesopotâmia e concordou em acompanhar seu pai, Tera, na migração para o norte (Gn 11:31). Estêvão baseia seu relato numa pressuposição acerca daquilo que provavelmente ocorreu, e a aparição de Deus em Gênesis

12:1 deve, portanto, ser entendida como a segunda vez que Deus falou a Abraão (7:4). O relato visa enfatizar que Deus apareceu a Abraão em outra terra e, portanto, que o templo não era o único lugar onde podia ocorrer um encontro com Deus. Era importante deixar esse fato claro, pois os opositores de Estêvão o haviam acusado de falar contra o templo (6:13-14).

Abraão não recebeu *nem sequer o espaço de um pé* da terra, expressão usada para indicar que ele não recebeu absolutamente nada. Muito antes de Abraão ser pai, contudo, Deus lhe prometeu que aquela terra pertenceria *à sua descendência* (7:5). Mas a promessa não se cumpriria de imediato. Deus avisou que, antes do cumprimento, os descendentes de Abraão seriam peregrinos *maltratados* numa *terra estrangeira*, o Egito, *por quatrocentos anos* (7:6). Esse número corresponde a um arredondamento do período exato de quatrocentos e trinta anos (cf. tb. Êx 12:41). O povo seria escravizado, mas Deus julgaria a nação que os havia colocado sob o jugo de servidão (7:7).

Em seguida, Deus deu a Abraão o rito da circuncisão como sinal de sua aliança (7:8a). Abraão recebeu esse rito quando ainda não possuía nenhuma terra e não havia nenhuma possibilidade de o templo vir a existir. Os opositores de Estêvão mencionaram esse “lugar santo” (6:13), mas ele deixa claro que nenhum lugar é santo sem a presença do Deus da glória, aquele que requer obediência, não importa onde seus adoradores se encontram.

**7:8b-19 OS PATRIARCAS E JOSÉ.** Isaque e Jacó são mencionados de passagem como os descendentes aos quais Deus havia prometido entregar a terra (7:8b). Isaque nasceu muito tempo depois que Abraão e Sara haviam passado da idade normal de ter filhos, outra demonstração da mão de Deus na história (cf. Gn 15:1-6; 17:1-7; 18:11; 21:1-5). Abraão transmitiu o sinal da aliança ao circuncidar Isaque no oitavo dia (Gn 21:4). Isaque fez o mesmo com Jacó, que se tornou pai dos *doze patriarcas*, ou seja, dos homens que deram origem às doze tribos de Israel.

Os filhos de Jacó levaram Israel à escravidão no Egito, conforme Deus havia dito. *Invejados de José, venderam-no como escravo, mas Deus estava com ele* (7:9). O processo todo foi conduzido por Deus, que usou para o bem as intenções humanas de fazer o mal (7:10-14; cf. Gn 45:5). Estêvão faz um rápido resumo da vida de Jacó e de todos os patriarcas, os quais aparentemente morreram no Egito, mas foram sepultados posteriormente no sepulcro que Abraão havia comprado na terra prometida (7:15-16).

Depois da morte dos patriarcas, seus descendentes permaneceram no Egito e se multiplicaram. Ao se aproximar o tempo do cumprimento da promessa de Deus, foram escravizados por um rei que não tinha nenhum conhecimento da história de José (7:17-18) e explorou os hebreus a ponto de matar seus filhos (7:19).

**7:20-45 MOISÉS, O LIBERTADOR ENVIADO POR DEUS.** O principal motivo pelo qual Estêvão relata a história de Moisés é o



fato de seu próprio povo não ter reconhecido que Deus os livraria por meio de Moisés (7:25). Estêvão não menciona as parteiras nem a mãe de Moisés, porque elas não são tão importantes quanto Deus, aquele que atentou em Moisés e conduziu sua vida (7:20). Moisés foi adotado pela filha de Faraó e, portanto, recebeu a melhor educação do Egito (7:21-22). Durante quarenta anos, viveu na classe mais alta da sociedade, mas um dia *veio-lhe a ideia de visitar* (lit., “entrou-lhe na cabeça a ideia de visitar”) seu próprio povo. Tomar essa decisão foi um grande passo de fé (7:23; cf. tb. Hb 11:24:26). Seu povo, contudo, não entendeu suas motivações, e Moisés se viu obrigado a fugir para a terra de Midiã, onde viveu como estrangeiro por mais quarenta anos (7:24-29).

No final dos quarenta anos, Deus enviou a Moisés um anjo, *por entre as chamas de uma sarça que ardia* próximo ao monte Sinai (7:30). Moisés ouviu a voz do Senhor que vinha da sarça (7:31) dizendo: *Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó* (7:32). Como Deus pôde aparecer a Moisés numa sarça ardente? Onde estavam o templo e a terra santa? Estêvão lembra a seus ouvintes que Moisés se encontrava em terra sagrada porque a presença de Deus a tornava sagrada (7:33). Deus tinha vindo libertar seu povo da escravidão por intermédio de Moisés, o qual os hebreus haviam rejeitado (7:34-35). Moisés os livrou da escravidão e realizou *prodígios e sinais* no Egito (Êx 8:1—10:29), no mar Vermelho (Êx 14:26-31) e durante os *quarenta anos* que o povo vagou pelo deserto (7:36).

Moisés também havia profetizado que outro libertador como ele surgiria no meio do povo judeu (7:37). Aqui, Estêvão se refere claramente à vinda de Jesus.

O povo, contudo, não deu ouvidos a Moisés, mas voltou para o Egito *no seu coração* ao pedir que Arão fizesse para eles um bezerro de ouro (7:38-41). Que povo de dura cerviz! Se Deus não tivesse intervindo, os antepassados dos ouvintes de Estêvão ainda estariam servindo a ídolos (7:42-43).

Estêvão encerra o relato da vida de Moisés com uma referência ao *tabernáculo do Testemunho*, ou arca da aliança, construído *segundo o modelo* que Moisés havia recebido de Deus (7:44). Foi ideia de Deus, e não de Moisés ou dos israelitas. Sob a liderança de Josué, o povo levou o tabernáculo à terra prometida (7:45). Mais uma vez, Estêvão enfatiza que Deus expulsou as nações que habitavam na terra. **7:46-50 O TEMPLO PARA A ARCA DA ALIANÇA.** Davi expressou o desejo de construir um templo (7:46), mas foi seu filho Salomão que recebeu permissão para edificar *a casa* do Senhor (7:47). Estêvão ressalta que Deus, o Altíssimo, não precisa de casa. Ele é Senhor do céu e não pode ser contido por um edifício terreno (7:48-50). Estêvão deseja lembrar ao conselho que o templo foi construído apenas para abrigar a arca da aliança, e não para ser o lugar de habitação do Deus da glória.

**7:51-53 ACUSAÇÃO CONTRA O CONSELHO.** Estêvão se volta repentinamente contra o conselho e conclui seu longo discurso com duas acusações espantosas. Suas palavras são mais afiadas que uma espada de dois gumes e atingem o ponto crítico (7:54). Primeiro, ele os acusa de ser obstinados: *Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos* (7:51a). O coração não pode ser tocado pela mensagem do evangelho, pois é como se ainda estivesse recoberto por uma camada de pele. Também parece haver uma barreira em seus ouvidos que os impede de ouvir a verdade. Consequentemente, eles não estão dispostos a voltar para o Senhor e se recusam a ouvir a voz do Espírito Santo (7:51b). Estêvão lhes falou de seus antepassados, mas agora assevera que os membros do conselho são descendentes dignos de seus pais, mas não daqueles que serviram a Deus. Antes, são descendentes daqueles que se opuseram aos mensageiros de Deus (7:39).\*

Em seguida, Estêvão os acusa de terem traído e matado Jesus, ao qual Estêvão chama de *Justo* (7:52). Assim como seus antepassados perseguiram e mataram os profetas, os membros do conselho se tornaram traidores e assassinos de Jesus.

Por fim, acusa-os de desobedecer à lei de Deus (7:53), a lei entregue pelos anjos no Sinai (7:38). A acusação de Estêvão é semelhante às palavras que Jesus proferiu contra aqueles líderes (Mt 23:23; Mc 7:9; Jo 19:7). Estêvão fora acusado de falar “contra a lei”, mas ele inverte as posições e acusa o conselho de não obedecer à lei! É possível que a base de sua acusação fosse o fato de terem assassinado o Filho daquele que havia dado a lei. Ademais, eles continuavam a perseguir os que pregavam em nome de Jesus.

#### 7:54-60 O martírio de Estêvão

As acusações de Estêvão enfureceram os membros do conselho. Podemos ouvi-los rilhando *os dentes contra ele* de tanta raiva (7:54). Mas uma paz profunda envolveu Estêvão, que, em vez de se atemorizar, estava *cheio do Espírito Santo* e, olhando atentamente para o céu, viu Jesus à direita de Deus (7:55). Jesus está no controle de toda a situação, ao lado dele, conforme prometera (Mt 28:20). A visão de Jesus tranquiliza Estêvão e deve ter o mesmo efeito sobre todos os que estão dispostos a sofrer pelo evangelho. Estêvão anuncia com grande emoção aquilo que vê: Jesus, *o Filho do Homem, em pé nos céus*, que agora se encontram *abertos* (7:56).

Os membros do conselho não estão interessados no Filho do Homem exaltado. Estêvão os acusou de ser surdos para Deus (7:51), e eles reforçam essa ideia ao cobrir os *ouvidos* para não escutar o que estava dizendo enquanto se lançavam *contra ele* (7:57). Colocaram de lado toda dignidade e resolveram linchar o acusado. Arrastaram-no para fora da cidade e puseram-se a apedrejá-lo (7:58a).

Nesse ponto, Lucas apresenta Saulo, indivíduo que teria um papel importante na propagação do evangelho. As tes-

temunhas responsáveis pelo apedrejamento deixam *suas vestes* junto a um jovem chamado Saulo para que ele cuide delas durante a execução (7:58b).

Estêvão clama para que o Senhor receba seu espírito (7:59). Para o conselho, seu pedido provavelmente soa como outro exemplo de blasfêmia (Lv 24:14; Dt 17:7), mas Estêvão pede que Deus os perdoe por sua ignorância (7:60). Que morte tranquila para o homem de Deus que *adormeceu* depois da intercessão final em favor de seus assassinos. Será que sua oração foi respondida? Com certeza! O jovem junto do qual as testemunhas deixaram suas vestes veio a ser um grande pregador do evangelho!

A morte de Estêvão se tornou seu maior testemunho ao mundo inteiro. O mesmo se aplica aos muitos missionários que se tornaram testemunhas para o continente africano por meio de seu sangue. Todos os cristãos devem estar dispostos a propagar o evangelho, mesmo que tenham de enfrentar a morte.

### 8:1—12:24 Testemunho às regiões vizinhas

Jesus havia dito aos discípulos que eles seriam suas testemunhas primeiro em Jerusalém e depois “em toda a Judeia e Samaria” (1:8). A seção seguinte de Atos trata do segundo estágio da propagação do evangelho, mas inverte a sequência, pois o relato começa com o testemunho em Samaria, e não na Judeia. Não se trata de uma diferença importante, pois, apesar de se considerarem grupos étnicos distintos, em termos geográficos os habitantes da Judeia e de Samaria eram vizinhos.

#### 8:1-25 Testemunho a toda a Samaria

Samaria havia sido a capital do Reino do Norte, fundada por Onri por volta de 880 a.C. (1Rs 16:24), mas no século I d.C. a região toda era conhecida por esse nome. A religião samaritana era uma mistura de judaísmo e paganismo, de modo que os judeus tratavam os samaritanos como párias. A igreja primitiva seguiu o exemplo do Salvador (cf. Lc 10:33; 17:16; Jo 4:5-40) em sua atitude quanto aos samaritanos (Mt 10:5; At 1:8; 8:5-25; 9:31; 15:3). Não obstante, não deve ter sido uma região fácil de evangelizar, uma vez que judeus e samaritanos não costumavam misturar-se.

#### 8:1-3 Perseguição em Jerusalém

A morte de Estêvão deu início a uma perseguição violenta. Tudo indica que o principal alvo eram os evangelistas de origens helenistas (8:1b), conforme se pode deduzir do fato de, aparentemente, os apóstolos não terem sido perseguidos nessa ocasião. Não obstante, alguns homens corajosos e dedicados *sepultaram* o corpo de Estêvão, sob o risco de sofrerem o mesmo destino (8:2). Esse gesto pode ter contribuído para desencadear o furor de Saulo contra a igreja (8:3). Saulo havia sido um observador, e não um participante ativo do apedrejamento de Estêvão (8:1a), mas, algum tempo depois, ele próprio *assolava a igreja* (8:3). Ia de casa

em casa, perseguindo todos os cristãos, *homens e mulheres*, indiscriminadamente. Arrastava-os para fora, como a multidão havia arrastado Estêvão, mas, em vez de matá-los, lançava-os na prisão.

#### 8:4-13 A grande dispersão

A perseguição severa dispersou todos os cristãos de Jerusalém, exceto os apóstolos (8:1b). Ao que parece, os cristãos que se espalharam eram os mestres na igreja de Jerusalém e, provavelmente, os peregrinos que haviam permanecido na cidade depois de aceitarem a mensagem do evangelho, uma vez que a igreja de Jerusalém continuou a existir (cf., p. ex., 8:14; 11:1,18; 12:1,12-17; 15:6). Aqueles que se dispersaram aproveitaram a oportunidade para pregar a palavra de Deus nas vilas pelas quais passavam ao longo do caminho (8:4).

Um dos cristãos obrigado a sair de Jerusalém foi Filipe, que havia sido escolhido juntamente com Estêvão para servir às mesas (6:5). Filipe foi à cidade de Samaria e começou a anunciar Cristo naquele local (8:5). Sua mensagem era a mesma que os apóstolos haviam pregado em Jerusalém, a saber, a vinda do Messias (5:42). Mais adiante, vemos que Filipe também falava *a respeito do reino de Deus* (8:12), mas Lucas não fornece detalhes sobre o teor da mensagem, da mesma forma que não especifica o que Jesus disse aos discípulos ao tratar “das coisas concernentes ao reino de Deus” (1:3).

Independentemente dos detalhes, sem dúvida eram boas-novas, e *as multidões atendiam* às palavras de Filipe (8:6), especialmente pelo fato de serem confirmadas por sinais: os possesores de *espíritos imundos* eram libertos, e os *paralíticos e coxos* eram curados (8:7). Havia *grande alegria* por toda a cidade (8:8). Era uma ocasião de reavivamento, e toda a população se sentia aliviada dos fardos do pecado e dos espíritos malignos. O reino da luz estava irrompendo e dissipando as trevas. Essa deveria ser nossa experiência como povo africano, particularmente por afirmarmos ser o continente com maior número de cristãos.

Lucas focaliza um dos indivíduos influenciados pela mensagem de Cristo, um homem chamado *Simão, que ali praticava a mágica* (8:9). Afirmava ser *grande vulto* e causava admiração com seus atos de magia. Todos, desde os mais humildes até os maiores, o reverenciavam e o chamavam de *o Grande Poder* (8:10). É possível que fosse o equivalente ao curandeiro ou adivinho que encontramos em vilas. Desfrutava de longa data a atenção de todos (8:11), mas, quando Filipe apareceu pregando o evangelho, o povo parou de seguir a Simão e passou a seguir a Jesus Cristo, e *assim homens como mulheres* eram batizados (8:12). O reino de Deus estava no meio deles.

Uma vez que não queria ficar de fora, Simão se apresentou para ser batizado e se tornou seguidor de Filipe. Foi sua vez de se admirar do verdadeiro poder de Deus manifestado por meio de *sinais e grande milagres* (8:13). É provável que Simão se tenha convertido de fato, apesar de seu equívoco

posterior mostrar que ainda não era um cristão maduro (8:18). A conversão de Simão, o mágico, deve servir de incentivo para a igreja evangelizar a todos em sua região, inclusive os feiticeiros.

#### 8:14-17 *Inclusão dos cristãos samaritanos*

A igreja em Jerusalém recebeu a notícia da conversão dos samaritanos com grande interesse, evidenciado pelo fato de enviar Pedro e João a Samaria (8:14). O objetivo dos dois apóstolos era confirmar as notícias e servir de ligação entre a igreja samaritana e a comunidade de Jerusalém.

Quando os apóstolos chegaram, descobriram que aqueles cristãos ainda não haviam recebido o Espírito Santo, de modo que oraram para que o recebessem. Impuseram as mãos sobre eles, talvez para simbolizar a nova parceria entre judeus e samaritanos, e estes últimos receberam o Espírito (8:15-17).

Há quem pergunte por que o Espírito ainda não tinha vindo sobre eles, se essa demora é algo que se deva esperar no caso de todos os recém-convertidos e se a imposição de mãos dos apóstolos é necessária para receber o Espírito. Ao que parece, essa passagem relata circunstâncias excepcionais, as quais, por essa razão, não devem ser consideradas típicas. Havia grande hostilidade e rivalidade entre judeus e samaritanos, pois os dois grupos afirmavam adorar o Deus verdadeiro da maneira mais ortodoxa (cf. o diálogo de Jesus com a mulher samaritana em Jo 4:7-26). Agora, os discípulos vêm para mostrar aos samaritanos o único caminho pelo qual se pode chegar a Deus. A dádiva do Espírito Santo colocou o selo de aprovação de Deus sobre o que estava acontecendo. Marcou os cristãos samaritanos inequivocamente como membros da família de Deus. Tanto os apóstolos quanto o povo de Samaria devem ter-se admirado ao ver judeus e samaritanos adorando juntos! Não é de surpreender que Simão tenha ficado tão impressionado e se mostrado desejoso de acrescentar às suas habilidades o poder de distribuir o Espírito Santo.

A imposição de mãos também parece ser peculiar a esse caso, e não um princípio geral. Em termos práticos, não seria possível os apóstolos impor as mãos sobre cada um dos milhares de recém-convertidos que, como vimos anteriormente, eram acrescentados à igreja.

#### 8:18-24 *Motivos errados para buscar dons*

É fácil condenar Simão, o mágico, por tentar comprar o poder de Deus (8:18-19). Por vezes, contudo, cometemos o mesmo erro ao imaginar que nossos atos ou ofertas nos podem tornar mais aceitáveis diante de Deus. A resposta horrorizada de Pedro a Simão foi: *O teu dinheiro seja contigo para perdição* (8:20-21). A ideia de que os dons de Deus podem ser comprados era suficiente para trazer destruição sobre Simão e seu dinheiro (cf. as consequências do pecado de Geazi ao pedir e aceitar prata de Naamã, 2Rs 5:20-27).

A igreja precisa aprender com o erro de Simão e seguir o exemplo de Pedro, recusando-se a transigir por dinheiro.

Pelo poder do Espírito Santo, Pedro viu que o coração de Simão estava *em fel de amargura e laço de iniquidade* (8:22-23). O Espírito ofereceu-lhe uma oportunidade de arrependimento, pois, ao contrário de Ananias e Safira, que morreram instantaneamente (5:5,10), Simão se apressou em pedir oração para que a maldição pronunciada por Pedro não se concretizasse (8:24).

#### 8:25 *Testemunho às vilas samaritanas*

Depois de cumprir sua missão, Pedro e João não voltaram diretamente a Jerusalém. Obedeceram à ordem para evangelizar todas as regiões de Samaria e usaram a viagem como oportunidade para falar de Jesus de aldeia em aldeia (8:25). Todos os que procuram propagar a palavra de Deus devem seguir o exemplo dos apóstolos e cuidar de que as aldeias não sejam negligenciadas.

#### 8:26-40 *Testemunho a toda a Judeia: início*

##### 8:26-39 *Testemunho na estrada do deserto*

Por que Lucas insere o relato sobre o eunuco etíope nesse ponto de Atos, logo após o ministério evangelístico em Samaria? De acordo com alguns estudiosos, o poeta grego Homero e os tradutores da Septuaginta consideravam a Etiópia “os confins da terra”, de modo que essa história representa a propagação do evangelho até “aos confins da terra”, conforme profetizado (Is 8:9; 46:20; 49:6; 62:11), em cumprimento à ordem de 1:8.

Parece mais plausível, contudo, que Lucas desejasse mostrar que todas as regiões da Judeia foram alcançadas, até as mais remotas. Era fácil para os discípulos recém-dispersos entrar em lares e vilarejos judeus, mas era menos provável que percorressem a estrada do deserto, apesar de evangelizar “toda a Judeia” fazer parte da ordem. Encontramos em Isaías 40:3 a ordem para preparar o caminho do Senhor no deserto, uma instrução que também é seguida aqui.

Se aceitarmos essa interpretação, o foco principal é a região geográfica. O Espírito Santo envia Filipe a todas as partes da Judeia. Conduz Filipe de Samaria à estrada no deserto (8:26) e, uma vez completada a missão nesse local, transporta-o a outra parte da Judeia para ministrar ali (8:40). O litoral sul da Judeia também não foi esquecido.

8:26 **FILIPPE RECEBE ORIENTAÇÃO DIVINA.** Lucas volta a falar de Filipe, pronto para mais um encontro. Filipe recebe instruções do anjo do Senhor (mencionado também em 5:19-20) para ir ao sul, para a estrada no deserto que ia *de Jerusalém a Gaza* (8:26). Ao que parece, o anjo não lhe disse o que ele encontraria no caminho. Não obstante, Filipe obedeceu. Sua missão era divinamente orientada. O mesmo deve ocorrer hoje. As organizações de missão humanitária não devem substituir o Senhor da glória.

## A TRADUÇÃO DA BÍBLIA NA ÁFRICA

A Bíblia foi redigida originariamente na língua coloquial de seus primeiros leitores. Algumas partes foram escritas em hebraico; outras, em aramaico; e outras, ainda, em grego. À medida que a mensagem se espalhou, tornou-se necessário traduzi-la para novos leitores. O AT hebraico foi traduzido para o grego, a língua franca da época, por volta do século II a.C. Essa tradução, conhecida como Septuaginta (cujo nome costuma ser abreviado LXX, os numerais romanos correspondentes a setenta), foi realizada em Alexandria, uma cidade na África. Muitos gentios e judeus para os quais foi escrito o NT em grego provavelmente conheciam o grego coínê usado pelos escritores neotestamentários.

Em Jesus, Deus veio e falou a pessoas de uma cultura específica de modo que lhes fosse compreensível. Uma vez que os discípulos de Jesus são instruídos a seguir seu exemplo, o cristianismo assume, nos lugares pelos quais se propaga, as culturas e línguas dos novos convertidos. Afinal, conforme as palavras atribuídas ao norte-africano Agostinho de Hipona, “Deus parece mais próximo das pessoas quando fala sua língua”.

Algumas das primeiras traduções das Escrituras completas foram produzidas no norte da África. Por volta de 300 d.C., a Bíblia foi traduzida para o saídico, dialeto egípcio antigo, e, por volta do século VI, para o boaírico, outro dialeto. Esta última ainda é versão oficial da Igreja Ortodoxa Copta. A Núbia e a Etiópia também receberam o evangelho em tempos remotos. A tradução ge'ez da Bíblia, datada de cerca de 500 d.C., continua em uso na Igreja Ortodoxa Etíope.

A onda seguinte de traduções africanas coincidiu com o reavivamento evangélico do século XIX. A expansão colonial e a missionária andaram juntas, de modo que os missionários cristãos usaram a infraestrutura e as oportunidades oferecidas pelas conquistas imperiais europeias. Conforme os missionários perceberam, a fim de comunicar o evangelho com sucesso, seria necessário aprender as línguas africanas. Também seria preciso traduzir a Bíblia para essas línguas a fim de fundar igrejas e discipular cristãos. Lançaram-se, portanto, à tarefa de tradução, que implicou reduzir línguas africanas à forma escrita, elaborar livros de gramática e dicionários, traduzir as Escrituras e ensinar recém-convertidos a ler em sua própria língua africana a fim de estudarem a Palavra.

O êxito dessas tarefas desencadeou um conjunto de acontecimentos não premeditados. Entre outras coisas, os missionários não detinham mais o monopólio da Palavra de Deus nem o controle do processo que haviam

iniciado. A Bíblia em língua vernácula deu à igreja africana o poder de evangelizar, fundar igrejas e desbravar novas fronteiras de modo independente do controle de missionários ou de centros de missões estrangeiras. Não há dúvida de que o crescimento fenomenal do cristianismo na África se deve, em parte considerável, à tradução da Bíblia.

Dentre as primeiras traduções africanas mais conhecidas, podemos citar a Bíblia malagasi, produzida por David Jones e David Griffiths em 1835; a Bíblia tswana, traduzida por Robert Moffat em 1857; a Bíblia twi akwapem, produzida por Johannes Christaller e J. A. Mader em 1871; e a Bíblia suaíli, traduzida por Johann Krapf e Edward Steere em 1891. Apesar de associadas a tradutores europeus, essas traduções também envolveram profissionais africanos. O bispo Samuel Adjai Crowther, primeiro bispo africano da igreja anglicana, produziu a Bíblia ioruba em 1884, e Duta Kitaakule trabalhou com o missionário George Pilkington na produção da Bíblia luganda em 1896.

O trabalho desses pioneiros serviu de modelo para as versões africanas atuais, que incluem: a revisão de traduções missionárias; a produção de traduções em língua vernácula para povos que ainda não têm Bíblias em sua própria língua, bem como para jovens e crianças; a elaboração de Bíblias de estudo contextualizadas para a cultura africana em línguas locais, especificamente para leitores africanos; Bíblias africanas que empregam novas mídias audiovisuais e eletrônicas; e traduções de liturgias para uso nos cultos. A tarefa passou das mãos de tradutores missionários para tradutores nativos, na maioria dos casos com apoio técnico e fundos de organizações dedicadas à tradução, publicação e distribuição das Escrituras Sagradas.

Alguns africanos de centros urbanos que cresceram lendo a Bíblia em inglês, francês, português ou outras línguas coloniais podem ser tentados a imaginar que essas Bíblias são suficientes para teologizar, escrever livros cristãos e realizar o trabalho de exegese na África. A maioria dos africanos, contudo, depende da Bíblia na língua vernácula para essas atividades. É de suma importância, portanto, que a exegese bíblica seja feita nas línguas em que a maioria dos cristãos interage com a Palavra de Deus, isto é, em sua língua nativa.

O futuro do cristianismo africano se encontra inextricavelmente entrelaçado com o futuro das línguas e culturas nas quais a maioria do povo africano pensa e se expressa. É nessas línguas que as Escrituras Sagradas devem prover alimento espiritual e sustento para a vida de fé, amor e esperança.

Aloo Osotsi Mojola

8:27-39 **TESTEMUNHO AO EUNUCO ETÍOPE.** No caminho, Filipe se deparou com um viajante, um eunuco etíope que tinha ido a Jerusalém para adorar e estava voltando para casa (8:27). Lucas o apresenta de forma detalhada, talvez para mostrar que o evangelho também estava chegando a oficiais de alto escalão. O eunuco era *superintendente de todo o [...] tesouro* da rainha Candace e era temente a Deus, ou seja, era um gentio que havia assumido um compromisso sério com a fé judaica, mas que não tinha sido circuncidado e se tornou um prosélito. Fica evidente que ele aproveitava todas as oportunidades de estudar a Palavra de Deus e, *assentado no seu carro, vinha lendo* um rolo contendo o livro do *profeta Isaías* (8:28). O anjo que havia enviado Filipe a essa estrada o instruiu a se aproximar do homem no carro e a falar com ele (8:29). Todos os acontecimentos foram controlados por Deus.

Filipe obedeceu e, correndo até o carro, perguntou ao etíope: *Compreendes o que vens lendo?* (8:30). Quem despreza aqueles que interpretam a Bíblia deve atentar na resposta do eunuco: *Como poderei entender, se alguém não me explicar?* (8:31a). As pessoas precisam de mentores que as ajudem a compreender a Palavra de Deus. O homem convida Filipe a *sentar-se junto a ele* no carro e ajudá-lo a interpretar a *passagem das Escrituras que estava lendo* (8:31b). Lucas cita a passagem (Is 53:7-8) e, em seguida, registra a pergunta do eunuco acerca das palavras do profeta (8:32-34).

Filipe não se ateu a interpretar esse trecho das Escrituras; também anunciou Jesus ao eunuco (8:35). Observe a ênfase diferente sobre o conteúdo da pregação: aqui, ele fala de Jesus, enquanto aos samaritanos falou de Cristo (o Messias; 8:5,12). A pregação de Filipe nesse caso pode ser comparada a como Jesus interpretou certos acontecimentos para os discípulos no caminho de Emaús (Lc 24:27). Nos dois casos, a pregação se baseou nas Escrituras.

Depois de ouvir a mensagem do evangelho, o eunuco creu e expressou o desejo de ser batizado de imediato (8:36). Filipe concordou, acrescentando uma ressalva: *É lícito, se crês de todo o coração.* O eunuco deu a resposta clássica: *Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus* (8:37). O versículo 37 aparece entre colchetes na RA porque não faz parte de todos os manuscritos gregos escritos por Lucas. Reflete fielmente, contudo, a prática batismal da igreja primitiva.

A resposta de Filipe teria surpreendido os primeiros cristãos judeus. Eles sabiam que eunucos não podiam participar da assembleia do povo de Deus, pois eram considerados cerimonialmente impuros (Lv 21:20; 22:19-25; Dt 23:1). Isaías, porém, profetizou que um dia os eunucos teriam permissão de participar da assembleia do povo de Deus (Is 56:3-5), profecia que se cumpre aqui em Atos.

Uma vez que havia água por perto, Filipe não hesitou em batizar o eunuco etíope (8:38). O fato de Filipe ter sido arrebataado pelo Espírito de Deus não parece ter incomodado o recém-convertido, que *foi seguindo o seu caminho, cheio de*

*júbilo* (8:39). O Senhor se agradou de tornar o evangelho conhecido no continente africano logo no início do desenvolvimento da comunidade cristã.

#### 8:40 *Testemunho às cidades litorâneas*

Um versículo resume o testemunho de Filipe à região litorânea da Judeia (8:40). Conduzido pelo Espírito, como havia sido desde o início de seu ministério entre os samaritanos, Filipe *veio a achar-se em Azoto*. Assim como seus colegas Pedro e João haviam feito no caminho de volta de Samaria a Jerusalém (8:25), Filipe pregou o evangelho em todas as cidades do litoral até chegar à sua cidade natal de Cesareia, onde o vemos novamente em 21:8.

#### 9:1-30 **Chamado para testemunhar: a conversão de Saulo**

Empolgado com o ministério bem-sucedido em Samaria e no sul da Judeia (8:4-40), o leitor de Atos talvez tenha esquecido por alguns instantes a morte de Estêvão e a severa perseguição sofrida por toda a igreja. Mas uma notícia assustadora traz esses acontecimentos à baila novamente: Saulo continuava *respirando [...] ameaças e morte contra os discípulos do Senhor* (9:1). Ansioso para ampliar sua perseguição para além da cidade de Jerusalém (9:2), obteve permissão para procurar discípulos até em Damasco e arrastá-los de volta a Jerusalém. O texto se refere aos cristãos como aqueles *que eram do Caminho*, possivelmente a expressão usada antes de o nome “cristão” se tornar comum. O fato de a perseguição abranger *assim homens como mulheres* deixa claro que as mulheres desempenhavam um papel proeminente na igreja primitiva.

#### 9:3-9 *O encontro de Saulo com Jesus, o Cristo*

O Senhor não permitiu que o plano homicida simplesmente se desenrolasse. Quando Saulo estava prestes a entrar em Damasco, *uma luz do céu brilhou ao seu redor* (9:3). Saulo não conseguiu suportar o resplendor e caiu por terra, prostrado ou em posição de adoração. Em seguida, *ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?* (9:4). Em outras palavras, “Por que você continua a me perseguir?”. A pergunta parece ter causado perplexidade em Saulo, que acreditava estar fazendo a vontade de Deus e defendendo a verdadeira religião da pernicioso influência dos seguidores de Jesus de Nazaré (22:3-4; 26:5; cf. tb. Fp 3:6). Ele sabia, contudo, que a voz era de alguém poderoso, de modo que perguntou: *Quem és tu, Senhor?* A resposta deve tê-lo surpreendido: *Eu sou Jesus, a quem tu persegues* (9:5). Ao perseguir os discípulos, Saulo estava perseguindo o próprio Jesus!

Antes de Saulo ter tempo de responder, Jesus ordenou que entrasse na cidade e aguardasse mais instruções (9:6). Os companheiros de Saulo ouviram a voz falar, mas não viram ninguém (9:7). Quando Saulo se levantou, descobriu que não podia enxergar. Teve de ser conduzido até a cidade,



onde passou *três dias sem ver, durante os quais nada comeu* (9:8-9).

A fúria e a cegueira espiritual de Saulo eram tão terríveis que o único meio de ele ser evangelizado foi por intervenção direta do Senhor. O Senhor Jesus tem poder de intervir em favor de sua igreja em situações difíceis.

#### 9:10-19 *Ananias: elo entre a igreja e Saulo*

A voz que falou com Saulo logo depois de sua conversão não tratou de suas obrigações como futuro apóstolo aos gentios. Saulo fora um inimigo da igreja e ainda precisava ser recebido oficialmente por ela. A liderança da igreja em Damasco desempenharia um papel importante nesse sentido. A julgar pela conversa de Ananias com o Senhor, porém, podemos deduzir que era preciso transpor um grande obstáculo antes de ser possível transmitir a mensagem de Deus a Saulo.

O Senhor falou a Ananias numa visão (9:10). É importante observar a atitude de Ananias diante do chamado inicial do Senhor. As palavras *Eis-me aqui, Senhor!* (cf. 1Sm 3:4) indicam sua disposição de ouvir e obedecer à ordem do Senhor, apesar de sua relutância ao ficar sabendo dos detalhes da missão.

O Senhor instruiu Ananias a procurar um homem de Tarso chamado Saulo. Ananias conhecia a cidade de Damasco e provavelmente sabia quem era Judas e que sua casa ficava na rua [...] *Direita* (9:11). É possível que várias pessoas estivessem hospedadas na casa, tendo em vista a necessidade de identificar Saulo por seu lugar de origem, Tarso. O Senhor garantiu a Ananias que Saulo estaria orando, à sua espera, pois também havia recebido uma visão (9:12). Ao que parece, o Senhor dá esses detalhes por saber quanto Ananias temia Saulo. Não revela de imediato, porém, o que havia acontecido na estrada para Damasco. Podemos entender, portanto, o desespero de Ananias ao receber a ordem para falar com Saulo. Em sua resposta, Ananias diz ao Senhor o que sabe a respeito de Saulo, como ele perseguiu a igreja em Jerusalém e foi a Damasco para continuar a perseguição (9:13-14). Howard Marshall comenta que “a observação de Ananias poderia ser entendida como uma expressão de desobediência a Deus; ele deveria ter percebido que o Senhor sabia mais que ele! Suas palavras, no entanto, foram inteiramente naturais e [...] servem para introduzir uma declaração do Senhor acerca de sua escolha de Saulo para ser seu servo” (TNT). Também apresentam uma declaração acerca de como os inimigos do evangelho que se convertiam deviam ser incluídos na comunidade dos cristãos.

O Senhor garante a Ananias que Saulo se tornou *um instrumento escolhido para levar meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel* (9:15). Não seria, contudo, uma tarefa simples, pois Saulo sofreria muito (9:16).

Ananias obedeceu ao Senhor e foi orar por Saulo (9:17), usando um ritual que incluiu a imposição de mãos sobre

Saulo, da mesma forma que Pedro e João haviam imposto as mãos sobre os cristãos samaritanos. O gesto lembra que Deus pode usar agentes angelicais ou humanos para conceder libertação.

Ananias chama Saulo de *irmão*, usando esse título em sinal de comunhão. A essa altura, Lucas registra Ananias mencionando o encontro de Saulo com o Senhor na estrada para Damasco. O mesmo Senhor havia enviado Ananias para trazer alívio ao restaurar a visão de Saulo e para transmitir uma mensagem de comissão ao anunciar que Saulo ficaria cheio do Espírito Santo. A menção do Espírito Santo lembra o leitor do propósito desse dom, a saber, preparar Saulo para testemunhar (cf. 1:8). A declaração de que Saulo será testemunha aos gentios, a reis e ao povo de Israel não é repetida aqui, apesar de ser mencionada numa descrição posterior do mesmo acontecimento (22:21; 26:17). Saulo foi curado da cegueira e batizado no nome daquele a quem havia perseguido (9:18). Também se alimentou e *sentiu-se fortalecido* (9:19a). Essa mudança só é possível pelo poder do Salvador ressurreto que derrubou as barreiras da inimizade.

Ananias é um herói da inclusividade, pois, de acordo com o narrador, Saulo *permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos* (9:19b). Ananias se dispôs a crer na palavra do Senhor e a arriscar sua própria vida ao visitar um inimigo conhecido dos cristãos. Isso mostra como deve funcionar a comunidade cristã na qual inimigos de outrora podem tornar-se amigos e chamar uns aos outros de irmãos. Também serve de exemplo para aqueles que têm dificuldade de convidar seus inimigos a participar da comunidade dos cristãos. Precisamos desse exemplo em nosso continente dividido por guerras e animosidade étnica. De que outro modo cristãos em países como Ruanda podem chamar uns aos outros de irmãos depois do genocídio de 1994? Tal transformação só pode ser realizada pelo poder do Salvador ressurreto que rompeu as barreiras da inimizade.

#### 9:20-25 *Saulo: evangelista ardoroso*

Saulo começou a evangelizar *nas sinagogas* (9:20). Um contraste e tanto: ele havia ido a Damasco perseguir aqueles que invocavam o nome de Jesus, mas acabou proclamando que Jesus *é o Filho de Deus*. Saulo não se deixou distrair pelo espanto de seus ouvintes. Prosseguiu em sua argumentação enérgica de que *Jesus é o Cristo* e conseguiu demonstrar esse fato aos judeus (9:21-22).

A fé recente de Saulo não despertou a simpatia de todos os judeus. É pouco provável que seus companheiros de perseguição à igreja tenham ficado felizes com a mudança, e houve até quem procurasse matá-lo (9:23). Não sabemos exatamente quanto tempo se passou entre a conversão e esses acontecimentos, pois Lucas diz apenas que foram *muitos dias* (cf. tb. Gl 1:17-18).

Saulo ficou sabendo do plano de lhe tirarem a vida (9:24) e viu que era necessário sair de Damasco. Ele não

podia, contudo, passar pelas portas da cidade, pois seus inimigos as estavam vigiando. Certa noite, portanto, *seus discípulos [...] colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha* da cidade (9:25). A menção de “discípulos” de Saulo incomoda alguns comentaristas, mas é possível que fossem simplesmente pessoas de Jerusalém que haviam acompanhado Saulo na viagem a Damasco (9:7).

### 9:26-30 Barnabé: elo entre os apóstolos e Saulo

Uma vez que saiu de Damasco às pressas, Saulo não teve oportunidade de pegar cartas de recomendação da comunidade cristã de lá. Quando chegou a Jerusalém, ansioso por ter comunhão com os outros cristãos, os discípulos se mostraram temerosos (9:26). Alguém precisaria servir de ponte. *Barnabé*, cujo apelido significa “filho da exortação” (4:36-37), foi o primeiro a confiar em Saulo (9:27). Apresentou-o aos apóstolos, aos quais Saulo relatou que havia visto o Senhor e se tornado testemunha entre os judeus de Damasco. Os apóstolos não precisavam temê-lo. O papel de Barnabé foi semelhante ao de Pedro e João em Samaria, ao receber os convertidos de Filipe na comunidade cristã mais ampla (8:14-15). Depois que Barnabé o apresentou, Saulo foi recebido pela igreja de Jerusalém, onde andava com liberdade, *pregando ousadamente em nome do Senhor* (9:28). A aceitação de Saulo pela comunidade de Jerusalém foi de grande importância para sua credibilidade, pois em Atos a comunidade de Jerusalém é o centro da missão cristã.

Mais uma vez, porém, a pregação de Saulo suscitou o antagonismo dos judeus helenistas, que também *procuravam tirar-lhe a vida* (9:29). Essa ameaça levou seus companheiros cristãos a enviá-lo a *Tarso*, sua cidade natal (9:30). Saulo ainda estava lá quando Barnabé foi buscá-lo para viajarem juntos até Antioquia (11:25-26).

### 9:31 Resumo da situação da igreja

Com a conversão de seu inimigo ferrenho, a igreja *tinha paz* (9:31a). O uso do singular, “igreja”, e não do plural, “igrejas”, ao se referir à igreja nas regiões da *Judeia, Galileia e Samaria*, retrata a Igreja universal. A comunidade cristã em todas essas regiões desfrutou paz e se tornou mais unida (*edificando-se*), cresceu espiritualmente (*caminhando no temor do Senhor*) e ampliou seu testemunho (*no conforto do Espírito Santo*). Uma vez que não havia alcançado os confins da terra, ela não se acomodou, mas continuou a crescer *em número* (9:31b). A igreja de hoje precisa aprender essa lição, pois muitas igrejas estabelecidas parecem satisfeitas com sua situação e param de tentar crescer.

### 9:32-43 O testemunho de Pedro aos judeus em Samaria

Nessa passagem, Pedro viaja pela região litorânea da Judeia (9:32) e visita dois centros onde viviam santos (outra designação para os cristãos): Lida e Jope. Lucas descreve

de forma sucinta dois milagres realizados nesses locais e a reação que provocaram.

### 9:33-35 Testemunho em Lida

Em Lida, Pedro encontrou um homem *que havia oito anos jazia de cama, pois era paralítico* (9:33). Pedro o chamou pelo nome, anunciou que Jesus o havia curado e mandou que se levantasse e arrumasse seu leito (9:34). O homem obedeceu de imediato, não deixando dúvidas de que havia sido curado. Seu restabelecimento levou muitos à conversão ao Senhor (9:35).

### 9:36-43 Testemunho em Jope

O relato da cura em Jope é mais detalhado que o do milagre em Lida. Uma discípula chamada Tabita (ou Dorcas em grego) havia morrido. *Era ela notável pelas obras e esmolas que fazia* (9:36), especialmente às viúvas. Os cristãos em Jope ficaram sabendo que Pedro estava naquela região e, ao que parece, imaginaram que ele podia ressuscitar Tabita dentre os mortos, pois não a sepultaram de imediato (9:37). Quando Pedro chegou, em resposta à mensagem urgente daqueles irmãos (9:38), as viúvas entristecidas lhe mostraram as roupas que Tabita havia feito para elas (9:39). Pedro não parece tê-las repreendido por chorarem. Os cristãos podem chorar a morte de seus entes queridos.

O apóstolo ordenou que todos se retirassem do cenáculo (cf. Mt 9:25) e, *pondo-se de joelhos, orou* (9:40a). Não sabemos o teor de sua oração, mas ele deve ter pedido para que Jesus restaurasse a vida à mulher morta. Ao que parece, orou voltado para o lado oposto ao corpo, pois, ao terminar, virou-se, chamou-a pelo nome e ordenou que se levantasse. Foi um ato de fé da parte de Pedro, que se deve ter maravilhado ao ver Tabita abrir os olhos e sentar (9:40b). Pedro ajudou-a a se levantar e, *chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva* (9:41).

Como no caso da cura de Eneias, muitos que ouviram falar da ressurreição de Tabita *creram no Senhor* (9:42).

Pedro permaneceu em Jope, *em casa de um curtidor chamado Simão* (9:43). Lucas registra esse detalhe para enfatizar que a ocupação de Simão não tinha nenhum prestígio. Era um trabalho braçal, pesado e malcheiroso que consistia em processar a pele de animais. Não obstante, Simão recebeu em seu lar um dos maiores evangelistas e líderes da igreja. Encontramos aqui um incentivo para todos os que imaginam que seu trabalho não tem valor na sociedade: nenhuma ocupação é humilde demais para ser útil no reino de Deus.

### 10:1—11:18 Testemunho de Pedro aos gentios em Samaria

Outra dimensão do ministério de Pedro é associada a um residente de Cesareia chamado Cornélio, um *centurião da coorte chamada italiana* (10:1). A coorte era um regimento constituído de cerca de seiscentos soldados. De acordo com

Lucas, o centurião era *piedoso e temente a Deus com toda a sua casa* (10:2). Também *fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus*.

### 10:3-8 O Senhor fala a Cornélio numa visão

Apesar de Cornélio ser apresentado como homem piedoso e muito próximo do reino de Deus, sua piedade não era suficiente aos olhos de Deus. Cornélio precisava de alguém que servisse de ponte entre ele e algo ainda melhor. O Senhor lhe apareceu, portanto, numa visão e lhe deu instruções específicas sobre como encontrar essa pessoa. É possível que Cornélio tenha recebido a visão enquanto estava compenetrado em oração, pois a *nona hora*, isto é, as quinze horas, era um horário de oração (10:3; 3:1). O anjo de Deus o chamou pelo nome, uma lembrança de que Deus conhece cada um nós pelo nome.

Cornélio reagiu à visão com um misto de curiosidade e espanto, *fixando [...] os olhos* no anjo (10:4). Reconheceu que a figura diante dele era alguém superior e chamou-o de *Senhor* ao perguntar o motivo da aparição repentina. O anjo lhe dá dois motivos. Primeiro, informa que as *orações* e as *esmolas* de Cornélio aos pobres chegaram ao céu. Que privilégio saber que Deus se havia agradado desses atos de caridade e que suas orações haviam chegado aos ouvidos do Todo-Poderoso! Como seria bom se todos nós recebêssemos esse tipo de certeza de Deus! Na realidade, porém, não precisamos que um anjo do céu nos anuncie tais coisas, pois Deus já garantiu que responderá às nossas orações.

Em segundo lugar, Cornélio precisava aprender mais acerca do caminho para Deus, e Simão Pedro o ensinaria. O anjo orientou o centurião a mandar chamar o apóstolo (10:5) e até lhe disse exatamente onde Simão Pedro estava hospedado (10:6). Mais que depressa, Cornélio chamou dois servos e um membro da sua guarda pessoal (um soldado dedicado que estava sempre *a seu serviço*) e, depois de lhes relatar a visão, mandou buscarem Pedro (10:7-8).

### 10:9-23a A visão dos animais impuros

No dia seguinte, enquanto os três homens estavam a caminho de Jope, Pedro subiu ao terraço da casa de Simão para orar (10:9). Era quase meio-dia (a *hora sexta*), e, enquanto orava, Pedro ficou *com fome*. Talvez tenha sentido o cheiro da refeição que estava sendo preparada no andar de baixo da casa ou talvez o Senhor simplesmente lhe desejasse falar por meio de uma visão com alimentos (10:10).

Na visão, Pedro viu um lençol que continha animais de cada uma das três divisões usadas em Gênesis 1:30 (cf. tb. Rm 1:23): *quadrúpedes, répteis [...] e aves* (10:11-12). Alguns desses animais eram ritualmente impuros e, portanto, proibidos para o consumo pela lei judaica. Pedro se surpreendeu com a ordem para comê-los, pois não entendeu como Deus poderia contrariar suas próprias leis e esperar que o apóstolo ingerisse carne [...] *comum e imunda* (10:13-14). Se ele tivesse parado para refletir sobre a visão, talvez ti-

vesse percebido que todos os animais estavam num lençol que havia descido do céu, indicando que vinham da mão de Deus. Uma vez que Deus os declarou limpos, Pedro não os deveria considerar impuros (10:15).

A visão se repetiu três vezes (10:16). Alguns comentaristas afirmam que, de acordo com a tradição, era preciso uma visão se repetir três vezes para confirmar que não provinha do âmbito demoníaco. É possível, porém, que a repetição esteja associada ao fato de Cornélio ter enviado três homens para buscar Pedro, e que, nesse caso, a visão se repetiu uma vez para cada mensageiro. Pedro não tinha nenhum conhecimento, porém, de Cornélio e seus mensageiros, e ficou *perplexo sobre qual seria o significado da visão* (10:17a). Não tardaria em descobrir que havia sido enviado com o propósito de prepará-lo para aceitar o fato de que, como os judeus, os gentios também fariam parte da comunidade de cristãos.

Enquanto Pedro refletia sobre a visão, os três homens da parte de Cornélio chegaram à casa do curtidor e *param junto à porta*, de onde perguntaram *se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro* (10:17b-18). O Espírito informou a Pedro que os homens estavam à sua procura (10:19). Então, o apóstolo entendeu a visão: Os gentios também deviam ser aceitos na comunidade dos cristãos! O Senhor lhe garantiu que ele próprio havia enviado os homens (10:20), apesar de Cornélio ter sido usado como seu agente (10:5).

Pedro desceu do terraço e se encontrou com os mensageiros, os quais lhe explicaram sua missão e relataram como o anjo havia instruído Cornélio a mandar buscar Pedro para *ouvir as tuas palavras* (10:21-22). O apóstolo os convidou a *entrar e hospedou-os* (10:23a), algo que, em outros tempos, nem sequer cogitaria fazer.

### 10:23b-33 A visita de Pedro a Cornélio

Pedro partiu para sua primeira missão aos gentios, acompanhado dos três mensageiros e de *alguns irmãos* de Jope (10:23b). Os pastores devem seguir seu exemplo e nunca sair sozinhos para visitar membros da igreja. Ter outros irmãos como testemunhas dos acontecimentos é algo importante em casos nos quais existe a possibilidade de alguma controvérsia (cf. 11:12).

Quando Pedro chegou, um grande grupo estava à sua espera, pois Cornélio havia *reunido seus parentes e amigos íntimos* (10:24). O centurião se prostrou para demonstrar reverência ao apóstolo. Mais que depressa, porém, Pedro o impediu e asseverou: *Eu também sou homem* (10:25-26). Como Pedro, não devemos incentivar as pessoas a nos admirar, mas a voltar sua atenção para Deus, o único que merece nossa adoração.

Pedro se apresentou ao grupo e começou com uma explicação do que o havia levado a quebrar o costume judaico de não entrar na casa de gentios. Ressaltou que Deus lhe havia mostrado que não devia considerar *nenhum homem*

[...] *comum ou imundo* (10:27-28). Pedro, antes tão exclusivista, agora se mostrava inclusivo e pronto a aceitar as pessoas simplesmente como pessoas (10:29).

Em seguida, Cornélio relatou a Pedro a visão que havia recebido quatro dias antes e expressou gratidão pela disposição do apóstolo em visitá-los (10:30-33a). A parte mais importante do relato da visão é a frase final: *Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor* (10:33b). A declaração de que estavam todos “na presença de Deus” reforça o fato de que, apesar de Pedro ser um elo importante, foi Deus quem os reuniu para ouvir a mensagem. Os membros da igreja devem ter a mesma atitude sempre que ouvem o pastor. O pastor, por sua vez, deve seguir o exemplo de Pedro e proclamar “tudo o que [lhe] foi ordenado da parte do Senhor”.

#### 10:34-43 O sermão de Pedro

Em seu sermão, Pedro reconhece três verdades fundamentais. Primeiro, *Deus não faz acepção de pessoas* (10:34). Segundo, em todas as nações, *aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável* (10:35). Terceiro, a salvação é para todos (10:43). Deus não se interessa apenas por um povo ou nação, mas por todos os povos de todas as nações, e decidiu acrescentar pessoas como Cornélio e toda sua casa à comunidade dos cristãos.

O sermão de Pedro pode ser resumido da seguinte forma: o cerne do evangelho é Jesus Cristo, que veio anunciar a paz aos filhos de Israel (10:36; cf. tb. Hb 1:2). Os ouvintes de Pedro sabiam que o ministério de Jesus havia começado na Galileia, depois do ministério de João Batista (10:37). Também sabiam que Jesus tinha realizado grandes feitos pelo poder do Espírito de Deus, *fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo* (10:38a). O apóstolo ressaltou ainda que Jesus fez todas essas coisas *porque Deus era com ele* (10:38b).

Caso Cornélio e seus amigos não acreditassem nas histórias que tinham ouvido sobre Jesus, Pedro afirmou que ele e os que o acompanhavam eram testemunhas de tudo o que Jesus havia feito tanto no interior (na terra dos judeus) quanto em Jerusalém (10:39a). Apesar de todos os atos de bondade, porém, o povo o crucificou (10:39b). Mas esse não foi o fim da história, pois Deus ressuscitou Jesus no terceiro dia e permitiu que ele se manifestasse fisicamente (10:40). Jesus não foi visto por todos, contudo. Apresentou-se vivo apenas àqueles que lhe eram mais próximos, seus seguidores (inclusive o próprio Pedro), os quais puderam comer e beber com ele depois da ressurreição (10:41).

Pedro enfatizou que os discípulos haviam recebido ordem de *pregar ao povo* e dizer que Jesus *foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos* (10:42), e os profetas (ou seja, os livros dos profetas) davam testemunho do perdão oferecido a todos os que creem em Jesus e invocam seu nome (10:43).

Como o sermão deixa claro, Pedro e os outros discípulos tinham a obrigação de pregar as boas-novas (1:8; cf. tb. Mt 28:18-20). A salvação por meio do nome de Jesus era para todos os que cressem nele, ou seja, todos os que acreditassem que Jesus é o Cristo, o qual veio para fazer o bem e destruir as obras do diabo, morreu e ressuscitou dentre os mortos no terceiro dia.

#### 10:44—11:1 A conversão dos gentios

Pedro ainda estava falando quando *caiu o Espírito Santo sobre todos* os que se haviam reunido para ouvir a palavra de Deus (10:44). Pedro não precisou lançar um apelo, como havia feito no dia de Pentecostes (2:40). Conforme as palavras iniciais de Cornélio indicam, eles estavam prontos e ansiosos para ouvir a palavra (10:33), fato confirmado pela vinda do Espírito Santo sobre todos eles.

O derramamento do dom de Deus sobre todos os gentios foi uma grande surpresa para os *fiéis que eram da circuncisão* (10:45). Os cristãos judeus que acompanhavam Pedro talvez esperassem que os gentios tivessem de ser circuncidados, como estipulava a regra judaica para receber prosélitos no povo de Deus (cf. Êx 12:48). Deus não deixou dúvidas, porém, de que havia aceitado aqueles indivíduos sem que fosse preciso circuncidá-los.

Os judeus podem ter ficado menos perturbados com a vinda do Espírito Santo sobre Cornélio que sobre os da casa do centurião. Não era raro que gentios tementes a Deus como Cornélio frequentassem as sinagogas (At 14:1; 17:17). Não podemos supor, contudo, que todos os presentes na casa de Cornélio eram gentios tementes a Deus. Alguns dos convertidos talvez fossem simplesmente gentios. É possível entender a declaração de Pedro em 10:35 como uma referência a todos os que temeram a Deus depois de ouvir seu sermão, e não àqueles que o temiam antes da pregação do evangelho. Sua afirmação de que “Deus não faz acepção de pessoas” visava encorajar ou ouvintes a temer a Deus.

O Espírito Santo permitiu que os presentes falassem em línguas para louvar ao Senhor (10:46). É possível, contudo, que suas palavras fossem compreensíveis aos ouvintes, como aconteceu em Pentecostes (2:4,11).

Uma vez que eles já haviam recebido o Espírito Santo, Pedro não esperava nenhuma objeção ao perguntar sobre as águas do batismo (10:47). O apóstolo ordenou, portanto, que todos os gentios convertidos *fossem batizados em nome de Jesus Cristo* (10:48a). Depois do batismo, *pediram que permanecesse com eles por alguns dias*, talvez para continuar a ensiná-los (10:48b). Podemos supor que Pedro atendeu ao pedido do grupo, fato que talvez tenha levado às acusações feitas posteriormente pelos cristãos judeus (11:2-3).

A notícia de que os gentios haviam recebido a palavra de Deus se espalhou rapidamente por toda a Judeia (11:1). O testemunho de reavivamento não pode ser ocultado, e ninguém deve tentar impedir sua propagação.

**11:2-18 Pedro defende a inclusão dos gentios**

Pedro enfrentou severa oposição dos cristãos circuncidados por haver comido com os *incircuncisos* (11:2-3). Em vez de dar o devido valor a seu ministério extraordinário, objetaram à sua estada com os gentios (10:48b). Pedro reconheceu que essa questão poderia ser problemática quando afirmou que sua visita constituía uma transgressão séria da lei judaica (10:28). A visão, contudo, havia sido enviada para convencê-lo de que seus acusadores estavam apegando-se a uma tradição que Deus havia abolido, conforme o apóstolo explicou pacientemente (11:4-17).

Pedro narrou aos outros cristãos os acontecimentos que levaram à visita à casa de Cornélio. Relatou sua visão do lençol que desceu do céu com animais de todo tipo — *quadrúpedes da terra, feras, répteis e aves do céu* — e a ordem para se levantar, matá-los e comê-los (11:5-7). Descreveu sua recusa em comer os animais imundos e as palavras da voz vinda dos céus, que os declarou limpos e o advertiu de não considerar impuro aquilo que Deus havia purificado (11:8-9). A visão se repetiu três vezes, e os três homens de Cesareia chegaram naquele instante à casa onde o apóstolo estava hospedado (11:10-11). O Espírito o orientou, então, a acompanhá-los sem fazer nenhuma objeção (11:12a).

Em seguida, Pedro apontou para os seis homens que o acompanharam a Cesareia (11:12b) e podiam confirmar a veracidade da sua narrativa. Relatou como Deus havia confirmado que os gentios eram bem-vindos no reino de Deus por meio da visão de Cornélio e da vinda do Espírito Santo sobre todos os que estavam ouvindo a mensagem do apóstolo (11:13-16). O apóstolo concluiu com a seguinte pergunta: *Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?* (11:17). Suas palavras trazem à memória o discurso de Gamaliel em 5:39. Não havia dúvida de que a ordem para pregar aos gentios provinha de Deus e tinha sua bênção.

O testemunho de Pedro calou todas as objeções, e os cristãos judeus começaram a glorificar a Deus porque *também aos gentios foi [...] concedido o arrependimento para vida* (11:18).

O episódio de Pedro e Cornélio destaca nitidamente o tema da inclusão em Atos como um todo. Lucas considera a história tão importante que lhe dedica dois capítulos (10:1-48; 11:1-18) e volta a referir-se a ela em 15:7-9, passagem em que Pedro defende a missão aos gentios. Trata-se, portanto, de um relato essencial da inclusão dos gentios na comunidade de seguidores de Jesus.

**11:19-30 Testemunho aos gentios na Síria**

A narrativa volta agora aos discípulos dispersos após a severa perseguição que culminou com o martírio de Estêvão (8:4). Já lemos sobre o ministério de Filipe e Pedro nas cidades costeiras de Lida, Jope e Cesareia. A conversão de Cornélio significa que os discípulos também podiam pregar

a salvação aos gentios. É natural, portanto, que Lucas forneça mais detalhes sobre a missão aos gentios.

**11:19-21 Fim do testemunho discriminatório em Antioquia**

A princípio, os evangelistas dispersos pregaram a palavra somente ao povo judeu, demonstrando, portanto, discriminação ao dar seu testemunho (11:19). Apesar de terem fugido para regiões fora da Judeia e Samaria, como Fenícia, Chipre e Antioquia, não se mostraram dispostos a pregar a palavra aos gentios desses lugares. O testemunho seletivo chegou ao fim graças a alguns evangelistas, homens de Chipre e Cirene, que foram a Antioquia e começaram a pregar *também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus* (11:20). Como no caso de Pedro, a *mão do Senhor estava com eles*, ou seja, o Senhor aprovou sua missão, e muitos gregos *se converteram* (11:21). Deus não deixou dúvidas acerca do chamado para propagar o evangelho entrê os gentios.

**11:22-24 Barnabé: elo entre Jerusalém e Antioquia**

A notícia da conversão dos gregos e do estabelecimento de uma igreja em Antioquia chegou a Jerusalém, de onde Barnabé foi enviado para visitar a nova igreja (11:22). *Tendo ele chegado*, viu evidências da *graça de Deus* entre os cristãos de Antioquia e se regozijou. Exortou todos a que, *com firmeza de coração, permanecessem no Senhor* (11:23).

A essa altura, Lucas acrescenta um comentário sucinto acerca de Barnabé: *Era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé* (11:24a). Por isso, os apóstolos o chamavam de Barnabé (filho da exortação; cf. 4:36). Seu trabalho conduziu muitos ao Senhor (11:24b). Barnabé deve servir de exemplo para os líderes da igreja que precisam ser bons e cheios do Espírito Santo e de fé a fim de conduzir multidões ao Senhor.

**11:25-26 Barnabé e Saulo em Antioquia**

Barnabé não queria continuar sozinho seu ministério em Antioquia. Sabia que Saulo gostaria de ministrar ali, de modo que foi a Tarso procurá-lo (11:25). Barnabé não foi egoísta; antes, mostrou-se disposto a associar outros a seu ministério. Quando encontrou Saulo, levou-o a Antioquia, onde os dois passaram um ano inteiro ensinando (11:26).

Seu ministério exerceu impacto considerável sobre essa cidade gentia e levou os discípulos a ser chamados de *cristãos*. Talvez tenham recebido a designação dos oficiais romanos que desejavam registrar o novo grupo, ou talvez fosse um nome pejorativo. É possível ainda que os próprios discípulos o tenham escolhido.

Ao que parece, contudo, eles não ficaram inteiramente satisfeitos com o nome, pois o termo é usado apenas duas vezes em Atos (11:26; 26:28) e uma vez no restante do NT (1Pe 4:16). Talvez preferissem ser identificados com o “Caminho” (9:2; 19:9; 24:14; 24:22). Lucas menciona o nome “cristão” como um comentário parentético, possivelmente em resposta a uma pergunta do leitor. Um dos motivos da



hesitação talvez fosse a ideia de que a identificação com um nome pessoal poderia levar a nova comunidade a ser comparada a seguidores de outros indivíduos, como os que Gamaliel mencionou em seu discurso (5:36-39). Nesse estágio, eles desejavam que o cristianismo fosse associado ao Deus de Abraão, e não apenas a Jesus Cristo; em outras palavras, Jesus não havia fundado um movimento inteiramente novo. Outro motivo talvez fosse o estigma associado ao nome “cristão”, como a pergunta de Plínio deixa evidente no final do século II: “Acaso é punido o nome de ‘cristãos’, mesmo sem crimes, ou são punidos os crimes que o nome deles implica?”. A pergunta de Plínio se encaixa com a declaração em 1 Pedro 4:16 acerca de ser paciente ao sofrer por “esse nome”.

### 11:27-30 A igreja de Antioquia ajuda a igreja da Judeia

Havia alguns profetas de Jerusalém em Antioquia (11:27). Um deles, chamado *Ágabo* (cf. tb. 21:10), se levantou na igreja e profetizou *que estava para vir grande fome por todo o mundo* (11:28). Lucas relata que a profecia se cumpriu durante o reinado de *Cláudio* (cf. 18:2).

A narrativa dá a impressão de que a profecia foi feita e se cumpriu no espaço de um versículo! Na verdade, porém, deve ter transcorrido algum tempo entre o prenúncio e seu cumprimento. Quando veio a fome, a igreja de Antioquia levantou uma oferta para ajudar seus irmãos na Judeia (11:29). É importante observar que cada um contribuiu *conforme as suas posses*. Não havia nenhuma obrigação de ofertar além do que se possuía. Ademais, o termo usado indica que cada pessoa deu daquilo que estava sobrando, uma vez preenchidas as suas próprias necessidades.

*Barnabé* e [...] *Saulo* foram encarregados de entregar a oferta *aos presbíteros* em Jerusalém (11:30). Estes últimos providenciaram para que os recursos chegassem ao povo carente e fossem distribuídos de acordo com a necessidade de cada um (2:45; 4:34-35). A igreja de hoje deve demonstrar responsabilidade semelhante ao administrar os recursos sem paternalismo.

### 12:1-24 A perseguição por Herodes Agripa I

Os cristãos em Jerusalém já haviam sido perseguidos pelas autoridades religiosas, mas agora a perseguição tem outra origem. Herodes Agripa I *mandou [...] prender alguns da igreja para os maltratar* (12:1). Agripa, nascido por volta de 10 a.C., era neto de Herodes, o grande (Lc 1:5), e sobrinho de Herodes, o tetrarca (Lc 3:19; 13:31; 23:7-12). Depois que seu pai, Aristóbolo, foi executado, Agripa fugiu com sua mãe, Berenice, para Roma. Lá, fez amizade com um jovem chamado Cláudio, que se tornou imperador depois da morte de Calígula em 4 d.C. Com a ajuda de Cláudio, Agripa se tornou rei da Palestina. Na tentativa de agradar ao povo judeu, participava de suas festas e subjugou as minorias que poderiam perturbar a *pax romana* (a paz de Roma), entre elas a “seita dos nazarenos” (nome pelo qual os judeus chamavam os seguidores de Jesus; At 24:5; 28:22).

### 12:2 O martírio de Tiago

A primeira vítima de Herodes Agripa foi *Tiago, irmão de João*, executado *a fio de espada* (12:2). Apesar de Lucas registrar apenas as atividades individuais de Pedro e João e mencionar os outros apóstolos como um grupo (2:37,43; 4:33,36; 5:12,18,29,40; 6:6; 8:1,14; 9:27; 11:1), pode-se deduzir que eles davam testemunho de seu Senhor, pois todos foram presos pelos líderes religiosos (5:18). Tiago foi decapitado, um método de execução considerado mais misericordioso que a crucificação (cf. tb. Mt 14:10).

### 12:3-19 A libertação de Pedro

A história de Pedro e Tiago causa surpresa. Por que Deus permitiu que Tiago fosse morto, mas poupou Pedro? Sem dúvida, a vontade de Deus excede a compreensão humana e haverá ocasiões em que não seremos capazes de entender por que Deus permite que certas coisas aconteçam.

Ao ver que os judeus ficaram satisfeitos com o assassinato de Tiago, Agripa resolveu prender Pedro. O objetivo do rei era agradar os judeus a fim de continuar desfrutando seu apoio (12:3a). Pedro foi preso durante a comemoração da festa *dos pães asmos* (12:3b), de modo que Agripa decidiu esperar até depois da Páscoa para julgá-lo (12:4). Pedro, considerado o líder da seita dos nazarenos, seria julgado em público para servir de aviso a outros e agradar ao povo judeu (12:11). É possível que Herodes Agripa tenha ficado sabendo que Pedro havia escapado anteriormente da prisão e, para não correr o risco de o episódio se repetir, providenciou quatro soldados para guardá-lo em turnos (12:4).

A igreja orou fervorosamente por Pedro enquanto ele *estava guardado no cárcere* (12:5). Não sabemos o teor da oração, mas provavelmente pediram que o apóstolo fosse solto e poupado da morte. A morte de Tiago ainda era uma lembrança vívida em sua memória, e a perspectiva de perder outro membro da comunidade, outro apóstolo, deve ter deixado a igreja arrasada.

Deus atendeu às orações e interveio na noite anterior ao julgamento (12:6-11). Mantido sob forte esquema de segurança, Pedro dormia entre dois soldados, aos quais permanecia acorrentado, e havia outras *sentinelas à porta* da prisão, provavelmente outros dois guardas do mesmo pelotão (12:6). Apesar de toda essa segurança, porém, o anjo do Senhor apareceu repentinamente na cela, encheu-a de luz e *tocando ele o lado de Pedro, o despertou*. Logo em seguida, *as cadeias caíram-lhe das mãos* (12:7). Enquanto seguia as instruções do anjo e se vestia, Pedro pensou que estava tendo um sonho maravilhoso (12:8-9). Deve ter-lhe parecido irreal passar por todos os guardas e, em seguida, ver o *portão de ferro que dava para a cidade* abrir-se, como se tivesse sido acionado por um controle-remoto. Eles andaram *por uma rua, e logo adiante o anjo o deixou* (12:10). De repente, Pedro percebeu que não se tratava de um sonho, mas de um anjo enviado pelo Senhor para livrá-lo *da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judaico* (12:11).

Pedro foi direto para o local de oração, a *casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos* (12:12). As orações dos santos foram atendidas! Quando o apóstolo chegou à porta, *uma criada, chamada Rode*, reconheceu sua voz e correu para anunciar a resposta de oração (12:13-14). Ao que parece, contudo, a igreja não acreditou no poder da intercessão! Disseram à jovem que ela estava *louca* por pensar que Pedro havia escapado da prisão (12:15). Por fim, as batidas insistentes do apóstolo os fizeram abrir a porta, e, quando o viram, em vez de louvar a Deus pelas orações respondidas, *ficaram atônitos*. Quantas vezes não fazemos a mesma coisa? Quando Deus responde às nossas orações e coisas extraordinárias acontecem, também ficamos estupefatos (12:16).

Ao que parece, as expressões de espanto foram tão altas que Pedro teve de gesticular *para que se calassem*. Ele relatou o que havia acontecido e os instruiu a transmitir a notícia a *Tiago e aos irmãos* (12:17a). Não se trata do apóstolo Tiago, que havia sido executado, mas de outro Tiago, irmão de Jesus.

Em seguida, Pedro *retirou-se para outro lugar* (12:17b). É provável que tenha saído de Jerusalém e talvez até da Judeia para evitar nova prisão. Quando os soldados descobriram que Pedro não estava mais no cárcere, houve grande alvoroço (12:18). Herodes ficou tão furioso que mandou executar os guardas (12:19). Sua mudança para Cesareia pode ter resultado, em parte, da grande humilhação pública que sofreu nesse episódio.

#### 12:20-24 O juízo divino

Lucas inclui um comentário parentético acerca do destino de Herodes. Enquanto estava em Cesareia, chegou a um acordo político numa controvérsia com os *habitantes de Tiro e Sidom* (12:20). Vestido com toda pompa de seu *trajo real*, fez um discurso. Ao ouvir suas palavras, *o povo clamava: É a voz de um deus, e não de homem!* (12:21-22). Herodes não os corrigiu nem deu glória a Deus. A pena por sua blasfêmia foi a morte (12:23). Lucas informa: *Um anjo do Senhor o feriu [...] e, comido por vermes, expirou* (12:23). A descrição sugere que o rei contraiu uma doença grave, enviada claramente por Deus, que por fim o matou. O relato deve servir de advertência a todos que são tentados a tomar para si a glória devida a Deus.

Em contraste com a morte de Herodes, *a palavra do Senhor crescia e se multiplicava* (12:24). Esse comentário lembra a observação feita depois da conversão de Saulo (9:31). O fim da perseguição promovida por Herodes foi um marco que Lucas faz questão de destacar, apesar de não ser um ponto crítico da história da igreja, mas apenas um indicador de progresso.

#### 12:25—21:26 Testemunho aos confins da terra

Atos prossegue com a narrativa do último estágio do testemunho descrito por Jesus: até os confins da terra (1:8). A igreja aceitou que os gentios faziam parte de sua missão,

pois Deus também lhes concedeu arrependimento (11:18). Na sequência, Lucas registra o envio de missionários do centro de operações da missão aos gentios, a cidade de Antioquia.

#### 12:25—14:28 Primeiro testemunho aos confins da terra

##### 12:25—13:3 Comissionamento dos primeiros missionários

Lucas volta à história de Barnabé e Saulo. Depois de entregar a oferta aos irmãos em Jerusalém, os dois regressaram a Antioquia (cf. 11:30), levando consigo um jovem chamado João Marcos. Vimos anteriormente que os cristãos se haviam reunido para orar na casa de João Marcos (12:25; cf. tb. 12:12). Mas Barnabé e Saulo não eram os únicos líderes da igreja de Antioquia. Havia outros profetas e mestres, inclusive *Simeão, por sobrenome Níger* (que significa “Negro”), *Lúcio de Cirene*, uma cidade na África, e *Manaém*, que havia sido criado com *Herodes, o tetrarca* (13:1). A igreja em si era internacional, de modo que não surpreende Deus ter escolhido enviar missionários de lá até os confins da terra.

O chamado para separar Barnabé e Saulo para a obra que Deus os havia incumbido de realizar se deu em meio a reuniões de reavivamento, enquanto a igreja adorava ao Senhor e jejuava (13:2). Uma vez que havia profetas na congregação, o Espírito de Deus se comunicou com os cristãos por meio deles. A igreja de hoje deve buscar ao Senhor e pedir sua direção para ministrar a palavra àqueles que ainda não a ouviram ou não assumiram o compromisso de seguir a Cristo.

Barnabé e Saulo faziam parte do grupo de profetas e mestres de Antioquia, mas a igreja não usou esse fato como desculpa para mantê-los na congregação. Uma igreja egoísta poderia ter pensado em enviar outros membros, mas a congregação de Antioquia se mostrou disposta a obedecer ao Senhor e, portanto, orou e jejuou mais algum tempo para se certificar de que o Senhor havia falado (13:3). Convencidos de que o chamado era do Senhor, os líderes impuseram as mãos sobre Barnabé e Saulo a fim de comissioná-los para o trabalho missionário. Esse ato também enfatizou o papel da comunidade no envio dos obreiros. Eles iriam em nome de toda a comunidade de cristãos em Antioquia (cf. tb. 6:6). *Então, jejuando, e orando [...] os despediram*. A despedida pode significar simplesmente que os dois foram dispensados de suas funções de ensino a fim de poderem assumir o papel de missionários.

##### 13:4-12 Pafos: primeiro encontro dos missionários com uma autoridade

Ao longo de Atos, Lucas ressalta que o Espírito Santo controla o trabalho missionário do começo ao fim (1:8; cf. tb. 13:9; 15:8,28; 16:6,7; 20:28; 28:25). O Espírito Santo iniciou a obra de missões (13:2) e também enviou Barnabé e Saulo como missionários (13:4). Ao rumar para o desco-

nhecido como testemunhas do Senhor, eles precisavam do poder do Espírito Santo.

Sua primeira parada foi em Chipre, a ilha do Mediterrâneo de onde Barnabé era originário (13:4; 4:36). Ao chegar a Salamina, na costa leste, Barnabé e Saulo começaram a compartilhar a *palavra de Deus nas sinagogas judaicas; tinham também João como auxiliar* (13:5). Partindo de Salamina, os missionários viajaram pela ilha pregando a palavra de Deus até chegar a Pafos, a cidade na costa oeste que servia de sede do governo romano na ilha (13:6).

Em Pafos, os missionários foram confrontados por um *judeu mágico de nome Barjesus* (13:6). Seu nome significa “filho de Jesus”, mas certamente não se refere a Jesus Cristo, pois “Jesus” não era um nome incomum na época. De acordo com Lucas, Barjesus era um *falso profeta*. Tinha contato com o governador romano da ilha, chamado *Sérgio Paulo*. Esse *procônsul [...] era homem inteligente e, tendo chamado Barnabé e Saulo, diligenciava para ouvir a palavra de Deus* (13:7).

O mágico Barjesus também é chamado *Elimas* em 13:8. Não se trata da forma grega do nome hebraico, apenas da forma semita do seu título grego, “mágico”. O nome lembra o som da palavra suaíli *elimu* que significa “instrução” ou “sabedoria”. Barjesus tentou impedir o procônsul de ouvir a palavra de Deus (13:8). Saulo não aceitou essa manobra. (Observe que de At 13:9 em diante, Saulo é chamado pela forma grega de seu nome, *Paulo*.) O Apóstolo descreve Elimas como *filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça*, que perverte os *retos caminhos do Senhor* (13:10). Lucas não deixa dúvida de que a verdadeira oposição ao evangelho é proveniente do diabo. Enquanto Elimas é cheio de engano, Paulo é *cheio do Espírito Santo* (13:9). É pelo poder do Espírito que Paulo anuncia julgamento sobre Elimas em nome de Jesus. Como punição, o mágico ficaria cego *por algum tempo* (13:11).

Ao testemunhar esse milagre e ouvir o evangelho, o procônsul creu de imediato (13:12). Os milagres confirmam a veracidade da mensagem do evangelho. Não são, contudo, suficientes por si sós, pois os missionários ainda precisaram ensinar o procônsul, e ele, como “homem inteligente”, teve de aprender o conteúdo da fé. A palavra de Deus também é para os poderosos e extremamente capazes.

### 13:13-52 Antioquia da Pisídia: sermão típico numa sinagoga

Ao deixar a ilha de Chipre, Paulo e Barnabé (daqui em diante, Paulo é mencionado primeiro, talvez para mostrar que se tornou o líder do grupo) *dirigiram-se a Perge da Panfília*. Lá, João Marcos, que os havia acompanhado como ajudante (13:5), os deixou e *voltou para Jerusalém* (13:13). O texto não informa o motivo, mas, como mostram acontecimentos posteriores, Paulo não aprovou a decisão de João (15:38).

Paulo e Barnabé viajaram para o interior, até a cidade romana de *Antioquia da Pisídia* (diferente de Antioquia da

Síria, cidade da qual haviam partido; 13:14), onde, como visitantes da sinagoga, foram convidados a falar (13:15). Na sequência, Lucas descreve em detalhes um sermão típico de Paulo aos judeus. Em 17:21-31, encontramos um sermão típico aos gentios.

13:16-22 HISTÓRICO SUCINTO DO POVO DE ISRAEL. Paulo lembrou aos judeus que foi Deus quem os escolheu e fez prosperar durante sua estada *na terra do Egito* (13:16-17a). A mão de Deus também operou para livrá-los do Egito (13:17b) e sua graça os protegeu durante os *quarenta anos* que eles vagaram *no deserto* (13:18). Por causa de sua grande misericórdia, Deus não destruiu os israelitas quando foram desobedientes. Antes, destruiu sete nações a fim de dar a Israel um lugar para viver. O processo todo de formação de Israel como nação levou cerca de 450 anos (13:19).

Uma vez que os israelitas estavam assentados na terra prometida, o Senhor *lhes deu juízes* para governar sobre eles até o tempo do *profeta Samuel*, quando *eles pediram um rei*. Deus atendeu ao pedido e *lhes deu Saul*, que reinou durante *quarenta anos* (13:20-21). Em seguida, o Senhor removeu Saul e entregou o reino a *Davi, homem segundo o [...] coração de Deus e que fazia toda a sua vontade* (13:22).

13:23-26 A SALVAÇÃO CONCEDIDA POR MEIO DE ISRAEL. Agora Paulo trata da salvação que viria ao povo por meio do descendente de Davi e anuncia que Deus cumpriu sua promessa enviando o Salvador, Jesus (13:23). Sua vinda foi anunciada por João Batista, o precursor que asseverou não ser o Messias (13:24-25). O Salvador veio, e a mensagem de salvação está sendo transmitida a todos os que temem a Deus, quer a *descendência de Abraão*, quer os gentios tementes ao Senhor (13:26).

13:27-30 O PAPEL DO POVO DE JERUSALÉM. *Os que habitavam em Jerusalém e as suas autoridades* condenaram Jesus à cruz (13:27), e Pôncio *Pilatos* o executou mesmo sem ter razão para aplicar a pena de morte (13:28). Não havia dúvida de que Jesus tinha morrido, pois foi sepultado *em um túmulo* (13:29). *Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos* (13:30).

13:31-37 O TESTEMUNHO É INEGÁVEL. Para aqueles que estivessem propensos a não crer no relato da ressurreição, deveriam saber que Jesus *foi visto muitos dias* por seus discípulos. Os discípulos em questão eram pessoas que tinham ido da Galileia a Jerusalém, o conheciam bem e se tornaram *testemunhas* de sua ressurreição (13:31). Agora Paulo traz as boas-novas a essa congregação (13:32).

A ressurreição de Jesus marcou o cumprimento da promessa que Deus havia feito muito tempo atrás a Davi (13:33-37; cf. tb. Sl 16:10). Paulo argumenta que o salmista não podia estar referindo-se a si mesmo, pois Davi havia morrido, e seu corpo havia sofrido decomposição. Foi o corpo de Jesus, o filho de Davi, que *não viu corrupção*.

13:38-41 APELO. Se os ouvintes aceitassem esse Jesus que lhes estava sendo proclamado, receberiam perdão de todas as transgressões pelas quais não podiam *ser justificados pela lei de Moisés* (13:38-39). A fé em Jesus garantia uma

liberdade do pecado que não era possível pela simples tentativa de guardar a lei.

Paulo conclui advertindo os presentes de não permitir que a profecia de Habacuque 1:5 se aplique a eles (13:40-41). É possível que o apóstolo tenha usado essa profecia da mesma forma que a comunidade de Cunrã a empregava para advertir as pessoas de dar ouvidos à mensagem acerca do Messias, pois de outro modo perderiam uma oportunidade eterna ao rejeitar o testemunho da nova aliança. Os missionários deram ao povo a oportunidade de se arrepender, mas também descreveram as sérias consequências da incredulidade e recorreram às Escrituras para enfatizar a importância de sua mensagem (13:41).

**13:42-52 A REAÇÃO: REJEIÇÃO DO EVANGELHO.** A princípio, a mensagem foi bem recebida, e os membros da sinagoga convidaram Paulo e Barnabé para falar novamente *no sábado seguinte* (13:42). *Muitos dos judeus e prosélitos piedosos* conversaram com eles após a reunião na sinagoga (13:43).

No sábado seguinte, *quase toda a cidade* se reuniu para ouvir os missionários, fato que suscitou a *inveja* dos líderes da sinagoga (13:44-45a), os quais passaram a expressar oposição aos missionários (13:45b).

Diante disso, Paulo e Barnabé deixaram de falar aos judeus e se voltaram *para os gentios* (13:46). Isso significa que os judeus não deviam ser evangelizados novamente? O testemunho aos judeus se encerrara? Se um grupo não aceita o evangelho, devemos dirigir-nos àqueles que são mais receptivos? A resposta a todas essas perguntas é “não”, pois em outras cidades vemos os missionários testemunhando aos judeus antes de falarem aos gentios (cf. 14:1; 17:1-2).

Paulo e Barnabé explicaram que a mensagem do evangelho devia ser pregada primeiro aos judeus e depois aos gentios (cf. tb. Rm 1:16). Usando as Escrituras, mostraram que essa ordem estava de acordo com o plano de Deus (13:47; cf. tb. Is 42:6; 49:6; Lc 2:32). *Os gentios [...] regozijavam-se*, pois antes haviam sido excluídos pelos judeus, mas agora tinham a oportunidade de receber o evangelho (13:48).

A missão foi tão bem-sucedida em toda a região que os judeus hostis consideraram necessário organizar uma ação em massa contra os missionários, *expulsando-os do seu território* (13:49-50). Ao partir, os missionários sacudiram *o pó dos pés* para simbolizar sua rejeição e, provavelmente, em obediência à instrução de Jesus (13:51; cf. tb. Mt 10:14; Mc 6:11; Lc 9:5; 10:11; At 18:6).

Paulo e Barnabé partiram, mas os gentios que permaneceram na cidade *transbordavam de alegria e do Espírito Santo* (13:52).

#### 14:1-7 Icônio: mais oposição

Lucas afirma que os missionários *entraram juntos na sinagoga judaica* em Icônio e deixa claro que Paulo e Barnabé ainda desejavam testemunhar aos judeus (13:52). Sua pre-

gação em Icônio foi muito bem recebida, e grande número de judeus e gentios creu no evangelho (14:1).

Mais uma vez, porém, como em Antioquia da Pisídia, *os judeus incrédulos incitaram* oposição aos missionários (14:2). Não obstante, Paulo e Barnabé continuaram a dar testemunho pelo poder do Espírito Santo, o qual lhes permitiu realizar *sinais e prodígios* para confirmar a mensagem do evangelho (14:3). A RA segue o texto grego ao dizer que os sinais foram feitos *por mão deles*, o que pode indicar que Paulo e Barnabé literalmente impunham as mãos sobre aqueles que curavam, ou talvez simplesmente se refira à obra de pregação e cura como um todo.

Os judeus hostis instigaram a cidade inteira, de modo que o povo se dividiu: alguns apoiaram os missionários, enquanto outros se juntaram à oposição (14:4). (Aliás, essa é a primeira vez que Paulo e Barnabé são chamados de *apóstolos*.) A situação chegou a um ponto em que líderes poderosos planejaram *ultrajar e apedrejar* os missionários (14:5). Quando tomaram conhecimento desse plano, Paulo e Barnabé fugiram para a região da *Licaônia*, mais especificamente para as cidades de *Listra e Derbe* [...], e *circunvizinhança* (14:6). Nesses locais, continuaram a dar seu testemunho, não se deixando intimidar pelas ameaças e ultrajes que haviam sofrido em Antioquia da Pisídia e em Icônio (14:7).

#### 14:8-20 Listra: a cura de um coxo

Lucas relatou anteriormente que Pedro e João curaram um mendigo coxo (3:1-10). Agora Paulo e Barnabé fazem algo semelhante (14:8-10). Em ambos os casos, a cura provocou forte reação popular: a multidão em Jerusalém buscou uma explicação (3:11), e a multidão em Listra imaginou que Paulo e Barnabé eram deuses gregos em visita à terra (14:11-13). Devido à cura realizada, Pedro e João foram presos. Em Listra, Paulo acabou sendo apedrejado (14:19).

O povo de Listra imaginou que Barnabé era a manifestação humana de *Júpiter*, o rei dos deuses gregos. Paulo, o principal interlocutor, foi confundido com *Mercúrio*, filho de Zeus e mensageiro dos deuses, e também divindade das estradas, do comércio, dos portais, da sorte, guia dos mortos e protetor dos pastores (14:12). A multidão estava pronta para lhes oferecer sacrifícios (14:13). Esse episódio revela o perigo de confundir a obra realizada em nome de Jesus com obra feita por homens e depois tratar os obreiros como se fossem deuses. A igreja de hoje precisa estar ciente do perigo de tratar personalidades carismáticas como se fossem o próprio Cristo.

Quando *os apóstolos* (essa é segunda vez que Lucas aplica esse título a Paulo e Barnabé) descobriram a intenção do povo, reagiram de imediato *rasgando as [...] vestes* em sinal de angústia e apressando-se em explicar que eram apenas *homens* (14:14-15a). Sua postura foi bem diferente da atitude de Herodes Agripa I, que ficou satisfeito quan-

do as multidões o chamaram de deus e, por causa disso, perdeu a vida (12:22-23). Pedro também teve de recusar o culto prestado pelo centurião Cornélio (10:25-26).

Depois de asseverar que não eram deuses, os missionários usaram a oportunidade para explicar o evangelho novamente, na tentativa de fazer o povo deixar as *coisas vãs* e se converter *ao Deus vivo*, que criou todas as coisas. Afirmaram que esse Deus havia permitido um período de ignorância em todas as nações, incluindo as nações dos missionários e dos ouvintes. Mas não as *deixou ficar sem testemunho de si mesmo* (cf. tb. Rm 1:19-23), por meio da provisão de *chuvas e estações frutíferas*, de modo que o povo se fartou e se regozijou nas festas da colheita (14:15b-18).

Uma vez que os ouvintes pretendiam oferecer sacrifícios a Paulo e Barnabé por causa da cura que haviam testemunhado, os missionários julgaram apropriado pregar sobre a revelação geral de Deus. Paulo e Barnabé desejavam que os presentes refletissem sobre o motivo de se emocionarem tanto com a cura de um homem coxo, mas não se impressionarem igualmente com quem é Deus e com aquilo que vinha fazendo por eles de forma natural ao prover as chuvas e as estações (cf. tb. 4:24; 17:24; Êx 20:11; Sl 146:6; Ap 14:7).

Em resposta a seu discurso, Paulo recebeu uma saraivada de pedras (14:19). O ministério da Palavra traz consigo alegrias e tribulações. O evangelho triunfante também envolve sofrimento, e todo servo do Senhor deve estar preparado para as duas circunstâncias.

Devido aos ataques dos judeus incrédulos, os missionários passaram rapidamente da aclamação como divindades para a condenação como criminosos. A graça de Deus, contudo, bastou para que Paulo, amparado por outros cristãos, voltasse à cidade (14:20). No dia seguinte, os missionários partiram de Listra para Derbe.

#### 14:21-25 A jornada de volta: a nomeação de líderes

Apesar das provocações, os missionários fizeram  *muitos discípulos* em Derbe (14:21). De lá, voltaram a Antioquia na Síria, passando por Listra e Icônio. Fortaleceram os recém-convertidos dessas cidades, *exortando-os a permanecer firmes na fé e a aceitar as tribulações* de forma positiva, como caminho para o reino de Deus (14:22). Uma vez que o inimigo não se agrada de quem segue a Cristo, os cristãos devem esperar enfrentar oposição ferrenha, sabendo, contudo, que esse é o caminho para o reino de Deus. A igreja de hoje precisa estar disposta a aceitar as tribulações como parte necessária da jornada (cf. 20:19,23-24).

Os missionários nomearam presbíteros em todas as igrejas e, *depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor* (14:23). As igrejas não ficariam sem liderança quando os missionários voltassem para casa, pois Paulo e Barnabé as confiaram a homens capazes. Fica evidente que a liderança local também era uma questão importante para os primeiros missionários. Convém observar, porém, que muitos dos

convertidos eram prosélitos tementes a Deus que possuíam amplo conhecimento das Escrituras. Quando souberam da verdade acerca de Jesus, encaixaram as últimas peças que faltavam. Os missionários não nomearam para a liderança recém-convertidos sem nenhuma experiência na fé.

A caminho de casa, Paulo e Barnabé continuaram a compartilhar o evangelho nas regiões pelas quais passaram (14:24-25). Lucas não diz se voltaram para Antioquia ou se simplesmente passaram por outras regiões da Pisídia. Sabemos com certeza que pregaram a palavra em *Perge e Atália*, uma cidade portuária.

#### 14:26-28 O relatório missionário em Antioquia

Da Atália, os missionários voltaram à igreja-mãe (usando a terminologia moderna de missões) em Antioquia da Síria, que os havia comissionado (14:26; 13:3) e à qual deviam prestar contas. Paulo e Silas não deram seu relatório apenas aos líderes, mas a toda a igreja (14:27).

Descreveram tudo o que Deus havia feito por meio deles e *como abriu aos gentios a porta da fé* (14:27). Os missionários não tinham pressa em partir, pois desejavam desfrutar comunhão com seus irmãos em Cristo. Lucas relata que passaram um longo tempo *com os discípulos* em Antioquia (14:28).

A primeira viagem missionária foi um sucesso porque o Senhor conduziu os missionários e abriu o coração daqueles que estavam sendo evangelizados. Sem o poder de Deus, nossos esforços evangelísticos são absolutamente ineficazes. Essa viagem missionária também nos ensina que a obra do evangelho envolve alegria e sofrimento. Em outras palavras, “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (14:22).

#### 15:1-35 O concílio de Jerusalém

A conversão de Cornélio acarretou alguns problemas à igreja de Jerusalém (11:1-3). Depois de Pedro explicar os acontecimentos (11:4-17), concluiu-se que Deus tinha concedido arrependimento aos gentios (11:18), e a questão foi encerrada. Pelo visto, contudo, alguns ainda não estavam satisfeitos.

#### 15:1-5 O problema: circuncisão

*Alguns indivíduos que desceram da Judeia* até Antioquia ensinavam que a circuncisão era necessária para a salvação (15:1,5). Ao que parece, o grupo havia assimilado grande parte dos ensinamentos dos fariseus e não entendia que a circuncisão só transformava a pessoa num prosélito judeu e que a fé no nome de Jesus era o único requisito para a salvação (cf. tb., p. ex., 4:12; 10:43; 13:39; 16:31). Esses indivíduos declaravam falar em nome dos cristãos de Jerusalém e causaram grande confusão entre os irmãos de Antioquia. Os missionários tentaram resolver a controvérsia, mas sem sucesso (15:2). O que estava em discussão não era apenas a circuncisão, mas a circuncisão segundo o costume de Moisés (cf. tb. 6:14; 21:21; 26:3; 28:17).



Uma vez que não foi possível resolver o problema na igreja local, os líderes tiveram de encaminhar a questão à igreja de Jerusalém, o centro de operações da missão cristã (15:3-4). A caminho de Jerusalém, os missionários aproveitaram para visitar *as províncias da Fenícia e Samaria*, onde falaram aos cristãos sobre *a conversão dos gentios*. A notícia causou *grande alegria a todos os irmãos*. Tudo indicava que a batalha em favor da inclusão dos gentios na comunidade de cristãos já havia sido ganha.

Em Jerusalém, eles *foram bem recebidos pela igreja* (supostamente, todos os membros disponíveis da comunidade de cristãos em Jerusalém), *pelos apóstolos e pelos presbíteros* (15:4). Como as igrejas fundadas pelos missionários entre os gentios, a comunidade de Jerusalém também possuía presbíteros.

Logo que chegaram, Paulo e Barnabé apresentaram seu relatório a toda a comunidade de cristãos em Jerusalém (15:4) e contaram como Deus os havia usado em sua missão aos gentios. Alguns membros da igreja que faziam parte da *seita dos fariseus* levantaram objeções ao ouvir o relatório e declararam que era necessário circuncidar os cristãos gentios e exigir que observassem *a lei de Moisés* (15:5). Tocaram justamente na questão que precisava ser resolvida de imediato, pois esses mesmos cristãos não aceitavam nem sequer a ideia de compartilhar refeições com gentios incircuncisos (cf. tb. Gl 2:11-13), algo que Pedro e outros missionários vinham fazendo há algum tempo (cf. tb. 11:3).

### 15:6-21 A discussão

Todos os membros da igreja ouviram o relatório dos missionários, mas, no momento de tomar decisão acerca de um assunto de tamanha importância, apenas *os apóstolos e os presbíteros* estavam presentes (15:6). Seguiu-se uma discussão aberta e justa, que deu a todos os presentes no concílio tempo suficiente para expressar suas opiniões (15:7a).

Quando Pedro se levantou para falar, ressaltou que ele próprio havia sido o primeiro missionário chamado por Deus para pregar aos gentios (15:7b; cf. tb. cap. 10). *Deus, que conhece os corações*, havia confirmado a autenticidade da fé dos irmãos gentios ao lhes conceder o dom do *Espírito Santo*, como havia concedido aos discípulos em Jerusalém (15:8). Era evidente que Deus não fazia distinção entre judeus e gentios; antes, purificava o coração de todos da mesma forma, a saber, *pela fé* (15:9; cf. tb. Rm 5:1-2).

Quem fundamentava a aceitação dos gentios em outras coisas estava, em essência, tentando a Deus, sugerindo que Deus não havia feito o suficiente (15:10). Para concluir, Pedro reiterou que a salvação se dá somente pela graça do Senhor Jesus, e aplicou o princípio tanto aos presentes, que eram judeus, quanto aos gentios (15:11).

Em seguida, todos os líderes ouviram o relato de Paulo e Barnabé sobre como Deus havia realizado *sinais e prodígios [...] por meio deles entre os gentios* (15:12). O fato de os mis-

sionários terem recebido poder para realizar tais feitos em nome de Jesus indicava inequivocamente que Deus aceitava a inclusão dos gentios sem exigir a circuncisão.

Tiago, irmão de Jesus e líder da igreja de Jerusalém, se mostrou convicto de que *Deus [...] visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome* (15:13-14). Para compreender a magnitude dessa declaração, devemos lembrar que o termo grego traduzido por “povo” era usado pelos judeus para se referir a seus compatriotas, mas nunca aos gentios. Encontramos um exemplo dessa forma de uso quando Paulo cita Oseias 2:23 e 1:10 em Romanos 9:25-26. A palavra em questão se referia especificamente ao povo de Israel, mas Tiago afirma que a profecia do AT em Amós 9:11-12 estava cumprindo-se à medida que os gentios eram chamados para um relacionamento especial com Deus (cf. tb. At 15:15-18).

Amós falou de uma época em que Deus *reconstruiria* o templo a fim de que *os demais homens* buscassem a Deus. A expressão “demais homens” se refere, nesse caso, aos gentios (15:16-17a). O testemunho de Pedro e dos missionários confirmava que havia *gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome* (15:17b-18). O próprio Deus havia declarado que os gentios deviam fazer parte do seu povo.

Tiago não via, portanto, nenhuma necessidade de a igreja colocar mais fardos sobre os cristãos gentios (15:19). Propôs que enviassem uma carta às igrejas gentias, descrevendo o que era considerado essencial. Os gentios deviam abster-se *das contaminações dos ídolos* (ou seja, da idolatria), *bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufcados e do sangue* (15:20).

O comentário de Tiago, *Porque Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados* (15:21), parece ter a intenção de garantir aos presentes que os cristãos gentios tinham conhecimento dessas exigências. Uma vez que o concílio baseou sua decisão nas Escrituras do AT, seu decreto pode ter sido influenciado por Levítico 17—18 ou por outras passagens do AT consideradas relevantes.

### 15:22-29 Consenso

Tendo em vista a igreja toda haver participado da decisão final, também coube à congregação como um todo escolher os representantes para acompanhar Paulo e Barnabé na missão de entregar a carta a Antioquia. Os escolhidos foram *Judas, chamado Barsabás, e Silas*, ambos descritos como *homens notáveis entre os irmãos* (15:22).

Lucas identifica os remetentes da carta de forma específica: *os apóstolos e os presbíteros* que endereçaram a carta *aos irmãos de entre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia* (15:23). Essas eram as regiões onde havia igrejas naquele tempo. Não há nenhuma indicação, portanto, de que as instruções não eram aplicáveis a outras regiões.

A carta começa enfatizando que os indivíduos que haviam exigido a circuncisão não tinham autoridade para falar

em nome da igreja de Jerusalém (15:24). O concílio reconheceu que a questão havia perturbado os cristãos gentios e afirmou que desejava resolvê-la por meio de mensageiros confiáveis que estava enviando juntamente com Paulo e Barnabé. Os dois missionários são descritos como *nostros amados* (15:25), homens que arriscaram a vida por amor aos cristãos gentios (15:26). Seus companheiros, *Judas e Silas*, confirmariam *pessoalmente* as instruções escritas (15:27).

A carta tratava de questões divinas e humanas. O *Espírito Santo* se agradou com a decisão do concílio de *não impor maior encargo* sobre os gentios além do estritamente essencial (15:28). As diretrizes enviadas pelo concílio aos gentios descreviam certas práticas que podiam ser consideradas elementos culturais. Os gentios deviam abster-se *das coisas sacrificadas a ídolos*, ou seja, não deviam comer carne proveniente de templos de deuses pagãos (cf. tb. 21:25). Também deviam abster-se de ingerir *sangue*, outra prática associada à idolatria na qual os adoradores supostamente provavam o sangue dos animais. A instrução para não ingerir *a carne de animais sufocados* pode ser associada ao fato de serem estrangulados como parte dos ritos pagãos. A mesma linha de raciocínio talvez se aplique à instrução para se absterem *das relações sexuais ilícitas*, que com frequência faziam parte do culto a ídolos (15:29).

Um tópico de grande controvérsia é o motivo exato pelo qual esses itens específicos foram selecionados como questões essenciais. Há um consenso, porém, de que se julgou necessário descrever essas práticas devido ao fato de muitos convertidos gentios não terem nenhum conhecimento da religião judaica. Havia indivíduos como Simão, o mágico de Samaria, por exemplo, que ganhavam dinheiro com a prática da magia e acreditavam que o Espírito Santo podia tornar seus negócios ainda mais rentáveis (8:13,18-24). A reação de Simão à maldição proferida por Pedro mostra que ele agiu por ignorância. Outros cristãos que praticavam magia ou consultavam mágicos ou feiticeiros antes de se converterem podiam cair no mesmo tipo de tentação (19:19). Havia ainda convertidos como o ourives Demétrio (19:24-28), que, em outros tempos, se envolvera com o culto a ídolos. Era fácil para eles continuar comendo carne sacrificada a ídolos, daí Paulo tratar dessa questão em 1Coríntios 8.

Esse contexto nos ajuda a entender a razão de Tiago sugerir que o concílio estabelecesse requisitos mínimos para os cristãos gentios. Eram requisitos judeus no sentido de que enfatizavam a importância de se guardar da idolatria e imoralidade, mas não exigiam que os gentios aderissem a aspectos específicos da lei judaica como a circuncisão, o sábado e as prescrições alimentares.

### 15:30-35 Reação positiva

Os cristãos de Antioquia ficaram extremamente satisfeitos com o conteúdo da carta (15:30-31). *Judas e Silas*, que eram também *profetas*, encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras, talvez com um sermão de várias horas

(15:32) e, depois de algum tempo, voltaram a Jerusalém (15:33-34). Alguns manuscritos indicam, contudo, que Silas decidiu permanecer em Antioquia, tornando-se então colaborador de Paulo (15:40).

Entrementes, Paulo e Barnabé ficaram em Antioquia, onde eles e outros ensinaram e pregaram (15:35). Apesar das indicações de que os principais obstáculos à missão aos gentios tinham sido superados, a questão ainda voltaria à baila (21:20-28).

## 15:36—18:22 Segundo testemunho aos confins da terra

### 15:36-40 Divergências na equipe missionária

Ao que parece, Paulo, e não o Espírito Santo, sugeriu a segunda viagem missionária (15:36). Fica evidente que ele havia assumido a liderança. Barnabé desejava levar João Marcos, mas Paulo não contordou (15:37). Segundo seu ponto de vista, João Marcos os havia abandonado na missão anterior (13:13) e nada garantia que se comportaria de forma diferente dessa vez (15:38). Não há dúvida de que a partida de João Marcos foi uma questão mais complexa do que o narrador revela. A questão causou séria *desavença* entre Paulo e Barnabé (15:39a). Pela primeira vez, testemunhamos uma iniciativa missionária que quase fracassou. Até mesmo os primeiros missionários eram seres humanos que podiam discordar.

A desavença séria teve, contudo, um resultado positivo: duas expedições missionárias saíram de Antioquia, em vez de uma (apesar de ser possível que Barnabé e Marcos tenham ido a Chipre, terra natal de Barnabé, em vez de realizarem uma viagem missionária) (15:39b). Paulo escolheu *Silas*, um dos mensageiros encarregados de entregar a carta do concílio de Jerusalém (15:22), para ser seu colaborador (15:40). A comunidade de cristãos de Antioquia concordou com a decisão de Paulo e, como antes, comissionou a nova equipe missionária e a despediu. É provável que o narrador omita a comissão de Barnabé e João Marcos por estar mais interessado em relatar a viagem de Paulo.

### 15:41 Resumo do segundo testemunho missionário

Apesar de Paulo viajar com Silas, a maior parte do texto seguinte emprega a terceira pessoa do singular (“ele”). Paulo *passou pela Síria e Cilícia* com o propósito de encorajar e fortalecer *as igrejas* (15:41). Não estava buscando novos campos missionários, mas apenas visitando igrejas que já se encontravam estabelecidas na região. É possível que tenha considerado desnecessário ir mais longe enquanto as igrejas existentes ainda estavam fracas. Os obreiros que fundam igrejas precisam ter essa mesma preocupação com seus jovens rebanhos.

### 16:1-3 Timóteo: circuncisão para um missionário?

Paulo voltou a Derbe e Listra, onde já havia fundado igrejas (16:1; cf. tb. 14:6-7). Em Listra, encontrou *um discípulo*

chamado Timóteo, filho de uma judia crente (cf. 1Tm 1:5; 3:15), mas de pai grego (16:1). Não sabemos se Timóteo se converteu durante a primeira viagem missionária de Paulo ou por meio do testemunho da igreja local. Era um rapaz de boa reputação tanto em *Listra*, sua própria cidade, quanto em *Ícônio*, uma cidade vizinha (16:2), fato que sugere um possível envolvimento de Timóteo com ministérios evangélicos nos dois lugares.

Paulo desejava levar Timóteo na viagem, mas havia um problema: *Todos sabiam que seu pai era grego* (16:3) e que Timóteo não tinha sido circuncidado como judeu. Sempre que chegava a uma cidade diferente, Paulo começava seu ministério numa sinagoga. Uma vez que a situação de Timóteo geraria controvérsia e se tornaria um empecilho para a pregação do evangelho, Paulo teve de circuncidar Timóteo. Essa decisão não foi incoerente com sua postura anterior, pois Timóteo já era cristão, e a circuncisão visou apenas tratar de questões de ministério, e não garantir sua salvação. Timóteo demonstrou seu compromisso com o trabalho missionário por sua disposição de se sujeitar a esse ritual a fim de alcançar outros (cf. 1Co 9:19-23).

#### 16:4-5 A equipe missionária retorna às novas igrejas

A equipe prosseguiu viagem, apresentando as decisões do concílio de Jerusalém a todas as igrejas visitadas (16:4). Lucas toma o cuidado de enfatizar que essas decisões não vieram dos missionários nem das igrejas que os enviaram, mas foram tomadas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém.

Na sequência, o narrador resume os resultados da visita missionária: *As igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número* (16:5). Como em outras passagens de Atos, a presença do resumo sugere uma mudança no rumo da narrativa. A expedição missionária está prestes a alcançar novas regiões.

#### 16:6-12 O Espírito Santo muda a estratégia missionária de Paulo

Nessa passagem, Paulo experimenta certa frustração. O Espírito Santo o proibiu de pregar na costa oeste da Ásia Menor, de modo que o apóstolo e seus colaboradores passaram pela região da Frígia e Galácia (onde possivelmente evangelizaram a população local, como indica a epístola de Paulo aos Gálatas) (16:6) e rumaram para *Mísia*. Mas o Espírito de Jesus não permitiu que seguissem até a *Bitínia* (16:7), de modo que se dirigiram a *Trôade*, cidade portuária do mar Egeu (16:8). Até aqui, o Espírito Santo os havia impedido de pregar, mas agora mostra com clareza para onde deviam ir. A direção foi concedida na forma de uma visão na qual Paulo viu um *varão macedônio* que o chamava para ir à *Macedônia* ajudá-los (16:9). Obedientes à visão, os missionários se prepararam de imediato a fim de *partir para aquele destino* (16:10). Daqui em diante, Lucas, o narrador, parece fazer parte do grupo, pois começa a usar a primeira pessoa do plural (16:10-18).

Como esses missionários, precisamos estar em sintonia com a direção do Espírito Santo a fim de saber para onde Deus está nos conduzindo.

Alguns comentaristas sugerem que Paulo não teve permissão de ministrar na província romana da Ásia porque Pedro e outros apóstolos estavam trabalhando ali e usavam uma abordagem mais legalista do que a de Paulo. O Espírito Santo agiu a fim de evitar competição e conflito na propagação do evangelho. Essa explicação parece improvável, uma vez que não encontramos nenhum conflito desse tipo ao longo de toda a narrativa.

Parece mais provável que o narrador forneça os detalhes apenas para mostrar que Paulo e seus companheiros não haviam traçado um plano rígido e estavam abertos à direção de Deus. Foi o que aconteceu logo no início do ministério, quando o Espírito Santo instruiu a igreja de Antioquia a separar Paulo e Barnabé para o trabalho missionário (13:2). Ao longo de toda a narrativa de Atos, é Deus quem dirige a obra missionária (cf. tb. 4:31; 8:29,39; 10:44; 13:2,4).

Graças à direção de Deus, lugares que de outro modo poderiam ter sido esquecidos não ficaram de fora. Posteriormente, Paulo pregou na Ásia ao visitar cidades como Éfeso (18:19) e passou tempo considerável fundando igrejas na região (19:1-10).

➡ A equipe missionária embarcou em um navio para cruzar o mar Egeu rumo à Macedônia, para onde Deus os havia chamado. A primeira parada foi em *Filipos*, cidade situada junto a uma das principais estradas romanas, a cerca de quinze quilômetros de distância da costa leste da Macedônia (16:11-12a). Filipos era conhecida por suas minas de ouro e fontes de água, daí ser descrita como *cidade da Macedônia, primeira do distrito*. Também era *colônia romana*, o que a tornava ainda mais importante (16:12b).

#### 16:13-40 Filipos: importante cidade da Macedônia

Não havia sinagogas em Filipos. *No sábado*, os judeus se reuniam *junto do rio*, fora da porta da cidade. Os missionários se dirigiram, portanto, a esse local (16:13). Ao que parece, a maioria dos devotos ali presentes eram mulheres, pois Paulo e seus colaboradores falaram *às mulheres que para ali tinham concorrido*. Esse fato deve servir de lição para quem pensa que uma igreja é inviável sem homens.

Dentre os presentes, havia uma mulher chamada *Lídia*, comerciante da cidade de *Tiatira* e temente a Deus. Lídia ouviu atentamente, e o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia (16:14). Em outras palavras, o Senhor lhe deu fé salvadora. Esses são os bastidores da conversão: é o Senhor quem capacita as pessoas a crer no evangelho (cf. tb. 10:44). Cientes disso, os evangelistas não devem preocupar-se se sua pregação levará pessoas a ouvir o evangelho e converter-se. Deus está no controle. Nossa tarefa consiste em pregar a palavra no poder do Espírito Santo e deixar que ele cuide dos resultados.

Lídia foi *batizada*, bem como *toda a sua casa* e, em seguida, convidou os missionários a se hospedar em sua residência (16:15). Ao que parece, os missionários hesitaram em aceitar o convite, pois eram homens, e Lídia era a chefe da casa. Superaram a relutância, porém, ao ver como ela era uma mulher *fiel ao Senhor*.

Em Filipos, vemos o segundo encontro registrado de Paulo com um poder satânico que operava por meio de um indivíduo. Anteriormente, Paulo havia declarado que Bareses era “filho do diabo” (13:10). Nesse caso, um *espírito maligno adivinhador* se havia apossado de uma serva, e *seus senhores* lucravam com sua capacidade de adivinhação (16:16). Ainda existem curandeiros e adivinhadores em nosso meio hoje e, como cristãos, devemos aprender com a atitude de Paulo nessa situação.

O espírito maligno presente na serva fez uma revelação extraordinária aos senhores da jovem enquanto ela seguia os missionários, gritando: *Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação* (16:17). A cena se repetiu *por muitos dias*, mas não há registro de que alguém se tenha convertido como resultado dessa revelação. O espírito maligno não estava procurando atrair pessoas para Deus, mas causar confusão. Paulo se perturbou tanto com a gritaria contínua que ordenou ao espírito: *Em nome de Jesus Cristo, [...] retira-te dela* (16:18a). A fórmula de exorcismo é semelhante às palavras usadas por Pedro e João ao curar o mendigo coxo junto à porta do templo (3:6). O nome de Jesus não é usado como instrumento para obter resultados, mas como forma de declarar a autoridade de Jesus Cristo em expulsar o espírito maligno (cf. tb. Mt 28:18).

O resultado foi imediato: *E ele, na mesma hora, saiu* (16:18b). Como consequência do exorcismo realizado por Paulo, os senhores da jovem perderam uma fonte de renda. Enfurecidos, levantaram falsas acusações, em decorrência das quais Paulo e Silas foram açoitados em público e presos (16:19-24). O ministério cristão acarreta perdas para o Maligno, e ele não cede com facilidade.

Apesar dos açoites e do encarceramento, Paulo e Silas usaram a ocasião de forma proveitosa e, na calada da noite, *oravam e cantavam louvores a Deus* (16:25). O texto não informa o conteúdo das orações, mas podemos supor que estava relacionado à propagação do evangelho. Apesar de ser quase meia-noite, seu comportamento não passou despercebido, pois *os demais companheiros de prisão escutavam*. Somos desafiados a lembrar que os cristãos devem demonstrar alegria e gratidão, não obstante suas circunstâncias.

O Senhor os salvou (16:26), mas o fez de modo bem menos discreto que no caso de Pedro (12:5-11). Houve um *terremoto* [...]; *abriram-se todas as portas, e soltaram-se as cadeias de todos* (16:26), um acontecimento com forte caráter simbólico de como o Senhor liberta os cativos do pecado (cf. tb. Lc 4:18-19).

A primeira reação do carcereiro foi tentar o suicídio. Herodes havia executado os carcereiros de Pedro depois da

fuga do apóstolo, e é possível que esse homem temesse o mesmo fim (16:27). Paulo estava atento e interveio para impedir o suicídio (16:28). Nem ele nem os outros prisioneiros haviam fugido. O texto focaliza apenas a história do carcereiro e, portanto, não informa o que foi feito dos demais prisioneiros.

O carcereiro se dirigiu a Paulo e Silas como se fossem seus superiores (16:29-30). Ciente da autoridade maior do Deus a quem aqueles homens serviam, prostrou-se com o rosto em terra para suplicar por misericórdia. Perguntou, desesperado: *Que devo fazer para que seja salvo?* (16:30). A resposta foi sucinta e objetiva: *Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa* (16:31). O carcereiro e *todos os de sua casa* foram salvos (16:33-34). Os terríveis açoites que os missionários sofreram renderam uma colheita abundante, pois naquela mesma noite o carcereiro e *todos os seus* foram batizados (16:33) e fizeram uma refeição com Paulo e Silas (16:34).

Na manhã seguinte, as autoridades ordenaram que Paulo e Silas fossem soltos sem alarde, mas eles não aceitaram. Seus direitos como cidadãos haviam sido publicamente violados, e os missionários exigiram uma retratação pública das autoridades. A declaração de Paulo é impressionante: *Sem ter havido processo formal contra nós, nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere, sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles e, pessoalmente, nos ponham em liberdade* (16:35-37). Os magistrados tiveram de ir e fazer as pazes com Paulo e Silas (16:38-39). Os missionários ainda demoraram em Filipos e partiram quando lhes pareceu melhor, depois de encorajar, como de costume, os cristãos que deixaram na cidade (16:40).

Quando seus direitos constitucionais são desrespeitados, os obreiros cristãos não devem deixar de apresentar queixas só porque são cristãos. Apesar de sermos cidadãos do céu, ainda vivemos neste mundo e temos direitos aqui. Devemos procurar conhecer esses direitos e lutar para que sejam respeitados.

### 17:1-9 Tessalônica: judeus hostis

Uma vez que *havia uma sinagoga de judeus* em Tessalônica, Paulo se dirigiu até o local, *segundo o seu costume* sempre que visitava uma cidade nova (17:1-2). Pregou na sinagoga *por três sábados*, procurando provar que Jesus era o Cristo, o Messias esperado. Citou provas das Escrituras de que o Messias teria de sofrer, morrer e ressuscitar dentre os mortos (17:3). *Alguns judeus e numerosa multidão* de gentios tementes a Deus que frequentavam a sinagoga *foram persuadidos* a crer em Cristo (17:4). O fato de algumas dessas pessoas serem mulheres de alta posição deixa claro que a proclamação de Cristo não era discriminatória; judeus e gentios, homens e mulheres, estavam sendo alcançados pelo evangelho (17:4).

O sucesso de Paulo despertou a *inveja* dos líderes judeus, que levantaram forte oposição aos missionários (17:5-9). Em toda cidade que visitavam, seu ministério sofria a oposição criada por influência do Maligno. Em Filipos, foi a jovem possessa, em Tessalônica foram *homens maus* que *alvorçaram* a multidão (17:5). Atacaram a *casa de Jasom*, onde os missionários estavam hospedados (17:6). Acusaram os missionários de serem agitadores que haviam causado problemas em outros lugares e tentavam perturbar a paz de Tessalônica. Uma vez que os havia recebido em seu lar, Jasom era evidentemente seu cúmplice. A acusação mais séria foi de traição: eles procediam *contra os decretos de César*, afirmando *ser Jesus outro rei* (17:7). As acusações criaram grande tumulto na cidade (17:8), mas Jasom conseguiu acalmar a situação, e ele e os outros irmãos presos foram libertos depois de pagar *fiança* (17:9).

#### 17:10-15 Bereia: judeus mais nobres

Paulo e Silas partiram de outras cidades em plena luz do dia, mas os irmãos de Tessalônica tiveram de enviá-los a Bereia durante a noite. Quando chegaram lá, supostamente pela manhã, os missionários *dirigiram-se à sinagoga dos judeus* (17:10). O narrador informa que os judeus de Bereia *eram mais nobres que os de Tessalônica*, pois não apenas receberam a mensagem *com toda avidez*, mas também examinaram *as Escrituras* para confirmá-la (17:11). *Muitos deles creram*, inclusive mulheres e homens gregos *de alta posição* (17:12). É possível que as mulheres sejam mencionadas primeiro para indicar que a comunidade de cristãos em Atos não era discriminatória; o evangelho é inclusivo.

Assim que os judeus de Tessalônica ficaram sabendo para onde Paulo havia ido, seguiram-no e continuaram a se opor a ele (17:13). Os cristãos de Bereia, contudo, estavam atentos ao perigo e escoltaram Paulo *até Atenas*, no litoral. Silas e Timóteo continuaram em Bereia, supostamente para fortalecer os novos convertidos (17:14). Paulo enviou instruções, contudo, para que fossem ao seu encontro assim que possível (17:15).

#### 17:16-34 Atenas: sermão típico aos gentios

O apóstolo ficou perturbado com o grande número de ídolos que viu em Atenas (17:16). O primor artístico não o cegou para a influência da impiedade. Durante o tempo que passou na cidade à espera de Silas e Timóteo, o Espírito Santo de Deus incitou Paulo a pregar o evangelho (cf. tb. a instrução de Paulo a Timóteo para estar pronto para pregar a palavra “quer seja oportuno, quer não”, 2Tm 4:1-2).

Como Paulo, os cristãos devem aproveitar todas as oportunidades de compartilhar o evangelho.

O desejo do apóstolo de falar de Cristo o levou tanto à *sinagoga* quanto à *praça* da cidade (17:17). Arrazoava com judeus, gregos tementes a Deus e outros com os quais se deparava na praça. Era uma forma de ministério um tanto

incomum, uma vez que Paulo se dirigia a três grupos ao mesmo tempo.

Dentre os que se mostraram interessados em sua mensagem e preparados para discutir com ele, havia *alguns* [...] *filósofos epicureus e estóicos* (17:18a). Os epicureus ensinavam que o prazer era o bem supremo e que o prazer mental era a felicidade suprema. Entendiam a salvação como a libertação do temor dos deuses e do temor da morte. Os estoicos, pelo contrário, ensinavam que o conhecimento é o bem supremo e que o mundo material é a essência da realidade. Os filósofos não sabiam ao certo sobre o que Paulo estava falando e o consideraram um *tagarela* (lit., alguém que juntou pedaços de conhecimento) que proclamava *estranhos deuses* (lit., demônios) (17:18b). Tendo em vista ser a primeira vez que encontravam alguém como ele, levaram-no ao Areópago, um antigo tribunal que em tempos anteriores havia governado Atenas, mas que agora desempenhava outras funções, sendo uma delas a de organizar palestras públicas. Seu nome era originário do monte Ares (dedicado ao deus grego da guerra), mas no tempo de Paulo eles se reuniam na ágora, a praça da cidade. Uma vez que haviam ouvido *coisas estranhas* de Paulo, os filósofos desejavam saber o que o apóstolo tinha a dizer (17:19-20). Todos queriam apenas *ouvir as últimas novidades* (17:21), e Paulo estava prestes a lhes comunicar novas de suma importância. Ao fazê-lo, apresenta um exemplo do tipo de sermão que provavelmente pregava a ouvintes gentios.

17:22-23 ELOGIO. Paulo começa comentando algo positivo: *Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos* (17:22). O apóstolo baseia sua declaração no grande número de santuários que havia visto, dentre eles um altar dedicado *Ao DEUS DESCONHECIDO* (17:23). Ao começar em tom positivo, Paulo conquistou a confiança da multidão e cativou sua atenção para aquilo que tinha a dizer.

Como os atenienses, os africanos são extremamente religiosos e possuem muitos altares. O conceito de Deus supremo nas Religiões Tradicionais Africanas (RTAs) também é vago e não muito diferente daquele que levou os atenienses a erigir um altar ao Deus desconhecido.

17:24-29 TRANSIÇÃO DO DESCONHECIDO PARA O CONHECIDO. Paulo passa da ideia de adorar a um Deus desconhecido para informações acerca desse Deus ao qual os gregos adoravam em ignorância (17:23). Quem pratica as RTAs na África continua adorando a Deus em ignorância, pois não sabe que Jesus Cristo proveu o caminho certo para adorá-lo.

Paulo identifica o Deus desconhecido ateniense como o Criador que fez todas as coisas. Como *Senhor do céu e da terra*, esse Deus é muito maior que qualquer templo construído pelos atenienses (17:24). Não precisa de santuários, ofertas, nem serviços humanos, pois ele próprio criou a raça humana e tudo o que os homens têm a lhe oferecer (17:25). A presença de um ídolo não faz Deus existir, pois ele já existia mesmo antes da criação (cf. tb. Gn 1:1-27; Jo 1:1-3).



Além de ser o Criador de todos, *de um só* homem (alguns manuscritos gregos posteriores trazem “de um só sangue”) *fez toda a raça humana* e determinou o lugar onde habitariam no mundo (17:26). Todas as pessoas são iguais diante de Deus, e as diferenças de língua e cultura faziam parte de seu plano.

O objetivo maior de Deus ao organizar o mundo desse modo era levar todos a *buscarem* o Criador. O altar dedicado ao Deus desconhecido era prova desse desejo. E, no entanto, Deus *não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos* (17:27-28). Em seguida, Paulo cita poetas atenienses, reconhecendo sua obra e usando-a como ponte para declarar a verdade do evangelho segundo a qual somos *geração de Deus*.

Se é verdade que somos geração de Deus e vivemos cercados por suas obras, então é absurdo imaginar que ele possui qualquer semelhança com uma imagem, por mais primorosa que seja (17:29). Em outras palavras, os seres humanos não podem criar Deus.

17:30-31 **HORA DE ACABAR COM A IGNORÂNCIA.** Como todos os povos, os atenienses agiram por ignorância ao confeccionar seus ídolos, e a misericórdia de Deus tolerou seu procedimento. Agora, porém, Paulo vem como mensageiro para remover a ignorância e anunciar a ordem divina para que *todos, em toda parte, se arrependam* (17:30).

O arrependimento é necessário porque Deus *estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo*. Nesse dia, todos serão julgados *com justiça, por meio de um varão* que Deus ressuscitou *dentre os mortos* (17:31). A morte e a ressurreição de Jesus Cristo provam que a idolatria é inútil. Se os atenienses estiverem dispostos a se arrepender de seu método ignorante de adorar a Deus e passarem a crer em Jesus, serão poupados do julgamento, pois sua dívida foi paga na cruz.

17:32-34 **A REAÇÃO: ALGUNS ATENIENSES CREEM.** A própria ideia de *ressurreição de mortos* causou forte reação na multidão. Alguns *escarneceram*, enquanto outros quiseram saber mais sobre o assunto (17:32). A pregação da ressurreição a adeptos das RTAs na África produz resultados semelhantes, pois o conceito de ressurreição é estranho àqueles que acreditam que a pessoa morta continua a viver no mundo dos mortos-vivos.

A essa altura, Paulo se retirou do meio deles (17:33). Alguns, contudo, foram convencidos ao ouvir as palavras do apóstolo e *creram* (entre eles, estava um homem chamado *Dionísio* e uma mulher chamada *Dâmaris* (17:34). A referência a *outros mais* pode indicar que Dâmaris não foi a única mulher a crer.

#### 18:1-17 Corinto: uma importante cidade portuária

Paulo deixou Atenas, onde alguns foram convertidos, e *partiu para Corinto* (18:1), onde *encontrou* [...] *Áquila, natural do Ponto* [...], com *Priscila, sua mulher*. Os dois eram judeus que o imperador *Cláudio* (41-52 d.C.) havia expulsado de Roma (18:2). Paulo se tornou sócio do casal,

uma vez que, como eles, era fazedor de tendas, e todos precisavam de dinheiro para sobreviver nesse novo ambiente (18:3).

Apesar de se dedicar à confecção de tendas, Paulo não deixou de lado o ministério da palavra. *Todos os sábados* pregava o evangelho a *judeus e gregos* que se reuniam na *sinagoga* (18:4). Quando, por fim, Silas e Timóteo chegaram, Paulo parou de fazer tendas e *se entregou totalmente à palavra*, ou seja, se dedicou exclusivamente à pregação (18:5). O conteúdo de sua pregação era o evangelho: *Cristo é Jesus*. Quando os judeus se recusaram a aceitar que o Messias tinha vindo, *sacudiu Paulo as vestes* (em vez de sacudir o pó dos pés) e declarou: *Sobre a vossa cabeça, o vosso sangue!* (18:6; cf. tb. 2Sm 1:16; 1Rs 2:33; Ez 18:13; 33:4,6,8; Mt 27:25; At 20:26). O apóstolo havia feito sua parte ao advertir os judeus do perigo. A intenção do gesto não era amaldiçoar o povo judeu em geral, mas tratar de uma situação local. Posteriormente, judeus aceitaram a Cristo durante o ministério de Paulo em Corinto.

Paulo também anunciou que daquele momento em diante seu ministério seria voltado para os gentios. Uma vez que não podia mais falar na sinagoga, começou a pregar na casa vizinha (18:7). *Crispo, o principal da sinagoga*, [...] *com toda a sua casa*, estava entre os judeus que creram (18:8). Sua decisão incentivou muitos outros coríntios a aceitar o evangelho.

A segunda viagem missionária de Paulo havia sido tumultuada. O apóstolo enfrentou dificuldades em Filipos, Tessalônica e Bereia e teve uma recepção fria em Atenas. Agora, depara com a hostilidade dos judeus em Corinto. É possível que Paulo precisasse de encorajamento, de modo que o Senhor o tranquilizou, dizendo: *Não temas; pelo contrário, fala e não te cales* (18:9). Deus prometeu a Paulo sua presença e proteção. Também garantiu que o testemunho do apóstolo naquela cidade daria frutos (18:10). O Senhor da ceifa, que conhece o coração humano, sabia que muitos coríntios estavam dispostos a aceitar o evangelho.

Paulo obedeceu à ordem do Senhor e passou um ano e meio *ensinando* [...] *a palavra de Deus* entre os coríntios (18:11). Durante esse período, judeus hostis tentaram atacar o apóstolo, mas, conforme Deus havia prometido, não conseguiram lhe fazer nenhum mal.

O fato de os oponentes de Paulo o levarem *ao tribunal* quando *Gálio era procônsul da Acaia* (18:12) nos fornece uma pista importante quanto à data desse acontecimento. Sabemos que Gálio foi nomeado procônsul por volta de 51 ou 52 d.C. por um édito do imperador Cláudio (mencionado em 18:2). É possível, portanto, que Paulo tenha encerrado seu ministério em Corinto em 51 ou 52 d.C.

Os judeus queriam que o apóstolo fosse preso por blasfêmia (18:13), uma acusação que poderia resultar em severa punição se apresentada ao sumo sacerdote. Gálio, contudo, recusou envolver-se em controvérsias religiosas (18:14-16). Não tinha conhecimento da lei judaica e não se dispôs

a julgar o caso. O Senhor protegeu Paulo conforme havia prometido (18:16).

Para dar vazão à sua raiva, os judeus espancaram *Sóstenes*, o líder da sinagoga, mas Gálio não se deu ao trabalho de intervir (18:17).

Assim como Deus cumpriu sua promessa de proteger Paulo, também nos protegerá hoje. Nossa parte, como foi a de Paulo, consiste em confiar no Senhor e trabalhar no ministério, certos de que Deus é soberano até mesmo sobre as intrigas do Maligno.

### 18:18-21 *Éfeso: uma parada rápida*

A oposição não conseguiu expulsar Paulo de Corinto, pois Lucas relata que o apóstolo permaneceu na cidade *ainda muitos dias*. Ele não se mostrou excessivamente preocupado com sua segurança pessoal, como acontece com alguns missionários de hoje que são resgatados de helicóptero de situações supostamente perigosas. Quando, por fim, partiu de Corinto, foi para Éfeso junto com *Priscila e Áquila* (18:18), que planejavam passar algum tempo lá.

Durante sua rápida parada em Éfeso, Paulo não ficou ocioso, mas passou algum tempo falando aos judeus na sinagoga (18:19). Quando se despediu, prometeu voltar, se fosse da vontade de Deus (18:20-21), deixando evidente que esse era o fator mais importante que norteava seu ministério.

### 18:22 *Jornada de volta a Antioquia*

A jornada de volta a Antioquia é apresentada de forma sucinta. O texto informa que Paulo chegou a *Cesareia* e de lá subiu a *Jerusalém* para saudar a igreja (18:22a). Tudo indica que Paulo fez uma visita rápida aos irmãos de Jerusalém antes de regressar à sua base de operações, a igreja de Antioquia (18:22b).

### 18:23—21:26 *Terceiro testemunho aos confins da terra*

Ao que parece, a estada de Paulo em Antioquia foi curta, fato que leva alguns estudiosos a questionar se essa visita marcou o final da segunda viagem missionária ou apenas uma breve pausa. Alguns comentários falam, portanto, de apenas duas viagens missionárias, enquanto outros mencionam três. Neste comentário, partiremos do pressuposto de que a segunda viagem se encerrou com a volta de Paulo a Antioquia (18:22) e consideraremos as jornadas subsequentes como parte de sua terceira viagem. Apesar de ser a última viagem registrada em Atos, as cartas de Paulo indicam que o apóstolo realizou outras jornadas.

### 18:23-28 *Apolo: um evangelista eloquente*

Paulo começou a viagem pelas regiões onde já havia igrejas a fim de encorajar os discípulos (18:23). Nessa época, um homem chamado *Apolo* pregava na região. *Eloquente e poderoso nas Escrituras* (18:24), era natural de Alexandria,

no Egito. Havia chegado a Éfeso algum tempo depois da primeira visita de Paulo, e sua pregação havia feito vários convertidos (19:1). Pelo visto, Apolo só sabia de Jesus pelos ensinamentos de João Batista e não conhecia os apóstolos em Jerusalém (18:25). É bem possível também que não conhecesse o papel do Espírito Santo (18:26; cf. tb. 19:3). Quando Priscila e Áquila o ouviram pregar, convidaram-no a visitá-los e, com todo tato, lhe ensinaram mais sobre a fé, provavelmente se valendo do conhecimento que haviam obtido de Paulo. Em vez de competir uns com os outros, os evangelistas se ajudaram mutuamente em questões doutrinárias.

Vemos essa mesma disposição de ajudar quando chegou a hora de Apolo viajar para a *Acaia*. A comunidade de cristãos em Éfeso lhe deu uma carta de apresentação a ser entregue aos irmãos ali assentados. Priscila e Áquila deviam conhecer esses cristãos, pois o casal havia chegado recentemente de Corinto, a capital provincial da Acaia. Lá, Apolo fortaleceu os discípulos (18:27) e debateu *com grande poder* entre os judeus, provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus (18:28; cf. tb. 1Co 1:12; 3:4-6,22; 16:12; Tt 3:13). O evangelho estava firmemente alicerçado nas Escrituras. Sem dúvida, Apolo havia sido beneficiado por sua própria educação e por aquilo que havia aprendido com Priscila e Áquila. As missões de hoje não devem negligenciar a instrução. Para refutar alegações falsas, é importante conhecer a verdade.

### 19:1-41 *Éfeso: grandes feitos em nome de Jesus*

19:1-7 OS DISCÍPULOS EFÉSIOS RECEBEM O ESPÍRITO SANTO. Algum tempo depois que Apolo partiu de Éfeso para Corinto, Paulo [...] chegou a Éfeso, conforme havia prometido (19:1a; 18:21). Encontrou um grupo com cerca de doze discípulos (19:7) que provavelmente haviam aceitado a Cristo no início do ministério de Apolo, antes de Priscila e Áquila lhe explicarem sobre o Caminho. Esses discípulos conheciam apenas o *batismo de João* (19:1b-3).

Paulo explicou que o batismo de João era somente uma preparação para a vinda do Messias, o Salvador do mundo (19:4). O Salvador tinha vindo. Ao ouvir isso, os discípulos aceitaram ser batizados em o nome do Senhor Jesus (19:5). É possível que tenham expressado sua fé em Jesus para a salvação e, em seguida, sido batizados de acordo com a fórmula definida por Jesus em Mateus 28:19.

Depois de batizá-los, Paulo lhes impôs as mãos e veio sobre eles o Espírito Santo, fato confirmado pela capacidade de falar em línguas e profetizar (19:6). Vemos aqui um episódio semelhante ao dos samaritanos (8:14-17). Também nesse caso, o sinal da habitação do Espírito Santo foi importante para mostrar que o novo grupo, nesse caso os discípulos de João, havia sido plenamente incorporado à comunidade de cristãos.

19:8-22 A ESCOLA DE TIRANO. Paulo conseguiu pregar durante três meses na sinagoga (19:8), bem mais tempo que

em vários outros lugares (cf. 13:14,42; 17:1-2,10,17; 18:4-7). Depois desse período, contudo, o apóstolo julgou necessário mudar-se para outro lugar, talvez porque alguns dos membros da sinagoga *se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho* (termo usado para a comunidade de cristãos; cf. 9:2 e comentário sobre 11:26) em público (19:9a). Paulo precisava de um lugar neutro. Sua decisão não deve, porém, ser usada para corroborar divisões na igreja de Cristo hoje, quando alguns são tentados a sair das igrejas estabelecidas para formar comunidades “independentes” sempre que ocorre algum desentendimento.

Paulo continuou a pregar numa *escola* que pertencia a um homem chamado *Tirano*, que pode ter sido um discípulo ou apenas um simpatizante da fé cristã (19:9b).

O apóstolo passou dois anos em Éfeso, onde exerceu um ministério bem-sucedido, graças ao qual *todos os habitantes da Ásia* ouviram a *palavra do Senhor* (19:10). Na jornada anterior, o Espírito Santo não havia permitido que Paulo pregasse nessa província (16:6-7), mas agora era o momento certo de visitá-la.

O ministério de Paulo foi acompanhado de curas e exorcismos (19:11-12). Havia tanto poder em tudo o que entrava em contato com o apóstolo que as pessoas levavam esses objetos aos enfermos e eles eram curados (19:12). Não é de surpreender que tamanho poder tenha atraído a atenção e a presença de impostores entre os incrédulos. O fato é exemplificado pelos *sete filhos de um judeu chamado Ceva* que se denominava *sumo sacerdote* (19:13-14). Os espíritos malignos reconhecem, contudo, os impostores e são capazes de distingui-los daqueles que possuem verdadeiro poder espiritual, como Paulo e Jesus (19:15-16).

Tamanho foi o impacto desse episódio que muitos cristãos outrora praticantes de feitiçaria levaram os instrumentos de suas *artes mágicas* para serem queimados (19:17-19). Fica evidente que o evangelho estava alcançando pessoas de todo tipo, inclusive quem praticava feitiçaria. Na África, feiticheiros e curandeiros são extremamente resistentes ao evangelho, mas para o cristianismo africano criar raízes o evangelho precisa alcançar todos, inclusive essas pessoas.

O resumo do ministério de Paulo em Éfeso é: *Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente* (19:20). Em seguida, Lucas faz um sumário dos planos de Paulo que incluíam *ir a Jerusalém* e depois visitar *Roma* (19:21-22). O apóstolo não fazia ideia de que, depois do julgamento em Cesareia, seria levado a Roma como prisioneiro (25:10-12).

Paulo enviou Timóteo e Erasto antes dele para a Macedônia (19:22). Ambos eram companheiros fiéis que o acompanharam a Roma (Rm 16:21,23), e, ao escrever a Timóteo, Paulo lhe dá notícias de Erasto (2Tm 4:20). Depois que os dois partiram, Paulo *permaneceu algum tempo* em Éfeso. O ministério do apóstolo era guiado pelo Espírito Santo, fato que não o eximia da necessidade de planejar com cautela.

Paulo também se alegrava com o fato de ter assistentes e lhes delegava o trabalho que ele próprio não conseguia concluir (cf. Tt 1:5).

19:23-41 AS CONSEQUÊNCIAS DO MINISTÉRIO BEM-SUCEDIDO. Quando afeta a economia local, o trabalho missionário pode resultar em perseguição. Foi o que aconteceu em Éfeso, onde o sucesso da missão de Paulo afetou as vendas dos artífices que confeccionavam ídolos. *Um ourives, chamado Demétrio, que fazia, de prata*, miniaturas do templo de *Diana*, se reuniu com os outros *artífices* e os convenceu de que Paulo e seus ensinamentos *acerca do Caminho* (cf. 19:9) estavam prejudicando seus negócios. *Houve grande alvoroço* (19:23-28), e a cidade foi *tomada de confusão* (19:29a), talvez porque muitos creram na mensagem de Paulo e tomaram partido do apóstolo, enquanto outros tomaram partido dos artífices. O restante da multidão simplesmente se envolveu no tumulto geral (19:32).

Dois *companheiros de Paulo* foram pegos e arrastados *para o teatro*, onde havia espaço para a multidão se reunir. Paulo expressou a corajosa intenção de se juntar a eles e tentar falar à multidão, mas foi impedido pelos *discípulos* e por homens chamados de *asiarcas* (19:29b-31) ou “autoridades da província” (NVI). Os asiarcas eram homens ricos, eleitos para um cargo que envolvia a supervisão dos assuntos da cidade, particularmente dos fundos gerados por festivais religiosos e eventos afins. O fato de alguns membros desse grupo serem descritos como *amigos de Paulo* revela o *status* do apóstolo na cidade.

No teatro, o povo empurrou *para frente* um homem chamado *Alexandre*, que serviria de porta-voz (19:32-33). Não sabemos o que ele planejava dizer, pois, assim que a multidão descobriu *que ele era judeu* e, portanto, monoteísta, todos começaram a gritar louvores à deusa de Éfeso e só pararam *quase duas horas* depois (19:34). É possível que se trate do mesmo Alexandre, o latoeiro, sobre o qual Paulo adverte Timóteo posteriormente (2Tm 4:14). O indivíduo mencionado na Segunda Epístola a Timóteo trabalhava numa ocupação semelhante à de Demétrio, mas talvez não confeccionasse ídolos.

Depois de duas horas, a multidão deve ter-se cansado, de modo que o *escrivão da cidade* conseguiu acalmá-los e lembrá-los de que todos sabiam que a *cidade de Éfeso* abrigava o *templo da grande Diana* e da *imagem que caiu de Júpiter* (19:35). Talvez a imagem fosse um meteorito que, para o povo, se parecia com a deusa. O *escrivão* ressaltou que, no caso de haver alguma queixa legal contra os missionários, Demétrio deveria ter tratado da questão no tribunal, pois os romanos não aprovavam tumultos e linchamentos (19:36-41). Com suas sábias palavras, o *escrivão* acalmou o povo e evitou tumulto ainda maior.

#### 20:1-4 Outras viagens

Depois da confusão, Paulo decidiu que era hora de partir, o que não significa que o apóstolo simplesmente abandonou o

ministério em Éfeso. Ficou na cidade até a situação se tranquilizar e passou algum tempo encorajando os discípulos (20:1). Vemos aqui o desafio para os cristãos não abandonarem o ministério devido a perseguições. Paulo demorou o suficiente para incentivar e confortar os cristãos e para se despedir deles formalmente.

Em seguida, Lucas fornece outro resumo sucinto das viagens de Paulo *para a Grécia*, passando pela *Macedônia* (20:2). O apóstolo ficou três meses na Grécia, mas, quando descobriu uma *conspiração* para matá-lo *quando estava para embarcar rumo à Síria*, Paulo mudou seus planos e voltou *pela Macedônia* (20:3), acompanhado de várias pessoas que são mencionadas posteriormente em suas cartas (20:4; cf. tb. Rm 16:21,23; Ef 6:21; Cl 4:10; 2Tm 4:20; Fm 24).

### 20:5-12 Trôade: a ressurreição de Êutico

Ao longo do caminho, os missionários pararam na cidade litorânea de *Trôade* (20:5). É interessante observar que, nessa passagem, o narrador volta a usar a primeira pessoa do plural (“nós”), uma possível indicação de que Lucas se reencontrou com o grupo em Filipos, onde talvez tivesse ficado, pois as passagens anteriores na primeira pessoa do plural terminam ali (20:6; cf. 16:16).

No *primeiro dia da semana*, eles se reuniram com os cristãos em Trôade para celebrar a ressurreição do Senhor (20:7; cf. tb. 1Co 16:2; Ap 1:10). Desde então, o domingo, também chamado de Dia do Senhor, substituiu o sábado judaico e se tornou o dia tradicional para os cristãos do mundo inteiro se encontrarem para adorar a Deus.

Os cristãos se encontraram à noite para *partir o pão*, e Paulo fez um sermão que se estendeu *até à meia-noite* (20:7). Era tarde, e o *cenáculo* devia estar quente e cheio de fumaça, pois *havia muitas lâmpadas* (20:8). Um *jovem, chamado Êutico*, adormeceu e caiu da janela onde estava assentado. O cenáculo ficava no *terceiro andar*, e, quando os presentes correram para socorrer o rapaz, descobriram que estava morto (20:9).

O modo de Paulo ressuscitar o jovem lembra o procedimento usado por Elias (20:10; cf. tb. 1Rs 17:21). Depois de revivê-lo, o apóstolo continuou a falar *até ao romper da alva* (20:11). Só depois de falar a noite inteira e realizar um grande milagre é que Paulo partiu em sua última viagem a Jerusalém. Não é de admirar que os irmãos tenham ficado *grandemente confortados* (20:12).

### 20:13-38 Mileto: orientações sobre o presbiterato

Os companheiros de Paulo partiram por mar *para Assôs*. A rota marítima percorria uma longa distância ao redor de um cabo, de modo que Paulo escolheu usar um caminho mais curto *por terra* (20:13). Em Assôs, o apóstolo reencontrou os companheiros que tinham seguido de navio. Na sequência, Lucas faz um resumo do caminho percorrido, indicando os portos onde pararam (20:14-15). O último porto da lista é *Mileto*, situado 48 quilômetros ao sul de Éfeso. Paulo

não aportou em Éfeso, pois estava com pressa de chegar a Jerusalém antes do *dia de Pentecostes* (20:16). Não obstante, desejava falar com os presbíteros da igreja de Éfeso, de modo que mandou chamá-los quando estava em Mileto (20:17). Quando chegaram, o apóstolo ministrou uma espécie de curso sobre o presbiterato.

20:18-27 O TESTEMUNHO PESSOAL DE PAULO. Paulo começou com uma apresentação de sua própria vida como exemplo a ser seguido (20:18). Por dois anos, viveu no meio deles de modo transparente a todos. Talvez nos perguntemos quantos presbíteros de hoje poderiam dizer o mesmo em relação ao seu modo de vida.

O estilo de ministério de Paulo não era dominador. Antes, o apóstolo serviu *com toda a humildade, lágrimas e provações* (20:19a). Manteve esse estilo, apesar das provocações de seus opositores (20:19b; cf. 19:9,26; 1Co 15:30; 2Co 1:8-19). Também não foi egoísta, guardando conhecimento para si, mas compartilhou tudo que poderia ser útil a outros (20:20a). Não se restringiu ao ministério público; também os instruiu, de bom grado, *de casa em casa* (20:20b). Não exerceu o ministério de forma discriminatória, mas pregou o evangelho *tanto a judeus como a gregos*, enfatizando que todos precisavam responder ao chamado *para arrependimento e fé* (20:21).

Em tudo o que fazia, Paulo estava pronto a obedecer ao Espírito Santo, mesmo quando a obediência implicava ir a lugares em que *cadeias e tribulações* o esperavam (20:22-23). Estar no lugar certo era mais importante que seu conforto pessoal. Seu objetivo maior era completar a tarefa da qual Deus o havia incumbido e *testemunhar o evangelho da graça de Deus* (20:24; cf. tb. 1Co 9:24-27; Fp 3:7-14; 2Tm 4:7).

De algum modo, Paulo sabia que não voltaria a encontrar os presbíteros e irmãos efésios (20:25). Declarou solenemente que havia feito sua parte ao *anunciar todo o desígnio de Deus* (20:27), em especial a necessidade de conhecer a Cristo, a todas as pessoas; também se declarava inocente do *sangue de todos* dentre eles que não haviam entregado a vida a Cristo (20:26). É possível que tivesse em mente a advertência do AT de que, se outros morressem porque uma pessoa não lhes havia avisado do perigo, o sangue recaía sobre ela (Ez 3:18-19; 33:4-9). As palavras de Paulo são uma séria advertência para nós. Temos a mesma certeza de que não somos responsáveis pelo sangue daqueles que se encontram sob nossos cuidados? Atentamos para a necessidade de anunciar “todo o desígnio de Deus”?

20:28-35 A INCUMBÊNCIA DOS PRESBÍTEROS EFÉSIOS. Depois de apresentar suas credenciais e descrever seu próprio exemplo, Paulo instrui os presbíteros efésios sobre como desempenhar suas funções.

A principal instrução para eles é: *Atendei* (20:28a). Não se trata de uma simples expressão idiomática, como quando dizemos: “Até logo. Cuidem-se!”. Antes, é uma instrução para permanecerem sempre alertas ao perigo e ao erro e,

quando estes surgirem, tomarem as devidas providências. Deveriam primeiramente cuidar de si mesmos. Os líderes da igreja devem ser irrepreensíveis (1Tm 3:1-7; Tt 1:5-9), pois o Maligno muitas vezes ataca os cristãos ao difamar seus líderes. Deveriam certificar-se de que o inimigo não tivesse motivo para acusá-los.

Em segundo lugar, deveriam ser como pastores que cuidam do rebanho de Deus. Sua tarefa era atender *por todo o rebanho*, ou seja, sem esquecer nenhum membro da igreja (20:28b). O rebanho é precioso, pois Deus o comprou com seu próprio sangue, e o Espírito Santo o entregou aos cuidados dos presbíteros, que, portanto, são responsáveis diante de Deus.

Cabia aos presbíteros alimentar o rebanho e protegê-lo de lobos vorazes que procurariam destruir o rebanho após a partida de Paulo (20:29; cf. tb. Jo 10:12). Os “lobos” seriam os falsos mestres, talvez judaizantes que tentariam obrigar os cristãos a guardar a lei mosaica. Alguns dos falsos mestres viriam de fora, mas outros surgiriam dentro do próprio rebanho (20:30; cf. tb. 1Tm 1:20; Ap 2:2) e distorceriam a verdade a fim de reunir discípulos (cf. tb. Ef 4:14; 5:6; 1Jo 2:18-27). Não é de admirar que Paulo repita a advertência de que os presbíteros permaneçam alertas e lembre que passou *três anos* admoestando-os acerca do perigo iminente, muitas vezes *com lágrimas* (20:31). Eles deveriam manter-se vigilantes, pois o perigo era real.

Paulo ora pelos presbíteros efésios e os entrega *ao Senhor* (20:32a). Precisarão da presença de Deus a fim de encararem as tribulações que estão por vir. Também os entrega *à palavra da [...] graça* de Deus, que os edificará, fortalecerá e dará *herança entre todos os que são santificados*, prova de sua perseverança na fé (20:32b; cf. tb. Ef 1:11; 2:19-22).

Por fim, Paulo refuta a calúnia de que enriqueceu com sua pregação ou tomou para si mesmo a oferta destinada aos cristãos pobres em Jerusalém (cf. tb. 2Co 12:17-18). O apóstolo não pediu sustento financeiro dos presbíteros e nega categoricamente ter cobinado *prata*, [...] *ouro* ou *vestes* (20:33). A fim de evitar esse tipo de acusação, Paulo trabalhou para suprir suas próprias necessidades e a de seus colaboradores (20:34). Não desejava receber nenhum tipo de sustento que comprometesse sua liberdade de proclamar o evangelho (cf. tb. 1Co 9:1-18).

Paulo resume sua abordagem à questão financeira afirmando que deu o exemplo quanto ao modo de usar o dinheiro *em tudo* que fez (20:35a). Deixou um modelo a ser seguido. Assim como ele trabalhou com afinco para suprir as necessidades de outros, os presbíteros efésios também deveriam *socorrer os necessitados*. Paulo corrobora essa exortação com a lembrança de algo que Jesus havia dito. Apesar de as palavras citadas aqui não aparecerem em nenhuma outra parte do NT, sua essência fica evidente no Sermão do Monte (cf. Lc 6:38). Paulo sempre procurava fundamentar sua prática no modelo do Senhor Jesus (cf. tb. 1Co 7:10,12,25; 9:14; 11:24; 1Tm 5:18; 6:3).

As palavras de Jesus contrastam dar e receber. Não devem, contudo, ser interpretadas indevidamente como se quem recebesse a ajuda fosse menos abençoado do que quem a oferecesse, ou como se todos os servos de Deus deveriam ser capazes de se sustentar. É importante, porém, que não se contentem apenas em receber. Jesus insta os fiéis a não acumular riquezas, mas a distribuí-las. Foi com esse espírito que os cristãos de Jerusalém venderam seus bens para suprir as necessidades de outros (2:42-47; 4:32-37). A fim de que a igreja de Jerusalém pudesse continuar a compartilhar seus bens, alguns cristãos tiveram de se dispor a trabalhar, enquanto outros venderam bens para poder sustentar os mais necessitados da comunidade. Semelhantemente, a igreja de Éfeso precisava estar disposta a trabalhar para compartilhar com os necessitados. O ato de dar sempre implica que existe algo a ser dado, e esse “algo” é obtido por meio de trabalho árduo (20:35b).

20:36-38 UMA TRISTE DESPEDIDA. Terminado o discurso, Paulo e os presbíteros se ajoelharam para orar (20:36; cf. tb. At 7:60; 9:40; 21:5; cf. a postura de Jesus em oração em Lc 22:41). A oração provavelmente consagrou tanto o apóstolo quanto os presbíteros para o trabalho por vir. Numa efusão de amor, *houve grande pranto entre todos, e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam* (20:37). *Entristecidos* porque não mais o veriam, acompanharam o apóstolo *até ao navio* (20:38). Convém refletirmos se nossos vínculos com os missionários e pastores de nossa igreja são fortes a ponto de sentirmos tristeza semelhante num momento de partida.

### 21:1-6 Tiro

Depois dessa difícil partida, Paulo e seus companheiros seguiram viagem até a cidade de *Tiro* (21:1-3), onde permaneceram com alguns cristãos por *sete dias* (21:4). Esses irmãos também previram, por meio do Espírito, que Paulo sofreria em Jerusalém (cf. 20:23) e recomendaram que o apóstolo não fosse para lá (21:4), mas Paulo estava determinado a prosseguir. A partida de Tiro é a primeira ocasião em que famílias inteiras são mencionadas em Atos: *Proseguimos viagem, acompanhados por todos* [os discípulos], *cada um com sua mulher e filhos, até fora da cidade* (21:5). As mulheres e crianças também participaram da oração antes da partida dos missionários.

### 21:7-14 Ptolemaida e Cesareia

Os missionários passaram *um dia* com os irmãos (21:7) na cidade de Ptolemaida, a melhor enseada na costa da Palestina, a cerca de quarenta e oito quilômetros de Tiro, chamada hoje de Acre (em Jz 1:31, a cidade recebe o nome de Aco).

Rumando para o sul, Paulo e seus companheiros prosseguiram até *Cesareia*, onde visitaram *Filipe*, o evangelista, um dos sete homens escolhidos vários anos antes para ajudar na distribuição dos alimentos (21:8, cf. 6:5). Aqui, ele



## CULTO NOS LARES

Não há nada de estranho em ver pessoas com interesses comuns se reunirem em lares. Reuniões desse tipo são comuns em todas as culturas. Em algumas culturas africanas, por exemplo, membros da mesma família, pessoas da mesma faixa etária ou indivíduos com relacionamentos próximos se reúnem na casa do chefe da família ou de qualquer outro membro do grupo. Reuniões maiores envolvendo uma vila ou comunidade inteira costumam ser realizadas na praça ou outro lugar público.

Aqueles que creem em Cristo pertencem à mesma família da fé e possuem um propósito comum, de modo que não surpreende o fato de também se reunirem nos lares. A expressão “culto nos lares” (ou “células”, “pequenos grupos” e designações afins) descreve essas reuniões e as distingue dos cultos com toda a congregação.

Nosso Senhor Jesus se encontrava com frequência com grupos reunidos em lares. Antes de Pentecostes, seus discípulos também se reuniam em lares (At 2:46-47; cf. tb. At 12:12; 20:20; Rm 16:5; 1Co 16:19; Cl 4:15; Fm 2). Sabemos que havia cento e vinte discípulos reunidos no cenáculo no dia de Pentecostes; é possível que houvesse outros grupos maiores ou menores. Como é o caso hoje, o tamanho do grupo provavelmente era limitado pelo espaço disponível na casa.

Esses cristãos se reuniam com objetivos espirituais, e não apenas sociais. Apesar de haver controvérsia acerca do papel dos cultos nos lares, existe um consenso quanto ao motivo de sua existência, a saber, que a participação numa congregação maior não oferecia aos cristãos a oportunidade de interagir de modo produtivo com seus irmãos e irmãs em Cristo. Há quem defenda energicamente a ideia de que os cultos nos lares devem substituir as congregações maiores (alguns chegam até a afirmar que a existência de congregações mais numerosas é sinal de apostasia). Em geral, contudo, os pequenos grupos são considerados uma forma de or-

ganizar uma congregação para torná-la mais relevante e eficaz.

Os cultos nos lares focalizam três tipos de relacionamento: interno, com Deus e externo. Internamente, fortalecem os vínculos de comunhão entre os membros. O verdadeiro crescimento espiritual inclui o desenvolvimento da capacidade de se relacionar com outros e servi-los em Cristo de maneira correta. Quanto ao relacionamento com Deus, os cultos nos lares promovem a ligação com Deus por meio de Cristo. Todo cristão precisa crescer na intimidade com Deus. Externamente, suprem a necessidade de alcançar a vizinhança mais próxima com um testemunho autêntico do poder salvador de Cristo.

A fim de atingir os objetivos citados, alguns grupos usam esboços de estudos bíblicos criados para esse fim. Em outros casos, discutem e analisam o sermão do domingo anterior, levantando questões a serem esclarecidas e tratando da aplicação à vida de cada um. As reuniões também envolvem atividades sociais como o compartilhamento e cuidado mútuos.

A liderança dos cultos nos lares varia de um lugar para outro, mas em geral os líderes são membros da igreja que recebem treinamento para conduzir pequenos grupos. O principal líder da igreja ou uma equipe de líderes podem encaminhar pessoas a cada grupo. Os grupos também são incentivados a convidar outros para participar como forma de alcançar os não-cristãos e fortalecer os relacionamentos entre cristãos de igrejas diferentes.

As igrejas na África estão crescendo rapidamente, e algumas congregações chegam a ter centenas ou milhares de membros. Os cultos nos lares são necessários para promover e acompanhar o crescimento espiritual, o bem-estar físico e a interatividade entre os membros. O Senhor Jesus e os primeiros cristãos usaram esse padrão. Trata-se de um procedimento bíblico que aumenta a eficiência e produtividade.

Uzodinma Obed

é chamado de *o evangelista* em distinção ao apóstolo Filipe. Fica evidente que se tratava de um título conhecido na igreja primitiva (Ef 4:11; 2Tm 4:5).

A referência às *quatro filhas* solteiras de Filipe que *profetizavam* dá continuidade ao conceito do envolvimento das famílias na comunidade cristã (21:9; cf. 21:5). É possível que também sirva como lembrança do cumprimento da profecia de Joel de que Deus derramaria seu Espírito sobre homens e mulheres (cf. 2:18). Paulo tinha o dom de profecia em alta consideração e o julgava mais importante que a capacidade de falar em línguas (1Co 14:1-33). No NT, o termo “profecia” parece referir-se a um ministério de revelação que provavelmente incluía o ensino, pois, de acordo com Paulo, quem profetiza instrui e consola a igreja

(1Co 14:31). Tendo em vista a instrução de Paulo para as mulheres permanecerem em silêncio na igreja (1Co 14:33-35), é interessante observar que as filhas de Filipe tinham a capacidade de profetizar. Temos a impressão de que Deus capacita mulheres e homens para o ministério, de modo que não cabe à igreja prejudicar nenhum grupo com base em gênero.

Enquanto os missionários estavam hospedados na casa de Filipe, receberam a visita de um profeta da Judeia chamado *Ágabo*, que profetizou acerca da viagem de Paulo a Jerusalém: *Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios* (21:10-11). A profecia não contradisse a orientação do Espírito para que Paulo fosse a Jerusalém; antes, con-

firmou o controle do Senhor sobre tudo o que estava para acontecer (20:22).

Os outros discípulos, contudo, procuraram usar a profecia para dissuadir Paulo de ir a Jerusalém (21:12). O apóstolo se comoveu com a preocupação de seus companheiros, mas permaneceu convicto de que era da vontade de Deus que ele fosse. Não mudou os planos apenas por preocupação com sua segurança pessoal (21:13). Para ele, seria uma honra morrer em Jerusalém por amor ao nome de Jesus. Paulo não era temerário e, em duas ocasiões anteriores, fugiu do perigo (9:23-25, 29-30). Estava preparado, porém, para suportar o sofrimento, caso essa fosse a vontade de Deus (21:14).

### 21:15-26 *Jerusalém*

Uma vez que Paulo não se deteve pela profecia de sofrimento, alguns discípulos de Cesareia acompanharam o apóstolo e seus companheiros na parte final da viagem a Jerusalém (21:15-16). *Mnasom*, que, como Barnabé, era *natural de Chipre*, se ofereceu para hospedá-los. A descrição de Mnasom como *velho discípulo* pode indicar que sua conversão havia ocorrido no dia de Pentecostes (21:14; cf. 2:9-11).

Assim que chegaram a Jerusalém, os missionários se encontraram com os cristãos da cidade, os quais os *receberam com alegria* (21:17). Também se encontraram com os *presbíteros* de Jerusalém, aos quais Paulo deu um relatório detalhado de tudo o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério (21:18-19; cf. tb. 15:4). Suas notícias foram motivo de grande alegria para a igreja (21:20a).

Havia, entretanto, uma nuvem sobre suas comemorações. De acordo com os presbíteros, alguns membros *zelosos da lei* na igreja em Jerusalém ficaram indignados com os boatos de que Paulo estava incentivando os judeus da Diáspora a abandonar a lei mosaica (21:20b-21; cf. tb. 16:3; 1Co 7:18; 9:19). A fim de evitar problemas, os presbíteros aconselharam Paulo a demonstrar seu compromisso pessoal com a observância da lei. Recomendaram que o apóstolo pagasse as despesas de quatro cristãos piedosos que haviam feito um voto, permitindo, desse modo, que cumprissem o voto e raspassem a cabeça (cf. 18:18). Ao participar dos rituais de purificação desses irmãos, Paulo mostraria que continuava respeitando a lei (21:22-24; cf. tb. Nm 6:13-15).

Os presbíteros garantiram a Paulo que essas preocupações diziam respeito apenas aos cristãos judeus no mundo gentio e reafirmaram seu apoio à decisão anterior acerca da inclusão dos gentios na comunidade dos cristãos (21:25; cf. 15:19-29).

No dia seguinte, portanto, Paulo fez conforme os presbíteros o aconselharam e *entrou no templo* (21:26).

### 21:27—28:31 *O testemunho supremo de Paulo*

Nessa seção final de Atos, Paulo é preso em Jerusalém, interrogado, mantido preso em Cesareia e, por fim, extradi-

tado para Roma, o centro do Império Romano. Sua jornada pode ser descrita como seu testemunho supremo aos confins da terra (1:8).

### 21:27—23:22 *Audiência e encarceramento em Jerusalém*

#### 21:27-36 *A prisão de Paulo*

Enquanto Paulo realizava os rituais de purificação no templo, foi reconhecido por alguns judeus que *alvorçaram todo o povo* e [...] *agarraram* o apóstolo (21:27; cf. 20:18-19). As acusações feitas contra ele eram tão falsas quanto aquelas feitas contra Jesus e Estêvão. Os acusadores afirmaram que Paulo ensinava *por toda parte* [...] *todos a serem contra o povo, contra a lei e contra este lugar* e que havia profanado o templo ao levar gregos para dentro do *recinto sagrado* (21:28; cf. tb. 21:21). (O narrador esclarece que, apesar de *Trófimo* estar com Paulo em Jerusalém, não o havia acompanhado até o templo; 21:29.) Os judeus que lideraram o protesto eram originários da província romana da Ásia, provavelmente da cidade de Éfeso. Ainda ressentiam o sucesso do ministério de Paulo naquela cidade (19:1-41).

Se o *comandante* do exército romano não tivesse chegado e prendido Paulo, a multidão teria linchado o apóstolo (21:30-35). Em seu evangelho, Lucas mostra Pilatos tentando proteger Jesus da violência da multidão (Lc 23:13-23) e aqui mostra as autoridades romanas protegendo Paulo (21:36). Em ambos os casos, o povo gritou: *Mata-o!*

#### 21:37—22:21 *A defesa de Paulo diante da multidão irada*

Com toda a educação, Paulo pediu ao comandante que lhe desse permissão para falar (21:37). O comandante, que havia concluído que Paulo era um egípcio responsável por liderar um ataque anterior à cidade, ficou surpreso ao ouvir o apóstolo falar em grego (21:38). Paulo explicou que, na verdade, era *judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante na Cilícia* (21:39).

O modo respeitoso de Paulo se dirigir ao comandante mostra como os cristãos devem tratar com as autoridades. A ênfase do apóstolo sobre sua verdadeira identidade também serve de exemplo. Ele não escondeu sua cidadania. Tinha orgulho de ser judeu da grande cidade de Tarso, com sua famosa universidade. Não estava insinuando que ser confundido com um egípcio era um insulto; simplesmente fez questão de esclarecer qualquer dúvida sobre sua identidade.

Paulo começou seu discurso à multidão com as mesmas palavras formais usadas por Estêvão ao se dirigir aos seus acusadores: *Irmãos e pais* (22:1; 7:2). A linguagem formal visava demonstrar cortesia e respeito e ressaltar o nível de relacionamento com os presentes, uma vez que eram compatriotas judeus. Apesar do ataque que havia acabado de sofrer, Paulo não foi arrogante e conseguiu manter a calma. Desejava usar a oportunidade para compartilhar seu

testemunho e explicar sua vida e conduta (cf. tb. 25:16; 1Co 9:3; 2Co 7:11; Fp 1:7,16; 1Pe 3:15).

O modo de Paulo se dirigir a eles e o fato de falar em aramaico chamaram a atenção da multidão, e todos *guardaram ainda maior silêncio (22:2)*. Paulo falou em grego ao comandante (21:37), mas, como todo bom comunicador do evangelho, se dirige ao público na linguagem apropriada.

Ele começa a defesa fazendo referência às suas origens farisaicas. Nessa sucinta autobiografia, explica que era judeu, nascido na cidade de Tarso, mas criado em Jerusalém e rigorosamente instruído na lei judaica pelo grande mestre *Gamaliel (22:3)*. O apóstolo se mostrara tão preocupado em observar a lei quanto a multidão que desejava matá-lo. Na verdade, havia participado ativamente da perseguição daqueles que eram do *Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres (22:4; cf. tb. Fp 3:6)*. Podia até chamar o *sumo sacerdote* como testemunha de que havia recebido permissão para ir a Damasco prender os cristãos que ali encontrasse e trazê-los para Jerusalém (22:5; cf. tb. 9:1-2). Convém observar que Paulo toma o cuidado de se referir à comunidade cristã de forma neutra como “este Caminho”.

O apóstolo se envergonhava profundamente de ter perseguido os cristãos, como fica evidente na descrição que faz de si mesmo em sua carta a Timóteo (1Tm 1:13-15). Mas o relato de sua conversão deixa claro que a dádiva de Deus é oferecida a todos.

Depois de apresentar suas credenciais judaicas, Paulo fala de sua conversão na estrada para Damasco. Lucas relatou o acontecimento em 9:3-8, mas aqui e em 26:12-18 Paulo narra a experiência com suas próprias palavras. As três versões da história apresentam pequenas diferenças quanto a alguns detalhes.

Aqui, Paulo diz que o grupo estava *já perto de Damasco* e era *quase meio-dia* quando foi detido por uma *grande luz do céu* que *brilhou ao redor dele*, evidência de que se tratava de uma manifestação celestial (22:6; cf. tb. 26:13). Paulo caiu por terra, possivelmente em sinal de submissão, e, enquanto estava nessa posição, ouviu *uma voz* que se dirigiu a ele e chamou seu nome duas vezes (22:7; 9:4; 26:14).

A pessoa que falou é identificada como *Jesus, o Nazareno (22:8)*. A designação “Nazareno” não aparece em 9:5 e 26:15, mas é incluída aqui porque esse era o nome pelo qual o público judeu conhecia Jesus (cf. tb. 24:5). Jesus declarou que a perseguição à sua igreja correspondia a uma perseguição a ele próprio. Em seguida, orientou Paulo a entrar em Damasco (“entra na cidade”, 9:6), onde alguém lhe *falaria acerca de tudo o que te é ordenado fazer (22:10)*. *Tendo ficado cego por causa do fulgor daquela luz*, Paulo teve de ser conduzido à cidade por seus companheiros (22:11), que *viram a luz (22:9)*, mas não entenderam a voz nem foram cegados. O grande defensor do judaísmo, porém, se viu necessitado de ajuda humana para realizar até as tarefas mais simples.

O fato de o Senhor não revelar a Paulo tudo que ele deveria fazer mostra claramente que há um lugar para a participação humana no chamado daqueles que Deus pretende usar. O comentário posterior de Paulo de que não havia recebido seu apostolado de seres humanos (Gl 1:11-24) não exclui a participação de Ananias.

Paulo descreve *Ananias* como homem *piadoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam (22:12)*. Era também um seguidor do Caminho. O apóstolo mostra que ele foi apresentado ao cristianismo por um judeu devoto e que o fato de Ananias ser cristão não significava que havia transgredido a lei.

Ananias restaurou a visão de Paulo (22:13). Esse momento parece ser idêntico à conversão de Paulo. Ele estava pronto para receber as instruções do Senhor transmitidas por seu servo, Ananias: *O Deus de nossos pais, de antemão, te escolheu para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires uma voz da sua própria boca (22:14)*. Essas palavras (que não aparecem em 9:17 e 26:16-18) visam mostrar que o cristianismo não era uma religião blasfema, mas originária do Deus dos pais de Israel. Deus estava chamando Paulo a se tornar *testemunha diante de todos os homens*, ou seja, a exercer um ministério inclusivo (22:15). Ele devia dar testemunho do que havia *visto e ouvido*. É com base no fato de ter visto e ouvido o Cristo ressurreto que Paulo é reconhecido como apóstolo (cf. tb. 1Co 9:1).

Paulo recebeu o batismo e lavou seus pecados em nome de Jesus (22:16). Não devemos entender que esse versículo sugere a salvação por meio do batismo (cf. tb. 2:38). O enfoque é sobre a submissão a Jesus. Como em outras passagens do NT, o batismo constitui o símbolo externo de uma mudança ocorrida internamente (Rm 6:4-6; 1Co 6:11).

Algum tempo depois (a data não é especificada aqui; cf. Gl 1:18), Deus falou a Paulo numa visão enquanto ele orava no templo em Jerusalém (22:17; cf. a visão de Pedro em 10:9-16). O Senhor o instruiu a deixar Jerusalém porque os judeus não apenas recusaram sua mensagem, mas também planejavam matá-lo (22:18; cf. tb. 9:29). Paulo se surpreendeu com essa instrução. Tendo em vista seu histórico de perseguidor dos cristãos e apoio aos assassinos de Estêvão (22:19-20; cf. tb. 8:1), era de esperar que sua conversão causasse forte impacto sobre os judeus de Jerusalém. Se ele pôde converter-se, outros também poderiam receber a salvação (cf. tb. 1Tm 1:15-17).

O Senhor, porém, conhecia a situação melhor que Paulo e o enviou *para longe, aos gentios (22:21)*. Ao ouvir isso, lembramos que Paulo se encontra de volta ao lugar do qual Deus o havia mandado embora. Será que a nova geração de judeus lhe dará ouvidos?

### 22:22-29 *Vantagens da cidadania romana*

A menção dos gentios lembrou aos judeus o motivo de sua revolta, e recomeçou o alvoroço. Muitos gritavam *Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!*, arrancavam

*suas capas* e lançavam *poeira para os ares* (22:22-23; cf. tb. 7:57). Reagiram feito animais irracionais, como touros que pateiam o chão e fazem ruídos ameaçadores enquanto se preparam para lutar. Paulo não disse, contudo, nada que insultasse seus ouvintes ou blasfemasse o nome de Deus.

Ao ver que a situação começava a fugir do controle, *ordenou o comandante que Paulo fosse recolhido à fortaleza* (22:24a). Ao que parece, o comandante não entendeu o discurso de Paulo ou o motivo de tamanha raiva da multidão, pois determinou que o apóstolo fosse açoitado e *interrogado para saber* o que se passava (22:24b). Mas Paulo revelou ao centurião *presente* que era *cidadão romano* e, portanto, tinha direito a julgamento antes de ser açoitado (22:25; cf. tb. 16:37). O centurião informou o comandante, que, irritado, questionou Paulo acerca de sua cidadania. Enquanto o comandante havia gastado *grande soma de dinheiro* para receber o *título de cidadão*, Paulo o era *por direito de nascimento* (22:26-29). Sua cidadania romana não se devia simplesmente ao fato de ele ter nascido em Tarso, pois a cidade não era colônia romana. O pai ou o avô de Paulo provavelmente comprara a cidadania ou a recebera como recompensa por algum serviço prestado.

O apóstolo conhecia seus direitos como cidadão romano e não deixou que fossem desrespeitados (cf. tb. At 16:35-39). Permitiu que Deus usasse sua posição social privilegiada para alcançar os membros das classes mais altas da sociedade (cf. tb. 9:15), sem desprezar, porém, os membros das classes desfavorecidas (1Co 1:26).

#### 22:30—23:11 A defesa de Paulo perante o Sinédrio

Uma vez que o comandante não podia manter um cidadão romano preso, a menos que ele fosse considerado culpado de algum crime, libertou Paulo e ordenou que o conselho judeu se reunisse no dia seguinte para descobrir exatamente quais eram as acusações contra Paulo (22:30). Graças a essa decisão, o apóstolo teve oportunidade de se defender perante o Sinédrio.

As palavras introdutórias de Paulo ao conselho são bem diferentes daquelas usadas ao se dirigir à multidão no dia anterior (22:1). Ele os chama de *varões, irmãos* (23:1a), pois, em outros tempos, havia pertencido àquele grupo. Paulo assevera que compartilha do desejo deles de viver de acordo com a vontade de Deus e declara: *Tenho andando diante de Deus com boa consciência até ao dia de hoje* (23:1b). Em outras palavras, sua consciência estava tranquila diante de Deus e não havia nenhuma verdade nas acusações feitas contra ele.

Ananias, o sumo sacerdote, não queria ouvir mais, de modo que instruiu alguém a bater *na boca* de Paulo (23:2; cf. tb. Jo 18:22). Além de ser ilegal, a agressão física era inapropriada para um conselho desse tipo e particularmente ofensiva entre compatriotas.

Paulo respondeu lembrando que se tratava de uma ação ilegal. Ao transgredir a lei que devia defender, Ananias se

mostrou hipócrita (23:3). A comparação dele a uma *pa branqueada* faz lembrar a imagem que Jesus emprega Mateus 23:27.

Quando Paulo soube que havia insultado o *sumo sacerdote* (23:4), pediu desculpas e citou uma lei segundo a qual ninguém devia falar *mal de uma autoridade do* [...] *fl* (23:5; cf. Êx 22:28). Paulo não havia falado com a intenção de desrespeitar o cargo de sumo sacerdote, mas não sabia que esse cargo era ocupado por Ananias. Seu último contato com o Sinédrio tinha sido pouco antes de sua conversão, quando provavelmente pediu a Caifás, o sumo sacerdote anterior, que lhe desse cartas de apresentação (4:6; cf. Lc 3:2).

Ao se ver em perigo, Paulo usou seu conhecimento da existência de diferentes partidos no Sinédrio e declarou *sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!* (23:6). Essa declaração verdadeira, pois sua fé se baseava na ressurreição de Cristo. Paulo sabia, contudo, que se tratava de um tema controverso dentro do conselho, pois, ao contrário dos fariseus que acreditavam na ressurreição, os saduceus negavam qualquer possibilidade de vida depois da morte (23:7). Ao ouvir a questão ser apresentada nesses termos, os fariseus argumentaram que Paulo não havia feito nada errado e talvez fosse verdade que Deus lhe houvesse falado por meio de *algum espírito ou anjo* (23:9). A discussão tornou-se tão acalorada que o comandante considerou prudente enviar Paulo de volta à fortaleza (23:10).

Até aqui, temos a impressão de que Paulo está sozinho em suas provações em Jerusalém. À noite, porém, o Senhor lhe aparece e profere palavras de encorajamento: *Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma* (23:11). O Senhor reconheceu as tentativas de Paulo de dar testemunho dele em Jerusalém, em meio a toda confusão e insinuações. Agora, informa ao apóstolo que, de algum modo, esses acontecimentos estavam cooperando para realizar o antigo sonho de Paulo de testemunhar ao povo em Roma (cf. 19:21).

#### 23:12-22 Conspiração para matar Paulo

O apóstolo precisava de coragem, pois Satanás estava preparando um ataque. *Quando amanheceu*, mais de quatrocentos judeus juraram que não haviam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo (23:12; cf. tb. Dt 13:12-15; 20:16). Buscaram a ajuda dos *principais sacerdotes* e do Sinédrio para organizar outra audiência para Paulo. O plano era manter o prisioneiro enquanto ele estivesse a caminho do conselho (23:13-15). Conforme Jesus havia predito, ao traírem o assassinato de um dos servos do Senhor, esses indivíduos tinham convicção de que estavam fazendo a vontade de Deus (Jo 16:2).

Deus frustrou a conspiração, porém, com a ajuda do sobrinho de Paulo, *o filho da irmã de Paulo* (23:16). O sobrinho de Paulo ta

tenha ido a Jerusalém para estudar, como o próprio Paulo havia feito, ou talvez fosse um seguidor do Caminho. O texto não informa como ele ficou sabendo da conspiração; porém, assim que ouviu a trama, [...], *entrou na fortaleza e de tudo avisou a Paulo*. Mais que depressa, o apóstolo providenciou para que seu sobrinho falasse com o comandante (23:17-18). O comandante acreditou no aviso do rapaz sobre a conspiração e recomendou *que a ninguém dissesse ter-lhe trazido estas informações* (23:19-22). A proteção de Deus sobre Paulo fica evidente na advertência providencial por meio de um membro da família e na disposição do comandante romano de acreditar no rapaz.

### 23:23—26:32 Audiência e encarceramento em Cesareia

Paulo foi transferido para Cesareia, onde permaneceria preso por algum tempo antes de ser levado a Roma para responder às acusações perante César.

#### 23:23-35 A jornada de Paulo a Cesareia

A fim de evitar o assassinato de um cidadão romano sob sua proteção, o comandante providenciou para que Paulo fosse enviado ao quartel-general em Cesareia, onde ficaria sob responsabilidade do governador Félix. Para evitar problemas, às 21 horas, Paulo foi enviado a cavalo, com uma escolta constituída de pelo menos *dois centuriões, duzentos soldados* fortemente armados, *setenta* soldados de cavalaria e *duzentos lanceiros* (ou soldados com armas leves) (23:23-24).

O comandante, chamado Cláudio Lísias (23:26a), também escreveu uma carta formal ao governador (23:25). Suas palavras introdutórias refletem a forma de tratamento da época (23:26b; cf. tb. 1:1; 24:3; 26:25). O restante da carta resume a importunação de Paulo pelos judeus em Jerusalém e expressa a opinião de Lísias de que nenhuma das acusações contra o prisioneiro era motivo para morte ou mesmo encarceramento. Lísias dá a entender que teria libertado Paulo, não fosse a conspiração para matar o prisioneiro. Também orienta os acusadores a apresentar suas queixas perante Félix (23:27-30).

Paulo foi transferido em segurança para Cesareia e apresentado ao governador, juntamente com a carta de Cláudio Lísias (23:31-33). Depois de ler a carta e ser informado de que Paulo era da província da Cilícia, Félix o manteve *detido* e prometeu ouvi-lo quando seus *acusadores* chegassem (23:34-35).

#### 24:1-27 Audiência perante Félix

*Cinco dias depois*, [...] o sumo sacerdote, Ananias, e alguns membros do Sinédrio desceram a Cesareia para apresentar as acusações contra Paulo (24:1). Uma vez que não conheciam os procedimentos legais romanos, contrataram um advogado romano chamado Tértulo para falar em nome deles.

Tértulo começou a apresentação com uma expressão convencional de gratidão pela paz que o país desfrutava, graças à sábia liderança de Félix (24:2-4). A história mostra que suas palavras lisonjeiras não correspondiam à verdade. Em seguida, afirmou que essa paz se encontrava ameaçada por causa de Paulo, o *agitador* e líder dos cristãos que havia provocado tumulto entre os judeus e profanado o templo (24:5-6). Tértulo e os judeus que estavam com ele garantiram a Félix que, se ele interrogasse Paulo, veria que todas as acusações eram verdadeiras (24:8-9). Em alguns textos gregos, Tértulo fala de modo mais demorado e fornece detalhes conhecidos. Essa passagem, que provavelmente não fazia parte do original, aparece entre colchetes na RA.

Com sabedoria, o governador ofereceu a Paulo a oportunidade de responder às acusações (24:10a). Paulo começou sua defesa reconhecendo que Félix possuía a experiência necessária para julgar sua causa com justiça (24:10b). Em seguida, negou que tivesse incitado tumultos e ressaltou que só havia passado doze dias em Jerusalém, durante os quais tinha procurado cumprir em paz um dever religioso. Não se havia envolvido em nenhuma discussão pública no templo nem em outro lugar da cidade (24:11-13).

Paulo reconheceu, porém, que, conforme a acusação de Tértulo, fazia parte do Caminho, *a que chamam seita*, mas explicou sua crença em termos diferentes: *Assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas* (24:14). Aquilo que seus acusadores chamavam de seita era, na verdade, o Caminho de Deus (cf. tb. 4:12; Jo 14:6).

Paulo e seus acusadores concordavam quanto a algumas questões teológicas fundamentais: *Tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos* (24:15). A ressurreição de Cristo era um elemento central da teologia de Paulo, e, apesar de nem todos os judeus crerem na possibilidade da ressurreição (cf. 23:8), muitos a aceitavam. Além da ressurreição de Jesus, havia apenas uma diferença entre suas convicções: enquanto os judeus diziam que apenas os justos ressuscitariam, os cristãos afirmavam que os ímpios também reviveriam, porém para condenação (cf. tb. Jo 5:29; Ap 20:12).

Devido a essa crença no julgamento final, Paulo se esforçava *por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens* (24:16). Mesmo que outros não reconheçam nossa fidelidade, Deus é o juiz supremo que vê todos os nossos atos (1Jo 3:21). Tendo em vista o desejo de Paulo de manter a consciência pura diante de Deus, era improvável que ele houvesse profanado o templo.

Em seguida, o apóstolo explica o motivo de sua visita a Jerusalém: *Vim trazer esmolas à minha nação* (24:17a; cf. tb. 1Co 16:1-4; 2Co 8—9; Rm 15:25-27) e *também fazer ofertas* (24:17b; cf. tb. 18:18; 20:16). Se havia ocorrido algum tumulto ao redor dele, não era por sua iniciativa. Cabia aos judeus da Ásia que haviam começado o alvoroço explicar



seus atos. Na verdade, a única questão pela qual ele poderia ser acusado de incitar tumulto seria a frase que havia proferido em alta voz durante seu *comparecimento perante o Sinédrio* (24:18-21).

Lucas não informa qual foi a reação dos acusadores à defesa de Paulo. De qualquer modo, Félix, que tinha algum conhecimento acerca do cristianismo, decidiu suspender a audiência até que tivesse ouvido o depoimento do *comandante Lísias*, uma testemunha ocular dos acontecimentos (24:22). Paulo permaneceu *detido*, mas com algumas regalias (24:23). Seus amigos podiam visitá-lo e prover o que lhe fosse necessário. É provável que entre esses amigos estivessem Lucas, Aristarco, Trófimo e Filipe, o evangelista (cf. tb. 21:8-15).

Félix era casado com uma *judia* chamada *Drusila*, filha mais nova de Herodes Agripa. Ela e o marido ouviram o testemunho de Paulo *a respeito da fé em Cristo Jesus* (24:24). Félix, porém, considerou difícil aceitar as palavras do apóstolo *acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro*, talvez por sua própria consciência culpada (24:25). Pediu que Paulo se retirasse, mas voltou a chamá-lo com frequência. Talvez simplesmente gostasse de conversar com Paulo ou, o que é mais provável, esperasse receber suborno do apóstolo ou de seus amigos (24:26). O impasse durou dois anos. É possível que Lucas tenha usado esse tempo em que foi obrigado a permanecer em Cesareia para fazer a pesquisa necessária ao evangelho de Lucas.

Passados dois anos, Félix foi sucedido no governo por *Pórcio Festo*. Uma vez que as autoridades judaicas continuavam a se mostrar hostis em relação a Paulo, Félix não o libertou antes de partir, mas o transferiu aos cuidados de seu sucessor (24:27).

### 25:1-12 Audiência perante Festo

Como Félix, Festo desejava manter uma relação amigável com o povo sobre o qual governava. Consequentemente, uma das primeiras medidas que tomou como governador foi visitar Jerusalém e encontrar os líderes judeus (25:1-2). Estes, por sua vez, aproveitaram a oportunidade para persuadir o governador a transferir Paulo para Jerusalém, com o argumento de que seria mais fácil levar um homem a Jerusalém para ser julgado do que todos eles terem de ir a Cesareia. Caso Festo houvesse atendido a esse pedido, os judeus teriam preparado *cilada para [...] matarem Paulo na estrada* (25:3; cf. tb. 23:12-32).

O governador recusou o pedido e insistiu em que alguns dos líderes o acompanhassem a Cesareia (25:4-5). O Senhor pode usar até autoridades pagãs para proteger seu povo, e podemos ficar tranquilos, pois sabemos que nenhum mal nos sobrevirá sem o conhecimento de Deus (cf. Sl 23:4).

Depois de passar mais de uma semana em Jerusalém (25:6), Festo voltou a Cesareia e, *no dia seguinte*, convocou o *tribunal* para tratar do caso de Paulo. Lucas relata

que os judeus trouxeram muitas e graves acusações contra ele (25:6-7). É possível que essas acusações fossem as mesmas que Tértulo havia apresentado perante Félix (24:5-8). Mais uma vez, contudo, não tinham provas para corroborar as acusações.

A defesa de Paulo é resumida em uma frase: *Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César* (25:8). As palavras “contra César” sugerem que o apóstolo talvez tenha sido acusado de conspirar contra o imperador Nero que reinou de 54 a 68 d.C.

Festo se viu diante de um dilema: por um lado, não tinha provas para considerar Paulo culpado; por outro, se o libertasse, provocaria a ira dos judeus. Tentou um acordo, portanto, ao perguntar a Paulo se concordaria em ser julgado em Jerusalém (25:9). Seu pedido é absurdo, pois o processo legal correto já havia sido seguido. Festo simplesmente desejava atender ao pedido anterior dos judeus para que Paulo fosse transferido (25:3).

Paulo sabia o que aconteceria se fosse a Jerusalém. Apesar de não ter medo de morrer, caso fosse considerado culpado depois de um julgamento justo, sabia que não receberia esse tipo de julgamento em Jerusalém. O mais correto seria apresentar seu caso a um tribunal romano. Festo sabia muito bem que Paulo não havia praticado *nenhum [...] agravo contra os judeus* (25:10; cf. tb. 25:18). Ciente de seus direitos legais e da proteção que a lei romana lhe proporcionava, Paulo declarou: *Ninguém, para lhes ser agradável, pode entregar-me a eles*. Todo cidadão romano tinha direito de apelar para César a fim de receber um julgamento justo, de modo que o apóstolo profere as palavras fatídicas: *Apelo para César* (25:11).

Depois de falar com o conselho, Félix atendeu ao apelo de Paulo e informou que o enviaria a Roma (25:12). Talvez o governador imaginasse que a perspectiva de ser mandado para a capital do império assustaria Paulo. Mal sabia que estava prestes a realizar um sonho do apóstolo.

### 25:13-22 Conferência de Festo com o rei Agripa

Festo ficou confuso sobre como formular as acusações contra Paulo (cf. tb. 25:26). Quando o rei Agripa II (filho de Agripa I; 12:20-23) e sua companheira, *Berenice* (irmã de Drusila, esposa de Félix), foram a *Cesareia saudar Festo*, o governador aproveitou a oportunidade para consultar o rei acerca da situação de Paulo (25:13).

A explicação que Festo oferece sobre o caso para Agripa e Berenice resume a história até aqui. Ele ressaltou que *Félix deixou* Paulo preso, eximindo-se, desse modo, de qualquer envolvimento com a prisão do apóstolo (25:14). Explicou também que a lei romana o impossibilitava de atender ao pedido dos líderes judeus para que lhe entregassem o prisioneiro (25:15-16), uma informação que destaca a recusa categórica de Paulo em ser entregue aos judeus (25:11).

Festo havia tido dificuldade em entender as acusações dos judeus contra Paulo. A seu ver, tratava-se simplesmente

de uma controvérsia religiosa acerca da doutrina de um certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo (25:17-19). É evidente que Paulo deve ter pregado a ressurreição durante seu julgamento.

Uma vez que essas acusações nada tinham que ver com a lei romana, Festo queria que o caso fosse examinado pelas autoridades religiosas em Jerusalém. Paulo, entretanto, havia apelado para César e por essa razão permanecia sob custódia até que pudesse ser enviado ao imperador (25:20-21). Com grande diplomacia, Agripa expressou o desejo de ouvir Paulo, e Festo prometeu providenciar uma audiência para o dia seguinte (25:22).

### 25:23-27 Audiência perante o rei Agripa

Festo transformou a audiência num acontecimento cerimonioso, ao qual compareceram os *homens eminentes* de Cesareia e os convidados de honra do governador, Agripa e Berenice, que chegaram com grande pompa (25:23).

Festo começa apresentando Paulo: *Vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui* (25:24). Ele pressupõe que os principais sacerdotes e líderes do povo representavam toda a comunidade judaica. Nem todos os judeus, contudo, rejeitaram o evangelho, pois Paulo e muitos outros cristãos eram judeus.

Festo declara que nenhuma das acusações feitas contra Paulo correspondia a um crime capital. Jamais enviaria Paulo a Roma se o prisioneiro não tivesse *apelado para o imperador* (25:25). Agora, o governador precisa descrever as acusações contra Paulo em sua carta a César e espera que os presentes, especialmente o convidado principal, o rei Agripa, o ajudem a formulá-las (25:26-27).

Nesse exemplo de conduta extremamente imprópria das autoridades, vemos um grupo de oficiais e homens eminentes tentando forjar acusações por motivos políticos, em vez de absolver um indivíduo claramente inocente. Os líderes cristãos precisam estar alertas a essa tentação. Até mesmo conselhos de igreja podem ser seduzidos por esse tipo de comportamento no tocante a questões de disciplina eclesiástica.

### 26:1-32 A defesa de Paulo perante o rei Agripa

Agripa assume a palavra, preside a audiência e permite que Paulo fale (26:1).

O apóstolo começa sua defesa reconhecendo o privilégio de ser julgado diante de um homem instruído e experiente como Agripa (26:2). Comparado a Félix e Festo, como judeu, Agripa possui amplo conhecimento da religião judaica e de suas respectivas controvérsias. Paulo pede, portanto, que o rei o escute *com paciência* (26:3), enquanto ele apresenta sua defesa de maneira mais completa do que em ocasiões anteriores.

Mais uma vez, Paulo fornece uma autobiografia sucinta. Assevera que os judeus o conheciam desde sua infância

em Tarso e em Jerusalém (26:4). Se assim o quiserem testemunhar, até seus acusadores podem atestar que ele vivera como fariseu rigoroso (26:5). Quantos de nós poderíamos oferecer nossa vida para escrutínio público como Paulo faz aqui e em outras ocasiões (cf. tb. 1Co 4:16; Fp 3:17)?

Paulo afirma que está sendo julgado devido à sua crença na *promessa de Deus* de que o Messias sofreria e ressuscitaria dentre os mortos (26:6-8; cf. tb. 23:6; Rm 9—11; Gl 3). O apóstolo pergunta por que alguns de seus ouvintes consideram *incrível [...] que Deus ressuscite os mortos* (26:8). Trata-se de um ato perfeitamente compatível com o poder de Deus.

Depois de demonstrar sua inocência quanto à vida pessoal, Paulo descreve como, em outros tempos, também se havia oposto aos seguidores de Jesus, o Nazareno, e como lhe parecia que devia fazer *muitas coisas [...] contra* esse movimento. A expressão “muitas coisas”, que também pode ser traduzida por “todo o possível”, mostra que até mesmo em sua perseguição à igreja Paulo seguiu a lei e pediu permissão às autoridades apropriadas antes de ir ao encalço dos seguidores de Jesus (26:9-10). Seu zelo o levou até a colaborar para que cristãos fossem executados. Ele os perseguia *por todas as sinagogas* e até mesmo *por cidades estranhas* (26:11). É possível que Damasco não tenha sido a única cidade que Paulo visitou em sua missão persecutória.

Em seguida, o apóstolo fala do sinal do céu que interrompeu sua viagem a Damasco. Os detalhes fornecidos em 26:12-13 são semelhantes aos de 22:6-10, com exceção da ausência de qualquer referência a Ananias. Seu papel era relevante no discurso de Paulo à multidão de judeus em Jerusalém, mas não passava de um detalhe desnecessário para esse público (22:12-16). Paulo diz que Jesus o chamou pelo nome, enquanto ele e seus companheiros estavam caídos por terra (26:14a). Jesus citou um provérbio popular associado à prática de arar o solo. Se o boi que puxava o arado não aceitasse ser cutucado para continuar andando e resolvesse escoicear, acabaria machucando-se ainda mais com *os aquilhões afiados* (26:14b). O efeito de se opor a Jesus é semelhante, pois quem sofre é o opositor.

Jesus afirmou que havia aparecido a Paulo para constituí-lo *ministro e testemunha* tanto da revelação que já havia recebido de Jesus quanto do que lhe seria revelado no futuro (26:16). Paulo enfatiza aquilo que tinha visto, pois o tornava testemunha ocular do Cristo ressurreto e, portanto, o qualificava como apóstolo (cf. tb. 1Co 4:1; 9:1). Jesus também deu a entender que a vida do apóstolo não seria fácil, pois ele teria de ser livrado dos judeus e dos gentios (26:17), os mesmos grupos perante os quais estava sendo julgado naquele momento.

O apóstolo ministaria aos judeus e aos gentios e lhes abriria *os olhos* (26:18a; cf. tb. Lc 4:18; Is 35:5). O pecado cegou as pessoas de tal modo que elas não reconhecem as bênçãos da salvação. Abrir os olhos é o primeiro passo para a conversão (cf. tb. Cl 1:12-14; 1Jo 1:5-7; 2:11).

A conjunção *e* liga a ideia de converter pessoas *das trevas para a luz* à ideia de convertê-las *da potestade de Satanás para Deus* (26:18b). Aqueles cujos olhos foram abertos não podem continuar sujeitos ao poder de Satanás. Antes, submetem-se ao poder de Deus. O resultado final é duplo: *remissão dos pecados* e um lugar no reino de Deus com os santos. A única qualificação necessária é a fé em Jesus (26:18c; cf. tb. 20:21).

Em seguida, Jesus disse a Paulo para realizar a obra do ministério, e o apóstolo foi adiante e continuou a ser obediente a esse chamado (26:19). Resume seu trabalho ao dizer que havia pregado *primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judeia, e aos gentios* (26:20a). Sua mensagem consistia em pedir aos ouvintes *que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento* (26:20b). Vemos aqui de forma bastante clara que a teologia paulina da salvação pela graça por meio da fé (Ef 2:8-10) não contradiz a afirmação de Tiago de que “a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2:14-26; cf. tb. Gl 3:1-14).

Devido à sua pregação, Paulo era odiado pelos judeus, daí procurarem matá-lo (26:21). Mas Deus continuou a livrá-lo *até ao dia de hoje*, e, por isso, ele pode dar *testemunho, tanto a pequenos como a grandes* (26:22a), declaração que ressalta a natureza inclusiva do evangelho. Todos os que estavam ali reunidos tinham a mesma oportunidade de se decidir em relação à mensagem das boas-novas.

Paulo afirma que toda a sua pregação está de acordo com aquilo que *os profetas e Moisés* (ou seja, os cinco livros de Moisés) haviam dito: *que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios* (26:22b-23). O apóstolo não vê nenhuma contradição entre o judaísmo e o cristianismo e acredita que é possível provar a mensagem do evangelho com as Escrituras hebraicas.

Festo, provavelmente confuso com as observações acerca do AT, sobre o qual ele não devia saber quase nada, interrompe o discurso e afirma que, de tão culto, Paulo havia perdido o juízo (26:24)! O apóstolo nega tranquilamente essa declaração e comenta que Agripa, um especialista em questões judaicas (26:3), podia entender o que ele estava dizendo e reconhecer que sua argumentação era constituída *por palavras de verdade e de bom senso*. É bem possível que Agripa estivesse a par dos acontecimentos associados a Jesus, pois eles se haviam tornado públicos (26:25-26).

Paulo aproveita a oportunidade para falar claramente ao rei Agripa, sobre o qual ele parece ter algum conhecimento: *Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas* (26:27). Como a resposta do rei deixa claro, ele entende que Paulo está pedindo para que ele se converta: *Por pouco me persuades a me fazer cristão* (26:28; cf. tb. 11:26; 1Pe 4:16). Paulo replica: *Assim Deus permitisse, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou*, e acrescenta, com um toque

de humor, *exceto estas cadeias* (26:29). O apóstolo não está amargurado com sua prisão; deseja apenas que Deus conduza alguns dos presentes ao arrependimento. Exemplifica, desse modo, sua própria instrução a Timóteo acerca de estar pronto a pregar o evangelho “quer seja oportuno, quer não” (2Tm 4:2).

Não há nenhuma hostilidade entre Paulo e seu público, como houve quando ele compareceu perante o Sinédrio (23:2-5). Apesar de ninguém responder ao apelo do prisioneiro, sua apresentação do evangelho deve ter marcado de forma indelével o coração de seus ouvintes. Ele havia feito sua parte; cabia ao Espírito Santo convencer os ouvintes.

Lucas relata que a discussão subsequente entre os dignitários foi favorável a Paulo (26:30-31). Na opinião de Agripa, o apóstolo poderia ter sido libertado *se não tivesse apelado para César* (26:32; cf. tb. 25:25).

## 27:1—28:10 A viagem de Paulo a Roma

### 27:1-8 Um começo difícil

Por fim, Festo providenciou para que Paulo e alguns outros presos fossem enviados à Itália sob os cuidados de um centurião chamado Júlio. Eles embarcaram em um navio pequeno vindo de Adramítio, cidade na Mísia, na província da Ásia, que pretendia *costear a Ásia* (27:2a).

Nessa viagem, Paulo foi acompanhado por Lucas (cf. indica o uso da primeira pessoa do plural em 27:1) e *Aristarco, macedônio de Tessalônica* (27:2b). Gaio e Aristarco foram mencionados anteriormente como companheiros de viagem de Paulo (19:29; cf. tb. 20:4).

Apesar de Paulo ser prisioneiro, o centurião o tratou com bondade (27:3) e, durante uma parada em *Sidom*, *permitiu-lhe ver os amigos*, que lhe forneceram as provisões necessárias. Não há nenhum registro de visitas anteriores de Paulo a Sidom, mas havia cristãos na Fenícia (11:19), o que talvez explique o fato de Paulo ter amigos ali.

Se o navio houvesse percorrido a rota normal, teria rumado para um local ao sul de Chipre, mas, a fim de se abrigar de ventos extremamente fortes, teve de navegar para outro local ao norte da ilha. A embarcação passou entre Chipre, à esquerda, e a costa da *Cilícia e Panfília*, à direita (27:4-5). Por fim, chegou a *Mirra*, um porto movimentado na província da *Lícia* (27:5). O centurião encontrou um *navio de Alexandria, que estava de partida para a Itália* com uma carga de trigo (27:6; 27:38), e transferiu os prisioneiros e soldados para essa embarcação.

Eles avançaram *vagarosamente*, pois estavam em um navio à vela, e os ventos eram contrários. *Com dificuldade*, tentaram passar junto ao porto de *Cnido*, mas acabaram mudando de rota e rumando para o sul, na esperança de se manterem *sob a proteção de Creta* (27:7). Costeando Creta *penosamente*, passaram por *Salmona* e, por fim, chegaram a um lugar chamado *Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laseia* (27:8). Bons Portos é uma pequena baía, cerca

de três quilômetros e meio a leste do cabo Matala. Por ser aberta para o leste e sudeste, não serve de porto seguro no inverno.

Ao que parece, Paulo não se encontrou com nenhum discípulo em Mirra e Laseia. É possível que não houvesse muitos cristãos naquela região.

### 27:9-12 O conselho de Paulo é ignorado

Lucas relata que a viagem se tornou perigosa, pois era *passado o tempo do Dia do Jejum*, ou seja, o Dia da Expição, observado pelos judeus no início de outubro (27:9a). De outubro até março, tempestades intensas varrem o mar Mediterrâneo e tornam a navegação perigosa. Graças ao lento progresso da embarcação, o grupo não conseguiu chegar a Roma antes das tempestades de inverno.

Paulo advertiu: *Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida* (27:9b-10). É possível que eles tenham pedido o conselho de Paulo, ou talvez o apóstolo tenha falado apenas como viajante experiente. A segurança com que faz a predição, contudo, sugere que ele falou como profeta e, portanto, recebeu uma revelação divina acerca da tragédia iminente.

Pelo visto, Paulo aconselhou que passassem o inverno em Bons Portos. Mas, *não sendo o porto próprio para invernar*, a maioria, incluindo o piloto e o proprietário do navio, *era da opinião que partissem dali, para ver se podiam chegar a Fenice e aí passar o inverno* (27:11-12). Ao que parece, a decisão final de ignorar o conselho de Paulo foi do centurião, pois ocupava um posto mais elevado que o piloto e o dono do navio.

O porto de Fenice era relativamente próximo e também ficava na ilha de Creta. O fato de estar voltado *para o nordeste e para o sudeste*, porém, significava que, para chegar até ele, o navio precisava expor-se aos ventos que sopravam de sul para oeste e de norte para oeste, tornando a viagem perigosa.

O exemplo de Paulo mostra que não devemos ter medo de oferecer conselho às autoridades ao nosso redor, pois todos temos uma função a desempenhar e somos chamados para ser luz do mundo (cf. tb. Mt 5:14). Existe, porém, a possibilidade de nosso conselho, mesmo prudente, ser rejeitado pela maioria. Nesses casos, não devemos ressentir-nos, mas continuar a trabalhar com os outros, como Paulo fez no restante da viagem.

### 27:13-26 Tempestade no mar

Um vento brando incentivou os marinheiros a levantar âncora e iniciar a arriscada viagem beirando a costa de Creta. Tudo ia bem, e o aviso de Paulo parecia equivocado. Eles pensaram *ter alcançado o que desejavam* (27:13). Hoje, quando tudo parece estar correndo bem, as pessoas continuam a ignorar os pregadores que advertem sobre os perigos por vir.

De repente, um *tufão* soprou das montanhas da ilha sobre eles e os arrastou *com violência* para longe da costa. O termo *Euroaquilão* se referia a um vento traiçoeiro de leste-nordeste, daí ser traduzido também como “Nordeste” (NVI). Uma vez que era impossível *resistir ao vento*, a tripulação cessou as *manobras* e se deixou levar (27:14-15). Houve alguns instantes de alívio ao se verem *sob a proteção de uma ilhota chamada Cauda* e aproveitaram a oportunidade para *recolher a bordo o bote* que estavam rebocando, mas até isso foi feito com dificuldade (27:16). Lucas talvez estivesse entre os que ajudaram a recolher e amarrar o bote, pois usa a primeira pessoa do plural no versículo 16: “Conseguimos recolher”. No versículo seguinte, porém, informa que *usaram de todos os meios para cingir o navio*, provavelmente se referindo aos homens da tripulação (27:17a). O navio corria o risco de se romper por causa da tempestade.

A tripulação percebeu que havia o perigo de encalhar em *Sirte*, região com bancos de areia no litoral norte da África. Para desacelerar o navio, *arriaram os aparelhos*, isto é, as velas, *e foram ao léu* (27:17b). Por fim, os ventos os arrasaram no sentido norte-oeste em direção a Malta, a cerca de novecentos quilômetros de Cauda.

No segundo dia de tempestade, para aliviar o peso do navio, a tripulação decidiu lançar parte da carga ao mar (27:18) e, desse modo, começou a sofrer as perdas sobre as quais Paulo havia advertido (27:10). No dia seguinte, em desespero, lançaram ao mar *com as próprias mãos* [...] *a armação do navio* (27:19). A armação era o conjunto de equipamentos náuticos. A tempestade continuou a açoitá-los e, de tão severa, fazia noite e dia parecer a mesma coisa, pois estava sempre escuro. *Não aparecendo* [...] *nem sol nem estrelas* (27:20a), era impossível localizar-se. A depressão tomou conta de todos quando perceberam que a profecia de Paulo se cumpriria: *Dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento* (27:20b), e muitos pararam de comer (27:21a).

Contudo, os fiéis esperam contra a esperança, e Paulo não havia esquecido a promessa de Deus de que chegaria a Roma (23:11). Nesse momento sombrio, o apóstolo se colocou *em pé no meio deles* (27:21b). Lembrou-os de que os havia advertido acerca da calamidade vindoura antes de *partir de Creta*, mas sua intenção não era culpá-los, e sim encorajá-los. Garantiu-lhes que *somente o navio* seria destruído, mas Deus salvaria a vida de todos (27:22). Podia afirmar com certeza, pois havia recebido uma revelação divina na noite anterior (27:23). Paulo fez questão de especificar que o Deus que enviou essa mensagem era o Deus a quem ele servia, pois outros passageiros e tripulantes provavelmente estavam orando a seus deuses e, especialmente, ao deus do mar.

A mensagem do anjo mostra que Paulo também foi tentando a cair em desespero, pois o anjo disse: *Não temas! E lembrou ao apóstolo: É preciso que compareças perante César*. Não garantiu, contudo, apenas a salvação de Paulo: *Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo* (27:24). Ao

que parece, Paulo não orava apenas por sua própria segurança, mas também pela sobrevivência dos demais viajantes.

O apóstolo deu testemunho de sua fé naquilo que Deus havia prometido por intermédio do anjo (27:25) e animou seus companheiros de viagem, informando que em breve seriam arrastados para *uma ilha*, mas todos sobreviveriam (27:26).

Em meio à tormenta, Paulo se manteve alerta para ouvir a voz de Deus. Ao percorrer esse caminho difícil rumo ao nosso lar no céu, também devemos permanecer sensíveis à voz de Deus, mesmo nas tempestades. Uma vez que discernimos a vontade de Deus, devemos levantar-nos e anunciar a mensagem de ânimo para os desesperados e orar por seu livramento.

### 27:27-44 Naufrágio

Quatorze dias depois da partida de Bons Portos, o navio continuava sendo levado *de um lado para outro no mar Adriático*. Não se trata do mar conhecido por esse nome na atualidade, entre a Itália e os Bálcãs, mas do mar entre a Itália e a Grécia.

*Por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra (27:27)*. Ao medir a profundidade da água, descobriram que havia diminuído rapidamente de *vinte para quinze braças (27:28)*. Receosos de serem *atirados contra as rochas durante a noite, lançaram da popa quatro âncoras e oravam para que rompesse o dia (27:29)*. Esperavam que as âncoras os impedissem de ser arrastados para mais perto da praia, mas também oraram e puseram sua situação nas mãos de Deus. O narrador não revela se Paulo dirigiu uma reunião de oração para pedir por segurança, ou se cada um orou ao seu próprio deus. Essa é a primeira referência explícita à oração em toda a viagem, e talvez tenha sido influenciada pelo testemunho anterior de Paulo.

As tentativas de impedir o navio de encalhar não mostram, necessariamente, que os marinheiros descreeram da profecia de Paulo de que o navio seria destruído. A promessa de proteção de Deus não significava que podiam agir com imprudência, e sabiam que era melhor permanecer a bordo o máximo de tempo possível.

O navio havia sido ancorado pela popa a fim de deter seu avanço, mas alguns marinheiros baixaram o *bote no mar*, fingindo que *estavam para largar âncoras da proa*. Sua verdadeira intenção era deixar o navio e tentar chegar sozinhos a um lugar seguro (27:30). Paulo percebeu o que estava acontecendo e falou ao centurião e aos soldados: *Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos (27:31)*. Apesar de Deus ter prometido que ninguém morreria, as habilidades desses marinheiros seriam o instrumento de salvação. Deus usa pessoas para realizar seus propósitos.

O centurião e os soldados agiram de imediato: *Cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se (27:32)*. Dessa vez, o centurião deu ouvidos ao apóstolo! Ainda que outros ignorem nossas advertências iniciais, aceitarão aquilo que dizemos quando virem o cumprimento de nossas palavras

ou quando nos mantivermos firmes em nossa mensagem e vivermos de acordo com ela.

Como Paulo, que não perdeu a calma durante a tormenta, devemos permanecer tranquilos e alertas em meio às tempestades da vida. O apóstolo voltou sua atenção para as 276 pessoas a bordo do navio, muitas das quais não comiam havia quase quatorze dias (27:33-37). Instou-as a se alimentarem, pois precisariam de forças durante o naufrágio. Não havia motivo para temer por sua vida, pois Paulo garantiu: *Nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo (27:34)*; cf. tb. Lc 21:18; 1Sm 14:45; 2Sm 14:11; 1Rs 1:52), uma forma proverbial de dizer que ninguém morreria.

Em seguida, Paulo deu o exemplo: *Tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos (27:35)*. Seguiu o procedimento que cabia ao chefe de uma família judaica: agradeceu pelo pão e, *depois de o partir, começou a comer*. Há quem argumente que Paulo seguiu o padrão da ceia do Senhor, mas devemos considerar que foi uma refeição comum (cf. tb. 2:42; Lc 24:30). Ao ver Paulo alimentar-se, os outros se animaram e *se puseram também a comer (27:36)*.

Uma vez refeitos com a comida, os passageiros lançaram o trigo ao mar para aliviar o peso do navio (27:38).

Deus respondeu às súplicas por segurança até o amanhecer, e, quando o sol raiou, *avistaram uma enseada, onde havia praia (27:39)*. Tentaram virar o navio em sua direção, mas acabaram encalhados num banco de areia um tanto afastado da praia, *onde duas correntes se encontravam (27:40-41)*. Os passageiros teriam de nadar até a praia ou boiar sobre tábuas (27:43b-44).

Temendo que os presos escapassem, os soldados planejavam matá-los (27:42). Seria mais fácil explicar a execução que a fuga de prisioneiros (convém lembrar o que aconteceu aos soldados que guardavam Pedro em Jerusalém depois da fuga miraculosa do apóstolo; 12:18-19). Mas o centurião os proibiu, pois desejava *salvar a Paulo (27:43a)*, que havia dado grande ânimo aos passageiros, e todos deviam sua vida ao conselho sábio do apóstolo naquela noite. O centurião percebeu que Paulo era um prisioneiro valioso, especialmente tendo em vista que ainda estavam muito longe de seu destino. Os outros prisioneiros experimentaram a provisão de Deus por meio de Paulo.

O centurião ordenou, portanto, *que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra (27:43b)*. Quem não soubesse nadar devia salvar-se em tábuas e [...] destroços (27:44a). O naufrágio teve um final feliz: *E foi assim que todos se salvaram em terra (27:44b)*. Paulo se tornou o herói da viagem e do naufrágio e um exemplo maravilhoso do cuidado providencial de Deus (27:24).

### 28:1-10 Seguros em Malta

Uma vez seguros em terra firme, os naufragos descobriram que a ilha onde estavam se chamava Malta (28:1). Os habitantes da ilha são descritos como *bárbaros*, forma pela qual os gregos se referiam a todos os povos que não falavam sua



língua. Acolheram os recém-chegados e até acenderam *uma fogueira [...] por causa da chuva que caía e por causa do frio*, pois era inverno (28:2). O modo hospitaleiro com que receberam a todos, sem discriminação, nos lembra o tema da inclusividade, tão importante para Lucas. No que se refere à hospitalidade, os habitantes de Malta são um exemplo para os cristãos.

Sempre prático e desejoso de ser útil, Paulo juntou *um feixe de gravetos* para a fogueira. Quando o jogou no fogo, *uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se-lhe à mão* (28:3). Os habitantes da ilha não demoraram a concluir que Paulo era *um assassino*, pois, apesar de ter sobrevivido ao naufrágio, *a Justiça não o deixaria viver* (28:4). Acreditavam que a catástrofe era prova de sua culpa e que Paulo devia ter cometido homicídio, o único crime que justificava esse tipo de castigo. Por ironia, Paulo havia de fato sido assassino em outros tempos, pois concordara com a execução dos santos (cf. tb. 7:57-60; 8:1; 22:20; 26:10), mas agora era um homem diferente. O Senhor o havia chamado para ser testemunha do poder do perdão de Deus (1Tm 1:13-17).

Como prova de sua inocência, Paulo, *sacudindo o réptil no fogo, não sofreu mal nenhum* (28:5). Os habitantes da ilha esperavam, contudo, que ele morresse em algumas horas, mas aguardaram em vão. Quando viram que Paulo havia escapado ileso, sua atitude em relação a ele mudou rapidamente e *diziam ser ele um deus!* (28:6; cp. 14:11,19).

Conforme a promessa de Jesus, um dos sinais que acompanhariam os discípulos fiéis seria pegar em serpentes sem se ferir (Mc 16:18). O Mestre também havia dito: “Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos causará dano” (Lc 10:19). Sua promessa se cumpriu em Malta. Se Deus é por nós, nada pode ser contra nós.

Ao que parece, o grupo todo foi recebido por *Públio, o homem principal da ilha* (28:7a). Uma vez que possuía *um sítio*, provavelmente dispunha de espaço suficiente para acomodar todos, e os *hospedou benignamente por três dias* (28:7b). O pai desse homem generoso estava *enfermo de disenteria, ardendo em febre* (28:8a). A menção desses sintomas específicos corrobora a tradição de que Lucas era médico. Paulo, contudo, não proveu remédios, mas cura. Visitou o enfermo e, *orando, impôs-lhe as mãos, e o curou* (28:8b). A oração de fé foi recompensada com a cura não apenas desse enfermo, mais de muitos outros da ilha que ficaram sabendo *deste acontecimento* e procuraram Paulo (28:9).

O apóstolo aproveitou a oportunidade para evangelizar. Não se viu como vítima de um naufrágio nem como prisioneiro incapaz de orar pelos enfermos. Devemos demonstrar a mesma dedicação de Paulo ao ministério.

Os habitantes da ilha os *distinguiram com muitas honrrias* (28:10a). O original grego talvez sugira que pagaram Paulo e seus colaboradores pelos serviços que haviam prestado. O fato de Paulo aceitar a honra e as ofertas mostra que não é errado receber pagamento por serviços. Quando,

por fim, o grupo partiu para Roma, a hospitalidade do povo de Malta incluiu até a provisão de *tudo o que era necessário* para a viagem (28:10b).

## 28:11-31 A missão em Roma

### 28:11-16 Enfim, Roma

*Ao cabo de três meses*, supostamente no final do inverno, *embarcamos num navio [...] que invernara na ilha* (28:11a). Lucas informa que se tratava de outro navio *alexandrino* carregado de cereais, que talvez tivesse partido de Alexandria na mesma época em que a outra embarcação tinha naufragado. O navio *tinha por emblema Dióscuros* (28:11b). A menção desse emblema não parece ter nenhum significado específico.

De Malta, navegaram para *Siracusa*, na costa da Sicília, onde ficaram *três dias*. Em seguida, rumaram para *Régio*, na extremidade sul da Itália. Um *vento sul* favorável permitiu que se dirigissem para o norte, junto à costa italiana, até *Putéoli*, seu porto de destino (28:12-13). Lá, Paulo e seus companheiros encontraram alguns cristãos que os receberam por uma semana (28:14a). Ao que parece, os viajantes não haviam encontrado outros cristãos em nenhuma outra parada desde Sidom.

Putéoli era o principal porto da cidade de Roma e, apesar de ficar a cerca de duzentos e dez quilômetros da cidade por terra, Lucas anuncia alegremente: *Foi assim que nos dirigimos a Roma* (28:14b). O sonho de Paulo de visitar Roma se realizava. Pouco depois de deixar Jerusalém, o apóstolo havia escrito uma carta aos cristãos de Roma dizendo que esperava vê-los a caminho da Espanha, onde pretendia pregar o evangelho (Rm 15:22-29).

Os cristãos em Roma haviam sido informados de que Paulo e seus companheiros estavam a caminho da cidade. É possível que a notícia lhes tenha sido enviada durante a semana de estada do apóstolo e dos outros em Putéoli. Foram ao encontro dos visitantes, provavelmente em dois grupos, um *até à Praça de Ápio* (a praça do mercado, a c. sessenta e cinco quilômetros de Roma), e outro *às Três Vendas* (c. quarenta e oito quilômetros de Roma) (28:15a). É possível que um grupo fosse constituído de cristãos judeus, e o outro, de cristãos gentios. Os dois grupos percorreram longo caminho para se encontrarem com Paulo, alguém que só conheciam por meio da carta que haviam recebido das mãos de Febe (Rm 16:1). Não é de admirar que, *vendo-os Paulo e dando, por isso, graças a Deus, sentiu-se mais animado* (28:15b). Depois de uma longa e perigosa viagem, havia amigos esperando por ele e dispostos a lhe fazer companhia enquanto aguardava o julgamento.

*Uma vez em Roma, foi permitido a Paulo morar por sua conta, tendo em sua companhia o soldado que o guardava* (28:16). É possível que Júlio tenha apresentado um relatório favorável acerca de Paulo aos seus superiores e, desse modo, o prisioneiro tenha recebido permissão de morar em suas próprias acomodações, sob a guarda de apenas um soldado.

**28:17-31 A pregação de Paulo em Roma**

Passados *três dias*, depois de se instalar e se recuperar da caminhada de 210 quilômetros de Putéoli a Roma, Paulo estava pronto para se encontrar com os líderes judeus. Desejava esclarecer qualquer informação imprecisa que eles talvez tivessem recebido de alguns dos soldados que o acompanharam ou de algum judeu que fora a Roma depois dos tumultos em Jerusalém. Relatou-lhes, portanto, os acontecimentos que levaram à sua viagem a Roma (**28:17-18**) e explicou: *Senti-me compelido a apelar para César, não tendo eu, porém, nada de que acusar minha nação* (**28:19**).

Em outras palavras, teve de apelar para uma autoridade superior a fim de salvar a própria vida, mas não pretendia causar nenhum problema aos judeus. Seus ouvintes provavelmente ficaram aliviados ao ouvi-lo, pois os romanos haviam perseguido os judeus no passado (18:1).

Para concluir seu discurso, Paulo ressaltou que sua mensagem, em razão da qual estava preso, era a *esperança de Israel* (**28:20**). Desafiou seus ouvintes a começar a pensar sobre o lugar do evangelho de Jesus Cristo na história de Israel.

Os judeus responderam que não haviam recebido *nenhuma carta* do Sinédrio incriminando Paulo nem tinham ouvido *irmãos* judeus vindos de Jerusalém falar mal do apóstolo (**28:21**). Expressaram certo interesse em ouvir a opinião de Paulo acerca do movimento cristão, o qual consideravam uma seita que estava atraindo críticas *por toda parte* (**28:22**).

Marcaram uma data, e *grande número* de judeus compareceu para ouvir as ideias de Paulo acerca dos “nazarenos”. Na reunião que durou um dia inteiro, Paulo procurou mostrar aos presentes, conhecedores das Escrituras hebraicas, que Jesus havia sido profetizado *tanto pela lei de Moisés como pelos profetas* (cf. 13:16-38; 17:2-3; 24:14-15). Expôs as Escrituras de forma minuciosa (cf. 2Tm 2:15b), *procurando persuadi-los* da verdade acerca de Jesus (**28:23**).

*Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia*. Mas, como o povo akamba do Quênia diz, porém, *Wĩgĩni-vaiyaa mbitĩia* (“Onde há muita gente, alguns fracassam”). *Alguns continuaram incrédulos*, e houve *discordância entre eles* (**28:24-25a**).

O grupo se dispersou rapidamente depois da declaração final de Paulo, na qual ele citou uma mensagem do *Espírito Santo* aos seus antepassados (**28:25b**; cf. tb. 7:52). As palavras de Isaías 6:9-10 revelam o estado de parte do povo depois de ouvir a mensagem do evangelho: “Ouvi, ouvi e não entendeis”. Os judeus romanos foram ouvir o que Paulo pensava (**28:22**), mas, ao que parece, não entenderam o que ouviram. Isaías também disse: “Vede, vede, mas não percebeis”. Podiam ver Paulo e outros cristãos em Roma, mas não conseguiam enxergar além da superfície e perceber aquele que havia transformado a vida dessas pessoas, Jesus Cristo, o Messias havia muito esperado (**28:26**). Em **28:27**, Paulo cita a explicação de Isaías para a surdez e

cegueira de alguns. Em Antioquia da Pisídia, o apóstolo aplicou a mesma passagem aos judeus quando eles rejeitaram o evangelho (13:40-41). Jesus também fez referência a essas palavras do profeta (Mt 13:14-15; Mc 4:12; Lc 8:10).

Paulo encerrou seu discurso com a observação: *Tomai, pois, conhecimento, de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão* (**28:28**; cf. tb. 13:46; 18:6). Ele não quis dizer, contudo, que todos os judeus foram rejeitados, pois continuou a testemunhar tanto a judeus quanto a gentios, como sempre havia feito. Romanos 11 deixa claro que Paulo não considerava impossível a redenção dos judeus e orava sinceramente pela salvação de seus compatriotas.

Alguns manuscritos gregos trazem o versículo 29, que repete o versículo 25. Pode-se supor que alguns copistas julgaram necessário mencionar a partida dos judeus depois das palavras finais de Paulo.

A reafirmação sonora da missão aos gentios é o último pronunciamento de Paulo em Atos. O texto informa, porém, que o apóstolo pregou o evangelho livremente *na sua própria casa* [...], *onde recebia todos que o procuravam* (**28:30**). Essas palavras finais são uma indicação clara de que ele recebia tanto judeus quanto gentios.

De acordo com Lucas, Paulo ficou *dois anos* em Roma, durante os quais pregou o *reino de Deus*, e, *com toda intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo* (**28:31**). Não poderia haver final melhor para essa narrativa dramática que incentivar os leitores a imitar Paulo ao continuar a falar com intrepidez acerca do reino de Deus e ensinar a respeito do Senhor Jesus Cristo.

Apesar dos ardis do Maligno, o evangelho de Jesus é sempre vitorioso. A mensagem chegou aos confins da terra, pelo menos na visão de Lucas (1:8). Paulo usa esse mesmo tom triunfante em sua carta aos filipenses (Fp 1:12-14), dizendo que seu aprisionamento havia incentivado muitos a pregar a mensagem do evangelho com ousadia e eficácia.

Lucas não diz o que aconteceu com Paulo depois do período em que ficou preso. Segundo a tradição, o apóstolo foi libertado e voltou a visitar algumas das igrejas que havia fundado (cf. Fp 1:27). Supõe-se que tenha sido preso outra vez durante o governo do imperador Nero e provavelmente executado por volta de 64 d.C., na perseguição aos cristãos promovida por Nero depois do incêndio que destruiu Roma (cf. 2Tm 4:6-7,16-18).

Paul Mumo Kisau

**Leituras adicionais**

FITZMYER, Joseph A. *The Acts of the Apostles: A New Translation with Introduction and Commentary*. AB. New York: Doubleday, 1998.

MARSHALL, I. Howard. *Acts: An Introduction and Commentary*. TNT. Leicester: InterVarsity Press, 1980.

STOTT, John R. W. *The Message of Acts*. BST. Leicester: InterVarsity Press, 1990.

## MISSÕES NATIVAS

Não é de hoje que evangelistas africanos em todo o continente proclamam o evangelho a diferentes culturas, muitas vezes em conjunto com missões ocidentais. Somente no final da década de 1940 e início da década de 1950, porém, eles começaram a se organizar em agências missionárias africanas. Em 1948, por exemplo, a Sudan Interior Mission (atual SIM) fundou a African Missionary Society (conhecida hoje como Evangelical Missionary Society). No mesmo ano, o primeiro missionário desse grupo foi enviado a Kano, uma cidade no extremo norte da Nigéria.

As missões nativas progrediram lentamente até o início da década de 1970, quando um reavivamento conscientizou muitos jovens, especialmente estudantes universitários, sobre a importância das missões. Movimentos estudantis como o FOCUS, no leste da África, e o NIFES (Nigeria Fellowship of Evangelical Students) e o GHAFES (Ghana Fellowship of Evangelical Students), no oeste do continente, começaram a organizar equipes missionárias para visitar vilas, evangelizar e fundar igrejas. O reavivamento levou à formação de grupos como o Calvary Ministries (CAPRO) e a Christian Missionary Foundation (CMF) na Nigéria em 1975 e 1982, respectivamente. Em Gana, surgiu o Christian Outreach Fellowship em 1980 e, no Quênia, o Sheepfold Ministries, em 1984.

Esses novos movimentos missionários foram precursores de muitos outros grupos nativos, em geral liderados por jovens com ensino superior, que recrutavam obreiros nas universidades e outras instituições de ensino superior.

As missões nativas iniciaram suas próprias escolas de treinamento em missões e outros departamentos. Apesar de nem sempre seguirem os mesmos padrões organizacionais, todas as missões se empenham em alcançar os perdidos. A presença de missionários africanos originários de diversos países em agências nativas é bastante positiva, pois representa um esforço conjunto internacional para propagar o evangelho.

Outro avanço é a reunião de agências nativas de diversos países com vistas à formação de associações missionárias que organizam programas de treinamento e cursos breves de aperfeiçoamento para missionários e agências. Dois exemplos são a Nigerian Missions Association (NEMA), fundada em 1984, e a Ghana Evangelical Missions Association (GEMA), formada em 1991. Essas associações têm contribuído para fortalecer as agências missionárias individualmente.

A Evangelism and Missions Commission of the Association of Evangelicals in Africa (AEA) tem ajudado a focalizar mais adequadamente grupos e associações de forma individual. A comissão é responsável pelo COMITA (Council on Mission Training in Africa) e publica o boletim bimestral *Africa Prayer Briefs*. Outros periódicos da AEA, como a revista *Vision* e o jornal *MISSIONAFRIC* (periódico sobre a prática de missões na África) também têm contribuído para o progresso das missões nativas. Apesar de ainda haver muito por fazer, é extremamente gratificante observar os esforços sérios que têm sido realizados para o desenvolvimento das missões nativas.

**Bayo Famounure**

# ROMANOS

A carta aos Romanos trata de problemas específicos de seu tempo e contexto cultural, como “injustiça, malícia, avareza e maldade; [...] inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade”, além de outras imoralidades (1:29-30), muito semelhante ao mundo que nós, cristãos, enfrentamos atualmente. Em sua carta, Paulo explica o verdadeiro problema dos seres humanos, trata dos motivos pelos quais fazemos coisas abomináveis e de como a humanidade não consegue compreender o plano de salvação de Deus. Além disso, Paulo explica a forma em que Deus, por sua própria iniciativa, planejou e tornou possível a salvação e como podemos apropriar-nos dos dons e bênçãos de Deus e ter uma vida transformada e vitoriosa. O apóstolo esclarece que aqueles que receberam a salvação de Deus têm obrigações para com o Senhor e as outras pessoas. Enquanto vivermos neste mundo, nossa vida deve espelhar a glória de Deus ao mesmo tempo que desfrutamos as bênçãos da salvação de seu Filho, Jesus Cristo (bênçãos que já nos têm transformado, embora esse processo só seja completado no futuro).

Este comentário mostrará que Romanos trata de assuntos atuais. A igreja africana precisa compreender as verdades ou doutrinas do evangelho e saber por que acreditamos nisso. Uma compreensão mais profunda do conteúdo de nossa fé nos levará a viver como cristãos num mundo que precisa desesperadamente de amor e transformação. A fim de agir de modo efetivo aos desafios de nosso povo, precisamos trabalhar com base na compreensão cristã da operação da graça de Deus em nossa vida por meio de Cristo e em nossos deveres com relação a seu amor e graça. Em outras palavras, devemos viver neste mundo como povo de Deus. Somente por meio de mentes transformadas pelo poder do evangelho será possível transformar nações carentes de mudanças sociais e espirituais.

## Autor

O autor identifica-se como Paulo, o apóstolo (1:1). Paulo era judeu natural de Tarso. Outrora fariseu fervoroso, imaginou que agradava a Deus ao perseguir a igreja (At 9; Gl 1:13-14). O episódio de sua conversão na estrada de Damasco também foi seu comissionamento para servir ao Senhor ressurreto e pregar o evangelho entre os gentios: “Este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu lhe

mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (At 9:15-16).

A carta aos Romanos provavelmente foi escrita em 57 d.C. Após vinte e cinco anos de ministério bem-sucedido (Paulo estabeleceu muitas igrejas na Ásia Menor), porém desafiador (ele sofreu pelo Senhor e escreveu várias cartas), o apóstolo decidiu pregar o evangelho na Espanha. Sua intenção era aproveitar a oportunidade para visitar a igreja de Roma pela primeira vez (15:23-24). O conteúdo da carta aos Romanos pode ser resultado de vários anos de reflexões sobre suas crenças e experiências em sua jornada de crescimento e maturidade espiritual.

## A igreja romana

A igreja em Roma pode ter sido fundada por visitantes romanos que estiveram em Jerusalém durante o Pentecostes e converteram-se ao cristianismo (At 2:10). Se isso for verdade, o fato demonstra o poder do Espírito Santo para estabelecer igrejas por meio dos cristãos. Judeus e gentios tementes a Deus, esses cristãos se firmavam nos escritos do AT e podem ter recebido visitas frequentes de cristãos de outras regiões.

Nos primeiros dias, a igreja era formada por uma comunidade mista cuja maioria provavelmente era composta de judeus e alguns gentios tementes a Deus. Contudo, depois que o imperador Cláudio expulsou os judeus de Roma em 49 d.C., os cristãos gentios tornaram-se maioria, e apenas alguns judeus permaneceram. O povo que Deus preparou antes de todos os outros povos para receber a Cristo (do qual o próprio Messias descende) tornou-se minoria numa igreja liderada por gentios. A África sabe muito bem que esse tipo de coisa é receita infalível de conflitos, divisões, arrogância, desprezo e falta de amor. Mesmo assim, a obra de Deus na vida dos fiéis ultrapassa todas as diferenças humanas e nos constrange a viver juntos em harmonia como povo de Deus.

## Propósito da carta

A carta aos Romanos tem sido chamada de “manifesto cristão” e por meio dela o apóstolo Paulo (falando como judeu de mente erudita e cheio de amor por Cristo e pelo ministério pastoral) apresenta habilmente o evangelho de Deus. Conduzido e sustentado pelo Espírito Santo, o apóstolo revela o plano eterno de Deus para a salvação humana, focalizando especialmente o relacionamento

entre gentios e judeus. Conforme desenvolve suas ideias, Paulo prevê objeções e trata de refutá-las.

Paulo escreveu aos romanos a fim de avisá-los de sua visita iminente e seu desejo de pregar o evangelho em Roma (1:11,15), prepará-los para servir de base a seu futuro ministério na Espanha (15:24,28), tratar de problemas da igreja em Roma, incluindo a reconciliação entre cristãos judeus e gentios, e exortá-los à união (caps. 14 e 15).

### Esboço

#### 1:1-17 Introdução

- 1:1-7 Saudação
- 1:8-15 Oração e ações de graças
  - 1:8-10 Elogios e oração
  - 1:11-15 As obrigações de Paulo
- 1:16-17 Tema da carta: o evangelho e a justificação

#### 1:18—4:25 A essência do evangelho: justificação pela fé

- 1:18—3:20 Todos precisam de salvação
  - 1:18-32 Os gentios precisam de salvação
    - 1:18-23 A iniquidade dos gentios
    - 1:24-32 A condenação dos gentios
  - 2:1—3:8 Os judeus precisam de salvação
    - 2:1-16 Os princípios do julgamento de Deus
    - 2:17-29 A condenação dos judeus
    - 3:1-8 Objeções judaicas e a fidelidade de Deus
- 3:9-20 Veredicto: todas as pessoas são culpadas
- 3:21—4:25 Justificação pela fé: Deus providencia a salvação
  - 3:22-31 Justificação somente pela fé em Cristo
    - 3:21-23 A justificação ocorre por meio da fé em Cristo
    - 3:24-26 A justificação ocorre somente pela fé
    - 3:27-31 Implicações da justificação
- 4:1-25 Abraão: exemplo de justificação pela fé
  - 4:1-8 Justificação pela fé, não pelas obras
  - 4:9-12 Justificação pela fé, não por rituais
  - 4:13-15 Justificação pela fé, não pela lei
  - 4:16-25 Justificação somente pela fé

#### 5:1—8:39 A certeza e a esperança da salvação

- 5:1-5 Os benefícios da salvação
- 5:6-11 Demonstração do amor de Deus
- 5:12-21 A justificação tem aplicação universal
- 6:1-23 Libertados da escravidão do pecado
  - 6:2-14 O poder do pecado foi destruído
  - 6:15-23 O cristão é escravo da justiça
- 7:1-25 Libertos da escravidão da lei
  - 7:1-6 A validade da lei é limitada
  - 7:7-13 A relação entre a lei e o pecado

- 7:14-25 Conflito entre o pecado e a lei
  - 7:14-21 Tensão entre a lei e a carne
  - 7:22-25 O conflito entre o bem e o mal dentro do cristão
- 8:1-39 A certeza da salvação e as bênçãos do Espírito
  - 8:1-8 O ministério do Espírito
  - 8:9-13 O Espírito habita no cristão
  - 8:14-17 O objetivo da justificação
  - 8:18-27 A revelação da glória dos filhos de Deus
    - 8:18-22 O sofrimento e a glorificação da criação
    - 8:23-27 O sofrimento e a glória dos filhos de Deus
  - 8:28-30 A segurança do cristão nas mãos de Deus
  - 8:31-39 Conclusão: o cristão está seguro com Deus

#### 9:1—11:36 Deus não é culpado por Israel tê-lo rejeitado

- 9:1-5 A descrença de Israel
- 9:6-13 Deus escolheu um povo específico
- 9:14-29 A soberania de Deus
  - 9:14-23 Deus pode fazer tudo o que quiser
  - 9:24-29 Um novo povo é chamado dentre judeus e gentios
- 9:30—10:21 Cristo, o único caminho para a salvação
  - 9:30—10:15 Cristo, pedra de tropeço para Israel
  - 10:16-21 A responsabilidade moral de Israel
- 11:1-10 Conclusão: ainda resta um remanescente, escolhido pela graça
- 11:11-32 O futuro de Israel
  - 11:11-24 O propósito de Deus para a rejeição temporária de Israel
  - 11:25-32 A salvação de todo o Israel
- 11:33-36 Conclusão: a maravilhosa sabedoria de Deus

#### 12:1—15:13 A vida renovada do cristão

- 12:1-2 A vida consagrada
- 12:3-8 Humildade e ministério no corpo de Cristo
- 12:9-21 O amor nos relacionamentos sociais
- 13:1-7 Submissão à autoridade
- 13:8-10 O amor é o cumprimento da lei
- 13:11-14 Vivendo como filhos da luz
- 14:1—15:13 Viver em união
  - 14:1-12 Viver em união sem julgar
  - 14:13-23 Viver em união sem ofender
  - 15:1-13 Fortes e fracos unidos em Cristo
    - 15:1-6 O bem-estar do próximo em primeiro lugar
    - 15:7-13 Acolhimento mútuo



**15:14—16:27 Conclusão**

15:14-22 O ministério de Paulo

15:23-33 Os planos de Paulo para o futuro

16:1-16 Saudações

16:17-27 Palavras finais e doxologia

**COMENTÁRIO****1:1-17 Introdução****1:1-7 Saudação**

Como qualquer outra carta típica daquela época, o autor inicia mencionando sua identidade: Paulo (1:1). Tendo em vista que o apóstolo nunca visitou a igreja de Roma, é necessário apresentar-se e, desse modo, ele inicia escrevendo as três coisas mais importantes que deseja comunicar sobre si mesmo.

Primeiro, e mais importante, é seu relacionamento com o Senhor: Paulo é *servo de Jesus Cristo*. A palavra traduzida por “servo” significa “escravo”. Embora a ideia de ser um escravo provoque sentimentos de repugnância, é exatamente dessa forma que Paulo deseja ser conhecido. Mas ele não está sozinho; o mesmo termo é utilizado no AT para se referir a Moisés (Js 1:2), Davi (Sl 89:3,20) e os profetas (Jr 7:25; Dn 9:6; Am 3:7). O NT emprega esse termo para se referir ao relacionamento de Jesus com Deus (Fp 2:7). Semelhantemente a esses servos de Deus, Paulo submeteu-se em total obediência e devoção a Jesus Cristo, comprometendo-se a servi-lo como escravo. Assim como Moisés, Davi, os profetas e Jesus, Paulo considera uma honra servir a Deus. Em outras passagens o apóstolo emprega o termo “escravo” para se referir à condição dos cristãos em relação a Cristo. Para ele, todos os cristãos pertencem a Cristo e, portanto, são escravos de Cristo (1Co 7:22-23) e devem submeter-se totalmente à sua autoridade.

A segunda coisa que os romanos precisavam saber sobre Paulo é seu chamado divino *para ser apóstolo*. Às vezes, Paulo emprega a palavra “apóstolo” com o sentido de mensageiro, isto é, um representante de Jesus na divulgação do evangelho (Rm 16:7; Fp 2:25). De modo geral, porém, Paulo utiliza o termo em referência àqueles a quem Jesus escolheu e capacitou para representá-lo (1Co 12:28; Ef 4:11), chamados de “fundamento” da igreja (Ef 2:20). Paulo associa-se a estes últimos. O próprio Jesus se encarregou de chamar Paulo dentre seu povo, tribo, religião e profissão para entregar-se a ele e servi-lo (At 9:1-19). Por causa desse chamado e encontro pessoal com o Senhor ressurreto, Paulo considera-se à altura dos outros doze apóstolos. Confessa que não merece esse chamado, pois perseguiu a igreja (1Co 15:9), mas viu o Senhor, e sua autoridade provém de Deus.

O terceiro ponto que Paulo deseja salientar é a razão de seu chamado (At 26:9-18): ele foi *separado para o evangelho de Deus*. Isto é, Jesus chamou-o para proclamar as boas-novas. “Separado” nesse caso refere-se à sua missão de levar o evangelho de salvação de Cristo aos gentios. Paulo foi ordenado pelo próprio Cristo e nunca deixou de cumprir sua missão.

Após estabelecer suas credenciais, Paulo passa a focalizar o tema central de seu ministério: *o evangelho*. Esse evangelho, contudo, não é novidade, mas algo que Deus prometeu muito tempo atrás no AT (1:2). O conceito de “promessa” é importante no NT. Quando um pai promete algo, deve cumprir sua promessa. A promessa da salvação aos seres humanos foi cumprida no Messias.

A figura central do evangelho é *Jesus Cristo, nosso Senhor* (1:3-4). Jesus, Filho de Deus, é humano e divino, Messias (“Cristo”) e Deus (“Senhor”). Sua natureza humana é demonstrada por meio de sua descendência adâmica (Lc 3:38b); sua descendência davídica o qualifica como Messias, e sua divindade confirmou-se em sua ressurreição e relacionamento eterno com o Pai.

Em seguida, Paulo fornece mais detalhes sobre seu ministério (1:5-6). Considerando seu passado, o fato de ter sido chamado para proclamar o evangelho é evidência da graça de Deus, favor imerecido que Deus demonstra aos pecadores. Contudo, a graça também está associada ao poder de salvar as pessoas do pecado e dar-lhes capacidade de servir a Deus. Os servos de Jesus são salvos pela graça e necessitam dela para servir ao Senhor. A tarefa de Paulo é chamar as pessoas para aceitar o convite do evangelho e assumir um compromisso de vida com Cristo por meio da fé. A fé é a resposta esperada à mensagem do evangelho e conduz à obediência a Cristo.

Paulo diz que os cristãos em Roma estão incluídos no plano de salvação e foram chamados para pertencer a Jesus Cristo e viver em santidade (1:7a). O apóstolo emprega três palavras importantes para descrever esses cristãos: “amados”, “chamados” e “santos”. Essas mesmas palavras são empregadas no AT para se referir a Israel como povo de Deus, separados para serem santos e servi-lo (Dt 33:2-3; Dn 7:22,27), uma descrição apropriada da igreja. Pela graça, os amados de Deus (a igreja) são *chamados para serem santos*. O evangelho é universal, e por isso Deus chama todos os seus fiéis à santidade, independentemente de tribo, raça ou cor. Todo cristão é separado para pertencer a Jesus e levar o aroma de Cristo ao mundo.

Deus provavelmente se entristeceu com a participação de cristãos nos conflitos em Ruanda, na República Democrática do Congo e em outras partes da África. O evangelho extrapola as diferenças de raça, tribo, classe e condição social e unifica todos os crentes em Cristo. As diferenças não são eliminadas, mas se tornam meios de glorificar a Deus e servir ao próximo. Aqueles que permaneceram firmes e salvaram a vida de tantos quanto puderam, sem se

importar com aspectos tribais, trouxeram alegria a Deus e receberam bênçãos dele.

Paulo termina a introdução de sua carta com uma saudação especial a seus leitores: *graça a vós outros e paz (1:7b)*. O apóstolo pede a Deus que os cristãos romanos experimentem aquilo que Deus deseja para todos os indivíduos, famílias, sociedades e nações: graça e paz. Somente a graça de Deus pode instaurar paz duradoura.

O extraordinário e bem-sucedido ministério de Paulo torna ainda mais surpreendente seu desejo de ser conhecido apenas como escravo de Cristo, chamado e comissionado para proclamar a mensagem da salvação de Deus. O evangelho é o tema central de sua mensagem, vida e ministério. Em vez de buscar fama pessoal, devemos seguir seu exemplo e investir toda a nossa energia na proclamação e ensino do evangelho. Toda mensagem que pregamos deve provir de Deus, basear-se nas Escrituras e focalizar a Cristo.

Essa passagem, porém, também apresenta uma advertência implícita: ninguém deve entrar no ministério sem que Deus o chame, o separe e lhe entregue a mensagem do evangelho de Cristo.

### 1:8-15 Oração e ações de graças

#### 1:8-10 Elogios e oração

Após longa introdução, o apóstolo passa a exprimir preocupação com seus leitores e quanto significam para ele. Paulo dirige-se a Deus Pai pela mediação de Jesus Cristo e agradece-lhe a fé dos cristãos romanos e a boa reputação que desfrutam (1:8). Paulo é um apóstolo de fé, de modo que para ele a fé representa a virtude fundamental da vida cristã. Assim, elogia os cristãos romanos por sua fé, que se tornara famosa no mundo todo. Reconhecer e informar as pessoas sobre suas virtudes é o caminho para estabelecer bons relacionamentos e predispor-las a ouvir palavras de exortação.

Todavia, não é suficiente agradecer a Deus pelas pessoas. Como Paulo, os pastores também precisam sustentá-las em oração. É por isso que o apóstolo menciona sua intercessão pelos cristãos de Roma, informando que ora por eles constantemente e pede ao Senhor uma oportunidade para visitá-los, caso seja da vontade de Deus (1:10). Paulo demonstra preocupação tão sincera pelos cristãos em Roma que não teme convocar Deus como testemunha de sua perseverança nas orações (1:9). Paulo é um exemplo de pastor interessado e amoroso que toda igreja anseia ter.

#### 1:11-15 As obrigações de Paulo

Paulo quer encontrar-se com os cristãos em Roma porque deseja repartir com eles *algum dom espiritual (1:11)*. Esse dom não é especificado porque Paulo está mais interessado no resultado: confirmá-los ou fortalecê-los. Em seguida, apressa-se a corrigir a impressão errônea de que ele seria o doador, como se a bênção de Deus fluísse somente dele

para os romanos. Antes, Paulo espera que a bênção seja recíproca, *por intermédio da fé mútua, vossa e minha (1:12)*. Paulo estava ciente de que seu apostolado não o tornava superior. Ele se beneficiava ao compartilhar com outras pessoas. Nenhum cristão, pastor ou comunidade pode controlar as bênçãos de Deus. Precisamos uns dos outros.

Contudo, apesar de desejar visitá-los, os planos de Paulo nesse sentido eram constantemente frustrados (1:13). Não sabemos o que o impedia de concretizá-los e talvez não seja prudente especular sobre isso. Por outro lado, entendemos a situação de Paulo, pois temos testemunhado situações que forçaram pastores e obreiros a fugir de suas áreas de atuação antes que pudessem alcançar o objetivo de seus ministérios. Devemos encorajar essas pessoas a encarar esses novos locais de ministério como desígnio de Deus enquanto estiverem ali. Além de nos chamar para o ministério, Deus também determina o local onde iremos trabalhar. Portanto, devemos pregar o evangelho onde estivermos.

Paulo considera-se na obrigação de pregar o evangelho a todos os povos e nações (1:15). O apóstolo enxergava o mundo como duas culturas divididas entre gregos e judeus. Seria de esperar que demonstrasse favoritismo a seu próprio grupo, os judeus. Contudo, como servo de Jesus Cristo, Paulo sentia-se obrigado a ministrar a ambos (1:14). Racismo e tribalismo são como um câncer no meio dos cristãos e acabam dividindo o povo de Deus. O servo de Cristo é, antes de tudo, um agente de reconciliação entre o povo de Deus e os povos da terra.

Paulo também se considerava devedor a pessoas com diferentes níveis de educação e sabedoria. Aqueles que se consideram sábios de acordo com seus próprios padrões são tão pecadores quanto os insensatos. Todos precisam de salvação.

#### 1:16-17 Tema da carta: o evangelho e a justificação

O tema central de Romanos é o *evangelho* que Paulo deseja pregar aos romanos. É preciso coragem para não se envergonhar do evangelho, pois este era considerado “escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1Co 1:23). Paulo afirma não se envergonhar do evangelho (1:16a) porque este é o poder de Deus para transformar a vida das pessoas. O apóstolo fala com base em sua própria experiência de transformação na estrada de Damasco (At 9:1-22). Ele sabe que o evangelho de Deus é poderoso para suprir de modo definitivo a necessidade espiritual da humanidade. De fato, o termo grego empregado por Paulo e traduzido por “poder” está relacionado à origem da palavra “dinamite”.

Paulo estabelece uma ligação entre poder e salvação, dizendo que o evangelho é o *poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (1:16b)*. O evangelho é mais que apenas pregar e levar pessoas à conversão: é toda uma mensagem cristã que conduz à fé e à ação. O evangelho deve ser

## IDEIAS SOBRE SALVAÇÃO EM OUTRAS RELIGIÕES

Durante três anos, Ronald Eyre, famoso produtor da rede de televisão BBC, pesquisou a forma pela qual as religiões buscam significado para a vida. Sua pesquisa o levou a viagens pelo mundo inteiro e resultou numa série de televisão e num livro intitulado *The Long Search* [A longa busca]. Ao final de sua pesquisa, ele concluiu que todas as grandes religiões tratam do mesmo problema e, embora de perspectivas diferentes, compartilham o mesmo desejo de plenitude. Ronald está certo!

Teologicamente, o problema que todas as religiões enfrentam se refere ao pecado e suas consequências catastróficas para o indivíduo e a comunidade. A esse desejo de alcançar a plenitude os teólogos chamam salvação. O hinduísmo e o budismo o chamam de *nirvana* e o descrevem como um estado de êxtase alcançado por meio da aniquilação da individualidade e do desejo. Nas religiões tradicionais africanas (RTAs), a salvação é descrita como equilíbrio cósmico e o acolhimento dos indivíduos em comunidade. O teólogo africano Byang Kato declarou: "O acolhimento equivale à salvação na linguagem do povo jaba que vive no norte da Nigéria [...] primeiro na comunidade dos vivos e depois na cidade dos mortos".

É irônico que judeus palestinos e árabes, ambos descendentes de um ancestral comum (Abraão), guerreiem desde tempos imemoriais, embora a essência de ambas as religiões (judaísmo e islã) seja o *shalom* ou *salama* (ambas as palavras procedem de uma mesma raiz semítica que significa paz, plenitude e saúde no relacionamento com Deus e com o próximo).

As religiões oferecem receitas diferentes para alcançar a salvação:

- *Cumprimento de rituais.* A salvação é alcançada pelas obras, isto é, por meio de sacrifícios estabelecidos, participação em festivais e cerimônias e peregrinação por lugares sagrados. Nesse sistema religioso, o sacerdócio é o elemento central, pois controla o acesso a Deus (ou deuses). O hinduísmo, as RTAs e algumas formas populares de catolicismo romano se enquadram nessa categoria.
- *Aniquilação do desejo.* A salvação é obtida pela supressão do desejo, pelo fato de o indivíduo se libertar de seu *carma* (a lei de causa e efeito) e ser levado ao *nirvana* (estado de êxtase). Para eliminar o desejo, é necessário observar o caminho de oito passos descritos por Sidarta Gautama, originariamente um hindu que mais tarde se tornou conhecido como Buda, o iluminado.
- *Comportamento correto (moralismo).* A salvação é alcançada a partir do momento em que o indivíduo deixa de prejudicar qualquer pessoa ou animal. Esse conceito, bastante popular entre moralistas, humanistas e vege-

tarianos contemporâneos, resume a essência do jainismo. Semelhantemente a Buda, Maavira (grande herói), famoso mestre jainista, também reagiu contra o sacerdócio, sacrifícios e deuses. Considerava desnecessário orar e adorar; ensinou que o bem é sempre recompensado, e o mal, sempre punido.

- *União com o Absoluto.* A salvação é definida como união com a Realidade Absoluta, chamada de Brahma (criador). A união com Brahma pode ser alcançada por meio da ioga, isto é, por meio de concentração, meditação, posturas corporais e exercícios de controle respiratório. Um exemplo dessa concepção pode ser encontrado nos adeptos do movimento Nova Era, que buscam unir-se à natureza a fim de se tornarem um com ela. Dizem que o bem não existe; você está em deus, e deus está em você.
- *Busca do prazer.* A salvação está em comer bem, tomar sol, evitar a política e a vida familiar e fazer o bem aos outros. Essa concepção (propagada pelos epicureus) baseia-se na crença de que os deuses nada têm que ver com este mundo.
- *Obediência à lei.* A salvação se refere à paz e às bênçãos que fluem da obediência, ao passo que a desobediência produz maldições e morte. O judaísmo e o islamismo possuem grande quantidade de mandamentos e leis que regulamentam a vida pessoal e o funcionamento da comunidade.

As concepções listadas aqui divergem do cristianismo quanto ao problema fundamental do pecado. Em todas as religiões não-cristãs, o pecado é considerado uma ação; logo, seria possível aprender a evitá-lo. Todos os caminhos para a salvação esboçados anteriormente oferecem prescrições para alcançá-la. Contudo, se o pecado realmente faz parte de nossa natureza, não pode ser evitado; portanto, a única esperança é encontrar um salvador. Imagine alguém se afogando no meio do oceano. O que essa pessoa poderia fazer para se salvar? Aqueles que consideram o pecado exclusivamente uma ação dizem que esse indivíduo não deveria ter entrado no mar em primeiro lugar. Mas isso não ajuda quem está afogando-se e não consegue salvar-se.

A cruz é o principal elemento do cristianismo e tirou do pecado de forma definitiva. Deus tornou Cristo em pecado (embora Jesus não tivesse pecado) a fim de que todo que crê em Cristo receba perdão e salvação de Deus (2Co 5:21). A salvação proposta na Bíblia cristã é uma oferta gratuita de uma nova vida de alegria, paz, amor e esperança em Cristo (Jo 3:16). Há pessoas que rejeitam essa oferta, mas alguns a aceitam pela fé. A estes últimos Cristo concede "o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1:10-13).

Tokunboh Adeyemo

vivenciado com fé no cotidiano da vida cristã. É por meio dele que Deus restaura o indivíduo em sua totalidade.

A salvação está disponível para todos. O único obstáculo, porém, é a falta de disposição do indivíduo em acolher a mensagem. Todos os que acolherem o evangelho, sejam gregos ou judeus, beneficiar-se-ão igualmente. Como se diz, o chão ao pé da cruz de Cristo é plano; ali as tribos se reúnem, as raças se abraçam e a humanidade encontra harmonia.

A salvação de Deus está de acordo com seu caráter, tem poder para restaurar o relacionamento das pessoas com ele e estabelece o padrão para o comportamento dos seres humanos. A justiça de Deus não pode ser obtida por meio do cumprimento da lei, mas somente *por fé* (1:17; Hc 2:4; Gl 3:11). Ao reagir com fé à mensagem do evangelho, os cristãos recebem a vida eterna e experimentam a plenitude da vida em Cristo.

O evangelho é uma mensagem de boas-novas e deve ser proclamado a todas as pessoas, independentemente de raça, tribo ou nível de instrução. Assim como Paulo, os cristãos devem considerar-se devedores e constrangidos a proclamar o evangelho a todos (1:14). Devemos estar dispostos e prontos a pregar e ensinar o evangelho (1:15), sem nunca nos envergonharmos disso (1:16). A fim de ocorrer mudança verdadeira na vida das pessoas, o evangelho precisa ser proclamado, e a salvação, acolhida. Aqueles que proclamam o evangelho são portadores de uma mensagem desagradável. Talvez sofram humilhação, intimidação e sofrimentos, mas não devem envergonhar-se ou desistir, pois o evangelho é o único instrumento que Deus utiliza para transformar a vida do ser humano.

## 1:18—4:25 A essência do evangelho: justificação pela fé

### 1:18—3:20 Todos precisam de salvação

O apóstolo argumenta que todos são pecadores e merecem morrer. Conforme revela sua justiça (1:16-17), Deus também mostra sua ira contra os que praticam a iniquidade (1:18—3:20). Deus é um juiz justo, de modo que inocenta o íntegro que vive pela fé, mas condena o perverso. Sua justiça não lhe permite deixar o pecado sem punição. Sua ira contra o pecado pode ser mais bem compreendida quando percebemos a corrupção e a perversão de nossa época, na qual a riqueza se concentra nas mãos de poucos privilegiados, criminosos escapam da condenação por meio de subornos e a maioria da população permanece pobre e desprotegida. Deus é um juiz justo, e a igreja recebeu a missão de representar seus interesses na terra. Logo, a igreja deve estar no centro da batalha contra esses males.

### 1:18-32 Os gentios precisam de salvação

1:18-23 A INIQUIDADE DOS GENTIOS. A ira de Deus é sua reação inevitável ao pecado, especialmente contra *toda impiedade e*

*perversão dos homens* (1:18a). A impiedade age verticalmente (rebelião ou falta de reverência contra Deus), enquanto a perversão age horizontalmente (injustiça contra outras pessoas). Ao abandonar Deus, o indivíduo também prejudica seu relacionamento com outras pessoas.

A verdade é que Deus existe e exige que as pessoas o adorem e lhe obedeçam. Contudo, a perversidade faz que as pessoas detenham *a verdade pela injustiça* (1:18b). Impiedade, perversão e injustiça não são resultados da ignorância, mas ações deliberadas com o intuito de desonrar a Deus.

A criação fornece poderosas evidências da existência de um Criador. Embora a revelação natural não mostre o mesmo conhecimento profundo sobre Deus como faz a revelação especial por meio das Escrituras, ainda assim demonstra claramente *os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade* (1:19-20). Essas evidências estão disponíveis *desde o princípio do mundo*, de modo que se torna culpado aquele que decide ignorá-las.

Apesar desse conhecimento de Deus obtido por meio da criação, os gentios *não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças* (1:21). Antes, ignoraram a verdade e tornaram-se loucos e idólatras, fabricando imagens de madeira, pedras ou metal (que não merecem adoração) a fim de substituir Deus (1:22-23). Quando a verdade sobre Deus é reprimida, reprime-se também o fato que o ser humano foi criado à imagem do Criador. A partir disso, os seres humanos passam a se comportar de modo perverso uns com os outros. A raiz de todos os males da sociedade está na falta de reverência a Deus. Até que essa atitude seja restabelecida em nossos relacionamentos, os problemas continuarão a existir em nossas sociedades.

1:24-32 A CONDENAÇÃO DOS GENTIOS. Tratando da condenação dos gentios, Paulo emprega os termos *por isso* (1:24), *por causa disso* (1:26) e *visto que* (1:28, NVI). Deus pune o indivíduo por causa do pecado. Quando os homens substituem a verdade pela mentira e não glorificam a Deus (1:18-23), o Senhor intervém diretamente e permite que sigam suas práticas pecaminosas. Paulo fornece exemplos dessas práticas:

- **Decadência sexual** (1:24): morar juntos e ter relações sexuais antes do casamento, bem como qualquer relação sexual fora do casamento (adultério), são atos impuros e vergonhosos aos olhos de Deus.
- **Perversão da verdade** (1:25): ocorre quando a verdade sobre Deus é distorcida pela falsidade de que alguém ou algo além de Deus seja digno de adoração.
- **Depravação sexual** (1:26-27): práticas homossexuais constituem atos perversos e vergonhosos, embora muitos considerem algo normal hoje em dia. Isso é sinal de impiedade e malícia. Logo, toda prática homossexual é passível de punição por Deus. É por meio de afirmações

## HOMOSSEXUALIDADE

Esse termo é definido como “sentir atração ou ter relação sexual com pessoas do mesmo sexo”. Há muito que a homossexualidade se manifesta em todas as sociedades. Entretanto, no passado esse comportamento era considerado imoral e pecaminoso, porém hoje vem sendo adotado como estilo de vida aceitável. Muitos homossexuais insistem em afirmar que são um grupo minoritário e que a condenação da homossexualidade representa uma negação dos direitos humanos. A fim de sustentar essa concepção, argumentam que se trata de uma condição biológica que nada tem que ver com moralidade ou espiritualidade; ou seja, não é uma questão de escolha, mas de determinismo genético.

Esse assunto tem causado muita controvérsia na África. Alguns políticos afirmam que os homossexuais são piores que animais. O arcebispo Tutu, por outro lado, convocou as pessoas a tolerar e acolher os homossexuais, porém essa atitude vem sendo rejeitada pelas igrejas anglicanas em todo o continente. Os parlamentares quenianos procuraram legislar sobre o assunto, mas sofreram forte oposição de representantes cristãos e muçulmanos.

A tradição africana tem oscilado com relação à prática homossexual; algumas comunidades a aceitam, outras a rejeitam. Alguns a consideram um meio de obter poder espiritual, ao passo que outros a utilizam para garantir poder político e social, especialmente quando praticada por políticos, militares, prisioneiros e algumas classes profissionais. A busca desenfreada por poder põe de lado os valores morais e éticos. A maioria dos homossexuais concordaria com os cristãos em que a coerção sexual é crime. Contudo, muitos homossexuais acrescentariam que não há nada errado em um relacionamento sexual em que ambas as partes concordam livremente.

Nossa visão sobre a homossexualidade não deve proceder de fontes humanas, mas da palavra de Deus. A Bíblia define claramente a homossexualidade como pecado. Percebemos isso na punição de Sodoma e Go-

morra (Gn 18:16—19:29) e nas palavras de Paulo em 1 Coríntios 6:9-10. A prática também é descrita como depravação e ato pecaminoso em Romanos 1:24-27, em que é considerada consequência da idolatria, fato que levou Deus a desistir da humanidade. A rejeição a Deus é a chave que abre as comportas dos desejos pecaminosos e da lascívia.

Deus define claramente que o relacionamento sexual correto é aquele que ocorre entre marido e esposa, que se tornam uma só carne (Gn 2:24). O sentido exato da expressão “uma só carne” é um mistério, porém Paulo percebe claramente o casamento humano como modelo para se referir à igreja como “noiva” ou “corpo” de Cristo (Ef 5:28-32). É muito perigoso adulterar esse relacionamento.

Deus também instruiu marido e esposa a produzir descendência (Gn 1:28; 9:7). Certamente apenas o relacionamento sexual homem/mulher é capaz de gerar filhos e, desse modo, produzir o tipo de família que Deus planejou: pai, mãe e filhos. Qualquer outra forma de relacionamento sexual é imoral e contrária à natureza.

Os pastores e conselheiros precisam reconhecer que a homossexualidade está profundamente enraizada na natureza pecaminosa. O pecado é muito mais que algumas ações específicas. Por causa da queda, o pecado deturpou todos os aspectos da vida do ser humano, de modo que não surpreende algumas pessoas demonstrarem predisposição biológica para a homossexualidade. Logo, fazer distinção entre o indivíduo e o ato homossexual, como se o pecado estivesse neste último e não no primeiro, é mero exercício acadêmico. Na verdade, ambos são pecaminosos. O cristão deve acolher o homossexual como a um colega pecador, falar-lhe do amor de Cristo, trazê-lo a Deus e oferecer-lhe aconselhamento bíblico. Somente Cristo pode providenciar libertação do pecado. O homossexual, como todos os crentes, deve estar disposto a abandonar sua sexualidade nas mãos de Cristo e aceitar a ajuda de seus companheiros cristãos.

Yusufu Turaki

claras como esta (isto é, que a homossexualidade é uma perversão) que muitos líderes de igrejas africanas têm resistido aos movimentos de aceitação da homossexualidade dentro da igreja.

- **Abominações (1:28-32):** a rejeição a Deus torna as pessoas perversas, gananciosas e depravadas. Aqueles que ignoram a Deus e colocam a si mesmos no controle da vida tornam-se insensíveis à presença de Deus e não conseguem relacionar-se com outras pessoas da forma que Deus planejou. Tornam-se desobedientes, exploram uns aos outros, matam a sangue frio, pervertem a justiça e vivem somente para satisfazer seus desejos carniais. Agem deliberadamente e, mais ainda, aprovam

quem procede da mesma maneira. Essas pessoas merecem o castigo da morte. Contudo, não desejamos que nossos companheiros africanos sofram esse destino; portanto, precisamos pregar e ensinar o evangelho a fim de atingir e transformar todos os níveis de nossa sociedade.

### 2:1—3:8 Os judeus precisam de salvação

Paulo adverte os judeus de não imaginar que Deus será condescendente com eles simplesmente porque foram escolhidos dentre todos os povos. Deus julgará todos os seres humanos conforme sua justiça; e seu veredicto imparcial será que todos pecaram.



**2:1-16 OS PRINCÍPIOS DO JULGAMENTO DE DEUS.** Em termos de padrões éticos e conduta moral, os judeus consideravam-se melhores que os pagãos mencionados em 1:18-32. Entretanto, os judeus também são condenados porque praticam as mesmas coisas que os pagãos (**2:1**). O julgamento de Deus baseia-se em sua compreensão total dos fatos e em seus padrões imparciais (**2:2**), ao passo que os padrões humanos se baseiam em compreensão parcial, pressuposições e preconceitos raciais, tribais, entre outros. Deus, portanto, nos conhece plenamente como indivíduos, grupos, tribos e congregações, de modo que seu julgamento é justo e baseia-se naquilo que fazemos, pensamos (Mt 5:28) e dizemos (Tg 3:3-12). Paulo salienta certas características do julgamento de Deus:

- **É inescapável (2:3):** Os judeus julgavam os gentios, porém cometiam os mesmos pecados. Logo, não escaparão do julgamento de Deus.
- **É tolerante (2:4):** Muitas vezes nos perguntamos por que Deus permite que o pecado e a injustiça continuem; temos a impressão de que Deus não se importa. Paulo, porém, afirma que Deus é paciente, pois deseja dar tempo para que as pessoas se arrependam. Deus julgará todos no momento oportuno.
- **É justo (2:5-11):** Paulo enfatiza: *Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal [...]; glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem.* Ou seja, o veredicto de cada pessoa será baseado em suas ações (2:5-11). Deus não tolera o pecado e não demonstra favoritismo no que diz respeito ao pecado.

No entanto, judeus e gentios são muito diferentes com relação ao grau de conhecimento que têm sobre Deus. Logo, como afirmar que Deus os julgará com justiça? Paulo responde afirmando que as pessoas serão julgadas de acordo com os padrões que Deus nos deu (2:12-16). Os gentios serão julgados com base no conhecimento que Deus disponibilizou a eles e serão condenados porque transgrediram esse conhecimento. Os judeus serão julgados com base na lei escrita que Deus lhes entregou, à qual eles desobedeceram.

As pessoas não serão julgadas com base naquilo que não sabem, mas naquilo que efetivamente conhecem. Aqueles que nunca viram uma Bíblia ainda assim podem conhecer a revelação de Deus por meio da natureza e das leis gravadas em sua própria consciência. Essas pessoas serão julgadas com base nesse conhecimento. Nesse sentido, o judeu tem obrigação moral de obedecer à lei (**2:12**), enquanto o gentio tem obrigação moral de obedecer à sua consciência. Impios (gentios) e moralistas (judeus) serão julgados igualmente, cada um de acordo com suas ações e motivações baseadas em sua própria consciência (**2:13-15**).

**2:17-29 A CONDENAÇÃO DOS JUDEUS.** Paulo dá exemplos de hipocrisia e comportamento inconsistente dos judeus por meio de uma série de vantagens que os judeus se gabavam de possuir e pelas quais se imaginavam superiores aos gentios. Paulo

demonstra que a vida dos judeus não mostrava evidências dessas vantagens. Os cristãos também devem viver conforme aquilo que pregam, do contrário também serão condenados (2:16). Não devemos dizer: “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, pois isso é hipocrisia. Antes, devemos viver em conformidade com aquilo que vivemos e dizemos.

- **Primeira vantagem:** “Somos judeus e temos a lei.” Os judeus se orgulhavam de sua nacionalidade e aliança com Deus. Por meio dessa aliança, eles receberam a lei, conheceram a vontade de Deus, possuíam padrões espirituais superiores e eram instruídos na lei (**2:17-18**). Essas coisas faziam os judeus sentir-se superiores, de modo que passaram a considerar-se guias para os cegos, luz para os perdidos e mestres de crianças e ignorantes (**2:19-20**). Entretanto, eles mesmos não obedeciam à lei (**2:21-24**), comportamento que desonrava a Deus e fazia os gentios tropeçar. Como cristãos, afirmarmos ter recebido revelação divina e declaramos ser filhos de Deus e conhecedores da verdade. Mas será que essas afirmações fazem parte de nosso cotidiano de modo que glorificamos a Deus? Geralmente há muita hipocrisia e inconsistências na igreja, trazendo vergonha ao nome de Deus entre os não-cristãos. Há uma discrepância entre qualidade e quantidade na igreja africana. Em alguns países, metade da população afirma ser cristã, porém mostra poucas evidências disso na sociedade. Não admira que os incrédulos tropecem e perguntem que vantagem há em ser cristão.
- **Segunda vantagem:** “Deus nos deu o sinal da circuncisão a fim de mostrar que somos seu povo.” Paulo confirma a bênção da circuncisão, mas insiste em que seu valor é apenas simbólico. Isto é, a circuncisão só é válida num contexto de obediência à lei (**2:25**). Caso a lei (guardada no coração) seja transgredida, a circuncisão externa não tem valor algum (Gl 5:3). A verdadeira circuncisão é aquela que ocorre no íntimo do indivíduo e o transforma para viver uma vida santa. Essa mesma questão pode ser verificada no batismo de crianças que recebem nomes cristãos como João, Paulo ou Pedro. Ora, muitos criminosos hoje possuem esses nomes. Somente Deus pode observar a circuncisão interior, de modo que apenas ele pode recompensá-la (**2:26-29**).

**3:1-8 OBJEÇÕES JUDAICAS E A FIDELIDADE DE DEUS.** Paulo tocou um ponto nevrálgico da vida judaica ao atacar a obediência à lei (2:17-24) e a circuncisão (2:25-29), além da abordagem sobre a perversidade humana e o justo julgamento de Deus. Era de esperar, portanto, que seus leitores judeus reagissem a esse discurso. Prevendo possíveis objeções, Paulo trata de responder a elas.

- **Primeira questão:** Que benefício há em ser judeu ou circunciso se tanto judeus quanto gentios serão condenados (3:1-2)? Paulo responde que a grande vantagem

dos judeus foi terem recebido a palavra de Deus (i. e., a aliança) (Êx 19—20). Deus fez de Israel uma testemunha mundial de sua justiça. Foi por meio de Israel que Deus enviou o Messias ao mundo.

- **Segunda questão:** Se alguns judeus não creram em Deus, significa que a incredulidade deles virá desfazer a fidelidade de Deus? (3:3-4). Essa questão precisa ser compreendida em termos do contrato da aliança. Se uma das partes não cumpre os termos do acordo, significa que a outra parte também não precisa cumprir? A resposta de Paulo é categórica: “Deus nunca faria isso!”. Nossa infidelidade nunca fará Deus agir infielmente. O Senhor é fiel e continuará sendo mesmo que todos os seres humanos se tornem mentirosos e desonrem a aliança entre Deus e Israel.
- **Terceira questão:** Não é injusto Deus nos punir por nossas injustiças, mesmo quando o pecado faz que sua justiça seja claramente percebida (3:5-6)? Paulo declara que esse pensamento absurdo despoja Deus de sua soberania e prerrogativa de julgar o mundo. O fato de a iniquidade do ser humano salientar a justiça de Deus não pode ser utilizado para justificar um comportamento perverso.
- **Quarta questão:** E, se por causa da minha mentira, fica em relevo a verdade de Deus para a sua glória, por que sou eu ainda condenado como pecador? (3:7-8). Esse argumento visa justificar o pecado dizendo que a verdade de Deus brilha mais intensamente em contraste com o mal. Logo, por que as pessoas deveriam ser punidas se a prática do mal traz glória para Deus? Paulo responde que pensar assim é já estar condenado, pois essa concepção representa uma perversão do evangelho. Deus permanece fiel, mesmo quando as pessoas são infiéis. Nossa propensão ao pecado mostra o caráter paciente de Deus ao conceder oportunidade para nos arrependermos. Contudo, a justiça de Deus será o padrão pelo qual ele julgará todos os seres humanos no final da história.

### 3:9-20 Veredicto: todas as pessoas são culpadas

Após declarar a justiça de Deus e expor a iniquidade dos judeus e gentios, Paulo apresenta o veredicto: “Ninguém é justo diante de Deus”. Portanto, os judeus não são melhores que os gentios, pois ambos *estão debaixo do pecado* (3:9). Paulo declara essa sentença baseado em várias passagens do AT: nenhum ser humano (judeu ou gentio) é justo (3:10-12; Ec 7:20; Sl 14:2-3; 53:2-3), pois todos estão corrompidos (de mente e coração) e precisam de um salvador (3:13-18; Sl 5:9; 10:2-8; 36:1; 140:3; Is 59:7-8). Tudo em nosso ser (sejam palavras ou ações) é mal e pervertido e nos leva a desprezar e matar Deus.

O mundo inteiro é culpado diante de Deus; não há nenhuma pessoa justa (3:19-20). A lei de que os judeus tanto se orgulhavam acabou condenando-os, pois os tornou conscientes de seus pecados e imperfeições. Qual é a solução

para essa situação lastimável? Paulo a descreve no capítulo seguinte.

### 3:21—4:25 Justificação pela fé: Deus providencia a salvação

Paulo declarou que todo ser humano é pecador e não tem condições de satisfazer os padrões divinos de justiça simplesmente por meio da obediência à lei natural ou à lei de Moisés. No entanto, o apóstolo afirma que Deus preparou um plano gracioso de salvação para a humanidade, e é isso o que ele descreverá nessa seção. Ninguém torna-se justo pela lei, *mas agora* Deus providenciou uma alternativa.

#### 3:21-31 Justificação somente pela fé em Cristo

Em 1:17, Paulo falou sobre a justiça de Deus revelada no evangelho. Em 3:21, o apóstolo retorna ao mesmo tema dizendo que essa justiça foi revelada por iniciativa de Deus. O Senhor providenciou uma alternativa à lei, um meio de salvação que fazia parte de seu plano desde o início. É por esse motivo que o apóstolo afirma que essa salvação foi testemunhada pela lei e pelos profetas do AT. Paulo prossegue apresentando vários pontos importantes sobre essa justificação.

3:22-23 A JUSTIFICAÇÃO OCORRE POR MEIO DA FÉ EM CRISTO. A justiça de Deus está disponível por meio da fé em Jesus Cristo (3:22). Por causa da condenação universal (1:18—3:20), faz-se necessária uma justiça universal que só pode ser obtida por meio da fé em Jesus Cristo. Todos pecaram; logo, todos precisam de Cristo. A salvação está disponível a todo ser humano, independentemente de nossos antecedentes (3:23). Quando cremos em Cristo, ele perdoa nossos pecados, nos purifica e nos capacita a viver de modo aceitável diante de Deus. Essa verdade se aplica a qualquer pessoa, independentemente de raça, tribo, sexo, classe social ou qualquer outra forma de categorização. A fé em Jesus Cristo leva as pessoas a participar de um único povo, formado por irmãos e irmãs que vivem sob a cruz de Cristo. Logo, cristãos que brigam e se matam por causa dessas categorizações (raça, tribo, país etc.) não estão cumprindo a vontade de Cristo, pois em Cristo somos um.

3:24-26 A JUSTIFICAÇÃO OCORRE SOMENTE PELA FÉ. Justificação é um termo jurídico cujo antônimo é a palavra “condenação”. A lei natural e a lei de Moisés condenam todas as pessoas. Contudo, a graça de Deus nos justifica (3:24a). Nossa salvação é puramente um ato da graça de Deus, concedido de modo gratuito e recebido somente pela fé em Cristo. Para esclarecer a questão, Paulo repete três vezes a palavra *fé* nessa seção (3:22,25-26). Ou seja, nada mais há que possamos fazer para ser salvos, exceto crer em Jesus Cristo.

As Escrituras declaram com todas as letras que Deus não pode inocentar o culpado (Êx 23:7; Dt 25:1; Pv 17:15; Is 5:23). Nesse caso, de que maneira Deus repentinamente mudou sua própria natureza para justificar o pecador (4:5)?

Isso foi possível porque Jesus assumiu a punição que era devida ao pecador.

Paulo fala sobre a *redenção que há em Cristo Jesus (3:24b)*. Na época de Paulo, a palavra “redenção” era empregada para descrever uma transação comercial que permitia a alguém comprar um escravo e depois libertá-lo. O sangue de Cristo foi o preço que nos libertou do cativeiro do pecado. Jesus entregou sua vida como pagamento pelo pecador, de modo que agora pertencemos a ele.

Ao morrer na cruz em favor dos pecadores, Cristo assumiu sobre si a santa ira divina que deveria cair sobre nós (3:25a). Ao enviar seu Filho como expiação por nossos pecados, Deus revela tanto a intensidade de seu ódio pelo pecado como seu imenso amor pelo pecador.

A longanimidade de Deus poderia ser interpretada como indicação de que ele é injusto e não pune o pecado. Contudo, na cruz Deus demonstrou sua justiça e condenou o pecado, bem como providenciou um meio de expiação para justificar o pecador. Ao justificar o pecador, Deus demonstra seu caráter justo (3:25b-26).

**3:27-31 IMPLICAÇÕES DA JUSTIFICAÇÃO.** Paulo mostra que a justificação pela fé tem importantes implicações em nossa vida e relacionamentos:

- **Não há razão para ostentar orgulho (3:27-28):** Os judeus se orgulhavam de sua nacionalidade, da lei e da circuncisão. Os gentios eram insolentes, arrogantes e gabavam-se de coisas como seu poder militar ou suas filosofias (1:30). Os cristãos, por sua vez, não têm do que se orgulhar, pois a fé por meio da qual somos justificados não está baseada em mérito. Além disso, a fé em Cristo está disponível para todos.
- **Não há razão para divisões raciais ou tribais (3:29-30):** Deus não pertence apenas à nossa tribo ou denominação, pois a fé em Cristo tornou Deus acessível a todas as pessoas. Há somente um Deus, Pai de todos. Os cristãos formam uma família e representam uma comunidade mais forte que qualquer tribo humana.
- **Não precisamos esforçar-nos para cumprir a lei (3:31):** Os judeus acreditavam que a fé proposta por Paulo anulava a lei. Paulo, porém, responde: *Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei.* Isto é, a lei não é deixada de lado, mas colocada em seu devido lugar na justiça de Deus, pois Cristo satisfaz plenamente as exigências da lei. O cristão justificado e que vive pela fé beneficia-se do cumprimento de Cristo quanto às justas exigências da lei. Ao tornar-se mais parecido com Cristo, o cristão automaticamente passa a obedecer à lei.

O evangelho tem poder para libertar os pecadores e humilhar aqueles que se orgulham de méritos humanos. O evangelho derruba barreiras e une cristãos de todas as raças e tribos em uma única família. Os laços familiares são muito fortes na África, e sabemos que os membros da família não

devem matar-se uns aos outros, mas permanecer juntos em momentos difíceis, compartilhar recursos, viver, alegrar-se e lamentar-se juntos. Precisamos fazer a mesma coisa na família cristã, a família mais importante do planeta.

A maior alegria dentro de uma família africana é ver seu crescimento por meio de nascimentos ou quando inimigos declarados se tornam amigos. O evangelho que pregamos tem o poder de expandir a família cristã ao levar pecadores ao arrependimento, instaurar paz entre inimigos e unir comunidades e nações desgastadas pela guerra, além de capacitar os cristãos a viver uma vida semelhante à de Cristo. Transformaremos nossas comunidades e nações quando vivermos dessa maneira.

#### *4:1-25 Abraão: exemplo de justificação pela fé*

Em 1:17 e 3:22, Paulo declarou que o evangelho não é algo novo, pois foi testemunhado no AT. No capítulo 4, o apóstolo apresenta Abraão como exemplo de alguém justificado somente pela fé. Abraão, primeiro ancestral e pai da nação de Israel, desfrutava um relacionamento especial com Deus. Mas qual era a base desse relacionamento? Seria a fé ou alguma obra que fez Abraão merecer seu relacionamento especial? Presumindo que seus leitores conheciam a história do patriarca, Paulo cita Gênesis 15:6 e depois explica algumas verdades sobre a justificação de Abraão.

**4:1-8 JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ, NÃO PELAS OBRAS.** Caso fosse possível ser justificado pelas obras, Abraão realmente teria algo de que se orgulhar (4:1-2). Contudo, esse não era o caso. Deus não considerou que Abraão pudesse alcançar a justificação por si mesmo, pois Gênesis 15:6 declara: *Abraão creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça (4:3)*. Paulo emprega seis vezes o termo grego *logizomai* (traduzido por “imputar”, “considerar” e “atribuir”) em 4:3-8. Esse termo é empregado em transações comerciais e refere-se a creditar na conta de alguém aquilo que lhe é devido. O crédito pode referir-se ao salário por um trabalho executado ou a uma doação. Para o trabalhador, seu pagamento não é uma doação, mas algo que lhe é devido. Ao contrário, a doação refere-se a creditar dinheiro a alguém que não trabalhou.

Gênesis declara que Deus imputou justiça a Abraão porque ele creu no Senhor. Abraão não precisou realizar nenhum feito para ganhar esse crédito. Logo, Abraão não podia ser considerado merecedor. Sua justificação ocorreu simplesmente porque ele confiou em Deus. Quando Deus nos imputa justiça por meio de nossa fé, não está recompensando nossas boas obras, mas demonstrando sua graça. Deus não se impressiona com nossos esforços de parecer bons diante dele. Tudo o que precisamos fazer é submeter-nos a ele pela fé e permitir que ele trabalhe em e por nós.

Paulo cita Salmos 32:1-2 a fim de fortalecer seu argumento de que a relação com Deus pela fé é abençoada. Quem se relaciona com Deus dessa maneira desfruta sua presença sem o temor de ser expulso, pois a iniciativa par-

tiu do Senhor, que perdoou e cobriu nossas iniquidades e jamais nos imputará pecado (4:7-8).

**4:9-12 JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ, NÃO POR RITUAIS.** A justificação ocorre somente pela fé; não é necessário realizar nenhum ritual. Abraão foi justificado pela fé (Gn 15:6) muito antes de sua circuncisão (Gn 17:24). Ele acreditou em primeiro lugar; sua circuncisão veio depois, como sinal da aliança entre Deus e Israel (4:9-11). Logo, Abraão é o pai de todos aqueles que creem em Deus, sejam eles judeus ou gentios (4:12). Nenhum ritual tem poder para declarar o ser humano justo; todos precisam recorrer à fé.

**4:13-15 JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ, NÃO PELA LEI.** Alguns ainda poderiam argumentar que, mesmo que Abraão não tenha sido justificado pelo ritual da circuncisão, poderia ter sido justificado em razão de sua obediência à lei de Deus. Paulo responde a essa objeção apontando que Abraão recebeu e creu nas promessas de Deus muito antes da entrega da lei (Gn 15; cf. tb. Gn 12:2-3). A promessa de Deus a Abraão baseou-se na justiça que provém da fé, não no cumprimento da lei (4:13). A entrega da lei não anulou a promessa (4:14). Quem insiste no cumprimento da lei como única forma de justificação acaba negando a promessa e não desfruta seus benefícios, pois a promessa baseia-se exclusivamente na justiça da fé (4:13-14). Tudo o que a lei gerou foi percepção do pecado, culpa e punição, sem oferecer nenhuma redenção à condição pecaminosa do ser humano (4:15). Deus não entregou a lei na ocasião em que chamou Abraão; logo, Abraão não cumpriu nem transgrediu a lei (4:15). A promessa de Deus era o único elemento em questão, e Abraão foi justificado porque creu nessa promessa.

**4:16-25 JUSTIFICAÇÃO SOMENTE PELA FÉ.** Os argumentos de Paulo demonstraram que Abraão não foi justificado por obras, rituais ou cumprimento da lei, mas somente pela fé (4:16a). Essa justificação pela graça mediante a fé está disponível a todos, de modo que todo aquele que crê se torna filho de Abraão (pai da fé), cumprindo dessa forma a promessa de Deus a Abraão de que ele *seria pai de muitas nações* (4:16b-17a; cf. tb. Gn 17:5).

Um dos elementos racionais da fé refere-se à credibilidade e ao poder do objeto dessa fé. O objeto da fé de Abraão era o *Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem* (4:17b). A firme convicção de Abraão quanto ao poder de Deus em cumprir sua promessa permitiu-lhe confiar no Senhor, apesar da situação humanamente impossível em que ele se encontrava. Se pudessemos perguntar a Paulo “Que tipo de fé Abraão possuía?”, o apóstolo provavelmente responderia: a confiança de que Deus pode cumprir, e realmente cumprirá, o que prometeu (4:18-25).

Temos uma lição a aprender aqui. Deus nos imputará justiça se acreditarmos que ele ofereceu Jesus por nossos pecados e o ressuscitou para nossa justificação. O que impressiona Deus é a fé, e não as obras, os rituais ou o cum-

primento da lei; e essa fé é percebida na confiança de que Deus é fiel e cumprirá suas promessas.

Prometemos muitas coisas durante a vida e geralmente temos razões concretas para acreditar que outros cumprirão suas promessas para conosco. Contudo, quando Deus chamou Abraão para sair de sua terra e ir a outro lugar, Abraão não tinha nenhuma razão lógica para acreditar naquela promessa. Não é comum ver estranhos receberem um território que pertence a outros. A promessa de que Abraão teria um filho também era ilógica se considerarmos a idade de Abraão e Sara. Entretanto, Abraão creu e obedeceu. É justamente a esse tipo de fé que Paulo se refere: confiar em que uma promessa ilógica pode ser cumprida. Afinal, a salvação em Cristo pela fé pode parecer ilógica (Como a justiça de outra pessoa poderia ser atribuída a mim?), mas esse é o único caminho que Deus providenciou para a salvação.

### 5:1—8:39 A certeza e a esperança da salvação

Paulo tratou, no início da carta, da terrível condição em que se encontra o ser humano e concluiu aquela seção dizendo: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus” (3:10-11). Depois disso, falou sobre a fidelidade do Senhor ao providenciar os meios para a justificação: o dom da salvação pela graça por meio da fé em Cristo (3:21—4:25). Agora, Paulo prossegue esboçando os benefícios da justificação. Por meio da expressão “Justificados, pois”, Paulo indica que a exposição a seguir é resultado de sua exposição na seção anterior.

#### 5:1-5 Os benefícios da salvação

Um dos benefícios da salvação refere-se ao fato de o cristão deixar de viver em hostilidade com Deus. Por causa desse novo relacionamento estabelecido por meio da fé em Cristo, agora temos paz com Deus (5:1). O ser humano almeja paz em todas as áreas da vida, mas a paz verdadeira é aquela que o indivíduo desfruta com Deus por meio do Senhor Jesus Cristo. Essa paz é duradoura, e nada pode destruí-la. Aqueles que foram justificados têm agora acesso direto ao Senhor. Não podemos entrar na presença de Deus por nossos próprios méritos; contudo, por meio de Cristo, fomos levados à presença de Deus, onde agora estamos firmados com segurança e confiança absolutas (5:2a).

Desfrutar essa paz é motivo de júbilo: alegramo-nos com o perdão de nossos pecados passados e com o fato de que agora podemos entrar na presença de Deus, além da esperança de que nosso futuro glorioso está garantido. Não admira que Paulo exclame: *gloriamo-nos na esperança da glória de Deus* (5:2b). Por meio de Cristo, nosso futuro está seguro nas mãos de Deus.

Mas, enquanto isso, como enfrentar os sofrimentos do presente? Paulo responde: *mas também nos gloriamos nas próprias tribulações* (5:3a). Paulo e os outros apóstolos compreenderam o significado do sofrimento. Em Atos 14:22, ele diz aos cristãos: “através de muitas tribulações, nos

importa entrar no reino de Deus". O cristão deve desenvolver a capacidade de enfrentar dificuldades sem abandonar a fé. Segundo Paulo, devemos alegrar-nos com isso, pois o sofrimento produz perseverança, que por sua vez traz experiência, a qual resulta em esperança (5:3b-4).

O cristão deve colocar continuamente sua esperança em Deus, pois o Senhor cumprirá suas promessas com relação ao nosso futuro. Precisamos olhar para o futuro e aguardar o momento em que Deus compartilhará sua glória conosco. Essa esperança produz uma alegria que não pode ser abalada. A presença do Espírito Santo em nossa vida nos torna cientes do amor de Deus, e esse amor nos dá esperança inabalável no porvir (5:5). Logo, o cristão nunca deve desistir diante do sofrimento, pois Deus certamente cumprirá suas promessas. Esse fato traz consolo àqueles que sofrem com a injustiça, guerras, fome, HIV/aids e muitos outros males. Vivemos com esperança se cremos que Deus compartilhará sua glória conosco. Paulo falou sobre o sofrimento com base em suas próprias experiências. Ele obteve consolo ao reconhecer que seu futuro está seguro em Jesus Cristo.

#### 5:6-11 Demonstração do amor de Deus

Deus demonstrou seu amor pela humanidade por meio da morte de Cristo (5:6-8). Jesus Cristo morreu por nós a fim de nos trazer para junto de Deus e desviar sua ira. Seu corpo foi partido por nós, e seu sangue derramado em nosso favor (1Co 11:24-26). O amor humano raramente inspira alguém a morrer por outra pessoa, e, quando isso ocorre, geralmente o beneficiário desse amor é alguém considerado "bom". Jesus, porém, não morreu pelos "bons", mas por gente totalmente indigna de seu sacrifício (5:6-8). Não temos nenhum mérito pessoal e somos totalmente incapazes de nos salvar. *Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo* (5:6); isto é, em nosso momento de maior desespero, Deus demonstrou seu amor para conosco ao nos enviar seu Filho para morrer e nos reconciliar com ele.

Deus demonstrou seu amor ao nos justificar perante si mesmo (5:9-11). A morte de Cristo nos salvou da ira futura de Deus. Se Deus nos amou quando ainda éramos inimigos dele, quanto mais fará por nós agora que fomos reconciliados por meio da morte de seu Filho. Os cristãos jamais serão esquecidos por Deus; estamos seguros com ele. Esse é o único fundamento sólido no qual podemos encontrar alegria no Senhor em meio ao sofrimento que muitos enfrentam no continente africano ou diante de desastres naturais como terremotos, tsunamis ou erupções vulcânicas. Não importa o que aconteça, o cristão sempre estará em segurança nas mãos de Deus. A ressurreição e a eterna alegria de estar na presença de Deus aguardam aqueles que creem.

#### 5:12-21 A justificação tem aplicação universal

O apóstolo falou sobre as bênçãos que o cristão recebe (5:1-11), mas seus leitores talvez ainda questionassem como a

morte de um indivíduo poderia abençoar tanta gente. Paulo cita o exemplo de Adão e Cristo para ilustrar o princípio da solidariedade, em que as ações de uma pessoa afetam a vida de todos os envolvidos. A sociedade africana, baseada em seu sentido de comunidade segundo o qual "eu sou porque nós somos", compreende facilmente a explicação de Paulo, uma vez que compartilhamos a crença judaica de que as ações de uma pessoa podem afetar a vida de muitas outras. Por exemplo, há ocasiões em que todos os membros de determinado clã precisam ser purificados porque algum líder do grupo violou um tabu. O grupo considera que aqueles que se recusam a participar dos rituais de purificação correm perigo de sofrer sob a ira de espíritos enfurecidos. Embora muitos cristãos decidam não participar desses rituais por causa de seus elementos não-cristãos, o motivo principal da recusa está enraizado no perdão de Deus, e não na negação do fato de que os atos do indivíduo afetam a vida dos outros.

Paulo contrasta o papel e os atos de Adão e Jesus. Adão era o líder da comunidade humana e, quando pecou, trouxe o julgamento de Deus sobre toda a humanidade. É por essa razão que se pode dizer que toda a humanidade pecou por meio de Adão, antes mesmo da entrega da lei (5:12-13). Pecamos com Adão porque ele é nosso representante. A punição do pecado é a morte, e por isso a morte entrou no mundo que Deus criou (5:14).

Ao agir como representante da humanidade, de certa forma Adão era um modelo (ou protótipo) de Cristo. Todavia, seus atos foram totalmente diferentes (5:15): Adão desobedeceu; Cristo sacrificou-se em obediência à vontade de Deus. O primeiro agiu com egoísmo; o segundo ofereceu-se como sacrifício. Por meio de suas ações, eles alcançaram resultados muito distintos (5:16): o pecado de Adão trouxe condenação, morte e separação de Deus; o sacrifício de Cristo trouxe justificação, a despeito de nossos muitos pecados. As ações de Adão resultaram em morte, mas as ações de Jesus resultaram em vida para aqueles que receberam a graça de Deus (5:17).

Em 5:18-21, Paulo contrasta novamente o papel de Adão e Cristo. Assim como o pecado de Adão trouxe condenação e morte ao ser humano, a morte sacrificial de Cristo trouxe justificação e vida. Todos se tornaram pecadores por causa da desobediência de Adão. Seguindo essa mesma lógica, muitos se tornarão justos por causa da obediência de Jesus Cristo.

Com relação a esse processo de pecado, condenação, graça e justificação, Paulo retorna à lei, cuja função é revelar o pecado. Uma vez que a lei apresenta claramente os mandamentos de Deus, torna impossível a alegação de não sabermos que a estávamos transgredindo. É nesse sentido que Paulo diz que a lei avultou nossa ofensa. Deus, contudo, providenciou um meio para lidar com essa situação, de modo que *onde abundou o pecado, superabundou a graça* (5:20b). Todos pecaram por causa da transgressão de um



único homem, Adão; porém, por meio da obediência de Jesus Cristo até a morte, a justificação foi disponibilizada a todos os que creem.

### 6:1-23 Libertados da escravidão do pecado

Em seguida, Paulo trata do argumento favorável à continuação do pecado: se Deus nos declarou justos e sua graça se torna mais “abundante” quando pecamos, isso não seria um incentivo para pecarmos cada vez mais (6:1)? Paulo destrói a aparente lógica desse argumento apontando que o desejo de continuar pecando (uma vez que o perdão de Deus está garantido) mostra que o indivíduo não entendeu o significado da graça ou a gravidade do pecado.

#### 6:2-14 O poder do pecado foi destruído

Paulo fornece uma série de argumentos sobrepostos a fim de refutar a afirmação de que a graça de Deus nos autoriza a pecar:

- **O cristão morreu para o pecado (6:2):** Uma vez que Cristo morreu para pagar o pecado, aqueles que creem nele morreram para o pecado. O cristão pode ser tentado pelo pecado e é capaz de pecar. Contudo, o cristão não tem nenhuma ligação com o pecado.
- **O cristão é batizado com Cristo (6:3):** O batismo simboliza a morte para o pecado e a união com Cristo em sua morte e ressurreição. O batismo é um sinal da decisão do indivíduo de pôr sua fé em Cristo e mostrar que iniciou um relacionamento com Deus, situação que não lhe permite continuar pecando.
- **O cristão participa da morte e ressurreição de Cristo (6:4-5):** O batismo é um sinal visível da morte, sepultamento e ressurreição com Cristo. Essa união na morte e ressurreição de Cristo permite ao cristão compartilhar as bênçãos da ressurreição de Jesus, isto é, ter uma nova vida.
- **O cristão está crucificado com Cristo (6:6-7):** O cristão morreu para o pecado (o velho homem) no corpo de Cristo, com quem se uniu por meio da fé e do batismo, e ressuscitou com Cristo como novo ser humano a fim de ter uma nova vida em santidade. Logo, como voltar à antiga natureza pecaminosa se esta já morreu? Com a morte de Cristo, a antiga vida de pecado terminou, e uma nova vida de justiça teve início em sua ressurreição.
- **O cristão viverá com Cristo (6:8-10):** A partir do momento em que cremos em Cristo, nosso presente e futuro estão sob os cuidados de Deus. Nossa morte e ressurreição em e por meio de Cristo nos dá poder para viver com ele agora e no futuro. Nossa união com Cristo começa com a morte para o pecado (uma decisão definitiva) e continua por meio de uma vida perpetuamente identificada com Cristo.
- **O cristão está morto para o pecado, mas vivo para Deus (6:11):** O cristão deve constantemente conside-

rar-se como alguém que morreu e voltou à vida em Cristo. Somente assim seremos capazes de viver como povo de Deus. Devemos sempre lembrar que nossa antiga natureza foi crucificada com Cristo, e agora precisamos demonstrar nossa nova vida em Cristo.

Tudo isso implica que devemos oferecer-nos a Deus. Nossa antiga natureza foi crucificada com Cristo, de modo que morremos para o pecado e agora estamos unidos a Cristo em sua morte e ressurreição. Logo, não devemos permitir que o pecado reine em nosso corpo de modo que obedeçamos às suas paixões (6:12), nem podemos oferecer nosso corpo como instrumento de iniquidade (6:13a). Antes, devemos entregar-nos a Deus (6:13b) juntamente com nosso corpo, como instrumentos de justiça (6:13c). O pecado não pode mais nos controlar, pois deixamos de viver sob o regime da condenação da lei e agora vivemos justificados pela graça (6:14).

Os africanos compreendem esses princípios porque conhecem o conceito de ritual de passagem. Quando um africano se submete a um ritual de passagem, espera-se que passe a viver uma nova vida, caso contrário sofrerá graves consequências. Em sentido mais profundo, Paulo está dizendo que em Cristo nossa antiga natureza não existe mais, pois emergimos como nova criatura, e as implicações dessa transformação não nos permitem voltar a ser a pessoa que éramos antes da conversão. Caso isso aconteça, as consequências serão gravíssimas.

#### 6:15-23 O cristão é escravo da justiça

Paulo afirma que o cristão não está “debaixo da lei, e sim da graça” (6:14). Isso leva a outra pergunta: Será que somos livres para fazermos o que quisermos? (6:15). Essa questão está relacionada ao tema que Paulo acabou de tratar. Entretanto, Paulo respondeu à questão anterior em termos de significado do batismo, ao passo que agora ele responde utilizando o exemplo da escravidão.

Tornamo-nos escravos quando concordamos em obedecer a outro indivíduo incondicionalmente (6:16). Nossa conversão representa a concordância em nos tornarmos escravos de Deus. Como escravos, temos a obrigação de obedecer a Deus (novo Senhor) e nunca mais obedecer a nossos próprios desejos (antigo senhor). Só podemos obedecer a um único senhor (Mt 6:24); e, por meio de nossa conversão voluntária, esse senhor é Deus.

Antes da conversão, não havia escolha senão obedecer ao pecado. Depois da conversão, porém, entregamos nossa lealdade a Deus. Isso representa uma mudança total e completa (6:17). Libertamo-nos do pecado e nos tornamos servos da justiça (6:17-18). A escravidão ao pecado faz aumentar a perversidade, ao passo que a escravidão à justiça produz cada vez mais santidade (6:19-20). Isso significa que, embora declarados justos por causa da fé, ainda precisamos passar por um processo de santificação que gradualmente nos transformará à semelhança de Cristo.

O único “fruto” que obtivemos com a escravidão do pecado é a morte, condição totalmente oposta ao resultado da escravidão da justiça: santidade e vida eterna (6:21-22). Podemos pensar nesses frutos como o salário recebido por serviços prestados ao patrão. E só podemos escolher entre dois senhores: ou o pecado, ou Deus. O salário do pecado é a morte, *mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor* (6:23). Todavia, não podemos considerar os benefícios de servir a Deus como salário, pois o Senhor nos dá muitíssimo mais do que merecemos por nosso serviço: ele nos dá o dom gratuito da vida eterna, algo que não merecemos.

Logo, é muito importante refletirmos sobre essa questão: A quem estamos servindo de fato?

### 7:1-25 Libertos da escravidão da lei

Paulo salienta no capítulo 6 que o cristão foi libertado da escravidão do pecado. Quando Cristo morreu, o cristão também morreu para o pecado. Por meio da morte de seu Filho, Deus realizou o que a lei não conseguiu. No judaísmo, porém, o pecado e a lei estavam intimamente relacionados. Logo, se estamos livres da escravidão do pecado, como fica a questão da lei? Paulo havia afirmado que a lei revela o pecado (3:20; 5:13), condena o pecador (3:19) e suscita a ira (4:15). Uma vez que o cristão está livre do pecado, deixou de viver sob a autoridade da lei. Contudo, pelo fato de o cristão ainda viver num corpo mortal, continua sofrendo influência da natureza pecaminosa que tenta controlar sua vida. Essas questões formam a base da argumentação de Paulo sobre o papel da lei no capítulo 7.

#### 7:1-6 A validade da lei é limitada

Paulo emprega a ideia do casamento para demonstrar que a lei é válida somente quando o indivíduo está vivo (7:1-3). O apóstolo argumenta o seguinte: a morte de um dos cônjuges põe fim ao casamento, de modo que o cônjuge sobrevivente está livre para casar-se novamente. Nesse sentido, a lei é semelhante ao marido a quem a esposa estava ligada por força da lei a fim de manter o relacionamento conjugal. Em sua morte, Cristo cumpriu todas as obrigações que a lei nos impunha. Nosso relacionamento com a lei, portanto, também terminou quando morremos com Cristo (7:4a).

Cristo tornou-se nosso novo marido (7:4b), porém nosso relacionamento com ele não está baseado em obrigação de lei. Antes, obedecemos a Cristo por meio de submissão amorosa à sua vontade. Uma vez que a vontade de Cristo é exatamente a mesma vontade de Deus, está em plena conformidade com a lei, que, por sua vez, é expressão da natureza santa de Deus (7:12). A lei como código de regulamentação apenas realçou nossas paixões pecaminosas que frutificavam *para a morte* (7:5), sem, contudo, providenciar uma forma de salvação. Mas agora o Espírito produz no cristão um caráter semelhante ao de Cristo e nos leva a

viver uma vida de santidade baseada em amor, e não em regulamentações obedecidas por medo do castigo (7:6).

Paulo argumenta que, uma vez que a verdadeira essência da lei não foi eliminada, mas cumprida (8:3b-4; cf. tb. Mt 5:17-19), a lei como conjunto de regulamentações deixou de exercer autoridade sobre qualquer indivíduo que se identifique com Cristo e participe de sua morte. Considerando que o cristão morreu para a lei antes de celebrar esse novo casamento com Cristo, esse novo relacionamento é totalmente legítimo (7:2). Após a morte do cônjuge (conversão a Cristo), o parceiro sobrevivente (a lei) não tem mais autoridade sobre aquele que morreu. A única obrigação que resta ao cristão é produzir frutos para Deus (7:4c).

#### 7:7-13 A relação entre a lei e o pecado

Uma vez que morremos para o pecado e para a lei, seria *a lei pecado?* (7:7a). Paulo responde a essa questão de modo enfático: *De modo nenhum!* A lei não é responsável pelo pecado e pela morte, pois ela não é pecaminosa. Entretanto, a lei revela o pecado, pois, onde não há lei, não há consciência do poder do pecado. Por exemplo, não saberíamos que é errado cobiçar se a lei não tivesse dito: *Não cobiçarás* (7:7b; cf. tb. Êx 20:17).

A lei pode inclusive nos incitar a violar o mandamento divino ao aproveitar-se de nossa fraqueza em fazer o que é proibido (7:8). Se não houvesse lei, o pecado não teria efeito. O problema, contudo, não está na lei, mas no pecado, que se opõe perpetuamente à vontade de Deus.

Paulo fala de si mesmo para ilustrar o que pretende dizer: o apóstolo viveu por algum tempo sem conhecer a lei, de modo que não fazia ideia do conceito de pecado e suas implicações. Mais tarde, contudo, passou a conhecer a lei, e com isso o pecado despertou e Paulo tornou-se espiritualmente condenado (7:9). Falando de sua própria experiência, o apóstolo lamenta ter sido enganado pelo pecado, que se aproveitou da lei (cujo objetivo era produzir vida) para condená-lo à morte espiritual (7:10-11). A lei expõe, estimula e ao mesmo tempo condena o pecado. Todavia, o mandamento (a lei) em si mesmo não é mau, mas *santo, e justo, e bom* (7:12). A lei deveria ajudar a humanidade, mas o pecado tornou a bênção da lei em maldição (7:13).

#### 7:14-25 Conflito entre o pecado e a lei

Nessa seção, Paulo fornece uma descrição gráfica da tensão entre a natureza espiritual e pecaminosa do ser humano. Não há consenso se Paulo está falando do conflito espiritual do cristão, de um não-cristão ou de qualquer outra pessoa (incluindo o próprio Paulo). Fica claro, contudo, que o apóstolo se refere a alguém que ama a lei (cf. ele mesmo fazia antes de sua conversão; Gl 1:14; Fp 3:5), mas não consegue cumpri-la.

7:14-21 TENSÃO ENTRE A LEI E A CARNE. Paulo repete o argumento quanto à tensão entre a lei e a carne em 7:14-17 e 7:18-20. Nesses versículos, Paulo afirma que a lei é espi-

ritual, porém a carne, corrompida pelo pecado, perdeu sua qualidade espiritual. Consequentemente, não há nada de bom na carne (7:18). O apóstolo fala de uma vida dividida: deseja fazer o bem (isto é, obedecer à lei), mas acaba fazendo o mal (desobedecer à lei) (7:15,19). Quem é o responsável por esse conflito? Paulo afirma que não é a lei, pois ela é santa e justa; tampouco seu íntimo real e espiritual, pois não deseja desobedecer voluntariamente à lei. Antes, é o pecado que habita nele (7:17,20). Embora creia em Cristo, o cristão ainda possui uma natureza pecaminosa que o impulsiona a fazer o que não deseja (7:21). Todavia, Cristo nos salvou da escravidão do pecado, de modo que agora estamos livres para viver sem pecado diante de Deus.

**7:22-25 O CONFLITO ENTRE O BEM E O MAL DENTRO DO CRISTÃO.** Apesar de sermos cristãos, o bem e o mal habitam dentro de nós (7:22). O bem, isto é, *a lei da minha mente* (7:23), se alegra na lei de Deus. Por outro lado, *a lei do pecado* opõe-se constantemente à lei da mente, criando um conflito que nos aprisiona. Paulo anseia desesperadamente por um salvador (7:24). Não espanta, portanto, que dê graças a Deus por ter enviado um libertador (7:25a). Paulo se considera escravo da lei de Deus e deseja cumpri-la; contudo, sua natureza pecaminosa continua escrava da lei do pecado e, por isso, ele não consegue cumprir a lei de Deus (7:25b). Como cristãos, não devemos viver no pecado, mas na liberdade do Espírito que nos traz benefícios extraordinários.

### 8:1-39 A certeza da salvação e as bênçãos do Espírito

Paulo descreveu no capítulo 7 a tensão entre a antiga e a nova natureza do cristão. Como cristãos, fomos libertados da escravidão do pecado, mas enquanto vivermos neste corpo continuaremos a enfrentar nossa natureza pecaminosa e suas tentativas de controlar nossa vida. Todavia, Paulo assegura que podemos vencer o pecado e viver uma vida de vitórias e esperança. No capítulo 8, Paulo esclarece as bênçãos maravilhosas que os cristãos desfrutam: não estamos debaixo de condenação; o Espírito Santo habita conosco; fomos adotados pela família de Deus; aguardamos a ressurreição e participação na glória divina; e somos preservados pelo amor e promessas de Deus. Por meio da obra do Espírito Santo, o cristão desfruta bênçãos e vitórias em Deus e tem sua nova vida preservada em Cristo.

#### 8:1-8 O ministério do Espírito

Muitas bênçãos estão disponíveis para os que foram justificados pela fé

- **Nenhuma condenação (8:1):** Como resultado da fé e da identificação com Cristo, não há condenação alguma sobre o cristão. Ninguém (quer Satanás quer qualquer outra pessoa) pode usar nossos pecados passados ou deficiências atuais para questionar nossa crença em Cristo. Nossa nova natureza em Cristo não depende de

nossa capacidade, mas de nossa fé em Cristo e na obra que ele realizou na cruz.

- **Libertação da lei do pecado e da morte (8:2-4):** O que a lei não pôde fazer, Deus realizou ao enviar seu Filho (8:3) e ao dar o Espírito para habitar conosco e nos capacitar a viver uma vida santa. A obra que Deus realizou fez que *o preceito da lei se cumprisse* (8:4). *A lei do Espírito da vida* proclamada no evangelho libertou o cristão para uma nova vida. O cristão pode agora cumprir as exigências da lei ao viver pelo o Espírito Santo, que nos concede força para nos tornarmos santos e produzirmos fruto.
- **Uma mente controlada pelo Espírito Santo (8:5-8):** A maneira de pensarmos determina nosso modo de vida. Optar por obedecer aos desejos de nossa natureza pecaminosa (o pendor da carne) leva ao pecado e à inimizade com Deus. Escolher obedecer ao Espírito produz vida e paz com Deus. Tentar conciliar esses dois estados mentais não é uma opção. A mente controlada pelo Espírito cogita das coisas santas, enquanto a mente controlada pela carne cogita das coisas da carne. Nossa mente estabelece a forma pela qual agimos e nos relacionamos com Deus (8:8). A mente controlada pelo Espírito agrada ao Senhor.

#### 8:9-13 O Espírito habita no cristão

O Espírito de Deus, ao habitar com o cristão, assume o controle da vida e neutraliza o poder do pecado (8:9; cf. tb. 7:17,20). O Espírito de Deus é o Espírito de Cristo; logo, pertencer ao Espírito é o mesmo que pertencer a Cristo. O Espírito habita conosco em nosso espírito e nos vivifica espiritualmente. Ora, se o Espírito de Deus habita conosco, *esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também nosso corpo mortal* (8:10-11). Considerando o que Deus realizou por nós, somos *constrangidos* a dizer não ao pecado e a viver para agradar a Deus (8:12). Devemos resistir ao desejo da carne a fim de experimentar Cristo e liberar o poder do Espírito Santo (8:13).

#### 8:14-17 O objetivo da justificação

Se vivermos sob a autoridade do Espírito e por meio disso mortificarmos os feitos do corpo, demonstraremos que somos filhos de Deus (8:14). Esse é o maior desejo do Senhor, e seu Espírito confirmará esse objetivo em nossa vida. Ele nos guiará e nos capacitará a viver de modo que agrade a Deus.

O Espírito também substituirá o medo de Deus pela mesma liberdade que as crianças desfrutam diante de seus pais. Aqueles que ainda são escravos do pecado têm boas razões para temer a Deus. Como filhos de Deus, porém, podemos aproximar-nos corajosamente dele como nosso Pai. Uma vez que o Senhor nos concedeu *status* de filhos legítimos (8:15a), agora temos livre acesso a Deus, podendo inclusive chamá-lo de *Aba, Pai* (8:15b). O Espírito

testifica com nosso espírito que somos de fato filhos de Deus (8:16).

E, por fim, o Espírito confirma nossa herança eterna como co-herdeiros com Cristo (8:17).

### 8:18-27 A revelação da glória dos filhos de Deus

Do ministério do Espírito Santo na vida do cristão, Paulo passa agora a tratar do sofrimento e da glória futura que aguardam os filhos de Deus. O apóstolo experimentou o sofrimento e está convencido de que os cristãos enfrentarão sofrimentos neste mundo. Além disso, considera que o sofrimento tem por objetivo final nossa glorificação com Cristo no futuro. Até lá, o sofrimento inevitavelmente fará parte de nossa vida.

**8:18-22 O SOFRIMENTO E A GLORIFICAÇÃO DA CRIAÇÃO.** O preço que pagamos por seguir a Cristo é irrisório se comparado à glória que desfrutaremos ao seu lado. E não somente isso: Paulo declara que toda a criação sofre e aguarda conosco a revelação da glória de Deus (8:18-20). O apóstolo se refere à maldição que Deus colocou sobre a terra devido ao pecado de Adão (Gn 3:17), de modo que toda a criação sofre uma condição que o Criador não desejou originariamente. Todavia, chegará o dia em que a criação também será libertada da escravidão do pecado e da morte (os quais inevitavelmente resultam em deterioração) e participará da liberdade gloriosa dos filhos de Deus (8:21).

Enquanto aguardamos esse momento, a criação também sofre e geme conosco (8:22). Paulo compara os gemidos da natureza ao trabalho de parto da mulher: há dor e sofrimento, mas também há a promessa de que essa angústia produzirá uma nova vida.

**8:23-27 O SOFRIMENTO E A GLÓRIA DOS FILHOS DE DEUS.** O sofrimento da criação é semelhante à dor dos filhos de Deus. Temos as *primícias do Espírito* (8:23a). Primícias são os primeiros frutos que sinalizam o início da safra e prometem uma colheita abundante. Nesse sentido, apesar de ainda não termos recebido a bênção completa, o testemunho do Espírito Santo em nosso íntimo promete que ela está a caminho. Assim, conforme aguardamos a plenitude de nossa redenção e adoção, o Espírito nos fornece evidências de que isso acontecerá.

Enquanto esperamos a redenção final, *gememos em nosso íntimo* (8:23b), pois a presença do Espírito nos faz ansiar por esse momento de adoção e redenção. Embora adotados como filhos de Deus quando abraçamos a fé e fomos justificados (8:15), não desfrutaremos totalmente essa condição até que nosso corpo seja redimido da influência do pecado e da deterioração e se torne perfeito. A experiência plena do significado de nossa salvação é algo que ainda aguardamos com expectativa. Ansiamos pelo dia em que nosso corpo mortal, frágil e corrompido pelo pecado, será renovado e transformado. Então, desfrutaremos a glória eterna.

Não devemos exigir essas bênçãos imediatamente, mas aguardar com *paciência* o cumprimento de nossa esperança

(8:24-25). Muitas coisas podem acontecer enquanto aguardamos. Alguns chegam ao ponto de perder a esperança e podem inclusive apostatar da fé. Precisamos perseverar pacientemente na esperança daquilo que Deus nos prometeu. Essa esperança é infalível, pois está alicerçada no amor inabalável de Deus. E, enquanto aguardamos, o Espírito nos auxilia constantemente em nossas fraquezas (8:26-27), ajudando-nos a orar e intercedendo em nosso favor com gemidos inexprimíveis. Afinal, diante do sofrimento nem sempre sabemos como orar ou pelo que orar.

### 8:28-30 A segurança do cristão nas mãos de Deus

Nossa vida presente é caracterizada por sofrimentos. Contudo, somos sustentados pela esperança em nosso objetivo supremo: a glorificação. Mais que isso, somos consolados com a promessa de que tudo o que acontece conosco está sob o controle de Deus para nosso benefício (8:28). Nem sempre compreenderemos certas circunstâncias, mas sabemos que Deus está ciente de tudo o que acontece em nossa vida e faz que todas as coisas cooperem para nosso bem. Nossos sofrimentos, gemidos, esperança e alegria foram planejados para nosso benefício. Deus está no controle, e não há nada que esteja além de seu alcance.

Paulo declara que Deus nos conheceu *de antemão* (8:29). Essa presciência de Deus provavelmente se refere ao seu conhecimento e relacionamento íntimo com aqueles a quem *predestinou* para um fim específico: *serem conformes à imagem de seu Filho*. Paulo emprega o termo “predestinação” quando fala do plano de Deus porque quer deixar claro que nossa salvação foi iniciativa de Deus, e não nossa. Deus planejou três estágios para os cristãos: chamado, justificação e glorificação (8:30). O chamado de Deus ocorre quando reagimos com fé e obediência à mensagem do evangelho. Aqueles que creem são justificados pela fé, e aqueles que são justificados serão glorificados com Cristo.

### 8:31-39 Conclusão: o cristão está seguro com Deus

Após revelar o plano sistemático de Deus para nossa glorificação, Paulo conclui, por meio de seis perguntas, com a convicção de que a salvação eterna do cristão está garantida.

- **Que diremos, pois, à vista destas coisas? (8:31a):** Isto é, como devemos reagir à bondade de Deus para conosco, apesar de nossos pecados? Paulo responde a essa questão com outra pergunta.
- **Se Deus é por nós, quem será contra nós? (8:31b):** O cristão enfrenta muitos obstáculos: a natureza pecaminosa, o sofrimento, a morte e o próprio Satanás. Contudo, nada disso pode prevalecer contra nós, pois Deus está ao nosso lado. A seguir, Paulo desenvolve essa questão em mais detalhes.
- **Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará**

**graciosamente com ele todas as coisas? (8:32):** Se Deus estava disposto a entregar seu único Filho para nos salvar, certamente nos dará tudo mais que for necessário para atingir seu objetivo supremo: nossa santificação e glorificação.

- **Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica (8:33):** Satanás e nossa consciência insistem em nos denunciar como indignos da salvação, pois ainda sofremos influência do pecado. Entretanto, Deus já pronunciou seu veredicto: o cristão está justificado. O caso encerra-se após o juiz pronunciar a sentença. Deus rejeitou todas as acusações contra o cristão.
- **Quem os condenará?:** Cristo foi escolhido para julgar o mundo (Jo 5:22). Contudo, também foi ele *quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós (8:34)*. Além juiz, Cristo é advogado daqueles que lhe pertencem. Ele morreu para nos salvar; logo, não condenará aqueles pelos quais morreu. Não admira que todas as acusações contra os cristãos tenham sido banidas do tribunal divino.
- **Quem nos separará do amor de Cristo? (8:35a):** A resposta a essa pergunta é o ponto culminante do argumento de Paulo com relação à certeza da salvação. O apóstolo menciona sete situações que ele mesmo experimentou e que podem interpor-se entre nós e Deus: tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo e espada (8:35b-36). O amor de Cristo não excluiu a possibilidade de experimentarmos essas coisas, mas nos fortalece para enfrentá-las (8:37). Após várias experiências de vida, Paulo descobriu que absolutamente nada pode separar-nos do amor de Cristo.

Vivemos num mundo de incertezas, sofrimentos, frustrações, tragédias e desespero. Contudo, Paulo estava convicto de que nada no universo (morte, vida, anjos, principados — isto é, os demônios, seres geralmente muito temidos pelos africanos —, coisas do presente ou do porvir, poderes, altura, profundidade, criaturas ou qualquer outra coisa que se possa imaginar) *poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (8:38-39)*. Deus providenciou nossa vitória, de modo que podemos descansar, sabendo que seu amor nunca falhará. Tudo o que precisamos fazer é confiar em Deus e ter convicção de que ele cumprirá suas promessas, não importam quais sejam as circunstâncias.

## 9:1—11:36 Deus não é culpado por Israel tê-lo rejeitado

Após explicar e maravilhar-se com a graça abundante de Deus para com o ser humano (caps. 1—8), Paulo se vê forçado a refletir sobre a situação de seu próprio povo (caps. 9—11): Será que Deus abandonou os judeus? Eles foram escolhidos para receber o evangelho, mas a maioria rejeitou

as boas-novas de Deus. Considerando essa situação, como compreender a eleição de Israel e a salvação do mundo por meio dos judeus?

Esses capítulos também advertem os cristãos gentios de não desprezarem os poucos cristãos judeus que faziam parte da igreja. Judeus ou gentios, todos os cristãos são membros da mesma família: a família de Deus. Não importa qual raça ou grupo seja maioria entre o povo de Deus. Essa mensagem é muito importante para os cristãos africanos que geralmente repudiam aqueles que pertencem a minorias étnicas.

## 9:1-5 A descrença de Israel

Por meio da expressão “meus irmãos” (9:1), Paulo se identifica com seu próprio grupo étnico, os judeus, e exprime profundo pesar pela situação deles. Os pecados de nossa própria tribo ou raça deveriam causar o mesmo impacto e levar-nos às lágrimas diante de Deus.

Considerando que Paulo pregava aos gentios, alguns de seus ouvintes talvez questionassem a sinceridade de sua tristeza pelos judeus, de modo que o apóstolo declara: *Não mintos (9:1)*. Pode ser difícil pregar a outros povos enquanto nosso próprio povo não aceita as boas-novas de Cristo (9:2). Contudo, a forte ligação de Paulo com os judeus o faz declarar: *Eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos (9:3)*. Paulo não está dizendo que deseja ser um descrente como seu povo, mas que estava disposto a assumir a posição deles caso isso os levasse a Cristo. Moisés expressou desejo semelhante em Êxodo 32:30-32.

Israel desfrutava o privilégio de ser considerado povo de Deus (9:4). Paulo declara que aos israelitas pertencem *a adoção (Êx 4:22), a glória (Êx 16:10; 24:17; 40:34; 1Rs 8:11), as alianças (Gn 15:18; 2Sm 7:12-16; Jr 31—34), a legislação (Dt 5:1-22), o culto e as promessas*. Além disso, eram descendentes dos *patriarcas* (principalmente Abraão, Isaque e Jacó), homens que desempenharam um papel importante na história de Israel, pois por meio deles Israel celebrou alianças com Deus e recebeu a promessa da vinda do Messias. Todavia, Paulo deixa claro que o Messias pertence a Israel somente em termos de descendência natural, isto é, *segundo a carne (9:5)*. Do ponto de vista divino, Cristo é Deus e Salvador de todo aquele que nele crê.

Pastores e líderes africanos devem seguir o exemplo de Paulo e lamentar a condição espiritual de nosso povo. Se todos os pastores africanos estivessem tão preocupados com seu povo como Paulo, definitivamente haveria mudanças em nosso continente. Infelizmente, muitos pastores consideram o ministério um emprego, e não um chamado. Se nos preocuparmos verdadeiramente com o futuro de nosso povo, oraremos e agiremos para levar cada vez mais africanos ao Senhor.

## 9:6-13 Deus escolheu um povo específico

O Senhor providenciou para que os judeus estivessem mais preparados que outros povos para receber a Cristo. No



entanto, os judeus o rejeitaram. Logo, será que Deus fracassou? Não, declara Paulo; a obra de Deus não falhou, como talvez alguns argumentassem (9:6a). Sempre houve descendentes de Abraão que não estavam entre os escolhidos (9:6b-7a). Em sua soberania, Deus escolheu indivíduos ou grupos para dar prosseguimento a seus propósitos: escolheu Isaque (filho da promessa) em vez de Ismael (filho da carne) (9:7b-9). Desse mesmo modo, escolheu Jacó (que representa Israel) em detrimento de Esaú (que representa Edom), antes mesmo de nascerem e praticarem o mal ou o bem (9:10-13; Gn 25:23). Quando Deus fala que “rejeitou” Esaú em Malaquias 1:2-3 (NVI), está referindo-se à sua eleição e às consequências decorrentes (9:13). Da mesma forma que Paulo, também não sabemos por que Deus faz essas escolhas. Entretanto, a escolha de Deus mostra claramente que os judeus estavam errados em reivindicar privilégios especiais somente porque eram descendentes de Abraão. Descendência genética não é garantia de bênçãos de Deus. O indivíduo não se torna filho de Deus por descendência natural, mas somente pela fé (Jo 1:11-13). A eleição de Deus representa seu convite para o ser humano participar das promessas do Senhor. Esse convite exige uma resposta do indivíduo.

#### 9:14-29 A soberania de Deus

##### 9:14-23 Deus pode fazer tudo o que quiser

Paulo está ciente de que suas afirmações sobre a soberania de Deus em relação aos seres humanos podem gerar alegações de que Deus é injusto ao escolher alguns em detrimento de outros (9:14). O apóstolo declara que Deus não é injusto. Na verdade, a discussão não se refere à injustiça de Deus, mas à sua soberania sobre suas criaturas. Deus é misericordioso, porém tem o direito de escolher a quem deseja demonstrar misericórdia (9:15-16,18; Êx 33:19). O propósito final da escolha (ou eleição) soberana de Deus não é exaltar alguns e destruir outros, mas demonstrar seu poder e tornar seu nome conhecido na terra. Deus mostrou seu poder ao endurecer o coração de Faraó depois que este se recusou a deixar seu povo sair do Egito (9:17). Muitas nações tremeram de medo ao ouvir falar desses feitos de Deus (Êx 15:1-16; Js 2:10-11; 1Sm 4:8).

Seguindo essa linha de raciocínio, alguns poderiam perguntar: se a eleição é puramente um ato divino, porque Deus culpa os seres humanos por não lhe obedecerem? Como é possível sermos culpados pelas escolhas de Deus (9:19)? Essa questão levanta o debate sobre a responsabilidade do ser humano e a soberania de Deus. Paulo nem sequer tentou responder a essas perguntas; antes, utilizou uma ilustração do AT sobre o barro e o oleiro (9:20-21; cf. tb. Is 29:16; 45:9; Jr 18:6-10) a fim de reafirmar a soberania de Deus no trato com suas criaturas. Paulo não diz que não somos responsáveis por nossas ações, mas que não podemos reclamar das escolhas de Deus.

Paulo sugere que Deus pode estar tratando de duas categorias de indivíduos: os *preparados para a perdição* e os preparados para receber sua misericórdia (9:22-23). Os primeiros provavelmente se referem aos não-salvos, isto é, aqueles que se opõem a Deus e se recusam a confiar nele (Mt 23:37). Estes foram “preparados para a perdição” não porque Deus os predestinou para serem destruídos, mas porque seus pecados atraem a ira de Deus (9:22). Por outro lado, os destinados a receber a misericórdia de Deus aceitaram a graça da salvação que Deus preparou para a humanidade.

O Senhor é soberano, e os cristãos se relacionam com ele exclusivamente por meio da graça divina. A soberania divina, contudo, não exclui a responsabilidade das pessoas por suas ações. Não podemos alegar injustiça da parte de Deus. Somos culpados quando resistimos a Deus e seu chamado.

##### 9:24-29 Um novo povo é chamado dentre judeus e gentios

A soberania de Deus lhe permite chamar tanto judeus como gentios para se tornarem seu povo. Paulo sustenta esse argumento com citações de Oseias 1:10 e 2:23 a fim de mostrar que Deus escolheu de modo soberano quem faria parte de seu povo (9:24-26). Dentre grandes multidões, Deus sempre escolhe um pequeno grupo para si mesmo, isto é, um remanescente (9:27-29; cf. tb. Is 1:9; 10:22-23). As palavras de Deus a Israel agora se aplicam também aos gentios. A antiga aliança não aceitava os gentios como povo de Deus, mas a nova aliança mudou essa situação.

Cristãos ao redor do mundo são alvo da misericórdia de Deus. Somos seu povo, seus filhos, procedentes de todas as tribos e nações da África. Deus nos chamou para sermos um povo especial, pertencente a ele. Esse chamado, contudo, não tem que ver com quem somos, mas com quem é Deus (sua soberania). Logo, não temos o direito de nos orgulhar por isso. A salvação não é mérito nosso, mas procede da vontade de Deus.

#### 9:30—10:21 Cristo, o único caminho para a salvação

##### 9:30—10:15 Cristo, pedra de tropeço para Israel

O povo de Israel procurava justificação por meio das obras prescritas na lei (9:31). Os gentios, por outro lado, aceitavam o evangelho (que havia sido pregado igualmente a judeus e gentios) com base no reconhecimento de que é impossível agradar a Deus por meio de obras (9:30,32a). A única forma de agradar a Deus é aceitar a justificação por meio da fé em Cristo. Contudo, Jesus não satisfaz as expectativas dos judeus, de modo que eles perderam a oportunidade de confiar nele. Para eles, Cristo se tornou uma pedra de tropeço (9:32b-33; Sl 118:22; Is 8:14; 28:16).

Por que os judeus não compreenderam Cristo e a salvação? Paulo responde que o zelo dos judeus com relação a Deus não se baseava numa compreensão adequada (10:2; cf. tb. Os 4:6). Não é errado ter zelo por Deus. Cristo (Jo

2:17) e Paulo, quando fariseu (At 22:3; Fp 3:6), tinham muito zelo por Deus. Contudo, o zelo de Paulo antes da conversão (semelhante ao de outros judeus) não se baseava num entendimento correto da justiça que Deus exige. Deus justifica e recebe o pecador somente quando este aceita gratuitamente a salvação por meio de Cristo (10:3-4).

Percebemos incompreensão semelhante entre africanos que adoram ídolos e outros objetos, convictos de que fazem isso com o intuito de adorar a Deus. Essas pessoas perecerão, a menos que venham a adquirir entendimento adequado da salvação de Deus em Cristo revelada por Jesus. Os seres humanos são tentados a cair na ilusão de confiar em heranças culturais, tornando-se cegos para a vontade de Deus. O povo africano, por exemplo, é tão religioso que alguns confundem religiosidade com justificação diante de Deus. Para quem pensa assim, a religião se torna um ídolo e impede a pessoa de obter entendimento da salvação em Cristo. Essas pessoas perecerão, a menos que adquiram um entendimento correto da salvação de Deus e aceitem a Cristo com sinceridade. O amor deve levar-nos a empregar todos os esforços necessários a fim de ajudá-las a compreender a vontade de Deus com relação à salvação.

Após explicar detalhadamente o tipo de justiça que agrada a Deus (9:30—10:4), Paulo destaca três pontos sobre como alcançar essa justificação.

Em primeiro lugar, Deus é o único que torna possível essa justificação. O apóstolo cita Deuteronômio 30:13-14 para demonstrar que a justificação de Deus ocorre por meio da fé em Cristo e que esse caminho para a salvação é fácil e acessível (10:5). A vinda de Cristo à terra providenciou a salvação, e sua ressurreição dos mortos comprovou seu grande poder. São fatos consumados. Logo, ninguém precisa subir ao céu para encontrar Cristo ou descer ao abismo para despertá-lo (10:6-7). Deus providenciou tudo, de modo que a única coisa que compete ao ser humano é acreditar nisso. Cristo se tornou um de nós na encarnação; e sua ressurreição demonstrou que ele é digno de nossa fé. A única exigência agora é receber o evangelho pela fé, confessando que Jesus é Senhor e crendo que Deus o ressuscitou dos mortos (10:8-9). É por meio dessa fé e confissão que o ser humano recebe a salvação (10:10; cf. tb. At 16:31; 1Co 12:3; Fp 2:11).

Em segundo lugar, essa justificação é acessível a todo aquele que crê: *Todo aquele que nele crê não será confundido* (10:11). O evangelho, portanto, não faz distinção entre judeus e gentios (10:12-13). A fim de demonstrar esse ponto, Paulo cita uma passagem conhecida de Joel 2:32, destacando que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Embora dirigidas aos judeus, as palavras de Joel se aplicam hoje aos gentios. Aceitar a Cristo pela fé tornou-se o fator que une povos de todas as raças e culturas.

Em, terceiro lugar, para alcançar essa justiça é preciso ouvir o evangelho. Em 10:14-15a, Paulo propõe quatro perguntas retóricas a fim de mostrar os passos necessários

para que uma pessoa chegue à fé: primeiro, enviar pregadores; segundo, divulgar as boas-novas; terceiro, ouvir a mensagem; e quarto, aceitar essa mensagem, isto é, crer em Cristo e invocar o nome do Senhor. Esses passos mostram que aqueles que creram e confessaram a Cristo serão usados por Deus para ajudar outras pessoas a ouvir a mesma mensagem. Todo cristão deve dar esses passos a fim de levar a mensagem da salvação de Deus ao mundo. Paulo cita Isaías 52:7 para indicar que o mensageiro das boas-novas é abençoado (10:15b).

#### 10:16-21 A responsabilidade moral de Israel

No entanto, nem todos os israelitas obedeceram ao evangelho (10:16). Na verdade, a maioria o rejeitou. Lembrando as palavras de Isaías, Paulo lamenta: *Senhor, quem acreditou na nossa pregação?* (Is 53:1). Talvez alguns aleguem que os israelitas não têm culpa, pois não ouviram a mensagem da salvação de modo adequado. Paulo rejeita esse argumento por meio de outra pergunta retórica: *Porventura, não ouviram?* *Sim, por certo* que ouviram (10:17-18), e em seguida cita Salmos 19:4 a fim de explicar que os israelitas receberam a mesma revelação natural que os demais seres humanos. Além disso, Moisés (legislador) e Isaías (profeta) avisaram que os judeus rejeitariam a mensagem de Deus e que o Senhor estenderia sua graça aos gentios (10:19-20; cf. tb. Dt 32:21; Is 65:1). Os gentios (*um povo que não é nação*) receberiam e aceitariam as boas-novas da salvação de Deus, provocando ciúmes e raiva nos israelitas. Paulo conclui citando Isaías 65:2 para demonstrar que Deus não abandonou os israelitas, apesar da desobediência. Deus continua estendendo sua mão e convidando-os a retornar (10:21).

#### 11:1-10 Conclusão: ainda resta um remanescente, escolhido pela graça

A condenação de Israel em 9:30—10:21 inspira Paulo a voltar a sua atenção ao destino de Israel. Será que Deus os rejeitou completamente? (11:1). *De modo nenhum!* Afinal, Paulo e os primeiros cristãos eram todos judeus. *Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão conheceu* (11:2a). Deus estabeleceu um relacionamento especial com a nação de Israel, por meio da qual todas as nações do mundo viriam a conhecê-lo. Paulo chama a atenção de seus leitores para um precedente histórico em que o profeta Elias imaginou ser o único judeu temente a Deus na época (11:2b-3). Deus, porém, informou-lhe que havia outros sete mil homens *que não dobraram os joelhos diante de Baal* (11:4; 1Rs 19:14,18). Assim como na época de Elias, Deus não rejeitou todos os judeus; antes, escolheu um remanescente fiel com quem ainda se relaciona (11:5). Esses cristãos judeus não foram escolhidos por causa de seus próprios esforços (obras), mas devido à graça de Deus (11:6).

Quando enfrentamos conflitos, muitas vezes somos tentados a pensar que estamos sozinhos na fé e com isso perdemos a coragem. Precisamos lembrar que Deus cuida

de seu povo (seu remanescente) em todas as situações e dificuldades.

Mas que dizer da maioria dos israelitas que rejeitaram a graça de Deus e *foram endurecidos* (11:7)? Paulo cita três passagens do AT a fim de explicar esse endurecimento. Em 11:8, o apóstolo combina Deuteronômio 29:3-4 e Isaías 29:10 para demonstrar que esse endurecimento significa surdez, entorpecimento e cegueira. A maioria dos judeus se tornou espiritualmente insensível às coisas que Deus fez por eles e por toda a humanidade por meio de Cristo. Em 11:9-10, Paulo cita Salmos 69:22-23 para demonstrar que as bênçãos que Deus reservava para Israel se tornaram laço e armadilha para os judeus. Por causa de sua cegueira espiritual, não puderam enxergar o que Deus estava fazendo.

É uma situação horrível ter o coração endurecido por Deus em vez de receber seu ministério de persuasão íntima. Espero que isso nunca aconteça conosco! Contudo, essa decisão está em nossas mãos: se ouvirmos e obedecermos, seremos contados entre aqueles que recebem o favor de Deus.

### 11:11-32 O futuro de Israel

#### 11:11-24 O propósito de Deus para a rejeição temporária de Israel

Paulo encerrou a seção anterior (11:1-10) em tom negativo: ao rejeitar Cristo, os israelitas foram endurecidos, e suas bênçãos se tornaram maldição. Entretanto, o apóstolo pergunta: *Porventura, tropeçaram para que caíssem?* Mais uma vez, responde resolutivo: *De modo nenhum!* (11:11a). A maioria dos israelitas se encontra numa condição temporária que faz parte do plano de Deus para tornar possível aos gentios receber a salvação e, por meio disso, estimular o ciúme de Israel a fim de trazê-lo de volta para o Senhor por meio de Cristo (11:11b). A salvação dos gentios não é o plano final de Deus para Israel. Pois, se a queda temporária de Israel redundou em bênção para os gentios, muito mais bênçãos serão produzidas para o mundo por meio da restauração do povo judeu (11:12).

Em 11:13-15, Paulo esclarece aos cristãos gentios que seu chamado para pregar-lhes o evangelho não deve ser interpretado como indicação de que Deus abandonou os judeus. Enfatizando seu chamado como *apóstolo dos gentios*, Paulo apresenta claramente seu propósito: *para ver se, de algum modo, posso incitar à emulação os do meu povo e salvar alguns deles* (11:13-14). Logo, os cristãos gentios da igreja de Roma não devem considerar-se superiores aos cristãos judeus. Pois, se a rejeição de Israel trouxe salvação aos gentios, *seu restabelecimento* trará bênçãos ainda maiores quando Israel for restaurado à vida (11:15). Aqui Paulo pode estar referindo-se a um grande reavivamento espiritual futuro ou à ressurreição dos mortos no último dia.

Talvez não seja possível compreender tudo o que Paulo tenta comunicar aqui, mas suas advertências são claras: os cristãos gentios devem acolher os cristãos judeus e vice-versa, pois nenhum é superior ao outro diante de Deus. Uma vez que Deus abriu as portas da salvação para todos, devemos aprender a acolher uns aos outros e viver como irmãos e irmãs.

A fim de ilustrar seu argumento de que Israel tem um futuro magnífico à frente, Paulo emprega duas metáforas em que a parte afeta o todo. A primeira ilustração é retirada das instruções sobre o preparo de ofertas em Números 15:17-21; *as primícias da massa* podem referir-se aos cristãos judeus da época de Paulo e a *sua totalidade* pode referir-se a Israel. A salvação de alguns mostra que Deus ainda considera o restante santo, isto é, separado para o Senhor. A segunda ilustração fala da árvore, sua *raiz* (provavelmente uma referência aos patriarcas de Israel) e seus ramos (o povo israelita). A promessa de Deus aos patriarcas permanece; Israel continua separado para os propósitos de Deus, e esse relacionamento especial dá a Paulo esperança quanto à futura salvação de seus compatriotas (11:16).

Paulo torna ainda mais explícitas suas advertências contra os cristãos gentios que se gloriam de sua salvação e desprezam os cristãos judeus (11:17-22). O apóstolo insiste em que, se os judeus abandonarem a incredulidade, *serão enxertados; pois Deus é poderoso para os enxertar de novo* (11:23). Na verdade, Paulo afirma que é mais fácil voltar a enxertar um ramo natural (os judeus) que foi cortado da boa oliveira que enxertar um ramo de oliveira brava (os gentios) naquela oliveira boa (11:24). Em outras palavras, tudo é obra de Deus: quer demonstrando graça em resposta à fé dos gentios, quer endurecendo o coração dos israelitas por causa da incredulidade. Os cristãos gentios devem atentar para essa questão. A bondade do Senhor não deve levar os gentios a concluir que eles merecem esse tratamento da parte de Deus. Antes, é pela graça que Deus os incorporou à sua família; e essa mesma graça convida a uma obediência contínua (11:22). A fé não é um ato que merece recompensa, mas uma resposta adequada ao que Deus realizou por meio de Cristo.

#### 11:25-32 A salvação de todo o Israel

O assunto tratado nos capítulos 9—11 atinge o ponto culminante nessa seção em que Paulo revela um mistério, isto é, algo que estava oculto e foi revelado pelo evangelho (16:25; 1Co 2:7; Ef 6:19; Cl 2:2; 1Tm 3:16). O mistério é: *Veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios* (11:25).

Deus cumprirá o plano para salvar seu povo. O endurecimento dos judeus é parcial e temporário e chegará ao fim quando o Senhor salvar a plenitude dos gentios (11:26-27). Marcos informa que essa plenitude virá somente depois que o evangelho for pregado a todas as nações (Mc 13:10).

A frase *Todo o Israel será salvo* tem sido compreendida de várias maneiras. Alguns interpretam “Israel” em referência à igreja (Gl 6:16), isto é, o Israel espiritual. Outros interpretam a expressão em referência somente aos judeus que Deus escolheu dentre o povo israelita. Outros ainda cogitam tratar-se de todos os que compõem a nação de Israel. No AT (p. ex., 2Sm 16:22), a expressão é empregada para se referir a alguns israelitas como representantes do povo, e parece ser essa a intenção de Paulo aqui.

É provável que Paulo esteja aludindo à salvação de um grande número de judeus na ocasião do retorno de Cristo. Esse remanescente se juntará aos cristãos gentios na herança do reino de Deus. Com respeito à eleição, Deus não rejeitou Israel, pois não pode alterar sua promessa aos patriarcas (11:28-29). Paulo conclui que tanto judeus como gentios desobedeceram ao Senhor e somente pela misericórdia de Deus podem ser salvos (11:30-32).

### 11:33-36 Conclusão: a maravilhosa sabedoria de Deus

Paulo canta louvores a Deus ao concluir sua exposição sobre o plano soberano, misterioso e gracioso de Deus para a salvação dos seres humanos; adorar a Deus é a melhor forma de encerrar o assunto. A sabedoria e o conhecimento de Deus são muito profundos para o nosso entendimento. O plano de Deus para sua criação está além da capacidade de raciocínio humano; ninguém pode sondar as profundezas dos juízos e caminhos do Senhor (11:33). Em 11:34-35, Paulo cita Isaías 40:13 e Jô 41:11 a fim de mostrar que ninguém pode perscrutar a mente de Deus ou tem capacidade para ser seu conselheiro.

Tudo o que Deus faz por nós se deve à sua graça, e não a nosso próprio mérito. Deus merece ser glorificado porque concede vida, sustenta todas as coisas e determina o propósito de tudo o que existe (11:36). Por tudo isso, o cristão deve sempre louvar o Senhor: *A ele, pois, a glória eternamente. Amém!*

### 12:1—15:13 A vida renovada do cristão

O capítulo 11 marca o fim da seção doutrinária de Romanos. Os capítulos 12 a 15 relatam as implicações práticas do que Paulo acabou de dizer. A graça e a misericórdia de Deus devem ser traduzidas em atitudes concretas na vida daqueles que experimentaram a salvação em Cristo. Contudo, não será possível compreender e aplicar em nossa vida as consequências do amor de Deus por nós até percebermos a majestade de Deus, conforme Paulo experimentou. É por isso que o apóstolo emenda sua canção de louvor com a enérgica expressão: *Rogo-vos, pois* (12:1).

#### 12:1-2 A vida consagrada

Uma vez que Deus nos salvou (o que Paulo chama de *misericórdias de Deus*, conforme descrito nos capítulos 1—11), o melhor que podemos fazer é nos entregar a ele como *sacrifício vivo* (12:1). A oferta de um corpo vivo contrasta com

o sacrifício de animais mortos. Aqui o termo “corpo” representa mais que apenas nossos pertences e riquezas: significa a totalidade de nossa vida, projetos e atividades. Essa entrega implica um ato espiritual de adoração a Deus.

Expressamos o que sentimos, pensamos, vivemos e fazemos por meio de nosso corpo. Paulo se refere a esse sacrifício vivo como *renovação da vossa mente* (12:2a; Ef 4:23; 2Co 4:16; Cl 3:10; Tt 3:5). Essa renovação é um processo interno de uma reorientação de nossa perspectiva de vida ao buscarmos viver e pensar como Cristo viveu e pensou. Oferecer nosso corpo a Deus é o mesmo que oferecer nossa mente. Nada mais em nós deve conformar-se aos padrões do mundo.

Após realizar esse sacrifício, estamos prontos para servir a Deus. Somente uma vida transformada pode agradar a Deus e experimentar sua perfeita vontade (12:2b). Logo, não surpreende que os versículos 12:1-2 constituam a fundação de tudo o que Paulo dirá aos cristãos nos capítulos seguintes.

#### 12:3-8 Humildade e ministério no corpo de Cristo

Em 12:3 a 15:13, Paulo trata da vida transformada do cristão dentro da igreja e da sociedade. Como cristãos, vivemos na família da fé, descrita aqui como o corpo de Cristo. Nesse sentido, precisamos aprender a conviver uns com os outros, e a primeira atitude é evitar o orgulho (12:3). Uma vez que somos todos iguais diante de Deus, nenhum grupo ou indivíduo tem o direito de reivindicar grau superior aos demais; todos fomos salvos mediante a graça por meio da fé. O orgulho enfraquece a unidade da igreja. Deus tem concedido medidas de fé a cada cristão para operarem conforme planejou. Logo, o cristão deve agir de acordo com essa medida e cuidar para não se considerar superior ou inferior aos demais.

A fim de explicar melhor o que pretende dizer, Paulo compara a igreja ao corpo humano e sua variedade de membros. Cada parte do corpo humano tem uma função, e todas trabalham juntas para manter o corpo funcionando (12:4-5). Nesse sentido, somos *membros uns dos outros* (12:5).

Paulo relaciona diversos dons que Deus distribui a seus filhos a fim de capacitá-los para servirem na comunidade (12:6-8). Essa lista não pretende ser exaustiva, mas apenas chamar atenção para o seguinte: o cristão deve servir à comunidade com as habilidades que Deus lhe deu. Paulo encoraja os cristãos a usar seus dons para a edificação da igreja.

O primeiro dom se refere à *profecia* (12:6). No AT, profecia é um pronunciamento de inspiração divina com o intuito de orientar a igreja (1Co 14:26,30). Representa a manifestação visível de uma convicção (*fé*) que ocorre por meio da meditação na Palavra de Deus e está de acordo com a orientação interior do Espírito Santo. Embora possa referir-se ao futuro, a palavra profética geralmente trata do presente. Além disso, não necessariamente trata do indivíduo que a comunica, mas pode referir-se a outras pessoas, à igreja

ou ao mundo. O foco da profecia não é gerar fama para o profeta (como prever o tempo de mandato de um governante, ou quem ganhará as eleições e assuntos semelhantes), mas comunicar assuntos que interessam a Deus (p. ex., os efeitos de uma decisão específica sobre uma igreja local). Nesse sentido, Deus pode falar sobre coisas que parecerão insignificantes para o resto do mundo.

As pessoas, contudo, podem abusar da profecia. O indivíduo pode empregá-la em benefício pessoal ao adicionar mensagens de seu próprio coração à palavra de Deus endereçada a outros. Nesse caso, ainda que Deus em sua graça permita que a profecia seja cumprida, não lhe trará honras porque não teve origem na obediência. Logo, o dom da profecia deve ser empregado com responsabilidade, e o indivíduo que profetiza deve tomar muito cuidado para não falar além da convicção que Deus lhe colocou no coração.

Infelizmente, é comum na África ouvirmos profecias exageradas, porém vagas, que podem ser interpretadas pelos partidários do profeta como tendo sido cumpridas. Esse tipo de gente coloca o dom da profecia em descrédito e produz zombarias. Como resultado, as pessoas que realmente possuem convicção genuína da parte de Deus evitam expressar-se publicamente. Paulo encoraja os romanos a colocar em prática os dons que Deus lhes deu.

O segundo dom se refere ao *ministério* de suprir as necessidades da comunidade (12:7a; cf. tb. At 6:1-6). Em seguida, Paulo relaciona os dons da pessoa que *ensina* e daquela que *exorta* (12:7b-8a). Ensinar se refere a comunicar a verdade contida no evangelho, enquanto exortar pode relacionar-se com a atividade de encorajar cristãos que sofrem ou aqueles que não vivem de acordo com a palavra de Deus. Outro dom mencionado é o daquele que *contribui* (12:8b), relacionado a prestar ajuda a membros necessitados dentro ou fora da comunidade da igreja. Quem possui esse dom deve fazê-lo com generosidade, mas sem atrair atenção para seus atos de liberalidade. Em seguida, aparece o dom da liderança (ou aquele que *preside*, 12:8c), referindo-se principalmente aos presbíteros (cf. 1Ts 5:12; 1Tm 5:17). Paulo pede que os líderes da igreja sejam diligentes. A inclusão desse dom, não encontrado nas listas mais extensas de 1Coríntios 12 e 14, é uma clara indicação de que nenhuma das listas pretende ser exaustiva.

Por fim, Paulo menciona o dom de *misericórdia* (12:8d). O indivíduo que possui esse dom é sensível às necessidades dos outros membros da comunidade, especialmente aqueles que sofrem por algum motivo.

Os dons não devem ser utilizados para alcançar benefícios pessoais, pois foram concedidos para edificação da comunidade. Ninguém pode possuir todos os dons, pois essa pessoa se tornaria autossuficiente. Os indivíduos da comunidade devem auxiliar-se mutuamente a fim de descobrir e utilizar seus dons. Geralmente esses dons se referem às coisas que mais gostamos de fazer para o Senhor ou que realizamos bem o suficiente para abençoar os outros. Não

precisamos participar de palestras a fim de descobrir nossos dons; tudo o que precisamos fazer é participar de uma comunidade na qual haja oportunidade para todos exercitarem seus dons. Nossos dons estão mais relacionados com aquilo que nosso coração se sente confortável em fazer do que com dons que porventura tenhamos arrolado em uma lista sem o sentimento ou o desejo de exercitá-los. Aquele que nos deu esses dons é o mesmo Criador que nos criou como somos e providenciou oportunidades para sermos quem somos hoje. Ao mesmo tempo, precisamos perceber que nenhum dom é mais importante que outro. Deus nos criou para nos relacionarmos mutuamente, e precisamos uns dos outros no corpo de Cristo.

### 12:9-21 O amor nos relacionamentos sociais

Essa seção contém uma lista de breves instruções para o cristão viver em harmonia com a sociedade. Tais instruções falam de atitudes de coexistência pacífica na igreja (12:10,13,16) e na sociedade em geral (12:14,17-21). O amor genuíno e sem hipocrisia (12:9a) é a virtude mais importante para viver em harmonia. O restante da seção trata sobre o que o amor genuíno significa na prática. Em outras palavras, Romanos 12:9-21 explica o amor sincero ou verdadeiro.

Em 12:9b, Paulo define o amor verdadeiro como odiar o mal e apegar-se ao bem. Essa definição exclui ideias simplistas de que o amor é uma emoção ou sentimento. Antes, o amor verdadeiro é uma atitude que precisamos praticar. Requer prestar atenção uns aos outros e colocar o interesse do outro acima do nosso próprio interesse (12:10).

Paulo também encoraja os cristãos a não serem preguiçosos no serviço ao Senhor; antes, devemos servir com fervor, regozijar-nos na esperança, perseverar na oração uns pelos outros e demonstrar paciência nos momentos de tribulação (12:11-12). O apóstolo conclui esse conjunto de instruções revisitando o assunto mencionado em 12:10: o cristão deve compartilhar seus recursos materiais com os membros necessitados da comunidade da fé. As exortações *Compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade* (12:13) referem-se a prestar auxílio material. Aqueles que possuem mais devem compartilhar com quem possui menos. A hospitalidade cristã se refere principalmente a acolher estranhos e convidados. Nosso lar, bem como nosso coração e nosso bolso, devem permanecer abertos para servi-los.

Em 12:14-16, Paulo muda de assunto para falar sobre como o cristão demonstra amor ao reagir às emoções dos outros, sejam eles cristãos ou não. Em outras palavras, a questão é: Como demonstrar amor num mundo hostil? A recomendação de Paulo ao cristão é abençoar aqueles que o perseguem, e não amaldiçoar (12:14). Agindo assim, o cristão demonstrará aos membros da igreja e da sociedade que possui amor genuíno (diferente do amor que o mundo oferece). Essas palavras lembram o ensino de Jesus no Sermão do Monte (Mt 5:44; Lc 6:27-28) e sua atitude diante



da perseguição em Lucas 23:34, bem como as palavras de Estêvão em Atos 7:59-60.

Em **12:15**, Paulo recomenda que o cristão participe da alegria e do sofrimento das pessoas, sejam elas cristãs ou não (1Co 12:26). Demonstrar esse tipo de empatia é sinal de amor verdadeiro que provém de um coração altruísta e genuinamente preocupado com o bem-estar dos outros.

De certo modo, **12:16** resume esta seção de exortação: os cristãos devem viver em harmonia uns com os outros. Isso envolve exercitar prudência espiritual e social com relação ao que pensamos e fazemos pelos outros. Paulo percebeu com muita propriedade que o orgulho é o maior inimigo da harmonia social e do amor genuíno. Pode-se definir o orgulho como a tendência de isolar aqueles que consideramos inferiores e atribuir demasiado valor a nós mesmos. Por essa razão, Paulo recomenda abandonarmos o orgulho e estarmos sempre dispostos a nos relacionar com os humildes.

As exortações de Paulo em 12:17-21 se referem principalmente ao relacionamento do cristão com os incrédulos. O apóstolo insiste em que o cristão não retribua o mal recebido; pelo contrário, deve *fazer o bem perante todos os homens* (12:17). Mais que simplesmente evitar a vingança, o cristão deve esforçar-se o máximo para promover a paz. Paulo confessa, porém, que às vezes não é possível ter *paz com todos os homens* (12:18), pois nem sempre isso depende de nós. Entretanto, o cristão deve agir de forma que nunca seja responsabilizado pela falta de paz em sua comunidade ou em seus relacionamentos com os incrédulos.

O apóstolo pede a seus companheiros de fé que evitem a vingança, pois esta pertence a Deus (12:19; cf. tb. Dt 32:35). O cristão, porém, deve fazer mais que simplesmente evitar a vingança; deve demonstrar amor sincero por seus inimigos por meio de ações concretas, como alimentá-los se tiverem fome e dar-lhes de beber se tiverem sede. Ao suprir as necessidades de nossos inimigos, amontoamos brasas vivas sobre a cabeça deles (12:20; cf. tb. Pv 25:21-22). Nossa bondade pode fazer que nossos inimigos se envergonhem de suas ações e sejam persuadidos a abandonar seus maus caminhos.

Vivemos num mundo dominado pelo mal, de modo que o apóstolo conclui o capítulo rogando aos cristãos que permaneçam alertas e não se deixem *vencer pelo mal*, mas vençam o mal pela prática do bem e amem ao próximo com sinceridade (12:21).

O conselho de Paulo para o cristão zelar pela paz na comunidade envolve amor incondicional, misericórdia e disposição para perdoar. Onde a paz sucumbiu e o sofrimento prevalece, é preciso intervir com motivos positivos. O bem-estar das outras pessoas deve ser a principal motivação do cristão. Praticar esse tipo de amor envolve disposição e decisão consciente de sempre trabalhar ou agir para promover o bem dos outros. Essa atitude representa muito mais que apenas evitar a retaliação; é procurar fazer o bem até mesmo àqueles que não nos amam. Esse estilo de vida, isto é, o estilo de vida cristão, está em falta em

todos os lugares em nosso continente, conforme demonstram os constantes conflitos nas igrejas e na sociedade em geral. Se esses princípios forem seguidos, a África será transformada em uma comunidade na qual a paz e a justiça prevalecerão.

### 13:1-7 Submissão à autoridade

Em seguida, Paulo escreve sobre o relacionamento dos cristãos com as autoridades civis. Esse assunto é importante porque às vezes o cristão imagina que, por pertencer ao reino de Deus, não tem obrigação de obedecer ao governo humano. Os cristãos de Roma podem ter pensado dessa maneira. Afinal, Cristo foi crucificado pelas autoridades romanas, e seus discípulos eram frequentemente acusados e perseguidos pelas autoridades civis.

Apesar disso, Paulo insiste em que o cristão deve estar *sujeito às autoridades superiores* (13:1), isto é, a todos aqueles que representam o poder do Estado, desde as autoridades locais até o imperador romano. Precisamos reconhecer nossa posição subordinada no sistema hierárquico. Certas instituições e pessoas foram estabelecidas por Deus e, portanto, merecem nosso respeito. Qualquer pessoa *que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus* e deve ser punida por essa desobediência (13:2).

É importante notar que a submissão não significa que devemos obedecer cegamente a ordens que sejam más ou contrárias ao mandamento cristão de amor ao próximo. Embora o cidadão deva obedecer às autoridades, as autoridades devem obedecer a Deus. Logo, quando a autoridade obstrui a justiça e recompensa o mal (o oposto do que Deus ordenou), perde seu direito moral de exigir obediência.

Em **13:3**, Paulo continua a afirmar que as autoridades civis foram instituídas para promover a estabilidade social. Logo, o cristão deve proceder em conformidade com a lei a fim de evitar julgamento e punição (13:4). Contudo, o medo de ser punido não deve ser a única razão para nos submetermos à autoridade civil; devemos fazer isso também por causa de nossa consciência (13:5). Em outras palavras, nossa consciência deve levar-nos a pensar que Deus, a autoridade suprema, estabeleceu uma hierarquia e instituiu governantes para manter a ordem na sociedade, e que resistir a esse sistema é o mesmo que resistir ao plano de Deus para o mundo. Essa responsabilidade do cristão também envolve pagar corretamente seus impostos (13:6), recurso que permite às autoridades civis (identificadas aqui como ministros de Deus) dedicar tempo para cumprir suas funções de serviço e liderança.

Em seu comentário de encerramento sobre esse assunto (13:7), Paulo ordena ao cristão pagar a todos o que lhes é devido. No contexto do parágrafo, a palavra *todos* provavelmente está relacionada às autoridades civis. Cristãos e não-cristãos devem às autoridades civis o pagamento de impostos, tributos, respeito e honra. Tudo isso deve ser pago corretamente ao governo.

## A IGREJA E O ESTADO

Este artigo concentra-se no relacionamento entre a igreja como instituição organizada e o governo político. O relacionamento individual dos cristãos com o Estado é tratado no artigo “Os cristãos e a política”.

O Estado é a instituição que governa o povo no que se refere a determinadas áreas. Opera no nível municipal (ou local), estadual (ou regional) e federal (ou nacional). A fim de governar, o Estado deve possuir o direito de governar, e seus governantes devem prestar contas de seus atos. O Estado também deve possuir leis e autoridade para punir aqueles que transgredirem essas leis. Por fim, o governo deve ser estável; isto é, capaz de permanecer por algum tempo.

A Bíblia deixa claro que o direito de governar não está baseado no consentimento do governado, mas no poder de Deus (Dn 5:21). Logo, os governantes devem prestar contas a Deus, ainda que não reconheçam esse fato. O Estado deve proteger todos os cidadãos, aplicar punição, reprimir o mal e promover a paz, a justiça e o bem-estar de seus cidadãos (Rm 13:1-5).

Os cristãos divergem quanto ao correto relacionamento entre a igreja e o Estado. Alguns defendem a separação. Igrejas missionárias e igrejas evangélicas tradicionais geralmente consideram a igreja e o Estado instituições distintas, com funções diferentes, nas quais não deve haver interferência mútua. Ao extremo, a separação se torna isolamento, como acontece com as Testemunhas de Jeová.

Outros, especialmente as denominações majoritárias (anglicanos, metodistas, presbiterianos, ortodoxos e católicos romanos) são a favor da transformação. Argumentam que os cristãos são chamados a exercer influência no Estado e na sociedade a fim de transformá-los por meio de valores e princípios bíblicos. Essa atitude pode levar a situações como ocorreu na Zâmbia, onde o antigo presidente Chiluba declarou o país uma nação cristã.

Por fim, partidários da teologia da libertação na América Latina, da teologia negra na África do Sul e muitos afro-americanos nos EUA argumentam que a igreja deve trabalhar para fomentar mudanças radicais na sociedade, promover os direitos humanos e encorajar a libertação aos oprimidos. Essa ideia é difícil de implementar na prática.

A Bíblia, porém, atribui à igreja três funções em relação ao Estado:

- *Função sacerdotal.* a igreja deve orar pelas autoridades e pedir proteção e bem-estar para a nação (1Tm 2:1-3).
- *Função pastoral.* A igreja deve ensinar, aconselhar e orientar as autoridades do país e seus governados (Mt 28:19-29). Em outras palavras, a igreja deve encorajar os cristãos a ser bons cidadãos, obedecer às autoridades e pagar seus impostos corretamente (Rm 13:1,7; 1Pe 2:13). Contudo, isso não significa que a igreja deve impor regras sobre como as autoridades e o povo devem agir, desde que as ações destes não sejam contrárias à palavra de Deus.
- *Função profética.* A igreja deve exortar e opor-se ao Estado quando este agir injustamente ou contra Deus (2Sm 12:1-14; Dn 4:20-27; 5:17-28). No final, se houver divergência entre a obediência a Deus e ao governo, devemos obedecer ao Senhor (At 5:29). Nossa obediência a Deus pode custar caro. A igreja de Uganda foi perseguida por protestar contra a tirania do governo de Idi Amin e, durante os protestos, o arcebispo Luwum foi assassinado. Há muitos outros exemplos espalhados pelo continente.

O exercício da autoridade deve estar de acordo com as leis de Deus que governam a criação e a humanidade. O Estado deve, portanto, admitir sua responsabilidade diante de Deus e de seus cidadãos e reconhecer a unidade e igualdade de todos os indivíduos que o compõem. O Estado também deve honrar e respeitar a liberdade que os cidadãos vêm desfrutando historicamente, necessária para que haja participação efetiva e desenvolvimento político e econômico. Ao reconhecer a realidade de sua própria limitação e o poder do pecado, o Estado também deve estar disposto a estabelecer limites sobre o poder econômico e político a fim de evitar que ocorram abusos.

Em muitas áreas como educação, saúde e desenvolvimento há uma sobreposição entre a responsabilidade do Estado em promover o bem-estar de seus cidadãos e o desejo da igreja em servir. Em tais casos, a Igreja e o Estado frequentemente constituem parcerias construtivas.

Yusufu Turaki

### 13:8-10 O amor é o cumprimento da lei

Paulo falou sobre a obrigação dos cristãos de pagar o que é devido às autoridades civis. Aqui ele prossegue falando sobre o assunto da dívida, e adiciona que o cristão não pode ficar devendo coisa alguma a ninguém, *exceto o amor com que vos ameis uns aos outros* (13:8). O apóstolo não está condenando o pagamento parcelado; antes, refere-se a dei-

xar de pagar o que é devido aos outros. A expressão *uns aos outros* pode referir-se a cristãos e não-cristãos.

O amor é o cumprimento de todos os outros mandamentos; além disso, o amor *não pratica o mal contra o próximo* (13:9-10). Em outras palavras, se amarmos com sinceridade, não apenas obedeceremos aos mandamentos da lei mosaica, mas evitaremos fazer qualquer coisa que possa

prejudicar o próximo. Se todos os cristãos praticarem o amor genuíno, produziremos transformações pacíficas, porém revolucionárias em nossa sociedade.

### 13:11-14 Vivendo como filhos da luz

A expressão *e digo isto* em 13:11 relaciona esse parágrafo à seção anterior (12:1—13:10) e indica a conclusão da primeira parte do ensino de Paulo sobre a vida cristã e o amor, iniciada em 12:1-2.

A consciência de que vivemos no final dos tempos e que o retorno de Cristo é iminente deve estimular o cristão a viver uma vida transformada. O entendimento de que nossa salvação se aproxima (*e vem chegando o dia*) deve ser suficiente para nos despertar do sono a fim de vivermos como povo de Deus (13:11-12). A *noite* a que Paulo se refere representa a época atual de maldade, escuridão e miséria. Em contraste, o apóstolo menciona o *dia* que se aproxima, isto é, o dia do Senhor, quando Cristo vier para resgatar seu povo e julgar seus inimigos. Será um dia de alegria para o povo de Deus. Logo, diz Paulo, o cristão precisa estar preparado para deixar *as obras das trevas* e revestir-se *das armas da luz*, isto é, viver de modo exemplar neste mundo cheio de maldade (13:12). A vida piedosa deve ser característica dos filhos da luz (13:13). É preciso evitar comportamentos indecentes como orgias, bebedice, imoralidade sexual e devassidão, ciúmes e contendas.

A conclusão de Paulo em 13:14 reforça o contraste entre o comportamento dos cristãos diante da expectativa iminente do retorno de Cristo e o comportamento dos não-cristãos que se inclinam *para a carne no tocante às suas concupiscências*. Precisamos revestir-nos constantemente de Cristo, isto é, viver em submissão à sua autoridade e permitir que Jesus controle todos os aspectos de nossa vida.

### 14:1—15:13 Viver em união

Às vezes, pode ser difícil manter relacionamentos entre irmãos na fé. Contudo, nossa união como filhos de Deus é essencial para o sucesso da missão da igreja. Consequentemente, Paulo trata de algumas questões delicadas que podem destruir a comunhão entre cristãos. Algumas dessas questões tratam da tolerância a ideias diferentes; por exemplo, comer ou não comer carne, participar ou não participar de festivais, e coisas desse gênero.

Considerando que cada pessoa teve uma formação diferente, há um grande potencial de discordância em várias áreas da vida. Assim como Paulo tratou essas questões de acordo com seu contexto e época, também devemos tratar as questões que afetam nossa época e contexto.

#### 14:1-12 Viver em união sem julgar

Os cristãos da igreja de Roma daquela época estavam divididos em dois grupos com relação a certas questões. Paulo se refere a um desses grupos como *fracos* na fé, sugerindo que havia um grupo de cristãos fortes na fé. O apóstolo

estava preocupado com o fato de que o grupo dos fortes não estava acolhendo os fracos, de modo que insiste com os primeiros: *Acolhei ao que é débil na fé* (14:1). Esses fracos na fé consideravam que havia necessidade de fazer algumas coisas e abster-se de outras para permanecerem firmes com Deus. Devido ao forte papel da lei mosaica, muitos cristãos judeus provavelmente se encaixavam nesse grupo, embora provavelmente não estivessem sozinhos. Uma das áreas que produzia discordância era a alimentação, especialmente o consumo de carne (14:21). Os fracos estavam restringindo o consumo de carne em sua dieta e consumindo apenas vegetais (14:2). Os “fortes”, por outro lado, argumentavam que esse escrúpulo não era necessário, pois para eles o que o indivíduo come ou deixa de comer não influencia o relacionamento com Deus. No contexto em questão, esses “fortes” podem corresponder aos gentios, que formavam a maioria dos membros da igreja de Roma.

Eis o imbróglio: os cristãos fortes desprezavam os fracos, e os cristãos fracos condenavam os fortes (14:3). Paulo roga a ambos os grupos que parem de julgar uns aos outros. O forte deve respeitar a opinião do fraco no que se refere ao relacionamento com Deus. O forte precisa cuidar da fé do fraco e protegê-la a fim de não prejudicá-la. Por sua vez, o fraco deve evitar atribuir pecado às atitudes daqueles que não observam as mesmas restrições. Em vez de julgar e criticar, os grupos devem tolerar e acolher uns aos outros, exatamente como Deus os aceitou em Cristo.

Deus acolheu todos os cristãos romanos como servos. Paulo argumenta que a única pessoa que pode julgar as ações do servo é seu senhor (14:4). Deus julgará se as ações de seus servos são adequadas ou não. Ora, se o trabalho de um servo não é satisfatório, seu senhor o mandará embora (isto é, o servo *cai*). Contudo, Paulo acabou de ensinar que Deus acolhe as pessoas não por seus méritos, mas por seu relacionamento com o Senhor Jesus Cristo. Nesse sentido, até mesmo os cristãos fracos passaram nesse teste de aceitação, de modo que Paulo não duvida de que eles estejam *em pé* diante de Deus. Aqueles que caem, isto é, declinam da fé, são os que não têm um relacionamento de salvação com Cristo.

O argumento de Paulo de que a fé não pode ser avaliada com base no que se come ou se deixa de comer também é válido atualmente (embora hoje a discussão gire em torno do que se bebe ou se deixa de beber). Todos os cristãos concordam com o perigo que as bebidas alcoólicas podem representar; entretanto, alguns bebem com moderação, enquanto outros optam pela abstinência. Quem não bebe tende a considerar aquele que bebe (ainda que pouco e em raras ocasiões) como não sendo um “cristão de verdade”. Embora a abstinência produza benefícios inegáveis, o cristão que bebe ainda é um irmão em Cristo. A fé salvífica pode levar o cristão a abster-se de algumas coisas, mas essa abstenção não determina sua posição diante de Deus. A única base que garante nossa condição diante de Deus é a fé em Cristo.

Em **14:5-9**, Paulo aborda outro ponto de discórdia: considerar alguns dias mais santos que outros. Provavelmente esses dias se referem ao sábado e às festas do calendário judaico. A instrução de Paulo aos romanos se aplica diretamente a como tratamos os outros com relação ao que fazem ou não fazem no domingo e outros dias “santos”. Não devemos julgar se outras pessoas estudam, abrem comércio ou fazem qualquer outra coisa depois do culto no domingo. A instrução de Paulo a favor da tolerância baseia-se no fato de que tanto cristãos fracos (que observam certas datas e dietas alimentares) como fortes (que não observam nenhuma dessas restrições) procuram agradar a Deus. Em outras palavras, talvez a percepção deles estivesse errada sobre esses assuntos (cf. comentários de Paulo em 14:4,20), mas mesmo assim eles tinham o desejo sincero de agradar a Deus por meio da observância ou não de determinados dias e dietas. Considerando que o cristão não vive mais para si mesmo, mas para Cristo, que morreu em favor de cada um de nós, e considerando também que tanto o fraco como o forte agem em amor e reverência ao Senhor, Paulo argumenta que ninguém tem o direito de julgar e impor ao outro aquilo que considera certo ou errado. Somente Cristo, Deus e Senhor de todos, pode fazer isso.

Paulo conclui a primeira parte de seu argumento em **14:10-12** dizendo que todos serão julgados diante do trono de Deus. Logo, devemos abandonar a tentativa de julgar os outros. Paulo cita Isaías 45:23 para salientar que o julgamento pertence exclusivamente a Deus. Somente ele é Senhor e juiz de todos. Não devemos usurpar o papel de Deus julgando as pessoas com relação a assuntos insignificantes como o que comer ou não comer.

#### **14:13-23 Viver em união sem ofender**

Agora Paulo passa a tratar do que fazer quando as regras que algum cristão impõe como certo ou errado se tornam obstáculo à fé de seus companheiros. A resposta do apóstolo é simples: *Tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão (14:13)*. Alguns cristãos não estavam prestando atenção aos sentimentos dos outros; a liberdade que possuíam não apenas causava ofensas como também fazia os mais fracos tropeçar na fé. Quer fortes e insensíveis, quer fracos e preocupados com regras insignificantes, todos nós podemos escandalizar nosso irmão e fazê-lo cair em pecado. Paulo insta o cristão a não causar problemas para os outros (**14:14-16**). Pelo contrário, devemos servir a Cristo por meio da manutenção da paz na comunidade. O mais importante no reino de Deus não é *comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo (14:17-18)*.

Paulo conclui a seção exortando: *Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros (14:19)*. Ou seja, devemos promover a paz e edificar a comunidade. Isso é mais importante que nossa liberdade. Explicando de outro modo, não devemos destruir a comunidade (que é obra de Deus) com nossas opiniões pessoais

(que geralmente causam discórdia). O problema todo, na verdade, não está na pureza ou impureza do alimento, mas na atitude que faz nossos irmãos tropeçar (**14:20-21**).

Paulo conclui **14:22-23** declarando três princípios importantes. Primeiro, o apóstolo afirma que há momentos em que não devemos opinar sobre um assunto se soubermos que nossa opinião ofenderá as pessoas. Esse princípio não significa que devemos calar-nos sempre, mas que devemos aguardar ocasião oportuna para expressar nossa opinião a fim de edificar, e não destruir. Às vezes, assuntos polêmicos surgem na comunidade; por exemplo, a ideia de que todos devem falar em línguas. O pastor prudente evitará discutir os argumentos a favor ou contra esse posicionamento durante o culto público. O momento mais apropriado para isso talvez seja durante o estudo bíblico em grupo, no qual todos estão predispostos a aprender o que a Bíblia tem a ensinar sobre o assunto.

O segundo princípio de Paulo diz que devemos fazer tudo de acordo com nossa consciência. O terceiro princípio afirma que o cristão não deve forçar seu companheiro de fé a agir contra sua consciência.

#### **15:1-13 Fortes e fracos unidos em Cristo**

**15:1-6 O BEM-ESTAR DO PRÓXIMO EM PRIMEIRO LUGAR.** O relacionamento dos cristãos uns com os outros, especialmente em se tratando de opiniões que dividem a comunidade, era tão crítico que o apóstolo estendeu o assunto até o capítulo 15. Esses capítulos são importantes, pois, a menos que aprendamos a lidar com opiniões diferentes, a discórdia destruirá a comunidade e enfraquecerá nosso testemunho.

No capítulo 14, Paulo percebe dois grupos de cristãos na igreja: os fortes e os fracos na fé. Aqui o apóstolo identifica-se com os primeiros (**15:1**) e, ao colocar-se ao lado daqueles que causavam problemas na comunidade, pode falar com mais desembaraço como alguém que entende o seu posicionamento. O apóstolo pede aos cristãos fortes que, em vez de agradar a si mesmos, suportem *as debilidades dos fracos*. No entanto, a ideia não é apenas tolerar o fraco na fé; antes, tanto quanto possível, o forte deve procurar compreendê-lo e acolhê-lo com paciência e carinho, acomodando-se de modo sacrificial às limitações da comunidade (**15:2**). Ao fazer isso, o cristão forte estará seguindo o exemplo de Jesus, que abdicou de seus direitos e colocou o interesse do próximo acima de seu próprio interesse quando morreu e sofreu por nós (**15:3**). Paulo cita Salmos 69:9 a fim de sustentar seu argumento, mostrando que a boa vontade de Cristo em sofrer pelos outros era essencial em sua missão.

Paulo lembra a seus leitores que as Escrituras, com seu foco em Cristo como modelo de comportamento, foram escritas para edificar nossa vida e dar encorajamento (**15:4**). Preservar essas virtudes nos ajudará a manter a união dos cristãos e glorificar a Deus.

Paulo conclui esse parágrafo pedindo ao Senhor, Deus da paciência e consolação, que conceda aos cristãos ro-

manos o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus (15:5). O resultado dessa união fraternal será a capacidade de glorificar a Deus juntos (15:6). As orações e adoração dos cristãos unidos são como música suave aos ouvidos de Deus e servem de testemunho ao mundo de que pertencemos a Jesus e de que o Pai se agrada de nós, como se agradou de Cristo. Essa união é tão importante que Jesus orou especificamente por isso (17:22-23).

Os incrédulos ficam maravilhados quando veem judeus e gentios, fortes e fracos, homens e mulheres de diferentes raças, tribos e nações unidos em Cristo e glorificando a Deus. Diante disso, os incrédulos exclamam: "O Deus dessa gente deve significar muito para eles para causar tamanha união". Irmãos, deixemos nossas diferenças e proclamemos o amor de Cristo por meio de nossa união. As diferenças foram planejadas para glorificar a Deus, não para destruir a comunidade.

**15:7-13 Acolhimento mútuo.** *Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus (15:7).* Essa exortação resume o ensinamento sobre amor, acolhimento e tolerância apresentados nos capítulos 14 e 15. A ordem é simples e clara: devemos acolher-nos mutuamente. E o exemplo que devemos seguir é o de Cristo, que nos acolheu incondicionalmente. Ao nos relacionar uns com os outros na comunidade, especialmente quando tratamos de assuntos que podem causar divisão, devemos prestar atenção em Cristo como modelo. Não temos o direito de rejeitar nosso irmão, pois Cristo nos aceitou exatamente como somos, com todas as nossas fraquezas. Por meio de sua atitude serviente, Cristo nos apresentou um modelo de perfeita união entre judeus e gentios (15:8). Paulo instrui os cristãos gentios a não esquecer que os judeus foram os primeiros a serem acolhidos pelo Senhor, por meio das promessas de Deus aos patriarcas. Ao mesmo tempo, os cristãos judeus devem lembrar que, por meio de Cristo, Deus acolheu os gentios, de modo que agora ambos podem louvar ao Senhor. Em seguida, Paulo cita várias passagens do AT a fim de demonstrar que Deus há muito vem planejando estender sua graça aos gentios para que estes possam reunir-se aos judeus em adoração (Sl 18:49 em 15:9; Dt 32:43 em 15:10; Sl 117:1 em 15:11; Is 11:10 em 15:12). O apóstolo deseja que os cristãos romanos transcendam suas diferenças culturais e edifiquem uma igreja harmoniosa, alicerçada nos valores do evangelho.

Paulo conclui esse parágrafo com outra oração na qual pede que Deus encha os cristãos romanos de alegria e paz, *para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo (15:13).* O Espírito preenche os cristãos e os capacita a viver em harmonia quando eles confiam em Deus e buscam seu auxílio para viver em união.

### 15:14—16:27 Conclusão

Paulo encerra a parte principal de sua carta (15:13) com uma oração pela igreja em Roma. Ao contrário de suas ou-

tras epístolas, essa apresenta uma conclusão extensa, talvez porque Paulo nunca tenha visitado a igreja em Roma.

### 15:14-22 O ministério de Paulo

O apóstolo inicia a conclusão dizendo que considera os cristãos romanos maduros, *possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros (15:14).* E caso ele os tenha espantado com sua ousadia (muita vezes beirando a repreensão) ao tratar de um assunto tão básico quanto a harmonia, Paulo declara que sua ideia era chamar a atenção para um fato já conhecido pelos cristãos em Roma (15:15). Contudo, é possível que o apóstolo esteja apenas sendo diplomático ao escrever a pessoas que nunca visitou ou ministrou pessoalmente.

Em seguida, Paulo esclarece um segundo ponto: Deus lhe concedeu graça para ser ministro de Cristo aos gentios e levá-los a Deus. Paulo considera-se um sacerdote que oferece os cristãos gentios diante de Deus como sacrifício aceitável e purificado pelo Espírito Santo (15:16).

Ademais, o apóstolo declara gloriar-se em Cristo em seu serviço a Deus (15:17-19). Paulo não está contando vantagem de suas realizações como ministro do evangelho, mas reconhecendo seu êxito na tarefa por meio de Jesus Cristo e sua operação de sinais e milagres na vida do apóstolo. É por essa razão que demonstra coragem na pregação do evangelho desde Jerusalém e circunvizinhanças até o *Ilírico* (tb. chamado Dalmácia; cf. 2Tm 4:10). O desejo de Paulo era pregar em lugares onde o evangelho ainda não havia chegado (15:20). Deus concedeu a Paulo um ministério especial entre os gentios a fim de pregar o evangelho a pessoas que nunca tinham ouvido as boas-novas. O apóstolo cita Isaías 52:15 para confirmar a missão especial que Deus lhe deu: *Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito (15:21).*

### 15:23-33 Os planos de Paulo para o futuro

Paulo estava muito ocupado pregando o evangelho e estabelecendo igrejas entre os gentios na Ásia Menor. Contudo, percebeu que seu trabalho naquela região se havia encerrado, provavelmente por causa das várias igrejas que plantou ali (15:23). Essas igrejas locais teriam condições de expandir e prosseguir o ministério, de modo que Paulo manifesta seu desejo de visitar Roma e a Europa em geral, especialmente a Espanha (15:24). A caminho da Espanha, Paulo deseja visitar, para encorajar, os cristãos que vivem ali (e provavelmente discutir alguns dos assuntos que tratou nessa carta). Além disso, o apóstolo precisará da assistência dos cristãos romanos a fim de estabelecer um novo ministério na região. Antes, porém, Paulo precisa passar em Jerusalém e entregar a coleta financeira que os cristãos das igrejas gentias da Macedônia e Acaia doaram para auxiliar as necessidades dos cristãos pobres em Jerusalém (15:25-27; 1Co 16:1-3; 2Co 9:9). A menção dessa coleta realizada por cristãos gentios a fim de ajudar cristãos



judeus também serviu para promover união e comunhão entre os dois grupos e lembrar aos gentios (os autores da coleta) que estes deviam suas bênçãos espirituais aos judeus (4:11-13; 15:7,9,16-17). Ajudar os cristãos judeus era uma oportunidade para os cristãos gentios reconhecerem que compartilhavam das bênçãos dos judeus.

A oferta que Paulo levava para Jerusalém apoiava sua mensagem de união e acolhimento entre os cristãos. Também devemos estar dispostos a contribuir para ajudar as igrejas africanas com problemas e demonstrar nossa união na fé.

Paulo encerra essa seção com um convite para os cristãos romanos se juntarem a ele em oração (15:30-33). Mais especificamente, pede que orem por seu livramento dos rebeldes da Judeia, judeus que rejeitaram o evangelho e se tornaram hostis a Paulo, apóstolo dos gentios (cf. At 20:23). Além disso, ele pede orações para que a coleta não seja rejeitada pelos cristãos judeus ultraconservadores, que poderiam considerá-la impura. Somente após o cumprimento dessa missão, Paulo poderá viajar a Roma. Ele conclui com uma oração: *E o Deus da paz seja com todos vós. Amém!*

Em Atos 21:27—28:16, há um relato da visita de Paulo à igreja em Jerusalém. As coisas não saíram como o apóstolo planejou, mas isso não o impediu de perceber a situação da perspectiva de Deus. No final, Paulo foi e pregou em Roma, mas não da forma que havia imaginado. Mais tarde, escrevendo da prisão romana, o apóstolo declarou que os acontecimentos permitidos pelo Senhor contribuíram para o progresso do evangelho (Fp 1:12).

Assim como Paulo, devemos aprender a ver todas as coisas da perspectiva divina. Muitas vezes, só percebemos os propósitos de Deus após uma longa jornada cheia de experiências difíceis (Paulo acabou visitando Roma, mas como prisioneiro). Apesar disso, Deus é bom e está sempre no controle das circunstâncias.

### 16:1-16 Saudações

Como bom pastor, Paulo se preocupa com os cristãos na igreja em Roma e até conhece alguns pelo nome. A extensa lista de pessoas a quem deseja saudar torna a carta bastante pessoal e amigável.

O apóstolo começa perguntando por *Febe, irmã* no Senhor (16:1). Ela servia à igreja de Cencreia, região não muito distante de Corinto (At 18:18), além de ter ajudado muitos cristãos na igreja (16:2). Essas credenciais de Febe provavelmente indicam uma pessoa influente e que ocupava algum cargo importante na igreja, possivelmente como diaconisa. Contudo, alguns comentaristas consideram que Febe pode ter sido pastora da igreja de Cencreia, uma vez que a palavra *doulos*, traduzida na expressão *que está servindo* é o termo que Paulo geralmente emprega para referir-se a si mesmo. Febe estava de viagem marcada para Roma, de modo que Paulo pode ter solicitado que ela entregasse sua carta à igreja. Esse versículo sustenta a ideia de que a carta aos Romanos foi escrita em Corinto.

Em 16:3-16, Paulo saúda vinte e seis pessoas da igreja em Roma, além de fazer referências a muitas outras (16:5,10-11, 13-15). Nessa lista, Paulo saúda em primeiro lugar *Priscila e Áquila* (16:3-4). Paulo os conheceu em Corinto após o casal ter fugido de Roma (At 18:1-3). O apóstolo morou com eles em Corinto, onde ministraram juntos antes de o casal retornar a Roma (At 18:18,19,26; 1Co 16:19). Paulo acrescenta que o casal arriscou a vida por sua causa. Atos não faz nenhuma referência específica a esse acontecimento, embora Paulo talvez estivesse referindo-se ao tumulto que ocorreu em Éfeso (At 19:23-41). A saudação de Paulo ao casal também é extensiva à igreja que se reunia na casa deles (16:5a). Isso pode indicar que Priscila e Áquila tinham recursos para manter uma casa grande o suficiente para abrigar os membros da igreja.

*Epêneto* (16:5b) é chamado de *meu querido* e *primícias da Ásia para Cristo*. Paulo o conhecia bastante e talvez ele se tenha convertido por meio do ministério do apóstolo. A única informação sobre *Maria* (16:6) é o comentário de Paulo elogiando-a por seu trabalho na igreja.

Paulo indica que *Andrônico* e *Júnias* eram seus parentes e companheiros de prisão por causa do evangelho (16:7). Além disso, menciona que os dois eram apóstolos e se converteram a Cristo antes dele. O termo *apóstolos* não significa que Andrônico e Júnias estavam entre os doze, mas que trabalhavam como mensageiros (como fizeram outros, cf. 2Co 8:23; Fp 2:25) ou haviam sido ordenados como missionários.

Paulo menciona outros cristãos que só aparecem nessa lista: *Amplíato* (16:8), *Urbano* e *Estáquis* (16:9), *Apeles* (16:10) e *Herodião* (16:11a). Em 16:11b, Paulo saúda *os da casa de Narciso, que estão no Senhor*. Talvez Narciso não fosse cristão, mas alguns da sua família eram (incluindo escravos). A lista de cristãos desconhecidos prossegue em 16:12. Paulo saúda *Trifena, Trifosa* e *Pérside*, mulheres que trabalhavam arduamente servindo à igreja. *Rufo* é saudado como *eleito no Senhor* (16:13); é possível que fosse um dos filhos de Simão Cirineu, homem forçado a carregar a cruz de Cristo (Mc 15:21). A *mãe de Rufo* cuidou de Paulo como se fosse seu próprio filho. Novamente, nada se sabe sobre as pessoas que Paulo menciona em 16:14-15: *Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas, Filólogo, Júlia, Nereu* e *Olimpas*.

É importante observar que as mulheres faziam parte da liderança da igreja na época de Paulo. Nesse capítulo, Paulo menciona várias delas: Febe (16:1-2), Priscila (16:3), Maria (16:6), Júnias (16:7), Trifena e Trifosa (16:12), Pérside (16:12), a mãe de Rufo (16:13) e Júlia (16:15). A maioria dessas mulheres estava envolvida em importantes ministérios da igreja, e, longe de censurá-las por isso, Paulo elogia seu trabalho.

Por fim, o apóstolo saúda os romanos em nome de todas as igrejas de Cristo, provavelmente referindo-se a igrejas que ele mesmo fundou (15:19). Embora talvez nem todas elas tenham enviado saudações, Paulo demonstra que as considera um único corpo em Cristo.

**16:17-27 Palavras finais e doxologia**

Paulo inicia a parte final de sua carta com uma advertência sobre os falsos mestres: *Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes (16:17)*. O apóstolo esperou até o final da carta para tratar desse assunto. Segundo ele, as pessoas que causam divisões e escândalos trabalham para promover seus próprios interesses, e não para servir a Cristo (16:18). A fim de atingir esse objetivo, esses falsos mestres empregam métodos de persuasão por meio de *palavras suaves e lisonjas*.

Paulo explica em 16:19 o perigo que esses falsos mestres representam para os cristãos romanos: conhecidos por sua obediência, os cristãos romanos sempre acolhiam as boas-novas e procuravam praticar qualquer verdade que lhes fosse ensinada a respeito de Cristo. Entretanto, essa disposição de aprender também os tornava presa fácil dos falsos mestres. Paulo encerra com uma palavra de encorajamento: *E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás* (o verdadeiro arquiteto por trás dos falsos ensinamentos) (16:20).

No começo deste capítulo, Paulo saudou pessoas que conhecia na igreja em Roma. Agora, menciona indivíduos que mandam saudações à igreja romana. Eram amigos e companheiros próximos de Paulo no momento em que ele escrevia sua carta. Timóteo era amigo e cooperador direto do apóstolo (16:21a). *Lúcio* é mencionado em Atos 13:1 juntamente com outros profetas e mestres. Talvez seja o equivalente latino para Lucas, o evangelista. Se *Jasom* for a mesma pessoa mencionada em Atos 17:5-9, foi ele quem acolheu Paulo em Tessalônica e também aquele que foi arrastado diante das autoridades durante o tumulto na cidade. *Sosípatro* pode ser o mesmo indivíduo mencionado em Atos 20:4. *Lúcio*, *Jasom* e *Sosípatro* eram judeus, pois Paulo se refere a eles como *meus parentes* em 16:21b.

*Tércio* (16:22) apresenta-se como escrevente da carta (Paulo lhe ditava o conteúdo). *Gaio* (16:23) é mencionado em 1Coríntios 1:14, em que Paulo declara que ele e toda a igreja de Corinto desfrutaram da hospitalidade de Gaio. O apóstolo e alguns outros cooperadores mencionados nessa carta talvez estivessem reunidos na casa de Gaio, ou talvez a igreja em Corinto se reunisse nessa casa. *Erasto*, tesoureiro da cidade, também é mencionado em Atos 19:21-22 e 2Timóteo 4:20. O indivíduo chamado *Quarto* só é mencionado aqui.

Paulo conclui a epístola aos romanos com louvores a Deus, o único capaz de confirmar (isto é, fortalecer) os cristãos romanos (e todos os outros cristãos) na verdade do evangelho. Esse evangelho, a proclamação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, estava oculto desde tempos eternos, mas agora *se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas (16:25-26)*. A expressão *Escrituras proféticas* refere-se a todo o AT, no qual Cristo é apontado como a revelação da justiça de Deus. A revelação desse mistério pelo Deus único e sábio tem por objetivo conduzir todas as nações à obediência pela fé. É por isso que judeus e gentios podem adorar juntos na igreja. A reação de Paulo à grandeza e sabedoria de Deus é render-lhe glórias para sempre por meio de Jesus Cristo, seu Filho (16:27).

David M. Kasali

**Leituras adicionais**

BRUCE, F. F. *The Epistle to the Romans: An Introduction and Commentary*. TNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.

CRANFIELD, C.E.B. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*. 2 vols. ICC. Edinburgh: T & T Clark, 1975 (Vol. 1) e 1979 (Vol. 2).

STOTT, John R. W. *The Message of Romans*. BST. Leicester: InterVarsity Press, 1994.

# 1 CORÍNTIOS

Corinto era uma cidade grande e cosmopolita, privilegiadamente localizada para florescer como centro comercial e de negócios. Situava-se sobre um istmo estreito com apenas seis quilômetros de largura, tendo o golfo de Sarônica a oeste e o golfo de Corinto a leste. Todo o tráfego do norte para o sul e do leste para o oeste tinha de necessariamente passar por ele.

A antiga cidade original ali localizada havia sido destruída em 146 a.C., mas foi reconstruída por Júlio César como uma colônia romana e sede administrativa da província romana da Acaia. César instalou na cidade seus soldados veteranos e outros escravos libertos, mas ela logo se tornou um centro grego.

Corinto ficou conhecida como uma cidade depravada, especialmente associada ao culto de Afrodite, a deusa do amor sexual. Foi em Corinto, entretanto, que o apóstolo Paulo permaneceu por dezoito meses, mais que em qualquer outra das cidades visitadas por ele, exceto Éfeso. Paulo esteve em Corinto durante sua segunda viagem missionária (At 18:1-17) e ali desenvolveu um ministério tão bem-sucedido que uma pujante igreja foi fundada.

Sabemos que Gálio havia sido designado procônsul da Acaia em Corinto durante o tempo em que Paulo esteve na cidade (At 18:12). Ele é também mencionado numa inscrição datada, encontrada em Delfos, a qual confirma sua estada em Corinto por volta de 52 d.C. Temos conhecimento, por meio de outras fontes, que ele foi procônsul por apenas um ano. Sendo assim, é claro que Paulo esteve em Corinto durante o ano 52 d.C.

## A correspondência de Paulo com Corinto

O NT apresenta apenas duas cartas endereçadas a Corinto, mas, com base em Atos e nos comentários existentes nas epístolas às quais temos acesso, podemos dizer que Paulo na realidade escreveu quatro cartas àquela igreja. O que parece ter acontecido é algo como o seguinte:

- A carta referida em 1Coríntios 5:9 era manuscrita. Alguns estudiosos argumentam que essa carta hoje está contida em 2Coríntios 6:14—7:1.
- Membros da família de Cloé visitaram Paulo levando notícias sobre a situação de Corinto, e Estéfanos, Fortunato e Acaico chegaram com uma carta enviada pela igreja de Corinto.

- Primeira aos Coríntios foi escrita em resposta à carta trazida por Estéfanos, tendo sido entregue por Timóteo.
- Em vez de melhorar, a situação se agravou, e o próprio Paulo fez uma visita a Corinto. A visita foi um fracasso doloroso.
- Paulo escreve a “carta severa”, que, segundo se cogita, está contida em 2Coríntios 10—13. Esta foi entregue por Tito.
- Paulo não esperou o retorno de Tito com a resposta de sua carta, mas se pôs a caminho de Corinto. Durante a viagem, encontrou-se com Tito na Macedônia. Foi informado de que tudo estava bem em Corinto e escreveu então a carta que conhecemos como 2Coríntios.

## Autenticidade

Quase ninguém duvida de que Paulo tenha escrito essa carta. Desde tão cedo quanto 95 d.C., Clemente de Roma o menciona como o autor, da mesma maneira que outros pais da Igreja do início do século II, como Inácio e Policarpo. Essa carta é a mais frequentemente citada pelos pais da Igreja, como Justino Mártir, Ireneu e Tertuliano. Além disso, os fatos históricos que podem ser compilados das cartas coincidem com o que conhecemos com base em Atos. O caráter, o estilo e a linguagem de 1Coríntios são todos consistentes com o que sabemos das cartas de Paulo.

## Data

Paulo escreveu essa carta de Éfeso (1Co 16:8), provavelmente durante sua longa estada ali, na terceira viagem missionária. Se concedermos o tempo do ministério de Apolo, assim como o tempo para a escrita dessa primeira carta referida em 1Coríntios 5:9, é provável que Paulo a tenha escrito no final de seu ministério de três anos em Éfeso, isto é, por volta de 55 d.C.

## Esboço

### 1:1-9 Introdução

1:1-3 Saudações

1:4-9 Agradecimentos

### 1:10—4:21 A igreja dividida

1:10-17 Cristo está dividido?

1:18-25 O evangelho enfrenta a falsa sabedoria

1:26-31 Uma ilustração: a escolha de Deus  
 2:1-5 A proclamação do evangelho e do poder  
 2:6-10 Sabedoria de Deus  
 2:11-16 Expressando verdades espirituais  
 3:1-9 A tolice de um espírito de partidarismo  
 3:10-23 Construindo sobre o fundamento  
 4:1-21 A atitude correta dos servos de Cristo

## 5:1—6:20 Questões de moralidade na igreja

5:1-8 Incesto  
 5:9-13 A igreja e o mundo  
 6:1-8 Processos judiciais e tribunais gentios  
 6:9-11 Um retrospecto do que fomos  
 6:12-20 O argumento em favor da pureza: comprados por um preço

## 7:1—11:1 Questões concernentes a relacionamentos sociais

7:1-40 Relacionamentos conjugais  
 7:1-7 Antecedentes gerais  
 7:8-16 Situações particulares  
 7:8-9 Os solteiros  
 7:10-11 Os casados  
 7:12-16 Casamentos mistos  
 7:17-24 Servindo a Deus onde ele nos coloca  
 7:25-38 As vantagens de permanecer solteiro  
 7:39-40 Viúvas  
 8:1-13 Alimentos oferecidos aos ídolos  
 9:1-27 O exemplo pessoal de Paulo  
 9:1-14 Privilégios não reclamados  
 9:15-23 O privilégio e a tarefa  
 9:24-27 Uma luta verdadeira  
 10:1-13 Lições da história de Israel  
 10:14-22 A ceia do Senhor e festas idólatras  
 10:23—11:1 Os limites da liberdade cristã

## 11:2—14:40 Questões referentes ao culto público

11:2-16 O uso do véu pelas mulheres  
 11:17-34 A celebração adequada da ceia do Senhor  
 12:1-11 Manifestações do Espírito no culto  
 12:12-31 Unidade na diversidade  
 13:1-13 A supremacia do amor  
 14:1-40 Profecia e línguas  
 14:1-25 A superioridade da profecia sobre as línguas  
 14:26-33a Questões práticas  
 14:33b-36 Mulheres na igreja  
 14:37-40 Conclusão

## 15:1-58 Perguntas sobre a ressurreição

15:1-11 Os fatos sobre a ressurreição de Cristo  
 15:12-19 Consequências de negar a ressurreição  
 15:20-28 Consequências da ressurreição de Cristo  
 15:29-34 Argumentos com base nas atividades cristãs

15:35-49 A natureza do corpo ressurreto  
 15:50-58 A derrota da morte

## 16:1-24 Conclusão

16:1-4 A coleta para o povo de Deus  
 16:5-18 Planos pessoais  
 16:19-24 Saudações especiais e cumprimentos pessoais

# COMENTÁRIO

## 1:1-9 Introdução

### 1:1-3 Saudações

Semelhantemente às cartas típicas do período, essa se inicia identificando o escritor e os destinatários e, então, expressando uma saudação. Paulo se identifica como *chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo (1:1)*. Ele enfatiza sua autoridade, possivelmente porque tal autoridade seria necessária para lidar com a situação em Corinto. Afirma que a carta também é enviada por *Sóstenes*, o qual é provavelmente o judeu de Corinto mencionado em Atos 18:17, e que, agora, vivia em Éfeso.

A carta não é endereçada à igreja dos coríntios, ou à igreja associada a indivíduos, mas à *igreja de Deus que está em Corinto (1:2)*. Paulo descreve os membros dessa igreja como aqueles *santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos*. A palavra traduzida por “santificado” significa dedicado e consagrado a Deus como um sacrifício do AT, enquanto a palavra traduzida por “santo” carrega também a noção de “santificado”. A ideia central é que, como cristãos, eles foram chamados a ser separados e diferentes para Deus. Sua escolha das palavras é digna de nota, considerando a situação em Corinto.

A saudação segue o mesmo padrão que encontramos em outras cartas de Paulo, combinando expressões gregas e hebraicas de saudação (*graça e paz*, respectivamente) (1:3; cf. tb. Rm 1:7; 2Co 1:2; Gl 1:3; Ef 1:2; Fp 1:2; Cl 1:2; 1Ts 1:1; 2Ts 1:2; Tt 1:4; Fm 1:3). Paulo deseja a todos o melhor do que eles desejam a si mesmos, isto é, bem-estar total.

### 1:4-9 Agradecimentos

Apesar das divisões e discussões, da imoralidade grosseira e de outros vícios que ainda assolavam essa igreja, Paulo dá graças por três coisas:

- A *graça* de Deus, *que vos foi dada em Cristo Jesus (1:4)*.
- *Em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo conhecimento (1:5)*. Suas palavras e conhecimentos são em si mesmos evidência de que receberam graça, e isto é motivo para gratidão. Todas as nossas dádivas

espirituais são dádivas da graça (1Co 12:4,9; Ef 4:11; 1Pe 4:10).

- Assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós (1:6).

O tempo verbal usado por Paulo ao dar graças indica que todos esses dons já haviam sido conferidos à igreja. A prova disso é o fato de que a igreja possui todos os dons espirituais (1:7). Se até mesmo uma igreja como Corinto pode ser mencionada como possuidora de todos esses dons, a posse deles não pode depender de termos alcançado a perfeição cristã. Paulo até mesmo aguarda o tempo no qual a igreja será irrepreensível no dia em que nosso Senhor Jesus Cristo retornar (1:8). Como ele poderia estar tão seguro disso? A resposta está na fidelidade de Deus que os chamou para a comunhão com seu Filho (1:9).

## 1:10—4:21 A igreja dividida

### 1:10-17 Cristo está dividido?

Paulo foi informado sobre as divisões na igreja de Corinto pelos visitantes da família de Cloe (1:11). Sua abordagem inicial do problema foi fazer-lhes um apelo apaixonado como se ele fosse Jesus — *pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo (1:10a)*. O apóstolo prossegue falando sobre *contendas entre vós* (1:11), usando uma palavra grega que se refere a partidos políticos que competem entre si, e então os convida a que *não haja entre vós divisões (1:10b)*, assim como partidos políticos podem alcançar uma concordância após terem resolvido suas diferenças.

Paulo usa também o termo médico para a cura de ossos quebrados ou a fixação de uma junta deslocada quando apela para que eles sejam *inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer (1:10c)*. A incapacidade deles de apresentar uma expressão unida é doentia e antinatural.

A repreensão de Paulo é suavizada pelo uso repetido da palavra “irmãos” em 1:10-11. Ele não está falando como um mestre, mas como um irmão, lembrando-lhes que, para uma família, a desunião é uma tolice.

Paulo identifica quatro partidos nessa igreja, cada um dos quais alinhado a uma pessoa diferente (1:12), embora não haja evidência de que os líderes apoiassem o partidos que usavam seus nomes.

- Um grupo, que pode ter sido constituído especialmente de gentios, seguia Paulo. O apóstolo pregava um evangelho da graça, da liberdade cristã e do fim da lei. Esse grupo pode ter tentado usar essa liberdade como licença para ser libertário, agindo como bem quisesse.
- Outro grupo seguia Apolo, judeu de Alexandria que conhecia bem as Escrituras e era um eloquente e apaixonado orador (At 18:24-26). Os eruditos de Alexandria eram peritos em alegorizar as Escrituras, e podem ter

sido essa capacidade e sua habilidade retórica que atraíram seguidores. Os intelectuais em Corinto talvez estivessem considerando o cristianismo apenas como mais uma filosofia.

- Outro grupo ainda seguia Cefas (a forma judaica do nome de Pedro). Pedro fora discípulo de Jesus e era líder na igreja de Jerusalém. Seus partidários muito provavelmente eram judeus que insistiam na observância da lei judaica.
- Finalmente havia aqueles que, virtuosos aos próprios olhos, alegavam seguir Cristo. Esse grupo provavelmente se considerava verdadeiramente cristão, em oposição aos outros grupos que se agrupavam ao redor de líderes humanos. Todos os cristãos, no entanto, pertencem a Cristo.

Alguns estudiosos pensam que, ao afirmar pertencer a Cristo, Paulo não está mencionando o quarto grupo, mas simplesmente afirmando que ele, pessoalmente, não deve lealdade a nenhum líder. Ele é simplesmente um seguidor de Cristo.

As três perguntas de Paulo em 1:13 confrontam essas divisões. O apóstolo afirma que Cristo não é propriedade de nenhuma pequena facção da igreja. É absurdo pensar que Paulo tivesse sido crucificado por eles. O batismo era feito em nome de Cristo, não de Paulo. (Observe que Atos não registra o uso da fórmula trinitária encontrada em Mateus 28:19.)

Paulo confirma ter batizado alguns dos primeiros convertidos (1:14-16): Crispo (cf. At 18:8), Gaio (que talvez seja o mesmo Tício Justo de At 18:7) e a família de Estéfanos, descrita como “as primícias da Acaia” (16:15). Estéfanos foi um dos três crentes que visitaram Paulo imediatamente antes que 1Coríntios fosse escrita e, provavelmente, foi quem levou a carta de volta a Corinto (16:17). Paulo argumentou que sua missão não era batizar, mas pregar a Cristo (1:17). Assim, por princípio, Paulo deixava a administração do batismo nas mãos dos líderes locais.

Provavelmente preocupado com que sua ênfase no papel de pregador pudesse levá-lo a ser acusado de agir como um orador que aprecia demais o som de sua própria voz, Paulo é cuidadoso ao enfatizar que ele não se impressiona com a retórica [lit. “sabedoria da palavra”]. Ele não está interessado em pregar de forma elegante, mas deseja permitir que a cruz de Cristo seja a fonte de poder de sua mensagem.

### 1:18-25 O evangelho enfrenta a falsa sabedoria

Todos aqueles que apoiavam partidos específicos na igreja estavam confiando em ideias humanas e ignorando o desejo de Deus de que o corpo de Cristo se mantivesse unido (Jo 17:20-23). Ainda cometemos o mesmo erro hoje. Na África, testemunhamos com frequência divisões na igreja, baseadas em fatores como idade, educação e lealdade ao pastor. Tais divisões estão erradas, pois o modo divino de lidar com



as diferenças mantêm a unidade do corpo, mesmo quando enfrenta questões difíceis. Paulo, portanto, lança-se numa discussão sobre a diferença entre a sabedoria divina e a sabedoria humana.

As pessoas têm reações diferentes à mensagem da cruz. *Para os que se perdem* (incluindo os gregos cultos e os judeus piedosos), ela é absoluta tolice, mas para nós, *que estamos sendo salvos*, é o *poder de Deus* (1:18, NVI). “Aqueles que estão sendo salvos” são cristãos em processo de salvação, e esta aqui é vista como uma experiência total, da qual faz parte a santificação mencionada em 1:2.

Paulo cita então Isaías 29:14 para demonstrar a futilidade da sabedoria humana quando comparada à sabedoria divina (1:19). Ele usa questões retóricas, como as encontradas em Isaías 33:18, para demonstrar que os campeões da sabedoria humana (*o sábio... o escriba ... o inquiridor deste século*) são absolutamente tolos diante de Deus (1:20). “Apesar de toda a sua sabedoria, o mundo nunca encontrou Deus e ainda permanece às apalpadelas e cegamente procurando por ele”, uma busca “planejada por Deus para demonstrar ao homem o seu próprio desamparo e impotência” (Barclay).

Havia duas razões pelas quais a mensagem da cruz era *um escândalo para os judeus* (1:23a). A primeira era a crença de que “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Dt 21:23). Assim sendo, a despeito de Isaías 53, os judeus não podiam imaginar um Messias sofredor. Em segundo lugar, os judeus procuravam sinais, isto é, buscavam eventos espetaculares, sobrenaturais, os quais provariam que o profeta ou mensageiro viria com o poder de Deus. Para eles, um Cristo crucificado indicava fraqueza, não poder. Buscavam um Messias que restaurasse o reino de Davi, e não alguém que morreria numa cruz (1:22; cf. tb. Mt 16:1-4).

A mensagem da cruz também era loucura para os gregos por duas razões (1:23b). Primeiro, eles criam que Deus era incapaz de sentir emoção. Era portanto impossível que os humanos conseguissem, de alguma forma, influenciar Deus. Deus jamais poderia sofrer, e a simples ideia da encarnação era revoltante. Segundo, os gregos buscavam sabedoria, de modo que poderiam passar horas buscando estimulação intelectual.

Para Paulo, a mensagem da cruz não é apenas sabedoria de Deus, mas também poder de Deus demonstrado nos milagres da encarnação e da ressurreição (1:24). Ela demonstra que a loucura de Deus *é mais sábia do que os homens*; e a *fraqueza de Deus é mais forte do que os homens* (1:25). O povo akan de Gana afirma a mesma coisa em seu provérbio: “Quando Deus ata um nó, nenhum humano consegue desatá-lo”.

### 1:26-31 Uma ilustração: a escolha de Deus

Os cristãos em Corinto escolhidos por Deus ilustram o que Paulo estava tentando mostrar, pois a maioria era pouco importante segundo os padrões humanos (1:26). Havia algumas exceções. Crispo era o principal da sinagoga (At 18:8), e Erasto era tesoureiro da cidade (Rm 16:23).

O propósito da escolha de Deus era *envergonhar os sábios e os fortes* (1:27) e *reduzir a nada as coisas que são* (1:28). Sua razão para isso é que *ninguém se vanglorie na presença de Deus* (1:29). Deus é muito maior que o maior ser humano e, em Jesus, se tornou a sabedoria daqueles que foram chamados. Em outras palavras, Jesus é a sabedoria de Deus personificada — uma sabedoria muito diferente daquela que os filósofos da época qualificavam como sábia. As três palavras: *justiça*, *santificação* e *redenção* são definições do que é sabedoria ou das qualidades que a acompanham. Cristo personifica as três.

### 2:1-5 A proclamação do evangelho e do poder

Três coisas vêm à mente de Paulo conforme ele relembra a ocasião em que levou o evangelho a Corinto (2:1a).

- Ele não falou *com ostentação de linguagem ou de sabedoria* (2:1b) porque estava absolutamente convencido de que a mensagem da cruz era superior à sabedoria humana. Imediatamente antes de ir a Corinto, a pregação de Paulo havia recebido algumas respostas positivas quando ele tentara falar na linguagem dos filósofos gregos na Colina de Marte, ou Areópago, em Atenas (At 17:22-34). Assim sendo, em Corinto, ele resolveu não usar *linguagem persuasiva de sabedoria* (2:4a).
- Ele veio falando *em fraqueza, temor e grande tremor* (2:3). O apóstolo não se impressionava com sua própria segurança, mas com a maravilhosa mensagem que estava proclamando.
- Sua pregação era uma *demonstração do poder do Espírito* (2:4b, NVI) e do *poder de Deus* (2:5). A palavra grega traduzida por “demonstração” refere-se a demonstrar sua posição e seus argumentos com absoluta certeza. O fato de os coríntios se terem tornado crentes é a prova do poder dessa demonstração.

### 2:6-10 Sabedoria de Deus

Devemos ser cautelosos para não interpretar o repúdio de Paulo à sabedoria humana como se ele desaprovasse a educação ou que os cristãos usassem o cérebro. De maneira nenhuma! O que Paulo não desejava era uma sabedoria humana que excluía Deus e não reconhecia a Cristo como a sabedoria de Deus (1:24). Chegando a Corinto, Paulo proclamou o primeiro nível da sabedoria cristã, isto é, os fatos básicos do cristianismo. Tendo os crentes chegado a certo grau de maturidade, havia uma *sabedoria* adicional a ser ensinada (2:6a). Cristãos maduros não são cristãos perfeitos; são crentes que chegaram a ter algum entendimento das coisas do espírito (cf. tb. 14:20; Fp 3:15; Ef 4:13).

O ensino de Paulo para esse grupo é diferente da *sabedoria deste século* ou dos *poderosos desta época* (2:6b). Não se refere a um tipo de conhecimento mágico; ao contrário, diz respeito a algo que os incrédulos não conseguem entender, mas que é absolutamente claro para os crentes. Os poderosos

deste mundo não tinham noção dessa sabedoria, e sua ignorância os levou a crucificar Jesus, a quem Paulo se refere como *o Senhor da glória*, título que o coloca no mesmo patamar de Deus (2:8).

Paulo conclui essa seção com uma referência a Isaías 64:4, provavelmente citando de memória, pois sua versão não é, palavra por palavra, a mesma encontrada em Isaías. A citação enfatiza que o conhecimento da salvação não vem de investigação humana, mas por meio da revelação de Deus por seu Espírito (2:10).

### 2:11-16 Expressando verdades espirituais

O meio pelo qual Deus nos dá o conhecimento das “profundezas de Deus” (2:10) é o Espírito Santo, o único que compreende com perfeição a mente de Deus (2:11). (Ao dizer isso, Paulo está afirmando que o Espírito de Deus é igual a Deus, assim como anteriormente havia colocado Cristo no mesmo nível de Deus.) Paulo usa uma analogia humana — pois *qual dos homens sabe as coisas do homem* exceto o próprio homem? Aqueles que aceitaram o modo de salvação de Deus receberam (o tempo verbal grego, nesse caso, indica um tempo definido no passado) *o Espírito de Deus*, o qual os ajuda a compreender as coisas que Deus gratuitamente lhes deu no que concerne a esse mistério revelado (2:12). Mas aqueles que são maduros têm uma compreensão mais profunda desse mistério.

É o Espírito quem capacita Paulo a falar como ele o faz: *interpretando verdades espirituais para os que são espirituais* (2:13, NVI), isto é, numa linguagem muito diferente daquela preferida pelos oradores (2:6). Em outras palavras, o Espírito confere a Paulo, e a todos quantos proclamam a sabedoria de Deus, a capacidade de comunicar verdades a respeito da vontade de Deus, em palavras que melhor expressem essa vontade. (A tradução da frase também poderia ser “expressando verdades espirituais a pessoas espirituais”, a qual encontra apoio na menção paulina de pessoas espirituais em 2:13.)

Paulo faz distinção entre dois tipos de pessoas. O primeiro grupo é formado por aqueles que não têm o Espírito, *o homem natural*, que vive como se não houvesse nada além da vida física (2:14). Seus valores são todos materiais, e eles julgam tudo de uma perspectiva física e material. Tais pessoas não conseguem e não podem compreender as coisas espirituais. Por contraste, aqueles que são maduros, ou espirituais, cuja vida é controlada pelo Espírito, desfrutam o privilégio espiritual de serem capazes de *julgar todas as coisas*, isto é, examiná-las cuidadosamente e, então, escolher as que são importantes (2:15). Aquele que possui a mente de Cristo é capaz de tomar decisões acertadas a respeito das questões da vida.

### 3:1-9 A tolice de um espírito de partidatismo

Paulo, entretanto, deixa claro que está descrevendo uma situação ideal. Seu conselho aos coríntios, nesse caso, po-

deria ser resumido pelo provérbio de Gana: “Você precisa estar maduro antes de cacarejar” (como faz a galinha quando está prestes a botar um ovo). Em vez de serem os adultos espirituais descritos em 2:15, os coríntios ainda estão enredados com este mundo e agem não apenas como crianças, mas de maneira infantil (3:1-2). Embora não haja nenhuma vergonha em ser criança, pois todos começamos assim, eles deveriam estar amadurecendo. Seu pensamento não deveria mais ser dominado pelas coisas deste mundo. Paulo enfatiza sua posição repetindo duas vezes a palavra *carnais* em 3:2-3, e descrevendo-os duas vezes como *andando segundo o(s) homem(ns)* (3:3-4). Sua imaturidade é claramente demonstrada pelos *ciúmes e contendas* que existem entre eles.

O apóstolo enfatiza quão tolo é o espírito partidário, lembrando-os que tanto ele quanto Apolo são apenas *servos* (3:5). Cada um realizou o seu trabalho, com Paulo plantando as sementes da fé e Apolo regando-as (3:6); contudo, o fato de as sementes haverem crescido não era responsabilidade deles, mas de Deus, que é o único que realmente *dá o crescimento* (3:7).

Em vez de competir, os servos de Deus são *cooperadores de Deus* (3:9). Trabalham juntos para servir a Deus e completar a obra que o Senhor deseja realizar.

### 3:10-23 Construindo sobre o fundamento

Nesse ponto, Paulo muda a metáfora da agricultura para a construção. Seu papel na igreja de Corinto foi como o de um competente construtor que firmou cuidadosamente os fundamentos dessa igreja em particular, durante sua estada de dezoito meses em Corinto (3:10). Agora, os cristãos de Corinto deveriam assumir sua responsabilidade pessoal de erigir e terminar a construção sobre seu fundamento. Eles não podem mudar a forma da fundação em si (a pregação de Jesus Cristo — 3:11), mas podem decidir se desejam construir as paredes usando *ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha* (3:12). Paulo está falando aqui sobre o valor e a qualidade da contribuição de cada pessoa na igreja.

Paulo relembra aos coríntios que o edifício deverá resistir ao teste do fogo no dia do julgamento (3:13). Se o material da construção for suficientemente forte para sobreviver ao teste, os construtores receberão o galardão (3:14). Colhemos o que semeamos, ou semelhantemente ao que diz o povo de Gana: “Como você arruma sua cama, assim deve deitar-se nela”. Todos os crentes serão salvos, entretanto haverá recompensas correspondentes ao que cada um fizer por Deus na terra (3:15).

Continuando a metáfora da construção, Paulo relembra aos crentes que eles, coletivamente, constituem um lugar santo, como o Santo dos Santos onde Deus estava presente de uma forma especial (3:16). Danificar o templo de Deus provocará a ira divina (3:17). Eles deveriam ser cuidadosos para não destruir a igreja de Deus em Corinto com dissensões, contendas e divisões.

Paulo conclui enfatizando novamente a tolice da sabedoria do mundo. Ele cita livremente, com suas próprias palavras, as passagens de Jó 5:13 e do salmo 94:11 (3:18-20). O apóstolo declara aos coríntios que sua insensatez os levou a considerar-se seguidores fiéis de “líderes partidários”, quando não havia necessidade de se subordinar a nenhuma facção. Os líderes pertencem a eles, assim como tudo mais (3:21-22)! Eles são senhores, possuindo todas as coisas; entretanto, em si mesmos, pertencem a Cristo, o qual os possui (3:23).

#### 4:1-21 A atitude correta dos servos de Cristo

Nesse ponto, Paulo discorre sobre o que significa ser um servo, usando palavras que evocam imagens específicas para os coríntios (4:1). Em primeiro lugar, Paulo usa uma palavra que a RA traduz por “ministros” (a NVI traz “servos”), mas que se refere especificamente àqueles que manejavam, os remos no nível mais baixo do navio de guerra grego conhecido como trirreme. Um trirreme possuía três bancos de remadores, um sobre o outro, e os remadores no banco inferior desfrutavam da menor consideração possível, recebendo ordens do timoneiro e de todos os que estavam acima deles. Paulo, portanto, nem ao menos considera a si mesmo e aos outros como servos importantes.

A segunda palavra para “servo” utilizada por Paulo transmite maior prestígio. Ele descreve a si mesmo e aos outros líderes como despenseiros, responsáveis pela administração de uma casa e por garantir que tudo corra tranquilamente, embora eles não sejam nem os donos nem os chefes (cf. tb. Lc 12:42; 16:1). Ele e os outros líderes são despenseiros dos *mistérios de Deus* (i. e., do mistério do evangelho (2:7; 1Pe 1:10-12).

Como despenseiros, os líderes cristãos devem ser fiéis e confiáveis (4:2), e assim Paulo naturalmente prossegue para avaliar a confiabilidade. Esta pode ser julgada por outros ou pela própria pessoa (4:3-4). Contudo, de longe, o mais importante julgamento é aquele que o Senhor fará quando voltar (4:5).

Paulo, portanto, insiste em que os coríntios não se apressem em fazer julgamentos, ou que *nada julgueis antes do tempo* (4:5). Essa instrução não contradiz seu pronunciamento anterior de que “o homem espiritual julga todas as coisas” (2:15). Ali, Paulo estava falando sobre discernir o que é verdadeiro.

Agora, fala sobre julgar outros homens e mulheres, especialmente em casos sem evidência clara do que ocorreu ou dos motivos de cada um. Tais coisas devem ser deixadas para o julgamento final de Deus.

Até aqui, Paulo se refere a si mesmo e a outros líderes; agora, no entanto, ele relembra a seus leitores que aquilo que foi dito também se aplica a eles (4:6-7). Os coríntios também não têm nada de que se vangloriar. A vanglória se baseia no orgulho que considera uma pessoa melhor que a outra, mas Paulo os relembra de que eles

realmente não podem vangloriar-se com respeito às bênçãos que Deus graciosamente lhes tem dado, embora não as mereçam (4:7).

A profundidade do desagrado de Paulo com respeito ao orgulho dos coríntios emerge claramente nos versículos contundentes e sarcásticos que se seguem. O orgulho deles os faz sentir-se satisfeitos consigo mesmos e superiores.

Eles se transformaram num grupo esnobe (4:8). Em contraste, os apóstolos são objetos de zombaria. Paulo utiliza uma imagem derivada do hábito romano de desfilar seus troféus e prisioneiros de guerra pelas ruas, antes de enviá-los para morrer na arena como uma forma de entretenimento público. Os apóstolos são como esses lamentáveis prisioneiros, enquanto os coríntios se assemelham aos vitoriosos que os desprezam (4:9-10).

Abandonando a linguagem metafórica, Paulo faz uma lista de tudo o que ele e os outros apóstolos já tiveram de suportar (4:11-13). Isso incluía terem sido *esbofeteados*, isto é, espancados como escravos, os quais não eram considerados pessoas, mas propriedades. Seus leitores devem ter ficado espantados com a reação de Paulo a tal tratamento, que incluía responder com bondade quando era injuriado. Os gregos davam grande importância ao fato por não estarem preparados para aceitar nenhum insulto. Humildade cristã era uma virtude absolutamente nova para o mundo em que Paulo vivia.

Repentina, mas caracteristicamente, Paulo muda o tom: de uma vigorosa repreensão, passa a um cuidado paternal. Relembra aos coríntios que não está escrevendo essas coisas para os *envergonhar*, mas para os *admoestar*, como um pai faz com seus *filhos amados* (4:14). Afinal, ele tem um relacionamento único com os coríntios. Todos os outros líderes da igreja de Corinto são apenas *preceptores*, à semelhança dos servos que acompanhavam os meninos gregos até a escola, mas Paulo é seu pai espiritual, aquele que primeiro os levou a Cristo (4:15). Ele os incita a ser como filhos que imitam o pai (4:16). Para ajudá-los nesse propósito, Paulo lhes enviará Timóteo, que também é seu filho espiritual, que os lembrará de como viver no Senhor Jesus Cristo (4:17).

A arrogância de alguns crentes de Corinto estava destruindo seu relacionamento com os outros e com Deus. Paulo espera logo seguir Timóteo, a fim de confrontar essas pessoas (4:18-19). Enquanto isso, deseja que tais pessoas mudem e se tornem humildes, de sorte que, quando ele chegar, não terá de agir como disciplinador, *mas com amor e espírito de mansidão* (4:21).

### 5:1—6:20 Questões de moralidade na igreja

#### 5:1-8 Incesto

Como acontece em grande parte do mundo moderno, o mundo gentio dos dias de Paulo estava focalizado no prazer e

praticamente não sabia o que significava castidade. Esse era, particularmente, o caso de Corinto, renomada por sua imoralidade. E é ainda mais chocante de que o tipo de imoralidade que Paulo teve de confrontar na igreja de Corinto não se via *nem mesmo entre os gentios*. O que estava ocorrendo é que um homem vinha mantendo relações sexuais com sua madrasta, *a mulher de seu próprio pai* (5:1). (O pai talvez houvesse morrido.)

Paulo se sentia chocado com fato de a igreja de Corinto não se envergonhar desse comportamento. Ao contrário, eles se orgulhavam (5:2a)! Talvez considerassem a liberdade cristã licença para fazer o que quisessem. Deveriam, sim, *estar cheios de tristeza* (5:2b, NVI) e lamentar como por alguém que tivesse morrido.

A resposta da igreja deveria ser: *entreguem esse homem a Satanás* (5:5a, NVI, cf. tb. 1Tm 1:20, o único outro lugar onde essa expressão é usada no NT). Paulo afirma que o ofensor deveria ser excomungado. Não deveria mais ser considerado um membro da igreja, mas alguém que vive no mundo, o qual é considerado domínio de Satanás (Jo 12:31; 16:11; At 26:18; Cl 1:3). O propósito dessa excomunhão não seria livrar-se dele, mas a *destruição da carne*, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor, isto é, no dia em que Jesus voltar (5:5b).

Voltando à questão do orgulho dos coríntios (5:6a; 5:2), o apóstolo mostra que este era completamente fora de propósito. O orgulho os afetaria de várias maneiras, assim como o fermento permeia a *massa toda* (5:6b). Paulo relembra que a Páscoa judaica exigia que se comesse pão sem fermento (Êx 12:15-20; 13:7), pois o fermento representava uma influência corruptora, e apenas uma pequena porção dele tinha efeitos poderosos.

De modo semelhante, tolerar um único caso de imoralidade corromperia toda a igreja. O mesmo argumento é captado pelo provérbio de Gana: “O bode pensa que está sujando o terreno alheio, sem perceber que está sujando o próprio rabo”.

Porque *Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado* (5:7), os cristãos não podem permitir-se celebrar a nova Páscoa com o fermento da imoralidade e todos os pecados da vida passada. A velha e a nova vida são mutuamente excluentes. A primeira é caracterizada por *maldade e malícia*, enquanto a nova é caracterizada por *sinceridade e verdade* (5:8). A palavra usada aqui para sinceridade sugere “pureza transparente de propósito e caráter” (IBC).

A incisiva resposta de Paulo à imoralidade nos ensina uma lição muito prática — a disciplina eclesiástica deve algumas vezes ser administrada para benefício da igreja, assim como para correção das pessoas envolvidas. Seu objetivo deve ser sempre curar do mal aquele que foi disciplinado e prevenir que esse mal se espalhe. Embora a disciplina não deva nunca ser aplicada com espírito de hostilidade, a congregação que ignora a imoralidade terminará com uma igreja doente e corrompida.

### 5:9-13 A igreja e o mundo

A menção da sinceridade em 5:8, e o fato de que ela sugere uma condição pura e sem mistura, deve ter levado Paulo a recordar um mal-entendido sobre algo que ele dissera numa carta anterior (cf. a introdução a esse comentário).

Evidentemente, o apóstolo havia dito *que não vos associásseis com os impuros, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras* (5:9-10a). Esses tipos de pecado eram comuns, assim como o são ainda hoje. Lassidão moral é um pecado contra si mesmo, correr atrás de bens é um pecado contra o nosso próximo, e superstição é um pecado contra Deus. Ao repetir a lista, Paulo adiciona outros dois pecados, a saber, maledicência e embriaguez (5:11a).

Os coríntios haviam entendido que Paulo dissera que eles deveriam evitar associar-se a qualquer pessoa culpada de qualquer um desses pecados. Mas Paulo chama atenção para o fato de que isso é impossível enquanto eles estiverem vivos (5:10b). Todos os não-crentes são culpados de tais pecados.

A intenção de Paulo era afirmar que eles não deveriam associar-se a pessoas que afirmavam ser cristãs, mas não haviam abandonado seu modo pecaminoso de vida. Sua ordem de que nem ao menos ceassem com tais pessoas presumivelmente se refere a participar com eles da mesa da comunhão (5:11b).

A igreja só é responsável pelo comportamento daqueles que afirmam fazer parte dela (5:12). É Deus quem julgará o mundo (5:13a). O conselho de Paulo sobre como lidar com as pessoas da igreja que ainda levam uma vida de pecado é firme: *Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor* (5:13b; cf. tb. Dt 17:7b). Tais pessoas devem ser excomungadas, em vez de permanecer na igreja e exercer uma influência corruptora. A igreja seria sábia se ouvisse esse conselho hoje.

### 6:1-8 Processos judiciais e tribunais gentios

Os gregos com frequência processavam uns aos outros, e este hábito estava sendo reproduzido pela igreja. Paulo acredita firmemente que os cristãos não deveriam pedir aos descrentes para julgar suas disputas legais (6:1). A questão aqui não é saber se um julgamento justo seria ou não alcançado, mas se os envolvidos tinham um relacionamento com Deus. Os cristãos, ao lidar uns com os outros, deveriam valorizar seu relacionamento comum com Deus.

Paulo relembra-os de que, durante a era de ouro, quando o Messias reinará supremo, os santos se sentarão para julgar ao lado de Cristo (6:2; Dn 7:22; Mt 19:28; Lc 22:30; Ap 3:21; 20:4). Naquela ocasião, até mesmo os anjos serão julgados pelos santos. Paulo, portanto, não vê razão para que os santos não possam julgar questões temporais e triviais (6:3).

O conselho de Paulo para os crentes de Corinto é que eles deveriam designar *a juízes os que são da igreja, mesmo que sejam os menos importantes* (6:4, NVI). A palavra traduzida por “menos importantes” é semelhante àquela

traduzida por “(coisas) desprezadas” em 1:28. Não importa quão insignificantes essas pessoas possam ser na igreja, é melhor levar as disputas a elas que aos descrentes.

Paulo novamente enfatiza quão vergonhoso é para cristãos levar suas disputas para juízes não-crentes. Certamente os crentes não podem ser tão ignorantes que não haja entre eles alguém que possa atuar como juiz (6:5-6). Além disso, o simples fato de haver disputas que necessitem ser levadas a um juiz não-crente demonstra que eles já perderam aquilo que é importante e que *já é completa derrota para vós outros* (6:7a). A questão aqui não é saber se eles ganham ou perdem um caso judicial, mas se ganham ou perdem como crentes.

Paulo menciona um princípio que o filósofo grego Platão havia estabelecido e que seus leitores deveriam conhecer bem: é melhor sofrer do que fazer o que é errado. Cristo também havia ensinado que os cristãos não deveriam ficar demasiadamente preocupados a respeito de seus próprios “direitos” (Mt 5:40). Em vez de buscar vingança ou exigir uma recompensa, os cristãos deveriam aceitar que haviam sido prejudicados (6:7b). No entanto, os cristãos na realidade estavam procedendo mal e enganando seus irmãos cristãos (6:8).

### 6:9-11 Um retrospecto do que fomos

Em 6:8, Paulo acusou os crentes de Corinto de cometerem injustiça e, agora, em 6:9-10, ele trata do destino de todos os injustos. Eles não herdarão o *reino de Deus*. A lista dos injustos que terão esse destino inclui os sexualmente imorais, idólatras, adúlteros, efeminados, ofensores homossexuais, ladrões, avaros, bêbados, maldizentes e roubadores. Seus pecados podem ser classificados em três grupos: pecados de idolatria, pecados de egoísmo e pecados de imoralidade.

Os próprios cristãos de Corinto haviam cometido muitos desses pecados no passado. Mas *foram lavados* (6:11, NVI).

É provável que Paulo estivesse falando desses pecados como se tivessem sido abolidos, e não meramente da lavagem do batismo (Ef 5:26; Tito 3:5). O apóstolo também diz que eles *foram santificados*, isto é, postos à parte para Deus e para a santidade, e *justificados*, isto é, declarados como um povo que agora desfruta de uma situação correta para com Deus, não estando mais sob condenação. O tempo do verbo usado por Paulo deixa claro que todas essas coisas aconteceram no passado.

Paulo, nesse caso, não focaliza a ordem em que essas bênçãos foram recebidas. Assim, ele coloca a justificação em último lugar, como clímax daquilo que foi realizado por eles, pois estava escrevendo exatamente sobre demandas judiciais e cortes de justiça e sobre o julgamento final de Deus, quando Cristo declarará inocentes os que lhe pertencerem. Tudo isso foi realizado *em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus* (6:11). Nossa salvação

e nossa justificação são, em sua totalidade, resultado da iniciativa de Deus.

### 6:12-20 O argumento em favor da pureza: comprados por um preço

Paulo agora avança da discussão de exemplos particulares para a discussão de dois grandes princípios que deverão nortear nossas ações. Primeiro, insiste em que, embora ele seja livre, não permitirá que nada o domine. A liberdade cristã não o torna escravo de seus desejos e instintos, mas seu senhor. Ele não é “livre para pecar”, mas “livre para não pecar”. Segundo, Paulo insiste em que não pertence a si mesmo porque foi comprado por Cristo.

O apóstolo inicia citando uma frase que talvez os coríntios estivessem usando: *Todas as coisas me são lícitas* (6:12). É possível que o próprio Paulo tenha usado essas palavras, mas agora elas estavam sendo tiradas do contexto. Talvez tivessem sido o lema do partido libertário (cf. comentários em 1:12). Ele repete a máxima duas vezes, adicionando uma frase que a complementa: *mas nem todas convêm ... mas não me deixarei dominar por nenhuma delas*.

Os gregos tendiam a desprezar o corpo humano. Um de seus provérbios afirmava: “O corpo é uma tumba”, e o filósofo estoico Epíteto havia dito: “Sou uma pobre alma algemada a um cadáver”. Tal atitude produzia duas maneiras diferentes de tratar o corpo. Alguns gregos adotavam um rigoroso ascetismo, na tentativa de controlar o corpo e mortificar seus desejos e instintos. Outros, no entanto, argumentavam que, sendo o corpo totalmente sem valor e apenas o espírito importante, não interessava o que o corpo fizesse. Eles se sentiam livres para satisfazer os desejos físicos usando a analogia de que o alimento era feito para o estômago, e o estômago, para o alimento.

Paulo concorda parcialmente com o argumento, mas salienta que Deus destruirá tanto o alimento quanto o estômago. Uma vez que os coríntios entenderam a analogia do alimento para incluir uma complacência imoral a respeito de seus desejos sexuais, Paulo os lembra de que *o corpo não é para impureza, mas, para o Senhor* (6:13). O apóstolo usa um contraste para demonstrar a falácia do argumento usado por eles: Deus destruirá tanto o alimento quanto o estômago, mas não destruirá nosso corpo — ao contrário, ele o ressuscitará (6:14).

Os cristãos pertencem a Cristo tanto física quanto espiritualmente. Os crentes formam o corpo de Cristo aqui na terra, e nosso corpo físico é parte de seu corpo, tanto quanto nossa alma. Portanto, quando nos entregamos à imoralidade sexual é como se estivéssemos obrigando Cristo a cometer atos imorais (6:15)! Paulo cita Gênesis 2:24 para lembrar aos coríntios que o relacionamento sexual cria uma união, como uma cola que une as pessoas (6:16). Mas os cristãos devem estar ligados ao Senhor, não a prostitutas (6:17).

Paulo apela aos coríntios: *Fugi da impureza* (6:18a). A melhor maneira de lidar com algumas tentações é evitá-



las. Ele os relembra da tolice de ceder à tentação sexual, salientando que esse é um pecado que afeta o próprio corpo da pessoa (6:18b). Esta razão é vigorosamente apresentada em Gana no provérbio ga: “Ninguém vê um espeto e finca seu olho nele”. Na realidade, outros pecados, como a bebedeira, citada em outro ponto dessa carta, também afetam o corpo da pessoa, mas não na mesma proporção que o pecado sexual.

Finalmente, Paulo volta ao ponto que já havia mencionado em 3:16. Ele lembra aos cristãos que cada um deles recebeu o privilégio de ser templo do Espírito Santo (6:19). O comportamento imoral profana esse templo.

Os crentes devem lembrar que pertencem a Cristo, pois ele pagou pela vida de cada um deles com sangue. Aquele sangue redimiu tanto seu corpo quanto sua alma, e agora eles devem glorificar e honrar a Deus com seu corpo (6:20).

## 7:1—11:1 Questões concernentes a relacionamentos sociais

### 7:1-40 Relacionamentos conjugais

#### 7:1-7 Antecedentes gerais

Paulo não está escrevendo aqui um tratado sobre casamento. Ao contrário, está respondendo a perguntas específicas feitas pelos coríntios que haviam pedido seu conselho. Esta é a razão pela qual ele começa com: *Quanto ao que me escrevestes* (7:1a). Portanto, o que Paulo diz aqui deve ser interpretado de acordo com o contexto da época e das atitudes correntes quanto ao casamento.

Os coríntios haviam sugerido que *é bom que o homem não toque em mulher* (7:1b). Paulo responde afirmativamente, mas como era realista e sabia que as condições morais em Corinto tornariam o celibato muito difícil (cf. tb. 7:8,26,38), recomenda vigorosamente o casamento. Com efeito, o que ele está dizendo é: “Lembrem-se de onde vocês vivem... em Corinto, onde vocês não podem nem mesmo caminhar pelas ruas sem que a tentação os ataque. Lembrem-se de sua própria constituição física e dos saudáveis instintos que a natureza legou a vocês. Será muito melhor que se casem do que caiam em pecado” (Barclay). Fica claro, com base na referência a *própria esposa* e *próprio marido*, que o tipo de casamento que Paulo recomenda é monogâmico (7:2).

Uma vez que os gregos criam que o corpo era essencialmente mau, os coríntios tinham também perguntas a respeito das relações sexuais dentro do casamento. Respondendo a tais perguntas, Paulo enfatiza o casamento como parceria. Nem o marido nem a esposa são independentes; ambos têm responsabilidade para com o outro (7:3-4). Consequentemente, nenhum dos dois deve recusar-se a ter relações sexuais com o outro. A única exceção permitida por Paulo seria por breves períodos quando ambos concordem em se abster do sexo para que possam devotar-se à oração. Tais períodos, entretanto, não devem ser prolongados,

para que Satanás não os use para semear sementes de tentação (7:5).

O fato de Paulo, nesse caso, parecer falar do casamento apenas como proteção contra a imoralidade significa que ele tem uma visão inferior do casamento? A resposta é não. Sua elevada visão do casamento é clara com base em passagens como Efésios 5:22-33, em que ele usa a metáfora do casamento para descrever o relacionamento entre Cristo e sua igreja (particularmente em 5:31-32), e Romanos 7:1-4, em que ele usa a mesma metáfora para mostrar como o crente se relaciona com a lei.

Paulo, no entanto, deixa claro que pessoalmente prefere o celibato, mas reconhece que esse é um dom que Deus lhe conferiu, da mesma forma que conferiu a outros o dom do casamento (7:6-7). O termo usado aqui para dom é *carisma*, exatamente a mesma palavra usada por ele em sua discussão sobre os dons espirituais no capítulo 12.

Embora Paulo fosse um celibatário quando escreveu essa carta, é quase certo que tivesse sido casado em alguma ocasião. Ao que parece, seu casamento terminara ou porque sua esposa havia falecido, ou possivelmente porque ela o deixara quando ele se tornou cristão.

#### 7:8-16 Situações particulares

Em seguida, Paulo se ocupa das perguntas feitas sobre três grupos específicos na igreja: os solteiros e viúvos, os casados e aqueles que vivem um casamento misto.

7:8-9 Os SOLTEIROS. Paulo repete o conselho dado em 7:1-2. O apóstolo admite que preferiria que homens e mulheres solteiros *permanecessem no estado em que também eu vivo* (7:8), mas deixa claro que não se deve esperar isso de todas as pessoas. Para alguns, a vida de solteiro seria uma infundável e desnecessária luta contra a tentação (7:9). Quanto a si mesmo, Paulo está firmemente decidido a permanecer solteiro.

Durante muito tempo, viver como solteiro era considerado algo muito estranho na África. Gradualmente, entretanto, isso tem-se tornado aceitável — algumas vezes por escolha pessoal, outras vezes por circunstâncias inevitáveis. Em regiões do continente nas quais a proporção de homens para mulheres foi altamente reduzida em razão da fome e outras catástrofes, a poligamia tem decrescido, e, assim, não há maridos para muitas mulheres. O exemplo de Paulo se apresenta como um encorajamento àqueles que permanecem solteiros. Estar solteiro, sem dúvida, não o impediu de viver para Deus e servi-lo. Hoje, precisamos de mais pessoas como Paulo — completamente comprometidas com o Senhor, sejam solteiras ou casadas.

7:10-11 Os CASADOS. O conselho de Paulo aos casados é o mesmo dado por Jesus: ele proíbe o divórcio (7:10-11; cf. tb. Mc 10:9; Lc 16:18). É surpreendente o fato de Paulo dizer: *a mulher não se separe do marido*. Naquela época, normalmente era o marido quem se divorciava de sua esposa. Paulo provavelmente faz referência a um caso real ocorrido

em Corinto, especialmente porque o parêntese acrescentado em 7:11 cita apenas a mulher que se separa. Paulo insiste que, em casos com esse, um novo casamento é proibido. **7:12-16 CASAMENTOS MISTOS.** Alguns cristãos de Corinto já estavam casados quando se converteram, portanto viviam com cônjuges não-crentes. Paulo não podia citar nenhuma orientação de Jesus a respeito dessa situação e, nesse caso, fala com base em sua própria autoridade como apóstolo (**7:12a**). Ele estabelece que os cônjuges crentes não deveriam separar-se de seus cônjuges simplesmente por eles não serem crentes (**7:12b-13**). O apóstolo argumenta que, no que se refere ao casamento, o cônjuge não-crente é santificado por meio do cônjuge crente (**7:14**). O tipo de santificação que ele menciona aqui não tem nada que ver com conversão ou salvação. Paulo se refere ao medo do tipo de profanação mencionado em 6:15 e talvez esteja pensando em como os objetos eram santificados pelo contato com os sacerdotes no AT (Êx 29:27; Lv 6:18). Também tranquiliza os leitores quanto ao receio de que os filhos de tais casamentos mistos fossem cerimonialmente impuros, enfatizando que eles também são *santos*.

Por outro lado, o cônjuge não-crente poderia decidir terminar o casamento (**7:15**). Nesse caso, o cônjuge crente *não está sujeito à servidão*. O lembrete de que *Deus vos tem chamado à paz* significa que o cônjuge crente não deve causar conflito e tumulto, lutando para preservar ou para terminar um casamento misto.

Finalmente, Paulo relembra àqueles em tais situações a possibilidade de que o cônjuge crente possa ser um meio pelo qual o cônjuge não-crente seja salvo. Entretanto, ele não oferece garantia de que isso venha a acontecer (**7:16**).

#### **7:17-24 Servindo a Deus onde ele nos coloca**

Tendo analisado os casos particulares, Paulo volta-se para o princípio que deve orientar o comportamento dos crentes: “Seja um cristão onde quer que você esteja” (**7:17,20,24**).

Paulo inicia dizendo que *cada um continue vivendo na condição que o Senhor lhe designou* (**7:17a**, NVI). Tornar-se cristão não significa fazer uma ruptura violenta com o passado, mas, ao contrário, servir a Deus da melhor maneira possível na sua própria situação. Paulo enfatiza a importância dessas palavras afirmando: *É assim que ordeno em todas as igrejas* (**7:17b**). O termo *todas* em “todas as igrejas” é enfático.

A raça, a condição social, a educação etc. de uma pessoa não são importantes; o importante é o tipo de vida que ela leva (**7:19**). Quando Paulo afirma: *o que vale é guardar as ordenanças de Deus*, está referindo-se à lei moral de Deus (cf. Gl 5:6; 6:15). A obediência a Deus é mais importante que tentar modificar as circunstâncias ou até mesmo buscar a libertação da escravidão (**7:20**). (Embora Paulo acrescente: *Se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade* — **7:21**.)

O relacionamento e a condição da pessoa para com Deus são muito mais importantes que sua posição social. Paulo repete o que havia dito em 6:20: *Por preço fostes comprados,*

e acrescenta: *Não vos torneis escravos de homens* (**7:23**). Ele não se refere à escravidão física, mas a submeter-se a pressões sociais e religiosas. Cristo nos comprou e é o nosso Mestre. Somos responsáveis apenas diante dele (**7:24**).

#### **7:25-38 As vantagens de permanecer solteiro**

A pergunta seguinte dos coríntios dizia *respeito às virgens* (**7:25**). As “virgens” eram normalmente mulheres jovens, embora em Apocalipse 14:4 a palavra seja empregada em relação a homens. Com respeito a esse grupo, Paulo não menciona nenhuma ordem específica de Jesus, mas se baseia em sua própria experiência apostólica como sendo divinamente inspirada. Fundamenta suas recomendações no fato de que, no momento, uma crise perturbava a igreja (**7:26**).

O que Paulo queria dizer com *a angustiosa situação*? Há três interpretações possíveis: a) ele se refere aos eventos que precedem a segunda vinda (**7:29,31**; Lc 21:33); b) ele se refere à oposição geral dos crentes; ou c) ele se refere a alguma circunstância particular que se apresentava aos cristãos em Corinto. O apóstolo pode ter tido as três hipóteses em mente.

Dadas as circunstâncias, Paulo não afirma que o casamento está errado, mas o considera pouco sábio (**7:28**). Demonstra que aqueles que se casarem enfrentarão muitas dificuldades. Assim como muitos africanos sabem por experiência pessoal, as responsabilidades familiares representam um grande peso em tempos de violência e perseguição.

Paulo diz também que *o tempo se abrevia* (**7:29**). Nesse caso, ele está claramente pensando na segunda vinda de Cristo. Seu conselho para os não-casados deve ser lido à luz desse fato e da “angustiosa situação”. O apóstolo dá orientações para um tempo de crise, e não estabelece sua noção completa sobre o casamento. Está convicto de que *a aparência deste mundo passa* (**7:31**) e, portanto, aconselha os coríntios a não se preocuparem com as coisas do mundo. A realidade presente é transitória, e, por isso, Paulo recomenda seriamente que mantenham um contato superficial com ela.

O propósito de Paulo ao aconselhá-los contra o casamento é o desejo de que os coríntios estivessem *livres de preocupações* (**7:32**; cf. tb. 7:28). Paulo desejava que os coríntios, assim como ele, se ocupassem apenas das coisas do Senhor, e não de seus relacionamentos conjugais, que ele chama aqui de *coisas do mundo* (**7:33**). O desejo de Paulo é que eles tivessem um foco único e fossem capazes de cuidar *das coisas do Senhor [...] assim no corpo como no espírito* (**7:34**), sem as distrações do casamento. Ao dizer isso, seu objetivo não era impor-lhes restrições, mas libertá-los para servir a Deus de todo o coração (**7:35**).

Paulo, então, prossegue para abordar outra questão sobre o relacionamento entre uma jovem e um homem. Há três possíveis interpretações para as palavras traduzidas por *a virgem de quem está noivo* (**7:36**, NVI). O relacionamento

pode ser entre: a) um pai e sua filha solteira, e, nesse caso, o problema é se o pai deve arranjar um casamento para ela (RA); b) um casal envolvido em “casamento espiritual” e que deseja permanecer celibatário; ou c) um jovem e sua noiva (NVI). A primeira interpretação parece improvável, e a segunda envolve uma prática conhecida no século III, mas que provavelmente não existia na ocasião em que Paulo escreveu a carta. Sendo assim, Paulo provavelmente está escrevendo para um homem noivo de uma jovem, mas hesitante quanto ao casamento. Novamente Paulo enfatiza que não há nada errado em casar-se, embora ainda sinta que, nas presentes circunstâncias, é melhor permanecer solteiro (7:36b-38).

### 7:39-40 *Viúvas*

As viúvas estão livres para casar-se novamente, pois o laço matrimonial é válido apenas enquanto o cônjuge está vivo. O novo casamento, entretanto, deve ser feito *somente no Senhor*, isto é, o novo marido deve ser cristão (7:39). Paulo conclui com uma declaração incisiva de que aquilo que ele diz é dirigido pelo Espírito. Sua preferência pessoal é o celibato, e ele considera que uma viúva será mais feliz se permanecer solteira (7:40).

### 8:1-13 *Alimentos oferecidos aos ídolos*

O próximo assunto importante a respeito do qual os coríntios tinham dúvidas era sobre alimentos oferecidos aos ídolos. Esse problema surgiu porque, naquela época, praticamente toda a carne vendida no mercado vinha de sacrifícios pagãos.

Antes de discutir a questão, Paulo, possivelmente citando a carta que os coríntios lhe haviam enviado, afirma que *todos somos senhores do saber* (8:1). Ele os relembra de que o conhecimento tende a produzir em alguns uma opinião exagerada a respeito de si mesmos. Em contraste, o amor constrói (cf. 10:23; 14:4,17). O conhecimento é vazio; o amor é sólido.

O capítulo inicial dessa carta sugere que os coríntios se orgulhavam muito de sua sabedoria. Nesse caso, parece que tinham orgulho de seu conhecimento. Paulo contesta tal atitude, argumentando que o verdadeiro conhecimento conduz à humildade, porque reconhecemos quão pouco sabemos, e além disso ninguém possui o monopólio do conhecimento (8:2). Em contraste, *se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele* (8:3). Este é o tipo certo de conhecimento. Aqui emerge um grande princípio cristão: as coisas não devem ser julgadas somente do ponto de vista do conhecimento, mas do ponto de vista do amor.

Nos poucos versículos que se seguem, Paulo parece confirmar as declarações apresentadas pelos coríntios. Ao que parece, eles estavam afirmando: “Um ídolo não quer dizer nada, não é? Há apenas um Deus, certo?”. Paulo concorda que isso é o que *sabemos* (8:4) (ele dirá mais sobre esse tópico em 10:14-22). Os gregos acreditavam em muitos deuses, e os coríntios estavam certos ao afirmar que to-

dos esses “deuses” e “senhores” eram falsos, pois há *um só Deus* e *um só Senhor*. Paulo afirma com veemência que Deus, o Pai, é criador de todas as coisas e é servido por aqueles que foram redimidos, e que Cristo é aquele por meio de quem a criação se fez (8:5-6).

Nem todos, entretanto, partilhavam inteiramente desse conhecimento. Para algumas pessoas, o antigo hábito de cultuar ídolos podia ser revivido se algo associado àqueles ídolos novamente incomodasse sua consciência (8:7). Embora seja verdade que o alimento não nos torna nem pecadores nem santos (8:8), comer ou não comer determinados alimentos está relacionado com a maneira de os indivíduos usarem sua liberdade cristã. Eles precisavam ser cuidadosos com respeito à consciência de seus irmãos mais fracos, cuja fé poderia ser prejudicada se vissem seus companheiros cristãos *à mesa, em templo de ídolo*, durante alguma cerimônia oficial ou num festival (8:9-10).

Paulo utiliza metáforas fortes para descrever o efeito que tal refeição poderia causar num irmão: contaminar a sua consciência (8:7), ser um tropeço (8:9), servir de escândalo (8:12) e eventualmente *fazê-lo perecer* (lit., “arruiná-lo”) (8:11). Assumir a responsabilidade de proteger nossos irmãos crentes pode significar que tenhamos de resolver: *Nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo* (8:13). Esse exemplo ilustra claramente o contraste entre conhecimento e amor. O conhecimento incentiva os indivíduos a comer sem se preocupar com sua própria consciência ou com a consciência dos outros (8:10).

Paulo estabelece aqui dois importantes princípios espirituais. O primeiro diz que “aquilo que é seguro para uma pessoa pode ser muito inseguro para outra”; o segundo afirma que “ninguém tem direito algum de reivindicar um direito, condescender num prazer ou exigir uma liberdade que pode significar a ruína de outra pessoa”. Paulo também trata desse assunto em Romanos 14:13-20.

A situação enfrentada por Paulo nesse capítulo ainda desafia os crentes africanos de hoje quando, por exemplo, espera-se que um noivo ofereça vinho para o casamento ou dê um animal para ser oferecido aos espíritos. O conselho de Paulo é que os crentes devem pedir sabedoria a Deus para determinar o que é válido e o que não é. A pergunta central é: “Que efeito minha resposta terá sobre um não-crente ou sobre um crente mais fraco?”. Por exemplo, oferecer vinho seria um sinal de aprovação à bebida alcoólica, ao passo que dar um animal para sacrifício daria a impressão de que tal pessoa ainda mantém comunhão com os espíritos. Os crentes não devem estimular o mal; ao contrário, devem espalhar a luz do evangelho.

### 9:1-27 *O exemplo pessoal de Paulo*

#### 9:1-14 *Privilégios não reclamados*

O capítulo 9 não é uma digressão sem nenhum vínculo com o que foi discutido antes. Ao contrário, Paulo ilustra as impli-

cações de seu ensino no capítulo anterior e dá outro exemplo de como ele se preparou para abdicar de sua liberdade e de seus direitos como apóstolo, a fim de não *criar obstáculo ao evangelho* (9:12). Sua atitude contrasta com a dos intelectuais coríntios que insistiam em seus direitos e liberdades, mesmo que causassem dano aos crentes mais fracos.

Paulo começa argumentando veementemente que poderia reivindicar numerosos direitos, pois era livre e um apóstolo — afinal, ele viu o Senhor. Um dos critérios para o apostolado era ser testemunha da ressurreição (At 1:22; 2:32; 3:15; 4:33), e Paulo cumpria esse critério, pois tinha visto Jesus na estrada para Damasco (At 9:4-5). E não apenas isso, mas seu apostolado era provado por seu eficiente ministério em Corinto. A própria experiência deles como igreja era *o selo do seu apostolado no Senhor* (9:1-2).

Consequentemente, Paulo tinha todo o *direito* de receber deles o seu sustento. Ele e Barnabé (cf. 9:6) poderiam legitimamente esperar que os crentes de Corinto os sustentassem em suas necessidades diárias (9:4). Ele também tinha o direito de levar uma esposa crente em suas viagens missionárias. Outros apóstolos agiam assim, inclusive *os irmãos do Senhor* (os outros filhos de José e Maria — cf. Jo 7:5; At 1:14; Gl 1:19 — e possivelmente um círculo maior entre os parentes de Jesus) (9:5). Não haveria necessidade de que Paulo e Barnabé se ocupassem de um trabalho secular para sustentar a si mesmos (9:6). Nenhum dos apóstolos fazia isso. Esse era um problema real em Corinto, pois um trabalho manual seria pouco respeitado pelos gregos (cf. tb. 4:12; At 18:3; 1Ts 4:11; 2Ts 3:8-12). Mas Paulo havia abandonado todos esses direitos por amor ao evangelho.

Paulo usa vários exemplos humanos para provar que suas reivindicações não eram exageradas. Soldados, fazendeiros e pastores, todos recebiam sustento de seu trabalho (9:7). Não havia razão para que um ministro do evangelho como Paulo não ganhasse seu sustento da pregação do evangelho. De fato, seu ponto de vista podia ser apoiado pelas Escrituras, como Paulo prova ao citar Deuteronômio 25:4 (9:8-9). Argumentado por analogia com base nas instruções em Deuteronômio, Paulo afirma claramente que ele, ainda mais que os outros, possuía autoridade para exigir seus direitos com relação à igreja de Corinto (9:10-12a).

Tendo argumentado largamente sobre seus direitos a tais privilégios, Paulo se recusa a aceitá-los (9:12b; cf. tb. 9:15). Ao contrário, até acrescenta: *suportamos tudo* em vez de permitir que nossos direitos se tornem pedras de tropeço ao progresso do evangelho.

No entanto, Paulo tinha o direito de receber o sustento deles, assim como *aqueles que prestam serviços sagrados* no templo em Jerusalém tinham o direito de receber seu sustento dos sacrifícios e ofertas (9:13). De acordo com o AT, aos sacerdotes era dada toda a carne das ofertas pelo pecado e da oferta pela culpa e quase todo o grão das ofertas de cereais. A eles eram conferidos também cortes específicos das ofertas queimadas e das ofertas pacíficas, as primícias

das colheitas de trigo, cevada, uva, figo, romãs, azeitona e mel, e um dízimo dos dízimos entregues pelos levitas. Esses suprimentos cobririam todas as suas necessidades. Paulo insiste em que não deveria haver nenhuma diferença entre essa prática do AT e o que deveria acontecer na era cristã. Jesus havia dito a mesma coisa (9:14; cf. tb. Mt 10:10; Lc 10:7).

### 9:15-23 *O privilégio e a tarefa*

Caso os coríntios pensassem que Paulo estava tentando envergonhá-los, ele se apressa a acrescentar que não usou nenhum desses direitos no passado e não tem intenção de fazê-lo agora. Na realidade, afirma o apóstolo, *melhor me fora morrer* que usá-los (9:15). Era algo a respeito do qual ele se sentia livre para gloriar-se. Paulo não podia gloriar-se de sua pregação do evangelho, pois, quanto a isso, ele não tinha escolha. Ele afirma que *sobre mim pesa esta obrigação* e que sofrerá se não a cumprir (9:16). Paulo não explica que tipo de sofrimento seria esse, mas pode bem ser que sua consciência o incomodasse quando ele não pregava o evangelho, pois se sentia como se estivesse traído o amor de Cristo por ele e, portanto, seria julgado por sua falha no último dia. Paulo encara a pregação do evangelho como um dever, e não como algo que fizesse voluntariamente (9:17). No entanto, ele tem escolha quanto ao receber ou não qualquer recompensa financeira por sua pregação, e se orgulha de recusar-se a recebê-la, *evangelizando [...] de graça* (9:18). Esta era claramente sua prática regular (1Ts 2:9; 2Ts 3:8; At 20:33-35; 2Co 11:7-15).

O princípio orientador de Paulo era *ganhar o maior número possível* (9:19). Esta foi a razão pela qual não usou seus direitos, afirmando: *Fiz-me escravo de todos*. Seu amor abnegado, que o levou a renunciar a privilégios aos quais tinha direito, contrasta com o conhecimento dos coríntios, a respeito do qual eles se orgulhavam e ao qual se apegavam, mesmo que isso viesse a prejudicar outros (cf. 8:1-3).

Paulo era flexível, como ilustra a circuncisão de Timóteo com o propósito de evitar uma ofensa desnecessária (At 16:3; 21:18-26). Ele se tornou *para os que vivem sob o regime da lei* (os judeus) *como se eu mesmo assim vivesse*, observando a lei, embora soubesse que isso não era necessário para a salvação (9:20). De modo semelhante, *aos sem lei* (os gentios), *como se eu mesmo o fosse* para ganhá-los, embora seja cuidadoso ao indicar que ainda permanecia *debaixo da lei de Cristo* (9:21). Se os crentes eram fracos, Paulo estava preparado para adaptar-se aos seus escrúpulos (9:22a). Ao tornar-se *tudo para com todos* (9:22b), ele não estava abandonando seus escrúpulos. Ao contrário, demonstrava sua disposição de entrar na vida das outras pessoas e compartilhar suas circunstâncias. Em suas palavras: *Tudo faço por causa do evangelho* (9:23) e pelo desejo de partilhar das bênçãos que ele traz.

O exemplo de Paulo nos mostra como devemos evangelizar. Aqueles que recebem nosso testemunho devem

reconhecer que nos identificamos com eles. Isso é particularmente verdadeiro quando tentamos alcançar grupos para os quais não somos conhecidos ou grupos possivelmente antagônicos ao evangelho. Em regiões da África onde a influência muçulmana é forte, um cristão pode decidir comer apenas carne *halal* (especial para muçulmanos), e uma mulher cristã pode decidir usar um véu, mesmo que isso seja estranho à sua própria cultura.

### 9:24-27 *Uma luta verdadeira*

É fácil seguir o exemplo de Paulo? Não. Esta é a razão pela qual ele compara a vida cristã a uma corrida ou a uma luta de boxe. Como atletas, os cristãos devem praticar a auto-disciplina. Os Jogos Ístmicos, que eram semelhantes aos modernos Jogos Olímpicos, ocorriam em Corinto a cada dois anos e atraíam atletas de longe. Os coríntios conheciam o *treinamento rigoroso* (NVI) ao qual esses atletas se submetiam e sua necessidade de *correr de tal maneira que o alcanceis* (9:24-25a, NVI; cf. tb. 2Tm 4:7). Aqueles atletas treinavam de forma extremamente vigorosa para ganhar uma coroa de louros entregue ao vitorioso e que logo murcharia. Em contraste, os cristãos treinam para receber uma coroa *incorrupível* (9:25b; cf. tb. 2Tm 4:8; Tg 1:12; 1Pe 5:4; Ap 2:10; 3:11).

O cristão que deseja usar aquela coroa deve manter o foco no objetivo e ter um propósito. Deve disciplinar-se para correr e lutar de acordo com as regras ou, do contrário, será *desqualificado* (9:27). Tal desqualificação significa “não receber o prêmio”, em vez de perder a salvação — embora alguns adotem esta última interpretação. O prêmio nesse caso poderia ser o “Muito bom!” proferido por Deus no final da corrida.

Corredores e lutadores africanos bem-sucedidos sabem que precisam trabalhar com afinco e ser muito disciplinados se desejam ganhar uma medalha. Assim como o continente africano tem muitos filhos e filhas internacionalmente reconhecidos como excelentes esportistas, necessitamos de filhos e filhas que se destaquem no recebimento de um “Muito bom” de Deus por viver uma vida de amor honrado e exercitar a justiça e a misericórdia.

### 10:1-13 *Lições da história de Israel*

Paulo agora dá alguns exemplos que ilustram os perigos de não praticar a autodisciplina (10:6,11). O que o atleta ganha com a disciplina, os israelitas perdem com sua indulgência. A palavra *todos* (usada quatro vezes nesses versículos) é enfática. E não exclui nenhum dos israelitas. Eles *estiveram todos sob a nuvem* (10:1a), uma referência à nuvem que deu orientação, abrigo e proteção a Israel durante sua caminhada no deserto (Êx 13:21-22; 14:19-20; 40:34-38; Nm 9:15-23; 14:14; Dt 1:33; Sl 78:14; 105:39). *Todos passaram pelo mar* (10:1b), uma referência à passagem pelo mar Vermelho (Êx 14:19-31). Por essas duas experiências, eles estavam perfeitamente unidos a Moisés, seu maior lí-

der e legislador, de modo que Paulo afirma que eles foram *batizados, assim na nuvem como no mar; com respeito a Moisés* (10:2). E não apenas isso, mas *todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual* (10:3-4a), uma clara referência ao maná (Êx 16:11-15) e à água que brotou da rocha (Nm 20:1-11). A ideia da *pedra espiritual que os seguia*, a qual Paulo identifica como *Cristo* (10:4b), vem de uma tradição rabínica, uma lenda conhecida por todos os judeus, de que a pedra que Moisés havia ferido os seguia até a terra prometida. (Deus é, frequentemente, citado como a “Rocha” no AT — cf. Dt 32:4,15,18,30-31,37; Sl 18:2,31; Is 30:29.) Todos os israelitas experimentaram essas coisas, mas a maioria não recebeu a aprovação de Deus e morreu no deserto (10:5).

Paulo estava convencido de que *estas coisas se tornaram exemplos* para que os cristãos não se entregassem aos pecados que seduziram os israelitas (10:6). Eles não deveriam ser *idólatras* (10:7) como os israelitas o foram no incidente do bezerro de ouro (Êx 32). Talvez essa também seja uma referência a circunstâncias comuns, como o mau uso que os coríntios faziam da liberdade cristã frequentando festas pagãs. Eles não deveriam praticar *imoralidade* (10:8), como no incidente com os moabitas e midianitas (Nm 25:1-9), quando milhares morreram. (Paulo fala em vinte e três mil, mas Números traz vinte e quatro mil. Presumivelmente, o número exato de mortos estava entre essas duas cifras, e o autor de Números a arredondou para mais, enquanto Paulo arredonda para menos. De qualquer forma, o argumento de Paulo não depende do número exato, e ele se sentiu livre para citar o número de memória.)

Os crentes de Corinto também devem ser cuidadosos para não pôr o *Senhor à prova* (10:9), como fizeram os israelitas com sua persistente ingratidão (Nm 21:5-9). Eles não deveriam murmurar (10:10), como fizeram os israelitas após o incidente com Corá (Nm 16:41-50), sobre o qual Paulo diz que *foram destruídos pelo exterminador*, o agente de Deus para julgamento.

A aplicação de tudo isso para os crentes de Corinto indica que eles deveriam ser cuidadosos. Estavam vivendo *os fins dos séculos* (10:11), no breve espaço de tempo entre a morte de Cristo e seu retorno na segunda vinda. Eles podiam considerar a si mesmos sábios (3:18), ricos (4:8) e cheios de conhecimento, mas não acreditar que estavam firmes. Ao contrário, deveriam concentrar-se em não cair (10:12). Para Paulo, é certo que a tentação viria. O apóstolo também tem certeza de que as tentações que eles enfrentariam não seriam excepcionais, e sempre haveria uma forma de escape (10:13). Mas eles seriam como um exército, aparentemente cercado, mas que subitamente percebe uma saída segura.

### 10:14-22 *A ceia do Senhor e festas idólatras*

A tentação específica que os coríntios enfrentavam em relação aos alimentos oferecidos aos ídolos era a idolatria. Pau-



lo, portanto, indica àqueles a quem chama de *meus amados* uma rota de fuga (10:13): *Fugi da idolatria* (10:14). Fugir também foi a técnica que ele indicou para lidar com a imoralidade (6:18). Paulo estava certo de que eles reconheceriam suas palavras como uma questão de bom senso (10:15).

O apóstolo relembra que eles participam regularmente de uma festa: a ceia do Senhor. Nesta, compartilham do *cálice da bênção* (10:16). O termo usado aqui se refere ao terceiro cálice de vinho que era tomado na refeição da Páscoa judaica, o qual era acompanhado por uma oração de gratidão. Quando tomavam o vinho e comiam o pão juntos na ceia do Senhor, expressavam sua própria associação e identificação com a morte sacrificial de Cristo. E não apenas isso: também expressavam sua união no corpo de Cristo pela analogia de *um pão* (10:17). Apesar de sua diversidade (cf. tb. 12:12-31), eram todos uma família partilhando do mesmo alimento espiritual.

A ceia do Senhor não é a única festa que expressa os conceitos de associação e participação. Quando os judeus participavam de uma festa associada a um sacrifício, todos aqueles que comiam eram considerados participantes do sacrifício, identificando-se com aquilo que ele simbolizava (10:18). O mesmo se aplica quando alguém participava de uma festa sacrificial pagã. Embora Paulo concordasse com os coríntios no sentido de que os ídolos em si mesmos não possuíam poder divino, nem existência real (8:4), ele também acreditava que o diabo, ou os demônios, encorajava o culto aos ídolos em oposição ao verdadeiro Deus. Consequentemente, *as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam* (10:19-20). Participar de uma festa pagã é, portanto, apoiar o plano demoníaco. Paulo, portanto, não tem dúvida de que *não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios* (10:21). As duas festas são incompatíveis. Ao tentar participar de ambas, *provocaremos zelos no Senhor* (10:22). Se Paulo nesse contexto estava pensando na advertência de Deuteronômio 32:21, é claro que ele identificava Cristo com Javé. Finalmente, Paulo conclui com a advertência: *Somos, acaso, mais fortes do que ele?* Os coríntios, como os israelitas, precisavam aprender que não podiam desafiar Javé.

### 10:23—11:1 Os limites da liberdade cristã

Festas idólatras não eram a única situação em que os crentes precisavam lidar com alimentos oferecidos aos ídolos. Paulo, portanto, adiciona alguns conselhos práticos sobre o que fazer em outros casos. Como ele já insistira, o princípio orientador é fazer apenas aquilo que convém e edifica (10:23), e sempre levar em conta *o interesse [...] de outrem* (10:24). A liberdade cristã não deve ser usada para propósitos egoístas. Devemos viver em amor, como Cristo ordenou (Mt 22:39; Lc 10:27-37).

Embora a carne vendida nos mercados tivesse provavelmente sido oferecida a algum ídolo como sacrifício, Paulo aconselha os coríntios a não ser extremamente meticulo-

sos, causando dificuldades desnecessárias, quer *no mercado* (10:25), quer na casa dos *incrédulos* (10:27). Ele cita Salmos 24:1 para corroborar sua posição, a qual concorda com o ensino de Jesus (cf. Mc 7:14-19; At 10:15; 1Tm 4:4).

Entretanto, se alguém fizer questão de mencionar a origem da carne e se sentir perturbado com isso, não deve ingeri-la a fim de proteger a consciência da pessoa que deu a informação (provavelmente um crente mais fraco). Aqui também Paulo está aplicando o princípio estabelecido em 10:24. Ele faz questão, no entanto, de deixar claro que está preocupado com a consciência do informante, não com a consciência do crente mais esclarecido que come qualquer coisa (10:29-30).

Paulo conclui suas considerações sobre a carne com uma vigorosa reapresentação dos princípios destacados ao longo dessa seção da carta. O que deve sobrepor-se em todas as circunstâncias e no trato com qualquer pessoa, qualquer que seja sua raça ou religião (cf. 9:19-22), é simplesmente dar glória a Deus (10:31) e não se tornar *causa de tropeço* (10:32). Esse desejo de ser agradável a todos (10:31) não deve significar uma tentativa de obter favor para nós mesmos, mas, ao contrário, deve ser feito à nossa própria custa, sem considerarmos nossos próprios direitos e privilégios. Não devemos procurar o nosso próprio bem, mas o dos outros, com o objetivo final de que muitos *sejam salvos* (10:33). Paulo encoraja os coríntios dizendo: *Sede meus imitadores*, assim como ele próprio o é *de Cristo* (11:1).

## 11:2—14:40 Questões referentes ao culto público

### 11:2-16 O uso do véu pelas mulheres

Os crentes de Corinto havia guardado fielmente as instruções que Paulo lhes havia comunicado, e escreveram pedindo sua opinião a respeito de certas questões. Por isso, Paulo lhes diz: *Eu vos louvo* (11:2). O apóstolo continua discutindo a questão da cobertura da cabeça e apresenta uma solução missionária para uma situação local que tinha profundas implicações para as mulheres gregas. Na cultura grega, as mulheres se dividiam geralmente em duas amplas categorias: matronas, cuja preocupação central era dirigida aos maridos e filhos, e *hetairai* (lit., companheiras), amantes independentes que eram e acolhidas em seus lares. As esposas eram respeitadas, mas as *hetairai* não o eram. Os dois grupos se vestiam de modo diferente, e as matronas usavam véu, ao passo que as *hetairai* pintavam ou trançavam os cabelos de forma que atraíssem amantes (cf. 1Tm 2:9b).

Ao longo de seus escritos, Paulo enfatiza a necessidade de os crentes estarem profundamente atentos a respeito do testemunho de seu comportamento. Para as mulheres em Corinto, o véu testificava a decência e dignidade que convém a uma mulher cristã. A situação era comparável à das mulheres muçulmanas hoje.

Quando tentamos aplicar as palavras de Paulo às mulheres da África, devemos lembrar que ele não está estabelecendo uma lei de validade universal. No entanto, o princípio sobre o qual se baseiam suas orientações aplica-se a todas as culturas, em todos os tempos. A pergunta básica seria: O que glorifica a Deus no contexto local de uma pessoa? Para mulheres cristãs em comunidades predominantemente muçulmanas, talvez seja usar um véu. Em outras comunidades, cobrir a cabeça pode não ser tão importante.

É fundamental lembrar também que o tipo de véu de que se está falando aqui é muito diferente dos modernos chapéus e dos bonés usados por muitas mulheres africanas. Era formado puxando parte da longa vestimenta externa ao redor da cabeça e em volta do pescoço. Paulo, sem dúvida, não aprovaria os extravagantes bonés usados por algumas mulheres e talvez aplicasse a eles os princípios estabelecidos em 1 Timóteo 2:9.

A *cabeça* é o símbolo de autoridade e supremacia; portanto, esse problema realmente se refere a questões de parceria e subordinação. Paulo argumenta que estamos todos numa linha de subordinação: a mulher está subordinada ao homem, os homens estão subordinados a Cristo, e Cristo está subordinado a Deus (11:3). Entretanto, Cristo não está subordinado ao Pai por ser inferior ou fundamentalmente diferente dele. Cristo é igual ao Pai, mas escolheu submeter-se como Filho para cumprir o propósito de Deus (15:27-28). Assim, as afirmações de Paulo a respeito dos relacionamentos entre homens e mulheres não devem ser usadas para sugerir que as mulheres são, de alguma forma, inferiores aos homens.

O apóstolo também identifica claramente o contexto no qual está falando: as repetidas referências a *ora ou profetiza* (11:4-5) indicam que Paulo fala a respeito de homens e mulheres que participavam de um culto coletivo ou público. Isso sugere que as mulheres faziam parte do culto público em Corinto.

A razão pela qual as mulheres precisavam usar o véu era o fato de que não usá-lo seria uma expressão de desrespeito à *sua própria cabeça* (i. e., ao seu marido) (11:5). Numa cidade imoral como Corinto, era muito importante não sugerir, de maneira alguma, que os crentes eram imorais ou desrespeitosos. Em círculos judaicos, as mulheres suspeitas de adultério tinham o cabelo cortado, enquanto, em círculos gregos, as mulheres lésbicas usavam o cabelo curto. Deixar de usar o véu seria visto pelos de fora como sugestão de um estilo de vida igualmente imoral, e, portanto, Paulo estabelece claramente que, *se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo* (11:6).

Os homens cristãos, ao contrário, deveriam manter a cabeça descoberta, ao contrário dos sacerdotes romanos pagãos que puxavam suas togas sobre a cabeça quando desempenhavam rituais religiosos, e de alguns gregos pagãos que preferiam estilos elaborados de cabelo. Os ho-

mens cristãos deveriam ter a cabeça descoberta diante de Deus (11:4,7).

Ao descrever as mulheres como *a glória do homem* (11:7) e como criadas *por causa do homem* (11:8-9; cf. tb. Gn 2:18), Paulo não está diminuindo a mulher, mas definindo seu relacionamento com os homens. Ele tem mais a dizer sobre o assunto em 11:11-12.

Paulo dá outras duas razões pelas quais uma mulher deveria cobrir a cabeça, mas estas são difíceis de compreender. A primeira é: *por causa dos anjos* (11:10a). Isso pode ser interpretado de três maneiras diferentes: a) os anjos estão interessados em nossa salvação e são particularmente sensíveis ao decoro em nosso culto (cf. Lc 15:7; Ef 3:10; 1Tm 5:21); b) as mulheres não devem tentar sexualmente os anjos (cf. Gn 6:1-2); ou c) as mulheres devem imitar os anjos, que também se cobrem diante de Deus (cf. Is 6:1-2).

A segunda razão apresentada por Paulo é que o véu é um *sinal de autoridade* (11:10b). A expressão grega traduzida aqui por “sinal de autoridade” sugere que o véu não é apenas um símbolo de sujeição ao marido, mas também um fundamento da própria autoridade e dignidade da mulher.

Paulo compreende que ele talvez esteja dando a impressão de que as mulheres são inferiores aos homens; assim, insiste em que nenhum dos sexos é independente do outro (11:11). A mulher depende do homem porque dele foi formada, mas, por outro lado, o homem depende da mulher, uma vez que ela o dá à luz. Ambos, assim como todas as outras coisas, procedem *de Deus* (11:12). O relacionamento entre homens e mulheres é de interdependência. Esta é uma afirmação digna de nota, considerando a maneira pela qual as mulheres eram geralmente avaliadas naquela época.

Paulo apela para o julgamento deles sobre que comportamento seria considerado natural dentro do contexto geográfico e histórico em que ele está escrevendo. Os coríntios teriam considerado ofensivo o uso de cabelos compridos para um homem, mas o admirariam numa mulher (11:13-15). Isso ainda é, de modo geral, verdadeiro na cultura africana, e, nesse caso, o argumento tem relevância hoje.

De forma crescente, entretanto, os jovens africanos estão procurando estilos como trançar os cabelos e usar brincos. A igreja não deveria rotular tal comportamento como algo que assinala a salvação ou não de alguma pessoa. Ao contrário, os jovens cristãos devem ser encorajados a pensar se esse, assim como todos os outros aspectos de seu comportamento, contribui para a construção ou para a destruição do reino de Deus em seu próprio ambiente e época. Os jovens não devem adotar costumes simplesmente porque foram expostos a eles, mas devem procurar glorificar a Deus permitindo que ele use seu exemplo para expandir sua lei na vida de outros. Para muitos, isso significa vestir-se de modo que não choque os outros, desviando-os de Cristo.

Essa seção termina com uma repreensão àqueles que têm prazer em polêmicas (11:16). É bom assumir posição

com respeito a um princípio, mas não há lugar nas *igrejas de Deus* para pessoas que desejam apenas polemizar.

### 11:17-34 A celebração adequada da ceia do Senhor

Paulo havia elogiado os crentes de Corinto em 11:2, mas não encontra nada elogiável no modo pelo qual eles estavam celebrando a ceia do Senhor. Falando claramente, *as reuniões de vocês mais fazem mal do que bem (11:17, NVI)*. A primeira razão para isso eram as *divisões* entre eles (11:18). Essas divisões, das quais Paulo já se havia ocupado nos capítulos iniciais dessa carta como centradas em diferentes personalidades, também podem ter-se baseado em quem era rico e quem era pobre. Paulo condena todas essas divisões. Assim como partidos políticos em conflito destroem uma nação, tais divisões destroem a igreja.

Infelizmente, essas divisões são comuns no continente africano. A imaturidade política nos torna incapazes de lidar construtivamente com diferenças de opinião, e a imaturidade dentro da igreja causa muitas feridas. Devemos vigiar para manter a unidade em Cristo, que não coloca barreiras entre os crentes, qualquer que seja seu *status* ou suas opiniões sobre a igreja ou outros temas.

As únicas *divergências* (11:19, NVI) na igreja que Paulo aprovava com relutância eram aquelas que revelavam quais crentes haviam compreendido e quais não haviam compreendido as palavras de Cristo sobre unidade e amor. Poderíamos nós também concordar em discordar e assim manter a unidade do corpo?

O modo pelo qual a ceia do Senhor estava sendo celebrada em Corinto transformava tudo em zombaria, de tal forma que Paulo pode dizer: *Não é a ceia do Senhor que comeis (11:20)*. Precisamos entender qual era a forma de celebração da ceia do Senhor naquele tempo. Parece que os crentes se reuniam regularmente para uma festa comunitária, uma refeição de *agape*, a qual se parecia com um jantar caseiro. Todos os crentes levavam comida, que era, então, reunida e compartilhada por todos. Essa prática agradável significava também que os crentes pobres tinham pelo menos uma refeição decente por semana. Em Corinto, entretanto, o alimento não estava sendo repartido, e o resultado era que, *enquanto um fica com fome, outro se embriaga (11:21, NVI)*. Paulo insiste em que, se a ceia do Senhor não pode ser celebrada em mútuo amor e compartilhamento, seria melhor que cada um comesse em sua casa. Deixa claro que esse comportamento sugeria que eles menosprezavam a *igreja de Deus* (i. e., o povo de Deus) e se alegravam em humilhar os que *nada têm (11:22)*. O contraste com o comportamento de Cristo é tremendo.

Paulo relembra a eles o que a ceia do Senhor deveria significar, descrevendo como ela se iniciou e enfatizando uma tradição que foi cuidadosamente passada de uma pessoa a outra. Ele próprio a havia recebido e passado para os coríntios (11:23a). Portanto, não havia desculpa para seu comportamento.

A ceia do Senhor se iniciara com o ato de Jesus tomar o pão e fazer uma oração de graças, seguida por uma declaração: *Isto é o meu corpo, que é dado por vós*, e uma ordem: *Fazei isto em memória de mim*, o que implica que a prática deveria continuar (11:23b-24). Jesus, então, tomou o vinho e fez a extraordinária declaração de que *este cálice é a nova aliança no meu sangue (11:25)*. O pão e o vinho simbolizam o início de uma aliança que Deus está fazendo com os seres humanos e que é muito diferente da antiga. Ela é selada com o próprio sangue de Jesus. Jesus deixa claro que o partilhar do cálice também deveria ser uma prática regular, embora não tenha especificado com que frequência deveria ser celebrada. Paulo acrescenta que a celebração dessa refeição continuará até que Jesus volte e, então, não haverá mais necessidade de proclamar a *morte do Senhor (11:26)*.

Paulo prossegue dando algumas advertências e emitindo algumas instruções. Os coríntios devem tomar cuidado para não comer a ceia do Senhor *indignamente (11:27)*, o que foi evidenciado por sua falta de amor, espírito faccioso, ganância e desprezo uns pelos outros. Proceder assim seria pecar contra o próprio Cristo e contra sua igreja. Assim, é importante que, antes de participar da ceia, cada um examine seus motivos e sua condição moral e espiritual (11:28). Tratar a ceia do Senhor com um desrespeito negligente significa deixar de reconhecer o corpo do Senhor (significando tanto o sacrifício literal de si mesmo, feito pelo Senhor e que é celebrado na ceia, quanto a igreja, que é o corpo de Cristo). Paulo afirma que não reconhecer isso traz julgamento. Esse julgamento é evidente pelo fato de que já havia na igreja muitos *fracos e doentes e não poucos que dormem (11:30)*. O julgamento de Deus sobre a igreja visa curar esse mal e prevenir a má reputação (11:31-32).

As palavras finais de Paulo sobre esse tópico têm a intenção de dizer aos coríntios que, se alguns deles estão tão famintos que não podem esperar pelos outros, esses deveriam comer em casa. Quando se encontram na igreja para celebrar a ceia do Senhor, todos devem cear juntos (11:33-34).

### 12:1-11 Manifestações do Espírito no culto

Voltando-se para os dons espirituais, provavelmente outro assunto levantado pelos coríntios em sua carta, Paulo responde: *Não quero, irmãos, que sejais ignorantes (12:1)*, o que era sua maneira comum de introduzir assuntos importantes em suas cartas (10:1; Rm 1:13; 11:25; 2Co 18:1; 1Ts 4:13). Ele relembra os tempos em que eles ainda eram pagãos e se deixavam conduzir *aos ídolos mudos, segundo éreis guiados (12:2)*. Agora, ao contrário, eles não podem dizer: *Anátema, Jesus!* se estão falando *pelo Espírito Santo*.

Ao contrário, dirão: *Senhor Jesus!* — a confissão de fé padrão para os cristãos da época (12:3).

Paulo inicia especificando que *os dons são diversos e há diversidade nos serviços*. Enfatizando a unidade de função entre as diferentes pessoas da Trindade, ele liga os dons ao

*Espírito*, os tipos de serviço ao *Senhor* e as várias realizações a *Deus* (12:4-6).

Paulo então escreve sobre os diferentes modos pelos quais o Espírito se manifesta (12:7). Como sempre, enfatiza que todos têm um dom que é proveitoso para a comunidade e que os dons não são concedidos para proveito de quem os recebe, mas para o *bem comum* (12:7, NVI). Como seu foco nessa carta se concentra primariamente em como o Espírito se manifesta no culto público, a lista dos dons apresentada aqui é diferente das listas encontradas em outras cartas paulinas (cf. Rm 12:4, cuja ênfase recai sobre a função dos dons, e Ef 4:11, cuja ênfase está no papel desempenhado pelos dons no ministério).

Os dons específicos arrolados aqui incluem: a *palavra da sabedoria*, isto é, a compreensão espiritual sobre a aplicação prática dos princípios cristãos, e a *palavra do conhecimento*, isto é, uma apreensão inteligente dos princípios cristãos. Incluem também a *fé*, pela qual se entende não a fé salvadora, mas a fé que move montanhas e desafia o impossível (cf. tb. 13:2; Mt 17:20; 21:21), e os *dons de curar*, isto é, os dons necessários para debelar várias enfermidades (12:9). Outros dons incluem *operações de milagres*, isto é, maravilhas que eram evidentemente atos de poder (cf. tb. At 5:1-11; 13:11); *profecia*, a qual não se refere tanto à predição do futuro, mas à declaração dos atos divinos de poder, amor e graça, e *discernimento de espíritos*, ou seja, a capacidade de distinguir entre o Espírito de Deus e os espíritos maus — algo que é requerido de todos os crentes (cf. 1Ts 5:20; 1Jo 4:1), embora, para alguns, seja um dom especial. Finalmente, há os dons de *variedade de línguas* e de interpretação, isto é, o dom de falar e compreender uma língua que não foi aprendida, uma experiência extática conferida a alguns (12:10). O uso do plural em *variedade de línguas* demonstra que havia uma variação considerável na maneira em que esse dom se manifestava.

Mais uma vez, Paulo enfatiza que todos esses dons têm uma fonte divina (12:11). O Espírito os concede *como lhe apraz*, o que significa que o ciúme e a rivalidade entre os crentes são tolices.

### 12:12-31 Unidade na diversidade

Paulo usa a analogia do corpo humano e seus vários membros para demonstrar que o corpo de Cristo também tem muitas partes, com muitos dons diferentes, mas ainda é um único corpo (12:12). Quaisquer que sejam suas origens, todos os cristãos são *batizados* (regenerados) *em um só Espírito*, isto é, o Espírito Santo, e a todos nós *foi dado beber de um só Espírito*, isto é, somos cheios do mesmo Espírito (12:13). Todos somos, portanto, parte do corpo de Cristo.

As diferentes partes do corpo não invejam umas às outras, e o mesmo deve aplicar-se aos crentes (12:14-20). De modo semelhante, não deve haver desprezo de uns para com os outros, assim como as diferentes partes do corpo não desprezam umas às outras (12:21-26). Da mesma for-

ma que Deus planejou o funcionamento do corpo humano, ele planejou a maneira em que diferentes indivíduos podem contribuir na igreja. As diferentes partes de um corpo necessitam umas das outras, assim como cristãos individuais precisam uns dos outros. Essa verdade é bem expressa por um provérbio africano: “A mão esquerda lava a direita, e a mão direita lava a esquerda”. Mesmo aquelas partes que parecem fracas são necessárias e tratadas com muito maior honra. O projeto de Deus exige que todas as diferentes partes, tanto do corpo físico quanto da igreja, sejam cuidadosas umas com as outras (12:25), pois, como diz um provérbio africano: “Só uma das mãos não pode levantar um fardo pesado”. Até a dor não existe para ser suportada em isolamento, pois Deus projetou o corpo humano e a igreja para compartilharem a dor e a alegria de todos os seus membros (12:26).

Finalmente, Paulo diz aos divididos coríntios que, apesar de suas muitas imperfeições, eles são *corpo de Cristo* (12:27). O “vós”, nesse versículo, é enfático, e Paulo sublinha: *individualmente, membros deste corpo*. Em sua divina soberania, Deus escolheu pessoas com vários dons para servir à sua igreja em Corinto, bem como ao redor do mundo (12:28).

O primeiro dom mencionado por Paulo são os *apóstolos*, categoria que inclui não apenas os doze, mas também Barnabé, Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1:19), e o próprio Paulo (Rm 16:7; 1Co 15:5,7). Ao que parece, esse termo tem tanto um sentido técnico, dentro do qual se limita àqueles especificamente citados como apóstolos nas Escrituras, como um sentido não técnico, quando aplicado a qualquer pessoa que seja mensageiro de Deus. Este último uso apenas se torna um problema quando algumas pessoas agem como se alguém, denominado apóstolo hoje, tivesse o mesmo poder e autoridade dos apóstolos bíblicos. Esse certamente não é o caso.

Outros têm *dons de administração* (NVI) ou *governos* (RA). A palavra traduzida por “administração” deriva da ideia de ser capaz de guiar um navio em seu curso correto. (Para uma discussão sobre as demais atribuições mencionadas em 12:28, cf. 12:8-10.)

Paulo utiliza perguntas retóricas para enfatizar a necessidade de diversidade no corpo de Cristo (12:28-30). Todo dom é necessário e importante, mas Paulo encoraja os coríntios a procurar *com zelo os melhores dons* e um *caminho sobremodo excelente* (12:31). Devemos ter como santa ambição ser controlados pelo amor, como Paulo deixa claro no capítulo 13.

### 13:1-13 A supremacia do amor

Sem amor, insiste Paulo, nenhuma qualidade, por mais espetacular que seja, mesmo uma concessão de dons espirituais ou zelo religioso, tem valor (13:1-3). Isso inclui ser capaz de falar *as línguas dos homens e dos anjos*. A não ser que a capacidade espetacular de falar línguas conhecidas

e desconhecidas, terrenas ou celestiais, seja acompanhada por um amor generoso e dedicado, não vale mais do que o retumbar de um gongo ou o tinido de um címbalo (13:1). Gongos e címbalos eram usados nos cultos pagãos. Paulo, portanto, pode estar afirmando que, sem amor, as línguas não são melhores que um culto pagão. O mesmo se aplica ao dom de profecia e à compreensão de todos os mistérios e toda a ciência, assim como aos dons de *tamanha fé, a ponto de transportar montes* (uma frase proverbial usada para descrever o tipo de fé que supera grandes dificuldades e realiza coisas admiráveis) (13:2). Não há mérito algum em dar generosamente aos pobres ou fazer o sacrifício máximo de entregar o próprio corpo para ser queimado se isso for feito sem amor (13:3).

Um leitor poderia perguntar o que significa amor e, portanto, em 13:4-7 Paulo estabelece as características do verdadeiro amor cristão. Ele é *paciente e benigno*. Essas duas qualidades juntas compreendem o ser amável com todos. O amor também *não arde em ciúmes e não se ensorbece* exibindo suas próprias realizações. O amor *não se conduz inconvenientemente* — não será indulgente com condutas grosseiras como as descritas em 11:5,6,21. Tampouco *procura os seus interesses* — qualidade sobre a qual Paulo já havia discorrido duas vezes nessa carta (cf. 6:1-8; 10:24,33). O amor também *não se exaspera*, ou, em outras palavras, não se ofende com rapidez. Também não se parece com um contador, mantendo uma lista de tudo o que foi feito: *não se resente do mal*. Ao contrário, o amor se une à verdade regozijando-se quando o erro é corrigido. *Tudo suporta*, ou abriga a outros e sempre confia neles, mesmo quando existe a possibilidade de ser ferido. O amor olha para a frente, para o triunfo final da verdade e demonstra inabalável resistência, o que representa a contrapartida ativa de uma paciência mais passiva.

O amor cristão pode ser descrito como “o maior dos dons”, porque é absolutamente permanente. Existirá quando todos os outros dons espirituais representados aqui pelos dons de profecia, línguas e conhecimento desaparecerem (13:8). Nossa vida atual, mesmo no seu melhor, é cheia de imperfeições. Ainda somos, de certa forma, como crianças, ou como pessoas que distinguem apenas um reflexo obscuro num espelho (considerando que, naquela época, não havia espelhos nítidos) (13:9-12a). O caminho do amor, entretanto, nos leva ao dia em que todas essas imperfeições passarão e, então, *veremos face a face* (13:12b).

Um provérbio africano se refere à diferença que esse conhecimento pleno provoca: “As palavras dos anciãos tornam-se doces no dia seguinte”. Nosso estado imaturo é caracterizado pela falta de amor e por julgamentos imperfeitos, mas, uma vez que alcancemos a maturidade, nossas pressuposições equivocadas e conclusões incorretas serão descartadas.

Finalmente, Paulo lembra aos crentes de Corinto que o amor é absolutamente supremo. *Esperança e fé* são boas,

mas, sem o amor, são virtudes frias e severas. O amor é, sem dúvida, o maior, pois é como um fogo que aquece a fé e ilumina a esperança (13:13).

## 14:1-40 Profecia e línguas

### 14:1-25 A superioridade da profecia sobre as línguas

Para estabelecer o tom do que se seguiria, Paulo começa lembrando aos coríntios aquilo que vinha afirmando nos capítulos 12 e 13 sobre o amor, os dons espirituais e o dom da profecia (14:1). O apóstolo insiste em que eles se mantenham particularmente ansiosos por receber “o dom da profecia” (cf. tb. 12:31; 14:39). Alguém que fala em línguas está usando uma linguagem *que ninguém entende* e profere *mistérios* que são dirigidos a Deus (14:2). Mas no culto público, que é o foco dessa porção da carta, Paulo prefere a profecia (o dom da pregação e pronunciamentos inspirados que alimentam a congregação) às línguas. A primeira, que oferece edificação, encorajamento e consolo aos outros, é inteligível, ao passo que a última não o é. As línguas edificam apenas o indivíduo que as usa (14:3-4). Por essa razão, não deveriam ser utilizadas durante o culto público, a não ser que a pessoa que fala, ou alguma outra, possa interpretá-las (14:5). Para reforçar seu argumento, Paulo pergunta que benefício traria, como mestre, se ele lhes falasse em línguas (14:6). Era seu dever levar até eles alguma *revelação* direta de Deus, alguma *ciência*, alguma *profecia* (i. e., a proclamação de alguma verdade) ou alguma *doutrina* (instrução).

Até mesmo os instrumentos musicais, como a flauta, a harpa e a trombeta, devem produzir sons inteligíveis para que as pessoas respondam a uma melodia ou à mensagem que está sendo comunicada (14:7-8). De modo semelhante, a mensagem apresentada no culto público deve ser clara e inteligível (14:9).

Estendendo o argumento à linguagem humana, Paulo alega que as muitas línguas humanas têm sentido para as pessoas que as dominam, mas que não comunicarão nada se o ouvinte não conhecer a língua em uso (14:10-11). Se o desejo deles era edificar a igreja, como deveria ser, então deveriam procurar comunicar sua mensagem claramente (14:12).

Dada a ênfase na inteligibilidade, Paulo insiste em que alguém que tenha o dom de línguas deve *orar para que a possa interpretar* (14:13). Há duas razões para isso. Uma é pessoal. As línguas beneficiam apenas o espírito daquele que fala, mas não a mente, mesmo quando usadas em oração (14:14).

Paulo entende que é importante beneficiar ambas as partes e, assim, sente-se feliz em orar e louvar a Deus com ambos, espírito e mente — isto é, tanto de forma inteligível como em línguas (14:15). Em segundo lugar, como Paulo está referindo-se ao culto público, sua maior preocupação é com aqueles que não compreendem e, particularmente, com os de fora, isto é, aqueles que ainda não são crentes,



mas estão interessados no que os cristãos fazem quando se reúnem para o culto. Todos devem ser capazes de dizer “Amém”, indicando sua concordância com aquilo pelo qual se orou ou se deu graças (14:16). Não importa quão grata seja a pessoa que fala em línguas, alguém que não consegue entender o que está sendo dito não pode participar de sua gratidão e, portanto, não é edificado (14:17).

Não se vangloriando, mas, ao contrário, antecipando qualquer pessoa que dissesse que ele não sabia do que estava falando, Paulo lembra aos coríntios que ele fala em línguas *mais do que todos vós* (14:18), porém o faz em particular. Na igreja, *prefere falar cinco palavras com [...] entendimento a falar mil ininteligíveis*, que não beneficiam a ninguém (14:19). Paulo não via nenhum valor em demonstrar seu dom em público para impressionar os outros. Na realidade, ele considerava infantil e imaturo o desejo por tais exibições. É verdade que os cristãos devem ser como crianças *na malícia*, mas precisam pensar como adultos (14:20).

Paulo, em seguida, cita Isaías 28:11, em que Deus diz aos israelitas escarnecedores que, pelo fato de terem recusado ouvir a mensagem clara de Isaías, Deus agora teria de agir em julgamento e fazer chegar sua mensagem até eles por meio dos assírios, que falavam uma língua que os israelitas consideravam ininteligível (14:21). Nesse sentido, as línguas são um sinal do julgamento de Deus sobre aqueles que o rejeitaram. Mas, no culto público da igreja, a mensagem do amor de Deus ainda está sendo proclamada. Assim, o propósito deve ser evitar uma situação na qual alguém que está interessado na fé, ou que ainda é um completo descrente, entre num grupo e ouça apenas um balbúcio de línguas desconhecidas, levando-o a concluir que *vocês estão loucos* (14:23, NVI). Por outro lado, se alguém entrar *quando todos estiverem profetizando*, o resultado será bem diferente: *por todos será convencido* (14:24, NVI). Não fica claro como todos podem estar profetizando num culto público, mas o que provavelmente se quer dizer é que todos os presentes estariam declarando sua fé e celebrando os atos de poder e misericórdia de Deus por meio de cânticos de louvor. O resultado seria a conversão total do recém-chegado, o qual, *prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós* (14:25).

#### 14:26-33a Questões práticas

Em seguida, Paulo dá algumas diretrizes para a condução do culto público. O princípio fundamental é que tudo o que acontece (seja *um salmo*, uma *doutrina*, uma *revelação*, uma palavra em *outra língua* ou uma *interpretação*) deve contribuir *para edificação da igreja* (14:26).

O segundo princípio é que cada pessoa que possui um dom deve ter a oportunidade de usá-lo, mas não a expensas da ordem. Liberdade cristã não significa desordem. Portanto, *dois ou quando muito três devem falar em outra*

*língua*, e esta deve ser interpretada, e não ser meramente uma expressão de êxtase (14:27-28). O mesmo se aplica à profecia e à entrega de uma palavra de revelação ou doutrina (14:29-31). Os oradores devem falar um de cada vez, enquanto os outros devem usar seu discernimento para refletir sobre o que está sendo compartilhado.

Quanto às línguas, *não havendo intérprete, fique calado* (14:28). Alguns poderiam protestar dizendo que isso é impossível quando Deus se apossa deles, mas Paulo recorda que *os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas* (14:32), significando que Deus não anula o autocontrole humano.

Cada um pode ter sua vez de falar, o que talvez nem ocorra numa reunião em particular. Como sempre, o propósito da fala deve ser instruir e encorajar os que estão presentes.

Para provar o seu argumento, Paulo lembra aos coríntios o caráter de Deus. Ele *não é Deus de confusão, e sim de paz* (14:33a). O caos e a comoção que caracterizavam o culto público em Corinto estavam fora de sintonia com o caráter de Deus.

#### 14:33b-36 Mulheres na igreja

Em seguida, Paulo insiste em que a prática comum *em todas as igrejas dos santos* é que as mulheres não devem falar, mas *conservem-se [...] caladas* (14:33b-34). À luz de 11:5, Paulo não pode estar dizendo que as mulheres nunca devem abrir a boca na igreja. Então, o que ele quer dizer?

A palavra traduzida por “falar” em 14:34-35 tanto pode significar conversar normalmente quanto expressar-se com autoridade. Com base na referência de Paulo a respeito de submissão, parece que algumas mulheres talvez estivessem falando de uma forma que contrariava essa virtude. No contexto de Corinto, uma mulher que se expressasse em público de forma que não parecesse ser uma esposa submissa traria desonra ao marido e à comunidade — nesse caso, a igreja.

Quando avaliamos essa proibição para a atualidade, precisamos pensar sobre que maneiras de falar em público poderiam sugerir que uma esposa não é submissa. Geralmente, isso envolveria falar de tal maneira que humilhasse o marido ou outros homens. Mas é possível uma mulher expressar suas opiniões, mesmo quando divergentes, sem humilhar o marido. Mulheres africanas competentes têm demonstrado isso. Uma mulher que intimida os homens com suas opiniões fortes rapidamente perde sua audiência, ao passo que a mulher que instrui com um espírito humilde influencia a vida de muitos.

Encontramos passagem semelhante em 1 Timóteo 2:11-15, e ali também a submissão está no centro da discussão. Em ambos os casos, Paulo não está preocupado com habilidades, mas com as prioridades que Deus estabeleceu. Como diz a passagem de Timóteo, Deus fez Adão primeiro e, então, Eva; e seu propósito era de que Eva e as outras mulheres se

submetessem, enquanto Adão e os outros homens deveriam amar sua esposa como Cristo amou a Igreja (Ef 5:22,25).

Paulo insiste em que, se as mulheres têm perguntas, *interroguem, em casa, a seu próprio marido* (14:35). Isso pode funcionar para as mulheres casadas, mas e as que não são casadas? Presumivelmente, elas deveriam consultar outros membros de sua família. Segundo Paulo, é *vergonhoso* para qualquer mulher ignorar as exigências da subordinação e da submissão e atrapalhar a ordem do culto santo.

A pergunta final de Paulo em 14:36 mostra, com clareza, que ele desaprovava vigorosamente a desordem e a falta de disciplina que caracterizavam o culto público em Corinto (cf. tb. cap. 11). Ele condena a autoestima arrogante (cf. tb. 4:8,19).

### 14:37-40 Conclusão

Paulo conclui essa seção com um desafio semelhante ao que havia emitido em 11:16, com exceção de que, neste caso, ele apresenta o mandamento de Cristo como sua fonte de autoridade. Mesmo aqueles que se julgam profetas ou especialmente dotados do ponto de vista espiritual devem submeter-se a essa autoridade ou serão ignorados (14:37-38).

O apóstolo, então, resume os principais pontos discutidos nessa seção. A profecia é de importância primordial, mas não deve haver proibição sobre o falar em línguas (14:39). Paulo não tenciona reprimir o dom de ninguém, mas o uso desses dons no culto deve subordinar-se à regra da decência e ordem, com todas as coisas em seus lugares e sequências próprias, como um exército bem disciplinado.

## 15:1-58 Perguntas sobre a ressurreição

### 15:1-11 Os fatos sobre a ressurreição de Cristo

Paulo agora se volta para um assunto a respeito do qual os coríntios provavelmente tinham concepções errôneas, embora não haja indicação de que eles tivessem escrito perguntando a respeito do assunto. Paulo inicia lembrando os fundamentos do evangelho que ele pregara no passado e que eles haviam aceitado (15:1). Agora, comprometidos com esse evangelho, os coríntios estavam no processo de serem salvos. No entanto, precisavam reter a palavra (i. e., continuar a crer na ressurreição e em outras verdades básicas da fé), ou sua fé teria sido *em vão* (15:2). Ao afirmar isso, Paulo não está querendo dizer que eles tinham perdido a salvação, pois haviam cumprido o primeiro estágio da fé (a justificação). Mas o estágio inicial da fé precisa crescer e transformar-se numa fé que se manifesta na renovação do caráter, de modo que cada um deles se torne semelhante a Cristo, isto é, santificado.

Se a fé que alegamos possuir não modifica nossa vida, ela é vã, e o crente será privado de algumas recompensas no céu (3:11-15).

Paulo enfatiza que esse evangelho não é algo sobre o qual ele tenha sonhado (cf. 11:23), mas contém os fatos que

ele havia recebido e entregado a eles sobre a morte redentora de Cristo (ele *morreu pelos nossos pecados*) em cumprimento das Escrituras (15:3). O fato de que Cristo *foi sepultado* é evidência de que ele realmente morreu. (É interessante notar que, fora os evangelistas, Paulo é o único autor do NT que se refere ao sepultamento de Jesus — cf. At 13:29; Rm 6:4; Cl 2:12). Outro fato que cumpre as Escrituras é a ressurreição de Jesus: ele *ressuscitou* (e permanece ressuscitado; cf. 15:12,13,14,16,17,20; cf. tb. Rm 6:9).

Paulo apresenta uma lista das testemunhas históricas da ressurreição (15:5-8).

Estas incluíam *Cefas* (Pedro; cf. Lc 24:34), os *doze* (denominação geral para os apóstolos, excluindo Judas) e *mais de quinhentos irmãos de uma só vez*. Esta última aparição não é registrada nos evangelhos, mas não há razão para duvidar de que tenha acontecido, pois os evangelhos não tiveram a intenção de registrar todas as aparições de Jesus. Além disso, o fato de que, dessas testemunhas, a maioria ainda estava viva na ocasião em que Paulo escrevia significava que as pessoas poderiam verificar a veracidade de suas palavras. Houve também aparições a *Tiago* (o meio-irmão de Jesus) e a *todos os apóstolos* (termo usado de modo genérico — cf. tb. 12:28). A aparição final foi a Paulo, que descreve a si mesmo como *nascido fora de tempo*, expressão que, segundo ele, provavelmente significa que sua conversão miraculosa e instantânea no caminho de Damasco não é a maneira normal de os crentes encontrarem o Cristo ressurreto.

Paulo reconhecia que seu “nascimento” havia sido anormal e se considerava o *menor dos apóstolos* não porque lhe faltassem dons e autoridade apostólica, mas porque anteriormente ele havia perseguido a igreja de Deus (15:9). O apóstolo conseqüentemente se sentia maravilhado com a graça que Deus lhe havia estendido e com os efeitos que essa graça operara em sua vida (15:10). Por causa da graça de Deus, diz ele, *trabalhei muito mais do que todos os outros apóstolos*. A diferença entre ele e os outros apóstolos, no entanto, não se refere à essência do evangelho. Todos pregaram a mesma mensagem, a mensagem na qual os coríntios haviam crido (15:11).

### 15:12-19 Consequências de negar a ressurreição

Tendo apresentado as evidências de que Jesus ressuscitara e indicado que a ressurreição é central para a pregação que os coríntios haviam ouvido e aceitado, Paulo expressa espanto de que alguns deles estivessem negando a *ressurreição de mortos* (15:12). A razão para isso talvez se baseasse na compreensão grega de que, embora a alma fosse imortal, o corpo era inútil e sem valor (cf. comentários em 6:13-14).

Paulo responde indicando que, se a ideia de uma ressurreição corporal é falsa, então Jesus também não poderia ter ressuscitado (15:13). E, se Jesus ainda está morto, não existe absolutamente nenhuma razão para sua pregação ou para a fé que eles demonstraram (15:14). De fato, o que estava sendo pregado não seria apenas inútil, mas

representaria um pacote de mentiras espalhadas por falsas testemunhas (15:15-16). Consequentemente, a fé expressa pelos coríntios não tinha nenhum valor, e seus pecados ainda não haviam sido perdoados (15:17). Aqueles que já haviam morrido (*os que dormiram*) não estavam com Cristo, mas, ao contrário, haviam sido destruídos (15:18). Se isso fosse verdade, os cristãos seriam dignos de compaixão, não de elogios (15:19).

### 15:20-28 Consequências da ressurreição de Cristo

Paulo prossegue sua descrição sobre a falta de esperança que acompanha a negação da ressurreição com imagens vívidas sobre os resultados gloriosos de crer que Cristo ressuscitou dos mortos. A primeira imagem usada por ele afirma que Cristo é *as primícias dos que dormem* (15:20). A lei mosaica exigia que os primeiros grãos colhidos fossem levados ao templo (Lv 23:10-11), em grato reconhecimento de que a colheita vinha de Deus. As primícias simbolizavam, assim, o total da colheita que se seguia. De igual forma, a ressurreição de Jesus era um sinal da ressurreição futura de todos os crentes que viriam a existir. Isso era muito diferente das ressurreições anteriores de pessoas como o filho da viúva e Lázaro (Lc 7:12-15; Jo 11:43-44), pois estes tornaram a morrer.

A segunda imagem refere-se à nova criação. O primeiro homem criado por Deus foi Adão, o qual pecou e trouxe a morte ao mundo. Jesus é o segundo Adão, que reverte as ações praticadas pelo primeiro, destruindo a morte ao voltar à vida (15:21). Todos nós sofreremos os efeitos do pecado de Adão e todos conheceremos a morte; agora, contudo, todos poderemos desfrutar dos benefícios de vida por meio da ressurreição de Cristo. Com Cristo, um novo poder, que nos liberta do pecado e da morte, veio ao mundo, de modo que, assim como *todos morrem*, agora *todos serão vivificados* (15:22). Paulo, nesse caso, estava obviamente focalizando os crentes, não o destino dos incrédulos.

O processo de ressurreição será devidamente ordenado, como os movimentos de um exército disciplinado (cf. 14:40). As primícias (Cristo) devem preceder o restante da colheita, que ressuscitará *na sua vinda* (15:23).

A história se movimenta em direção a um clímax — *para que Deus seja tudo em todos* (15:28). Este estado somente será alcançado quando Cristo *entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder* (15:24). À medida que a história se desenrola, Cristo finalmente estabelecerá seu reino visível. Todas as forças que se opõem a ele serão afinal destruídas e colocadas *debaixo dos seus pés* (15:25). A morte é citada como *o último inimigo a ser destruído* (15:26), o que significa que os crentes não mais estarão sob seu poder.

Embora 15:27-28 pareça indicar que Cristo está subordinado a Deus, é necessário lembrar que Paulo usa aqui termos e analogias humanas para descrever verdades eter-

nas. Cristo não está sujeito a Deus como um escravo ou um servo se sujeita ao seu senhor. Ao contrário, ele é como um príncipe que realiza a tarefa que lhe foi atribuída e retorna tendo, como coroa, a glória da completa obediência.

### 15:29-34 Argumentos com base nas atividades cristãs

Várias atividades cristãs seriam desprovidas de sentido não fosse a verdade da ressurreição. Uma delas era a prática dos coríntios de se batizarem *por causa dos mortos* (15:29). Tem havido muito debate sobre o que isso significaria. Entre as possíveis interpretações, estão: a) ser batizado sobre o túmulo dos mártires (mas isso é improvável, pois não havia muitos mártires quando Paulo escreveu essa carta); b) ser batizado por respeito e afeição aos mortos (isso é possível, mas não há nada no texto, ou em qualquer outro lugar do NT, que apoie tal prática); c) ser batizado para preencher o lugar vago deixado na igreja pelos mortos (uma ideia simpática, mas quantos crentes de Corinto já teriam morrido na ocasião em que Paulo escreveu essa carta?); ou d) ser batizado em favor de alguma outra pessoa que já morreu. Qualquer que seja o caso, Paulo não aprova a prática. Simplesmente a cita como parte de seu argumento de que, se os vivos têm tanta preocupação com os mortos, a ponto de se batizarem por eles, os mortos com certeza devem ter uma existência além da morte.

O próprio sofrimento de Paulo é vazio de sentido se Cristo não ressuscitou. Afinal, por que ele deveria colocar-se sob tanto perigo, a ponto de poder descrevê-lo como morrendo todos os dias, se não havia nenhuma esperança de vida futura (15:30-31)? Paulo assegura aos coríntios que não estava exagerando ao fazer tal afirmação — assim como não estava exagerando seu orgulho nesse sentido (15:31). Ele havia suportado experiências como *lutar em Éfeso com feras* (15:32). Não há nenhuma referência a respeito de tal incidente no livro de Atos, portanto é possível que Paulo esteja falando de modo figurado, expressando quão ameaçado se sentiu por suas lutas violentas com judeus e gentios naquela cidade.

Por que Paulo se exporia a tais perigos se não houvesse ressurreição? Seria muito mais sensato aproveitar a vida como recomendado por um ditado popular (15:32; cf. tb. Ec 2:24; 3:21; Is 22:13).

Paulo desaconselha a associação com aqueles que negam a ressurreição porque *as más conversações corrompem os bons costumes* (15:33). Este era um provérbio grego comum, usado aqui para estimular os coríntios a não pecar e não seguir o caminho daqueles que vergonhosamente *não têm conhecimento de Deus* (15:34). Como diria o provérbio do povo akan, de Gana: “Alguns tipos de mandioca não são bons para cozinhar”.

### 15:35-49 A natureza do corpo ressurreto

Como bom professor, Paulo antecipa outra pergunta que os coríntios fariam: *Como ressuscitam os mortos? Em que corpo*

vêm? (15:35). A resposta a essas perguntas é tão simples que Paulo as considera tolas. Ele utiliza, então, um exemplo corriqueiro para dar a resposta.

As sementes que plantamos parecem muito diferentes da planta que cresce do solo. Deus misteriosamente dá um corpo diferente a cada uma das sementes (15:37-38). E não são apenas as plantas que possuem tipos diferentes de corpos. O mesmo é verdade para os humanos, animais, pássaros e peixes (15:39) e até mesmo corpos celestes como o sol, a lua e as estrelas (15:40).

Tanto os corpos celestes quanto os terrestres mostram esplendor, mas não o mesmo esplendor (15:41). Nosso corpo ressuscitado não será idêntico ao nosso corpo atual, mas terá a forma que Deus determinar ser apropriada para ele.

Paulo, em seguida, esboça as diferenças entre nosso corpo atual e o futuro corpo celestial. O corpo atual é perecível, tratado com desrespeito e fraco; o corpo ressuscitado será imperecível, honrado e poderoso. Embora haja uma conexão entre o corpo ressuscitado e o corpo natural, assim como há entre a planta e sua semente, também haverá diferenças tão grandes quanto as existentes entre a planta e sua semente.

Um princípio básico da vida é que existe um desenvolvimento. O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente (15:45; cf. tb. Gn 2:7), mas o último Adão (Cristo) tornou-se espírito vivificante. O primeiro Adão (natural) veio antes do segundo Adão (espiritual). Paulo amplia sua comparação: o homem natural é formado da terra, enquanto o outro é do céu. O homem formado terreno lidera a velha criação, ao passo que o homem celestial dirige a nova criação (15:46-48). Somos todos semelhantes ao primeiro Adão pelo fato de sermos humanos, mas na nova criação nos tornaremos semelhantes a Cristo (15:49). A ressurreição possibilita uma transição da velha para a nova criação.

### 15:50-58 A conquista da morte

Nosso corpo atual não pode ser o mesmo que teremos no reino de Deus, porque este corpo é corruptível (15:50) e mortal (15:53-54). Assim, quando a trombeta soar anunciando o retorno de Cristo, aqueles que ainda estiverem vivos serão todos transformados — num momento, num abrir e fechar de olhos (15:51b-52). Paulo chama isso de *mistério* (15:51a) no sentido de que é algo que não foi conhecido antes e, mesmo agora, é conhecido apenas pelos crentes. Num instante, nosso corpo mortal e perecível será transformado em algo imperecível e imortal (15:54), marcando o triunfo de Cristo sobre a morte. Paulo corrobora sua afirmação citando de forma ligeiramente diferente Oseias 13:14. Ele pensa na morte como algo venenoso que extrai seu veneno do pecado (15:55-56). O próprio pecado se torna poderoso por causa da lei (cf. Rm 7:4-20). Devemos estar cheios de gratidão porque Cristo, ressuscitando dos mortos, nos deu a vitória sobre todas essas coisas na nova criação (15:57).

Paulo termina lançando um desafio prático aos coríntios. Conscientes daquilo que sabem sobre a ressurreição, eles deveriam ser firmes e inabaláveis (15:58a). Todo cristão deve ser completamente devotado na obra do Senhor, pois a ressurreição significa que nenhum trabalho realizado no Senhor jamais será vão (15:58b).

## 16:1-24 Conclusão

### 16:1-4 A coleta para o povo de Deus

Usando sua familiar introdução *Quanto a e variações* (cf. tb. 7:1,25; 8:1; 12:1; 16:12), Paulo passa a abordar um assunto sobre o qual os coríntios haviam perguntado por escrito. Ao que parece, eles já sabiam da coleta para os santos, um assunto caro ao coração de Paulo (16:1; cf. tb. Rm 15:26; 2Co 8:1-15; 9:1-5). Contribuindo, eles estariam sustentando a igreja de Jerusalém, embora estivessem muito longe, em Corinto. O provérbio de Gana seria verdadeiro aqui: “O antílope diz que nunca vai à guerra, mas sua pele vai”. O conselho de Paulo é o mesmo dado às igrejas da Galácia (16:1; cf. tb. Gl 6:9-10): cada membro deveria dar sistemática e regularmente conforme a sua prosperidade (16:2). O dinheiro deveria ser colocado à parte no primeiro dia da semana. Essa é a primeira referência que sugere que os cristãos se reuniam regularmente a cada domingo (cf. tb. Jo 20:19,26; At 20:7; Ap 1:10). Eles deveriam guardar o dinheiro dado, de modo que estivesse pronto para quando Paulo chegasse.

Paulo, então, entregaria cartas de recomendação (16:3, NVI) aos representantes da igreja de Corinto, os quais as entregariam em Jerusalém. Se julgasse apropriado, o próprio Paulo acompanharia esses representantes até Jerusalém (16:4).

Como a maioria das igrejas africanas, a igreja de Corinto não era composta de pessoas ricas, mas de pobres. Não obstante, Paulo lhes deu instruções simples, porém práticas, sobre como os membros deveriam organizar sua dádiva, e como aqueles que coletariam o dinheiro deveriam agir para certificar-se de que a coleta chegaria àqueles a quem era endereçada.

Congregações cristãs na África têm feito coletas ocasionais para trabalho missionário, mas precisam tornar-se mais sensíveis às necessidades de outros e levantar recursos para atender os menos privilegiados. As necessidades dos desalojados, famintos, vítimas da aids e muitos outros clamam por nossa atenção.

### 16:5-18 Planos pessoais

Paulo pretendia passar pela Macedônia e então visitar Corinto (16:5). De acordo com Atos 20:1-2, isso eventualmente aconteceu, embora 2Coríntios 1:15,23 sugira que a visita descrita ali talvez não tenha sido a visita a Corinto. É claro que houve várias visitas, nem todas pacíficas. Paulo esperava permanecer com eles algum tempo (16:6-7). Esperava

também que os crentes de Corinto o sustentassem quando, mais tarde, ele continuasse sua jornada. Paulo, entretanto, não viria imediatamente, porque seu trabalho em Éfeso progredia bem, embora também estivesse levantando forte oposição (16:8-9).

Nesse ínterim, diz o apóstolo, era possível que eles recebessem uma visita de Timóteo. Paulo os encoraja a recebê-lo de tal forma que ele *esteja sem receio entre vós* e, então, *encaminhai-o em paz* (16:10-11). O conselho dado por Paulo a Timóteo (1Tm 4:12; 2Tm 1:7) sugere que o apóstolo talvez tenha feito esses comentários porque Timóteo era jovem e tímido por temperamento.

O *acerca de em 16:12* indica que os coríntios haviam escrito perguntando quando Apolo os visitaria novamente. Paulo, que evidentemente não guardava rancor de Apolo, apesar de sua atitude facciosa anterior (1:12; 3:4-9), responde que o havia encorajado a ir a Corinto, mas Apolo não estava desejoso de ir naquela ocasião. É possível que Apolo não quisesse ser associado ao espírito partidário e pouco saudável que caracterizava Corinto. Nesse caso, tanto Apolo quanto Paulo são exemplos de pessoas que não permitiram que as divisões congregacionais ao redor afetassem seu relacionamento. Os líderes sempre devem lutar para manter a unidade do corpo, e não tentar promover seus próprios partidos em oposição uns aos outros. Isso é algo que muitos líderes das igrejas na África ainda precisam aprender. Eles necessitam esforçar-se para não permitir que rivalidades interfiram no trabalho do Senhor.

Encaminhando-se para o final de sua carta, Paulo emite cinco ordens. Quatro requerem uma ação positiva (militante), e a quarta exige amor. *Sede vigilantes e permanecei firmes na fé*. Estas ordens requerem uma atitude defensiva. Os coríntios deveriam estar alertas, para não serem desenganados, e firmes no Senhor, de tal forma que não fossem abalados.

*Portai-vos varonilmente e fortalecei-vos*. Isto os chama a assumir uma posição ofensiva. Devem agir corajosamente e com firmeza para resistir ao diabo (16:13-14, cf. tb. Ef 3:16). A quinta ordem, para que tudo seja feito *com amor*, relembra o capítulo 13 e é uma qualidade que deve dominar até mesmo a batalha em Cristo.

Para encerrar, Paulo lembra aos coríntios o excelente trabalho realizado pelos membros da família de Estéfanos (que se constituíram nas *primícias da Acaia*) e por Fortunato e Acaico. Essas pessoas foram figuras-chave da igreja em Corinto *que se consagraram ao serviço dos santos* (16:15). Paulo afirma que a igreja deveria ouvir pessoas como elas, que se esforçaram grandemente em seu trabalho (16:16). Os três homens cujos nomes são mencionados parecem ter visitado Paulo em Éfeso, levando donativos da igreja para o apóstolo e provavelmente a carta a que ele está respondendo (16:17). Esses homens haviam encorajado Paulo, assim como encorajaram a igreja em Corinto. *Valorizem homens como estes por seu trabalho* (16:18, NVI).

## 16:19-24 Saudações especiais e cumprimentos pessoais

Paulo conclui sua carta com saudações enviadas à igreja de Corinto. Elas vêm da igreja em Éfeso e de outras cidades da província romana conhecida como Ásia (16:19a), que não corresponde à Ásia moderna. Áquila e Priscila são citados por nome, uma vez que estavam intimamente relacionados a Corinto e haviam oferecido sua casa como base para a missão de Paulo naquela cidade (16:19b; cf. tb. At 18:2-3). Em Éfeso, igualmente, a igreja se reunia em sua casa, como mais tarde o faria em Roma (Rm 16:3-5).

Paulo recomenda aos coríntios: *Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo*, a saudação costumeira da época. Suas discussões talvez os tivessem separado, de modo que não mais se cumprimentavam dessa forma. Paulo deseja que eles retomem as relações amigáveis.

A carta foi ditada a um escriba, conhecido como um amanuense, mas Paulo observa que assinou a missiva pessoalmente, *de próprio punho* (16:21). Invoca então uma maldição sobre qualquer um que não ame o Senhor. Ao dizer isso, Paulo não está sugerindo que essa seria a maneira que os cristãos deveriam falar a respeito dos descrentes em geral. Parece mais provável que ele estivesse falando sobre algumas pessoas específicas da igreja de Corinto que se opunham ao seu ensino (cf., p. ex., 2Co 11:4). Paulo acabara de escrever quinze capítulos sobre o significado e as implicações da salvação e estava, nesse caso, afirmando que qualquer um que ouvisse a leitura da carta e se recusasse a obedecer a essa palavra do Senhor enviada por seu intermediário não poderia esperar senão uma maldição do Senhor.

Ele então ora pelo retorno de Cristo: *Vem, Senhor* (NVI) é uma tradução do aramaico que a RA apresenta como *Maranata* (16:22). Lamentando aquilo em que as pessoas se estavam transformando, Paulo pede ao Senhor que volte antes que elas se tornem piores. Um antigo manual de ordem eclesiástica do século II, o *Didagô*, também afirma que essa frase era usada numa invocação da ceia do Senhor, isto é, numa simples petição pela presença de Cristo com os crentes na ceia.

Paulo termina sua carta com uma oração para que a *graça do Senhor Jesus* estivesse com os crentes de Corinto (16:23) e assegura a todos seu contínuo amor por eles (16:24).

Dacholom Datiri

## Leituras adicionais

BARCLAY, W. *The Letters to the Corinthians*. DSB. Philadelphia: Westminster Press, 1975.

FEE, G. D. *The First Epistle to the Corinthians*. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

KEENER, C. S. *Paul. Women & Wives: Marriage and Women's Ministry in the Letters of Paul*. Peabody, Mass.: Hendrickson, 2001.



# 2CORÍNTIOS

A segunda carta à igreja de Corinto foi escrita pelo mesmo autor da primeira carta e endereçada aos mesmos leitores. Grande parte da informação fornecida na introdução a 1Coríntios se aplica, portanto, a 2Coríntios. É necessário, porém, comentar sobre a ocasião em que a segunda carta foi escrita, a situação que levou o autor a redigi-la, suas características e a identidade dos indivíduos que Paulo chama de “superapóstolos”.

## Data e contexto

Durante sua estada em Éfeso, na terceira viagem missionária (At 19), Paulo enviou dois colaboradores, Timóteo e Erasto, a Corinto para lembrar os cristãos de lá das regras da conduta cristã que ele havia ensinado (1Co 4:17; 16:8-12; At 19:22). Timóteo regressou com más notícias. A carta anterior de Paulo — 1Coríntios — não havia corrigido os problemas. Paulo decidiu ir pessoalmente a Corinto, apesar de saber que a visita seria dolorosa (1:23—2:1). Enfrentou críticas e um dos membros da comunidade o ofendeu deliberadamente (2:5-6; 7:12). Terminada a visita, Paulo voltou a Éfeso com  *muitas lágrimas* (2:3-4,9; 7:8,12), escreveu uma carta severa (que não chegou até nós) e pediu que Tito a entregasse aos coríntios (2:13; 12:18).

Quando Paulo e Tito se reencontraram na Macedônia, Tito lhe deu boas notícias (2:12-13; 7:5-6). O ofensor se arrependeu de sua oposição ao apóstolo (7:6-7,13). Infelizmente, porém, alguns ainda se opunham a Paulo e o acusavam de falta de compromisso no ministério (1:15-17). Indivíduos recém-chegados à comunidade também questionavam a autoridade do apóstolo (3:1-2).

Paulo refletiu sobre a gravidade da situação e, em 55 d.C., escreveu a carta preservada para nós como 2Coríntios que Tito levou a Corinto (8:16-17,23).

## Uma carta ou uma coletânea de cartas?

A introdução acima dá a impressão de que 2Coríntios é uma carta só, do começo ao fim. Na verdade, porém, não há consenso entre os comentaristas quanto a essa questão. Para alguns, 2Coríntios é constituída de várias cartas independentes que podem ou não ter sido redigidas por Paulo. Citam como argumentos em favor dessa proposta:

- Uma vez que o relato das viagens de Paulo é interrompido em 2:13 e retomado em 7:5, sugere-se que a passagem de 2:14 a 7:5 é uma carta separada.

- Os capítulos 8 e 9 falam das ofertas às igrejas. Caso se interprete isso como uma repetição, indica que as duas seções faziam parte de duas cartas distintas.
- Há uma mudança clara de tom entre os capítulos 1 a 9, nos quais o relacionamento de Paulo com os coríntios parece ser alegre e pacífico, e os capítulos 10 a 13, nos quais o apóstolo parece exasperado e extremamente preocupado com os coríntios.

Apesar de ser necessário levar os argumentos citados em consideração, não justificam a conclusão de que se trata de várias cartas e, muito menos, de vários autores. Uma carta longa como esta dificilmente foi escrita de uma vez só. A mudança de tom pode, portanto, ser decorrente do tempo que o autor levou para escrevê-la. Supõe-se, ainda, que Paulo estava atento ao desenrolar da situação em Corinto enquanto redigia essa carta. É possível que tenha tomado conhecimento de novos acontecimentos, o que justificaria as digressões e ênfases distintas. A unidade da carta é sugerida pelo fato de alguns dos assuntos tratados nos capítulos 10 a 13 serem estreitamente relacionados com as questões expostas em 1 a 9.

## A identidade dos “superapóstolos”

É possível que Paulo tenha ficado sabendo por meio de Tito que alguns missionários itinerantes haviam chegado recentemente a Corinto e sido aceitos pela maioria da comunidade cristã de lá. Apesar de não sabermos os detalhes de seus ensinamentos, fica evidente que esses indivíduos procuraram prejudicar a reputação de Paulo. As críticas eram sérias, pois Paulo descreve seus adversários como servos de Satanás, disfarçados de “ministros de justiça” (11:13-15). Quem eram esses oponentes e o que tinham contra Paulo? Com base na carta, podemos fazer as seguintes deduções:

- Eram judeus que fingiam pertencer a Cristo e serem seus servos (10:7; 11:22-23).
- Tinham acesso a várias comunidades cristãs, pois portavam cartas de recomendação (3:1).
- Acusaram o apóstolo de dizer coisas “graves e fortes” em suas cartas, mas não ser persuasivo nem eloquente pessoalmente (10:10; 11:6).
- Questionavam o apostolado de Paulo, pois, ao contrário dos outros apóstolos, não havia aceitado sustento da comunidade de Corinto (1Co 9:12; 11:7). Sua recusa havia feito os coríntios se sentirem desprezados (12:13).

- Atribuíam grande importância a visões, revelações e milagres, elementos que consideravam provas de apostolado (12:1,11-12).
- Acusavam Paulo de viver “em disposições de mundano proceder” (10:2); em outras palavras, de não ser apóstolo.

As cartas de Paulo contêm referências a vários indivíduos ou grupos cujos ensinamentos eram contrários aos do apóstolo. Cada grupo parece ter sua própria ênfase específica. Os adversários de Paulo na Galácia, por exemplo, afirmavam que era necessário os cristãos serem circuncidados (Gl 6:12) em obediência à lei de Moisés, um ponto que não parece ser problemático em Corinto.

### Esboço

#### 1:1-2 Destinatários e saudação

#### 1:3-7 Bênção

#### 1:8—7:16 Um relacionamento difícil

- 1:8—2:4 Viagem
- 2:5-11 O ofensor é perdoado
- 2:12-13 Tróade e Macedônia
- 2:14—3:18 O ministério da nova aliança
- 4:1—5:10 Tesouros em vasos de barro
- 5:11—6:13 Reconciliação
- 6:14—7:1 Luz e trevas
- 7:2-16 A alegria da reconciliação

#### 8:1—9:15 A oferta para os cristãos em Jerusalém

- 8:1-5 O exemplo das igrejas da Macedônia
- 8:6-15 Apelo para que os coríntios sejam generosos
- 8:16—9:5 Providências práticas em relação à oferta
- 9:6-15 Bênção para quem contribui

#### 10:1—12:21 Paulo defende seu apostolado

- 10:1-18 A autoridade de Paulo
- 11:1-15 Oposição aos falsos profetas
- 11:16-33 Argumentos de Paulo: trabalho e sofrimento
- 12:1-10 Argumentos de Paulo: visões e revelações
- 12:11-21 Preocupações de Paulo com os coríntios

#### 13:1-13 Palavras finais: advertências e saudações

## COMENTÁRIO

#### 1:1-2 Destinatários e saudação

Paulo começa a carta se apresentando como autor e identificando os destinatários. É *apóstolo*, do grego *apostolos*,

que significa “enviado”. Também especifica quem o enviou: *Cristo Jesus pela vontade de Deus* (cf. 1Co 1:1; Ef 1:1). Todos esses detalhes são importantes, pois a autoridade apostólica de Paulo foi colocada em dúvida em Corinto.

Paulo menciona Timóteo como aquele que envia a carta junto com ele (cf. At 16:1-4). Mas o descreve apenas como *irmão*, e não como apóstolo. A carta é dirigida à *igreja de Deus que está em Corinto* (e não à igreja de Paulo ou de alguma outra pessoa) e aos cristãos da *Acaia*, uma província romana na região sul da Grécia (1:1).

Na saudação, Paulo combina *graça*, saudação grega típica, e *paz*, a saudação judaica habitual (1:2).

#### 1:3-7 Bênção

Com exceção da epístola aos Gálatas, todas as cartas de Paulo começam com ações de graças. No início de Romanos, por exemplo, o apóstolo diz: “Primariamente, dou graças a meu Deus” (Rm 1:8) e em 1Coríntios, afirma: “Sempre dou graças a meu Deus” (1Co 1:4). Aqui, porém, trata-se mais de uma bênção do que de uma expressão de gratidão: *Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo* (1:3). Deus é bendito, acima de tudo, por sua bondade e por oferecer consolação, a qual permite que os cristãos consolem outros (1:4).

A *tribulação* do apóstolo é como uma extensão dos sofrimentos de Jesus Cristo. À medida que aumenta, também é maior a *consolação* que Cristo oferece (1:5). Na verdade, o sofrimento de Paulo consolará e beneficiará muitos, inclusive aqueles que o magoaram (1:6-7). Servirá até para a *salvação*, termo que Paulo usa aqui no sentido mais amplo, o qual inclui o bem-estar geral.

Até aqui, Paulo falou de sofrimento e aflição sem especificar a causa. No restante da carta, descreverá o motivo dessas tribulações.

#### 1:8—7:16 Um relacionamento difícil

##### 1:8—2:4 Viagem

De acordo com alguns comentaristas, 1:8 é um complemento da bênção. Parece mais apropriado, porém, considerar o versículo o começo de uma nova seção na qual Paulo fala das dificuldades que enfrentou na *Ásia*, província romana da qual Éfeso era a capital (1:8-11), e explica o motivo de sua viagem missionária não ter saído conforme o planejado (1:15—2:3).

Paulo fala de grande *tribulação*, mas não fornece detalhes. Suas palavras sugerem, porém, uma situação extremamente difícil. O apóstolo e seus colaboradores (conforme o uso da primeira pessoa do plural, “nós”, indica) viram-se sob o peso de dificuldades *acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida* (1:8). É possível que Paulo esteja se referindo à revolta liderada por Demétrio contra ele e seus companheiros de viagem, Gaio e Aristarco (At 19:23-40).

Paulo considera o livramento em Éfeso equivalente a ressurreição, pois esperava morrer. Essa experiência reforçou, portanto, sua esperança (1:9-10). O apóstolo reconhece que Deus continua a livrá-lo em resposta às orações de muitos cristãos, inclusive dos coríntios (1:11).

Antes de tratar das acusações feitas contra ele, Paulo afirma os princípios que caracterizam sua conduta durante as tribulações da vida de um modo geral e, mais especificamente, em Corinto: *Santidade e sinceridade* (e não manipulação) e *graça divina* (e não sabedoria humana) (1:12). Escreve exatamente aquilo que quer dizer; não é preciso ler nas entrelinhas (1:13).

Paulo ficará orgulhoso dos coríntios *no Dia de Jesus, nosso Senhor*, ou seja, no dia da volta de Cristo, o dia da grande revelação (1Co 4:5). Entrementes, o próprio apóstolo é alguém de quem os coríntios podem se orgulhar (1:14).

Paulo havia planejado anteriormente ir da Macedônia à Judeia, via Corinto (1Co 16:5-6). Agora, refere-se a uma versão modificada do mesmo plano e afirma que pretende visitar Corinto duas vezes, a caminho da Macedônia e quando partir de lá rumo à Judeia (1:15-16). Os coríntios teriam *um segundo benefício*, pois o veriam duas vezes.

No final, também não foi possível seguir o segundo plano, daí as acusações feitas contra Paulo em 1:17. De acordo com os acusadores, o apóstolo agia *com leviandade* e fazia planos *segundo a carne*. Suas palavras não eram dignas de confiança, pois ele dizia *sim* e *não* ao mesmo tempo. Diante da sugestão de que não é confiável, Paulo coloca de lado a questão da viagem e focaliza a confiabilidade de seus ensinamentos, os quais alguns estavam desprezando (10:10; 11:6).

Paulo chama Deus como testemunha. Deus é fiel e fidedigno, como também é a mensagem que Paulo proclamou. Sua mensagem *não é sim e não* (1:18; cf. tb. 1Co 1:9; 10:13; 1Ts 5:24; 2Ts 3:3). Antes, Jesus Cristo, o tema da pregação de Paulo, bem como da de Silas e Timóteo, é o “sim” de todas as suas promessas (1:19-20). Aqui, Jesus é chamado de *Filho de Deus*, título usado apenas três vezes em 1 e 2Coríntios (1Co 1:9; 15:28).

A referência clara a cada pessoa da Trindade em 1:21-22 reforça o peso que Paulo deseja conferir à afirmação subsequente: *Deus* (o Pai) uniu Paulo e os coríntios *em Cristo* (o Filho) e os separou para si por meio da união com o Espírito Santo. A associação entre união e o Espírito remonta ao AT (Jl 2:28-29). Paulo também associa o Espírito aos conceitos de *selo de propriedade* e *penhor* em Efésios 1:13-14.

Depois da digressão rápida, Paulo volta a falar da viagem adiada. Mais uma vez, usa a forma-padrão de juramento para chamar Deus como testemunha da veracidade de suas palavras (1:23). O apóstolo mudou seus planos para o bem dos coríntios. Desejava lhes dar tempo para colocarem em ordem por conta própria os problemas da comunidade. Em vez de exercer de imediato sua autoridade apostólica, estava lhes dando a chance de se mostrarem responsáveis (1:24).

Uma visita anterior, dolorosa para Paulo (2:1), provavelmente ocorreu logo depois das notícias que Timóteo trouxe após entregar a primeira carta de Paulo aos coríntios (cf. a introd. a este comentário). Por isso o apóstolo diz que não deseja voltar a encontrar-se com eles *em tristeza* (2:2). Havia lhes escrito uma carta severa (2:3-4). A carta em questão não chegou até nós, mas alguns comentaristas acreditam que está incluída nos capítulos 10 a 13. Paulo escreveu essa epístola com angústia e lágrimas, na tentativa de corrigir os coríntios e, ao mesmo tempo, expressar seu grande amor por eles.

## 2:5-11 O ofensor é perdoado

Nessa seção, Paulo escreve sobre uma pessoa que o ofendeu, mas não cita o nome. É provável que fosse um membro da igreja de Corinto, pois seu pecado afetou não apenas Paulo, mas outros membros da congregação (2:5).

A comunidade já havia disciplinado essa pessoa de alguma forma, apesar de o texto não fornecer detalhes sobre sua *punição* (2:6). Paulo pede que não se aplique mais nenhum castigo ao ofensor. É hora de perdoo-lo e consolá-lo para que a *excessiva tristeza* não prejudique o verdadeiro propósito do castigo, a saber, restaurá-lo à comunhão (2:7). As palavras de Paulo em 2:8 constituem uma declaração pública oficial que anula todas as declarações anteriores. O amor deve substituir o castigo.

Entre outros motivos, Paulo havia escrito a carta severa para testar a capacidade dos coríntios de obedecer (2:9). A igreja se sujeitaria à autoridade apostólica ou não? A congregação de Corinto havia se mostrado obediente ao condenar o indivíduo culpado.

Em 2:10, Paulo afirma que perdoa o ofensor porque a comunidade já o perdoou. O apóstolo oferece o perdão *na presença de Cristo*; para que *Satanás não alcance vantagem sobre nós* (2:11). Satanás teria vencido se Paulo e os coríntios houvessem se recusado a perdoar o irmão, ou se sua severidade excessiva o tivesse levado a deixar a comunidade.

Satanás está sempre tramando para enfraquecer e dividir a igreja e desanimar os cristãos. Em muitas comunidades cristãs na África, grupos étnicos e indivíduos abusam da disciplina. Empregam-na como instrumento de retaliação, julgamento e condenação, e não como oportunidade para o irmão caído se arrepende e abandonar seu pecado de uma vez por todas. Infelizmente, em vez de remover o pecado, a disciplina indevida serve de oportunidade para que ele cresça e gera contenda entre irmãos e irmãs.

## 2:12-13 Trôade e Macedônia

Nas seções anteriores, Paulo justificou a mudança de itinerário e instou a comunidade de Corinto a perdoar o ofensor. Agora, fornece mais uma informação que comprova sua preocupação profunda com a situação em Corinto.

Depois de partir de Éfeso, foi pregar o evangelho em Trôade (At 20:5-12; 2Tm 4:13). As coisas correram bem, e

*uma porta se me abriu no Senhor (2:12)*. Apesar disso, Paulo não sossegou, pois não conseguiu se encontrar com Tito, seu colaborador, em Trôade (2:13; Gl 2:1,3). É provável que Paulo estivesse mais preocupado com a falta de notícias de Corinto do que com Tito. Desejava saber como os coríntios haviam reagido à sua carta severa (7:6-7). Por esse motivo, o apóstolo deixou Trôade e partiu para a Macedônia.

A atitude de Paulo nos lembra que é melhor tratar das questões existentes em nossas comunidades do que simplesmente continuar a fundar novas igrejas cujos membros enfrentarão inúmeros problemas que ninguém se dará ao trabalho de resolver.

### 2:14—3:18 O ministério da nova aliança

Vários comentaristas acreditam que 2:14-17 foi inserido de forma indevida nesse ponto da carta, pois os versículos em questão parecem interromper o relato de Paulo acerca de suas viagens (o qual ele retoma em 7:5). Outros comentaristas acreditam que a posição correta desses versículos é imediatamente depois de 2:11 e, portanto, que 2:12-13 não está no lugar correto. Para outros ainda, 2:14-17 resume aquilo que o apóstolo dirá nos capítulos seguintes.

Paulo começa com uma expressão de gratidão por dois motivos. Primeiro, porque Deus *em Cristo, sempre nos conduz em triunfo (2:14a)*. Parece ter em mente o “triunfo” no qual um general romano que voltava vitorioso da batalha liderava o desfile de vencedores e vencidos (cf. tb. Cl 2:15). Paulo aplica essa ideia aos apóstolos e os vê serem conduzidos por Deus em desfile triunfal.

O segundo motivo de gratidão é o fato de que, *por meio de nós, [Deus] manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento (2:14b)*. Deus tem usado Paulo (e os outros apóstolos) para se revelar, por isso são para com Deus o bom perfume de Cristo (2:15). Esse perfume é sentido por todos, tanto por aqueles que já estão no caminho da salvação quanto por aqueles que estão no caminho para a perdição. A reação dos dois grupos ao perfume é diferente. Os primeiros o recebem como o aroma que conduz à vida; os últimos o abominam como cheiro que conduz à morte (2:16a). A reação depende de como se recebe o evangelho pregado pelos apóstolos.

As ações de graças terminam com uma pergunta acerca das qualificações para a incumbência de propagar o conhecimento de Deus (2:16b), tema dos versículos seguintes. Paulo começa distinguindo entre os verdadeiros apóstolos e os mascates que tentam vender um produto de qualidade inferior a um preço exagerado (2:17a). Tais indivíduos alteram o evangelho ao dizer apenas aquilo que agrada às pessoas e conquistarão seu favor. Paulo não é como eles, pois define um padrão extremamente alto para o seu ministério (2:17b).

A discussão iniciada em 2:17 continua no capítulo seguinte. Paulo foi acusado de recomendar a si mesmo, enquanto seus adversários ostentavam cartas que os recomendavam à igreja (3:1; 4:2; 5:12; 10:12,18). Apesar de suas palavras

aqui, sabemos que Paulo não era contra o princípio de enviar cartas de recomendação. Ao que parece, contudo, o apóstolo só as escrevia para outros, como Febe (Rm 16:1-2) e Onésimo (Fm 10-12), e não as pedia para si mesmo.

Paulo argumenta que não precisa de nenhuma carta que o recomende aos coríntios (afinal, ele fundou aquela igreja) e também não precisa que eles o recomendem a ninguém. Sua carta de recomendação é a própria igreja de Corinto. Ao contrário de outras cartas, essa se encontra escrita no coração do apóstolo (3:2). É uma carta aberta que qualquer um pode ler.

Paulo compara claramente seu ministério com o de Moisés, o legislador do AT, ao contrastar a carta escrita em corações humanos com os mandamentos da lei escritos *com tinta e gravados em tábuas de pedra (3:3)*. A ideia de escrever no coração e de o Espírito operar nele é emprestada de textos do AT que falam sobre a nova aliança (Jr 31:31-34; Ez 11:19-20; 36:25-27).

Em seguida, Paulo trata da pergunta feita em 2:16b: “Quem, porém, é suficiente para estas coisas?”. Sabe que, como ser humano, não é capaz de fazer nada; sua capacidade para realizar o ministério vem de Deus (3:5). Ele é a fonte de sua *confiança* e aquele que o *habilitou* para proclamar a nova aliança (3:4,6).

A referência à nova aliança leva Paulo a contrastar a *letra* da lei que *mata* com o *espírito* que *vivifica (3:6)*. Na sequência, ilustra seu argumento ao comparar o ministério de Moisés com o dos apóstolos.

Moisés representa *o ministério da morte (3:7; cf. Rm 7:7-13) ou o ministério da condenação (3:9a; cf. Rm 3:19-20)*, caracterizado pelo registro do seu texto em pedra (Êx 34:27-28), ou seja, num objeto, e não no coração humano. Embora seu ministério fosse glorioso (a glória se refletia no rosto de Moisés; Êx 34:29-35), essa glória era efêmera. Paulo não rejeita a lei de Moisés; antes, trata da interpretação equivocada da lei que focaliza apenas a obediência mecânica, a qual pode facilmente se tornar hipócrita. Toda relação com a lei que não toca o coração conduz à morte. Por isso, Jeremias proclamou que a aliança vindoura seria escrita no coração das pessoas, onde seria fonte de vida (Jr 31:33).

A glória do ministério do Espírito (3:8) ou da justiça (3:9b), exercido pelos apóstolos, será tamanha que, em comparação com ele, o ministério de Moisés não poderá ser considerado glorioso (3:10-11). Esse ministério enche Paulo de grande esperança e ousadia (3:12). A situação não é mais como a de Moisés, que cobria o rosto com um véu para evitar que os israelitas vissem o resplendor e desvanecimento da glória (3:13).

A expressão “antigo testamento” ou *antiga aliança* é usada pela primeira vez em 3:14, em que é contrastada implicitamente com o novo testamento ou “nova aliança” (cf. 3:6). Ler o AT é o mesmo que ler Moisés (3:15). Aqui, Paulo se refere, sem dúvida, ao Pentateuco, os cinco primeiros livros do AT. De acordo com o apóstolo, aqueles

que leem apenas a antiga aliança não conseguem discernir claramente o significado do texto, pois, assim como um véu cobria o rosto de Moisés, um véu também obscurece o coração desses leitores.

Como devemos entender a declaração de que o véu só desaparece em Cristo, ou quando a pessoa se volta para o Senhor (3:16)? Há quem sugira traduções como: “O véu só foi retirado quando essa aliança foi abolida por Cristo”. É possível, contudo, entender que somente Cristo, por seu Espírito, torna a mente humana capaz de entender o verdadeiro significado do AT. Não podemos compreender Moisés de fato sem a mediação do Senhor Jesus.

Paulo encerra a comparação dos ministérios da antiga e nova alianças em 3:17-18. A *liberdade* à qual se refere em 3:17 consiste na total ausência de obstáculos para ver Deus. Não há mais um véu entre nós e o Senhor. Agora, tanto os apóstolos quanto os cristãos em geral podem contemplar a glória do Senhor diretamente, como Moisés no monte Sinai. Ao fazê-lo, nos tornamos cada vez mais semelhantes a ele (3:18), uma mudança produzida pelo Espírito Santo que é um com o Senhor.

#### 4:1—5:10 Tesouros em vasos de barro

Conforme a expressão *pelo* que indica, nesse capítulo Paulo extrairá conclusões daquilo que acabou de dizer acerca do ministério da nova aliança. Primeiro, afirma que esse ministério lhe foi confiado *segundo a misericórdia* de Deus (4:1). Emprega uma expressão semelhante ao falar da conversão (Rm 11:30) e do seu chamado e autoridade como apóstolo (1Co 7:25; 1Tm 1:13,16). A misericórdia de Deus também lhe confere coragem (cf. tb. 4:16), ou seja, confiança a fim de não permitir que nada o detenha (5:6-8; 10:1-2).

As palavras de Paulo em 4:2 também dão uma ideia das acusações das quais ele era alvo. O apóstolo julga necessário afirmar explicitamente que rejeita intrigas, não se comporta de maneira enganosa e não *adultera a palavra de Deus* (2:17). Pelo contrário, é por meio da proclamação da verdade, a *palavra de Deus*, que Paulo se recomenda à *consciência de todo homem*. Em 4:3, o apóstolo se defende da acusação de que seu evangelho é encoberto. Afirma que só é encoberto *para os que se perdem*, os incrédulos cujo raciocínio se encontra obscurecido pelo deus desta era (11:14; cf. tb. 1Co 2:6; 15:24; Ef 6:12) que os impede de receber a *luz do evangelho [...] de Cristo, o qual é a imagem de Deus* (4:4).

No centro do apostolado de Paulo, está o Cristo que ele prega. Não promove a si mesmo nesse ministério, mas prega *Cristo Jesus como Senhor* (4:5). A terminologia constitui uma confissão de fé que expressa a soberania de Jesus e convida todos a se sujeitarem a ele.

Em 4:6, é possível que Paulo esteja citando Gênesis 1:3 ou Isaías 9:1. Não obstante o versículo ao qual se refere, deixa claro que o mesmo Deus cuja ordem produziu luz no passado, opera no presente no coração dos apóstolos para lhes dar a luz que devem transmitir a outros.

Esse *tesouro*, porém, é guardado *em vasos de barro* (4:7). O “tesouro” é o evangelho pregado pelos apóstolos; os “vasos de barro” são os apóstolos. Algo precioso e de grande valor é guardado num recipiente comum e inferior. Paulo usa essa imagem para lembrar os coríntios que o poder incomparável produzido pelo evangelho vem de Deus, e não do apóstolo. Paulo e seus companheiros são acometidos diariamente por toda sorte de infortúnio, mas as provações não são capazes de movê-los (4:8-9).

O argumento de 4:8-9 é repetido em outras palavras em 4:10. Paulo considera o sofrimento pelo qual ele e outros passam no curso do ministério apostólico como sendo sua experiência da morte de Jesus (Fp 3:10). A morte de Jesus, contudo, é sempre associada à vida de Jesus (4:11). Todas essas tribulações são suportadas em favor dos coríntios. Paulo enfrenta a morte para que os cristãos possam desfrutar a vida (4:12).

Paulo se refere a si mesmo como apóstolo, mas não são apenas os apóstolos que devem viver dessa maneira. Suas palavras se aplicam a todos os cristãos, qualquer que seja seu papel na igreja.

O comportamento de Paulo é motivado pela fé (4:13). Na verdade, seu espírito de fé é semelhante ao do autor veterotestamentário que escreveu: *Eu cri; por isso, é que falei* (Sl 116:10 na Septuaginta). O apóstolo destaca a ligação entre “crer” e “falar”, apesar das dificuldades.

A fé de Paulo se baseia na certeza da ressurreição. Ele sabe que *aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará* (4:14). Deus ressuscitará aqueles que creem (nesse caso, os coríntios e Paulo). O apóstolo assevera essa convicção firme com frequência em seus escritos (Rm 6:5; 8:11; 1Co 6:14; 15:22). Uma vez que a ressurreição tiver ocorrido, os cristãos estarão na presença de Jesus Cristo. O verbo usado indica acesso à presença de Deus, e não julgamento diante dele (Ef 5:27; Cl 1:22).

A expressão *todas as coisas* em 4:15 se refere a tudo o que Paulo disse sobre seu ministério e o sofrimento envolvido. Todas as coisas sobre as quais falou aconteceram, para que a graça de Deus fosse oferecida a muitos em Corinto e outros lugares, resultando em louvor e gratidão.

Nesse contexto, Paulo relaciona uma série de contrastes:

- Entre o ser exterior e o interior. Enquanto o primeiro se deteriora continuamente, o segundo é continuamente renovado (4:16).
- Entre a aflição presente e a glória vindoura. A primeira é passageira e superficial (apesar de 11:24-27!); a segunda é permanente (4:17).
- Entre as realidades visíveis e as invisíveis. As primeiras são temporárias; as outras duram para sempre (4:18; cf. tb. em 5:7 o contraste entre fé e aquilo que se pode ver).
- Em 5:1-10, Paulo expande as considerações de 4:16-18 e mostra a ligação entre as duas partes (5:1). Compara o



corpo humano a um *tabernáculo* (uma habitação temporária; cf. Is 38:12), que pode ser *destruído* (pela morte). O tabernáculo é o oposto de uma *casa* (uma habitação sólida). Deus preparou uma casa para nós junto dele no céu, de modo que não se trata de uma construção feita por mãos humanas. Isso não significa, contudo, que nosso “tabernáculo” ou corpo terreno é uma construção humana. Paulo deseja mostrar que nosso corpo aqui na terra é mortal (se corrompe; cf. 4:16), enquanto a habitação preparada para nós no céu é eterna.

Enquanto aguardamos nossa casa celestial, *gememos* de anseio (5:2a). Não se trata de uma reação ao sofrimento que suportamos, mas, sim, de uma expressão da esperança que nos enche. Talvez, em outros tempos, Paulo imaginasse que o Senhor voltaria antes de ele ter de passar pela morte. Agora, porém, diante dos perigos e sofrimentos de seu ministério, o apóstolo considera seriamente a probabilidade da morte (5:2b-3). Não deseja morrer (*ser despido*), mas tem um anseio profundo (expressado nas palavras *gememos angustiados*) de experimentar a vinda do Senhor, ocasião em que será revestido de sua *habitação celestial* ou imortalidade (5:4).

A certeza da imortalidade vem de Deus (5:5). Ele destinou Paulo e todos os cristãos a esse estado, e, como garantia de que o alcançaremos, Deus nos concedeu o Espírito Santo como *penhor*.

Paulo volta a expressar sua confiança e certeza (5:6; 4:16) típicas. Depois de um parêntese em 5:7 que contrasta fé e visão, Paulo retoma o tema da confiança em 5:8. Está tão seguro que acredita ser preferível deixar esse corpo para trás e entrar na presença do Senhor enquanto aguarda a ressurreição (1Ts 4:15-17).

No entanto, quer ainda nesse corpo quer fora dele, Paulo declara ter apenas uma preocupação: agradar ao Senhor (5:9; cf. tb. Rm 12:1; Ef 5:10; Fp 4:18). O apóstolo não está apenas esperando passivamente para ver o que acontecerá. Acima de todas as coisas, deseja agradar ao Senhor ao viver e servir conforme a direção do Senhor. Afinal, apesar de seu anseio de estar com Deus, Paulo não se esquece de que se aproxima o dia em que cada um de nós terá de prestar contas *perante o tribunal de Cristo* com respeito a seus atos, a fim de receber *segundo o bem ou o mal que tiver feito* (5:10; cf. tb. Rm 14:10; 1Co 3:12-15).

### 5:11—6:13 Reconciliação

Depois de falar sobre o tribunal de Cristo (5:10), Paulo inicia essa seção com as palavras *E assim, conhecendo o temor do Senhor* (5:11a). Não devemos entender esse *temor*, porém, como pavor, mas, sim, como o grande respeito ou a mais alta estima pelo Senhor. É impossível ter apenas um conhecimento teórico desse temor que serve de motivação para Paulo persuadir as pessoas.

O apóstolo afirma que não tem nada a esconder: Deus o conhece perfeitamente, e ele espera que, em seu íntimo,

os coríntios também o conheçam (5:11b). Aqui, Paulo parece voltar às acusações contra ele e também à questão da recomendação (5:12; 3:1; 4:2). Repete que não tem desejo nenhum de recomendar a si mesmo. Antes, procura dar aos coríntios motivos para se orgulharem dele, pois, não obstante os comentários de seus adversários, homens que se orgulham de aparências, Paulo é verdadeiramente apóstolo. Na verdade, quer sua conduta seja considerada exagerada quer racional, é sempre coerente com seu chamado (5:13).

A motivação profunda do ministério de Paulo é o *amor de Cristo* (5:14), uma referência ao amor que vem de Cristo (Rm 8:35-39; Gl 2:20) e também ao amor do apóstolo e dos cristãos por Cristo. Resulta da morte de *um* (Cristo) em favor de *todos* os cristãos. Consequentemente, quer na morte (Rm 6:2,7,11; Gl 2:19) quer na vida (5:15; Rm 6:11; 14:7), todos devem se identificar com Cristo.

Antes de sua conversão, Paulo acreditava que Jesus era meramente humano. Agora, porém, sabe que Cristo morreu na cruz por todos, e que todos que vivem devem viver para ele. Os outros cristãos não devem mais entender as coisas do ponto de vista humano (5:16). Algo novo chegou, e *as coisas antigas já passaram* (5:17). Em outras palavras, não vivemos mais como antes, mas para Jesus, que dá novo sentido à nossa existência. Foi Deus quem introduziu essa nova ordem e *nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo* (5:18). Também foi ele quem confiou aos apóstolos, e a Paulo em particular, o ministério específico da reconciliação, o qual consiste em anunciar o perdão que Deus oferece em Cristo (5:19).

Como apóstolo, portanto, Paulo é porta-voz ou embaixador, responsável por dizer a outros o que Deus espera deles: *Que vos reconcilieis com Deus* (5:20). Essa mensagem é tão importante e ao mesmo tempo tão urgente que Paulo suplica aos leitores para atentarem nela. A importância da mensagem se deve ao fato de que, para possibilitar a reconciliação, Deus condenou um justo no lugar dos pecadores (5:21).

Em 6:1, Paulo conclui a discussão sobre a graça de Deus com um apelo em nome de si mesmo e de seus cooperadores. Juntos, instam os coríntios a permitirem que a graça de Deus seja ativa em sua vida. Corroboram o apelo com uma citação de Isaías 49:8 (Septuaginta) segundo a qual a graça de Deus deve ser aceita quando ela está disponível (6:2). A urgência é indicada pelo uso repetido do termo “agora”.

Em 6:3-10, o apóstolo apresenta aquilo que comentaristas descrevem corretamente como os paradoxos, ou aparentes contradições, do ministério apostólico. Apesar de Paulo tomar cuidado para não dar *motivo de escândalo*, ou seja, razão para alguém censurar seu ministério (6:3), sabemos que muitos o criticavam em Corinto. Desejoso de mostrar que essas críticas não têm fundamento, Paulo se apresenta exclusivamente como servo de Deus. Na condição de servo, demonstra *muita paciência* (6:4), uma virtude relacionada à

constância. É a capacidade de permanecer firme e fiel a Deus em meio à adversidade. A atitude de Paulo diante das dificuldades que suporta serve de exortação e, ao mesmo tempo, de encorajamento para todos os cristãos, especialmente para aqueles que, nos dias de hoje, vivem em situações em que sua fé é provada ao extremo. Precisam permanecer firmes, certos de que o Deus fiel colocará limites em seu sofrimento e proverá uma saída (cf. 1Co 10:13).

As tribulações mencionadas em termos gerais em 6:4 são descritas em detalhes em 6:5. Resultam das ações de outros (*nos açoites, nas prisões, nos tumultos*) ou assumem a forma de dificuldades mais comuns (*nas vigílias, nos jejuns*).

Em 6:6-7, temos uma lista daquilo que caracteriza a vida de Paulo: *pureza* (Sl 24:3-4; 1Tm 5:22); *conhecimento* (11:6; Cl 1:9); *longanimidade e bondade* (identificadas com frequência como atributos divinos e parte do fruto do Espírito; Rm 2:4; Gl 5:22); *o Espírito Santo* (a origem de toda a obra apostólica); *amor não fingido* (Rm 12:9; 1Co 16:24); *palavra da verdade* (2:17; 4:2); e *poder de Deus* (Rm 1:16).

Essas qualidades nem sempre geraram reações positivas ao ministério de Paulo, como 6:8-10 deixa claro. Ele experimentou *honra e desonra* (provavelmente quando estava presente); *infâmia e boa fama* (provavelmente quando estava ausente). É bem possível que seus adversários o descrevessem como *enganador e desconhecido* e o tratassem como se estivesse *morrendo* ou sendo *castigado*. Paulo sabe, porém, que essas impressões negativas não contam a história toda! Paradoxalmente, pode ser descrito com igual precisão em termos opostos por aqueles que olham além daquilo que é visível na superfície (seu sofrimento e pobreza) e reconhecem o âmbito espiritual no qual Paulo se regozija em riquezas ilimitadas.

Em 6:11-13, o apóstolo apela para a afeição dos coríntios. Afirma que abriu seu coração para eles ao lhes falar como falou até agora (6:11). Todos os cristãos de Corinto têm um lugar em seu coração, e ele deseja ter um lugar equivalente no coração deles, numa *justa retribuição* de afeto (6:12-13).

## 6:14—7:1 Luz e trevas

À primeira vista, pode parecer que esses versículos mudam repentinamente de assunto. A impressão é reforçada pelo fato de, seis versículos depois, em 7:2, Paulo voltar de súbito à questão da qual estava tratando em 6:13. Na realidade, porém, a passagem é uma sequência lógica daquilo que a antecede, pois aqui Paulo fala do que impede os coríntios de abrirem o coração para ele, a saber, os obstáculos criados pelos falsos apóstolos. Paulo enfatiza, portanto, a necessidade de os cristãos se afastarem do mal. Alguns versículos antes, o apóstolo falou sobre coisas que pareciam opostas, mas que, na verdade, ambas eram verdadeiras (p. ex., pobre, mas enriquecendo a muitos; 6:10). Agora, fala de coisas tão opostas que não podem andar juntas. Não há como

combinar *justiça e iniquidade, luz e trevas* (6:14), *Cristo e o Maligno, crente e incrédulo* (6:15), *o santuário de Deus e os ídolos* (6:16a). É preciso escolher entre essas coisas.

O pronome “nós” em 6:16b não se refere apenas a Paulo e seus cooperadores, mas à congregação dos cristãos. Todos constituem o templo do Deus vivo. A fim de mostrar que essa declaração é incontestável e vem de Deus, Paulo cita várias passagens das Escrituras em 6:16c-18 (cf. Lv 26:11-12; 2Sm 7:8; Is 52:11; Ez 20:34,41; 37:27).

Para o apóstolo, esses textos são promessas. Uma vez que possuem tais promessas, os cristãos devem se purificar de *toda a impureza* que contamina o corpo ou o espírito a fim de se dedicar a desenvolver a santidade que honra a Deus (7:1).

Como parte da purificação, os cristãos devem cuidar para não se unir a incrédulos em casamento e usar de grande cautela antes de se comprometerem com não-cristãos em sociedades nos negócios.

## 7:2-16 A alegria da reconciliação

Paulo volta agora à ideia de acolhimento mútuo entre ele e os coríntios mencionada inicialmente em 6:13. Nega tê-los tratado com *injustiça* ou ter *corrompido* ou *explorado* alguém (7:2). Suas palavras são irônicas, pois como pode ter corrompido ou explorado pessoas de quem se recusou a aceitar dinheiro (12:13)? Deseja deixar claro que não condena ninguém; pelo contrário, tem amor sincero e constante pelos coríntios, amor que nada pode mudar (7:3).

Tanto em 7:4 quanto em 7:13, Paulo afirma ser confortado pelos coríntios. Afirma que se orgulha deles e sente *transbordante júbilo*, apesar de todas as suas tribulações, e apresenta os motivos pelos quais experimenta essas emoções.

Paulo havia viajado de Trôade à Macedônia à procura de Tito que traria notícias de Corinto (cf. 2:12-13 e a introdução). É possível que as tribulações mencionadas em 7:5 fossem decorrentes tanto da oposição ao seu ministério (*lutas por fora*) quanto de sua preocupação por Tito e pelos coríntios (*temores por dentro*).

Os *abatidos* ou, literalmente, “os humildes” (7:6; a mesma ideia, expressada em termos diferentes, aparece em 11:7; 12:21) são os humilhados ou aflitos. A eles, como a Paulo, Deus proporciona consolo e conforto. Confortou o apóstolo ao levar Tito até ele. Paulo se animou não apenas com a chegada de Tito, mas também com as notícias que ele trouxe de Corinto (7:7). Os coríntios haviam, de fato, mudado de atitude em relação a Paulo. Havia se entristecido profundamente com sua oposição a ele no passado e expressado o desejo de se reconciliar com o apóstolo. Paulo ficou radiante. Sua carta havia produzido o resultado desejado. Sabia que, a princípio, a carta havia entristecido os coríntios e quase se arrependeu de tê-la escrito (7:8). Não tem mais, contudo, nenhum arrependimento, pois a tristeza dos coríntios, que era *segundo Deus* (7:9), produziu a mudança que Tito teve o privilégio de testemunhar.

A menção da tristeza leva Paulo a refletir sobre a diferença entre *tristeza segundo Deus* e *tristeza do mundo* (7:10). A primeira conduz à salvação; a segunda, à morte. Os coríntios haviam experimentado a primeira, e os frutos eram evidentes (7:11). Tudo isso leva o apóstolo a concluir que, na realidade, os coríntios eram inocentes quanto à situação problemática. Em razão dessa observação, alguns comentaristas sugerem que o ofensor talvez não fosse coríntio, mas, sim, alguém de outro lugar que estava em Corinto.

O texto de 2Coríntios 7:12 volta ao propósito da carta anterior (2:4; 7:8): restaurar o respeito e apoio dos coríntios a Paulo como apóstolo. O objetivo foi alcançado, e Paulo se sente confortado (7:13). Sua reação espelha a de Tito, que também encontrou motivo para conforto e regozijo em sua visita aos coríntios. Paulo percebe que não se equivocou ao falar dos coríntios com orgulho (7:14). O modo com que acolheram Tito, seu respeito por ele e obediência haviam enchido Tito de *entranhável afeto* (7:15). Paulo está contente. Reconhece mais uma vez “seus” filhos em Corinto e sabe que *pode confiar* neles *em tudo* (7:16).

Uma vez esclarecidos esses fatos, o apóstolo pode tratar de outra questão, a saber, da oferta que está sendo levantada em prol dos cristãos em Jerusalém.

## 8:1—9:15 A oferta para os cristãos em Jerusalém

### 8:1-5 O exemplo das igrejas da Macedônia

A oferta para ajudar os cristãos em Jerusalém não era um projeto novo. O princípio foi estabelecido no concílio de Jerusalém (Gl 2:10), e as igrejas começaram a levantar a oferta (8:6). As divergências que haviam surgido entre Paulo e os coríntios, porém, tinham atrasado a conclusão do projeto. Paulo volta a tratar dele agora, mas não pede diretamente aos coríntios que participem da oferta. Antes, começa falando do exemplo das igrejas macedônias (ou seja, das igrejas em Filipos, Tessalônica e Bereia) que ele havia fundado em sua segunda viagem missionária.

Ao chamar os coríntios de *irmãos* (8:1), Paulo indica de imediato a motivação por trás da oferta. Os membros da família de Deus cuidam uns dos outros e é natural que compartilhem seus recursos. A presteza com que essas igrejas ofertaram confirma que nem sempre os mais fiéis no sustento da obra de Deus são os mais ricos aos olhos do mundo. As comunidades pobres que haviam passado por tribulações severas (1Ts 2:14; 3:3-5; 2Ts 1:4-10) desejavam, não obstante, participar do auxílio aos cristãos necessitados em Jerusalém (8:2). A atitude deles, uma combinação espantosa de aflição e alegria transbordante, mostra que, na realidade, sempre temos algo para oferecer, pois sempre somos ricos em alguma área. Os macedônios contribuíram *na medida de suas posses e mesmo acima delas* (8:3) e pediram para ter a *graça* de participar *da assistência aos santos* (8:4). O termo traduzido aqui por “assistência”

é a mesma palavra grega usada para “ministério”. É importante observar que o apóstolo não insistiu em receber nada dos macedônios. Ao participarem da coleta, excederam todas as suas expectativas.

No versículo seguinte, descobrimos o segredo da generosidade dos macedônios: *Deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor* (8:5). Eles mesmos e todos os seus bens se tornaram propriedade do Senhor. Então, reconhecendo Paulo como apóstolo e servo representante de seu Senhor, sujeitaram-se à sua autoridade, como é da vontade de Deus. Essas palavras também são uma lembrança sutil aos coríntios de que sua lealdade aos falsos apóstolos os estava levando a se desviarem.

### 8:6-15 Apelo para que os coríntios sejam generosos

Depois de falar do exemplo dado pelos macedônios, Paulo se volta para os coríntios. Se os macedônios, que ingressaram no projeto depois dos coríntios, levaram tão a sério a coleta da oferta, os primeiros a adotarem a ideia não deviam ficar de fora (8:10). Paulo incentiva Tito, portanto, a prosseguir e completar *esta graça* da parte dos coríntios (8:6).

O apelo à generosidade começa com uma lembrança dos vários tipos de riquezas das quais os coríntios desfrutavam (8:7). Não obstante quem somos ou qual seja nossa condição social ou profissional, sempre podemos contribuir de algum modo para a obra de Deus.

Paulo pede que os coríntios demonstrem na coleta da oferta a mesma excelência que evidenciaram em outras áreas. O apóstolo não ordena que contribuam (8:8); antes, considera a contribuição uma prova do amor dos coríntios. Convém observar que Paulo faz questão de distinguir entre os mandamentos do Senhor (1Co 7:10), palavras proferidas com autoridade apostólica (1Co 7:12), e seu próprio conselho (1Co 7:6).

Devem seguir também o exemplo de Jesus (8:9), que era rico em todos os privilégios divinos (Fp 2:5-8), mas escolheu se tornar um homem pobre a fim de proporcionar aos seres humanos acesso às riquezas da salvação. Não se trata de riqueza exclusiva ou principalmente de ordem material, como alguns ensinam nos dias de hoje.

O uso repetido de “vós” e “vos” nesse versículo enfatiza que Cristo entregou o que lhe pertencia em favor dos coríntios, e eles deviam fazer o mesmo por outros.

Mais uma vez, Paulo ressalta que está apenas dando sua *opinião* (8:10), apesar de os exemplos dos macedônios e de Cristo indicarem que era apropriado os coríntios participarem da oferta. Outro motivo para fazê-lo, porém, era o fato de já terem começado a coletar o dinheiro de acordo com as instruções que Paulo lhes tinha dado (1Co 16:1-4). Nesse ponto, Paulo é firme: *Completai, agora, a obra começada* (8:11). Tanto cristãos como não-cristãos precisam aprender a importância de terminar aquilo que começaram! As atas de muitas igrejas africanas estão repletas de projetos iniciados, porém nunca concluídos, uma situação que

desanima os cristãos e prejudica a credibilidade da igreja diante dos de fora.

Em se tratando de contribuir, nossos projetos devem ser razoáveis e compatíveis com nossos recursos no presente (8:12). O texto fala de compartilhar, e não de dar todos os bens e se colocar em apuros (8:13). Paulo espera que os coríntios contribuam com aquilo que não é absolutamente necessário para a sobrevivência a fim de ajudar seus irmãos cristãos em Jerusalém a sobreviverem. Um dia, é possível que os irmãos de Jerusalém sejam convidados a fazer o mesmo pelos coríntios (8:14). É a essa igualdade que o apóstolo se refere e conclui com uma citação de Êxodo 16:18 que expressa o mesmo princípio (8:15).

### 8:16—9:5 Providências práticas em relação à oferta

Paulo inicia essa seção com ações de graça porque Tito compartilha de sua empolgação e amor pelos coríntios (8:16-17a). Antes mesmo de Paulo sugerir que ele voltasse a Corinto para cuidar da oferta, Tito se incumbiu dessa missão (8:17b). Dessa vez, porém, não irá sozinho, mas acompanhado de outro irmão, cujo nome não é mencionado, mas que tem boa reputação por seu envolvimento com o serviço do *evangelho* (8:18). As igrejas locais votaram a favor de enviar esse irmão para ajudar Paulo e outros como *companheiro no desempenho desta graça ministrada* (8:19).

A tarefa de coletar uma grande soma em dinheiro e levá-la a Jerusalém é tão importante que Paulo toma todas as precauções para evitar qualquer acusação (8:20). Preocupa-se em proceder *honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens* (8:21). Sua intenção é ter uma conduta irrepreensível aos olhos de todas essas testemunhas. Será que temos a mesma preocupação de evitar qualquer sugestão de conduta indevida quando somos responsáveis pelo dinheiro ou alguma propriedade de nossa congregação?

Mais uma pessoa acompanhará Tito e o irmão mencionado (8:22). O texto não diz o nome dele, mas o descreve como um irmão devoto que tem *grande confiança* nos coríntios. A delegação irá, pois, composta por Tito, representante de Paulo, e os dois outros, que representam as igrejas (8:23). Por meio de sua conduta, os três mensageiros *glorificarão a Cristo*.

Paulo incentiva os coríntios a provarem o amor que professam e mostrarem que o apóstolo tem bons motivos para se orgulhar deles ao receberem de braços abertos a delegação liderada por Tito e contribuir para a oferta (8:24).

Paulo não considera necessário tratar demoradamente da questão da oferta (9:1). Sabe que os coríntios apoiam a ideia. Expressou seu grande orgulho deles aos macedônios, dizendo que a Acaia já havia se mostrado disposta a contribuir desde o ano anterior (9:2). Esse relato incentivou outros a ofertarem, mas, na verdade, os coríntios ainda não haviam colocado a mão no bolso. Tinham apenas expressado interesse na ideia de contribuir. Agora, Paulo envia os

irmãos para ajudá-los a preparar a oferta com *generosidade* (9:3,5). É hora de cumprirem o compromisso que assumiram. Se não estiverem preparados para levantar a oferta, tanto eles quanto Paulo se sentirão *envergonhados* (9:4).

### 9:6-15 Bênção para quem contribui

Depois de tratar das providências práticas para a coleta, Paulo fala do modo com que se deve contribuir. Começa com uma verdade geral: *O que semeia com fartura com abundância também ceifará* (9:6). Apesar de não serem uma citação do AT, essas palavras trazem à memória Provérbios 11:24 ou 19:17. Permitem que o apóstolo se dirija a cada coríntio individualmente. Cada um deles deve decidir por sua própria conta qual será sua contribuição para a oferta (9:7). Em algumas igrejas africanas de hoje, os líderes pressionam o povo a contribuir. Seu comportamento é errado. As ofertas devem ser entregues sem tristeza ou coerção, pois *Deus ama a quem dá com alegria* (Pv 22:8-9). Em outras palavras, aqueles que ofertam contra a própria vontade não recebem nenhuma bênção. Deus concederá, porém, uma colheita de bênçãos a quem contribuir de bom grado para sua obra. O Senhor tem poder para lhes prover tudo de que precisam em todas as situações (9:8). Paulo cita as Escrituras para corroborar seu argumento (9:9-10; cf. Sl 112:9 e Is 55:10). Trata em mais detalhes no último versículo para mostrar que Deus proverá e multiplicará a semente e multiplicará os frutos da justiça daqueles que ofertam com generosidade. Deus provê para nós a fim de que possamos compartilhar essas dádivas com outros. Nossa colheita de justiça (9:10) consiste em intimidade cada vez maior com Deus que se expressa na oração e no jejum, os quais nos lembram que o Senhor é a única fonte das bênçãos que desfrutamos.

Paulo prossegue com sua reflexão sobre Isaías 55:10 ao dizer que os coríntios serão enriquecidos *em tudo, para toda generosidade* (9:11). O objeto da coleta não é, portanto, apenas suprir as necessidades dos cristãos em Jerusalém, mas suscitar ações de graças a Deus (9:12).

Em 9:13, o apóstolo fala dos irmãos que receberão a oferta. Glorificarão a Deus ao verem o resultado prático do evangelho na generosidade dos cristãos de Corinto. A comunhão dos cristãos, expressada de forma concreta pelo ato de compartilhar com alegria os bens que eles próprios receberam de Deus, enche os beneficiados de gratidão a Deus e os leva a orar fervorosamente por seus benfeitores (9:14).

A seção sobre a oferta se encerra com ações de graças (9:15). Paulo antevê a conclusão da coleta e dá graças a Deus, não apenas por esse motivo específico, mas por sua generosidade inexaurível e *inefável* ao entregar o Senhor Jesus Cristo pelos cristãos e pelo mundo.

### 10:1—12:21 Paulo defende seu apostolado

O tom dos capítulos finais difere tanto dos capítulos anteriores que alguns comentaristas acreditam que essa seção

faz parte de outra carta (cf. introdução a este comentário). Aqui, Paulo expressa sua visão sobre a autoridade apostólica e defende seu apostolado.

### 10:1-18 A autoridade de Paulo

Paulo exorta os coríntios *pela mansidão e benignidade de Cristo* (10:1), duas características do Senhor que o apóstolo manifestou ao se relacionar com os coríntios. Em vez de as reconhecerem como atributos divinos, porém, os cristãos de Corinto as consideraram expressões de fraqueza. Acusaram o apóstolo de ser *humilde* no meio deles e *ousado* longe deles.

Paulo estava sendo criticado por viver *em disposições de mundano proceder* (10:2), ou seja, seus adversários diziam que ele agia segundo motivações puramente humanas. Paulo reconhece que é humano, mas nega que vive de acordo com princípios humanos (10:3). As *armas* que usa não são humanas, mas armas do arsenal de Deus, usadas segundo os propósitos divinos (10:4). Com essas armas, o apóstolo destrói fortalezas (Is 2:11-18), ou seja, todos os *sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus* (10:5). A linguagem é militar, mas o apóstolo não especifica a natureza exata das armas (cp. Ef 6:11-17). Sua preocupação maior aqui é como as armas afetarão a obediência dos coríntios a Jesus Cristo. Uma vez que reconheceram o senhorio de Jesus, Paulo não hesitará em condenar *toda desobediência*, não obstante sua origem (10:6).

O verbo no início de 10:7 pode ser traduzido como um imperativo: *Observai*, como uma pergunta (Estais observando?) ou como uma afirmação (vós observais). A forma imperativa parece harmonizar melhor com o texto subsequente. Paulo convida seus leitores a pensarem de forma coerente. Quem está convicto de pertencer a Cristo deve aceitar que Paulo também pertence a Cristo. De acordo com alguns comentaristas, os adversários do apóstolo negavam esse fato.

A autoridade apostólica de Paulo lhe foi conferida pelo Senhor, e seu propósito é edificar, e não destruir (10:8-9). “Edificação” e “destruição” são termos associados ao chamado do profeta Jeremias (Jr 1:10; 12:14-17; 18:7-9). Paulo não se envergonha dessa autoridade. Alguns afirmam, porém, que ele procura intimidar os coríntios com suas cartas (10:9). Dizem que, quando está longe, escreve cartas *graves e fortes*, mas, quando está com eles, sua *presença pessoal* [...] *é fraca* e faltam-lhe as habilidades de um grande orador (10:10; 11:6). Àqueles que pensam desse modo, Paulo responde que, na realidade, é o mesmo quando escreve e quando fala pessoalmente (10:11). Os coríntios não entenderam que ele estava se pronunciando com humildade apostólica.

Na sequência, Paulo enfatiza que usa critérios diferentes daqueles empregados por seus adversários. Primeiro, falando com sarcasmo, afirma que não ousa se comparar com indivíduos *que se louvam a si mesmos* (10:12; 3:1-3). Repreende seus adversários por definirem seu próprio padrão de julgamento em vez de seguirem os padrões do Se-

nhor. Nesse sentido, sua batalha com os falsos apóstolos é semelhante à batalha de Jeremias contra os falsos profetas que proclamavam mensagens supostamente divinas, as quais, na verdade, não vinham de Deus (Jr 23:16-18).

Paulo enfatiza que trabalha dentro dos limites que o Senhor definiu para ele (10:13; cf. tb. Gl 2:7-10). Em Corinto, se ateve ao chamado específico de proclamar o evangelho aos não-judeus. De acordo com algumas traduções, em 10:14 Paulo sugere que ele e seus cooperadores foram os primeiros a chegar até os coríntios com as boas-novas de Cristo e, portanto, fundaram a comunidade cristã em Corinto (1Co 9:1-2).

Paulo não se gloria no trabalho realizado por outros (10:15a; cf. tb. Rm 15:20), mas ele próprio trabalhou com afincos naquele local onde ninguém havia pregado o evangelho. Seu objetivo é aprofundar a fé dos coríntios e sua confiança nele e, em seguida, proclamar o evangelho nas regiões além de Corinto que ainda não receberam as boas-novas da morte e ressurreição de Cristo (10:15b-16). É possível que Paulo tivesse em mente Roma ou a Espanha (Rm 15:23-24).

A prática do apóstolo de ir aonde o evangelho ainda não havia sido pregado contrasta com o que vemos hoje em dia. Missionários, evangelistas e pastores se concentram em locais que já receberam o testemunho cristão. Em geral, são regiões urbanas onde as condições de vida e trabalho são boas. Poucos estão preparados para ir a lugares onde o clima é inóspito, o povo é pobre e há pouco conforto.

Esse capítulo termina lembrando as palavras de Jeremias 9:23-24 (10:17; cf. tb. 1Co 1:31), como se Paulo desejasse basear todo o seu argumento nessa referência. Jeremias proclamou que sabedoria, força e riquezas não são motivo de orgulho. Se alguém deseja se gloriar, que o faça por ter sabedoria para conhecer o Senhor, o único que age com bondade, justiça e juízo sobre a terra. No final das contas, o que importa é ser aceito e aprovado pelo Senhor (10:18).

### 11:1-15 Oposição aos falsos profetas

Em 10:12-18, Paulo digressionou da defesa de seu apostolado, mas agora retoma a questão. Pede que os coríntios façam por ele algo que se mostraram dispostos a fazer por seus adversários: *Quisera eu me suportásseis um pouco mais na minha loucura* (11:1).

Primeiro, afirma que sente por eles *zelo de Deus* (11:2). Fala como o pai da noiva, alguém que deu a mão de sua filha (a igreja que ele fundou; 1Co 4:15) ao noivo (Jesus Cristo). A imagem da noiva é extraída do AT, que retrata o povo de Israel com frequência como esposa de Deus (Is 54:4-8; 62:5; Jr 2; Ez 16; Os 1—3). Ao enfatizar que entregou a igreja *a um só esposo*, Paulo deixa claro que os coríntios correm o risco de serem infiéis a Cristo. Teme que os ensinamentos perigosos de seus adversários estejam afastando os coríntios de Jesus Cristo, da mesma forma que as palavras da serpente enganaram Eva no jardim do Éden (11:3; Gn 3:1-13).



A observação de 11:4 dá margem a várias perguntas. Primeiro, quem é esse *alguém* que vem? Alguns entendem o termo como uma referência específica ao apóstolo Pedro ou a outro irmão enviado pela igreja de Jerusalém. Essa interpretação, porém, não harmoniza com as frases subsequentes. É mais provável que “alguém” seja um dos adversários de Paulo em Corinto.

A segunda questão se refere ao significado de *outro Jesus que não temos pregado* [...] *espírito diferente e evangelho diferente*. Sabemos que o apóstolo Paulo não crê na existência de dois evangelhos (Gl 1:6-9). Fica evidente que também não acredita na existência de outro Jesus. Diz, portanto, que algumas pessoas pregam o evangelho de maneira diferente, que é distorcida.

Paulo os chama por um nome irônico que pode ser traduzido por “superapóstolos” (11:5). Os “superapóstolos” não são os apóstolos de Jerusalém (os doze), mas, sim, os falsos apóstolos aos quais Paulo se refere em 11:4. Paulo nega enfaticamente a afirmação desses indivíduos de que ele é, de algum modo, inferior a eles.

Ao que parece, os falsos apóstolos se orgulhavam de sua eloquência. Paulo reconhece que talvez fossem melhores do que ele como oradores (11:6; 1Co 2:1), mas essa aptidão não substitui o *conhecimento* que o verdadeiro apóstolo possui (cf. tb. Ef 3:4). Paulo lembra aos coríntios que demonstrou claramente seu conhecimento no meio deles (1Co 2:6-16).

O elemento crítico que distingue Paulo dos falsos apóstolos, porém, é a abnegação, da qual ele fala em 11:7-11. Inicia essa seção de seu argumento declarando que se humilhou a fim de exaltar os coríntios (11:7a). Sua forma de falar traz à memória as palavras acerca do Senhor Jesus em 2Coríntios 8:9 e Filipenses 2:5-11.

De que modo Paulo se rebaixou? Ao proclamar o evangelho *gratuitamente* (11:7b). Na sociedade grega, quando a filosofia ensinada por um mestre era considerada relevante, costumava-se pagar esse mestre por seus ensinamentos. Paulo recusou receber qualquer pagamento, e, por isso, os coríntios duvidaram de suas credenciais apostólicas.

Paulo sabia que, como fundador da igreja, tinha direito de pedir aos coríntios que lhe pagassem um salário, mas abriu mão voluntariamente desse direito (1Co 9:1-15). Em Corinto, supriu suas necessidades fazendo tendas junto com Priscila e Áquila (At 18:1-3). Também aceitou ajuda financeira de outras igrejas e, em particular, da igreja de Filipos, para servir aos coríntios sem nenhum custo para eles (11:8-9a; Fp 4:15).

Em duas ocasiões, o apóstolo afirma que continuará a recusar sustento financeiro dos cristãos de Corinto (11:9b-10). Não devem interpretar sua atitude como rejeição. Deus sabe que ele os ama (11:11). Está decidido, porém, a mostrar a diferença entre ele próprio e aqueles que afirmam ser superapóstolos (11:12). Sabe que a prioridade deles é o dinheiro que podem obter ao pregar “seu” evangelho e que não desistirão voluntariamente dessa fonte de renda

fácil. Nessa questão, não podem ser considerados iguais a ele (11:12b). A relutância desses indivíduos em pregar sem receber nada em troca revela suas verdadeiras motivações. Infelizmente, hoje em dia, ainda vemos o mesmo desejo de obter riquezas materiais em muitos evangelistas nas cidades africanas.

A expressão *falsos apóstolos* só ocorre uma vez no NT (11:13). Ao que parece, é derivada da designação “falsos profetas”, usada na tradução grega antiga de Jeremias (Jr 6:13; 26:7-8, 11, 16; 27:9; 28:1; 29:1, 8). Tanto Jeremias quanto Paulo foram confrontados por pessoas que pregavam suas próprias ideias como se fossem palavras do Senhor (Jr 14:14). Ao afirmar que esses indivíduos eram *obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo*, Paulo enfatiza quanto eram falsos (11:13b). A falsidade profunda revela seu verdadeiro caráter: são servos de Satanás, o enganador e mentiroso por excelência (Jo 8:44; 2Ts 2:9-10). Como ele, seus servos se disfarçam e se fazem passar por *ministros de justiça*, o que obviamente não são (11:14-15). Por isso, Deus há de julgá-los (Rm 3:8; Fp 3:18-19).

### 11:16-33 Argumentos de Paulo: trabalho e sofrimento

Em 11:5, Paulo negou ser inferior aos superapóstolos em qualquer sentido. Agora, mostra o que o identifica como apóstolo genuíno. Mais uma vez, pede que os coríntios lhe permitam gloriar-se como fazem os falsos apóstolos, apesar de saber que só os loucos falam dessa forma (11:16; cf. tb. 1:1; 10:8, 14-17). Por isso, não pode dizer que fala *segundo o Senhor* (11:17). Uma vez, porém, que *muitos* (i. e., os falsos apóstolos) *se gloriam segundo a carne*, Paulo resolveu se pronunciar (11:18). O contraste entre o modo de falar segundo o Senhor e o modo de falar segundo a carne indica que este último focaliza somente méritos humanos.

Usando de ironia, Paulo contrasta sua “insensatez” com a “sensatez” dos coríntios (11:19). Uma vez que toleraram tantas outras coisas dos adversários do verdadeiro evangelho, sem dúvida também suportarão Paulo. Os falsos apóstolos controlam de tal modo os coríntios que os reduzem a um estado semelhante ao de escravidão (Gl 2:4). Vivem à custa dos coríntios (cf. p. ex., Mc 12:40), roubam seus bens (Gl 5:15) e os obrigam a sujeitar-se a vários tipos de opressão (11:20). Os coríntios aceitam tudo isso sem hesitar, da mesma forma que muitos cristãos africanos de hoje são forçados a se sujeitar a “pastores” e “profetas” fraudulentos.

Os coríntios deviam ter vergonha de se sujeitar a esse tratamento. Em vez disso, porém, é Paulo, falando com sarcasmo, que se diz envergonhado por não conseguir se comportar dessa maneira (11:21a)!

Em seguida, o apóstolo fala de motivos específicos de orgulho para algumas pessoas. Não revela, porém, a quem está se referindo. De acordo com algumas interpretações, Paulo fala aqui dos apóstolos em Jerusalém, mas é bem mais provável que tenha em mente os falsos apóstolos (11:21b).

Os adversários de Paulo descrevem a si mesmos com três termos referentes ao mesmo grupo, mas com ênfases distintas (11:22). *Hebreus* enfatiza o aspecto racial do povo judeu (Fp 3:5). *Israelitas* enfatiza seus vínculos religiosos e sociais (Rm 9—11). *Descendência de Abraão* lembra que são os beneficiários das promessas que Cristo cumpriu (Rm 9:6-11; Gl 3:16-18). Paulo pode afirmar que as três designações também se aplicam a ele.

Na sequência, Paulo passa da esfera puramente judaica para as asserções cristãs. Os falsos apóstolos pareciam gostar especialmente de se referirem a si mesmos como *ministros de Cristo* (11:23). Apesar de estar disposto a reconhecer a veracidade dos títulos anteriores, Paulo assevera que, quanto ao serviço cristão, ele é um tipo completamente diferente de ministro de Cristo: *Eu sou ainda mais* (1Co 15:10). Trabalha muito mais arduamente do que qualquer um deles. O termo traduzido aqui por “trabalho” é uma palavra que Paulo usa com frequência ao falar da obra do Senhor em geral ou da incumbência apostólica em particular (1Co 15:58; 2Co 6:5; 10:15; 1Ts 1:3; 2:9; 3:5).

Em razão de seu serviço ao Senhor, Paulo sofreu *uma quarentena de açoites menos um* (11:24), castigo físico aplicado pelos judeus das sinagogas (cf. Dt 25:2-3). Paulo recebeu esse castigo cinco vezes, mas não sabemos ao certo em que cidades. Também foi ilegalmente *fustigado com varas* pelos romanos (11:25) em três ocasiões, apesar de o relato bíblico registrar apenas uma delas (At 16:22,37-38). Foi *apedrejado* uma vez (At 14:19) e passou por pelo menos três naufrágios, provavelmente mais, pois o naufrágio descrito em Atos 27:14-44 ocorreu depois que Paulo escreveu essa carta. Também ficou *uma noite e um dia [...] na voragem do mar*.

Paulo relaciona, ainda, os perigos que enfrentou durante suas viagens por terra (11:26). Atravessou rios a pé e percorreu estradas repletas de salteadores. Sofreu ameaças de seus *patrícios*, os judeus (At 9:23,29; 13:45; 14:2,19; 17:5; 18:6,12), e de *gentios* (At 16:20-22; 19:23-30). Os *falsos irmãos* que o ameaçaram eram seus adversários em Corinto e outras cidades (11:13; Gl 2:4; Fp 3:2).

Em 11:27, Paulo volta ao tema do trabalho (11:23). Não passou as noites insones em oração, mas, sim, refletindo sobre preocupações pastorais (6:5). A *fome e sede* mencionadas não devem ser confundidas com jejuns voluntários. Além delas, sofreu *frio e nudez*.

Em 11:28, Paulo fala como verdadeiro pastor. Sua mente e esforços se voltam com frequência para a *preocupação com todas as igrejas*. O plural “igrejas” indica que Paulo não está pensando nas igrejas que ele fundou, mas em todas as congregações estabelecidas no mundo gentio da época (Rm 1:9-13). Paulo era, de fato, o apóstolo aos gentios (At 22:21; Gl 1:16; 2:2,9). As Escrituras nos dizem que não devemos andar ansiosos com coisa alguma (Fp 4:6). É preciso fazer distinção, porém, entre ansiedade desnecessária decorrente de nossa própria insegurança (Mt 6:25-32) e preocupação legítima com a obra de Deus (Mt 6:33; Fp 2:12).

Paulo ilustra a última. É fraco com os que são fracos (1Co 9:22; 12:26) e, portanto, quando um cristão cai, inquieta-se profundamente a ponto de se sentir enfraquecido (11:29; cf. tb. 1Co 8:13).

Em seguida, Paulo resume os argumentos anteriores em defesa da autenticidade de seu apostolado ao enfatizar como difere de seus adversários. Negam sua autoridade apostólica porque ele é fraco e desprovido de eloquência (10:10). Paulo, contudo, prefere se gloriar *no que diz respeito à [sua] fraqueza* (11:30; 12:9).

Mais uma vez, o apóstolo chama Deus como testemunha (11:31). A fórmula emprega uma bênção comum nos escritos dos rabinos, e é também usada em outras cartas de Paulo (Rm 1:25; 1Co 1:3).

Depois de concluir seu raciocínio, Paulo acrescenta mais um exemplo de sofrimento que se esqueceu de mencionar anteriormente (11:32-33). A experiência aqui descrita provavelmente é relacionada a Atos 9:23-25.

### 12:1-10 Argumentos de Paulo: visões e revelações

A autoridade apostólica de Paulo é corroborada não apenas por seu trabalho e sofrimento, mas também por *visões e revelações do Senhor* (12:1). Como diz o povo baoulé, da Costa do Marfim: “Só porque um homem cospe saliva não significa que não tem sangue no estômago”. Se Paulo não falou até agora das revelações extraordinárias, não foi por falta das mesmas. Devido à situação em que seus adversários e os coríntios o colocaram (12:11), o apóstolo falará a seguir de algumas experiências extraordinárias que o Senhor lhe proporcionou.

Nem por isso, contudo, coloca de lado sua humildade. Distingue o apóstolo (*um homem em Cristo*), que teve essas experiências, de Paulo, o homem comum (12:2a,5). Também reconhece que seu relato não é completo; somente Deus sabe o que exatamente aconteceu quando Paulo foi *arrebataado até ao terceiro céu* (12:2-3). O termo “céu” também pode ser traduzido por “paraíso”. Paulo não fala, porém, do paraíso original do Éden, mas de um lugar onde o conselho de Deus se reúne (Jr 23:18,22).

O fato de Paulo ter sido “arrebataado” mostra que a iniciativa foi de Deus. O apóstolo parece não ter procurado visões e revelações. A menção de coisas às quais não ousa se referir (12:4) também mostra que, ao contrário de muitos cristãos de hoje, Paulo sabe guardar para si algumas revelações que recebeu. Poderia se gabar delas, mas prefere se gloriar em sua fraqueza (12:5-6; 11:30). Deseja que as pessoas se lembrem dele por aquilo que ele diz e faz, e não por suas visões. A atitude de Paulo nos ensina que, em última análise, o mais importante não são as visões e revelações, mas a vida resultante das visões e revelações que Deus concede.

A interpretação exata de 12:7 não é clara. Caso seja ligado a 12:6, Paulo diz que não deseja que a glória das revelações crie para ele uma reputação imerecida. Se, porém,

12:7a é ligado mais estreitamente ao restante de 12:7, o apóstolo diz que suas revelações extraordinárias resultaram em um *espinho da carne*. As três interpretações principais para o “espinho na carne” são:

- um sofrimento físico, ou seja, uma enfermidade da qual o apóstolo padecia;
- um sofrimento teológico pelo fato de não ter conseguido ganhar os judeus para o evangelho;
- um sofrimento apostólico na forma de oposição constante à sua autoridade como apóstolo.

A menção de um *mensageiro de Satanás* leva alguns a creem que Paulo estava possuído por um espírito maligno. Sem dúvida, não era o caso! Antes, por trás de sua experiência dolorosa, Paulo vê a ação de Satanás, o adversário permanente do evangelho.

As três orações do apóstolo trazem à memória a experiência de Jesus no jardim de Getsêmani (12:8; cf. tb. Mc 14:32-42). Apesar de sua persistência, Paulo não é livrado. Recebe, contudo, uma palavra do Senhor que, como o tempo verbal sugere, constitui uma resposta final à sua oração.

O tema central da resposta de Cristo é *graça* (12:9a), uma referência ao ministério apostólico confiado a Paulo (Rm 1:5; 12:3; 1Co 15:10) ou à reprodução, na vida de Paulo, do sofrimento de Cristo (1:5; 4:10; Fp 3:10; Cl 1:24). Como Paulo sabe, em sua fraqueza o poder de Cristo se torna mais evidente. *De boa vontade*, portanto, passa pelas tribulações associadas ao seu ministério *por amor de Cristo* (12:9b-10). Semelhantemente, descobrimos que, quanto mais reconhecemos nossa fraqueza e procuramos depender de Deus, mais experimentamos seu poder.

### 12:11-21 Preocupações de Paulo com os coríntios

Ao recusarem-se a defender Paulo diante dos falsos apóstolos, os coríntios obrigaram-no a se pronunciar em favor de si mesmo (12:11). De modo mais claro do que em 11:5, ele afirma: mesmo que não seja *nada* (provavelmente era isso que seus adversários diziam), ainda assim, *em nada fui inferior a esses tais apóstolos*, isto é, aos “superapóstolos”.

As *credenciais do apóstolado*, ou seja, as indicações de que Paulo é, verdadeiramente, apóstolo, *foram apresentadas* claramente aos coríntios. Essas indicações consistem em *sinais, prodígios e poderes miraculosos* (12:12a). O propósito de todo sinal miraculoso autêntico é apontar para além de si, para Deus, o verdadeiro autor do sinal. Somente desse modo os sinais podem autenticar um ministério. Se, porém, o sinal é um fim em si mesmo e não leva as testemunhas a olharem além dele e verem Deus, torna-se uma tentação à idolatria (12:6-7).

Paulo também menciona sua *persistência* (12:12b; 6:3-10; 11:23-33). Se a persistência ou perseverança deve caracterizar a vida de todo cristão (Rm 5:3-4; 8:25; 2Ts 1:3-4; 1Tm 6:11; Tito 2:2), é essencial que se evidencie

ainda mais claramente na vida do apóstolo e de todo pastor e ministro da Palavra.

Paulo volta ao tema de 11:7-11 e, com ironia, pede aos coríntios que o perdoem por nunca ter sido *pesado* para eles (12:13). Continuará a cometer essa *injustiça*, pois está se preparando para ir a Corinto pela terceira vez com a mesma atitude. Não pretende viver à custa deles, pois considera os coríntios mais importantes do que seus bens (12:14). Vê-se como pai deles (1Co 4:15) e, como tal, é responsável por suprir as necessidades materiais de seus filhos. Por esse motivo, diz: *Me gastarei e inda me deixarei gastar em prol da vossa alma* (12:15), palavras que demonstram sua abnegação e amor pelos coríntios (12:15b).

Alguns dos adversários de Paulo sugeriam que o apóstolo apenas fingia não aceitar sustento financeiro, mas recebia dinheiro de forma indireta, por meio de seus cooperadores (12:16-17). Paulo nega essa ideia energicamente e lembra-os do comportamento de Tito e de outro irmão cujo nome não é mencionado (8:18,22). Ambos haviam agido *no mesmo espírito de Paulo* e, mais especificamente, com a mesma integridade moral e financeira (12:18).

Paulo lembra a seus leitores que não está defendendo a si mesmo a fim de conquistar o apoio dos coríntios (12:19). Antes, pronuncia-se *em Cristo perante Deus* (cf. tb. 2:17; 5:10; Rm 14:10). Seu único propósito é edificar os coríntios e outros cristãos. Este último ponto ressalta a ligação estreita entre o ministério profético de Jeremias e o ministério do apóstolo Paulo (13:10; Jr 1:10).

Em seguida, Paulo apresenta uma lista de pecados que espera não encontrar na congregação de Corinto (12:20). Os quatro primeiros são “obras da carne”, ou seja, atos da natureza pecaminosa, conforme Gálatas 5:20-21: *Discórdias, invejas, iras, porfias*. Os itens seguintes são *calúnias e intrigas*, pecados da língua, relacionados a espalhar boatos sobre outros irmãos e irmãs da comunidade (Tg 3:8-10). O *orgulho* se manifesta quando exageramos nossa própria importância e, com frequência, se expressa na forma de arrogância e insolência. As *confusões* ocorrem como resultado da violação das regras que governam a vida da comunidade (1Co 14:33).

O grande medo de Paulo é que alguns daqueles que pecaram se recusem a se arrepender. Teme que *venha a chorar* (como quem lamenta um falecimento) por aqueles que poderiam, de acordo com 1Coríntios 6:9-11, ser excluídos do reino de Deus (12:21).

### 13:1-13 Palavras finais: advertências e saudações

Paulo repete que fará uma terceira visita a Corinto (13:1; 12:14). Será diferente da visita descrita em Atos 18:1-18, como a citação de Deuteronômio 19:15 mostra claramente, pois será de ordem disciplinar (Mt 18:16; 1Tm 5:19).

Paulo já os havia admoestado durante a segunda visita a Corinto (13:2). A advertência foi para aqueles que haviam pecado anteriormente sem se arrepender (12:21) e

para outros que talvez deversem ter intervindo para corrigir a situação. Paulo indica que os tratará com severidade (10:11), a fim de mostrar que Cristo verdadeiramente fala por meio dele (13:3; cf. tb. 1Ts 2:13). O apóstolo pode ser fraco, mas Cristo certamente se mostrará poderoso no meio dos coríntios. A autoridade apostólica não se limita apenas a questões doutrinárias. É igualmente válida com respeito a valores éticos e morais que devem ocupar o centro da comunidade cristã. Paulo também deixa claro que sua vida espelha a de seu Mestre (13:4).

Em seguida, convida os coríntios a examinarem a si mesmos. Aqueles que averiguarem a autenticidade do apostolado de Paulo só precisam se perguntar se estão na fé e se Cristo vive neles; em outras palavras, se são verdadeiramente cristãos. Pode até ser que alguns sejam *reprovados* (13:5), mas Paulo e seus companheiros não o serão (13:6).

Paulo ora para que os coríntios façam o *bem* (13:7,9), ou seja, para que sua vida seja coerente com sua profissão de fé. Ao viverem desse modo, não darão motivos para Paulo ser severo quando chegar a Corinto.

O termo *verdade* em 13:8 é sinônimo de “justiça”, ou seja, “aquilo que Deus exige”. Nesse contexto, equivale a “o evangelho”. A asserção de Paulo de que não tem poder para fazer nada *contra a verdade* mostra que o apóstolo nunca acrescentou nada ao evangelho. Sua preocupação sempre foi edificar os coríntios. Apesar das críticas que essa prática gerou no passado, prefere ser severo em suas cartas a fim de dar aos destinatários tempo para refletir e se arrepender, em vez de precisar *usar de rigor* com eles quando está presente (13:10; 10:1,10). A autoridade que o Senhor lhe conferiu pode ser empregada tanto para edificar quanto para destruir (10:8; cf. tb. Jr 1:10), mas Paulo escolhe usá-la apenas para a edificação.

A expressão *quanto ao mais* (13:11a) aparece com frequência nos escritos de Paulo (cf. p. ex., Ef 6:10; Fp 3:1) e indica que a carta está chegando ao fim. O apóstolo deixa de lado o tom de severidade e passa às saudações e bênção.

A exortação final inclui várias instruções (13:11b):

- *Aperfeiçoi-vos*. Este é o tema da oração de Paulo em 13:9.
- *Consolai-vos*. Encorajem ou exortem uns aos outros (1Ts 4:18; 5:11).
- *Sede do mesmo parecer*. Tenham um só pensamento (cf. NVI).
- *Vivei em paz*. A paz é associada a ser do mesmo parecer (Rm 12:18; 1Ts 5:13).

Se viverem dessa forma, o *Deus de amor e de paz estará* com eles (13:11c). Paulo usa com frequência a expressão “Deus da paz” (Rm 15:33; 16:20; Fp 4:9; 1Ts 5:23), e a expressão “Deus de amor” também é coerente com o pensamento do apóstolo (Rm 5:5,8; 8:39; 1Co 13).

A instrução *Saudai-vos* (13:12) pode ser entendida como um acréscimo aos imperativos de 13:11. De acordo com alguns comentaristas, o *ósculo* era um sinal de reconciliação no judaísmo. Ao acrescentar o adjetivo *santo*, Paulo parece torná-lo um gesto tipicamente cristão. Encontramos a mesma instrução no final de várias de suas cartas (Rm 16:16; 1Co 16:20b; 1Ts 5:26).

Nas bênçãos no final das cartas, Paulo costuma se referir a apenas uma pessoa da Trindade (Gl 6:18; Fp 4:23; Cl 4:18; 1Tm 6:21; Tito 3:15), ou a duas (Rm 16:27; Ef 6:23). Em 13:13, porém, faz menção das três pessoas da Trindade, como que procurando apresentar aos coríntios um resumo final do evangelho apostólico.

Issiaka Coulibaly

#### Leituras adicionais

BARRET, C. K. *The Second Epistle to the Corinthians*, Reimp. BNTC. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1993.

HUGHES, Philip E. *The Second Epistle to the Corinthians*, NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

# GÁLATAS

Apesar de quase todos os estudiosos concordarem que o autor dessa carta é o apóstolo Paulo (1:1), eles não apresentam o mesmo consenso no tocante aos destinatários. De acordo com a interpretação mais comum (adotada neste comentário), o termo “Galácia” se refere a toda a província. Nesse caso, os destinatários incluem as igrejas do Sul que Paulo fundou na primeira viagem missionária, quando visitou Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, e a carta pode ser datada, portanto, de 49 d.C. É possível, contudo, que Paulo tenha escrito somente para as igrejas do distrito do Norte chamado Galácia, cujo nome passou a ser usado posteriormente para a província toda. Nesse caso, é difícil identificar as igrejas ou definir quando foram fundadas. A data mais antiga possível corresponde à segunda viagem missionária de Paulo. A carta teria sido escrita, então, depois do concílio em Jerusalém em 50 d.C. (cf. At 15).

Paulo escreve por causa de sua preocupação com os gálatas que estavam dando ouvidos a falsos mestres. De acordo com esses judaizantes, os gentios precisavam ser circuncidados e se tornar como os judeus a fim de serem justificados. A resposta de Paulo nesta carta se aplica a qualquer grupo que sugira a necessidade de os cristãos se firmarem em algo além da fé em Cristo para a salvação.

## Esboço

1:1-5 Autor, destinatários e saudações

1:6-10 Nenhum outro evangelho

1:6-7 Os gálatas e os falsos mestres

1:8-9 O evangelho imutável

1:10 Duas perguntas importantes

1:11-24 O apostolado de Paulo e o evangelho

1:12-16 Revelação direta de Jesus Cristo

1:17-24 Nenhuma fonte humana

2:1-10 Paulo aceito por outros apóstolos

2:1 Paulo e seus cooperadores Barnabé e Tito

2:2 Motivo da visita

2:3-5 Problemas que surgiram

2:6 Resultado da visita

2:7-9 Aceitação da missão de cada um

2:10 Recomendação de Jerusalém

2:11-14 Paulo se opõe a Pedro

2:12-13 O erro de Pedro

2:14 A reação de Paulo

2:15—4:31 Justificação pela fé

2:15-16 Pontos de concordância

2:17-21 Resposta a uma objeção

3:1—4:31 Argumentos em favor da salvação somente pela fé

3:1-5 Argumento da experiência

3:6-9 Argumento de Abraão

3:10-14 Argumento das únicas alternativas

3:15-25 Argumento da relação entre a lei e a promessa

3:26—4:11 Argumento da comparação entre uma criança e um adulto

4:12-20 Argumento da relação entre Paulo e os gálatas

4:21-31 Argumento da relação entre Agar e Sara

5:1—6:10 Implicações da justificação pela fé

5:1-12 Permanecer firmes e viver em liberdade

5:13-26 Viver pelo Espírito

6:1-6 Cumprir as responsabilidades cristãs

6:7-10 Semear e colher

6:11-18 Resumo e conclusões

## COMENTÁRIO

**1:1-5 Autor, destinatários e saudações**

Paulo se apresenta como *apóstolo*, termo que significa “enviado” (1:1a). Ao que parece, alguns dos gálatas se mostraram propensos a questionar a autoridade de Paulo, dizendo que ele havia sido nomeado apóstolo pelos discípulos de Jesus ou pelos irmãos que o comissionaram em Antioquia (At 13:1-3). Paulo assevera, portanto, que não foi nomeado apóstolo por nenhum grupo ou indivíduo (1:1b). Não sabemos ao certo que indivíduo ele tem em mente, mas pode estar se referindo a Ananias (At 9:15-18), Barnabé (At 9:27; 12:25), um representante dos doze apóstolos, ou alguém da igreja de Antioquia.

Paulo afirma categoricamente que é apóstolo por intermédio de *Jesus Cristo e por Deus Pai* (1:1c; cf. At 9:1-6). Fala do Pai porque, se ele não houvesse ressuscitado



Jesus Cristo *dentre os mortos*, não haveria evangelho para pregar nem autoridade apostólica para Paulo exercer. Apesar de ser apóstolo, contudo, Paulo não atua sozinho, de modo que, ao escrever essa carta, também menciona *todos os irmãos meus companheiros* (1:2).

O apóstolo deseja graça [...] e paz aos gálatas, uma combinação de saudações gregas e hebraicas que ele altera ligeiramente ao remover o termo comum para saudação e substituir pelo termo “graça”. Em seguida, especifica a origem da graça e da paz: *Da parte de Deus nosso Pai, e do [nosso] Senhor Jesus Cristo* (1:3). A saudação geral adquire significado teológico e também serve de oração. Aqui, como em 1:1 e outra vez em 1:4, Paulo fala simultaneamente de Jesus e do Pai e, portanto, não deixa dúvidas de que Jesus opera em conjunto com o Pai na vida do apóstolo e dos gálatas.

Em 1:1, Paulo descreve a obra do Pai e, em 1:4, a obra do Filho: *Entregou a si mesmo*. Fica evidente que a morte de Cristo foi voluntária e que seu propósito era nos resgatar. *Nossos pecados* nos impedem de cumprir as exigências justas de Deus. Ao morrer por nós, Jesus não apenas restaurou nossa posição correta diante de Deus (justificação), mas também mudou nosso caráter para que possamos viver como filhos de Deus. Apesar de ainda lutarmos contra a ação do diabo neste *mundo perverso*, a era futura será caracterizada pelo domínio total de Jesus sobre nossa vida. Por mais imperfeita que seja, a vitória presente sobre o inimigo constitui um antegosto da era vindoura.

Paulo enfatiza que Jesus não opera sozinho, mas, sim, *segundo a vontade de nosso Deus e Pai*. A expressão “nosso Deus e Pai” lembra que o Deus majestoso (Deus supremo que controla todas as coisas) também é nosso Pai amoroso (que nos resgatou quando ainda éramos seus inimigos). Não é de admirar que Paulo irrompa em louvores *a quem seja a glória pelos séculos dos séculos* (1:5).

### 1:6-10 Nenhum outro evangelho

Agora, Paulo passa da defesa de seu apostolado à defesa do evangelho. As palavras do apóstolo deixam claro que alguns indivíduos se opunham à sua mensagem e que ele estava extremamente apreensivo com o efeito dessa oposição sobre os gálatas.

### 1:6-7 Os gálatas e os falsos mestres

O que preocupava Paulo era o fato de os gálatas estarem *passando [...] daquele que [os] chamou na graça de Cristo* (1:6). Ao que parece, estavam deixando Deus de lado para seguir os falsos mestres. O apóstolo se admira não apenas de abandonarem a mensagem do evangelho, mas de o fazerem *tão depressa* (1:6). É possível que tenha em mente: a) o período curto transcorrido entre a chegada de falsos mestres e a necessidade de escrever essa carta; b) o modo de os gálatas aceitarem o verdadeiro evangelho, mas, logo em seguida, se desviarem dele; ou c) o período curto desde sua última visita aos gálatas. Seja como for, os gálatas estavam trocando o

tesouro da mensagem verdadeira por *outro evangelho*, ou melhor, por algo que, na realidade, *não é outro evangelho* coisa nenhuma (1:7). Paulo não duvida, porém, de que chegaram a possuir o verdadeiro evangelho, aquele *que vos temos pregado* (1:8) e que *recebestes* (1:9). Ao usar a primeira pessoa do plural, Paulo inclui os membros de sua equipe que, junto com ele, fundaram as igrejas na Galácia.

A estratégia dos falsos mestres consistia em semear confusão a fim de levar os gálatas a abandonar Cristo e aceitar um evangelho diferente e distorcido. Tendo em vista estarem desviando o povo de Cristo, Paulo escreve para alertar os gálatas e expressar seu espanto diante da incapacidade de distinguirem entre o tesouro que possuíam e a mentira que estava tomando seu lugar.

### 1:8-9 O evangelho imutável

Como os termos gregos que Paulo escolhe mostram, não há outro evangelho semelhante ao que ele pregou e os gálatas aceitaram. O que seus adversários chamam de “evangelho” é, na verdade, algo completamente diferente. Não é apenas um substituto inferior; é uma falsificação.

Ainda que os falsos mestres tenham conseguido mudar o modo de pensar de alguns dos gálatas, não podem fazer o mesmo com o evangelho em si, pois, como diz o provérbio ioruba da Nigéria: *Ajagajigi enniti o mi kukute mi 'ra re* (“Quem tenta sacudir o tronco de uma árvore só sacode a si mesmo”). O evangelho não pode ser alterado devido à sua natureza:

- É distinto. a) É “de Cristo” (1:7), ou seja, pertence a Cristo, foi proclamado por Cristo e afirma que Cristo veio em carne, morreu por nós e ressuscitou, vencendo a morte. b) Envolve o chamado de Deus, o Pai, aquele “que vos chamou” (1:6). Pode haver posição melhor do que aquela conferida pelo Pai? c) O Pai chamou “na graça de Cristo” (1:6). O mesmo termo pode ser traduzido por “na” ou “por meio da”. Se considerarmos que significa “na graça de Cristo”, Paulo afirma que os gálatas foram chamados dentro do âmbito da graça, e não das obras. Parece mais provável, contudo, que a tradução correta seja “por meio da”, enfatizando que o chamado divino é um ato de graça. Os gálatas se esqueceram da bondade que Deus demonstrou ao aceitá-los como filhos.
- É insubstituível. Apesar de os falsos mestres apresentarem seus ensinamentos como se fossem o “evangelho”, Paulo afirma que, na verdade, pregam algo completamente diferente (1:7). O evangelho verdadeiro e eficaz tem Cristo como única base para a salvação. É o mesmo para ricos e pobres, senhores e escravos, homens e mulheres, presidentes e gente comum, opressores e oprimidos, sábios e insensatos, cultos e incultos, gentios e judeus, gálatas e africanos. Há somente um caminho para todos. Nenhum outro evangelho proposto tem poder para salvar.

- É maior do que anjos, do que Paulo ou outra pessoa. Qualquer outro evangelho é errado, não obstante sua origem. Mesmo que o próprio Paulo ou um anjo do céu tentasse alterar o evangelho, incorreria em erro (1:8a). Aquilo que os gálatas haviam recebido de Paulo era a essência do plano sábio de Deus para a redenção, e nenhuma sabedoria de outra fonte poderia aprimorar esse plano.
- Sua importância justifica a maldição proferida sobre todos que o distorcem. Em duas ocasiões nessa passagem, Paulo diz de quem prega evangelho falso: *Seja anátema* (1:8b; 1:9b). No sistema judicial de Deus, distorcer o evangelho é crime grave, passível de castigo divino. Paulo informa que esse pronunciamento não é novo: *Já dissemos, e agora repito* (1:9a). Pode estar se referindo à sua declaração em 1:8, porém é mais provável que tenha mencionado esse princípio em outras ocasiões no passado. Não se trata apenas de uma expressão de seus sentimentos em relação aos judaizantes, na Galácia, como indivíduos.

### 1:10 Duas perguntas importantes

Paulo encerra essa seção com duas perguntas importantes. A primeira é: *Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus?* (1:10a). As duas únicas alternativas são buscar a aprovação dos homens ou o favor de Deus. Quem busca a aprovação dos homens costuma transigir e ser menos rígido a fim de receber a aceitação de outros. Talvez os indivíduos que questionavam a autoridade de Paulo estivessem sugerindo ser isso que o apóstolo fazia ao insistir na salvação somente pela fé, enquanto os judaizantes afirmavam que as obras também eram necessárias. Paulo repete, portanto, a pergunta: *Ou procuro agradar a homens?* (1:10b).

Na sequência, o apóstolo responde enfaticamente às suas próprias perguntas: *Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo* (1:10c). É possível que, antes de sua conversão, a vida de Paulo fosse caracterizada pelo desejo de agradar outras pessoas. Sua única preocupação agora, porém, é defender e promover o evangelho que Deus aprova, mesmo que isso implique ser rejeitado por alguns, inclusive pelos gálatas, e por aqueles que os estavam fazendo se desviar. Seu desejo sincero é agradar a Deus.

### 1:11-24 O apostolado de Paulo e o evangelho

Agora, Paulo enfatiza claramente a fonte do evangelho que é tão importante para ele e para os gálatas. A fim de evitar qualquer confusão acerca do evangelho ao qual ele se refere, volta a descrevê-lo como *o evangelho por mim anunciado* (1:11; cp. 1:8, “evangelho [...] que vos temos pregado”). Contrasta-o com qualquer ensinamento diferente que os gálatas tenham recebido ou venham a receber. Deseja ressaltar dois pontos-chave acerca do verdadeiro evangelho: recebeu-o por revelação direta de Deus e não o recebeu de fonte humana.

### 1:12-16 Revelação direta de Jesus Cristo

A declaração de que recebeu o evangelho *mediante revelação de Jesus Cristo* (1:12) aponta para Jesus Cristo como origem e conteúdo da revelação. Nesse momento, porém, Paulo concentra-se na questão da origem da revelação. O Pai revelou Jesus a Paulo (1:15-16), e Jesus revelou o evangelho ao apóstolo (1:12). Tanto o Pai quanto o Filho transformaram Paulo na pessoa que ele é e lhe deram a mensagem que ele prega.

Paulo reforça essa declaração direta ao pedir que seus leitores comparem a vida dele antes e depois de sua conversão. Antes, seus pensamentos, atos e atitudes eram governados pela fé judaica. Os gálatas sabiam que ele havia se dedicado ao judaísmo com muito mais zelo do que qualquer judaizante. Sua vida havia sido caracterizada pelo ódio à igreja, o progresso na fé judaica e a defesa fervorosa das tradições de seus antepassados (1:13-14). Não havia sido apenas um jovem entusiasta judeu, mas um grande estudioso. Sua devoção ao judaísmo era expressa no ato que o levou a tentar destruir a igreja. A transformação de um homem como esse em defensor da igreja e da salvação somente pela fé, independente da lei judaica, indicava a ação de algo muito mais poderoso do que meros argumentos humanos. Somente uma intervenção divina poderia ter causado tamanha transformação.

Paulo mostra que sua conversão envolveu dois atos de Deus: *Me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça* (1:15). Os dois atos refletem o propósito eterno de Deus para a vida de Paulo e sua concretização na experiência dele no caminho para Damasco (At 9:1-19). A ênfase sobre a graça destaca que Paulo não merecia o favor demonstrado por Deus ao se revelar a ele e comissioná-lo para ser apóstolo aos gentios (1:16; At 26:12-18). Paulo afirma que essa revelação de Jesus por Deus ocorreu “em mim”, uma indicação de que Deus o fez passar pela experiência de perceber quem Jesus é, a fim de mudar seu objetivo. Outrora inimigo de Jesus, tornou-se seu defensor ardoroso.

### 1:17-24 Nenhuma fonte humana

Paulo enfatiza a asserção de que recebeu o evangelho diretamente de Cristo ao ressaltar que não é proveniente “de homem algum” nem de “carne e sangue” (1:12,16). Ao que parece, alguns indivíduos estavam dizendo que Paulo havia recebido o evangelho de Ananias (At 9:10-22), ou dos doze apóstolos. Insinuavam, com isso, que Paulo estava se afastando daquilo que havia aprendido ao deixar de fora a necessidade de obras para a salvação.

A fim de esclarecer a questão, Paulo detalha os acontecimentos subsequentes à sua conversão (1:17-21). Deseja mostrar que seu contato com os outros apóstolos foi bastante limitado e só ocorreu alguns anos depois de o apóstolo ter se convertido e começado a pregar.

Quase imediatamente depois de aceitar a Cristo, Paulo deixou Damasco e foi à Arábia (1:17). Não sabemos se ele

pregou nessa região ou apenas passou tempo refletindo sobre a mudança enorme que havia ocorrido em seu pensamento. Sem dúvida, estava longe de Jerusalém e dos doze apóstolos (At 8:1b). Em seguida, o apóstolo informa que visitou Jerusalém *depois de três anos*. Não sabemos se são três anos depois de sua conversão ou três anos depois de sua volta a Damasco. A visita a Jerusalém foi curta (*quinze dias*), e o motivo, bastante específico: *Avistar-me com Cefas (1:18)*. Durante a visita, não se encontrou com nenhum dos outros apóstolos, exceto Tiago, irmão de Jesus, que, apesar de ser apóstolo, não fazia parte do grupo dos doze (1:19).

Posteriormente, Paulo viajou à Síria e [...] Cilícia (1:21), dois lugares também distantes de Jerusalém. Nessa época, as igrejas da Judeia ainda não o conheciam pessoalmente, pois ele não havia tido nenhum contato com elas. Sabiam apenas da mudança extraordinária que havia ocorrido em sua vida (1:22-24). Somente *catorze anos depois* (2:1) o apóstolo visitou Jerusalém pela segunda vez e se encontrou com alguns dos líderes da igreja. Não há como dizer que foram catorze anos depois de sua conversão, depois da primeira visita a Jerusalém ou depois da viagem à Síria e Cilícia. O quadro geral, contudo, é claro: Paulo não teve oportunidade de ser instruído no evangelho por nenhum dos doze apóstolos. Trata-se de mais uma corroboração do testemunho de que ele o recebeu por revelação de Cristo. A questão é tão importante para o apóstolo que ele acrescenta: *Acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto (1:20)*. O fato de alguns interpretarem incorretamente suas palavras e o evangelho é motivo de sofrimento para o apóstolo.

## 2:1-10 Paulo aceito por outros apóstolos

Apesar de Paulo insistir em que seu evangelho não vem de Jerusalém nem dos apóstolos, também deseja explicitar que não há conflito nenhum entre ele e os líderes em Jerusalém. Descreve, portanto, sua segunda visita a Jerusalém e focaliza a circuncisão, uma questão extremamente relevante para os gálatas.

## 2:1 Paulo e seus cooperadores Barnabé e Tito

Na segunda viagem a Jerusalém, Paulo foi acompanhado por Barnabé e Tito (2:1). Barnabé era levita de Chipre e havia se tornado cristão em Jerusalém (At 4:36-37). Foi uma figura-chave para aproximar a missão do evangelho aos judeus e a missão aos gentios (At 9:27; 11:22; 13:1—14:28; 15:2-4, 12,36-41). Essa é a primeira vez que Paulo o menciona em suas cartas. Tito, por outro lado, era grego e não aparece em Atos. Ao que parece, foi convertido por intermédio de Paulo (Tt 1:4) e se tornou um cooperador importante do apóstolo (2Co 2:12-13; 7:5-16; 8:6-24; 12:18).

Ao levar um judeu e um gentio consigo para Jerusalém, é possível que Paulo desejasse mostrar a coexistência pacífica dos circuncisos e incircuncisos e seu papel com relação a ambos. Pode ser, ainda, que tenha pedido aos judeus de Jerusalém (inclusive seus líderes) que manifestassem a dis-

posição de aceitar um gentio. Não obstante o motivo, nessa carta Paulo tem outra razão importante para mencionar Tito (cf. os comentários sobre 2:3).

## 2:2 Motivo da visita

Paulo diz que foi a Jerusalém por orientação divina (2:2a) e, com isso, indica que não foi convocado pela liderança nem chamado por alguém de lá. O apóstolo não informa se ele próprio recebeu a revelação ou se esta lhe foi transmitida por Ágabo (At 11:28), mas sabemos que Paulo recebeu outras revelações por meio de profecias (1Co 14:6,26), visões ou sonhos (At 16:9-10; 18:9-10; 23:11; 27:23-24) ou por convicção de Deus (At 16:6-7; 20:22-23; Fp 3:15).

Em seguida, Paulo relata o que fez durante sua estada em Jerusalém: *Lhes expus o evangelho que prego entre os gentios (2:2b)* e refere-se *aos que pareciam de maior influência (2:2c)*. O texto da RA pode dar a impressão de que se tratou de apenas um encontro, mas o grego permite outra interpretação. É provável que tenham ocorrido duas reuniões: primeiro, um encontro público entre Paulo, sua equipe e os membros da igreja de Jerusalém e, posteriormente, um encontro particular com um grupo menor de líderes, entre eles Tiago, Pedro e João (cf. 2:9).

Nos encontros, Paulo apresentou “o evangelho que prego” (2:2b). Usa o tempo presente para mostrar que sempre prega o mesmo evangelho, quer esteja em Jerusalém quer na Galácia.

Diz, ainda, que expôs o evangelho diante deles. O verbo traduzido por “expor” não indica, em nenhum sentido, superioridade de alguma das partes envolvidas. Pode ser usado para se referir à comunicação tanto entre amigos quanto entre um superior e um subordinado. Nessa seção de Gálatas, significa simplesmente que Paulo lhes informou o que estava pregando.

Agiu desse modo *para não correr ou ter corrido em vão (2:2d)*. Essa carta como um todo deixa claro que Paulo não duvidava da validade do evangelho nem de sua missão divina. Também não estava buscando a aprovação da liderança em Jerusalém. Antes, sua preocupação era manter a unidade da igreja em meio à diversidade introduzida pela conversão dos gentios. A comunhão com Jerusalém seria uma bênção para seu ministério. Sua “corrida”, uma imagem atlética, não seria em vão, pois somente os que não tinham entendido a mensagem estavam determinados a prejudicar seu trabalho. Era de suma importância a igreja em Jerusalém entender o que ele estava fazendo.

Paulo não estava interessado em competir, mas em servir ao verdadeiro evangelho. Os judaizantes, porém, poderiam interpretar a visita a Jerusalém como um sinal de que Paulo era inferior aos apóstolos de lá. Por esse motivo, a seção seguinte descreve em detalhes o que ocorreu durante a visita.

## 2:3-5 Problemas que surgiram

Os problemas da visita surgiram de pessoas cuja atitude lembra a dos judaizantes na Galácia. Paulo se refere a esses in-

divíduos como *falsos irmãos* (2:4a), mas não os identifica de modo mais específico nem diz se causaram problemas antes, durante ou depois da visita. Sabemos, porém, que insistiam na circuncisão como elemento essencial para a salvação dos gentios, uma questão da qual Tito se tornou símbolo. Fica evidente, porém, que o fato de Tito ser ou não circuncidado não preocupou os líderes aos quais Paulo apresentou o evangelho. Apesar de haver quem argumente que a declaração de Paulo *Nem mesmo Tito [...] foi constrangido a circuncidar-se* (2:3) indica a decisão voluntária de Tito de ser circuncidado, o mais importante é que a igreja de Jerusalém considerou a circuncisão como uma prática não essencial.

A questão da circuncisão foi trazida à baila pelos falsos irmãos *que se entremeteram* na igreja (2:4b). O termo “entremeter”, que também pode ser traduzido por “infiltrar”, é usado para traidores que fingem fazer parte de um grupo a fim de espioná-lo e enfraquecê-lo. É possível que tenham se infiltrado na igreja cristã de modo geral. Os falsos irmãos provavelmente haviam se tornado parte de congregações locais e se associado à missão aos gentios, mas por motivos escusos. De acordo com alguns comentaristas, a infiltração pode ter ocorrido em Antioquia. Outros dizem que esses indivíduos talvez tenham sido enviados de algum outro lugar, onde Paulo havia pregado, a fim de tumultuar a reunião com os líderes de Jerusalém.

Apesar de fingirem se preocupar genuinamente com a unidade da igreja, à medida que seu alcance se tornava mais amplo, os falsos irmãos procuravam impor o princípio de que os gentios deviam ser circuncidados em obediência à lei. Uma vez que Tito era gentio, voltaram o foco de seu argumento para ele.

Paulo rejeita categoricamente a argumentação dos falsos irmãos, e afirma o objetivo deles ao vigiar a liberdade dos cooperadores do apóstolo para removê-la: *Com o fim de [...] reduzir-nos à escravidão* (2:4c). Descreve a liberdade que desfruta como *liberdade que temos em Cristo Jesus*. Estão livres da obrigação de cumprir a lei a fim de obter a salvação. A liberdade foi concedida por Cristo e é desfrutada em Cristo, com base no fato de ele ter cumprido todas as exigências da justiça e obedecido à lei perfeitamente em nosso lugar.

Paulo resume a reação de sua equipe: *Aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós* (2:5). Os falsos irmãos impuseram uma porção de exigências, e Paulo e seus cooperadores (em particular Barnabé) se recusaram a ceder. Estavam cientes de que transgir seria o mesmo que apoiar o princípio falso da justificação pelas obras.

Assim como os falsos irmãos estavam errados naquela ocasião, os judaizantes da Galácia estão errados agora. Os gálatas devem resistir a essa tentativa de remover sua liberdade em Cristo. Trata-se de uma questão de princípio, e o princípio é o mesmo em todos os contextos.

De fato, Paulo pediu que Timóteo fosse circuncidado (At 16:3), mas as circunstâncias eram bem diferentes. Timóteo

era filho de mãe judia e pai grego, enquanto Tito era de descendência gentia. Timóteo decidiu ser circuncidado para não ofender os irmãos mais fracos e para tornar a equipe missionária mais aceitável aos judeus. Seu objetivo, portanto, foi apenas tornar o ministério mais eficaz. No caso de Tito, porém, a circuncisão foi apresentada como um ato necessário para a salvação. A verdade do evangelho estava em jogo, e era impossível transgir.

## 2:6 Resultado da visita

O primeiro resultado da visita que Paulo menciona pode causar surpresa. O apóstolo parece expressar desdém quando diz que os líderes aos quais se pronunciou *nada [lhe] acrescentaram* (2:6d). Na verdade, o apóstolo está dizendo que não lhe ensinaram nada de novo nem exigiram que ele acrescentasse algo à sua pregação. Não exigiram, mais especificamente, que os gentios fossem circuncidados. Paulo argumenta que, se esses líderes não julgaram necessário acrescentar nada à sua mensagem, os judaizantes da Galácia não tinham direito nenhum de fazê-lo.

Não obstante, Paulo dá a impressão de falar com desca-so ao se referir *àqueles que pareciam ser de maior influência* (2:2,6a), *quais tenham sido* (2:6b) e às *reputadas colunas* (2:9). As “colunas” são, sem dúvida, Tiago, Pedro e João, e suas referências anteriores incluem os três, mas também podem abarcar um grupo maior. Por que Paulo diz que “pareciam ser de maior influência”? Por certo, considera que Tiago, Pedro e João tinham um papel legítimo de liderança em Jerusalém. O problema era que os falsos irmãos estavam exagerando a importância desses homens para diminuir a autoridade de Paulo. Consequentemente, Paulo toma o cuidado de não apresentá-los como líderes de modo mais abrangente. Eram líderes em Jerusalém, mas não eram superiores a Paulo. O apóstolo também era líder do ministério aos gentios. Rejeita categoricamente, portanto, a ideia dos judaizantes de que sua mensagem precisava ser validada por algum dos outros apóstolos.

Ao dizer *Quais tenham sido, outrora, não me interessa*, Paulo parece se referir ao que esses indivíduos haviam sido no passado. Tiago era meio-irmão de Jesus, e Pedro e João haviam acompanhado Jesus durante vários anos. Pelo visto, algumas pessoas imaginavam que esses privilégios conferiam a esses homens posição superior em relação aos outros na igreja. Paulo destaca que *Deus não aceita a aparência do homem* (2:6c), ou seja, não age com base em favoritismo ou considerações exteriores. Mais especificamente, não favorece companheiros ou parentes do Jesus histórico em detrimento de alguém como Paulo, que recebeu a comissão apostólica mais tarde. O que importa para Deus e o que importa para Paulo é que ele recebeu sua comissão da parte de Deus.

## 2:7-9 Aceitação da missão de cada um

Ao ouvirem Paulo expor o evangelho que pregava, dar testemunho de como o havia recebido e dos resultados de sua

proclamação, os líderes em Jerusalém reconheceram que Paulo havia recebido a incumbência de pregar o evangelho aos gentios, da mesma forma que Pedro havia sido incumbido de pregá-lo aos judeus (2:7).

Paulo apresenta a base teológica para esse reconhecimento: *Aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios* (2:8). Deus é um só. Não existe um Deus de Pedro e outro Deus de Paulo, assim como não existe um evangelho para os judeus e outro para os gentios. Se os judaizantes reconheciam o ministério de Pedro aos judeus, como era o caso, não tinham outra opção senão aceitar o ministério de Paulo aos gentios.

Quando Tiago, Pedro e João, três homens que os judaizantes respeitavam, ouviram acerca da graça de Deus para com Paulo, estenderam a ele e a Barnabé *a destra de comunhão* (2:9a), um sinal de amizade e concordância mútua, e não apenas um acordo particular ou uma expressão vaga de boa vontade. Foi um acontecimento histórico que os judaizantes não poderiam contestar, sem negar, a autoridade dos líderes que estavam usando para corroborar suas ideias.

Tiago, Pedro e João concordaram que Paulo fosse *para os gentios [...] e eles, para a circuncisão* (2:9b). Não foi uma tentativa de demarcar territórios, pois Deus já havia feito essa divisão ao comissionar Pedro e Paulo. Foi simplesmente uma declaração da forma em que trabalhariam. Fica evidente que a divisão não era de ordem geográfica ou étnica. Afinal, quando chegava a uma cidade, Paulo costumava se dirigir primeiro às sinagogas (At 17:2,10; 18:4; 19:8), apesar de seu foco principal ser o povo gentio, e tanto o ministério de Pedro quanto o de Tiago não se limitaram ao povo judeu ou a territórios judeus (At 11:19-21; Tg 1:1; 1Pe 1:1). Ao mesmo tempo que eram específicos, seus ministérios também se sobrepunham. Pregavam o mesmo evangelho com o mesmo objetivo, mas usavam duas estratégias missionárias distintas devido às diferenças de contexto e origens.

### 2:10 Recomendação de Jerusalém

Paulo não se preocupava apenas em asseverar sua independência de Jerusalém; também desejava demonstrar comunhão com os membros da igreja de lá. Ao falar da recomendação dos líderes de Jerusalém para que se continuasse a se lembrar *dos pobres*, o apóstolo acrescenta mais que depressa: *O que também me esforcei por fazer* (2:10).

A visita de Paulo parece ter ocorrido por volta de 46 d.C. Na época, havia uma grave escassez de alimentos na Palestina. A igreja de Jerusalém sofria em decorrência de perseguições, e pode ser que lhe faltassem recursos porque alguns dos membros haviam vendido seus bens (At 2:45; 4:34). Os líderes dos ministérios aos judeus e gentios desejavam, portanto, participar dos esforços para aliviar a pobreza dos irmãos em Jerusalém.

### 2:11-14 Paulo se opõe a Pedro

Diz um provérbio kamba, do Quênia: *Mathoka me nthungi ni imwe mailela ukungulania* ("Quando são colocados juntos numa cesta, os machados retinam uns nos outros"). Não surpreendem, portanto, as divergências ocasionais entre Pedro e Paulo, dois líderes fortes da jovem igreja (2:11). Seu conflito não se deveu a uma questão de princípios, mas, sim, de coerência.

### 2:12-13 O erro de Pedro

Em algum momento, Pedro havia visitado Antioquia e compartilhado de bom grado refeições com os gentios de lá. Quando, porém, *chegaram alguns da parte de Tiago*, Pedro mudou de comportamento (2:12a). Esse "Tiago" é o meio-irmão de Jesus e, provavelmente, o principal administrador da igreja de Jerusalém, martirizado em 62 d.C. Tiago não havia enviado esses homens e não aprovaria sua atitude, mas vinham de um grupo em Jerusalém associado a ele (At 15:24).

Paulo afirma que Pedro começou a se afastar *temendo os da circuncisão* (2:12b). Os judeus em questão se orgulhavam de terem sido circuncidados e desejavam impor o costume sobre os gentios. Apesar de a questão em Antioquia ser relacionada a refeições conjuntas, e não à circuncisão, a ocorrência é relevante para os gálatas. Algumas pessoas em Antioquia esperavam que Pedro e outros judeus da cidade obedecessem à lei judaica a fim de serem aceitos por Deus.

Sem dúvida, o comportamento de Pedro influenciou outros judeus que também começaram a se afastar dos gentios (2:13a) e, com isso, a causar divisão na igreja. Há um provérbio kamba, do Quênia, que diz: *Uko wa mbiti uthuaa undu umwe* ("O clã das hienas manqueja da mesma forma"). Pedro levou os judeus a manquejar pela associação de "fé e obras", desse modo, agiu de maneira contrária ao que ele próprio, bem como Paulo e outros, haviam concordado quando aceitaram o princípio do evangelho "somente pela fé".

A influência exercida por Pedro era tanta que até mesmo Barnabé, cooperador próximo de Paulo, começou a imitá-lo (2:13b). Os termos usados sugerem que Barnabé não parou para refletir sobre a situação, mas se deixou levar pelas emoções do momento. Não obstante, seu afastamento e separação dos gentios, por mais breve que tenham sido, representaram uma anulação de tudo o que ele e Paulo haviam pregado a eles.

### 2:14 A reação de Paulo

O comportamento de Pedro confirmou os ensinamentos dos judaizantes e, portanto, obscureceu e violou o princípio fundamental de que todas as raças interagem em Cristo. Paulo não hesitou em rotular essa atitude de hipocrisia (2:13, NVI). Pedro e os outros estavam agindo de maneira oposta àquilo que afirmavam crer. Consequentemente, Paulo os acusou de não procederem *corretamente segundo a verdade do evangelho* (2:14). Na verdade, se opôs a Pedro "face a face" (2:11) e o repreendeu em público. Como diz o povo



jabo da Libéria: “Não se resolve um litígio por intermédio de mensageiros”. A questão era tão séria que só podia ser resolvida pessoalmente. Não se tratou, contudo, de um confronto hostil. Ao se distanciar dos gentios, Pedro havia transmitido uma mensagem pública, de modo que Paulo também teve de censurá-lo em público.

Paulo repreendeu Pedro publicamente nos seguintes termos: *Se, sendo tu judeu, vives como gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?* (2:14). Desde sua visão (At 10), Pedro havia admitido que as distinções antigas entre raças não se aplicavam mais e havia se mostrado pronto a comer e beber com cristãos gentios. Em Antioquia, porém, havia mudado de comportamento, em consequência não de uma alteração em suas convicções, mas do desejo de manter o favor do seu povo. É possível que, ao contrário de Paulo, Pedro não tenha percebido que, ao se comportar desse modo, havia cedido numa questão crítica do evangelho. Como diz o povo kamba do Quênia: *Makwata nde muunda* (“Quem segura, ao mesmo tempo, aqui e ali, não ganha nem uma coisa nem outra”). Pedro não podia afirmar um princípio, viver de modo diferente dele e, ainda assim, ter um ministério eficaz.

## 2:15—4:31 Justificação pela fé

Não se sabe ao certo se as palavras de 2:15-21 são de Paulo ou Pedro. Fica evidente, porém, que, ao escrever esses versículos, Paulo ainda tinha em mente o episódio em Antioquia. Sua intenção é mostrar aos gálatas a relação entre aquele incidente e o que vem acontecendo na Galácia. Para isso, afirma alguns pontos nos quais ele e Pedro concordavam ao responder às objeções de alguém à ideia da salvação somente pela fé em Cristo e explicar sua posição em mais detalhes.

### 2:15-16 Pontos de concordância

Paulo e Pedro concordavam que havia diferença entre os judeus e aqueles que chamavam de *pecadores dentre os gentios* (2:15). Os judeus traziam essa identidade desde o nascimento e desfrutavam privilégios especiais, inclusive a aliança com Deus e sua lei para governá-los. Uma vez que não possuíam essa mesma herança, os gentios continuavam a ser pecadores pelo simples fato de se encontrarem fora da aliança e desprovidos da lei de Deus para guiá-los.

Paulo e Pedro também concordavam quanto ao meio de justificação. Pelo próprio ato de crer em Jesus, os judeus que se tornavam cristãos reconheciam que a salvação é pela fé. Admitiam que *o homem não é justificado por obras da lei* (2:16). O termo “justificado” indica que Deus, como examinador, declara o indivíduo qualificado para a salvação. Paulo mostra que é inútil esperar receber justificação pela simples observância das prescrições cerimoniais e morais da lei mosaica. Logo em seguida, repete esse fato como princípio geral: *Por obras da lei, ninguém será justificado*. Cita o Antigo Testamento (Sl 143:2), texto cuja autoridade todos os judeus reconheciam (cf. tb. Rm 3:20).

A lei não era capaz de justificá-los, mas podiam ser justificados *pela fé em Cristo*. A fé é o meio da justificação, e Cristo é o objeto da fé. Paulo une-se aos cristãos judeus e diz: *Também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei*. A primeira pessoa do plural inclui Paulo, Pedro e todos os outros judeus cristãos que não são “pecadores dentre os gentios”. É provável que Paulo se lembre aqui de sua experiência no caminho para Damasco e peça que outros cristãos judeus também se recordem de suas próprias experiências de conversão. Exercitavam a fé não porque consideravam a lei irrelevante, mas porque sabiam que ela não podia salvá-los.

### 2:17-21 Resposta a uma objeção

Em seguida, Paulo trata de uma objeção à justificação pela fé. De acordo com o argumento, se a fé em Cristo resulta no abandono da lei, vivemos uma vida de pecado, como os gentios. Nesse caso, Cristo incentiva o pecado, pois afasta as pessoas da lei (2:17). A resposta horrorizada de Paulo é *Certo que não!*

O apóstolo emprega duas metáforas para explicar por que esse argumento é errado. A primeira trata de demolição e construção, e a segunda, de vida e morte. Paulo já demoliu a ideia de que é possível ser salvo pela obediência à lei (2:16). Caso alguém aceite que a justificação se dá pela fé em Cristo e depois procura restabelecer um conjunto de leis a serem obedecidas, estará reedificando uma estrutura que já foi demolida. Em termos lógicos, isso corresponde a dizer que foi errado demolir o sistema antigo e que, portanto, quem tenta viver fora desse sistema é pecador (ou *transgressor*). É possível, ainda, que o indivíduo seja transgressor por tentar abandonar aquilo que sabe ser correto e tentar voltar ao antigo sistema (2:18).

Paulo chama o gentio de “pecador” e o judeu de “transgressor” para lembrar a seus leitores que, enquanto o gentio é pecador involuntariamente, o cristão judeu que volta a erguer um muro de legalismo como base para a justificação se desvia de forma consciente daquilo que é certo.

Em seguida, emprega a metáfora da vida e da morte para retratar mais claramente o significado da justificação pela fé em Jesus Cristo. Diz: *Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus* (2:19a). A própria lei o conscientizou de sua incapacidade de cumprir seus requisitos (perfeita obediência) e da impossibilidade de torná-lo justo. Foi necessário, portanto, buscar a justificação em outro lugar, um ato que teve de ser precedido da morte para a lei (ou seja, da decisão de deixá-la de lado). A vida que encontrou em Deus ao deixar a lei não é caracterizada pela impiedade, mas, sim, pelo desejo de viver para agradar a Deus, em vez de observar uma série de regras.

Além de ter morrido para a lei, Paulo também está morto para si mesmo, pois declara: *Estou crucificado com Cristo* (2:19b). A experiência no caminho para Damasco transformou o perseguidor de cristãos em missionário. A justificação

pela fé não incentiva os cristãos a viverem de acordo com seus próprios prazeres. Pelo contrário, conduz à morte para o eu e à vida de semelhança com Cristo, pois *já não sou em quem vive, mas Cristo vive em mim (2:20a)*. Houve uma mudança de senhorio. A justificação pela fé não resulta numa vida sem regras, mas, sim, numa vida em que Cristo dita as regras. Agora, todos os aspectos da vida física de Paulo são governados por sua *fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim (2:20b)*. O título “Filho de Deus” afirma que Jesus é o escolhido de Deus, e, portanto, a fé depositada nele não nega, mas, sim, afirma a vontade de Deus.

Por fim, Paulo ressalta as consequências infelizes, porém lógicas, de afirmar que é necessário obedecer à lei para ser justificado. Enquanto a justificação pela fé exalta a graça de Deus, orgulhar-se de boas obras como meio de merecer o favor de Deus corresponde a desprezar o dom gratuito de Deus. Mais do que isso, se afirmamos a possibilidade de justificação por boas obras, dizemos que negamos a necessidade de Cristo ter morrido por nós (2:21).

### 3:1—4:31 Argumentos em favor da salvação somente pela fé

Em 2:15-21, Paulo descreveu explicitamente a doutrina da justificação pela fé. Agora, apresenta pelo menos mais sete argumentos para corroborar sua posição.

#### 3:1-5 Argumento da experiência

A ideia de que os gálatas precisavam fazer algo para ser salvos contradiz sua própria experiência. Haviam sido ensinados de forma tão clara acerca da crucificação de Jesus Cristo que era quase como se alguém tivesse colocado um cartaz diante de seus olhos. A crucificação foi o ápice da obediência de Jesus, a ocasião em que ele se apresentou como sacrifício expiatório. Os gálatas haviam ouvido e aceitado a mensagem da salvação gratuita e completa recebida pela fé em Cristo. Paulo fica tão perplexo quanto ao motivo de desejarem abandonar essa convicção e adotar uma abordagem legalista que sugere a possibilidade de estarem fascinados, um termo que também pode ser traduzido por “enfeitiçados” (cf. NVI; 3:1). Isso não significa, necessariamente, que o apóstolo acreditava em magia. Antes, usa uma expressão cultural para enfatizar que a mudança na atitude deles foi tão inesperada que algumas pessoas poderiam atribuí-la à influência de poderes demoníacos.

Lembra-os de que, ao crerem, receberam o Espírito Santo sem fazer nada para merecê-lo (3:2). Em seguida, com base na convicção de que a vida cristã começa, continua e termina na dependência do Espírito Santo, ressalta que os gálatas estão invertendo as coisas. Tendo em vista haverem começado a jornada espiritual com algo de ordem superior (o Espírito), era ilógico terminarem com algo de ordem inferior (*a carne*; 3:3).

Em outros tempos, os gálatas haviam sofrido em decorrência de sua fé em Cristo. Isso teria sido *em vão* (3:4).

(Aqui, Paulo não está falando de manter ou perder a salvação, mas de permanecer no curso correto. Sair desse curso agora e buscar a lei como base da justificação seria um retrocesso.)

Por fim, lembra-os dos milagres que testemunharam. Deus não realizou esses milagres em resposta a algo que fizeram, mas simplesmente porque creram nele (3:5).

#### 3:6-9 Argumento de Abraão

Em seguida, Paulo passa da experiência dos gálatas para o AT e lhes diz: *É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça (3:6; cf. tb. Gn 15:6; Rm 4:1-6)*. Os adversários de Paulo talvez citassem Moisés, aquele que havia dado a lei, como autoridade, ou argumentassem que Abraão havia sido justificado com base em obras meritórias. É possível que usassem passagens como Gênesis 12 e 17, especialmente 17:10-14, para corroborar sua argumentação. Paulo mostra, porém, que Abraão, o pai da raça judia (Gn 12—24; Is 51:2; Mt 3:9), havia sido aceito por Deus com base em sua fé naquilo que Deus tinha prometido. Aqueles que agora creem na promessa divina de salvação são filhos espirituais de Abraão (3:7-9).

#### 3:10-14 Argumento das únicas alternativas

Existem apenas duas maneiras de ser considerado justo diante de Deus. A primeira consiste em guardar a lei perfeitamente (3:12). Quem tenta seguir esse caminho, porém, está condenado ao fracasso e ficará sujeito às maldições de Deuteronômio 27:26 (3:10). O outro modo de ser aceito por Deus é exercitar a fé, como mostra a citação de Habacuque 2:4 (3:11). Aqueles que creem em Cristo são justificados porque ele sofre a maldição no lugar deles (3:13-14).

#### 3:15-25 Argumento da relação entre a lei e a promessa

Em seguida, Paulo argumenta que a essência da aliança abraâmica era uma promessa e que Cristo foi o cumprimento dessa promessa. O apóstolo começa com um exemplo do cotidiano: *Ainda que uma aliança seja meramente humana [...] ninguém a revoga ou lhe acrescenta alguma coisa (3:15)*. Uma vez devidamente assinado, um acordo legal é permanente, a menos que as partes envolvidas concordem em mudá-lo. A aliança de Deus não pode ser menos permanente do que os acordos humanos.

Em que consistia a aliança de Deus? Era a promessa feita a *Abraão e ao seu descendente*. Gramaticalmente, o singular “descendente” pode ser coletivo, mas Paulo não o interpreta desse modo sob a óptica teológica. Afirma que a palavra é singular e deve se referir a apenas uma pessoa, Cristo (3:16), o cumprimento da promessa feita a Abraão.

No âmbito legal, um acordo firmado anteriormente não pode ser desconsiderado. Deus fez a promessa a Abraão cerca de 430 anos antes de dar a lei a Moisés (3:17). (O número que Paulo fornece não contradiz a referência a 400 anos em Gn 15:13 e At 7:6. São números aproximados.) Caso seja

## LEGALISMO

Algumas pessoas consideram as regras uma tentativa de controlá-las; outras as veem como diretrizes para o modo de viver. Essa diferença de perspectiva explica vários dos conflitos entre pais e filhos e também a diversidade de atitudes dos cristãos em relação a Deus. Aqueles que consideram as regras uma forma de controle acreditam que a obediência à lei de Deus e, particularmente, aos Dez Mandamentos, é uma forma de obter a aceitação dele. (Este é o sentido de legalismo que focalizaremos aqui.) Outros argumentam que Deus já nos aceitou pela graça e que a lei divina é simplesmente nosso guia de vida. Qual é a perspectiva bíblica?

As primeiras palavras de Deus a Adão e Eva incluíram regras (Gn 1:28; 2:17). Deus também deu ordens a Noé (Gn 6:14; 7:1-3), Abraão (Gn 12:1; 13:14; 17:1,9) e Moisés (Êx 3:5,15-16). Os Dez Mandamentos fazem parte, portanto, de um padrão no qual Deus requer obediência daqueles que ele criou e escolheu (Êx 19:5; 20:1-17). O relacionamento de Deus com Adão e Eva, Noé, Abraão e Moisés não se resumia, porém, a uma série de regras. Deus também supriu suas necessidades (Gn 2:16), protegeu-os (Gn 7:23), abençoou-os (Gn 15:5) e resgatou-os (Êx 3:7-10). Dentro de um relacionamento positivo, as leis são uma bênção, mas, sem um bom relacionamento, tornam-se opressivas.

O livro de Gálatas trata do lugar da lei. Paulo havia pregado, e os gálatas haviam aceitado que o relacionamento com Cristo se baseava na fé nele (Gl 1:9b; 3:26-27). Estavam sendo persuadidos, contudo, de que sua aceitação por Deus dependia do zelo em guardar a lei (Gl 4:9-10). Paulo os acusou de desejarem voltar a ser crianças pequenas (Gl 4:1) em vez de se tornarem adultos maduros (Gl 4:6). Quando pequenos, meninos africanos costumavam caçar gafanhotos e pássaros. Depois de circuncidados ou iniciados na vida adulta, porém, esperava-se que caçassem antílopes e até mesmo leões, se necessário. Seria preocupante um rapaz voltar a caçar gafanhotos. De acordo com Paulo, porém, é isso que o cristão faz quando procura guardar a lei para obter a aceitação de Deus.

O rapaz circuncidado guarda com orgulho as regras de sua comunidade. Não teme mais ser castigado caso as desobedeça, mas segue-as porque se identifica com a

comunidade. Em outras palavras, não considera a lei um fardo a carregar, mas, sim, um modo de viver. Semelhantemente, os cristãos não ignoram a lei, mas a consideram parte essencial da vida ao se relacionarem com um Deus santo. É a isso que Paulo se refere quando afirma que, apesar de serem livres da lei, agora os cristãos pertencem a Cristo e são seus servos (Gl 5:24; Rm 6:19-22) e os instrui a servirem uns aos outros (Gl 5:13).

É importante deixar claro que Deus não nos aceita porque guardamos a lei, mesmo porque não podemos obedecer-lhe perfeitamente (Gl 3:10-11). O Filho de Deus, Jesus Cristo, porém, obedeceu a ela perfeitamente (1Pe 2:21-22) e pagou o castigo que nos era devido por não sermos capazes de cumpri-la (Gl 3:13). Também precisamos reconhecer que o conteúdo da lei tem origem na santidade de Deus, e, como parte de nosso relacionamento com ele, nos esforçaremos para ser como ele. Viveremos, portanto, imersos na lei, mas não seremos governados por ela.

Somente a lei de Deus, entendida no NT como “vontade de Deus” e “semelhança de Cristo” é obrigatória. Logo, devemos nos opor energicamente a qualquer tentativa de obrigar os cristãos a obedecerem a regras criadas por homens e mulheres (cf. Mt 9:10-11; Jo 5:8-10). Regras desse tipo resultam em ênfase sobre o comportamento humano, e não sobre Deus.

Jesus resume a totalidade da lei como lealdade absoluta a Deus e amor tão profundo pelos outros quanto nosso amor por nós mesmos (Mt 19:18; Mc 12:29-31). Se formos definidos por essas características, não quebraremos os mandamentos de Deus que nos dizem para não matar, adulterar, cobiçar e mentir.

Entretanto, quando eu me refiro aos mandamentos, estou ainda dizendo que precisamos dessas leis para sermos aceitos por Deus? Não! Cristo cumpriu todas as exigências da lei por nós. Isso significa que a lei não é relevante para nossa situação? Não! A lei de Deus revela como ele deseja que vivamos a fim de sermos como ele, pois devemos procurar imitar nosso Pai. Cristo declarou sua obediência a Deus (Jo 6:38). O mínimo que podemos fazer é seguir seu exemplo. Ao obedecermos à lei, nos tornamos mais semelhantes a Cristo e ao tipo de pessoa que a África almeja.

Samuel Ngewa

necessário escolher entre a promessa e a lei como fonte de justificação, sem dúvida a promessa tem prioridade.

Esse fato levanta uma questão: Por que Deus se deu ao trabalho de prover a lei (3:19a)? Paulo afirma que Deus deu a lei *por causa das transgressões* (3:19b). Isso pode significar que foi concedida a fim de minimizar nossa transgres-

são ao nos mostrar o erro para evitá-lo. Ao mesmo tempo, contudo, nos tornou transgressores, pois agora não temos como dizer que pecamos por ignorância. Ademais, sempre há quem considere a lei algo a ser desafiado e quebrado. De acordo com o argumento central de Paulo, a função da lei é associada à transgressão, e não à justificação.

Ademais, a lei só se aplicou a determinado período: *Até que viesse o descendente a quem se fez a promessa (3:19c)*. Paulo identificou o descendente como sendo Cristo (3:16). Mostra portanto que, tendo em vista os gálatas viverem depois da vinda de Cristo, é errado continuar a focalizar a lei como base para a aceitação diante de Deus. Sua função nunca foi servir de base para a justificação e já passou da data de vencimento.

Por fim, Paulo argumenta que a promessa é superior à lei porque foi feita por Deus diretamente a Abraão, enquanto a lei envolveu mediadores (3:19d-20). É possível que ele tenha em mente Moisés ou a tradição judaica segundo a qual havia anjos presentes quando a lei foi concedida (com base na tradução da Septuaginta de Dt 33:2 e Sl 68:18).

Depois de definir a importância tanto da promessa quanto da lei, Paulo precisa descrever a relação entre as duas coisas. Acaso são antagônicas (3:21a)? Paulo diz: *De modo nenhum!* (3:21b). As duas focalizavam a justiça, mas a lei possuía capacidade limitada de produzi-la (3:21c). Era como o médico capaz de diagnosticar uma doença, mas não curá-la. A única cura é a fé em Cristo (3:22b).

Paulo chega a pensar que a lei, por tornar o pecado explícito, contribuía para nos prender ao pecado (3:22a). Agia como carcereiro que nos confinava caso nos distanciássemos ou como disciplinador que nos impedia de pecar ainda mais. A fé em Cristo (o elemento central da promessa) provê justificação e nos liberta do confinamento da lei (3:24). Aqueles que creram nele não precisam mais de um tutor (*aio*) atrás deles o tempo todo, pois se tornaram adultos. Internalizaram as regras que seu instrutor lhes inculcava.

### 3:26—4:11 Argumento da comparação entre uma criança e um adulto

Paulo descreve em detalhes as bênçãos decorrentes da justificação pela fé em Cristo, sendo a mais importante delas a adoção dos gálatas como filhos de Deus (3:26; 4:7). Consequentemente, tornaram-se semelhantes a Cristo, *porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes* (3:27). Na igreja primitiva, o batismo representava uma identificação profunda com Cristo, comparável a revestir-se dele como se fosse uma roupa. A vida dos gálatas estava assumindo as características, virtudes e intenções de Cristo. Devido a essa mudança, as diferenças entre eles haviam desaparecido, pois, como membros da família de Cristo, todos eram semelhantes uns aos outros. Divisões como raça, posição social e sexo não eram mais importantes (3:28). Tornaram-se um e, por estarem unidos em Cristo, têm parte na promessa feita a Abraão (3:29; cf. tb. 3:16), isto é, são herdeiros dela.

A menção da herança leva Paulo a contrastar um herdeiro adulto com uma criança. Como o servo, a criança segue ordens até o pai julgar que seu filho ou filha é capaz de administrar a herança de forma responsável sem a ajuda de guardiões ou curadores (4:2). Quem procura obedecer à lei é como uma criança que ainda vive cercada de regras,

as quais Paulo chama de *rudimentos do mundo*, ou material de escola de ensino fundamental. A categoria inclui a lei judaica, os rituais de culto dos gentios e, em termos africanos, os sacrifícios tradicionais. Todos esses princípios são *do mundo* (4:3), pois não focalizam a lei da forma que Deus pretendia, mas, sim, da forma que nós a interpretamos e aplicamos equivocadamente.

O material de nível fundamental é bom. Não é inútil nem antiético, mas é insuficiente. Não provê nenhuma energia interior para nos mover em direção à maturidade em obediência. Deus interveio, porém, para nos tirar da escola de ensino fundamental, *a fim de que recebêssemos a adoção de filhos* (4:5). Para isso, enviou seu Filho na *plenitude do tempo* (4:4a). Em 4:2, Paulo diz que é o pai quem decide quando chegou a hora de o herdeiro deixar de ser dependente de outros e passar a administrar sua herança. Semelhantemente, Deus escolheu o momento apropriado para aqueles que viviam segundo os princípios elementares da religião amadurecerem em seu conhecimento do plano redentor. Era o tempo certo no programa de Deus e em seu governo sobre o mundo. Ele preparou o mundo de várias maneiras para a propagação do evangelho: criou a expectativa do Messias entre os judeus; usou os romanos para prover paz, segurança e uma excelente malha viária; e estabeleceu uma língua comum, o grego, por meio das conquistas de Alexandre, o Grande.

Para cumprir seu plano, Deus enviou seu próprio Filho, *nascido de mulher* (e, portanto, inteiramente humano) e *nascido sob a lei* (e, portanto, sujeito a todas as obrigações e exigências da lei) (4:4b). Jesus satisfaz plenamente as exigências da lei mosaica e também da lei em geral e, portanto, se mostrou apto a nos redimir. Agora, é a fé em Cristo que importa. Como recompensa, aqueles que creem em Jesus, o Filho, são feitos filhos do Pai, e o Espírito Santo habita em seu coração (4:6). As três pessoas da Trindade se unem em favor do cristão!

Por fim, Paulo acusa os gálatas de se esquecerem de sua condição presente de filhos e herdeiros e de desejarem voltar ao seu passado inglorioso pela observância de *dias, e meses, e tempos, e anos* (4:8-10). Paulo teme que seu ensino aos gálatas acerca de sua nova posição em Cristo tenha sido em vão (4:11).

### 4:12-20 Argumento da relação entre Paulo e os gálatas

As apreensões de Paulo em relação aos gálatas levam-no a lhes fazer um apelo fervoroso. Em geral, o apóstolo simplesmente “exorta” os cristãos, mas, aqui, ele “suplica” (o mesmo verbo é usado em Rm 1:10; 2Co 5:20; 8:4; 10:2). Insta-os a serem *qual eu sou* (4:12a), ou seja, a perceberem, como ele, que a lei é inadequada e confiar somente em Cristo para a salvação. Também podem seguir o exemplo de Paulo, se tiverem por ele a mesma consideração afetuosa que o apóstolo tem pelos gálatas. Paulo pede que se tornem semelhantes a ele porque *também eu sou como vós* (4:12b). Havia se tornado

como os judeus libertos das exigências da lei e como os gentios no sentido de que não se apegava mais às suas origens judaicas como se estas o tornassem superior a eles.

O apóstolo acrescenta: *Em nada me ofendestes (4:12c)*. Assim como os gálatas haviam demonstrado amor por Paulo, ele também os ama e não deseja magoá-los. Há o perigo, contudo, de o ofenderem se começarem a crer nos ensinamentos dos judaizantes (cf. tb. 4:16).

No passado, os gálatas haviam acolhido Paulo com afeto. Apesar de o apóstolo estar doente quando lhes pregou o evangelho, não o haviam tratado com *desprezo nem desgosto*, mas o recebido *como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus (4:14)*. A preocupação deles foi tanta que Paulo declara: *Vos dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar (4:15)*. Esse comentário sugere que Paulo sofreu de algum problema sério nos olhos durante sua estada na Galácia. O contraste entre a atitude deles naquela ocasião e sua postura atual de desconfiança e hostilidade o perturba profundamente (4:16). Quando pregou a verdade aos gálatas, o fez com as melhores intenções, mas eles se esqueceram disso. O apóstolo atribui tal mudança de atitude àqueles *que vos obsequiam (4:17)*, os judaizantes que procuram afastar os gálatas de Paulo de modo que também se tornem judaizantes zelosos. Apesar de Paulo não ter dúvidas de que o zelo é algo bom, mostra que os gálatas precisam se manter constantes em sua dedicação e *fazê-lo pelo bem (4:18)*. No final dessa seção, o apóstolo parece o pai perplexo de adolescentes rebeldes. É quase como se precisasse voltar à estaca zero e instruí-los novamente acerca da fé (4:19). Outro motivo de frustração é o fato de não poder estar com eles pessoalmente (4:20).

#### 4:21-31 Argumento da relação entre Agar e Sara

Para seu último argumento contra *vós, os que quereis estar sob a lei (4:21)*, Paulo recorre à história de Abraão, Agar e Sara (Gn 16—17). Trata o relato como alegoria que ilustra as diferenças entre a graça e a lei.

Agar representa a lei (daí ser comparada ao monte Sinai, onde a lei foi dada, e à Jerusalém terrena; 4:25). Agar era escrava e, portanto, seu filho Ismael também não era livre. Em contraste, Sara (comparada à Jerusalém celestial; 4:26), era livre, e seu filho, Isaque, nasceu como resultado de uma promessa especial de Deus (4:22-23). Isaque, e não Ismael, se tornou herdeiro de seu pai, Abraão. Para o apóstolo, essa situação exemplifica o padrão no qual promessa, liberdade e herança andam juntas. Para os gálatas, que são *filhos da promessa, como Isaque (4:28)*, isso significa que são aceitos porque creram na promessa de Deus. Também foram libertos da lei e se tornaram herdeiros de Deus (4:7).

Outro paralelo pode ser observado no conflito entre Ismael e Isaque e o conflito entre os judaizantes e aqueles que creem na justificação pela fé. Deus não deixa dúvidas quanto a quem ele apoia (4:29-31).

## 5:1—6:10 Implicações da justificação pela fé

### 5:1-12 Permanecer firmes e viver em liberdade

Os gálatas devem permitir que a verdade da instrução de Paulo influencie seu modo de viver. O apóstolo deseja que permaneçam *firmes (5:1; cf. tb. 1Co 16:13; Fp 1:27; 4:1; 1Ts 3:8)* e não se submetam, *de novo, a jugo de escravidão*, pois, *para a liberdade foi que Cristo nos libertou*. Devem resistir especificamente àqueles que insistem na necessidade da circuncisão (5:2). Caso se sujeitem a esse quesito, terão de obedecer a todos os outros detalhes da lei (5:3-4), e, em duas ocasiões, Paulo comparou a necessidade de obedecer às regras a um estado de escravidão (4:1,25). A verdadeira liberdade se encontra na fé em Cristo (4:5-6).

### 5:13-26 Viver pelo Espírito

Paulo instrui os gálatas: *Sede [...] servos uns dos outros (5:13); andai no Espírito (5:16,25); não vos deixeis possuir de vanglória (5:26)*.

Começa lembrando-os de que, apesar de terem sido *chamados à liberdade*, não devem usar dela *para dar ocasião à carne (5:13)*. A liberdade cristã tem dois lados. Fomos libertos da escravidão da lei, mas somos chamados a servir ao Espírito e uns aos outros. A liberdade em Cristo não é um convite à irresponsabilidade ou à busca dos próprios prazeres, mas, sim, um novo conjunto de responsabilidades. Apesar de termos sido libertos de tudo que nos escravizava antes (quer da lei, quer do paganismo ou de qualquer outro “ismo”), não temos liberdade de pecar e viver como bem entendermos. Nesse caso, nossa liberdade não receberá a aprovação de Deus. A diferença é que não fazemos mais a vontade de Deus simplesmente em cumprimento à lei; a conduta moral que honra a Deus nasce do Espírito de Deus dentro de nós, que agora governa nossas ações.

O Espírito nos ensina a obedecer ao mais fundamental dos mandamentos divinos, a saber, amar uns aos outros (5:14). Esse amor não é suscitado por um ato volitivo, em obediência à lei. Antes, flui de dentro, pois somente a graça de Deus pode nos capacitar a amar nosso próximo como a nós mesmos ou a amar o inimigo. Num parêntese, Paulo afirma que os gálatas estão vivendo desse modo no presente. Compara as discussões que tumultuam a igreja a *morder e devorar uns aos outros* e ressalta o caráter destrutivo dessa atitude (5:15).

Os conflitos na igreja da Galácia refletem a *concupiscência da carne*, expressa em comportamentos pecaminosos. Quem se comporta assim não tem parte no reino de Deus (5:19-21). Vive de forma absolutamente contrária à vontade do Espírito (5:17,24).

Aqueles que vivem verdadeiramente pelo Espírito podem ser tentados a se entregar a essa prática pecaminosa (5:16-17), mas resistirão com a mesma firmeza que resistem à escravidão da lei (5:16,18). Seu comportamento demonstrará que o Espírito habita neles e está dando fruto



em suas ações e atitudes (5:22-23). As virtudes decorrentes vão muito além daquilo que a lei poderia prescrever.

Paulo sabe, contudo, que, quando o Espírito começa a desenvolver essas virtudes, podemos facilmente ser tentados a nos vangloriar. O apóstolo nos lembra, portanto, que não temos motivo nenhum para vanglória (5:26), pois é Deus quem está produzindo o bem em nós, e não nossos próprios esforços.

### 6:1-6 Cumprir as responsabilidades cristãs

Em seguida, Paulo instrui os gálatas acerca do que fazer quando um irmão em Cristo tiver caído em pecado, não como padrão constante de comportamento, mas como ato isolado. Paulo lhes diz que o indivíduo deve ser restaurado com brandura (6:1a) e aplica o princípio do amor. Quando o transgressor já se sente culpado, não há necessidade de condená-lo. A restauração deve ser realizada levando-se em conta, de forma sensível, as necessidades do pecador e a vulnerabilidade daqueles que o estão restaurando, pois, como diz o provérbio kamba do Quênia: *U wi kivetani ndu thekaa ula wi iko* ("Quem está na pilha de lenha não se ri de quem está no fogo"). Paulo exorta o restaurador, portanto: *Guarda-te para que não sejas também tentado* (6:1b). O apóstolo sabe muito bem como é fácil cairmos em pecado. Precisamos nos lembrar constantemente que não temos motivo para nos vangloriar; tudo é obra da graça. Só podemos nos gloriar daquilo que Deus nos permite ser ou fazer (6:3-4).

Em seguida, Paulo amplia seu apelo para demonstrarem terna preocupação e instrui os gálatas: *Levai as cargas uns dos outros* (6:2). A carga é qualquer dificuldade física, emocional, mental, moral ou espiritual.

Por fim, o apóstolo trata das necessidades daqueles que ensinam a Palavra de Deus: *Aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui* (6:6). Os instrutores não devem passar necessidade por se dedicarem ao ensino. Antes, quem recebe instrução deve compartilhar seus bens com quem o instrui.

### 6:7-10 Semear e colher

Paulo ressalta o princípio geral: *Aquilo que o homem semear, isso também ceifará* e adverte que *de Deus não se zomba* (6:7). Por mais astutos que imaginemos ser, não podemos enganar a Deus. De nada adianta fingir ser espiritual e, ao mesmo tempo, levar uma vida pecaminosa. Quer no presente quer no futuro, Deus julgará a desobediência deliberada. Por outro lado, quem vive de modo agradável ao Espírito receberá a recompensa da vida eterna. Aquilo que semeamos determina o que colhemos (6:8).

Paulo sabe que as plantações demoram a crescer, de modo que acrescenta a exortação: *Não nos cansemos de fazer*

*o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos* (6:9). Lembra-nos, ainda: *Enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé* (6:10).

### 6:11-18 Resumo e conclusões

Paulo teme que, depois de terem começado bem (3:2-5; 5:7), os gálatas estejam perdendo o entusiasmo inicial. Volta rapidamente, portanto, à questão que o levou a escrever essa carta e especifica o contraste entre suas próprias motivações e as dos judaizantes.

Os judaizantes desejam *ostentar-se na carne* (6:12). Mostram-se hipócritas ao exigirem que os gálatas observem a lei e sejam circuncidados quando eles próprios não são capazes de obedecer à lei (6:13a). Ainda assim, vangloriam-se de quantos persuadiram a serem circuncidados (6:13b).

Paulo fica horrorizado com essa atitude. Os judaizantes minimizam a importância da cruz de Cristo, a qual o apóstolo considera a única coisa digna de se gloriar (6:14). Por meio da *cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*, Paulo foi crucificado para o mundo (não tem mais nada que ver com as coisas do mundo) e *o mundo está crucificado para mim* (o mundo não exerce mais influência sobre ele). Não se preocupa mais com a impressão que causa.

Resume toda a questão ao dizer que, em última análise, não faz nenhuma diferença se alguém é circuncidado ou não. A única coisa que importa é *ser nova criatura*, ou seja, o fundamental é o relacionamento transformador com Cristo (6:15).

Paulo encerra a carta com votos de *paz e misericórdia e graça* (6:16a,18) *a todos quantos andarem em conformidade com esta regra* (ou seja, buscarem salvação na cruz) e a todos que são *irmãos*, aqueles que constituem o *Israel de Deus* (6:16b). Ainda que não tenham nascido judeus, são povo de Deus em razão de sua fé em Jesus Cristo. Os judaizantes podem tentar causar tumultos ao insistirem em um rito que deixa marcas no corpo, mas Paulo rejeita completamente essa ideia. Já traz *no corpo as marcas de Jesus* (6:17). Apesar de ser possível que esteja se referindo literalmente a uma tatuagem (como, p. ex., um X representando Cristo), é mais provável que tenha em mente as marcas físicas e emocionais da perseguição. Não é necessário acrescentar outras marcas, pois as que ele já possui deixam claro a quem sua vida pertence.

Samuel Ngewa

### Leituras adicionais

BRUCE, F. F. *Commentary on Galatians*. NIGTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.

LONGENECKER, Richard N. *Galatians*. WBC. Dallas: Word Books, 1990.

# EFÉSIOS

Apesar de não haver um consenso absoluto, a maioria dos estudiosos considera Paulo o autor de Efésios, tanto pelas evidências internas da epístola (1:1) quanto pela tradição antiga que corrobora sua autoria.

Como Colossenses, Filemom e Filipenses, essa carta foi escrita durante a prisão domiciliar de Paulo (3:1; 4:1; 6:20), provavelmente em Roma, onde permaneceu preso entre 60 e 62 d.C. Nesse período, desfrutou a companhia de amigos como Lucas, Timóteo, Aristarco, Epafra, Onésimo e Tíquico, os quais ele menciona em suas cartas às igrejas. Tíquico levou a carta de Paulo a Éfeso (6:21). Apesar de ser prisioneiro, o apóstolo continuou a exercer influência considerável, graças a esses amigos fiéis.

A carta é endereçada especificamente aos cristãos de Éfeso, mas circulou entre as igrejas da região correspondente hoje à Turquia. Paulo havia fundado a igreja de Éfeso durante a segunda viagem missionária (At 18:18-21). Ao partir de lá, havia deixado a congregação sob os cuidados de Priscila e Áquila, que, tempos depois, receberam também a ajuda de Apolo (At 18:24-26). Numa visita posterior, Paulo permaneceu em Éfeso cerca de três anos. No final da estada de Paulo, Apolo chegou para fortalecer o trabalho missionário (At 18:27-28). Em sua visita final, Paulo ficou cerca de três meses em Éfeso (At 19) e, ao viajar pela última vez a Jerusalém, quando seu navio aportou em Mileto, o apóstolo convidou os presbíteros efésios a irem ao encontro dele (At 20:17-35). Ao vermos quanto Paulo se esforçou para edificar essa igreja, podemos entender o que o levou a escrever essa carta importante aos cristãos que ele havia ajudado a levar ao Senhor. As páginas da epístola aos Efésios revelam a afinidade, paixão e amor de Paulo por essa igreja.

## Propósito

Na primeira parte da carta, Paulo explica as bênçãos ou riquezas que os cristãos desfrutam em Cristo (1:1—3:21) e trata da posição estratégica da igreja no divino plano universal de salvação. É por meio da igreja que Deus deseja manifestar sua glória e salvação ao mundo inteiro e é na igreja que ele está formando uma nova humanidade. Deus transformou a igreja no ponto de união de toda a humanidade. Cristo aboliu as diferenças entre raças, etnias e tribos.

Nele, não há mais razão para conflitos raciais, tribais ou religiosos.

Um dos grandes desafios em nosso continente é o convívio pacífico e harmonioso de grupos de diferentes origens tribais, étnicas e culturais numa sociedade justa, participativa e sustentável. A mensagem de Efésios é, portanto, extremamente relevante, pois mostra como povos diferentes podem conviver em união, amor e paz.

A segunda parte da carta trata dos detalhes do convívio harmonioso dos cristãos (4:1—6:24). Paulo explica o que a união significa na prática dentro da igreja e na família, fala de como devemos usar nossos dons e de como lutar na guerra espiritual.

## Esboço

### 1:1-2 Saudações

#### 1:3—3:21 A posição dos cristãos em Cristo

1:3-23 Escolhidos, remidos e selados

1:3-6 Escolhidos pelo Pai

1:7-12 Remidos pelo Filho

1:13-14 Selados pelo Espírito

1:15-23 Ação de graças e oração

2:1-10 Vivificados em Cristo

2:1-3 Situação anterior: mortos para Deus

2:4-10 Situação atual: vivos para Deus

2:11-22 Unidos em um só corpo

3:1-21 Iguais dentro do corpo

#### 4:1—6:20 A vida à semelhança de Cristo

4:1-6 Salvos para andar em unidade

4:7-16 Capacitados para operar em diversidade

4:17-22 Despojar-se da antiga vida

4:23-32 Revestir-se da nova vida

5:1-7 Imitar Cristo

5:8-14 Andar como filhos da luz

5:15-20 Viver de forma sábia

5:21—6:9 Viver de forma responsável

5:22-33 No casamento

6:1-4 Na família

6:5-9 No trabalho

6:10-20 Na batalha: a armadura de Deus

### 6:21-24 Conclusão

## COMENTÁRIO

### 1:1-2 Saudações

Em geral, os africanos consideram falta de educação não cumprimentar os outros. Quem age desse modo tem pouco impacto espiritual ou social. Podemos entender por que Paulo faz questão de saudar seus leitores para transmitir seu interesse e amor por eles.

Paulo se apresenta como apóstolo de Cristo. O *apóstolo* (1:1a) é um indivíduo comissionado por Deus para representar Cristo, especialmente como pioneiro na fundação de novas igrejas ou novos ministérios cristãos. O termo não se restringia aos doze discípulos de Jesus, mas também era usado para outros missionários cristãos e figura entre os dons do Espírito Santo (4:11).

Paulo enfatiza que seu apostolado é *por vontade de Deus* (cf. tb. Gl 1:1). Consequentemente, a mensagem que prega é investida de autoridade divina. Tendo em vista seu passado (cf. At 26:9-11), sabe muito bem que o fato de Deus tê-lo escolhido como mensageiro do evangelho e testemunha de Cristo é expressão inequívoca da graça divina.

O apóstolo emprega dois termos para descrever os destinatários da carta: *Santos e fiéis* (1:1b). O termo “santo” não descreve sua natureza, mas sim, aquilo que Deus fez por eles. Indica que foram separados, purificados e santificados por Deus para seu serviço e, portanto, se aplica aos fiéis do AT e do NT. Não podemos nos tornar *santos* por nossa própria conta, mas somente por obra do Senhor. O termo “fiéis”, por outro lado, se refere ao nosso compromisso de manter um bom relacionamento com o Senhor ao obedecer-lhe e nos mantermos firmes em sua palavra. Assim como na África temos obrigações para com o clã ao qual pertencemos, agora que Deus nos escolheu para fazer parte do clã dos “santos”, temos obrigações uns para com os outros e para com o Senhor. A recusa em cumprir essas obrigações nos caracteriza como infiéis.

A saudação *graça [...] e paz* é típica tanto no hebraico quanto no grego, mas é enriquecida pela associação com *Deus, nosso Pai* e o *Senhor Jesus Cristo* (1:2). “Graça” é o ato de conceder algo de forma gratuita e voluntária. É diferente de dar algo em troca de suborno ou sob coação. A graça de Deus é revelada na redenção dos seres humanos por meio de Jesus Cristo, uma obra realizada exclusivamente por iniciativa de Deus (1:11-12), como Paulo sabe muito bem.

Quando o apóstolo ora por graça para os cristãos, pede que a graça de Deus opere na vida deles de forma transformadora e se manifeste em suas ações de modo que eles próprios demonstrem graça por outros e gratidão a Deus.

A “paz” não é um estado natural nos seres humanos, pois, em decorrência do pecado, estamos mais familiarizados com hostilidades, conflitos, egoísmo e ansiedade. O reino de Deus, porém, é caracterizado por paz tanto entre Deus e os fiéis como no meio dos fiéis. As guerras e violên-

cia constantes na África mostram como nosso continente precisa encarecidamente das virtudes da graça e paz.

### 1:3—3:21 A posição dos cristãos em Cristo

#### 1:3-23 Escolhidos, remidos e selados

Originalmente, 3:3-14 era um hino trinitário entoado pela igreja primitiva em louvor ao Pai, que escolheu os cristãos, ao Filho, que os remiu, e ao Espírito Santo, que os selou. A celebração de todas as pessoas da Trindade deve continuar a ter um papel importante em nosso culto nos dias de hoje.

#### 1:3-6 Escolhidos pelo Pai

Paulo começa louvando o Pai por seu caráter e seus feitos. Refere-se a ele como *Pai de nosso Senhor Jesus Cristo* (1:3) e estabelece um relacionamento singular entre Deus Pai e Deus Filho. Não devemos interpretá-lo incorretamente, porém, como um relacionamento biológico. Trata-se, antes, de um conceito teológico que reconhece a igualdade e eternidade de Jesus Cristo e Deus.

O mesmo Deus que criou os céus e a terra nos concede *toda sorte de bênção espiritual [...] em Cristo* (1:3). Em outras palavras, nos proporciona as bênçãos que fluem de nossa redenção por Cristo. São bênçãos espirituais (e não materiais) necessárias para nossa salvação e santificação. As *regiões celestiais* (1:3) constituem o âmbito invisível de realidades espirituais no qual os cristãos vivem. Os africanos têm plena consciência das realidades espirituais, e muitos vivem com medo delas. Por causa das bênçãos de Deus, porém, quem crê em Cristo pode encarar essas realidades sem temor.

Uma das bênçãos que recebemos de Deus foi a eleição *em Cristo* [nele] (1:4a). Que honra tremenda ser escolhido por Deus para receber a dádiva da salvação! A eleição não foi uma decisão impulsiva, pois Deus *nos escolheu [...] antes da fundação do mundo* (1:4b). Deus escolhe os cristãos individualmente, e Jesus os transforma numa comunidade, o seu corpo, a igreja. A eleição dos cristãos e a dádiva da vida eterna não se iniciaram na cruz de Cristo; antes, fazem parte do plano eterno de Deus. Jesus Cristo concretizou esse plano e tornou suas bênçãos uma realidade acessível para todos que creem nele.

Os cristãos são escolhidos com dois propósitos centrais: serem *santos e irrepreensíveis* (1:4c). Deus deseja que reflitamos sua glória ao demonstrarmos sua santidade ou pureza em nossa vida. Os animais oferecidos como sacrifício tinham de ser perfeitos, ou seja, sem mácula. A perfeição que Deus espera de nós não é física, mas, sim, moral. Se Deus nos escolheu em Cristo para que sejamos irrepreensíveis diante dele, devemos dedicar nossa vida inteiramente a ele.

Há quem afirme que a eleição (1:4) ou predestinação (1:5) é injusta, pois escolhe alguns e exclui outros. Quem pensa assim se esquece que o motivo por trás da eleição e predestinação divina é o *amor* (1:4d) que não exclui nin-

guém (Jo 3:16). No final, os excluídos são aqueles que recusam a salvação que Deus oferece (Jo 3:17-19).

Além de nos escolher, Deus nos adotou como filhos e filhas (1:5a). A adoção é um procedimento legal que nos torna co-herdeiros com Cristo. Esses laços familiares especiais mudam toda a nossa perspectiva e o nosso relacionamento com Deus. Ele deixa de ser a divindade distante e inacessível e se torna o Pai querido e chegado.

A adoção se dá exclusivamente pela graça de Deus, com base no *beneplácito de sua vontade* (1:5b). Não é resultado de pena ou egoísmo da parte de Deus nem de mérito de nossa parte. Devemos, portanto, recebê-la com gratidão, louvor e adoração (1:6). Os africanos sabem como elogiar e honrar heróis nacionais como Nelson Mandela e Miriam Makeba. Ao compreendermos aquilo que Deus fez por nós espontaneamente, devemos ser levados a louvá-lo e honrá-lo como fazemos com líderes humanos.

### 1:7-12 *Remidos pelo Filho*

Depois de explicar em detalhes os alicerces do plano divino de redenção, Paulo fala da execução desse plano, a obra de Cristo na cruz. Jesus se tornou o Cordeiro sacrificial para todos nós. Sua morte nos libertou da escravidão do pecado e do mundo, a condição da humanidade desde que se rebelou contra Deus no jardim do Éden. O sacrifício de Cristo possibilita a paz entre Deus e nós. Antes, estávamos sob a ira e julgamento de Deus, mas agora, em sua graça, Deus nos concede a *remissão dos pecados* (1:7a). A cruz de Cristo confere ao perdão uma base legal e justa, pois trata do problema do pecado. Não é de admirar que Paulo fale da *riqueza da [...] graça* de Deus (1:7b)! Deus nunca é mesquinho na oferta de redenção e perdão. Por mais que tenhamos pecado, ele sempre dispõe de graça suficiente para nos remir e perdoar.

Deus concede sua graça gratuita e indistintamente. Seus atos são guiados por *sabedoria e prudência* (1:8). “Sabedoria” é o conhecimento da realidade de uma situação, e não apenas dos fatos superficiais. O termo “prudência”, que tem o sentido de moderação e sensatez, também pode ser traduzido por “entendimento” (NVI). Nesse caso, refere-se ao discernimento necessário para distinguir entre o que é verdadeiro e o que é falso. Ficamos indecisos e cheios de dúvidas porque temos de nos basear em conjecturas e suposições. Deus, no entanto, conhece todas as coisas como são de fato. Precisamos orar para que ele compartilhe sua sabedoria e entendimento conosco enquanto o seguimos e trabalhamos para edificar sua igreja.

Deus já nos concedeu algum conhecimento acerca de seu modo de pensar, pois revelou o *mistério da sua vontade* (1:9a). O “mistério” é o plano de Deus para a salvação, revelado por meio de Cristo. O plano vai além da salvação da humanidade e abarca todas as coisas no céu e na terra, o universo inteiro (1:10). O universo precisa de salvação porque a queda dos seres humanos (Gn 3) gerou um esta-

do universal de caos e conflito (Rm 8:19-22). No auge da história, porém, Deus unirá todas as coisas e as sujeitará a seu Filho. Jesus Cristo será, então, o governante de todo o universo!

Não teríamos meios de saber da existência desse plano se Deus não o houvesse revelado. A revelação também é fruto de sua graça, descrita aqui como *beneplácito* (1:9b). Nenhum elemento externo o constrangeu a revelar seu plano a nós.

O fato de a vontade de Deus ser ligada de modo tão estreito à obra redentora de Cristo e de Cristo ser o futuro governante tem implicações importantes. Todos que afirmam ser intermediários entre Deus e a humanidade operam, necessariamente, fora da vontade de Deus. O Senhor planejou desde a eternidade tornar Jesus Cristo o único meio de obter a salvação (Jo 14:6). Não devemos, portanto, subestimar nem ignorar a pessoa de Cristo. Paulo ressalta a mesma verdade ao usar repetidamente em suas cartas a expressão *em Cristo*. Foi “em Cristo” que Deus executou o plano da salvação e somente “em Cristo” a humanidade pode obtê-la.

Paulo diz que *fomos também feitos herança* (1:11). No AT, Israel era o povo escolhido de Deus. Agora, aqueles que creem em Cristo também são escolhidos e têm Cristo como herança.

Os primeiros a crerem que Jesus era o tão aguardado Messias foram judeus, como os apóstolos (1:12). Apesar de muitos judeus terem rejeitado Jesus, alguns creram nele. A fé desses poucos cristãos judeus redundou em grande honra, glória e louvor a Deus. Que alegria saber que nossa fé em Jesus Cristo faz o mesmo!

### 1:13-14 *Selados pelo Espírito*

No versículo anterior, Paulo falou especificamente dos primeiros judeus que aceitaram a Cristo. Agora, refere-se aos gentios, os destinatários dessa carta. O apóstolo lhes garante que foram plenamente incorporados à comunidade da fé, o corpo de Cristo e, portanto, encontram-se em pé de igualdade com os judeus, de modo que também são herdeiros em Cristo.

Paulo distingue entre apenas ouvir o evangelho de Cristo e ouvir com fé salvadora. Os efésios *ouviram* com fé a mensagem do evangelho (1:13a), chamado aqui de *palavra da verdade*. Não é mentira, mas, sim, a verdade que conduz à salvação e libertação do pecado e da escravidão. Quem crê na palavra da verdade é salvo e recebe o selo do Espírito Santo como marca de identidade ou posse (1:13b-14). Podemos comparar o selo do Espírito com a marca que um anfitrião igbo, da Nigéria, faz com giz no pulso de um visitante. Tanto a marca de giz quanto o *selo* indicam que a pessoa desfrutava os privilégios e proteção de toda a comunidade.

Jesus Cristo enviou o Espírito Santo para aplicar os benefícios da redenção na vida dos fiéis, ou seja, para cumprir as promessas feitas pelo Pai e pelo Filho. Além de nos marcar como sua *propriedade*, o Espírito Santo também garante

que receberemos, de fato, a herança completa que Deus, em sua graça, nos prometeu (1:13b). A obra do Espírito Santo redonda em louvor, honra e glória a Deus.

### 1:15-23 Ação de graças e oração

Depois do cântico de louvor ao Deus Trino pelo plano e obra da salvação (1:3-14), Paulo dá graças e ora pelos cristãos em Éfeso. Ouviu boas notícias a respeito de sua fé e expressa alegria e gratidão (1:15-16a). Como Paulo, em vez de sentirmos inveja do sucesso de outros, devemos nos regozijar quando vemos e ouvimos que Deus está operando. Ao reconhecermos que todas as dádivas de Deus são fruto de sua graça, também demonstraremos graça em nossa atitude.

Paulo empenha-se em orar pelos cristãos (1:16b). Não cultiva hábitos destrutivos para a comunidade dos fiéis, como a indiferença para com irmãos, a fofoca, as críticas e a circulação de abaixo-assinados contra outros. Também não é o tipo de pessoa que se esquece de velhos amigos e deixa de orar por eles.

Para o apóstolo, o mais importante é que a vontade de Deus continue a operar na vida dos cristãos. Pede ao Senhor que as verdades ensinadas em 1:3-14 se fixem no fundo do coração dos efésios.

Dirige sua oração ao *Pai da glória* (1:17a), um título que descreve a glória de Deus, decorrente de sua natureza e seus feitos maravilhosos e repletos de graça. Foi ele quem planejou nossa salvação desde a eternidade e a providenciou para que se concretizasse em Jesus Cristo, seu Filho amado. Em seu poder e bondade, Deus concede o Espírito Santo a fim de ajudar os cristãos a aplicarem as bênçãos espirituais à sua vida. O Espírito Santo é *espírito de sabedoria e de revelação* (1:17b), pois revela aos fiéis a mente de Deus. Sem ele, seria impossível homens e mulheres comuns receberem poder espiritual e exercerem sabedoria, entendimento e discernimento espiritual (1Co 2:6-16).

O Espírito Santo é completamente diferente dos espíritos adorados nas religiões tradicionais. É uma Pessoa, e não apenas uma força ou influência. Não pode ser manipulado nem apaziguado como os espíritos das religiões tradicionais. É santo e não pode ser associado a nada profano ou demoníaco. Ajuda-nos a conhecer a Deus de modo muito mais profundo (1:17c). Sem sua revelação e sabedoria, nosso conhecimento do caráter de Deus e daquilo que ele faz por nós seria superficial e fraco.

A segunda petição de Paulo é para que sejam *iluminados os olhos do vosso coração* (1:18a). O coração era considerado o centro das emoções, decisões e pensamentos do ser humano. O pecado nos cegou para as coisas de Deus, e somente a luz divina irradiada pelo Espírito Santo pode dispersar suas trevas e permitir que vejamos claramente. Nossa cegueira espiritual natural significa que não percebemos três realidades: a esperança de nosso chamamento, a riqueza de nossa herança gloriosa e a grandeza do poder da ressurreição de Jesus (1:18b-19). Podemos ter

conhecimento intelectual a respeito dessas realidades, mas precisamos transferir esse conhecimento da mente para o coração de modo que nos despertem e nos levem a amar e agir. A única maneira de realizar essa transferência é por meio da oração.

Os inimigos de Jesus pensaram ser capazes de controlar o poder da morte e usá-la para calar Jesus. Em vez disso, Deus usou a morte de seu Filho para se mostrar mais poderoso do que ela (1:20a; Fp 2:8-11). Temos aqui um contraste e tanto entre o poder de Deus e o poder dos ancestrais, aos quais algumas pessoas ainda oferecem libações!

Jesus está assentado à [...] *direita* do Pai, no lugar de honra, poder e autoridade muito superior a todos os outros poderes e títulos humanos, demoníacos ou angelicais, tanto do presente quanto do futuro (1:20b-21). Cristo se tornou o governante do universo!

Os africanos acreditam na existência de inúmeros seres, forças e poderes espirituais misteriosos e os temem. Podem encontrar coragem, porém, no fato de que a autoridade e poder de Cristo são muito maiores do que de qualquer ser espiritual. Deus exaltou seu Filho como governante supremo e Senhor soberano (Fp 2:9-11) e sujeitou a ele todas as entidades espirituais. São tão inferiores a ele que se pode dizer que estão *debaixo dos seus pés* (1:22a).

Paulo fala de outro aspecto da exaltação de Cristo: Deus o colocou *para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja* (1:22b). Uma vez que Jesus morreu para salvar pessoas e chamá-las à sua igreja, Deus lhe deu todo o poder necessário para edificar a igreja. O poder supremo de Cristo efetuou o crescimento e expansão da jovem igreja do século I, apesar da hostilidade e oposição que enfrentou de autoridades e domínios humanos e espirituais. O mesmo poder continua a operar nos dias de hoje para proteger e capacitar a igreja e garantir seu sucesso.

Se Cristo é o cabeça, a igreja é *seu corpo* (1:23a). Indivíduos que creem em Cristo se tornam parte de uma nova comunidade, de uma nova humanidade na qual desfrutam comunhão com o Senhor e uns com os outros. Cristo provê todos os recursos necessários para o sustento do seu corpo. Sabe como construir uma nova humanidade a partir daquela que foi destruída pelo pecado. Vivifica o que estava morto, recria o que está arruinado. Regenera o que foi amortecido pelo poder da carne. Restaura o que estava exaurido e esgotado. Satisfaz o faminto e sedento. Derrama sua vida na igreja para que ela se torne *a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas* (1:23b). A igreja em si é transformada à imagem de Cristo, de modo que os fiéis sejam cada vez mais semelhantes a ele e reflitam sua imagem ao mundo.

A obra redentora de Cristo não se manifesta, contudo, apenas na formação e preenchimento de seu corpo, a igreja; ele também preenche toda a criação. Exerce seu poder de sustentar e preservar tanto sobre a igreja quanto sobre o mundo.



## 2:1-10 Vivificados em Cristo

Depois de descrever a posição de Cristo (1:20-23), Paulo fala da posição daqueles que creem em Cristo. Os cristãos estavam mortos para Deus em decorrência do pecado (2:1-3), mas a salvação em Cristo os vivificou para Deus (2:4-10).

### 2:1-3 Situação anterior: mortos para Deus

Pode-se dizer que, antes de conhecer a Cristo, os cristãos de Éfeso estavam mortos em seus pecados (2:1), pois sua vida era controlada pelo poder do pecado. Devido a seu comportamento e sua atitude, possuíam tão pouca capacidade de se relacionar com Deus quanto se estivessem mortos. Sua vida era moldada por duas forças: este *mundo* e o *príncipe da potestade do ar* (2:2). A segunda expressão descreve alguém que exerce influência na atmosfera e também na terra e que, portanto, influencia o mundo como um todo. O príncipe em questão é Satanás, aquele que instiga as pessoas a desobedecerem a Deus. Existe uma forte correlação espiritual entre a desobediência a Deus e a escravidão a Satanás. Seu objetivo é fazer a vida pecaminosa parecer tão natural a ponto de as pessoas responderem quando alguém questiona seu comportamento: “Mas é assim que o mundo funciona!”.

Paulo enfatiza que não eram apenas alguns deles que estavam espiritualmente mortos antes de Cristo os salvar. Cada um dos cristãos, quer judeu quer gentio, havia sido desobediente (2:3a). Para provar essa asserção, só precisamos refletir sobre nosso próprio modo de viver antes de aceitarmos a Cristo e nos lembrar de como éramos dominados pela natureza pecaminosa. Em outros tempos, fazíamos tudo que nos sugeriam, não obstante a opinião de Deus acerca de nossos atos. É possível que, por vezes, Satanás ou demônios tenham exercido influência direta sobre nós; grande parte do tempo, contudo, simplesmente seguíamos os impulsos da natureza pecaminosa. É nossa própria natureza que nos condena. Herdamos essa natureza de Adão, que pecou e colocou toda a humanidade sob o julgamento de Deus (2:3b).

### 2:4-10 Situação atual: vivos para Deus

Vemos aqui um contraste gritante entre o caráter de Deus e o nosso. Os seres humanos são desobedientes e rebeldes, mas Deus é rico em misericórdia, graça e amor (2:4). Em vez de aplicar a pena de morte que merecíamos devido à nossa rebelião e desobediência, Deus nos trata com amor e nos dá vida em Cristo (2:5a). Não é de admirar que Paulo celebre a *graça* de Deus que nos concedeu salvação absolutamente imerecida (2:5b)!

Deus realizou três coisas importantes em favor dos salvos: *Nos deu vida juntamente com Cristo* (2:5a), *nos ressuscitou com ele* (2:6a) e *nos fez assentar com ele* (2:6b). A ressurreição de Jesus demonstrou o poder de Deus de vivificar o que estava morto, e ele usou esse poder para nos dar vida e vitória sobre a morte física e espiritual (cf. tb. 1:9). Em vez de permanecermos sob a influência do pecado e de Satanás, agora estamos sob a influência do Espírito Santo.

Os cristãos participam não apenas da ressurreição de Cristo, mas também de sua autoridade, poder e governo sobre principados e potestades de todo o universo. Tornamos co-herdeiros com Cristo! Como ele, somos vitoriosos sobre o pecado, Satanás, o sistema do mundo e a morte. Tal verdade deve nos dar profunda convicção da segurança e proteção que temos das forças malignas ameaçadoras.

A obra divina em favor dos salvos tem por finalidade *mosturar [...] a suprema riqueza da sua graça* (2:7). Os cristãos não fizeram nada para merecer a exaltação com Cristo. Deus os salvou e exaltou para demonstrar seu amor, graça, misericórdia e bondade para com a humanidade agora e nos séculos vindouros. Paulo reforça esse fato em 2:8a: nossa salvação não é resultado de desígnio ou esforço humano. Foi planejada pelo Pai, efetuada pelo Filho e aplicada em nós pelo Espírito Santo. Coube a nós apenas aceitá-la pela fé.

Não podemos sequer assumir o crédito por essa fé, pois ela também é *dom de Deus* (2:8b). Não temos capacidade de gerar fé por nossa própria conta. Ela vem ao ouvirmos o evangelho da salvação ou a palavra de Deus e atendermos pelo poder do Espírito Santo. Recebemos graça mesmo antes de sermos salvos! Deus não nos concede sua graça depois de crermos; ele a oferece enquanto ainda somos rebeldes e pecadores, a fim de que possamos crer.

Quando obtemos algo por nosso próprio esforço, gostamos de nos vangloriar. A vanglória é sinal de orgulho e nos impede de reconhecer nossa dependência de Deus. Uma vez que Deus assumiu responsabilidade por todos os aspectos de nossa salvação, não temos motivo para nos gloriar (2:9). Na verdade, devemos nos envergonhar da condição incorrigivelmente pecaminosa em que nos encontrávamos antes da graça de Deus nos alcançar. A salvação é uma dádiva, e, como todas as dádivas, deve ser recebida com gratidão humilde que transborda em louvor e adoração.

Quando recebemos a graça de Deus, somos transformados naquilo que Deus nos criou para ser. Somos *feitura dele*, pois ele nos criou inicialmente à sua imagem (Gn 1:26) e nos recriou para sermos portadores de sua imagem ao fazermos aquilo que ele tem feito ao longo das eras: *Boas obras* (2:10; cf. tb. 2Co 5:17). Não realizamos boas obras para sermos salvos, e elas não constituem uma precondição para a salvação. Antes, são frutos da salvação e expressam nossa gratidão pela graça que recebemos. Quanto mais recebemos a obra da graça, mais o Espírito nos permite frutificar em boas obras que redundarão em glória, honra e louvor a Deus.

## 2:11-22 Unidos em um só corpo

Um africano de uma vila no interior encontrou um evangelista da cidade e aceitou a Cristo. Quando foi à igreja pela primeira vez, se espantou ao ver ali um membro de uma tribo que seu povo desprezava. Esbravejou: “O que este ‘cão’ está fazendo na igreja? A presença deste ‘porco’ profanou a igreja! Se soubessem de onde ele vem, jamais teriam

permitido que entrasse aqui!”. Sua atitude em relação a um irmão em Cristo foi semelhante à dos judeus em relação aos cristãos, e vice-versa. Por isso, Paulo considera necessário falar sobre a posição de judeus e gentios na igreja e lembrá-los que, apesar de terem vivido, em outros tempos, separados por barreiras religiosas, culturais e raciais, Jesus Cristo havia unido todos em uma nova comunidade.

Quase todos os cristãos de Éfeso eram gentios, e não judeus. Paulo lembra-os de que os judeus os desprezavam e os chamavam de *incircuncisão*, ao mesmo tempo que se intitulavam arrogantemente de *circuncisos* (2:11a). A circuncisão era o rito que Deus havia instruído Abraão a realizar em todos os descendentes do sexo masculino a fim de tornar a criança parte do povo escolhido de Deus. O orgulho dos judeus de serem a nação eleita por Deus os levou a desprezar outros, de modo que o adjetivo “incircunciso” constituía um insulto, e não apenas uma referência a uma característica física.

Ciente dos perigos do orgulho e da intolerância, Paulo lembra os judeus de que a circuncisão é uma operação humana, realizada por outros homens, em contraste com a obra que o próprio Deus efetua nos salvos (2:11b). Ao mesmo tempo, lembra os cristãos gentios de que antes de serem convertidos: a) estavam *sem Cristo*, ou seja, não sabiam nada sobre a promessa do Messias; b) encontravam-se *separados da comunidade de Israel*, isto é, não tinham parte nem em Israel como nação nem no reino vindouro de Deus; c) eram *estranhos às alianças da promessa*, pois não possuíam nenhum direito legal no tocante às aliança e promessas de Deus a Israel e, conseqüentemente, d) viviam *sem esperança e sem Deus* (2:12). Paulo enfatiza que os gentios não tinham motivo para esperar nada de Deus enquanto se encontravam separados de Cristo.

Antes de serem salvos, estavam “separados”, eram “estranhos” e estavam *longe* de Deus; agora, porém, foram *aproximados* (2:13). Não obtiveram a nova posição privilegiada em razão de seu nascimento ou de algum ritual humano, mas pela graça de Deus, expressada no sangue de Cristo. Seu sangue os purificou de suas transgressões e pecados e os selou numa nova aliança muito superior à aliança judaica, pois foi selada pelo próprio Deus, e não pela circuncisão feita por homens.

Ao reunir judeus e gentios, Cristo os reconciliou uns com os outros e, ao mesmo tempo, reconciliou todos com Deus (2:14). Criou nova harmonia, exatamente como Isaías profetizou ao chamar o Messias vindouro de “Príncipe da Paz” (Is 9:6).

Em termos literais, a *parede de separação* entre gentios e judeus era uma barreira física que impedia os gentios de entrarem no pátio interno do templo em Jerusalém. Em termos figurativos, representava a linha divisória entre Israel como povo escolhido de Deus e os outros povos dos quais Israel devia se manter separado para lhes servir de canal de bênção (cf. Gn 12:3; Is 42:6, 49:6). Foi essa barreira simbó-

lica que Jesus destruiu na cruz. Nele, não há barreiras nem paredes de separação entre judeus e gentios. Na verdade, em Cristo todas as diferenças, hostilidades e barreiras humanas se desintegram. Jesus Cristo tem a cura para os males do racismo e tribalismo e para a humanidade dividida.

Assim como acabou com a inimizade entre judeus e gentios, Cristo também aboliu a lei cerimonial judaica, a *lei dos mandamentos na forma de ordenanças* que também constituía uma barreira entre os dois grupos (2:15a). A lei mosaica fazia exigências rígidas que não podiam ser cumpridas com perfeição e enfatizava as diferenças entre judeus e gentios, mas Jesus cumpriu a lei ao firmar a nova aliança por meio de sua morte na cruz (cf. Hb 7—10).

Em Cristo, judeus e gentios são um. Ele os constituiu, em si mesmo, *um só corpo* (2:15b-16). Tornaram-se uma nova comunidade, a igreja, graças à obra expiatória de Cristo na cruz que destruiu a inimizade e trouxe reconciliação e paz.

O evangelho de paz e reconciliação foi pregado tanto aos gentios que estavam *longe* quanto aos judeus *que estavam perto* (2:17). Os dois grupos precisavam ouvir a mensagem. Os judeus tiveram o privilégio de ouvir Jesus pregá-la, enquanto os gentios a receberam por intermédio dos apóstolos de Cristo.

Mais uma vez, vemos as três pessoas da Trindade operando juntas para reconciliar judeus e gentios uns com os outros e com Deus: a obra expiatória de Cristo possibilitou a reconciliação, e o Espírito Santo nos dá acesso ao Pai (2:18).

Paulo volta ao seu ponto de partida em 2:12 e lembra aos gentios que, antes de serem salvos, eram *estrangeiros e peregrinos*, e não cidadãos plenos do reino de Deus. Agora que estão em Cristo, além de todos os direitos de cidadania, também desfrutam o privilégio de serem membros *da família de Deus* (2:19). São irmãs e irmãos e membros mais antigos da família. Podem confiar nessa família, pois está firmemente alicerçada: a) nos *profetas* que prenunciaram a vinda do Messias; b) nos *apóstolos* que proclamaram o evangelho de Cristo e fundaram igrejas e c) em *Cristo* que cumpriu as profecias e promessas dos profetas por meio de sua obra redentora e, portanto, se tornou a *pedra angular* (2:20).

Nas construções antigas, a “pedra angular” era extremamente importante, pois ligava todas as partes do edifício. É justamente isso que Jesus Cristo faz pela igreja, a qual Paulo descreve como um novo santuário (2:21). Jesus Cristo está edificando sua igreja para que seja um templo santo, *habitação de Deus* (2:22). No AT, o templo representava a glória de Deus; hoje em dia, essa tarefa cabe à igreja, símbolo da salvação concedida por Deus ao mundo. A mesma responsabilidade se aplica aos cristãos como indivíduos. Afinal, também são chamados de santuário de Deus, pois o Espírito Santo habita neles (1Co 6:19).

### 3:1-21 Iguais dentro do corpo

No início desse capítulo, Paulo diz claramente aos cristãos gentios que seu encarceramento se deve à interpretação

## A NATUREZA DA IGREJA

Na cosmovisão africana, a união faz a força. Quanto maior o grupo, melhor. O princípio se aplica não apenas à família (tradicionalmente polígama, a fim de aumentar o número de pessoas no grupo), mas também ao clã e à tribo. Cada grupo associa suas origens a determinado herói e se une em torno de certas crenças e práticas. O mesmo se aplica à igreja.

O termo inglês para igreja, *church*, vem do alemão *kirche* e do escocês *kirk*, mas possui raízes ainda mais antigas na palavra aramaica *kenishta* e na palavra grega *kuriakon*, que significam “pertencente ao Senhor”. A igreja é, portanto, “a tribo de Jesus”, chamada dentre todas as nações e tribos sem, no entanto, renunciá-las. Em algumas ocasiões, contudo, pode ser necessário que suas práticas e crenças sobrepujem as de uma tribo terrena.

O termo veterotestamentário empregado para esse grupo é *qahal* (“povo chamado e reunido por Javé”), traduzido para o grego como *ekklesia* (“os chamados”) e empregado no NT para se referir à igreja. Quem chama é Deus, quem confere unidade na fé é Jesus Cristo, e a constituição que a governa é a Bíblia, a qual os membros leem e obedecem sob a direção do Espírito Santo. Os membros são aqueles que creem em Cristo, os “cristãos”.

A igreja é, ao mesmo tempo, um organismo e uma organização. É um organismo no sentido de que é unida ao redor da obra salvadora de Cristo e habitada pelo Espírito Santo, não obstante o lugar onde cada membro se encontra. O aspecto orgânico é mais importante do que o organizacional, mas a organização também é necessária para que a igreja realize a Grande Comissão. Ao dizer: “Edificarei a minha igreja” (Mt 16:18), Jesus focalizou o aspecto orgânico.

A seguir, algumas metáforas que descrevem a natureza da igreja:

- *Corpo de Cristo*. Jesus é o cabeça (líder supremo) que dá vida à igreja (como organismo) (Ef 1:22-23; Cl 1:18; 2:19).
- *Templo/edifício/casa de Deus*. Essa imagem focaliza a unidade da igreja, pois, num edifício, cada um dos materiais de construção tem um papel. Também mostra que a igreja pertence a Deus, e não às pessoas. Jesus é o alicerce (1Co 3:9-17) e a pedra angular principal, ou seja, a pedra que controla a disposição de todo o edifício (Ef 2:20-21). Os profetas e apóstolos também são chamados de fundamentos no sentido de que foram os primeiros líderes da igreja e as pessoas que Deus usou inicialmente para transmitir suas doutrinas e práticas (cf. 1Tm 3:15; 1Pe 2:4-8).
- *Noiva de Cristo* (Ef 5:31-32; Ap 19:7; 21:9). Cada cristão é intimamente ligado a Cristo desde o momento da justificação até a cerimônia de casamento descrita em Apocalipse 19:5-9.
- *Rebanho* (Jo 10:16-17). Por meio de seus servos (inicialmente os apóstolos e hoje os pastores, sacerdotes ou qualquer outro título usado para designar aqueles que pregam sua mensagem), Jesus reúne as ovelhas, dirige-as e cuida das necessidades de cada uma.
- *Videira* (Jo 15). Essa metáfora destaca a necessidade de os cristãos se manterem “ligados” a Cristo a fim de receberem sustento e crescerem.

Os membros da igreja foram colocados na terra para realizar uma missão. Jesus a descreve quando fala de “sal” e “luz” (Mt 5:13-16). Assim como o sal impede os alimentos de se decomporem, os cristãos são chamados a deter a decomposição moral do mundo. Assim como a luz nos ajuda a enxergar o caminho, os cristãos são chamados a mostrar o caminho para a verdadeira luz (Jo 1:9) que transforma vidas e cria amor onde há ódio, reconciliação onde há hostilidade e esperança onde há desespero. Eis o chamado da igreja na África e no mundo.

Samuel Ngewa

equivocada, por parte dos judeus, de sua mensagem de unidade e igualdade (3:1). Foi preso em decorrência da suspeita infundada de que havia levado Trófilo, um gentio, para dentro do templo em Jerusalém (At 21:29).

Paulo também deseja informar os cristãos gentios da missão específica que recebeu como apóstolo, a saber, apresentar o evangelho de Cristo aos gentios (3:2; At 9:15). Seu trabalho consistia em falar aos gentios sobre a graça de Deus e revelar a verdade outrora desconhecida de que judeus e gentios constituiriam a igreja de Cristo (3:6). Paulo lembra-os de que escreveu, numa ocasião anterior, uma declaração sucinta de como esse mistério, aqui chamado *mistério de Cristo*, lhe foi revelado e pede que a leiam nova-

mente a fim de compreenderem aquilo que ele tem a revelar (3:3-4). Chama a revelação de “mistério”, pois foi ocultada das gerações passadas (3:5). Os judeus acreditavam que deviam permanecer separados dos gentios, motivo pelo qual o relacionamento de Paulo com os gentios suscitava tanta oposição. Por intermédio do Espírito Santo, porém, Deus revelou seu plano verdadeiro aos *santos apóstolos e profetas*. O termo “santos” enfatiza que os apóstolos e profetas eram separados por Deus, e a revelação específica de Deus a eles enfatiza sua posição singular como pioneiros fundadores da igreja.

Em 3:6, Paulo declara que, agora, o segredo foi revelado: cristãos gentios foram incluídos no plano divino

universal de salvação com todos os privilégios e bênçãos e colocados em pé de igualdade com os cristãos judeus. O apóstolo tratou dessa questão em 2:11-12 e, aqui, relaciona os privilégios que os gentios receberam, e ressalta a igualdade de gentios e judeus no plano de Deus pela ênfase do prefixo “co”. São: a) *co-herdeiros* com os judeus, ou seja, compartilham da mesma herança; b) *membros do mesmo corpo*, num relacionamento de igualdade; e c) *co-participantes da promessa em Cristo Jesus*, isto é, receberam as mesmas promessas e bênçãos.

Caso alguns de seus leitores o considerem arrogante por afirmar ter recebido essa revelação especial, Paulo os lembra de que esse conhecimento especial não lhe conferiu poder. Antes, o tornou *ministro* do evangelho (3:7). Também reconhece que não merecia a dádiva dessa revelação: foi um *dom da graça de Deus*, concedido e recebido por meio do poder de Deus (3:7; cf. At 9:1-15). Não há espaço, portanto, para nenhuma ambição ou qualificação pessoal.

Paulo nem sequer se considera digno do chamado para ser servo de Deus. Antes, vê-se como alguém insignificante que Deus chamou de forma extraordinária para ter o privilégio de pregar o evangelho de Cristo (3:8a). O chamado de Deus, o reconhecimento humilde da graça divina e a bênção do poder de Deus são pré-requisitos para servir a Cristo. É necessário, ainda, darmos o devido valor às bênçãos, riquezas e dádivas concedidas em Cristo que vão muito além da imaginação humana (3:8b), apesar de Paulo descrever algumas delas nos três primeiros capítulos dessa carta.

Paulo foi chamado não apenas para pregar o evangelho de Cristo aos gentios, mas também para tornar inteligível o mistério do plano de Cristo (3:9). Lembra a seus leitores que Deus formulou esse plano antes da criação do mundo (1:3-4). Manteve-o oculto por tanto tempo porque desejava usar a igreja como instrumento de revelação. A igreja pode não ser valorizada por outros, mas Deus a escolheu para demonstrar a beleza de sua sabedoria aos governantes da presente era (3:10). Como elemento central do plano divino de salvação, a igreja reflete a sabedoria de Deus. Veio a existir por meio da obra redentora de Cristo na cruz, conforme Deus havia planejado. Graças a essa obra, os cristãos, que não passavam de estranhos amedrontados (2:12,19), podem se aproximar de Deus com *ousadia e confiança* (3:12). Não precisam mais temê-lo como Juiz ou Rei, mas podem se achegar com uma convicção que não corresponde à autoconfiança humana, mas à segurança arraigada no fato de estarem em Cristo e crerem nele.

Paulo suspeita que seu encarceramento pode ser motivo de desânimo para os leitores e, por isso, os insta a não desfalecerem em razão das tribulações dele, pois são normais para todos os cristãos (3:13; cf. tb. Fp 1:29). Seu sofrimento não deve causar surpresa, pois outros se recusarão a crer na revelação gloriosa concedida por Deus.

A reflexão do apóstolo sobre o ministério maravilhoso da igualdade dos cristãos judeus e gentios em Cristo leva-o

a orar para que recebam força e poder por meio do Espírito Santo a fim de que Cristo habite em seu coração pela fé e possam receber o conhecimento e a plenitude de Deus. Sua postura (de joelhos) enquanto ora é sinal de grande reverência, submissão e adoração, pois os judeus costumavam orar em pé (3:14). Paulo se ajoelha *diante do Pai*, indicação de que o relacionamento íntimo com Deus se baseia na confiança mencionada em 3:12. É membro da família de Deus, como também o são os judeus e gentios que constituem a igreja (2:19). *Toda família* de Deus no céu e na terra corresponde a todos os que o aceitam como Senhor (3:15).

Paulo inicia sua súplica reconhecendo a abundância da graça e das riquezas de Deus, algumas das quais mencionou nos capítulos 1 e 2. Nesses dois capítulos iniciais, falou do poder de Deus (1:19-20); aqui, ele ora para que os cristãos sejam fortalecidos pelo poder do Espírito Santo. Não se refere a força física, mas à força interior e de caráter que o Espírito Santo concede quando penetra as profundezas do coração, da mente e da vontade (3:16-17a), a ponto de ser possível dizer que Cristo vive dentro deles. A habitação de Cristo em nós, porém, se dá *pela fé*. Os cristãos receberam Jesus no coração pela fé ao serem salvos e, agora, devem manter a presença dele em sua vida pela mesma fé, pois “o justo viverá por fé” (Rm 1:17).

Depois de orar para que os cristãos tenham poder de modo que Cristo governe sua vida, Paulo pede que tenham poder para *compreender [...] o amor de Cristo* (3:17b-18). Descreve o amor por Cristo como uma árvore com raízes profundas ou um edifício com alicerces firmes. Esse amor *arraigado e alicerçado* lhes permitirá entender o amor de Cristo.

Paulo procura explicar a extensão do amor de Cristo por meio de medidas físicas (3:18), mas sabe que são exemplos inadequados, uma vez que o amor de Cristo é tão amplo que cobre toda a terra e vai além. É tão extenso que não tem limites; é eterno. É tão abrangente que não há nada que não possa alcançar ou exceder. É tão profundo que pode chegar ao inferno para resgatar aqueles que se encontram sob a escravidão de Satanás. Paulo ora para que os cristãos experimentem esse amor sem limites tanto como indivíduos quanto como comunidade.

O apóstolo ora, ainda, para que os cristãos compreendam o amor de Cristo, apesar de extrapolar o conhecimento humano (3:19) e para que essa compreensão produza crescimento espiritual e maturidade em Cristo. O objetivo não é nos tornarmos bons, mas que nosso caráter se assemelhe ao de Cristo.

A primeira parte da carta conclui com uma canção de louvor a Deus reconhecendo sua soberania, que vai além do universo e da igreja (3:20-21). Deus tem o desejo e poder de fazer muito mais do que os cristãos pedem ou esperam dele, e esse poder já está operando na vida dos cristãos.

Até aqui, Paulo explicou o plano eterno de Deus para a salvação. Agora, declara o propósito desse plano: dar glória e honra a Deus. A glória de Deus se manifesta na igreja

quando os salvos vivem em união, servem e adoram a Deus juntos, sem discriminação. Conclui sua súplica com a palavra *Amém* que significa simplesmente “assim seja”.

#### 4:1—6:20 A vida à semelhança de Cristo

Na segunda metade dessa carta, Paulo trata das implicações práticas daquilo que ensinou na primeira parte. Exorta os cristãos a viverem de modo que cumpram os propósitos para os quais foram chamados. Devem se esforçar ao máximo para viver em união, amor e paz tanto no mundo quanto no lar. Também devem, contudo, estar preparados para enfrentar conflitos espirituais.

#### 4:1-6 Salvos para andar em unidade

Paulo falou do poder extraordinário de Deus (3:20), mas o próprio apóstolo ainda é prisioneiro! Em vez de exigir liberdade, usa sua condição de sofredor por Cristo para acrescentar peso ao apelo aos cristãos em Éfeso para viverem de modo que glorifiquem ao Senhor (4:1). Conforme foi explicado nos capítulos 1 a 3, esse é o chamado dos cristãos. Nossas crenças devem se manifestar no modo em que vivemos.

Uma das características que devemos demonstrar é a humildade, não porque somos inferiores a outros, mas porque não nos consideramos melhores do que outros. Cristo demonstrou que a humildade é a base para o serviço, a honra, o respeito e o amor por outros. Também somos chamados a andar com *mansidão*, ou seja, a ter consideração pelos outros e não procurar dominá-los. A fim de sermos mansos, precisamos ter paciência para conter o desejo de buscar vingança ou fugir daqueles que nos perturbam. A paciência nos permite suportar as atitudes, comportamentos e imperfeições de outros (4:2). Humildade, mansidão e paciência promovem a unidade e amor entre os cristãos, conforme Paulo lembra a seus leitores (4:3).

A unidade dos cristãos tem como base a Trindade. O *Esprito Santo* é quem chama tanto judeus como gentios para constituir *somente um corpo*, a igreja, e lhes dá a mesma *esperança* em Cristo (4:4; cf. tb. 1:13-14). Cristo é o Cabeça da igreja, seu único *Senhor* e Mestre, e os cristãos também são unidos por sua *fé* nele (4:5). A fé os levou a se identificarem com ele em sua morte e ressurreição ao serem batizados como sinal físico de que fazem parte do corpo de Cristo. Em última análise, porém, nossa unidade e coesão são arraigadas na soberania de Deus, o único Criador de todo o universo e, portanto, aquele que tem autoridade absoluta sobre toda a criação (4:6).

#### 4:7-16 Capacitados para operar em diversidade

Unidade não é sinônimo de uniformidade. Cristo confere dons espirituais diferentes a cada indivíduo. Uma vez que são dons, não podem ser conquistados (4:7). Paulo cita Salmos 68:18 e sugere que os dons são como recompensas distribuídas pelo general vitorioso entre aqueles que o

apoiaram na batalha ou mesmo fora dela (4:8). São prova da vitória de Cristo sobre seus inimigos.

Vitória implica luta, de modo que, numa digressão, Paulo enfatiza que Jesus só foi vitorioso sobre Satanás, o pecado, a morte e o mundo porque se dispôs a suportar a humilhação, a morte e a cruz (4:9). A referência às *regiões inferiores da terra* indica que Jesus desceu até ao inferno (cf. tb. Mt 27:52-53; 1Pe 3:19-20; 4:6). Depois de chegar a um lugar tão baixo, era apropriado que fosse exaltado acima de tudo como Senhor ressurreto do universo (4:10; cf. tb. 1:20-23).

Paulo relaciona alguns dons espirituais concedidos para a liderança da igreja (4:11). De acordo com 2:20, os *apóstolos* e *profetas* lançaram os alicerces da igreja de Deus. Os *evangelistas* levam a mensagem do evangelho de Cristo a lugares ainda não alcançados. *Pastores* e *mestres* trabalham em igrejas locais, onde, por vezes, um indivíduo exerce as duas funções. Esse grupo de dons pode ser chamado de ministério quártuplo da igreja e constitui a base para a implantação e crescimento das congregações. Todos os outros dons apoiam esses cinco.

Os dons espirituais foram concedidos aos líderes da igreja com o propósito específico de equipar outros cristãos para os trabalhos que edificarão a igreja até que esteja madura e completa em Cristo (4:12-13). Não são concedidos, portanto, para favorecer os líderes, mas para ajudar a igreja a crescer física e espiritualmente até atingir a maturidade.

A fim de percorrerem o caminho da maturidade, todos os cristãos precisam estar unidos na fé e ter o mesmo *conhecimento do Filho de Deus*. Para isso, os líderes devem alimentar e proteger a igreja e ensinar a sã doutrina e a fé. O objetivo final é fazer dos membros e da igreja uma unidade completa em Cristo.

A falta de maturidade atrofia o crescimento levando os cristãos a permanecerem infantis, dependentes de outros e propensos a todo tipo de influência (4:14). A falta de sã doutrina e ensinamento resulta numa igreja fragmentada, com uma fé fraca, conhecimento inadequado de Cristo e vulnerável à influência de falsos mestres. Cristãos imaturos aceitam tudo que ouvem de mestres motivados, por vezes, pela ganância ou que se baseiam em sabedoria puramente humana. Desprovidos de uma base sólida, os cristãos fracos são jogados de um lado para o outro e se tornam instáveis.

Os cristãos maduros, porém, crescem em sua fé e conhecimento de Cristo e veem as coisas do ponto de vista de Cristo. Ao contrário dos falsos mestres, portanto, dizem *a verdade* e, porque são semelhantes a Cristo, dizem-na *em amor* (4:15). O melhor comentário sobre “a verdade em amor” encontra-se em 1Coríntios 13:4-8. Quando dizemos e praticamos a verdade, estamos no processo de crescer em Cristo, *a cabeça* do corpo (igreja). Devemos buscar, acima de tudo, ser semelhantes a Cristo em todas as coisas.

Como cabeça da igreja, Jesus Cristo liga todas as partes umas às outras, ajuda o corpo a crescer e se edificar



em amor e permite que cada parte faça seu trabalho. É ele quem capacita a igreja a crescer em maturidade, unidade e serviço (4:16).

#### 4:17-22 Despojar-se da antiga vida

Para alcançar o alvo de união e semelhança com Cristo, os cristãos precisam se livrar das coisas pertencentes ao antigo modo de viver. Devem abandonar as práticas nocivas, sem propósito e sem sentido, da vida gentia de outrora (4:17), quando vagavam na escuridão, separados da vida de Deus pela ignorância (4:18). Sua ignorância, contudo, não era inocente, mas resultante de endurecerem o coração contra Deus e se tornarem insensíveis à luz, verdade e integridade de Deus. Em decorrência disso, haviam desenvolvido gosto por prazeres lascivos e toda forma de imoralidade (4:19; cf. tb. Rm 1:24-28).

Que contraste gritante com a vida santa de Jesus (4:20-21)! Haviām aceitado a Cristo como Salvador, mas precisavam viver conforme seus ensinamentos. Os cristãos precisam aprender a seguir o caminho de Jesus a fim de serem, verdadeiramente, discípulos. O processo é semelhante a vestir uma roupa nova. Devem se despojar do velho homem (4:22) a fim de estarem preparados para se revestir da nova vida em Cristo (4:24). Mas, enquanto as vestes afetam a aparência exterior, Paulo fala de uma transformação bem mais profunda do ser interior.

#### 4:23-32 Revestir-se da nova vida

Pensamentos, atitudes e atos devem ser controlados pela mente, daí a necessidade de o *entendimento* renovado, criado em Cristo Jesus, tomar o lugar da antiga mentalidade que nos corrompia (4:23; cf. tb. Rm 12:2). Contudo, não obtemos o novo ser interior por meio de esforços próprios para sermos diferentes. A “nova criatura” é resultado da obra de Cristo na cruz (4:24; 2Co 5:17) e deve ser semelhante a Deus *em justiça e retidão procedentes da verdade*. Essa era nossa condição original antes da queda no jardim do Éden e é o objetivo que Paulo apresentou em 4:13.

Em seguida, o apóstolo trata de aspectos específicos do velho homem dos quais precisamos nos despojar a fim de podermos nos revestir do novo homem (4:25-31). A primeira coisa da qual precisamos nos livrar é a *mentira* ou falsidade, no lugar da qual devemos colocar a prática de falar a *verdade* com nosso próximo (cf. Sl 15:2-3). Para haver verdadeira união na família da fé, seus membros precisam confiar uns nos outros.

Por vezes, a raiva é justificada, mas alimentá-la e se preocupar é pecaminoso. Pode, facilmente, dar *lugar ao diabo* e permitir que ele promova o mal (4:26-27).

Furtar significa tirar de outros para beneficiar a si mesmo. Por isso, Paulo condena o furto e pede que, em seu lugar, os cristãos se dediquem ao trabalho rentável a fim de compartilhar com outros em vez de lográ-los (4:28). Assim como nosso trabalho, nossas palavras também devem ser

proveitosas para outros. Fofocas e maledicência devem ser substituídas por palavras de *edificação* (4:29).

O Espírito Santo opera a transformação espiritual, por meio da qual nos despojamos do velho homem e nos revestimos do novo homem. Quando recusamos passar por essa transformação, entristecemos e decepcionamos o Espírito Santo. Apesar de o Espírito haver nos selado para o dia da redenção, ela ainda está para se consumir (4:30). Entrementes, não devemos fazer nada que entristeça o Espírito (4:31). Consequentemente, devemos evitar amargura, raiva, ódio e malícia que geram contendas, maledicência e outros comportamentos perniciosos. No lugar desses maus hábitos, devemos cultivar as virtudes da bondade, compaixão e perdão (4:32). Os cristãos receberam o perdão de Deus e, por isso, devem perdoar uns aos outros.

#### 5:1-7 Imitar Cristo

A verdadeira comunhão cristã se baseia no exemplo de Cristo, de modo que devemos procurar imitar o comportamento do Mestre. Em vez de se amargurar, ele nos perdoou pelo mal que fizemos (4:32). Sua bondade, compaixão e amor o levaram a sacrificar-se por outros (5:2).

Devemos seguir seu exemplo da mesma forma que uma criança pequena retribui o amor de seus pais ao imitá-los (5:1). Deus derramou seu amor sobre nós por meio do amor e perdão de Cristo. Cabe a nós viver de modo semelhante a Cristo em seu amor e sacrifício.

Devemos imitar Deus não apenas em seu amor, mas também em sua santidade (1Pe 1:15-16). Por isso, os cristãos não podem entregar-se à *impudícia e toda sorte de impurezas ou cobiça* (5:3). É necessário que evitemos, ainda, os maus hábitos associados à fala, para não sermos culpados de *conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices* (5:4). A transformação da mente e do coração deve criar em nós o desejo de falar a Deus e a outros sobre nossa gratidão.

Paulo adverte-nos de que a imoralidade, impureza e cobiça são sinais de que o indivíduo ainda pratica a idolatria, ou seja, o centro de sua vida não é ocupado por Deus, mas por alguma outra coisa. Quem segue esse caminho não pertence ao reino de Cristo (5:5). Paulo não está falando de cristãos que caem em pecado e se arrependem, mas de pessoas que praticam tais coisas continuamente.

Os padrões de Deus não podem ser substituídos por ensinamentos permissivos. Aqueles que ensinam algo diferente são enganadores, e tanto eles quanto seus ensinamentos falsos serão alvo da ira de Deus (5:6-7).

#### 5:8-14 Andar como filhos da luz

No início do capítulo, Paulo pede aos cristãos que sejam imitadores de Deus “como filhos amados” (5:1). Agora, volta a essa imagem e lembra aos cristãos gentios que se tornaram *filhos da luz*. O Deus santo também é luz (1Jo 1:5). A luz de Deus que se encontra dentro dos cristãos deve se revelar na *bondade, e justiça, e verdade* dos fiéis, em

## PROFETAS E APÓSTOLOS

O termo “profetas” vem do grego *prophetes*, que significa “aquele que anuncia” ou “fala em nome de”. Refere-se a alguém que Deus investe de autoridade e poder para comunicar sua vontade ao povo e ensiná-lo (Jr 1:9-10). O termo “apóstolos” vem do grego *apostolos*, que significa “enviado”. O apóstolo é embaixador de Cristo (2Co 5:20). Apóstolos e profetas são mencionados juntos em várias ocasiões no NT (Lc 11:49; 2Pe 3:2; Ap 18:20).

Muitos africanos foram chamados de profetas ou apóstolos ou tomaram esses títulos para si. Dentre os mais conhecidos, podemos citar os profetas xhosas do século XIX, Ntsikana e Molangeni, da África do Sul. Outro exemplo é William Wade Harris, nascido na Libéria, que pregou na região em torno do golfo da Guiné, especialmente na Costa do Marfim. Sua mensagem enfatizava a necessidade de abandonar fetiches e ídolos, e sua fama causou preocupação às autoridades coloniais francesas.

No início do século XX, Simon Kimbangu profetizou na atual República Democrática do Congo. Apesar da perseguição pelas autoridades belgas, a igreja kimbanguista se tornou um grande movimento religioso na África central. Em 1947, Samuel Oschoffa fundou a Igreja Celestial de Cristo em Dahomey, na atual República de Benin.

Hoje em dia, muitos africanos seguem os passos desses antecessores ilustres, afirmam ser profetas ou apóstolos e criam seus próprios movimentos religiosos.

O surgimento de profetas e apóstolos africanos permitiu a proclamação da igualdade entre negros e brancos na fé e no ministério (Gl 3:28; Cl 3:11). Também estabeleceu o princípio de separação entre a fé cristã e todos os vínculos políticos coloniais. Esses efeitos justificam a reputação que tais indivíduos desfrutaram.

Devemos considerar, porém, alguns aspectos negativos associados ao surgimento de profetas e apóstolos africanos. Muitos deles não possuem instrução bíblica e teológica e se firmam apenas em seus próprios dons. O crescimento da igreja depende, contudo, do exercício

de vários dons complementares. O apóstolo ou profeta não pode trabalhar sem a ajuda dos mestres (Ef 4:11-14). Aqueles que desejam pregar a Palavra de Deus devem, antes, estudá-la com seriedade ou cercar-se de pessoas que se dedicam a essa tarefa.

Apesar de afirmarem promover o cristianismo tradicional, muitos profetas e apóstolos africanos não tomam a Bíblia como base para sua fé e conduta. Em vez disso, baseiam seus ensinamentos em revelações diretas recebidas de Deus para sua missão profética e messiânica e consideram-nos acréscimos às Escrituras. A Bíblia adverte, porém, acerca de não se acrescentar absolutamente nada à palavra (Ap 22:18-19).

Muitos profetas e apóstolos africanos também cedem à tentação de criar grupos em torno de si mesmos. Envolvem em mistério os acontecimentos de sua vida, inclusive as circunstâncias de seu chamado e, por vezes, citam alusões bíblicas ao Messias. Dão a impressão que vieram do céu como Jesus ou que possuem tanto poder quanto ele. Alguns afirmam ser sucessores de Cristo ou um novo Cristo, afirmações que os transformam em objeto de veneração. Infelizmente, a maioria desses líderes obtém controle quase total da mente de seus seguidores. O NT nos alerta do perigo que pessoas assim representam (Mt 24:11,24; Jd 4-16).

Os profetas e apóstolos da Bíblia, pelo contrário, não são diferentes dos outros seres humanos. Fornecem suas origens familiares (Is 1:1; Jr 1:1) e não hesitam em reconhecer suas fraquezas e recusar qualquer adoração (Jr 1:6; At 14:13-15). Quem deseja anunciar a palavra de Deus não deve buscar títulos de honra, mas ser servo de todos (Mt 23:8-12).

Apesar de o lado negativo dos profetas e apóstolos africanos ser uma realidade triste, não devemos nos esquecer de expressar gratidão a Deus pelos verdadeiros profetas e apóstolos que exerceram e continuam a exercer um ministério honrado para a glória de Deus. Esse grupo inclui homens como Samuel Ajayi Crowther da Nigéria, considerado um verdadeiro pai da igreja africana.

Adama Ouedraogo

contraste com as obras perversas que outrora dominavam sua vida (5:8-9). Em vez de simplesmente agirem de forma impulsiva, devem testar seu comportamento e verificar se é agradável ao Senhor (5:10). Assim como a luz mostra a verdadeira aparência de um objeto, os cristãos, como filhos da luz, devem desmascarar as obras [...] das trevas (5:11). São obras infrutíferas, pois não cumprem nenhum propósito.

É importante observar que o pecado é revelado pela luz de Jesus, e não por conversas a esse respeito. Ato vergonhosos e realizados em segredo não devem ser temas de discussões e fofocas (5:12).

Paulo reitera que a luz permite às pessoas verem claramente e reconhecerem o mal (5:13-14a). Para enfatizar

esse ponto, cita o que talvez fosse um hino antigo associado à Páscoa ou ao batismo (5:14b). O hino chama quem se encontra adormecido na morte e nas trevas para despertar. Cristo os ressuscitará dentre os mortos e fará sua luz resplandecer sobre eles. É possível que esse hino tenha sido entoado no batismo dos cristãos efésios. Nesse caso, Paulo os lembra de que, no batismo, deixaram para trás o mundo e toda a sua escuridão, desejos e atrações e se apegaram a Cristo que agora os ilumina.

### 5:15-20 Viver de forma sábia

A fim de vivermos em santidade e luz, devemos refletir com atenção sobre nossa conduta e comportamento (5:15). O

mal presente na sociedade nos oferece oportunidades de brilhar para o Senhor (5:16). Precisamos aprender a reconhecer as oportunidades que Deus nos concede de testemunhar e procurar compreender melhor a vontade de Deus em todas as situações e circunstâncias (5:17).

Além de não contribuir em nada para a sabedoria e o entendimento, a embriaguez muitas vezes conduz a uma vida descuidada e sem propósitos, caracterizada pelo desregramento, desperdício de dinheiro e recursos e pelo apetite excessivo por prazeres. Os cristãos não devem, portanto, se embriagar. Em vez de se deixarem dominar pelo álcool, devem encher-se do Espírito Santo (5:18).

Por vezes, quem está cheio do Espírito Santo pode ser confundido com um indivíduo inebriado (At 2:13). Mas, ao contrário da embriaguez que resulta em cantoria e gritaria, estar cheio do Espírito Santo resulta em louvor, expressado em *salmos* [...] *hinos e cânticos espirituais* (5:19). A instrução para entoar cânticos e louvar ao Senhor de coração inclui a ideia de louvá-lo com vários instrumentos e ritmos musicais. A preocupação maior de Deus não é o tipo de música, mas seu conteúdo, a saber, adoração, ações de graças e louvor ao Pai e a Jesus Cristo. O objetivo maior do Espírito é honrar a Deus e Jesus Cristo. Por isso, dar *sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai* é um dos sinais de que estamos cheios do Espírito Santo (5:20). Não obstante os acontecimentos em nossa vida, podemos sempre dar graças pelo amor e misericórdia de Deus que nos concederam salvação e a dádiva do Espírito Santo.

Nossos cânticos e ações de graças são dirigidos a Deus Pai *em nome de nosso Senhor Jesus Cristo*, pois é somente por meio dele que podemos nos aproximar de Deus (Jo 14:6; At 4:12).

### 5:21—6:9 Viver de forma responsável

A sujeição e obediência a Cristo devem governar todos os nossos relacionamentos e nossas responsabilidades, em casa e no trabalho. Como consequência, devemos também nos sujeitar uns aos outros, ou seja, demonstrar respeito uns pelos outros (5:21; cf. tb. Jo 13:13-15).

#### 5:22-33 No casamento

O modelo bíblico de casamento que encontramos aqui se aplica a todas as épocas e culturas, inclusive à cultura africana.

As esposas devem ser *submissas* ao marido por reverência a Cristo (5:22). Ao se submeterem, indicam que aceitam a ordem institucional de Deus na família e na igreja. Deus colocou o homem como cabeça da família, da mesma forma que Jesus Cristo é o cabeça da igreja (5:23). As esposas devem seguir o exemplo de submissão total a Cristo dado pela igreja (5:24) e ser submissas ao marido *em tudo*.

Essa forma divina de organização não implica que as mulheres são, de algum modo, inferiores aos homens, ou os homens superiores às mulheres. Tanto a esposa quanto o marido têm papéis definidos no lar e na igreja. Em 1Co-

rintios 11:12, Paulo explica a hierarquia: Deus é o cabeça de Cristo (apesar de ambos serem essencialmente iguais, como vimos anteriormente em 1:3), Cristo é o cabeça do homem, e o homem é o cabeça da mulher.

Enquanto a esposa deve tomar como exemplo o relacionamento entre Cristo e a igreja, o marido deve se espelhar em como Cristo amou a igreja e demonstrou esse amor ao morrer por ela na cruz (5:25). O amor divino vai muito além do amor sexual ou mesmo da amizade. Quem tem esse amor sacrifica a si mesmo por aquele a quem ama.

Cristo se sacrificou pela igreja para torná-la pura e santa, *sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante* (5:27) e, portanto, adequada ao seu papel de noiva. Uma vez que saiu de um mundo pecaminoso, a igreja precisa ser purificada *por meio da lavagem de água pela palavra* (5:26). O batismo, contudo, não é suficiente; precisa ser acompanhado da pregação e profissão do evangelho de Cristo. Apesar de o marido não poder ser como Cristo no sentido de salvar sua esposa do pecado, pode amá-la de forma sacrificial, apesar de suas imperfeições, da mesma forma que Cristo amou a igreja, e pode honrar e ensinar o evangelho no lar de modo que contribua para que sua esposa se torne mais semelhante a Cristo.

Além de amar a esposa como Cristo a ama, o marido também deve tratá-la com o mesmo cuidado que dedica ao próprio corpo (5:28-29). Cristo alimenta e cuida de sua igreja, *porque somos membros do seu corpo* (5:30), e o marido deve demonstrar o mesmo cuidado por sua esposa.

A esposa não é uma propriedade nem uma entidade totalmente separada. O casamento cria uma união entre marido e mulher na qual ambos deixam todos os outros relacionamentos e se tornam *uma só carne* (5:31; Gn 2:24). O marido e a esposa não são mais dois indivíduos, mas apenas um. O significado exato dessa ideia permaneceu um mistério até que foi explicado pelo relacionamento entre Cristo e a igreja. O casamento pode, portanto, ser plenamente compreendido à luz daquilo que Cristo é e faz para a igreja e daquilo que a igreja é e faz para Cristo.

Esposas e maridos africanos precisam se aprofundar nesse mistério revelado em Cristo e usá-lo como modelo para seu relacionamento. Os cristãos não podem tomar tradições e costumes como base para seus relacionamentos e papéis na família e no casamento. A referência deve ser Cristo. Ao nos esforçarmos para desenvolver um relacionamento completo caracterizado por amor e respeito, talvez tenhamos de valorizar mais nosso marido ou nossa esposa.

#### 6:1-4 Na família

Como o relacionamento entre marido e esposa, a relação entre pais e filhos também tem como base o amor e reverência a Cristo. Todos os membros da família devem reconhecer o senhorio de Cristo.

Os filhos recebem a ordem de obedecer aos pais, ou seja, pai e mãe (6:1), e *honrá-los*, isto é, demonstrar respeito confor-

me a instrução dos Dez Mandamentos (6:2; Dt 5:16). A ordem é acompanhada da promessa de que os filhos se sairão bem e desfrutarão vida longa (6:3). Há, portanto, uma recompensa reservada para quem obedece e honra aos seus pais.

Por outro lado, os pais não devem exigir coisas absurdas dos filhos; daí a ordem: *Não provoqueis vossos filhos à ira* (6:4). Quando provocados à ira, os filhos podem se rebelar e se afastar de Deus. É muito difícil ganhar de volta para o Senhor quem passou por essa experiência. Os *pais* (termo usado aqui para pais e mães) devem, portanto, ser bondosos e sensíveis ao lidar com os filhos. Sua tarefa principal consiste em instruir os filhos nos caminhos do Senhor e discipliná-los. Devem se preocupar não apenas com a saúde física dos filhos, mas com seu desenvolvimento, para que se tornem indivíduos maduros no lar e na igreja.

### 6:5-9 No trabalho

Apesar de as instruções de Paulo serem dirigidas aos servos e seus senhores, os princípios fundamentais ainda se aplicam a qualquer relação na qual uma pessoa trabalha para outra. Para o apóstolo, todo serviço ou trabalho possui significado e propósito divino, de modo que é possível dizer: “Tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3:17).

Os servos recebem a instrução de obedecer aos senhores terrenos e servi-los com dedicação. Devem fazê-lo com *temor e tremor, na sinceridade do [...] coração* (6:5). Não devem respeitá-los apenas como as esposas respeitam o marido nem, necessariamente, porque merecem, mas como sinal de respeito e obediência a Cristo. Sua obediência deve resultar do temor de Deus, e não do medo de seus senhores humanos. Se fizerem *de coração, a vontade de Deus*, seu serviço será sincero. Não procurarão obter favor ou trabalhar apenas quando os resultados serão visíveis (6:6). Saberão que seu verdadeiro Senhor é Deus, cujos olhos estão sempre sobre eles, e servirão aos senhores humanos com dedicação (6:7).

A verdadeira recompensa desse serviço não virá dos senhores terrenos, mas do Senhor celestial (6:8). Todos que fizerem *alguma coisa boa* receberão galardão generoso, não obstante sua posição social. Servos e homens livres se encontram em pé de igualdade diante do Senhor.

A igualdade também traz implicações para os senhores (ou, nos dias de hoje, para empregadores). Sua atitude em relação a quem trabalha para eles deve ser governada pela lealdade a Cristo. Assim como são senhores de seus servos, também estão sob o senhorio de Cristo (6:9). A exemplo de seu Senhor no céu, devem agir com amor, e não com ameaças e crueldade. Como Deus trata os senhores, da mesma forma eles devem tratar os servos.

Deus é Juiz de homens livres e servos e não favorecerá nenhum dos grupos. Julgará cada pessoa segundo sua obediência ao Senhor, suas atitudes e trato com os outros. Cristo confere valor e dignidade a todos os seres humanos, de modo

que “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28). A abolição da escravatura é consequência lógica de adotar a atitude exemplificada por Cristo.

### 6:10-20 Na batalha: a armadura de Deus

Paulo conclui as instruções lembrando aos cristãos que estão envolvidos numa guerra e precisam de poder e de uma armadura para protegê-los. A fonte de poder é o Senhor, cuja *força* os capacitará para resistir ao inimigo (6:10; cf. 1:19-20).

Deus também proveu *toda a armadura* de que os cristãos precisam, mas, para usá-la de modo eficaz, precisam vesti-la. Sem ela, não poderão permanecer firmes e se opor às *ciladas do diabo* (6:11). A armadura é necessária porque a batalha não se dá no âmbito físico, mas, sim, no espiritual, e porque os inimigos são numerosos, fortes e perversos e estão por toda parte. São descritos aqui como *príncipados*, ou poderes cósmicos no universo; *potestades*, ou forças demoníacas que exercem autoridade limitada em oposição a Deus; *dominadores deste mundo tenebroso*; e *forças espirituais do mal, nas regiões celestes* (6:12). São as forças espirituais por trás do sistema do mundo que se opõe a Deus. É importante os cristãos reconhecerem a natureza espiritual de seus adversários e entenderem a necessidade de usar armas espirituais para lutar contra eles.

Os cristãos não sabem quando e onde se dará o próximo ataque, de modo que devem colocar a armadura antes de a batalha começar (6:13). Desse modo, poderão *resistir* e se manter alertas, destemidos e decididos. Uma vez que a batalha é violenta, precisam perseverar e não podem recuar.

Paulo usa o equipamento de um soldado romano para descrever a proteção (armadura) e a arma ofensiva que Deus proveu.

Primeiro, o apóstolo fala daquilo que o soldado de Cristo precisa usar:

- O cinto da *verdade* (6:14a). Um cinto preso em volta das vestes para que não atrapalhassem os movimentos e no qual a espada era presa. Estar cingido significa estar preparado para agir. O conhecimento da verdade (i. e., de Jesus Cristo, do evangelho e da Bíblia) nos prepara para futuras batalhas.
- A *couraça da justiça* (6:14b). A couraça protegia o coração e os órgãos vitais. Nossa integridade e caráter precisam ser guardados dos ataques do inimigo, mas nossa própria justiça não oferece nenhuma segurança. Precisamos da couraça que Cristo concede ao nos justificar.
- As sandálias do *evangelho da paz* (6:15). Precisamos estar calçados para avançar. Também temos de estar preparados para percorrer longas distâncias a fim de propagar as boas-novas de Cristo que trazem paz suprema ao mundo (Lc 2:14; Rm 10:15).

Em seguida, fala das coisas que o soldado de Cristo deve tomar e carregar:

- *O escudo da fé (6:16)*. O escudo era usado para deter os *dardos inflamados* que o inimigo atirava. Se nossa fé estiver firmemente arraigada em Cristo, o inimigo não poderá fazer nada contra nós. A fé se firma nas verdades fundamentais da salvação (Rm 10:9-13).
- *O capacete da salvação (6:17a)*. O capacete protegia a cabeça do soldado. Nossa salvação representa o perdão dos pecados, a reconciliação com Deus e as dádivas da graça e vida eterna. Protege-nos e dá-nos certeza do livramento final deste corpo de pecado e do mundo perverso.
- *A espada do Espírito (6:17b)*. A única arma de ataque que o cristão carrega é a palavra de Deus, uma arma com poder mais do que suficiente para ferir e derrotar o inimigo.

Por fim, como ponto culminante dos preparativos, aqueles que estão se aprontando para a guerra espiritual devem orar *em todo tempo no Espírito (6:18)*, não apenas por sua própria proteção, mas por *todos os santos*, pois lutamos juntos nessa batalha. As súplicas não devem ser balbúrcias rotineiras, pois o soldado de Cristo deve permanecer alerta enquanto ora. Os soldados adquirem disciplina por meio de treinamentos e exercícios, mas os soldados de Cristo recebem força, poder e disciplina por meio das orações e súplicas.

Orar no Espírito não significa apenas orar em línguas. É a oração feita em comunhão com o Espírito Santo, ou seja, na presença do Espírito (Rm 8:26-27; 1Co 2:6-16). A sabedoria e o poder de que precisamos são concedidos pelo Espírito

Santo. A fim de obtê-los, devemos estar em comunhão contínua com ele, motivo pelo qual recebemos a instrução de orar *em todo tempo* e em todas as ocasiões (1Ts 5:17).

Paulo pede que os cristãos intercedam por ele. Podem imaginar que um grande líder como ele não precisa de orações e não enfrenta nenhum medo, mas Paulo sabe que não é assim e pede especificamente que orem para que Deus lhe dê as palavras certas e intrepidez para apresentar o evangelho de Cristo (6:19-20). O apóstolo tem consciência de que as batalhas espirituais são vencidas por meio da oração. Se até mesmo Paulo precisava de orações, quanto mais os líderes das igrejas de hoje!

### 6:21-24 Conclusão

Paulo chama *Tíquico*, um servo verdadeiro de Deus, de *irmão amado e fiel ministro*. Ao que parece, o apóstolo o incumbiu de entregar as cartas às igrejas de Colosso e Éfeso e lhes dar todas as notícias a seu respeito (6:21; cf. tb. Cl 4:7-8). Caso as igrejas estivessem preocupadas com o encarceramento de Paulo, Tíquico as animaria com relatos do progresso do evangelho.

Paulo termina com uma bênção na qual deseja aos efésios paz, amor, fé e graça (6:23-24), virtudes das quais tratou ao longo dessa carta e que devem caracterizar a vida da comunidade cristã.

Yusufu Turaki

### Leituras adicionais

KEENER, C. S. *The IVP Biblical Background Commentary: New Testament*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

WOOD, A. S. *Ephesians*. EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1978.



# FILIPENSES

A maioria dos estudiosos concorda que a carta aos Filipenses foi escrita por Paulo. O apóstolo diz que escreveu essa carta na prisão (1:13), de modo que a data de sua redação depende de a qual prisão o apóstolo se refere. Atos registra que Paulo esteve preso em Filipos (At 16:23), Cesareia (At 23:33-35) e Roma (At 28:16,30). É possível que também tenha sido preso em Éfeso, embora nem Atos nem outra passagem no NT mencione um período longo de prisão em Éfeso. As circunstâncias descritas na carta levaram os estudiosos a deduzir que os lugares mais prováveis onde Paulo escreveu a carta são Éfeso e Roma, este último o candidato mais provável. Paulo esteve preso em Roma por volta de 61 d.C.

Epafras pode ter sido o motivo que levou Paulo a escrever a carta, pois estava de viagem marcada para Filipos, sua cidade natal, e desse modo poderia servir de mensageiro para o apóstolo (2:25). Epafras trouxe a Paulo notícias da igreja de Filipos e auxiliou-o na prisão. Paulo quis responder a essas notícias e agradecer aos membros da igreja a generosa ajuda financeira que enviaram. Como pastor, procurou encorajá-los a manter a união e o amor cristão, seguindo o exemplo de humildade de Cristo. Também era preciso avisar quanto ao perigo dos falsos mestres, por exemplo, os judaizantes.

O tema principal da carta fala da alegria, palavra que aparece dezesseis vezes no texto sob a forma de verbo ou substantivo. Outras palavras que ocorrem várias vezes são “comunhão” e “evangelho”.

## Esboço

1:1-2 Saudação

1:3-11 Coração bom e acolhedor

1:12-30 Permanecendo em Cristo no meio do sofrimento

2:1-4 Atitude correta

2:5-11 Incentivo à união e humildade

2:12-18 Exortação à irrepreensibilidade

2:19-30 O testemunho de Paulo a seus cooperadores

3:1-11 Só existe uma coisa digna de orgulho

3:12-21 Mantendo o objetivo sempre à vista

4:1-9 Conselho afetuoso

4:10-20 Uma congregação generosa e auxiliadora

4:21-23 Saudações finais e bênçãos

## COMENTÁRIO

### 1:1-2 Saudação

Paulo demonstra logo no início da carta que é um homem de comunhão. O apóstolo poderia ter mencionado somente seu nome, mas inclui Timóteo (1:1), ainda que em outras passagens da carta (p. ex., 1:3) tenha escrito na primeira pessoa. De modo semelhante, todos os líderes devem lembrar de seus colaboradores em vez de agirem como se trabalhassem sozinhos.

Após apresentarem-se, Paulo passa a descrever quem são: *servos de Cristo Jesus* (1:1), o Senhor. Aqui a palavra “servo” significa literalmente escravo, isto é, aquele tipo de servo comprometido, leal e obediente a seu senhor, cujos pensamentos e vida estão sempre voltados para seu senhor. A identidade de Paulo é definida por sua posição em relação ao Senhor Jesus Cristo.

Os destinatários da carta são *todos os santos em Cristo Jesus* (1:1). A palavra traduzida por “santos” equivale à raiz hebraica que significa “cortar”, “separar”, sugerindo que os cristãos estão separados do mal. Quando e onde quer que estejam, todos os cristãos que colocaram sua fé em Jesus Cristo e em sua obra podem ser chamados de santos, pois foi o sangue de Cristo que realizou essa separação. Podemos ser chamados de “santos” não porque merecemos, mas porque Cristo morreu a nosso favor (1Co 15:3-4).

Embora todos os cristãos sejam santos, Paulo admite que alguns têm o privilégio e a responsabilidade de atuarem como líderes em suas comunidades. O apóstolo se dirige especificamente a estes quando escreve: *inclusive bispos e diáconos* (1:1). Na cultura africana, as autoridades e os líderes da comunidade são respeitados e obedecidos. A igreja de Deus também deve reconhecer a importância de seus ministros. Eles são responsáveis por alimentar, proteger e

administrar o rebanho de Deus, e por isso merecem respeito especial. Contudo, os líderes devem seguir o exemplo de nosso Senhor e dos apóstolos, não utilizando seus cargos privilegiados para darem ordens aos membros da igreja. Em vez disso, devem ser modelos de serviço cristão.

Ao desejar *graça e paz* a seus leitores (1:2), Paulo utiliza a introdução-padrão das cartas gregas naquela época. Muitas saudações africanas também desejam paz; por exemplo, *Tena Yistiligne* (amárico, língua falada na Etiópia: “Que ele [Deus] lhe dê saúde [paz]”), e *Saro ou Tuma* (respectivamente wolaytta e hadiyya, línguas faladas no sul da Etiópia: “A paz seja com você”). Nas sociedades africanas tradicionais, graça e paz são buscadas em divindades ou pessoas com autoridade e poderes sobrenaturais. Paulo deixa claro que a graça e a paz dos cristãos provêm *da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo*. Por associação, “graça” refere-se especificamente à bondade, misericórdia e favor imerecido de Deus para com pessoas pecadoras. Paz significa viver em tranquilidade, sossego, confiança e satisfação, tudo resultado da reconciliação entre Deus e os pecadores por meio de Cristo.

Paulo utiliza nove vezes a frase “Deus nosso Pai” em suas epístolas, sempre na saudação inicial (cf. Rm 1:7; 1Co 1:3; 2Co 1:2; Gl 1:3; Ef 1:2; Fp 1:2; Cl 1:2; 2Ts 1:1; Fm 1:3). Na cultura africana, o pai é respeitado, e todos os membros da família o procuram para receber orientação, proteção e cuidados. Ao referir-se a Deus como nosso Pai, Paulo mostra que Deus é o protetor e o cabeça do nosso lar.

É surpreendente observar que em todas as passagens nas quais Paulo menciona “Deus nosso Pai” imediatamente escreve “e o Senhor Jesus Cristo”. Ao colocar Cristo lado a lado com Deus, o Pai, Paulo não tem dúvida de que Jesus é igual a Deus, o Pai. Cristo é fonte de “graça e paz”, assim como o Pai.

### 1:3-11 Coração bom e acolhedor

Paulo comoveu-se com a atitude dos cristãos em Filipos, pois estavam receptivos e ansiosos para se tornarem parceiros de Paulo no evangelho. Desse modo, uniram-se ao apóstolo em pensamentos e propósitos. O testemunho vivo e ativo dos filipenses trouxe alegria a Paulo e motivou-o a agradecer a Deus pela vida deles (1:3). A lembrança de uma comunidade cristã amorosa e ativa sempre permanecerá na mente daqueles que passaram algum tempo com um grupo assim.

Paulo expressou essa gratidão por meio de *súplicas por todos vós, em todas as minhas orações* (1:4). Paulo era um homem de oração. Como Paulo, um bom pastor deveria agir e orar constantemente ao Senhor não apenas por si mesmo, mas pela vida de todos aqueles que estão sob seus cuidados.

Quando Paulo fala da *vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia* (1:5), provavelmente está pensando no primeiro dia que chegou a Filipos, a cidade mais importante

da Macedônia, após cruzar o mar Egeu em sua segunda viagem missionária (At 16:11-12). Ali Paulo encontrou-se com Lídia, “vendedora de púrpura”, que recebeu o evangelho de Jesus Cristo de todo o coração. Lídia não apenas creu no Senhor Jesus Cristo, como também colocou sua casa à disposição para realizarem reuniões de adoração (At 16:15,40). Ainda em Filipos, um carcereiro e toda sua casa se tornaram cristãos (At 16:34). Considerando toda a hospitalidade que Paulo e Silas receberam, era apropriado chamar os cristãos em Filipos de cooperadores no evangelho. Essa cooperação continuou durante muitos anos da vida de Paulo. No momento em que escrevia essa carta, os filipenses sustentavam o apóstolo por meio de ofertas (4:18). A mensagem do evangelho produz fruto e ação ao encontrar um coração receptivo. Nossas igrejas africanas devem apresentar frutos e ações semelhantes a fim de demonstrarem se realmente acolheram o evangelho: “o tanto de amor que declaramos possuir pelo evangelho ocorre na mesma medida do sacrifício que estamos preparados para realizar a fim de contribuir para seu avanço” (TNT).

O comportamento do cristão flui da obra que o Senhor realiza no coração e na vida do crente, pois toda boa obra que o cristão faz é resultado da ação de Deus. Essa verdade levou Paulo a afirmar com segurança que *aquele que começou boa obra em vós há de completá-la* (1:6). Nossa cooperação com o evangelho é um compromisso para a vida inteira. A semente do evangelho provém do Senhor e continua a crescer porque Deus é fiel e concluirá a obra que começou. O poder da perseverança do cristão provém do Senhor (Is 40:30-31).

A obra de Deus no coração dos filipenses continuará *até ao Dia de Cristo Jesus* (1:6). Obviamente, esse dia está no futuro, pois Paulo e os filipenses aguardavam sua chegada. Será o dia em que as obras, boas ou más, dos seres humanos cessarão, e teremos de encarar o veredicto do Senhor Jesus Cristo ressurreto.

Paulo demonstra novamente seu amor e carinho pelos cristãos de Filipos ao dizer: *porque vos trago no coração [...] pois todos sois participantes da graça comigo* (1:7). Esse sentimento de Paulo não depende das circunstâncias, quer esteja livre para proclamar o evangelho, quer em *algemas*. Aqui Paulo menciona pela primeira vez seu encarceramento. Um provérbio na língua ewe, falada em Togo, diz: “Só descobrimos quem é canhoto quando estendemos a mão para cumprimentar”, ou seja, as circunstâncias revelam a verdadeira natureza das pessoas. Os filipenses provaram ser verdadeiros amigos de Paulo ao permanecerem ao seu lado a favor do evangelho, apesar do encarceramento do apóstolo. Por causa desse amor e compromisso sinceros, Paulo tem saudade deles em *terna misericórdia de Cristo Jesus* (1:8). Paulo está dizendo que seu amor pelos filipenses é semelhante ao amor sacrificial de Cristo demonstrado na cruz. Qualquer líder na igreja de Deus deve amar os cristãos com esse mesmo tipo de amor.

Paulo ora pedindo que os filipenses alcancem a perfeição e a plenitude que estão disponíveis por meio de Cristo. O apóstolo ora pelos filipenses da mesma forma que ora por outros cristãos: que todos alcancem a maturidade em Cristo (cf. tb. Ef 3:14-19). Ele pede três coisas específicas aqui:

- **Amor abundante (1:9).** O tipo de amor que se manifesta nas ações do indivíduo e na forma pela qual controla seu temperamento. As palavras *pleno conhecimento* e *percepção* nos lembram que o amor cristão não é cego ou irracional. Antes, é um amor que cresce e é colocado em prática de modo consciente e coerente.
- **Discernimento (1:10).** Os cristãos não devem vagar sem rumo, mas utilizar suas capacidades para discernir *as coisas excelentes*. Devem estar sempre em processo de autoavaliação. Avaliação e discernimento devem levar o cristão a escolher aquilo que glorifica o Senhor e os mantém puros e santos, a fim de que sejam *sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo*.
- **Frutos (1:11).** Paulo pede a Deus que os filipenses sejam *cheios do fruto de justiça*. Justiça é uma atitude que agrada a Deus, ao contrário do pecado. A fonte de justiça é Jesus Cristo, como se percebe claramente quando Paulo afirma que ela ocorre *mediante Jesus Cristo*. Aqueles que confiam em Cristo serão imputados com sua justiça (Rm 4:22-25). Essa justiça produzirá características éticas visíveis, como as descritas em Gálatas 5:22.

Paulo é um exemplo excelente para aqueles que receberam a responsabilidade de cuidar do rebanho de Deus. O apóstolo não queria que seus filhos espirituais se perdessem, mas se tornassem maduros e vivessem de modo exemplar. Da mesma forma, é nossa responsabilidade, como pastores e líderes da igreja, orar, aconselhar e orientar para que nossos liderados se tornem cristãos maduros, cheios de amor e capacidade para discernir. O cotidiano dos cristãos deve mostrar o fruto de justiça. Viver dessa forma trará glórias a Deus e fará que as pessoas o louvem (1:11).

### 1:12-30 Permanecendo em Cristo no meio do sofrimento

Paulo não cometeu nenhum crime; não era ladrão, assaltante ou incendiário. O apóstolo foi preso simplesmente porque pregava as boas-novas de Jesus Cristo. Enquanto alguns (como Lídia) aceitam a mensagem do evangelho com alegria e sinceridade, outros se opõem à verdade do evangelho porque este expõe seus pecados. Na verdade, o verdadeiro mensageiro das boas-novas deve esperar maus-tratos das pessoas que se recusam a admitir seus pecados e se arrependem.

Apesar do encarceramento, Paulo tinha razões para se alegrar (1:12,18). O apóstolo estava ciente de que Cristo poderia ser pregado de modo positivo, por aqueles que

acreditavam em Jesus e amavam seus discípulos (1:16), ou de modo negativo, por aqueles que o rejeitavam e perseguiram seus discípulos. Ambos os grupos tornavam o nome de Cristo conhecido por meio da pregação, embora o último grupo o fizesse de modo indireto. Os guardas pretorianos que vigiavam Paulo na prisão estavam ouvindo sobre Cristo, além de outras pessoas que passavam por ali (1:13). O evangelho não estava algemado com Paulo. Geralmente pensamos que somente as pessoas motivadas por amor pregam a Cristo. Mas o entendimento de Paulo é mais abrangente, pois para ele qualquer um que falar de Cristo, seja qual for o motivo, o tornará mais conhecido!

Assim como Paulo, os evangelistas pioneiros que vieram à África sofreram por causa de seu testemunho sobre Jesus Cristo. Alguns foram espancados, e outros foram presos e maltratados. Todavia, o sofrimento deles não foi em vão, pois lançaram a fundação para o crescimento da igreja na África. O exemplo desses pioneiros tem encorajado muitos jovens evangelistas a se tornarem corajosos pregadores do evangelho. O testemunho audacioso de Paulo e seu encarceramento encorajaram não apenas os evangelistas de sua época, como também outros, por muitas gerações (1:14).

No entanto, não são apenas as pessoas hostis ao evangelho que podem causar problemas para o cristão. Onde quer que haja um verdadeiro mensageiro de Deus, haverá pessoas que o ouvirão e cooperarão com ele e outras que procurarão causar *discórdia* (1:17). O mensageiro de Deus não deve esperar uma atitude amigável de todas as pessoas. Paulo percebeu que algumas pessoas pregavam a Cristo *por inveja e porfia* (rivalidade, competição) (1:15). Tem-se debatido a identidade dessas pessoas que pregavam o evangelho *insinceramente* (1:17). Alguns acreditam tratar-se de judaizantes que forçavam os cristãos gentios a observarem a lei de Moisés. Uma ideia mais comum, entretanto, é que essas pessoas eram cristãos que desejavam reconhecimento de sua importância e autoridade pessoais. Os ministros de Deus não devem se surpreender com a inveja, rivalidade e discórdias que nascem do egoísmo. Paulo certamente sofreu muito com essas pessoas. Contudo, não se importou com o fato de não receber o respeito e a honra que lhe eram devidas como apóstolo: *Todavia, que importa? Uma vez que Cristo [...] está sendo pregado [...] também com isto me regozijo* (1:18). Paulo tinha um coração alegre porque, independente das circunstâncias, o evangelho estava avançando.

O apóstolo, porém, não se considera um supercristão: admite que precisasse de ajuda. Essa ajuda chegava até ele por meio de duas fontes. A primeira são as orações de seus companheiros cristãos (1:19). Paulo nunca se orgulhou de seu conhecimento ou autoridade como apóstolo. Ao contrário, várias vezes solicitou a seus convertidos que orassem por ele (Rm 15:30; 2Co 1:11; Cl 4:3; 1Ts 5:25). A segunda fonte é de origem divina: o *Espírito de Jesus Cristo* (1:19). O Espírito Santo está associado tanto ao Pai como ao Filho. Também é chamado de Espírito de Deus (Rm 8:9,14;

1Co 2:10-11,14) e Espírito de Cristo (At 16:7; Rm 8:9; Gl 4:6). O sofrimento de Paulo na prisão chama nossa atenção para a promessa de Jesus afirmando que o Espírito estaria presente com os perseguidos por causa do evangelho (Mt 10:19-20).

Paulo não presume que a ajuda do Espírito resultará automaticamente em libertação. Antes, está preparado para qualquer eventualidade, sabendo que *será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte* (1:20). Qualquer coisa que acontecer com o apóstolo será para a glória de Cristo. “Não existe desejo mais puro que este: que toda nossa vida e serviço cristão possam intensificar a glória e o valor do único que é digno” (TNT). Para aqueles que são chamados segundo o propósito de Deus, qualquer coisa que aconteça, morte ou vida, sofrimento ou alegria, tudo acabará no mesmo lugar: a glória de Cristo.

A razão para essa atitude de Paulo é simples: *Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro* (1:21). A vida sem Cristo é algo inimaginável para o apóstolo. É por causa de Cristo que Paulo deseja permanecer vivo na terra. Em outra passagem, o apóstolo declara: “esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2:20). A principal razão pela qual Paulo deseja viver em seu corpo é para continuar seu *trabalho* (1:22) para o Senhor Jesus Cristo. Ele crê que Deus lhe enviará pessoas que obedecerão às boas-novas. Contudo, não espera que isso ocorra sem esforço de sua parte. A palavra “trabalho” nos lembra que testemunhar envolve planejamento e fadiga.

Apesar disso, Paulo não sabe o que acontecerá com ele; é possível que seja executado. O apóstolo não se apavora diante dessa perspectiva, pois consegue divisar dois benefícios em sua morte: caso morra, receberá sua recompensa celeste, e o evangelho avançará com muito mais força se morrer como mártir. Na verdade, se Paulo pudesse escolher, teria preferido *partir e estar com Cristo*, pois isso seria *incomparavelmente melhor* (1:23).

Fica claro que o apóstolo não consegue imaginar uma vida sem Cristo, quer nessa vida, quer após a morte. Descreve a morte como “partir”, isto é, como se fosse deixar um lugar ou realidade para entrar em outra realidade. Não considera a morte como aniquilação do ser ou estado de inconsciência. Se Cristo está vivo, então estar “com Cristo” envolve uma vida real de relacionamento. A presença e o senhorio de Cristo naquela outra realidade são garantidos. Paulo tinha uma visão realista e otimista da vida após a morte.

Contudo, ele admite que seu desejo de estar com Cristo possa ser egoísta. Talvez os cristãos ainda precisassem de Paulo; nesse caso, o apóstolo seria libertado da prisão (1:24-26). Se isso ocorrer, então os filipenses terão a oportunidade de aprender com Paulo e, dessa maneira, a fé dos cristãos poderia se aprofundar muito. A presença física do pastor é necessária para que a comunicação do evangelho

tenha um impacto duradouro nos cristãos ou na conversão das pessoas. O povo baganda, em Uganda, tem um provérbio que diz: “Se sua mãe não está presente às refeições, as entranhas doem enquanto você come”, isto é, a presença da mãe torna a comida mais saborosa. A presença física de Paulo entre os filipenses adicionaria uma nova dimensão ao entendimento e prática da fé dos cristãos em Filipos. A encarnação de Cristo é o modelo de ministério (cf. Rm 10:14-15).

Independente de estar ou não com os filipenses, Paulo lhes diz para viverem, *acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo* (1:27). Espera que os filipenses vivam de modo condizente com o evangelho. O evangelho de Jesus Cristo não é apenas pregar, pois, como diz o provérbio inglês, “as ações falam mais alto que as palavras”. Uma das coisas que Paulo deseja ver entre os cristãos é um sentimento de união, para que estejam *firmes em um só espírito* (1:27; cf. tb. Ef 4:3-6) e unidos em *uma só alma* (1:27). Todos os cristãos possuem a mesma fé e o mesmo Senhor.

É natural o ser humano ficar com medo diante de dificuldades, porém o cristão deve ser corajoso ao enfrentar oposição por causa de sua fé em Cristo. O Espírito Santo lhe dará coragem, assim como concedeu a Paulo. A oposição ao evangelho não é uma tragédia a ser lamentada, mas um sinal de destruição para os perseguidores e sinal de esperança e salvação para aqueles que creem (1:28). A oposição é uma forma de auxiliar o cristão a perceber quem está a favor e quem está contra o evangelho. Os que andam na carne perseguem os que andam no Espírito, isto é, na fé (Gl 4:29). Todavia, o resultado final dos que andam na carne é a destruição (Gl 6:8), ao passo que o resultado dos que andam pela fé em Cristo Jesus é a vitória e a salvação.

Sofrer por causa de Cristo é parte do chamado cristão (1:29). Os que creem em Cristo devem permanecer firmes na fé, ainda que todas as circunstâncias tentem levá-los para longe do Senhor. Os cristãos em Filipos não são exceção. Como Paulo, devem suportar oposições e sofrimento (1:30). Na verdade, “todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12). Cristo se identifica com aqueles que sofrem (At 9:4-5).

Referindo-se ao *mesmo combate que vistes em mim* (1:30), Paulo destrói a ideia de que sua alegria significava que não estava sofrendo na prisão. Os cristãos não devem supor que o mundo é um lugar amigável, pois o espírito do mundo se opõe ao Espírito de Cristo. O mundo ama aqueles que são do mundo e persegue aqueles que pertencem a Jesus. Paulo e os filipenses compartilhavam os sofrimentos decorrentes da fé.

## 2:1-4 Atitude correta

Em 1:27, Paulo exortou os filipenses a viverem uma vida exemplar. Aqui o apóstolo a descreve com mais entusiasmo. O chamado repetitivo à união e amor uns pelos outros sugere que havia alguma divisão entre os cristãos em Fili-

pos. Esse conflito é tratado especificamente em 4:2. Paulo é conselheiro e pastor exemplar, no sentido de que sua mensagem está relacionada às questões práticas que os filipenses estavam enfrentando.

O apóstolo começa referindo-se aos frutos da verdadeira comunhão com Cristo. Em 2:1, indica que essa comunhão tem um efeito real na pessoa que crê, produzindo consolo, comunhão, afeto e misericórdia. Seguir e estar unido a Cristo faz que seu caráter seja impresso na personalidade do cristão. Se o indivíduo não refletir a vida de Cristo em suas atitudes e caráter, então essa pessoa não é um cristão!

A união com Cristo abrange uma dimensão interpessoal que produz unidade entre os membros da comunidade da fé (2:2). Paulo deseja ver a comunidade dos filipenses *unidos de alma*, com o *mesmo amor e tendo o mesmo sentimento*. Isso nos lembra as palavras de Jesus: “se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir” (Mc 3:25, RC). União é sinal de força. Um provérbio em amárico, língua falada na Etiópia, diz: “A união de linhas de costura pode amarrar até mesmo um leão”. A exortação de Paulo à união se aplica “ao cristianismo dividido e a todas as igrejas locais onde divisões e contendas destroem a comunhão e arruinam o testemunho” (TNT). A união é o selo de qualidade do evangelho.

Fatores que podem causar desunião na comunidade cristã incluem ambições egoístas, vaidade, falta de humildade, sentimento de superioridade e individualismo (2:3-4). Aquele que afirma seguir a Cristo deve se preocupar com a comunidade tanto quanto consigo mesmo. Os verdadeiros cristãos devem possuir uma mentalidade de “corpo”, de união. Essa atitude deve ser semelhante à expressão africana “Eu sou porque nós somos”, embora para o cristão essa expressão deva refletir a realidade de que Cristo habita verdadeiramente no cristão, não se tratando apenas de uma filosofia cultural.

O mundo da Antiguidade não considerava a humildade uma virtude. Ela só veio a ser considerada dessa forma por meio dos ensinamentos de nosso Senhor. O desejo de as pessoas se orgulharem e exagerarem sua importância pessoal continua enraizado profundamente na natureza humana. Essa preocupação excessiva tem-nos levado a dar muita atenção à nossa própria espiritualidade. Por essa razão, Paulo nos exorta a considerar *cada um os outros superiores a si mesmo* (2:3). Devemos procurar e estimular as características positivas em nossos irmãos e irmãs em Cristo. Com essa atitude podemos evitar cair no pecado do orgulho e vaidade.

### 2:5-11 Incentivo à união e humildade

Obviamente, Cristo é o maior exemplo que devemos seguir (2:5). Paulo esclarece essa questão citando um hino que talvez ele mesmo tenha escrito (a discussão sobre a autoria do hino está baseada em detalhes técnicos de terminologia e no fato de que o hino não menciona algumas questões

que Paulo enfatiza em suas cartas). Em resumo, a forma de pensar do cristão deve ser a mesma de Jesus Cristo. O cristão não tem liberdade para adotar atitudes que diferem ou contradizem as atitudes de Cristo.

Qual era o caráter de Jesus? O hino nos lembra que Cristo tem a *forma de Deus* (2:6). Os tradutores Loh e Nida explicam que a palavra grega utilizada aqui se refere a “uma forma essencial de algo que nunca se altera e corresponde a uma realidade fundamental”, ou, em outras palavras, “a forma que expressa de modo verdadeiro e completo o ser que está em sua base”. Alguns estudiosos também relacionam essa palavra com a glória de Deus. Cristo tem a mesma natureza de Deus em termos de essência, dignidade, honra, glória e poder. Jesus era verdadeiramente Deus em sua forma pré-encarnada (cf. tb. Jo 17:5; Hb 1:3).

Obviamente, não podemos imitar Cristo em sua glória divina, mas podemos imitar seu comportamento magnífico. Enquanto Adão e Eva buscavam uma oportunidade para se tornarem como Deus, Jesus não fez questão de permanecer igual a Deus. Estava disposto a abdicar de sua posição a fim de se tornar um servo. Ainda que possuísse a mesma natureza de Deus, ele foi para o extremo oposto e assumiu a *forma de servo* (2:7). É difícil imaginar um proprietário de escravos disposto a se tornar um escravo, mas isso não chega nem perto da humilhação a que Cristo se sujeitou.

Em 2:7-8, o hino fala dos detalhes da incomparável mudança que ocorreu na condição de Cristo. Sua humilhação não foi um episódio isolado, mas se estendeu por toda a sua vida, desde o nascimento na manjedoura até o ápice na cruz. Talvez estejamos dispostos a renunciar alguns privilégios, ou até mesmo renunciar uma posição superior em troca de uma intermediária. Cristo, porém, foi muito além disso. Não apenas aceitou as limitações de um ser humano, como também estava disposto a morrer e da forma mais cruel, isto é, aquele tipo de morte que o escritor romano Cícero descreveu como “a morte mais desprezível que existe”. Cícero considerava a crucificação um ato revoltante: “Que o próprio nome da cruz fique longe, não só do corpo, mas também dos pensamentos, olhos e ouvidos do cidadão romano”. Para os judeus, a crucificação implicava que a vítima havia sido excluída da aliança do povo de Deus, “porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Dt 21:23). Era um tipo de morte inconcebível para um Deus! Mesmo assim, Paulo afirma que a morte de Cristo na cruz era o ponto fundamental de nossa reconciliação com Deus.

Os seres humanos não são capazes de optar por não morrer, pois a morte é uma condição inescapável. Cristo, porém, era diferente. Conforme o texto, tornou-se *obediente até à morte* (2:8). Essa frase é em si mesma uma indicação suficiente de sua origem divina. Como Filho de Deus sem pecado, Jesus não precisava morrer. Mas escolheu morrer a fim de nos libertar do poder do pecado e da morte.

Em sua humilhação, Cristo abdicou de tudo e a *si mesmo se esvaziou* (2:7). Isso não significa que Jesus despiu-se de



## VIDA E DOCTRINA

Ter uma vida coerente com a verdade bíblica é o testemunho mais eficaz que o cristão pode dar sobre Cristo. Mesmo assim, é bastante comum nos encontrarmos em situações nas quais nosso testemunho é incompatível com nossas crenças. Há pastores que amaldiçoam seus adversários e pedem a Deus que os castiguem; há mulheres que no culto dominical cantam o hino “Jesus nunca falha”, porém na segunda-feira se submetem a manter relações promíscuas com algum empregador a fim de conseguir um emprego. Há cristãos de grupos tribais diferentes que partem para a violência. Sabemos, inclusive, que alguns cristãos participaram do genocídio de Ruanda em 1994.

Essas incoerências mostram que temos esquecido o eterno desejo de Deus de que seu povo fosse “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19:6; 1Pe 2:9). O povo de Deus deve representá-lo e viver conforme a santidade e o caráter do Senhor. Jesus disse a seus discípulos: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16). Essa é a única forma de agirmos como “sal da terra” e “luz do mundo” (cf. Mt 5:13-14).

Os apóstolos geralmente iniciavam suas cartas com a proclamação de verdades teológicas e depois ensinavam como aplicá-las no dia-a-dia. Dessa forma, os primeiros onze capítulos de Romanos tratam de verdades teológicas profundas, ao passo que os últimos quatro capítulos explicam como os cristãos romanos deveriam viver como povo de Deus. O primeiro capítulo de 1 Pedro inicia falando de nossa magnífica salvação, e depois diz: “Por isso, cingindo o vosso entendimento” (1Pe 1:13). Essa aplicação, por sua vez, conduz a outra discussão teológica que também recebe uma aplicação prática: “Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências” (1Pe 2:1). As epístolas pastorais chamam a atenção das mulheres para o fato que as boas obras são mais importantes que a aparência externa, de modo que deveriam se vestir “como é próprio às mulheres que professam ser piedosas” (1Tm 2:9-10). Os escravos (equivalente aos trabalhadores de hoje) deveriam servir fielmente, “para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados” (1Tm 6:1), e também “a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador” (Tt 2:10). Poderíamos adicionar muito mais a essa lista, mas

a questão central é bastante clara: Deus deseja que nossa vida seja coerente com nossas crenças.

A seguir, há alguns exemplos das crenças mais comuns compartilhadas por milhões de cristãos na África e suas implicações em nosso comportamento:

- Deus ama as pessoas (Jo 3:16). Logo, deveríamos amar todos da mesma forma, não importa a qual grupo pertençamos.
- Deus é justo juiz (Hb 10:30). Assim como Deus, não devemos exigir, aceitar ou dar subornos, ainda que o suborno seja parte de nossa cultura.
- Jesus Cristo é nosso Salvador (Mt 1:21). Jesus nos ama e nos perdoa de todos os pecados quando com sinceridade nos arrependemos, até mesmo aqueles pecados que resultaram em sofrimentos como o HIV/aids ou outras doenças infecciosas.
- Jesus é nosso Senhor (Fp 2:11), e a Bíblia é sua palavra de autoridade, cujo propósito é governar nossa vida (2Tm 3:16). Logo, devemos obedecê-la todos os dias, em todas as circunstâncias da vida, e não apenas no domingo.
- Os cristãos formam uma única comunidade liderada por Cristo (Gl 3:26-28). Portanto, não devemos discriminar ou prejudicar outros cristãos que não pertencem ao nosso grupo.
- O Espírito Santo é nosso guia (Jo 16:13), consolador (Jo 14:16), advogado (1Jo 2:1) e capacitador (Lc 24:49; At 1:8). Quando um de nossos amigos ou familiares está doente, devemos confiar em Deus e no Espírito Santo, em vez de consultarmos feiticeiros ou outros espíritos.

São apenas alguns exemplos de como nossas crenças devem se tornar parte da nossa vida. Viver dessa forma pode transformar a África! Precisamos pedir a Deus que nos dê poder e vontade para fazer o que acreditamos.

O desejo de viver de modo verdadeiramente piedoso também mudará nossa perspectiva de ministério. Em vez de enfatizarmos somente o evangelismo no cumprimento da Grande Comissão (Mt 28:19-20), também direcionaremos esforços para o discipulado: “ensinando-os a guardar”. Não pediremos apenas reavivamento, mas também transformação. O reavivamento é temporário, mas a transformação muda a forma de viver à luz do que acreditamos, e seu efeito perdura a vida inteira.

Samuel Ngewa

seus atributos de onisciência, onipotência e onipresença, pois afirmava: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10:30). A palavra “esvaziou” refere-se à sua situação, e não à sua essência. Significa que ele abandonou completamente todos os direitos e privilégios que lhe eram devidos.

Contudo, ao esvaziar-se, Cristo ganhou tudo. Seu engrandecimento foi tão grande quanto sua humilhação: *Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira (2:9)*. Não existe maior honra que a recebida por Cristo após sua ressurreição. O nome de Jesus Cristo é honrado acima de todos os

nomes em todo o universo, pois ele é o único salvador e esperança para o mundo (At 4:12). O autor de Provérbios escreve: “diante da honra vai a humildade” (Pv 18:12). Isso se mostrou verdadeiro em proporções cósmicas. A recompensa é diretamente proporcional à humildade.

A autoridade cósmica universal de nosso Senhor Jesus Cristo é demonstrada no fato de que diante de seu nome deve dobrar-se *todo joelho* (2:10a). Em muitas culturas, o ato de curvar-se mostra submissão à outra pessoa. Curvamo-nos diante de vitoriosos e senhores. Sem dúvida, Jesus é vitorioso, pois conquistou a morte, o último inimigo dos mortais. O fato de todas as três esferas de domínio — *céus, terra e debaixo da terra* (2:10b) — se curvarem diante de Jesus mostra que Cristo é Senhor tanto do mundo espiritual como do mundo físico. A colheita e a submissão que Jesus recebeu são proporcionais à magnitude de sua humilhação e subsequente exaltação. Cristo é a pessoa de maior poder, honra e glória que há no céu e na terra. Aquele que se recusa a admitir esse fato corre grande perigo!

Aqueles que se curvam diante de Jesus também confessarão que *Jesus Cristo é Senhor* (2:11a). A palavra traduzida por “Senhor” é a mesma utilizada na Septuaginta para traduzir o nome de “Javé”, o verdadeiro Deus de Israel. O uso da mesma palavra para se referir a Jesus Cristo mostra que ele está “estabelecido no lugar que pertence propriamente a Deus” (TNT). O hino deixa claro que confessar esse fato não diminui a glória do Pai; pelo contrário, aumenta-a (2:11b).

A humilhação de Jesus tem implicações gigantescas no nível pessoal, nacional e eclesial. Deixa claro que a humildade precede a honra e a glória e conduz a elas. Se todos os líderes de nossas igrejas tivessem seguido o exemplo de Jesus, em vez de brigarem por poder e posições, o declínio atual das igrejas poderia ter sido evitado.

Se nossos líderes civis tivessem optado pelo caminho da humilhação em vez de empregarem todos seus esforços para alcançar o poder a qualquer custo, hoje teríamos paz e prosperidade na sociedade. O caminho para a paz, a glória e o sucesso é o mesmo caminho da humilhação e do abandono de interesses egoístas em benefício da comunidade.

## 2:12-18 Exortação à irrepreensibilidade

Paulo passa a tratar da discórdia e competição que parecem ter tomado conta da igreja de Filipos (cf. 2:2-3) e insiste amorosamente em que prestem atenção ao que acabou de escrever. Os filipenses deveriam prestar atenção em Paulo, não apenas quando estivesse presente, mas também quando ausente (2:12a). A obediência cristã deve ser genuína e sincera. Somos hipócritas quando nossa obediência ao Senhor depende de sermos observados ou não por outras pessoas.

Paulo roga aos filipenses: *desenvolvi a vossa salvação* (2:12b). Geralmente aplicamos esse versículo a nós mesmos, como indivíduos, mas aqui Paulo está pensando na saúde do corpo da igreja. Os membros devem trabalhar ar-

duamente para manter a unidade, tendo Cristo como exemplo e pedindo forças e capacidade a Deus.

As palavras *temor e tremor* (2:12b) indicam que essa não é uma tarefa fácil. Os cristãos devem estar preparados para trabalharem juntos, *sem murmurações nem contendas* (2:14). Devem ser pessoas pacíficas, pacientes e de atitude positiva, a fim de vencer o mal com o bem. Se puderem aprender a viver assim, tornar-se-ão *irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis* (2:15a). Então o caráter do cristão como filho de Deus resplandecerá como as estrelas no céu (2:15c). O acusador sempre tentará encontrar falhas em nós, porém precisamos evitar que nos tornemos alvos fáceis.

Paulo contrasta o cristão com as pessoas do mundo, a quem se refere como *uma geração pervertida e corrupta* (2:15b). A sociedade na qual viviam os filipenses estava muito longe de ser considerada honesta, amorosa e justa. Naquela escuridão espiritual, os cristãos deveriam se destacar conforme disse Cristo: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5:14). A maneira pela qual esse objetivo pode ser atingido é *preservando a palavra da vida* (2:16). O salmista escreve: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119:105). Os que andam na luz brilham por causa dessa luz. O cristão brilha no mundo ao viver em conformidade com a palavra de Deus.

Embora a razão principal para viver dessa maneira seja glorificar a Deus, Paulo adiciona uma observação pessoal: se seus convertidos andarem no caminho da santidade, o apóstolo ficará satisfeito *no Dia de Cristo*, sabendo que não *correu em vão*, nem se esforçou *inutilmente* (2:16). A maior alegria de Paulo quando Cristo voltar será a recompensa de ver as almas que foram salvas por meio de seu testemunho.

A referência de Paulo ao dia do julgamento também serve de consolo indireto aos cristãos, para perseverarem até o fim. Também nos consola sua disposição de morrer como mártir, *oferecido por libação e sacrifício* (2:17-18). Paulo antecipa sua morte a favor dos cristãos não com amargura, mas com alegria, e convida os filipenses a compartilharem dessa alegria, sabendo que seu contentamento está fundamentado na vitória final de Cristo.

## 2:19-30 O testemunho de Paulo a seus cooperadores

Paulo era um homem que gostava de trabalhar em equipe e também um pastor amoroso, de modo que suas preocupações pelos cristãos filipenses traduziam-se no desejo de saber se estavam todos bem. Esperava enviar Timóteo, um de seus cooperadores, para visitá-los em breve (2:19).

Paulo prezava seus companheiros. Sobre Timóteo, escreve: *a ninguém tenho de igual sentimento* (2:20). Timóteo era um pastor excelente em seu compromisso de servir ao povo de Deus e deixar de lado seus interesses. Percebe-se claramente que há dois tipos de pastores na igreja. A maioria (*todos eles*, 2:21) procura seu interesse e bem-estar. Há poucos, como Timóteo, que colocam Jesus Cristo acima

disso. Timóteo servia a Paulo como se o apóstolo fosse seu *pai* (2:22), e de fato Timóteo era filho espiritual de Paulo (cf. 1Tm 1:2; 2Tm 1:2).

Tendo em vista as qualidades de Timóteo, Paulo escolheu enviá-lo aos filipenses (2:23). O evangelho não é um tesouro individual, de modo que devemos escolher pastores confiáveis e abnegados para fazer a obra de Deus, e estes, por sua vez, devem transmiti-lo aos outros. Timóteo pregaria aos filipenses o mesmo evangelho que Paulo pregaria quando, e se, fosse libertado e viesse visitá-los pessoalmente (2:24). É importante que o pastor reconheça, assim como Paulo, que a pregação da mensagem do evangelho pode ser delegada a outros.

Outro membro de sua equipe a quem Paulo tem em alta estima é Epafrodito, a quem descreve como *meu irmão, cooperador e companheiro de lutas* (2:25). Fica claro que Paulo respeita seus cooperadores e os trata como iguais.

Os filipenses enviaram Epafrodito a fim de *auxiliar* Paulo em suas *necessidades* na prisão (2:25). Os cristãos de Filipos dão o exemplo de como a comunidade cristã deve auxiliar seus pastores, especialmente aqueles cujo serviço à comunidade lhes acarreta um alto custo pessoal. Epafrodito, contudo, estava com muita saudade de sua igreja em Filipos, de modo que Paulo decidiu enviá-lo de volta (2:26).

Outra razão para enviar Epafrodito de volta era por causa da doença que havia contraído recentemente. É interessante observar que Epafrodito ficou mortalmente doente, apesar de ser um respeitável cooperador de Paulo (2:27). Fica claro que Paulo não presumia que um bom cristão estaria sempre com a saúde perfeita, ou que o apóstolo devesse utilizar sua autoridade apostólica para curar seus amigos. Em vez disso, Paulo atribui a recuperação de Epafrodito à misericórdia de Deus sobre ambos, pois Paulo certamente teria lamentado profundamente a morte de Epafrodito (2:27). Os efeitos da bondade de Deus vão além dos beneficiários imediatos.

Os cristãos de Filipos estavam preocupados com Epafrodito, e isso contribuiu para a decisão de Paulo enviá-lo de volta (2:28). Essa preocupação e sentimento mútuo entre Epafrodito e os filipenses exemplificam o verdadeiro cuidado que deve existir entre a igreja local e seus mensageiros enviados para cumprir a Grande Comissão.

Paulo instrui os filipenses sobre como receberem Epafrodito: *Recebei-o [...] e honrai sempre a homens como esse* (2:29). Devemos receber e honrar homens que sacrificam sua vida na obra do Senhor. O fato de Epafrodito, *por causa da obra de Cristo, chegou ele às portas da morte e se dispôs a dar a própria vida* (2:30) serve como advertência àqueles que imaginam que o trabalho para Cristo é só alegria e aleluia. Com base em sua própria experiência, Paulo nos diz que o pastor pode até adoecer por causa do trabalho na obra de Cristo. Contudo, a misericórdia de Deus está sempre com aqueles que trabalham para ele, apesar da fragilidade humana.

### 3:1-11 Só existe uma coisa digna de orgulho

Paulo inicia a seção seguinte da carta escrevendo: *Quanto ao mais* (3:1), sugerindo que os capítulos 1 e 2 contêm sua mensagem principal. Como encerramento, Paulo deseja repetir algumas coisas que escreveu e tratar de alguns assuntos específicos que poderiam causar divisão.

A congregação em Filipos devia incluir alguns cristãos judeus, ou pelo menos alguns cristãos que foram influenciados pelos judaizantes (cristãos judeus que insistiam na circuncisão dos cristãos gentios e para que estes observassem a lei de Moisés). É por essa razão que Paulo adverte os filipenses: *Acautelai-vos dos cães! [...] Acautelai-vos da falsa circuncisão!* (3:2). Adverte que os verdadeiros circuncisos são aqueles que creem no Senhor Jesus Cristo e depositam sua confiança na obra que Cristo realizou na cruz (3:3). Esses circuncidaram sua natureza pecaminosa quando passaram a confiar em Cristo, de modo que agora vivem pela fé. São esses que adoram a Deus no Espírito. Essas pessoas deixaram de valorizar raças, condição social ou qualquer outra coisa que consideravam importante antes de se tornarem cristãos.

A fim de explicar o significado de suas palavras, Paulo toma a si mesmo como exemplo (3:4-6). Antes de sua conversão, Paulo era um homem orgulhoso de sua identidade judaica e sua observância às tradições judaicas. Foi circuncidado no oitavo dia, cresceu como um fariseu e possuía tamanho zelo pela lei que chegou ao ponto de perseguir a igreja. Porém, o apóstolo abandonou seu orgulho pré-cristão e a importância que dava a essas coisas (3:7-8). Para o apóstolo, tudo aquilo (raça, rituais religiosos e tradições) se tornou refugio. Por quê? Porque agora encontrou um motivo verdadeiro para se orgulhar: *por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio* (3:8). Quando diz “conhecimento de Cristo”, Paulo não está se referindo apenas ao conhecimento intelectual de Cristo, mas a uma experiência íntima com Jesus. A verdadeira comunhão com Cristo inclui experimentar os benefícios que Jesus nos oferece e apropriar-nos deles, especialmente a salvação pela fé, sem qualquer necessidade de obras.

Paulo encontrou um tipo totalmente novo de justiça (3:9). Antes, o apóstolo possuía uma *justiça própria*, isto é, uma justiça humana que procurava agradar a Deus por meio do esforço próprio ao tentar viver de acordo com a lei de Deus. A nova justiça não era resultado de suas próprias ações, mas das ações de Cristo. Não é adquirida por esforço humano, mas pela fé na obra completa de Cristo na cruz. Fé é olhar para o que Cristo realizou e aceitar que sua obra foi feita para o meu benefício.

A justiça de Deus revelada em Cristo é importante para todos nós. Sem ela, nenhum de nós pode se tornar um verdadeiro cristão. A justiça divina nos transforma, dando-nos uma nova identidade como povo de Deus, não importa qual tenha sido nossa identidade ou história passada. Assim

como Paulo, devemos abandonar o orgulho em coisas como raça, sexo, condição social e classes. Como povo de Deus restaurado, podemos nos orgulhar de nossa nova identidade em Jesus, a fim de que nossos desejos, assim como os de Paulo, se tornem semelhantes aos desejos de Cristo em todos os aspectos, incluindo seu sofrimento, morte e ressurreição (3:10-11).

### 3:12-21 Mantendo o objetivo sempre à vista

Podemos imaginar que o desejo de Paulo em compartilhar os sofrimentos de Cristo se realizou parcialmente em sua prisão por causa do evangelho. Contudo, Paulo não está satisfeito, pois sua vida é conduzida pelo desejo de ser como Cristo. No entanto, está ciente de suas limitações, sabendo que a perfeição não será alcançada aqui neste mundo. Até a vinda daquele dia, sempre haverá espaço para desenvolvimento. O apóstolo deseja prosseguir, perseverando em seu objetivo de obter aquilo que Cristo tem a lhe oferecer (3:12).

A vida cristã possui um aspecto de “ainda não”, conforme admite Paulo: *Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado* (3:13). Ou seja, ainda não estamos completos; ainda não chegamos ao nosso destino final. Afirmar o contrário é mostrar falta de humildade. Contudo, não devemos viver no passado. Paulo ignora seus sucessos e fracassos passados conforme avança para alcançar seu objetivo (3:13-14). Nosso Senhor também não se debruça sobre nosso passado de sucessos ou fracassos. Deus deseja que avancemos com fé em Cristo, até o dia da vitória final. Uma das características do cristão é perseverar em direção ao objetivo com confiança no Senhor, apesar das circunstâncias. O cristão é como um maratonista que tem a linha de chegada como alvo.

Paulo acredita firmemente que todo cristão maduro compartilhará seu entendimento de que nenhum cristão deve afirmar ter alcançado a perfeição absoluta nesta vida (3:15). A perfeição que o cristão pode alcançar aqui é relativa ou progressiva, mas deve ser suficiente para nos manter caminhando em direção ao futuro. Por enquanto, devemos nos satisfazer com aquilo que Deus tem revelado a cada um de nós (3:16). Caso haja necessidade de compreendermos outras coisas com mais profundidade, Deus demonstrará isso claramente em ocasião oportuna.

A ideia de viver conforme o que sabemos hoje levou Paulo a oferecer-se como exemplo: *Irmãos, sede imitadores meus* (3:17; cf. tb.: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”, 1Co 11:1). O modelo de conduta do cristão não se baseia em código escrito, mas em exemplos de vida, em primeiro lugar de nosso Senhor, e depois de outros discípulos. O compromisso de Paulo com o Senhor era tão grande que o apóstolo podia dizer “siga meu exemplo” e o de outros que *andam segundo o modelo que tendes em nós*. “Andar” aqui se refere à prática diária, e não apenas atividade mental.

Infelizmente, poucos vivem dessa forma. Além disso, *muitos andam como inimigos da cruz de Cristo* (3:18). Nunca houve um período em que os cristãos não estivessem cercados por pessoas que se opõem à cruz de Cristo, fonte da justiça de Deus. O caráter e o destino dessas pessoas é óbvio: a destruição. Seus maiores interesses são a satisfação dos desejos da carne, de modo que sua mente é dominada pelas coisas terrenas (3:19).

Em contraste, os cristãos filipenses possuem cidadania celestial (3:20). Uma vez que Filipos era uma colônia militar romana, os filipenses desfrutavam o prestígio de serem considerados cidadãos romanos. Paulo, contudo, chama a atenção deles para o fato de que a cidadania celestial que possuem é muito melhor. Enquanto há pessoas que *só se preocupam com as coisas terrenas* (3:19), o cristão aguarda a segunda vinda do Senhor. Com seu poder sem limites, Cristo transformará nosso corpo fraco e frágil e nos fará semelhantes ao seu glorioso corpo ressurreto (3:21). Essa é a nossa grande alegria e esperança como cristãos. Nosso futuro está guardado em mãos seguras.

### 4:1-9 Conselho afetuoso

A alegria exultante de Paulo quanto ao futuro dos cristãos o faz pensar numa exortação: *Portanto [...] permanecei [...] firmes* (4:1). Essa exortação também exprime amor verdadeiro por seu rebanho. Paulo refere-se aos filipenses como *minha alegria e coroa*. Em outras palavras, declara que os filipenses são mais preciosos que diamantes, pérolas ou joias. Esse é o tipo de amor que o pastor deve ter por aqueles a quem serve. Esse amor levou Paulo a estar disposto a sacrificar sua própria vida em favor de seu rebanho.

Paulo não possuía um amor obscuro por um rebanho abstrato. O apóstolo conhecia os membros da igreja pelo nome, assim como nosso Senhor conhece suas ovelhas pelo nome (Jo 10:3), e menciona especificamente duas mulheres. Todo pastor deve conhecer seus membros tão bem quanto Paulo conhecia os seus. Evódia e Síntique são exortadas para que *pensem concordemente, no Senhor* (4:2). A discórdia enfraquece o poder do povo de Deus para influenciar o mundo ao redor. Essas duas mulheres deram bom testemunho no passado, mas agora precisavam de ajuda. Paulo pede a alguém (a quem chama de *fiel companheiro de jugo*) que auxilie na reconciliação das mulheres (4:3). Nós, cristãos, que fomos reconciliados com Deus, também devemos nos reconciliar uns com os outros.

Menciona de passagem a Clemente, indivíduo que mais tarde veio a se tornar bispo de Roma. Independente de mencionar especificamente alguns de seus cooperadores, Paulo sabe que seus nomes *se encontram no Livro da Vida* (4:3), o que significa que estavam salvos e possuíam o registro de cidadãos celestes.

Pede aos filipenses que, em vez de discutirem, alegrem-se *sempre no Senhor* (4:4). O apóstolo está chamando a atenção deles para o que escreveu em 3:1 e no capítulo de abertura

dessa carta. Independente das circunstâncias, os cristãos podem se alegrar porque o Senhor os perdoou e os ama com amor eterno. Esse amor tem triunfado sobre o pecado, os prisioneiros, a morte e todas as formas de maldade.

Essa alegria, contudo, não deve ser manifestada com orgulho ou à custa dos outros. Os cristãos são instruídos a permitir que sua *moderação* seja *conhecida de todos os homens* (4:5). A palavra traduzida por “moderação” também pode ser traduzida por “bondade”. Não existem virtudes cristãs invisíveis ou ocultas. Nossa natureza renovada como cristãos deve ser claramente demonstrada.

Alegria e bondade são virtudes difíceis de exercitar em momentos de dificuldade, de modo que Paulo aconselha os cristãos a não andarem ansiosos com coisa alguma (4:6). Mas como fazer isso? Orando e apresentando todas as nossas petições a Deus com ações de graças, gratos pela misericórdia e perdão que o Senhor nos concede. Para o cristão, Deus é Senhor e amigo capaz de ajudar em todas as circunstâncias. Quando oramos, permitimos que o Senhor compartilhe de nossas dificuldades.

Recebemos a paz de Deus quando lançamos nossos anseios sobre ele (4:7). A paz de Deus alivia a mente e o coração de toda ansiedade. A base dessa paz é a promessa de que fomos reconciliados com Deus por meio de Jesus Cristo.

Para encerrar, Paulo aconselha os cristãos a concentrarem-se nas coisas que agradam a Deus e demonstram seu caráter (4:8). E adiciona: *O que também aprendestes [...] em mim, isso praticai* (4:9). Antes de acusarmos Paulo de orgulho, precisamos lembrar que, antes de os livros do NT serem escritos e aceitos, o único padrão para o ensino e comportamento cristão era encontrado nas pessoas que refletiam de modo exato a autoridade e os padrões éticos de nosso Senhor.

#### 4:10-20 Uma congregação generosa e auxiliadora

Paulo demonstrou amor pelos filipenses, e estes responderam ao amor do apóstolo com o envio de ofertas. Paulo se alegra com essa demonstração visível de amor dos filipenses (4:10). Ao agradecer-lhes, o apóstolo revela sua atitude diante das circunstâncias diárias: *aprendi a viver contente em toda e qualquer situação* (4:11). Temos muito a aprender com Paulo. Experimentamos perdas e ganhos pessoais; em sociedade, vemos revoltas, epidemias, pobreza, desastres naturais, problemas nacionais e internacionais. A fim de vivermos contentes em qualquer situação, boa ou ruim, preci-

samos confiar no Senhor, que sempre permanece o mesmo e nos fortalece continuamente (4:12-13).

Após escrever em termos gerais sobre a bondade dos filipenses cristãos, Paulo prossegue mencionando exemplos específicos (4:14-16). O apóstolo declara que não faz isso porque deseja receber mais ajuda, mas para elogiá-los (4:17). Ao auxiliar Paulo na prisão, os filipenses se identificaram com os sofrimentos do apóstolo. Ao auxiliarmos evangelistas, missionários ou qualquer outro obreiro do Senhor, compartilhamos de seus ministérios, ainda que não estejamos fisicamente presentes. Como igreja e indivíduos, devemos participar da obra de Deus por meio de demonstrações visíveis. Ofertas sacrificiais e contínuas, iguais às demonstradas pelos filipenses, devem ser a norma de conduta das igrejas ativas e desejosas de servir. Essas ofertas são *como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus* (4:18). O Senhor responderá a essas ofertas *segundo a sua riqueza em glória [...] em Cristo Jesus* (4:19).

#### 4:21-23 Saudações finais e bênçãos

Paulo encerra a carta trocando saudações entre as comunidades cristãs, cujos membros são todos santos (4:21; cf. comentários sobre 1:1). Essa atitude serve de encorajamento para ambas as comunidades. Os santos filipenses talvez tenham ficado particularmente emocionados com a menção aos *da casa de César* (4:22), uma vez que essa referência indicava que o evangelho havia chegado à casa do imperador romano. O evangelho de Jesus Cristo continuará se expandindo pela África e pelo mundo até chegar o dia em que todos confessarão “que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (2:11).

Em suas palavras de encerramento, Paulo deseja que a graça do Senhor Jesus Cristo esteja continuamente presente na vida dos filipenses (4:23). A fé cristã começa pela graça, se desenvolve pela graça e alcança sua plenitude pela graça.

Eshetu Abate

#### Leituras adicionais

LIGHTFOOT, J. B. *Philippians*. Alister McGrath e J. I. Packer, eds. CCC. Wheaton, Ill.: Crossway, 1994.

LOH, I-Jin e NIDA, Eugene A. *A Translator's Handbook on Paul's Letters to the Philippians*. New York: United Bible Societies, 1977.

MORRIS, J. Alec. *The Message of Philippians*. BST. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984.



# COLOSSENSES

Colossos era uma grande cidade às margens do rio Lico, situada numa região conhecida como Frígia. Sua localização privilegiada, próxima a uma importante rota comercial que ligava a cidade de Éfeso ao rio Eufrates, atraía muitos viajantes e visitantes procedentes da capital do Império Romano.

Ao contrário da igreja de Éfeso, a igreja de Colossos não foi fundada pelo apóstolo Paulo, mas provavelmente por Epafras, um de seus cooperadores mais próximos. Os cristãos de Colossos provinham de várias origens, mas a maioria era formada por frígios, gregos ou judeus.

Há semelhanças de estilo e conteúdo entre as cartas de Paulo aos colossenses e aos efésios. É possível, portanto, que essas duas cartas foram escritas com o objetivo de circularem pela região onde ficam essas igrejas, ainda que tratem de problemas específicos de cada igreja. Na verdade, Paulo recomenda especificamente que sua carta aos colossenses seja lida na igreja de Laodiceia (4:16), distante cerca de vinte quilômetros de Colossos. A carta aos Colossenses provavelmente foi escrita entre 60-62 d.C., durante a prisão de Paulo em Roma.

Geralmente considera-se que o tema da carta fala sobre a plenitude, uma vez que Paulo concentra-se na plenitude do conhecimento de Deus ou na plenitude que os cristãos têm em Cristo. Eles encontram tudo que precisam em Cristo; conseqüentemente, não há necessidade de buscar ajuda em religiões pagãs ou nas falsas doutrinas propagadas pelos judaizantes, grupo que insistia na circuncisão dos não-judeus a fim de serem aceitos por Deus.

## Esboço

### 1:1-2 Saudação

### 1:3-8 A obra do evangelho

### 1:9-11 A oração de Paulo pelos colossenses

### 1:12-14 Convite ao louvor

### 1:15-20 Hino de louvor a Cristo

1:15 Cristo, o cabeça da humanidade

1:16-17 Cristo, o cabeça sobre toda a criação

1:18-20 Cristo, o cabeça da nova criação

### 1:21-23 Cristo e os colossenses

### 1:24—2:5 Cristo e os apóstolos

### 2:6-23 A obra que Deus realizou

2:6-10 Certeza e esperança

2:11-13 Circuncisão e batismo

2:14-15 Os feitos de Deus

2:16-23 Liberdade em Cristo

### 3:1—4:1 Vivendo em Cristo

3:1-17 Santidade pessoal e em comunidade

3:1-4 Buscar a cidade celestial

3:5-11 Morte à natureza terrena

3:12-14 Cultivar as virtudes

3:15-17 Edificação mútua e gratidão

3:18—4:1 Santidade na família

### 4:2-18 Conclusão

## COMENTÁRIO

### 1:1-2 Saudação

Paulo fornece suas credenciais no início da carta: *apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus (1:1)*. Dessa forma, Paulo deixa claro que não recebeu seu apostolado por meio de outro ser humano ou instituição. Ele não estava entre os doze discípulos que acompanhavam Jesus em seu ministério terreno, nem testemunhou o Jesus ressurreto antes de sua ascensão ao céu. Contudo, seu encontro com o Cristo na estrada de Damasco tornou-o um apóstolo autêntico, de modo que não precisa justificar seu apostolado.

Juntamente com o irmão Timóteo, saúda os colossenses, a quem descreve como *santos e fiéis irmãos em Cristo (1:2)*. Paulo não os conhece pessoalmente porque nunca esteve na igreja de Colossos. Porém, o apóstolo conhecia a igreja e seus problemas por meio de relatórios enviados por pessoas como Epafras. Ser *santo* significa estar separado para Deus e sua obra. Além disso, os colossenses eram *fiéis irmãos em Cristo* por causa de seu compromisso com Jesus e seus ensinamentos. Os laços fraternais entre Paulo e os colossenses eram mais fortes que laços de sangue, pois transcendiam etnias, raças e condições sociais. Paulo e Timóteo, talvez, fossem diferentes de seus irmãos colossenses em muitos aspectos, mas em Cristo formavam uma só família. O mesmo acontecia entre a própria comunidade

dos cristãos colossenses. Como “irmãos”, a principal identidade deles se encontrava em Cristo. Questões de origens e classes sociais diferentes eram apenas aspectos secundários.

### 1:3-8 A obra do evangelho

Paulo está feliz com a obra do evangelho que se desenvolve entre os colossenses. O apóstolo volta a falar sobre a *fé* que os colossenses têm *em Cristo Jesus* (1:3), fé que os transformou em *fiéis irmãos em Cristo* (1:2). Ele deseja mostrar que o indivíduo não pode ter fé em Cristo e ao mesmo tempo ser infiel a Jesus.

A fé é inseparável do amor. O evangelho que transformou os colossenses em “irmãos em Cristo” também produziu neles *amor* [...] *para com todos os santos* (1:4). Em 1:2, descreveu os colossenses como “santos”. Ao repetir a palavra na frase *para com todos os santos*, parece que o apóstolo está se referindo a um grupo maior de irmãos na fé, possivelmente outros cristãos que foram auxiliados pelos colossenses.

A obra do evangelho na vida dos colossenses, portanto, produziu resultados visíveis: fé e amor. Esse amor está baseado na *esperança* da vida que nos aguarda na cidade celestial de Deus (1:5a). Dessa forma, podemos dizer que a fé é o fundamento da vida enquanto estamos aqui na terra, o amor é o fruto que cresce no dia-a-dia e a esperança é o vislumbre da vida que nos aguarda no céu. A esperança da vida que nos aguarda no céu é muito melhor que o lar onde habitam os ancestrais das religiões tradicionais africanas, situado em algum lugar bem longe das aldeias onde moram os vivos. Dizem que a partir desse lugar distante os ancestrais abençoam a comunidade dos vivos. Mas todos os cristãos, quer africanos quer não, olham para a cidade celestial e vivem na esperança e expectativa de irem para lá algum dia, conforme prometido *pela palavra da verdade* (1:5b).

O *evangelho*, palavra utilizada por Paulo como sinônimo para “palavra da verdade”, que vinha produzindo resultados extraordinários nos colossenses, também produzia frutos semelhantes *em todo o mundo* (1:6). Os colossenses não eram os únicos a demonstrar esses frutos, mas apenas mais um exemplo do sopro do Espírito de Deus (Jo 3:8). Deus congrega todos aqueles que estão em Cristo a fim de torná-los “fiéis irmãos”.

Ao lermos como Paulo expressa sua gratidão, é interessante observar que o apóstolo não está agradecendo a Deus pelo desempenho dos colossenses, mas pela obra do evangelho no mundo e, mais especificamente, em Colossos.

Os colossenses receberam o evangelho por meio de missionários como Epafras, *nosso amado conservo* (1:7). Sabemos pouco sobre esse servo de Deus, exceto que o Senhor o usou para ensinar os colossenses e para relatar a Paulo as necessidades, preocupações e o desenvolvimento da vida deles (1:8). Por transmitir fielmente as informações, Epafras pode ser considerado *fiel ministro de Cristo*.

### 1:9-11 A oração de Paulo pelos colossenses

Paulo e seus companheiros oravam constantemente pelos colossenses *desde o dia em que o ouvimos* (1:9a). Embora agradeça a Deus pela obra que o evangelho havia realizado na vida dos colossenses, ainda havia muito mais a fazer. Assim sendo, Paulo ora por três coisas:

- Transbordem de *pleno conhecimento da sua vontade* (1:9b). Pede que o conhecimento de Deus ocupe todo o pensamento dos colossenses, de modo que esse conhecimento alcance todos os aspectos da vida e assim lhe possibilite viver em conformidade com a vontade de Deus. Se forem preenchidos com esse conhecimento, então não haverá espaço para outras filosofias. O emprego da palavra “conhecimento” sugere que Paulo, talvez, estivesse se referindo especificamente à filosofia gnóstica, cuja ênfase estava na obtenção de conhecimentos especiais e na atitude de hostilidade ao evangelho. Contudo, conhecimento intelectual não é suficiente; é preciso que venha acompanhado de *sabedoria e entendimento espiritual*. Os colossenses devem se esforçar para alcançar e manter a sabedoria, que, por sua vez, produzirá *entendimento*, ou discernimento.
- Vivam *de modo digno do Senhor* (1:10a). O conhecimento intelectual correto sobre Deus não é suficiente se apenas permanecer no nível teórico, como mera coleção de dogmas ou verdades a serem professadas. É preciso que o conhecimento produza fruto na vida do cristão, fruto que traga glória para Deus. Em outras palavras, quanto mais os colossenses conhecerem Deus, mais condições terão de viver para a glória do Senhor.
- Vivam *ao inteiro agrado de Deus* (1:10b). Agradar a Deus deve ser o principal objetivo de todo cristão.

Se olharmos atentamente para esses três pedidos, perceberemos que se trata de um único pedido. Como agradar a Deus e viver de modo digno sem conhecê-lo? E como conhecê-lo sem exercitarmos sabedoria? O conhecimento produzirá muitos frutos conforme vivermos para agradar a Deus e glorificá-lo. Entre esses frutos, está incluso o crescimento espiritual, que deve ser caracterizado pela *perseverança e longanimidade* (1:11). Fica claro, portanto, que conhecer a Deus é a base de todo crescimento.

### 1:12-14 Convite ao louvor

Após reconhecer a obra do evangelho na vida dos colossenses e orar por eles, Paulo os convida a juntarem-se a ele em louvores a Deus por três coisas:

- Deus os tornou participantes da *herança dos santos* (1:12). O termo “herança” nos lembra do êxodo, quando os filhos de Israel deixaram o Egito e aguardaram pela fé o acesso à terra prometida que ficava além do Jordão. Os colossenses gentios tinham contato com

cristãos de origem judaica, de modo que provavelmente conheciam essa história. É dessa forma que os colossenses entrarão na “herança dos santos”, isto é, o reino da *luz*, um reino muito melhor que a terra de Canaã. O reino celestial foi criado para todos os santos, ou seja, para todos os filhos de Deus de todas as épocas e lugares. Na verdade, os colossenses já participavam desse reino por meio da esperança. No futuro, entrarão permanentemente no reino quando Jesus Cristo retornar.

- Deus nos *libertou do império das trevas (1:13a)*. Esse império é o oposto do “reino da luz”. As “trevas” simbolizam Satanás e seu exército. Os colossenses viviam sob o poder dos demônios, desprezados e sem liberdade. Deus, porém, libertou-os das garras do inimigo e levou-os das trevas para a luz gloriosa.
- Deus nos *transportou para o reino do Filho do seu amor (1:13b)*. A palavra “transportou” enfatiza a ideia que Paulo deseja transmitir: a salvação é uma transferência de um lugar para outro. Ou seja, os colossenses não vivem mais neste mundo sob a autoridade de Satanás, mas foram transferidos para o reino de Deus, um reino onde agora vivem pela fé, mas que ainda não foi completamente revelado.

### 1:15-20 Hino de louvor a Cristo

Alguns comentaristas acreditam que Paulo decidiu incluir nessa passagem um dos primeiros hinos cristãos que surgiram. Outros, porém, dizem que Paulo não tinha necessidade de citar um hino aqui e argumentam que dificilmente um hino começaria com a frase “Este é a imagem do Deus invisível”. Contudo, o padrão das ideias, às vezes simétricas, outras vezes paralelas, e o ritmo que surge claramente no original em grego de fato se parecem com um hino.

### 1:15 Cristo, o cabeça da humanidade

Nas religiões africanas, Deus, o Criador, não é apenas alguém distante, mas também invisível. Logo, pensa-se que há necessidade de um intermediário entre Deus e os seres humanos. Paulo, contudo, apresenta Jesus como a *imagem do Deus invisível (1:15a)*. Gênesis 1:26-27 nos diz que os seres humanos foram criados à imagem de Deus e, portanto, são parecidos com Deus. Mas Gênesis 3 diz que os seres humanos pecaram, de modo que a imagem de Deus no ser humano ficou danificada. Em Jesus, a perfeição original dessa imagem é restaurada, de modo que podemos ver Deus em Cristo.

Uma vez que Jesus representa o padrão de ser humano que Deus nos criou para sermos, podemos chamá-lo de *primogênito de toda a criação (1:15b)*. Mas a condição de primogênito também inclui privilégios, assim como na África onde o filho mais velho possui uma posição especial e pode representar toda a família. Como primogênito, Jesus é o padrão e o cabeça de toda a humanidade.

### 1:16-17 Cristo, o cabeça sobre toda a criação

Contudo, chamar Cristo de “primogênito” pode levar alguns a pensarem que Jesus também é um ser criado. A fim de evitar esse engano, Paulo adiciona, em seguida, que Jesus não é parte da criação; pelo contrário, é o Criador, *pois, nele, foram criadas todas as coisas (1:16a)*. Sim, a criação geralmente é atribuída ao Pai, mas esse hino afirma que o Filho também participou, não apenas como expectador ao lado do Pai, mas junto com o Pai (cf. tb. Jo 1:1-3). A expressão “todas as coisas” deixa claro que não existe nada sem a participação de Jesus. Ele criou tudo que existe, visível e invisível, material e espiritual.

Paulo especifica que “todas as coisas” incluem *tronos, soberanias, principados e potestades (1:16b)*. Há controvérsias sobre se Paulo está se referindo apenas aos poderes políticos humanos ou aos poderes espirituais de Satanás e seu exército. Seja como for, o mais importante é saber que os poderes políticos e espirituais estão todos sob a autoridade de Jesus Cristo. Consequentemente, os colossenses não precisam ter medo desses poderes.

Esse hino é especialmente importante para os cristãos africanos que com frequência ainda sentem medo de ancestrais e espíritos das religiões tradicionais africanas que agem como intermediários entre Deus e os vivos. Esses poderes espirituais costumam ser mais honrados e temidos que Deus, considerado alguém muito distante para se interessar pela vida dos seres humanos. Contudo, o apóstolo Paulo afirma que Jesus Cristo, o cabeça da criação, tem autoridade sobre todos esses seres. Todos estão sujeitos a Cristo.

Jesus não é apenas criador do universo, mas também a razão de sua existência. Conforme esclarece Paulo: *Tudo foi criado por meio dele e para ele (1:16c)*. O universo que percebemos ao nosso redor não faz sentido sem Jesus Cristo.

### 1:18-20 Cristo, o cabeça da nova criação

Após apresentar Jesus como cabeça da humanidade (1:15) e da criação (1:16), o hino seguinte o apresenta como cabeça da nova criação, a igreja: *Ele é a cabeça do corpo, da igreja (1:18a)*. A igreja é como uma nova sociedade formada por indivíduos que foram reconciliados com Deus por meio de Jesus Cristo (1:20).

Jesus Cristo é o cabeça da nova criação pelas seguintes razões:

- *Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos (1:18b)*. Paulo repete a palavra “primogênito”. Como primogênito de toda a criação, Jesus existia antes de tudo e era Senhor sobre tudo. Como primogênito “de entre os mortos”, Jesus tem precedência em sua ressurreição sobre aqueles que estão mortos em Cristo. Sua supremacia se estende sobre todas as coisas, principalmente sobre a igreja.
- *Aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude (1:19)*. Cristo é Deus. Essa verdade é apresentada de modo ainda

mais explícito em 2:9, em que lemos que em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Logo, Jesus é mais que ser humano e primogênito de toda a criação; ele é Deus, o cabeça de toda a nova criação.

- *Por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas (1:20).* A palavra “todas” conduz naturalmente a muitas interpretações. Alguns pensam que inclui toda a humanidade e, portanto, argumentam que todos os seres humanos desde o princípio serão reconciliados com Deus. Outros, porém, pensam que a palavra engloba tudo que existe, todo o universo. Contudo, uma interpretação mais preferível parece ser que tudo que estava em rebelião contra Deus será subjugado por seu poder e se submeterá a ele, o cabeça da nova criação.

Em poucas linhas, esse magnífico hino resume a extraordinária doutrina da pessoa e obra de Cristo. A autoridade de Cristo deve trazer consolo aos cristãos, pois foram libertados de toda opressão e poderes e transportados para a soberania absoluta de Jesus Cristo. Logo, por que temer a influência de bruxarias, magias e dos príncipes deste mundo?

### 1:21-23 Cristo e os colossenses

Após o hino descrevendo a pessoa e a obra de Jesus (especialmente sua primazia e soberania), segue uma explicação de como os colossenses se beneficiaram da obra de Cristo. *Outrora* eram estranhos, isto é, viviam fora da aliança que Deus celebrou com Israel. Não possuíam acesso à lei escrita de Deus e, portanto, viviam como bem entendiam. Por causa disso, eram até mesmo descritos como *inimigos* de Deus, pois seus pensamentos eram hostis em relação a Deus. Essa forma de entendimento acaba resultando em *obras malignas* (1:21).

Agora, porém (1:22), foram reconciliados com Deus por meio da cruz onde morreu o Filho de Deus. Reconciliação tem o sentido jurídico de justificação, isto é, a ação de julgamento contra os colossenses foi cancelada. Por causa dessa justificação, agora podem ser chamados de *santos* (povo separado para Deus dentre todos os outros povos); *inculpáveis* (Satanás não tem mais base para acusá-los) e *irrepreensíveis* (ninguém pode condená-los dali em diante).

Embora deveriam se alegrar em sua reconciliação com Deus, não deveriam agir com negligência, mas permanecer *alicerçados e firmes* (1:23). A vida cristã é um campo de batalha espiritual porque Satanás, embora derrotado, ainda está armado. Ele ama ver as pessoas afastarem-se da *esperança do evangelho*. Os colossenses devem, portanto, manter-se sempre vigilantes, pois há muitas armadilhas na estrada que leva à cidade celestial.

### 1:24—2:5 Cristo e os apóstolos

Às vezes, as pessoas perguntam se a frase *o que resta das aflições de Cristo* (1:24) significa que os sofrimentos de Jesus não foram suficientes para a salvação da humanidade.

Será que Paulo e outros evangelistas depois dele tinham de sofrer da mesma forma que Jesus sofreu a fim de as pessoas finalmente se reconciliarem com Deus? Uma leitura cuidadosa da passagem em seu contexto mostra que há uma grande diferença entre o sofrimento de Paulo e o sofrimento de Jesus. Em seu sofrimento, Cristo tomou nosso lugar e nos redimiu de modo que pudéssemos nos reconciliar com Deus. O sofrimento de Paulo e de outros cristãos, por outro lado, não salva as pessoas, mas é semelhante ao sofrimento de Cristo no sentido de que surge do desejo de servir a Deus e salvar outras pessoas por meio da proclamação do evangelho não apenas aos colossenses, mas a todas as pessoas do planeta (1:25a). Se Paulo não estivesse preso (4:3), certamente continuaria seu trabalho evangelístico com muito entusiasmo.

Paulo falou sobre o evangelho como “a palavra da verdade” (1:5) e agora se refere ao evangelho como *palavra de Deus* (1:25b) e *mistério* (1:26). O evangelho pode ser chamado de mistério porque estava oculto dos incrédulos, mas foi revelado aos santos. Contudo, agora estava sendo revelado aos gentios, especificamente aos colossenses, uma vez que Cristo habitava com eles. Entretanto, nem mesmo os colossenses teriam acesso a esse mistério se Deus não tivesse enviado evangelistas como Paulo para pregá-lo (1:25a; cf. tb. Rm 10:14).

Pregar o evangelho é mais que apenas declará-lo; também envolve advertir e ensinar *a todo homem* para que possa conhecer a Cristo e permanecer firme na fé (1:28a), condição que Paulo chama de *homem perfeito em Cristo* (1:28b). Além de “perfeito”, há vários outros termos semelhantes que Paulo emprega em sua carta (p. ex., pleno, 1:9; plenamente, 2:2) a fim de deixar claro que a obra de Deus não deve ser interrompida na metade.

A luta de Paulo é ajudar os cristãos de Colossos, Laodiceia e qualquer outro lugar a alcançarem a plenitude do conhecimento do *mistério de Deus* (2:2). E a essência desse mistério é Cristo (2:3). É imprescindível, portanto, conhecer a Cristo. Obter esse conhecimento exige esforço constante, tanto da parte de Paulo como servo da palavra, como também da parte dos colossenses, que devem empregar sua inteligência a fim de compreenderem o que lhes está sendo ensinado. O conhecimento desse mistério os protegerá das pessoas que pregam falsas doutrinas por meio de *raciocínios falazes* (2:4). Além disso, esse conhecimento é a chave que dá acesso ao mistério de Cristo e às riquezas ocultas nele.

### 2:6-23 A obra que Deus realizou

#### 2:6-10 Certeza e esperança

A partir da conjunção *ora*, Paulo passa a indicar que suas palavras a partir daqui estão ligadas ao que acabou de escrever sobre a supremacia e soberania de Cristo (1:15-20) e à necessidade de esforçar-se ao máximo para conhecê-lo

cada vez melhor (1:28—2:3). Os colossenses vinham caminhando bem (2:5), mas precisavam permanecer alertas e confiantes. Paulo transmite dois mandamentos a eles: *como recebestes Cristo [...] assim andai nele* (2:6) e *cuidem para que ninguém vos venha a enredar* (2:8).

Na época de Paulo, os discípulos aprendiam conforme andavam e conversavam com seus mestres. Geralmente os ensinamentos eram transmitidos em forma de diálogo. Paulo está querendo dizer que, a fim de crescermos na fé, devemos andar com Jesus e seguir seus ensinamentos.

A instrução de Paulo em 2:8, pedindo para tomarmos cuidado, se refere ao fato de que temos muitos inimigos perigosos. O apóstolo adverte os colossenses especificamente de *filosofia e vãs sutilezas* (2:8). Paulo não está se referindo à filosofia como disciplina acadêmica, mas como um sistema religioso baseado em tradições humanas e repleto de enganos. O apóstolo provavelmente está aludindo a certas heresias que se espalhavam naquele tempo e poderiam enganar os colossenses.

Há um enorme contraste entre tal *filosofia e vãs sutilezas* e a *plenitude* de Cristo. Paulo salienta esse contraste dizendo que em Cristo *habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade* (2:9). Em outras palavras, Cristo é Deus. Apesar dos problemas e das dificuldades da caminhada cristã, os colossenses podiam confiar totalmente em Cristo, pois ele *é o cabeça de todo principado e potestade* (2:10). Mais uma confirmação da primazia e soberania de Cristo.

### 2:11-13 Circuncisão e batismo

Ao enfrentarem oposição judaica e sua exigência de circuncisão, os colossenses deveriam se alegrar porque já estavam circuncidados. No entanto, essa circuncisão não se refere a cortar um pedaço de pele num ritual de circuncisão judeu, mas à remoção de todo um modo de vida (2:11). Os colossenses receberam uma circuncisão espiritual que os libertou das paixões da carne e de tudo o que os prendia ao antigo modo de viver. Pode-se dizer que essa circuncisão foi realizada por Cristo porque está relacionada à fé em Jesus.

Em um contexto africano, a circuncisão é um ritual que transforma um garoto em um adulto e membro da comunidade, pronto para assumir responsabilidades. A circuncisão judaica era realizada nos primeiros meses de vida do menino e indicava sua participação na aliança que Deus celebrou com Abraão, ancestral do povo judeu (Gn 17:1-14). A circuncisão espiritual realizada pela fé na obra de Jesus na cruz também transforma o indivíduo num membro da comunidade, nesse caso a comunidade da família de Deus, a igreja.

A circuncisão espiritual tratou não apenas do pecado dos colossenses, mas também do batismo. O batismo simboliza a aniquilação do poder do pecado, de modo que este não tem mais poder sobre a vida do cristão. É como se os colossenses tivessem morrido nas águas do batismo e em seguida emergido, ressuscitados, para uma vida nova (2:12).

Paulo parece sugerir que os colossenses desfrutaram uma bênção dupla, algo apropriado para quem estava duplamente morto! Estavam mortos porque não foram fisicamente circuncidados (e deste modo não poderiam participar do povo de Deus) e estavam mortos por causa de seus pecados (2:13a).

É interessante observar a alteração no emprego dos pronomes que Paulo faz nesse versículo. Começa escrevendo “a vós outros”, como que se separando dos colossenses, uma vez que o apóstolo era judeu e, portanto, fisicamente circuncidado, ao contrário deles. Contudo, no final escreve “nossos” quando diz que Deus perdoou *todos os nossos delitos* (2:13b). Paulo é igual aos colossenses e todos os outros membros da família de Deus que precisam ser amparados pela mesma obra de reconciliação.

### 2:14-15 Os feitos de Deus

Paulo prossegue fazendo uma síntese da doutrina de Cristo que amplia o conteúdo do hino citado anteriormente (1:15-20). Essa doutrina está centralizada na cruz, lugar onde o perdão foi conquistado e onde o acusador foi calado. Paulo descreve a obra da cruz em termos de cancelamento de um débito ou obrigação jurídica. Havia um documento legal, um *escrito de dívida [...] que constava de ordenanças*, o qual nos tornava culpados e sem possibilidade de escapar. É como se tivéssemos acumulado um débito tão grande a ponto de não ser mais possível pagá-lo. Esse documento é uma prova contra nós, e não há como argumentar em contrário. Somos claramente culpados. Porém, quando Cristo foi pendurado na cruz, era como se Deus estivesse pregando aquele documento juntamente com Cristo. Ou seja, Deus estava cancelando nossa obrigação ou débito para que pudessemos nos libertar (2:14).

Nesse momento, Paulo altera a metáfora do tribunal para um desfile militar de vitória. Naquele tempo, quando uma cidade era conquistada, os vitoriosos organizavam um desfile onde exibiam o inimigo conquistado e todos os bens que capturaram. As autoridades e poderes, especialmente Satanás, são os inimigos derrotados que agora são arrastados no desfile de Cristo (2:15).

### 2:16-23 Liberdade em Cristo

Nesse momento, Paulo passa da teoria à prática: como essas coisas sobre Cristo se relacionam às filosofias e argumentos religiosos de que tratou anteriormente (2:4,8)? Como afetam o cotidiano de nossa vida? Aqueles que pregavam falsos ensinamentos exigiam ascetismo e obediência a regras, proibiam a ingestão de certos alimentos e insistiam em que determinadas festas e dias especiais (como o sábado) deviam ser observados (2:16). Mas qualquer pensamento que se concentre em controlar o corpo é inútil. Paulo chama atenção para o fato de que todas essas práticas antigas do judaísmo apenas prenunciavam a magnífica realidade de Cristo (2:17). Quando muito, apontavam para o fato



## ANJOS, DEMÔNIOS E AUTORIDADES

O ministério dos anjos tem um papel importante na vida da igreja na África, especialmente nas igrejas fundadas por obreiros africanos (African Instituted Churches, AIC). Isso não deveria surpreender, pois o ministério dos anjos tem sido importante na vida do povo de Deus através da história da igreja. Esse ministério ainda continua importante hoje. Porém, o que a Bíblia tem a nos ensinar sobre os anjos?

Os anjos são criaturas espirituais (Sl 148:2-5; Cl 1:16; Hb 1:14) que representam a presença, a glória e o poder de Deus. Transmitem as mensagens do Senhor aos seres humanos e trabalham para a implementação dos propósitos de Deus neste mundo. Como seres criados, não possuem natureza divina ou independente, mas estão subordinados a Deus, que é a fonte do poder que possuem. Contudo, pertencem a uma ordem superior aos seres humanos (Hb 2:7) e, portanto, são mais poderosos e não sofrem as limitações da carne. A hierarquia angelical inclui seres como os querubins (Gn 3:24; Êx 26:31; Ez 10:1) e serafins (Is 6:1-2,6), criaturas aladas que guardam o trono de Deus.

Os anjos são mensageiros (significado da palavra “anjo”) que trabalham para cumprir os propósitos de Deus no mundo. Muitos aparecem às pessoas em forma humana (Gn 18:2,16; Ez 9:2). Às vezes, mas nem sempre, a Bíblia fornece o nome de alguns anjos (p. ex., Gabriel, Dn 8:16; Lc 1:19 e Miguel, Dn 10:13). Consequentemente, precisamos tomar cuidado com pessoas que afirmam conhecer o nome dos anjos que protegem os cristãos.

Os anjos adoram e louvam continuamente a Deus e a Cristo (Is 6:2-3; Ap 4:8,11; 5:8-10; 19:1-9). Além disso, desempenharam papel importante na vida do povo de Deus no AT e no NT e nos acontecimentos que envolveram a encarnação (Lc 1:11,19,26), morte (Lc 22:43), ressurreição (Mt 28:2-5) e ascensão de Jesus Cristo (At 1:10). Também estarão envolvidos nos acontecimentos ligados ao retorno de Cristo (Mt 16:27).

Os anjos também protegem, suprem e encorajam os cristãos; auxiliam na resposta de suas orações (Dn 9:20-27), orientam (At 8:26; 10:3,22), acompanham os cristãos ao céu (Lc 16:22) e executam os julgamentos de Deus sobre os perversos (Gn 19:12-13; Ez 9:1-11; Mt 13:39-42; At 12:23; Ap 8:2-12; 9:1; 11:15; 14:6-9,15,17-18; 16:2-17).

Como qualquer outro ser, os anjos possuem conhecimento e livre-arbítrio (Mc 13:32). Da mesma forma que os humanos, alguns anjos usaram seu livre-arbítrio para rebelar-se contra Deus (2Pe 2:4; Jd 6). Consequentemente, a Bíblia faz distinção entre anjos bons e anjos maus, dependendo da obediência e serviço a Deus. Os

anjos verdadeiros declaram que somente Deus é digno de adoração e, portanto, se recusam a receber adoração dos homens.

Os demônios também são seres espirituais, porém a Bíblia não ensina claramente qual a origem deles. Algumas pessoas acreditam que os demônios são espíritos de pessoas mortas. Contudo, seria mais exato dizer que os demônios podem personificar pessoas mortas ao adquirirem forma corpórea que se parece com algum falecido. Muitas pessoas na África afirmam ter recebido mensagens de familiares falecidos por meio de visões ou até mesmo contato físico. Na verdade, muitos desses incidentes envolvem personificação de demônios.

Algumas pessoas sugerem que os demônios são filhos que nasceram do relacionamento sexual ilícito de anjos com mulheres antes do dilúvio. Contudo, Gênesis 6:2 oferece pouquíssima informação para sustentar essa ideia. O estudo das Escrituras sugere que os demônios eram anjos que seguiram Lúcifer em sua rebelião contra Deus (Is 14:12-15; Ez 28:11-19; Mt 25:41; 2Pe 2:4; Ap 12:7-9).

Os anjos são santos, mas os demônios são perversos e também chamados de espíritos imundos (Mt 8:28; Lc 10:17,20). A Bíblia diz que os anjos perversos ocupam territórios (Mt 8:28-34; At 16:16), são inteligentes (Mt 8:29; Mc 1:24) e poderosos (Mt 15:22; Mc 5:3-4; 9:22; Jo 10:21). Os anjos bons servem a Deus, mas os demônios servem a Satanás (líder dos demônios) a fim de frustrar os planos de Deus para sua criação. Eles se opõem a Deus e procuram desviar a adoração para si mesmos. Consequentemente, práticas como consultar os mortos, adorar e sacrificar a ídolos e ancestrais resultam em contato direto com os demônios (Dt 32:17; Ap 9:20). Esse tipo de adoração talvez até produza alguns resultados, pois os demônios têm poder para realizar milagres e mobilizar os reis da terra para lutarem contra o Senhor (Ap 16:13-14). Os demônios inspiram falsas doutrinas e oferecem conselhos mundanos totalmente sensuais e demoníacos (Ef 2:2; 1Tm 4:1; Tg 3:15).

Os demônios trabalham para impedir a obra de Cristo, provocando os seres humanos ao pecado e à desobediência a Deus. Também atormentam a humanidade (Mt 12:22-32; Mc 3:22-30; Lc 11:14-23) e procuram destruir as pessoas por meio de doenças; por exemplo, mudez (Mc 9:17), surdez (Mc 9:25), cegueira (Mt 12:22), convulsões (Mc 1:26; 9:20; Lc 9:39), paralisias ou deformações (At 8:7). Além disso, se opõem ao progresso espiritual do povo de Deus (Ef 6:12). Parece haver uma ligação entre atividades demoníacas e doenças mentais e físicas (Lc 13:11,16).

Contudo, nem todas as doenças podem ser atribuídas diretamente à atividade ou possessão demoníaca. Como resultado da queda e subsequente maldição, tudo (incluindo toda a criação, juntamente com os cristãos)

geme e aguarda a redenção completa que ocorrerá no retorno de Cristo (Rm 8:22-23).

A Bíblia ensina que as atividades demoníacas aumentam nos últimos dias (1Tm 4:1; Ap 16:13-14). Os cristãos podem, contudo, descansar no fato de que os tormentos de Satanás e seus demônios só podem nos atingir com permissão de Deus (Jó 1:12; 2:6; 2Co 12:7-10). O poder de Satanás e suas hordas são limitados por Deus.

A Bíblia também fala das “autoridades”. Paulo parece aplicar essa palavra a diferentes tipos de autoridades. Às vezes, o apóstolo se refere somente às autoridades humanas (Rm 13:1-3; Tt 3:1).

Outras vezes, porém, fala de hierarquias angelicais relacionadas a tronos e soberanias. Esses poderes estão subordinados a Deus e não devem ser adorados (Cl 1:15-16; 1Pe 3:22). Paulo também parece falar de outro grupo de poderes demoníacos chamados de “principados e potestades”, “dominadores deste mundo tenebroso” e “forças espirituais do mal” (Ef 6:12). Ao contrário dos demônios, que podem dominar indivíduos e atormentar os seres humanos em geral, esses poderes lutam contra o serviço e as orações dos cristãos. Todavia, esses poderes também estão sujeitos ao senhorio de Jesus Cristo, pois foi Deus quem os criou (Ef 1:20-22; Cl 2:10; Hb 1:4-14). Logo, esses poderes não são eternos como Deus. Antes, são finitos, não conhecem todas as coisas, não são onipresentes, não podem estar em dois lugares ao mesmo tempo e não se multiplicam ou aumentam em número.

Quais são as implicações teológicas disso para o cristão? Para começar, precisamos lembrar que anjos, demônios e autoridades são criaturas (Cl 1:15-16). Logo, não devem ser adorados. Somente Deus e Jesus Cristo merecem nossa adoração. A Escritura nos proíbe de adorar ou

confiar em outros seres espirituais (incluindo os espíritos dos ancestrais) ou em forças espirituais de bruxarias e poderes demoníacos canalizados por meio de encantos, amuletos e coisas desse tipo (Cl 2:18-19).

Embora Satanás continue agindo no mundo por meio de seus agentes, os cristãos africanos precisam lembrar que bruxarias, feitiços e toda forma de atividade demoníaca foram conquistados e destituídos de seus poderes por meio da morte e ressurreição de Cristo. Satanás e suas hordas foram derrotados e, portanto, não exercem nenhum poder sobre a vida dos cristãos e da igreja de Cristo (Cl 2:15). Logo, os cristãos não precisam temê-los. Mesmo assim, uma vez que sabemos de seus planos para nos destruir, não devemos nos envolver com práticas ou coisas que nos exponham ao poder dos demônios. Pelo contrário, devemos nos opor a tudo isso.

Entretanto, como se opor aos demônios? Certamente não com armas humanas, pois estas são inúteis na guerra espiritual (2Co 10:3-6). Precisamos de armas e armaduras espirituais, se quisermos nos esquivar das artimanhas de Satanás (Ef 6:10-18). Protegidos pela armadura espiritual poderemos derrotar demônios, bruxarias, feitiços e qualquer outra cilada que os demônios usem contra nós. Devemos empunhar a “espada do Espírito, que é a palavra de Deus” e declarar nossa proteção sob o sangue de Cristo (Cl 2:15; 1Jo 3:8; Ap 12:11). Mais que isso, temos a nosso dispor miríades de anjos para lutar ao nosso lado e nos proteger das armadilhas de Satanás. Conforme nos defrontarmos com poderes demoníacos em nossa peregrinação cristã, devemos enfrentá-los como vencedores, pois Cristo alcançou a vitória sobre todo o mal por meio de seu sangue.

James Nkansah-Obrempong

da vinda do Messias. Agora, porém, os colossenses desfrutavam a realidade de Cristo e não precisavam de mais nada. Logo, por que se preocupar com sombras?

Havia práticas e falsas doutrinas religiosas que poderiam estar relacionadas a elementos pagãos. Essas doutrinas podem incluir falsa *humildade* e *culto dos anjos* (isto é, culto ao panteão de deuses das religiões pagãs) (2:18). Paulo condena o legalismo que pode conduzir à perdição e qualquer prática baseada em ascetismo (controle rigoroso do corpo) (2:20-23). Os cristãos de Colossos, quer judeus quer gentios, precisam destruir essas doutrinas e práticas e receberem a plenitude do conhecimento de Cristo.

Muitos cristãos africanos herdaram o legalismo das antigas religiões africanas que proibiam muitas coisas e impunham várias restrições. Tragicamente, esses cristãos ainda continuam se submetendo a essas proibições que não têm nenhuma base bíblica. Tais pessoas estão se privando da liberdade que Jesus concede a todos aqueles que o seguem.

### 3:1—4:1 Vivendo em Cristo

#### 3:1-17 Santidade pessoal e em comunidade

Paulo vem falando da plenitude de Cristo, de sua supremacia e soberania, e também da reconciliação, esperança e vida que Cristo oferece. Também fez severas advertências contra a heresia. Agora, porém, o apóstolo passa a tratar na prática de como devem viver homens e mulheres que foram reconciliados com Deus.

#### 3:1-4 Buscar a cidade celestial

A primeira recomendação prática de Paulo aos cristãos é: *buscai as coisas lá do alto* (3:1a). Outras traduções oferecem “continuem buscando” em lugar de “buscai”. De qualquer modo, a ordem envolve um esforço consciente para manter nossa atenção nas coisas de Deus e nas realidades celestiais reveladas em Cristo, e não nas coisas que parecem importantes nesta vida (3:2-3). Afinal, os cristãos não

pertencem a este mundo, pois morreram para o mundo e foram *ressuscitados juntamente com Cristo* quando saíram das águas do batismo (cf. comentários sobre 2:12).

Paulo está dizendo que pensar nas coisas de Cristo afetará o modo em que vivemos aqui. Contudo, o apóstolo também escreve sobre o futuro retorno de Cristo, que, no momento, está *assentado à direita de Deus* (3:1b). Os colossenses devem se preparar para a completa manifestação da glória de Cristo, da qual compartilharão (3:4). Essas realidades não são visíveis porque são espirituais, porém são verdadeiras e duradouras, e poderemos contemplá-las quando entrarmos na cidade celestial, objeto da esperança cristã.

### 3:5-11 *Morte à natureza terrena*

A palavra “pois” nessa segunda recomendação de Paulo: *Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena* (3:5), sugere uma forte ligação entre essa recomendação e a anterior. É como se Paulo estivesse dizendo: “Uma vez que vocês morreram e ressuscitaram com Cristo, é possível matar tudo aquilo que sua natureza terrena os induz a fazer”. Os colossenses devem realizar um esforço especial para se libertarem de uma vez por todas daquilo que pertence ao mundo. Devem se libertar da tirania da carne e das exigências que esta faz ao corpo.

A fim de ajudá-los a identificar as coisas que fazem parte da natureza terrena, Paulo escreve duas listas com cinco pecados em cada uma. A primeira lista começa citando os pecados sexuais mais indecentes: *prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno*, porém o apóstolo nos surpreende ao terminar citando *a avareza, que é idolatria* (3:5). A avareza é um pecado sutil que tendemos a negligenciar, porém Paulo salienta que o apego obsessivo às coisas materiais, especialmente ao dinheiro, é equivalente à idolatria.

Assim como naquela época, hoje muitos pecados têm origem no desejo por sexo e dinheiro. Esses pecados, Paulo explica, são coisas típicas de outro *tempo, quando vivíeis nelas* (3:7). Esses pecados provocam a ira de Deus. As pessoas que se entregam a eles não conhecem Cristo e simplesmente seguem seu próprio caminho.

A segunda lista chama atenção para os pecados que danificam os relacionamentos humanos: *ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena* (3:8). São pecados relacionados com a língua. Palavras ditas sem pensar podem destruir coisas preciosas. Ataques verbais contra a dignidade humana colocam as pessoas no mesmo nível dos animais. Paulo salienta que todos esses pecados (incluindo a mentira, mencionado separadamente) estão associados ao *velho homem* (3:9). O velho homem deve ser eliminado como parte da circuncisão espiritual que os colossenses experimentaram (2:11) e substituído pelo *novo homem* que se renova pelo conhecimento daquele que o criou (3:10).

Conforme vão se libertando de sua natureza terrena, os colossenses começarão a recuperar em si mesmos a ima-

gem do Criador, conforme ocorreu no início da criação (Gn 1:26). Essa imagem foi manchada e distorcida pelo pecado, porém agora está sendo restaurada em Cristo. O indivíduo que passa por esse processo de restauração é capaz de superar os preconceitos raciais, sociais e religiosos que separaram os gregos dos judeus, os circuncisos dos incircuncisos, os estrangeiros dos nativos, os escravos dos livres (3:11). Os contemporâneos de Paulo consideravam o povo citado como caipiras culturalmente atrasados. Em Cristo, porém, todos são iguais e membros da mesma comunidade cristã. Esse texto é bastante relevante para a África, onde ainda persistem conflitos étnicos, até mesmo entre cristãos.

### 3:12-14 *Cultivar as virtudes*

Em sua terceira recomendação, Paulo chama os colossenses de *eleitos de Deus, santos e amados* (3:12a). É como se Paulo os estivesse lembrando da capacidade que possuem de demonstrar as qualidades que caracterizam os filhos de Deus: *ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade* (3:12b). A expressão “ternos afetos de misericórdia” significa possuir amor no íntimo de nosso ser. Que contraste entre essa lista e a lista de pecados que o apóstolo acabou de relatar!

Ao pedir-lhes: *Revesti-vos* de virtudes, Paulo emprega a metáfora do ato de vestir roupas. Anteriormente, Paulo lhes disse: “vos despistes do velho homem” (3:9). Agora precisam revestir-se do novo homem. Em outras palavras, o apóstolo está dizendo: “Se vocês não removerem essas roupas espirituais manchadas pelo pecado e que os identificam como inimigos de Deus e de outras pessoas, então não poderão vestir as magníficas roupas que caracterizam o cristão”.

As virtudes cristãs restaurarão os relacionamentos humanos. Contudo, só podem ser demonstradas se estivermos dispostos a perdoar uns aos outros quando falhamos. Perdoar os outros muitas vezes parecerá impossível, mas só até lembrarmos que nós também fomos perdoados pelo Senhor (3:13). Paulo salienta novamente que o povo escolhido de Deus precisa se esforçar para amar uns aos outros (3:14).

### 3:15-17 *Edificação mútua e gratidão*

Paulo estabelece uma ligação estreita entre perdão, amor e paz. Perdão e amor produzem paz, e a paz nos leva a realizar boas obras e agradar a Deus (3:15a). O amor é demonstrado na edificação mútua por meio da *palavra de Cristo* (3:16a). Paulo insiste na importância da palavra, sem a qual não é possível haver crescimento espiritual. Ensinados e advertidos por Paulo por meio da palavra (1:5,25,28), os colossenses devem por sua vez ensinar e advertir os outros. É dessa forma que alcançarão o pleno conhecimento (1:9).

Paulo também encoraja os colossenses a agradecerem a Deus (3:15b). Não é a primeira vez que lhes pede isso, uma vez que Deus tem feito muitas coisas a favor dos co-

lossenses (cf. 1:12). Porém, é a primeira vez que o apóstolo pede que agradeçam ao Senhor por meio de canções (3:16b). Paulo menciona três tipos de cânticos: *salmos* (que os judeus vêm cantando há muito tempo para glorificar a Deus), *hinos* (canções compostas pelos primeiros cristãos e utilizadas em suas liturgias) e *cânticos espirituais*. Não está claro o que eram esses “cânticos espirituais”. Alguns pensam que Paulo está se referindo ao cantar em línguas (semelhante ao falar em línguas). Outros consideram esses cânticos semelhantes aos hinos que cantamos juntos em nossas igrejas atualmente. Seja como for, o importante aqui é saber que as ações de graças devem ser manifestadas com sinceridade. A vida cristã deve ser caracterizada por gratidão e ações de graças em tudo aquilo que fazemos e dizemos (3:17).

### 3:18—4:1 Santidade na família

Após tratar da santidade na família de Deus, isto é, na igreja, Paulo agora trata da santidade na família cristã, isto é, em nosso lar. No contexto dessa carta, a família é considerada como pai, mãe, filhos e servos. Essa estrutura é semelhante às nossas famílias na África atualmente. O conselho do apóstolo a cada grupo é mais resumido que suas admoestações em Efésios 5:21—6:9, possivelmente porque, conforme sugerido na introdução, a carta de Efésios também deve ter sido apresentada na igreja de Colossos.

Paulo inicia falando sobre a esposa porque ela é o coração do lar. Os colossenses teriam concordado com nossa crença africana de que um lar sem esposa não é um lar completo. Em relação ao seu papel na estrutura da família, Paulo aconselha que a esposa seja submissa ao marido porque sem essa submissão a vida em família se torna insustentável: não se sabe quem é o líder, o marido ou a esposa, os pais ou os filhos. Um provérbio malgaxe declara com propriedade: “um animal sem cabeça não anda”. Uma família sem um líder não tem vida.

Infelizmente, o conceito bíblico de submissão é mal compreendido em algumas sociedades. Muitas mulheres têm de viver sob o controle de um marido tirano, de modo que sua dignidade como criatura formada à imagem de Deus fica distorcida. A submissão da esposa, de acordo com a Bíblia, é uma disposição em reconhecer a autoridade do marido, o chefe da família. Ela deve saber que sua submissão é a mesma submissão praticada por todos os cristãos, *como convém no Senhor* (3:18). Não há necessidade de a esposa buscar orientação na sociedade moderna ou tradicional.

Com relação aos maridos, Paulo fornece dois mandamentos: *amai [...] e não as trateis com amargura* (3:19). No exercício de sua autoridade como chefe da família, é possível que o marido deixe de mostrar amor por sua mulher, situação que pode causar amargura e levar a esposa à passividade ou desespero.

As crianças também devem obedecer aos pais (3:20), que segundo o NT significa ouvir com atenção e colocar

em prática o que eles ensinam. A obediência deve abranger todas as áreas da vida enquanto forem crianças. Obediência é um mandamento do Senhor (Êx 20:12), de modo que a criança que obedece aos pais está agradando a Deus.

Em seguida, Paulo aconselha os pais (3:21). Contudo, a palavra “pais” aqui não se refere ao pai e a mãe, pois a palavra grega no original se refere ao pai. O homem como marido tem responsabilidades em relação à esposa; e, como pai, possui responsabilidade em relação às crianças. Novamente, é uma questão de autoridade. Se o pai exercer sua autoridade de modo incorreto, poderá levar as crianças ao desânimo. O papel dos pais, especialmente do pai, deve ser providenciar educação. O objetivo do pai ao corrigir os filhos é educá-los, e não apenas puni-los.

Paulo também aconselha os servos, pois esses também eram parte da família. A palavra que Paulo emprega para “servos” é geralmente traduzida por “escravos”. No contexto dessa carta, porém, a palavra “servo” se encaixa melhor. Os servos eram homens e mulheres que serviam a seus senhores em casa ou no campo. No mundo pagão, eram pessoas que possuíam pouquíssima liberdade, e não lhes era permitida a posse de bens. O conselho de Paulo aos servos deixa claro que o apóstolo não os considerava uma classe inferior de seres humanos. Pelo contrário, possuíam a mesma dignidade que todos os outros membros da família.

A recomendação aos servos é mais longa, possivelmente porque se trata de um assunto delicado. Paulo chama atenção para o fato de que os servos possuem dois senhores: seus senhores humanos, a quem servem aqui na terra por tempo limitado, e o Senhor, a quem servirão pela eternidade. Paulo os aconselha a servirem seus senhores humanos *temendo ao Senhor*, e não apenas com o fim de agradá-los (3:22). Se o servo pensar que seu comportamento está somente sob a avaliação de seu senhor aqui na terra, correrá o risco de tornar-se hipócrita e servir somente quando está sendo vigiado. Contudo, sua atitude será muito diferente se estiver ciente de que terá de prestar contas de seu comportamento a Deus. Desse modo, seu senso de responsabilidade o levará a servir com sinceridade (3:23), e o próprio Deus recompensará seu serviço. Além disso, participarão da herança celestial (3:24). As palavras de Paulo deixam claro que os servos possuem a mesma esperança que todos os outros cristãos em Cristo, uma vez que Jesus não faz nenhuma distinção entre grupos humanos (3:11).

No entanto, que dizer sobre senhores injustos que exploram seus servos? Esses senhores também prestarão contas a Cristo, Senhor de todos os senhores, e Jesus fará justiça (3:25). Os servos serão recompensados pelo serviço sincero, porém toda injustiça, quer praticada por servos, quer por senhores, será punida. Não importa a qual grupo social pertençam, todos são iguais perante a justiça de Deus.

Paulo volta a tratar dos homens. Que responsabilidade enorme pesa sobre os ombros de maridos, pais e patrões. O conselho de Paulo é simples: os patrões devem exercer

autoridade sobre seus servos *com justiça e com equidade*, isto é, de acordo com as leis que governam o relacionamento entre eles, desde que essas leis não conflitem com a lei de Deus (4:1). Os patrões cristãos devem inclusive ir além dos requisitos jurídicos terrenos, pois, se tiverem os olhos fixos nas coisas celestiais, perceberão que terão de dar satisfação perante Deus, Senhor dos senhores, sobre como trataram seus servos.

Paulo não era um militante político atacando a estrutura social de sua época. Antes, por meio de seus conselhos, procurou tratar de problemas sociais que surgiram devido à fraqueza humana e cujos resultados manifestavam-se em abuso de poder, tirania e ditadura. Ao determinar o lugar de cada membro da família e lembrá-los de suas responsabilidades, Paulo revelava a harmonia que deve caracterizar uma família cristã. Essa harmonia pode se tornar a base de uma sociedade alternativa.

#### 4:2-18 Conclusão

Paulo geralmente encerra suas cartas com pequenos conselhos. Nessa carta, o apóstolo fala especificamente da importância da oração e da gratidão na vida dos colossenses a fim de que o evangelho possa ser proclamado em todo lugar (4:2-3). O fato de Paulo estar preso não diminui seu desejo de proclamar o *mistério de Cristo*. Que paradoxo! Será que a prisão oferece mais oportunidade para pregar o evangelho?

O conselho para os colossenses portarem-se *com sabedoria para com os que são de fora* também é fornecido com vista à proclamação do evangelho pelos colossenses, tanto em suas palavras como por meio de seu comportamento (4:5-6).

Paulo também fala sobre cooperadores. Seus comentários revelam que o apóstolo considerava-se parte de uma equipe e conhecia muito bem cada membro dessa equipe. Tíquico, assim como Epafras, era *fiel ministro, e conserva*

*no Senhor* (4:7). Tíquico realizava o mesmo trabalho que Epafras, pois também era um mensageiro (1:7). Paulo faz um adendo a fim de mencionar quanto Epafras, bastante conhecido dos colossenses, se importava e trabalhava a favor deles e de outros cristãos da região (4:12-13).

Menciona que seus cooperadores têm nacionalidades diferentes. Marcos, Barnabé e Justo parecem ter sido os únicos judeus mais próximos de Paulo naquele momento. Aristarco, Epafras, Lucas e Demas eram todos gentios (4:10,14). Gradualmente, Paulo passará a trabalhar cada vez mais com os gentios convertidos. A igreja começava a adquirir sua natureza universal.

O apóstolo estimula a comunhão entre as comunidades cristãs de Roma e Colossos e cidades adjacentes. Esse estímulo ocorre por meio da comunicação de notícias e saudações dos cristãos de Roma ou de cristãos que estavam de passagem por Roma (4:10-14) e também ao pedir notícias e enviar saudações específicas aos cristãos em Colossos e Laodiceia (4:16-17).

As palavras finais de Paulo são: *Lembrai-vos das minhas algemas* (4:18). O apóstolo havia mencionado sua prisão em 4:3. Seu propósito não é avisá-los para que evitem o mesmo destino, mas lembrá-los de que precisa de suas orações: não por libertação, mas por capacidade para continuar a “dar pleno cumprimento à palavra de Deus” (1:25).

Solomon Andria

#### Leituras adicionais

HENDRIKSEN, William. *Exposition of Galatians, Ephesians, Philippians, Colossians, and Philemon*. Grand Rapids: Baker Book House, 2002.

O'BRIEN, Peter T. *Colossians, Philemon*. WBC. Waco, Tex: Word, 1982.

WRIGHT, N. T. *The Epistles of Paul to the Colossians and to Philemon*. TNT. Leicester InterVarsity Press/Grand Rapids; Eerdmans, 1986.



# 1 TESSALONICENSES

Esta parece ter sido a primeira das cartas de Paulo, escrita provavelmente de Corinto entre 49 e 54 d.C. É endereçada aos novos crentes da cidade de Tessalônica. Embora Paulo e seus companheiros tenham permanecido por menos de um mês na cidade (At 17:1-9), uma igreja pujante logo nasceu ali. No entanto, aqueles crentes estavam sofrendo perseguição, e Paulo lhes escreve esta carta num tom íntimo e amigável para oferecer conforto e instrução. Ele os elogia por permanecerem firmes e por seu testemunho, e os encoraja a continuar, sustentados pela esperança da volta de Cristo.

## Esboço

1:1 Saudações

1:2-10 Oração e ação de graças

2:1-12 O ministério de Paulo em Tessalônica

2:13-16 O testemunho de Paulo em relação à igreja

2:17-20 O desejo de Paulo

3:1-13 O cuidado pastoral de Paulo

4:1-12 A conduta cristã

4:1-2 Prioridade em agradar a Deus

4:3-8 Viver uma vida santa

4:9-12 Amor e cuidado pelos companheiros cristãos

4:13-18 A ressurreição

5:1-11 O Dia do Senhor

5:12-22 Vida comunitária

5:23-28 Conclusão

## COMENTÁRIO

### 1:1 Saudações

A carta inicia com os nomes daqueles que a enviam: *Paulo, Silas e Timóteo* (1:1a). Como líder, Paulo sabia quão importante é encorajar um espírito de grupo. Alguns provérbios

africanos nos lembram que não se pode apanhar uma mosca ou tocar um tambor com apenas um dedo. Todos precisavam estar envolvidos no toque do tambor que proclamaria a mensagem de Jesus Cristo.

A carta é endereçada à *igreja dos tessalonicenses* (1:1b), isto é, ao povo da cidade de Tessalônica que havia aceitado a oferta de salvação feita por Deus, crendo em Cristo Jesus, o Salvador e Senhor do mundo.

A saudação *graça e paz* (1:1c) representa uma fórmula padronizada, assim como *shalom* ("paz") o é hoje em dia. Para Paulo, no entanto, essas palavras carregam um significado teológico adicional. Todos os seres humanos são pecadores e merecem apenas a morte, mas Deus graciosamente nos alcançou, enviando seu Filho divino para receber a condenação que merecíamos (Rm 5:15-19). Todos aqueles que aceitam a salvação em Cristo Jesus são graciosamente declarados justos por Deus. Seria de estranhar que Paulo desejasse que os tessalonicenses continuassem a experimentar essa graça?

A graça divina reconcilia o povo com o próprio Deus e essa reconciliação restabelece a paz entre Deus e a pessoa salva por Cristo (Rm 5:11). Portanto, graça e paz pertencem uma à outra.

### 1:2-10 Oração e ação de graças

Paulo agradece a Deus por três virtudes cristãs que podem ser vistas nos tessalonicenses (1:2): fé, amor e esperança (1:3; cf. tb. Rm 5:2-4). Essas virtudes são a prova de sua maturidade espiritual.

O poder do Espírito deveria ser tão óbvio na vida daqueles que foram nascidos de novo como o era na vida dos crentes de Tessalônica. Eles haviam experimentado a autoridade que o Espírito Santo confere à palavra falada quando se converteram (1:4-5). Sua alegria na mensagem do evangelho, conferida pelo Espírito, capacitou-os a suportar a perseguição, seguindo o exemplo de Paulo e do Senhor Jesus (1:6). Eles se haviam tornado modelo para todos os crentes dentro e fora de seu país (1:7-8).

Os crentes de Tessalônica sem dúvida tinham experimentado uma conversão completa, pois haviam abandonado seus ídolos e deuses pagãos, cujo culto era um serviço da carne, e passado a servir o *Deus vivo e verdadeiro* que agia poderosamente entre eles (1:9; cf. tb. Gl 5:19-20).

Hoje, muitos dos assim chamados cristãos não tiveram tal experiência de conversão. Continuam a praticar a idolatria e a confiar em coisas como fetiches, dinheiro, riquezas e espíritos. Discretamente, consultam adivinhos e astrólogos. Praticam a magia. Tais pessoas podem ser realmente

consideradas discípulos de Jesus Cristo? Os cristãos não têm necessidade de continuar a recorrer a ídolos. O Jesus a quem todos os crentes receberam dá a cada um de nós o Espírito de poder (2Tm 1:7).

A conversão dos tessalonicenses significava também que eles estavam esperando a volta de Jesus, o ressurreto, *que nos livra da ira vindoura*. Ele nos resgatou morrendo na cruz como reparação, ou oferta pela culpa, de modo que pudéssemos ser justificados (1:10).

Muitos daqueles que frequentam nossas igrejas precisam ser encorajados a abandonar definitivamente o sincretismo pelo qual misturam crenças cristãs e pagãs. Muitos pensam que apenas conviver frequentemente com os cristãos é suficiente para torná-los filhos de Deus. Um provérbio da África ocidental, no entanto, nos lembra que: “Uma vara num pântano nunca se transformará num crocodilo”. É necessária uma conversão genuína para operar a mudança radical de vida que transforma os cristãos naqueles que esperam com confiança o retorno glorioso de Jesus Cristo.

## 2:1-12 O ministério de Paulo em Tessalônica

Paulo relembra aos tessalonicenses que, antes de visitá-los, seu grupo havia sido perseguido em Filipos (At 16:19-40). Aquela experiência não os havia deixado temerosos demais para pregar em Tessalônica, embora eles tivessem sido atacados ali também (2:2; At 17:1-9). Eles estavam motivados por sua convicção de que aquilo que proclamavam era a verdade (2:3). Deus lhes havia confiado a tarefa de proclamar o evangelho, e eles trabalhavam para agradar ao Senhor, e não às outras pessoas (2:4,6). Consequentemente, Deus havia abençoado sua pregação com sucesso (2:1). Paulo não se demora nas dificuldades encontradas em Tessalônica porque tais problemas não eram incomuns. O próprio Senhor havia sofrido perseguição durante seu ministério terreno e declarado aos discípulos que eles também deveriam esperar por isso (Jo 15:20).

No decorrer daquela visita, Paulo e seus companheiros haviam demonstrado fé por meio de sua conduta (2:5). Tinham trabalhado com afinco a fim de prover o necessário para suas próprias necessidades e também para poder ajudar a outros (2:9; cf. tb. Ef 4:28). Em nosso contexto de pobreza e altas taxas de desemprego, tornar-se pastor pode ser apenas uma maneira de ganhar a vida. Essa noção está completamente errada e põe a igreja em perigo. Nosso motivo para pregar não deve ser financeiro! Somos chamados a servir a Deus com abnegação e a confiar nele para suprir nossas necessidades. Em alguns casos, ele o faz dando-nos a capacidade de trabalhar com nossas próprias mãos. Podemos assim sustentar a nós mesmos e, ao mesmo tempo, continuar a cumprir a tarefa para a qual Deus nos chamou.

O grupo de Paulo estava preocupado em que o comportamento deles próprios não desse razão para queixas, nem fosse um obstáculo para que alguém deixasse de ouvir o

evangelho (2:10). Os pregadores devem ser modelos na palavra e na conduta (1Tm 4:12). O ditado “Faça o que eu digo e não o que eu faço” não tem lugar nessa vocação. Servimos a um Deus santo e justo, e nossa vida, assim como a vida de todos os cristãos, deve refletir esse fato. Deus nos justificou e se ocupa em santificar-nos por meio do trabalho contínuo do Espírito Santo.

Mas Deus não é apenas santo; é também amor. Nossa vida deve refletir essa verdade também. O amor de Paulo pelos tessalonicenses era tão carinhoso quanto o de uma mãe por seus filhos pequenos (2:7-8) e tão profundo quanto o de um pai que encoraja, conforta e exorta seus filhos (2:11).

Paulo confortou os novos cristãos que enfrentavam provações e os exortou a viver de modo conforme aos ensinamentos da palavra de Deus (2:12). Eles podiam seguir o exemplo que ele e seu grupo haviam estabelecido. Os tessalonicenses já eram participantes da glória de Deus e cidadãos de seu reino, mas Deus também os estava chamando para viver como cidadãos de um reino pleno que viria no futuro.

## 2:13-16 O testemunho de Paulo em relação à igreja

Paulo agradece a Deus o fato de que o trabalho de seu grupo não havia sido em vão, pois os tessalonicenses tinham recebido bem a mensagem pregada como sendo a palavra de Deus (2:13). Também demonstravam seus frutos de maneira tão positiva que se transformaram em modelo para outros (1:7). A Bíblia enfatiza repetidas vezes que não é suficiente ouvir a palavra; ela deve ser aceita pela fé (Mc 4:3-20). A palavra semeada em Tessalônica caiu em solo fértil.

Paulo muda da gratidão para a crítica àqueles que se opunham ao evangelho. Compara o sofrimento dos tessalonicenses àquele experimentado pelas igrejas da Judeia (2:14). Os judeus estavam perseguindo os cristãos e se opondo à pregação do evangelho aos gentios. Agiam, assim, como inimigos de Deus e de seu povo. Paulo os acusa de cinco erros específicos: a) matar a Jesus e aos seus profetas (At 2:36), b) perseguir Paulo e seus companheiros, c) desagradar a Deus, d) ser adversários de todos os homens, e por fim e) impedir a evangelização (2:15-16). O apóstolo coloca o crime contra Jesus em primeiro lugar para enfatizar sua importância. O que os missionários cristãos estavam sofrendo era semelhante ao tratamento suportado pelos profetas judaicos do passado. A perseguição, entretanto, não interrompeu e não interrompe o trabalho de Deus. De fato, a perseguição à jovem igreja significava a prova da autenticidade de sua fé. Aquilo que eles estavam padecendo não era diferente do que os primeiros cristãos da Judeia haviam experimentado.

Muitos novos cristãos suportam perseguição quando abandonam práticas tradicionais ancestrais. A perseguição

## FUNERAIS E RITOS DE ENTERRO

A morte é uma realidade sempre presente. Cada cultura deve responder a ela de maneira que permita aos sobreviventes recobrar-se do trauma da perda e viver com esperança.

Um funeral africano é um evento muito social. Um funeral privado seria uma anormalidade. O apoio vem dos vizinhos, colegas de trabalho, companheiros da igreja e de parentes. O funeral de um cristão pode muitas vezes tornar-se uma reunião de crentes há muito tempo separados. Os funerais cristãos também envolvem o cântico de muitos hinos e coros, frequentemente incluindo o salmo 23. Outros rituais podem implicar a suspensão de abluções para parentes próximos, especialmente as mulheres, e o raspar da cabeça para expressar respeito pelo morto.

O moderno funeral urbano, embora emocionalmente confortador, pode não obstante ser financeiramente pesado para a família enlutada. Eles precisam alimentar os lamentadores e comprar uma sepultura e um caixão que honre adequadamente o morto. Os parentes de áreas rurais talvez tenham de tomar dinheiro emprestado para vir ao funeral, e os parentes da cidade terão a responsabilidade de financiar sua viagem de volta e o empréstimo que fizeram. Consequentemente, à medida que as mortes aumentam, os funerais estão tornando-se um fardo economicamente penoso para muitos. Felizmente, a solidariedade africana se reflete no fato de que muitas pessoas contribuem para aliviar esse fardo, à medida que essa sugestão é feita por ocasião do ofício do sepultamento.

Os funerais africanos são também caracterizados por expressões emocionais explícitas e comunitárias. Não existe nenhum sentimento de apologia por expressões de lamentação e pela dramatização da dor pessoal. Apenas as expressões mais extremas de lamentação, que poderiam prejudicar o lamentador, seriam restringidas. Algumas vezes, a pessoa menos emocional poderá até mesmo sentir-se pressionada a expressar mais emoção para que seu amor pelo falecido não seja posto em dúvida.

Algumas vezes, cristãos mal informados tentam proibir outros cristãos de chorar, esquecendo que a Bíblia não nega as emoções do pesar e do luto. José, um homem de fé, "se lançou sobre o rosto de seu pai, e chorou sobre ele, e o beijou" quando de sua morte (Gn 50:1). As pessoas são muitas vezes apresentadas chorando e mesmo se lamentando em alta voz na Bíblia (cf. Mc 5:38; Lc 8:52; At 9:39). Em nenhuma ocasião esse lamento é condenado. Os excessos são certamente mal-vistos, mas a expressão de tristeza é esperada.

Ao contrário dos não crentes, os cristãos se lamentam com uma esperança enraizada na ressurreição de Jesus

Cristo (1Ts 4:13-18). Sua ressurreição dá aos cristãos a certeza de uma futura ressurreição do corpo para a vida eterna. Assim sendo, embora amigos e parentes possam lamentar a ausência da pessoa, o cristão morto pode certamente ser descrito como alguém que dorme.

Tradicionalmente, o enterro é considerado um método para se desfazer dos restos mortais. A cremação tende a ser associada ao hinduísmo, embora não haja nenhum fundamento bíblico para afirmar que um crente não deva ser cremado. Normalmente, o funeral ocorre assim que os parentes consigam reunir-se e finalizar os arranjos, o que, em áreas rurais, se dará no dia da morte ou no dia seguinte. É importante que os parentes participem fisicamente do enterro do morto, embora com frequência sua participação seja ritualizada.

Alguns rituais associados ao enterro refletem algum tipo de medo do morto. Na Zâmbia, por exemplo, o morto deve ser enterrado com a cabeça apontando na direção certa, para prevenir que ele retorne para assombrar os vivos. O enterro pode ser seguido de outros rituais destinados a proteger os vivos, tais como: atravessar a casa funerária ou lavar-se com água curativa antes de se dispersarem. Muitas tribos têm uma cerimônia de herança pela qual o nome e o *status* do morto são transmitidos a algum parente escolhido. Proteção ritual da viúva ou viúvo é comum, e a viúva algumas vezes é herdada por um parente do marido morto. O ritual de purificação pode até mesmo exigir que o cônjuge sobrevivente tenha relação sexual com um parente do morto com o objetivo de proteger a ele ou a ela da possibilidade de o espírito do morto voltar à procura de união sexual, o que se crê ser possível e perigoso. O ritual de purificação é também uma maneira de libertar o cônjuge sobrevivente, de modo que ele ou ela possa entrar em novos relacionamentos sexuais com a bênção da família do parente morto. Em razão do poder espiritual e psicológico de tais rituais, os cristãos não devem simplesmente bani-los, mas ponderadamente e com sensibilidade substituí-los por rituais alternativos que poderão atender às necessidades espirituais e psicológicas do temeroso viúvo ou viúva.

A maior parte do que a Bíblia diz sobre lamentação e enterro descreve o que era feito em determinada cultura, e não representa uma prescrição do que deve ser praticado. No AT, um enterro decente era considerado uma bênção, e sua ausência, um sinal do julgamento de Deus. O enterro era também o procedimento-padrão para lidar com o morto. As únicas exceções ocorriam quando a morte se dava num país estrangeiro onde o enterro era precedido pela preservação do corpo. Nesse caso, o corpo de Jacó e o de José foram embalsamados e transportados para Israel a fim de serem enterrados (Gn 49:29— 50:14; 50:24-26). O único incidente de queima descrito dificilmente pode ser considerado cremação

como entendemos o termo atualmente. A queima dos corpos de Saul e seus três filhos (1Sm 31:11-12) implicou o resgate e a remoção de corpos mutilados e a decomposição no contexto de um conflito militar.

No AT, o lugar preferido para o enterro era uma sepultura familiar. Assim, vemos Abraão providenciando uma propriedade para ser usada como sepultura (Gn 23:4,9-10), e Jacó deixando instruções para o seu sepultamento (Gn 49:29-33). Essa tradição, entretanto, não foi nem

continuada nem encorajada no NT. O Senhor Jesus Cristo foi enterrado numa tumba pertencente a outro homem (Mt 27:57-61). Muitos de seus discípulos morreram “nos confins da terra” para onde haviam ido, em obediência ao seu mandado (Mt 28:19; Atos 1:8). O máximo que se pode pedir dos cristãos é que a morte deve ser prevenida (prevista) e que os preparativos devem ser feitos com antecedência.

Joe Simfukwe

é particularmente severa nas áreas muçulmanas. Alguns até mesmo se tornam mártires em razão de sua fé.

### 2:17-20 O desejo de Paulo

Embora Paulo não pudesse estar fisicamente ao lado dos tessalonicenses, seus pensamentos estavam sempre com eles (2:17). Ele tentara voltar para vê-los novamente, mas Satanás havia frustrado seus planos (2:18). O diabo sempre coloca obstáculos para o progresso do reino de Deus na terra e tenta atrapalhar as boas obras dos servos de Deus. O trabalho missionário nem sempre é fácil. Há constantes desafios. Todavia, Deus deseja que participemos do cumprimento de sua obra, e, portanto, devemos persistir nela alegremente.

Parte da alegria de Paulo residia no fato de saber que tanto ele quanto todos os outros crentes haviam sido libertados da culpa de seu pecado e justificados em Cristo Jesus. Assim, podiam olhar para a frente, para a segunda vinda de Cristo, quando este os recompensaria por tudo o que haviam feito por ele. A recompensa, ou coroa, a que Paulo mais aspirava era ver aqueles a quem ele conduzira à salvação celebrando com ele o retorno do Senhor (2:19). Que belo incentivo para continuar trabalhando para obter a glória que virá (Fp 3:12-14; 1Tm 6:12)!

### 3:1-13 O cuidado pastoral de Paulo

Impossibilitado de visitar pessoalmente os crentes de Tessalônica, Paulo decidiu enviar-lhes Timóteo para fortalecê-los (3:1-2). A partida forçada dos missionários e a oposição que a jovem igreja enfrentava, sem dúvida, representaram um teste para sua fé, embora eles tivessem sido avisados de que tais testes fariam parte da vida cristã (3:3-4).

Paulo, entretanto, temia que o tentador conseguisse tirar vantagem dessas adversidades para destruir a fé dos tessalonicenses (3:5). O relato de Timóteo sobre os crentes tessalonicenses, no entanto, trouxe descanso a seu coração (3:6). O informe de que sua fé estava sólida e de que eles estavam crescendo em maturidade foi um grande encorajamento (3:7-8), levando Paulo a louvar a Deus por eles e orar para que Deus continuasse a fortalecer sua fé. As *deficiências* de sua fé seriam supridas quando eles encontrassem Paulo face a face e fossem encorajados por sua presença e por seu ensino (3:9-10).

A tarefa de disciplinar deve seguir-se à evangelização. Envolve ensinar os novos convertidos a respeito de sua nova vida como filhos de Deus e educá-los para viver como discípulos preparados para a vinda do Senhor. Como pastor, Paulo estava profundamente envolvido com a necessidade de proporcionar-lhes tal treinamento, e esta é a razão pela qual ele dava tanta importância à visita de Timóteo a Tessalônica. Os líderes da igreja na África deveriam aprender com seu exemplo. A igreja aqui está cheia de crentes novos e batizados recentemente, mas com muita frequência os líderes não investem tempo em treiná-los de modo que possam tornar-se perseverantes discípulos de Jesus Cristo.

O amor de Paulo pelos tessalonicenses e seu desejo de encontrá-los tornam-se claros em sua oração em 3:11-12. O apóstolo orava também para que eles continuassem a crescer cada vez mais fortes na fé, de modo que fossem inculpáveis na volta do Senhor (3:13).

### 4:1-12 A conduta cristã

Paulo dá em seguida algumas diretrizes sobre como eles poderiam desenvolver essa vida inculpável pela qual ele havia orado.

#### 4:1-2 Prioridade em agradar a Deus

Paulo enfatiza a importância do que está prestes a dizer usando dois verbos: *Nós vos rogamos e exortamos* a viver de modo piedoso (4:1). O desejo de viver de uma maneira que agrade a Deus deve ser a principal motivação na vida de todos os crentes. Devemos estar mais preocupados em receber a aprovação de Deus do que em obter a aprovação de outras pessoas. Muitos podem apresentar essa atitude imediatamente após a conversão, mas ela logo enfraquece. Isso não deve acontecer. Nosso desejo de agradar a Deus deve ser constante e crescente, tanto no que diz respeito à qualidade quanto à quantidade de nosso serviço.

Paulo relembra-os de que as instruções que lhes havia passado vinham do Senhor, não de seu próprio entendimento (4:2).

#### 4:3-8 Viver uma vida santa

Os antecedentes religiosos dos tessalonicenses incluíam certas práticas pagãs que eram desonrosas para o corpo,

pois envolviam corrupção sexual. Paulo condena essas práticas e enfatiza que a imoralidade é contrária à natureza dos cristãos. Deus é santo, e aqueles que pertencem a ele também devem ser santos (4:4; 1Pe 1:15). Consequentemente, eles deveriam aprender a dominar o corpo a fim de serem moralmente puros na área sexual (4:5). Os solteiros não deveriam buscar relacionamentos sexuais, e os casados deveriam ser fiéis ao cônjuge. Como templos do Espírito Santo e membros do corpo de Cristo (1Co 6:15,19), os cristãos devem ser santos no espírito e no corpo (1Co 7:34).

Os cristãos não devem nunca ser culpados da ganância e da injustiça que levam as pessoas a aproveitar-se dos outros (4:6). Somos chamados para ser fiéis mesmo nas pequenas coisas, especialmente nas questões relacionadas a dinheiro (Lc 16:9-13). Submissão à vontade de Deus, portanto, exige disciplina em questões comerciais e de negócio. Deus condena a exploração dos outros e não deixará impune tal comportamento.

Ao longo de toda a Bíblia, o Deus santo convoca seu povo a ser santo (4:7; Êx 19:5-6). Esta é razão pela qual ele deu aos israelitas a lei do AT. Para que Deus estivesse presente no meio do povo, eles deveriam manter um alto grau de santidade e pureza moral. Essa noção de ter sido separado por Deus também é enfatizada no NT (2Co 6:17).

A palavra *dessarte* (RA) ou *portanto* (NVI, RC) sublinha o fato de que 4:8 apresenta a conclusão do argumento de Paulo. Se Deus é aquele que nos chama para ser santos, rejeitar o que Paulo disse a respeito de viver santamente é rejeitar o próprio Deus, que nos tem dado o seu Espírito como agente de santificação. O Espírito Santo torna a palavra de Deus eficaz na vida dos crentes à medida que os ensina e os dirige para a verdade. É o Espírito que os santifica e os faz frutificar (2Ts 2:13; Gl 5:22-23; 1Pe 1:2).

#### 4:9-12 Amor e cuidado pelos companheiros cristãos

O tema do amor pelos companheiros cristãos havia sido mencionado antes (1:3; 3:12), e Paulo sabia que os tessalonicenses já demonstravam esse amor para com todos os crentes da Macedônia (4:9-10). Assim, tudo o que ele faz é encorajá-lo a amar mais e mais. O amor pelos companheiros cristãos deve ser recíproco, incondicional e sem discriminação. Como todo fruto do Espírito, deve também estar constantemente crescendo e amadurecendo.

Finalmente, Paulo menciona outras três características do estilo cristão de vida: ter uma vida tranquila, evitar interferência na vida dos outros e assumir a responsabilidade de prover às suas próprias necessidades. Essas qualidades estão ligadas entre si, pois, quando a vida de uma pessoa é tranquila, ela pode mais facilmente tomar a iniciativa necessária para conseguir sua independência (4:11-12). Ninguém deve tornar-se um peso para os outros. Todos devem envolver-se num trabalho produtivo, pois, como diz o

provérbio: “Aquele que não planta o amendoim ficará estendendo suas mãos no tempo da colheita”.

#### 4:13-18 A ressurreição

Os novos cristãos tessalonicenses estavam preocupados com o destino de alguns de seus companheiros cristãos que haviam morrido. Por isso, Paulo trata do assunto referente *aos que dormem* (4:13). O apóstolo usa esse eufemismo porque a nova vida em Cristo é eterna. Aqueles que nele creem, na verdade não morrem (cf. Jo 11:11-14). Esses cristãos, provenientes de um ambiente gentílico, como muitos cristãos africanos hoje, estavam confusos a respeito de como o ensino cristão se relacionaria com suas crenças tradicionais sobre a vida após a morte.

Em muitas culturas africanas, aqueles que morreram recentemente são considerados mortos-vivos. Ainda fazem parte da família e zelam por sua vida, fertilidade, prosperidade e segurança. Se não reencarnarem, eventualmente se tornarão espíritos sobrenaturais, ancestrais que estão perto do Ser supremo. Colocada nesses termos, a morte física é uma promoção, pois significa passar de um nível inferior de vida para outro superior.

Em que aspectos a esperança cristã é diferente e superior?

Paulo reafirma que a real esperança cristã se baseia no retorno de Jesus Cristo. Os cristãos já possuem a salvação, mas um dia, na presença de Jesus, eles gozarão para sempre de seus benefícios. Aqueles que morrem antes que esse grande final traga perfeita felicidade estão dormindo, e serão acordados no dia da ressurreição. As religiões tradicionais africanas não oferecem nenhuma esperança de ressurreição.

A grande confissão de fé em 4:14 — *Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem* — afirma que a morte e a ressurreição de Jesus Cristo são realidades históricas inegáveis. Essas realidades, e aquilo que Deus realizou por meio delas, garantem nossa própria ressurreição futura e a ressurreição daqueles que morreram antes da volta de Cristo. Após sua ressurreição, Jesus foi elevado ao céu, onde está sentado à mão direita do Pai. Mas ele prometeu que voltará (At 1:9-11). Quando o tempo chegar e a trombeta soar assinalando o retorno triunfante, os mortos em Cristo serão os primeiros a experimentar esse triunfo, pois *ressuscitarão primeiro*, e depois, *nós, os vivos e os que ficarmos*, seremos elevados junto com eles para encontrar o Senhor (4:15-17). Todos os cristãos, vivos e mortos, compartilharão do mesmo destino, regozijando-se na presença do Senhor.

A certeza de que um dia estaremos para sempre com o Senhor é a máxima esperança cristã e uma fonte de conforto (4:18). Quando um crente morre, nós nos entristecemos (1Co 12:26), mas somos sustentados pela esperança da ressurreição dos mortos e pela certeza de que nos encontraremos com ele no último dia.



### 5:1-11 O Dia do Senhor

Depois daquilo que Paulo acabou de dizer, os novos crentes desejariam saber quando Jesus retornará em glória (5:1), por isso Paulo os lembra de que *o Dia do Senhor vem como ladrão de noite* (5:2; cf. tb. Mt 24:43-44). No AT, o “Dia do Senhor” é o dia em que Deus manifestará seu poder. Paulo considera-o sinônimo do dia do retorno glorioso de Jesus. Será o dia em que descrentes apavorados subitamente se confrontarão com sua ruína final.

É impossível saber quando o ladrão atacará e, da mesma forma, é impossível saber exatamente quando aquele dia virá. Ele chegará tão inevitavelmente quanto as dores de parto chegam para uma mulher grávida (5:3), mas, assim como a mulher não pode prever quando aquelas dores começarão, também não podemos dizer exatamente quando o dia do julgamento de Deus virá.

O mal e os ladrões apropriadamente escolhem trabalhar na escuridão da noite, quando os outros estão dormindo ou bebendo (5:6-7). Entretanto, os filhos de Deus são *filhos da luz e filhos do dia* (5:4-5), portanto não serão encontrados dormindo ou bêbados quando aquele dia chegar. Ao contrário, estarão em pleno controle de si mesmos, espiritualmente vigilantes e prontos, vestidos com as “armas da luz” (5:8; Rm 13:12; cf. tb. Ef 6:10-17). A couraça e o capacete que eles usam são projetados para defender as partes vitais do corpo humano. A fé e o amor são semelhantes à couraça no sentido de que garantem a vida (Jo 3:16; Rm 10:9). Essa armadura assevera aos cristãos que eles são filhos de Deus e garantem sua segurança (Rm 8:31-40). A esperança protege como um capacete, dando-lhes a certeza de sua salvação final no dia em que Cristo juntará o seu povo e julgará o “homem da iniquidade” (2Ts 2:3-8). Porque são justificados em Cristo, os crentes não têm necessidade de temer a destruição e a futura ira de Deus (5:9-10). Eles sabem que viverão com Deus. Até que aquele dia chegue, os cristãos devem viver com e para Deus (Cl 3:23-24). Devem ajudar uns aos outros nesse propósito, encorajando-se e edificando-se mutuamente — dois verbos que significam quase a mesma coisa, mas que são usados para enfatizar quão importante é esse apoio mútuo (5:11).

### 5:12-22 Vida comunitária

Como parte do edificar uns aos outros, os cristãos têm responsabilidades quanto à igreja local. Devem apoiar seus líderes, reconhecendo-os, respeitando-os e amando-os (5:12-13). Seus líderes merecem apoio não por causa de suas realizações pessoais, mas por causa da função espiritual que exercem no Senhor.

O respeito não pode ser imposto, assim como não se pode forçar um caracol a subir numa árvore, e esta é a razão pela qual Paulo pede aos cristãos que criem um clima de boa vontade trabalhando em conjunto.

Esse trabalho conjunto criará um clima de paz.

Em seguida, Paulo dá uma série de recomendações sobre como os cristãos podem trabalhar juntos e ajudar uns aos outros (5:14-15). Sua visão a respeito da igreja é de que ela sempre será uma comunidade cheia de alegria, com uma vida de oração nutrida pela ação de graças (15:16-17; cf. tb. Fp 3:1; 4:4-5) e pelo estudo da Palavra sob a orientação do Espírito Santo (5:19-22). Em 5:16-22, Paulo estabelece uma conexão entre a alegria, a oração, o Espírito e a profecia. Uma vida santa está baseada na oração e na comunhão com o Espírito, que nos ajuda a orar de maneira apropriada e de acordo com a vontade de Deus. Discernimento e sabedoria serão os frutos de uma vida santificada.

As palavras de Paulo nos lembram os extraordinários privilégios que desfrutamos como crentes, os quais são a fonte de nossa alegria, mas também de nossos deveres e responsabilidade em evitar o mal e pôr em prática a palavra de Deus. Essas palavras são particularmente aplicáveis à igreja hoje, a qual tem sido tão influenciada pelo mundo que agora abriga todos os tipos de males: corrupção, imoralidade, tribalismo, divisão, egoísmo e roubo. Além disso, existe uma escassez de profunda e dinâmica oração. Já é hora de a igreja retornar ao seu primeiro chamado para ser “o sal da terra” e “a luz do mundo” (Mt 5:13-16).

### 5:23-28 Conclusão

Paulo termina com uma oração lembrando-nos de que, quando o Senhor retornar, os cristãos o encontrarão como seres humanos completos, com corpo (nossa natureza material), alma e espírito (ou natureza imaterial). O apóstolo ora para que todo o nosso ser seja mantido santo e irrepreensível para aquele dia (5:23-24). Pede, então, que os tessalonicenses orem por ele (5:25). Os ministros necessitam do sustento das orações da igreja, pois são alvo dos ataques do inimigo. A oração, contudo, é uma poderosa arma contra o inimigo e destrói os obstáculos.

A oração, entretanto, não é o único foco de Paulo. Ele também encoraja com veemência a comunhão, e esta é a razão pela qual termina sua carta com a instrução para que os tessalonicenses saúdem uns aos outros *com ósculo santo* (5:26). Os crentes devem receber uns aos outros como amigos íntimos, e não como estranhos. A forma exata do cumprimento poderá variar de uma cultura para outra. Como parte da mesma comunhão, os crentes devem compartilhar entre si o conteúdo dessa carta (5:27).

Paulo finalmente se despede de seus missivistas, encorajando-os à graça de Deus (5:28).

Rosalie Koudougueret

### Leituras adicionais

BRUCE, F. F. 1 & 2 *Thessalonians*. WBC. Waco: Word, 1982.  
MORRIS, Leon. *The First and Second Epistles to the Thessalonians*. Ed. rev. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

# 2TESSALONICENSES

Paulo escreveu esta segunda carta aos tessalonicenses pouco tempo depois de sua primeira carta ter sido enviada. Há estreitas ligações entre as duas epístolas, e ambas devem ser estudadas em conjunto.

O apóstolo revê seu conselho anterior sobre santificação e apresenta detalhes adicionais sobre o retorno de Cristo, pois perguntas sobre o assunto continuavam a incomodar essa igreja. Paulo desejava, sobretudo, que os crentes pudessem viver em paz.

## Esboço

### 1:1-2 Saudações

### 1:3-12 Oração de gratidão

### 2:1-12 O Dia do Senhor

### 2:13-17 Vivendo na verdade

### 3:1-15 Exortação à oração e ao trabalho

### 3:16-18 Conclusão

## COMENTÁRIO

### 1:1-2 Saudações

As saudações de Paulo à igreja de Tessalônica são quase idênticas às saudações usadas por ele em sua primeira carta (1Ts 1:1). O fato de as mesmas duas pessoas estarem associadas a ele como autores da carta indica que uma sadia colaboração continuava a existir entre Paulo, Silas e Timóteo (1:1). Há, entretanto, uma pequena diferença entre as saudações nas duas cartas. Nessa carta, Paulo especifica que *graça* e *paz* procedem de *Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo* (1:2). Esta adição pode salientar seu desejo de reorientar os leitores para o que é essencial. Essa carta é, na realidade, um aprimoramento da teologia ensinada por ele na epístola anterior.

### 1:3-12 Oração de gratidão

Paulo já se regozijara com a *fé* e o *amor* dos tessalonicenses (1Ts 1:2-3). Ele os havia encorajado a continuar

crescendo nessas áreas (1Ts 4:1,9-10) e agora se alegra porque seu conselho havia sido atendido (1:3). A estagnação é perigosa para o cristão, e o progresso é saudável (Fp 3:12-14).

A satisfação de Paulo era ainda maior porque ele se preocupava sobre como eles reagiriam quando tivessem de enfrentar perseguição (1Ts 3:3). Mais uma vez, os tessalonicenses se haviam mantido firmes (1:4b).

O apóstolo então lhes envia palavras de encorajamento para que eles perseverem naquilo que estão fazendo. Seguindo seu exemplo, a igreja deveria acolher e confortar os que estavam sofrendo perseguição, tanto física quanto (e especialmente) psicológica. Aqueles que se voltam para o cristianismo vindo de uma religião tradicional podem experimentar grande solidão. Quando se recusam a participar de certos ritos e costumes que são incompatíveis com sua fé, muitas vezes são tratados com frieza por suas famílias.

A primeira palavra de encorajamento para aqueles que estão sendo perseguidos representa um benefício imediato para o aqui e agora: uma boa reputação e influência entre outros cristãos (1:4a).

A segunda palavra de encorajamento diz respeito ao futuro. Seus sofrimentos são miseráveis e não desejados, mas felizmente são também uma fonte de bênçãos (1Pe 2:20). Eles tornam os cristãos *dignos do reino de Deus* (1:5). No seu retorno, Cristo lhes dará *alívio*, o que significa libertação e verdadeira comunhão com Deus (1:7; Gn 2:1-3; Êx 20:10-11; Dt 5:15; Ez 20:12).

Paulo anteriormente se havia referido a essa futura vida com o Senhor e à participação em seu reino como fontes de conforto (1Ts 2:12; 4:17-18). Aqui ele relaciona um detalhe adicional, que é o terceiro encorajamento. Na sua volta, o Senhor punirá severamente aqueles que os perseguiram (1:6,8-9). Essas palavras trazem conforto aos que têm testemunhado genocídio ou discriminação, ou aos que têm sido vítimas de corrupção e brutal destruição em nossos dias. Como cristãos, sabemos que a vingança pertence a Deus e que não temos nenhum direito de tratar nossos opressores como eles nos têm tratado. Mas podemos ter certeza de que, ainda que eles escapem da justiça humana, Deus os julgará severamente.

A palavra final de encorajamento dita pelo apóstolo aos crentes perseguidos é a afirmação de que ele e seus cooperadores estão consistentemente orando para que o Senhor os mantenha fiéis ao seu chamado assim como sinceros no cumprimento de seus propósitos (1:11). Sua oração é um modelo para as nossas orações, conforme ele

pede que o nome do Senhor seja glorificado em cada crente e que cada crente possa ser glorificado nele (1:12; cf. tb. Jo 17:22-24).

## 2:1-12 O Dia do Senhor

Agora, Paulo chega ao ponto principal dessa carta. Ele retorna ao ensino sobre o momento da volta de Cristo (2:1; 1Ts 4:16—5:3). Talvez uma interpretação incorreta de sua primeira carta, assim como uma carta falsa apresentada como vinda de Paulo, tivessem levado os tessalonicenses a crer que o *Dia do Senhor* já tivesse *chegado* (2:2). Essa opinião havia despertado profunda preocupação na igreja. O apóstolo insiste em que os cristãos não fiquem tão facilmente abalados e alarmados por rumores (2:2; Mc 13:7).

Ele prossegue explicando que, antes do retorno de Cristo, haverá crescimento da apostasia, isto é, da rebelião e do abandono da fé, e que aparecerá alguém que poderá ser chamado de *homem da iniquidade* (2:3). Esse “homem” pode ser um indivíduo específico, aquele referido em outros lugares como o anticristo, ou talvez Paulo esteja falando sobre a atitude do povo em geral (1Jo 2:18,22; 4:3; 2Jo 7). O “homem da iniquidade” lutará ativamente contra o Senhor e sua obra na terra. Levará uma vida sem Deus e até mesmo procurará ser exaltado acima de Deus, alegando direitos divinos; por exemplo, o direito de reinar no coração dos cristãos, que é o *santuário de Deus* (2:4; 1Co 3:16). Ele poderá, também, tentar reinar no templo físico de Deus (cf. Dn 11:36-45; Mc 13:14; Ap 13:1-15). Esse homem promoverá sua posição por meio de toda sorte de seduções miraculosas e mentiras, o que levará muitas pessoas a se desviar (2:9-11).

Esse iníquo ainda não veio. Paulo assegura aos tessalonicenses: *E agora vocês sabem o que o está detendo e restando apenas que seja afastado aquele que o detém*, de tal modo que a apostasia se torne evidente (2:6-7, NVI). Esta passagem não diz claramente quem é aquele que está impedindo o mal de alcançar o seu auge. Pode ser um anjo poderoso de Deus (Ap 20:1-5,7-10), ou pode ser o Espírito Santo, ou a igreja, ou o Espírito Santo residente na igreja. Podemos argumentar que a presença da igreja como sal e luz no mundo reprime a iniquidade e as trevas. Mas, quando a igreja for arrebatada, os efeitos do crime, da violência, do ódio e semelhantes serão sentidos (cf. Mt 5:13-16; 1Ts 4:13-18). Quem quer que seja, o propósito desse impedimento é assegurar o tempo necessário para a proclamação do evangelho. O Senhor Jesus encorajou a proclamação das boas-novas do reino a todas as nações antes que chegasse o fim (Mt 24:14; Mc 13:10).

Na África, as pessoas estão assoberbadas por pandemias, desastres naturais, terrorismo, depravação moral e expansão da criminalidade. Elas podem estar dispostas a aceitar a liderança de qualquer um que alegue ser capaz de salvá-las. Mas Deus deseja que cada pessoa aja de modo responsável. O relacionamento existente entre cada indiví-

duo e Deus deve resultar em amor ao próximo. O evangelho de Jesus Cristo não promove a violência e a confrontação, mas a justiça econômica, a igualdade de homens e mulheres, a igualdade de grupos étnicos, a tolerância e o diálogo (Mt 5:7-29; Gl 3:28; Cl 3:11). É, portanto, o meio mais efetivo de lutar contra os muitos males de nossa sociedade.

Devemos, portanto, proclamar as boas-novas enquanto é dia. Quando o tempo certo chegar, Cristo destruirá o iníquo (2:8) e julgará todos aqueles que se deixaram desviar por ele (2:12). Os crentes devem ser perspicazes e permanecer leais à verdade.

## 2:13-17 Vivendo na verdade

O apóstolo apresenta uma visão equilibrada da salvação. Desde o princípio Deus escolheu os tessalonicenses (2:13a). Entretanto, Paulo ainda os encoraja a permanecer *firmes na fé, na verdade e na santificação do Espírito*, que são os meios de salvação (2:13b-14a,15).

Fé é a resposta humana à oferta divina da salvação. Em sua soberania, Deus decidiu salvar os pecadores, qualquer que seja sua origem (Rm 10:13). Mas Deus, que conhece todas as coisas, sabe com antecedência que algumas pessoas não desejaram aceitar a salvação. Elas escolhem viver no pecado (Rm 3:10-18; 8:5-8; 1Co 6:9-11). Por outro lado, Deus salva e santifica aqueles que creem em Cristo (1Co 1:30). Essa salvação significa que eles compartilharão da *glória de nosso Senhor Jesus Cristo* (2:14b).

Enquanto aguardamos a completa realização de sua glória, Deus pode trabalhar em nossa vida transformando-nos, encorajando-nos, ajudando-nos a seguir em frente e fortalecendo-nos *em toda boa obra e boa palavra* (2:16-17).

## 3:1-15 Exortação à oração e ao trabalho

No esquema de fortalecimento mencionado em 2:17, Paulo pede à igreja que ore por frutos em sua proclamação do evangelho e por sua proteção (3:1-2). Embora Paulo e seus colaboradores fossem fortes e maduros, necessitavam do suporte espiritual de outros cristãos para superar as dificuldades. “Nenhum homem é uma ilha”, como diz o ditado, e todos nós precisamos do auxílio dos outros. A oração nos ajuda a enfrentar os desafios mais difíceis (Mc 9:29). Assim como “a água é a força do crocodilo”, a oração é a fonte de poder para o cristão (Tg 5:16). Sem oração, a vida espiritual seca e enfraquece — daí o dito popular: Sete dias sem oração tornam a pessoa fraca. “Como suspira a corça pelas correntes das águas”, assim os servos de Deus devem procurar, por meio da oração, contínuo refrigério e bênção divina, a fonte de sua força (Sl 42:1; 89:17).

Devemos observar o princípio de reciprocidade na oração. Não apenas Paulo pede as orações dos tessalonicenses, como ele próprio ora por seu fortalecimento e proteção (3:3; cf. tb. 1Ts 3:11-13). Confiança mútua, amor e perseverança são as bases de uma parceria saudável e eficiente na oração (3:4-5).

## QUESTÕES CULTURAIS E MENSAGEM BÍBLICA

Em nossos dias, a Bíblia está sendo lida em muitas partes do mundo e em muitas línguas e culturas diferentes. O contexto cultural dos leitores é inevitavelmente muito diferente daquele vivido pelos autores da Bíblia e de alguns daqueles que a têm interpretado para nós. Assim, compreender o papel da cultura é muito importante tanto para entender aquilo que a Bíblia diz quanto para comunicar sua mensagem em termos significativos para a cultura e as questões locais da África.

### Definindo “cultura”

É sábio começar definindo o que entendemos por cultura. Cultura é o modo de vida de um povo, todos os seus diferentes costumes, valores e tradições aprendidos de seus antepassados, família e ambiente, os quais, juntos, reúnem todos os diferentes aspectos de sua vida num todo lógico. Isso inclui aspectos como língua ou línguas faladas, como a política e a economia são organizadas, as regras muitas vezes não mencionadas que governam o comportamento religioso e social — de fato, todos os aspectos da vida têm uma dimensão cultural. Os indivíduos são tanto moldados pela cultura quanto contribuem para moldá-la por meio de suas próprias atitudes e pensamentos. Assim sendo, a cultura não é estática, mas está sempre se desenvolvendo.

Como a cultura é uma parte tão inerente de nossa vida diária, tendemos a tomá-la por certa e assumir que nossa maneira de fazer as coisas é a maneira “correta”. E poderemos ficar muito intrigados ou aborrecidos quando alguém de outra cultura agir de forma que consideramos errada ou grosseira. Poderemos interpretar mal o seu comportamento em razão de nossas orientações ou pressuposições culturais. Por exemplo, as culturas ocidentais com frequência usam o contato visual para demonstrar que estão ouvindo atentamente um orador; na maioria das culturas africanas, toma-se por premissa que as pessoas ouvem com seus ouvidos, e, portanto, olhar para um orador é muito menos importante. De fato, o contato visual pode ser percebido como um sinal de agressão, e não de polidez. A Bíblia inclui exemplos de linguagem corporal como a mencionada antes (p. ex., quando Jesus se inclinou para escrever na areia — Jo 8:6).

### Cultura e linguagem

As culturas diferem não apenas na forma pela qual usam a linguagem corporal, mas também na língua falada. A linguagem que usamos ajuda a definir o modo pelo qual enxergamos o mundo. Assim, pessoas que vêm de ambientes linguísticos diferentes podem ter dificuldade para entender o mundo das outras pessoas.

Os leitores africanos da Bíblia precisam fazer uma transição enorme para uma visão de mundo que foi moldada pelo ambiente grego e hebraico de seus escritores originais. Além disso, enquanto alguns africanos têm acesso a uma Bíblia que foi traduzida para sua própria língua, vários cristãos africanos ainda usam traduções inglesas. Assim sendo, precisam fazer uma transição para interpretar algo que pode ser sua segunda, terceira ou mesmo quarta língua. E, quando grupos conservadores preferem usar a King James Version, os leitores estão sendo obrigados a usar uma versão do inglês que era falada há quatrocentos anos.

Embora muitos africanos instruídos sejam fluentes no inglês, não há dúvida de que a maioria da população, especialmente aqueles que pertencem a igrejas independentes ou grupos de comunhão, muitas vezes enfrentam dificuldades com a língua. Isso pode levar a interpretações errôneas do texto. O que é considerado um comportamento normal numa língua (p. ex., Jesus dirigindo-se à sua mãe como “Mulher” em Jo 2:4) pode ser erroneamente interpretado como rude e agressivo.

Essas diferenças no uso da língua podem aparecer até mesmo quando pessoas de diferentes culturas falam a mesma língua, como qualquer um que tenha tido de lidar com as diferenças entre as versões americana, inglesa e africana do inglês o sabem muito bem. Sendo assim, pode haver problemas inesperados quando uma tradução vernácula da Bíblia é usada com pessoas cujo dialeto próprio é ligeiramente diferente daquele que foi usado na tradução. Ao interpretar o texto da Bíblia, os autores e pastores africanos precisam esforçar-se para alcançar uma complexa sensibilidade quanto ao que o autor está dizendo e como isso será ouvido por seus leitores ou pela congregação, que vêm ao texto de uma perspectiva bem diferente.

### Cultura e a igreja

A África é um continente com muitos países e uma grande variedade de culturas, de modo que é impossível listar todas as formas pelas quais os padrões de cultura e comunicação da África diferem daqueles usados nos tempos bíblicos. É necessário que tenhamos estudiosos africanos culturalmente conscientes, que estejam numa posição mais favorável para interpretar a Bíblia de forma que ela seja relevante para a África. Cada intérprete da Bíblia precisa procurar conhecer, o melhor possível, tanto sua própria cultura quanto a cultura dos autores da Bíblia.

Um problema cultural menos óbvio quando buscamos discernimento sobre como interpretar a Bíblia é que muitos dos livros que procuramos para nos auxiliar são escritos por autores de culturas ocidentais e para culturas ocidentais. As pressuposições culturais do Ocidente inevitavelmente afetarão sua interpretação do texto. Por exemplo, a cultura ocidental tende a ser muito mais

individualista que a cultura africana, para a qual o compromisso de lealdade ao grupo, clã ou família é crucial. Assim, alguns intérpretes ocidentais podem focalizar a aplicação das Escrituras para a vida individual das pessoas, em vez de pensar em como aplicá-las à comunidade ou à família da igreja como um todo. Podem sugerir soluções individuais para os problemas, em vez de ter toda a igreja trabalhando em conjunto para resolver uma questão.

De modo semelhante, a consciência do tempo e a intolerância a ambiguidades, característicos da cultura ocidental, podem afetar padrões de culto, pregação e governo da igreja. Os cultos ocidentais tendem a se restringir a uma hora e a ser estruturados com razoável rigidez. O culto africano é menos premido pelo tempo e menos estruturado. Essa falta de tolerância em relação às ambiguidades também pode levar os crentes ocidentais a tentar estabelecer o sentido exato daquilo que a Bíblia ensina sobre temas como predestinação e livre-arbítrio, ou sobre a cronologia exata dos evangelhos. Os africanos podem viver alegremente com ambiguidades não resolvidas.

Diferenças culturais também podem estar presentes no modo pelo qual os cristãos interpretam passagens relativas à autoridade. Na maioria das culturas ocidentais, o líder é acessível e pode ser desafiado, enquanto a maioria dos países africanos possui um sistema hierárquico no qual o líder está absolutamente no topo! Em sua estima por idade e autoridade, as culturas africanas podem achar mais fácil compreender o mundo da cultura judaica que pessoas de muitas culturas ocidentais modernas nas quais esses valores já estão desgastados.

As culturas africanas também são mais próximas à cultura judaica no valor conferido ao sexo masculino. Por isso, comumente há mais alegria no nascimento de um filho homem que no de uma filha.

Se a palavra de Deus deve ser vista como universal e pessoal, e não como estrangeira ou como a “religião do homem branco”, deve ser apresentada com a completa consciência das diferenças culturais relevantes, tanto no que diz respeito à interpretação do texto quanto na maneira em que é comunicada aos ouvintes.

As histórias bíblicas precisam ser contadas de forma adaptada às culturas locais a fim de serem facilmente compreendidas. Há também necessidade de distinguir entre quais elementos da Bíblia são especificamente judaicos e quais têm implicações mais amplas. Um exemplo clássico dessa questão é o uso de véu em 1 Coríntios 11:4-5.

Uma vez que a cultura não é estática, mas está em constante mudança, precisamos estar atentos às mudanças que estão ocorrendo ao nosso redor. Muitos fatos novos estão influenciando a vida dos jovens na África de hoje. Um dos mais importantes é a exposição a outras culturas por meio da TV e de vídeos. Precisamos entender sua cultura também, para sermos capazes de apresentar o evangelho de modo que seja relevante para esta nova geração. Os cristãos são desafiados a apropriar-se da mensagem do evangelho da salvação de tal forma que tenham uma influência positiva na sociedade em que vivem.

Eunice Okorochoa

O apóstolo retorna então à questão do trabalho. Aparentemente, seu conselho anterior em 1 Tessalonicenses 2:9 e 4:11 não havia sido seguido com seriedade. Portanto, ele enfatiza sua posição mais detalhadamente. Paulo qualifica a ociosidade como viver à custa de outras pessoas e intrrometer-se na vida alheia (3:6-8a, 11-12). O apóstolo chama atenção para o fato de que ele e seus companheiros haviam estabelecido um exemplo recusando-se a viver daquela maneira (3:8b-10). A regra que ele lhes dá é semelhante ao provérbio africano: “A galinha come onde ela cisa a terra, e o falcão dorminhoco não apanha nenhum peixe”.

Paulo encoraja aqueles que já estão trabalhando a fazê-lo com empenho, pois o trabalho nos permite enfrentar nossas próprias necessidades e contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos e da comunidade. Trabalhar é *fazer o bem*, como Deus pede de nós (3:13; Cl 3:23). Gênesis 3:17 não deve ser mal interpretado: o trabalho não é maldição, mas uma tarefa que Deus designou a todos nós.

Os tessalonicenses são encorajados a manter a *tradição* ensinada por Paulo (3:6). Ensinos falsos desencaminham as pessoas. Por exemplo, muitos cristãos pensam que o ditado “Deus ajuda aqueles que se ajudam” é um versículo

da Bíblia. Usam então esse “versículo” para justificar sua confiança em feitiços e magia.

Ociosidade ou preguiça é uma questão séria que exige ação disciplinar por parte da igreja (3:14). O povo de Deus deve ser disciplinado para que possa pôr termo à sua má conduta e mudar seu comportamento. Os servos de Deus devem, portanto, ser cuidadosos ao aplicar a disciplina na igreja. Mas não devem fazê-lo de forma subjetiva. E seu propósito não deve ser punir ou proteger a comunidade. Aqueles que se afastam do caminho devem ser corrigidos como irmãos, não como inimigos, com o objetivo de ganhá-los para andarem novamente com Deus (3:15; Gl 6:1-2). A administração da disciplina eclesiástica na África é uma questão delicada que deve ser tratada biblicamente (cf., p. ex., Mt 18:15-17).

### 3:16-18 Conclusão

Como na conclusão da primeira carta (1Ts 4:23-28), aqui o apóstolo enfatiza a paz. A palavra é usada duas vezes. O *Senhor da paz* é o nome usado por Paulo para “Príncipe da Paz” na referência messiânica de Isaías (Is 9:6). Jesus assumiu esse papel e o passou para seus seguidores (Jo 14:27). Aqui,



Paulo constrói uma base de segurança que ele espera que cresça e se desenvolva entre os tessalonicenses *em todas as circunstâncias* (3:16). A paz é o antídoto divino para todo sofrimento cristão (Jo 14:27; 16:33) e o primeiro valor que deve prevalecer entre os cristãos nos debates teológicos ou numa ação disciplinar. A igreja na África deve ser um exemplo, de modo que sua paz possa espalhar-se por todo o continente que tão desesperadamente dela necessita.

Para assegurar mais dessa paz, Paulo mostra à igreja de Tessalônica como distinguir uma carta genuína mandada por ele de outra falsa (2:2). Mesmo que um secretário a

tivesse escrito em seu nome (Rm 16:22), Paulo tinha o hábito de escrever pessoalmente as saudações finais de suas cartas, de modo que as pessoas pudessem reconhecer sua grafia (3:17; Gl 6:11).

Rosalie Koudougueret

#### Leituras adicionais

BRUCE, F. F. *1 & 2 Thessalonians*. WBC. Waco: Word, 1982.

MORRIS, Leon. *The First and Second Epistles to the Thessalonians*. Ed. rev. NICOT. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

# 1 TIMÓTEO

As duas cartas de Paulo a Timóteo e sua carta a Tito são conhecidas como epístolas pastorais porque tratam da vida da igreja. Na ocasião em que foram escritas, a igreja já existia há cerca de trinta anos, e os apóstolos estavam morrendo. Era, portanto, necessário pensar não apenas numa mudança de liderança na igreja, mas também em como a igreja deveria ser organizada.

Paulo, portanto, escreveu aos líderes da igreja para lhes dar orientação sobre como administrar as igrejas pelas quais eram responsáveis.

Duas das epístolas pastorais foram escritas a Timóteo, o filho espiritual de Paulo, a quem ele havia deixado em Éfeso para cuidar de uma florescente comunidade cristã naquela grande cidade. Como a maioria das igrejas na Ásia Menor durante o período apostólico, a comunidade de Éfeso estava sendo desafiada por ensinamentos falsos.

A ênfase constante de Paulo sobre a importância de ensino sadio deveria fazer-nos pensar sobre a importância crítica do ensino em nossa igreja hoje.

## Esboço

### 1:1-2 Saudações

### 1:3-20 Encorajamento pessoal

### 2:1-7 Oração como base do ministério

### 2:8—3:13 A comunidade cristã

2:8-15 Homens e mulheres

3:1-7 Pastores

3:8-13 Diáconos

### 3:14-16 Encorajamento pessoal

### 4:1-16 Combatendo falsas doutrinas

4:1-3a Doutrinas falsas e o final dos tempos

4:3b-16 Armas para combater doutrinas falsas

### 5:1—6:2 Responsabilidades da comunidade cristã

5:1-2 A comunidade como uma família

5:3-16 Responsabilidade pelas viúvas

5:17-25 Responsabilidade dos presbíteros

6:1-2 Responsabilidade dos escravos

### 6:3-16 Causas e antídotos para o ensino falso

6:4-5 Causas: ignorância e cobiça

6:6-10 Antídoto: contentamento

6:11-16 Antídoto: valores cristãos

### 6:17-21 Conselhos variados

## COMENTÁRIO

### 1:1-2 Saudações

Como na maioria de suas cartas, Paulo inicia apresentando-se.

Ele é *um apóstolo de Jesus Cristo, pelo mandato de Deus (1:1)*. Essa afirmação enfatiza sua autoridade. Ele tem o mesmo prestígio dos outros apóstolos, embora não tivesse estado entre os doze. Fora especificamente escolhido por Deus para ser apóstolo (Gl 1:1).

Timóteo é identificado como o destinatário da carta. Paulo se refere a ele como *verdadeiro filho*, como se ele fosse o pai de Timóteo (1:2). Alguns comentaristas sugerem que Timóteo era, de fato, filho de Paulo humanamente falando, mas esse não é o caso. Ao contrário, Timóteo foi um dos convertidos de Paulo durante uma de suas viagens missionárias. Em companhia de muitos outros, ele era, portanto, seu *filho na fé*. Mesmo antes de ser convertido com a pregação de Paulo, Timóteo já possuía um sólido alicerce espiritual, pois havia sido treinado nas Escrituras por sua avó e por sua mãe (2Tm 1:5). Ao descrevê-lo como verdadeiro filho, Paulo está enfatizando o relacionamento íntimo que ele tinha com Timóteo. Na África, temos uma profunda compreensão do laço existente entre um pai e seu filho, mas relacionamentos espirituais são até mais íntimos do que laços de sangue.

### 1:3-20 Encorajamento pessoal

Paulo encoraja Timóteo a permanecer em Éfeso para cuidar de uma igreja jovem (1:3a). Aqui o vemos exercitando sua autoridade de pai em relação ao filho. O apóstolo não é autoritário, mas insiste e persuade com argumentos importantes e válidos. Dados os desafios existentes na igreja de Éfeso, a tarefa de Timóteo não seria fácil. Mas Paulo precisava partir para atender a um importante trabalho na Macedônia e, assim, deveria deixar Timóteo carregar o seu fardo.

Paulo imediatamente menciona o maior desafio que Timóteo enfrentaria em seu ministério: *doutrinas falsas (1:3b, NVI)*. Essas doutrinas não representavam necessariamente heresias que tivessem sido levadas à igreja

por estranhos, mas poderiam ter sido ensinadas por certos homens dentro da própria igreja. Seu ensino não fortalecia a fé, mas girava em torno de *fábulas e genealogias sem fim* (1:4). Esses homens eram, sem dúvida, judeus mais ligados às tradições que à lei, e tinham prazer em discutir sobre as origens de seus ancestrais, particularmente dos patriarcas. Uma vez envolvidos nesse tipo de debate, os cristãos não se libertavam facilmente, porque toda a discussão era pura especulação. Assim sendo, Paulo adverte a igreja a respeito de discussões vazias e *loquacidade frívola* (1:6).

Tais debates são especialmente inúteis porque dirigidos por pessoas que se dizem *mestres da lei* entendidos e instruídos, mas que na realidade são ignorantes (1:7). Infelizmente, há muitos desses falsos especialistas na África. Timóteo deve combater esse falso ensino não apenas com o ensino sadio, mas também demonstrando uma atitude digna de Deus, caracterizada por amor e *consciência boa* (1:5).

Paulo apresenta então uma lista daqueles que se desviam da lei (1:9-10). Ele lista quatro categorias de pecadores: aqueles que se opõem à lei (*transgressores e rebeldes*), assassinos (*parricidas e homicidas*), os sexualmente imorais (os que praticam imoralidade sexual, isto é, os *impuros e sodomitas*) e pecadores pela palavra (*mentirosos e perjuros*). A lista não é exaustiva. Ao que parece, Paulo insinua que há apenas um passo entre o ensino falso e pecados como os que foram apresentados.

A tarefa de Timóteo não seria fácil, por isso Paulo o encoraja falando de sua própria experiência. Seu ministério depende da misericórdia de Deus, que lhe tem dado capacidade para cumprir sua tarefa (1:12). Sabemos que Paulo não tinha nada do que se reprovar no tocante ao cumprimento da lei. Em relação à ética, ele era inculpável (Fp 3:5-6). Ainda assim, era pecador, pois em sua ignorância sobre quem era Cristo, perseguiu a ele e a seus seguidores (1:13). Entretanto, a despeito disso, Deus tivera misericórdia de Paulo e lhe concedera a fé que traz o real conhecimento (1:14). Mais que isso, Deus o tornara seu servo e um exemplo dos benefícios da salvação em Cristo Jesus. Quanta misericórdia!

Paulo em seguida faz uma declaração de fé sobre o que Jesus fez: *Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores* (1:15a). Ainda pensando sobre sua própria história como alguém que perseguiu a igreja, ele se descreve como o *principal* dos pecadores (1:15b-16). Ao dizer isso, no entanto, ele não está insinuando que seu pecado era maior que aqueles mencionados em 1:9-10. Todo os pecados são muito sérios aos olhos de Deus. O que Paulo está fazendo é estabelecer a dimensão total da misericórdia de Deus.

A declaração de fé feita por Paulo é seguida em 1:17 por um texto litúrgico ou hino sobre o incomparável caráter de Deus e de seu reinado eterno. Paulo faz uma ligação direta entre Cristo como o Salvador do mundo e a natureza do Deus eterno! Essa ligação está firmada em sua expe-

riência de salvação em Jesus Cristo e no seu chamado pelo Deus eterno.

Finalmente, Paulo relembra a Timóteo que ele não precisa depender apenas da experiência de Paulo, pois teve sua própria experiência relativa ao seu chamado. Paulo fala sobre *profecias de que antecipadamente foste objeto* (1:18), sugerindo que o chamado de Timóteo fora confirmado pela igreja ou por um grupo de irmãos cristãos. Cumprindo seu ministério em Éfeso, Timóteo deveria lembrar que ele não havia sido chamado para o ministério de modo irrefletido ou apenas porque Paulo o amava. Deus o havia preparado e convenceu a igreja de que ele deveria servir.

Essas profecias deveriam renovar a confiança de Timóteo e fortalecê-lo de modo que ele pudesse atender à ordem de: *combate, firmados nelas, o bom combate* (1:18). Paulo insiste em acrescentar o adjetivo “bom”, porque deseja que Timóteo seja cuidadoso sobre em quais combates ele se envolverá. Ele não deveria, por exemplo, perder seu tempo entrando em discussões intermináveis (1:4). Tais discussões são, com frequência, muito mais uma questão de vaidade pessoal que de verdade.

Paulo menciona dois homens, Hirменеu e Alexandre, que haviam perdido o bom combate e a boa consciência e, portanto, como muitos outros, *vieram a naufragar na fé*. Paulo os entregou a *Satanás*, quer dizer, ele usou sua autoridade apostólica para permitir que Satanás testasse esses dois homens (1:19-20). Seu objetivo não era excluí-los da salvação, mas levá-los ao arrependimento a *fim de não mais blasfemarem*. Como diz um provérbio malgaxe: *Fandio iray siny tsy mahaleo fandoto iray tandroka* [Madagáscar: “Um pote de água pura não consegue resistir a uma concha de água poluída”]. Mesmo uma pequena quantidade de água é suficiente para contaminar um grande recipiente cheio de água pura. Assim, ainda que haja apenas um pequeno número de pessoas cuja doutrina possa poluir a igreja, todo o esforço deve ser feito para mantê-las afastadas daquelas que aceitam a doutrina pura.

## 2:1-7 Oração como base do ministério

Após ter apresentado o desafio envolvido no ensino falso que leva a pecados sérios (1:9), Paulo recomenda oração para que haja paz, sem a qual nada de bom pode ser alcançado. Suas palavras *Antes de tudo* enfatizam a prioridade da oração (2:1). Ele insiste na oração em todas as suas formas, mas focaliza particularmente a intercessão e a ação de graças.

Podemos achar espantoso que Paulo aconselhe orações específicas por aqueles que fazem parte do governo (2:2). Afinal, o imperador romano era um ditador que impunha o culto ao imperador e executava todos os que lhe desobedeciam. Ainda assim, Paulo aconselha aos cristãos que orem por aqueles investidos de autoridade, pois, seja o governo de um país democrático seja o de um país ditatorial, aqueles que estão no poder têm papel decisivo na

## O PAPEL DAS MULHERES NA IGREJA

O papel das mulheres na igreja tem-se constituído uma questão controvertida (particularmente quando passagens como 1Coríntios 13:34 e 1Timóteo 2:11-14 são consideradas como se estabelecessem absolutos, em vez de princípios gerais, dentro de uma cultura particular). Não há como negar que mulheres e homens foram criados iguais, à semelhança da imagem de Deus. Portanto, não deveríamos nos ater aos papéis relacionados ao gênero que a sociedade, a igreja e as culturas africanas têm atribuído às mulheres. O foco deveria recair sobre o chamado bíblico a todos os seres humanos para discernir qual é a vontade de Deus para sua vida (Rm 12:2). A missão radical de Jesus de transformação para a libertação (Lc 4:18-27) e a plenitude de vida (Jo 10:10) significa que mulheres e homens são igualmente chamados e capacitados para participar da mesma missão na igreja. O que homens e mulheres podem fazer depende de nossa obediência à orientação e capacitação do Espírito Santo.

Em razão das profundamente enraizadas atitudes e práticas hierárquicas patriarcais e sexistas, e da liderança dominada pelo gênero masculino, em muitas igrejas na África, as mulheres têm um papel crítico e profético a desempenhar “agitando as águas” e “falando a verdade”, afirmando sua humanidade e dons conferidos a elas por Deus — não para seu próprio proveito, mas por causa da integridade do evangelho. Muitas mulheres continuam a afirmar seu pleno potencial e têm assumido papéis de liderança. Como a mulher samaritana (Jo 4:1-42), quando as mulheres na África bebem da água oferecida por Jesus, elas saem para testemunhar e espalhar a palavra da verdade em seus lares, vilas, comunidades e igrejas com

determinação, ousadia, coragem e humildade. Algumas têm fundado igrejas, pregado, ensinado teologia cristã a pessoas de todas as idades e traduzido as Escrituras para línguas africanas.

Onde as igrejas ouviram a voz do Espírito Santo, perceberam que as Escrituras abrem espaço para as mulheres e elas têm sido corretamente ordenadas ao ministério da palavra e do sacramento. Outras mulheres continuam a servir em posições leigas na igreja local, nacional, regional e global. A maioria, como Tabita (At 9:36), devota sua vida a atos de caridade. Nestes tempos de HIV/aids, a maioria dos cuidadores são mulheres. As mulheres também têm dado generosamente de seus limitados recursos econômicos. São conhecidas por serem elementos-chave no levantamento de fundos para a igreja. Outras ainda, como Lídia (At 16:13-15), oferecem hospitalidade a estrangeiros e a irmãos cristãos em seus lares. Como uma estudiosa feminista afro-americana colocou, em algumas igrejas negras dos Estados Unidos, “se não fosse pelas mulheres, não teria existido uma igreja”. O mesmo é verdadeiro para muitas igrejas da África.

Finalmente, um pequeno mas significativo número de mulheres tem contribuído na busca por um autêntico cristianismo, igreja e teologia na África, por meio da pesquisa e da redação e publicação de livros eruditos. Seu papel vital é disseminar conhecimento teológico que tenha sido produzido na origem pela maioria do povo, composta de analfabetos ou semialfabetizados, na sua maioria mulheres.

As mulheres ainda enfrentam uma tarefa assustadora advogando e exemplificando uma justiça em relação ao gênero na igreja e na sociedade.

Nyambura J. Njoroge

manutenção da paz. Na maior parte da África desfrutamos de uma liberdade religiosa que era desconhecida nos dias de Paulo, mas a paz que usufruímos é às vezes ameaçada. Assim, os cristãos africanos devem orar no sentido de que aqueles que exercem autoridade sejam capazes de manter a paz.

Se há paz, segurança e dignidade, a igreja pode trabalhar livremente para dar a cada um a oportunidade de ouvir o evangelho e voltar-se para Deus. Isso é o que Deus deseja, pois Paulo afirma que Deus deseja que *todos os homens sejam salvos* (2:3-4). Nas palavras de Paulo, entretanto, não está subentendido que todos serão salvos pela oração da igreja.

O meio de salvação é celebrado em 2:5, que representa outra fórmula litúrgica ou hino semelhante àquele em 1:17. Cristo é o *Mediador* entre Deus e a humanidade. Esse versículo afirma claramente a humanidade de Jesus, que é algo que muitos cristãos africanos têm dificuldade

de entender. A dificuldade é crer que Jesus, embora fosse perfeito como Deus, era também humano. Talvez ajude pensarmos que, em algumas de nossas culturas africanas, um mediador tem de ser um de nós, alguém semelhante a nós, se é que ele, ou ela, realmente quer resolver nossos conflitos. O mediador entenderá quem somos e saberá o que esperamos dele. Jesus, por meio de sua natureza humana, assume o papel de mediador por nós. Ele nos conhece e se identifica conosco. E foi como ser humano que Cristo pagou o resgate para satisfazer a justiça de Deus (2:6).

Paulo retorna à sua própria tarefa (2:7). Seu apostolado lhe fora dado para que pudesse proclamar Cristo. Seu parêntese (*afirmo a verdade, não minto*) faz-nos suspeitar de que a autenticidade do apostolado de Paulo ainda estava sendo atacada. No entanto, alguns manuscritos não incluem o parêntese. Porém, tenham estado essas palavras ou não na carta original, não pode haver dúvida de que

Paulo se orgulhava de ser *pregador, apóstolo e mestre na fé e na verdade* (2:7).

## 2:8—3:13 A comunidade cristã

Paulo deixa claro que o ministério pastoral preocupa-se especialmente com os relacionamentos entre os membros da comunidade e com a contribuição que cada um faz para o bem-estar dos outros.

### 2:8-15 Homens e mulheres

Paulo afirma que os homens deveriam adotar uma atitude de respeito ao orar (2:8). Em tempos passados, as mãos deveriam ser erguidas para o céu. O que está em questão nesse caso diz respeito mais às nossas atitudes internas do que à nossa postura religiosa formal. É, pois, importante perguntar a nós mesmos se nos temos aproximado de Deus com a atitude correta, tanto em nosso culto pessoal quanto na igreja.

A expressão *Da mesma sorte* indica que, assim como os homens, as mulheres também deveriam orar com atitude de respeito. As mulheres, entretanto, enfrentam um problema particular pelo fato de que é fácil para elas se tornarem preocupadas com sua aparência e com estilos que exigem muito tempo para conseguir. Todavia, que contribuições tais detalhes podem trazer à comunidade? Um comportamento decente e honrado é muito mais importante para Deus do que joias e vestimentas caras (2:9). Além disso, se as mulheres que *declaram adorar a Deus* (NVI) ficarem muito preocupadas com sua aparência exterior, esquecerão o essencial e não terão nem o tempo nem a inclinação para se dedicar às boas obras (2:10).

É importante enfatizar que Paulo não estava proibindo belas joias e adereços ou um estilo bonito de cabelo a todas as mulheres de todos os tempos. Ele estava advertindo contra a tentação de elas se tornarem tão apegadas a roupas e modas que se esquecessem do mais importante: agradar a Deus com boas obras.

Paulo então aconselha às mulheres a permanecerem caladas enquanto aprendem (2:11). Este conselho tem levantado muito debate entre os cristãos na África, especialmente depois do aparecimento da teologia feminista que afirma, entre outras coisas, o direito das mulheres de se expressar. Certas versões da Bíblia tentaram superar a dificuldade traduzindo 2:11 de modo mais aceitável, embora ainda permanecendo fiel ao espírito do texto.

Assim sendo, a versão *The Message* traduz o versículo da seguinte forma: “Não permito que as mulheres assumam a liderança e digam aos homens o que devem fazer”. Esta tradução presume que Paulo deu tal conselho porque as mulheres estavam adotando uma posição de autoridade e até mesmo de dominância sobre os homens, o que era inaceitável para a cultura da época (2:12). A exigência de silêncio associada ao ensino também pode indicar que as mulheres continuavam falando durante o ensino ou o culto.

Paulo aconselha que as mulheres permaneçam silenciosas, não por serem inferiores mas como sinal de sua submissão aos homens e de reconhecimento de sua autoridade. Elas estariam então obedecendo à ordem estabelecida por Deus na criação (2:13). A comunidade cristã deveria ser um modelo para os relacionamentos entre homens e mulheres.

Aplicando essa instrução à África de hoje, precisamos pensar cuidadosamente sobre como as mulheres expressam sua submissão às autoridades e aos homens. Em outras palavras, o que é equivalente a “silêncio” na cultura africana?

Uma leitura mais superficial de 2:14 poderia sugerir que Eva leva consigo mais culpa pela queda do que Adão, como se o pecado tivesse infestado a raça humana por meio de Eva. Adão, entretanto, é duas vezes mais culpado que Eva. Primeiro, ele ouviu a fala de sua mulher — ela deveria ser quem ouve — e, então, desobedeceu a Deus comendo do fruto proibido. Ao dar ouvidos a Eva, Adão deixou de assumir o lugar de responsabilidade que lhe havia sido entregue em razão da ordem da criação (2:13) e agiu como se Eva tivesse autoridade sobre ele.

Tem havido muito debate sobre o que Paulo quis dizer quando afirmou que a mulher *será preservada através de sua missão de mãe* (2:15). A expressão “preservada” significaria salva do pecado ou algo como ser preservada ou protegida durante o parto? A primeira interpretação apela para aqueles que gostam de espiritualizar os textos, ao passo que a segunda é particularmente atraente na África, onde muitas mulheres morrem durante o parto. A gravidez pode significar um período de angústia para uma mulher e para aqueles ao seu redor. Entretanto, duas verdades importantes ficam claras: a) As mulheres são destinadas a gerar filhos, embora este não seja o seu único chamado e nem todas as mulheres se tornem mães. Para a maioria das mulheres, especialmente na África, a maternidade é uma alegria. b) As mulheres não serão salvas apenas porque são mães. Para serem salvas, elas devem ter fé, acompanhada de amor, santidade e modéstia (2:15), três virtudes que expressam a fé verdadeira na vida diária.

### 3:1-7 Pastores

Paulo usa o termo *episkopos* (significando “supervisor”) para designar aqueles que são chamados a cuidar do rebanho de Deus. Em português, essa palavra é, algumas vezes, traduzida por “bispo”, mas a palavra “pastor” também está correta.

Pela segunda vez nessa carta, Paulo afirma: *Fiel é a palavra* (3:1; cf. tb. 1:15). Neste caso, sua declaração confiante se refere ao caráter nobre do ministério pastoral. Diferentemente de muitos em nossos dias, ele não apresenta esse ministério em termos dos benefícios que oferece ao pastor, mas das características pessoais que convêm aos pastores para sua tarefa. Tais características se dividem em três categorias:



- *Com relação à sociedade*, os pastores devem ser irrepreensíveis (3:2a). Sua moralidade não deve ser questionável. Devem também ser monogâmicos (3:2b), isto é, legalmente casados com apenas uma esposa. Esse padrão é importante não apenas nos dias de Paulo, mas também na África, onde o direito consuetudinário em relação ao casamento é muito difundido. Seria errado, entretanto, assumir que as palavras de Paulo neste caso significam que apenas o pastor precisa ser monogamo, enquanto outros crentes podem ser polígamos. Neste caso, o apóstolo não está falando sobre os relacionamentos de outros crentes.
- *Com relação a si mesmos*, os pastores devem demonstrar autocontrole (3:2c-3). Não devem ser dados ao vinho ou a discussões ou a um amor doentio pelo dinheiro. Em resumo, devem ser livres de vícios que os possam escravizar e torná-los incapazes para servir livremente ao Mestre.
- *Em relação a seus lares*, os pastores devem governar bem sua própria família (3:4-5). Se um pastor não é respeitado por sua própria família, ele não conquistará o respeito da igreja pela qual é responsável.

O requisito mais importante para um pastor é a maturidade (3:6). O orgulho é a pior armadilha à espreita por um novo convertido a quem é confiada uma posição de liderança. Uma vez apanhado na armadilha do diabo, o pastor e toda a comunidade não podem mais dar um bom testemunho para Deus (3:7).

### 3:8-13 Diáconos

Outras passagens nos informam que os diáconos auxiliam os pastores em seu trabalho e cuidam dos necessitados na igreja, especialmente viúvas, doentes e pobres (cf., p. ex., At 6:2-4). Os diáconos devem ter as mesmas qualidades que os pastores (3:8), pois sua tarefa é tão importante quanto a deles (a despeito da percepção muito difundida de que os pastores são superiores aos diáconos) e porque os diáconos também podem assumir responsabilidades pastorais. Pelo fato de os diáconos também tomarem parte no ensino e não ser responsáveis apenas pelo trabalho social na igreja, eles precisam ter uma compreensão segura *conservando o mistério da fé* (3:9). Essas verdades profundas só podem ser compreendidas pelos filhos de Deus que são iluminados pelo Espírito.

Não há concordância quanto a se as mulheres referidas em 3:11 eram diaconisas ou esposas de diáconos. Em minha opinião, parece possível que Paulo esteja referindo-se às esposas dos diáconos porque esse versículo está entre outros dois que tratam de homens diáconos. No entanto, outros perguntam por que as esposas dos diáconos deveriam ser mencionadas enquanto as esposas de pastores e presbíteros não o são. Seja qual for a interpretação correta, não pode haver dúvida de que o comportamento das

esposas dos diáconos podem afetar o bom andamento do trabalho de seus maridos.

A comunidade cristã deve exemplificar os valores fundamentais do casamento: o sistema estabelecido por Deus na criação é monogâmico. Assim, à semelhança dos pastores, os diáconos devem ser estritamente monogâmicos e bons líderes de seus lares.

### 3:14-16 Encorajamento pessoal

Como em 1:18-20, Paulo completa seu conselho sobre a vida da comunidade com palavras de encorajamento a Timóteo em razão de sua enorme responsabilidade ao tomar conta da casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, *coluna e baluarte da verdade* (3:15).

No mundo antigo, as colunas que sustentavam os grandes templos com frequência continham inscrições, poemas e esculturas que relatavam os eventos mais importantes da vida de generais, heróis e deuses. Essas informações seriam duradouras e lidas por sucessivas gerações enquanto as colunas permanecessem de pé. Paulo usa essa metáfora para deixar claro que a igreja, que é a casa de Deus, deve proclamar os feitos de Deus e as verdades a seu respeito.

Inspirado por essa metáfora, Paulo cita pela terceira vez uma fórmula ou hino litúrgico (3:16; cf. 1:17; 2:5). Ele apresenta a piedade como um mistério, uma verdade que o mundo não pode entender sem a intervenção do próprio Deus, mas que os apóstolos, pastores e diáconos são chamados a preservar. Como o hino em 2:5, este fala de Jesus Cristo e concisamente resume os pontos-chave sobre Cristo. A expressão *foi manifestado na carne* refere-se à encarnação, uma verdade fundamental sem a qual a salvação é impossível. Jesus nasceu em Belém, cresceu como qualquer outra criança em Nazaré e tornou-se um adulto, um galileu entre galileus. Jesus foi *justificado em espírito e contemplado por anjos* em seu batismo no Jordão, evento que marca o início de seu ministério terreno (Mc 1:9-13). Os próprios crentes de Éfeso eram evidência de que Cristo foi *pregado entre os gentios e crido no mundo*. O auge da proclamação da igreja é a verdade da ressurreição de Cristo, pela qual ele foi recebido na glória. Tais verdades devem ser proclamadas e guardadas pela igreja, a qual é a “coluna e baluarte da verdade”.

### 4:1-16 Combatendo falsas doutrinas

#### 4:1-3 Doutrinas falsas e o final dos tempos

As palavras com as quais Paulo introduz a seção seguinte merecem um comentário. Ele alega ter recebido uma revelação de Deus, de tal modo que pode dizer que *o Espírito afirma expressamente* (4:1a). Outros se agarram a essa frase e a usam para si mesmos, argumentando em apoio às suas próprias “revelações especiais” vindas do Espírito, de modo que temos uma abundância de profecias nas igrejas da África. Tais profecias tendem a resultar numa negligência

quanto à leitura da Palavra, que é o meio pelo qual Deus normalmente se revela a nós hoje. Mas há uma importante diferença entre os apóstolos e nós. A fé havia sido diretamente confiada aos apóstolos pelo próprio Jesus, e eles, mais tarde, a colocaram por escrito (2Tm 1:14). Paulo, como apóstolo, havia recebido o mistério da fé diretamente do Senhor (1Co 11:23; Gl 1:11-12). Aqui ele assevera que, como parte daquela revelação mais geral sobre o modo da salvação, também recebeu uma revelação especial de verdades relativas ao final dos tempos.

Os cristãos do período apostólico criam no retorno iminente de Jesus Cristo, e essa crença resultou em muita especulação e fervente antecipação de sua vinda. Paulo os adverte de que o final dos tempos será caracterizado por muito ensino falso, o qual será inspirado pelo diabo, que está sempre procurando solapar o trabalho da igreja de todas as maneiras possíveis (4:16). Essa é a quarta referência nessa carta aos ataques de Satanás e seus exércitos (cf. 1:20; 3:6-7). Paulo não tem dúvida de que a igreja está engajada numa batalha espiritual.

Ensino falso sempre resulta em pecado. Nesse caso, o ensino trazido por *homens hipócritas e mentirosos* (4:2, NVI) encorajaria um falso ascetismo que levaria à proibição do casamento, à abstinência de certos alimentos (4:3a) e a “fábulas profanas” e “velhas caducas” (4:7; cf. tb. 1:4).

#### 4:3b-16 Armas para combater doutrinas falsas

Os cristãos devem combater as falsas doutrinas por meio de suas ações de graças (4:4-5), piedade (4:8-10), ensino (4:11) e exemplo (4:12-16).

- Os cristãos que *conhecem plenamente a verdade* reconhecem que tudo o que Deus nos tem dado é bom, inclusive o alimento, e deve ser aceito com ação de graças (4:3b-4). Somos assegurados disso pela *palavra de Deus e pela oração* (4:5).
- Como líder da igreja em Éfeso, Timóteo está na vanguarda dessa batalha na qual a piedade, ou comprometimento com Deus, é a arma principal (4:7). Ele deve fazer todo o esforço para agradar a Deus, resistir às tentações e tornar-se mais e mais como Jesus Cristo. A piedade tem certamente mais valor que o exercício físico porque *tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser* (4:8).
- Mais uma vez, Paulo usa a fórmula: *Fiel é esta palavra*, 4:9 (cf. tb. 1:15; 3:1). Ele insiste em que a batalha espiritual contra o falso ensino e o pecado exige esforço constante para que todos sejam salvos (4:10). O uso do termo “todos” (os homens) parece apoiar os universalistas, os quais alegam que todos serão salvos, qualquer que seja sua religião. Argumentam que o amor de Deus é suficientemente grande para salvar todas as pessoas e que a única vantagem dos cristãos é saber que estão salvos. Todavia, embora o texto afirme que Deus é o

*Salvador de todos os homens* e deseja que todos sejam salvos, não afirma que todos realmente serão salvos, quer creiam quer não. Apenas os que creem têm acesso à salvação. Timóteo é encorajado a proclamar e ensinar essas verdades relativas à salvação (4:11).

- Ensinar é uma coisa, como Paulo afirma claramente, mas exemplificar o ensino por meio do estilo de vida é outra. Na África, temos muitos mestres que possuem diplomas magníficos, mas o que precisamos é de modelos que os cristãos possam imitar. O desafio feito a Timóteo é que ele seja um exemplo daquilo que ensina (4:12).

Na cultura daquele tempo, os líderes respeitáveis normalmente tinham mais de 30 anos de idade. Timóteo, no entanto, podia ganhar o respeito dos outros por seu comportamento e exemplo, qualquer que fosse sua idade. Podia também cumprir os três componentes principais de seu ministério: leitura pública das Escrituras, pregação e ensino (4:13).

Para encorajá-lo, Paulo o faz lembrar de seu chamado e da cerimônia na qual os presbíteros haviam imposto as mãos sobre ele, separando-o e afirmando que ele possuía o dom necessário para ser um ministro da Palavra (4:14; cf. tb. 1:18). O apóstolo também relembra a Timóteo que ele precisava manter vigilância cuidadosa sobre sua própria vida e ensino, não apenas para seu próprio bem, mas para que seja capaz de cuidar dos outros (4:15-16). Ele é um crente, assim como aqueles a quem orienta. Ele mesmo deve ser suficientemente forte para ser capaz de edificar outros.

#### 5:1—6:2 Responsabilidades da comunidade cristã

A seção compreendida em 2:8 a 3:13 trata do comportamento dos crentes dentro da comunidade cristã e das qualidades exigidas dos líderes cristãos. Agora Paulo se ocupa das responsabilidades da comunidade para com seus membros.

##### 5:1-2 A comunidade como uma família

Como uma família, a comunidade cristã consiste em pessoas de todas as idades, e, na cultura africana, todos devem ser tratados de maneira própria. Um pai não deve ser tratado como um filho, nem uma irmã, como uma amiga. De fato, as pessoas dentro de uma comunidade cristã devem tratar uns aos outros até mesmo melhor do que o fazem as pessoas numa sociedade mais ampla, pois todos estão unidos em Cristo. Seria tão difícil para o jovem Timóteo repreender ou exortar (5:1a) aqueles que eram mais velhos quanto o seria para um africano nas mesmas condições. Portanto, ele precisava ser cuidadoso para dirigir-se a eles com todo o respeito que lhes era devido. Eles eram pais e mães. Quem ousaria falar rudemente com seus pais? Em algumas culturas africanas, tal pessoa seria expulsa da vila!

Timóteo deve dirigir-se *aos moços, como a irmãos*, e às *moças, como a irmãs* com as quais deve manter absoluta pureza (5:1b-2). Esta última exigência é muito importante, pois muitos líderes têm fracassado em seu ministério porque não foram cuidadosos quanto a manter pureza em seus relacionamentos com o sexo oposto.

### 5:3-16 Responsabilidade pelas viúvas

Paulo distingue duas categorias de viúvas na igreja. O primeiro grupo é composto daquelas que possuem filhos ou netos que podem cuidar delas (5:4a). As incluídas nesse grupo deveriam ser sustentadas por seus filhos, que assim expressariam sua gratidão por aquilo que suas mães ou avós fizeram por eles, sendo ao mesmo tempo úteis à comunidade e comportando-se como crentes verdadeiras deveriam fazê-lo (5:4b,8). O outro grupo consiste naquelas que não possuem mais ninguém a quem apelar senão esperar em Deus (5:3,5). Essas deveriam experimentar a compaixão de Deus e a resposta às suas orações por meio da comunidade que vem em seu socorro.

Pode haver, entretanto, a viúva que se entrega aos prazeres, isto é, que está unicamente interessada em procurar por um homem que satisfaça seus desejos sexuais. Paulo considera tais mulheres espiritualmente mortas. A comunidade não deve ajudá-las (5:6).

Condições rigorosas são estabelecidas em relação às viúvas sob a responsabilidade da comunidade (5:9). A primeira exigência é que elas deveriam ter mais de 60 anos de idade. Nessa idade, elas não podem mais trabalhar para sustentar-se. Sessenta anos é a idade da aposentadoria em muitos países africanos.

Essas viúvas idosas deveriam ter sido casadas com apenas um marido e ter dado evidências de um comportamento exemplar enquanto o marido estava vivo. Paulo não estava necessariamente afirmando que nenhuma mulher que tivesse ficado viúva mais de uma vez não poderia ser sustentada, mas em seus dias não teria havido muitas mulheres em tais condições. Seu foco, nesse caso, se limita à questão de a mulher ter sido uma esposa fiel e exemplar (5:10).

Paulo deixa claro que tais viúvas não deveriam transformar-se em parasitas da comunidade, mas dar à igreja uma contribuição útil. Ele menciona algumas tarefas que poderiam ser entregues a elas, embora não todas, de modo nenhum.

O último grupo mencionado por Paulo é constituído das viúvas jovens. Elas são vulneráveis às tentações sexuais, o que fará que desejem casar-se rapidamente (5:11). Quando a falta de controle as leva a se casar, elas quebram seu primeiro compromisso (5:12). Qual seria esse compromisso? Poderia ser o voto feito pela mulher em seu primeiro casamento, o qual terminou com a morte de seu marido. Entretanto, parece mais provável que fosse algum tipo de voto feito pela viúva de dedicar-se ao serviço da igreja pelo resto de sua vida. Viúvas jovens são também inclinadas à

ociosidade e a todos os vícios pelos quais as mulheres de mau comportamento são conhecidas (5:13). Paulo as aconselha a se casar novamente, de modo que, como esposas e mães, se mantenham ocupadas administrando seus lares. O apóstolo deixa claro que está dando tais conselhos para evitar que o mundo tenha oportunidade de falar mal dos cristãos (5:14).

Não é necessário mencionar que as viúvas que têm familiares crentes não devem ser dependentes da comunidade (5:16). Elas devem ser cuidadas por suas famílias e, particularmente, por mulheres crentes.

É importante enfatizar que a comunidade considerava o auxílio aos necessitados como parte de seu chamado. A igreja, entretanto, não deveria ficar tão preocupada com obras de caridade que se esquecesse de seu chamado principal.

### 5:17-25 Responsabilidade dos presbíteros

Paulo já falou sobre o papel do pastor (*episkopos*) e do diácono (*diakonos*). Agora introduz um terceiro termo: o ancião (*presbyteros*). Este termo em geral designava uma pessoa mais velha, mas nessa carta é usado para indicar um líder na comunidade. Os comentaristas concordam que *episkopos* e *presbyteros* podem significar a mesma coisa. A única diferença é que o primeiro termo era usado nas comunidades de origem grega, e o segundo, nas comunidades de origem judaica.

Paulo não discute as qualidades exigidas dos presbíteros porque já o havia feito em 2:3-7. Em vez disso, especifica suas responsabilidades focalizando especialmente sua tarefa de *pregação e ensino* (NVI) e as responsabilidades de liderar bem as atividades da igreja (5:17). Quando Paulo diz que aqueles que *lideram bem a igreja são dignos de dupla honra* (NVI), pode estar dizendo que eles merecem o dobro do respeito dado aos outros. As citações de Deuteronômio 25:4 e Mateus 10:10 sugerem que ele podia estar pensando em termos de apoio financeiro. Qualquer que seja a interpretação, no entanto, os presbíteros merecem ambos: honra e honorários! Devem ser considerados trabalhadores assalariados (5:18).

Como figuras públicas e especialmente como ministros da Palavra, os presbíteros são vulneráveis a todos os tipos de acusações (5:19). Sendo assim, Paulo recomenda a aplicação de um princípio escriturístico de que qualquer acusação deve ser corroborada pelo depoimento de *duas ou três testemunhas* (cp. Dt 17:6). É vital que a igreja esteja certa a respeito dos fatos antes de emitir um julgamento. Tais casos devem ser ouvidos *sem prevenção, nada fazendo com parcialidade* (5:21). Os presbíteros não são super-homens e podem cair em pecado como qualquer outro cristão. Timóteo não pode ceder à tentação de lhes conceder tratamento especial por causa de sua posição. Isso acontece algumas vezes na África, onde o respeito pelos presbíteros às vezes resulta na tolerância de falhas.

Timóteo não deve deixar passar os pecados cometidos por um presbítero, mas repreendê-los publicamente, a fim de ensinar aos outros o que significa temer ao Senhor (5:20).

Paulo sublinha a seriedade do que está dizendo com as palavras: *Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos* (5:21). Os anjos eleitos são aqueles que não caíram com Satanás. Ao longo de toda essa carta, Paulo esteve muito consciente da batalha que é travada entre os crentes e Satanás e seus anjos decaídos (1:20; 3:6-7; 4:1).

Em 5:22, Paulo retorna à prática da imposição de mãos. Esse ato significa o reconhecimento de que alguém foi chamado para o ministério, como havia sido o caso de Timóteo (4:14). Impor as mãos sem discernimento, no entanto, pode levar a situações em que alguém que está vivendo em pecado seja indicado para um ministério. Timóteo não apenas teria de lidar com o pecado dessa pessoa, como, em certo sentido, poderia até mesmo se tornar um cúmplice desse pecado. Não é de admirar que discernimento fosse necessário! Paulo agora faz um aparte digno de nota. Revela que Timóteo não desfrutava de boa saúde. O apóstolo o aconselha a ter cuidado consigo mesmo e recomenda que ele use um pouco de vinho como remédio (5:23). Com base neste versículo, fica claro que Timóteo não bebia vinho regularmente.

Paulo retorna então à questão do pecado entre os líderes. Com frequência, os líderes escondem seus pecados em vez de reconhecê-los diante de Deus e enfrentá-los. Mas, cedo ou tarde, eles virão à luz (5:24). De modo semelhante, algumas boas obras serão notadas imediatamente, enquanto outras passarão despercebidas (5:25). Mas não há necessidade de se preocupar a esse respeito, pois todas as boas obras serão eventualmente reveladas para a glória de Deus. Paulo parece estar dizendo aos líderes que eles não deveriam preocupar-se com sua imagem pública. Deus cuidará disso.

### 6:1-2 Responsabilidade dos escravos

Escravos crentes também faziam parte da comunidade cristã. Na sociedade daquele tempo, havia pelo menos tantos escravos quanto homens livres. Paulo apela aos escravos para que respeitem seus senhores de modo que seu comportamento possa ser um testemunho do ensino verdadeiro e da glória de Deus (6:1). Paulo não apoia a escravidão — de fato, ele condena vigorosamente o tráfico de escravos (1:10). Um escravo ou empregado doméstico cujo proprietário ou empregador seja crente não deve presumir que, pelo fato de serem irmãos em Cristo, o empregador mereça menos respeito (6:2). Ao contrário, eles deveriam servi-los ainda melhor como irmãos e irmãs leais.

### 6:3-16 Causas e antídoto para o ensino falso

Pela terceira vez, Paulo retorna à questão referente às *falsas doutrinas* (6:3, NVI; cf. tb. 1:3-11; 4:1-8), que anteriormente ele havia descrito como “ensinos de demônios”

(4:1b). Dessa vez, o apóstolo não trata das características dessas doutrinas, o que ele fez em 4:1-3, mas, ao contrário, concentra-se em advertir contra qualquer pessoa que tente introduzir tais doutrinas na comunidade.

### 6:4-5 Causas: ignorância e cobiça

É importante discernir o tipo de pessoa que introduz falsas doutrinas. Esse indivíduo é egocêntrico e pensa unicamente em si mesmo e em seus interesses (6:4). Ama argumentos inúteis que levam a contendas e disputas porque *é enfatuado e nada entende*. Sua motivação principal, entretanto, é a cobiça, pois possui uma ligação doentia para com o dinheiro (6:5). Em nossos dias, tais pessoas provavelmente desenvolveriam um evangelho da prosperidade, pois veem a religião como fonte de lucro.

### 6:6-10 Antídoto: contentamento

Ironicamente, em sua cobiça, tais pessoas deixam de receber um grande ganho (6:6). A piedade que exploram por causa de seu insaciável desejo por dinheiro poderia trazer-lhes satisfação. Deixam de regozijar-se no fato de ter as necessidades da vida atendidas: alimento, vestimenta e, poderíamos acrescentar, abrigo (6:8). Ao dizer isso, Paulo não está insinuando que os crentes devem permanecer pobres. Ao contrário, está indicando que aqueles que estão contentes com o que têm são mais felizes que aqueles que nunca estão satisfeitos. Aqueles que constantemente anseiam por mais se tornarão presa de muitos pecados (6:9-10). E, até pior, podem afastar-se da vida com Deus e mergulhar em desespero. Apenas na fé seremos capazes de usufruir paz.

### 6:11-16 Antídoto: valores cristãos

Embora seja o líder da comunidade em Éfeso, Timóteo não deve presumir que esteja livre dos perigos das falsas doutrinas que conduzem ao pecado e, em particular, à escravidão ao dinheiro. Esforço constante é exigido (6:11). Mais uma vez, ele é lembrado da importância do *bom combate da fé* (6:12; 1:18).

Timóteo é lembrado também de um evento importante em sua vida — provavelmente a cerimônia mencionada em 4:14 na qual recebeu a imposição de mãos dos presbíteros. Naquela cerimônia, ele fez uma *boa confissão*, dando testemunho público de sua fé (6:12). Relembrando-o de que o *Senhor Jesus Cristo* também fez uma *boa confissão* (6:13), Paulo exorta seu filho espiritual a viver uma vida irrepreensível (6:14).

Mas que confissão de fé fez Jesus diante um juiz romano? Que ligação há entre o que aconteceu então e a confissão de fé feita por Timóteo? A ligação está em que a justiça romana, representada por Pôncio Pilatos, não descobriu nenhuma culpa em Jesus e declarou publicamente sua inocência (Jo 18:38; 19:4,6). Timóteo deveria tomar esse mandamento *imaculado e irrepreensível* como modelo para o seu próprio ministério. Não será fácil e exigirá uma luta

constante que terminará somente na *manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo* (6:14).

Aqui Paulo insere outro texto litúrgico ou hino sobre a volta de Jesus Cristo (6:15-16). Na NVI, esse hino é apresentado como se referindo a Deus, o Pai, mas outras traduções o tratam como se referindo a Cristo. A confusão surge porque o grego menciona apenas “ele”, sem especificar quem. Pessoalmente, eu argumentaria que é Jesus Cristo, porque o contexto trata do retorno de Cristo. Além disso, no tempo dos apóstolos, os atributos do Pai eram frequentemente conferidos a Jesus. Por exemplo, o título *Senhor*, que era usado para Deus no AT, é regularmente usado para Jesus no NT. Aqui o Senhor é apresentado em sua absoluta soberania, a qual todos reconhecerão no final dos tempos.

### 6:17-21 Conselhos variados

Certamente havia pessoas ricas na comunidade cristã de Éfeso. Estas não eram as mesmas pessoas sobre quem Paulo falou em 6:4-5, em que ele denunciou aqueles que faziam da religião uma fonte de lucro ou ensinavam um evangelho da prosperidade. Os ricos mencionados aqui podem ter adquirido suas riquezas honestamente. Entretanto, isso não significa que estivessem livres da cilada do orgulho (6:17), pecado que Paulo não cessa de denunciar. O orgulho encoraja o rico a ser autoconfiante, certo de que tem o suficiente para sustentar a si mesmo até a morte. Mas as riquezas não podem garantir o futuro.

Os crentes ricos devem procurar usar suas riquezas para abençoar outros. Deveriam repartir generosamente sua riqueza com os necessitados na igreja (6:18) e, especialmente, com as viúvas.

É importante assinalar que Paulo insiste em que cada um produza boas obras, sejam pobres, viúvos, escravos ou ricos. Boas obras são evidência de uma fé autêntica.

Não devemos interpretar mal o que lemos em 6:19, como se Paulo estivesse dizendo que as boas obras são necessárias para obter a vida eterna. O que ele afirma é que boas obras e generosidade são como um investimento no reino. Deus saberá como recompensar aqueles que viveram generosamente.

As palavras finais de Paulo a Timóteo nessa carta são outra admoestação contra falsa doutrina, que aqui é descrita como *falatórios inúteis* falsamente considerados *saber* (6:20). Paulo não consegue falar o suficiente contra esse inimigo pernicioso que desvia as pessoas da fé (6:21).

Solomon Andria

### Leituras adicionais

KELLY, J. N. D. *The Pastoral Epistles*. Reimpressão. BNTC. Peabody: Hendrickson, 1993.

GUTHRIE, Donald. *The Pastoral Epistles*. Ed. rev. TNT. Leicester: InterVarsity Press, 1994.

MOUNCE, William D. *The Pastoral Epistles*. WBC. Nashville: Thomas Nelson, 2000.



# 2TIMÓTEO

Paulo escreveu duas cartas a Timóteo, seu filho espiritual, a quem deixou encarregado de organizar e liderar a igreja em Éfeso, famosa cidade situada na Ásia Menor. Essa segunda carta foi escrita enquanto Paulo estava preso e aguardando julgamento em Roma. O apóstolo era acusado de proclamar uma religião ilegal numa época em que o Império Romano pregava a adoração ao imperador. Paulo sabia que poderia ser condenado à morte.

## Esboço

1:1-5 Saudação

1:6-14 Encorajamento

1:15-18 Algumas pessoas decepcionam, outras encorajam

2:1-18 Exemplos de serviço

2:19-26 Os falsos cristãos devem ser confrontados

3:1-17 Os últimos dias

3:1-9 Comportamento perverso

3:10-17 A responsabilidade de Timóteo

4:1-8 A importância da Escritura

4:9-22 Outros relacionamentos de Paulo

## COMENTÁRIO

### 1:1-5 Saudação

Paulo não utiliza sua saudação-padrão nessa segunda carta. Em vez de afirmar sua autoridade como apóstolo, fala de seu chamado estabelecido nas promessas de Deus, cujo propósito era proclamar a promessa de vida que está em Jesus Cristo (1:1). A saudação também mostra seu amor por Timóteo, a quem chama de *amado filho* (1:2a; cf. tb. 1Tm 1:2). Paulo fala como se Timóteo fosse realmente seu filho, e não como um jovem com quem mantinha um relacionamento baseado no fato de compartilharem o mesmo chamado para proclamar a Cristo.

Paulo ora para que Timóteo desfrute as bênçãos da *graça, misericórdia e paz* que virão *da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo* (1:2b). Essa oração revela que Paulo considera Jesus igual a Deus.

O apóstolo seguia os passos de seus *antepassados*, pessoas que serviram a Deus no passado (1:3). A palavra “antepassado” pode ter trazido à memória do apóstolo seus próprios parentes que lhe ensinaram os caminhos de Deus, inclusive a mãe e a avó de Timóteo, que instruíram o jovem nos caminhos de Deus (1:5). Considerando a vocação e as experiências comuns de vida de ambos, não surpreende que tenham trabalhado juntos como pai e filho na causa do evangelho.

Um provérbio zulu declara: “Quando nasce um filho, também nasce um pai”. Ao assumir a liderança da igreja, Timóteo viu em Paulo um pai de quem poderia buscar orientação. O relacionamento entre os dois era tão próximo que Timóteo chorou na última vez em que se despediu de Paulo (1:4).

### 1:6-14 Encorajamento

Assim como na primeira carta, após a saudação Paulo passa a encorajar Timóteo, responsável pela igreja após a partida do apóstolo. Paulo relembra a Timóteo que sua vocação, assim como sua salvação (e a de todos os cristãos), foi planejada por Deus *antes dos tempos eternos* (1:9). Essa vocação foi confirmada quando Paulo lhe impôs as mãos (1:6), possivelmente com o intuito de torná-lo líder dos anciãos, conforme registrado em 1Timóteo 4:14. Dessa forma, Timóteo não deveria duvidar de seu chamado e sua competência, nem ficar imaginando se era muito jovem para assumir a liderança da igreja. Em vez disso, Paulo pede que Timóteo desenvolva um espírito de *poder, de amor e de moderação*: “poder” para superar qualquer aparência de fraqueza que porventura se insinuasse devido à sua pouca idade; “amor” para superar críticas imerecidas; e “moderação” para que a pureza de sua vida impusesse silêncio sobre seus críticos (1:7). Deus capacitou Timóteo para a tarefa a que o chamou, e o Espírito de Deus continuaria a capacitá-lo. Essa verdade ainda se aplica atualmente e serve de encorajamento a qualquer pastor africano que se sinta inadequado para desempenhar a tarefa que Deus lhe deu.

Contudo, essas palavras de encorajamento também levaram Timóteo a encarar o fato de que o sofrimento faz parte do ministério. Paulo sofreu como servo; Timóteo também sofrerá. Paulo o convida a seguir seu exemplo na proclamação do evangelho (1:8), em razão do qual tem sido *pregador, apóstolo e mestre* (1:11). Paulo descreve a si mesmo como “pregador”, a fim de chamar atenção para seu papel como alguém que anuncia as boas-novas; como “apóstolo”, a fim de apontar para sua autoridade em

cumprir esse propósito (ele é um “enviado”); e como “mestre”, a fim de focalizar seu objetivo: fortalecer os cristãos na fé.

Timóteo não deve ter medo, pois, assim como Paulo, está realizando a obra de Deus e conta com a graça e a misericórdia do Senhor (1:9). Também não deve envergonhar-se de suceder um homem condenado à morte (1:8), como se envergonharam alguns cristãos (1:15). O chamado de Timóteo está subordinado à obra de Cristo, planejada antes da fundação do mundo e manifestada em sua vida, morte e ressurreição (1:10). Paulo está convencido de que a morte o levará para a *vida* e a *imortalidade* que se manifestarão em toda a sua plenitude no dia em que Jesus retornar, mas que já fazem parte da experiência de todo cristão. Paulo gosta de falar sobre *aquele Dia* (1:12,18) porque sua esperança descansa no glorioso retorno do Salvador, a quem o apóstolo confiou sua alma. As autoridades romanas não podiam destruir esse tesouro, pois estava bem guardado nas mãos de Deus.

Paulo depositou sua alma nas mãos de Jesus (1:12), e recebeu em troca (assim como Timóteo) um *depósito* que deveria guardar (1:14). Esse depósito é a verdade do evangelho, a palavra que veio diretamente do Senhor Jesus Cristo e que deveria ser comunicada ao povo de Deus. Em outra passagem, Paulo fala desse depósito como “o mistério da fé” (1Tm 3:9). Timóteo deve esforçar-se para que seu ensino e seu comportamento mantenham esse depósito protegido contra qualquer dano.

Jovens formandos de seminários teológicos geralmente têm medo de pastorear pessoas mais velhas que eles. As palavras de Paulo chamam a atenção desses jovens para o fato de que, assim como Deus os escolheu para o serviço, também os capacitará para o desempenho de suas funções. Outros temem sofrer danos físicos por proclamar o evangelho. Paulo nos lembra que a proteção de Deus é eterna, mesmo quando o corpo é destruído. Que maravilha sermos chamados com base na graça de Deus e protegidos pelo seu poder!

### 1:15-18 Algumas pessoas decepcionam, outras encorajam

Como em qualquer carta pessoal, Paulo escreve detalhes de sua vida. Ele sofreu grandes decepções com o comportamento de Fígelo e Hermógenes (1:15). Talvez esperasse que os dois o auxiliassem em suas dificuldades na prisão ou testemunhassem a seu favor diante do tribunal romano, mas eles não lhe ofereceram nenhuma ajuda.

Onesíforo, por outro lado, *muitas vezes* [...] *deu ânimo* ao apóstolo (1:16). Ajudou Paulo em Éfeso (1:18) e depois foi auxiliá-lo em Roma (1:17). O emprego do pretérito ao falar de Onesíforo e a menção aos de sua família (sem mencioná-lo) em 4:19 pode indicar que Onesíforo havia falecido. Paulo ora ao Senhor pela família de Onesíforo (1:16) e expressa profundo desejo de que o Senhor o recompense adequadamente (1:18).

Em tempos difíceis, os servos de Deus são tentados a pensar que seu ministério não produziu nenhum fruto e que todos aqueles que imaginavam serem seus amigos os abandonaram. Como é costume dizer em Madagascar: *Ny omby mahia tsy lelafin'ny namany* (“Quando a vaca está magra, suas companheiras não a lambem”). Deus, contudo, pode providenciar alguém como Onesíforo para permanecer ao lado de seus servos. Em vez de queixar-se da atitude de Fígelo e Hermógenes, Paulo exaltou a Deus por Onesíforo.

### 2:1-18 Exemplos de serviço

Timóteo foi instruído nas “sãs palavras” e recebeu o “bom depósito” da fé (1:13-14) por intermédio de Paulo, de modo que agora deve transmitir essas coisas a *homens fiéis e também idôneos para instruir a outros* (2:2b). Timóteo deve começar imediatamente a preparar aqueles que o sucederão, e para isso precisa discernir cuidadosamente quem serão esses homens. Seria prudente Timóteo lembrar a carta anterior na qual Paulo faz uma descrição do líder em potencial (1Tm 3:1-13).

Timóteo recebeu a sã doutrina por meio de Paulo e *através de muitas testemunhas* (2:2a), ou “na presença de muitas testemunhas” (NVI). Essa passagem permite duas interpretações: a) Timóteo não se converteu por meio da pregação de Paulo, mas recebeu o evangelho pelo testemunho de várias pessoas; ou b) várias pessoas testemunharam a ordenação de Timóteo por Paulo, possivelmente na cerimônia de imposição de mãos (1Tm 4:14). A segunda interpretação parece preferível, pois se encaixa no contexto de encorajamento que Paulo está transmitindo em sua carta. Além disso, Paulo enfatiza que Timóteo é seu filho, como se o apóstolo tivesse sido o instrumento de sua conversão.

Em seguida, Paulo fornece três exemplos de como Timóteo deveria servir a fim de cumprir sua missão. Ele deveria servir como um soldado que concentra toda a sua atenção em agradar seu comandante (2:4); como um atleta que se submete a intensa disciplina a fim de ganhar o prêmio (2:5); e como um lavrador que trabalha arduamente a fim de obter uma boa colheita (2:6).

Enquanto reflete sobre essas ilustrações, Timóteo não deve esquecer seu Senhor, *Jesus Cristo* (2:8). Esse pensamento leva Paulo a um aparte que geralmente ocorre em suas cartas (cf. Cl 1:15-20; Fp 2:5-11). Aqui Paulo pode estar citando algum hino ou fórmula litúrgica que fala de Jesus e sua natureza humana, particularmente de sua linhagem real como filho de Davi. Todos os reis de Judá eram descendentes de Davi, mas em sua ressurreição Jesus mostrou que é muito maior que seu ancestral: ele é o Messias prometido (ou “Cristo”). O evangelho que Paulo proclamava, e pelo qual vinha sofrendo, declarava que o Messias veio, morreu e ressuscitou dos mortos. Judeus e romanos se opunham a esse evangelho, gerando um conflito que levou Paulo à prisão. Contudo, a palavra

de Deus não pode ser algemada (2:9). Esse evangelho passou de Paulo para Timóteo e continuaria espalhando-se para outros homens fiéis, e destes para outros, até a mensagem chegar aos confins da terra. Paulo, consequentemente, suportava seu sofrimento não com resignação ou fatalismo, mas com esperança, convencido de que, apesar de estar preso, mais pessoas seriam alcançadas pela salvação (2:10).

Ao mencionar a salvação, Paulo dispara outra declaração de fé, semelhante àquelas em sua primeira carta (2:11; cf. tb. 1Tm 1:15; 3:1). Esse hino sublime falando de Cristo pode ser resumido em uma frase: Jesus está conosco. Por causa de sua participação na crucificação e sepultamento de Cristo na morte pelo batismo (Rm 6:4; Gl 2:20), Paulo também viverá, assim como Cristo vive. O sofrimento e a morte não representam o fim. Pelo contrário,

Paulo enxerga além de sua morte e vislumbra a vinda de um dia glorioso (2:12a).

Haverá cristãos que negarão Cristo, seja em palavras, pela maneira de viver ou pela forma de reagir diante do sofrimento (2:12b). Embora permaneçam salvos e seu lugar no céu esteja assegurado, Cristo não ficará orgulhoso deles diante do Pai (Mt 10:33).

Contudo, os cristãos não deveriam preocupar-se em perguntar: “E se eu fracassar?”. Aqueles cujo coração está determinado a agradar seu Senhor não precisam temer. Ainda que venham a falhar por alguma razão (*se somos infiéis*, 2:13a), não serão afastados. O Senhor permanece fiel à sua promessa: todos aqueles que suportarem o sofrimento reinarão com ele (2:12a). É parte da natureza de Cristo cumprir suas promessas (2:13b). Jesus é o mesmo “ontem e hoje [...], e o será para sempre” (Hb 13:8).

## A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA ÁFRICA

Na década de 1960, o cristianismo na África era descrito como abrangente, mas sem profundidade. Pouca coisa mudou desde então. A despeito do grande número de cristãos africanos, de novas igrejas surgindo todo dia, de encontros de orações que atravessam a noite, exorcismos e jejuns, o continente africano continua impregnado de subornos, má administração, assassinatos, golpes, epidemia de aids e assim por diante.

Esse paradoxo nos convida a examinar a forma pela qual os cristãos têm sido educados. Será que há uma educação genuinamente cristã em nossas igrejas?

Precisamos reconhecer que a educação cristã é muito mais que apenas ensinar as crianças. A educação cristã é o instrumento pelo qual a fé cristã é transmitida de uma geração a outra. Ajuda os cristãos a adquirir fé por si mesmos e vivenciá-la. Auxiliados pelo Espírito Santo que habita em cada cristão, a educação cristã fornece orientação para todos os estágios da vida.

Um dos motivos pelos quais não vemos educação cristã em muitas de nossas igrejas se deve à ignorância, geralmente ligada à maneira pela qual os pastores são treinados. Muitas escolas de teologia fornecem pouco mais que uma introdução à educação cristã. É preciso que os cursos façam as pessoas tomar ciência do valor da educação cristã efetiva, algo que, por sua vez, se traduzirá na implementação de uma educação adequada e organizada nas igrejas africanas.

As ferramentas educacionais básicas de que precisamos são professores, materiais e métodos:

- **Professores.** O mesmo método que se aplica aos supervisores também se aplica aos professores cristãos (1Tm 3:1-6). Estes não devem ser inexperientes, mas cristãos maduros, respeitados, comprometidos e de

caráter acima de qualquer suspeita. Devem crescer constantemente no Senhor, de modo que possam educar outros. Uma criança não pode ensinar outra criança. Além disso, devem ser capazes de ensinar, pois alguém sem esse talento não pode liderar um grupo de estudo bíblico.

- **Materiais.** Precisamos de material teológico relevante e de bom conteúdo que trate de questões pertinentes à vida. A África deve deixar de ser um quintal de lixo onde se jogam materiais irrelevantes produzidos em outros lugares. É hora de teólogos e professores africanos reagirem e escreverem. As igrejas estão esperando por isso.
- **Métodos.** Devemos aplicar métodos apropriados à idade e capacidade de nossos alunos, pois cristãos de idades diferentes e em diferentes momentos da vida precisam de abordagens diferentes quanto ao material bíblico que estamos apresentando. Embora devamos fazer uso da tecnologia moderna quando ela estiver disponível, não devemos depender disso. Os professores devem aprender a improvisar e transformar o aprendizado em algo divertido, inspirador e útil.

O educador cristão deve ser prático. Conhecimento que não é aplicado para resolver os assuntos do cotidiano não poderá transformar vidas. Memorizar fatos é bom, mas não suficiente. Os aprendizes devem ser desafiados a colocar em prática o que aprenderam. Precisarão de alguém que lhes ensine a analisar, sintetizar e avaliar, a fim de serem capazes de confrontar os desafios da sociedade moderna.

A educação cristã é um meio de aperfeiçoar, desenvolver e educar a igreja em sua autêntica caminhada com Cristo, de modo que a vivência da palavra de Deus tenha um impacto positivo em nossa sociedade.

Lois Semenye

A última ilustração de Paulo sobre exemplos de serviço fala sobre o obreiro (2:15). Quanto à tarefa atribuída em Éfeso, Timóteo deve mostrar a lealdade de um soldado, a resistência de um atleta e a paciência de um lavrador. Ao fazer isso, demonstrará ser um obreiro aprovado por Deus. Como tal, exibirá certas qualidades em sua vida e ministério, as quais Paulo passa a comentar.

Em primeiro lugar, Timóteo deve combater as falsas doutrinas que envolvem *contendas de palavras e falatórios inúteis* (2:14,16; cf. tb. 1Tm 6:20). Esses problemas continuam até hoje por meio de debates intermináveis que não trazem nenhuma contribuição ao reino de Deus. Por exemplo, discute-se a origem do mal, em vez de ensinar o que é o mal e como evitá-lo; discute-se a autoria das epístolas pastorais, mas se ignora sua mensagem. Estamos tão preocupados em saber se nossos antepassados serão salvos mesmo sem terem ouvido falar de Cristo que deixamos passar a oportunidade de apresentar a salvação à geração atual. Gastamos tempo tentando descobrir o dia, o mês e o ano em que Cristo retornará, em vez de prepararmos as pessoas para aquele momento. Satanás está sempre querendo distrair-nos das questões realmente importantes.

“Falatórios inúteis” resultam em incredulidade e separação de Deus. Paulo compara isso a um câncer que corrói a comunidade e destrói tudo o que toca (2:17a). Em seguida, o apóstolo dá um exemplo do tipo de falsa doutrina que deve ser evitado e comenta sobre Himeneu e Fileto, homens que afirmavam que *a ressurreição já se realizou* (2:17b-18; cf. tb. 1Tm 1:20). Por causa dessa discussão, alguns cristãos que aguardavam o retorno de Jesus passaram a acreditar que haviam sido rejeitados por Deus, uma vez que o Senhor ressuscitara os seus. Desesperados, esses cristãos abandonaram a fé.

Paulo menciona algumas duplas de inimigos em seu ministério: Himeneu e Alexandre (1Tm 1:20), Fígelo e Hermógenes (2Tm 1:15), e Himeneu e Fileto (2Tm 2:17). Jesus enviou seus discípulos em duplas (Mc 6:7). Parece que o inimigo utiliza a mesma estratégia.

## 2:19-26 Os falsos cristãos devem ser confrontados

A astúcia dos inimigos da igreja pode ser capaz de destruir a fé de algumas pessoas (2:18), porém Deus estabeleceu uma sólida fundação que descansa sob duas grandes verdades: a) *O Senhor conhece os que lhe pertencem* antes mesmo da criação do mundo (2:19; cf. Nm 16:5). Os apóstatas e heréticos não pertencem à família de Deus. b) O verdadeiro cristão é conhecido por seu comportamento e determinação em apartar-se *da injustiça* (2:19). Essas verdades deveriam trazer consolo para Timóteo.

Paulo utiliza uma metáfora para ilustrar a diferença entre os cristãos falsos e os verdadeiros. Os cristãos verdadeiros trabalham para promover a glória de Deus.

Assemelham-se a instrumentos de prata e ouro que seu proprietário se orgulha de possuir e utilizar. Os falsos cristãos, por outro lado, assemelham-se a instrumentos de madeira e barro que são mantidos a distância e utilizados para fins desonrosos (2:20). Himeneu e Fileto são bons exemplos do tipo de instrumento desprezível que Deus utiliza em sua obra, pois, se não fosse a heresia desses homens, Paulo não teria oportunidade de escrever partes importantes de suas epístolas pastorais.

Paulo diz que esses instrumentos estão guardados numa *grande casa* (2:20), a qual pode ser uma referência tanto ao mundo como à igreja, também chamada de “casa de Deus” (1Tm 3:15). Seja qual for o caso, o cristão verdadeiro deve distanciar-se da injustiça e da perversidade praticadas por seus adversários e permanecer um instrumento de ouro que seu dono se orgulha de possuir (2:21).

Paulo apresenta três estratégias para Timóteo combater seus adversários:

- **Fugir das paixões da juventude (2:22a).** Essas paixões podem ser os desejos da carne, muito mais fortes no jovem que no ancião. Essa interpretação é sustentada pelas exortações de Paulo nessa carta contra a devassidão e várias formas de imoralidade na luta contra as falsas doutrinas (3:6). Contudo, o termo “paixões” poderia igualmente se referir à paixão por *falatórios inúteis e questões insensatas e absurdas* (2:16,23) que os jovens gostam de discutir. É possível que Paulo estivesse referindo-se aos dois tipos de paixões.
- **Buscar as virtudes espirituais (2:22b).** Paulo inclui nessa lista *a justiça, a fé, o amor e a paz*. O cristão não deve presumir possuir essas virtudes, assim como não deve presumir que será fácil viver em harmonia com seus irmãos de fé. Personalidades diferentes, circunstâncias sociais e religiosas diferentes, combinadas com as sobras de nossa natureza pecaminosa, indicam que sempre haverá desafios em nossos relacionamentos. Logo, Timóteo deve perseguir assiduamente essas virtudes, juntamente *com os que, de coração puro, invocam o Senhor*. Somente o verdadeiro cristão pode invocar o Senhor dessa forma (2:19,22).
- **Ensinar com bondade (2:23-26).** Os adversários de Timóteo talvez gostassem de contendas e falatórios (2:23), mas Timóteo não deveria participar desse tipo de coisa. Ao contrário, deveria responder aos ataques verbais de seus adversários com brandura e paciência, orando para que Deus utilize suas palavras para convencê-los a aceitar a verdade, arrepender-se e libertar-se do controle de Satanás (2:26). Essa deve ser nossa oração não somente por aqueles que discordam de nós em termos de doutrina, mas também por todos aqueles a quem Satanás cegou o entendimento (2Co 4:4). Somente a verdade os libertará.

### 3:1-17 Os últimos dias

#### 3:1-9 Comportamento perverso

Paulo passa a falar sobre os últimos dias, isto é, aquele período que antecede o retorno de Cristo (3:1). Mas que período é esse? Será que ainda está para vir? Ou será a época que estamos vivendo agora? Seria talvez a época em que Paulo vivia? Com base nos comentários de Paulo em suas duas cartas a Timóteo falando sobre a perversidade das pessoas, parece que o apóstolo acreditava que os últimos dias haviam começado naquela época mesmo. Esses dias cobrem todo o período entre a vinda do Espírito Santo em Pentecostes e o retorno de Jesus. Logo, Paulo estava vivendo os “últimos dias”, exatamente como nós os estamos vivendo hoje.

Esse período é o mesmo ao qual o apóstolo se refere em 1Timóteo 4:1 como “últimos tempos”. Na primeira carta, Paulo focaliza a proliferação de falsas doutrinas, mas aqui enfatiza a perversidade das pessoas que se tornaram totalmente egoístas e buscam apenas satisfazer seus próprios desejos, sem nenhuma consideração pelos outros (3:3). Elas têm pouco interesse na religião e zombam das coisas de Deus, mas gostam de cultivar uma fachada cristã (3:4-5), amam os prazeres da carne (3:6) e se interessam por novas ideias apenas pelo fato de serem novas, porém não estão dispostas a *chegar ao conhecimento da verdade* (3:7).

O livro de Êxodo descreve um confronto entre Moisés e dois magos egípcios (Êx 7—8). A tradição judaica diz que esses mágicos se chamavam *Janes e Jambres* (3:8). Paulo está querendo dizer que sempre houve pessoas de mente pervertida que se opõem à verdade. Contudo, nos últimos dias essas pessoas se tornarão cada vez piores, até o dia em que estarão diante de Deus para serem julgadas por seus atos (3:9). Então, assim como Janes e Jambres, a verdadeira natureza dessas pessoas será exposta publicamente.

Há uma ligação entre a proliferação de falsas doutrinas (1Tm 4:1-7) e a perversidade do povo descrita nessa passagem. As falsas doutrinas resultam em comportamento pecaminoso; e aqueles que se entregam a um comportamento pecaminoso não estão dispostos a ouvir a sã doutrina e conhecer a verdade (3:7).

#### 3:10-17 A responsabilidade de Timóteo

Paulo encoraja Timóteo a seguir seu exemplo, apegar-se às Escrituras e permanecer firme diante dos desafios que se apresentam nos últimos dias.

Timóteo acompanhou Paulo em sua viagem missionária a *Antioquia, Icônio e Listra* (3:11a; At 14:19-22), mas precisava segui-lo não apenas em suas pegadas geográficas como também em suas pegadas espirituais, imitando seu *ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança* (3:10). Paulo estava ciente de que sua responsabilidade não era apenas transmitir conhecimento ou teorias, mas ser um modelo de como colocar em prática

as verdades ensinadas. Isso vale para cada um de nós em posição de influência sobre os outros, seja como mestre da Bíblia, pastor, pai, patrão ou amigo.

Timóteo também conheceu outro lado da vida de Paulo: suas *perseguições e sofrimentos* nas mãos dos companheiros judeus e autoridades romanas, que o acusavam de propagar uma religião ilegal (3:11b). Paulo também sofreu por causa da perversidade dos seres humanos nos últimos dias (3:1-5) e da proliferação de falsas doutrinas propagadas por aqueles a quem chamava de *impostores* (3:13). O apóstolo afirma que a perseguição é parte normal da vida cristã (3:12). Suas palavras servem de encorajamento a muitos cristãos africanos que sofrem por sua fé: membros de família muçulmana ou família com outras crenças, esposa de marido incrédulo e outras circunstâncias. Muitos cristãos têm sofrido isolamento e até mesmo agressões físicas ao longo dos anos.

Timóteo deve seguir o exemplo de Paulo e das primeiras cristãs que o instruíram, isto é, sua avó e sua mãe (3:14; cf. 1:5). Essas mulheres ensinaram a Timóteo a Escritura, a qual o transformou num filho de Deus por meio da fé em Jesus Cristo (3:15). Muitas famílias na África deixaram o ensino da Bíblia às crianças a cargo das escolas e da igreja. Não há, porém, melhor lugar para as crianças aprenderem as verdades do evangelho que em casa, juntamente com aqueles que a amam. O evangelho foi o bem mais valioso que Timóteo herdou de sua família.

A fim de confirmar a inspiração da Bíblia, Paulo afirma com frequência que *toda a Escritura é inspirada por Deus* (3:16a). No grego original, contudo, a frase pode ser corretamente traduzida por “toda Escritura inspirada por Deus”. O problema com esta segunda tradução é que pode dar a entender que Deus não inspirou todas as passagens bíblicas. A primeira tradução é preferível porque a Bíblia inteira está fundamentada no fato de que toda a Escritura é inspirada (cf., p. ex., 2Pe 1:20-21). Além disso, nenhuma passagem do NT nos instrui a fazer distinção entre qual passagem é inspirada e qual não é. Tudo o que a Bíblia diz é que devemos proclamar e ensinar a Escritura.

A segunda tradução, porém, salienta o propósito pelo qual recebemos a Escritura: Timóteo deve utilizá-la para ensinar os cristãos, refutar as falsas doutrinas, corrigir erros e treinar os cristãos a fim de capacitá-los para as boas obras (3:16b-17).

#### 4:1-8 A importância da Escritura

Paulo fala constantemente do retorno de Jesus Cristo como um dia glorioso em que seu reinado se manifestará em toda a sua plenitude (4:1b). À luz desse dia vindouro, o apóstolo diz a Timóteo: *Conjuro-te*, isto é, faz uma convocação solene como se Timóteo estivesse num tribunal onde Deus Pai fosse o juiz e Jesus o advogado (4:1a). Por meio da pregação da palavra, Timóteo deve combater as pessoas que se cercam de falsos mestres e falsas doutrinas (4:2b-3a). *Corrige, repreende e exorta* são os propósitos



de sua pregação. Timóteo deve ser incansável no cumprimento de seu ministério (4:5) e estar sempre disposto a pregar, sejam as circunstâncias favoráveis ou não (4:2a). Aqueles que esperam pelo “momento certo” arriscam perder oportunidades que nunca mais voltarão. Ninguém sabe quanto tempo temos à nossa disposição, e, como diz o provérbio, “O remorso caminha sempre atrás de nós, nunca na frente”. As falsas doutrinas estão aumentando e são bem recebidas porque satisfazem os desejos da carne. Contudo, são fábulas enganadoras e desprovidas da verdade (4:3b-4).

Paulo sabe que em breve morrerá nas mãos dos romanos, de modo que utiliza duas metáforas para falar de sua morte. O apóstolo vê a si mesmo como *sendo já oferecido por libação* (4:6a), isto é, como a oferta que acompanha o sacrifício de um animal (Êx 29:40; Lv 23:13; Nm 15:5-10; 28:7). Também fala de sua morte como a partida para um destino remoto (4:6b). Olhando para trás, o apóstolo declara que combateu o *bom combate* (4:7a), uma referência aos desafios superados e dos quais Timóteo foi, e ainda é, testemunha. Paulo se considera um atleta que completou a corrida (4:7b). Satisfeito por ter alcançado seus objetivos, o apóstolo antecipa com alegria o recebimento da coroa de vitória *naquele Dia* (4:8). Mas sabe que não será o único vencedor, pois compartilhará a vitória com *todos quantos amam a sua vinda* (4:8), isto é, todos aqueles que aguardam o retorno de Cristo.

A atitude de Paulo diante do encerramento de seu ministério é muito diferente daqueles que não desejam ver seus sucessores alcançando sucesso, pois isso obscureceria sua própria carreira ministerial. Percebemos isso quando um pastor se aposenta e não facilita a transição de seu sucessor. A igreja pertence a Deus, de modo que seus verdadeiros seguidores devem orar para que a glória do Senhor amanhã seja muito maior que sua glória hoje.

#### 4:9-22 Outros relacionamentos de Paulo

O que fizeram os amigos de Paulo para encorajá-lo enquanto estava preso? Demas, *tendo amado o presente século* (4:10a), o abandonou. Demas pode ter sido um incrédulo ou talvez um cristão que não conseguiu suportar o sofrimento que acompanha o evangelho. Após a deserção de Demas e a saída de outros obreiros, Paulo ficou somente com Lucas, de modo que o apóstolo pede a presença de Timóteo o mais rápido possível (4:9).

Em seguida, Paulo passa a falar de assuntos cotidianos e pede a Timóteo que traga alguns de seus pertences que ficaram em Trôade quando o apóstolo passou por ali no verão. Com a chegada do inverno, Paulo necessitava de sua capa. Também pede seus livros, especialmente os pergaminhos (4:13). O pergaminho era mais caro e mais durável que o papiro, de modo que os pergaminhos de Paulo continham os escritos mais importantes, possivelmente cópias da Septuaginta, a versão em grego do AT. Os livros

(feitos de papiro) de Paulo talvez contivessem cópias de suas cartas. É possível que o apóstolo desejasse ter esses documentos de volta a fim de ajudá-lo a preparar sua defesa no tribunal.

Paulo avisa Timóteo para tomar cuidado com pessoas que tinham agido com malícia e arrogância em relação ao apóstolo (4:14-15). Alexandre era um nome comum, de modo que Paulo o identifica como *Alexandre, o latoeiro*. Não é necessariamente o mesmo Alexandre mencionado em 1Timóteo 1:20.

Outros amigos também não se mostraram dignos de confiança, pois Paulo declara que ninguém o apoiou em sua *primeira defesa* (4:16a; cf. tb. 1:15), isto é, a primeira vez que compareceu diante do juiz, ocasião em que seu caso foi adiado a fim de que se realizassem mais investigações. Enquanto escreve essa carta, Paulo aguarda ser chamado novamente perante o juiz a fim de receber sua sentença, suspeitando que provavelmente será condenado à morte. Paulo se ressentia muito do abandono de seus amigos no tribunal, mas, seguindo o exemplo de Cristo (Lc 23:34) e de Estêvão (At 7:30), o apóstolo estava disposto a perdoá-los (4:16b).

Será que o ministério de Paulo havia sido tão ruim a ponto de seus amigos o abandonarem no pior momento de sua vida? Longe disso, pois o apóstolo ainda possui amigos fiéis. Contudo, exceto Lucas, seu médico (4:11a; Cl 4:14), os outros não estão próximos nesse momento. Crescente fora para a Galácia (4:10b), e Tito estava pregando na Dalmácia (4:10c). É por essa razão que Paulo pede para Timóteo trazer Marcos (4:11b). Percebe-se claramente que o conflito anterior entre Paulo e Marcos (At 15:36-40) foi totalmente resolvido. Tíquico, outro cooperador, fora enviado a Éfeso (4:12; Ef 6:21). Carpo, outro amigo (4:13), guardava os pertences de Paulo em sua casa. Paulo não está isolado e continua supervisionando o ministério a partir da prisão.

Paulo admite que foi uma experiência desagradável enfrentar sua primeira audiência no tribunal sem o apoio de seus amigos (4:16a). Ele se sentiu como se estivesse na *boca do leão* (4:17b). Contudo, embora o apóstolo não contasse com o apoio dos amigos, o Senhor estava com ele e o libertou da mesma forma que livrou Daniel da cova dos leões (Dn 6:22). Paulo recebeu forças para pregar o evangelho com maior ímpeto que antes (4:17a).

O apóstolo está confiante no auxílio do Senhor, independentemente do resultado do julgamento, sabendo que a verdade não será distorcida (4:18). Ainda que não seja libertado do tribunal humano, ele sabe que Deus o levará com segurança para seu *reino celestial*.

Paulo encerra a carta saudando outros amigos (4:19), incluindo Prisca, Áquila (cf. At 18:2,18,26) e os da casa de Onesíforo (cf. 1:16-18). Depois fornece notícias de outros dois membros de sua equipe, Erasto e Trófimo, que não estão com ele em Roma. A ausência deles provavelmente

te aumenta o desejo de Paulo de ver Timóteo novamente (4:21). Alguns dos que estão com Paulo em Roma também enviam saudações. Nada sabemos sobre Êubulo, Prudente, Lino e Cláudia, embora a tradição sugira que Lino pode ter sido bispo de Roma.

As palavras finais de Paulo a Timóteo dizem: *O Senhor seja com o teu espírito* (4:22), isto é, seja com você. Paulo sabia que sua morte, somada aos problemas que Timóteo tinha de enfrentar em seu ministério, poderiam desencorajar o jovem. Mas, com seu interior (espírito) fortalecido pelo Senhor, Timóteo seria capaz de cumprir sua missão.

Ao final, Paulo saúda todos os cristãos de Éfeso, dizendo: *A graça seja convosco*.

Solomon Andria

#### Leituras adicionais

KELLY, J. N. D. *The Pastoral Epistles*. Reimpressão. BNTC. Peabody: Hendrickson, 1993.

GUTHRIE, Donald. *The Pastoral Epistles*. Ed. rev. TNT. Leicester: InterVarsity Press, 1994.

MOUNCE, William D. *The Pastoral Epistles*. WBC. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2000.

# TITO

Descrito por Paulo como “companheiro e cooperador” (2Co 8:23), Tito era um gentio convertido que acompanhou Paulo em várias de suas viagens e chegou a agir como representante do apóstolo em algumas ocasiões (cf. 2Co 7:13-15; 8:16-17; Gl 2:1-3). Acompanhou Paulo numa missão a Creta e permaneceu ali a fim de consolidar o trabalho do apóstolo (1:5). Nessa carta, Paulo fornece orientações a fim de ajudar Tito a cumprir sua tarefa.

Esta carta provavelmente foi escrita em algum momento entre a primeira e segunda carta a Timóteo. Juntas, essas três cartas são conhecidas como epístolas pastorais.

## Esboço

### 1:1-4 Saudação

### 1:5-16 Orientações à igreja

1:6-9 Nomeando presbíteros

1:10-16 Combatendo os falsos mestres

### 2:1—3:8 A vida cristã

2:1-10 Vivendo como testemunha

2:11-15 Vivendo pela graça

3:1-8 Vivendo em sociedade

### 3:9-11 Protegendo a igreja

### 3:12-15 Palavras finais

## COMENTÁRIO

### 1:1-4 Saudação

A saudação de Paulo nessa carta é consideravelmente mais extensa que em suas cartas anteriores. Paulo apresenta-se como *servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo*. Em seguida, afirma estar no mesmo nível que os outros apóstolos em Jerusalém. O propósito de seu apostolado é conduzir os *eleitos de Deus*, isto é, os cristãos verdadeiros escolhidos por Deus, ao conhecimento da verdade (1:1). Esse conhecimento permitirá aos eleitos conhecerem Deus e viverem uma vida piedosa. Para Paulo, o conhecimento da verdade é fundamental. Todo filho de Deus deve conhecer o Senhor e ser capaz de resistir às falsas doutrinas, tão comuns na época de Paulo como hoje.

O apostolado de Paulo é parte do plano de Deus desde *antes dos tempos eternos* (1:2) a fim de conceder a *vida eterna* aos seres humanos. Esse plano foi manifestado por meio da palavra de Deus, e Paulo foi encarregado de comunicá-lo aos outros (1:3). As palavras de Paulo resumem de modo genial seu ministério, e o nosso.

Paulo chama Tito de filho (1:4; cf. 1Tm 1:2). Contudo, nem Timóteo nem Tito eram filhos de Paulo. Antes, eram filhos espirituais, possivelmente convertidos pelo próprio Paulo, e que certamente compartilhavam a mesma fé e o mesmo ministério (1:4). Ao referir-se a eles como filhos, Paulo mostra o relacionamento afetuosos que possuía com esses jovens.

### 1:5-16 Orientações à igreja

Paulo deixou Tito na ilha de Creta a fim de o jovem completar a missão que o apóstolo havia começado ali (1:5). Mais especificamente, Tito deveria escolher presbíteros em cada cidade (1:5-9) e combater os falsos mestres (1:10-15).

### 1:6-9 Nomeando presbíteros

Alguns teólogos interpretam a instrução de Paulo a Tito para constituir presbíteros como indicação de que Tito era bispo de Creta, ao passo que os presbíteros seriam os respectivos pastores em cada cidade. Outros argumentam que Paulo não está definindo um modelo organizacional para a igreja, mas elaborando uma forma mais eficiente de combater o perigo que representam os falsos mestres. Paulo emprega o termo grego *episcopos* (traduzido por *bispo*, ou supervisor, palavra com a qual os gregos estavam mais familiarizados) e *presbíteros* (mais familiar aos judeus) sem fazer nenhuma distinção entre esses cargos. Na verdade, Paulo emprega os dois termos para se referir ao mesmo grupo (cp. 1:5,7).

As palavras de Paulo aqui não devem ser interpretadas como apoiando um modelo específico de organização para a igreja (quer episcopal quer congregacional), nem como legitimando argumentos a favor da ordenação de mulheres ao cargo de presbítero (embora o texto em 1Tm 3:11 sugira que as mulheres podem servir como diaconisas).

A primeira qualificação de um presbítero é ser *irreprensível* (1:6a; cf. tb. 1Tm 3:2). O termo significa que não deve constar nenhuma acusação jurídica contra ele, nenhuma falha ou vício em sua vida que permita um ataque do inimigo.

O presbítero também deve ser *marido de uma só mulher* (1:6b). Paulo salienta esse requisito porque os cretenses

em sua época geralmente eram polígamos. Muitos possuíam várias esposas oficiais, além de namoradas e concubinas. As palavras de Paulo, contudo, não devem ser interpretadas como indicando que somente os presbíteros devem ser monogâmicos enquanto os outros estão liberados para a poligamia. Também não implicam que os solteiros não podem ser presbíteros, pois, se fosse assim, o próprio Paulo estaria desqualificado, já que o apóstolo afirma categoricamente que não era um homem casado (1Co 7:8). O que Paulo está querendo dizer é que o presbítero deve respeitar o casamento conforme instituído por Deus na criação.

O presbítero também deve cuidar bem de sua família (1:6c; cf. tb. 1Tm 3:4) de modo que esta seja formada por cristãos. Qualquer um que tenha filhos incrédulos que vivem de forma contrária ao evangelho tem a obrigação de conduzi-los à fé antes de considerar-se capaz de ser um presbítero. Se o presbítero é incapaz de liderar esse grupo pequeno, não será capaz de liderar um grupo maior de cristãos.

Em seguida, Paulo apresenta uma lista de requisitos que qualificam ou desqualificam o presbitério (1:8). As duas listas revelam que o presbítero deve ser uma pessoa respeitável e controlada, em quem não há orgulho, raiva ou ganância. Possuir domínio próprio significa que não incorrerá em pecado sexual. Também deve ser *apegado à palavra fiel* (1:9; cf. tb. 1Tm 1:15; 3:1) para ensinar *segundo a doutrina* e refutar o engano.

Percebe-se claramente que a idade avançada não é um critério importante na escolha do presbítero. Mesmo assim, em certas culturas africanas os mais velhos são automaticamente investidos de autoridade, sem importar a maneira em que vivem. Paulo salienta a impossibilidade de separar doutrina e vida pessoal, afirmando que o comportamento irrepreensível fornece credibilidade ao ensino do presbítero.

### 1:10-16 Combatendo os falsos mestres

Os presbíteros formam a linha de frente na batalha contra os falsos mestres que gostam de falar muito e não estão interessados na verdade (1:10). O verdadeiro interesse desses falsos mestres é enganar as pessoas a fim de obter dinheiro ou fama (1:11b; cf. tb. 1Tm 6:4-5). São capazes de perverter *casas inteiras* (1:11a) com seus ensinamentos. Paulo pode estar se referindo a casos específicos, pois em 1Timóteo 6:10 menciona pessoas que se desviaram da fé e aceitaram falsas doutrinas. Essas pessoas podem causar grandes estragos na comunidade cristã.

Os falsos mestres eram principalmente de origem judaica (razão pela qual Paulo os chama de *os da circuncisão*, 1:10; 1:14), porém havia gente de outros grupos também. Referindo-se a esses cretenses, Paulo cita Epimênides (600 a.C.), poeta cretense que descreveu seus compatriotas como *mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos* (1:12). Essa descrição se ajusta perfeitamente aos adversários de Paulo, pessoas que o apóstolo acabou de descrever como

enganadores interessados apenas em ganhos pessoais. É por essa razão que Paulo chama Epimênides de *profeta*. Aqui o termo “profeta” é empregado em um sentido amplo. Epimênides não era profeta no sentido de ter recebido um chamado de Deus para falar em nome do Senhor, mas no sentido de ter pronunciado uma verdade que ainda continua valendo após centenas de anos.

Paulo pede a Tito que exorte seus adversários *para que sejam sadios na fé* (1:13). Enquanto houver vida, sempre há esperança de as pessoas retornarem para Deus. O que é impossível aos homens é possível para Deus.

Em seguida, Paulo dá algumas indicações sobre o ensino de seus adversários: ensinavam *fábulas judaicas* (1:14), ou seja, ensinamentos humanos sem nenhuma base bíblica ou histórica, construídos apenas para desviar os cristãos da fé. Parece que essas falsas doutrinas haviam proibido a ingestão de certos tipos de alimentos considerados impuros (1:15). Esse ensinamento parece ter se originado nos judeus que ainda buscavam aplicar as restrições alimentares prescritas no AT que Cristo havia abolido (At 10:10-15). Paulo salienta que os falsos mestres não conseguiam chegar ao conhecimento da verdade porque sua mente e consciência estavam corrompidos.

Quanto a Deus, esses adversários *professavam conhecê-lo* (1:16), mas apenas no sentido de que se declaravam publicamente como cristãos. Seu comportamento, por outro lado, não condizia com suas palavras. Não importa a aparência apetitosa, uma árvore ruim nunca produzirá um fruto bom.

## 2:1—3:8 A vida cristã

### 2:1-10 Vivendo como testemunha

A primeira responsabilidade de Tito (e de todos os presbíteros) é ensinar a *sã doutrina* (2:1). Essa doutrina deve produzir transformação na vida do cristão, de modo que Paulo fornece orientação a vários grupos.

Os *homens idosos* (2:2) devem ser exemplos de sobriedade e domínio próprio. Os “idosos” são respeitados na África, porém, às vezes, isso os faz pensar que estão acima da lei e se julgam no direito de agir como bem entendem. Paulo, contudo, exorta-os a um comportamento moderado. Devem ser respeitados não apenas por causa de sua autoridade cultural sobre os mais jovens, mas porque seu comportamento inspira respeito. Devem ser conhecidos pela demonstração de sua *fé, amor e constância*. Paulo disse que a fé, o amor e a esperança são os fundamentos da vida cristã (1Co 13:13), mas aqui o apóstolo substitui a palavra “esperança” por “constância”, sugerindo que a esperança dos cristãos no retorno de Cristo deve levá-los a perseverar na vida cristã. Afinal, que vantagem há em perseverar se não houver uma esperança a qual se agarrar?

As *mulheres idosas* devem servir de exemplo para as mais jovens, especialmente com relação ao ensino e

comportamento piedoso (2:3). Muitos idosos perderam o respeito porque se tornaram maliciosos e passaram a focar ou embriagar-se. O vinho era parte da alimentação diária dos cretenses, como ocorria em toda a região do Mediterrâneo. Contudo, isso não era desculpa para se embriagar. As idosas cristãs podiam se destacar das outras mulheres por meio do domínio próprio.

As *jovens* (2:4) deveriam aprender com as idosas e assim tornarem-se exemplo para suas famílias. Deveriam amar seu marido e filhos. Por meio desse comportamento, poderiam demonstrar a veracidade da fé que possuíam e assim glorificar o Senhor *para que a palavra de Deus não seja difamada* (2:5) por aqueles que as observavam; do contrário, as pessoas poderiam pensar que sua fé era apenas ensinamento humano. As mulheres cristãs devem prestar atenção ao seu comportamento para não levarem outras pessoas a cometer o pecado da blasfêmia.

O conselho de Paulo aos *moços* é curto: *sejam criteriosos* (2:6), isto é, tenham domínio próprio. Essa exigência se aplica a todos na comunidade cristã, jovens e idosos. Ser criterioso é controlar a própria língua e o comportamento e praticar moderação.

O próprio Tito está incluso na categoria dos jovens. Como líder, contudo, recebe conselhos adicionais. Enquanto homens e mulheres idosos devem se tornar modelo para os rapazes e moças, Tito deve se tornar modelo para todo mundo (2:7; cf. tb. 1Tm 4:12)! Seu ensino deve ser tão firme e seu comportamento tão irrepreensível que ninguém se atreveria a atacá-lo ou sequer dizer qualquer coisa contra ele (2:8).

Paulo recomenda aos *escravos* que mostrem obediência e lealdade (2:9). Aqui surge uma pergunta: por que Paulo não atacou a própria escravidão? Talvez porque, embora os cristãos, especialmente os pastores, devam tratar dos problemas sociais, aqui Paulo está escrevendo uma carta pastoral, e não um tratado sobre problemas sociais. O apóstolo deixou claro em outras passagens que não aprova a escravidão, pois afirmou que em Cristo não existe “escravo nem liberto” (Gl 3:28). Ele convida todos a seguirem a Cristo, para quem não existe nenhum escravo.

Paulo está tratando da vida da igreja nessa carta. Se o relacionamento entre cristãos for de irmandade, a questão da escravidão se resume apenas a servos ou criados domésticos. Um problema comum entre os criados domésticos é falar mal do patrão pelas costas ou trai-lo após ganharem sua confiança (2:9-10). Esse tipo de comportamento é uma afronta à autoridade. Assim como todos os outros cristãos, o cristão escravo deve provar por meio de seu comportamento que sua fé é verdadeira e assim *omarem a doutrina de Deus* (2:10), isto é, torná-la atrativa.

### 2:11-15 Vivendo pela graça

Paulo percebeu que seu conselho anterior poderia ser facilmente transformado em mais uma lei opressiva, de modo que

o apóstolo passa a falar agora de onde podemos encontrar a capacidade para viver dessa maneira. A resposta está na graça de Deus manifestada na vida de Jesus Cristo a fim de trazer salvação a todos os homens (2:11). A graça salvadora nos permite desfrutar uma vida que glorifica a Deus e nos fortalece para resistir às tentações do *presente século*, para que possamos viver *sensata, justa e piedosamente* (2:12).

Se parece difícil viver assim, podemos encontrar consolo no fato de que estamos aguardando um acontecimento magnífico: o retorno de Jesus Cristo (2:13; cf. tb. 2Tm 4:8). Quando aquele dia chegar, veremos *a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus*. Essa frase pode ser traduzida de duas formas, caso interpretemos a frase “nosso grande Deus e Salvador” como se referindo a Jesus Cristo, ou se a interpretarmos como se referindo à glória de “nosso grande Deus” e “nosso Salvador Jesus Cristo”. Parece que a primeira tradução tem mais probabilidade de estar correta, pois, comparando-a com 2Timóteo 4:8, percebe-se que a “manifestação” à qual Paulo se refere diz respeito ao retorno de Cristo. Além disso, 2:14 fala somente de Jesus e do que ele fez por nós quando se sacrificou e morreu em nosso lugar. Logo, pode-se argumentar que 2:13 é uma convincente declaração da divindade de Jesus.

Retornando ao ponto inicial, Paulo nos lembra que o sacrifício de Jesus nos purificou de todo pecado e nos tornou *um povo exclusivamente seu*, que é desejoso de seguir seu exemplo e praticar boas obras.

Tito recebeu a responsabilidade de ensinar e até mesmo repreender quando necessário (2:15). Provavelmente, ele receberia críticas de seus companheiros de fé, especialmente dos mais velhos. Com isso em mente, Paulo o encoraja: *Ninguém te despreze* (cf. tb. 1Tm 4:12). Tito é jovem em idade, mas tem maturidade suficiente para liderar a igreja.

### 3:1-8 Vivendo em sociedade

Agora Paulo passa a tratar de um assunto que provavelmente já havia debatido com os cristãos cretenses, pois diz a Tito para *lembrar-lhes* a necessidade de sujeitarem-se *aos que governam, às autoridades* (3:1). Devem obedecer às autoridades do poder executivo, judicial e legislativo. Os cristãos devem ter enfrentado dificuldades para obedecer às autoridades no Império Romano, que perseguiam os cristãos e exigiam adoração ao imperador. Paulo estava ciente dessa questão, pois sofreu sob essas autoridades e acabou morrendo como mártir em suas mãos. Mesmo assim, o apóstolo nunca apoiou a rebelião.

Os cristãos que desfrutaram de liberdade religiosa na África devem lembrar que, caso ocorra uma guerra, poderiam se encontrar rapidamente em situação semelhante àquela dos cristãos em Roma. Por isso, devemos orar por nossos governos e pela preservação da paz, a fim de servirmos a Deus com alegria.

Paulo também aconselha os cristãos a cultivarem bons relacionamentos interpessoais e levar uma vida social pa-



cífica (3:2). Dessa forma, eles se mostrariam diferentes dos falsos mestres facciosos (3:9-11; 1:10) e do restante do povo ao redor com quem se pareciam antes da conversão (3:3; cf. tb. 2Tm 3:2). A partir do século XVI, os cristãos europeus tiveram um papel importantíssimo no desenvolvimento da democracia e prosperidade que ocorreu na cultura ocidental, ainda que atualmente o Ocidente tenha se tornado uma sociedade pós-cristã. Os cristãos africanos também devem trabalhar para construir uma sociedade africana na qual a vida seja agradável para todos. Essa contribuição deve começar em nossos relacionamentos interpessoais com os incrédulos.

A única razão para os cristãos serem diferentes de seus semelhantes se deve à obra de Deus, nosso Salvador, que nos tornou nova criatura (3:4-5; cf. tb. Ef 2:1-10). Essa obra começou com a *benignidade de nosso Deus, nosso Salvador, e seu amor para com todos* (3:4). Deus, o Pai, enviou ao mundo Jesus, seu Filho, que, por sua vez, enviou o Espírito Santo no final de seu ministério terreno. Logo, todas as pessoas da Trindade estão envolvidas na obra da salvação. Essa obra é descrita como *o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo* (3:5). Esse “lavar” não se refere ao batismo, mas à limpeza que ocorre por meio da purificação e regeneração. O termo “renovador” se refere à obra do Espírito que nos tornou *herdeiros, segundo a esperança da vida eterna* (3:7).

Paulo salienta, numa frase, a magnífica declaração sobre a obra de Deus que transforma pecadores como nós em uma nova pessoa: *Fiel é esta palavra* (3:8; cf. tb. 1Tm 1:15; 3:1). O cristão que entendeu essa verdade tem condições de praticar muitas boas obras e viver para glorificar a Deus.

### 3:9-11 Protegendo a igreja

Várias vezes nessa carta, Paulo fala sobre o perigo representado pelas falsas doutrinas. Parece que o problema da igreja em Creta era o mesmo que Timóteo enfrentava em

Éfeso. Em ambos os lugares, havia pessoas que gostavam muito de especular sobre as genealogias e detalhes inúteis da lei judaica (3:9; 1Tm 1:4). Caso haja alguém na comunidade que deseja discutir esse tipo de coisa, esse *faccioso* (3:10) deve ser advertido em primeiro lugar sobre o perigo que está correndo. Qualquer pessoa que se recusar a ouvir a primeira advertência, e também uma segunda, deve ser expulsa da comunidade dos cristãos. Paulo é inflexível nesse ponto, porque tais pessoas podem causar divisões e enganar.

### 3:12-15 Palavras finais

Ao encerrar a carta, Paulo declara que enviará Ártemas ou Tíquico para substituir Tito em Creta. Nada sabemos sobre Ártemas, porém Tíquico era uma das pessoas que pertencia ao grupo de companheiros e emissários de Paulo (At 20:4; Ef 6:21; Cl 4:7-8; 2Tm 4:12). Quando seu substituto chegar, Tito deve encontrar-se com Paulo em Nicópolis (3:12).

Tito deve ajudar dois homens chamados Zenas e Apolo, que talvez fossem pregadores viajantes e talvez tenham trazido essa carta a Tito. Tudo que sabemos sobre Zenas é que era advogado e possuía um nome grego. Apolo, por outro lado, era um pregador bastante conhecido (At 18:24-28; 1Co 3:4-6; 16:12). Ao suprir a necessidade dos servos de Deus, os cretenses estariam mostrando evidências das boas obras que Paulo vinha defendendo.

Solomon Andria

### Leituras adicionais

KELLY, J. N. D. *The Pastoral Epistles*. Reimpr. BNTC. Peabody: Hendrickson, 1993.

GUTHRIE, Donald. *The Pastoral Epistles*. Ed. rev. TNT. Leicester: InterVarsity Press, 1994.

MOUNCE, William D. *The Pastoral Epistles*. WBC. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2000.

# FILEMOM

Paulo escreveu essa carta aproximadamente no ano 62 d.C., enquanto estava preso em Roma. O destinatário é Filemom, um dos líderes da igreja em Colossos (cf. Cl 4:9,17, onde Onésimo e Arquipo são mencionados). Com respeito e discernimento, Paulo trata de um assunto que ainda causa sofrimento no continente africano: a escravidão. O apóstolo pede ao amigo que faça duas coisas muito difíceis: perdoar Onésimo, escravo fugitivo de Filemom, e, apesar da gravidade desse crime, recebê-lo de volta como companheiro e irmão em Cristo.

Paulo solicita a Filemom algo totalmente revolucionário para a época. Era um pedido que envolvia muito mais que mera questão judicial para libertar um escravo: representava um teste para a fé de Filemom.

## Esboço

### 1-3 Introdução

### 4-7 A oração de Paulo

### 8-21 Apelo a favor de Onésimo

8-9 Apelo em nome do amor

10-14 O valor de Onésimo

15-17 A nova condição de Onésimo

18-19 Oferta para assumir a dívida de Onésimo

20-21 Apelo fervoroso

### 22-25 Saudação

Embora a epístola a Filemom seja a carta mais pessoal que Paulo escreveu, também inclui saudações à igreja que está em sua casa (2c). Percebe-se claramente que o apóstolo não considera a reconciliação um assunto particular. Isso afeta toda a comunidade e envolve indiretamente toda a igreja. A igreja se reunia numa casa porque essa era a prática comum até o século III d.C. As reuniões em casa representam uma forma de auxiliar os cristãos a manter vivo o espírito de convívio familiar.

Como na maioria de suas cartas, Paulo conclui sua saudação com uma bênção. O apóstolo deseja graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo (3). Essa saudação ainda é usada entre cristãos africanos, motivo pelo qual devemos ser muito gratos. Nossas palavras seriam dignas de atenção se não viessem acompanhadas de orações sinceras pedindo bênçãos a nossos ouvintes?

### 4-7 A oração de Paulo

Em seguida, Paulo informa que está orando por Filemom. Sua oração contém agradecimentos e um pedido. Paulo agradece a Deus por três coisas: a fé e o amor que Filemom tem pelo Senhor Jesus Cristo e por todos os santos (cristãos) (4-5). Não existe fé verdadeira em Deus se não tivermos amor por nossos irmãos e irmãs. A fé de Filemom, portanto, é consistente. Seu amor produziu efeitos de longo alcance, trazendo alegria e conforto (7a) ao apóstolo e a outras pessoas. No original em grego, Paulo diz literalmente: “As entranhas dos santos estão descansadas”, mas na verdade a expressão significa *O coração dos santos tem sido reanimado* (7b). Mesmo assim, Paulo pede a Deus que Filemom se torne ainda mais efetivo ao compartilhar sua fé. Sempre podemos fazer mais por Deus. Filemom está indo bem, mas pode melhorar.

### 8-21 Apelo a favor de Onésimo

A essência da carta contém um apelo de Paulo em favor do escravo fugitivo que se tornou cristão durante a fuga e agora deseja retornar e pedir perdão, situação semelhante à vivida pelo filho pródigo (Lc 15:11-32), exceto pelo fato de que aqui Paulo age como intermediário. O apelo de Paulo está dividido em cinco partes.

### 8-9 Apelo em nome do amor

Paulo não quer aproveitar-se de sua autoridade, de modo que apela a Filemom não como apóstolo, mas como um idoso (o apóstolo agora tinha entre 60 e 70 anos de idade) e prisioneiro de Cristo Jesus (8-9). Ao falar dessa maneira, Paulo não quer que Filemom tenha pena dele, mas apenas procura uma forma de colocar sua autoridade de apóstolo de lado, a fim de que Filemom não se sinta coagido em sua

## COMENTÁRIO

### 1-3 Introdução

Paulo inicia apresentando a si mesmo e o irmão Timóteo como coautores da carta (1a). O costume de incluir os companheiros em suas saudações indica sua humildade e serve de lembrete de que a obra de Deus é uma empreitada conjunta. Sua humildade fica evidente pela saudação de Filemom como *colaborador* (1b) e pela menção de outros companheiros aos quais a carta é endereçada. Talvez a irmã Áfia (2a) fosse esposa de Filemom ou outra mulher de destaque na comunidade. As mulheres eram respeitadas na igreja de Colossos.

Arquipo (2b) provavelmente era o pastor encarregado dessa igreja. Ao mencioná-lo, Paulo sugere que Arquipo estava envolvido na reconciliação entre Filemom e Onésimo.

decisão, mas mostre disposição e boa vontade (14). O pedido de Paulo foi formulado *em nome do amor* (9). Vemos aqui um velho amigo solicitando um favor a outro amigo.

### 10-14 O valor de Onésimo

Paulo descreve Onésimo como *meu filho* [...], *que gerei entre algemas* (10), e também como *o meu próprio coração* (12). Percebe-se claramente que Paulo amava muito esse jovem que ele conquistou para o Senhor por meio de circunstâncias bastante incomuns. O apóstolo parece inclusive relutante em mandá-lo de volta a Filemom (13), mas decide que essa seria a coisa certa a fazer para que houvesse restauração e reconciliação.

Paulo brinca com o significado do nome de Onésimo (que significa “útil”). Suas palavras poderiam ser parafraseadas da seguinte forma: “Onésimo, cujo nome significa útil, foi um inútil para você. Mas, agora que nasceu de novo, tornar-se-á um homem útil. A partir de agora seu comportamento será condizente com seu nome” (11). Somente Deus pode transformar-nos em pessoas úteis a ele, a nós mesmos e aos outros. Em Cristo podemos realizar o propósito para o qual fomos criados.

### 15-17 A nova condição de Onésimo

Paulo convida Filemom a encarar a situação como planejamento divino com o objetivo de realizar algo bom. O que as pessoas chamam de “sorte” não existe na vida dos filhos de Deus. Enquanto Onésimo fugia, Deus o observava e o conduzia para encontrar-se com Paulo na prisão. O apóstolo conjecturou que a principal razão da fuga poderia estar inteiramente relacionada com a conversão de Onésimo (15).

O Onésimo que agora retorna não é a mesma pessoa que fugiu. É por isso que não deve ser recebido *como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo* (16). Ou seja, Paulo está dizendo a Filemom que Onésimo mudou por completo e, indiretamente, apresenta um problema para Filemom: um irmão em Cristo pode permanecer escravo? Filemom terá de encontrar resposta para essa pergunta. Um pouco mais adiante em sua carta, contudo, Paulo manifesta confiança de que Filemom fará “mais do que estou pedindo” (21). Isto é, Paulo pediu a Filemom que acolhesse Onésimo como um irmão; que outra coisa Filemom poderia fazer senão libertá-lo da escravidão? É exatamente isso que Paulo está pedindo, embora não tenha dito com todas as letras.

### 18-19 Oferta para assumir a dívida de Onésimo

Essa oferta de Paulo representa uma magnífica ilustração da doutrina da substituição. O apóstolo se oferece para saldar a dívida de Onésimo, fugitivo que talvez tenha roubado algum dinheiro de seu senhor. Paulo não tenta defender ou justificar o comportamento de Onésimo. Em vez disso, diz: *Se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta* (18-19). A fim de não deixar nenhuma dúvida quanto às suas intenções, Paulo assina pessoalmente a carta como forma de garantir legalmente seu compromisso.

Que exemplo, que amor! Qualquer pessoa que deseja promover a reconciliação deve estar disposta a pagar o preço e envolver-se pessoalmente. Foi dessa maneira que Cristo assumiu a dívida por nossos pecados, e é dessa maneira que Deus nos recebe como filhos e filhas. Isso é graça!

### 20-21 Apelo fervoroso

Somente ao final da carta Paulo pronuncia um apelo mais forte. Em contraste com sua atitude no início da carta, o apóstolo agora está quase fazendo uma exigência. Paulo lembra a Filemom que “tu me deves até a ti mesmo” (19) e que deseja receber, *no Senhor, este benefício* (20). Conclui dizendo que não tem dívidas quanto à *obediência* de Filemom (21). Será que Filemom tem alguma escolha sobre qual atitude tomar em relação a Onésimo?

### 22-25 Saudação

Esperando ser libertado da prisão e fazer uma visita a Filemom, Paulo pede ao amigo que prepare um quarto para ele. O apóstolo crê no poder da oração e antecipa que as orações de Filemom a seu favor serão atendidas (22).

Em seguida, o apóstolo manda lembranças a vários companheiros (23-24), incluindo Marcos e Demas. Marcos havia abandonado Paulo, mas retornou para ajudá-lo. Percebe-se que a paciência de Barnabé contribuiu muito para o amadurecimento do jovem Marcos (At 15:37-39). Demas amou “o presente século” (2Tm 4:10) e também abandonou Paulo, mas retornou para servi-lo.

### Conclusão

É possível que o leitor africano, ciente do impacto da escravidão em nossa história, se sinta ofendido com o fato de Paulo não insistir em que Onésimo fosse libertado imediatamente e que a escravidão fosse abolida. Precisamos lembrar que posicionar-se contra a escravidão naquele tempo teria resultado em conflitos imediatos entre Roma e o cristianismo. Os cristãos teriam sido considerados nocivos à sociedade. Logo, em vez de condenar a escravidão, Paulo lançou os princípios que a enfraqueceriam.

A carta a Filemom é um verdadeiro tratado sobre a abolição da escravidão. A história de Onésimo deve ser fonte de esperança para a África, pois, de acordo com a tradição, Onésimo não apenas foi libertado como mais tarde se tornou bispo da igreja de Jesus Cristo.

Soro Soungalo

### Leituras adicionais

HENDRIKSEN, William. *Exposition of Galatians, Ephesians, Philipians, Colossians, and Philemon*. Grand Rapids: Baker Book House, 2002.

O'BRIEN, Peter T. *Colossians, Philemon*. WBC. Waco, Texas: Word Books, 1982.

VINCENT, Marvin R. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Philipians and to Philemon*. ICC. Edinburgh: T & T Clark, 1987.

# HEBREUS

A mensagem de Hebreus foi fonte de grande encorajamento para muitos cristãos durante a era comunista na Etiópia (1974-1991). Tanto a Igreja Ortodoxa Etíope quanto o governo comunista alimentavam fortes suspeitas em relação aos cristãos evangélicos verdadeiros. Consideravam-nos agentes do imperialismo norte-americano e, conseqüentemente, uma ameaça à nação. Eram vistos como traidores da religião nacional por aderirem a uma religião estrangeira. Com o auxílio da Igreja Ortodoxa, os comunistas realizaram diversas tentativas de doutrinar cristãos sobre a filosofia marxista. Grupos de instrutores comunistas procuravam reformar o pensamento dos fiéis tendo em vista que renunciassem à fé em Cristo. A vida se tornou extremamente difícil para os cristãos. Muitos, inclusive o autor deste comentário, foram presos e torturados, e alguns foram executados. Outros sofreram discriminação e perderam oportunidades de trabalho, tiveram seus bens confiscados e suas contas bancárias bloqueadas. Igrejas perderam propriedades e foram obrigadas a se reunir às escondidas. Uma nova rede de pequenas igrejas domiciliares surgiu por todo o país para lutar pela verdadeira fé em Cristo, a despeito do comunismo e das tradições religiosas. Sob perseguição intensa, porém, alguns cristãos retornaram ao sistema religioso ritualista e ortodoxo nacional. Alguns membros das igrejas domiciliares se transformaram em espões dos comunistas. Os fiéis, porém, permaneceram firmes em Cristo.

Naqueles dias tenebrosos, os cristãos etíopes encontraram ânimo na epístola aos Hebreus. Sua mensagem ainda é relevante a todos aqueles que, nos dias de hoje, enfrentam os desafios do sincretismo religioso ortodoxo e da religião tradicional africana, bem como as tentações diárias das paixões mundanas e, nos países muçulmanos da África, a pressão de situações extremamente difíceis. Hebreus chama os cristãos para um compromisso ousado com Cristo diante de insultos públicos, encarceramento e perda de bens (10:32-34). Eles não devem entregar-se ao desânimo e cansaço, mas continuar lutando em favor da fé (12:1-4).

## Data e autor

É bem possível que a carta tenha sido escrita antes da destruição do templo em 70 d.C., provavelmente entre 64 e 68 d.C., e enviada à comunidade de cristãos judeus (os judeus também eram chamados de “hebreus”). Tanto eles quanto o autor da carta haviam aceitado

Cristo por meio da pregação e ensinamento daqueles que tinham ouvido Jesus (2:3-4; 13:7). Eram cristãos havia algum tempo, talvez por um período de até trinta anos (13:7). Apesar disso, sua fé em Cristo se encontrava debilitada em decorrência de perseguições intensas.

Não se sabe ao certo quem escreveu a epístola aos Hebreus, pois o texto não menciona o nome do autor. Tradições antigas atribuem-na a Paulo, Barnabé, Lucas ou Clemente de Roma. A única coisa que sabemos sobre o autor é que ele conhecia muito bem o AT e era próximo a Timóteo (13:23).

## Propósito

O objetivo do autor é animar os cristãos hebreus vacilantes ao lhes apresentar Cristo Jesus como cumprimento da aliança do AT. Depois de definir a supremacia absoluta de Cristo, argumenta que ele é superior aos profetas e até mesmo aos anjos. Demonstra ainda que Jesus Cristo excede Moisés em importância e está acima de todo o sistema sacerdotal judaico. Deixa claro que a fé em Cristo representa um avanço em relação ao judaísmo, pois oferece uma aliança superior, um santuário superior e um sacrifício verdadeiramente capaz de purificar do pecado.

Tendo em vista a supremacia de Cristo, o autor exorta seus leitores a perseverar na fé diante das perseguições. Destaca as consequências de não fazê-lo e encoraja-os com exemplos de heróis e heroínas da fé. Conclui com uma explicação sobre o papel da disciplina e alguns conselhos práticos para a vida cristã.

## O uso do AT em Hebreus

O autor de Hebreus corrobora sua argumentação com pelo menos sessenta citações do AT. Cita Salmos vinte e quatro vezes, o Pentateuco (especialmente Gn e Dt) vinte e três vezes, a literatura sapiencial duas vezes e 1 Samuel uma vez. A maior parte das citações é da Septuaginta, a Bíblia em grego usada pela maioria dos cristãos da igreja primitiva. Tratava-se, porém, de uma tradução livre, que por vezes parafraseava o original hebraico. O AT que usamos hoje se baseia nos textos hebraicos antigos, e não nessa tradução grega. Conseqüentemente, encontramos algumas diferenças entre textos citados em Hebreus e as mesmas passagens em nossa versão do AT.

Também é importante lembrar que a preocupação central do escritor de Hebreus não é se as passagens falam de Cristo no contexto original. Ao abordar o AT, o

autor adota uma prática aceitável no século I e pergunta: “Posso usar este versículo para comunicar alguma verdade acerca de Cristo e sua obra de redenção?”.

Considerando-se as diferenças entre a Septuaginta e as traduções mais recentes, assim como o fato de nossa abordagem à exposição ser bastante diferente daquela empregada no século I, não é de surpreender que, por vezes, o modo de o autor de Hebreus usar o AT cause perplexidade. Podemos até suspeitar que suas citações não sejam precisas, mas não é o caso. O autor é extremamente fiel ao texto da Septuaginta sempre que se faz necessária uma citação exata.

### Esboço

#### 1:1—2:18 Jesus Cristo, absolutamente supremo

- 1:1-3 Jesus Cristo, o Filho de Deus
- 1:4-14 Jesus Cristo, superior aos anjos
- 2:1-4 Advertência sobre não ignorar Cristo
- 2:5-18 A humilhação e a exaltação de Cristo

#### 3:1—4:13 Jesus Cristo, superior a Moisés

- 3:1-6 Comparação entre Moisés e Cristo
- 3:7—4:13 Advertência acerca da incredulidade
  - 3:7-19 Não sejam como os israelitas
  - 4:1-7 Não deixem de entrar no descanso de Deus
  - 4:8-13 Esforcem-se para entrar no descanso de Deus

#### 4:14—6:20 Jesus Cristo, superior a Arão

- 4:14-16 O sacerdócio superior de Cristo
- 5:1-6 A ordenação superior de Cristo
- 5:7-10 A submissão de Cristo e nossa salvação
- 5:11—6:20 Advertência acerca da imaturidade
  - 5:11-14 Sinais de imaturidade espiritual
  - 6:1-12 Apelo para alcançar maturidade espiritual
  - 6:13-20 A certeza da promessa de Deus

#### 7:1—10:39 Cristo e a ordem de Melquisedeque

- 7:1-28 Sacerdócio superior
- 8:1-13 Aliança superior
- 9:1-28 Tabernáculo superior
  - 9:1-10 O antigo tabernáculo
  - 9:11-28 O novo tabernáculo
- 10:1-25 Sacrifício superior
- 10:26-39 Advertência sobre não ser infiel a Deus

#### 11:1—13:21 Fé superior em Cristo

- 11:1-40 Exemplos de fé duradoura
- 12:1-13 Perseverante na fé
- 12:14-29 Advertência sobre não recusar a graça de Deus
- 13:1-21 Evidências práticas da fé

#### 13:22-25 Observações finais

## COMENTÁRIO

### 1:1—2:18 Jesus Cristo, absolutamente supremo

O autor de Hebreus tem consciência do poder escravizador das tradições de seu povo e do perigo que as normas ritualistas do judaísmo representavam para a nova fé em Cristo. Por isso, usa seu conhecimento das Escrituras com grande habilidade para mostrar que Cristo é superior a tudo o que o povo judeu e seu sistema religioso conheciam. Ele começa enfatizando a posição exaltada de Cristo como Filho de Deus e apresenta uma série de citações do AT para provar a divindade e a supremacia absoluta de Cristo. Ao fazê-lo, lança alicerces firmes para as advertências e estímulos do restante da carta.

Como ele, precisamos preservar a fé verdadeira na divindade e humanidade de Jesus Cristo. Precisamos defender essa verdade diante daqueles que, como as testemunhas-de-jeová, negam a divindade e a supremacia de Jesus, e daqueles que exaltam outros a posições pertencentes somente a Cristo, como os católicos romanos e a Igreja Copta, que consideram Maria mediadora da graça. A fim de guardar a fé de modo apropriado, temos de ser como o autor de Hebreus e ter conhecimento das tradições religiosas das culturas africanas e das Escrituras tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Deus revelou seu plano de redenção em todas as Escrituras, e devemos ser capazes de usá-las para defender o evangelho contra as ameaças das culturas tradicionais. Não basta simplesmente conhecer o NT, pois, como disse o grande teólogo africano Agostinho de Hipona (uma cidade na atual Argélia): “No Antigo Testamento, o Novo se esconde; no Novo Testamento, o Antigo se revela”.

### 1:1-3 Jesus Cristo, o Filho de Deus

Hebreus começa com as palavras: *Havendo Deus, outrora falado [...] aos pais, pelos profetas (1:1)* e anuncia que ele falou novamente em Cristo. A referência aos “pais” deixa claro que os destinatários da carta eram cristãos judeus. Deus havia falado aos seus antepassados por meio dos profetas e, agora, lhes fala por meio de seu Filho.

O Filho não é um simples mensageiro humano, pois é o proprietário e *herdeiro de todas as coisas*; toda a criação lhe pertence. Mais que isso, ele criou todas as coisas (1:2). O Filho também não é apenas uma imitação pálida de seu Pai, como por vezes são os filhos de governantes humanos. Antes, irradia a glória de Deus e *é a expressão exata do seu Ser (1:3a)*. O Senhor Jesus Cristo é igual a Deus em todos os aspectos, daí Paulo dizer: “Nele [em Cristo], habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9). Em outras palavras, a própria substância de Deus, seu ser divino, é corporificada em Cristo. Por isso, Jesus disse: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14:9). É o Verbo de Deus que se tornou carne e veio habitar entre os seres humanos cheio de graça



e de verdade. João afirma a respeito de Cristo: “Vimos a sua glória, glória como a do unigênito do Pai” (Jo 1:14).

Como Deus, Jesus mantém o universo *pela palavra do seu poder*, a palavra proferida quando “disse Deus” em Gênesis 1 e o universo veio a existir. Se retirasse essa palavra, o universo se desintegraria. Em sua graça, contudo, Cristo mantém a palavra do seu poder e dirige o mundo ao seu destino divinamente ordenado (1:3b).

Além de ser nosso Criador, Cristo também é nosso sacerdote que realizou a *purificação dos pecados* (1:3c), tema ao qual o autor voltará várias vezes nessa carta. Agora, Cristo se encontra assentado como nosso Rei no lugar de honra à destra do Deus majestoso no céu, pois concluiu sua obra (1:3d).

A descrição de Jesus como Deus, criador, sacerdote e rei mostra claramente aos leitores que Cristo é superior a todos os profetas. Qualquer mensagem vinda dele, portanto, também deve ser superior, ou seja, mais completa e categórica que todas as outras mensagens enviadas por Deus no passado. Não há mensageiro maior da palavra que o Filho de Deus, pois ele próprio é o Verbo de Deus. Os cristãos africanos precisam lembrar esse fato.

#### 1:4-14 Jesus Cristo, superior aos anjos

Na religião judaica, os anjos ocupavam uma posição extremamente elevada. O autor considera necessário, portanto, enfatizar que Jesus não é um anjo exaltado, mas um tipo diferente de ser. Ele emprega diversas citações do AT para provar aos cristãos judeus que Cristo é superior aos anjos, os quais eram apenas mensageiros de Deus, e não seu Filho e herdeiro (1:4).

Quando o autor diz que Jesus se tornou *tão superior aos anjos* (1:4), mostra que, ao se esvaziar e voluntariamente assumir forma humana (Fp 2:7), Cristo se colocou, por um período, em condição inferior à dos anjos. Uma vez consumada a obra da redenção, porém, tornou-se superior a eles (ou melhor, voltou à sua posição superior original). Semelhantemente, apesar de ser Filho desde a eternidade, sua obediência ao Pai no estado encarnado demonstrou que o título “Filho” lhe pertence por direito e não se aplica a nenhum anjo.

O autor relaciona cinco aspectos nos quais Cristo é superior aos anjos.

- **Deus chama Jesus de “meu Filho”.** Os cristãos podem ser chamados coletivamente de “filhos de Deus” (Rm 8:14), mas somente Jesus Cristo recebe o título de *meu Filho*. Essa designação não se aplica a nenhum anjo. Trata-se, porém, do título que Deus usa para expressar seu prazer no Messias ao dizer: *Tu és meu Filho, eu hoje te gerei* (1:5a; Sl 2:7). Como o termo “hoje” indica, a exaltação de Jesus marcou sua filiação de nova maneira. Ele era Filho de Deus muito antes de nascer em Belém, como deixa claro ao orar: “Glorifica-me, ó Pai,

contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17:5). Sua vida obediente na terra, porém, mostrou que ele de fato merecia essa posição. A disposição de Jesus de se tornar humano a fim de nos salvar levou Deus a exaltá-lo por meio da ressurreição e lhe dar “o nome que está acima de todo nome” (Fp 2:5-9). Paulo faz a mesma afirmação ao escrever: “Foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1:4). O autor de Hebreus também cita a promessa de Deus a Davi: *Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho* (1:5b; 2Sm 7:14). Apesar de essas palavras se referirem inicialmente a Salomão, aplicam-se ainda mais a Jesus, particularmente quando consideramos a afirmação que as precede em 2Samuel 7:13: “Estabelecerei para sempre o trono do seu reino”.

- **Os anjos o adoram.** O autor se refere a Cristo como *Primogênito* de Deus (1:6a), expressão que Paulo também usa quando chama Cristo de “primogênito de toda a criação” (Cl 1:15). Nesses contextos, “primogênito” não significa literalmente o primeiro filho. Antes, é um título que declara a posição especial de honra e dignidade de Cristo. Equivale à designação anterior de “herdeiro” de Deus (1:2). Na cultura da época, o filho primogênito recebia a parte maior da herança e uma bênção especial do pai. As palavras *E todos os anjos de Deus o adorem* (1:6b) mostram que Deus ordenou aos anjos que adorassem o Filho como adoram o Pai. Essa citação, como outras de Hebreus, é extraída da Septuaginta (cf. a introdução a esse comentário). O autor parece citar Deuteronômio 32:43 (ou possivelmente Sl 96:7) de memória, pois muda “filhos de Deus” na Septuaginta para “anjos”, uma alteração justificável tendo em vista o fato de ambas as expressões se referirem aos mesmos seres.
- **Os anjos são mensageiros que servem a Jesus.** O autor cita uma possível tradução de Salmos 104:4, que diz acerca de Deus: *Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo* (1:7). Os anjos podem ser chamados de “ventos” porque o termo “vento” significa espírito tanto no hebraico quanto no grego. Os anjos são seres espirituais criados sem corpo físico (apesar de ocasionalmente assumirem forma humana ao aparecer a pessoas). Servem ao Pai e ao Filho, que é igual ao Pai. Serviram, portanto, a Jesus quando ele estava aqui na terra e o fortaleceram em momentos de provações (Mt 4:11; Lc 22:43). Os anjos servem diante do trono de Deus, ao passo que Jesus se assenta nesse trono, o lugar de autoridade. Ele foi ungido por Deus Pai e se encontra entronizado *para todo o sempre* (1:8-9). Para corroborar sua afirmação, o autor cita Salmos 45:6-7, em que Deus Pai se dirige ao Filho.
- **Jesus Cristo é o Criador eterno dos céus e da terra.** O autor confirma esse fato com uma citação na qual

o Pai se dirige ao Filho, na tradução da Septuaginta de Salmos 102:25-27: *No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos (1:10-12)*. Aqui, Deus aprova que chamemos seu Filho de “Senhor”, como aprovou anteriormente que o chame-mos de “Deus” (1:8). Como seres criados, os anjos também são criação de Jesus Cristo, o qual deve, portanto, ser superior a eles. Tudo o que foi criado passará por uma mudança quando Jesus remover a antiga criação a introduzir a nova (Ap 21; cf. tb. Is 66:22), mas Jesus Cristo jamais mudará (1:11-12; cf. tb. 13:8).

- **Jesus Cristo é Senhor soberano sobre todas as coisas.** Deus jamais convidou um anjo para se assentar no lugar de honra à sua destra, mas essa é a posição que Jesus Cristo ocupa. Para corroborar esse fato, o autor cita Salmos 110:1: *Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés (1:13)*. Jesus cita as mesmas palavras ao perguntar como Davi afirmou, inspirado pelo Espírito, que Cristo era seu filho e, ao mesmo tempo, Senhor (Mt 22:43-44; Mc 12:35-37). Ele também se refere a essa passagem em Mateus 26:64 e Marcos 14:62. Pedro cita o mesmo versículo no grande sermão de Pentecostes ao descrever a ascensão e entronização de Jesus à destra de Deus (At 2:33-36; cf. tb. Mc 16:19). Tendo em vista a frequência com que aparece no NT (Rm 8:34; Cl 3:1; Hb 1:3,13; 8:1; 10:12; 12:2; 1Pe 3:22), fica evidente que Salmos 110:1 era considerado uma afirmação categórica de que Jesus, o Messias, se encontra agora assentado na glória celestial.

O autor de Hebreus reserva um argumento forte para o final da descrição da posição dos anjos. Além de serem subordinados a Cristo e terem o dever de servi-lo, também são *enviados para serviço a favor dos que não herdarão a salvação (1:14)*. Os anjos servem não apenas ao Filho, mas também aos cristãos.

### 2:1-4 Advertência sobre não ignorar Cristo

Meu pai era um disciplinador rígido e não permitia que seus filhos se rebelassem contra ele sem sofrer as consequências. Quando menino, eu cuidava de obedecer-lhe prontamente e não ser castigado. Se os pais humanos exigem obediência de seus filhos, quanto mais os cristãos devem ser obedientes à mensagem de Cristo, aquele que nos falou em nome do Pai! Não admira, portanto, a advertência de não nos afastarmos da verdade de Cristo, mas nos apegarmos com mais firmeza, às verdades ouvidas (2:1).

Deus tomou medidas enérgicas quando os israelitas negligenciaram a verdade que ouviram de Moisés e se rebelaram contra a mensagem que Deus lhes havia transmitido por meio de seus anjos. *Toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo de Deus (2:2; cf. tb. Jz 2:10-14)*. Tendo em vista ser Jesus muito maior que Moisés ou qualquer dos anjos, quem abandonar a verdade que conhece acerca de

Cristo terá um destino muito pior do que o de quem desobedeceu à verdade revelada a Moisés. Os cristãos judeus não escapariam do julgamento severo de Deus se voltassem às suas crenças anteriores e ignorassem *tão grande salvação (2:3a)*.

O autor lembra seus leitores de quatro testemunhas importantes da origem divina da mensagem da salvação (2:3b-4):

- Ela foi *anunciada inicialmente pelo Senhor* [Jesus Cristo]. Chegou até nós por meio do próprio Filho de Deus.
- Os apóstolos *ouviram* a mensagem do Filho e receberam a comissão de proclamá-la. Também confirmaram aos judeus a veracidade da mensagem.
- *Deus*, o Pai, deu *testemunho* dela e a corroborou por meio de *sinais, prodígios e vários milagres*, da mesma forma que havia feito ao firmar a primeira aliança com Israel no tempo do êxodo.
- O *Espírito Santo* a comprovou ao distribuir entre os cristãos dons a serem usados para encorajamento e edificação (1Co 12:7,11; Ef 4:11).

As três pessoas do Ser divino (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo) contribuíram, portanto, para a pregação dessa grande salvação por meio dos seus agentes humanos, os apóstolos. Se os cristãos hebreus tratassem com descaso a palavra transmitida a eles por esses agentes, estariam ignorando o Pai, o Filho e o Espírito Santo e, por certo, se desviariam do caminho da verdade em Cristo.

Infelizmente, muitos cristãos africanos têm negligenciado a mensagem de Cristo. Não leem a Palavra de Deus, não estudam nem meditam sobre ela, tampouco mantêm uma vida particular de oração. Uma vez que não procuram andar em sintonia com o Espírito Santo, não há evidências do fruto do Espírito em sua vida. Antes, vivem em desobediência e letargia espiritual e sofrem daquilo que chamo de “distúrbio de percepção espiritual”. Ignorantes da verdade bíblica, não conseguem usá-la como referência para seu pensamento e se deixam seduzir facilmente por falsos ensinamentos. São cristãos apenas de nome e não percebem que estão sofrendo de desnutrição espiritual grave.

Como o autor de Hebreus, os líderes da igreja africana precisam apelar para que as igrejas locais despertem e fortaleçam a vida com o Senhor. Cristãos negligentes precisam ser admoestados a arrepender-se e a obedecer à mensagem da salvação.

### 2:5-18 A humilhação e a exaltação de Cristo

Ao que parece, os destinatários dessa carta estavam perplexos com a relação entre Cristo e os anjos. A hierarquia apresentada nas Escrituras começava com Deus, que é espírito; abaixo dele estavam os anjos, que também são seres espirituais. Depois deles vinham os seres humanos, dotados de corpo físico. Eles talvez citassem Salmos 8:4-5, que

na Septuaginta (e tb. na NVI) diz que o “homem” foi criado “por um pouco, menor que os anjos” (ou que os “seres celestiais”). Haviam aprendido que Jesus era plenamente humano e possuía corpo humano. Nesse caso, ele não era de certa maneira inferior aos anjos? Diante da dúvida de seus leitores, o autor de Hebreus apresenta quatro bons motivos pelos quais a encarnação de Jesus não o tornou inferior aos anjos, mas, sim, superior a eles:

- **Cristo recuperou o domínio que a humanidade havia perdido.** Quando Deus formou o mundo, criou o homem, *por um pouco, menor do que os anjos*, o coroou de glória e de honra, e lhe deu domínio sobre a criação (2:6-8a; Sl 8:4-6; Gn 1:26-31). Quando os seres humanos desobedeceram a Deus, porém, Satanás tirou essa autoridade de suas mãos e se tornou “o príncipe deste mundo” (Jo 16:11). Consequentemente, “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1Jo 5:19). Quando tentou Jesus, o diabo estava dizendo a verdade ao afirmar que os homens lhe haviam entregado “toda esta autoridade e a glória destes reinos” (Lc 4:5-7). Em vez de *todas as coisas* estarem sujeitas à humanidade, os homens se tornaram escravos do pecado e do poder das trevas. Por meio de Jesus Cristo, porém, Deus mudou esse quadro (2:9). Jesus se tornou Filho do Homem a fim de recuperar a glória e honra que Adão e Eva perderam. Como último Adão (1Co 15:45), Jesus sofreu a morte decorrente do pecado humano e restaurou o domínio perdido por causa da desobediência. Hoje, tudo se encontra sob os pés de Cristo (Ef 1:20-23), e os cristãos compartilham seu domínio real (Ap 1:5-6). Um dia, quando Cristo estabelecer seu reino, reinaremos com ele em glória e honra. No mundo vindouro, portanto, os seres humanos não serão inferiores aos anjos (2:5).
- **Cristo traz muitos filhos e filhas de volta à glória.** Cristo Jesus é o *Autor da salvação*, aquele que abriu o caminho até o Pai (2:10). Para fazer isso, teve de abrir mão de sua glória divina, tornar-se humano como nós e sofrer como nós e por nós. Precisou identificar-se com a humanidade, mesmo em seu sofrimento, a fim de ser o sacrifício apropriado em nosso favor. Ao padecer como nós, mostrou o caminho da obediência perfeita (cf. tb. 2:17-18; 5:8-9). Pode-se dizer, portanto, que Cristo foi aperfeiçoado *por meio de sofrimentos*. Agora, ele está unido a nós por sua humanidade, e nós estamos unidos a Deus por sua salvação. Fazemos parte da família santa de Deus, o que significa que somos irmãos e irmãs de Jesus (2:11). Ele nos tornou santos e aptos a participar de sua glória (Jo 17:10,22-24), de modo que *não se envergonha* de chamar aqueles a quem salva de irmãos e irmãs. Depois de ter sofrido terrivelmente, Cristo nos leva a adorar o Pai, como fez o salmista: *A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação* (2:12; Sl 22:22). Em

seguida, o autor muda de metáfora e fala dos cristãos não como irmãos e irmãs de Cristo, mas como filhos de Cristo (2:13). Cita Isaías 8:17-18, em que o orador e seus filhos se apresentam diante de Deus como “sinais” de confiança em Deus Pai e fidelidade a ele em meio à adversidade (cf. tb. Jo 17:1-26).

- **Cristo derrotou o diabo e nos libertou do poder da morte.** Estávamos todos sujeitos ao poder da morte por causa da queda, na qual todos os membros da raça humana morreram para Deus e se tornaram separados da vida de Cristo. Cristo sabia que, para nos salvar, teria de se tornar semelhante a nós (2:14a). De nada teria adiantado ele assumir uma natureza angelical, a menos que seu propósito fosse salvar anjos. Seu objetivo, porém, era salvar todos os seres humanos, tanto judeus quanto gentios, descendentes de Abraão pela fé (2:16). Foi necessário, portanto, tornar-se plenamente humano e assumir nossa carne e sangue a fim de suportar a morte humana (Jo 1:14). Ao morrer, ele obteve vitória sobre a morte e destruiu Satanás, aquele que detém o poder da morte (2:14b). O verbo “destruir” não significa que o diabo deixou de existir, pois continua vivo e procura nos enganar (2:8b). Ele foi, no entanto, desarmado e não pode mais roubar, matar e destruir (Cl 2:15). Agora, a autoridade sobre a morte está nas mãos de nosso Senhor Jesus Cristo. Quem crê em Jesus Cristo foi livrado, de uma vez por todas, da autoridade de Satanás e do terrível medo da morte (2:15).
- **Cristo se tornou Sumo Sacerdote compassivo, misericordioso e fiel.** Como espíritos puros, os anjos não possuem natureza corrupta como a dos seres humanos e, portanto, não são capazes de se identificar com os problemas humanos. Uma vez que Jesus se tornou um de nós, porém, conhece as tentações que enfrentamos, apesar de ele mesmo não ter caído em nenhuma delas, mas ter permanecido sem pecado (2:18). Jesus sabe o que é sentir cansaço, fome e sede (Jo 4:6; Mt 4:2). Experimentou rejeição e acusações falsas (Is 53:3). Sofreu na cruz e teve uma morte humilhante. Todo esse sofrimento o preparou para ser *misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus* (2:17).

Na África de nossos dias, há quem propague falsos ensinamentos que levam as pessoas a murmurar e queixar-se diante de experiências dolorosas. Aqueles que seguem essa linha acreditam que nenhum sofrimento vem de Deus. Ensinam que todo sofrimento é errado e colocam a culpa em maldições hereditárias ou em Satanás. Não procuram distinguir entre a disciplina proveniente de Deus e o sofrimento resultante da insensatez dos próprios seres humanos. Falta-lhes aprender que a fé em Cristo é acompanhada de muitas tribulações e sofrimentos, pois as provações são concedidas a todos que creem em Cristo (Fp 1:28-29). Precisamos espelhar-nos em Jesus, que suportou tentação

e aflição a fim de se qualificar para ser nosso modelo de obediência perfeita em meio ao sofrimento. Seu exemplo nos desafia a permitir que o sofrimento produza em nós um caráter piedoso (Rm 5:3-4). Uma vez que sofreu quando foi tentado, Jesus aprendeu algo novo por amor a nós e agora compreende as tentações humanas e pode ajudar-nos quando somos tentados.

É necessário que os líderes da igreja preservem a verdade das Escrituras acerca do sofrimento. Do contrário, não servirão a Deus e serão como Eli, o sumo sacerdote que não ajudou seus filhos a viver nos caminhos do Senhor (1Sm 2:12-36). Cristo Jesus, porém, não é como Eli, que chegou a acusar a pobre e aflita Ana de embriaguez (1Sm 1:9-18). Cristo conhece nossas dores e é ministro misericordioso e fiel na casa de Deus.

### 3:1—4:13 Jesus Cristo, superior a Moisés

Certo de ter demonstrado com clareza que Cristo é superior aos anjos, o autor volta a atenção agora para mais alguém a quem Jesus poderia ser comparado: Moisés. Os judeus consideravam Moisés o maior homem de Deus de todos os tempos, pois lhes havia entregado a lei e instituído seu sistema religioso. O autor procura convencer os cristãos judeus, porém, de que Jesus Cristo é superior até mesmo a Moisés.

#### 3:1-6 Comparação entre Moisés e Cristo

O autor começa assegurando aos cristãos judeus sua posição em Deus: eles participam *da vocação celestial* em Cristo (3:1a). Em seguida, insta-os a considerar Cristo atentamente (3:1b). Essa expressão significa que eles devem concentrar-se em compreendê-lo e reconhecer quem ele é. Ao fazê-lo, evitarão a tentação de transferir sua devoção a profetas, anjos ou Moisés.

Para ajudá-los a compreender melhor quem Jesus é, o autor o compara com Moisés no tocante aos papéis de cada um. Ambos foram extremamente fiéis no desempenho de suas incumbências (3:2), mas as responsabilidades de Jesus excederam muito as de Moisés. Moisés foi apenas mediador da lei, aquele que a apresentou ao povo. Jesus, por outro lado, foi *Apóstolo* de Deus (3:1b). Como tal, foi enviado do céu para mostrar à humanidade como é Deus e ensinar a verdade acerca de Deus e de seu caminho para a salvação por meio da cruz. Cristo comissionou os apóstolos (Lc 5:13), mas recebeu sua comissão diretamente de Deus Pai (Jo 3:17; 5:36; 6:29; 7:29; 17:3).

Além de Apóstolo, Cristo também foi *Sumo Sacerdote* nomeado por Deus. Como tal, não ofereceu meros animais sacrificiais, mas entregou a si mesmo como expiação pelo pecado, algo que Moisés não pôde fazer.

Em seguida, o autor mostra que Cristo Jesus é digno de maior honra que Moisés, em razão de seus papéis distintos em relação à casa de Deus. Para ilustrar seu argumento, compara uma casa literal com a casa de Deus, ou seja, com

o povo de Deus. Primeiro, ressalta que quem constrói a casa é muito mais importante do que a construção em si (3:3). Moisés fez parte da casa de Deus (seu povo), mas Cristo a edificou. Mudando ligeiramente de imagem, Moisés *era fiel, em toda a casa de Deus, como servo*, ou seja, no meio dos israelitas (3:5a), mas Jesus, o filho do proprietário, era encarregado dela, pois a casa do Pai é também do Filho (3:6a). O proprietário é mais importante do que o servo.

Como servo fiel, Moisés deu testemunho acerca da vinda de Cristo (3:5b). Disse de modo específico: “O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás” (Dt 18:15). Cristo Jesus é o cumprimento dessa promessa.

As palavras *A qual casa somos nós* lembram-nos que os cristãos são casa de Deus, na qual Moisés serviu, mas da qual Cristo é proprietário (3:6b). Devemos dar valor ao fato de pertencermos a essa casa, uma situação condicionada pela fé em Cristo. O autor exorta os cristãos judeus, portanto, a permanecer firmes na fé e esperança em Cristo Jesus, o qual confessam com intrepidez (3:6c). Como eles, devemos guardar *firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança* de modo que tenhamos uma vida cristã prática e vitoriosa. Os cristãos africanos devem apegar-se ao chamado celestial e continuar vivendo para Cristo, não obstante as tentações das religiões tradicionais africanas, da cultura na qual vivemos, das tribulações que nos sobrevêm e de nossos próprios desejos.

#### 3:7—4:13 Advertência acerca da incredulidade

A discussão sobre Moisés lembra ao autor o comportamento dos seguidores de Moisés e o leva a fazer a segunda de cinco advertências em Hebreus. Ele usa o exemplo do livramento de Israel do Egito e da incredulidade do povo no deserto para mostrar o perigo de duvidar da mensagem de Deus ou recusá-la (Nm 14:1-45; Dt 1:26-46).

#### 3:7-19 Não sejam como os israelitas

Os cristãos judeus conheciam a terrível história dos israelitas no deserto. Em vez de repeti-la, o autor simplesmente cita Salmos 95:7-11, aplica-o aos cristãos judeus vacilantes, advertindo-os: *Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração* (3:7-8a).

Deus livrou os israelitas do Egito, cuidou deles e demonstrou seu poder em inúmeras ocasiões. Mesmo assim, o povo murmurou em vez de confiar em Deus em meio às provações (ou *no dia da tentação*; 3:8b-9). Apesar de todas as suas experiências com Deus, eles não foram capazes de conhecê-lo melhor e se desviaram várias vezes do caminho da obediência (3:10). Apesar de tudo o que sofreram no Egito, os israelitas expressaram o desejo de voltar para lá (Nm 11:4-6).

Devido à rebelião do povo, Deus decretou que, com exceção de dois homens, todos os membros da geração com 20 anos de idade ou mais quando Moisés os tirou do Egito

morreriam antes de entrar em seu *descanso*, ou seja, na terra que Deus havia prometido a Abraão e seus descendentes (3:11; Nm 13—14). Todos os israelitas, exceto Calebe e Josué, perderam as bênçãos que Deus havia reservado para eles.

Os cristãos judeus podem aprender uma importante lição com as experiências de Israel no deserto. Deus libertou seus antepassados da escravidão do Egito; Cristo libertou os cristãos judeus do domínio do diabo (cf. Cl 1:13). É importante, porém, que a semelhança com seus antepassados termine aí. Ao contrário dos israelitas que se rebelaram contra aquele que os libertou (3:12), não devem deixar-se afastar da fé em Cristo. Ao voltar às tradições de Moisés, trarão sobre si a ira de Deus. Além de cuidarem de não cair nas armadilhas do pecado, devem continuar a crer na mensagem de Cristo e exortar-se *mutuamente cada dia* (3:13). O autor insta-os ainda a manter seu relacionamento firme com Cristo e apegar-se à *confiança* que tinham nele (3:14).

Para reforçar sua argumentação, volta a citar Salmos 95:7-8 e faz uma série de perguntas retóricas a fim de lembrar a seus leitores aquilo que vem dizendo. Apesar de os israelitas terem visto Deus realizar milagres no Egito, não quiseram crer que ele lhes daria vitória em Canaã. Sua experiência com Deus foi infrutífera, pois não confiaram nele. Trouxeram sobre si, portanto, o julgamento divino durante quarenta anos, e seus *cadáveres caíram* e foram sepultados *no deserto* (3:15-19). Uma geração inteira foi impedida de entrar na terra prometida, o descanso de Deus (Nm 14:20-35).

Ao longo dessa passagem, observamos uma ênfase repetida sobre o termo *hoje* (3:7,15; 4:7). O salmista o empregou ao instar os judeus de sua época; o autor de Hebreus o utiliza no apelo aos cristãos judeus; e o Espírito Santo continua a usá-lo ao falar aos cristãos de hoje. Também precisamos ouvir a voz de Deus em nossos dias, proclamando o evangelho de seu Filho, Jesus Cristo. O mesmo Espírito Santo ainda nos admoesta a não perdermos nossa oportunidade de atender. Não devemos endurecer o coração ao preferir nossas crenças tradicionais em vez da palavra de Deus. Devemos apegar-nos aos ensinamentos de Cristo e cultivar a confiança nele. A palavra de Deus deve ter prioridade sobre todas as exigências da tradição ou da cultura. Se nos mantivermos firmes em Cristo, seremos vitoriosos. Do contrário, viveremos no deserto da carne, vagando de um lado para o outro sem fazer nenhum progresso espiritual, como descreve Romanos 7:7-24 (cf. tb. 1Co 3:1-4).

#### 4:1-7 Não deixem de entrar no descanso de Deus

Por vezes, pregadores africanos confundem entrar em Canaã, ou na terra prometida, com entrar no céu, e ignoram a promessa de que podemos desfrutar a presença e as bênçãos espirituais de Deus aqui e agora (Ef 1:3-11; 15:23; 1Pe 1:3-4). A travessia do mar Vermelho e do rio Jordão não representa a morte física, mas o batismo, o qual simboliza a morte para nosso velho modo de vida e a ressurreição

para a nova vida que desfrutamos como cristãos (Rm 6:1-14; Cl 2:11-12).

Canaã era o descanso preparado por Deus para os israelitas no sentido de que constituía o alvo em direção ao qual Deus os estava conduzindo e o lugar onde eles poderiam assentar-se e construir seus lares. A chegada à terra prometida não significava, porém, o fim de todas as dificuldades, como Josué mostra claramente (1:8). Ainda seria preciso lutar. Canaã ilustra, portanto, a vida dos cristãos nascidos de novo que vivem no campo de batalha descrito em Romanos 6—8.

Os cristãos judeus para os quais a carta aos Hebreus foi escrita provavelmente compreenderam a alusão do autor a Canaã e sua declaração de que ainda temos a *promessa de entrar no descanso de Deus* (4:1a). Eles devem ter lembrado que muitos israelitas não entraram na terra prometida nem desfrutaram o descanso de Deus (3:18). O autor adverte: *Temamos, portanto, que [...] suceda parecer que algum de vocês tenha falhado*, ou seja, ficado aquém da salvação em Cristo (4:1b). Assim como a promessa de descanso em Canaã foi anunciada a Israel, o descanso do evangelho foi anunciado aos cristãos judeus e está disponível a todos que creem no nome de Cristo (4:2-3a). Os israelitas, contudo, se recusaram a crer na mensagem e, desse modo, desperdiçaram a oportunidade, levando Deus a declarar: *Não entrarão no meu descanso* (4:3b).

Caso alguém ainda não tivesse entendido o significado de “descanso”, o autor explica o termo com referência à criação. Durante seis dias, Deus trabalhou para criar o mundo, mas descansou no sétimo dia (Gn 2:2). Para comemorar esse fato, declarou que o sábado devia ser um dia de descanso para seu povo (4:4; Êx 20:8). Semelhantemente, uma vez que Jesus consumou a obra da salvação e trouxe a nova criação, agora descansa à destra de Deus Pai (1:13). Recebemos, portanto, uma oportunidade de entrar no descanso de Deus Pai e Deus Filho e não devemos desperdiçá-la como fizeram os israelitas (4:5-6). Usando palavras de Salmos 95:7-8, Deus anuncia a oportunidade de entrar no descanso *hoje* (4:7; cf. comentário sobre 3:15). Os cristãos são advertidos de não endurecer o coração depois de ouvir a mensagem da salvação em Cristo. Somente por meio de Cristo poderemos continuar a desfrutar o descanso que a salvação confere à alma (Mt 11:28).

#### 4:8-13 Esforcem-se para entrar no descanso de Deus

O autor dessa carta também considera tanto o sábado quanto o descanso que Josué proporcionou apenas símbolos do verdadeiro descanso que Deus concederá (4:8-9). Enfatiza que quem entra no descanso do sábado entra *no descanso de Deus* e repousa *de suas obras, como Deus fez* (4:10). Em outras palavras, quem crê na obra salvadora que Cristo consumou pode descansar dos esforços de obter a salvação pela observância da lei de Deus. O único trabalho que nos cabe é permanecer fiéis a Deus e evitar a armadilha da de-



*sobediência*. Como resultado da desobediência, os cristãos deixam de desfrutar plenamente o descanso de Deus, e os não-cristãos jamais entram nele (4:11).

Não podemos esperar encobrir de Deus nossa desobediência ou falta de fé. Deus falou, e sua palavra sempre produz resultados, pois, como sua fonte (Deus), a palavra é viva e tem poder para penetrar e revelar os pensamentos mais íntimos. É afiada o suficiente para separar nossos pensamentos e motivações, mesmo que eles se encontrem tão unidos quanto *alma e espírito, juntas e medulas*. Ela revela os segredos ocultos no coração humano (4:12) e permite que vejamos nossa verdadeira natureza.

Um dia, cada um de nós terá de prestar contas a Deus de nossa vida na terra. Ninguém poderá escapar do escrutínio divino, mas, se andarmos verdadeiramente com ele, não tentaremos encobrir nossos pecados e incredulidade (4:13). Antes, os reconheceremos humildemente e correremos para Cristo a fim de que ele possa cobrir nossa nudez.

#### 4:14—6:20 Jesus Cristo, superior a Arão

O autor da carta já provou que Cristo é superior aos anjos e a Moisés. Agora, mostra que o sacerdócio de Cristo é superior ao de Arão, irmão de Moisés. É possível que os cristãos judeus se sentissem tentados a voltar ao sistema religioso antigo de seus antepassados, o qual possuía um templo visível em Jerusalém e um conjunto explícito de leis, preservadas pelos sacerdotes aarônicos. Parecia-lhes mais fácil viver segundo aquilo que podiam ver do que pela fé.

#### 4:14-16 O sacerdócio superior de Cristo

O autor incentivava seus leitores a continuar *firmes* em sua *confissão* de fé em Cristo. Para isso, lembra-os da condição preeminente de Cristo como *grande sumo sacerdote* (4:14). Nenhum outro sumo sacerdote, nem mesmo Arão, foi chamado de “grande”, e nenhum sumo sacerdote ministrou no céu. Jesus pode receber esse título e exercer esse ministério porque somente ele é, ao mesmo tempo, Filho de Deus e Filho do Homem. Como tal, é superior a todos em toda a história da criação.

Apesar de sua posição superior, porém, Jesus Cristo ainda pode *compadecer-se das nossas fraquezas* (4:15). Entende as tentações que enfrentamos, pois *foi ele tentado em todas as coisas*. Ao contrário de nós, contudo, não cedeu à tentação e ao pecado. Uma vez que compreende nossa situação, pode realizar suas responsabilidades com grande compaixão, misericórdia e fidelidade. Pessoas comuns não podiam aproximar-se do sumo sacerdote judeu e pedir ajuda, mas podem buscar socorro em Jesus. Consequentemente, quando nos sentimos tentados a desistir da fé e da confiança em Cristo, devemos aproximar-nos *confiadamente* do trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (4:16).

Todos os africanos que creem em Cristo podem correr para este sumo sacerdote a qualquer momento, em qual-

quer circunstância e receber o socorro de que necessitam. Encontraremos misericórdia e graça para enfrentar os desafios de nossas tradições e do mundo.

#### 5:1-6 A ordenação superior de Cristo

O sumo sacerdote judeu era escolhido *dentre os homens*. Era responsável pelo tabernáculo terreno, onde representava os seres humanos diante de Deus ao apresentar sacrifícios materiais e outras ofertas (5:1). Uma vez que era meramente humano, ele se condoía *dos ignorantes e dos que erram*, pois sabia como era fácil isso acontecer (5:2). Era culpado dos mesmos pecados, de modo que não oferecia sacrifícios apenas pelas transgressões dos outros, mas também por suas próprias (5:3). Jesus também era humano e foi tentado. Ao contrário da humanidade, porém, não cedeu à tentação e, portanto, não precisa oferecer nenhum sacrifício por seus próprios pecados (Jo 8:46).

Ninguém podia nomear a si mesmo como sacerdote (5:4; cf. 1Sm 13:9-14; 2Cr 26:16-21). Tratava-se de uma honra para a qual Deus escolhia certos indivíduos, como fez com Arão. Quem ousasse desafiar a pessoa que Deus havia chamado era castigado com severidade, como aconteceu com Corá, Datã e Abirão (Nm 16). Nem mesmo Jesus tomou para si o cargo de sumo sacerdote, mas o recebeu de Deus, de acordo com as profecias de Salmos 2:7 e 110:4 (5:5).

O sacerdócio de Jesus também é superior no sentido de que não foi ordenado dentro do sacerdócio aarônico, mas segundo a ordem de Melquisedeque (5:6; cf. comentários sobre 7:1-28).

#### 5:7-10 A submissão de Cristo e nossa salvação

Enquanto todos os outros sumos sacerdotes possuíam fraquezas que os faziam cair em pecado, Cristo nunca se desviou de Deus. Sua vida foi caracterizada por obediência perfeita. Não foi, contudo, uma obediência automática, pois Jesus Cristo sofreu e foi tentado a escolher a saída mais fácil. Suas orações não consistiam somente em cânticos de louvor, mas também em *forte clamor e lágrimas* diante de quem o podia livrar da morte (5:7; cf. Lc 22:39-44).

Como Filho supremo de Deus, Jesus não precisava aprender nada, mas como Filho do Homem teve de aprender a se sujeitar à vontade de Deus. Só é possível aprender esse tipo de obediência por experiência. Jesus *aprendeu a obediência*, portanto, ao suportar tentações, provações, perseguições, sofrimentos e a morte na cruz (5:8). Nesse sentido, pode-se dizer que foi *aperfeiçoado* (5:9a).

A obediência perfeita de Cristo o qualificou para ser *Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem* (5:9b) e para ser nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque (5:10).

#### 5:11—6:20 Advertência acerca da imaturidade

Tendo em vista a preeminência do sacerdócio de Cristo e seu ministério supremo de salvação, por que os cristãos

para os quais essa carta foi escrita se sentiam tentados a voltar ao judaísmo? A resposta é sugerida pela interrupção que o autor faz em sua exposição do sacerdócio de Cristo para tratar da indiferença e imaturidade espiritual. Não há consenso entre os comentaristas quanto ao propósito do autor nessa passagem. Talvez ele esteja repreendendo os leitores por não crescerem espiritualmente, ou talvez esteja simplesmente usando de ironia para envergonhá-los por serem lentos demais para aprender. A primeira interpretação parece mais provável, pois tudo indica que o autor conhecia bem a igreja para a qual estava escrevendo.

#### 5:11-14 Sinais de imaturidade espiritual

O autor se dirige a cristãos que talvez estivessem na fé por quase trinta anos, mas que não apresentavam maior maturidade espiritual do que cristãos recém-convertidos. Relaciona quatro sinais de que não estão crescendo como devem:

- **Apatia para com a palavra de Deus.** Descaso e descrença os tornaram *tardios em ouvir* (5:11) ou “lentos para aprender” (NVI).
- **Incapacidade de ensinar e passar adiante a palavra de Deus.** Eles precisavam que alguém lhes ensinasse novamente os fundamentos da fé, ou seja, o *leite* da palavra (5:12). Mesmo que nem todos fossem mestres talentosos, depois de trinta anos na fé, deveriam pelo menos ser capazes de valer-se de suas experiências em Cristo para instruir outros.
- **Preferem a dieta de bebês.** Apesar de estarem na fé havia muitos anos, não se encontravam preparados para o *alimento sólido* da palavra, que sustenta quem é maduro em Cristo. Antes, viviam dos ensinamentos básicos pré-digeridos acerca da verdade da palavra de Deus. Eram, portanto, inexperientes *na palavra da justiça* (5:13) e não estavam prontos para receber ensino sólido acerca do ministério do Senhor no céu como sumo sacerdote preeminente.
- **Falta de sensibilidade e discernimento espiritual.** Como cristãos, não estudavam com frequência a palavra de Deus a fim de aprender a aplicá-la na vida diária e desenvolver a capacidade de distinguir entre o bem e o mal (5:14).

Adultos alimentados apenas de leite por trinta anos ficariam, sem dúvida, extremamente desnutridos. Graças à dieta que adotaram, os cristãos aqui descritos são espiritualmente raquíticos. Deus os havia escolhido dentre todos os judeus e, no entanto, estamos ansiosos para ouvir ensinamentos sobre os profetas, anjos, Moisés, Arão e a lei. Ao mesmo tempo, eles eram incapazes de discernir a instrução das Escrituras acerca do Messias prometido. A falta de entendimento da supremacia de Cristo enfraquecia a fé desses cristãos, colocando-os à beira da apostasia.

Surpreendentemente, muitos cristãos na África sofrem da mesma imaturidade espiritual. Ainda que estejam na fé há vários anos, não conhecem as Escrituras. Nunca desenvolveram a vida espiritual nem exercitaram a piedade ao se alimentarem das verdades da palavra de Deus (1Tm 4:7-8). Despertem, cristãos africanos! Levantem-se para que Cristo possa brilhar em vocês e por meio de sua vida!

#### 6:1-12 Apelo para alcançar maturidade espiritual

Deus deseja que todos os salvos cresçam no conhecimento de seu Filho Jesus Cristo. Por isso, o autor desafia os cristãos judeus a colocar de lado os *princípios elementares da doutrina de Cristo* e a deixar-se levar *para o que é perfeito* (6:1a). O autor não deseja que os hebreus permaneçam na dieta de leite, aprendendo apenas as verdades básicas da fé. Segue o exemplo do apóstolo Paulo, que aceitou o ministério de Apolo, o qual edificou sobre o alicerce que Paulo havia lançado e, desse modo, conduziu os cristãos à maturidade (1Co 3:5-15).

O autor chama a atenção dos cristãos judeus para quatro coisas importantes acerca do crescimento espiritual:

- **Envolve progresso.** Não basta permanecermos no contexto emocional confortável da infância. Precisamos começar a pensar como adultos. Quando eu era criança, tive de aprender o alfabeto amárico, chamado *fidel*, com seus vários símbolos fonéticos. Uma vez que havia aprendido as consoantes e vogais, não me contentei em continuar apenas recitando o *fidel*. Desejava usá-lo para compreender livros amáricos e explorar a riqueza da literatura amárica. O mesmo se aplica a questões espirituais. Precisamos conhecer os fundamentos como o arrependimento, a fé, os batismos (com água e com o Espírito Santo), a imposição de mãos, a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno (6:1b-2). Não devemos, porém, continuar a repisar esses rudimentos. Com a ajuda de Deus, devemos tomar as providências necessárias para edificar sobre o alicerce sólido que já foi lançado (6:1b-3).
- **Não é inevitável.** Se não crescermos rumo à maturidade, poderemos facilmente regredir a uma vida imatura e cair deliberadamente em apostasia. Podemos imaginar que o autor está apenas apresentando uma situação hipotética, mas as Escrituras incluem exemplos de pessoas como Saul e Judas, que deram as costas para Deus de forma deliberada e chegaram a uma condição irreversível. Embora haja diferenças de opinião quanto à profundidade da experiência espiritual dos indivíduos aos quais o autor se refere (a possibilidade de perder a salvação ainda é uma questão controversa), o uso de expressões como *Aqueles que uma vez foram iluminados* sugere que eles vieram a crer em Cristo (6:4). *Provaram* e experimentaram plenamente o dom celestial de Deus ao participar do batismo, revelação, iluminação da palavra, sabedoria,

conhecimento e entendimento concedidos pelo *Espírito Santo*. Por meio da *boa palavra de Deus*, também devem ter provado alguns dos *poderes do mundo vindouro* (6:5). Para aqueles que rejeitam Cristo depois de experimentar todos esses benefícios, é extremamente difícil, senão impossível, voltar para ele pelo arrependimento. A paciência de Deus tem limites com respeito ao pecado e à apostasia deliberados, os quais equivalem a crucificar novamente o Filho de Deus (6:6).

- **Produz frutos espirituais visíveis.** O autor emprega a ilustração da terra usada para o plantio. A terra produtiva traz bênçãos para quem a cultiva e também *recebe bênção da parte de Deus* (6:7). A terra improdutiva será amaldiçoada e queimada (6:8). Quem perseverar na fé receberá bênçãos de Deus e produzirá frutos espirituais para a honra e glória do Senhor. Se, no entanto, a vida do cristão apresenta apenas cardos e espinhos de incredulidade, ele corre o risco de se colocar sob o julgamento de Deus. O autor está certo, porém, de que os cristãos judeus não perderam a salvação e estão dando alguns frutos espirituais (6:9). Na verdade, elogia-os pela retidão que demonstram no amor prático, o qual os leva a ajudar outros. Incentiva-os com a garantia de que Deus jamais esquecerá seu trabalho (6:10).
- **Requer diligência.** Insta-os a continuar mostrando *a mesma diligência* em ajudar os outros até o fim, pois ela é sinal de amor prático por Deus. A diligência confere *plena certeza da esperança* (6:11). Em vez de se acomodar e se tornarem preguiçosos, devem imitar aqueles que, *pela fé e pela longanimidade*, herdaram a promessa divina, a saber, o reino de Deus em Cristo.

#### 6:13-20 *A certeza da promessa de Deus*

Ao que parece, os cristãos judeus estavam vacilando em sua fé em Deus. O autor lhes dá dois motivos para confiar no Senhor. Primeiro, lembra-os de que as promessas de Deus são imutáveis. Cita o exemplo da promessa de Deus de dar um filho e muitos descendentes a Abraão (Gn 14:4; 15:5-6). Em algumas ocasiões, Abraão talvez tenha imaginado que a promessa jamais se cumpriria. Não obstante, continuou a confiar em Deus e a esperar pacientemente pelo filho prometido (6:13-15; cf. tb. Rm 4:17-22). Como ele, os cristãos judeus devem continuar a esperar pelo livramento divino no devido tempo.

Em segundo lugar, eles podem confiar em Deus porque o Senhor não apenas fez uma promessa, mas a confirmou com um juramento imutável (6:16-17). Os seres humanos juram em nome de alguém superior que pode castigá-los caso quebrem o juramento. Uma vez que não existe ninguém superior a Deus, ele jura por si mesmo. O juramento e a promessa são *duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta* (6:18a).

Providos dessa sólida confiança, os cristãos devem apegar-se firmemente à esperança da salvação que Deus

oferece (6:18b). A esperança em questão pode ser descrita como *âncora da alma* (6:19). As tempestades da vida podem ameaçar empurrar o navio de nossa vida para os rochedos, mas a âncora não permite que ela se mova, pois está firmada no santuário *além do véu*, onde Jesus se encontra. Lá, ele é o *sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque* (6:20), e o fundamento inabalável para nossa esperança de salvação.

#### 7:1—10:39 **Cristo e a ordem de Melquisedeque**

A advertência acerca da imaturidade e da necessidade de confiar nas promessas de Deus é precedida e seguida da asserção de que Cristo é sacerdote “segundo a ordem de Melquisedeque” (5:10; 6:20). Qual o significado dessa declaração? Nos capítulos 7 a 10, o autor explica que essa ordem sacerdotal é superior ao sacerdócio aarônico, pois oferece uma aliança, um tabernáculo e um sacrifício superior. Enfatiza que o sacerdócio de Cristo não apenas está acima do aarônico, mas também é imutável. O sacerdócio divino de Cristo encerra a sucessão de sacerdotes terrenos, cujo ministério era falho e limitado devido à sua mortalidade (cf. tb. 5:1-10).

#### 7:1-28 **Sacerdócio superior**

Melquisedeque é um indivíduo obscuro do AT mencionado apenas de passagem em Gênesis 14:17-24. Sabemos que era *rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo* (7:1a). A única outra referência a ele na Bíblia se encontra em Salmos 110:4, texto que fala da vinda do Messias, o qual ocupará a posição suprema de sacerdote e rei. Agora, o autor explica em detalhes as duas referências a Melquisedeque e mostra como elas podem ser associadas a Jesus.

O nome e título de Melquisedeque são, por si mesmos, impressionantes. Seu nome significa *rei de justiça*, e seu título, *rei de Salém, ou seja, rei de paz* (7:2b). Os dois títulos são associados ao Messias e, de modo específico, a Jesus (Is 9:6-7; 2Tm 4:8).

O autor também se impressiona com aquilo que não é dito acerca de Melquisedeque. Numa época em que a linhagem era considerada extremamente importante, Melquisedeque é apresentado como um homem *sem pai, sem mãe, sem genealogia* (7:3). Isso não significa que ele não tinha pais humanos. Foi um indivíduo histórico real que viveu numa cidade real chamada Salém, provavelmente a atual Jerusalém. A falta de informação sobre sua genealogia e sobre seus pais, contudo, confere-lhe uma qualidade eterna ressaltada pelo fato de não sabermos durante quanto tempo foi sacerdote nem quando faleceu. Ele pode ser descrito, portanto, como alguém *que não teve princípio de dias, nem fim de existência*. A aparente eternidade e o fato de Melquisedeque ser, ao mesmo tempo, rei e sacerdote, significam que ele pode ser considerado modelo ou “tipo” de Cristo, no qual os dois ofícios foram unidos para sempre.

A grandeza de Melquisedeque se revela em seu relacionamento com Abraão, o grande patriarca de todo o Israel, a nação judaica. Ao que parece, Abraão reconheceu Melquisedeque como seu superior, pois lhe deu o dízimo, e recebeu sua bênção (7:1b-2a,4). Os dízimos eram entregues sempre a superiores, e as bênções eram concedidas a subordinados (7:7).

O fato de Abraão entregar o dízimo adquire importância ainda maior quando interpretado em termos da lei do AT, segundo a qual os israelitas deviam dar aos levitas o dízimo (um décimo) de tudo o que adquirissem (7:5). Era o salário dos levitas que serviam a Deus em nome de seus compatriotas, descendentes de Abraão (Nm 18:21). Apesar de Melquisedeque não ser levita, Abraão lhe entregou esse dízimo (7:6). Na verdade, tendo em vista que Levi, pai dos levitas, é um dos descendentes de Abraão, pode-se até argumentar que, em Abraão, os levitas entregaram o dízimo a Melquisedeque, demonstrando que o sacerdócio do rei de Salém superava o dos levitas (7:9-10).

Há ainda outra diferença entre Melquisedeque e os levitas. Estes últimos recebiam o dízimo, mas não eram imortais. Todos morriam. Pode-se dizer de Melquisedeque, porém, *que vive* (7:8). O autor não está necessariamente argumentando que Melquisedeque não morreu. Apenas afirma que a Bíblia não registra sua linhagem nem sua morte, de modo que ele pode ser usado para mostrar a natureza eterna do sacerdócio de Cristo.

Depois de definir a superioridade de Melquisedeque em relação a Abraão e de seu sacerdócio em relação ao dos sacerdotes levitas, o autor mostra que o sacerdócio levítico chegou ao fim. Sua pergunta retórica deixa claro que a ineficácia do sacerdócio levítico apontava para a necessidade de um novo sacerdote (7:11). Uma vez que o sacerdócio levítico se relacionava tão estreitamente com a lei de Moisés, o início de uma nova ordem de sacerdotes deve indicar uma mudança na base legal para o sacerdócio (7:12). A mudança se evidencia no fato de Jesus não ser originário da tribo de Levi, como eram os sacerdotes do AT, mas da tribo de Judá (7:13-14). Cristo não foi, portanto, constituído sacerdote segundo sua linhagem, mas *segundo o poder de vida indissolúvel* (7:15-17; cf. 7:3).

O sistema aarônico de sacerdócio como um todo, baseada na lei e nas prescrições mosaicas, era imperfeito, pois seus sacerdotes eram imperfeitos (7:18), daí falar-se *de sua fraqueza e inutilidade*. Ele foi substituído por uma nova ordem de sacerdotes que ofereceriam ao povo uma *esperança superior* de se aproximar de Deus. O novo sistema permitiu que os cristãos judeus e o autor da carta se chegassem a Deus (7:19). Se voltassem às antigas formas de culto, eles se afastariam de Jesus Cristo e não poderiam desfrutar vida e comunhão com ele.

Outro sinal da superioridade do sacerdócio de Cristo é o fato de Deus confirmá-lo *com juramento* na primeira metade de Salmos 110:4, o mesmo versículo que inclui a asserção:

*Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque* (7:17,20; cf. tb. 5:6,10; 6:20). A certeza dos juramentos e promessas de Deus já foi considerada em 6:13-18. A nomeação dos outros sacerdotes não era acompanhada de juramento, e essa diferença também prova que Cristo instituiu *superior aliança* (7:22). Por que os cristãos judeus desejavam voltar ao sistema que operava sob uma aliança inferior?

Para encerrar sua análise de Salmos 110:4, o autor focaliza as palavras “para sempre” e ressalta que outro sinal da superioridade de Jesus como sacerdote é a natureza permanente de seu cargo. No sacerdócio aarônico, a morte encerrava o ministério do sumo sacerdote, de modo que, ao longo dos anos, vários homens tiveram de ocupar esse cargo (7:23). Cristo, porém, vive para sempre e, portanto, jamais deixará de ser sumo sacerdote. É capaz de *salvar totalmente*, pois pode sempre interceder junto ao trono de misericórdia e graça por aqueles que confiam em Deus por meio da fé em Cristo (7:24-25).

Depois de provar a superioridade de Cristo como sumo sacerdote, o autor enfatiza o que isso significa para os cristãos. *Um sumo sacerdote como este*, da ordem de Melquisedeque, superior e maior que Arão, supre nossas necessidades, pois é *santo, inculpável* e puro (7:26). Uma vez que não tem defeito (como tinham os sacerdotes aarônicos), pôde oferecer a si mesmo como sacrifício *uma vez por todas* pelos pecados do povo (7:17). Deus suplantou a lei e exaltou Cristo muito acima dos céus, onde ele ministrará como sumo sacerdote perfeito para sempre (7:20-26).

### 8:1-13 Aliança superior

Em 7:22, ao provar que o sacerdócio de Jesus é superior ao de outros sacerdotes, o autor menciona de passagem que Jesus se tornou “fiador de superior aliança”. Agora, essa ideia é desenvolvida e são apresentados três motivos pelos quais a nova aliança é melhor no tocante ao seu sumo sacerdote, seu santuário, fundamento e promessas.

- **Um sumo sacerdote superior.** Em vez de se ocupar com a oferta de sacrifícios, Jesus, o sumo sacerdote dessa aliança, encontra-se assentado no lugar de autoridade, poder e honra, *à destra do trono da Majestade nos céus* (8:1). O fato de estar assentado indica que pode descansar, pois completou a instituição da nova aliança.
- **Um santuário celestial superior.** Como sumo sacerdote, Jesus ministra no santuário celestial, o *verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem* (8:2). A antiga aliança precisava de um santuário físico, pois os sacerdotes tinham de sacrificar e oferecer o sangue de animais. Jesus também teve de oferecer um sacrifício para fazer expiação pelos pecados (8:3). Ofereceu-o, porém, no santuário celestial, e não no tabernáculo terreno, o qual é apenas *figura e sombra das coisas celestes* (8:5). Na verdade, não lhe teria sido permitido oferecer

um sacrifício no templo ou tabernáculo, pois ele não era da tribo sacerdotal (8:4).

- **Um fundamento e promessas superiores.** Cristo exerce seu ministério *com base em superiores promessas* (8:6). Deus sabia que a antiga aliança não era eficaz. Para corroborar seu argumento, o autor cita Jeremias 31:31-34, em que Deus promete introduzir uma *nova aliança* (8:7-9). A nova aliança não governaria apenas o comportamento externo do povo, mas causaria mudanças profundas na sua *mente* e no seu *coração* (8:10). Restauraria o relacionamento do povo com Deus e o ajudaria a conhecer Cristo por meio da misericórdia e graça clemente do Senhor (8:11-12).

Os cristãos judeus pareciam não entender que, de acordo com as palavras de Deus em Jeremias, a antiga aliança era um pacto *antiquado e envelhecido* (8:13). O advento da nova aliança foi anunciado na Última Ceia, quando Jesus tomou o cálice e disse: “Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança” (Mt 26:28) e declarou: “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós” (Lc 22:20). O sangue de Jesus cumpriu a antiga aliança e instituiu a nova com seu ministério superior.

### 9:1-28 Tabernáculo superior

A mudança na forma de adoração é um dos assuntos difíceis sobre os quais o autor hesitou tratar, pois seus leitores são “tardios em ouvir” (5:11). Agora, porém, ele explica em detalhes o contraste entre o culto na antiga e na nova alianças (9:1-10) e, em seguida, fala do ministério de Jesus no novo tabernáculo celestial (9:11-28; cf. tb. 8:2,5).

#### 9:1-10 O antigo tabernáculo

Sob a antiga aliança, o culto se dava em uma estrutura construída de acordo com as instruções do Senhor a Moisés. O tabernáculo possuía dois cômodos. O mais externo era chamado de *Santo Lugar*. Separado dele por uma cortina, havia ainda um cômodo interno, chamado de *Santo dos Santos* (9:1-3). O autor descreve a mobília dos dois cômodos, mas diz que não pode falar dela *pormenorizadamente* (9:5b). Nós, por outro lado, podemos fazer uma pausa para estudar em mais detalhes esses objetos, que, como o santuário terreno, também possuem significado simbólico e, portanto, nos ajudam a entender a obra redentora de Cristo.

O *candeeiro* (9:2) era um castiçal de ouro com sete has-tes que ficava no primeiro cômodo ou Santo Lugar, e suas lâmpadas deviam permanecer acesas a noite toda (Êx 25:31-40; 27:20-21). Além de iluminar, as lâmpadas também representavam a luz de Deus. O candeeiro simbolizava, portanto, a pessoa de Cristo, “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo 1:9). Ele é a luz do mundo, e sua luz resplandece na escuridão (Jo 8:12; Ap 22:5).

O *Santo Lugar* (9:2) também continha uma *mesa* de ouro, sobre a qual ficavam os *pães* consagrados, isto é, os doze pães que simbolizavam as doze tribos de Israel e como Deus os havia alimentado durante os quarenta anos no deserto (Êx 25:23-30; Lv 24:5-9). Os pães eram trocados todo sábado e somente os sacerdotes podiam consumi-los. Esses pães representavam Cristo, o pão da vida (Jo 6:32-33).

O *altar de ouro para o incenso* (9:4a; Êx 40:5) ficava no Santo Lugar, próximo ao véu que o separava do Santo dos Santos. Sobre esse altar, o sumo sacerdote queimava incenso para representar as orações que subiam a Deus (Êx 30:1-10; 37:25-29). Não se oferecia mais nada no altar de incenso, exceto no Dia da Expição, observado uma vez por ano, quando o sumo sacerdote aspergia sobre ele (i.e., sobre suas saliências em forma de chifres) sangue do sacrifício de expiação. Como nosso sumo sacerdote, Jesus Cristo entrou no Santo dos Santos do tabernáculo celestial e ofereceu seu sangue para fazer expiação por nossos pecados (9:24).

O último objeto, que ocupava o Santo dos Santos, era a *arca da aliança totalmente coberta de ouro* (9:4b; Êx 25:10-22), que simbolizava a presença de Deus. Sobre sua tampa de ouro puro, chamada de *propiciatório*, ficavam dois querubins de ouro batido. No Dia da Expição, o sumo sacerdote aspergia um pouco de sangue do sacrifício sobre o propiciatório para cobrir os pecados cometidos contra a lei, simbolizada pelas tábuas de pedra dos Dez Mandamentos que ficavam guardadas dentro da arca (9:4c-5a; Êx 40:20; Lv 16:15-16). O ritual simbolizava a promessa de Deus de não olhar para a lei transgredida, mas para o sangue que fazia expiação pelos pecados do povo.

Três objetos são associados à arca: as tábuas de pedra onde se encontravam registrados os Dez Mandamentos, para lembrar a Israel a vontade de Deus (Êx 25:16); uma urna de ouro contendo maná, para lembrar a Israel a provisão de Deus no deserto (Êx 16:32-34); e a vara de Arão, que lembrava a Israel os milagres de Deus no Egito e também a nomeação divina de Arão e seus descendentes para o sacerdócio (Êx 7:10,19; Nm 17:1-10). Todos esses objetos não passavam de figuras e sombras da nova ordem que Cristo Jesus traria consigo.

A entrada no tabernáculo terreno era restrita. Somente os sacerdotes podiam entrar no Santo Lugar. O Santo dos Santos era separado por um véu e somente o sumo sacerdote podia entrar lá uma vez por ano, no Dia da Expição (9:6-7). O Espírito Santo usou essas restrições para mostrar que, enquanto o santuário existisse, pessoas comuns não podiam entrar no Santo dos Santos (9:8). A falta de acesso indicava que os sacrifícios oferecidos no templo não podiam proporcionar a santidade necessária para entrar nessa área sagrada, pois eram temporários, imperfeitos e incapazes de purificar inteiramente a consciência culpada (9:9). As cerimônias imperfeitas eram temporárias e apontavam para a chegada da nova ordem perfeita (9:10).



### 9:11-28 O novo tabernáculo

O antigo tabernáculo havia sido construído na terra por meio do trabalho humano, mas o tabernáculo no qual Cristo, como novo sumo sacerdote, realiza seu ministério redentor é o verdadeiro tabernáculo de Deus no céu (9:11). O santuário celestial é, necessariamente, superior aos santuários terrenos, os quais estão associados inevitavelmente a um local geográfico e, portanto, nem sempre de fácil acesso a todos.

Como sumo sacerdote perfeito, Jesus não entrou no *Santo dos Santos* do tabernáculo celestial com o sangue dos sacrifícios de animais terrenos, mas com uma oferta do *seu próprio sangue* (9:12). Sua grande oferta é infinitamente mais eficaz para nos purificar do pecado que qualquer ritual envolvendo o sangue de animais (9:12-13). Somos lembrados de que a redenção oferecida por Cristo não se baseia na realização de cerimônias ineficazes, mas no grande sacrifício de Cristo. Seu sangue *purificará a nossa consciência de obras mortas*, ou seja, de pecados, *para servirmos ao Deus vivo* (9:14). Ele é o sacrifício final e completo pelos pecados cometidos contra Deus.

Na sequência, o autor de Hebreus muda ligeiramente de metáfora e nos lembra que Cristo se entregou com o propósito de oferecer *remissão* (ou “resgate”; NVI) para libertar as pessoas de seus pecados. Tornou-se *Mediador da nova aliança*, ou seja, é o Cordeiro sacrificado para efetivar a aliança por meio da qual muitos serão libertos para herdar a vida eterna (9:15a).

Em seguida, o autor explica por que era necessário Cristo derramar seu sangue para nossa salvação. O primeiro motivo é associado à *promessa da eterna herança* (9:15b) e ao fato de o mesmo termo grego poder ser traduzido por “testamento” ou “aliança”. Uma herança (ou aliança) é algo que alguém recebe depois da morte de quem deixou a herança (9:16-17).

O segundo motivo é que nenhuma aliança podia ser *sancionada sem sangue* (9:18). No mundo antigo, todas as alianças eram acompanhadas de sacrifícios de animais, cujos cadáveres eram cortados em duas partes para mostrar as consequências de romper a aliança (cf. Jr 34:18). A aspersão de sangue sobre os participantes da aliança marcava seu compromisso com ela (9:19-21). Representava não apenas compromisso, mas também purificação. Sinalizava o pagamento do preço do pecado que havia rompido a aliança e causado impureza. Por isso, *com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue*, pois, *sem derramamento de sangue, não há remissão* (9:22).

O tabernáculo terreno era uma cópia do celestial, e os sacrifícios de animais oferecidos nele eram apenas imitações inferiores do grande sacrifício que Jesus Cristo realizou para instituir a nova aliança e purificar o tabernáculo celestial de toda a contaminação que nossos pecados causariam (9:23). Cristo não realizou sua oferta num tabernáculo humano, distante de Deus; antes, compareceu *diante de Deus* em nosso favor (9:24).

A outra diferença entre o sacrifício de Cristo e os sacrifícios que os sacerdotes do AT ofereciam é o caráter consumado do ministério redentor de Cristo. Os sacerdotes aarônicos sacrificavam animais continuamente no antigo tabernáculo. Cristo, porém, não precisa repetir seu sacrifício (9:25). Seu ministério celestial superior foi consumado *de uma vez por todas* (9:26). Da mesma forma que não existe reencarnação para os seres humanos, Cristo também não reencarna repetidamente (9:27). Ele viveu apenas uma vez aqui na terra e, nesse período, morreu na cruz como sacrifício por nós. Quando vier pela *segunda vez* no final desta era, não será para reiterar seu sacrifício, mas para trazer vida eterna e salvação àqueles que *o aguardam*, seja no sono da morte, seja em vida (9:28).

O autor destacou as diferenças entre o tabernáculo celestial e o terreno e mostrou a superioridade do primeiro, bem como a eficácia eterna do sacrifício de Cristo. Os cristãos judeus vacilantes não devem ter dúvidas acerca de onde depositar sua confiança.

### 10:1-25 Sacrifício superior

Uma vez que o sistema sacrificial constituía o cerne da antiga aliança, o autor de Hebreus considera necessário tratar em mais detalhes a mudança realizada por Cristo, apresentado como sacrifício superior e perfeito. Enfatiza que o sacrifício de Cristo aboliu todos os outros sacrifícios da antiga aliança, pois, ao contrário das ofertas da lei mosaica, foi um sacrifício eficaz. O autor fala de três aspectos associados aos dois tipos de sacrifícios:

- **Os sacrifícios de animais eram cópias imperfeitas do sacrifício de Cristo.** A própria lei exigia que os sacrifícios fossem *sombra dos bens vindouros*. Como sombras, os sacrifícios não tinham poder de tornar *perfeitos* os adoradores nem de purificá-los de forma permanente (10:1). O fato de precisarem ser repetidos periodicamente significava que serviam mais de lembrança dos pecados do povo que de meio eficaz de purificação (10:2-3). O sangue dos animais não podia, na verdade, remover os pecados (10:4). Apenas retratava o sacrifício superior que seria oferecido por Cristo na cruz (Is 52:13—53:12).
- **Jesus é o sacrifício superior que pode remover os pecados.** O autor cita Salmos 40:6-8 para provar que Deus não deseja sacrifícios e ofertas; não se deleita nesses rituais incapazes de tornar os ofertantes perfeitos (10:5-6). Jesus, porém, ofereceu a si mesmo como sacrifício superior ao morrer em obediência à vontade de Deus para cumprir os requisitos da lei. Agora, é possível sermos *santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo* (10:9-10).
- **Não é necessário oferecer outros sacrifícios pelo pecado.** Ao contrário dos sacerdotes, que repetiam continuamente os sacrifícios no sistema levítico

## O LUGAR DOS SACRIFÍCIOS TRADICIONAIS

Quase todos os povos da África parecem possuir alguma forma de sistema tradicional de sacrifícios. No passado, era costume sacrificar bois, carneiros, bodes e galinhas e, em alguns casos, cães (p. ex., entre o povo butawa da Nigéria e o povo koma da Etiópia). Ao que parece, o princípio básico era de que os sacrifícios deviam ser animais domésticos, de modo que houvesse uma relação próxima entre eles e os ofertantes. (O povo akamba do Quênia e o povo bakwena de Botsuana, porém, sacrificavam ocasionalmente o hírax selvagem.)

O animal, ou ave, a ser sacrificado devia ser escolhido com cuidado, levando-se em consideração as seguintes características:

- *Procedência.* O animal oferecido em nome de toda a comunidade tinha de vir de uma pessoa honrada. Não podia haver nenhuma possibilidade de essa pessoa apresentar um animal roubado para o sacrifício.
- *Cor.* O animal oferecido tinha de apresentar cor uniforme. A cor preferida variava de um povo para outro, mas a maioria dos animais oferecidos como sacrifício era preta, vermelha ou branca.
- *Qualidade.* O animal devia ser perfeito em todos os aspectos, sem defeitos de nascença nem ferimentos.

Noz-de-cola, cereais, cerveja e leite também podiam constituir oferendas, desde que a pessoa que os fornecia fosse de bom caráter.

Apesar de não serem comuns, os sacrifícios humanos eram praticados em circunstâncias de necessidade extrema. Um acontecimento como o *tsunami* de 2004, que matou mais de duzentas mil pessoas na Ásia, poderia ser considerado uma calamidade que exigiria sacrifícios humanos para não se repetir. Semelhantemente, crises como a do HIV/aids em diversas vilas da África poderiam levar os fiéis a realizar o sacrifício mais custoso de todos a fim de apaziguar Deus para que ele removesse a pestilência. De acordo com o raciocínio por trás do sacrifício humano, valia a pena sacrificar a vida de uma pessoa para evitar que muitas outras morressem. Não devemos confundir os sacrifícios humanos com os rituais de algumas seitas modernas que realizam oferendas com partes do corpo humano. Os rituais em questão são associados ao culto a demônios e não a um propósito mais nobre. Não obstante o motivo, porém, para Deus todos os sacrifícios humanos são abomináveis (Lv 18:21).

A maioria dos sacrifícios tradicionais africanos era ligada a experiências humanas comuns. Costumavam-se oferecer sacrifícios para marcar momentos importantes

da vida (concepção, nascimento, escolha do nome da criança, circuncisão e assim por diante), o ciclo agrícola (plantio e colheita), caçadas (saída e chegada dos caçadores) e ocasiões de grande pesar como epidemias, secas, enfermidades e esterilidade. Ao que parece, portanto, ofereciam-se sacrifícios em resposta a acontecimentos na vida das pessoas ou com o intuito de mudar alguma circunstância. Eles quase nunca eram realizados simplesmente para adorar a Deus por seu caráter e atributos.

Tendo em vista que a oferta de sacrifícios está praticamente extinta, podemos dizer que eles ainda possuem alguma relevância? Devemos manter viva sua memória?

Para responder, podemos basear-se no modo em que essa prática tradicional se relaciona com o conceito de sacrifício na Bíblia. O primeiro aspecto a observar é que eles talvez tenham a mesma origem dos sacrifícios bíblicos. Em geral, a Bíblia oferece a revelação especial de Deus, enquanto as religiões tradicionais africanas (RTAs) se baseiam, em sua maior parte, na revelação geral. A prática de oferecer sacrifícios, porém, data do início do AT (Gn 4:3-4; 8:20). Quando os filhos de Noé se dispersaram e repovoaram a terra depois do dilúvio, os três levaram consigo o conceito da oferta de sacrifícios.

Outro ponto a observar é que existem semelhanças óbvias entre os requisitos para os sacrifícios nas RTAs e as exigências descritas na lei de Moisés. Em ambos os casos, por exemplo, o animal oferecido devia ser perfeito (em Lv 1—9, a instrução “sem defeito” é repetida treze vezes: 1:3,10; 3:1,6; 4:3,23,28,32; 5:15,18; 6:6; 9:2,3). De acordo com Deuteronômio 17:1, o animal defeituoso era considerado “abominação ao SENHOR”. Também encontramos semelhanças no tipo de animal oferecido. O AT fala de novilhos (Lv 4:3), bodes e cabras (Lv 4:23,28), cordeiros (Lv 4:32), pombinhos (Lv 5:7) e cereais (Lv 2:1).

Existem, contudo, diferenças importantes entre os sacrifícios nas RTAs e no AT. Elas remontam à época de Moisés, quando os sacrifícios receberam novo significado em razão do relacionamento de aliança de Deus com Abraão (Gn 17:7) e dos requisitos da aliança apresentados em Êxodo (Êx 19—24). Daquele tempo em diante, a oferta de sacrifícios devia ser realizada com base no fato de Israel ser o povo escolhido de Deus e na necessidade de eles se comportarem segundo a natureza santa de Deus. O que antes era oferecido para expressar gratidão passou a ser o modo de tratar do pecado. Os holocaustos (Lv 1:1-17), as ofertas de manjares (Lv 2:1-16), as ofertas pacíficas (Lv 3:1-17), os sacrifícios pelo pecado (Lv 4:1—5:13) e os sacrifícios pela culpa (Lv 5:14-17) se tornaram maneiras diferentes de destacar o enfoque das ofertas. O elemento fundamental de todas elas, porém, era o reconhecimento de três fatos: a) Deus é santo; b) homens e mulheres não conseguem viver segundo

seus padrões; e c) somente os rituais instituídos por Deus podem corrigir a situação.

Os rituais prescritos por Deus no AT se cumpriram de forma definitiva no sacrifício supremo de Cristo como Cordeiro de Deus. O autor de Hebreus relaciona os sacrifícios do AT à obra de Cristo e mostra como ele representa o cumprimento final de tudo o que os sacrifícios visavam realizar (Hb 9:11—10:18). O sangue que Cristo derramou uma só vez é suficiente para tratar do pecado de todos os tempos. Não é mais necessário oferecer sacrifícios diários, semanais, mensais ou anuais. As necessidades a que eles buscavam atender foram supridas de uma vez por todas quando Cristo se ofereceu “de uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos” (Hb 9:28).

Nesse contexto, podemos dizer que os sacrifícios tradicionais têm valor, limitações e perigos em nossa apresentação da fé cristã nos dias de hoje.

Seu maior valor consiste em serem um bom ponto de partida para a apresentação do evangelho. A boa notícia é que Jesus morreu para remover nossos pecados (1Co 15:3; Gl 1:4). Sem isso, não poderia haver comunhão com Deus. Ele morreu como Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo (Jo 1:29,36). O conceito do sacrifício que morre para remover o pecado não é “escândalo” nem “loucura” (1Co 1:23) para os ouvintes africanos, mas um elemento conhecido. Para fins missionários, os sacrifícios podem ser, então, solo fértil do qual podemos extrair ensinamentos acerca do sacrifício supremo de Cristo.

Sua utilidade, porém, é limitada. Não é certo equiparar os sacrifícios das RTAs com os do AT, como alguns procuram fazer. Apesar de haver diferenças regionais, nas RTAs o motivo principal de oferecer sacrifícios é garantir que tudo corra bem. Não existe nas RTAs o conceito de oferecê-los simplesmente para reconhecer que somos pecadores por natureza e que Deus é santo por natureza, como é o caso, por exemplo, das ofertas pacíficas. Na verdade, alguns povos africanos acreditam que, enquanto as coisas estão indo bem, não há necessidade de perturbar Deus com sacrifícios. Quando ele envia dificuldades, o apaziguamento da divindade resulta em salvação física, que é, então, celebrada em termos de novidade de vida e alegria.

Não é incomum, ainda, a ideia de que, quando se recebe uma bênção, é necessário reconhecê-la a fim de que ela não seja retida no futuro. Nesse contexto, os sacrifícios expressam gratidão por benefícios. Como no caso anterior, porém, a motivação central é o medo.

O sistema sacrificial do AT também incluía a necessidade de apaziguar Deus e demonstrar gratidão por suas bênçãos. Ia, no entanto, muito além e considerava o sacrifício um meio de adorar a Deus por quem ele é. Sem dúvida, ele fez grandes coisas, como libertar seu povo da escravidão do Egito, mas seus grandes feitos se devem ao fato de ele ter um relacionamento com seu povo. Deus é “Eu Sou o Que Sou” (Êx 3:14), nunca muda e sempre está presente junto ao seu povo escolhido. Nesse sentido, os sacrifícios do AT são mais ricos que aqueles oferecidos nas religiões tradicionais africanas.

Como os sacrifícios do AT, os das RTAs foram substituídos pelo sacrifício definitivo de Cristo. Não devemos deixar-nos levar pelo argumento de que, tendo em vista serem semelhantes às ofertas da Bíblia, nossos sacrifícios tradicionais são o caminho para a salvação. Todo o bem associado aos sacrifícios tradicionais não passa de prefiguração da realidade que é Cristo. Este é o caminho que Deus preparou para termos comunhão com ele.

Para fins práticos, precisamos conhecer nossa herança, inclusive os sacrifícios de nossas religiões tradicionais. Devemos, contudo, manter sempre a perspectiva correta. Os sacrifícios constituem um ponto de contato para falarmos de Cristo, o sacrifício supremo. O fato de muitas das ofertas tradicionais envolverem o derramamento do sangue de animais é uma excelente oportunidade para apresentarmos Cristo como sacrifício pelo pecado. Como Paulo diz, contudo, ao contrastar nossa experiência presente com o conhecimento pleno que teremos no futuro: “Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado” (1Co 13:10). É com base no mesmo princípio que o autor de Hebreus escreve: “Remove o primeiro para estabelecer o segundo. Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas” (Hb 10:9b-10). Em última análise, essa é a mensagem para a África e para o mundo inteiro, por mais ricas que sejam nossas crenças e práticas tradicionais.

Samuel Ngewa

imperfeito, como sumo sacerdote superior, Jesus ofereceu como sacrifício a própria vida, *para sempre* (10:11-12). A fim de reforçar a superioridade de Cristo, o autor afirma que agora Cristo aguarda *até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés* (10:13). Ele *aperfeiçoou* seu povo, ou seja, tornou-o aceitável a Deus ao separá-lo para que vivesse de modo piedoso (10:14,18). Em seguida, o autor volta a citar Jeremias 31:33-34 para

mostrar que o ato sacrificial de Cristo faz parte da nova aliança de Deus com seu povo (10:16-17).

As ações dos leitores devem fluir das verdades ensinadas pelo autor até aqui. Cristo, nosso sumo sacerdote, abriu caminho para entrarmos no *Santo dos Santos* (10:19-21). Não devemos perder a oportunidade, mas nos aproximar de Deus com *sincero coração* e cheios de fé na obra consumada

de Cristo. Nosso coração foi *purificado de má consciência*, e nosso corpo foi *lavado [...] com água pura* (10:22). O autor provavelmente deseja que os leitores pensem no simbolismo de rituais como aquele em que os levitas eram purificados cerimonialmente por meio da aspersão de água (Nm 8:6-7). Não é apenas o coração que deve ser separado para Deus, mas a pessoa como um todo.

A visão africana tradicional da religião sempre abrange sacrifícios e ofertas, rituais e cerimônias, juntamente com súplicas a intermediários por proteção, provisão e outras bênçãos. A oferta de sacrifícios, contudo, é desnecessária, pois Cristo se entregou como único sacrifício essencial. Também não precisamos orar a intermediários como anjos, a Virgem Maria ou santos falecidos (Paulo, Estêvão, João etc.). Não precisamos depender das preces de sacerdotes, como quando o clero etíope ortodoxo profere orações mágicas associadas à arca (o *tabot*). Uma vez que Cristo abriu a porta para o Santo Lugar, podemos aproximar-nos pessoalmente de Deus.

O autor de Hebreus exorta os cristãos a manter-se firmes na fé e estimular *uns aos outros [...] ao amor pelo Senhor e às boas obras* (10:23-24). Eles não devem afastar-se uns dos outros e deixar de congregar; antes, devem apoiar-se mutuamente (10:25). Trata-se de algo ainda mais importante à medida que a segunda vinda de Cristo se aproxima, pois esses dias serão caracterizados pela intensificação das perseguições (Mt 24:9-11) e aumento da perversidade (Mt 24:12; 2Tm 3:1-4).

### 10:26-39 Advertência sobre não ser infiel a Deus

O autor volta a advertir os cristãos acerca do perigo de pecarem deliberadamente depois de terem *recebido o pleno conhecimento da verdade* em Cristo (10:26; cf. 6:4-8; Nm 15:22-31; 16:1-3). Quem age desse modo rejeitou o único sacrifício pelos pecados e pode esperar o julgamento de Deus, que consome seus inimigos com fogo (10:27). O autor adverte-os de que, se a recusa desdenhosa da lei inferior de Moisés resultava em morte (Nm 16:19-35; Dt 17:6), as consequências de rejeitar Cristo, o qual é infinitamente superior, serão muito piores. Quem despreza o Filho de Deus desrespeita o sangue de Cristo e ultraja o Espírito Santo, esse será julgado com severidade (10:28-31).

O autor incentiva os cristãos judeus a permanecer na fé, não obstante a oposição e perseguição pública. Lembra-os de que suportaram perseguições no passado (10:32). Permaneceram junto daqueles que foram humilhados publicamente, demonstraram compaixão para com os presos e aceitaram as perdas materiais. Dentro desse contexto, é essencial que continuem a se reunir para admoestar uns aos outros (10:33-34; cf. tb. 10:25).

O autor promete que, se eles não abandonarem a *confiança*, andarem pela fé em Cristo e, desse modo, fizerem a vontade de Deus, alcançarão a *promessa* que Deus lhes fez (10:35-36). A espera por essa promessa exige paciên-

cia e perseverança. O autor cita Habacuque 2:3-4 para enfatizar a necessidade de continuarmos crendo em Deus, mesmo quando não entendemos seus caminhos. Isso exige fé, motivo pelo qual o autor de Hebreus cita o versículo: *O meu justo viverá pela fé* (10:38; cf. tb. Gl 3:11; Rm 1:17). Ao enfrentar perseguição, os leitores de Hebreus devem crer na base que Deus proveu para a justificação e nas decisões do Senhor ao governar o mundo. Talvez Deus não os livre de suas circunstâncias difíceis, mas ainda é Senhor dessas circunstâncias. No devido tempo, *aquele que vem virá* (10:37), e os justos serão recompensados.

Os cristãos judeus não devem permitir que sua antiga devoção à tradição judaica, baseada na lei de Moisés e no sistema sacerdotal e sacrificial, enfraqueça sua devoção a Cristo, o eterno e grande sumo sacerdote e, desse modo, os prive da recompensa prometida.

Os cristãos de hoje precisam atentar nessa advertência. Não devemos praticar o sincretismo, ou seja, misturar elementos de outras crenças com a obra de Cristo. Não importa se nos valemos do judaísmo, como a Igreja Ortodoxa Etíope, ou do espiritualismo das religiões tradicionais africanas. Conforme ressaltamos anteriormente (cf. comentários sobre 10:22), não devemos colocar intermediários no lugar de Cristo, sejam eles santos da igreja tradicional ou espíritos de antepassados. Não devemos buscar direção, correção, ajuda ou bênçãos de antepassados ou divindades. Na verdade, as Escrituras proíbem qualquer associação com outros espíritos além de Deus (Dt 18:10-11; 26:14; 32:17; At 19:18-19; 1Co 10:19-20; Gl 1:6-18).

Também não devemos buscar ajuda em rituais nem tentar comprar o favor de Deus por meio de ofertas e sacrifícios na forma de esmolas. A essência da verdadeira adoração consiste em honrar a Deus, conhecendo a Cristo e oferecendo-nos a nós mesmos, conscientes de nossa dependência total do Senhor. É possível que esse tipo de adoração esteja em falta em algumas de nossas igrejas. Sem dúvida, não está presente em nenhuma fé sincrética.

Os cristãos africanos devem aprender com as Escrituras a diferenciar a verdadeira adoração a Deus em Cristo das enganosas filosofias religiosas derivadas de tradições humanas. Por mais forte que seja nossa devoção às formas tradicionais de culto, nossa devoção a Cristo deve ser ainda mais forte. A fé em Cristo não permite que nos apeguemos a outras supostas fontes de bênçãos. Para os cristãos judeus e, da mesma forma, para os verdadeiros cristãos africanos, a morte sacrificial de Cristo na cruz não é apenas um modo mais poderoso de se aproximar de Deus em comparação com outras tradições e rituais religiosos; é o único caminho para Deus. Devemos descartar tudo o que interfere em nosso compromisso sincero com Cristo.

### 11:1—13:21 Fé superior em Cristo

O capítulo 10 tratou da confiança com a qual os cristãos podem esperar pelas promessas. Agora, o autor fornece

exemplos práticos da vida de confiança total na palavra de Deus e esperança no futuro que ainda não podem divisar.

### 11:1-40 Exemplos de fé duradoura

O autor começa com uma definição de fé: *É a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem* (11:1). Em seguida, relaciona exemplos do AT daquilo que essa fé torna possível (11:2).

- **A fé vê aquilo que outros não conseguem enxergar.** A fé se deleita na realidade de coisas futuras. Permite ao cristão compreender que, pelo poder de sua palavra, Deus criou o universo visível a partir de coisas invisíveis e que o universo lhe pertence (11:3; cf. tb. Sl 19:1-6; 33:6-9). Abel se apresentou diante de Deus com fé e conseguiu discernir a oferta aceitável mesmo antes de a lei ser instituída (11:4; Gn 4:3-5). Sua fé o ajudou a oferecer um sacrifício melhor que o de Caim e a deixar um testemunho para outros.
- **A fé permite que os fiéis andem com Deus.** Antes do dilúvio, Enoque andou com Deus durante trezentos anos num contexto de terrível perversidade e não vacilou em sua fé (11:5-6; Gn 5:22-24). Deus se agradou de sua vida e resolveu levá-lo vivo para o céu.
- **A fé permite que os fiéis antevejam perigo e destruição.** Noé demonstrou fé ao agir de acordo com a advertência divina sobre o dilúvio. Pela fé, ele passou vários anos construindo *uma arca para a salvação da sua casa* (11:7; Gn 6:8—9:17). O povo infiel e incrédulo de sua época desprezou a advertência de Deus e continuou a comer, beber, casar-se e dar-se em casamento, comprar, vender, plantar e construir até o dia em que Noé entrou na arca. Quando veio o dilúvio, aqueles que rejeitaram Deus estavam totalmente despreparados, e foram aniquilados (Mt 24:36-42; 2Pe 2:5).
- **A fé permite que os fiéis obedeçam a Deus quando não conhecem o caminho.** Pela fé, Abraão deixou seu país, seu povo e a casa de seu pai e se mudou para uma terra estrangeira (11:8-10; Gn 12:1-3). Quem crê em Deus não insiste em saber o futuro; antes, confia nele e prossegue, vivendo como peregrino *em terra alheia* e olhando adiante, para a cidade eterna.
- **A fé permite que os fiéis recebam a promessa de Deus em situações impossíveis.** A fé olha para o Deus fiel, e não para as circunstâncias impossíveis. Abraão fixou o olhar no Deus fiel quando recebeu a promessa de um filho. Vinte e cinco anos depois, o corpo de Abraão e Sara, *já amortecido*, recebeu poder de gerar um filho (11:11-12; Gn 17:1-22; 18:10-15; 21:1-7).
- **A fé permite que os fiéis perseverem mesmo quando a promessa não se cumpre de imediato.** A fé em Deus não decepcionou os fiéis mesmo quando eles não receberam a promessa de Deus em vida, mas apenas viram seu cumprimento *de longe* (11:13-16). Viveram pela fé,

ansiando coisas superiores por vir, e morreram na fé, confiantes de que a promessa se cumpriria no futuro.

- **A fé permite que os fiéis sacrifiquem a promessa.** Por causa de sua fé em Deus, Abraão se dispôs a sacrificar tudo, inclusive seu único filho, Isaque, do qual dependia a continuidade de sua linhagem (11:17-19; Gn 22:1-18). Abraão negou a si mesmo e seguiu a Deus.
- **A fé permite que os fiéis reconheçam e transmitam a bênção de Deus.** A fé em Deus inspirou Isaque a abençoar Jacó e levou Jacó a abençoar os filhos de José (11:20-21; Gn 27:1-40; 48:12-20). Pela fé, José profetizou o êxodo e instruiu seus descendentes a levar os ossos dele para a terra prometida (11:22; Gn 50:24-25).
- **A fé permite que os fiéis corram riscos.** Graças à sua fé em Deus, os pais de Moisés perceberam que seu filho não era uma criança comum. Reconheceram o propósito de Deus na vida de Moisés e o guardaram da morte por três meses (11:23; Êx 2:1-4).
- **A fé permite que os fiéis recusem os prazeres deste mundo.** A fé em Deus inspirou Moisés a abrir mão de sua posição de prestígio e riqueza no palácio real e o guiou em sua escolha de ser tratado com desprezo juntamente com o povo de Deus (11:24-28; Êx 2:11-25). Ele diviso as coisas invisíveis de Deus e a recompensa futura como se fossem visíveis. A fé vê o sofrimento por amor a Cristo como algo muito mais valioso que os prazeres deste mundo.
- **A fé permite que os fiéis superem o medo e outras barreiras.** Pela fé em Deus, os israelitas atravessaram as águas do mar Vermelho (11:29-31; Êx 14:10-31) e derrubaram os muros fortificados de Jericó (Js 6:1-27). Pela fé, Raabe, uma meretriz pagã, tomou providências que salvaram sua vida (Js 2:1-21) e a levaram a tornar-se ancestral de Jesus.
- **A fé permite que os fiéis suportem muitas outras dificuldades.** O autor fornece vários outros exemplos de pessoas que obtiveram o favor de Deus por causa de sua fé em meio a circunstâncias impossíveis (11:32-39a). Pela fé, os fiéis podem viver de modo sacrificial e considerar que, por amor a Cristo, os maus-tratos, a tortura e as injúrias do mundo valem a pena. A fé em Cristo não garante uma vida fácil, mas uma vida repleta de dificuldades e exigências de deixar para trás os prazeres do mundo e andar com Deus segundo a sua vontade.

Na sequência, o autor apresenta seu argumento final: nenhum desses heróis da fé havia recebido, ainda, *a concretização da promessa*, ou seja, o Messias (11:39b). Nesse sentido, os cristãos judeus eram mais abençoados que todos os exemplos mencionados, pois sabiam que a promessa da vinda do Messias já se havia cumprido (11:40).



### 12:1-13 Perseverante na fé

O autor usa a *grande nuvem* de heróis hebreus (12:1a) como modelos de perseverança na fé, apesar das dificuldades, e incentiva seus leitores a seguir o exemplo deles. Apresenta-os como *testemunhas* que observam o modo pelo qual os cristãos judeus estão vivendo. É como se os fiéis da Antiguidade e os destinatários da carta estivessem reunidos num estádio para uma grande maratona. A multidão de homens e mulheres de fé mencionada no capítulo 11 ocupa as arquibancadas. Viera assistir à corrida e inspirar os participantes a correr com afinco ao atestar a validade da competição e lembrá-los dos exemplos deixados por seus antecessores.

Os atletas de outrora são os fiéis de gerações anteriores, enquanto os competidores do presente são o autor e seus leitores. Para realizarem uma boa corrida, precisam desembaraçar-se *de todo peso* que impede seus movimentos e de qualquer coisa que os torne mais lentos ou os faça tropeçar (12:1b). Os empecilhos incluem pecados de negligência, incredulidade, indiferença e pecar deliberadamente contra o conhecimento de Deus (1Co 9:24-27; 2Tm 2:3-5).

Uma vez que se trata de uma maratona, e não de uma corrida de curta distância, é necessário correr, *com perseverança, a carreira que nos está proposta* (12:1c). Cristo já delimitou o percurso, e os cristãos judeus não devem ceder à tentação de procurar correr por outro trajeto. Devem levar a vida disciplinada do discipulado cristão e seguir os passos de Cristo, que preparou o caminho para os participantes ao suportar a oposição hostil no lugar deles.

Enquanto correm, os competidores devem manter os olhos fixos em Jesus (12:2a). Ele é o *Autor e Consumador da fé*, o corredor pioneiro, nosso técnico e treinador, e o principal organizador dos jogos da fé.

Os cristãos judeus perseguidos (10:32-39) também podem olhar para Jesus. Ele foi desprezado e rejeitado, mas suportou a cruz e a vergonha em obediência fiel ao Pai (12:2b). Experimentou tristeza e sofrimento, mas perseverou, antevendo a alegria gloriosa que o esperava. A contemplação da atitude de Jesus contribuirá para que não se cansem nem percam as esperanças (12:3; Fp 2:5-11). Eles reconhecerão que, enquanto cumprem a vontade do Pai, talvez seja necessário derramar seu próprio sangue (12:4).

O autor cita Provérbios 3:11-12 e diz a seus leitores para serem como Cristo e considerarem as dificuldades como uma forma de disciplina do Senhor (12:5-6). Ninguém gosta de ser disciplinado. Muitas vezes, a disciplina é dolorosa e desagradável, porém mesmo assim necessária, como qualquer atleta reconhecerá ao olhar para trás e ver o sofrimento que experimentou durante o treinamento, e como vemos quando nos lembramos da disciplina que recebemos de nossos pais (12:7-10).

As provas que Deus envia ou permite facilitam o desenvolvimento do caráter, desde que deixemos a per-

severança completar seu trabalho (Rm 5:3-4; Tg 1:2-4). Deus usa dificuldades para produzir caráter, maturidade e plenitude, de modo que seus filhos não sejam em nada deficientes em Cristo. O Senhor disciplina os fiéis como seus filhos e filhas para que possam participar de sua santidade e produzir *fruto pacífico e fruto de justiça* (12:11).

Em vez de rejeitar todo sofrimento, os cristãos africanos devem estar preparados para aceitar a disciplina divina como elemento de suma importância para a formação do caráter. Ela nos confere a oportunidade de adquirir resistência e persistência e nos dá os recursos necessários para uma vida pacífica e justa em Cristo.

O autor encerra essa seção da carta com duas citações das Escrituras que visam encorajar os cristãos judeus a permanecer firmes. Insta-os: *Restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos* (12:12; cf. Is 35:3). A fraqueza dos membros pode impedir o atleta de vencer ou mesmo de concluir a corrida. Os cristãos judeus estavam abatidos e cansados e tinham vontade de desistir, mas não deviam ceder à tentação de deixar o time de Cristo e voltar à observância das prescrições mosaicas obsoletas. Precisavam fazer *caminhos retos para os pés* (12:13; Pv 4:26), ou seja, escolher o percurso correto. Cristo, o caminho, a verdade e a vida, é a única vereda reta e firme que conduz a Deus.

### 12:14-29 Advertência sobre não recusar a graça de Deus

A admoestação espiritual é como um remédio amargo que contribui para o nosso bem. Aqui, o autor faz a última advertência da carta e apresenta Esaú como exemplo para acautelar seus leitores das consequências do descaso para com Cristo. Esaú desprezou seu direito de primogenitura e perdeu sua bênção (12:16-17; Gn 25:29-34; 27:30-40). Semelhantemente, os cristãos judeus correm o risco de abrir mão da nova aliança em troca da antiga aliança mosaica e, desse modo, perder a bênção que Deus reservou para eles (12:15). Eles são advertidos, ainda, de não deixar que brote em seu coração nenhuma *raiz de amargura*, ou seja, nada que os *perturbe*. No caso de Esaú, a raiz de amargura foi sua natureza impiedosa, em razão da qual ele e seus descendentes perderam o direito de primogenitura e as bênçãos. Uma “raiz de amargura” pode, contudo, assumir a forma de imoralidade sexual, contendas e vida impiedosa, pois tudo isso produz resultados amargos.

O autor contrasta a inacessibilidade de Deus no Sinai quando o Senhor entregou a lei a Moisés na antiga aliança (12:18-21; Êx 19:10-24) com o acesso livre a Deus por meio de Cristo na nova aliança (12:22-24) e enumera algumas das bênçãos decorrentes:

- A presença de Deus, simbolizada pela chegada dos fiéis a *Jerusalém*, o centro do culto e da comunhão com Deus (12:22a).

- A companhia de Deus, bem como de anjos (12:22b) e de outros cristãos, tanto os que ainda estão vivos (12:23a) quanto os que já se encontram no lar celestial (*espíritos dos justos aperfeiçoados*; 12:23c).
- Governo justo, tendo Deus como Juiz (12:23b).
- Todos os benefícios que acompanham a obra redentora de Cristo (12:24).

Essas grandes bênçãos, contudo, acarretam responsabilidade ainda maior; daí a advertência sobre o perigo de perder a graça de Deus. Os israelitas que se recusaram a dar ouvidos a Moisés sofreram castigo severo, e o mesmo acontecerá com quem rejeitar a Cristo (12:25-27). Os verdadeiros adoradores de Deus, porém, que atentam na admoestação celestial proferida por Cristo, receberão *um reino inabalável* e eterno (12:28-29).

### 13:1-21 Evidências práticas da fé

Nas últimas páginas da carta, o autor dá diversas instruções específicas acerca da prática diária da fé em Cristo.

Primeiro, pede comunhão na igreja local. Instrui os cristãos a manter *o amor fraternal* (13:1), ser hospitaleiros (13:2) e cuidar dos presos e maltratados (13:3). Amar outros cristãos como irmãos e irmãs é um requisito fundamental para a vida orgânica de qualquer igreja, pois o amor é a maior evidência de comunhão espiritual no corpo de Cristo. Onde há verdadeiro amor cristão, também haverá hospitalidade prática e preocupação com as necessidades daqueles que pertencem à família de Cristo (13:16).

Demonstrar hospitalidade a desconhecidos, como Abraão fez quando acolheu *anjos* (13:2; cf. tb. Gn 18:1-15; 19:1-3), é uma prática valorizada em diversas culturas africanas. Infelizmente, porém, esse costume honrado está desaparecendo por causa do individualismo moderno. Os cristãos africanos precisam lembrar que oferecer hospitalidade pode de fato trazer bênçãos para seu lar. O culto agradável a Deus não corresponde a rituais cerimoniais eclesiásticos, mas a um estilo de vida caracterizado pelo amor e acolhimento dos necessitados, como os famintos, sedentos, estrangeiros, nus, enfermos, prisioneiros e maltratados (Mt 25:31-46; Gl 6:10; 1Jo 3:16-18). Devemos cultivar santa aversão às paixões do mundo e confiar na provisão de Deus.

O autor também instrui seus leitores acerca do casamento: *Digno de honra [...] seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula* (13:4). Qualquer relação sexual fora do casamento é imoral e abominável a Deus. Todas as mulheres e homens solteiros, bem como as esposas e os maridos, devem buscar a vontade e propósito de Deus para o casamento e preservar a dádiva da integridade sexual dentro do relacionamento conjugal. O casamento é uma instituição divina e, portanto, exige que os cristãos atentem no conselho divino (Gn 2:7,18,20b-23; Mt 2:15; Ef 5:21-33). Pureza, integridade, lealdade e amor são os muros que protegem essa instituição sagrada dos pecados sexuais. Não estamos

falando de virtudes desconhecidas na África. Na Etiópia, por exemplo, existe uma forma de casamento considerada indissolúvel. O divórcio não é permitido, a menos que haja prova tangível de infidelidade. Esse tipo de casamento, chamado *Kurban* ou *Kal Kidan bekurban* (Aliança pela Santa Ceia), é celebrado na Igreja Ortodoxa com uma cerimônia religiosa que inclui a Santa Ceia. As virtudes em questão precisam, contudo, ser preservadas para que não sofram os efeitos corrosivos da modernidade. Também precisam ser proclamadas, pois ainda há muitos cristãos africanos que se apegam aos conceitos culturais tradicionais de casamento, em vez de desenvolverem valores bíblicos com base na divina palavra de Deus.

A advertência seguinte é: *Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes* (13:5-6). O autor cita Deuteronômio 31:6 e Salmos 118:6-7 para garantir que o Senhor é capaz de socorrê-los e protegê-los em tempos de necessidade.

Hoje, em nosso continente, há quem pregue e ensine como ficar rico e quem prometa sucesso e prosperidade egoístas. Esses pregadores e mestres precisam aprender que o amor ao dinheiro é um empecilho para cultivar um estilo de vida hospitaleiro na igreja de Cristo. Os cristãos, por sua vez, precisam ficar alertas para não ceder à cobiça por dinheiro ou riqueza, a qual constitui uma forma de idolatria (Mt 6:24; Lc 12:13-21; 16:13-15; 1Tm 6:6-10). A verdadeira fé em Cristo é custosa e envolve a disposição de pagar o preço. A qualidade de nossa vida em Cristo não é determinada pela abundância de bens materiais, mas por nosso contentamento debaixo da proteção do Senhor “em toda e qualquer situação” (Fp 4:11-13).

Em seguida, o autor chama a atenção dos cristãos para seu relacionamento com os *guías*, *os quais pregaram a palavra de Deus* (13:7). Esses líderes provavelmente já haviam morrido, mas ainda eram excelentes modelos, cuja fé e modo de vida deviam ser imitados. Havia demonstrado sujeição à liderança daquele que *é o mesmo e o será para sempre* (13:8), e, apesar de os líderes humanos não estarem mais presentes, Jesus continua a ser o líder imutável. Essas palavras são um desafio para aqueles que lideram a igreja de hoje. Nossa vida serve de exemplo para outros?

O autor também adverte seus leitores de não seguirem ensinamentos estranhos e destrutivos. Ao que parece, falsos líderes estavam tentando os cristãos a buscar forças em rituais e cerimônias, em vez de depender da graça de Deus (13:9).

A referência a rituais leva o autor a focalizar o culto na igreja (13:10-16). Mais uma vez, ele destaca a necessidade de uma nova aliança e a contrasta com a antiga, repleta de prescrições inúteis acerca de alimentos permitidos e proibidos. A ênfase é sobre a verdadeira adoração por meio do sangue de Cristo, que fez expiação *fora do acampamento* (13:10-14; cf. tb. Lv 16:1-34). A declaração *Não temos aqui cidade permanente* pode ser uma referência a Jerusalém como

centro do culto da antiga aliança, a qual ele contrasta com a esperança de entrar na cidade *que há de vir* (13:14). Em vez de sacrifícios de animais, agora os fiéis oferecem a Deus *sacrifício de louvor* e gratidão, e o louvor é *fruto natural de lábios* que honram a Deus (13:15). O único sacrifício necessário é *a prática do bem e a mútua cooperação*. Agora, Deus rejeita todos os sacrifícios rituais, como mostra essa epístola, mas ainda *se compraz* em sacrifícios de louvor e serviço (13:16).

Na sequência, o autor volta a falar do lugar dos líderes e insta os cristãos a não apenas imitá-los, mas também a ser *submissos para com eles* (13:17). Os líderes devem ser pastores responsáveis do rebanho de Deus, demonstrar a veracidade daquilo que pregam por meio de suas palavras, atos, modo de vida, ensinamentos, amor, propósito, perseverança no sofrimento, integridade e pureza (1Tm 3:1-12). As verdadeiras ovelhas não terão dificuldade em imitar os líderes piedosos que as sustentam no Senhor. Se, porém, os membros da igreja desobedecerem a esses líderes ao seguir ensinamentos estranhos ou agir de modo que tornem a liderança um fardo, estarão desobedecendo a Cristo Jesus, o Supremo Pastor (13:20).

Tendo em vista que os líderes devem prestar contas de seu serviço a Deus e viver de modo honrado em todos os sentidos, não é de surpreender que o autor peça orações por si mesmo e por seus colegas de liderança a fim de que possam alcançar esse ideal elevado.

Os líderes das igrejas africanas precisam examinar seu próprio serviço como pastores do rebanho. Na condição de líder, você está voluntária e alegremente fortalecendo os membros do povo de Deus que se encontram sob seus cuidados na graça de Cristo, de modo que possam cumprir os propósitos de Deus? Ou está trabalhando por dinheiro e poder, vendendo a palavra de Deus para obter lucro financeiro? Um dia, todos os líderes da igreja africana terão de prestar contas de seu ministério ao Senhor.

Depois de pedir orações por si mesmo, o autor ora por seus leitores. Sua oração começa com uma descrição do Deus a quem ela é dirigida. É o Deus que proveu uma nova vida de paz com ele por meio do sangue de Cristo Jesus, o grande sumo sacerdote. O sangue de Cristo firmou a nova aliança eterna, graças à qual ele foi ressuscitado dentre os mortos e nomeado Supremo Pastor de suas ovelhas remidas (13:20). Em seguida, o autor pede em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, que o Deus de quem os fiéis receberam todas essas bênçãos lhes confira mais duas graças. Primeiro, que os *aperfeiçoe em todo o bem*, para que possam continuar a fazer a vontade de Deus. Segundo, que opere tanto no autor quanto nos cristãos judeus para que produzam frutos agradáveis ao Senhor (13:21).

### 13:22-25 Observações finais

O autor conclui sua mensagem pedindo aos leitores que suportem a *presente palavra de exortação*, repleta de encorajamento e sérias advertências (13:22). Dá notícias da libertação de Timóteo da prisão e volta a falar do seu desejo de visitar aqueles a quem escreve (13:23; cf. 13:19). Termina com saudações suas e dos cristãos *da Itália* aos líderes e ao restante dos fiéis (13:24). A menção dos cristãos “da Itália” pode indicar que a carta foi escrita nesse local ou endereçada aos irmãos na Itália. No segundo caso, alguns expatriados que se encontram com o autor talvez enviem saudações à sua terra natal.

A carta termina com uma bênção: *A graça seja com todos vós* (13:25).

Tesfaye Kassa

### Leituras adicionais

ELLINGWORTH, Paul. *The Epistle to the Hebrews: A Commentary on the Greek Text*. NIGTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

LANE, William L. *Hebrews*. WBC. Dallas: Word, 1991.

# TIAGO

A epístola de Tiago fala da conduta que deve caracterizar os cristãos na igreja e na sociedade. Tendo em vista a ênfase sobre a conduta cristã, alguns teólogos proeminentes como Lutero entenderam que Tiago estava ensinando a salvação pelas obras. O suposto conflito com o ensinamento de Paulo acerca da salvação pela fé os levou a questionar a autenticidade da epístola. Como a igreja primitiva, porém, esses teólogos reconheceram, por fim, que se trata de um texto divinamente inspirado. Tiago e Paulo se complementam de forma extraordinária, pois, apesar de a fé ser o requisito para a salvação, as obras confirmam a autenticidade da fé.

## Esboço

### 1:1 Saudações

### 1:2-18 Provações

1:2-8 Essenciais para a fé

1:9-11 As tentações das riquezas

1:12-18 Por que Deus permite as tentações?

### 1:19—4:17 Ouvir e praticar a palavra

1:19-20 Aprender a ouvir

1:21-27 A verdadeira e a falsa religião

2:1-13 Fé e favoritismo

2:14-26 Fé em ação ou crença nominal?

3:1-18 Palavras refletidas *versus* palavras precipitadas

4:1-17 Conflitos e pecados

### 5:1-6 O julgamento dos ricos

### 5:7-11 Esperança

### 5:12 Verdade

### 5:13-20 Comunidades cristãs autênticas

5:13 Reagem corretamente diante da alegria e da tristeza

5:14-18 Cuidam dos enfermos

5:19-20 Cuidam dos perdidos

## COMENTÁRIO

### 1:1 Saudações

O autor se identifica como *Tiago* (1:1a). Não pode ser Tiago, filho de Zebedeu, pois esse Tiago morreu ainda jovem

(At 12:2). Também não pode ser Tiago, filho de Alfeu, sobre o qual o NT fornece poucas informações. É provável, portanto, que o autor seja Tiago, o irmão de Jesus, um dos líderes da igreja de Jerusalém (Gl 2:9; At 15:13-21). Pode-se dizer que ele e Pedro representavam os cristãos de origem judaica, enquanto Paulo representava os cristãos de origem gentia. A relação entre os dois grupos, contudo, não era de oposição, mas de complementaridade.

Os destinatários da carta são as *doze tribos que se encontram na Dispersão* (1:1b), ou seja, os cristãos judeus fora da Palestina. A conquista de Israel e a deportação de judeus haviam resultado na formação de várias comunidades judaicas em regiões ao redor do mar Mediterrâneo e até em lugares mais distantes. Essas comunidades haviam fundado as sinagogas onde Paulo pregou em várias ocasiões (cf., p. ex., At 13:14; 14:1; 17:1) e, provavelmente, incluíam cristãos judeus que tinham fugido da perseguição na Palestina. A linguagem empregada pelo autor deixa claro que seus leitores eram judeus. Tiago escreve em grego, como todos os outros autores do NT, mas lança mão de imagens, exemplos e alguns termos que trazem à memória o AT.

O caráter universal da igreja fica evidente na distribuição geográfica dos leitores. Como Paulo, Tiago poderia ter endereçado sua carta à “igreja de Jesus Cristo na Europa e Ásia Menor”.

### 1:2-18 Provações

#### 1:2-8 Essenciais para a fé

Tiago se expressa mais como um pregador falando ao público diante dele do que como autor escrevendo uma carta. Ao abordar cada novo assunto, emprega expressões como *meus irmãos* ou *meus amados irmãos* (cf., p. ex., 1:2,16). Seu tema inicial é o problema da tentação e das provações. Tiago não explica, porém, como resistir às tentações ou suportar as provações. Afirma apenas a necessidade de fazê-lo para manter a fé e crescer espiritualmente (1:4) de modo que sejamos *perfeitos e íntegros*. Essa explicação nos ajuda a entender por que devemos regozijar-nos ao enfrentar provações (1:2).

Para o autor, a fé não é uma questão teórica, com uma lista de dogmas para recitar ou mesmo belas doutrinas para defender. Antes, é uma questão prática que se expressa na vida diária, especialmente no modo pelo qual reagimos às provações. Podemos imaginar que os cristãos aos quais Tiago se dirigia eram expostos constantemente a várias tentações, talvez mais que os cristãos da Palestina.

Estavam longe da liderança oficial da igreja em Jerusalém. Assim, Tiago começa a carta mostrando que cair em tentação pode ser perigoso para a vida diária dos cristãos.

Para viver como cristão em meio às tentações, é preciso ter sabedoria (1:5), ou seja, capacidade de distinguir entre bem e mal, verdade e mentira, coisas importantes e inúteis, e de tomar decisões apropriadas segundo os padrões corretos. A sabedoria não é inerente aos seres humanos, mas adquirida. Devemos pedi-la a Deus sem duvidar de seu amor, pois ele sempre responde às nossas orações (1:5). Esse pedido exige fé ativa (1:6-7). Deus responderá à oração de quem hesita ou fala sem sinceridade? Essa pessoa tem fé verdadeira?

### 1:9-11 As tentações das riquezas

A primeira situação cotidiana sobre a qual Tiago fala é a preocupação com *status* social. Alguns de seus leitores são *de condição humilde* (1:9), ou seja, pobres e de *status* social inferior, e podem sentir-se tentados a invejar os ricos. Tiago lembra aos pobres que seu verdadeiro valor não se baseia naquilo que possuem. Deus os recebeu em sua família e, portanto, eles têm *dignidade*. Devem lembrar que os grandes aos olhos do mundo não são necessariamente grandes aos olhos de Deus. Na verdade, as riquezas podem ser uma tentação para os cristãos, pois é fácil confiar nelas em vez de confiar em Deus.

Quem é rico e pertence às classes mais altas da sociedade faz bem em se preparar para uma condição social inferior. A queda dos ricos é uma ocorrência bastante comum na África. Tiago compara a vida do rico à *flor da erva* que abre por um breve tempo e logo murcha para sempre (1:10-11). Um dia, tanto os ricos quanto os pobres morrerão.

Quando fala da exaltação dos pobres e humilhação dos ricos, o autor não defende uma sociedade sem classes. Não condena os ricos pelo fato de possuírem bens. Apenas quer deixar claro que a vida não pode basear-se em riquezas. No longo prazo, os ricos não terão vantagem nenhuma em relação aos pobres.

### 1:12-18 Por que Deus permite as tentações?

Em seguida, Tiago fala da origem das tentações e do motivo de Deus permitir que sejamos provados. Ao tratar desse tema, é importante distinguir dois conceitos expressos pela mesma palavra grega. O primeiro diz respeito à prova permitida por Deus para fortalecer seus filhos, a fim de que recebam a *coroa da vida* (1:12). O segundo refere-se à tentação enviada pelo diabo para fazer os filhos de Deus tropeçar. De acordo com Tiago, o objetivo das provações (1:2) é tornar os filhos de Deus “perfeitos e íntegros” (1:4).

A tentação é algo completamente distinto. Deus prova seus filhos, mas nunca tenta ninguém, pois não pode, de maneira alguma, ser a fonte do mal ou de nossos infortúnios (1:13). Pelo contrário, Deus é a origem de *toda boa dádiva e todo dom perfeito* (1:17). Ele é fiel e não muda; e

por isso podemos crer que cumprirá seu plano para o nosso bem (1:18).

Somos tentados quando alimentamos desejos malignos que nos levam a cometer pecados, ou seja, atos que desonram a Deus e conduzem à morte (1:14-15). Precisamos procurar e destruir as sementes da inveja e da lascívia e criar um ambiente saudável no qual os desejos malignos não tenham como se desenvolver.

Nos momentos de provação e tentação, podem surgir dúvidas acerca da fidelidade de Deus. Por esse motivo, Tiago lembra a seus leitores: *Segundo o seu querer, ele [Deus] nos gerou pela palavra da verdade* (1:18), ou seja, nos tornou seus filhos para que possamos ser *como que primícias das suas criaturas*. Voltaremos a ser o ápice de sua criação, como éramos antes da queda! Que privilégio!

### 1:19—4:17 Ouvir e praticar a palavra

#### 1:19-20 Aprender a ouvir

O autor muda novamente de assunto e introduz o novo tema com a expressão *meus amados irmãos*, pois deseja desenvolver um relacionamento de confiança com seus leitores e lhes falar sem rodeios (1:19). Trata agora de uma questão de suma importância, a saber, a necessidade de aprender a ouvir quando nos encontramos diante de dilemas éticos. Grande parte dos conselhos de sua epístola gira em torno desse tema.

Tiago insta os cristãos a dar ouvidos à palavra (1:21-22), a qual inclui a Lei, os Profetas e os Escritos. Quem se apressa em falar normalmente demora a ouvir (1:19), costuma irar-se com facilidade e não põe em prática os ensinamentos da palavra. Praticar a palavra significa colocar em ação aquilo que se ouviu e se compreendeu.

#### 1:21-27 A verdadeira e a falsa religião

A teologia do autor quanto a praticar o que se ouve constitui um processo: *Despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei [...] Tornai-vos, pois, praticantes da palavra* (1:21-22). É possível ouvir a palavra sem a aceitar se não prestarmos atenção ao que ouvimos ou se atentarmos apenas às partes que nos agradam. A imagem do espelho ilustra bem essa realidade (1:23). Quando essa carta foi escrita, os espelhos eram feitos de metal polido, e não de vidro, de modo que o reflexo não era tão nítido quanto o dos espelhos de hoje. Por isso, quem fitava o rosto no espelho tinha de fazê-lo *atentamente* (1:25). Ademais, o espelho apresenta uma imagem plana, e nunca tridimensional, e, portanto, não mostra todos os lados do objeto refletido. Se lermos as Escrituras de forma superficial, nossa percepção e nossa compreensão serão apenas parciais e insuficientes para colocarmos a vontade de Deus em prática. O mesmo vale para quando saímos da igreja e dizemos: “Que sermão maravilhoso!”, e depois esquecemos seu conteúdo porque não temos o trabalho de refletir sobre ele ou compreendê-lo



na íntegra. Precisamos esforçar-nos para entender o que a palavra está dizendo (1:25) e, depois de examiná-la e compreendê-la, devemos apropriar-nos dela e integrá-la à nossa vida.

Se pararmos no meio do processo de ouvir, não teremos sucesso e viveremos de forma desordenada. Se, contudo, seguirmos todos os passos e praticarmos a palavra que ouvimos, seremos abençoados (1:25). Afinal, Deus não concedeu a lei para restringir a liberdade das pessoas ou afastá-las dele, mas para regular a vida diária e torná-la alegre.

Quase todos os judeus da Dispersão eram religiosos. Tiago condena, porém, aqueles que se dizem religiosos, mas não se preocupam em praticar a fé que professam (1:26). Quando não é acompanhada de ação, a boa doutrina não tem valor. A *religião pura* se manifesta no comportamento. Tiago exemplifica o tipo de comportamento que tem em mente: *visitar os órfãos e as viúvas* (1:27). O exemplo é derivado do AT, onde encontramos instruções para o povo de Deus cuidar daqueles que não têm ninguém para sustentá-los financeiramente. Os órfãos não tinham pais, as viúvas não tinham marido e os estrangeiros não tinham terras para cultivar. Tiago não menciona os estrangeiros em sua carta, pois os cristãos judeus para os quais estava escrevendo eram, eles próprios, estrangeiros.

A religião pura não é apenas uma organização não-governamental dedicada a serviços sociais. As obras realizadas pelos cristãos nascem de sua fé, e a religião é caracterizada pela vida santa de seus membros. Podemos dizer de modo sucinto que a palavra deve produzir em nós atos que evidenciam nosso relacionamento com Deus e um modo de vida que o glorifica.

## 2:1-13 Fé e favoritismo

Como parte da prática da palavra, Tiago alerta seus leitores para a questão do favoritismo (2:1). Adverte-os de que a discriminação é contrária à palavra.

Tiago trata especificamente do problema de discriminação entre ricos e pobres nas reuniões (2:2). É bem provável que a maioria dos cristãos judeus se reunisse na sinagoga, e não em uma igreja, pois naquela época quase todos os judeus convertidos ainda frequentavam as sinagogas. Essa prática persistiu até o Concílio de Jâmnia em 90 d.C., no qual os rabinos declararam a separação clara e permanente entre o judaísmo e o cristianismo. (Foi tb. em Jâmnia que os rabinos concluíram o cânon do AT.)

Tiago apresenta uma situação hipotética na qual um homem rico e um homem pobre participam de um culto (2:2). A ocorrência não é extraordinária, pois, sem dúvida, havia

## FAVORITISMO

Não é raro deparar-nos com casos de favoritismo. Por vezes, sofremos por causa dele; em outras ocasiões, somos beneficiados. Em geral, porém, só condenamos o favoritismo quando somos suas vítimas. É fácil se beneficiar dele mesmo sem perceber.

O favoritismo se manifesta de várias maneiras. Alguém pode receber algo que não merece pelo simples fato de ser parente ou membro da mesma vila ou grupo étnico de quem concede o benefício. O nepotismo é uma ocorrência comum na África. Infelizmente, também se manifesta na igreja, em que alguns membros recebem cargos por recomendação de figuras de autoridade, políticos ou mesmo líderes da denominação.

O favoritismo ocorre, ainda, quando se usa de meios ilegítimos para obter algo à custa de outros. Alguns pacientes são atendidos primeiro em hospitais públicos porque são parentes ou conhecidos do médico, enquanto outros que chegaram antes são obrigados a esperar. Nesse caso, o favoritismo assume a forma de discriminação. Enquanto uma pessoa recebe tratamento, outra é negligenciada por não conhecer ninguém importante, ou pelo simples fato de ser pobre. Todos devem ser tratados com igualdade. Tiago condena a discriminação e nos lembra que Deus não faz distinção de pessoas, mas se relaciona com todas do mesmo modo (Tg 2:1-3).

O tratamento preferencial se transforma facilmente em corrupção. Alguém faz um favor em troca de suborno ou outro benefício. Nesse caso, o favoritismo não é apenas um argueiro no olho, mas uma trave (cf. Mt 7:3-5).

A parcialidade também pode assumir formas mais sutis. A linha que separa o favoritismo da deferência, por exemplo, é muito tênue. Devemos honra e respeito a determinados indivíduos (Rm 13:7). Não há nada de errado, portanto, em tratar os idosos com respeito (1Tm 5:1-2), e não somos parciais quando damos às pessoas aquilo que lhes é de direito. Não é simples, porém, determinar quando a deferência se transforma em preferência. É extremamente fácil demonstrar favoritismo sob o pretexto de apenas estar tratando alguém com respeito. No contexto africano, o respeito por idosos e autoridades pode transformar-se facilmente nesse tipo de parcialidade, e quem recebe os favores pode gostar deles e considerar natural aceitá-los. Quem ocupa posições de honra e autoridade precisa, contudo, estar alerta ao perigo de ser tratado com preferência imerecida.

A luta contra o favoritismo é um grande desafio para os cristãos que ocupam cargos nos quais esse é um elemento constante. Tais indivíduos devem esforçar-se ainda mais para viver como cristãos, de modo diferente daqueles ao seu redor, pois são chamados para ser luz do mundo e sal da terra (Mt 5:13-16). De que adianta o sal se deixar de salgar?

Soro Soungalo

cristãos ricos (1:10). Se os líderes favorecessem o rico em detrimento dos pobres, seriam culpados de discriminação, uma prática afrontosa que Tiago condena (2:3-4). O pecado reside no fato de os líderes, chamados aqui de *meus amados irmãos* (2:5a), se posicionarem como juizes ao exaltarem o rico e insultarem a dignidade do pobre (2:6a). Deus não toma partido dos pobres pelo simples fato de serem pobres, mas por responderem a ele e estarem próximos do reino. Caso se mostrem *ricos em fé*, serão *herdeiros do reino* (2:5b). Deus não rejeita os ricos por suas riquezas, mas porque cometem atos violentos: *Não são os ricos que vos oprimem e [...] vos arrastam para tribunais? Não são eles os que blasfemam o bom nome que sobre vós foi invocado?* (2:6b-7). O “nome” ao qual Tiago se refere é o nome de Jesus Cristo. Os ricos supõem que seus bens lhes dão o direito de agir como bem entenderem e de não se sujeitar às mesmas regras que os outros.

As comunidades cristãs na África não estão imunes à parcialidade, por vezes inconsciente, em favor dos ricos, uma vez que o dinheiro tem grande força em lugares onde há muitos pobres. Os ricos se destacam e obtêm o respeito dos líderes, enquanto os pobres são colocados de lado, pois, como diz o provérbio, “as vacas magras não são lambidas pelas outras vacas”. Muitos ignoram os pobres por serem “magros” e incapazes de contribuir financeiramente para a comunidade.

Para não cair no erro da discriminação, a comunidade cristã deve praticar *a lei régia*, isto é, a lei que diz: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo* (2:8). É régia porque constitui um dos dois grandes mandamentos (Mt 23:39) e também porque Jesus a ordenou. A ênfase de Tiago se torna evidente mais uma vez: ele não instrui seus leitores a “obedecer” à lei, mas a “observá-la”, ou seja, a colocá-la em prática. Se guardarem essa lei, os cristãos não discriminarão. Se, contudo, fizerem *acepção de pessoas*, transgredirão a lei (2:9). Os cristãos judeus se mostravam desejosos de guardar a lei, mas não haviam percebido que a discriminação era um pecado tão grave quanto o adultério ou o homicídio e que, ao transgredir um ponto da lei, eram culpados de violá-la como um todo (2:10-11).

Tiago incentiva os cristãos a usar de cautela em seus relacionamentos, pois um dia terão de prestar contas a Deus de tudo o que fizeram; não serão julgados pela lei de Moisés, mas *pela lei da liberdade* (2:12). Quem demonstra favoritismo insulta a dignidade de outros e os julga e, portanto, será julgado por Deus (2:13).

### 2:14-26 Fé em ação ou crença nominal?

Os cristãos de hoje conhecem bem essa parte da carta que o grande reformador Martinho Lutero considerou problemática (cf. introdução). Ao averiguarmos se, de fato, Tiago ensina a salvação pelas obras em 2:14, devemos ter em mente a época em que a carta foi redigida. Tiago provavelmente a escreveu perto do final do século I, quando os

ensinamentos de Paulo acerca da salvação pela fé já eram amplamente conhecidos, pois as cartas paulinas são de décadas anteriores. Alguns cristãos da geração posterior a Paulo, contudo, interpretaram equivocadamente a doutrina da justificação pela fé e a distorceram a ponto de dizer que as obras não importam mais. Na verdade, portanto, Tiago não contradiz Paulo, mas confere mais ênfase à fé autêntica do que se costuma pensar. Tiago assevera que a fé desprovida da prática da palavra é vazia e espúria.

O estilo exortativo da carta se torna ainda mais evidente nessa seção. Tiago se dirige a seus leitores como se eles estivessem diante dele e procura questioná-los e persuadi-los. Para não deixar dúvidas, emprega um exemplo concreto: O que fazer quando nos deparamos com um irmão necessitado que não tem nem sequer as coisas mais básicas, como roupas e alimento (2:15)? Sem dúvida, havia muitos pobres nas igrejas para as quais Tiago estava escrevendo. Palavras e votos de felicidade não os alimentariam (2:16). *A fé, se não tiver obras, por si só está morta* (2:17), ou seja, não precisa de inimigos para fazê-la desaparecer.

A fim de reforçar seu argumento, Tiago substitui o plural (“vós”) pelo singular (“tu”) em 2:18, como se estivesse falando com apenas uma pessoa. Trata-se de uma transição comum no AT, especialmente em Salmos e Provérbios. Aliás, a epístola de Tiago poderia muito bem ser um livro sapiencial. O autor contrasta a fé caracterizada por palavras agradáveis com a fé que produz obras visíveis. Enfatiza que as obras são resultado da fé (2:18). A fé que não é demonstrada por obras está morta no sentido de que não passa de crença nominal, como a dos demônios que acreditam em Deus, mas não lhe obedecem (2:19). Por certo, quem defende essa fé é *homem insensato*, desprovido de discernimento espiritual (2:20).

Na sequência, Tiago cita dois exemplos bíblicos: Abraão (2:21) e Raabe (2:25), ambos antepassados do Senhor Jesus. *Abraão, o nosso pai*, foi tão excelente modelo de fé que passou a ser chamado de pai dos cristãos (Gl 3:7-9). Sua fé se expressou na disposição de sacrificar seu único filho a Deus (2:23; cf. Gn 22:1-19). Não foi justificado por seu ato, mas pela fé que o gerou.

Raabe, o segundo exemplo, é exatamente o oposto de Abraão. Este é o pai dos que creem, enquanto Raabe era apenas uma meretriz (2:25). Eles tinham em comum, porém, a fé demonstrada de forma prática. Pela fé, Raabe arriscou a vida para salvar os espias israelitas (Js 2:1-21).

Tiago conclui essa parte da carta com uma metáfora: *Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta* (2:26). A imagem ressalta a importância de praticar a palavra de Deus, pois, do contrário, não poderemos nem sequer falar sobre fé.

### 3:1-18 Palavras refletidas versus palavras precipitadas

Anteriormente, Tiago tratou da necessidade de toda pessoa ser “tardio para falar” (1:19). Agora, amplia essa ordem a fim

de incluir o ensino do povo de Deus: *Não vos torneis, muitos de vós, mestres* (3:1). Os mestres não *de receber maior juízo* porque, quanto mais falamos, maior a probabilidade de tropeçarmos e errarmos. Os mestres não são perfeitos e cometem erros como qualquer outra pessoa (3:2). Suas faltas, contudo, podem ter consequências destrutivas. Quem está considerando a possibilidade de ensinar deve pensar seriamente antes de aceitar essa incumbência. O julgamento ao qual Tiago se refere ocorrerá quando o Senhor voltar (5:7-9).

Tiago usa três elementos conhecidos para mostrar como é importante os cristãos, e em particular os mestres, controlarem a língua. Os dois primeiros exemplos ilustram como os seres humanos podem usar até mesmo pequenos instrumentos para exercer domínio. Primeiro, temos o cavaleiro capaz de controlar o cavalo por meio do *freio na boca* do animal (3:3). Depois, vemos que as marés e ventos contrários podem impedir um navio de chegar ao seu destino se o piloto não controlar o *leme* (3:4).

No terceiro exemplo, encontramos algo pequeno e útil que pode propagar destruição por uma selva inteira se não for controlado (3:5). Observe que ele diz: *Ora, a língua é fogo* (3:6), e não a língua é como fogo. Trata-se mais de uma identificação que uma comparação, pois o autor deseja enfatizar como a língua pode ser perigosa e destrutiva, causando danos irreparáveis. Apesar de ser uma parte pequena do corpo, afeta todas as outras. Pior que isso, porém, é sua capacidade de incendiar não apenas uma selva inteira (3:5), mas também o mundo inteiro! Tiago segue o exemplo do salmista (cf., p. ex., Sl 32:2; 42:3,7) e usa de exagero para deixar claro que a língua descontrolada pode causar danos enormes ao corpo e a todos a seu redor. O termo “corpo” é uma forma comum de se referir à congregação dos cristãos. Para a alegria do diabo, as palavras podem facilmente romper a comunhão. Por ironia, no final das contas, a língua que espalha tamanha destruição será, ela própria, consumida pelo fogo do inferno.

Por mais que os seres humanos sejam capazes de controlar o mundo animal em toda a sua variedade (3:7), ainda não aprenderam a exercer domínio sobre a língua (3:8). Tiago a descreve como um mal incontrolável que conduz inevitavelmente à morte. Trata-se, contudo, de apenas uma parte da verdade, pois a língua não serve apenas para destruir. Com ela *bendizemos ao Senhor e Pai*, mas também *amaldiçoamos os homens* (3:9). Não é de admirar que Tiago compare a língua ao fogo que pode cozinhar uma refeição ou queimar um celeiro. Devemos dominar nossa língua a fim de podermos usá-la para abençoar, e não para amaldiçoar.

O fato de até os cristãos poderem usar a língua para fins incompatíveis mostra como é difícil controlá-la. Tiago insta os fiéis a não ser como uma fonte que produz água doce e amarga ao mesmo tempo, pois toda a água doce é contaminada pela amarga (3:10-12). Os cristãos devem esforçar-se ao máximo para que suas palavras sejam como água fresca, isto é, para que edifiquem outros e honrem a Deus.

O exercício de domínio sobre a língua é sinal de sabedoria, pois, quanto menos alguém falar, menor o número de erros que cometerá. Tiago volta, portanto, à questão da sabedoria, da qual já havia tratado em 1:5-7. A vida do sábio é caracterizada por *mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder* (3:13). Alguns dos leitores de Tiago, sem dúvida, afirmavam ser sábios e inteligentes. O autor os desafia a dar provas disso. Sabedoria não é uma teoria filosófica, mas algo a ser demonstrado na vida diária e que também resulta da prática da verdade.

Tiago contrasta dois tipos de sabedoria: a terrena e a celestial. A sabedoria terrena é fundamentada em mentiras e, portanto, no uso indevido da língua. Causa separação e semeia ódio e inveja. Quando as pessoas não atentam na palavra de Deus, agem impelidas por motivações terrenas, como *inveja amargurada e sentimento faccioso* (3:14). A sabedoria que elas afirmam ter não pode ser celestial nem espiritual, pois é *demoníaca* e causa divisão (3:15-16). Ao contrário da rivalidade que caracteriza a sabedoria terrena, a sabedoria espiritual promove relacionamentos saudáveis e paz com os outros (3:17-18).

#### 4:1-17 Conflitos e pecados

Tiago tratou de diversos problemas entre os cristãos judeus dispersos pelo mundo, inclusive a discriminação na igreja (2:1-12) e o uso indisciplinado da língua (3:1-18). Agora, volta a atenção para as *guerras e contendas que há entre vós* (4:1). A falta de atenção e obediência à palavra dá origem a esses conflitos e a outros pecados.

O autor identifica uma fonte específica de conflito: os prazeres que seus leitores desejam e pelos quais se deixam dominar. Os conflitos nascem da inveja de seu coração e de seu comportamento autocentrado. O egoísmo é o motivo pelo qual eles não têm nem recebem bênçãos (4:2b-3). Vemos aqui um círculo vicioso. Os cristãos permitem que seus instintos os incitem a agir, e o modo de agirem intensifica seus desejos. Não é de admirar que não tenham o que desejam, pois nem sequer pedem. Em vez de servirem a Deus, servem a si mesmos.

Os conflitos podem assumir forma dramática. Tiago fala como se seus leitores estivessem lutando entre si e até matando uns aos outros (4:2a), situação improvável numa congregação de cristãos. Sem dúvida, trata-se de um exagero cujo objetivo é levá-los a reconhecer a gravidade da situação. Ainda que as guerras e os homicídios não fossem literais, por certo as tensões e contendas faziam vítimas. O uso de linguagem hiperbólica era perfeitamente aceitável na literatura antiga e ocorre com frequência em Salmos (cf., p. ex., Sl 59:6).

Tiago deseja chocar os leitores quando os chama de *infiéis* (4:4), termo que também pode ser traduzido por “adúlteros”. Entendida de forma literal, a expressão indica que alguns cristãos judeus haviam cometido adultério. Aqui, porém, Tiago segue a linha dos profetas do AT e fala da

infidelidade espiritual. Quando o povo de Israel se afastou de Deus, foi comparado a uma esposa infiel (Jr 3:20).

Jesus usou a mesma expressão ao chamar de “geração má e adúltera” os judeus que exigiram milagres (Mt 12:39). A infidelidade em questão é caracterizada pela *amizade do mundo* baseada em seus desejos e prazeres (4:4). Tiago condena tal transigência e fingimento. É impossível servir a Deus e aos desejos do mundo, pois não se pode ser ao mesmo tempo amigo e inimigo de Deus. É preciso escolher. A forma pela qual Tiago se expressa sugere que havia muitos homens e mulheres com o coração dividido no grupo para o qual ele escreve. Eles não eram diferentes daqueles que duvidam e se assemelham à “onda do mar, impelida e agitada pelo vento” em 1:6.

O versículo seguinte, 4:5, é difícil de traduzir e não possui nenhum paralelo exato no AT ou no NT. É possível que Tiago se refira a um texto sagrado ou tradição judaica que não chegou até nós. Fica evidente, porém, que o zelo de Deus se assemelha aos ciúmes de um marido. Ele não aceita que os cristãos vivam de modo fingido, como uma esposa infiel.

Conflitos são manifestações de pecados sutis como desejos ou prazeres que alimentamos no coração. Também são resultado de nosso orgulho (4:6), o qual não é muito diferente de um desejo, uma vez que também visa atender à carne e é egocêntrico e interesseiro.

Na igreja, os conflitos não são solucionados necessariamente por meio de negociações, como no âmbito político. Antes, são resolvidos por meio do arrependimento. Tiago convida as partes envolvidas no conflito a voltar-se para Deus. Elas precisam separar-se das coisas do mundo, que estão sujeitas ao poder do diabo, e achegar-se a Deus (4:7-8). Os verbos enfatizam a importância do arrependimento: *Sujeitai-vos [...] a Deus; mas resisti ao diabo (4:7), purificai as mãos [...] limpai o coração (4:8), afligi-vos, lamentai e chorai (4:9) e humilhai-vos (4:10)*. Observamos uma mudança clara no tom do autor. Em ocasiões anteriores, ele se referiu aos destinatários como “irmãos” (1:19; 3:1,12). Agora, chama-os de *pecadores* (4:8). Ao tratar do pecado, Tiago fala com a mais absoluta franqueza.

Outro pecado que reflete a falta de atenção e obediência à palavra é a maledicência. Os maledicentes gostam de espalhar comentários negativos sobre outras pessoas de modo que todos fiquem sabendo das fraquezas e defeitos alheios (4:11). Trata-se, porém, de uma prática perigosa, pois os maledicentes julgam os outros segundo seus próprios padrões. O julgamento, porém, é prerrogativa de Deus, o *Legislador*. Quem usurpa essa função cai em pecado (4:12). O pecado gera conflitos e hostilidades na comunidade e evidencia a falta de obediência à palavra de Deus, especialmente no tocante ao que ela diz sobre amar o próximo.

Agora, Tiago fornece um exemplo específico do orgulho que condenou em 4:6. Dirige-se ao negociante que faz planos sem pensar em Deus e diz, em outras palavras: “Você

se esforça para ser bem-sucedido nos negócios, mas deixa Deus de fora. Está seguro de si e, no entanto, não passa de neblina que aparece e logo some” (4:13-14). De que adianta fazer planos de longo prazo quando nem sequer sabemos o que acontecerá amanhã? Numa passagem anterior, Tiago comparou as riquezas a uma flor (1:10-11). O negociante que faz planos sem Deus é como o rico que confia em seus bens. Ambos pecam por se julgarem autossuficientes e se considerarem capazes de obter êxito por sua própria conta. Nenhum dos dois terá o que dizer quando for confrontado com a brevidade da vida (4:15-16).

À primeira vista, 4:17 parece não ter nenhuma relação com o assunto dos versículos anteriores. Observamos, porém, que o tema principal por trás de tudo o que foi tratado até aqui é a necessidade de ouvir a palavra de Deus e aplicá-la ao nosso modo de viver. Desde o início da carta, Tiago vem falando do significado da aplicação da palavra de Deus. Consequentemente, quem leu a carta não terá desculpa para não colocar em prática o que aprendeu. Quem se recusar a aplicar as verdades aqui ensinadas, pecará por omissão.

### 5:1-6 O julgamento dos ricos

A sociedade sempre se caracterizou por um abismo entre a maioria pobre e a minoria rica. Esta última normalmente detém o poder e se coloca acima da lei. Faz exigências prejudiciais aos pobres, insulta-os e leva-os aos tribunais, além de difamar o bom nome do Senhor (2:6-7). Tiago não chama os membros desse grupo de “irmãos”, pois, mesmo que frequentem a igreja, eles não fazem parte da família de Deus (2:2). No dia em que todos comparecerem diante do verdadeiro Juiz para prestar contas de sua conduta, porém, Deus os julgará (5:1). Será um dia de choro e aflição para os ricos sem Deus. As riquezas nas quais confiaram se desvanecerão e servirão até de provas contra eles (5:2-3).

Os bens que os ricos acumularam deveriam ter sido usados para pagar salários justos aos seus empregados (5:4a). Essa injustiça é mais um item na lista de transgressões cometidas. Por ironia, contudo, os mesmos ricos que levaram outros aos tribunais (2:6) serão julgados no tribunal do *Senhor dos Exércitos*, que defende seu povo (5:4b). Os pobres farão as acusações, e os ricos se verão impotentes diante desse juiz que não pode ser manipulado nem subornado.

Além do julgamento certo no último dia, alguns já são julgados no presente como resultado de sua glotonaria e bebedeira (5:5). Hoje em dia, fala-se de doenças de ricos, resultantes de ansiedades e excessos que provocam estresse e encurtam a vida. Todo o esforço que eles dedicaram a seus investimentos se mostrarão inúteis quando a morte os separar de seus bens.

### 5:7-11 Esperança

Perseverança, paciência e esperança são assuntos importantes nessa carta e harmonizam perfeitamente com o tema central da prática da palavra. A fé deve expressar-se em

ações concretas. A sociedade não julga os cristãos pela fé que professam, mas pelo modo de viverem. O Senhor voltará e nos julgará com base nas obras resultantes de nossa fé em Jesus Cristo. Não somos salvos por essas obras, mas teremos de prestar contas delas.

Colocar a palavra em prática requer paciência e perseverança, pois enfrentaremos muitas tentações, provações, obstáculos e desafios. Devemos imitar os agricultores, que, depois de trabalharem arduamente no cultivo de suas plantações, aguardam com paciência a colheita que virá no tempo certo, nem cedo nem tarde demais (5:7). Assim como o agricultor espera pelo dia da colheita ou recompensa, nós que servimos ao Senhor devemos esperar pacientemente por sua volta (5:8). A paciência nos ajudará a evitar tanto as intensas especulações sobre a data de sua volta que caracterizam alguns grupos quanto a falta de preocupação demonstrada pelos que têm o coração dividido e segundo os quais o Senhor jamais voltará.

A impaciência também se manifesta na murmuração acerca de outros cristãos (e de Deus), um problema acerca do qual Tiago nos adverte (5:9). A murmuração indica falta de ordem ou entendimento e também revela a dificuldade em controlar a língua, que causa tanto estrago entre os cristãos (cf. 3:1-10). Quando voltar, o Senhor mostrará seu desprazer.

Enquanto aguardamos esse grande dia, nossa paciência será provada pelo sofrimento, como aconteceu com os profetas (5:10). Apesar de forte oposição, eles falaram em nome do Senhor. Não desistiram nem deixaram de cumprir sua missão, pois mantiveram a esperança viva no coração, crentes de que o dia do Senhor estava próximo.

Outra pessoa que, apesar de não ser profeta, sofreu pacientemente, foi Jó (5:11). Ele temeu a Deus e suportou inúmeras aflições. Aqueles que amam a Deus talvez tenham de passar por sofrimentos, mas no final conhecerão melhor a Deus e compreenderão de modo mais profundo seu amor e misericórdia.

### 5:12 Verdade

Tiago diz aos cristãos: *Não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto* (5:12; cf. tb. Mt 5:35). Nas culturas grega e judaica, quando alguém jurava pelo céu ou pela terra, pedia, em outras palavras, que uma divindade atestasse a veracidade de suas asserções. Tiago se opõe categoricamente a essa prática, pois quem vive na verdade não precisa de mais testemunhas, especialmente de divindades! Em outras palavras, o cristão deve sempre falar somente a verdade.

### 5:13-20 Comunidades cristãs autênticas

Tiago visualiza comunidades cristãs autênticas cujos membros colocam a palavra de Deus em prática. Essas comunidades resistem às tentações e superam as provações, cuidam dos pobres, dos órfãos e das viúvas e são modelos de imparcialidade, perseverança e paciência.

### 5:13 Reagem corretamente diante da alegria e da tristeza

Todos os cristãos passam por momentos de alegria e tristeza, como Tiago deixa claro logo no início da carta (1:2-3). Haverá provações, tentações e por vezes conflitos entre irmãos em Cristo. Mas também haverá alegria, uma vez que a prática da palavra resulta em bem-aventurança (1:25).

Tiago oferece conselhos simples sobre a atitude correta diante de circunstâncias diversas. Em tempos de sofrimento, devemos orar (5:13a), contar a Deus nossa dor espiritual ou física e esperar que ele nos livre, se for da sua vontade. Devemos ainda declarar nossa dependência dele. Em tempos de alegria, devemos dar graças e entoar cânticos de louvor (5:13b). Ao cantar, demonstramos nossa gratidão a Deus e lhe dizemos o que ele significa para nós. Podemos fazer o mesmo em oração, mas os cânticos são mais apropriados, pois, por meio das palavras, do ritmo e da melodia, expressamos a alegria que só pode vir de Deus.

### 5:14-18 Cuidam dos enfermos

Comunidades fiéis à palavra cuidam dos enfermos (5:14). Tiago recomenda que se chamem os *presbíteros*, ou seja, os responsáveis pela liderança da igreja que, portanto, possuem certa autoridade. Por meio da unção com óleo e da oração feita pelos presbíteros, a igreja inteira oferece apoio ao enfermo.

Quando um membro fica doente, o corpo todo se preocupa. Em outras palavras, a igreja é o lugar de cura para os enfermos. A cura se dá não pelo óleo nem pelos presbíteros que ungem, mas pelo poder do Senhor, pois a unção é realizada em nome dele.

Alguns africanos acreditam que o óleo em si possui poder curativo miraculoso. Outros acreditam que a cura depende da qualidade do óleo empregado. Os cristãos não devem considerar o óleo um elemento sagrado ou dotado de poderes especiais, mas apegar-se às promessas de Deus. Por isso, Tiago recomenda a oração (5:15). A cura miraculosa resulta da oração de fé, e não de repetições ou palavras especiais.

No versículo 15, a NVI diz: “A oração feita com fé curará o doente”, enquanto a RA traz: *E a oração da fé salvará o enfermo*, ao que Tiago acrescenta: *E, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados*. Devido a essa ligação entre salvação/cura e perdão, há quem acredite que a cura do corpo faça parte da salvação. O problema dessa interpretação é que uma pessoa pode ficar doente várias vezes e ser curada como resultado de orações. Um dia, porém, cairá enferma e morrerá, o que não significa que perdeu a salvação. Nossa salvação é definitiva e eterna. Essa passagem ensina que a cura do corpo é um sinal de redenção. Ao curar nosso corpo e perdoar nossos pecados, o Senhor mostra que nos salvou da morte eterna. Afinal, se ele tem poder para curar e perdoar, é ainda mais poderoso para salvar!



A reunião de oração também é um momento apropriado para a confissão mútua (5:16a). O pecado é um inimigo perigoso da comunidade, daí a importância de verbalizar nossos pecados, até mesmo os mais sutis ou supostamente insignificantes, diante de Deus e de outros cristãos. Esse é o único modo de combatê-los. De acordo com a promessa da palavra de Deus, a confissão mútua promove a cura, pois  *muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo* (5:16b). Temos aqui outra expressão semítica. No AT, os justos eram aqueles que temiam a Deus, obedeciam à sua palavra e, no devido tempo, eram recompensados. No contexto dessa carta, os justos são aqueles cujos pecados foram confessados e perdoados. Suas orações são eficazes porque Deus as ouve. O Senhor não pode dar ouvidos, porém, a quem tem o coração empedernido e vive em pecado. Tiago cita Elias como exemplo de oração eficaz (5:17; cf. 1Rs 17—18). Deus ouviu as orações de Elias porque ele era justo. Se atendeu a Elias, por que não nos atenderia nos dias de hoje?

### 5:19-20 Cuidam dos perdidos

A carta se encerra com uma triste possibilidade. A comunidade cuida dos pobres e necessitados como os órfãos, as viúvas e os enfermos. Da mesma forma, deve cuidar de quem *se desviar da verdade* (5:19). Tiago parece falar de um caso hipotético, e não de uma situação específica. Alguns

cristãos podem afastar-se da palavra e viver em pecado, tomando rumos que divergem dos caminhos de Deus. A menos que a comunidade intervenha, esses indivíduos morrerão em pecado. Isso não significa que perderão a salvação, uma vez que ela se baseia na fé. Seria lamentável, porém, alguém morrer sem receber ajuda espiritual da igreja. A comunidade não deve julgar, mas procurar, em amor, conduzir essa pessoa de volta ao caminho de Deus (5:20).

O último parágrafo da carta confirma que Tiago não contradiz Paulo (cf. introdução) nem contrasta as obras com a fé. Os perdidos não são aqueles que negligenciaram as obras, mas os que se distanciaram da verdade, ou seja, da fé. A África é campo fértil para o surgimento de novas religiões e seitas, fato que torna ainda mais importante manter-nos arraigados às verdades bíblicas por meio da leitura e do estudo da palavra de Deus. O enfoque de Tiago sobre a verdade no final desta carta refuta todas as asserções de que ele se interessa apenas pelas obras.

Solomon Andria

### Leituras adicionais

ADAMSON, James. *The Epistle of James*. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.

MOO, Douglas. *James*. TNT. Leicester: InterVarsity Press, 1985.

MARTIN, Ralph P. *James*. WBC. Waco: Word, 1988.

# 1PEDRO

A primeira epístola de Pedro não é dirigida a um grupo específico de cristãos. É uma carta geral que provavelmente circulou entre várias igrejas (1:1). As referências a perseguição sugerem que foi escrita em Roma, sendo Babilônia (5:13) o codinome para a capital do Império Romano.

A epístola encoraja os cristãos com a ideia de que *Panapo nia njia hupatikana* (suaíli — “Onde há esperança, há solução”). A esperança é Cristo, e a solução buscada é um modo de suportar o sofrimento. Pedro foi testemunha do ministério e sofrimento de Jesus Cristo e de sua triunfante ressurreição e ascensão. Essas experiências o convenceram de que, quando a vida breve aqui na terra chegar ao fim, há um lar celestial à espera dos cristãos. Escreveu para incentivar grupos espalhados de novos convertidos a se lembrarem desse fato e darem testemunho da graça de Deus (5:12). Também ofereceu conselhos práticos sobre como viver a fé cristã no dia-a-dia em tempos de tribulação e sofrimento. Sua mensagem é relevante para os cristãos africanos que sofrem com a destruição causada por guerras, fome e doenças e se perguntam onde Deus está enquanto passam por essas aflições. Pedro ressalta que o sofrimento é uma das formas pelas quais Satanás tenta os cristãos a abandonarem a fé. Por meio do exemplo de Cristo, porém, os fiéis hão de perseverar e aprender a depender somente de Deus.

## Autor e data

O autor se identifica como Pedro, discípulo de Jesus (1:1). As circunstâncias que descreve na carta correspondem ao período da vida de Pedro, e a terminologia e temas são paralelos aos evangelhos e Atos. Há quem argumente, porém, que, tendo em vista o grego rebuscado da carta, Pedro não pode ser o autor (cf., porém, os comentários em 5:12).

Supondo que a carta seja de autoria de Pedro e que a tradição acerca do seu martírio, sob ordem de Nero em 63-64 d.C., esteja correta, 1Pedro provavelmente foi escrita no início da década de 60 d.C. O fato de a carta se referir às epístolas que Paulo escreveu na prisão (como Colossenses e Efésios) corrobora essa data. É possível que tenha sido redigida em duas seções, pois em 1:1—4:6 a perseguição ainda não é tão severa quanto parece ser em 4:7—5:14.

## Teologia

Pedro é um teólogo prático que relaciona a teologia repetidamente aos deveres da vida cristã. Seus principais

temas são salvação e graça, mas ele também trata de questões associadas aos relacionamentos cristãos.

Deus é santo, e devemos imitá-lo (1:15-16). É o Pai cujos filhos devem viver à altura do nome da família (1:17) e é o Criador no qual podemos confiar (4:19). A predestinação de seu povo escolhido proporciona segurança e esperança.

Jesus Cristo foi predestinado pelo amor do Pai (1:20,22) como substituto e oferta pelo pecado (3:18) para trazer redenção e reconciliação (1:18-19). Sua morte e ressurreição inspiram os cristãos a morrer para o pecado e viver pelo poder do Senhor ressurreto (2:24; 4:1), e sua obediência sem pecado e disposição de sofrer nos servem de exemplo (2:21-24).

O Espírito Santo é o agente de santificação (1:2), o autor das Escrituras (1:11) e aquele que capacita os pregadores do evangelho para o seu ministério (1:12).

Para Pedro, a igreja se encontra edificada sobre os alicerces do próprio Cristo (2:6-8) e é herdeira das bênçãos prometidas a Israel (2:9-10). Possui duas funções entretecidas: oferecer adoração a Deus e testemunhar a outros. Uma vez que é uma instituição viva, constituída de cristãos individuais que professaram sua fé em Cristo publicamente por meio do batismo, esses indivíduos trabalham juntos para ajudar uns aos outros a dar testemunho de Cristo.

Pedro não tem dúvidas acerca da autoridade da Bíblia como palavra de Deus e, em várias ocasiões, lança mão do AT para corroborar suas asserções (1:24-25; 2:6-8; 3:10-12).

## Esboço

É difícil criar um esboço adequado de 1Pedro, pois o conteúdo da carta flui de um tema para outro sem divisões claras.

### 1:1-2 Saudações

### 1:3—2:3 Salvação e santidade

### 2:4-10 Povo escolhido, sacerdócio real

### 2:11—3:7 Os cristãos e as autoridades

2:11-12 Os cristãos e os de fora

2:13-17 Todos os cristãos e as autoridades civis

2:18-25 Servos cristãos e seus senhores

3:1-7 Esposas cristãs e seus maridos

**3:8—5:11 Deveres e conduta de todos os cristãos**

3:13—4:6 Testemunho sob perseguição

4:7-19 Vida à luz do fim

5:1-11 Encorajamento para líderes e jovens

**5:12-14 Conclusão****COMENTÁRIO****1:1-2 Saudações**

Nas culturas africanas, faz parte das saudações perguntar como estão as pessoas a quem saudamos e expressar consideração por elas, sua família e sua comunidade. O povo mbeere do Quênia, por exemplo, começa a saudação com o nome ou identidade da outra pessoa e prossegue dizendo: *Ciang'ania! Wimwega? Andu aku niega? Ukamakethiañi!* ("Você está bem? Sua família está bem? Mande minhas lembranças para eles!"). Saudações desse tipo se baseiam na ideia de uma ligação estreita entre o indivíduo e sua comunidade.

As palavras iniciais de Pedro nessa carta demonstram uma percepção semelhante de comunidade. Apresenta-se como *apóstolo de Jesus Cristo* (1:1a) e identifica os destinatários, a saber, os *forasteiros da Dispersão* (1:1b). O termo Dispersão ou Diáspora se referia aos judeus que viviam fora da Palestina. Pedro aplica a designação judaica a todos os cristãos dispersos, tanto judeus quanto gentios, descritos como "exilados" ou "forasteiros". O apóstolo volta a usar esse termo em 2:11 e um sinônimo em 1:17. Lembra a seus leitores que são forasteiros não necessariamente porque deixaram sua terra natal, mas porque seu verdadeiro lar é o céu. Onde quer que estejam na terra, são apenas residentes temporários. Nessa condição, precisam de incentivo, tranquilização e instrução constante para ajudá-los a lidar com a vida num lugar ao qual não pertencem.

Muitos cristãos africanos sabem como é ser um exilado ou refugiado, ou tiveram de deixar suas comunidades em busca de trabalho. Apesar de nossos desafios (aids, globalização e sectarismo, entre outros) talvez serem bem diferentes daqueles enfrentados pelos cristãos da Ásia Menor (*Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia*; [1:1c] lugares situados hoje, em sua maior parte, na Turquia), a lembrança de que somos todos forasteiros cria um vínculo entre nós e nos dá esperança de retornar à nossa terra natal.

Os exilados espalhados pelo mundo agora se sentem, com frequência, isolados e insignificantes, mas Pedro os lembra de que são *eleitos, segundo a presciência de Deus* (1:2a) e *escolhidos* (cf. Mt 24:22). Quando críticos estrangeiros tratam a África como um continente irrelevante que não tem nenhuma contribuição a oferecer, precisamos lembrar que Deus não nos vê dessa maneira! Ele nos escolheu de forma específica, uma escolha feita com base em sua

presciência. Apesar de não sabermos ao certo como sua presciência opera, fica evidente que as três pessoas da Trindade atuam na salvação. O Pai conhece os cristãos de antemão; o Espírito Santo opera neles e os santifica a fim de realizarem o propósito de Deus, a saber, *a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo*, uma referência aos sacrifícios do AT nos quais se aspergia sangue sobre o altar e à ordenação que separava os sacerdotes para o serviço de Deus (1:2b; cf. tb. Lv 8:30). Os cristãos ocupam um lugar especial no plano eterno de Deus e, portanto, têm a responsabilidade de viver à altura do seu compromisso cristão.

Como nas saudações africanas, Pedro termina com uma oração pelo bem-estar de seus leitores e deseja: *Graça e paz vos sejam multiplicadas* (1:2c). A salvação envolve uma inteireza na qual os indivíduos estão em paz com Deus e consigo mesmos.

**1:3—2:3 Salvação e santidade**

Os leitores de Pedro talvez estejam se perguntando como é possível ter paz enquanto são "forasteiros" longe de seus lares (1:1b) e sofrem *várias provas* (1:6). Talvez se trate de uma referência aos sofrimentos normais da vida humana, mas devemos lembrar que Pedro escreveu numa época em que pessoas como Nero (54-68 d.C.) usavam os cristãos como bodes expiatórios quando alguma coisa dava errado, os perseguiram e os queimavam, ou os jogavam na arena para serem devorados por feras.

Os cristãos africanos também podem se perguntar se é possível encontrar paz enquanto lutam com problemas decorrentes do pluralismo religioso, cismas na igreja, opressão cultural, conflitos étnicos, a pandemia de HIV/aids, conflitos relacionados ao papel de homens e mulheres e a animosidade humana em geral que costuma assumir a forma de violência. Voltam-se para livros como 1Pedro a fim de descobrir como as verdades acerca da salvação e da fé se aplicam a tais circunstâncias. Como viver o cristianismo em meio a perseguições, pobreza e enfermidade?

Pedro encoraja os cristãos desanimados com uma exclamação de louvor: *Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo* (1:3a)! Ele é bendito porque *segundo sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança e para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível* (1:1,3b-4). Muitas vezes, exilados e forasteiros perdem não apenas a herança em sua terra natal, mas também as esperanças. Com Deus, porém, vivemos na expectativa jubilosa da herança que nos espera no lar celestial. A ênfase de Pedro sobre as ações de graças e a esperança nessa passagem é semelhante à de Paulo (Ef 2:6-7; Cl 1:5). Jesus Cristo restaurou o relacionamento entre Deus e a humanidade decaída.

Pedro garante aos cristãos que são *guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo* (1:5). Mas a salvação não é apenas para o futuro, pois já estão experimentando parte dela. Seu amor e regozijo em Cristo no presente (1:8) mostram que estão

*obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma (1:9).* Ademais, seus sofrimentos não são despropositados; antes, servem para confirmar a autenticidade de sua fé e resultarão em *louvor, glória e honra* para eles quando Cristo voltar (1:7). Pedro os faz recordar que até mesmo Cristo teve de suportar sofrimentos antes de receber glória (1:11).

O apóstolo também os lembra de que, além de serem escolhidos (1:2), desfrutaram o privilégio singular de beneficiários de toda a obra dos profetas do AT que prenunciaram o sofrimento e glória subsequente de Cristo. Além disso, sabem de coisas a respeito do plano de Deus para a salvação que fascinam até os anjos (1:10-12; cf. tb. Ef 3:5,9)! Conforme Pedro mostra, os escritores do AT foram inspirados pelo mesmo Espírito Santo do qual provinha a inspiração daqueles que pregavam o evangelho.

As boas-novas da salvação devem ter efeito não apenas sobre as emoções dos cristãos, mas também sobre os detalhes práticos de sua vida diária e seu relacionamento com outros. Por vezes, esperamos que isso aconteça automaticamente, apesar de tal expectativa contrariar a cosmovisão africana segundo a qual não é fácil ser verdadeiramente humano e verdadeiramente santo. Pedro acaba com essa expectativa e deixa claro que a santidade é trabalhosa; os cristãos devem cingir o *entendimento para agir*. Tanto o preparo quanto a ação exigem autocontrole e uma compreensão clara da recompensa pela ação (a *graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo; 1:13*) e da necessidade de obedecer à ordem de Deus para imitar seu caráter (*segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos; 1:15; cf. tb. Mt 5:48*). Somos filhos de Deus e devemos imitar seu caráter da mesma forma que o filho imita o pai querido.

Deus é um pai imparcial que ama todos os seus filhos e não faz vista grossa ao mau comportamento, nem exige demais de outros. Devemos, portanto, fazer jus ao nome da família (1:17). Afinal, Deus nos ama tanto que não comprou nossa salvação apenas com riqueza material (1:18), mas com a morte de seu Filho perfeito, Jesus Cristo (1:19).

As referências a Deus como Pai podem ser problemáticas, pois, para as Religiões Tradicionais Africanas, o Ser supremo não é homem nem mulher. Nesse contexto, é importante apresentar o conceito de paternidade com cautela e reconhecer que se trata de uma metáfora usada por Deus para nos ajudar a compreendê-lo melhor. Também precisamos deixar claro que, apesar de ser o Criador e, nesse sentido, pai de todos, Deus conferiu aos cristãos a honra especial de serem adotados como parte de sua família mais chegada e de poderem chamá-lo de Pai de modo mais íntimo. Enquanto os cristãos são filhos adotivos, Jesus Cristo sempre foi o Filho de Deus, e tem um relacionamento eterno e singular com Deus Pai.

Também precisamos ter consciência de que nem todas as imagens de paternidade são positivas. Filhos de mães solteiras talvez nunca venham a experimentar o amor de

um pai. Outros, talvez, foram vítimas de violência nas mãos de pais ou os viram agredir a mãe. Devemos ajudar as pessoas a entender o significado do termo “pai” ao ser usado para descrever o relacionamento entre Deus e os cristãos.

Imitar Cristo implica imitar seu amor por outros. Cristo demonstrou preocupação com indivíduos ao se encontrar com aflitos, enfermos, famintos e endemoninhados. Semelhantemente, os cristãos devem amar, *de coração, uns aos outros ardentemente (1:22)*, pois fomos *regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível (1:23)*. Essa imagem nos traz à memória as sementes espalhadas na parábola do semeador (Mc 4:1-20) e que Jesus identificou como sendo “a palavra”. Pedro observa que *a palavra do Senhor [...] permanece eternamente (1:25a; cf. tb. Is 40:8)* e nos lembra que, apesar de a vida ser curta, nosso amor pelas outras pessoas deve ser inabalável, arraigado na transformação produzida em nós pela palavra incorruptível de Deus (1:23-25).

A palavra de Deus foi pregada aos cristãos (1:25b), mas as palavras humanas podem expressar *maldade e dolo, [...] hipocrisias e invejas e [...] toda sorte de maledicências (2:1)*. Nada disso, porém, deve estar presente na vida dos filhos de Deus. Em vez de ansiar por *status* ou bens, os cristãos devem almejar o *genuíno leite espiritual (2:2)*. Já provaram um pouco desse leite, pois, como sua alegria mostra, têm *a experiência de que o Senhor é bondoso (2:3)*. Da mesma maneira que os bebês choram para receber o alimento, os cristãos também devem desejar ardentemente aquilo que lhes permitirá crescer na fé e se tornar mais semelhantes ao seu Senhor. O fruto do Espírito deve se manifestar tanto na comunidade da fé quanto na vida dos cristãos como indivíduos.

## 2:4-10 Povo escolhido, sacerdócio real

Agora, Pedro muda a metáfora de pais e bebês para *pedras que vivem (2:5)*, sendo Cristo, de forma suprema, *a pedra que vive (2:4a)*. Cada cristão faz parte de uma estrutura espiritual. Não se trata, porém, de uma construção morta, e sim de um edifício vivo constituído de pessoas. São os cristãos como indivíduos que formam a comunidade. Em seguida, Pedro mescla um pouco as metáforas e ressalta que, além de constituírem o edifício, os cristãos também servem dentro dele como *sacerdócio santo* cuja missão é oferecer *sacrifícios espirituais agradáveis a Deus (2:5; cf. tb. Rm 12:1)*. Como as duas imagens deixam claro, Pedro considera a natureza corporativa do povo de Deus extremamente importante. A salvação não é apenas uma questão individual, envolve a participação de toda a comunidade de fiéis.

Em seguida, Pedro deixa essa linha de argumentação de lado para desenvolver a ideia de Cristo como pedra viva. Cita Isaías 28:16 e interpreta esse versículo como uma referência a Cristo, *a pedra angular, eleita e preciosa*, enfatizando que é uma pedra angular forte, sobre a qual é seguro construir um edifício: *Quem nela crer não será, de*

*modo algum, envergonhado (2:6).* A igreja tem por alicerce o próprio Cristo, e, por esse motivo, ele é precioso para os cristãos (2:7).

Para os incrédulos, pelo contrário, Cristo é um obstáculo, uma pedra desnecessária. Não veem que, na verdade, ele é a *pedra angular* (2:7; cf. tb. Sl 118:22; Mt 21:42). É a pedra essencial que precisam para concluir tudo que estão edificando; sem ele, nenhum projeto está completo. Uma vez que não entendem a verdadeira função de Cristo e se recusam a obedecer à sua mensagem, certamente tropeçarão sobre a pedra e cairão (2:8; cf. tb. Is 8:14). Esse é o significado provável da afirmação: *Para o que também foram postos.* A expressão não deve ser entendida como um argumento em favor de uma doutrina plena da predestinação.

Os incrédulos certamente tropeçarão na pedra que é Jesus e se despedaçarão, mas os fiéis estão destinados a algo muito mais sublime. São *raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus (2:9a)*. Essas referências sugerem que Pedro considerava a igreja herdeira das bênçãos prometidas a Israel. O uso do termo “eleita” repete sua ênfase em 1:2 e, mais uma vez, encoraja os cristãos sofredores, que são rejeitados *pelos homens*, com a lembrança de que também são eleitos e preciosos *para com Deus (2:4b)*.

A fim de entendermos o forte impacto da descrição dos fiéis como *sacerdócio real (2:9b)*, devemos nos lembrar que no AT apenas os membros do sexo masculino de determinadas famílias podiam ser sacerdotes. Pedro, no entanto, diz que todos os cristãos, inclusive as mulheres, são sacerdotes. Não há como dizer ao certo de onde ele deriva esse conceito. É possível que, pelo fato de o véu do templo haver se rasgado, Pedro tenha reconhecido que não existia mais nenhum empecilho nem para homens nem para mulheres se apresentarem diretamente a Deus. Outra possibilidade é que a ideia tenha surgido de sua visão da responsabilidade individual diante do evangelho. Os cristãos devem ter uma vida de santidade e amor (1:13-25), crescer rumo à maturidade como povo de Deus e realizar sua missão de tornar Deus conhecido em todo o mundo (2:9c, 11-12). Se todos os cristãos têm essa missão, todos fazem parte do sacerdócio real.

Na igreja africana contemporânea, esse reconhecimento das mulheres ainda é uma questão controversa. Homens e mulheres são reconhecidos como cristãos e batizados do mesmo modo, mas em várias denominações apenas homens podem ser ordenados. Algumas igrejas argumentam que a ordenação de mulheres não é bíblica, enquanto outras a aceitam apenas com grandes reservas. Mulheres ordenadas podem ter uma vida difícil. Ao nos depararmos com tendências que impedem os servos de Deus de realizarem as funções para as quais Deus os chamou, devemos citar essa passagem de 1 Pedro e desestimular a restrição com base no sexo.

As palavras de Pedro em 2:9c e 2:11-12 também revelam duas funções entretecidas da igreja: proclamar *as virtudes*

*daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.* Prestar culto a Deus e dar testemunho à humanidade.

## 2:11—3:7 Os cristãos e as autoridades

### 2:11-12 Os cristãos e os de fora

O fato de serem “raça eleita” e “nação santa” (2:9) não torna os cristãos imunes a problemas neste mundo, ao qual não pertencem e onde são apenas *peregrinos e forasteiros (2:11)*. Muitas vezes, os forasteiros são tratados com hostilidade. Por isso, nós, cristãos, precisamos viver de modo a evitar conflitos e mostrar aos de fora que estamos, de fato, fazendo o bem. O reconhecimento de nossa conduta exemplar resultará em louvores a Deus (2:12).

Pedro explica o que isso significa em termos práticos na sociedade em que vivem, sob um governo forte, numa tradição escravocrata e de pouco respeito pelas mulheres. Apesar de defender a conformidade com os valores morais públicos e domésticos dessa sociedade, o apóstolo não apoia os valores propriamente ditos. Não defende a submissão porque o sistema é justo, mas, sim, porque ela permite aos cristãos testemunhar na sociedade. Seus comentários sobre o sofrimento dos servos (2:19) e o temor que as mulheres sentem (3:6) deixam claro que ele se compadece dos oprimidos.

### 2:13-17 Todos os cristãos e as autoridades civis

Pedro instrui todos a se sujeitarem às autoridades governantes *por causa do Senhor (2:13)* e para *emudecer a ignorância dos insensatos (2:15)*. O objetivo é testemunhar e não dar motivos para que outros acusem os cristãos de serem subversivos. O nome de Deus não deve ser desonrado. Para Pedro, como para Paulo, os cristãos desfrutam liberdade aos olhos de Deus, mas não devem abusar dela praticando o mal ou desrespeitando a outros (2:16; Gl 5:17). Pedro também deixa claro que, apesar de os cristãos serem livres da tirania do Estado (afinal, são cidadãos do céu), também são livres para guardar a lei do Estado como servos de Deus, pois o AT associa honrar a Deus com honrar as autoridades (Êx 22:28; 1Rs 21:10; Pv 24:21). Devem viver de modo a ser absolvidos de qualquer fofoca ou falsa acusação.

Pode ser difícil aplicar essas instruções à África de hoje. Os cristãos para os quais Pedro escreveu viviam sob um regime fortemente centralizado, no qual os governadores romanos e reis locais prestavam contas ao imperador romano. Na África, o poder governamental é, com frequência, localizado e patriarcal, sob a liderança de reis, chefes tribais e famílias. Ao interpretar a ordem de Pedro para se submeterem às autoridades, os leitores africanos de nosso tempo precisam considerar o impacto do patriarcado e das tendências opressoras. Esses versículos não devem ser usados para justificar a opressão ou permitir a continuidade de situações nas quais os direitos humanos de outros são violados.



## 2:18-25 Servos cristãos e seus senhores

Os servos recebem a instrução de seguir o exemplo de Cristo e se sujeitar aos seus senhores. Cristo também sofreu injustamente nas mãos de homens cruéis (2:21-22). Assim como todos são exortados a não abusar da liberdade, os servos são exortados a não provocar sofrimento sobre si. Não há mérito nenhum em receber o castigo merecido (2:20). Mas, quando o sofrimento é imerecido, os cristãos devem seguir o exemplo de Cristo e não amaldiçoar nem fazer ameaças de vingança (2:23). Devem deixar a questão nas mãos de Deus, nas quais há justiça, e ser gratos porque Cristo suportou sofrimento por eles. Não são mera propriedade de um senhor cruel; antes, seu valor é tão grande que Cristo morreu por eles (2:24). Mais do que isso, ele é o Bom Pastor que saiu à procura deles, como faz com todas as suas ovelhas desgarradas, e lhes concedeu o privilégio de se tornarem membros do seu rebanho (2:25; cf. tb. Lc 15:3-7).

Passagens como essa podem servir de estímulo para os cristãos em sua jornada de fé, mas não devem ser usadas para incentivar os cristãos a suportarem o sofrimento de forma passiva numa situação que poderiam solucionar. O sofrimento e morte de Jesus não foram passivos e despropositados. Ele sacrificou a si mesmo de maneira deliberada pelo bem de outros. Os cristãos devem se perguntar se seu sofrimento está beneficiando outros ou se não passa de uma perseverança obstinada que permite a outros explorá-los sem cumprir nenhum propósito benéfico. É importante interpretar os requisitos éticos para a vida cristã de forma contextual.

## 3:1-7 Esposas cristãs e seus maridos

As instruções para as esposas seguem o modelo das palavras aos servos. Devem, *igualmente*, sujeitar-se aos maridos incrédulos na esperança de ganhá-los para Cristo (3:1-2). Antes que alguém proteste, é preciso observar que, mais adiante, Pedro usa a mesma expressão com referência aos maridos: devem, *igualmente*, ter consideração por suas esposas e respeitá-las (3:7). Paulo argumenta de forma semelhante quando diz, antes de suas instruções para esposas e maridos: “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5:21). “Submissão” não é, portanto, sinônimo de opressão.

Em seu comportamento, as esposas devem seguir o exemplo das *santas mulheres* de outrora (3:5), e considerar o caráter interior mais importante do que seguir a moda e vestir roupas suntuosas (3:3-4). Ao aplicar essas passagens ao nosso tempo, os pontos centrais continuam sendo válidos, mas devemos nos lembrar de que muitos detalhes do comportamento considerado apropriado para uma esposa mudaram de forma radical desde os dias de Pedro. As mulheres não chamam mais o marido de *senhor* como Sara fazia (3:6). E, ao descrever as mulheres como *parte mais frágil* (3:7), é possível que Pedro esteja falando de uma realidade física do seu tempo, quando muitas mulheres morriam na gravidez e no parto.

Ao pregar essas passagens na África, é necessário lembrar que, na cultura de Pedro, os maridos sempre ocupavam a posição de autoridade. O objetivo de Pedro não era contribuir para a opressão das mulheres no lar ou na sociedade. Antes, desejava incentivar as mulheres a viverem sua fé de forma prática a fim de torná-la atraente para seus maridos e outras pessoas. Esses textos não devem, portanto, ser usados para justificar a opressão das mulheres nem para silenciá-las ou excluí-las de papéis de liderança, tampouco para limitá-las ao âmbito doméstico. Infelizmente, a igreja muitas vezes segue esse caminho com o objetivo de apoiar aspectos da cultura africana que exercem um impacto negativo sobre as mulheres. Diante dessa realidade, algumas teologias da libertação contemporâneas concluíram que a ordem para as pessoas se sujeitarem leva outros a tratá-las como uma classe inferior. Não era essa a intenção de Pedro, e, como parte de seu testemunho à sociedade de hoje, a igreja precisa confrontar a situação difícil das mulheres.

## 3:8—5:11 Deveres e conduta de todos os cristãos

No restante da carta, Pedro incentiva os cristãos a serem *todos de igual ânimo* (3:8) e praticarem a bondade uns para com os outros, supondo que levam a sério as virtudes que promovem a paz em todos os relacionamentos. Entre essas virtudes, está a humildade, à qual o apóstolo insta seus leitores em 2:1—3:7. Quando sofrerem ou forem insultados, não devem dar lugar à hostilidade e ao rancor. Antes, assim como Deus os chamou para as bênçãos da comunhão com ele (1:2; 2:9), também instruiu a pagar o mal com o bem (3:9). Para lembrá-los de que não há nada de novo nesse mandamento, Pedro cita Salmos 34:16, em que o salmista também fala que Deus aprova quem controla suas reações, se empenha para evitar o mal e busca a *paz* (3:10-12).

## 3:13—4:6 Testemunho sob perseguição

O zelo cristão por fazer o que é certo dificilmente resultará em perseguição, pois, em geral, ninguém sofre por demonstrar bondade (3:13). Mas, como Jesus advertiu repetidamente, mesmo quando os cristãos desarmam seus inimigos ao serem *zelosos do que é bom*, nada garante que os fiéis terão uma vida tranquila (Mt 5:10-12; 10:17-22; 24:9; Jo 15:18—16:4). Poderá acontecer de serem perseguidos, mas pelo menos o sofrimento será imerecido e, mais ainda, será um sinal de bênção (3:14a). Como isso é possível? Pedro volta à mesma passagem de Isaías da qual tirou a imagem de Cristo como “pedra de tropeço” e os lembra de que serão perseguidos como o foram os grandes profetas de Deus, dos quais Isaías é um exemplo (3:14b; Is 8:12). A ordem *Não vos amedronteis* também traz à memória as palavras de encorajamento que Jesus proferiu tantas vezes aos seus discípulos: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma” (Mt 10:28). Jesus considerou “bem-aventurados” aqueles que são perseguidos por causa dele

(Mt 5:11-12). Eles devem estar focados no Senhor Jesus Cristo, e não nos seus próprios medos (3:15a).

Estar preparado para suportar perseguição por amor a Cristo não significa que o cristão deve parecer tolo. Sempre que tiverem oportunidade, os fiéis devem ser capazes de explicar, de modo coerente e gentil, a certeza da libertação presente e da vindicação futura (3:15b). O respeito decoroso de suas palavras deve contrastar claramente com a maledicência de seus inimigos (3:16).

Pedro volta a lembrá-los: *Se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal* (3:17). Argumenta que o sofrimento dos inocentes pode fazer parte da vontade de Deus. O exemplo supremo dessa realidade é modelo mais perfeito de conduta para o cristão é Jesus Cristo. Era inocente, mas Deus permitiu que sofresse, e sua aflição redundou em benefícios para todos. Ao se oferecer como sacrifício perfeito pelo pecado, Jesus abriu acesso ao Pai e tratou do problema fundamental do rompimento entre Deus e a humanidade (3:18; Tt 2:14).

Quando a morte separou o espírito de Cristo do seu corpo, ele pôde pregar no mundo dos espíritos (3:19). Esse versículo mostra que a Bíblia corrobora a crença africana na continuação da existência após a morte, quer como os ancestrais que permanecem na memória, quer como espíritos. Nem todos os espíritos serão beneficiados por essa pregação, mas cada um deve prestar conta do modo em que viveu na terra. Fica evidente que os espíritos em questão desobedeceram a Deus e, portanto, se encontravam em prisão (3:20a).

Pedro diz que Cristo pregou apenas àqueles que foram desobedientes *nos dias de Noé* (3:20b), provavelmente por serem considerados os que pecaram de modo mais profundo. Afinal, Deus exterminou toda a vida na terra por causa do pecado deles! É possível que Pedro também tenha focalizado esse grupo porque desejava traçar um paralelo entre o dilúvio e o batismo. O dilúvio trouxe morte para os pecadores. Semelhantemente, a passagem pelas águas do batismo marca a morte para o pecado (Rm 6:3). Mas, assim como a graça e a paciência de Deus conduziram à salvação de oito pessoas (Noé, sua esposa, seus três filhos e respectivas esposas), sua graça e amor, manifestados na morte e ressurreição de Cristo, salvaram os cristãos, aos quais Pedro escreve, e os ressuscitaram para a viva esperança da vida eterna (3:20-21). Não é de admirar que os cristãos não tenham motivos para temer seus perseguidores, mas, sim, aquele que foi *para o céu [...] ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes* (3:22).

Ao falar da água a qual, *figurando o batismo, agora também vos salva* (3:21), Pedro cuida para não atribuir poderes mágicos ao ritual de lavagem com água como se faz, por vezes, na África. O importante é aquilo que o batismo simboliza, a saber, a fé do cristão em Deus, expressada no batismo.

Pedro insta os fiéis a considerarem a morte de Cristo no corpo e a vida no Espírito como padrão para sua própria vida (4:1). O sofrimento e morte de Cristo trataram do peca-

do de forma categórica, e os cristãos devem considerar seu sofrimento sob a mesma óptica. Depois de suportar sofrimento físico por Cristo, não devem se envolver de maneira nenhuma com os pecados que consideravam atraentes no passado, mesmo que outras pessoas os desprezem devido à sua mudança de comportamento (4:2-4). Hoje em dia, há quem condene os cristãos energeticamente por se oporem à imoralidade sexual e por considerarem o comportamento sexual um pecado irresponsável e passível do castigo de Deus (1Co 6:9; Hb 12:14; Ap 21:8,27). Enquanto a igreja deve tratar de forma realista as questões práticas como, por exemplo, o uso de preservativos por pessoas com vários parceiros sexuais, também precisa deixar claro que os cristãos não casados devem praticar a abstinência sexual, enquanto os cristãos casados devem ser fiéis ao cônjuge.

A referência de Pedro àquele *que sofreu na carne* (4:1) não significa que suas palavras se aplicam apenas àqueles que sofreram perseguição física. Dizem respeito a todos que anunciaram sua identificação com o sofrimento de Cristo ao aceitarem o batismo. Em vez de serem atraídos para um redemoinho de paixões, agora os cristãos têm apenas um foco: viver inteiramente *segundo a vontade de Deus* (4:2), ou seja, procurar agradar a Deus em tudo que fazem. Cabe a Deus julgar o comportamento de seus perseguidores (4:5). Voltando ao comentário de que Cristo pregou “aos espíritos em prisão” (3:19), Pedro lembra a seus leitores que todos serão julgados por aquilo que fizeram *na carne* e todos morrerão. Ao mesmo tempo, contudo, todos terão a oportunidade de ouvir a pregação de Cristo e viver *no espírito segundo Deus* (4:6). Ainda que alguns cristãos já tenham morrido e que não-cristãos, talvez, estejam se perguntando onde podem encontrar esperança de vida, Pedro lembra que vivem no âmbito espiritual. Em nosso contexto africano, o corpo pode definir em decorrência da aids, mas o espírito vive e continuará a viver. Muitos, também, podem sofrer injustiças de vários tipos. Aqueles que são afligidos por praticar o bem como seguidores de Cristo, o qual também sofreu (4:1), podem estar certos de que o julgamento neste mundo não é o fim. Deus julgará sua causa com justiça e retidão.

#### 4:7-19 Vida à luz do fim

Ao mencionar a morte, Pedro lembra que o julgamento não assume apenas essa forma: *O fim de todas as coisas está próximo* (4:7a), ou seja, o fim deste mundo por ocasião da volta de Cristo. Mas o termo que Pedro usa para “fim” também pode ser traduzido por “objetivo”. O mundo está se movendo em direção ao seu objetivo final. Diante dessa realidade, os cristãos devem manter um relacionamento próximo com Deus em oração (4:7c). Para isso, precisam ter a vida em ordem de modo que sejam *creriosos e sóbrios* (4:7b). O foco da oração, porém, não consiste em remover o cristão do mundo. Antes, os fiéis devem amar uns aos outros profundamente e não guardar rancor uns dos outros (4:8; 1Co 13:4-7). Devem ser *hospitais*, sem murmuração (4:9). To-

dos devem usar o dom que receberam de Deus para ajudar outros (4:10; cf. tb. 1Co 12:7-30). Tudo que dizem (quer em suas pregações quer na vida diária) deve ser conforme a palavra de Deus (4:11a), e todo serviço que prestam (quer num cargo oficial da igreja quer na vida particular) deve ser feito de todo o coração, empregando de forma plena os dons que Deus lhes concedeu (4:11b). Assim se traduz, em termos práticos, a “vontade de Deus” (4:2).

O objetivo desse tipo de vida não é obter mérito diante de Deus ou o louvor de Deus, mas ver Deus ser louvado pelo modo de seus filhos viverem. Afinal, *a glória e o domínio pelos séculos dos séculos* pertencem somente ao Senhor (4:11c). Empolgado com a glória de Deus e com nosso chamado, Pedro termina sua lista com um *Amém!* retumbante, uma confirmação daquilo que disse até aqui. Quando oramos o pai-nosso, devemos encerrar com esse mesmo entusiasmo!

Agora, Pedro volta à terra. Seus leitores ainda enfrentam a realidade do sofrimento (4:12-16). Mais uma vez, ele os lembra de seu privilégio como *coparticipantes dos sofrimentos de Cristo* (4:13; cf. comentários sobre 3:14-18). No devido tempo, a glória de Cristo será revelada, mas somente depois do julgamento divino. Se esse julgamento parece severo para os cristãos, mais ainda o será para aqueles que rejeitaram o evangelho (4:17-18; Pv 11:31). A última palavra é sempre a de Deus (4:19), aquele que vê tanto os fiéis quanto os seus perseguidores.

Pedro inclui, porém, uma advertência aos cristãos. Depois de ressaltar que não devem sofrer por haver cometido pecados que consideraríamos “graves”, como homicídio ou roubo, ele acrescenta que não devem sofrer nem mesmo *como quem se intromete em negócios de outrem* (4:15). Por vezes, os cristãos são impelidos a opinar em assuntos alheios e acabam causando confusão. Qualquer hostilidade que vierem a sofrer por causa dessa atitude será justificada, e não constituirá motivo de alegria!

Se é o caso de sofrer, que seja *como cristão* (4:16). Essa é uma das três vezes que o termo “cristão” ocorre no NT (as outras são em At 11:26; 26:28). O termo significa “partidário de Cristo”, mas é possível que o adotassem como um sobrenome romano para indicar que pertenciam à família de Cristo.

### 5:1-11 Encorajamento para líderes e jovens

Pedro encerra sua carta com um apelo a dois grupos que serão alvo específico de perseguição: os líderes da igreja e os jovens. Quando fala aos presbíteros, Pedro se identifica tal qual *presbítero como eles*, alguém que sabe das responsabilidades desse ofício por experiência própria. Difere deles no sentido de que foi *testemunha ocular dos sofrimentos de Cristo*, mas é semelhante a eles na viva esperança *da glória que há de ser revelada* (5:1).

Em seguida, descreve as responsabilidades das quais compartilham. O inimigo é como um leão que ronda a presa

(5:8). Da mesma forma que os boieiros africanos precisam ficar atentos para proteger o gado, os líderes da igreja devem zelar por aqueles que se encontram sob seus cuidados (5:2a). Devem fazê-lo não por ser um dever imposto a eles, mas porque Deus os chamou para servir desse modo (5:2b). Não devem considerar seu cargo de autoridade como ocasião para enriquecerem (5:2c). Antes, devem se mostrar humildes e procurar servir outros, em vez de esperar ser servidos (5:3a; cf. tb. Mc 9:35). Outros cristãos, especialmente as esposas, maridos e escravos, já foram instruídos a agir com humildade (2:18—3:7); agora, Pedro informa aos líderes que é sua função ser exemplos desse comportamento, a fim de se tornarem *modelos do rebanho* (5:3b). Seu papel não oferece grandes oportunidades de glória. Mas, um dia, o *Supremo Pastor* (Jesus) avaliará seu desempenho como seus pastores auxiliares e lhes concederá *a imarcescível coroa da glória* (5:4). Essa coroa contrasta com a coroa de louros entregue aos atletas (as celebridades da época) e que murchava rapidamente.

A instrução para serem submissos e santos é estendida aos jovens da igreja, que devem se mostrar dispostos a respeitar os mais velhos (5:5a). Em outros tempos, esse respeito era algo comum na África. O *kũirira* (“ensinamento acerca de valores e normas”) dos kimbeeres do Quênia era transmitido aos jovens por membros da geração mais velha, aos quais essa tarefa havia sido confiada com base na ideia de que *Mũũgi nĩ mũtaare* (“o sábio é aquele a quem é dado o ensinamento”). O conhecimento acerca de como se relacionar com os outros, dos comportamentos aceitáveis e inaceitáveis e das observâncias religiosas era transmitido de uma geração para outra. Pode-se dizer o mesmo da cultura judaica e da cultura cristã primitiva. Pedro não ordena que se aceite, sem nenhum pensamento crítico, tudo que os mais velhos ensinam, mas lembra os jovens de que os mais velhos adquiriram sabedoria digna de respeito.

Depois de dizer aos jovens para não serem arrogantes, Pedro percebe que, na verdade, essa instrução se aplica a todos os cristãos e, portanto, a amplia: *No trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade*. Para corroborar sua ordem, cita Provérbios 3:34 (5:5b).

Acima de tudo, os cristãos devem se sujeitar a Deus, que pode permitir sofrimento no presente, mas, sem dúvida, os exaltará no devido tempo (5:6). Em vez de se preocuparem com dias vindouros de tribulação e com o que fazer quando chegarem, Pedro os aconselha a confiar no Deus que deseja o bem de seus filhos (5:7). Essa confiança não consiste, porém, em permanecer completamente passivos. Devem ser *sóbrios e vigilantes*, pois o inimigo está à espreita (5:8; cf. tb. Mt 26:41; Mc 14:38). Cabe aos cristãos permanecer firmes na fé e não ceder aos ataques do inimigo. Não estão sozinhos; outros fiéis na *irmandade espalhada pelo mundo* estão passando por *sofrimentos iguais* aos deles (5:9). Pode parecer difícil acreditar nessa afirmação quando nós, africanos, comparamos nossa situação com a dos cristãos ricos

do Ocidente, mas, sem dúvida, é verdade quando pensamos nos sofrimentos suportados pelos fiéis de países que não acolhem a fé cristã.

Pedro começou a carta lembrando seus leitores de que haviam sido escolhidos (1:2) e possuíam uma “viva esperança” (1:3) apesar do sofrimento. No encerramento, o apóstolo volta a esse tema: *Deus [...] vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar* (5:10). Pedro está tão certo disso que repete a doxologia de 4:11 (5:11).

### 5:12-14 Conclusão

Pedro termina a carta dando crédito a Silas que o ajudou a escrevê-la (5:12). É provável que esse Silas seja a mesma pessoa mencionada repetidamente em Atos 15:22—18:5 (cf. tb. 2Co 1:19; 1Ts 1:1; 2Ts 1:1). A ajuda de Silas pode explicar por que o grego dessa epístola é muito superior ao que se poderia esperar de um pescador galileu. Silas usou seus dons para ajudar Pedro a transmitir sua mensagem.

Nas palavras de despedida, *aquela* em 5:13 provavelmente é a igreja na qual ele se encontrava quando escreveu (*ekklesia*, o termo grego para uma igreja local, é um substantivo feminino). A igreja ficava em *Babilônia*, um possível codinome para Roma. Pedro também envia saudações de *meu filho Marcos*, que talvez seja a mesma pessoa para

cujá residência Pedro se dirigiu quando foi liberto da prisão (At 12:12). É possível, também, que seja o Marcos que escreveu, tempos depois, o evangelho no qual se encontra registrado o relato de Pedro, da vida de Cristo. Marcos provavelmente era filho espiritual, e não biológico, de Pedro.

O apóstolo instrui os fiéis a saudarem-se *uns aos outros com ósculo de amor* (5:14a), um cumprimento usado pelos cristãos quando se encontravam (Rm 16:16; 1Co 16:20; 2Co 13:12; 1Ts 5:26). Cristãos de diferentes culturas podem substituir esse gesto por outros que expressem amor uns pelos outros e a ideia de pertencermos à mesma família.

Pedro deseja, por fim: *Paz a todos vós* (5:14b). O conteúdo da carta deixa claro que, para ele, paz não significa ausência de perseguição ou sofrimento. Antes, é a paz espiritual profunda que Deus concede por meio de Cristo (Jo 14:27). Eis o bem-estar e a bem-aventurança espiritual de todos que se encontram unidos a Cristo, na igreja.

Sicily Mbura Muriithi

### Leituras adicionais

KEENER, C. S. *The IVP Bible Background Commentary: New Testament*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993.

MICHAELS, J. R. *1 Peter*. WBC. Waco: Word, 1988.

WHEATON, D. H. “1Peter”. In: *NBC*. 3. ed. Editado por D. Guthrie e J. A. Motyer. Leicester: InterVarsity Press, 1970.

# 2PEDRO

A autoria, local de redação e destinatários de 2Pedro, bem como sua relação com 1Pedro, são questões controversas, como também é o fato de a segunda epístola só ter sido reconhecida como parte do cânon no século IV d.C. Para muitos comentaristas, a carta é obra de um falsificador, mas essa ideia é indefensável, tendo em vista a doutrina evangélica da inspiração bíblica afirmada tanto por Pedro quanto por Paulo (2Pe 1:21; 2Tm 3:16). O autor se identifica claramente como Simão Pedro.

A primeira epístola de Pedro, que focaliza a questão do sofrimento dos fiéis, provavelmente foi escrita no contexto da perseguição de Nero aos cristãos, iniciada em 63 d.C. A ausência de qualquer referência ao sofrimento, em 2Pedro, sugere uma data de redação anterior à de 1Pedro, ou seja, em algum momento antes de 63 d.C.

A segunda epístola não dá nenhuma indicação de onde seus destinatários viviam. Sabemos, porém, que Pedro os havia pastoreado e escrito para eles pessoalmente (1:16; 3:1) e que conheciam o ministério e as epístolas de Paulo (3:15-16).

O problema do qual Pedro trata nessa carta é semelhante a um dos desafios que Paulo enfrentou (At 20:29-31; 2Ts 2:3; 1Tm 4:1; 2Tm 3:1-9). Falsos mestres no meio da comunidade cristã estavam introduzindo heresias destrutivas que negavam o senhorio de Cristo e sua segunda vinda (2:1-3; 3:1-7). Pedro insta os fiéis a resistirem a essas heresias e a se desenvolverem, passando da conversão ao discipulado e a uma vida frutuosa (1:5,10).

Alguém disse que a igreja na África “tem um quilômetro de extensão, mas apenas um centímetro de profundidade”. A fim de ser relevante num continente assolado por males de todo tipo, a igreja precisa atentar com seriedade nos ensinamentos dessa epístola.

## Esboço

### 1:1-21 O desenvolvimento da fé

1:1-2 Saudações

1:3-4 A dádiva da fé

1:5-11 O crescimento da fé

1:12-21 O fundamento da fé

### 2:1-22 Denúncia contra os falsos mestres

2:1-3 O surgimento de falsos mestres

2:4-9 A condenação dos falsos mestres

2:10-22 As características dos falsos mestres

### 3:1-18 A defesa da fé

3:1-2 Reafirmação do propósito da carta

3:3-9 O surgimento de escarnecedores

3:10-13 Promessa da volta do Senhor

3:14-18 Apelo pastoral à prontidão

## COMENTÁRIO

### 1:1-21 O desenvolvimento da fé

#### 1:1-2 Saudações

O autor se identifica como *Simão Pedro* (1:1a). Menciona seu nome judeu e gentio para se identificar com leitores desses dois grupos, um recurso empregado também nos evangelhos (cf. Mt 16:16; Lc 5:8; Jo 21:15-17). Para alguns, o uso dos dois nomes possui, ainda, um motivo teológico: Simão (o nome judeu) o associa à antiga aliança, enquanto Pedro (o nome que Cristo lhe deu) o associa à nova aliança.

Os nomes também são importantes para os povos africanos em geral, e entendemos por que o uso de dois nomes era apropriado para o público leitor misto de Pedro. Há casos, também, de pessoas convertidas ao cristianismo que deixam de usar nomes associados às Religiões Tradicionais Africanas (como, p. ex., Ogunseyi, “o deus do ferro fez”) e adotam nomes de conteúdo cristão (como, p. ex., Jesuseyi, “Jesus fez”).

Em seguida, Pedro descreve seu relacionamento com Jesus Cristo (1:1b). Descreve a si mesmo como *servo* (ou escravo) de Jesus, uma indicação de que sua vontade se encontra sujeita ao seu Senhor divino. Ao se descrever como *apóstolo*, Pedro enfatiza sua autoridade como alguém que Cristo comissionou para proclamar sua palavra (Mt 28:18-20).

Pedro não vê nenhuma diferença entre a fé dos apóstolos e dos convertidos, nem entre a fé do cristão judeu e do cristão gentio. Em todos os casos, essa fé é *igualmente preciosa* (1:1c). É igual em honra e privilégio, uma questão que Pedro enfatiza ao empregar uma expressão política que normalmente se refere a estrangeiros aos quais foi concedida a cidadania de um país e ressalta a unidade e igualdade dos fiéis em Cristo (cf. tb. Gl 3:28).

A saudação de Pedro a essa comunidade unida é grega quando lhes deseja suprimimento abundante da graça de Deus (ou seja, de seu favor imerecido), e hebraica quando lhes deseja *paz* (*shalom*, o termo hebraico para harmonia



e bem-estar) ao procurarem conhecer Deus e Jesus Cristo cada vez mais (1:2). Graça e paz são duas bênçãos indispensáveis em meio a conflitos étnicos, tribais e raciais na África.

### 1:3-4 A dádiva da fé

Antes de tratar daquilo que o evangelho requer de todos os cristãos em 1:5-11, Pedro apresenta os grandes privilégios que lhes são concedidos. Usa duas vezes a expressão *nos têm sido doadas* para enfatizar a disponibilidade desses privilégios a todos os fiéis e seu caráter imerecido. São dádivas concedidas pelo poder de Deus (1:3a), segundo as suas promessas (1:4). Graças a essas dádivas, podemos ter uma vida santa, participar da excelência moral de Deus e fugir da corrupção provocada por desejos maus. Mas só podemos desfrutá-las *pelo conhecimento completo daquele que nos chamou* (1:3b). A igreja africana, contudo, possui apenas um conhecimento superficial da palavra de Deus, de modo que Deus pode dizer: “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento” (Os 4:6). Os cristãos na África precisam desmentir o ditado: “Se você deseja esconder um tesouro de um africano, guarde-o dentro de um livro”.

### 1:5-11 O crescimento da fé

Pedro considera a salvação apenas um ponto de partida, uma ideia que menciona em 1Pedro 2:2, quando insta seus leitores: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação”. Tendo em vista aquilo que Deus nos concedeu (1:3-4), devemos nos empenhar para crescer. Não há espaço para a preguiça! Pedro relaciona sete qualidades ou virtudes que devem ser acrescentadas à fé, para que produza com eficácia um caráter que será elogiado no final (1:8,11):

- **Virtude** traduz uma palavra que também significa bondade, coragem e excelência. Pode descrever a terra fértil e produtiva. É a qualidade que torna o indivíduo amigável, corajoso, bom cidadão e apto na arte de viver bem.
- **Conhecimento** se refere, aqui, ao conhecimento prático que permite à pessoa tomar decisões corretas e agir de forma eficaz. Contrasta com o conhecimento dos falsos mestres do capítulo 2, cujos atos não condizem com aquilo que afirmam saber.
- **Domínio próprio** não consiste apenas na capacidade de usar a razão para controlar as emoções. Para o cristão, é também submissão ao controle de Cristo que habita em nós e ao poder do Espírito Santo (cf. Gl 5:16-18).
- **Perseverança** é descrita, por vezes, como “rainha das virtudes”, é paciência por detrás da qual se encontra coragem, e na frente da qual se vê esperança. É a tenacidade que recusa desistir diante das dificuldades e sempre olha para a frente, para um futuro melhor (cf. Hb 12:1-2).
- **Piedade** traduz um termo raro no NT, provavelmente por sua associação comum com o paganismo. Aqui, refere-se à piedade em relação a Deus e ao amor prático demonstrado pelos semelhantes, especialmente os mais vulneráveis e necessitados (cf. Tg 1:27).
- **Fraternidade** é uma palavra que significa, literalmente, “amor dos irmãos”. É a afeição familiar que provê, de forma espontânea, cuidado, apoio e solidariedade. Deve ser a marca distintiva da comunidade cristã (Jo 13:35).
- **Amor**, nesse caso *agape*, o amor incondicional de Deus tanto pelos justos quanto pelos ímpios. Esse amor é a natureza de Deus (1Jo 4:16), que herdamos quando nascemos de novo (1Jo 4:7-8). O *agape* deseja o bem supremo da pessoa amada e resulta em ação sacrificial por esse bem. É o que Deus demonstra por nós em João 3:16, e espera que tenhamos uns pelos outros em 1Jo 3:16.

É comum pregadores de todas as partes da África falarem da pessoa de Jesus e da paz ou salvação que ele oferece. Muitas vezes, porém, nos esquecemos de ensinar os princípios que Jesus estabeleceu para a prosperidade e sucesso nesta vida. A lista de Pedro, dos elementos que devem ser acrescentados à fé, trata tanto da pessoa quanto dos princípios de Jesus. A fim de termos uma vida produtiva, precisamos descobrir essa combinação. Como diz o provérbio da África ocidental: “Nenhum pássaro consegue voar com uma asa só”.

### 1:12-21 O fundamento da fé

Pedro deseja lembrar seus leitores dos fatos básicos antes de tratar das asserções dos falsos mestres no capítulo 2. Começa, portanto, enfatizando a verdade da qual seus leitores estão *certos* e na qual se encontram *confirmados* (1:12). Conforme mencionou no início da carta, a salvação é absolutamente gratuita (imerecida) e baseada na obra consumada de Jesus Cristo (1:1). Juntamente com a salvação, Deus proveu tudo de que precisarão para viver com piedade e chegar ao destino glorioso (1:3-4).

Pedro sabe que morrerá em breve e não deseja deixar nenhuma dúvida acerca de seus ensinamentos sobre a verdade (1:13-15). (O apóstolo foi martirizado, provavelmente menos de três anos depois de escrever essa carta.)

Lembra-os de que foi testemunha ocular da transfiguração de Cristo, que, para ele, constituiu um antegosto da segunda vinda de Cristo (1:16-18; Mt 17:1-8; Mc 9:2-8; Lc 9:28-36). A transfiguração histórica corrobora a confiabilidade de sua predição. Não está inventando nada, como, talvez, os falsos mestres insinuassem.

Por fim, o apóstolo afirma que as Escrituras proféticas do AT também dão testemunho da verdade (1:19) e que o Espírito Santo inspirou toda profecia bíblica (1:20-21), inclusive a profecia de Pedro acerca da volta de Jesus Cristo (1:16). O Espírito Santo não anulou a individualidade dos autores humanos das Escrituras, mas zelou por eles

enquanto escreviam, e garantiu que suas palavras não conteriam erros. As palavras de Pedro acerca do valor das Escrituras ainda valem para nós nos dias de hoje: *Fazeis bem em atendê-la (1:19)*. A bênção divina prometida é para quem medita em sua palavra a fim de obedecer-lhe (Js 1:8; Sl 1:1-3; Jo 8:31-32; Tg 1:25).

## 2:1-22 Denúncia contra os falsos mestres

### 2:1-3 O surgimento de falsos mestres

Depois de falar sobre os verdadeiros profetas (1:19-21), Pedro muda repentinamente de assunto e adverte seus leitores acerca do surgimento inevitável de falsos mestres em sua comunidade. Não baseia sua argumentação em presciência profética, mas, sim, em precedentes históricos. Os ensinamentos falsos podem começar como uma diferença de opiniões acerca de Cristo que se transforma sutilmente num desvio e, por fim, numa negação de Cristo como Salvador e Senhor (2:1). Vimos isso acontecer na Nigéria, onde certo professor universitário começou a ensinar que Cristo não era o único caminho até Deus, uma ideia contrária aos ensinamentos de Cristo (Jo 14:6) e de seus apóstolos (At 4:12; Rm 1:16-17). O professor granjeou discípulos e se tornou líder de sua denominação que, em outros tempos, havia cultivado uma forte herança evangélica, mas foi tomada pela teologia liberal. Pedro nos adverte de que essas heresias resultam em destruição tanto para quem as ensina quanto para seus adeptos (2:1-3).

### 2:4-9 A condenação dos falsos mestres

Pedro fornece três exemplos históricos para provar que os falsos mestres, o mal e a perversidade não ficarão impunes agora ou no futuro. Os exemplos que ele escolhe mostram como a adulteração da palavra e a negação da singularidade de Cristo são tão terríveis quanto a perversão sexual e outros pecados.

O primeiro exemplo é o castigo sofrido pelos anjos que pecaram ao coabitar com mulheres (2:4; Gn 6:1-4). Não se trata de uma referência à rebelião de Satanás contra Deus (Ap 12:1-9), pois muitos dos anjos que caíram com ele continuam livres e ativos como demônios (Mt 17:18; Ef 6:12; 1Tm 4:1-5; 1Pe 5:8). Os culpados em 2:4 e Judas 6, por outro lado, estão presos no inferno, um lugar de trevas, à espera do julgamento final. Foi um pecado incomum que recebeu um castigo apenas, um passo aquém do lago de fogo, o castigo supremo (Ap 19:20).

O segundo exemplo de Pedro consiste no castigo aplicado por Deus, devido à perversidade e corrupção humana, no tempo de Noé (2:5). O dilúvio destruiu todos, exceto Noé e outras sete pessoas (sua esposa, seus três filhos e respectivas esposas). Deus livrou Noé porque ele era justo, com respeito à sua fé e sua caminhada com Deus (Gn 6:5-13,18).

O terceiro exemplo é o castigo que sobreveio a Sodoma e Gomorra, duas cidades tomadas pelo pecado (2:6-9; Gn

19:1-25). Mais uma vez, um justo, nesse caso Ló, foi salvo. Assim como o Senhor protegeu Noé e salvou Ló em suas gerações, também salvará aqueles que creem em Jesus em nossa geração (2:9). Deus defende cristãos como os bispos africanos da igreja anglicana que assumiram uma posição firme contra a ordenação de um bispo *gay*, nos Estados Unidos, em 2003.

### 2:10-22 As características dos falsos mestres

Pedro fala dos falsos mestres com indignação moral veemente que nos traz à memória o modo de Jesus condenar os fariseus (Mt 23:13-39). Descreve-os como devassos que vivem para agradar a carne (2:10a). Tendo em vista o terceiro exemplo de Pedro em 2:6, muitos comentaristas concordam que essa expressão sugere a prática de sodomia.

Os falsos mestres também desprezam autoridade, uma referência ao senhorio de Cristo (cf. 2:1), à liderança reconhecida de Pedro e João (cf. 3Jo 9-11), ou a uma hierarquia angelical (cf. Jd 8). De acordo com um provérbio de Serra Leoa, “a rebelião anseia por reconhecimento”. Líderes rebeldes, como os falsos mestres, sempre desejam ocupar posições de destaque. São presunçosos e demonstram uma ousadia temerária que afronta Deus e outros (2:10b). São cheios de si e buscam apenas prazer pessoal e reconhecimento. Sua arrogância é tal que ultrajam autoridades angelicais, fazem pouco de seu poder e se referem a elas de modo desrespeitoso. Em contraste com esse comportamento, os anjos, que são *maiores em força e poder* do que os falsos mestres, não apresentam acusações difamatórias contra eles na presença do Senhor (2:11).

Pedro compara os falsos mestres a animais irracionais, criaturas que agem conforme seu instinto e existem apenas para ser capturadas e mortas. Como animais, também morrerão (2:12). A sensualidade é autodestrutiva. O sucesso da guerra de Uganda contra o HIV/aids provou que a melhor forma de prevenir a doença é a abstinência. Semelhantemente, o melhor antídoto para os falsos ensinamentos é o puro leite espiritual da palavra de Deus (1Pe 2:2). Os falsos mestres não desejam, contudo, aquilo que é puro. Antes, deleitam-se em bebedeiras e relações sexuais ilícitas e levam os cristãos inexperientes a se desviar (2:14). Como Balaão, o profeta que ignorou as advertências de Deus por causa de seu amor ao dinheiro (Nm 22:1-34; Jd 11), os falsos mestres abandonaram o caminho reto e estreito da verdade em troca da estrada larga da cobiça, do sexo e da soberba (2:15-16; cf. tb. Mt 7:13-16). Muitos daqueles que pregam a teologia da prosperidade em nossos dias caem facilmente no erro de Balaão e distorcem o evangelho. “São inimigos da cruz de Cristo. O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia” (Fp 3:18-19). São vazios *como fonte sem água* e inúteis *como névoas impelidas por temporal* (2:17). Por ironia, prometem liberdade enquanto eles próprios se encontram escravizados pelo pecado (2:19).

Ao que parece, os falsos mestres tinham, em outros tempos, professado Jesus como seu Salvador e Senhor. Em geral, esse conhecimento liberta o pecador da corrupção do mundo pecaminoso. Infelizmente, porém, renunciaram a lealdade a Cristo e voltaram ao seu estado anterior. A ignorância é melhor do que a apostasia (2:20-21). Os dois provérbios que Pedro cita para concluir essa seção (2:22) mostram que não se pode fazer mais nada por eles, e refletem a condenação pronunciada por Jesus sobre uma geração perversa (Mt 12:43-45; Lc 11:24-26).

### 3:1-18 A defesa da fé

#### 3:1-2 Reafirmação do propósito da carta

Pedro agora torna o tom da carta profundamente pessoal e pastoral. Em quatro ocasiões no último capítulo, Pedro chama seus leitores de *amados* (3:1a, 8, 14, 17), uma expressão afetiva que descreve o relacionamento dos fiéis uns com os outros em Cristo. Conforme o Senhor lhe havia ordenado (Jo 21:15-19), Pedro pastoreou seu rebanho — os alimentou, defendeu a fé e advertiu acerca da heresia — sempre em espírito de amor (1Pe 5:1-4). Seu objetivo é promover uma *mente esclarecida* (3:1b), o melhor antídoto para falsos ensinamentos e afirmações distorcidas. Um número excessivo de igrejas africanas enfatiza as experiências emocionais, mas se esquece da mente das pessoas e, como consequência, produz “cristãos desatentos”. Parte do objetivo deste comentário é mudar essa tendência.

O raciocínio esclarecido era tão importante para Pedro que ele escreveu duas cartas sobre o assunto (3:1). A primeira à qual se refere aqui provavelmente não é 1Pedro (apesar de haver controvérsia a esse respeito). Não obstante a carta em questão, Pedro deseja que seus leitores se lembrem daquilo que foi dito nas Escrituras. Em 3:2, deixa claro que os apóstolos do NT são investidos da mesma autoridade que os profetas do AT.

#### 3:3-9 O surgimento de escarnecedores

Pedro adverte os cristãos sobre o confronto inevitável com escarnecedores, pessoas que zombam infantilmente e fazem pouco da promessa de que o Senhor voltará. A pergunta dos escarnecedores não é uma tentativa genuína de obter informação (3:3). Antes, nasce de desejos ímpios e satisfaz sua concupiscência. Os escarnecedores, que podem muito bem ser os falsos mestres do capítulo 2, são cínicos e devassos, e asseveram que o mundo continuará a existir para sempre (3:4). Para refutar essa asserção, Pedro lembra-os de que Deus criou o céu e a terra num momento específico (3:5; Gn 1:1-31) e que, quando o mundo se tornou corrompido, Deus executou seu julgamento decisivo por meio do dilúvio (3:6; Gn 6—8). Assim como Deus julgou a impiedade no passado, voltará a fazê-lo no futuro, não com água, mas com fogo (3:7).

De forma enérgica, Pedro lembra seus leitores de como Deus vê o tempo e da fidelidade do Senhor às suas promessas. Para quem é eterno, *um dia é como mil anos*, e vice-versa (3:8; Sl 90:4). Ademais, se Deus parece demorar do ponto de vista humano, é para o nosso próprio bem (3:9). Não é lento, mas *longânimo*; não é impotente, mas paciente; e mantém a porta do arrependimento aberta para todos. O fato de Deus não desejar que ninguém pereça não significa, contudo, que todos serão salvos, pois Pedro acabou de dizer que os ímpios serão destruídos (3:7). Cristo abriu o caminho da salvação para todos, mas apenas os penitentes recebem esse benefício.

#### 3:10-13 Promessa da volta do Senhor

Ninguém, exceto Deus, sabe a data da volta do Senhor (Mc 13:32), e devemos ter cuidado dos que fazem afirmações falsas a esse respeito. Em 2001, um falso profeta de Kanungu, em Uganda, massacrou mil seguidores para encobrir sua profecia malograda acerca da volta de Cristo! Em vez de especular sobre a data, Pedro simplesmente afirma que Cristo virá *como ladrão* (3:10a; Mt 24:43-44; 25:13; Lc 12:39-40) e nos instrui a estar preparados para sua vinda. Não é raro heresias se infiltrarem na igreja quando os cristãos (especialmente os líderes) se encontram espiritualmente adormecidos (Mt 13:25). Em nossa sociedade pós-moderna e materialista, o chamado à vigília espiritual é urgente.

Quando o dia chegar, todos saberão! Com um estrondo, o céu, considerado a abóbada da terra, desaparecerá, os elementos materiais do universo se dissolverão no fogo e a terra e tudo que a humanidade construiu serão devastados (3:10, 12). A destruição será total.

Enquanto esperamos a volta de Cristo, devemos viver de modo santo e piedoso (3:11). O povo ioruba da Nigéria chama o cristão de *onigbagbo* (“alguém que recebeu fé”). A fé é considerada uma dádiva que traz salvação. Aceitar a dádiva, porém, tem consequências, como deixa claro um ditado que surgiu na primeira geração de cristãos iorubas: “Não recebemos fé sem que ela remova algo de nós. Ela removerá a feitiçaria, a idolatria, o adultério, a bruxaria e afins”. Esses cristãos determinados ouviram o chamado à santidade e separação do velho modo de vida (como fizeram também os membros do movimento de reavivamento no leste da África, chamados comumente de *kutenderesas*). A expectativa da volta de Cristo sempre promoveu a pureza moral (1Jo 3:3).

Os rabinos acreditavam que os pecados do povo retardavam a vinda do Messias. Semelhantemente, Pedro acredita que a conduta santa dos cristãos apressará o *Dia vindouro de Deus* (3:12). A antiga terra será destruída, mas os fiéis podem esperar o dia em que desfrutarão céu e terra novos em folha (3:13). A nova criação cumprirá as promessas que Deus fez no AT (Is 65:17; 66:22).

**3:14-18 Apelo pastoral à prontidão**

Pedro encerra sua carta com mais um apelo à vida de piedade (cf. 3:11). Não considera a piedade uma forma tranqüila de inatividade num local isolado. Antes, é a prática da palavra, a vida em contato com o mundo ao redor, sem se deixar contaminar: *Sem mácula e irrepreensíveis* e sem condenação (3:14).

Pedro volta a afirmar que a paciência do Senhor visa nossa salvação e enfatiza que Paulo concorda com ele nessa questão (3:15; 3:9). Equipara as epístolas de Paulo às *demais Escrituras*, uma referência ao AT e aos textos do NT, que já se encontravam em circulação na época (3:16; cf. tb. 3:2). Seus leitores provavelmente conheciam as cartas de Paulo, especialmente Romanos, 1 e 2 Tessalonicenses e Gálatas, que tratam da salvação e da vida de santidade. A doutrina da justificação pela fé, conforme exposta

por Paulo, estava sendo distorcida pelos falsos mestres. De acordo com os impostores, uma vez salvos, os cristãos podiam fazer o que bem quisessem, uma ideia que Paulo refuta energicamente em Romanos 3:5-8 e 6:1.

Pedro faz dois apelos finais que resumem seus ensinamentos nessa carta: Guardem sua posição segura em Cristo e continuem a crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador (3:17-18).

Tokunboh Adeyemo

**Leituras adicionais**

BARCLAY, William. *The Letters of James and Peter*. DSB. Philadelphia: Westminster Press, 1976.

GREEN, Michael. *The Second Epistle of Peter and the General Epistle of Jude*. TNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

# 1JOÃO

A primeira epístola de João apresenta várias semelhanças com o evangelho de João, e supõe-se que os dois textos são de autoria do apóstolo. Seu objetivo ao escrever era assegurar os cristãos da vida eterna (5:13) e exortá-los a viver de modo condizente com essa realidade. Preocupa-se tanto com as convicções corretas quanto com a conduta pura.

## Esboço

**1:1-4 Testemunho e proclamação da palavra**

**1:5-10 A vida na luz**

**2:1-2 Cristo, nosso Advogado**

**2:3-17 Uma vida de obediência**

**2:18-27 Características do anticristo**

**2:28—3:10 Permanecer em Cristo**

**3:11-24 Amar uns aos outros**

**4:1-6 Discernir entre espíritos**

**4:7-21 Viver o amor de Deus**

**5:1-12 Crer no Filho de Deus**

**5:13-21 A oração e o Deus verdadeiro**

## COMENTÁRIO

### 1:1-4 Testemunho e proclamação da palavra

No versículo inicial, João deixa claro que seu foco é o *Verbo da vida* (1:1). Somos lembrados de imediato da referência ao “Verbo” no começo do evangelho de João. Essa passagem, porém, parece tratar do Verbo como um elemento impessoal (*o que era desde o princípio*), e não como uma pessoa (“No princípio era o Verbo”, Jo 1:1). E, no entanto, João também afirma que viu e tocou o tema de sua mensagem, o que sugere uma pessoa. Ao que parece, ele procura tratar, ao mesmo tempo, da mensagem de Jesus e sobre ele

e também de Jesus como uma pessoa. A mensagem impessoal pode ser ouvida, mas a pessoa existe. Encontramos a mesma mistura do abstrato e pessoal no versículo seguinte, em que João fala da vida que *estava com o Pai e nos foi manifestada* (1:2). A mensagem é descrita como “Verbo da vida”, pois é ao crer nela que se recebe vida eterna. Ao mesmo tempo, Jesus é o “Verbo da vida” no sentido de que é a fonte de vida. Ele concede vida àqueles que ouvem sua mensagem, aceitam-na e creem nele.

João afirma que o Verbo *era desde o princípio*. Se entendermos “Verbo” como as boas-novas, o “princípio” se refere ao tempo em que sua mensagem começou a ser proclamada na terra. Se, no entanto, focalizarmos a pessoa de Jesus, o “princípio” equivale à eternidade. Jesus, que é eterno, concede vida eterna (1:2).

Em duas ocasiões, João enfatiza que ele e outros (provavelmente os outros discípulos) experimentaram o “Verbo” com os seus sentidos. Em 1:1, o apóstolo diz: *O que temos ouvido, o que temos visto com nossos olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam e em 1:3a fala do que temos visto e ouvido*. Enfatiza sua presença entre aqueles que Jesus ensinou pessoalmente, uma experiência que o qualifica como portador fiel da mensagem de Jesus.

O apóstolo proclama a mensagem com um propósito específico: *Para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco* (1:3b). O termo traduzido por “comunhão” envolve conceitos de parceria e compartilhamento. Quem ouve a mensagem e crê em Jesus passa a ter parte nas bênçãos de Deus (e, em particular, na vida eterna) juntamente com aqueles que proclamam a mensagem. Além disso, todos podem se relacionar *com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo* (1:3c), numa comunhão rica e maravilhosa.

O propósito secundário de João ao escrever essa mensagem é *para que a nossa alegria seja completa* (1:4). João se alegrará se os ouvintes e leitores de sua mensagem acreditarem em suas palavras e se unirem a ele na comunhão descrita anteriormente.

### 1:5-10 A vida na luz

Depois de definir suas credenciais e explicar os motivos de sua epístola, João transmite a mensagem que recebeu. Começa com duas declarações fundamentais sobre a natureza divina: *Deus é luz, e não há nele treva nenhuma* (1:5). As trevas representam engano e pecado, enquanto a luz simboliza pureza moral. As duas são incompatíveis. João enfatiza que Deus é santo em sua essência e justo naquilo que faz. Talvez use essa imagem, ainda, para mostrar que, assim como a luz ilumina um caminho ou revela coisas,



Deus ilumina o coração de homens e mulheres e revela todas as coisas contrárias à natureza divina.

Aqueles que não compreendem a natureza de Deus podem levantar objeções à ênfase sobre a santidade de Deus e fazer asserções falsas a respeito de si mesmo. Sem maiores rodeios, João rejeita os argumentos de quem afirma ter *comunhão* com Deus e, no entanto, anda *nas trevas* (1:6) e considera-os hipócritas que não praticam a *verdade*. Comunhão envolve parceria, compatibilidade e concordância. É impossível haver compatibilidade entre luz e trevas. Como diz o provérbio ioruba, da Nigéria, *Aso funfun on abawon ki ire* (“É impossível um pano branco e uma mancha concordarem”). Deus é moralmente puro e não tem parte com quem anda nas trevas.

Podemos, contudo, ter verdadeira comunhão se *andarmos na luz, como ele* [Deus] *está na luz*. A comunhão começa entre Deus e mim e se amplia para abranger outras pessoas, a fim de termos *comunhão uns com os outros* (1:7). Apesar de ser agradável (Sl 133:1), essa comunhão também é difícil de manter. Diferenças de personalidade e perspectivas resultam, com frequência, em confrontos. Quando Deus ilumina minha vida, posso ver a trave em meu olho antes de enxergar o cisco no olho de outrem (Mt 7:3-5). Ao andarmos (ou seja, vivermos habitualmente) na luz, a comunhão uns com os outros se tornará realidade.

Alguns não reconhecem que andam em trevas. Afirmando: *Não temos pecado* (1:8), e imaginam viver de modo irrepreensível. Essa afirmação é problemática, pois exige que baixemos o padrão de santidade estabelecido por Deus ou redefinamos o pecado. Quem segue essa linha talvez não permita, ainda, que Deus ilumine sua vida e mostre as partes escuras que precisam de purificação. De acordo com João, se afirmamos não ter pecado, *a nós mesmos nos enganamos*. Na verdade, não enganamos mais ninguém. Deus não se deixa iludir, e aqueles que nos conhecem melhor do que conhecemos a nós mesmos também não. A asserção de que erradicamos a natureza pecaminosa mostra não apenas a propensão para o autoengano, mas também indica a ausência da verdade em nossa vida.

Outros afirmam: *Não temos cometido pecado* (1:10) e parecem negar o fato de que o pecado afetou a todos de forma universal, inclusive a eles, uma verdade ensinada claramente nas Escrituras (Sl 14:2-3; Is 53:6; Rm 3:23-24). O plano de Deus para a redenção se baseia no fato de que todos os seres humanos são pecadores. Rejeitar o parecer divino a respeito da humanidade corresponde a declarar abertamente que Deus é mentiroso. A submissão a Deus inclui o clamor: “Pequei” (2Sm 12:13), e não a declaração: “Não tenho cometido pecado”.

João responde aos dois últimos grupos ressaltando que não precisamos fingir que somos incapazes de pecar, pois *se [...] andarmos na luz, como ele está na luz [...] o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado* (1:7). Só sentimos necessidade de clamar por socorro quando permitimos

que a luz de Deus revele as áreas de escuridão em nossa vida. À medida que caminhamos na luz, ela brilha com intensidade cada vez maior dentro de nós, revela mais pontos de pecado e nos leva a buscar mais purificação pelo sangue de Jesus.

Por fim, podemos estar certos de que *se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça* (1:9). Aqui, “confessar” inclui “dar o devido nome”. Quando Deus ilumina nossa vida, vemos o pecado como Deus o vê e buscamos ao Senhor com um coração honesto e sincero, desejosos de receber purificação. A promessa de que ele perdoará nossos pecados é garantida pelo fato de que Deus é fiel (cumpre sua palavra) e justo (sabe como somos fracos). Seu perdão não é apenas superficial; antes, Deus nos purifica de todo vestígio do pecado.

## 2:1-2 Cristo, nosso Advogado

A discussão acerca do pecado leva João a mencionar outro objetivo de sua carta: *Para que não pequeis* (2:1a). Os cristãos que entenderam, de fato, que “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1:5) se mostrarão ansiosos para evitar o pecado, pois o ato pecaminoso é contrário à natureza de seu Deus. Na realidade, porém, até mesmo os cristãos mais determinados descobrirão que pecaram. João lhes garante que possuem um *Advogado junto ao Pai* e o identifica como *Jesus Cristo, o Justo* (2:1b).

É possível que João use o título completo de Jesus de forma deliberada, para enfatizar suas qualificações como nosso Advogado. O nome “Jesus” indica que ele é verdadeiramente humano e pode se compadecer de nós. O título “Cristo” o apresenta como o ungido de Deus, aceitável a Deus ao defender a causa de alguém que pecou. O fato de ele ser “o Justo” significa que ele próprio não precisa de advogado e, portanto, pode representar outra pessoa.

João prossegue com uma descrição de Jesus como *propiciação pelos nossos pecados* (2:2a). O termo “propiciação” mostra que Jesus apazigua a ira de Deus. Também pode ser traduzido por “sacrifício pelo pecado” ou “expição”, indicando que ele remove nosso pecado. Na verdade, o versículo envolve todos esses conceitos. Deus é afetado pela desobediência de seus filhos e, no contexto de sua justiça, não há outro modo de lidar com o pecado senão removê-lo. A propiciação e a expiação constituem partes essenciais do processo. Cristo realiza ambas as coisas, não apenas pelos nossos pecados, *mas ainda pelo mundo inteiro* (2:2b). Sua morte é suficiente para remover o pecado de toda a humanidade e apaziguar a ira de Deus.

## 2:3-17 Uma vida de obediência

Ao longo dessa epístola, João trata da vida cristã, que ele chama de “andar”. A menção da necessidade de um Advogado junto ao Pai quando pecamos o leva a comentar como podemos verificar se conhecemos o Pai. O apóstolo enfatiza

que o verdadeiro conhecimento de Deus é sempre associado à obediência aos seus mandamentos (2:3-4). Afirmar ter conhecimento de Deus e, no entanto, desobedecer-lhe é não apenas uma mentira isolada, mas também um sinal de ausência da verdade na vida da pessoa como um todo. O amor completo por Deus é demonstrado na obediência à sua palavra (2:5). Na sequência, João vai além dos termos abstratos “mandamentos” e “palavra” e resume sua ideia central: *Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele* [Jesus] *andou* (2:6) e Jesus acabou de ser identificado como “o Justo”. A ordem para viver como Jesus lembra João daquilo que o Mestre chamou de novo mandamento: “Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15:12). João descreve esse mandamento acerca do amor como sendo *antigo* (2:7) e *novo* (2:8). É antigo porque *desde o princípio* [o] *tivestes e é a palavra que ouvistes* (2:7). Aqui, “princípio” se refere ao início da vida cristã do indivíduo. A salvação se encontra arraigada no amor de Deus e exige uma atitude de amor por Deus e seu povo.

Ao mesmo tempo, o mandamento é novo porque *é verdadeiro nele e em vós*. Algo novo está acontecendo, cuja realidade é confirmada pelo fato de que *as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha* (2:8). Jesus praticou esse mandamento e, à medida que os cristãos se tornam seus discípulos, seguem seu exemplo. A abrangência da luz (semelhança com Cristo) cresce, e as áreas de sua vida e relacionamentos que eram controladas pelas trevas se tornam cada vez menores.

O amor pelos irmãos e irmãs em Cristo confirma que o salvo vive no âmbito da luz (2:9-10). O amor se torna a lente pela qual ele vê todos os relacionamentos e, portanto, pode desfrutar segurança ao andar no caminho da fé (2:10). Os relacionamentos permeados pelo amor transcenderão todas as distinções com base em raça, tribo, clã ou classe. Quem odeia um irmão em Cristo, pelo contrário, tropeça e *não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos* (2:11; cf. tb. Jo 12:35). Não pode progredir em sua vida espiritual.

João reconhece que haverá variações na compreensão e capacidade de seus leitores de colocar seus ensinamentos em prática, de modo que se dirige a eles separadamente, chamando-os de filhinhos, pais e jovens. Essas categorias, talvez, não reflitam tanto a idade biológica nem o sexo de seus leitores, mas, sim, seus diferentes níveis de maturidade espiritual. Não há dúvida de que João considerava essas exortações aplicáveis a todos os cristãos.

Começa dirigindo-se aos *filhinhos* e lhes diz: *Vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome* (2:12) e *porque conheceis o Pai* (2:14a). Sua jornada de fé começou com o perdão dos pecados e com a compreensão do que representa fazer parte da família de Deus. É maravilhoso nascer de novo e se relacionar com Deus como Pai! Uma vez que se trata de uma experiência comum a todos os cristãos e,

tendo em vista João chamar seus leitores com frequência de *filhinhos* (cf. 2:1,18,28), é possível que esse comentário seja dirigido a todos os cristãos, e não apenas aos mais jovens.

Aos *pais*, ele lembra: *Conheceis aquele que existe desde o princípio* (2:13a,14b). Têm ampla experiência de ver Deus operar em sua vida e na vida de outros. João os lembra, porém, de que Deus existe “desde o princípio”, indicando que, por mais longa que seja a experiência espiritual deles, não é anterior a Deus. Ele existe desde a eternidade e é o Pai de todos os seus filhos espirituais.

Aos *jovens*, João diz: *Tendes vencido o Maligno* (2:13b) e *sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós* (2:14c). A luta contra o Maligno começa na conversão, mas o cristão pode ser vitorioso. Na verdade, foi o que aconteceu com os leitores de João. Cada vitória fortalece o cristão para o próximo ataque. A palavra de Deus se torna a fonte de sabedoria a respeito de como resistir ao Maligno (Mt 4:1-11; Lc 4:1-13).

Os três grupos de cristãos são instruídos a amar uns aos outros e também odiar tudo que pertence às trevas. João apresenta a ordem na forma de proibição: *Não ameis* (2:15) e descreve dois objetos a serem odiados: *O mundo e as coisas que há no mundo* (2:15). Aqui, “o mundo” representa o sistema organizado, quer sob o controle de humanos quer de demônios, que se opõe a Deus. João identifica três categorias específicas de comportamento conflitante com o desejo de Deus de que seus filhos andem na luz e amem uns aos outros: anseios pecaminosos, cobiça e soberba associada ao que se tem ou se faz (2:16).

Devemos odiar essas coisas, por três motivos. Primeiro, o amor pelo mundo e o amor pelo Pai são mutuamente excluídos (2:15; cf. tb. Mt 6:24). O mundo se encontra em oposição ao Pai, e precisamos escolher qual dos dois será objeto de nossa afeição; não é possível amar ambos. Além disso, as coisas do mundo provêm de uma fonte contrária a Deus (2:16). Toda criação de Deus é boa (Gn 1:31), mas muitas coisas foram pervertidas pelo pecado. Por fim, é importante lembrar que *o mundo [...] bem como a sua concupiscência não permanecerão* (2:17). O sistema contrário a Deus apenas parece triunfar. No devido tempo, contudo, Deus o eliminará (cf. Ap 20:7-10; 21:1-4).

Eis o cerne da questão: *O mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente* (2:17). João contrasta o destino de quem faz parte do sistema do mundo com o de quem obedece ao mandamento divino de amar. A promessa de vida eterna é um forte incentivo para fazer a vontade de Deus.

## 2:18-27 Características do anticristo

A presença de anticristos indica que *já é a última hora* (2:18). A “hora” em questão corresponde ao período entre a primeira vinda de Cristo (ou, possivelmente, Pentecostes) e sua segunda vinda. São os “últimos dias”. Haverá apenas um anticristo nos últimos dias (2Ts 2:3-4), mas ele

será precedido de muitos do seu tipo que imitarão Cristo (afirmando ter seu poder e autoridade) ou se oporão a ele e procurarão usurpar seu lugar. João escreve para advertir seus leitores acerca desses enganadores (2:26).

Conforme João admite, uma característica desses anticristos causa perplexidade, a saber, o fato de terem saído *de nosso meio*. Consequentemente, é possível que muitos tenham sido levados a pensar que esses indivíduos eram cristãos verdadeiros, daí João se apressa em acrescentar: *Entretanto, não eram dos nossos*. Está certo desse fato, *porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco* (2:19). Os anticristos não são cristãos confusos, mas pessoas que escolheram deliberadamente seguir ensinamentos diferentes e falsos.

Os fiéis, porém, não são enganados, pois duas coisas os protegem: a *unção que vem do Santo* (2:20, 27) e o conhecimento da *verdade* (2:20-21). A unção se refere ao Espírito Santo e a todas as bênçãos que ele traz. O Espírito é concedido aos cristãos pelo “Santo”, que pode ser tanto o Pai quanto o Filho, pois, para João, ambos enviam o Espírito Santo (Jo 14:16,26; 15:26) e se encontram unidos em sua obra (Jo 14:10). Os falsos mestres possuem um espírito que ensina de forma contrária a Cristo, mas os cristãos possuem o Espírito

que dá testemunho de Cristo. Enquanto se mantiverem sensíveis à direção do Espírito, não serão enganados pelos que têm o espírito do anticristo. Os fiéis também têm a palavra de Deus, que é a fonte do verdadeiro conhecimento.

Para identificar um mentiroso e anticristo, pode-se realizar um teste simples com base na resposta do indivíduo à declaração *Jesus é o Cristo*. “Jesus” é o nome terreno daquele que é eterno, mas se tornou humano (Jo 1:14) a fim de nos salvar. “Cristo” indica que ele é “ungido”, ou seja, separado por Deus para ser o meio de reconciliação com ele. Quem nega esse fato é um anticristo. Negar o Filho também significa negar o Pai que o ungiu (2:22). Por outro lado, quem reconhece a veracidade dessa afirmação desfruta a aprovação e comunhão do Pai (2:23).

Os cristãos devem cuidar para que *permaneça* neles o que ouviram *desde o princípio* (2:24) e devem permanecer *nele*, isto é, em Cristo (2:27). Receberam o evangelho, a saber, que o Filho de Deus se tornou humano, morreu em nosso lugar e ressuscitou dentre os mortos. João os exorta a não abrir mão dessa verdade. Aprenderam-na não apenas de lábios humanos, mas pela *unção* que os *ensina a respeito de todas as coisas*. A verdade também foi confirmada pelo testemunho do Espírito Santo (2:26-27).

## PLURALISMO RELIGIOSO

De acordo com a mensagem essencial do pluralismo religioso, existem vários caminhos para a salvação, e a “salvação” consiste em chegar até Deus.

O pluralismo religioso é fruto de diversas experiências socioculturais e religiosas da sociedade humana. Argumenta que a humanidade possui apenas um rosto, o qual assume várias feições. Semelhantemente, a interpretação humana da verdade varia de um lugar para outro e de uma geração e cultura para outra. A Realidade eterna, porém, permanece a mesma. Consequentemente, o pluralismo afirma que não faz diferença o nome que as pessoas dão a essa Realidade: Alá, Javé, Ngai, Olorun, Brahma, Mungu ou Deus. Nessa visão, a diversidade não é sinônimo de diferença.

Os pluralistas também apelam para a estrutura da sociedade. Numa família africana, por exemplo, as avós podem ser tradicionalistas, os pais muçulmanos e os filhos cristãos, mas todos vivem juntos em harmonia. A vida é uma jornada que começa com o nascimento e termina com a morte. Quer viajemos por uma estrada, de trem, por água ou pelo ar, chegamos ao mesmo destino.

O bahaísmo, que se desenvolveu no século XIX com base no islamismo, é a forma suprema de pluralismo religioso e tem por objetivo acabar com todas as religiões ao aceitá-las. Considera divinos todos os fundadores das religiões, incluindo Bahau'llah, que deu início ou movi-

mento bahaísta. Diz-se que Bahau'llah é a mais recente de várias revelações progressivas.

Na África, o pluralismo religioso é uma opção atraente para políticos, teólogos liberais e ativistas sociais. Não é de surpreender, portanto, que na Conferência Mundial de Religiões, realizada na Cidade do Cabo em 2001, a singularidade de Jesus Cristo como o Caminho, a Verdade e a Vida tenha sido sacrificada no altar da unificação.

Se as asserções dos pluralistas fossem verdadeiras, a cruz de Jesus seria desnecessária, e sua afirmação de que é o único caminho para Deus: “Eu sou o caminho [...] ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14:6) seria uma farsa. Vem à baila, então, a questão da autoridade. Os pluralistas baseiam suas asserções na experiência humana falível. A autoridade de Jesus, pelo contrário, provém dele mesmo, o Deus-Homem que assumiu a carne humana e se tornou Emanuel, “Deus conosco”.

A segunda deficiência do pluralismo consiste em confundir revelação com salvação. Deus se revelou na natureza (Sl 19:1) por meio de suas atividades providenciais (Mt 5:45) e de suas leis justas, registradas em tábuas de pedra (Êx 20) ou no coração das pessoas (Rm 2:15). Mas o simples conhecimento da existência de Deus não basta para salvar: “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato” (Rm 1:21).

Por fim, os pluralistas não reconhecem a natureza radical do pecado e suas consequências profundas que nenhum esforço humano, incluindo o zelo religioso, é capaz de tratar. A Bíblia define pecado como ficar aquém dos padrões de Deus. O castigo justo pelo pecado é a morte, ou seja, separação ou alienação espiritual de Deus (Rm 6:23a). Ninguém escapa das consequências do pecado: "... assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5:12b). O amor de Deus, porém, recebe o castigo na pessoa de Jesus Cristo que morreu na cruz como um criminoso "para que todo

o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16). Assim, todo pecador que crê em Jesus recebe a salvação como dom gratuito de Deus (Rm 6:23b). Essa verdade elimina a falácia segundo a qual todos os caminhos levam ao mesmo lugar.

Como Jesus disse: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela" (Mt 7:13-14).

**Tokunboh Adeyemo**

## 2:28—3:10 Permanecer em Cristo

Uma vez que seus leitores já estão em Cristo, João os exorta: *Permaneça nele*. Se o fizerem, terão *confiança* e não se envergonharão quando Cristo voltar (2:28). Aqueles que vivem em obediência receberão a aprovação de seu Senhor. Terão algo a mostrar, algo que, sem dúvida, realizaram pela graça de Deus, mas que foi feito em obediência ao exercitarem o livre-arbítrio.

Um dos motivos de sua confiança será a certeza de serem filhos de Deus (Jo 1:12). Quando a vida de um indivíduo confirma aquilo em que ele crê, não há dúvida de que *é nascido dele* [de Deus] (2:29). João não cessa de se admirar diante desse privilégio, como mostra pela exclamação acerca do *grande amor* que *nos tem concedido o Pai* (3:1). Ele ofereceu esse amor a nós enquanto ainda éramos seus inimigos (Rm 5:10). Posteriormente, João descreve como isso ocorreu: "Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo [...] como propiciação pelos nossos pecados" (4:9-10).

Entretanto, o apóstolo focaliza o que significa ser filho de Deus. Começa enfatizando nossa grande expectativa de que, um dia, *seremos semelhantes a ele* (3:2). Apesar de não compreendermos todas as implicações disso, fica evidente que se trata de um estado glorioso, digno de empolgação! Essa esperança é nossa motivação para nos mantermos sempre preparados. Os seguidores de Cristo também procuram ser puros. João diz: *A si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro* (3:3). Mas o que significa ser puro? Em resposta a essa questão, João trata de quatro qualidades sobrepostas que caracterizam o filho de Deus.

- **Não ser conhecido pelo mundo:** Deus e o mundo são diametralmente opostos. Não é de admirar, portanto, que o os filhos de Deus não sejam aceitos pelo mundo. O verbo "conhecer", da forma como é usado em 3:1, não se refere apenas a conhecimento intelectual, mas a apreciação e reconhecimento emocional.
- **Praticar a justiça:** O Deus justo é o parâmetro de justiça

tificação é diretamente proporcional à obediência à palavra. Quando aceitamos a Cristo pela fé, fomos justificados de uma vez por todas. Ainda assim, porém, devemos viver em retidão e obediência ao Senhor (2:29; 3:7,10).

- **Amar os irmãos:** João reitera a questão da qual já tratou (1:9) e sobre a qual voltará a falar (3:11-24) quando enfatiza que *aquele que não ama a seu irmão* não é filho de Deus (3:10).
- **Não continuar a pecar:** Se somos chamados a ser como Cristo, não há lugar para o pecado em nossa vida (3:6, 9). Devido à nossa natureza decaída, não temos como erradicá-lo de todo, mas o pecado contínuo e habitual é contrário à natureza de quem é nascido de Deus. Alguns podem tentar fazer os cristãos se desviarem (3:7) ensinando que o pecado não é importante, mas João refuta essa ideia com quatro motivos pelos quais o cristão não pode continuar pecando. O primeiro diz respeito à natureza do pecado em si. *O pecado é a transgressão da lei* (3:4). O cristão é chamado a obedecer à lei, não como base para a salvação, mas como expressão de amor por Deus. O segundo motivo é que o propósito central da primeira vinda de Cristo foi *tirar os pecados* (3:5). Se foram removidos, os pecados não fazem mais parte de nossa existência. O terceiro se refere ao propósito de Cristo que também é descrito como *destruir as obras do diabo* (3:8) que consistem em incentivar a rebelião contra Deus. O cristão não pode ser aliado daquele a quem seu Senhor se opôs e destruiu. O último motivo pelo qual o cristão não pode continuar a pecar é que Deus plantou a *semente* da semelhança de Cristo em todos os cristãos no momento em que creram em Jesus como Salvador (3:9). A semente cresce e se desenvolve. Apesar de sabermos que só florescerá plenamente no futuro, ela continua a crescer de forma constante rumo à glorificação. Os cristãos não devem dificultar esse crescimento ao cederem ao pecado.

## 3:11-24 Amar uns aos outros

Em seguida, João amplia suas exortações repetidas para

é a mesma mensagem que seus leitores ouviram *desde o princípio*, ou seja, desde que creram no Senhor Jesus Cristo (3:11; cf. tb. 2:7). Apresenta um exemplo positivo e um negativo para ilustrar o significado do amor.

O exemplo negativo é Caim, que matou seu próprio irmão sem nenhum motivo (3:12). Esse exemplo nos traz à memória os muitos homens, mulheres e crianças assassinados na África e em outras partes do mundo simplesmente porque não pertenciam a determinado grupo ou tribo. Nenhum cristão deve participar de atos como esses! João adverte, contudo, que seus leitores devem esperar ser odiados como Abel foi (3:13). O motivo desse ódio é a aversão das trevas àqueles que andam na luz. Enquanto Caim mostra um dos resultados do ódio, Jesus Cristo, que *deu a sua vida por nós*, é nosso modelo de amor (3:16). Uma vez que recebemos tantos benefícios da obra de Cristo, devemos mostrar o mesmo tipo de amor uns pelos outros. João trata de três características desse amor:

- **Provém de Jesus Cristo (3:16,23).** Todo mundo é capaz de demonstrar algum tipo de amor, mas só podemos exercitar o amor exigido aqui ao aprendê-lo de Cristo. Em geral, amamos outros por causa de algo de bom que fizeram por nós ou por alguma virtude que vemos neles. O amor de Jesus permite amarmos outros não obstante o dano que sofremos, ainda que o objeto do amor seja alguém desagradável e sua maldade não se resume a apenas um ato, mas constitua um modo de vida. Esse amor só é possível se tivermos Cristo como nosso modelo e pedirmos a ele que nos conceda forças espirituais. Não pode existir fora de Cristo.
- **É prático.** O amor de Jesus o levou a assumir um corpo físico. Precisamos expressar amor ao compartilhar os recursos deste mundo (3:17). Nossa disposição de compartilhar mostra se temos ou não o amor de Deus. Essa expressão pode significar “o mesmo tipo de amor que Deus possui” ou “amor por Deus”. Se tivermos a possibilidade de ajudar os necessitados, mas não o fizermos, mostraremos que não possuímos amor semelhante ao que Deus tem, nem amor por Deus.
- **É autêntico.** Não devemos amar *de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade* (3:18). Palavras e atos são instrumentos que podem ser usados para expressar amor. Mas as palavras devem ser acompanhadas de ação. A injunção para amar “de verdade” indica que nossas ações e palavras não devem ser apenas formalidades ou tentativas de parecer generosos; antes, devem refletir preocupação sincera por aqueles que amamos.

A obediência ao mandamento para amar revela dois aspectos de nossa condição espiritual. Se não amamos, fica evidente que ainda estamos *na morte* (3:14), e nossa situação equivale à de assassinos, como Caim (3:15; Mt 5:21-22), separados da vida eterna. Se amamos nossos irmãos em

Cristo, não há dúvida que passamos da morte para a vida. Essa ideia pode ser expressa por meio de outro contraste que João empregou anteriormente, a saber, entre mentira e verdade.

O amor mostra de forma clara se pertencemos ao âmbito da verdade ou ao âmbito da mentira (3:18-19).

A essência da verdade é Jesus, aquele que disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14:6). Nessa epístola, João ressalta que Jesus é o Cristo. É nosso Advogado junto do Pai. Seu sangue nos purifica do pecado. A extensão de nosso amor uns pelos outros mostra até que ponto nos apropriamos dessas verdades.

Uma vez que cumprimos o mandamento de amar, podemos estar certos de que somos filhos da verdade, mesmo quando somos tentados a duvidar de nossa condição. Deus nos chama de filhos e conhece tanto a sinceridade de nossas motivações quanto nossas fraquezas humanas (3:19-20). Nem por isso, contudo, o coração é completamente inútil como juiz. Quando nossa consciência está tranquila, nos aproximamos confiadamente de Deus, que, por sua vez, nos dá *aquilo que pedimos* (3:21-22).

Quem pratica o amor confirma que *permanece em Deus, e Deus, nele* (3:24). O verbo “permanecer” se refere aqui à união do cristão com Jesus em virtude de haver se tornado filho de Deus. Quem vive nessa união tem dentro de si o Espírito Santo que o capacita a praticar o amor.

#### 4:1-6 Discernir entre espíritos

A referência ao Espírito Santo leva João de volta à questão de que este não é o único espírito operante no mundo. O apóstolo incentiva seus leitores, portanto, a não serem ingênuos (*não deis crédito a qualquer espírito*), mas a provar *os espíritos se procedem de Deus* (4:1). A proibição “não deis crédito” e a ordem para provar os espíritos se encontram no tempo presente, uma indicação de que não se trata de algo que pode ser feito de uma vez por todas. Deve se tornar um hábito. Satanás está sempre procurando fazer o povo de Deus se desviar (cf. Gn 3:1-6; Ap 20:7-8). Continuamos precisando de cautela nos dias de hoje.

João descreve um teste simples que seus leitores podem usar para discernir a origem de um espírito. Se *confessa que Jesus Cristo veio em carne*, o espírito *é de Deus* (4:2), ou seja, foi enviado por Deus para transmitir sua mensagem.

O teste assumiu essa forma específica porque, pelo visto, algumas pessoas separavam Jesus, o homem, de Cristo, o Ungido. Afirmavam que Jesus havia nascido como um homem comum e recebido o Espírito de Deus no batismo, ocasião em que se tornou o Cristo para sua missão específica. Também afirmavam que o Espírito o havia deixado antes da morte na cruz. Esse ensinamento negava a encarnação, ou seja, a doutrina de que Jesus Cristo é o caminho divino, eternamente ungido para a salvação, aquele que veio do céu e se tornou homem. No século XXI, os ataques a essa doutrina podem assumir outras formas, mas o teste ainda se



aplica: quem não reconhece o Jesus dos evangelhos como Filho eterno de Deus encarnado comete o mesmo erro.

*Todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus, mas é o espírito do anticristo (4:3).* A designação “anticristo” mostra que se trata de um espírito contrário a Cristo e, portanto, também contrário a Deus. Jesus é o Cristo, e, por mais intelectualmente sofisticados que sejam os argumentos, qualquer negação dessa verdade não provém de Deus.

Os cristãos podem desanimar diante da possível necessidade de lidar com espíritos falsos. Por isso, João lhes garante vitória, com base no fato de que *maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo (4:4)*. Como o apóstolo disse em 3:24, “Ele permanece em nós”. O pronome “ele” pode se referir a Deus Pai ou Deus Filho. Na verdade, não importa qual dos dois, pois onde o Pai está, o Filho também está (Jo 14:10,23). Em certo sentido, todos os cristãos são habitados pela Trindade. A presença do Espírito Santo também é a presença de Deus Pai e Deus Filho, e qualquer um deles é maior do que Satanás, aquele que deve sua existência a Deus.

João lembra a seus leitores que existem apenas dois âmbitos: o de Deus e o do mundo. Quem afirma falar ou agir em nome de Deus é inspirado por um desses âmbitos. Aqueles que proferem mensagens no espírito do anticristo e contradizem as palavras de João *procedem do mundo (4:5a)*. Aqueles cuja mensagem concorda com a proclamação dos apóstolos são *de Deus (4:6a)*.

A atitude das pessoas diante da mensagem também pode ser dividida nessas duas categorias. Aqueles que rejeitam a verdade de Deus e se opõem aos seus caminhos dão ouvidos aos que promovem o espírito do anticristo, pois *falam da parte do mundo*. Sua mensagem faz sentido para quem não conhece a Deus, de modo que *o mundo os ouve (4:5b)*. *Aquele que conhece a Deus, por outro lado, nos ouve (4:6b)*. João e aqueles que pregam a mesma mensagem operam no âmbito de Deus, e quem pertence a esse âmbito ouve e compreende suas palavras.

#### 4:7-21 Viver o amor de Deus

A exortação *Amemo-nos uns aos outros (4:7)* resume a tônica dessa passagem. Quem é *nascido de Deus*, é filho de Deus e será semelhante a ele. Deus, que “é amor”, gera filhos que devem amar. Primeiro, amaremos a Deus em resposta ao seu amor por nós e, depois, estenderemos esse amor aos nossos irmãos em Cristo que também são amados por Deus.

O amor que João pede é arraigado no amor de Deus. A repetição das palavras *Deus é amor (4:8,16)* enfatiza que a própria natureza de Deus é amor. Tudo nele procede do amor. Vemos seu amor naquilo que ele fez (4:9), ao enviar seu Filho a nós quando ainda éramos seus inimigos. João destaca que somos os beneficiados ao usar a primeira pessoa do plural em 4:9-10. Deus não nos concede seu amor porque o merecemos, mas por causa de quem ele é.

Ao nos amar, Deus forneceu a definição de amor (4:10) e nos deu o exemplo a ser seguido ao amarmos *uns aos outros (4:11)*. Apesar de ninguém nunca ter visto Deus em sua essência, sabemos que ele é amor (4:16). É admirável podermos até mesmo contribuir para o amor de Deus quando *o seu amor é, em nós, aperfeiçoado (4:12)*. Para entender como isso acontece, precisamos pensar no amor como um triângulo. O amor de Deus por meus irmãos em Cristo e seu amor por mim formam dois dos lados. Nosso amor uns pelos outros completa o triângulo.

João, os outros apóstolos e todos que participam do amor de Deus são testemunhas dele (4:13-16). Esse amor nos dá segurança quanto ao futuro, pois, se moldarmos nossa vida segundo a natureza de Deus, *no Dia do Juízo manteremos confiança (4:17)*. Também nos dá segurança no presente, pois, quando nosso relacionamento com Deus se baseia no amor, não precisamos mais ter medo de Deus (4:18).

O amor de Deus que experimentamos em nossa vida é o motivo (4:19) pelo qual amamos outras pessoas. Nem todos ao nosso redor merecem nosso amor, mas, ainda assim, devemos amá-los. Quando Deus nos amou primeiro, também não éramos dignos de ser amados. João está disposto a contestar qualquer afirmação de amor a Deus que não seja acompanhada de amor pelos irmãos (4:20-21). O amor de Deus por nós, nosso amor por ele e nosso amor uns pelos outros exigem que vivamos juntos em harmonia.

#### 5:1-12 Crer no Filho de Deus

Agora, João reitera que o centro da verdadeira fé é Jesus. O cristão autêntico, aquele que é *nascido de Deus*, deve crer que *Jesus é o Cristo*, o ungido de Deus, e o *Filho de Deus (5:1,5)*. Mas fé e prática são inseparáveis. A sinceridade das crenças acerca de Jesus é demonstrada no amor pelos outros filhos de Deus (5:2) e por Deus e na obediência (5:3). Aquele cujas crenças são verdadeiras *vence o mundo (5:4-5)*.

A fé se baseia em evidências, de modo que em 5:6-12 João trata do testemunho da posição de Jesus. Enfatiza a concordância do testemunho do *Espírito*, da *água* e do *sangue (5:6-10)*. A referência ao Espírito deixa claro que o Espírito Santo habita nos cristãos e os assegura da verdade acerca de Jesus. A referência à água e ao sangue talvez aponte para os sacramentos do batismo e da ceia do Senhor, ou para a água e o sangue que saíram do corpo de Jesus depois de sua morte, ou, ainda, para o batismo e morte de Jesus. A última interpretação parece ser a mais provável. João enfatiza que Jesus se identificou com a humanidade em seu batismo e se entregou à morte como nosso Salvador. O batismo e a morte foram atos de Jesus Cristo (os dois nomes usados em 5:6), e não apenas de Jesus separado de Cristo (cf. comentários em 4:2).

Por fim, João ressalta o conteúdo do testemunho: Jesus (juntamente com Deus) é quem concede *vida eterna (5:11)*. Jesus e a vida são inseparáveis (5:12). Quem não tem Jesus, não tem vida eterna.

### 5:13-21 A oração e o Deus verdadeiro

Os incrédulos não possuem vida eterna, mas João garante aos seus leitores que, se crerem em o nome do Filho de Deus, podem ter certeza da vida eterna (5:13). Essa certeza, por sua vez, deve lhes dar confiança para se aproximarem de Deus. Podem estar certos de que Deus os ouvirá se pedirem *segundo a sua vontade* (5:14) e que receberão aquilo que pediram (5:15).

Na sequência, João trata de um tipo de oração que Deus certamente ouve, a saber, a oração por um irmão em Cristo que peca, desde que o pecado seja decorrente de ignorância, e não deliberado, ou que seja um caso de tropeço, e não de apostasia. É provável que o pecado para a morte (5:16) corresponda à blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12:31-32). O Espírito Santo convence do pecado, e, se sua obra não é reconhecida, de nada adiante orar pelo pecador. Todos os outros pecados podem ser perdoados quando são confessados, e a oração é o que leva o pecador à confissão.

João encerra a carta reiterando as convicções que compartilha com aqueles para quem escreve:

- Quem é *nascido de Deus* não pode viver em pecado, pois as duas coisas são incompatíveis (5:18).
- Jesus guardará do Maligno aqueles que são nascidos de Deus (5:18).
- Nossa condição presente é de filhos de Deus (5:19).

- O Maligno controla o mundo inteiro, mas não somos do mundo (5:19).
- *O Filho de Deus é vindo* e já *nos tem dado entendimento*, de modo que não falamos com ignorância, mas com conhecimento (5:20).
- O foco de nosso conhecimento é *o verdadeiro* e, portanto, nossas palavras são verdade (5:20).
- *Estamos no verdadeiro*, ou seja, tanto em Jesus Cristo quanto no Deus verdadeiro (5:20).
- Consequentemente, também estamos *na vida eterna*, pois Jesus é a vida eterna (5:20).

Por fim, João volta a chamar seus leitores de *filhinhos* e os exorta: *Guardai-vos dos ídolos* (5:21). Para ele, um ídolo não é apenas um objeto palpável. Antes, é algo que nos impede de viver de acordo com a fé cristã. Para ser um idólatra, é preciso apenas escolher crer em algo contrário à vontade de Deus.

Samuel Ngewa

### Leituras adicionais

JACKMAN, David . *The Message of John's Letters*. BST. Leicester: InterVarsity Press, 1988.

MARSHALL, I. Howard. *The Epistles of John*. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

# 2JOÃO

Essa epístola provavelmente foi escrita por João na década de 90 d.C., quando o apóstolo já era bastante idoso. João se identifica como “presbítero” e escreve “à senhora eleita e aos seus filhos” (1). A “senhora” (5) provavelmente é uma congregação específica, enquanto “os filhos da tua irmã eleita” (13) são os membros de outra congregação.

## COMENTÁRIO

Depois de indicar o autor e os destinatários da epístola (1), João afirma que *a graça, a misericórdia e a paz [...] serão conosco* e indica a fonte dessas bênçãos: *Deus Pai e [...] Jesus Cristo, o Filho do Pai* (3). A declaração anterior também expressa o desejo do apóstolo de que seus leitores recebam essas bênçãos. Ele fala, ainda, de sua alegria porque alguns dos filhos da senhora eleita *andam na verdade* (4), ou seja, creem que Jesus Cristo veio *em carne* (7) e seguem *a doutrina de Cristo* (9).

Nessa carta, João volta a tratar do seu tema predileto, o amor (1,3; cf. tb. 1Jo), e repete a injunção conhecida: *Que nos amemos uns aos outros* (5). Define viver em amor como andar *segundo os seus mandamentos* (6), isto é, segundo os mandamentos do Senhor. Se amamos a Deus, obedecemos às suas ordens, principalmente à ordem para amarmos uns aos outros.

Outro tema importante dos escritos de João é a *verdade*, à qual ele se refere em 1-4. Contrasta-a com as mentiras ensinadas pelos *enganadores*, os quais não reconhecem que Jesus Cristo veio *em carne* (cf. comentário em 1Jo 4:2). João chama quem ensina essa mentira de *o enganador e o anticristo* (7). Não se trata do anticristo final, mas de pessoas que apresentam algumas das características do anticristo, pois se opõem a Cristo e negam sua natureza essencial.

O apóstolo exorta seus leitores a permanecerem vigilantes e não perderem o rumo (8). Apesar de andarem na verdade, devem estar cientes de que o enganador tentará distraí-los e fazê-los desviar do caminho certo. Também os instrui a não receber enganadores *em casa* (10). Os falsos ensinamentos são contagiosos, e os cristãos devem evitar quem os transmite. Como diz um provérbio: *Ke osi nme le, eko ya omama mli* (Gana: “Quem amassa sementes de palma mancha as roupas”). Receber essas pessoas é o mesmo que colaborar com *suas obras más* (11) e incentivá-las a prosseguir com elas. Os cristãos não devem se envolver com enganadores, pois *Nine se ke koto ten yee he gbo* (Gana: “O dorso e a palma da mão não se unem”).

João informa seus leitores que tem muito mais a lhes dizer, mas, em vez de continuar a escrever, prefere conversar mais com eles (12). Quando visitá-los, ambas as partes se alegrarão. O apóstolo encerra com saudações dos *filhos da tua irmã eleita* (13), provavelmente os membros de uma congregação que conhecia bem os destinatários da carta.

Samuel Ngewa

# 3JOÃO

Como 2João, esta carta é de autoria do “presbítero”, ao que tudo indica, o apóstolo João. Ele escreve ao “amado Gaio”, a quem ama profundamente (1). Gaio é um nome comum no NT. Encontramos um Gaio em Corinto (Rm 16:23; 1Co 1:14), outro na Macedônia (At 19:29) e outro, ainda, em Derbe (At 20:4). A carta provavelmente foi escrita ao Gaio de Derbe, que, de acordo com a tradição, se tornou o primeiro bispo de Pérgamo.

## COMENTÁRIO

A lista de oração de João por Gaio inclui *prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma* (2). O apóstolo o elogia e ora para que sua saúde física seja tão boa quanto sua saúde espiritual. João reconhece a perseverança de Gaio na verdade e o ministério de hospitalidade que vem exercendo e o incentiva a prosseguir (3-5). Instrui-o a ajudar alguns irmãos de modo específico, *encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus* (6). Esses irmãos devem receber sua hospitalidade por dois motivos: *Por causa do Nome* (i. e., do nome de Jesus Cristo, At 5:40-41; Rm 1:5) *foi que saíram* e não receberam ajuda dos gentios, isto é, dos pagãos (7). Enquanto 2João 10 proíbe acolher falsos mestres, quem colabora com autênticos irmãos em Cristo ajuda a promover a verdade (8).

O comportamento de Gaio contrasta com o de *Diótrefes*, um homem *que gosta de exercer a primazia* (9), não quer

saber de João e seus cooperadores, se recusa a acolher os irmãos e castiga quem os recebe (10). João adverte: *Se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas* (10), ou seja, condenará os atos de Diótrefes.

João exorta Gaio a não seguir o exemplo de Diótrefes: *Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom*. Seu objetivo deve ser a aprovação de Deus e deve se lembrar que *aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus* (11). Precisa perseverar em fazer o bem. As palavras de João também instam os cristãos africanos a continuarem a praticar a hospitalidade, um valor que está se perdendo rapidamente.

Outro homem, chamado *Demétrio*, recebe louvor do apóstolo porque *todos lhe dão testemunho* favorável, inclusive o próprio João. Além das testemunhas humanas (que podem ser enganadas pelas aparências), até a própria verdade elogia Demétrio (12). O bem e o mal não podem ser ocultados. Como diz o povo nandi (Quênia): “É impossível amarrar a cabeça de um antílope com um pano, pois os chifres sempre ficam espetados para fora”.

Como na carta anterior, João expressa o desejo de dizer muito mais coisas aos seus leitores e espera se encontrar com eles em breve e lhes falar pessoalmente (13-14).

Depois de uma oração na qual pede paz, João envia saudações de amigos e para amigos, pedindo que sejam saudados *nome por nome*. Exemplifica, desse modo, a importância de saber o nome das pessoas para desenvolver relacionamentos afetuosos.

Samuel Ngewa

# JUDAS

O cristianismo sempre teve inimigos: falsos mestres dentro da comunidade cristã e perseguidores ferrenhos do lado de fora. Jesus e seus apóstolos se depararam com eles (Lc 20:1-8; Mt 23:13-33; At 4:1-3; 9:1-6), e quase todos os livros do NT mencionam adversários da fé. No tempo em que Judas escreveu (c. 70 d.C.), as predições de Paulo e Pedro (2Ts 2:3; 2Pe 2:1-3) haviam se tornado uma realidade histórica. Com o falecimento dos apóstolos, sua autoridade entrou em declínio, e os hereges se tornaram cada vez mais ousados. Em sua resposta enérgica, firme e convincente, Judas insta seus leitores a batalhar pela fé apostólica.

Na África, a falta de respeito à mensagem do evangelho é um fenômeno comum entre pessoas que nasceram e foram criadas em lar cristãos e em igrejas independentes ou que se formaram a partir de divisões. Tendo em vista o pluralismo religioso, o cristo-paganismo, o sincretismo amplamente difundido e o liberalismo teológico que nega a divindade de Cristo, há uma necessidade urgente de pessoas prontas a defender a mensagem cristã na África de nossos dias. Quando, por exemplo, um movimento de resistência que luta para depor um governante eleito afirma ser cristão mas mistura feitiçaria e magia com a Bíblia e tem um líder que afirma ser um messias, os defensores da fé podem e devem confrontá-lo.

Que a igreja africana dê ouvidos à conclamação de Judas para defender a fé cristã!

## Esboço

### 1-4 Propósito

#### 5-13 Julgamento dos falsos mestres

5-7 Três casos da Torá

8-10 Três comparações com o presente

11 Três condenações

12-13 Seis características dos falsos mestres

#### 14-16 O destino dos falsos mestres

#### 17-23 O dever dos cristãos em tempos de apostasia

17-19 Lembrem-se dos ensinamentos dos apóstolos

20a Edifiquem uns aos outros na fé

20b Orem no Espírito Santo

21 Permaneçam no amor de Deus

22 Sejam misericordiosos para com os que têm dúvidas

23a Salvem os que estão perecendo

23b Guardem-se da corrupção

### 24-25 Doxologia

## COMENTÁRIO

### 1-4 Propósito

O autor se apresenta como *Judas*, a forma grega do termo hebraico “Judá”. Uma vez que Judas (“louvor a Javé”) era um nome comum no século I, também se identifica como *servo de Jesus Cristo* (1a). Um “servo” é submisso ao seu senhor, mas não é um escravo impotente. Ao se descrever dessa forma, Judas se coloca na grande sucessão profética e apostólica de homens como Abraão, Moisés, Davi, Pedro, Paulo e Tiago e confere aos seus escritos a autoridade correspondente (cf. Ne 9:14; Sl 89:3; Sl 105:42; Rm 1:1; Tg 1:1; 2Pe 1:1).

Judas também se identifica como *irmão de Tiago* (1a), líder da igreja de Jerusalém (At 15:13; 21:18) e autor da epístola de Tiago. Judas e Tiago eram meios-irmãos do Senhor (Mt 13:55; Mc 6:3) e creram nele depois da ressurreição (Jo 7:1-9; At 1:14). A única outra alusão da Bíblia a eles se encontra em 1Coríntios 9:5, em que lemos que “os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor” levavam suas esposas consigo nas viagens missionárias. Essa referência sugere que a carta de Judas possui autoridade apostólica.

Na sequência, o autor identifica os destinatários da sua epístola. Descreve-os com três palavras fortes: *chamados, amados* [...] *guardados* (1b). São *amados* incondicionalmente por Deus Pai (cf. Jo 3:16), *guardados* ou preservados pelo Messias, Jesus o Redentor (cf. Jo 17:2-3,12) e *chamados*. Esse chamado deve vir do Espírito Santo, o “oficial executivo” do Ser Divino, pois ninguém vem a Deus sem ser conduzido pelo Espírito (Jo 16:8-14).

Judas não especifica a localização geográfica dos destinatários da epístola, mas parece tratar-se de uma congregação local (4,12). Sua saudação *A misericórdia, a paz e o amor vos sejam multiplicados* (2) combina o conceito do propiciatório do AT (Lv 16:2; 13-16) com o conceito da cruz no NT (Gl 3:13). Nesses dois lugares, o amor incondicional de Deus possibilitou seu encontro com os pecadores que creiam (Rm 5:8). A saudação também é apropriada para uma combinação de leitores judeus e gentios que Judas chama afetuosamente de *amados* (3,17,20). Judas compartilha com eles da experiência gloriosa do perdão dos pecados e



reconciliação com Deus, consigo mesmo e com outros pela graça de Deus. Sua intenção era escrever acerca da salvação, mas mudou seus planos quando tomou conhecimento do perigo que os falsos mestres representavam (3a).

Como dizem os iorubas da África Ocidental, “Você pode ir dormir quando há uma cobra no seu telhado de sapé, mas não pode fazer o mesmo quando o sapé está em chamas”. Questões de vida ou morte exigem atenção imediata. Judas percebeu que havia fogo no meio da congregação e se sentiu obrigado a instá-los a batalhar, *diligentemente, pela fé* (3b). Mas “fé” não é sinônimo de um sistema complicado de teologia, e sim dos ensinamentos simples acerca de Cristo e da salvação que ele oferece, apresentados por Pedro (At 4:8-12) e Paulo (1Co 15:3-5). Pedro e João defenderam esses ensinamentos diante do Sinédrio em Jerusalém (At 4:1-20), Paulo e Silas foram presos em Filipos por proclamá-los (At 16:16-40) e João foi exilado na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus (Ap 1:9). Com base na mesma tradição, Judas instrui seus leitores a lutar pela pureza da fé. Trata-se de uma luta contínua em todas as eras e gerações (cf. 1Tm 6:12).

Judas não diz o nome dos falsos mestres, mas os descreve como *homens ímpios* (4; cf. 15,18). Seu modo de vida é imoral, e sua fé é herética (4). Supõem equivocadamente que a graça lhes dá o direito de pecar de modo desenfreado ou que seus pecados exaltam a graça de Deus. Estão redondamente enganados (cf. Rm 6:1-4; Tt 2:11-14) e condenados às trevas eternas (4,13). Fica evidente que Judas não considerava esses homens salvos. Não os inclui entre os *amados* (3,17,20), contrasta-os com os *santos* (3b), diz que *se introduziram com dissimulação* na congregação como serpentes ou ladrões (4; cf. Jo 10:1) e profere um ai contra eles (11). São hipócritas e enganadores (cf. 2Pe 2:1).

A instrução de Judas para os fiéis permanecerem vigilantes ainda se aplica às igrejas de hoje, especialmente aos nos depararmos com homens que se dizem líderes e não demonstram nenhuma semelhança com Cristo.

## 5-13 Julgamento dos falsos mestres

### 5-7 Três casos da Torá

Judas cita três histórias conhecidas dos escritos de Moisés para corroborar sua convicção de que os falsos mestres serão julgados. Ao contrário de 2Pedro 2:4-9, os relatos não se encontram em ordem cronológica, mas, sim, em ordem de importância temática.

O primeiro caso trata do povo de Israel. Apesar de Deus, em sua bondade, ter libertado seu povo do Egito, muitos israelitas desprezaram a lei de Deus, maldisseram seus mensageiros (angelicais ou humanos; Êx 32:1-10; Nm 12; 16:1-35) e duvidaram do poder de Deus para cumprir suas promessas. Esses pecados foram expressões de incredulidade, e os culpados morreram no deserto (5; cf. Nm 14:1-35). Seu destino nos lembra do sonho no qual John Bunyan, o

autor de *O Peregrino*, viu que até mesmo das portas do céu saía um caminho que conduzia ao inferno. Também nos lembra da advertência feita repetidamente pelo pastor africano idoso à sua congregação: “Certifiquem-se de que acabarão bem!”. O destino dos israelitas estava presente na memória de Paulo e do autor de Hebreus (1Co 10:5-11; Hb 3:12—4:2), e também deve estar em nossa memória e nos conduzir a uma reflexão séria. Não há base bíblica para “Uma vez salvo, salvo para sempre”, que transforma a graça de Deus em licenciosidade. Apesar de a Bíblia dizer “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão” (Jo 10:28a), também afirma: “Aquele [...] que perseverar até ao fim será salvo” (Mt 10:22). Somos salvos pela fé e chamados para perseverar.

O segundo caso se refere aos *anjos* (“os filhos de Deus”; cf. Jó 1:6; 2:1) que coabitaram com “as filhas dos homens” (Gn 6:1-7). Seu pecado foi a desobediência, e não a rebelião, como no caso de Lúcifer (cf. Is 14:12-15). Os anjos possuem posições, lugares e funções determinados (Gn 3:24; Dn 9:20-22; 12:1). Como mensageiros de Deus (Hb 1:14), estão acima dos seres humanos e habitam no âmbito celestial (Lc 2:13-15; Dn 9:22; 10:13-20). Esses anjos, porém, *não guardaram o seu estado original* de autoridade, *mas abandonaram o seu próprio domicílio* (ou seja, o âmbito celestial) a fim de transgredir a lei de Deus (6a). Foram aprisionados de imediato nas *trevas*, onde aguardam o *juízo do grande Dia* (6b).

O terceiro caso é o castigo dramático de *Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas* devido à sua *prostituição* [...] *segundo após outra carne* (7; cf. Gn 19:4-11). “Prostituição” implica inconformidade com os padrões de Deus que permitem relações sexuais apenas dentro do casamento (Gn 2:24-25; 4:1-2; Êx 20:14; Lv 20:10). Seguir “após outra carne” indica um relacionamento sexual anormal com alguém do mesmo sexo (Lv 18:22; 20:13) ou com animais (Lv 18:23; 20:16). Todo pecado é mau, mas a imoralidade sexual parece ser o pior tipo de pecado (cf. 1Co 6:9,18). No AT, quem cometia pecados sexuais era condenado à morte (Lv 20:13-16), e cidades inteiras como Sodoma e Gomorra foram destruídas por causa desses pecados. Paulo declara categoricamente que toda forma de perversão sexual é objeto da ira de Deus (Rm 1:24-27; 1Co 6:9-10).

Os padrões sociais e sexuais estabelecidos por Deus continuam em vigor. Judas argumenta que, se Deus castigou os transgressores de Sodoma quatro mil anos atrás, não pouparia sua própria cidade, Jerusalém, dois mil anos depois, e podemos concluir que também julgará nossas cidades.

### 8-10 Três comparações com o presente

Judas compara o caráter dos falsos mestres de sua época com as situações dos três casos anteriores, mas em ordem inversa.

- Os falsos mestres *contaminam a carne*, uma referência à sodomia (8a, 7).

- Desacatam *autoridades*, uma referência aos anjos caídos (8b, 6).
- Desprezam a lei de Deus, uma referência aos incrédulos (8c, 5). É provável que Judas baseie esse exemplo na tradição de que a lei de Deus foi mediada por anjos no Sinai (cf. At 7:38,53; Gl 3:19; Hb 2:2).

Todos esses males ainda são comuns nos dias de hoje. Falsos mestres em nossas igrejas aceitam casamentos *gays* como “estilo de vida alternativo”. Alguns teólogos liberais negam os milagres bíblicos e a soberania e senhorio de Cristo. A epístola de Judas é tão relevante hoje como era quando foi escrita por volta de 70 d.C.

É interessante observar que o relato bíblico da morte e sepultamento de Moisés (Dt 34:5-6) não menciona a situação descrita no versículo 9. Judas se vale de algum livro judaico que fornece um exemplo apropriado para sua linha de argumentação. Não afirma, porém, tratar-se de um livro divinamente inspirado.

### 11 Três condenações

Judas gosta de agrupar tópicos de três em três. No versículo 1, usou três participios: “chamados”, “amados” e “guardados”; no versículo 2, falou de misericórdia, paz e amor; nos versículos 5-7 e 8-10, usou três exemplos e faz o mesmo nessa passagem, na qual menciona três indivíduos do AT cujo descaso pela palavra de Deus terminou em tragédia. Para ele, os falsos mestres de seu tempo estão trilhando o mesmo caminho, então exclama: *Ai deles!* (11).

- O *caminho de Caim* é associado ao “Maligno” em 1João 3:12 e considerado uma demonstração de incredulidade (Hb 11:4). Caim desprezou a lei de Deus e, portanto, foi amaldiçoado (Gn 4:3-16), assim como muitas de nossas sociedades rejeitam a cruz como o caminho para a salvação e, portanto, estão sujeitas à pena de morte (Rm 3:23; 6:23; Gl 3:10).
- Além de se rebelar deliberadamente contra Deus, *Balaão* incentivou outros a fazerem o mesmo (Nm 22—24). Pedro o descreve como um homem ganancioso “que amou o prêmio da injustiça” (2Pe 2:15-16). Infelizmente, hoje em dia muitos estão no ministério por motivos semelhantes aos de Balaão.
- A *revolta de Corá* é um ápice apropriado, pois Deus acabou de forma abrupta com essa insurreição contra sua autoridade (cf. Nm 16:1-35).

Para Judas, o destino dos falsos mestres de sua época foi predito muito tempo atrás (4).

### 12-13 Seis características dos falsos mestres

Judas retrata os falsos mestres em dois trios vívidos de expressões que mostram “a mais extrema e ardente indignação moral” (Barclay). No primeiro trio, os descreve como

*rochas submersas em vossas festas de fraternidade*, indicando que semeiam ódio e divisão (12a; cf. tb. 19; 1Co 11:17-22). Em seguida, diz que são como os pastores condenados por Javé, que *a si mesmos se apascentam* (12b; Ez 34:2; cf. Is 56:11). Além de serem egoístas e irresponsáveis, também se mostram inconfiáveis, pois são como *nuvens sem água* (12c) que criam esperanças e depois as frustram.

No segundo trio de expressões, Judas trabalha com a questão da decepção e descreve os falsos mestres como *árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas* (12d). Essa advertência contra a hipocrisia e a esterilidade de nos traz à memória a figueira que Jesus amaldiçoou (Mt 21:18-19). Muitos pregadores e evangelistas fazem sermões eloquentes, mas desprovidos de substância bíblica e espiritual. São efervescentes como *ondas bravias*, mas produzem ideias sem valor que apenas refletem *suas próprias sujidades* (13a). Em vez de oferecerem orientação e foco a outros, são *estrelas errantes*, sem propósito e imprevisíveis. Não proporcionam luz e terminarão na *negridão das trevas* (13b).

### 14-16 O destino dos falsos mestres

Como sempre, Judas procura um exemplo do AT para falar do destino dos falsos mestres. Encontra-o na profecia de Enoque, da sétima geração depois de Adão (Gn 5:21-24). O problema é que a Bíblia não faz menção dessa profecia. Judas cita o trecho de um livro atribuído a Enoque, bastante conhecido no período do NT (cf. artigo sobre o período intertestamentário). Uma vez que a mensagem é verdadeira, e confirmada pela Escritura, Judas considera válido citá-la. Enoque profetizou acerca da segunda vinda de Cristo e do julgamento subsequente (14-15). Várias outras passagens do AT e do NT concordam com essa profecia (cf. Is 40:10; 66:15-16; Jr 25:31; Dn 7:10; Hc 3:3-9; Mt 16:27; 24:29-31; 2Ts 1:6-10; Ap 20:12).

Antes de encerrar a seção sobre os falsos mestres, Judas emprega mais cinco expressões para descrever seu comportamento: *São murmuradores, são descontentes*, andam *segundo as suas paixões*, proferem *grandes arrogâncias* e *são adúlteros* (16). Pessoas desse tipo “não herdarão o reino de Deus” (Gl 5:19-21).

### 17-23 O dever dos cristãos em tempos de apostasia

Agora, Judas explica como seus *amados* (17,20a) irmãos e irmãs em Cristo devem agir a fim de defender a fé santíssima. Contrasta-os com os falsos mestres e lhes oferece conselhos afetuosos com base em sua própria experiência.

### 17-19 Lembrem-se dos ensinamentos dos apóstolos

O surgimento de falsos mestres e falsos profetas não deve pegar os cristãos de surpresa. O Senhor e seus apóstolos predisseram essa ocorrência, e quem está avisado deve se prevenir (17; Mt 24:5,11; At 20:29; 1Tm 4:1; 2Tm 3:1-5; 2Pe 2:1; 3:3-4). Um dos motivos pelos quais os cristãos sucumbem

facilmente ao engano é a falta de conhecimento sobre o que a Bíblia diz. Quando o inimigo os tenta, muitas vezes distorcem as Escrituras, eles caem. Como Jesus, devemos conhecer a Bíblia e ser capazes de usá-la corretamente para derrotar o inimigo (cf. Mt 4:4,7,10). Além de nos lembrar das instruções, também devemos colocá-las em prática!

Não é difícil reconhecer falsos mestres. Judas já relacionou seis características (12-13) e cinco comportamentos (16) desse tipo de pessoa. Agora, fala de mais cinco características. São *escarnecedores* que andam *segundo as suas ímpias paixões* (18). *Promovem divisões* tribais ou raciais na igreja (19a) e são *sensuais*, ou seja, vivem de acordo com seus instintos naturais (19b). Agem desse modo por um motivo simples: Apesar de afirmarem ser superespirituais, *não têm o Espírito* (19c). Quem não tem o Espírito não é nascido de novo (Jo 3:3-8).

### 20a Edifiquem uns aos outros na fé

No versículo 3, Judas chama os cristãos de “santos” e, aqui, afirma que sua fé é *santíssima* (20a), pois é a verdade acerca do Deus santo e de seu Filho, Jesus Cristo (1). A fim de crescer e amadurecer na fé, os cristãos não devem deixar de se congregar (Hb 10:22-25). Antes, devem se dedicar continuamente ao estudo da palavra, à comunhão, ao partir do pão e às orações (At 2:42).

### 20b Orem no Espírito Santo

As duas primeiras recomendações de Judas focalizam a palavra. A terceira diz respeito à oração, ou seja, à comunhão dos cristãos com Deus. Existem várias interpretações para a expressão *no Espírito Santo* (20b). Para alguns, significa falar em línguas. Paulo usa a mesma expressão, porém no contexto da guerra espiritual (Ef 6:18), e diz que o Espírito Santo intercede por nós quando não sabemos como orar (Rm 8:26-27). No contexto dessa carta e da luta contra os ensinamentos falsos, orar no Espírito Santo parece corresponder a estar cheio do Espírito (Ef 5:18), depender do Espírito da verdade (Jo 14:17) e perceber que não podemos fazer nada sozinhos (Zc 4:6). Se, ao longo desse processo, o Espírito se manifestar por meio de línguas, assim seja.

### 21 Permaneçam no amor de Deus

A característica que distingue os discípulos de Cristo é o amor (Jo 13:35). Tornamo-nos parte da família de Deus por seu amor (1). Agora, Judas diz: *Guardai-vos no amor de Deus* (21). Amor para nos preocuparmos uns com os outros, amor para apoiarmos uns aos outros, amor para corrigirmos uns aos outros e amor para dizer a verdade uns aos outros (Ef 4:25).

### 22 Sejam misericordiosos para com os que têm dúvidas

Muitas vezes, nos mostramos impacientes com aqueles que discordam de nossos pontos de vista e somos claramente desamorosos com quem duvida de nossas palavras. Não deixamos espaço para diálogo e explicações. Judas nos lembra que a “misericórdia gera misericórdia”. Recebemos vida eterna pela misericórdia de Deus (21) e devemos ser pacientes e amáveis com aqueles que duvidam (22) quando procuramos convencê-los da verdade.

### 23a Salvem os que estão perecendo

É provável que, devido à influência de falsos ensinamentos, alguns cristãos de nosso tempo, como do tempo de Judas, tenham ido além da dúvida e estejam se afastando da fé para o fogo. Devemos agir com presteza. Ao compartilhar a palavra com eles, orar no Espírito por eles e amá-los sinceramente como Cristo nos ama, podemos resgatar aqueles que estão rumando para o fogo do inferno e restaurá-los à comunhão.

### 23b Guardem-se da corrupção

Ao nos envolvermos com a operação de resgate, devemos cuidar de não sermos corrompidos pela carne. Não faltam exemplos de conselheiros que se deixaram levar por sua preocupação por aqueles que estavam aconselhando e acabaram perdendo a fé e afundando com eles. Judas nos instrui a não fazer concessões indevidas. Devemos ter contato sem contaminação.

### 24-25 Doxologia

Depois de tratar do sério perigo dos falsos mestres e da apostasia, Judas volta a atenção para Deus e seu Filho, Jesus Cristo, nessa magnífica doxologia. Encerra sua carta com orações cheias de esperança que focalizam a força e o poder de Deus.

- Ele é poderoso para nos impedir de cair!
- Ele é poderoso para nos apresentar irrepreensíveis e com grande alegria diante de sua presença gloriosa!
- Aleluia, que Salvador! (25).
- Amém (“assim seja”).

Tokunboh Adeyemo

### Leituras adicionais

BARCLAY, William. *The Letters of John and Jude*. DSB. Ed. rev. Philadelphia: Westminster Press, 1976.

LUCAS, Dick e GREEN, Christopher. *The Message of 2Peter and Jude*. BST. Leicester, England: Intervarsity Press, 1995.

# APOCALIPSE

Apocalipse é um livro singular do NT. Pertence ao gênero conhecido como “apocalíptico”, nome derivado do termo grego para “revelação”. A literatura apocalíptica é caracterizada por visões que apresentam o passado e o futuro do céu e da terra à luz do presente. Descreve o plano de Deus para a história por meio de símbolos e visões nas quais a destruição final do mal e o triunfo do bem são inevitáveis. Em vários casos, esses livros foram escritos para encorajar o povo de Deus em períodos de sofrimento ou perseguição, quando grassava a ansiedade acerca do presente e do futuro. Era comum aquele que recebia as visões ter como guia um ser celestial que muitas vezes interpretava seu significado simbólico.

A literatura apocalíptica costuma apresentar uma estrutura narrativa ou dramática. Daniel é o livro apocalíptico mais conhecido do AT, mas outras passagens da Bíblia também apresentam características desse gênero literário (p. ex., Is 24—27; Ez 1; 40—48; Zc 9—14 e os “pequenos apocalipses” de Mt 24; Mc 13; Lc 21). Existem ainda textos apocalípticos judaicos extrabíblicos, como o livro de Enoque e alguns nos manuscritos do mar Morto, escritos no período neotestamentário.

Era comum que os escritores desse gênero empregassem símbolos e linguagem codificada para ocultar de seus perseguidores o verdadeiro teor da mensagem. Os códigos utilizados em Apocalipse se mostraram tão eficazes que, hoje em dia, poucos concordam acerca do significado exato pretendido por João. Para alguns, várias das predições de Apocalipse ainda não se cumpriram. Segundo eles, João escreveu acerca de acontecimentos que ocorrerão em nosso tempo e, portanto, seu texto não tinha praticamente nenhuma relevância para o povo de sua época. Outros explicam Apocalipse com base na igreja cristã do século I e concluem que a maioria dos acontecimentos descritos no livro ocorreu durante o Império Romano. João mostra aos cristãos de sua época que as experiências pelas quais eles estavam passando eram parte essencial do plano de Deus. Outros ainda encontram referências ao conflito contínuo entre o bem e o mal ao longo de toda a história humana, conflito que persistirá até que Satanás seja lançado de uma vez por todas no lago de fogo e o povo de Deus entre na nova Jerusalém.

## **Simbolismo em Apocalipse**

Além de ser escrito em linguagem simbólica, Apocalipse apresenta sua mensagem por meio de figuras e

imagens. Por vezes, essa abordagem dificulta a compreensão, especialmente para os ocidentais, que costumam pensar em termos abstratos. Trata-se, contudo, de um método mais conhecido nas culturas africanas e do antigo Oriente Médio, acostumadas a se expressar em linguagem proverbial ou concreta.

Os números desempenham papel importante em Apocalipse, mas não há consenso entre os comentaristas quanto à forma de interpretar números específicos, isto é, literal ou simbolicamente. O número sete (sete igrejas, sete trombetas, sete selos, sete taças), por exemplo, representa inteireza. João escreve para sete igrejas literais, mas, ao mesmo tempo, dirige-se à igreja como um todo. O número quatro representa as coisas terrenas (quatro cantos da terra, quatro ventos, quatro seres viventes). O número doze (doze anciãos, doze portas da cidade santa) representa as doze tribos do Israel físico no AT e também os doze apóstolos, sobre cujos ensinamentos a igreja foi fundada. O número mil pode simbolizar uma soma considerável e representar algo muito grande, mas não necessariamente exato em termos numéricos.

Apocalipse também traz imagens simbólicas como candeeiros, oliveiras, estrelas, cavaleiros, grandes cidades e um dragão vermelho com dez chifres. João é apenas humano e, ao descrever coisas que extrapolam a capacidade de expressão da linguagem humana, emprega figuras e imagens difíceis de compreender. Ao aceitar a técnica do autor de usar visões, imageria e simbolismo, em geral ausentes em outras partes do NT, o leitor poderá ter um entendimento mais adequado daquilo que Deus desejava que os destinatários de Apocalipse soubessem e fizessem.

## **Dois extremos a evitar**

Os leitores de Apocalipse podem ser tentados a cair em um de dois extremos em relação ao texto. Alguns consideram o livro tão confuso que não veem motivo para lê-lo e procurar compreender sua mensagem. Afinal, como ter certeza do seu significado? Outros caem no extremo oposto. Examinam Apocalipse minuciosamente e concluem que encontraram a interpretação secreta para cada um de seus detalhes obscuros. Para o último grupo, pode ser humilhante reconhecer que cada geração desde o século I propôs interpretações diferentes para o significado e as profecias de Apocalipse.

### Autor

No início e no final do livro (1:1,4,9; 22:8), o autor se identifica como João e afirma que seus escritos são proféticos (1:3; 22:6-10,18-19). Grande número de fontes atribui Apocalipse ao apóstolo João, autor do evangelho de João e das três epístolas de João. Devemos reconhecer, contudo, que se trata de uma asserção problemática devido a certas diferenças na linguagem e no estilo gramatical de Apocalipse em relação aos outros livros mencionados. As diferenças podem ser explicadas, contudo, pelo tema bastante peculiar do livro. Algumas imagens, recursos literários e simbolismos, bem como a estrutura litúrgica de Apocalipse, são, de fato, semelhantes a elementos presentes nos outros escritos joaninos. O posicionamento da declaração de propósito no final do livro também corresponde ao estilo de João (22:6-20; cf. Jo 20:30; 1Jo 5:12-13).

Seja o autor o apóstolo João ou outro cristão com esse nome, Apocalipse irradia o espírito do Senhor da vida, a fé intensa de seu autor e a marcha triunfante rumo à vitória do povo de Deus no cumprimento final de seus propósitos salvadores para a humanidade.

### Contexto e data

João se apresenta como um dos sofrendores numa grande crise que sobreveio à igreja primitiva. Durante quase todos os primeiros cinquenta anos de sua existência, o cristianismo desfrutou paz no mundo romano. Com o tempo, contudo, o culto ao imperador — introduzido inicialmente como um artifício político e religioso para unir os muitos povos que Roma havia conquistado — tornou-se a religião oficial do império. A recusa em adorar o imperador acarretava perseguição ou morte. Uma vez que não podiam adorar o imperador romano e, ao mesmo tempo, permanecer fiéis ao seu Senhor, os cristãos começaram a ser perseguidos pelas autoridades políticas. Essa perseguição constitui o pano de fundo de Apocalipse. O livro não parece incluir, porém, nenhuma referência específica à perseguição de Nero aos cristãos depois do grande incêndio de Roma em 64 d.C., indicação de que foi escrito entre o reinado de Nero (54-68 d.C.) e o de Domiciano (81-96 d.C.).

### Propósito

O autor declara o propósito de Apocalipse em 22:6-20: encorajar os cristãos de todos os tempos a permanecerem fiéis até o fim, mesmo que isso signifique o martírio, pois eles também serão ressuscitados dentre os mortos na segunda vinda de Cristo.

Tendo em vista a ênfase no triunfo de Jesus Cristo sobre a morte por meio de sua ressurreição gloriosa, Apocalipse trata muito mais do exercício de poder que da manifestação do amor divino. O poder de Deus fica evidente ao

longo de todo o livro, até mesmo na vindicação do Cordeiro outrora vitimado. E esse poder de revelar todas as coisas é o elemento constante ao longo de toda a visão.

### Apocalipse como um drama

João apresenta Apocalipse como uma carta e um drama. Ele começa e termina como uma carta típica daquela época. A parte central, porém, é um drama no qual se desenrolam os acontecimentos que levarão ao julgamento definitivo do mal e à fundação da “nova Jerusalém” eterna.

Abordar o livro como um drama organizado em atos e cenas ajudará o leitor a decifrar e compreender esse texto difícil. O esboço sugerido divide a obra em sete atos ou visões, cada um com sete cenas. Alguns atos apresentam interlúdios e mudanças cenográficas. Em vez de ler o livro de uma vez só, pode ser mais proveitoso considerá-lo ato por ato.

### Esboço

#### 1:1-6 Introdução

1:1-3 Título

1:4-6 Saudações

#### 1:7-8 Prólogo dramático: o arauto

#### 1:9—3:22 Primeiro ato: visão da igreja na terra — Jesus no centro

1:9-20 O narrador e Jesus Cristo no palco

2:1—3:22 As cartas às sete igrejas

2:1-7 Primeiro ato, cena 1: a igreja em Éfeso

2:8-11 Primeiro ato, cena 2: a igreja em Esmirna

2:12-17 Primeiro ato, cena 3: a igreja em Pérgamo

2:18-29 Primeiro ato, cena 4: a igreja em Tiatira

3:1-6 Primeiro ato, cena 5: a igreja em Sardes

3:7-13 Primeiro ato, cena 6: a igreja em Filadélfia

3:14-22 Primeiro ato, cena 7: a igreja em Laodiceia

#### 4:1—8:1 Segundo ato: visão de Deus no céu — os sete selos

4:1—5:14 Deus no controle

4:1-3 Deus em seu trono

4:4-11 As criaturas de Deus o adoram

5:1-14 O livro e o Cordeiro no céu

6:1—8:1 Sete selos em sete cenas

6:2 Segundo ato, cena 1: o cavaleiro no cavalo branco

6:3-4 Segundo ato, cena 2: o cavaleiro no cavalo vermelho

6:5-6 Segundo ato, cena 3: o cavaleiro no cavalo preto

6:7-8 Segundo ato, cena 4: o cavaleiro no cavalo amarelo



6:9-11 Segundo ato, cena 5: a oração dos mártires  
 6:12-17 Segundo ato, cena 6: calamidades cósmicas  
 7:1-17 Primeiro interlúdio: o povo de Deus recebe seu selo  
 8:1 Segundo ato, cena 7: silêncio no céu

### **8:2—11:18 Terceiro ato: visão dos sete anjos — anúncio da ira de Deus**

8:5-7 Terceiro ato, cena 1: saraiva e fogo sobre a terra  
 8:8-9 Terceiro ato, cena 2: uma montanha é atirada ao mar  
 8:10-11 Terceiro ato, cena 3: uma estrela cai sobre rios e fontes  
 8:12-13 Terceiro ato, cena 4: o sol, a lua e as estrelas escurecem  
 9:1-12 Terceiro ato, cena 5 (primeiro ai): o abismo se abre  
 9:13-21 Terceiro ato, cena 6 (segundo ai): quatro anjos são soltos  
 10:1—11:13 Segundo interlúdio: o livrinho e as duas testemunhas  
 10:1-11 O livrinho  
 11:1-13 As duas testemunhas  
 11:14-18 Terceiro ato, cena 7: adoração no céu

### **11:19—15:4 Quarto ato: visão da igreja triunfante**

11:19—12:17 Quarto ato, cena 1: a mulher e o dragão  
 12:1-6 A mulher, seu filho e o dragão  
 12:7-12 Guerra no céu  
 12:13-17 Guerra na terra  
 13:1-10 Quarto ato, cena 2: a besta do mar  
 13:11-18 Quarto ato, cena 3: a besta da terra  
 14:1-5 Quarto ato, cena 4: o Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil mártires  
 14:6-13 Quarto ato, cena 5: as mensagens dos três anjos  
 14:14-20 Quarto ato, cena 6: a ceifa de pecadores e remidos  
 15:1-4 Quarto ato, cena 7: o cântico do Cordeiro

### **15:5—16:21 Quinto ato: visão dos sete anjos — Deus derrama sua ira**

15:5—16:1 Diante do tabernáculo  
 16:2 Quinto ato, cena 1: flagelo sobre a terra  
 16:3 Quinto ato, cena 2: flagelo sobre o mar  
 16:4-7 Quinto ato, cena 3: flagelo sobre os rios e as fontes  
 16:8-9 Quinto ato, cena 4: flagelo sobre o sol  
 16:10-11 Quinto ato, cena 5: flagelo sobre o trono da besta  
 16:12-16 Quinto ato, cena 6: flagelo sobre o rio Eufrates  
 16:17-21 Quinto ato, cena 7: flagelo sobre o ar

### **17:1—20:3 Sexto ato: visão do julgamento do mal**

17:1-6 Sexto ato, cena 1: a mulher montada numa besta escarlate  
 17:7-18 Sexto ato, cena 2: a besta em guerra com a mulher  
 18:1—19:10 Sexto ato, cena 3: caiu a grande Babilônia  
 19:11-16 Sexto ato, cena 4: o cavaleiro num cavalo branco  
 19:17-18 Sexto ato, cena 5: o anjo em pé no sol  
 19:19-21 Sexto ato, cena 6: a batalha de Armagedom  
 20:1-3 Sexto ato, cena 7: Satanás é lançado no abismo

### **20:4—22:5 Sétimo ato: visão da vida eterna**

20:4-10 Sétimo ato, cena 1: os mártires  
 20:11-15 Sétimo ato, cena 2: o julgamento final  
 21:1 Sétimo ato, cena 3: novo céu e nova terra  
 21:2-8 Sétimo ato, cena 4: a nova Jerusalém  
 21:9-21 Sétimo ato, cena 5: medidas da nova Jerusalém  
 21:22-27 Sétimo ato, cena 6: a lâmpada da cidade  
 22:1-5 Sétimo ato, cena 7: a fonte de vida da cidade

### **22:6-21 Epílogo**

## **COMENTÁRIO**

### **1:1-6 Introdução**

Como todos os outros livros da Bíblia, Apocalipse foi escrito para um grupo específico de pessoas com necessidades específicas. Sem dúvida, a intenção do autor era que sua mensagem fosse lida em voz alta nas várias igrejas locais às quais ela é dirigida (1:3). Podemos descrever o texto, portanto, como uma carta circular.

### **1:1-3 Título**

Na Antiguidade, costumava-se escrever livros em folhas de pergaminho ou papiro costuradas juntas lado a lado e depois enroladas. O códice, um manuscrito de formato semelhante aos livros modernos, surgiu por volta de 150 d.C. ou um pouco antes. Nessa época, o título que antes era colocado num rótulo afixado à parte externa do rolo passou a ser escrito na primeira página interna, a “página de título”. Ao que parece, foi esse processo que deu origem às palavras introdutórias de Apocalipse 1:1-3.

Assim como o Evangelho de João (Jo 1:1-18) e a primeira epístola de João (1Jo 1:1-4) começam com o anúncio de que Jesus Cristo é o elemento central de seus textos, Apocalipse se inicia com as palavras *Revelação de Jesus Cristo (1:1a)*. Cristo se encontra no meio desse povo sofredor e está envolvido com a história humana desde o início. Apesar de ser Deus, Cristo também é “Mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2:5). Como tal, recebe instruções do Pai

acerca daquilo que deve *mostrar aos seus servos* (1:1b). Jesus, por sua vez, *por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João* (1:1d). A mediação de um anjo é um elemento comum nas visões dos escritores apocalípticos do AT (Ez 8; Dn 10). Em Apocalipse, além de transmitir a mensagem de Deus, os anjos adoram a Deus Pai e ao Cordeiro (Deus Filho) e, quando necessário, executam os juízos de Deus sobre a terra. Encontramos mais de setenta referências a anjos em Apocalipse.

João foi uma testemunha que *atestou [...] quanto a tudo o que viu* (1:2). O propósito central da revelação que recebeu era mostrar aos servos de Deus *as coisas que em breve devem acontecer* (1:1c). Livros históricos como o Pentateuco e os evangelhos relatam coisas que já aconteceram, enquanto escritos apocalípticos como Apocalipse relatam acontecimentos passados e presentes à luz do futuro. Ao ler Apocalipse, descobrimos que alguns desses acontecimentos futuros não são mostrados da maneira mais clara que Deus poderia tê-los revelado, mas do modo pelo qual Deus julgou mais apropriado para cumprir seus propósitos sábios e santos.

O versículo seguinte (1:3) é a primeira de sete bênçãos em todo o livro (14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7,14). Declara a bem-aventurança de quem lê o livro ou carta de Apocalipse a uma congregação e de quem ouve sua mensagem e atende a ela. As referências a *aqueles que leem* reflete a forma de culto na igreja primitiva, na qual alguém lia as Escrituras em voz alta no Dia do Senhor (1:3; 1Tm 4:13). Naquela época, apenas o leitor tinha em mãos uma cópia da carta ou livro do AT que estava lendo. É um privilégio bastante recente cada um ter sua própria Bíblia. *Aqueles que ouvem* são os membros das congregações (1:4,11) que devem atentar na profecia escrita, lida para eles. A *profecia* consiste não apenas na predição de acontecimentos futuros, mas também em exortações e advertências de ordem ética e espiritual (Ap 2—3; Is 1:1-20; Jr 23:1-40). Em certo sentido, equivale à exposição da palavra escrita de Deus nos dias de hoje.

A leitura também incluía uma interpretação para ajudar as pessoas a compreender a palavra escrita (Ne 8:8; Mc 4:1-20) e causava impacto sobre os ouvintes (Hb 4:12; At 2:37; 7:54; 10:44). Toda pessoa chamada por Deus para o ministério público deve, portanto, preparar-se com grande reverência e zelo. Infelizmente, muitos dos que leem as Escrituras em público não se familiarizam de modo adequado com o texto antes de o ler para a congregação. A exortação divina para todos os que leem e pregam as Escrituras em público é clara: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2:15).

### 1:4-6 Saudações

Apocalipse começa e termina como uma carta típica do século I. Abre com uma fórmula comum de saudação em três

partes, a saber, cumprimentos pessoais: *João, às sete igrejas que se encontram na Ásia* (1:4a); uma bênção: *Graça e paz...* (1:4b-5a) e uma “doxologia” ou oração: *Aquele que nos ama [...] Amém!* (1:5b-6).

A saudação distingue esse livro de todas as outras obras apocalípticas judaicas. João escreve para igrejas históricas reais e se dirige a elas com a mesma forma usada em outras epístolas do NT. As igrejas mencionadas nos capítulos 2 e 3 ficavam todas na Ásia (1:4a), um termo que, na época, não designava o atual continente conhecido por esse nome, mas a província romana da Ásia Menor, na região oeste da atual Turquia.

Como Paulo, João combina uma saudação grega (“graça”) e uma hebraica (“paz”) na bênção do início dessa carta (1:4b; cf. tb. Rm 1:7; 1Co 1:3; 2Co 1:2). Para os gregos, “graça” correspondia a “amor atuante em condições adversas”. O substantivo é derivado de um termo grego que significa “animar”. João diz, portanto: “Animem-se, pois Deus está no controle, apesar das condições adversas decorrentes da rebelião humana”. A saudação hebraica habitual *shalom* ou *salaam* significa literalmente “paz”, mas é usada com frequência como sinônimo de salvação.

A forma da bênção deixa claro que a Trindade é a fonte de *graça e paz*. Primeiro, João fala de Deus Pai, *que é, que era e que há de vir*, seguido de Deus Espírito Santo, referido aqui como *sete Espíritos*. Ele menciona Jesus depois do Espírito Santo porque os versículos e capítulos seguintes tratarão da pessoa, presença e poder de Jesus Cristo, Deus Filho.

A doxologia se refere a vários elementos que aparecem posteriormente no drama: *Seu sangue [...] nos libertou [...] reino, sacerdotes*. O vocabulário remete ao sistema sacrificial do templo do AT. Convém lembrar que os ensinamentos dessa carta são apresentados num contexto fortemente influenciado pelo AT.

### 1:7-8 Prólogo dramático: o arauto

A fim de entender o propósito do autor, é essencial visualizar a estrutura literária do texto. Quando lemos Apocalipse como um drama que apresenta a história do sofrimento humano, a encarnação e manifestação do mal e a vitória final do Cordeiro e dos fiéis, torna-se mais fácil compreender sua mensagem. O autor usa esse recurso literário para apresentar sua mensagem viva de forma impressionante. Seu tema pode ser entendido como um relato da execução do plano de Deus nos acontecimentos do mundo e da consumação da história humana com a volta e o reinado eterno de Cristo.

O drama começa com a voz de duas figuras atrás das cortinas, por assim dizer, que informam a plateia a respeito dos seus papéis. A primeira é um arauto ou mensageiro, e a outra é o próprio Senhor Deus. O palco é o universo, e a ação é o mover de Deus no mundo. O arauto anuncia o tema da peça ou drama: “A pessoa mais importante de todos os tempos está prestes a aparecer novamente no pal-

co da história”. João não poderia ter usado recurso melhor para intensificar nossa expectativa quanto à importância do drama!

A introdução do narrador em 1:7-8 segue o modelo dos dramas da Grécia antiga. Em *Agamenon*, de Ésquilo, a peça começa com um discurso do “atalaia”. Na tradição bíblica, o “atalaia” ou “arauto” de boas-novas era sempre alguém que anunciava “paz”. Em Isaías 52:7-8, os atalaia anunciam a Israel: “O teu Deus reina!”. Há uma afinidade entre João no papel de arauto e o tema e conceito do mensageiro do AT, daí o narrador fazer alusão a longos trechos do AT. Apesar de seu drama ter influências gregas e ser apresentado em sete atos, cada um com sete cenas, ele proclama a mensagem de modo fiel à tradição profética hebraica e cristã, ou seja, anunciando “boas-novas” em meio ao sofrimento.

Enquanto a passagem de 1:5-6 descreve aquilo que Jesus realizou em favor dos fiéis, 1:7 é uma clara referência à volta de Cristo e ao seu reinado eterno sobre a terra (22:7,12,20; Dn 7:13). Cristo também se apresenta como o *Alfa e Ômega* (1:8), uma referência à primeira e à última letra do alfabeto grego. O significado é o mesmo de “o primeiro e o último” em 1:17 e “o Princípio e o Fim” em 21:6 e 22:13. Somente Apocalipse se refere a Deus, o Senhor Jesus Cristo, desse modo. O Senhor deseja que os leitores encontrem alento em saber que Deus, aquele que conhece todas as coisas do princípio ao fim, é a fonte absoluta de toda a criação e história. Ele é o Senhor Deus de tudo e continua presente com seu povo como o Todo-Poderoso (*pantokrator*, lit., “aquele que tem sua mão sobre todas as coisas”). Deus tem o controle absoluto (4:8; 11:17; 15:3; 16:7,14; 19:6,15; 2Co 6:18; Cl 1:19).

### 1:9—3:22 Primeiro ato: visão da igreja na terra — Jesus no centro

**Cenografia:** Quando a cortina se levanta nesse palco que compreende todo o universo, vemos apenas João (o narrador que recebe a visão) e o Filho do Homem, o Senhor Jesus Cristo. No centro do palco, observamos sete candeeiros de ouro dispostos em círculo.

#### 1:9-20 O narrador e Jesus Cristo no palco

Os cenários de cada ato empregam elementos do culto no tabernáculo e no templo do AT. Aqui, sete candeeiros representam de modo apropriado o candelabro de sete hastes do santuário, pois o povo de Deus é, ao mesmo tempo, o lugar de habitação de Deus na terra (Ef 2:19-22) e a luz do mundo (Mt 5:14-16).

Como os profetas do AT, João chama a atenção dos leitores e ouvintes para o aspecto teológico da história, o tema desse drama. Em nenhum momento ao longo de todo o livro perdemos de vista o narrador que testemunhou todos esses acontecimentos. João é sempre uma pequena figura ao lado do palco da atuação de Deus, alguém que observa com

perspicácia e relata com precisão aquilo que ouve (1:10) e vê (1:12).

João informa que estava em *Patmos*, uma ilha no litoral da Ásia Menor, *por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus* (1:9b). A expressão “testemunho de Jesus” (cf. tb. 12:17; 17:6; 19:10; 20:4) refere-se à totalidade da vida e do ministério de Jesus Cristo na terra, bem como à sua morte e ressurreição. Pelo visto, João não estava em Patmos para pregar a Palavra, mas por causa das perseguições ou de uma compulsão interior do Espírito. Garante aos seus leitores que é *companheiro* deles em três aspectos: *na tribulação, no reino e na perseverança* (1:9a). João e os cristãos a quem ele escreve tinham em comum com Cristo e uns com os outros o sofrimento e a perseguição que sobrevêm a todos os cristãos como resultado de sua fidelidade a Deus (Jo 16:33; At 14:22; Cl 1:24; 2Tm 3:12).

A expressão *Achei-me em espírito* (1:10) é comum na literatura apocalíptica, mas não nos livros do NT. Costuma-se entender que indica um estado extático inspirado pelo Espírito (cf. tb. 4:2; 17:3). A expressão introduz a seção apocalíptica do livro (4:2) que vem logo depois das cartas às sete igrejas e mostra que os acontecimentos em questão são de ordem espiritual, e não terrena.

João se volta a fim de *ver*, além de ouvir, *quem falava com ele* (1:12). A *voz* (1:10) talvez fosse de Cristo (como em 1:17-18; 4:1; 22:16) ou, mais provavelmente, de um anjo que aparece com frequência em Apocalipse (19:10; 22:8-9). Qualquer um dos dois podia manifestar-se a João em forma humana (1:13). Em duas ocasiões, João se prostra equivocadamente diante de um anjo, pensando tratar-se do Senhor Jesus ressurreto. João compara a voz a uma “trombeta” (4:1; Êx 19:16). Nos capítulos 8 e 9, toques de trombeta anunciam aís.

A voz instrui João a escrever *às sete igrejas* (1:11) aquilo que vir e ouvir. João serve de escriba que registra o texto sob ordens, uma ocorrência singular no NT. O fato de os acontecimentos de Apocalipse se desdobrarem na visão mental de João não significa que são ilusões nem criações de sua mente. Antes, constituem uma forma de revelação de Deus. Em várias ocasiões, João emprega o qualificador *como* (1:9-10,13-16) na tentativa de transmitir de forma adequada as imagens vívidas e impressionantes. Por vezes, nem ele próprio entende a visão (17:6b) e, no entanto, registra com exatidão tudo o que vê e ouve. Se escritores apocalípticos como João, Daniel e Ezequiel nem sempre entendiam o que Deus ordenava que registrassem, quem somos nós, como leitores modernos, para dizer que podemos compreender plenamente e explicar todas as imagens e símbolos de Apocalipse?

Jesus Cristo se revela primeiro a João e depois às sete igrejas. Ao descrever o Cristo ressurreto e assumpto em 1:13-14, João emprega imageria do AT para retratar sua sabedoria, poder, firmeza e visão penetrante. Jesus aparece como *um semelhante a filho de homem* no meio dos candeei-

ros de ouro (1:13; Dn 7:13). Jesus se referiu a si mesmo pelo título “Filho do Homem” ao longo de todo o seu ministério terreno, apesar de não negar o uso apropriado da designação “Filho de Deus” (2:18; Mc 14:61; Jo 10:36). Os dois títulos designavam o Messias. A pessoa que João vê, portanto, é o Messias celestial e também humano.

Numa alusão a Daniel 7:9, João descreve: *A sua cabeça e os cabelos eram brancos como alva lã, como neve (1:14a)*. Nas culturas do antigo Oriente Médio, como na maioria das culturas tradicionais africanas, os cabelos brancos exigiam respeito e indicavam sabedoria adquirida pela experiência ao longo dos anos. Essa parte da visão talvez tenha mostrado a João parte da divindade e sabedoria de Cristo (Cl 2:3). Os olhos de Cristo eram *como chama de fogo (1:14b)*, detalhe que não aparece na visão do Filho do Homem em Daniel 7, mas é mencionado em Daniel 10:6. Essa característica é repetida na carta a Tiatura (2:18) e na visão que pronuncia a volta triunfante de Cristo para derrotar seus inimigos (19:12). Talvez retrate escrutínio penetrante e conhecimento de coisas ocultas ou seu julgamento severo (2Cr 16:9).

A glória e a majestade de Jesus Cristo ficam evidentes na descrição de seus pés como sendo *semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha (1:15a; 2:18)*, e da sua voz *como voz de muitas águas (1:15b)*. Em Ezequiel e Daniel, o próprio Deus é descrito em termos parecidos (Ez 1:13,24,27; 8:2; 43:2; Dn 10:6). Os pés reluzentes de bronze representam o modo triunfante pelo qual ele pisará sobre todos os incrédulos e infiéis à sua verdade, incluindo o diabo, a besta e o falso profeta. A visão garante a João a vitória final de Jesus sobre os sistemas e líderes políticos ímpios, as personificações do mal ao longo da história humana (Sl 2:1-12).

Nas Escrituras, estar à destra de alguém significa encontrar-se numa posição de poder e segurança. Por isso, Hebreus 1:3 mostra Jesus assentado no céu à destra de Deus Pai depois de realizar a missão para a qual Deus Pai o enviou à terra. Em sua *mão direita*, Jesus segura *sete estrelas (1:16a)*, identificadas como os sete anjos das sete igrejas. Na Bíblia, as estrelas também podem ser uma referência a anjos (9:1; Jó 38:7), à declaração da glória de Deus (Sl 19:1-4), a testemunhas fiéis da verdade de Deus (Dn 12:3; Mt 2:2; Lc 2:9-10) ou aos mensageiros de Deus. Para determinar o significado, é preciso considerar o contexto.

João vê *uma afiada espada de dois gumes* que sai da boca de Cristo. Essa imagem ocorre várias vezes em Apocalipse (1:16b; 2:12,16; 19:15,21). Como arma, a espada simboliza guerra, opressão, angústia e autoridade política. Aqui, porém, João emprega um termo grego raro para espada que, fora de Apocalipse, aparece apenas em Lucas 2:35. O paralelo sugere que Cristo conquista o mundo por meio de sua morte e ressurreição, um tipo diferente de “espada”. Trata-se da espada de julgamento divino, não do tipo de poder nas mãos das nações (Sl 2:1-12).

Por fim, o rosto de Cristo é comparado ao *sol na sua força (1:16c)*, uma imagem de glória, preeminência e vitória divinas (10:1; Mt 13:43; 17:2).

O encontro de João com o Cristo glorificado é uma experiência tão forte que João cai no chão, como fizeram Paulo, Ezequiel e Daniel em circunstâncias semelhantes (1:17a; At 9:3-4; 22:6-7; Ez 1:28; 3:23; 43:3; 44:4; Dn 10:7-9). Ele ouve Cristo anunciar que é *o primeiro e o último (1:17b)*, uma declaração da existência e do poder eternos pertencentes somente a Deus (Is 44:6; 48:12). Aqui, portanto, Cristo é apresentado como Deus, o Criador e Senhor absoluto da história. As palavras equivalem à identificação de si mesmo como o “Alfa e Ômega” (1:8). Se o fato de ter estado *morto* parece contradizer sua declaração de existência eterna, devemos lembrar que o propósito da vinda de Cristo como homem era sofrer a morte devida a toda a raça humana pecadora. Logo, ele não diz apenas: *Estive morto*, mas também exclama: *Eis que estou vivo pelos séculos dos séculos (1:18a)*. Somente Jesus, *aquele que verdadeiramente vive*, pode revelar-se por feitos que corroboram sua afirmação de ser o Senhor da vida.

Somente aquele que vive pode dizer ainda: *Tenho as chaves da morte e do inferno (1:18b)*. A palavra “morte” também é traduzida por “Hades” (NVI) ou “sepultura”. Refere-se ao lugar para onde vão todos os mortos (At 2:27,31) e, por vezes, somente ao destino dos perversos depois da morte (Lc 16:23; Ap 20:13-14). O fato de Cristo ter conquistado a morte e emergido do Hades lhe conferiu suas “chaves”, símbolo de que ele tem poder e autoridade para entrar nesses lugares. Para o cristão, a morte é serva de Cristo.

João recebe a seguinte ordem: *Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer (1:19)*. Para alguns comentaristas, esse versículo apresenta um esboço cronológico das visões do livro, referindo-se ao passado (“as que viste”), ao presente (“as que são”) e ao futuro (“as que hão de acontecer”). O problema de adotar esse esboço, contudo, é definir onde ocorrem as divisões no livro.

A primeira visão é chamada de *mistério (1:20)*. No NT, um mistério é algo anteriormente secreto, mas agora revelado. O segredo das estrelas e dos candeeiros é explicado: Jesus, o Senhor da história humana, se encontra intimamente envolvido com o povo de Deus e no meio de sua igreja.

## 2:1—3:22 As cartas às sete igrejas

Na sequência, Jesus Cristo se revela às sete igrejas e as avalia de forma específica. As cartas não são endereçadas a essas sete igrejas porque eram as únicas comunidades cristãs no Império Romano. Na verdade, também não são endereçadas exclusivamente a elas. Antes, essas igrejas foram escolhidas porque sete é o número da inteireza e, portanto, representa toda a comunidade cristã. A maioria das igrejas estava passando por algum tipo de perseguição,

e algumas se sentiam tentadas a transigir com os sistemas e poderes do mal.

Nos dias de hoje, igrejas do mundo inteiro enfrentam situações semelhantes. Algumas sofrem perseguição, e seus membros são acrescentados à longa lista de mártires cristãos. Algumas existem em condições de injustiça social e se encontram envolvidas numa difícil luta para mudar essas condições. Outras, como a igreja de Laodiceia, são ricas, respeitadas e vivem em segurança, mas estão espiritualmente falidas. Precisamos usar nossos ouvidos para ouvir “o que o Espírito diz às igrejas” — a todas elas, ricas e pobres, fracas e poderosas, em segurança ou perseguidas; igrejas em Angola, Bolívia, Canadá, Chade, China, Congo, Estados Unidos, Iêmen, Inglaterra, Namíbia, Uganda, Zanzibar e em nossa vizinhança. Devemos atentar no que está acontecendo à igreja cristã ao redor do mundo.

As sete igrejas não eram, contudo, meros símbolos. Eram igrejas reais em lugares reais, situadas ao longo do percurso de um caminho natural antigo que começava em Éfeso e terminava em Laodiceia. Cada uma das cartas é adaptada à situação particular da igreja à qual se dirige.

As cartas seguem o mesmo padrão. Cada uma traz um elogio (exceto a carta a Laodiceia), uma repreensão, uma exortação para corrigir o que está errado e uma promessa *ao vencedor* (2:7,11,17,26; 3:5,12,21). Em nosso ministério, muitas vezes temos dificuldade em expressar aprovação. Parece mais fácil encontrar falhas que elogiar. As cartas em Apocalipse, porém, fornecem um modelo de aprovação e correção, desafio e consolo, um equilíbrio que, além de ser bíblico, é fundamental para o ministério pastoral. Fraqueza e falibilidade podem ser oportunidades para crescimento e fortalecimento espiritual (2Co 12:9).

O objetivo das cartas é encorajar os destinatários a perseverar até o fim e permanecer leais a Cristo. As cartas também sugerem que há limites para a transigência dos cristãos à cultura ou às medidas políticas de sua época. Precisamos reconhecer conflitos de interesse e ficar atentos ao grau de influência da cultura sobre nossas crenças e comportamentos. Nossa reputação na sociedade e na cultura não tem grande valor se nosso estilo de vida for contrário a Deus.

As cartas podem parecer comunicações pessoais de João com cada igreja, mas não há nenhuma indicação de que tenham circulado separadamente. A intenção era que Apocalipse fosse lido em público na íntegra em todas as igrejas da região (1:3). Os cristãos de Éfeso, portanto, ouviriam não apenas a mensagem dirigida a eles, mas também as mensagens a Esmirna, Sardes e assim por diante. Essa abordagem revela a presença de um vínculo que une todas essas congregações em uma só comunidade. Também mostra que a mensagem como um todo se tornaria mais nítida em cada igreja local, pois as questões de cada congregação seriam tratadas em termos concretos dentro do contexto da igreja mais ampla.

A unidade de todas as igrejas é simbolizada por pelo menos três elementos presentes nas sete cartas:

- Todas são dirigidas *ao anjo da igreja*. Em grego, o termo “anjo” significa “mensageiro”. Essa descrição desafia os líderes da igreja a considerar seu trabalho com maior seriedade. Em certo sentido, o pastor da igreja personifica as qualidades (ou ausência delas) que caracterizam sua respectiva congregação. Ele também destila o caráter, crença e comportamento dos cristãos individuais.
- Todas começam com uma declaração acerca daquele cuja mensagem a carta transmite. Jesus se apresenta às igrejas da mesma forma que se revelou a João em 1:12-20.
- Por fim, todas terminam com a mesma exortação: *Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas* (2:7,11,17,29; 3:6,13,22). Não se trata de uma simples repetição sem sentido, mas de uma advertência que coloca a responsabilidade sobre os ombros dos destinatários. A única desculpa que alguém poderia dar para não responder ao Espírito seria dizer que não tem ouvidos! Para quem tem ouvidos, não há justificativa. João usa essa fórmula para ligar as mensagens a todas as igrejas. Seria de esperar que ele pedisse a cada igreja para dar ouvidos à mensagem que lhe diz respeito. O plural, *igrejas*, contudo, indica que cada congregação local deve ouvir as palavras ditas não apenas a ela, mas a todas as outras igrejas, e atender a elas.

### 2:1-7 Primeiro ato, cena 1: a igreja em Éfeso

A igreja em Éfeso pode ser comparada a qualquer congregação local da história do cristianismo. A mensagem do Senhor Jesus a essa igreja revela a condição espiritual de todo o povo de Deus. Ele conhece cada um de nós e sabe como somos por dentro (1Sm 16:7; Sl 139:1-24; 2Tm 2:19; Hb 4:12). Nada está oculto a seus olhos (2Cr 16:9).

Éfeso era uma das cidades mais ricas do mundo antigo. Situada numa baía na ponta da Ásia Menor, era um centro de viagem e comércio. Seu povo se orgulhava da cidade e, especialmente, do templo de Diana (também chamada Ártemis). Diana era a deusa da fertilidade e da abundância, daí ser retratada com vários seios. Seu templo era uma das grandes atrações turísticas do mundo mediterrâneo antigo. A soberba de Éfeso em razão de seu comércio e religião fica evidente em Atos 19:23-41 e no canto: “Grande é a Diana dos efésios!” (At 19:34).

Paulo escreveu uma carta à igreja em Éfeso, mas agora Jesus Cristo se revela pessoalmente a ela como *aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro* (2:1; 1:13) e traz uma mensagem de elogio e advertência. A igreja é elogiada, pois, em meio a tanta idolatria manifesta e certa perseguição, demonstrou *perseverança*, suportou *provas por causa do meu*



nome, não se deixando *esmorecer* (2:3). Como congregação, os cristãos rejeitaram alguns que haviam declarado falsamente ser *apóstolos* (2:2) e expressado ódio contra as *obras dos nicolaítas* (2:6; cf. comentário sobre 2:14-15). Por outro lado, a igreja é repreendida por ter abandonado o amor que caracterizava sua vida no princípio e advertida de que o Senhor moverá *do seu lugar o teu candeeiro*, caso não se arrependa (2:4-5). Em outras palavras, ela não será mais contada entre as testemunhas fiéis de Cristo em sua própria geração.

No tocante ao serviço cristão, seus membros trabalhavam com afinco. Faltava-lhes, porém, devoção a Cristo. Cristãos de todas as gerações correm o risco de se tornar especialistas no ministério e simplesmente cumprir tarefas em vez de aprofundar sua paixão por Cristo. Se seguirem esse caminho, serão como sal que perdeu o sabor (Mt 5:13). É preciso manter o devido equilíbrio.

#### 2:8-11 Primeiro ato, cena 2: a igreja em Esmirna

Esmirna (atual Izmir), situada cerca de cinquenta quilômetros ao norte de Éfeso, era outra cidade próspera da província romana da Ásia Menor. É bastante apropriado o Senhor chamar a si mesmo de *o primeiro e o último*, que *esteve morto e tornou a viver* (2:8; 1:8,17) ao se dirigir a uma igreja cujos membros estavam sofrendo perseguição e ameaças de morte, conforme essa carta mostra.

Como Éfeso, Esmirna era conhecida por seu paganismo. Aqui, porém, o culto pagão assume uma forma potencialmente mais perigosa para a comunidade cristã. Diante disso, João se atém a escrever palavras de consolo para a igreja em Esmirna. Se a igreja for fiel até a morte, *de nenhum modo sofrerá dano na segunda morte* (2:11). A *coroa da vida* (2:10) prometida a essa igreja é semelhante à coroa de louros usada pelo atleta que vence a corrida, mas a ênfase é sobre terminar bem a corrida ou peregrinação cristã, e não sobre o zelo competitivo. A perseguição ensinou aos cristãos de Esmirna que “a vida de um homem não consiste na abundância de bens que ele possui”, mas em ser “rico para com Deus” (Lc 12:15,21). As igrejas de países em desenvolvimento podem não ter riquezas materiais, mas esperamos que continuem a enriquecer para com Deus em meio à perseguição e escassez material.

A referência à *blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás* (2:9) pode indicar o início da hostilidade aos verdadeiros cristãos (cf. comentários sobre 3:9). Quem está por trás da perseguição, porém, é *Satanás* ou “o diabo” (termos empregados de forma intercambiável; 12:9; 20:2). O inimigo pode usar indivíduos ou grupos religiosos como instrumentos para perseguir os fiéis. Deus não promete em momento algum que os cristãos terão uma vida livre de sofrimentos deste lado da eternidade. Promete, contudo, sua presença em todas as situações (Sl 23:4; Mt 28:19-20; Hb 13:5).

#### 2:12-17 Primeiro ato, cena 3: a igreja em Pérgamo

A cidade de Pérgamo ficava cerca de cem quilômetros ao norte de Esmirna e a vinte e cinco quilômetros do litoral. Era a sede do governo romano e do culto ao imperador na província da Ásia Menor, possível razão pela qual é chamada aqui de *lugar* [...] *onde está o trono de Satanás* (2:13a). Há quem interprete a expressão como uma referência ao templo de Zeus, situado numa colina junto à cidade e comparável a um trono. Parece mais provável, contudo, que João se refira ao poder romano como encarnação do mal naquela época e, portanto, como símbolo dos poderes satânicos sobre a terra.

Pérgamo era famosa por sua magnífica biblioteca que ficava à altura da biblioteca de Alexandria. A rixa em torno de qual era a melhor biblioteca do mundo levou o Egito a suspender o envio de papiro para Pérgamo. A partir de então, a cidade começou a copiar seus livros na pele de animais, material que recebeu o nome de *pergaminho*, ou seja, “material para escrever proveniente de Pérgamo”. A maioria dos manuscritos antigos do NT foi registrada em pergaminhos.

A mensagem à igreja de Pérgamo é enviada por *aquele que tem a espada afiada de dois gumes* (2:12; 1:16), uma referência à vitória e ao julgamento vindouro por Cristo. Jesus elogia a igreja por sua firmeza no centro do domínio de Satanás, exemplificada por *Antipas*, que morreu por sua fé (2:13b). Deus nunca se esquece de seus mártires.

Jesus repreende a igreja, porém, pelas falsas doutrinas que se espalharam em seu meio, mais especificamente a *doutrina de Balaão* e a *doutrina dos nicolaítas* (2:14-15). Balaão é um arquétipo veterotestamentário de todos os falsos mestres que fizeram Israel desviar-se (Nm 23—24; 31:16). De acordo com alguns escritores judeus da época, os nomes Balaão e Nicolau significam “destruidor do povo”. João diz que, como em tempos antigos, há mestres cujos ensinamentos destroem as pessoas doutrinária e espiritualmente ao incitá-las a transigir com a idolatria. Nesse contexto, é provável que a *prostituição* tenha o sentido simbólico, comum no AT, de adultério espiritual, isto é, de deixar o Deus verdadeiro e seguir ídolos. O chamado ao arrependimento é acompanhado de uma advertência de julgamento com base na palavra de Deus. A comunidade do povo de Deus não é lugar para transigências com o mundo.

Cristo promete dar a todo *vencedor* da igreja de Pérgamo *maná escondido*, bem como [...] *uma pedrinha branca* (2:17). O “maná escondido” provavelmente se refere ao maná que Moisés guardou na arca da aliança (Êx 16:33-34; Hb 9:4) para lembrar aos filhos de Israel a graça, fidelidade e provisão de Deus no deserto (Sl 78:24). De acordo com os ensinamentos judaicos apocalípticos, a era messiânica testemunharia a restauração do maná escondido no deserto: “E acontecerá que exatamente nesse tempo [nos dias em que o Messias vier] o tesouro do maná voltará a descer do alto e comerão dele durante esses anos” (2Baruque 29:8).

O “maná” também pode ser uma referência à Santa Ceia, que se refere ao passado, presente e futuro no qual os cristãos, como cidadãos do reino, comerão maná no banquete celestial. Pode estar associado ainda à suficiência eterna de Jesus Cristo em contraste com as tentações do culto ao imperador.

A “pedrinha branca” provavelmente diz respeito a um convite ou “entrada” que dava direito ao portador de participar de um banquete. No mundo antigo, uma pedrinha branca era usada como ingresso ou para indicar um voto de aprovação, enquanto uma pedrinha preta denotava rejeição e exclusão. Logo, a pedrinha branca prometida ao vencedor representa aceitação pelo Senhor e um lugar entre os seus remidos.

Para alguns, o “nome novo” escrito na pedrinha é um nome divino secreto. Quem adota essa interpretação cita versículos como 3:12, em que o Senhor diz que escreverá o nome de seu Deus e o seu próprio nome sobre o vencedor; 14:1, em que os 144 mil terão o nome do Cordeiro e de seu Pai gravados na frente; e 22:4, em que se diz que o nome do Senhor estará gravado na frente de seus servos no novo céu e nova terra. O selo do nome divino indica que os indivíduos marcados são preciosos para Deus e sua propriedade exclusiva. Em 2:17, porém, não é a pessoa, mas, sim, a pedrinha branca que traz a inscrição de um nome *o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe*. O versículo não parece falar de um nome divino, mas de um nome dado por Deus a cada vencedor. A vitória envolve perseverança na vida com Deus em meio a situações de todo tipo. Quando falhamos, devemos de imediato reconhecer nosso erro ou pecado e confessá-lo diante do Senhor (1Jo 1:9). O fato de o nome só ser conhecido por quem o recebe aponta para a singularidade de cada cristão diante do Senhor e do relacionamento diferente de cada pessoa com Deus. A revelação feita a João nessa passagem corresponde, portanto, ao cumprimento da antiga promessa: “Serás chamada por um novo nome, que a boca do SENHOR designará” (Is 62:2). O bom pastor “chama pelo nome as suas próprias ovelhas [...] e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz” (Jo 10:3-4).

### 2:18-29 Primeiro ato, cena 4: a igreja em Tiatira

Ao contrário das três cidades anteriores, Tiatira não possuía relevância política, apesar de ter alguns motivos para se orgulhar. Situada numa importante intersecção cerca de cinquenta e seis quilômetros a sudeste de Pérgamo, era uma cidade comercial com muitos negociantes e artífices. De acordo com registros antigos, tinha mais associações de artífices que várias cidades grandes. Era a cidade natal de Lídia, uma “vendedora de púrpura” (At 16:14), que se tornou discípula de Paulo. É possível que Lídia fosse membro da associação de tintureiros da cidade. As associações de profissionais detinham considerável poder e combinavam algumas das características dos atuais sindicatos trabalhistas com elementos religiosos. Cada associação

possuía sua própria divindade protetora, festas e festivais sazonais. Para atuar em determinadas áreas de trabalho, era preciso pertencer a uma associação e participar de suas reuniões e cerimônias. As reuniões ocorriam, com frequência, em templos pagãos onde animais eram oferecidos a deuses e depois consumidos pelos membros da associação. Para os cristãos, tais práticas representavam, evidentemente, um dilema. Se não participassem dessas festas e cerimônias, não poderiam trabalhar. Se participassem, seriam infiéis ao Senhor. Muitos cristãos africanos se veem em situações parecidas. Membros mais velhos de famílias africanas normalmente esperam que todos os familiares cooperem e participem dos rituais e festivais pagãos que visam apaziguar os espíritos de parentes falecidos.

Essa igreja demonstra *amor, [...] fé, [...] serviço e perseverança (2:19)* e, ao que parece, é uma congregação que está crescendo. Permitiu, porém, a infiltração de ensinamentos falsos de uma mulher que se dizia profetisa e que talvez tenha proposto um modo fácil de resolver o dilema mencionado. Na carta anterior, indivíduos com ideias semelhantes são comparados a Balaão, enquanto aqui a mulher é chamada de *Jezebel (2:20; cf. 1Rs 16:31; 18:4; 19:2; 21:1-25)*. Ela conduz o povo ao adultério espiritual e às *coisas profundas de Satanás (2:24)*. Se a congregação não se arrepender, o Senhor a entregará aos seus caminhos sensuais, de modo que seu julgamento esteja à altura de seus atos (2:21-22). Devemos ter cuidado com aqueles que se dizem profetas ou apóstolos e ensinam “doutrinas secretas”!

Por outro lado, quem ouve as palavras daquele que *tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes a bronze polido e obedece a elas (2:18; 1:14)*, esse receberá *autoridade sobre as nações (2:26)*. Trata-se de uma promessa de união com Cristo em sua autoridade universal, como deixa claro a explicação: *Assim como também eu recebi de meu Pai*. A promessa se baseia na declaração profética dirigida ao Filho encarnado: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro” (Sl 2:8-9). A extraordinária bênção de reinar com Cristo é reservada exclusivamente aos cristãos (1Co 6:2-3). Ele pode dar-lhes esse privilégio porque é o *Filho de Deus (2:18)*, uma designação que, em Apocalipse, só aparece nesse versículo. Outras passagens trazem a expressão “filho de homem” (1:13; 14:14). É possível que o título “Filho de Deus” tenha sido usado com o propósito de contrastar a glória de Cristo com as pretensões do culto ao imperador que consideravam César um deus.

Os vencedores de Tiatira recebem a promessa da *estrela da manhã (2:28)*. Essa expressão pode referir-se ao Filho de Deus em sua glória (22:16) ou à ressurreição dos cristãos, ou talvez combine as duas ideias. Na noite deste mundo decaído, a luz do dia eterno já raiou no coração de todos os que receberam pela fé aquele que é a estrela da manhã em sua vida. A promessa da volta de Cristo também é compa-

rada à “estrela da alva” (2Pe 1:19), que anuncia o começo de um novo dia à medida que as trevas da longa noite de tentação, perseguição, sofrimento e morte são dissipadas. Os vencedores recebem a promessa de ressurreição e participação na glória de Cristo, em seu reino, onde não haverá noite (21:25). Aqueles cujo coração é iluminado pela graça divina (2Co 4:4,6) descobrirão que “a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4:18). Essa mensagem à igreja de Tiatira nos lembra de fazer uma autoavaliação séria como igrejas locais e cristãos individuais a fim de identificar as coisas que Deus deseja que deixemos para trás. Nossas crenças, comportamentos, doutrinas, atos, motivações e ações estão de acordo com as expectativas de Deus para nós como indivíduos e congregação (1Co 11:28)?

### 3:1-6 Primeiro ato, cena 5: a igreja em Sardes

Sardes ficava cerca de cinquenta quilômetros ao sul de Tiatira e era uma cidade próspera. Cinco estradas importantes se encontravam ali e tornavam a cidade um local de comércio intenso e importância estratégica. Uma vez que a região ao seu redor era particularmente apropriada para a criação de ovinos, Sardes era um centro de comércio de lã e tecido.

Quase todos os membros dessa igreja se encontravam espiritualmente fracos, mas alguns são elogiados por sua fidelidade ao Senhor (3:4), pois ele conhece até os poucos que lhe são fiéis (2Tm 2:19). A mensagem a Sardes não traz, porém, quase nenhum comentário positivo e pode ser resumida pela declaração inicial: *Tens nome de que vives e estás morto* (3:1; 2Tm 3:5). Chama a atenção a ausência de alusões a pecados específicos, como no caso das outras cartas, bem como a perseguições, pressões externas ou falsas doutrinas dentro da igreja. Tudo parece correr bem. A suposta tranquilidade provavelmente exerceu efeito negativo sobre a igreja de Sardes. A maior acusação contra a igreja é sua vida fácil. O Senhor observa que a congregação se encontra espiritualmente adormecida e, portanto, exorta-a a vigiar (3:3). A igreja precisa fortalecer o que ainda resta; do contrário, até isso morrerá (3:2).

A promessa feita ao vencedor se origina da referência a *vestiduras brancas* em 3:5. Cristo dará vestiduras brancas aos cristãos fiéis de Sardes e a todos os outros que vencerem a contaminação de sociedades pagãs. Ademais, o relacionamento puro com Cristo é garantido em caráter permanente: *De modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida*. Na Antiguidade, os nomes dos cidadãos eram anotados num registro. Quando morriam, os nomes eram apagados ou riscados do livro dos vivos. Encontramos a mesma ideia no AT (Êx 32:32-33; Sl 69:28; Is 4:3). O conceito de estar registrado no livro dos vivos (ou justos) de Deus dá origem ao sentido de pertencer ao reino eterno de Deus ou possuir vida eterna (Dn 12:1; Lc 10:20; Fp 4:3; Hb 12:23; Ap 13:8; 17:8; 20:15; 21:27). O fato de Cristo dizer

que jamais riscará ou apagará o nome dos vencedores do livro da vida é a declaração mais veemente possível de que a morte jamais pode separar os fiéis de Cristo (Rm 8:35-39). Quem está registrado no livro da vida pela fé permanece lá para sempre.

Por fim, Cristo promete confessar o nome dos vencedores *diante de meu Pai e diante dos seus anjos*. O termo traduzido por “confessar” indica uma confissão vigorosa diante de um tribunal. A confissão por Cristo de nosso nome é uma declaração de comunhão e união com ele que garante nossa cidadania celestial (Mt 10:32; Lc 12:8). Em última análise, o que conta não é sermos aceitos pela sociedade deste mundo, mas termos um relacionamento eterno e genuíno com Cristo.

### 3:7-13 Primeiro ato, cena 6: a igreja em Filadélfia

Filadélfia ficava cerca de quarenta quilômetros a sudoeste de Sardes, numa estrada principal que a ligava a outras cidades como Esmirna e Pérgamo. Era menos importante que a maioria das outras seis cidades. Sua fonte de riqueza consistia nos vinhedos verdejantes nas planícies vulcânicas ao redor da cidade. Consequentemente, a divindade local mais importante era Dionísio, o deus do vinho. Filadélfia também era conhecida por seus muitos santuários, apesar de nenhum deles ser tão grandioso ou belo quanto o templo de Ártemis (Diana) em Éfeso. De acordo com alguns autores, era costume inscrever o nome de cidadãos eminentes nas colunas desses santuários. É possível que esse costume seja o pano de fundo da promessa: *Ao vencedor, fá-lo-ei coluna do santuário do meu Deus* (3:12).

Apesar de a igreja de Filadélfia não dar a impressão de ser uma igreja forte, a carta não traz nenhuma repreensão. Aquele que fala é descrito como *o santo, o verdadeiro* (3:7a; 6:10), imagem que lembra os membros da igreja de que são chamados a ser santos e obedientes à verdade bíblica revelada (1Pe 1:15-16).

A mensagem vem daquele que tem *a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá* (3:7b). Esse fato lembra Isaías 22:22, em que palavras semelhantes são usadas para Eliaquim, homem que Deus encarregaria de cuidar da casa de Ezequias (2Rs 18:18,37). Cristo, nomeado “o cabeça sobre todas as coisas” (Ef 1:22) e investido de “toda a autoridade” (Mt 28:18), é “fiel, em toda a casa de Deus” (Hb 3:5-6). A *chave* que ele segura simboliza a confiança depositada nele e sua autoridade. É chamada de *chave de Davi*, pois Cristo é o descendente prometido de Davi cujo reino será estabelecido para sempre (2Sm 7:13,16; Is 9:7; Lc 1:32; Ap 22:16). A supremacia de sua autoridade é indicada pela asserção de que aquilo que ele abre “ninguém fechará” e aquilo que ele fecha “ninguém abrirá”. Até mesmo a morte, aparentemente definitiva para nós, não é o fim. Ele tem nas mãos as chaves da morte e do inferno (1:18) e, por decorrência, poder absoluto como redentor e juiz (Jo 5:22-29).

## HERESIA TEOLÓGICA

A palavra “teologia” significa literalmente “palavra de Deus”. A teologia cristã envolve, portanto, a reflexão de nossa fé e culto à luz da palavra de Deus e de nosso contexto contemporâneo. Toda teologia digna desse nome deve estar profundamente arraigada nas Escrituras e não distorcer a palavra de Deus de forma deliberada nem promover uma interpretação falsa que leve o engano a ser aceito como verdade.

“Heresia” é um desvio das crenças doutrinárias comumente aceitas pela igreja cristã. Grande parte das heresias teológicas da história da igreja está relacionada à natureza de Jesus Cristo, à Trindade, à segunda vinda de Cristo e às implicações éticas da mensagem cristã para a vida moral de nosso tempo. Heresias no contexto africano atual incluem a doutrina de que todos os seres humanos serão salvos, a exaltação da religião tradicional africana como equivalente à fé veterotestamentária, o culto aos ancestrais e o sincretismo da religião tradicional africana com o cristianismo.

Para os apóstolos e os pais da igreja primitiva, a heresia teológica era um desvio grave e rebelde da doutrina estabelecida. Nas epístolas pastorais, os presbíteros recebem instrução para ensinar a sã doutrina e opor-se aos falsos ensinamentos (1Tm 1:3-11; 4:1-16; 2Tm 1:13-14; 4:1-5; Tt 1:9—2:1). No capítulo 2 de sua segunda epístola, Pedro se opõe energeticamente aos “falsos mestres” e às “heresias destruidoras”. Afirma que os mestres menosprezam as autoridades legítimas (2Pe 2:10b-13a) e seguem os desejos corruptos de sua natureza pecaminosa (2Pe 2:13b-16). São como fonte sem água, que não tem poder para tratar do pecado (2Pe 2:17), e estão destinados ao julgamento (2Pe 2:20-22).

O NT identifica três grupos heréticos, a saber, os judaizantes, os gnósticos e os nicolaítas. Os judaizantes ensinavam que, para ser salvo, era preciso não apenas crer em Jesus, mas também obedecer à lei de Moisés. Os gnósticos afirmavam que Jesus não era o verdadeiro Filho de Deus e que a matéria era má, enquanto o espírito era bom. Uma vez que Deus é bom (e é Espírito), não poderia ter criado pessoalmente o mundo material (que é mau). Ademais, uma vez que o espírito e a matéria não podiam se misturar, Cristo e Deus não poderiam ter-se unido na pessoa de Jesus (2Tm 2:17-18). Os nicolaítas praticavam uma forma extrema de gnosticismo e afirmavam que, pelo fato de o corpo ser físico (e, portanto, mau), só importava aquilo que o espírito fazia. Consideravam-se livres para se entregar a relações sexuais promíscuas, ingerir alimentos oferecidos a ídolos e fazer tudo o que desse prazer ao corpo (1 e 2Jo; Ap 2:6,14-15).

A igreja primitiva assumia uma postura rigorosa em relação aos que se desviavam da verdade e afirmavam possuir conhecimento especial extrabíblico, como vemos nas epístolas e nas medidas tomadas em Atos 15:1-31. Ela impedia que os hereges participassem das congregações e orava por sua salvação. Não ordenava, contudo, que fossem mortos, um erro cometido posteriormente pela igreja ao executar indivíduos considerados hereges.

Os cristãos devem cuidar de não rotular diferenças legítimas de ênfase dentro da igreja cristã como heresia. As diferenças teológicas entre presbiterianos e pentecostais, por exemplo, não constituem heresias, pois os dois grupos podem justificar suas abordagens distintas de forma adequada com base nas Escrituras.

James Nkansah-Obrempong

Como faz com todas as igrejas, o Senhor mostra os pontos fortes e fracos da congregação de Filadélfia (3:8a; 2Cr 16:9). Dá continuidade à ideia de abrir e fechar e declara que abriu uma porta para essa igreja, *a qual ninguém pode fechar (3:8b)*. Séculos antes, Deus havia feito uma declaração semelhante a Ciro (Is 45:1). A porta aberta para os cristãos de Filadélfia não é uma porta pela qual eles podem escapar de suas circunstâncias difíceis. Antes, é uma porta de oportunidade para dar testemunho do poder do evangelho (2Co 1:4). Paulo empregou uma metáfora parecida ao dizer que Deus “abriu aos gentios a porta da fé” (At 14:27; cf. tb. 1Co 16:9; Cl 4:3). Os cristãos em Filadélfia estavam enfrentando oposição terrível, mas essa hostilidade não poderia fechar a porta que Deus havia aberto.

Os opositores do testemunho cristão são descritos como membros da *sinagoga de Satanás (3:9; cf. 2:9)*. Ao que parece, alguns judeus negavam veementemente que Jesus era Senhor e Messias e perseguiam de forma ativa aqueles que

afirmavam o senhorio e o caráter messiânico de Cristo. Diz-se que *a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem*. De acordo com Paulo e João, o verdadeiro judeu é aquele que encontra perdão e vida em Jesus, o Messias.

A conjunção *porque* no início de 3:10 talvez faça parte de 3:9 e sugira que o motivo pelo qual os cristãos triunfam sobre a sinagoga de Satanás é o amor de Cristo por eles, pois guardam sua palavra de exortação à *perseverança (3:10a)*. A exortação pode ser a ordem para permanecerem firmes até sua volta (Lc 21:19; Hb 10:36-38) ou a injunção para perseverarem com paciência como Cristo perseverou (2Ts 3:5; Hb 12:1-5).

Contudo, “porque” também aponta para o futuro, para uma promessa de livramento decorrente da obediência. As palavras *eu te guardarei da hora da provação (3:10b)* são controversas. O grego pode ser traduzido tanto por “guardar de passar pela provação” quanto por “guardar em meio à provação”. Em outras passagens do NT, a mesma expressão

significa ser guardado da contaminação do mundo enquanto ainda presente no mundo (Jo 17:15-19; Tg 1:27).

Também há controvérsia quanto ao significado exato de “hora da provação”. Trata-se, sem dúvida, de uma tribulação extremamente intensa *que há de vir sobre o mundo inteiro* e se aplica a todos os *que habitam sobre a terra*. De acordo com algumas interpretações, é o tempo de provação severa que sobrevirá ao mundo na segunda vinda de Cristo (Dn 12:1; Jl 2:31; Mc 13:14; 2Ts 2:1-12), descrita em detalhes nos capítulos seguintes de Apocalipse. Nesse caso, o Senhor promete aqui livrar os cristãos das perseguições ferozes que estão por vir.

Outros argumentam que a “hora da provação” é a ira de Deus da qual os fiéis foram eternamente livrados. Por certo, Apocalipse como um todo não promete que os cristãos escaparão do sofrimento, mas os incentiva a perseverar até o fim. Eles já experimentaram sofrimento, como o martírio de Antipas, testemunha fiel de Cristo (2:13). Na verdade, o martírio é apresentado como meio de conquista tanto para Cristo quanto para seus seguidores (5:6). Apesar de não serem instruídos a buscar o martírio, os cristãos devem permanecer fiéis até que Cristo os chame para o lar ou volte para buscá-los antes da morte. A morte física não é o fim de tudo para o cristão (Mt 10:28; Jo 14:1-3; 1Co 15:51-53; 2Co 5:6,8; 1Ts 4:13-18). Em todas as suas dificuldades e sofrimentos, os fiéis experimentarão o pastoreio de Deus (Sl 23:4; Hb 13:5).

Uma vez que os cristãos esperam a volta do Senhor, devem perseverar a fim de não perderem as recompensas prometidas (3:11; 1Co 9:24-27). A primeira recompensa é tornar-se *coluna no santuário do meu Deus* (3:12a). Terremotos eram uma ocorrência frequente em Filadélfia, e, muitas vezes, as únicas estruturas da cidade que não desmoronavam eram as colunas dos templos, daí simbolizarem força, estabilidade e permanência. Ademais, constituíam parte fundamental da construção. O Senhor promete, portanto, que os vencedores terão no reino vindouro de Deus um lugar de dignidade e poder duradouros no qual nunca mais serão perturbados por perseguições ou tribulações.

Em segundo lugar, Cristo promete ao vencedor: *Gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém [...], e o meu novo nome* (3:12b). Vários governantes haviam mudado o nome da cidade de Filadélfia no passado, mas o Senhor lembra aos cristãos que o nome virá do próprio Deus (e não do imperador) e lhes garantirá sua cidadania na nova Jerusalém (21:2; Ez 48:35). O *novo nome* de Cristo pode ser o nome que só ele conhece, uma indicação de seu poder absoluto sobre a criação (19:12), ou o *novo nome* de Cristo dado aos fiéis (Is 62:2; 65:15). Esse nome é o selo da salvação dos vencedores em Cristo que foram remidos pelo preço infinito de seu sangue precioso e ao qual eles pertencem (1Co 6:19; 1Pe 1:18-19; Ap 7:14-15).

### 3:14-22 Primeiro ato, cena 7: a igreja em Laodiceia

Laodiceia ficava cerca de setenta quilômetros a sudoeste de Filadélfia. Como várias das cidades mencionadas nesses dois capítulos, Laodiceia era abastada. Orgulhava-se de seu poder e prosperidade e possuía uma escola de medicina bastante conhecida. Várias fontes de renda contribuíam para sua riqueza, mas duas parecem ser mais importantes em relação a essa carta. Uma era a belíssima lã preta azulada, que contrasta com as *vestiduras brancas* da santificação (3:18a). Outra era seu unguento para os olhos, medicamento de renome mundial. João se refere a esse unguento ao aconselhar a igreja a comprar de Cristo *colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas* (3:18b).

A apatia dessa congregação é motivo de desgosto para o Senhor. Sua pobreza espiritual é extrema. Qual é o grande pecado do povo de Laodiceia que leva Cristo, *a testemunha fiel e verdadeira* (3:14), a dizer que os vomitará (3:16)? A julgar por aquilo que é dito em seguida, seu pecado não reside em algo que fazem ou pensam. Antes, é sua acomodação, presunção e tepidez (3:15). O Senhor lhes diz, portanto: *Dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu* (3:17). Deus incentiva a igreja a buscar riquezas verdadeiras nele, bem como pureza e visão espiritual. Ainda há esperança para Laodiceia, pois Cristo está à porta e bate (3:20-21). Algumas igrejas de hoje são como a congregação de Laodiceia: ricas, seguras e respeitadas e, no entanto, espiritualmente falidas. Se abrirem o coração para Deus a fim de desenvolverem comunhão autêntica e receberem reavivamento espiritual, desfrutarão um relacionamento íntimo e diário com Cristo.

### 4:1—8:1 Segundo ato: visão de Deus no céu — os sete selos

**Cenografia:** O segundo ato exige uma mudança radical de cenário: *Uma porta aberta no céu* (4:1). No meio do palco, surge o trono de Deus (4:2). Outras personagens são os vinte e quatro anciãos (4:4), quatro criaturas (4:6) e, do outro lado, o narrador (4:1). Diante do trono, vemos o Cordeiro (5:6), sete tochas de fogo (4:5) e um mar de vidro (4:6). Como na maioria dos atos desse drama, a descrição das atividades no céu constitui parte do pano de fundo para as cenas que se desenrolarão no palco. João mostra a necessidade de considerarmos os acontecimentos da história e a salvação do homem sob a ótica dos propósitos redentores de Deus.

### 4:1—5:14 Deus no controle

As cenas da visão começam no capítulo 4 com uma imagem incomparável do trono de Deus no céu (4:2-8). Ele é apresentado como *Senhor Deus, o Todo-Poderoso* (4:8), aquele que criou o mundo e está inteiramente no controle de todas as coisas. O mal tem permissão de atuar não porque o Senhor é incapaz de detê-lo, mas porque lhe deu



espaço para operar no mundo durante um tempo limitado e específico, a fim de cumprir os propósitos divinos.

Por que Deus permite que algo aparentemente contrário a seus propósitos tenha domínio sobre o mundo? Apocalipse não fornece uma resposta direta para essa pergunta. Podemos, contudo, fazer duas observações com base na mensagem bíblica como um todo. Devemos considerar primeiramente a paciência divina: “O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno” (Sl 103:8). “Ou despreza a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” (Rm 2:4). Quando reconhecemos nossa pecaminosidade, somos gratos pela paciência de Deus! Em momentos de grande tribulação e perseguição, porém, a paciência de Deus com o mal pode parecer estranha. Cristãos que estão passando por sofrimento devem ser perseverantes e permanecer fiéis a Deus até que seus propósitos, já iniciados nas esferas celestiais, se cumpram na terra (Tg 1:2-4). Em segundo lugar, devemos considerar que Deus criou a humanidade com a capacidade de escolher ser obediente e, portanto, de escolher também ser desobediente. Deus não criou fantoches ou robôs humanos. A mensagem das Escrituras enfatiza, portanto, a necessidade de cada um de nós escolher obedecer à vontade de Deus.

#### 4:1-3 Deus em seu trono

João é convocado pela voz *como de trombeta* (4:1), que ouviu no início (1:10). Deus e seu trono são descritos em imagens extraídas da visita de Ezequiel do trono em forma de carro (4:2; cf. Ez 1—2; Dn 7:9-10). Essa cena no céu é impressionante, mas, quando a examinamos mais de perto, pode parecer obscura e incoerente. João fala de coisas muito além do conhecimento humano. Descreve aquele que se encontra assentado no trono como sendo *semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e sardônio* (4:3), duas pedras preciosas que não temos como identificar com precisão. O *jaspe* talvez seja a pedra avermelhada conhecida por esse nome hoje em dia. É possível, contudo, que João se refira ao quartzo ou jade verde ou até mesmo ao diamante, pois em outra passagem descreve a mesma pedra como sendo “cristalina” (21:11). *Sardônio* era uma pedra vermelha, talvez o rubi. Jaspe, sardônio e *esmeralda* eram pedras extremamente valiosas. Os raios de luz emitidos pelas pedras preciosas são um símbolo apropriado da presença divina, ao mesmo tempo contida no tocante a detalhes, mas cristalina no tocante à majestade. É interessante observar que o sardônio (ou “sárdio”) e o jaspe são a primeira e a última das doze pedras preciosas do peitoral do sumo sacerdote, cada uma com o nome de uma das tribos de Israel (Êx 28:17-21).

Como em todo texto apocalíptico, diante da visão, o leitor é tomado por uma sensação de majestade e reverência a Deus, uma lembrança clara de que Deus, e não algum governante ou poder humano, é soberano sobre todo o universo e somente ele é digno de adoração.

O trono de Deus é o ponto focal do palco. Tanto na tenda da congregação quanto no templo do AT, o trono de Deus era o propiciatório da arca da aliança, o espaço entre os dois querubins em adoração. A arca ficava na parte interna do santuário (o Santo dos Santos). João vê aqui, portanto, o santuário aberto.

#### 4:4-11 As criaturas de Deus o adoram

Na literatura apocalíptica, os números costumam ser simbólicos. Assim, os *vinete e quatro anciãos* (4:4) provavelmente representam o povo de Deus, simbolizado pelas doze tribos de Israel e pelos doze apóstolos. Os leitores judeus talvez ainda lembrassem as vinte e quatro ordens de levitas nomeadas para profetizar e louvar no templo (1Cr 25).

A disposição semicircular dos *tronos* dos anciãos ao redor do trono central é semelhante à do Sinédrio judeu, e os fenômenos físicos originários do trono expressam o poder e a majestade de Deus (Êx 19:16-19). As *sete tochas de fogo* (4:5) representam o Espírito de Deus, como o representava o candelabro com sete hastes no tabernáculo (Êx 25:31-40; Zc 4:2). O *mar de vidro* é semelhante à bacia de bronze do tabernáculo (4:6a; cf. Êx 30:17-21), símbolo da pureza sem a qual o ser humano não pode aproximar-se de Deus.

Os *quatro seres vivos* representam toda a criação, e os *olhos* indicam o conhecimento íntimo que Deus possui de todas as suas obras (4:6b; Ez 1:5-21). Os seres vivos, um *semelhante a leão*, um *semelhante a novilho*, outro com *rosto como de homem* e outro *semelhante à águia*, conduzem o séquito celestial na adoração contínua a Deus (4:7). De acordo com um ditado rabínico, “a mais poderosa das aves é a águia, o mais poderoso dos animais domésticos é o boi, o mais poderoso dos animais selvagens é o leão, e o mais poderoso de todos é o ser humano”. As quatro formas sugerem que tudo o que há de mais nobre, forte, sábio e veloz no mundo natural, inclusive a humanidade, está representado diante do trono, participando do cumprimento da vontade divina e adorando a majestade de Deus.

As palavras de adoração em forma de hino são conhecidas: *Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, Todo-Poderoso* (4:8; cf. tb. Is 6:3). Os vinte e quatro anciãos depositam suas coroas diante do trono (4:10) e louvam ao Senhor Deus como Criador, pois ele é a única fonte de vida (4:11; cf. 1:8; Sl 33:6-9; 102:25; 136:5-9). Elementos litúrgicos como esses rituais e hinos ocorrem com frequência em Apocalipse. Chama a atenção o fato de todos os adoradores participarem. A adoração não consiste apenas em palavras. Pode ser expressa de várias maneiras, desde que seu ponto focal seja o culto a Deus e o reconhecimento de seu senhorio absoluto.

#### 5:1-14 O livro e o Cordeiro no céu

O capítulo 5 é uma passagem fundamental que nos apresenta cenas e personagens no céu. Ao contrário do que poderíamos esperar depois da introdução majestosa, o agente do

propósito de Deus é uma criatura frágil sem nenhum sinal de vitória triunfante, mas apenas marcas de sua imolação.

No início do capítulo, João vê um livro na mão de Deus. O livro se encontra selado para garantir sua autenticidade e manter em segredo seu conteúdo (5:1), isto é, o destino do mundo, os propósitos de Deus para toda a criação (cf. Ez 2:9-10; Dn 10:21). Como em vários textos apocalípticos, o curso da história já foi determinado. O conselho celeste vê-se, porém, num impasse porque não há ninguém no universo que possa romper os sete selos e abrir o livro. A tensão dramática da cena se intensifica quando João começa a chorar (5:4). Em seguida, um dos anciãos informa que há alguém digno de abrir o livro, o Messias, descrito aqui como *Leão da tribo de Judá* (5:5a; Gn 49:9-10) e *Raiz de Davi* (5:5b; 22:16; Is 11:1,10; Jr 23:5; 33:15). Na literatura apocalíptica judaica, o leão era usado com frequência para simbolizar o Messias conquistador.

João procura o Leão poderoso, mas vê apenas *um Cordeiro como tendo sido morto* (5:6), no centro da sala do trono. Essa visão liga a morte sacrificial de Cristo ao cordeiro pascal do AT (Êx 12:5-6; Is 53:7; Jo 1:29,36; At 8:32; 1Pe 1:19). O Cordeiro morto é o Cristo crucificado. Mas esse Cordeiro é mais que uma vítima; é também poderoso e conquistador. O Cordeiro tem *sete chifres*. No AT, o chifre é um símbolo de força (Dt 33:17), e sete é o número da perfeição. Logo, os sete chifres indicam o poder perfeito ou absoluto do Cordeiro. Os *sete olhos* denotam visão perfeita: nada escapa de suas vistas (2Cr 16:9; Zc 4:10).

João usa todos esses símbolos para dizer a seus leitores que Cristo, da tribo de Judá e linhagem de Davi, é supremamente poderoso e onisciente e conquistou a vitória por meio de sua morte expiatória e sacrificial na cruz. Observamos uma impressionante combinação de poder supremo com abnegação extrema. Conforme Apocalipse enfatiza, o martírio é o meio de conquista tanto para Cristo quanto para seus seguidores.

O ato do Cordeiro evoca um hino de louvor dos seres viventes e dos anciãos (5:8-12). Durante o hino, os anciãos servem de sacerdotes, ao oferecer *taças de ouro cheias de incenso*, que representam *as orações dos santos* (5:8; Sl 141:2). As orações são petições semelhantes às dos mártires que clamam para Deus julgar aqueles que os mataram (6:10) e às dos remidos, cujas preces são seguidas imediatamente pelas trombetas do julgamento de Deus (8:3-5).

Num momento anterior, os seres viventes e anciãos entoaram um hino a Deus (4:11). Agora, porém, entoam um *novo cântico* (5:9), diferente de tudo o que já foi cantado no céu. Jesus Cristo introduziu a nova era do reino de Deus (Is 42:9-10), e as hostes celestiais cantam louvores a ele. Seu sacrifício na cruz mostra que ele é digno dessa honra (4:10-11). Por meio de sua morte, ele comprou *para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação*. Temos aqui a imagem da libertação de escravos, como quando Deus livrou Israel do Egito para transformá-lo em seu povo li-

vre na terra da promessa. O texto também aponta para a emancipação maior para a vida eterna no reino de Deus, realizada em favor de toda a humanidade à custa do sangue do Cordeiro. Os remidos se tornaram *reino e sacerdotes* para servir a Deus (5:10), cumprindo desse modo a vocação para a qual o povo antigo de Deus havia sido chamado (Êx 19:6).

Como discípulos de Jesus, cabe aos cristãos imitar o Mestre. O exemplo de Cristo, apresentado aos seres humanos como Cordeiro morto, deve ensinar-nos a ser humildes e a morrer para nós mesmos, a tomar nossa cruz e a seguir o Senhor em todos os aspectos da vida (Lc 9:23). Isso inclui detalhes como, por exemplo, o modo pelo qual desejamos ser apresentados ao dar palestras em congressos ou a forma pela qual esperamos que os membros de nossas igrejas se dirijam a nós. Às vezes, nos apegamos demais a títulos.

Em seguida, João vê *milhões de milhões e milhares de milhares de anjos ao redor do trono* (5:11). Essa visão é semelhante à de Daniel quanto às incontáveis multidões diante do “Ancião de Dias” (Dn 7:9-10). A imagem sugere a honra e o poder infinito daquele que está no centro de tudo e para o qual os anjos entoam louvores em 5:12: o Cordeiro.

Enquanto o primeiro hino dessa cena é entoado apenas para Deus (4:10-11), e os dois cânticos seguintes são louvores ao Cordeiro (5:9-10,12), o último hino em 5:13-14 é o final majestoso no qual todas as criaturas de Deus no céu, na terra e no mar se unem para louvar a Deus Pai e Deus Filho (5:13; 7:12; Fp 2:6-11). O número de cantores cresceu de vinte e oito em 5:8 para *toda criatura* (5:13), uma multidão inimaginável!

### 6:1—8:1 Sete selos em sete cenas

Quando o Cordeiro recebe o livro da mão de Deus (6:1), começa a abrir os selos um a um, e anjos aparecem para executar os juízos determinados. A abertura dos sete selos (6:1—8:1) é seguida de uma série de ais marcados pelo toque de sete trombetas (8:2—11:18). Depois do ai da sétima trombeta, vêm as sete taças cheias da cólera de Deus (15:5—16:21).

Na seção dos “selos”, João descreve em linguagem vívida e imaginativa as seguintes calamidades: guerra, conflito civil, fome, praga, perseguição e terremotos. As seções das “trombetas” e “taças” contêm basicamente uma repetição das calamidades. Uma vez que João escreve de maneiras tão diferentes sobre esses ais, pode ser difícil observar como as seções se assemelham umas às outras. Temos a impressão de que há um avanço nos acontecimentos, quando na verdade a maior parte deles é apenas uma repetição.

Essa forma de organização está associada à questão do lugar dos selos no contexto de Apocalipse, da igreja, da história da humanidade e da segunda vinda de Cristo. Em 6:1,3,5,7,9,12 e 8:1, diz-se que o Cordeiro abre os selos. Mas o Cordeiro já os abriu? Está abrindo de forma sequencial? Ou abrirá no futuro? Respostas diferentes a essas per-

guntas difíceis resultam em várias interpretações distintas de Apocalipse.

- Para alguns, os acontecimentos que acompanham a abertura dos selos ocorreram durante o Império Romano. Quem segue essa linha argumenta que todos os acontecimentos descritos em Apocalipse dizem respeito exclusivamente ao século I, quando a igreja sofreu e foi perseguida por causa do culto ao imperador. Todas as profecias do livro se cumpriram com a queda de Jerusalém em 70 d.C., ou pelo menos com a queda de Roma em 476 d.C. A dificuldade dessa interpretação encontra-se no fato de Cristo não ter voltado nas datas indicadas, e, no entanto, sua segunda vinda é o ápice e o desfecho do livro.
- Outros afirmam que os acontecimentos começaram a se desenrolar com o início da igreja e terão continuidade à medida que os selos forem abertos, um por um, até a consumação da história. Nesse caso, Apocalipse é considerado uma previsão da história do mundo da ascensão de Cristo em diante. Várias passagens foram associadas a Carlos Magno, à Revolução Francesa, aos papas católicos, a Mussolini, à União Europeia e assim por diante. Os paralelos entre Apocalipse e os acontecimentos históricos são, contudo, motivo de grande controvérsia. Também é problemático o fato de todas essas interpretações históricas mudarem de uma era para outra e girarem invariavelmente em torno da Europa.
- Ainda outros acreditam que nenhum dos selos foi aberto até agora e que isso só acontecerá no momento final da tribulação, imediatamente antes da volta de Cristo. Quem segue essa linha lê os capítulos 4 a 22 como se fossem um guia de tudo o que acontecerá pouco antes e logo depois da volta de Cristo. O problema dessa interpretação é que ela destitui Apocalipse de qualquer relevância para os leitores da época de João, aos quais o livro foi destinado.
- Há quem argumente também que Apocalipse não trata de acontecimentos históricos referentes a determinada era da igreja, mas de princípios perenes na guerra entre o bem e o mal. Um ponto positivo dessa interpretação é o fato de ela reconhecer a aplicação universal da mensagem de Cristo para as igrejas. Por outro lado, não leva em consideração que Apocalipse foi escrito de modo claro e específico para igrejas existentes no século I.
- Por fim, temos a abordagem “apocalíptica”, de acordo com a qual Apocalipse focaliza o sofrimento e a perseguição do povo de Deus à luz da totalidade da história humana. Desde que Satanás foi lançado à terra, a criação e o povo de Deus têm sido alvo dos ataques do inimigo, situação que persistirá até a segunda vinda de Cristo. Escritores de textos apocalípticos tratam tanto do passado quanto do futuro da história humana, de

modo que as calamidades registradas em Apocalipse (selos, trombetas e taças) não devem ser organizadas numa cronologia artificial.

Nesse comentário, adotamos a última interpretação. Apocalipse segue o estilo literário apocalíptico e deve ser lido, estudado e interpretado de acordo com as regras desse gênero. O relato de João acerca dos selos (e das trombetas e taças) deve, portanto, ser considerado uma descrição detalhada da ideia apocalíptica de que a segunda vinda de Cristo será precedida de desastres históricos periódicos que, de uma forma ou de outra, afetarão toda a ordem presente.

Apesar de João estar certo de que o Senhor Jesus Cristo voltará em breve e trará livramento absoluto deste mundo perverso, assim como julgamento, não deseja iludir os leitores cristãos com esperanças possivelmente prematuras. A característica mais notável do livro é a implacável honestidade com que o autor encara a situação diante dele. Ao ver os santos sendo perseguidos, adverte-os de que devem esperar períodos de tristeza e desolação, como fez o povo de Deus nas gerações anteriores. Insta-os a permanecer fiéis a Deus em meio ao sofrimento e incentiva-os a encarar o martírio com resignação, na expectativa de que se encontrarão com seus companheiros mártires já na presença eterna de Deus. Por trás dos mistérios e julgamentos da vida na terra, encontra-se a mão do Deus eterno, onipotente e onisciente que dirige todas as coisas.

#### 6:2 Segundo ato, cena 1: o cavaleiro no cavalo branco

Na abertura dos selos, a cena muda do céu para acontecimentos na terra. Emerge um padrão, no qual um cavaleiro surge quando cada um dos quatro primeiros selos é rompido. O primeiro a aparecer é um cavaleiro vitorioso montado num *cavalo branco* (6:2). Alguns comentaristas o identificam com Jesus Cristo. O problema dessa interpretação é que, pelo fato de estar abrindo os selos, o Cordeiro não pode ser, ao mesmo tempo, um dos cavaleiros. Ademais, em termos teológicos, seria inapropriado um ser angelical, uma criatura, ordenar que Cristo, o Criador, fizesse algo (6:1). É bem mais provável que esse cavaleiro, como os outros três, simbolize o anticristo e as forças do mal e da destruição. Ele pode ser contrastado com “Fiel e Verdadeiro”, o cavaleiro montado num cavalo branco que aparece em 19:11-16 e “julga e peleja com justiça”. O cavaleiro em 6:2 não é fiel nem verdadeiro e guerrear apenas para conquistar.

Apesar de sua severidade, a visão de 6:2 pode ter servido de encorajamento aos leitores do século I por revelar que o Cordeiro havia, para seus próprios fins benévolos, permitido o sofrimento deles. Podiam confiar, portanto, em que, apesar da aparente vitória do Maligno (no caso deles, o Império Romano), eles eram conquistadores com Cristo, o vitorioso, mesmo que enfrentassem o martírio (17:14).

**6:3-4 Segundo ato, cena 2: o cavaleiro no cavalo vermelho**

O segundo cavaleiro é mais sinistro. Aparece montado num cavalo *vermelho* (6:4; 2Rs 3:22-23). Sua cor é a mesma do dragão, o diabo, que persegue a mulher em 12:3, mas por fim é destruído. Os fiéis do século I talvez tenham lembrado a matança de cristãos por ordem de Nero, o martírio de Antipas (2:13) ou aqueles que morreram durante as perseguições promovidas por Domiciano. Para cristãos de variadas épocas, a imagem traz à memória outras carnificinas.

**6:5-6 Segundo ato, cena 3: o cavaleiro no cavalo preto**

A abertura do terceiro selo anuncia o cavaleiro no *cavalo preto* (6:5), cor que também aparece quando o Cordeiro abre o sexto selo e o sol se torna negro (6:12). O cavaleiro segura *uma balança*. Em outras partes do NT, o mesmo termo é traduzido por “jugo” e empregado de forma metafórica para o peso colocado sobre uma pessoa, como a escravidão (Gl 5:1; 1Tm 6:1), alguma exigência religiosa (At 15:10), ou o “jugo” de Cristo, que é suave e leve (Mt 11:29-30). A referência aqui talvez seja à balança usada para pesar trigo, mas é também possível que se trate de uma metáfora da subjugação às forças da fome que traz morte. Os preços indicados para o *trigo* e a *cevada* em 6:6 são exorbitantes e podem refletir escassez.

**6:7-8 Segundo ato, cena 4: o cavaleiro no cavalo amarelo**

O quarto selo revela um cavaleiro montado em um *cavalo amarelo*. O cavaleiro é *chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo* (6:8). A figura provavelmente representa a morte por flagelos. Apesar de ser possível que algumas pessoas tenham morrido em decorrência de pestes no tempo de João, é bem provável que essa visão abranja todas as pragas ocorridas até então (como, p. ex., no Egito, por ocasião do êxodo) e as que ainda estavam por vir na história humana (incluindo o HIV/aids). Conforme observamos anteriormente, uma das características da literatura apocalíptica é uma visão que abrange o passado e o futuro da história humana.

**6:9-11 Segundo ato, cena 5: a oração dos mártires**

O quinto selo muda o padrão. No lugar de cavaleiros, vemos santos martirizados que se encontram *debaixo do altar*, onde clamam pelo julgamento daqueles que os mataram (6:9-10). Recebem a instrução de esperar um pouco mais, até que *seus conservos* também tenham sido mortos (6:11). Esses mártires são citados como “todos os que foram mortos sobre a terra” (18:24); “como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta” (13:15); e “decapitados por causa do testemunho de Jesus” (20:4). Os santos martirizados se encontram agora no céu (2Co 5:6,8).

Apocalipse não se delonga em explicações sobre como um Deus amoroso pode permitir tanto sofrimento e até mesmo o martírio. O livro não soluciona o problema do sofrimento e tribulações dos cristãos e das atividades de

Satanás, mas nos incentiva a reconhecer que Deus está no controle e permite provações nesta vida.

**6:12-17 Segundo ato, cena 6: calamidades cósmicas**

Quando o Cordeiro abre o sexto selo, João observa alguns sinais que anunciam o Dia iminente do Senhor (6:12-14; cf. Is 2:12-21; 13:9-13; Jr 4:23-26; Jl 2:31; 3:15; Sf 1:14-18; Mt 24:29). Seja considerada de forma literal ou figurativa, essa cena retrata calamidades que afetam todos os habitantes da terra, não obstante sua riqueza ou classe social (6:15-17). A súplica do povo para que montes e rochedos caiam sobre ele ocorre em Oseias no contexto do julgamento de Deus (6:16; Os 10:8). Jesus predisse a mesma reação dos habitantes de Jerusalém quando o julgamento de Deus lhes sobreviesse (Lc 23:30). Em Apocalipse, a ira de Deus contra aqueles que não se arrependem de seus caminhos pecaminosos é apresentada como uma realidade histórica passada, presente e futura (Rm 1:18-25; 2:5). A Bíblia retrata de forma consistente o castigo de Deus sobre o mal e o pecado desde o início da história humana até sua consumação.

**7:1-17 Primeiro interlúdio: o povo de Deus recebe seu selo**

Entre o sexto e o sétimo selos, temos o primeiro interlúdio do drama. Em contraste com as terríveis cenas da ira de Deus retratadas no capítulo 6, o capítulo 7 mostra o povo de Deus sendo selado. Começa com uma visão de *quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra* (7:1). Não devemos entender essas palavras como uma descrição do formato da terra, mas como uma garantia de que os quatro anjos vigiam todo o mundo, e nenhuma parte está fora do seu controle. Sua função é reter *os quatro ventos* para que ventos prejudiciais não soprem *sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma*. Os “ventos” podem ser outra forma de descrever os quatro cavaleiros dos quatro primeiros selos (6:1-8), pois em Zacarias os quatro cavalos são interpretados explicitamente como “quatro ventos do céu” (Zc 6:5; cf. tb. Is 19:1; 66:15). Enquanto Zacarias associa os ventos ao céu, enfatizando sua sujeição ao Deus do céu, João se refere a eles como *ventos da terra*, pois sua atividade destrutiva é associada à terra. Os ventos são um símbolo natural de destruição (Jr 4:11-12; 49:36).

Num recurso típico da literatura apocalíptica, essa visão nos remete à pergunta: “Que fim levaram os fiéis durante os acontecimentos terríveis descritos no capítulo 6?”. A resposta é revelada na visão de *outro anjo que subia do nascente do sol* (7:2), ou seja, do leste. Como lugar onde raia o dia e onde a luz aparece primeiro, o leste simboliza uma fonte de bênção. O jardim do Éden ficava no leste (Gn 2:8), e foi dessa direção que veio a glória para o templo (Ez 43:2) e os magos que viajaram para conferir as novas do nascimento de Cristo (Mt 2:1-2).

O anjo tem *o selo do Deus vivo*. Um selo era em essência um sinal de propriedade (Ef 1:13-14). Aqui, marca os sela-

dos como pertencentes a Deus e, desse modo, os preserva da destruição que sobrevirá ao mundo (6:1-8; Êx 12:23; Ez 9:1-6). Ao longo de todo o livro, aqueles que pertencem a Deus têm a sua marca (9:4; 14:1; 22:4). Esse anjo clama *em grande voz* para os outros quatro e ordena que não firam *nem a terra, nem o mar, nem as árvores* até que *os servos do nosso Deus* tenham sido selados na testa (7:3). Mesmo quando enfrentam perseguição e martírio, os fiéis podem estar certos de que nenhuma praga ou perseguição terá poder para destruí-los espiritualmente e que eles viverão na presença de Deus para sempre, pois a ele pertencem (3:10; Rm 8:35-39).

O selo dos servos de Deus pode ser contrastado com a marca da besta, que identifica os indivíduos marcados como adoradores da besta e, portanto, objetos da ira irreversível de Deus (13:16-17; 14:9-11). Os que têm o selo de Deus, pelo contrário, são seus servos e o adoram com a mais absoluta devoção e objetos de sua graça permanente. Não serão iludidos pela besta (19:20).

A restrição imposta por Deus sobre as forças destruidoras é um elemento comum ao longo de todo o relato de Apocalipse. Cada momento da história da terra serve para realizar os desígnios redentores de Deus. Os quatro ventos não podem soprar e dar vazão à sua ira como bem quizerem, mas apenas na medida em que cumprem os propósitos de Deus.

João ouve o número *dos que foram selados* em caráter permanente: *cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel* (7:4). Mas quem são essas pessoas? Não há um consenso entre os comentaristas se os 144 mil e a grande multidão mencionada em 7:9 são o mesmo grupo ou grupos diferentes, se o grupo dos selados se refere a um Israel literal ou espiritual, e se um dos grupos ou ambos são constituídos de mártires. Não há evidências suficientes para definir essas questões, de modo que devemos ser norteados pela interpretação de Apocalipse como um todo. Como destacamos anteriormente, estamos lidando com um livro apocalíptico, e não apenas um relato do fim dos tempos.

O problema de interpretar os 144 mil como cristãos judeus é que a *grande multidão* em 7:9a também representa os salvos, mas é constituída de pessoas *de todas as nações, tribos, povos e línguas*. Por que essa multidão seria salva sem receber o selo, enquanto apenas os judeus são selados e, desse modo, marcados para preservação?

Outros argumentam que o termo “Israel” em 7:4 se refere a todos os fiéis, não obstante sua nacionalidade. Lembram que Abraão é “o pai de todos os que creem” (Rm 4:11) e, portanto, que os cristãos são seus filhos (Gl 3:7) e constituem o “Israel de Deus” (Gl 6:16). Os fiéis são os verdadeiros judeus (2:9; 3:9; cf. tb. Rm 2:28-29), aqueles que Deus chama de “povo exclusivamente seu” (Tt 2:14) e de “a circuncisão” (Fp 3:3).

Pode-se argumentar que, de acordo com a referência específica às doze tribos em 7:5-8, essas pessoas têm

literalmente descendência judaica. João fala, contudo, da nova Jerusalém como lar espiritual de todos os fiéis e, ao descrevê-la, diz que sobre as portas da cidade estão gravados os nomes das doze tribos (21:12). Logo, temos base para considerar os 144 mil como sendo todos os fiéis. Esse número corresponde a doze vezes doze mil, uma combinação de “doze”, número que representa a igreja (Mt 19:28; Tg 1:1) com “mil”, a representação de um grande número.

A grande multidão “de todas as nações, tribos, povos e línguas” traja *vestiduras brancas* (7:9b), símbolo da salvação. O branco também é a cor da vitória, e as *palmas* são emblemas de triunfo (Mt 21:5-8). Os anjos identificam os presentes como *os que vêm da grande tribulação* (7:14) e, agora, adoram no *santuário* de Deus (7:15). Deus *estenderá sobre eles o seu tabernáculo*, ou seja, sua presença estará no meio deles (Êx 40:34-38). Nunca mais sofrerão tormentos (7:16). Desfrutarão a proteção suprema do próprio Deus vivo (Sl 91:1-2). A bondade de Deus para com aqueles que o seguem é enfatizada em 7:17, um versículo que fala de ternura e consolo, elementos raros em Apocalipse.

### 8:1 Segundo ato, cena 7: silêncio no céu

João emprega o recurso do suspense com habilidade. Depois de apresentar os seis conjuntos de calamidades, não revela o sétimo de imediato, mas insinua de forma sombria que, quando ele chegar, será insuportável (8:1; 10:7; 16:17).

A abertura do sétimo selo causa silêncio no céu (8:1). Há uma interrupção no processo aparentemente inevitável, e a pausa permite que se reflita, até mesmo no céu, sobre o que está acontecendo. Por vezes, o silêncio e a reflexão são as atitudes corretas em meio aos tumultos da vida. As palavras de um provérbio shona do Zimbábue se aplicam a esse caso: “Devemos passar em silêncio pelas coisas sobre as quais não somos capazes de falar”. Por vezes, somos tentados a procurar explicar e justificar tudo o que vemos em Apocalipse, quando na realidade a atitude correta deveria ser o silêncio, a reverência, o temor e o espanto.

### 8:2—11:18 Terceiro ato: visão dos sete anjos — anúncio da ira de Deus

**Cenografia:** O palco mostra um santuário aberto. Os altares de sacrifício e incenso ocupam posições proeminentes. Enquanto a cortina sobe, um anjo carrega um *incensário de ouro* em direção ao altar de incenso (8:3). Diante do trono, vemos *sete anjos com trombetas* nas mãos (8:2). Mais uma vez, o contexto é de adoração. A cena mostra que Deus ouve as orações dos santos e responde a elas (8:4-6).

O terceiro e o quarto atos são paralelos ao quinto e ao sexto e fornecem mais detalhes dos acontecimentos apresentados inicialmente no segundo ato, cena 6. O terceiro e o quinto atos mostram como os cristãos passam



pelas tormentas da história humana, enquanto o quarto e o sexto atos revelam como os incrédulos são incapazes de suportar o julgamento de Deus. Os acontecimentos que as trombetas iniciam nessa passagem talvez correspondam àqueles desencadeados pela abertura dos selos, uma vez que os alvos são idênticos (cf. 6:1-8; 8:7-12). Calamidades semelhantes são descritas em 6:12-17, nesse ato, e em 16:2-9, no quinto ato, cenas 1-4. Desde que o diabo foi lançado do céu, a vida na terra tem sido caracterizada por catástrofes cósmicas e sofrimento humano (Rm 8:20-22), todos conduzindo a história ao dia da consumação final (Is 2:10-21; 13:9-13; Jl 2:31; 3:15; Sf 1:14-18; Mt 24:29). Em Apocalipse, a ira de Deus é representada como um elemento tanto da realidade histórica quanto do julgamento vindouro.

As quatro primeiras trombetas (8:7-12) afetam quatro áreas da criação de Deus: terra, mar, água doce e céus (cf. 14:7). Trata-se de julgamentos limitados que visam produzir arrependimento (9:20-21). Observamos em termos gerais que apenas a *terça* parte de cada área é afetada (8:7). As pragmas mencionadas nas cenas 1, 2 e 4 têm origem no relato do êxodo (Êx 9:23-26; 7:20-21; 10:21).

#### 8:5-7 Terceiro ato, cena 1: saraiva e fogo sobre a terra

Essa cena é precedida de *trovões, vozes, relâmpagos e terremoto* (8:5). O primeiro anjo toca sua trombeta, e *saraiva e fogo são atirados à terra* (8:7). Um terço da terra, incluindo a *terça* parte de sua flora, é consumido. Na verdade, *toda a erva verde* é queimada. O retrato sombrio de uma catástrofe ecológica talvez pareça corroborar a ideia de que o cristianismo é uma religião que, além de negar o mundo, também não se importa com o universo, pois este foi condenado à destruição. Passagens como 11:18 e 19:2, porém, sugerem que a destruição da terra é consequência do comportamento pecaminoso da humanidade (Gn 3; Rm 8:20-21).

#### 8:8-9 Terceiro ato, cena 2: uma montanha é atirada ao mar

O segundo anjo toca sua trombeta, e *uma como que grande montanha ardendo em chamas* cai no mar (8:8). Em decorrência desse acontecimento, um terço do mar se transforma em *sangue*, um terço das criaturas marinhas morre e um terço dos navios no mar é destruído.

#### 8:10-11 Terceiro ato, cena 3: uma estrela cai sobre rios e fontes

Quando o terceiro anjo toca sua trombeta, cai do céu *uma grande estrela, ardendo como tocha* (8:10; cf. Is 14:12). Para João, as estrelas representam os anjos (1:20; 9:1-2). Enquanto as outras pragas não afetam as pessoas de forma direta, o anjo que cai é identificado como *Absinto*, uma planta venenosa (8:11). Sua queda afeta um terço dos rios e fontes, de modo que um terço das águas é contaminado e muitas criaturas morrem (Jr 9:15; 23:15).

#### 8:12-13 Terceiro ato, cena 4: o sol, a lua e as estrelas escurecem

O quarto anjo toca sua trombeta, e um terço do sol, da lua e das estrelas é afetado. Como consequência, o dia e a noite encurtam em um terço (8:12).

Os efeitos das quatro primeiras trombetas foram teríveis, mas as três seguintes serão piores, pois são apresentadas como “ais” (8:13). Essa advertência a todas as pessoas é o lado negativo da mensagem do evangelho (Lc 6:24-26); visa conduzi-las ao arrependimento (9:20-21) e constitui a demonstração final do desejo de Deus de que todas as pessoas sejam salvas (1Tm 2:3-4).

#### 9:1-12 Terceiro ato, cena 5 (primeiro ai): o abismo se abre

Em 7:1-17, vimos a multidão “dos que foram selados” na frente. O texto ainda não havia revelado, porém, a natureza da “grande tribulação” (7:14) pela qual tiveram de passar. Agora, João começa a descrevê-la. Será um período durante o qual um anjo (a *estrela* mencionada em 9:1-2) permitirá que seja libertado *do abismo* um poder destrutivo imoral, sob seu líder *Abadom* ou *Apoliom*, nomes que significam “Destruidor” (9:11). As batalhas espirituais são uma realidade desde o tempo em que Satanás, ou o diabo, o destruidor, foi lançado do céu e continuarão até a segunda vinda de Cristo.

Os *gafanhotos* descritos em 9:3-10 (como as rãs em 16:13) simbolizam uma força demoníaca. A imageria de um exército de gafanhotos que avança como nuvem, escurece o céu e faz barulho de carros remete à visão de Joel do exército de gafanhotos que invade Israel como julgamento divino (Jl 1:6; 2:4-10). A julgar por essa imagem, bem como pelo fato de esses insetos não comerem plantas (9:4a), não se trata de gafanhotos comuns. Também não são apenas uma praga física, como os gafanhotos do tempo de Moisés ou Joel. Esses seres semelhantes a gafanhotos atacam o espírito humano. Causam um ferimento não fatal nos adoradores da besta, ou seja, em todos que não têm o selo de Deus na frente (9:4b). Os gafanhotos são forças demoníacas ou malignas (como as quatro primeiras trombetas) saídas do abismo e das quais o povo de Deus se encontra espiritualmente protegido. Eles provocam *tormento* tão intenso que suas vítimas têm *ardente desejo de morrer* (9:5-6; cf. Jó 3:21; Jr 8:3; Os 10:8).

A imagem vívida da influência imoral de forças demoníacas que estão sempre em ação nos traz à memória as limitações do poder do mal. Os demônios podem exercer apenas o poder que lhes é permitido (*dado*, 9:5) por Deus (cf. 1Sm 16:14). Na ocasião em questão, têm poder para atormentar, mas não para matar (Jó 1:12; 2:6). O mal exercido pelos gafanhotos está, a todo tempo, debaixo do controle soberano de Deus, e o período de sua atividade é limitado a *cinco meses* (9:10), tempo bastante curto em comparação com a eternidade.

### 9:13-21 Terceiro ato, cena 6 (segundo ai): quatro anjos são soltos

A ação dessa cena é desencadeada por *uma voz procedente [...] do altar de ouro* do incenso (9:13; 8:3). A precisão do tempo sugerida pela referência a *hora, dia, mês e ano* (9:15) indica que o drama como um todo está dentro do plano de Deus (Mc 13:32). Esses quatro anjos são os mesmos que estavam em pé nos quatro cantos da terra em 7:1, em que foram apresentados como guardiões dos quatro ventos da terra. Aqui, são retratados como líderes de um imenso exército (9:16).

As imagens horrendas de destruição remetem às pragas do êxodo (Êx 7—10) e à futura destruição escatológica descrita por João em 16:9. O tema do êxodo, tão presente em Apocalipse, enfatiza que, até mesmo depois de pragas devastadoras como essas, o restante do povo não se arrepende (9:20-21). As pessoas aqui descritas se comportam como Faraó e persistem em sua rebeldia e práticas idólatras. A necessidade de arrependimento é um tema recorrente nas cartas às igrejas (2:5,16,21-22; 3:3,19). Mesmo quando precisa encarar todo o horror da perversidade que criou, a humanidade não faz nada para evitar as consequências de seus atos.

### 10:1—11:13 Segundo interlúdio: o livrinho e as duas testemunhas

Como no caso das cenas entre o sexto e o sétimo selos (7:1-17), João insere um interlúdio entre a sexta e a sétima trombetas para garantir aos fiéis que eles não serão espiritualmente destruídos pelos ais escatológicos. O interlúdio consiste em duas visões complementares: uma registra o chamado para João profetizar (10:1-11) e a outra relata o testemunho de dois indivíduos que profetizam durante algum tempo antes de serem mortos pela besta do abismo (11:1-13).

#### 10:1-11 O livrinho

Pela primeira e última vez, João é tirado da posição lateral onde desempenha o papel de espectador e levado ao centro do palco, como se alguém da plateia fosse colocado no palco para participar de uma peça. Em 10:1-2, João vê um *anjo forte* que desce *do céu* e põe *o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra*. A descrição física do anjo tem paralelos em Daniel 10:4-6, e a cena também se vale da visão em Daniel 12, na qual dois anjos aparecem a Daniel, “um, de um lado do rio, o outro, do outro lado” (Dn 12:5). O anjo fala *como rugo um leão* e faz aparecer *sete trovões* (10:3). Os sete trovões transmitem uma mensagem que João está prestes a registrar por escrito quando recebe a instrução de guardá-la *em segredo* (10:4; 1:19; 22:10; Dn 8:26; 12:4,9). A proibição de divulgar a mensagem dos sete trovões é uma forma de dizer que Deus não revela todos os seus planos e propósitos, pois eles extrapolam a compreensão humana.

Da mesma forma que o conteúdo do livro selado no capítulo 5, aquilo que os sete trovões anunciam é um *mistério* (10:7) e, portanto, não faz parte desse livro de profecias, que é um texto de caráter público (22:10). O mistério se cumprirá, porém, depois do toque da sétima trombeta, fato que marca 11:15 como um momento crucial da narrativa. De acordo com o anjo, o mistério que Deus *anunciou aos seus servos, os profetas*, se encaminha para seu ápice (10:7; cf. Dn 9:6; Am 3:7; Zc 1:6).

Em seguida, o anjo levanta *a mão direita para o céu* e jura *por aquele que vive pelos séculos dos séculos* (10:5-6; Dn 12:7) que *já não haverá demora*. O tempo do cumprimento dos propósitos de Deus está próximo. Em breve, Deus agirá de forma decisiva e triunfará sobre as forças do mal. Responderá ao clamor de “Até quando?” dos santos perseguidos e martirizados (Sl 6:3; 13:1; 94:3).

Para João, o gesto de comer o livro reforça sua comissão como profeta. *O livrinho é doce como mel*, mas *amargo ao estômago* (10:9-10). Esse livro, como o dos capítulos 4 e 5, contém o plano de Deus para toda a criação, o qual João deve anunciar. Comê-lo é um ato que simboliza a assimilação da mensagem e corresponde a “consumir” a palavra de Deus (cf. Ez 3:1-2), de modo que a mensagem divina se torne a mensagem de João. O livro é, ao mesmo tempo, doce e amargo, pois contém julgamento e misericórdia, castigo e bênção. Encontramos um paralelo próximo em Daniel 12, em que o profeta recebe ordem de encerrar e selar “o livro, até ao tempo do fim” (Dn 12:4). Agora, porém, o selo do livro é aberto, pois não mais pode haver demora (10:6). Chegou a hora da tão aguardada vindicação divina.

#### 11:1-13 As duas testemunhas

Em seguida, João é instruído a medir *o santuário de Deus e o seu altar* (11:1). Na Bíblia, o ato de medir tem vários significados metafóricos. Pode referir-se à promessa de restauração e reconstrução, com ênfase sobre estender ou ampliar (Jr 31:38-39; Zc 1:16), ou pode marcar algo para destruição (2Sm 8:2; 2Rs 21:13; Is 28:17; Lm 2:8; Am 7:7-9). No caso de João, o gesto de medir o santuário de Deus, o altar e os adoradores parece semelhante ao ato de selar os fiéis para protegê-los da destruição espiritual (7:1-8). Semelhantemente, em 21:15-17, João mostra um anjo medindo a cidade celestial com uma vara de ouro, talvez a fim de marcá-la e a seus habitantes para serem preservados de dano espiritual e contaminação. Como o ato de selar, medir não simboliza preservação de dano físico, mas garantia de que nenhum dos adoradores fiéis de Deus perecerá, mesmo que sofra morte física nas mãos da besta (13:7).

Ezequiel foi instruído a descrever “à casa de Israel este templo, para que ela se envergonhe das suas iniquidades” (Ez 43:10). A descrição e as medidas detalhadas em Ezequiel 40—48 indicam a glória e a santidade de Deus no meio de seu povo e convencem Israel da culpa pela profanação do santuário. Ezequiel recebeu ordem de excluir

do santuário o “estrangeiro que se encontra no meio dos filhos de Israel, incircunciso de coração ou incircunciso de carne” (Ez 44:5-9). Semelhantemente, João é instruído a não medir o *átrio exterior* (11:2). Aqueles que não adoram o Deus verdadeiro serão excluídos da segurança espiritual e da bênção de Deus. O ministério profético exige que se faça clara separação entre aqueles que vivem para Deus e aqueles que se contaminaram com a idolatria da besta.

O foco se desloca para a perseguição das *duas testemunhas* que representam a comunidade dos fiéis em todas as eras (11:3). A imagem dessa passagem é extraída de Zacarias 4. As duas testemunhas são chamadas de *duas oliveiras* ou *dois candeleros* cheios de óleo, ou seja, do Espírito de Deus (11:4). Testemunham no átrio exterior do santuário ou na *grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o Senhor foi crucificado* (11:8; a única referência do livro ao modo pelo qual Jesus morreu). Em outras palavras, testemunham no mundo perverso, o lugar de rebelião e perseguição.

As testemunhas têm os mesmos poderes que Moisés e Elias (11:6; cf. Êx 7:17-19; 1Rs 17:1), e seu ministério é descrito como testemunho ou profecia (11:3,6-7). Os capítulos 10 e 11 convocam os fiéis a participar do ministério de Deus como profetas, e não apenas como espectadores passivos. A igreja como um todo tem um papel profético em meio a forças sobre-humanas.

O destino das duas testemunhas, mortas pela *besta que surge do abismo* (11:7; 9:11; 13:2; Dn 7:3), nos lembra que, ao longo da história, o povo de Deus não é poupado de angústia e tribulação (cf. 7:14). Como testemunhas de Deus, os profetas podem esperar sofrimento e até mesmo morte. Sempre que os cristãos resistem ao mal, veem-se pressionados a transigir. Quando se recusam, podem tornar-se objeto de ira e violência daqueles que desejam manter o mundo como ele está. As pessoas às quais esses servos de Deus deviam falar se regozijam, portanto, quando veem os *cadáveres insepultos das duas testemunhas* (11:9-10). Aqueles que as desprezam são chamados de *os que habitam sobre a terra*, uma expressão com conotações negativas (11:10; 6:10; 8:13; 13:8,12,14; 17:2,8).

A vitória da besta, porém, não superará o verdadeiro triunfo do Cordeiro, Jesus Cristo. As duas testemunhas são ressuscitadas pelo *espírito de vida, vindo da parte de Deus* (11:11). A ressurreição é seguida de uma grande voz do céu que lhes diz: *Subi para aqui* (11:12). Trata-se da mesma voz que dá instruções a João ao longo do livro (4:1; 10:4; 12:10; 14:13). A ascensão das testemunhas ao céu numa nuvem traz à memória a ascensão de seu Senhor (At 1:9) e as vindica diante de seus inimigos. Em seguida, ocorre um *grande terremoto* (11:13a; 6:12; 8:5; 16:18), semelhante ao que ocorreu na ressurreição de Jesus (Mt 28:2). O povo reage dando *glória ao Deus do céu* (11:13b), mas não se volta verdadeiramente a ele. Passa, então, o segundo ai.

### 11:14-18 Terceiro ato, cena 7: adoração no céu

A ausência de qualquer menção específica ao terceiro ai, exceto a observação de que vem *sem demora* (11:14), pode indicar que sua consumação final ainda é aguardada. Os leitores encontram-se no meio do drama da história humana. Ela está parcialmente concluída, e o texto revela um vislumbre de seu final. Aguardamos seu auge em meio às provações e tribulações. Cabe a nós vigiar, esperar, testemunhar, adorar e não permitir que nada nos desvie do caminho certo (Mt 25:1-13; Mc 13:9,32-37).

O toque da sétima trombeta também está relacionado aos acontecimentos em torno da consumação definitiva da história. Se tudo fosse revelado agora, porém, seria o fim do drama. Segue-se, portanto, o canto de louvores a Deus entoadado pelos vinte e quatro anciãos. O terceiro ato se encerra da mesma forma que começou, com um retrato dos remidos em oração enfrentando a perseguição nos últimos tempos (11:15-18). Orar é uma das formas de manter o foco em Deus quando estamos passando por dificuldades.

### 11:19—15:4 Quarto ato: visão da igreja triunfante

**Cenografia:** O cenário é semelhante ao do segundo e terceiro atos, exceto pelo detalhe de que o santuário celestial de Deus aparece completamente aberto. Como resultado, pode-se ver a arca da aliança, incluindo o propiciatório, considerado o trono de Deus. Enquanto no terceiro ato os adoradores fiéis ocuparam o centro do palco, como mostra a presença da arca, o quarto ato tratará da resposta de Deus às orações de seu povo.

Esse ato apresenta grande conflito entre as forças do bem e do mal, a ordem e o caos, a obediência e a desobediência, a lealdade e a rebelião ao longo da história humana. Os poderes do mal sempre se rebelam contra a autoridade de Deus e procuram frustrar seus propósitos. O sofrimento dos cristãos no tempo de João não foi um incidente isolado. Suas lutas constituíram apenas mais um capítulo de um conflito de longa data. Os profetas de Deus sofreram perseguição (Jr 38), e aqueles que anunciaram a primeira vinda de Cristo foram assassinados (At 7:52-53). João lembra a seus leitores que, por meio de sua perseverança paciente e testemunho fiel, eles contribuem para a subjugação final e derrota dos poderes do mal.

No primeiro, segundo, terceiro e quinto atos, João se vale principalmente de números para delimitar cada cena (p. ex., sete cartas, sete selos, sete trombetas e sete taças). No quarto, sexto e sétimo atos, porém, introduz cada cena nova com as palavras “ouvi”, “vi”, “mostrou” e “viu-se”. Ezequiel, Daniel e outros escritores apocalípticos empregam uma abordagem semelhante, mas que não ocorre em nenhum outro livro do NT. É preciso observar esse recurso literário simples, porém crucial, a fim de não perder o rumo na leitura e na compreensão do restante do drama.

**11:19—13:1a Quarto ato, cena 1: a mulher e o dragão**

João vê e ouve *relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada* (11:19). Apesar de o santuário estar aberto no palco desde o segundo ato, é a primeira vez que ocupa posição tão proeminente. Não é de admirar que ainda não tenhamos conseguido examinar o lugar santo. No AT, somente o sumo sacerdote em exercício tinha permissão de ver a arca da aliança uma vez por ano. É extraordinário que João nos permita contemplar o santuário e, mais ainda, o coloque sobre seu palco de proporções universais. Por meio da obra de Jesus Cristo, porém, “eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo” (Mt 27:51) e há agora “novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu” (Hb 10:20) até o trono de Deus.

**12:1-6 A mulher, seu filho e o dragão**

Em 12:1, João fala da aparição de um *grande sinal no céu*, uma mulher grávida, *vestida do sol* (cf. 10:1), *com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça* (cf. 1:16). Ela *grita com as dores de parto* (12:2; cf. Is 66:7). O termo usado para descrever sua agonia é o mesmo que define a experiência dos habitantes do mundo quando lhes sobrevêm os julgamentos divinos (9:5; 14:10-11; 18:7,10,15; cf. tb. Lc 21:23). A mulher não está, portanto, imune ao sofrimento.

O *filho varão* que ela dá à luz é, sem dúvida, o Senhor Jesus Cristo, aquele que *há de reger todas as nações com cetro de ferro* (12:5; 2:27; 19:15; Gn 49:9-10; Sl 2:9).

Outro sinal aparece junto com o primeiro (12:3-6): um *grande dragão*, identificado como Satanás em 12:9, cuja influência sobre a terra é retratada no capítulo 13. O dragão é *vermelho* (6:4), e suas *sete cabeças, dez chifres e [...] sete diademas* o fazem assemelhar-se à besta descrita em 13:1 (12:3; 5:6; Dn 7:7). Sua *cauda* arrasta para a terra *a terça parte das estrelas do céu* (12:4a; 6:13; 8:12; Dn 8:10). O dragão se coloca diante da mulher, uma cena que lembra a descrição do Cordeiro e da grande multidão na presença de Deus. Em vez de prestar culto, porém, ele ameaça *devorar o filho* da mulher assim que ele nasça (12:4b; cf. Gn 4:7). O dragão não consegue matar a criança, pois ela é levada embora, assim como o Senhor Jesus Cristo foi levado para o céu na ascensão.

O dragão persegue a mulher, mas ela foge *para o deserto* (12:6), lugar para onde João será levado posteriormente a fim de ver a Babilônia, representada por outra mulher (17:3-4). Esse deserto não deve ser considerado um ambiente inóspito. Antes, é um lugar que Deus preparou para a mulher, onde ela será sustentada (12:6). Não fica claro quem a sustentará. Caso sejam anjos, há um paralelo com os cuidados que Jesus recebeu durante sua tentação no deserto (Mc 1:13). Agar também recebeu alívio no deserto depois de ser maltratada por Sara (Gn 16:7; 21:4-19), e a vida de Elias foi sustentada por Deus quando o profeta fugiu de Jezabel para o deserto (1Rs 19:1-9).

A fuga para o deserto também nos traz à memória a fuga de José e Maria para o Egito com o menino Jesus (Mt 2:13-15). Essa mulher, porém, não representa Maria de forma específica, mas toda a comunidade do povo de Deus. Ao longo da história, o povo de Deus viveu como “estrangeiros e peregrinos” no deserto de um mundo decaído e hostil, tendo o céu como seu lar verdadeiro (Hb 11:13-16). E, no entanto, apesar de estarem no deserto, Deus continua a cuidar deles e prover a todas as suas necessidades “segundo a sua riqueza em glória [...] em Cristo Jesus” (Fp 4:19). Deus nunca abandona seu povo.

A mulher é sustentada no deserto *mil duzentos e sessenta dias* (12:6), um período definido em 12:14 como “um tempo, tempos e metade de um tempo” e em 13:5 como “quarenta e dois meses”, ou seja, um período curto em comparação com a eternidade ilimitada de paz e liberdade que seguirá no novo céu e nova terra.

**12:7-12 Guerra no céu**

Miguel e seus anjos lutam contra o dragão, dando início a uma guerra no céu (12:7). Trata-se da única referência ao arcanjo Miguel no NT, com exceção de Judas 9. Em Daniel, Miguel é o protetor angelical do povo de Deus (Dn 10:13-21; 12:1), um papel assumido pelo Cristo assumpto no NT (Rm 8:34; 1Jo 2:1).

Apesar de ser travada no céu, essa guerra teve grande impacto sobre a história humana. O dragão e seus anjos não prevaleceram, e não havia mais lugar para eles no céu. Consequentemente, o dragão, *a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás [...] foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos* (12:8-9a; Gn 3:1,14). Em termos históricos, trata-se de uma referência à queda de Satanás do seu estado anterior.

A Bíblia retrata Satanás como o arqui-inimigo de Deus e seu povo. Essa inimizade está por trás de sua descrição como o *sedutor de todo o mundo e o acusador de nossos irmãos* (12:9b,10). Seu papel como enganador já havia sido mencionado na descrição de Jezabel (2:20-24). No capítulo 2, uma igreja local foi ameaçada pelo engano; aqui, o engano abrange o mundo inteiro (13:14; 19:20; 20:3,8,10). Como veremos no capítulo 13, o engano é uma característica da besta, a qual opera por meio de sistemas políticos e religiosos (não cristãos) de qualquer sociedade.

Os cristãos podem cair com facilidade nas armadilhas de Satanás, que está ansioso para acusá-los *de dia e de noite, diante do nosso Deus* (12:10), uma atividade contrastante com os louvores que os quatro seres viventes e os mártires entoam diuturnamente (4:8; 7:15). Ao atribuir esse papel a Satanás, Apocalipse reflete a visão veterotestamentária do inimigo como advogado de acusação no céu (Jó 1:6-12; 2:1-7; Zc 3:1). No NT, como “príncipe deste mundo” (Jo 16:11), Satanás tenta os cristãos a pecar e desobedecer a Deus (Jo 12:31; 1Pe 5:8) e chegou a tentar Jesus Cristo durante a vida e ministério do Senhor na terra (Mt 4:1-11).

Por mais poderoso que seja, o inimigo já foi derrotado por Cristo na cruz. Os cristãos *o venceram por causa do sangue do Cordeiro, e por causa da palavra do testemunho que deram*, e porque, *mesmo em face da morte, não amaram a própria vida* (12:11b). O sangue do Cordeiro está associado à vitória dos irmãos (12:11a; cf. 1:5; 5:9; 19:13). A *palavra do testemunho* é condizente com a palavra do Cordeiro (2:13) e provoca o mesmo tipo de reação (11:7).

Uma voz no céu anuncia: *Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo* (12:10). O reino é definido como pertencente a Deus e governado pelo Messias (Dn 7:14; Mt 28:18). Em 20:1-4, o reino também está relacionado ao ato de prender Satanás “por mil anos”.

Por causa da obra de Cristo (12:12a), e porque sua vitória se estende aos cristãos, a voz convida os céus e todos os que nele habitam a se regozijar. O termo “céu” ocorre 58 vezes em Apocalipse, mas somente aqui e em 18:20 apare-

ce no plural. O céu retrata um lar permanente (Jo 14:1-3; 2Co 5:6,8; Fp 1:21).

Apesar de o convite para se regozijar ser dirigido aos habitantes do céu, aqueles que se encontram na terra mas são cidadãos do céu também podem alegrar-se. Ainda que sofram dificuldades terríveis na terra, suas provações são temporárias, e a vitória já está sendo comemorada no céu. Por ora, porém, João expressa um *ai da terra e do mar* (12:12b). *O diabo desceu [...] cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta* antes da segunda vinda. O termo grego traduzido por “tempo” sugere “um tempo determinado” (1:3; 11:18). Não resta muito tempo para as atividades do Maligno. Os justos não sofrem perseguições porque Satanás é mais forte que Deus, mas porque procura causar o máximo possível de estrago antes de Deus detê-lo. Satanás não poderá continuar a agir desse modo por muito mais tempo. É um inimigo derrotado que está com os dias contados.

## PERSEGUIÇÃO

Não é de hoje que a igreja africana sofre perseguição. No século III d.C., Tertuliano, um pai da igreja originário da África, declarou que “o sangue dos mártires é a semente da igreja”. A perseguição continuou nos tempos modernos em países como Uganda durante o governo do presidente Idi Amin; no Chade, sob o presidente Tombalbaye e, ainda hoje, em países como Etiópia e Eritreia e esporadicamente em outras nações. Quem se converte do islamismo para o cristianismo enfrenta, com frequência, discriminação severa e, por vezes, até a morte.

O objetivo principal da perseguição não é destruir os indivíduos perseguidos, mas eliminar a fé que professam. Os perseguidores procuram obrigar os cristãos a negar sua fé em Jesus Cristo a fim de remover Cristo de sua vida. O verdadeiro alvo da perseguição, portanto, é Jesus Cristo (At 9:4).

A história da perseguição aos fiéis é antiga. O primeiro caso registrado no AT é o assassinato de Abel por seu irmão Caim, um exemplo do conflito entre os justos e os ímpios (Gn 4:3-8). Outros perseguidos foram José (Gn 39:19-20), Davi (1Sm 18:9; Sl 119:87,157,161), Elias (1Rs 19:1-3) e Jeremias (Jr 26:10-11). Alguns dos profetas que permaneceram fiéis à proclamação da verdade pagaram com a própria vida (2Cr 36:15-16). Durante o exílio, Daniel, Sadraque, Misaque e Abede-Nego foram provados severamente por se recusarem a adorar um rei pagão (Dn 3; 6). A disposição de aceitar o sofrimento e até mesmo a morte foi transmitida do judaísmo para o cristianismo.

### Predições de perseguição

Jesus predisse repetidamente que seus seguidores enfrentariam hostilidade (Mt 5:10-12; 10:16-23,34-36; Mc

10:29-30; Lc 6:26; 23:28-31), pelo fato de não pertencerem ao mundo, mas ao reino de Deus (Mt 5:10-12; Mc 13:9-13; Jo 16:33). Não é possível pertencer a ambos ao mesmo tempo, pois são incompatíveis. O mundo não conhece Deus (Jo 16:1-4; At 17:23; Rm 1:18-32) e odeia Cristo (Jo 15:20). Somos rejeitados por não fazermos parte da mesma família e não termos o mesmo pai.

Jesus não esperava que apenas seus seguidores estivessem preparados para enfrentar perseguição; ele mesmo estava pronto para ser perseguido. Deu o exemplo a seus discípulos. Conforme João 15:18-25 mostra, se nosso Mestre sofreu perseguição, por que devemos esperar menos hostilidade contra nós?

Em Atos dos Apóstolos, vemos cristãos ser aprisionados, açoitados ou mortos por causa de sua fé (At 5:17-18,40; 6:8—7:59). Apocalipse também fala de perseguições (Ap 1:9; 2:13; 6:9). Deus promete, contudo, que vingará os mártires (Ap 19:2). Em meio à perseguição, a tarefa dos cristãos é perseverar, pois a vitória já foi conquistada por meio de Cristo (Jo 16:33).

A perseguição é uma parte inescapável da jornada de fé do verdadeiro cristão. Quando sobrevém, muitas vezes perguntamos: “Por que eu, Senhor?”, indagação que pode gerar autopiedade, dúvida e murmuração. Com essa atitude, temos dificuldade em perceber o propósito do Senhor ao permitir a adversidade, pois esquecemos de que Deus é soberano. Ele tem o direito de governar o universo que criou para sua glória, e somos como barro nas mãos do oleiro. Nada de bom ou mau toma Deus de surpresa (Is 45:7). Em longo prazo, Deus pode transformar as piores circunstâncias em benefício (Rm 8:28). A tentativa de Balaque de fazer Balaão amaldiçoar Israel é um excelente exemplo, pois, em vez de maldições, os israelitas receberam bênçãos (Nm 22—24). Ninguém pode frustrar as promessas de Deus aos seus filhos.



### Refinamento pela perseguição

Tiago mostra que a perseguição exerce um efeito refinador sobre o cristão, da mesma forma que o fogo purifica o ouro. A perseguição prova nossa fé. Tiago também lembra que as tribulações são inevitáveis, podem assumir várias formas e surgir quando menos esperamos. Somos chamados a ter uma atitude correta e a suportar o sofrimento que produzirá frutos como maturidade e plenitude na vida cristã (Tg 1:2-8).

Os cristãos não devem surpreender-se (Jo 15:20; 1Pe 4:12) nem temer (Is 41:10-14) quando forem perseguidos. Antes, devem regozijar-se (Tg 1:2). É um privilégio participar do sofrimento de Cristo (Mt 5:11; 1Pe 4:13-16). Como os apóstolos, devemos considerar o sofrimen-

to por Cristo um sinal de honra (At 5:41) e orar pedindo ousadia diante da hostilidade (At 4:24-30).

Os cristãos também devem orar por seus perseguidores (Mt 5:44) e até mesmo abençoá-los em vez de desejá-los o mal (Rm 12:14). Os perseguidos devem entregar-se a Deus (1Pe 4:19) e regozijar-se, apesar do sofrimento (1Pe 1:6). Seus companheiros na fé devem orar por eles (At 12:5) e esperar que grandes coisas aconteçam, em vez de duvidar (At 12:15).

Acima de tudo, devemos todos lembrar que nosso adversário só ataca os cristãos ativos. Ser perseguido é um sinal de que estamos vivos em Cristo.

Elias M. Githuka

### 12:13-17 Guerra na terra

Furioso por não ter conseguido devorar o filho varão da mulher e por ter sido derrotado por Miguel, o dragão (Satanás) volta sua ira contra a mulher e seus outros filhos (12:13). Essa imagem representa o conflito entre o bem e o mal ao longo de toda a história humana. É um relato em linguagem metafórica da perseguição e do sofrimento do povo de Deus desde que Satanás foi lançado à terra.

A passagem traz a última referência à mulher mencionada pela primeira vez em 12:6. Aqui, ela representa ao mesmo tempo Maria, a mãe de Jesus, Israel, de onde veio o Messias, e o povo de Deus de todas as eras, cujos descendentes ainda são perseguidos nos dias de hoje.

Depois de dar à luz, a mulher havia fugido para o deserto e sido sustentada ali. Agora ela reaparece e volta a ser perseguida pelo dragão. A derrota de Satanás se encontra, portanto, interposta entre as duas partes da visão da mulher vestida do sol. Satanás é derrotado no céu e, apesar de repetida e intensa perseguição, não consegue vencer a mulher e seus descendentes na terra. A mulher recebe *as duas asas da grande águia* (12:14; Êx 19:4; Is 40:31) e foge outra vez para o deserto, onde *é sustentada* (12:6). Em termos mais amplos, essa linguagem simbólica se refere ao santuário que o Senhor provê para o seu povo ao longo da história humana.

O dragão, chamado agora de *a serpente*, faz jorrar *da sua boca* [...] *água como um rio, a fim de fazer com que a mulher seja levada pela correnteza* (12:15; cf. 9:17-19; 11:5; 16:13). *A terra, porém*, socorre a mulher ao se abrir e engolir o rio (12:16). Eleva-se, por assim dizer, para ajudar a mulher no conflito com aqueles que destroem a terra (11:18). A ira do diabo *contra a mulher* o leva a lutar *com os restantes da sua descendência* (12:17).

A visão de João termina de forma repentina com Satanás *em pé sobre a areia do mar* (12:17) junto ao abismo, o lugar de onde a besta surgirá para provar a fidelidade dos santos a Deus (11:7).

### 13:1-10 Quarto ato, cena 2: a besta do mar

A cena 1 termina com o dragão em pé junto ao mar. Ele foi lançado do céu à terra e está pronto para descarregar sua cólera sobre os fiéis a Deus. Inicia-se a cena 2: *Vi emergir do mar uma besta* (13:1a). O mar, que desaparecerá na nova criação (21:1), simboliza o caos (Gn 1:2; Sl 104:7-9). Os reinos do mundo, que representam poderes satânicos, também são descritos como bestas que vêm do mar (Dn 7:3-7).

Essa besta é semelhante ao dragão, no sentido de que tem *dez chifres*, símbolo de poder, e *sete cabeças* (13:1b; 12:3), uma indicação da totalidade da sabedoria e entendimento do inferno. Os *dez diademas* simbolizam o domínio dos poderes satânicos, e os *nomes de blasfêmia* em cada cabeça revelam a oposição da besta a Deus. João já se referiu a esse aspecto em 11:7, ao dizer que a besta “surge do abismo” para pelejar contra a comunidade de Deus. O quarto ato parece ser, portanto, uma descrição detalhada de acontecimentos já registrados na cena 6 do terceiro ato.

É difícil imaginar um animal como o que João descreve aqui. Precisamos lembrar que o objetivo não é nos ajudar a visualizar a besta com precisão, mas transmitir uma impressão de algo indescritivelmente horrível. João usa o simbolismo, um elemento comum da literatura apocalíptica, para conferir à besta as características dos três animais descritos em Daniel 7:4-6, a saber, um leopardo, um urso e um leão (13:2a). Em Daniel 7, esses três animais representam diferentes impérios mundiais, e é possível que João tenha seguido a mesma linha. Para João, contudo, a besta não possui nenhum poder próprio. O dragão é que lhe confere *o seu poder, o seu trono e grande autoridade* (13:2b) e a torna um inimigo formidável.

O autor prossegue: *Vi uma de suas cabeças golpeadas de morte, mas essa ferida mortal foi curada* (13:3). João não diz como a besta sofreu esse ferimento, mas em 13:14 descobrimos que ela foi “ferida à espada”. O autor também não informa se a besta foi ferida depois de chegar à terra nem

como foi curada. Seu foco é sobre o fato de um ferimento aparentemente mortal ter sido curado.

Certas características da descrição que João fornece levaram alguns a identificar essa cabeça com o imperador Nero, e a besta com o Império Romano. Nero cometeu suicídio ferindo-se no pescoço com uma espada, e surgiu uma lenda de que ele sobreviveu. Em oposição a essa interpretação, devemos observar que a ferida aparece em apenas uma das cabeças da besta em 13:3, mas se torna uma ferida da besta como um todo em 13:12,14. O dano que o imperador rejeitado causou a si mesmo não prejudicou o império todo. Ademais, é difícil entender como a lenda sobre a cura da garganta de Nero poderia intensificar a autoridade da besta ou a guerra do dragão contra os santos.

O termo traduzido por “ferida mortal” também é significativo. Em outras partes de Apocalipse, é traduzido por “flagelo(s)” e se refere ao julgamento divino (9:18,20; 11:6; 16:9,21; 18:4,8; 21:9; 22:18). Em Apocalipse, a “espada” simboliza o julgamento divino executado pelo Messias (1:16; 2:12,16; 19:15,21), com exceção de 13:10, em que a espada é usada contra o povo de Deus. Assim, João não está falando da morte de Nero, mas da espada como símbolo do julgamento de Deus que desferiu o golpe mortal sobre a autoridade da besta (e do dragão).

A identificação do inimigo da besta nos permite entender o acontecimento que João talvez tivesse em mente como golpe mortal. Em Apocalipse, o único que conquista a besta e o dragão, juntamente com seus santos fiéis, é o Cordeiro que foi morto (12:11; 19:19-21). A crucificação, ressurreição e exaltação de Jesus Cristo desferiram o golpe mortal sobre o dragão e a besta (1:5; 5:9). Essa ideia tem paralelos em outras passagens do NT (Lc 10:17-24; 11:14-22; Jo 12:31-33; Cl 2:15). Não se trata, portanto, de uma referência ao caso de Nero, mas a Gênesis 3:13-15, em que Deus diz que a cabeça da serpente será ferida.

O mesmo paradoxo do capítulo 12 reaparece no capítulo 13. No capítulo 12, o dragão é derrotado e expulso do céu, mas ainda tem tempo de travar uma batalha implacável contra o povo de Deus. Semelhantemente, a besta aqui no capítulo 13 recebeu um golpe mortal da cruz de Cristo e, no entanto, ainda tem tempo e forças (com a permissão de Deus) para travar uma batalha espiritual contra os remidos. O inimigo parece estar vivo e plenamente no controle, e suas blasfêmias se multiplicam (2Tm 3:1-9). Aquilo que a besta do mar é incapaz de realizar, ela deixa ao encargo da besta da terra (13:11-12). O dragão, a besta do mar e a besta da terra, apesar de serem distinguíveis uns dos outros, trabalham juntos para realizar os mesmos propósitos, a saber, enganar os incrédulos a fim de levá-los a adorar o dragão e a besta do mar e destruir todos os que se opõem a eles.

Encontramos inúmeros paralelos entre a descrição que João faz da besta e Jesus Cristo. Tanto Cristo quanto a besta empunham espadas; ambos têm o nome inscrito na testa de seus seguidores (13:16—14:1); ambos têm chifres (5:6;

13:1); ambos têm autoridade; e ambos receberam (de autoridades distintas) poder sobre todas as nações, tribos, povos e línguas, bem como sobre os reis da terra (1:5; 7:9; 13:7; 17:12). A besta não corresponde, portanto, ao Império Romano ou a um dos seus imperadores, mas ao arquirrival de Jesus Cristo. Essa caracterização teológica é muito mais importante que qualquer identificação com uma figura histórica específica.

As referências a pessoas como manifestações do anticristo nas epístolas de João (1Jo 2:18,22; 4:3; 2Jo 7) e a descrição que Paulo apresenta da vinda do “homem da iniquidade” (2Ts 2:3-4,8-9) levaram alguns intérpretes antigos e modernos a concluir que um indivíduo específico será o anticristo. Parece provável, contudo, que João não esteja apontando para um arqui-inimigo particular do povo de Deus, quer passado, quer futuro, mas à encarnação do mal que se manifesta em várias pessoas ao longo da história humana. Isso não significa que João negue as manifestações históricas dessa realidade satânica; evita, porém, a interpretação da imageria apenas em termos do Império Romano ou sua restrição a uma única entidade ou indivíduo político ou religioso, presente ou futuro.

O discurso arrogante da besta lembra as palavras do chifre da quarta besta em Daniel 7:8,11,20. Além de falar, porém, a besta age contra os remidos (13:5-7; 11:7; 12:7; Dn 7:21), pois o dragão lhe dá *o seu poder, o seu trono e grande autoridade* (13:2b). Essa transferência de autoridade sugere que sistemas mundiais seculares e religiosos não-cristãos que se opõem a Deus ou negam Jesus Cristo em qualquer período da história humana são instrumentos de Satanás (13:2-3).

Os habitantes do mundo se entregam à adoração à besta (13:4,8). Quem sucumbe aos engodos da besta e a venera não tem o nome escrito no *Livro da Vida*, o registro dos cidadãos do céu (13:8; 3:5). Por outro lado, os santos, cujos nomes estão nesse livro, são alvo dos ataques da besta (13:7). Os cristãos que se recusam a adorar a besta sofrem perseguição e até mesmo martírio. Essa passagem traz à memória a guerra travada no céu entre Miguel e Satanás (12:7) e os ataques às duas testemunhas (11:7). Satanás e seus soldados parecerão estar em vantagem, mas o poder da besta é limitado e durará apenas *quarenta e dois meses* (13:5), período durante o qual os servos de Deus terão de exercitar *perseverança* e [...] *fidelidade* (13:10b). Por fim, Deus mostrará que está no controle e não permitirá que a besta continue a perseguir os santos. A citação em 13:10a lembra Jeremias 15:1-2, em que o desprazer de Deus com os rebeldes é registrado nas palavras: “Lança-os de diante de mim, e saiam”.

### 13:11-18 Quarto ato, cena 3: a besta da terra

Agora, João vê *outra besta*. Ao contrário da primeira, que veio do mar, esta emerge *da terra* (13:11). A distinção talvez indique uma ligação ainda mais próxima com a socie-

dade humana, mas devemos cuidar de não inferir demais. Na visão de Daniel, os quatro grandes animais que saem do mar são interpretados como quatro reis que se levantariam da terra (Dn 7:3,17). As duas bestas estão intimamente ligadas e ambas exercem influência maligna sobre a história humana.

A aparição da segunda besta é enganosa. Assemelha-se a um *cordeiro* com *dois chifres* e finge ser um salvador semelhante ao Cordeiro que foi morto para nossa redenção (13:8). Não passa, contudo, de um salvador falso, com uma mensagem falsa de salvação, pois fala *como dragão* (13:3) e profere as palavras mentirosas do dragão. *Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença*, ou seja, atua sob seu controle (13:12,14). É, portanto, agente da primeira besta, da mesma forma que esta é agente do dragão (13:2). As duas bestas são instrumentos de Satanás em sua guerra contra Deus e seu povo. Mas, pelo fato de a segunda besta apresentar algumas das características do Cordeiro, é compreensível que as pessoas sejam enganadas. Também fica clara a necessidade de permanecermos vigilantes a fim de não sermos enganados por algo que parece plausível, cooperando desse modo com coisas ou pessoas que se opõem a Deus.

A principal função da segunda besta é promover a adoração à primeira besta pela *terra e os seus habitantes*. Com esse fim, realiza *sinais* e prodígios como os profetas de Deus (13:13,15; cf. 1Rs 18:38), mas é um falso profeta (16:13; 19:20; 20:10; Mt 7:15; At 13:6).

A adoração que a segunda besta impõe não é uma questão particular, pois seus adoradores serão marcados na mão direita ou na testa (13:15-16; 14:9,11; 16:2; 19:20; 20:4). Essa paródia do selo colocado sobre os 144 mil no capítulo 7 permite que tais indivíduos comprem e vendam no comércio. Sem a marca, será impossível ter acesso à economia (13:17). A referência não parece ser principalmente a uma marca literal, mas ao ostracismo social de quem recusa conformar-se ao sistema.

Para os primeiros leitores de João, a segunda besta talvez simbolizasse o culto ao imperador, cujo “deus” era a linha contínua de imperadores deificados por decreto do senado romano. Por trás da seita, encontrava-se a autoridade do imperador e, em nome dessa autoridade, uma função sacerdotal (levará os homens a adorar a imagem do imperador; 13:15); uma função profética (realizará grandes milagres para validar a religião; 13:13); e o poder de um grande inquisidor (procurará marcar todas as pessoas com a marca da besta, sem a qual ninguém poderia comprar ou vender; 13:16-17).

A declaração de que o número da besta é *seiscentos e sessenta e seis* constitui provavelmente um exemplo de uma prática antiga conhecida como *gematria*, na qual se atribuíam valores numéricos a palavras (13:18b). No mundo antigo, também se usavam letras no lugar de números (em nosso alfabeto, A = 1, B = 2, C = 3 e assim por diante)

e era fácil converter o nome de uma pessoa em números. Uma vez que o valor numérico de vários nomes poderia corresponder a 666, não há como identificar com precisão a pessoa que João tinha em mente.

Existe, porém, outra forma de considerar esse número, exemplificada de maneira clara pela observação de que se trata de *número de homem*, o que dissocia o número de uma pessoa específica. Em vez disso, destaca o fato de que, em Apocalipse, o número 7 (usado com referência a anjos, igrejas, selos, trombetas e taças) sugere inteireza, enquanto o número 6 fica aquém dela. A besta parece próxima da perfeição e quase messiânica; afinal, é uma caricatura do Cordeiro que foi morto (13:3,11,13). Mas o fato de não ser perfeita faz toda a diferença. Na verdade, é diabólica e completamente antagônica a Deus (13:4). O número 666 representa algo que fica três vezes aquém da perfeição (dragão: 6; besta: 6; falso profeta: 6). Uma vez que se aproxima da perfeição e apresenta quase todas as características da verdade, porém, pode enganar outros com facilidade. Não é de admirar que seja preciso ter *sabedoria* (13:18a)!

#### 14:1-5 Quarto ato, cena 4: o Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil mártires

A imagem sombria da cena 3 é seguida intencionalmente de uma imagem triunfante na cena 4. Juntas, as duas cenas parecem desconsiderar o arrebatamento antes da tribulação, pois contrastam aqueles que têm na *fronte escrito o seu nome* [do Cordeiro] e o *nome de seu Pai* (14:1; 13:16). A humanidade é dividida em dois grupos, e ninguém pode pertencer a ambos ao mesmo tempo.

A cena 3 retrata o martírio do povo de Deus. A cena 4 inverte esse julgamento, pois João vê o Cordeiro (Cristo) *em pé sobre o monte Sião*, o centro do reino messiânico. Está acompanhado dos *cento e quarenta e quatro mil* que, como o coro celestial em 5:8-10, entoam um *novo cântico* de louvor a Deus, um cântico que *ninguém* mais *pôde aprender* (14:2-3). Apesar de ser tentador interpretar os 144 mil como um símbolo de toda a humanidade remida, uma leitura mais cuidadosa sugere que eles são os mártires, as vítimas da besta no capítulo 13, descritos aqui como *primícias* (14:4b). Trata-se de um termo sacrificial, apropriado para aqueles que entregaram a vida por Deus. Os mártires perseveraram em seu testemunho mesmo sob perseguição, e *não se achou mentira na sua boca* (14:5).

Os que acompanham o Cordeiro *não se macularam com mulheres, porque são castos* (14:4a). Essas palavras precisam ser interpretadas com referência às regras para a “guerra santa”, que exigiam abstinência sexual antes da batalha (Dt 23:9-11; 1Sm 21:4-5; 2Sm 11:9-11). João usa esse requisito para pureza cerimonial como símbolo de pureza moral e religiosa. É uma descrição figurativa, e não literal (2Co 11:2), paralela ao uso da imageria do adúltero como metáfora para idolatria (cf. 2:14,21). Descreve a singularidade e a recusa em transigir que fazem parte da

abstinência sexual e reflete a profunda aversão observada ao longo de Apocalipse a tudo o que é ambíguo ou misto (3:15-16).

A visão de João oferece esperança aos que permanecem firmes em Deus. Quem se conforma aos padrões da besta pode alcançar prosperidade temporária, mas, no final, não permanecerá. Essa certeza deve incentivar o povo de Deus a permanecer comprometido com aquilo em que crê mesmo quando corre o risco de sofrer humilhação pública.

#### 14:6-13 Quarto ato, cena 5: as mensagens dos três anjos

As cenas 3 e 4 mostraram duas multidões: uma constituída daqueles que aceitaram o sistema mundial secular e a outra composta de santos. Na cena 5, ouvimos três anúncios intimamente relacionados, cujo propósito é instar os povos da terra a se juntar aos justos e encorajar os fiéis perseguidos com a informação de que Deus está prestes a recebê-los em seu descanso.

O primeiro anúncio proclama *um evangelho eterno* e roga a todos os povos que temam a Deus, o Criador e justo Juiz (14:6-7). O segundo proclama a queda iminente da *grande Babilônia*, ou seja, das forças do mal (14:8). O terceiro é uma advertência de que tormentos eternos aguardam quem *adora a besta* (14:9-11). Essas declarações representam aspectos diferentes, positivos e negativos, da mensagem de Deus.

Encontramos aqui a primeira menção à cidade perversa chamada de *a grande Babilônia* (14:8; 16:19; 17:5; 18:2). Sua transgressão consiste em ter *dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição* (14:8; Jr 51:7). A declaração parece indicar que a Babilônia fez que as pessoas se desviassem do caminho certo e se esquecessem de sua verdadeira vocação, a saber, adorar a Deus e guardar fielmente os seus mandamentos (cf. 17:2; 18:3). Em outra passagem, João se refere a Sodoma e ao Egito juntos como “grande cidade” (11:8). Apocalipse fala de apenas duas cidades: a “cidade santa” (11:2; 21:2), da parte de Deus, e a cidade perversa, da parte de Satanás. A cidade de Satanás pode estar situada em todo e qualquer lugar em que as pessoas adoram algo além do Deus vivo e verdadeiro.

O objetivo geral do quarto ato fica claro em 14:12-13: elogiar os santos por sua *perseverança* mesmo em meio à perseguição. Se morrerem no Senhor, encontrarão nele descanso *das suas fadigas*.

#### 14:14-20 Quarto ato, cena 6: a ceifa de pecadores e remidos

O conflito entre o bem e o mal apresentado como uma batalha em 9:13-21, 16:12-16 e 19:19-21 é retratado aqui de maneira vívida como uma colheita. Mais uma vez, a ênfase é sobre o julgamento dos pecadores e a reunião dos justos no final da história humana na terra. A imageria é proveniente do capítulo 3 de Joel: “Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os

seus compartimentos transbordam, porquanto a sua malícia é grande” (Jl 3:13).

O primeiro ceifeiro é *semelhante a um filho de homem* (14:14) e representa o aspecto salvador do julgamento (14:15-16). Jesus também usou a imageria da ceifa para explicar a reunião dos remidos (Mc 4:29; Lc 10:2). O outro lado do julgamento, a condenação, fica evidente quando as uvas colhidas são pisadas *no grande lagar da cólera de Deus* (14:17-19). O vinho que corre do lagar simboliza o derramamento do sangue dos culpados que foram executados. A imageria do sangue que se eleva até a altura dos *freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios* (300 km) retrata a magnitude e severidade do castigo de Deus sobre os perversos (14:20; Is 63:1-6). O fato de o sangue ser derramado *fora da cidade* provavelmente se refere às guerras da Antiguidade nas quais o exército sitiado era morto nos muros da cidade, e o sangue corria para fora de seu território. A cidade é a mesma que foi pisada pelos incrédulos (11:2).

A magnitude do julgamento mostra que não se trata de vingança humana, mas exclusivamente da vingança executada pelo Filho do Homem e seus anjos ceifeiros.

#### 15:1-4 Quarto ato, cena 7: o cântico do Cordeiro

No terceiro e no quarto atos, João descreveu os acontecimentos do fim dos tempos e seu impacto sobre a comunidade dos santos, o povo remido de Deus. Nessa cena final do quarto ato, porém, João retrata com algumas pinceladas vívidas o fim da história humana e o futuro dos *vencedores* (15:2b; cf. tb. 2:7,11,17,26; 3:5,12,21). Vemos, portanto, apenas os salvos *em pé no mar de vidro* (15:2a), o que traz à memória o “mar de fundição” e as dez pias de bronze do templo de Salomão (1Rs 7:23-39). Como os objetos do templo, esse mar de vidro provavelmente representa a santidade sem a qual ninguém pode aproximar-se de Deus. Os salvos passaram pelo mar, como Israel atravessou o mar Vermelho. E como Israel, depois da travessia, todos se deitaram para entoar o *cântico de Moisés* (cf. tb. Êx 15), com modificações do original que o tornam, também, o *cântico do Cordeiro* (15:3).

Enquanto cantam, os remidos tocam *harpas de Deus* (15:2c). Desfrutaram comunhão constante com o Senhor e têm “intrepidez para entrar no Santo dos Santos” mediante a “plena certeza de fé” necessária para se aproximarem de Deus, pois “quem fez a promessa é fiel” (Hb 10:19-23).

Encerra-se assim o quarto ato, com uma firme certeza: quem tem o selo de Deus na fronte não deve temer a perseguição que pode resultar em martírio. O selo de Deus significa que eles pertencem a Deus para sempre.

#### 15:5—16:21 Quinto ato: visão dos sete anjos — Deus derrama sua ira

**Cenografia:** Nesse ato, o santuário fica em segundo plano para que todo o tabernáculo, com seus candelários, altares

e outros elementos, fique visível. Sete anjos, carregando sete taças cheias da cólera de Deus, aparecem em primeiro plano.

No terceiro ato, vimos os fiéis suportar a grande aflição do fim dos tempos. No quinto ato, vemos o mundo incrédulo lidar com o mesmo sofrimento. Como no terceiro ato, as quatro primeiras cenas do quinto ato trazem uma descrição mais minuciosa da calamidade cósmica apresentada em 6:12-17. Fica evidente que os acontecimentos dos dois atos se referem ao mesmo período do fim dos tempos. Os flagelos associados às taças e às trombetas remetem às pragas que sobrevieram ao Egito.

Outra diferença importante entre o terceiro e o quinto atos é a extensão do impacto dos flagelos do quinto ato sobre a humanidade. No terceiro ato, João falou do sofrimento humano apenas na cena 3, pois seu propósito naquele momento era mostrar como a comunidade cristã conseguiria suportar esses dias terríveis. Aqui, porém, o autor enfatiza o efeito dos flagelos sobre aqueles que têm a marca da besta e adoram sua imagem. Os ímpios são incapazes de lidar com as pressões diárias e, na tentativa de encobrir sua incapacidade, amaldiçoam Deus. O quinto ato apresenta, portanto, uma descrição do sofrimento humano que se intensifica de *úlceras malignas e perniciosas* (16:2), para queimaduras provocadas pelo calor excessivo do sol (16:8-9), até *grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento* [40 kg] (16:21). Um retrato impressionante de tormento sem alívio! Podemos descrever essa demonstração da ira de Deus contra o pecado como o inverso do evangelho.

### 15:5—16:1 Diante do tabernáculo

Além de contrastar a reação dos cristãos e dos incrédulos, o terceiro e o quinto atos apresentam anjos em papéis contrastantes. O terceiro ato mostra os anjos como mensageiros do poder salvador de Deus, ao passo que o quinto ato os apresenta como mensageiros da cólera. Observamos também um contraste com referência ao *tabernáculo do Testemunho* (15:5). O terceiro e quarto atos mostram o povo de Deus em oração e o tabernáculo inteiramente visível. No quinto ato, o tabernáculo é colocado em segundo plano, e ninguém pode adentrá-lo enquanto não se cumprirem *os sete flagelos dos sete anjos* (15:8). Essa ideia traz à memória Êxodo 40:34-35, em que “Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque [...] a glória do SENHOR enchia o tabernáculo”, ou seja, por alguns momentos, a majestade da presença de Deus era tão sobrepujante que não podia ser contemplada por olhos humanos. Aqui em Apocalipse, significa que ninguém pode suportar a cólera de Deus contra o mundo pecaminoso. O acesso a Deus está fechado, e a humanidade desobediente não pode recorrer à sentença do julgamento final. Não é de admirar que esse ato se encerre com as palavras: “Porquanto o seu flagelo era sobremodo grande” (16:21).

### 16:2 Quinto ato, cena 1: flagelo sobre a terra

O derramamento da primeira taça resulta em feridas dolorosas (cf. Êx 9:10-11; Lc 16:20-21) e afeta especificamente os *portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem* (13:15-16; 7:3).

### 16:3 Quinto ato, cena 2: flagelo sobre o mar

Na sequência, o segundo anjo derrama a sua taça *no mar*, e este se torna sangrento como um cadáver (16:3; Êx 7:19-21). Enquanto a segunda trombeta resultou na destruição de um terço das criaturas marinhas (8:8-9), aqui perece *todo ser vivente que havia no mar*.

### 16:4-7 Quinto ato, cena 3: flagelo sobre os rios e as fontes

O terceiro anjo derrama a sua taça *nos rios e nas fontes das águas*, e eles se transformam em sangue (16:4; Êx 7:17-18). Em 8:10-11, as mesmas águas se transformam “em absinto”. Diante desse flagelo, o anjo das águas reconhece o julgamento justo de Deus (16:5-6) e o chama de *Santo* (como em 15:4) e juiz (6:10; 11:17-18; 18:8,20; 19:11; Sl 119:137). Em resposta a essas palavras, uma voz vinda do altar dos sacrifícios diz: *Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos* (16:7).

### 16:8-9 Quinto ato, cena 4: flagelo sobre o sol

O quarto anjo derrama a sua taça *sobre o sol* e libera calor intenso sobre a terra (16:8). Quando as pessoas começam a queimar, blasfemam o nome de Deus (16:9,11,21; 13:6). Reconhecem que ele *tem autoridade absoluta sobre estes flagelos*, mas, como em 9:20, não demonstram nenhum arrependimento nem glorificam a Deus (11:13; 14:7).

### 16:10-11 Quinto ato, cena 5: flagelo sobre o trono da besta

Os quatro primeiros flagelos afetaram todas as partes do planeta: terra, águas, mar e sol. Agora, a fortaleza da besta é atacada. O quinto anjo derrama a sua taça *sobre o trono da besta* e, como consequência, seu reino se torna *em trevas* (16:10; cf. 8:12; 9:2; Êx 10:22; Mt 24:29; 27:45; At 2:20). Apesar de todo o sofrimento, o povo se encontra tão empedernido contra Deus que nada pode levá-lo ao arrependimento (16:11).

### 16:12-16 Quinto ato, cena 6: flagelo sobre o rio Eufrates

O sexto anjo derrama sua taça *sobre o grande rio Eufrates*. Como consequência, as águas secam, abrindo o caminho a ser percorrido pelos *reis que vêm do lado do nascimento do sol*, ou seja, do leste (16:12; 9:13-19). Ao ver a cena do rio Eufrates secando, lembramos quando o mesmo fenômeno ocorreu no mar Vermelho. A imagem de *rãs* lembra a segunda praga sobre o Egito (16:13; Êx 7:25—8:15), mas não se trata de rãs comuns. São *espíritos de demônios* que



reúnem os reis da terra para uma grande batalha espiritual (16:14) a ser travada entre ideologias, e não um combate com espadas e armas de fogo.

Essa é a primeira vez que João menciona explicitamente a batalha de Armagedom, apesar de dar indicações anteriores desse acontecimento. A cena 6 deste e o terceiro ato descrevem exércitos de além do Eufrates que invadem o oeste (9:13-21; 14:14-20; cf. tb. 19:19-21). O lugar onde os exércitos se reunirão para a batalha se chama *Armagedom* (16:16), provavelmente um nome derivado do termo hebraico *Har Megido*, que significa “o monte de Megido”. Megido era uma cidade importante que guardava a passagem pelo vale de Jezreel em Israel, onde ocorreram diversas batalhas decisivas no passado (Jz 5:19). Foi ali que o rei Acázias morreu (2Rs 9:27) e Josias, o monarca reformador piedoso, foi derrotado (2Rs 23:29). Ao que parece, João não está predizendo uma batalha literal nesse local, mas apenas o utiliza como símbolo da última tentativa das forças do mal de derrotar a supremacia de Deus. João não fornece nenhuma descrição do confronto. Ele reserva essas informações para 19:11-21.

A conclusão dessa cena traz uma admoestação de Cristo: *Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha* (16:15). Trata-se de uma advertência de que ninguém esteja espiritualmente despreparado para a vinda de Cristo, a qual ocorrerá de forma inesperada (Mt 25:1-13). Ao contrário dos selos e das trombetas, não há interlúdio entre a sexta e a sétima taças.

Devido à semelhança entre as cenas dos selos, das trombetas e das taças (6:1—16:21), é possível considerá-las descrições de uma única série de tormentos. Elas representam o sofrimento frequente e intenso em diferentes partes do mundo ao longo da história humana, e não uma sequência cronológica de tribulações pouco antes da segunda vinda de Cristo. O derramamento da sétima taça fecha a cortina e encerra o drama escatológico.

### 16:17-21 Quinto ato, cena 7: flagelo sobre o ar

O sétimo anjo derrama sua taça *pelo ar* e, em resposta, uma *grande voz vinda do santuário, do lado do trono, diz: Feito está!* (16:17). É a confirmação divina da obra do Cordeiro e lembra as palavras do próprio Cordeiro na cruz (Jo 19:30). O terremoto também traz à memória a ocorrência do mesmo fenômeno depois da agonia do Cordeiro (16:18; Mt 27:51). Em Apocalipse, terremotos acompanham momentos importantes: a abertura do sexto selo que enche a humanidade de terror (6:12-16); a oração dos santos que sobe até Deus (8:4); a ressurreição das duas testemunhas que provoca medo nos habitantes da terra (11:13) e depois da sétima trombeta e do segundo ai, quando o reino de Deus se mostra efetivo (11:19).

Nessa passagem, o terremoto indica a conclusão plena; a cidade perversa, a *grande Babilônia*, finalmente caiu

(16:19). A cena de horror contrasta nitidamente com a cena paralela no terceiro ato, onde os sobreviventes dão glória a Deus (16:21; 11:13).

### 17:1—20:3 Sexto ato: visão do julgamento do mal

**Cenografia:** Não há diferença na disposição dos elementos do palco em relação ao quinto ato, exceto pelo fato de o santuário ficar ainda mais ao fundo e os cantos da terra se tornarem visíveis. Um dos sete anjos, porém, ainda tem um papel a desempenhar.

Desde o encerramento do quinto ato, aguardamos com expectativa os detalhes do julgamento. O tema do julgamento encontra-se presente em todo esse ato, mas ainda podemos divisar ao longe o trono de Deus, os anciãos e os seres viventes que adoram ao Senhor. O julgamento da “grande meretriz” é obra de Deus, e seu olho que vê todas as coisas faz questão de observar a execução da sentença.

Um dos sete anjos encarregados de derramar a cólera de Deus se destaca no centro do palco. Esse anjo se oferece para mostrar a João o julgamento da Babilônia, tema que ocupará os capítulos 17 e 18 inteiros. Os dois capítulos formam um longo adendo, por assim dizer, à sétima taça à qual o julgamento da Babilônia é associado inicialmente (16:19). Expande ainda as referências anteriores à cidade perversa (11:8; 14:8) e olha para o futuro, para a Cidade Santa eterna (21:1—22:5).

Uma técnica literária característica de João consiste em colocar uma personagem principal no palco de forma abrupta, sem nenhuma introdução ou descrição prévia. É o caso da besta que surge do abismo (11:7) e da mulher que aparece aqui. Embora a interpretação detalhada desse tipo de visão seja comum na literatura apocalíptica, não ocorre no restante de Apocalipse. A visão é seguida de celebração celestial e lamentos sobre o destino da Babilônia enquanto João mostra o verdadeiro caráter e identidade da cidade e as reações na terra e no céu à sua destruição.

### 17:1-6 Sexto ato, cena 1: a mulher montada numa besta escarlate

Um dos anjos com as sete taças de flagelos aborda João e o leva, *em espírito, a um deserto* (17:3a; cf. 1:10; 4:2; 21:10; Ez 8:3). Lá, João se vê diante da Babilônia, assim como Jesus se viu diante de Satanás (Mt 4:1-11). Essa é a segunda vez que o deserto faz parte do cenário no palco (12:6). Tudo indica que os acontecimentos do sexto ato devem ser considerados uma descrição do mesmo conflito entre o bem e o mal retratado no quarto ato, no qual Deus preparou um lugar de segurança para o seu povo no deserto. Conforme observamos nas Escrituras, o deserto também pode ser um lugar de tentação ou provação (Mc 1:12-13), de rebelião (Êx 17:1-7; Hb 3:8) ou de castigo (Nm 14:20-23; Hb 3:17).

João é chamado para o deserto a fim de testemunhar o julgamento da *grande meretriz* (17:1). O anjo descreve

a prostituta como alguém *que se acha sentada sobre muitas águas*, expressão que traz à memória a descrição de Jeremias da Babilônia: “Ó tu que habitas sobre muitas águas” (Jr 51:13). A mulher que João vê aqui é, sem sombra de dúvida, diferente da mulher temente a Deus mencionada no capítulo 12. Essa mulher encontra-se *montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia* (17:3b; Dn 7:24-25). A besta tem *sete cabeças e dez chifres*, como a besta que emergiu do mar (13:1). Ao contrário dos remidos que trajam vestiduras brancas (4:4; 7:9,13; 19:14), a mulher está *vestida de púrpura e de escarlata* (17:4a) e enfeitada *de ouro, de pedras preciosas e de pérolas*. Segura na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição (17:4b). Lembrados do “vinho da fúria” que a Babilônia serve (14:8), os leitores veem agora a encarnação da *grande meretriz*, a Babilônia, com a qual *se prostituíram os reis da terra* (17:2a). A meretriz embebedou toda a terra (17:2b; 18:3; Jr 51:7) e ela própria se encontra *embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus* (17:6).

Essa passagem deriva sua imageria da dramática condenação de Tiro proferida por Ezequiel (Ez 28:1-19). O profeta apresenta Tiro como uma cidade orgulhosa que acumulou grande riqueza ao negociar com outras nações (Ez 28:5). Essa prosperidade, contudo, terminaria em devastação (Ez 28:18-19). O nome da mulher é um mistério: *BABILÔNIA, A GRANDE MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA* (17:5).

A fim de interpretar a manifestação do mal não apenas nesse capítulo, mas em todo o Apocalipse, é importante solucionar o “mistério” daquilo que a Babilônia representa. Para a maioria dos comentaristas, a “Babilônia” simboliza a cidade de Roma; a besta sobre a qual ela se encontra montada é o Império Romano, com suas províncias e povos dominados. É possível, contudo, que essa identificação seja inadequada. A Babilônia não pode ser apenas uma cidade histórica. A descrição que João fornece não corresponde a nenhuma cidade específica, seja a verdadeira Babilônia, Sodoma, Tiro, Nínive ou Roma. Em termos teológicos, a Babilônia pode ser encontrada em todo lugar onde há engano satânico. É definida mais pelas idolatrias dominantes do que por limites geográficos e mais bem compreendida como a corporificação de toda resistência ferrenha do mundo a Deus. É um mistério sobrenatural que jamais pode ser inteiramente reduzido a uma instituição ou cidade terrena. A Roma histórica era, portanto, apenas uma das manifestações do sistema total da humanidade que exclui Deus de tudo o que faz. À medida que o sexto ato avança, uma lição se destaca repetidamente: o mal sempre destrói quem o pratica e, no final, somente Deus pode vencê-lo.

### 17:7-18 Sexto ato, cena 2: a besta em guerra com a mulher

A visão da grande meretriz é seguida de sua interpretação por um anjo que explica o mistério da Babilônia e da besta

que a carrega. Apesar de ser usada apenas raramente em Apocalipse, essa interpretação angelical é uma característica de outras obras da literatura apocalíptica (Dn 7—12). A natureza da besta é explicada em 17:7-8 e, em seguida, a das sete cabeças (17:9-11) e dos dez chifres (17:12-14). O significado das águas é esclarecido em 17:15, e o da mulher, em 17:18.

O anjo informa a João: *A besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo* (17:8, 11). Essas palavras parecem refletir a referência anterior à besta com uma ferida mortal que foi curada (13:3,12,14). Os tempos verbais, *era* [...] *é* [...] *está para emergir*, indicam que a história da besta se divide em três estágios e que seu *sentido* [...] *tem sabedoria* (17:9a). Antes da queda, Satanás era poderoso, mas a morte de Jesus Cristo na cruz o tornou impotente. Ainda assim, por um período que vai *durar pouco* (17:10), o inimigo tem permissão de se opor a Deus e ao seu povo antes de ser sentenciado definitivamente à *destruição* na segunda vinda de Cristo (17:11; Mt 7:13; Jo 17:12; Rm 9:22; 2Ts 2:3). Ao que parece, portanto, a besta é a encarnação satânica do poder idólatra mencionado inicialmente em 11:7 e descrito em 13:1-3, cuja destruição aparece em 19:19-20.

Essa interpretação associa a alegação de *sabedoria* à identificação da besta, e não à questão dos *sete montes* sobre os quais Roma foi construída (17:9; observe que a mulher também “se acha sentada sobre muitas águas”, 17:1,15, e “montada numa besta”, 17:3). Era de conhecimento geral que Roma havia sido construída sobre sete montes e de que não havia necessidade nenhuma de sabedoria especial para observar essa ligação. Também é difícil imaginar qualquer relevância simbólica real dessa característica de Roma que possa ser associada à natureza da besta ou da mulher. Ademais, a cidade histórica de Roma propriamente dita não é descrita como inimiga da comunidade cristã em nenhuma parte do NT. De acordo com alguns estudiosos, a mulher não é a cidade de Roma, mas o Império Romano. Essa ideia é refutada, porém, pela declaração explícita em 17:18 de que a mulher representa uma cidade e pela afirmação de que é a besta que tem sete cabeças.

As sete cabeças da besta simbolizam sete montes e *sete reis* (17:9b). Quem vê aqui uma referência à cidade de Roma argumenta que os sete reis são sete imperadores romanos subsequentes. Mas como devemos contar esses governantes? Se *caíram cinco* imperadores romanos, aquele que *existe* deve ser Galba (sucessor de Nero), e o que *ainda não chegou* deve ser Oto. Mas, se incluirmos Galba e seus sucessores, Oto e Vitélio — que tiveram reinados curtos, mas devem ser considerados, uma vez que fazem parte da lista de imperadores romanos legítimos —, desintegra-se o argumento em favor da ideia de sete imperadores, pois o Império Romano teve muitos outros imperadores. Diante disso, alguns estudiosos interpretam os sete reis como uma sucessão de reinos terrenos. Os cinco primeiros são supostamente Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia.

Considera-se Roma um reino mundial futuro que oprimirá o povo de Deus. O problema dessa interpretação é o fato de se omitirem de forma arbitrária vários outros reinos que perseguiram o povo de Deus ao longo da história e de não haver explicação de como os reis (ou reinos) identificados sobreviveram à destruição da meretriz e aparecem chorando e lamentando sobre ela em 18:9. A história política de Roma também não registra que algum imperador romano tenha se voltado contra a cidade ou o império e o destruiu, como sugere 17:16-17.

Para ser convincente, uma interpretação dos sete reis deve levar em conta três pontos: primeiro, uma vez que as cabeças pertencem à besta, a interpretação deve relacionar seu significado à besta, e não a Babilônia. Segundo, uma vez que em Apocalipse a soberania com frequência envolve conflito entre o Cordeiro e a besta (17:14; 19:19), o tipo de poder supremo expresso em 17:10 deve ser oposto àquele exercido por Cristo e seus seguidores. E, terceiro, uma vez que os reis estão intimamente relacionados aos sete montes e à grande meretriz, é preciso esclarecer a natureza dessa relação.

Todas essas considerações são satisfeitas na interpretação que ao longo de todo o livro, o número sete é simbólico e indica perfeição ou plenitude. As *sete cabeças* representam, portanto, a totalidade do mal e blasfêmia e apontam para uma qualidade, e não uma quantidade. A queda de cinco cabeças indica uma vitória importante sobre a besta e, desse modo, o julgamento divino sobre os poderes do mal ao longo de toda a história humana (14:8; 18:2; Jr 50:23; 51:8-9,49).

Os dez chifres (Dn 7:7,24) são interpretados com frequência como governantes nativos de províncias em subordinação a imperadores romanos, governantes nativos de Estados-satélites ou, ainda, governantes da Palestina. O número dez, porém, como a maioria dos números que João emprega, deve ser entendido de forma simbólica. Dez representa algo repetido várias vezes ou um número indefinido (2:10; Ne 4:12; Dn 1:12). Não se trata, então, de uma referência específica a dez reis ou reinos, mas de uma indicação do grande número de autoridades políticas que contribuem para o poder da besta ao longo da história humana. Esses governantes e a besta da qual eles são aliados correspondem aos “principados e potestades, [...] os dominadores deste mundo tenebroso” (Ef 6:12). Sem dúvida, eles usam instrumentos terrenos, mas sua realidade é muito mais ampla que qualquer equivalente histórico específico. Esses *reis* personificam a totalidade dos ataques de Satanás ao Cordeiro e aos fiéis do mundo inteiro. São os “reis que vêm do lado do nascimento do sol” (16:12-14) e os “reis da terra” (19:19-21).

Os dez reis recebem autoridade *durante uma hora* (17:12). Esse período corresponde ao governo do sétimo rei, que vai “durar pouco” (17:10). Eles reinarão juntamente com a besta, descrita aqui como o *oitavo rei* que *procede*

*dos sete* (17:11). Essa promessa de que seu reinado será breve consola os santos perseguidos.

O sistema satânico da Babilônia exerce influência universal (17:1-2) e afeta toda a humanidade, desde os mais humildes até os arrogantes líderes políticos mundiais. Não é, contudo, um poder invencível. A meretriz será *devastada e despojada* [...] e seus antigos amantes *a consumirão no fogo* (17:16), uma imagem que traz à memória as descrições dos profetas veterotestamentários para o julgamento divino sobre Jerusalém, Samaria e Tiro (Ez 16:39-40; 23:25-27; 28:17-19). Aqui, João combina a descrição do castigo de uma meretriz condenada com a imagem de julgamento contra cidades rebeldes (18:8; Lv 21:9).

A devastação da meretriz pela besta e seus dez chifres é o símbolo mais vívido que João emprega para o poder autodestrutivo do mal. O ataque à prostituta indica o julgamento final do reino de Satanás, pois *incutiu Deus que realizem o seu pensamento* (17:17). Deus pode usar as forças do mal como instrumentos do seu julgamento (Jr 25:9-14). Nada os distrairá de seu esforço conjunto para destruir a meretriz até que o propósito de Deus se tenha cumprido (10:7; 11:18).

O fato de essa *mulher* ser a *grande cidade* mostra que essa “cidade” não é apenas histórica (17:18). Seus outros nomes são “grande meretriz” (17:1), “Babilônia, a Grande” (17:5), “Mãe das Meretrizes” (17:5), “Sodoma” e “Egito” (11:8). Ela representa todas as coisas que em todos os lugares e épocas procuram opor-se ao povo de Deus e destruí-lo. Seu reino *domina sobre os reis da terra*, ou seja, por meio de sistemas políticos ímpios que ignoram e excluem Deus de suas crenças e comportamentos.

### 18:1—19:10 Sexto ato, cena 3: caiu a grande Babilônia

A cena 3 marca o ápice e cumprimento da profecia de João acerca da queda da Babilônia (17:1). Começa com a declaração de seu tema geral. Segue-se um apelo para o povo de Deus deixar a Babilônia, um lamento com choro, uma parábola encenada, um sermão proferido por um anjo poderoso e cânticos de aleluia. Essa cena contém algumas das mais belas expressões de todo o livro. Vale-se de relatos veterotestamentários a respeito da destruição de cidades como Babilônia (Is 13:19-22; 47:7-15; Jr 50—51) e Tiro (Ez 26—28) para criar um extraordinário canto fúnebre (cf. 2Sm 1:17-27; Is 14:4-21).

O acontecimento vindouro é tão magnífico que um anjo de glória resplandecente é o portador da notícia divina (18:1). Usando palavras semelhantes às dos profetas do AT, o anjo anuncia: *Caiu a grande Babilônia* (18:2; Is 21:9). A cidade foi julgada por sua *prostituição* e *luxúria* (18:3,7,9). O termo *luxúria* também pode ser traduzido por “luxo excessivo” (NVI), uma sugestão de que a cidade é culpada não apenas de idolatria, mas também de arrogância (Ez 28:4-5,16-18). A visão de João permite aos leitores,

ainda, vislumbrar o modo pelo qual a Babilônia adquiriu sua riqueza à custa de outros (18:5-6,13). Um sistema ímpio pode ter grande beleza, sofisticação e esplendor, e suas artes, vida social e tecnologia podem prosperar, mas esses atributos não devem ser desfrutados à custa da vida e dos direitos humanos. Todos os seres humanos são feitos à imagem de Deus.

*Retirai-vos dela, povo meu* (18:4), também é o apelo de Jeremias acerca da Babilônia (Jr 50:8; 51:6-9; cf. tb. Is 48:20; 52:11; 2Co 6:17). Até mesmo em seu contexto no AT, não se tratava de uma simples advertência para sair da cidade da Babilônia. Como os profetas do AT, João exorta o povo de Deus a se afastar dos encantos e laços da cidade meretriz. A Babilônia existe em todo lugar onde há idolatria, prostituição, egotismo, autossuficiência, orgulho, vaidade, confiança no luxo e na riqueza e violência contra a vida (18:4-8,24). Os cristãos devem separar-se de todas as formas de Babilônia. Apesar de ainda terem de viver e trabalhar no mundo, devem também assumir uma identidade distinta e desenvolver disciplinas que lhes permitirão manter um bom testemunho.

Três grupos de pessoas lamentam a queda da cidade: os *reis da terra* (18:9-10), os *mercadores da terra* (18:11-17a) e *toda piloto*, ou seja, todos os capitães de navios que enriqueceram com as cargas que transportavam para a cidade (18:17b-20; cf. Ez 27:27-33). Com ironia mordaz, o cântico fúnebre profere um *Ai!* sobre os inimigos de Deus e é entoado por aqueles que mais lucraram com os sistemas seculares simbolizados pela grande meretriz. Agora, eles se veem impotentes para salvá-la e só lhes resta lançar *pó sobre a cabeça* e ficar ao longe, *chorando e pranteando* (18:9-10,15,17-19), gestos tradicionais de arrependimento. A expressão *Em uma só hora* (18:17) enfatiza a repentividade do julgamento divino.

João apresenta o destino final da Babilônia com uma imagem extraída do julgamento de Jesus sobre aqueles que tentam enganar seus seguidores. “E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar” (Mc 9:42). João vê um anjo forte levantar *uma pedra como grande pedra de moinho* (18:21). A pedra de moinho normalmente media um metro e meio de diâmetro e cerca de trinta centímetros de espessura e pesava algumas centenas de quilos. Com um gesto rápido, o anjo lança a pedra no mar e, de repente, a cidade desaparece para sempre (Jr 51:64; Ez 26:21).

Essa parábola encenada simboliza o julgamento sobre a Babilônia. Apocalipse usa simbolismo profético semelhante na medição do santuário em 11:1-2 e no selo colocado nos remidos em 7:2-8. Esse também é um recurso comum em textos proféticos; por exemplo: o cinto de linho de Jeremias (Jr 13:1-11), a esposa adúltera de Oseias (Os 1—3) e a representação do cerco de Jerusalém feita por Ezequiel (Ez 4:1-3).

O julgamento é um golpe mortal sobre a cidade (18:21-23a). Vemos novamente em 18:23-24 o motivo da severidade do julgamento: a Babilônia seduziu *todas as nações* e martirizou tanto os *profetas* do AT quanto os *santos* do NT devido à lealdade deles ao Deus verdadeiro (cf. 17:6; 19:2). Outras passagens de Apocalipse atribuem a morte dos mártires aos habitantes da terra (6:9-10), à besta do abismo (11:7; 13:7) e à besta da terra (13:15). Todos foram agentes ou instrumentos de Satanás.

É apropriado que João reitere a pecaminosidade da Babilônia e a perseguição do povo de Deus nessa passagem, pois elas resumem as transgressões repetidas ao longo de todo o livro. João testemunha o julgamento final divino de todas as instituições humanas que se opõem ao governo justo e à soberania de Deus.

O magnífico cântico do coro celestial em 19:1-8 começa com um estrondoso *Aleluia!* Esse termo, que significa “Louvai ao Senhor!”, ocorre apenas nesse capítulo em todo o NT (19:1,3,4,6). No AT, aparece principalmente nos salmos 113 a 118, nos quais é associado à Páscoa. Esses salmos eram usados para comemorar o êxodo e a destruição dos perversos, exatamente como faz essa passagem de Apocalipse. Jesus e seus discípulos provavelmente os entoaram depois da comemoração da Páscoa, antes de irem ao monte das Oliveiras na véspera da morte de Jesus (Mt 26:30).

O tema do louvor aparece nas palavras introdutórias: *A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus*. Primeiro, o coro louva a Deus por condenar a meretriz (19:1-2) e, em seguida, celebra em alta voz a destruição eterna da cidade (19:3). *Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes* respondem com sua própria expressão de louvor (19:4). Por fim, uma *voz do trono* convida todos os servos de Deus a louvá-lo (19:5).

Em 19:6-10, ouvimos os louvores do povo de Deus porque *reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso* (19:6; Sl 118:24) e *são chegadas as bodas do Cordeiro* (19:7). A multidão em 19:1 não é constituída de anjos, mas dos remidos. Todos os remidos aparecem no palco vestidos de *linho finíssimo, resplandecente e puro* (19:8), o traje obrigatório para entrada na sala do trono do Rei dos reis.

João emprega a imagem veterotestamentária de Israel como noiva (Ez 16; Os 2:19-20), que o NT aplica ao povo de Deus (2Co 11:2; Ef 5:25-26). *Aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro* (19:9a; Lc 13:29) são os crentes de todas as eras. Para assegurar a João e seus leitores o fim da grande meretriz e reiterar o anúncio da ceia das bodas do Cordeiro, o anjo acrescenta: *São estas as verdadeiras palavras de Deus* (19:9b; cf. 1:2; 21:5; 22:6).

O episódio final da cena 3 apresenta certa semelhança com o interlúdio no final do terceiro ato (10:1-11). Nos dois casos, João é colocado no centro do palco, e ouvimos um diálogo entre ele e um anjo. João supõe equivocadamente que o anjo é um ser divino, possivelmente o Senhor Jesus Cristo, e prostra-se *para adorá-lo*, mas o anjo o proíbe de lhe

prestar culto (19:10). No AT, vemos homens prostrando-se diante de anjos (Nm 22:31; 1Cr 21:16), mas isso em sinal de respeito, e não de adoração. No cristianismo, não há espaço para adorar ninguém além de Deus.

Alguns dos cristãos primitivos foram tentados a adorar anjos (Cl 2:18), mas essa passagem repreende tal prática. Precisamos reconhecer que é fácil cair em idolatria. Quando um cristão entrega o controle de sua vida a algo ou alguém além de Deus, quebra o primeiro mandamento (Êx 20:1-3).

O anjo se associa a João, dizendo: *Sou conservo teu* (10:10). Os anjos e os seres humanos são seres muito diferentes, mas têm uma importante característica comum: são todos servos do Senhor.

#### 19:11-16 Sexto ato, cena 4: o cavaleiro num cavalo branco

O julgamento da cidade perversa é seguido de uma visão da volta de Cristo e do estabelecimento da cidade eterna de Deus em 19:11 a 22:5. A vinda de Cristo é retratada por meio de uma série de imagens simbólicas que destacam aspectos de um acontecimento grandioso demais para ser compreendido de antemão.

Quando o céu se abre, a primeira coisa que João vê é *Fiel e Verdadeiro* montado em um cavalo branco (19:11). Ao contrário do cavaleiro citado em 6:1-2, este sai do céu que se encontra aberto. A observação de que *ninguém conhece* o nome completo do cavaleiro significa que ninguém é capaz de sondar as profundezas de sua pessoa (19:12). O cavaleiro e aqueles que o seguem estão vestidos para combate e se reúnem para a batalha de Armagedom (16:12-16; 19:13-14). Em 14:1-5, o mesmo grupo aparece como o Cordeiro e os 144 mil remidos juntos no monte Sião.

O cavaleiro também é chamado de *Verbo de Deus* (19:13), e *sai da sua boca uma espada afiada*, que é sua resposta às mentiras sórdidas do dragão (19:15; 1:16). Ele vencerá a batalha de Armagedom, pois é *Fiel e Verdadeiro* e foi destinado a realizar o propósito divino para essa conclusão decisiva. É apropriado, portanto, o título que ele receberá no devido tempo: *REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES* (19:16).

#### 19:17-18 Sexto ato, cena 5: o anjo em pé no sol

Pelo visto, está para acontecer outro banquete. Primeiro foi a “ceia das bodas do Cordeiro”, oferecida para o povo de Cristo. Agora, há uma *grande ceia* de sua ira no campo de Armagedom, para a qual são chamadas *as aves que voam pelo meio do céu* (19:17; Ez 39:4,17-20). Em sua misericórdia, Deus concedeu repetidamente oportunidades para as pessoas se arrependerem da idolatria, da imoralidade, da feitiçaria e do homicídio e se voltarem para ele. Ao longo de todo o drama da história humana descrito por João, os ímpios recusaram-se a responder afirmativamente à misericórdia e graça de Deus (Jr 4:1-2). Embora Deus deseje que

todos se salvem, ele não obriga ninguém a se arrepender e se voltar para ele. Chegou, porém, a hora do julgamento.

#### 19:19-21 Sexto ato, cena 6: a batalha de Armagedom

É surpreendente como o texto nos fornece pouquíssimos detalhes sobre a batalha de Armagedom. Desde que foi mencionada pela primeira vez em 16:12-16, esperamos uma descrição do local onde a batalha será travada e das táticas e natureza do confronto propriamente dito. A ausência de pormenores não deve, contudo, causar surpresa, pois se trata do mesmo conflito que João vem descrevendo desde o começo. Ao que parece, a “grande tribulação” (7:14) e a batalha de Armagedom são a mesma coisa (16:16).

Trata-se de uma guerra de ideologias na qual a justiça se opõe ao mal, e o “Fiel e Verdadeiro”, o “Verbo de Deus” montado em “um cavalo branco” (19:11-15), faz frente à “besta” e seu “falso profeta” (16:13). O resultado do longo conflito já foi definido: *a besta e seu falso profeta serão lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre* (19:20), banidos eternamente da presença de Deus.

#### 20:1-3 Sexto ato, cena 7: Satanás é lançado no abismo

Acabamos de ver o fim da besta e de seu falso profeta. Agora, seremos testemunhas do julgamento divino sobre o dragão, o próprio Satanás, que ao longo das eras instigou rebelião contra o governo de Deus. É importante resistir à tentação de considerar 20:1-10 a sequência dos acontecimentos descritos em 19:1-21. O autor não fornece a ordem em que os eventos futuros ocorrerão.

Essa cena, como as outras visões dessa parte do drama, começa com uma expressão introdutória característica: *Então, vi* (20:1a). Um anjo segurando a chave do abismo e uma grande corrente (20:1b) desce do céu e prende Satanás. O Maligno é descrito aqui por quatro títulos — *o dragão, a antiga serpente*, [...] *o diabo, Satanás* — o que deixa claro para o leitor exatamente com quem o anjo está lidando (20:2a).

O verbo grego traduzido por “prender” pode ser usado de forma literal (Mc 11:2) e figurativa (Lc 13:11,16). Quando empregado de forma figurativa, pode referir-se a libertar uma pessoa do poder exercido sobre ela por um feitiçeiro ou espírito. O ato de libertá-la corresponde a “desprendê-la”. Por meio de sua morte e ressurreição, Jesus Cristo rompeu o domínio do diabo sobre homens e nações e os libertou da escravidão espiritual (Hb 2:14). Agora, as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja de Cristo (Mt 16:18).

A *chave do abismo* e a *grande corrente* são, sem dúvida, elementos simbólicos, pois é impossível haver uma chave material para o abismo sem fundo, um lugar imaterial. Satanás, um ser espiritual, também não pode ser preso com uma corrente física. Nesse contexto, podemos considerar igualmente simbólicos os *mil anos* durante os quais Satanás permanece preso (20:2b). Mil corresponde ao cubo de dez, um número que indica plenitude. Se seguirmos essa linha, João simplesmente está dizendo que Satanás permanece



preso durante todo tempo que Deus determinou desde que Lúcifer caiu do céu.

Apesar de um reino futuro de *mil anos* ser a tese central de várias interpretações escatológicas amplamente aceitas, essa passagem não o menciona. Nos evangelhos, Jesus ensinou que o reino de Deus teve início com sua vinda e agora está presente em nosso meio, ainda que não em sua totalidade (Mt 12:28). A presença de Cristo é, em certo sentido, o reino de Deus que invade e transforma a história humana. Satanás é um ser angelical poderoso cuja habitação é este “mundo perverso” (Gl 1:4). A vitória de Jesus Cristo sobre Satanás é a mesma, seja ela descrita como amarrar o valente (Mt 12:29) ou tirar sua armadura (Lc 11:21-22).

Nessa cena, João se vale de um tema rico do mundo semita. Na literatura apocalíptica iraniana, por exemplo, uma serpente perversa chamada *Azi-Dahaka* é acorrentada até o Fim. Nas seções apocalípticas do AT, também se diz que os poderes do mal “serão ajuntados como presos em masmorra, e encerrados num cárcere, e castigados depois de muitos dias” (Is 24:21-22). Nessa passagem, portanto, a prisão dos poderes em questão é apresentada como um cárcere temporário, por assim dizer, antes do julgamento final (2Pe 2:4; Jd 6).

Os três verbos em 20:3, *lançou-o [...] fechou-o e pôs selo*, mostram que Satanás está sob o controle absoluto de Deus. Está preso não como castigo, mas para que não possa enganar “as nações”, um termo que pode referir-se a países, pessoas (comparadas com reis), estrangeiros, gentios e cristãos gentios (p. ex., Gl 2:12,14; Ef 3:1). As atividades enganosas de Satanás também são controladas e refreadas.

Em termos teológicos, prender Satanás não significa eliminar todas as suas atividades da vida presente, uma vez que ele continua sendo um inimigo perigoso que, desde sua expulsão do céu, assola o povo de Deus. Prender Satanás indica, portanto, o controle soberano de Deus sobre ele. Satanás nunca teve liberdade de fazer tudo o que deseja (Jó 2:6). É a luz do evangelho que revela o engano satânico, e é a pregação do Cristo crucificado que liberta homens e mulheres do controle e poder de Satanás (Mt 28:19-20). E Satanás se encontra sob a autoridade e o controle soberano de Cristo até que Deus tenha realizado seus propósitos para a humanidade. O poder do mal é temporário e só opera mediante consentimento divino.

## 20:4—22:5 Sétimo ato: visão da vida eterna

**Cenografia:** No palco celeste, vemos os tronos de Cristo e dos santos martirizados. As cenas seguintes retratam o destino eterno de Satanás, da besta e do falso profeta, de todos os incrédulos e também “da morte e do inferno”, bem como o estado eterno do reino de Deus para o seu povo.

### 20:4-10 Sétimo ato, cena 1: os mártires

Embora a prisão de Satanás (20:1-3) e o reinado de mil anos (20:4-6) sejam temas separados na literatura apoca-

lítica, nessa passagem João combina os dois acontecimentos. A visão parece usar imagens de Daniel 7:2-14,23-27, outra seção apocalíptica da Bíblia, de modo que a prisão do dragão em Apocalipse 20:1-3 coincide com o momento em que o domínio é dado àquele “como o Filho do Homem” em Daniel 7:9-14.

Essa seção de Apocalipse é tema de incontáveis discussões e, por vezes, amargas controvérsias dentro da comunidade cristã. Logo, é de suma importância abordá-la com humildade e tolerância, uma vez que ninguém pode afirmar possuir uma interpretação definitiva e absolutamente correta dessa passagem. Se Pedro reconheceu com sinceridade que alguns dos escritos de Paulo eram de difícil compreensão para ele (2Pe 3:15-16), por que devemos dizer que sabemos tudo? Ademais, até mesmo João, como Daniel, não entendeu tudo o que foi instruído a registrar (Ap 7:14; 17:6b-7).

Um ponto de consenso é a promessa de Jesus Cristo a seus seguidores de que ele voltará. As diversas interpretações discordam acerca de questões secundárias associadas à natureza e ocasião da segunda vinda. Em vez de atacar quem defende pontos de vista diferentes, os cristãos devem procurar ouvir e aprender uns com os outros.

As três interpretações principais dessa passagem podem ser chamadas de pré-milenarista, pós-milenarista e amilenarista, expressões associadas ao termo “milênio”, ou seja, mil anos.

- Os pré-milenaristas (“pré” significa “antes”) afirmam que, na volta de Cristo, os cristãos mortos serão ressuscitados e os cristãos que ainda estiverem vivos na terra serão arrebatados para se encontrar com o Senhor nos ares (1Ts 4:17). Acreditam que a segunda vinda de Cristo ocorrerá antes de seu reinado milenar na terra e que os cristãos reinarão com ele por um período literal de mil anos. Depois disso, Satanás será solto por um breve tempo. O curto período de sete anos será seguido da ressurreição dos mortos. Essa linha de interpretação fornece uma explicação para as duas ressurreições que 20:5 parece mencionar. Os pré-milenaristas negam que Satanás esteja preso na presente era, uma vez que sua atividade é tão evidente. E destacam que em outra passagem João enfatiza essa atividade presente do diabo (12:12). Para os pré-milenaristas, os símbolos e números de Apocalipse devem ser interpretados de acordo com seu significado natural, a menos que o contexto indique claramente o contrário. Nesse caso, porém, quando João diz que Satanás será preso com uma corrente, ele se refere a uma corrente material (apesar de o diabo ser espírito)? Se essa referência não é figurativa, por que insistir na literalidade dos mil anos? Em resposta a essas perguntas, os pré-milenaristas afirmam que, se os símbolos não forem entendidos literalmente, podem ser distorcidos para significar quase qualquer coisa e

que, apesar de a corrente talvez não ser literal, os anos podem ser. Em outras palavras, não seria natural dizer que o diabo, como espírito, possa ser preso por uma corrente literal, mas não há nada de estranho na ideia de um período literal de mil anos.

- Para os pós-milenaristas (“pós” significa “depois”), Cristo voltará depois do milênio. Alguns interpretam o milênio como o triunfo presente do evangelho nesta era; outros o consideram um período literal de mil anos de triunfo do evangelho antes de Cristo voltar no fim dos tempos. Pós-milenaristas e pré-milenaristas concordam que os acontecimentos de Apocalipse 19 antecedem os do capítulo 20.
- Amilenaristas (“a” significa “não”) afirmam que não existe um milênio literal e que os mil anos simbolizam todo o período entre a vida de Jesus na terra e sua segunda vinda. Interpretam a *primeira ressurreição* (20:5) como uma referência ao novo nascimento ou regeneração espiritual, entendido como ressurreição da morte espiritual do pecado (Ef 2:1-2). O principal aspecto problemático dessa interpretação é que, no contexto, “primeira ressurreição” não pode referir-se à conversão à fé cristã.

As grandes diferenças entre esses pontos de vista mostram como é difícil e, por vezes, impossível impor determinada interpretação escatológica sobre um livro que é, acima de tudo, um texto apocalíptico, e não um relato pormenorizado do fim dos tempos.

Ao observar com mais atenção o contexto do livro, porém, descobrimos um modo de entender o significado da “primeira ressurreição”. João viu *tronos* (20:4a; Dn 7:9), que, para aqueles que esperam um milênio literal, devem estar situados na terra. Mas todas as trinta e sete referências de João a “trono” ou “tronos” em Apocalipse situam esse elemento no céu, exceto pelo trono de Satanás (2:13) e pelo trono da besta (13:2; 16:10). João não diz quantos tronos há ou quem se assenta neles, mas logo em seguida fala dos que foram mortos por amor a Jesus e que reinarão mil anos. Pode-se supor com base nessa observação que os indivíduos em questão ocupam os tronos com *autoridade de julgar*.

É interessante que João se refere às *almas* dos mártires, e não ao seu corpo (20:4b; cf. 1Co 15:51-57; 1Ts 4:14-17). A mesma expressão é usada para as testemunhas mortas debaixo do altar (6:9). O termo *almas* descreve aqueles que perderam a vida corpórea, mas continuam vivos e se encontram agora na presença de Deus no céu. Retomarão a vida corpórea depois da primeira ressurreição.

Diz-se que as *almas* desses mártires *viveram e reinaram com Cristo durante mil anos* (20:4c). A tradução exata dessas palavras reflete diferentes interpretações escatológicas. A NVI, por exemplo, traz “ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos”, mas o texto grego também

pode ser traduzido por “viveram na presença de Cristo”, o que não implica ressurreição física. João menciona de forma específica a presença de *almas* no céu durante os “mil anos”.

Das vinte e duas ocorrências no NT do verbo grego traduzido por “reinar”, sete se encontram em Apocalipse. Fora dos evangelhos, o termo se refere à presença da realeza ou a estar na presença de reis, e não ao exercício de autoridade sobre súditos. Em 5:10 e 22:5, por exemplo, “reinar” indica que, na segunda vinda de Cristo, todos os cristãos estarão na presença de Deus eternamente na nova Jerusalém. Em 11:15 e 19:6, o termo se refere à presença do Deus Todo-Poderoso. Aqui e em 20:4,6, significa que os santos que morrem antes da segunda vinda de Cristo terão acesso à presença real de Deus no céu com Cristo (2Co 5:6,8; 1Ts 4:13-18). Essas *almas* são distinguidas dos *restantes dos mortos* que não vivem na presença do Senhor, mas são ressuscitados na “primeira ressurreição”, no fim dos mil anos (20:5). João fala, portanto, de apenas uma ressurreição.

A posição pré-milenarista pressupõe uma segunda ressurreição à qual o texto não faz nenhuma referência e também enfrenta o problema de que os santos estão no céu, e não na terra, durante os mil anos. Quando a primeira ressurreição ocorrer no fim desse tempo, será uma experiência de todas as pessoas, inclusive dos cristãos de todas as eras (20:6,11-15). Ao que parece, portanto, aqueles que reinam com Cristo por mil anos são os cristãos que morreram antes da segunda vinda. Trata-se de uma ideia que tem paralelos em outra passagem bíblica: “Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor” (2Co 5:8). Para os santos, a morte física significa obter acesso à presença de Cristo no céu.

João contrasta a “primeira ressurreição” em 20:5 com a “segunda morte” em 20:6. Aqui, o termo “primeira” não parece indicar sequência cronológica, mas contraste entre a ordem do primeiro mundo e do novo mundo que permanecerá para sempre. Os cristãos que viveram na criação decaída serão ressuscitados para uma segunda vida no novo mundo de Deus. Não haverá morte para eles nesse mundo. A morte no segundo mundo é o derradeiro *lago de fogo e enxofre*, do qual não há ressurreição (20:10).

Assim que é solto, Satanás percorre os *quatro cantos da terra* a fim de enganar as nações e reuni-las para a batalha (20:7-8). O fato de Deus soltar o inimigo mostra que o fim dos tempos está sob o controle de Deus, e não de Satanás. O Maligno está ativo, mas Deus o impede de fazer coisas ainda piores. O diabo não tem poder para destruir espiritualmente o povo de Deus, nem para aniquilar a alma dos santos martirizados, pois estes estão vivendo na presença de Cristo (20:4).

De onde vêm as nações, uma vez que já foram destruídas (19:18,21)? É bem provável que, mais uma vez, João não esteja fornecendo uma sequência cronológica, mas falando das mesmas nações associadas à besta e ao falso

profeta ao longo da história humana. *Gogue e Magogue* foram os grandes inimigos de Israel ao norte (Ez 38—39), mas em Apocalipse 20:7 eles representam todas as nações. Em textos apocalípticos, Gogue e Magogue com frequência simbolizam as forças do mal. Para João, essa combinação é outra forma de se referir às hostes dos ímpios e retratar a intensidade do ataque do mal contra as coisas de Deus.

O julgamento final de Satanás e das nações por Deus é certo: *Desceu [...] fogo do céu e os consumiu* (20:9). E o diabo, aquele que os enganou, foi *lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta, como também o falso profeta* (20:10; 19:20).

### 20:11-15 Sétimo ato, cena 2: o julgamento final

João vê um grande trono branco (20:11a). Não informa se é Deus Pai ou Cristo quem está assentado no trono, mas provavelmente é o Pai. Outras referências indicam que o Pai é o Juiz por meio do Filho (Jo 5:22; 2Co 5:10). João confere grande solenidade à cena. Da presença de Deus, *fugiram a terra e o céu* (20:11b), e os mortos, os grandes e os pequenos, estão em pé diante do trono (20:12).

João não diz quais livros se abrem, mas, ao que parece, são registros dos nomes e atos de todas as pessoas. *Os mortos foram julgados, segundo o registro das suas obras* (20:12). Trata-se de uma referência ao julgamento eterno e sem apelo, uma provável alusão a Daniel 7:10: “Assentou-se o tribunal, e se abriram os livros”.

Devemos refletir com seriedade sobre o fato de que nada é esquecido ou ocultado de Deus: *E foram julgados, um por um, segundo as suas obras* (20:13b). O julgamento de Deus sempre se dá com base nas obras (Mt 25:41-46; Rm 2:6; 2Co 5:10; Hb 4:12-13) como evidência da fé ou incredulidade quanto a seu Filho, Jesus Cristo (Jo 3:16; Rm 8:1). As obras são o termômetro da condição espiritual da pessoa. O texto não informa se os livros contêm boas e más obras, ou somente estas últimas. O julgamento não consiste, porém, num balanço de boas e más obras. Antes, as obras são consideradas prova inequívoca da lealdade do coração; expressam fé ou incredulidade, fidelidade ou infidelidade. O julgamento revelará se as pessoas foram leais a Deus e ao Cordeiro ou aos inimigos de Deus. A teologia da fé apresentada por João e sua relação inseparável com as obras corresponde aos ensinamentos de Jesus Cristo (Jo 5:29), Paulo (Rm 2:6-8) e Tiago (Tg 2:1-26), daí o registro decisivo em outro livro, *o livro da vida* (20:12,15; 3:5; 13:8; 17:8; 21:27). Aqueles que têm o nome inscrito no “livro da vida” do Cordeiro terão, igualmente, registros dos seus atos de justiça. O oposto também se aplicará. A imagem reflete o delicado equilíbrio entre graça e pecado.

Diz-se que os mortos vêm de três lugares: do mar, da morte e do além (20:13a). O mar representa o lugar dos corpos insepultos, enquanto a morte e o além simbolizam a realidade de morrer e a condição na qual se ingressa mediante a morte (1:18; 6:8). A lista inclui, portanto, todos os

mortos. A morte e o além são personificados e, numa imagem vívida, são *lançados para dentro do lago de fogo* a fim de serem destruídos permanentemente (20:14; cf. 19:20; 20:10).

### 21:1 Sétimo ato, cena 3: novo céu e nova terra

Agora, *novo céu e nova terra* surgem no palco (21:1; Is 65:17; 66:22). A criação está sendo renovada. O drama apocalíptico se aproxima do final, e todo mal foi destruído (17:1-20—20:15). Não apenas o céu e a terra de outrora passam, mas também deixa de existir o mar, símbolo de caos, rebelião e mal.

### 21:2-8 Sétimo ato, cena 4: a nova Jerusalém

João vê a nova Jerusalém descendo do céu. Jerusalém era um símbolo convencional do povo de Deus, um sinal tangível da aliança, o foco da fé e da esperança judaica. No AT, é descrita como o lugar da habitação de Deus (Sl 76:2) e é o lugar onde nossa redenção foi realizada. Mas essa Jerusalém é diferente da antiga, pois é *nova e santa*. Não é obra de mãos humanas, mas originada da *parte de Deus*.

João combina de forma harmoniosa as imagens tradicionais da cidade e da noiva e diz que a cidade se encontra *ataviada como noiva adornada para o seu esposo* (21:2). A “grande cidade” de Satanás é retratada como uma meretriz, mas esta cidade é exatamente o oposto. Será o lugar onde Deus habitará eternamente com seu povo e onde não haverá dor emocional e física nem enfermidade (21:3-5).

Deus fala diretamente ao seu povo e declara que a recriação de todas as coisas está completa (21:6-7). O fim chegou por meio da obra daquele que é *o Alfa e o Ômega* (1:8). Todos os perversos ficarão fora do reino de Deus (21:8).

### 21:9-21 Sétimo ato, cena 5: medidas da nova Jerusalém

É significativo que o anjo agora mostre a João a *noiva, a esposa do Cordeiro*, identificada da mesma forma que o anjo lhe mostrou a “grande meretriz” (21:9; 17:1). Tanto a meretriz e a besta quanto a cidade que é a noiva são descritas em detalhes para ressaltar o contraste entre as cidades rivais: a Babilônia e a nova Jerusalém.

Ao falar da cidade, João segue o modelo da visão de Ezequiel do novo templo e da nova Jerusalém (Ez 40—48). Em Ezequiel, bem como em Apocalipse, aquele que recebe a visão é conduzido pelo anjo que lhe mostra a nova criação. A presença da glória de Deus é central. Em Ezequiel, “a terra resplandeceu por causa da sua glória” (Ez 43:2). Na visão de João, a glória de Deus se revela no *fulgor [...] semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalino* (21:11; cf. Is 60:1-2,19).

Na Antiguidade, as muralhas constituíam um elemento essencial da cidade (Is 26:1). As muralhas da nova Jerusalém são extremamente altas e têm sessenta metros de

espessura, um símbolo de sua grandeza e inexpugnabilidade diante dos ataques descritos em 21:8 e 27 (21:12a,17). (É possível, porém, que a altura seja de sessenta metros. Nesse caso, as muralhas são pequenas em comparação ao tamanho da cidade, uma indicação de que ela é tão segura que dificilmente precisa de muros.)

Em sua descrição das portas, João acompanha Ezequiel (21:12b-13; Ez 48:30-35). O número doze se destaca nessa passagem. A cidade tem *doze portas*, três em cada muro, com os nomes das doze tribos de Israel gravados (21:12). As muralhas têm *doze fundamentos*, os quais levam os nomes dos *doze apóstolos* (21:14).

Apesar de ser um anjo que mede a cidade, as unidades de medida são humanas (21:17). A cidade é um cubo: *Doze mil estádios* (2.200 km) de *comprimento, largura e altura* (21:16). Esse número reforça a referência anterior às doze tribos de Israel e aos doze apóstolos. Também nesse caso, não devemos entender os números de forma literal. Eles apenas mostram que se trata de uma cidade imensa, com espaço para um grande número de habitantes (7:9; Jo 14:2). Haverá lugar para todos os santos de todos os tempos.

Repleta de ouro e joias, a nova Jerusalém é de beleza e preciosidade inimagináveis (21:18-21). A imagem central, porém, é composta da luz, do esplendor e da glória que emanam da presença de Deus no meio da cidade. A rua principal é feita de ouro tão puro que é transparente como vidro. Trata-se de uma descrição em linguagem humana da grande majestade que aguarda os cristãos: estar na presença de Deus para sempre.

### 21:22-27 Sétimo ato, cena 6: a lâmpada da cidade

A natureza absolutamente nova da cidade de Deus pode ser observada no fato de ela não ter nenhum templo (21:22). Israel sabia que Deus não podia ser contido num edifício feito por mãos humanas, mas, ao orar na consagração do primeiro templo, Salomão pediu a Deus: “Que os teus olhos estejam abertos noite e dia sobre esta casa, sobre este lugar, do qual disseste: O meu nome estará ali; para ouvires a oração que o teu servo fizer neste lugar” (1Rs 8:29). Ezequiel viu a nuvem de glória deixar o santuário, um sinal de que a presença de Deus havia deixado a cidade e o templo antes de estes serem destruídos (Ez 10:18-19; 11:23). A visão de Ezequiel da Jerusalém restaurada inclui um novo templo. A visão de João, porém, não inclui nenhum templo, pois Deus é o seu santuário (e todos os habitantes são sacerdotes; 5:10; 20:6).

Como o templo, a luz também é desnecessária. *A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade* (21:23). A glória de Deus ilumina os remidos, e Deus jamais deixa a Cidade Santa. O antigo céu que contém o sol e a lua pode ser destruído porque não é mais necessário.

João vê Deus conduzir *as nações* à cidade santa (21:24,26). As portas nunca se fecham, porque não é preciso defender-se e porque não há noite, o período em que as

portas da cidade normalmente ficavam fechadas (21:25). Nenhum mal ou impureza poderá contaminar ou corromper a nova Jerusalém (21:27).

### 22:1-5 Sétimo ato, cena 7: a fonte de vida da cidade

O capítulo final de Apocalipse lembra a criação antes da queda. Mas a redenção do mundo não é um simples retorno à primeira criação. Entre uma coisa e outra, se encontra toda a história humana, o desenvolvimento da civilização, o crescimento populacional gigantesco, a criação das cidades e todos os conflitos das sociedades humanas. Por isso João vê o futuro como uma cidade, e não como o jardim do Éden.

Aqui, o *rio da água da vida* e a *árvore da vida* se encontram *no meio* da cidade santa (22:1-2; cf. Gn 2:9-10). Agora, quase no final da história, os seres humanos podem voltar e desfrutar de forma legítima a bênção da qual foram banidos. O rio e a árvore são lembranças de que a vida vem de Deus. A árvore da vida dá *o seu fruto* todo mês, mais especificamente *doze frutos* (ou seja, doze safras sucessivas, e não doze tipos de frutos; 22:2a). Uma vez que não há sol nem lua, não existe mais o conceito de “mês”, mas a imageria que João emprega retrata abundância. A imagem também sugere que a vida na nova Jerusalém tem características de nossa vida terrena: há alimento e estações. Diz-se que *as folhas da árvore são para a cura dos povos* (22:2b; Ez 47:12). O termo *cura* não deve ser entendido de forma literal, pois não há enfermidade nem pecado na nova cidade (22:3). A imagem expressa, porém, a capacidade de desfrutar a vida.

A característica mais reveladora da vida na nova Jerusalém é que o povo de Deus contemplará *a sua face* (22:4). A vida no novo reino de Deus é eterna, pois os santos *reinarão pelos séculos dos séculos* (22:5). O texto não diz que eles reinarão sobre alguém, mas convém considerar que nesse caso o verbo “reinar” significa estar na presença real de Deus. Essa cena marca o ponto culminante do livro todo, o ápice do processo que teve início nos capítulos 2 e 3 com as promessas feitas ao “vencedor”. O trono está no meio da nova Jerusalém, e os santos se encontram, para sempre, na presença de Deus.

### 22:6-21 Epílogo

O livro termina com uma série de advertências, exortações e garantias. Três ênfases principais marcam a conclusão: a confirmação da autenticidade da profecia (22:6-7,16,18-19); a iminência da segunda vinda de Jesus (22:7,12,20); a advertência acerca da idolatria e o convite para entrar na cidade (22:11,15,17).

O leitor é levado de volta ao ambiente do início do livro. Foi Jesus quem ordenou a João que escrevesse a carta a ser enviada para as sete igrejas (1:17-20). Agora que a visão se completou, Jesus abençoa aqueles que permanecem fiéis (22:7). Em seguida, João acrescenta seu próprio

testemunho e assevera que escreveu aquilo que viu e ouviu (22:8). Mais uma vez, João se prostra aos pés do anjo que o guia, mas este o impede novamente de adorá-lo (22:8-9; 19:10). Somente Deus é digno de adoração. O anjo e João, juntamente com os profetas e todos os fiéis, são apenas servos. A atitude de João mostra a extraordinária autoridade conferida à verdadeira palavra de Deus. A atitude do anjo mostra que a autoridade conferida à Palavra não deve ser transferida para o mensageiro.

O anjo (supondo que é *ele* quem fala; 22:9) instrui João a não selar o livro que o apóstolo havia escrito (22:10). Daniel, pelo contrário, recebeu ordem de selar seus escritos, pois ainda não era chegada a hora (Dn 8:26). O livro que João viu em 5:1-9 estava selado com sete selos. Apresentava o propósito de Deus para a criação e o processo pelo qual este se cumpriria. Só podia ser aberto pelo “Cordeiro que foi morto” (5:12), uma vez realizada a obra de redenção.

Agora, Jesus fala e garante que virá e trará a recompensa, a qual resultará, ao mesmo tempo, em bênção e castigo (22:12). Jesus aplica a si mesmo os títulos usados anteriormente em relação a Deus (22:13; 1:8; 21:6). A bênção final do livro é pronunciada sobre *aqueles que lavam as suas vestiduras* (22:14), ou seja, os remidos pela morte de Cristo (7:14). Eles poderão entrar na cidade de Deus e comer da árvore da vida, a qual lhes conferirá vida eterna. Os perversos, contudo, permanecerão fora da cidade e não receberão a herança bendita (22:15). Essas palavras de Jesus reforçam as palavras do anjo que ele enviou para guiar João ao longo da visão (22:16). O uso do plural (“vos”) nesse versículo indica que a palavra adicional de autoridade é necessária não para João, mas para os leitores.

A seção final de Apocalipse (22:17-21) não é apenas uma conclusão, mas também um começo. *O Espírito e a noiva* fazem um convite (22:17) para que o leitor venha e beba da *água da vida*. O convite é o mesmo, ou pelo menos

inclui o convite para participar da Mesa do Senhor, pois os cristãos do século I usavam palavras semelhantes no final da ceia do Senhor: *Vem, Senhor Jesus!* (22:20). Paulo encerra sua primeira epístola aos coríntios da mesma forma, usando a expressão semelhante em aramaico “Maranata” (1Co 16:22). Fica evidente que essas cartas deviam ser lidas durante os cultos.

Entre o convite (22:17) e a conclusão (22:20-21), encontramos uma última advertência para levar a sério aquilo que João escreveu e não mudar as palavras do livro. A precisão e autenticidade da obra são garantidas por uma fórmula de maldição (22:18-19). Quem é o *Eu* que diz essas palavras? Provavelmente o próprio João. As palavras são comparáveis à advertência de Jesus em 22:14-15.

João concluiu sua tarefa. Ele registrou de forma exata aquilo que viu e ouviu na visão. Suas palavras foram autenticadas pelo anjo e pelo próprio Senhor Jesus. Agora, cabe a quem recebe o livro seguir sua orientação. As palavras serão tão difíceis que alguns leitores se verão tentados a amenizá-las e mudá-las a fim de transigir com os poderes do mundo? Por mais difíceis que sejam, as palavras devem permanecer. Quem as mudar revelará que é um dos infiéis e sofrerá as consequências descritas no livro.

As palavras finais de Apocalipse são semelhantes à da maioria das cartas do NT: *A graça do Senhor Jesus seja com todos* (22:21).

Onesimus Ngundu

### Leituras adicionais

JOHNSON, Alan. F. *Revelation*. EBC. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

KEENER, Craig S. *Revelation*. NIVAC. Grand Rapids: Zondervan, 2000.

MORRIS, Leon. *Revelation*. TNT. Leicester: InterVarsity Press, 1987.



# GLOSSÁRIO

**acróstico.** Poema cujas primeiras letras dos versos formam sentido. Tipo de poema no qual a primeira linha começa com a primeira letra do alfabeto, a segunda linha com a segunda letra, e assim por diante. Alguns exemplos são os salmos 9, 25 e 119.

**aforismo.** Declaração sucinta e incisiva como as que encontramos em Provérbios 10—30.

**agape.** Termo grego usado no NT para o amor de Deus ou de Jesus pelos cristãos ou para o amor dos cristãos uns pelos outros. Diferente de *eros* (amor sexual) e *filos* (amizade).

**Agostinho de Hipona** (354-430 d.C.). Pai da igreja, filósofo cristão e bispo de Hipona, no norte da África.

**alegoria.** Texto longo no qual se pode interpretar que o autor diz algo além do significado literal. O exemplo mais conhecido é Cântico dos Cânticos, que literalmente trata do amor entre um homem e uma mulher. Alguns comentaristas o interpretam, porém, como uma alegoria sobre o amor entre Jesus Cristo e a igreja.

**aliança.** Acordo ou tratado. Na Bíblia, Deus firmou alianças com Noé (Gn 9:1-17), Abraão (Gn 15:1-21), o povo de Israel no Sinai (Êx 24) e Davi (2Sm 7:8-16).

**alqueire.** Medida de volume correspondente a um terço de um efa (c. 7,3 litros) (cf. tb. **efa**; **ômer**).

**alusão.** Recurso literário no qual um texto se refere a outro texto, pessoa, lugar ou acontecimento sem mencioná-lo de forma explícita. O NT contém citações diretas do AT e várias alusões que visam demonstrar como Jesus cumpre as profecias do AT (cf. comentário sobre Mt 3:1).

**amém.** Termo hebraico que significa “assim seja”. Usado com frequência para indicar o final de uma oração.

**analogia.** Recurso literário que envolve a comparação de semelhanças entre duas coisas.

**anticristo.** Alguém que finge ser Cristo ou age em oposição a Cristo.

**apocalíptico.** Gênero literário que descreve visões do passado e do futuro no céu e na terra, com frequência guiadas por um anjo; por exemplo: Isaías 24—27; Ezequiel 1; 40—48; Daniel 7—12; Zacarias 9—14; Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21; Apocalipse.

**apócrifos.** Livros presentes na Septuaginta, mas que não constam na Bíblia hebraica. Fazem parte, contudo, das Bíblias católicas e ortodoxas (cf. tb. **cânon**; **Septuaginta**).

**arca da aliança.** Arca que representava o trono ou estrado dos pés de Deus e simbolizava sua presença com Israel. Foi confeccionada de acordo com as instruções do Senhor e acompanhou Israel durante a jornada no deserto (Êx 25:10-22). Ficava guardada no Santo dos

Santos do tabernáculo e do templo de Salomão. Continua as tábuas onde se encontravam registrados os Dez Mandamentos (cf. tb. **Santo dos Santos**).

**Aserá; Astarote.** Deusa adorada no Antigo Oriente Próximo.

**ato simbólico.** Ato que representa outro acontecimento ou ato. Por exemplo, os atos de Ezequiel que representaram o cerco a Jerusalém (cf. Ez 4:1-13).

**Baal.** Deus cananeu associado a tempestades e fertilidade.

**2Baruque.** Livro apocalíptico pseudoepigráfico que afirma ter sido escrito por Baruque, o amanuense de Jeremias (cf. tb. **apocalíptico**; **pseudoepígrafes**).

**cânon.** Conjunto dos livros com autoridade religiosa que formam a Bíblia. O cânon judaico é composto apenas dos livros do AT e dividido na Lei (a Torá), nos Profetas e nos Escritos (cf. **livros proféticos**; **Torá**; **Escritos**). O cânon cristão é dividido em AT e NT. O AT é subdividido em Pentateuco, livros históricos, poéticos, de sabedoria e proféticos (cf. **livros históricos**; **Pentateuco**; **livros poéticos**; **livros proféticos**; **literatura de sabedoria**). As igrejas católica e ortodoxa incluem em seu cânon vários livros apócrifos (cf. tb. **apócrifos**; **pseudoepígrafes**).

**cânticos de romagem.** Salmos 120—134. Assim chamados pois eram entoados pelos peregrinos que subiam a Jerusalém durante as grandes festas judaicas.

**cânticos do Servo.** Quatro passagens messiânicas em Isaías que se referem ao Servo do Senhor (Is 42:1-9; 49:1-6; 50:4-9; 52:13—53:12).

**Clemente de Alexandria** (falecido c. 250 d.C.). Pai da igreja e diretor de uma escola para convertidos em Alexandria, norte da África.

**Clemente de Roma** (falecido c. 100 d.C.). Pai da igreja e terceiro bispo de Roma depois de Pedro.

**concubina.** Mulher que vive com um homem em estado semelhante ao de casamento, mas em condição inferior à de esposa.

**côvado.** Medida de comprimento. Distância entre o cotovelo e o nó dos dedos ou a ponta do dedo médio (c. 45 cm).

**Cunrã.** Local na costa noroeste do mar Morto, a cerca de vinte e quatro quilômetros de Jerusalém, onde foram descobertos vários dos papiros do mar Morto (cf. tb. **papiros do mar Morto**; **essênios**).

**Decálogo.** Os Dez Mandamentos (ou Dez Palavras) registrados em Êxodo 20:1-17 e Deuteronômio 5:6-21.

**Dia da Expição.** Também chamado Yom Kippur. Dia de descanso e jejum observado em 10 de tísri (setembro/outubro). Único dia do ano em que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos para fazer expiação por todos os pecados de Israel (Lv 16:29-33).

**Dia do Senhor.** Inicialmente, qualquer dia em que se celebrava uma festa em Israel e, portanto, um dia comemorativo. A condenação pelos profetas da corrupção das práticas religiosas israelitas resultou numa mudança de significado da expressão. "Dia do Senhor" passou a indicar um dia de julgamento, e não de celebração.

**Diáspora.** Termo derivado da palavra grega que significa "espalhado". Refere-se a todos os judeus que viviam fora da terra de Israel.

**dinastia davídica.** Descendentes do rei Davi que governaram Judá de 1000 a.C. até a queda de Jerusalém em 586 a.C.

**dízimo.** Parte da renda que os israelitas deviam entregar para a manutenção do templo e o sustento dos pobres. Correspondia à décima parte dos rendimentos (cf. Dt 14:22-29).

**doxologia.** Expressão como "Louvado seja o Senhor!" usada no contexto litúrgico (cf. tb. **liturgia**).

**efa.** Medida de volume correspondente a um décimo de um ômer (c. de 22 litros) (cf. tb. **ômer**; **alqueire**).

**elohim.** Termo hebraico que significa "deuses". Quando usado com referência ao Senhor Deus, constitui plural de majestade, como o "vós" usado para reis. Também pode indicar os deuses de nações estrangeiras e, por vezes, até mesmo pessoas com autoridade (cf. tb. **Javé**).

**epístola.** Carta. O termo é usado especialmente para as cartas de Paulo e de outros autores que constituem grande parte do NT.

**epístolas pastorais.** 1 e 2Timóteo, Tito. Recebem esse nome porque trazem conselhos de Paulo a Timóteo e Tito acerca de questões pastorais.

**escatologia.** Estudo dos ensinamentos bíblicos acerca do fim dos tempos no mundo e a volta de Jesus Cristo.

**Escritos.** Terceira divisão do cânon judaico, comportando Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, 1 e 2Crônicas (cf. tb. **cânon**).

**essênios.** Seita judaica que existiu entre c. 200 a.C. e 100 d.C. Os papiros do mar Morto provavelmente foram escondidos por essênios que viviam em Cunrã quando a comunidade foi atacada pelos romanos (cf. tb. **papiros do mar Morto**).

**estola sacerdotal.** "Colete" usado pelo sumo sacerdote, decorado com doze pedras preciosas que representavam as doze tribos de Israel. Sobre a estola, ficava o peitoral que continha Urim e Tumim (cf. tb. **Urim e Tumim**).

**eunuco.** Homem castrado.

**Eusébio de Cesaréia** (c. 263-339 d.C.). Pai da igreja e historiador. Escreveu *A História da Igreja*.

**evangelhos sinópticos.** Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas que apresentam grande quantidade de material comum.

**exílio, o.** Período de setenta anos que os judeus passaram na Babilônia depois de serem deportados para lá por Nabucodonosor.

**fariseus.** Seita judaica que existiu entre 200 a.C. e 100 d.C., caracterizada pela observância rigorosa da lei. Os fariseus foram os precursores do judaísmo rabínico.

**fetichismo.** Objeto supostamente dotado de poderes mágicos.

**genealogia.** Lista de antepassados ou descendentes de uma pessoa.

**gentio.** Não israelita. Os gentios são chamados coletivamente de "as nações".

**hades.** Termo grego para o lugar dos mortos (cf. tb. **sheol**).

**hasmoneus.** Membros da dinastia iniciada pelos macabeus. Os hasmoneus governaram sobre a Judéia de 142 a.C. a 63 a.C. (cf. tb. **macabeus**).

**helenístico.** Adjetivo usado com frequência em relação ao fenômeno de propagação da cultura grega no Oriente Próximo depois das campanhas de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.).

**Hipólito de Roma** (falecido c. 235 a.C.). Pai da igreja e comentarista da Bíblia.

**Inácio de Antioquia** (c. 50-110 d.C.) Pai da igreja e bispo de Antioquia.

**interposição** (ou *inclusio*). Recurso literário hebraico no qual se repete uma palavra ou frase para marcar o início e o fim de uma passagem (cf. Sl 103:1,22; Is 1:21,26).

**Irineu de Lião** (c. 30-100 d.C.) Pai da igreja e bispo de Lião, França.

**Javé.** Nome próprio de Deus. Com o tempo, a tradição judaica antiga o considerou santo demais para ser pronunciado. Nos primeiros manuscritos hebraicos, é escrito sem as vogais, YHWH (e chamado de tetragrama). Nos manuscritos hebraicos medievais, era escrito com as vogais *adonai* (meu senhor). A pronúncia exata é incerta e a maioria das versões em nossa língua traz "o SENHOR".

**Jerônimo** (c. 340-420 d.C.) Pai da igreja e tradutor. Tradziu a Bíblia toda do hebraico para o latim.

**Josefo** (c. 37-100 d.C.) Político, general e historiador judeu. Escreveu *A história dos judeus* e *As guerras judaicas*.

**jubileu.** Quinquagésimo ano no qual todas as propriedades deviam ser devolvidas a seus donos originais (Lv 25:8-55).

**Justino Mártir** (c. 100-165 d.C.) Pai da igreja, apologista cristão e mártir.

**koiné** (ou **coiné**, do grego, “comum”). Forma comum de grego usada em todo o leste do império romano. É a linguagem do NT e da Septuaginta (cf. tb. **Septuaginta**).

**leviatã**. Grande animal aquático, provavelmente o crocodilo, mas que também possui significado mítico.

**levirato, casamento de**. Obrigação de um homem de se casar com a viúva de seu irmão mais velho e “edificar a casa de seu irmão”. Os filhos desse casamento eram considerados filhos do irmão mais velho (cf. Dt 25:5-6).

**lex talionis** (lit. “lei da retaliação”). Lei que seguia o princípio de olho por olho, dente por dente (Lv 24:17-22; Mt 5:38-42).

**literatura de sabedoria**. Jó, Provérbios e Eclesiastes. Assim chamada porque trata principalmente de questões da vida diária, e não da história de Israel.

**liturgia**. Padrão para o culto conjunto, formal e organizado.

**livro da aliança**. Cf. **livro da lei**.

**livro da lei**. Livro descoberto no templo durante o reinado de Josias, por volta de 622 a.C. (2Rs 22:8—23:24). Corresponde a Deuteronômio ou a todo o Pentateuco (cf. tb. **Pentateuco**).

**livros históricos**. Livros da Bíblia de Josué a Ester.

**livros poéticos**. Livros da Bíblia nos quais predomina a forma poética: Jó, Salmos e Cântico dos Cânticos.

**livros proféticos**. Livros do AT que contêm as palavras dos profetas. Na tradição cristã, os livros de Isaías a Malaquias. Os judeus incluem ainda Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis na seção da Bíblia hebraica chamada Livros Proféticos (cf. tb. **cânon**; **profetas anteriores**; **profetas posteriores**; **profetas maiores**; **profetas menores**).

**macabeus**. Apelido derivado do termo aramaico para “martelo”, dado aos irmãos que lideraram a revolta contra a Síria em 167 a.C. e fundaram a dinastia dos hasmoneus (cf. tb. **hasmoneus**).

**Magnificat**. Cântico de louvor entoado por Maria em Lucas 1:46-55. O título vem das palavras iniciais do poema na tradução em latim.

**metáfora**. Recurso literário que, para descrever uma coisa, se refere a outra. Por exemplo: “O SENHOR é a minha rocha” (Sl 18:2) (cf. tb. **simile**).

**monoteísmo**. Crença na existência de apenas um deus.

**nazireu**. Pessoa que fazia um voto especial de jamais ingerir bebida alcoólica, cortar o cabelo e tocar o corpo de um morto (Nm 6:1-21).

**ômer**. Medida de volume equivalente à carga de cereais que um burro podia carregar (c. 220 litros) (cf. tb. **efa**; **alqueire**).

**oráculo**. Mensagem de Deus.

**Orígenes** (c. 185-254 d.C.) Filósofo cristão e comentarista da Bíblia. Nasceu em Alexandria, norte da África.

**Pães Asmos, Festa dos**. Cf. **Páscoa dos judeus**.

**pano de saco**. Roupas feitas de tecido áspero usadas em sinal de luto ou arrependimento.

**papiro**. Folha para escrever feita de hastes trituradas da planta aquática homônima.

**papiros do mar Morto**. Documentos antigos em hebraico e aramaico descobertos junto à costa oeste do mar Morto. Incluem os manuscritos mais antigos da maioria dos livros bíblicos, bem como documentos referentes à seita judaica dos essênios (cf. tb. **essênios**; **Cunrã**).

**parábola**. História com uma lição moral. Jesus usou diversas parábolas para ensinar o povo (cf. Mt 13:3-13).

**paralelismo**. Técnica poética na qual a segunda linha de um par a) repete a primeira linha com pequenas alterações (paralelismo sinônimo), b) enfatiza a primeira linha (paralelismo sintético), c) afirma o oposto da primeira linha (paralelismo antitético) ou d) compara algo com aquilo que é mencionado na primeira linha (paralelismo comparativo). Técnica usada com frequência em Provérbios (cf. Pv 10—30).

**Páscoa dos judeus**. Uma das três grandes festas anuais para as quais os judeus deviam peregrinar a Jerusalém. Começava em 15 de nisã (março/abril) e durava sete dias. Celebrava o êxodo do Egito (Êx 12:13) e incluía a Festa dos Pães Asmos (cf. Tabernáculos, Festa dos; Semanas, Festa das).

**patriarca**. Antepassado respeitado; no caso dos judeus, Abraão, Isaque e Jacó.

**paulino**. Associado ao apóstolo Paulo.

**Pentateuco**. Os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. A autoria de todos é atribuída a Moisés.

**Pentecostes**. Quinquagésimo dia depois da Páscoa dos judeus e, portanto, depois da Páscoa cristã, quando o Espírito Santo veio sobre os discípulos (cf. **Semanas, Festa das**).

**pergaminho**. Folha para escrever feita de peles de animal tratadas.

**personificação**. Recurso literário no qual se faz referência a um conceito abstrato como se fosse uma pessoa. Usado quando a Sabedoria e a Loucura são apresentadas como mulheres em Provérbios 8—9 e quando Paulo se dirige à morte: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Co 15:55).

**Policarpo** (c. 70-155 d.C.) Pai da igreja, bispo de Esmirna e mártir.

**politeísmo**. Crença na existência de vários deuses.

**pós-exílico**. Referente ao período após o exílio (cf. **exílio**, o).

**pré-exílico**. Referente ao período anterior ao exílio (cf. **exílio**, o).

**primeiro templo.** Templo construído por Salomão por volta de 950 a.C. e destruído pelos babilônios em 586 a.C. (cf. tb. **segundo templo**).

**Primícias, Festa das.** Cf. **Semanas, Festa das.**

**profecia encenada.** Cf. **ato simbólico.**

**profetas anteriores.** Na tradição judaica, Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis são chamados de profetas anteriores (cf. tb. **livros históricos; profetas posteriores**).

**profetas maiores.** Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Recebem esse nome porque seus livros são mais extensos (cf. tb. **profetas menores**).

**profetas menores.** Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Recebem esse nome porque seus livros são mais curtos (cf. tb. **profetas maiores**).

**profetas posteriores.** Na tradição judaica, Isaías a Malaquias (cf. tb. **profetas anteriores**).

**propiciatório.** Tampa da arca da aliança, considerada o lugar onde Deus se assentava ou colocava os pés (cf. tb. **arca da aliança**).

**provérbio antitético.** Provérbio que emprega paralelismo antitético (cf. **paralelismo**).

**provérbio comparativo.** Provérbio que emprega paralelismo comparativo (cf. **paralelismo**).

**provérbio sinônimo.** Provérbio que emprega paralelismo sinônimo (cf. **paralelismo**).

**provérbio sintético.** Provérbio que emprega paralelismo sintético (cf. **paralelismo**).

**pseudoepígrafes.** Obras produzidas entre 200 a.C. e 500 d.C. que afirmavam ser de autoria de pessoas famosas, normalmente bíblicas, de períodos bem mais antigos (cf. tb. **apócrifos**).

**Purim, Festa de.** Festa judaica observada em 14 de adar (fevereiro/março), em comemoração ao livramento dos judeus da conspiração descrita em Ester.

**querubins.** Seres alados que guardavam o jardim do Éden (Gn 3:24) e foram retratados pairando sobre a arca da aliança (Êx 25:18-22). Apareceram em visões a Isaías e Ezequiel (Is 6:1-4; Ez 1—3; 10).

**qohelet.** Título hebraico de Eclesiastes, usado com frequência para se referir ao autor do livro.

**reino dividido.** Resultado de uma rebelião que dividiu em dois reinos menores o reino unificado sobre o qual governaram Saul, Davi e Salomão (cf. tb. **Reino do Norte; Reino do Sul**).

**Reino do Norte.** A parte norte do reino dividido, também conhecida como Israel, Samaria ou Efraim. Sofreu a invasão dos assírios em 722 a.C., quando sua população foi deportada (cf. tb. **reino dividido; Reino do Sul**).

**Reino do Sul.** Parte sul do reino dividido, também chamada de Judá. Foi invadido pelos babilônios em 586 a.C. e seus habitantes foram levados para o exílio. Voltaram

do exílio em 537 a.C. (cf. tb. **reino dividido; Reino do Norte**).

**remanescente.** Grupo constituído daqueles que sobreviveram ao julgamento do Senhor sobre seu povo (cf. Is 10:20-23; Sf 3:9-13; Ag 1:12).

**rolo.** Na antiguidade, rolo de papiro ou pergaminho onde se escreviam os livros.

**sábado.** Sétimo dia da semana, no qual não se devia realizar nenhum tipo de trabalho (Êx 20:8-11; Dt 5:12-15).

**sabático, ano.** Ano em que não se devia realizar nenhum trabalho nas lavouras e no qual o povo devia consumir apenas aquilo que a terra produzia por sua própria conta (Lv 25:1-7) (cf. tb. **jubileu**).

**saduceus.** Seita judaica que existiu entre 200 a.C. e 100 d.C. Consistia na elite política e religiosa da época.

**Salmos de Hallel.** Salmos de louvores (113—118) recitados nas principais festas judaicas.

**samaritanos.** Descendentes dos judeus que não foram exilados e se misturaram com outros grupos assentados pelos assírios (2Rs 17:24-40). Apesar da origem comum, a relação entre judeus e samaritanos era tensa (cf. Jo 4:9).

**Santo dos Santos.** Parte mais interna do tabernáculo e do templo; também chamada de Lugar Santíssimo (NVI). Local onde ficava a arca da aliança. Somente o sumo sacerdote podia entrar lá e apenas no dia da expiação (cf. tb. **arca da aliança; dia da expiação; Santo Lugar**).

**Santo Lugar.** Antecâmara do Santo dos Santos no tabernáculo e no templo (cf. tb. **Santo dos Santos**).

**segundo templo.** Templo construído depois do exílio, por volta de 520 a.C., para substituir o templo de Salomão, e ampliado por Herodes, o Grande (daí ser conhecido também como Templo de Herodes). Os romanos o destruíram em 70 d.C. (cf. tb. **primeiro templo**).

**Semanas, Festa das.** Uma das três grandes festas anuais para as quais os homens judeus deviam peregrinar a Jerusalém. Comemorava os primeiros frutos da colheita em maio/junho, cinquenta dias depois da Páscoa. Chamada em grego de Pentecostes (cf. tb. **Pentecostes; Primícias, Festa das**).

**Septuaginta.** Tradução grega do AT feita em Alexandria, norte da África, no século III a.C. Diz-se que setenta (ou setenta e dois) tradutores trabalharam no projeto.

**shalom.** Palavra hebraica que significa “paz” ou “bem-estar”.

**Shema.** Declaração de fé judaica, conforme Deuteronômio 6:4.

**Sheol.** Nome hebraico do lugar dos mortos.

**siclo.** Medida de peso e, portanto, monetária (c. 11,5 gramas).

**similar.** Recurso literário no qual se diz explicitamente que uma coisa é semelhante a outra. Por exemplo: “A tua justiça é como as montanhas de Deus; os teus juízos, como um abismo profundo” (Sl 36:6) (cf. tb. **metáfora**).

**sincretismo.** Mistura de elementos de diferentes tradições religiosas.

**Sinédrio.** O supremo concílio dos judeus em Jerusalém.

**tabernáculo.** Santuário móvel usado pelos israelitas no tempo em que vagaram pelo deserto (cf. Êx 25—30).

**Tabernáculos, Festa dos.** Também chamada de Festa das Cabanas (NVI). Uma das três grandes festas anuais para as quais todos os judeus deviam peregrinar a Jerusalém. Era celebrada na época da colheita. Começava em 15 de tisri (setembro/outubro) e durava oito dias.

**talento.** Medida de peso e, portanto, monetária. Equivalia a 3.000 siclos (c. 34 quilos).

**templo de Salomão.** Cf. **primeiro templo**.

**tenda da congregação.** Tenda onde Moisés consultava Deus durante o período em que Israel vagou pelo deserto (cf. Êx 33:7-11) (cf. tb. **tabernáculo**).

**testamento.** Acordo ou aliança. O Antigo Testamento trata da aliança de Deus com Israel. O Novo Testamento trata da nova aliança de Deus mediada por Jesus Cristo para o mundo todo (cf. tb. **aliança**).

**teofania.** Aparição de Deus para seres humanos (cf. Gn 18:1).

**Torá.** Em termos estritos, os cinco primeiros livros da Bíblia atribuídos a Moisés (cf. tb. **Pentateuco**).

**Transjordânia.** Região do lado leste do rio Jordão que incluía Basã, Gileade, Amom, Moabe e Edom. Local onde se assentaram as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés (cf. Js 13:8).

**tratado.** Acordo, contrato ou aliança, normalmente entre reis ou governantes.

**Urim e Tumim.** Dois objetos usados para consultar o Senhor lançando-se sortes. Um deles provavelmente indicava uma resposta afirmativa de Deus, enquanto o outro indicava uma resposta negativa (cf. Nm 27:21; 1Sm 28:6).

**uádi.** Leito seco de rio que se enche de água, com frequência de forma repentina, somente na estação das chuvas.

**vernáculo.** Idioma próprio de uma região.

**vingador de sangue.** Quando uma pessoa era assassinada, um parente seu devia matar o assassino. Esse parente era chamado vingador de sangue (cf. tb. **lex talionis**).

**Vulgata.** Tradução da Bíblia para o latim realizada por Jerônimo no final do século IV d.C. (cf. tb. **Jerônimo**).

**zelotes.** Movimento judaico entre 70 a.C. e 70 d.C. cujo objetivo era livrar a Palestina da ocupação romana.

**zigurate.** Colina artificial ou pirâmide escalonada que os babilônios usavam como templo.



# RECURSOS DA WEB

## Traduções e versões da Bíblia

### *Sociedade Bíblica do Brasil — SBB*

<http://www.sbb.org.br>

Permite pesquisa *on-line* do texto bíblico de João Ferreira de Almeida nas traduções Revista e Corrigida (RC), Revista e Atualizada (RA) e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)

### *Sociedade Bíblica Internacional — SBI*

[www.sbibrasil.org.br](http://www.sbibrasil.org.br)

Permite pesquisa *on-line* da tradução Nova Versão Internacional (NVI)

## Comentários bíblicos

### *Bíblia Gateway*

<http://www.biblegateway.com>

Inclui comentários da InterVarsity Press

### *Comentários bíblicos clássicos*

<http://eword.gospelcom.net/comments>

Apresenta 14 comentários históricos, incluindo comentários de Calvino, Lutero e Wesley, que podem ser pesquisados por passagem bíblica.

### *Comentários bíblicos em inglês fácil*

<http://www.easyenglish.info>

Comentários e estudos bíblicos em inglês fácil, nível B (vocabulário de 2.800 palavras).

### *Blue Letter Bible*

<http://blueletterbible.org>

Diversas versões bíblicas e comentários (áudio e vídeo), ensaios temáticos, concordância, mapas, gráficos.

## História e geografia bíblica

### *História da Bíblia*

<http://www.bible-history.com/>

História de Israel e nações vizinhas, com mapas, artigos, esboços cronológicos, figuras. Alguns estão disponíveis como apresentações gratuitas em PowerPoint.

### *Geografia da Bíblia*

<http://www.ancientsandals.com>

Figuras, vídeos e informações geográficas sobre lugares mencionados na Bíblia. *Site* mantido pela Columbia International University.

Nota: Os *sites* da web mencionados aqui são apenas alguns dos muitos recursos disponíveis na internet. Todavia, ao usar qualquer recurso da web, é importante lembrar que a informação encontrada é tão confiável quanto o indivíduo ou instituição que a disponibiliza. Isso não significa que tudo o que aparece em um livro é necessariamente correto, mas ao menos as informações de livros publicados por editoras de boa reputação certamente passaram pelo crivo de diversas pessoas. Já um *site* da web reflete as opiniões de um único indivíduo.

O *Comentário bíblico africano* é uma obra singular: o primeiro comentário bíblico em um único volume produzido na África, por teólogos africanos, para atender às necessidades de pastores, estudantes e líderes em geral. Ao interpretar e aplicar a Bíblia à luz das culturas e realidades africanas atuais, ele fornece *insights* poderosos e relevantes aos textos bíblicos que transcendem, inclusive, o continente africano.

O *Comentário bíblico africano* fornece uma interpretação por trechos que serve como guia contextualizado, de fácil leitura, acessível e imensamente útil. Você certamente gostará das ideias inovadoras e do estilo direto que envolvem tanto o coração como a mente.

## CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

- Produzido por setenta estudiosos africanos na África e para a África — e também para o mundo.
- Comentário interpretativo e aplicação por seções.
- Mais de setenta artigos especiais que abordam tópicos de expressiva relevância para o ministério na África atual, mas cujas implicações são globais.
- Transcende o contexto africano com *insights* sobre o texto bíblico e a fé cristã para leitores de todo o mundo.

## EDITOR GERAL

O dr. Tokunboh Adeyemo é diretor executivo do Centre for Biblical Transformation (Centro para Transformação Bíblica), tendo trabalhado anteriormente como secretário geral da Associação de Evangélicos da África. Obteve o grau de PhD no Seminário Teológico de Dallas, bem como um doutorado honorário concedido pela Universidade Potchefstroom, por destacado saber e liderança cristã.

*Esta obra monumental da erudição bíblica está repleta de insights úteis sobre a Palavra de Deus dos quais todo pastor, professor e cristão em geral se beneficiarão. Precisávamos de um comentário como este há muito, muito tempo!*

RICK WARREN

Pastor da Igreja de Saddleback  
Autor do livro *Uma vida com propósitos*

*Um marco no mundo editorial... Seu alicerce é bíblico, sua perspectiva é africana e sua abordagem de questões controversas é equilibrada. Eu mesmo pretendo usá-lo para que possa ter uma visão africana da Palavra de Deus. De fato espero que haja um público leitor mundial.*

JOHN R. STOTT

*Uma contribuição rica e valiosa ao conhecimento bíblico e ao entendimento. Recomendo-o aos líderes cristãos não apenas da África, mas do mundo inteiro.*

JAMES OGENYI OGEBO

Juiz da Suprema Corte da Nigéria

*Uma excelente e acessível combinação de erudição espiritual reconfortante e aplicação de grande relevância. Ele desafia a cristandade africana a ir além de um necessário compromisso de coração, mente e vontade. Seu público-alvo e a igreja como um todo vão considerá-lo um tesouro de grande valor.*

DR. DOUGLAS CAREW, vice-chanceler  
Nairobi Evangelical Graduate School of Theology

*Este fabuloso volume é um marco para o cristianismo na África. Onde a Bíblia for amada e lida, este volume aumentará o entendimento das pessoas e a aplicação dele.*

DR. CHRISTOPHER J. H. WRIGHT,  
diretor internacional da  
Langham Partnership International